

**Compartes, Estado e Autarquias: que futuro para as terras
comunitárias?**

O caso dos baldios do Parque Nacional da Peneda-Gerês

Ana Luísa de Oliveira Moreira da Luz

Tese de Doutoramento em Ecologia Humana

Novembro, 2018

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau
de Doutor em Ecologia Humana realizada sob a orientação científica de
Professora Doutora Iva Pires e co-orientação de Professor Doutor Rui Santos e
Professora Doutora Lia Vasconcelos

AGRADECIMENTOS

Como em tudo o que se espera ter significado e impacto, também esta tese foi um constante desafio, dificilmente superável, ou mesmo insuperável, sem a contribuição directa ou indirecta, de um número alargado de pessoas. Desde as que me suportaram (e não apenas no sentido de que deram suporte...) em “casa”, até às que deram contributos concretos para o desenvolvimento do trabalho, todas foram fundamentais para que pudesse existir este momento, em que, tese pronta, me sento para agradecer. E tenho mesmo muito para agradecer...

Assim, começo por me dirigir à minha orientadora, professora Iva Pires, que foi quem inicialmente mais me incentivou a seguir este rumo e quem me apoiou quando as dificuldades apareceram e tornou a apoiar quando este caminho voltou a fazer sentido. Obrigada por isso professora. Em seguida agradeço ao professor Rui Santos que aceitou o desafio de co-orientar este trabalho e que o desempenhou de forma exímia. Obrigada, professor, pela forma atenta e crítica com que sempre atendeu, ao longo destes 5 anos, as minhas questões e o meu trabalho. Foi um processo de construção e de desconstrução. Graças a si o saldo é “construtivo”. Por fim, à professora Lia Vasconcelos, pelo apoio que deu sempre que solicitada e por ter aceite a proposta de co-orientação e confiado nas capacidades desta candidata só com o currículo na mão. Espero ter criado as condições para que não se sinta defraudada de nenhuma maneira.

Dirijo-me agora aos compartes do Parque Nacional da Peneda-Gerês com quem tive o prazer de me relacionar no desenvolvimento deste trabalho. Pela disponibilidade com que receberam o meu pedido de atenção e colaboração e pela forma com que imediatamente o aceitaram. Pelo tempo que me cederam e pela abertura com que consideraram as minhas questões e o trabalho que apresentei. Em particular quero agradecer aos habitantes de Fafião a forma como me receberam na aldeia, nas suas casas, como me integraram nas suas festas e cerimónias, como me cumprimentaram pela manhã e estiveram sempre prontos para mais um dedo de conversa. Um especial agradecimento à Teresa, ao Manuel António, à Soraia e à Luana por terem sido, e serem ainda, a minha família “do Gerês”, com quem partilhei alegrias e dores, trabalho e lazer, e o correr dos dias. Também à Dona Eva agradeço a conversa sempre pronta na ponta da língua, sentada ao manejo das agulhas que tricotavam cachecóis para o neto, ou em pé encostada à bengala que ampara a energia que transfere ainda aos 80 e alguns anos.

Quero igualmente agradecer a algumas pessoas cujo contacto no desenvolvimento do trabalho se revelou fulcral. Assim, agradeço à Sandra da Atlântica, ao Carlos Pinto e ao Tomás do ICNF, à Lúcia do SBTMAD, ao Armando Carvalho da BALADI e ao José Rodrigues do Parque da Cerdeira. Também o meu agradecimento ao professor Fernando Oliveira Baptista, que assumiu o júri deste projecto, tecendo reparos e propostas determinantes, e que, ao mesmo tempo, pôs ao dispor a pouca disponibilidade que tem, assim como o seu trabalho. Por fim, ao Henrique

Pereira, ex-director do PNPG, pela disponibilidade com que me recebeu em pleno período de férias, despendendo do seu tempo familiar.

Agradeço igualmente aos meus colegas de luta, em particular ao Igor D' Angelis, à Ana Cristina Carvalho, à Patrícia Colucas, à Sónia Nobre e à Larissa Malty, o apoio e a interajuda, assim como à doutora Olga Cunha a iniciativa das sessões para doutorandos e a disponibilidade demonstrada em momentos críticos. Tudo é melhor quando é partilhado.

Passando agora para os bastidores do que foi esta tese, começo por agradecer aos meus pais, Vítor e Linda, o apoio incondicional. Espero vir a saber fazer igual...

Quero igualmente agradecer à Joana Sousa a amizade, a inspiração, a energia e a constante disponibilidade. *No sta junto!* Da mesma maneira, à Sofia Leal, por, talvez sem saber, ter marcado de forma indelével o meu percurso profissional. Provavelmente não estaria a escrever estas linhas se os nossos caminhos não se tivessem cruzado. Ao Jorge pela paciência ilimitada que demonstrou ter nestes últimos dois anos e pelo apoio também incondicional. Ao meu irmão, Daniel, pela colaboração garantida sempre que solicitada. À “casa da Fé” e aos seus habitantes pela companhia e amizade ao longo dos anos mais duros, em particular à Ana Brígida, companheira na luta e na labuta diárias. Não podia ter sido noutra casa, não podia ter sido em outra companhia.

Outros nomes há que merecem aqui estar, pelo apoio, amizade e ombro largo com que partilharam estes e outros anos. Desses destaco Margarida Cavaleiro, Ana Margarida, Carla Tavares, Paulo Palma e António Nogueira, pelo amparo, pela distração, pela discussão e pela partilha.

Por fim, ao Tiago Luz Mendes por vir dar sentido e força a tudo isto.

COMPARTES, ESTADO E AUTARQUIAS: QUE FUTURO PARA AS TERRAS COMUNITÁRIAS?

O CASO DOS BALDIOS DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS

ANA LUÍSA DE OLIVEIRA MOREIRA DA LUZ

RESUMO

Os baldios são terras comunitárias historicamente geridas para pastagem, integradas nos sistemas agrícolas de subsistência. Hoje localizam-se sobretudo nas montanhas do norte do país. A modernização tecnológica da agricultura, a florestação pelo Estado Novo (1938-1968), a emigração nos anos 1950-1960s e o decorrente declínio da actividade agrícola criaram uma nova conjuntura económica e social para os baldios. Em 1986 a adesão à União Europeia (UE) e a submissão à Política Agrícola Comum (PAC) reflectiu-se também nestes espaços e respectivas instituições. Como resultado o meio rural encontra-se num período de transição, verificando-se a gradual perda da função produtiva e o aumento de importância de actividades recreativas. Neste processo, o baldio perdeu o seu contexto “tradicional”, e os compartes veem-se obrigados a adaptar o seu quadro conceptual e as suas instituições à nova realidade.

Entrevistas semiestruturadas, efectuadas nas trinta unidades de baldios existentes no PNPG, permitiram analisar o tipo de uso e as estratégias de gestão implementadas nos baldios desta região. Procurando incluir a diversidade de intervenientes nos baldios do PNPG, foram realizadas entrevistas a outros utilizadores do espaço (e.g., empresas de turismo, ADERE-Peneda-Gerês) e intervenientes na sua gestão (e.g., Instituto para a Conservação da Natureza e das Florestas – ICNF -, associações que trabalham com os baldios, autarquias). Numa segunda fase, procurando aprofundar a análise dos factores que actuam sobre a gestão dos baldios, estabeleceu-se o foco numa das aldeias do Parque. Ao longo de dois meses e meio de vivência e imersão na dinâmica da aldeia, realizaram-se entrevistas semiestruturadas aos habitantes, estabeleceram-se conversas informais, recorrendo-se continuamente à observação e registo diário em caderno de campo.

No PNPG os baldios estão sujeitos a restrições de uso e gestão inexistentes noutros baldios do país. Esta situação restringe o leque de alternativas possíveis para estes espaços, que se reduz ao turismo. Assim, hoje a actividade nos baldios divide-se essencialmente entre a gestão da floresta plantada pelo Estado e a produção animal extensiva. Ao mesmo tempo, regista-se uma afluência importante de visitantes que encontram nos baldios vários pontos de atracção (e.g., cascatas, trilhos pedestres, etc.). Contudo, embora o turismo tenha presença e os subsídios auxiliem a manutenção dos espaços naturais e culturais, verifica-se que o baldio não acede às contrapartidas geradas por essa procura, ainda que as comunidades beneficiem dela indirectamente. Em contrapartida, o número de agentes externos cuja actividade se desenvolve com base na paisagem do baldio, tem vindo a aumentar. Como reacção, ultimamente regista-se em algumas aldeias iniciativas que pretendem reforçar e defender os direitos de propriedade dos compartes e ao mesmo tempo beneficiar do usufruto do baldio por actores externos. Contudo verifica-se que na prática as iniciativas locais de controlo e gestão de

utilizadores são facilmente invalidadas pelas instituições públicas introduzidas no território (e.g., ICNF). Na intrincada estrutura institucional que compõe o território do PNPG, as comunidades e as suas instituições ocupam um dos lugares com menor influência. Neste contexto a forma como se posicionam as restantes instituições que operam sobre aquele território perante a propriedade e gestão comunitária torna-se determinante para o sucesso das iniciativas dos compartes. Assim, até que ponto o turismo constitui uma alternativa eficaz à produção agrícola, irá depender em grande parte da vontade dos compartes e da capacidade negocial dos órgãos gestores dos baldios no universo institucional do Parque.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Nacional da Peneda-Gerês, baldios, gestão comunitária

ABSTRACT

Baldios are lands generally integrated in subsistence farming systems and historically managed by the local communities for pasture. Today these lands are located mainly in the country's northern mountains. Events such as agriculture's technological modernization, the afforestation by the dictatorial *Estado Novo* (1938-1968), the massive emigration in the 1950-1960's and the consequent decline of the agriculture sector, created a new economic and social conjuncture with consequences over the use of the *baldios*. In 1986 the adherence to the European Union (EU) and submission to the Common Agricultural Policy (CAP), also influenced the use of the common lands and the functioning of its institutions. In the process the *baldio* lost its "traditional" context and the commoners are now obliged to adapt their conceptual frameworks and institutions to the new reality.

We performed semi-structured interviews on the thirty *baldio* units located in the Peneda-Gerês National Park (PGNP) in order to analyze the type of use and users, and the management strategies implemented on these *baldios*. In order to include the diversity of people/institutions that intervene in those *baldios* located in the PGNP we interviewed other users of that space (e.g., tourism companies, ADERE Peneda-Gerês) and others that intervene on their management (e.g., National Institute for the Conservation of Nature and Forests – ICNF -, associations that work with the *baldios*, municipalities, etc.). In a second stage aimed at deepening the analysis of the factors that influence the management of the *baldios*, we focused in one of the villages of the Park. Over the course of two months and a half of experience and immersion in the village, we conducted semi-structured interviews with the villagers, alongside with informal conversations and continuous observation with daily registers on the field notebook.

Baldios in the PGNP are subject to restrictions regarding their use and management that are inexistent in other *baldios* in the country. This situation limits the variety of usages allowed in these areas, which are reduced to touristic activities. Thus, activity in the *baldios* is now divided between the management of forests planted by the State and extensive livestock. At the same time, an important affluence of visitors attracted by several features of the *baldios* (e.g., such as waterfalls, walking tracks, etc.) is registered. However, in the *baldios* of the PGNP, although tourism is present and EU's subsidies help to maintain the natural and cultural spaces, it is found that the *baldios* do not access the counterparties generated by touristic activities, even if the members of the communities benefit indirectly from them. On the other hand, the number of external agents whose activity is linked to the landscape in the *baldio* is increasing. As a reaction we registered several initiatives at the village level that are meant to strengthen and

defend the commoners' property rights and at the same time benefit from the external use of the common property. However we found that local initiatives meant to control and manage users are easily invalidated by the public institutions introduced into the territory (e.g., ICNF). Local communities and institutions occupy one of the least influential positions in the PGNP intricate institutional structure. In this context, the way that other institutions acting on the territory position themselves towards common property and common management, becomes determinant for the success of the commoners' initiatives. Therefore, the extent to which tourism is an effective alternative to agriculture production is largely dependent on the commoners' will and on the negotiating skills of the *baldios*' managing bodies.

Keywords: Peneda-Gerês National Park, *baldios*; common management

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.
O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas
no texto, nas notas e na lista de referências bibliográficas e documentais.

A candidata,

Ana Luísa Luz.

Lisboa, 11 de novembro de 2018

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a
designar.

A orientadora,

Ira Pires

Lisboa, 9 de novembro de 2018

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a
designar.

O co-orientador,

[Assinatura]

Lisboa, 9 de novembro de 2018

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA

1. A QUESTÃO DA PROPRIEDADE	7
1.1. Recursos e propriedade: conceptualização	7
1.2. Teoria da gestão dos comuns.....	18
1.3. Direitos de propriedade redefinidos em nome do bem comum: criação de áreas protegidas... ..	27
2. OS BALDIOS NA HISTÓRIA	39
2.1. Século XIX: incultos e reformismo agrário.....	39
2.2. Do Regime Florestal ao Plano de Povoamento Florestal	39
2.3. Após 1974: alteração dos direitos de propriedade e relações de poder nos baldios	49
2.4. Industrialização, emigração e mercado: impacto sobre as zonas rurais.....	56
2.5. Portugal na União Europeia: a Política Agrícola Comum	59
2.6. Políticas europeias, <i>greening</i> e <i>greenwashing</i>	67
2.7. As políticas de Ambiente e a Conservação da Natureza	74
2.7.1. Contextualização social e política da estratégia ambiental em Portugal.....	76
2.7.2. A institucionalização do ambiente como problema	79
2.7.3. Áreas protegidas em Portugal... ..	80
2.7.3.1. Mudança de paradigma e de instituições na conservação. O fim da <i>wilderness</i> e da tutela dos Serviços Florestais.....	82
2.7.3.2. Novo paradigma: o conceito de biodiversidade.....	85

CAPÍTULO II - O CASO EM ESTUDO: O PARQUE NACIONAL DA PENEDAGERÊS

1. A criação do Parque Nacional.....	88
2. Caracterização da área	95

2.1. Geografia e Ambiente Natural	95
2.2. Ocupação Humana do Território... ..	99
2.3. Economia, População e Dinâmicas Actuais... ..	102
CAPÍTULO III - MÉTODO	
1. Recolha de dados	108
1.1. Caracterização dos Baldios do PNPG	108
1.2. Aprofundamento do estudo: o caso de Fafião	115
2. Análise de dados	118
3. Questões éticas	120
CAPÍTULO IV. O ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL DOS BALDIOS	
1. O entorno sociopolítico e institucional dos baldios	122
2. Actores e interacções institucionais na gestão dos baldios	135
2.1. Órgãos de Gestão... ..	138
2.1.1. Juntas de Freguesia	138
2.1.2. Assembleias de Compartes e Conselhos Directivos... ..	141
2.1.3. Associações de montes aforados.....	152
2.2. Autarquias e Conselhos Directivos: Influências e complementaridades	158
2.3 A Questão da Cogestão.....	165
2.4. Mudanças e Factores de Variação na Gestão.....	173
CAPÍTULO V – ESPAÇOS, USOS E APROPRIAÇÕES	
1. Diversidade dos espaços	178
2. Ocupações do espaço	181
3. Apropriações, delimitações e disputas	192
4. Recuperação e patrimonialização de infraestruturas	206
5. Antigas e novas utilizações	216
5.1. A Pastorícia.....	217

5.2. Os Matos e a Lenha	224
5.3. A Apicultura	225
5.4. A Caça	226
5.5. O Turismo e as Actividades de Lazer	227
6. Novas dinâmicas institucionais em torno do turismo	235
CAPÍTULO VI. UM CASO DENTRO DO CASO: O BALDIO DE FAFIÃO.....	255
1. Os limites dos comuns: Um conflito territorial de apropriação.....	256
2. A política dos comuns no quotidiano: Gerações, famílias, redes.....	258
3. Do trabalho ao lazer no comum: A Associação Vezeira.....	269
4. Entre vezeiras: Resistências e rupturas nas instituições do comum	278
5. Entre o comum local e o comum nacional: Uma hierarquia contestada	286
6. Balanço do caso.....	291
CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO.....	296
1. Uma análise à luz da teoria da gestão dos comuns.....	298
1.1. Utilizadores.....	299
1.2. Características físicas e os limites do sistema de recursos	303
1.3. Entidade gestora.....	306
1.4. Meio sociopolítico envolvente.....	308
2. Dinâmicas actuais nos baldios	312
2.1. Dinâmica do movimento associativo	313
2.2. Intervenções Territoriais Integradas.....	315
2.3. Sobre a transição dos usos, das instituições e dos conceitos.....	319
2.4. Densificando a abordagem: O caso de Fafião	320
2.4.1. Pés na terra: a juventude e o Conselho Directivo	323
CONCLUSÃO.....	327
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	334

ANEXOS

ANEXO I - Mapa da localização dos baldios em Portugal

ANEXO II - Mapa do PNPG

ANEXO III - Carta enviada aos compartes para primeiro contacto

ANEXO IV - Mapa dos baldios do PNPG

ANEXO V - Tabela com descritivo das entrevistas

ANEXO VI - Guião das entrevistas semi-estruturadas aos compartes [1ª fase de campo]

ANEXO VII - Códigos usados na análise de conteúdo [1ª fase de campo]

ANEXO VIII - Resultado da codificação do conteúdo das entrevistas aos compartes [1ª fase de campo]

ANEXO IX - Entrevistas aos compartes [2ª fase de campo]

ANEXO X - Entrevistas a outras entidades intervenientes na gestão

ANEXO XI - Entrevistas a outros utilizadores

INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos anos os baldios constituíram uma base da subsistência dos moradores nas aldeias de montanha no norte e no centro de Portugal. Ainda que sem base legal constituída, estes terrenos estavam desde há séculos entregues ao uso dos povos de montanha, sobretudo para pastoreio do gado e recolha de recursos básicos à sua sobrevivência.

Hoje verificam-se alterações no modo como estes espaços se integram na dinâmica das comunidades que servem, muito como reflexo das transformações que a própria sociedade rural vem sofrendo nas últimas décadas. À medida que as zonas rurais foram perdendo população para as cidades, onde as condições de emprego se apresentavam mais promissoras, a dinâmica socioeconómica alterou-se radicalmente. Para isto contribuiu também, numa primeira fase, a modernização da agricultura com a introdução de soluções tecnológicas para tarefas antes realizadas manual ou artesanalmente e com recurso a materiais recolhidos no monte baldio. Mais tarde a adesão de Portugal à União Europeia, cuja política agrícola teve francas consequências sobre o sector agrícola português, foi igualmente determinante para a transformação do lugar do baldio na dinâmica das comunidades. A acompanhar estas mudanças, refira-se a introdução de novos usos de espaços que eram anteriormente parte integrante dos sistemas agrícolas. Como resultado, o aproveitamento de recursos naturais para produção de energia (turbinas eólicas), a extracção de materiais de construção (e.g., saibro), ou mais recentemente o turismo, vêm assumindo um papel cada vez mais importante nos baldios.

Apesar desta tendência, que se poderá generalizar aos baldios do país em geral, no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), enquanto o decréscimo populacional está em linha com o do restante meio rural, verifica-se que o sector primário tem ainda uma importância considerável, mesmo se apoiado em subsídios provenientes da União Europeia. Estas ajudas financeiras contribuem para manter um nível de produção que garante a manutenção de determinadas características da paisagem, apreciadas sobretudo pela população urbana, tanto do ponto de vista estético/paisagístico como do ecológico (como seja a manutenção da biodiversidade ao manter a heterogeneidade da paisagem através da manutenção de mosaicos funcionais – agricultura, matos, pastagem, etc.). Ao mesmo tempo garantem à população rural um rendimento associado a uma actividade que do ponto de vista económico se encontra em queda no norte

interior do país. Associadas aos subsídios à produção estão medidas cujo propósito é manter a paisagem rural “tradicional”, financiando a manutenção de estruturas físicas antes necessárias aos sistemas de produção. Igualmente a limpeza de pastagens, o adensamento de povoamentos florestais recorrendo a espécies autóctones ou a construção de locais de abeberamento para animais são outras das actividades incentivadas. Estas medidas são hoje exclusivas do PNPG.

Ao mesmo tempo, parte dos novos usos que actualmente se associam aos espaços baldios são vedados na área do Parque, entre os quais a instalação de parques eólicos, a exploração de pedreiras ou a plantação de espécies arbóreas comercialmente interessantes, como o eucalipto. Estas condições criam uma conjuntura particular para os baldios do Parque. Enquanto a actividade agropecuária se mantém à custa de subsídios, regista-se o florescer de um mercado associado ao sector dos serviços, como resposta à crescente procura turística e à registada preferência destes locais para instalação de segunda habitação, num processo de *naturbanização* (Lourenço & Quental, 2007).

Portanto, a gestão dos baldios ganha necessariamente uma dimensão diferente quando o seu uso e gestão estão sujeitos a restrições que atendem a objectivos que ultrapassam aqueles da comunidade histórica e legalmente responsável pelas áreas. A situação particular dos trinta baldios inseridos no PNPG motivou este estudo, partindo-se do princípio de que a complexidade institucional associada àqueles baldios proporcionaria as condições para estudar a influência das instituições sobre a gestão dos baldios. Demasiadas vezes, os maus resultados da gestão do território, neste caso dos baldios, são atribuídos aos seus utilizadores, as comunidades, apontando-se a ausência de gestão. Com este trabalho procurou-se demonstrar a complexidade do sistema baldio-comunidade, questionando a simplificação associada a qualquer diagnóstico que atribua o ónus da má gestão dos baldios, ou do território rural em geral, – e em última análise, também dos incêndios florestais – a um só tipo de actores. Quando o contexto é de área protegida, uma assunção daquela natureza torna-se ainda mais redutora se tivermos em conta o tecido institucional e a expectável influência de várias instituições e entidades que têm competências sobre o uso e gestão daquele território. Para tal, pretendeu-se realizar uma análise *densa*¹ para trazer para a discussão as várias dimensões do

¹ Do inglês “*thick*”, termo usado por McCay & Jentoft (1998) para análises que vão além das ideias de acção racional de escolha e de individualismo metodológico. Nas palavras dos autores: “we use ‘thick’ to indicate a more ethnographic and hence complex perspective on human/environment relations. It calls for

problema, numa perspectiva de abordagem que se quis diversificada ao ponto de envolver, tanto quanto possível, os diferentes aspectos da questão.

Os baldios, amplos terrenos caracterizados pela maior ou menor presença de recursos naturais e paisagísticos, cujo uso e gestão estão sujeitos a instituições locais, nacionais, europeias, e até mundiais no caso do PNPG (Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurez, declarada pela UNESCO em 2009), são por natureza o resultado da interacção entre o sistema social criado pelas comunidades instaladas nas montanhas e os sistemas naturais que as envolvem. Essa interacção dá origem ao que se denomina na literatura de sistema socio-ecológico (Bruckmeier, 2016; Gallopin, 1994; Janssen & Ostrom, 2006; Liu, Dietz, Carpenter, Alberti, Folke, Moran et al., 2007). A complexidade destes sistemas tem vindo a chamar a atenção dos investigadores de várias áreas, que procuram sobretudo estratégias de gestão sustentável. Para isso, têm inevitavelmente que ponderar as várias implicações dessa complexidade, de entre as quais se destaca o resultado da interacção entre os sistemas ecológico e social (para além das interacções que ocorrem dentro de cada sistema). Para Gallopin (1994) um sistema socioecológico (*socio-ecological system*) “refers to any system composed of a societal (or human) component and an ecological (or biophysical) component” (p. 19). Mais recentemente, Janssen e Ostrom (2006) falam de *social-ecological systems*, cuja definição realça a interacção entre os sistemas e o seu carácter adaptativo, referindo-se a “complex adaptive systems where social and biophysical agents are interacting at multiple temporal and spatial scales” (p. 1466). No caso sob estudo, a questão centra-se sobre a gestão de territórios mais ou menos extensos situados em meio rural, grande parte florestados e/ou com extensas áreas de pastagem, associados à economia das comunidades de montanha e geridos a esse nível, ainda que historicamente sob a influência de outras instituições, de entre as quais se destaca o Estado.

Para abordar a gestão destes territórios, são várias as disciplinas relacionadas. Entre estas podemos referir a economia agrária, a sociologia rural, a engenharia agrícola e/ou florestal, a antropologia, a história, a geografia, entre outras. Ao mesmo tempo que todas garantem uma visão da “história”, nenhuma das perspectivas oferecidas por aquelas disciplinas a conseguirá completa. A ecologia humana responde à necessidade de produzir conhecimento sobre a inter-relação entre os seres humanos e o seu

careful specification of property rights and systems of resource use and their embeddedness within discrete and changing historical moments, social and political relations, and environmental conditions” (pp. 23-24).

ambiente: “Human species share the ecosystems with other species. Consequently, there is an interaction. The relationships resulting from this interaction are the subject of human ecology (Pires e Craveiro, 2010, p. 28). É sob esta premissa que a ecologia humana se constitui ela própria como disciplina, procurando uma abordagem que garanta um retrato mais fidedigno e aproximado da realidade (Dyball & Newell, 2015; Hawley, 1944), contribuindo para a construção de uma visão anti-fragmentária do mundo (Steiner & Nauser, 2003). É sua convicção que apenas sob essa visão se torna possível analisar e oferecer respostas para problemas sociais complexos (Pires, 2014) no contexto da sociedade da informação (Brukmeier, 2010). Para isso propõe um olhar pluridisciplinar sobre os fenómenos humanos tendo como certa a sua origem invariavelmente política, económica, social, cultural e ecológica (Bruhn, 1974).

De acordo com Rambo (1983), “the real value of human ecology lies in helping humans to see previously unrecognized relationships between what people do and the environment in which they do it”. Esta tese fundamenta-se na pluridisciplinaridade defendida pela ecologia humana, e recorre a métodos associados às ciências sociais, designadamente à sociologia (entrevistas) e antropologia (análise aprofundada com estabelecimento numa aldeia e recurso a entrevistas semi-estruturadas, conversas informais, observação no terreno), e a outras ciências humanas como a geografia (recurso a dados geográficos e características espaciais). Por outro lado, recorre à visão das ciências naturais, como a engenharia florestal, para compreender a dinâmica existente nos baldios da actualidade. A história, a nosso ver disciplina obrigatória em qualquer estudo que se pretenda fundamentado, apoiou o enquadramento do estudo no espaço e no tempo, permitindo o entendimento da situação actual. À medida que fomos aprofundando o conhecimento, histórico e actual, da problemática, tornou-se imperativo o recurso a matérias de Direito, designadamente do direito associado à propriedade, tornando documentos constitucionais e legislativos imprescindíveis para a compreensão da questão dos baldios. Ao mesmo tempo, para melhor compreender as questões associadas à propriedade, para além do Direito, houve necessidade de recorrer à Economia, em particular à Nova Economia Institucional, nomeadamente no que esta se relaciona com as teorias da acção colectiva e dos direitos de propriedade. A estas dimensões há que adicionar a dimensão política, constantemente presente, desde os primórdios deste tipo de propriedade até aos tempos actuais. Assim, face à sua complexidade, seguir apenas um dos caminhos disciplinares seria, na nossa perspectiva,

reduzir a abrangência que a problemática implica e simplificar a realidade com efeitos potencialmente perversos.

Como afirmam Liu et al. (2007), “Dynamics of human-nature systems are influenced by many factors, including government policies and contextual factors in which local processes are shaped by larger-scale and ultimately global-scale processes” (p. 1514). A existência e sobreposição de várias instituições tornam a questão *multinivelada*, sendo insuficiente e logo ineficaz qualquer solução, ou explicação para determinado fenómeno, baseada apenas num desses níveis. Por essa razão, optou-se por fazer uma análise a dois níveis. Fez-se assim uma primeira abordagem à totalidade dos conselhos directivos dos baldios inseridos no Parque Nacional da Peneda-Gerês, através da qual se obteve uma ideia geral da realidade destes compartos. E em seguida no intuito de aprofundar o conhecimento da dinâmica existente em torno da propriedade comunitária, fez-se uma aproximação às questões desde uma das aldeias do Parque, estabelecendo aí o foco da atenção durante dois meses e meio. Esta imersão na dinâmica da aldeia viria a ser fundamental para a discussão da importância das instituições na gestão dos baldios, como ficará claro no desenvolvimento deste trabalho.

Feita a apresentação das linhas que no fundo enquadram problemática e metodologicamente este trabalho, passamos agora a apresentar a estrutura da tese que dele resultou. No primeiro capítulo (I) fazemos uma revisão da literatura, começando por introduzir conceitos centrais à problemática aqui discutida, a que se segue uma retrospectiva de acontecimentos que se vieram a reflectir na realidade dos baldios, determinando a evolução política e socioeconómica (e, como consequência, ecológica/paisagística) destes espaços desde o final do século XIX até à integração de Portugal na União Europeia. Ainda no mesmo capítulo, aborda-se a questão ambiental e a sua institucionalização em Portugal, a par das iniciativas nacionais para a conservação da natureza. Estas questões ganham relevo, uma vez que os baldios focados nesta investigação se encontram inseridos numa área protegida, sendo essa uma das instituições com influência sobre a gestão dos referidos baldios. Por outro lado, com a inclusão deste ponto deixa-se clara a forma como a criação de áreas protegidas nem sempre atende, ou pretende atender, exclusivamente a questões de conservação, reflectindo em muitos casos interesses políticos e de poder. No capítulo seguinte (II) é feita a caracterização do caso de estudo, o Parque Nacional da Peneda-Gerês, começando por se apresentar os meandros da sua criação, a que se segue a sua

caracterização propriamente dita, do ponto de vista físico e natural (geografia, fauna, flora, etc.) e do ponto de vista social (economia, demografia, etc.).

O capítulo III descreve os métodos utilizados na recolha de informação para as duas fases de trabalho de campo. Os capítulos IV e V resultam da presente investigação, designadamente da primeira abordagem a todos os baldios do Parque. Nestes capítulos é feita uma caracterização dos baldios atendendo, em primeiro lugar, ao tecido institucional que os envolve e aos seus órgãos de gestão (IV), e em seguida ao espaço em si, aos utilizadores e ao tipo de usos e apropriações que ali se registam (V). O capítulo VI refere-se ao resultado do trabalho de base etnográfica desenvolvido em Fafião ao longo de dois meses e meio. Aqui aprofundam-se e encontram-se novas relações e descortina-se a dinâmica que move o dia-a-dia desta aldeia de montanha em torno do seu baldio. No capítulo VII, discutem-se os resultados à luz da bibliografia já existente, e no capítulo VIII tecem-se algumas considerações conclusivas com as quais esperamos contribuir para a discussão da problemática.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

1. A QUESTÃO DA PROPRIEDADE

1.1. Recursos e propriedade: conceptualização

De acordo com Philbrick (1938) “the concept of property never has been, is not, and never can be of definite content” (pp. 696). De facto, ao responder à necessidade de regulação das relações entre os indivíduos, particularmente no que respeita ao uso e fruição dos recursos, o conceito de propriedade não pode ser um conceito fixo e encerrado, uma vez que a cada momento da história, e a cada geografia, correspondem diferentes conjunturas políticas, sociais, económicas e ecológicas, que condicionam os sentidos do conceito. Por outro lado, o acumular de conhecimento gerado na contínua interação das comunidades humanas com os sistemas de recursos naturais, e que conduz à constante inovação dos modos de exploração desses recursos, resulta em diferentes formas de relacionamento com o meio. Assim, tendo em conta que as relações de poder pré-existentes e aquelas criadas aquando da definição e estabelecimento de um regime de propriedade têm também peso sobre a sua determinação, entende-se que a noção de propriedade vai para além da instituição que define as “regras do jogo”, alicerçando-se sobretudo em relações sociais (Congost, Gelman, & Santos, 2017; Jentoft, McKay, & Wilson, 1998).

O uso do solo para produção dos meios de subsistência, nomeadamente através da agricultura e da pecuária, é uma realidade antiga associada à transição do nomadismo para um modo de vida sedentário que, até certa altura, assumiu contornos de subsistência e de sustentabilidade. Contudo, fenómenos como o aumento da população e a revolução industrial vieram imprimir maior pressão sobre os ecossistemas e a noção de finitude dos recursos começou a ganhar expressão nos meios académicos. Neste contexto, veio a tornar-se prioritária a relação entre duas preocupações: i) conseguir o suficiente para a subsistência individual e familiar, e, simultaneamente, ii) manter os recursos para a posteridade. Perante esta realidade algumas vozes soaram o alarme, atentando ao aumento da população e ao modo ilimitado de exploração dos recursos. Thomas Malthus (1798) veio questionar a perspectiva humana de um mundo sem limites. Malthus partia do pressuposto de que, se deixado sem controlo, o crescimento da população seguiria uma progressão exponencial, ao passo que o crescimento dos recursos utilizados para a sua subsistência seguiria uma progressão aritmética. Esta

situação, em última análise, levaria à exaustão dos recursos e a situações de miséria, doença, guerra, obrigando o nível de população a baixar novamente ao nível da disponibilidade dos recursos.

Desde, pelo menos, o final do século XVIII, ganhava dimensão uma preocupação consistente com o acesso aos recursos e a sua finitude e sustentabilidade. A forma de superar essa limitação viria a separar em diferentes linhas os investigadores. Não tardaram a surgir resultados geradores de controvérsia, que anteviram situações de descontrolo e/ou de extrema carência num futuro não longínquo, caso não fosse instituída uma alteração profunda dos hábitos instalados nos modos de consumo e produção, sugerindo-se inclusivamente o estabelecimento de limites à reprodução da espécie (Hardin, 1968). Contudo, todas tinham em comum um alvo de intervenção, que consistia nos direitos dos indivíduos e das coletividades sobre os recursos. A questão que se punha era de que forma estes deveriam ser limitados: através da punição de estilos de vida? Da privatização dos recursos? Ou da sua nacionalização?

Até tempos recentes, associava-se às sociedades primitivas uma posse e gestão de recursos “natural”, baseada na comunidade (Philbrick, 1938). Engels (1884/1976) referia-se à organização comunitária como tratando-se da forma primordial e natural de organização dos recursos, que teria sido corrompida pela propriedade privada. Hoje, é generalizadamente aceite que é a coexistência de diferentes relações de apropriação do território e recursos (e.g., posse individual, familiar, ou por outro tipo de grupos ou associações) que caracteriza o estabelecimento das comunidades humanas (Philbrick, 1938). Em contextos pré-industriais, as terras comunitárias assumiram um papel central na organização da produção, constituindo um complemento à agricultura e a outras actividades económicas (Behar, 1984; Iriarte-Goñi, 2002). À medida que as sociedades se foram alterando, os direitos da população, designadamente no acesso à terra, também se foram alterando. Ainda assim verificou-se a permanência de alguns desses direitos, designadamente daqueles associados à pertença a uma determinada comunidade (Juergensmeyer & Wadley, 1974). De facto, no início do século XIX as terras comunitárias eram ainda uma realidade comum na Europa ocidental, variando a sua estrutura consoante a realidade social, económica e ambiental em que se encontravam integradas (Bravo & De Moor, 2008; Iriarte-Goñi, 2002; Pemán & De Moor, 2013). Grande parte destas instituições persistiu pelo menos até ao início do século XX (Bravo,

2008), sendo que muitas se encontram ainda em funcionamento em pleno século XXI, com as necessárias adaptações a uma realidade económica e social em mutação.

Na segunda metade do século XX, os economistas discutiam a melhor forma de gerir o uso e gestão dos recursos baseando-se na ideia de propriedade e nas consequências que diferentes abordagens à posse dos recursos teriam sobre essa gestão. Verificava-se uma nova abordagem aos problemas sociais associados à escassez de recursos, sustentada numa crescente atenção à questão dos direitos de propriedade (Alchian & Demsetz, 1973). Até aí, embora se verificasse uma produção substancial de estudos e reflexões à volta da ideia de propriedade e da gestão de recursos, constata-se a falta de estudos com base empírica que permitissem superar o carácter especulativo a que, segundo Alchian e Demsetz (1973), se restringiam os resultados até então conseguidos.

Coase (1960), no seu trabalho sobre o conceito de “custo social” [*social cost*] na análise económica defende uma análise que integre todo o tipo de efeitos que poderão resultar da escolha de arranjos sociais [*social arrangements*] - “we should have regard for the total effect” (Coase, 1960, p. 44) – onde inclui os custos de transacção, custos de oportunidade, portanto o peso das alternativas à escolha efectuada, e também o efeito que determinada decisão de acção possa ter sobre outros indivíduos. É neste contexto que o autor introduz um conceito de propriedade que, ao contrário do que era uso considerar-se, não refere algo físico, como um hectare de terra, mas sim o direito que o indivíduo detém (ou não) de exercer qualquer actividade sobre aquele pedaço de terra, ou de deter outros de o fazerem: “We may speak of a person owning land and using it as a factor of production but what the land-owner in fact possesses is the right to carry out a circumscribed list of actions. The rights of a land-owner are not unlimited”. É desta maneira que Coase encara a questão dos efeitos indesejáveis [*harmful effects*]. Ao mesmo tempo que um indivíduo exerce o seu direito sobre um dado recurso (e.g., dono de uma fábrica que emite fumo), está necessariamente a submeter, directa ou indirectamente, outros indivíduos aos efeitos secundários da sua escolha, (e.g., inalando fumo), afectando os seus direitos. Nas suas palavras: “The cost of exercising a right (of using a factor of production) is always the loss which is suffered elsewhere in consequence of the exercise of that right - the inability to cross land, to park a car, to build a house, to enjoy a view, to have peace and quiet or to breathe clean air”.

Esta concepção da propriedade foi seguida e desenvolvida por autores como Demsetz (1967), Alchian e Demsetz (1973), Furubotn e Pejovich (1972), entre outros. Para Furubotn e Pejovich (1972, p. 1139), um sistema de direitos de propriedade corresponde ao conjunto de relações económicas e sociais que definem a posição de cada indivíduo no que respeita à utilização de recursos escassos. Assim, ainda segundo os mesmos autores, os direitos de propriedade são relações comportamentais estabelecidas entre os indivíduos face à existência e uso de recursos, não a relação dos indivíduos com os recursos, como tradicionalmente considerada.

Também Demsetz (1967) refere o papel importante que os direitos de propriedade têm na interacção estabelecida entre os indivíduos, enquanto expectativas credíveis que ganham consistência em leis e nos usos e costumes de uma sociedade. Desta forma, um detentor de direitos de propriedade tem o consentimento social para actuar de determinada forma, e ao mesmo tempo espera que a comunidade impeça interferências de outros nas suas acções legítimas (aquelas que estão de acordo com a especificação reconhecida dos seus direitos). Assim, os direitos de propriedade determinam de que maneira as pessoas vão ser beneficiadas ou prejudicadas, isto é, quem vai ter de pagar a quem para que modifique ou transfira, total ou parcialmente, os seus direitos de acção com e sobre os recursos.

A literatura da nova economia institucional sobre direitos de propriedade introduziu várias alterações à teoria da produção e troca, colocando o indivíduo no papel central do processo de decisão em detrimento da organização que o envolve (ideia defendida até aí). Assume-se que os indivíduos procuram preencher os seus próprios interesses e maximizar a sua função de utilidade² até ao limite permitido pela organização.

²A ideia de rejeição da maximização do lucro como explicação fundamental do comportamento dos agentes económicos, introduzida pela economia marginalista, foi um passo importante, ao passar a considerar a utilidade o principal factor que deverá ser maximizado e abrindo assim o leque de possibilidades para o estudo dos diferentes padrões de comportamento em processos de decisão (Furubotn & Pejovich, 1972). Furubotn e Pejovich defendem que estas são ideias que podem ser estendidas às novas teorias analíticas económicas, como a nova teoria institucional, passando o conceito de direitos de propriedade a integrar a função de utilidade do indivíduo. Assim, assumindo-se o papel determinante dos direitos de propriedade sobre o comportamento económico, ao estabelecerem diferentes estruturas de sanção-recompensa, determinando as opções de comportamento acessíveis aos indivíduos, estes passariam a ser parte da função de utilidade que o indivíduo pretende maximizar, (Furubotn & Pejovich, 1972).

O termo utilidade, do inglês *utility*, é definido pelo *Oxford Dictionary* como sendo uma medida que se pretende maximizar em qualquer situação que envolva uma escolha [<https://en.oxforddictionaries.com/definition/utility>]. O *Business Dictionary* por sua vez define utilidade

Por outro lado, passa a considerar-se que existe mais do que um padrão de direitos de propriedade a actuar em cada situação – assumia-se até aí que um determinado conjunto de direitos de propriedade governava todos os recursos. Adicionalmente, os custos associados às transacções, considerados iguais a zero nos anteriores modelos, passam a ser contabilizados como indicador de eficiência das instituições, cuja função fundamental seria a da redução ou internalização desses custos.³ Os custos de transação incluiriam os custos de negociação, informação, medição, supervisão e sancionamento dos direitos e dos contratos, tendo um papel na determinação do comportamento dos indivíduos face a uma alteração nas condições económicas. Quando estes custos são baixos, a atribuição inicial de direitos de propriedade não é importante, porque os direitos poderão ser voluntariamente ajustados e transaccionados entre as partes, em função das suas utilidades para estas. Nos casos em que os custos são significativos, que é o mais comum, a alocação inicial de direitos de propriedade tem um papel mais decisivo, uma vez que as transacções são menos fluidas, o que faz com que a estrutura de direitos de propriedade tenha efeitos profundos e duradouros na produção e distribuição dos recursos (Coase, 1960).

É portanto consensualmente aceite pelos vários autores da época, que existe uma relação entre o conjunto de direitos de propriedade detido e o tipo de opções acessível no uso e gestão de recursos (Alchian & Demsetz, 1973; Demsetz, 1967; Furubotn & Pejovich, 1972). Neste contexto, a emergência de novos direitos de propriedade pode acontecer como resposta de adaptação dos indivíduos a novas possibilidades decorrentes por exemplo da introdução de novas formas de produção, novos valores de mercado e novas ambições, resultantes de alterações no conhecimento (Demsetz, 1967). Os efeitos, benéficos e prejudiciais, decorrentes destas alterações, introduzidas numa sociedade

como a capacidade de um dado recurso suprir uma ou mais necessidades ou vontades do consumidor [<http://www.businessdictionary.com/definition/economic-utility.html>]. O conceito de utilidade veio relativizar a ideia de que as escolhas individuais se baseavam na maximização do lucro, imprimindo alguma subjectividade à escolha. De acordo com os “utilitaristas”, os indivíduos têm diferentes, embora ordenadas, categorias de necessidades e valores. Segundo a teoria da utilidade marginal decrescente, a utilidade associada a um produto, e que traduz o valor que o produto tem para o seu consumidor, decresce com o consumo de sucessivas unidades do mesmo (Farber, Costanza & Wilson, 2002).

³ Transação remeteria para modificações introduzidas no estado dos direitos de propriedade (e.g. mudança de sujeito ou entidade que os detém), como forma de responder a qualquer outra alteração (e.g. aumento da procura do recurso; introdução de novas tecnologias de exploração do recurso).

ainda a si não adaptadas, são internalizados através da alteração dos direitos de propriedade.⁴

Como referido atrás, um determinado sistema de recursos pode encontrar-se sob mais do que um sistema de direitos de propriedade. Desta forma, mais do que uma entidade pode reclamar diferentes direitos sobre o mesmo recurso. Por exemplo, uma parte pode deter o direito de cultivo da terra e outra pode ter uma servidão que lhe permite atravessar a área ou usar a terra para fins específicos (Alchian & Demsetz, 1973). Nesta linha de pensamento, existe alguma ambiguidade na noção de alternativa entre a posse estatal, comunitária, ou privada de um recurso, uma vez que o conjunto de direitos de propriedade associado a um recurso não é uno; pelo contrário, é divisível, resultando que alguns direitos podem ser do Estado ou de comunidades, enquanto outros são detidos por privados. Embora o grau de controlo privado possa crescer à medida que os direitos de uso vão sendo privatizados, é algo arbitrária a determinação do momento em que essa conversão determina que o conjunto de direitos passa a ser privado (Alchian & Demsetz, 1973). Daqui resulta que a classificação dos proprietários pode (e deve) ser levada para lá da clássica divisão entre Estado, comunidades e privados.

Alchian e Demsetz (1973) usam a expressão “direitos comunitários” para descrever um conjunto de direitos que inclui o uso de um recurso escasso, mas que não inclui o direito de exclusão de membros da comunidade detentora. Nas palavras de Demsetz (1967) “by communal ownership I shall mean a right which can be exercised by all members of the community [sem direito de exclusão, na concepção do autor] (...) Communal ownership denies to the state or to individual citizens the right to interfere with any person’s exercise of communally-owned rights. (...)” (Demsetz, 1967, p. 5). Embora aceite que os vários indivíduos de uma comunidade possam negociar a afetação entre si dos direitos de uso do recurso, através da concessão de uns em benefício de outros, Demsetz (1967) realça os custos associados à negociação, controlo e imposição dessas regras de uso, que serão tanto maiores quanto maior for o número de intervenientes. Adicionalmente, refere os custos de oportunidade associados à ausência

⁴ e.g. Demsetz (1967) refere o caso anteriormente exposto por Leacock que reflecte os efeitos da introdução do mercado de pele sobre a dinâmica da caça de foca no Quebec, Canadá. O facto de a pele passar a ter valor de mercado e deixar de constituir um bem de subsistência local, alterou por completo a actuação dos caçadores sobre o que era até aí um recurso comum. Esta alteração teve como resultado a adopção de direitos privados sobre o recurso, resultando na delimitação do território para cada caçador.

de perspectiva de longo prazo na posse individual de direitos sobre os recursos comunitários, a qual seria conseguida na propriedade privada pela ideia de herança.

Para vários autores desta escola (Alchian & Demsetz, 1973; Demsetz, 1967; Furubotn & Pejovich, 1972; Gordon, 1954), a incapacidade de excluir utilizadores associada aos direitos comunitários levaria a que os indivíduos exercessem os seus direitos sem ter em conta as consequências das suas acções. Criar-se-iam assim condições para a existência de “*free-riders*”,⁵ o que, em última análise, resultaria no acréscimo dos custos de transação (Alchian & Demsetz, 1973). A partilha do recurso sob direitos comunitários de uso, analisada do ponto de vista do indivíduo racional, levaria a que uns utilizadores contribuíssem mais que outros para a manutenção do sistema de recursos, ao mesmo tempo que todos beneficiavam (Olson, 1965; Alchian & Demsetz, 1973); dito de outro modo, os utilizadores racionais tenderiam a internalizar os benefícios do bem coletivo, externalizando os custos. Tal aceção teria como consequência a inacção, ou a não cooperação por parte dos utilizadores, situação em que o controlo estatal, ou a “doutrinação cultural”, teriam um papel importante no incentivo da acção que favorece a comunidade (Alchian & Demsetz, 1973). Em alternativa, a propriedade privada surgia para todos os autores citados como sendo incentivadora da gestão cuidada dos recursos.

De facto, a definição de mais direitos de propriedade e o reforço do seu controlo, são associados, entre os autores desta escola, necessariamente ao estabelecimento da propriedade privada (Stevenson, 1991). No entanto para Stevenson (1991), os benefícios e custos de controlo dos recursos que criam incentivos para esse controlo, não determinam o tipo de propriedade. A estrutura do sistema de propriedade é influenciada pelas características sociais e do próprio recurso. Neste sentido, a propriedade comunitária surge, tanto como a propriedade privada, como uma solução para os problemas do livre acesso, designadamente para o sobreuso e eventual exaustão dos recursos, uma vez que, tal como na privatização, a propriedade comunitária pressupõe a limitação do número de utilizadores e das unidades de recurso consumidas. Respondendo às críticas que consistiam no efeito dos maiores custos de transacção

⁵ Este conceito será desenvolvido mais à frente, aquando da alusão ao trabalho de Mancur Olson (1965). Em linhas gerais, o “*free-riding*” refere-se à tendência de indivíduos inseridos num grupo para se excluírem de determinada acção ou custo (e.g. trabalho; contribuição monetária) requerido pela criação ou manutenção de um bem coletivo, perante a possibilidade de obter o benefício desse bem sem ter esse custo, assim “andando à boleia” (*free-riding*) dos custos suportados pelos restantes. Esta concepção do comportamento do indivíduo em grupo serviu de argumento teórico contra a possibilidade de acção colectiva em geral, e de gestão comunitária eficiente de recursos, em particular.

associados ao controlo do uso e consumo do recurso (e.g. negociação de regras e sua implementação e monitorização) por um conjunto de indivíduos, o autor responde que esses custos existem igualmente em propriedade privada. Nas suas palavras, “criticism of common property for its need to incur enforcement costs to stabilize an unsteady solution is unbalanced if it takes no account of the investment that society and individuals make in protecting private property” (Stevenson, 1991, p. 73). Admitindo que poderão existir diferenças no que diz respeito à vontade de investimento, uma vez que no caso da propriedade comunitária os indivíduos não recebem o retorno do seu investimento na totalidade, como acontece em propriedade privada, diz o autor, “there is no general reason to suspect that total enforcement costs are greater or less under common property than under private property.” E acrescenta, reforçando o papel das características do recurso na definição do sistema de direitos de propriedade, “in fact, enforcement costs are likely to be less for some resources under private property and less for other resources under common property. Por outro lado, Stevenson (1991) defende a relevância do ambiente social no comportamento económico do indivíduo, sustentando que os grupos, comunicando e influenciando-se mutuamente, conseguem ultrapassar o dilema dos comuns, diminuindo os custos de transacção e viabilizando, do ponto de vista económico, a cooperação.

A concepção institucional de direitos de propriedade seguida pela nova economia institucional viria a ser desafiada mais tarde por Congost, Gelman, e Santos (2017). Sendo inegável que a instituição faz parte do conceito de propriedade, os autores defendem que é como relação social de poder que esta se desenvolve, se aplica, e é contestada, o que tem determinados resultados económicos (e sociais). Assim, o recurso à história social da instituição (à forma como foi apropriada e implementada, às repercussões dessa implementação sobre os utilizadores do sistema e às reacções destes a essas repercussões) é incontornável, se se pretende perceber por que razão um determinado tipo de instituição funciona numa situação e não noutra.

Em 1968, Garret Hardin, professor de biologia e de estudos ambientais na Universidade da Califórnia, e também ecologista Malthusiano, publicou um artigo na prestigiada revista Science que veio a dar corpo à designação “tragédia dos comuns”. Neste trabalho, Hardin, à semelhança de Malthus, prenuncia de forma inequívoca a tragédia associada ao aumento da população perante um mundo finito. Partindo do princípio que o indivíduo racional agirá apenas no sentido de maximizar o seu bem-

estar, a liberdade de uso de recursos comuns teria como certa a ruína do sistema, na medida em que cada elemento da comunidade iria beneficiar do recurso sem atender a uma lógica comum, esgotando a “capacidade de carga” do recurso.

Para Hardin, a mais que certa tragédia seria evitada somente através de um esquema de coerção mútua e mutuamente aceite que permitisse o controlo do comportamento dos utilizadores dos recursos através da instituição de regras e aplicação de sanções aceites pelas várias partes. O incentivo à contenção no comportamento individual, em nome do bem comum, através de métodos sustentados no apelo à “consciência” ou na atribuição de responsabilidade aos utilizadores, seria à partida ineficaz. A temperança da acção individual seria conseguida só e apenas através de métodos coercivos que tornassem mais apelativa a conduta promotora do bem comum, como por exemplo através da aplicação de taxas ao uso incorrecto ou indesejado ou da delimitação de direitos de propriedade tendente à privatização dos recursos (Hardin, 1968). Apesar de considerar o sistema de posse e transação de recursos baseado na propriedade privada e na herança um sistema injusto e desajustado, o autor, assumindo que nenhum sistema é perfeito ou inteiramente justo, considera-o um mal menor perante a alternativa do “horror dos comuns” (Hardin, 1968, p. 7).

O modelo proposto por Hardin veio a revelar-se demasiado simplificado e determinístico, como acontece em geral com modelos seminais mas simples. Contudo o problema colocado pela *tragédia dos comuns* chamou a atenção de estudiosos de várias áreas, desde antropólogos, ecologistas, economistas, cientistas políticos, sociólogos (Feeny et al., 1990). O surgir de novos dados, fruto de estudos subsequentes, obriga à revisão das teorias vigentes. A *tragédia dos comuns* foi alvo de várias revisões. Em 1998 o autor publicou uma nota na mesma revista na qual assume ter dissertado sobre um conjunto específico e particular de recursos – aqueles em que prevalece a liberdade individual de uso irrestrito – e que o argumento defendido no seu artigo se aplicaria apenas a esse tipo de recursos. Hardin (1998) reconhece assim a diferença existente entre um sistema de recursos em livre acesso e um sistema de recursos gerido, considerando aqui como hipóteses apenas a gestão pública ou privada. Ao mesmo tempo o autor assumia a existência de casos de sucesso (e insucesso) em ambas as opções institucionais, relativizando a eficácia dos regimes de propriedade – estatal e privado - às particularidades da situação específica. Priorizando os detalhes que

diferenciam cada sistema e que impossibilitam qualquer generalização (de sucesso ou insucesso), Hardin resume “the devil is in the details” (Hardin, 1998, p. 2).

Até ao século XVIII, a acção colectiva era discutida no ponto de vista da sua desejabilidade. Pretendia-se perceber o que levava os indivíduos a escolher a cooperação. Na perspectiva de alguns pensadores iluministas, o grupo tinha uma tendência corruptora. Designadamente para David Hume e Adam Smith a aceitação e validação do comportamento no interior de um grupo fomentava a “aversão por todas as outras seitas” (Smith, cit. por Caldas, 2013, p. 120). Ao contrário, o mercado teria um carácter “civilizador” e incentivador das capacidades morais dos indivíduos. O mero facto de numa situação de mercado o indivíduo se encontrar, com alguma probabilidade, rodeado de pessoas ideologicamente diferentes, teria como efeito a contenção do comportamento e o respeito pelo comportamento e pensamento dos restantes (Caldas, 2013). Com o advento da revolução industrial o mercado deixa de ser visto como o grande “civilizador” e na visão da generalidade dos pensadores socialistas, assume um papel destrutivo (Marx, 1972; Marx & Engels, 1972). Por outro lado, a acção colectiva, até aí vista como sendo corruptora, passa a assumir a base das discussões e concepções éticas. Já no século XX, com a separação da Ética da Economia e com a consequente descridibilização dos argumentos morais no seio do discurso científico, a discussão passou da questão da desejabilidade da acção coletiva para a da sua exequibilidade (Caldas, 2013).

Enquanto a confusão conceptual entre propriedade em regime de livre acesso e propriedade comunitária contribuiu para a falta de popularidade da propriedade comunitária e da gestão comum de recursos, houve autores que puseram directamente em causa a viabilidade da acção colectiva não coagida, necessária para a gestão autónoma de recursos comuns. Se nos trabalhos de Demsetz (1967), Alchian e Demsetz (1973) ou Furobnt e Pejovich (1972), ou mesmo no de Hardin (1968/1998), a ineficácia da acção colectiva na gestão de recursos comuns se encontra subentendida, em *The Logic of Collective Action*, Mancur Olson (1965) elabora um extenso e detalhado argumento visando demonstrar essa impossibilidade de cooperação livre. Olson, logo na segunda página da introdução, deixa clara a sua posição relativamente à possibilidade de acção colectiva em grupos de maior dimensão. Nas suas palavras,

(...) unless the number of individuals in a group is quite small, or unless there is coercion or some other special device to make individuals act in their common

interest, rational, self-interested individuals will not act to achieve their common or group interests (Olson, 1965, p. 2).

Na sua perspectiva, ainda que seja possível ultrapassar o primeiro desafio da comunicação e passar à negociação de regras de uso de um dado recurso entre os membros de um grupo, segue-se-lhe um outro problema que decorre da vontade de maximização do bem-estar individual de cada membro. Se o atingir de um objectivo comum é algo a que os indivíduos do grupo aspiram, o ideal para o indivíduo racional e egoísta é recolher os frutos dessa concretização sem incorrer nos custos, descansando no trabalho dos restantes membros – o já referido problema do *free-riding*. Para Olson, a única forma de existir cooperação nestas circunstâncias é através de incentivos individuais que motivem a acção, os quais podem ser pecuniários (e.g., descontos a sócios de uma determinada organização) ou não pecuniários (e.g., aceitação social, prestígio).

Olson ressalva, no entanto, que em grupos de pequena dimensão, a maior proximidade entre os membros do grupo facilita a comunicação, possibilitando maior pressão e controlo sociais e inculcando maior receio de não aceitação caso o indivíduo decida não cooperar, o que poderá contribuir para que seja mais provável que os membros de um grupo de pequena dimensão cooperem. Por outro lado, a percepção do contributo individual para o objectivo do grupo (ou pelo contrário, a percepção do efeito de não cooperar no objectivo do grupo) é diferente em grupos pequenos e em grupos grandes. Nestes, a tentação para não cooperar é maior, pois, face ao número de membros e à menor comunicação entre eles, a falta de contribuição de um indivíduo poderá mais facilmente passar despercebida. Assim, em grupos pequenos existiria menor probabilidade de *free-riding*, tornando mais viável a acção colectiva. Os grupos mais pequenos favoreceriam a acção colectiva, uma vez que neles o bem-estar individual depende de parâmetros como a aceitação social, que assumem menor relevância em grupos grandes, e que exercem, por si mesmos, um efeito coercivo. Assim, embora aqui seja traduzido pelo controlo social do grupo e não pela atuação de instituições externas a este, nomeadamente o Estado, não deixa, porém, de estar presente um efeito coercivo⁶.

⁶ A ideia de que em grupos pequenos a acção colectiva estaria facilitada veio a ser mais tarde posta em causa por Agrawal. Ao passo que Olson, por exemplo, construiu o seu argumento baseado nas dinâmicas internas de um grupo e na sua influência sobre a capacidade de organização e de manutenção da acção colectiva, Agrawal (2000) debruça-se sobre as interações entre grupos em competição por um recurso - a

Em defesa da capacidade de cooperação, embora admitindo a existência de casos de insucesso em que a acção colectiva está dificultada, alguns psicólogos sociais vieram pôr em questão as razões pelas quais os indivíduos cooperam em determinadas situações e não noutras, pondo de parte justificações baseadas apenas na ganância intrínseca. A perspectiva de que, por detrás da incapacidade de acção colectiva, poderão estar outros factores a actuar (e.g., emocionais), permitiu alargar o leque de possibilidades que justificam o comportamento humano, até aí avaliado à luz da economia tradicional e do seu conceito de indivíduo racional. Ao desenvolverem estudos experimentais os cientistas concluíram que, havendo possibilidade de comunicação, os indivíduos tendem a cooperar para atingir um fim. Ao mesmo tempo, os economistas comportamentais chegavam a conclusões idênticas, concluindo que mesmo sem comunicação, havia uma tendência para compactuar com a actividade esperada (e.g. contribuir com uma soma para determinado fim) (Caldas, 2013).

Iniciava-se assim o longo e enriquecedor trajecto de investigação que viria desafiar de forma consistente as premissas propostas por Hardin, Olson e outros investigadores que advogaram a tragédia do uso e da gestão comum de recursos. De entre os vários investigadores que trabalharam as questões relacionadas com a acção colectiva no que respeita à gestão de recursos comuns, como Ciriacy-Wantrup e Bishop (1975) ou Stevenson (1991), Elinor Ostrom veio a ser figura de destaque com o seu “*Managing the Commons*” (1990). Ostrom viria a merecer o Prémio Nobel da Economia em 2009, pelo seu trabalho no domínio da economia institucional dos recursos comuns. *Managing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*, na sua designação completa, constituiu uma contribuição de peso para o conhecimento sobre a gestão de recursos comuns à luz da teoria das instituições.

1.2. Teoria da Gestão dos Comuns

Embora seja incontestável que o legado de Ostrom incentivou muita da produção científica que se lhe seguiu sobre a questão da gestão dos comuns, tornando-a merecedora do destaque que lhe foi dado, é contudo de assinalar que paralelamente, ou

floresta. O autor, estudando na Índia florestas geridas por conselhos criados com esse objectivo, distingue duas questões na sua análise: i) organização da acção colectiva e ii) concretização dos objectivos dessa acção. Conclui que, embora grupos pequenos possam de facto demonstrar maior facilidade em se organizar para a acção colectiva – ou seja, de formar-se em grupo com um determinado objectivo – grupos maiores demonstram maior capacidade de atingir os objectivos da acção colectiva, sobretudo por terem maior facilidade de acesso a meios que lhes permitem manter uma actividade contínua de monitorização dos usos e aplicação das regras instituídas.

ainda anteriormente à publicação de *Governing the Commons*, outros investigadores trabalhavam já as questões da propriedade e da acção colectiva na gestão dos recursos comuns, pondo em causa o *statu quo* científico da altura e contribuindo para o avançar do conhecimento nesta área. Já em 1965, Ester Boserup desafiava a inexorável tragédia associada ao crescimento da população, face à limitação dos recursos. Boserup (1965) defende que, numa perspectiva diferente da defendida pelo seu contemporâneo Hardin, o aumento da população pode ser incentivador do desenvolvimento económico (e não o contrário, como defendia Malthus), o qual surge como resposta à necessidade de intensificação da produção agrícola, retirando do aumento populacional a carga trágica que lhe impuseram Malthus, Garret Hardin e os seus seguidores. Mas como afirmam Poteete e Ostrom (2002) “reality presents more complicated pictures than either the Malthusian tragedy or the Boserupian march of technological progress. Some societies experience resource depletion with population growth or increased market pressure; others manage to sustain their forest (and other) resources despite comparable pressures (p. 3).

Ainda na década de setenta do século XX, Juergensmeyer e Wadley (1974) afirmavam que o conceito de gestão comunitária de recursos comuns “provides direction, if not a solution, to the problem of reconciling public interest with private ownership rights when, as happens increasingly often, the two conflict in the environmental arena” (Juergensmeyer & Wadley, 1974, pp. 361). Por seu lado, Ciriacy-Wantrup e Bishop (1975, pp. 714) criticaram o modo como o conceito de propriedade comunitária e as suas implicações políticas “have been misinterpreted in economic literature in such a way as to discredit a concept that is a valuable tool in the economic analysis and solution of difficult problems of natural resources policy”. Segundo estes autores, a acção colectiva para o uso e manutenção de sistemas de recursos era uma realidade, para o que o estabelecimento de limites ao número de utilizadores e a determinação clara dos utilizadores autorizados constituía um passo essencial. Um ano depois, Netting (1976), baseando-se na realidade de algumas comunidades alpinas suíças, afirmou a sua capacidade de organização e cooperação, através da criação de regras e sanções, como forma de garantir a sustentabilidade dos recursos dos quais dependiam, denunciando a forma como as asserções de Hardin não se adaptavam àquela realidade. O autor conclui que as formas de exploração e as condições ecológicas do

local terão sido preponderantes para a manutenção da propriedade comunitária, deixando, contudo, perceber a influência do contexto económico e político envolvente.

Numa perspectiva mais geral, Godwin e Shepard (1979) realçaram a importância de, antes de se proceder a um diagnóstico, criar teorias ou apresentar soluções a supostos dilemas dos comuns, se dever ter em conta as estruturas de incentivo que estão acessíveis aos indivíduos influenciados pelo recurso. De facto, segundo os autores, várias situações diagnosticadas como típicas do “dilema dos comuns” não se achavam na iminência de qualquer tragédia,⁷ uma vez que o padrão de comportamento sugerido por Hardin, de indivíduos para os quais a escolha racional e interesseira é inevitável, não existe em muitos desses casos. A omissão da diversidade de incentivos à acção que actuam sobre uma população, não integrada naquele tipo de análises, estaria na origem de avaliações desajustadas. Estes incentivos decorreriam, entre outras coisas, da forma como cada indivíduo valoriza o recurso e/ou dos resultados da acção para a qual deve decidir cooperar ou não (Godwin & Shepard, 1979). Wade (1987) e Berkes, Feeny, McCay e Acheson (1989), por seu lado, avançaram em defesa da gestão comunitária de recursos comuns, argumentando pela capacidade de gestão de instituições criadas pelos utilizadores dos recursos. Seguindo os primeiros trabalhos publicados de Ostrom sobre a problemática da gestão dos comuns, que remontam a 1985, 1986 e 1988, e considerando a acção colectiva como possível nestas situações, ambos os autores sugerem condições para o desenvolvimento de acção colectiva que vão ao encontro dos princípios de desenho de instituições defendidos por Ostrom (1990).

Feeny, Berkes, McCay, e Acheson (1990), revisitando a discussão sobre a gestão de recursos comuns e os restantes regimes de propriedade, partindo do trabalho de Hardin publicado 22 anos antes, apontam, tal como Ostrom, para a necessidade de uma nova teoria para os recursos sob gestão comunitária:

A new and more comprehensive theory for common-property resources must be able to account for sustainable resource management under communal-property regimes. The theory should be capable of accommodating user self-organization or the lack of it. Such a model can better explain whether and under what

⁷ Na literatura, o “dilema dos comuns” (do inglês *commons' dilemma*) designa situações em que, perante um recurso não exclusivo e escasso, os indivíduos tendem na sua generalidade a usá-lo e consumi-lo de forma a suprir as suas necessidades, sem atender às dos restantes utilizadores, podendo em última análise levar à exaustão do recurso; no fundo, trata-se de uma designação alternativa a “tragédia dos comuns” Ostrom (1988).

conditions sustainable resource management will occur, rather than simply predicting the demise of all resources held in common (Berkes, McKay, & Acheson, 1990, p. 14).

Foi neste ambiente de discussão científica que surgiu *Governing the Commons*. Segundo Ostrom (1990; 2000), grande parte dos sistemas de recursos usados por múltiplos indivíduos pode ser classificada como *common-pool resources* (CPR). Os sistemas CPR caracterizam-se por gerarem quantidades finitas de unidades do recurso em comum, e por a unidade de recurso consumida/usada por um utilizador ser subtraída à quantidade disponível para todos os outros utilizadores. Muitos são de dimensão suficientemente grande para que múltiplos actores possam usar o sistema em simultâneo e, nesse sentido, os esforços para excluir potenciais beneficiários ou moderar o seu uso são dispendiosos. Incluem sistemas de recursos naturais e de recursos criados artificialmente: bacias de água subterrâneas, sistemas de irrigação, florestas, pastagens, ou bancos de pesca. Exemplos de unidades de recurso incluem água, madeira, forragem ou peixe. Ostrom (1990) analisa diversos casos de instituições criadas para a gestão de CPR, situados em diferentes locais, apresentando casos desde a Espanha ao Japão. Com este estudo, que enriquece com dados empíricos a discussão “dos comuns”, a autora propõe-se clarificar a razão de ser da eficácia ou ineficácia das instituições que os gerem para a acção colectiva. Para isso, assume que casos de sucesso seriam aqueles em que a acção colectiva dos grupos de utilizadores conseguem atingir resultados produtivos através de instituições por si criadas, em situações em que o apelo ao *free-riding* é constante.

Ostrom desafiava assim a ideia de tragédia associada à gestão colectiva de recursos acessíveis a vários utilizadores, revelando parte da diversidade de situações e de respostas institucionais existente, com maior ou menor sucesso. A autora defendia a inadequação da teoria económica tradicional a todos os casos de organização humana em torno da gestão de recursos. No seu ponto de vista, era apenas natural que um teórico desejasse o máximo de abrangência para a sua teoria. Contudo, citando Ostrom, “scientific knowledge is as much an understanding of the diversity of situations for which a theory or its models are relevant, as an understanding of its limits” (Ostrom, 1990, p. 24).

Ostrom pretendeu contribuir para a concepção de uma teoria económica institucional que incluísse a capacidade de auto-governança e de acção colectiva das

comunidades, não se limitando à dualidade Estado / mercado para responder aos dilemas da gestão dos recursos. A partir da análise comparativa de casos empíricos de sucesso e insucesso na gestão de CPR, definiu princípios de delineação (*design principles*) associados à construção de instituições para a gestão colectiva bem sucedida desse tipo de recursos comuns. Assim, grupos que criem instituições que delimitem claramente as fronteiras, quer do recurso que pretendem gerir, quer da população de utilizadores autorizados, e que estabeleçam regras de uso de acordo com esses limites, estarão preparados para conceber um bom conjunto de regras, desde que consigam manter baixo o custo de as alterar em caso de necessidade de adaptações (nomeadamente, mantendo uma situação em que a negociação seja possível sem ter de recorrer a agentes externos). Não bastando que existam regras, o seu cumprimento deverá ser monitorizado, de preferência pelos próprios utilizadores ou por agentes externos que respondam perante esses mesmos utilizadores, aplicando um leque graduado de sanções cujo peso se vá agravando com a repetição do comportamento desviante. Em caso de conflito, será importante que os utilizadores tenham acesso a plataformas próprias de discussão e validação das regras. Por fim, as instituições deverão ter o aval e o reconhecimento das autoridades estatais, sem o que correm o risco de não terem validade fora do contexto local, o que poderá pôr em causa a sua continuidade.

Desta forma, para compreender a criação ou alteração de instituições, Ostrom defende uma concepção de escolha racional não baseada apenas num balanço individual entre benefícios e custos, como defendido pelas teorias até aí vigentes. Perante a hipótese de mudança institucional os indivíduos fazem a sua escolha (de alterar ou não a instituição) baseando-se nos custos e benefícios esperados, mas a sua percepção desse balanço será influenciada pelas normas internas do grupo e pelo valor que os indivíduos atribuem ao recurso.

Governing the Commons foi publicado em 1990. Desde então foram desenvolvidos vários trabalhos pretendendo, como proposto pela própria autora, afinar os princípios de concepção das instituições, através da recolha de mais e mais aprofundado material empírico. Contudo, como todos os trabalhos relevantes, também o trabalho de Ostrom tem vindo a ser questionado, ou posta à prova a sua generalização. Aspectos da teoria de Ostrom, como o próprio processo analítico dos casos empíricos que seleccionou (Singleton & Taylor, 1992; Garrido, 2011; Araral, 2014); o papel

exíguo que a comunidade assume em *Governing the Commons* (Singleton & Taylor, 1992; McCay & Jentoft, 1998; Jentoft, McCay & Wilson, 1998) ou a teoria de escolha racional com que continua a analisar as escolhas dos indivíduos (Nightingale, 2011), foram sendo desafiados. Alguns destes autores propõem, assim, abordagens mais “densas” (McCay & Jentoft, 1998), e mesmo “irracionais e emocionais” (Nightingale, 2011).

Dois anos depois da publicação de *Governing the Commons*, Singleton e Taylor (1992), pegando nos casos de estudo usados por Ostrom na sua análise, começam por desafiar a sua perspectiva sobre o que foram casos de sucesso e de insucesso. Para os autores, a lista de princípios de delineação apresentada por Ostrom não responde à questão “o que leva a que uns grupos consigam resolver os seus problemas de acção colectiva e desenvolver instituições bem-sucedidas na gestão dos seus recursos comuns, e outros não?”. Fundamentalmente, argumentam que o facto de uma determinada instituição deter a totalidade dos princípios de Ostrom e outra não, encerra em si mesmo a interrogação: porquê? Sem pretenderem pôr em causa de forma generalizada a teoria defendida por Ostrom, os autores consideram que esta negligenciou o papel da comunidade, e avançam a existência ou ausência de “comunidade” como parte da solução para aquela interrogação. Na sua acepção, “comunidade” refere-se a um grupo de pessoas que partilham crenças e preferências, para além das que constituem o seu problema de acção colectiva; que tem um número mais ou menos estável de membros; cujos membros têm planos de prolongar a interacção por um tempo considerável e que estabelecem relações directas de reciprocidade, sem recurso a mediadores externos. Para os autores, estas características do grupo tornam possível a existência de “vulnerabilidade mútua”, entendendo por tal uma relação de necessidade recíproca generalizada entre os indivíduos do grupo sugerindo que apenas numa comunidade em que os indivíduos têm entre si essa vulnerabilidade mútua podem existir a monitorização e o sancionamento do (não) cumprimento das regras instituídas. A necessidade que, entre outras coisas, os ligaria teria de existir a um ponto em que pudesse ser usada como sanção positiva ou negativa (e.g., a aceitação dentro do grupo ou a desvinculação deste).

McCay e Jentoft (1998) defendem que, até à data, o maior contributo dos estudos do “novo institucionalismo” no que se refere à gestão de recursos comuns foi o de possibilitar uma nova configuração da natureza do indivíduo (mais cooperativo) e do

grau de interacção social (mais colectiva). Contudo, argumentam que esses avanços foram feitos através de abordagens “ténues” (*thin approaches*), nas quais o motor de acção do indivíduo continua a ser considerado o seu ganho pessoal. O termo surge em contraposição a abordagens “densas” (*thick approaches*), que corresponderia, nas suas palavras,

(...) a more ethnographic and hence complex perspective on human/environment relations. It calls for careful specification of property rights and systems of resource use and their embeddedness within discrete and changing historical moments, social and political relations, and environmental conditions (...). A thick approach calls for attention to cultural and historical specificity and suspension of overarching models although not the explanatory endeavor (McCay & Jentoft, 1998, p. 21)

Os autores apresentam, assim, outras razões para a acção ou inacção (e.g. o sentimento de pertença a uma comunidade, a concepção local dos direitos de propriedade, a história que envolve um determinado sistema de recursos e a forma como é influenciado pela política envolvente), realçando a importância da comunidade tanto no sucesso como no insucesso das instituições. Assim, avançam a necessidade de estudos mais “densos” sobre o funcionamento dos sistemas de gestão de recursos comuns, acautelando o rápido diagnóstico de “falha do mercado” nos dilemas relacionados com a gestão dos comuns e a aplicação de modelos pré-concebidos em situações definidas como potenciais tragédias dos comuns. Para uma avaliação adequada de cada situação “dilemática” que, como sublinham, pode derivar de diferentes factores (e.g. alteração de políticas; introdução de burocracia; falta de capacidade de gestão da própria comunidade), será necessária uma avaliação profunda do estado da comunidade, tendo em conta todos os factores que sobre ele poderão influir. De acordo, referindo-se às instituições que possibilitam a cogestão de recursos, tratando neste artigo em concreto de recursos marinhos, Jentoft, McCay, e Wilson (1998) avançam a necessidade de uma teoria social mais alargada das instituições para a gestão de recursos comuns. Os autores propõem avançar para além do conceito de instituições como conjunto de restrições, para um que vê as instituições como formas de concretização de cultura, de estruturas sociais e de rotinas, inseridas em vários níveis de jurisdição. Nesta perspectiva, para a cogestão de recursos, quatro variáveis são importantes: a definição da “comunidade”; o *locus* e a escala dessa comunidade; a

forma como cada um dos vários grupos componentes se encontra representado dentro da comunidade; e, em quarto lugar, figurariam então os direitos de propriedade. Na sua visão, este seria o passo que faltava para se conseguir perspectivar a cogestão com menos pessimismo e como uma alternativa de gestão viável.

Em consonância com os autores anteriores, Nightingale (2011) refere a importância da subjectividade dos indivíduos pertencentes a uma comunidade utilizadora e gestora de recursos comuns. Subjectividade é aqui definida como um conjunto de expectativas e pressões que sujeitam o indivíduo quando inserido num grupo e que definem em grande parte a forma como se auto-identifica. Nightingale salienta a relevância das emoções e das relações de poder derivadas de subjectividades (e.g., género, laços afectivos, raça, a actividade desenvolvida dentro da comunidade) no sucesso ou insucesso da gestão dos recursos. Mais do que as características institucionais, seria a forma como as inter-relações se desenvolvem a este nível que estaria na origem do bom funcionamento das comunidades na gestão dos seus recursos. A autora defende que, na análise futura do desempenho das comunidades na gestão de sistemas de recursos comuns, o foco deverá estar sobre o lado “irracional” destes sistemas, integrando a forma como operam as relações de poder no seu interior.

Um pouco na linha de Singleton e Taylor, Garrido (2011) pega num dos casos discutidos por Ostrom em *Governing the Commons* (1990), designadamente o dos sistemas comunitários de rega localizados no Este de Espanha e, recorrendo a literatura e investigação própria sobre o caso em questão, verifica que as características desses sistemas que serviram para reforçar a teoria de Ostrom não existem *in loco* na forma como são descritas pela autora e pelas suas fontes secundárias. Ao contrário do que é afirmado por Ostrom para aquele caso, as comunidades de regantes não obedecem a alguns dos princípios de delineação de instituições para a gestão dos comuns, apesar de apresentarem, de facto, instituições robustas e bem sucedidas nessa gestão. Concretamente: não existe uma equivalência entre a contribuição de cada indivíduo para o sistema e aquilo que ele retira do mesmo, existindo sim uma contribuição fixa, que ignora o nível de uso efectivamente assumido; o funcionamento das instituições depende da intervenção de agentes externos para garantir o cumprimento das regras instituídas internamente, ao contrário da autossuficiência verificada e defendida por Ostrom; embora as comunidades de regantes possam participar nas decisões para o uso e gestão dos recursos comuns, a decisão não é baseada num processo democrático por

um arranjo colectivo igualitário, sendo os proprietários da terra – num sistema de propriedade dominado pelo arrendamento – que em última instância decidem sobre a gestão do recurso. Garrido reforça a importância teórica destas conclusões, uma vez que a teoria dos comuns, adoptada por tantos investigadores, está alicerçada em premissas que, como ele demonstra, não se adequam completamente à realidade daquelas instituições, de facto bem-sucedidas e duradouras.

Por seu lado, Araral (2014) questiona a crítica de Ostrom a Hardin, defendendo que a tragédia pode de facto ser inexorável em casos de sistemas de recursos comuns de grande dimensão, concluindo que a crítica de Ostrom seria aplicável a um grupo limitado de sistemas cuja relativamente pequena dimensão favoreceria a comunicação entre os indivíduos, e logo a monitorização dos usos. O mesmo autor põe em causa a validade dos princípios de delimitação de instituições inferidos por Ostrom, baseando-se na falibilidade estatística de um estudo efectuado por Cox, Arnold e Tomás (2010), que teriam procurado validá-los seguindo o pedido de Ostrom (2008). Por fim, questiona a crítica efectuada por Ostrom aos direitos privados aplicados a recursos comuns. Para Araral (2014), o simples facto de os sistemas de recursos comuns bem sucedidos coincidirem com aqueles com melhores características para excluir utilizadores – factor que segundo o autor diferencia a propriedade privada dos restantes regimes de propriedade – seria, por si só, demonstrativo da superioridade da propriedade privada. Contudo, o autor deixa uma ressalva, considerando a hipótese de a posição de Ostrom ser, não contra a propriedade privada em geral, mas sim contra a imposição da apropriação privada de recursos comuns como solução implementada de fora, caso em que também Araral estaria de acordo.

Como se pode inferir pela breve revisão da pequena amostra dos trabalhos que têm contribuído para o avançar das questões relativas ao conceito de propriedade e à teoria da gestão dos comuns, verifica-se existir hoje, não apenas uma busca de entendimento do contexto institucional que incentiva a cooperação, mas também de respostas que fomentem o cruzamento de soluções e promovam a diversidade institucional. Face a um mundo política e economicamente diverso, não pode existir apenas uma resposta para um problema de constatada complexidade (Caldas, 2013).

Como ficou claro através das várias intervenções de académicos sobre o conceito de propriedade, esta regula interesses, cria expectativas, define e reflecte

relações de poder, ao mesmo tempo que contribui para ordenar o uso do território. O ajustamento do conceito à realidade social estará dependente precisamente do lugar que os indivíduos, grupos e comunidades ocupam na sua concepção e da real integração das relações sociais nas quais o conceito se alicerça. Sendo que as políticas públicas partem de pressupostos, se estes forem o resultado de generalizações desenvolvidas a montante, corre-se o risco de as soluções aplicadas no território partirem de premissas desajustadas com consequências expectavelmente perversas (como aliás se verifica em vários casos descritos na literatura, e.g. Larson & Soto, 2008).

Em seguida irá desenvolver-se um caso particular da aplicação de políticas públicas que implica a alteração do sistema de direitos de propriedade vigente, designadamente a criação pelo Estado de áreas protegidas para conservação de valores naturais e/ou culturais.

1.3. Direitos de propriedade redefinidos em nome do bem comum: criação de áreas protegidas

Ao longo do tempo o uso dos recursos, sua extracção e produção para subsistência das comunidades, levou à alteração da paisagem. Moldada conforme as necessidades das populações e as possibilidades do meio natural, foi-se transformando naquilo que é hoje percebido como “paisagem cultural”. Para Penker (2008), a paisagem cultural refere-se a várias etapas que fazem parte de um processo complexo de desenvolvimento contínuo que pode ser despoletado tanto por factores socioeconómicos, como por factores culturais ou relacionados com o espaço natural (Pencker, 2008). Hoje, derivado dos usos desenvolvidos ao longo do tempo, a paisagem encontra-se compartimentada em rural ou urbana, existindo também espaços de transição, as denominadas zonas peri-urbanas. Estas diferem pelo tipo de actividades ali desenvolvidas (agricultura e pecuária nas zonas rurais e indústria e serviços nas zonas urbanas) e também pela densidade da população, que veio por sua vez influenciar a distribuição dos serviços básicos, como a saúde e educação, centralizados nas zonas urbanas onde a população se concentra. Se inicialmente a paisagem servia as populações locais, fornecendo-lhes condições e recursos, hoje o seu uso encontra-se institucionalizado a vários níveis e em muitos casos por actores externos que não habitam no local nem usam directamente aqueles recursos. Como diz Pencker: “[landscapes] are maintained, planned, developed and enhanced by countless environmental regulations, contracts with landholders, agri-environmental schemes,

landscape and nature reserves, food-related activities such as ‘eat the view’ and labels of origin” (Pencker, 2008, p. 947). Ao focar a análise dos direitos de propriedade sobre a paisagem, Penker (2008) conclui que apesar da abertura da deliberação sobre a paisagem a vários sectores e agentes a diferentes escalas de influência, as populações continuam a ter poder sobre a “sua” paisagem, conferido pelo facto de ser a esse nível - local - que a negociação e a aplicação prática dos direitos de propriedade acontece, podendo o utilizador optar por seguir as linhas estabelecidas a montante, ou não. Esta capacidade é reforçada pelas relações de cooperação e parceria estabelecidas horizontalmente entre as várias entidades que intervêm a nível local: “The fact that locals have little influence on landscape governance and cannot voice their preferences and fears of landscape change in the policy arena might foster forces of voluntary action, co-operation, civil society movements and self-governance” (Penker, 2008, p. 951).

O rápido desenvolvimento que decorreu da Revolução Industrial, que alterou por completo a paisagem e que levou a uma transformação profunda do tecido socioeconómico ao acolher larga parte da população rural como mão-de-obra nas fábricas, tornou a paisagem rural uma espécie de último reduto “natural”. Assim, a paisagem que outrora fornecia as condições para a permanência das populações, passou a ser percepcionada à luz de uma visão romântica que ali encontra características associadas à natureza, inexistentes nas cidades industriais. As zonas rurais passaram a ser vistas pela população urbana como locais de lazer e de sintonia com um suposto passado de equilíbrio e de conexão profunda com o meio, características que, no ponto de vista das populações urbanas, urge preservar. Hoje grande parte das áreas classificadas localizam-se em zonas rurais interiores, em áreas de montanha, afastadas do modo de vida urbano, em que a falta de pessoas, associada à distância aos grandes centros, e à dificuldade de lhes aceder devido à fraca rede viária, assegurou uma configuração da paisagem que se revela atraente para os habitantes das cidades. O rural outrora produtivo, sobretudo do ponto de vista agrícola, passou a confundir-se com o próprio espaço, assumindo um carácter mais estético do que funcional, cultural, ou socioeconómico (Baptista, 2010).

Mendoza (1998) defende que foram ideais românticos de paisagem e de natureza, algo subjectivos, que desencadearam e guiaram inicialmente o movimento conservacionista (século XIX). De acordo com a autora “the selection of the earliest

parks and national sites was directly related to the preferences of romantic travelers, naturalists and geographers with a special predilection for high mountain landscapes and mesophile forests” (Mendoza, 1998, p. 52). E acrescenta, particularizando para o caso de Espanha “(...) geological and forestry symbolism prevailed over criteria on the biodiversity richness of the wetlands, and above all, of the Mediterranean ecosystems. Therefore landscape symbolism antedated the criterion of ecosystem representation” (Mendoza, 1998, p. 53). Para Mendoza (1998), esta visão pressuporia igualmente a experiência estética como parte do processo de conhecimento do mundo, o que leva a que a natureza seja entendida também através da sua contemplação. A montanha, associada ao silêncio, à paz, à liberdade, tornou-se um símbolo de paisagem para os românticos, assim como as florestas densas seriam símbolos da sua beleza, e logo seriam estes os sistemas que valia a pena preservar, algo que se veio a verificar na demarcação das primeiras áreas protegidas, nos EUA, Suécia e Suíça, e também em Espanha (Mendoza, 1998). De acordo com Vaccaro, verifica-se hoje que “la abundancia de políticas públicas dedicadas a la conservación de la naturaleza es una característica fundamental de los actuales paisajes rurales de montaña” (Vaccaro, 2008, p. 17). Contudo, o autor aponta outra possível explicação para a classificação de zonas de montanha, referindo-se ao despovoamento que se verifica nas partes altas e ao domínio das grandes áreas de titularidade colectiva. Como refere o autor: “un territorio con pocos o ningún habitante permanente y con derechos de propiedad escasos o confusos es más fácil de expropiar o de controlar por parte del Estado” (Vaccaro, 2008, pp. 21).

Ao longo do tempo os paradigmas que estiveram subjacentes à criação de áreas protegidas foram-se alterando, estando essencialmente ligados a interesses específicos e a relações de poder. Se no início foi a ideia de “*wilderness*” que moveu o movimento conservacionista, responsável pela expulsão de comunidades das áreas a preservar como se verificou nos EUA com a criação do parque de Yellowstone (primeiro parque nacional a ser criado a nível mundial), numa segunda e terceira fase verificaram-se alterações de perspectiva sobre a natureza, os seus recursos, e sobretudo sobre a relação estabelecida entre as comunidades humanas e o meio onde habitam (Mendoza, 1998; Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011; Pinto & Partidário, 2012). A gradual consciencialização da inexistência de uma natureza estática, e a aceitação do papel activo das comunidades na forma como se apresentam as paisagens e valores naturais, associados ao insucesso das iniciativas de conservação até aí desenvolvidas, levou a

uma mudança de paradigma. De uma ideia de protecção integral, que pressupunha o afastamento das populações humanas, passou-se a uma de paisagem integrada, da qual as dinâmicas sociais e culturais faziam parte integrante, moldando a paisagem de acordo com as necessidades, com as sociabilidades e com a cultura que determinava as formas de intervir no meio. Este novo paradigma, baseado num modelo de paisagem, pretendia manter e proteger os sistemas agrícolas e as aldeias como componentes integrantes da paisagem rural tradicional, no fundo correspondendo à ideia de paisagem cultural desenvolvida por Penker (2008). Neste contexto surgiram novas metodologias para lidar com a questão da conservação, e com elas novos programas internacionais que pretendiam generalizar aqueles conceitos à prática da conservação a nível mundial. O programa das Nações Unidas *Man and Biosphere* surge no fim da década de 1960 e parte do princípio que, tendo em conta a relação biunívoca existente entre o meio e as comunidades, a componente humana tem necessariamente de integrar um programa de conservação, uma vez que um sistema se encontra necessariamente dependente do outro. Por outro lado, esta ideia pressupunha, não apenas a conservação da paisagem *per se*, mas também dos aspectos culturais que estiveram na sua origem (Mendoza, 1998, Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011).

Na Europa a maior parte dos parques estabelecidos seguiram o conceito do programa das Nações Unidas *Man and Biosphere*. Contudo, a medida que veio a tornar-se mais tarde o pilar da conservação na Europa, a Rede Natura 2000, prioriza claramente a conservação da natureza em detrimento das populações humanas a ela associadas. Apesar de as suas directivas preverem o desenvolvimento de actividades económicas nas áreas classificadas da Rede, esse é um objectivo secundário. Verificaram-se inclusivamente casos em que a classificação *Sítio Natura 2000* impediu o desenvolvimento económico local, levando a *deficits* de implementação da medida (Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011).

Nos anos 1980 a discussão da relação entre populações e as áreas protegidas era já ampla e continuou a desenvolver-se nos anos seguintes, estendendo-se aos dias de hoje. A importância do bem-estar das populações locais e a defesa dos seus direitos sobre os recursos locais tem vindo a ganhar relevância, sendo o nível de exclusão ou inclusão dessas comunidades na gestão de áreas protegidas um dos pontos centrais sob discussão. Inclusivamente, nos anos mais recentes os investigadores têm de forma crescente vindo a perspectivar as intervenções para a conservação da natureza como um

veículo para o desenvolvimento social sustentável, e também como uma fonte de custos sociais (Mascia & Claus, 2008). Assim, ao mesmo tempo que alguns autores, prevendo uma nova era de extinção de espécies, defendem um paradigma que priorize a conservação da natureza e biodiversidade (Mendoza, 1998; Pinto & Partidário, 2012), verifica-se a crescente aceitação da existência de uma relação intrincada entre as dimensões biológica e cultural da natureza e, conseqüentemente, a gradual inclusão do conceito de desenvolvimento sustentável na gestão de áreas protegidas.

Contudo, basear a gestão em diferentes perspectivas cria um potencial de conflitos que reside no confronto entre diferentes percepções do que pode e deve ser feito dentro destas áreas, e por quem (Van Laerhoven & Andersson, 2013). Esta situação ganha contornos ainda maiores no contexto europeu, em que a propriedade é sobretudo privada e em que os padrões de uso nem sempre se coadunam com os objectivos de conservação defendidos pelos parques (Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011). Mascia e Claus (2008), focando as áreas marinhas, fazem um levantamento dos benefícios e custos sociais que sucedem à criação de uma área protegida, ou à inevitável “realocação de direitos de propriedade” (p.16). Segundo os autores “all forms of Marine Protected Areas’ ‘displacement⁸’ involve reallocation of property rights, but the specific types and bundles of rights lost, secured, and gained dramatically shape the magnitude, extent, and equity of MPA impacts - positive and negative - on governance, economic well-being, health, education, social capital, and culture” (Mascia & Claus, 2008, p. 16).

A relação existente entre as populações locais e os seus territórios traz para a discussão questões relacionadas com os direitos de propriedade e com a legitimidade de uso e decisão das populações locais sobre aquela parte do território. A criação de áreas protegidas pressupõe a introdução de novas instituições com o objectivo de regular o uso, limitando o desenvolvimento das actividades e práticas que colidem com os objectivos de conservação. Neste contexto alguns autores defendem que a criação de áreas protegidas corresponde a um processo mais político do que ecológico (Vaccaro, 2008). Como dizem West e Brockington (2006) “collectively, when marshaled into

⁸ Para o autor o conceito de *displacement* tem sido perspectivado de várias maneiras, incluindo apenas a exclusão física, ou também a perda de direitos económicos ou de uso dos recursos. Sobretudo o autor refere que o conceito tem sido considerado apenas do lado daqueles que são excluídos. Nas suas palavras “To understand the full empirical and ethical dimensions of PA displacement, it is critical to consider the disempowered who lose rights and the empowered who gain rights. Examining the empowered and the disempowered provides insights into issues of power, equity, and justice” (Mascia & Claus, 2008, pp. 17).

databases or networks, they [the protected areas] are a way of seeing, regulating, and governing parts of the world” (p. 610). Ao estabelecer normas de acesso e uso, o Estado expande a sua autoridade como única entidade legítima de gestão, assumindo no fundo um processo de re-territorialização das zonas periféricas (Vaccaro, 2008). Vaccaro define territorialização como a redefinição pública dos limites territoriais e das normas de acesso aos recursos naturais, e re-territorialização como a reorganização estatal de um espaço já dominado, em maior ou menor medida, por instituições públicas (Vaccaro, 2008). Para Haesbert (2007), qualquer processo de desterritorialização – tido na literatura como sendo sobretudo um processo desenraizador, conducente à perda de controlo de grupos subalternizados sobre o seu território (Haesbert, 2014) – constitui na verdade um processo de criação de novos territórios, ou um processo de re-territorialização, já que o homem é um “animal territorial por natureza” (Haesbaert, 2007, pp. 20). Nas palavras do autor “o que existe, de fato, é um movimento complexo de territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios - configurando uma multiterritorialidade” (Haesbaert, 2007, p. 20). Contudo, quando os vários territórios que compõem essa multiplicidade se inscrevem de forma hierárquica no espaço, a perda de segurança ou controlo sobre os territórios acontece àqueles “mais precariamente territorializados” (Haesbert, 2007, p. 20). É portanto nesta dimensão social da *desterritorialização* que, no ponto de vista de Haesbert, o termo terá melhor aplicação (no lugar de *reterritorialização*, processo sobretudo construtivo). Neste sentido, a criação de áreas protegidas é um processo com importantes consequências sociais e económicas que envolvem alterações profundas do sistema local de propriedade, restabelecendo direitos, legitimidades e jurisdições. Esta ideia é seguida por autores como Ferreira & Mello (2016), Vallejo (2009) e Heidrich (2009) e vai ao encontro do conceito de territorialidade apresentado e discutido por Sack (1983) como “the attempt to affect, influence, or control actions and interactions (of people, things, and relationships) by asserting and attempting to enforce control over a geographic area” (p. 1). Para este autor existem várias formas de se afirmar a territorialidade, onde inclui os direitos de propriedade sobre a terra e as normas culturais e proibições sobre o uso de determinadas áreas (Sack, 1983). Neste contexto Vaccaro (2008) defende que a subordinação das zonas rurais da Europa às políticas europeias representa a mais recente onda de re-territorialização. Penker, referindo-se ao actual estado de apropriação institucional da paisagem, defende, em consonância com Vaccaro, que aquela se desenvolve a vários níveis de influência e por diferentes entidades, designadamente a

União Europeia e a sua Política Agrícola Comum (Penker, 2008). Neste contexto alguns autores questionam o limite da diversidade institucional na gestão de recursos naturais e na sua conservação e a forma como ela se pode organizar de maneira a produzir resultados positivos para a conservação e para as populações. Scharpf (1997), citado por Gatzweiler (2005), refere como os custos de transação aumentam, a níveis que podem ser proibitivos, à medida que o número das partes aumenta. De acordo, Edwards e Steins (1998), dedicando-se à análise da gestão de múltiplos usos em sistemas de recursos comuns, realçam igualmente a dificuldade de articulação dos diferentes interesses, afirmando que, “of particular interest in a multiple-use situation is the way in which decisions from different collective-choice arenas are aggregated” (p. 20). Os autores realçam a forma como a agregação de diferentes níveis institucionais - como a parceria UE, Estado e organizações locais, neste caso com o objectivo primeiro de apoiar o desenvolvimento socioeconómico em zonas de fraco desenvolvimento -, resulta tantas vezes numa situação em que o parceiro detentor de maior poder acaba por definir a agenda de desenvolvimento, neste caso a UE com a sua PAC. Agrawal (2014), ao estudar as relações entre as instituições formais introduzidas por agentes externos e as normas informalmente criadas localmente pelos utilizadores no uso e gestão dos recursos naturais, chama atenção para a importância da estrutura das redes sociais previamente instituídas pelos utilizadores e das suas vontades e interesses. O autor conclui que o sucesso das iniciativas das organizações estará sempre dependente de contingências que derivam da situação institucional pré-existente e das vontades das populações (e.g. de seguir as regras instituídas pelas organizações em detrimento das normas locais, ou de consumir os recursos em detrimento de actividades de lazer), não devendo estas ser negligenciadas na concepção e implementação de estratégias de acção (Agrawal, 2014). As seguintes palavras de Poteete e Ostrom (2002) deixam clara a diversidade institucional que se encontra potencialmente mascarada pela categorização da posse:

Communal management, for example, occurs when governments grant villagers formal control, but also when local residents exercise de facto control in the absence of formal rights. A number of IFRI forests, owned as private property by groups of unrelated individuals, do not fit common understandings of private or communal property. And a variety of management regimes exist in government-owned forests, ranging from management for timber production,

protection for wildlife or biodiversity conservation, to joint management with local residents for multiple uses (...). (p. 8)

A forma como lidar com a diversidade de usos e de instituições existentes em sistemas socioecológicos permanece um tema de discussão entre os autores que se debruçam sobre a gestão de recursos naturais. Alguns autores vêem nessa diversidade a resposta para a gestão de sistemas complexos como os sistemas socioecológicos (Gatzweiler, 2005; Ostrom, 1998), particularmente, acrescenta-se aqui, quando classificados para conservação, acrescentando níveis institucionais. Perante sistemas multi-recursos, defendem, o Governo central – ou qualquer outro agente - dificilmente terá a mesma capacidade para dar resposta a tão variados apelos, como terão sistemas de gestão complexos, policêntricos e multi-camadas. Para Gatzweiler (2005), a evolução da diversidade institucional e organizacional é imprescindível para atender a diferentes aspectos da conservação da biodiversidade. O ponto principal para superar as dificuldades de gestão que advêm dessa diversidade, encontrar-se-á na capacidade de acção colectiva coordenada entre os vários grupos de interesse envolvidos (Gatzweiler, 2005; Poteete & Ostrom, 2002). Ostrom (1998) defende inclusivamente que qualquer sistema de gestão deverá apresentar tanta variedade na sua acção como aquela que existe no sistema que se encontra a regular⁹. Contudo, a coordenação e agregação das actividades dos vários agentes é fundamental, designadamente através do desenvolvimento de redes e grupos de acção. Nesta situação o Estado, ou outras entidades não governamentais, têm um papel facilitador e de suporte (Gatzweiler, 2005; Meinzen-Dick & Knox, 1999). Nas situações em que o apoio estatal é deficiente, a autossuficiência dos grupos que gerem os recursos, conseguida por exemplo através de contribuições individuais dos membros ou como resultado da produção local, torna-se fundamental, designadamente para conseguir manter acções de monitorização ou para viabilizar o recurso a entidades externas (Agrawal, 2000).

Por outro lado, a forma de avaliação do sucesso ou insucesso de uma instituição tem sido também alvo de discussão, questionando-se quem e qual dos recursos, será central na sua determinação. Para Ostrom (2009), o sucesso é expresso pela relação, positiva ou negativa, entre os benefícios conseguidos pelos utilizadores através da acção da instituição que criaram para a gestão dos recursos que utilizam, e os custos em que

⁹ “Law of Requisite Variety”, desenvolvida por W. Ross Ashby, em 1960, e seguida e defendida por Ostrom (1998).

incorrem nessa gestão. Numa situação em que existe multiplicidade de usos e de recursos a avaliação do sucesso do sistema é ainda mais complexa uma vez que dependerá do actor e do tipo de uso que faz dos recursos do sistema. Edwards e Steins (1998) sublinham a importância deste tipo de avaliações, afirmando como a aplicação de políticas públicas concebidas sem qualquer conhecimento da dinâmica local do sistema socioecológico, já tem levado à disrupção das dinâmicas estabelecidas em prol de um “sucesso” externamente concebido (Edwards & Steins, 1998).

Esta questão leva a uma outra, analisada já por diferentes autores, que reflecte a robustez e capacidade de resiliência dos sistemas socioecológicos. Adaptados a diferentes níveis de variabilidade e de adaptação, estes sistemas estão sujeitos a alterações, inclusivamente do nível e frequência dessa variabilidade (Janssen, Anderies & Ostrom, 2007; Ostrom, 1990). Janssen et al. (2007) questionam o que leva a que determinados sistemas se adaptem e se mantenham após as alterações, e outros sucumbam. Os autores defendem que sistemas adaptados a variações e perturbações às quais estão expostos de forma contínua ao longo do tempo, levando a uma adaptação lenta das instituições e infraestruturas que suportam as actividades locais (e.g. variações climáticas sazonais que levam à variabilidade igualmente sazonal da disponibilidade de alimento para o gado), se tornam simultaneamente vulneráveis a perturbações¹⁰ rápidas e com origem em outros níveis institucionais (e.g. políticas públicas). Indo de encontro ao defendido por Edwards e Steins (1998), Janssen et al (2007) referem vários exemplos em que avaliações do sistema socioecológico por entidades externas, com total desconhecimento da sua dinâmica interna, e actuação em conformidade com as mesmas, levaram à disrupção, do ponto de vista ecológico, social e cultural, da instituição criada e adaptada às condições locais, por quebra dos vínculos locais e enfraquecimento da capacidade de acção colectiva (Janssen et al. 2007).

¹⁰ Os autores usam um conceito de perturbação adaptado à problemática que analisam, designadamente as perturbações que têm efeitos sobre a capacidade dos sistemas socioecológicos se adaptarem, como resultado de alterações do regime de variabilidade. Para isso incluem, para além das variações “naturais” dos ecossistemas, outro tipo de variações com origens sociais, económicas, institucionais e políticas. Nas suas palavras “*Ecologists tend to focus on natural variability and disturbances, like climate variability, fire, floods, hurricanes, and insect and disease outbreaks. Within SESs [socioecological systems], we broaden the original ecological definition to include a broader range of disturbances and variability, such as changes in regulations concerning property rights or subsidies, the autonomy of local resource users to govern a local resource, the preferences of producers or consumers, local commodity prices and wage rates, transportation costs between producers and markets (e.g., creation of paved roads), fluctuations of commodity prices on the global market, and so on*” (Janssen et al., 2007).

Verifica-se portanto que a criação de áreas protegidas está longe de ser uma estratégia consensual para a conservação da natureza, uma vez não ser geral também a sua eficácia em consegui-lo. Por outro lado, a classificação de uma determinada área territorial em prol da preservação dos seus recursos e da biodiversidade, esconde muitas vezes outro tipo de domínios ou de interesses que não puramente o da conservação. E se isso acontece grandemente como iniciativa do Estado, para manter o controlo do território, existem igualmente casos em que são as próprias populações que se apropriam ou aliam ao discurso e meios “conservacionistas” para verem consagrados os seus direitos. De facto, consultando a literatura verifica-se que vários casos estudados e reportados de áreas protegidas, designadamente de áreas anteriormente e/ou presentemente povoadas, tiveram como base outro tipo de interesses. Vandergeest (1996) refere o caso da Tailândia, em que o investimento estatal em estratégias de conservação, designadamente na criação de Parques Nacionais, teve como principal objectivo a manutenção da credibilidade dos Serviços Florestais do Estado e do corpo militar. Após intervenções fracassadas no passado na gestão da floresta (os serviços florestais) e na contenção de manifestações, em que recorreram a violência injustificada (o corpo militar), estas instituições envolveram-se activamente numa estratégia de conservação da natureza: os Serviços Florestais como autores e promotores da iniciativa; as forças militares com um papel activo na monitorização e fiscalização dos usos nas áreas protegidas. Esta iniciativa não só recolheu a simpatia de grande parte da sociedade civil, reforçando a sua credibilidade, como facilitou o acesso do Estado a financiamento, permitindo-lhe agora suportar a estratégia de coerção utilizada para limitar o uso das áreas protegidas pelas populações locais. Resume o autor:

First, this [Forest Department’s initiative as the main entity for the conservation of nature] helps marginalize the role of other agencies, especially the civil administration, in territorial management. Second, the rapid expansion of PAs [protected areas] enables the Department to place quickly a large number of guards on site to protect the forests. Third, the change in direction to conservation helps legitimize the Department's continued control over territory and its growing budgets to a politically-powerful middle class with urban notions of how nature should be preserved.” (Vandergeest, 1996, p. 265).

O autor critica o modelo de conservação baseado em áreas protegidas, defendendo que enquanto se criam “ilhas de natureza”, degradam-se as restantes áreas

do país, ao mesmo tempo que se inviabiliza a actividade das populações cujas áreas de habitação foram integradas nessas áreas, gerando conflitos profundos que, em última análise, inviabilizam também a eficácia da conservação dos recursos. Vandergeest (1996) defende a introdução de uma gestão baseada em florestas comunitárias, que permita a exploração dos recursos florestais de acordo com as práticas locais nas áreas protegidas, com o devido acompanhamento pelos serviços florestais. No fundo, diluir a intensidade das acções de conservação pelo território todo, apostando num desenvolvimento sustentável generalizado.

Por outro lado, autores como West e Brockington (2006) mostram como as ideias associadas à conservação da natureza através da classificação de áreas protegidas, podem dar azo à formação de parcerias entre as comunidades locais e as organizações conservacionistas, ou como esse contacto pode em alternativa ser veículo para a entrada de novas ideias que poderão vir a ser instrumentais na defesa dos interesses locais. Os autores dão o exemplo de uma comunidade indígena nas Filipinas que, apropriando-se do discurso e dos métodos das Organizações Não Governamentais (ONG), formaram a sua própria organização e alteraram o estatuto do território que ocupavam para o de “floresta comunitária” (uma das categorias de conservação da legislação Filipina). Com esta iniciativa os habitantes pretenderam evitar os efeitos da ocupação invasiva resultante de migrações, do estabelecimento de operadores turísticos e de outros interesses associados à exploração de recursos naturais. A classificação da área surgiu como oportunidade para iludir o controlo do Estado e evitar outras incursões no território, assumindo-se como instrumental nas lutas destes povos por identidade, residência ou direitos de uso e gestão sobre os recursos (West & Brockington, 2006).

Na Europa as primeiras formas legais de limitação do uso dos recursos remontam à época medieval aquando da delimitação de reservas de caça e de florestas para uso das elites (Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011). Mais tarde, no século XVIII, a procura de recursos, designadamente florestais, intensificou-se devido ao crescimento da população. Ao mesmo tempo os conflitos associados ao uso da terra agudizaram-se, particularmente através da expansão da área de pastagem para produção animal. Embora grande parte da terra ocupada correspondesse a área agrícola, verificou-se também nesta altura a usurpação das áreas comuns [*the commons*], obrigando à deslocação dos camponeses e à inevitável agitação social (Niemela et al., 2005). A escassez de produtos florestais, essenciais para a subsistência das populações e para o

desenvolvimento dos países, levou ao investimento na produção florestal e à promoção de iniciativas de controlo da exploração e de conservação do património florestal. Neste contexto, e também como reflexo dos efeitos negativos da revolução industrial sobre o ambiente, a partir do século XIX as iniciativas de conservação de recursos surgiram em força. Assim, não obstante o peso do simbolismo associado à paisagem nos primeiros passos conservacionistas, designadamente à paisagem rural, verifica-se que a conjuntura que envolveu e justificou a implementação das práticas de conservação é complexa e resulta também do uso descontrolado dos recursos. Como dizem Poteete e Ostrom (2002) “depictions of humans as threats to forest survival provided past justification for the nationalization of forested areas, and now justify efforts to create and expand protected areas” (Poteete and Ostrom, 2002, p. 2). Hoje cerca de 11% da área do continente europeu encontra-se sob algum tipo de protecção (Hirschnitz-Garbers & Stoll-Kleemann, 2011) e a classificação de áreas continua. Segundo Descola (2008), para além das diferenças de estatuto de conservação destas áreas e o nível altamente variável de conservação concretamente conseguido com a sua criação, verifica-se que aproximadamente 12% da superfície mundial se encontra classificada, podendo considerar-se uma espécie de bem público (Descola, 2008). Para o autor a grande questão prende-se em saber precisamente quem são os utilizadores que o detêm, e quem beneficia dele.

2. OS BALDIOS NA HISTÓRIA

2.1. Século XIX: incultos e reformismo agrário

No final do século XIX, economistas, agrónomos, silvicultores e políticos discutia-se o problema dos incultos, designadamente o seu carácter improdutivo, ou, nas palavras de Gomes, Barros e Caldas (1945, cit. por Radich & Alves, 2000, p. 129), discutia-se “o problema dos incultos como estigma de atraso mas promessa de fartura”. No sentido de tornar estas áreas úteis ao país, foram desenvolvidas várias iniciativas no sentido da sua apropriação para o desenvolvimento de actividades produtivas.

Apesar do papel central dos baldios nos sistemas produtivos de subsistência, estes espaços estiveram sempre no centro da questão dos incultos (Radich e Alves, 2000). Contudo, a vontade de aproveitamento desta fracção dos incultos era constrangida por questões relacionadas com os direitos de propriedade, o que levou à contínua adaptação desses direitos às pretensões de cada tempo. O Código Civil de 1867 incluía a utilização comunitária da terra, consagrando-lhe um espaço na categoria das “coisas comuns”, distinguindo-as das “coisas públicas” (Estevão, 1983; Radich & Alves, 2000). Mais tarde, em 1936, com a aplicação do Código Administrativo, os baldios passaram a fazer parte do património das autarquias locais, embora utilizados com respeito pelas actividades tradicionais, sendo categorizados em “dispensáveis” ou “indispensáveis ao logradouro comum”. Entretanto, a revisão do Código Civil de 1966 impôs alterações no campo institucional e legislativo que, entre outras coisas levaram à abolição da propriedade comunitária (Brouwer, 1995; Estevão, 1983). A partir de então, duas ideias seriam defendidas por diferentes tendências: uma que via na concessão dos baldios à gestão administrativa a única solução para tornar os baldios úteis à nação; e outra que sublinhava os direitos dos utilizadores locais sobre as suas terras (Estevão, 1983). Esta abordagem institucional aos baldios manteve-se até à Constituição de 1976, onde recuperaram o sentido antigo de “bem comunitário” (Radich & Alves, 2000).

2.2. Do Regime Florestal ao Plano de Povoamento Florestal

No fim do século XIX as ideias de reformismo agrário vêm inspirar e fundamentar o ideário que orientou as questões económicas do país na viragem para o século XX. De acordo com Silva (2011), o projecto reformista traduzia-se “numa correcção da estrutura fundiária do país, considerada excessivamente fragmentada em

pequenas parcelas no Norte verde e populoso, e de grandes extensões no árido Sul.” (Silva, 2011, p. 1).

Desde o século XVIII, pelo menos, que a florestação de uma parte dos incultos era entendida como favorável, ficando a outra parte para fins agrícolas. A questão dos incultos cruza-se com a questão florestal ao longo da história, principalmente no tempo em que se procedeu à sua arborização (Radich & Alves, 2000). Como os incultos de montanha que o Estado pretendia arborizar correspondiam na maior parte a baldios acabou por prevalecer a expressão “arborização dos baldios” (Radich & Alves, 2000). Vigorava então a ideia da superioridade da propriedade estatal face à propriedade privada na gestão da floresta, tendo em conta a maior capacidade do Estado para cobrir despesas e suportar a demora das receitas (Radich & Alves, 2000). Já então existia uma gestão nacional das florestas, com o regime dos Monteiros-mores, e desde 1824 com a instituição da Administração Geral das Matas. O exercício da actividade destas entidades centrava-se nas matas do Estado, herança das coutadas reais (Devy-Varetta, 2003; Radich & Alves, 2000). Na segunda metade do século XIX, dá-se o franco desenvolvimento da agronomia e das ciências florestais em Portugal, com a criação do ensino superior agrícola (1852) e florestal (1864). Os cargos técnicos da administração pública foram sendo preenchidos com técnicos especializados, contribuindo para a modernização da gestão e a criação de novos instrumentos de ordenamento florestal (Devy-Varetta, 2003; Radich & Alves, 2000).

Em 1886, com a extinção da Administração Geral das Matas e a publicação do Plano de Organização dos Serviços Florestais, dá-se uma inflexão da orientação da acção do Estado. Às funções de gestão das matas nacionais e de legislação acerca das matas existentes ou por plantar, juntava-se agora o “intuito estatal de dar início à sua própria acção em prol da arborização, muito especialmente nas serras” (Radich & Alves, 2000, p. 96). A figura do Regime Florestal é pela primeira vez invocada no Plano de Organização dos Serviços Florestais (1886), visando nas suas directivas terrenos particulares e terrenos das corporações administrativas para funções de utilidade pública. Em 1888, são inaugurados os Serviços Florestais na Serra da Estrela no perímetro de Manteigas, cedido ao Governo pela respectiva Câmara Municipal, pretendendo-se plantar 30 000 hectares de “incultos” em áreas utilizadas para

pastoreio.¹¹ Em 1889, o Estado toma igualmente posse da Serra do Gerês, projectando a plantação de 60 000 hectares junto à fronteira (Radich & Alves, 2000). A reacção popular à iniciativa do Estado foi, contudo, determinante, opondo-se, em ambas as serras, à expansão da floresta. Louro (2016) refere as reacções registadas em 1888 numa povoação nas Terras do Bouro, face a um auto de cessão de 10 000 hectares de serra e, como funcionários dos Serviços Florestais se viram inclusivamente obrigados a abandonar a região do Gerês face à rebelião dos povos. A iniciativa acabou por evidenciar a dimensão dos obstáculos expectáveis, numa iniciativa de apropriação de terras que não são públicas nem privadas e que são fundamentais para a subsistência das populações locais (Devy-Varetta, 2003).

O Estado tinha já aceiteado o facto de que nem toda a floresta poderia estar sob o seu controlo, dada a reduzida área de floresta que detinha na sua posse. De facto, de acordo com Radich e Baptista (2005, p. 145), a área de sementeiras efectuadas pelos serviços públicos, entre 1886-87 e 1936 ascendeu a pouco mais de 50 000 hectares, dos quais apenas cerca de 18 000 nas serras. No que diz respeito aos proprietários privados, o Estado assumira uma posição de aliado na gestão florestal, considerando importante que, por exemplo, os montados se mantivessem sob posse privada (Radich & Alves, 2000). Radich e Baptista (2005) sublinham, inclusivamente, que nos anos em que a floresta registou maior expansão, ou seja, até 1938, “o crescimento florestal foi quase exclusivamente executado e financiado pelos proprietários privados, nomeadamente pelos de pequena dimensão do centro e Norte do país” (p. 151). Mesmo no período da plantação pelo Estado, exceptuando os baldios, a floresta que se foi constituindo era sobretudo privada (Radich & Baptista, 2005).

Já no que se referia aos terrenos baldios – “terrenos de logradouro comum dos povos e que se encontram sob a jurisdição administrativa de municípios ou freguesias” (Radich & Alves, 2000, p. 99), que se pretendia arborizar, a questão teria de se pôr de outra forma. A desamortização dos baldios ocorria então a vários níveis, verificando-se uma alteração profunda da estrutura fundiária e dos usos do território como resultado da sua divisão e privatização. Segundo Devy-Varetta (2003), a partir de 1869, ano de publicação da lei da desamortização, registaram-se várias fases de desamortização dos baldios. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, deram-se alterações políticas e

¹¹ Por incultos, entendiam-se as terras não cultivadas, abrangendo as serras e montanhas – em que estavam necessariamente incluídos os baldios – e as dunas litorais.

económicas incentivadoras de uma posição mais liberal no que diz respeito à propriedade e aos usos do território, com inevitável influência nas formas de aproveitamento dos baldios. A tendência para a desamortização intensificou-se, tendo-se verificado a divisão de baldios pelas câmaras em dez concelhos, no intuito de aumentar a produção de cereais. Para controlar este processo, foi criada em 1925 a Divisão dos Baldios, Incultos e Colonização no Ministério da Agricultura, entidade que passou a tratar de qualquer assunto relacionado com os baldios e seu aproveitamento (Devy-Varetta, 1993, Radich & Alves, 2000). Em 1932, já sob as novas políticas económicas de Oliveira Salazar, foi publicado um decreto-lei que suspendeu as alienações dos baldios. As alterações ao nível da estrutura da propriedade, que advieram de quase 60 anos de desamortização dos baldios, registaram-se sobretudo a sul, onde aqueles foram gradualmente integrados em grandes propriedades privadas. A estrutura e os usos comunitários foram-se restringindo ao centro e norte do país, onde a apropriação privada encontrou maior resistência, não obstante a apropriação privada dos montes também ter aumentado no Minho desde a publicação da lei da desamortização (Devy-Varetta, 2003; Radich & Alves, 2000).

Não tendo encontrado o contexto social e político adequado à sua implementação no final do século XIX (Devy-Varetta, 2003), o Regime Florestal viria a ser promulgado em 1901, tendo como principais preocupações a florestação dos incultos, onde se incluíam a fixação das dunas, a florestação das serras, e a protecção dos solos das montanhas e dos recursos hídricos (Louro, 2016; Radich & Alves, 2000). O regulamento do Regime, um documento de grande pormenor, seria publicado dois anos depois, respondendo à necessidade de adaptação a diferentes tipos de regime de propriedade, através do estabelecimento de fórmulas distintas de sujeição ao Regime vindo a enquadrar a política florestal do Estado durante grande parte do século XX. Radich e Alves (2000) realçam que ainda nos nossos dias existem referências, com força de lei, ao Regime Florestal. Trata-se de facto de um documento elaborado com pormenor e conhecimento técnico, o qual “não foi sequer esgotado em todas as suas potencialidades” (p. 122).

Com efeito, o Regime Florestal teve um papel fundamental no aumento da área de floresta sob domínio público e no controlo da sua privatização. Invocando o interesse da economia nacional e a utilidade pública, viria permitir ao Estado diferentes graus de controlo de direitos de propriedade sobre os espaços arborizados e a arborizar,

consoante os regimes de propriedade a que estes se encontravam sujeitos (Radich & Alves, 2000; Radich & Baptista, 2005). A intervenção do Estado expressar-se-ia segundo três possíveis modalidades: regime florestal total, aplicado às propriedades do Estado; regime florestal parcial obrigatório, aplicado à propriedade das autarquias e outras instituições; e regime parcial facultativo, aplicando-se à propriedade de particulares para fins de utilidade pública, atendidos os interesses do possuidor (Radich & Alves, 2000). Não obstante, a oposição à florestação e a contestação, perceptíveis desde o final da década de 1880, constituem uma realidade que acompanhou a arborização, e que chegou até hoje.

No caso das áreas sob Regime florestal total, aplicado às propriedades do Estado, foi respeitada, na generalidade, a obrigatoriedade de elaboração de planos de ordenamento. No que se refere ao regime parcial obrigatório, a lei previa três modalidades para a criação e aplicação dos planos de ordenamento à propriedade dos “corpos administrativos”, consoante a maior ou menor intervenção do Estado: i) arborização e exploração pelo Estado, em que os proprietários receberiam parte dos lucros da mata; ii) arborização e exploração feitas pelos próprios, suportando os custos, e recebendo o lucro integral; e iii) nos casos em que as propriedades se localizam no interior de perímetros de arborização obrigatória, a exploração seria feita pelo Estado mas o lucro reverteria na íntegra para os proprietários. No regime florestal facultativo, os proprietários seriam obrigados a submeter-se a planos de arborização, ordenamento e exploração, e a dispor de um guarda-florestal por cada 300 hectares de serra, ou 500 hectares de planície. Em compensação, o Estado participava com o policiamento florestal, isenção fiscal e a concessão de plantas, sementes e pessoal para executar e dirigir os trabalhos (ICNF b, 2018). Esta modalidade não obteve os resultados esperados de expansão e melhoria da exploração florestal, tendo sido aplicada sobretudo nas planícies do sul e de forma desvirtuada, usando-se os contornos da lei quase exclusivamente para a protecção de coutadas de caça (Devy-Varetta, 2003) e acabando por funcionar como meio de defesa da grande propriedade fundiária (Baptista, 1993). Idêntico insucesso se poderá afirmar relativamente ao papel das autarquias, que não concretizaram efectivamente as disposições do regime parcial obrigatório (Radich & Alves, 2000).

Em 1928, com a entrada de Oliveira Salazar para o Governo como ministro das finanças, a política agrária alterar-se-ia substancialmente, manifestando-se um ano

depois com o arranque da campanha do trigo (Devy-Varetta, 1993). Durante uma década, o futuro uso do baldio foi discutido intensamente, acabando por prevalecer a opção pela florestação. Em pleno Estado Novo, o contexto político ditatorial propiciava o ambiente adequado à implementação das directivas do Regime Florestal. Na primeira década do Estado Novo, ao mesmo tempo que a Campanha do Trigo decorria em força no Alentejo, verificava-se a submissão de vastas áreas de baldios a florestação, como não se tinha visto desde a regulamentação do Regime Florestal em 1903. Mas, para os Serviços Florestais, os valores atingidos não eram ainda suficientes. Os baldios eram considerados como “terra de todos e de ninguém” (Radich & Alves, 2000, p. 131), cuja dimensão se desconhecia ainda. Uma interrupção do programa de florestação, em 1933, pretendeu deixar espaço ao desenvolvimento de um inquérito às Câmaras e Juntas de Freguesia para concretizar o ainda inexistente inventário dos baldios. O inquérito teve pouca adesão e, segundo Freire (2004), coincidiram com a sua realização manifestações de descontentamento das populações, face ao plano de investimentos do Estado nos baldios.

Apesar do insucesso do inquérito, os resultados da arborização efectuada até então e das poucas incursões desenvolvidas para inventariar as terras baldias geraram informação suficiente para que, em 1935, os Serviços Florestais publicassem a *Memória sobre os baldios a norte do Tejo*, onde registaram mais de meio milhão de hectares de baldios, dos quais apenas cerca de 80 000 tinham já sido submetidos ao Regime Florestal (Devy-Varetta, 1993). Aliando à argumentação de silvicultores do início do século, que se baseava na necessidade de reparação da situação ecológica causada por séculos de desflorestação, argumentos como os da defesa nacional e do abastecimento aos centros de consumo e indústrias, a *Memória* prefigurou o Plano de Povoamento Florestal (PPF) que, em 1938, viria a marcar de forma indelével a posição do Estado Novo face à utilização dos incultos (Devy-Varetta, 1993; Estevão, 1983).

Em 1936, foi criada a Junta de Colonização Interna (JCI) com o principal objectivo de contribuir para contrariar as possíveis más consequências da proletarianização nos campos (Baptista, 2010), tendo entre as suas atribuições a de:

Efectuar o reconhecimento e estabelecer a reserva dos terrenos baldios do Estado e dos corpos administrativos susceptíveis de aproveitamento para a instalação de casais agrícolas, tendo em atenção a natureza dos terrenos, a sua extensão e as

regalias dos povos no que respeita à sua actual fruição (DL nº 27207 de 16 de Novembro).

Na sequência, foi publicado, em 1938, o Plano de Povoamento Florestal (PPF), que se concretizou numa campanha de arborização dos baldios em todo o país, dando uma vez mais origem a intensos protestos populares contra a desapropriação das suas terras (Devy-Vareta, 1993; Estevão, 1983; Henriques, 1983).

Enquanto a JCI defendia a privatização das terras não reservadas, os Serviços Florestais propunham a apropriação estatal dos baldios destinados à floresta (Baptista, 2010; Estevão, 1983; Henriques, 1983). A colonização interna visava a instalação de casais agrícolas nas zonas irrigadas, no sentido de aumentar a produtividade nacional e para responder a preocupações como a da sazonalidade e instabilidade do emprego agrícola, a pacificação social nas grandes explorações do sul, e a “civilização” dos sistemas comunitários autárquicos das montanhas do norte (Silva, 2011; Rapazote, 2012). Estevão (1983), por seu lado, associa a colonização à florestação, interpretando aquela “como uma tentativa de oposição ou minoração dos efeitos da política de florestação intensiva iniciada em 1938” (Estevão, 1983, p. 1158). Segundo Radich & Alves (2000, p. 137), “a JCI invocava para as suas pretensões o estatuto de defensora dos pequenos proprietários [da usurpação pelo Serviços Florestais, por exemplo] e, mais latamente, de responsável duma política social agrícola”.

Em 1936, quando a JCI foi incumbida de efectuar o reconhecimento dos baldios para posterior reserva do uso agrícola, florestal, ou para logradouro comum dos povos, a “aposta na florestação estava praticamente lançada” (Estevão, 1983, p. 1174). Ainda assim, o Reconhecimento dos Baldios do Continente prosseguiu pela mão da JCI, completando os dados obtidos com o recenseamento de 1932-1933. Registaram-se cerca de 407 543 hectares de baldios (excluindo os 80 000 hectares já submetidos a Regime Florestal no final do século XIX), dos quais 332 730 hectares seriam adequados para uso florestal (Estevão, 1983). Contudo, o Reconhecimento será apenas publicado em 1939, já depois de o PPF ter entrado em vigor. Na realidade, este inspirou-se no Regime Florestal regulamentado no início do século XX (Radich & Alves, 2000; Devy-Vareta, 2003), diferindo pelo autoritarismo que tornou praticamente inevitável a sua aplicação (Estevão, 1983; Devy-Vareta, 1993).

Como já ficou dito, o PPF retomou as principais linhas traçadas para a arborização no documento de 1935. Além das questões propriamente florestais,

projectou-se a edificação de infraestruturas como casas de guarda e sedes de administração, postos de vigia, caminhos florestais, rede telefónica e viveiros (Lei nº 1971 de 15 de Junho de 1938). O documento previa a compensação das reduções das áreas de pastoreio resultantes da prioridade dada à florestação, através da introdução de 60 200 hectares de pastagens melhoradas (o que veio a ter fraca execução), assim como a preocupação de satisfazer a preservação dos recursos, atendendo a algumas preocupações ambientais (e.g., correcção torrencial).

Partia-se do princípio de que a floresta constituía o principal aproveitamento para os baldios e, como tal, era necessário um plano de povoamento florestal. Ainda que não estivesse ainda definido pela JCI o uso a dar a cada área, o próprio PPF previa já que “Os terrenos baldios, definitivamente reconhecidos pelos serviços do Ministério da Agricultura como mais próprios para a cultura florestal do que para qualquer outra, serão arborizados pelos corpos administrativos ou pelo Estado (...)”. Era evidente que, fosse qual fosse a utilização do baldio à data, o uso florestal era priorizado, desde que as condições fossem potencialmente propícias para tal. O tom autoritário que percorre as bases que compõem o documento, traduz a forma como a florestação viria a ser desenvolvida. Embora as bases IV e V referissem a necessidade de um estudo prévio sobre o aproveitamento vigente dos baldios, no sentido de conciliar os usos, e o direito de pronúncia das populações, em ambas fica igualmente claro que os direitos dos povos seriam tidos em conta “tanto quanto possível”; ou, por outras palavras, tanto quanto essa cedência não colidisse com os interesses da florestação (Estevão, 1983). Na redacção ressaltam os objectivos produtivistas, remetendo para segundo plano as alíneas sobre os propósitos ecológicos e as questões dos interesses dos povos.

Em 1941, foi publicado o Plano Geral de Aproveitamento dos Baldios Reservados (PGABR) para posterior colonização, resultante do estudo efectuado pela JCI em 1939. É assim apresentada a área reservada pela Junta para uso agrícola, perfazendo 190 252 hectares, que viria a aumentar em 1950 (196 584 hectares) com o alargamento da acção da JCI no distrito de Viana do Castelo. Esta área era claramente superior à inicialmente apresentada em 1939 (79 451 hectares), ao que não era alheio o ambiente anti-florestal que se tinha criado com o evoluir da florestação. “[N]ão é difícil constatar que se evidencia uma completa incompatibilidade entre o PGABR e o Plano Florestal (PPF)” (Devy-Varetta, 1993, p. 170). A redacção do PGABR reflecte uma clara tensão, reflectida por exemplo na afirmação de que as áreas afectadas ao PPF seriam

indicadas pela própria JCI, enquanto até aí os Serviços Florestais vinham arbitrando livremente sobre as áreas a arborizar. Por outro lado, deixa transparecer de forma pouco subtil, uma crítica ao facto de o uso vigente dos baldios ter vindo a ser negligenciado.

Contudo, o PPF já estava aprovado desde 1938. Apesar de alguns recuos, a preponderância do uso florestal dos baldios estava assumida e a batalha da JCI pelo uso agrícola estava perdida. Para o Plano ir para a frente de acordo com os desígnios dos seus promotores, os obstáculos impostos pelo complexo regime jurídico dos baldios tinham de ser superados. No relatório que acompanhava o projecto da Lei de Povoamento Florestal, aquando da sua apresentação à Assembleia Nacional, o Ministro da Agricultura afirma sem rodeios que “é necessário desembaraçar os serviços de um certo número de exigências da legislação actual, que, se fossem cumpridas, ocupariam por muito tempo o reduzido pessoal técnico de que pode dispor-se” (Devy-Varetta, 1993, p. 164). O Ministro referir-se-ia ao facto de, tanto o Código Civil de 1867, como o Código Administrativo de 1936, distinguirem os baldios entre paroquiais e municipais, sendo que o último, para além da divisão baseada na posse, distingue igualmente os baldios tendo em conta a sua dispensabilidade para as populações, salvaguardando o carácter de logradouros comuns daqueles baldios que fossem indispensáveis à subsistência dos povos (Devy-Varetta, 1993).

A partir da publicação do PPF (1938), o ritmo de submissões não foi contínuo. A publicação do PGABR pela JCI e a conjuntura da Segunda Guerra Mundial travaram as submissões, sendo posteriormente aceleradas pela acção dos Serviços Florestais que, não obstante o parecer positivo dado pela Câmara Corporativa sobre o PGABR em 1944, passaram a desenvolver uma política de submissões massivas. Segundo Devy-Varetta (1993), de 1940 a 1960, 368 374 hectares de baldios passaram a ser administrados pelos Serviços Florestais. Contudo, o ritmo da arborização estava desfasado do processo de submissões. Segundo Radich e Baptista (2005), dos 420 000 hectares previstos no Plano para o período de 1939 a 1968, até 1974 só foram florestados 272 000 hectares de baldios. A falta de infraestruturas, aliada à ocorrência de conflitos com os compartes, seriam os maiores entraves ao desenvolvimento dos planos de arborização, ao nível local.

O PPF tem sido por vezes apontado como causa directa do desfecho do que foi, no fundo, fruto da forma como várias outras questões sociais e económicas foram tratadas politicamente (e.g., a emigração nos anos sessenta), e também de uma

generalização desadequada sobre um processo que foi enorme, no tempo, no espaço, e no número de pessoas que envolveu. Vários autores, entre os quais Devy-Varetta (1993), Radich e Alves (2000) e Freire (2004), avisam sobre a precaridade das análises macro, quando não sustentadas por um número suficiente de estudos que foquem as realidades locais. Uma vez estabelecido o carácter particular do PPF, derivado do contexto político, social e económico em que foi desenvolvido, deverá dar-se atenção aos detalhes da sua implementação, não generalizando os impactos, nem positivos, nem negativos (Devy-Varetta, 1993).

Ainda assim, é inegável que as difíceis condições de vida preexistentes terão sido acentuadas pela proibição ou severa restrição dos direitos de propriedade das populações sobre os baldios, o que, quando muito, terá sido minorada pelos benefícios do PPF (e.g., emprego, infraestruturas, melhoramento de pastagens). Freire (2004), por exemplo, relembra como a florestação se desenvolveu quando a indústria e os serviços urbanos estavam ainda a dar os primeiros passos e a emigração se encontrava interdita (entre os anos 1940 a 1960), pelo que havia escassas alternativas ao trabalho da terra. O melhoramento de pastagens planeado para milhares de hectares no PPF, para compensar as antigas áreas de pastagem florestadas no baldio, não chegou a ter o desenvolvimento esperado (Devy-Varetta, 1993; Freire, 2004; Radich & Alves, 2000).

As espécies arbóreas desde sempre fizeram parte dos sistemas rurais, como fonte de lenha, madeira, de sombra e de fruto. E existia também já algum investimento feito com recurso ao pinheiro bravo pelas autarquias e por particulares, com o objectivo produtivo e de obtenção de receitas. O que realmente diferenciou o empreendimento do Estado destas iniciativas foi a forma como o PPF foi conduzido, que o tornou incompatível com quaisquer outras actividades que já existissem no território, ainda que fossem a base da subsistência das populações (Freire, 2004). Por outro lado, aponta-se com frequência o peso da monocultura de pinheiro bravo na composição e estrutura dos novos povoamentos florestais. Se é verdade que inicialmente se previa também a plantação de uma floresta de protecção recorrendo a espécies autóctones, como os carvalhos e castanheiros, para prevenir a erosão nos topos das serras e nos cursos de água, no final a preponderância foi dada à floresta monoespecífica e de crescimento rápido. A opção pela monocultura e a nula ou má gestão florestal das áreas ainda hoje se reflectem de forma perversa no território, com consequências económicas, ecológicas e sociais gravíssimas.

Para além do PPF, Radich e Baptista (2005) referem outros projectos de florestação envolvendo o Estado que continuaram para além de 1968 (data prevista para o fim do PPF) e que focaram igualmente as terras comunitárias. Designadamente, com o apoio do Fundo de Fomento Florestal e do Banco Mundial, estava prevista a plantação de 150 000 hectares, 90 000 para serem plantados pelo Estado e 60 000 pela Portucel. Segundo os autores, foram arborizados cerca de 120 000 hectares, proximamente metade por cada uma das entidades. Desta, 70% do plantado pelo Estado e 15% do plantado pela Portucel, foi em terreno baldio. Este projecto, para Radich e Baptista (2005), marcou o declínio da intervenção directa do Estado na florestação, a qual doravante ficaria entregue aos proprietários.

2.3. Após 1974: alteração dos direitos de propriedade e relações de poder nos baldios

A nova situação política após o golpe militar de 25 de Abril de 1974 teve repercussões quase imediatas na floresta tutelada pelo Estado, anunciando-se logo no ano seguinte a devolução dos baldios aos seus utilizadores (Radich & Baptista, 2005). À época, a questão da florestação dos baldios foi interpretada no contexto da crítica à política autoritária e repressiva do Estado Novo, que se respirava um pouco por todo o país. Houve então vários apelos para que se devolvessem os baldios às comunidades locais ou às autarquias¹², ao que os Serviços Florestais se opuseram vigorosamente, receando o fim do processo de florestação e a diminuição drástica da área de floresta sob a sua gestão (Brouwer, 1995; Devy-Vareta, 1993).

Com o decorrer da Reforma Agrária, cujo programa colocava a situação dos baldios no conjunto das medidas urgentes, em 1976 foram publicados dois Decretos-Lei (nº 39/76 e nº 40/76), que ficaram conhecidos como Leis dos Baldios, os quais consagravam o retorno das terras às comunidades rurais, prevendo a prévia organização dos moradores locais em Assembleias de Compartes reconhecidas pelo Estado (Brouwer, 1993; Devy-Vareta, 1993). A Assembleia, representante legal dos compartes, deveria eleger um Conselho Directivo responsável pela regulação da utilização do baldio, o qual podia ser composto apenas por membros da comunidade ou com a colaboração do Estado, dando a possibilidade aos vizinhos de decidir sobre a permanência ou a saída dos Serviços Florestais da gestão técnica dos baldios (Brouwer,

¹² A título informativo, encontra-se em anexo o mapa de Portugal com a distribuição dos baldios (Anexo I).

1993; Devy-Varetta, 1993; Henriques, 1983). A grande maioria dos conselhos directivos viria a optar por manter a colaboração com o Estado na gestão (Brouwer, 1995); em 1993, 78% tinham optado pela cogestão (Radich & Baptista, 2005). Baptista (2010), com dados mais recentes, refere como,

A colaboração com os Serviços Florestais (...) se regista em mais de sessenta por cento das unidades comunitárias. Esta percentagem sobe para 85% se se considerarem apenas os 533 baldios total ou parcialmente integrados nas unidades de gestão florestal dos Serviços Florestais, delimitadas ainda durante o Estado Novo e que se designam por Perímetros Florestais (p. 67).

A falta de experiência e capacidade logística das populações na gestão florestal, inclusive face à abundancia de instrumentos então criados para a gestão local do território, em particular do património florestal (Lopes et al., 2013), assegurou a procura da cogestão. O Estado garantiu assim a manutenção da administração dos baldios sob o Regime Florestal (Brouwer, 1995), ao mesmo tempo que, temporariamente pelo menos, ganhou a simpatia das comunidades com a facilitação da devolução dos baldios e sua integração na legislação.

A Constituição da República Portuguesa instituída em 1976 voltou a reconhecer os “bens comunitários” (Art. 89.º), integrando as “estruturas da propriedade dos meios de produção”. Nesse artigo, são definidos os sectores público, cooperativo e privado, reconhecendo-se os “bens comunitários com posse útil e gestão das comunidades locais” na alínea c) do sector público. Esta situação, mantida na revisão da Constituição de 1982, sofreu na revisão de 1989 uma mudança estrutural relevante no que respeita à sua relação com o Estado: as componentes comunitária e autogestionária foram retiradas ao sector público, passando a integrar o sector cooperativo e social (Carvalho, 2016), (artigo 82º, nº4, alínea b), situação que se mantém na revisão constitucional de 2005.

Contudo, segundo Baptista (2010), “a actuação dos Serviços Florestais, além de não ter favorecido a defesa e a visibilidade da propriedade comunitária, privilegiou a manutenção de uma tutela e não incentivou a autonomia dos povos na gestão e controlo dos baldios” (p. 86), aparentando uma vontade de manutenção da autoridade alcançada sob o PPF. Radich e Baptista (2005) sublinham que o apoio do Estado previsto na lei para os baldios em cogestão nunca chegou, bem como o facto de a delimitação dos perímetros de florestação e logradouros não ter respeitado limites dos baldios, criando

conflitos entre comunidades sobre direitos de uso de espaços de logradouro que, muitas vezes, abrangiam áreas de baldios limítrofes (Freire, 2004). Radich e Baptista (2005, p. 150) afirmam que “o panorama actual dos terrenos comunitários evidencia as debilidades da modalidade de associação entre as unidades de baldio e o Estado, e a dificuldade de os Serviços Florestais assegurarem a gestão das áreas florestais” (p. 150), sugerindo que a fraca prioridade dada aos baldios nas questões de gestão da floresta “não [seria] dissociável da relação dos S[erviços]F[lorestais] com a perda (...) do poder ganho com o PPF de 1938 (...)” (p. 150), após a devolução dos baldios aos povos ter subtraído à tutela do Estado cerca de 400 000 hectares de floresta (Radich & Baptista, 2005).

Aquando da devolução dos baldios, existia uma dominância das Juntas de Freguesia na gestão daqueles que não estavam sob tutela central do Estado, ou em que ainda não tinha havido intervenção florestal. O enfraquecimento da capacidade de acção colectiva, como consequência das alterações socioeconómicas e demográficas que foram decorrendo nas zonas rurais ao longo do século XX, terá facilitado a afirmação da autoridade das JF. Actualmente, existem baldios geridos por conselhos directivos em auto- e cogestão (registando-se no entanto cada vez mais casos que requerem a cessação da colaboração para gerir autonomamente o baldio), e outros geridos pelas Juntas de Freguesia, também com ou sem a colaboração da Administração central do Estado. Estimativas recentes (dados de 2000 em Baptista, 2010) apontam para uma diminuição do número de baldios legalmente constituídos em conselhos directivos e para o aumento do peso das Juntas de Freguesia na sua gestão (Baptista, 2010).

O estatuto legal dos direitos de propriedade das comunidades de utilizadores dos baldios foi a maior conquista para os compartes, que assim viram consagrados na lei os seus direitos consuetudinários. Contudo, o domínio dos baldios continuou a ser reclamado por diversas frentes, desde as autarquias aos actores dos grandes interesses económicos (e.g., pedreiras, produtoras de celulose e de energia eólica), ameaçando, e por vezes lesando, a sua integridade. No fundo, as ameaças que pairam sobre os baldios não se alteraram muito, pelo menos no que respeita à segurança da propriedade colectiva. Embora as condições sociais, culturais e económicas se tenham alterado profundamente, afinal é a falta de encaixe da propriedade e gestão comunitárias nas ideias liberais, e, mais tarde, neoliberais que sobressai nos vários ataques, antigos e recentes, aos baldios.

Não obstante a salvaguarda constitucional dos baldios e do regime de propriedade comunitário que os rege, registaram-se várias tentativas de alterar a Lei dos baldios, gerando intensa dinâmica parlamentar (Henriques 1983). De acordo com Carvalho (2016), foi superior a 20 o número de projectos de lei que entraram na Assembleia da República visando “alterar substantivamente os baldios enquanto património comunitário dos compartes” (p. 3). A quantidade de propostas de alteração, de intervenções parlamentares e de discussões ideológicas sobre a gestão dos baldios, é demonstrativa do interesse que esta fatia do território gera junto de diversos actores, incluindo o próprio Estado. Porém, na prática, desde que foi publicada, apenas em 1993 foram efectuadas alterações substanciais, passando o DL nº 68/93 de 4 de Setembro a reger a gestão dos baldios, até 2014.

No Decreto-Lei nº 39/76 de 19 de Janeiro, os baldios eram definidos como “terrenos comunitariamente usados e fruídos por moradores de determinada freguesia ou freguesias, ou parte delas” (artigo 1º), “cuja legitimidade fosse reconhecida pelos restantes, de acordo com os usos e costumes” (artigo 4º), detendo os compartes “direitos iguais sobre o uso e fruição dos baldios” (artigo 5º). A lei excluía do comércio jurídico os baldios, proibindo a sua apropriação privada por qualquer forma ou título, incluindo usucapião (Gralheiro, 2014). Em 1993, esta definição foi alterada (artigo 1º), passando a incluir a posse pelas comunidades, entretanto reforçada pela revisão da Constituição da República de 1989, que, como referido, retirou do sector público os bens comunitários, colocando-os no sector cooperativo e social: “1. São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais. 2. Para os efeitos da presente lei, comunidade local é o universo dos compartes. 3. São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio. De facto, a definição constitucional dos baldios não permite identificá-los como propriedade privada, uma vez que não é possível a aquisição individual de partes do baldio, nem mesmo pelos compartes; nem como propriedade pública, uma vez que os direitos de utilização e gestão não estão consagrados ao domínio público. Por isso Bica (2003) afirma sem delongas que “a qualificação mais adequada para estes bens, é pois a de bens colectivos”. Assim, embora na lei de 1993 os baldios tivessem sido incluídos no comércio jurídico, passando expressamente a “reconhecer[-se] a possibilidade de realização de negócio sobre terrenos baldios: alienação e cessão de exploração” (Gralheiro, 2014, p. 3-4), ainda assim a lei proibiu “a posse e todos os actos e negócios

que tenham por objecto terrenos baldios, cominando a sua nulidade, com excepção dos nela expressamente previstos” (Bica, 2003, p. 36).

Para a gestão dos baldios, os compartes deveriam organizar-se em assembleias de compartes, constituídas por todos os compartes com direito ao baldio, que em seguida deveriam eleger um Conselho Directivo (CD), uma Comissão de Fiscalização, com a responsabilidade de controlar o trabalho do CD, designadamente no que respeita às contas, ao cumprimento do plano de trabalhos estabelecido, etc.; e a Mesa da Assembleia, para mandatos que variaram entre períodos de três anos (Decreto-Lei nº 39/76, de 19 de janeiro), dois anos (Decreto-Lei nº 68/93 de 4 de setembro), quatro anos (Lei nº 72/2014, de 2 de setembro), e a duração decidida pela Assembleia de Compartes, entre um e quatro anos (Lei nº 75/2017, de 17 de agosto). É ao CD que cabe a responsabilidade de pôr em prática as deliberações decididas em assembleia.

O Decreto-Lei nº 68/93 previu a obrigatoriedade de elaboração e aprovação de um plano de utilização do baldio (PUB) pela Assembleia de Compartes, com o objectivo de programar a “utilização racional dos recursos efectivos e potenciais do baldio com sujeição a critérios de coordenação e valia sócio-económica e ambiental, a nível local, regional e nacional” (DL nº 68/93, artº 7º). O plano de utilização dos recursos do baldio já se previa na legislação de 1976, contudo não de forma tão explícita, atribuindo aos serviços do Estado a responsabilidade de os elaborar nos casos de baldios em cogestão. Para além do apoio previsto na elaboração dos planos de utilização, patente no artigo 6º do Decreto-lei nº 68/93, os serviços competentes da Administração Pública estavam igualmente incumbidos de elaborar planos de utilização tipo, tendo em conta as suas competências técnicas e experiência na gestão. Contudo, de acordo com o movimento associativo dos baldios, a iniciativa não teve repercussões na prática, ideia expressa, por exemplo, nas palavras de Baltazar Almeida no 1º Congresso Europeu de Áreas Comunitárias:

[A reduzida execução global das medidas do PRODER é devida, entre outras dificuldades, à] falta de planos de gestão das áreas candidatas a apoios e no que toca aos baldios os planos de utilização de baldios. Mesmo perante esta falta que é incumbência do Estado desde 1976 decorrente da Lei dos Baldios, a elaboração de planos de utilização dos baldios, necessários para as candidaturas aos apoios, o movimento associativo dos baldios possibilitou com a sua acção e trabalho junto das comunidades dos baldios permitiu em pouco tempo a

elaboração em cerca de 380 mil ha de área comunitária dos planos de utilização, no entanto os serviços do Ministério não deram a resposta em devido tempo mantendo ainda hoje mais de metade dos planos sem a devida análise técnica, pondo em causa, com algumas excepções, a possibilidade da candidatura dos órgãos de administração dos baldios aos apoios disponibilizados por aquelas medidas (FAGRORURAL, 2011, p. 53-54)

De facto, a questão dos PUB veio a ser centro de atenções, pela dificuldade de os pôr em prática devido a atrasos na sua aprovação e incapacidade dos organismos do Estado para acompanhar o processo de elaboração como estabelecido. Por outro lado, a polémica alteração para Planos de Gestão Florestal levou à mobilização do movimento associativo dos baldios (BALADI, 2016). Os compartes opuseram-se à tónica colocada na utilização florestal, com base no argumento de que os baldios e a sua utilização não se resumem à floresta, existindo inclusive baldios que não têm área florestada. Assistia-se uma vez mais à simplificação da questão dos baldios, retirando-se a importância do seu carácter multifuncional (que depois se irá reflectir ao nível do financiamento das actividades), tão importante para o desenvolvimento local. Numa situação em que o cogestor da floresta (o Estado, na pessoa do ICNF) é percepcionado como ausente, este discurso ganha ainda maior contexto e relevo.

Em Março de 2014 foi aprovada a proposta de lei do grupo parlamentar CDS-PP e PSD (com maioria absoluta na Assembleia da República) que alterou pontos fulcrais que suportavam a gestão comunitária. A maior controvérsia gerou-se em torno da alteração do conceito de comparte, o primeiro de um rol de atentados aos direitos de propriedade das comunidades de compartes. De acordo com a Lei nº 72/2014 passariam a ser compartes “todos os cidadãos eleitores, inscritos e residentes nas comunidades locais onde se situam os respetivos terrenos baldios ou que aí desenvolvam uma atividade agroflorestal ou silvopastoril.” Para além de ser um conceito difuso, põe de lado os usos e costumes locais que sempre pautaram a definição dos utilizadores dos baldios e que garantiam o direito de exclusão local de utilizadores. Além do mais, os limites dos baldios não correspondem aos limites administrativos das freguesias já que foram estipulados de acordo com os usos e costumes. Paralelamente a esta questão, mais um número de alterações efectuadas ao Decreto-Lei nº 68/93, deitam por terra, justificando com a ausência de uso, os direitos de propriedade adquiridos ao longo de séculos. (e.g., a extinção do baldio por não uso, sem requerimento de confirmação

judicial, com consequente integração no património privado das juntas de freguesia; a integração de baldios ainda não requeridos pelas comunidades no património particular das juntas de freguesia; a integração de receitas pertencentes aos compartes, ainda não requeridas pelos mesmos, no Fundo Florestal Permanente, etc.).

De acordo com Gralheiro (2014), e com várias entidades que na devida altura se expressaram, transparece uma aparente determinação de desmotivar a acção dos compartes, apresentando dificuldades burocráticas, custosas, ou atemorizantes do ponto de vista do gestor. A Lei nº 72/2014 foi fortemente contestada também pelo movimento associativo dos baldios e esteve em processo de revisão largos meses, algo que sucedeu à cessação da regulamentação da lei requerida pelos partidos da oposição (entretanto integrados no Governo, após as eleições de 2015), altamente críticos da lei de 2014 aquando da sua votação. A regulamentação acentuava a dificuldade do processo de cessação da colaboração com o Estado, no caso dos baldios que se encontravam em cogestão. O montante requerido, que se poderia tornar avultado, dependendo das infraestruturas, área de floresta, etc., pretendia compensar o Estado por acções efectuadas como cogestor do baldio. Por outro lado a burocracia requerida no processo, torná-lo-ia certamente moroso e desincentivador. Outras questões regulamentadas, relacionadas com os aspectos mais criticados da Lei (e.g. extinção do baldio por não uso) denotam um aprofundamento da tendência já demonstrada na Lei aprovada em 2014, de culpabilizar os compartes pelos males dos baldios. Enquanto isto, as falhas do Estado eram ocultadas ao mesmo tempo que se vitimizava a instituição, deixando no ar que o extenso trabalho desenvolvido pelos Serviços Florestais tem sido desvalorizado pelos compartes, existindo uma desresponsabilização pelas comunidades face aos seus deveres na gestão.

Em 2017, foi aprovada a lei nº 75/2017¹³ de 17 de Agosto. Esta pretendeu atender às principais críticas tecidas à anterior, que acabou por estar em vigor pouco mais de um ano. O período de discussão foi longo e envolveu a consulta e participação de várias partes, desde os partidos políticos, a academia, o movimento associativo dos baldios, aos próprios compartes. Verificou-se a realização de conferências e sessões de

¹³ A Lei nº 75/2017 entrou em vigor numa altura em que os dados em que se baseia este trabalho já tinham sido recolhidos, reportando-se estes a um período de vigência do Decreto-lei nº 68/93, e sobretudo o período de vigência da Lei nº 72/2014. Por essa razão, optou-se por não fazer uma análise detalhada, até porque o impacto até à data é apenas teórico, uma vez que, à data da redacção, se encontra em vigor desde há apenas três meses. Não obstante, a título de interesse contextual, a Lei nº 75/2017 de 17 de agosto está disponível na ligação <https://dre.pt/application/conteudo/10801087>.

discussão pública que envolveram a participação de todos estes actores. De acordo com um dirigente associativo, trata-se de uma lei bastante mais aproximada aos interesses dos compartos e em linha com as críticas efectuadas anteriormente (comunicação oral, outubro, 2017).

2.4. Industrialização, emigração e mercado: impacto sobre as zonas rurais

A devolução dos baldios aos povos, para sua utilização e gestão decorreu numa época em que, para além das profundas alterações políticas e sociais ligadas à mudança de regime, vários outros processos, mais ou menos recentes, concorriam para o *statu quo* da sociedade portuguesa, particularmente da sociedade rural. O fim da Segunda Guerra Mundial e a industrialização acelerada, como eventos externos e globais (e globalizantes), a forte emigração que se fez sentir nos anos 60 e a mercantilização da agricultura, como consequências da conjuntura nacional, e numa segunda instância das conjunturas europeia e mundial, constituíram processos com um impacto indiscutível na estrutura socioeconómica do país. O trabalho árduo nos campos, com fraca recompensa, a maior parte das vezes sem acesso à terra, e sem expectativa de melhoras, criava nos trabalhadores rurais vontade de mudança (Devy-Varetta, 1993). Contudo, nos anos 1930-1940, este ímpeto foi reprimido face ao bloqueio das saídas do país, devido sobretudo a factores externos relacionados com as políticas anti-imigratórias que vigoravam genericamente, na altura, nos EUA e nos países europeus (Silva, 2011). Por outro lado, embora a industrialização tivesse proporcionado a introdução de novos factores de produção (maquinaria, fertilizantes, herbicidas e pesticidas, por exemplo), que permitiam a mesma ou maior produção com menos horas de trabalho, os grandes proprietários mantiveram o recurso à força de trabalho humana enquanto essa opção significou menos custos. Os salários baixos, garantidos também pela impossibilidade de os trabalhadores emigrarem, a isso incentivavam (Estevão, 1983; Baptista, 2010).

A abertura das fronteiras no período pós-guerra, com as grandes economias europeias em reconstrução, seguida pela abertura comercial à Europa através da adesão de Portugal à Associação Europeia de Livre Comércio em 1960, bem como algum acentuar da industrialização e da urbanização internas, criaram um fluxo migratório para o estrangeiro e para as cidades (Estevão, 1983). Ao mesmo tempo, este contexto facilitava a mercantilização da agricultura, tanto do lado dos factores de produção (oferta externa, procura dos agricultores) como do lado dos produtos agrícolas (oferta dos agricultores). Dada a redução do número de trabalhadores e o resultante aumento

dos salários, os proprietários não tiveram outra hipótese senão investir em maquinaria (Baptista, 2010). A escolha de investir era justificada pela necessidade de substituir a falta de trabalhadores, e por o balanço entre os níveis salariais praticados e o custo do investimento em tecnologia ter tornado mais atraente a modernização dos métodos (Baptista, 2010). A mecanização da agricultura e a forte emigração viriam alterar as relações de trabalho na produção agrícola.

Como resultado das alterações no mundo rural, entre as quais se encontra também a florestação, a realidade que recebeu os baldios em 1976 era muito diferente daquela que existira antes dessas alterações.¹⁴ Aliás, como afirma Baptista (2010), logo no primeiro parágrafo da introdução do livro,

(...) os baldios, a propriedade comunitária, não ficaram afastados no último meio século das grandes transformações do rural e da agricultura. Intervencionados pelo Estado desde os anos trinta do século passado, devolvidos aos povos depois de 1976, viram também o seu lugar profundamente alterado nos sistemas agrários e na vida das famílias que os utilizavam (p. 7).

Nas décadas de trinta e de quarenta, a agricultura fora a actividade base nas zonas rurais do norte interior e Alentejo (Baptista, 1994) e, nas montanhas do norte e centro interior, as pessoas viviam em comunidades praticamente autossubsistentes. Até à década de sessenta, a articulação do baldio com o sistema agrário ampliara-se, associada à expansão da área cultivada em sistemas de produção que pouco recorriam a fertilizantes químicos ou a métodos melhorados com a motorização (Radich & Baptista, 2005). O crescimento da população rural, ainda muito dependente da madeira para combustível e para matéria-prima na construção de casas e de equipamentos, contribuiu igualmente para o estreitamento da relação das comunidades com o baldio.

Este quadro alterou-se com a grande emigração dos anos 1960 e com a determinante transformação tecnológica da agricultura. À medida que as novas tecnologias foram entrando no processo produtivo, as explorações foram-se inserindo gradualmente no mercado, tanto ao nível do processo de produção, passando-se a depender de vários factores externos, como ao nível do destino da produção,

¹⁴ Embora se recorra à generalização para descrever e explicar as relações entre os vários acontecimentos e as suas consequências, designadamente sobre os baldios, é de ressaltar que a forma como as comunidades sentem e integram no seu sistema social e económico os efeitos de eventos específicos é diferente de local para local (Devy-Varetta, 1993; Baptista, 2010).

verificando-se um aumento da parte comercializada. A dependência do exterior chegou a um ponto em que, como diz Baptista (2010), começaram a desenvolver-se explorações pecuárias “sem terra”, ou seja, que não necessitavam de cultivo para se manterem, uma vez que os factores de produção eram maioritariamente obtidos no mercado. Paralelamente, o acesso a estes novos factores de produção, que em tanto facilitavam as tarefas agrícolas, foi retirando importância aos recursos obtidos no baldio, anteriormente imprescindíveis à sobrevivência das comunidades, designadamente o espaço de pastagem, o mato para a cama dos animais e posterior fertilizante, a lenha e o carvão para aquecimento e fonte de energia. Adicionalmente, o gradual abandono do trabalho colectivo, antes necessário à execução dos trabalhos agrícolas cíclicos e também de tarefas relacionadas com o bem-estar da comunidade (e.g. reparação de estradas, construção de muros), foi enfraquecendo a capacidade de acção colectiva, em prol do trabalho individual. Como resultado, verificou-se o gradual afastamento das populações dos seus baldios e o recentrar das atenções sobre as coisas do foro privado, em detrimento das coisas comunitárias. Perdera-se a relação de dependência da comunidade com os recursos do monte, a qual no fundo garantia a sua gestão comum através da criação local de instituições duradouras.

O cenário aqui descrito para as comunidades rurais dos anos sessenta e setenta, reflectiu-se posteriormente na forma como a devolução dos baldios foi gerida a nível local. A integração da nova legislação dependeria de variados factores, como a relação de poderes no baldio no tempo da devolução a magnitude da emigração e do seu impacto ao nível da comunidade, a colaboração da Junta de Freguesia na facilitação do processo, o nível de mecanização e de integração no mercado da agricultura local, os tipos de uso do baldio, que influenciariam o impacto local da florestação, etc.; verificando-se diferenças acentuadas entre baldios que explicam a variedade de condições existentes ainda hoje. A nível regional, as diferenças eram acentuadas. No sul, a gradual integração dos baldios nas grandes propriedades privadas levava praticamente ao seu desaparecimento, mantendo-se uma estrutura de produção baseada em latifúndios pertencentes a um número reduzido de proprietários. Ao contrário, no centro e norte a propriedade mantinha-se retalhada e a resistência das populações, mais ligadas funcionalmente aos baldios, mantivera uma área considerável de terrenos comunitários ao dispor dos usos e costumes.

Sempre de acordo com Baptista (2010), nesta altura o recurso a rendimentos externos às unidades de produção tornou-se comum, não só como resultado de trabalho em actividades complementares, como através do recurso a fundos de apoio social (e.g. pensões, subsídios, etc.). O sector agrícola português apresentava várias fraquezas do ponto de vista da eficácia, grandemente associadas à estrutura da produção. As mudanças verificadas na agricultura não impediram o agravamento da dependência do país em produtos agrícolas e não tornaram o sector mais competitivo face aos mercados externos. Na verdade, a mecanização dos processos e a gradual integração no mercado resultaram na perda de importância da actividade agrícola na sociedade e na economia, reflectida na população activa empregada no sector e no peso deste no produto interno do país. À escala europeia, o sector, tal como o de outros países com características estruturais idênticas, em particular os do sul, encontrava-se numa posição subalterna, da qual dificilmente sairia. No contexto da integração no Mercado Comum europeu, mais tarde a União Europeia, estas questões ganhariam ainda maior relevância, ficando o sector agrícola imediatamente submetido à Política Agrícola Comum.

2.5. Portugal na União Europeia: a Política Agrícola Comum

Em 1986 Portugal aderiu à Comunidade Económica Europeia (CEE), assumindo a integração das políticas subjacentes, designadamente da que veio a assumir-se, pelo menos até ao fim dos anos 1980, como a única política verdadeiramente comum da CEE: a Política Agrícola Comum (PAC) (Skogstad, 1998; Petrick, 2008). A dimensão simbólica da importância da PAC reforçou historicamente a ideia de que a agricultura europeia é um sector de excepção. Esta ideia unificadora vindo a servir de contrapeso às diferenças existentes entre os Estados-membros no que diz respeito ao funcionamento e aos custos da PAC (Skogstad, 1998).

Criada em 1958, subsequentemente ao nascimento da CEE, a PAC incorporou o modelo de intervenção do Estado no mercado agrícola, que dominava já nos Estados fundadores, particularmente na Alemanha ocidental e na França. Com a política agrícola europeia, pretendia-se atender a duas preocupações políticas: as barreiras existentes ao nível das trocas nacionais de produtos alimentares no período de pós-guerra, e os problemas estruturais profundos do sector agrícola europeu. Associados a estas duas questões, estavam o abastecimento alimentar na Europa e o aumento das diferenças entre os salários praticados no sector agrícola e noutros sectores, nas várias economias europeias (Petrick, 2008; Swinnen, 2009). Os objectivos da PAC foram

constitucionalmente estabelecidos no Artigo 39º do Tratado de Roma e, compreendiam o aumento da produtividade agrícola, a garantia de um bom padrão de vida para as comunidades rurais através do aumento das receitas das pessoas envolvidas na actividade agrícola, a estabilização dos mercados, e a segurança do abastecimento a preços razoáveis (Brouwer & Berkum, 1996; Skogstad, 1998). De acordo com Skogstad (1998), a PAC acabaria por servir para testar o sucesso do projecto de integração europeia.

Contudo, a falta de uma visão clara de quais as políticas necessárias para a reestruturação do sector, e a incapacidade de acordar os níveis de preços, resultaram num excesso de produção (criação de excedentes) e em gastos públicos excessivos que se registaram ao longo das décadas seguintes (Petrick, 2008). Em 1983, a CEE tinha já atingido o limite do seu orçamento (Skogstad, 1998). A inadequação do modelo da PAC tornava-se evidente. Para além de não contribuir para ultrapassar as incapacidades estruturais do sector, tendia inclusivamente a aprofundá-las (Petrick, 2008). Esta situação desencadeou em 1984, dois anos antes do ingresso de Portugal, a primeira reforma significativa da PAC que passou a controlar a produção de leite, estabelecendo paralelamente medidas para conter as garantias de apoio aos preços (Skogstad, 1998).

Em 1986, ano em que Portugal entrou na CEE, vivia-se assim uma crise financeira da PAC, com custos orçamentais muito elevados, ao mesmo tempo que as críticas dos ambientalistas questionavam o apoio público à produção (Skogstad, 1998). Por outro lado, os objectivos de integração e os projectos da Comissão (1985-1994) liderada por Jacques Delors (e.g., mercado único, união monetária, política da energia, política regional) tinham posto fim à exclusividade do sector agrícola como sujeito de políticas comunitárias, e como recipiente principal do orçamento comunitário (Burrell, 2009). Ao mesmo tempo, o alargamento da União Europeia esbatera a relativa homogeneidade existente entre os seis membros fundadores, designadamente ao nível das condições das unidades de produção agrícola e das preferências sectoriais. Os três países do norte da Europa que integraram a União no início dos anos setenta detinham uma clara orientação pró-liberalização do mercado, ao passo que os três novos membros do Sul da Europa, que aderiram nos anos oitenta, entre os quais Portugal, apresentavam um sector agrícola tecnologicamente e estruturalmente fraco, cujos produtos estavam sujeitos a regimes “light” de apoio aos preços (Burrell, 2009) – situação que fragmentou

o apoio dos Estados membros à estrutura da PAC (Petrick, 2008; Swinnen, 2009; Burrel, 2009).

A partir de 1986, quando as negociações de troca multilaterais tiveram lugar no Uruguai [Uruguay Round], a PAC passou a ser atacada pelos seus parceiros comerciais, pelas tarifas proibitivas impostas sobre as importações agrícolas (Petrick, 2008; Swinnen, 2009; Burrel, 2009) e à persistência de acções de *dumping* dos excedentes agrícolas subsidiados nos mercados mundiais (Burrel, 2009). Adicionalmente, fruto das externalidades negativas cada vez mais visíveis da actividade agrícola intensiva (e.g., desperdício associado aos excedentes agrícolas; efeitos nocivos sobre os recursos naturais, como o solo, a água, etc.) e da cada vez mais clara desigualdade na distribuição dos apoios da PAC entre os agricultores, também a percepção da sociedade se alterou no que respeita à forma como o sector agrícola europeu estava a ser conduzido (Skogstad, 1998; Burrel, 2009). Como resposta a esta conjuntura de crise da PAC, em 1988 foram adoptadas novas medidas. Designadamente, limitou-se o orçamento dedicado ao apoio do mercado agrícola; concebeu-se um sistema de incentivos à não produção; efectuaram-se cortes no preço dos cereais; e estipularam-se quotas de produção e penalizações para situações de sobreprodução.

Foram estas medidas, desincentivadoras da produção, que receberam Portugal na CEE. Crescentemente, por outro lado, elevava-se a prioridade do objectivo do desenvolvimento rural, e introduzia-se um novo objectivo: o da sustentabilidade ambiental (Skogstad, 1998). Em 1992, MacSharry propôs para a reforma da PAC a diminuição dos preços garantidos e a alteração das formas de apoio aos agricultores, desligando-as da produção e fazendo-as depender agora da área da unidade de produção e do número de animais (Sotte, 2004; Petrick, 2008; Swinnen, 2009). Embora a força política das associações de agricultores tenha conseguido travar grande parte das propostas iniciais, mais ambiciosas, a partir da reforma de MacSharry a perspectiva multisectorial e a questão ambiental passaram a estar presentes nas propostas e reformas que se seguiram. De facto, já desde meados dos anos oitenta que o lugar da agricultura na política europeia se alargara para passar a ser, nas palavras de Skogstad (1998, p. 471) “the preserver of the countryside, the provider of employment and the protector of the rural social fabric”. O apoio à agricultura passou a ser encarado como sendo importante, não apenas para produção de alimento, mas também

(...) for policy aims such as rural development and demographics, maintenance of cultural landscapes, natural resource management and provision of ecosystem services, or more recent attempts to embed agricultural policy in a broader food policy” (Daugbjerg & Feindt, 2017, p. 1574).

O facto de os defensores de uma PAC mais moderada, que tivesse em conta o ambiente, a qualidade dos recursos ambientais e da produção, serem com frequência opositores da liberalização do mercado, criou algumas constricções ao processo de reforma. Por outro lado, embora fosse expectável que a liberalização do mercado procedesse à redução gradual, até eventual eliminação, dos instrumentos de intervenção no mercado europeu (nomeadamente, dos pagamentos directos aos produtores) (Daugbjerg & Feindt, 2017), face à resistência política das associações e *lobbies* agrícolas e aos processos de negociação e deliberação da UE, “the overall outcome [of the reform attempts] is a transformed, post-exceptionalist belief system that has integrated new discourses to justify novel, but still special, policies and institutions for the agricultural sector” (p. 1574).

Em 1995, a elaboração de um estudo pelos comissários Fischler e Van Der Broeck reabriu o debate da reforma da PAC, influenciado pelo iminente alargamento aos países do Centro e Leste europeu (Sotte, 2004). Em dezembro do mesmo ano foi criado o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento Rural Integrado liderado por Alan Buckwell, com o fim de elaborar uma proposta de reforma. A estratégia proposta veio a ser confirmada em 1996 na declaração da conferência de Cork, Irlanda (Sotte, 2004; Petrick, 2008). De acordo com Burrell (2009), tratava-se de uma abordagem conceptualmente multidisciplinar, multisectorial na sua aplicação, e com clara dimensão territorial, englobando a diversificação económica, a gestão dos recursos naturais, o reforço das funções ambientais e a promoção da cultura, do turismo e da recreação. Apesar de a declaração não ter sido endossada pelo Conselho de Ministros nem retomada nas cimeiras seguintes, ela assinalou a necessidade de estimular as economias rurais além dos limites da actividade agrícola, influenciando profundamente a evolução futura da PAC (Burrell, 2009). Contudo, de acordo com Sotte (2004), ao mesmo tempo que Cork foi para os reformistas o ponto alto do debate, concretizou-se também num fracasso político, traduzido, por exemplo, na quase ausência de referências ao relatório Buckwell na Agenda 2000, para o que a acção dos *lobbies* agrícolas não foi indiferente (Sotte, 2004).

A Agenda 2000 consistiu num conjunto de tarefas que pretendia atender a questões prementes à data (Daugbjerg & Swinbank, 2007). O “pacote Santer”, que lhe deu origem, foi a resposta da Comissão à solicitação do Conselho Europeu (1985) por um estudo que contribuísse para a boa gestão do iminente alargamento da União aos 10 países do antigo bloco de Leste (Burrel, 2009). Continha, além da reforma da PAC, os estudos necessários para o desenvolvimento da integração, e a proposta de um novo quadro financeiro para 2000-2006 (Daugbjerg & Swinbank, 2007). Autores como Swinnen (2009) destacam a relevância da Agenda 2000, que terá aprofundado e continuado as reformas de 1992. Burrel (2009) igualmente afirma que:

(...) Agenda 2000 contained several elements relevant to future CAP developments. First, the second pillar — rural development — of the CAP was significantly strengthened and consolidated (...). Secondly, Agenda 2000 introduced voluntary modulation, whereby member states could opt to switch up to 20 per cent of CAP direct income payments under pillar one into co-financed second pillar funding (...) very few countries, however, chose this option, and France abandoned modulation after only 3 years” (Burrel, 2009, pp. 273-274).

Latacz-Lohmann e Hodge (2003), por sua vez, reforçam a importância do estabelecimento do 2º pilar da PAC, “(...) [which brought] together policies promoting agricultural diversification, economic development in rural areas and environmental enhancement (p. 131), adoptando de forma consistente o conceito de “paid stewardship” [guardião da natureza]. Por outro lado existem autores que acentuam na Agenda 2000 a moderação com que foi implementada a redução da garantia dos preços e o facto de se ter adiado a aplicação de determinadas medidas, passando a responsabilidade da sua aplicação para os Estados-membros (e.g. limitação dos pagamentos por unidade de produção, transferência de financiamento entre os dois pilares da PAC) (Sotte, 2004). Para Sotte (2004, p. 13), “the victims of this approach were especially all measures aimed at non-agricultural projects which were allotted a nominal percentage of overall resources, confirming the agricultural and sectorial character of the second pillar”.

Não obstante, é à reforma de 2003 da PAC que é atribuído o crédito da mudança (Burrel, 2009; Daugbjerg e Swinbank, 2007; Swinnen, 2009). Petrick (2008) inclusive afirma que foi a partir de 2003 que o termo sustentabilidade passou a ter um lugar central na PAC, e que o termo multifuncionalidade foi introduzido no seu discurso. Embora a ideia da actividade agrícola como elemento fundamental na conservação da

paisagem e protecção dos recursos já fosse referida antes pela Comissão Europeia, a partir daqui esperava-se efectivamente dos agricultores, não apenas a produção de alimentos, mas também a salvaguarda das zonas rurais (Petrick, 2008). Vários elementos-chave foram introduzidos com esta reforma, de que se destaca a criação do Pagamento Único (PU), que estabeleceu um afastamento significativo do esquema de pagamentos directos da anterior PAC (Burrell, 2009). Baseado na história da actividade de cada agricultor, o PU encontrava-se desligado da produção de produtos específicos e da própria exigência de produzir (Burrell, 2009), desligando mais ainda o apoio da PAC do nível de produção. Criaram-se também dois novos instrumentos que pretendiam garantir a implementação do segundo pilar: a “conformidade cruzada” (“cross-compliance”) e a “modulação”. O primeiro, fazendo depender o direito dos agricultores a apoios directos da sua utilização de métodos de produção respeitadores de princípios éticos, sociais e pró-ambientais, pretendia assegurar que o PU era entregue a agricultores que respeita(ss)e(m) os regulamentos relacionados com o bem-estar animal, a protecção das plantas e a segurança alimentar; e o segundo, pela limitação dos pagamentos aos agricultores com produções de maior dimensão, pretendia garantir a transferência dos fundos assim libertados para o segundo pilar (Swinnen, 2009). Contudo, a aplicação de muitas destas medidas foi deixada, mais uma vez, ao critério dos Estados-membros, ficando muitas aquém no impacto gerado, particularmente no que se refere ao financiamento do segundo pilar da PAC. Nas palavras de Burrell (2009, p. 275), “the Fischler package has been called ‘à la carte reform’ because of its many options, and the devolution of detailed implementation choices and rules to national administrations. Member states have taken advantage of its flexibility.”

Como se viu, a entrada de Portugal na UE deu-se numa altura em que o proteccionismo aos agricultores e à produção agrícola começava a ser contestado. As várias propostas de reforma pretenderam, por um lado reduzir os gastos associados à PAC, e por outro manter a fluidez da produção. Para isso, as transformações que foram sendo efectuadas ao nível dos instrumentos de apoio pretenderam limitar a produção sem com isso pôr em risco o bem-estar dos agricultores e a sua permanência nas zonas rurais, e ao mesmo tempo garantir que os proprietários mais capazes de uma produção significativa se mantinham no activo. Esta última medida acabou por diferenciar os países do sul dos países do norte no acesso aos benefícios, uma vez que era no norte que se encontrava um sector agrícola mais bem estruturado e equipado, com áreas e

condições suficientes para garantir a fluidez da produção e a competitividade internacional. Para Baptista (2010, p. 104),

(...) as orientações da PAC não são favoráveis à agricultura portuguesa, pois continuam a privilegiar os produtos mais relevantes do Centro e Norte da Europa em detrimento dos mediterrânicos que marcam numerosos sistemas de produção dos países do Sul (...) privilegiam-se também as explorações agrícolas tidas como mais competitivas no mercado mundial, e pretende-se orientar as áreas dos sectores considerados não concorrenciais para a florestação e para sistemas de produção extensivos em que a defesa do ambiente é enunciada como uma preocupação central.

Por outro lado, o corte da relação entre os apoios ao produtor e o nível de produção, que passam a estar conectados com a área das parcelas, tem vindo a subalternizar o papel dos agricultores relativamente ao dos proprietários fundiários. A solução utilizada pretendia, não só desincentivar a produção alimentar devido à acumulação de excedentes, mas também atender às questões ambientais e multisectoriais promovidas pelas últimas reformas. Contudo, em concreto, tem acima de tudo aprofundado desequilíbrios nas regiões da União onde predominam os latifúndios, como é o caso do Alentejo português (Baptista, 2010). Por detrás de tudo isto encontra-se um sector mal estruturado, particularmente do ponto de vista da comercialização e com fraca capacidade de renovação e de inovação. Assim, do ponto de vista agrícola, “Portugal pode transformar-se num espaço onde algumas pequenas ilhas de agricultura intensiva se encontrem rodeadas por um mar de áreas florestadas, abandonadas ou aproveitadas de modo muito extensivo” (Baptista, 2010, p. 104).

O desenvolvimento da política agrícola, desde a sua génese, em 1958, priorizou os interesses dos agricultores, em detrimento de quaisquer outros grupos associados ao meio rural. Segundo Daugbjerg e Feindt (2017),

The agricultural-policy sector was characterized by a distinct set of sector-oriented institutions and ideas, well-organized and well-resourced sectoral interest groups, substantial government intervention in the market and the potential for a redistribution of economic assets from the whole population (through taxes and higher consumer prices) to a relatively small group of producers and land owners (p. 1566).

Percebe-se assim que a defesa de uma outra versão de desenvolvimento para o meio rural, baseada por exemplo numa política que promova a multifuncionalidade e proteja os recursos e a biodiversidade, esteja por defeito dificultada.

Depois de uma avaliação efectuada em 2008, que resultou em poucas alterações (Swinnen, 2009), em 2010 começou a preparar-se a reforma que se seguiria e que iria definir o alinhamento da política para os próximos seis anos (2014-2020) (Greer, 2017). Com a reforma de 2013 esperava-se uma alteração do carácter “excepcionalista” e compartimentalizado da PAC, referido e analisado por diversos autores (e.g. Alons, 2017; Daujberg & Feindt, 2017; Greer, 2017; Greer & Hind, 2012; Skogstad, 1998):

Post-exceptionalism denotes a partial departure from compartmentalized, exclusive and exceptionalist policies and politics which, however, preserves some exceptionalist features and has not led to a complete transformation to market-oriented and performance-based policies. It is an incomplete transformation of ideas, institutions, interest constellations and policies with a significant legacy from past policy (...). The core of the concept is a set of exceptionalist ideas which shape and legitimize compartmental institutions that provide a dedicated policy space for a policy community to adopt and implement policy instruments and programs that serve their interests and comply with their ideas (Daugbjerg & Feindt, 2017, p. 1567).

Ou seja, a ideia de que a agricultura (e logo os agricultores) se trata de uma actividade de excepção relativamente a outros sectores, com origem na imprevisibilidade da produção, associada a factores climáticos e outros fenómenos naturais (e.g., pestes e doenças, animais e vegetais), legitimara a criação de instituições compartimentalizadas que trataram de criar uma política que permitiu adoptar e implementar instrumentos de intervenção e programas, que por fim, servem os interesses dos agricultores. O contributo para o bem comum, que justificou a criação da PAC, ao ultrapassar essas dificuldades ligadas ao sector em prol da garantia da segurança alimentar e das boas condições de vida dos agricultores, ficou enfraquecido quando os efeitos negativos daquele modelo se evidenciaram. Contudo, as alterações requeridas ao modelo, designadamente a introdução das questões ambientais, do emprego rural e do desenvolvimento local, vieram apenas substituir-se às funções de produção na justificação do excepcionalismo da PAC, mantendo-se as necessidades especiais do sector, assim como o apoio do Estado que estas legitimam.

Em 2013, a Comissão Europeia priorizou na sua proposta a distribuição justa dos recursos, propondo uma estratégia centrada na convergência e limitação dos pagamentos [*capping*], e o chamado “*greening*” de uma parte considerável dos pagamentos directos, estabelecendo regras à produção que pretendiam contribuir para a preservação dos recursos e o fomento da biodiversidade (Greer, 2017). Contudo, mais uma vez a sua aplicação ficou ao critério dos Estados-membros, assim como a nova possibilidade de se retornar aos pagamentos directos ligados à produção; “there are no EU wide performance standards, member states have flexibility in implementation, and a range of exceptions relating to water pollution, ecological focus areas, crop diversification and environmental sustainability, were introduced” (Greer, 2017, p. 1597). Cerca de metade das unidades de produção e aproximadamente 89% dos agricultores não ficaram cobertos pelas normas de “*greening*” (Greer, 2017; Hart, 2014). Apesar de alterações ao nível institucional, e da inclusão de novos autores e ideias no desenvolvimento da PAC, que poderiam efectivamente ter contrariado o *statu quo*, na prática continuam a ser as ideias sectoriais que lideram a actuação da nova configuração institucional (Greer, 2017). Assim, embora os objectivos principais da Comissão reflectissem prioridades associadas às alterações climáticas e a outras questões ambientais, estes foram reinterpretados de forma a preservar a PAC (Ervajec, Lovec, & Ervajec, 2015).

2.6. Políticas europeias, *greening* e *greenwashing*

A política agrícola assume potencialmente o papel de determinar se a terra vai, ou não, ser usada para agricultura (Renwick et al., 2013). A PAC tem vindo a determinar o destino das zonas rurais, tanto através do fomento de determinadas actividades em certas regiões (e.g. agricultura nas unidades de produção bem equipadas e com escala) como através do desincentivo de outras práticas por vezes basilares ao funcionamento das comunidades rurais (e.g., a agricultura extensiva). Por outro lado, outras políticas de outros sectores (e.g., políticas de conservação da natureza; planos locais ou regionais de uso do solo) concorrem igualmente para a determinação da evolução da paisagem rural, através da imposição de restrições que podem influenciar a estrutura das unidades de produção, a continuidade ou não das actuais práticas agrícolas e/ou o abandono da terra (Renwick et al., 2013).

A regulação do uso do território com o fim de ordenar práticas que têm impacto nos mercados, interno e externo, alicerça-se na captação e gestão de direitos de

propriedade. Designadamente, a PAC determina as linhas orientadoras para os Estados-membros decidirem sobre o uso da terra nas zonas rurais, decisão depois decretada a nível nacional e dada a conhecer aos agricultores através dos programas de desenvolvimento rural. Quando se fala de política europeia, a distância das plataformas de decisão onde se estabelecem essas linhas orientadoras, dificultam eventualmente a percepção da legitimidade que subjaz ao facto de as decisões dos proprietários passarem a estar balizadas num determinado intervalo de acção (ou inacção). Principalmente quando esse intervalo é estabelecido desde os centros decisores da UE, e moderado a nível nacional pelo Ministério da Agricultura. Esta reorganização pelo Estado de partes do território já mais ou menos dominadas por instituições públicas, através da introdução de novas instituições (e.g. normas de acesso e de uso), leva autores como Vaccaro (2008) a referir-se à submissão das zonas rurais à PAC como a mais recente onda de re-territorialização (ver capítulo I – 1.3.).

Brouwer e Berkum (1996) descrevem a marginalização de áreas agrícolas como um processo de perda de viabilidade da terra devido a factores económicos, sociais, políticos e ambientais. Ao mesmo tempo, a identificação das regiões sob maior risco de abandono e marginalização tem sido consistente ao indicar largas áreas dos países do Sul (Brouwer & Berkum, 1996, Renwick et al., 2013). Análises efectuadas à evolução do uso do território, modelando-o sob diversos cenários, apontam como estando sob alto risco de abandono zonas maioritariamente montanhosas e com uma área substancial de pastagens de alto valor natural, em Portugal e no noroeste de Espanha, bem como em outras áreas do continente europeu (Renwick et al., 2013). O abandono de terras agrícolas tem impacto a vários níveis, designadamente social (empregabilidade), económico (desaparecimento de actividades económicas), cultural (desenraizamento de lugares, do passado e do conhecimento tecnológico tradicional, de usos e costumes) e ambiental (risco de fogos rurais e florestais; erosão; perda de biodiversidade).

O risco associado ao decréscimo da produtividade, designadamente sobre o abastecimento de produtos alimentares e a segurança alimentar, e os efeitos sociais e ecológicos que a diminuição dos apoios à produção poderá ter nas zonas mais desfavorecidas, tem justificado a forma tímida com que a questão ambiental tem sido inserida na agenda da PAC. Foi, como vimos, num contexto de crise da PAC, depois de duas décadas de intensificação agrícola e modernização tecnológica, e ainda numa lógica de controlo político das alterações estruturais do sector agrícola europeu, que a

PAC começou a abrir caminho para um desenvolvimento agrícola ecologicamente saudável (Bruckmeyer, 1999). Não obstante os vários subsídios aos agricultores ao longo dos anos anteriores, a população agrícola apresentava uma tendência decrescente significativa desde 1958, criando contexto para o aparecimento de novos aproveitamentos dos recursos com necessidade de menos mão-de-obra. Assim, a manutenção de áreas com características ambientalmente adequadas surgia como uma alternativa viável. Estava criada a oportunidade para a PAC assumir agora um papel activo na promoção da sustentabilidade e conservação dos recursos.

Os efeitos prejudiciais da agricultura intensiva (e.g., a poluição com nitratos e pesticidas) tornaram premente a sua regulação (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003). Nesse sentido, as primeiras medidas agroambientais, ainda nos anos oitenta, focaram-se sobre o controlo da poluição e recorreram a métodos que não consideravam a perspectiva dos agricultores, impondo com regulamentos e controlando o seu cumprimento (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003).

Em 1989, a proposta que ficou conhecida como Reforma MacSharry direccionou a PAC para uma visão integrada de desenvolvimento rural. Em 1991, foi criado o programa de apoio ao desenvolvimento rural LEADER – *Liaisons Entre Actions de Développement de l'Economie Rurale*. Contrariamente à estratégia até aí seguida, centrada na produção agrícola, o LEADER propunha uma estratégia multisectorial, descentralizada, participativa e gerida pela comunidade (Petrick, 2008). A partir da reforma da PAC de 1992, as medidas agroambientais passaram a ter lugar em todos os Estados-membros, estando ligadas também a outros objectivos que se reforçavam mutuamente, como a redução dos excedentes agrícolas (Bruckmeyer, 1999). O regulamento 2078/92 disponibilizou apoio financeiro a diversas actividades com potencial impacto ambiental, como seja a práticas de cultivo que reduzissem os efeitos poluentes da agricultura, à extensificação do cultivo e da produção de caprinos e ovinos, à utilização da terra agrícola de forma ambientalmente adequada, à manutenção de terras agrícolas abandonadas, ao pousio a longo prazo, à gestão da terra para actividades de lazer e acesso público, e à educação e formação de agricultores em métodos de cultivo em harmonia com o objectivo da protecção ambiental (Bruckmeyer, 1999).

Enquanto a utilização de métodos regulatórios foi razoavelmente aceite no controlo da poluição com origem agrícola, as tentativas de reproduzir este esquema na resolução de problemas emergentes como a alteração da paisagem, a perda de

biodiversidade ou a destruição do *habitat*, falharam redondamente. Latacz-Lohmann & Hodge (2003) contam como nos anos 1980 o Governo alemão tentou impor o controlo das actividades agrícolas em zonas protegidas para conservação da natureza. As comunidades opuseram-se veementemente perante o que viam como uma interferência indevida nos seus direitos de propriedade, exigindo compensações pela perda de receitas que advinha das limitações governamentais. Deu-se início a uma longa luta política pelos direitos de propriedade sobre a terra e sobre a natureza, que resultou numa efectiva alocação de direitos a favor daquelas comunidades de agricultores e incentivou a adopção de políticas incentivadoras, inclusivas, que concederiam aos agricultores parte activa nas decisões (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003). Este viria aliás a tornar-se o instrumento dominante das políticas agroambientais europeias (Bruckmeyer, 1999, Latacz-Lohmann & Hodge, 2003).

No fim dos anos oitenta, a grande maioria dos Estados do Norte já tinha em acção programas de incentivo agroambiental. A partir dessa altura, os factores subjectivos associados às atitudes, orientações, valores e objectivos dos agricultores, tornaram-se fundamentais para o apoio e consequente implementação destas medidas (Bruckmeyer, 1999). As diferenças verificaram-se, por exemplo, nas prioridades estabelecidas por cada Estado-membro na estruturação da sua estratégia ambiental. Por exemplo, enquanto nos países do norte da Europa a prioridade foi dada à prevenção da poluição, na Grã-Bretanha a política para o desenvolvimento rural enfatizou a conservação da natureza e das zonas rurais. Ao mesmo tempo, nos países do sul não houve interesse em estabelecer regulamentos agroambientais nem se registou qualquer iniciativa concreta nesse sentido; estes, principalmente Portugal e Espanha, tinham aderido recentemente à UE e encontravam-se ainda a responder aos primeiros apelos ao alargamento da sua produção, demonstrando claramente maior interesse em atingir as primeiras metas em termos agrícolas (Brouwer & Berkum, 1996; Latacz-Lohmann & Hodge, 2003). Não obstante, subsequentemente a União impôs medidas regulatórias a todos os Estados-membros, através do estabelecimento de regulamentos (directamente aplicáveis no seio dos países membros), e de directivas (que especificavam os resultados pretendidos, mas deixando as medidas legislativas ao critério de cada Estado) (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003).

É inegável que o paradigma em que se alicerça a PAC sofreu alterações desde 1958, partindo de uma ideia de política centrada na protecção dos rendimentos dos

agricultores e da fluidez da produção alimentar, para outra focada na sustentabilidade da produção. Ainda assim, esta última não deixa de atender aos objectivos anteriores, verificando-se que as reformas têm tido efeitos incrementais. Não obstante, de acordo com Greer (2017), “change does happen, often as a result of wider policy ideas and exogenous factors such as trade liberalization and budget reform, which may be important in weakening the compartment from the outside” (p. 1589). Contudo, o incremento de ideias novas face ao *statu quo*, cria potencialmente situações de conflito de interesses que se encontram sobrepostos (e.g. medidas ambientais associadas a medidas produtivistas). Nestes momentos, o desfecho tem beneficiado quase invariavelmente a PAC produtivista. Na prática a mudança concreta é lenta, e os novos objectivos (e.g. medidas ambientais, adaptação às alterações climáticas) servem sobretudo os interesses produtivistas e a sua capacidade de adaptação, e dos seus argumentos, aos tempos que correm. É precisamente como reacção à utilização pouco clara e pouco efectiva do conceito de *greening* associado à reforma da PAC de 2013, que surge, por oposição, o conceito de *greenwashing*. Citando Erjavec et al. (2015, p. 238),

The popular environmental element was included in all discourses [of the 2013 reform of the PAC], but it was not proportionately integrated into measures and the budget distribution. By predominately using the productivist discourse and only apparently using ‘greening’ strategy, the key EU decision-makers turned ‘greening’ into ‘greenwash’”.

Por seu lado, Hart (2014) identifica com dificuldade os avanços concretos da questão ambiental na PAC 2014-2020: “The positive outcomes of the negotiations from an environmental perspective, were largely the prevention of perverse amendments going through, rather than any positive improvements to the proposals” (p. 19).

Vários autores referem como o alargamento da co-decisão à PAC, e a colocação do Parlamento Europeu numa posição de poder decisional, teve um papel decisivo no atenuar das medidas ambientais e na inexistência de alterações concretas da política, dada a sua orientação a favor da conjuntura *produtivista* (Hart, 2014; Erjavec et al, 2015; Greer, 2017). Por outro lado a flexibilidade com que se lidou com as questões ambientais [*greening*], determinando excepções (ao ponto de se permitir o cultivo convencional em zonas ecologicamente sensíveis) e dotando os Estados-membros de liberdade de escolha sobre se, como e quanto, estas medidas seriam implementadas,

resultou num falhanço, do ponto de vista do “*greening*” da PAC (Erjavec et al., 2015). A sua aplicação depende das condições e interesses de cada Estado, e das relações de forças actuates a nível local e nacional. Nas palavras da própria Comissão Europeia, “The overall impact of this enhanced flexibility (or ‘renationalization’) is that both the structure of the CAP in member states and the share of funding allocated to different schemes can ‘vary significantly throughout the EU’” (European Commission 2013: 7; 2016: 20, cit. por Greer, 2017).

Não obstante o (ab)uso da flexibilidade concedida, pelos Estados-membros, direccionada na maioria dos casos no sentido produtivista, as diferenças existentes entre cada Estado são evidentes, tanto ao nível dos problemas (Erjavec et al. 2015) como ao nível das preferências por diferentes tipos de programas de desenvolvimento rural (Burrell, 2009). A aplicação de determinadas medidas pode fazer sentido numa localização, designadamente no que se refere às medidas agroambientais, e demonstrar diferente relevância e valor noutra situação (Brouwer & Berkum, 1996). Assim alguns autores advogam uma abordagem mais direccionada, que permita gerar e “maximizar” os benefícios ambientais a nível local (Burrell, 2009; Hodge, 2013, Erjavec et al., 2015). Na verdade, a renacionalização da PAC, através da devolução da responsabilidade da política agrícola aos Estados-membros é discutida e promovida desde há mais de 20 anos. É um facto que uma parte significativa da responsabilidade do processo de decisão da PAC já foi entregue aos Estados-membros. Segundo Burrell (2009), além da renacionalização do aspecto financeiro da PAC, que é o que tem levantado maior oposição da parte de alguns Estados-membros, outro argumento de oposição prende-se com o potencial risco de a aplicação das medidas que promovem o bem comum, como as ambientais, vir a perder lugar no âmbito da PAC, uma vez que os Estados-membros pretenderão manter baixos os custos dos seus agricultores.

A transferência das decisões da política agrícola para o nível nacional poderá, entre outras coisas, e apesar de a distância (geográfica, cultural e política) entre o centro decisor e os meios rurais continuar a existir, contribuir potencialmente para uma maior adequação entre as decisões feitas a montante (governo central do Estado) e as condições existentes a jusante (zonas rurais do mesmo Estado). Ainda assim, atenção deve ser dada à forma como essas decisões se adaptam e influenciam a realidade local. Cada vez mais vozes reclamam a adequação das medidas agroambientais às particularidades de cada situação geográfica (económica, social e cultural), e a

integração da perspectiva dos agricultores. Sendo hoje a sobreposição de direitos de propriedade resultante do controlo exercido pelas políticas europeias sobre os usos e práticas em zonas rurais um dado adquirido, há que salvaguardar as comunidades ao longo do processo:

The rural environment in Europe is a ‘lived-in’ environment for the vast, non-agricultural, majority of the population that is a product of particular agricultural production systems. Landscapes and habitats have coevolved with agricultural systems and the communities that have depended on them. Maintaining the flow of amenity benefits will require payments to agriculture in order to maintain the particular processes that support the environmental quality (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003, pp. 137-138).

Apesar do interesse demonstrado e da atenção dada às políticas agroambientais, os gastos da PAC nestas questões representam apenas 5% do total, sendo que 90% dos apoios continuam ligados de alguma forma à produção (Latacz-Lohmann & Hodge, 2003). De acordo com Burrell (2009), a continuação da tendência da PAC para se afastar dos apoios ao rendimento, em prol de medidas que visam a provisão de bens públicos e o desenvolvimento rural, poderá vir a ser travada, entre outras coisas, pela diminuição gradual dos recursos orçamentais. Assim, face a uma redução do orçamento, é expectável que comece a haver resistência de alguns Estados-membros em investir no segundo pilar. Nesse sentido outras formas de favorecer a componente do desenvolvimento rural deverão surgir, provavelmente com origem nos orçamentos nacionais (Burrell, 2009). Para Erjavec et al. (2015), a questão parte logo da própria estruturação da política em pilares. Dado que os problemas dos Estados-membros não são compartimentalizados, não se encontrando ligados a apenas um dos dois pilares, os autores defendem a sua integração numa só política, mais focada e orientada para a resolução de problemas concretos.

As ideias estão lançadas e, pelo menos ao nível da academia, parece existir algum consenso no que respeita ao futuro da PAC, tendo em conta a sua história e as condicionantes actuais. As necessidades e as falhas estão bem identificadas, assim como os potenciais obstáculos à implementação de uma política comum no que se refere à agricultura e ao desenvolvimento rural. Ao mesmo tempo, o conhecimento das forças actantes ao nível das instituições da PAC, e dos efeitos dessa dinâmica sobre o desenvolvimento das políticas, está hoje generalizado, entre académicos, comentadores

oficiais das reformas da PAC, organizações ambientalistas, e outros actores. Hart (2014) reconhece um padrão na história da inovação da PAC, em que as propostas feitas pelas comissões são inicialmente aceites numa versão muito diluída, que vem a ser reforçada em reformas posteriores. “Perhaps greening will follow this path in the future” (p. 19). E acrescenta: “But it could also be a fruitless path if there are real limitations to what can be achieved through greening direct payments in Pillar 1” (p. 19).

Especificamente no que respeita ao desenvolvimento rural (e.g. medidas agroambientais, fomento de produção multisectorial, focada no aproveitamento da procura cada vez maior de produtos de qualidade, turismo, etc.), o futuro da PAC dependerá cada vez mais da vontade dos Estados-membros e da sua capacidade de atender às especificidades das suas zonas rurais, assim como do interesse e dinâmica demonstrados, tanto pelos produtores, como pelos consumidores dos produtos desse desenvolvimento rural. Actualmente já existem medidas que atendem à diversidade existente, não impondo uma única receita ao “meio rural”. As Intervenções Territoriais Integradas, como veremos mais à frente, são um exemplo disso, ao estabelecerem os objectivos atendendo às características de cada local, e a metodologia de acordo com os agentes existentes no terreno. Por outro lado, são, como aconteceu em alguns locais, descontinuadas caso a implementação não seja bem-sucedida.

Comunidades rurais como as que constituem o PNPG encontram-se hoje dependentes de subsídios para manter a actividade agropecuária, aos quais conseguem aceder graças à área do baldio. Além disso, recebem apoios para manter a paisagem e o património cultural edificado. Ou seja, o caminho que se venha a definir para a PAC, nomeadamente no que respeita à preponderância e interacção entre os dois pilares, determinadas em grande medida pelo balanço dos interesses e forças actantes, será determinante para o futuro destas regiões.

2.7. As políticas de Ambiente e a Conservação da Natureza

Até aqui, vimos a influência que a instituição da PAC exerceu (e exerce) sobre as zonas rurais da Europa, e particularmente de Portugal. Na verdade, a adesão à UE teve outros impactos sobre as áreas rurais, que não os directamente infligidos pela PAC. No que diz respeito às questões ambientais e sua institucionalização no quadro legislativo português, a influência da Europa foi decisiva. Inicialmente Portugal não acompanhou a consciência ambiental europeia que veio a ganhar força no decurso do

século XX, sobretudo como resposta aos efeitos do desenvolvimento industrial e ao uso excessivo e desregulado da energia nuclear e petrolífera, de que decorreram autênticas crises ambientais (e.g. marés negras, poluição atmosférica e da água, explosões destrutivas com origem nuclear) (Schmidt, 2008a,b; Soromenho-Marques, 2005).

As primeiras iniciativas em prol da conservação da natureza e salvaguarda dos recursos aconteceram na Inglaterra no século XIX, com o objectivo principal de regular os problemas de saúde que derivavam do excesso de fumo causado pela combustão de carvão para fins industriais (Schmidt, 2008a). As iniciativas seguintes, já na segunda metade do século, procuravam de forma mais objectiva a protecção da natureza, através da implementação de medidas para a conservação de espécies de aves e de espaços considerados “naturais”. Pretendia-se sobretudo travar a expansão urbana para o campo. Mais ou menos na mesma altura, surgiram nos Estados Unidos movimentos conservacionistas, que levaram, entre outras coisas, à criação em 1872 do primeiro Parque Nacional, o Parque de Yellowstone. Em 1892 surgiu nos EUA o grupo *Sierra Club*, com o principal objectivo de proteger as florestas e outros recursos naturais na serra da Califórnia. Posteriormente, em 1909, teve lugar em Paris o primeiro congresso internacional para a protecção da natureza. Em paralelo, a tradição colonialista lançaria as raízes para a criação dos primeiros Parques nas colónias africanas com o principal objectivo de proteger a fauna local, processo no qual Portugal também viria a ter um papel (Schmidt, 2008a).

Portanto, as primeiras expressões de consciência ambiental surgiram de uma tradição marcadamente conservacionista, que visava a conservação dos recursos naturais ou a protecção da natureza pela sua mera existência (Cabral, 1980; Pinto & Partidário, 2012). Contudo, ainda no século XIX, outras preocupações com origem mais humanista surgiram, particularmente face às condições de trabalho que se praticavam em determinadas indústrias, caracterizadas por altos níveis de insalubridade ou pelo manuseamento de produtos perigosos (e.g. rádio, chumbo) que punham em causa a saúde e mesmo a vida dos trabalhadores. Mas não foi este anseio de carácter humanista, nem as iniciativas de foro conservacionista, que impeliram o desenvolvimento de uma cultura de protecção da natureza e dos recursos. De acordo com Schmidt (2008a), foi a introdução, no período após a Segunda Guerra Mundial, de depoimentos científicos no discurso político, relacionados com eventos reais cada vez mais visíveis (e.g. desigualdade na distribuição de alimento a nível mundial) e postos a claro pela acção de

organizações mundiais como a ONU, a FAO e a UNESCO. Na década de 1960, no decorrer da Conferência Intergovernamental sobre o Uso e a Conservação da Biosfera (UNESCO, 1968), surgiu o primeiro debate sobre sustentabilidade (Freitas & Martins, 2012). Paralelamente, na esteira da explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, a ampliação dos arsenais nucleares no pós-guerra causou uma onda de reacções contra o uso da energia nuclear, exigindo o desarmamento. Como diz Schmidt (2008a, p. 4),

Embora a pré-história das questões ambientais tenha na sua génese raízes importantes sobretudo nos movimentos de conservação da natureza, que já vêm do século XIX e que vão perdurar sempre e até reforçar-se, o pós-guerra – com a fundação da ONU e sequentemente da FAO e da UNESCO – foi uma época crucial para preparar aquelas que viriam a constituir as primeiras questões ambientais na sua vertente mais global.

O desenvolvimento da questão ambiental viria a ser moldado por três ordens de problemas dominantes que marcaram a génese das tradições ambientais, designadamente a conservacionista, lidando com a velha questão da natureza selvagem, a fome e a demografia, e por fim, o nuclear. O conjunto destas três grandes questões, e não a sua substituição entre si (Pinto & Partidário, 2012), virá a dar origem, nos anos 70, ao ambientalismo moderno (Schmidt, 2008a). Em 1972, o Clube de Roma divulgou o estudo “Limites do Crescimento”, alertando para a sobrepopulação, num contexto de crescimento demográfico e de recursos limitados. Ao mesmo tempo, foi publicada a Declaração de Estocolmo formulada na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (1972), reconhecendo a necessidade de um ambiente saudável para assegurar o bem-estar humano (Freitas & Martins, 2012). Em 1975, a Carta de Belgrado estabeleceu que “o objectivo da educação ambiental deve ser o de criar condições para que a população mundial se preocupe com o ambiente, e assuma o conhecimento e o compromisso de trabalhar para solucionar os problemas actuais e prevenir os vindouros” (Borrego, 2010), voltando a sublinhar a importância da sustentabilidade.

2.7.1. Contextualização social e política da estratégia ambiental em Portugal

Em plena década de 1960, ao mesmo tempo que o Clube de Roma dava a conhecer os limites dos recursos e do crescimento populacional e as primeiras marés negras abalavam a população do ocidente, Portugal assumia-se como uma espécie de museu rural da Europa. O país vivia num alheamento apenas interrompido pelas vozes

críticas de intelectuais vindos de meios particulares e minoritários (Schmidt, 2008b). De facto, as condições em Portugal, do ponto de vista económico, social e ecológico, eram muitos diferentes das dos restantes países europeus. Luísa Schmidt sumariza da seguinte maneira as circunstâncias em que se encontrava o país, aquando das primeiras dinâmizações ambientais na Europa,

(...) a predominância de um modelo de sociedade tenazmente rural centrada em valores tradicionais; um movimento de industrialização tardio e incipiente; mas também um repentino processo de urbanização e suburbanização provocado pelo êxodo rural, com o correspondente despovoamento do interior, agravado pela intensidade do fluxo emigratório para a Europa (Schmidt, 2008b, p. 286).

O atraso do tecido industrial aliava-se à fragilidade da sua estrutura, que resultava da sua reduzida escala e determinava enormes custos geoestratégicos, limitando a competitividade do sector. Ainda assim, deu-se um arranque industrial, que na prática consistiu na instalação de grandes unidades, extremamente poluentes, em locais estratégicos do litoral ou dos estuários (Schmidt, 2008b).

Ao mesmo tempo, decorria a guerra colonial e a migração da população rural para as cidades, portuguesas ou de outros países da Europa. As aplicações imobiliárias das remessas dos emigrantes e a instalação da onda de migrantes internos nas grandes cidades provocaram uma ocupação desregrada de espaços rurais e suburbanos, contribuindo enormemente para o desordenamento do território. Assim, aquando das primeiras iniciativas de índole ambiental nos restantes países da Europa, o meio rural português encontrava-se já desagregado e afectado pelos vários factores referidos. Este cenário afectava a receptividade pública face aos problemas e políticas ambientais, cujo perfil se encontrava fortemente condicionado pelo estado político, social e económico do país (Schmidt, 2008b).

Assim, enquanto os países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, no período pós-guerra se encontravam em franca recuperação da devastação causada, Portugal permanecia sem grandes mudanças sociais ou económicas a assinalar. A ajuda do plano Marshall na reconstrução dos países envolvidos na guerra em muito contribuiu para o salto sem precedentes no desenvolvimento, o qual foi, em grande parte, responsável pela variedade de problemas ambientais que se seguiram. Em Portugal, as consequências desse desenvolvimento não foram sentidas (assim como também não foi sentido o desenvolvimento). No final dos anos 60, o país tinha ainda cerca de 40% da

população activa no sector primário. Desta forma, Portugal não demonstrava o mesmo grau de problemas de sobreconstrução e os efeitos do uso de combustíveis fósseis na produção industrial (e.g. *smog*) ou de outras fontes de energia (e.g. nuclear) (Schmidt, 2008b). Ainda assim a questão nuclear deu mote ao estabelecimento de posições firmes no país. Em 1974, a declaração de um membro do governo provisório, apresentando a energia nuclear como um dos objectivos estratégicos nacionais, deu início a um combate cívico que viria a durar 10 anos e com momentos de atenção e mobilização públicas, como foi o caso da manifestação em Ferrel em 1975 (Soromenho-Marques, 2005).

Por outro lado, a gradual expansão urbana desenfreada e desordenada, sobretudo do litoral, afigurava-se um problema gradualmente real. Na verdade seria essa questão, com a consequente destruição da paisagem e dos recursos, e não aquelas relacionadas com o desenvolvimento industrial, que viria determinar o “acordar da sensibilidade ambiental” no país (Schmidt, 2008b). Contudo, os altos níveis de analfabetismo no país e a censura que se exercia sobre a expressão e manifestação popular e sobre os meios de comunicação social, não permitiam, por um lado, a divulgação dos desastres ecológicos que se passavam noutros locais e da reacção popular resultante, e por outro, reprimia essa reacção por cá, perante os desastres que já vinham acontecendo (Soromenho-Marques, 2005; Schmidt, 2008b). Gonçalo Ribeiro Telles, que ainda hoje mantém uma actividade vigorosa e assídua nas questões associadas ao ordenamento do território e ao ambiente, foi figura de destaque àquele tempo ao, em pleno ambiente de censura, denunciar os abusos da construção desordenada, que teriam estado na origem das destrutivas cheias de 1967 (Soromenho-Marques, 2005; Schmidt, 2008b). Acerca da mediatização das ocorrências e da filtragem da informação pelo Estado, diz Schmidt (2008b),

(...) Já as crises ambientais graves eram noticiadas: o *smog* em Londres nos anos 50, a maré negra do Torrey Canyon na Bretanha em 1967, a poluição dos rios Tamisa, Sena e Reno. Os desastres passavam na RTP, desde que fossem «lá fora» e sugerissem uma moralidade: talvez castigos a sociedades tão opulentamente industriais, urbanas, consumistas e... democráticas. «Cá dentro», a RTP mostrava um país são e a salvo dessas desgraças do «progresso». O panorama rural aparecia na televisão como factor positivo, sintoma da harmonia e boa qualidade natural e moral do País (Schmidt, 2008b, 287).

A cegueira provocada pelos meios de comunicação, controlados pelo Estado, e ao mesmo tempo a censura, levaram a que, apesar da intervenção importantíssima de Ribeiro Telles que veio pôr a claro até certo ponto as responsabilidades do Estado, eventos como as grandes cheias de 1967, as marés negras de Leixões em 1975 e os incêndios florestais do mesmo ano, não fossem encarados com preocupação ambiental:

As cheias eram uma desgraça, sim, mas «natural» – o que as causara era a «chuva» e não o desordenamento; tal como o que provocava os incêndios era o «fogo», e não o tipo de florestas. Os derrames aconteciam por causa do «temporal», e não da economia dos hidrocarbonetos (Schmidt, 2008b, p. 288).

2.7.2. A institucionalização do ambiente como problema

Apesar de a integração das preocupações ambientais na legislação nacional ter vindo a acontecer sobretudo como resultado da integração de Portugal na CEE, não é de negligenciar algumas iniciativas que decorreram anteriormente a nível nacional. Designadamente, em 1939 Francisco Flores redigiu um trabalho pioneiro sobre a “protecção da natureza”, publicado posteriormente na *Revista Agronómica*, referindo-se às várias doutrinas e políticas que vigoravam à escala internacional (Soromenho-Marques, 2007). Ao mesmo tempo, o já mencionado Plano de Povoamento Florestal denotava algumas preocupações ambientais, particularmente relacionadas com a erosão dos topos das serras e das margens dos rios. A criação da Liga para a Protecção da Natureza em 1948, a primeira das associações com fins conservacionistas, que viriam a ser designadas como Organizações Não Governamentais, a ser criada em Portugal, vem completar o leque de iniciativas proambientais registadas no país até à integração europeia. Esta organização, liderada por alguns dos maiores cientistas a nível nacional, tais como o seu primeiro presidente Baeta Neves, veio a produzir inúmeras pesquisas, assim como os primeiros inventários do património natural, os quais vieram a ter um papel determinante na estratégia nacional de conservação da natureza. Inclusivamente, como se verá mais à frente, os inventários efectuados vieram a fornecer dados fundamentais para a criação de muitas das actuais áreas protegidas (Schmidt, 2011b; Freitas & Martins, 2012). Não negligenciando o valor do trabalho e influência de organizações como a LPN, Soromenho-Marques (2005), pretendendo justificar a falta de arranque de um movimento ambiental nacional, aponta para a falta de coesão entre as várias iniciativas que resultaria num “ (...) estilo de intervenção do movimento ambientalista fortemente individualista, fragmentar e desconexo, que dificilmente sabia

capitalizar os grandes investimentos de energia e generosidade cívicas envolvidos nas grandes lutas desses anos aurorais (...) ” (p. 8).

Contudo, como já foi referido, foram os acontecimentos internacionais que tiveram um papel determinante na definição da estratégia nacional para o ambiente. Em 1970 decorreu o Ano Europeu para a Conservação da Natureza, que culminou com a publicação em Portugal da primeira legislação sobre a “protecção da natureza e dos seus recursos”, a Lei 9/70 (Schmidt, 2008b; Freitas & Martins, 2012; Pinto & Partidário, 2012). Este diploma viria a dar origem, no ano seguinte, ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, a primeira área protegida a ser criada a nível nacional.

2.7.3. *Áreas protegidas em Portugal*

De facto, as primeiras áreas protegidas em Portugal seguiriam uma linha conservacionista, visando sobretudo a protecção dos “ambientes naturais” em detrimento dos usos das populações humanas. Pinto & Partidário (2012) relaciona este posicionamento com o regime governativo e as instituições responsáveis pela gestão das áreas protegidas. Os conceitos e interesses das corporações representadas, designadamente a engenharia florestal e a arquitectura paisagista, viriam a criar duas frentes na forma de perspectivar a gestão das áreas protegidas. Segundo os autores, “the model for the Peneda-Gerês National Park [and for the forest services] was the American National Parks and (...) landscape architects had as initial model the German Natural Parks, which was later replaced by the French Regional Natural Parks” (Pinto & Partidário, 2012, p. 793). Se, numa primeira fase os engenheiros florestais mantiveram a dianteira, influenciando a forma como decorreu a criação e como viria a desenvolver-se a gestão do PNPG e de cinco reservas naturais entretanto criadas, mantendo uma linha conservacionista baseada na ideia de *wilderness*, com o fim da ditadura, a hegemonia do corpo florestal sobre as áreas protegidas ficou enfraquecida.

A categoria de Parque Nacional, tal como se encontra delineada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN),¹⁵ remete para a ideia de áreas naturais, terrestres ou marinhas, designadas para excluir qualquer tipo de exploração ou

¹⁵ A União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) foi fundada em 1948, como União Internacional para a Protecção da Natureza (UIPN), no decorrer de uma conferência internacional em Fontainebleau, França. A sua missão é influenciar, encorajar, e assistir, as sociedades de todo o mundo a conservar a integridade e diversidade da natureza e assegurar que qualquer uso dos recursos naturais seja feito de forma equitativa e ecologicamente sustentável. A UICN é uma União de membros composta por governos e organizações da sociedade civil que provém o conhecimento e ferramentas necessários para que o progresso humano, o desenvolvimento económico e a conservação da natureza possam ter lugar em conjunto (UICN, 2017). <https://www.iucn.org/about>

ocupação que seja considerada contrária aos propósitos de conservação. Outras linhas orientadoras da UICN para o estabelecimento de parques nacionais são a protecção da integridade ecológica de um ou mais ecossistemas para as gerações presentes e futuras, e a criação de oportunidades espirituais, científicas, educacionais, recreativas e de visitação, que deverão ser ambientalmente e culturalmente compatíveis (Lourenço & Quental, 2007).

Em Portugal, e particularmente na zona do PNPG, não existe uma área suficientemente grande e contínua (se é que existe alguma) de zonas não habitadas e pouco ou nada influenciadas pela actividade humana (questão aprofundada no capítulo III). Assim, a exclusão dos usos locais irá sempre pôr em causa as características que tornaram relevante a classificação do território, para além de princípios éticos fundamentais. Perante esta realidade, o conceito da UICN teve de ser adaptado em Portugal de forma a poder incluir as inevitáveis zonas habitadas, como se pode ver neste excerto da Lei nº 9/70,

Os parques nacionais (...) podem abranger as seguintes zonas de reserva: a) reservas integrais – áreas protegidas, onde se desenvolve o livre jogo dos factores ecológicos naturais sem qualquer intervenção exterior; b) reservas naturais - território destinado, mediante adequadas providências, à protecção e conservação da flora e da fauna naturais, bem como da paisagem; c) reservas da paisagem – espaços destinados à protecção e conservação dos locais e paisagens, assim como à protecção, consolidação, conservação e restauro de construções de interesse etnográfico ou técnico; e, d) reservas turísticas – zonas a desenvolver segundo as necessidades das populações e do turismo, em conformidade com os objectivos do Parque, e subordinadas a um ordenamento destinado a favorecer a sua unidade e conservação natural e a harmonia das construções (Base IV, Lei nº 9/70 de 19 de Junho de 1970).

Coincidindo com o fim da ditadura, a aplicação do conceito de Parque Nacional foi interrompida e gradualmente o modelo de conservação da natureza passou a basear-se na paisagem rural e nos traços culturais inevitavelmente inscritos nos seus contornos. Actualmente, de acordo com informação do ICNF, Parque Nacional é definido como “uma área que contenha maioritariamente amostras representativas de regiões naturais características, de paisagens naturais e humanizadas, de elementos de biodiversidade e de geossítios, com valor científico, ecológico ou educativo”. Como objectivos principais

para a sua criação tem-se “a protecção dos valores naturais existentes, conservando a integridade dos ecossistemas, tanto ao nível dos elementos constituintes como dos inerentes processos ecológicos, e a adopção de medidas compatíveis com os objectivos da sua classificação” (ICNF, 2018a).

A assunção de que a conservação dos recursos naturais pressupõe a alteração dos direitos de propriedade existentes sobre as terras aquando da definição do seu “interesse público” pelo Estado é controversa e, regra geral, geradora de conflitos.

2.7.3.1. Mudança de paradigma e de instituições na conservação. O fim da wilderness e da tutela dos Serviços Florestais

Logo após o final da ditadura, portanto já num ambiente democrático, é criado o Subsecretariado do Ambiente. Relacionado directamente com a gestão das áreas protegidas, surge em 1975 o Serviço Nacional de Parques, Reservas e do Património Paisagístico, ainda que as áreas protegidas criadas durante o Estado Novo se tivessem mantido sob a gestão dos Serviços Florestais. A manutenção de duas entidades diferentes para a gestão das áreas protegidas criou alguns conflitos institucionais. O novo serviço de Parques, embora constituído por uma equipa multidisciplinar, era liderado por arquitectos paisagistas que, como se viu, não partilhavam das ideias conservacionistas dos engenheiros florestais. O principal objectivo deste grupo foi, assim, o de aplicar na gestão das Áreas Protegidas o “modelo da paisagem” (*landscape model*), incompatível com a ideia de Parque Nacional introduzida e implementada com o PNPG.

Para isso, nova legislação foi publicada, criando novas modalidades de áreas protegidas de forma a integrar o novo paradigma baseado na protecção da paisagem rural e dos seus aspectos culturais. Concretamente, em 1976 foi publicado o Decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de Julho, que introduziu o conceito de Parque Natural, mais adequado à realidade do país, e dir-se-ia, da Europa em geral. Pode ler-se no documento, “a introdução neste decreto-lei da concepção europeia de Parque Natural vem de encontro às realidades geográficas e demográficas do País, cujas paisagens humanizadas resultam de uma intervenção por vezes milenária e praticamente estendida a todo o espaço físico do território”. Não obstante, manteve-se o conceito de Parque Nacional, pela simples razão de já existir o PNPG. Após a instituição das modalidades de Parque Natural e de Paisagem Protegida, inspiradas no modelo alemão, mais nenhum Parque Nacional foi

criado em Portugal (Portugal, 2002) e as áreas classificadas com características idênticas às do território do Parque Nacional foram definidas como Parques Naturais.

A escolha dos locais a proteger resultou em grande parte de um inventário desenvolvido pela LPN, denominado mesmo de “Primeiro Inventário das Áreas a Proteger em Portugal Continental”, baseado num trabalho de campo extenso, focando as características da fauna, flora, geológicas e da paisagem (Pinto & Partidário, 2012). Contudo, de acordo com o que mais tarde viria a ser o primeiro presidente da direção do Serviço de Parques, um estudo aprofundado e generalizado ao país teria sido essencial para uma escolha mais bem fundamentada das áreas a proteger. No entanto, diz a mesma fonte, tal processo iria atrasar fortemente a classificação das áreas e existiam recursos que necessitavam de intervenção urgente. Por outro lado, tratando-se de um serviço recente, e num contexto de falta de recursos e de apoio estatal, era premente apresentar trabalho para justificar a sua existência e evitar tentativas políticas de acabar com a entidade (Pinto & Partidário, 2012).

No início da década de 1980, as dificuldades financeiras e de logística mantiveram-se no interior do serviço de parques. Em 1983 o Serviço Nacional de Parques, Reservas e do Património Paisagístico foi substituído pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SPRCN). A alteração da denominação, retirando o património paisagístico para ser substituído por “conservação da natureza”, não foi casual. Estava subjacente não apenas uma alteração de política daquela entidade, mas também uma nova mudança de paradigma na gestão de áreas protegidas, que alteraria o modelo de paisagem, para um focado na conservação da natureza. Na prática a diferença na gestão, após aquela alteração institucional, não foi sentida, uma vez que a manutenção da paisagem rural tinha efeitos positivos sobre a conservação da natureza, sendo o mais provável ter-se mantido os dois objectivos de gestão, pelo menos até à implementação da Rede Natura em 2000 (Pinto & Partidário, 2012).

Por esta altura, Portugal aderiu à União Europeia e ao mesmo tempo verificou-se um acréscimo do apoio estatal à conservação da natureza. O Serviço de Parques foi abonado com um orçamento anual mais generoso e condizente com as responsabilidades que lhe estavam entregues e ao mesmo tempo desenvolveram-se vários projectos europeus visando a conservação da natureza e o desenvolvimento local. Estas novas condições levaram em 1985 a que o Decreto-Lei n.º 403/85, de 14 de Outubro, determinasse a passagem da gestão do PNPG para a tutela do SNPRCN, “pelo

que as competências atribuídas ao Ministério da Agricultura (...) são transferidas para o membro do Governo que tenha a seu cargo a área do ambiente”. Pôs-se assim fim à influência dos serviços florestais na gestão das áreas protegidas. Com o aumento do orçamento do SNPRCN, foi também possível mais do que triplicar a equipa do Serviço, entre 1985 e 1986. A aprovação da Lei de Bases do Ambiente em 1987 expandiu as competências do SNPRCN a diferentes campos de acção (floresta, caça, turismo, agricultura, etc.), criando o contexto para a criação da Rede Nacional de Áreas Protegidas. Segundo o presidente do SNPRCN (1987-1996), até então a criação e implementação de áreas protegidas tinha estado dificultada pela falta de orçamento e de pessoal, pelo que muitos dos parques e reservas criados pouco passavam do papel. Havia que criar serviços locais de gestão e apoio, para o que não existiam condições (Pinto & Partidário, 2012).

Por outro lado, esta foi uma altura em que as populações abrangidas pelos parques foram minimamente consideradas, procurando-se a sua integração, e das autarquias, nos processos de criação das áreas protegidas, em regra precedida de consultas e de sessões de informação com as comunidades, visando obter o apoio da população. Esta atenção tornou atraente para as localidades a classificação do seu território, verificando-se um aumento de pedidos de delimitação de áreas para conservação. As autarquias procuravam assim aceder aos benefícios que daí decorriam (e.g. aporte de pessoas e bens a regiões isoladas), uma vez que os prejuízos (e.g. privações, proibições, limitações aos usos e costumes) estavam a ser minimizados pela actuação do novo Serviço de Parques.

Muitos destes pedidos não encontravam base legal na legislação existente. Assim, em 1993 foi publicada nova legislação que previa já uma diversidade de possibilidades de áreas protegidas, para abranger as situações que se apresentavam. As áreas que viessem a ser classificadas viriam a ser integradas numa Rede Nacional de Áreas Protegidas que previa já as várias escalas: local, regional e nacional. A partir de então, os planos de gestão tornar-se-iam obrigatórios, questão que vinha sendo descurada, o que implicou que o período de demora médio desde a classificação da área até à aprovação do plano de ordenamento fosse de aproximadamente 20 anos (Pinto & Partidário, 2012). Embora a maior parte das áreas protegidas tenha sido iniciativa do Estado, o início da década de 1990 ficou marcado pelo aumento do número de áreas privadas classificadas.

Após a entrada em vigor da nova legislação, o Serviço de Parques e Reservas foi substituído pelo Instituto de Conservação da Natureza (ICN) na gestão das áreas protegidas com interesse nacional. A sua orgânica seria estabelecida através do Decreto-Lei n.º 93/193, de 24 de Maio.

2.7.3.2. Novo paradigma: o conceito de biodiversidade

Com a inclusão de várias áreas do país na Lista Nacional de Sítios Protegidos para a Rede Europeia de Áreas Protegidas, mais conhecida por Rede Natura 2000, em Portugal dá-se novamente uma mudança do paradigma que subjaz à gestão das AP. Se até então a definição dos locais a proteger seguia uma lógica algo oportunista, a partir daqui, é a conservação da biodiversidade que vai guiar a estratégia de intervenção do Estado na protecção dos recursos naturais. Contudo, a Rede Natura vem introduzir outra forma mais sistemática de intervenção e de classificação de AP. Pinto & Partidário (2012) defende que esta mudança de critério está relacionada com o próprio conceito de biodiversidade, que se prende com a noção de representatividade. Se até aí se priorizava a conservação de determinados recursos ou determinados “equilíbrios” sistémicos, pela sua importância na dinâmica do sistema ou pelo seu carácter de excepção, a Rede Natura introduz outra forma de perspectivar a conservação, procurando sobretudo manter um determinado nível de representatividade das espécies. Como resultado desta alteração, a proporção da superfície terrestre classificada em Portugal aumentou drasticamente, de 7,5% para 21,4%. Aqui a pressão e a capacidade de afirmação das ONG e da academia tiveram um papel importante. Para estas entidades, a área inicialmente proposta (cerca de 12%) era insuficiente. Assim, usando de pressão político-institucional, orquestrou-se uma espécie de troca de benefícios/prejuízos que envolveu a apresentação de uma queixa à Comissão Europeia pelos efeitos perniciosos que se previam com a construção da Ponte Vasco da Gama no estuário do Tejo, conseguindo-se assim o alargamento da Rede Natura. De acordo com um antigo vice-presidente do ICN, dentro da própria instituição existiu alguma discussão sobre a melhor estratégia de delinear as áreas a proteger, sendo que o modelo da “conservação da biodiversidade” foi ganhando força até que se assumiu como o modelo a seguir (Pinto & Partidário, 2012). Hoje o Sistema Nacional de Áreas Classificadas é composto pela Rede Nacional de Áreas Protegidas, pela Rede Natura e restantes áreas classificadas por compromissos internacionais (Fonseca & Pereira, 2013).

Ao mesmo tempo que a área classificada sob a tutela do ICN aumentava, tornavam-se evidentes as dificuldades financeiras do Instituto, indiciadas por exemplo pelo corte de pessoal entre 2002 e 2008. Simultaneamente, tornava-se incontornável a gradual perda de estatuto da instituição. Neste contexto, em 2007 o ICN sofreu uma reestruturação profunda (DL n.º 7/2012, de 17 de Janeiro), alterando-se novamente o nome, agora para Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB). O principal objectivo da reestruturação era precisamente adaptar o instituto às novas competências associadas à preservação da biodiversidade, alterando também o esquema de gestão das AP. Doravante, todas as AP de uma região passam a ser geridas por um mesmo departamento, liderado por um único director. Acabava-se assim com a figura de director do Parque, afastando a gestão para a sede da região. Já como ICNB, o instituto estatal atingiu algumas metas, como a finalização dos Planos de Ordenamento de todas as AP e a elaboração do Plano de Ordenamento da Rede Natura, gerida também por si.

Em 2012, é criado o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), através da fusão entre o ICNB e a Autoridade Florestal Nacional (DL n.º 7/2012, de 17 de Janeiro que aprovou a lei orgânica do Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território), acção integrada no Plano de Redução e Melhoria da Administração Central. A partir daqui, caberiam ao ICNF as funções de autoridade nacional para a conservação da natureza e da biodiversidade e de autoridade florestal nacional, com competências de gestão, incluindo planeamento, monitorização, licenciamento e fiscalização, em todo o território nacional. Entre os propósitos da criação do Instituto, destaca-se a convergência de objectivos de conservação da natureza e de desenvolvimento sustentável e o envolvimento dos actores locais nas actividades que sejam objectivo das Áreas Protegidas. Como é referido no Plano de Actividades do ICNF para 2013,

As políticas de conservação da natureza, biodiversidade e florestas têm um amplo espaço de intersecção, beneficiando de uma atuação conjunta, concertada e equilibrada, que contribui não só para a manutenção da integridade dos ecossistemas mas também para um novo patamar potenciador do desenvolvimento económico e social, ambientalmente sustentável (...) procurando incrementar e consolidar um maior envolvimento dos atores do

desenvolvimento territorial nas medidas e ações de conservação da natureza e de gestão da floresta.

A partir de então, a Rede Nacional de Áreas Protegidas, a Rede Natura, e ainda os espaços e matas florestais, passaram a ser responsabilidade do ICNF (Deliberação n.º 1597/2013 de 21 de Agosto), nomeadamente dos directores dos serviços territorialmente desconcentrados do ICNF.

CAPÍTULO II – O CASO EM ESTUDO: O PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS

1. A criação do Parque Nacional

Do ponto de vista legislativo e institucional, o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) foi instituído através do Decreto-Lei n.º 187/71 de 8 de Maio, um ano depois da entrada em vigor da Lei n.º 9/70, de 19 de Junho, que regula a criação de áreas protegidas no país. Hoje, o PNPG constitui a única área protegida a nível nacional que entra na categoria de Parque Nacional da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). De acordo com o Decreto-Lei que o instituiu, o Parque Nacional foi criado com o objectivo de realizar naquela “vasta região montanhosa” um “planeamento científico a longo prazo, valorizando o homem e os recursos naturais existentes, tendo em vista finalidades educativas, turísticas e científicas” e de possibilitar “a conservação do solo, da água, da flora, da fauna e da paisagem, abrindo-a às vastas possibilidades do turismo, mas mantendo uma rede de reservas ecológicas de alto interesse científico, tanto nacional como internacional”.

Após a sua classificação, a totalidade do território que o compõe passou a ser considerada como de utilidade pública, e como tal, as várias áreas que vieram a compor o Parque Nacional passaram na sua totalidade a estar submetidas ao Regime Florestal obrigatório, detivessem ou não revestimento florestal. De facto, como se lê no Decreto-Lei, grande parte, ou a quase totalidade, do território classificado encontrava-se já submetida a Regime Florestal pelos Serviços Florestais, como resultado da implementação do Plano de Povoamento Florestal, e da anterior delimitação do Perímetro Florestal da Serra do Gerês. Contudo, como refere Macedo (1987 cit. por Portugal, 2002, p. 51), “a necessidade de dar ao Parque Nacional da Peneda-Gerês a ampla dimensão exigida para um possível reconhecimento pela IUCN, só poderia resolver-se incluindo naquele, territórios habitados”. A sua criação ficou, assim, marcada pela contestação abafada das populações locais, tanto quanto pela indiferença das elites nacionais (Castro Caldas, 1991, cit. por Schmidt 2008b).

Apesar de estar prevista no Decreto-Lei n.º 550/75, de 30 de Setembro, que criou o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, a passagem da tutela do Parque Nacional para esse serviço, no Decreto-Lei n.º 519/C79, de 28 de Dezembro, assume-se que

(...) as actuais condições de funcionamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês e a urgência da sua estruturação e valorização não permitem de imediato encarar o problema da sua integração no Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, criado pelo Decreto-Lei 550/75.

Desta maneira, “o PNPG fica na dependência directa do Ministro da Agricultura e Pescas” (Decreto-Lei nº 519/C79).

O ambiente social, económico e político que acompanhou a criação do único Parque Nacional do país (e primeira área protegida), determinou, até certo ponto, a forma como esta fatia do território vem sendo gerida. Parte-se aqui do pressuposto de que ambas as questões, criação e gestão do PN, têm, e tiveram, um papel preponderante nos aspectos que se encontram sob o foco desta tese, designadamente no que se refere à relação entre os serviços do Estado e as comunidades locais, e à relação entre o Estado e os baldios.

Como vimos, desde a sua criação o PNPG foi tutelado por diferentes entidades. Começou por estar enquadrado no ministério da Agricultura, passando mais tarde para a tutela da Secretaria de Estado do Ambiente e do recém-criado Serviço Nacional de Parques e Reservas e Património Paisagístico. A reestruturação do ICN (Decreto-Lei n.º 136/2007), que levou à extinção da figura de director do Parque Nacional, pôs em causa a gestão de proximidade que até aí, mal ou bem, se praticava. Na mesma linha, se desde 2002, após décadas de envolvimento apenas consultivo, os autarcas dos municípios integrados no Parque detinham algum poder sobre a sua gestão como resultado da entrada em vigor do Decreto-lei n.º 221/2002, de 22 de Outubro (que alterou o anterior DL n.º 193/93),¹⁶ a reforma do ICN veio extinguir a comissão directiva, ou seja, o órgão deliberativo onde se encontravam representadas as câmaras municipais com jurisdição na área dos Parques.

¹⁶ Lê-se no Decreto-Lei n.º 221/2002: “ (...) em obediência ao princípio da descentralização administrativa, importa desenvolver o regime contido no artigo 26.º, n.º 2, alínea f), da Lei n.º 159/99, de 14 de Setembro, que em matéria de atribuições e competências a transferir para as autarquias locais impõe a participação dos órgãos municipais na gestão das áreas protegidas de interesse regional e nacional por forma a torná-la efectiva”. Mais à frente, a descentralização vai mais longe, justificando inclusivamente “ (...) reforçar as competências do conselho consultivo, órgão no qual se encontram representadas as autarquias locais interessadas, estabelecendo-se a obrigatoriedade de eleição do seu presidente de entre os representantes designados pelas câmaras municipais e fazendo depender a concessão de autorização para a prática de certos actos ou actividades condicionadas, a definir no plano de ordenamento da área protegida, de parecer prévio favorável deste órgão”.

Segundo o ministro do ambiente na altura, Nunes Correia, citado numa notícia divulgada pelo *Diário de Notícias* (Carvalho, 2007, 24 de Março), “o que está em causa é a separação de poderes” considerando que “é importante a separação de funções da administração local e central. Quando se cruzam dá mau resultado”. A operacionalização das autarquias no terreno dentro das áreas protegidas passaria desde então a circunscrever-se a contratualizações com o Estado, e a sua participação voltaria a ser apenas consultiva. Daí para a frente, a gestão do PNPG passaria a estar a cargo do Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Norte, em conjunto com a gestão das restantes áreas protegidas de interesse nacional localizadas na zona norte, designadamente os Parques Naturais de Montesinho, Litoral Norte, Douro Internacional e Alvão, como estabelecido no Decreto-Lei nº 136/2007.

Neste novo quadro legal, em que se pretendia uma afirmação activa da política ambiental portuguesa e a criação de novas condições de gestão, ficámos surpreendidos porque as especificidades territoriais parecem perder vantagem para uma lógica geral, com importantes repercussões nos diversos elementos caracterizadores deste património natural e nas identidades e particularidades de uma humanização histórica (R. Silva, 2011, p. 165).

De facto, a gestão do Parque Nacional tem ficado aquém das expectativas nos seus objectivos de contribuir para o desenvolvimento local das populações, para o desenvolvimento científico e para a conservação dos recursos naturais. As críticas têm origens diversas, envolvendo comunidades, autarcas, académicos, cientistas e políticos. O processo tortuoso que precedeu o estabelecimento de um plano de gestão para o Parque, o designado Plano de Ordenamento, espelha até certo ponto a forma como, ao longo dos anos, a gestão do PNPG foi encarada.

Apesar da vontade expressa de pôr em prática as medidas de conservação da natureza através da instituição da primeira área protegida,¹⁷ e embora no artigo 2º do Decreto-Lei de 1971 se lesse que o Plano Director do Parque viria brevemente a definir as áreas destinadas a cada fim, só em 1995 foi aprovado pelo Governo o primeiro plano de ordenamento do PNPG. Na prática, em 1972, ainda dentro do prazo legalmente estipulado para a sua elaboração, foi criado o Plano Director do PNPG, satisfazendo a

¹⁷ Seguida no mesmo ano pela instituição da Reserva da Arrábida (que em 1976 passa a Parque Natural), Parque Natural da Serra da Estrela (1976), e por aí adiante até às 32 existentes actualmente, dispersas pelos quatro cantos do país. Para mais informações sobre a rede nacional de áreas protegidas, consultar: <http://www.icnf.pt/portal/ap/resource/doc/ap-rnap-10agosto2017.pdf>.

exigência constante no Decreto que institui o Parque Nacional. Contudo, o decreto que viria a conferir-lhe dimensão legal nunca chegou a ser publicado, pelo que o Plano nunca entrou em vigor. Esse facto não invalidou que uma série de actividades fossem restringidas dentro do território delimitado, de acordo com o previsto no Decreto 187/71, e tão-pouco impediu que o Plano fosse utilizado internamente para orientação da gestão pelos órgãos directivos da área protegida (Portugal, 2002).

De acordo com R. Silva (2011), esse Plano estabelecia a organização do Parque, dividindo-o em zona de protecção integral e zona de pré-parque, princípio já presente de certa forma no Decreto-Lei n.º 187/71. Porém esse zonamento só viria a ter aplicação concreta em 1979, com a publicação do Decreto-Lei n.º 519/C79, de 28 de Dezembro, que estabeleceu os limites daquelas zonas e decretou a reestruturação orgânica dos serviços do Parque Nacional. Em 1986, foi concluído o estudo prévio, desenvolvido por um grupo que reunia elementos dos serviços centrais do Serviço Nacional de Parques e Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), dos serviços afectos directamente à gestão do PN e da Comissão da Coordenação da Região Norte. Contudo, apenas em 1991 ficou concluído o Plano de Ordenamento referente à Área de Ambiente Natural, que correspondia a cerca de um terço da área total da área protegida (correspondente à área de *Parque* ou de *Protecção Integral* descrita no estudo prévio e no Plano Director de 1971). Este documento foi elaborado sob a pressão da Liga para a Protecção da Natureza (LPN) e do Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais, que reclamavam a elaboração obrigatória de um Plano de Ordenamento para o Parque Nacional.

Segundo Portugal (2002), a LPN apresentou um relatório sobre o PNPG ao Governo Português e à UICN, em que sugeria, por um lado, a suspensão temporária do reconhecimento internacional do PN, e por outro a aprovação do Plano de Ordenamento em Conselho de Ministros, como condição para pôr termo àquela suspensão. Ainda assim, e apesar da aprovação das autarquias, a execução do Plano não foi viabilizada no período de vigência previsto (1992/1996). Será, por fim, em 1995, já ao abrigo de um novo enquadramento legal (DL n.º 19/93, de 23 de Janeiro), que o Plano de Ordenamento do PNPG (POPNG) será ratificado por Resolução do Conselho de Ministros. Para a elaboração e aprovação final do POPNG contribuíram a intensa actividade legislativa que se registou nesse ano (a concretização dos planos regionais e municipais de ordenamento do território, a alteração da legislação da Reserva Ecológica

Nacional, a definição global de Planos Especiais, etc.), e a implementação dos Planos Directores Municipais dos concelhos abrangidos pelo Parque Nacional.

O POPNPG manteve a compartimentação prevista da área do Parque, embora alterando a denominação. A prevista zona de protecção integral passa a área de ambiente natural, e a zona de pré-parque a área de ambiente rural, correspondendo esta última à “parte do Parque Nacional habitada e explorada pelo homem, funcionando como zona tampão em relação à primeira e constituída por espaços de protecção paisagística e espaços de turismo onde seriam permitidas actividades ligadas ao recreio e desenvolvimento socioeconómico” (Portugal, 2002, p. 55). Contudo, como sublinha Portugal (2002), “na prática aquela dicotomia do espaço, sem ou com interferência do homem não existe, porque a influência deste faz-se sentir em todo o território, embora com registos diferentes” (p. 55). Não obstante, 22 000 hectares do território do Parque foram incluídos na Área de Ambiente Natural, e 50 000 hectares na Área de Ambiente Rural, definindo os zonamentos entre a máxima e a mínima protecção.

Dentro da área de ambiente rural, que abrange todos os aglomerados localizados na auréola do PNPg, foram definidas zonas agrícolas, florestais, silvoagropastoris e de protecção aos recursos e sistemas naturais. Esta área está sujeita a um plano de zonamento que deverá estar em consonância com os Planos Directores Municipais. A área de ambiente natural, por sua vez, engloba diferentes zonas, consoante o nível de protecção requerido e o nível de condicionamento imposto, designadamente, uma zona de protecção total, outra de protecção parcial, e uma terceira de protecção complementar, que estabelece a ligação com a área de ambiente rural), atendendo à percebida maior ou menor excepção dos sistemas ali representados (ver mapa do Parque no Anexo II).

Passaram-se, portanto, 24 anos desde que o Plano de Ordenamento foi previsto até ter sido implementado oficialmente. Tal não impediu, que existissem linhas gerais e específicas de uso do território assumidas internamente e impostas às populações, sem contudo existir um plano de base aprovado que justificasse o modo de gestão, tornando esta algo arbitrária e, logo, contestável pela população. Por fim, a desejada criação e instrumentação do POPNPG coincide com um período em que, como se viu, as entidades responsáveis pela gestão do Parque sofriam já dificuldades financeiras, pelo que a gestão, embora hoje com ferramentas para ser mais transparente e objectiva, não

tem um quadro de pessoal nem instrumentos (e.g., monitorização, fiscalização, apoio local) que possibilitem a concretização de uma gestão adequada.

Ainda assim, em 1997 o Parque foi incluído na Rede Natura 2000, e foi também criado o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurê. Em 2009, foi declarada pela UNESCO a Reserva da Biosfera Gerês-Xurê, compreendendo a área destes dois parques (ICNF, 2018a),¹⁸ e em 2008 o PNPG foi integrado na rede de *Pan Parks*. Com as recentes (re)classificações do território do PNPG, verifica-se a densificação do tecido institucional vigente naquele território. A inevitável complexificação institucional a que se assiste no Parque, ao mesmo tempo que lhe é dotado um fraco orçamento anual, torna um pouco obscuros os possíveis objectivos da tutela para a área do Parque.

O POPNPG deveria vigorar por 10 anos, após o que sofreria um processo de revisão que contava com a monitorização contínua ao longo desse período. A responsabilidade de monitorização do plano ficou atribuída a uma equipa técnica do ICN; contudo, esta determinação nunca foi posta em prática. Desta maneira, quando chegou a altura prevista para a revisão do POPNP-G (2005), a informação sobre o que deveria ser rectificado ou actualizado, não se encontrava sistematizada (Portugal, 2002). A revisão do plano de ordenamento foi finalmente aprovada em 2011 (Silva, 2011).

Para além dos referidos atrasos na criação e legalização de um plano de ordenamento do Parque, e da sua posterior monitorização e revisão, Silva (2011) identifica alguns factores determinantes da deficiência da gestão do PNP-G, designadamente a contínua ausência de estratégia a curto e a médio prazo, associada à excessiva burocracia e a uma frequente mudança dos responsáveis da direcção. Esta situação tem inviabilizado a concretização das políticas estabelecidas, por muito bem intencionadas que fossem na sua génese. Por outro lado, o não envolvimento das comunidades locais na gestão das áreas protegidas ou, no fundo, a centralização da sua gestão, tem sido igualmente associada às dificuldades verificadas no Parque Nacional.

¹⁸ De acordo com o Plano de Acção da Reserva da Biosfera Gerês-Xurê para 2015-2020, elaborado pelo ICNF e pela Xunta de Galicia, as Reservas da Biosfera “estabelecem-se em zonas ecologicamente representativas ou de valor único, nas quais a integração da população humana e das suas atividades são essenciais. Devem contribuir para preservar e manter os valores naturais e culturais através de uma gestão sustentável, apoiada em bases científicas corretas e na criatividade cultural”. De acordo com o mesmo documento, o conceito de Reserva da Biosfera foi desenvolvido em 1974 por um Grupo de Trabalho do Programa sobre o Homem e a Biosfera (MaB) da UNESCO, com o objectivo de “promover a investigação interdisciplinar, a formação e comunicação no campo da conservação dos ecossistemas e da utilização racional dos recursos naturais”.

A integração do PNPG em 2008 na rede de *Pan Parks*, a qual se rege pelo conceito de *wilderness*, assim como a nova versão do Plano de Ordenamento do PNPG aprovado em 2011 (que retomaremos adiante), são apontados por Pinto e Partidário (2012) como denunciando um retorno ao modelo de “conservação da natureza”, centrado nos aspectos “naturais” em detrimento dos interesses locais. Apesar de o preâmbulo da revisão do POPNPG (2011) salvaguardar a compatibilização do Plano com as actividades locais, torna também desde logo clara a vontade de incrementar a política de conservação dos recursos. Assim, se nos primeiros parágrafos se verifica alguma complacência para com as populações, introduzindo-se regimes de diferenciação positiva para os residentes do Parque “ (...) como, por exemplo, o facto de o pastoreio tradicional bem como as práticas tradicionais de apicultura, de roça de mato, de corte e apanha de lenha e de recolha de frutos e cogumelos silvestres, a circulação e a visitação serem sempre permitidos aos residentes, mesmo em áreas de protecção total” (POPNPG, 2011, p. 2), nos parágrafos seguintes, o maior investimento na protecção e conservação dos recursos naturais torna-se evidente, designadamente através da “melhor definição das áreas sujeitas a regimes de protecção” (p. 2) e do aumento do regime de protecção das áreas “de mais elevada proximidade a um estado de evolução natural e menos alteradas pela intervenção humana” (p. 2). Nota-se o retorno ao discurso de *wilderness*, em que se assume a existência de áreas em estado de evolução natural, pouco alteradas pelo homem. Ao mesmo tempo, verifica-se que a aposta no turismo se torna um dos objectivos centrais do Plano, guiando até certo ponto as intervenções no território previstas, com o fim de melhorar as condições de visita e de recepção dos visitantes.

Estas linhas de intervenção estão espelhadas nas alíneas que regulam as actividades no território do Parque. Ao mesmo tempo, as actividades produtivas são toleradas num regime extensivo e dentro de limites considerados sustentáveis, contudo apenas exequíveis recorrendo aos apoios da UE. Portanto, cada vez mais as populações se vêem obrigadas a escolher entre dois possíveis caminhos: aderir à exploração do desenvolvimento turístico ou seguir a linha da produção animal que, sob as condições impostas pelo POPNPG, permanece dependente dos apoios comunitários.

2. Caracterização da área

2.1. Geografia e Ambiente Natural

(...) A hidrologia, o relevo, a fauna, a flora, a rede de aldeias, a alternância entre as matas, as áreas de cultura e de pascigo são uma constante e desde sempre contribuíram para a individualização das suas paisagens (R. Silva, 2011, p. 162).

O território do Parque Nacional está localizado na região Norte do país. Abrange áreas do Minho e de Trás-os-Montes, e faz fronteira em cerca de 67 km com a Comunidade Autónoma da Galiza, em Espanha. Confinado pelos meridianos 8° 25' e 7° 53' W e pelos paralelos 41° 41' e 42° 05' N (Fontes & Gonçalves, 2005) corresponde a uma área de 69 592 hectares. Distribui-se por três distritos – Braga, Vila Real e Viana do Castelo –, cinco concelhos – Melgaço, Terras do Bouro, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Montalegre –, e 22 freguesias (ICNF, 2018a). Cerca de 7% da área do Parque corresponde a propriedade pública (5275 ha), 30% é propriedade privada (22 000 ha), e a restante fatia, que constitui mais de 60% do território do Parque, é propriedade comunitária, maioritariamente sob a forma de montes baldios. Pode portanto afirmar-se que o PNPG é uma instituição pública inscrita num território que é fundamentalmente composto por propriedade privada e comunitária, com predomínio desta última.

O Parque Nacional estende-se do planalto de Castro Laboreiro ao da Mourela, abrangendo as serras da Peneda (1340 m), do Soajo (1430 m), Amarela (1350 m) e do Gerês (1545 m) (ICNF, 2018a, ICNF 2010). A sua área varia “entre a morfologia planáltica a leste e a montanha fortemente dissecada por numerosas linhas de água que, directa ou indirectamente, confluem para o Cávado, Lima e Minho” (R. Silva, 2011, p. 162). O território encontra-se numa zona de transição, encontrando-se sob as influências Atlântica, Mediterrânica e Continental. O clima tende a ser suave, com uma temperatura média de 13°C, que resulta da influência oceânica que vem de ocidente. Contudo a variabilidade térmica dentro do território é alta, podendo chegar a 13°C (Cristóvão, 2002). Com verões frescos e invernos frios a muito frios, é uma das áreas com menor grau de insolação do país (Portugal, 2002). O conjunto de relevo formado pelas serras constitui um efeito de barreira às massas de ar quente e húmido vindas do Oceano Atlântico, determinando a forte pluviosidade do PNP-G (Viana & Aranha, 2008). Referindo-se especificamente à zona da Mata Nacional do Gerês, os autores avançam

valores que variam entre os 2400 mm e 2800 mm, atingindo mesmo os 3000 mm, o que torna esta área a mais pluviosa de Portugal e uma das mais pluviosas da Europa. Para o conjunto do território do PNPG, Portugal (2002) refere a ocorrência de precipitações abundantes, com um valor anual médio sempre superior a 1400 mm, chegando a atingir em determinadas zonas valores superiores a 2800 mm. Contudo, o autor ressalva a considerável variabilidade climática registada no interior do Parque, resultante das diferenças topográficas e de altitude.

Do ponto de vista geológico, a área do Parque Nacional corresponde essencialmente a uma vasta zona granítica. Nas partes mais altas e declivosas, os solos são praticamente inexistentes, ou pouco profundos. Nos vales, assim como nas terras com declives mais suaves, os solos são em geral profundos. Ainda assim, no geral pode falar-se de homogeneidade pedológica, apresentando a generalidade dos solos uma textura leve a média, permeabilidade e uma camada superficial muito modificada pela actividade agrícola e pelo clima (Cristóvão, 2002).

A orientação das montanhas, a variação da altitude e as diferentes influências climáticas referidas, conferem a esta zona características botânicas particulares, designadamente uma importante diversidade florística que inclui espécies endémicas (Cristóvão, 2002), levando a que ali se cruzem “franjas marginais de distribuição de várias espécies características das zonas mediterrânicas, euro-siberianas e alpinas” (Portugal, 2002, p. 59). De acordo com o mesmo autor, embora profundamente alterada, a flora conserva uma enorme riqueza, destacando-se 660 espécies autóctones, das quais 11 são endemismos nacionais e mais de 30 são endemismos ibéricos. O coberto vegetal das serras do Gerês, Amarela, Peneda e Soajo e dos planaltos da Mourela e Castro Laboreiro é dominado por carvalhais, formações arbustivas, lameiros e vegetação ripícola (ICNF, 2018a; ICNF, 2010). No estrato arbóreo, registam-se predominantemente quercíneas (carvalho roble e carvalho negral, e ainda sobreiro), associadas a outras espécies como o azevinho, o teixo, o vidoeiro, o padreiro, a faia, o castanheiro, o azereiro e o medronheiro, entre outras com menor expressão (Fontes & Gonçalves, 2005).

Além da floresta autóctone (carvalhais), cerca de 45% da área florestal do Parque é constituída por resinosas, onde se destacam o pinheiro-bravo e o pinheiro-silvestre, resultado da acção de florestação do Estado, sobretudo em meados do século XX. No cômputo geral, verifica-se a dominância do carvalho alvarinho e carvalho

negral e do pinheiro bravo, representando o seu conjunto 73,4% do total da área florestal (Fontes & Gonçalves, 2005). Os matos representam cerca de 74% da área do Parque (Lourenço & Quental, 2007), tendo aumentado pelo crescente abandono da actividade agrícola e pela tendência para a diminuição do efectivo pecuário (Fontes & Gonçalves, 2005). São constituídos predominantemente por tojais, urzais, matos de altitude e matos higrófilos (ICNF, 2018a; ICNF 2010).

A vegetação ribeirinha merece destaque, não só pela componente florística mas também pelo importante papel que desempenha na estabilização das margens dos cursos de água, onde a elevada velocidade da água causa um forte poder erosivo (ICNF, 2018a; ICNF, 2010). O bosque ripícola é caracterizado pela associação de teixo, amieiro e freixo, ocorrendo algumas espécies que se encontram sob especial protecção como o feto-do-botão, o salgueiro e o vidoeiro ou bétula (Fontes & Gonçalves, 2005; ICNF, 2018a; ICNF, 2010). De acordo com Fontes e Gonçalves (2005), estes bosques têm vindo a ser sucessivamente fragmentados, dando lugar a lameiros em prados de regadio. Esta prática, aliada ao corte abusivo, constitui a principal ameaça ao bosque ripícola.

No início do presente século, o coberto florestal representava cerca de 15% da área do Parque. As maiores perdas de cobertura aconteceram nas imediações do Parque e não na sua área (Lourenço & Quental, 2007). Ainda assim, Fontes e Gonçalves (2005) registam, para a área do Parque, uma diminuição do coberto florestal em 5 000 hectares, quando comparado o início do século XXI com os dados do inventário florestal de 1971. Os autores associam esta perda à ocorrência de incêndios florestais, ao pastoreio livre e desordenado, à introdução de espécies exóticas invasoras e a uma gestão florestal insuficiente. Apesar da escassez de meios e verbas, desde 2003 que se tem vindo a fazer um esforço e investimento em estratégias efectivas de diminuição do risco de incêndio na área do PNPG. A introdução de equipas de sapadores florestais, e a integração dos órgãos de gestão dos baldios na gestão do Parque (dado que, como vimos, mais de 60% da área do Parque se encontra sob o regime de propriedade comunitária), foram medidas com resultados consideráveis, tanto do ponto de vista da prevenção de incêndios, como da integração das comunidades na gestão do território, beneficiando de uma aceitação geral e obtendo resultados práticos positivos. Ao longo de todo o ano, as equipas desenvolvem acções de silvicultura preventiva, fazem trabalhos de manutenção e beneficiação de caminhos e de pontos de água, realizam acções de vigilância (Fontes & Gonçalves, 2007) e intervêm directamente em situações de incêndio na área do PNPG.

Ainda assim, na Mata Nacional do Gerês (5 211 hectares, dos cerca de 70 000 que compõem o Parque), as alterações no coberto florestal estão a acontecer a um ritmo acelerado, havendo evidências de que algumas classes de ocupação do solo variaram significativamente em 12 anos de observação. Os autores destacam o aumento das áreas ocupadas por espécies consideradas invasoras (*Acacia dealbata* e *Acacia melanoxylon*) e chamam a atenção para o potencial aprofundamento das alterações da estrutura espacial e dinâmica da paisagem, decorrente da reconhecida capacidade destas espécies para criarem desequilíbrios nos ecossistemas (Viana & Aranha, 2008).

A diversidade de habitats, conferida pelas características ecológicas até aqui descritas, potencia a existência de uma assinalável diversidade faunística, integrando várias espécies endémicas, raras ou de distribuição limitada em Portugal. O grupo dos grandes mamíferos incorpora as espécies mais emblemáticas do Parque, designadamente o lobo ibérico, o corço, a cabra-montês e o garrano (espécie doméstica) (ICNF, 2013, p. 14). Contudo, várias outras espécies marcam presença no território do Parque, cada uma com a sua importância no ecossistema e dando a sua contribuição para a manutenção da biodiversidade. Designadamente, “dentro ainda do grupo dos mamíferos, destaca-se o morcego (17 espécies identificadas), vários roedores e espécies aquáticas, como a lontra e a toupeira-de-água, a marta, o gato-bravo e o arminho” (ICNF, 2013, p. 16)

A avifauna é um dos grupos com mais espécies, embora a sua diversidade dependa da época do ano, uma vez que muitas das espécies são migradoras. “Destaca-se, pelo seu estatuto de conservação, o tartaranhão cinzento, a gralha de bico vermelho, o cartaxo nortenho e a narceja” (ICNF, 2013, p. 15) que, tanto quanto se sabe, em Portugal apenas se reproduz no PNPG. Nos cursos de água de montanha e do planalto, existem também várias espécies de peixes, como a panjorca e a enguia. A rã-ibérica, o tritão-de-ventre-laranja e a salamandra-lusitânica são apenas alguns exemplos de outras espécies, neste caso de anfíbios, associadas às linhas de água. Por fim, “existem 20 espécies de répteis no PNPG, 4 consideradas ameaçadas em Portugal: o cágado-de-carapaça-estriada, a cobra-lisa-europeia, a víbora-cornuda e a víbora-de-Seoane. Esta última espécie é um endemismo do norte da Península Ibérica e a sua distribuição em Portugal restringe-se às zonas de Castro Laboreiro, Soajo e Montalegre” (ICNF, 2013, p. 15).

2.2. Ocupação Humana do Território

Há memória de ocupação e utilização por grupos humanos da área hoje abrangida pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês desde a disseminação da cultura neolítica, presumivelmente por volta do 4º milénio a.C., testemunhada pela existência de necrópoles, dólmenes e mamóias no território (Portugal, 2002). Desde então, foram vários os povos e as civilizações que se estabeleceram naquele território, adaptando-se ao meio e ao ambiente da serra (R. Silva, 2011, p. 162).

A revolução do milho, assim designada por Orlando Ribeiro, pela influência que a introdução deste cereal teve nos meios rurais, designadamente no crescimento económico, na melhoria da alimentação e no consequente aumento populacional, teve lugar no século XVI, sobretudo no noroeste de Portugal. O milho maíz terá sido cultivado pela primeira vez, por volta de 1500, nos campos de Coimbra e rapidamente se difundiu pelo Minho e Beira, destronando os chamados “milhos miúdos”, até então cultivados (Almeida, 2004). A maior necessidade de água desta cultura e a sua maior produtividade, quer directa, quer indirecta devido às novas possibilidades que abriu de intercalação e rotação de culturas, levaram à profunda alteração dos sistemas de produção nos séculos que se seguiram. A construção de minas de água, de represas e poços, o recurso à estrumeação abundante dos campos, a construção de valas de drenagem, de espigueiros e de eiras para reserva do milho, a vedação das parcelas à entrada do gado e a elevação do solo através da construção de socos, levaram a alterações profundas da paisagem. Por outro lado, o aumento populacional, em boa parte impulsionado pela produtividade do novo recurso alimentar levou à criação de novos núcleos habitacionais, muitas vezes instalados em antigas áreas de pastagem. Consequentemente, e uma vez que o efectivo animal também aumentou, as pastagens foram deslocadas para cotas ainda mais elevadas das serras e dos planaltos. Desta forma, não só a estrutura produtiva, mas também a estrutura territorial e social foram profundamente alteradas como resultado da adaptação ao cultivo do milho (Dias, 2002; Almeida, 2004).

Paralelamente, o uso abundante da floresta, acompanhando o crescimento populacional, e o fraco investimento no fomento florestal, apesar das várias referências à necessidade de reflorestar as áreas sobreutilizadas ou queimadas e de controlar a exploração das zonas baldias, levaram à recrudescência da tensão entre o consumo e a oferta de madeira documentada no século XVIII (Devy-Varetta, 1993; R. Silva, 2011).

Link descreve a serra do Gerês no século XIX, aludindo à nudez e infertilidade dos topos das serras, contrastando com a presença de matas de carvalhos subsistentes nos vales altos e nas vertentes (R. Silva, 2011).

No final do século XIX, assiste-se a avanços concretos no sentido de efectivas transformações do espaço cultivado e florestal, designadamente através da instituição e regulamentação do regime florestal, da instituição dos Serviços Florestais e da subsequente delimitação dos perímetros florestais da Serra do Gerês, estendendo-se por 4480 hectares. Dava-se assim início à florestação dos incultos, sobretudo baldios. O enquadramento legal relativo ao Perímetro Florestal do Gerês ocorreu em 1888, e nesse mesmo ano o Inspector dos Serviços Florestais enviou ao Governo o auto de posse da Serra pelo Estado, assinado também pelo Administrador do concelho de Terras do Bouro. Nesse auto ficariam assegurados os direitos de uso das pastagens e do monte (e.g. recolha de mato, lenhas, cepas, frutos, etc.) pelos povos (R. Silva, 2011).

Ainda assim a contestação foi violenta, recorrendo a actos de vária ordem, desde o impedimento dos trabalhos realizados pelos jornaleiros na serra, até à destruição de áreas novamente florestadas. Ao longo dos 50 anos que decorreram entre a instituição do Regime Florestal e a efectiva florestação dos incultos das serras, foram vários os processos judiciais em que as populações de utilizadores seculares das serras, batendo-se pela manutenção dos seus direitos, confrontavam os funcionários dos serviços florestais, a que se juntava por vezes a câmara municipal. Vilar da Veiga foi uma das freguesias em que houve maior contestação e em que a luta permitiu alcançar algumas concessões, pacificando minimamente as relações. A magnitude do conflito dependeu, entre outras coisas, dos métodos utilizados pelos responsáveis locais pela florestação, consoante usavam de maior ou menor abertura ou consideração pelos interesses e necessidades dos povos.

A partir de 1938 e ao longo de 30 anos, como ficou narrado no Capítulo I, decorreria o Plano de Povoamento Florestal com especial foco nas serras do centro e norte de Portugal, entre as quais uma parte considerável nas serras do Soajo, Peneda, Amarela e Gerês. Se o desfecho do empreendimento florestal foi sobretudo benéfico ou prejudicial àquelas comunidades, é hoje um assunto controverso. A profundidade da transformação da paisagem, bem como do carácter social, económico, político e cultural das comunidades serranas de então, é indiscutível, encontrando-se reflectida de forma evidente na realidade das comunidades serranas actuais.

A exploração mineira, a forte emigração, que teve maior expressão na década de 1960, as políticas de conservação da natureza, a exploração hidroelétrica, e, já 15 anos depois da formação do Parque, a entrada na União Europeia, incluem-se também entre os eventos com maior impacto sobre o território do Parque ao longo do século XX. Ressalta que a generalidade destas transformações decorreu de iniciativas que tiveram origem fora das imediações, trazidas pela mão de agentes externos que ali se deslocaram para explorar os recursos locais. Contudo, a contribuição para aquelas comunidades, consubstanciada sobretudo na forma de infraestruturas (e.g. estradas, luz) e de algum emprego, foi reduzida quando comparada com os ganhos dos seus empreendedores e com as perdas locais, designadamente do ponto de vista ecológico, paisagístico, económico e cultural, como resultado do confronto das novas actividades com os ecossistemas, os usos e os costumes.

A exploração mineira, sobretudo de volfrâmio, que decorreu nas Minas dos Carris em plena serra do Gerês entre 1935 e 1971, e no Couto Mineiro da Borralha, freguesia de Salto, concelho de Montalegre, entre 1902 e 1984, chegou a constituir o segundo pólo mineiro a nível nacional, a seguir às minas da Panasqueira. Para além do impacto ecológico, o impacto da exploração no quotidiano das comunidades serranas foi sentido a vários níveis. O influxo de pessoas em busca de trabalho nas minas veio a reflectir-se não apenas na organização económica, levando ao abandono das actividades agropecuárias em prol da actividade nas minas, mas também na organização espacial, ao nível da rede viária local e da criação de novos núcleos, sobretudo na Borralha. Nas Minas dos Carris, o isolamento não permitiu mais do que uma instalação local, cujos destroços são hoje ainda visíveis no topo da serra do Gerês. Apesar de em 1987 o Estado ter reclamado as ruínas das Minas dos Carris, acção justificada pela sua localização dentro do território do PNPG, aguarda-se até hoje a recuperação e utilização do património histórico em ruínas.

A par destas transformações, a política hidroelétrica prosseguida a partir do século XX teve igualmente enormes implicações no território serrano que corresponde hoje ao PNPG. Designadamente, a abundante intervenção nos caudais dos principais rios da região, o Cávado e o Rabagão, com a construção de barragens resultou, entre outras coisas, no desaparecimento de campos agrícolas e de aldeias inteiras sob as albufeiras. Este viria a constituir o aspecto mais evidente de uma transformação espacial com reflexos profundos e complexos nos sistemas locais, fossem eles naturais, sociais,

institucionais, culturais ou políticos. A seguinte descrição permite ter uma ideia da magnitude do investimento hidroeléctrico na região:

Para entendermos as profundas mutações ocorridas nestes espaços raianos drenados pelo Cávado, passemos a uma breve referência do escalonamento no tempo dos diferentes empreendimentos hidroeléctricos. Na primeira fase foram incluídos sucessivos escalões. O primeiro iniciou-se em 1946 com o aproveitamento hidroeléctrico da Venda Nova, incluindo a barragem da Venda Nova no rio Rabagão e a central de Vila Nova na margem esquerda do Cávado, a montante da confluência com o Rabagão. Esta central entrou em funcionamento em 1951. Os seguintes foram inaugurados, sequencialmente, o de Salamonde em 1953, o da Caniçada em 1955; em 1958 ficou concluída a barragem de Paradela e, finalmente, em 1964 o quinto escalão coincidiu com o Alto Rabagão ou Pisões. Entre 1969 e 1975 a Companhia Portuguesa de Electricidade, S. A. R. L., (...) inicia uma nova fase de aproveitamento dos recursos hídricos para produção de electricidade. Neste período, entre as várias centrais hidroeléctricas construídas no país inclui-se a de Vilarinho da Furna no vale do Homem e inaugurada a 21 de Maio de 2002 (R. Silva, 2011, p. 173).

Esta breve descrição que relata algumas das transformações ocorridas no território do actual Parque Nacional demonstra a magnitude da influência humana naquela região e torna evidente o desajuste dos termos “ecossistemas pouco alterados pela intervenção humana” ou “paisagens naturais” (usados no DL 187/71 que decreta a criação do PNPG) para descrever seja que zona for do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Contudo, o recurso a esse tipo de pressupostos tem justificado a limitação e o controlo da actividade da população local, sem lhes serem propriamente propostas alternativas concretas. Assim, à medida que as paisagens serranas, e rurais em geral, se esvaziam de pessoas, o seu destino volta a ser definido pelas decisões e acção de agentes externos (e.g. conservação da natureza, turismo) que servem uma população estabelecida em meio urbano, com interesses distantes dos das populações locais.

2.3. Economia, População e Dinâmicas Actuais

Hoje, o território englobado no PNPG caracteriza-se por uma predominância da actividade silvopastoril, a qual ocupa cerca de 68% da área do Parque, sendo a maior parte dessa área de utilização comunitária (baldios). Decorre que a produção animal mantida em regime extensivo é a actividade com maior rendimento no interior do

Parque. A área florestal corresponde actualmente a 22% da área total, estando também estabelecida maioritariamente em terreno comunitário, constituindo uma fonte de receitas para as comunidades, ainda que partilhada com os serviços florestais do ICNF. A área utilizada para agricultura é reduzida (10%) e a produção é maioritariamente direccionada para alimentação dos animais e para consumo das famílias. Se no passado as formas de exploração que se desenvolveram no território do PNP-G permitiram manter uma relação equilibrada entre os recursos disponíveis e a ocupação humana, actualmente verifica-se uma tendência orientada no sentido de uma certa precariedade (Portugal, 2002). A fraca acessibilidade a bens, serviços e equipamentos, e uma base produtiva assente na actividade agrícola de subsistência, têm justificado a saída de muita gente para fora do território do PNPG. De acordo com os dados do Recenseamento Geral da População de 2001, a população do Parque ronda os 11000 habitantes (ICNB, 2010). Ao longo do século passado esta região perdeu muita população, como consequência da emigração que ali se fez sentir com mais força nas décadas de 1960 e 1970, perdendo 12,4% e 21,6% da população, respectivamente. De facto, desde os anos 1950, altura em que a população do Parque atingiu um pico histórico (18186 habitantes), que se regista um decréscimo acentuado da população, acompanhado de uma profunda alteração da estrutura demográfica, aumentando a importância relativa da população mais envelhecida (Cristóvão, 2002). Em 11 das 22 freguesias que compõem o PNPG, Cristóvão (2002) encontrou uma diminuição de mais de 50% para o período entre 1960 e 2001, sendo o decréscimo global de quase 50% para esse período. Durante a década de 1990, no PNPG, a tendência negativa manteve-se. Entre 1970 e 2001, deu-se um decréscimo absoluto de 17 925 para 10 578 habitantes na área do Parque, o que corresponde a uma diminuição da população da ordem dos 41%. Como consequência, a densidade populacional decaiu de 26 para 18 hab/km² (Portugal, 2002).

O processo de despovoamento atingiu grande parte das freguesias do Parque. Contudo constata-se uma maior resistência nas freguesias do concelho de Terras do Bouro que demonstram menor vulnerabilidade associada a perdas menos dramáticas (Cristóvão, 2002). Designadamente as freguesias de Vilar da Veiga e Rio Caldo, ambas localizadas na zona de vale, conseguiram sustentar decréscimos de apenas 22,4% e de 18,5%, respectivamente, entre 1960 e 2001. As maiores perdas populacionais coincidem de facto com as freguesias de montanha, mais isoladas, como Sezelhe (65,8%), Tourém

(64,6%), Castro Laboreiro (62,8%), Soajo (61%), Lamas de Mouro (59,8%), Outeiro (59,8%), e Covelães (58,6%). Ao mesmo tempo verifica-se que as aldeias têm vindo a encolher de uma maneira geral, concluindo-se que a migração da população se faz para os centros urbanos dos municípios ou para outros centros fora da área do Parque, como Braga, Chaves ou Lisboa, e não para as aldeias maiores e mais bem equipadas das freguesias do Parque (Cristóvão, 2002). Já em 1991 mais de metade das aldeias tinham menos de 100 habitantes, e cerca de 38,3% menos de 50 (Cristóvão, 2002).

Com o enfraquecimento do tecido social, antes responsável pela manutenção da organização e funcionamento do espaço em prol da economia local, são inevitáveis alterações ao nível sistémico. Em 2001 o sector terciário era já o principal sector de actividade (39,3% da população residente empregada), verificando-se a perda de importância do sector primário (24,9%), que em 1991 era ainda o sector que mais pessoas empregava (52,6%) (ICNB, 2010). De facto, o sector primário não tem gerado receitas compatíveis com as expectativas actuais e padrões de vida actualmente aceites. Desta forma, grande parte das famílias complementa os seus rendimentos com pensões e outros ganhos externos. Em 2002, Cristóvão afirmava para a zona do Parque que grande parte dos rendimentos do sector primário provinha de subsídios externos à produção. Por outro lado, em termos de deficiências do sector, o autor apontou a existência de circuitos de comercialização deficientes, a dificuldade de acesso das comunidades à informação e serviços de apoio, a estrutura etária das comunidades e a dimensão das explorações, maioritariamente familiares.

Em contrapartida a produção animal tem sido incentivada a nível central, na perspectiva do produto de qualidade, particularmente de bovinos, pequenos ruminantes e também de abelhas para produção de mel. Como resultado destes incentivos, assistiu-se a uma modernização técnica e social que veio anular o tradicionalismo ancestral. De acordo com R. Silva (2011), a reorientação assente na pecuária extensiva fez-se no sentido da produção de carne. Contudo, a autora refere que em 2009 o investimento não tinha ainda gerado o impacto esperado entre os produtores, o que associa à ausência de um desenvolvimento associativo que acompanhasse o processo de modernização, e que se estabelecesse como sistema de organização da produção e da comercialização. Ao que se associa, como factor agravante, a manutenção da pulverização dos prédios rústicos, em que predominam as explorações familiares com recurso à pluriactividade. Ou seja, ao mesmo tempo que se aposta na modernização da produção, “mantêm-se as

questões estruturais responsáveis pelo tradicionalismo e a baixa produção” (R. Silva, 2011, p. 191). Neste contexto, e na área do PNPG, a raça bovina barrosã é altamente valorizada pela qualidade da carne, sendo protegida a nível europeu com etiqueta de origem controlada. Contudo, como forma de superar a referida falta de resultados do investimento feito na modernização, os produtores têm-se voltado para o desenvolvimento de raças cruzadas com maior rendimento, perdendo-se a qualidade da carne barrosã (R. Silva, 2011).

A floresta, instalada sobretudo nas zonas de baldio, faz igualmente parte dos rendimentos locais das comunidades. Contudo, sendo em teoria gerida quase na sua totalidade com a colaboração do ICNF, a receita conseguida (muito dependente da incidência de incêndios nesta zona) é partilhada com esta entidade.

Ao decréscimo de importância do sector primário, correspondem mudanças profundas na estrutura e funcionamento das comunidades e na organização da paisagem, designadamente o abandono de pastagens e de campos agrícolas, o crescimento de mato e outra vegetação espontânea, a alteração do mosaico da paisagem e com ele da distribuição da fauna, bem como o emprego fora das explorações com consequentes movimentações pendulares da população rural. Por outro lado, e ao mesmo tempo que se regista uma diminuição generalizada da população, o aumento do número de casas construídas na área do PNPG manteve-se, pelo menos, até ao período entre 1991 e 2001. De facto, apesar de o sector secundário ter fraca dinâmica, demonstrando pouca actividade para além de obras públicas como a construção de barragens hidroeléctricas, sem impacto duradouro na economia, a construção civil continua a ser o grande empregador a nível local, embora se verifique o recurso em muitos casos a mão-de-obra externa aos municípios do Parque (Cristóvão, 2002).

Com efeito, as áreas protegidas constituem hoje um pólo de atracção para fins residenciais e para actividades de consumo centradas em áreas rurais, dando lugar a um processo denominado de naturbanização, sendo que as consequências do seu desenvolvimento ao nível da estrutura sociodemográfica e económica ainda não se encontram bem estudadas (Lourenço & Quental, 2007). Também R. Silva (2011) refere um aumento praticamente anual do número de unidades de turismo de habitação e de residências secundárias na zona do Barroso, designadamente nas aldeias de Paredes, Pitões das Júnias, Tourém, e noutros aglomerados desta região.

A contraurbanização, processo decorrente da procura de condições residenciais mais atraentes do ponto de vista dos custos, da qualidade de vida, e da distância às grandes cidades onde está centrado o emprego, foi igualmente associada às dinâmicas demográficas registadas no território do PNP-G (Lourenço & Quental, 2007). O processo de naturbanização regista-se em todos os concelhos, com expressões diferentes ao nível das freguesias, mas de forma particular em Terras de Bouro e em menor escala no de Arcos de Valdevez, onde a contraurbanização parece ter maior expressão. Alterações na paisagem urbana como a reabilitação de centros urbanos, renovação das casas existentes e construção de segundas habitações, construção e renovação de infra-estruturas e desenvolvimento de empresas relacionadas com novas actividades (designadamente, o turismo), identificadas naqueles concelhos, são associadas precisamente às dinâmicas referidas. De facto, nas últimas décadas o turismo tem vindo a ganhar importância no PNPG, passando o sector terciário a dominar a economia no território do Parque. Como refere R. Silva (2011, p. 191), “as Caldas do Gerês e São Bento da Porta Aberta ao se assumirem como *pólos dinamizadores* do termalismo, do Turismo de Natureza e do Turismo Religioso absorvem o emprego e o sistema produtivo local”. Na zona do Rio Caldo tem-se assistido igualmente à expansão do turismo religioso, e mais recentemente do turismo de natureza (R. Silva, 2011).

Este aumento acompanha a igualmente crescente procura urbana de espaços sossegados e paisagens de alto valor natural. A nível geral, o aumento do turismo expressa-se no do número de visitantes e no alargamento das actividades e dos promotores de serviços turísticos (ICNB, 2008). O pedestrianismo é a actividade com maior número de adeptos, alargando-se o leque de actividades procuradas pelos visitantes aos recursos aquáticos, desde a simples actividade banhar, à prática de desportos náuticos com recurso a equipamentos motorizados nos planos de água ou a pesca. Passeios recorrendo a diferentes meios de transporte, desde cavalos a motoquatro ou bicicletas, são outras das actividades que preenchem hoje o espaço do Parque. Ultimamente, regista-se o aumento da prática de *canyoning*, que consta da descida de rios recorrendo a diferentes técnicas, existindo já vários cursos de água equipados e assinalados.

Num contexto de expansão das actividades no território, é provável a criação de conflitos de interesse em torno de direitos de propriedade e uso da terra e da água, para além da destruição ou deterioração de áreas ecologicamente sensíveis. Por outro lado,

espera-se, perante o domínio deste tipo de actividades sobre os espaços do Parque, um maior enfraquecimento dos valores sociais associados àquelas áreas rurais, inerentes às práticas comunitárias de gestão dos recursos e das actividades agrícolas, que outrora, alimentaram a capacidade de acção colectiva e ainda hoje, o fazem em certos casos. De acordo com o ICNB, esse tipo de pressões ocorrem já a vários níveis, designadamente no congestionamento de veículos, tanto nas estradas (e.g., na Mata da Albergaria) como de equipamentos motorizados na água das albufeiras (e.g., na Albufeira da Caniçada). Outro tipo de pressões nestes ambientes ocorre ao nível da prática de pesca nas albufeiras, da utilização de veículos motorizados nos trilhos e caminhos florestais, que por vezes se estendem aos trilhos pedestres gerando conflito de uso. Também a construção de novas infraestruturas para acolhimento de visitantes ou para oferta de serviços (e.g., unidades de alojamento) com alteração significativa da paisagem e do estilo arquitectónico e/ou crescimento desordenado dos aglomerados, tem vindo a acontecer como resposta ao aumento da procura turística da zona do Parque (ICNB, 2010).

À margem dos recentes fenómenos sociais, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, a população do PNPG vive bastante abaixo do nível médio nacional e mesmo abaixo do nível médio de outras zonas do país integradas na Rede Natura 2000 (Lourenço & Quental, 2007). Apesar dos valores que sustentam estas conclusões, de acordo com os autores, resultarem de indicadores que poderão não estar em linha com a percepção local de qualidade de vida (e.g. taxa de actividade, poder de compra), ainda assim os dados mostram que a população do Parque enfrenta uma situação preocupante de desemprego face ao resto do país (taxa de actividade de 27,1 % face ao valor nacional de 48,2%, e índice de poder de compra de 32%.

CAPÍTULO III. MÉTODO

1. Recolha de dados

O trabalho de pesquisa foi efectuado em duas fases. Na primeira, abordaram-se compartes de todos os baldios existentes no território do Parque Nacional (30 unidades de baldio), visando a caracterização de cada unidade segundo os princípios de delineamento de instituições de gestão comum recolhidos na literatura. Na segunda, aprofundou-se a análise focando uma das comunidades do PNPG. Em seguida faz-se uma descrição de cada uma destas abordagens.

1.1. Caracterização dos Baldios do PNPG

A primeira fase decorreu entre os meses de Maio e Outubro de 2015. Ao longo desse período, foram efectuadas entrevistas semiestruturadas em cada uma das 30¹⁹ unidades de baldio. Em regra, foi feita uma entrevista por baldio. Contudo, em baldios cujo Conselho Directivo no activo ainda detinha pouca experiência e conhecimento do cargo, tentou-se entrevistar, além do representante daquele, também outros compartes com maior experiência na gestão do baldio. Esta situação aconteceu em Castro Laboreiro (Melgaço), e em Cabana Maior (Arcos de Valdevez) (sobretudo por falta de disponibilidade do actual presidente do CD, que acumulava vários outros papéis, entre os quais, a presidência da JF, mas também por estar há poucos meses a gerir o CD). A situação verificou-se também em Lamas de Mouro (Melgaço), neste caso não foi possível contactar a anterior equipa de gestão. Assim, foram realizadas, ao todo, 30 destas entrevistas.

Tratando-se de um número considerável de casos e existindo limitação temporal, nesta primeira fase privilegiou-se o contacto com membros dos corpos de gestão. Esta opção prendeu-se no facto de muitos dos contactos terem sido conseguidos junto de associações que trabalham com os baldios, cujos interlocutores são os membros dos órgãos de gestão, designadamente os presidentes dos conselhos directivos, sendo esses, em regra, os contactos que nos foram facilitados. Por outro lado, partiu-se do princípio de que os compartes que participam activamente na gestão do baldio estariam mais inteirados da forma como a instituição funciona, os resultados dessa gestão, etc., pelo

¹⁹ Duas destas unidades partilham o presidente do órgão gestor - CD do baldio de Entre-Ambos-os-Rios e Associação Foral que gere o monte aforado de Ermida, Froufe e Lourido - pelo que uma entrevista será referente a ambos os casos. Assim, apesar de se terem realizado duas entrevistas em Castro Laboreiro, o número total de entrevistas permanece igual ao número de unidades-baldio, ou seja, 30.

que se optou por manter este como o primeiro contacto. Em casos em que, por exemplo, a instituição tinha sido criada recentemente, procurou-se contactar igualmente os anteriores dirigentes ou elementos da anterior equipa de gestão. Não obstante, o primeiro contacto foi em regra estabelecido com o presidente do Conselho Directivo ou com o presidente da Junta de Freguesia (quando era esta a instituição gestora), sendo que por vezes os dois cargos coincidiam na mesma pessoa.

Em algumas situações (falta de disponibilidade do primeiro contactado, ou preferência por entrevista de grupo, juntando-se outros membros dos órgãos de gestão à entrevista), o contacto inicial foi feito com um destes actores, mas a entrevista veio a ser efectuada com outros compartes que detinham algum papel actual ou anterior na gestão (e.g., o presidente da Mesa da Assembleia, um vogal). Concretamente, em Travassos do Rio (Montalegre), o presidente do Conselho Directivo veio acompanhado do presidente da Mesa da Assembleia (também presidente da Junta de Freguesia). Em Lamas de Mouro (Melgaço), talvez pela falta de experiência da actual equipa na gestão do baldio, composta em grande parte por emigrantes retornados e recentemente reintegrados na vida da comunidade, o presidente do conselho directivo optou por uma entrevista de grupo, em que participaram três elementos da actual entidade gestora, designadamente o próprio, o presidente da Mesa da Assembleia, e um vogal.

Após a recolha dos contactos das associações que trabalham com os baldios do norte do país, foram enviados *e-mails* para as várias entidades, no sentido de obter junto das mesmas o contacto dos conselhos directivos de baldios inseridos no Parque Nacional que fossem seus associados. Contudo, não houve resposta. O mesmo contacto foi feito para o ICNF, que, não detendo os contactos desejados, nos direccionou para o Secretariado dos Baldios de Trás os Montes e Alto Douro e para a Associação dos Baldios do Parque Nacional da Peneda-Gerês, fornecendo-nos os contactos. A resposta de ambas foi construtiva, conseguindo-se assim os primeiros contactos. Ainda assim, uma vez que estas associações até aquele momento trabalhavam sobretudo com os baldios do concelho de Montalegre, conseguiu-se apenas parte dos necessários. Daqui fomos direccionados para uma outra associação que trabalha com os baldios do concelho de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca, a Atlântica. Esta entidade facultou-nos mais um conjunto razoável de contactos. Os restantes ainda em falta, ou com os quais houve dificuldade inicial de contacto, foram conseguidos através dos próprios compartes, dado que muitos se conhecem entre si.

O contacto com os compartes foi feito inicialmente através de *e-mail*, nos casos em que detinham endereço electrónico, e por carta, com o mesmo conteúdo do *e-mail* (Anexo III), para os que não o detinham. Pretendeu-se desta forma realizar uma primeira aproximação, deixando desde logo claro o objectivo do contacto. O texto descrevia de forma sintética os propósitos do projecto e o que se esperaria com aquele contacto. Cinco responderam por *e-mail*, e um por carta. Em todos estes, a resposta foi positiva e incentivadora. Nos casos em que a confirmação da colaboração no projecto não foi feita de forma directa ao escrito enviado, o próximo passo foi via contacto telefónico. A reacção geral foi sempre de total abertura e disponibilidade.

Uma vez que os primeiros contactos conseguidos foram dos baldios do concelho de Montalegre, as primeiras entrevistas foram realizadas nas aldeias deste município (11 conselhos directivos). Em seguida passou-se para os concelhos de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca. Os últimos contactos a serem conseguidos foram os do concelho de Terras do Bouro, pelo facto de nem a Atlântica, nem a Associação dos Baldios do PNPG terem trabalhado directamente com comunidades deste concelho até àquela data. De facto, em Terras do Bouro verifica-se uma situação algo diferente dos restantes, que se relaciona com o maior número de casos de baldios que aí foram aforados no tempo da florestação, como estratégia de defesa contra a acção do Estado no final do século XIX. Se o Estado pretendia a florestação dos baldios, então houve que transformar os baldios, então considerados bens de propriedade pública ainda sob a posse da Junta de Freguesia, em propriedades privadas das comunidades, através de cartas de foral então passadas pelas juntas de Freguesia. A grande incidência de tais aforamentos neste concelho poderá explicar, até certo ponto, o menor envolvimento das comunidades com as associações que trabalham com a propriedade e gestão comunitárias.

O outro dos últimos concelhos a serem contactados foi o de Melgaço. Neste caso, o atraso no contacto deveu-se às alterações que estavam a acontecer àquele tempo no seio das entidades gestoras dos baldios. Tanto em Castro Laboreiro como em Lamas de Mouro tinha havido eleições recentemente, pelo que o contacto com os novos órgãos não foi imediato. Por outro lado, em Castro decorria um conflito interno resultante do processo eleitoral, que, em última análise, se pode atribuir à aplicação da nova legislação sobre os baldios (DL nº72/2014, entretanto revogada). A questão central do conflito revolveu em torno do conceito de comparte, por o referido Decreto-Lei ter tornado possível o voto de pessoas que até aí não eram consideradas compartes. Este

facto alterou por completo o resultado das eleições, relativamente ao que era esperado pelos “habituais” compartes que se encontravam no cargo há muitos anos. Não obstante, uma vez conseguido o contacto dos novos órgãos gestores, a abordagem foi mais uma vez recebida com total abertura, tendo-se inclusivamente contactado (e entrevistado) também o antigo presidente do Conselho Directivo do baldio de Castro (além do actual).

O trabalho de recolha foi desenvolvido através da realização de entrevistas semiestruturadas²⁰. Com esta abordagem pretendeu-se caracterizar a situação do baldio no respeitante a: a) entidade gestora; b) sistema de recursos; c) meio político e institucional envolvente; d) utilizadores. É em torno destes tópicos que, de acordo com muita da literatura sobre as questões relacionadas com a gestão de recursos comuns, se encontram os princípios delineadores de instituições de gestão comum, preponderantes no sucesso ou insucesso destas instituições. Assim, optou-se por segui-los como linhas de análise, esperando assim obter a informação relevante para uma análise adequada da situação dos baldios do PNPG. Paralelamente, pretendeu-se caracterizar a gestão propriamente dita do baldio, tendo em atenção vários aspectos, como o tipo de usos, as receitas e gastos da gestão, os actores envolvidos, o controlo dos acessos e as actividades desenvolvidas e/ou permitidas, as iniciativas relativas ao uso do espaço, as parcerias e colaborações, o investimento na fiscalização, etc. Pretendeu-se assim recolher informação que permitisse posteriormente relacionar a gestão concreta de cada baldio com a instituição, entretanto caracterizada relativamente àqueles quatro pontos (o guião das entrevistas encontra-se em anexo – Anexo VI). Tal confrontação permitiria perceber as relações existentes (se as houvesse) entre o carácter das instituições e o sucesso (ou insucesso) na gestão do baldio.

Se as primeiras entrevistas foram efectuadas tendo como base sobretudo as ideias recolhidas na literatura, à medida que o trabalho foi decorrendo foi-se tendo cada vez maior noção da realidade dos baldios, e em particular dos baldios do PNPG. Desta maneira, inevitavelmente, o guião da entrevista veio a sofrer alterações, ainda que mantendo a estrutura original, baseada naqueles quatro conjuntos de factores e no tipo de gestão efectuada. O guião que se apresenta em anexo corresponde ao inicial cuja utilização possibilitou obter informação que permitiu adequá-lo à realidade destes baldios. De facto, logo desde as primeiras entrevistas passou a ter-se que lidar com

²⁰ Em anexo apresenta-se uma tabela com o descritivo destas entrevistas – Anexo V.

conceitos novos, relacionados com a realidade concreta do Parque Nacional. Se até ali o nosso conhecimento versava leituras que efectuavam uma apreciação algo generalizada dos baldios em Portugal, no Parque a situação dos baldios veio a verificar-se ser muito diferente. Assim o reajustamento do guião foi constante nas primeiras entrevistas, vindo a estabilizar uma vez integrados na abordagem os contornos da realidade dos baldios do Parque. Daí em diante, a interacção no decurso das entrevistas realizou-se de forma mais direccionada e mais facilmente recorrendo ao quadro de referência do entrevistado.

Complementarmente às entrevistas, recorreu-se igualmente a outro tipo de fontes de informação. Desde logo, por ocasião das deslocações às aldeias, estabeleceram-se conversas informais com outros dos seus habitantes. Em três ocasiões, participou-se em reuniões de compartes de dois baldios diferentes. Uma, foi por convite do presidente do Conselho Directivo; uma segunda por iniciativa própria, após ter tido conhecimento de que determinado assunto de interesse iria ser discutido na assembleia de compartes, no baldio mais afectado pelo desfecho dessa discussão. Concretamente, a reunião referia-se à discussão do projecto-piloto de gestão florestal preventiva, a vir a ser desenvolvido pelo ICNF no baldio do Soajo, a qual veio a ser realizada em plena assembleia de compartes do Soajo. É de ressaltar que as reuniões de compartes, pelo menos no entender dos compartes aqui contactados, são públicas, não tendo em nenhuma situação havido qualquer sinal de desconforto ou descontentamento da sua parte perante a ideia de participação de alguém externo à comunidade.

A participação numa terceira reunião de compartes, novamente no Soajo, deu-se numa situação um pouco diferente, resultante de um evento organizado por uma associação do Porto em parceria com alguns compartes, pretendendo aprofundar o diagnóstico das dificuldades, ou dos obstáculos, da gestão comunitária. A discussão desenvolveu-se no centro social da aldeia, apelando à presença dos compartes. Esta sessão integrou a mostra de um documentário sobre os baldios, realizado por uma cooperativa galega (*Trespés*), focando sobretudo a realidade dos baldios da aldeia de Vilarinho, na Lousã, e os *montes vecinales* na Galiza. A discussão envolveu um membro dessa mesma cooperativa, dois membros da associação do Porto, os compartes da comunidade local, e outros interessados que se juntaram ao evento.²¹

²¹ A diferente título, participou-se igualmente numa outra apresentação deste documentário numa aldeia do nordeste transmontano integrada no Parque Natural do Douro Internacional, no âmbito de um evento organizado pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e pela Associação para o Desenvolvimento Integrado de Picote (FRAUGA). Não obstante situar-se fora dos limites do Parque

Para se obter uma ideia mais completa da questão, foram igualmente entrevistados membros do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas, recorrendo mais uma vez ao método da entrevista semi-estruturada. Neste âmbito, foi abordado um técnico, representante do ICNF na Estrutura Local de Apoio (criada para apoiar a implementação das medidas agroambientais nos baldios do PNPG) e um técnico responsável pelo acompanhamento das equipas de sapadores florestais, ele próprio também comparte num baldio.

Com o mesmo objectivo de obter uma perspectiva alargada da situação dos baldios no Parque, entrevistou-se um antigo director do PNPG²² e o presidente da Federação Nacional de Baldios. Em ambas as abordagens, pretendeu-se sobretudo aceder à sua experiência nos cargos que desempenha(ra)m, tentando perceber os contornos da sua função, uma vez que lida(ra)m com um número considerável de instituições, na obrigação de defender ideias e posições institucionais perante pontos de vista muitas vezes divergentes. Por outro lado, a estreita relação que ambos necessariamente estabelecem com os órgãos de gestão dos baldios, e as suas (por inerência de funções) diferentes perspectivas, tornaram estas duas abordagens obrigatórias para se atingir um entendimento alargado do lugar do baldio, não só no Parque Nacional, mas também no país.

Numa outra perspectiva, foram entrevistados funcionários de duas associações que trabalham com os baldios, colaborando na sua gestão. A principal função deste tipo de entidades é a de apoiar a elaboração de candidaturas a financiamento, tanto dos compartes produtores como do baldio propriamente dito. Com esta abordagem, pretendeu-se sobretudo contextualizar o trabalho destas associações na realidade do baldio e das zonas rurais, ao mesmo tempo que constituiria uma oportunidade para aprofundar o conhecimento sobre os processos burocráticos a que estão hoje sujeitos os actores em meio rural. Neste âmbito, foram contactados o Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro, sedado em Montalegre, e a associação Atlântica, com sede em Arcos de Valdevez.

Nacional, e por isso não se situar no âmbito da recolha de dados sobre o caso em estudo, a discussão sobre a propriedade comunitária, com a contribuição de participantes de diferentes áreas, desde a literatura à antropologia, permitiu obter e aprofundar conhecimentos e ideias de modo complementar às leituras.

²² Esta entrevista não consta dos anexos por não ter sido registada em áudio. Assim, o registo foi feito recorrendo a notas em caderno de campo, que não formam um texto corrido.

Assumindo que o turismo é a actividade económica com maior desenvolvimento no Parque Nacional, e que tem vindo a ganhar importância cada vez mais decisiva no território, e, necessariamente, nos montes baldios, pretendeu-se integrar a perspectiva destes utilizadores. Assim, entrevistaram-se alguns dos actores por detrás das actividades turísticas ali desenvolvidas, nomeadamente: a entidade que gere grande parte do que se passa de turismo na área do Parque Nacional, a ADERE, na pessoa da sua administradora delegada; os gestores do parque de campismo de Cabril, o qual entre outras coisas organiza actividades recreativas no território do Parque Nacional, e particularmente no do baldio da comunidade onde o parque de campismo está instalado; uma pequena empresa promotora de turismo sustentável e ligado à terra, tanto do ponto de vista do solo como no sentido cultural, e instalada no seio de uma das comunidades de onde é natural a promotora do projecto, retornada recentemente; uma empresa turística sediada no Porto, mas com o seu foco de actividade numa das aldeias do Parque Nacional e no respectivo baldio; uma empresa turística sediada na vila do Gerês, organizadora de passeios, com trajectos assumidos na área do baldio local, com recurso a veículos variados, desde cavalos a motoquatro. Tentou-se ainda contactar a associação responsável pela gestão de uma das portas do Parque Nacional – a Porta do Mezio – a ARDAL, mas sem sucesso, não tendo sido possível até à data a marcação de qualquer entrevista.

Noutra área da rentabilização económica do território, entrevistou-se o presidente de uma empresa de projectos florestais sediada em Ponte de Lima, que mantém uma colaboração muito estreita com uma das aldeias do Parque Nacional e, mais especificamente, com a associação local, promovendo projectos e estabelecendo numerosas parcerias. Neste caso, a abordagem procurou perceber de que forma surgem e como funcionam estas parcerias que, dão, ou poderão dar, dimensão ao trabalho de uma associação com acção sobretudo local, ao alargar o leque de possibilidades, de recursos acessíveis e de expectativas.

Além dos objectivos descritos para esta abordagem, todas elas possibilitaram também o contacto com as perspectivas de agentes externos às comunidades, dando-nos acesso às suas percepções dos baldios. Este tipo de informação contribui para situar o baldio, e a gestão comunitária, na sociedade actual. Sobretudo naquela sociedade actual que não vive nos, nem dos, meios rurais, a não ser indirectamente, através da paisagem e da memória cultural. Porque no fundo é essa sociedade, a que vive cá mas que gosta

de ir lá, que acede directa ou indirectamente a recursos lá residentes, que procura valorizá-los e/ou preservá-los..., que tem promovido as principais mudanças no mundo rural e, mais especificamente, no baldio, pelo que a sua perspectiva importa, quando se pretende pensar o futuro da propriedade comunitária.

1.2. Aprofundamento do estudo: o caso de Fafião

A segunda fase do trabalho de recolha desenvolveu-se ao longo de um período de estadia de dois meses e meio numa das comunidades utilizadoras de baldio. Ao longo deste período pretendeu-se aprofundar o conhecimento sobre o papel do baldio na dinâmica da comunidade e das famílias e sobre a forma como a gestão é desenvolvida, procurando-se conhecer as perspectivas e percepções de outros compartes para além daqueles integrados na actual entidade gestora. Por outro lado, procurou-se ter acesso ao percurso evolutivo do baldio na comunidade e da sua gestão pela comunidade, tendo como foco os matizes das relações entre os compartes, e entre os compartes e o baldio. No fundo, procurou-se aceder tanto quanto possível à “imagem completa” da situação sob análise, evitando a simplificação dos fenómenos observados.

O trabalho foi desenvolvido na aldeia de Fafião, concelho de Montalegre, distrito de Vila Real. A escolha da aldeia atendeu à localização particular que assume Fafião, na fronteira entre dois municípios, Montalegre e Terras do Bouro, entre dois distritos, Braga e Vila Real, e ainda entre duas regiões, Trás-os-Montes e Minho, sendo que formalmente pertence a Trás-os-Montes. Vindo do litoral, Fafião é a primeira aldeia do concelho de Montalegre, do distrito de Vila Real e da região de Trás-os-Montes, sendo que a Ermida, sua aldeia limítrofe para Oeste, se encontra ainda integrada no concelho de Terras do Bouro, distrito de Braga e região do Minho. Fafião pertence à freguesia de Cabril,

[...] mosaico de pequeninas povoações ao longo das encostas abrigadas que descem sobre os rios: Xertelo, que fica acima dos 700 metros, Lapela e Pincães, acima dos 600 metros, São Lourenço, Chelo, Fafião e Azevedo, acima dos 500 metros, Bustochão e Vila Boa, acima dos 400 metros, e todas as restantes, Cabril (que já se chamou a Vila ou a Baixa), Cavalos, Chãos, Fontaínho, São Ane e Chã do Moinho, não sobem para lá dos 300 metros de altitude (Câmara Municipal de Montalegre, 2018).

Trata-se da segunda freguesia mais extensa do concelho, com 76,6 km². Nas localidades mais baixas e húmidas do Barroso, particularmente da freguesia de Cabril, ao contrário do que se passa no ambiente circundante, as condições climáticas, topográficas e pedológicas permitem produzir fruta (designadamente, laranja), vinha e olival (Câmara Municipal de Montalegre, 2018). Fafião encontra-se localizada mais perto da sede do concelho vizinho (Braga), do que da sua própria sede de concelho. De facto, percebe-se na aldeia uma dualidade entre o orgulho de ser transmontano e a facilidade de acesso aos benefícios que uma cidade como Braga oferece e que Montalegre, sofrendo os efeitos da interioridade, não consegue. Esta situação reflecte-se ao nível do emprego, da formação universitária, bem como dos transportes e comunicações para o resto do país, dado o acesso à linha ferroviária e a uma boa rede de transportes rodoviários.

A dinâmica demonstrada pela comunidade de Fafião foi outra das razões para a selecção da aldeia. Ao contrário de outras aldeias, verifica-se aqui uma maior heterogeneidade etária, sendo que os jovens, ainda que muitos ali não vivam diariamente, fazem questão de manter semanal a sua presença e participação nas actividades e preocupações da aldeia. A proximidade de Braga e a existência de mega-empreendimentos da EDP na região, fonte importante de emprego local noutros tempos, garantiram que aqueles que se viram obrigados ou impelidos a procurar outras condições de trabalho, pudessem ficar por perto.

A forma como Fafião parece destacar-se de outras aldeias poria em causa a generalização dos resultados ali conseguidos. Contudo, com este estudo de caso pretende-se sobretudo perceber a forma como as diferentes entidades interagem e o peso dessa interacção e da sobreposição de instituições sobre a gestão dos baldios. Estas questões põem-se em qualquer baldio, e com este estudo de caso pretendemos perceber até que ponto aquelas interacções podem lesar ou favorecer a gestão comunitária sem com isso poder ou querer afirmar que o nível de influência será igual para todos os baldios. Nem a quantidade e a qualidade de factores que influenciam a gestão destes baldios o permitiria.

O trabalho de campo decorreu entre Agosto e Outubro de 2015. Ao longo deste período, conseguiu-se um progressivo envolvimento e integração nas dinâmicas da aldeia, que permitiu perceber melhor a estrutura daquela comunidade. Foi assim sendo

possível aceder ao estado actual da comunidade,²³ do ponto de vista das relações, laços, familiares e afectivos, histórias de conflitos e colaborações. No fundo, informação que iria contextualizar e completar o lado observável das relações interpessoais, inter-familiares, institucionais e inter-institucionais.

Ao longo do trabalho de campo, estabeleceram-se conversas informais com habitantes e visitantes da aldeia e efectuaram-se entrevistas semiestruturadas e livres com os habitantes. Ao todo, foram realizadas 20 entrevistas, das quais 14 em Fafião. Ao mesmo tempo, o envolvimento na vida da aldeia, das pessoas e famílias, a participação em trabalhos agrícolas, nas festas da terra, e nos eventos socialmente importantes, criou uma situação de proximidade que permitiu captar o papel do baldio e dos seus recursos, o tipo de uso desenvolvido e a maneira como se encontra organizado. À medida que nos inseríamos, foi ficando facilitada a identificação dos indivíduos cuja acção foi determinante na história do baldio e no funcionamento recente e actual da sua gestão. No conjunto das pessoas que foram sendo contactadas, formal ou informalmente, encontravam-se diferentes tipos de relação com o baldio, desde produtores de animais que usavam e usam o baldio para pastagem e recolha de matos; pessoas a quem noutros tempos foi cedida a posse de parte do baldio, sendo-lhes retirada aquando da devolução aos povos, tal como fora previsto na lei; antigos e actuais membros dos órgãos de gestão do baldio; compartes sem qualquer relação directa, de uso ou de outra natureza, com o monte baldio; o presidente da Junta de Freguesia (Cabril), comparte do baldio de Cabril, limítrofe ao de Fafião, e presidente do Conselho Directivo; jovens sem qualquer relação “produtiva” com o baldio, para além da ajuda dada pontualmente às gerações anteriores, mas com uma relação emocional, de tradição, muito forte; membros da comunidade envolvidos em conflitos com grande parte da população, alegadamente devido a comportamentos e actos de abuso dos direitos de propriedade sobre os bens comunitários (abuso por uns ou por outros, dependendo da perspectiva); compartes habitantes na grande cidade (Braga, por exemplo), mas que mantêm casa e campos na povoação e uma relação semanal a quinzenal com a aldeia, encontrando-se inclusivamente integrados nos órgãos de gestão do baldio.

²³ Sendo que aqui se entende por comunidade o conjunto de relações estabelecidas entre os membros, cujo conhecimento permite de alguma forma construir expectativas relativamente ao comportamento dos vários elementos da mesma, e concertar forças para a acção, ou seja, para a acção colectiva. O estado da comunidade justifica em certa medida a forma como funcionam as instituições desenvolvidas com base nessa comunidade.

Regra geral, as entrevistas foram combinadas com antecedência, havendo um primeiro contacto, pessoal ou telefónico, para determinar disponibilidades. As entrevistas tiveram lugar em diferentes cenários, sendo o mais comum a casa das pessoas entrevistadas. Outros cenários foram o campo agrícola enquanto era feita a rega; o café da aldeia; o próprio baldio; uma viagem de carro a Chaves, o ponto de vigia próximo à aldeia, acompanhando o serviço da equipa de sapadores florestais. As entrevistas não tiveram uma duração padrão, dependendo da vontade e disponibilidade do entrevistado. Enquanto na maioria a conversa se estendeu durante horas, extravasando as expectativas do entrevistador, noutras, poucas, o tom de “questionário” liderou o decurso da conversa, mantendo-se esta estruturada sobretudo na dinâmica pergunta-resposta. Nestes casos, a entrevista terminou quando o entrevistador deu por terminadas as questões ou os temas a abordar.

De modo mais descontínuo, ao longo dos três anos que decorreram desde que o projecto começou a entrar no terreno, foi recorrente a participação em eventos organizados por e para os compartos, ou sobre assuntos relacionados indirectamente com a questão dos baldios. Estes eventos permitiram a troca de ideias e o estabelecimento de uma rede de contactos relevante dentro da teia institucional, formal e informal, tecida em torno da gestão dos baldios. Assim, o contacto com a realidade de outros baldios, com grupos que trabalham de diferentes formas com a propriedade e gestão comunitária (e.g. universidades, cooperativas culturais), com associações e federações de associações directamente envolvidas na gestão dos baldios e na defesa da propriedade comunitária, permitiu captar a abrangência da questão, ou das questões, que directa ou indirectamente a influenciam.

2. Análise de dados

Como ficou dito, os dados obtidos na primeira abordagem, que procurou caracterizar os baldios do Parque Nacional, resultaram de questões sobre tópicos que na literatura são considerados fulcrais para analisar sistemas de gestão comum. Na análise dos dados, optou-se pelo método manual, dado que o tamanho da amostra não exigiu o recurso a ferramentas informáticas. A codificação do discurso dos participantes partiu da “codificação primária” sustentada nas quatro dimensões assumidas como linhas orientadoras da abordagem: entidade gestora; sistema de recursos; meio envolvente, e utilizadores. Para além destas quatro dimensões de análise, optou-se por criar uma

quinta que reflectiria a gestão do baldio em si, claramente determinada por aquelas quatro mas que reflectiria os aspectos concretos da gestão efectuada, e as relações estabelecidas pelo entrevistado com os factores actuantes aquando da gestão. Desta forma, poderão confrontar-se as diferentes opções de gestão em cada baldio, e em seguida contextualizá-las recorrendo à informação codificada segundo os conjuntos de factores condicionantes da gestão (os quatro códigos “primários” já referidos). Ao longo da análise de conteúdo e da codificação da informação, à medida que nos inteirávamos do conteúdo dos discursos, determinados subtemas foram sobressaindo, criando-se sub-códigos. Esta subdivisão permitiria tornar a informação mais clara e acessível ao longo da análise. Os códigos usados e o resultado da codificação do discurso das 30 entrevistas encontra-se em anexo (Anexo VII e VIII, respectivamente).

Após a codificação, confrontaram-se as várias entrevistas, ou os vários excertos codificados, no sentido de avaliar a importância dos aspectos evidenciados em cada entrevista, no cenário maior dos baldios do PNPG, de forma a possibilitar a construção de um discurso descritivo e caracterizador dos baldios, sem incorrer em generalizações ou particularizações desadequadas.

Ao longo do trabalho de aprofundamento realizado em seguida em Fafião, determinados assuntos vieram ao de cima mais vezes que outros, quando se falava do baldio e da sua gestão. As posições assumidas, ao serem repetidas e por vezes muito vinculadas, facilitaram a identificação de pontos sensíveis no que diz respeito ao baldio. Sensibilidade que teria a sua origem na história do baldio, nas relações estabelecidas entre as pessoas, e entre as pessoas e o espaço, na acção de agentes externos com impacto sobre os usos e costumes, ou em alterações à forma como os direitos de propriedade foram e são definidos e redefinidos. Estes são apenas exemplos de questões que foram ganhando dimensão à medida que o trabalho se foi desenvolvendo, ditando em grande parte a forma como ele se veio a desenvolver. Nesta medida, a análise dos dados, nesta segunda fase da pesquisa, foi sendo realizada ao mesmo tempo que as próprias consultas iam acontecendo, ou que se iam testemunhando vivências e relações. Cada abordagem foi sempre mais ou menos moldada pelos resultados e questões levantadas pelas anteriores.

Após cada entrevista, recorreu-se por regra ao caderno de campo para apontar determinado detalhe, para pensar e estabelecer relações entre as várias informações recolhidas, independentemente do método de recolha utilizado, no fundo para ir fazendo

uma espécie de actualização e reorganização da informação. A transcrição das entrevistas foi sendo feita, tanto quanto possível, ao longo da estadia, para que qualquer questão que surgisse ao voltar a ouvir-se o discurso pudesse ser facilmente verificada, confirmada, e analisada no seu próprio contexto.

A análise dos dados foi efectuada manualmente, analisando-se cada entrevista separadamente, uma vez que nesta fase o que se procurou à partida não foram padrões, mas sim o aprofundar de casos particulares de relação com o baldio. Por outro lado, o número de entrevistas e de testemunhos, e os constantes acompanhamento e actualização da informação durante o processo de recolha, com continuada ponderação e análise, tornaram o recurso a métodos informáticos pouco útil. À medida que os actores foram sendo abordados, através de entrevista, de conversas informais ou de simples observação que derivou da partilha de espaços, momentos e rotinas, a confrontação da informação obtida juntos dos vários participantes, formais ou informais, foi inevitável, no que respeita às questões comuns (e.g., opinião sobre o desempenho dos vários conselhos directivos e principalmente sobre o actual). Assim, não obstante nesta fase se procurasse sobretudo recolher histórias individuais de relação com o baldio, os padrões entre discursos emergiram da análise, designadamente no que respeita às posições que os vários actores assumem perante o baldio e a sua gestão.

A informação extraída de leituras de outros trabalhos sobre a realidade das pequenas comunidades rurais, do Parque Nacional, ou dos baldios e gestão comunitária, serviu igualmente para completar e/ou avaliar a relevância do conhecimento ali apreendido. A participação em congressos e em outros eventos de partilha de conhecimento, com ou sem apresentação de comunicação, fomentou igualmente o continuado confronto, enriquecendo a análise dos dados. A redacção de um artigo, entretanto publicado numa revista científica (Luz, 2017), instigou uma análise aprofundada da informação recolhida até ali e informou a recolha e a análise subsequentes.

3. Questões éticas

Os princípios éticos que devem guiar um trabalho desta natureza, e que foram atendidos ao longo desta investigação, determinaram até certo ponto limites na utilização do método. Assim, no que respeita às entrevistas, as pessoas foram informadas do âmbito e contexto do projecto e do que se esperava fazer em seguida com a informação recolhida. Antes de iniciar a entrevista foi posta a questão da gravação

áudio, se se sentiam confortáveis com esse registo, explicando que a informação teria apenas os fins referidos. A gravação foi feita apenas nos casos em que houve consentimento expresso.

Dada a profundidade a que se chegou em algumas entrevistas na segunda fase do trabalho de campo, com conteúdo por vezes potencialmente difamatório, optou-se por não identificar os entrevistados, recorrendo-se a pseudónimos. Ainda assim, determinadas referências a cargos, locais ou actividades poderão permitir identificar os interlocutores. Embora as pessoas contactadas tenham sido informadas sobre o contexto e objectivo do trabalho a que se destinavam as entrevistas, obteve-se ainda assim junto dos entrevistados citados o seu consentimento informado por escrito.

CAPÍTULO IV. O ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL DOS BALDIOS

1. O entorno sociopolítico e institucional dos baldios

Os direitos de propriedade, bem como as entidades que os detêm, exercem ou constroem, encontram-se delimitados do ponto de vista legal, não sendo contudo essa – a lei nacional – a única instituição que os delimita e regula o seu exercício. Numa determinada área, podem coexistir diferentes sistemas de direitos de propriedade legitimados em vários tipos de instituições, que se sobrepõem, articulam, e podem entrar em conflito. Quando mais densa for essa sobreposição, maior a probabilidade de os preceitos defendidos por cada uma entrarem em choque. Desde o Estado-nação aos usos e costumes de uma comunidade local, são várias as camadas institucionais que delimitam os comportamentos legítimos de apropriação em cada metro quadrado do território. Em seguida, focamos o entorno económico, social e político que, de uma forma ou de outra, delimita a acção nos baldios do PNPG, e que está intrinsecamente associado às instituições ali vigentes, centrando a nossa atenção sobre alterações institucionais que tiveram lugar no período durante o qual decorreu a pesquisa e que se destacaram pela forma como vieram a marcar a situação dos baldios em Portugal, e particularmente dos do PNPG. Alguns destes foram já referidos e desenvolvidos em secções antecedentes, a propósito das suas incidências locais, sendo aqui recapitulados para que se entenda a sua relevância na delimitação da acção dos compartimentos nos baldios em relação com o contexto institucional mais amplo.

Todos os baldios a nível nacional, exceptuando aqueles cuja natureza jurídica da propriedade deriva da figura dos forais (os acima mencionados “montes aforados”), se encontram sujeitos à legislação específica criada para delimitar o seu uso e gestão. Esta legislação, à data do trabalho de campo estabelecida pelo DL nº 72/2014²⁴, teve a sua primeira versão em 1976 como resultado das alterações sociais e políticas que decorreram do golpe militar de 25 de Abril de 1974. Foram então publicados os Decretos-lei que, no seu conjunto, ficaram conhecidos como “lei dos baldios”,

²⁴ Quando este projecto teve início, a legislação de enquadramento dos baldios era o DL nº 68/93. Em 2014 foi proposta e aceite na Assembleia da República uma nova versão daquele decreto, o DL nº 72/2014, ainda vigente durante todo o nosso trabalho de campo. Em 2017, a lei foi novamente alterada através do DL nº 75/2017 de 17 de Agosto.

designadamente o DL n° 39/76 e o DL n° 40/76. Ao longo das décadas seguintes estes viriam a ser contestados várias vezes e reformuladas as suas disposições legais. Em 1993, deu-se a primeira alteração de fundo ao conteúdo legal daqueles decretos. Apesar dessas alterações, o DL n° 68/93 continuava a garantir a salvaguarda dos interesses locais e dos usos e costumes que regulavam a dinâmica das comunidades serranas. No diploma, encontra-se toda a panóplia de definições, restrições e possibilidades que limitam a acção não só dos compartes mas também dos restantes cidadãos perante um baldio.

Este contexto legal e normativo foi posto em causa em 2014, com uma proposta de lei feita pelos grupos parlamentares que então apoiavam, com maioria absoluta, o Governo. A referida proposta foi aprovada no Parlamento, com os votos contra dos restantes partidos, passando a constituir a mais recente “lei dos baldios”, o DL n° 72/2014. As alterações introduzidas geraram a controvérsia pública que levou à mobilização a nível nacional do movimento dos baldios²⁵ em prol da sua reversão. Sintetizando, a nova lei significava a perda de autonomia dos compartes na gestão dos baldios, facilitava o acesso do mercado ao património comunitário através da criação da figura do arrendamento, e a passagem de bens em propriedade comunitária para o património privado das autarquias. Com o apoio dos partidos da oposição com assento no Parlamento, de investigadores e instituições académicas, e com a mudança do Governo em 2015, o movimento conseguiu que o Decreto-Lei fosse submetido à avaliação do tribunal constitucional, sendo mais tarde revogada e substituída. Entretanto, fora publicado o DL n° 165/2015 de 17 de agosto, que regulamentava a legislação de 2014, designadamente no que se refere à modificação das situações de cogestão para gestão autónoma do baldio pelos compartes. Entre outras questões deixadas em aberto pelo DL n° 72/2014, o Decreto-Lei regulamentador definia a compensação devida no término dessa administração. Mais uma vez, a gestão pelas comunidades era de alguma forma desencorajada pela interposição de processos burocráticos extensos e pelo estabelecimento de valores de compensação elevados. Imediatamente após a entrada em funções do novo Governo, o referido DL n° 165/2015 foi revogado. Com a participação e apoio das entidades acima referidas, cerca de um ano mais tarde foi criada a lei hoje em vigor (DL n° 75/2017 de 17 de agosto).

²⁵ Por “movimento dos baldios”, entende-se aqui a acção pública coordenada do conjunto dos conselhos directivos, associações, e outras entidades que intervêm directa ou indirectamente na gestão dos baldios e que de alguma forma vêm apoiando a propriedade comunitária e trabalhando para a sua defesa.

Esta descrição de cerca de três anos da vida legal dos baldios ilustra bem a vulnerabilidade a que a propriedade e a gestão comunitárias destes territórios estão, e têm estado, sujeitas. A actividade dos compartes está largamente dependente da forma como os partidos políticos com assento na Assembleia da República, e por extensão o seu eleitorado maioritariamente urbano, vêem ou se posicionam perante o meio rural e a floresta, e particularmente perante a propriedade rural comunitária. Nos tempos que correm à data da redacção desta tese, com os fogos florestais a encherem os telejornais com relatos trágicos que reflectem a negligência estatal e de outras instituições incumbidas de manter a gestão do território, a tendência tanto poderá ser a de constituir os compartes, ou generalizadamente as populações rurais, de bodes expiatórios dos males da floresta; ou a de, face a um ICNF descredibilizado e dotado de poucas condições para intervir (nomeadamente, por ausência de um corpo técnico consistente e organizado destacado nas zonas rurais e/ou nas áreas protegidas), valorizar e apoiar a gestão comunitária dos seus territórios.

Além da legislação específica que simultaneamente defende e constrange os baldios e a gestão comunitária, qualquer baldio encontra-se igualmente sujeito aos restantes planos de ordenamento que incidem sobre o território nacional. Além disso, existem partes do território que, por lhes serem identificadas determinadas características, foram classificadas como especiais, impondo-se-lhes um trato também particular. Isto significa que se irá assumir uma nova camada de expectativas, traduzidas em legislação e em normas instituídas, que irão delimitar o uso e gestão dessa área. Por outras palavras, um outro nível institucional será criado para definir e fazer cumprir um tipo de gestão que acate essas características particulares.

O PNPG é um desses casos. Aquando da sua criação em 1971, como vimos, já os baldios incluídos no Parque Nacional tinham sido fortemente intervencionados pelo Estado, pela acção dos Serviços Florestais, encontrando-se muitos deles englobados em perímetros florestais. Estes perímetros eram e continuam a ser formados por propriedade privada, pública e comunitária (então ainda não assumida como tal na legislação nacional). Com a criação do PNPG, todas estas áreas e os seus recursos ficaram submetidos a um regime de uso e gestão que atendia aos objectivos de protecção e conservação definidos na nova instituição, sobrepondo-se às instituições já vigentes sobre aquela área, desde a escala nacional e legal à local e comunitária. A

entrada da floresta já significara alterações importantes aos usos e costumes, com efeitos práticos sobre os meios de produção que permitiam à população subsistir num meio rigoroso e exigente. A instituição do Parque significaria também algumas melhorias logísticas das regiões incluídas, como a construção e melhoramento de estradas e caminhos, a instalação de electricidade, a criação de alternativas de emprego, etc.. Contudo, estas não chegariam da mesma maneira a todos os lugares e famílias, pondo os restantes em situações delicadas, alguns vendo-se na necessidade de vender os animais e/ou de emigrar. A verdade é que a relação das populações com as autoridades estatais, particularmente aquelas responsáveis pela gestão da floresta e do Parque, ficariam afectadas até aos nossos dias. Inevitavelmente, a percepção da acção do Estado é ainda hoje filtrada pela memória local.

Em 1976, os baldios retornaram à posse das populações, sendo estas, caso organizassem órgãos de gestão, as legítimas utilizadoras e gestoras dos montes. Entretanto o Parque Nacional viera reforçar a influência do Regime Florestal, ao decretar que o território abrangido ficaria obrigatoriamente sob esse regime de forma parcial. Embora grande parte da área classificada tivesse de facto sofrido intervenção dos Serviços Florestais, esta não abrangera a área total. Tanto pela influência histórica dos Serviços Florestais no território, como pela presença agora forte da floresta na paisagem, a maior parte das comunidades no Parque optou pela cogestão dos seus baldios com o Estado, pretendendo assim assegurar o apoio técnico e logístico deste. Hoje, embora os serviços do ICNF não correspondam às expectativas no que respeita ao apoio esperado, o Estado continua a fazer parte das contas do baldio, designadamente pela repartição da receita da floresta entre 40% para o ICNF e 60% para as comunidades.

Embora o decreto-lei referente à criação do Parque previsse o bem-estar das populações e a integração de medidas de desenvolvimento rural que permitissem equilibrar o impacto das decorrentes restrições, estes aspectos foram fracamente atendidos ao longo das décadas. Só recentemente, na prática em 2007 ainda que o projecto fosse de 2005, foram criadas medidas para atender a essas questões, procurando, entre outros objectivos, compensar os “serviços ambientais” produzidos pelas práticas agrícolas tradicionais. As medidas agro-ambientais denominadas Intervenções Territoriais Integradas (ITI) foram introduzidas com o PRODER 2007-

2013, inicialmente pensadas para os proprietários, privados e comunitários, integrados no Parque Nacional. A medida abrangeu igualmente outras áreas protegidas a nível nacional, contudo nem todas tiveram a mesma adesão e sucesso na implementação. Também ao nível dos proprietários privados, o sucesso da implementação destas medidas foi limitado, mantendo-se, à data da realização desta investigação, activas apenas num número circunscrito de áreas protegidas do país, e dirigidas somente à propriedade comunitária.

As ITI são medidas governamentais que atendem a incentivos europeus para a conservação da natureza e da paisagem, e que recorrem a financiamento da UE. Como se lê na documentação oficial dessas medidas para o PNPG, “para a conservação dos recursos naturais é necessário a manutenção de alguns sistemas agrícolas e florestais com eles relacionados. O PRODER²⁶ incentiva os agricultores à manutenção e recuperação destes sistemas através de apoios de natureza agroambiental e silvoambiental e incentivo a investimentos não produtivos, necessários para o cumprimento de objectivos agroambientais e silvoambientais”. O financiamento previa garantir as condições para que o conjunto de actividades previstas com aqueles fins fosse cumprido, entre as quais se destacavam: i) manter a área agrícola livre de infestantes arbustivas em toda a área declarada; ii) manter as árvores, os muros de pedra posta e outros elementos patrimoniais importantes para a paisagem; iii) manter os pontos de água acessíveis à fauna, e iv) manter a vegetação arbórea e arbustiva ao longo das linhas de água (PRODER 2007-2013). Esta medida foi implementada em várias outras áreas protegidas com diferentes objectivos atendendo às características do local. Contudo, com os objectivos descritos, a medida foi apenas implementada no Parque Natural da Serra da Estrela e no PNPG, e foi neste último que encontrou maior adesão e que obteve maior sucesso de implementação, mantendo-se hoje activa no PDR 2020 (os denominados Apoios Zonais). A implementação por privados não recebeu tanta atenção dos agentes visados, tendo essa vertente sido abandonada a curto prazo.

Na prática, a implementação das ITI no PNPG constou de limpezas de matos em zonas de pastagem (i), recuperação de manchas florestais através de técnicas de

²⁶ Em 2015, durante o qual realizámos o trabalho de campo, ainda era o PRODER que estava em acção. Era o último ano de vigência das medidas (ITI), estando precisamente a ser implementado o novo programa de desenvolvimento rural associado ao Horizonte 2020 – o PDR – em que as ITI seriam substituídas pelos designados “Apoios Zonais”.

adensamento (ii e iii), controlo de espécies exóticas e da recuperação de estruturas construídas como parte dos sistemas agrícolas (ii). O compromisso i) associado à gestão do pastoreio foi aquele cujo desenvolvimento foi generalizado a todos os baldios do PNPG, uma vez que a existência de zonas de pastagem comunitária é o principal traço comum às 30 unidades de baldio. Com a sua aplicação, pretendia-se mimetizar a dinâmica secular resultante da actividade regular e contínua do pastoreio, simultaneamente garantindo-se a realização de medidas preventivas que diminuiriam a probabilidade de incêndio.

Como se pode ler na documentação do PRODER, seriam candidatos elegíveis os “baldios administrados por compartes ou pessoas colectivas de direito privado, administradoras de superfície agro-florestal, com o objectivo de utilização em comum pelos seus utentes, segundo os usos e costumes da região em tudo idênticos à gestão comunitária de baldios” (PRODER, 2018). A definição “pessoas colectivas de direito privado” incluía os montes aforados – territórios com funções em tudo idêntica às dos baldios comunitários, mas cuja origem histórica em cartas de foral ou contratos de aforamento colectivos os havia instituído como propriedade colectiva de direito privado –, e deixava de fora os baldios geridos pelas Juntas de Freguesia; pelo menos, como veremos abaixo, na componente agroambiental. O financiamento beneficiou, assim, os baldios cujos compartes se tivessem auto-organizado para a sua gestão, incentivando deste modo a formação em cada baldio do Conselho Directivo (CD) e da Assembleia de Compartes (AC) ou da Associação de Proprietários do monte aforado, e por essa via a organização dos compartes para a gestão dos seus territórios. Um técnico do ICNF, que fora responsável no então ICNB (Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade) pela implementação desta medida, justifica-a da seguinte forma:

Quando se fez a proposta..., aquilo [ITI] está um bocado dividido entre a floresta e a parte da pastagem... quem fez a proposta para a parte da pastagem fomos nós, foi o ICNB na altura, e a parte da floresta foi a AFN [Autoridade Florestal Nacional] das florestas... o que é que aconteceu, nós considerámos que tinha de ser o Conselho Directivo, obrigámos a formarem, e na própria portaria dizia mesmo, na parte das ITI agroambientais, que é pastagens, que só os Conselhos Directivos é que podiam concorrer, ou equiparados... equiparados são aqueles que são os montes forais. No caso da portaria ligada às

silvoambientais não, desde que estivesse delegado na Junta, ela podia gerir. Então eles na parte da floresta podiam concorrer, as Juntas, mas na parte da pastagem não podiam (ICNF).

Desta forma pretendeu-se, com sucesso, fomentar a organização local em torno dos recursos comuns. Como resultado, assistiu-se nesta altura à formação de um número considerável de CD, mantendo-se apenas dois baldios sob gestão de Juntas de Freguesia. Num destes, Rio Caldo, comentou o presidente da Junta de Freguesia:

Nas ITI nós perdemos muito dinheiro porque em termos de ITI o baldio, se fosse baldio recebia 4 ou 5 vezes mais. Uma Junta de Freguesia, nós como Junta de Freguesia recebíamos 8 000 euros anuais pelas ITI, se fosse um CD recebia 26 [mil], é para você ver (TR1).

Para além dos efeitos directos sobre a dinâmica da paisagem, a medida veio alterar o cenário institucional em que se alicerça a gestão dos baldios. Os compartes passaram a ter maior expressão e a estar necessariamente mais envolvidos nos processos de gestão e decisão do seu território. Se até aí, por falta de incentivo ou por inércia, grande parte dos baldios se mantinha sob a gestão de Juntas de Freguesia, hoje verifica-se maior assunção de responsabilidade pelos compartes, ou pelo menos por órgãos de gestão por si legitimados nessa qualidade, enquanto distinta da de eleitores da autarquia local. O desenvolvimento das actividades requeridas apoia-se num conjunto de decisões que passam a partir daí a ser efectuadas ao nível das Assembleias de Compartes e dos Conselhos Directivos. Sendo que o financiamento associado é atribuído a fundo perdido, a sua gestão é da completa responsabilidade dos compartes. Isto exige alguma capacidade de organização e decisão por parte das comunidades, particularmente dos CD. O retorno ao “monte” baldio consegue-se assim através do seu uso, mas também da confrontação dos compartes com as questões e preocupações que tornam esse uso possível, fortalecendo-se dessa forma a prática da gestão comunitária.

A actividade de limpeza das pastagens, a acção proposta pelas ITI que foi desenvolvida de forma generalizada em todos os baldios da área do PNPG, pressupunha a limpeza de uma área previamente determinada, definida de acordo com a área elegível para pastagem, tendo em conta as características de ocupação do solo e o nível de encabeçamento do baldio, isto é, o número de cabeças de gado existente. A

implementação da medida foi desde o início mediada por uma Equipa Local de Apoio, formada por representantes de diversas entidades com actividade local, entre as quais o ICNF²⁷. Contudo, a selecção dos locais para intervenção era efectuada em conjunto com os CD dos baldios. Partindo do antagonismo existente entre o ICNF/PNPG e as populações, a colaboração estreita que se estabeleceu entre a ELA e os CD e as associações de proprietários dos montes aforados teve um efeito pacificador e demonstrativo do potencial de uma relação de colaboração entre as duas entidades. Por outro lado, a criação de uma medida comum aos vários baldios do Parque criou inevitavelmente um ponto de contacto concreto entre as 30 unidades de território, ao submetê-las às mesmas contingências práticas imediatas. Efectivamente, desde a introdução das ITI e da criação dos CD mais recentes, houve já ocasião de recorrer à união dos baldios do Parque em torno de interesses comuns, como veremos.

A formação de equipas de sapadores no PNPG foi facilitada e incentivada pelo ICNF junto de entidades gestoras de áreas florestais, entre as quais se incluíram os CD e as associações de proprietários de montes aforados. A iniciativa, do ponto de vista legal, remonta a 1999 (DL 179/99 de 21 de Maio), embora estivesse já prevista na Lei de Bases da Política Florestal (Lei nº 33/96). Em 2009, e depois em 2017, a regulamentação da contratação das equipas foi actualizada (DL nº 109/2009 e DL nº 8/2017), contudo já desde 1999 que se previa a contratação de equipas pelos órgãos gestores dos baldios e o apoio do Estado para formação, equipamento e funcionamento das equipas. Na área do PNPG, verifica-se que as primeiras equipas associadas aos CD se formaram já por volta de 2005, ou mais tarde. Para além de garantir a formação, que decorre no Centro de Operações Florestais da Lousã, o Estado fornece equipamentos (e.g. veículos com tracção equipados com tanque de água e mangueira) e um subsídio a fundo perdido para cobrir “75% dos encargos directos com a contratação dos elementos que as integram, incluindo os encargos com seguros de vida e contra acidentes de trabalho, até ao montante máximo de 7 000 contos” (nº 2 do artigo 11º, DL 179/99). Com a actualização do regulamento em 2009, o valor entregue pelo Estado passa a

²⁷ De acordo com a Portaria n.º 596-B/2008 de 8 de Julho que regula a aplicação da acção n.º 2.4.1 a Estrutura Local de Apoio (ELA) é a estrutura de natureza técnica criada com o objectivo de promover a dinamização e aconselhamento técnico das populações alvo da respectiva ITI”. A ELA do PNPG é composta pelas seguintes entidades: Associação dos Baldios do PNPG; Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Barrosã; Associação para a Cooperação entre Baldios; Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca; Cooperativa Agrícola dos Produtores de Batata para Semente de Montalegre; Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte e Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.

corresponder “aos trabalhos de serviço público de gestão florestal e defesa da floresta que sejam acordados no protocolo previsto no n.º 2 do artigo 14.^o²⁸, referentes a seis meses de funcionamento ao serviço do Estado, num montante anual não superior a € 35 000”. A partir daqui, a responsabilidade das “despesas decorrentes da contratação dos sapadores, incluindo salários, encargos sociais e seguros, as despesas de funcionamento e as de enquadramento técnico da equipa” passa a ser das entidades detentoras das equipas (artigo 17º, nº 2, do DL nº 109/2009), situação que se mantém no DL nº 8/2017. No PNPG, o ICNF teve um papel importante ao incentivar a adesão dos CD, associações e Juntas de Freguesia responsáveis pelas áreas de baldio a esta iniciativa. Como resultado, de acordo com um técnico do ICNF, verificou-se que, “nós [PNPG] temos a maior concentração do país em termos de equipas [de sapadores] [...] são 12, 13 equipas ali todas, isso não se vê em mais nenhum lado do país uma situação destas”. E explica:

[A iniciativa foi] nacional, mas depois o [órgão] gestor [do baldio] é que decidia e nós na altura demos apoio para eles se formarem, comecei em Montalegre, montei cinco [equipas], na altura estava em Montalegre, depois os outros foram abertos, e fomos nós é que demos apoio técnico, e agora actualmente estamos a dar apoio técnico. [...] (ICNF).

Outro técnico da mesma entidade, mas destacado em Terras do Bouro e responsável pelas equipas de sapadores do concelho de Montalegre, confirma, “O Parque aí teve uma interferência bastante forte. Foram técnicos que adiantaram-se logo porque acharam que era uma mais-valia, e daí [as aldeias do PNPG] serem favorecidas nesse campo” (ICNF).

Não obstante, a forma como esta medida foi concebida e implementada teve um impacto que foi além dos seus objectivos específicos. De facto, para além de contribuir para a prevenção dos incêndios e a salvaguarda dos recursos florestais, a criação das equipas tem impacto sobre a estrutura socioeconómica da região, quer directamente através da criação de postos de trabalho, pelo menos cinco por baldio que forme equipa, quer, de forma indirecta, ao incentivar o envolvimento dos habitantes na gestão e actuação sobre o seu território.

²⁸ Protocolos celebrados entre a AFN, o IFAP, I. P., e as entidades detentoras de equipas para a concretização dos apoios.

Segundo o técnico do ICNF, responsável pela gestão de um conjunto de equipas de sapadores no PNPG e também comparte de um dos baldios, os sapadores recebem anualmente formação através de acções específicas. Ainda assim, a falta de qualidade de algumas equipas, que decorre da dificuldade de encontrar jovens adultos disponíveis para cargos em que a resistência e capacidade físicas são um requisito fundamental, é um factor de preocupação:

[...] Penso que a selecção dos elementos não fosse a melhor [...]. Era uma maneira de fazer uma equipa ali e não pensaram no futuro, no trabalho que realmente eles têm capacidade para fazer, aí foi um bocadinho... mas também temos de considerar que nas aldeias não temos muita escolha [...] é a realidade que temos, quando há hipótese de escolher bons elementos, eh pá!, porque isto convém ser pessoas jovens, porque a actividade exige muito deles, e como tal isso nem sempre é possível. Temos algumas equipas bastante boas, outras... (ICNF).

Ainda assim, é de realçar o inevitável impacto, por pequeno que seja, que esta iniciativa tem na fixação de pessoas na região.

Como decretado, além da quantia entregue pelo ICNF, que corresponde a menos de metade do custo total que significa a sua manutenção, a equipa é sustentada pelos CD, para o que o valor entregue no âmbito das ITI em muito contribui. De facto, nos casos em que os CD conseguem gerir este valor de forma a realizar as tarefas pretendidas e a sobrar alguma parte, este pode ser usado para os fins decididos pelos compartes. O ICNF não fiscaliza nem requer um uso determinado para o valor sobranter. Desta maneira, a quantia poupada tem sido usada no pagamento às equipas, na compra de material necessário para a gestão do baldio (e.g. carros com tracção às quatro rodas, tractores, quaisquer máquinas), ou mesmo na beneficiação de caminhos do baldio ou dentro da aldeia.

Outros casos há em que o dinheiro acaba por ser aplicado em trabalhos de melhoramento de muros da aldeia, da sede da Junta de Freguesia ou da igreja. Entre os compartes mais jovens que se encontram a liderar actualmente o baldio, a atitude é diferente, estes defendendo que o dinheiro que vem para o baldio não deve ser usado para outros fins que muitas vezes são responsabilidade da Junta de Freguesia. Talvez

por não terem vivido da mesma maneira os tempos em que a Junta de Freguesia era uma instituição local “central”, diferenciam bem os papéis de cada órgão. Nos restantes, principalmente quando existe uma ligação de algum membro do CD à presidência da Junta de Freguesia, parece ser mais facilmente aceite a união dos orçamentos de cada entidade, sendo nestes casos o dinheiro utilizado onde for necessário, não fazendo diferenciação entre o que é baldio e o que é aldeia. Neste caso defende-se que qualquer das situações é do interesse da comunidade e que, se hoje é a Junta de Freguesia que financia qualquer obra ou intervenção (ou vice-versa), amanhã será o baldio, conforme o que tiver maior abundância ou menor escassez no momento.

Para realizar as tarefas incluídas no ponto ii), designadamente a recuperação e conservação de elementos patrimoniais relevantes para a paisagem, os CD recorrem a uma outra vertente das ITI, os Investimentos Não Produtivos (INP). A ideia expressa na documentação descritiva desta medida do PRODER é a de manter o pastoreio em áreas de “cervunal e matos secos” ao mesmo tempo que se conservam as áreas de “turfeiras e charnecas húmidas”. Neste contexto a recuperação de determinadas estruturas que permitiriam cumprir esses objectivos, tornou-se relevante. Também esta rubrica das medidas se separava consoante os objectivos fossem silvoambientais ou agroambientais. No que respeita aos objectivos agroambientais, os quais previam intervenções específicas nos baldios (enquanto nos silvoambientais as acções propostas eram iguais conforme se tratasse de unidades de produção ou baldios), os INP financiaram a recuperação de estruturas como “casas de abrigo de pastor; mariolas; pontos de abeberamento para a fauna selvagem; vedações; percurso de pastoreio; fojo do lobo; cilha dos ursos; poios e currais e mangas, parques e troncos de maneio”. Esta medida previu o pagamento de 100% das despesas, pelo que as comunidades viram o seu património, algum até desconhecido das novas gerações, recuperado sem custos.

Estas são portanto acções que não se enquadram na beneficiação directa dos sistemas produtivos actuais mas que têm sobretudo valor cultural e patrimonial. Porque, enquanto para algumas destas estruturas se percebe rapidamente a ligação à manutenção do pastoreio como previsto na descrição da medida, noutras, como veremos, o objectivo parece ser sobretudo o de conservar o património histórico e cultural, dentro de um contexto de fomento da visita turística. Por outro lado, o facto de existirem programas que valorizam esse tipo de estruturas que muitas vezes nem a nível local encontram

grande valor associado, estimula o reconhecimento desse valor no seio das comunidades. Regista-se portanto algum potencial neste tipo de medidas para aproximar a população do seu património cultural. Mas sobretudo, e a uma outra escala, o incentivo à manutenção destas estruturas encontra-se nitidamente relacionado com a componente estético-cultural que se pretende promover no Parque Nacional, assim como noutras áreas rurais do país. Constata-se assim como o presente e futuro da paisagem rural são subtilmente ditados de fora, através do financiamento de acções com fins determinados que fortuitamente se tornam atraentes para as comunidades.

No Programa de Desenvolvimento Rural (PDR) para 2014-2020 o Apoio Zonal (AZ) do PNPG continua a apoiar a gestão do pastoreio nas áreas de baldio. Contudo, medidas nacionais inspiradas no novo regulamento da UE (1307/2013) para os pagamentos directos aos agricultores, resultaram na aplicação de um coeficiente de redução da elegibilidade de 50% nas áreas de “prados e pastagens permanentes com predominância de vegetação arbustiva caracterizadas por práticas de pastoreio de carácter tradicional em zonas de baldio” (Portaria nº 57/2015 de 27 de Fevereiro) e na exclusão total de áreas de floresta, zonas queimadas, rochas, água, etc.. Estas medidas tiveram um impacto substancial na extensão da área elegível para pastagem em zonas de montanha, reduzindo-a drasticamente em muitos casos. As alterações dificultam, por um lado, o acesso aos pagamentos directos dos produtores; e, por outro, diminui o valor monetário e os benefícios locais (ecológicos e sociais) provenientes da implementação da medida ITI/AZ. Como veremos no capítulo seguinte, esta situação ocasionou um processo de mobilização dos órgãos de gestão dos baldios do Parque.

Outra questão que se levanta em torno dos subsídios de que dependem estas actividades particularmente nos baldios, é dependência do seu acesso e da sua gestão de processos burocráticos complexos. Hoje, é praticamente obrigatório o recurso a entidades que facilitem o cumprimento desses requisitos (como associações de desenvolvimento local, empresas de gestão florestal, etc.), especializadas na satisfação das exigências emergentes do ponto de vista institucional e burocrático. Só a extensão, morosidade e complexidade, associadas ao preenchimento dos documentos de candidatura, dificulta a autonomia dos compartos nestas lides, ao ponto de impossibilitá-la.

Aquelas entidades, que no fundo vêm responder às lacunas criadas pelo sistema, são entidades que executam as tarefas necessárias ao andamento do processo burocrático, não só dos CD dos baldios, como dos agricultores singulares. Estando ambas as actividades, comunitárias e individuais, estreitamente ligadas aos apoios comunitários, ou mesmo dependentes destes, o recurso àquelas entidades torna-se incontornável. Desta maneira, gera-se todo um complexo de instituições e entidades que se autossustenta e que por natureza envolve gastos para os compartes e produtores, e ganhos para as empresas e associações que se especializam. Entregam-se subsídios às comunidades e de forma indirecta mas inevitável condiciona-se onde os compartes deverão investi-los. Existe assim toda uma estrutura institucional e uma teia de entidades que segue de perto a subsidiarização do meio rural, crescendo com ela e especializando-se em resolvê-la. Apoiam-se os agricultores criando-lhes outras necessidades, método que no fundo está de acordo com o sistema global, apoiado precisamente na criação contínua de necessidades e de formas de as suplantarem (e.g. produtos, serviços). Enquanto o sistema de subsídios se mantiver, todos os seus intervenientes estarão garantidos. Contudo, caso cessem os apoios da forma como são assumidos actualmente, tanto as associações especialistas nessas questões, como as limpezas de mato, como a manutenção do património construído, poderão ter o seu fim. Volta-se portanto ao ponto já aqui delineado, ou seja, de que se está perante um sistema que se auto-sustenta e não perante uma verdadeira solução de longo termo para o meio rural ou em particular para as comunidades do PNPG. Não obstante, a actividade destas entidades resulta na fixação de pessoas na região o que tem um efeito positivo só por si. Ao mesmo tempo oferece um serviço de proximidade aos produtores e aos membros dos CD e autarquias, nomeadamente no que diz respeito à gestão dos apoios. À falta de um serviço público de proximidade eficiente, associado por exemplo ao Parque Nacional e à sua relação com as comunidades, estas associações assumem esse papel (e.g. Associação dos Baldios de Trás-os-Montes-e-Alto-Douro; Associação Atlântica; etc.). Localizadas perto das povoações, normalmente nas sedes do município, servem de pontos de contacto, onde as pessoas se podem dirigir, colocar questões e dúvidas e realizar as candidaturas. No fundo é ali estabelecida uma ponte entre as aldeias e os serviços centrais, em Lisboa, onde estas medidas são criadas e estruturadas.

Portanto, os baldios, apesar de salvaguardados pela Lei e pela Constituição, veem a sua gestão depender de uma panóplia de instituições que actuam a diferentes

escalas. Quanto mais forem as camadas institucionais a recair sobre o território comunitário, maior será também a influência externa sobre as decisões locais. Os baldios do PNPG serão talvez os baldios que se encontram na situação mais intrincada do país no que à complexidade institucional diz respeito. Por outro lado, ao passo que este é um aspecto comum aos baldios do PNPG, existe uma especificidade inerente a cada comunidade que não pode ser ignorada quando se analisam os resultados da gestão de um baldio. Aliás as diferenças reflectem as várias formas de adaptação assumidas pelas diferentes comunidades perante diferentes desafios. Face à necessidade de actuar os modos de o fazer e/ou a definição dos órgãos de gestão são postos em prática e eventualmente alterados de acordo com o que cada comunidade considera mais adequado e eficiente para si. Da mesma maneira, as críticas que recaem tantas vezes sobre a gestão comunitária destas áreas e que tendem a recorrer à generalização da realidade (e.g. falta de interesse; falta de pessoas; ausência de actividade agrícola ou de recurso ao monte, etc.) e à posterior aplicação de receitas como soluções, devem partir de fundamentos locais e não gerais.

No próximo capítulo as particularidades de uma destas comunidades serão apresentadas e analisadas. Com esta abordagem propõe-se uma imersão no âmago de uma comunidade, a qual irá auxiliar na análise do que foi até aqui descrito. Muita da informação aqui descrita que resultou de uma primeira abordagem sobretudo aos actuais presidentes dos CD é ali decodificada à luz de outras perspectivas e da decomposição da teia de relações que sustentam a comunidade.

2. Actores e interacções institucionais na gestão dos baldios

Embora a gestão local do território baldio pelas comunidades que dele usufruem aconteça desde tempos imemoriais, a sua continuidade foi posta em causa várias vezes ao longo da história. A intervenção estatal no para florestação entre 1938 e 1968 foi talvez o evento que maior descontinuidade causou. Durante este período, o Estado, através dos Serviços Florestais, assumiu a posse e gestão dos baldios sobrepondo-se às instituições criadas e adaptadas pelas comunidades ao longo de séculos, pondo em causa o desenvolvimento das actividades tradicionais que permitiam a subsistência das comunidades e estruturavam a sua relação com os baldios.

O pastoreio, por exemplo, foi extremamente limitado. Os animais ficaram impossibilitados de entrar nas áreas delimitadas para a plantação de espécies florestais

com interesse produtivo, partindo-se do princípio de que a presença dos animais punha em risco a plantação (e.g., pelo pisoteio, consumo das jovens plantas). Produtores e agricultores ficaram assim privados, ou muito limitados, no desenvolvimento das actividades que os mantinham e às suas famílias, levando a que muitos vendessem os animais. Então, os direitos consuetudinários foram ultrapassados pelos regulamentos florestais, os quais eram supervisionados por guardas florestais instalados em casas do Estado nas serras. As casas do guarda eram distribuídas estrategicamente pelo território serrano, entretanto florestado, de forma a facilitar o trabalho de intervenção na florestação e a monitorização da actividade das comunidades.

Apesar de tudo, certos aspectos das instituições locais mantiveram-se nas relações intra e intercomunidades, principalmente nas aldeias onde o Estado e a floresta não chegaram. De facto, a reacção das comunidades não foi a mesma em todos os aglomerados, assim como o não foi a acção dos SF. Daí deriva que o impacto em cada baldio tenha sido muito diferente. Na prática, a entrada da floresta nos vários territórios comunitários, com a transformação dos direitos de propriedade associados, dependeu, por um lado, do interesse que determinada parcela do território representava para os fins propostos pelo Estado, e por outro, do nível de resistência oposto pelas populações.

A instauração do regime democrático criou a oportunidade de retomar, ou recriar, as formas de organização a que recorriam as comunidades serranas na gestão dos recursos locais. Após a publicação dos decretos-lei que formalizaram a entrega dos baldios aos povos (DL nº 39/76, DL nº 40/76), as comunidades puderam escolher entre diferentes modalidades de gestão. A inércia levaria a que, na larga maioria dos baldios, se mantivesse a situação que vigorava até aí e que se concretizaria na gestão pela Junta de Freguesia, por acordo tácito entre as instituições. Nos casos em que as comunidades decidissem assumir a gestão, pressupunha-se a sua intervenção activa através da organização de estruturas associativas (Conselho Directivo, Assembleia de Compartes, Comissão de Fiscalização) que, caso fosse essa a vontade da população, poderiam incluir os Serviços Florestais. No fundo a escolha era feita entre uma gestão autónoma e uma gestão partilhada entre as comunidades e o Estado, de quem se esperava sobretudo apoio técnico e logístico na gestão florestal.

Na área do Parque Nacional, é manifesta alguma heterogeneidade no processo de devolução dos baldios, que se reflecte nas várias formas de gestão ainda hoje existentes: das trinta unidades de baldio existentes no Parque, duas são geridas por

Juntas de Freguesia, três por associações de proprietários (caso dos montes aforados) e as restantes por Conselhos Directivos. Por outro lado, existem baldios em cogestão (a larga maioria) e outros em autogestão (dois, ou três se se considerar também um dos montes aforados), em que o CD (em Fafião e Ermida) ou a associação (em Campo do Gerês) gere os recursos sem a colaboração do Estado, não estando portanto submetidos aos deveres dessa colaboração (nomeadamente, à partilha de receitas). Verificam-se ainda outras situações que vêm tornar ainda mais variado o leque de possibilidades de gestão. O baldio associado à freguesia de Castro Laboreiro, por exemplo, que como referimos acima é o maior do conjunto e serve 42 lugares, é actualmente gerido por cinco assembleias de compartes. Segundo alguns informantes, a proximidade geográfica de alguns destes lugares propiciou a união de núcleos de gestão agregando baldios que teriam sido historicamente distintos. Segundo outros, a situação terá resultado de uma divisão da gestão antes exercida ao nível da freguesia, devido a divergências e conflitos internos.

Por outro lado, as alterações decorrentes da introdução dos apoios comunitários e outros interesses, como a implantação de turbinas eólicas, levaram a que alguns baldios, anteriormente geridos em conjunto pela freguesia, optassem por separar a gestão através da organização de CD por povoação. Por exemplo, a freguesia de Outeiro abrange os lugares de Outeiro, Parada, Cela e Sirvoselo. Até há pouco, o baldio era gerido ao nível da freguesia, pela respectiva Junta. Contudo, a perspectiva de acesso aos apoios comunitários levou à divisão da gestão daquele espaço. De acordo com o actual presidente do CD do baldio de Outeiro e Parada,

[O baldio] é igual, comum. O limite é o mesmo... e Cela e Sirvoselo também, o monte é comum. Agora Cela e Sirvoselo, como aqui era para se fazer o CD da freguesia, nessa altura... como aqui não se entenderam, e estava em risco a candidatura, lá o rapaz [de Cela] candidatou... fez ele por Cela e Sirvoselo e pronto (MO1).

No fundo, a existência de apoios directamente dirigidos aos baldios do PNPG fomentou a organização dos compartes em torno da sua gestão. Este aspecto funcionou de duas formas: quer incentivando a divisão de CD já existentes, quer através da alteração da entidade de gestão do baldio, da Junta de Freguesia para um CD. Igualmente, a reorganização administrativa que decorreu em 2013, através da união de algumas freguesias de menor dimensão, serviu de mote à separação da gestão de alguns

baldios dentro da freguesia (e.g., Lamas de Mouro, concelho de Melgaço). Pretendia-se assim garantir que os benefícios da gestão do baldio se mantinham distribuídos igualitariamente, receando que a alteração dos limites da freguesia levasse à perda de autonomia e capacidade de decisão na gestão do baldio, o qual seria estendido à União de Freguesias no caso de a sua gestão estar associada aos limites da Junta de Freguesia.

Por outro lado, a existência de baldios cuja área não se encontra completamente incluída no território do Parque (ver capítulo I.1) levou à coexistência de regimes diferentes de gestão numa mesma unidade de território (e.g., parte gerida pela Junta de Freguesia, parte pelo CD; parte sujeita ao Plano de Ordenamento do Parque, parte ao Plano Director Municipal). Assim, a gestão actual de cada uma das unidades de baldio depende da história local de cada comunidade e da forma como foram afectadas pelos vários eventos sociais e políticos.

2.1. Órgãos de Gestão

2.1.1. Juntas de Freguesia

Os dois baldios geridos pelas Juntas de Freguesia reflectem situações em que, ou não houve interesse em substituir aquele órgão na gestão, mantendo-se a Junta a gerir os recursos da comunidade; ou houve uma clara opção assumida pela comunidade, inclusivamente deliberada em reunião de compartes e registada em acta, de devolução da gestão do baldio à Junta.

O primeiro caso refere-se ao baldio de Covide. Este foi entregue pela Junta de Paróquia²⁹ às famílias que dele usufruíam, através de emissão de carta de foral em 1841. Como em algumas outras aldeias,

Desde 1946, por remição do foro, o monte de Covide passou a propriedade plena da comunidade foreira original. Porém, o facto de não existir uma comissão que se

²⁹ Até ao Liberalismo, “freguesia” e “paróquia” eram sinónimos, não existindo uma estrutura civil separada da estrutura eclesiástica. Em 1830, foram criadas as Juntas de Paróquia com “atribuições na área do culto religioso mas com direito a promoverem e administrarem todos os negócios que fossem de interesse puramente local. Com a reforma administrativa de 18 de Julho de 1835, as paróquias passaram a integrar a divisão administrativa do país sendo atribuídas funções administrativas às juntas paroquiais. Em 1840 voltam a ser retiradas do edifício administrativo, ao qual só retornarão com o Código Administrativo de 1878, data a partir da qual a freguesia ganha contornos de autarquia local, mantendo-se contudo ligada à igreja. Apenas na vigência da Primeira República as freguesias se viriam a desligar por completo da Igreja (Pauleta, 1997).

responsabilizasse pela gestão levou a que a Junta de Freguesia se mantivesse na tutela. Diz o actual presidente:

Normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público [...]. [O monte] é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir (TCo1).

Perante a inexistência de uma comissão, um grupo de proprietários juntou-se para gerir alguns negócios que envolviam os recursos do monte, negociando a instalação de saibreiras e o corte de pinheiros. Contudo, uma vez que a Junta de Freguesia não a reconheceu, a essa comissão autodesignada encontra-se até hoje ilegal, assim como as transações e negócios efectuados em seu nome. Nas palavras do presidente da Junta de Freguesia de Covide,

Por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas [que se organizaram numa comissão] que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque se o serviço é tratado pela Junta de Freguesia, a Junta de Freguesia tem direito [...]. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro... porque a Junta não pode, porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro [...]. Mas [essa comissão] nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita [...] (TCo1).

Existe assim alguma confusão naquilo que são as funções regulares da Junta de Freguesia – entidade do Estado cuja função se remete à gestão local, em prol dos interesses de toda uma comunidade de freguesia – e gestão de uma propriedade pertencente apenas a uma parte dessa população, detida em propriedade comum de direito privado. Enquanto a referida comissão pretende exercer os direitos dos (ou de alguns) proprietários, a Junta de Freguesia defende o que até aí fora tradição. Talvez existam de facto lacunas legais na forma de proceder da comissão, não obstante parece

denotar-se alguma vontade da autarquia em manter a tutela do monte e dos seus recursos, apesar de o seu presidente afirmar que “ [a Junta de Freguesia] não ganha nada [por estar a gerir o monte], só ganha chatices [...]” (TCo1). Para ilustrar este ponto, o presidente conta como a Junta, para defender o património do monte de Covide impedindo o uso do monte por um produtor não proprietário, teve de incorrer num processo em tribunal, cobrindo as respectivas custas.

Claro que foi para tribunal e perdeu porque ele não era herdeiro, o nome dele não estava aqui na escritura... não podia ser herdeiro, não é? Se fosse monte baldio, e ele se morasse cá tinha os mesmos direitos também, mas como isto é... o monte de Covide é uma propriedade daquelas pessoas e agora se aquelas pessoas morrerem são os herdeiros que vêm aí por adiante. Enquanto não o partir, todos têm em comum. Portanto não é uma propriedade de toda a gente não é, nem do parque, nem da floresta, nem... os nossos vizinhos do lado, não têm nada no monte de Covide. É uma propriedade, como eu digo desta cadeira (TCo1).

O segundo caso refere-se ao baldio de Rio Caldo, cuja gestão foi entregue à Junta de Freguesia por deliberação dos compartes, após prévia organização da comunidade em CD. Segundo o actual presidente da Junta, a gestão está entregue à autarquia há mais de 30 anos. Até aí existia um CD responsável pela gestão da totalidade do baldio da freguesia, apesar de na prática existirem diferenças na regulação do uso dos recursos entre as áreas das várias povoações. A entrega da gestão do baldio à Junta de Freguesia, alegadamente, levou à homogeneização das regras e do uso dos recursos do monte. Diz o presidente,

[...] Desde que passaram os baldios para a freguesia passou tudo a comum, há pessoas que não têm, por exemplo aqui o lugar de Paredes tem o baldio fora daqui, lá para aquela serra de lá, dantes no baldio só podia ir de lá daquela parte, agora por exemplo se vêm pedir aqui lenha vão a todo o lado. Dantes era dividido por lugares, agora ninguém liga a isso (TR1).

Recentemente chegou a ser posta a hipótese de se voltar à gestão pelo CD, com o objectivo de aceder a certos subsídios exclusivamente dirigidos a baldios geridos nessa modalidade (este assunto é aprofundado no capítulo 1.4, ao focar-se as camadas institucionais a que se encontram sujeitos os baldios na actualidade):

Já pensámos nisso, mas depois há ali uma confusão tamanha [...]. Já pensámos nisso, até já pensámos fazer englobado entre assembleia da Junta de Freguesia e a coisa, mas isto agora também houve alteração dos apoios, vamos ver, vamos ver se vale a pena se não vale. Até aqui ainda não nos metemos nisso porque isso dá uma trabalhadeira enorme, as Juntas de Freguesia já dão muito trabalho, os baldios então, deus me livre. [P: Por outro lado até era bom nesse aspecto...]. Em termos financeiros... (TR1).

O enquadramento dos apoios comunitários, agora geridos pelo PDR 2020 que veio substituir o PRODER, no novo quadro comunitário levou a que também os baldios geridos pela Junta de Freguesia viessem a ser contemplados neste tipo de medidas. Naturalmente, esta nova situação desmotivou a alteração do órgão gestor. Ao mesmo tempo, o receio do que pode significar gerir em paralelo outra instituição além da Junta de Freguesia, contribuiu para que não se precipitassem na alteração. Efectivamente, o número de entidades envolvidas na gestão do território da freguesia aumenta, caso os compartes decidam organizar-se na gestão do baldio.

2.1.2. Assembleias de Compartes e Conselhos Directivos

Os restantes 26 baldios são hoje geridos por Conselhos Directivos (CD), criados para o efeito em diferentes momentos na história. Enquanto a maior parte dos CD existentes dentro do PNPG são de formação recente, alguns são quase tão antigos quanto a legislação que os criou (DL n° 39/76 e DL n° 40/76). Fafião e Pincães no concelho de Montalegre, e Ermida e Vilar da Veiga, no concelho de Terras do Bouro, formaram CD logo a seguir à criação da legislação, em 1976/1977. Os restantes CD formaram-se nas últimas duas décadas, regra geral com fins muito definidos.

O conceito de conselho directivo (CD) foi introduzido pelo DL n° 39/76 que determinava a forma como as comunidades se deveriam organizar para que lhes fossem retornados os baldios. Esta concepção foi beber às ideias de cooperativa e associação que proliferavam naquela época revolucionária em que a actuação conjunta do povo era incentivada como contraposição a um passado recente de supremacia de um Estado autocrático. A estrutura concebida para o órgão de gestão, composta pelo CD, com cinco membros³⁰, pela Assembleia de Compartes, representada pela mesa da Assembleia através do seu presidente e dois secretários, e pela comissão de fiscalização,

³⁰ Alterado no DL n° 68/93, para 3 a 7 membros (secção III, artigo 20°)

correspondia no fundo à estrutura de qualquer associação. Enquanto no DL n.º39/76 a organização dos compartos visava a reapropriação dos recursos e direitos das comunidades serranas, negligenciadas durante o Estado Novo, na actualidade a decisão de formar o CD vai além dos princípios de justiça e democracia. Efectivamente são vários os incentivos à formação dos CD nos tempos que correm, todos pretendendo salvaguardar direitos e benefícios já existentes, ou garantir o acesso a novos. Por exemplo, alterações ocorridas na estrutura administrativa e política local e também novas possibilidades de financiamento levaram a que algumas comunidades cujos baldios que se encontravam sob a gestão de Juntas de Freguesia optassem por assumir a gestão do baldio.

Efectivamente, alterações à organização da administração local, designadamente ao nível das Junta de Freguesia, motivaram a alteração dos órgãos de gestão, o que nalguns casos implicou também a alteração dos limites das propriedades comunitárias. Em freguesias que abrangem mais do que uma aldeia ou povoação, é frequente o órgão administrativo da Junta de Freguesia incluir representantes de cada aldeia. Quando nem todas as povoações estão representadas na equipa eleita, cria-se um tipo de situação que levou à desintegração de um ou outro baldio, em que a aldeia não incluída na equipa da Junta, receando ser excluída dos propósitos do colectivo, quis salvaguardar os seus recursos. Outra situação, e talvez com um impacto mais generalizado sobre a divisão dos baldios, foi a união de freguesias que resultou da reforma administrativa ocorrida em 2013. Receando que os recursos até ali usados prioritariamente por uma determinada povoação/comunidade passassem a ser obrigatoriamente partilhados com todos os habitantes da nova (união de) freguesia, algumas comunidades preferiram assumir a gestão da sua área de baldio e candidatar-se autonomamente às medidas agroambientais. Ao mesmo tempo, como vimos e aprofundaremos adiante, o sucesso de determinadas medidas de apoio incluídas nos apoios comunitários da UE introduziu algumas alterações à gestão dos baldios, principalmente do ponto de vista estrutural.

Em paralelo, uns anos antes outra iniciativa motivara a formação de CD, designadamente o DL n.º179/99 de 21 de Maio, através do qual o Estado incentivava os gestores de áreas florestais, privados ou públicos, a formarem equipas de sapadores florestais, garantindo para isso alguns apoios à manutenção das equipas. Quando a equipa é entregue à Junta de Freguesia, cada baldio pertencente a essa freguesia usufrui apenas de uma parte do tempo da mesma. Se as comunidades pretendessem uma equipa

que trabalhasse na sua área de baldio em regime de exclusividade, teriam que alterar a escala da gestão para o nível da comunidade, organizando-se para isso. Em Cabreiro, por exemplo, o CD surgiu desta vontade,

[O CD foi formado] foi por causa dos sapadores florestais e para também... eu na altura também era presidente da Junta de Freguesia e também achava que o baldio deve ser um órgão autónomo, não tem que estar ligado à Junta, tem que ser coisas separadas, o baldio é uma coisa e a Junta de Freguesia é outra, foi mais a pensar em separar as águas (AC1).

Pelas mesmas razões, algumas comunidades que partilhavam o uso e gestão dos seus baldios, optaram por se separar e formar órgãos de gestão autónomos. Assim, num espaço de tempo relativamente curto formaram-se vários CD, principalmente no início do século XXI. Os últimos foram os de Cabana Maior (2012) e Lamas de Mouro (2013). O incentivo à formação de equipas de sapadores, a introdução de programas de financiamento à gestão de áreas protegidas directamente dirigidos aos órgãos gestores dos baldios, e por fim a união de freguesias, foram os vectores principais das alterações verificadas e que levaram a que nos últimos cerca de 17 anos se registasse um aumento do número de CD na área do PNPG.

Perante a constatação de que existem razões bem definidas para a recente organização dos compartes, e que vão além da vontade de gerir os seus próprios recursos, há quem afirme que os CD se encontram algo corrompidos, partindo-se do princípio de que a sua formação serve interesses muito particulares que envolvem o acesso a benefícios. Diz por exemplo o presidente do CD de Cela e Sirvoselo:

Os CD já não têm bem a mesma essência do que era antigamente. Porque antigamente o fito era mesmo para gerir... 90% dos CD que existem [hoje] nasceram porquê? Foi porque as Juntas de Freguesia tinham um determinado peso e são eleitas politicamente e quando às vezes acontecia uma eleição ao contrário formava-se um CD com a outra facção. Acaba por haver aqui uma mistura porque depois a Junta de Freguesia gere o dinheiro do FFF, do Governo, e os CD acabam por gerir as receitas dos baldios. Hoje há baldios que gerem muita mais receita do que gerem as Juntas de Freguesia, [...] portanto, já não é aquela ingenuidade que havia antigamente. Há aqui uma evolução um bocado... a maior parte [dos CD], 80%, daqui tem 10 anos, como o nosso e outros [...]

portanto a existência deles já não é bem a mesma com que existiu aqui há 30 anos atrás (MCS1).

Não obstante, existe agora necessariamente um maior envolvimento das populações na gestão do baldio e toda uma dinâmica em torno da gestão, ainda que em alguns casos consista em pouco mais do que a implementação das medidas agroambientais da UE. Como consequência, o número de baldios sob gestão de juntas de Freguesia é hoje diminuto no território do PNPG.

Não obstante, ainda que certamente incentive a gestão comunitária e a responsabilização das comunidades, a organização dos compartes em CD não se traduz necessariamente num reforço da acção colectiva para a formulação de projectos e sua adopção. Na prática, em muitos casos o CD acaba por assumir grande parte das responsabilidades da gestão, centralizando em grande medida as decisões no seu presidente. Esta situação parece derivar, por um lado, da falta de participação da comunidade nos processos de decisão, e por outro da forma como a equipa do CD perspectiva o exercício da sua função e o seu lugar na comunidade. Embora a lei preveja duas assembleias obrigatórias, uma para apresentação de contas e a outra para planeamento do trabalho anual, estas acabam por ter um papel formal, sobretudo para aprovação das propostas do CD pelos presentes, que raramente constituem um número representativo da comunidade. Propostas pensadas em conjunto e discutidas em assembleia não fazem parte do *modus operandi* destes órgãos. Diz o presidente do CD do baldio de Fafião:

Temos duas [reuniões da Assembleia] obrigatórias. Uma é a 31 de Março quando se apresentam as contas, e uma até 31 de Dezembro onde se faz o planeamento. O que tu esperas gastar e onde é que pensas investir, e coisas desse género [...].As pessoas aí [na reunião de planeamento] é que são informadas do que é que se vai fazer no ano, mas as coisas já estão delineadas. Tipo, nesta parte aqui vai-se limpar forrageira ou vai-se limpar um caminho não sei onde, também se informa [...] poderá alterar-se, se for uma coisa que as pessoas achem que é melhor aqui do que ali [...] (MF1).

Ressalta a forma como o presidente se refere ao trabalho do CD como sendo da sua autoria e responsabilidade exclusivas. Isto é assumido também pela comunidade, e é sobre ele, presidente, que as eventuais críticas recaem, assim como os elogios. Portanto, a noção de gestão comunitária encontra-se hoje muito associada à confirmação ou não

das opções de gestão da equipa eleita, ou mesmo apenas do seu presidente. Igualmente, em Tourém, o presidente do CD parece assumir um papel central na apresentação de propostas e ainda monitorização do funcionamento e uso do baldio. Em contrapartida, a tomada de decisão parece seguir os trâmites esperados num processo democrático:

[Os corpos] são três: é o conselho fiscal, é a assembleia de compartes e é o CD, é a direcção do CD... normalmente toca sempre ao mesmo, que é o presidente da direcção... que é a regra... é isso que acontece nas câmaras, é isso que acontece nas juntas, é sempre a mesma pessoa que faz isso, neste caso é o presidente do CD, ou o presidente da Junta, ou... porque também quando são muitas pessoas a mandar também não dá muito certo... é melhor... as decisões sim, têm que ser tomadas por todos em assembleia, juntamo-nos todos toma-se a decisão de limpar acolá e toma-se a responsabilidade de limpar... de fazer uma queimada em tal sítio, sim senhor a decisão é tomada mas depois é executada, neste caso pelos sapadores e, ou eu ou outro membro do CD, vai lá... (MT1).

A premissa de que “quando são muitas pessoas a mandar não dá muito certo” parece comandar e reflecte-se na forma como a responsabilidade, assim como a liberdade de acção ou o poder de decisão, acabam por recair sobre o presidente do CD. Desta forma, a acção do CD apoia-se no tempo e trabalho do seu presidente e mais um ou outro elemento mais activo, cujas propostas e acção são validadas (ou não) pela Assembleia. O desinteresse demonstrado pela população em participar nas reuniões pode ser explicado por situações com natureza oposta. Se em algumas situações é a confiança depositada no CD (ou no seu presidente) que contextualiza a falta de participação, noutros casos é a resignação perante o facto de que nada se pode fazer para influenciar o que já vai decidido para as assembleias. Este último caso foi-nos transmitido em várias conversas informais e entrevistas durante a segunda fase de campo estabelecida em duas aldeias e será analisado em maior detalhe noutro capítulo. Perante essa convicção e/ou desagrado, ou perante as críticas que mais ou menos frequentemente acabam por surgir, mais do que um presidente de CD recorre a uma frase que parece assumir um lugar-comum entre os elementos que já passaram pela direcção dos baldios: “Nem Deus agradou a todos, quanto mais nós”. Contudo, é de realçar o efeito dissuasor sobre a acção dos compartes.

As pessoas vêm aqui quando são chamadas, raramente [intervêm na gestão do baldio] ... raramente. Falam comigo no caminho, na rua, não importa. [...]

organizamos [as assembleias] e fazem-se. E aparecemos, aparecem sempre os mesmos, uns 10, 11, é a assembleia e um ou dois mais [...] é como te digo, falam comigo onde me encontram. Mas faço tudo correctamente... ‘então vais à assembleia, à reunião’ ‘não, falo contigo depois, não preciso de nada hoje, depois quando precisar falo contigo’... e pronto, o que é que eu hei-de fazer... ‘então está bem, tu é que sabes’ (AGav1).

Verifica-se de facto um misto de confiança no trabalho do presidente do CD e de falta de vontade de perder tempo com situações que, quer se participe quer não, vão ser tratadas e resolvidas. Ao mesmo tempo, ressalta a ideia de que a participação na assembleia coincide com algum interesse particular (“[...] não preciso de nada hoje, depois quando precisar falo contigo”). No baldio de Sezelhe, diz o presidente do CD:

[Estou no CD] aí há 18 anos. Não, eu vou ser sincero, nem se opõem, no dia das coisas nem fazem listas nem... também já fui secretário da Junta oito anos ou doze. Eu tenho uma coisa comigo que é que eu sou daqueles que ao fim do ano digo quanto se recebeu e digo quanto se gastou à frente das pessoas todas. Essas pessoas sabem bem, deve ser por isso que confiam... (MS1).

A verdade é que se passam mandatos sem que haja renovação dos órgãos de gestão, embora seguindo os procedimentos democráticos formais. Falando apenas com quem está no cargo, infere-se naturalmente que a população está de acordo com o trabalho desenvolvido e que essa é a razão de ser da sua permanência. Contudo, aprofundando, a complexidade da situação fica evidente, deixando a claro pelo menos parte das minudências que suportam a teia de relações numa aldeia serrana. De uma maneira ou de outra, parece poder afirmar-se que o facto de o CD assumir a frente no processo de decisão tem um efeito dissuasor sobre a participação da comunidade, ao mesmo tempo que a oposição se manifesta em conversas pelas ruas da aldeia e cafés. As demonstrações de oposição face ao trabalho do CD tanto podem ser sinal de um conflito latente que vai além da situação específica, como de algum desacordo face ao trabalho desenvolvido, mas sobretudo parecem evidenciar uma dinâmica inerente ao funcionamento da comunidade, na qual esta se sustenta. Efectivamente, o princípio de que os conflitos são parte estrutural da interacção, assumindo-se mesmo como um dos motores do processo de evolução social, parece ganhar aqui sentido. Nesta perspectiva, a sua inexistência, ao invés de constituir um indicador de paz social, poderá sim indiciar indiferença.

Assim, no que respeita à participação dos compartos nos processos democráticos de gestão, constata-se que independentemente da maior ou menor ligação ou dependência do monte e do tipo de órgão gestor, as comunidades são pouco assíduas e participativas nos processos de discussão e decisão. Na generalidade dos baldios, por muito dinâmica que seja a acção local através do CD da Junta de Freguesia, de associações de proprietários ou de associações de desenvolvimento local, as presenças nas assembleias ordinárias reduzem-se, muito frequentemente, à equipa de gestão.

O cenário altera-se quando a reunião tem um carácter extraordinário para discussão de qualquer questão específica que diga respeito a elementos e acções definidas. Nestes casos é de esperar, além dos elementos do CD e restantes órgãos da direcção, pelo menos a presença das pessoas directamente interessadas. Diz o presidente do CD do baldio de Sistelo,

Isso é complicado, qualquer assembleia, tanto a dos compartos, como as de freguesia como as assembleias municipais, só são concorridas se houver uma matéria de interesses, se não, não são. Portanto nós temos dificuldade... [...] Muitas vezes temos dificuldade em fazer reuniões (ASi1).

Contudo, em situações particulares a assembleia pode tornar-se muito participada, como se percebe no discurso do presidente do CD do baldio de Entre-Ambos-os-Rios e da Associação Foral que gere o Foral de Ermida, Froufe e Lourido:

[O pessoal é] pouco interveniente, [é] mais na Foral. Mesmo assim, quando tivemos agora uma reunião em Junho... não, Maio, por causa dos problemas que apareceram agora com a redução das áreas de pastagem e que isso tinha implicações nas candidaturas relacionadas com a pastorícia e os efectivos e tudo o mais, isso criou aí um alvoroço e alteraram as regras da afectação, digamos assim, da área comunitária para as candidaturas e pronto, tivemos de tomar alguma posição e tivemos uma reunião bastante participada na Foral, no baldio menos, muito menos, as pessoas estão um bocado desligadas, só se houver assim algum alarme... (PE1).

Embora esta ideia da fraca participação da comunidade seja comum à maioria dos baldios, em Fafião, o presidente do CD do baldio revela uma visão mais optimista justificada por uma população mais jovem e participativa, mesmo no que respeita às assembleias:

Mas o pessoal ainda vai aparecendo [nas assembleias]. Muita gente que se interessa... e aqui tem uma coisa boa, que tem muitos jovens, durante a semana até nem estão cá quase nenhuns, tem uns no Porto, tem outros em Lisboa, tem muitos em Braga, e ao fim de semana volta toda a gente para aqui. Aqui o pessoal, esta malta nova gosta disto, esta aldeia vai viver muitos anos. Por exemplo, temos um em Lisboa na Marinha que sempre que pode ao fim de semana vem cá, e não era qualquer pessoa que fazia isso... também já foi presidente do Conselho Directivo (MF1).

Nesta aldeia existe de facto uma dinâmica associada à população mais jovem, até aos 30-40 anos de idade que, embora muitos tenham saído para estudar e trabalhar, mantêm uma relação de proximidade com o local. Mais do que isso, a preocupação com o desenvolvimento e bem-estar locais parece enquadrar-se dentro das prioridades de muitos destes membros mais jovens.

As assembleias para as eleições dos órgãos de gestão assumem um carácter particular, no que respeita o nível de participação da comunidade. Esta situação parece poder atribuir-se por um lado ao incentivo que as equipas candidatas à Direcção exercem sobre as populações para que participem nas eleições, e por outro ao facto de esta reunião ser muitas vezes agendada para o período de vinda dos emigrantes, precisamente para fomentar uma participação mais alargada. Esta questão leva-nos a uma outra que gera controvérsia aos mais variados níveis, do nacional ao local, e que se prende na definição de comparte, ou de utilizador legítimo do baldio, que define também o direito de voto. Em regiões afectadas pela saída de grande parte da população, a emigração faz parte da realidade e inscreve-se nas dinâmicas actuais das comunidades como um traço cultural. O calendário anual é dividido também pela movimentação da população emigrante que determina, em última análise, a programação de actividades e cerimónias. E se sua importância para a manutenção das comunidades se pode generalizar ao conjunto das aldeias, a forma como é encarada a sua participação nos processos de decisão da aldeia difere entre povoações.

O caderno tem 470 e poucos compartes, mas nós temos mais de 60% da população emigrada, portanto os emigrantes fazem parte da, são considerados compartes. Um emigrante, é assim, desde sempre que foi considerado... por mim, desde que comecei a gerir os baldios, os emigrantes estão recenseados, podem-se deslocar a votar em actos eleitorais como se podem deslocar para

participar numa assembleia de compartes. Estão no estrangeiro, ou que estão em Lisboa, ou que estão no Porto, ou que estão não sei onde, ou em Viana do Castelo. Os emigrantes não são pessoas que percam os seus direitos só porque estão ausentes, na questão dos baldios... porque eles têm a sua residência fixa, têm os seus bens na freguesia, têm toda a sua vida ali, eles de um momento para o outro podem ser obrigados a regressar e têm aqui a sua vida (ACm1).

Além deste ex-presidente do CD e da Junta de Freguesia, ele próprio emigrado em tempos durante largos anos, entre as 30 unidades de baldio existentes no PNPG, existe mais quem defenda que os emigrantes devem poder participar nas decisões e discussões acerca do presente e do futuro da aldeia. Contudo, há também quem se oponha, fundamentando-se na ausência destas pessoas ao longo do ano inteiro, o que invalidaria que os emigrantes pudessem ser encarados como compartes no sentido completo do termo. De acordo com esta visão, comparte será quem habita no local e estabelece com o baldio uma relação activa de uso e gestão. Quanto à inscrição no caderno eleitoral e à existência de um caderno de recenseamento de compartes, aqui as coisas confundem-se. Em alguns baldios, estar inscrito no caderno eleitoral da freguesia parece ser assumido como um pré-requisito obrigatório. Noutros, qualquer pessoa que chegue e se estabeleça na comunidade, após um tempo determinado (e.g., de seis meses) passa a ser considerada comparte, sem necessidade de ser natural ou lá recenseado. A quantidade de critérios inscritos numa ou duas frases do presidente do CD de Covelães, até algo contraditórios entre si, demonstra a confusão que parece existir hoje associada ao conceito de comparte:

[Sim], vêm [às assembleias], os compartes [...] temos muitos. [P: Mas corresponde a quê? À população da aldeia?] Sim, da aldeia [P: Toda a população da aldeia...] Mas só são compartes aqueles que vivem cá, quem não tiver casa não é comparte [...] se estiver em Lisboa, só quando vier para cá é que tem direito [...] [quem vive fora] não. Não pode [votar], não. Estando inscrito [no caderno eleitoral] pode. Mas não estando inscrito não pode. Tem de estar [...] (MCov1).

Neste discurso o presidente realça o determinante que é estar inscrito no caderno eleitoral, que depois se vem a perceber tratar-se do caderno de recenseamento dos compartes; em seguida refere como factor decisivo o local de habitação, mas que em seguida já passa a ser contingente com o facto de estar ou não inscrito no tal caderno de

recenseamento. Portanto, verifica-se alguma dispersão na definição de comparte, aparentemente fomentada pela publicação do DL nº 72/2014, particularmente pelo seu artigo 1º, pontos 3 e 4:

São compartes **todos** os cidadãos eleitores, **inscritos e residentes** nas comunidades locais onde se situam os respetivos terrenos baldios **ou** que aí desenvolvem uma atividade agroflorestal ou silvopastoril;

São ainda compartes os menores emancipados que sejam residentes nas comunidades locais onde se situam os respetivos terrenos baldios (ênfases nossos).

Este decreto veio substituir a anterior lei que regia a gestão dos baldios, em que se depunha nos usos e costumes a definição dos utilizadores, deixando-se como condição que estes fossem moradores nas freguesias admitidas como utilizadoras. Em concreto considerava-se compartes “os moradores de uma ou mais freguesias, ou parte delas, que segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio” (nº3 do artigo 1º). O DL nº 72/2014 foi aprovado na AR, apesar dos votos contra da generalidade dos partidos da oposição. Baseando-se em princípios administrativos que pouco ou nada têm em comum com a realidade, histórica ou actual, dos baldios, a “nova lei” alarga o universo dos compartes ao universo dos eleitores. Tendo em conta o que aqui já foi referido relativamente às fronteiras entre baldios e à forma como estas inclusivamente se têm vindo constantemente a alterar, compreende-se como esta definição se encontra desenquadrada da realidade. Diz a presidente do CD do baldio de Cabreiro:

Na realidade se atendermos ao que é um comparte, comparte deve ser aquela pessoa que usa o baldio... [e assim] temos muitos menos, se utilizarmos o caderno eleitoral, temos muitos mais, o que não está correcto não é. No caderno eleitoral está muita gente inscrita que nem sequer está cá a viver, vive fora, só porque tirou o cartão de cidadão e ficou inscrita, deu ali uma morada, fica logo ali automaticamente inscrito, não está correcto [...] (AC1).

Subitamente, comunidades que tinham assumido por defeito as convenções estabelecidas pelas gerações anteriores, viram-se obrigadas a repensá-las e a adaptá-las conforme o decretado. Ainda assim, após o primeiro impacto, verificou-se não existir na maioria destas comunidades qualquer intenção de alterar a forma de definir os

utilizadores. Recorrendo novamente ao discurso da presidente do CD do baldio de Cabreiro,

Estão todas inscritas como compartes porque comparte agora, se mudou a lei, desde que seja residente... [...] nós continuamos a preservar os usos e os costumes que acho que é o mais correcto. [É comparte] quem usa o baldio [...] (AC1).

Também em Fafião se defende que, não obstante a alteração da lei, os usos e costumes irão manter-se:

[P: Imagina que estava aqui uma empresa qualquer a fazer produção de pinheiros ou o que fosse, essa empresa podia ...?] Tinha direito ao baldio. Só que aqui nós não vamos aceitar isso. Está na lei, só que em assembleia nós julgo que podemos deliberar sobre isso. Não tem lógica absolutamente nenhuma, se alguém vem para aqui com um projecto de cabras, imagine que era uma aldeia pequena, vinham 10 com um projecto qualquer e eram logo mais do que os habitantes da aldeia, não tem absolutamente lógica nenhuma. Mas isso aqui não vai ser fácil que o pessoal aqui não deixa as coisas para ninguém [...] (MF1).

Contudo, se isto é verdade para a maioria, pelo menos num caso a curta vigência da lei teve repercussões ao nível da dinâmica de gestão. Ao ser aplicada a definição de comparte inscrita na “nova lei”, abrangendo portanto os cidadãos inscritos no caderno eleitoral mesmo que não estabelecidos na região, o sufrágio teve um desfecho inesperado, alterando por completo os resultados das eleições. Após vários anos de gestão por uma determinada equipa, outra, composta maioritariamente por “novos compartes”, assumiu a gestão do baldio. De acordo com o lado “perdedor”, foi a busca de domínio e exposição que moveu este conjunto de pessoas; já no ponto de vista dos novos elementos do CD, a candidatura foi uma necessidade de força maior, face ao modo reprovável com que a gestão estaria a ser levada pela anterior equipa.

Em concreto, a alteração da lei retirou ao conceito de comparte o carácter de vizinhança que legitimava o utilizador do baldio, o “vizinho” no sentido de elemento presente com quem se partilham e negociam dinâmicas, necessidades e anseios. A exclusão de utilizadores não compactuantes com a instituição ali criada passou a estar impossibilitada, ficando o poder de exclusão a cargo de instituições a montante da comunidade. Trata-se de uma alteração que não é de somenos importância, e que

desvirtua a propriedade comunitária uma vez que “comunidade” passa a ser delimitada à distância, de acordo com os princípios administrativos do país. Ou seja, a pertença ou não pertença ao universo dos compartes, outrora sujeita a negociações e resultado de acordos que se consolidaram em direitos de uso e propriedade, passou a depender do recenseamento eleitoral. Na prática, negando-se à comunidade detentora de direitos de propriedade a determinação e a capacidade de exclusão de utilizadores, põe-se em causa a distribuição efetiva desses mesmos direitos de propriedade.

2.1.3. Associações de montes aforados

Um monte aforado é uma propriedade privada do domínio útil, detida em comum por um grupo definido e estanque, formado pelos descendentes das famílias que formavam a comunidade utilizadora do monte quando foi passada a carta de foral. Qualquer pessoa que integre hoje a comunidade da aldeia, mas que não tenha descendência directa de nenhum dos membros da comunidade foreira original, não tem direito a usar o baldio. De facto, hoje grande parte dos actuais proprietários encontra-se longe, quer em termos geográficos, quer em termos culturais ou económicos, afastada do modo de vida centrado no monte. Não obstante, para salvaguarda do património histórico e familiar, a gestão encontra-se entregue a uma entidade, dirigida por alguns desses proprietários, que está encarregue da sua defesa e gestão.

No PNPG, existem quatro montes aforados, ou seja, baldios que em tempos foram entregues às comunidades, através de pagamento do foro à autarquia: Ermida/Lourido/Froufe, no concelho de Ponte da Barca, e Campo do Gerês, Covide e Vilarinho da Furna, no concelho de Terras do Bouro. Desde então, o domínio útil do monte passou a ser propriedade daquele grupo de pessoas, sobre a qual têm inclusivamente de pagar impostos, como em qualquer outra propriedade privada. À excepção de Covide, são geridos por associações criadas para o efeito, respectivamente as associações Foral, Associação de Compartes do Campo do Gerês e A Furna. Diz o presidente da associação Foral,

Aquilo, digamos, em termos práticos e objectivos, é uma propriedade privada embora de gestão comum, ou seja, cruza em muitos aspectos com a filosofia de gestão do baldio, mas aquela área paga contribuição, paga IMI, tem os proprietários identificados, é indivisível na mesma não é, tal como... no baldio (PE1).

De acordo com o mesmo entrevistado, o foral de Ermida, Froufe e Lourido foi cedido por Dona Maria³¹ à comunidade. Desde então, o monte daquelas três povoações é considerado propriedade das famílias incluídas no foral e dos seus descendentes. Conta o presidente da Foral que, no tempo da florestação, o Estado tentou usar terrenos do monte aforado para plantação, violando os direitos de propriedade do coletivo. Na altura, 151 elementos das famílias proprietárias juntaram-se e interpuseram uma acção judicial contra o Estado, que após anos de processo lhes foi favorável:

[...] Foi para aí uma dezena de anos [que esteve em tribunal], eu tenho esse documento algures mas não tenho precisa essa data. Mas andaram muito tempo em tribunal, até houve pessoas que faleceram e depois foi necessário substituí-los pelos herdeiros. E porque é que só se fala à data de hoje em 151 [proprietários] originais? Porque na altura fez falta juntar o povo e comunicar-lhes que havia esta questão de defesa da propriedade e perguntar-lhes quem é que estava disponível para avançar, e pronto, foram os tais 151 que avançaram com a questão e depois venceram e pronto, desde essa altura ... (PE1).

Mais tarde, já no período do pós 25 de Abril, foi criada a associação, para “garantir mecanismos de angariação de receitas” e “para a gestão, digamos assim, mais organizada do espaço, porque até então era uma gestão sem formato nenhum, sem uma organização. Foi criada a Foral, feita a escritura, a constituição da associação que gere, digamos assim, o território [...]” (PE1).

Igualmente, no Campo do Gerês, segundo o presidente da associação de proprietários,

Em finais de 1800 o Estado e a Igreja precisaram de dinheiro e privatizaram um conjunto de bens, desde paços, casas, até aos baldios. Aqui nesta região houve muitas comunidades que aproveitaram e adquiriram esses baldios ou à igreja ou ao Estado e que foi o nosso caso, e é por isso que o regime é do aforamento. Ocorreu depois em 1946 a remição de foro, que foi o pagamento do... o Estado aí voltou a precisar de dinheiro e fez uma colecta, pediu a quem quisesse desonerar-se do pagamento anual da renda, arrecadava de uma vez a receita,

³¹ Não sabemos se o entrevistado se referia a Dona Maria I ou Dona Maria II. Uma vez que não temos referências temporais detalhadas sobre a cedência do foral à comunidade, optou-se por apresentar a informação como nos foi dada.

calculada para o futuro, para a eternidade e estas comunidades pagaram, daí que passaram a ser donas e senhoras dos terrenos (TC1).

Se desde 1946 o baldio é propriedade plena dos descendentes da comunidade original, a necessidade de criar uma associação para gerir aquele património surgiu apenas há 15 anos como resposta ao aparecimento dos apoios comunitários:

A associação é uma figura recente, até foi criada mais por causa de poder candidatar-se a apoios comunitários. E até porque hoje, de acordo com as regras actuais, até se pede factura para tudo, houve necessidade de criar uma entidade justamente por causa da relação com o exterior ou com o Estado, com entidades externas, teve de se criar formalmente uma entidade. E daí que a figura foi a associação... tem 15 anos, creio (TC1).

Em Vilarinho da Furna, o foral foi emitido a 17 de Agosto de 1895, dia em que “o conselho [da aldeia] tinha acabado de ser extinto, ainda não tinha entrado em extinção e lá a Câmara Municipal deu de aforamento à gente de Vilarinho. [...] Antes era um baldio, como todos os baldios” (TVf1). A associação A Furna, que gere hoje o património da aldeia submersa, foi criada em 1985 para defender o património, mas aqui os herdeiros foram instigados a fazê-lo devido a um conflito com o director do Parque Nacional que envolveu igualmente questões em tribunal (por volta de 1998), que acabaram por se resolver a favor da comunidade. A associação surgiu portanto como uma forma de assegurar os direitos de propriedade. Diz o presidente da Associação:

[...] e com base nisso eu fiz depois a habilitação de herdeiros, está o meu pai, o meu tio, o fulano, o beltrano e não sei quê, que está aqui na escritura, na tal escritura de 1895, ‘tal, depois casou com aquele, e tem uns certos avos’, não sabe onde é mas tem lá aqueles avos e isso depois vale na contribuição de cada um para as finanças. Então aqueles proprietários passaram a pertencer à Furna e a Furna como procuradora é que gere aquilo. Portanto quando é preciso uma reunião convoca-se uma assembleia-geral (TVf1).

O funcionamento das associações obedece à dinâmica regular de qualquer entidade associativa, servida pela Assembleia Geral, constituída pelos sócios e pela Direcção, e obedecendo a eleições bienais.

No que respeita a financiamento e a distribuição de responsabilidades, em Entre-Ambos-os-Rios tentou-se inicialmente instituir um sistema de quotas, sem grande

resultado. Se em qualquer associação é difícil manter as contas em dia, quando o universo dos sócios corresponde ao dos próprios proprietários, a utilização de métodos coercivos fica à partida muito dificultada. Em Vilarinho cobram-se quotas, contudo, face ao valor simbólico estipulado e à pequena parte dos associados que cumpre essa formalidade, estas compõem uma parte irrisória das receitas da associação. Caso configurassem um valor substancial, as receitas serviriam para assegurar as despesas relativas ao funcionamento da associação, mas de acordo com o presidente da Associação Foral (Ermida, Lourido e Froufe),

Em termos de gestão ainda não fez falta, não sei quando fizer o que é que vai acontecer não é, isto é muito bonito enquanto não nos entra no bolso mas digamos, nós pagamos o IMI todos os anos, e a associação tem criado dinâmica que permite gerar receita para fazer face a estas despesas, se não tivesse onde é que ela teria que ir? Teria que ir às pessoas “olhe, toca tanto a cada um, venha lá”. Não fez ainda falta chegar a essa altura, se um dia chegar não sei, se calhar uns dizem “ah, não quero saber disso para nada”. E depois como é difícil chegar a um número exacto, nesta sucessão hereditária que já vai aonde nós não sabemos, não é? (PE1).

No Campo do Gerês não existe regime de quotas nem se exerce qualquer tipo de cobrança pela utilização do monte. Conversando com o presidente da associação sobre qual seria a melhor figura para a gestão de um património desta natureza, percebe-se a diversidade de situações possíveis existentes. Por exemplo, A Furna, de Vilarinho, está constituída com o aval dos proprietários através de procuração passada em nome da associação. Ainda assim, devido ao aumento do número de proprietários pelo crescimento das famílias, não foi ainda possível abranger todos, mesmo pela dificuldade que representa encontrar essas pessoas. No Campo do Gerês, a procuração é vista como um instrumento para a segurança e legitimação da actividade da associação. Sendo sua vontade que o monte venha a ter um papel ainda mais relevante no desenvolvimento local, inclusivamente empregando pessoas da comunidade, o presidente da Associação questiona-se sobre a melhor opção de gestão. Depois de alguma pesquisa, pôs-se a hipótese da fundação, por ser a que lhe parece deter as melhores condições para garantir a preservação dos princípios que guiam a gestão do monte e para viabilizar a contratação de pessoal. Nas suas palavras, para a continuidade da associação,

[...] a esperança passa por nós conseguirmos criar alguns postos de trabalho passando a fundação, e aí implementar uma lógica diferente de exploração dos recursos, porque [...] eu acho que o baldio tem estrutura, é um recurso que pode ser rentabilizado... mas isto implica ter pessoas remuneradas, nós na associação não temos ninguém remunerado, contratámos serviços apenas [...] a solução adequada é ser uma fundação [...] (TC1).

Os montes aforados também são elegíveis para projectos financiados pela União Europeia, já que representam propriedades à partida abrangidas pelos objectivos das medidas agro- e silvoambientais promovidas pela UE e aplicadas pelos Programas de Desenvolvimento Rural do Estado. Para tal, é exigida a existência de entidades oficiais de gestão da propriedade, algo que já existia em todos excepto no de Campo do Gerês.

Também em Covide, a Junta de Freguesia, como órgão de gestão do monte, se candidatou às medidas agroambientais dirigidas aos baldios, apesar de até 2014 só ter tido acesso às medidas silvoambientais, ficando fora do seu alcance as agroambientais. Por isso, o valor recebido foi menor do que nos outros três casos, geridos pelas associações. No PDR 2020, as Juntas de Freguesia eram já consideradas para financiamento. Assim, no que diz respeito aos usos e interesses actuais, os baldios e montes aforados do PNPG parecem estar em consonância, centrando-se as suas actividades económicas sobretudo na pastagem e criação de animais, ao mesmo tempo que as receitas provêm sobretudo das medidas agroambientais. Em última análise, o acesso aos fundos europeus e estatais e as consequências de alterações ocorridas ou que venham a ocorrer são factores que unem os montes aforados aos baldios. Inclusivamente, uma das grandes iniciativas de luta contra as alterações à classificação de áreas elegíveis para pastagem (ver capítulo I.4), que se concretizou num manifesto em nome dos órgãos gestores de baldios, foi iniciada por um dirigente de um monte aforado e seguida pelas restantes unidades de montes ou baldios.

Para além das reuniões obrigatórias inerentes ao funcionamento de uma associação, os proprietários reúnem quando existe algum assunto determinado, relevante para o estado actual ou futuro do monte e seus recursos ou que interfira com os usos de alguma maneira. A lei dos baldios em nada interfere com o funcionamento do monte. Confrontando a gestão do baldio com a do monte aforado, o presidente do CD do baldio de Entre-Ambos-os-Rios e da Associação Foral, e do monte aforado de Ermida, Lourido e Froufe sublinha a própria natureza da propriedade. Na sua opinião,

apoiada na sua experiência de presidente do CD do baldio de Entre-Ambos-os-Rios desde 2005 e da Foral desde 2009, o facto de o monte aforado ser um bem privado cria uma tensão que vulgarmente está associada à gestão privada e que se relaciona com a possibilidade de lucro, tornando por vezes a sua gestão mais delicada do que no baldio, onde essa possibilidade é à partida inexistente:

É mais complicada a gestão da Foral, digamos assim, de aceitação de algumas regras e de... pronto, é mais complicado na Foral, porquê? Porque lá está, é a questão privada que entra ali, eventualmente a possibilidade ou a ideia de poder daí resultar dividendos e tudo o mais, do que no baldio, no baldio essa parte está afastada, por isso... temos maior dificuldade na Foral (PE1).

De facto, o estatuto privado foi em muitos casos o que a comunidade procurou em primeira instância, ao pretender o foral. Perante a entrada pelo Estado do grande projecto florestal nas serras no final do século XIX, muitas comunidades parecem ter-se precavido da perda de direitos, precisamente através do seu reforço com carta de foral. Por exemplo, em Vilarinho da Furna, diz o actual presidente e fundador da Furna,

Com base na escritura de aforamento nós fizemos, até para nos defendermos contra o Estado, que o Estado de vez em quando esquece-se, pensou que aquilo era baldio e começou para lá a mandar os Serviços Florestais e a gente espetou-lhe logo um processo em tribunal, e agora há 16 anos nós ganhámos o processo, contra o Salazar [RISOS] e contra o Marcelo Caetano (TVf1).

Como reflexo desta questão, de acordo com o mesmo entrevistado, “em Terras do Bouro não há praticamente baldios”. De facto, a entrada dos Serviços Florestais em 1888 na serra do Gerês levantou uma onda de reacção das populações que procuravam salvaguardar os seus bens. Nesse sentido, várias localidades recorreram à figura do foral para impossibilitar a entrada do Estado. Passando a considerar-se propriedade privada de um grupo, o baldio deixava de estar incluído na área de incultos que se previa florestar, retirando a legitimidade da acção do Estado. Esta será uma das razões para a predominância de montes aforados no município de Terras do Bouro, uma vez que a primeira investida do Estado nos baldios no final do século XIX se focou sobre a serra do Gerês. Face à reacção popular, a florestação praticamente não se expandiu. Ao mesmo tempo, registou-se uma oposição directa à presença dos Serviços Florestais e à plantação, veja-se por exemplo a descrição do presidente da Furna para o baldio de Vilarinho:

Claro que a gente habituada a gerir aquilo desde tempos imemoriais... claro que houve guerra, os pastores cortavam as plantações, de tal forma que, aquilo era a sério, de tal forma que um comandante das tropas, que eles mandaram as tropas ali de Guimarães, sentiram necessidade de regressar aos quartéis, porque não tinham comida, porque a gente não lhes dava comida nem vendia, roubávamos-lhes as botas, espingardas [RISOS]. Ainda tenho aqui a carta que ele escreveu ao administrador a pedir para regressar aos quartéis (TVf1).

Os registos apontam para uma retracção do Estado perante a reacção popular na serra do Gerês no final do século XIX. Embora também tenha existido reacção das comunidades quando o Estado Novo interveio nos baldios, com os mesmos propósitos de florestação, esta parece não ter surtido igual efeito, e a floresta avançou ao longo de pelo menos trinta anos. O resultado de cada época pode dever-se tanto à eficácia da revolta como às características do regime, claramente autoritário no século XX. De uma maneira ou de outra, a descrição presente nestes excertos refere-se à investida dos finais do século XIX, aquando da criação do Regime Florestal.

Tal como outrora, hoje o aforamento permite aos proprietários manterem-se fora dos processos estatais que não os beneficiam. Assim, ao mesmo tempo que, pela natureza da propriedade, são integrados nos programas de financiamento ao lado dos restantes baldios, encontram-se contudo excluídos da legislação própria que regula os baldios. Assim, os montes aforados passariam incólumes às polémicas alterações à lei dos baldios, ocorridas entre 2014 e 2015, caso estas tivessem vigorado. Já no caso das alterações aos critérios de avaliação das áreas para financiamento, essas sim, são determinantes também para os montes aforados. Assim, enquanto por exemplo a alteração do conceito legal de comparte não influencia em nada o funcionamento dos montes aforados, já a diminuição das áreas elegíveis é uma preocupação comum dos montes aforados e baldios (ver capítulo I.4).

2.2. Autarquias e Conselhos Directivos: Influências e complementaridades

Ao abordar-se a gestão dos baldios pelas Juntas de Freguesia, é muitas vezes levantada a eventualidade de estas virem a beneficiar o investimento nas povoações, em detrimento do baldio. Existindo no território do Parque apenas dois baldios sob esta modalidade de gestão, que, além disso, apresentam situações muito diferentes entre si – um monte aforado e um monte baldio – torna-se difícil tirar conclusões. Ainda assim, embora os terrenos baldios e a sua gestão não coincidam com os limites administrativos

das freguesias, a forma de pensar os benefícios parece continuar a ser feita ao nível da freguesia. Isto sucede talvez pelo facto de muitos CD serem de formação recente, logo também a passagem da gestão para os compartes. Registando-se mesmo mais do que uma vez, nos discursos dos compartes, o uso involuntário do termo “Junta”, referindo-se ao CD ou ao conjunto dos compartes. Assim, em baldios que deixaram de ser geridos pela Junta de Freguesia há relativamente pouco tempo, particularmente aqueles que continuam a ser geridos à escala da freguesia mas agora pelo CD (como o de Cabana Maior), parece existir uma tendência para se considerar legítima a eventual beneficiação da aldeia com os proventos conseguidos por e para o baldio. Assim, após cumpridas as tarefas mínimas estabelecidas pelos projectos “financiadores” (e.g., medidas agroambientais), o orçamento disponível é utilizado em benfeitorias para a aldeia, pondo-se em segundo plano questões como reflorestação, manutenção de caminhos no monte, etc. Em todo o caso, existem excepções. Por exemplo, no baldio de Cabril, também gerido pelo CD à escala da freguesia (à parte das aldeias de Fafião e Pincães que desde cedo se separaram dessa gestão), a prioridade da utilização dos apoios é a gestão do baldio, e o seu investimento na aldeia é algo impensável e fortemente criticado pelo presidente do CD (que, aliás, preside igualmente à Junta de Freguesia):

O dinheiro vem do Estado para um fim e o dinheiro tem de ser utilizado para esse fim, quer dizer... vão andar a fazer rotundas e estátuas e santuários, com o dinheiro do baldio?! Não! A mim não me faz sentido [...]. [Aqui já] foi utilizado [para isso], mas quanto a mim mal, quanto a mim mal, porque a floresta precisava de muito mais dinheiro do que aquilo que ela dá... certo? Portanto acho que todo o dinheiro que vem da floresta tem de ser empregue na floresta... em caminhos florestais, limpeza de caminhos, há tanto para fazer... (MCal).

Efectivamente verificou-se alguma diversidade no modo de perspectivar os campos de actuação do CD e da Junta de Freguesia, nomeadamente no modo de aplicar (na localidade) os fundos conseguidos pelo CD para o baldio. Enquanto em alguns baldios, como o de Cabril, os papéis de cada entidade parecem bem separados, noutros tende a unificar-se a sua actuação. Diz o presidente do CD de Tourém,

Eu sou daqueles que defendo que os presidentes da Junta devam fazer parte da direcção do CD, obrigatoriamente, porque há trabalhos que têm de ser feitos com as duas entidades. [...] atenção, a Junta não tem de intervir no CD, é uma parceria, o que é muito diferente... cada macaco no seu galho. Até há dois anos

atrás eu era o presidente do CD e o presidente da Junta. ... e as coisas funcionavam muito bem. E com isto estou a dizer que não sabíamos onde é que trabalhava nem um nem o outro, não sabíamos... o que sabíamos é que tínhamos de parar aqui e seguir ali (MT1).

Verifica-se, portanto, que a situação periférica destas comunidades tem influência sobre a forma como se perspectiva a interacção entre as Juntas de Freguesia e os CD, ideia que é defendida também pela presidente do CD de Pitões das Júnias:

Às vezes também é preciso que as pessoas se entendam, e por vezes nestes meios acaba por haver rivalidades e [é uma] estupidez porque ao fim e ao cabo perdemos todos. Mas se se entenderem [...] obviamente o CD auxilia a Junta em muita coisa... é um único povo não é, ... às vezes não se entendem, porque o que é que acontece? É sempre uma questão de política, sabe? Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD, não é? (MPi1).

Esta questão da repartição dos orçamentos das duas entidades surge muito também porque os termos de utilização dos fundos das medidas agroambientais permitem alguma liberdade de decisão aos gestores, designadamente na forma de distribuição dos valores, desde que estejam asseguradas as metas propostas. Inclusivamente, caso os compartes consigam organizar os trabalhos de forma a sobrar uma parte do fundo, essa pode ser usada conforme a assembleia de compartes decidir. É aqui que por vezes parece existir alguma pressão por parte da Junta de Freguesia e/ou da comunidade para que o dinheiro seja usado em questões não relacionadas com o baldio, designadamente em obras da igreja ou na beneficiação de muros e caminhos da aldeia, em cerimónias tradicionais, etc.. Em alguns baldios, a pressão é ignorada e os valores são utilizados apenas em benefício do baldio (e.g. limpezas de caminhos, plantações, roça de mato, etc.), por exemplo em Cabreiro,

Eu desse dinheiro das ITI já consegui que me sobrasse para arranjar a estrada e para fazer outras coisas, outras melhorias que precisamos lá no baldio. No povo em si não [investimos], estamos a fazer o melhoramento das estradas do baldio e já estamos a fazer melhoramento para o povo. No interior da aldeia não acho que tenha de ser essa a nossa preocupação, isso tem de ser a preocupação da Junta de Freguesia e da Câmara, não temos de ser nós (AC1).

Ou em Tourém,

Nós desde o início que não fomos muito nessas coisas de tirar o dinheiro do baldio para recuperar a ... atenção, não sou contra, mas eu tenho tanto caminho, tanto baldio para preservar, como é que vou retirar esse dinheiro para o cimo da capela? Eh pá!, isso têm a comissão fabriqueira, são eles que têm que a fazer... tantos bebedouros para fazer, tanto caminho para abrir, tanto caminho para limpar, tanto carvalhal para preservar que acho que não faz sentido levar o dinheiro para dentro da aldeia, então está lá a Junta também, a Junta é que tem de fazer esse trabalho. Atenção que não sou contra, eu não sou contra, se alguma coisa é por necessidade e alguém tem dinheiro, eh pá!, que se aplique [...]. Agora eu acho que o dinheiro das ITI é canalizado para o baldio, é empregue nele (MT1).

Enquanto para uns o objectivo dos fundos é taxativo e não há forma de contorná-lo, noutros baldios, pelo contrário, os fundos da Junta de Freguesia e do baldio são indiferenciadamente aplicados, tanto em situações que são responsabilidade directa das autarquias como dos CD. Veja-se o caso de Cela e Sirvoselo,

O dinheiro que sobra... por exemplo, há uma obra que é preciso fazer... se fizer falta ali, vai para ali, o CD não tem limite, onde é que termina, onde é que... os dinheiros podem-se juntar [...], connosco é pacífico, sei que há CD que têm esse problema, e Juntas de Freguesia, mas nós ali naquele caso não... O ano passado pusemos dinheiro para as ruas em Sirvoselo, no mandato em que eu lá estava [na Junta de Freguesia], e temos lá algum dinheiro e quando fizer falta é aplicado, e o da Junta, se fizer falta nos caminhos do baldio também é aplicado, portanto aí não há, não temos guerra (MCS1).

Ou o de Outeiro,

Com esses subsídios a gente paga os ordenados às equipas [de sapadores] e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro [...]. Está isto a cair, está este muro a cair e agora quem vai construí-lo? Vai ser o CD, agora em [trabalho] conjunto com a casa mortuária [...] (MO1).

Também em Travassos do Rio, onde o presidente da Junta de Freguesia colabora estreitamente com o presidente do CD, ocupando um lugar na mesa da assembleia de compartes, acontece que:

[...] esse dinheiro [que sobra das ITI] aplicamos no que é, ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajuda... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine... uma infraestrutura que seja necessária na aldeia [...] (MTR2).

Para este último entrevistado, a organização dos órgãos de gestão dos baldios deveria mesmo atender a outros pressupostos:

[...] Seria a Junta a gerir, em que cada representante da aldeia seria o porta-voz do baldio, o elemento que estivesse na Junta seria ele o porta-voz naquela aldeia [...] o limite do baldio seria o limite da freguesia, em vez de haver 4 baldios haveria um, não haveria baldio... a Junta geria o baldio, haveria só uma acta, que seria a acta da junta e da assembleia, e haveria só uma contabilidade organizada da Junta de Freguesia e passaria tudo pela Junta. Imagine, nós temos 4 aldeias, temos um presidente de Junta e 4 presidentes de baldios... vai chegar a um ponto em que vai haver aldeias que não vão ter representantes para fazer a lista de um baldio, ou então vão pôr a mãe, o pai, o filho [...] (MTR2).

Outra questão que surge neste contexto está ligada ao facto, registado em alguns baldios, de o presidente do CD coincidir com o presidente da Junta e Freguesia. À data das entrevistas, isto acontecia em seis baldios, designadamente em Gondoriz, Gavieira e Cabana Maior no concelho de Arcos de Valdevez, em Pitões das Júnias e Cabril, no concelho de Montalegre, e em Lindoso, no concelho de Ponte da Barca. Regra geral, os compartes afirmam não existir qualquer conflito de interesses entre os dois cargos, uma vez tratar-se de questões diferentes e facilmente dissociáveis. Segundo o presidente do CD e da Junta de Freguesia da Gavieira, a gestão dos baldios deve ser feita

[...] pelos compartes, eu acho que são entidades totalmente diferentes, totalmente diferentes... eu acho que os baldios nunca devem ser entregues à Junta, porque repara... acho que são coisas diferentes, baldio é baldio, e Junta é Junta, cada macaco no seu galho (MGav1).

Efectivamente, em comunidades constituídas por menos de 100 pessoas residentes, como acontece nesta parte do território, não será fácil que existam continuamente listas novas de pessoas com vontade de concorrer para cargos de

responsabilidade, em que a compensação monetária é fraca (Junta de Freguesia) ou nula (CD). Assim, não é raro, nem muito surpreendente, que a presença destas pessoas, activas e participativas, se repita no tempo e entre diferentes entidades, situação que é realçada por exemplo no seguinte desabafo do presidente do CD do baldio de Tourém:

[...] nem sequer candidatos há... é um problema! Não é pode ser, é um problema! Tomara eu deixar aquilo de uma vez, e quem é que vai para lá? Ele não tem vagar, outro não quer, outro não sabe, outro não pode, e a gente vai andando. Mas é mau, é mau em tudo isso... Porque eu estive 20 anos na Junta e abençoada a hora em que saiu essa coisa da limitação de mandatos porque senão que remédio tinha se não continuar... (MT1).

Apesar disso, alguns compartes pronunciaram-se contra a sobreposição de cargos, chamando a atenção para a emergente “politização” da gestão dos baldios, que poria em causa a integridade e a legitimidade dos CD no desenvolvimento das suas funções. A continuação do discurso da presidente de Cabreiro demonstra-o:

Eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas críticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmaras Municipais e vejo que as Juntas de Freguesia gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar (AC1).

Posição assumida também pela presidente do CD do Soajo,

O problema é que a política é que estraga isto tudo, mas não devia sabe... o problema é que todos os baldios praticamente estão entregues às Juntas de Freguesia, mas não devia [...] têm um CD que é um presidente da Junta, um secretário... nós aqui era o caso... era assim, faziam eleições mas eram eles, e acaba-se por ver isto de forma política, angariar votos, e isso é nojento [...] (AS1).

Ainda assim numa coisa todos parecem concordar: na conveniência, ou mesmo necessidade da existência de uma boa relação entre a Junta de Freguesia e o CD para que a gestão do território possa fluir. Existem realmente alguns casos em que o conflito, normalmente radicado na disputa de posições políticas, distancia as duas entidades, ou

as pessoas que as lideram, o que desde logo dificulta a colaboração, ficando as possibilidades de acção de ambos os órgãos expectavelmente mais limitadas. Não obstante, a proximidade é tanta entre pessoas e órgãos que os seus estatutos podem confundir-se. A propósito de um projecto recente de índole turística que envolve o Baldio de Cabana Maior e a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, o antigo presidente do CD e da Junta de Freguesia disse-nos:

A freguesia [de Cabana Maior] cede por 20 anos essa área de terreno ao município [...] [P: Ou os compartes?] Os compartes, os compartes, mas os compartes são a freguesia e a freguesia é dos compartes [Risos] (ACm1)

Evidencia-se como o entrevistado confunde a Junta de Freguesia e o CD. De facto, é comum associar os baldios à freguesia ou mesmo ao município, mesmo entre habitantes destas regiões, e neste caso específico, o facto de o entrevistado ter sido responsável tanto pela Junta de Freguesia como pelo CD poderá contribuir para a confusão. Contudo, não são de negligenciar estes indícios, que reflectem a forma como ainda hoje os baldios são percebidos por parte da população, tanto urbana como serrana, como sendo propriedade da Junta, ou no caso das áreas protegidas, do Estado.

A boa relação entre os CD e as autarquias é de uma forma geral considerada fundamental. No caso da Câmara Municipal, garante um laço de confiança que pode criar oportunidades de futuro, ao nível do estabelecimento e desenvolvimento de projectos. O financiamento ou a parceria em projectos propostos, por exemplo, pela comunidade pode assim ser facilitado entre as entidades (CD e/ou Junta de Freguesia e Câmara Municipal), como ressalta no discurso do presidente do CD de Fafião:

[P: A Câmara também financia algumas coisas que vocês fazem?] Algumas coisas. Eles conhecem perfeitamente o nosso trabalho, sabem como é que nós funcionamos, as coisas não vêm aqui ter por acaso, vêm porque nós fazemos pressão e trabalhamos por elas [...] às vezes eles fazem umas coisas menos bem mas... o que interessa salientar é que nós pedimos ajuda para as mais diversas obras e eles normalmente vão sempre ajudando, dão apoio financeiro e outras vezes em meios, quer seja com uma máquina, quer seja com paralelo, coisas desse género. (MF1).

A um outro nível, uma relação convergente com a Junta de Freguesia surge como veículo para uma gestão dinâmica da área da freguesia. Ou seja, nesta perspectiva

as duas entidades são complementares, e desde que respeitem as suas áreas de intervenção, a sua interacção pode ampliar os efeitos positivos do trabalho de cada uma, tal como a sua falta pode prejudicar ambas. Em Travassos do Rio diz o presidente da Junta de Freguesia, elemento da AC do baldio,

[...] Há situações em que é, o presidente de Junta é de uma cor política e o presidente do CD é de outra cor política, e depois há ali a ver qual é o que faz a obra, tipo qual é o que... se um faz uma coisa o outro quer... e quem fica a perder é a aldeia. [...]. Por exemplo, eu e o Ti Fernando por acaso, já viu que temos uma boa relação. Imagine que ele tinha uma postura diferente, não conseguíamos fazer nada na aldeia... (MTR2).

Em Tourém defende-se uma ideia semelhante,

[...] os presidentes da Junta deviam fazer parte da direcção do CD, obrigatoriamente, porque há serviços que ficam... há trabalhos que têm de ser feitos com as duas entidades [...] atenção, a junta de freguesia não tem de intervir no CD, é uma parceria... é uma parceria, que é muito diferente... cada macaco no seu galho. Agora como há... há terreno que é dos dois, digamos assim... pá, eu acho que havendo um bom relacionamento que as coisas são facilitadas, se não cada um puxa para o seu lado, as coisas complicam-se obrigatoriamente... não é? Agora, é claro que o CD tem de ser gerido pelo CD dos baldios, a Junta de Freguesia nem sequer tem de interferir (MT1).

2.3 A Questão da Cogestão

Para se organizarem e constituírem os órgãos de gestão, os compartes poderiam manter o Estado como cogestor do baldio, integrando na equipa do CD um elemento do Ministério respectivo. Neste caso, a entidade estatal beneficiaria de 40% do valor total da venda de madeira de povoamentos plantados pelo Estado, e de 20% das receitas de povoamentos provenientes de regeneração natural ou já existentes na altura da florestação. Em autogestão, a divisão das receitas só se faria quando estas tivessem origem em povoamentos plantados pelo Estado, situação em que este receberia 30% (artigo 15º do DL nº 39/76 de 19 de Janeiro). Na prática, nos baldios do PNPG que estão em cogestão os 40% são assumidos sem diferenciação entre povoamentos florestais. Segundo um técnico do ICNF que trabalha directamente com os órgãos de gestão dos baldios:

[...] quando é na b) há uma prática do ICN, que foi um bocado dos colegas florestais, que dizem que como há outro tipo de investimentos lá... nós temos de pensar que os sapadores os 35 000 euros são pagos pelo ICN, por isso têm sempre apoio... pronto e há a teoria que é 40% sempre (ICNF).

Contudo, fazendo uma leitura do decreto-lei (DL nº 8, de 9 de Janeiro de 2017) que hoje regula a criação das equipas de sapadores florestais, apercebemo-nos que a parte paga pelo Estado corresponde no fundo ao pagamento do período em que a equipa se encontra ao serviço...do Estado. De acordo com o decreto existe um período de 110 dias por ano em que o Estado pode contar com a exclusividade das equipas para que efectuem serviço público. Além disso, “aquando da execução de ações de vigilância armada, primeira intervenção em incêndios florestais, apoio a operações de rescaldo e vigilância ativa pós-rescaldo, a equipa de sapadores fica exclusivamente adstrita à realização dessas ações” (artigo 17º, nº 2). No fundo trata-se de uma partilha equilibrada de benefícios e de custos, entre a entidade responsável pela implementação do Programa que opera a nível nacional, e a entidade responsável pela propriedade comunitária. Neste contexto, é também o ICNF que garante a continuidade da formação das equipas. Mas no que respeita a manutenção das equipas os custos são efectivamente partilhados uma vez que os benefícios também o são, como fica claro no artigo 19º, ponto 1 “A concessão de apoio ao funcionamento das equipas de sapadores florestais reveste a forma de subsídio a fundo perdido e tem como contrapartida a prestação de serviço público”. De acordo com os compartes a quantia que lhes cabe iguala ou muitas vezes excede o valor garantido pelo Estado sendo que, tal como qualquer entidade que assuma a contratação de uma equipa, de acordo com o artigo 18º alínea b, estes devem “suportar as despesas decorrentes da contratação dos sapadores florestais, incluindo salários, encargos sociais e seguro de acidentes de trabalho, as despesas de funcionamento e as de enquadramento técnico da equipa”. Desta maneira, se é verdade que a partilha facilita o acesso do CD à equipa, não é inteiramente verdade que se trate de um “investimento no Parque” ou que constitua uma relação exclusiva com os baldios. Na verdade o referido decreto garante o apoio do Estado a todos os proprietários elegíveis, desde os CD dos baldios às autarquias, ou cooperativas e associações reconhecidas pelo ICNF (artigo 9º e artigo 19º do DL nº 8/2017 de 1 de Setembro).

No intuito de salvaguardar a gestão da floresta, as comunidades optaram na sua maioria pela cogestão com os Serviços Florestais do Estado. Nesta modalidade, estes

ficariam responsáveis pela gestão da floresta, sendo as transacções reportadas aos compartos e sendo-lhes entregue a parte que lhes cabia. Esta era a expectativa das comunidades ao assumirem essa relação com o Estado. Dadas as escolhas efectuadas na altura e desde então, hoje existe uma variedade de situações e de tensões a este respeito.

A possibilidade de alteração da modalidade de gestão assumida quando o CD foi formado está consagrada na lei. Contudo, esse foi um procedimento raro. Além dos três baldios que se encontram em autogestão desde há décadas (Fafião e Ermida e o monte aforado em Campo do Gerês), na zona do território do PNPG nenhum outro baldio assumiu essa alteração; contudo, nos últimos tempos vem-se assistindo ao aumento do número de baldios que expressam essa vontade, e inclusive ao incentivo por parte de associações que trabalham com os órgãos de gestão dos baldios do Parque, para que cessem formalmente a colaboração com o Estado. No PNPG, pelo menos dois (Pitões das Júnias e Pincães) dos 24 CD de baldios em cogestão já formalizaram o pedido, encontrando-se a aguardar resolução. Em Pitões das Júnias,

Ainda estamos em cogestão mas já temos o pedido feito para a autogestão... não temos outra hipótese não é... aliás eu não vejo aqui... os Serviços Florestais a mim nunca... não me dizem nada, aqui no território, dizem-me só no sentido de ter uma equipa de sapadores... (MPi1).

Também para o presidente do CD do baldio de Pincães, a autogestão é já uma necessidade, face à forma como as coisas têm decorrido:

[...] melhoraria porque faríamos o acompanhamento contínuo ao povoamento e as necessidades que ele tivesse, íamos a fazê-las a tempo e horas, está a perceber [...] e depois ficávamos com a receita toda, e aí já dá para investir (MPin1).

Entre os restantes baldios, vários mostraram vontade de efectivar o fim da cogestão, não por ansiarem pela gestão autónoma, mas sim por serem confrontados com a alegada inércia de um Estado que continua a arrecadar uma parte considerável das receitas da floresta que efectivamente não gere. Como referido, a actuação do actual ICNF, no que se refere à gestão florestal, reduz-se à marcação dos pinheiros para abate e à organização da venda do material lenhoso, frequentemente criticada pelos compartos por ser mal negociada. Diz o presidente do CD do baldio de Sistelo:

[...] ainda temos de estar a pedir para eles virem ver as madeiras, para vir marcar, e para vender mal vendida, que vendem mal vendida, levam muito

tempo a pagar [...] é uma muito má gestão, não tem princípios, não tem meios, não tem fim, não sabem o que andam a fazer. Portanto se fossemos nós a vender a madeira vendíamos muito melhor. Pagávamos... se fossemos nós dávamos mais rápido o dinheiro. (ASi1).

Em Sezelhe,

[...] só estamos a perder por estarmos em cogestão. [...]. Eu já me estive a..., já disse a um engenheiro para me mandar os documentos para ver o que eles diziam, ainda não me deu resposta. Assim que me der resposta isso é logo, porque assim estamos... assim faça conta que estamos a produzir e 40% vão para o Estado, praticamente sem produzir nada (MS1).

Nos casos em autogestão, a colaboração do Estado reduz-se às questões que lhe dizem respeito como gestor da área protegida e do território como um todo. No PNPG, os baldios de Fafião e da Ermida e o monte aforado do Campo do Gerês não têm qualquer colaboração pré-estabelecida com o Estado, podendo evidentemente colaborar pontualmente em projectos. A decisão sobre a venda da madeira é feita pelo CD, com assentimento da Assembleia de Compartes, quando muito com uma participação do ICNF na selecção das árvores a abater. Segundo o presidente do CD de Fafião, este não se encontra obrigado a dividir receitas com o ICNF. Nas suas palavras:

Nós somos dos poucos conselhos directivos, não sei se há mais alguém, que estamos na alínea a), os outros estão na alínea b), estão em cogestão com o Parque, com o ICN... e nós fazemos, por exemplo, a madeira marcamos e vendemos, não precisamos que o parque venha marcar e que depois pagam ao ICN, e o ICN é que paga o dinheiro aos conselhos directivos, a nós não, é directamente, nós é que fazemos essa gestão... (MF1).

Um técnico do ICNF corrobora esta relação:

[...] há dois baldios que estão numa alínea diferente, estão na alínea b), que não tem... a), peço desculpa... [...]. Então quem gere são eles. Nós só vamos vendo, mas quem faz autos de marca e tudo... com a nossa autorização, temos de ver se está bem feito ou não... (ICNF).

Contudo, apesar disso e de o actual presidente do CD referir que não existe divisão de receitas da floresta, desde 1976 a lei, confere ao Estado 30% das receitas originadas em floresta por ele plantada, alegando hoje o investimento feito há 50 a 80 anos atrás.

O crescente número de pedidos de rescisão da relação de cogestão tem deixado a claro a ineficácia que lhe é associada. Contudo, a morosidade do processo e o estabelecimento de valores proibitivos de ressarcimento ao Estado têm demovido os baldios que requereram a rescisão, como foi o caso de Sistelo: “ [...] eu já tentei [passar para a autogestão] mas isso é muito complicado. Eles exigem muito dinheiro, querem fazer avaliações, querem receber [...] ” (ASi1). Em 2016/2017, os dois baldios do PNPG que submeteram o pedido de término da cogestão (os de Pitões das Júnias e Pincães), aguardavam ainda a resposta. Em Sistelo, o presidente do CD refere ter iniciado o processo mas ter sido demovido, sobretudo pelas quantias requeridas para compensação ao Estado. Esta questão tem gerado alguma controvérsia e o Decreto-Lei nº 165/2015, que pretendia regulamentar “a formalização da transferência para os compartes da administração do baldio em regime de associação e da compensação devida no termo daquela administração” (DL nº 165/2015 de 17 de Agosto), acabou por ser revogado, cessando vigência em Fevereiro de 2016. Acerca da regulamentação proposta, o anterior presidente do CD do baldio de Cabana Maior comenta simplesmente, “ [...] pois, possivelmente queriam que lhes pagássemos as sementeiras que fizeram há 100 anos atrás [RISOS] ... É muito dinheiro, é muito dinheiro...” (ACm1). De facto previa-se no documento o ressarcimento do Estado pelo investimento feito, tendo em conta as estruturas actualmente existentes no baldio e os povoamentos florestais plantados entre 1938 e 1968, o que se torna ainda mais contestável face à alegada desresponsabilização do ICNF na gestão do património florestal deixado pelo Estado nos baldios. Face à dificuldade sentida pelos compartes em reclamar e exercer os seus direitos, e face também ao coincidente alheamento do ICNF no seu baldio, em Pincães considerava-se seriamente passar a actuar no território como se estivesse já em gestão autónoma.

Ainda que a possibilidade de autogestão animasse grande parte dos CD em cogestão, o receio de virem a perder certos benefícios tornou-os cautelosos. A possível influência da exclusão do Estado do órgão de gestão sobre o lugar do baldio na política de apoios suscitou desde logo alguma retracção. Punha-se a hipótese de condicionamento dos baldios em autogestão no acesso ao financiamento das medidas agroambientais, que estaria associado à cogestão. Esse receio está evidente por exemplo no discurso do presidente do CD de Outeiro, Montalegre:

Eles [no Secretariado dos Baldios] falaram já nisso [de assumirmos a autogestão do baldio], propuseram, numa reunião que tivemos... eu não sei, nós aqui para

rendimento do nosso baldio, para nós gerirmos isso, só se houver outro subsídio. O subsídio que nos dá o Estado também manda não é [...]. Se não se perderem a gente com isso já pode funcionar. Agora se disserem assim “você tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro”, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta [...] mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? (MO1).

Também no baldio de Sezelhe

Autogestão, autogestão... é isso que lhe disse há bocado, que ando a pensar nessa... deixar o Estado de parte... só que há aí uma coisa que ainda quero saber... é que nós ao deixarmos o Estado de parte também não sabemos se nos vão cortar os subsídios que temos [...]. (MS1).

O incentivo à autogestão dos baldios tem vindo de vários lados, incluindo o Secretariado dos Baldios de Trás-Os-Montes e Alto Douro. Em alguns baldios, ouve-se dizer que o próprio ICNF estaria a motivar os compartes, facilitando o processo. De facto, a ausência do ICNF na gestão dos recursos naturais ecoa em vários meios e contextos. Ainda assim, em Outeiro como noutros, a falta de recursos directos com valor de mercado, como a floresta de pinheiro, associada à receada perda de acesso aos apoios à gestão, acentuam a desconfiança num futuro de gestão autónoma.

Na prática, não existe fundamento para este receio. Todos os baldios do PNPG actualmente em autogestão são contemplados pelos apoios do Estado e da UE à gestão, nos mesmos termos dos baldios em cogestão. Parece assim existir algum desconhecimento no que se refere aos contornos da aplicação da lei dos baldios e das medidas agroambientais. Por outro lado, existem casos que, tendo conhecimento desses contornos, consideram ainda assim proveitoso manter a cogestão, uma vez que prezam o facto de não terem as responsabilidades ainda assumidas pelo ICNF (marcação do desbaste de árvores e negociação da venda), mantendo 60% das receitas. Um elemento da mesa da Assembleia de Compartes de Travassos do Rio e actual presidente da Junta de Freguesia esclarece:

Nós não sairíamos da cogestão com o Estado porque o benefício não é... [...]. Nós temos técnicos do ICNF a... por exemplo, quando o pinheiro seca eles vêm ver porque é que seca. Temos, pouco agora, mas temos algum acompanhamento

[...], há sítios em que são os técnicos que vão marcar quais são os pinheiros a abater. (MTR2).

O presidente do CD do baldio de Cela e Sirvoselo argumenta do mesmo modo:

Eles [o ICNF] recebem e depois dão-nos a nossa parte... é 60%. São eles que cuidam, foram eles que tomaram a iniciativa de plantar, ou de cuidar [...] eles têm de ter a preocupação de gerir a questão da doença dos pinheiros, isso não tem lucro não é, isso só dá prejuízo [...] isso nesse caso são eles, fui eu que os avisei mas são eles que o estão a fazer, portanto... [...] quem tiver muita floresta compensa-lhe estar em autogestão, agora nós se calhar até não temos muito prejuízo (MCS1).

Note-se que, apesar de efectivamente não reconhecerem um serviço público consistente na região, os nossos entrevistados atribuem um papel fundamental aos técnicos presentes, particularmente aqueles que integram a Estrutura Local de Apoio à implementação das ITI. Assim, se ao nível da instituição ICNF/PNPG se pode afirmar um distanciamento generalizado, ao nível dos técnicos as referências são em geral em forma de louvor, evidenciando-se ao mesmo tempo o carácter individual desse bom desempenho. Diz o presidente do CD do baldio de Britelo,

[...] esse é o engenheiro do Parque, muito boa pessoa, é uma belíssima pessoa, está em Braga, está. Uma belíssima pessoa. E o Carlos Jorge também é uma belíssima pessoa, faz parte dos serviços... dos antigos serviços florestais, que acabaram... faz parte do Parque. São umas belíssimas pessoas, tenho umas boas relações sempre com eles (PB1).

Ou em Cabana Maior,

[...] se perguntar em qualquer aldeia às pessoas idosas se se lembram do engenheiro Oliveira vão-lhe dizer “era uma bondade de pessoa”... era um ser humano 100%, sei lá, carinhoso, amigo das pessoas [...] A engenheira Maria do Carmo..., ela é a responsável... ela está em Braga, ela é que é a responsável máxima pela gestão [...] O engenheiro Célio Silva é excelente, tenho uma relação muitíssimo boa com ele, mas tanto um como o outro são pessoas 100%, tanto como seres humanos, como como profissionais, excelentes. A engenheira foi sempre, além de uma técnica... de uma engenheira digna do cargo que lhe foi

confiado, é um ser humano extraordinário, muita dedicação, muito respeito, muita delicadeza, são pessoas do melhor que se podia encontrar (ACm1).

No que se refere directamente à gestão dos baldios e aos desígnios das autoridades locais face àquelas áreas, em particular à possibilidade de as autarquias assumirem a cogestão, de acordo com a informação recolhida essa vontade foi parcialmente demonstrada em dois municípios. Diz-se parcialmente porque a proposta pretendia abranger apenas a gestão das áreas florestais, face à alegada falência do Estado nesse campo. De acordo com os compartes, o município de Montalegre, e também de Ponte da Barca, avançou com a proposta de assumir o papel do Estado central na cogestão dos baldios, situação em que os CD deveriam anteriormente pôr fim à actual (e histórica) colaboração com o ICNF, assumindo a gestão autónoma do seu baldio. Em seguida seria então estabelecida a parceria com a Câmara Municipal, que assumiria a gestão da floresta, tomando parte igualmente nas receitas. A melhoria que se antevia nessa relação baseia-se sobretudo na expectativa de uma efectiva participação da entidade municipal na gestão, algo que, como vimos, a maioria dos CD considera que não acontece com o ICNF. Se em Montalegre a proposta foi bem recebida pelos presidentes do CD, já em Ponte da Barca foi vista com grande desconfiança. Por exemplo, em Germil (Ponte da Barca),

Isso nota-se que há um grande interesse em as câmaras, algumas câmaras, e até a nossa também já mostrou interesse há algum tempo atrás, de tomarem conta dos baldios portanto [...] As populações não aceitariam, eu pela minha parte não ia aceitar [...] As Câmaras Municipais, e a de Ponte da Barca também estava de acordo, através da Comissão Inter-Municipal, mostraram-se, digamos, interessadas, se os baldios não tinham gestão, gerir... Já se sabe porquê não é? [...] Segundo se ouve, e eu ouvi isto numa reunião que tivemos com a ACEB [Associação para a Cooperação Entre Baldios] que já aqui vai há 3 anos atrás, foi-nos informado que as Câmaras pronto, tinham interesses nisso e que tinham já empresas para [...] era para a plantação de eucaliptos [...]. E também me foi dito que aqui há poucos meses atrás, numa reunião da Comissão Inter-Municipal o presidente da Câmara de Ponte de Lima desvalorizou completamente os presidentes dos CD dos baldios, que o que era bom era as Câmaras gerirem (PG1).

Em Montalegre, alguns dos CD abordados pela autarquia mostraram-se favoráveis a essa alteração, na medida em que, na sua perspectiva, não perderiam o valorizado apoio na gestão e ao mesmo tempo estariam a contribuir para que as receitas dessa gestão se mantivessem na região, para financiarem benefícios locais. Por exemplo, no baldio de Sezelhe, diz o presidente do CD:

Se fosse a Câmara que nos plantasse no lugar do Estado, se nós nos desvinculássemos do Estado, quando fosse no corte, os 40% que iriam para o Estado iam para a Câmara... não é? E era melhor que fosse para a Câmara, que eu preferia fazer essa parceria com a Câmara do que pôr no Estado... porque esses 40%... já não será na minha vida, mas preferia que esses 40% ficassem aqui na Câmara Municipal de Montalegre, se não fossem para Sezelhe podia ser para outra aldeia ao lado ou para fazer outros benefícios no concelho (MS1).

Assim, face à hipótese de cogestão com as Câmaras Municipais, numa perspectiva realça-se a possibilidade de as Comissões Inter-Municipais virem a apropriar-se do património das comunidades, entregando-o aos interesses de terceiros, ao passo que na outra se valoriza a retenção local dos benefícios. Qualquer dos desfechos é verosímil, algo que dependerá em última análise do carácter dos actores envolvidos e das relações entre eles. No primeiro caso, parece também existir alguma influência da ACEB, patente na forma como é canalizada a informação. A distância institucional a que se encontram estas aldeias do governo central leva a que grande parte da sua actividade seja guiada, e a informação canalizada, por associações que ali se estabelecem para desenvolver esse trabalho de proximidade. Contudo, raramente essas entidades se encontram isentas no cenário político e económico nacional.

2.4. Mudanças e Factores de Variação na Gestão

Em termos práticos, pelo menos no que se reflecte nas actividades desenvolvidas e nos fundos de financiamento a que têm acesso, os baldios inseridos no PNPG encontram-se em situações idênticas entre si. A forma como se posicionam perante as possibilidades de gestão é que poderá diferir, o que parece não estar necessariamente ancorado na natureza da entidade que os gere, CD ou Junta de Freguesia. Neste ponto, o ambiente socioeconómico da comunidade ou o ambiente físico do baldio parecem ter a maior influência. As zonas rurais, principalmente no interior norte do país, encontram-se hoje numa situação vulnerável, com níveis de população decrescentes e um sector agrícola fragilizado e sustentado em pequenas propriedades de gestão familiar, que em

pouco contribui para a fixação da população. Neste contexto, além de ficarem reduzidas as alternativas de gestão, entregue a um reduzido leque de pessoas e interesses, a relação da comunidade com o baldio fica necessariamente afectada. Ao mesmo tempo, como já se referiu brevemente, são as próprias características ecológicas e geográficas do baldio que determinam limites à gestão, impondo-se sobre as possibilidades de uso e produção. Baldios com maior área de serra terão à partida maior actividade de pastagem do que outros de baixa altitude, com grande parte da área próxima da povoação. Por outro lado, baldios com maior área de floresta possibilitam a exploração de recursos comercializáveis associados, dificilmente acessíveis em baldios caracterizados por áreas de elevada altitude e de difícil acesso.

Esta questão é pertinente, se se tiver em conta a natureza dos recursos existentes em cada unidade de baldio. Por exemplo, se falarmos dos ganhos associados à pastagem, trata-se de ganhos individuais, do produtor. Já se considerarmos as receitas da floresta, estas têm significado ao nível do baldio, da comunidade. Ou seja, da mesma maneira que o pasto pode ser usado por todos os compartes, também a madeira das árvores não é de ninguém em particular. Contudo, o pasto é consumido por animais que têm dono, que não é a comunidade como um todo, mas sim o produtor. Conclui-se que os elementos da comunidade que não têm animais não tiram partido do recurso “pasto”. Já no caso da madeira todos ganham por igual, uma vez que se trata de um recurso gerido e explorado ao nível da comunidade e as receitas são aplicadas no baldio e na povoação. Esta questão coloca os baldios em situações muito diferentes no que respeita à maior ou menor capacidade de se autogerirem e dinamizarem.

Os montes com menos recursos ficam mais vulneráveis, reféns dos objectivos das medidas de apoio e das “migalhas” que o turismo explorado desde fora deixa às comunidades locais. Contudo, em tempos em que o número de pastores diminui, os animais escasseiam, e os turistas proliferam, é a própria paisagem que ganha valor. Neste contexto as medidas agroambientais vieram de alguma forma revolucionar aquela situação, ao alterarem a natureza do valor das áreas de pastagem transformando a extensão de área elegível para pastagem existente em cada baldio num critério para definir o nível de financiamento acessível a cada uma destas unidades territoriais. Um

bem até aí apropriado individualmente passou a assumir também³² um valor comunitário, na medida em que é esperado que o valor gerado, ao ser investido na valorização dos bens comuns (e.g., monte, povoação, etc.), venha a beneficiar de igual forma cada comparte.

Referindo-nos à gestão pela Junta de Freguesia, põem-se duas situações em oposição focando dois baldios: o de Rio Caldo, gerido pela Junta de Freguesia, e o de Gondoriz, hoje gerido pelo CD, mas até recentemente e por largos anos pela Junta de Freguesia. Em Rio Caldo o baldio foi fortemente intervencionado pelos Serviços Florestais. Nesta área tem havido várias iniciativas de florestação no monte, com recurso a espécies autóctones. Em contrapartida, em Gondoriz não há qualquer intenção de vir a investir-se na floresta e, de acordo com o presidente do CD (também presidente da Junta de Freguesia), o baldio serve apenas para proporcionar o subsídio aos produtores de animais e para aceder às medidas agroambientais e pô-las em prática. Efectivamente, e também segundo o presidente do CD, este baldio, localizado em altitude e longe da zona urbana da freguesia, não tem floresta. Neste caso, as condições impostas pela geografia desmotivaram esse tipo de iniciativa.

Ao mesmo tempo, em Fafião o baldio é gerido pelo CD desde 1976, tendo-se destacado do baldio da Junta desde muito cedo. Aqui, verifica-se uma grande dinâmica local e os objectivos a que se propõe o CD não estão necessariamente alinhados com os da Junta de Freguesia, o que não implica que sejam contraditórios, mas sim que respondem a interesses locais da comunidade. Trata-se de uma área de baldio muito florestada, que garante um orçamento seguro, e com características paisagísticas atraentes para a prática do turismo de natureza. Completa o cenário desta aldeia uma população jovem dinâmica e interessada em contribuir para o desenvolvimento local, ainda que muitos vivam semanalmente fora da aldeia. Pincães, uma aldeia vizinha de Fafião, que constitui também um dos quatro CD mais antigos, partilha de algumas destas características, em particular da abundância da floresta. Embora se trate de uma comunidade com menor dimensão, também aqui se verifica que os interesses da gestão se circunscrevem ao baldio e à gestão dos seus recursos.

³² Diz-se também porque a área de pastagem não deixou de ter valor individual para os produtores. De facto, como referido noutros capítulos, a área elegível para pastagem de cada baldio é o que permite que cada agricultor com animais se possa candidatar, a título individual e privado, aos subsídios à produção. E este benefício permanece, paralelamente às medidas agro- e silvoambientais associadas às ITI, cujo valor depende também da extensão da área elegível existente em cada baldio.

Já em Vilar da Veiga, onde o baldio também é gerido pelo CD desde os primórdios da lei, talvez por ser sede de freguesia e por se tratar de uma freguesia muito ligada à actividade turística das Caldas do Gerês e da albufeira da Caniçada, a ligação a esses interesses turísticos e ainda a memória da influência de outras instituições na gestão do monte parecem ter peso nas opções actuais de gestão. De acordo com o actual presidente do CD, quando os compartes se organizaram inicialmente, a partir de 1976, a gestão foi muito influenciada pelos desígnios da Igreja. Neste sentido, o dinheiro do baldio foi empregue durante muitos anos em obras e beneficências paroquiais, que pouco beneficiavam o monte e os seus recursos:

[...] foi muito as pessoas da altura, de idade que conheciam os montes e que sabiam disto tudo mas que... havia um problema com eles, é que eram pessoas de idade que tinham todas as influências, por exemplo da Igreja, tinham todas essas influências e aí é que se estragou muito dinheiro. Por exemplo, as assembleias, ainda hoje não conseguimos fazer nenhuma sem ser ao fim da missa, se quisermos marcar uma para a tarde ou para a noite não aparece ninguém, têm que ser todas no final da missa. [...] Portanto tudo foi gasto nos adros da igreja [...] fizeram coisas, um parque desportivo, por exemplo, aqui no meio do monte do baldio, gastou-se ali 30 000 contos num polidesportivo que hoje nem as cabras lá passam, enfim, tudo coisas assim muito mal-arranjadas (TV1).

Também na Ermida, outro baldio cujo CD foi formado ainda nos anos 1970, e é hoje gerido por uma equipa jovem e aparentemente comprometida com os recursos do baldio e com os interesses da aldeia, o actual CD veio substituir uma equipa que esteve décadas a cargo da gestão, de um grupo alegadamente pouco aberto à inovação (segundo o actual presidente do CD, corroborado pelo presidente do de Vilar da Veiga, baldios limítrofe e pertencente à mesma freguesia). Conta o actual presidente da direcção do baldio da Ermida:

Antes de mim foi muito complicado, antes de mim estiveram trinta anos as mesmas famílias... e falando assim um português um bocado mau, não faziam ponta de um corno, estás a perceber? Nem faziam nem tinham queda para fazer, tinham o dinheiro mas não tinham queda para fazer as coisas. Andavam sempre com o dinheiro de volta das obras da igreja e das festas e do caneco e portanto...

ardeu muita floresta e eles podiam ter comprado o carro já há muitos anos, nunca compraram. [...] Porque isto estava nas mãos de pessoas já idosas... esta gente idosa sabe as coisas do tempo deles, portanto desde o tempo deles para hoje já mudou muita coisa (TE1).

Actualmente, a gestão é centrada na floresta e na protecção dos recursos do baldio, motivada aparentemente por uma ligação forte à povoação e à cultura local. Avaliando pelo historial de conflitos entre a Ermida e as povoações vizinhas, em defesa do que os compartos da aldeia entendem ser seu património, aquela ligação parece vir de trás. Assim, a uma maior distância entre o órgão de gestão e aquilo que é a gestão administrativa da freguesia, parece estar associada uma dinâmica particular e mais centrada nos interesses da comunidade e do baldio.

CAPÍTULO V – ESPAÇOS, USOS E APROPRIAÇÕES

1. Diversidade dos espaços

O território do Parque apresenta ambientes diversos, dependendo do relevo, da orientação das serras, da altitude, e de tantos outros factores, realidade que imprime ao universo dos baldios igual nível de heterogeneidade. Assim, enquanto nuns o coberto florestal é dominante, noutros observam-se apenas algumas árvores dispersas ou bosquetes junto às margens dos cursos de água.

Embora este seja indiscutivelmente um factor preponderante, a heterogeneidade da paisagem não se deve apenas à influência ambiental. A história da interacção de cada comunidade com o seu baldio é única e encontra-se reflectida nos seus contornos, influenciando vários aspectos, desde a área envolvida, passando pelos usos dominantes (e.g., pastagem, floresta, turismo, etc.), até à maior ou menor presença de utilizadores e sua natureza. Por sua vez, a diferente configuração da paisagem (e.g., planalto com predominância de matos, serra com floresta de pinheiro em regeneração natural; serra sem floresta, zonas de menor altitude correspondentes a pastagens e carvalhais,...) vai condicionar as diferentes possibilidades de uso e, em última análise, a própria gestão do baldio. Percebe-se assim que não existe uma realidade única comum às 30 unidades de baldio do Parque Nacional, mas sim várias, ainda que, claramente, existam factores comuns que os aproximam.

Os baldios, áreas que outrora foram consignadas pelos senhores das terras à utilização precária dos seus subordinados para que, geridas em comunidade, servissem à subsistência de todos, hoje correspondem a áreas amplas de terrenos que circundam as povoações serranas³³. Em regra, a sua maior área encontra-se no monte (ou serra); aliás, ainda hoje a palavra “monte” é usada para designar genericamente o baldio.

Os baldios incluídos no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) apresentam grande heterogeneidade no que respeita à sua dimensão, a qual parece depender, entre outras coisas, da dimensão do núcleo populacional a ele associado. O maior, com cerca de 6 000 hectares, está associado à freguesia de Castro Laboreiro e serve 42 lugares, dos quais nem todos se encontram hoje povoados. A prática sazonal da transumância, em busca das melhores condições para alimentação do gado, obrigava à movimentação

³³ Em anexo encontra-se um mapa com a disposição destes territórios na área do PNPG (Anexo IV)

pendular também dos proprietários dos animais, ora para a serra, ora para os vales. Para evitar a deslocação diária do gado, estabeleceram-se aldeias “de verão”, as “brandas”, e aldeias “de inverno”, as “inverneiras”. Seguindo o ciclo climático, no verão as pessoas subiam para a serra, zonas mais frescas onde o pasto abundava, e estabeleciam-se nas brandas. No inverno, em que as temperaturas na serra eram proibitivas para o gado e para o crescimento do pasto, a população descia em direcção às inverneiras, localizadas em zona de vale, com temperaturas e condições de humidade propícias à habitação e alimentação invernal. Hoje, nem o número de pessoas nem o de animais justificariam tamanho empreendimento. Contudo, as aldeias persistem fisicamente, algumas vazias de gente. Ainda assim, existem cerca de 700 eleitores na freguesia, e, de acordo com o actual presidente do Conselho Directivo (CD), cerca de 1300 compartes³⁴. Trata-se, portanto, no contexto sociodemográfico actual, de uma freguesia com área e dinâmica populacional consideráveis.

Os baldios das freguesias de Cabril e do Soajo têm também dimensões consideráveis, de cerca de 5 200 hectares. Mais uma vez, trata-se de aglomerados populacionais bastante extensos. A freguesia de Cabril tem 74 Km² e, segundo o seu presidente, é a maior do Parque. Nessa área existem 15 aldeias, duas das quais, as de Fafião e de Pincães, pela sua dimensão e distância geográfica das restantes (e provavelmente também por outros factores), assumiram cada uma o seu baldio, organizando-se separadamente para a gestão. Ainda assim, o baldio da freguesia de Cabril detém 5 200 hectares que servem 13 aldeias. Por seu lado, a freguesia do Soajo ocupa uma área de 59 Km² e tem sete aldeias a usufruir do baldio.

Em contraste, Germil, uma pequena aldeia de altitude, situada a cerca de 15 km da sede de concelho, tem apenas 630 hectares de baldio. Em tempos, Germil era sede de uma pequena freguesia (14 Km²) com cerca de 49 habitantes. Actualmente, de acordo com o presidente do CD, Germil tem entre 60 e 70 residentes e, desde a reorganização administrativa de 2013, está integrada na União de Freguesias de Entre-Ambos-os-Rios, Ermida e Germil, mantendo-se, contudo, separada a gestão dos baldios das várias povoações.

³⁴ O anterior presidente, contudo, fazia uma estimativa de 400 compartes. Esta diferença deve-se aos contornos do conceito de comparte, alterados com a lei nº 72/2014 que o tornou mais abrangente, escusando-o da influência dos usos e costumes.

Por outro lado, em algumas aldeias o baldio não se encontra inteiramente dentro das fronteiras do Parque, existindo uma parte que está sob a influência do Plano de Ordenamento (PO) e outra que não. Nestes casos, verifica-se uma gestão diferente fora e dentro da influência do PO, diferença que se reflecte ao nível da entidade que gere, das limitações impostas às actividades que se podem desenvolver no território, da maior ou menor influência do ICNF sobre a gestão, e do tipo de subsídios a que é possível aceder. Esta situação verifica-se em seis baldios, os de Cabana Maior, Sistelo e Cabreiro, no concelho de Arcos de Valdevez, de Rio Caldo e Covide, no concelho de Terras do Bouro, e de Lamas de Mouro, no concelho de Melgaço. Por exemplo, em Cabana Maior, a entidade que gere a parte do baldio que se encontra fora dos limites do PNPG é a Junta de Freguesia, e dentro é o CD. De acordo com um actual membro da mesa da Assembleia, que foi durante muitos anos presidente da Junta de Freguesia e do CD do baldio de Cabana Maior,

[...] assim por alto, nós temos à volta de 3 700 hectares de baldio, no total, e no exterior do parque poderemos contar uns 30% da área... menos de 30, 20% talvez. [P: mas deve ser difícil diferenciar os poderes...?] Não é difícil, é uma questão de cumprir as legislações... não é difícil até porque essa diferença só existe para questões de candidaturas a fundos para investimentos, para limpezas etc. (ACm1).

O CD foi criado para possibilitar o acesso às medidas de apoio exclusivamente destinadas aos baldios geridos pelos compartes. Em Sistelo, o órgão de gestão mantém-se o mesmo fora e dentro dos limites do Parque, mas é apontada a diferença na influência institucional:

O do parque está submetido às regras do parque, e a outra [parte] não está. [P: Na outra podem pôr eólicas por exemplo?] Podemos, tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário [...] não chegámos a acordo, portanto, entre a Câmara, nós e a empresa que ia colocar as eólicas (ASi1).

Em Rio Caldo, as diferentes áreas de gestão no baldio prendem-se não só com os limites do território do Parque, mas também com a abrangência do perímetro florestal da Abadia, ambas situações que impõem a cogestão, neste caso à Junta de Freguesia. Contudo, de acordo com o presidente desta, na restante área do baldio, domina a autogestão:

[...] uma parte do baldio a cogestão é dos serviços florestais, o ICNF [...] e outra parte não, é do baldio só, só nossa mesmo sem cogestão nenhuma, e temos com o ICNF outra parte. Porque isto já vem de há muito tempo, que é o perímetro da Abadia que é englobado no nosso baldio, também que é desta parte, esta parte é Parque Nacional, não temos a cogestão do Parque, é totalmente feito só da nossa parte. [E fazem gestões diferentes?] Não, não fazemos, porque nós por exemplo, quando é para vender lotes, quando temos madeira para vender, depois vem tudo para a mesma conta, não é? [P: mas têm de dar 40% ao Estado...?] Temos que dar 40% ao Estado, claro, [P: Mas se for daquele lado...] não temos de dar nada [P: E não dão, ou dão?] não, não, não. (TR1).

Igualmente, em Covide, aldeia limítrofe da de Rio Caldo,

[Houve uma parte da floresta plantada pelo Estado que permaneceu, mas] isso foi na outra ponta, isto foi aqui no monte de Lamas [...]. Porque o nosso monte, essa estrada que vem por aí acima, corta-o ao meio, um lado é para lá e do lado para cá também é nosso, portanto, desde lá debaixo de Rio Caldo, calhando vê lá logo uma placa que diz Covide, a partir dali para cima é nosso. Quem sobe do lado direito é Parque, do lado esquerdo não há Parque, [é o perímetro florestal da Abadia] (TCo1).

Estas divisões tornam a gestão do baldio ainda mais complexa, promovendo a variedade institucional dentro da própria unidade territorial. Se por um lado essa situação pode, por exemplo, garantir acesso a oportunidades de financiamento que de outra forma lhes seriam vedadas, ao mesmo tempo cria contornos burocráticos mais complexos.

2. Ocupações do espaço

Enquanto nas zonas mais altas e distantes da povoação, o baldio é usado sobretudo para pastagem e eventual recolha de matos e outros recursos necessários à subsistência da comunidade, as zonas mais próximas são utilizadas para pastoreio de animais que precisem de maior supervisão, como ovelhas, ou outros que se encontrem em período de aleitamento. Também aqui se recolhem matos e lenha, quando existentes e acessíveis. A descrição seguinte dá uma ideia da relação existente entre as várias áreas que compõem a estrutura da paisagem de uma aldeia serrana:

[...] o baldio é toda esta área. Temos a povoação [...] e umas hortas logo a seguir às casas que por norma são os terrenos mais férteis, depois temos áreas de lameiros e terrenos mais produtivos e depois na orla mais exterior, a confinar com o baldio, temos as áreas..., os terrenos mais secos que por norma levam cereal. É terreno particular, ou seja, o baldio aqui limita toda a propriedade particular, tudo o que não é particular, que não está murado... é baldio (MPi1).

A recolha de matos é uma actividade que em tempos era central ao sistema local de produção, e que ainda hoje tem lugar, sobretudo nas aldeias com mais animais. A esse respeito, diz um produtor de gado de Castro Laboreiro,

[...] o mato das camas para fazer o estrume era de uma importância extraordinária. Eu tenho 50 anos e recordo-me, é do meu tempo proteger-se os campos de mato, as propriedades de mato, dos incêndios, por causa de terem de facto mato para fazerem as camas aos animais. Mas há muito pouco tempo, um terreno de mato, de tojo, não é, era tão valioso como um terreno de cultivo. Era...Mas e há muito pouco tempo um terreno de mato que tinha tojo era tão valioso como um terreno que produzisse batatas ou centeio ou assim. [P: Não sabia que era assim tão imprescindível...] Era, era, o estrume aqui neste solo... são solos pobres, não é, solos arenosos, solos pobres, e se as terras de cultivo não forem devidamente estrumadas, a produtividade diminui consideravelmente [...] (MeC2)

Diz também o presidente do CD de Covelães,

Nós temos aqui as terras todas semeadas, eu tenho aqui uma grande que está toda semeada, acolá em baixo... tudo, milho, batatas, se não levar o esterco não dá nada [...] o estrume... nós aqui chamamos-lhe de esterco, as vacas amassam e depois andamos com os tractores [e] espalha-se no campo [...]. Aquilo tem de levar o estrume, se não levar esterco não dá nada. Eu aqui tenho as vacarias, é tudo para isto. Agora que estão a acabar as sementeiras está tudo no monte a carregar mato, é tudo! Os lavradores é tudo. Só se vê aí tractores a carregar mato [...] vão acabar as sementeiras, vão fazer as sementeiras, e já vão para o monte buscar o mato para fazer a cama do gado, depois para o ano vai tudo para as terras (MCov1).

As povoações encontram-se em cotas mais baixa, em zonas de vale. Aqui, os usos alteram-se de acordo com as diferentes características ambientais (solo, temperatura, humidade e topografia...) e com a menor distância aos locais de habitação. Nestas zonas observa-se também em muitos casos a existência de carvalhais, cuja utilização se limita à eventual recolha de madeira morta para aquecimento. O corte de carvalho não é permitido nem pelo ICNF nem pelos regulamentos locais de uso do baldio, pelo que carvalho não é explorado comercialmente. E estando dentro do território do Parque, “o Parque é tudo, se quiser fazer um corte [...] é o Parque que vem marcar o corte de carvalho, o Parque é que vem marcar qual é os que ficam ou os que se tem de cortar” (MS1). Mas, regra geral, o próprio regulamento local deixa claro como lidar com o carvalhal, sendo a esse nível que se efectuam as decisões sobre a sua gestão. Parte-se da premissa, comum a todos os baldios que a este respeito se pronunciaram, que o corte puro e simples de carvalho está completamente vedado. Em Fafião, o presidente do CD deixa claro:

[P: A malta toda da aldeia pode usar o baldio?] Pode ... pode vir aqui buscar mato, pode ir buscar lenha. Sabem que não podem cortar carvalhos, sabem que não podem cortar sobreiros, podem levar os pinheiros que estiverem secos e os carvalhos que estiverem secos também os podem levar, e o mato, podem levar tudo, agora chegar aí e cortar à sorte... está ali um pinheiro grande verde com um tronco grande, não chegam ali e cortam, porque isso ia-lhes trazer problemas, esse pinheiro é da aldeia, e o dinheiro que esse pinheiro der é para a aldeia, é para o baldio (MF1).

No baldio da Ermida, por exemplo, diz o presidente do CD:

Alguém cortou aqui alguma coisa, estava aqui uma árvore... é só para eu ter a noção, para saber, porque assim eu logo pergunto ao fulano que dá os documentos para a lenha se a pediram, que é para ver se foi alguém da Ermida ou se veio aqui alguém roubar. [P: E se for alguém da Ermida, tem de pedir antes?] Tem de pedir. Tem de se passar um documento onde ele pede, o local e as coordenadas do que quer cortar para lenha, geralmente é árvores secas apenas. [P: Pois, não podem cortar carvalhos...] Não, nada, nada. Só lenha seca e derrubada e têm que nos pedir, nós já sabemos onde é ou não e é-lhe passado um documento (TE1).

As florestas de pinhal, por sua vez, têm tido um percurso tortuoso e algo contraditório nos baldios. Foram introduzidas de forma coerciva pelo Estado, numa altura em que o país era gerido de forma ditatorial. A plantação deu origem a vários conflitos. Mas ao mesmo tempo que as árvores (e os homens) se impunham sobre os usos e costumes locais, criavam-se condições sem precedentes naqueles lugares: criação de emprego para alguns, construção de estradas, instalação de electricidade, e uma dinâmica local até ali inexistente. A floresta foi desde o início uma questão controversa. Actualmente, no PNPG, as únicas espécies florestais toleradas para efeitos de exploração – sem que existam propriamente incentivos à sua plantação – são as resinosas (pinheiro bravo, pinheiro silvestre, pseudotsuga, etc.), das quais a mais amplamente distribuída nos baldios e com maior retorno financeiro é o pinheiro bravo. Embora a existência de exemplares antes da florestação pelo Estado seja mencionada, o pinhal foi introduzido praticamente na íntegra pelos Serviços Florestais nas serras do Soajo, Peneda, Gerês e Amarela.

À excepção de Fafião e de Ermida, onde os CD se encontram na modalidade de gestão autónoma, a marcação das árvores para corte, o denominado auto de marca, e a negociação da venda, continuam a ser realizadas por técnicos do ICNF. Apesar de hoje a gestão dos baldios estar entregue às populações locais, e o Estado já não exercer, em teoria, a mesma autoridade sobre aqueles territórios, a floresta sobreviveu-lhe, e nela o Estado ainda hoje recupera o investimento feito há várias décadas atrás, recebendo uma percentagem substancial (40%) das receitas.

O pinhal continua a ser visto com ambivalência. Se por um lado resulta de uma acção que na altura foi sentida como indo contra os interesses dos povos, tendo efectivamente alterado as dinâmicas locais e posto em causa a subsistência de muitos, por outro representa hoje a única, ou a mais importante, fonte de receitas directas nos baldios. De facto, além dos apoios comunitários, particularmente das medidas agroambientais, e do fundo de maneio que algumas destas permitem criar, a maior fonte de receitas dos baldios é a venda de madeira, embora nem todos os baldios do PNPG tenham área florestal suficiente para tornar a actividade rentável. Fica assim evidente o peso da história de cada comunidade e das especificidades ecológicas locais, na forma como se apresenta e é gerido hoje o monte. De facto, o processo de florestação pelo Estado, maior responsável pela existência de floresta “de produção” (designadamente, pinhal) nas serras do PNPG, não se desenvolveu de igual forma em todos os baldios. A

reacção das populações, diferente em cada comunidade, foi determinante na forma como a floresta se estabeleceu (ou não), ao mesmo tempo que as condições fisiográficas (como o declive, a altitude, a área de rocha, etc.) favoreciam ou dificultavam a sua plantação. Tudo isto, associado à história ambiental e à dinâmica das populações verificada desde então (efeitos do clima, ocorrência de incêndios, actividade antrópica, etc.) potenciou a existência de baldios com características muito diferentes entre si.

Assim, no território do Parque encontram-se baldios com amplas manchas florestais e grande densidade de pinheiro bravo (e.g., Fafião, Pincães, Ermida, Soajo), outros com características fisiográficas que não permitem o crescimento de espécies florestais rentáveis e/ou que simplesmente não sofreram a influência da acção do Estado (como os de Gondoriz e Germil). Em Gondoriz, o presidente da Junta de Freguesia e do CD fala das condições do baldio para floresta:

[...] plantar árvores lá em cima na montanha onde cai neve e em cima de rocha, não vale a pena. Primeiro os animais roem tudo, lá em cima existiam, e ainda existem, alguns camecípare, existiam pinheiros que com os incêndios queimaram-se e nunca mais se viu nada. [...] é um local que não produz, aquilo é rocha. Há lá pastoreio. Ou tem mais altura de terra ou não... o clima lá em cima é mais agreste do que aqui em baixo. E a questão das árvores, há árvores que não desenvolvem em altitude ou em condições climáticas diferentes, há outras que podem adaptar-se mas mantêm-se ali estagnadas, não... quer dizer, não há investimentos que compensem a... pronto, ali o... já noutra altura falaram que queriam, o meu filho queria fazer ali uma plantação de castanheiro “ó pá, tu tens muitos hectares” e eu “eh pá, lá para cima que aquilo só tem rocha” (AGo1).

Em paralelo, o pinhal é visto como um perigo latente, associado à sua combustibilidade e frequência de fogos nas serras. Não obstante, as condições que dominam grande parte do território do PNPG são propícias à sua propagação, verificando-se uma regeneração natural profícua, conduzida em alguns baldios e noutros deixada ao seu ritmo natural. No baldio da Ermida, diz o presidente do CD:

Mas pronto, é para tu veres, parece que não tem nada mas já tem pinhal outra vez. Estás a ver? Tudo isto já tem pinhal. Neste caso como é regeneração natural nós não precisamos [de fazer nada], estás a ver? Quando é pinho bravo é

regeneração natural não é preciso, só é preciso é que não deixe arder outra vez [...] fazemos uma roça de mato quando ele chega a uma certa altura [...] (TE1).

Na prática, a gestão da floresta de pinheiro resume-se à realização de cortes pontuais e à condução da regeneração natural. Nos baldios em que existe pinhal em abundância, a regeneração natural domina largas áreas que se expandem caso não haja um controlo real. Em situações de pós-fogo é referida, e foi observada, a rapidez com que se forma um povoamento denso de pequenas árvores caso não se efectuem quaisquer acções para contrariar.

O corte de árvores realiza-se sobretudo em duas situações: ou após a ocorrência de incêndio, ou para venda de madeira, por exemplo em situações em que é oportuno aceder às receitas para efectuar qualquer investimento. No que se refere ao investimento em plantações e reflorestações, verifica-se que estas são, em regra, feitas com espécies autóctones. O receio dos incêndios e a partilha da receita com o Estado, considerada desadequada face à alegada ausência do ICNF na gestão florestal, a par dos incentivos silvo-ambientais que promovem a replantação de espécies autóctones, têm efectivamente conduzido à falta de interesse dos compartes em investir na floresta de produção, como referido no testemunho sobre o baldio de Cabril:

[O] pinhal não se planta, não é preciso, ele regenera-se naturalmente, não é preciso plantar [...] temos feito plantações de autóctones, carvalhal [...] com o dinheiro das ITI e em colaboração com o ICNF [...]. Não esperamos a regeneração do pinhal porque o pinhal ... interessa por um lado, financeiramente interessa, mas também acho que está na altura de alterar um bocado esse paradigma porque é uma resinosa e em caso de incêndio arde tudo, mesmo que esteja tudo limpo, aparentemente limpo, basta ficar só a caruma do pinheiro que arde logo tudo, sobe por ele acima, pela resina, e não há hipótese. Este carvalhal que estamos aqui a ver nem que lhe cheguem fogo não arde... porque cria ali uma manta morta húmida, reserva muita humidade, e o incêndio quase não faz mal, um carvalhal se for denso não tem problema nenhum. [Mas] sim [se deixássemos de ter pinhal...] (MCa1).

É clara a ambivalência na avaliação da importância do pinhal pelos compartes. Se por um lado representa uma fonte de rendimento, por outro é também uma fonte de preocupação. Além do mais, a sua origem numa iniciativa autoritária não será

completamente alheia à posição assumida. O seguinte testemunho reflecte a posição mais ou menos generalizada da população perante os pinhais:

[O pinhal] foi já do tempo do Salazar. [P: E vocês reflorestam, ou nasce sozinho?] Não... para quê se daqui por dois ou três anos queima tudo, olhe para aquela parte, tinha lá pinheiros grandes e não se vê lá nenhum sequer. Está para aí um ou dois que escaparam, não sei como (MeL1).

Ainda assim, a sua abundância resulta em que a gestão dos recursos do pinhal seja central na actividade de alguns baldios (e.g., nos de Pincães, Fafião, Ermida, Soajo). Em algumas comunidades assume mesmo o papel de “mealheiro” a que se recorre quando é necessário fazer-se algum investimento, algo que do ponto de vista do desenvolvimento local assume um papel fundamental. Contudo, ao mesmo tempo e de forma algo contraditória, existe uma tendência gradual para o repúdio generalizado do pinhal, registando-se um crescente discurso anti-pinheiro. Para além da já referida combustibilidade, cada vez mais evidente, a falta de ligação emocional a este tipo de floresta parece ter igualmente um papel. De facto, o pinheiro é visto sobretudo como uma fonte de receita, não se verificando uma relação de antiguidade, de identidade, ou de orgulho, como se verifica em relação a espécies como o carvalho, o castanheiro, ou o sobreiro. Na verdade, existe hoje uma vontade expressa, presente por exemplo no discurso do presidente do CD do baldio de Britelo, de substituir o pinheiro por espécies consideradas autóctones e menos combustíveis:

O que nós fazemos agora é diferente, cortamos os pinheiros e deixamos os carvalhos... mais nada. [...] Tinha pinheiros mas cortámo-los todos, mandámos cortar e vamos vender aquilo para lenha... os pinheiros. [P: Mas depois também deixam de ter esse rendimento...] Isso é verdade, mas sabe que nos montes baldios há muito pinheiro que é escusado plantar porque ele semeia-se por ele próprio. [...] o pinheiro aqui na nossa zona em sítios vem muito rápido, não é como nas zonas mais montanhosas lá em cima para a serra, aqui é... tem melhor terra, tem onde se agarrar (PB1).

No Campo do Gerês, declara-se a mesma tendência:

Curiosamente esse pinhal está a ser convertido, ou reconvertido em floresta autóctone... [...] acaba por haver aí agora algum apoio [...]. Ainda aqui há tempos estávamos a fazer a plantação, há dois anos fazíamos a primeira grande

plantação com o apoio do Estado, porque antes desta fizemos uma outra com voluntariado, e temos tido uma dinâmica interessante... há uma conversão até pelos próprios proprietários, pelas pessoas de cá, naturais que começaram naturalmente a desfazer-se do pinheiro e a deixar as espécies autóctones... de tal maneira que também a nível da associação de compartes... (TC1).

Apesar de reduzida, a gestão florestal que se verifica nos baldios do PNPG parece ter um papel dinamizador da gestão comunitária e da cooperação entre entidades. Por um lado, as plantações efectuadas foram, regra geral, feitas em colaboração com outras entidades. Por outro, as decisões associadas à gestão da floresta são efectuadas ao nível da assembleia de compartes. Os cortes e a venda de madeira, mal ou bem, são efectuados com a participação do ICNF, o que requer prévia negociação entre as entidades. Também a manutenção física do território e a prevenção de incêndios, nos termos hoje requeridos pela legislação e pelas medidas agro e silvoambientais, tem um papel preponderante na gestão dos baldios, e na relação entre os seus órgãos e entidades externas, nomeadamente o ICNF e o PNPG.

A execução das tarefas requeridas exige mão-de-obra especializada, principalmente nos baldios em que o terreno se caracterize por declives acentuados. Durante o período dedicado ao serviço público previsto na contratação da equipa, os sapadores fazem limpezas e roças de acordo com o requerido pelo ICNF, do ponto de vista da prevenção de incêndios; intervêm em caso de incêndio e têm períodos de vigilância nos dias com maior probabilidade de ocorrência de fogos (e.g. secos, ventosos, altas temperaturas).

O financiamento previsto nos apoios estatais e comunitários para a limpeza das pastagens pretende cobrir as despesas associadas ao desenvolvimento desses trabalhos. Perante esta necessidade, foram duas as estratégias utilizadas pelos CD e associações de proprietários dos montes aforados: investimento em equipamento, que seria manuseado por pessoal empregado localmente, com competências técnicas adequadas; ou contratação de empresas especializadas naquela área. Em alguns baldios recorreu-se a ambas as estratégias. Dentro da primeira estratégia, registou-se em vários baldios a aquisição de tractores e alfaías para a realização da roça e recolha de mato. Na segunda, para a contratação, priorizaram-se empresas da região, dinamizando o mercado local de serviços. Verificou-se, em pelo menos um baldio, a formação de uma empresa para o

efeito, encabeçada por habitantes da comunidade que até aí realizavam trabalho independente na área.

Em zonas de maior declive, a roça é realizada manualmente, recorrendo a roçadeiras manuais. Para o manuseamento das alfaias e tractores adquiridos valeu-se regra geral do conhecimento e experiência das equipas de sapadores legalmente obrigatórias. Nestes casos, fora o investimento no tractor e outra maquinaria necessária, os compartes conseguem reduzir os custos, uma vez que a equipa de sapadores já está, de uma maneira ou de outra, contabilizada nas despesas do baldio. Apesar de a legislação nacional prever a contratação de equipas para servir diferentes tipos de entidades, a iniciativa ao nível do Parque focou sobretudo os baldios. Contudo, nem todos aderiram, pelo que persistem hoje baldios sem equipa de sapadores; em alguns casos (e.g., Covelães, Sezelhe, Paredes do Rio e Travassos do Rio), as equipas são partilhadas por baldios vizinhos. Noutros casos ainda, como em Vilar da Veiga, o CD recorre a uma equipa gerida por uma associação agrícola local.

Diz o presidente do CD do baldio de Fafião, durante uma volta de reconhecimento no monte:

Nós temos uma equipa de cinco sapadores, embora aqui só estejam três, mas um não veio trabalhar, e o outro anda ali a fazer outro trabalho... Nós agora, aqui este ano, temos aqui de fazer uma limpeza que é a parte... nós temos uma verba que é da direcção geral de florestas para manter os sapadores, são 35 000 euros, só que nós gastamos com eles muito mais que isso, 60 e tal, às vezes até 70 [mil]... e esta parte que eles estão a fazer é o serviço público, o ICN manda aqui um técnico para marcar uma certa área, uns hectares, e nós temos que fazer essa limpeza. Esta parte é serviço público, tem a ver com o plano de gestão mas muda todos os anos. (MF1).

O presidente do CD do baldio da Gavieira completa:

Chega a altura de verão e temos de preparar a vigilância, faz-se igual 8 horas de serviço mas não se está sempre a trabalhar [a roçar mato], estão de vigilância, vão lá para cima, têm de estar de vigília, à noite ou de dia, não interessa, fazem

oito horas mas não estão no terreno, apenas estão à espera que as coisas aconteçam [...] são três³⁵ meses que estão sempre de vigilância (AGav1).

Nos restantes meses em que não está de serviço ao Estado, a equipa dedica-se à limpeza de matos nas áreas definidas pelos CD, em eventuais iniciativas de plantação e reflorestação, na melhoria das redes viárias, etc. Por vezes, aplica-se igualmente a sua mão-de-obra em melhoramentos no interior da aldeia (e.g., limpeza de caleiras, reconstrução de muros e estradas, limpeza de vegetação). Diz o presidente do CD, também presidente da Junta de Freguesia da Gavieira,

Neste momento a equipa de sapadores trabalha todos os dias na freguesia, mas todos os dias, limpeza de matos, imaginemos se há um incêndio numa casa, num terreno, eles estão em todo o lado. Neste momento é assim, eu diria que é mais preciso uma equipa de sapadores do que propriamente uma Junta de Freguesia [...] Eles estão em todo o lado. Há um incêndio estão ali, um problema com uma água estão ali, quer dizer, eles estão... e estão sempre disponíveis, claro, eles aqui estão sempre disponíveis, seja de dia, seja de noite (AGav1).

A importância das equipas de sapadores não é um assunto consensual entre compartes. Ao mesmo tempo que há quem defenda acerrimamente a sua adequação às necessidades locais, como no anterior excerto, há também quem ponha em dúvida a sua eficácia e necessidade. Em Cela e Sirvoselo, por exemplo, o presidente do CD não encontrou utilidade na forma de trabalhar das equipas:

Vamos lá a ver, a equipa também não era... não era muito visível não é? E depois nós acabávamos com o dinheiro das ITI, o que íamos buscar em termos de trabalho não nos compensava... nós com pouco dinheiro fazíamos o mesmo trabalho. E depois isto é preciso manter a carrinha não é... (MCS1).

Também em Germil, Ponte da Barca, diz o presidente do CD,

Mas percebe-se que as equipas de sapadores... porque repare, não digo que não servem de nada mas não servem os objectivos para aquilo que foram criadas, que se pensava [...] pela minha parte eu não estou arrependido que Germil não tenha constituído uma equipa de sapadores, porque é uma despesa certa que tem

³⁵ A lei prevê seis meses de serviço público para as equipas de sapadores formadas dentro do programa do Estado. O presidente do CD da Gavieira refere-se com certeza a três meses de vigilância acrescida devido às condições climáticas da época estival.

um... portanto já tínhamos um volume bastante alto, anual, e que depois se formos a ver fazemos mais trabalho, fazemos o dobro do trabalho com esse valor contratando empresas para o fazer [...] dá x ao metro, a partir daí... ou x por hectare, e fazem, pronto... (PG1).

No campo do Gerês, a ideia de uma equipa de trabalhadores do Estado não agradou, pelo que desde o início actuaram num outro sentido, mantendo contudo asseguradas as funções de sapadores:

Por exemplo, a Vilar de Veiga [os apoios comunitários] permitiu-lhes criar uma equipa de sapadores [...] porque eles têm uma área com muita floresta, Fafião também tem uma dinâmica muito interessante. Nós aqui tínhamos esse convite e também o desafio para criarmos uma equipa de sapadores, e entendemos que era errado criar uma equipa de funcionários públicos e estimulámos o aparecimento de uma empresa, que foi criada aqui a nível local [...] a empresa entretanto tem vindo a desenvolver-se, e tem tido aí uma dinâmica castiça. Criou um viveiro florestal, trabalha em ligação com a Quercus e com a UTAD também. No fundo ajudei-a, ajudámo-la, abrimos aí um conjunto de contactos e de portas e está a começar bem... (TC1).

Portanto, há uma dinâmica que é forçosamente estabelecida por detrás de todas as iniciativas. Efectivamente, o impacto maior parece ser mesmo sobre o fortalecimento da capacidade de acção colectiva destas comunidades e da interacção institucional que permite que as coisas aconteçam em ambientes institucionalmente complexos, como é o caso do PNPG.

Entre a povoação e o baldio encontram-se as hortas, os campos explorados para agricultura, sobretudo desenvolvida para subsistência das famílias (milho, centeio) e para produção de feno para alimentação do gado. Estas áreas são de propriedade privada, gerida individualmente. Contudo, à medida que se vai entrando a fundo nas questões da comunidade, vamo-nos apercebendo que alguns destes campos foram um dia parte da área comunitária que, a certo momento, ou por cessão, ou por outra razão da qual já não existe memória, foram entregues a alguma família para uso agrícola permanecendo assim até hoje, transmitidos de pais para filhos. Diz o presidente do CD de Fafião, observando o panorama desde uma zona alta do baldio,

Depois aqui esta zona, isto aqui é tudo baldio, aquelas partes ali verdinhas e castanhas são as zonas de particulares, são terrenos de pessoas que usam no cultivo. Ali aquela zona de árvores no meio também são coutadas de pessoas, não são terrenos baldios. E pronto, à volta desta zona é tudo baldio. Dentro desta zona, e aquelas árvores que estão ali no meio, não são baldias. [...] Eu acho que há muitos [anos] tudo era baldio. O pessoal foi escolhendo os sítios mais planos para fazer umas terras, para ir plantando umas coisas e ter as suas... pronto, os alimentos, as batatas, o milho... (MF1).

3. Apropriações, delimitações e disputas

Também em pleno baldio existem áreas que um dia foram entregues por decisão local a determinada família ou indivíduo para seu uso e benefício, e assim permanecem até hoje. De facto, a tendência para a apropriação individual das terras mais férteis, ainda que em plena serra ou planalto baldios, é notória. Assim, ao mesmo tempo que as áreas de baldio que se mantiveram sob gestão comunitária correspondem em regra a áreas de pastagem com solos pouco profundos, as zonas cercadas detêm características que favorecem algum tipo de produção devido à presença de humidade decorrente, por exemplo, das condições topográficas ou da exposição solar (e.g., lameiros para pasto mais rico ou cultivo). Segundo o presidente do CD do baldio de Paredes do Rio:

[Esta zona do baldio foi dividida] e depois cada um tinha a sua leirinha aí, semeavam [...]. Agora anda para aí o gado espalhado, são consideradas igual [propriedade de alguém], mas já não fazem campos [de cultivo]. E sabe-se [de quem são]. [... Dividiu-se] por o terreno ser bom para isso, para a batata de semente e foi por isso que o dividiram. [...] já mal me lembro de semearem aí alguns... Eu depois ainda tenho ali... aquela cerca ali é minha, ainda cuido daquilo, mas dali para baixo está tudo... boto-lhe para ali estrume, adubo... e serve-me o feno (MPR1).

Também noutra aldeia do mesmo concelho,

Geralmente em todos os sítios há particulares no meio dos baldios. Era se calhar, sei lá, já dos antigos [...]. [P: E a malta dos baldios, nunca lhe disse que não podia ter ali a sua terra?] Não, porque estas terras estão nas finanças em nome dos próprios e está tudo, é como seja uma propriedade [...] ah, não sou só eu,

esse carvalhal que aí existe até lá acima, é todo particular... [...] isto já vai há tantos anos. [...] (MS1).

Em Cabril, a apropriação é justificada pela necessidade, tanto dos compartes como do próprio órgão gestor do baldio:

Isso chegou a uma altura em que houve necessidade de dinheiro, há muitos anos atrás, e foram vendendo propriedades a quem as queria comprar. Delimitavam um pedaço de terreno e vendiam. E as pessoas compravam [...]. Há muito, muito, há 80-100 anos, muito lá para trás [...] (MCA1).

Aquando da devolução dos baldios aos povos, a lei que guiou o processo previa a regularização destas situações, através da reposição do seu uso comunitário, caso houvesse essa vontade ou premência por parte da comunidade. Ainda assim, verifica-se em muitas destas aldeias a manutenção dessas zonas delimitadas e sob posse privada. Noutras, contudo, um processo pesado e moroso levou à sua regularização, levantando-se conflitos e processos em tribunal cuja animosidade se prolonga até hoje, muitas vezes confrontando familiares.

Depois temos aí uns problemas, [...] que aqui há muita gente que tem árvores e que não... só tem as árvores, tipo uma carvalha no baldio... e quando fizeram essa análise deram-lhe terreno, e esses terrenos vieram causar um problema enorme. Toda a gente sabe que os terrenos não eram das pessoas [...] e aqui houve uma acção em tribunal, uma guerra entre aspas por causa dessas coisas... e continua a haver. [...] A sentença do tribunal foi favorável ao baldio [...] algumas das pessoas até são bem próximas, mas aqui é igual para todos. Não podemos estar a meter este e a não meter aquele porque este é meu amigo... Casos destes há ao monte, a maior parte das pessoas não fez nada e deixou ficar os terrenos em nome dessas pessoas... até se calhar também têm um assim e então olha, deixa estar. Só que os terrenos baldios, as pessoas nunca tomam posse, não há cá usucapião... (MF1).

Nestes casos, considerou-se prioritário clarificar e fortalecer o carácter comunitário do baldio, o qual não deverá, excepto em casos de real necessidade, beneficiar em exclusivo um ou outro elemento da comunidade. Ainda assim, e embora se alegue que alienação de área do baldio é prática a que raramente se recorre, houve nesta aldeia casos em que se recorreu à venda de uma parcela, ora para sanar um

conflito sobre a detenção de terreno, ora para possibilitar o alargamento de uma empresa, ou ainda para habitação:

Expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas [...] pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação (MF1).

A utilização de área do baldio na zona limítrofe à povoação para construção de estruturas em benefício da comunidade (e.g., sede do CD do baldio; parque de merendas) não é invulgar, embora neste caso a apropriação não seja privada, havendo uma reafecção que mantém os usos comuns. Um caso também recente registou-se no baldio de Covide, hoje um monte aforado sob a gestão da Junta de Freguesia:

Houve aqui uma questão entre um particular... por exemplo, aqui a construção faz-se no monte, os moradores chegam aí, pedem à freguesia e fazem uma construção no monte, esta casa não é, mas se vir aí essas casas é tudo feito no monte. E houve uma questão de dois particulares por causa de um terreno do monte. E depois um advogado que foi mais esperto que o outro, porque meteu aquele bocadinho de terreno como baldio, e ganhou a questão porque o terreno baldio não pode ser cedido a ninguém, não é? Eles os dois queriam o mesmo espaço [...] para construir (TC1).

Em Tourém, reconhece-se a existência de conflitos e de tentativas de apropriação ilegítima, mas remetendo o seu controlo para as relações sociais informais;

Há sempre aquelas pequenas coisitas, que um quer abusar disto ou daquilo, mas pronto, coisas insignificantes, não temos... eu quando vejo aí freguesias com problemas gravíssimos de baldios que vão para tribunal eu até fico um bocado admirado como é que lá [em Tourém] não existe, felizmente não existe, e oxalá

nunca exista... ou mesmo privados que se querem apoderar do baldio para proveito próprio, vedando e fazendo... [...] há sempre aquele que gosta de abusar um bocadinho mas ... fala-se com ele... até hoje tem-se resolvido sem problema de maior (MT1).

No Campo do Gerês, em contrapartida, decorre uma iniciativa interessante que pretende precisamente evitar o conflito ou a pressão sobre a terra, particularmente sobre a propriedade comum. O projecto envolveu igualmente a colaboração da autarquia e teve como objectivo regradar e controlar a apropriação do terreno baldio, neste caso um monte aforado. De acordo com o presidente da Associação de Compartes,

Não tem havido apropriação por particulares, temos inclusivamente um plano urbanístico em que está definido para onde é que a aldeia vai crescer, ou está a crescer, e com um protótipo de implantação e até com um projecto. Com o apoio da Câmara conseguimos isso e temos neste momento uma bolsa de terrenos. Se algum vizinho, neste momento... e até tem acontecido, com gente mais nova que precisa de espaço, de um terreno para construir, cedemos-lhe esse terreno que está previamente... não é um loteamento mas está minimamente ordenada e... é a única apropriação que vai acontecendo por parte aqui da comunidade. (TC1).

Também na aldeia de Fafião, Montalegre, hoje se procura que a cedência de terreno seja realizada de forma ordenada e com determinados propósitos:

[P: Não há parcelas do baldio que são cedidas a compartes?] Estamos a tentar fazer isso aí no polígono, dar às pessoas que pretendem fazer um pavilhão para terem os animais na aldeia. Se bem que esse terreno não seja dado para a pessoa, tem ali o pavilhão, faz o seu pavilhão, mas o terreno será sempre do baldio. Eles podem usar, os anos que quiserem, não vão pagar nenhum aluguer por isso, mas esse terreno é sempre do baldio. Cede-se o terreno, ou se alguém quiser meter um projecto de abelhas, cede-se o terreno onde eles vão meter as abelhas mas o terreno é sempre do baldio (MF1).

Tal como estas questões surgem nas fronteiras entre baldios e povoações, outras emergem nas fronteiras de espaços e de direitos entre baldios vizinhos. O caso mais comum deriva precisamente do uso do baldio para pastagem, em que não raras vezes os animais ultrapassam fronteiras delimitadas sem barreiras físicas. Muitas vezes, estas

entradas são percebidas como acções voluntárias dos proprietários dos animais, algo que fica claro por exemplo no discurso do presidente do CD do baldio de Covelães:

Quando as vão lá deitar ao monte andam lá todas juntas... juntas com as de Pitões, com as de Travassos, vai tudo para o nosso monte [...] metem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles [...] (MCov1).

No decurso da conversa, a acusação continua incrementando a animosidade,

[...] Algumas [árvores] queimaram. [P: Então vocês ficaram chateados ou não?] Ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar, todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! [...] Ninguém gosta que lhe venham ao mato, precisamos dele para nós, para os animais [...] (MCov1).

Ressalva, contudo, que embora existam problemas, a via para a sua de resolução é informal:

[...] não há assim conflitos nenhuns...é mais “oh pá, não podes vir, aquilo é nosso” e tal, e eles depois lá retiram... não há multa não há nada... a gente aqui não faz multas (MCov1).

De facto, a tendência para que as aldeias com mais gado “facilitem” a liberdade dos animais foi registada em mais do que um baldio. Há aldeias que possuem maior efectivo animal relativamente aos seus vizinhos, o que tem levado a que algumas associações locais sugiram, para efeitos de subsídios, a cedência de áreas entre baldios. De facto, em determinados casos verifica-se que os produtores conseguem financiamento graças à cedência de área pelo CD do baldio vizinho.

Com o acesso aos subsídios e a burocratização associada, os CD detêm o registo de todos os produtores com direito a apascentar os seus animais, assim como o número de animais de cada um. Contudo, como refere o presidente do CD do baldio de Cabril:

Sabemos perfeitamente quantos... mas também podem chegar aí e descarregar uma vaca ou duas e eu não sei de quem é, não é... se é daqui ou não, não têm matrícula [risos], não sei bem se será daqui, se será do lado de lá, sei lá... não é?... (MCa1).

E se estas relações podem degenerar em animosidades, também é verdade que podem pelo contrário gerar acordos que sobrevivem séculos. Diz o presidente do CD do baldio de Sistelo,

[Temos] muitos, muitos animais nos baldios, os baldios da nossa freguesia e de outras freguesias vizinhas são comunitários, todos usamos os baldios em harmonia uns com os outros, todas as pessoas... nós pastamos nos outros baldios, os outros baldios pastam no nosso, portanto isso é uma comunidade ancestral, já de há muitos anos, que todos se conhecem no monte, todos conhecem os animais uns dos outros, todos pastoreiam e assim vão convivendo uns com os outros [...] Não há conflitos. Para quê entrar em conflitos? [...] Os limites das freguesias só têm interesse para os tribunais e os advogados (ASi1).

Esta visão optimista contudo não é comum a todos os baldios. Existe de facto tensão entre alguns baldios limítrofes, decorrente do abuso percebido entre vizinhos, casos em que não existe aquele acordo tácito entre os intervenientes. Aliás são estas relações que, conflito após conflito, vão delineando os limites da propriedade comunitária, em alguns casos ainda hoje em negociação, após anos em processo judicial. Para evitar essas questões, algo expectáveis, foram negociadas e delimitadas áreas “mistas” entre baldios limítrofes. De acordo com o presidente do CD de Covelães,

[No misto] Um pode cortar e o outro pode roçar, um pode pastar e o outro cortar. Paredes, nós, eles podem cortar e nós pastar, e eles dali é ao contrário... ali de Travassos... nós podemos cortar e eles pastar. Mas eles ali no carvalhal não cortam nada, somos nós que cortamos [...] (MCov1).

A zona mista é um conceito antigo que acompanhou a tradição secular de uso comum dos montes. É uma área delimitada que pode ser usada por ambas as aldeias, uma espécie de zona tampão que prepara a restrição que se lhe segue. Desta maneira, pretendia-se precisamente evitar situações conflituosas caso o gado de uma aldeia passasse para o lado do baldio da aldeia vizinha. Eram tempos de muito gado e essa era uma situação comum, uma vez que os usos e costumes pressupunham (e pressupõem) que os animais ficassem meses no monte.

A existência nos baldios de casas do pastor possuídas e utilizadas por comunidades vizinhas indicia igualmente a complexidade da rede de direitos (e deveres) de propriedade nestas comunidades. Trata-se de direitos consuetudinários e convenções

locais, alicerçados nos usos e costumes que se baseiam, entre outras coisas, em princípios de reciprocidade. De acordo com o presidente do CD do baldio da Ermida,

É um abrigo de pastor, mas não é da nossa vezeira, é da vezeira do outro lado do rio, da barragem, porque eles [do Lourido] têm direito a vir para aqui com o gado, não pertence ao parque nem nada, e este é o espaço deles. [P: São vocês que os deixam?] Não, isto já é antiquíssimo, isto sempre foi assim. Aqui é a área de pastagem [deles] durante o verão, desde o 15 de Maio ao dia 8 de Setembro. Eles têm os currais [...] delimitados também, têm um sítio para dormirem, o gado deles também normalmente fica e dorme aqui. Mas não tem nada a ver com a Ermida, além de ser a mesma área de pastagem não é... Quando eles estão lá... eles [da Ermida e os de Lourido] até podem estar aqui ambos juntos, mas um dorme aqui e o outro dorme lá [...].

Percebe-se que além da casa, também o curral onde ela se encontra é gerido pelos utilizadores de povoações vizinhas, concretamente através da plantação de árvores para ensombramento:

Isso foram eles [que plantaram] ... são três aldeias do outro lado à beira da barragem, uma é Lourido, a outra é Castro, a outra é São João da Cova, e têm direito única e simplesmente à pastagem aqui durante os três meses, mais nada. Mas estas árvores, segundo as normas do Parque não se podiam plantar aqui, nem podem aqui estar... não são autóctones. [...] Depois meteram essas chapas de zinco que parece mal não é [...] aqui num sítio destes [...] há pessoas que não têm gosto nenhum nem respeito por aquilo que os envolve [...] (TE1).

O respeito pelos usos e costumes parece ficar aqui evidenciado, particularmente pela forma como práticas mal vistas pela comunidade local detentora e gestora do baldio, são apesar disso toleradas em nome de relações antigas estabelecidas à luz desses costumes. Tal constatação parece indiciar a força de lei que ainda hoje o regulamento consuetudinário, fundamentado na convivência e partilha ao longo de séculos, assume nestas comunidades serranas. Por outro lado, o protesto que parece estar subjacente à tolerância demonstrada poderá indiciar um fundamento de rivalidade que em última análise poderá vir a justificar a deslegitimação daqueles direitos de propriedade consuetudinários. A partilha de direitos de propriedade sobre o baldio acontece também em Cabril:

[...] aqui os de Ruivães, os de Ferral, têm direitos de pastagem do nosso lado no verão... na altura da vezeira a nossa vezeira ia à frente e a deles ia atrás, a descer a deles descia à frente e a nossa descia atrás... para um comer a carne o outro tem de comer os ossos, não podem todos comer a carne [...] (MCA1).

E em Fafião:

E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro³⁶, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós (MF1).

O presidente do CD do baldio da Ermida continua a descrição,

E [...] agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá, [os animais] também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais. [...], portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no Maio ao vir para cá e depois em Setembro ao ir (TE1).

Respeitam a acordos que remontam a um tempo em que estas práticas foram institucionalizadas como parte de relações de reciprocidade, essenciais para a coexistência de comunidades num ambiente de recursos escassos. Se hoje estas prerrogativas perderam o contexto inicial, não parece importar. Aceitam-se e respeitam-se, uma vez que assim lhes foram apresentadas desde sempre.

Face à dimensão dos baldios e à inexistência de vedações entre eles, ou entre eles e a povoação, os limites são estabelecidos através de marcos e “cruzes” talhadas na pedra. Esta forma de registo recua muito no tempo e baseia-se em relações antigas entre comunidades. Numa das cruzes na zona de Sezelhe, o presidente do CD do baldio lê uma inscrição daquilo que parece ser uma data:

³⁶ Salgueiro e Pinhô são dois currais existentes no baldio de Fafião.

Está a ver aqui, isto tem aqui uma, era... mil trezentos... e dezanove, ou oitocentos e dezanove... isto é quando andaram a... ou quando as vieram ver ou quando as fizeram... mil oitocentos e noventa e nove ou mil trezentos e noventa e nove, é mil... mil oitocentos e noventa e nove, parece que foi isso... nalgumas tem, noutras não [...] então de 1899... há cento e... (MS1).

O estado das cruzes é supervisionado regularmente por habitantes das povoações que ali culminam. A limpeza dos sulcos, que se vão enchendo de líquenes e de musgo, é feita nessas visitas, tornando as cruzes visíveis a olhares até aí desconhecedores da sua existência. Apesar dos eventuais abusos, as cruzes são convenções locais que têm força de lei e que ainda hoje são respeitadas. O seguinte testemunho permite perceber o detalhe das normas de marcação:

Normalmente as cruzes estão sempre postas ao nascente, e de cruzes a cruzes há sempre uma linha recta, como por exemplo, desta cruz acolá é uma linha recta, mais ou menos tem de ser uma linha recta, ao chegar lá pode desviar. E as cruzes, se procurar as cruzes, estão sempre postas ao nascente, porque se viermos aqui, a parte de trás não tem nada, nesta pedra. As cruzes estão todas feitas ao nascente... porque se houver cruzes por trás do outro lado, para o poente, não são cruzes (MS1).

O reconhecimento destes locais é surpreendentemente eficaz. O conhecimento das cruzes encontra-se generalizado pelo menos às gerações mais antigas. Apesar disso, em certas situações é posta em causa a localização destes sinais, por alegada deturpação da localização convencionada inicialmente:

[...] eles vêm ter às nossas cruzes, daqui é Covelães e dali para baixo é Paredes e Outeiro e Parada. Portanto eles arrancaram as cruzes para nos apanharem o misto, ... entre as nossas cruzes há um misto que é de Paredes e deles, e eles arrancaram as cruzes para nos apanharem o misto... foi para nos ir buscar... (MCov1).

Para além destas medidas de delimitação, existem casos em que se ergueram vedações para evitar os conflitos relativos à passagem do gado entre baldios limítrofes. No baldio de Vilarinho da Furna, por exemplo, hoje um monte aforado, começou por se construir uma barreira a separar do *monte vecinal* na vizinha Galiza e posteriormente

procedeu-se à vedação total do baldio. Diz o presidente da associação de proprietários A Furna:

Nós temos aqui à volta disto, temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho temos mesmo, um muro, fizemo-lo... foi nos anos 30 e tal, 40 [...] é para que os nossos gados andem no nosso [e] os dos outros andem nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado... que não deixa passar os gados para o outro lado. Claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a [associação] Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede (TVf1).

Em Vilarinho há, portanto, um investimento no controlo dos utilizadores. Além do muro, foi colocada no monte uma cancela para limitar a passagem de veículos para uma zona de pequenas cascatas. Explica o presidente do órgão gestor:

Porque nós temos um controlo, dizemos que Vilarinho da Furna está fechado à chave. Temos um controlo, com uma tranqueta, no início daquele caminho que vai até Vilarinho. Se estivesse sem tranqueta nenhuma aquilo era um pandemónio lá dentro, nós no dia que fizemos lá o estradão pusemos lá uma tranqueta, até era da EDP, mas eles tinham-na antes da ponte, antes da barragem... e aquilo até é uma coisa mais simbólica, para dizer que nós é que somos os proprietários daquilo, senão aquilo virava caminho público e passados meia dúzia de anos, neste caso 20 anos, era por usucapião e era caminho florestal e assunto resolvido e nós não queremos que isso fique assim. Se é privado, é privado como outra coisa qualquer. E quem quiser lá passar, só durante o verão é que pomos lá uma cobrança de portagens, quem quiser vir de carro, só aos fins-de-semana, durante a semana está fechado, ninguém vai de carro, tem de se pedir a chave lá ao guardião (TVf1).

Segundo a informação a que tivemos acesso, este baldio é uma excepção, não se tendo observado ou registado vedações de qualquer tipo nos restantes baldios, por iniciativa dos compartes. Existe, sim, demarcação de espaço através de sinais de trânsito que visam impedir a entrada em estradas do monte, mantidas pelos compartes. Nestes sinais, visíveis no baldio da Ermida, fica claro quem pode transcendê-los: “passagem proibida excepto para residentes e naturais da Ermida ou viaturas em serviço de socorro e vigilância”. Recentemente, outros baldios seguiram esta iniciativa, colocando sinalização idêntica, principalmente nas estradas florestais que levam aos campos de

cultivo dos habitantes. Pretendeu-se assim evitar que os passeios dos visitantes colidam com o quotidiano dos agricultores (e.g., baldio de Fafião e baldio de Cabril, conversa informal com residentes, 2017).

A divisão entre baldios parece estar definida para os compartes de cada comunidade. Descrições como as que se seguem demonstram o nível de detalhe a que chega o conhecimento dos limites destes territórios. Por exemplo, no baldio de Paredes do Rio, concelho de Montalegre, diz o presidente do CD:

[...] [para ali] é Pitões, [para lá] Espanha... o nosso baldio chega lá acima àquela curva, mesmo onde faz a curva da estrada, vem ali por baixo e depois vem pela corga acima e depois vai dali da estrada acolá e depois atravessa para acolá para cima de onde está aqueles penedos e depois vem por aí abaixo [...] de lá é de Covelães e dali é Pitões, Pitões tem muito baldio, há muito gado em Pitões [...] [O baldio de Covelães] Daqui para lá, passa mesmo aqui onde nós estamos a extrema. Tem umas cruzes acolá naquela pedra sozinha, ali entre o poste e as outras [pedras]. Para ali é de Covelães, para ali é de Paredes. [P: E vocês têm zona mista com eles?] Há, mas é estreita, são para aí 100 metros ou isso (MP1).

E na aldeia de Sezelhe, concelho de Montalegre,

[...] ali é Montalegre! [...] sim, ali já é Travassos, daquele lado, aquela encosta... o nosso limite é nesta encosta de onde vimos, acolá, vai lá acima, depois nós vamos passar lá, já lhe vou dizer onde é que é, está lá um marco. O de Travassos passa já no meio daquela área ardida, por aí abaixo, naquele carvalhal... e depois tem os de Covelães que passam lá atrás, na estrada que vai para Tourém... do carvalhal para lá já é de Covelães, nesta encosta ardida e sobe até lá acima. Daquele estradão para baixo pertence a Tourém e depois para trás já pertence a Pitões, já faz parte do Gerês e já pertence a... logo ali por trás é tudo Espanha... por aí atrás é a serra do Gerês, até lá a Lindoso, lá abaixo... Terras do Bouro e ... quase até Viana [...] (MS1).

Ainda assim, para a realidade complexa dos nossos dias, as cruzes não servem todos os fins. Registos geográficos baseados em marcas físicas *in loco* surgem como um arcaísmo e impossibilitam várias acções e processos que hoje facilitam a gestão do território. A demarcação dos limites dos baldios é uma questão fundamental mesmo para a defesa da propriedade, a qual pressupõe a sua prévia definição (e delimitação)

como tal. Ao longo do tempo, em particular quando os baldios se encontravam na posse do Estado, situação que se manteve ao longo de pelo menos 30 anos, não houve qualquer preocupação ou vontade de assumir os limites antigos. Quando no final do século XIX, e mais tarde no século XX, os Serviços Florestais impuseram a sua estratégia de utilização do solo nas serras, os baldios encontravam-se já delimitados, através de negociações com base em instituições locais há muito estabelecidas. Não obstante, foram criados novos limites, os designados perímetros florestais, que ainda hoje vigoram e que são muitas vezes priorizados no tratamento ou na consideração formal destas áreas. Este tipo de opções, aparentemente inócuas e funcionais, são desintegradoras e vão minando com maior ou menor intensidade as fundações de instituições tão antigas quanto aquelas que estruturavam o uso dos montes.

Ainda no contexto da apropriação do espaço e da erosão dos limites da propriedade colectiva, registam-se também casos de expropriação mais subtil, mas igualmente comprometedora do território comum, como o da instalação de linhas de alta tensão em pleno baldio. Para além das reconhecidas externalidades negativas do funcionamento destas estruturas sobre a qualidade de vida das pessoas, é uma expropriação prática de direitos que aqui se destaca, configurada pela utilização de território alheio para a colocação das estruturas sem negociação ou contrato prévios. Embora não constituam necessariamente ilegalidades, já que existem direitos legais de expropriação por interesse público que não obrigam à negociação com os proprietários, assinalam-se estas situações pelas consequências que têm sobre as comunidades locais e em particular sobre a propriedade e gestão comunitárias. Ainda hoje se encontram situações em que este uso da propriedade das comunidades se mantém legitimado, não se registando a entrega de qualquer compensação respeitando os direitos locais de posse. De acordo com o presidente do CD do baldio de Britelo, onde foram instalados vários postes de cabos de alta tensão, que o atravessam, acresce que as áreas que se encontram sob a influência das linhas de alta tensão foram recentemente avaliadas como não sendo elegíveis para pastagem. No âmbito das alterações dos critérios de avaliação destas áreas para efeitos de subsídio, esta situação funciona como agravante:

Nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício. [P: Mas vocês recebem algum dinheiro por terem as linhas de alta tensão?] Andamos a tratar disso, porque sei que a primeira linha foi paga, e foi bem paga, porque segundo as nossas

informações havia uma escola que era da EDP ali em baixo, que agora é o centro de dia dos velhotes, e essa escola foi avaliada em 22 000 euros [...] e eles³⁷ receberam mais 17 000 euros, e nós, há 3 linhas que não foram pagas, nós agora andamos a tratar disso também (PB1).

Além destas, outras estruturas são erguidas nos baldios por agentes externos (e.g., geradoras eólicas, antenas de telemóvel), instaladas quando a legislação sobre os baldios se encontrava já institucionalizada, e a propriedade comunitária consagrada juridicamente. Talvez por isso, a compensação entregue aos baldios foi já negociada como parte do processo de implementação. Não obstante, há quem aponte que os valores entregues aos baldios são residuais, tendo em conta os lucros avultados que somam as empresas por detrás daquelas infraestruturas. A verdade é que, perante a fraca capacidade negocial destas populações (dadas a população residente diminuída, a distância das instituições do Estado...), as empresas não se comovem e procuram assegurar os valores que mais lhes convêm.

[...] a nossa zona é um bocado complicada porque que nós temos a EDP aqui em cima de nós, e a EDP tem-nos mais de metade do lugar, e esses terrenos nunca foram pagos. Eles não têm nada legal, não têm nada legal que nós já fomos ver e verificámos mais do que uma vez. Eu sei é que mais antigamente, quando era a Electro do Lima, antes de vir a EDP, e antigamente já se sabe a miséria que era, numa aldeia, nos anos 40 e 50 a miséria que não era aqui, e como a Electro do Lima deu trabalho a muita gente, e sobretudo àqueles que estavam à frente do... na altura não havia junta de freguesia, chamavam-lhes eles os fiscais. E esses senhores para terem trabalho cediam, cediam... não havia reuniões, não havia nada como agora, eles chegavam lá e “olha nós precisamos de tantos hectares”, e eles iam por baixo e assinavam, tantos hectares. E então essas pessoas cederam para aí terrenos que foi uma coisa por demais [...]. (PB1).

Ligada a esta questão, está evidentemente a da produção hidroelétrica. No território do PNPG, existem hoje pelo menos sete complexos hidroelétricos. Qualquer barragem tem um impacto considerável no local onde é construída, com consequências

³⁷ Embora o entrevistado se refira aos sujeitos em causa como “eles”, trata-se na verdade do mesmo baldio de Britelo, sendo o “eles” a Junta de Freguesia que geria o baldio na altura da instalação da primeira linha, alegadamente indemnizada: “[P: ah, deram... a quem à aldeia?] Claro, ao presidente da JF, naquele tempo era ele que geria os baldios. E nesse caso nós agora andamos a tratar a ver se nos pagam as outras linhas”.

sobre a dinâmica ecológica global e sobre a disponibilidade de recursos relevantes para as comunidades locais. É ainda o presidente do CD do baldio de Britelo, actualmente sob a influência da barragem do Alto do Lindoso mas que desde 1922 sofre os efeitos da construção e funcionamento da barragem de Paradamonte, quem acusa a externalidade negativa sobre os recursos locais em proveito de interesses industriais instalados, sem qualquer retorno compensatório para a comunidade:

A barragem deu cabo do turismo todo, a barragem a nós destruiu-nos o turismo, nós tínhamos o Rio Lima, que era poço aqui, poço acolá, e era gente pelo rio acima que era uma coisa por demais, isso desistiu tudo. Agora o turismo, embora o presidente da Ponte da Barca diga que nós estamos a viver do turismo... é mentira! Isso é tudo mentira, eu já lhe disse a ele numa reunião ‘você estão a mentir, nós não temos turismo nenhum, a não ser os emigrantes quando vêm, mais nada, nós não temos turismo’ [...] Temos aí a barragem [mas] é tudo comandado lá do quinto caneco, nunca tem duas pessoas ao serviço, uma barragem destas, que produz electricidade para todo o lado, para o estrangeiro, para França, para Espanha, para todo o lado... para afinal, do que é que serve isso a nós? Não tem nada, não temos benefício nenhum, nada! (PB1).

Embora existam outras aldeias no PNPG que coabitam com este tipo de infraestruturas, Britelo foi o único baldio onde esta questão surgiu, talvez por a sua construção ter tido maior impacto sobre as áreas do baldio potencialmente interessantes para actividades de lazer. De qualquer forma é incontestável a presença dominante destes empreendimentos e o impacto que têm na paisagem.

Outra presença marcante na paisagem é a das instalações eólicas para geração de energia eléctrica. O Plano de Ordenamento do Parque só passou a proibir explicitamente a instalação de parques eólicos a partir da versão que entrou em vigor em 2011. Em Covelães, por exemplo, a tentativa de instalar estruturas de produção de energia eólica já foi barrada pelo Parque. Enquanto Covelães tem a totalidade da sua área inserida no território do PNPG, Sistelo e Lamas de Mouro não têm. Nestes últimos casos, de acordo com um técnico do ICNF, é a legislação da Rede Natura que regula os usos nas áreas que se encontram fora do PNPG (ICNF). Nas áreas da Rede Natura, a instalação de aerogeradores não se encontra explicitamente vedada. Contudo, a proposta fica sujeita ao parecer do ICNF, verificando-se casos em que a instalação foi para a frente, e outros em que não. Em Lamas de Mouro, existem aerogeradores instalados no baldio. De

acordo com o director do PNPG responsável pela elaboração do PO, estas estruturas foram instaladas antes de a proibição estar patente neste documento (comunicação oral, 2016). Por contraste, disse-nos o presidente do CD do baldio de Covelães:

Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O Parque assim está a prejudicar-nos [...] vieram aqui os quatro engenheiros, nós reunimos o Conselho Directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal o Parque depois não deixou ir para a frente [...] já vai há uns anos... trinta e seis [eólicas]! E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... (MCov1).

4. Recuperação e patrimonialização de infraestruturas

Além do que vem sendo descrito, ao longo do tempo o próprio Estado tem sido autor de várias investidas nos baldios, deixando no território marcas físicas ainda hoje evidentes. Associada à florestação, a permanência de casas florestais construídas para habitação dos guardas-florestais, é outro resíduo da dominância dos serviços do Estado naqueles territórios. Hoje as casas, embora instaladas nos baldios, não estão acessíveis aos compartes, e como tal a grande maioria encontra-se abandonada e degradada. Esta situação acontece como resultado da controversa situação jurídico-institucional em que se encontram, designadamente no que se refere aos direitos de propriedade que sobre elas recaem. A construção foi efectivamente realizada pelo Estado, em terreno que era considerado estatal, embora sem formalização jurídica dessa apropriação. Entretanto, o retorno dos terrenos baldios às comunidades em 1976 tornou-as proprietária dos terrenos, criando a indeterminação sobre a propriedade do construído, que se arrasta até hoje. Esta questão tem oposto diferentes perspectivas, inclusivamente entre juristas. Enquanto alguns, como Bica (comunicação oral, I Jornadas Conjuntas em Territórios Comunitários, 2016), defendem que o facto de a casa se encontrar em terreno baldio confere direito de posse à comunidade, outros defendem a legitimidade da manutenção estatal dos direitos de propriedade. Diz o presidente da Junta de Freguesia da Gavieira e presidente do CD dos baldios da freguesia,

[...] toda a gente as queria, mas temos esse problema, é que não se consegue legalizar [...] isto não é fácil, não é fácil porque não se consegue, porque isto é assim, na altura as casas foram feitas sem projecto, elas são todas iguais, pronto,

foram feitas assim, não registaram o terreno, o terreno é da freguesia, o terreno onde se encontra, o que é que se pode fazer? É levar as casas embora, estás a perceber? Porque o terreno em si nunca é do Estado (AGav1).

Assim, embora haja vontade expressa de várias comunidades de vizinhos, não só durante as entrevistas mas mesmo oficialmente em cartas enviadas ao ICNF, de virem a tomar posse das casas e de lhes darem uso, esse desígnio parece permanecer longínquo. Em Sistelo, por exemplo, diz o presidente do CD,

[...] as casas florestais deviam ser para a freguesia, para os CD. Eu já pedi a nossa que era para os sapadores, que era para a zona de caça, que era para o CD, mas não tivemos resposta [...] já há que tempos que fizemos isso, já há anos (AS1).

Apesar desta indefinição sem fim à vista, a administradora-delegada da Associação para o Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês (ADERE) vê com cautela a gestão das casas pelas comunidades. Esta entidade foi em tempos responsável pelo aluguer das casas florestais a visitantes, pelo que se encontra a par das questões que podem surgir e sobretudo de quanto estas podem custar. Por outro lado, o facto de a ADERE ter sido detentora de direitos de propriedade sobre as casas e de manter hoje uma actividade ligada ao turismo, tornam-na parte interessada, o que pode pôr em causa a imparcialidade da sua perspectiva. Não obstante, a questão que põe prende-se na capacidade de as comunidades conseguirem manter a longo prazo as casas:

Nós chegámos a gerir as casas de abrigo, dez delas, as que estavam para turismo, duas por município [...]. Nós tínhamos um protocolo com o Parque, elas eram alugadas para turismo e nós ficávamos com uma percentagem, depois de pagar as despesas todas, e dávamos a grande parte, 80% do dinheiro ia para o ICNF. [...] Ou há dinheiro para investir, ou há um usufruto para o turismo, que eu achava que era o que elas deviam ser, albergues e assim, pronto, e aí sim, há receita, gera receita, e consegue-se... gera receita, aplica-se a receita, ou então é um fundo de despesa, só serve para despesa (ADERE 2016).

A administradora explica que na altura o Parque ficara responsável pelas grandes obras, e a ADERE pelas pequenas reparações. Contudo, após os primeiros anos as casas começaram a mostrar sinais de degradação, sendo necessárias as tais grandes intervenções. Por muito que a ADERE fosse resolvendo pequenas situações, a questão

punha-se a montante. Como o Parque não estava a conseguir corresponder, já que a receita conseguida no PNPG ia directamente para Lisboa e não era necessariamente canalizada para o Parque, a situação tornou-se insustentável e a ADERE viu-se obrigada a desistir.

E esse é o meu receio das casas de abrigo, porque é assim, elas precisam depois da manutenção e tudo, portanto nos primeiros anos vão funcionar muito bem, talvez 10 anos, mas depois quando precisarem quem é que vai fazer o investimento? Vai haver candidaturas para as recuperar outra vez? (ADERE 2016).

Trata-se sem dúvida de uma questão pertinente, contudo não parece justificar a forma como esta questão tem sido conduzida e cujos resultados estão à vista: centenas de casas florestais degradadas, sem projecto de uso previsto. Porém, a atitude que subjaz ao abandono destas infraestruturas e à aparente indiferença com que o Estado (não) pondera a entrega das casas a quem usa, habita e gere os espaços em torno, parece encaixar coerentemente na forma como tem lidado com estes espaços e com as suas populações ao longo dos tempos.

Ainda assim existem algumas casas que, com intervenção também da Junta de Freguesia, estão a ser usadas pelas comunidades. A casa florestal da Gavieira, por exemplo, é utilizada como sede da Junta de Freguesia e do CD; a casa florestal de Paredes do Rio é usada para habitação turística, gerida pela associação local da aldeia; a de Pitões foi uma das que foram cedidas à ADERE e durante muito tempo, ainda como propriedade do Parque, foi usada para albergar pessoas que, fruto das relações institucionais do Parque, se deslocavam ao local. De acordo com o actual presidente do CD de Covelães, que em tempos trabalhou no PNPG,

Deixaram tudo ao abandono... tinha a [casa florestal] de Pitões, essa foi a ADERE que tomou conta daquilo, arranjaram aquilo mas agora parece que não está lá ninguém... eles é que tomaram conta dela, daquela casa lá de cima [...] era do Parque naquela altura. E agora quando vou lá não vejo lá ninguém. Antigamente vinha muita gente, aos fins-de-semana era só gente, gente [...]. Ali nunca estava vazia. [P: Mas era o quê? Turistas ou pessoal do parque?] Também... não era turistas ... eu é que tomava conta daquilo, vinha uma mulher para fazer a limpeza, tinha de andar lá, todos os dias tinha de lá ir uma vez ou duas, depois quando saíam, ver se a roupa faltava, se, coiso, tinha de se mandar

um ofício para baixo a dizer [...] mas pronto, agora ficou... a casa estava bem arranjada, e agora não tem ninguém, e foi a ADERE que depois arranjou aquilo (MCov1).

Um outro caso controverso refere-se à venda de uma casa florestal a um particular. Terminadas as obras de renovação, o novo proprietário pretendeu proceder ao registo do imóvel, concluindo-se nessa altura pela ilegalidade da aquisição. De acordo com o presidente do CD da Gavieira, a casa é do Estado e o terreno é da freguesia, o que impede agora o registo da posse. Contudo, no discurso referido não fica claro quem foi o sujeito da venda, se o Estado se a JF. O facto é que actualmente o adquirente não pode aceder ao bem em que investiu, e a utilização da casa está bloqueada por processo jurídico.

Existem também casos em que os utilizadores actuais das casas pagam uma renda ao Estado, como num caso reportado no decurso das I Jornadas Conjuntas em Territórios Comunitários (2016) por uma associação de desenvolvimento local.

Portanto, infraestruturas estabelecidas nos baldios, que poderiam servir de alguma maneira a dinamização destas comunidades com eventuais receitas que permitiriam o investimento no baldio ou nas questões que os compartos considerassem mais prementes, encontram-se na sua maioria encerradas. Não se lhe reconhecendo um intuito prático, esta oposição parece reduzir-se à manutenção de um posicionamento sobretudo territorial do Estado perante os baldios.

Outras infraestruturas marcam presença na área dos baldios, algumas construídas e mantidas pelas comunidades para o desenvolvimento das actividades locais. De entre estas, destacam-se as cabanas do pastor, os pontos de água para abeberamento ou para recolha de água no combate aos incêndios, cercos para manter os animais na serra em determinadas alturas específicas (“temos ali um poio, que é uma cerca das cabras, porque no verão as cabras têm muitas pulguinhas e nós não as queremos lá em baixo na aldeia”, MF1), e mesmo canalizações desde as fontes de água no topo da serra até às povoações.

Muitas casas de pastor foram recentemente reconstruídas, recorrendo a subsídios da UE associados especificamente às zonas protegidas, os Investimentos Não Produtivos (INP). Algumas são usadas para dormidas pontuais de pessoas da comunidade que efectivamente vão com o gado, particularmente nas aldeias onde ainda

existe a prática do apascentamento em comum; outras, por visitantes que assim o requeiram, e ainda outras mantêm-se simplesmente como um marco cultural. Os moinhos de água são outra infraestrutura tradicional que marca o território e é objecto de intervenção, como os nove que foram recuperados na aldeia de Paredes do Rio, pelo Parque e a nível local, com o contributo também do CD. Algumas das estruturas recuperadas, para além do valor que representam no âmbito da visita e atracção turística, continuam a ter valor prático, como os locais de abeberamento, os muros, os socialcos, as mariolas que ainda assinalam os percursos dos rebanhos e os trilhos pedestres.

Além do valor acrescido que estas estruturas recuperadas trazem ao baldio, e à povoação em geral, só o processo de intervenção, gerando a dinâmica necessária entre os compartes e pondo em movimento o mercado de trabalho, de serviços e de materiais necessários para cumprir esse objectivo, já exerce um impacto que se espera positivo a nível local/regional. Contudo, para aceder aos apoios estatais e europeus indispensáveis, os órgãos gestores dos baldios tiveram de cobrir inicialmente os custos, posteriormente reembolsados.

Neste âmbito, praticamente todas as aldeias procederam à recuperação de património, repetindo-se um pouco os procedimentos, uma após a outra. Contudo, embora praticamente todos os CD e Juntas de Freguesia tenham recorrido a estes apoios, alguns consideram que não o voltarão a fazer, ainda que exista oportunidade. As críticas fundamentam-se sobretudo na logística necessária para realizar as acções de recuperação, que contudo não garantem um retorno significativo. Também o facto de os CD e as Junta de Freguesia terem de avançar quantias avultadas que nem sempre têm disponíveis e cujo reembolso têm depois de aguardar, é criticado por alguns compartes. Diz o presidente do CD do baldio de Gondoriz,

Fizemos lá a reconstrução de umas cabanas, a reconstrução do fojo, mas isso também não me interessa porque é muito trabalhoso e não deixa rendimento nenhum. [...] não é para o turismo, aquilo é para quem faz ganhar dinheiro. [...] o dinheiro tem de ser pago na totalidade, não é, e depois os trabalhos não correspondem bem ao dinheiro que se paga... não tem interesse, eu fiz dois e não me apetece fazer mais. Depois o IVA... por acaso eu tive sorte porque o IVA tem de ser pago pela comissão de compartes, e não... [daqui para a frente] ITI só, o resto não... (AGo1).

Para este entrevistado, o programa serve sobretudo as empresas e empreiteiros de construção que vão realizar as obras. Por outro lado, a necessidade de avançar inicialmente o investimento dificulta porque obriga os CD a terem um valor de reserva considerável para investir, o que depende muito dos recursos existentes no baldio e da forma como são geridos. Por exemplo em Vilar da Veiga não parece ter existido dificuldade na implementação:

[As casas do pastor] Foram todas recuperadas o ano passado, foram todas arranjadas... estava tudo assim, foi tudo com um helicóptero, no baldio de Vilar da Veiga fizemos tudo com um helicóptero. Portanto o transporte dos materiais novos e a recolha dos velhos, estava toda aquela chapa de zinco, e aquilo foi tudo com telha, com... a pedra já lá estava (TV1).

Em contraste, diz o presidente do CD da Ermida, aldeia vizinha,

[...] a gente fez a candidatura, mas depois eles davam pouco apoio. O mais próximo da estrada que temos é este e os outros são mais na serra, os que estão dentro da área da Ermida e só de helicóptero é que se conseguia levar para lá o material, porque às costas, a sério, era impossível. Os de Vilar da Veiga como tinham muito dinheiro levaram um helicóptero e levaram o material lá para cima, mas nós não tínhamos dinheiro para andar a fazer isso. Depois não fizemos contrato para a renovação porque logo o que eles davam era pouquíssimo, para nós ficarmos com essa despesa toda não, era um balúrdio (TE1).

As opiniões divergem, portanto, no que se refere aos INP, verificando-se posições extremadas, desde comunidades, e CD, orgulhosas do seu património recuperado, até aos CD que se referem ao tempo gasto e preocupações como algo a não repetir.

Os sistemas artesanais de transporte da água que servem as habitações, em muitos casos, foram instalados há várias décadas. Segundo uma habitante da aldeia de Fafião, concelho de Montalegre, hoje com os seus 80 para 90 anos de idade, ela própria e uma sua prima andaram a carregar os canos e a cavar para, sempre que possível, os enterrarem ao longo do caminho. Foi assim que garantiram o acesso à água nas suas casas, de que usufruem ainda hoje. Para além do trabalho de instalação, há também que desenvolver um trabalho de vigilância e manutenção da canalização, sob risco de algum

cano ficar danificado ou descoberto, sujeito a fogos ou outros factores destrutivos. Caminhando no baldio por vezes somos confrontados pela presença destes canos, que, nem sempre enterrados, os atravessam, desde o cume da serra à zona habitacional. Hoje as aldeias são abastecidas pelos dois sistemas: o artesanal e o público, utilização que as pessoas gerem de forma a ter o menor gasto. Enquanto nuns casos, como acima, a instalação data de há cerca de seis décadas atrás, noutros o recurso artesanal à água do monte é mais recente. Por exemplo na Ermida,

(...) A câmara nunca se interessou em colocar água às pessoas aqui. Tínhamos aí dois fontanários públicos dentro da aldeia, que já foi do tempo do Salazar, e a partir daí mais nada. O que é que aconteceu? A partir de 1975 para aí, as pessoas começaram a trazer água dessas propriedades, de nascentes que existem nas propriedades para a povoação... e cada cano que tu viste corresponde a um proprietário que trouxe a água da sua propriedade, [para] consumo de casa, porque não havia distribuição de água (TE1).

E acrescenta, reportando-se à realidade actual,

[A água da câmara] chega... chega, mas foi explorada também por nós e fomos nós que a colocámos aqui. E fomos nós e os anteriores [do CD] que a distribuímos pelas pessoas, antes da câmara... [a câmara] ficou depois com a gestão disso. (...) aqui há 10 ou 15 anos, meteu uma rede nova e tal mas acabou por não funcionar na mesma (...) [Assim] as pessoas que não tinham fornecimento de águas, eram quase todas emigrantes começaram a explorar o seu nascentezinho na sua propriedade, trouxeram-no, e agora tu vês aqueles tubos todos. Ainda [são usados], muitas [pessoas] não têm água da câmara, muitos têm estes tubos, outros fizeram perfurações (TE1).

A par de estruturas facilmente identificadas e ainda hoje utilizadas, existem no baldio outras associadas à realidade de quando as vidas dependiam directamente da produção agrícola e animal, e de outros recursos extraídos nos montes. O fojo do lobo, a cilha do urso ou as mariolas, por exemplo, embora presentes nos baldios de todas as povoações, não são hoje estruturas facilmente identificáveis por transeuntes menos informados sobre os usos e costumes locais. Todas elas foram alvo de recuperação incentivada pelos mesmos apoios comunitários referidos para as casas do pastor. Os fojos do lobo e as cilhas do urso tiveram um dia a função de proteger recursos fundamentais para a subsistência das comunidades: as cilhas protegiam as colmeias e o

mel dos ursos, e os fojos preveniam o ataque do gado pelos lobos. As mariolas, conjuntos de pedras empilhadas de forma a tornarem-se visíveis a uma distância considerável, pontuavam os trajectos dos pastores e do gado. Hoje, as mariolas acompanham os percursos pedestres para caminhantes, estando frequentemente colocadas lado a lado com os sinais instituídos pelo ICNF na demarcação dos trilhos (a barra vermelha e a barra amarela sobrepostas, pintadas nas rochas).

O fojo estava associado à batida ao lobo. Esta prática, uma actividade de sobrevivência de comunidades que dependiam crucialmente da criação de gado, juntava a maioria da população, desde que o alarme era dado, para encaminhar o animal pelo fojo assustando-o com ruídos estridentes. A estrutura é constituída por um percurso murado de ambos os lados, com uma distância considerável para dar espaço e tempo suficientes para a perseguição. No início, a distância entre muros vai de centenas de metros a mais de um quilómetro, afunilando ao longo do trajecto e terminando num fosso, normalmente localizado mais perto da povoação, onde finalmente o lobo era morto. Em algumas aldeias, a recuperação do fojo, apoiada por programas de desenvolvimento local e agroambientais, permite hoje visualizar e acompanhar os muros ao longo de uma distância considerável até ao fosso, recuperando a memória de uma estrutura comunitária, até para os próprios vizinhos das gerações mais recentes, e gerando novas dinâmicas identitárias locais. A presidente do CD do baldio de Pitões das Júnias, também presidente da Junta de Freguesia, contou-nos:

O fojo, eu sabia do fojo pelo nome em si, não pela estrutura. A gente já chamava àquele sitio o fojo... o fojo... mas eu nunca associava aquilo à estrutura. Depois fui lá... só havia para aí 20 metros de parede mais ou menos intacta... e eu “oh pá!, temos esta candidatura, se não candidatarmos agora quando é que vamos candidatar? Vamos lá!” [...] Agora chego lá... penso assim “fogo, tenho 40 anos, 44 anos, nunca imaginei isto, esta obra...” e eu digo assim “isto é uma obra...” resultado, fluxos de gente a ir ver, gente local aqui a valorizar o que tem... “eh pá!, nós até temos um fojo”. Ou seja, foi criada uma dinâmica e há uma outra atitude localmente por causa disso. [...] O que é que interessa ter aquele património completamente enterrado? Não interessa nada! Envolveu as pessoas... o património, as acções, têm que envolver as pessoas (MPi1).

Relativamente ao interesse demonstrado pelos visitantes, é de salientar o papel que este assume ao despertar o reconhecimento “local” do valor de recursos que, de tão

acessíveis, se tornaram triviais. Veja-se, por exemplo, a posição do CD do Soajo na questão dos INP:

Vamos fazer [INP]. Eu gostava de recuperar os moinhos e os espigueiros todos que temos aqui em Soajo, na sede da Freguesia e em cada lugar... temos núcleos de espigueiros lindíssimos e que nunca foram recuperados... era isso, as eiras, os caniços, que são aqueles espigueiros de verga, os espigueiros em pedra. As nascentes que estão no monte que são lindíssimas e que podiam aproveitar-se também [...] (AS1).

Ressalve-se contudo este contacto foi feito no primeiro ano em que esta equipa se encontrava no activo, pelo que os detalhes práticos da gestão, designadamente aqueles que frustram e desmotivam a acção, ainda não teriam tido lugar. Por outro lado, a presidente do CD, filha de emigrantes, nasceu no estrangeiro, onde viveu até há não muito tempo, pelo que mais facilmente encarará como excepcionais estes artefactos da cultura, do que os habitantes que sempre se tenham mantido no local.

A par dos indícios registados da actividade das populações e dos órgãos com influência na gestão local e regional, são evidentes sinais da presença de outros interesses que actuam ou actuaram nos territórios baldios e que marcam a sua paisagem. Por exemplo, a presença de postos de vigia para prevenção de incêndios, de armadilhas para monitorização do mosquito portador do nemátode do pinheiro, sinais com informação normativa de conduta, a sinalização de algum projecto de intervenção na paisagem ou de percursos pedestres, são marcas da actividade do ICNF, algumas vezes em parceria com o CD do baldio ou com a Câmara Municipal respectiva.

A existência de infraestruturas ou ruínas resultantes da instalação de grandes obras denuncia a actuação no território de interesses privados, públicos, ou ambos. Destaca-se entre estas a já referida presença de barragens hidroeléctricas nos principais rios da região, o Cávado e o Rabagão, e a escavação de minas para exploração de volfrâmio na serra do Gerês.

A submersão da aldeia de Vilarinho da Furna pela construção e activação da barragem aconteceu em 1972. Resgatada pela memória dos antigos habitantes e pelos estudos e registos deixados por autores como Jorge Dias (1948), a aldeia submersa veio recentemente dar o mote a uma iniciativa que beneficia os descendentes da comunidade.

O Museu Subaquático de Vilarinho da Furna, criado pela Associação A Furna que gere o património imobiliário – monte aforado – dos descendentes dos habitantes de Vilarinho, além de assumir um papel central na divulgação da história e cultura da aldeia, favorece a visita e a estadia de pessoas na região. Através desta iniciativa, é hoje possível visitar a aldeia submersa mergulhando nas águas do rio Cávado. Diz o presidente da associação:

Ora bem a coisa pegou e a partir daí começou malta a querer ir a Vilarinho, cada vez mais... e já lá foram mergulhar associações de mergulho aqui de Lisboa, já foram lá do Algarve, da Universidade do Algarve... os estudantes de biologia marinha [que] têm de treinar a mergulhar, e em vez de irem treinar ao mar bravo foram treinar a Vilarinho... os bombeiros por exemplo já lá vieram mergulhar e treinar, os bombeiros da Bélgica e da Holanda, e portugueses. [...] E lá foram treinar, claro que ficaram todos entusiasmados com aquilo não é, e depois passam a palavra uns aos outros (TVf1).

Infraestruturas industriais desactivadas também foram tornadas património arqueológico com interesse turístico. A central hidroeléctrica de Paradamonte, na freguesia de Britelo, entrou em funcionamento em 1922. Substituída pela actual barragem do Alto Lindoso, é propriedade da EDP. Segundo o Turismo do Porto e Norte de Portugal,

[...] é o maior exemplar de arqueologia industrial no concelho. O lugar de Paradamonte, freguesia de Britelo, serviu ainda de campo-base durante a construção da Barragem do Alto Lindoso, pelo que é possível observar, no local, infraestruturas de alojamento e de serviços construídas pela EDP, como uma escola, um centro de saúde, uma colónia de férias, uma pousada e ainda uma sala de espectáculos”. (<http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/nucleo-hidroelectrico-de-paradamonte/>)

Como infraestruturas industriais desactivadas com um impacto paisagístico incontornável na Serra do Gerês, encontram-se ainda as ruínas das minas de volfrâmio dos Carris. Desde que o Estado tomou para si a responsabilidade das instalações abandonadas, em 1987, que se aguarda a implementação de algum projecto em benefício da região, embora até à data das últimas entrevistas não existisse notícia de que estivesse para acontecer. Contudo, algumas iniciativas particulares pretendem alertar para aquela situação, nomeadamente a de um fotógrafo da natureza que tem

vindo a chamar a atenção para o estado de degradação daquela estrutura sem promessa de futuro.³⁸ Também os compartes adoptam uma posição crítica face à realidade actual, sentida por exemplo nas palavras do presidente do CD do baldio da Ermida, Terras do Bouro:

[Os Carris] é a zona mais alta da serra e onde antigamente... há 50 anos funcionavam as minas de volfrâmio, que abasteciam os nazis e os alemães [sic]... [...] E depois aquilo fechou, ficou tudo ao abandono, a estrada ninguém a reparou, que são 10 km de estrada de terra, só consegues ir lá a pé (TE1).

Apesar disso, a simples presença das ruínas, ou o caminho para ali chegar, parece ter um efeito atractivo sobre os caminhantes, uma vez que a antiga estrada das minas constitui um trilho muito procurado pelos mais ousados, dada a exigência física do trajecto. Muitas entidades de animação turística organizam caminhadas às Minas dos Carris. Trata-se de uma zona classificada na categoria de protecção total do Parque Nacional, o que torna muito restrito o acesso e as actividades ali permitidas, sendo que a visitação pedestre por pessoas não residentes carece de autorização (artigo 12º do Plano de ordenamento do PNPG).

5. Antigas e novas utilizações

Os baldios encontram-se inseridos em áreas que sofrem actualmente os efeitos da perda de relevância do sector agrícola no cenário nacional. Os efeitos mais evidentes reflectem-se sobre a população, e têm inevitavelmente consequências sobre o tecido económico, social, político, e até cultural daquelas regiões. Perante tal cenário, a permanência de baldios enquanto terrenos geridos por e para as comunidades é posta em causa por uns, ao mesmo tempo que outros vêem nessa permanência uma forma possível de contrariar a tendência demográfica. Os usos nos baldios do PNPG variam hoje entre as actividades “tradicionais” associadas às funções destes territórios nos sistemas agrícolas de montanha, e outras que surgem num contexto completamente distinto, em que o lazer e as actividades ao ar livre em ambientes serranos são extremamente valorizadas. Ao lado de agricultores, surgem pedestrianistas, surgem *jeeps* de empresas turísticas no lugar dos tractores, ao mesmo tempo que no horizonte se

³⁸ O fotógrafo Rui Barbosa, que tem vindo a fotografar o território do Parque Nacional e, com a exposição da situação das minas dos Carris, pretende não deixar cair em esquecimento um património industrial e cultural que pode ser posto ao serviço das comunidades que habitam o Parque: <http://carris-geres.blogspot.pt/>.

observam estruturas como geradoras eólicas e antenas de telecomunicações colocadas por novos utilizadores, tirando partido de recursos paisagísticos e de localização daqueles mesmos espaços. A heterogeneização dos usos pode gerar um horizonte mais amplo de possibilidades de desenvolvimento local, abrangendo uma maior diversidade de interesses e de potenciais interessados, mas também o emergir de conflitos em torno da gestão e da coexistência dos usos.

Por outro lado, sendo os baldios, antes de tudo, espaços que pertencem às comunidades locais, verifica-se que nem todas as actividades que hoje ali se desenvolvem são controladas pelos seus detentores. Enquanto as actividades relacionadas com os usos tradicionais, ou seja, os usos que no fundo moldaram a paisagem que se conhece daquelas serras, são controladas localmente, existindo inclusive regulamentos com esse fim, no que concerne aos novos usos, a responsabilidade do controlo não parece ser reconhecida pelos compartes. Em seguida faz-se uma análise da utilização actual do baldio e dos actores que estão por detrás desses usos. Nessa análise, o facto de os novos usos do baldio serem tendencialmente desenvolvidos em regime de livre acesso será igualmente ponderado.

5.1. A Pastorícia

Nos baldios do PNPG, ainda podemos testemunhar alguma dinâmica do sector pecuário. Embora o número de produtores tenha claramente diminuído, alguns dos poucos que persistem têm volumes respeitáveis de produção.

Consoante os animais, o pastoreio assume diferentes regimes obedecendo às necessidades dos vários tipos de gado. Enquanto uns, como o ovino, vão e vêm todos os dias ao longo de todo o ano, pastando apenas nas zonas próximas da povoação, outros, como o caprino e o bovino, sobem à serra durante os meses de verão e retornam às cortes quando o frio aperta, no início do outono. Para os proprietários destes animais, o baldio é imprescindível como espaço de pastagem mas também como fonte de matos, um dos recursos centrais do sistema agrícola de subsistência. Quando o tempo começa a melhorar e a temperatura o permite, o gado sobe às serras em busca de alimento. Tradicionalmente é no fim de Maio que os rebanhos de cabras e as manadas de vacas sobem ao monte. Se estiverem a amamentar ficam nas cortes enquanto as crias precisarem, ou estas ficam nas cortes e a mãe vai para a serra e volta cada dia à corte para amamentar e ser ordenhada. Esta é uma prática que já vem de trás, como se pode verificar no discurso do presidente do CD da Gavieira,

Naquela altura não havia uma cria na serra, naquela altura o parque não existia, se querias defender o vitelo tinhas que guardá-lo, metia-lo na corte, a vaca ia à serra e vinha à noite dar o leite à cria, tirava-se o leite que fazia falta para consumo, a cria não podia mamá-lo todo, ela tirava a parte dela, o resto fazia falta na casa... era assim que funcionava (AGav1).

Quando levados para a serra, os animais, designadamente o gado bovino, podem ir inseridos num sistema de vezeira ou no chamado feirio. No primeiro, o gado de vários produtores sobe à serra em conjunto, guiado por dois pastores (em geral, mas não obrigatoriamente, proprietários). Os proprietários dos animais partilham, à vez, as tarefas diárias de monitorização do gado e de pastoreio, levando os animais de curral em curral. Esta prática comunitária ainda hoje se verifica em duas aldeias do PNPG, Fafião e Vilar da Veiga. Cada proprietário envolvido tem a obrigatoriedade de participar nas tarefas, sendo que o número de dias que vai para o monte depende do número de animais que tem no rebanho da aldeia: quanto mais animais possua, maior a sua responsabilidade para com o rebanho, e logo mais dias terá de dar ao sistema. Diz a presidente do CD do baldio de Pitões das Júnias,

A vezeira é as pessoas juntarem os animais de todos, depois consoante o número de animais [de cada um] assim vai o número de dias, por isso, eu tinha por exemplo 20 cabras..., por cada 10 um dia, portanto ia dois dias, e era à roda, ia dois, o vizinho a seguir ia três, até chegar novamente à minha porta. Isso é uma forma de economizar mão-de-obra, não é, e de haver interajuda, de certa maneira... o gado já não é assim, as vacas já não, nós aqui nunca utilizámos a vezeira das vacas (MPi1).

Quando termina o verão, as cabras descem para as cortes, e a partir daí vão e vêm diariamente, dormindo na aldeia todas as noites, até ao próximo verão. Para isso, dois pastores têm de se deslocar diariamente com o rebanho à serra, voltando ao fim do dia, mantendo-se o sistema de vezeira. Segundo o presidente do CD do baldio de Fafião,

Das cabras [é] todo o ano, só que há uma época que ficam cá em baixo e outra que ficam lá em cima, mas é todo o ano. As vacas, é de mais ou menos 10 de Maio, neste caso vai começar amanhã, começa amanhã e acaba em 29 de Setembro, estão na serra, as vacas [...] [As cabras] na altura do verão que elas não querem ir para baixo, que gostam de estar na serra, não têm cabritos e tal, ficam lá nas cercas, e não andam aqui a encher o lugar de pulgas. E no inverno

como têm os cabritinhos e está mais frio, elas gostam mais de ficar recolhidas [...]. Aqui nunca abandonam as cabras, e as vacas da vezeira também não (MF1).

A vezeira das vacas é uma prática menos frequente. O facto de alegadamente as vacas se conseguirem defender melhor do lobo, pode justificar a menor premência de se efectuar um controlo mais cerrado como o que se consegue com o sistema de vezeira. Diz o presidente do CD do baldio da Gavieira,

No verão... iam no mês de Abril, acompanhavam as cabras, por causa do lobo. As vacas não, as vacas iam para a serra e pronto [...] as cabras não têm hipótese, não têm defesa. As vacas sim, as vacas adultas [...] (AGav1).

Assim, em alternativa à vezeira, o gado bovino é em muitos casos deixado livre ao longo de meses no monte, em feirio, não havendo necessidade de monitorização diária. Quando realizada, esta obedece a intervalos de tempo maiores, como descrito pelo presidente do CD do baldio de Fafião, uma das poucas aldeias onde ainda é realizada a vezeira das vacas:

[...] Há outras [vacas] que as soltam numa zona, que é o gado que nós chamamos de feirio, que se soltam e deixam lá estar e vão ver tipo uma vez por semana. Só que esses depois têm mais problemas porque muitas vezes comem-nos os vitelos. Não estão guardadas, elas espalham-se e depois é mais... pronto, há mais problemas [...] nós até, o termo que utilizamos é o gado ‘à suisse’” (MF1).

Ainda assim existe uma partilha de tarefas entre os produtores que têm os animais em feirio, embora com uma regularidade mais espaçada e sem o nível de organização da vezeira. Esta situação foi evidenciada em Travassos do Rio,

MTR1: é quase como que seja uma vezeira, andam todas juntas, bota tudo e larga tudo

MTR2: pois exacto, há uma particularidade aqui na aldeia que é a seguinte, as vacas dormem lá, as vacas dos agricultores, dos tais 5 ou 6, dormem lá. E normalmente, imagine, um vai ver, o outro chega “oh, então vistes as minhas ou...”... não é organizado, não é uma coisa organizada mas há aquela... imagine, eu vejo o filho do Ti Manel que vem com a carrinha, anda com a carrinha ou ... de lá cima do monte “olha vistes as minhas...”, ou seja não é organizado mas há essa...

MTR1: eles vão, vão... às vezes vão duas vezes por semana, outras vezes vão só uma vez por semana [...] (MTR1 & MTR2)

Inclusivamente, ao nível destes grupos mais pequenos de produtores que partilham tarefas, verifica-se a existência do boi do grupo, mantido e cuidado por todos. O boi serve única e exclusivamente para a reprodução das vacas de cada produtor e é tido em comum com os restantes elementos do grupo. Esta prática permite manter as características da raça controladas. Assim, embora não seguindo o sistema de vezeira à risca, com monitorização regular, diária, partilhada com um grupo considerável de produtores, o feirio permite partilhar algumas tarefas e recursos, sem criar um compromisso difícil de corresponder. Hoje, poucos agricultores o são em exclusividade, geralmente mantendo outras actividades que lhes garantem um salário ou outro rendimento. Esta situação torna por vezes difícil atender a todas as responsabilidades da forma esperada. Por outro lado, a divisão da vezeira em grupos de produtores que optam por criar o seu próprio sistema, parece estar também por vezes associada à existência de conflitos com os restantes vezeiros ou à discordância com as regras do sistema.

Assim, a vezeira é hoje um sistema em desuso, reflexo da diminuição do número de animais e de produtores que tornam menos relevante esta prática ancestral de pastoreio comunitário. A instituição atendia a uma série de necessidades que deixaram de existir. Existindo muitos produtores e muitos animais, dividir o trabalho tornou-se necessário para garantir a realização de outras actividades relevantes para o funcionamento do sistema agrícola, complementares ou alternativas. Cada produtor tinha de dar poucos dias de trabalho para o funcionamento do sistema, facilitando a vida de todos. Perante a diminuição de produtores e animais, e a consequente falência do sistema persistente apenas em Fafião e Vilar da Veiga, hoje os produtores apascentam o gado individualmente. Segundo o presidente do CD do baldio de Outeiro,

Nós aqui, antigamente havia três vezeiras de cabras aqui nesta aldeia, Cela, e Sirvoselo tinha vezeira, vinham daqui acolá, serra acima, Parada tinha outras três vezeiras, ovelhas e cabras, o pessoal estava cá fixado, tinha de sobreviver disso não é... vinham aí pessoas que levavam camiões de cabritos e de anhos no São João para Braga [...]. Hoje... é bom comer cabrito mas guardar cabras não é fácil [...]. Agora ainda há aqui um rebanhozito delas mas como o dia é grande levam-nas a pastar de manhã e tornam-nas a botar de tarde, mas já está mal, já só andam de roda da aldeia, porque até ali, quando era a vezeira, ou iam dois

pastores ou um, mas a rês saía de manhã, logo aí às oito da manhã ou nove horas, ia por essa serra fora e só vinha à noite, mas agora como o pessoal não quer andar todo o dia, porque tem um rebanhinho delas, leva aí de roda e tal, nos terrenos e tal, corte. Já não é aquela exploração como era antigamente (MO1).

É portanto na primavera e no verão que na serra se observa o maior número de animais que aproveitam o clima de altitude mais ameno. Então, circulando pelos montes, é comum o encontro com manadas de gado bovino a pastar tranquila e livremente nos baldios ou com algum rebanho de cabras, guiado por um ou mais pastores.

De acordo com o discurso generalizado no território do Parque, se não existissem subsídios não haveria produção animal, defendendo-se que são os apoios comunitários que mantêm esta dinâmica nos montes e nas aldeias do PNPG. Cada vez mais ligados à produção de qualidade, os subsídios direccionam a produção, apostando em segmentos de mercado específicos, apelando à utilização de métodos de produção biológica, ao recurso a raças autóctones e à certificação de origem. Ao longo das entrevistas surgiu muitas vezes a questão “e se os subsídios acabassem?”. A perspectiva não é animadora, e quem se relaciona directamente com a aplicação dos subsídios e com a população que os requer, defende que isso significaria o fim de muita coisa para aquelas comunidades e um cenário virtual devastador.

Além do espaço físico propriamente dito, os baldios fornecem actualmente um espaço “legal” que possibilita a agricultores sem área privada suficiente candidatarem-se aos apoios comunitários. De facto, a dimensão da propriedade privada no território do PNPG tornaria impossível a candidatura de muitos produtores aos apoios à produção. É aqui que os baldios têm um papel central, o de possibilitarem o acesso, real e/ou virtual, a área de pastagens contabilizável para este efeito, pois a área do baldio considerada elegível para pastagem é dividida pelos produtores que pretendam candidatar-se.

A área concedida e o valor do subsídio associado dependem do número de cabeças que cada produtor detenha. Em alguns baldios, verifica-se que, restando área após a distribuição entre os produtores, são igualmente feitas candidaturas a apoios por produtores com historial de produção mas que, por qualquer razão, já não possuem animais, considerando-se que esta pode ser uma situação temporária. Neste último caso aplica-se o Regime de Pagamento Único (RPU), pensado para os produtores que foram

incentivados a parar de produzir pelo próprio sistema inerente à PAC. Com este regime, os apoios recebidos até aí são total ou parcialmente substituídos pelo RPU. Também neste caso, para se candidatar o agricultor tem de deter uma área mínima em seu nome, e também neste caso o órgão gestor lhe pode “ceder” no baldio toda ou parte dessa área. Uma outra situação está relacionada com a cedência de área do baldio a habitantes de outras povoações que, por o baldio da sua área a não ter suficiente ou por qualquer outra razão, necessitam de área adicional para se candidatarem.

De forma geral, os regulamentos da PAC possibilitam que na sua aplicação a nível nacional sejam consideradas particularidades das realidades locais no acesso aos apoios. A publicação do Regulamento da UE nº 1307/2013 de 17 de Dezembro veio propor alterações aos critérios de avaliação, deixando liberdade aos Estados-membros para que o adaptassem à realidade dos sistemas agrícolas. Contudo, na recente alteração dos critérios de avaliação da elegibilidade da área do baldio para pastagem, essa ponderação não se verificou, e a aplicação do regulamento a nível nacional usa um método de avaliação baseado num conceito de pastagem que não existe no norte (ou no centro) do país (Portaria n.º 57/2015 de 27 de fevereiro). O pastoreio de montanha é uma prática cujos contornos actuais resultam da sua adaptação à paisagem e às condições fisiográficas que ela oferece, designadamente um mosaico de zonas de rocha, floresta, matos, a maior ou menor altitude, com maior ou menor declive. O pastoreio busca as melhores zonas de pasto, consoante o contexto particular do local. Assim, em diversas áreas da serra é comum observar-se animais que pastam sob o copado de carvalhais, pinhais, ou em zonas que de longe aparentam ser rocha nua, mas onde sobrevivem rebanhos de cabras montesas e outros animais da produção das comunidades. Ademais, apesar de existirem já dados disponibilizados pelo ICNF, resultantes de anos de trabalho, a reavaliação ignorou também a classificação do uso do solo realizada pela instituição do Estado incumbida dessa e de outras funções relacionadas com o ordenamento daquele território. Os novos critérios de avaliação determinaram que zonas de rocha, floresta, rios, estradas, etc., deixam de ser elegíveis, situação que reduziu francamente a área de cada baldio passível de ser candidata a apoio, mesmo que na prática seja usada para pastagem.

Um comparte de Montalegre explica as contradições implícitas à definição de áreas elegíveis:

O IFAP³⁹ diz que foi imposição da Comunidade Europeia, já tivemos informações contraditórias. Fizeram uma visualização fotográfica, viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos. Ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha [...] eles dizem que não tem forrageira. Mas pronto, está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui. [...]. Depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque alguns tiveram mais que 90%⁴⁰ de corte da área forrageira (MF1).

O corte da área elegível teve consequências não só ao nível da área disponível para cada produtor individual, restringindo o acesso aos apoios comunitários, mas também ao nível da área considerada para aplicação das medidas agroambientais, como as Intervenções Territoriais Integradas (ITI), cujo valor depende da área elegível e do encabeçamento oficialmente considerado para o baldio. A redução da área elegível, em última análise, impossibilitará a inscrição de todos os animais de uma comunidade, resultando na diminuição do encabeçamento e, como consequência, do apoio conseguido. Assim, enquanto o baldio, sistema físico e institucional, garante condições reais para o desenvolvimento da actividade de pastoreio e de produção animal, essas não são burocraticamente reconhecidas em toda a sua extensão para fins de financiamento, o que põe até certo ponto em risco a viabilidade da sua manutenção. Em resposta, os compartos mobilizaram-se e elaboraram um manifesto subscrito por todos os CD e autarquias da zona do PNPG, bem como pelas associações que trabalham com os baldios do Parque. De acordo com os nossos entrevistados, o Governo não se demoveu e o impacto nas ITI manteve-se. Contudo, atenuou o impacto que a redução nas áreas elegíveis para pagamentos directos teria sobre os produtores, reduzindo a área mínima obrigatória por animal.

³⁹ Embora o IFAP seja referido como a instituição por detrás destes procedimentos, de acordo com o ICNF (comunicação oral, 2016) é o Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral que estabelece as medidas; o IFAP apenas fiscaliza.

⁴⁰ O impacto do coeficiente de redução em cada baldio dependeu da dimensão da área do baldio com predominância de matos e da área de floresta, rocha, água, zonas queimadas, etc.

5.2. *Os Matos e a Lenha*

Na altura propícia para a recolha do mato começa a observar-se a circulação de tractores no monte. O mato é necessário para as camas dos animais e, subsequentemente, para fertilização das terras de cultivo. Esta é uma prática antiga que ainda é desenvolvida pelos relativamente poucos agricultores que resistem activamente nas aldeias das serras do Gerês, Peneda, Amarela e Soajo. Diz o presidente do CD do baldio de Covelães:

Agora que estão a acabar as sementeiras está tudo no monte a carregar mato, é tudo! Os lavradores é tudo. Só se vê aí tractores a carregar mato [...] depois para o ano vai tudo para as terras (MCov1).

Existem também produtores que recentemente optaram por deixar de usar o mato e puseram lajes no chão, facilitando a limpeza das cortes. Só os que mantêm campos de cultivo continuam a usar mato, posteriormente convertido em fertilizante para as terras. Na Gavieira, por exemplo, diz o presidente do CD:

Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos, depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão no final do dia lavam e... não usam nas terras depois, mas os animais preferem estar no estrume. [...] dá mais trabalho, têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tirá-lo, não é, o estrume (AGav1).

De qualquer forma, estas alterações ao sistema são ainda pouco significativas, verificando-se que na generalidade o mato se mantém um recurso procurado e central nas produções, servindo ainda os mesmos fins para que servia há séculos atrás.

Conforme já referido a respeito das apropriações e delimitações, outra actividade regular de aproveitamento de recursos dos baldios pelos é a recolha de lenha, por regra de galhos, resíduos de limpeza de árvores, ou de árvores secas. A lenha continua a ser um recurso energético relevante, para uso doméstico ou artesanal. Hoje, a ligação às actividades turísticas reflecte-se também na forma como são apropriados os recursos da floresta, designadamente a lenha. Por exemplo, foi-nos referido um comparte de Vilar da Veiga que extrai do baldio a lenha que usa num empreendimento turístico, sem qualquer custo. Portanto, neste caso um recurso comum é usado para benefício de uma

actividade económica privada emergente, imprevista nos costumes e subsumível na regra de acesso para consumo doméstico. Mas as situações são variadas e, por contraste, na Gavieira isso é já explicitamente proibido no regulamento do baldio:

[...] as pessoas da freguesia, às quintas-feiras elas sabem que podem ir fazer recolha de lenha [...] Imagine, uma pessoa que tem uma padaria, por acaso há aqui um indivíduo..., aí não, aí é para vender, há aqui pessoas que vendem lenha, essas pessoas não têm direito a ir à lenha nesse dia, mas para consumo próprio de casa todas as pessoas têm direito à quinta-feira [...] pronto, normalmente há um guarda a acompanhar, para recolha de lenha caída, uma árvore que esteja seca pode ser recolhida (AGav1).

5.3. A Apicultura

Um outro tipo de utilização do baldio é a produção de mel, actividade ancestral também coberta pelos apoios comunitários, que incentivam os jovens a iniciar a actividade de apicultor. Não obstante, o seu desenvolvimento no baldio está sujeito a autorização dos compartes, uma vez que é necessária a afetação de uma determinada área a uso privado para instalação das colmeias. Esta pode ou não ser aprovada em assembleia de compartes e concedida ou não pelo CD, algo que tem de ser avaliado, particularmente quando o pedido vem de fora da comunidade. Por exemplo, no Campo do Gerês os compartes foram colocados perante essa questão:

Curiosamente esta semana ligou um fulano, um apicultor, que veio não sei de onde, de lá de baixo, da zona centro, que veio... casou aqui perto no concelho e queria trazer para cá umas colmeias e queria ver se nós lhe arrendávamos um espaço para colocar. Eu disse “não, não é política arrendarmos”... e não é (TC1).

Na freguesia de Cabril, uma situação relacionada, embora diferente, levou à recente separação de uma das comunidades do baldio de Cabril. Segundo nos foi dado a saber, a área de baldio em causa tem características interessantes para a produção de mel, resultando em que alguns elementos de outras povoações pertencentes à freguesia de Cabril, e portanto compartes⁴¹, instalassem as suas colmeias naquela zona do baldio, usando espaço que poderia estar disponível para os potenciais apicultores da referida

⁴¹ Relembre-se que o baldio de Cabril é usado e gerido à escala da freguesia, exceptuando nas áreas da aldeia de Fafião e Pincães, que separaram as suas áreas do baldio da freguesia.

povoação localizada junto à “área de conflito”. Sentindo-se com maior legitimidade para usar aquela área do baldio, pela proximidade à sua aldeia, os elementos daquela comunidade decidiram organizar-se em CD, destacando-se do baldio da freguesia.

Entre os compartes entrevistados nesta fase do trabalho (sobretudo presidentes dos órgãos de gestão), pelo menos dois, os mais jovens, dedicam-se à apicultura, e usam o baldio (cada um o seu) para instalação das explorações. Um, já com o número considerável de 600 colmeias, nunca chegou a aceder aos subsídios, e o outro em fase de preparação do início da sua actividade, pretendia candidatar-se naquele ano (2015) a esses apoios. Esta actividade evidencia-se visualmente no monte pela presença de colmeias e, resquícios de outros tempos, das cilhas dos ursos que permanecem na paisagem. Estas estruturas são pequenas parcelas circulares muradas a toda a volta onde se colocavam as colmeias para as defender dos ursos que vinham pelo mel:

Vê ali umas colmeias? [...] Aquilo é um redondo em pedra... aquilo é uma cilha, onde... faziam as cilhas, dizem, por causa dos ursos não irem tirar o mel. Pronto, agora não há ursos, mas as colmeias sempre estão ali mais resguardadas dentro daquela cilha (MF1).

Sendo uma actividade exercida pelos compartes, tal como o pastoreio, não se verifica qualquer cobrança pelo uso do baldio.

5.4. A Caça

A caça em área de baldio é desenvolvida maioritariamente por elementos das comunidades locais, em geral organizados em associações. Uma vez que os sócios são na sua maioria compartes, os CD não se sentem com legitimidade para cobrar a utilização, nem os caçadores sentem que essa seria uma opção justa. Em Castro Laboreiro, o actual presidente do CD, também membro da associativa de caça comenta,

Nós só temos... o financiamento que temos é das quotas, não temos mais receita nenhuma, nós é só mesmo as quotas. Mas pronto, os caçadores também são dos compartes porque a nossa associativa é só de naturais ou residentes (MeC1).

Os requisitos para se ser sócio passam pela ligação à comunidade, diferindo depois os detalhes dessa delimitação de associação para associação, indo desde os elementos da comunidade actual aos seus descendentes, o que em certos casos, como o de Castro Laboreiro, vai ao detalhe da geração: “Depois alargámos a quem tivesse antepassados... até avô, também podia ser sócio, por isso somos todos compartes

também” (MeC1). De qualquer modo, pode generalizar-se que a delimitação dos direitos de caça nos montes baldios se fundamenta na ligação estabelecida com a comunidade. Este facto de se tratar de propriedade de toda a comunidade constitui o argumento usado pelos caçadores para defenderem a inexistência de contrapartidas pelo seu uso do baldio. Contudo, tal como sucede com o pastoreio, nem toda a comunidade caça. A verdade é que a única entidade que ganha com esta actividade, para além dos próprios caçadores, é o Estado, uma vez que as licenças a que se encontram obrigadas as associações são entregues ao ICNF. Apesar disso, o ordenamento da paisagem e a gestão dos recursos é da responsabilidade dos compartes, não obstante ser financiada em parte com apoios comunitários.

5.5. *O Turismo e a Actividades de Lazer*

Atravessando as serras do PNPG, principalmente na época estival, o cenário é pontuado por grupos de pessoas que se deslocam em *jeeps* identificados com nomes de empresas de dinamização turística, e caminhantes que se aventuram pelos trilhos assinalados. Veículos privados em quantidades claramente excessivas para o meio, percorrem as estradas municipais e mesmo as estradas florestais, muitas vezes transgredindo os preceitos locais, em busca das atracções do Parque Nacional.

[...] porque é ali que eles param todos, porque tem ali um sinal de trânsito proibido, mas nem precisava de estar lá o sinal porque o plano de ordenamento já prevê que daqui para cima não tem de estar viatura, autorizada ou não. E eles a cada passo passam aqui, a patrulha do parque. [...] agora estão acolá duas motas de quatro rodas, até me admira aqueles marmanjos não estarem já por aqui acima, eles também acham que têm o rei na barriga (TE1).

Como se percebe neste trecho da entrevista com o presidente do CD do baldio da Ermida, amontoam-se multidões nas zonas mais atraentes, de entre as quais se destacam as cascatas, existentes um pouco por todo o território do Parque (no caso, a cascata do Arado, uma das maiores atracções estivais). Continua TE1,

Isto no mês de Agosto e Setembro tu não conseguias andar aqui que era uma confusão dos diabos de gente a pé e de carros... [...]. Quando é em Agosto, ui!... toda a gente quer ir para a cascata, toda a gente quer água. [...] há aqui muita gente que não fazia aqui falta nenhuma... é só deixar lixo por aí (TE1).

Embora o PNPG seja uma das áreas do território nacional com maior procura turística, e cerca de 70% da área do Parque ser propriedade usada e gerida pelas comunidades, essa afluência não beneficia em particular a propriedade comunitária, ou os seus detentores e gestores. Pelo contrário, a iniciativa privada sai beneficiada, já que, ao contrário das comunidades locais de compartes, se organiza para tirar proveito dos recursos naturais e da paisagem cultural de excepção do PNPG. Estas iniciativas tanto vêm de dentro como de fora do Parque, registando-se a presença de empresas com sede nas cidades mais próximas, como Braga ou Porto. Apesar de se tratar de agentes externos à comunidade, as licenças dos operadores turísticos para exercerem actividade são pagas ao Estado, em nada revertendo para quem se empenha regularmente na manutenção do monte. Diz o presidente do CD de Entre-Ambos-os-Rios e da Associação Foral:

Por exemplo, se for uma empresa de animação turística que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN, aqui não deixou nada, quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada (PE1).

A verdade é que estas entidades tiram partido dos recursos do território geridos pelas comunidades locais, mas não se vêem obrigadas a contribuir para a sua manutenção, nem o acordo estabelecido com o ICNF o contempla.

Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e irmos regular de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... não há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. [...] E eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição (PE1).

É uma questão que inevitavelmente se vai começar a fazer sentir com força entre os compartes, tendo em conta o crescimento da actividade turística no Parque Nacional.

Ao nível dos compartes, a iniciativa acontece a título individual, criando-se espaços de dormida e restauração. Contudo considerando o conjunto dos compartes, representado pelo CD, esta não se verifica. Parte desta situação parece ser justificada pelo próprio quadro conceptual de cada actor. Por exemplo, se cobrar por uma dormida ou refeição é de fácil aceitação para os compartes, taxar o acesso ao baldio para pura visita e usufruto simplesmente não tem lugar na sua concepção de propriedade ou de actividade económica. A paisagem como recurso de contemplação parece estar associada a um bem público, de livre acesso, não quantificável. As pessoas podem e devem entrar, caminhar e desfrutar, desde que não estraguem. Já os recursos que nela se produzem, as madeiras, o pasto, os matos, tudo isso tem dono, é da comunidade, e o seu uso deve ser controlado e gerido.

Por outro lado, o aparente distanciamento da ideia de paisagem como fonte de riqueza parece denotar um certo conformismo. Situação que se repete quando são confrontados com a actuação das autarquias ou do Estado no território baldio também com fins de atender e tirar proveito do interesse dos visitantes pelo Parque. A concepção, organização e dinamização das Portas do Parque são o exemplo mais concreto da acção do ICNF e das autarquias no que respeita à gestão do turismo no Parque. Estas estruturas foram concebidas para serem “pontos de entrada” para o Parque Nacional, locais onde convergem os visitantes e onde a actividade turística é de alguma forma controlada. A ideia foi introduzida pelo engenheiro Lagrifa Mendes, primeiro director do PNPG. Contudo a sua implementação veio a acontecer muito mais tarde, em 2004, com a entrada em funcionamento da Porta de Lamas de Mouro no concelho de Melgaço. São cinco portas que correspondem aos cinco municípios que constituem o PNPG. Actualmente, estão também em funcionamento as Portas de Campo do Gerês, Montalegre, Mezio e Lindoso.

As Portas começaram por ser geridas pelas autarquias, entretanto a Associação para o Desenvolvimento das Regiões do PNPG (ADERE) foi incumbida de organizar a gestão integrada das cinco estruturas. Aquando da realização das entrevistas, a Porta do Mezio, instalada no baldio de Cabana Maior, era gerida pela Associação Regional de Desenvolvimento do Alto do Lima (ARDAL), associação com vários sócios promotores constituídos por entidades regionais de relevo, entre as quais a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez. Em Lamas de Mouro e Lindoso, as Portas estavam a ser geridas pelas respectivas autarquias. Em Paradela a Porta foi pensada como o ponto de entrada

do município de Montalegre para o Parque. Foi a última porta a ser construída e, após um período sem utilização, acabou por ser abandonada, passando a sua localização definitivamente para as instalações do Ecomuseu do Barroso em Montalegre, onde se mantém, gerida pelo ICNF.

Embora em regra as portas estejam instaladas nos baldios das referidas comunidades, a sua exploração (e.g. venda de lembranças, mapas, acesso a actividades) é da responsabilidade da Câmara Municipal, do ICNF ou da ARDAL, revertendo as receitas a seu favor. Não se verifica a integração das comunidades nessa dinâmica, nem qualquer compensação pela apropriação do espaço, físico e simbólico. A verdade é que, para além do espaço ocupado pela estrutura em si, existe um convite subjacente, dirigido a todos os visitantes, que envolve a visita daquilo que, fundamentalmente, são os baldios. Por outro lado, ao mesmo tempo que os visitantes são dali direccionados para trilhos que atravessam os montes, as entidades criadoras e implementadoras do conceito não participam de forma directa na manutenção do património das comunidades locais. No caso da porta de Paradela, a apropriação do espaço torna-se ainda mais evidente pela construção em vão e inconsequente em terreno alheio, deixando ruínas sem notificação prévia ou posterior explicação, e sem um plano de futuro para aquele empreendimento. Diz o antigo presidente do CD de Cabana Maior,

Oh, o turismo não nos traz propriamente..., não taxamos... a porta do parque taxa mas isso é tudo para o município. [...], nunca lhes foi exigido [contributo para o baldio]... ainda não lhes foi exigido (ACm1).

Excepcionalmente, em Lindoso os compartes organizaram-se para também o baldio local tirar partido da presença daquela estrutura. Para isso, o CD aliou-se à actividade da Câmara Municipal, colaborando formalmente na manutenção dos percursos pedestres. Os visitantes são incitados a inscrever-se na Porta, com direito a visita, guiada por dois funcionários da Câmara, aos espigueiros e ao Castelo de Lindoso. Por esse “serviço” cada visitante paga um valor simbólico que reverte para o baldio. Como diz o presidente do CD do baldio de Lindoso, “ [...] isto é tudo área do baldio, isto é tudo nosso” (PL1).

Do ponto de vista arquitectónico ou de disposição espacial, as portas diferem bastante entre si, contudo todas promovem o conhecimento do Parque e do local onde estão integradas, seja apenas pela promoção dos percursos pedestres, seja pelas próprias estruturas construídas. Por exemplo, na Porta do Mezio, para além dos balcões de

atendimento ao visitante, comuns a todas as portas, e exposições sobre o Parque acessíveis a qualquer visitante, existe uma maquete da estrutura de uma aldeia serrana, a que as crianças podem aceder para brincar. Na porta do Campo do Gerês, para além de uma livraria que promove a produção literária local e/ou sobre o local, e vende lembranças, informação e actividades de passeio no Parque, existe um núcleo museológico que engloba o museu etnográfico de Vilarinho da Furna, iniciativa da Associação A Furna apoiada pela Câmara Municipal de Terras do Bouro, e o Museu da Jeira, gerido pela mesma Câmara. A construção que engloba a porta do Lindoso inclui também a sede da Junta de Freguesia, ao mesmo tempo que na Porta se encontra um balcão de informações. No caso de Montalegre, a Porta está associada ao Ecomuseu do Barroso, onde se pode obter informações sobre os vários municípios e localidades que integram o Parque, e visitar exposições.

Portanto, à excepção da iniciativa levada a cabo em Lindoso, de uma forma geral manifesta-se no seio dos compartes a legitimação da actividade das entidades autárquicas ou dos agentes turísticos no baldio, e a “reprovação” da eventualidade da sua própria actuação no mesmo sentido. Existe mesmo, em mais do que um baldio, a convicção que esse não é nem pode ser o papel do CD ou do baldio, ou seja, não compete ao CD nem à Assembleia de Compartes a gestão de visitantes ou a dinamização do território nesse sentido. Os defensores desta ideia chegam a afirmar a ilegalidade de o CD tirar benefícios monetários desse tipo de actividade, uma vez que a sua função é apenas uma: gerir o território físico e institucional da comunidade. Para o fomento e gestão das visitas, ter-se-ia que criar outro tipo de entidade. Nesse sentido, verifica-se a existência de associações culturais, de desenvolvimento local ou mesmo de promoção turística, sedeadas nas aldeias, com o objectivo de, por um lado, manter a memória dos usos e costumes, práticas e cerimónias, e por outro promover a região atraindo pessoas de dentro e de fora da comunidade. Como muitos referem, se a actividade do CD conseguir que os habitantes das comunidades melhorem a sua qualidade de vida, já se terá atingido um grande feito, em prol do desenvolvimento local. Diz o presidente do CD da Gavieira:

[...] isto aqui, mesmo quando há neve no inverno, isto tem sempre gente todo o ano, 30-40 e 100 pessoas às vezes, mas o baldio nunca cobrou nada. [P: E para vocês, é bom que haja turistas aí?] É lógico, são os cafés, para tudo, estás a ver... o que faz funcionar uma coisa faz funcionar a outra... as coisas encostadas

funcionam, se não há encosto nada funciona. Passam lá, investem, gastam nos cafés, dormem na Peneda muitas vezes, lá no hotel, pronto, e é assim (AGav1).

A eventual actuação do CD ao nível da taxaço ou controlo do uso do baldio para visitaço é vista como ameaça às iniciativas privadas (e.g. cafés, dormidas, restaurantes) uma vez que esse tipo de imposiço poderia desviar os visitantes do seu baldio. Na perspectiva dos compartes, estas pessoas são bem-vindas, dinamizam as aldeias e os pequenos negócios locais, e qualquer iniciativa que possa pôr em causa esta dinâmica, é perspectivada com receio e alguma desconfiança.

Ainda assim, e representando outra excepço, num caso de abuso de propriedade, particularmente do baldio de Cabana Maior, a Junta de Freguesia local, que geria então o baldio, tratou de defender os direitos da comunidade. A construção de um parque de campismo no território da freguesia no fim dos anos 1980, inícios de 1990, sem prévio contacto da entidade gestora do baldio, foi posta em causa. Conta o presidente da Junta de então:

[...] aquele parque de campismo foi construído violentamente pelo Parque. A casa foi construída na altura da florestaço, nos anos 50. Agora, quando a direcço do PN decidiu construir aquele parque de campismo, ou transformar aquilo num parque de campismo, argumentava que aquilo era terreno do Estado. E eu levei-os até à Direcço Geral de Património do Estado para lhes provar que o terreno não é do Estado, o terreno é baldio. O próprio terreno onde estão construídos os edifícios... os edifícios foram construídos pelo Estado, mas foram construídos em terreno baldio, que nunca perdeu o estatuto de baldio (ACm1).

Na altura a negociaço foi feita de maneira a que a comunidade de Cabana Maior não saísse lesada, sem no entanto se pôr em causa o funcionamento do parque. Desta maneira, foram garantidos alguns empregos para residentes da freguesia, ao mesmo tempo que a comunidade viu os seus direitos fortalecidos. Passado algum tempo gerido pelo Estado, em que foi decaindo por falta de investimento e de pessoal, hoje o parque de campismo é gerido por uma associaço local, a ARDAL, também ligada à Porta do Mezio, e pela própria Junta. Coincidentemente, o presidente da Junta de Freguesia é hoje também o presidente do CD do baldio de Cabana Maior. Neste caso específico, a acço da Junta e do CD confundem-se por vezes, existindo uma relação estreita de cooperação entre as duas instituições.

Portanto, a presença das instituições do Estado – central, regional e local – no baldio, no que respeita a gestão e exploração das actividades de turismo, é patente de diferentes formas. Além das já referidas, junta-se ainda a organização de eventos, pontuais ou regulares. Desde corridas que atravessam as serras e que envolvem centenas de participantes de vários países (e.g. corrida do Carlos Sá, organizada em parceria com as autarquias), a feiras para dinamização da cultura e produção local. O seguinte excerto da entrevista do presidente do CD do baldio de Fafião, que descreve a corrida do Carlos Sá, um evento recentemente trazido para o território do PNPG (em 2015 terá sido a primeira edição) organizado já a uma escala considerável, ilustra bem a forma como se posicionam frequentemente as autarquias nos baldios:

Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Gerês. E tivemos aqui uma parte que vinham do Xertelo [...] até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês até Fafião e nós tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para cá. [...] grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar [...] e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas [...] devia pagar o Carlos Sá [...]. Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas... (MF1).

Para além de serem os baldios o palco do evento organizado pela Câmara Municipal em conjunto com o referido Carlos Sá, foi também a mão-de-obra dos compartes que suportou parte do evento.

Também em Sezelhe, Montalegre, a organização de uma actividade fruto de parceria entre uma empresa de dinamização do turismo e a Junta de Freguesia, é reveladora do mesmo tipo de relação das autarquias e empresas com o baldio, e do mesmo tipo de posição, legitimadora, do CD e da comunidade face à actividade da autarquia e de entidades externas. Neste caso, a NaturBarroso, uma empresa de dinamização de turismo sediada em Montalegre, organiza, em parceria com a Junta de Freguesia, uma actividade – as carrilheiras do rio – que junta centenas de pessoas. Desenrola-se, pelo menos em parte, no baldio de Sezelhe, contudo as receitas são

inteiramente dirigidas àquelas entidades. Questionado sobre o seu parecer sobre a situação, diz o presidente do CD, também presidente da Assembleia da Junta de Freguesia,

[...] nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve as carrilheiras do rio. É um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui... é a NaturBarroso [que organiza] [...] é o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso. [...] nós, até mesmo a Junta, que eu actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 euro, mandas vir o que quiseres e depois nós... o pessoal que passar [...]. [A NaturBarroso] ganha dinheiro mas também têm muito gasto, são comidas, dão de comer, dão... ali em baixo na barragem estiveram lá todo o dia a assar carne e... também tem os seus gastos [...] [P: Então o baldio não acha que deve cobrar pelos passeios...] Ora bem, há coisas que muitas das vezes nós... costumava-se dizer “na nossa terra é bem-vindo quem passe” [...] (MS1)

Mais recentemente, durante o período de desenvolvimento do trabalho de campo, a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez projectou a construção e dinamização de um parque zoológico no baldio de Cabana Maior, junto à Porta do Mezio. Neste caso, foi negociado um acordo com o CD local, que parece estar já em prática. De acordo com o antigo presidente do CD e da Junta de Freguesia de Cabana Maior,

[...] vai agora ser construído um parque zoológico no baldio anexo à Porta do Mezio, em Cabana Maior. Vai ter vários, vai ter lobos, vai ter raposas, vai ter cabra brava, vai ter javali. [...] é um processo com interesse da câmara, 11 hectares mais ou menos... é o município de Arcos de Valdevez. A freguesia [de Cabana Maior] cede por 20 anos essa área de terreno ao município [...] [P: A freguesia? Ou os compartes?] Os compartes, os compartes, mas os compartes são a freguesia e a freguesia é dos compartes [risos] (ACm1)

Trata-se, portanto, de um caso mais recente em que os compartes foram incluídos no desenvolvimento do projecto da câmara e em que a natureza comunitária do território foi devidamente considerada.

6. Novas dinâmicas institucionais em torno do turismo

Na descrição feita até aqui dos utilizadores dos espaços baldios, ressalta a existência de i) utilizadores legitimados pelos usos e costumes e hoje também pela legislação (e.g. os compartes), ii) de utilizadores que simplesmente não estão autorizados de acordo com os regulamentos locais, mas que são por vezes tolerados (como os produtores de outras comunidades), e iii) de utilizadores autorizados por omissão ou por inércia local, ou na prática, por falta de controlo (como turistas e agentes de turismo). Destes, os últimos são os principais protagonistas de novas dinâmicas económicas e institucionais que crescentemente afectam os baldios e os seus órgãos de gestão.

O turismo no interior do Parque Nacional tem vindo a ganhar importância. Acompanhando essa tendência, a importância das receitas do turismo no rendimento das famílias que ali persistem tem vindo igualmente a aumentar. Ao mesmo tempo, os valores expectavelmente envolvidos têm sido uma fonte de atracção para investidores de fora. Neste contexto, a paisagem, cultural e biofísica tornou-se, potencialmente, o recurso económico mais importante do Parque, do baldio e destas comunidades. Esta é também a ideia que fundamenta as medidas de financiamento da UE com foco nos territórios rurais, designadamente as medidas silvo- e agroambientais. O incentivo criado por estas iniciativas tem posto as comunidades a trabalhar num sentido que melhora a experiência de visita nos montes baldios. Ao mesmo tempo, esta melhoria facilita o trabalho dos agentes promotores que de facto tiram partido dos resultados desse trabalho, entre os quais as empresas dinamizadoras de turismo, as Câmaras Municipais, o ICNF, e, em menor escala, os empreendedores privados das comunidades locais. Como diz o presidente do CD e Junta de Freguesia de Cabril,

[...] É claro que isto também vai de encontro àquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... ó pá!, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente [...]. A meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro (MCA1).

Neste caso parece existir alguma coincidência entre os objectivos dos programas de financiamento e os dos compartes, sendo que o turismo é talvez o mais consensual. Não que fosse já um objectivo em si mesmo, mas face às evidências, “se as pessoas o aproveitarem devidamente” está aí a oportunidade do momento.

Para melhor entendermos como se encontram organizados os vários intervenientes na actual rentabilização dos recursos naturais e culturais presentes no baldio, contactámos alguns dos agentes que referimos inicialmente como “utilizadores autorizados por omissão”. Para complementar, algumas iniciativas locais da mesma índole serão aqui também articuladas, no sentido de avaliar a possibilidade de integração das diferentes escalas de actividade numa estratégia turística organizada e inclusiva, que beneficie das forças e dinâmicas locais e reciprocamente as beneficie. Neste sentido, contactámos diferentes entidades, entre as quais a Associação para o Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês (ADERE Peneda-Gerês), o Parque de Campismo de Cabril (*Green Park*), as empresas de dinamização turística *Oporto Adventure Tours*, Geresmont, e Cabril Eco Rural. Numa outra perspectiva, entrevistámos o presidente da Ecoagri, uma empresa que efectua trabalhos e projectos florestais, cujo fundador e actual presidente mantém uma relação de trabalho muito próxima com os dinamizadores da associação de desenvolvimento local estabelecida em Fafião, A Vezeira. Esta última parece desenvolver um trabalho relevante a nível local, contribuindo para a divulgação do conhecimento e das tradições junto de um público variado que tem conseguido atrair à serra do Gerês. Actualmente, a Vezeira é responsável também pela gestão do núcleo do Ecomuseu do Barroso estabelecido em Fafião. A relação da Ecoagri com a Vezeira parece contribuir para o alargar do campo de acção da última, situação que se pretendeu aqui aprofundar. Contactámos também o actual presidente da Vezeira, um jovem comparte de Fafião, que foi também presidente do CD do baldio. Para completar, auscultámos a perspectiva de outras associações de promoção cultural cuja actividade é desenvolvida sobretudo ao nível da aldeia.

Como fica implícito nas linhas anteriores, existem várias escalas de acção nos baldios, no que respeita ao uso dos valores naturais e culturais em prol da dinâmica de visita. Objectivos de acção local, com raiz nas próprias comunidades, desenvolvem-se em paralelo com projectos à escala do território do Parque. Enquanto num primeiro nível parece procurar-se a preservação dos valores culturais e naturais da terra, no

último, procura-se ir além das particularidades dos lugares e aldeias, e até dos municípios, pretendendo-se criar um produto uno sob a etiqueta do Parque Nacional. No processo, os espigueiros do Soajo, o mel de Cabril ou a vezeira de Vilar da Veiga são colocados sob a mesma categoria. Tudo é PNPG e é essa denominação que os produtos representam, por mais diversificada que sejam a sua natureza e a sua origem. Como resultado também as populações das diferentes aldeias que compõem o território do PNPG, passam a ser “habitantes do Parque”, no fundo as autoras dos produtos “do Parque” que se pretende vender, desde o mel à paisagem das serras. Assim, no primeiro nível, local, tem-se por exemplo a Associação para a Reabilitação da Aldeia de Sezelhe (ACURAS) ou a Associação Vezeira na aldeia de Fafião e no último, o nível do Parque Nacional, tem-se a ADERE.

A existência de associações com origem e foco de acção na aldeia parece ser comum à maior parte⁴² das povoações que compõem o PNPG. Estas entidades têm como principal objectivo a preservação e dinamização dos usos e costumes, promovendo actividades que reúnem as comunidades e eventuais visitantes em eventos que apelam às tradições (organização de festas e cerimónias locais), ou que promovem a cultura local (e.g., a subida da vezeira de Vilar da Veiga organizada pela associação Lírío do Gerês, ou a plantação dos currais de Fafião, organizada pela associação Vezeira). Actuam a nível local focando as características da paisagem, naturais ou construídas, e outras expressões culturais, em alguns casos com recurso a financiamento público. O recurso a programas de financiamento envolve inevitavelmente os órgãos de gestão dos baldios, ou de qualquer uma destas organizações, nas teias burocráticas que lhes dão acesso.

A um outro nível, procurando também, por razões diferentes, atrair pessoas ao PNPG, formam-se empresas em torno dos recursos paisagísticos e culturais do território do PNPG. Diferem na oferta que apresentam, na relação que têm com os lugares que incluem nos seus programas, e na forma como se posicionam perante as comunidades locais no desenvolvimento das suas actividades. Existem empresas locais e empresas sedeadas fora do Parque (e.g., no Porto). Contudo, o tipo de relação que cada empresa mantém com as comunidades no desenvolvimento da actividade, não parece estar ligado ao seu local de origem ou de implantação, mas sim aos princípios que a guiam e ao

⁴² Diz-se a maior parte porque ao longo do trabalho de pesquisa apenas se visitaram as aldeias onde estava sediado o órgão gestor do baldio, o que não corresponde a todas, uma vez que alguns baldios envolvem mais que uma povoação.

conceito de turismo que segue. Por exemplo, uma das empresas contactadas, actuante no território do PNPG e sedeadada no Porto (*Oporto Adventure Tours*, daqui para a frente referida como *Oporto*) construiu a sua actividade na relação com as comunidades que visita com os seus clientes, tendo-se inclusivamente “especializado” numa das comunidades. Hoje a *Oporto* funciona exclusivamente em Fafião, aldeia do município de Montalegre, e no seu baldio. Ao mesmo tempo que leva os seus clientes aos mais variados recantos da povoação, envolve os habitantes na sua abordagem. Desta maneira promove o contacto entre distintas realidades, a da comunidade visitada e as dos visitantes, normalmente de origem estrangeira. Os usos e costumes locais, actuais e de outrora, são integrados na visita, proporcionando, por exemplo, aos visitantes, a possibilidade de participarem no fabrico de pão em forno a lenha por uma anciã da aldeia. Este complemento cultural da visita foi proposto e negociado localmente, tendo como intermediário a Associação local A Vezeira.

Ao mesmo tempo, o respeito pelos direitos de propriedade está patente na forma como a utilização do baldio se encontra negociada e acordada entre a empresa e a comunidade. Em troca do acesso, da informação e do usufruto do baldio, além da quase exclusividade da relação ali estabelecida, a empresa oferece a sua colaboração na manutenção dos trilhos e noutras benfeitorias no baldio. Além disso, entrega ao CD uma quantia por grupo de visitantes. Embora reduzido, trata-se de um valor significativo para o CD. A *Oporto* pretende assim destacar-se do conceito de turismo mais desenvolvido no PNPG, que actua distanciado da população local e desenraizado da sua cultura, usufruindo sobretudo dos recursos naturais para o desenvolvimento de actividades desportivas ou de lazer.

Noutros casos, a população local representa, não um beneficiário, como no anteriormente relatado, mas fundamentalmente um recurso, nomeadamente no fornecimento de informações. Por outro lado, são-lhe reconhecidos direitos de propriedade pelo pedido de autorizações e pelo acatamento de proibições referentes ao uso do baldio. Diz o presidente da Geresmont,

Ultimamente nalguns eventos desportivos de que nós somos parceiros, e eu tenho conhecimento porque sou técnico de desporto da Câmara Municipal, quando é nos licenciamentos dos eventos, muitas pessoas ou assim, pedimos sempre um parecer ao CD dos baldios onde passa a actividade, informar do que vai acontecer lá, que tipo de actividade que é, para eles autorizarem, o que se

passa e... para ter conhecimento, porque o terreno é baldio a gestão é dessas pessoas (Geresmont).

Perguntado se alguma vez já foi recusado o pedido responde,

Por acaso já tivemos que alterar um traçado ou outro, algumas zonas que não têm caminho, mas até dava para limpar, nem era preciso cortar mato nem nada, mas não queriam que passasse por lá porque senão começa-se a abrir um caminho e depois fica ali aquilo meio aberto, meio calcado e as pessoas começam a explorar. E altera-se o percurso (Geresmont)

Esta atenção surgiu depois de queixas efectuadas por alguns compartes, relativamente ao uso descuidado do território. Perante esse descontentamento, o ICNF passou a adoptar procedimentos que acautelassem situações de conflito com as comunidades, designadamente alertou as empresas para essa questão, autorizando a sua actividade apenas no caso de ter havido prévio contacto com a comunidade.

Noutros casos a população pode simplesmente não ter qualquer papel na actividade destas empresas, apesar de o seu baldio se encontrar inexoravelmente associado a ela e do eventual recurso à mão-de-obra e conhecimento local. Por exemplo, no que respeita à actividade do *Green Park*, Cabril, perguntados sobre esta questão, responderam:

Não, nada... às vezes o que pessoas me pedem, que nem sei se tem a ver com o baldio nem nada, são pessoas que gostam daqui, que dizem “ó Armando, olha, foi limpo o trilho assim e assim, vê se começa a levar pessoas por lá que é para marcar bem o trilho para ele não se degradar outra vez”. [...] A única coisa que tenho é que eu às vezes preciso de coisas complicadas e contrato um guia, por exemplo em Pincães... ele tem 52 anos e anda no monte desde os 14. Ele já é contratado por pastores e por pessoas que têm gado, para andar à procura de gado, portanto ele conhece a serra (*Green Park*).

Um outro conceito de turismo representado nesta amostra de agentes associados à actividade turística é o da Cabril Eco Rural. Sedeada no Lugar da Vila, Cabril, esta empresa situa o grosso da sua actividade na propriedade onde está instalada. Tal como no *Green Park*, o terreno pertence a uma cooperativa a quem foi cedido há dezenas de anos pelo órgão gestor do baldio (na altura, ainda a Junta de Freguesia). Aqui se situa o Abrigo da Garrana, espaço onde a Cabril Eco Rural desenvolveu o seu projecto, que se

baseia no contacto directo com diversos animais, sobretudo cavalos garranos, e com a agricultura, através por exemplo da construção e gestão de uma horta que organicamente vai ganhando forma e dimensão, pelas mãos dos vários visitantes e voluntários que o Abrigo vem acolhendo. São também centrais actividades que promovam a floresta autóctone. Pontualmente, são organizados no Abrigo *workshops* temáticos, concertos ou eventos associados a qualquer celebração ou temática. Paralelamente organizam-se actividades fora do Abrigo que promovem o conhecimento do território e da cultura locais.

A fundadora e mentora da Cabril Eco Rural tem uma relação estreita com o local, uma vez que parte da sua ascendência tem ali raízes. Até certa idade, cresceu no Lugar da Vila, onde ainda vive a sua mãe, chegou a frequentar a escola, mas foi cedo para Lisboa viver e estudar, tendo voltado mais tarde para o norte (Braga) e há 4 anos para Cabril. Fez parte do CD do baldio de Cabril, pelo que se encontra inteirada dos trâmites que sustentam as relações institucionais locais. Desta forma, existe claramente uma relação com a comunidade na qual trabalha, embora os seus clientes sejam sobretudo grupos de jovens estrangeiros que ali vêm fazer voluntariado ou participar nas actividades. Existem diferentes formas de estabelecer relação com o Abrigo da Garrana, designadamente para os participantes de fora do território. Localmente, pretende-se que a comunidade sinta o espaço como sendo também seu, convidando a população para vários eventos ou para simplesmente fazer uma visita, conhecer e participar. O terreno onde se encontra é baldio, cedido à cooperativa com quem mantém uma relação de partilha/aluguer de propriedade. Neste caso, a relação e o respeito pela propriedade comunitária formam a própria base de sustentação da actividade.

A Geresmont, sedeadada na Vila do Gerês, centra a sua actividade no baldio de Vilar da Veiga. A Vila, pertencente à freguesia de Vilar da Veiga, juntamente com as povoações de Vilar da Veiga e Ermida, com uma dinâmica fortemente centrada nas terras, há muito que deixou de ter baldio próprio. De acordo com o presidente do CD de Vilar da Veiga, o baldio de Gerês encontra-se na posse da Câmara Municipal de Terras do Bouro. Segundo consta, no tempo em que os Serviços Florestais entraram na serra do Gerês procurando apropriar-se dos baldios para florestação, enquanto Vilar da Veiga e Ermida resistiam, no Gerês, não existia nem população, nem incentivo, para assumir essa luta. Assim, ao passo que Vilar da Veiga e Ermida hoje têm os seus baldios inscritos em nome das comunidades, a vila do Gerês não. Já naquela altura a

povoação centrava-se muito à volta das termas, demonstrando pouco interesse no monte, que se encontrava registado em nome da Câmara Municipal. Ao não se verificar insurgência da parte da população, a Câmara entregou o monte aos Serviços Florestais. Hoje, quando a comunidade do Gerês pretende usufruir de algum recurso do monte, tem de pedir autorização ao ICNF. Esta situação explicará até certo ponto o desconhecimento da realidade do baldio percebido no discurso do presidente da *Geresmont*, nascido e criado na Vila. Não obstante, existe algum cuidado em fazer com que a actividade da empresa não infrinja os direitos de propriedade dos compartes, neste caso de Vilar da Veiga. A actividade centra-se em passeios no monte, recorrendo a diferentes meios (e.g., cavalo, moto-quatro).

De acordo com o presidente da empresa, não tem havido questões entre as duas entidades. Houve apenas uma situação que não ganhou grande dimensão e que se referiu ao estado dos trilhos, após o uso desregrado por utilizadores de moto-quatro. De uma forma geral, a hipótese de vir a ser taxado pelo CD é encarada de forma natural. Habitado à ideia de pagar uma taxa pelo uso do território, designadamente uma licença anual para exercer a actividade dentro da área protegida paga ao ICNF, vir a pagar uma taxa aos compartes não é algo que o surpreenda ou demova, excepto no caso de o valor vir a pôr em causa a viabilidade financeira da empresa.

O presidente da Geresmont é também presidente de uma associação, a Lúrio do Gerês, que trabalha para manter viva a memória cultural. A associação é, entre outras coisas, responsável pela organização de um evento centrado na subida da vezeira ao monte de Vilar da Veiga. Esta aldeia é uma das duas do território do Parque que mantém a vezeira como sistema de pastoreio. Não deixa de ser curioso que aquele empreendedor, funcionário da Câmara Municipal, que confessou alguma ignorância e distanciamento relativamente à realidade do baldio, seja o mesmo que dinamiza uma associação em prol dos usos e costumes locais. Ainda mais, uma empresa que é responsável pela organização de um evento anual que foca uma das práticas mais emblemáticas do monte baldio e em que mais persiste a memória dos princípios e da prática do comunitarismo agrário.

Exceptuando a *Oporto* e a Cabril Eco Rural, que seguem conceitos muito diferentes dos restantes, a natureza da propriedade do território por onde passa a actividade destas empresas não é um aspecto central. Se no caso da *Oporto* o comunitarismo e a manutenção de uma forma de propriedade que não é privada nem

pública se torna por si mesma atraente para o tipo de público com que lidam, na Geresmont ou no *Green Park*, a tónica é posta na beleza da paisagem e na maior ou menor dificuldade dos trajectos que propõem. Diz o presidente da Geresmont,

Esta empresa trabalha mais é com turistas. É vocacionada mais assim para casais e assim, trabalhamos não só com grupos grandes mas com grupos pequenos, juntamos aqui no verão, temos facilidade, estamos no centro onde há bastante movimento, mesmo nos circuitos de *jeep* ou a pé, vamos juntando, aparecem aqui várias pessoas por dia, vamos juntando para amanhã, temos um passeio pedestre, temos duas [pessoas], juntamos mais duas, mais duas, temos um circuito de *jeep*, canoagem, vamos juntando assim grupos, não sobrevivemos aqui de actividades relacionadas com autarquias [...] (Geresmont).

Assim, na actividade da Geresmont e do *Green Park*, é a actividade desportiva de aventura que sobressai e os baldios são apenas o suporte físico onde esta se desenvolve. Localmente, na zona do Gerês, é o trabalho da associação Lírrio do Gerês que contribui para a divulgação das características culturais locais. Não obstante, a propriedade comunitária no território do PNPG não parece ser assumida pela população em geral como uma instituição com a mesma legitimidade de outras, como a que estabelece a dominância do ICNF/PNPG sobre a paisagem daquele território. Essa é assumida e aceite *a priori*, até porque, além de uma instituição, se trata igualmente de uma etiqueta, ou de uma marca, que resulta para um turismo mais generalizado. Como diz o presidente e fundador da Ecoagri, o que vende, sobretudo lá fora, não é, por exemplo, “Fafião, uma aldeia comunitária”, mas sim “Fafião uma aldeia comunitária do PNPG”. Portanto, enquanto a legitimidade do ICNF/PNPG sobre as serras é assumida sem se questionar, a dos compartes é largamente ignorada, exceptuando nos casos em que por qualquer razão houve necessidade, vontade ou obrigação de se entrar em contacto com a realidade da propriedade comunitária. No caso da *Oporto*, o contacto com essa instituição, através do CD, tornou-se a forma de aceder aos valores mais procurados pelos seus clientes; no da Geresmont, o contacto prévio com os CD é hoje précondição para se desenvolver actividade no monte, no da Cabril Eco Rural, a actividade da empresa está dependente do CD, que detém a posse do terreno (embora neste último caso já existisse uma relação com a instituição).

À medida que fomos tomando conhecimento da variedade da natureza e acção das empresas que actuam no PNPG, algumas questões se impuseram, particularmente

no que se refere à definição de legitimidade de acção dentro do Parque. A questão põe-se tanto do lado da monitorização dos usos (quem tem legitimidade e/ou responsabilidade de o fazer: ICNF, compartes, autarquias?), como do de quem explora o território do ponto de vista turístico (que direitos e deveres, para que empresas e associações, locais ou sedeadas fora do Parque?). Determinadas situações vividas e relatadas pelos agentes que dinamizam as actividades turística e de lazer apontam, por um lado, para a dominância do sistema de fiscalização e monitorização do ICNF/PNPG sobre os usos nos baldios das comunidades; e por outro para o tratamento diferenciado de agentes turísticos. Assim, verifica-se que ao mesmo tempo que são estabelecidos acordos que promovem a colaboração entre as comunidades e algumas empresas de turismo, atingindo-se um nível de respeito mútuo dos direitos de propriedade e da actividade desenvolvida, estes perdem a validade quando perante outras instituições a operar no Parque. Por exemplo, num caso, já ocorrido, em que o órgão que gere o baldio autorizou o acesso e estacionamento temporário do *jeep* de determinada empresa que colabora com a comunidade (e.g. limpeza dos trilhos) na sua área, este mesmo *jeep* foi multado pela equipa do Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro da Guarda Nacional Republicana [GIPS – GNR] que actua no Parque, por se encontrar em local não autorizado a não residentes. Na mesma situação, a carrinha de uma empresa com sede numa das aldeias da zona, ainda que não identificada na parte exterior do veículo, não foi afectada da mesma forma, alegando-se que o condutor da carrinha é residente. Ou seja, o exercício de uma outra camada institucional colocou em xeque a legitimidade do CD de decidir sobre quem são os utilizadores legítimos da propriedade comunitária e de exercer a gestão do uso do baldio. Embora a supremacia do Plano de Ordenamento do Parque sobre as restantes instituições ali actuates seja expectável num contexto de área protegida, esta não deixa de ser controversa, ao mesmo tempo que torna difusos os direitos práticos de propriedade. Esta indefinição pode levar em última instância à desmotivação dos compartes em defender os direitos de propriedade comunitária, e ao efectivo abuso, consciente ou inconsciente, desses direitos por entidades que tenham algum interesse no uso do território. A incoerência na actuação do ICNF dentro do Parque é apontada pelos agentes que ali trabalham e que, entre outras coisas, denunciam uma estratégia de conservação baseada em proibições aleatórias que criam situações absurdas, como a permissão de pesca numa margem e sua proibição na outra margem do mesmo rio. Esta situação complica-se quando, como reportado, o contacto com a instituição, e/ou a obtenção de informações coerentes, se encontra dificultado.

Como referido, para acederem ao território do PNPG as empresas têm de pagar uma taxa de licença de actividade dentro da área protegida, que deverá ser renovada anualmente. Portanto, o único pagamento a que estas empresas se encontram obrigadas (e que, segundo um dos entrevistados, deixou de ser cobrado recentemente) é entregue ao ICNF. É de realçar que, de acordo com um destes agentes, para conceder licença de actividade o ICNF exige a entrega de uma autorização do CD do baldio envolvido nessa actividade, caso exista. De acordo com o que foi relatado, este procedimento que é hoje obrigatório, não era exigido até ter havido queixa formal de (pelo menos) um dos presidentes de CD. Verifica-se portanto uma adaptação na forma de actuar, tanto do lado do ICNF como do dos compartes. De um lado (ICNF) a consideração e integração na realidade do território da instituição existente por detrás dos baldios, do outro (compartes) a auto-legitimação de direitos e sua defesa.

Numa outra escala de actuação, encontra-se a Associação de Desenvolvimento das Regiões do PNPG, a já referida ADERE-PNPG. Criada e gerida inicialmente pelo próprio ICNF, então ICN, é hoje gerida pelos cinco municípios integrados no PNPG. A confusão que se gerou à volta das funções de cada uma das entidades – ADERE e ICNF – conduzindo a que se generalizasse a ideia de que “o Parque servia os interesses da ADERE”, levou a que o ICNF decidisse deixar a direcção da associação, passando para o lugar de associado (ADERE). Hoje, o ICNF actua como mais um dos parceiros da ADERE, estando em constante contacto, e estabelecendo laços de colaboração quando relevante para o cumprimento das funções de cada um.

A ADERE apresenta duas vertentes de acção que hoje se encontram bem delimitadas, designadamente as do desenvolvimento rural e do turismo. Inicialmente, dedicou-se à recolha e registo da oferta de alojamento existente dentro do Parque, criando uma base de dados que geria em seu benefício e dos participantes. A ADERE assumia assim desde logo a exploração turística do território como uma vertente da sua intervenção no PNPG. Hoje, a criação da agência de viagens *Go2Nature* veio estabelecer definitivamente o turismo como linha de intervenção da ADERE e aprimorar o seu leque de acção. De acordo com a direcção actual da associação, até ali a actuação da ADERE a este nível encontrava-se aquém do esperado, designadamente pelos agentes turísticos. Isto porque, embora a base de dados criada permitisse já cobrir os vários parâmetros procurados pelos visitantes (e.g., alojamento, actividade desportiva, restauração), estes não podiam ser vendidos como “pacotes” de serviços

devido ao estatuto “associativo” da ADERE. Houve assim necessidade de criar uma agência que permitisse o desenvolvimento da vertente comercial. A ADERE, através do *Go2Nature*, hoje congrega contactos de vários empreendedores dentro do Parque Nacional. A ideia da agência é a de recorrer à actividade de dinamização turística já existente no PNPG, criando redes no seio dessa oferta e apresentando-a aos operadores turísticos, ou directamente aos turistas, em forma de pacotes de viagem.

Na vertente de desenvolvimento rural, a ADERE tem vindo a liderar alguns projectos com vista à recuperação do património edificado e da paisagem, exclusivamente nos casos em que esta seja do interesse das populações. Nas palavras da administradora-delegada da associação:

Temos o desenvolvimento rural, não directamente relacionado com a conservação da natureza mas com a parte da conservação da natureza que interessa às populações. Sempre que é necessário envolver populações, ou que eles estejam afectados, no bom sentido, pela parte da conservação da natureza, nós normalmente intervimos. Portanto, tudo o que seja projectos de desenvolvimento rural, recuperação de casas, mesmo para habitação, também já fizemos, melhoria de regadios, de... acções de sensibilização, de informação [...] (ADERE).

A ADERE é uma entidade sem fins lucrativos, não tendo financiamento directo do Estado ou da UE, como têm por exemplo as Associações de Desenvolvimento Local de Base Comunitária. Pelo contrário, a ADERE tem de candidatar-se a projectos para financiar a sua actividade. A criação da agência de viagens veio também ajudar a colmatar a questão financeira. Se até aí a associação recebia apenas uma comissão pelo contacto partilhado, hoje lidera uma determinada oferta e gere-a de forma financeiramente interessante.

Apesar de a sede ser em Ponte da Barca, e de, ao tempo da entrevista, o presidente da ADERE coincidir com o presidente da autarquia de Ponte da Barca, a associação representa o território do PNPG, não existindo qualquer dominância deste município sobre a mesma. Inclusivamente, segundo a Administradora delegada, o grande objectivo do ICN ao criar esta figura, foi “conseguir trazer financiamento para o território que não conseguia através das Câmaras Municipais, nem através do Parque Nacional” (ADERE). A perspectiva que fundamenta a estratégia de acção da ADERE parte do princípio de que o turista vem à procura do Parque Nacional, pelo que é

irrelevante que determinada cascata ou determinado tipo de gastronomia se encontre inscrito num município ou distrito. A marca é o Parque, e é essa a lembrança que o visitante levará consigo.

Inicialmente, com o contacto com a ADERE pretendia-se perceber qual a razão de ser da distância existente entre aquela e as associações locais, como a Vezeira, a Lúrio do Gerês, ou outras tantas que existem no PNPG com base nas aldeias. À medida que se tornou mais clara a metodologia e o papel desta associação, aquilo que ao início parecia poder ser complementar, começou a parecer inconciliável. Ao pretender representar o território do PNPG, a ADERE promove até certo ponto a homogeneização desse espaço heterogéneo, do ponto de vista biofísico e cultural. A especificidade das culturas locais, promovida e defendida por associações como a Vezeira ou a Lúrio do Gerês, fica de alguma forma diluída sob esta perspectiva globalizante do PNPG. Assim, embora este tipo de características locais sirva de base e possa ser incluída na oferta “maior”, a sua unicidade e delimitação geográfica não são promovidas ao nível da ADERE, ao passo que assumem uma posição central no trabalho daquelas associações. Portanto, entidades cuja oferta de serviços não se fundamenta nas especificidades locais das comunidades mas sim no usufruto da natureza da serra (Geresmont, *Green Park*) ou na participação em actividades de grupo com objectivos específicos (Cabril Eco Rural), poderão alinhar-se mais facilmente com os objectivos da ADERE. Por outro lado, associações cuja actividade se baseia num determinado nicho cultural ou ecológico (e.g. *Oporto*, Vezeira, Lúrio do Gerês.), identificando-o de forma inequívoca, talvez não vejam na parceria com a ADERE grande vantagem. Ainda que esse nicho seja sempre vendido como exemplo de uma realidade do Parque Nacional, ser Fafião ou ser vila do Gerês, faz diferença a este nível.

Assim, parece existir espaço e procura para as duas vertentes: uma mais centrada na natureza e na paisagem da serra, e outra alicerçada nas particularidades culturais, práticas comunitárias, usos e costumes locais. Ao mesmo tempo que estas associações com base na aldeia poderão continuar a trabalhar no sentido de manter vivas as suas tradições atraindo assim pessoas de fora mas também, e talvez com maior relevância para a comunidade, pessoas da terra que derivaram, os órgãos de gestão dos baldios poderão vir a tirar partido desses outros usos mais generalistas que se centram sobretudo na paisagem biofísica, tal como já acontece na relação estabelecida por Fafião com a *Oporto* ou mesmo na da vila do Gerês com a *Geresmont*, embora neste último caso não

esteja formalizada a parceria. Trata-se portanto de uma troca de interesses: pelo acesso a zonas do baldio desconhecidas da maioria e pelo usufruto do conhecimento local na relação com os montes, a empresa oferece colaboração na manutenção da paisagem, e parceria em projectos que surjam com interesse para ambos.

A este nível, como já ficou aflorado, registou-se uma tendência na forma como é concebido o papel do CD, ou mais propriamente na forma como é feita a demarcação das funções do CD. Para muitos compartes, as questões de organização e do controlo das visitas não são nem podem ser da responsabilidade do órgão de gestão do baldio, coincidindo com a perspectiva do presidente da associação Vezeira, que também já passou pela direcção do CD:

[...] O baldio também nos ajuda [à associação Vezeira], dá-nos uma percentagem todos os anos, porque é um espaço que está aberto para servir a aldeia... e assim vamos conseguindo. Se tu não tiveres essa abertura não consegues nada, não consegues... mas esta questão do baldio gerir essa parte do turismo, poderá fazê-lo, aqui não há essa necessidade porque a associação tem que fazer essa parte e assim separamos um bocadinho também, também não se mistura muito a questão do baldio. Porque aqui ainda há muito intrinsecamente que o baldio é a gestão da floresta, é a gestão da aldeia, não sei quê, não sei que mais... oh, pá!, e isto do turismo mexe com a rapaziada que tem dinâmica [...] não vejo os órgãos que estão, ou que possam vir a estar, com capacidade e com... estão muito ligados, baldio é gestão florestal... e não os vejo com abertura para isto [...]

[O CD] não se deve meter. Porque... o baldio é de todos. É das pessoas que viveram o baldio no tempo da floresta, como os meus tios que têm 80 e tal anos, é das pessoas que viveram a passagem, é das pessoas que lutaram esta guerra com os da Ermida, e é da juventude nova que não apanhou nada disso e agora está a apanhar só esta parte em que sabemos que temos de viver do turismo, se quisermos [...] (Vezeira).

Para o presidente da Vezeira, contudo, uma coisa é a associação criar e desenvolver iniciativas para atrair visitantes, gerir o polo do ecomuseu que está instalado na aldeia ou até criar parcerias com empresas como a *Oporto*, outra coisa é o controlo do acesso e uso dos trilhos e dos recursos no monte. Essa deverá ser função do CD, uma vez que a sua função é gerir o monte, e deve receber contrapartidas por isso.

[...] é gestão do baldio, o que é que o turismo tem a ver nisso agora? Tem, porque temos os carros a passar aí, temos as pessoas a ir inadvertidamente para a montanha, aí tem que se [...] tentar as empresas que vêm cá a deixar cá alguma coisa” (Vezeira).

Contudo, o respeito pela forma como as gerações antigas encaram o baldio parece ter peso na forma como separa as coisas. Na perspectiva dos “velhotes”, turismo e baldio estão naturalmente relacionados, os visitantes são regra geral bem-vindos ao monte, mas tornar essa gestão parte da responsabilidade do CD já é *contra natura*. De facto, o usufruto da beleza e do silêncio da serra não são práticas que se taxem ou regulem, desde que o património que ali se criou não seja destruído no processo. O uso do baldio está associado à prática agrícola e pecuária, sendo essa a sua função e estando aí e somente aí o foco da gestão do monte. Claro que face ao decréscimo da actividade, hoje a grande prioridade é conseguir manter a paisagem, a qual já não é usada como outrora. Isso pode ser feito investindo precisamente no pastoreio, ou procedendo como até aqui, aderindo a medidas que permitem até certo ponto mimetizar o nível de intensidade dessas actividades no passado. E se até este ponto a velha geração aceita e adere, a taxação da visita já é algo que transcende e agride a sua conceptualização de natureza e de propriedade.

A Vezeira, sedeada na aldeia de Fafião, foi fundada por um fafiotto, actual presidente da associação, e por um engenheiro agrícola de Ponte de Lima que estabeleceu contacto com aquela zona através do desenvolvimento da actividade da sua empresa (Ecoagri) na região, designadamente em projectos florestais. Esta parceria tem permitido que uma associação “de aldeia” tenha um impacto talvez mais alargado do que outras associações em aldeias do mesmo ou de outro concelho. A relação de cooperação que se estabeleceu entre a camada mais jovem e activa da comunidade e o presidente e fundador da Ecoagri construiu-se muito sobre o gosto deste pela região e sobre a conjugação da dinâmica revelada por ambos. Se de um lado houve vontade de “trazer turistas para Fafião” (Ecoagri), do outro houve vontade de controlar o tipo de turismo que começava a envolver a aldeia. Diz o presidente e fundador da Vezeira:

[...] E então a associação foi criada muito nesse aspecto de fazeres o tal turismo sustentável para a tua aldeia, de trazeres vida à tua aldeia, sustentável... o tal turismo bonito que as pessoas gostam de ver, o tal “Porto aventuras” que vêm para aqui com as pessoas e falam com as pessoas, e é um turismo diferente, é um

turismo estrangeiro, nórdico, têm uma visão completamente diferente da nossa, e perdem tempo a falar com os teus velhinhos, e perdem tempo a visitar a tua aldeia, e esse é o turismo que nós queremos, e isso tu controlas [...] a associação foi criada nesse aspecto. Porque o baldio não o pode fazer acho eu... ou não se deve meter nisso (Júlio).

Como resultado do esforço deste grupo de jovens da aldeia de Fafião, juntamente com o presidente da Ecoagri, hoje a Vezeira já move um número considerável de visitantes. Ao mesmo tempo foi esse esforço e trabalho conjunto que permitiu trazer para Fafião o polo do Ecomuseu do Barroso, estrutura que fora inicialmente pensada para a aldeia de Lugar da Vila, a qual assume um lugar mais central na freguesia de Cabril. Hoje o Ecomuseu é gerido pela associação Vezeira, em parceria com a Câmara Municipal de Montalegre, encontrando-se uma jovem habitante de Fafião diariamente ao serviço do polo, mantida através de um estágio profissional⁴³. Estas iniciativas da associação são apoiadas pela Câmara Municipal. Além de ser um ponto que se pretende central na visita da aldeia, fornecendo informação sobre a comunidade e os usos e costumes locais, o Ecomuseu serve também a população, fornecendo alguns serviços que melhoram a qualidade de vida dos seus habitantes (e.g., facilitação de pagamento de serviços). É precisamente este carácter multifuncional que leva a que o presidente da Vezeira insista na centralidade do Ecomuseu. Assim, quando as empresas, como a *Oporto*, questionam a contribuição que poderiam dar para a sua manutenção, ou a própria passagem dos seus visitantes pelo ecomuseu, o presidente da Vezeira explica:

Nós temos ali um funcionário, nós temos de ganhar para lhe pagar, como é que nós ganhamos para lhe pagar? Ele tem que vir de algum lado⁴⁴... e ela já me disse “Lino percebo completamente isso, mas para perceberes, os meus turistas não lhes faz falta nenhuma ir ao Ecomuseu, os meus turistas gostam é de ver o dia-a-dia da aldeia, ver as vaquinhas, ver as cabrinhas, ver a velhota a tratar das galinhas...”, e eu “pois, mas isso é o museu da aldeia percebes, esse é que é o museu da aldeia, e para ti não te faz falta isso, o edifício museu, mas para a aldeia faz falta, porque além de ser museu vão lá as pessoas pagar as facturas

⁴³ Esta situação entretanto alterou-se, estando hoje (2018) no cargo um jovem do Porto, nas mesmas condições profissionais.

⁴⁴ Embora o estágio profissional seja pago em parte pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, a outra parte é paga pela entidade empregadora, pelo que é sempre necessário algum investimento.

delas, antes tinham de ir a Vieira do Minho ou tinham de ir a Montalegre. Agora vão lá, se precisam de escrever uma carta a funcionária faz-lhes, percebes, é a tal ajuda que nós criamos aqui também para as pessoas da aldeia” (Júlio).

Fica aqui claro o conceito de turismo que pretende seguir em Fafião e que vai sendo seguido por empresas como a *Oporto* e ignorado por outras tantas que ali passam com os seus clientes. Contudo, existe vontade para efectuar esse controlo a nível local, o que, na opinião do actual presidente da Vezeira, deveria ser feito pelo CD.

Outra associação local que se destacou no cenário das aldeias do Parque foi a Associação Cultural de Paredes do Rio. Além de trabalhar para manter as tradições locais, reavivando a memória de como eram realizados os trabalhos agrícolas (“nós ainda fazemos ali a chegada do centeio à moda antiga, a cortar o centeio ao badalho e a malhar ao malho”, diz o presidente do CD do baldio de Paredes), efectua trabalho social com as famílias da aldeia e arredores, entregando comida nas casas das pessoas mais idosas, por exemplo. Além disso, têm à sua responsabilidade uma casa florestal que lhes foi cedida por 15 anos, que usa para dormidas de grupos ou para amigos da associação que ali se desloquem. Quando lhes foi entregue, encontrava-se degradada, pelo que teve de fazer algum investimento inicial, que só não foi maior devido ao limite temporal da concessão que desencoraja qualquer investimento de maior monta. Ao tempo da entrevista (2015) o processo de renovação da concessão estava a aguardar resolução. Esta associação tem um papel social importante, e inclusivamente tem colaborado com a ADERE em alguns projectos, estando também integrada na base de dados a que a *Go2Nature* recorre para desenvolver os seus pacotes de viagem. Em 2005, as duas entidades assinaram um contrato com vista a usufruir das contrapartidas financeiras geradas pela construção de uma Central Hidroelétrica em Paredes do Rio. 10% dos ganhos seriam para a Associação e 5% para a ADERE. O restante seria para o grupo das duas empresas responsáveis pela construção e funcionamento do equipamento.

Do ponto de vista cultural, na aldeia destacam-se nove moinhos de água recuperados e um complexo hidráulico que constitui a maior atracção local. Concebido e construído por um antigo habitante, integra várias funções como produção de luz para a casa do seu criador e proprietário, o pisoamento do burel⁴⁵, a serra de madeira, entre

⁴⁵ Burel é um têxtil de lã de ovelha, que é batido normalmente em engenhos hidráulicos (pisões) para ganhar densidade, tornando-se praticamente impermeável. Era usado para casacos e capas, e vem ganhando popularidade em novos contextos, designadamente em moda de inspiração “artesanal”..

outras funções, todas interligadas num engenho. A força motriz do complexo é a gravidade, actuando sobre a água que entra no sistema através de um sistema condutor. Este por sua vez reparte a água e direcciona-a para onde ela é necessária, ora para rega ora para o referido complexo. Trata-se verdadeiramente de uma estrutura única, que desde cedo chamou a atenção da ADERE que até hoje para lá direcciona visitantes com regularidade tirando partido da infraestrutura física e do conhecimento local:

[...] por exemplo, a associação de Paredes do Rio trabalha muito em articulação connosco [...] a que gere os moinhos. [...] eles têm uma série de coisas... quando nós às vezes precisamos de uma visita a Paredes do Rio, porque tem o pisão, porque tem... portanto, e são eles não é, porque são eles que sabem, não somos nós, eu não vou lá, mau era não é, com alguém daqui tentar explicar o pisão, por muito que saiba como é que ele funciona, mas é diferente, não é, por eles é totalmente diferente (ADERE 2017).

Praticamente em todas as aldeias por onde passámos existia uma associação local trabalhando para o bem-estar da população, seja através da organização de actividades que juntam a população em eventos componentes da sua cultura e memória, ou através da recuperação de património construído, com recurso a financiamento através de programas que a promovem, seja ainda pela construção de equipamentos comunitários. Em Pincães, por exemplo, a criação da associação esteve relacionada com a legalização da construção da sede do CD do baldio, como narra o seu presidente:

Abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio [...]. Portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da Câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar (MP1).

Numa outra aldeia, Sezelhe, Montalegre, a Associação para a Reabilitação da Aldeia de Sezelhe (ACURAS) serviu também para viabilizar um trabalho de reconstrução de uma casa, para sede e centro de convívio. Além disso, a ACURAS estava a trabalhar para desenvolver um projecto de BTT em conjunto com uma

congénere galega. Para isso iria necessitar, entre outras coisas, de renovar algum do património construído local, para albergar os ciclistas visitantes e o equipamento.

[...] e então nós fomos ali para o lado de Tourém, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos uma parceria com Espanha. Só que estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê... por acaso nós já estivemos com os agentes da ADRAT⁴⁶ ... é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas” [...] agora estamos a ver se conseguimos arranjar uma parceria com a Câmara (MS1).

O financiamento, para esta ou outras iniciativas, viria de onde fosse possível. Para este presidente do CD o dinheiro, existindo, deve ser usado onde for necessário, venha ele do baldio, da Junta de Freguesia, da associação ou de projectos a que estas entidades concorram, aliando ou alternando as novas dinâmicas da procura dos seus espaços com a satisfação de necessidades das populações locais. Nas suas palavras,

[...] recuperar aquela casa que estava lá ao lado, se não conseguirmos fazer um projecto temos de recuperar de outra maneira, se calhar com o dinheiro, algum dinheiro que gerimos dos baldios, com o que vamos juntando que as pessoas dão, é assim que temos de... nós se não conseguirmos fazer lá o centro de BTT estávamos com a ideia de fazer lá um salão tipo para as pessoas idosas quando quisessem ir para lá, estarem lá, púnhamos lá uns sofás, durante o dia (MS1).

Estas associações tiveram várias origens, mas regra geral parecem ter sido criadas para resolver questões legais associadas a qualquer projecto, questões que não podem ser ultrapassadas através do CD ou da Junta de Freguesia. Mais uma vez fica clara a necessidade de recorrer a entidades de âmbito regional, como a ADRAT, para que as comunidades consigam desenvolver os seus projectos e resolver a teia burocrática que inexoravelmente envolve qualquer iniciativa, principalmente quando envolve financiamento. Mais uma vez se realça a forma como estes projectos e

⁴⁶ Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega – Grupo de Acção Local, sediada em Chaves

programas de financiamento são concebidos, aparentemente ignorando a realidade na qual vão ser aplicados. Na prática, o que se verifica é que, ao mesmo tempo que estas iniciativas procuram criar oportunidades, criam novas necessidades institucionais que se sobrepõem às autárquicas e às criadas em torno da instituição comunitária, complexificando a sua gestão.

Para além das condições que o baldio oferece para actividades de lazer, a própria organização colectiva do seu uso e gestão, algo exótica nos tempos que correm, tem vindo a demonstrar-se atraente para uma fatia da população urbana, não apenas como testemunho de outros tempos, contemplado na própria visita ao meio rural, mas também como estratégia de sobrevivência no sistema actual. A título de exemplo, no período desta investigação tivemos a oportunidade de participar numa actividade desenvolvida por uma associação do Porto na aldeia do Soajo. O objectivo desta associação era precisamente adquirir conhecimento sobre a gestão conjunta de recursos comuns, e para isso contou com a participação dos compartes da aldeia. O contacto foi facilitado pela colaboração de um grupo de jovens do Porto que se mudou recentemente para o Soajo em busca de uma vida alternativa à que levavam na cidade. Hoje estes jovens fazem parte da comunidade, constituindo-se como compartes do baldio. A cooperativa galega Trespes, foi outra das entidades participantes deste evento. Esta cooperativa galega entre outras coisas realizou o documentário “En Todas as Mans”, obra que foca a gestão dos baldios e dos *montes veciñais*, na Galiza. Ao longo do evento pretendeu-se discutir as dificuldades da gestão comum convidando-se toda a população à participação, em particular os compartes que trabalham activamente na gestão do baldio do Soajo. O programa iniciou com a exibição do referido documentário na casa do povo do Soajo a que se seguiu um período de discussão conduzida pelos dois representantes da associação em que se procurou criar um ambiente de partilha de experiências útil para todos os participantes. Em particular, a associação procurava recolher informação útil para aplicação em contexto urbano, por exemplo na gestão de uma associação, de uma cooperativa, ou de qualquer projecto que se fundamente na colaboração e partilha dos seus membros. Ao longo do período de pesquisa outros eventos se seguiram noutros locais do país, versando a gestão colectiva e os baldios, em que esta associação esteve presente. Portanto, observa-se que o que significou em tempos uma estratégia de sobrevivência, assume actualmente duas dimensões: um modo de organização em desuso num sistema apoiado no individualismo, que assume por isso um certo exotismo,

e que está em linha com a perspectiva bucólica e saudosista do rural; e por outro, o comunitarismo novamente como estratégia de sobrevivência ou pelo menos como fonte de inspiração para a criação de estratégias de gestão que se venham a revelar mais sustentáveis e adequadas a um modo de vida colectivo (por oposição ao individualismo promovido pelo sistema capitalista).

CAPÍTULO VI - UM CASO DENTRO DO CASO: O BALDIO DE FAFIÃO

Vindo de Terras do Bouro no Minho, Fafião é a primeira aldeia do município de Montalegre em Trás-os-Montes e Alto-Douro; embora se encontre mais perto de Braga, é parte do distrito de Vila Real. Também ao nível da freguesia, as relações não seguem as divisões administrativas. Assim, apesar de pertencer à freguesia de Cabril e de estar muito perto da aldeia de Pincães da mesma freguesia, é com a aldeia da Ermida, pertencente à freguesia de Vilar da Veiga, Terras do Bouro, que existe desde sempre maior interacção e proximidade a todos os níveis.

Como qualquer local de transição, Fafião apresenta características do ponto de vista cultural e biofísico que a destacam de outras localidades em redor e que resultam dessa posição intercalar. No que respeita às condições naturais, toda aquela zona de transição entre o Minho e Trás-os-Montes goza de características climáticas e pedológicas que lhe permite explorar culturas improváveis nas regiões em redor, como a laranja ou o azeite. Do ponto de vista cultural e socioeconómico, ao mesmo tempo que a população demonstra orgulho da sua raiz transmontana e da sua resistência tenaz ao isolamento geográfico, social e político que caracterizou historicamente a região, é contudo a Braga e arredores que, especialmente os mais jovens, recorrem na busca de emprego e educação.

Propusemo-nos particularizar o estudo sobre Fafião precisamente pelo seu carácter de transição e pela dinâmica existente nesta povoação, que articula as actividades tradicionais (por exemplo, é das poucas aldeias que mantém a prática da vezeira no pastoreio do gado) com as actuais (e.g., o turismo, ou a exploração de madeira para venda), e onde a camada mais jovem da população mantém proximidade e interesse pela vida da comunidade.

Tal como noutras aldeias da região interior norte, sentem-se as consequências do despovoamento. A população é reduzida e encontra-se envelhecida. Ainda assim, e apesar de um acidente trágico do autocarro escolar ter reduzido a menos de metade uma geração (corresponderia hoje à geração dos 50-60 anos), verifica-se em Fafião uma dinâmica algo ímpar. Talvez o acidente não seja completamente alheio a essa dinâmica, que poderá surgir como estratégia para ultrapassar a perda. Além dos “velhos”, com uma história de vida baseada na aldeia e arredores ou retornados de um período mais ou menos longo de emigração, uma fatia considerável das gerações seguintes compõe o quotidiano de Fafião. Para além da agricultura de subsistência, a população activa

masculina encontra-se maioritariamente associada à indústria da construção, quer no papel de construtores, quer no de proprietários e gestores de empresas no ramo. As mulheres, por sua vez, assumem uma presença mais forte no sector dos serviços. Entre a população mais jovem, tem vindo a crescer o número de pessoas alfabetizadas e escolarizadas até aos níveis superiores, ganhando acesso a outro tipo de oportunidades profissionais. Como consequência, muitos destes jovens saem da aldeia, numa primeira fase para estudar, e em seguida para trabalhar.

Ainda assim, vários dos jovens de Fafião insistem no retorno regular à aldeia. Mesmo quando colocados noutros lugares, a vida além do trabalho é preferencialmente desenvolvida na aldeia. Existe uma espécie de orgulho de ser fafiotto, de pertencer àquela serra, de saber aqueles costumes, de ser bisneto, neto e filho de pessoas com experiências e sabedoria tão diferentes das promovidas no atual sistema socioeconómico.

1. Os limites dos comuns: Um conflito territorial de apropriação

A relação já descrita de contiguidade com a freguesia e aldeia de Ermida, envolveu relações de vizinhança historicamente ambivalentes entre comunidades.

Diz um comparte:

[...] nós com o resto da freguesia nunca se viveu muito em comunidade, porque o que fazias aqui é muito igual ao que fazias ali na Ermida... o pastoreio, a maneira como cultivas, a maneira... muito mais próximo do que com a freguesia. [...] houve muitas famílias que vieram de lá para cá e então houve aqui uma junção de factores que obrigaram a que assim fosse... pronto, e como já sabes também, havia muito comunitarismo nesse aspecto... o boi era o mesmo, o boi do povo... entre as duas aldeias [...]. (Júlio)

As necessidades e as possibilidades de deslocação levaram a que a maior conexão acontecesse para aquele lado e não para o lado de Cabril. Era com a Ermida que se estabeleciam relações de troca e que se partilhavam o monte e as responsabilidades sobre ele e os animais. Contudo, a proximidade e a partilha duram enquanto a individualidade de cada aldeia é respeitada, principalmente quando a partilha de direitos sobre os recursos está em jogo, como se verifica no seguinte discurso,

[...] a Ermida constituiu os baldios, Fafião constituiu os baldios, e depois, claro, depois há dividendos a tirar aí e começou a haver a questão da venda de

madeira, e aí começou a haver aqueles problemas todos. [...] E depois quando aqui a aldeia fez uma venda muito grande de madeira, porque ardeu e depois houve a necessidade de vender, e aí foi quando começou a despoletar o desentendimento entre as aldeias. (Júlio)

Efectivamente, o conflito atingiu o seu pico quando há cerca de 30 anos Fafião fez um corte grande de pinhal após um incêndio, e o produto foi reclamado dos dois lados, dada a indefinição dos limites dos montes e, conseqüentemente, dos direitos de propriedade sobre os recursos deles extraídos. Como resultado, a fronteira entre as duas freguesias e, logo, entre os montes baldios das duas aldeias, foi questionada, e disputado cada metro quadrado. As parcerias, a vezeira conjunta e a partilha do boi comunitário terminaram, embora isso também estivesse associado à diminuição do número de animais, como reflexo da florestação e da emigração. Os povos desavieram-se e até casais formados entre as duas aldeias se viram apanhados numa disputa sobre a titularidade dos direitos coletivos de propriedade, cujos efeitos se sentiram até muito recentemente.

Houve a questão das pontes, que se queimaram as pontes, porque as pontes eram em madeira, para o pessoal não passar... houve aí grandes conflitos, mas era de cortar mesmo. E o pessoal da Ermida que vinha ali cortar lenha, o pessoal apareceu lá e atirou-lhe as motosserras e agressões... por exemplo, eles vieram reparar a estrada, porque a estrada na altura era em terra, e eu aí lembro-me, porque eu também para lá fui depois... eles foram para lá de manhã e aqui a aldeia tocou o sino de arrebate ao meio-dia e o pessoal foi para lá todo [...]. (Júlio)

O conflito durou cerca de 25 anos, tendo-se chegado a um acordo recentemente. Embora o processo tenha envolvido os tribunais, o acordo foi conseguido através de negociações entre as duas aldeias, encetadas por uma geração mais nova e mais distanciada da raiz da contenda:

[...] quem geria as aldeias, nesse aspecto dos baldios, eram as gerações mais velhas, não é, porque queriam que as coisas se mantivessem conforme estavam. E depois vêm os mais novos com outra mentalidade, a tentar resolver o problema, mas entretanto já havia litígios em tribunal, foi um litígio de 25 anos. [...] Depois a geração que veio a seguir esqueceu um bocadinho isso e quem estava no baldio lá [na Ermida] também era pessoal novo, geração nova, e

quando falo geração nova, isto há 20 anos atrás, que agora já tem 50 e tal anos ou 60, também [...], e fez-se ali um acordo. (Júlio)

Hoje, as relações entre as duas comunidades são cordiais e o conflito faz parte da história local. Ainda hoje estas duas aldeias se destacam no universo do Parque pela forma como as comunidades se relacionam com o baldio, pelo seu orgulho no monte e a sua posição aguerrida de defesa face a processos de apropriação externa de qualquer natureza. Em 2014, quando se iniciou o trabalho de campo, eram já visíveis no baldio da Ermida sinais de proibição de entrada nas estradas secundárias do monte, permitindo apenas a passagem aos habitantes da aldeia ou a veículos em marcha de urgência. Hoje, também Fafião tem os caminhos sinalizados para controlo do acesso ao monte. De acordo com os compartes, pretende-se sobretudo evitar a perturbação do quotidiano da aldeia e os eventuais conflitos de interesse. Questionado sobre se o passado de conflito poderia estar na origem da dinâmica que ainda hoje existe nestes baldios, o mesmo jovem comparte de Fafião reitera:

Não, isto deve-se mesmo à geração nova porque senão... as pessoas dessa idade que viveram a tal parte boa [de partilha entre as duas comunidades] e depois se chatearam, quando são as mesmas pessoas a fazer essas duas partes, o ódio está muito ali junto ao amor e depois a conciliação, esquece, não consegues... então teve de vir alguém, que foi a geração nova e tentou pegar “ok, isto está mau...” [P: E achas que foi por isso - pela resolução do conflito - que a geração nova se aproximou dos baldios ou achas que ia acontecer na mesma?] Não, acho que ia acontecer na mesma, acho que não foi por aí, não, não, não. Talvez, fruto de sermos muito agarradinhos a esta questão que houve estes conflitos e agora não queremos deixar perder, sim, também, acredito... porque ouvimos os nossos pais, lembramo-nos também do que se passou, então decerto agora também queremos muito que as coisas se mantenham. É por isso que quem está à frente dos baldios são pessoas mais novas e... Porque claro que se fossem gerações de mais idade, não havia a dinâmica que há. (Júlio)

2. A política dos comuns no quotidiano: Gerações, famílias, redes

Em Fafião, o Conselho Directivo do baldio está activo desde 1976. Tal como se passou com a maioria dos baldios, inicialmente foi assumida a gestão em colaboração com o Estado, alterada mais tarde para autogestão. Ao longo destas quatro décadas, muitas pessoas passaram pelos órgãos de gestão. Muitas dinâmicas diferentes de

trabalho foram postas em prática, ao mesmo tempo que diferentes conjunturas sociais, económicas e políticas as acompanharam e por vezes contextualizaram. Em torno dessas dinâmicas, se se manteve a capacidade de gestão dos bens comuns em adaptação às mudanças sociodemográficas, económicas, institucionais, geraram-se também tensões sociais na política quotidiana, em torno de vectores de substituição de gerações, de alianças e redes familiares, e da própria concepção do que é o “comunitário” e o seu uso numa sociedade local transformada.

Como vimos em capítulos antecedentes, as alterações da lei dos baldios, da actuação do Estado na floresta, da importância de uma agricultura em declínio e do êxodo rural, e a adesão de Portugal à UE e correlativa aplicação da PAC ao território rural, traduziram-se em diferenças profundas na natureza da relação dos povos com os recursos do monte, que constituíram enormes desafios à gestão dos baldios. Hoje, o que se passa, em particular nos baldios incluídos em áreas protegidas, é em grande medida condicionado pela sua envolvência na PAC. Em concreto, a limpeza de pastagens, a recuperação de determinado tipo de património, ou a manutenção da actividade pecuária, acontecem como resultado da aplicação das directivas europeias e do financiamento por fundos comunitários. Todas estas alterações tornam a gestão do baldio mais exigente do ponto de vista burocrático. Em paralelo, a gestão autónoma do baldio pela comunidade é apresentada como um instrumento necessário aos investimentos nesta:

O baldio é essencial para a vida da aldeia, esquece isto estar entregue por exemplo às Juntas de Freguesia ou à... nós aqui que somos muito separados [...] não temos muita ligação a Cabril, ao resto da freguesia. Imagina o que é, esta é a maior fatia de rendimento que o baldio pode ter, nós aqui em Fafião. Imagina isto a ir para a freguesia... esquece! Percebes, e aí faz falta teres aqui o baldio, gerires aquilo que é teu, conservares os teus caminhos, a Junta não gasta aqui um euro na conservação dos caminhos, na conservação dos trilhos, é tudo a aldeia. (Júlio)

Por tudo isto, o perfil requerido para os corpos de gestão do baldio foi-se alterando, assim como as responsabilidades assumidas nesses cargos.

Essa mudança é notória em Fafião, quando se fala com antigos e actuais membros dos órgãos gestores. No início dos anos 1990, a equipa eleita, composta por jovens então à volta dos 30 anos de idade, pôs fim à longa permanência das gerações

mais antigas nos cargos de direcção e assumiu a gestão do baldio integrando-a na nova conjuntura. Perante a permanência dos “velhos” no CD ao longo de anos, em que a gestão alegadamente pecaria por falta de iniciativa e de organização, esse grupo de jovens decidiu criar uma lista e candidatar-se, tendo ganho a eleição. A partir desse momento, o baldio de Fafião beneficiou de vários projectos financiados, para plantação, limpeza de vegetação, recuperação de património, etc. Desta maneira, os compartes conseguiram manter em bom estado o seu património territorial comum, recorrendo a fundos externos, ao mesmo tempo que pontualmente criaram oportunidades de trabalho para habitantes da região e/ou a empresas locais. Inclusive, assumiram-se projectos não directamente relacionados com o baldio, como por exemplo a recuperação de casas, dos quais o CD tinha conhecimento pela dinâmica social em que se sustentava o seu trabalho. Como diz um desses compartes, “como estávamos no baldio estávamos por dentro dos assuntos” (Bruno). Foi também então que o CD passou a assumir a gestão de forma autónoma face ao Estado.

Segundo um dos compartes integrantes da jovem lista vencedora, “As coisas também não estavam muito organizadas, fazia-se muito dinheiro [com a venda de madeira] mas depois... estragava-se, como se costuma dizer, não sabiam aplicá-lo [...]” (Bruno). Outro comparte que, embora da mesma idade, chegara a integrar a equipa “dos velhos”, confirma a falta de iniciativa que caracterizava a gestão do baldio naquele tempo:

[...] não fizemos nadinha, quer dizer, eu sei que estive lá a encher pneus, eu tenho a noção plena, [...] mas eu ainda cheguei a dizer “vamos vender pinheiros, fazer alguma coisa”, “oh pá, deixa estar os pinheiros que os pinheiros vão crescendo”. “Vão crescendo, não, nós temos que desenvolver e mostrar alguma coisa”. E estivemos lá, julgo que não fizemos, não me lembro de coisa nenhuma que tivéssemos feito. É um mau exemplo, não é?... por isso eu acho que, pouco fiz eu também, não mandava praticamente nada, normalmente é o presidente e o vice... e pronto, simplesmente também não havia reuniões nenhuma [...] aquilo, pronto, era “oh pá, vamos aguentar estes quatro anos e pronto, saímos e pronto”. (Luís)

Contudo, existe entre os compartes mais velhos quem faça a apologia de um “antigamente” em que os incumbentes seriam líderes desinteressados, dialogantes, e investidos de autoridade reconhecida:

[...] agora isto [conflitos] é novidade, porque os velhos toda a gente escutava. Porque... o meu homem esteve lá na comissão de baldios, esteve ali o pai da Maria da Cancela, esteve o meu irmão, esteve o tio Manuel da Fonte, não havia isso [...] Essas zangações! Escutavam as pessoas. Eles, olha, faziam as reuniões “olhe nós pensamos em fazer isto e aquilo”, e o que achava que estava bem feito, falava “está bem feito”. Estes agora é assim só, eles é só para a família deles e para eles. [...] Os velhotes sabiam fazer as coisas e eram ouvidos e escutavam, e ninguém se revirava porque eles não andavam com interesses de ninguém. O povo dizia, propunham-lhes o caso, o povo dizia que está muito bem, pronto. (Maria)

É visível, por contraste, a acusação feita aos sucessores de serem movidos por interesses pessoais e familiares, em detrimento dos do colectivo e da auscultação do “povo”; acusação a que regressaremos adiante.

No meio deste cenário, a geração de compartes que então passou a liderar a actividade do CD defende-se também pelo seu papel de integração de população ainda mais jovem:

[...], a gente mais jovem porque... pronto, a gente mais jovem é mais dinâmica, e depois também... têm o orgulho, têm o orgulho de... como ainda são novos, de fazer a confiança neles, as pessoas novas de se fazer a confiança neles, e têm orgulho de estar presente. (Gouveia)

A integração dos mais novos nos assuntos da aldeia revelou-se também uma estratégia para manter esses jovens por perto, aparentemente com sucesso. Diz um dos compartes participantes no CD que protagonizou a mudança geracional,

Se não lhes damos tarefa nenhuma fazem como os outros, abandonam e vão para outro lado qualquer. Mas tendo cá uma tarefa eles obrigam-se a estar por cá e tentam fazer a vida cá. E nós gostamos que a aldeia de Fafião cresça assim, que as pessoas tentem governar-se sem que seja necessário ir para o estrangeiro, ir para longe, e que se mantenham aqui. (Gouveia)

Efectivamente, apesar de ter sofrido uma baixa grave na população há cerca de 30, 40 anos com um acidente rodoviário que vitimou oito das suas crianças, Fafião apresenta uma população bastante jovem, ainda que nem todos residam durante a semana na aldeia. Outros compartes depositam na nova geração a esperança de

continuidade do sistema de gestão local do baldio, sublinhando o carácter menos complicativo destas idades. De facto, parece não se verificar entre os mais jovens a continuação das incompatibilidades históricas entre famílias ou de qualquer outra natureza nas relações estabelecidas. Diz um comparte, embora reticente:

[...] a juventude é que está um bocado virada para esse lado e são amigos uns dos outros, não olham a opções políticas, botam isso para trás das costas e julgo que a juventude que vai segurar isto tudo. Mas temos aí uns três ou quatro melros que só estão a tentar fazer mal e a dizer mal e não sei quê não sei que mais [...]. (Acácio)

A introdução dos jovens nos assuntos da aldeia, pelo menos no caso das últimas equipas que assumiram o cargo e que têm estado relacionadas entre si, passa por uma fase de preparação e de aceitação que os submete à prova. Este é um garante de que o trabalho iniciado terá continuação de acordo com os princípios que guiaram os seus antecessores. Isto, se a lista ganhar as eleições.

Não obstante as insatisfações, e certamente contribuindo para as exacerbar, a partir do ano em que a velha geração saiu do CD, este manteve-se sob a gestão de equipas próximas umas das outras, inclusive através de laços familiares. Diz um dos primeiros presidentes do CD pós-renovação:

Vários anos, fui presidente salvo erro em 1991 a 1993, depois saí porque na altura não se podia fazer mais do que um mandato, os CD só podiam fazer um mandato e depois tinham que entrar outros, e na altura era três anos. [...] estava eu e estava o meu primo Bruno, nós alternávamos, um mandato fazia eu como presidente, no outro mandato fazia ele, para não sobrecarregar sempre o mesmo, fazíamos um mandato fazia eu e o outro mandato fazia ele, e estivemos assim até 2004. (Gouveia)

O método seguido passava por, nos últimos anos do mandato de determinada equipa, começava a introduzir pessoas mais novas da sua confiança na lista. Desta forma, manteve-se o mesmo modelo de gestão, até certo ponto prevenindo rupturas dos programas e objectivos. Essa cadeia iniciada no início dos anos 1990 mantém-se até hoje, tendo-se aparentemente constituído e vindo a reproduzir-se uma pequena elite local ligada à gestão do baldio e a iniciativas conexas. Embora o processo democrático seja seguido, por vezes não chega a ser feito o escrutínio por falta de listas: “(...) agora

ultimamente até já nem tem havido mais listas, é uma única lista a concorrer. Nós por acaso concorremos sempre com outros adversários, mas por acaso ganhámos sempre” (Bruno), diz outro comparte membro dos primeiros CD pós-renovação.

Sendo compreensível como e porque este tipo de situação acontece, ela não está isenta de críticas, alegando que se teria estabelecido nos sucessivos CD uma espécie de oligarquia inamovível. Quando perguntados sobre a razão pela qual não se propõem eles próprios a terminar com o ciclo através da criação de uma lista, a resposta generalizada dos compartes não apoiantes e críticos do actual CD é a de que “não vale a pena, eles ganham sempre, a família é grande” (Orlando). Existe portanto uma inércia da restante população perante um facto que consideram adquirido. De uma forma geral, as pessoas não vão às assembleias. Ainda que tenham argumentos aparentemente válidos acerca de alguma questão que critiquem na acção do CD, escolhem o balcão, a esplanada do café, ou qualquer outro local em que se troquem palavras com o vizinho, para tecer queixas e críticas ao trabalho do órgão de gestão. Inclusivamente em festas, como pudemos observar, confrontando os próprios visados quando o calor do festejo aumenta. Contudo, raramente se organizam para fazer frente ao grupo incumbente, criando uma lista. Há quem afirme ter-se candidatado, mas sem sucesso. Nuns casos perderam as eleições, mas noutro em particular, os potenciais candidatos acusam os elementos da referida família a partir da qual se compõe a equipa actual, de simplesmente terem recusado a lista. De acordo com outros compartes, a recusa e a falta de validade da lista esteve associada ao facto de não apresentar o número suficiente de membros para ocupar todos os cargos. Também, segundo um dos membros da actual equipa do CD, por vezes criam-se listas sem estrutura e pouco credíveis, nomeadamente pela falta de domínio das relações com as instituições externas de que hoje depende a gestão dos bens comunitários:

[...] há algumas listas que se apresentam que não têm pé por onde se lhe peguem, porque são listas mesmo de tacanhos, de analfabetos, aquilo sabíamos que ia parar tudo, sabíamos que... e por exemplo eu até nem tenho votado nas listas cá, agora já vou começar a votar porque eu nem estava recenseado cá antes de... mas há aí listas que se por acaso para lá entrassem, e às vezes tem sido mesmo à tangente, eu acho que aquilo ia parar tudo, ninguém os conhece, não têm conhecimento nenhum, não sabem onde fica o director do Parque, não sabem quem é este ou aquele, nem têm relação nenhuma com a Câmara ou com

a Junta, não têm amizades com ninguém, isto ia ser muito mau, íamos perder todos. (Luís)

O que é reforçado por outro comparte,

Há sempre duas listas a concorrer, há uma que ganha. É lógico que a que ganha se calhar é em quem as pessoas têm mais confiança. Porque as pessoas têm sempre mais confiança numa pessoa que noutra, e aí as pessoas votam, se calhar têm mais confiança naquela pessoa que se calhar vai fazer um melhor trabalho... porque isto é como tudo, nós somos todos humanos, mas uns têm mais visão para fazer as coisas do que outros. (Gouveia)

Seja a vitória fundamentada no trabalho demonstrado, nos laços familiares ou de confiança pessoal, em alguns casos é acatada pelos vencidos: “[...] portanto este CD não ... mas eu sou suspeito porque eu candidatei-me e perdi as eleições, portanto... perdi, eles ganharam, pronto” (Vasco), diz um habitante de Fafão que fez parte do CD da “velha guarda” e que recentemente formou uma lista alternativa. Contudo, nem sempre a derrota é atribuída a um acto democrático e justo, mas sim à influência e poderio que sustenta “a família” que se instalou no CD. Contam-se histórias sobre os métodos de angariação de votos, desde promessas de ganhos monetários caso o voto seja “o certo”, até aos elementos da equipa andarem de porta em porta a mendigar o voto, “enganando as pessoas” com promessas. Por exemplo,

Já fizeram [listas concorrentes] mas eles andaram a dar 50 Euros às pessoas, coitadinhas, que são assim atrasadinhas, para votar por eles, percebeu? O mal é esse, o dinheiro está na mão deles [...]. As pessoas dizem, aqueles atrasadinhos que lhes deram o dinheiro “ah, eu votei, votei, ele diz que me fazia isto, que me fazia a calceta, que me dava tanto dinheiro”, e eles... (Maria)

Uma vez assumido o cargo directivo, as críticas e acusações focam-se sobre a forma como decorre a gestão. As acusações mais comedidas referem-se à falta de investimento das receitas avultadas em benefício da comunidade:

Eu não vejo nada, quer dizer, nada de jeito, se visse, se dissessem assim “vamos fazer isto, vamos fazer esta obra aqui...”. É dinheiro que mete medo, é camiões [de madeira] por aqui abaixo que às vezes até é uns atrás dos outros, portanto aquilo dá dinheiro, não se vê. Eles meteram no banco, eu não digo que eles que o estragaram, mas também no banco não. (Vasco)

Outras, mais acesas, alegam que os projectos que vão para a frente são aqueles que interessam aos membros, familiares e redes de alianças da equipa em funções:

É o que lhe estou a dizer, porque ali [onde foi construído o largo] é uma rede. Sabe quem é o Luís, o Luís mora ali, e queria aquilo bem arranjadinho, o senhor Francisco, o senhor Vicente, também é tio do Miguel, cunhado ali do pai do Miguel. Quer dizer, fizeram ali aquele larguinho muito bonito [...]. Está mal feito, e deviam lá ter gasto um grande dinheirão e não perguntaram nada a ninguém, aquilo é feito só à maneira dos que beneficiam daquilo [...]. (Maria)

Admitindo que cada obra possa beneficiar uns mais do que outros, um dos membros directamente visados da “família” retorque:

(...) as pessoas dividem-se para um lado e para o outro, até podem saber que está bem mas só que criticam por criticar porque na realidade há uns que funcionam melhor e há outros que funcionam pior, mas na realidade todos beneficiamos com isso, hoje beneficia um, o problema de muitos é que alguém beneficia mais, mas é engano, porque hoje beneficia um, como eu agora vou beneficiar talvez um bocadinho da obra aqui feita pelo CD e ali daquela em cima. Mas há outros que já beneficiaram também, hoje é uns, amanhã são outros, e assim sucessivamente, acho que em geral toda a gente tem beneficiado com isso. (Luís)

Outro comparte opositor agrava ainda mais as acusações, levantando abertamente a suspeição de apropriação de fundos dos baldios pelos elementos que ocupam actualmente os cargos de gestão do baldio:

[...] alguma gente lá [no CD] não quer é largar mais, porquê? A gente sabe bem porquê. É casas em Braga alguns, casas em Lisboa, casas aqui, vão de férias para aqui e para além, mas os ordenados em Portugal hoje não dão para isso, os ordenados não dão mas alguns fazem-no, porquê? Porque têm dinheiro quanto querem à frente e fazem o que lhes apetece [...]. Isto funcionou uns anos, mal, muito mal, mas não havia resistência porque não havia prejudicados. Quem trabalhou, um desses primeiros que eu sei, não tenha dúvida que ele abusou bastante nessa contabilidade, mas pelo menos não andou a prejudicar ninguém directamente, nem a atacar ninguém, e as coisas iam andando. Agora estes

abusaram para eles e para os deles, para quem eles querem e atacam outros [...].
(Henrique)

Um jovem comparte que já participou no CD após a renovação dos dirigentes, reage às acusações, referindo-se a outro que fez parte do CD como presidente:

Mas depois, quando saiu dos baldios, ao fim de alguns anos, criou a própria empresa, melhorou, comprou uma máquina, começou também toda a gente a falar que foi por estar nos baldios. E isso é fácil... e quem tem a mente aberta percebe que é fácil ser criticado por causa disso, mas não podes fazer nada, tens que viver com isso. O que é que vais fazer? O que é que vais dizer? Mesmo que já tivesses alguma coisa, isso já não conta, nem que já tivesses património, que já tivesses a empresa, isso não conta... conta é o que se faz depois a seguir... ou porque trocou o carro, ou porque fez casa... (Júlio)

Segundo os opositores, os projectos desenvolvidos vão para a frente à revelia da maioria do povo, uma vez que, quer as pessoas compareçam nas assembleias quer não, estas acontecem. Por vezes só com a presença de membros da “rede” ou da “família” que dominaria o CD, que tem elementos suficientes para preencher o requisito de quórum mínimo. Segundo a mesma comparte opositora atrás citada,

[P: não vão muitas pessoas às assembleias?] Pois não vão... não vão e têm de ter a percentagem de pessoas para poder aprovar, não aparecendo... mas aquilo já a família é muita, bastando aí três de cada casa, vão 3 ou 4 de cada casa e já vale. E depois também, porque eu... a mim não vieram, mas sei pelas pessoas que eles têm ido, não aparecem ali as pessoas e eles vão com um papel buscar as assinaturas de noite. Percebe? Isso lá é direito... quem queria ia lá. (Maria)

Perante o descrito, surge a questão de o que é que atrai as pessoas para um cargo não remunerado, que acarreta uma infinidade de preocupações e de horas de trabalho e que parece trazer garantida uma colecção de inimizades. A justificação mais ouvida refere-se ao gosto de contribuir para uma melhoria da qualidade de vida da comunidade, por vezes acrescentando uma nota competitiva: a um nível inexistente entre as comunidades vizinhas, que coloque a sua aldeia num patamar ambicionado pelas restantes.

É o gosto que temos pela aldeia, é o gosto de termos um baldio gerido se calhar melhor do que outras aldeias, porque eu vejo que muitas aldeias têm inveja da

nossa porque temos um baldio bem gerido, que é o que eu acabo por dizer, nós nos mandatos que eu lá estive, estivemos 10 anos que não houve aqui um fogo, que não houve aqui uma fogueira... e isso é muito bom, atravessar uma década sem haver um fogo nos baldios de Fafião é muito bom. Nós estávamos muito bem medidos mesmo a nível nacional. (Gouveia)

Embora não seja explícito no discurso da maioria dos compartes, o simples facto de aqueles serem cargos que garantem algum poder e destaque na comunidade justificará a animosidade que se cria em torno das eleições. A verdade é que o baldio continua a ter uma importância central para as aldeias do PNPG, além de que hoje a sua gestão envolve quantias por vezes avultadas. Se outrora fornecia recursos essenciais à sobrevivência das pessoas e à reprodução do sistema produtivo, hoje, enquanto continua a prover os mesmos recursos, reúne um rol de características (paisagísticas, ou de produção) cuja gestão é financiada, se feita segundo as normas da UE. Alguns destes subsídios (como as ITI) são entregues a fundo perdido, geridos como os compartes pretenderem, embora com um mínimo obrigatório de actividades e resultados. Ao mesmo tempo, o baldio alberga um património florestal que deriva ainda da plantação coerciva do Estado em meados do século passado, cujo corte e venda garante um mealheiro substancial para a comunidade. Gerir hoje um baldio no PNPG envolve em alguns casos lidar com valores mais elevados do que, por exemplo envolve a gestão de uma junta de freguesia. Esses valores, e/ou a envolvência institucional que hoje a gestão do baldio requer, conferem aos cargos de gestão dos baldios um certo destaque ao nível da aldeia, da freguesia ou mesmo do município, tornando-os eventualmente atraentes a quem queira atingir alguma proeminência na(s) comunidade(s).

Uma questão que os ocupantes destes cargos por vezes invocam como desmotivadora é o facto de não haver qualquer remuneração que sirva pelo menos para cobrir os gastos associados e o tempo empregue. Contudo, existe um aspecto que reconhecem que de facto os beneficia, que se prende ao desenvolvimento do seu trabalho particular, e que não os torna de forma alguma mais vulneráveis às críticas. Trata-se da maneira como o desenvolvimento do trabalho nos órgãos de gestão lhes proporciona situações de colaboração com outras entidades (autarquias, associações várias, cooperativas, empresas, etc.), que passam a ser contactos com eventual utilidade futura, no desenvolvimento de projectos pessoais. Enriquecendo o seu capital social, essas pontes introduzidas pelo exercício dos cargos de gestão nas suas redes pessoais,

juntamente com o conhecimento dos procedimentos e das teias institucionais, conferem-lhes ferramentas para se moverem de acordo com os seus objectivos de forma mais eficaz. Este é o que eles próprios avançam como o grande trunfo que levam, a título pessoal, quando terminam a sua colaboração no CD, ao mesmo tempo justificando, face às acusações, o melhoramento das suas condições de vida:

“Porque é que vivem melhor, esses gajos que passaram pelo baldio?”... e o que eu costumo dizer sobre isso é fácil, a única coisa que o baldio nos dá, e é a quem quer, é tentares usar o que aprendes ali. Quem está no baldio e que luta muito no baldio, conhece com muita frequência quem está nas Câmaras, quem está nas Juntas, quem está nos parques, tens uma abertura muito maior. (Júlio)

Como já foi referido, as relações institucionais e/ou pessoais revelam-se fundamentais para o bom desempenho de um cargo de gestão. A humildade de querer conhecer os outros agentes no terreno e de manter boas relações de uma forma geral, tem-se vindo a revelar em Fafião um princípio fundamental e com resultados evidentes. Sempre que possível, ultrapassam-se os canais formais e vai-se pessoalmente explicar a razão pela qual seria adequado uma dada instituição externa apoiar uma causa ou um projecto. Diz o mesmo comparte que já ocupou o cargo de presidente do CD:

Tens que lá ir e sacá-los para o terreno, e irem contigo, “eu quero fazer isto”. Porque se tu pedes, e a carta vai para lá com um pedido do que tu queres fazer, aquilo vai lá estar encostado um mês, percebes, 40 dias até se ter chegado a uma decisão, e essa decisão pode ser chumbada porque estão lá, não estão no terreno, não estão a ver as dificuldades das pessoas. [...] carta para o Parque, carta para a câmara, não fazes nada. Tens que vir ter com as pessoas e as pessoas têm que vir ter contigo. E esse trabalho fi-lo bem e aprendi muito com isso, porque eu... e essa foi uma passagem que o Bruno me fez, e o Gouveia, eles também, todas as reuniões que havia, havia reuniões mensais... na zona do Parque e aqui na zona de Montalegre e eles iam lá sempre [...] Com o pessoal do Parque, com o pessoal da autarquia, com o pessoal que gere... e iam lá sempre... hoje não acontece isso [...]. O Miguel agora não está a ser muito isso, não sei se também a abertura da parte da autarquia, da parte do Parque... não sei. Mas sei que, havendo envolvimento dos agentes, é sempre muito mais fácil de tu tentares levar para a frente os teus projectos para o teu baldio. (...) Tu tens que ir à procura porque senão eles não vêm. (Júlio)

Como ressalta do excerto citado acima, um aspecto que ressalta em Fafião, comum a todos os CD visitados no trabalho de campo, é o da elevada personalização do órgão. Como quer que seja avaliado, o trabalho do CD e da AC tem uma cara, a do presidente. Esta questão assume aqui particular relevância. Num meio pequeno, a proximidade leva a que as relações institucionais nunca sejam exclusivamente institucionais, sustentando-se nas relações interpessoais que configuram a estrutura social da comunidade. A avaliação emocional das situações é inevitável e “a cara” do órgão de gestão assume no processo um lugar tão relevante como o trabalho efectivamente realizado. Resulta disso que essa base de relações guia em última análise a percepção das pessoas, de acordo com afinidades ou incompatibilidades pré-existentes. Na prática, quem simpatiza ou antipatiza com o presidente do CD parte daí para fazer a sua avaliação do trabalho realizado pela equipa (que, diga-se, é composta por mais de uma dezena de pessoas). Como diz um antigo presidente do CD:

(...) depois quem está aqui à frente é sempre o alvo “Ah, é o Júlio, ah é aquele... ah é aquele”. Só falam das pessoas que estão à frente, é o mais fácil... para o bem e para o mal. Às vezes também ouço “Ah Júlio, és uma máquina”... Eh pá, não, não sou uma máquina, não sou só eu, somos todos, porque também quando dizem mal não sou só eu, somos todos. Tu não decides as coisas sozinho nem... (Júlio)

3. Do trabalho ao lazer no comum: A Associação Vezeira

Como vimos, do ponto de vista estratégico, e pensando no desenvolvimento local, o conhecimento “antigo” é valorizável por duas vias: pela sua aplicação aos recursos, e pela possibilidade de o “pôr a render” no âmbito de actividades turísticas. Ao mesmo tempo que o sector agrícola perde importância, as novas gerações têm menos motivação ou vontade de se entregar a uma actividade tão dura e exigente como a agropecuária. Por outro lado, face a um sector produtivo em declínio, o turismo tornou-se o motor de muitas economias locais.

A consciencialização do crescente interesse que os baldios e gestão comunitária despertam noutros contextos (urbano, por exemplo) parece estar por trás da dinâmica demonstrada pela geração mais jovem de Fafião, que se apercebe da oportunidade que tal pode constituir para os moradores dos espaços rurais. Vejamos como esta conjuntura foi integrada no quotidiano da aldeia.

Como já referimos no capítulo anterior, os jovens de Fafião fundaram recentemente a associação Vezeira, que tem vindo a organizar diversos eventos e a pôr em prática medidas que aumentaram a visibilidade de Fafião a nível nacional e internacional. A associação nasceu da vontade de limitar e moldar o turismo crescente na aldeia e arredores, fomentando uma actividade baseada na cultura local, respeitando o espaço, os interesses e os usos e costumes da comunidade. Para isso, entre outras coisas, a Vezeira propôs-se dinamizar os recursos culturais e paisagísticos, em prol do bem-estar do colectivo, mas também de expectativas de vida e de mobilidade social reconhecidamente em ruptura com os modos de vida tradicionais que constituem o próprio objecto da atracção turística. De acordo com um dos fundadores,

Nós temos de ter um bocadinho a mente aberta para pensar que Fafião de há 30 anos atrás não vai ser o nosso futuro. Não vai não é, isso é impensável, e quem pensar assim está-se a enganar a ele próprio, não há hipótese... porque não vai ser o meu filho que vai com 20 vacas para a serra, não é o meu filho que vai com o rebanho ou que vai limpar os trilhos... não vai... porque a realidade é esta não é... e temos que pensar nisso assim. Porque senão estás-te a bloquear muito. Claro que o turismo... e nós, esse turismo barato, esse turismo folclórico, não o queremos aqui... percebes?... esse turismo aberto a toda a gente. Esse turismo aberto a que venha um agente turístico e que nem “olá” diz ao local... esquece! Esse não o queremos cá. Mas como é que tu consegues controlar isso? [...] Fafião não pode ser as tradições só, e tentar mantê-las, porque não... tentar manter sim, mas não te podes matar a pensar nisso. (Júlio)

Como vimos, os baldios, de uma forma geral, são áreas com um potencial elevado para o desenvolvimento de actividades turísticas, em particular turismo de natureza e aventura. No PNPG, e mais especificamente em Fafião, essas actividades já são desenvolvidas por agentes externos que dinamizam a montanha e os seus atributos para seu benefício. Caso os órgãos de gestão do baldio se organizassem para gerir essa afluência de visitantes, os dividendos associados ao seu controlo e limitação poderiam ter um papel fundamental para a comunidade, se aplicados no melhoramento do baldio e da aldeia. Contudo, percebeu-se nestas comunidades, incluindo em Fafião, ao longo das entrevistas e em conversas informais, uma tendência para separar os dois papéis, o da gestão do baldio e o da organização, promoção e controlo das actividades turísticas naquele. Nessa perspectiva, os órgãos de direcção do baldio teriam funções

exclusivamente relacionadas com a gestão do espaço e dos recursos físicos, designadamente a floresta, as pastagens, e dos subsídios que permitem a maior parte das acções sobre esses recursos. Quaisquer outros interesses que viessem a ser desenvolvidos no baldio, principalmente quando envolvessem a gestão de dividendos, deveriam sê-lo por outro tipo de entidade. Esta ideia fica clara no discurso de um comparte de Fafião:

Não sei se a lei prevê que os CD dos baldios façam algum lucro com o turismo [...] Não sei até que ponto é que isso seja legal, porque o Parque acho que quer tirar ou tira, se forem grupos autorizados pelo Parque acho que ele leva um x, e é lógico que eles não fazem manutenção nenhuma aos trilhos [...]. Eu sou de acordo que as pessoas levem alguma coisa mas desde o momento em que tenham as coisas em condições. Era fácil o Parque levar um x por um turista que fosse passear para a serra mas que chegasse lá e tivesse os trilhos bem marcados, e eles não fazem isso, eles só querem é dinheiro, dinheiro sim, mas os trilhos não limpam. Na nossa área quem limpa os trilhos somos nós, o CD [...]. Agora não sei até que ponto é que seria possível o CD levar [...] aí não sei se deveria ser o CD, porque o CD tem uma definição própria, eles são só baldios [...]. Empresas, pronto, isso é legal porque as empresas pagam os seus impostos e é legal [...]. Nós temos aí uma associação, a Vezeira, e a associação é que está a definir esse papel que, pronto, trabalha muito em conjunto com o CD, muitos até são os mesmos e a nossa associação, que é legal, é que está mais nesse desenvolvimento, para não misturar as coisas, porque, é como digo, o papel do CD é gerir os baldios, é fazer manutenção de trilhos, aberturas de caminhos, limpezas florestais, plantação, e tudo isso. Quando se fala de turismo aí já é mais a associação. (Gouveia)

Na mesma linha, diz o presidente da Vezeira,

[...] Isto para te dizer que, a associação foi criada nesse aspecto. Porque o baldio não o pode fazer acho eu... ou não se deve meter nisso [...] é, não se deve meter. Porque... o baldio é de todos. É das pessoas que viveram o baldio no tempo da floresta, como os meus tios que têm 80 e tal anos, é das pessoas que viveram a passagem, é das pessoas que lutaram com esta guerra com os da Ermida, e é da juventude nova que não apanhou nada disso e agora está a

apanhar só esta parte em que sabemos que temos de viver do turismo, se quisermos... (Júlio)

A adicionar, e como se percebe nas entrelinhas do discurso anterior, encontrámos a percepção de que os “velhos” não teriam paciência nem arte para se envolverem nesse tipo de solução para o baldio. Embora seja evidente para as gerações mais antigas que as condições para manter a actividade agropecuária são precárias ou inexistentes, essa é a forma como sempre se relacionaram com a paisagem e com os recursos, tornando-se difícil a concepção de um outro modelo. Ainda nas palavras do presidente da Vezeira,

[...] os meus passados viviam as vacas, o pastoreio... hoje não posso pensar assim senão estamos a enganar-nos a nós próprios. Eu não posso pensar que Fafião tem que ter um rebanho de 1000 cabras e que tem de ter um rebanho de 100 ou 200 vacas, não posso... é impossível, não tens pessoas para fazer isso, porque as pessoas têm que ir à procura de um emprego, deslocam-se, e ao se deslocarem não podem continuar a manter as tradições que havia. (Júlio)

Apesar de ser particularmente activo nos assuntos da aldeia, hoje principalmente através da associação, também este jovem saiu para procurar vida. Vive e trabalha na cidade, voltando a Fafião sempre que pode. Mesmo quando residiu em Lisboa, voltava a Fafião a cada fim-de-semana. A saída da aldeia, na sua opinião, abriu-lhe os horizontes, permitindo-lhe hoje lidar com diferentes pontos de vista, algo que na sua visão é fundamental na gestão de recursos e pessoas.

Como ele, muitos elementos desta geração mais recente de adultos saíram para estudar nas grandes cidades e muitos por lá ficaram a trabalhar. A perspectiva sobre o espaço rural alterou-se. De um espaço produtivo de subsistência, no sentido de fornecer grande parte dos recursos necessários à permanência dos sistemas agrícolas de subsistência das populações, o baldio passou a ser visto como um espaço detentor de belezas naturais, apreciado e valorizado localmente, mas sobretudo desejado pela população urbana. E esta é uma perspectiva mais facilmente apreendida pelas novas gerações, conceptualmente integradas numa realidade em que a paisagem e os seus atributos podem ser tornados mercadoria⁴⁷.

⁴⁷ Traduzimos assim o termo *commodified* de uso corrente em língua inglesa

No seu objectivo de controlar o tipo de turismo desenvolvido na aldeia e no monte, a Vezeira tem vindo a estabelecer contactos e parcerias com empresas que pretendam proporcionar aos clientes uma oferta idêntica à que a associação defende: um turismo de proximidade, em que a comunidade e as suas dinâmicas estão integradas nas actividades. Contudo, no que respeita ao controlo dos agentes que não seguem esse modelo mas que usam o baldio como espaço físico para a sua actividade, a associação destaca-se dessa responsabilidade, atribuindo-a ao CD do baldio. Na sua perspectiva, é a utilização do espaço físico do baldio que está em causa, logo cabe ao CD a sua delimitação e controlo. Já o envolvimento na gestão das actividades turísticas que pretende promover, é trabalho da associação que foi criada para isso.

Nesse sentido, os operadores turísticos que ali passam recorrentemente com os seus clientes foram contactados pelo CD para a realização de uma reunião. A iniciativa veio de Fafião mas foram convidados a participar os CD da Ermida e de Pincães, aldeias vizinhas que partilham os limites do baldio com Fafião. Contudo, nem todos vêem na actividade dessas empresas uma oportunidade, como foi o caso do CD da Ermida que prontamente se recusou a estabelecer qualquer tipo de parceria com esses utilizadores, optando por lhes vedar a entrada. Seguro do que considera ser o melhor para a sua aldeia, o presidente da Vezeira comenta a reacção do CD da Ermida:

Não pode ser... não pode ser... então? Queres ficar aqui sozinho? Não podes. Tu tens negócios, tens pessoas a viver disto todo o ano, têm que estar cá, senão vamos todos embora, como eu fui, como toda a gente vai, se não tens aqui com que viver... tens que ir embora. É o tal sustentável. Tens que gerir, claro. Pá, e essa é uma maneira de obrigar [as empresas], sentem-se responsabilizados, passam sim senhor, e até passam e podem sentir até já que foram convidados para isso e podem passar, pá, mas depois no final se puderem ajudar... excelente. (Júlio)

Apesar da recusa da Ermida, de acordo com este comparte e dirigente associativo, as empresas mostraram-se disponíveis para colaborar, admitindo inclusivamente o pagamento de uma taxa de utilização que revertesse para a gestão do baldio. Contudo, à data da entrevista não havia notícia de ter existido efectivamente negociação.

O princípio defendido pelo presidente da Vezeira é seguido à risca na relação estabelecida entre a associação e uma das empresas ali actuates. Contudo trata-se de um caso particular em que a própria empresa procurou o contacto, pretendendo criar

uma situação, se não de parceria, pelo menos de respeito para com a comunidade e os seus costumes. Ao contactar a associação Vezeira, imediatamente encontrou um parceiro nos princípios que movem cada uma das entidades, chegando a acordos sobre a maneira como poderia decorrer a actividade da empresa naquela zona. Hoje a *Oporto Adventure Tours* e a Vezeira são parceiras, estabelecendo uma relação praticamente simbiótica na forma como organizam os respectivos trabalhos. Ao mesmo tempo que beneficia do acesso privilegiado ao baldio e à aldeia de Fafião, a empresa participa com trabalho em alguns projectos e contribui monetariamente para a manutenção do monte e do trabalho da Vezeira, com um Euro por cada turista que leva a visitar Fafião. Por outro lado, existe um apoio informal mútuo, sendo comum elementos da *Oporto* participarem nas actividades da Vezeira, e sendo recorrente habitantes de Fafião estarem integrados nos seus roteiros (como a senhora da aldeia que faz pão no forno a lenha). O presidente da Vezeira acrescenta,

Eles também têm de fazer um esforço enorme para trazer as pessoas para aqui, não é ir buscá-las ali... percebes? Eles têm o trabalho de conseguir que as pessoas venham todos os dias do Porto para aqui, elas vêm da Suécia, elas vêm do norte da Europa todo, já tivemos aí pessoas do Japão e é essa empresa que as traz, não somos nós, nós não conseguimos trazer. Então essa ligação que nós temos de ter com essas empresas é mesmo assim, uma parceria completa. (Júlio)

Um outro nível de parceria assumido pela Vezeira e que lhes tem servido em algumas situações é a relação com as autarquias e com o Parque. A preservação de boas relações com as instituições com que têm necessariamente de lidar tem sido prioritária como estratégia para serem apoiados em momentos chave. Este é um ensinamento, diz o actual presidente da Vezeira, que trouxe da sua passagem pelo CD.

Tens que vir ter com as pessoas e as pessoas têm que vir ter contigo. E esse trabalho fi-lo bem e aprendi muito com isso, porque eu... e essa foi uma passagem que o Bruno me fez, e o Gouveia, eles também, todas as reuniões que havia, havia reuniões mensais para... na zona do Parque e aqui na zona de Montalegre, que se fazia, e eles iam lá sempre. [...] havendo envolvimento dos agentes, é sempre muito mais fácil tentares levar para a frente os teus projectos para o teu baldio. E é por isso é que quando me perguntas se há uma grande intervenção do Parque, pá, não há, não a há... porque nós também não a temos. Tu tens que ir à procura porque senão eles não vêm. (Júlio)

Numa conversa sobre o papel do Parque na visitação e a percentagem da taxa que o ICNF recebe sobre as actividades de turismo em áreas protegidas, o co-fundador da associação Vezeira, um engenheiro de Ponte de Lima que lidera uma empresa de trabalhos florestais, defende que é justo que assim seja. Na sua perspectiva, o facto de a população do PNPG não receber nada dessa taxa não é prejudicial para o desenvolvimento local. Para ele o acesso à “marca” do Parque na divulgação dos seus lugares constitui, por si só, uma valorização do território local. Esta adiciona-se ao facto de o ICNF receber esses “trocos” através da taxa, que (idealmente) irão contribuir para a melhoria da estrutura de visitação e resultar num maior número de pessoas a visitar as aldeias e os montes. Como reacção à hipótese de serem os próprios compartes a estabelecer uma taxa e a beneficiar directamente das entradas dos visitantes, diz ele:

Nós podemos cobrar uma taxa, e depois, claro, teremos de pagar essa taxa ao Parque. Agora imagina, se eu não ganhar dinheiro na taxa, porque quer dizer são trocos [...], quanto é que eu ganho para ter aquelas pessoas em Fafião alojadas a comer e a beber... percebes? [...] Hoje nós estamos sempre a vender Fafião como uma aldeia comunitária dentro do Parque. Fafião vende aqui a nível nacional, o Parque vende no mundo inteiro, nacional e no mundo inteiro. O povo tem que pensar por aí. (Ecoagri)

Contudo, aqui parece partir-se do princípio que todos os habitantes da aldeia pretendem viver do turismo, ou que todos beneficiam, directa ou indirectamente, dessa actividade. E, embora efectivamente ninguém pareça importar-se com a entrada de visitantes na aldeia e no baldio, nem todos os compartes têm condições para tirar partido da sua presença (por exemplo, organizando espaços para dormida, ou estabelecimentos de restauração).

A vinda do pólo do Ecomuseu do Barroso para a aldeia é um exemplo de situação que terá beneficiado da boa relação estabelecida com a Câmara Municipal, pelo conhecimento próximo que esta tem do trabalho realizado na aldeia e que valoriza, ao ponto de entregar a sede esperando que ali o projecto vá para a frente. A atitude assumida pela associação Vezeira de buscar o que pretende, em vez de ficar à espera do que considera ser justo e legítimo, tem provado ter resultados efectivos no que respeita a apoios à actividade:

[...] mas tem de ser assim, têm de ser os locais a preocupar-se, não é concebível, quem está em Montalegre [sede de município], por exemplo, a 50 km daqui,

preocupar-se e não saber as preocupações que tu tens, não há hipótese... por isso é que muitas das aldeias levam ao êxodo completo, porque não há dinâmica, a idade [...]. E foi nesse âmbito que foi criado lá em baixo o Ecomuseu. Foi criado na tal dinâmica, a tal vantagem que eu tive, eu e quem esteve nos baldios, de conseguires conhecer o pessoal do Parque e o pessoal da Câmara. Se tu não tens o conhecimento com a Câmara nunca trazes o Ecomuseu para aqui. O Ecomuseu a vir tinha de ser para o centro da freguesia, para Cabril, não era para a aldeia mais distante. Tem de ser uma coisa centrada, e aqui não está centrada. (Júlio)

O Ecomuseu parte de um conceito que pretende aludir às particularidades culturais e naturais do ambiente em que é instalado. No caso de Fafião, por exemplo, foca-se muito sobre a prática comunitária pastoril da vezeira e sobre o lobo, que desde sempre acompanha o pastor na serra do Gerês. No momento da escolha do local do polo, ao contrário do esperado por alguns habitantes, e do que seria talvez expectável de uma forma geral, optou-se por instalar o museu no centro da aldeia e não junto à estrada, onde ficaria mais visível. Pretendeu-se com isso trazer o visitante ao centro, dar a conhecer os meandros da aldeia, e, sobretudo, não deixar à margem da visita os habitantes de Fafião, no fundo os verdadeiros autores do que se quer representar no museu.

[...] porque tinha ser muito à beira da estrada [diziam os mais velhos]... pois tinha, mas não. Para mim não. Tu tens de levar as pessoas a irem lá ao centro da aldeia, ver como é que as pessoas viviam, com as casinhas pequeninas, os animais, as galinhas ali de volta... esse é que é o Ecomuseu vivo de que eu falo. (Júlio)

Hoje o Ecomuseu tem um funcionário, pago através do programa de estágios do IEFP, que cobre uma percentagem, e pela Associação, que para isso recorre a várias fontes, entre as quais a *Oporto*, com a sua taxa de uso do espaço e recursos, e eventualmente o CD do baldio de Fafião, que sempre que é preciso e possível, contribui para manter aquele posto de trabalho. No espaço, é possível aceder a uma série de serviços que, de outro modo, obrigariam a uma deslocação e a gastos por vezes excessivos para os habitantes. Assim, os habitantes de Fafião podem recorrer ao ecomuseu para efectuar pagamentos por multibanco, obter apoio no preenchimento do IRS ou na redação de uma carta, por exemplo.

Outra relação que parece contribuir substancialmente para ampliar o alcance da associação, e que tem sido determinante para alargar a rede de relações institucionais da Vezeira, é a que esta estabeleceu com o já citado engenheiro de Ponte de Lima, fundador e presidente da Ecoagri, uma empresa de projectos florestais que trabalha a zona do Parque desde há muitos anos. A dinâmica de Fafião atraiu este engenheiro que é hoje um aliado convicto dos empreendedores da aldeia, tendo assumido a co-fundação da associação Vezeira. Quando perguntado sobre a razão pela qual se envolveu tão profundamente naquela comunidade, diz:

[...] simplesmente porque gosto de Fafião, a minha vida é aqui [em Ponte de Lima]. Tenho lá a minha casita, fui lá o outro fim de semana, fui lá este, agora vou lá para o próximo porque é a inauguração da exposição dos Carris [...].
(Ecoagri)

O carácter dinâmico que apresenta, tanto do ponto de vista profissional como político e social, tem servido em vários sentidos os desígnios dos fafiotos, em particular os da Vezeira (por exemplo, o filme que é passado no ecomuseu sobre a comunidade de Fafião foi realizado por ele em parceria com a Escola Superior de Música e Artes de Espectáculo do Porto; o projecto inicial do Ecomuseu foi feito por ele próprio e por uma arquitecta do seu conhecimento; o logotipo da Vezeira e outros elementos de *marketing* da associação são igualmente da sua autoria). O capital social que resulta das relações que mantém na sua actividade tem contribuído para as concretizações da associação, juntamente com as competências da sua empresa, quando relevantes para a actividade da associação. Esta parceria, ao mesmo tempo que contribui para alargar as expectativas dos jovens da aldeia, aumenta o leque de alternativas e possibilidades para a acção da Vezeira.

Mais uma vez, o reconhecimento das restantes instituições e a abertura da nova geração da aldeia à interacção com outras entidades, parece ter resultados favoráveis no que à actividade da associação, e do CD, diz respeito. Em particular, o confronto com outras ideias, fundamentadas noutro tipo de informação, parece enriquecer a base de onde partem os jovens para as decisões da associação e também do CD, apesar de, e talvez por isso, nem sempre haver consenso entre as ideias trazidas pelo engenheiro e aquelas defendidas pelo CD e pelos restantes membros da associação. Para dar dois exemplos abrangentes, a sua perspectiva sobre a actividade do ICNF e do PNPG, ou mesmo do papel de empresas como a *Oporto Adventure Tours*, é radicalmente diferente

daquela assumida localmente pela maioria. O confronto de ideias que decorre deste encontro obriga no mínimo à ponderação e recolocação, se for o caso, das bases onde se apoiam os habitantes de Fafião que participam em processos de decisão.

A relação estreita entre a Vezeira e o CD é captada por este interveniente e “utilizador externo” de uma forma prática e institucional. Concretamente, na sua perspectiva, o CD além de constituir a instituição que regula o uso do espaço do monte, é também, das duas entidades, aquela que gere dinheiro. Assim, em muitas situações a acção da Vezeira está dependente do aval do CD, assumindo-se este órgão, nas palavras do engenheiro, como “consultor” das ideias e projectos da associação, cuja aprovação (ou desaprovação) vai determinar até certo ponto a sua exequibilidade. Situação que nem sempre decorre de forma consensual.

Assim, ao mesmo tempo que o CD tem vindo a intervir cada vez mais no espaço do monte no intuito de controlar as entradas consideradas abusivas (e.g., sinalização a proibir a entrada “proibida a passagem, só locais e residentes”), surgem outras figuras colaborativas em Fafião com um papel fundamental na qualidade de vida da comunidade e no desenvolvimento local.

4. Entre vezeiras: Resistências e rupturas nas instituições do comum

Não deixa de ser relevante que a associação que promove os novos usos do baldio, tenha adoptado uma denominação que reflecte as actividades comunitárias tradicionais, já desaparecidas em tantas aldeias que aqui se foram transformando, também, em objecto de interesse turístico. Em paralelo, outro grupo recorre a essa designação, com maior legitimidade tradicional, uma vez que se trata da entidade que gere a própria vezeira, a instituição e prática secular de gestão comunitária do pastoreio. O Acordo da Vezeira, gerido pelos proprietários dos animais da aldeia segundo um escrutínio feito entre eles, é o órgão que controla a forma como a actividade se desenvolve. As regras estão escritas há muito e são ainda hoje seguidas. Contudo, os detalhes da organização do trabalho dependem das condições efectivas, designadamente climáticas, ou de disponibilidade e número de proprietários (como sejam o dia da subida, a selecção dos currais, ou a distribuição dos dias pelos proprietários). A entrada no grupo é taxada com um valor considerado simbólico, uma forma de contribuir para a manutenção do Acordo. A forma de gerir esse valor, juntamente com os de outras receitas, como é um subsídio para a manutenção do boi de cobrição, está igualmente a cargo do órgão que gere, assim como a decisão sobre o acolhimento ou não de novos

membros. Contudo, a participação no Acordo segue, naturalmente, a tendência de decréscimo do número de produtores e de animais. Diz o anterior presidente dessa instituição:

Agora já só existe a vezeira de vacas e de cabras, antigamente havia de cabritos e de ovelhas. [...] Tudo isso acabou, o pessoal agora... antigamente as pessoas estavam muito desempregadas, agora está quase tudo empregado, ninguém quer perder tempo. Alguns fomos aguentando isto porque, claro, estávamos aqui perto, e a gente ia fazendo, calculando as folgas e tal, guardando as folgas para guardar as vezeiras e fomos aguentando. Mas agora não, esta gente de agora tem os empregos, e longe, uma pessoa ir para Braga todos os dias, ir e vir, é um bocado chato. E nós vamos aguentando, é o meu caso, reformei-me há 15 anos e continuo a trabalhar na mesma mas é porque quero também [...] [A vezeira] existe porque ainda andamos aqui meia dúzia deles a querer aguentar isto porque senão isto já tinha acabado. Nós antigamente ia-se render, subia-se à noite, e o pastor que lá estava só vinha para o outro dia de manhã embora, e eram dois pastores que tinham de estar, um de 18 e outro de 12 [anos]. Agora não, agora já só vai um [...] de manhã, vem à noite. (Francisco)

Para os actuais membros, a falta de interesse dos mais jovens, o envelhecimento dos que resistem, e as diferenças existentes no seio do grupo que, como abordaremos adiante, já levaram à sua divisão, terão como consequência inevitável o fim do Acordo.

Quando se fala da associação Vezeira a este antigo presidente do Acordo, ele começa por pôr em questão a justeza do nome, face à maneira como aquela geração perspectiva o uso do baldio. Na sua visão, e não pondo em causa os resultados assinaláveis a vários níveis, a associação promove sobretudo visitação e lazer, passeio e gastronomia. Para ilustrar o confronto de valores e objectivos das duas entidades homónimas, o mesmo comparte dá o exemplo do trabalho efectuado nas cabanas dos pastores, cuja autoria é por si atribuída, erradamente, à Vezeira. Recorrendo aos Investimentos Não Produtivos integrados na medida de financiamento das ITI, o CD do baldio, órgão beneficiário daquelas medidas, renovou as cabanas, iniciativa que, de acordo com aquele comparte e pastor, não obstante a autoria, foi desenvolvida sem auscultação prévia do Acordo ou dos pastores. A confusão entre CD e Vezeira, pela repetição de alguns dos seus elementos, é recorrente entre os compartes mais ou menos atentos mas afastados da prática da actividade destas entidades.

De acordo com esta visão, um outro membro do Acordo lamenta que as actividades promovidas pela associação não tenham também uma componente de apoio directo à prática da vezeira:

[...] por exemplo, se aparecer um pessoal aí de fora que queira fazer um piquenique aí e ir lá acima à serra, a juventude de Fafião vai toda com eles, mas podiam-se lembrar assim “eh pá, hoje vamos todos fazer um piquenique a Rucalva e vamos guardar as vacas estes dias, estamos lá dois dias e aquelas pessoas já escusam de lá ir, estamos nós, guardamos nós”, isso era porreiro não era? Juntavam-se aí em sítios, até emigrantes que vêm do estrangeiro no verão [...]. Mas não, para isso já não querem ir, mas se for para ir de carro até Pinhô e plantação de árvores, comer bem e beber, mas pronto, mesmo assim ainda puxam alguma coisa. Também não é só críticas [...]. (Luís)

Na perspectiva deste compartimento, os animais são o pilar de uma aldeia. Como ele diz “uma aldeia sem animais não é aldeia”. E explica:

Porque esta coisinha de a gente todas as manhãs ir deitar as cabrinhas à corte “oh, estou à espera das cabras, vou deitar as cabras”, isto mantém e é da maneira que a gente às vezes fala um bocadinho com aquele vizinho, porque senão nem o vê, passa-se dias e dias que nem o vê. [...] É que quando isto desaparecer, quando muitos desses velhotes venderem as cabras, e quem diz as cabras diz as vacas e outras coisas, deixa-se de conviver, pronto. Porque eles não vão para os cafés, os velhotes não vão para o café, e então os novos já falam de outras coisas, já não falam daquilo e pronto, vai-se perdendo aí o sentido da aldeia. (Luís)

Para além do papel que assumem ao nível da dinâmica social e cultural da comunidade, o mesmo compartimento mostra como os animais, em particular as cabras, são igualmente importantes na manutenção do espaço físico da aldeia e do monte:

[...] porque as cabras, mesmo para quem as não tem são importantíssimas para a aldeia, vão limpando as ervas, vão limpando o monte, mesmo aqui na própria aldeia elas vão comendo as ervas aí para... se não houver cabras, esta aldeia fica cheia de ervas até às portas, porque as pessoas não conseguem, isto aqui é de uma maneira para crescerem as árvores e as ervas e tudo, ninguém... se não forem os animais a cortarem um bocado, cavalos, vacas, cabras e tudo faz falta,

ovelhas. Mas pronto, os incentivos são poucos, e também ninguém pode viver só disto. (Luís)

Nesta perspectiva, a actividade dos actuais proprietários de animais é representada como um serviço à comunidade. De facto, ao manter vivos alguns traços da estrutura socioeconómica que levou à sua formação, esses habitantes estão a cuidar das características que os visitantes esperam ver numa “autêntica” aldeia serrana, assim entrelaçando actividades que (em teoria) podem sustentar o desenvolvimento local, entre os quais o turismo. Embora as críticas dos mais velhos, seguidores de um modo de vida mais próximo do “tradicional”, pareçam reduzir-se, numa primeira análise, a um choque geracional, numa avaliação mais atenta, ouvindo os vários actores, ressalta que grande parte do trabalho da associação Vezeira se apoia essencialmente no trabalho destes proprietários, já que a permanência da prática da vezeira depende do seu investimento e persistência. De acordo com os mais velhos, as gerações mais recentes (*grosso modo*, abaixo dos 40 anos) em muito pouco têm contribuído, pelo menos de forma directa, para a manutenção das actividades que dão credibilidade ao rótulo de “aldeia comunitária”, usado pela associação no *marketing* da aldeia.

De acordo com esta abordagem e perante o fim anunciado da vezeira, surgiu a certa altura a ideia de a associação ter o seu próprio rebanho. O objectivo seria manter a tradição e a dinâmica da paisagem, ao mesmo tempo que se criava uma fonte de rendimento. Diz o presidente da associação:

[...] a vezeira das cabras, a tal tradição deve estar para acabar, ou está para acabar, as pessoas mostram interesse em acabar porque já têm muita idade, nós não queremos e não temos disponibilidade para ir com elas, mas achamos bonito... e isso pôs-se no início do ano, a associação comprar um rebanho de cabras, e depois pôs-se... e quem é que vai com elas? Quem é que vai... porque isto de ter cabras e de ir com as cabras não é fácil, não é só comprar um rebanho de cabras... tens de estar todos os dias, isto são como filhos, levá-las a comer, trazê-las, as crias nascem, tens de estar de volta delas... muito trabalho! E quem é que vai fazer isso? Até se calhar tínhamos ajuda para comprar o rebanho, e quem é que vai fazer isso depois? Sou eu que estou em Lisboa que me vou preocupar? (Júlio)

Apesar de existir vontade da associação, não existe disponibilidade de força de trabalho. Da parte de um jovem, existiam ambas; contudo, para ele fazia sentido que os

animais fossem exclusivamente seus. Assim, indo ao encontro do objectivo da associação de manter um número considerável de animais a pastar no monte, e ao encontro da vontade do candidato, a Vezeira apoiou-o, facilitando a concessão pelo CD do uso privado de uma área de baldio para a construção do armazém associado à exploração pecuária, e ele adquiriu por sua conta o rebanho de cabras. Hoje, o jovem mantém a sua actividade a título privado, com o que a aldeia beneficia de várias formas:

[...] o rapaz tem estado aí com o rebanho, é o dia-a-dia dele, adora, e criou-se, instalou-se aí. [...] e o Hugo claro... “oh pá,, eu queria, mas queria que fossem minhas”, e a mãe comprou-lhe as cabras... e com essa dinâmica conseguiu-se fazer com que ele se instalasse e está aí todo contente. (Júlio)

Para os objectivos da associação, importa que existam condições na aldeia para que a comunidade se mantenha dinâmica, hoje e no futuro, de acordo, pelo menos cenograficamente, com os usos e costumes. No caso específico do rebanho apoiado pela associação, o facto de a iniciativa inicialmente pensada com outros contornos ter criado as condições para um dos jovens da aldeia desenvolver o seu projecto, revelou-se uma solução à medida do que a associação procura. Recorrendo a uma outra ideia que surgiu a certa altura na história da associação, o presidente ilustra a forma como a Vezeira se posiciona perante a comunidade: “Que me importa a mim ter um bar? ok, vamos fazer um bar, e as pessoas depois vão para o bar da associação, e este outro fecha, o outro fecha, o outro fecha... adianta-te?” (Júlio). As actividades individuais dos compartes e com elas a fixação da população no local são prioritárias no programa da associação.

Além da insuficiência de recursos humanos da associação e da vontade expressa do jovem habitante de Fafião de prosseguir com o rebanho, o presidente da Vezeira justifica ainda a recusa de criar um rebanho próprio com a prevenção da potencial desconfiança, pela comunidade, de apropriação dos recursos dali resultantes, em benefício de quem gere o baldio e a associação. Esta questão reflecte a percepção do dirigente associativo da desconfiança existente de parte da população para com os dirigentes dos órgãos de gestão do baldio, de que este entrevistado fez parte.

[O rebanho pertencer à associação] Agora, propriamente não... porque estás a fazer... é complicado, estás a enriquecer... imagina que o baldio mete um rebanho de cabras... “os cabritos é tudo para o pessoal dos baldios, toda a gente vai comer cabritos”, é o que se vai dizer, percebes? (Júlio)

Na vezeira das vacas, que em Fafião se mantém organizada separadamente da das cabras, as alterações dos modos de vida criaram pressões para a alteração, ou a diversificação, das regras instituídas. Enquanto uns permanecem fiéis ao velho Acordo, outros, não podendo corresponder aos deveres que aquele pressupõe, optaram por sair do grupo. Como todas as mudanças de fundo, esta não esteve isenta de conflito, sobretudo aquando da negociação de novas regras. Na visão dos defensores do Acordo, a saída de parte dos seus membros põe em causa a manutenção de uma prática secular, algo que atribuem a conflitos de interesse ou simplesmente a quezílias evitáveis.

[...] esse é outro grande problema, que podíamos estar todos unidos, que o monte chegava para todos, guardávamos todos, ganhávamos porque íamos lá menos vezes, todos os dias. Enquanto eu assim tenho de lá ir de 12 em 12 dias, se ‘tivéssemos todos ia de 24 ou de 25, em 25 dias ia lá uma vez por mês, e era bom para todos. E não sei por que guerrinhas é que isto assim anda e não entendo, porque é que tantas coisas se resolvem, e mais difíceis, e porque é que essa não se resolve. E era bom para eles, para todos, para os outros. (Luís)

Não pondo em causa a existência de tais “guerrinhas”, a verdade é que o compromisso que o Acordo pressupõe não parece ser fácil de cumprir na realidade actual, em que a maioria das pessoas se dedica a outras actividades profissionais. Nesta realidade, a produção animal passa a ser sobretudo uma actividade que se mantém por gosto e como complemento do rendimento. Contudo, verifica-se que, ao tornar-se claro para uma parte dos vezeiros ser premente alterar as regras, antes de se efectivar qualquer mudança na instituição, esses membros “inovadores” viram-se obrigados a abandonar a vezeira, denotando a dificuldade da comunidade de utilizadores em gerir as regras institucionais no sentido de ajustamento a novas circunstâncias. Instituições outrora criadas para responder a necessidades, passam gradualmente para o lado da “tradição” face à dificuldade de se reproduzirem, e de o grupo gerar consensos internos de adequação. Em consequência da conexão entre as instituições comunitárias de organização do trabalho (vezeira) e de direitos de propriedade (baldio), o processo resultou num conflito de direitos de uso dos pastos comunitários e na segmentação entre grupos de utilizadores, os aderentes ao Acordo e o grupo que designaremos como “dissidente”:

A vezeira das vacas, começaram, quer dizer, as pessoas não tinham vagar de ir para a vezeira, começaram a ter empregos, e começaram a deitá-las à sorte por aí

fora. E depois, o gado não andando apastorado vai procurar o pasto aonde o há, e começaram a ir para o sítio onde havia as vezeiras. Os das vezeiras, os que guardavam, não queriam lá o gado que não era guardado e daí começaram com essa via e tiveram que se separar. (Vasco)

Ou seja, os membros desafectados do Acordo de vezeira mantiveram os seus direitos de uso comum dos pastos, mas desobrigaram-se das regras de partilha do pastoreio. Isso em si mesmo não seria novidade; segundo o presidente da associação Vezeira, sempre existiram animais a pastar “em feirio”, em paralelo com a manada da vezeira, mas em espaços diferenciados. Nas suas palavras,

[...] a questão da vezeira e a questão dos animais que andam à solta sempre existiu. Porque eu, se não tinha possibilidade de as meter na vezeira, porque a vezeira obriga-te a estar, se eu não tenho essa possibilidade, tenho possibilidade de ter animais, mas andam no baldio que é de todos, não é?... têm direito. Não têm é depois a interajuda de todos [...]. O baldio é isto tudo, esta zona era da vezeira, e depois havia uma pequena parte, separada não é, pela parte física da montanha e depois com algumas divisões que se criavam em pedra, para os animais não passarem para a vezeira e quem quer andar com as vacas à solta, é ali. (Júlio)

Assim, o grupo dissidente poderia soltar os seus animais na serra, mas sem pôr em causa a diferenciação dos espaços de utilização, logo, a distribuição dos direitos de uso e a manutenção dos recursos para os animais apascentados ao abrigo do velho Acordo. A grande novidade do que se passou recentemente foi o crescimento do número de pessoas a querer aderir a este modelo de pastoreio que pressupõe a permanência dos animais no monte sem vigilância diária.

A partir do momento em que essa liberdade originou a sobreposição de locais de apascentação com os animais da vezeira, instalou-se o conflito e houve que chegar a um acordo. Segundo o anterior presidente do Acordo da vezeira, recentemente substituído, os animais em feirio quebravam as regras de apascentação no monte ao pastarem antes dos animais da vezeira nos locais a ela atribuídos. Foi no decorrer da actividade dos dois grupos de utilizadores e da resolução dos seus conflitos que novas especificações dos direitos de propriedade e, paralelamente, uma outra instituição, a aqui designada “nova vezeira”, começaram a ser delineadas na prática. Contudo, a gestão comunitária não teve plena capacidade de auto-regulação e foi, finalmente, por recurso ao tribunal

que vieram a formalizar-se os direitos e as regras de coexistência dos dois grupos no monte⁴⁸. A velha vezeira manteve os melhores percursos, ao garantir para si os que eram usados e percorridos desde a origem do Acordo. Os dissidentes tiveram de se contentar com o que, e de maneira a que, não pusesse em causa os recursos nem a actividade da antiga instituição. A formação do novo grupo, com outras regras para utilização do mesmo espaço e dos mesmos recursos, deu lugar a uma relação hierárquica na qual a vezeira do Acordo, respaldada na legitimidade consuetudinária, assumiu a posição dominante.

Hoje a “nova” vezeira das vacas é um grupo de trabalho estruturado e autónomo, ou seja que instituiu as suas próprias regras e se auto-regula. O grupo tem o seu próprio boi de cobrição e a entrada de novos membros é taxada e limitada. A vigilância dos animais continua a ser feita à vez pelos proprietários, mas a intervalos de tempo maiores. Mantendo-se as vacas no monte de Maio a Outubro, a vigilância, ao contrário da frequência diária com que era assumida no Acordo, é efectuada uma vez por semana por um par de proprietários que se desloca à serra, retornando à aldeia horas depois. Uma vez que a carga de trabalho de cada membro neste modelo não é tão pesada, o crescimento do grupo, que na vezeira significaria a atenuação do peso do trabalho, neste caso significa sobretudo a partilha dos mesmos recursos limitados por mais utilizadores e seus animais. A juntar a isto, o aumento do número de membros influencia necessariamente a fluidez com que se efectuam as negociações internas. Quanto maior o grupo, maior a probabilidade de este vir a congregar diversidade de ideias e perspectivas, podendo daí resultar o enriquecimento das negociações, e/ou o dificultar de consensos. Quando o trabalho de campo decorreu, ao mesmo tempo que se registava um aumento do número de proprietários interessados em aderir à “nova vezeira”, tornava-se evidente do lado dos membros desta a resistência a ampliar o grupo.

Aos olhos de outros habitantes da aldeia, o que se passou na vezeira das vacas não traz nada de novo. Neste processo, estão reflectidas mudanças estruturais que a

⁴⁸ Segundo o anterior presidente do Acordo, esta não foi a única vez que em tempo recente o grupo recorreu ao tribunal para defender os pastos “da vezeira”. Uma outra situação, que aconteceu posteriormente a esta, envolveu os proprietários de cavalos garranos. Segundo vários entrevistados, a existência de subsídios para a produção da raça garrana tem tido como resultado o aumento do número de animais que percorrem livremente os montes em busca de alimento. De acordo com o mesmo relato, a desresponsabilização dos proprietários registada leva a que demasiadas vezes os animais se encontrem subnutridos, ao mesmo tempo que se tornam presa fácil de predadores como o lobo. Não obstante, se no caso da vezeira o tribunal deu razão ao Acordo, obrigando à negociação e delimitação do espaço do monte, no caso dos garranos, o Acordo perdeu a causa.

sociedade tem vindo a sofrer e que se estão a tornar incontornáveis. O aumento de utilizadores dissidentes, que ameaçou a disciplina comunitária tradicional, e o maior número de animais em feirio, pondo em causa a delimitação espacial consuetudinária dos direitos de utilização, desencadearam o conflito, resultando numa divisão mais clara dos direitos de uso do monte, reservando uma parte considerável, mas secundária, deste para os animais do grupo dissidente, desde então ampliado. Por sua vez, o crescimento da manada em feirio terá obrigado esse novo e ampliado grupo a organizar-se, instituindo regras e limitando entradas, de forma a gerir os recursos colectivos que lhe foram afectados.

5. Entre o comum local e o comum nacional: Uma hierarquia contestada

De entre as relações institucionais que têm inevitavelmente de estabelecer-se para gerir um baldio neste contexto institucional, a relação com o Parque Nacional, e logo com o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas, assume particular destaque. Desde 1971, como vimos, o Parque veio de alguma forma sobrepor-se às instituições que haviam garantido a sobrevivência dos povos de montanha ao longo de séculos. Em termos práticos tratava-se de regras criadas para regular o uso de recursos escassos e/ou valorizados culturalmente, geridos à escala da comunidade, assumindo-se direitos de propriedade colectivos, normas para a afectação de direitos de acesso e de uso aos compartes, e obrigações destes para com a manutenção do recurso colectivo. A adopção da gestão comunitária nada teve de ideológico ou opcional, tratando-se essencialmente de uma resposta à necessidade de usar os recursos do monte sem os esgotar, num contexto em que eram úteis a todos.

Assim, quando o Parque Nacional da Peneda-Gerês foi imposto como instituição reguladora aos cerca de 70 000 hectares de território, abrangendo centenas de aldeias integradas no ambiente severo da região, aquelas comunidades tinham já uma forma própria de gerir aquilo que era a base da sua subsistência. No fundo, a paisagem que se pretendeu então proteger e conservar não é mais do que o resultado da interacção secular das populações com o meio, sobre o qual a comunidade se sente no direito de intervir. Assim, a sobreposição de regras nacionais às municipais e às comunitárias é uma das situações que desagrada os habitantes, que se sentem injustiçados pelo acréscimo de limitações sem aparente compensação:

O Parque hoje só está a arranjar problemas e a complicar a vida às pessoas aqui, porquê? Eu moro deste lado, tenho as leis da Câmara que envolvem, por

exemplo, se eu quiser construir, tenho as leis da Câmara, que vão implicar com a Câmara Municipal, e tenho as do Parque, um daquele lado só tem as da Câmara. [...] E o Parque é uma instituição que acho que está assim um bocado apagada, digamos. Mas para ler a Lei e para travar as pessoas têm-se chegado bastante, têm-se chegado muito. Porque quando há uma medida que penalize devia haver qualquer coisa a compensar, mas eu não vejo nada [...]. (Henrique)

Outro comparte corrobora:

Porque o nosso monte, não nos custava nada ceder monte baldio para montar uma fábrica com a condição de empregar as pessoas cá da freguesia, não era? Mas não, os senhores [do Parque] não querem, eles estão bem instalados lá onde eles querem e lhes apetece. (Acácio)

Hoje, o caso de Fafião ilustra uma tendência geral: a distância entre a instituição e a população é cada vez maior. Há quem perceba o caminho que a gestão do Parque está a tomar como um atraso ao desenvolvimento da região e um obstáculo a quem queira participar desse desenvolvimento: “Isto está o meio um bocado a ficar atrasado, um bocado porque o parque complica as coisas às pessoas” (Henrique). Ou seja, se inicialmente as restrições aos seus direitos sobre o território vieram acompanhadas de estradas, caminhos, electricidade e de pessoas que eram a cara do Parque, actualmente prevalece o Plano de Ordenamento:

Começaram bem, não há dúvida, começaram até por reparar casas a pessoas que viviam dentro do Parque, por fazer estradões, da Ermida para cá foram eles que abriram a estrada. Só em terra batida que depois o alcatrão já foi com as Câmaras. E ajudavam as pessoas em qualquer coisa que fizesse falta muitas das vezes [...] Depois as coisas foram-se deteriorando e hoje o Parque está de rastos com esta gente, o Parque não pode, o pessoal não o pode ver... [... mudou] para pior... privações, olhe, por exemplo, vê esta casa aqui em construção? É para ser em pedra, agora vai levar pedra por fora, não podemos usar uma pedra porque temos que a ir comprar, e nós temos pedra por aí fora em excesso. Veja só isto, os caminhos, antigamente arranjavam eles os caminhos, agora não aparece lá ninguém. Quer dizer, eles estão cá a quê? Eles podem ir embora quando quiserem, não fazem cá falta nenhuma. Então se nós temos uma coisa temos que ir comprá-la fora por alma de quem? (Acácio)

Outra questão, a da proibição de caça ou abate de espécies protegidas, é razão de discórdia e de oposição ao Parque:

[...] e depois além de outras coisas que também não gosto... apoiam muito o lobo, eu também não tenho nada contra o lobo mas que deviam auxiliar mais as pessoas que têm os animais, porque esse é outro drama que cá temos, que é o lobo que mata tudo e nós vamos ficando sem os animais. [...] Então a mim [os javalis] deram-me um prejuízo incalculável. No maior campo que tenho, lá em baixo, não trouxe de lá uma espiga, costumava trazer, sei lá, sete ou oito tractores de milho e este ano não trouxe de lá um, roeu aquilo tudo [...] Acho que [a montaria] está proibida, não é zona de caça nesta área e pronto. Mais outra, esse é outro, o javali e o porco-bravo, não, o javali e o lobo vão acabar por desanimar as pessoas e destruir tudo. (Luís)

A adicionar às proibições, a quase inexistência de contacto directo entre o Parque e a população abre lugar à frustração e à desconfiança. Uma instituição sem cara presente dificulta, ou impossibilita, o estabelecimento de uma relação de respeito mútuo. Desde a reforma do ICN em 2007, a direcção do Parque afastou-se para Lisboa e admite para posições de chefia e tomada de decisão pessoas com pouco contacto com a região:

Nomearem um director de Lisboa para vir chefiar o Gerês, isso é andar para trás... não quer dizer que a pessoa não seja competente, o que é que ele não conhece nada... não conhece nada. Eu garanto-lhe uma coisa, houve aí directores no Parque Nacional, que estiveram a chefiar o Parque Nacional e nunca conheceram o Parque Nacional a 100%. (Acácio)

Ao mesmo tempo, a instituição sofre da falta de investimento estatal na conservação e preservação dos recursos naturais, concretizada por exemplo na falta de pessoal. Neste contexto de acrescido isolamento, os baldios tornam-se novamente chave numa estratégia de desenvolvimento local, em particular quando geridos a essa escala. Nesse caminho, como vimos, em Fafião o Parque Nacional tem servido de etiqueta em estratégias de exploração turística: “Fafião, uma aldeia comunitária do PNPG”, designação que parece resultar como fonte de atracção.

No que diz respeito às funções do Parque propriamente ditas, é percepção geral que estas não são cumpridas. O Parque é tido como ausente e mesmo aqueles que

registam a sua presença, na passagem de um veículo identificado, por exemplo, não vislumbram a função que desempenham aquelas pessoas que assim se fazem transportar pelos caminhos e estradas da área protegida. Falando com um dos compartes, antigo presidente do CD, sobre a alteração de cogestão com o Estado para autogestão do CD do baldio de Fafião, diz ele,

Escolhemos ir por aí [autogestão] porque o Parque nunca funcionou, nem funciona. Nós se formos a ver temos mais plantação nova, só aqui na área de Fafião, do que tem o Parque na área toda que eles estão a gerir. Nós houve aí uma altura, umas candidaturas de um projecto do Carbono Zero, em que nós conseguíamos ter árvores novas com capacidade de dar 4 000 e não sei quantas toneladas de carbono zero, e o Parque zero... porque o Parque se tivesse pessoal no terreno a trabalhar, mas o Parque não tem pessoal no terreno a trabalhar, mas para isso há que ter pessoal a trabalhar, porque além de fazer-se a plantação, também é preciso manutenção... (Gouveia)

Outro comparte, actualmente na equipa do CD, ao mesmo tempo que refere a importância das boas relações com as restantes instituições na gestão, não deixa de criticar fortemente a actuação do Parque Nacional:

Acho que não tem feito nada, praticamente, quer dizer, já fizeram muito, cá o Parque, há uns anos atrás, foram eles que incentivaram e fizeram aqui muita coisa. Actualmente o Parque está degradado. Eu acho que só nos está a destruir e que só tem pessoas no... que pouco justificam estar lá, porque não se vê o Parque a fazer nada, nada, nada, nada, nesta aldeia. Vêm-se a andar aí de jipe, a passar, e depois vêm jantar, vêm almoçar, e pronto, não têm feito nada... pelo menos podiam zelar por essa limpeza aí dos rios, desse lixo que aí deixa muita gente que vem para aí, e pelo menos pôr ali um homem a fiscalizar ou um homem a dizer “olhe, isto é uma zona de Parque, queremos isto limpo”, nada! Passam de jipe, bebem uma cerveja, são capazes também de mandar a garrafa para o chão, e aí tenho muito má impressão deles porque só incentivam [...]. (Luís)

Em suma, de uma maneira geral, o PNPG é visto como uma instituição decrépita, ausente, gerida por urbanos que pouco ou nada conhecem a realidade que gerem, que trabalha à base de proibições, em que opta por priorizar a conservação de espécies em detrimento das necessidades das populações humanas. Ao mesmo tempo

que a distância aumenta entre a população e o Parque, é com entidades como o Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro (SBTMAD) em Montalegre que o CD de Fafião estabelece uma relação de proximidade, no que à gestão do baldio diz respeito. Todas as questões relativas a subsídios e à gestão do financiamento para o baldio são tratadas com esta entidade. Só em raros casos são engenheiros do ICNF que auxiliam nas candidaturas a financiamento. Designadamente, é referido muitas vezes o nome de um engenheiro que esteve responsável pelas ITI e que participou como membro da Estrutura Local de Apoio à implementação dessa iniciativa. Mas, de uma forma geral, os compartes vêm-se obrigados a recorrer a prestadores de serviços para conseguirem manter o baldio em dia no que concerne às directivas europeias e nacionais, com o respectivo financiamento.

Por outro lado, acusa-se um desenvolvimento retrógrado em que boas práticas de outrora são hoje proibidas ou abandonadas. Por exemplo, a prática do fogo controlado, que hoje é proibida e que outrora era incentivada e acompanhada por técnicos:

Eles [o Parque, o ICNF] não controlam o fogo... eles se fossem inteligentes a grande parte dos incêndios se não davam, porque nas alturas que se pode queimar deviam deixar queimar, porque já deixaram, tiveram uma fase que deixaram e agora não deixam. Porque veja, eu ainda hoje andei à caça em sítios que devem ter cinco metros de altura de mato. As pessoas não passam. Claro, aquela pessoa que tiver menos consciência, olhe, chega-lhe fogo, pronto [...]. (Acácio)

Acoplada a esta questão, está a dificuldade em obter licenciamento para a abertura de caminhos no monte, caminhos que seriam fundamentais na monitorização e combate ao fogo, como é realçado no mesmo discurso:

E volto a realçar aqui outra situação do parque incorrecta, na minha maneira de pensar, que é não deixar abrir mais caminhos para combater os incêndios, porque repare, há um incêndio numa encosta, ardem por exemplo 15 hectares, mas se estivesse acesso se calhar só ardiam dois ou três, mas eles não querem, os senhores... está a perceber. Eles até deviam ter orgulho que a maior mancha de sobreiras são no monte de Fafião e da Ermida. (Acácio)

E é perante esta ausência, esta inacção, que se assiste a uma tendência para enaltecer “os tempos de Salazar”. Afirmações como “ao menos teve-nos respeito, agora

ignoram-nos” ou “se alguém percebia de floresta era o Salazar”, são comuns, sobretudo entre as gerações mais antigas. Conta-se uma história em Fafião, que reza que os habitantes na altura da florestação escreveram a Salazar a requerer que parasse com a plantação de pinheiros, que já estava a entrar aldeia adentro. Salazar, como resultado, terá parado imediatamente o processo em Fafião. Até que ponto será um acontecimento real, um mito ou uma história alterada pelo tempo, não sabemos. O facto é que hoje serve de argumento quando se pretende atingir o actual governo/ICNF ou quando se pretende fazer a apologia dos tempos antigos.

6. Balanço do caso

A dinâmica dos jovens numa aldeia de montanha no interior de Portugal é algo que sobressai num primeiro contacto com Fafião. Na história recente do baldio de Fafião, foram os jovens de cada momento que a determinaram. Quando foi preciso alterar o modo de gerir, integrando o baldio na nova conjuntura que resultou da integração na UE, foram os jovens de então que o fizeram, tal como quando fora preciso criar um CD no período pós 25 de abril, foram os jovens desse tempo que se organizaram para o conseguir. Hoje, quando se torna novamente necessário integrar o CD e a comunidade na conjuntura de transição que se vive nos meios rurais, estão a ser os mais jovens a organizar-se, nos órgãos de gestão dos baldios e em rede com outras entidades político-administrativas, associativas e empresariais, para conseguirem dar resposta ao que hoje é requerido não só na gestão de um baldio, mas também na transformação destes meios rurais, ou seja, na passagem de espaços predominantemente de produção a espaços de visitação e lazer.

Embora a questão geracional tenha influência sobre a forma como se posicionam os compartes em várias questões da gestão do baldio, esta não parece ser a única explicação para as diferenças registadas. Além do eventual conflito geracional sobressai uma diversidade inerente à própria comunidade que está na origem das diferenças e diferendos que se registam na aldeia. Nesta comunidade diversa, os seus elementos respondem diferentemente às questões conforme estas se relacionem mais ou menos com o seu quotidiano e a sua actividade, com a sua história ou tradição familiar, ou simplesmente com o seu gosto ou interesse pessoal. Isto justificaria que por exemplo alguns compartes participantes nas equipas do CD pós renovação se posicionem contra a dissidência de parte dos proprietários da vezeira, e defendam o Acordo. Actua aqui, não a pertença a uma determinada geração que pensa e age segundo determinados

princípios, mas sim a sua relação próxima com um grupo que lhes convém que se mantenha (a vezeira e a partilha do trabalho), pelas mais variadas razões. Por outro lado, essas mesmas particularidades determinam por si só algumas desconfianças. Por simpatia, antipatia e/ou mesmo tradição familiar, o trabalho de uns é aclamado e o de outros nem sequer considerado, olhado através de um qualquer preconceito.

Os conflitos e a “política no quotidiano” que igualmente sobressaem em Fafião, e que certamente se reproduzem noutras aldeias, para além de serem reflexo da vida que corre em meios pequenos, em que a proximidade do outro é inevitável, parecem ser também indicadores da dinâmica que se refere acima. O falatório que o CD e a Associação Vezeira causam nos interstícios da aldeia, de tanto e de tão intenso, parece indicar mais a importância que o baldio tem para a população e o vigor com que estão prontos para o defender, do que o contrário. Há contudo um aspecto que se verifica hoje em Fafião que poderá ser preocupante se efectivamente prenunciar indiferença e que consiste na ausência de listas concorrentes nas últimas eleições.

Verifica-se, entre os contestadores, um discurso anti-CD que é repetido quase à letra, um discurso que está aparentemente consolidado e que é proferido com toda a convicção. Sejam ou não reais as histórias que rondam os membros dos CD, quando repetidas ao longo de anos a mais e mais pessoas, poderão ganhar contornos cada vez mais firmes. Este clima de desconfiança sentido em pelo menos parte da comunidade coloca forçosamente a questão da viabilidade da gestão colectiva. Porém, não sendo prudente negligenciar estas evidências como possíveis obstáculos à consensualização mínima necessária, há também que relativizá-las ao seu contexto, espacial, social, cultural e político. Ou seja, de um lado o relativo isolamento em que se encontram estas comunidades e os traços culturais vinculados que daí resultam, e do outro a heterogeneidade que caracteriza qualquer comunidade, agora submetida a um período e contexto particularmente exigentes no que respeita à actuação, reprodução e sobrevivência das instituições consuetudinárias. Tendo em conta que diferenças e heterogeneidade sempre caracterizaram estas comunidades, e que as instituições consuetudinárias permanecem funcionais nos dias de hoje, o factor de novidade consiste na mudança de conjuntura. Contudo, parece-nos aceitável assumir que alterações desta índole fazem parte da dinâmica de uma sociedade e que como tal são questões que pontuaram a história, até aos nossos dias. Os baldios e a gestão comunitária sobreviveram a vários sistemas políticos, confrontos institucionais de diversa natureza e

a diferentes circunstâncias económicas, sociais e políticas. As alterações conjunturais requerem diferentes respostas na gestão destes espaços. No contexto descrito, ou em qualquer contexto, é expectável que estas acarretem alguma resistência.

A forma como as alterações conjunturais da sociedade rural podem influenciar e moldar a dinâmica da comunidade e a sua estrutura institucional fica bem representada pelo episódio acima descrito, que ocorreu em Fafião envolvendo a vezeira das vacas. A alteração das relações laborais resultante da crescente dedicação dos habitantes a actividades profissionais extra-actividade agrícola, levou a que uma das instituições locais mais antigas fosse desafiada. A incapacidade ou falta de vontade dos produtores de animais em continuar a seguir as regras instituídas pelo Acordo da Vezeira levou à sua contestação e por fim à sua alteração. O processo não foi imediato nem pacífico, perante a demonstrada incapacidade da instituição de se reproduzir e adaptar às novas necessidades, houve mesmo que recorrer ao tribunal para que essa reprodução acontecesse. Apesar de não ter resultado de um processo exclusivamente endógeno de adaptação, o facto é que esta se deu impulsionada por forças endógenas, estando hoje a situação dos “novos vezeiros” enquadrada igualmente por direitos de propriedade próprios, que estes deverão gerir de acordo com a nova instituição criada. Na verdade, o acesso ao tribunal faz parte da estratégia do sistema de gestão colectiva dos baldios, estando inclusivamente os compartes isentos do pagamento de custas processuais. Esta é uma ferramenta a que os compartes recorrem frequentemente.

Por fim, em Fafião ficou clara a continuação do conflito latente entre as comunidades locais e determinadas instituições actantes no território. A percepção do trabalho do ICNF que a comunidade revela, reflecte a distância a que se votaram as instituições estatais responsáveis pela gestão da floresta e pela conservação da natureza. Como vimos, a falta de recursos contribuirá para a ausência apontada, contudo não se pode negar a forma ineficaz com que as instituições estatais têm gerido os interesses do Parque, Estado, e das comunidades. Uma situação emblemática que reflecte a posição marcadamente hierárquica assumida pelo ICNF/Parque, é a forma como este instituto ignora a vontade e, dessa forma, impede a autonomia dos CD na gestão do baldio, como nos foi relatado em Pincães, aldeia vizinha de Fafião. Fafião é das poucas aldeias que se encontra na modalidade de autogestão desde há mais de uma década. Tal como Pincães, outras aldeias requereram a autonomia e continuam a aguardar o desfecho.

A hierarquia volta a sentir-se quando o Plano de Ordenamento do Parque se sobrepõe às instituições locais, mesmo quando se trata de território baldio, detido e gerido pela e para a comunidade. Se é facilmente aceite a necessidade de existir um controlo dos usos do território para se atingirem objectivos de conservação, já não é tão aceitável que para a sua implementação as instituições já existentes sobre o mesmo território sejam ignoradas. Por outro lado, não é igualmente de fácil aceitação que à implementação das “novas” instituições não preceda diálogo e negociação com os sujeitos/comunidades que recorrem às instituições consuetudinárias, hoje oficializadas e defendidas legalmente, e as reproduzem. Além destas questões formais, a confusão que a sobreposição institucional gera na prática do uso do espaço e dos recursos, revela-se desmotivante para as comunidades e para os agentes que assumem o respeito e agem de acordo com as instituições locais, sendo por vezes, como vimos, lesados no processo (como foi o caso reportado pela *Oporto Adventure Tours* relativamente ao estacionamento do jipe da empresa no baldio de Fafião).

Adicionando-se a estas questões, a diferença e, porventura, incompatibilidade, de interesses revelam-se determinantes no modo como decorrem as relações interinstitucionais no território. Designadamente denota-se uma hierarquia entre diferentes níveis de “comuns” concretizada na desvalorização do “comum local” em prol do “comum nacional”, ou mesmo global. Esta relação fica clara quando a complementaridade de objectivos se demonstra, senão impossível, pelo menos muito dificultada (por exemplo, no caso da coexistência de pastores e de lobos, espécie protegida pelo ICNF ou na limitação de actividades favoráveis ao desenvolvimento local, ditada pelo Plano de Ordenamento do PNPG, como a exploração da pedra ou o estabelecimento de pequenas indústrias).

Perante a ausência e/ou arrogância das instituições estatais registam-se duas atitudes no seio da comunidade: a desistência, em que a ausência do ICNF é assumida como um ponto de não retorno e o Parque passa a representar apenas um conjunto de limitações ao uso dos recursos; e a opção por incitar o contacto e integrar a instituição estatal nos anseios, necessidades e projectos da aldeia, com vista a conseguir apoio nas iniciativas presentes ou futuras. Esta última tem sido seguida pelos últimos CD e pela associação Vezeira, e, segundo os seus dirigentes, com claras vantagens. Assim, embora a história da relação do Estado com o território do Parque seja até hoje uma de imposições e de indiferença para com as comunidades, percebe-se entre as gerações

mais jovens de Fafião a vontade de buscar uma relação de parceria sobretudo construtiva, a qual requer dos compartos algum dinamismo e uma atitude de abertura e comunicação para com as instituições actuates no território do Parque.

CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO

Num tempo em que a propriedade privada é assumida como a mais sagrada das instituições, constituindo a base do sistema socioeconómico que rege praticamente o mundo inteiro, outras formas de propriedade surgem como um anacronismo, hoje acompanhadas de um certo exotismo. Apesar disso persistem, inclusive na Europa, territórios com formas de organização baseadas na propriedade comunitária. Em Portugal, nas serras do norte e centro, a partilha organizada de recursos é ainda hoje uma base de complemento às economias de muitas comunidades. Recursos como a água para rega, o boi de cobrição ou as áreas de pastagem, são hoje ainda usados de acordo com instituições que possibilitaram o uso continuado desses recursos por populações inteiras ao longo de séculos, evitando dessa maneira o seu esgotamento e regulando os eventuais conflitos. À medida que a privatização se estende a todo o tipo de recursos e se assume como a principal forma de relação humana com o meio, seguida de perto por um mercado que se alarga aos vários cantos do globo, a propriedade comunitária perde o seu contexto, tendendo a ser substituída por formas capazes de se integrarem nesses mesmos mercados e de os alimentarem.

Como ficou claro nas secções anteriores, na história dos baldios a apropriação em série dos “incultos” teve início ainda sob a influência de ideias liberais introduzidas em 1820. O processo foi, pois, iniciado com a privatização de largas áreas de baldios a nível nacional, desamortizadas por iniciativa do Estado entre 1869 e 1932. Contudo, os ataques com efeitos mais significativos, em termos de área afectada e celeridade, não visaram a privatização, mas a apropriação e utilização daquelas áreas pelo próprio Estado. Embora no final do século XIX se tenham registado as primeiras iniciativas estatais de florestação dos baldios das serras do Gerês e Estrela, vai ser sob o ambiente autocrático do Estado Novo que terão maior impacto. Se, numa primeira fase, as populações conseguiram responder ao ataque aos seus direitos tradicionais de propriedade comunitária, organizando-se em contestação, a implementação do Plano de Povoamento Florestal acontece já de acordo com o ambiente autoritário em vigor.

O fenómeno migratório que se acentuou nos anos 1960 e a modernização tecnológica da agricultura introduziram alterações importantes na dinâmica dos meios rurais. Sendo o baldio central nos sistemas agrários artesanais de subsistência, a sua função alterou-se nos sistemas mecanizados e com acesso a meios de produção industriais, como os fertilizantes. Estes processos ocorreram em paralelo mas com

consequências sobre a florestação, ao criarem condições para o enfraquecimento das instituições locais, facilitando a entrada dos serviços florestais do Estado. Assim, se por um lado o regime autocrático terá facilitado a imposição de uma ideia, por outro a vulnerabilidade das instituições, enfraquecidas pela saída da população no pós guerra e pelo atenuar da ligação do baldio ao sistema de produção, terá em parte contribuído para o sucesso da implementação do Plano de Povoamento Florestal.

Apesar de o impacto do Plano, ou a forma como foi implementado, não terem sido homogêneos no espaço, no geral pode afirmar-se que as instituições locais foram fortemente abaladas e que o Plano singrou contra a vontade da maioria da população.

Embora a legislação criada após o 25 de Abril tenha devolvido às comunidades a legitimidade de apropriação das áreas e dos recursos coletivos, as tentativas de apropriação continuaram, mas num regime político que impõe que os mais básicos princípios democráticos sejam atendidos no processo. Por outro lado, no seio da apologia da propriedade privada e do mercado, as consequências cada vez mais evidentes da sua aplicação, nomeadamente sobre os sistemas ecológicos e sociais, têm vindo a abrir espaço para a ponderação e defesa das antigas formas de organização baseadas na cooperação e partilha. Esse retorno dá-se a diferentes níveis e por diferentes vias, seja em busca de alternativas e formas de organização que permitam maior autonomia no processo de produção e consumo, seja explorando a procura de uma parte da população urbana, que vê no meio rural um refúgio bucólico do seu quotidiano, e de novas prioridades políticas nos domínios cultural, paisagístico e ambiental. Com as instituições locais enfraquecidas e com reduzida massa crítica nos meios rurais, o futuro dos baldios é incerto. Contudo, existem hoje mais-valias com base nessa conjuntura emergente que são, inclusivamente, promovidas e financiadas pela UE.

O tecido institucional que delimita e determina o uso do território do PNPG é constituído por diversas camadas a diferentes níveis, a que corresponde uma diversidade de perspectivas e objectivos que diferentes actores ali projectam. Enquanto umas instituições poderão concorrer para o mesmo objectivo completando-se, outras inevitavelmente irão sobrepor-se. O problema surge quando a introdução de novas instituições desconsidera a existência das que já vigoravam, criando uma espécie de hierarquia em que a validação de uma invalida a vigência da outra. Mais de um terço da área do PNPG é território baldio, gerido pelas comunidades ou pelas juntas de freguesia, segundo instituições consuetudinárias locais, hoje juridicamente enformadas na

legislação nacional, que consagra a sua posse e gestão pelas comunidades. Estas instituições remontam ao tempo em que a agricultura e a produção de animais eram o centro das economias individuais das famílias, e o baldio assumia um papel central. Com elas, pretendia-se gerir o uso de recursos escassos. Hoje as instituições locais encontram-se limitadas ou invalidadas por outras entretanto introduzidas para garantir o atingir de outros fins. Resumindo, hoje os direitos de propriedade comunitária são delimitados e geridos por um complexo de instituições e apropriados por uma diversidade de actores e para atender a diferentes interesses e usos, por vezes complementares, noutras concorrentes: dos agropecuários aos turísticos, passando pela reserva ambiental e da biodiversidade.

Propusemo-nos com este trabalho avaliar e analisar a situação actual destes espaços físicos e institucionais, de modo a contribuímos para a discussão do futuro possível para os baldios.

1. Uma análise à luz da teoria da gestão dos comuns

Numa primeira análise, a nossa abordagem aos baldios foi guiada pelo trabalho de Ostrom sobre as instituições de gestão de recursos comuns. De acordo com a autora, existem alguns factores que favorecem (ou desfavorecem) o bom funcionamento de um sistema de gestão de recursos comuns e que se relacionam com a definição dos limites do próprio sistema de recursos e do universo de utilizadores, com as características da entidade gestora, e com a forma como se posiciona o ambiente institucional envolvente. Estes factores são portanto assumidos como chave para o bom funcionamento dos sistemas.

Nos baldios abrangidos pelo PNPG, os principais factores que vêm desafiando a manutenção das suas instituições estão relacionados com o ambiente sociopolítico que os envolve, designadamente com o posicionamento das instituições estatais. Na verdade, este posicionamento tem vindo a influenciar todos os quatro grupos de factores mencionados: 1) a delimitação do universo dos utilizadores: na forma como foi tratada a questão do conceito de comparte na redação da última versão da “lei dos baldios”,⁴⁹ e como o próprio ICNF, os Serviços Florestais, e as autarquias, se têm posicionado como utilizadores do território das comunidades; 2) as características físicas e os limites do sistema de recursos: através da florestação em massa dos baldios e da forma como a

⁴⁹ Referimo-nos ao DL nº 72/2014 de 2 de setembro.

demarcação dos limites físicos destes espaços tem sido descurada por aquela instituição; 3) a entidade gestora: ao assumir um papel na gestão dos baldios em cogestão, nomeadamente de apoio técnico aos CD na gestão da floresta, não honrando esse papel e ao dificultar a passagem para uma situação de gestão autónoma pelos compartes; e por fim, 4) o ambiente sociopolítico envolvente.

Neste último ponto, Ostrom sublinha a importância do reconhecimento formal das instituições locais pelo Estado, para que aquelas estejam legitimadas e credibilizadas nas suas acções. Este é um aspecto crítico na situação dos baldios. Se por um lado se encontram legitimados pela Constituição da República e pela legislação própria que os regula e defende a nível nacional, na prática, no PNPG verifica-se uma certa incúria na forma como são encarados os limites físicos e institucionais dos baldios. Ao mesmo tempo, a adopção da “nova lei dos baldios” em 2014, altamente contestada (e mais tarde revogada e substituída), ou a alteração dos critérios de elegibilidade das áreas de pastagem implementada a nível nacional por instituições do Estado, são processos que por um lado demonstram o desconhecimento das entidades do Estado relativamente às dinâmicas dos locais afectados por aquelas medidas, e que por outro deixam vislumbrar o aparente posicionamento estatal perante as instituições consuetudinárias e os interesses locais, que se concretiza, entre outras coisas, em opções estratégicas de gestão do território alheias a essa realidade local. A estas iniciativas, juntou-se a própria criação do PNPG, que submeteu aquela parte do território aos desígnios dessa instituição.

Em seguida desenvolve-se cada um daqueles pontos, de forma a ilustrar de que maneira dificultam, ou põem mesmo em causa, a gestão dos baldios. Uma vez que determinadas questões são comuns a diferentes alíneas (e.g., a forma como o ICNF se posiciona no baldio como utilizador abrange as alíneas 1 e 3), sucede que a sua discussão seja desenvolvida apenas numa delas.

1.1. Utilizadores

A definição dos utilizadores autorizados revelou-se pouco clara nas várias comunidades do Parque. Esta dificuldade, que leva a que as comunidades hesitem em definir quem são os seus compartes, é em grande parte um reflexo da publicação do DL nº 72/2014 que veio substituir a anterior “lei dos baldios” (DL nº 68/93 de 4 de setembro). De facto, a alteração do conceito de comparte retirou aos compartes um dos seus direitos de propriedade sobre o baldio, designadamente aquele que lhes permite o

controlo do acesso à propriedade comunitária, por outras palavras, o direito de exclusão. Tal como afirmado (Brower, 1995, *inter alia*), até aí a delimitação do conceito circunscrevia-se à utilização do baldio de determinada comunidade, podendo as instituições comunitárias alterar as regras de inclusão e exclusão entre diferentes sistemas. Por exemplo, em alguns baldios do PNPG foi referida a existência de uma regra segundo a qual após determinado período de habitação na aldeia, o recém-chegado passaria a ser comparte, estando ainda assim sujeito à aprovação da comunidade utilizadora daquele baldio. Esta regra era (é) local, não tendo necessariamente que existir no sistema de gestão do baldio vizinho.

Portanto, se até então os compartes tinham um papel na selecção dos utilizadores do seu baldio, o DL n° 72/2014 invalida-o reduzindo os utilizadores do baldio aos eleitores da freguesia em que se insere. Por outro lado, alarga-o a quem desenvolva actividade ou possua terra na área da freguesia. Põe-se assim em causa a capacidade de fiscalização dos compartes relativamente aos utilizadores do monte comum, uma vez que a população de utilizadores sofre um aumento considerável, perdendo-se o carácter de vizinhança que fundamentava e legitimava a posse comunitária do baldio e conferia aos compartes a capacidade de vigilância recíproca quotidiana dos comportamentos nos comuns, logo, do seu controlo social pela comunidade. Este é, portanto, o ponto nevrálgico do sistema de gestão e, como tal, o mais contestado da nova lei.

Em geral, as pessoas estão a par da alteração da legislação, mas nem todas a conhecem no detalhe, nem a totalidade das alterações introduzidas. Esta questão revela-se particularmente sensível. No fundo, a delimitação do universo dos utilizadores faz parte da estratégia delineada ao longo do tempo para gerir o uso dos recursos de forma que a comunidade possa contar com eles, atualmente e no futuro.

De acordo com Janssen, Anderies e Ostrom (2007), sistemas institucionais adaptados a alterações regulares e graduais são particularmente vulneráveis a perturbações introduzidas por outras instituições, e com efeitos rápidos. E segundo Brower (1995), o poder do Estado para alterar o comportamento ou o pensamento dos seus sujeitos (através de leis, por exemplo) é contingente e limitado, face a situações de pluralismo normativo como aquele que caracteriza o PNPG. Também Penker (2008) salienta a importância do local na negociação e na aplicação dos direitos de propriedade. Contudo, a importância dessa resistência, na prática, variará consoante relações de força, reconhecimento de legitimidade, e recursos de negociação (Congost, Gelman, &

Santos, 2017), entre a comunidade e as organizações estatais e no interior da própria comunidade – nomeadamente na medida em que esta depende de autorizações, pareceres e subsídios para gerir os seus recursos.

No caso estudado, apesar do potencial desintegrador do decreto de 2014, as alterações introduzidas, ainda que actuando directamente sobre a definição jurídica das instituições, por si só não parecem ter desestruturado a dinâmica da gestão local do baldio. Em particular no que respeita às alterações ao conceito de comparte, o que se verifica na prática junto das comunidades é a certeza de que os usos e costumes continuarão a ser soberanos. Existe, portanto, uma certa tranquilidade entre os compartes, convencidos da legitimidade das suas instituições e do carácter local da sua negociação e aplicação. Embora não se tenha registado uma organização local de contestação colectiva, verifica-se que os compartes estão decididos a desobedecer perante aquilo que lhes pretendem impor a montante, e que considerem desadequado. Contudo, embora tal pareça pôr em causa a previsão de Janssen et al. (2007), quando pessoas de fora da comunidade, e que de acordo com a lei passam a ser compartes, intervêm e reivindicam, legal e juridicamente apoiadas, os seus novos direitos, a vulnerabilidade prevista por estes autores parece ganhar consistência. Ou seja, no que respeita ao posicionamento dos compartes, esta é uma alteração que não teria repercussões de grande monta a nível local, uma vez que estes não reconhecem a sua legitimidade. Contudo, tal como aconteceu em Castro Laboreiro, intervenções externas guiadas pelo DL nº 72/2014 poderão pôr à prova a força das instituições consuetudinárias.

A ameaça de uso por utilizadores não autorizados é diversificada e reveste-se de formas mais ou menos directas. Podemos constatar exemplos variados de usurpação dos direitos de propriedade das comunidades do PNPG, tanto pelo ICNF como por outros actores: implantação de antenas de alta tensão na área do baldio sem negociação prévia, manutenção das (decadentes) casas florestais existentes nos baldios na posse do Estado, ou ainda colocação pelo ICNF e por autarquias de pontos de entrada (as Portas do Parque) para recepção dos visitantes, informação e venda de artigos, em plena área de baldio. Ainda que não decisivos, estes são aspectos que desmotivam as comunidades e enfraquecem as instituições, vulnerabilizando-as face a qualquer acção que pretenda introduzir algum tipo de alteração. Como tal, são situações que não deveriam passar incólumes. E isso depende sobretudo da acção dos compartes. Verifica-se que, nos

casos em que houve uma efectiva mobilização dos compartes (como no do parque de campismo de Travanca), os direitos de propriedade saíram reforçados, tendo inclusive resultado algum ganho de outros direitos (como o emprego de membros da comunidade). Com os compartes mais próximos da gestão, como reflexo também de algumas iniciativas financiadas pela UE (e.g., as Intervenções Territoriais Integradas), verifica-se que a postura se altera no que respeita à defesa do que consideram ser seu. O caso da aldeia que contestou o funcionamento da Porta do Parque no seu baldio e que hoje participa na recepção dos visitantes e recebe parte das receitas, o contacto estabelecido pelo CD com as empresas de turismo que usam o baldio de Fafião, ou o progressivo aumento da sinalização a delimitar os direitos de propriedade sobre o monte em algumas aldeias, são alguns exemplos do que parece ser uma posição mais assertiva relativamente à defesa dos limites de utilização da propriedade comunitária.

A utilização turística é geralmente bem vinda pelos compartes, até ao ponto em que essa passagem comece a deixar sinais de desrespeito pelo território, seus recursos e comunidades (como caminhos danificados, lixo, etc.). Não obstante, já se registam algumas posições de inconformismo. Se, numa primeira análise, a desadequação dos CD para gerirem as questões relacionadas com o turismo foi afirmada por vários compartes em diferentes baldios, vimos exemplos de como aquela entidade pode intervir para tornar a relação benefícios/custos mais equilibrada para todos os actores. Em Fafião, como vimos, a associação Vezeira foi criada para assumir o controlo do turismo na aldeia, trabalhando em duas vertentes: organizando actividades que foquem aspectos da cultura local, e estabelecendo parcerias com outras organizações para que a passagem destes agentes e dos seus visitantes gere uma distribuição de benefícios mais justa. Embora parta do princípio que a função do CD não passa pela gestão do turismo, o presidente da associação defende que, sendo a responsabilidade do CD gerir o espaço do monte, este organismo terá igualmente de delimitar os seus utilizadores, sob pena de permitir a sua generalização em livre acesso, com custos potenciais para as comunidades: seja procurando simplesmente impedir a entrada através de métodos de coerção, devendo para isso pesar-se a capacidade da comunidade para fiscalizar os usos; seja estabelecendo uma parceria em que o uso regrado é permitido, mas os utilizadores se comprometem a contribuir de alguma maneira para a manutenção dos recursos que usa (e.g., os caminhos).

Contudo, alguns episódios têm demonstrado que ainda há um longo caminho a percorrer neste campo, já que na prática e do ponto de vista institucional a propriedade comunitária aparece em segundo plano em relação ao plano de ordenamento do Parque. Esta situação põe obstáculos ao desenvolvimento de parcerias nos moldes acima falados e tem vindo a criar um fosso ainda maior entre o PNPG e os utilizadores do território. No fundo, o direito de exclusão ou inclusão de utilizadores, que assiste à comunidade de compartes relativamente ao seu baldio, é posta em causa pelas regras e pela actuação do Parque. Assim sucedeu com utilizadores autorizados pelo CD do baldio de Fafião, ao serem multados por uma entidade estatal por estacionarem indevidamente perto de um local onde levaram os seus visitantes. Nestas condições, pese o aparente rigor do controlo pelo Parque, o livre acesso aos baldios não está efectivamente acautelado, uma vez que não existe consenso entre as duas instituições sobre quem é e quem não é utilizador autorizado. Esta situação acaba por reflectir as possíveis consequências de um sistema institucional de gestão de recursos comuns estar baseado em normas que não têm o pleno reconhecimento e o aval das autoridades estatais, e, reciprocamente, de estas procurarem impor às instituições locais normas concorrentes das suas. Como avisa Ostrom (1990), as primeiras correm o risco de não ter validade fora do contexto local, e as segundas o de não serem acatadas pelos actores nele presentes, o que poderá pôr em causa o seu sucesso e, logo, a sua continuidade.

Em alguns casos verifica-se mesmo o recurso à figura do CD, patente na legislação, para as comunidades se defenderem da potencial apropriação do baldio por conjuntos de utilizadores externos, como aconteceu perante a união de freguesias. No caso de freguesias mais pequenas, esta significaria um aumento da área e do número de habitantes da freguesia, resultando no aumento do número de compartes (segundo o conceito de compartes introduzido pelo DL n°72/2014). Assim, através da alteração dos limites da jurisdição de determinada comunidade sobre o baldio, criando para isso o CD, salvaguardaram a manutenção dos recursos que consideravam seus. Ao mesmo tempo asseguraram a continuação do acesso aos subsídios, a qual está dependente da área de pastagem elegível, pois o aumento do número de utilizadores autorizados poderia resultar num decréscimo fatal de área para cada produtor, inviabilizando as candidaturas.

1.2. Características físicas e os limites do sistema de recursos

Existem benefícios associados ao território, afectados de acordo com os usos e costumes aos habitantes de determinada povoação. A eventual alteração desses limites, a dar-se, deverá ser resultado de iniciativa interna e sujeita a negociação. Sendo uma imposição de instituições externas, esta é dificilmente integrada pela população e potencialmente criadora de conflitos, correspondendo ao tipo de transformações introduzidas no sistema por instituições externas com efeitos rápidos sobre o mesmo, a que se referem Janssen et al. (2007).

Os baldios do PNPG localizam-se essencialmente nas serras que configuram aquela parte do território, designadamente as da Peneda, do Gerês, do Soajo, da Amarela e de Laboreiro. Não é um conjunto territorial homogéneo, e como tal os recursos nele disponíveis também não são. Este aspecto faz com que uns baldios sejam mais ricos do que outros nos recursos e usos que estes possibilitam. A floresta é hoje o recurso que maior receita directa gera, contudo nem todos os baldios o têm disponível, seja por o Plano Florestal não ter sido aí implementado, e/ou simplesmente por o monte não apresentar condições naturais para o desenvolvimento de floresta. Ainda que de forma não generalizada, a florestação que decorreu ao longo da segunda metade do século XX transfigurou a paisagem e transformou os ecossistemas. Enquanto alguns compartes afirmam a existência de pinhais em torno da aldeia antes da entrada dos Serviços Florestais, outros defendem que a sua existência data de então. De uma maneira ou de outra, o Plano Florestal alterou a paisagem rural. Por exemplo, em aldeias como Fafião, Pincães, e Ermida, imediatamente a seguir às hortas individuais observa-se hoje uma mancha densa de pinhal. A proximidade e densidade são tais, que alguns compartes referem o constrangimento que lhes causa, tanto pela forma como se impõe visualmente, como pelo risco que aquela massa concentrada de combustível encerra. Apesar de reconhecido o valor da floresta, nomeadamente como “mealheiro da comunidade”, os compartes não têm vontade de investir naquele património, preferindo para reflorestação outras espécies não comerciáveis e menos combustíveis, nomeadamente o carvalho, o castanheiro, e outras. Mas enquanto o pinhal se mantém, as comunidades que lhe têm acesso vão recorrendo aos seus benefícios sempre que necessário.

Essa diferença entre baldios na existência/acessibilidade de recursos, sejam estes campos de pastagem, matos ou madeira e lenha, gera frequentemente conflitos entre comunidades vizinhas. Estes podem ter origem no trespassse físico e no uso irregular de

recursos a que não têm direitos reconhecidos de uso, ou na contestação dos limites com os baldios limítrofes. Os conflitos reportados entre comunidades vizinhas relativamente aos limites dos baldios e a forma como os Serviços Florestais ainda hoje se referem àquelas áreas munindo-se dos registos dos perímetros florestais do Estado Novo, demonstram que os limites do sistema físico não são claros, para todos os actores e em todos os casos. A delimitação inequívoca dos baldios tem um papel fundamental na defesa dos direitos dos utilizadores autorizados dos espaços. A forma como cada actor integrou esses limites em diferentes momentos da história parece ter servido interesses específicos.

Veja-se como o recurso aos perímetros florestais como referência geográfica destas áreas e a inexistência do cadastro dos baldios permitiu (e permite) ao Estado manter um domínio, mesmo que teórico, sobre aqueles territórios. O conflito registado entre as comunidades de Fafião e Ermida, que visou a definição do limite entre baldios, foi despoletado pelo corte considerável de um pinhal. Existindo um conflito prévio latente, o valor avultado resultante do corte de pinhal veio dar o mote para o assumir em pleno.

Além da delimitação entre baldios confinantes, ocorreu também a delimitação interna em baldios mais amplos, por iniciativa de aldeias neles participantes. Em Cabril, o baldio é gerido ao nível da freguesia por um CD. Este baldio serve todas as povoações da freguesia excepto as de Pincães e Fafião, cujas comunidades organizaram o órgão gestor ao nível da aldeia, existindo portanto o CD do baldio da freguesia de Cabril, o CD do baldio de Fafião e o CD do baldio de Pincães. Recentemente, uma das aldeias com direitos sobre o baldio da freguesia decidiu criar um sistema de gestão próprio para defender o seu espaço de baldio, devido ao crescente número de apicultores de outras povoações da freguesia registado na área de baldio circundante, impedindo o acesso de potenciais apicultores dessa comunidade. Desta maneira garantiu-se a exclusividade do uso daquela área do monte aos compartes da comunidade mais próxima. Recorrendo à figura do CD, os compartes delinearam os limites dos seus interesses tornando os recursos comuns “menos comuns”, salvaguardando assim o seu uso local. Este é mais um registo que demonstra a manutenção do controlo local sobre a paisagem e os seus recursos, apesar da influência das várias camadas institucionais que hoje vigoram nestes baldios (Penker, 2008).

Apesar destas disputas de delimitação, de uma forma geral as comunidades mostram ter controlo sobre os limites dos seus baldios, e inclusivamente as zonas de divisa entre baldios são, em alguns casos, controladas regularmente por membros das comunidades detentoras para limpeza das cruces.

1.3. Entidade gestora

Conquanto a maior fonte de disrupção institucional nos baldios esteja ligada à actuação do Estado, veio também do Estado o fortalecimento do tecido institucional quando, na conjuntura política após o 25 de Abril, este fomentou a organização das comunidades e a criação ou renovação das instituições locais para a gestão dos baldios. Ao mesmo tempo, a propriedade comunitária foi consagrada na Constituição da República Portuguesa e ficou salvaguardada na legislação a posse, uso e gestão dos baldios pelas comunidades utilizadoras, de acordo com os usos e costumes, permitindo simultaneamente a manutenção da tutela estatal sobre a propriedade comunitária (Brower, 1995). Contudo, segundo Baptista (2010), “a actuação dos Serviços Florestais [...], privilegiou a manutenção de uma tutela e não incentivou a autonomia dos povos na gestão e controle dos baldios” (p. 86). Hoje, é ponto assente e consensual entre investigadores e compartes que a cogestão dos baldios é um modelo que não tem funcionado, sendo inclusivamente lesivo para a gestão. Radich e Baptista (2005, p. 150) imputavam ao Estado, e particularmente aos Serviços Florestais, essas debilidades, decorrentes da falta de meios, da baixa prioridade institucional conferida aos baldios, e ao ressentimento latente daqueles Serviços pela perda do poder que lhe fora conferido pela legislação de 1938.

O distanciamento do centro de decisões é um ponto que se revela central para a descredibilização e deslegitimação das instituições estatais. Penker (2008, p. 951) aponta para o efeito desincentivador que a desconexão das plataformas de decisão e dos decisores do território onde vão ser implementadas pode ter sobre os utilizadores do sistema de recursos, agravando a incerteza e, em consequência, a própria disposição para tomar decisões.

Nos baldios do PNPG, a percepção da generalidade dos compartes é a de que o Parque/ICNF ou não existe para lá do Plano de Ordenamento, ou surge apenas para cobrar coimas ou impedir algum empreendimento que a comunidade considera do seu

próprio interesse, mas fere os propósitos mais a montante. No campo, a entidade Parque confunde-se com a instituição do Estado responsável pela gestão dos recursos naturais e floresta, o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF). Do ponto de vista local, o “Parque” incorpora tudo o que seja Estado e acção estatal sobre aquele território. Nesta perspectiva, é também com “o Parque” que está estabelecida a cogestão dos baldios. Embora o Parque seja gerido pelo ICNF, a instituição Parque que tinha sede na Vila do Gerês com um corpo directivo na região, que geria um leque alargado e exclusivo de recursos humanos, deixou de ser uma entidade presente após a reforma do ICN em 2007 e o corte drástico no pessoal que já vinha a acontecer desde 2002 (Pinto & Partidário, 2012, p. 795). Portanto, quando a população evidencia o seu ressentimento pela ausência do Parque, parece referir-se sobretudo à alteração de prioridades do Estado no que se refere à gestão do território, também como reflexo da redução de orçamento. Ainda que os poucos técnicos ao serviço do Parque desenvolvam algum trabalho com importância local, este está longe de se equiparar ao do passado, pelo que a percepção local é a de perda de vigor da instituição.

No caso do PNPG, a distância do ICNF é associada a um posicionamento institucional gerador de desequilíbrios, nomeadamente entre aquilo que requer da população, limitando os usos e acções no território, e o que lhe concede. Confrontados com essa realidade e incentivados de vários lados para o fazerem, os compartes começam a ponderar, e alguns mais do que isso, a exclusão do Estado da gestão dos baldios. O incentivo à dissolução da colaboração com o Estado na gestão dos baldios tem vindo de vários lados, inclusive, segundo alguns comentários, do próprio Estado. Entidades como o Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro em Montalegre, ou a associação Atlântica em Arcos de Valdevez, tiveram um papel nesse incentivo. Estas entidades colaboram de perto com os CD na gestão dos baldios, com influência crescente sobre eles. A entrada destes agentes acontece como consequência da subsidiarização e burocratização dos baldios, processo que a população de compartes não conseguiu acompanhar (Lopes, Bento, Cristóvão, & Baptista, 2013) e que o ICNF, como entidade gestora dos recursos naturais, não consegue apoiar.

Em 1994, Baptista escrevia sobre as consequências das escolhas feitas na implementação da PAC com vista a concentrar a produção nas explorações mais eficientes e bem equipadas apresentando dois cenários possíveis. Um relacionado com o consequente desequilíbrio social que adviria da polarização entre países “produtivos” e

países “assistidos”, e o outro que chamava a atenção para o provável retorno da questão da terra ao criarem-se novamente condições para que os proprietários beneficiassem simplesmente por o serem (Baptista, 1994, p. 920). Também por essa altura Brower (1995, p. 301) diagnosticava que as orientações da PAC, pela destruição da agricultura “ineficiente” e “obsoleta”, conduziriam à perda das funções tradicionais dos baldios e à maior vulnerabilidade dos seus territórios. Se inicialmente a acção da UE se centrou no financiamento da (in)actividade agrícola, hoje, como se verá mais à frente, é a mesma UE que incentiva e financia iniciativas que reponham as características dos recursos e da paisagem ao nível a que se encontravam antes da sua intervenção.

1.4. Meio sociopolítico envolvente

Vaccaro (2008, p. 19-21) refere a relação de reforço mútuo no tipo de territórios que estudamos, entre a debilitação demográfica e agrícola e a indefinição de direitos de propriedade, por um lado, e a constituição de áreas naturais protegidas pelo Estado patrimonializando a paisagem como bem colectivo nacional, por outro. Quando o PNPG foi instituído em 1971, os efeitos da emigração, das alterações tecnológicas da agricultura e da florestação faziam-se já sentir sobre as populações e, inevitavelmente, sobre as instituições locais. Enquanto a emigração levava os capitais social e humano e a força de trabalho para fora destas povoações, enfraquecendo a estrutura das comunidades, as mudanças na agricultura tornavam os recursos até aí fundamentais para a manutenção do sistema produtivo, e a própria mão-de-obra, menos úteis, acabando com a dependência que caracterizava a relação das populações com o baldio e aquela estabelecida entre os elementos da comunidade. Ao mesmo tempo, o Plano de Povoamento Florestal ia integrando elementos das comunidades das aldeias, oferecendo salários e promessas de ascensão, minando a estrutura institucional vigente. Assim, a vulnerabilidade das populações e das suas instituições era já então considerável, o que terá facilitado a entrada e implementação de novos usos e novas instituições, nomeadamente a reconversão da paisagem agrária em áreas naturais protegidas.

A criação do PNPG resultou, na prática, na sobreposição (no duplo sentido cumulativo e hierárquico) de uma instituição pública, tutelando a área de paisagem protegida, sobre as que antes vigoravam, algumas desde tempos imemoriais, criadas pelos habitantes para o controlo e gestão dos recursos comuns que se materializaram nessa paisagem. Nas serras da Peneda-Gerês, o resultado dessa “patrimonialização” é sensível, sobretudo na forma como os habitantes descredibilizam o Parque/ICNF e na

desmotivação que decorre das limitações impostas ao uso dos recursos e do espaço, sem a devida compensação. Para além das limitações impostas pelo Plano de Ordenamento do Parque, a criação do Parque Nacional pressupunha a submissão da sua área ao Regime Florestal Parcial Obrigatório, ainda que nem toda a área fosse florestal. Contudo, a intervenção dos Serviços Florestais no final do século XIX na serra do Gerês submetera já grande parte do território que é hoje PNPG àquele regime. O facto de o Estado arrecadar 40% das receitas da floresta nos baldios do PNPG em regime de cogestão, desconsiderando a origem do povoamento, não será indiferente à permanência do Regime Florestal. Esta situação é justificada pelo ICNF com os investimentos feitos pelo Estado no PNPG, como seja o pagamento de uma parte do custo de manutenção das equipas de sapadores.

Os Serviços Florestais não foram alheios ao processo de criação do Parque, procurando imprimir a sua filosofia de conservação e de uso do espaço no conceito da área protegida, ao mesmo tempo que disputavam o domínio institucional. O processo opôs engenheiros florestais e arquitectos paisagistas, com formas praticamente antagónicas de conceber a conservação, uma visão baseada na ideia de “*wilderness*” dos primeiros e uma concepção de paisagem humanizada e cultural dos segundos. Depois de em 1975 ser criado o Serviço de Parques e Reservas e do Património Paisagístico, ligado ao Ministério do Ambiente, o PNPG manteve-se nas mãos dos Serviços Florestais, sob a tutela do Ministério da Agricultura e Pescas. A sobreposição institucional que daí resultou criou algum conflito, de cariz sobretudo conceptual, que resultou na criação da nova figura de área protegida defendida pelos arquitectos paisagistas, o parque natural. Este conceito adequar-se-ia melhor à realidade nacional ao prever a gestão de áreas habitadas, considerando esse aspecto uma mais-valia também a preservar. O Parque foi integrado no entretanto reestruturado Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza em 1985, pondo fim ao domínio dos Serviços Florestais sobre a sua administração. A influência de uma corrente conservacionista, que poria em causa as populações e os seus meios de subsistência, terá contribuído para o antagonismo e os conflitos que se geraram entre o Parque, os Serviços Florestais e as populações locais. Em 2012, com a criação do ICNF pela fusão do ICNB e da AFN, os Serviços Florestais passaram novamente a integrar a gestão das áreas protegidas, embora guiados por princípios mais integradores, afirmando para a sua missão a “convergência de objectivos de conservação da natureza e de desenvolvimento

sustentável e o envolvimento dos actores locais nas actividades que sejam objectivo do Parque”. Apesar disso, como vimos, a revisão do Plano de Ordenamento em 2011 reflecte um retorno parcial ao discurso conservacionista, visível no estabelecimento das prioridades de acção.

Na realidade, ao longo do tempo as ideias de conservação e protecção têm servido vários propósitos, que nem sempre coincidem com o que advogam. O discurso conservacionista, apelando ao receio de perda de espécies, de paisagens, de recursos, acolhe quase sempre simpatia e abertura para colaboração. A responsabilidade que poderá resultar da não adesão ao movimento proteccionista é demasiado grande. A noção do poder associado tem levado ao uso do discurso conservacionista como meio de persuasão e ferramenta de poder. Desta forma, o Estado consegue expandir o controlo sobre as áreas periféricas, onde a distância e o esquecimento a que foram votadas criaram lugares gradualmente despovoados e instituições enfraquecidas pela ausência e alteração dos usos, num processo de re-territorialização que reconverte as relações, os conceitos, os objectivos e os meios associados ao território (Vaccaro, 2008). O próprio Regime Florestal a que foi submetida a área do Parque aquando da sua criação, fora justificado pela necessidade de intervenção nas encostas das serras e zonas ribeirinhas, sob a premissa de que tinham sido zonas de floresta, depois destruída pela acção humana, e que então se encontrariam sob um processo acelerado de erosão.

Inicialmente, a entrada das instituições do Estado fez-se acompanhar de francos benefícios para as populações. Estradas, electricidade, emprego, contrabalançaram as limitações de uso e restrições aos direitos de propriedade comuns. O Parque e a Floresta passaram a dominar a região, inscrevendo-se no espaço e nas dinâmicas das povoações com toda a autoridade, legitimada em parte pela presença concreta dos agentes da mudança. Alguns sinais da intervenção do Estado são ainda hoje visíveis e fazem parte da sua paisagem e dinâmica. Este contexto inicial criou no imaginário local estas figuras – Floresta e Parque – como representantes de um movimento de modernização e inovação, e sobretudo de proximidade às instituições centrais até então distantes e indiferentes. A par de um certo autoritarismo, apresentavam-se novos caminhos a comunidades escravizadas pelo meio exigente e hostil da montanha.

O Parque continua a ser a instituição pública dominante, não só aos olhos dos habitantes como dos visitantes. Contudo, na prática o PNPG tornou-se sobretudo o motivo e receptáculo principal das críticas de quem usa, ou pretende usar, o território. A

par disso, a figura PNPG é hoje uma marca insubstituível para fins de propaganda turística. Usufruindo da memória da grandeza de outros tempos e da exclusividade da sua classificação (primeiro e único Parque Nacional em Portugal), a designação PNPG tem um impacto único entre os amantes da natureza, de actividades desportivas e de aventura ao ar livre. Hoje a marca vai mais longe, associando-se a cenários socioculturais atractivos para novos tipos de visitantes. Enquanto a propriedade comunitária é generalizadamente desconhecida daqueles, a influência do Parque/ICNF, palpável ou abstracta, supera qualquer outra instituição, sobrepondo-se inclusivamente às relações estabelecidas entre as instituições locais e os novos utilizadores. Alimentada pela memória do passado e pelo imaginário dos passeantes, explorada pelos promotores do território, a influência do Parque é também legitimada pelas várias instituições, inclusive pelos próprios compartes. Ao manterem a colaboração com o Estado na gestão dos baldios, apesar de lesiva, e ao lidarem com a utilização do baldio pelas instituições do Estado como se de uma fatalidade se tratasse, os compartes legitimam a acção destas entidades contribuindo para tornar ainda mais difusos os direitos de propriedade.

Haesbert (2007, p. 20) chama a atenção para o efeito “desterritorial” que estas iniciativas poderão ter ao nível social, ao criarem situações desiguais e de clara supremacia de umas instituições em relação às outras. Por outro lado, Scharpf, citado por Gatzweiler (2005, p. 210), realça a situação potencialmente conflitual que se gera com a criação de vários níveis de decisão, e que resulta em custos de transacção elevados, apenas superada se existir capacidade de acção colectiva entre os vários intervenientes (Poteete & Ostrom, 2002, p. 9). No PNPG, essa situação é evidenciada no confronto entre os usos e costumes, que constituem no fundo as instituições locais, e o Plano de Ordenamento do Parque, por exemplo. A falta de concordância exige constantes negociações ou notificações, por vezes através de métodos de coerção, que elevam muitíssimo os custos de transacção. Por outro lado, como sugerem Edwards e Steins (1996, p. 20), em situações em que a diversidade institucional impera, muitas vezes é o parceiro que detém maior poder que acaba por definir a direcção da gestão (p. 20) – lembre-se que para além das instituições gerais da Administração Pública Central e Local, da UE e das instituições locais, do ponto de vista específico da conservação a área do Parque está sujeita a cinco camadas institucionais (PNPG, Rede Natura 2000, Parque Transfronteiriço Gerês-Xurez, Reserva da Biosfera e rede de Pan Parks). Este desfecho é notório no PNPG, em que tanto o Plano de Ordenamento como

a UE, através da PAC e da sua estratégia de financiamento, têm vindo a definir o percurso de desenvolvimento daquele território. Na prática, verifica-se que a necessidade dos agricultores e habitantes, num meio rural desvirtuado e desorientado fruto, em grande parte, dessa mesma PAC, é colmatada com subsídios que definem onde, quando, em quê e como as coisas devem ser feitas.

Hoje a dinâmica destas regiões é o resultado da acção de grande número de instituições, entre as quais se destacam o Estado, através dos Serviços Florestais, e a UE. A situação institucional dos baldios do PNPG é particular. Se por um lado o seu uso está mais limitado do que o da generalidade dos outros baldios, por outro têm à sua disposição mais ferramentas de gestão, nomeadamente, as Intervenções Territoriais Integradas (ITI). O facto de se encontrarem no único parque nacional do país coloca sobre os seus gestores o ónus da manutenção das suas excepcionais paisagens e biodiversidade.

A designação PNPG ocupa um lugar de destaque, não apenas do ponto de vista turístico, mas também científico e patrimonial. É para o PNPG que se aponta quando se pretende que qualquer projecto ou acção tenha visibilidade, mantendo-se por exemplo local de eleição para a implementação de projectos nacionais de ordenamento e gestão do território, em particular do território florestal, como foram o lançamento do Programa de Sapadores Florestais, das ITI, e mais recentemente do Projecto Piloto de Ordenamento Florestal, após os catastróficos incêndios de 2017. Assim, apesar de os habitantes terem assumido o seu apagamento como actor local, o PNPG assume-se ainda hoje como um símbolo, símbolo de biodiversidade, de reduto da vida e da cultura rurais, de liberdade e pureza, e de cenário de aventura.

2. Dinâmicas actuais nos baldios

A conjuntura que rodeia os meios rurais e os resultados práticos da mesma, como os incêndios florestais, tornam premente e actual a discussão das estratégias de ordenamento do território. Constituindo cerca de 5% do território nacional, os baldios não podem ser ignorados, em particular quando se fala de floresta. Quando se pensa os baldios no século XXI, pelo menos duas questões conexas emergem imediatamente (ou talvez duas maneiras de colocar a mesma questão): as mudanças que marcam os meios rurais e que tornam os baldios territórios em transição, e a subsidiarização da agricultura e das actividades em meio rural. Parece existir cada vez maior consenso entre as entidades que se interessam pela questão (do movimento associativo dos baldios, aos

partidos políticos e aos investigadores) no que respeita às necessidades e possibilidades do futuro dos baldios face àquele ambiente de transição. Consenso que de alguma forma ficou espelhado na nova versão da “lei dos baldios”, publicada em 2017 (Lei nº 75/2017 de 17 de agosto).

Estas questões são em seguida discutidas à luz do que se observou nos baldios do PNPG. Em dois momentos, a discussão é particularizada. Primeiro, ao focar uma das medidas agroambientais da UE com um impacto significativo na área do PNPG. E em seguida ao incidir sobre a dinâmica observada numa das aldeias do PNPG como resposta à crescente importância do turismo nesta parte do território.

2.1. Dinâmica do movimento associativo

Os baldios correspondem a cerca de 5% da área do país. Como resultado da intervenção estatal muitos deles exibem manchas de pinhal mais ou menos extensas, no seu conjunto constituindo cerca de 11% do coberto florestal a nível nacional (Radich & Baptista, 2005). Ainda que existam outras actividades ligadas a estes territórios, desde a implementação do Plano de Povoamento Florestal que a floresta se tornou o recurso mais importante do ponto de vista de obtenção de renda.

Ultimamente os incêndios florestais têm sido notícia pelas piores razões, lavrando em hectares e hectares de território, pondo em causa a vida de centenas de pessoas. Por essa razão, a floresta tem vindo a assumir um lugar de destaque na discussão pública. Neste processo, as formas de gestão de propriedades florestais são revistas, criticadas, e feitas propostas para a sua alteração ao mesmo tempo que tópicos como “casas florestais”, “pinhal, eucaliptal”, “guardas florestais”, “sapadores florestais”, são trazidos recorrentemente ao debate. Torna-se portanto, embora pela negativa, uma conjuntura favorável para a actuação do que aqui denominamos de Movimento Associativo dos Baldios (MAB), uma plataforma que agrega várias entidades intervenientes na gestão dos baldios, com o objectivo de defender os direitos de propriedade comuns e os direitos pessoais dos compartes, e de lhes garantir acompanhamento no ordenamento e na gestão comunitária dos seus territórios. É composto por diversas associações e pela Federação Nacional de Baldios, a denominada BALADI.

Em 2015, quando o novo governo tomou posse, a lei dos baldios foi uma das prioridades. O mandato do anterior governo tinha ficado marcado pelo polémico DL

nº72/2014 de 2 de setembro, altamente contestado, em particular pelo MAB e pelos partidos que vieram a ganhar influência governamental após as eleições. Num processo independente, parte da mesma conjuntura, registava-se a alteração dos critérios de elegibilidade das pastagens para financiamento à produção animal, que pôs em causa por um lado a distribuição dos subsídios pelos agricultores sem terra, e por outro a implementação de uma das medidas agroambientais da UE, as ITI. Em ambas as situações (lei dos baldios e elegibilidade das pastagens), o MAB interveio com relativo sucesso, beneficiando para isso de dois aspectos que caracterizavam a conjuntura nacional do momento: a mudança de governo e a premência política da questão florestal.

Ao longo dos últimos anos, foram muitos os eventos organizados e atendidos por entidades como a BALADI, várias outras associações que trabalham com os CD (SBTMAD, Atlântica, Forestis, etc.), os próprios CD, investigadores de várias áreas, empresas, autarquias, entre outros. Como resultado do trabalho destas entidades, para além do aumento da visibilidade da questão dos baldios a nível nacional, deram-se passos significativos na dimensão política e legislativa. A Lei nº 75/2017 é talvez o maior exemplo disso. No processo de redação do que viria a ser a nova lei dos baldios, substituindo-se ao polémico DL nº 72/2014, todas aquelas entidades, juntamente com os partidos com representação na Assembleia da República (AR), intervieram no sentido de compor uma proposta de lei que respondesse aos anseios dos compartimentos dentro das possibilidades da conjuntura nacional. Surgiria daí a Lei nº 75/2017. Antes disso, cessaria também a vigência do DL nº 165/2015 de 17 de agosto, igualmente controverso, que pretendia regulamentar a Lei dos Baldios

em matéria dos equipamentos comunitários, da aplicação das receitas dos baldios, da transferência da administração do baldio em regime de associação e da compensação devida no termo daquela administração, e ainda da identificação e extinção do baldio por ausência de uso, fruição e administração (preâmbulo do DL nº 165/2015 de 17 de agosto).

Em paralelo, embora não se tenha conseguido suspender a alteração dos critérios de elegibilidade das pastagens, o Governo viu-se obrigado a recorrer a medidas atenuantes alterando o número de animais permitidos por área, de forma que, pelo menos nesse ano, a referida alteração não tivesse impacto directo sobre os produtores.

Assim, a coincidência de uma conjuntura política ameaçadora dos direitos dos compartes com um momento particularmente intenso a nível nacional nos assuntos que envolvem a política florestal, também favorecida pela proximidade das eleições legislativas, criou uma conjuntura favorável para a actuação do MAB. Dada a dimensão e gravidade dos últimos acontecimentos que envolveram o património florestal, a discussão sobre as florestas e a gestão das áreas do território onde elas predominam tenderá a manter-se no futuro próximo, abrindo aos compartes a possibilidade de aproveitar o ambiente de reforma. Ao mesmo tempo, a descredibilização das entidades do Estado responsáveis pela gestão da floresta e dos recursos naturais cria, mais uma vez pela negativa, um espaço para os gestores dos baldios se assumirem como uma parte importante da futura estratégia florestal. Existem já evidências de uma maior dinâmica dos compartes relativamente aos seus baldios, como se verifica por exemplo na forma como alguns reagiram ao uso, considerado desadequado, dos seus montes por outros utilizadores. Refira-se a queixa à Câmara Municipal de Terras do Bouro pelo CD do baldio de Vilar da Veiga sobre o uso abusivo e destrutivo dos caminhos do monte; a colocação de sinalização a delimitar o monte em pelo menos três aldeias; a negociação com empresas de turismo em Fafião para que os compartes beneficiem da passagem dos turistas; a colaboração com a Câmara Municipal na gestão da Porta do Parque em Lindoso, conseguindo assim parte da receita; ou o aumento do número de pedidos, e de demonstrações de interesse, de rescisão da colaboração com o Estado na gestão do baldio, passando a autogestão.

2.2. Intervenções Territoriais Integradas

O maior dinamismo registado na relação das comunidades com o baldio, além da recolha de mato, lenha e do pastoreio do gado, deve-se pelo menos em parte à implementação das Intervenções Territoriais Integradas (ITI), uma das medidas agroambientais da UE concebida com base nas particularidades dos locais onde viria a ser implementada. Da análise da situação de cada caso, pretendeu-se atender aos maiores desafios locais, estabelecendo a partir daí os objectivos de intervenção no território. No PNPG, as prioridades de acção estiveram relacionadas com a gestão do pastoreio, através de acções com impacto directo, como a limpeza de pastagens, ou indirecto, como a reconstrução de património alusivo à prática de pastoreio. Partindo da realidade local, incluindo a particularidade do tipo de propriedade dominante na área do PNPG, as ITI incentivaram a organização e acção dos compartes, tornando o CD o

principal actor na implementação das medidas no Parque. Esta opção teve como resultado a organização de várias comunidades com o objectivo de criar órgãos de gestão (CD), o que permitiu reforçar a propriedade comunitária, não só perante a sociedade civil mais ampla, mas também junto das próprias comunidades. Além do incentivo à organização dos compartes, um dos resultados da aplicação da medida foi a alteração da natureza do valor das pastagens, de privado para comunitário. Neste processo, a pastagem passou a criar valor para a comunidade, uma vez que a área do baldio elegível como pastagem é um dos factores contabilizados no estabelecimento do valor do apoio das ITI, destinado a ser usado na limpeza das áreas de pastoreio, e entregue a fundo perdido. Uma vez cumpridas as áreas de limpeza, estabelecidas em conjunto entre os compartes e o ICNF, a afectação das verbas que eventualmente excedam as necessidades é decidida pelos compartes. Supondo que essa decisão recairá sobre qualquer empreendimento que beneficie a comunidade, actualmente as pastagens, conquanto continuem a suportar a actividade de uma minoria de agricultores com animais, têm também um valor comunitário.

A organização recente dos compartes é ainda assim associada a vantagens de valor monetário, perdendo, na perspectiva de alguns dos próprios intervenientes na gestão dos baldios, muita da “autenticidade” de outrora. De acordo com as críticas, se antes os habitantes se organizavam para gerir e defender os seus recursos comuns, hoje a organização é motivada pela promessa de fundos. Contudo, nesses tempos de “autenticidade”, não só o Estado se encontrava ainda muito distante, como a moeda não era o centro das relações de troca locais. Por outro lado, havia muitos mais habitantes nas aldeias do que hoje. Como tal, as necessidades eram outras, assim como os meios para lhes atender, existia maior homogeneidade de interesses, na medida em que a generalidade dos habitantes dependia dos recursos dos montes para subsistir, e a organização da população para o controlo dos usos e a gestão dos recursos era verdadeiramente local.

Na conjuntura actual, a gestão dos baldios tem necessariamente de passar, pelo menos numa fase inicial, pelo alinhamento da actuação dos compartes com os objectivos das ITI e de outras fontes de financiamento, de modo a diversificar os meios – desde que esses objectivos não colidam com os interesses das comunidades ou com os usos e costumes locais, nos casos em que estes ainda assumam algum relevo. No contexto de rarefacção demográfica, das directivas da UE através da PAC, e das

mudanças de funções, interesses e usos do espaço rural, o trabalho de um CD é necessariamente diferente do que seria há 40 anos, assim como serão as suas condições para o desenvolver. A iniciativa de organização das comunidades para acederem a subsídios a aplicar em benefício dos baldios, e logo das populações, ganha aqui sentido. E ainda que numa primeira abordagem o resultado prático da sua aplicação não pareça ser muito relevante, já do ponto de vista institucional ganha importância. Esta base institucional em que se apoiam as comunidades, e a capacidade de cooperação que mobilizam, parece-nos ser o ponto central para a preparação de um futuro independente de subsídios.

À parte da possível distorção dos princípios que levam à organização dos compartes, existe uma dinâmica de resposta à burocratização da gestão dos baldios; um sistema autossustentado que, a prazo, pode tornar-se insustentável. O uso de subsídios e ajudas financeiras para gerir o uso do baldio tornou imprescindível o recurso a serviços que auxiliem os compartes no preenchimento dos intrincados requisitos burocráticos e na navegação da superabundância de instrumentos, vias de financiamento, e regulamentos geradores de confusão e desconhecimento entre os proprietários florestais (Lopes et al., 2013, p. 92-93). Na ausência de acompanhamento estatal através de serviços descentralizados, outrora designados de extensão rural, esse acompanhamento é hoje assegurado por entidades privadas. Para tornar possível o acesso ao sistema de financiamento, construiu-se todo um sistema que é no fundo mantido por esses mesmos subsídios. Os compartes recorrem a parte dos subsídios para pagarem os serviços fornecidos por entidades criadas para o efeito, ou que estenderam o leque da sua oferta, para garantirem acesso aos mesmos subsídios. Ou seja, a estratégia de financiamento em vigor nos baldios incentiva a autonomia dos agricultores, procurando manter a paisagem e as actividades tradicionais que contribuem para a sua manutenção a longo prazo. É, pois, uma solução parcial e contingente, que só se sustentará enquanto se mantiverem os subsídios. Ainda assim, realça-se a dinâmica socioeconómica que o sistema mantém, gerando emprego, dinamizando as comunidades, criando serviços (ainda que não públicos) de proximidade.

Várias vezes durante o trabalho de pesquisa surgiu a questão do fim dos subsídios. Como seria? O que se alteraria? Enquanto uns avançam visões catastrofistas, prevendo a desgraça do meio rural, outros relativizam e afirmam que tratando-se de um assunto à escala europeia, o fim também abrangeria essa escala, pelo que as

consequências ficariam diluídas. Renwick et al. (2013), num contexto de reforma da PAC, procuraram prever o cenário do meio rural europeu com uma PAC menos presente, focando-se sobretudo sobre a evolução do abandono de terras. Alguns Estados-membros defendem que a dissociação total do valor dos apoios do nível de produção significaria o abandono da produção em áreas extensas, gerando falta de matéria-prima para as indústrias ou ainda a criação de problemas económicos e ambientais em regiões com poucas alternativas económicas (p. 446). De acordo com os mesmos autores, usando diferentes cenários para diferentes factores, prevêem-se altos níveis de abandono em zonas montanhosas ou com relevo acentuado, ou em elevadas latitudes setentrionais, que tendem a apresentar uma proporção considerável de zonas de pastagem com alto valor natural (p. 447); o NW de Portugal tem sido incluído nas zonas mais provavelmente afectadas (p. 447). O impacto do fim das ajudas directas aos produtores (exclusão do primeiro pilar da PAC) seria maior nas zonas mais marginais do ponto de vista produtivo, em que dominam a pequena propriedade e a produção animal extensiva (p. 450). Com a noção de que os modelos falham por não incluírem as variáveis sociais e culturais que estão por detrás das decisões dos agricultores, o que pode resultar na sobrevalorização ou subvalorização do abandono, os autores sugerem que a solução para cada situação deverá ter em conta as razões e as consequências específicas do abandono.

Como tal, os autores apontam para um modelo de política diferenciado e localizado, aproximando-se da renacionalização da PAC já referida por outros autores (Erjavec et al., 2015; Hart, 2015); um modelo plural, que actue efectivamente sobre as variáveis que determinam o estado produtivo de cada região e que atenda às consequências do abandono que se pretende evitar, sejam elas sociais, culturais, económicas ou ecológicas. Por outro lado, lembram os efeitos que outras instituições, como as que sustentam a criação de áreas protegidas, têm sobre a capacidade produtiva, os quais não devem ser negligenciados. Na área do PNPG, a densidade de instituições que vigiam o uso dos recursos naturais com fins ambientais não é decerto indiferente a esses efeitos. Assim, seja qual for a solução que se venha a adoptar num eventual fim dos subsídios, essa será sempre limitada pela situação institucional de excepção que caracteriza o território do Parque.

Apesar de incentivarem a dinamização dos baldios, os objectivos das ITI aparecem endereçados sobretudo a interesses externos às próprias comunidades.

Admitindo que a renovação do património histórico-cultural local não é indiferente às comunidades, tal como não o será uma paisagem dinamizada, dentro dos usos e costumes, ou o benefício de iniciativas privadas locais pela dinâmica gerada, ainda assim, na prática, o que se verifica é a população de compartes a trabalhar com financiamento da UE para manter a paisagem e as tradições, que servem depois grupos de actores externos – o PNPG e o ICNF, as empresas que exploram as actividades turísticas, e as autarquias. Contudo, esta questão não parece preocupar a maioria dos compartes, que defendem que a vinda de pessoas resulta sempre nalgum benefício local. Como disse um comparte da zona de Cabril, “na nossa terra é bem-vindo quem passe”.

2.3. Sobre a transição dos usos, das instituições e dos conceitos

Em Fafião, ao mesmo tempo que os mais velhos encaram os passeios no monte como um direito de todos, os mais jovens tentam controlar o acesso ao baldio negociando com os utilizadores a sua colaboração com a comunidade, e, mais recentemente, colocando sinais que pretendem limitar as entradas no baldio. Contudo, questões várias parecem concorrer para a posição assumida pelos compartes face à possibilidade de actuação directa do CD na gestão do turismo, tanto pelo controlo das entradas como pela exploração indirecta da dinâmica pelo envolvimento em negócios associados. Por um lado, o envolvimento de organizações de base local, como o CD ou a associação Vezeira, em actividades económicas que suportam o turismo, mesmo que no intuito de constituírem alternativas de rendimento para suporte da acção, é visto como uma ameaça à iniciativa privada local pela concorrência que geraria. Por outro, existe o receio de que o controlo das entradas no baldio e sua eventual taxaço desincentivem o retorno dos visitantes, com um impacto directo sobre aquelas mesmas iniciativas. Assim, os interesses relacionados com as economias individuais parecem sobrepor-se a uma economia à escala da comunidade ou do baldio. Na verdade, a dinâmica colectiva é encarada como sendo dependente do bem-estar individual. Nesse sentido, antes de se discutir ou avaliar se existe ou não capacidade de acção colectiva, há que atentar se existem sequer condições locais para subsistir. Pôr em risco as actividades que de facto contribuem para a subsistência destas pessoas em prol de um bem comum surge quase tão dramático como um dia foi impedir a entrada de animais no baldio em prol do interesse nacional.

Portanto, a transição nos usos por que passam atualmente os baldios, se por um lado se apresenta como um desafio, por outro constitui uma oportunidade. Até que

ponto as populações conseguirão adaptar-se às alterações e tirar partido delas será determinante para o futuro dos baldios. Pelo que pudemos observar, verifica-se até agora algum cepticismo, sobretudo da parte dos mais velhos, quanto a encarar o baldio como uma ferramenta que gera benefícios para a comunidade como um todo, perdendo em parte a função de fornecedor de recursos para as necessidades de cada família. Dir-se-ia que enquanto houver vontade e subsídios, o baldio poderá continuar a servir a vertente produtiva. Contudo, e ainda que seja no baldio que se encontram as cascatas, as grutas, os trilhos, as paisagens, os animais, os currais, e tudo que os turistas procuram, verifica-se que os novos usos que surgem como a grande aposta destes municípios, ainda estão incipientemente inseridos na estratégia dos compartes enquanto gestores do monte baldio, como, à escala nacional, apontava Baptista (2010). Há, no entanto, que realçar que nem tudo se explica com a idade avançada dos compartes ou com a diferença de conceitos e mentalidades. Por exemplo, Edwards e Steins (1998) questionaram a funcionalidade das “velhas” instituições na gestão dos “novos” usos (e.g., do turismo).

2.4. Densificando a abordagem: O caso de Fafião

Neste trabalho, fizemos uma primeira abordagem a todos os baldios do PNPG traçando-se assim o panorama geral dos baldios submetidos àquela instituição. Nessa aproximação, ouvimos sobretudo os presidentes do CD que nalguns casos coincidiam com o presidente da Junta de Freguesia. Contudo, a visão do responsável pelo trabalho do CD dá-nos uma imagem parcial da realidade, filtrada pela sua posição institucional, mais ainda quando esta é acrescida da presidência da Junta. Após este primeiro retrato passámos a uma segunda fase em que se aprofundou a pesquisa, introduzindo o quotidiano de uma aldeia (pelo menos tanto quanto dois meses e meio de estadia permitem aprofundar). Recorreu-se assim a outras formas de observar e acedeu-se a outras perspectivas e relações que numa primeira análise teriam passado despercebidas. Com o passar do tempo, foi ficando claro que os relatos associados à dinâmica da comunidade precisam de um contexto, que é no fundo o que os gera e delimita. Na ausência do contexto o uso do conteúdo desses relatos pode ter efeitos perversos e inesperados por recorrer a factos que destacados do meio em que surgiram (social, cultural, económico, emocional, etc.) se tornam aleatórios, perdendo o significado original.

Quando se fala de sistemas de gestão de recursos comuns, em que houve o delineamento de instituições para prevenir o esgotamento de recursos usados em comum, rapidamente se associa a sistemas criados e geridos por comunidades pequenas e mais ou menos isoladas. Embora este não seja o único caso em que instituições são criadas para a gestão de recursos comuns, não deixa de ser uma situação emblemática. O ambiente social, económico e político dos baldios encaixa nessa descrição que no fundo determina por si só a necessidade de instituições que permitam a sobrevivência em meios de escassez. No que toca às comunidades, quando instaladas em meios hostis e votadas às consequências do referido isolamento, a sua sobrevivência está dependente da capacidade de cooperação dos seus elementos. Esta situação resulta em laços fortes e em relações caracterizadas pela proximidade e interdependência.

A intensidade das relações geralmente criadas neste tipo de estrutura despoleta necessariamente todo um quadro de representações particular, fundamentado na realidade local que procura representar. Este tipo de estrutura social gera por um lado as necessárias relações de reciprocidade, mas por outro, cria um ambiente altamente competitivo e crítico, de elevado controlo social – ele mesmo, uma das condições da regulação dos comportamentos individuais face aos direitos de propriedade comuns. Gera pontos de vista, boatos, maldizeres, assim como avaliações feitas com base tanto emocional como factual. Estes são traços dificilmente distinguíveis numa primeira observação e que são no fundo basilares para se compreender o significado do que acontece numa comunidade. Assim, se a necessidade de aprofundar a análise se coloca para qualquer sistema que envolva pessoas e relações, mais imperiosa se torna quando a realidade em que se insere o sistema é intrincada a este nível.

Próximo desta tensão social, anda inevitavelmente o conflito. No seio destas comunidades existem simpatias e antipatias, herdadas ou criadas na dinâmica do quotidiano, que dão mote aos tais maldizeres; tradições familiares que marcam as relações de gerações; uma teia de relações que estrutura, pelo menos em parte, o comportamento das pessoas na comunidade. Questões que são inevitavelmente reflectidas no funcionamento das instituições de gestão dos baldios e na forma como esse funcionamento é apreendido. A oposição e a contestação ao órgão gestor fazem-se sobretudo na esplanada do café, nas esquinas da aldeia, nas festas, e só muito raramente na Assembleia de Compartes.

Apesar de este poder ser um sinal de indiferença, a frequência com que o baldio surge como tema de conversa nos momentos e locais de socialização leva a crer que ainda assume um peso substancial na comunidade. As conversas de café onde se discute a actual gestão e onde se critica, por vezes gratuitamente, a presidência do CD poderão ser vistos como resultado de uma observação atenta do que se passa no baldio e na aldeia. Baptista (2010) aponta também para a dinâmica gerada fora das figuras/plataformas criadas para a negociação do processo de gestão pois “(...) embora a participação dos compartes [nas AC] seja, em geral, débil, estes exercem, com frequência, uma vigilância difusa mas crítica que, muitas vezes, emerge em rumores e ‘falatórios’ sobre o destino do baldio” (p. 72). Pela sua consistência, esta será uma dinâmica que não é de desvalorizar. Não se verificando uma participação generalizada nos processos formais da gestão, regista-se ainda assim uma preocupação sobre a forma como o baldio é ou não gerido. Ou seja, se a falta de assiduidade nas AC parece ser um sinal da descredibilização do processo de gestão, designadamente da forma como as decisões são tomadas, as críticas tecidas noutros espaços parecem assinalar a tal “vigilância difusa mas crítica” a que se refere Baptista, e que cremos associada à relevância que o baldio ainda assume na comunidade como sistema de recursos. Deste ponto de vista, não são as críticas e as acusações deslocadas que poderão ditar o fim do baldio comunitário, será sim a indiferença. A falta de credibilidade poderá também estar a reflectir-se no facto de os últimos processos eleitorais só terem envolvido uma lista. Resta saber em que medida este aspecto será reflexo de indiferença, gerada pela desistência generalizada da restante população face à impossibilidade de mudança, ou, pelo contrário se trata de um voto de confiança/aprovação tácito.

Em Fafião, vimos como novas figuras colaborativas surgiram para atender à crescente (e descontrolada) procura por visitantes e empresas. Também nesta aldeia se tem como premissa não dever ser o CD, órgão associado às instituições criadas para gerir o uso “extractivo” dos recursos do monte, que deve assumir esse tipo de responsabilidade. A associação Vezeira está ainda a definir-se para conseguir responder aos desafios que enfrenta. Por outro lado, o CD está a adaptar-se à nova realidade através da adequação das instituições aos novos usos instituídos nos baldios, e na realidade as duas entidades trabalham em íntima colaboração. Além destas, existem contudo outras organizações a trabalhar a outros níveis, que obedecem às suas próprias instituições, embora por vezes com funções que se sobrepõem, recordando a

necessidade reafirmada na literatura de conhecer o detalhe destas inter-relações e hierarquias de poder para se conseguir uma compreensão integral do funcionamento do sistema (Jentoft, McCay & Wilson, 1998; McCay & Jentoft, 1998; Nightingale, 2011; Singleton & Taylor, 1992; Edwards & Steins, 1998).

Ao contrário do que defende a teoria da escolha racional, em Fafião ficou claro que os motivos da acção individual dos compartes não são só o ganho pessoal, existindo tantos outros factores como lealdade, sentido de pertença, laços familiares e de outras naturezas, história pessoal, relação com os recursos do baldio, que a determinam. A recente formação de CD e delimitação de baldios como resposta ao incentivo de projectos financiados ou ao receio das consequências da união de freguesias sobre os direitos de propriedade da comunidade, são situações que fundamentam esse tipo de conclusões da racionalidade da escolha. Mesmo quando é indiscutível que determinada opção foi motivada por algum tipo de ganho, em todas as situações em que se constatou que o propósito da acção foi defender a posse ou o acesso a algum benefício, verifica-se que esse actuaria ao nível da comunidade e não ao nível individual.

Neste ponto de vista dir-se-ia que, o que torna estas iniciativas realmente contestáveis é a forma como os propósitos de quem decide/gere são percebidos pela restante população de compartes, já que raramente estes coincidem na ideia de bem para a comunidade. Na verdade, é assumido quase unanimemente entre os que se posicionam do lado da “oposição” que a equipa do CD, representada pelo seu presidente, procura essencialmente o seu benefício pessoal. E por trás destas posições, por vezes surdas e vincadas, está precisamente a estrutura de relações que sustenta a comunidade e que determina pelo menos em parte o posicionamento de cada comparte relativamente ao trabalho do CD. Porque, na prática, muito se resume ao desempenho do presidente do CD, assumindo como seu o mérito (ou o desmérito) do que é decidido e realizado pelo órgão. Tal personalização arrisca a criação de uma espécie de culto de personalidade que vem apenas engrossar o rol de críticas; algo que no fundo sucede já em Fafião, verificando-se que os antipatizantes do actual presidente enchem as fileiras da oposição. Contudo, verifica-se em paralelo algo talvez mais preocupante: o registo de críticas também do lado dos seus simpatizantes que lhe apontam a falta de abertura no desempenho do cargo.

2.4.1. Pés na terra: a juventude e o Conselho Directivo

A dinâmica dos jovens numa aldeia de montanha no interior de Portugal é algo que sobressai num primeiro contacto com Fafião. Partindo do princípio que os jovens de hoje são os adultos de amanhã, é um facto que a história do baldio de Fafião foram os jovens de cada momento que a determinaram. Quando foi preciso criar um CD no período pós 25 de Abril, foram os jovens desse tempo que se organizaram para o conseguir; quando foi preciso alterar o modo de gerir, integrando o baldio na nova conjuntura que resultou da integração na UE, foram os jovens de então que o fizeram; quando foi preciso novamente integrar o CD e a comunidade na conjuntura de transição que se vive nos meios rurais, foram os jovens que se organizaram para conseguir dar resposta não só ao que hoje é requerido na gestão de um baldio, mas também ao que é requerido nos meios rurais, ou seja, que passem de espaços de produção a espaços de lazer e reservas de património paisagístico e ambiental. E esse foi o exemplo que cada geração de jovens recebeu da anterior e deu à seguinte. Portanto, se sobressai nesta aldeia a sua dinâmica local, esta deve-se aparentemente à preocupação dada à integração dos jovens nos assuntos da aldeia.

Assim, sobrevivendo aos efeitos da conjuntura actual que leva os mais novos e deixa os mais velhos entregues aos apoios sociais e às remessas da emigração, Fafião vai perseverando com alguma vitalidade. O posicionamento relativo às restantes entidades e instituições assumido pelas equipas que assumem o órgão gestor desde os anos 1990 também não será indiferente à dinâmica registada. Em Fafião, a colaboração com as restantes entidades e a gradual afirmação das suas instituições perante os restantes utilizadores têm marcado o modo de operar dos CD. Contudo, o último mandato tem sido alvo de críticas, dirigidas ao presidente do CD, pelo assumir de um posicionamento que poderá pôr em causa essa estratégia e os resultados da sua aplicação (boas relações com as autarquias, com o Parque e consequente apoio e colaboração; parcerias locais e com utilizadores de fora, etc.).

Do lado dos seus apoiantes, é a forma isolada com que tem gerido o CD, sem dar a devida atenção às relações institucionais, que levanta maior preocupação. Do lado da “oposição”, contudo, verifica-se um discurso anti-CD aparentemente consolidado, proferido com toda a convicção e direccionado não apenas ao actual presidente, mas também aos anteriores que desde os anos 1990 têm assumido a gestão do baldio. Por outro lado, para esta situação de (aparente) descrédito absoluto deverá concorrer também o facto de pelo menos dois presidentes do CD pertencentes “à família” (na

realidade, como vimos, uma rede de relações) associada ao CD nos últimos mandatos, serem hoje donos de empresas criadas durante ou após a sua contribuição para o CD, que hoje empregam várias pessoas da aldeia. Se por um lado esta situação é positiva para a dinâmica socioeconómica da comunidade, por outro resultam daí relações sociais de trabalho e, potencialmente, de patrocínio que alteram a estrutura social da aldeia/comunidade. A adicionar, a expectável associação entre a participação no CD e as empresas cria entre os opositores um ambiente generalizado de desconfiança. Como vimos, é admitido pelos participantes no órgão gestor, uma ligação entre o cargo na direcção do CD do baldio e a criação das empresas, não da forma irregular de que outros os acusam, mas pela acumulação de conhecimento das oportunidades e dos procedimentos, e de capital social com as instituições envolventes.

Em Fafião os jovens são valorizados, entre outras coisas, pela maior dinâmica que demonstram, por estarem mais abertos à mudança e a novas perspectivas, e por se manterem distantes das quezílias tão valorizadas pelos mais velhos e que tantos problemas têm trazido à comunidade. Uma aldeia sem jovens é uma aldeia sem perspectiva de futuro. E nesta, os mais velhos sabem-no e tratam de os motivar a ficar. De facto, noutras aldeias registou-se um discurso derrotista face às dificuldades que enfrentam no Parque, no que respeita a oportunidades de vida para as novas gerações. A perspectiva da emigração dos mais novos é comum e aceite como inevitável. Não se pensa em contrariá-la, nem sequer se encontram argumentos para tal. Em Fafião, os que efectivamente migraram não foram para longe, uns estão em Braga, outros no Porto, eventualmente também em Lisboa. Mas outros tantos permanecem na região, muitos deles hoje jovens empreendedores. Um criou a sua empresa de construção civil, outro a sua empresa de desporto aventura, enquanto prepara a sua candidatura para um projecto de apicultura; outra vende licores e produtos locais, outra tem uma espécie de café móvel que estaciona ao pé da cascata mais próxima no Verão, outro ainda gere o café/bar da aldeia; e há mais. Estes são os mesmos jovens que têm integrado as últimas equipas do CD e que animam a actividade da associação Vezeira. São, portanto, o alvo das críticas de uma parte da população. Esta questão leva-nos a questionar até que ponto as críticas acompanham a dinâmica, constituindo-se quase como um indicador do nível de actividade de uma entidade. O que encontramos em Fafião vai de encontro às conclusões de Van Laerhoven e Andersson (2013): grupos activos de actores da comunidade gerem de forma autónoma o baldio há pelo menos duas décadas e

demonstram uma dinâmica particular, que lhes tem valido um reforço do seu capital social, mas também causado alguma diferenciação social, subjacente à associação entre o nível de conflito e o nível de actividade desenvolvida nessa comunidade.

A falta de participação da população no processo democrático, visível também na inexistência de listas concorrentes, poderá estar efectivamente ligada à falta de credibilidade que parte da população atribui à forma como decorrem os processos de decisão. Ou seja, é a própria forma de gestão, em particular as regras ou a forma como estas são contornadas, que despoleta o conflito. Assim, voltando à questão que se deixou em aberto atrás, “será indiferença ou um voto de confiança tácito?”, por agora dir-se-ia que enquanto as críticas se mantiverem e acompanharem o trabalho que vai sendo feito, mesmo que expostas e discutidas em outras plataformas que não as assembleias, parecem existir condições para que a gestão do baldio se mantenha por longo tempo a cargo da comunidade de Fafião.

CONCLUSÃO

Em Portugal, tal como na generalidade do continente europeu e do mundo, a paisagem que se observa hoje é resultado de uma história longa de interações. Cortes de árvores, introdução de espécies, plantações, florestações e reflorestações fazem parte da história da humanidade e da paisagem. Mesmo as florestas protegidas pelo seu valor genético e/ou pela biodiversidade que albergam, foram plantadas com objectivos definidos. É o caso das nossas matas nacionais, muitas compostas sobretudo por pinheiro, algumas correspondendo a antigas coutadas reais, outras constituindo antigo património de ordens religiosas, mas todas plantadas em algum momento na história; como vimos, o próprio PNPG foi delimitado numa área com forte intervenção dos serviços florestais do Estado.

Portanto paisagens valorizadas pela sua beleza cénica e pelo seu alto valor “natural” são na verdade o resultado de transformações de vária ordem. Também as paisagens rurais, hoje procuradas para deleite sobretudo da população urbana, são o resultado de interações e de intervenções a vários níveis. Designadamente são o resultado de desequilíbrios sociais e económicos, gerados, reforçados ou não contrariados por opções políticas que mantiveram essas regiões num determinado estágio de desenvolvimento, urbano e tecnológico. Situação que, em última análise, levou ao despovoamento destas regiões e ao sobrepovoamento de outras. A interioridade, a distância aos principais centros urbanos, consequência da falta de vias de comunicação, e a escassez de pessoas, explicam a persistência de uma economia familiar e de subsistência que foi desaparecendo noutras partes do país, onde os processos de industrialização e urbanização se fizeram sentir. Como resultado, a paisagem manteve aí uma ruralidade de cariz tradicional que é agora valorizada, sobretudo por não-rurais, como património paisagístico, ambiental, e cultural. Neste contexto, não surge com estranheza que seja precisamente nestas regiões montanhosas do interior, que se localiza a maioria dos Parques Naturais e o único Parque Nacional do país. Portanto zonas continuamente esquecidas pelo poder político e de onde uma parte considerável da população se viu obrigada a partir, são agora “protegidas” das possibilidades de desenvolvimento ao mesmo tempo que lhes são prescritas estratégias alternativas que exploram o atraso que se lhes impôs (e.g., turismo).

É também nestas áreas que ainda hoje se mantêm formas de organização baseadas na propriedade e na gestão comunitária dos chamados baldios. As razões que

levaram à manutenção destas povoações num estado de economia de subsistência são as mesmas que justificaram a manutenção dessas instituições comunitárias e as mesmas que em paralelo legitimaram e viabilizaram a entrada da floresta pela mão dos Serviços Florestais do Estado em meados do século XX. A falta de rentabilização dos espaços das serras, entre outras questões, justificou a florestação, ao mesmo tempo que o gradual despovoamento e a consequente vulnerabilidade das instituições locais, terão viabilizado, ou pelo menos facilitado, a implementação do Plano de Povoamento Florestal.

Assim, se por muito tempo o Estado se manteve indiferente à sorte destas comunidades, o interesse pela ocupação e utilização dos baldios desde o final do século XIX aproximou os serviços estatais da região. A florestação alterou por completo a paisagem e pôs em causa a continuação do funcionamento dos sistemas de gestão dos recursos criados pelas populações para sua subsistência. Além da produção de madeira, os argumentos que justificaram o processo de florestação de que estas regiões foram alvo, tanto no final do século XIX como em meados do século XX, basearam-se em evidências de deterioração ecológica atribuídas à actividade das populações, associadas a visões e previsões catastrofistas sobre os efeitos dessa actividade humana no meio. Usando o pastoreio e a recolha de recursos como argumento, o Estado colocou nas populações o ónus da erosão do solo e da degradação da paisagem das serras e das zonas ribeirinhas, situação que se prontificava a resolver. Aliando esse discurso ao da improdutividade das áreas baldias, conseguiu dar à sua acção um carácter não apenas empreendedor, mas também protector do ambiente e das populações rurais. Mais tarde, nos anos 1970, a implementação da estratégia estatal de conservação da natureza e dos recursos, deu mote à criação do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Numa altura em que o domínio dos Serviços Florestais sobre as serras perdia força, o Estado conseguiu reforçar o controlo sobre aquela área periférica.

A 25 de abril de 1974 um processo revolucionário pôs fim ao regime ditatorial, instaurando a democracia. Na nova conjuntura política, as comunidades serranas conseguiram reaver os seus direitos de propriedade comunal sobre os montes baldios, agora florestados, através da consagração da legitimidade do seu uso e gestão na Constituição e na legislação nacional. Os Serviços Florestais viram com apreensão a entrega dos baldios às populações; contudo, pelo seu papel na redação da lei dos baldios (DL n° 39/76) conseguiram manter a tutela sobre aquelas áreas, criando figuras que

possibilitaram manter a ligação dos Serviços Florestais à gestão dos baldios, nomeadamente, a de cogestão.

Serve esta síntese para realçar a dominância do Estado no território do PNPG, e para mostrar a forma como aquele se tem posicionado perante as comunidades que o habitam. No título deste trabalho – “Estado, compartes ou autarquias: que futuro para as terras comunitárias?” – transparece uma ideia de transição que pretende, por um lado, aludir ao momento que se vive hoje nestas zonas rurais, e por outro à influência das instituições sobre a gestão destes espaços. Considerando o papel *territorializador* (Vaccaro, 2008) que o Estado tem assumido na área do PNPG, quisemos perceber até que ponto as comunidades que compõem o Parque e que são proprietárias de mais de dois terços do seu território, apresentam hoje capacidade de transformar os efeitos da acção do Estado em factores sobretudo de *reterritorialização* (no sentido usado por Haesbert, 2007). Dito por outras palavras, até que ponto estas comunidades conseguem encarar a nova conjuntura como um desafio, integrá-la e usá-la em seu benefício. Sendo certo que: a) a complexidade institucional que caracteriza o território do Parque limita ou influencia a capacidade de intervenção das comunidades e que b) o despovoamento e o envelhecimento das populações não permite pensar em estratégias de afirmação e defesa da propriedade comunitária que pressuponham altos níveis de monitorização e fiscalização; dir-se-ia que hoje o maior desafio destas comunidades é encontrar estratégias que lhes permitam jogar com a mais que evidente hegemonia de interesses externos, daí retirando benefícios. Para que isso possa acontecer a cooperação com as restantes entidades intervenientes no território revela-se obrigatória.

Como resposta à questão de partida, dir-se-ia que o futuro dos baldios do PNPG está entregue não a uma, mas ao conjunto das entidades que intervêm na gestão desta parte do território e nesse sentido avançaríamos que o “futuro das terras comunitárias” está entregue ao “Estado, às comunidades e às autarquias”. Não no sentido de apontar para um modelo de gestão dos baldios liderado pelo Estado ou pelas autarquias, mas sim no de evidenciar a importância, ou mesmo a inevitabilidade, de colaboração entre as várias entidades, de forma que a solução sirva os vários intervenientes.

Neste contexto, as Intervenções Territoriais Integradas (ITI) são um exemplo de como iniciativas que promovam a acção colectiva das comunidades e a colaboração interinstitucional, podem contribuir para a dinâmica das comunidades, para o sanear das relações entre instituições, com claros benefícios para todos os intervenientes. A medida

teve ainda o mérito de contribuir para a integração dos compartes no processo de transição que envolve as áreas rurais, e em particular do que envolve os baldios e que se reflecte na alteração da natureza e dos sujeitos dos benefícios que se colhem nos baldios (de benefícios individuais para benefícios para a comunidade).

Por outro lado, as ITI são medidas agroambientais financiadas pela UE pensadas para áreas que associam um alto valor natural/ambiental a práticas produtivas que, pelo seu valor cultural e impacto que têm na paisagem e na dinâmica do ecossistema, importa manter. Assim, os baldios localizados no PNPG, se estão sujeitos a restrições inexistentes nos restantes baldios, que vedam o acesso a fontes de rendimento (por exemplo, à instalação de parques eólicos, à plantação de algumas espécies florestais comercialmente rentáveis, à exploração de pedreiras), têm em contrapartida acesso a medidas de financiamento exclusivas.

No Parque, além das actividades tradicionais ainda praticadas em todas as aldeias em maior ou menor grau, é o turismo, nas suas várias possibilidades (e.g., construção de infraestruturas, restauração, hotelaria, organização e exploração da visitação, venda de produtos locais) que se apresenta como alternativa ou complemento da economia de subsistência. A investigação mostrou que esta é uma realidade que já está a acontecer e que tenderá a acentuar-se, quer os compartes decidam integrá-la na gestão dos baldios, quer não. Assim, havendo possibilidade de beneficiar da sua integração, esta parece ser a altura indicada para fazer valer os seus direitos de propriedade sobre o território comunitário.

A entrada em vigor da Lei nº 75/2017 foi o desfecho de um longo processo que envolveu diversas entidades, que teve grande visibilidade pública e que se concretizou numa lei mais próxima dos interesses dos compartes e da gestão comunitária. Ao longo do processo, que começou com a contestação do anterior DL nº 72/2014, os baldios passaram a ser um tema de discussão pública. Situação que veio a ganhar ainda mais relevo com os fogos florestais, com consequências trágicas, que tiveram lugar meses depois da publicação da Lei. Esta ocorrência veio desencadear uma movimentação política e institucional em torno das florestas, que resultou no desenho e recente implementação de uma Reforma da Floresta, que envolve inevitavelmente as áreas de baldio. Portanto, o momento é de visibilidade, política e social, para estes territórios. Inseridos numa rede de instituições nas quais, apesar da sua situação jurídica e constitucional, ocupam um dos lugares com menor influência, resta aos compartes dos

baldios do PNPG integrem-se nela e manterem um diálogo com as restantes instituições no que se refere, por exemplo, a projectos para o território.

Não obstante, há que atender a uma questão que parece ser particularmente crítica no seio dos baldios do PNPG, relacionada com a colaboração assumida com o ICNF na gestão da floresta, particularmente do pinhal. As críticas tecidas ao ICNF, nomeadamente nos baldios em cogestão com o Estado, no que respeita à gestão do Parque e da floresta, têm criado uma tensão institucional que dificulta o desenvolvimento da colaboração. Face a esta realidade e ao modo como os órgãos gestores se vêm posicionando nesta questão, poderá aqui arriscar-se que o fim da cogestão será o primeiro passo para um futuro mais colaborativo. Fechando o ciclo do domínio dos Serviços Florestais na floresta dos baldios, poderão abrir-se novas possibilidades de relacionamento entre as duas instituições.

Em paralelo, a atividade agropecuária continua a ser central na vida dos habitantes das aldeias do PNPG, ainda que em novos moldes. Em regiões com baixa produtividade física, mas com potencialidade para produzir produtos de excepção com elevado valor de mercado (como a carne, no caso do PNPG), a solução avançada pela UE foi a de financiar o abandono ou a retracção de outras produções e incentivar a produção extensiva daqueles, orientados para nichos de mercado de produtos de qualidade. Para além de contribuir directamente com o fornecimento daqueles produtos para consumo ou para enriquecimento da gastronomia local, a manutenção da produção agropecuária extensiva beneficia indirectamente o sector do turismo. A manutenção da paisagem “tradicional” conseguida com a continuação do pastoreio, e a própria presença nessa paisagem dos animais e de todas as actividades relacionadas com a sua produção, além de se constituírem como componentes do património ambiental e cultural cuja salvaguarda é desígnio das políticas europeias e nacionais, são produtos turísticos em si mesmos. Dessa maneira, se não com propósitos produtivos no sentido estrito, mas, mais amplamente, com os de alimentar o mercado recreativo e turístico, estas actividades mantêm-se no PNPG.

Do ponto de vista do acesso aos apoios da UE, podemos concluir que estes se revelam indispensáveis à manutenção da paisagem e à gestão dos baldios, bem como a quaisquer perspectivas de desenvolvimento local que nestes assentem. Para os baldios do PNPG, a manutenção de um determinado nível de produção agropecuária revela ser do interesse da generalidade dos intervenientes. Grande parte dos produtores de animais

mantém um nível de encabeçamento modesto, que parece atender sobretudo ao gosto pela actividade e à vontade de manter vivas as tradições da sua aldeia e do monte. Fazem-no porque os subsídios o possibilitam, porque sem eles, a escala a que produzem não seria rentável. Assumindo que a produção animal no PNPG serve sobretudo um mercado recreativo e turístico, o abandono generalizado da actividade levaria a um empobrecimento da oferta naquele sector, dada a alteração da paisagem que daí resultaria e a redução da produção de carne barrosã e cachena que dificultaria aos estabelecimentos de restauração que baseiam a sua oferta naqueles produtos, o acesso à matéria-prima. Como consequência, a marca PNPG perderia valor nesse mercado, e a redução das oportunidades ao longo desta cadeia restringiria ainda mais as probabilidades de fixação das populações.

A análise mais pormenorizada do caso de Fafião revelou-nos parte dos meandros do funcionamento de uma comunidade de montanha nesta conjuntura. O baldio aqui está sob a gestão autónoma da comunidade que nos anos 1990 optou por destacar-se do Estado aquando de uma viragem na gestão, coincidente com a alteração da equipa que ocupava os cargos. Pode dizer-se que nessa altura os jovens da aldeia tomaram o poder do baldio, integrando-o na realidade dos projectos e subsídios, conseguindo assim vários benefícios para a comunidade. Hoje existe uma dinâmica em torno do baldio visível não apenas no trabalho do CD mas também no de uma associação local. Esta dinâmica tem sido beneficiada pelas parcerias que as duas entidades têm estabelecido com outras intervenientes no território, desde a câmara municipal, organizações não-governamentais, empresas de turismo, ao próprio ICNF. Ao mesmo tempo que se regista uma colaboração constante a vários níveis com o meio institucional e social envolvente, existe, ou começa a expressar-se, uma preocupação em assumir e defender os direitos de propriedade da comunidade sobre o baldio. Algo que, como vimos, não está a acontecer só em Fafião.

A forma como Fafião parece destacar-se entre os restantes baldios, poderia pôr em causa a validade deste estudo, por falta de representatividade. Contudo, essa questão só se colocaria se fosse efectivamente esse o objectivo daquela análise. Como referido na descrição do método, com esta segunda parte do trabalho pretendeu-se não tanto tirar conclusões gerais sobre os baldios do PNPG, mas sim perceber que aspectos do funcionamento de uma comunidade estão (ou não) a influenciar a forma como o baldio é usado e gerido. No fundo, perceber até que ponto as questões internas a uma

comunidade podem pôr em causa ou trabalhar a favor da gestão dos recursos comuns – inclusivamente, e como vimos não é uma questão menor, pela forma como o ambiente envolvente, político, institucional, social ou económico, é integrado e influencia as decisões tomadas.

Assim, o que o estudo de Fafião aqui apresentado terá adiantado sobre os baldios do PNPG é talvez mais exemplificativo do que representativo, mostrando uma das possíveis estratégias para lidar com o período de transição que se atravessa, os factores de dinamização e os obstáculos que enfrentam. Não obstante, dele ressaltam questões que são centrais para todas as comunidades do Parque, como sejam a da participação dos jovens ou a do turismo. Com a alteração dos usos, a estrutura conceptual que suportava o rural como ambiente produtivo está a ser lentamente renovada para o enquadrar no “rural recreativo”. Não se podendo nem devendo generalizar a informação ali obtida, ressalta contudo a importância das dinâmicas internas da comunidade para a compreensão do funcionamento de um sistema de gestão de recursos comuns. Ao mesmo tempo fica clara a forma como a interacção ou a sobreposição institucionais podem influenciar a gestão local dos baldios, e evidenciado o modo como a acção local pode ser afectada e por que instituições.

Por fim, uma nota sobre a importância do direito de exclusão de utilizadores do baldio que, ao criar o espaço para a criação de regras de acesso e uso dos recursos, destaca um sistema de gestão de recursos comuns de um sistema de livre acesso. O DL nº 72/2014 procurou retirar esse direito às comunidades, impondo os limites administrativos e o caderno eleitoral na delimitação do universo dos compartes. Com a publicação do DL nº 75/2017 recuperou-se esse direito. Contudo no caso dos baldios integrados no Parque, o seu exercício é limitado pelas restantes instituições, em particular pelo próprio Parque. Este tipo de sobreposição pode vir a pôr em causa soluções baseadas em negociações e acordos entre os vários intervenientes no(s) baldios do parque, com as quais todos teriam a ganhar. Inclusive o próprio Parque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrawal, A. (2000). Small is Beautiful, but is Larger Better? Forest-Management Institutions in the Kumaon Himalaya, India. In C. Gibson, M.A. McKean, and E. Ostrom (Eds.), *People and Forests. Communities, Institutions, and Governance* (pp. 57-85). Cambridge: The MIT Press.
- Agrawal, A. (2014). Studying the commons, governing common-pool resource outcomes: Some concluding thoughts. *Environmental Science & Policy*, 36, 86-91.
- Alchian, A. A., & Demsetz, H. (1973). The property rights paradigm. *Journal of Economic History*, 33(1), 16-27.
- Almeida, D. (2004). Apontamentos de Produção Agrícola - Elementos de apoio às aulas. Capítulo 1- Agricultura. História e sistemas de agricultura. Esc. Sup. Biotecnologia. Universidade Católica Portuguesa: Porto
- Alons, G. (2017). Environmental policy integration in the EU's common agricultural policy: greening or greenwashing?. *Journal of European Public Policy*, 24:11, 1604-1622.
- Araral, E. (2014). Ostrom, Hardin and the commons: A critical appreciation and a revisionist view. *Environmental Science & Policy*, 36, 11-23.
- BALADI – Federação Nacional de Baldios. Comunicação de 23 de Maio de 2016.
- Baptista, F. O. (1993). *A política agrária do Estado Novo* Vol. 22. Porto: Edições Afrontamento.
- Baptista, F. O. (1994). A agricultura e a questão da terra - do Estado Novo à Comunidade Europeia. *Análise Social*, XXIX (128), 907-921
- Baptista, F. O. (2010). *O espaço rural. Declínio da agricultura*. Lisboa: Celta Editora.
- Behar, R. (1984). The web of use-rights: Forms and conceptions of communal property among Leonese Labradores. *Anthropological Quarterly*, 57(2), 71-82.
- Berkes, F., Feeny, D., McCay, B. J., & Acheson, J. M. (1989). The benefits of the commons. *Nature*, 340(6229), 91-93.
- Bica, A. (2003). O Regime Jurídico dos Baldios. *Voz da Terra*. Lisboa: Confederação Nacional de Agricultura
- Borrego, C. (2010). A política ambiental de Portugal no espaço europeu: atitudes e desafios. *Europa: Novas Fronteiras Portugal*, 25, 177-182.
- Boserup, E. (1965). *The condition of agricultural growth. The Economics of agrarian change under population pressure*. London: Allan and Urwin.
- Bravo, G., & De Moor, T. (2008). The commons in Europe: From past to future. *International Journal of the Commons*, 2(2), 155-161.
- Brouwer, R. (1993). Between Policy and Politics: The Forestry Services and the Commons in Portugal. *Forest & Conservation History*, Vol. 37(4), 160-168
- Brouwer, R. (1995). *Planting power: the forestation of the commons and state formation in Portugal*. Wageningen, Netherlands.

- Brouwer, F. M. & Berkum, S. (1996). CAP and Environment in the European Union - Analysis of the effects of the CAP on the environment and assessment of existing environmental conditions in policy. Wageningen Pers.
- Bruckmeier, K. (1999). Policy influences on agricultural and livestock systems in different regions of the EU: The example of the Common Agricultural Policy (CAP) reform's agri-environmental measures. In *ELPEN-European Livestock Policy Evaluation Network, Proceedings of Two International Workshops*. (93-106). Aberdeen: Macaulay Land Use Research Institute
- Bruckmeier, K. (2010). Human Ecology in the Knowledge Society. In Pires, I.M.; Gibert, M.; Hens, L. (Ed.) *Studies in Human Ecology*, Liber Amicorum C Susane, M. Nazareth, Ph. Lefèvre-Witier, International Centre for Human Ecology. Ha Noi: Publishing House for Science and Technology, 259 pag. Registered Ref. No: 833-2010/CXB/026-4/KHTNCN, pp.45-67
- Bruhn, J. (1974). Human Ecology: A Unifying Science? *Human Ecology*, 2(2), 105-125
- Bruckmeier, K. (2016). Social-Ecological Transformation: Reconnecting Society and Nature. Palgrave MacMillan, UK
- Burrell, A. (2009). The CAP: Looking Back, Looking Ahead. *Journal of European Integration*, 31:3, 271-289
- Cabral, F. C. (1980). O Continuum Naturale e a conservação da natureza. *Seminário "Conservação da Natureza"*, 35-54.
- Caldas, J. C. (2013). A economia dos bens comuns: Visões rivais. In Pato, J.; Schmidt, L. & Gonçalves, M. E. (Eds.). *Bem comum. Público e/ ou privado?* (pp. 109-120). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Carvalho, A. (2016). Baldios: Do comunitarismo tradicional à economia local, social e solidária. Coimbra: Faculdade de Economia
- Ciriacy-Wantrup, S. V., & Bishop, R. C. (1975). "Common property" as a concept in natural resources policy. *Natural Resources Journal*, 15, 713-726.
- Coase (1960). The problem of social cost. *Journal of Law and Economics*, 3, 1-44
- Congost, R., Gelman, J., & Santos, R. (2017). Property rights in land: Institutions, social appropriations, and socio-economic outcomes. In R. Congost, J. Gelman, & R. Santos (Eds.), *Property rights in land: Issues in social, economic and global history* (pp. 177-204). Abingdon, Oxon: Routledge.
- Cox, M., Arnold, G., & Tomás, S. V. (2010). A review of design principles for community-based natural resource management. *Ecology and Society*, 15(4), 38.
- Cristóvão, A. (2002). Innovative structures for the sustainable development of mountainous areas. ISDEMA Project contract: DG XII SEAC-1999-00093.
- Daugbjerg, C. & Feindt, P. (2017). Post-exceptionalism in public policy: transforming food and agricultural policy. *Journal of European Public Policy*, 24(11), 1-20.
- Daugbjerg, C. & Swinbank, A. (2007). The Politics of CAP Reform: Trade Negotiations, Institutional Settings and Blame Avoidance. *JCMS: Journal of Common Market Studies*, 45(1), 1-22.

- Demsetz, H. (1967). Toward a theory of property rights. *American Economic Review*, 57(2), 347-359.
- Descola, P. (2008). Who owns nature?. *Books and ideas*, 1-11
- Devy-Varetta, N. (1993). *A floresta no espaço e no tempo em Portugal: a arborização da serra da Cabreira (1919-1975)*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- Devy-Vareta, N. (2003). O regime florestal em Portugal através do século XX: 1903-2003. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, 19, 447-456.
- Dias, J. (1948). Vilarinho da Furna, Uma Aldeia Comunitária. Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 274 pp.
- Dias, M. G. M. (2002). Avaliação do Carácter da Paisagem como contributo para o ordenamento e gestão do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Tese de Mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
- Dyball, R. & Newell, B. (2015). Understanding Human Ecology: A systems approach to sustainability, Routledge, Taylor & Francis Group, Oxon.
- Edwards, V. M., & Steins, N. A. (1998). Developing an analytical framework for multiple-use commons. *Journal of theoretical politics*, 10(3), 347-383.
- Engels, F. (1976). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Lisboa: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes. (Original alemão publicado em 1884.)
- Ervajec, E.; Lovec, M. & Erjavec, K. (2015). From 'greening' to 'greenwash': drivers and discourses of the CAP 2020 'reform'. In Swinnen, J. (ed.), *The Political Economy of the 2014-2020 Common Agricultural Policy - An Imperfect Storm*. (215-240). London: Rowman & Littlefield International, Ltd.
- Estevão, J. (1983). A floresta dos baldios. *Análise Social*, vol. 19 (77/79), 1157-1260.
- FAGRORURAL - Federação das Associações Agro-Florestais Transmontanas (2011). *1.º Congresso Europeu das Áreas Comunitárias*, 1ª Edição
- Farber, S. C., Costanza, R., & Wilson, M. A. (2002). Economic and ecological concepts for valuing ecosystem services. *Ecological Economics*, 41(3), 375-392.
- Feeny, D., Berkes, F., McCay, B. J., & Acheson, J. M. (1990). The tragedy of the commons: Twenty-two years later. *Human Ecology*, 18(1), 1-19.
- Ferreira, M. I. P. & Mello, D. S. (2016). Des-re-territorialização e áreas protegidas na Amazônia: reflexões a partir do caso da Estação Ecológica da Terra do Meio-Pará-Brasil. 1-13
- Fonseca, C., & Pereira, M. (2013). Reflexões sobre o contributo dos instrumentos de gestão para a resiliência de áreas protegidas em Portugal. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, 1(3), 67-91. Freitas & Martins (2012)
- Fontes, A., & Gonçalves, A. J. B. (2005). Cartografia de Risco de Incêndio no Parque Nacional da Peneda-Gerês e Gestão Adequada dos Recursos Florestais e Sistemas Naturais. In Conference Proceedings, X Colóquio Ibérico, Évora.

- Freire, D. (2004). Os baldios da discórdia: as comunidades locais e o Estado. In Freire, D.; Fonseca, I. e Godinho, P. (eds.), *Mundo rural. Transformação e resistência na Península Ibérica (século XX)*. (191-224). Lisboa: Edições Colibri.
- Freitas, H., & Martins, M. (2012). A Europa e a política de ambiente em Portugal. *Debater a Europa*, 7, 78-88.
- Furubotn, E. G., & Pejovich, S. (1972). Property rights and economic theory: A survey of recent literature. *Journal of Economic Literature*, 10(4), 1137-1162.
- Gallopin, G. (1994). Impoverishment and Sustainable Development. A Systems Approach. International Institute for Sustainable Development. Recuperado de [http://www.iisd.org/pdf/impoverishment and sd. pdf](http://www.iisd.org/pdf/impoverishment%20and%20sd.pdf) [Links].
- Garrido, S. (2011). Las instituciones de riego en la España del Este: Una reflexión a la luz de la obra de Elinor Ostrom. *Historia Agraria*, (53), 13-42.
- Gatzweiler, F. W. (2005). Institutionalising biodiversity conservation-The case of Ethiopian coffee forests. *Conservation and Society*, 3(1), 201-223.
- Godwin, R. K., & Shepard, W. B. (1979). Forcing squares, triangles and ellipses into a circular paradigm: The use of the commons dilemma in examining the allocation of common resources. *Western Political Quarterly*, 32(3), 265-277.
- Gordon, H. S. (1954). The economic theory of a common-property resource: The fishery. *The Journal of Political Economy*, 62(2), 124-142
- Gralheiro, J.C. (2014). Alteração à Lei dos Baldios (parecer). *Portal Verbo Jurídico*
- Greer, A., & Hind, T. (2012). Inter-institutional decision-making: The case of the Common Agricultural Policy. *Policy and Society*, 31(4), 331-341.
- Greer, A. (2017). Post-exceptional politics in agriculture: an examination of the 2013 CAP reform. *Journal of European Public Policy*, 24(11), 1585-1603.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, ano IX, (17), 19-45.
- Haesbaert, R. (2014). Contenção territorial: “Campos” e novos muros. *Boletín de Estudios Geográficos*, 102, 24-45
- Hardin, G. (1968). The tragedy of the commons. *Science*, 162 (3859), 1243-1248.
- Hardin, G. (1968). The Tragedy of the Commons. *Science*, 162(1968):1243-1248 [<http://cescos.fau.edu/gawliklab/papers/HardinG1968.pdf>]
- Hardin, G. (1998). Extensions of "the tragedy of the commons". *Science*, 280(5364), 682-683.
- Hart, K. (2014). *The fate of green direct payments in the CAP reform negotiations: the role of the European Parliament*. Institute for European Environmental Policy (IEEP).
- Hawley, A. (1944). Ecology and Human Ecology. *Social Forces*, vol.22 (4), 398-405.
- Heidrich, A. L. (2009). Conflitos territoriais na estratégia de preservação da natureza. In Saquet, M. A. & Sposito, E. S. (Eds.). *Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos*, 271-290. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1ª Edição

- Henriques, M. (1983). *Os baldios: origem e evolução*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.
- Hirschnitz-Garbers, M. & Stoll-Kleemann, S. (2011). Opportunities and barriers in the implementation of protected area management: a qualitative meta-analysis of case studies from European protected areas. *The Geographical Journal*, 177(4), 321–334
- Hodge, I. (2013). Agri-environment policy in an era of lower government expenditure: CAP reform and conservation payments. *Journal of Environmental Planning and Management*, 56(2), 254-270.
- Iriarte-Goñi, I. (2002). Common lands in Spain (1800-1995): Persistence, change and adaptation. *Rural History*, 13(1), 19-37.
- Janssen, M. A., & Ostrom, E. (2006). *Governing social-ecological systems*. Handbook of computational economics, 2, 1465-1509
- Janssen, M. A., Anderies, J. M. & Ostrom, E. (2007). Robustness of Social-Ecological Systems to Spatial and Temporal Variability. *Society and Natural Resources*, 20, 307–322
- Jentoft, S., McCay, B. J., & Wilson, D. C. (1998). Social theory and fisheries co-management. *Marine policy*, 22(4-5), 423-436.
- Juergensmeyer, J. C., & Wadley, J. B. (1974). The common lands concept: A commons solution to a common environmental problem. *Natural Resources Journal*, 14, 361-381.
- Larson, A. M., & Soto, F. (2008). Decentralization of natural resource governance regimes. *Annual Review of Environment and Resources*, 33, 213-239.
- Latacz-Lohmann, U., & Hodge, I. (2003). European agri-environmental policy for the 21st century. *Australian Journal of Agricultural and Resource Economics*, 47(1), 123-139.
- Liu, J., Dietz, T., Carpenter, S. R., Alberti, M., Folke, C., Moran, E., ... & Ostrom, E. (2007). Complexity of coupled human and natural systems. *Science*, 317(5844), 1513-1516.
- Lopes, L.F.G., Bento, J.M., Cristovão, A., Baptista, A.O. (2013). Institutionalization of common land property in Portugal: Tragic trends between “Commons” and “Anticommons”. *Land Use Policy*, 35, 85-94
- Lourenço, J., & Quental, N. (2007). Naturbanization and sustainability in the National Park of Peneda-Gerês. International Workshop on Naturbanisation in National Parks of the European Union
- Louro, V. (2016). *Floresta em Portugal - Um apelo à inquietação cívica*. Lisboa: Gradiva.
- Luz, A. L. (2017). Entre subsídios e turismo: instituições e poder na gestão dos baldios do parque nacional da Peneda-Gerês. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 52(105), 7-27
- Malthus, T. (1798). An essay on the principle of population, as it affects the future improvement of society with remarks on the speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet, and other writers. London: printed for J. Johnson.

- Marx, K. (1972). *The Marx-Engels reader* (Vol. 4). New York: Norton.
- Marx, K., & Engels, F. (1972). *The German ideology*, (Vol. 1). LOCAL: International Publishers Co. (Original publicado em 1932).
- Mascia, M. B. & Claus C. A. (2008). A Property Rights Approach to Understanding Human Displacement from Protected Areas: the Case of Marine Protected Areas. *Conservation Biology*, 23(1), 16-23
- McCay, B., & Jentoft, S. (1998). Market or community failure? Critical perspectives on common property research. *Human Organization*, 57(1), 21-29.
- Meinzen-Dick, R., & Knox, A. (1999). Collective action, property rights, and devolution of natural resource management: A conceptual framework. In Workshop on Collective Action, Property Rights, and Devolution of Natural Resource, Puerto Azul, Philippines, June (pp. 21-24).
- Mendoza, J. G. (1998). The persistence of romantic ideas and the origins of natural park policies in Spain. *Finisterra XXXIII*, 65, 51-63
- Netting, R. M. (1976). What alpine peasants have in common: Observations on communal tenure in a Swiss village. *Human Ecology*, 4(2), 135-146.
- Niemela, J., Young, J., Alardc, D., Askasibard, M., Henlee, K., Johnson, R., ..., Watt, A. (2005). Identifying, managing and monitoring conflicts between forest biodiversity conservation and other human interests in Europe. *Forest Policy and Economics* 7, 877– 890
- Nightingale, A. J. (2011). Beyond design principles: Subjectivity, emotion, and the (ir)rational commons. *Society and Natural Resources*, 24(2), 119-132.
- Olson, M. (1965). *The logic of collective action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971.
- Ostrom, E. (1988). Institutional arrangements and the commons dilemma. *Rethinking institutional analysis and development: Issues, alternatives, and choices*, 103-139.
- Ostrom, E. (1990). *Governing the commons: The evolution of institutions for collective action*. New York: Cambridge University Press.
- Ostrom, E. (1998) Scales, policentricity and incentives: Designing complexity. In Guruswamy, L. D.; McNeely, J. A. (Eds.) *Protection of Global Biodiversity: Converging Strategies* (pp. 149-167). Durham and London: Duke University Press
- Ostrom, E. (2000). Reformulating the commons. *Swiss Political Science Review*, 6(1), 29-52.
- Ostrom, E. (2008). Design principles of robust property rights institutions: What have we learned? In Ingram, G. K., & Hong, Y.-H. (Eds.), *Proceedings of the 2008 Land Policy Conference: Property rights and land policies* (pp. 25-51). Cambridge, Mass: Lincoln Institute of Land Policy.
- Ostrom, E. (2009). A General Framework for Analyzing Sustainability of Social-Ecological Systems. *Science*
- Pauleta, C. M. (1997). As freguesias - história e actualidade. *Finisterra*, 32 (64).

- Pemán, M. L. & De Moor, T. (2013). A tale of two commons: Some preliminary hypotheses on the long-term development of the commons in Western and Eastern Europe, 11th-19th centuries. *International Journal of the Commons*, 7(1), 7-33.
- Penker, M. (2008). Landscape governance for or by the local population? A property rights analysis in Austria. *Land Use Policy*, 26, 947-953
- Petrack, M. (2008). The co-evolution semantics and policy paradigms: 50 years of Europe's common agricultural policy. *Intereconomics*, 43(4), 246-252.
- Philbrick, F. S. (1938). Changing conceptions of property in law. *University of Pennsylvania Law Review and American Law Register*, 86(7), 691-732.
- Pinto, B. & Partidário, M. (2012). The History of the Establishment and Management Philosophies of the Portuguese Protected Areas: Combining Written Records and Oral History. *Environmental Management*, 49, 788-801
- Pires, I. & Craveiro, J. (2010). Past and Future of Human Ecology, in Pires, Iva M; Gibert, Morgane; Hens, Luc (Ed.) *Studies in Human Ecology*, Liber Amicorum C Susane, M. Nazareth, Ph. Lefèvre-Witier, International Centre for Human Ecology. Ha Noi: Publishing House for Science and Technology, 259 pag. Registered Ref. No: 833-2010/CXB/026-4/KHTNCN, pp. 26-44.
- Portugal, M. D. A. M. A. (2002). Monitorização de planos de ordenamento: Caso de estudo: Parque Nacional da Peneda-Gerês. Tese de mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
- Poteete, A. & Ostrom, E. (2002). An institutional approach to the study of forest resources. In Poulsen, J. (Ed.) *Human Impacts on Tropical Forest Biodiversity and Genetic Resources*. New York: CABI Publishing. Centre for International Forestry Research (CIFOR)
- Radich, M. C. & Alves, A. M. (2000). *Dois Séculos da Floresta em Portugal*. Lisboa: CELPA.
- Radich, M. C. & Baptista, A. O. (2005). Floresta e Sociedade: Um Percurso (1875-2005). *Silva Lusitana*, 13(2), 143-157
- Rambo, A. T. (1983). *Conceptual approaches to human ecology*. Research Report N^{er} 14. East-West Environment and Policy Institute
- Rapazote, J. (2012). “Aldeias-Jardim” no concelho de Montalegre – O projeto da Junta de Colonização Interna para os baldios do Barroso. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, 1, 207-236.
- Renwick, A., Jansson, T., Verburg, P. H., Revoredo-Giha, C., Britz, W., Gocht, A., & McCracken, D. (2013). Policy reform and agricultural land abandonment in the EU. *Land Use Policy*, 30(1), 446-457.
- Sack, R. D. (1983). Human territoriality: A theory. *Annals of the Association of American Geographers*, 73(1), 55-74.
- Schmidt, L. (2008a). Políticas Ambientais em Portugal – processos e insucessos entre o “global” e o “nacional”. In VI Congresso Português de Sociologia (pp. 2-9).

- Schmidt, L. (2008b). Ambiente e Políticas Ambientais: escalas e desajustes. In Villaverde, Manuel, Wall, Karin, Aboim, Sofia e Silva, Filipe Carreira da (Eds.), *Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS* (pp. 285-314). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Silva, M. E. (2011). *A propriedade e os seus sujeitos: colonização interna e colónias agrícolas durante o Estado Novo*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, R.F. (2011). *O Gerês: de Bouro a Barroso. Singularidades patrimoniais e dinâmicas territoriais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Singleton, S., & Taylor, M. (1992). Common property, collective action and community. *Journal of Theoretical Politics*, 4(3), 309-324.
- Skogstad, G. (1998). Ideas, paradigms and institutions: agricultural exceptionalism in the European Union and the United States. *Governance*, 11(4), 463-490.
- Soromenho-Marques, V. (2005). Raízes do ambientalismo em Portugal. *Metamorfoses. Entre o colapso e o desenvolvimento sustentável*, 127-144.
- Soromenho-Marques, V. (2007). The environment. *A Portrait of Portugal. Facts and Events*, 181-190.
- Sotte, F. (2004). From CAP to CARPE: the State of the Question. *87th EAAE-Seminar - Assessing rural development of the CAP – 21-23rd April, Vienna, Austria*
- Steiner, D.; Nauser, M. (2003). Human ecology: fragments of antifragmentary views of the world. Taylor & Francis e-Library.
- Stevenson, G. G. (1991) *Common Property Economics A General Theory and Land Use Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press
- Swinnen, J. (2009). Compensation payments in EU agriculture. LICOS Centre for Institutions and Economic Performance & Department of Economics University of Leuven (KUL) & Centre for European Policy Studies Brussels (paper prepared for World Bank project on “Adjustment Costs to Trade”).
- Vaccaro, I. (2008). Los Pirineos como proyecto de Estado: de municipios, comunales, ingenieros forestales, sociedades de propietarios y parques naturales. *Historia Agraria*, 46, 17-45
- Vallejo, L. R. (2009). Unidade de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e políticas públicas. *Geographia*, 4(8), 57-78.
- Vandergeest, P. (1996). Property rights in protected areas: obstacles to community involvement as a solution in Thailand. *Environmental Conservation*, 23 (3), 259-268
- Van Laerhoven, F. and K.P. Andersson, K. P. (2013). The virtue of conflict: an institutional approach to the study of conflict in community forest governance. *International Forestry Review*, 15(1), 1-14
- Viana, H., & Aranha, J. (2008). Estudo da alteração da cobertura do solo no Parque Nacional da Peneda Gerês (1995 e 2007). Análise temporal dos padrões espaciais e avaliação quantitativa da estrutura da paisagem. ESIG 2008 X Encontro de Utilizadores de Informação Geográfica, 1-14.

- Wade, R. (1987). The management of common property resources: Collective action as an alternative to privatisation or state regulation. *Cambridge Journal of Economics*, 11(2), 95-106.
- West, P. & Brockington, D. (2006). An Anthropological Perspective on Some Unexpected Consequences of Protected Areas. *Conservation Biology*, 20 (3), 609-616

Legislação:

Decreto de Lei número 27207 de 16 de Novembro de 1936. Diário do Governo número 269, I Série

Lei n.º 9/70 de 19 de junho. Diário do Governo, n.º 141. Série I

Lei número 1971 de 15 de Junho de 1938. Diário do Governo, número 136, I Série
Plano de Povoamento Florestal

Decreto-Lei n.º 187/71, de 8 de Maio. Diário do Governo. n.º 108, I Série

Decreto-Lei n.º 550/75, de 30 de Setembro. Diário da República. n.º 226, Série I

Decreto de aprovação da Constituição de 10 de Abril de 1976. Diário do Governo, número 86. 1ª Série

Decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de Julho. Diário da República n.º 174. Série I

Decreto-Lei n.º 39/76 de 19 de Janeiro. Diário da República número 15 – I Série

Decreto-Lei n.º 40/76 de 19 de Janeiro. Diário da República número 15 – I Série

Decreto-Lei n.º 519/C79, de 28 de Dezembro. Diário da República. n.º 298, I Série

Lei constitucional n.º 1/82 de 30 de Setembro – primeira revisão da constituição

Decreto-Lei n.º 403/85, de 14 de Outubro. Diário da República. n.º 236, I Série

Lei Constitucional n.º 1/89 de 8 de Julho – segunda revisão da constituição

Decreto-Lei n.º 19/93, de 23 de Janeiro. Diário da República n.º 19, Série I-A

Decreto-Lei n.º 68/93 de 4 de Setembro. Diário da República n.º 208, I Série - A

Decreto-Lei n.º 193/93 de 24 de Maio. Diário da República n.º 120/1993, Série I-A de 1993

Lei n.º 33/96 de 17 de Agosto. Diário da República n.º 190/1996, Série 1 - A

Decreto-lei 179/99, de 21 de Maio. Diário da República n.º 118/1999, Série I-A

Decreto-Lei n.º 221/2002, de 22 de Outubro. Diário da República. n.º 244, I Série - A

Lei constitucional n.º 1/2005 de 12 de Agosto – sétima revisão constitucional

Decreto-Lei n.º 136/2007, de 27 de Abril. Diário da República. n.º 82, 1.ª Série

Portaria n.º 596-B/2008 de 8 de Julho. Diário da República n.º 130/2008, 1º Suplemento, Série I de 2008.

Decreto-Lei n.º 109/2009, de 15 de Maio. Diário da República n.º 94/2009, Série I

Resolução do Conselho de Ministros n.º 11-A/2011, de 4 de Fevereiro de 2011. Diário da República. n.º 25. 1ª Série [Revisão do Plano de Ordenamento do PNPG]

Decreto-Lei n.º 7/2012, de 17 de Janeiro. Diário da República n.º 12, Série I

Deliberação n.º 1597/2013, de 21 de Agosto. Diário da República. n.º 160, Série II
Regulamento (UE) n.º 1307/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho de 17 de Dezembro de 2013. Jornal Oficial da União Europeia
Lei n.º 72/2014 de 2 de Setembro de 2014. Diário da República I Série, n.º 168
Portaria n.º 57/2015 de 27 de Fevereiro. Diário da República n.º 41/2015, Série I de 2015
Decreto-Lei n.º 165/2015 de 17 de agosto. Diário da República, n.º 159, 1.ª Série de 2015
Decreto-Lei n.º 8/2017 de 9 de Agosto. Diário da República, n.º 6, Série I de 2017
Lei n.º 75/2017 de 17 de Agosto. Diário da República n.º 158 1ª Série de 2017

Documentos

ICNB (2010) Revisão do Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês
ICNF (2013). Plano de actividades do ICNF (2013) em conformidade com o Decreto – Lei n.º 183/96, de 27 de Setembro, conjugado com a Lei n.º 66-B/2007 – SIADAP (Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública). ICNF, I.P., – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. Lisboa
Plano de Acção da Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurê - 2015-2020. Instituto de Conservação da Natureza e Florestas & Xunta de Galicia.

Sítios na internet

IUCN. N.p., n.d. Web. About IUCN. Retrieved 15 de Maio 2018, from: <http://www.iucn.org/about>
ICNF a) N.p., n.d. Web. Retrieved 15 de Maio 2018, from: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/pnpg>
ICNF b) N.p., (n.d.). Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Enquadramento Legislativo do Regime Florestal. Retrieved November, 7, 2018, from <http://www2.icnf.pt/portal/florestas/gf/regflo/enqleg>
TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL. N.p., n.d. Web. 15 Maio 2018. [<http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/nucleo-hidroelectrico-de-paradamonte/>]
CARRIS. N.p., n.d. Web. 15 Maio 2018. [<http://carris-geres.blogspot.pt/>]
PRODER (n.d.). Programa de Desenvolvimento Rural. Retrieved November 13, 2018, from http://www.proder.pt/ResourcesUser/Documentos_Diversos/24/ITI%20PENEDA-GERÊS.pdf
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. N.p., n.d. Web. 20 Janeiro 2018. [<https://www.cm-montalegre.pt/showFreg.php?Id=1>]
BUSINESS DICTIONARY. N.p., n.d. Web. Retrieved 20 Maio 2018, from: <http://www.businessdictionary.com/definition/economic-utility.html>

OXFORD DICTIONARIES. N.p., n.d. Web. Retrieved 20 Maio 2018, from <https://en.oxforddictionaries.com/definition/utility>

Comunicação social:

Carvalho, R. (2007, 24 de Março). Reforma dos parques deixa autarcas de fora. *Diário de Notícias*. Retrieved from: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/interior/reforma-dos-parques-deixa-autarcas-de-fora-654832.html>

ANEXOS

ANEXO I – Mapa da localização dos baldios em Portugal

ANEXO II – Mapa do PNPG

ANEXO III – Carta enviada aos compartes para primeiro contacto

ANEXO IV – Mapa dos baldios do PNPG

ANEXO V – Tabela com descritivo das entrevistas

ANEXO VI – Guião das entrevistas semi-estruturadas aos compartes [1ª fase de campo]

ANEXO VII – Códigos usados na análise de conteúdo [1ª fase de campo]

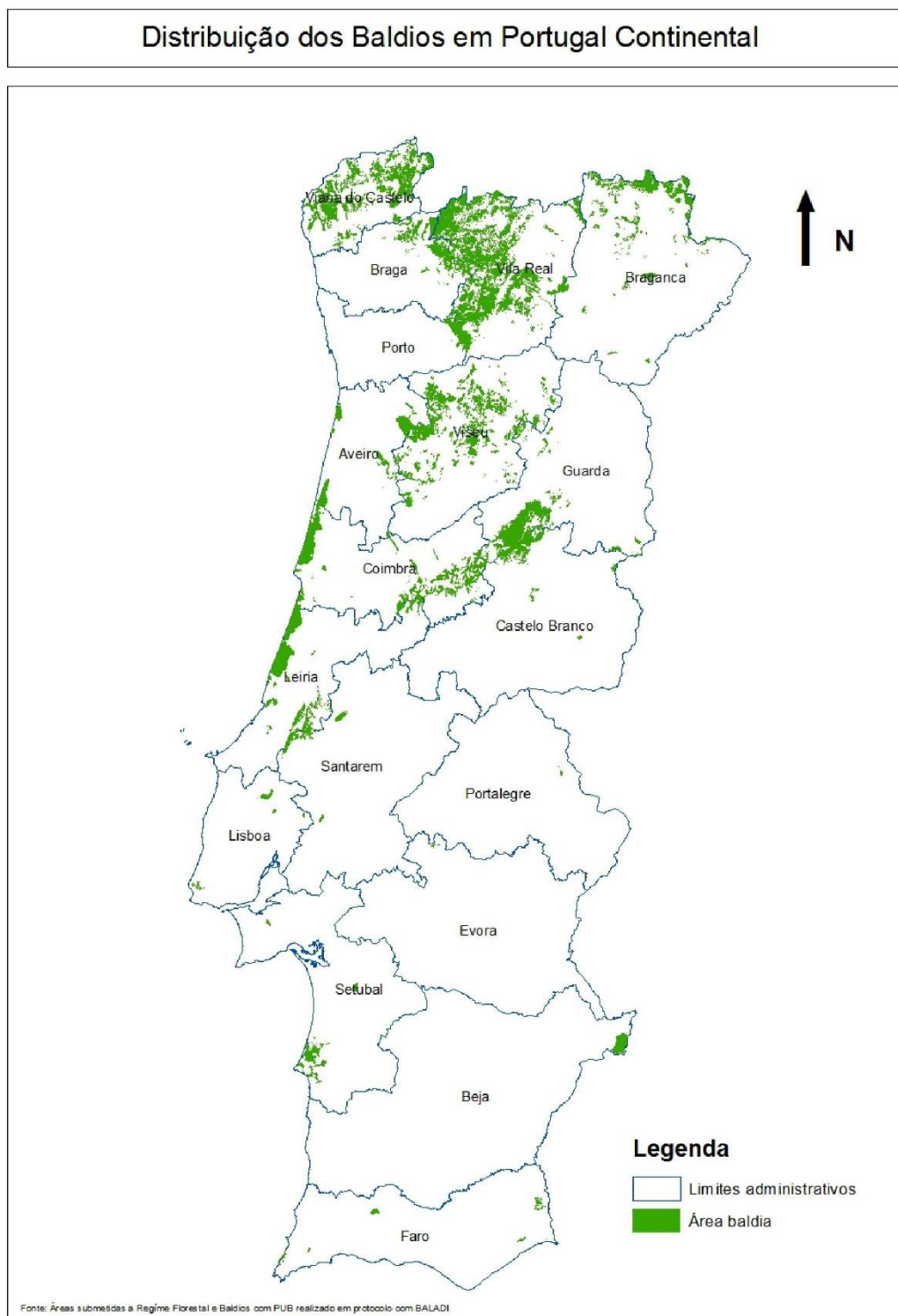
ANEXO VIII – Resultado da codificação do conteúdo das entrevistas aos compartes [1ª fase de campo]

ANEXO IX – Entrevistas aos compartes [2ª fase de campo]

ANEXO X – Entrevistas a outras entidades intervenientes na gestão

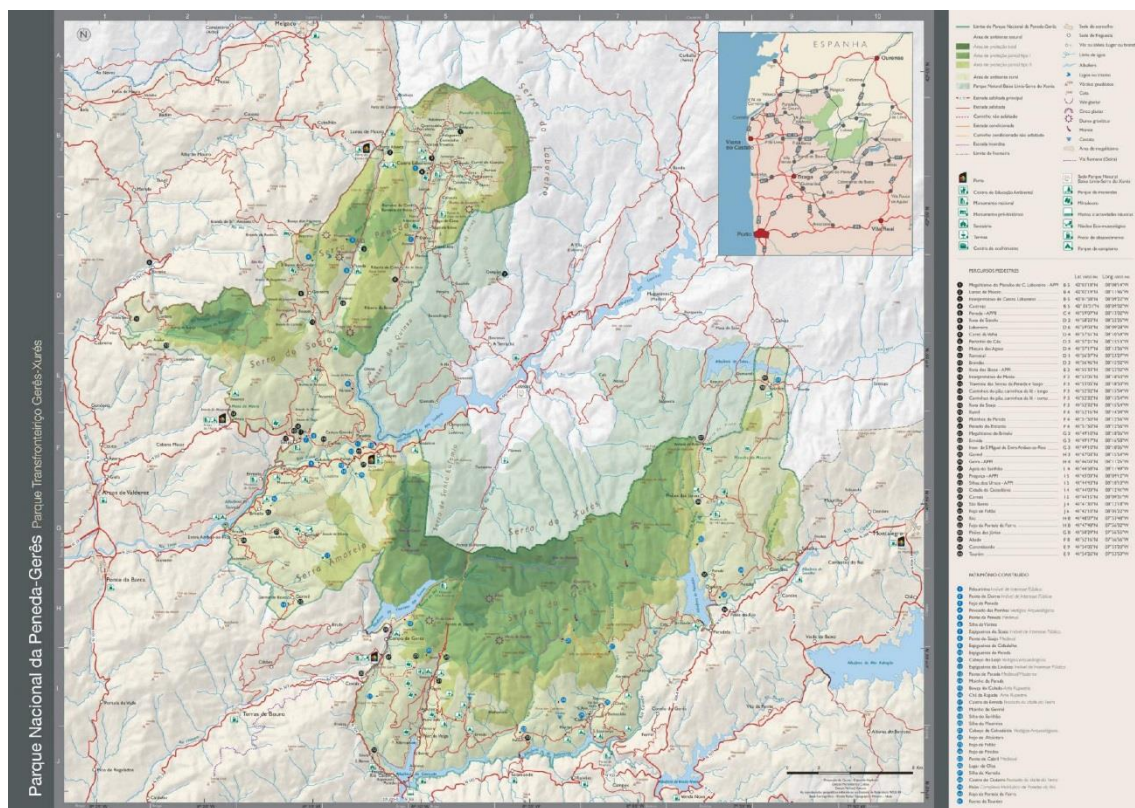
ANEXO XI – Entrevistas a outros utilizadores

ANEXO I – Mapa da localização dos baldios em Portugal



ANEXO II – Mapa do PNPG

Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e Florestas



[o mapa encontra-se disponível online no site do ICNF:
<http://www2.icnf.pt/portal/ap/resource/img/pnpg/mapas/map-pt-gde/view>]

ANEXO III – Carta enviada aos compartes para primeiro contacto

Excelentíssimos Senhores,

Chamo-me Ana Luísa Luz, sou estudante na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e encontro-me agora a iniciar o 2º ano do programa de doutoramento.

A questão dos baldios interessa-me particularmente, assim como a gestão comunitária de uma forma geral. A meu ver é urgente identificar, divulgar e replicar exemplos de gestão comunitária bem-sucedidos, designadamente quando se trata de gerir sistemas de recursos naturais de dimensões consideráveis e quando se trata de zonas rurais, continuamente fustigadas por políticas exógenas focadas no mercado que põem em causa a sua subsistência. Perante as últimas ofensivas às condições de vida das zonas do interior do país, através do fecho de escolas e de outros serviços básicos, cada vez mais os baldios ganham relevância num contexto de desenvolvimento local, contrariado pelas políticas nacionais já referidas - para não falar das consecutivas reformas da Política Agrícola Comum que em muito contribuíram para o actual estado da zonas rurais em Portugal -, e agora pela alteração da Lei dos Baldios.

Ao longo deste projecto pretendo conhecer a realidade dos baldios nos nossos dias. Tenho a noção que na ausência da acção das autarquias e do poder central, os responsáveis dos baldios têm avançado, investindo em benefício das comunidades locais, contribuindo para minimizar os efeitos desincentivadores da actual conjuntura política. O que pretendo analisar é o tipo de gestão que tem vindo a ser desenvolvida em cada baldio nesta época de transição de usos (declínio dos usos tradicionais e introdução de novos usos) e perceber o que pode estar por trás das possíveis diferenças entre eles. Este trabalho, uma vez terminado, poderá contribuir para a clarificação e difusão junto da sociedade civil e académica da relevância do papel dos baldios e dos compartes nas suas localidades e regiões, e, espero, contribuir também, com a informação recolhida organizada e sistematizada, para que mais baldios venham a ter esse papel. Por outro lado, a recolha de informação que irá ser feita em cada uma das unidades de baldio ficará disponível para as entidades relacionadas com os baldios que a considerem relevante.

O desenvolvimento do trabalho passará por uma primeira abordagem que iniciei em Maio, e que decorrerá até Agosto/Setembro, período ao longo do qual pretendo abordar cada umas das unidades de baldio inseridas no Parque Nacional da Peneda-Gerês e na Rede Natura 2000, e também baldios dessa região não inseridos nestas áreas classificadas.

O facto de os baldios se encontrarem num parque nacional torna o caso muito especial, pela maior complexidade institucional e existência de múltiplos interesses em jogo. Em cada baldio gostaria de fazer uma breve caracterização em termos da gestão efectuada (quais as actividades desenvolvidas, por quem, que entidade gere o baldio, etc.) e para isso necessitaria de entrar em contacto com os compartes dos órgãos gestores, que imagino serem aqueles que estão mais dentro da situação dos seus baldios.

Nesse sentido, escrevo esta carta para de alguma forma dar a conhecer desde já as minhas intenções. Os contactos dos conselhos directivos foram-me cedidos pela Engenheira Sandra da Atlântica - Associação Florestal dos Vales do Minho, Coura, Âncora, Vez e Lima, e pela Engenheira Lúcia Jorge, presidente da Associação dos Baldios do Parque Nacional da Peneda Gerês.

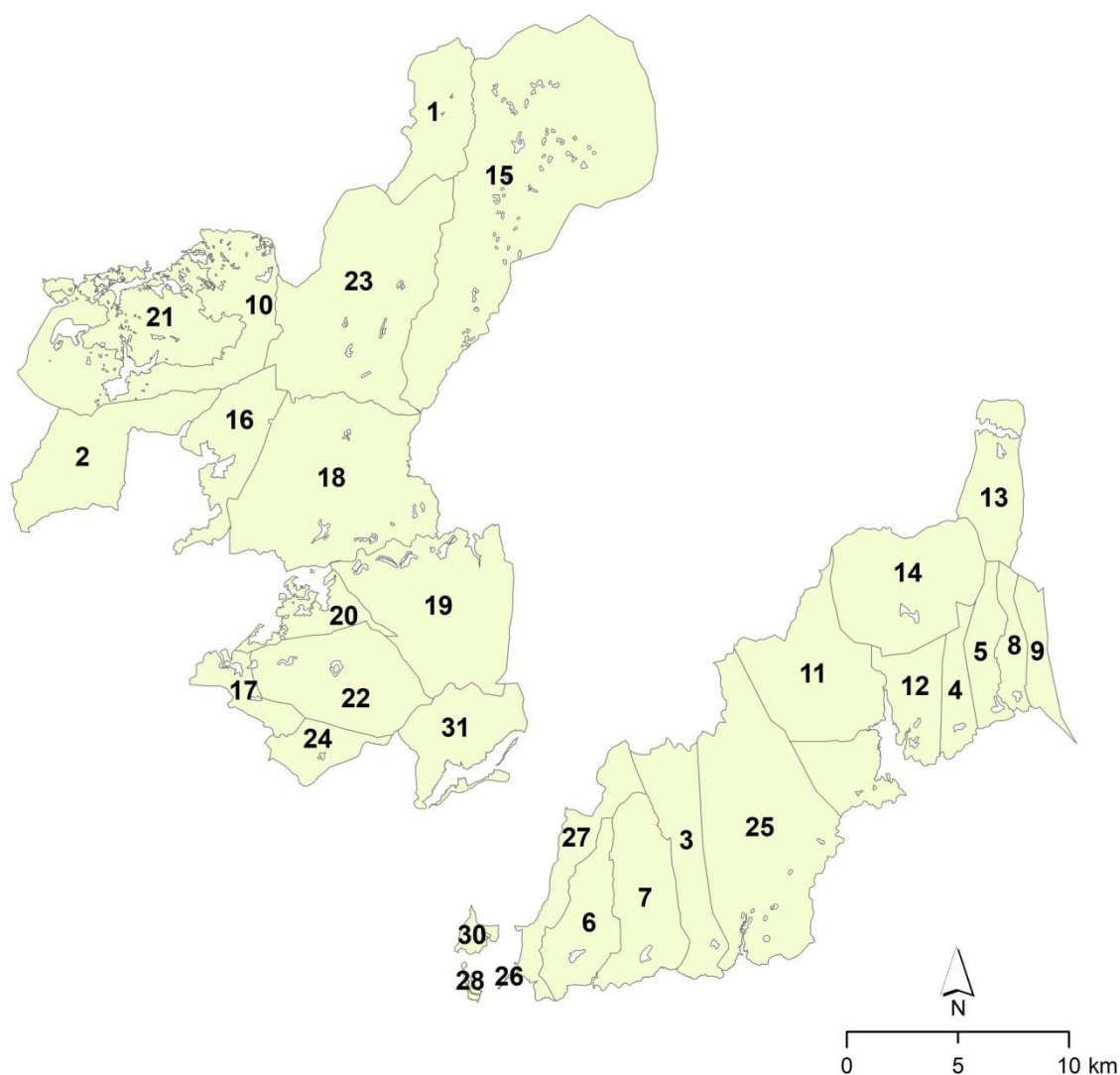
Estou disponível para prestar qualquer esclarecimento adicional e, inclusivamente, se acharem pertinente, poderei enviar o projecto integral.

Agradeço desde já toda a atenção que possam vir a dar a esta questão e fico a aguardar a vossa resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Luísa Luz

ANEXO IV – Mapa dos baldios do PNPG



#	Povoação / Baldio	ÁREA (m ²)	#	Povoação / Baldio	ÁREA (m ²)
1	Lamas Mouro	17109601	16	Cabana Maior	16685155
2	Gondoriz	25448788	17	Entre-Ambos-os-Rios	7360251
3	Pincães	19597518	18	Soajo	53085944
4	Paredes do Rio	7530124	19	Lindoso	40926901
5	Covelães	9055295	20	Britelo	8871010
6	Ermida	15596692	21	Sistelo	21975811
7	Fafião	22087981	22	Ermida/Froufe/Lourido	26869836
8	Travassos	6393082	23	Gavieira	55205568
9	Sezelhe	7211374	24	Germil	8037815
10	Cabreiro	37014089	25	Cabril	55645860
11	Outeiro	29440655	26	Vilar da Veiga	64528,99
12	Cela/Sirvozelo	22700197	27	Caldas do Gerês	13848849
13	Tourem	14958517	28	Rio Caldo	468512,3
14	Pitões das Júnias	31938323	29	Covide	40272,37
15	Castro Laboreiro	90968180	30	Campo do Gerês	1974514
			31	Vilarinho da Furna	17632015

ANEXO V – Tabela com descritivo das entrevistas

1. Código dos entrevistados

MONTALEGRE

Fafião: MF1 (MONTALEGRE / FAFIÃO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Sezelhe: MS1 (MONTALEGRE / SEZELHE / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Covelães: MCov1 (MONTALEGRE / COVELÃES / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Paredes do Rio: MP1 e MP2 (MONTALEGRE / PAREDES DO RIO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

MT1 – presidente do CD

MT2 – presidente da AC [aparece no final da entrevista]

Travassos do Rio: MT1 e MT2 (MONTALEGRE / TRAVASSOS DO RIO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

MT1 – presidente do CD

MT2 – presidente da AC e da JF

Cabril: MCa1 (MONTALEGRE / CABRIL / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Outeiro: MO1 (MONTALEGRE / OUTEIRO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Pitões das Júnias: MPi1 (MONTALEGRE / PITÕES DAS JÚNIAS / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Tourém: MT1 (MONTALEGRE / TOURÉM / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Pincães: MPin1 (MONTALEGRE/PINCÃES/NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Cela e Sirvozel: MCS1 (MONTALEGRE/CELA E SIRVOZELO/NÚMERO DO ENTREVISTADO)

TERRAS DO BOURO

Ermida: TE1 (TERRAS DO BOURO / ERMIDA / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Vilar da Veiga: TV1 (TERRAS DO BOURO / VILAR DA VEIGA / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Covide: TCo1 (TERRAS DO BOURO / COVIDE / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Campo do Geres: TC1 (TERRAS DO BOURO / CAMPO DO GERÊS / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Rio Caldo: TR1 (TERRAS DO BOURO / RIO CALDO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Vilarinho da Furna: TVf1 (TERRAS DO BOURO / VILARINHO DA FURNA / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

ARCOS DE VALDEVEZ:

Soajo: AS1 (ARCOS DE VALDEVEZ / SOAJO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Cabana Maior: ACm1 e ACm2 (ARCOS DE VALDEVEZ / CABANA MAIOR / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Sistelo: ASi1 (ARCOS DE VALDEVEZ / SISTELO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Cabreiro: AC1 (ARCOS DE VALDEVEZ / CABREIRO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Gondoriz: AGo1 (ARCOS DE VALDEVEZ / GONDORIZ / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Gavieira: AGav1 (ARCOS DE VALDEVEZ / SOAJO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

PONTE DA BARCA

Entre-Ambos-os-Rios: PE1 (PONTE DA BARCA / ENTRE AMBOS OS RIOS / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Britelo: PB1 (PONTE DA BARCA / BRITELO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Germil: PG1 (PONTE DA BARCA / GERMIL / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

Lindoso: PL1 (PONTE DA BARCA / LINDOSO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

MELGAÇO

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2 e MeL3 (MELGAÇO / LAMAS DE MOURO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

MeL1 – presidente do CD

MeL2 – vogal

MeL3 – vice-presidente do CD

Castro Laboreiro: MeC1 e MeC2 (MELGAÇO / CASTRO LABOREIRO / NÚMERO DO ENTREVISTADO)

MeC1 – presidente do CD

MeC2 – presidente do anterior CD recentemente deposto

2. Tabela com o descritivo das entrevistas

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
1ª FASE DE TRABALHO DE CAMPO				
Compartes				
MF1	15 Maio 2015	Fafião (baldio)	3h	Presidente do CD, homem à volta dos 30 anos de idade
MCov1	16 Maio 2015	Covelães (casa do entrevistado)	3h09m	Presidente do CD, homem, 82 anos de idade
MS1	17 Maio 2015	Sezelhe (baldio)	3h32m	Presidente do CD, homem por volta dos 60 anos de idade
MCa1	29 Maio 2015	Baldio de Cabril	1h40m	Presidente do CD, homem à volta dos 30 anos de idade. Presidente da JF de Cabril
MPin1	30 Maio 2015	Sede dos compartes em Pincães / baldio de Pincães	1h50m	Presidente do CD, homem à volta dos 60 anos de idade
MTR1 e MTR2	31 Maio 2015	Espaço sociocultural da JF	1h40m	1: presidente do CD, homem por volta dos 70 anos de idade. 2: homem por volta dos 30-40 anos de idade, presidente da AC e presidente da JF
MO1	1 Junho 2015	Rua da aldeia de Outeiro	2h49m	Presidente do CD, homem por volta dos 60-70 anos de idade
MP1	2 Junho 2015	Baldio de Paredes do Rio	1h45m	Presidente do CD, homem à volta dos 40 anos de idade
MCE1	3 Junho 2015	Escritório do entrevistado em Montalegre	1h21m	Presidente do CD, homem por volta dos 50 anos de idade

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
MPi1	1 Julho 2015	Baldio de Pitões/sede da JF	2h30	Presidente do CD, mulher com cerca de 50 anos de idade. Presidente da JF de Pitões das Júnias.
MT1	3 Julho 2015	Café em Montalegre	0h50m	Presidente do CD, homem com cerca de 50 anos de idade
AC1	5 Julho 2015	Florista da entrevistada em Arcos de Valdevez	0h32m	Presidente do CD, mulher com cerca de 50 anos de idade
AS1	7 Julho 2015	Café do Mezio, gerido na altura pela entrevistada	1h15m	Presidente do CD, mulher com cerca de 50 anos de idade
ASi1	21 Agosto 2015	Frente a casa/café/gasolin eira do entrevistado	2h00	Presidente do CD, homem com cerca de 60 anos de idade
AGo1	25 Agosto 2015	Sede da Junta de Freguesia	0h24m	Presidente do CD e presidente da Junta, homem com cerca de 60 anos de idade
AGav1	26 Setembro 2015	Sede da JF	2h10m	Presidente do CD e da JF, homem com cerca de 60 anos de idade
ACm1	5 Abril de 2016	Loja de produtos naturais do entrevistado em Arcos de Valdevez	2h13m	Homem com cerca de 70 anos de idade, ex-presidente do CD e da JF.
PL1	8 Julho 2015	Sede da JF na Porta do Parque estabelecida em Lindoso	1h30m	Presidente do CD, homem com cerca de 50 anos de idade
PB1	22 Agosto 2015	Sede dos compartes na antiga escola primária	2h20m	Presidente do CD, homem com cerca de 60 anos de idade
PG1	24 Agosto 2015	Sede da JF	1h27m	Presidente do CD, homem com cerca de 50 anos de idade

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
PE1	28 Agosto 2015	Escritório do entrevistado na CM de Ponte da Barca	1h08m	Presidente do CD do baldio de EAR e do monte aforado de Ermida, Froufe e Lourido. Homem com cerca de 50 anos de idade.
TE1	19 Setembro 2015	Baldio da Ermida	5h01m	Presidente do CD, homem com cerca de 40-50 anos de idade
TC1	20 Setembro 2015	Parque campismo da Cerdeira	2h30m	Presidente do CD, homem com cerca de 50 anos de idade
TR1	21 Setembro 2015	Restaurante do entrevistado / sede da JF	1h50m	Presidente da JF, homem com cerca de 60 anos de idade. Baldio gerido pela JF
TV1	22 Setembro 2015	Restaurante do entrevistado, Vila do Gerês	2h58m	Presidente do CD, homem com cerca de 60 anos de idade
TCo1	29 Setembro 2015	Covide, casa do entrevistado	1h11m	Presidente da JF, homem com cerca de 50 anos de idade [monte aforado gerido pela JF]
TVf1	28 Março 2016	Cinema Monumental, Lisboa	3h58m	Homem com cerca de 60-70 anos de idade, presidente e fundador da associação A Furna que gere o monte aforado de Vilarinho da Furna
MeL1, MeL2, MeL3	24 Setembro 2015	Café da bomba de gasolina onde trabalhava o vogal do CD	2h00	Presidente do CD; e dois elementos do órgão de gestão do baldio. Todos com cerca de 60-70 anos de idade.
MeC2	24 Setembro 2015	Vacaria do entrevistado no planalto de Castro Laboreiro	2h30m	Ex-presidente do CD. Homem com cerca de 50 anos de idade

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
MeC1	25 Setembro 2015	Escritório na CM de Melgaço, onde trabalha o entrevistado	1h30	Presidente do CD, homem com cerca de 40-50 anos de idade
2ª FASE DE TRABALHO DE CAMPO - FAFIÃO				
Júlio	3 Julho de 2017	Café da aldeia	1h56m	Homem entre os 30 e os 40 anos de idade
Gouveia	26 Setembro de 2016	Café da aldeia	1h25m	Cerca de 50 anos de idade
Bruno	27 Agosto de 2016	Carro em viagem a Chaves	1h30m	Homem entre os 40 e os 50 anos de idade
Luís	11 Outubro de 2016	Casa do entrevistado em Fafião	1h01m	Homem entre os 40 e os 50 anos de idade
Francisco	11 Outubro de 2016	Quintal da casa do entrevistado em Fafião	1h03m	Homem entre os 60 e os 70 anos de idade
Maria	27 Setembro de 2016	Casa da entrevistada em Fafião	2h30m	Mulher acima dos 80 anos de idade
Santos	5 Outubro de 2016	Casa do entrevistado em Fafião. Esteve presente a sua esposa	1h12m	Homem entre os 70 e os 80 anos de idade
Vasco	10 Outubro de 2016	Horta do entrevistado em Fafião	1h03m	Homem com à volta dos 70 anos de idade
Jorge e Mariana	6 Outubro de 2016	Casa dos entrevistados em Fafião	2h06m	Casal entre os 60 e os 70 anos de idade
Acácio	5 Outubro de 2016	Café da aldeia	54m	Homem com cerca de 60 anos de idade
Henrique e Carla	30 Setembro de 2016	Porta da casa do entrevistado. Esteve presente também a sua esposa	50m	Casal com cerca de 60 anos de idade

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
Álvaro e Margarida	29 Setembro de 2016	Quintal da casa dos entrevistados em Fafião. No final apareceu o senhor Moreira que participou também na entrevista	1h50m	Casal com cerca de 80 anos de idade. O senhor Moreira tem cerca de 60 anos de idade.
Oliveira	6 Outubro de 2016	Adega do entrevistado em Fafião	Não permitiu gravação. Cerca de uma hora de entrevista	Homem entre os 60 e os 70 anos de idade
Luísa e Armindo	3 Outubro de 2016	Casa dos entrevistados	45 m	Casal com cerca de 60 anos de idade
OUTRAS ENTIDADES				
ICNF1	29 Setembro 2015	Sede do ICNF no Vidoeiro, Vila do Gerês	0h34m	Responsável pelas equipas florestais de Montalegre
ICNF2	2 Outubro 2015	Sede do ICNF, Braga	1h01m	Responsável pela implementação das ITI no PNPG
BALADI	15 Fevereiro 2016	Sede da BALADI, Vila Real	2h51m	Presidente da Federação Nacional dos Baldios. Comparte de um baldio na zona da serra do Marão
OUTROS UTILIZADORES				
Eco-cabril	10 Outubro de 2016	Abrigo da Garrana, Lugar da Vila (Cabril)	1h15m	Fundadora da empresa
Green Park	10 Outubro de 2016	Parque de campismo Green Park	40 m	Fundador da empresa
Ecoagri	15 Março de 2017	Sede da Ecoagri em Ponte de Lima	1h48m	Fundador da empresa

# Entrevistado	Data	Local	Duração	Caracterização
Gerezmont	16 Dezembro de 2016	Sede da empresa na vila do Gerês	23 m	Fundador da empresa
Oporto Adventure Tours	17 Janeiro de 2017	Ao telefone	Ao telefone	Uma das fundadoras da empresa
ADERE	18 Janeiro de 2017	Sede da ADERE em Ponte da Barca	1h55m	Administradora-delegada

ANEXO VI – Guião das entrevistas semi-estruturadas aos compartes [1ª fase de campo]

1. Instituição gestora

- Qual a entidade que gere o baldio (freguesia, Estado, município, compartes)? Alterou-se alguma vez desde 1976? Sem sim, por que razão? Se não, por que razão?
- As regras são criadas por quem?
- São monitoradas? Por quem?
- Como decorre o funcionamento da gestão? (reuniões, assembleias, frequência, quem frequenta, decisões, qual o papel/influência de outras instituições externas na gestão?).

2. Utilizadores

- Quem são os utilizadores do baldio? (compartes segundo os usos e costumes; eleitores da freguesia ou freguesias; entidades externas (sob que contratação/acordo e com que fim?); utilizadores não autorizados;
- Qual a relação estabelecida entre os utilizadores e o baldio? (de dependência – produtiva, actividades tradicionais; para uso recreativo; através da comunidade – novos usos; para produção e criação de lucro - arrendatários do baldio; ...)
- Em que medida contribuem para o recurso e para a sua continuidade no tempo e no espaço?
- Conflitos de interesses entre os utilizadores (compartes e outros)?
- É costume exercer-se o direito de exclusão ou qualquer pessoa que chegue interessada é aceite?

3. Baldio (recurso)

- Dimensão? Monitorizável?
- Quantas freguesias abrange? Inteiras?
- Limites definidos? Fonte de conflitos?
- Existe a noção do estado dos recursos e da produção, assim como dos seus utilizadores (existente e potencial)?
- Degradado ou produtivo?
- Florestado pelo Estado? A floresta de hoje...?
- Pasto? Matos? Pedregosidade?
- Alvo de arrendamento ou alienação ou expropriação? Perdeu área nos últimos tempos? Se sim, por que razão?

4. Relação com o meio envolvente (político e económico)

- Relação com o mercado? Qual é, a que escala, com que frequência?
- Influência das políticas externas sobre a gestão dos baldios
- Relação da instituição gestora com o Estado e com as autarquias (no caso de não serem elas a gerir)
- Influência de eventos externos sobre a gestão dos baldios (e.g. fusão do ICNB com a AFN; reforma do ICN, alteração da coordenação dos parques; alteração da Lei dos Baldios; fecho de escolas, de tribunais, emergências; a PAC e as suas alterações; ...)

Gestão do baldio

- Que tipos de usos são desenvolvidos no baldio (tradicionais: pastagens e produção animal, agricultura, recolha de matos, madeira, etc, mel; novos usos: instalação de parques eólicos por empresas externas com renda; actividades de lazer, floresta, pedreiras, pesca, piscicultura, etc.);
- Existe rendimento? Em que é aplicado sobretudo? Ou tem sido? Em que vai ser? O que dá mais rendimento?
- Organização de eventos ou de outras iniciativas pelos compartos no sentido de dinamizar o baldio
- e de dar visibilidade à sua luta e ao seu empenho localmente e a nível nacional (através da luta pela reposição da antiga Lei ou pelo menos pelo recuo de alguns pontos na nova proposta já aprovada)
- Contribuição para o desenvolvimento local? De que maneira?
- Existe preocupação com as futuras gerações na questão do baldio nesta comunidade? Passagem de palavra, de ensinamento, da importância do espaço

ANEXO VII – Códigos usados na análise de conteúdo [1ª fase de campo]



ANEXO VIII – Resultado da codificação do conteúdo das entrevistas aos compartes [1ª fase de campo]

CARACTERIZAÇÃO DO RECURSO SOB GESTÃO COMUM

Caracterização física da área do baldio

MONTALEGRE

Cabril: Ca1

AL: mas o baldio é do povo, não é da freguesia aqui

MCa1: é independente, exactamente. A freguesia é composta por 3 conselhos directivos de baldios distintos: Fafião, Pincães e Cabril. Este é o maior

AL: Cabril é o maior?

MCa1: sim. Tem 5200 hectares de baldio e tem doze aldeias inseridas dentro do... Fafião é só uma aldeia, Pincães é só uma aldeia... e o resto tudo é mais um CD, nos somos 15 aldeias, são 13... eu tenho 13 aldeias como presidente do CD e 15 aldeias como presidente da Junta.

AL: epa tanta aldeia!

MCa1: pois é, muito dispersas

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: pois... alterou muito a área [forrageira] lá [no baldio de Cela e Sirvozelo]?

MCe1: ui! Nós somos montanha e alta montanha, temos muita rocha, floresta não foi o que prejudicou mais, temos muita rocha e... pronto, foi por aí, foi o que nos cortaram, através da fotointerpretação, uma fotografia a 500 metros de altitude, aquilo parece tudo cinzento, tudo rocha, basta olharmos para o *google*, o que é que se vê? Vê-se rochas. Claro, eles não vieram ao terreno, eu sou topógrafo, mais ou menos entendo disto, e não vieram para o terreno, claro... e há aqui uma contradição deles, então eles cortaram 100% do alto da serra do Gerês, a 100% praticamente... e quando se corta a 100% é a mesma coisa que dizer, bom, isto é um deserto, nada vive aqui, mas o próprio governo entrou numa contradição, foi lá que ele foi colocar as cabras [*? Não se entende*], e por consequência elas desenvolveram-se a um ritmo alucinante, já vão mais de 1000 cabras, ora conclusão, aquilo tem algum valor, mas para o governo sim senhor... aquilo é bom e era o único sítio, podiam-nas por no Alentejo, era o único sítio, foi o melhor sítio para as colocar, mas para os agricultores aqui dão zero

Covelães: MCov1

AL: qual é a área do baldio, sabe? Aqui de Covelães?

MCov1:ah, nós temos uma área para aí de 1800 hectares... e temos um carvalhal, temos aí um carvalhal que é o melhor carvalhal aqui talvez do rio, aqui do Parque Nacional

AL: mas não faz parte do baldio?

MCov1:uma parte tem dono, quer dizer, cada um tem as suas eiras, mas temos a outra parte que é do baldio... temo-lo entregue aos sapadores para o limparem e nós pagamos para as companhias ou firmas, nós vamos lá marcamos um pedaço de terreno com x hectares, eles fazem e nós pagamos... com o dinheiro que vem do ITI. Ainda agora andei lá a fazer em cima uma limpeza, seis hectares, tivemos de pagar, a um aqui de Travassos... tem uma empresa e pagámos-lhe, também para limpar o carvalhal, também o limpavam... também lhe pagámos. E a outra é com os sapadores

AL: era isso que eu ia perguntar, porque é que não são os sapadores a fazer essa limpeza?

MCov1:porque os sapadores não conseguem fazer essa limpeza toda. Ah, nós temos muitos hectares. Num sítio que aquilo tenha muito mato, às vezes para fazerem um hectare vêm-se partidos... não é fácil. Mas lá vão fazendo aquilo que podem...

AL: Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1:aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov1:não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1:não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a

lenha e a gasóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1:do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e diga-me outra coisa... se vocês não têm floresta, não têm pinheiros não é... porque é que não plantam pinheiros? Ou não faz sentido?

MCov1:não, o parque não quer... aqui na nossa zona é só carvalhos, vidoeiros, não querem... o Parque não quer, não quer pinheiros cá, isto é uma zona de carvalhal, bonita, diz que é bonita. O carvalhal aqui na ponte ou para cima, até lá acima ao sapateiro, que é um carvalhal que é uma categoria, para lá só se vêem corços ou porcos ou lobos, lá não se vê mais nada, não anda lá ninguém, aquilo é só carvalhal, carvalho, e depois tem carvalhos assim grossos

AL: ai é?

MCov1:ui! Há lá com cada carvalho que mete medo, há lá um que é preciso duas... há lá um que é do engenheiro, de Montalegre, que é preciso duas pessoas para o abarcar

AL: ele tem a árvore mas não pode ter o terreno não é? Esse engenheiro...

MCov1:não, o terreno é dele!

AL: é dele? Então não faz parte do baldio?

MCov1:não. O baldio é outro para cima... ah, o baldio não tem árvores. Só tem assim pequenos, mas depois cortam-nos

AL: quem é que corta?

MCov1:o povo

AL: mas é carvalho ou é pinheiro?

MCov1:carvalho... nós temos um carvalhal, e depois eu faço assim, chego lá agora junto ao povo, os compartes todos... digo “olhem, vamos partir em tal sítio a lenha”. Pronto, chegamos lá, partimos aquilo... número 1, número 2, número 3, número 4, número 5, número 6, número 7 e tal, por aí adiante e depois trocamos números. O número 1 pode me tocar a mim, pode tocar a outro, pode tocar a outro. O número 2... e depois aquele a que tocar é que vai limpar aquilo. Aquilo já faz parte da limpeza também, esse dinheiro que nos depois arranjamos para coiso faz parte da limpeza do ITI. Esse dinheiro já fica para a povoação.

AL: ah, e quando diz “limpar” o que é que há lá para limpar

M: o carvalhal, é o carvalhal

AL: e tira as árvores também?

M: o carvalhal está muito junto, depois eles ralam só, portanto tiram-lhe a lenha mas vão deixar aqui um carvalho, ali outros, aqui outro, ali outro, ... e esses que estão muito juntos têm que se tirar, também estão a estragar os outros

AL: esse é o tal carvalhal dos 400 hectares?

M: é, é nesse carvalhal...

AL: no resto do baldio não há árvores, é isso?

M: no resto não, no resto há tojo, há carqueja, aquilo agora está tudo cheio de flor, lá na Mourela vê-se tudo, em Pitões queimaram tudo

AL: de propósito?

M: sei lá como é que foi...

AL: ontem vi um fogo, quando vinha de Fafião...

M: aquilo foi tudo à conta do... ali queimaram, ali para Parada... tudo por causa desta coisa de cortarem nos baldios. Cortaram a área toda, como lhes cortaram muita área eles agora chegaram-lhe fogo

AL: ele tem a árvore mas não pode ter o terreno não é? Esse engenheiro...

MCov1: não, o terreno é dele!

AL: é dele? Então não faz parte do baldio?

MCov1: não. O baldio é outro para cima... ah, o baldio não tem árvores. Só tem assim pequenos, mas depois cortam-nos

AL: quem é que corta?

MCov1: o povo

AL: mas é carvalho ou é pinheiro?

MCov1: carvalho... nós temos um carvalhal, e depois eu faço assim, chego lá agora junto ao povo, os compartes todos... digo "olhem, vamos partir em tal sítio a lenha". Pronto, chegamos lá, partimos aquilo... número 1, número 2, número 3, número 4, número 5, número 6, número 7 e tal, por aí adiante e depois trocamos números. O número 1 pode me tocar a mim, pode tocar a outro, pode tocar a outro. O número 2... e depois aquele a que tocar é que vai limpar aquilo. Aquilo já faz parte da limpeza também, esse dinheiro que nos depois arranjamos para coiso faz parte da limpeza do ITI. Esse dinheiro já fica para a povoação.

AL: ah, e quando diz "limpar" o que é que há lá para limpar

MCov1:o carvalhal, é o carvalhal

AL: e tira as árvores também?

MCov1:o carvalhal está muito junto, depois eles ralam só, portanto tiram-lhe a lenha mas vão deixar aqui um carvalho, ali outros, aqui outro, ali outro, ... e esses que estão muito juntos têm que se tirar, também estão a estragar os outros

AL: esse é o tal carvalhal dos 400 hectares?

MCov1:é, é nesse carvalhal...

AL: no resto do baldio não há árvores, é isso?

MCov1:no resto não, no resto há tojo, há carqueja, aquilo agora está tudo cheio de flor, lá na Mourela vê-se tudo, em Pitões queimaram tudo

AL: de propósito?

MCov1: sei lá como é que foi...

AL: ontem vi um fogo, quando vinha de Fafião...

MCov1: aquilo foi tudo à conta do... ali queimaram, ali para Parada... tudo por causa desta coisa de cortarem nos baldios. Cortaram a área toda, como lhes cortaram muita área eles agora chegaram-lhe fogo

Fafião: MF1

AL: sim... neste momento é a madeira que dá maior rendimento aqui ao baldio ou...

MF1: sim... nós, pronto, temos aí muito pinhal tentamos mantê-lo minimamente limpo por causa dos incêndios, quando arde é mau para todos. E temos também uma antena da MEO, é um pinheiro, não sei se viu lá atrás um pinheiro alto, muito mais alto do que os outros que é uma antena da MEO que nos dá uma renda mensal e que portanto também nos dá algum dinheiro. Mas isso é um valor pequeno.

AL: ah, então a Câmara também financia um bocado aqui dos vossos trabalhos...

MF1: sim, algumas coisas. Eles conhecem perfeitamente o nosso trabalho, sabem como é que nós funcionamos, as coisas não vêm aqui ter por acaso, vêm porque nós fazemos pressão e trabalhamos por elas, porque se estamos à espera que nos entreguem alguma coisa é esquecer, assim nunca chega cá nada, estamos aqui muito longe da... estamos na fronteira, estamos [...] Terras do Bouro e [...], e já estamos muito longe de Montalegre, estamos a 46 km pela estrada interior, se formos pela nacional são 57... e pronto, estamos muito longe, estamos mais perto de Braga do que de Montalegre, e pronto, se não formos lá de vez em quando pedir alguma coisa aqui não vem ter nada

AL: vocês sabem a área exacta aqui do baldio?

MF1: 2200 hectares

AL: então está bem delimitado, não há aquele problema “isto é de Fafião, isto é de...”

MF1: não, aqui não há... tivemos aí, houve há muitos anos problemas de vizinhos aqui com o de Pincães, mas isso agora já está tudo direitinho, e com os da Ermida também estivemos vários anos em tribunal, mas depois chegou-se a um acordo e pronto, agora o pessoal dá-se todo bem e é melhor assim

MF1: [...] sei que nós agora até Outubro vamos ter de registar nas Finanças o nosso baldio...

AL: já decorrente da nova Lei não é?

MF1: sim, sim, sim, vamos ter de fazer isso até Outubro, então já temos lá alguns artigos de certas zonas aqui do nosso baldio, só que se somarmos as áreas todas que estão lá nos artigos dá mais área do que a do nosso baldio... as medidas não estão correctas. E então tem de se fazer uma revisão e actualizar isso

AL: ok... o que é isto?

MF1: isto é uma armadilha por causa do nemátode do pinheiro... eles metem aqui isso para ver se anda aqui o mosquito que é responsável por essa praga...

AL: ah, sim. Mas quem é que mete? É o ICNF?

MF1: é, isto foi o ICNF, tem ali a dizer ICNF...

AL: pois exacto, até porque tanto quanto eu sei o baldio sempre foi um espaço que permitia às pessoas sem terra com dimensão pastarem o seu gado...

MF1: claro. O baldio é o terreno de todos, embora não seja de ninguém, é da comunidade da aldeia

MF1:... vamos fazer aqui um bocadinho de trilho que foi limpo, fizeram umas mariolas e vamos ter ali a um ponto de água e também temos ali um poio, que é uma cerca das cabras, porque no verão as cabras têm muitas pulguinhas e nós não as queremos lá em baixo na aldeia. E depois estão aqui, aqui é a festa no 25 de julho, temos uma cerca deste lado e elas estão aqui até ao 24 de julho, no 24 de julho a noite passam para a outra cerca e ficam lá fechadas no dia da festa de castigo, a partir daí continuam a soltá-las todos os dias. Depois aquilo tem comida e elas nesse dia não têm problema e nesse dia as pessoas não vão com as cabras tão livres

Eu costumo dizer que em Fafião tem os sítios mais bonitos do Gerês, tem o poço da Cabriteira que é um sítio espectacular, um poço enorme, embora lá nesse sítio não seja permitido o *canyoning*

AL: mas é o quê? Tipo um lago?

MF1: então, aquilo quem vê de cima, como aquele senhor o tal suíço que dizia que aquilo não tinha água, mas se viermos pelo rio abaixo vai tendo poços, muita rocha e depois muitos poços.

AL: é grande?

MF1: esse é, esse da Cabriteira é enorme, é uma coisa do outro mundo. Só visto. Isso uma pessoa só estando lá dentro. Se vieses pelo rio abaixo até passas bem, se calhar com cordas, o *canyoning*, que não se pode fazer

AL: não se pode fazer porquê?

MF1: por causa do plano, naquela zona não se pode fazer

AL: mas afecta o quê? As margens?

MF1: não, não afecta nada, há zonas que são mais protegidas. Eu acho que aquela zona nem sequer está em zona de protecção, nem em PP1 nem PP2. Mas eles acham que por algum motivo que não se deve lá fazer e não se faz. Embora aquilo tenha as condições necessárias para o fazer. [MUITO VENTO, o Raúl fala sobre a actividade canyoning, de como as pessoas que o fazem sabem o que estão a fazer e sabem o que devem fazer para ter segurança]

AL: Tu fazes?

MF1: faço.

AL: bem me parecia que essa conversa era de quem faz (RISOS)

MF1: faço, não sou nenhum *expert*, mas, por acaso até tenho medo das alturas mas sempre que fui fazer senti-me muito seguro

AL: é o quê? É só descer o rio?

MF1: imagina que chegas a uns sítios que não consegues saltar, ou porque é pedra em baixo ou porque se saltasses não te dá para saltar para a água, nesses sítios tens de descer com uma corda e ali tem, nessa zona do rio, aquilo faz tipo um ípsilon, o do Conho e o do que eles chamam Fafião, o Fafião tem uma queda de 30 metros, tens de descer com uma corda e aquilo quando estiveres lá em cima é impressionante. É impressionante... mas a coisa bem feita sentes-te seguríssimo, pronto, aquilo é uma altura, e a primeira vez é mais complicado, mas assim que desceres vais dizer “eu tenho que voltar”. Depois esse sítio da Cabriteira dá para saltar dos 12 metros para dentro de água. É uma coisa do outro mundo

AL: e o barco, como é que desce os 30 metros? O barco não está lá em cima também?

MF1: não, não há barco. Desces, levás as cordas num saco, tens uns mosquetões...

AL: Ah, ok, então andas sempre a pé ao longo do rio e ...

MF1: se não tiveres de tirar a corda do saco, montas, descas, montas e continuas. Não, para andar de barco tem muita água e as pedras vai haver alguns sítios em que não vais conseguir passar, em que não tens água, só tens pedras

AL: bem, já é um desporto radical esse!

MF1: é, é mas vale a pena experimentar [vento]. Às vezes estás lá no meio da serra, num dos pontos mais altos e mais longe daqui, que é Rocalva que é um sítio espectacular. Rocalva que eu penso que seja de “rocha branca” ... não tenho a certeza. Eu penso que será daí, e é o ponto mais alto que temos aí na nossa serra e é um sítio espectacular. Esses caminheiros da serra toda a gente conhece. Está aqui a mariola...

AL: e nesses pastores há pastores jovens também ou?

MF1: não. Às vezes até vêm. Por exemplo, o meu pai tem umas cabritas e o meu sogro, mas eu já não venho há muito tempo, não vou estar agora a mentir... às vezes vinha, mas as cabras não são minhas são do meu pai. Agora se há algum jovem que tenha as cabras em nome dele, pelo menos com menos de 50 anos não há ninguém. Claro que há um ou outro que, temos aí um caso, por exemplo o Dário que é um indivíduo que anda em Braga, que está a acabar o curso de electrotecnia e vai com a mãe não é, o pai dele não pode ir e toda as vezes que têm de ir as cabras tem de ir ele, ele tem 20 anos e tem de ir e ele vai, embora as cabras estejam em nome da mãe. Aquelas rochas brancas acolá são a outra cerca das cabras, onde as cabras urinarem o musgo não nasce, estão ali, tem aqui este roxinho, e a seguir ao roxo tem umas pedras que tem lá à frente, que até à direita tem uns pinheiros queimados, onde tem aquelas árvores mais verdes e as pedras brancas é a outra cerca das cabras

AL: vocês já tiveram algum incêndio brutal aqui dentro ou...

MF1: já tivemos aqui muitos incêndios. Aquela parte ali onde se vê queimado. Aqui, a seguir a esta rocha ali para o fundo também tivemos. Tivemos um grande agora ali naquela parte, na parte de baixo da aldeia, já arderam uns hectares bons e vamos tendo por vezes alguns

AL: boa, boa, bora bora. Isto é lindíssimo

MF1: um dos pontos mais [VENTO] é nesta direcção para o rio, que é a Cabriteira

AL: o tal poço?

MF1: sim, o rio todo é espectacular. Só que esse da Cabriteira é... esse pessoal que conhece os rios todos e que faz *canyoning*, e os jeeps que andam aí por todo o lado que têm de fazer por vezes essas operações de salvamento, como aconteceu agora aqui nestes dias que um jovem faleceu... eles conhecem tudo ao nível do país, Madeira e os Açores, pronto eles correm tudo, e eles dizem, tenho pessoas que já me disseram que em Portugal não há outro sítio como este, e eu aí...

AL: estas rochas são qualquer coisa

MF1: é a Roca do Touro. Roca deve ser rocha...

AL: pois, deve ser

MF1: vamos por aqui

AL: caramba, é espectacular

MF1: é aqui que eu trago os da oposição e atiro com eles abaixo

(RISOS)

AL: eu ainda não me demonstrei da oposição, vamos ter isso em conta

MF1: ali, temos aquela parte que se vê de aterro, é loteamento. Essa zona que eu disse que foi vendida, já viste aquela mancha de pinheiros que tem ali

AL: entre o aterro e a aldeia?

MF1: sim. Depois ali á direita vê-se ali um telhado e vê-se mais qualquer coisa ali é a zona de pavilhões que foi vendida aos construtores

AL: e são os construtores daquelas tais casas ou?

MF1: uuuuh, uma daquelas 3 firmas, estão ali 3, é a que está a construir a primeira casa, que é aquela que se vê à esquerda daquela mancha dos pinheiros

(explicação do local das coisas na paisagem)

MF1: (...) aí é já a primeira casa do loteamento... que está a ser feita pela firma Afonso e Fernandes que é o primeiro pavilhão que tem lá, o primeiro de quem vem de lá para cá. Depois, daqui não se consegue ver, mas temos ali o Fojo, ali a seguir a esta zona do aterro, o fojo dos lobos, o tal que foi recuperado. Depois aqui esta zona, isto aqui é tudo baldio, aquelas partes ali verdinhas e castanhas que são as zonas de particulares, que são terrenos de pessoas que usam no cultivo e estas zonas de cultivo. Ali aquela zona de árvores no meio também são coutadas de pessoas, não são terrenos baldios. E pronto, a volta desta zona é tudo baldio. Dentro desta zona, e aquelas árvores que estão ali no meio, não são baldias.

AL: ok. E não eram já, ou passaram a ser de particulares com o tempo?

MF1: eu acho que há muitos tudo era baldio. O pessoal foi escolhendo os sítios mais planos para fazer umas terras, para ir plantando umas coisas e ter as suas... pronto, os alimentos, as batatas, o milho...

AL: o que é que são coutadas?

MF1: coutadas é... como é que vocês chamam às coutadas... são zonas... porque, dão-lhe outro nome... são zonas, são terrenos tipo particulares ou vedados, com parede, ou alguns até nem estão vedados, que tem arvores... há quem lhes chame outro nome que é... agora não estou a ver qual é que é...

AL: nem eu... mas são pequeninas não é

MF1: são, são, são, são áreas pequenas, não são áreas grandes. Pronto, esta zona aqui no meio, pronto vê-se ali um muro novo que está lavrada, até está castanhinho. Dali, essa parte verdinha e tem ali no meio aquelas arvores, essa parte são coutadas de pessoas. Aquelas árvores não são baldias. E depois ali na estrada, a seguir aquela estrada com meia dúzia de casas, também tem um bocadinho que são coutadas. Depois para a frente já tem terrenos baldios

AL: e vocês têm isso tudo definidinho?

MF1: temos, toda a gente sabe. Pronto, os novos tem alguns que não sabem, mesmo eu que sou presidente do baldio se calhar até há sítios que não sei. Mas se não sei pego num velhote ou qualquer pessoa com 50 anos sabe dizer-me quase tudo “ah, esse terreno aí é de não sei quem, duma que está em Lisboa, ou de outra que foi para não sei onde”. Toda a gente sabe o que é que tem. Tenho um conjunto de pessoas que é... pronto, são os meus conselheiros, que apesar de não estarem no baldio, quando eu não sei alguma coisa esses velhotes, se calhar alguns com 80 anos mas que estão completamente lúcidos, posso perguntar-lhes “ aqui como é que era” “de quem é que era isto”, “isto aqui fazia-se como”, e as pessoas dizem-me e esses testemunhos são muito importantes quando a coisa está ali no vai-não-vai, porque esses é que sabem

AL: claro. E esse plano foi feito por vocês ou com a associação?

MF1: com a associação, com a Lúcia

AL: com o Secretariado

MF1: esses pormenores técnicos a Lúcia é que sabe explicar tudo. Pronto, depois os baldios acabam por ter muitas... pronto, acabamos por ter muitas vertentes que tem muitos assuntos e não é fácil uma pessoa estar completamente especializada naquela área. É-me difícil, esses pormenores todos da gestão, como é que é, como é que não é, saber tudo ao pormenor, que não sei. Se eu dissesse que sabia estava a mentir. Há muita coisa ali que não preciso de saber e então já não me preocupo com isso. Temos muita confiança na Lúcia, ela é espectacular.

AL: não é aquele sítio onde tem as cabras...

MF1: em Rocalva tem cabras mas é das bravas

[VENTO]

MF1: (...) também há corças lá em cima, e há lobos...

AL: pois, os lobos

MF1: no início do inverno foi uma coisa brutal

AL: foi? A sério? Há muitos ataques?

MF1: (...) e é complicado as pessoas, porque isto é tudo muito bonito (...) quando temos umas cabritinhas lindas e tem um cabritinho e a cabra e a cabra é apanhado pelo lobo, e o cabritinho fica à fome (...) se essas pessoas estivessem no lugar destas pessoas se calhar já não... e depois tem de repor. E depois o ICN não paga a horas

AL: no teu tempo de pequenino o fojo do lobo era usado?

MF1: não. O fojo já não é usado para o fim que é há muitos anos. Não sei bem há quantos, mas há muitos. Já não é do meu tempo

AL: é um buraco não é? Que as pessoas depois direcionam...

MF1: é. As pessoas depois direcionam os lobos para lá e depois caíam no buraco... aquilo tem 5 metros ou mais

AL: e o lobo ficava lá a morrer ou morria com a queda?

MF1: não, ficava lá e matavam-no

AL: e ecomuseu em si é o quê? Para se falar da biodiversidade e assim?

MF1: normalmente será sobre o que esta aldeia tem de diferente das outras que é as vezeiras, o azeite, porque lá para cima as oliveiras não existem ou não dão a azeitona para fazer o azeite...

AL: lá para cima?

MF1: lá para a zona de Montalegre...

AL: ah

MF1: só aqui na freguesia de Cabril é que há laranjas e azeitonas. Nos outros sítios não fazem o azeite. Não tem, não dá, é muito frio. Tem essas coisas que nós não

temos, se calhar as batatas lá até são melhores, ou coisas desse género mas aqui tem tipo um microclima e...

AL: laranjas e azeite

MF1: sim. O azeite é muito bom só que não tem controlo de acidez e depois passado um tempo está um bocado áspero. Será uma coisa a fazer a seguir

[está-se a entrar na aldeia do lado da Ermida]

AL: iih, esta zona da serra está muito florestada

MF1: aquela ali, essa parte, tem a maior mancha de sobreiros do parque. Aquelas árvores ali em cima são sobreiros, aquelas assim meio amareladas

AL: eu nem tinha ideia que havia assim sobreiro aqui no geres. Achava que era mais para as Beiras e Alentejo...

MF1: há, há. Não há muito mas há algum...

AL: e são de regeneração natural?

MF1: regeneração natural, lá tem tantos, tantos, tantos. Aqui esta parte ardeu há coisa de mês e meio, dois meses.

AL: ah foi... e nesses casos achas que é fogo posto ou quê?

MF1: foi, foi, foi fogo posto.

AL: mas para quê?

MF1: acho que ali um vizinho que não tinha um campo limpo, que tinha lá a coutada cheia de lixo, e pronto, a pessoa achou que queimando só queimava o dele, e aquilo veio por ali acima. Mas não tenho a certeza se foi assim

Outeiro: M01

AL: e vocês têm uma equipa só para esta aldeia?

M01: é para a freguesia... Outeiro, Cela e Sirvozelo, Outeiro, Parada, Cela e Sirvozelo

AL: ah, Parada também

M01: é, Parada e Cela e Sirvozelo

AL: mas Parada ainda é do Parque?

M01: é... o Parque chega até Sezelhe

AL: e tem muito baldio, Parada?

MO1: o baldio é comum... para subsídio é que nós dividimos, aqui Cela e Sirvozelo tem um [*? Não se entende*] para subsídio como fez o conselho directivo e nós ficámos com o restante. Agora cortaram-nos muito baldio para... a gente dá o baldio às pessoas para pastoreio e o outro que é dado para limpezas está independente, mas agora cortaram-nos, na nossa área só nos deixaram uma média de... elegíveis para aí quê... 200 hectares

AL: tinham quanto?

MO1: ui, não lhe posso dizer... alguns 2000 e tal hectares

AL: isso é a área do baldio... dois mil e tal hectares

MO1: é, a área do baldio passa acolá pela Lapela vem aqui... Lapela já é para Cabril, vai àquela zona ali, vai aos Carris, vem toda a raia adiante, faz fronteira ali com o baldio de Pitões, acolá no... na Fonte Fria, não é...na Gralheira, chamamos-lhe a Gralheira, vem acolá da Gralheira, vem acolá daquela ladeira adiante, vem ali àquela capelinha que nós chamamos o [*? Não se entende*] da Fraga

AL: é aquilo que está ali a brilhar, branco?

MO1: é, é, aquilo pertence a Pitões, portanto os nossos limites vêm mesmo por trás da Fraga, onde está aquele carvalhal verde, e ali apanha depois esta parte aqui da Mourela, o cruzamento de Pitões e depois fazemos limite com Paredes [ou Pitões] e misto entre as duas aldeias [*? Não se entende*] foi pedido também para esse projecto das ITI

AL: o que é que foi dividido mesmo?

MO1: o que era misto

AL: ah exacto, dividiram ao meio para ficar...

MO1: dividimos ao meio mas continua a ser igual, não é, quando acabar estes projectos, estas coisas, o baldio... temos cruces nos penedos marcadas e cada um tem o seu limite. O misto tem cruces debaixo e de cima e eles podem vir até aos limites de baixo e nós até aos limites de cima, aquilo é um misto... depois temos o que é de cada freguesia, está tudo no GPS, eu levei 7 dias a marcar isso com uma rapariga lá de Vila Real e com o Parque

AL: mas uma coisa que eu não percebi... Parada e Outeiro partilham o baldio é isso?

MO1: é igual, comum. O limite é o mesmo... e Cela e Sirvozelo também

AL: Cela e Sirvozelo sabia, agora Parada com Outeiro é que eu não sabia

MO1: é... o monte é comum. Agora Cela e Sirvozelo, como fez o CD dos baldios, como aqui era para se fazer o CD da freguesia, nessa altura... como aqui não se entenderam, e estava em risco a candidatura, lá o rapaz candidatou... fez ele

AL: pois, pois, por Cela e Sirvozelo

MO1: por Cela e Sirvozelo e pronto. E têm ido buscar dinheiro, têm feito obras, têm feito regadios lá na terra dele e... tem restaurado aquilo, estava em degradação. E faz as limpezas que lhe compete, está marcado não é e gasta o dinheiro dele. Nós daqui só agora há 2 anos é que recebemos, fizemos a candidatura. E agora não sei, com estes cortes do baldio lá do IFADAP, não sei onde é que isto irá dar

AL: vocês não pescam?

MO1: há quem pesque por aí, eu não, eu não tenho vagar

AL: vocês não são muito do peixe pois não?

MO1: não. A gente tem vagar é para andar nesta vida né... mas há muito peixe, há truta, carpa, há boga, há escaló, anda aí agora, aos sábados e aos domingos, aí em volta da barragem está tudo cheio

AL: este é o Cávado?

MO1: é a barragem

AL: do Cávado?

MO1: é! O Cávado é este rio que passa por... não sei se você, você veio de Montalegre não foi?

AL: vim de Penedones, sim, da zona de Montalegre

MO1: mas esta estrada que vai daqui vai ter à estrada de Braga

AL: ah, à nacional... sim, sim, sim

MO1: vai aqui a Paradela, Ponteira, depois tem aqui outra estrada por estes povos abaixo que vai ter ao Gerês, vai à Ermida, Fafião, para o Gerês, tem estrada por estes povos abaixo. E esta é a estrada que vai ter ao Cambedo, a estrada que vem de Braga, chega ao Cambedo vira para cima para Montalegre e Chaves e vira para aqui para...

AL: eu vim por Pisões, Fiães do Rio

MO1: é, Fiães já vem aqui de Paradela

AL: vim daí, Paradela, exacto

MO1: mas também segue acolá para o lado da Venda Nova, para o lado da ponte

AL: eu hoje não vim por aí. Eu quando vou para Fafião e Pincães vou por aí

MO1: agora para Fafião e Pincães já há aqui de Ruivães, já há uma ponte para ali, não havia, fizeram-na agora há pouco

AL: sim, sim, já vim por aí... a Ermida...

MO1: da Ermida são estas pessoas que andam aqui a trabalhar, são da Ermida...

AL: ah, exacto... aquilo ainda é no Parque?

MO1: é no Parque

AL: eu acho... é que há duas Ermidas e eu devo ter a Ermida...

MO1: há a Ermida do Lindoso

AL: pois, que é lá mais para o lado do Minho, não é?

MO1: é, para o lado de Ponte da Barca...

AL: e eu agora não sei qual é das Ermidas que tem o baldio dentro do Parque

MO1: talvez seja esta Ermida

AL: é esta não é?

MO1: esta Ermida já pertence a Terras do Bouro

AL: então eu fiz mal... já pertence a Terras do Bouro esta?

MO1: o último concelho aqui de Terras do Bouro é Fafião

MO1: olhe, em cima daqueles 3 cabecinhos que lá estão, o meu gado anda lá agora, lá e por trás... é que você não vê tanta serra que está escondida naquele vale como a que vê aqui de frente, aqui de frente vê esta paisagem mas entre esta serra e a outra serra dos Carris, que é onde é que foi explorado o volfrâmio, aquela bacia toda por ali fora, até ao rio, tem planícies onde o gado pasta todo o ano, e andam os garranos, tem muito visitante aí a pé, às vezes passam aí... estou lá a ver o gado e às vezes passam aos 15 e 20 pessoas, como você, com as suas tendas, acampam, dormem

AL: ai é? Mas pode-se acampar no parque?

MO1: pode

AL: hmm, supostamente não pode, mas as pessoas acampam na mesma

MO1: ali não há problema nenhum, o ano passado estive aqui em certas zonas de Pitões, à procura de uma vaca que não dava com ela... vê aquele caminho que nós metemos, olhe ali...

AL: ah, é aquele!

MO1: é aquele caminho, aquele caminho vai aqui a Parada, vai ao fojo do lobo, temos aí um fojo do lobo já restaurado também

AL: já restauraram?

MO1: nós! Restaurámos nós! E vai abaixo tem pontes que nós fizemos já no rio, eram antigas, de paus de madeira, restaurámos, com os pinheiros do pinhal, pusemos-lhes imparos, fizemos outras coisas, vamos até lá à capel..., àquele morro alto que lá está, aquela bacia que também fizemos lá o ano passado 40 hectares de limpeza e temos lá as barracas, as cavernas feitas à moda antiga

AL: as cavernas do quê?

MO1: aquelas cavernas antigas que era a caverna do pastor, foi isso que nós concorremos a um projecto de investimentos não produtivos, ainda tive de tirar uma licença na câmara, e fiz aquilo

Paredes do Rio: MP1

AL: [...] isto aqui é o quê?

MP1: chamam-lhe o poço das rãs?

AL: das rãs?

MP1: das arrãs

AL: ah. Isto é muito bonito... mas é natural?

MP1: é! Olhe ali tantas rãs

AL: eu ouço-as mas não as vejo... ah, estou aqui a ver uma

MP1: uma?! Tem muitas!

AL: ah! As cabecinhas todas! Bem, elas devem matar-se, são tantas, devem ter dificuldade em viver todas juntas

MP1: ah, vivem bem! É uma qualidade de rãs que na Europa toda só há aqui... e de plantas também, há aí uma planta, aquelas flores brancas... só há aqui

AL: ah, como é que se chamam sabe?

MP1: aquilo parece algodão. Mas podemos ir lá ver

AL: pois, aquilo está tudo com vedações

MP1: foi para proteger aquelas plantas

AL: se não as cabras lá iam elas não?

[saímos do carro; ouvem-se rãs em uníssono; comenta-se as rãs, e se o lago gela, se as rãs se aguentam com o gelo]

AL: e vocês é que gerem esta parte ou é o ICN?

MP1: foi o Parque que fez essas vedações

AL: vocês aqui não tocam não é?

MP1: não!

AL: nem no lago das rãs... embora não esteja vedado

MP1: no verão as vacas metem-se ali no meio para refrescar

AL: ai é?

ZA está a ver estas plantas, fica como algodão...

AL: pois é... então esta planta é endémica é? É autóctone daqui? Ou seja, é única...

MP1: é... isto é sempre húmido

AL: é o quê?

MP1: sempre húmido

AL: pois... como é que chamam a isto? Sapal? Pântano?

MP1: a isto chamam-lhe uma turfeira

AL: sim... mas eu percebi que disse que as aldeias que fazem vezeiras são aquelas que não têm pasto perto delas

MP1: também tem, mas são áreas mais, quer dizer o terreno é mais ruim, aqui se for a ver aqui há água em quase todo o lado... aí por esse monte, este ano até está muito fraco porque botou pouco, o sol e o frio queimou tudo, mas às vezes isto está tudo cheio de erva

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: já se vê Espanha aqui ou não? Ou ali ainda é baldio de Pitões?

MP1: a Espanha... aquele baldio ali... o nosso baldio chega lá acima àquela curva

AL: sim... da estrada?

MP1: sim, mesmo onde faz a curva da estrada, vem ali por baixo e depois vem pela corga antiga e depois vai dali da estrada acolá e depois atravessa para acolá para cima de onde está aqueles penedos e depois vem por aí abaixo

AL: e portanto, ali já é Covelães?

MP1: de lá é de Covelães e dali é Pitões, e depois tem [*? não se entende*]

AL: ah ok, então de lá para cá é que é Paredes e daqui para lá é Pitões

MP1: para acolá é de Pitões

AL: Pitões tem muito baldio?

MP1: tem, tem

AL: mas eles têm mais pessoas, mais gado, ou...

MP1: há muito gado em Pitões. Pitões deve ser... deve não, é... das aldeias que tem mais gado

AL: hmm, pois... eu já lá fui... fui lá com o senhor Bento aliás... naquele diz em que o encontrei, fomos lá... até fomos lá a um restaurante, e de facto nota-se, tem montes de armazéns de gado e restaurantes a comer carne de lá e não sei quê. Pois, eu não sabia que Pitões era assim tão desenvolvido, também tem montes de casas para turistas e não sei quê, não é?

MP1: é...

AL: pois

MP1: olhe, está a ver, este está roçado, todas...alguns somos nós que o destroçamos para nós... mas é tudo de Outeiro, Parada, Pitões... roçam isso

AL: a sério? Mas eles não têm tanto mato lá na... ou não é tão fácil?

MP1: Pitões tem muito mas também há muito gado, já não chega... e depois chegam aqui... agora acolá os de Outeiro e os de Parada não têm onde é que roçar nada... só pedras

AL: pois... então vêm aqui... eles ainda têm algumas cabeças de gado, não é...

MP1: ai têm bastante

AL: cento e tal ou o que é que é, ou mais

MP1: ou mais

AL: já não me lembro, ele ontem disse-me mas já não me lembro... pois, mas vocês dão-se bem entre vocês apesar de haver essas entradas para mato?

MP1: damos!

AL: não há conflito nesse aspecto?

MP1: há sempre quem não goste mas...

AL: pois, e os CD colaboram entre si ou como é?

MP1: ah, os CD cada um trabalha para si

AL: pois, mas não há então qualquer tipo de colaboração ou de cooperação...

MP1: não!

MP1: o de Pitões e lá aquela parte toda de Fafião para cima vai tudo acolá para aquela serra, aquilo é só planos, poucas lamas tem, é só, é quase só pedras e carquejas

AL: e eles vão para lá porquê? Porque não têm outro sítio se calhar não é?

MP1: pois não. Andam por aí algumas aqui pelo nosso mas são poucas. Porque aqui não podem estar sozinhas que elas vão para os terrenos e lá não tem terrenos

AL: aqui tem terrenos no baldio?

MP1: aqui tem terrenos espalhados

AL: ah, que são privados?

MP1: são privados

AL: ah. Mas é já muito antiga esta apropriação ou não?

MP1: já. Esta até pertence à aldeia, era onde, tinham este e outro, que era onde chegavam a erva para o boi, havia o boi do povo

AL: já não há?

MP1: que era um boi que era comunitário vá

AL: era o boi que andava a emprenhar as vacas todas, era um boi feliz (RISOS)

MP1: Então esta lama, este terreno aqui, pertencia ao boi. Antigamente daqui para cima semeavam aí tudo cheio de batatas, depois o gado não podia andar sozinho porque ia...

AL: aaah. E esse cultivo que era feito, era feito em zonas que eram sempre da mesma pessoa ou eram áreas que iam trocando de dono de ano para ano?

MP1: não, era sempre do mesmo

AL: ah! Então era mesmo de alguém

MP1: sim. Só que aqui... isto antigamente era baldio também e depois como isto era bom para batatas de semente, tinha de ser batatas de semente, vinham todo o ano comprar batatas à aldeia para a semente, e os de Covelães faziam o mesmo

AL: plantavam batata no baldio?

MP1: aí também era em... cada um tinha a sua leira

AL: ali é já Covelães, é já o baldio de Covelães aqui?

MP1: é, daqui para lá. Onde nós estamos é a extrema

AL: ok, tem as cruzes e não sei quê?

MP1: é. Tem umas cruzes acolá naquela pedra sozinha, ali entre o poste e às outras. Para ali é de Covelães, para ali é de Paredes

AL. Está bem, e vocês têm zona mista com eles?

MP1: há, mas é estreito, são para aí 100 metros ou isso

AL: [...] então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo “ah, isto é meu! Não, isto não é teu...”

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruces feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruces feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruces para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

Pincães: MPin1

AL: o vosso baldio tem que área?

MPin1: são 1920 hectares! Mas florestal são para aí 300 ou cento e tal

MPin1: ... olhe, a parte ardida e a parte limpa...

AL: onde é que está a parte ardida?

MPin1: ali, é uma queimada. Do lado de lá...

AL: não consigo ver a parte queimada

MPin1: não, mas há, há. Mas como já nasceu alguma erva não se nota muito

AL: pois, só vejo ou verde ou roxo, mas pronto, o Sr. Também sabe perfeitamente onde foi queimado, eu não

MPin1: e de maneiras que é assim... agora

AL: ah, aqui vejo perfeitamente que foi queimado

MPin1: isto já foi este ano que ardeu

AL: e estes incêndios decorrem de quê? Vocês têm ideia?

MPin1: [*? não se entende*] eu não sou contra, mas os past... os projectos de... de gado, principalmente de pequenos ruminantes, cada pastor, cada projecto que aí está é um incendiário

MPin1: ... olhe, isto é um medronheiro... sabe o que é um medronheiro?

AL: sei, sei. Este conheço eu bem, gosto muito do fruto

MPin1: nós temos aqui muito...

AL: o medronheiro foi plantado?

MPin1: não, já é de regeneração natural

AL: o castanheiro

MPin1: o castanheiro anda aí algures e este é o carvalho... este é o carvalho nacional

AL: sim

AL: bem vocês têm imensa floresta! Estive em Sezelhe, é longe daqui né...

MPin1: sim, é acolá, ao pé de Montalegre...

AL: exacto... lá eles não tinham floresta praticamente

MPin1: não, lá só carvalho

AL: tinham uns pinheiritos só que não regeneravam, porque não era o pinheiro bravo, era outra espécie...

MPin1: sim, sim, sim. Temos o larício e o silvestre assim em altitude maior

AL: aquilo é o Rio Cabril?

MPin1: não, é o Cávado

AL: ah, nunca acerto. Então onde é o Cabril?

MPin1: o rio Cabril é um afluente do Cávado, foi aquele onde morreu um jovem agora há pouco tempo

AL: ah, eu sei, estive lá ao pé ontem

MPin1: esse é que é o Cabril, que é um afluente do Cávado

AL: pois, o Cabril não tem barragens, este é que tem... daquele lado já não é parque, obviamente...

MPin1: não, não, lá é pré-parque, mas também estão lá com a Rede Natura

AL: ai é? E pode ter eólicas assim?

MPin1: eles lá podem

AL: em Rede Natura?

MPin1: mas acho que a Rede Natura não chega lá...

Pitões das Júnias: MPi1

MPi1: vou-lhe tentar mostrar o perímetro do baldio, ou seja, praticamente é águas vertentes, à excepção, além aquela capelinha branca, mais abaixo naquela portela, passa o limite que vem abaixo àquele cabeça, aquela pedra, ou seja, nós aqui, com a serra do Gerês, esta é a serra do Gerês... nós estamos aqui numa zona de transição... serra do Gerês e planalto da Mourela, faz que o planalto fica ... é uma zona de transição entre a serra do Gerês e a serra do Larouco, pronto, e nós... a particularidade do nosso baldio, baldio já ouviu falar, á a área comunitária, já está farta disto...

AL: sim, sim, sim (RISOS)

MPi1: a particularidade é que nós temos uma área que se inclui na serra do Gerês e a outra que faz parte, que se inclui... insere, na... no planalto da Mourela. Serra do Gerês solos mais esqueléticos, vegetação também arbustiva e com áreas de carvalhal, toda esta floresta que nós temos em Pitões...[desligou-se o gravador]"

MPi1: temos aqui... uuuh, ou seja o baldio é toda esta área, temos a povoação, temos os lameiros que... e umas hortas logo a seguir às casas que por norma são os terrenos mais férteis, depois temos áreas de lameiros e terrenos mais produtivos e depois na orla mais exterior, a confinar com o baldio, temos as áreas... os terrenos mais secos que por norma levam cereal

AL: mas considera-se parte do baldio ou...

MPi1: não! É terreno particular, ou seja o baldio aqui limita toda a propriedade particular

AL: sim, sim, sim

MPi1: tudo o que não é particular, que não está murado... é baldio

MPi1: pronto... estamos aqui, já passámos por vários núcleos de gado. Depois tudo isto, este dinheiro permitiu-nos fazer obras que estavam, olhe por exemplo ali, antes das vacas há ali uma parede, foi uma passagem, ali não se conseguia passar, já foi possível por exemplo investir ali, fazer essa passagem, e muitas outras obras de abeberamentos para o gado

AL: sim, sim. E no próprio povo, fazem alguns melhoramentos que conseguem fazer sobrar não é, de alguma forma?

MPi1: sim, sim, sim... o financiamento das Juntas é muito pequeno e então, ou as freguesias... aqui já é limite de fronteira, ali já é Espanha, a Galiza não é... aqui é a Portela... nós aqui praticamente... ah, nós anualmente temos aqui um encontro transfronteiriço, fazemos aqui um encontro, vêm os galegos, vimos nós, e estamos aqui um dia, confraternizamos todos e entendemo-nos bem... o nosso gado, isto não tem limite nenhum, o gado está aqui como podia estar ali, o gado tanto pastoreia aqui como ali, não há... no passado houve, havia essa restrição mas agora já não...

AL: pois, pois... qual é que é a área aqui do baldio? Se souber de cor, não vale a pena estar ... é só mais ou menos

MPi1: eu sei que é 2600 hectares, tenho 1300 da área de... da serra do geres e a restante é área de planalto. Por exemplo, agora já só há dois agricultores que levam as vacas para a serra...

AL: ok...

MPi1: ou seja, já as desviaram para o planalto. Porque Pitões como que está dividida... é uma povoação que está dividida em duas, esta zona ali virada para a serra do geres utiliza esse espaço, a outra virada para este lado, do planalto, utiliza-se esse espaço, ou seja, raramente... o meu pai... eu sou daquele lado, eu sou, eu moro ali à beira da igreja, o meu pai já tem os terrenos dele já direccionados quase todos para este lado, o gado do meu pai se viesse por aqui não parava, porque ele estava habituado àquele. Engraçado, o meu pai tinha dois lameiros, e eles efectivamente vinham pastorear o lameiro, quando lhes abríamos o portão para sair elas direitinhas para casa, ou seja, podiam pastorear mas não, direitinhas para ali. Ou seja, como que o espaço estava organizado, a povoação como que estava dividida em duas. E a mesma coisa acontecia, esta gente aqui, desta parte aqui, que era ao lado do regueiro, raramente ia além

AL: curioso. Então tanto o planalto como a zona de serra acabam por ser usados da mesma maneira que é com o gado. Basicamente... apesar de serem diferentes não é, em termos de paisagem e de recursos...

MPi1: de tudo, e de composição, de tudo, acabam por ter a mesma importância e... e utilização

Sezelhe: MS1

AL: portanto, todo o baldio está dentro do Parque?

MS1: este tá tudo, está a ver, conforme estes vidoeiros, por aí acima até ali àquele (...), para aqui está tudo dentro do Parque, só que há coisa de 2 anos alargaram-no até Sendim...até lá a frente o parque alargou

AL: o parque?

MS1: o Parque alargou, esta parte daqui da parte do rio Cávado para cá alargou... até à fronteira, até Sendim, até lá à fronteira com a Espanha. Porque antes só chegava até aqui, era o regato que fazia o limite do Parque, até esta margem era parque, para aquele lado de lá já não era. Alargaram o Parque na margem esquerda do rio Cávado, para cá, até Sendim

AL: isso foi há quanto tempo disse? Há dezenas de anos?

MS1: não, há meia dúzia, menos...

AL: essa regeneração natural é pouquinha não é? É só esta mancha de pinheiro...

MS1: não, portanto, ela começa lá em baixo, ela ainda começa lá em baixo, mas é só esta mancha do caminho para lá, essa mancha toda e chega até lá em cima, só que isto a maior parte já se, ardeu e saíram, sei lá quantas, ... agora está tudo cheio de giestas, agora se passar lá é só giestas que existem, porque este pinheiro... há pinheiros que ao arder ao cair cai a semente e pode outra vez crescer... mas este pinheiro não é o pinheiro-bravo, não da semente, da pouca semente para regeneração. Porque se ele nascesse, em certos sítios que andou a arder, depois de ele estar nascido nós púnhamos lá os sapadores a limpar e a fazer a condução desse pinheiral, só que não, já não nasce...

AL: qual é a área do vosso baldio?

MS1: nós do baldio de Sezelhe tínhamos uma área de 450 hectares

AL: e qual é o número de cabeças de gado?

MS1: em Sezelhe temos uma média de para aí 90 cabeças de gado. Antigamente eram para aí 400... mas é assim... eu emigrei 20 anos

AL: ai sim? Para onde?

MS1: para a França. Emigrei 20 anos. Antes de emigrar na minha casa havia para aí 12 vacas e se calhar para aí 50 ovelhas e cabras. Hoje (RI-SE) hoje estão lá duas...

AL: mas é porquê? É por falta de jovens? É por falta de mercado?

MS1: é falta de jovens! Não, não há falta de mercado, porque nós vendemos bem o gado e vende-se bem. Mas é a falta de pessoas que é as pessoas jovens, os jovens vão todos embora, é o que está à vista, nós, os nossos maiores especialistas vão-se embora de Portugal... vão-se embora de Portugal.

AL: estas coisas é que... pois, isto é a semente...

MS1: é a semente mas não cria, não...

AL: se calhar precisa de umas condições quaisquer que aqui não há... pois, não é o bravo

MS1: não, não é o bravo, não é aquele pinheiro que dá aquela pinha grande que sai aquela semente grande, isso imita semente mas depois não consegue produzir essa semente. E esta área era tudo pinheiro, só que depois ardeu, estas, esta área era aí onde queriam fazer a plantação do coiso

AL: pois, e a madeira queimada ainda lhes deu algum dinheiro?

MS1: muito menos. A madeira queimada é assim, por este andar... às vezes ardia-se grandes florestas porque eram os madeireiros que botavam fogo à floresta para depois comprarem a madeira mais barata e depois já se sabe que arde... este é carqueja, e aquele que está lá atrás com aquela florzinha amarela é que é o sargaço... e também dá branca, também é sargaço

MS1-. [...] olha, aqui a giesta está cortada....

AL: aaah, aqui já foi para tirar para as camas?

MS1: para a cama do gado, oh... olhe lá as manadas lá em baixo...

AL: e não faz ideia de quem são as vacas...

MS1: não, aquilo são da aldeia vizinha. Porque as nossas, está acolá aquela pedra... as nossas cruzes estão acolá, e as deles, até lhe vou mostrar aqui... quer ver, estão aqui umas... isto já... já são lá de séculos, dos nossos, sei lá, bisavós... há cruzes aí com 300 anos ou 400 anos

AL: então aquilo onde estão as vacas é misto é isso?

MS1: sim. Faziam estas cruzes, nas próprias pedras, está a ver...

AL: bolas, isto não é fácil de ver... é só para quem sabe

MS1: e a maior parte das pessoas não sabe delas, nas aldeias...

AL. Tá bem, porque o senhor Manel falou-me qualquer coisa que as cruzes eram feitas com picos... picos... mas o que são picos?! Ele disse que eram coisas de ferro

MS1: pois... isto antigamente devia ser...

AL: são imensas

MS1: são imensas que é para não haver dúvidas

AL: então e como é que vocês sabem que isto são as vossas, aquelas são as deles...

MS1: não, sabemos, estas...portanto, uuuh, a aldeia vizinha a partir daqui para cima já não lhe pertence nada. E nós, de onde estão as vacas para o outro lado à aldeia de Sezelhe já não nos pertence nada

AL: ah, porque lá estão as cruzes de Sezelhe?

MS1: exactamente. Estas são as cruzes de Travassos e do outro lado são as de Sezelhe

AL: e a área que é mista é grande ou...

MS1: a área que é mista, portanto, nós temos... estão estas cruzes aqui, estão ali à frente, estão acolá... são várias... ali ao pé daqueles pinheiros estão ali outras, as de Travassos, normalmente as cruzes estão sempre postas ao nascente, e de cruzes a cruces há sempre uma linha recta, como por exemplo, desta cruz acolá é uma linha recta, mais ou menos tem de ser uma linha recta, ao chegar lá pode desviar, mas da outra, daquela mesmo, esta está assim mas a outra está ali em baixo, mas dali ali o horizontal é sempre uma linha recta. E as cruzes, se procurar as cruces, estão sempre postas ao nascente, porque se viermos aqui a parte de trás não tem nada, nesta pedra

MS1: as cruzes estão todas feitas ao nascente... porque se houver cruces por trás do outro lado, para o poente, não são cruces

AL: então ali naquela pedra também hão-de estar para cá...

MS1: sim, as cruces estão ali...

AL: então os picos, fico sem perceber o que eram os picos...

MS1: o tio Manel às vezes explica-se mal...as cruces são abertas com picos. Sabe o que é um pico do prego não sabe? É tipo de um, de uma picareta... depois tem um bico de cada lado. Depois é com esse bico confirme se picam as pedras, essas pedras de casas e coiso eram picadas a pico ou então ...

AL: e por exemplo, quando vocês metem nos PUB a área do baldio também contabilizam a área mista?

MS1: uuuh

AL: por exemplo, se o baldio é isto, e isto aqui é a área mista... por exemplo, isto é de Sezelhe, e aqui há uma área mista porque aqui estão as cruces de Travassos...

MS1: não, não metemos isso.

AL: no PUB não está? No PUB está toda a volta de Sezelhe...

MS1: exacto

AL: ah, pois, porque isso já é costumes locais...

MS1: pois, já é costumes locais. Como por exemplo, nós estávamos a dizer, para baixo há lá um imenso carvalhal... onde é só nosso nos podemos partir, como várias vezes chegamos a um certo ponto, reunimos a população e dividimos x, chamamos-lhes as

leiras, terrenos para cortar essa lenha... nós não vendemos mas já chegaram a certa altura, precisa de lenha, eu preciso de lenha, os outros precisam de lenha... chamamos... em tal sítio há lá uma área que podemos fazer um corte... chegamos lá dividimos aquilo em... nós chamamos leiras...

AL: umas parcelas?

MS1: sim, em bocados... são x parcelas, faz-se x números, mas... que é para depois não haver complicações... mete-se coiso e tira cada um o seu numero... não é para depois um dizer assim “não, eu quero aqui”, o outro quer acolá... aquele é melhor... não. Assim há x parcelas, faz-se x números, faz-se um sorteio e mete-se conforme os tirarem assim tem que... onde é misto, portanto podemos... chegamos a acordo as duas partes, podemos vender aquilo a um madeireiro ou como podemos dividir estas, essa lenha

AL: e diga-me uma coisa... lá em cima há assim uns carvalhos muito pequeninos... é regeneração natural ou...

MS1: é! É regeneração natural... porque? Porque isto é assim, há uma coisa com a qual eu me chateio... mas ali com a malta de Travassos, porque têm mais gado e depois tem menos pasto do que temos nós... porque o gado ali de Travassos vê no nosso monte um sítio melhor para o gado pastar, depois eles de vez em quando largam-lhe o fogo

AL: aqui?

MS1: ao nosso. Por ai à frente... depois ao fim de x anos começa este... portanto, está-se aqui a ver que isto ardeu... estes carvalhos arderam. Estes carvalhos já arderam, já estavam assim e arderam... agora estão estes que vêm de novo. Está a ver, estes no tamanho que tinham já nesta altura, arderam, quando tinham mais ou menos esta altura...

AL: agora voltou tudo atrás

MS1: como está este... está a ver? E este nasceu depois daquilo arder. Que nós aqui o carvalho... na nossa área não é preciso plantar

AL. Então e nunca chegou a haver aqui grandes, grandes?

MS1: não, cheguei a ver carvalhos, grandalhões não, mas carvalhos mais ou menos assim havia...

AL. E onde é que eles estão?

MS1: havia... depois começa a arder, depois começa... agora por exemplo temos aí já carvalhos mais grossos, só que depois, era o que eu estava a acabar de dizer, chega-se a um certo ponto que eles não são capazes de vingar porque começam, porque ardem... este carvalho da maneira que a própria casca já está a cobrir a que ardeu, já ardeu há uns tempos. E depois isto é como nós termos um pé queimado. Chegamos a um certo ponto, naquele sítio já não ... ao pôr-lhe o pé dói-lho sempre, o sangue já não circula fica sempre aquela coisa, e isto é a mesma... o lume a arder é a mesma

coisa... mas eu vou-lhe mostrar do outro lado da barragem, também gosto que vá ver, que vou lá mostrar-lhe os nossos carvalhos no baldio

AL: mas vocês podem cortar carvalhos, por exemplo, um carvalho assim já grandinho, podem corta-lo para madeira...

MS1: não, antigamente era assim... as casas eram todas cobertas com madeira de carvalho. Aqui não havia eucalipto, nem serrações havia praticamente para serrar. Se vamos a certos sítios ainda se veem casas em que os próprios caibros e filetes e coiso ainda eram vigas do próprio carvalho, sem serrar nem nada, em bruto. Em bruto, que ainda em certas coisas ainda se vê essas coisas. Agora, depois de, começou a haver serras e deixaram de cortar o carvalho porque o eucalipto é mais fácil de trabalhar... é outra coisa, é outra coisa agora, porque o eucalipto leva menos tempo a cortar, porque o carvalho também tem muito nó, tem muita, faz muito nó. E depois também em certos sítios estava sempre a ceder e a partir, mas antigamente era tudo... e ainda há casas cobertas tudo de carvalho. Ainda na semana passada, nesta semana...andámos ali em Travassos a descobrir uma, ainda era esses caibros todos de carvalho e tudo à antiga

AL: agora que já não usam na construção, também já não usam em mais nada a madeira de carvalho?

MS1: não, agora praticamente a madeira de carvalho... praticamente só se usa... usa-se o carvalho mas já é esse carvalho americano, o brasileiro, o francês... e nós aqui também já vamos começando a ter...

AL: o parque não diz quais são as espécies que podem cortar, ou ter?

MS1: o parque, o parque é tudo... se quiser fazer um corte

É o parque que vem marcar o corte de carvalho

AL: ai é? Ah, porque vocês estão em modalidade b)

MS1: o parque é que vem fazer os próprios... que vem marcar qual é os que ficam ou os que se tem de cortar

AL: ali daquele lado é o quê?

MS1: ali é a Mourela, é chamada a Mourela...

AL: Já não é nada dos vossos baldios?

MS1: não, não, ali não, ali conforme... ali é já de Travassos. O nosso, os nossos baldios, vai por aqui fora, por este caminho... aqui é misto. Travassos ainda vai por ali acima. E depois Mourela já pertence a Pitões e a Covelães...

AL: ah, Mourela é o nome do monte

MS1: do monte... isto aqui também já foi limpo em tempos. Agora a giesta já está alta...

AL: foi o que, há um ano?

MS1: não, já está limpo há meia dúzia de anos

AL: ah ok! É que as giestas estão quase maiores que os carvalhos!

MS1: está a ver aqui neste sítio já aqui há carvalhos que já vêm bem grossinhos.

MS1: e então... chegou à conclusão que nós tínhamos razão

MS1: o gado, ... aí nesses carvalhais, foram limpos, podia estar aí um carvalhal que... só que tendo o gado largam o fogo que estas giestas depois, largam-lhe o fogo para... vai afectar os carvalhos

MS1: isto também não é meu... estes carvalhos aqui, isto é particular, esse carvalhal...

AL: ai é?

MS1: é... estão ali, lá em cima, estão ali outras cruzeiras acolá na, no meio desse penedo grande, neste logo aqui por cima do... são as cruzeiras de Travassos. E depois passam para aqui, para este lado, assim cortam aqui e vão lá acima...

AL: então mas ali é Sezelhe do outro lado

MS1: é!

AL: é destas cruzeiras para lá...

MS1: é! Vão até lá acima e ...

AL: então e como é que há aqui particulares no meio

MS1: porque já havia, havia terrenos, geralmente em todos os sítios há particulares no meio dos baldios. Era se calhar, sei lá, já dos antigos antes do coiso... nós quando... nós... a história diz, nós... nós viemos lá dos marroquinos... antigamente... é que nós chegamos a certos sítios e vimos lá... tipo Paredes a dividir terrenos...

AL: noutros tempos?

MS1: noutros tempos... a dividir terrenos. Já nem os meus avós, eu conheci o meu avô, morreu com 90 e tal anos, e eu às vezes perguntava-lhe... vínhamos para aqui para o monte, para o feno, porque isto aqui, isto tudo aqui vínhamos segar tudo que era para dar de comer ao gado, porque havia muito gado. Estes lameiros, do outro lado, a erva era toda cortada, o feno que era para levarmos para o gado para de

Inverno os, o manter... eu perguntava ao meu avô... eu não sei, ele dizia que era os mouros, que vieram para aí... que foram os mouros que fizeram aquilo. Havia uma historia que nós temos, esta capela chamam-na, há lá uma ... há lá um penedo que lhe chamam penedo dos mouros, que era onde eles se recolhiam, que não havia casas, que não havia... são assim, são historias...

AL: bom, sim, os mouros andaram cá... depois estiveram mais tempo foi no sul de Portugal...

MS1: lá para o Alentejo e ...

AL: sim, Alentejo... há lá muitas marcas da presença deles, agora aqui também passaram... devem ter deixado qualquer coisa.

MS1: até foi quando... os celtas...

AL: ah, os celtas! Ah, sim, os celtas tiveram muito mais influencia aqui no norte... a gaita-de-foles...

Então mas neste momento ainda estamos dentro do baldio de Sezelhe?

MS1: sim, estamos dentro do baldio de Sezelhe.

AL: então e esses particulares são coisas antigas...

MS1: exactamente, são terras privadas que existiam

AL: e que pelos vistos ainda existem. E a malta dos baldios nunca lhe disse que não podia ter ali a sua terra?

MS1: não, porque isto é assim, estas terras está tudo, estão nas finanças em nome dos próprios e está tudo, é como seja uma propriedade...

AL: pois, era todo um processo estar agora a tirar a terra às pessoas

MS1: exacto!

AL: neste caso a si, mas também deve haver outras...

MS1: ah, não sou só eu, esse carvalhal, isto também carvalhal que aí existe até lá acima, é todo particular...

AL: mas nem há memória destas concessões...

MS1: não, não, isto já vai há tantos anos

AL: ultimamente têm feito alguma alienação de partes do baldio?

MS1: não, nós nem podemos... não se pode vender nem ceder

AL: sei que se pode caso seja para alargar a povoação...

MS1: não, isso se for para alargar a povoação ou se fosse preciso fazer um recinto para pastagem para gado ou assim, isso sim...

AL: e vocês nunca fizeram?

MS1: não, nunca foi preciso. Ali em Covelães fizeram isso.

AL: foi? E acho que em Fafião também...

MS1: em Fafião também... não, e há zonas em que... e acho bem. Depois as pessoas dizem que antigamente o gado comia por baixo das casas, nas lojas...agora, isto aqui tem uma paisagem! Lá é a Serra do Larouco, já ouviu falar?

AL: já ouvi falar, sim

MS1: o ano passado, mais ou menos por este tempo, chovia...fui lá à prova de ciclistas

AL: aaaaah, a Volta a Portugal!

MS1: a Volta a Portugal sim! E faz hoje 15 dias tivemos aí o rally cross, mundial... temos aqui uma pista

AL: em que povoação?

MS1: está a ver esta aldeia aqui, tá a ver aquela margem branca acolá? Isto que se vê daqui... é lá a pista!

AL: aaah. E aqui é Montalegre?

MS1: ali é Montalegre!

AL: tava a ver se via o castelo...

MS1: o castelo está ali... está a ver uma manchazinha de árvores verdes...

[...]

AL: então daqui consegue quase dizer-me onde é o limite dos baldios... ali já é Travassos...

MS1: sim, ali já é Travassos, daquele lado, aquela encosta... o nosso limite é nesta encosta de onde vimos, acolá, vai lá acima, depois nós vamos passar lá, já lhe vou dizer onde é que é, está lá um marco. o de Travassos passa já no meio daquela área ardida, por aí abaixo, naquele carvalhal... e depois tem os de Covelães que passam lá atrás, na estrada que vai para Tourem... você foi lá...

AL: não fomos lá não. Ficámos na casa do senhor Manuel...

MS1: ah, não foram... e depois de acolá então passa... do carvalhal para lá já é de Covelães. Nesta encosta ardida e sobe até lá acima. Daquele estradão para baixo pertence a Tourém e depois para trás já pertence a Pitões, já faz parte do Geres e já pertence a... logo ali por trás é tudo Espanha...

AL: esta é a serra do Gerês?

MS1: por aí atrás é a serra do Gerês, até lá a Lindoso, lá abaixo... Terras do Bouro e ... quase até Viana...

AL: este carvalhal está brutal! É por ser nesta encosta?

MS1: porque foi o Parque, é que aqui foi esta zona de carvalhal que nos tiraram toda

AL: ah, porque não é para cabras?

MS1: não, tiraram-na porque deve ser para lá meterem espécies, se calhar...

AL: mas tiraram por não ser considerada já área forrageira, não é isso?

MS1: não! Tiraram-na da caça, porque não podemos agora lá caçar

AL: aaaah!

MS1: porque eles, para mim eles vão lá lançar quaisquer espécies adaptadas lá ao carvalhal, ou corço, ou lobo, ou qualquer coisa que eles devem... para proibirem isso, para não entrar lá, os caçadores nem... é porque alguma coisa têm em vista

AL: pois, talvez, também não sei. Porque já me disseram que o javali tem crescido muito não é? O número de javalis...

MS1: ah, já cresceu mais também, porque isto é assim, antes fazíamos a batida, nós por exemplo agora faz-se 3 ou 4 batidas durante o ano, e eles também vão embora, também vão desaparecendo, às vezes caem aos 10 e 12.

AL: pois, eu também percebo que se limite, senão desaparece... mas...

MS1: porque é assim, o Parque também gosta de ter as coisas mas também não gosta dessas coisas que estamos a falar. Até ali o javali dava cabo da agricultura e dos coisos... vinham, pagavam... hoje acabam com tudo e nem pagam. Logo, matavam um cabrito ou uma cabra ou ... pagavam. Hoje não pagam

AL: não pagam?

MS1: não pagam

AL: mas supostamente deviam pagar, a Lei diz isso

MS1: diz isso... então não se ouve no jornal lê no telejornal, lá de Bragança e lá para baixo para o Douro e coiso, que os lobos atacam os rebanhos e matam-nos e ...

AL: pois, o problema é que se tem de apresentar os cadáveres

MS1: ah, nem com cadáver...

AL: demoram a pagar...

MS1: demoram a pagar, nem demoram a pagar, não pagam. E depois às vezes, estão a proteger o lobo, e encontram-nos mortos...

MS1: este marco foi lá feito na minha fábrica... este marco é o que limita na carta militar Portugal e Espanha... foi mesmo o exército que os veio pôr”

AL: ah, então estamos em Espanha agora...

MS1: sim, este lado é Espanha...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: pois, pois, tanto para um lado como para o outro. Aqui também há... aliás, há de certeza que eu vi, há aquelas zonas mistas entre baldios limítrofes...

MTR2: sim, sim, sim. Nós temos mista com Sezelhe

AL: pronto, então eu vi essa zona, o senhor Bento mostrou-me

MTR2: sim, sim, sim, ali junto à casa da floresta, há ali uma capela, uma santa, junto à casa da floresta, está no misto... as casas da floresta tinham a particularidade que ficavam... punham-nos no misto

AL a casa da floresta está a falar da casa do guarda-florestal?

MTR2: sim, sim, sim

AL: o vosso baldio tem quanta área?

MTR1: de pastoreio tinha 330

AL: isso é aquela área das ITI...?

MTR1: esta é só a área de roça de mato e pastoreio... temos outros cento e tal hectares de carvalhal. Uma parte é a parte de carvalhal e outra parte é a parte que é pastagem de gado e de roça de mato

AL: ok... vocês não têm pinheiros... aqui não houve entrada da floresta pelo Estado?

MTR1: houve, houve

MTR2: temos aqui uma pequena parcela

MTR1: temos ali um bocadito

MTR2: com o Estado, mas está quase extinto

AL: a parceria?

MTR2: não, não, os pinheiros (RISOS)

MTR1: tínhamos uma área grande de pinheiros mas aquilo ardeu aqui há uns anos e depois secaram todos. Tiveram de se cortar

AL: e venderam a madeira queimada...

MTR1: sim. Agora temos ali um bocadito que tem lá muitos bons pinheiros

AL: quem chega o fogo é quem? Os pastores para terem erva boa?

MTR2: e para a renovação do pasto

MTR1: sim também

AL: mas depois descontrola-se e lá vai ele por ali acima...

MTR1: há sítios não é, porque aqui a nossa área bota muito disto, bota giesta, silva, feto e portanto aquilo às vezes há áreas de monte que ficam muito sujas, não rompe, então o gado não come. E é por isso que anda a arder o baldio

AL: e antes havia árvores, antes de haver a plantação por parte do Estado já havia alguma floresta aqui ou era tudo matos?

MTR1: não, nunca vi floresta nenhuma

AL: pelo menos não de pinheiros, mas devia haver carvalhos e assim...

MTR1: o carvalhal havia o mesmo que há hoje, o carvalhal... era o mesmo que há hoje... mas pinheiro não e nunca tinha havido pinheiro nenhum nem floresta, nada. Só foi plantada depois...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: o baldio da freguesia de Cabana Maior... e sabe mais ou menos a área da parte que está dentro e da parte que está fora?

ACm1: nós nunca fizemos uma contabilização, mas isso podia-se... eu posso dar-lhe dados concretos, não sabia que precisava disso... nós temos no total, assim por alto, nós temos à volta de 3700 hectares de baldio, no total, e no exterior do parque poderemos contar uns 30% da área... menos de 30, 20% talvez

[entra uma cliente; conversamos sobre as terapêuticas alternativas, o uso de mezinhas, ervas como antigamente; está há 25 anos, mas nesta vida já é conhecido há mais de 30 anos... começou a trabalhar há perto de 39 anos, na altura tirou um homem de uma cadeira de rodas, questiono se tem “outras artes” ele diz “nada disso, é através dos tratamentos”]

AL: (...) mas deve ser difícil diferenciar os poderes, digamos assim, no sentido em que o presidente do CD é o presidente da Junta, que gere o mesmo recurso mas que está dividido em...

ACm1: não, não é difícil, é uma questão de cumprir as legislações

AL: sim, em termos de gerir o baldio e a Junta acredito que não seja tão difícil, tenho falado com outros casos em que resulta bem, mas parte do baldio ser gerida pela Junta de Freguesia que é presidida pelo Joaquim Campos, e outra parte do baldio ser gerida pelo CD dos baldios que é presidido pelo Joaquim Campos

ACm1: não, não é difícil, não é difícil até porque essa diferença só existe para questões de candidaturas a fundos para investimentos, para limpezas etc.

AL: e vocês recolhem à Atlântica ou a outra associação qualquer para vos fazerem as candidaturas?

ACm1: sim, sim, a Atlântica dá apoio

AL: está bem... então o CD foi criado em que ano, mais ou menos? Foi na altura das ITI não...

ACm1: o nosso CD já foi criado há muitos anos, era preciso ter a certeza

AL: 2006, 2007...?

ACm1: eu acho que foi em 2006, mas pode ter sido antes também, isso tem é de por aí uma interrogação, eu dou-lhe esses dados concretos mas... o primeiro CD que foi criado vou-lhe dar a data exacta, mas agora não lha posso dar, está bem?

AL: sim, mas foi sempre por causa das ITI não é?

ACm1: sim, sim, sim, foi sempre por causa disso

AL: portanto, actualmente existe o CD, a AC, funcionam através de reuniões e de assembleias, ...

ACm1: funcionamos segundo a lei dos baldios

AL: exacto... disse que estava afastado, mas continua a ser comparte e a

ACm1: sim, continuo a ser comparte, e continuo a dar o apoio necessário para... sou em que faço as actas, sou eu que apoio nas assembleias

AL: mas é secretário actualmente?

ACm1: actualmente... não, sou secretário em apanhado na sala. Não fiquei com nenhum cargo. Os secretários aparecem e depois eu tenho que ser porque sou o único que os posso ajudar a fazer, a dirigir a reunião e a fazer as actas

AL: (...) e o baldio de Cabana Maior já está inscrito na matriz predial?

ACm1: desde as últimas louvações está

AL: a nova lei dos baldios diz que os baldios estão isentos de pagar IMI desde que estejam inscritos na matriz predial

ACm1: os baldios sempre estiveram na matriz predial, o que acontece é que eles estavam na matriz predial mas não estavam em nome dos baldios, estavam em nome da freguesia... também não estavam em nome da junta de freguesia, porque a Junta não pode ter baldios em seu nome. Eram baldios da freguesia de Cabana Maior, ou baldios da freguesia do Soajo. Mas os baldios já estavam na matriz desde há mais de 50 anos

AL: mas na matriz não está delineado o limite do baldio? Eu não sei muito bem como é que isso funciona

ACm1: não, não está não.

AL: é só uma questão de posse, é isso? Não tem a área

ACm1: não, está o número de hectares por artigo. 150 hectares, 200 hectares, assim

Cabreiro: AC1

AL: ... Está bem, então vocês não têm floresta

AC1: nós temos aquela floresta que nasce espontaneamente e agora temos já bosques de floresta bem bons, bem bonitos ate porque temos uma brigada de sapadores a trabalhar e temos o cuidado de manter aquilo limpo, fazer aqueles cortes para não arder, e temos uma zona de floresta mais ou menos bonita, mas não temos nada de...

AL: e é floresta de quê?

AC1: o que nós temos mais é pinheiro, algum carvalho, vidoeiro e camecípare, é basicamente isso que temos

AL: esse último?

AC1: camecípare. Não é esse o nome correcto mas há um outro nome que

AL: e o que é que têm em mais quantidade, é o pinheiro não é?

AC1: é, é o pinheiro, em mais quantidade é o pinheiro bravo é

AL: e aquilo ainda sobra daquelas plantações que houve no Estado Novo?

AC1: sim, sim, ainda sobra algumas coisas, aliás foi isso que gerou para lá as sementes e vai ficando

AC1: estou por cá, não, eu estou sempre por cá, é o que eu lhe digo, setembro e outubro ainda são alturas lindas para irmos lá acima à serra, depois é que começa a estar frio, mas até finais de outubro é tudo¹

AL: sim, eu conto estar cá pelo menos até setembro, até porque ainda me faltam alguns e começo a querer conhecer a realidade fora do parque, porque percebo que a realidade aqui é bem diferente

AC1: é, embora o meu baldio tenha a maior área dentro do parque

AL: sim, o seu eu estou a considerar que está dentro do parque

AC1: é, o meu a maior parte do baldio está inserida dentro do parque, aliás as zonas mais bonitas estão dentro do parque

AL: sim, pois acredito, e também são aquelas que têm acesso às ITI porque os baldios lá de fora não têm, não sei como é que aí vai ser

AC1: não, não... arranjam forma de elas todas estarem um bocadinho dentro do parque

AL: ah, sim?

AC1: para se poderem candidatar às ITI

Gavieira: AGav1

AL: sim, eu vi o espaço da aldeia, a aldeia não tem espaço nenhum, pelo menos a Gavieira, não tem muito espaço

AGav1: pronto, depois é assim, vais aqui ao lugar da igreja, tem lá duas brandas [? *Não se entende*] isto é composto por 10 povoações, isto é 3000 e tal hectares... isto é muito grande, parte com Lamas de Mouro, parte com Castro Laboreiro, parte com Soajo, com Cabreiro, Gave e Prado de Melgaço

AL: mas quando me disse que eram 3000 e tal hectares estava a falar do baldio ou

AGav1: do baldio... 3500

AL: é enorme

AGav1: isto é enorme...

¹ Foi em Julho esta entrevista.

AL:...Está bem, muito bem, então o baldio em si vai até à zona da Peneda, não é? Pelo que eu percebi

AGav1: não, o baldio parte de Lamas de Mouro, Castro Laboreiro, nós quase partimos com a Espanha, ali aquela parte no fundo, saindo daqui pelo ribeiro abaixo, há uma zona que parte com a Espanha e com o Soajo, depois passa no Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, nós partimos com Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, Prado de Melgaço, Gave, Cabreiro e Soajo

AL: com o Soajo também, pois...

AGav1: muito, com o Soajo muito! O Soajo começa lá no alto naquela altura e vai ate ao cimo da serra, depois há uma parte que parte com Cabreiro, e depois deixando Cabreiro parte com a Gave, depois parte com Parada, depois vem Lamas de Mouro, Castro Laboreiro e ainda lá vem até ao fundo com Soajo, ou seja, ali juntos das águas parte ali um bocadinho com a Espanha

AL: bolas, são áreas que eu nem consigo conceber

AGav1: para veres isto tudo terias muito que andar, que isto é muito grande

AL: mas isto já são limites que vêm do tempo dos seus avós...?

AGav1: desde que existe a freguesia...

AL: vocês não têm receitas do baldio tipo, não sei, venda de lenha

AGav1: não temos tido, temos aí bastantes pinheiros e estamos a pensar abater alguns

AL: vocês têm bastante floresta não têm

AGav1: a floresta repare, é uma coisa que eu disse à engenheira do parque, é que nós temos aqui um terreno muito acentuado e há muitos pinheiros que estão na berma da estrada e pinheiros com uma dimensão enorme e estão agarrados, pinheiros com uma dimensão enorme e estão agarrados por 10 cm de terra, isto torna-se muito perigoso, um pinheiro mata quem vai na estrada, carro... por acaso até falei com ela para ver se vamos fazer um corte mas um corte raso percebes, a 20 metros na berma da estrada para cima, isto pode evitar mortes [*continua a explorar esta questão, da dimensão dos pinheiros e de como não seria a primeira vez, e que ele tem muito medo que tal suceda...*]

AL: e o que é que ela disse?

AGav1: disse que concordava com isso. Primeiro ponto é assim, isto é evitar que aconteçam desgraças e assim vamos ver, eles concordaram, e também prontos, esse dinheiro também vai dar para alguma coisa não é

Gondoriz: AGo1

AGo1: ... Acontece que o nosso baldio só tem pedra, não tem mais nada, não tem árvores, não tem qualquer rentabilidade... e esteve assim durante muito tempo... passávamos os... as fichas para os agricultores meterem lá o pasto. Depois apareceu uma, umas candidaturas que se puderam fazer que foram as ITI, que era limpezas, que foi quando nós fizemos as candidaturas, e era aí que nós buscávamos verbas

AL: e isso foi em que ano, só para me situar...

AGo1: foi para aí em 2008 se calhar, não lhe posso precisar. Pronto, fizemos essas candidaturas e o baldio resume-se a isso

AGo1: nós temos aqui as nossas madeiras, daqui para cima é tudo pacífico

AL: as nossas madeiras?

AGo1: os nossos lugares em cima, Gondoriz é muito grande, tem muitos lugares [? *Não se entende*] dali da nacional vê, o monte mais alto, é o nosso baldio, os bicos

AGo1: não, mas isto é uma freguesia... muito grande e muito importante

AL: isso é uma coisa que eu não perguntei, quantos lugares é que tem aqui a freguesia?

[faz uma descrição imensa de lugares – eu tirei uma fotografia de um papel onde estava a lista]

Nós temos área urbana e temos área de monte

AL: a área urbana é bem grandinha também, o monte é 900 e tal hectares, e a área urbana...

AGo1: não, a zona mais urbana é a zona de Pujide e tal, depois temos lá em cima os lugares que é a zona mais rural

[tiro a fotografia à lista]

AGo1: ah, mas isso já ultrapassa os baldios, isso já é freguesia, não tem nada a ver com os baldios, freguesia é só lá no alto mesmo

AL: ah, mas o baldio é da freguesia inteira não é?

Sistelo: ASi1

AL: Sistelo faz fronteira com que outros baldios?

ASi1: faz com Cabreiro, com Brufe, com Riba de Mouro de Monção, Gavieira, Gave de Melgaço e Loureda, Arcos de Valdevez.

AL: bolas, muitas fronteiras

ASi1: faz muitas fronteiras... e portanto todos pastam os animais nos baldios uns dos outros e não há conflitos entre as pessoas

S: Loureda e Anhões

ASi1: sim, e Anhões de Monção.

AL: não disse nada, por exemplo, qual é a área?

ASi1: 2500 hectares

AL: e tem lá floresta?

ASi1: tem bosques, tem bosquetes, tem floresta

AL: tem pinheiro?

ASi1: tem pinheiro, tem camecípare, carvalho

AL: então a floresta entrou aqui quando foi do tempo, anos 30, 40

ASi1: sim, ficou sob regime florestal, está em cogestão

AL: e fazem gestão florestal, têm cortado madeira, vendido... plantado

ASi1: a floresta só tem levado a rendimentos que não têm feito nada pela floresta. O ICNB ou o ICNF, não têm feito nada por nós. Nada, nada, nada. Só têm levado o rendimento que

AL: não têm estado a colaborar na gestão

ASi1: não, não, nada de nada

AL: e quando é para cortar, aparecem?

ASi1: ainda temos de estar a pedir para eles virem ver as madeiras, para vir marcar, e para vender mal vendida, que vendem mal vendida, levam muito tempo a pagar, portanto é uma gestão danosa, é uma gestão que não... é uma muito má gestão, não tem princípios, não tem meios, não tem fim, não sabem o que andam a fazer. Portanto se fossemos nós a vender a madeira vendíamos muito melhor.

AL: o vosso baldio está metade dentro do parque e metade fora não é?

ASi1: não está bem metade, mas está uma parte dentro do parque

ASi1: não está bem metade, mas está uma parte dentro do parque

AL: e depois como é que fazem a gerir... cada um está submetido a regras diferentes não é?

ASi1: o do parque está submetido às regras do parque, e a outra não está

AL: na outra podem por eólicas por exemplo?

ASi1: podemos... podemos, tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário

AL: não houve acordo, portanto não chegaram a um acordo entre vocês

ASi1: não chegámos a acordo, portanto entre a Câmara, a empresa que... nós e a empresa que ia colocar as eólicas

Soajo: AS1

AL: tem muito baldio... qual é que é a área do baldio?

AS1: 5200 hectares...

AL: é dos maiores que já visitei até hoje

AS1: depois há a Gavieira que tem um bocadinho mais... perto de 6000

AL: ainda não fui lá, aliás do Minho é o primeiro com quem estou a falar, tenho estado em Montalegre e só tenho conhecido lá aquela realidade, também há uns melhores e outros piores, mas isso é em todo o lado... em termos de gestão... melhores, isto é, mais activos. Enfim... mas aqui do Minho é a primeira pessoa com quem estou a falar.

AS1: muito bem, no meio disto tudo há coisas boas, como disse

AL: ah, tem de haver, só a própria existência do baldio é boa à partida...

AS1: ah, claro que sim

AL: o vosso baldio tem floresta?

AS1: tem!

AL: de produção, tipo pinheiros e assim?

AS1: uuuh, é assim, já tivemos mais, sabe que o Soajo ardeu praticamente a nossa floresta que é toda esta área que está aqui por trás de nós, ao sair pode ver, ardeu tudo em 2006, portanto foi mesmo...

AL: mas não é esta aqui atrás que tem aquelas árvores enormes, pseudotsuga acho eu...

AS1: pronto, isso está a falar de como quem vai para a Travanca? Perto do parque de campismo?

AL: estou a falar de quem vai para a Travanca

AS1: não, é a serra do outro lado, vê-se que está toda descoberta que estão alguns queimados que ainda estão de pé...

AS1: ah, sim, sim, sim, essa área ali era tudo pinhal, em 2005... ardeu-nos imenso, portanto... na altura eu não vivia cá mas fala-se de 400 mil euros, 500 mil euros de vendas de lenhas, portanto imagine o que ardeu, não é... e infelizmente desde então nunca mais se fez nenhum reflorestamento... todo esse dinheiro não sei para onde é que foi

AL: e foi para o baldio, à partida não é?

AS1: à partida foi para os cofres do baldio, só que é assim, não se fez nada, não se comprou máquinas, não se compraram... um tractor, ao menos, para limpar e ajudar a reflorestar, não se fez nada, rigorosamente nada, não se tratou de nada que é comum, não houve nascentes arrançadas... nada! Nada, nada, nada de nada! Portanto, está a ver, é urgente que as pessoas comecem a abrir os olhos e que se interessem um bocadinho pelos baldios e não só outros... nós este ano fizemos uma pequena reflorestação a ver se as pessoas aderiam e foi um sucesso... tanto que foram 500 árvores, estávamos nas comemorações dos 500 anos e... e aderiu-se, aderiu tanta gente que em meia hora estava feito

AL: ah, fizeram vocês mesmos?

AS1: sim

AL: ah, que giro! Mas era os 500 anos do quê? Da aldeia?

AS1: sim, do foral do Soajo

AL: aaah

AS1: é verdade, 2014, portanto nós... foi, foi no fim do ano mas ainda foi simbólico...

AL: plantaram o quê?

AS1: plantámos cerejeiras, nogueiras, carvalhos, medronheiros e alguns pinheiros

AL: e ali em torno da aldeia ou...

AS1: não, um bocadinho mais longe, ali ao pé da barragem do Lindoso, portanto na área do Soajo do lado de cá. Mas pronto, pena foi que no dia anterior já tentaram queimar aquela zona e depois perdemos ali cento e tal hectares de novo pinhal que estava a nascer... malvados. Políticas...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: então e diga-me lá, aqui o baldio de Britelo tem quantos hectares?

PB1: tem 972 hectares de pastorício, e 12 de [*? não se entende*], que estão pelo meio do lugar, está aqui um bocadito, está aqui outro bocadito, ali outro bocadito, eu parece-me que é isso, eu não sei se tenho aqui

AL: e esses 972 hectares de pastorício não têm floresta incluída?

PB1: ai tem, tem... tem

[o senhor João procura na sua papelada a área do baldio]

AL: também não faz mal, é só para ter uma ideia da dimensão. Deixe estar

PB1: não, mas eu tenho aqui

AL: isso é a documentação toda do baldio?

PB1: é sim, e as áreas que nós estamos a roçar e essa coisa toda. Nós tínhamos uma área de 905.86 hectares

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: e qual é a diferença... quer dizer, eu sei qual é a diferença na teoria, mas na prática, porque é um baldio é comunitário e o outro é particular

PE1: não, um é baldio e o outro não é baldio

AL: ai nunca foi baldio

PE1: não

AL: ah, ok

PE1: aquilo, digamos, em termos práticos e objectivos é uma propriedade privada embora de gestão comum, ou seja, cruza em muitos aspectos com a filosofia de gestão do baldio, mas aquela área paga contribuição, paga IMI, tem os proprietários identificados, é indivisível na mesma não é, tal como... no baldio ninguém sabe onde tem baldio, é uma área que é comum e que é partilhada por todos, e esse espírito também incorpora aquela propriedade, só que o espírito da propriedade é privada. Ou seja, em termos visuais e de aspectos e de tudo é semelhante a uma área baldia

AL: qual é a área [do foral]?

PE1: 2400 hectares

AL: ok... e qual é que funciona melhor em termos de gestão, o baldio ou o foral?

PE1: é assim, é mais complicada a gestão da Foral, digamos assim, de aceitação de algumas regras e de... pronto, é mais complicado na Foral, porquê? Porque lá está, é

a questão privada que entra ali, eventualmente a possibilidade ou a ideia de poder daí resultar dividendos e tudo o mais, do que no baldio, no baldio essa parte está afastada, por isso vai... temos maior dificuldade na Foral. Também é uma área bastante maior, são 2400 hectares e no baldio são 1700

AL: está bem... e a população é interveniente na gestão? Vai às reuniões...

PE1: pouco interveniente, mais na Foral, pelos processos já, mesmo assim, pronto, quando toca, quando tivemos agora uma reunião em Junho... não, Maio, foi por causa dos problemas que apareceram agora com a redução das áreas de pastagem e que isso tinha implicações nas candidaturas relacionadas com a pastorícia e os efectivos e tudo o mais, e isso criou aí um alvoroço e alteraram aí as regras da afectação, digamos assim, da área comunitária para as candidaturas e pronto, tivemos de tomar alguma posição e tivemos uma reunião bastante participada na Foral, no baldio menos, muito menos, as pessoas estão um bocado desligadas, só se houver assim algum alarme... e também são menos, essas actividades no baldio têm menos expressão, porque já não é tão montanha, digamos assim, quanto mais nos aproximamos de zonas de montanha estas actividades são mais, verificam-se mais e são mais atractivas, o baldio já é mais próximo da zona mais urbana da freguesia não tem tanta utilidade, digamos assim, para esses fins

o foral está todo inserido no Parque?

PE1: todo, 100%

AL: então também tem os mesmos problemas de produção?

PE1: tudo igual

AL: e a floresta também não é muito...

PE1: não, é igual, em termos daquilo que eu já lhe disse, eu falei no conjunto, os problemas são os mesmos, e as áreas são contíguas também, uma mais, digamos assim, mais para o vale e a outra mais de montanha, a foral mais de montanha, o baldio mais encostado ao vale

AL: no foral não há nada dividido pois não? Nem para agricultura nem nada, para quem usa

PE1: dividido como?

AL: com muros, tipo privatizado

PE1: existem propriedades privadas

AL: de pessoas que têm direito ao foral não é?

PE1: sim, também

AL: ok... ou arrendam?

PE1: tem propriedades privadas, que tem floresta, que tem pastagem pelo meio, e têm como herdeiros também direito à propriedade comunitária, chamemos-lhe assim

AL: ah, nem toda a área dos 2000 e tal hectares é comunitária... ou não percebi?

PE1: não, esses 2000 e tal hectares são comunitários, além disso também há área privada não é

AL: ah, que já não faz parte do foral ou faz?

PE1: sim, está dentro da... digamos assim da delimitação da foral, foral o que é que é? É um perímetro pelo exterior e depois dentro aí há propriedades privadas, mas a área comunitária são 2400 hectares

AL: [...] Aquilo não está vedado pois não?

PE1: não

AL: e aqui, tal como é o caso do senhor Inocêncio...

PE1: tem marcos

AL: aí são marcos, não é as cruzes nas pedras como já vi em Montalegre

PE1: sim, tem algumas cruzes, tem marcos, tem cruzes, tem... aliás há um documento em que fala isso tudo, o marco tal, o marco não sei quê onde estão várias cruzes, mas pronto, tem assim uma...

AL: e já tem levantamento topográfico...?

PE1: sim, sim, isso foi feito depois pelos técnicos do parque, fizemos um levantamento com o GPS, a delimitação toda da área

Germil: PG1

AL: [...] e o baldio tem cerca de que área?

PG1: 630 hectares

AL: e tem floresta? Eu vi muita regeneração natural, acho que é natural, de pinheiro

PG1: é assim

AL: no caminho, não sei se já era baldio

PG1: o pinheiro que viu não está na nossa área, não sei se apercebeu de uma placa, se calhar não se apercebeu...

AL: o que é que dizia na placa?

PG1: a placa dizia “bem-vindo a Germil”

AL: sim, sim, uma placa de mármore?

PG1: sim, uma placa de granito

AL: granito, granito (RISOS)

PG1: e depois uma placa em PVC

AL: vi, vi, vi

PG1: viu? Pronto, a partir daí é o nosso, nós floresta é mais para este lado, portanto aqui é mais rochoso... floresta que vem naturalmente não é

AL: pois, ok. Mas portanto, a vossa zona de baldio, nada daquela zona que eu vi faz parte do vosso baldio

PG1: aquela parte de pinheiro não, não faz parte

AL: ok. Aquilo faz parte do baldio de alguém?

PG1: de Entre-Ambos-os-Rios

AL: ok

PG1: foi mantido já, da plantação de pinheiros do tempo da floresta, foi ficando. Nós temos floresta na parte que nos ardeu tudo e neste momento, pronto daqui a uns anos já volta a vir mas também fruto da plantação natural não é, digamos assim, das sementes e do vento

AL: sim. E também é pinheiro

PG1: sim, mas também temos o carvalho, o castanheiro, mas o pinheiro está com mais abundância, é mais fácil ele... digamos, a sementeira é mais fácil, a própria semente voa com o vento e vai sempre mais longe enquanto o carvalho por exemplo, ou o castanheiro, já não lhes acontece isso

AL: pois, é um fruto mais pesado não é

PG1: é pesado e fica ali, o pinheiro não, ele vai avançando sempre

AL: pois. E a floresta também entrou aqui neste baldio...?

PG1: não.

AL: ai não? Vocês não deixaram?

PG1: na altura, não é do meu tempo

AL: eu sei, eu sei

PG1: mas não, não, não deixaram na altura

AL: houve um bloqueio aqui localmente?

PG1: houve... por aquilo que eu oiço não é, uma guerra, pronto...

AL: diga, diga que eu quero saber disso

PG1: houve oposição, as pessoas... estou a dizer porque ouvisse falar, não é do meu tempo, mas reuniram-se e colocaram-se num limite e “aqui não há floresta” e, segundo se ouve, volto a dizer, alguns pinheiros que já tinham plantado no baldio arrancaram tudo, enfim, aquilo do “isto é nosso, aqui não tocam”... e não tocaram, não entraram, e depois, já estavam a iniciar a construção de uma casa de floresta aqui, pronto, daqui não se vê o local, mas vê-se ali do alto do nosso baldio, e foram lá a correr, o pessoal que estava lá a trabalhar “todos daqui para fora!”, isto não é casa da guarda, não é, a guarda-florestal, correram com ela, e depois estavam a... claro, e se calhar e bem, se calhar hoje até a gostaríamos de ter, e depois começaram assim a pensar... mas correram ali com uns técnicos que andavam ali a ver o local

AL: não houve aqui nada que eles não quisessem

PG1: não, daqui não, “isto é nosso”, pensaram... e pronto. E o Salazar obedeceu

(RISOS)

AL: mas aqui ao lado entrou não?

PG1: entrou

AL: pois, aquilo está... eles têm...

PG1: nota-se, mas ali no limite nota-se que cortou

AL: (RISOS) Germil! Pois, por acaso eu gostava de falar com essas pessoas assim mais, que estiveram cá nessa altura, se calhar algumas já morreram

PG1: ui, já morreram muitas, porque isso já foi há muito tempo, é do tempo dos meus avós, possivelmente os meus pais já eram nascidos, eram crianças grandinhas, pronto, mas ainda não ... os meus pais também já morreram por exemplo, ainda há uma ou outra pessoa que ainda se lembra disso mas são pessoas velhotas. Eu não sei o ano, isso não sei dizer

AL: pois, há-de ter sido aí nos anos 30, 40, 50, que andaram aí... 60 também

PG1: não, antes de 60, muito antes

AL: então é isso

PG1: mais para os anos 30, por aí

AL: pois, o plano de povoamento florestal teve início em 38

PG1: [faz cálculos de cabeça tendo em conta a história dos seus] aquilo seria anos 40, anos 40, 45.

AL: pois, pois, foi quando eles começaram, começaram pelo Gerês, pela Serra da Estrela

PG1: pois isso não sei, não conheço a história, só conheço a daqui por aquilo que falam

AL: pois, sim. Pois ok, eu já tinha ouvido falar desses bloqueios, mas só que já percebi que há umas aldeias em que entrou, outras em que nem tentou, ainda ontem estive em Sá e nem sequer têm floresta

PG1: não, aqui tentaram, é o que eu digo tentaram e estavam já até a construir a casa para o guarda-florestal, e o pessoal “tudo daqui para fora!”

AL: então vocês agora não fazem gestão de floresta ou fazem?

PG1: não, gestão... nós não temos propriamente floresta, podemos chamar áreas com plantas

AL: pois, não é assim uma mancha grande suficiente para se poder chamar floresta

PG1: exacto

AL: e já percebi que tentaram fazer uma reflorestação [adensamento] que depois não deu

PG1: exactamente, não deu, há regras não é, que impõem, porque nós tentámos, nós queríamos executar por exemplo 50%, o que desse, 60%, aquilo que desse mas não nos aceitaram, tivemos que abandonar o projecto

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Este baldio tem uma zona de protecção total que abrange 1000 e tal hectares. Portanto o baldio tem 4000 e tal hectares, dos quais mil e tal corresponde a zonas de protecção total, nas quais os compartes, portanto as pessoas que usam o baldio, têm direito a entrar lá, mas há muitas limitações nessa entrada. Por exemplo, se um pastor tem cães, os cães não podem entrar nessa zona – deve ser por questões de poderem perseguir ou caçar certos animais que serão eventualmente protegidos por lei – não se pode fazer lá ajuntamentos de pessoas, por exemplo um churrasco ou um piquenique, não, são zonas que são vedadas à partida, mas se algum pastor tiver que se deslocar lá para ir buscar uma vaca que foi para lá – as vacas podem ir – ou qualquer coisa, poderá aceder. Mas são zonas com alto nível de protecção. Portanto, esta questão de só poderem entrar nessa área com certas restrições concretiza-se

no facto de os compartes – pastores etc. – só poderem entrar em questões que tenham a ver com as actividades tradicionais, só esse tipo de entradas é que é permitido nesta zona de protecção total.

O baldio das freguesias de Lindoso corresponde a 26% do território do município de Ponte da Barca (área: 4180 hectares). Este baldio, ou esta freguesia é dividida por três lugares, o lugar do Castelo, o lugar da Parada e o lugar de Cidadelhe. Todos juntos têm 800 e tal recenseados nesta freguesia, contudo apenas 480 são considerados compartes. Aqui lidera ainda o conceito de comparte dos usos e costumes, ou seja, são compartes aquelas pessoas que são residentes efectivas no local. Eles fazem a excepção na questão da utilização das águas para os emigrantes que não vivem ali, vêm cá uma vez por ano mas quando vêm eles deixam-nos usar a água. Isto porquê, porque a água em Lindoso é gerida localmente, ou seja, não há água da rede, eles têm um sistema de água próprio, todo legalizado conforme a higiene e saúde, contudo é gerida localmente.”

(...) E então, antes de ser formado o CD falava-se de 3 montes, ou seja havia 3 montes diferentes nesta freguesia de Lindoso, era o monte de Castelo, o monte de Parada e o monte de Cidadelhe, e havia uma separação de gestão de recursos entre estes três montes. Actualmente verifica-se que em certos pontos esta separação ainda existe, por exemplo para a recolha de matos, que ele diz que não é uma actividade que ainda tenha muita importância hoje em dia, mas havendo pastoreio acredito que tenha, mas pronto, nunca comparável com outros tempos, ou para a recolha de madeira/lenha, continua a haver a individualização dos três montes, no sentido em que as pessoas de Parada não vão buscar madeira ou matos ao monte de Castelo ou ao lugar de Cidadelhe e vice-versa. Mas o pastoreio, que anteriormente não era, actualmente é feito de uma forma corrida, ou seja o gado pasta continuamente pelos três baldios afora, ou seja não há separação, não há fronteiras, e o baldio é gerido como um todo em termos de tudo, dinheiro, candidaturas, tudo.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: Então mas qual é a área do baldio actualmente?

TC1: 1200 hectares

AL: e essa área é gerida no sentido por exemplo das receitas serem usadas no baldio ou as pessoas individualmente recebem

TC1: nós não temos, ninguém paga renda pela utilização do baldio

AL: sim, sim, sim

TC1: os utilizadores são... em menor escala os apicultores, os pastores, esse é que tiram rendimento, proveito directamente do usufruto do espaço, ou do terreno... quilo que... porque a parte florestal aí apenas se fazem... por exemplo, o ultimo corte de pinheiros que houve, ou de arvores, neste caso foram pinheiros, que é isso que

normalmente se corta para fazer dinheiro, foram para dar apoio à igreja para construir lá um edifício... porque não.... O rendimento que se tira é usufruto apenas

AL: ok, então a parte das madeiras acabam por não...

TC1: não temos exploração florestal

AL: mas têm floresta ou não?

TC1: alguma floresta, não é significativa... digamos, floresta com vocação para a exploração que é o pinheiro... aqui não há eucaliptos

AL: epa, eu vi foi o monte cheio de acácias, tantas, tantas, que infestação

TC1: ah pois, por onde passou, daquele lado. Portanto o pinhal é diminuto, temos é floresta de carvalhos e de medronheiros e que não é para a exploração florestal

TC1: e temos aqui esta paisagem

AL: fogo!

TC1: este baldio (RISOS)

AL: é o vosso?

TC1: é... temos ali o Redondelo, a Froca de Cima, os Teixeiros...

AL: isso são nomes de quê, de sítios particulares ou...

TC1: antigamente como não havia... hoje é com coordenadas, se houver um acidente ou incidente não é, se alguém quiser reportar é por coordenadas, antigamente no pastoreio... ainda no outro dia encontrei uma vaca nova e telefonei a um pastor, a um deles "opa, está uma vaca morta aqui nas Viteleiras" (RISOS)

Covide: TCo1

AL: e por isso é que eles [Estado] precisaram de fazer esses limites melhor, porque eles tentaram apropriar-se de parte do vosso monte

TCo1: do nosso monte. E nós reclamámos e de facto eles foram lá ver e de facto estão lá as cruzeiros nos penedos, antigas, porque o nosso monte está todo dividido por cruzeiros, em toda a volta. O nosso monte faz aqui a divisória com São João do Campo, Rio Caldo, aquela parte ali de Santa Isabel do Monte

AL: sabe qual é a área do monte? Mais ou menos

TCo1: não sei, eu acho que anda à volta de uns 15000 hectares

AL: iiiiih, é grande ahn

TCo1: eu acho que anda à volta disso, é só questão de pegar para aí

AL: ah, acha que está para aqui... então eu depois vejo

TCo1: está, porque eles até medem de cruz a cruz

AL: o monte está mais dentro do parque ou mais fora... a maior área é dentro do parque ou fora?

TCo1: penso que é capaz de ser menos dentro do parque

Ermida: TE1

AL: pois... e Fafião é lá não?

TE1: é lá à frente...

AL: do outro lado?

TE1: aquelas casas que estás a ver

AL: ah, é já lá? Ah, é muita pertinho, está bem. Ah, eu lembro-me daquela antena... do pinheiro

TE1: é uma antena... isto aqui era a escola, fechou já aqui há 2 anos, a escola primária...

AL: pois, foi quando eles andaram a fechar serviços

TE1: a mais antiga era aquela, estás a ver acolá uma casa amarela... lá é a nossa sede agora, tem uma casa da parte de baixo que tem lá uma antena parabólica, aquela parte de cima era a antiga escola daqui

AL: ok... a antena parabólica é que não estou a ver

TE1: estás a ver este anexo agrícola aqui, olhando sempre em frente vês uma casa com...

AL: ah, já vi... sim!

TE1: portanto, essa foi a primeira escola aqui da aldeia, portanto a construção em si tem para aí 70 ou 80 anos ou assim

AL: ok, não tinha a ideia. E então isto aqui já é baldio não? Ali atrás...

TE1: a parte superior é

AL: ah, o de lá é de Fafião é isso?

TE1: aquilo que se vê lá ao longe é, onde se vê lá adiante aquelas pedras...

AL: sim, e a estrada lá no meio

TE1: isso pertence aqui à povoação da Ermida

AL: ah, ok, ok

TE1: e depois de lá o limite também é próximo, depois já pertence a Fafião... agora toda esta área aqui para cima já é...

AL: isto... vocês têm muita floresta

TE1: sim, e esta ali que vê, na parte contrária

AL: ah também?

TE1: também, mas não é tudo, mais ou menos aqui desta zona para cima é, para aí para baixo é terrenos privados

AL: ai é? Ah, está bem. Qual é a área aqui do baldio?

TE1: é... não sei se tenho aqui no mapa

AL: só para ter uma ideia

TE1: se tiver aqui no mapa... mais ou menos eu sei

AL: ah vocês têm aquilo tudo bonitinho, posso tirar uma fotografia?

TE1: pode... é o ICNF que nos cede isto, porque as ITI era através do PNPG e depois a gente tinha áreas marcadas onde se roçava mato ou onde tinha de se fazer laterais de caminhos e essas coisas todas, esta foi uma dos últimos anos

AL: aaah, faz parte da candidatura às ITI isso?

TE1: exactamente. Isto era uma abordagem

AL: vou tirar consigo... não se importa?

TE1: não, não, esteja à vontade. Se um dia quiser um posso-lhe arranjar, agora neste momento só tenho este

AL: é só uma curiosidade

TE1: e isto é a nossa área

AL: ok... e se calhar está aí a área não? Isto é cada parte

TE1: não, isto era cada parte de trabalhos que tinham de ser realizados, por números e por letras

AL: já tinha visto candidaturas às ITI mas os anexos, neste caso o mapa, ainda não tinha visto

TE1: e depois o ano 1 é x parcelas, o ano 2, ano 3, ano 4, ano 5... que estão aqui todas assinaladas

AL: vocês agora estão em que ano?

TE1: isto terminou o ano passado

AL: ah, é verdade! Tem razão! Sim, sim, sim

TE1: agora é um outro nome que lhe atribuíram e portanto as pessoas que tiveram que... que lhes foi retirada muita área já não vão ter o apoio que tinham, como nos aconteceu a nós

AL: pois, também vos aconteceu a vocês?

TE1: sim

AL: agora estão com quanta área?

TE1: quase não deu para ceder aos pastores, a nós retiraram-nos para aí 80%

AL: icch. Não tem uma ideia assim mais ou menos da área do baldio? 1000, 2000, 3000...? Hectares do baldio todo

TE1: não, porque isto é que nos é retirado é área de pastagem não é... a área total são 1400 hectares

AL: do baldio?

TE1: sim. Depois havia uns 350 hectares que era considerado área de pastagem, que era essa área que a gente estava a usar

AL: então não era assim tanto, não era nenhum exagero, 350 em mil e tal...

TE1: não... depois a outra área é considerada floresta. Pronto, e depois na área da pastagem eles viram isto através do satélite, como é que se chama? Foto não sei quê... e parece que apanha ali muita pedra

AL: sim, fotointerpretação

TE1: exactamente. E depois diziam que era a UE que não queria pagar por pedras

AL: pois

TE1: mas não é isso que se vê no terreno, mas eu já lhe mostro quando a gente for

AL: e aqui vocês têm muita questão com o lobo, como eu tenho ouvido noutros?

TE1: tem, os pastores aqui de vez em quando são bastante afectados, não tanto como nos outros lados, mas de vez em quando também temos

AL: e como é que tem sido a presença do ICN nesses casos?

TE1: é assim, eles dizem que pagam mas se encontrar a carcaça...

AL: pois

TE1: mas por vezes não é isso que acontece, não se encontra coisa nenhuma... quando se encontra é uma coisa, quando não se encontra...

AL: pois... mas não há assim muitas queixas dos pastores aqui na zona não é?

TE1: na Ermida propriamente não

AL: e como é que é aqui, nos limites com os outros baldios, há algum conflito na utilização...

TE1: já houve

AL: eu já ouvi falar de um com Fafião... (RISOS)

TE1: e com os de Vilar da Veiga

AL: aí com os de lá também...

TE1: já falaste com os de Vilar da Veiga?

AL: não, ainda não, é que eu não tenho o número de telefone dessas pessoas, já mandei para lá uma carta, porque arranjei a morada, até foi através da engenheira Sandra, mas ela ainda não os tem como sócios então não quis estar a abusar

TE1: ah, pois não, não trabalham não com a associação dela

AL: pois, ela entretanto foi fazer contactos e eu não sei como é que isso ficou, mas a verdade é que ela não se sentiu à vontade para me estar a dar números de telefone, e eu percebo perfeitamente, mas agora estou a ver se vou lá meter o bedelho, tentar ver quem é que é, não sei... mas ainda não falei com eles não, mandei-lhes a tal carta só. Mas sim, não sabia desse conflito, soube... até já nem me lembro quem é que me contou sobre o conflito de Fafião e Ermida, mas não... que foi assim também muito longo, não foi? Uns anos... tribunal e...

TE1: foi, foi, foi, e...

E esta terra também foi entregue a estas pessoas já nem se lembram há quanto tempo não é?

TE1: exacto

AL: e manteve-se assim. Eu pergunto porque sei que hoje em dia o baldio não se pode... pronto, não se pode privatizar, não é...

TE1: não, não, até ao momento, vamos lá ver se a lei ... mas para quem os tiver

AL: exacto

[passa uma máquina, deixa de se ouvir bem]

TE1: possivelmente tem 300 ou 400 anos

AL: é carvalho não é?

TE1: sim, carvalho. Sabes porque é que eu te digo isso?

AL: não

TE1: porque aquele carvalho que está lá à frente, desde sempre eu me lembro de ser assim mais, mais... mais... dele lembro-me sempre dele ali, porque eu passo sempre aqui, conheço isto já desde pequeno, portanto é para veres o tempo que demora a crescer uma árvore destas

AL: sim, sim, os carvalhos vivem muito, muito, muito tempo... antes de trabalhar nisto estava a trabalhar precisamente num projecto que estuda precisamente os anéis das árvores e a idade das árvores e relaciona com o ambiente em que cresceram e não sei quê...

TE1: o solo, se é solo mais pobre, se é mais...

AL: sim, tudo, tudo, tudo, e então relaciona-se quanto é que eles cresceram em cada ano e depois tenta-se associar às condições em que eles estavam, se houve uma seca, se houve chuva a mais, se não sei quê... a mais não, que isso nunca há a mais, e viemos ao Gerês, viemos à mata da Albergaria buscar umas amostras, mas por acaso aqueles carvalhos que a gente achava que eram super velhos, depois afinal tinham só para aí cento e tal anos, não eram assim tao velhos, mas eram super grossos. E afinal, como tinham muito boas condições cresciam muito e ganhavam muita largura, mas não eram muito velhos

TE1: exacto, em solos mais pobres é que acontece isso, a árvore... já têm uma certa altura mas já tem muitos anos porque demorou muito a desenvolver

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: já não é usado?

TE1: não, é a mesma coisa, eles vêm para aqui, ficam, vão à noite embora

AL: pois... ainda continuam com as vezeiras. Lá para os lados de Montalegre a maior parte das vezeiras acabaram, já não há gado suficiente, as pessoas estão cada umas por si, às vezes nem é não haver gado suficiente, há é 3 ou 4 pastores então não... aqui já vi que ainda se mantêm

TE1: e ainda há mais, esses fulanos, agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá

AL: passavam os animais com a barca?

TE1: sim, também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais

AL: fogo! E o gado ia comendo pelo caminho ou não?

TE1: isso, portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no maio ao vir para cá e depois em setembro ao ir

AL: pois, exacto, mas eles diariamente um pastor vinha sempre para aqui

AL: diariamente?

TE1: ou depende, daqueles dois dias...

AL: ah, lá está

TE1: se calhou ser dois dias ou três...

AL: exactamente... só vou ver o que está aqui plantado...

TE1: este carvalho é americano também mas morreu

AL: pois, coitadito

TE1: porque eles nem nas pensam estás a perceber?

AL: pois, gastaram aí na vedação mas morreu na mesma

TE1: portanto, num baldio há uma serie de usos e costumes que se vão mantendo, que não têm outra maneira de ser. A questão dos incêndios esse é um uso e costume que vai ter que acabar

AL: (RISOS) exacto

TE1: isso aí é um à parte

AL: mas antes os incêndios eram assim tao... isto é, fogo sempre houve não é, com o pastoreio, o fogo sempre foi usado...

TE1: não, não...

AL: não havia...

TE1: na época do outro governo não havia o primeiro [*? não se entende*] que andasse aí de isqueiro na mão. Ia havendo de vez em quando, mas não tem nada a ver com o que acontece hoje

AL: mas porque é que mudou assim?

TE1: porque mudou porque sabem que as autoridades não lhes fazem nada

AL: pois

TE1: estás a perceber... é o que mudou

AL: não sei o que é isto...

TE1: isto aqui é um escalheiro, mas cresceu naturalmente um azevinho dentro dele

AL: pois, estou a ver aí folha de azevinho (RISOS). Uau!

TE1: estás a ver... e as raízes do azevinho passam lá por dentro da árvore, sério, isto é um escalheiro, eu chamo-lhe um escalheiro, mas isto tem um nome científico qualquer, isto até se pode comer

AL: é? Não sei o que é que será o escalheiro...

TE1: nós localmente chamamos-lhe isso, mas isso tem um nome científico próprio...

AL: claro. Sim, mas esses nomes também são importantes

TE1: isto é, o escalheiro isto é uma árvore que a gente usa para enxertar, fazer enxertos de pereira ou macieira, que consegue pegar nisto, quando a árvore é novinha

AL: pois, porque ela tem uma folha parecida, acho eu, com a da pereira

TE1: exactamente, com a da pereira. Quando as árvores são assim novinhas, pequeninas, que a gente encontra, a gente faz o enxerto e cresce uma pereira

AL: será que é uma pereira selvagem? Não...

TE1: estás a ver o enorme azevinho que cresceu aqui dentro dela?

AL: é incrível... o tronco não se vê não é, deve ser por dentro...

TE1: sim, as raízes do azevinho passam todas por dentro

TE1: [...] isto fomos nós que pusemos também

AL: ai sim?

TE1: sim

AL: a sinalização?

TE1: sim, nós demos a madeira e os do parque fizeram o feitiço, eles fizeram o feitiço, nós é que colocámos aquilo, tem aqui um trilhozinho...

AL: isto deve ser brutal fazer aqui uns passeios

TE1: isto é o PR14, é um percurso pedestre de 13 km onde nós estamos a andar

AL: eu tenho de vir para aqui de férias que isto de andar aqui só a...

TE1: lembras-te daquela gente toda que nós vimos a pé, estão a fazer o percurso PR 14

ALL: é engraçado, porque alguns eram bastante mais velhos

TE1: olha só para aquilo, que espectáculo...

AL: é brutal

TE1: e tu consegues lá passar a pé, na parte mais baixa, ao lado, e até na parte superior, consigo ir a pé até na parte superior, mas isso tem que ser com tempo, tem trilhos ali próximo, depois ao vir para cá passamos por lá e vais ver também o trilho que nós mandámos fazer há pouco tempo

AL: sim

TE1: a seguir à zona da albergaria no Gerês a zona mais bonita do parque é esta aqui onde nós andámos hoje

TE1: é a zona mais alta da serra e onde antigamente... há 50 anos funcionavam as minas de volfrâmio...

AL: ah, sim, sim

TE1: que abasteciam os nazis e os alemães... que era para o Salazar se dar bem com ambas as partes

AL: pois, para depois manter Portugal fora da guerra

TE1: foi o que ele fez melhor

AL: pois

TE1: e depois aquilo fechou, ficou tudo ao abandono, a estrada ninguém a reparou, que são 10 km de estrada de terra, só consegues ir lá a pé

AL: ninguém a reparou... e aquilo faz parte de vários baldios não?

TE1: uuuh, faz parte... há uma parte que é do Estado acho eu, e há outra parte que acho que faz parte dos baldios daqueles lados, não sei se será de Cabril, se será de Pitões, não faço a mínima ideia

AL: eu também não sei... eu diria talvez Cabril mas não tenho a certeza

TE1: e pronto, e depois é uma zona que tem a chamada cabra brava, a cabra montês, que é aqui da serra do Gerês, e pronto, tem algumas restrições para se visitar aquela área

AL: tu ouviste alguma coisa de introduzirem a cabra? Recentemente...

TE1: uuuh, a cabra não foi introduzida, foi mas não foi pelas entidades portuguesas

AL: ah, então?

TE1: os espanhóis, do outro lado, que é a mesma serra, a serra do Gerês não é só nossa é mais ou menos

AL: é o Xerez não é?

TE1: é mais ou menos nossa e deles, metade para cada lado... e eles tinham lá uma espécie de viveiro onde tinham esses... onde tinham esses animais presos para introduzir na área deles, e depois é o que se consta, aquilo que eu ouvi, alguns desses animais soltaram-nos lá na zona deles, e pronto, aquilo foi evoluindo o número de elementos por... não é, e depois estão aí na serra toda

AL: eles não têm fronteiras não é... dessas pelo menos

TE1: mas muitos mesmo agora

AL: muitos não é?

TE1: tem alturas que lá naqueles fraguedos, lá na zona dos Carris, que se via a 50

AL: e lá está, elas comem no meio das rochas, as tais que não servem para pasto

TE1: a dita cabra da serra do Gerês, que tinha sido extinta na nossa zona, e não sei se foi também na zona espanhola, em 1800 e tal, na época em que começaram as reflorestações. Nessa altura foi quando mataram o último exemplar

AL: aquela floresta toda é vossa?

TE1: não, é dos de Fafião

TE1: olha para isto, ficou aqui espectacular, era um mato enorme, vês aqui estes sobreirinhos já todos fora. E se assim for durante 20 anos fica aqui uma mata de sobreiros espectacular

AL: pois é... o sobreiro dificilmente arderá não é?

TE1: é assim, o sobreiro arde, quando é um sobreiro já criado torna a... muitos, estás a ver, aqui há.... Ena pa!²

AL: aaaaaah

TE1: nós íamos voltar ali mas pronto, se calhar vamos fazer marcha atrás e dar a volta. Aqui há 6 anos houve aqui um incêndio nesta parte, que veio aqui dar... estás a ver esse, ardeu todo e depois voltou a

AL: está todo verdinho

TE1: é, voltou, e como os outros estás a ver, mais pequenos, está tudo preto, eles arderam todos, só que

AL: pois, a cortiça acaba por

TE1: é, acaba por

AL: por os proteger

TE1: por os proteger

AL: mesmo depois de ter tirado as outras camadas de cortiça não é, continua a ficar protegido

TE1: aqui já não é retirada há muitos anos e a nossa opção agora foi não retirar também porque tivemos aí 2 ou 3 compradores que queriam e que como são árvores muito irregulares e muito antigas, depois ficam... há uma parte da cortiça que sai, outra que não, e isto ficava feíssimo, então nós...falámos entre nós da direcção e dissemos “não, não vale a pena porque a gente vai-se chatear porque depois o gajo que vem tirar quanta mais tirar melhor, depois vai estragar as árvores e depois eu não estou para andar aqui a passear todos os dias e a chatear-me com ele porque está a estragar as árvores, e então digo eu assim “fica assim nunca mais se tira cortiça, pelo menos enquanto nós estivermos na frente e acabou-se, não há chatice”. Porque isto é assim, se isto for mal descortiçado a árvore pode morrer também, em poucos anos, em 2-3 anos a árvore pode morrer

AL: sim, sim, sim. Pois, eu nem me tinha lembrado disso, que a cortiça também pode ser uma entrada de receitas para vocês

² Deparamo-nos com um obstáculo no caminho, uma árvore caída.

TE1: mas as árvores, se tu vires são quase todas deformadas

AL: sim, a cortiça não sai direitinha, não é

TE1: porque isto, exacto, isto não...

AL: aquele lá à frente é espectacular, está mesmo direitinho

TE1: é, este... é um por outro, mas de resto é tudo irregular e as coisas não iam funcionar e eu ia-me chatear com alguém e eu tenho mais que fazer do que andar-me a chatear, e por isso disse lá ao comprador que a gente nunca mais ia vender cortiça nenhuma

AL: mas chegaram a vender então?

TE1: a última vez foi em 2004 mas não foi connosco, vez está marcado aí nas árvores, 2004...

AL: ah, sim, não vi mas acredito

TE1: ainda houve aí um sarilho dos diabos com os do ICNF, porque eles estavam a tirar a cortiça com um ano a menos

AL: ah, pois

TE1: os da época era tudo gente maluca

AL: pois... e depois as contas estavam claras nessa altura... transparentes...

TE1: nem por isso

AL: nem eram apresentadas nas assembleias e não sei quê...

TE1: eram, isso eram, mas...

TE1: então não é? Eu já te disse, esta é a zona mais espectacular a seguir à Albergaria se não for melhor do que a Albergaria

AL: (RISOS) é lindíssimo é

TE1: estás a ver lá adiante?

AL: sim, o que é?

TE1: uma espécie de umas pedras e um buraco

AL: ah, sim, é uma? Um abrigo?

TE1: é um abrigo do pastor dos da Ermida

AL: pois ali o curral já é mais dificultado, já não é tão plano

TE1: é, é uma zona mais pobre mas era ali que eles dormiam também e era por ali que o gado ficava

AL: esta zona aqui é

TE1: esta zona é espectacular

AL: pois é... tem nome?

TE1: ali chamam-lhe Viseu

AL: como?

TE1: Viseu. Estamos tão longe mas não sei porquê chama-se Viseu... e aqui chama-se Espeto

AL: Espeto?

TE1: sim

AL: ok

E isto está inserido naquele trilho que vocês estão a limpar não é?

TE1: é, olha, passa ali

AL: e parte de onde? Da Ermida?

TE1: é, lá da frente de onde tu vês aquilo

AL: lá é a ermida?

TE1: lá é a Ermida, estás a ver ali um caminho, estás a ver 2 caminhos, um longo lá por cima e um mais curto, o mais curto é o trilho que os pastores passam até aqui, por aqui, por aqui e lá para a serra, os do gado caprino

AL: e estão a aproveitar os dos pastores para fazer o

TE1: os do gado caprino usam este trilho praticamente muitas vezes por semana

AL: ok

TE1: assim como outros noutra zona

AL: ok... aquilo já é tudo fora do parque não é?

TE1: já

AL: ali está uma pedreira já viu?

TE1: lá é onde se está a abastecer as obras da barragem de Salamonde

AL: ah, ok

TE1: portanto esse monte que tem pinhal, tem o rio, tem a barragem, de lá para lá já é outro concelho, já é, já não tem nada a ver com o parque. E lá o que tu vês com as antenas é a Serra da Cabreira

AL: ah, por acaso li o trabalho de uma rapariga que fez a tese de doutoramento sobre os baldios da serra da Cabreira, sobre os baldios não, sobre a floresta, e também dos baldios

TE1: ? tudo, porque eles queimaram tudo, olha para lá

AL: foi da história, não foi de agora. Sim, agora não tem nada de facto... deste lado, não sei como é que é do outro lado

TE1: eu lembra-me, estás a ver onde está a escombreira? Grande parte daquela área da escombreira para baixo, lembro-me eu de estar cheia de pinheiros, como estes ali

AL: sim, exacto, o estudo dela focava precisamente a entrada da floresta no Estado Novo na Serra da Cabreira e pronto, e depois falava da gestão da floresta, eu não li tudo, mas foi de facto a primeira vez que ouvi falar da serra da Cabreira. A sério, aquilo era tudo pinheiro? E ardeu todo?

TE1: tudo, tudo

AL: recentemente ou?

TE1: desde que eu me lembra para cá... lembro-me daquilo ser pinhais pequenos, não digo até lá ao cimo da pedra mas mais abaixo [continua a explicação]. Ultimamente... ultimamente isso arde de ano para ano mas... tanto essa aí, como a outra mais alta, mas muitas vezes

AL: e agora com as eólicas também não sei se não terão mandado algumas abaixo, não sei... como que é que a construção, fazem estradas não é

TE1: é, o que eles querem é, não sei se é 50 metros em volta delas

AL: pois, e imagino que enquanto estão a construir precisem se estradas então devem mandar umas quantas abaixo, mas não justifica todo aquele rapanço, não é

TE1: aquilo é tudo fogo posto, é uma selvajaria deus me livre

AL: pois

TE1: lá também tem baldios mas ninguém quer saber daquilo para nada estás a perceber? Todas aquelas zonas têm... são afectas a algum dos lugares, ou a Salamonde, ou aqueles lugares a seguir, não sei como é

AL: eles ali não devem ter ITI, lá está

TE1: possivelmente não, porque as ITI eram um complemento mais dentro do PNPG e também aquelas zonas mais próximas também tinham algum apoio, não sei que nome é que eles lhe davam

AL: ah, a REDE NATURA não é?

TE1: é, é

AL: sim, sim, a rede natura também tem. Mas acho que a Serra da Estrela também teve, mas já me disseram que aquilo não teve grande sucesso

TE1: claro que não

AL: mas... por acaso quero lá ir

TE1: não teve sucesso porque é assim, é preciso gostar do sítio, é preciso ser uma pessoa que conheça que tenha gosto por aquilo, senão não adianta coisa nenhuma

TE1: olha aí a tal arvorezinha muito querida

AL: ah, a tal australis

TE1: sim, olha para isto [mostra a semente], nem a martelo consegues quebrar assim a

AL: pois, e o fogo vem e ela faz PUC

TE1: estás a ver? Não há bicho nenhum que coma isso

Rio Caldo: TR1

AL: pois... e outro tipo de rendimentos que tenham no baldio, floresta...

TR1: floresta, temos floresta, participamos, somos... uma parte do baldio a cogestão é dos SF, o ICNF

AL: ah, estão em cogestão com os SF

TR1: sim, e outra parte não, é do baldio só, só nossa mesmo sem cogestão nenhuma, e temos com o ICNF outra parte

AL: e como é que separaram essas... porque é que foi feita essa separação? Ou com que base...

TR1: porque isto já vem de há muito tempo, que é o perímetro da Abadia

AL: o perímetro florestal...

TR1: da Abadia, que é englobado no nosso baldio, também que é desta parte, esta parte é PN, não temos a cogestão do Parque, é totalmente feito só da nossa parte

AL: e fazem gestões diferentes?

TR1: não, não fazemos coisa, porque nós por exemplo, quando é para vender lotes, quando temos madeira para vender, depois vem tudo para... vem tudo para a mesma conta não é

AL: mas têm de dar 40% ao Estado

TR1: temos que dar 40% ao Estado, claro

AL: mas se for daquele lado à partida não teriam que dar

TR1: não temos de dar nada

AL: e não dão, ou dão?

TR1: não, não, não

AL: este é o vosso baldio já?

TR1: este é o baldio do cons... é mesmo da freguesia, para aquela encosta ali, a encosta da Abadia que é a cogestão com o perímetro florestal, onde fizemos [*levanta-se, e eu vou atrás, e vai-me mostrar melhor na paisagem o que quer dizer*]. Nesta encosta daqui é a encosta da Abadia e a encosta dali que é o baldio em cogestão com a freguesia

AL: e vai lá até aquele monte ao fundo não?

TR1: não, ali já é Freitas, também têm um baldio

AL: pois, já está fora do perímetro do parque

TR1: da nossa freguesia

AL: e do perímetro do Parque também, não está?

TR1: sim, sim, sim, porque o perímetro do parque é com a nossa freguesia. Daquele lado... onde fizemos a plantação de 7000 árvores é acolá, acolá é que é o miradouro de São Bento, naquele piquinho ali

AL: mas é aquelas árvores ali, aqueles carvalhos

TR1: não, não, não, ali foi onde ardeu. Está a ver aquelas árvores sozinhas ali

AL: sim

TR1: fica naquela encosta ali, fica ali mesmo, ali é o miradouro de São Bento, é uma zona muito bonita, você anda a pé?

AL: gosto, gosto

TR1: deixa o carro em São Bento, sobe um trilho que vai ter lá ao alto, tem lá uma zona mais que magnífica, se subir esta encosta toda por aí é toda o perímetro da Abadia

AL: ok, ok. E a florestação que faz é basicamente toda de autóctones, de carvalhos, ou fizeram também

TR1: carvalhos, fizemos de pinheiros, também alguns, fizemos na outra parte dali. E agora estamos à espera que surja aí um... que nós queremos reflorestar tudo

AL: o pinheiro foi o pinheiro bravo? Foi muita área?

TR1: foi, foi... mas ardeu-nos muita área

AL: ardeu e depois reflorestaram essa área ardida, foi isso?

TR1: esta foi. O que reflorestámos foi

AL: quanta área para aí é que reflorestaram?

TR1: uuuh, sete... e quatro onze, onze para aí... doze hectares

AL: isso já foi há muito tempo?

TR1: um ainda foi este ano, acabou este ano. Aquele já tem dois anos, fizemos outro mais abaixo que já tem para aí 4 anos, mas esse como não vedámos... onde não se veda é complicado, vem o gado passa por lá e rebenta com aquilo tudo

TR1: lugares... mas já agora, quantos lugares temos [pergunta a um outro senhor da Junta que está presente]

S2: uma data deles.

TR1: Eu disse sete à toa, há bocado disse 12

S2: são 19 acho eu

AL: disse sete (RISOS)

S2: é um bom presidente da Junta não haja dúvida

AL: sim, está a par

S2: não, e é capaz de ter razão porque há alguns que não estão registados, exacto, e depois há mais lugares que as pessoas dão nomes mas que não é um lugar

TR1: é só tem uma casa ou duas, é como Sá... e o Chamado é o quê? Também é um lugar?

S2: o Chamado não é... mas Sá é, Sá é 026, mas Chamado não é

TR1: e o Assento é tudo ali à beira, está a perceber? O Assento À beira da igreja engloba ali 4 ou 5 lugarzitos pequenitos

AL: mas cada um desses também tinha baldio antes?

TR1: não, os baldios aqui eram Monte da Igreja, porque eu conheço, Monte da Igreja, Monte de Paredes, Monte de Paredes não porque... quer-se dizer é Monte de Paredes só que é Monte aforado. Monte de Parada, Monte da Seara e da Corjeira, e da Granja talvez, não?

AL: sim, diga-me só, podia-me dizer qual é a área do baldio? Vocês sabem qual é?

TR1: a área do baldio, nós temos um baldio muita grande

AL: (RISOS) mas não faz ideia qual é a área... mas mais ou menos, eu não preciso de saber ao metro

TR1: (para o S2) nós não temos a área total do baldio pois não?

S2: naqueles

TR1: aqui não, só de pastoreio

[começa a haver alguma discussão sobre a grandeza da área do baldio, onde está a informação, e de como eu posso ligar-lhe noutro dia para obter essa informação. Depois de duas tentativas, fizeram-se as adições das áreas que estavam definidas para pastagem para cada produtor usufruir dos subsídios, o que iria perfazer a área total do baldio... deu 1390 hectares]

TR1: deve ser. Não, deve ser muito mais, repare uma coisa, nós tínhamos 600 e tal hectares de pastoreio, para termos 600 e tal hectares de pastoreio

AL: não mas isto dá quase 1400 hectares... mas eu acho que há metros quadrados que ficaram pelo caminho numa conta que eu fiz ali qualquer confusão, mas mesmo assim será nesta ordem ou acha que passa para os 2000?

TR1: não sei, talvez seja isso

AL: a única coisa em que eu me enganei foi que às tantas fiz uma conta que eu carreguei outra vez no somar e eu acho que ele somou outra vez, e depois carreguei outra vez e ele ainda somou outra vez, como se fosse 3 vezes aquilo e eu aí dividi por 3 e achei que ia ficar bonito, mas pareceu-me um número muito pequeno, por isso não tenho a certeza, mas há-de ser qualquer coisa deste género. Mas pronto, se entretanto souber melhor, eu ainda lhe ligo um dia a dar-lhe...

TR1: a notícia

AL: é só para ter uma ideia, não é... ah, e eu vi ali que a área aqui da freguesia é de 1395 hectares, portanto faz sentido

TR1: mil?

AL: eu vi, não sei se é isso que quer dizer, estes números aqui

[saio para fora da sala para mostrar o poster onde isso estava escrito]

TR1: isto está?

AL: em 2005 ainda eram considerados... isto é da freguesia não é?

TR1: é... não, não é só da freguesia, isto é das freguesias

AL: sim, sim, sim, mas no seu caso que é Rio Caldo é 1395, portanto até faz sentido que sejam 1390 hectares de baldio, o que é que acha?

TR1: é capaz.... É capaz

AL: não pode ser mais pelo menos (RISOS). Se é que se está a incluir aqui a área de baldio, mas acho que está não é

[vemos no mapa a freguesia de Rio Caldo...]

TR1: Rio Caldo é aqui

AL: e inclui baldio não inclui?

TR1: sim

AL: então é isso, não é de todo estranho que sejam 1390 hectares de baldio. Não acha? O baldio é isto tudo?

TR1: não, essa parte por aqui fora e depois isto aqui, não é tudo

AL: isto já é perímetro florestal?

TR1: sim. E Valdosende, deixa-me ver... 1800 hectares, isto está errado, Valdosende é mais pequeno que nós

AL: aah. Bom, se calhar entretanto... já passaram dez anos

TR1: Campo do Gerês... 6000, eles recebem uma pipa de massa

Vilar da Veiga: TV1

AL: [...] para já, gostava de saber mais ou menos a área do baldio aqui de Vilar da Veiga

TV1: portanto a área do baldio de Vilar da Veiga são, portanto dos compartes de Vilar da Veiga são... 1650 hectares. Portanto isto foi um baldio que foi dividido há uns anos, portanto que era juntamente com o baldio da Ermida, fazia portanto o dobro não é, portanto que foi depois dividido entre... portanto, que foi dividido entre os dois, portanto em gestão, tem gestões diferentes. Esta, portanto, esta área do baldio é efectivamente do lugar de Vilar da Veiga, portanto Vilar da Veiga é a freguesia, em que depois tem o lugar da Ermida, portanto desta freguesia faz parte o lugar da Ermida e do Gerês, que também pertence à freguesia de Vilar da Veiga, e em que os compartes, estes 1650 hectares são apenas da freguesia, do lugar da freguesia de Vilar da Veiga. Portanto o Gerês não tem baldio e a Ermida tem um baldio correspondente ao de Vilar da Veiga

AL: o Gerês nunca teve?

TV1: o Gerês teve, na altura dos Serviços Florestais, tinha, enfim, tinha a... que era da zona da floresta, e que na altura, portanto, a floresta... ou seja, a Câmara passou para a floresta a parte que lhe cabia, a parte do baldio, ou seja, em vez de a Junta... portanto, ou seja, a Câmara... que na altura os terrenos estavam todos na Câmara

AL: ai estavam na mão da Câmara...

TV1: da Câmara, e estão todos ainda hoje, ainda hoje... portanto os terrenos de Vilar da Veiga e Ermida do baldio já estão registados em nome do CD dos... dos dois CD. O resto da área do terreno que está em nome do... que é da floresta, do ICNF, ainda está em nome da Câmara, todo esse terreno. Toda essa área, muita área, ainda está em nome da...

AL: mas quem é que passou para a Câmara? Foram os SF?

TV1: é assim, os serviços florestais, nunca passaram pela mão dos SF, ou seja, isto era tudo comunitário, na altura os SF, isto em 1920, por aí, portanto quiseram tomar de conta de todo o território, portanto foram enfrentar, tiveram frentes, e neste caso de Vilar da Veiga que não aceitaram e não deixaram de nenhuma forma, sendo que correu a tribunais e Procuradoria-Geral da República e isso tudo que deu razão realmente aos compartes, às pessoas de Vilar da Veiga, sobre essa área. Portanto a área... sobre essa área sobre a que foi resgatada, que ficou impedida... que foi portanto desde 1650 de Vilar da Veiga e outro tanto da Ermida. A outra parte do Gerês... como aqui em Vilar da Veiga era lá muito alto, também não lhe interessava muito, portanto... na altura o povo do Gerês também não se interessou muito e aquilo passou para... e também não havia habitantes, na altura o Gerês também não tinha... em 1930, coisa parecida, também não tinha habitantes nenhuns, havia só as termas não é, aquilo era.... É quase... portanto, não sei se sabe, a barragem era... esta barragem de Caniçada, havia portanto... a aldeia era lá em baixo também, tal como Vilarinho e... portanto na altura as pessoas não quiseram... na altura as pessoas acharam que esta área que reivindicavam pela força, portanto esta e que é da Ermida e que a tem até hoje, e portanto e que foi através da força, e depois dos tribunais, reivindicada para estes povos. A parte lá para o Gerês como não havia então habitantes, mas já havia esta estância termal onde as pessoas vinham, sei lá... quase como o papa Ratzinger que está lá na sua zona dele recolhido, as pessoas também vinham para aqui tomar as águas e estavam aqui nestas zonas... mas portanto as

peças não quiseram e ficou assim. Entretanto desde sempre, portanto isto pertence aqui a esta região, sendo que era a Câmara... a Câmara deu à floresta, portanto cedeu à floresta toda aquela área menos aquela que o povo quis para eles não é. E portanto depois essas áreas ainda continuam todas não é, em nome da Câmara

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] o nosso parcelário, lá em cima cada terreno tem que ser... é o chamado parcelário, é um sistema de registo a nível nacional, onde constam as propriedades, está muito bem delimitado, com as áreas todas, nós temos uns 1700 e tal hectares [...] quase 1800... número redondo são 2000 hectares, mas são 1700 e tal, quase 1800.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: pois. Pronto, e relativamente ao baldio, ele é dividido por x pessoas, por x aldeias, ou lugares

MeC1: sim

AL: e qual é a área total mais ou menos?

MeC1: seis mil e tal hectares

AL: pois... e lobos há? Não...

MeC1: há, há

AL: há? É frequente?

MeC1: é... eu penso que... eu já vai uns anos que não vejo, mas há bastantes lobos

AL: mas não chega a criar grandes conflitos com os produtores, ou chega?

MeC1: ultimamente não tem havido por acaso, mas [? passa alguém que faz barulho e não percebo o que diz]. É inevitável...

AL: pois... e o ICNF tem sido assíduo?

MeC1: acho que sim, acho que tem pago o ... até houve uma altura que pelos vistos pagava demais (RISOS)

AL: aí é? Mais do que o subsídio?

MeC1: o mesmo animal dava para dois ou três autos

AL: ah, também já ouvi falar dessa manha

MeC1: agora acho que não, agora acho que já não

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: A cachena terá sido uma variante da barrosã... a cachena é originária ali de baixo, destas serras, dessas serranias aí da Peneda e tal... são zonas muito escarpadas, com forte declive e pastos pobres e então a cachena provavelmente terá evoluído um bocadinho para algo mais pequeno, membros mais finos, mais esganado o pescoço, focinho mais comprido e tal, para ela conseguir ir buscar a... a sítios mais

AL: pois, pois... e movimentar-se não é, se for muito pesada se calhar não consegue aguentar grandes declives

MeC2: poderá ser assim... poderá ser... não sou ninguém para...

E foi nessa altura que entrou a floresta aqui também não é? Nos anos 30, 40 não?

MeC2: para aí 40, 40 e tal, deu aqui um abanão

AL: qual é que foi o nível do abanão aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não posso... não posso...

AL: mas houve resistência da parte da população?

MeC2: naquela altura as pessoas não podiam resistir... não é?

AL: pois... silenciosamente podiam, tipo queimar as árvores

MeC2: hmm, as pessoas também não podiam queimar, não podiam queimar muito porque naquele tempo se queimassem muito estavam desgraçados porque nós estamos... está a ver isto, isto está tudo abandonado não é, hoje quase não consegue distinguir o que é a zona do baldio do que é a zona do privado. Mas isto há para aí... sei lá, há 40 anos para trás, a zona privada estava altamente aproveitada e tal, e as pessoas dependiam muito do baldio e não se podia, não podiam queimar assim a torto e a direito, depois ficavam sem pasto, ficavam muito aflitas, ficavam sem pasto e ficavam também sem mato para fazer as camas dos animais e para o estrume, o estrume naquela altura era muito importante, o mato das camas para fazer o estrume era de uma importância extraordinária. Eu tenho 50 anos e recordo-me, é do meu tempo de proteger os campos de mato, as propriedades de mato, dos incêndios, por causa de terem de facto mato para fazerem as camas aos animais. Mas há muito pouco tempo, um terreno de mato, de tojo não é, era tão valioso como um terreno de cultivo

AL: que curioso

MeC2: era... era isso era, mas e há muito pouco tempo um terreno de mato que tinha tojo era tão valioso como um terreno que produzisse batatas ou centeio ou assim

AL: pois, eu sabia que eles usavam o mato, não sabia que era que era assim tão imprescindível

MeC2: era, era... o estrume aqui neste solo, são solos pobres, não é, solos arenosos, solos pobres, e se as terras de cultivo não forem devidamente estrumadas, a produtividade diminui consideravelmente não é, é essa a razão para

AL: mesmo as zonas dos vales não são boas

MeC2: vale... epa, não há assim muitas zonas de vale, há mais umas zonas de várzea, assim tipo aluviosolos, são mais ou menos, mais frescas mas não são assim também tão

AL: então é mesmo muito importante adicionar estrume

MeC2: muito importante fazer estrumação, muito importante mesmo, senão a produtividade caía brutalmente

AL: pois... e isto estava cheio de animais nesse tempo provavelmente...

MeC2: sim, aqui... já não é do meu tempo não é, mas antes havia as vezeiras, das cabras, das vacas

MeC2: ah, mas as vezeiras das vacas, as vezeiras das vacas não sei se haverá, naquele tempo Vilarinho das Furnas... Vilarinho não, a Ermida tinha a vezeira das vacas e tinha a vezeira das cabras, e a vezeira das ovelhas, cada uma funcionava... a vezeira das vacas só funcionava no verão por exemplo

AL: a das vacas?

MeC2: sim, não funcionava todo o ano

AL: pois, e depois no inverno punham nas cortes

MeC2: a vezeira das cabras funcionava quase todo o ano, embora no inverno houvesse muitos períodos que ela, que não se formava a vezeira, e a das ovelhas também

AL: teve algum tempo não? Na Ermida

MeC2: estive, ainda fui lá um par de vezes

AL: é engraçado não se ter focado aqui na... sei lá, nas brandas e não sei quê

MeC2: aqui não havia nada, naquele momento já estava tudo

AL: ah, é verdade

MeC2: já estava completamente descaracterizado

AL: já não se via aquela dinâmica das brandas e das inverneiras

MeC2: não, ainda havia, as pessoas ainda mudavam não é, naquele tempo ainda mudavam, mas pronto já estava descaracterizada, isto foi em 1988, 87, já estava a ficar

AL: e depois quando lá, agora relativamente aqui mais aos baldios, houve a tal florestação dos baldios, não sei, pelos vistos aqui o impacto da floresta não foi tão grande assim...

MeC2: não me parece que tenha sido

AL: hoje em dia ainda há floresta neste baldio?

MeC2: olhe, aqueles pinheiros que estão acolá são os poucos que restam, aqueles pinheiros têm seguramente 60 a 70 anos

AL: são tão pouquinhos

MeC2: são os poucos que restam, há ali por baixo mais alguns. Esta zona aqui onde estamos, aqui é muito alto, é uma altitude de 1100 metros, isto é muito frio

MeC2: ah, sim, eu aqui no inverno já apanhei 9º negativos, também não é assim nada de...

AL: há pior, mas ... lá está, eu entre invernos lisboetas que são só molhados, desconfortáveis, mexem com a nossa vida, aqui ao menos neva, é um inverno a sério, não é aquela coisa de ser só chato...

MeC2: aqui também chove

AL: pois

MeC2: o Gerês fica acolá abaixo, e esta bacia que vai daqui até lá ao Gerês, é a zona onde chove mais do nosso país, 3000 mm/m², é o dobro do que chove lá em baixo, a gente aqui só sabe quando começa a chover, nunca sabe quando acaba, pode estar 3 meses consecutivos a chover com morrinha ou assim. Já temos tido anos de 6 meses sem ver o sol

AL: vocês aqui que área é que têm, forrageira?

MeC2: de baldio?

AL: sim, área forrageira do baldio

MeC2: hmm, deve andar à volta de 6000 hectares

AL: bolas! 6000 hectares só de área forrageira? Aquela que concorreu às ITI?

MeC2: de pastagem, às ITI não se concorreu com essa área toda porque não havia condições para concorrer com a área toda. Ainda para mais, este ano também houve... o IFAP cortou muita área portanto não... nós de área considerada para concorrer às ITI, opa, eu não queria dar um número, mas andaria sobre os 4000 e tal hectares de área possível de candidatar. A área com condições de candidatar, por causa do encabeçamento, andaria na casa dos 3700 hectares

AL: pois... até onde é que vai o baldio de Castro Laboreiro?

MeC2: epa, isso agora... não, não dá para ver... é muito lá para baixo [fala-se da paisagem e de uma aldeia que eu aponto e MeC2 diz que a aldeia tem ...] aquela aldeia tem ora 1, 2, 3, 4, 5, 6,... 8 pessoas ali a viver lá, a mais nova tem 72 ou 73 anos. Dessas 8 pessoas 6 vivem sozinhas e duas, é um casal, tem 70 e tal anos cada um ou que é...

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: e a área do baldio é mais ou menos quanta?

MeL1: a área? Os hectares?

AL: sim, se souber assim por alto

MeL1: 379.14

AL: ok, não sabe por alto, sabe mesmo a sério

[RISOS]

MeL1: porque tínhamos 1500 e tal, mas agora tiraram-nos, por exemplo 900 hectares são parte do PNPG, que é da estrada para lá, e da parte daqui eram 600 e qualquer coisa. Mas agora reduziram, que só vão aceitar para pastagem, tiraram os penedos, foram logo metade embora, mais de metade. Tiraram as árvores, só ficou o que é pastoreio não é... ficaram 379,14

AL: para pastagens. E ao todo, para além das pastagens, são os tais mil e tal?

MeL1: 1500 e tal, só que eu não me recordo bem

MeL2: com os do parque

AL: e vocês fazem separação da área que está no parque da área que está fora? Na gestão

MeL1: não, não, acho que não... a gestão eu não a fiz ainda

AL: não, tipo, se o tipo de receitas que... sei lá, por exemplo, a floresta. Se usam a floresta da mesma maneira dentro do parque e fora do parque

MeL2: praticamente a floresta que temos é dentro do Parque toda

MeL3: fora não há floresta

AL: fora é mais para pastagem é isso?

MeL1: só temos rosmaninho

MeL2: temos carvalho, temos o videiro, o pinheiro não... sim, mas isto é tudo propriedades privadas

AL: deste lado do baldio?

MeL2: do baldio daqui da

AL: aí é propriedade privada? Foram cedidas partes do baldio às pessoas é isso?

MeL2: não, está tudo incluído no baldio, não é, quero eu dizer que a floresta que temos do lado daqui, carvalhos e videiro, é tudo propriedades privadas, não tem nada a ver

AL: ah, ok. Não está na área do baldio, está nas áreas privadas. E lá é que tem o pinheiro, na zona do parque

MeL2: sim, desse lado é mais o pinheiro

AL: e ainda vem daqueles tempos da floresta em que o Estado plantou isto tudo ou foram vocês já que plantaram?

MeL1: não, não, isso foi já do tempo do Salazar

AL: e vocês reflorestam, ou aquilo nasce sozinho?

MeL1: não... para quê se daqui por 2 ou 3 anos queima tudo, olhe para aquela parte, tinha lá pinheiros grandes e não se vê lá nenhum sequer. Está para aí um ou dois que escaparam, não sei como tal

MeL2: mas eles vêm outra vez

AL: eles regeneram naturalmente não é

MeL1: em princípio sim

AL: pois... mas vocês conseguem tirar receitas da floresta? Cortar madeira, vender

MeL1: quando há venda do pinheiro, temos

MeL3: temos nós e o parque

AL: ah, eles também levam

MeL3: também leva uma percentagem o parque

MeL1: 40 euros e nós 60

AL: ah, vocês estão em cogestão com o parque não é?

MeL3: é, é, e quando se faz venda de pinheiros e essas coisas, é tudo em conjunto com o parque, e outras coisas... e outras coisas

AL: como por exemplo?

MeL2: candidaturas para ajudas, e essas coisas, muita coisa em conjunto com eles

Uso da área do baldio

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: vamos passar já aqui por um trabalho que os sapadores andaram a fazer, porque os sapadores

AL: sim... isto já é baldio portanto...

MCa1: tudo, é a maior parte... fizemos aqui estas intervenções junto às aldeias para criar aqui um perímetro de segurança por causa dos incêndios... esta parte aqui é particular, não fizemos a limpeza porque é particular...

AL: E o que é que têm aqui dentro, têm floresta que conseguem explorar ou...

MCa1: sim, basicamente o pinhal, o pinhal é a única floresta que se explora em termos financeiros. De resto o carvalhal, não se toca no carvalhal, até porque só em momentos excepcionais é que o ICN deixa cortar carvalhos, com um diâmetro superior a 30 cm.

AL: por exemplo houve aí um baldio, acho que em Sezelhe, que falava que quando se faz a limpeza dos carvalhais, que utilizam para as pessoas se aquecerem em casa

MCa1: ah, sim, sim, sim. Quando falou em produção de energia nem me estava a lembrar...

AL: ah, não, exacto, para se aquecerem...

MCa1: exacto sim, sim, sim. Os sobrantes... olha, vem ali um rebanho de cabras, naquele pó, está a vê-las a descer?

AL: ah, sim, sim. Mas aquilo parece uma pedreira, será?

MCa1: não, não, não.

AL: é natural aquilo? Ou é uma estrada?

MCa1: nós passámos ali, naquela estrada... e como é um terreno muito arenoso, as cabras todos os dias ali a passar vão provocando aquilo...

AL: o pinhal foi plantado por vocês ou já ca estava desde a altura da floresta...?

MCa1: temos algum, pouco, ainda plantado pelo Estado, na altura do Salazar, que em termos de floresta tinha um ordenamento muito bom...

AL: daquele tempo?

MCa1: daquele tempo e ainda hoje era óptimo que houvesse um planeamento para a floresta que ainda não existe. Passaram estes anos todos desde o 25 de abril, 41 anos, e no entanto o que se tem feito é destruir, completamente, a floresta. Ao não se preservar, ao não se limpar, ao não se cuidar dela, não há hipótese, não há a mínima hipótese, os incêndios destroem tudo

AL: mas aqui Cabril se calhar na altura não achou muita piada à floresta ou achou? Das memórias dos teus avós, ... pergunto...

MCa1: pois, se calhar houve pessoas que ficaram muito afectadas, os rebanhos principalmente, porque eles eram proibidos de ir pastorear os animais naquela zona...

AL: e cobriu muita área na altura?

MCa1: muita área, muita área!

AL: pois...

MCa1: aquela zona ali... aquele pinhal mais junto que se vê acolá...

AL: mais junto das casinhas? Sim, sim, sim

MCa1: aquele ainda foi plantado nessa altura

AL: mas vão extraindo arvores, vai-se regenerando... ou não?

MCa1: nós basicamente vamos extraindo o que arde. Não temos feito abates assim... o que é mau porque um incendio depois de passar desvaloriza para aí 80% do pinhal, é preferível ir abatendo e ir fazendo a regeneração. Porque esperar que ele arda, ele depois não vale nada

AL: pois, exacto... mas têm plantado também? Há aqui pinhais que são recentes?

MCa1: pinhal não se planta, não é preciso, ele regenera-se naturalmente, não é preciso plantar

AL: então têm plantado o quê?

MCa1: temos feito plantações de autóctones, carvalhal...

AL: isso também é incentivado lá pelos dinheiros de fora não é?

MCa1: temos feito isso um bocado com o dinheiro das ITI e em colaboração com o ICNF, temos uma boa relação...

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, qual é que é a vossa relação com o ICNF.

MCa1: temos uma boa relação e temos feito umas plantações, cada um dá a sua parte. Eles fornecem as árvores, nós fornecemos... estamos a fazer vedações individuais para cada árvore para os pastores não acharem que aquilo que lhes vai causar muito prejuízo em termos de pastoreio porque só vedamos mesmo a arvorezinha, assim uma coisinha pequena, as cabras podem pastorear na mesma ali no meio delas, não lhe tocam, e acaba por o impacto ser muito menor

AL: e essas vedaçõeszinhas são suportadas por quem? Pelo ICN?

MCa1: não, por nós

AL: isso ainda... não sei quantas arvores é que poem de cada vez mas...

MCa1: não, ainda é um investimento considerável, mas sendo o... o dinheiro vem para ser aplicado na floresta, quanto a mim é para aí que tem de ir

AL: mas tipo... só para ter uma ideia, uma área de quanto é que têm plantado?

MCa1: ainda há pouco tempo fizemos para aí dois hectares de plantação...

AL: e quando fazem aqueles planos, aqueles plurianuais que têm de fazer, já têm assim pré-definido as áreas de plantação que vão fazer cada ano e...

MCa1: nós o que temos feito é plantar em área ardida. Arde e depois fazemos a plantação, porque a regeneração é muito mais lenta, porque as sementes ardem e vêm normalmente invasoras, são as primeiras a britar. Se andar com atenção em alguns sítios que arderam, depois o que é que vem, essencialmente giestas, a semente é mais resistente, consegue resistir ao fogo e depois... é só giestas que vêm... e é uma coisa que não interessa minimamente

AL: e se por exemplo queimar um pinhal, quando vão regenerar poem carvalho ou esperam que o pinhal cresça novamente?

MCa1: não, não esperamos a regeneração do pinhal porque o pinhal ... interessa por um lado, financeiramente interessa, mas também acho que está na altura de alterar um bocado esse paradigma porque é uma resinosa e em caso de incendio arde tudo, mesmo que esteja tudo limpo, aparentemente limpo, basta ficar só a caruma do pinheiro que arde logo tudo, sobe por ele acima, pela resina, e não há hipótese. Este carvalhal que estamos aqui a ver nem que lhe cheguem fogo não arde... porque cria ali uma manta morta húmida, reserva muita humidade, e o incendio quase não faz mal, um carvalhal se for denso não tem problema nenhum.

AL: e por exemplo, se vocês deixassem de ter pinhal e deixassem de poder explorar o pinhal financeiramente. Como é que o baldio sobrevivia? Era com as ITI ou?

MCa1: sim... nós recebemos uma verba para a manutenção das equipas de sapadores, de 35000 euros anuais e o resto, nós gastamos cerca de 70000 euros com a equipa, todos os gastos, com combustíveis, com...

AL: já a contar com os trabalhos que têm de fazer para as ITI é isso?

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois... e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira??

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente inoportuno, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao baco acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque e...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nós temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

MCa1: olha as cabras

AL: estas não estão sozinhas ou estão? Pelo menos estão para ali cães...

MCa1: não, vem lá o pastor

AL: vocês controlam quem é que ainda aí a pastar ou...

MCa1: sim, sim, sim, claro. Até porque as pessoas que vêm aqui está tudo registado, nós sabemos quantos animais é que existem no baldio, a pastorear no baldio, qualquer tipo de animal, cabra, cavalo, vaca, seja o que for, até porque agora para as declarações para os subsídios temos de saber quantos animais que cada pastor tem. Sabemos perfeitamente quantos... mas também podem chegar raí e descarregar uma vaca ou duas e eu não sei de quem é, não é... se é daqui ou não, não têm matrícula (RISOS).

AL: exacto!

MCa1: não sei bem se será daqui, se será do lado de lá, sei lá... não é...

AL: e se acontecer isso assim e tu perceberes que são de outro lado, há problema ou...

MCa1: têm de tirar os animais, porque os usos e costumes têm de ser mantidos... não é...

AL: pois, exacto... e essas pessoas à partida terão o seu baldio...

MCa1: exactamente, cada um tem a sua área para pastagem. Se bem que aqui os de Ruivães, os de Ferral, têm direitos de pastagem do nosso lado no verão... na altura da vezeira a nossa vezeira ia à frente e a deles ia atrás, a descer a deles descia à frente e a nossa descia atrás...

AL: aaah, vocês comiam o melhor que havia e eles vinham depois... pois, mas é isso, o baldio é daqui

MCa1: ah pois... para um comer a carne o outro tem de comer os ossos, não podem todos comer a carne

AL: mas eles também têm pastagens lá, não têm?

MCa1: têm, têm. Porque isto antes em termos administrativos Ruivães era sede de concelho e nós fazíamos parte de Ruivães, antes de existir a barragem. Muito antes... existia só um rio, o Rio Caldo que é um rio que praticamente traz pouquinha água

AL: ok, então esta barragem é sobre o rio Caldo...

MCa1: deste lado, encaixado na encosta Este, aí no fundo... e aqui é o rio Cabril

AL: estas propriedades particulares no baldio vêm de há tempos e tempos atrás não é?

MCa1: exactamente, sim, sim, sim. Isso chegou a uma altura em que houve necessidade de dinheiro, há muitos anos atrás, e foram vendendo propriedades a quem as queria comprar. Delimitavam um pedaço de terreno e vendiam. E as pessoas compravam...

AL: há muito tempo não é? Porque na lei de 1993 eles já dizem que não...

MCa1: não, não! Há muito, muito, há 80-100 anos

AL: pois, isto já vem dos teus avós

MCa1: muito lá para trás

AL: esta casinha... quando é que achas que isto vai estar pronto?

MCa1: epa, isso aí é uma pergunta...

AL: Há quanto tempo é que começaste a construir?

MCa1: há 4 anos

AL: mas tens várias... para além destas colmeias tens noutros sítios também?

MCa1: eu tenho 600 colmeias!

AL: fogo! Ok, pronto, que ingenuidade minha

MCa1: olha vês é essa a água toda que vem... do regadio

AL: ah, do regadio. Pensei que era a do... mas também é a mesma do moinho não?

MCa1: é a mesma, antes de chegar aqui passa se quiserem pelo moinho

AL: se quiserem, pois está bem... e como é que se direcciona aí a água do moinho?

MCa1: tem umas torvas que se viram para um lado ou para o outro, de acordo com...

AL: Está bem, e neste momento estão viradas para o regadio

MCa1: sim, para os terrenos

[entramos no carro]

AL: então agora só mais uma pergunta assim parva...

MCa1: pergunta as que quiseres

AL: então, a água chega ali àquela espécie de piscina, não é, àquele tanque, e acumula-se lá não é? Que é a mesma água não é...

MCa1: exactamente!

AL: e esta água vem do tanque?

MCa1: vem, é a que cai dentro do tanque

AL: ah, ok.

MCa1: depois fora do tanque tem um sítio que nós chamamos de talheiros, um talheiro é onde se... põe-se aqui a tábua e a água vai para aqui, põe-se a tábua aqui e a água vai para a frente, percebe? É um cruzamento... em que viras a água de acordo com..., se vai para a frente vai para os terrenos de acolá, vai por cima, se vier para aqui vem para baixo, entendes?

AL: ah, ok. E neste momento vai para aqui porque alguém decidiu que dava jeito...

MCa1: não, porque é desse herdeiro, é desse senhor, a água é direccionada cada um para o seu terreno. E tens um número de horas para cada terreno, percebes? É 12 horas, ou não sei quê para o terreno x e vira-la para lá... percebes?

AL: a água aqui não escasseia ou? Pelo menos agora ainda...

MCa1: não! E agora depois desta obra não escasseia facilmente

AL: portanto essa questão das horas é mesmo porque não é possível não estar a água em muitos lados ao mesmo tempo, não é por uma questão de poupar ou ...

MCa1: não é por uma questão de poupar... não, não, não. Aquele terreno tem x horas de água, aquele outro tem x horas de água, tem a ver depois do tamanho do terreno, da necessidade de ele ter. isto já está partida, a água já está partida há muitos anos

AL: está partida... engraçado

MCa1: partida entre os herdeiros

AL: chamam-lhe herdeiros, herdeiros porquê?

MCa1: ainda são herdeiros porque a água é uma propriedade e os herdeiros daquela água... que são as pessoas que usam

AL: que é a malta da aldeia toda...

MCa1: pode não ser a malta da aldeia toda

AL: são as pessoas que precisam da água...

MCa1: que têm os terrenos para serem regados

AL: ok... os herdeiros... está bem. Enfim, tenho um manancial de perguntas na cabeça e quando preciso delas perco-as (RISOS)

MCa1: se te lembrares de alguma importante podes-me telefonar

AL: ah, sim! Não, e eu ainda quero voltar aí um dia qualquer

MCa1: está bem. Vamos lá acima, noutro dia vamos lá acima...

AL: sim. Eu já percebi que tens a vida um bocadinho complicada em termos de... por isso se calhar mais vale dizeres tu um dia que te dê jeito. Eu agora desta vez estou ca até 5a aqui na zona. E depois tenho de ir a Lisboa, a minha mãe faz anos. Eu até queria ir àquela actividade que eles organizam em Fafião... de 4 a 6 de junho mas... mas isto para dizer que vou sempre voltando ca para cima, tanto pode ser até 5a desta vez ou numa próxima que volte, não sei o que é que tu... eu agora até 5a já tenho mais ou menos os dias cheios

MCa1: pronto, então vai-me ligando que eu também nunca sei o que é que eu vou fazer amanhã

AL: está bem. O que é aquilo?

MCa1: aquilo era uma barraquinha para o pastor se abrigar, das cabras, portanto quando andam aí com as cabras e metem-se ali...

AL: e foi ele que...

MCa1: escavaram aquilo na pedra...

AL: aí estão elas... pois andam aí à vontade

MCa1: isto é importantíssimo. A cabra come tojo, é aquele que pica, a cabra é o único animal que come o tojo

MCa1: este velhote tem 80 e tal anos

AL: e há-de ser de uma destas aldeias...

MCa1: é de São Lourenço

MCa1: então patrão? A vida? Estás bom?

S: tem de ser assim

MCa1: quantas tens agora?

S: poucas, algumas 52, mas ainda são demais

MCa1: são demais?... também, diz que ou 100 ou sem elas

S: não, mas isso, não conta isso. Conta mas é os anos que já...

MCa1: os passos que tens de dar com 50 eras os mesmos que davas com 100

S: não, mas não, isso era se eu tivesse menos de 20 anos

MCa1: quantos anos tens? 86?

S: 84

MCa1: vê aqui um exemplar de homem que com esta idade ainda anda aí todos os dias para trás e para a frente

S: mas olha que parte desses podiam andar melhor do que eu, novos, há aí malta nova

MCa1: não, esses é que não mexem uma palha

S: não querem!

MCa1: pois, lá está, e um trabalho...

AL: tramado!

MCa1: nesta altura até é uma maravilha, até se podem bronzear, agora de inverno o dia todo debaixo de chuva

S: não é. Eu até gosto, a chuva nem é o que me perturba. Eu custa-me mais agora o verão. No inverno a gente anda pouco tempo no monte

MCa1: pois, agora é muito mais horas

S: é meio-dia, a gente bota, só até 4 horas da noite, e às vezes nem 4 horas é

MCa1: também és preguiçoso

S: não, não é até 4 horas porque está a chover e vai-se para casa

MCa1: pois é... e agora os dias como são muito maiores eles...

S: agora é custoso

MCa1: mas é uma maravilha, deitas-te aí numa sombra, aí debaixo de uma pedra

S: ah pois deito e depois os lobos comem-me os animais

MCa1: é pena é... se tivesses aí uma gaja nova ao pé de ti

S: olha, nem nova nem velha. O meu tempo já passou, ouviste ou não? E foi bem doce mas agora...

(RISOS)

MCa1: mas também quem comeu não ouga

S: não, isso é verdade!

MCa1: xau!

S: até logo!]

AL: No outro dia estava a ver um documentário que na Galiza acontece um bocado... acho que as coisas são parecidas não são?

MCa1: sim

AL: com aqui em termos de baldios... então eles estavam a dizer que, estavam a entrevistar precisamente um pastor e ele dizia "eu não quero que o meu filho seja pastor, isto é muito duro e não dá rendimento nenhum"

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras

todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: da muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos quilos?

MCa1: 5 quilos, o ideal, 5-6 quilos no máximo

AL: 60 euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 euros cada um

AL. Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

AL: vocês têm caça dentro do baldio de Cabril?

MCa1: temos

AL: e é aqui dos povos da freguesia

MCa1: sim, é uma associativa de caça e só podem caçar cá os nativos

AL: ok

MCa1: não é aberta a qualquer um. Toda aquela zona de acolá e a partir do rio para lá já não se pode caçar, o parque também impôs algumas... alguns perímetros...

AL: é aquilo da protecção total, protecção parcial...? Ali é protecção total?

MCa1: não! Ali é parcial tipo I... tipo I ou II, isso agora... qual é que é a mais grave?

AL: a mais grave acho que é a tipo I

MCa1: é a I, então esta é tipo II. Do rio para cá é área de ambiente rural em que praticamente não há impedimento nenhum com nada, e de lá já há um bocadinho, mas pouco também. Depois lá em cima nas Lagoas do Maninho, onde fizemos o abrigo já é tipo I. e depois na zona dos Carris, já ouviste falar? Nas minas dos Carris, havia uma exploração mineira no tempo do volfrâmio... lá no topo da serra a 1500 metros de altitude em que a estrada de acesso era da Portela do Homem, do lado do Gerês para cá e vinha para ali. Os Carris é de Cabril, do lado de Cabril

AL: ah. E é tipo quê? Protecção...

MCa1: total!

AL: pois eu ontem andei a ler sobre isso porque me estava a fazer um bocado de confusão a questão dos eucaliptos... eu achava que em Parque era impossível fazer plantação de eucaliptos

MCa1: e é...

AL: mas só que estive a ver e, embora seja desaconselhado não há nada que diga que... mas isto é nas tais zonas de ambiente rural, que é as complementares... aí tu podes fazer plantações florestais e eles não dizem especificamente que não pode ser com eucalipto. Eles dizem que fomentam a floresta autóctone mas não dizem que não pode ser. E eu fiquei um bocado... porque o senhor Bento ali de Sezelhe dizia-me... "ai não, eu se quiser planto eucalipto"

MCa1: a sério?

AL: em Parque?? Acho isso muito estranho. Mas realmente estive a ver... bom, em zonas de protecção, seja ela parcial, seja ela total não podes mesmo, mas na complementar não vi lá nada que dissesse que não podes. Diz que podes fazer explorações florestais... e mesmo na complementar tipo II acho que também já podes

MCa1: não é essa a ideia que eu tenho.

AL: pois, eu também não tinha...

MCa1: A ideia que eu tenho é que para fazer seja que tipo de plantação for é preciso um parecer do ICNF

AL. Exacto, provavelmente aí é travado

MCa1: exactamente. Porque... pá, o meu irmão Tomás é engenheiro...

AL: é engenheiro florestal?

MCa1: sim

AL: acho que já ouvi falar do Tomás em algum lado

MCa1: e ele até é que nos dá apoio à parte da... dos sapadores, porque nós temos uma parte que é serviço público e que é marcada por ele, pelo meu irmão, pelo ICN, ou seja metade do financiamento é nosso, metade é deles, nós marcamos metade da área e eles marcam metade... eles marcam tendencialmente à volta das aldeias, para criar um perímetro de segurança

AL: e isso é o serviço público

MCa1: isso é o serviço público

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: há uma aldeia Cela e a outra é Sirvozelo

AL: pois, mas em baldio estão juntas

MCe1: estão juntas. Agora a serra tem , tem... perdido muita qualidade de fauna e de coiso porque os incêndios são consecutivos, os pequenos ruminantes diminuíram, aumentaram os fogos porque os pequenos ruminantes até aí não deixavam crescer os matos. Agora começou a ... os matos crescem muito rapidamente e as pessoas a única hipótese que têm é não chegar fogo que é para...

AL: pois... o baldio lá em Cela e Sirvozelo está em autogestão ou está em gestão partilhada com o Estado?

MCe1: está em... partilhada

AL: e funciona bem essa cogestão?

MCe1: funciona bem, ah funciona bem... mais ou menos, eles atrasam-se muito e depois para fazer os pagamentos e depois cortam e depois quando é para pagar estão para aí um ano ou dois anos a dever... para por o dinheiro, para entregar o dinheiro...

AL: do quê? Das ITI, dos sapadores?

MCe1: não, as ITI funcionam bem, nem sequer passam pelo... pelo...

AL: pelo ICN, pois era a ideia que eu tinha...

MCe1: pelo ICN

AL: então qual é o dinheiro

MCe1: eu estava a falar dos cortes de pinheiros, quando é nas madeiras... que nós temos pouco, nós a única coisa que fizemos foi aqui um corte aqui há 4 ou 5 anos,

que foi por causa daquelas obras que fizeram lá à beira da barragem, de resto é completamente arbustivo... mas há alguns que têm

AL: vocês têm para aí quanta área de pinheiro?

MCe1: ai, muito pouco... nós temos para aí meia dúzia de hectares

AL: ok... e depois como é que é? O ICN chega lá faz o corte e depois dá-vos o dinheiro, é isso?

MCe1: é... eles recebem e depois dão-nos a nossa parte

AL: que é quanto? 60?

MCe1: é 60%

AL: 60% para vocês, 40 para eles?

MCe1: sim

AL: porque é o povoamento deles?

MCe1: foram eles que... pronto, são eles que cuidam, foram eles que tomaram a iniciativa de plantar, ou de cuidar... aquele até foi espontâneo, mas pronto

AL: ai foi de regeneração natural?

MCe1: foi, de certa maneira foi, foi da EDP, quando construíram a barragem, a EDP lançou para ali [*? não se percebe*]

AL: e eles mesmo assim cobraram ...

MCe1: nós não temos quantidade suficiente para estarmos muito preocupados e assim também não temos a preocupação... por exemplo eles têm de ter a preocupação de gerir a questão da doença dos pinheiros, portanto isso não tem lucro não é... isso só dá prejuízo

AL: pois... e são eles que fazem?

MCe1: isso nesse caso são eles, fui eu que os avisei mas são eles que o estão a fazer, portanto acaba... quem tiver muita floresta compensa-lhe estar em autogestão, agora nós se calhar até não temos muito prejuízo, Fafião, Pincães... esses acho que compensa-lhes estar em autogestão. Mas nós também é simples, nós é só mandar para lá uma carta que ... fazer uma acta, mandar uma carta e...

AL: e mudar para autogestão?

MCe1: e desvinculamo-nos

AL: é? É assim fácil?

MCe1: é, agora é, porque agora a lei acho que alterou e facilitou isso

MCe1: as plantações é assim... nós hoje... nós não temos muita coisa muita... porque a nossa área para fazer floresta não é muito coisa, porque como é só penedo as máquinas não dá para trabalhar... também para plantar floresta em sítios que depois não tem hipótese de limpar também não adianta, não é... porque por exemplo, você vai plantar, ... ou para limpar manualmente, já viu o que é? Um hectare para limpar manualmente normalmente custa à volta de 1200... 1300 euros por cada hectare, onde é que isso vai ter a rentabilidade? É preciso limpar de 3 em 3 anos... acaba por comprar a floresta 3 vezes ou 4...não é? Portanto, se for num sítio que tenha... com máquinas, fica muito mais barato

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barroelas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozel

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [*? não se percebe*]

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disso deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falar muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [*?não se percebe*] e olha para a montanha do [*?não se percebe*], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [?], tem vários metros, havia de ser mais [?], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando foi das outras, havia lá um sítio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1:não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

(falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...)

MCov1:pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1:já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1:trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: qual é a vossa relação com o Parque?

MCov1:é boa

AL: é boa?

MCov1:é, porque eu era do Parque... (RISOS). Em princípio é boa...

AL: mas tem havido mais obstáculos da parte do Parque para além das eólicas na gestão do baldio?

MCov1:não, não tem assim havido muito. Há o problema do javali que já dá muitos prejuízos

AL: o javali vivo... ou seja, há demasiado javali, é isso?

MCov1:há bastantes, dão cabo dos lameiros, dão cabo do pasto ao gado e aos milhos...

AL: mas eles não... não se pode caçar javali? Achava que sim...

MCov1:não, só batidas, em batidas pode... mas há uma batida vá lá, de 2 em 2 meses... uma coisa assim mas depois chegou a um certo ponto parou, no tempo da direcção já não há. E agora já não há, agora andam eles aí à vontade a dar cabo dos lameiros, e depois ao vir os milhos andam em cima dos milhos. Tem de andar o pessoal aí a guardá-los se não dão cabo de tudo

AL: por acaso achava que o javali era possível caçar... achava que era introduzido para isso mesmo, também...

MCov1:não, as batidas não deixam passar assim muito. Nem no tempo da caça, naqueles dias próprios para caçar... uuh podem matar algum, mas escondido, de resto não podem

AL: vocês têm aqui alguma associação de caça dentro do baldio?

MCov1:temos uma

AL: e eles pagam alguma coisa ao baldio?

MCov1:não pagam nada. Por acaso até fui eu que organizei essa associação. No princípio eu com um de Pitões andei a apanhar as assinaturas e coiso e conseguimos.

AL: também faz caça então?

MCov1:não, caçava. Agora já não, agora é mais o meu filho

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1:não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. [*? Não se entende*] para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas

AL: quantas pessoas há na aldeia?

MCov1:oh, temos para aí alguns quarenta... tudo velhos (RISOS). Há pessoas de setenta anos, de oitenta, setenta, de oitenta, setenta.

AL: pois, é complicado

MCov: nós temos o gado agora também, há pessoas que têm gado que é isso que eu estou a dizer e o meu rapaz agora já, é organizado, já tem gado, depois já pega para

o monte. Tem aqui os terrenos, agora tira o feno, sei lá como se chama lá para baixo, o feno é o pasto...

AL: feno, feno

MCov1:tem de se meter lá nos armazéns para depois no inverno... porque aqui há neve, e temos neve, chuva, muita, e depois o gado muitas vezes até não sai, fica nos currais... não pode sair. E temos de lhe dar de comer. E quando dá vai para a serra. Agora no mês de Maio já vão para a serra a maior parte

AL: há muito gado na aldeia?

MCov1:aqui só temos pouco, nós temos setenta e ... para aí setenta e quatro ou setenta e cinco; ovelhas é que temos mais para aí umas quarenta

AL: e os animais são das pessoas?

MCov1:são das pessoas pois, um tem dez, outro tem doze, outro tem vinte

AL: e fazem vezeiras ou não?

MCov1:não, cada um vai com as suas. Quando as vão lá deitar ao monte andam lá todas juntas... juntas com as de Pitões, com as de Travassos, vai tudo para o nosso monte

AL: ah, então as de Pitões e de Travassos também vai tudo para o vosso monte...

MCov1:vêm, comem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles

AL: ah, então as de Pitões e de Travassos também vai tudo para o vosso monte...

MCov1:vêm, comem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles

AL: ah é? Não há uma forma de se organizarem?

MCov1:no Verão até nem há grande coiso, mas de Inverno há. Mas mesmo de Inverno nós temos o... depois os de Pitões comem aquilo, porque nós aqui numa área, só pode ir até ali o gado, de inverno não pode ir lá para cima senão chega com o gado a Tourém...

AL: mas lá para cima não está tudo cheio de neve?

MCov1:não. Não está sempre neve...

AL: de inverno?

MCov1:não... o gado depois já não sobe acima, só vai aqui por cima do povo, é uma parte que até foi a engenheira Lúcia, estivemos a ver o terreno, como havia de ser e,

em todas as aldeias. Por exemplo, só deve ir... de inverno, por exemplo, só chegam ali e depois de verão sobem para cima

AL: então e nessas pastagens há algum conflito com as aldeias ao lado para usarem o monte?

MCov1:há, há sempre problemas, que ninguém gosta que lhe venham depois ao mato. No mato, para roçarem ou vamos cortar o mato, nós não queremos que nos cortem o mato porque precisamos dele para nós, para os animais

AL: e eles não têm também o seu baldio?

MCov1:tá bem, mas muitos têm e não chega

AL: e vocês não conseguem criar aí um entendimento, tipo “a partir daqui...”, não sei... qualquer coisa para evitar conflitos

MCov1:não, não há assim conflitos nenhuns, vá...é mais “oh pa, não podes vir, aquilo é nosso” e tal, e eles depois lá retiram... não há multa não há nada... a gente aqui não faz multas

AL: vocês andam por aí a ver quem é que usa o baldio e quem é que não usa, não há uma espécie de fiscalização vossa?

MCov1:não, é o conselho directivo... o conselho directivo é que vê se... os que pertencem somos doze

AL: doze?? Uau, mas isso é imenso. Não é cinco normalmente?

MCov1:agora parece que mudou para quatro até, e nós fizemos a acta já com doze. E alguém que está no monte vai dizer “olha, fulano andou lá”... vêm-me dizer a mim, ao presidente, “fulano andava em tal sitio”. E depois um homem tem de dizer “olha, não podes ir, aquilo que está ali é nosso”. E comesas a ver se passa se não se diz nada...

AL: não há nenhuma separação física pois não? Uma rede ou ...

MCov1:não, temos lá as marcas, temos as cruces. Nós temos as... cada um tem as suas cruces, nós partilhamo-las com Paredes, temos as cruces, temos marcos, temos [? *Não se entende*] tudo em volta, e de vez em quando, lá de anos em anos, vamos limpá-las

AL: o quê? Ah, a zona à volta da...

MCov1:dar uma limpeza à...não, depois de limpar as cruces com um pico

AL: com um pico?

MCov1:as cruces são feitas com um pico... depois elas enchem-se de musgo. Depois vêm os de Travassos, se é do lado de Travassos, vêm os de Travassos e os de Covelães

limpar, limpam as cruzeiras para se verem; se vêm do lado de Paredes e de Pitões, e depois vamos ao de Tourém também, também temos com os de Tourém. Aqueles que lhes pertencem vão as duas aldeias limpá-las. Vamos a Travassos, vamos nós e os de Travassos; vamos a Tourém, vamos nós e os de Tourém, vamos a Paredes, vamos nós e os de Paredes

AL: quando diz picos é o quê?

MCov1: é um bico de ferro como os dos... aqueles que de ferro que servem para picar pedras e... depois aquilo está aguçado, afiado e depois fazem a cruz. Quer dizer, limpa-se uma e faz-se outra nova. Aquela limpa-se, aquela uma ou duas que estejam lá, limpam-se. Depois faz-se outra nova

AL: para quê?

MCov1: que é para dizer que limpámos naquele verão

AL: e há muitas assim? É de quanto em quanto espaço?

MCov1: aquilo às vezes tem 500 metros, 1500, 1000 metros, mais, às vezes tem mais... aquilo não calha em linha recta, é um penedo... e depois tem marcos, em mais sítios tem marcos

AL: Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1: aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov: não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1: não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a lenha e a gásóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1: do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1:pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1:é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: e podem usar a madeira? O que sai das limpezas, em geral, podem usar...?

MCov1:pois... vai para o gado que depois aquelas máquinas desfazem tudo, depois só fica a erva que é para o gado comer, porque aquilo... a máquina desfaz, aquilo é para desfazer, mas nós contratamos uma companhia...

AL: essa companhia é de onde?

MCov1:é de Travassos... é do irmão do presidente da Junta, ele é que vem fazer aqui. Mas há outras que vêm de Braga, mas esses aqui nunca trabalharam. Mas trabalharam em Travassos já... trabalharam em Sezelhe, trabalharam em Sabuzedo, que ainda é longe, trabalham em muitos sítios. Trabalham em Outeiro

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1:é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1:e agora cortaram... deram para aí um.... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

AL: e o resto?

MCov1:o resto sei lá para onde foi...

AL: e o resto fica para quê?

MCov1:sei lá para quê... agora andam a fazer barulho para aí, já fizeram para ai umas reuniões. Eu até era para ir ali ao Gerês... lá para fazer, vinha lá um deputado do PSD, e depois vinha lá um ministro e não sei que para fazerem barulho a ver se tornavam ao mesmo, a ver se davam. Nós tínhamos... aqui nós temos pouco gado e portanto o monte chega. Mas se for falar em... alguns tinham 40 hectares. O de Outeiro... e agora tiveram de dar só 4 hectares ao lavrador... quatro... se tem 20 vacas levou quatro, o que tem 50 levou quatro... não tem mais para lhe dar. Tiveram de dividir cada hectare. Ficaram só com 50 hectares... eles tinham para aí 2000 ou 3000 hectares... e depois vieram aí e diz que aquilo eram pedras, que não era pasto. Que era pedras, não sei quê, e que não era pasto. E depois cortaram-lhes, agora é...

AL: então se era pedras qual é o problema deles que as pessoas continuem a andar por lá... não faz sentido *(achava eu por esta altura que este corte se devia à conservação da natureza...)*

MCov1:lá na serra... aquilo, realmente nalguns sítios é mesmo pedra. Há muitas pedras em que o gado não pasta e aquilo está marcado e as pessoas iam receber dinheiro do fundo, do baldio... o baldio da dinheiro... o baldio da dinheiro! Eles vão buscar dinheiro ao baldio...

AL: quem?

MCov1:os lavradores. Os lavradores e tiverem 10 hectares recebem x, se tiverem 20 recebem mais, se tiverem 40 recebem mais...

AL: mas recebem de quem? Do baldio? Das ITI's?

MCov1:vão fazer os subsídios e vão receber essa importância... toca a cada hectare x

AL: mas isso não tem nada a ver com o baldio, ou tem? Ou seja, disse-me que o baldio dá dinheiro... percebi bem ou percebi mal?

MCov1:o baldio dá dinheiro que vem da ITI

AL: ah, já percebi. Então o baldio recebe x da ITI, e depois conforme o número de hectares de cada produtor, assim recebe dessa ITI

MCov1:depois dividimos aqueles que eles deixaram só aquele terreno para dividir pelos animais que têm

AL: pelo número de cabeças...

MCov1:cabeças de gado

AL: ok

MCov1:mas isso depois cada um... se tiver 10 hectares já recebe mais que ...

AL: então não é só o número de cabeças, é também a área...

MCov1:é a área é... as cabeças recebem por uma parte, lá o subsídio... e depois vão tirar também lá do baldio

AL: o ITI?

MCov1:sim...

AL: ah. E aí é que entram os hectares...

MCov1:é...

AL. Ou seja, se eles contassem com zonas rochosas, mesmo que o gado não lá fosse, estavam a receber mais dinheiro

MCov1:estavam a receber mais

AL: por isso é que eles estão a cortar

MCov1:em Travassos... aqui tinha só um que tinha cento e não sei quantos hectares e outro tinha quase igual... e os outros pequenos tinham pouquinho. E eles aproveitavam, era uma porrada de dinheiro que entrava para eles e os outros nada. E aqui não, recebem quase todos o mesmo

AL. E quem é que decide os hectares de cada um?

MCov1:é o conselho directivo. Eu dividi por Covelães... em Paredes foi o, lá o.... Presidente do conselho directivo. Em Travassos foi o conselho directivo, todos...cada vaca x, dois hectares. Dividir dois hectares por cada vaca. Mas se não chegasse, o meu terreno não desse, se me tinham cortado mais área em que eu ficasse só com 30 a 40 hectares, só podia dar para aí meio hectare a cada um, o que aconteceu em Outeiro. O de Outeiro, agora só ficaram para aí com 50 hectares quando eles tinham para aí 3000, e agora eles têm bastante gado e agora sobra só um bocadinho a cada um

AL: igual para todos ou consoante o número de cabeças?

MCov1:a mim foi tudo igual, e às vezes dava mais um bocadinho a um, mais um bocado a outro, mas ... não sei se isso estará bem

AL: pois... eu não sei mas isso parece-me que estão a tentar corrigir abusos de alguns no passado. Com certeza houve muitos que abusaram dos subsídios e agora... para cortar isso cortam até nos que não merecem o corte...

MCov1:é! Porque agora há muitos a queixarem-se porque recebiam cento e tal hectares e agora só dão 5 ou 6 ou 7 hectares a cada e eles agora estão revoltados, lutam para que se volte aos mesmos hectares...

AL: então mas...

MCov1:cortaram muitos hectares! Nós temos... nós até tínhamos assim, segundo a engenheira Lúcia tínhamos 600 e tal e eles só nos deixaram 181. E agora temos de

dividir esses... agora repararam que aquilo era só rochas e não sei que mais e só lhes deixaram 50 hectares

AL: aonde?

MCov1:o de Outeiro, Parada... 50 hectares não dá para depois o gado andar bem

Al: Então e agora como é que...

MCov1:agora em vez de terem 40 hectares ou 50, têm só meio hectare. O CD teve de dividir aquilo. Agora vamos ver se aquilo vai ficar ainda em águas de bacalhau, não sabemos porque ainda andam a tratar disso

AL: e você chegou a ir ao tal encontro no Geres onde estava o tal deputado?

MCov1:não. Não fui

AL: mas foi lá...

MCov1:fui chamado mas não fui

AL: alguém foi?

MCov1:foi, foram outros. Ia lá o presidente da câmara aqui do coiso, iam os lá de baixo, iam lá cinco presidentes da câmara e iam os conselhos directivos. Quem me telefonou foi o de Fafião... que era para irmos ao Gerês. Eu disse “ eu que vou lá fazer, eu estou bem, eu não me interessa”

AL: têm que se unir (RISOS)

MCov1:para o meu gado chega, porque nós só tínhamos... a nós dava... se eu tinha 5 vacas, ou sete, eu só tinha 5 hectares mas agora fiquei com 20, ainda fiquei com mais. E agora aquele que tinha 10 hectares passou a ter 20. Quando tivemos o nosso terreno dá para o gado, nós temos pouco gado. Agora se tivéssemos 500 vacas aqui, como tivemos antigamente isto já não dava nada e assim dá, temos menos gado temos mais hectares.

AL: mas se diminui a sua área de ITI vai receber menos dinheiro

MCov1:o CD é que vai receber menos

AL: pois, por isso se calhar devia ter ido ao Geres (RISOS). Deviam juntar-se todos nessa luta...

MCov1:oh, sei la, isso ao fim se calhar não deve dar nada. Não dá nada porque já estão a dividir, já têm tudo dividido

AL. Então imagine que aqui em Covelães as ITI's baixam a um ponto tal que entra mesmo muito pouco dinheiro, como é que vocês... vocês não têm mais nenhuma fonte de rendimento ou têm...

MCov1:não, mas se não houver não fazemos o serviço, no lugar de ser limpo não é, nos temos de ter...o CD tem de ter dinheiro para limpar o monte, se não tem dinheiro não se limpa, fica... agora vem depois o lume e limpa tudo. Depois é incêndios...

AL: mas vocês aqui não têm mais nenhuma forma de rendimento para além da ITI?

MCov1:não...

AL: o carvalhal também não vos dá dinheiro pois não?

MCov1:não, o carvalhal é só para o pessoal, embora que não podem cortar tudo, aquilo dá agora o que é é cada um cortar mas deixar o carvalho, os carvalhos... porque o Parque não quer...

AL: você há pouco disse-me que eram 400 e tal m2 era isso? O carvalhal?

MCov1:400 metros como?

AL: qual é a área do carvalhal?

MCov1:não, o carvalhal... quer dizer, ao limpar fica quatro metros de planta para planta

AL. Ah, ok. Mas qual é assim a área toda do carvalhal?

MCov1:uns 400 hectares...

AL. Ah, hectares, pronto, foi aí, é que há bocado disse 400 mas depois não disse mais nada e eu fiquei a achar que seriam m2

MCov1:400 hectares... que tem de carvalhal! 400 hectares. E o outro é que é só para pastar o gado e para roçar e para limpar com as máquinas para ficar o pasto para o gado. Temos uma parte que é carvalhal, para lá já não é carvalhal, para ali é carvalhal, esta parte, temos uma parte para roçar, vai a companhia lá coiso e roça aquilo e desfaz o mato. E temos outra parte que é para a povoação trazer o tojo, o mato para as cortes, para os animais

MCov1:já recebemos antigamente pelo carvalhal...

AL: já receberam?

MCov1:vieram aí mediram, não sei se eram do Parque, e depois deram 400 hectares de carvalhal. E depois davam-nos x

AL. Ai davam-vos dinheiro para manter o carvalhal?

MCov1:sim.

AL: e já não dão?

MCov1:agora deu a ITI e pronto, passou tudo... não sei é o mesmo se não é, devia ser... agora o ITI é que tomou conta...

AL: e o resto da área do baldio, que é mato para as pessoas irem lá buscar e que é mato para fazer a pastagem, é quanto?

MCov1:ai agora por hectares?

AL: sim... a maior parte é o quê? A maior parte é matos para as pessoas ou é matos para pastar?

MCov1:para pastar é quase metade do baldio fora do carvalhal. Se é 1000, são 500 para roçar e para limpar e são outros 500 para trazer o mato para o gado, para a cama dos animais. Agora tenho aí os animais, tenho ali em cima... agora são todos já na lama, como é que se diz aqui... estão sujos. Lama no mato, o rapaz foi buscar o mato, já o trouxe um bocado... depois faz as camas, bota-lhe um bocadinho de palha por cima, pronto, e lá estão enxutas

AL: vocês também têm aqui agricultura na aldeia?

MCov1:agricultura?

AL: sim, qualquer produção agrícola...

MCov1:todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1:fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1:sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

MCov1:oh, está a ver o mapa que manda a Lúcia... então, agora temos de roçar, mato... Covelães, está a ver aqui, silvicultura

AL: sim, isto faz parte do PUB não é?

MCov1:isto é do uso do... tem de se fazer isto...

AL: do plano de gestão não é?

MCov1:é, oh, mais o...

AL: isto é o que tem de roçar?

MCov1:pois... isto é do... acho que é do carvalhal. Agora aqui temos.... Mato

AL: isto é a roça do mato?

MCov1:olhe, isto já foi feito, mas já foi feito ainda no , ela ainda não me deu o resto...depois tem aqui o dinheiro...

AL: tem aqui o dinheiro, sim... ai, não, isto são os hectares

MCov1:já fizemos. Aquilo é os hectares que temos de fazer. Já fizemos um... ano de 2012/2013... 6 hectares, e depois temos aqui...

AL: isso é o roçar de mato para pastagem

MCov1:para pastagem. 2013/2014, também já fizemos, mais 6 hectares. E agora temos esse para fazer. Temos 2015... 2014 para 2015 e depois é em Novembro e Dezembro. Tem de ser em Novembro e Dezembro. Depois temos aqui em 2015 e 2016 mais 6 hectares, Novembro e Dezembro

AL: mas aqui ainda não fizeram, mas era pa ser em Novembro e Dezembro de 2014

MCov1:ainda temos de fazer

AL: já está atrasado não é?

MCov1:pois, já está atrasado, ainda vamos fazer agora

AL: porque não conseguem pagar aos sapadores?

MCov1:não é lá com o outro, lá com a ...

AL: ah, com a companhia...

MCov1:e vai até ao... até aqui, 2016 a 2017. Temos de fazer 36 hectares de rouça, rouça de mato, a máquina desfaz tudo, aquele é para desfazer. E o outro que fica por fazer, esse é para o gado, para as cortes dos animais

AL: que fazem vocês, não precisam de...

MCov1:é! Esse, foi, foi a Lúcia que me entregou isto e eu tenho de fazer isto tudo.

AL: e diga-me outra coisa... se vocês não têm floresta, não têm pinheiros não é... porque é que não plantam pinheiros? Ou não faz sentido?

MCov1:não, o parque não quer... aqui na nossa zona é só carvalhos, vidoeiros, não querem... o Parque não quer, não quer pinheiros cá, isto é uma zona de carvalhal, bonita, diz que é bonita. O carvalhal aqui na ponte ou para cima, até lá acima ao sapateiro, que é um carvalhal que é uma categoria, para lá só se vêem corços ou

porcos ou lobos, lá não se vê mais nada, não anda lá ninguém, aquilo é só carvalhal, carvalho, e depois tem carvalhos assim grossos

AL: ai é?

MCov1:ui! Há lá com cada carvalho que mete medo, há lá um que é preciso duas... há lá um que é do engenheiro, de Montalegre, que é preciso duas pessoas para o abarcar

AL: ele tem a árvore mas não pode ter o terreno não é? Esse engenheiro...

MCov1:não, o terreno é dele!

AL: é dele? Então não faz parte do baldio?

MCov1:não. O baldio é outro para cima... ah, o baldio não tem árvores. Só tem assim pequenos, mas depois cortam-nos

AL: quem é que corta?

MCov1:o povo

AL: mas é carvalho ou é pinheiro?

MCov1:carvalho... nós temos um carvalhal, e depois eu faço assim, chego lá agora junto ao povo, os compartes todos... digo “olhem, vamos partir em tal sítio a lenha”. Pronto, chegamos lá, partimos aquilo... número 1, numero 2, numero 3, numero 4, numero 5, numero 6, numero 7 e tal, por aí adiante e depois trocamos números. O número 1 pode me tocar a mim, pode tocar a outro, pode tocar a outro. O número 2... e depois aquele a que tocar é que vai limpar aquilo. Aquilo já faz parte da limpeza também, esse dinheiro que nos depois arranjamos para coiso faz parte da limpeza do ITI. Esse dinheiro já fica para a povoação.

AL: ah, e quando diz “limpar” o que é que há lá para limpar

MCov1:o carvalhal, é o carvalhal

AL: e tira as árvores também?

MCov1:o carvalhal está muito junto, depois eles ralam só, portanto tiram-lhe a lenha mas vão deixar aqui um carvalho, ali outros, aqui outro, ali outro, ... e esses que estão muito juntos têm que se tirar, também estão a estragar os outros

AL: esse é o tal carvalhal dos 400 hectares?

MCov1:é, é nesse carvalhal...

AL: no resto do baldio não há árvores, é isso?

MCov1:no resto não, no resto há tojo, há carqueja, aquilo agora está tudo cheio de flor, lá na Mourela vê-se tudo, em Pitões queimaram tudo

AL: de propósito?

MCov1:sei lá como é que foi...

AL: ontem vi um fogo, quando vinha de Fafião...

MCov1:aquilo foi tudo à conta do... ali queimaram, ali para Parada... tudo por causa desta coisa de cortarem nos baldios. Cortaram a área toda, como lhes cortaram muita área eles agora chegaram-lhe fogo

AL: ah, esta questão das ITI's? O pessoal agora está a ficar enraivecido?

MCov1:ficaram todos maus, atiraram fogo a quase tudo. Em Pitões só se vê lume, ainda mandamos para lá os sapadores, estiveram para lá uns dois dias... ou três...

AL: para apagar o fogo?

MCov1:para apagar, foram os nossos sapadores, foram outros, foram os bombeiros, lá aquilo andava tudo a arder, tudo! A Lúcia também não gostou que lhe cortassem. Ah, pois... ela não queria, nem por nada

AL: pois claro, então, essa a forma de o pessoal ter...

MCov1:deixou queimar à vontade

AL: a sério?

MCov1:então! Não fez caso, eles olhe, queimaram-nos à vontade. Mandaram para lá os bombeiros, mandaram para lá o coiso, mas não adiantou nada, eles chegavam pelo outro lado. Ainda no outro dia andava tudo a arder outra vez. E acabaram no nosso ainda também...

AL: e vocês têm a certeza que foi por causa desses cortes de...

MCov1:foi, foi. O nosso também queimaram, mas esse foi para pastagem, porque esses têm uma parte nossa, eles passam o nosso todo lá por cima, nós temos o nosso monte, eles têm o deles, depois eles passam para o outro... temos lá um que é, chamam-lhe a Páscoa, e ele tem muito gado, e esse gado vem tudo para Covelães, vem para Covelães, passa o monte todo e ainda vem para o lado de Travassos. Eles em Travassos não têm gado nenhum, mas eles atravessam para o lado de Travassos, vêm pelo carvalhal abaixo e depois ainda vêm até Travassos. Os outros de Pitões é que nos cobrem o nosso monte, pois nós temos gado, é o que dizia a engenheira Lúcia "vocês também não têm gado para o baldio que têm...". Antes de vir esses cortes disse "vocês não têm gado para... portanto temos de meter o de Paredes, meter o de Tourém, ... no nosso monte. E depois eu não queria, até fiquei arreliado, ela até ficou zangada comigo.

AL: mas o que eu quero dizer é: há uma parte do baldio que é limpa pelos sapadores

MCov1:oh, é um bocado só, não é bem da ITI... é público, é uma parte que lhes pertence a eles, público, e a outra é para os incêndios... a limpeza das ITI é feita pela companhia com a companhia, ou até podemos meter pessoal do povo, eu ainda no outro dia lhes falei, se quisessem... era cada um 750... se quisessem fazer a limpeza,

em vez de pagar à companhia pagava-lhes a eles, eles agora têm máquinas... tractores, ...

AL: eles quem?

MCov1:aqui os de Covelães... têm algumas 4 ou 5 máquinas. Já roçam o mato, mas eles não querem, diz que não têm vagar... são lavradores. Não têm vagar. Eu também tenho... mas uma pessoa não tem vagar

AL: pois, o que eu queria dizer era do género... vocês têm uma parte do baldio que vocês pagam a uma companhia para fazer a limpeza com o dinheiro da ITI, não é... os sapadores fazem a limpeza de outra parte com esse dinheiro do FFP. Ou seja se vocês deixarem de ter os sapadores essa parte que é limpa por eles, vocês vão ter de usar dinheiro das ITI para a limpar... vão ter mais custos...

MCov1:mas podemos não limpar...

AL: podiam não limpar mas depois se houver incêndios...

MCov1:está bem, incêndios é um bocado coiso mas... eles não se importam, e por isso tenho andado... agora está o meu rapaz que é o tesoureiro...

AL: do quê? Do CD?

MCov1:do CD, ele está por conta dele... é por causa do rapaz não ir para a rua

AL: eu não percebo é porque é que as pessoas não gostam dos sapadores...

MCov1:oh, dizem que eles não fazem nada, que não trabalham, queriam que eles trabalhassem todos os dias no povo, mas eles não podem que eles têm de trabalhar no monte. E eles queriam que eles trabalhassem aqui todos os dias, que os entregassem à Junta, mas eles não podem ser entregues à Junta

AL: os sapadores trabalharem aqui no povo? A fazer o quê?

MCov1:a limparem, a fazer muros, a fazerem... limpar caminhos. Mas não, o Carvalho disse "você nem fale nisso, vamos lá a ver [? *Não se entende*], deixe-os coiso, mas vamos lá a ver [? *Não se entende*], porque se não cortam... depois vão-se embora logo... e o Tomás também disse "você não fale nisso, se eles fizerem um muro, se andarem lá um dia ou dois, você não diga... não diga senão eles botam-nos fora, depois não pagam nada, depois eles têm que ir para a rua". Mas eles querem que eles andem sempre, querem que controle o coiso, que eles não querem trabalhar...

AL: então as pessoas não estão muito interessadas no monte...

MCov1: não, não estão interessadas nos sapadores, não querem tomar conta deles, querem tomar... se fosse agora só no baldio não faltava quem quisesse ser presidente, e agora com os sapadores não querem, não querem porque os sapadores dão muito trabalho, eu ainda agora fui 3 vezes a Montalegre para tratar disso, da papelada que eles mandaram. Dias, e aquilo ainda são 10km e tal, e eles não querem... em principio era eu que fazia a escrita toda, não era preciso a contabilista,

a contabilista era eu, mas depois chegou-se a um ponto que eu disse “não, eu agora vou arranjar uma contabilista, porque eu não vou fazer a papelada... deus me livre! E então arranjei uma contabilista e agora a contabilista é que trata lá de tudo. De tudo mas também tenho de lá ir, tenho de pagar a caixa, tenho de pagar a ela também, passar-lhe um cheque, tenho de... várias vezes ela chama-me lá porque tem de mandar essa papelada para Lisboa, depois estão-me a pedir, porque ao fim dos 3 meses tem de se mandar a papelada, tenho de pagar o número dos cheques que paguei aos sapadores, tenho tudo, as continhas todas certinhas! E tem de se fazer ali tudo por ela e tem de se assinar e carimbar o carimbo, senão pronto... nada é feito. Mandar para lá sem assinar e carimbar não adianta... tenho de anotar... ela não vem aqui, tenho de lá ir eu...

AL: então mas as pessoas não consideram que o serviço que os sapadores fazem é importante?

MCov1: não! Alguns dizem “ah não fazem nada! Não prestam”... e se trabalham! Eles trabalham bruto!

AL: Pois, só que não é aqui ao pé das pessoas, trabalham lá no monte...

MCov1: dizem “ah, não fazem nada!” e tal... pois mas têm porque nós ainda temos... nós agora no monte baldio, depois do ITI, depois nós temos de pagar a gasolina... a gasolina não entra entre todos, porque Paredes paga lá no deles... porque Paredes não tem carvalhal nenhum, são beneficiados, só o dinheiro que vem é todo coiso, não gastam nenhum, têm o tractor, têm o coiso, não gastam nenhum... mas nós não, ainda agora paguei quase 20000 ou coiso... a Travassos, à companhia. A Travassos tive de lhe pagar o que ele fez... o roço, e agora aí adiante vêm fazer outra vez

AL: então e Paredes usa como o dinheiro da ITI?

MCov1: então em Paredes fazem com a máquina, têm lá o tractor...

AL: mas estava a dizer que eles não tinham carvalhal nenhum...

MCov1: não, não têm carvalhal nenhum... só fazem no monte, sei lá como é que eles fazem, não percebo como é isso olhe... então o de Paredes não tem carvalhal e recebe tanto como nós, não percebo nada! Nós temos de fazer 6 hectares, somos obrigados a faze-los, e eles não têm carvalhal não fazem nada e recebem tanto como nós... e têm menos monte, têm menos, nem metade têm de nós... pois, nem metade têm de nós. Vêm-nos arrancar os matos, que eles andam sempre todos os dias a arrancar os matos, já arrancaram lá em cima no Poço das Rãs... para ver se apanham no nosso monte, eles não têm monte quase nenhum, têm pouco, porque eles estão metidos com os de Outeiro. Porque os de Outeiro vêm ter às nossas cruces, os de Outeiro e eles, vêm ter às nossas cruces, daqui é Covelães e dali para baixo é Paredes e Outeiro e Parada. Portanto eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto, depois temos um misto... entre as nossas cruces e a coiso há um misto que é de Paredes e deles, e eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto... foi para nos ir buscar... os de Travassos também o fizeram

AL: o misto quer dizer que ambos podiam usar é isso?

MCov1:é. Um pode cortar e o outro pode roçar, um pode pastar e o outro cortar. Paredes nós, eles podem cortar e nós pastar, e eles dali é ao contrário... ali de Travassos... nós podemos cortar e eles pastar. Mas eles ali no carvalhal não cortam nada, somos nós que cortamos

AL: mas o carvalhal faz parte do misto?

MCov1:algum, algum, um bocado

AL: ah, eles podem quê? Pastar?

MCov1:só pastar, mas cortar nada! Cortar somos nós

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1:quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1:uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1:contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1:não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1:foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às

? eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1:natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar... ainda por cima com os de Travassos que depois querem vir pastar para ali, este ano estiveram lá de noite, queimaram aquilo tudo, a parte lá de cima da serra, limpavam aquilo tudo com o lume

AL: mas a zona de carvalhal?

MCov1:o carvalhal também... tudo!

AL: do vosso? De Covelães?

MCov1:sim, sim, porque eles vêm passar para o nosso

AL: mas quem é que queimou?

MCov1:os de Travassos... e os de Pitões... se não foram são os de Travassos são os de Pitões, eles são da mesma família, são genros, ou sogros ou genros e depois chegam fogo para irem lá pastar

AL: mas não queimou as árvores ou queimou?

MCov1:algumas queimaram

AL: então vocês ficaram chateados ou não?

MCov1:ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! Mas isto é... é uma malandragem do carambas! Por causa do gado! O Senhor Duro arranjou... ele estava na França, veio para aí, o tio é que lhe deu a mão...

AL: quem, quem? Desculpe?

MCov1:o Duro, de Travassos... e arranjou 70 ou 80 vacas, meteu agora para aí 80 ou uma coisa assim, têm-nas na corte e depois agora bota-as para o nosso monte... e depois queima o monte. Vai buscar um subsídio com a sombra (?), com as vacas, apanha o monte tinha cento e não sei quantos hectares de monte baldio, ia buscar uma fortuna, só ele do coiso tirava para cima de 20000, mais que 20000, para aí 80000 de subsídio lá de... do ITI, lá do monte e das vacas e coiso... tira uma fortuna... mas agora lixou-se, agora já não tem tanto terreno... agora as vacas andam no nosso, pois... se lá for agora elas andam elas lá em cima todas...

AL: e vocês não dizem nada?

MCov1:não... agora já não dizemos nada. Elas ficam lá... porque eles agora chegaram-lhe fogo e agora a erva vem e as vacas não saem de lá, nem os cavalos

AL: as deles...

MCov1:as deles, não saem de lá... e as de Pitões. Pitões vão para a zona do monte nosso até que chegam ao de Travassos. E os de Travassos chegam ao de Pitões. Mas para o de Pitões não passam, só andam é no nosso

AL: então mas se isso é contra a vossa vontade vocês não dizem nada?

MCov1:chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

MCov1:chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

AL: não, mas falar com eles directamente

MCov1:ah, isso dá para alguma coisa? Não querem saber... nada

AL: mas portanto, assim quando as vossas vacas forem já não há erva, ou há menos erva...

MCov1:sim, as nossas vacas agora de verão vão... algumas. Mas depois lá andam todas juntas

AL: com as deles?

MCov1:pois. Depois de inverno as nossas andam ca em baixo e as deles andam no nosso monte... em cima. De inverno o baldio de Pitões que fica perto do nosso monte, da nossa área, e eles vêm para o nosso... andam lá, quando os dias estão bons, quando não há neve, passam aquilo tudo, metem-se com o gado pelo monte

AL: e vocês não conseguem regradar isso?

MCov1:para quê? Não vale a pena... para quê? Chatear-nos e ao fim vamos para tribunal e ainda ficamos mal... deixam as vacas sozinhas... porque tem um sítio ali de Pitões que aquilo é tudo... deitam-nas sozinhas... as vacas fugiram para lá. Andavam para ali com elas, e se for preciso anda lá pessoal com elas e diz que fugiram... se fugiram não pagam nada. Por isso não vale a pena meter-nos com eles

AL: e há mais alguém a usar o baldio sem autorização?

MCov1:não, Travassos, Tourém também vem

AL: e em outro tipo de usos que não sejam o gado como empresas de turismo que trazem aqui pessoas para fazer percursos pedestres ou assim... não há nada disso? Que usem o baldio sem vos dizer nada...

MCov1:turismo aqui há muito turismo, Covelães também passam aqui, passam aqui no povo, e depois vão por aí fora pelo nosso monte, e depois vão ali até Paredes, vão ali para ... Outeiro. Outeiro, vão a Outeiro mas vão a Fiães

AL: e essas pessoas sabem que isto é baldio, que não é público ou...

MCov1:sabem, sabem

AL: e vêm com empresas ou vêm sozinhas...?

MCov1:vêm passear

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MCov1:não. No outro dia passaram aqui uns cavalos, estava aqui um ? “xii, tanto cavalo!”. Disse “então, vieram aqui montar?”. Então ele disse “ é que aqui não se vê nenhum sinal” o sinal do turismo, é ali atrás, disse-lhe eu, é ali atrás, tem de subir ali acima, lá para cima para a serra, “vamos embora então...” e lá foram.

AL: mas devem pensar que toda a gente pode ali entrar... e podem pelos vistos

MCov1:podem, podem, podem

AL: vocês não vos faz confusão nenhuma que as pessoas entrem no vosso baldio e que...

MCov1:não, não. Nem se cobra nada... que há muitos lá para baixo para o Geres é que cobram, cobram um x a cada um. Mas aqui não se cobra nada...

AL: mas o quê? Nos baldios ou no Parque?

MCov1:nos baldios... parque, os baldios são parque também...

AL: mas quem é que cobra, sabe?

MCov1: lá há guardas a cobrar

AL: ah, é pessoal do parque que cobra...

MCov1:aqui não... aqui passam, entram quando querem.

E depois a caça, temos a caça... os de Montalegre, Aldeia Nova, andam toda a noite com os carros, por um lado, por o outro, dão cabo da caça toda. Depois não há ninguém do parque que venha aí olhar por isto. Nada! Podem chamar a guarda, podem chamar o coiso... não vem ninguém! Não querem saber disto. A guarda está tudo contra isto

AL: contra o quê?

MCov1:contra o parque, contra o parque.

AL: a guarda o quê? A GNR?

MCov1:pois, a GNR quer lá saber do parque...

AL: mas a GNR agora é que fiscaliza as florestas não é?

MCov1:sei lá, para aqui não fiscaliza nada, não querem saber de nada, não ligam nada

AL: mas quando começou a trabalhar para os SF começou a trabalhar aonde?

MCov1:na floresta comecei em Mondim de Basto, depois fui para Sintra, depois vim para Pondres...

AL: ah pois, porque aí já tinha estado em Moçambique, voltou, procurou um trabalho e foi aí que entrou... portanto não estava aqui na aldeia quando chegou a floresta aqui, ou a floresta não chegou aqui?

MCov1:não, quando eu vim não era Parque. Quando eu entrei para o serviço aqui não havia Parque nenhum

AL: não era parque. Mas já havia floresta plantada pelo Estado ou não? Na altura em que andaram a florestar o país inteiro

MCov1:não, aqui não. Mas lá para baixo havia, aqui é só o carvalho, aqui não havia nada...

AL: aqui não houve...

MCov1:lá para Cabril e coiso já havia... lá para o Geres...

AL: ah, aqui em Covelães não houve intervenção do Estado...

MCov1:não, não!

AL: então isto não está sob regime florestal ou está?

MCov1:aqui está o regime só do Parque Nacional... aqui eles não deixam por flo... vá, pinheiros, não querem pinheiros. Só querem desse carvalhal... e já botaram para aí lobos, e javalis e lince e o carai...

AL: então e na altura que começou a trabalhar para os serviços florestais o pessoal das aldeias estava contra os SF ou não?

MCov1:estava contra? Ah, estavam...

AL: eu digo isto porque pelo tenho lido o Estado quando interveio com a florestação fê-lo contra a vontade das populações, que depois deixaram de poder pastar o gado à vontade etc. el algumas aldeias... aqui em Covelães pelos vistos não houve florestação...

MCov1:não, aqui só havia problema no tempo do Salazar é que queimavam no monte, queimavam no monte, e depois, já não havia tantos incêndios, e depois 2 anos não deixavam pastar. E depois os guardas, eu ainda andei também, depois coiso iam botar o gado lá dentro, botavam-lhe o gado, o gado andava lá, prendiam-no

AL: mas eles queimavam era?

MCov1:se fizessem uma queimada no monte, às vezes há sempre malandros...

AL: ah, os pastores...

MCov1:o pastor ou outras pessoas, podem fazer...

AL: sim

MCov1:ali não podiam pastar 2 anos, às vezes era a erva que acendrava mas não os deixavam lá ir, e chegavam lá andavam dois guardas, andava eu daqui e o de Travassos. Íamos lá e multávamos-lhe as vacas. Prendíamos-las, mandávamos vir a GNR... aí é que havia depois o fogo, não se calava... contra o Parque, contra o Parque contra o Estado ou... às vezes iam para lá de noite... com as vacas, metiam-nas lá dentro e os guardas andavam lá para... andavam a ver onde é que nós íamos, se estávamos em casa, e iam levar as vacas lá para o ... a erva era grande e eles iam nas levar para elas comerem

AL: então e você trabalhando no Parque nunca teve conflitos com os seus colegas dos baldios? Porque imagino que há pessoas que não gostam do que o Parque faz, ou do que o Parque impõe...

MCov1:não, eles aqui não... lá para baixo é que havia sempre... ui, eu ia para lá trabalhar, para Cabril, ui, havia lá guerra que assombrava. Aquilo era o diabo! Mas aqui não. Aqui era uma paz

AL: mas que guerra era essa? Era contra o quê?

MCov1:era lá à conta das florestas... aquilo havia sempre lá problemas, sempre! Uma vez à conta de umas partilhas dos carvalhais da Ermida e os de Fafião, eu também andava lá a servir. Não se entendiam lá com os marcos, porque “pertence-me a mim”; “aquela área é nossa”; ... um dia deram lá uma sachada a um, que era para o matar, deram-lhe uma sachada bem dura. O de Ermida ao de Fafião... depois andaram muito tempo no tribunal...

AL: mas não o matou?

MCov1:não, não chegou a morrer. E então depois andaram muito tempo no tribunal e aqui depois ao fim pronto lá se compuseram, lá com os advogados e um ... aqui houve lá guerra que assombrava, ui! E o mesmo com a floresta... é que ia para lá trabalhar, havia um incêndio, que eles queimavam tudo, os de Fafião... e nós íamos para lá, os guardas, e nós víamo-nos à rasca. Eu ia para lá passar, eu à noite não passava lá, às vezes havia incendio e os gajos estavam armados...

AL: eles queimavam a floresta que o Estado punha era?

MCov1:pois, queimavam e depois queriam lixar os guardas e eu para passar... às vezes tinha de passar... uma vez foi um lobo que mataram lá, estava no campo da bola, nós para tirarmos de lá o coiso chamámos lá um do... um que pertencia ao parque e ele lá me disse “epa, vocês têm de passar lá para baixo, vão para Salamonde, vão lá coiso, que eu arranjo-me aqui por cima para depois descarregarmos o lobo”, depois fomos levá-lo ao Gerês. E lá fomos, lá fomos até lá acima e lá estava ele, toca a carregar o lobo, subimos com ele, tal vamos ao Gerês. Vínhamos de lá para cá, era noite, já era tarde, já eram para aí duas horas da noite quando viemos... chegámos ali a Fafião estavam lá uma data deles, lá com as armas e o caramba, tirámos outra vez lá para trás, de volta, demos lá uma volta do caramba para vir ali para Cabril, senão atiravam-nos o fogo. Havia lá, ui, deus me livre! Queimavam tudo, ali não respeitavam Parques e o carambas. Aqui não, aqui não, aqui nunca houve problemas desses

AL: mas também aqui não houve... ninguém quis florestar aqui...

MCov1:aqui não... mas lá ui! Queimavam tudo, era todas as noites, tínhamos que ir para lá, depois ardia noutro lado, depois já havia outro incendio. Eu via-me à rasca com aquilo. É que eu andava sempre com medo... um homem ia a passar com medo, passava ali em Fafião, ia lá para o pé do café, F.! epa!

AL: e hoje, ainda sente alguma...

MCov1:agora não!

AL: ninguém olha para si como sendo o senhor do Parque?

MCov1:agora não, agora nada, ninguém! Agora não... uniram-se, depois agora são do Parque. Depois o parque ficou... quer dizer, até ali tiravam a madeira e ficavam com todo o dinheiro... o Parque ou sei lá... o Estado. E agora não, agora deram-lhe ali aquilo coiso... o Estado só tira 25% acho eu...

AL: acho que é 30... ou 30 ou 20, já não me lembro bem

MCov1:pronto, dali por diante começou a acalmar

AL: pois, desde 1974 ou 1976, quando foram entregues os baldios às pessoas é que isso mudou não foi?

MCov1:é, senão... ui, quando ia lá para Fafião já ficava com medo

AL: e houve mais alguma aldeia que também desse esse tipo de problemas aqui?

MCov1:não, aqui não. Aqui nunca houve problemas...

AL: não, assim no Parque em geral...

MCov1:não, só lá para baixo, ao passar a serra, só lá para baixo é que havia problemas

AL: lá para baixo tipo o quê? Fafião, Cabril...

MCov1:Fafião, Cabril... ui, isso era o diabo no inferno, eu nunca vi. Aqui não, nós aqui podíamos vir à vontade que não havia problemas, podíamos vir à vontade, agora lá para baixo... ui!

AL: mas quando começou a trabalhar aqui já havia o Parque?

MCov1:não, quando eu vim para aqui ainda não era Parque, eu estava em Pitões, estava na casa de Pitões e veio o parque, apanhou essa zona o parque... depois disseram assim... eu era guarda-florestal, “olhe, quer ir para os Serviços Florestais? Tem de sair... então vai para uma casa para os Serviços Florestais...” ia aqui logo para Mourilhe. “Ou se quer ficar pronto, fica no Parque”. “não, agora já que pedi para vir para aqui agora fico aqui”. Pronto, então fica dentro do Parque Nacional. E eu lá fiquei, como guarda sempre, vigilante

AL: e o que é que achava do processo de florestação, como ele decorreu, por exemplo, o caso de Fafião... o que é que achava?

MCov1:eu achava bem que florestassem, mas eles é que não queriam!

AL: mas estavam a florestar os baldios deles, não é? E metiam as pessoas dali para fora e não lhes davam dinheiro em troca.

MCov1:isso era mau...

AL: Mas percebe hoje em dia que eles estavam a defender aquilo que era deles ou continua a achar que aquilo era bom?

MCov1:eles estavam a defender aquilo que era deles, realmente estavam... mas é que ali não era, ali era, tinha de florestar... ali mandavam e tinha de se florestar, às vezes até vinha a GNR, a florestar porque eles não queriam, não deixavam... e era um problema dos diabos. Ai eu lá não podia ir ao café... o guarda não podia entrar no café, senão, possa, tinha de sair arredado dali para fora... aquilo era perigoso

AL: pois, para si também não era fácil... estava a trabalhar, tinha de fazer o que tinha de fazer e...

MCov1:mas isso era em todo o lado, isso era em todo o lado. Eu estive em Mondim de Basto, também lá estive, aquilo tinha lá muito de pinhal e era sempre uma guerra. O guarda, eu, não podia ir lá para as aldeias. Havia lá aldeias que se eu entrasse lá numa aldeia, ou que fosse a um café ou o caramba, já estava fuuuu, começava logo tudo andavam de roda para lixarem um homem! Um homem tinha de andar ou fugir

AL: pois, a partir do momento em que as coisas são feitas sem consultar antes as populações as pessoas ficam revoltadas...

MCov1:porque o Estado tirava tudo e não dava nada a eles então punham-se com aquela coisa... então quem é que pagava, quem é que pagava... eram os guardas! Os guardas é que eram os que comiam! Porque os outros estavam lá nos gabinetes em baixo e quem andava lá dentro é que se lixava. Eles atiravam-se pá gente!

AL: e muitos de vocês até eram filhos aqui da terra, não estavam propriamente contra ninguém... imagino...

MCov1:ah pois não, mas é que eles ui! Não tinham pena da gente, não nos podiam ver... agora não, agora já não fazem mal, já não...

AL: e assim ninguém olha para si com algum ressentimento?

MCov1:não... Tourém, eu agora vou lá... posso lá ir e a gente já se dá bem. Vou lá a Tourém, não falta lá nada, vou a Pitões, vou... então, vou a Cabril e tudo. Não! Eu agora já tem... em Fafião...

AL: Fafião o quê?

MCov1:Fafião agora também já estão civilizados... já não há aquela guerra!

AL: e havia mais alguém que trabalhasse consigo, aqui do povo de Covelães ou assim, nos serviços florestais...

MCov1:nos SF tinha aqui um guarda em Travassos... era eu e ele. Tínhamos... ao princípio tínhamos cavalos, metiam-nos na caça, a caça é que era mais ruim... às vezes vinham os espanhóis, vinham caçar para o nosso monte, depois nós saltávamos atrás deles com os cavalos e eles caramba, voltavam para a Espanha. E era assim. Mas assim por aqui não havia assim nada... lá em Tourém havia. E havia, eu tive problemas aqui com a caça, muito! Muito! Estive para ser morto aqui com a caça. Aqui de Montalegre vinham caçar nisto... aqui o Parque proibiu aqui de caçarem os lá de fora, e eles continuaram a vir para aí. Um dia estava aí, estava em cima ali do Ramiscal, andava lá uma data de Montalegre, eu fui ter com eles, disse para se porem a andar e o caramba... chamei a GNR e ela veio, mas a GNR era do lado deles, e os gajos ainda me apontaram a arma, mas quantas vezes para me lixarem. E estava lá a GNR. E depois tivemos de ir a Montalegre... e a GNR, filha da mãe do cabo, ainda se pôs do lado deles. Depois disse “não, mas não era para matar ninguém! Ele não apontou arma nenhuma” e não sei quê... e não, ele apontou! Apontou a arma e eu estava a ver que ele me matava. E claro, eu fui lá e eles defenderam o gajo. Devia ser preso! E houve mais problemas depois para caçar também, tive de ir aos guardas de Tourém, aos de Pitões, aos caçadores

AL: teve de quê, desculpe?

MCov1:tive de me meter lá no meio deles. Eles andavam coiso e foram caçar para lá... e eu chamei a GNR e a GNR chegou tarde, quando eles já se tinham ido embora. E eu: “ah vêm agora?? Porque é que não vieram antes?”. “Ah, porque não pudemos”. “Então, agora o que vieram fazer, agora foram-se embora! Andaram aqui a caçar”. “Ah, mas não pudemos vir, fomos não sei para donde, não sei quê...”. Não puderam... foram eles que não queriam vir... os guardas também eram caçadores.

MCov1:olha, o rapaz já vem com os restolhos, isto é o mato que vamos buscar nós, até vai sozinho, que eles às vezes trazem muito mato alto, ele vem sozinho, mas às vezes vão 2 ou 3 e trazem cada carga que assombra... ele só foi buscar agora para...

no inverno é que se carrega mais, agora é só um pouquinho para arranjar as cortes, que andamos a fazer uma vacaria aí dentro

AL: aquele mato que trouxe do monte para pôr na cama dos animais, depois ainda vão usar como fertilizante da terra?

MCov1:então pois! Se não fosse isso como é que havíamos de semear? Nós temos aqui as terras todas semeadas, eu tenho aqui uma grande que está toda semeada, acolá em baixo, outra...

AL: o que é que cultivam?

MCov1:tudo, milho, batatas, se não levar o esterco não dá nada

AL: o quê?

MCov1:o estrume... nós aqui chamamos-lhe de esterco... depois as vacas amassam e depois andamos com os tractores é que...

AL: e aquilo é que dá ali a vitalidade ao solo

MCov1:aquilo espalha-se no campo e lá ...

[chega a esposa do senhor MCov1, que até ali tinha estado recolhida nos seus afazeres lá para dentro da casa...]

E: olha, o Paulo chegou e diz que daqui a pouco tens de o ajudar a ir botar as vacas...

AL: eu vou-me embora, já lhes tirei demasiado tempo. Vou deixar-vos seguir a vossa vida (RISOS)

E: ele foi buscar o tractor...

AL: eu também já tinha acabado

E: ele foi buscar o tractor e agora precisa que ele lhe ajude a botar as vacas que estão umas num lado, outras no outro

AL: tem de ir trabalhar! Já teve aqui a trabalhar um bocado agora, e agora tem de ir trabalhar um bocadinho mais (RISOS). Diga-me só... esta terra aqui em frente é sua?

MCov1:esta terra aqui é de um cunhado meu, por acaso trabalho-a eu, é o rapaz, agora é ele que a trabalha... esta aqui, aquela lá de baixo também, até ontem metemos duas, anteontem três. Aquilo tem de levar o estrume, se não levar o esterco não dá nada. Eu aqui, tenho as vacarias, é tudo para isto. Agora se não fosse o esterco não podiam semear nada

AL e aquilo que vocês conseguem aqui, tipo as batatas, o milho, etc. é para consumo ou vendem?

MCov1:aqui é quase tudo para consumo. Consumo, depois fazem silagem para as vacas, os milhos é depois para galinhas, para... outras coisas, metem-se no canastro. A maior parte faz silagem, fazem silagem e depois deitam todo o inverno ao gado, e vendem os bezerros

AL: mas vender produtos agrícolas não costumam?

MCov1:não, aqui vendia batatas... aqui tudo tem

AL: e vender para outros mercados?

MCov1:não, eles aqui podiam até vender, aqui não escoava nada, não tiram nada. Quem é que vai... umas batatas. Antigamente o coiso aqui era batatas, que havia aqui uma cooperativa grande, havia batatas por todos os cantos. A cooperativa deu o estouro, pronto, ficou, a batata de Montalegre morreu, agora ninguém a tira...

AL porque é que deu o estouro, sabe?

MCov1:faliu! Roubaram, começaram a roubar, uns roubaram, outros o carambas... e agora... agora ainda vão formar outra

MCov1:vão... já saiu no jornal, já está, já tem o presidente já... mas o outro saiu, aquilo embodegaram tudo, têm lá umas casas do carambas, que aquilo... umas casas boas, e para fazer reuniões e o carambas e aquilo está tudo fechado

AL: da cooperativa?

MCov1:sim

AL: lá em Montalegre?

MCov1:sim, o Estado, sei lá se foi o Estado, havia muito dinheiro e agora açambarcaram aquilo, aquilo enquanto não pagarem, aquilo não podem lá ... está tudo fechado. Fecharam a casa, os armazéns todos, e que armazéns eles lá tinham!

MCov1:era! Antigamente aqui batatas era... se viesse aqui no tempo das batatas por estas terras, por aqui adiante, por todo o lado só se via sacos, sacos, sacos de batatas. Era carros e tractores a carregar lá para a cooperativa. Até aqui em Covelães havia uma terra grande e um armazém, lá em Montalegre já não cabiam, e tinham uma terra grande e punham tudo aos silos, e depois carregavam no armazém, vinham todos aqui buscar, era só batata! Vinham de Tourém, vinham de Pitões, vinham de Parada, vinha tudo para aqui, e depois levavam tudo lá para Montalegre. Pronto, acabou esse coiso agora a agricultura, pronto, é só para eles

AL: o milho é só para o gado não é? E fazem pão ou?

MCov1:é, é só para o gado, e para as galinhas e ...

AL: a batata era a batata

MCov1:a batata dava muito dinheiro, era solteiro e já fabricava batatas para a cooperativa, já ganhava dinheiro como o carambas, naqueles tempos, já ganhava aí muito dinheiro

AL: e não há mais nenhuma cultura que dê assim...

MCov1:não, agora aqui dedicam-se mais às vacas e depois não querem fazer... não há, porque não há quem tire nada. Eu se tirasse este terra de cenouras, ou o povo, ninguém mas tirava, tinha de as botar fora

AL: não percebi desculpe...

MCov1:ninguém mas tirava!

AL: ninguém ia lá trabalhar, é isso?

MCov1:não, tirá-las, tirá-las, não há escoamento! Não uma coisa para “as tirar”. Podia tê-las mas tinhas de as botar fora. Não há nada para as tirar, nós podíamos vender muito, beterrabas, só que aqui damos, dá-se a beterraba, dá-se feijão, dá-se tudo, dá-se cenouras, dá-se aqui tudo. Mas quê? Não há a quem vender. Nada! Não há quem tire-as, “eu depois tiro-vos isto...”. Eu se tiver aí couves para vender, não, não há ninguém que as tire! Nada!

AL: pois... e não há uma feira ou mercado ou ...

MCov1:há, mas as feiras agora é mais... é só roupas e...

AL: não há feira agrícola aqui perto, para os produtores irem lá...

MCov1:não, não há. Isto aqui está muito morto! A lavoura aqui, as pessoas trabalham na lavoura bastante, mas agora é mais para o gado e para o sustento da casa. Aqui já se põe muita coisa, os lavradores aqui não têm fome. Diz-se que há muita fome, muita miséria... aqui não!

AL: nunca houve?

MCov1:Matam muitos porcos, matam, um vitelo já... já matam vitelos. Já, batatas aí também é aos...alguns já nem semeiam muitas, semeiam poucas, para que é que eu semeio batatas, vale a pena para comer? Ninguém mas tira, eu não as vendo, para que as quero? O milho ainda semeiam muito por causa do gado, semeiam muito para o gado, muito milho. Haviam de tirar, havia de haver muitas cooperativas que tirassem, até nós, haveria pessoal que gostava de trabalhar, se fosse preciso até vinham pessoas para aí, porque nós, as pessoas já são velhas e o caramba, vinham para aí trabalhar as terras. Há aí terras a monte, tenho para aí 3 hectares, está a monte, tenho aqui outro por cima que também tem um hectare, quase dois, que também está a monte...

AL: o problema é que não há jovens não é? Se os jovens se dedicassem aqui um bocado

MCov1:eu ainda tenho, o meu moço ainda trabalha algumas, trabalhas as nossas e ainda trabalha, o que trabalha no hospital do coiso trabalha para aí ao todo 50 terras, tem uma lavoura [*? Não se entende*]. O Calistro...

AL: não percebi, 50 terras, quem é que tem 50 terras?

MCov1:é lá o meu sobrinho

AL: tem 50 terras?

MCov1:não, mas está a trabalhá-las... ele também tem uma casa grande e depois dão-lhe para trabalhar a ele “olha, trabalha-as tu que eu não posso trabalhar” e outro “olha, trabalha-as tu que eu não posso” e outro “olha, trabalha-as tu que eu não posso”, e todos assim... esta que está aqui em cima ele dá-as para pastar aí a um sujeito, as outras lá adiante também são para pastar, ele tem tudo para pastar. E pronto, não podem trabalhar em tantas. Agora se houvesse quem trabalhasse e se houvesse alguém que, quer dizer, se as coisas dessem, mas não dão! Quem é que vai trabalhar? Trabalham só para a casa! Ninguém tira nada! Se houvesse quem escoasse, assim pronto, uma cooperativa... no tempo da cooperativa toda a gente tinha dinheiro carambas! O que não faltava era dinheiro... batatas davam muito dinheiro, não faltava dinheiro, toda a gente semeava e o carai, agora... agora é o gado! É o que dá... e há a reforma, antes não havia reforma nenhuma

AL: quando é que a cooperativa foi à falência?

MCov1:já foi há muito, há para aí há mais de 15 anos. E o matadouro, também temos agora o matadouro que também está a dar... se a câmara não tomar conta daquilo aquilo vai também...

AL: é lá em Montalegre?

MCov1:é no Barracão

AL: no barracão? É uma aldeia?

MCov1:é numa aldeia

AL: que é onde vocês vendem os vossos animais?

MCov1:é. Morrem ali, vão para Braga, vão para o Porto, vão para Bragança, vão para Chaves, matam-nos todos os dias, gado, há aí muito gado

AL: mas é o matadouro que paga a vocês os animais?

MCov1:não. Há muitos, depois há um grupo que vende para Braga. Mata-os ali e vai entregar a Braga

AL: compra-os a vocês, mata-os ali e vai entregar a Braga...

MCov1:sim, há vários, há vários marchantes

AL: como é que se chamam? Marchantes?

MCov1:marchantes. Os que vão comprar. Compram aí e já têm lá em Braga ou no Porto talhos que fornece, compram coiso, matam-nos aí e o carro vai leva-los lá, vai levar a Braga, Porto. De maneira que também, se não conseguir manter-se no futuro já estamos outra vez na mesma

AL: se o matador for... pois, estou a ver que sim. Mas acha que vai dar problema?

MCov1:sei lá, porque o da cooperativa é o mesmo, o que lá está. A câmara é que está a dar dinheiro para aquilo se aguentar senão já tinha ido ao ar

AL: pois, deve ser o matadouro municipal, é antigo?

MCov1:é. É antigo, já tem uns anitos... eu já paguei para ele.

AL: o que é que isso quer dizer?

MCov1:já pagámos para fazermos o matadouro, o Estado deu e cada um lavrador dava x, uma dava 100, outro dava 200 contos, outro dava 1000

AL: e os baldios deram ou foram as pessoas mesmo?

MCov1:as pessoas, foram as pessoas, as pessoas é que davam dinheiro. E até é um matadouro que é bom, é um matadouro agora aqui do norte que não há outro. Só é pena que não tenha uma organização boa. Os gajos levam carne, tiram carne, mas ele é bom homem, o engenheiro da batata, deixa-os roubar... houve lá gajos que pediram dinheiro à cooperativa e que não lhe deram mais, pediam aos mil e aos 2000 contos e tal

AL: e foi assim que aquilo foi abaixo?

MCov1:foi abaixo! E depois não pagaram

AL: mas já pagaram...

MCov1:e lavradores! E o homem até era bom, o engenheiro era um tipo porreiro. Lá a cooperativa dava para tudo, até fazia festas lá, convidava o concelho todo, fazia lá festas que assombrava

MCov1:agora que estão a acabar as sementeiras está tudo no monte a carregar mato, é tudo! Os lavradores é tudo. Só se vê ai tractores a carregar mato

AL: ma porquê? Porque acabaram as sementeiras?

MCov1: vão acabar as sementeiras, vão fazer as sementeiras, e já vão para o monte buscar o mato para fazer a cama do gado

AL: ah, para depois meter nas terras]

MCov1:depois para o ano vai para tudo para as terras

AL: ah, é para o ano só, ainda demora um bocado

MCov1: pois, senão aquilo as terras não davam nada, se não deitam não dão nada

AL: pois, pensava é que era mais rápido o processo, este estrume é só para o ano...

MCov1: o outro já saiu todo, já está transformado já está todo... agora este que está a coiso é para o ano, para o ano é que sai para estrumar as terras todas, fica tudo, os tractores a escavar, fica tudo, os tractores já fazem tudo, agora já fazem tudo e, e é assim, se não fosse o estrume a terra não dava nada. Se viesse há mais tempo esta terra estava cheia de estrume

Fafião: MF1

AL: sim... neste momento é a madeira que dá maior rendimento aqui ao baldio ou...

MF1: sim... nós, pronto, temos aí muito pinhal tentamos mantê-lo minimamente limpo por causa dos incêndios, quando arde é mau para todos. E temos também uma antena da MEO, é um pinheiro, não sei se viu lá atrás um pinheiro alto, muito mais alto do que os outros que é uma antena da MEO que nos dá uma renda mensal e que portanto também nos dá algum dinheiro. Mas isso é um valor pequeno. Depois vamos fazendo umas obras, vamos pedindo ajuda à câmara quando é para fazer alguma coisa assim mais... maior

AL: ... e o baldio tem dado rendimento, as actividades que desenvolvem aqui que vos dão algum rendimento é suficiente para manter uma produção, reinvestir nalguma produção... sei lá, por exemplo, madeira ou...

MF1: sim, nós aqui a nível financeiro não posso dizer que estejamos mal porque não estamos, estaria a mentir. Temos muito pinhal e pronto, fazemos umas vendas de pinhal quando é necessário. Muitas vezes não é por causa do valor económico, é porque os pinheiros já estão muito grandes e não deixam crescer os outros então fazemos um desbaste sem fazer cortes rasos e o pinhal vai-se regenerando naturalmente. Sabemos de outros casos em que, por exemplo, as equipas de sapadores têm dificuldades, não recebem há 2 meses, aqui isso nunca acontece...

MF1: (...) Aqui nesta cerca fizemos um projecto de reflorestação com espécies autóctones...

AL: portanto, para lá também ainda é?

MF1: sim... eu penso que isto está aberto... nós fechamos isto por causa dos animais. Depois vamos fazer um bocadinho o trilho, vamos ver os pontos de água... pode deixar aberto... o problema quando fazemos reflorestação é... metemos carvalhos, metemos bétulas, metemos muitas árvores... se as deixamos sem estar protegidas,

como tem aqui uma vezeira das cabras... muitas cabras, elas dão cabo das árvores com os cornos. Esgalham-nas e depois as árvores acabam por morrer. E então, ou temos de vedar para a coisa ficar bem feita, ou vedar tipo uma área destas ou então vedá-las à volta. Só que a vedação à volta dá muito trabalho.

AL: Pois, e deve ser caro não? Para todas as árvores...

MF1: é. O melhor é umas, tipo, um tripé em madeira e depois umas estacas a ligar esses 3 paus, só que isso fica muito caro... aqui temos um pinheiro, ali temos um carvalho, aquilo é um medronheiro

AL: e aqui o objectivo é produção, conservação...

MF1: não, é conservação, produção não estamos a plantar para cortar, os pinheiros sim, quando chegarem à medida, mas estas árvores não, porque era uma pena estarmos a cortar estes carvalhinhos

AL: sabe qual é a espécie?

MF1: este aqui é o americano, este aqui é o nacional. Na altura optaram por meter aí o carvalho americano, que eu não estou muito de acordo, mas agora também não o vou cortar. Porque esse carvalho não é originário daqui

AL: he lá, mas estes pinheiros já foram todos postos por vocês?

MF1: não, os pinheiros aparecem naturalmente. Isto aqui é um plátano dos que temos cá, o nome exacto não sei... Acer qualquer coisa

AL: tem vários... isto já foi feito há quanto tempo?

MF1: para aí há meia dúzia de anos, talvez 8. Exactamente já não sei, só que, como vê isto foi limpo há pouco só que o mato cresce muito depressa

AL: o ICNF ajuda aqui nisto? É do interesse do Parque também não?

MF1: é, é do interesse, eles, por exemplo aqui há umas semanas tivemos aqui uma escola de Esposende e precisei de umas árvores, no caso até foram umas sobreiras, e eles deram-me as sobreiras. Outras árvores como são mais difíceis, mais... agora por exemplo não dão castanheiros por causa da vespa asiática que está a matar... mas dão carvalhos, dão muita coisa

AL: e quando dão, dão quantas para aí?

MF1: dão, isso até dão bastantes, o problema é que quando nós fazemos uma coisa que estamos a plantar umas árvores já queremos umas árvores boas e eles assim grandes grandes não têm, então temos de arranjar noutro sítio. Porque aqui se metermos uma árvore pequena as cabras metem a cabeça e comem a árvore, nunca mais sai dali. Por isso preferimos meter umas árvores maiores que já se desenvolvem mais rapidamente

AL: e essa vezeira não havia forma de fazer com que ela não passasse nesta plantação, ou?

MF1: Nos tempos da floresta faziam isso, plantavam e depois não deixavam a vezeira passar lá, as cabras. Aqui tem duas vezeiras, tem das vacas e das cabras, e no tempo da floresta faziam isso, mas agora é mais complicado (vento)

AL: pois, é isso que eu não sei, por isso é que estava a perguntar, não sei se da para virar um bocadinho à direita...

MF1: é complicado dar conta de 400 cabras, fogem para todo o lado e estas cabras aqui como são bravias, grande parte delas, querem é que lhe soltem a corda e que as deixem ir pelo monte acima

AL: e as vedações não são suficientes para as cabras, ou são?

MF1: não, aqui nas vedações elas nem entram

AL: então e do outro lado não há vedação é isso?

MF1: do outro lado também temos algumas vedações por causa, porque temos ali 40 hectares vedados, em cima, outra plantação também...

AL: epa, 40 hectares vedados é muita vedação...

MF1: pois é, lá temos muitas árvores

AL: também é de plantação então?

MF1: é, é... criação de pontos de água

AL: ah, então vocês andam aí a investir bastante em reflorestação

MF1: também temos porque quando começa a arder aí no alto da serra não há carros que vão lá. Entram os helicópteros em acção, colhem ali água no poço de água e atacam o incêndio na serra alta, não há hipótese, tem de ser mesmo de helicóptero.

AL: portanto a malta toda da aldeia pode usar aqui o baldio

MF1: pode... pode vir aqui buscar mato, pode ir buscar lenha, sabem que não podem cortar carvalhos, sabem que não podem cortar sobreiros, podem levar os pinheiros que estiverem secos e os carvalhos que estiverem secos também os podem levar, e o mato, podem levar tudo, agora chegar aí e cortar à sorte, está ali um pinheiro grande verde com um tronco grande não chegam ali e cortam, porque isso ia-lhes trazer problemas, esse pinheiro é da aldeia, e o dinheiro que esse pinheiro der é para a aldeia, é para o baldio

AL: portanto o baldio há-de ter um papel importante aqui a nível local

MF1: está, aqui o conselho directivo funciona bem! Pronto, claro que depois isto, nem deus agradou a toda a gente, quanto mais nós (RISOS). Depois temos aí uns problemas, porque aí quando foram as novas regulações, creio que foi em 1996, houve uns problemas, que aqui há muita gente que tem árvores e que não... só tem as árvores, tipo uma carvalha no baldio... e quando fizeram essa análise deram-lhe terreno, e esses terrenos vieram causar um problema enorme. Toda a gente sabe que os terrenos não eram das pessoas... o carvalho estava no baldio e o carvalho era sim senhor da pessoa, só que não tinha terreno e aqui houve uma acção em tribunal, uma guerra entre aspas por causa dessas coisas... e continua a haver. E até agora já está a chegar-se a um consenso e as pessoas sabem efectivamente que ali só possuem as árvores mas isso também trouxe algum desconforto e algumas pessoas achavam que aquilo não devia ser assim, que tinham as árvores e que queriam ficar com o terreno... acabaram por não ficar, a sentença do tribunal foi favorável ao baldio e agora sabem perfeitamente que quem fizer isso e quem registar esses terrenos vai ter uma acção em tribunal...

AL: e quem é que teve essa iniciativa? Foram pessoas singulares ou foi...

MF1: não, eu penso que esse trabalho foi por parte das finanças...

AL: não, eu digo quem é que decidiu "ah, vou agora aqui marcar este terreno e esse terreno é meu"? foram pessoas da aldeia...

MF1: não, não, não... pronto, quando fizeram isso as pessoas ou não estavam informadas ou não sei bem como é que funcionava, as pessoas que vieram fazer esse levantamento aconselharam a meter o terreno, tipo esses técnicos das finanças, não faço ideia, depois isso deu um problema enorme. Imagine que eu agora tenho... essa acção já terminou contra uns casos que tínhamos aí, mas agora já estão a meter outras pessoas, porque registaram terrenos nas mesmas condições, e aqui pronto, algumas das pessoas até são bem próximas, mas aqui é igual para todos. Não podemos estar a meter este e a não meter aquele porque este é meu amigo... tem que ir, isto aqui tem de haver justiça e igualdade para todos e é assim que vai funcionar. Casos destes há ao monte, a maior parte das pessoas não fez nada e deixou ficar os terrenos em nome dessas pessoas e por isso aqui fizemos... as pessoas não estão para se chatear, até se calhar também têm um assim e então olha, deixa estar. Só que os terrenos baldios nunca tomam posse, as pessoas nunca tomam posse, não há cá usucapião... se eu deixar passar 50 anos aquilo era um terreno baldio, pode ser julgado e normalmente vai voltar a ser um terreno baldio...

MF1: ... vamos fazer aqui um bocadinho de trilho que foi limpo, fizeram umas mariolas e vamos ter ali a um ponto de água e também temos ali um poio, que é uma cerca das cabras, porque no verão as cabras têm muitas pulguinhas e nós não as queremos lá em baixo na aldeia. E depois estão aqui, aqui é a festa no 25 de julho, temos uma cerca deste lado e elas estão aqui até ao 24 de julho, no 24 de julho a noite passam para a outra cerca e ficam lá fechadas no dia da festa de castigo, a partir daí continuam a soltá-las todos os dias. Depois aquilo tem comida e elas nesse dia não têm problema e nesse dia as pessoas não vão com as cabras tão livres

AL: pois, exacto. Vocês costumam fazer monitorização da utilização do baldio?

MF1: normalmente quando aparece assim alguma coisa fora do comum as pessoas, os próprios compartes tendem a dizer “olha, eu passei ali não sei onde e vi que cortaram lá uma árvore, ou partiram a cancela da cerca das Fontelas” ou qualquer coisa assim. E eu dou um toque aqui nos sapadores e eles vão lá ver o que é que se passa, ver se está tudo bem e se não estiver vêm aí. Mas normalmente sabe-se sempre se alguém fez alguma coisa de mal acaba por se saber sempre

AL: portanto não sentem que há muitas pessoas a usar o baldio e que não lhes diz respeito ou que não têm esse direito, que não contribuem para a gestão do baldio mas usam-no, enfim...

MF1: uuh, pronto, temos aí alguns casos que... por exemplo há aí pessoal que quer vir para aqui buscar pinha, é um exemplo, “olhe, podíamos ir buscar pinhas?” e vêm com uma carrinha de 3500 quilos! E eu... “ouça lá amigo...”. Não podem! Mas eu não me importo que levem 4 sacas de pinhas, agora para levar daqui as pinhas para as vender noutro sítio calma lá! Isso não é assim! E eles já aí ficam... pronto, lá compreendem o que é que se passa e... por exemplo a lenha também não se pode levar, é só para o pessoal daqui, e pronto...

MF1: [...] isto é uma cerca das cabras. Esta é a mais pequenina que nós temos

AL: então é para aqui que elas vêm passar a festa?

MF1: é... aqui não passam a festa, passam na outra. Aqui é até à festa

AL: e porque é que não ficam sempre na mesma nos dois dias da festa?

MF1: porque temos monte dos dois lados e é preciso, ora comem neste ora comem daquele

AL: ah, é longe a outra

MF1: é é, é do outro lado do rio!

AL: ah, ok! Quantos pastores são?

MF1: eu penso que neste momento há 17 herdeiros na vezeira

AL: 17... como é que lhes chamaste?

MF1: herdeiros...porque imagina que eu tenho 20 cabras, aqui um dia de cabras é de 18 a 22, mas há quem tenha 2 cabras e há quem tenha 30... ou seja, imagina que eu tenho 10 e tu tens 20. As nossas portas faz de conta que é este círculo. Eu tenho 10, quando chegar a minha vez, na primeira vez, eu vou com as cabras hoje. Passo-te a ti, tu tens 20, tu tens que ir todas as vezes vais tu. Quando chegar a outra vez, como eu fui a ultima vez e só tenho 10 desta vez já não vou, do anterior passa directamente

para ti, estás a perceber, varia com o número de cabras... e pronto, depois nem toda a gente tem o mesmo número e vai variando conforme o número que eles têm. E as vacas funciona igual, duas vacas num dia, três vacas uma vez vais dois dias outra vez vais só um, se tivesses 5 uma vez ias duas outra vez ias 3

AL: e vai uma pessoa de cada vez, sozinha?

MF1: não, com as cabras vão duas, com as vacas pode ir só uma

AL: e vão e voltam? Ou seja, vêm dormir à aldeia...

MF1: os das cabras vêm sempre dormir à aldeia, os das vacas, imagina que têm 2 dias, estão lá no alto da serra, preferem ficar numa cabaninha do que vir e estar a cansar, porque ainda fica muito longe e preferem ficar

AL: e nesses pastores há pastores jovens também ou?

MF1: não. Às vezes até vêm. Por exemplo, o meu pai tem umas cabritas e o meu sogro, mas eu já não venho há muito tempo, não vou estar agora a mentir... às vezes vinha, mas as cabras não são minhas são do meu pai. Agora se há algum jovem que tenha as cabras em nome dele, pelo menos com menos de 50 anos não há ninguém. Claro que há um ou outro que, temos aí um caso, por exemplo o Dário que é um indivíduo que anda em Braga, que está a acabar o curso de electrotecnia e vai com a mãe não é, o pai dele não pode ir e toda as vezes que têm de ir as cabras tem de ir ele, ele tem 20 anos e tem de ir e ele vai, embora as cabras estejam em nome da mãe. Aquelas rochas brancas acolá são a outra cerca das cabras, onde as cabras urinarem o musgo não nasce, estão ali, tem aqui este roxinho, e a seguir ao roxo tem umas pedras que tem lá à frente, que até à direita tem uns pinheiros queimados, onde tem aquelas árvores mais verdes e as pedras brancas é a outra cerca das cabras

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

MF1: o pinheiro ME0... É o maior

AL: e eles pagam-vos anualmente ou?

MF1: mensalmente

AL: e o que estavas a dizer há bocado que não podiam ter aerogeradores porquê?

MF1: porque estamos numa zona do Parque e isso causava um grande impacto. Tipo se metêssemos acolá nos altos as eólicas causava um grande impacto

AL: mas não há nenhum baldio no Parque que tenha eólicas

MF1: não, não, não...

AL: não deixam mesmo. Isso para vocês daria jeito. E vento não falta que eu hoje ia voando na tenda

MF1: aqui temos cortiços para as abelhas

AL: ah, fazem vocês aqui mel?

MF1: fazemos. Aqui temos várias pessoas, mas tudo pequenos produtores. Eu por exemplo até quero meter um projecto de jovem agricultor para as abelhas, estou a tratar disso, para o ano já estará tudo a andar

AL: e os compartes não gostavam de fazer isso?

MF1: é complicado, a malta nova... isto é que é um ponto de água, esta cerca é a dos 40 hectares, é o Azeveiro. Ali naquela zona temos as tais espécies autóctones. Aqui optou-se por meter um bocadinho de pinhal... vê ali colmeias? Se calhar não foi a melhor ideia porque há pessoas que não estão muito de acordo em trazer os pinheiros aqui para cima

MF1: estes pinheiros foram plantados, onde tem pinheiros está tudo vedado. Os pinheiros foram aqui plantados e houve pessoas que não acharam muito bem meter aqui os pinheiros. Embora os pinheiros é que dão a rentabilidade aqui ao projecto porque essas árvores autóctones não as vamos cortar para...

AL: e quem é que era contra, eram pessoas dos compartes?

MF1: sim, houve compartes. e eu se calhar também estou de acordo que não foi o melhor pôr aqui o pinheiro

AL: porquê? Não cresce bem?

MF1: porque já temos muito pinhal na aldeia e aqui em cima se calhar vamos encher isto aqui de pinheiros quando não os tinha. Tinha aqui se calhar um bom monte para os animais e agora, por baixo dos pinheiros depois acaba por não nascer nada. Para já os pinheiros ainda não estão muito grandes e ainda dá para tirar dali muita urze. Assim que eles fecharem ali por baixo já não tem nada. Embora que aqui nesta zona os animais não podem pastar, está vedada para eles não poderem pastar.

AL: Mesmo quando não havia pinheiros?

MF1: podiam, nessa altura nós não tínhamos vedação. Agora o que eu estou a pensar, as árvores agora já estão a ficar com algum porte, se metermos aqui as cabras elas nestas árvores com 7 ou 8 ou 10, elas ainda estragam, causam danos e matam algumas. Mas estou a pensar na altura de Inverno, mais ou menos de outubro até janeiro deixar meter aqui as vacas, porque as vacas acabam, por não fazer mal, comem a erva, até podem esgalhar uma árvore ou outra a coçar-se mas não vão causar um prejuízo muito grande. e as pessoas também ficam contentes porque temos aqui estes 40 hectares e “quando é que vocês abrem aquilo?”, porque isto já devia estar aberto, só que as árvores demoram a crescer e é complicado. Então assim acaba por ser... nem toda a gente tem vacas, por exemplo eu não tenho, mas acaba por ser um mal menor e as pessoas ficam contentes se se deixar aqui meter

AL: pois. E vocês, bom já percebi que têm os sapadores não é... mas que tipo de coisas é que fazem para a prevenção dos incêndios, aceiros, caminhos...

MF1: fazemos por exemplo, aquele que se vê ali, aquele que vai para Pinhô, que não existia aquele, tem ali dois pontos de água, um ali metido nesta zona lá em cima, e o outro aqui mais em baixo, não se vê daqui, tem ali uma barragemzinha, até vem dali água pública... pronto, vão-se fazendo uns caminhos, uns pontos de água que é necessário e vai-se tentando reforçar, embora que não é muito fácil reflorestar na serra porque depois no inverno é muito frio e muitas das árvores que se plantam acabam por morrer.

AL: pois... mas quando tu dizes na serra é mais alto do que isto?

MF1: é, tipo ali para cima para aqueles altos

AL: ah, ok, que é onde os incêndios costumam...

MF1: uuh, é onde os pastores costumam levar os animais

AL: mas por exemplo, já fizeste alguma vez a reflorestação de uma zona que incendiou ou...

MF1: agora temos ali uma zona que ardeu há dois anos que espero conseguir fazer lá um projecto de reflorestação, com árvores autóctones, não com pinheiros!

AL: e para isso tens de te candidatar a subsídios etc...

MF1: tenho de falar com um técnico, fazer um levantamento e tentar enquadrar essa reflorestação num projecto

AL: agora já não é PRODER não é, é PDR

MF1: sim, agora é o PDR. Mas ainda, penso que ainda não está aberto, mas assim que estiver nós vamos apresentar... não só para isso, também para limpezas. Mas essa zona aí ficou muito fustigada, desapareceu tudo e então era interessante meter lá umas árvores autóctones.

AL: e há alguma parte do baldio que é utilizada para agricultura?

MF1: não. Não temos. Temos [MUITO VENTO, NÃO SE PERCEBE].

AL: nem há parcelas do baldio que são cedidas a compartes?

MF1: estamos a tentar fazer isso aí no polígono, a dar às pessoas que pretendem fazer um pavilhão para terem os animais na aldeia, se bem que esse terreno não seja dado para a pessoa, tem ali o pavilhão, faz o seu pavilhão, mas o terreno será sempre do baldio. Eles podem usar, os anos que quiserem, não vão pagar nenhum aluguer por isso, mas esse terreno é sempre do baldio. Cede-se o terreno, ou se alguém quiser meter um projecto de abelhas, cede-se o terreno onde eles vão meter as abelhas mas o terreno é sempre do baldio. Ou se houvesse algum jovem que precisasse de vedar um hectare numa zona onde efectivamente se pudesse, se não houvesse restrições da parte do ICNF, eu teria todo o gosto e sou a favor que as pessoas tentem e façam, desde que de uma forma organizada e não façam à toa, com algum planeamento, porque o problema das aldeias foi que muitas vezes se fez as coisas... cada um fazia o que lhe apetecia, se houver um planeamento as coisas ficam mais integradas e ficam mais engraçadas

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas [... BARULHO] pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: ok... isso tudo junto dá para aí quanta área?

MF1: dá um hectare e meio, 1.8...

AL: tudo junto?

MF1: sim

AL: e quando vocês fazem isso tem de contactar o ICN?

MF1: não, não temos. Nós temos aqui uma regra, se tivermos na zona do PDM para construção, 5 euros... foi tratado isso na assembleia, com as pessoas lá, com os

compartes necessários para fazer isso... vendemos a 5 euros por m2 dentro do PDM, e fora do PDM vendia-se a 2.5 embora que fora do PDM hoje já não se pode construir por isso também acaba também por não se poder vender

MF1: é que tivemos o *trail* há 15 dias e agora temos o jantar...

AL: o *trail* é o quê?

MF1: o *trail* do Carlos Sá é correr no meio do monte

AL: Quem é o Carlos Sá

MF1: aquele que ganhou a maratona do deserto nos Estados Unidos...

AL: ah, não sabia. Se calhar devia saber não era...

MF1: essa era obrigatória

AL: RISOS. Ganhou quando?

MF1: ganhou já para aí há 4 anos ou 5. E ele agora organiza os *trails*, e foi a primeira vez que passou aqui foi há 15 dias. Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Gerês. E tivemos aqui uma parte que vinham do Xertelo, essa aldeia onde foi o acidente, que é quase lá na ponta, até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês ate Fafião e nos tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para ca. Estes que passavam aqui só comiam uma fruta, uma marmelada e seguiam para o Gerês. E os outros paravam ali e depois o autocarro levava-os outra vez. E hoje e... este, como o Lino não está, esse da marinha que é o presidente da Vezeira, não está disponível, encarregou este, só que este é construtor e rebentou-lhe não sei que no camião, e já não pode ir, e vou ter de ligar a um dos outros para ir...

AL: ao jantar?

MF1: sim

AL: e essa malta pagou-vos para...

MF1: não

AL: essa comida toda teve de vir dos vossos...

MF1: não, grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar... por exemplo, eu que estava ali no pórtico, que era onde eles se encontravam todos, que mandavam uns para um lado e outros para o outro, para eles não se cruzarem, cheguei, ainda não tinha acabado a prova, eu estava todo molhado e já não conseguia dobrar as mãos, estava já cheio de frio e todo molhado. Mas como eu, estiveram mais, veio aí o presidente da Junta

também estive lá num sítio em que o rio subiu muito e ele tinha de estar ajudar as pessoas, também se molhou todo e apanhou uma gripe. Pronto, nós aqui em Fafião éramos 15 e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, só vou eu em representação dos baldios e vai o outro que representa a associação e eles não nos pagaram nada e eu acho que aquilo não está a funcionar muito bem. Mas pronto, logo se verá... e se calhar também devia dar uma palavrinha por causa disso, porque as pessoas, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas

AL: mas na tua opinião quem é que devia pagar, a câmara ou o...

MF1: não, devia pagar o Carlos Sá (*vento*). Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas

AL: é mesmo a primeira vez que fazem isso aqui então...

MF1: é. (...) Daqui deste lado nunca tinha passado...

AL: nunca tinha pensado em fazer maratona no meio do mato

MF1: é espectacular! Se os meus joelhos estivessem como antes era uma coisa mesmo interessante

AL: bom, deve ser super cansativo, mas sim

MF1: mas havia gajos de Singapura, de todo o lado!

AL: quantas pessoas eram para aí?

MF1: os que faziam o curto eram cento e cinquenta, os que faziam o longo que eram 50 km, eram 250. Depois é durante tipo 4 horas a passarem pessoas

AL: que engraçado. Não fazia ideia que se faziam maratonas nos vários ecossistemas (RISOS) deserto, floresta, montanha...

MF1: é espectacular, só que os melhores sítios o ICN não os deixa passar... que era Rocalva lá em cima que é o sítio mais engraçado que temos, de passagem aquilo é mesmo, temos uma paisagem que é uma coisa...

AL: pois é isso... nós ainda andámos bem ahn. A aldeia está longe...

MF1: sim. Vê ali umas colmeias? Aqui onde estão estas árvores secas, lá a frente, já quase perto daquele amarelo? Ali vê-se uma paredezinha, junto àquele amarelo, junto à estrada. Pronto, daqui não se vê, mas aquela parede vê, e tem ali uma chapa com uma pedra em cima, uma chapa ferrugenta, e depois aquilo faz um redondo, aquilo é um redondo em pedra... aquilo é uma cilha, onde ..., faziam as cilhas, dizem, por causa dos ursos não irem tirar o mel. Pronto, agora não há ursos, mas as colmeias sempre estão ali mais resguardadas dentro daquela cilha

AL: mas há colmeias lá dentro normais e depois tem aquilo por cima, é isso?

MF1: há! Não vi quantas é que tinha mas deve ter algumas, mas já todas em caixas normais, já não estão nos cortiços da sobreira. Cortavam o tronco direitinho, só de um lado, cortavam-no assim certinho. Depois, aquilo que levava uma chapela que acho que também era em cortiça em cima, e depois metiam-lhe, não sei se era uma tábua por baixo e elas entravam por baixo. Agora é uma caixa quadrada...

AL: mas o tronco estava oco não era?

MF1: pois estava, estava. Então á sobreira tiram-lhe a casca e a casca sai inteira... para as rolhas e isso assim...

AL: ah, a cortiça! Sim!

MF1: pronto, eles tiram aquilo certinho, aquele redondo, depois atavam-no, já não sei bem de que forma, deviam fazer uns buracos e metiam lá qualquer coisa a segurar e as abelhas estavam lá dentro e faziam lá o mel. Ainda há pouco tempo tínhamos aí um senhor que tinha e ainda lá estão os cortiços, só que acho que já não tem é nada... porque pronto, já não se utiliza, não é tão prático

[telefonema - a conversa é sobre colmeias, um enxame que fugiu]

AL: isso ouve-se tudo... eu ouvi tudo... é um enxame?

MF1: é, é um enxame.

AL: credo, mas isso é assim muito comum?

MF1: é, agora na altura do calor as abelhas enxameiam

AL: ah, e procuram o quê?

MF1: fogem, fogem do sítio onde estavam e criam um novo enxame

AL: ah, então o problema da senhora é o facto de serem as abelhas dela e fugirem ou é o facto de...

MF1: não, as abelhas ela não sabe de quem é que são...

AL: ah, ok. Então o problema dela é mesmo o perigo que elas podem...

MF1: não, elas assim não fazem mal. Pronto, mas se ela não apanhar o enxame vai apanhar outra pessoa

AL: ok

MF1: ou neste caso, se eu não apanhar o enxame vai apanhá-lo outra pessoa. O enxame acho que se está a preparar para pousar num sítio inacessível e depois não se consegue chegar...

AL: ah, ok. Eu estava só a pensar que era uma questão de perigo ou ... que depois não se podia usar a pereira ou ... não estava nada a perceber

MF1: não, não. Isso não há problema! Era a minha sogra. E ela estava a ver, pronto, se eu estivesse por perto para ir lá

AL: e ela queria aproveitar o enxame é isso?

MF1: sim

AL: ah! E as pessoas aqui usam aqueles fatos estranhos?

MF1: sim, tem que usar, senão vai-se às abelhas e são 500 mordidelas

AL: claro. Mas as vezes as pessoas quando estão muito habituadas já não se preocupam

MF1: sim, o meu pai por exemplo com as mãos não se preocupa. Mas eu... não gosto. Eu por acaso também andei a tirar um curso, porque eles aqui fazem as coisas de uma maneira, se calhar já não fazem tudo como se utiliza agora e então é necessário uma pessoa ir procurar esses conhecimentos a outros sítios. Eu no meu caso como estou a pensar em ter um projecto de abelhas é natural que uma pessoa tente ver como é que funcionam as coisas antes de a gente se meter nelas.

AL: por acaso é muito interessante, a forma como elas funcionam... e vocês aqui fazem alguma coisa a ver com o rio... pesca, aquicultura...?

MF1: não. Aqui o pessoal já não... dantes havia aqui um grande vício com a pesca, mas agora já não, o pessoal já não liga nada a isso. Porque também as trutas no rio foram desaparecendo e não sei, se calhar (vento) para conseguirem apanhar de alguma forma menos normal e foram desaparecendo. E agora há pouca e o pessoal não anda muito a pesca

AL: então em termos de produção é mesmo a madeira... pelo que tenho estado a ver... por exemplo, caça... existe aqui alguma associação...

MF1: caça...há as perdizes, as corças, os javalis... mas o pessoal já... hoje acho que isso é só para andar a passear a espingarda que já não matam nada

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia (...) os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafião...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era _interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar árvores (...) e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer vingar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: a associação Vezeira?

MF1: exacto.

AL: a Vezeira existe há quanto tempo?

MF1: eu acho que é de 2009 ou 2010...

AL: e antes de haver a Vezeira não faziam essa plantação?

MF1: fazíamos essa plantação na mesma só que pronto não era uma coisa organizada e não trazia pessoas de fora... agora vem 100 pessoas...

AL: aí é? Para ajudar?

MF1: é! E pagam inscrição e comem e fazemos-lhes a cabra... o que se come aqui na festa é cabra...

MF1: na festa de julho?

MF1: sim, na festa de julho. É o nosso, o nosso prato forte é a cabra. Não é aquela cabra negra do Minho como se vê no outro lado. Depois fazemos também uma outra comida grelhada e depois ao fim damos um bocado de cabra. A cabra é maravilhosa. As pessoas que vem adoram a cabra. E fazemos a cabra num pote, como se fazia antigamente e as pessoas ficam deliciadas

Esta actividade é mesmo fora de série. De todas as que fazemos aqui eu pessoalmente é a de que mais gosto, porque eu gosto muito desta parte da serra, e é... é espectacular

AL: e que tipo de pessoas é que vem?

MF1: vem todos, vem todo o tipo de gente. Até há alguns que não conseguem saltar uma pedra, vem, ficam por ali num sítio que reconstruímos, que foi Pinhô, essa cabaninha que está lá toda engraçada, eu depois até lhe posso enviar umas fotografias, vamos lá nesse dia, é um sítio espectacular e o carro chega lá. E depois as pessoas dividem-se porque há vários currais e depois voltamos todos para ali, ficam ali uns a cozinhar, e depois quando chegarmos vai estar tudo pronto e o pessoal está ali na boa, tem água, tem sombra

AL: muito giro. E as pessoas vêm de longe ou vêm aqui de perto?

MF1: não, às vezes vêm alguns de lá de baixo, de Lisboa, muitos do Porto, de Famalicão, de Braga, aqui de todo o lado. Aqui nas nossas actividades tem sempre muita gente. A matança do porco também tem muita gente

AL: ah, a matança do porco também é aberta às pessoas de fora?

MF1: é. Depois também temos o trilho do medronheiro, mas esse costuma vir menos gente porque é em altura sempre de novembro, muita chuva, este ano estava a chover torrencialmente e tivemos tipo 40 a 70 pessoas a fazer os trilhos a chover torrencialmente. Fizemos uma plantação em marco que é aqui aquela zona onde estivemos e mais lá em baixo noutro sítio que ardeu. Essas também têm menos gente, teve-se 70 pessoas, mas esta dá, principalmente a /mança do porco e aquela lá dos currais é a, são as mais concorridas.

AL: olha cabras...

M+F1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafão ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pá, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este é a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsídio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porquê?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo

T: até logo, obrigado!

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns câezitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar aí numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há várias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

AL: ah, as vezeiras é só nesta época...

MF1: as cabras são todo o ano, só que há uma época que ficam cá em baixo e outra que ficam lá em cima, mas é todo o ano. As vacas é de mais ou menos 10 de Maio, neste caso vai começar amanhã, começa amanhã e acaba em 29 de Setembro, estão na serra, as vacas...

AL: isso que tu disseste de as cabras ora ficarem cá em baixo ora lá em cima, tem a ver com aquela questão das brandas e das inverneiras?

MF1: não. Na altura do verão que elas não querem ir para baixo, que gostam de estar na serra, não tem cabritos e tal, ficam lá nas cercas, e não andam aqui a encher o lugar de pulgas. E no inverno como tem os cabritinhos e está mais frio elas gostam mais de ficar recolhidas

AL: recolhidas aqui nos currais

MF1: sim, porque elas ali, se vier no verão chuva, apanham com a chuva, algumas até têm lá onde se meter mas não tem para todas, e as cabras não têm problema nenhum com isso

AL: mas a palavra brandas, vocês aqui não usam essa expressão?

MF1: não. (eu explico o que entendo por brandas e de como existe esse conceito no Minho...) pois, aqui nunca abandonam as cabras, e as vacas da vezeira também não. Há outras que são... que as soltam numa zona, que é o gado que nós chamamos de “feirio”, que se soltam e deixam lá estar e vão ver tipo uma vez por semana. Só que esses depois têm mais problemas porque muitas vezes comem-nos os vitelos. Não estão guardadas, elas espalham-se e depois é mais... pronto, há mais problemas.

AL: feirio?

MF1: é... nós até, o termo que utilizamos é o gado “á suisse”

MF1: amanhã vamos subir a vezeira...

AL: como assim?

MF1: vão subir as vacas todas para a serra e depois espalhamo-nos uns para cada curral porque tem de se meter o mato no fundo das cabanas e tirar o que lá estava do ano passado e arranjar lá umas coisitas e é o dia de por a vezeira

AL: disseste por o que na cabana?

MF1: o mato. Para depois ser só chegar lá e por só uma ervazita, um saco-cama ou um cobertor ou uma coisa qualquer e dormem lá já bem. Aquelas paredes ali é o fojo, vamos ter de ir lá outra hora porque o fojo também é muito interessante.

AL: pois eu amanhã já tenho combinado lá em Covelães ou Sezelhe, acho que é Covelães... senão colava-me aí a vezeira (RISOS)

MF1: pois, é um dia engraçado

AL: e quem é que vai?

MF1: normalmente vai quem quiser, quem quiser ir ajudar pode ir, só que normalmente vão as pessoas que tem mesmo de ir. Eu por exemplo vou porque vou no lugar do meu sogro, já tem 75 anos e eu vou na vez dele, mas ele ainda podia ir porque ele está rijo. E pronto, e vai o pessoal que pelo menos tem que ir

AL: são para aí quantas pessoas?

MF1: ah, poucas! Eu acho que os da vezeira são 11, por isso vão 11 ou que vão mais 3 ou 4, ou um turista, acho que amanhã vem uns turistas de uma associação qualquer e também vão ajudar e é assim

AL: quantos currais são?

MF1: currais na vezeira são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ... há para aí uns 15, só que eles só utilizam para aí 10

Outeiro: M01

MO1: o gado não tem parede não é... ainda hoje vão. Ai tenho aí um vizinho meu que tem de ir pelo lado ali de Tourém e virá-las que elas vão-se aos lameiros, quando já não têm comida no monte vão procurar, como o javali

AL: e o pessoal, vocês não andam com as vacas? Lá, para controlar isso...

MO1: antigamente fazia-se a vezeira aqui, ia-se dormir para lá, aquelas cabanas, ainda agora temos aí cabanas recuperadas através estes projectos, cabanas feitas para o pastor... não produtivos, essa coisa, investimento não produtivo... mas já temos, tanto o CD dali como nós já fizemos essas... a recuperação dessas cabanas, mas agora o pessoal é pouco. Quando era antigamente iam render uns aos outros para guardarem o gado, também porque o lobo atacava muito os animais. Agora anda aí muito garrano e parem os potros e eles alimentam-se deles, e cabras bravas temos aí, talvez 500 dessas

AL: os lobos alimentam-se dos potros é isso?

MO1: alimentam, quando são pequeninos atacam as burras, são animais mais frágeis... a vaca reage não é... e a égua vê só, a manada segue e ele fica quando é pequenino o lobo tenta... poucos trazem, anda aí muito garrano mas agora poucos trazem, poucos trazem para vender... e é da maneira que isto está, mas ai há muito animal desse...

AL: lobo?

MO1: isso há, agora andam aí alguns, porque nascem os potros veem-se os ossos e não se vê o potro é porque alguém os come não é...

AL: e diga-me uma coisa, vocês aqui têm floresta no baldio?

MO1: tínhamos aqui um pinhal que depois ardeu, é mais zona de carvalhal não é... lá na serra temos aquelas corgas com carvalho, e é isso que nós hoje, com a equipa de sapadores limpa-se em volta e limpa-se dentro para não acabar com o que há, não é...

AL: e têm feito plantações também, ou não?

MO1: plantações não, não fizemos projecto nenhum de plantação... não, porque o pessoal daqui tem muito gado e se se começa a investir em floresta o próprio pastor destrói então nós apostamos mais na regeneração natural, conservar não é... porque em zonas de pedra também o pinheiro que está lá a fazer? Não dá nada não é... agora nas zonas boas o pessoal faz-lhe falta para pastoreio, antes querem o pasto para os animais do que a floresta, porque ainda têm a ideia que antigamente houve plantação de floresta aqui, aquela coisa acolá da cerdeira era tudo pinhal

AL: mas aquilo já não é o vosso baldio ou é?

MO1: não, não, acolá já é da outra aldeia... e depois os pastores faziam-lhe falta e havia a proibição, os guardas da floresta e tal, andavam em cima, até tinham de tirar licença para roçar, para os animais pastarem.. e o povo não estava habituado a essa pressão e defendia-se, destruíam tudo, acabaram por desistir...

AL: ai, acabaram por desistir?

MO1: acabaram por... esse pinhal que existia aí, não foi o Estado que plantou isso, foram as aldeias que plantaram, mas depois se vinha o Parque levava 25% daquilo que existia, património não era... levavam 25% e o povo ficava com o restante, fizemos aí uma venda deles, pontes para a serra, caminhos, muros

AL: com a venda?

MO1: com a venda desses recursos. E agora estamos a apostar nisso, temos umas posturas, ninguém pode cortar, só com autorização, algumas árvores que morrem ou que sequecem, isso é que a gente dá autorização, e a outra regeneração natural estamos a limpar e a prepará-la para ela ficar para o futuro e faz falta para a natureza, não é... as árvores...

AL: claro. Mas e o pinhal que têm é do Estado ainda que ele plantou ou?

MO1: ainda, o parque ainda quando há um corte leva 25%

AL: ah, não, mas eu pergunto se foi o Estado que o plantou ou se foram vocês

MO1: esse que existia, que agora foi vendido

AL: ah, foi o tal que ardeu e venderam...

MO1: foi, foi, foi, o parque levou a percentagem dele e o restante ficou na freguesia

AL: ah

MO1: agora com a regeneração natural não sei mais tarde como será, eles também dão apoios às equipas

AL: quando é que isso ardeu, lembra-se?

MO1: isto já ardeu para aí há... não sei, 6 ou 7 anos, agora até aquilo criou giesta e... e o carvalhal deu carvalhas novas e este ano os sapadores até fizeram ali uma limpeza de para aí 3 ou 4 hectares e já há pinheiros novos que ficaram, já há carvalhal que se safaram no meio das giestas, já estão a seguir eles não é... e já temos uma parte ali que já temos carvalhal grandinho e em que o pinhal já foi embora. Portanto o terreno produz carvalhal não é e agora é apurado e é limpo e estão a seguir os carvalhos em vez do pinhal, e é a árvore mais adequada aqui à zona é o carvalho... o carvalho, o castanheiro. O pinhal dá-se mas... não entendo bem que o pinheiro [*Não se entende*]... enquanto não entenderem que aquilo é só nosso, conserva, onde todos querem meter a mão [*Não se entende*] por aí abaixo em várias zonas vê-se arder

pinhal, eu não gosto nada de ver, não gosto de ver queimar... eu gosto, às vezes quando têm que limpar para os animais antigamente faziam-se os fogos controlados, o parque agora faz isso mal, porque se houvesse esses fogos controlados na época própria, o povo via, que nós fizemos ainda há pouco tempo, fizemos através do Parque, fazíamos as limpezas com o lume e tal e eles iam e tal, queimava-se aquele bocado, depois queimava-se outro bocado e depois aquilo eram os corta-fogos um no outro. Quando há proibição total, depois ao criar muito mato, que há uma época mesmo seca, já não há quem o apague, que foi o que aconteceu aos espanhóis. A serra toda deles, da parte de trás, já era só matagais, deixaram de ter animais e um botou o lume ali em baixo de Tourém, veio até aqui ao Gerês, foi tudo limpinho, não ficou nada. Qualquer árvore que havia no meio daquele roço derreteu, queimou aquilo tudo, até os rios ficaram limpos, as lajes, a serra é boa, tornou a recuperar, para a pastagem, agora para os animais, não tem outra utilidade... mas se deixassem, plantações ali, aqui ou acolá, eles não têm animais, aliás o espanhol até anda a plantar, várias zonas já, das aldeias lá para cima, andam a aumentar os pinhais. Porque eles não têm animais, e eles lá tratam melhor a floresta que nós. Fazem corta-fogos na serra, com máquinas, fazem plantações e limpam, têm empresas, aquilo não é bem, é o Estado que entregou

AL: ai, já é privatizado aquilo?

MO1: é, aquilo agora é... há várias empresas ali e eles é que tratam daquilo, recebem subsídios e o pinhal aumenta. Mas aquilo é diferente da nossa zona, porque os habitantes aqui têm animais, precisam mais do pastoreio do que da floresta não é, e é essa a questão de ela não aumentar

AL: estive em Pincães e eles têm imensa floresta

MO1: têm! Têm, agora já há mais conservação porque o povo vê que... já está a olhar para aquilo como seja deles não é... talvez, por essa maneira, talvez até o povo olhasse melhor e não queimasse tanto e houvesse outro regime não é... porque se viesse para aí o ICN ou qualquer outra instituição proibir certas zonas que interessam ao povo noutra exploração isso nada vai acima, porque o povo queima, o parque ou mete animais ou ... eu já conheço isto, dantes quando tínhamos ali aquele pinhal que estava ainda novo, as próprias aldeias já não se entendiam aqui... uns queriam pastar, outros queriam que não fossem lá os animais, estavam mais certos não é... um núcleo qualquer, eu hoje até penso que fazer umas plantações era bem, numas zonas..., mesmo em zona boa a árvore plantada com certa distância dava pasto igual, dava alimento para os animais, os castanheiros, dava para o brávio e para o produtor, que não era má...

AL: mas?

MO1: mas a ser gerido pelas aldeias

AL: mas porque é que não fazem isso então?

MO1: ainda se não começou

AL: ah, mas têm esse projecto é isso?

MO1: mas podíamos fazer isso, então porque não? Para uma era a protecção aos animais não é, abrigo. Porque a nossa serra a não ser os carvalhais não tem outra protecção, e os animais procuram, havendo frio, procuram os abrigos não é... são esses carvalhais. O carvalho produz as landras, produz para o corço, para o javali, para os próprios animais

AL pois, pois

MO1: e temos carvalho, não se vê mas nós temos muito carvalho na serra nessas baixas escondidas temos muito carvalho e agora até estão a regenerar muito com as limpezas que estão lá a fazer. O carvalho em si só se protegia a ele próprio na linha de água, porque já ele tinha dominado a vegetação, com as limpezas que estão a fazer à volta já há lá muito carvalho, não é? Já há carvalho em regeneração, porque o mato ardia, o mato crescia tanto ou mais que o carvalho quando ia outro palhito tornava a queimá-lo e agora já está a alargar os carvalhais porque... com essas limpezas, se não houver fundos para fazer essas limpezas e ninguém limpe nunca temos nada.

AL: pois, pois, pois

MO1: por exemplo, este carvalho que você vê agora aqui, toda esta encosta por aqui afora até ao Rio Cávado, isto quando não havia tractores havia aí um carvalho por outro, alguém que não... era tudo roçado pelos agricultores para estrume dos animais e para as terras, mas hoje não, já há tractores, a gente tem estradas que até aqui não havia... vai aí acima até ao cruzamento de Pitões, não sei se você conhece, quem vira para Pitões e para Tourém, há ali um cruzamento, os nossos limites vão até ali, vem de toda a linha de água que vai ter à cascata, para cá o limite é nosso não é, a gente vai lá roça, vai à limpeza, já fiz lá limpezas nesse baldio também, no último ano, foi através da ADERE da Peneda-Gerês, um projecto que aí fizeram... e limpámos ali, ainda deu aí um subsídio para o pastor da rês e ainda nos deixou dinheiro para muitas coisas esse projecto

AL: da ADERE... eu não sabia que havia projectos da ADERE aqui também para limpeza

MO1: foi a ADERE, a ADERE é que trabalhou aí connosco, aí um projecto, fizemos aí umas limpezas, uns 15 ou 16 hectares

AL: isso foi em que ano, sabe? Mais ou menos?

MO1: já não ...

AL: mas há 10 anos? Há 20?

MO1: não, menos, aí há 6-7 anos

AL: pois... mas a vocês não vos interessa por exemplo começar a fazer render o pinheiro? Já fiz esta pergunta mais ou menos, mas agora mais...

MO1: não! Não é que...

AL: no sentido de vos trazer receitas

MO1: nós temos aí zonas, até aquele pinhal ali que ardeu, era um núcleo que podia ser vedado, não é... se disséssemos assim, pronto, e se nós fizermos este projecto, o parque ou o ICNF eles aprovam-nos isso de certeza. Vedá-lo e plantá-lo e limpá-lo e trabalhá-lo para produzir, agora deitá-los à sorte e meter animais a pastar, a comê-los e a esmagá-los, não tem interesse nenhum

AL: pois, mas assim o pessoal da aldeia não está muito interessado não é? Preferem manter os pastos do que ...

MO1: ter do que viver não é...

AL: do que ter a floresta

MO1: há zonas e zonas não é, há zonas que, como tal, aquela aldeia ali de Paradela já não tem uma vaca, não têm [*? Não se entende*], dão os lameiros a quem os limpa e pagam para limpar os terrenozinhos, porque as pessoas envelheceram, têm filhos que estão fora e já é uma zona que se calhar até antes quer isso, não é...

AL: o pinheiro?

MO1: ora, esta aldeia como é uma aldeia que vive do rendimento dos animais quer é pasto, não é...pasto que é fácil, deitar o gado e ele pastar e todo o lucro que vem é rentabilidade porque não se põe na pia, como nós chamamos não é, se eu for pôr hoje na pia rações ou qualquer produto, o animal não dá rentabilidade daquilo que come. E enquanto andam na serra meio ano é limpo. Eles botam para lá uma manada de novilhas ou vitelas, enquanto elas têm pasto elas vivem lá como vivem aqui a ser tratadas na manjedoura. Durante o inverno é frio, neva, chove, a gente tem de ter aqui os palheiros, como nós chamamos aqui, alimento, que é aquilo para que nós trabalhamos durante o ano é para as vacas

MO1: agora há uns jovens aqui novos, porque a vida está má em todo o lado, a quem meteram uns projectozitos de... o pai a ceder-lhe e tal, mas com estes cortes de baldio já o pessoal está com medo, porque se lhe tiram o baldio as pessoas só no próprio que têm é que nenhum projecto podem fazer porque não têm áreas

AL: pois, isso vai ser um bocado mau para, lá está, para rejuvenescer aqui um bocado a agricultura

MO1: claro! Nós aqui antigamente havia aqui 3 vezeiras de cabras aqui nesta aldeia, Cela e Sirvoselo tinha vezeira, vinham daqui acolá serra acima, Parada tinha outras 3 vezeiras, ovelhas e cabras, o pessoal estava ca fixado, tinha de sobreviver disso não é... havia aí, vinham aí pessoas que levavam camiões de cabritos, e de anhos, no são

João para Braga. Havia um homenzito, já faleceu, chamavam-lhe o Rebenta Portugal, chegava aqui, botavam os cabritos para fora das lojas, ele comprava tudo pela mesma medida, “quanto é cada um” “é tanto!” e tal... levava tudo, tudo se varria, hoje... é bom comer cabrito mas guardar cabras não é fácil

AL: gradar cabras?

MO1: guardá-las

AL: ah, guardar, desculpe

MO1: guardá-las, o pastor andar com elas. Ah, agora ainda há aqui um rebanhozito delas mas como o dia é grande levam-nas a pastar de manhã e tornam-nas a botar de tarde, mas já está mal, já só andam de roda da aldeia, porque até ali, quando era a vezeira, ou iam dois pastores ou um, mas a rês saía de manhã, logo aí às oito da manhã ou nove horas, ia por essa serra fora e só vinha à noite, mas agora como o pessoal não quer andar todo o dia, porque tem um rebanhinho delas, leva aí de roda e tal, nos terrenos e tal... corte! Já não é aquela exploração como era antigamente

AL: pois, vamos ver no que é que isto vai dar não é... é uma pena, para mim não faz sentido que se meta em causa os baldios porque realmente... se se vê... agora diga-me o senhor, se o baldio acabasse o que é que acha que acontecia aqui à povoação? Ou seja, quando digo acabasse não quero dizer que o baldio vá acabar, mas se a gestão deixasse de ser local

MO1: claro, ou que viessem outras empresas tomar conta disto a nível de Estado, ia pôr-nos aí... como já houve não é, essas empresas das florestas, proibição, multas... o pessoal revoltou-se! Começou a queimar e depois acabou...

AL: na sua opinião qual é que é a importância do baldio actualmente aqui para a população de Outeiro?

MO1: a importância do baldio é continuar como está... mesmo que alguém do Estado esteja a gerir de acordo connosco, que nos não prejudique, agora se nos trouxerem iniciativas de sucesso, nós aceitamo-las, como estas plantações... eu não me importava de fazer gestão com eles, de dizer assim “bom, vamos aqui fazer esta plantação, vamo-la vedar, vamo-la trabalhar, há aqui técnicos apoiados por nós e por vocês e isto vai dar rentabilidade hoje e amanhã”. Estou de acordo com isso, pois se nós temos aí terrenos que se for preciso estão a ser queimados e podem ter uma plantação como essa

[passa uma senhora...

S: bom dia

AL: bom dia...

S: o dia está bom

MO1: está, está... o que faz falta é chuva...

AL: ehh, não diga isso, deixe só aguentar mais 2 dias ou 3

S: ai, fazia muita falta

AL: fazia?

MO1: ela vem, ela vem, tudo o que é desejado ainda há-de ser recebido...]

MO1: e é assim, isso não dava prejuízo nenhum, na nossa serra há hectares e hectares que produziam tudo

AL: pois, mas por exemplo se agora de repente deixassem de poder gerir o baldio como tem sido até agora, que é os povos a gerir ou as juntas, ou...

MO1: claro

AL: o que é que ia acontecer aqui à aldeia

MO1: oh, afectava aqui a população, era cortar-lhe as pernas e pô-los aí de cadeira de rodas. Nunca vai, porque isto ia dar revolução, nunca há ninguém que entre com estes povos serranos

AL: qual é a principal mais-valia do baldio para a aldeia actualmente?

MO1: é o pastoreio... e em si outros aproveitamentos, eu estou de acordo com isso, como estou a falar aqui dos nossos terrenos, se não são produtivos para a agricultura, plantação! Estou de acordo... mas depois limpar! E plantar para colher. Agora ir plantar ou ir semear... eu semeio as minhas batatas mas sei onde as hei-de semear, não as vou deitar na terra do centeio... se chove ainda dá, mas se não chove não me dou ao trabalho, o que é que ando a fazer?! Tudo é rentável mas é sabendo aproveitar, mesmo as nossas serras podem dar esse rendimento... então não podem? Então a Serra da Estrela tem lá muitas coisas boas, tem ovelhas, tem leite, tem queijo, nós temos serra como a da Estrela ou melhor... você não lá conhece mas se quiser vir aí um dia de férias passar uma semana, que vá ver os animais por essa serra você vê o que aí vai, animais a pastarem mas tratadas

AL: eu já andei por aí com o Senhor Bento, andámos aí de carro...

MO1: na Mourela ou não?

AL: sim, no baldio dele não é... fomos às cruces, ainda andámos por lá, depois fomos até Pitões pela serra... foi bom

MO1: claro, claro. É uma serra produtiva para animais aí, até não é...

MO1: isso é um espigueiro, canastro...

AL: mas... onde põem o milho?

MO1: onde se põe o milho a secar

AL: mas no outro dia deram-me outro nome... os espigueiros e os...

MO1: são considerados também o canastro, agora é espigueiro noutras zonas não é...

AL: pois, se calhar era canastro... já vi que isto muda de lugar para lugar... e ainda são usados?

MO1: pois são! Agora usam-se mais para fazer a silagem do milho para deitar ao gado

AL: mas qual é a diferença? Diga-me lá que eu sei pouco disto

MO1: o das espigas da mais trabalho, é preciso apanhar o milho, espigá-lo, metê-lo no espigueiro e depois moê-lo no moinho a tractor e deito-o aos animais, farinha só

AL: sim

MO1: e há quem faça a silagem da palha e da espiga verde e mete aquilo num silo e depois deita aquilo aos animais e ...

AL: e a semente também aí?

MO1: é

AL: e porque é que ainda faz da outra forma? É melhor?

MO1: agora a silagem também é uma coisa que dá muito trabalho, agora... é preciso máquina, é preciso tractor, é preciso silo para botá-la aos animais, e eu não tenho gente, sou só eu e a patroa, já me chega isto

MO1: pois é, agora vou àquele terreno, corto-lhe a erva e elas comem acolá

AL: as vacas vão para lá?

MO1: vão para aquele terreno, vou arranjar um bocadinho de comida aqui deste lado, agora corto-lhe a erva, ponho-as acolá com o pastor e eu e ela já trabalhamos aqui, já o gado está guardado, senão exigia um pastor com ela já não se faz nada

AL: pois, pois, mas o que é que normalmente se faria? Era pô-las na serra?

MO1: mas estas têm crias, estão paridas, agora apartei duas vitelas que tenho aqui nesta casa, tenho ali duas vitelas, que estão ali apartadas, e agora as mães vão perder o leite nestes 8 dias e depois vão para a serra... tenho mais um touro e 4 touras lá em cima num terreno vedado que estão a... estão novas, pu-las lá, já estão maduras, agora depois vão com os outros para a vida na serra até ao mês de Outubro

AL: aaah, e as outras estão lá agora? As que não estão paridas?

MO1: as outras estão lá e estas estão à espera, você vê aquela terra ali? Tem erva para comer, e aquelas acolá têm erva, tenho outras acolá mais ali para cima de pasteiro para estas que estão cá, que ficam cá, pastam isto, e as outras pastam na serra e depois ao fim pastam daquilo que eu lhes arrumo durante o ano

AL e depois metem as vacas a comer aonde?

M [esposa de MO1]: ali numa terra acolá, naquelas ervas

AL: e metem lá a erva que cortam, é isso?

M [esposa de MO1]: é, é

MO1: pomo-la no terreno e elas comem

AL: e são aquelas vacas todas que estavam lá na...

M [esposa de MO1]: são 10, são 10

MO1: ainda está aqui outra

AL têm 10 aqui e 10 lá na serra?

M [esposa de MO1]: não, temos 10 aqui fora, e 4 lá em cima numa terrinha, são 3 e um touro

MO1: estão a endurecer para ir para a serra, estão a fazer a recruta

M [esposa de MO1]: e andam 4 na serra, e agora tenho um touro na corte e mais estas duas, são 21!

MO1: agora as outras estão a fazer a recruta

AL: o que é que isso quer dizer?

MO1: estão a fazer a recruta agora, estavam habituadas a estar na corte agora estão lá a pastar a dormir fora, e depois há-dem ir com esta vaca e com mais duas que tenho ali, que lhe tirei as vitelas, e vão as 6

Paredes do Rio: MP1

MP1: o Estado aqui nunca mandou

AL: nem o ICN nem o Parque?

MP1: bom, o ICN e o Parque sim, não deixam plantar o que a gente quer, por exemplo

AL: pois, pois... o que é que vocês gostariam de plantar que eles não deixam?

MP1: por exemplo, o eucalipto aqui não deixam plantar

AL: pois... vocês queriam plantar eucalipto?

MP1: era talvez a madeira que dava mais rendimento e que crescia mais... aqui assim o carvalho leva muitos anos a crescer

AL: sim... e vocês não podem cortar o carvalho pois não?

MP1: oh, pode, não se pode é cortar tudo a eito, não se pode arrancar a eito, aí já eles intervêm, o parque

AL: então vocês volta na volta cortam um ou outro carvalho e vendem

MP1: não, po lume, po lume da casa

AL: ah, po lume

MP1: há quem tenha vendido também mas de vez em quando andam aí à rasca, que eles andam em cima

AL: ah, não se pode mesmo pois. E pinheiro, vocês aqui?

MP1: aqui não há, nesta aldeia não há

AL: mas o Estado não entrou aqui com a floresta naqueles tempos?

MP1: antigamente já, mas já, jaz foi antes de eu nascer, já tem 5 anos já... já tinha 5 anos, antigamente fizeram aí uma plantação, mas depois o lume

AL: o lume de quem? Dos pastores ou sem querer?

MP1: sei lá se é por querer se é sem querer

AL: (RISOS)

MP1: sei é que de vez em quando está uma a arder, lá vai o que lhe aparece à frente

AL: pois, e vocês nunca plantaram pinheiro?

MP1: não, não

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

AL: [...] tem passado muito fogo por aqui? Desculpe interromper...

MP1: desde que veio para aí o posto de vigia nem por isso... lá vem às vezes o lume assim fugido, às vezes no verão as pessoas chegam lá perto da barragem, não há quem o apague

AL: pois... também é só mato não é?

MP1: é

AL: não há assim muita floresta... quantos hectares de carvalhal vocês têm?

MP1: nós aqui? Nós aqui no baldio temos pouco... para aí 2 ou 3

AL: 2 ou 3 hectares

MP1: sim

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim...

MP1: está a ver, estávamos há bocado a falar das florestas... tem acolá 3 ou 4 pinheiros, tinha sido o Estado que tinha plantado aquilo

AL: aqueles pequeninos... aqueles poucos?

MP1: sim, acolá em baixo... mas isso estava, fora na altura fora tudo plantado, que isto pertencia tudo a Paredes

AL: aí era?

MP1: era

AL: mas isto é Pitões ou não?

MP1: não!

AL: ai caramba que confusão!

MP1: é Paredes, mas para os subsídios é que nós tivemos de dar esta parte do alto para cá aos de Outeiro

AL: ok, ok... vou fingir que percebi (RISOS). Então isto era tudo Paredes, e aqueles restos de pinheiros ainda são do tempo do Estado

MP1: sim

AL: e depois, aconteceu...

MP1: e Paredes era daí de onde esses pinheiros para cima... metade da corça, passa o regato por aí abaixo é de Pitões, e dali para baixo pertencia aos de Outeiro e aos de Parada

AL: ah, ok. E então o que é que aconteceu ao resto dos pinheiros?

MP1: foi o lume que queimou tudo

AL: foi o lume... pois... e depois venderam a madeira queimada não?

MP1: não, não venderam nada... caiu tudo, ficou aí tudo

AL: e há quanto tempo é que foram esses incêndios?

MP1: já foi há muitos anos... eu já não me lembro

AL: e nunca mais houve pinheiro?

MP1: não, nunca mais plantaram nada

AL: na altura em que o Estado andou a pôr a floresta em todo o lado aqui – se já lhe tiver perguntado isto, passe à frente, não estou certa se perguntei... – aqui em Paredes puseram aqueles pinheiros que nós vimos, ou pôs muita mais?

MP1: pôs naquelas encostas todas em volta até ao alto, até lá acima no posto de vigia

AL: ah, sim, sim, sim. E houve muita oposição nesta aldeia?

MP1: não sei

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: RISOS

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

AL: [...] então e vocês têm alguns conflitos com a aldeia ao lado? Por exemplo com o pasto... com a partilha das pastagens...

MP1: por exemplo, aqui a nossa área comem-na toda os outros, mas os de Pitões e ali de Parada é que comem tudo

AL: (RISOS) porquê? São muitos?

MP1: têm muita fazenda, têm muitas vacas. E por cá há poucas e é só quase dentro dos terrenos, não vão assim para longe

AL: pois... mas vocês têm conflitos acerca disso?

MP1: não! Já houve mais

AL: o que é que mudou para que já não haja?

MP1: antigamente havia muito gado, e quem tem gado não quer as dos outros na área deles não é?

AL: pois... pois, exacto. Vocês ainda fazem vezeiras aqui?

MP1: não

AL: há muito tempo que deixaram já?

MP1: aqui com as vacas nunca fizeram vezeira. Aqui o gado nesta aldeia ia sempre pastar para o monte e ia dormir a casa e ainda assim é hoje

AL: e porque é que é diferente, em relação aos sítios onde se faz vezeira?

MP1: porque as vezeiras normalmente é onde há serra, não há terrenos em volta

AL: aaah. Quando o pasto é bom mas longe não é? Onde ele é melhor é lá longe é isso?

MP1: botam-nas lá todo o verão para a serra e não andam lá mais atrás delas

AL: pois... mas tem a ver com o facto de a ervinha boa estar lá longe... ou não? Não tem nada a ver com isso?

MP1: não... o monte até é mais ?, aquilo é só pedras

AL: sim... mas eu percebi que disse que as aldeias que fazem vezeiras são aquelas que não têm pasto perto delas

MP1: também tem, mas são áreas mais, quer dizer o terreno é mais ruim, aqui se for a ver aqui há água em quase todo o lado... aí por esse monte, este ano até está muito fraco porque botou pouco, o sol e o frio queimou tudo, mas às vezes isto está tudo cheio de erva

AL: a mim já me parece bastante verde, não sei como é que costuma ser mas... em relação a outros que tenho visto

MP1: o de Pitões e lá aquela parte toda de Fafião para cima vai tudo acolá para aquela serra, aquilo é só planos, poucas lamas tem, é só, é quase só pedras e carquejas

AL: e eles vão para lá porquê? Porque não têm outro sítio se calhar não é?

MP1: pois não. Andam por aí algumas aqui pelo nosso mas são poucas. Porque aqui não podem estar sozinhas que elas vão para os terrenos e lá não tem terrenos

AL: aqui tem terrenos no baldio?

MP1: aqui tem terrenos espalhados

AL: ah, que são privados?

MP1: são privados

AL: aaah. Mas é já muito antiga esta apropriação ou não?

MP1: já. Esta até pertence à aldeia, era onde, tinham este e outro, que era onde chegavam a erva para o boi, havia o boi do povo

AL: já não há?

MP1: que era um boi que era comunitário vá

AL: era o boi que andava a emprenhar as vacas todas, era um boi feliz (RISOS)

MP1: Então esta lama, este terreno aqui, pertencia ao boi. Antigamente daqui para cima semeavam aí tudo cheio de batatas, depois o gado não podia andar sozinho porque ia...

AL: aaah. E esse cultivo que era feito, era feito em zonas que eram sempre da mesma pessoa ou eram áreas que iam trocando de dono de ano para ano?

MP1: não, era sempre do mesmo

AL: ah! Então era mesmo de alguém

MP1: sim. Só que aqui... isto antigamente era baldio também e depois como isto era bom para batatas de semente, tinha de ser batatas de semente, vinham todo o ano comprar batatas à aldeia para a semente, e os de Covelães faziam o mesmo

AL: plantavam batata no baldio?

MP1: aí também era em... cada um tinha a sua leira

AL: ali é já Covelães, é já o baldio de Covelães aqui?

MP1: é, daqui para lá. Onde nós estamos é a extrema

AL: ok, tem as cruzes e não sei quê?

MP1: é. Tem umas cruzes acolá naquela pedra sozinha, ali entre o poste e às outras. Para ali é de Covelães, para ali é de Paredes

AL. Está bem, e vocês têm zona mista com eles?

MP1: há, mas é estreito, são para aí 100 metros ou isso

AL: então essa zona foi toda dividida por pessoas... olha a turfeira, pois é, a turfeira da Mourela... uuuh, foi toda dividida por particulares vá...? para cultivar...

MP1: sim, depois cada um tinha a sua eirinha aí, semeavam, era tudo à enxada, porque aí tractores já é muito húmido, não...

AL: afundam?

MP1: antigamente também os não havia, vá...os tractores, mas enterravam-se aí, não dava para trabalhar

AL: pois... e então estas zonas que antes eram cultivadas agora como é que é? São ainda de alguém?

MP1: agora anda para aí o gado espalhado

AL: então já não são de ninguém agora? Já não são consideradas de ninguém... ou são?

MP1: são consideradas igual mas já não fazem campos

AL: e sabem de quem são?

MP1: sabem, sabem

AL: e há muita área do baldio que está assim dividida?

MP1: não

AL: é só aqui?

MP1: aqui é que pertencia ao baldio [*não se ouve*]

AL: está bem... mas isto era porquê? Porque as pessoas não tinham terra?

MP1: era por o terreno ser bom para isso, para a batata de semente e foi por isso que o dividiram

AL: isso já foi há quanto tempo sabe? Mais ou menos... essa divisão, foi muito antes de si?

MP1: ui! Já mal me lembro de semearem aí alguns...

AL: ah, ok.

MP1: eu depois ainda tenho ali... aquela sede [*? Não se entende*] que está ali é minha

AL: aquela que se vê ali

MP1: pois, que ainda cuido daquilo, mas dali para baixo está tudo

AL: Cuida como? O que é que faz?...

MP1: boto-lhe p'ali estrume, adubo...

AL: é este que parece um lameiro?

MP1: Sim, e serve-me o feno

AL: Ah, vai lá buscar o feno... aquilo é posto de vigia não? Do ICN...

MP1: é... vigia da Mourela

AL: Está bem, então e vocês continuam a vir aqui buscar matos para a cama das vacas

MP1: é! Aqui até dá, dá para umas poucas de aldeias, vêm aí todas

AL: ai sim? Com o vosso avale? Com a vossa autorização ou?

MP1: eu nunca lhes dei autorização... (RISOS) eles também não têm onde ir a ele...

AL: ah... vocês não se importam?

MP1: não... se eles não o limpam temos de limpar nós

(RISOS)

AL: pois, exacto, acaba por ser uma limpeza

MP1: acaba por ajudar

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1: pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1: ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1: e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1: é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1: o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1: mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: não é a mesma coisa... então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo “ah, isto é meu! Não, isto não é teu...”

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruces feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruces feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruces para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

AL: ai é?

MP1: é

AL: no inverno também?

MP1: sim

AL: ah... ficam aqui ou vêm cá buscá-los todos os dias?

MP1: não, aqui foram sempre para a corte

AL: a corte é no meio do baldio?

MP1: não! Na aldeia, as cortes eram aquelas lojas que tinham debaixo de casa, antigamente era assim, debaixo de casa e ao lado, agora é que há os armazéns

AL: mas disse que era todo o ano no baldio

MP1: andam todo o ano no baldio mas dormem todo o ano em casa

AL: ok, ok... então eles não queriam tirar os cavalos e por isso não queriam aceder ao subsídio

MP1: pois, e por isso deixaram de receber da parte deles

AL: pois... em Paredes a maior parte tem gado ou a maior parte não tem gado?

MP1: não , a maior parte ainda tem

AL: e é gado que se não fosse o baldio não conseguia sobreviver não é?

MP1: não, o gado lá pouco vive do baldio até... porque tem poucas, cada um tem poucas e mantêm-nas... a não ser 2 ou 3... a não ser 2 ou 3 o resto mantêm-nas todas dentro dos terrenos

AL: mas quando concorrem a subsídio têm de ter as áreas do baldio não é?

MP1: sim

AL: ok. Ok.

MP1: agora escuso já de ir para ali

AL: sim... você está a dar-me aqui tempo e gasolina... veja lá... não goste demais comigo... aquilo ali parece que está tudo delimitado não é? Parece uns quadrados na terra... ou não é? Não era delimitado ali?

MP1: não, mas... são eles que fazem suportes para o tractor para o gado passar. Oh, e eles, vão-se meter no meio das giestas para se não molharem (RISOS), às vezes as giestas estão todas molhadas e eles assim já...

Pincães: MPin1

AL: isto [a sede dos compartes] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um comparte para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

MP1: [...] olhe, a parte ardida e a parte limpa...

AL: onde é que está a parte ardida?

MPin1: ali, é uma queimada. Do lado de lá...

AL: não consigo ver a parte queimada

MPin1: não, mas há, há. Mas como já nasceu alguma erva não se nota muito

AL: pois, só vejo ou verde ou roxo, mas pronto, o Sr. Também sabe perfeitamente onde foi queimado, eu não

MPin1: e de maneiras que é assim... agora

AL: ah, aqui vejo perfeitamente que foi queimado

MPin1: isto já foi este ano que ardeu

AL: e estes incêndios decorrem de quê? Vocês têm ideia?

MPin1: [*? Não se entende*] eu não sou contra, mas os past... os projectos de... de gado, principalmente de pequenos ruminantes, cada pastor, cada projecto que aí está é um incendiário

AL: ou seja, no papel passaram a dizer que a área forrageira é x, muito menos do que era, mas mantêm o número de cabeças...

MPin1: e ainda para mais, vou-lhe explicar, a ITI tinha uma equipa de técnicos, chamavam-lhe a ELA, a estrutura local de apoio, e essas pessoas fizeram um levantamento ao terreno, e as candidaturas foram feitas por essa estrutura, e o trabalho que eles fizeram puseram-no de lado, e agora vieram os senhores do IFAP com uma [*?*] ou foram ao globo, porque não foram ao terreno, eles próprios disseram que não tinham meios humanos para vir ao terreno, fizeram... foram ao globo, viram aquilo... porque eu trabalhei na serra da cabreira e sei... sabe onde é, daquele lado, a serra da cabreira... quem vê aqui isto do alto da serra da cabreira diz que é só pedra, e chegas aqui não é só pedra, há planícies, há tudo, mas de lá para cá não se vê, e quem vai ao globo também só vê pedra e eles em vez de virem ao terreno, puseram de lado o trabalho que os outros técnicos do Estado fizeram, porque também são funcionários do Estado, como eles... e agora para tapar os olhos às pessoas, pode dizer-se assim, admitiram que 0,2 hectares por cada CN que dava... uma CN tem de ter mais de 24 [*?*]. Uma CN é uma égua ou um cavalo, ou 6 cabras adultas, isso faz uma CN, ou 6 ovelhas... também faz uma CN

AL: ah, pensava que uma cabeça normal era uma cabeça

MPin1: não, não. Se for vaca ou garrano, é um; e se for cabra tem de ser 6, e se for ovelha também tem de ser 6. E tem de ter mais de... a cabra tem de ter mais de um ano e os cavalos têm de ter mais de 24 meses, isto é que é considerado uma CN. E o que é que acontece é que eles dão 0,2 hectares por cada... por amor de deus! Um hectare não chegava já, mas 0,2 hectares! Mas é tudo doido!

AL: mas depois também não vêm fiscalizar se o animal está ou não na área forrageira

MPin1: mas cortaram! Eles não proíbem de lá andar mas cortaram na candidatura

AL: ah, por causa do dinheiro

MPin1: cortam o dinheiro! E para o ano vai ser pior! Que eles este ano... para o ano acho que vai ser pior... 0,2 para o pessoal não fazer muito barulho e votar neles, porque isto é tudo muita política, mais nada! O que se consta é que o ministério da agricultura tinha de devolver dinheiro à União Europeia, é o que se consta... e eu ouvi uma entrevista à ministra da agricultura e ela... eram 142 milhões de euros mais... e ela vai arranjar agora o que retirou... agora vai arranjar para pagar...

AL: para pagar o quê?

MPin1: para pagar as multas à EU e o dinheiro que têm a devolver. Porque houve para aí dinheiro mal... houve candidaturas de pessoas que nunca tiveram uma vaca, nunca houve umas paredes ao alto e nunca houve um coberto. Houve muitas candidaturas no princípio, houve muitos construtores civis que metiam projectos agrícolas que nunca os fizeram e andavam a construir prédios para fazer apartamentos a toda a gente com dinheiro da agricultura... e agora estamos a pagar isso tudo!

AL: pois... essa questão das ITI ainda me fazem um bocado de confusão...

MPin1: as ITI era o melhor que nós tínhamos aqui para salvaguardar isto, está a perceber, porque isto é assim, não havendo projectos, não havendo nada, se não houver alguma maneira de se fazer limpezas de redução ao combustível, nós estamos feitos

AL: é que...

MPin1: é que isto é assim, eu trabalhei quase 20 anos na floresta e a experiência que tenho é esta... ou se aposta na prevenção porque no combate quase não vale a pena. Olhe, os bombeiros... isto é como tudo, ninguém, todos gostamos da nossa produção mas ninguém quer morrer. Eu quando andava a fiscalizar a caça andava na zona de Fafe, que é gente muito perigosa

AL: quem é que era muito perigosa?

MPin1: na zona de Fafe... pessoal de Fafe é muito perigoso

AL: ah, porquê?

MPin1: opa, é pessoal que é capaz de dar um tiro numa pessoa

AL: ah é? Não sabia que tinham essa fama, continue então...

MPin1: nunca ouviu dizer que a justiça de Fafe é com o povo.

AL: estava-lhe a perguntar, aqueles usos lúdicos e desportivos do baldio, a vocês não vos confrange?

MPin1: não! Eles pedem autorização...

AL: eles pedem autorização normalmente?

MPin1: pedem autorização

AL: e também não lhes cobram nada?

MPin1: não! Oh, ainda lhes limpamos os trilhos para eles passarem Havia aí muito mato e aquilo desapareceu todo

AL: está bonito sim senhor. Havia mato, não era uma zona rochosa, não é, devia ser lá mais para cima

MPin1: o mato era como este, assim grande, ou mais alto só que depois... estas coisas secas ainda foi de quando a gente passou aqui

AL: ah, sim, sim, do tal projecto que foi ao ar?

MPin1: sim. Agora a ITI obriga a usar a estilha e a estilha já é diferente, já não arde

AL: vocês ainda fazem as vezeiras?

MPin1: havia vezeiras de pequenos ruminantes, mas agora já só há um produtor, começaram a vender os animais... tem 80 a 100 cabeças

AL: já não há vezeiras. 80 a 100 foi o que disse? Cabras?

MPin1: sim

AL: então as casinhas dos pastores estão abandonadas é isso?

MPin1: não, isso ainda temos, não sei se o Márcio mostrou, mas estivemos a recuperar

AL: ah, essa mostrou sim, mostrou em fotografias, não tivemos tempo de lá ir

MPin1: porque isto é assim, os usos e costumes mantêm-se, o pastoreio na serra alta mantém-se em comum, de Fafião tem uma zona, de Pincães até Xelo e toda a área para cá até Pincães é tudo em comum, e nós também vamos compartilhar para a casa lá de cima, não é só ele, a casa também é nossa

AL: quando diz que é comum, como é que isso funciona?

MPin1: comum é em conjunto

AL: sim, mas em que baldio é que eles estão? Há o baldio de Cabril, há o baldio de Pincães, há o baldio de Fafião...

MPin1: aquilo é baldio de Cabril e de Pincães, temos de passar no mesmo terreno que é em comum lá em cima na serra

AL: ou seja, Cabril com aquelas aldeias todas não é...

MPin1: e nós dividimos a despesa da casa por todas as aldeias e nós vamos contribuir com a nossa parte

AL: ah, está bem. Então mas não havendo vezeira a casa é usada...

MPin1: não havendo vezeira vão vigiar o gado... ao fim-de-semana vão vigiar o gado

AL: ah, e ficam lá a dormir?

MPin1: sim. Oh, a casinha vai servir mais para o pessoal de fora do que para o pessoal daqui

AL: mas era isso que eu estava a perguntar, então o ICNF como cogestor o que é que faz?

MPin1: não, não faz nada! Então, precisamos... Temos lá pinheiros em baixo que deviam ser desbastados há tanto tempo, e não foram porque eu não tenho pessoal para fazer os trabalhos...

AL: pois... então há mesmo nada... nas plantações não vos dão as plantas pelo que eu percebi...

MPin1: não, não dão não... e se derem é pequeninas, e depois os animais comem-nas e não vale a pena... olhe, isto era para ser limpo em 2015 mas não vai ser e olhe o combustível que aqui está, olhe para aquilo, as urzes altas. Isso era para ser limpo e não vai ser limpo, porque basta que em 2015 as ITI acabarem... não pode ser

AL: e este lado também é não?

MPin1: era, também era...

AL: pois está muito... ainda por cima está uma ventania que isto está mesmo próprio para fogos... agora até nem está muito, mas tem estado um vento

MPin1: agora, se estivessem realmente interessados na floresta aplicava-se na prevenção, gastava-se o dinheiro que fosse e chegava-se ao verão e não havia chamas...

MPin1: desde o 25 de abril que a floresta nunca mais foi o que era antes... mas depois começaram a vir os projectos e tal, os projectos e as coisas foram-se fazendo, agora acabam-se com os projectos acabam com tudo... porque puseram projectos para plantações, outros para limpezas e não sei que mais e as coisas foram funcionando, porque antigamente o pastoreio, aquele excesso de cabras que havia também olhe que os agricultores queriam roçar mato para botar nas lojas dos animais e não tinham... e não havia porque as cabras comiam o mato quase todo, as cabras comem muito mato. Esta parte agora aqui de terras novas, o mato, elas comem tudo e já atrasa a planta, está a perceber, atrasa-a de crescer... e está tudo roído e não havia mato, e agora acabaram com o pastoreio o mato desenvolve-se muito mais... o mato desenvolve-se muito mais

AL: pois, pelo que eu percebi essa questão das ITI também era no sentido de manter o pastoreio e de alguma forma contribuir para...

MPin1: sim, sim, sim, até porque era em área forrageira não era em florestal

AL: pois, era no sentido de manter o mato controlado de alguma forma. Mas isso tem toda a razão, dantes as cabras preveniam os incêndios...

MPin1: preveniam! A quantidade de cabras que havia limpava este mato todo

AL: uma coisa que eu ainda não percebi muito bem... antes de haver intervenção da floresta isto não tinha árvores nenhuma?

MPin1: não tinha não! Isso aí foi semeado, isso aí foi semeado e já ardeu e já está natural. Mas esta parte aqui para baixo foi toda semeada, em 60

AL: por vocês?

MPin1: não, pelo Estado!

AL: uau que lindo!

MPin1: olhe nós, quando vieram esses agroflorestais compartimentámos isto tudo... fizemos também rede viária, esses caminhos foram todos abertos, fui eu que orientei isto tudo

AL: ah, sim?

MPin1: foi, puseram aqui rede viária... houve aqui um incêndio mas trancámo-lo lá no aceiro e trancámos aqui no estaleiro, e só ardeu aqui este bocado, e o outro ficou intacto, está a perceber?

AL: se não houvesse estas estradinhas...

MPin1: pois, se não houvesse isto ia tudo! Agora que isto é tudo regeneração natural já oriunda da plantação que foi feita em 1965... 65 ou 66...

AL: bem vocês têm imensa floresta! Estive em Sezelhe, é longe daqui né...

MPin1: sim, é acolá, ao pé de Montalegre...

AL: exacto... lá eles não tinham floresta praticamente

MPin1: não, lá só carvalho

AL: tinham uns pinheiritos só que não regeneravam, porque não era o pinheiro bravo, era outra espécie...

MPin1: sim, sim, sim. Temos o larício e o silvestre assim em altitude maior

AL: o que sai da limpeza, vocês usam? Os raminhos e assim...

MPin1: não! Olhe, já fui a reuniões com empresas de biomassa, ao fim da reunião nem fiquei a saber o que é que eles queriam dizer, tanta coisa, tanta coisa no fim o que eles queriam era, o que nós aqui queimamos nas lareiras, era o que lhes interessava a eles... mas queriam-no de graça. Para isso não...

AL: queriam-nos de graça? Ah, mas eles faziam a limpeza...

MPin1: a limpeza, também, eles só fazem a limpeza também... eu tenho ido aqui para o alto de Boticas, para o lado de Chaves... há para ali uma fábrica e eles também só se queriam alargar da fábrica num raio de 24 km, não queriam alargar mais... a gente o mato dava-lhe de graça, a limpeza, não queríamos dinheiro pelo mato, agora medronheiro ou outras espécies que nos fazem falta para o lume não! Tanto nos faz falta a nós então não lhes damos a eles. Eh! Eu cheguei a ver, já estive em várias reuniões de limpeza e de biomassa e eles queriam era... o que nos interessa a nós é que eles queriam de graça, assim não...

AL: mas... só para eu perceber, essas empresas para além de ficarem com aquilo que vos interessa a vocês faziam a vossa limpeza?

MPin1: faziam a nossa limpeza mas também cortavam árvores que dá para vender. Ninguém dá nada a ninguém, sabe? Ninguém dá nada a ninguém!

AL: pois, por um lado era bom para vocês porque não tinham de pagar pela limpeza, não é? Mas depois perdiam... mas o que é que vocês fazem com os medronheiros?

MPin1: os medronheiros, está lá no regulamento do baldio, o medronheiro deve-se também desbastar. Desbastar mas os 2 ou 3 ramos mais desenvolvidos vão-nos buscar à...

AL: sim, eu li isso. Mas que dinheiro é que eles vos trazem

MPin1: não! É só para consumo de casa, das habitações

AL: ah

MPin1: é só para consumo de... para aquecimento

AL: ah, madeira

MPin1: é, para aquecimento das lareiras, no inverno, para aquecimento da casa

AL: mas cortam o medronheiro ou

MPin1: sim, faz-se um desbaste, uns ramos

AL: ah, já percebi, vocês usam esse material para se aquecerem e a empresa ia levar para fazer negócio

MPin1: pois

Pitões das Júnias: MPi1

AL: pois.. mas por exemplo, o baldio aqui ainda tem uma importância grande para as comunidades locais?

MPi1: muita, muita, muita, porque para além do pastoreio, existem para cima de 700 cabeças de gado, bovino! E temos um rebanho, só um, de 250 cabras. Não é suficiente, obviamente, quando aqui no passado já chegou... no passado havia 3 cabras vezeiras comunitárias e actualmente há um agricultor, não tem nada a ver. Mas ainda há, agora isto já não acontece nas outras freguesias. Aquela encosta por ausência de pequenos ruminantes estava-se a encher de giestal... nós fazemos ali uma gestão, ou seja, há áreas, não limpámos áreas muito grandes, deixámos certos núcleos, no sentido também de auxiliar a questão da caça e essas coisas todas, temos uma gestão já mais... ou seja, o que se pretende é uma paisagem retalhada, ou seja, com extractos de vegetação a várias alturas

AL: uma heterogeneidade da paisagem...

MPi1: exactamente. Depois também temos aqui, pelo número de vacas que há, as pessoas também roçam ainda muito para levar para as cortes, e isso também é um contributo de melhoramento da pastagem e de redução dos incêndios e essas coisas todas... e não só, ate em termos de fertilizante obviamente que tendo esterco, não é, porque o mato vai para a corte do animal, depois misturado com bosta e urina forma o esterco que depois é utilizado nos campos agrícolas, para a produção de batata, de milho, os centeios, e mesmo alguns lameiros também levam, é uma forma também de os fortalecer, e isso evita obviamente a compra de fertilizantes

AL: claro... portanto as actividades tradicionais ainda são muito desenvolvidas aqui nesta zona do Gerês...

MPi1: permanente, estão actuais, continuamos a fazer, ou seja, uma gestão do baldio, de pastoreio, de roço do mato, autentico... uma das obras... o dinheiro que recebemos permitiu-nos por exemplo fazer este armazém para o CD, que não tinha

AL: que é usado?

MPi1: pronto, é usado para por ai a carrinha, temos ai os tractores, temos ai as maquinas, pronto, todo um armazém de ... que é para guardar material não é? Porque essas manilhas vai tudo para passagens, para fazer as passagens nas linhas de água, essas coisas todas, tudo isto é necessário...

AL: pois, há bocado acabei por interromper, acabámos por nos interromper mutuamente, que eu estava a perguntar se também faziam então os tais investimentos no povo e estava a dizer-me que as Juntas têm orçamentos reduzidos

MPi1: ah, exactamente... sim... não, uma junta de freguesia não consegue fazer obras, só consegue fazer obra se efectivamente tiver bom relacionamento com as câmaras municipais, aí são possíveis transferências, ou até a própria câmara municipal pronto, candidata uma determinada obra a um financiamento, isso é possível... olhe, eu tenho de ir ver ali uma pastagem... uma passagem, vamos ir e conversamos

AL: sim, sim, sim

MPi1: e pronto, obviamente que nós como CD, o CD, sendo independente das pessoas, não é, porque às vezes também é preciso que as pessoas se entendam, e por vezes nestes meios acaba por haver rivalidades e ... estupidez porque ao fim e ao cabo perdemos todos não é... mas se se entenderem, e até em algumas situações as pessoas que estão no CD, são as mesmas que estão na Junta; outras não, isso não acontece, as que estão na Junta são diferentes das que estão no CD mas trabalham em conjunto, e se houver esse entendimento obviamente o CD auxilia a câmara... a junta em muita coisa

AL: e conseguem fazer sobrar... por enquanto não é, até agora têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI?

MPi1: exactamente [saímos do carro, ouve-se mal] [...] são de todos... é um único povo não é, e... e é benéfico... às vezes não se entendem, obviamente, porque o que é que acontece? É sempre uma questão de política, sabe? Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD não é...

AL: pois, é outra forma de poder, digamos...

MPi1: é, é... e é um bocado... isto aqui como há uma veiga de terrenos, e como o gado anda solto no monte, ninguém o guarda, as vacas... o pessoal poe isto que é para elas não virem para os terrenos

AL: mas já não há mesmo ninguém que vá lá guardar o gado... não digo vezeiras, mas...

MPi1: as vacas não, as vacas ninguém as guarda, as vacas é diferente... aqui, porque lá para baixo...

MPi1:... Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD não é...

AL: pois, é outra forma de poder, digamos...

MPi1: é, é... e é um bocado... isto aqui como há uma veiga de terrenos, e como o gado anda solto no monte, ninguém o guarda, as vacas... o pessoal poe isto que é para elas não virem para os terrenos

AL: mas já não há mesmo ninguém que vá lá guardar o gado... não digo vezeiras, mas...

MPi1: as vacas não, as vacas ninguém as guarda, as vacas é diferente... aqui, porque lá para baixo...

MPi1: aquelas áreas assim mais rapadas... foi o melhoramento deste ano. Estas aqui por exemplo foi do ano passado, todo o baldio está como que retalhado. Esta área ali do planalto, como faltou uma vezeira comunitária ali daquele lado, ou seja, o giestal está a ganhar terreno e então uma forma que nós temos de o combater não é... é através da... dos... com o destroçador de correntes ou de facas actuar, porque usando fogo piora a situação, porque a giesta... digamos que, a giesta é uma pioneira, pós-fogo ela é a primeira a ocupar o terreno e isso ainda piorava a situação, então a única forma que estamos a combater esta área do avanço do giestal é através do...

AL: com as máquinas não é?

MPi1: sim, sim

AL: quando disse que lhe faltou a vezeira quer dizer que ainda há pouco tempo se faziam vezeiras? Ou já deixou de se fazer há muito tempo...?

MPi1: há pouco tempo... esta aqui já há mais de se calhar 15 anos...

AL: que não é...

MPi1: sim

AL: pois... a partir do momento em que só um dos agricultores é que tem cabras não faz muito sentido...não é?

MPi1: exactamente... a vezeira é as pessoas juntarem os animais de todos, não é, de todos, depois consoante o número de animais assim vai o número de dias, por isso, eu tinha por exemplo 20 cabras..., por cada 10 um dia, portanto ia 2 dias, e era à roda, ia 2, o vizinho a seguir ia 3, até chegar novamente à minha porta. Isso é uma forma de economizar mão-de-obra, não é, e de haver interajuda, de certa maneira... o gado já não é assim, as vacas já não, nós aqui nunca utilizámos a vezeira das vacas. O nosso gado no verão e no inverno é acompanhado individualmente, a partir de abril até setembro o gado vai e volta, vai e vem todos os dias, o parido, mas ele, só basta ir de manhã, ele leva-as aqui ao monte, elas sobem, pastoreiam, e depois ao fim do dia, como têm as crias na corte ela própria instintivamente vem, a que não está parida o que é que acontece? Permanece!

AL: ali o tempo todo, esses meses todos?

MPi1: exactamente... até que para, ou então até finais de setembro... porque depois no final de, a partir de setembro... agora cortam os fenos, uma chuvita ou o lameiro que tem erva, deita erva, cresce uma erva, então é possível ao gado bovino fazer pastoreio de fim de verão

AL: ah, sim

MPi1: então, como também a produção no baldio já é mais escassa, porque passou-se um verão, há secura e já... e diminui, o gado então baixa e faz este pastoreio. Ao fim e ao cabo o feno é um elemento muito importante nesta economia local, porque quanto mais feno o agricultor individual conseguir arrecadar, mais animais tem e mais condições tem de o gado dele na época de inverno mais desfavorecida, ter

alimento e conseguir sobreviver... porque no inverno, os invernos aqui são rigorosos!

AL: pois, devem ser

MPi1: e aqui os animais chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio, porque é chuva, é neve e não sei quê, então os agricultores têm de arrecadar feno para no inverno, que é a época mais desfavorável, o gado se alimentar... a cabra não, a cabra já é diferente, independentemente de nevar, de chover e de não sei quê, a cabra tem que sempre sair, pode ter o complemento de feno na corte mas ela necessita de sair, agora o gado, os bovinos chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio no inverno.

AL: pois, é mesmo preciso ter o feno

MPi1: feno... silagens também, já se planta muito milho para silagens...

AL: ah, sim, sim, sim. O milho é basicamente para os animais ou não? Aqui...

MPi1: é... é, agora basicamente é...

AL: claro, e acha que é possível, tipo, direccionar certas... como é que eu hei-de dizer isto... tipo, o baldio trazer outro tipo de dividendos em termos de receitas vá, com... gerindo aqui certo tipo de actividades, não sei, eu estou a pensar por exemplo na floresta, que é aquele que é mais falado e discutido na literatura não é

MPi1: é o histórico...

AL: exacto... por exemplo, aqui a floresta não entrou quando o Estado florestou os baldios? Ou já foi tudo queimado ou...

MPi1: houve uma oposição, as pessoas não permitiram, porque efectivamente havia muito gado e não permitiram, a única zona que foi florestada, é engraçado é que eu disse assim, como é que, até... havia mesmo interesse do Estado Novo em implementar mesmo aqui a floresta, que isto aqui é um território magnifico para a floresta, obviamente, tanto que tem ali aquela casa florestal. Mas não vingou porquê? Porque as pessoas fizeram uma luta, resistiram não é, a isto, e não deixaram, a única zona que foi florestada foi aquela zona de limite entre Pitões e a freguesia de Outeiro e Covelães, mas... pouco tempo

AL: (RISOS) pois, acabou por arder tudo imagino... então vocês acabaram por não conseguir tirar grandes receitas dessa floresta?

MPi1: nada! O único que iremos tirar, não sei quando, é quando um dia cortarmos aqueles pinheiros em volta da casa, mas aquilo é uma zona de lazer (RISOS)

AL: isso é patacas

MPi1: é uma zona de lazer por isso não...

AL: ah, nem dá, pois...

MPi1: nada! Não, não, não...

AL: e vocês investirem em produção também no...

MPi1: em produção...

AL: seja do que for, estou a lembrar-me da floresta mas...

MPi1: exactamente, acho que vamos mudar essa modalidade, mas em Pitões vai ser um bocado, vai custar, porque ainda se está muito ligado ao passado e ao peso que esta área tinha em termos de pastoreio, mas as pessoas vão... ou seja, nestes próximos 10, 15 anos, 20... as pessoas vão ter que se mentalizar que efectivamente a área não está a ser utilizada, não é necessária toda e da perfeitamente para ter áreas de floresta

AL: pois, pois... qual é que é a área aqui do baldio? Se souber de cor, não vale a pena estar ... é só mais ou menos

MPi1: eu sei que é 2600 hectares, tenho 1300 da área de... da serra do geres e a restante é área de planalto. Por exemplo, agora já só há dois agricultores que levam as vacas para a serra...

AL: ok...

MPi1: ou seja, já as desviaram para o planalto. Porque Pitões como que está dividida... é uma povoação que está dividida em duas, esta zona ali virada para a serra do geres utiliza esse espaço, a outra virada para este lado, do planalto, utiliza-se esse espaço, ou seja, raramente... o meu pai... eu sou daquele lado, eu sou, eu moro ali à beira da igreja, o meu pai já tem os terrenos dele já direccionados quase todos para este lado, o gado do meu pai se viesse por aqui não parava, porque ele estava habituado àquele. Engraçado, o meu pai tinha dois lameiros, e eles efectivamente vinham pastorear o lameiro, quando lhes abríamos o portão para sair elas direitinhas para casa, ou seja, podiam pastorear mas não, direitinhas para ali. Ou seja, como que o espaço estava organizado, a povoação como que estava dividida em duas. E a mesma coisa acontecia, esta gente aqui, desta parte aqui, que era ao lado do regueiro, raramente ia além

AL: curioso. Então tanto o planalto como a zona de serra acabam por ser usados da mesma maneira que é com o gado. Basicamente... apesar de serem diferentes não é, em termos de paisagem e de recursos...

MPi1: de tudo, e de composição, de tudo, acabam por ter a mesma importância e... e utilização

Sezelhe: MS1

MS1: ... não, isso que está aí foi tudo limpo, esta parte aqui foi toda limpa

AL: ah, foi o tal sítio em que passou o fogo a seguir?

MS1: passou o fogo a seguir... só que depois isto às vezes... agora que quisemos...

AL: é carvalhal não é?

MS1: é carvalhal. Isto foi coisa que nós... isto era, costumam dizer que isto antigamente era dos nossos avós, dos nossos pais e que, que cortavam a lenha

AL: ah, era aqui?

MS1: era aqui, no sítio, nos, como é que hei-de dizer, nos baldios, que isto se ler os regulamentos vai ler que, que as lenhas só têm de ser cortadas em tal sitio e tem que se pedir no coiso, são essas [vamos sair aqui que vê-se melhor

AL: ah, ok

[saímos do carro]

AL: [...] pois, as lenhas eram só cortadas em determinados sítios

MS1: em determinados sítios, da mesma maneira que, só se podia, por exemplo... temos aí regulamentos em que o gado só podia andar nos baldios do fim, de uma certa altura, por exemplo, daqui para cima, agora daqui para baixo não pode andar gado, que era o pastoreio do inverno. A partir do fim de abril até setembro o gado é que tem de andar daqui para cima até lá acima no planalto, vamos lá ver de certeza gado, até ao fim de setembro, ao fim de setembro tem de recolher o gado para baixo que não pode lá andar o gado

[vemos a pegada de uma corça, o senhor MS1 chama-me a atenção]

AL. Pois, e então e a lenha era cortada no carvalhal?

MS1: a lenha era, a lenha era cortada aqui, que era lenhas, lenhas portanto, cortavam lenha, mas como isto já estava muito impedido, que estas lenhas não sendo limpas e não sendo recolhidas morrem e...

AL: vocês aqui no baldio de Sezelhe alguma produção que vos dê algum rendimento?

MS1: não.

AL: é só as ITI?

MS1: é, é só as ITI

AL: podiam ter os pinheiros mas não... não é?

MS1: podíamos ter os pinheiros mas não temos dinheiro para fazermos, para podermos fazer essas plantações. Depois de fazer as plantações, é como lhe acabei de dizer... depois do, da batata ou do centeio estar na caixa no celeiro não falta quem

o coma... mas já dizíamos, os nossos avós diziam, “uma pessoa para colher tem de semear”, e eles se não nos ajudam a semear também não vão, não podem colher... ao fim é que eles vêm buscar o coiso... nós agora, porque nós temos, como é que eu hei-de dizer, antigamente a freguesia de Sezelhe era duas aldeias, era Sezelhe e Travassos, nós temos limites nossos com os outros, mas entre nós fazemos melhor conta do que é um limite, isto aqui chamamos-lhe nós um misto, que é das duas aldeias... e andamos agora a ver se conseguimos, este mês que ardeu, lá para Junho, se conseguimos fazer um projecto para plantarmos aqui pinheiros e outras coisas

AL: no misto?

MS1: no misto, a ver se a junta ou a câmara nos dão uma ajuda para podermos fazer essa plantação, porque senão não temos... se não há dinheiro não há, para podermos fazer plantações, não temos!

MS1: não, portanto, ela começa lá em baixo, ela ainda começa lá em baixo, mas é só esta mancha do caminho para lá, essa mancha toda e chega até lá em cima, só que isto a maior parte já se, ardeu e saíram, sei lá quantas, ... agora está tudo cheio de giestas, agora se passar lá é só giestas que existem, porque este pinheiro... há pinheiros que ao arder ao cair cai a semente e pode outra vez crescer... mas este pinheiro não é o pinheiro-bravo, não da semente, da pouca semente para regeneração. Porque se ele nascesse, em certos sítios que andou a arder, depois de ele estar nascido nós púnhamos lá os sapadores a limpar e a fazer a condução desse pinheiral, só que não, já não nasce... [discute-se que pinheiro é]

AL: se calhar também é por ser alto aqui não...

MS1: não...porque há... também deve ser, porque há certos pinheiros que também só se dão nos altos, não é cada pinheiro, nós temos o pinheiro manso, temos o pinheiro bravo, nós temos muitos pinheiros, há certas espécies de pinheiro, e cada pinheiro tem de ser adequado pa certos montes e pa certos coiso. Porque nós mesmo aqui se fizemos protocolo com a câmara tem de vir aqui engenheiros da universidade como você, fazer análises ao solo, qual é a área em que se pode plantar certas árvores, não é chegar aqui e fazer “vamos plantar pinheiro, vamos plantar aqui”, porque há certos sítios em que vamos plantar pinheiro e em que se calhar o pinheiro não se dá. Por exemplo há o choupo ou outra coisa que se da num sítio melhor, tem de ser aquele local para o choupo, tem de ser aquele local para o carvalho, e tem de ser aquele local para o castanheiro. Não é chegarmos aqui e estarmos a meter em qualquer sítio ou qualquer...

AL: mas vocês não têm já esse conhecimento? Se calhar não têm porque não é uma coisa que faz parte da vossa cultura, da vossa história...

MS1: exacto! Agora esse conhecimento nós teríamos de pedir a alguém para nos fazer esse...

AL: seria o vosso cogestor lá está...

MS1: pois, exacto!

AL: isto que limpam são zonas onde depois podem ir com as cabras e com o gado não é?

MS1: é, é, depois pode-se ir com as cabras, pode pastar tudo, não há problemas nenhuns, o gado pode pastar as vacas, também andam aí, podem pastar todos, nós não proibimos as pastagens do gado. Só que há zonas, havia zonas que já vinham de antigamente, como por exemplo, havia zonas em que as cabras e as ovelhas antigamente não podiam lá andar, era só a vaca e a coiso que podiam lá andar...

AL: por causa da floresta?

MS1: não, era porque havia muito gado e a ovelha e a cabra onde entrassem derretia tudo. Porquê? Porque antigamente essas giestas e essas coisas não havia giesta nenhuma, que era a própria ovelha e a própria cabra que a comia e então havia outros locais onde não houvesse giesta, como aqui carvalhos ou coiso que era para onde é que ia o gado. Por exemplo, nós da parte lá da barragem temos também, ardeu-nos a maior parte, também ardeu lá naquele incendio espectacular... a rês só podia ir para lá um dia que nevasse, que se não nevasse não podia ir para lá...

AL: porquê?

MS1: porque estava reservado ao gado, que era o pastoreio do gado durante o inverno

AL: ok, então gado e rês é diferente?

MS1: era diferente (RISOS). Não, por exemplo as vacas, se estamos a falar de vacas, as vacas... a ovelha e a cabra tinham um monte já mais próprio para elas e a vaca tinha outro monte mais próprio para elas. Porque a vaca era nos locais onde houvesse mais erva... e a ovelha não, a ovelha já queria ir para um local onde houvesse mais carqueja, tojo, giesta, que era, é uma espécie de animal que come mais... coisas mais duras, que é como o cavalo e o coiso, é onde há tojo, giesta, carqueja, e esses locais...

AL: pois... e vocês continuam a fazer recolha do mato?

MS1: sim, continuamos a fazer recolha de mato... aquelas partes que acolá estão limpas, vê-se ali, aquilo é giesta, e é o tojo e o sargaço, que nós chamamos

AL: então vocês o que retiram actualmente do baldio é mato para as camas do gado, é local de pasto e...

MS1: é lenhas para nos aquecermos durante o inverno, que era o que existia já, embora hoje já haja aquecimento central a gásóleo, mas ao preço a que está o gásóleo, agora vem, como se costuma dizer, já há essas pellets para aquecimentos de coiso, mas não é a mesma coisa... pessoas que não têm lenhas próprias, têm de vir cortar ao baldio. Só que há estas regras, mas é assim pronto, eu preciso de lenha, de um tractor de lenha, tenho de vir ter com o responsável do baldio e ele diz assim "olha, vais a tal sítio, vais à fraga, tal sítio, cortas lá", pumba, corta e já fica limpo

aquele local onde se cortou, onde eles cortam, não podem cortar sem pedir autorização ao CD, ou seja do coiso, e só nos locais que estão definidos para cortar. Agora que é assim que a gente...

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma que o pessoal entre assim no baldio sem pedir autorização?

MS1: não, não, quanto a isso nós não proibimos, não proibimos. Só às vezes temos um bocadinho de coiso mas é que há muito pessoal que agarra nas moto4 e nas motas e metem-se aí pelos caminhos acima e às vezes andam para aí a fazer buracos, de resto não... há trilhos para isso, há trilhos marcados para essas coisas. Mas agora até queríamos fazer aí um, uns projectos, queríamos fazer aí um, como é que aquilo se chama, coiso para bicicletas...

AL: ah, de BTT?

MS1: isso, de BTT, de bicicletas, temos, até fomos ver ali, porque nós temos ali umas casas... nós fizemos aqui uma associação, em Sezelhe, temos uma associação, e depois temos ali uma casa que é, era a residência paroquial, só que nós depois... aquilo estava tudo em baixo e então sugerimos com o pároco, “opa, então ou vocês poem aquilo em cima ou então nós fazemos uma sugestão, nós fazemos uma... havia ali umas casas que estavam todas em baixo ao pé da igreja e então nós fazemos um quarto e um salão para o padre lá ficar e vos cedei-nos a coisa... porque a casa faz 120 m2 e tem de logradouro cerca de 150 m2 e então nós fomos ali a, ali para o lado de Tourem, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos isso, para fazermos uma parceria com Espanha e nós aqui nesta coisa. Só que estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê...por acaso nós já tivemos com os agentes da ADRAT³

AL: a ADRAT é o quê?

MS1: a ADRAT é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas. Nós ainda agora vínhamos do lado de Boticas, há pessoas que depois não cumprem com os projectos que pedem... nós chegamos lá... depois era uma porta de madeira está lá uma porta de ferro, eram estas coisas ali e depois estão lá outras. E depois chegamos a um ponto em que temos de parar com estas coisas e depois há pessoas que já têm que repor dinheiro, há ali uma pessoa ali do lado de Boticas que tem de repor, de devolver 150 mil euros. Depois dizem que é para isto, não é! Depois dizem que metem 4 ou 5 empregados, chega-se lá não há lá nenhum. E agora da maneira que isto está temos de (...) por agora não há, agora pode haver se houver

³ Associação de desenvolvimento da região do Alto Tâmega – grupo de acção local. Sedeada em Chaves

uma parceria com câmaras ou... agora estamos a ver se conseguimos arranjar uma parceria com a câmara e nós a ver se conseguimos fazer esse coiso, nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve “as carrilheiras do rio”.

AL: isso é o quê?

MS1: é um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui

AL: quem é que organiza?

MS1: é a NaturBarroso

AL: isso é...

MS1: não conhece? É o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso

AL: então e eles fazem os passeios deles dentro do baldio?

MS1: fazem!

AL: e não falam com vocês?

MS1: falam... nós até mesmo a Junta, que eu agora actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 euro, mandas vir o que quiseses e depois nós... o pessoal que passar

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: E mesmo as pessoas que tenham aqui um negócio, imagine que uma pessoa que tenha aí uma exploração florestal ou de gado ou do que for e que esteja dentro da freguesia tem direito ao baldio

MS1: exacto, é por isso que nós não estamos de acordo com essa... agora uma pessoa que saiu daqui, que esteja em lisboa, é normal que faça parte do baldio. Agora uma pessoa por exemplo, até se nós antes de já ter saído essa lei, nós quer a freguesia, quer Sezelhe e Travassos, quer a freguesia, nós já dividimos o baldio, porque cada um faz parte. Por exemplo, nós temos aqui, todo o pinheiral que existiu e que foi cortado da nossa zona a aldeia vizinha não recebeu nada. O que foi cortado da parte dele nós também não recebemos nada. O que foi cortado no misto dos dois foi metade para cada aldeia. Agora imagine, agora vinham... foi Covelães e paredes... nós íamos para lá e eles vinham para aqui, isso não...

AL: vai contra os usos e costumes locais...

MS1: exactamente, cada um tem os seus... se nós temos aqui um costume e uns usos, lá podem ter outros usos, são coisas totalmente diferentes

AL: sim, e vocês encontraram e criaram as vossas próprias regras, e agora vem lá alguém do governo dizer que afinal tem de ser de outra forma

MS1: exactamente, porque isto já era dos nossos antepassados, e como acabei de dizer, como falámos há bocado, a população quando decidia uma coisa decidia e tanto fazia se o Estado... florestaram mas eles metiam lá o gado, chegaram a um certo ponto tiveram que deixar coiso, porque era mais... porque a própria aldeia, os próprios lavradores fazia falta aquele terreno para o gado. E eles, se os proibiam de andar lá, como é que eles iam fazer? Depois tínhamos uma coisa que era... o gado, quando agora neste tempo e deixava-se só, e à noite ia-se buscar outra vez. Agora tinham de lá andar todos os dias, que era o tempo do trabalho e da sacha, depois, antigamente não havia maquinismo, não havia herbicida para botar e ainda bem, não havia certos... era tudo semeado ao sacho, tudo semeado com... hoje tractores, há máquinas para semear centeio, há máquinas para semear o milho, há máquinas... até ali não, era tudo com o gado e eles não tinham tempo para andar de volta do, a guardar o gado durante o dia. Chegavam lá deixavam o gado e à noite é que iam outra

vez buscar o gado. E por isso é que faziam guerra com os guardas-florestais, com os rondistas como lhes chamavam e com essas coisas porque o Estado não via que só estava a olhar o interesse dele. E porque isto, e isto ainda foi há pouco tempo. Porque até ali cortavam, levavam e não pagavam nada.

AL: quem?

MS1: os florestais, com os pinheiros. Isto foi há quê? Se calhar há 20 anos, vinte e tal, é que começaram a dividir, porque antigamente cortavam, levavam e isto era tudo nosso. Agora, depois do 25 de abril é que começou a ser dividido. Eles ficarem com... ainda bem... não nos darem... mas eu acho que, mas aí não estou certo, mas eu acho que nós recebíamos 40 e eles recebiam 60. Mas eu depois acho que houve ali uma coisa que foi ao contrário que eles tinham de receber só 40 e nós 60...

AL: pois, eu não tenho agora as percentagens na cabeça, mas eu sei que é diferente a aldeia, ou o baldio, está em cogestão, por exemplo se for em modalidade a) o baldio tem de dar menos, agora não sei quanto. E sei que também era diferente consoante o povoamento fosse plantado pelo Estado, ou se fosse um povoamento vosso, de regeneração natural ou plantado por vocês... era diferente a %, agora não sei é as percentagens... mas eu vou ver e falamos outro dia. Mas sim, esta nova lei traz assim algumas novidades que podem trazer algumas consequências...

MS1: vão trazer consequências, vão trazer muita coisa

AL: Mas vocês como é que vão tratar essa coisa dos compartes? Vão manter os usos e costumes ou vão quê?

MS1: não, nós vamos manter os usos e costumes, conforme está. E estamos a trabalhar e vamos conseguir buscar o que nos tiraram. Da questão das ITI e da zona da pastagem para gados e para tudo. Agora digam-me, eles chegaram acolá e viram aquele morro ali, aquilo consideram como rochedo e pedras, mas há lá pastagem, há lá ervas, há lá carqueja, há lá sargaço, há... mas para eles não é considerada zona de pastagem... o mato não pode ter mais do que um metro de altura, para cima disso já não é considerado zona de pastagem

AL: E por exemplo, o carvalhal é considerado zona de pastagem para eles?

MS1: não!

AL: mas vocês metem lá o gado não é?

MS1: pois, mas é o que estávamos a falar há bocado, eles passaram, tiraram fotografias por cima, as copas das árvores e depois não deixaram ver o que estava por baixo. Mas por baixo existe pastagem, existe esses... agora tiraram caminhos, tiraram rios, tiraram barragens, tiraram essas coisas todas. Então agora não pode ter um caminho que faz um metro ou 2 metros de largo, não consideraram isso como zona de pastagem... não é zona de pastagem mas é zona de passagem para o gado. Para andar não há caminhos para o gado andar...

AL: claro, faz parte do sistema de pastagem...

MS1: para mim isso faz parte do baldio

AL: Tal e qual como o rio

MS1: exactamente, tal e qual como o rio. Por exemplo, estas margens não sei quantos deste ribeiro cortam.

AL: Mas as cabras se calhar até andam lá

MS1: ai, as cabras andam lá. E outra coisa, por falar agora nas cabras, eles no Gerês cortaram-lhe não sei quanta... ali para Fafião e Gerês... mas lançaram-lhes para lá estas cabras bravias e coiso, lançaram para lá meia dúzia delas e agora reproduziram-se e andam lá centenas e centenas deles. Então não há pastagem como é que elas se aguentaram no alto do Geres, e como é que isso não é considerado? Se não houvesse pastagem como é que elas sobreviviam lá, esses animais. Não percebo essa avaliação dos senhores que estão lá em Lisboa e do que se passa aqui, eles estão a ver o Tejo e a passear lá os barcos, mas isto não (RISOS). Eu até fico, eu francamente... eles estão lá sentadinhos ao computador, depois por computador veem onde é que eles querem. Mas a realidade não é essa, a realidade é darem um passeio por aqui e ver, e bastava dar em meia dúzia de locais, escusavam de ir ao país todo. Diz “olha, distrito de Montalegre, de Vila Real, vamos a dois locais, distrito da Guarda... a dois; distrito de Braga também. Só para tirar uma ideia, depois chegavam lá... bastava ir a uma aldeia, a um concelho, a um conselho directivo, a Montalegre. Ou quem diz a Sezelhe diz a Tourém ou a outro lado qualquer, dar uma vista de olhos, passar, perder meio dia, como perdemos nós muitas vezes, aí sim, era ver a realidade, agora ... e costuma-se dizer que “só perde quem tem”

AL: vocês agora estão a recolher os matos para as camas do gado ou não é agora?

MS1: é, é agora!

AL: vocês o que é que cultivam aí na aldeia?

MS1: menos centeio, de resto é batata. É milho, é feijão, é cebola, é couve...

AL: há alguma coisa que é vendida, alguma cooperativa ou assim?

MS1: não, praticamente vende-se pouco, praticamente é tudo para consumo da, das casas, e para os animais, porque antigamente havia aí uma cooperativa, nós aqui em Montalegre era a zona da batata. Antigamente a batata, quando era muita, não havia despensas, não havia coisas para as recolher, faziam-no, chamavam-lhe silo, metiam nesse silo e a batata ficava lá o mês de outubro, de setembro, até ao fim do ano quando a vinham buscar, vinham comprar. Então nesse silo estava tudo quanto era batata, era assim uma cova que depois era coberta com palha, chamavam-lhe aquilo de polmo que era o que saía do centeio, nós com o centeio, aqui o centeio é alto, o trigo é mais baixo mas o centeio é muito mais alto, e depois... esta parte aqui de giestas era tudo pinheiral...

AL ai era? Quando é que ardeu?

MS1: já ardeu para ai há uma dúzia de anos...

AL: e nunca voltou a crescer?

MS1: nunca voltou a crescer. Se voltassem a crescer era o que eu dizia, ardeu cresceu a giesta... e depois estavam crescidos

AL: e esta giesta é para a cama dos animais?

MS1: sim, a mais pequena, quando assim está maior já é também para lenha, agora para a cama do animal é mais pequena que é esta para não ficar o animal tao... os tojos deita-se-lhe, deita-se-lhe um bocadinho de palha em cima, só custa deitar a primeira vez... (RISOS)

AL: eu há pouco queria perguntar-lhe... o centeio é para consumo próprio, é para os animais, é para quê?

MS1: o centeio é para consumo próprio...

AL: para fazer pão...

MS1: para fazer pão... as pessoas segavam as espigas e depois desmalhavam-nas e depois iam para os moinhos, moíam-nas, faziam o pão no forno comunitário... que ainda existe

AL: ainda usam?

MS1: não usamos porque agora não há quem coza, fazemos lá as borgas lá no...

AL: as borgas é o quê? Festas? Para nós lá em baixo borga é ir para, para os copos...

MS1: é lá também borgas é estar nos copos

MS1: este pinheiro chamam-lhe o pinheiro riga, acho que é um pinheiro que é muito mais compacto

AL: ah, a madeira...

MS1: a madeira

AL: ah, têm aqui um pinhal ainda denso, é pequenino mas...

MS1: é pequenino. Já lhe tiraram aí quase 60% desses pinheiros. Estava mais intenso só que agora...

AL: está bem, então vão tirando de vez em quando algumas rendazinhas não é?

MS1: é, quando fazem um corte, quando fazem um corte é os 60%

AL: sempre ajuda um bocadinho às contas do baldio...

MS1: agora o parque quando coiso...

AL: mas este foi plantado pelos SF?

MS1: desse já nem me lembro de como foi...

AL: pois, deve ser do tempo de floresta

MS1: é do tempo da floresta. Porque isto era, ainda faziam aquelas covas

AL: pois, era outra coisa... bolas, isto realmente é com cada giesta! Então e vocês costumam andar por aí andar pelo baldio a ver quem é que anda a usa-lo, quem é que não anda...

MS1: eu praticamente quase todos os domingos, todos não, mas um sim ou não, dou sempre uma volta por aqui...

AL: ai é? Então ainda bem que escolhemos o domingo, assim não atrapalho a sua vida...

MS1: não, eu gosto de dar... nós aqui andámos... aqui andámos a limpar isto, limpámos no ano passado... aqui há outras cruces...

[saímos do carro]

AL: quando vem ao domingo costuma vir de carro ou costuma vir a pé?

MS1: não, costumo vir de carro, a maior parte das vezes venho de carro, porque eu ando um bocado atrofiado do joelho

AL. E assim consegue dar a volta toda não é?...

MS1: pois, era o que eu estava a acabar de lhe dizer... nós andámos no tal carvalho pequeno, porque isto também tinha ardido, e nós andámos a fazer limpeza neste carvalhal, só que a giesta agora... depois da limpeza que foi feita... o ano passado

AL: a limpeza?

MS1: sim. Porque isto ardeu e os secos, foram os sapadores que andaram aqui a limpar... tiraram os secos e só deixaram aqui os que vinham a crescer na...

AL. Mas o que é que quer dizer? É que os secos deixaram aqui cortadinhos no chão é isso?

MS1: no chão, sim. Deixámos os secos e deixámos estes que estavam a ...

AL. Ah sim, para aproveitar a regeneração

MS1: há certos sítios, agora por exemplo, agora ali aquela vaga durante o coiso, é uma vaga que está... que não tem tanta giesta e é mais húmida são zonas em que os

carvalhos crescem mais rápido. E não largam tantos... este aqui cortaram-no aqui, sem autorização, e acolá e pagaram 400 euros cada...

AL: pagaram a vocês?

MS1: ah pois

AL: e não houve problema, eles pagaram?

MS1: ah, não, têm de pagar! O coiso está aí... primeiro têm de pedir, cortarem sem coiso, sem terem autorização são, pode vir de 200 a 500 ou 400... está ali no regulamento, temos essas coisas todas

AL: e quem cortou eram pessoas da aldeia?

MS1: da aldeia sim...

MS1: o regulamento é assim, nós fizemos o regulamento, afixamo-lo nos locais próprios, temos lá no coiso afixado para ler. E quando fizemos a assembleia e se juntaram os compartes explicamos o que é. O que é que há sempre uma pessoa ou outra que pensam que não conta... é por isso que aos domingos que eu vou sempre a...

AL: E depois como é que sabem quem é que cortou?

MS1: há sempre alguém que vê passar, e depois basta ver mais ou menos os troncos que coiso, e depois dessa coisa vê-se logo quem é que corta...

AL: é que bastava se calhar terem pedido autorização

MS1: não, era o que eu estava a dizer... eu se chegar aqui “epa, olha preciso de lenha portanto esta lenha que está aqui está proibida de cortar”, porque é assim, nós onde andamos a limpar com os sapadores não deixamos cortar a lenha, porquê... porque temos locais que não estão limpos e que têm lá lenha boa, melhor do que esta, e assim é uma coisa deles cortar e já deixar limpo também

AL: [andamos, andamos...] são umas cruces? Não é nesta rocha?

MS1: penso que não...

[andamos mais]

AL: é? Aha!

MS1: está a ver aqui, isto tem aqui uma era...

AL: tem uma? Era?

MS1: mil trezentos... e dezanove, ou oitocentos e dezanove...

AL: é o quê isso?

MS1: isto é quando andaram a... ou quando vieram-nas ver ou quando as fizeram...

AL: 1819??

MS1: mil oitocentos e noventa e nove ou mil trezentos e noventa e novembro

[tentamos perceber]

MS1: é mil... mil oitocentos e noventa e nove, parece que foi isso...

AL: tem de por sempre o ano ou não?

MS1: não, nalgumas tem noutras não...

AL: e esta é a de... Sezelhe deste lado?

MS1: não, é a de Travassos deste lado. Portanto, o limite de Travassos chega até aqui e as nossas passam ali por trás, naquela vaga naqueles penedos que estão acolá, lá trás daqueles últimos que se vêm daqui... não são estes primeiros, são os outros que estão de lá...

AL: não são as mesmas que a gente viu há bocado pois não?

MS1: não, não, não, estão outras ao pé ali da vaga, depois estão ali outras... é como estar esta ali atrás e estas aqui...

AL: então isto é tudo misto?

MS1: isto... isto portanto, isto fazemos uma linha que é uma linha, uma linha das cruces, para cada lado que as cruces estão, entre o meio das duas cruces é o misto e depois para cada lado, de lá é Travassos e daqui é Sezelhe

AL: isto são fronteiras antigas...

MS1: são fronteiras antigas, exactamente... então de 1899... há cento e ...

AL: sim, há 116 anos... aqui o baldio sempre foi desta aldeia, nunca foi de várias aldeias?

MS1: não, sempre foi da aldeia

AL: alguma vez houve conflitos, entre aldeias, ou dentro da aldeia, relativamente aos usos do baldio...

MS1: havia sempre um ou outro que havia sempre aquele conflito. Às vezes onde havia primeiro, onde havia conflitos era entre uma aldeia e outra. Porque depois uns diziam que as cruces não eram aqui, porque muitas das vezes há pessoas que ainda hoje não sabem onde estão as cruces. Depois as pessoas que não sabem onde estão as cruces e os limites dizem "ai, não, porque as nossas vão em tal sítio, e as vossas são em tal sitio..." ... de resto não havia conflitos assim...

AL: é mais os limites

MS1: é. Há aquele respeito, só que é como estávamos a acabar de dizer, o gado e depois mesmo os da aldeia vizinha, se quiserem vir cortar mato para o lado aqui nós nunca nos interessamos por coiso...

MS1: isto também não é meu... estes carvalhos aqui, isto é particular, esse carvalhal...

AL: ai é?

MS1: é... estão ali, lá em cima, estão ali outras cruzez acolá na, no meio desse penedo grande, neste logo aqui por cima do... são as cruzez de Travassos. E depois passam para aqui, para este lado, assim cortam aqui e vão lá acima...

AL: então mas ali é Sezelhe do outro lado

MS1: é!

AL: é destas cruzez para lá...

MS1: é! Vão ate lá acima e ...

AL: então e como é que há aqui particulares no meio

MS1: porque já havia, havia terrenos, geralmente em todos os sítios há particulares no meio dos baldios. Era se calhar, sei la, já dos antigos antes do coiso... nós quando... nós... a história diz, nós... nós viemos lá dos marroquinos... antigamente... é que nós chegamos a certos sítios e vimos lá... tipo Paredes a dividir terrenos...

AL: noutros tempos?

MS1: noutros tempos... a dividir terrenos. Já nem os meus avós, eu conheci o meu avô, morreu com 90 e tal anos, e eu às vezes perguntava-lhe... vínhamos para aqui para o monte, para o feno, porque isto aqui, isto tudo aqui vínhamos segar tudo que era para dar de comer ao gado, porque havia muito gado. Estes lameiros, do outro lado, a erva era toda cortada, o feno que era para levarmos para o gado para de Inverno os, o manter... eu perguntava ao meu avô... eu não sei, ele dizia que era os mouros, que vieram para aí... que foram os mouros que fizeram aquilo. Havia uma historia que nós temos, esta capela chamam-na, há lá uma ... há lá um penedo que lhe chamam penedo dos mouros, que era onde eles se recolhiam, que não havia casas, que não havia... são assim, são historias...

AL: bom, sim, os mouros andaram cá... depois estiveram mais tempo foi no sul de Portugal...

MS1: lá para o Alentejo e ...

AL: sim, Alentejo... há lá muitas marcas da presença deles, agora aqui também passaram... devem ter deixado qualquer coisa.

MS1: até foi quando... os celtas...

AL: ah, os celtas! Ah, sim, os celtas tiveram muito mais influencia aqui no norte... a gaita-de-foles...

Então mas neste momento ainda estamos dentro do baldio de Sezelhe?

MS1: sim, estamos dentro do baldio de Sezelhe.

AL: então e esses particulares são coisas antigas...

MS1: exactamente, são terras privadas que existiam

AL: e que pelos vistos ainda existem. E a malta dos baldios nunca lhe disse que não poda ter ali a sua terra?

MS1: não, porque isto é assim, estas terras está tudo, estão nas finanças em nome dos próprios e está tudo, é como seja uma propriedade...

AL: pois, era todo um processo estar agora a tirar a terra às pessoas

MS1: exacto!

AL: neste caso a si, mas também deve haver outras...

MS1: ah, não sou só eu, esse carvalhal, isto também carvalhal que aí existe até lá acima, é todo particular...

AL: mas nem há memória destas concessões...

MS1: não, não, isto já vai há tantos anos

AL: ultimamente têm feito alguma alienação de partes do baldio?

MS1: não, nós nem podemos... não se pode vender nem ceder

AL: sei que se pode caso seja para alargar a povoação...

MS1: não, isso se for para alargar a povoação ou se fosse preciso fazer um recinto para pastagem para gado ou assim, isso sim...

AL: e vocês nunca fizeram?

MS1: não, nunca foi preciso. Ali em Covelães fizeram isso.

AL: foi? E acho que em Fafião também...

MS1: em Fafião também...

AL: [falando de animais que aparecem na paisagem] vêm cá pô-lo e vêm buscá-lo à noite não é?

MS1: não, este gado agora só sai agora no fim de setembro. Este gado fica todo o ano. Há sítios próprios para este gado ficar. Este gado agora o local deles é este aqui

AL: e a água...

MS1: temos ali um tanque, não reparou... para eles beberem, e depois tem aí para beber... nós aí temos muita água... aqui em frente vê-se a Espanha... aqui antigamente, vou contar agora aqui uma história... mas é realidade, deste marco. Antigamente havia aqui um carreiro, tínhamos aqui uma aldeia em baixo, Vilarinho, antigamente... e naquela altura o escudo estava muito mais forte que a peseta, então quando era para ir buscar arroz, bacalhau, carne e ferramentas para trabalhar vinha-se aqui de noite, e levava-se aqui azeite, era o contrabando...

AL: ah, era aqui!

MS1: por exemplo bacalhau e esses grandes comerciantes e oh carai, vinham aí... mesmo para o gado, bezerros atravessavam... para matar...

AL: mas este marco divide Portugal e Espanha?

MS1: divide

MS1: e então havia nessa altura os guardas-florestais, e vinham para aqui à espera dos... eles escondiam-se aí nessas coisas à espera de quando passavam os contrabandistas ou alguém que era para lhes tirar o que eles levavam. E então, numa ocasião, a malta vinha para aqui com o gado, nessa altura e era um domingo e era como agora a altura de tirar o estrume das cortes para botar nas terras (...) à forquilha. E o meu pai diz-me 'oh filho, vai com as vacas estão para o Touçal, já disse ao Henrique, lá ao dono da loja, que se chamava-se Henrique, já disse ao Henrique que trazes de lá uma forquilha, vai-a lá buscar', e digo 'e se os guardas estiverem ali?', o meu pai era guarda (...) 'diz-lhe que és filho de fulano tal'. Chego aqui abaixo estava um guarda aqui sentado eu tinha para aí 12 anos nessa altura. Diz ele 'oh, donde vens?'... eu contei-lhe a história. 'o meu pai assim...', eu a pensar que ele me deixava ir embora assim, e ele 'olha, anda cá, dá cá a forquilha'. Ficou com a forquilha. Chego a casa 'oh a forquilha?'. 'Passou-se assim e assim'. 'ah, não me digas! Esse filho da mãe...', ele ainda é vivo... eu às vezes ainda o encontro

AL: quem, o guarda?

MS1: sim, ainda é vivo... e então chega ao pé dele "então tu fizeste-me isto? Eu até pensei que o rapaz estivesse a mentir, que não conhecia e não sei quê...". Então vou-te pagar com a mesma oferta... o pai dele, ele é dali de Padroso, então ele tinha lá uma tasca, e antigamente nem podiam estar abertos até certas horas nem nada. O meu pai era guarda, chegou lá, 'olhe, fica multado!', 'ah, porquê?'. 'Olhe porque isto e isto e isto assim'. 'Olhe, eu sou o pai do Armindo...'. 'pois, olhe, eu também era pai do meu filho e tirou-me a forquilha ...' (RISOS)

AL: então, se é para cumprir a lei é para cumprir a lei!

Vocês aqui fazem vezeiras, agora mudando um bocadinho o assunto...

MS1: do gado

AL: ah, fazem...

MS1: agora antigamente quando havia muita ovelha e cabra e coiso, às vezes até era duas vezeiras, era muita e tinha de ir dividida que era para não andar... só que nós antigamente era assim, a vezeira andava à volta da... como é que hei-de dizer... das casas, andava à volta do povo, portanto...

AL: ah, passava de casa em casa...

MS1: passava de casa em casa, todos os dias, passava de casa a casa. E por exemplo, eram x dias por cada cabeça de cabra, ou de ovelha ou de coiso. Quem tivesse por exemplo 50, vinha 3 dias, quem tivesse 20 ou 20 e tal, ia 2, quem tivesse 15 ia um dia com elas. Então era, vinha sempre um pastor ou dois pastores e às vezes, como era muito gado, muita ovelha, muita cabra, às vezes era às 500 cabeças de coiso, então dividiam... [olhe, queimaram isto, isto era um carvalhal, isto daqui por meia dúzia de anos estava... está a ver, era um carvalhal, mas deitaram-lhe fogo queimaram-no todo"]

AL: e foi Travassos ou foi daqui?

MS1: é malta desse gado... e, está a ver, estes carvalhos aqui ainda se safaram mas os outros queimaram tudo, seca tudo.

AL: ah, estes que aqui estão em pé estão mortos...

MS1: estão mortos, aqui a maior parte estão mortos

AL: esta erva cresce sempre depois da passagem do fogo não é?

MS1: é é, deve ser. Não, mas a erva cresce, depois de largarem o fogo depois, mas quanto mais... quanto mais queima mais prejudica

AL: mas diga-me só, para acabar aquilo... antes faziam assim as vezeiras, e hoje?

MS1: hoje não... hoje não fazem porque não há, a maior parte das pessoas emigraram, deixaram de haver jovens para estas, para constituir certas vezeiras, agora não há... hoje se houver há meia dúzia que tem 4 ou 5 praticamente só numa propriedade, só para consumo, que antigamente vendiam os cabritos, vendia-se os anhos, vendia-se a lã da ovelha, que era para fazer as meias para calçar, que era para fazer os cobertores da cama, para fazer as capas de bordel, aquelas capas que não sei se está a ver qual é... a capa do coiso, era para se fazer... hoje já não há...

AL: então por exemplo, esta malta que tem este gado...

MS1: esta malta deste gado é assim, largam-nos agora, vêm-nos ver quando vêm, e depois descem-nos no mês de setembro, e depois ficam no curral até praticamente

agora. No inverno não vêm, tem muita neve, muito frio, cai neve, praticamente às vezes fica alguns 15 dias fica tudo coberto

AL: então já não há aquelas cabaninhas onde os pastores ficavam...

MS1: é, aquilo é mesmo... não, ninguém as usa, ainda agora, não sei se se vê dali...

AL: há pouco vi uma casinha mas não sei se era isso

MS1: para donde?

AL: pfff, não sei, era ali onde a gente veio

MS1: ah, se calhar era uma cabana... olhe, acolá, olhe vê-se daqui... o telhado está a ver...

AL: sim, sim, sim. Mas já ninguém usa agora não é?

MS1: já não. Recuperou-se isso por existir, que isto de resto já não...

AL: foram vocês que recuperaram?

MS1: fomos nós que recuperámos...

AL: pois... por exemplo, lá em Fafião tentam manter a tradição mas... mais tarde ou mais cedo...

MS1: pois... passei lá ainda há pouco tempo, o Raul, conheço bem

AL: sim, ele também me disse que o conhecia... eu disse-lhe que vinha cá e ele "ah, o MS1"

MS1: e há essas tradições, mas isso também é como tudo, chegam lá quando levam o gado e depois deixam-no lá e vêm embora outra vez. Mas era isso que existia e essas... porque quando há muita população e há muito gado as pessoas são mesmo obrigadas a juntar-se e... nós quando era na época... eu emigrei em 70, antes quando era, só se via... agora se fosse nesta época, só se via gado, só se via pastores, a comerem as merendas... quando era dia de entrudo ou dia de reis... toda a malta trazia as chouriças, o vinho e o pão, juntavam-se aí numa coisa, acendiam aí uma fogueira e toda a gente comia ali de volta da, do coiso... hoje não se vê... hoje mesmo para vir ver o gado, para vir ver o gado ou vem de mota ou vem... (RISOS) mas é verdade, é verdade...

MS1: no tempo da caça venho por aqui acima... só que agora o parque, nós caçávamos por aqui, proibiu-nos esta parte toda, estes carvalhais todos, por aí abaixo, tem aqui uma zona de perdiz, javalis e o caraças e agora... quando foi este novo regulamento, como é que eles chamavam... que saiu aqui há meia dúzia de anos...

AL: sobre a caça?

MS1: Não, sobre o terreno todo

AL: ah, o plano de ordenamento do parque?

MS1: exactamente!

AL: deixaram de poder caçar?

MS1: (...) isto foi metido no plano de ordenamento do parque... agora não podemos caçar

AL: mas podem de certas maneiras não é? Tipo, como é que se chama...

MS1: nem batidas!

AL: batidas, era isso que eu queria dizer... há aqui alguma associação de caça dentro do baldio

MS1: temos nós aí... Sezelhe e Travassos, temos uma associação de caça

AL: ah, são vocês mesmos que fazem parte da associação

MS1: exactamente

AL: e caçam nos baldios?

MS1: sim, caçamos nos baldios

AL: e depois dividem... imagine que fazem muita caça...

MS1: não! Isto é assim

AL: desculpe interromper, está aí um marco não é?

MS1: isto é um marco militar...

AL: ah... para que é que serve?

MS1: aquilo eram pontos de referencias...

AL: é tipo a cota?

MS1: é tipo a cota e tipo referencias... por exemplo eles estão ali, se plantar qualquer coisa tem uma visagem alargada para todo o ...

AL: ah, ok. Mas interrompi-o...

MS1: isto aqui também ainda pertence-nos a nós, isto aqui... está a ver mais gado acola em baixo...

AL: ah, sim, sim sim. E agora também fica ali até ao final do...

MS1: fica, agora praticamente fica aí ate ao final do ano... e então, portanto, a caça é assim... nós é por grupos, por exemplo, eu caço mais um colega, e posso dividir mais um colega, só que o fim da caça havia... havia uma altura que... não sei agora como é que se vai passar... havia uma batida, que nos chamávamos a batida do javali. E essa batida, que juntava... os caçadores faziam parte da associativa, vínhamos por aí acima a fazer a batida ao javali... fazíamos a merenda, dávamos uma volta de manhã, chegávamos ali em baixo, até estava lá uma placa... onde eu disse que aquele terreno era meu... deixávamos ali os carros e os jeeps, quando viéssemos acendíamos ali o lume, fazíamos ali uma churrascada...

AL: ui, o parque! Tudo contra o que eles querem (RISOS)

MS1: os javalis que matávamos, portanto depois fazíamos entre as duas aldeias, e os caçadores, fazíamos uma festa, cozinhávamos e juntávamos a gente toda e comíamos tudo em conjunto...

MS1: quer ali ao marco... não?

AL: vale a pena?

MS1: é mais a vista...

MS1: é só mais a vista... nós temos aqui outro marco

AL: esse já é diferente, é entre Espanha e Portugal, não...

MS1: é, mas este marco puseram-no aí que está... está fora do sitio... por acaso está... que esses marcos foram postos há dois anos por militares, pelo exército. Que eu ainda ali para cima fizemos... ali na fábrica, mandaram-me lá fazer uns. Só que eles, estes puseram-nos fora do sítio... porque passa acolá, vê acolá outro...

AL: então, mas puseram-nos como se fossem aqueles...

MS1: mas esse puseram-no lá na carta que eles traziam, puseram lá no, puseram-no mal...porque o território português vai até ali, onde está aquele coiso... está acolá outro marco à frente. Para lá para baixo é Espanha, para aqui...donde estão aqueles, os galegos chamam-lhes o corta-fogo, aquela limpeza acolá... por ali afora, para lá é Espanha, para aqui é Portugal... onde estão aquelas eólicas já pertence aqui a Montalegre, é Sabuzedo, é a aldeia de Sabuzedo... aqui o nosso baldio acaba aqui em baixo

E já foi ao parque do outro lado de Espanha... continua o parque lá não é?

MS1: não, o parque não. Há lá um sitio qualquer, mas o parque continua mais ali para os lados ali, debaixo do Gerês... como é que eles chamam...

AL: Xerez não?

MS1: sim, ponte de lima... ali é que continua para a Galiza...

AL: he lá, o que é aquilo, é uma águia?

MS1: aquilo é um falcão...

AL: então pronto, antes faziam isso na caça... e agora, como é que dividem, ou não dividem?

MS1: não, agora é assim... agora cortaram-nos as batidas de salto mas fazemos aí batidas normais. O que matamos depois... os animais que se abatem... são leiloados e depois aquilo reverte a favor das associativas, para nós termos... nós temos de pagar... o nosso limite chega aqui a este caminho. Depois é já daqui de Mourilhe. Pertence a Montalegre mas é outra aldeia

AL: e tem baldio

MS1: tem

AL: ah, mas está fora do Parque...

MS1: está fora do Parque... não, mas agora está dentro do parque porque agora alargou... porque este, Mourilhe, e aqui à frente Sabuzedo e alargaram isto até à fronteira, o Parque... do rio Cávado, porque o rio Cávado passa acolá em Montalegre ali pelo lado daquela encosta, daquela aldeia que está acolá. E tudo o que está do rio Cávado para cá é, pertence ao Parque... incluíram isto no Parque

AL: isso é que eu não sabia...

MS1: e isto pertence... cada aldeia tem o seu CD

AL: então agora já fazem parte do Parque, pronto...

MS1: é⁴...

AL: interessante ter esta vista para ver o que se passa no seu baldio...

MS1: (...) mas de vez em quando andávamos, púnhamo-nos aí, mas de vez em quando vínhamos ao alto, já conhecíamos qual era o nosso lado, para ver onde é que ele andava

AL: pois, é um bom ponto de monitorização, a ver o que é que se passa aí

E abelhas, vocês têm abelhas?

MS1: no nosso baldio temos

AL: mas é particulares não é?

⁴ Na verdade o que aconteceu foi a delimitação da Rede Natura 2000, que de facto abrange o PNPG e também aquelas aldeias e baldios de Montalegre.

MS1: é...

AL: está bem. Isto tem aqui mato bem bom para isso não é?

MS1: tem muita urze e giesteira, mas também há quem diga que a abelha... que o melhor mel é do carvalhal...

AL: bom, o carvalho também tem a sua florzita... não é uma flor destas (coloridas) mas... se calhar é por causa do mato que cresce por baixo não?

MS1: por causa dos componentes. Que a folha (flor) do carvalho tem outros componentes para o mel e para a abelha melhores do que a urze.

AL: pois, olhe, não faço ideia

MS1: pois, eu também não... o meu avô por acaso tinha... o meu avô paterno. Mas depois ele deixou aquilo, começaram a desaparecer, nunca mais as pusemos. Às vezes ia lá com ele, e ele ia às colmeias, não levava a máscara, não levava nada...

MS1: (RISOS) agora, isto aqui tem uma paisagem! Lá é a Serra do Larouco, já ouviu falar?

AL: já ouvi falar, sim

MS1: o ano passado, mais ou menos por este tempo, chovia...fui lá à prova de ciclistas

AL: aaaaah, a Volta a Portugal!

MS1: a Volta a Portugal sim! E faz hoje 15 dias tivemos aí o rally cross, mundial... temos aqui uma pista

AL: em que povoação?

MS1: está a ver esta aldeia aqui, tá a ver aquela margem branca acolá? Isto que se vê daqui... é lá a pista!

AL: aaah. E aqui é Montalegre?

MS1: ali é Montalegre!

AL: tava a ver se via o castelo...

MS1: o castelo está ali... está a ver uma manchazinha de árvores verdes...

[...]

AL: então daqui consegue quase dizer-me onde é o limite dos baldios... ali já é Travassos...

MS1: sim, ali já é Travassos, daquele lado, aquela encosta... o nosso limite é nesta encosta de onde vimos, acolá, vai lá acima, depois nós vamos passar lá, já lhe vou dizer onde é que é, está lá um marco. o de Travassos passa já no meio daquela área ardida, por aí abaixo, naquele carvalhal... e depois tem os de Covelães que passam lá atrás, na estrada que vai para Tourem... você foi lá...

AL: não fomos lá não. Ficámos na casa do senhor Manuel...

MS1: ah, não foram... e depois de acolá então passa... do carvalhal para lá já é de Covelães. Nesta encosta ardida e sobe até lá acima. Daquela estradão para baixo pertence a Tourém e depois para trás já pertence a Pitões, já faz parte do Geres e já pertence a... logo ali por trás é tudo Espanha...

AL: esta é a serra do Geres?

MS1: por aí atrás é a serra do Gerês, até lá a Lindoso, lá abaixo... Terras do Bouro e ... quase até Viana...

AL: este carvalhal está brutal! É por ser nesta encosta?

MS1: porque foi o Parque, é que aqui foi esta zona de carvalhal que nos tiraram toda

AL: ah, porque não é para cabras?

MS1: não, tiraram-na porque deve ser para lá meterem espécies, se calhar...

AL: mas tiraram por não ser considerada já área forrageira, não é isso?

MS1: não! Tiraram-na da caça, porque não podemos agora lá caçar

AL: aaaaaaah!

MS1: porque eles, para mim eles vão lá lançar quaisquer espécies adaptadas lá ao carvalhal, ou corço, ou lobo, ou qualquer coisa que eles devem... para proibirem isso, para não entrar lá, os caçadores nem... é porque alguma coisa têm em vista

AL: pois, talvez, também não sei. Porque já me disseram que o javali tem crescido muito não é? O número de javalis...

MS1: ah, já cresceu mais também, porque isto é assim, antes fazíamos a batida, nós por exemplo agora faz-se 3 ou 4 batidas durante o ano, e eles também vão embora, também vão desaparecendo, às vezes caem aos 10 e 12.

AL: pois, eu também percebo que se limite, senão desaparece... mas...

MS1: porque é assim, o Parque também gosta de ter as coisas mas também não gosta dessas coisas que estamos a falar. Até ali o javali dava cabo da agricultura e dos coisos... vinham, pagavam... hoje acabam com tudo e nem pagam. Logo, matavam um cabrito ou uma cabra ou ... pagavam. Hoje não pagam

AL: não pagam?

MS1: não pagam

AL: mas supostamente deviam pagar, a Lei diz isso

MS1: diz isso... então não se ouve no jornal lê no telejornal, lá de Bragança e lá para baixo para o Douro e coiso, que os lobos atacam os rebanhos e matam-nos e ...

AL: pois, o problema é que se tem de apresentar os cadáveres

MS1: ah, nem com cadáver...

AL: demoram a pagar...

MS1: demoram a pagar, nem demoram a pagar, não pagam. E depois às vezes, estão a proteger o lobo, e encontram-nos mortos...

AL: pois... e aquela questão de eles fornecermos os cães para acompanharem os rebanhos, vocês têm algum subsídio para os cães?

MS1: saiu agora este ano, portanto eles deram... têm de ser cães da serra, de raça... dão, não sei se são 200 euros ou 150... também não sei bem

AL: acho que pagam os cães não é?

MS1: para pagar os cães, dão um subsídio mas isso é lá da agricultura. Cada cão, por exemplo, quem tenha 10 vacas pode meter 2 cães nesse coiso, só a partir de 5 vacas é que pode ter direito a um cão, e ao passar de 15 vacas... portanto, o máximo são 2-3 cães...

AL: mas alguém aqui na aldeia fez isso?

MS1: fez, fez, temos aí quem tenha feito

AL: e tem havido ataques de lobos?

MS1: ataques de lobos aqui nós... andam por aí, de vez em quando lá se vê... mas o lobo ataca mais onde haja rebanhos, como por exemplo cavalos, o lobo também ataca muito o cavalo... por exemplo temos, este gado, às vezes há gado que para aí no monte, o pessoal não se apercebe que eles que param, e às vezes quando chegam aí... já foi.

AL: porque eles só comem os pequeninos das vacas, não comem as grandes... são grandes demais... mas a vaca consegue fugir do lobo?

MS1: a vaca consegue... os lobos só atacam os animais adultos, só se forem mais do que...

AL: ah, está bem, trabalham em equipa...

MS1: se não forem mais do que um não atacam, agora quando é um vitelo com 3 ou 4 dias...

AL: mas já não se ouve falar muito de ataques de lobo aqui então?

MS1: não, de vez em quando lá se ouve “olha, uma aqui”. Uma vaca quando pariu, quando chegou lá já tinha o lobo... agora como antigamente já não. Nós aqui não... agora aí para baixo para Cabril, terras do Bouro e coiso, que têm esses rebanhos de ovelhas e cabras às vezes...

AL: lá acontece...

MS1: acontece...

AL: pois... o que eu li nas notícias é que se não tiver o cadáver, prova do animal morto, eles não pagam...

MS1: exactamente, é preciso ter provas, também não vou dizer que trazia aqui 50 ovelhas que desapareceram num mês, não é? É preciso estar lá os vestígios para eles confirmarem que é...

AL: pois, o problema é que por vezes, segundo dizem os produtores, não é possível entregar o cadáver... porque depois o ICNF só vem ca durante a semana, se por acaso matam à 6ª feira têm de esperar até 2ª feira, e depois o cadáver desaparece...

MS1: têm de esperar pois, e depois também há...

AL: e depois o cadáver desaparece...

MS1: e depois também há ataque do lobo que o lobo pega na ovelha e desaparece com ela... quando havia gado e havia o coiso, às vezes havia muito lobo, às vezes encontrava-se as manadas deles, conforme era por exemplo, se calhar uma fêmea paria 4 ou 5 e andavam para aí um ano e tal todos juntos e era por isso que muitas das vezes atacavam todos em conjunto e matavam mais... mas era, havia mais adultos porque uns faziam frente de um lado outros faziam de outro e quando chegasse agarravam-se todos a eles e matavam, apanhavam-nos, agora que já diminuíram, porque o lobo começou a, os rebanhos começaram-lhe a falhar e depois também começaram a diminuir e o lobo, o parque cria-os em cativeiro e depois de vez em quando lá...

AL: é? Ai cria-os em cativeiro? Aqui no parque?

MS1: é! Agora o lobo de agora é totalmente diferente outro, isto é como um cão russo e um ?

AL: mas é diferente o comportamento?

MS1: é, é diferente em tudo é diferente, no comprimento, na orelha, no rabo...

AL: acha que já é fruto de cruzamentos com cães ou...

MS1: é, é, é, é... os lobos de antigamente é totalmente diferente, um nariz fino, uma boca mais rasgada, o rabo do lobo nunca anda descaído, andava sempre curvado...

AL: sempre para cima

MS1: sempre para cima...

AL: bom, é possível... então e agora caçar, o que é que podem fazer de caça?

MS1: só não podemos caçar naquele sítio, de resto podemos caçar conforme os usos e costumes... antes vinha-se por aqui acima, agora neste tempo mesmo, daqui por mais um mesinho, vinha-se por aqui só se via aí a atravessar perdigotos, perdizes pequenas...

AL: pois, por acaso no outro dia em Fafião passou por nós uma perdiz e o Raul ficou espantadíssimo, como se fosse assim um tesouro raro...

MS1: nós tivemos, nós aqui na nossa zona tivemos quase a perdiz extinta, estava quase a desaparecer...

AL: mas era sobre caça? Falta de habitat? Não sei...

MS1: não, não sei, aqui também era uma zona de perdiz e depois havia muito caçador também à perdiz, e depois havia mesmo isto, é assim... das outras associativas, quando, então por aqui quando não veem ninguém ou coiso, ou se vê alguma gente que não é caçador entram... as outras pessoas não sabem se pertencem à associativa ou se não pertencem e coiso... nós tivemos aí uma ocasião em que já era raro ver-se uma perdiz, tivemos que... fechámos... 2 anos fechámos à perdiz, não caçámos. Depois só abrimos meia época, portanto são 3 meses só abrimos mês e meio a caça à perdiz. Durante o outro tempo não se pôde... do mês de outubro ate meados de dezembro a perdiz está fechada, não se pode caçar a perdiz...

AL se calhar é quando eles se estão a reproduzir...

MS1: não, a criação é agora...

AL: então agora também não se devia caçar não é?

MS1: então, e agora não se caça... só se caça do mês de outubro ao mês de dezembro, só temos... a caça nacional é só esses 3 meses. E agora o que tivemos... e depois tínhamos aí já muita perdiz, só que o ano passado o tempo não correu bem, viam-se os casais sozinhos, sem crias...

AL: decidiram não caçar a seguir foi?

MS1: não, vamos ver este ano, vamos ver este ano qual é a produção delas, o ano passado acho que veio muito frio nos fins de maio e junho e elas não, a perdiz quer o tempo bom, tempo com calor que é para elas chocarem e criarem bem. Se vêm frios e chuva e coiso os ovos arrefecem e não conseguem já criar... isto é como uma galinha...

Tourém: MT1

AL: pois, também têm as ITI, exacto

MT1: têm, e com a vantagem de esses nos baldios podem ter eólicas

AL: ah, eles podem na Rede Natura? Aaaaah

MT1: e nós não! Eles têm lá...

AL: eles têm... eu achava que lá também não podiam

MT1: têm, têm, têm, eles recebem uma renda. Agora o problema das ITI foram os cortes que fizeram e aqueles que vão fazer no futuro, mesmo que a gente queira fazer alguma coisa vai ser muito complicado

AL: pois

MT1: vai ser muito complicado...

AL: lá no vosso, em Tourém houve cortes muito... o corte foi grande?

MT1: uuuh, foi, em relação ao 1º ano foi

AL: sabe mais ou menos quantos %, só para ter uma ideia... da área forrageira que foi cortada

MT1: foi cerca de 50%, mas espere aí, deixe-me pensar que eu consigo lhe dizer

AL: não, não é preciso

MT1: foi na área baldia passou de 1050 hectares para 700 se não me engano

AL: é quase 50%, não chega mas é quase... sim, sim, sim

MT1: portanto todos nós vamos sofrer com isso, claro que...

AL: pois, ainda não percebi muito bem as consequências... já percebi que os agricultores sim, vão ter... à partida vão ter algumas consequências na área que candidatam e tal, não é?

MT1: exactamente, nós em Tourém não temos esse problema

AL: ah, não têm gado?

MT1: infelizmente o número de agricultores diminuiu e a área que cortaram para eles poderem fazer a candidatura é mais que suficiente

AL: pronto, ok...

MT1: suponho que só há duas freguesias em que isso aconteceu... foi Tourém e Pitões... já foi a Pitões?

AL: fui anteontem... falar com a Lúcia

MT1: exactamente. Sim, nós não temos esse problema...

AL: ok

MT1: e ainda bem que assim foi. Agora o problema está nas novas instalações...

AL: nas construções?

MT1: nas novas... os jovens agricultores é que estão um bocado condicionados. Primeiro porque precisam de uma área mínima de 20 hectares... e a área que nos sobrou não é assim tanta que nos permita fazer isso

AL: que vos sobrou...

MT1: dos outros agricultores. O que é que nós estamos a fazer... portanto, imagine, que um agricultor precisava de 20 hectares, em vez de lhe dar os 20, se houver um jovem agricultor que necessite dessa área nós vamos retirar área a quem já estava, não podemos cortar as pernas a quem quer começar

AL: ah, sim, sim

MT1: e é por aí, a logica será essa, já está aprovada em assembleia, que isso será assim, se vier a acontecer. Se não vier a acontecer então não teremos grande problema

AL: mas podem construir? Essa parte é que eu não percebi

MT1: podem, podem construir na mesma os armazéns, só que precisam de uma área para os efectivos de 20 hectares... para reunir as condições necessárias e aí é que muitos CD vão ter problemas

AL: pois, pois

MT1: o grande problema vai estar aí

AL: para a instalação de jovens?

MT1: exactamente. Aí é que vai estar o grande problema. Agora quem já está... no meu caso não vai haver grande problema...

AL: você tem animais?

MT1: não

AL: ah, no seu caso, do baldio de Tourém...

MT1: o caso de Tourém

AL: mas um jovem para se instalar precisa necessariamente de fazer uma construção é isso?

MT1: porque... praticamente, ou se já tiverem...

AL: ok

MT1: agora, quem vai por, vai por gado... onde é que mete depois os animais?

AL: no inverno...

MT1: aqui os invernos são muito rigorosos... agora não, agora anda tudo não tem problema nenhum, mas no inverno é complicado

AL: sim, sim, sim... lá em Tourém há muitos jovens ainda ou...

MT1: uuuh, não... ate porque neste caso concreto que lhe falei temos apenas uma situação

Sei que vai acontecer outra, mas ainda não aconteceu, portanto neste momento temos apenas uma... agora, a população de Tourém que trabalha na agricultura é como em todo o lado, bastante idosa, mas só que nos tivemos a sorte de nos anos 90 houve muito pessoal que hoje já tem 40 e tal, já perto dos 50 anos, que é o meu caso, que estávamos fora e regressámos, então aí estão ali muitos agricultores que se vão manter por muitos anos

AL: e esses estão a dedicar-se à agricultura? Você já sei mas...

MT1: sim, sim, eles dedicam-se 100% à agricultura, não têm outra forma de vida

AL: boa... quantos habitantes é que agora existem lá em Tourém?

MT1: cerca de 120 pessoas... mais ou menos

AL: é uma aldeia mais para o grande ou mais para o pequena? Por exemplo é mais pequena que Pitões?

MT1: é mais ou menos igual

AL: ok, ainda é maiorzinha do que as outras...

MT1: até porque nos últimos censos havia uma diferença de 6 habitantes de Tourém para Pitões, 157... 151

AL: em Pitões é que era 157?

MT1: sim. Era... na altura dos censos, isso foi em 2011, portanto há 4 anos... uh, havia uma diferença de... a

É porque houve aí uma situação, quando foi da junção das freguesias, tinham de ter um mínimo de 150 habitantes, e nós safámo-nos por 1...

AL: (RISOS) e não tiveram que juntar a freguesia foi? A vossa é a freguesia de quê?

MT1: de Tourém

AL: e em Pitões também é... ah, ok, a Lúcia já tinha dito...

MT1: Pitões também é freguesia...

AL: sim, sim, sim, senão juntavam-se a Pitões provavelmente

MT1: se estivesse mais próximo, porque não tinha nada a ver uma coisa com a outra, um do lado outro do outro, foi aquela coisa feita em cima do joelho

AL: pois... e lá no vosso baldio têm floresta, de produção por exemplo?

MT1: não... a floresta que temos é autóctone, é só com os carvalhos... agora pinheiro e essas coisadas disso não temos nada

AL: e nunca tiveram ou já não têm?

MT1: não, não

AL: o Estado não pôs lá o pinhal na altura do Salazar? Não chegou a entrar?

MT1: não... ficava muito longe

(RISOS)

MT1: ficava um bocado longe. E depois nós sempre tivemos um bocadinho de cuidado com o baldio, acho que as pessoas foram-se adaptando e chegaram à conclusão que realmente não vale a pena inventar muito, está tudo inventado, é preservar o que temos e se preservarmos já não fazemos pouco, e as pessoas foram-se consciencializando disso e vendo que isso realmente era verdade... e nós no baldio se quer que lhe diga nem sequer problemas temos. Há sempre aquela pequenas coisitas, que um quer abusar disto ou daquilo, mas pronto, coisas insignificantes, não temos... eu quando vejo aí freguesias com problemas gravíssimos de baldios que vão para tribunal eu até fico um bocado admirado como é que lá não existe, felizmente não existe, e oxalá nunca exista...

AL: mas esses que vão para tribunal normalmente é por fronteira do baldio com a aldeia ao lado e coisas do género, porque os animais foram para o outro lado...

MT1: ou mesmo privados que se querem apoderar do baldio para proveito próprio, vedando e fazendo...

AL: e lá não acontece nada disso?

MT1: até hoje não... há sempre aquele que gosta de abusar um bocadinho mas não... fala-se com ele... até hoje tem-se resolvido sem problema de maior

AL: e a freguesia de Tourém tem outras aldeias?

MT1: ... (não)

AL: ah, é só Tourém?

MT1: só Tourém... é muito fácil de gerir. Não tem que... imagine, há freguesias que é como o caso de Cabril

AL: tem uma data de aldeias...

MT1: já foi lá não é?

AL: sim

MT1: Cabril, Fafião, aquela... Pincães... aquilo deve ser complicadíssimo...

AL: mas Pincães e Fafião.... Ah, pois, faz parte da mesma freguesia mas o baldio é que é diferente, agora já estava a confundir...

MT1: atenção, baldio cada um tem o seu

AL: exacto, exacto, agora estava a confundir tudo

MT1: não, não, freguesia é uma coisa, baldio é outra

AL: e mesmo só o baldio de Cabril são uma data de aldeias que a gerem, é aquelas aldeias mais pequeninas... não é? Só a de Pincães e de Fafião é que são à parte não é?

MT1:...

AL: aquilo são uma data de aldeias que formam a freguesia de Cabril, para além de Pincães e de Fafião... depois essas outras aldeias, para além destas duas, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: cada uma gere o seu

AL: não, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: uma um só?

AL: para além de Fafião e de Pincães que cada um tem o seu, depois o restante baldio é gerido por aquelas aldeias todas

MT1: mas aquelas aldeias ali já tiram muito rendimento do baldio

AL: têm floresta não é?

MT1: floresta exacto que aqui para cima nada...

AL: pois... mas aqui não há... mas também não há muita vontade de a plantar ou há?

MT1: nenhuma! Pura e simplesmente nenhuma...

AL: porquê?

MT1: porque é assim... num carvalhal os pastos crescem normalmente, no pinhal não... quando o pinhal é grande começa a ficar todo queimado por baixo e... o que é que acontece, andamos aqui... o gado anda no monte todo o ano, se fosse pinhal não poderia andar...

AL: pois... mas com a diminuição do gado, não começa a fazer sentido...

MT1: para já nenhum! Para já nenhum... até porque Tourém e Pitões são as aldeias com mais gado

AL: com mais gado, pois... quantas cabeças têm vocês?

MT1: temos 243

AL: de gado bovino?

MT1: sim, e Pitões tem 350 se não me engano

AL: sim, ela disse que eram perto de 400, portanto deve ser isso

MT1: é mais ou menos isso é

AL: e têm cabras?

MT1: não...

AL: aí não? Então não têm vezeiras?

MT1: ...? Toda a vida

AL: de cabras só, ou...

MT1: e de ovelhas

AL: e de ovelhas sim, mas nas vacas não é costume

MT1: as vacas vão sozinhas para o monte e toca a andar

AL: então neste momento no baldio de Tourém, quais são as receitas?

MT1: tem a ITI

AL: é só as ITI?

MT1: só, mais nada! E antes não tinha nada que ainda era pior

AL: antes não tinha nada... como é que vocês faziam isso?

MT1: olhe, de algumas candidaturas que já na altura, e estou me a recordar de quando entrei, porque nem sequer CD dos baldios existia

AL: há quanto tempo?

MT1: há 20 anos atrás

AL: as ITI já existem há quanto tempo?

MT1: não, não, a ITI é recente, a ITI tem 6 anos ou 8

AL: pois, era a ideia que eu tinha

MT1: e na altura era gerida, porque o baldio era gerido pela Junta

AL: ai era

MT1: o CD do baldio foi formado em 1990 e oito ou nove, e fomos dos primeiros, da zona foi

AL: da zona sim

MT1: na área do Parque fomos todos ao mesmo tempo, foram todos formados em 98 / 99, foi assim uma coisa, foi Tourém, Pitões, Cabril, Sezelhe, Outeiro, foram todos formados nessa altura, já para fazer a candidatura, mas antes, estava-lhe a dizer, antes ia-se fazendo umas candidaturazinhas assim daquele jeito para manutenção, para limpeza, para preservação da... o combate contra incêndios, então vinha vindo algum dinheirinho que nós utilizávamos para fazer a limpeza, para abrir uns caminhos, para fazer essas coisas. Na altura era... se hoje é complicado na altura ainda era mais, naquela altura ainda era mais complicado porque não havia meios

MT1: sim, desde que houve a junção dos parques a situação virou. Não houve um acompanhamento tão perto então aí virou, aí não houve... mas pronto, mesmo... mas repare, neste momento o parque... acho que só está para prejudicar, não está para... quer dizer, não nos apoia nada, não nos dá apoios de espécie alguma, e ainda está preocupado em quando se faz uma obra, ir lá fiscalizar e aplicar as multas. Eu acho que todos devemos ter regras, e não estarmos aqui, isto não é nosso, devemos todos respeitar. Mas devemos saber aquilo que andamos a fazer. Se nós fizermos uma obra que é bem feita, que é para beneficiar a população, que é para beneficiar toda a gente e a seguir vai o Parque a por entraves e...é um empecilho neste momento, aí não posso estar de acordo, de maneira nenhuma, só lhe quero falar agora do caso concreto de Tourém que tem agora um problema em mãos em que o parque em vez de ajudar está a complicar tudo

AL: uuuh, de construção? Tem a ver com construções?

MT1: foi o alargamento de um caminho, de um caminho agrícola, e em vez de se preocuparem em nos ajudar estão é preocupados a multar. Quer dizer, não pode ser, está aqui qualquer coisa que não funciona não é...

AL: e não há qualquer tipo de apoio para além desses obstáculos vá... actualmente nada

MT1: não, nenhum, nada, liga-se para lá nem caso fazem

AL: pois...

MT1: claro que isso há qualquer coisa que não está bem. Para por restrições e para por leis isso andam eles finos, para ajudar...

AL: pois... e quando é que acha que isso se alterou, foi só mesmo com a evolução dos parques ou foi antes ainda? Que o parque passou a ter outro tipo de apoio ou zero apoio ou...

MT1: olhe, a partir de 2005, 2006, 2007, descambou completamente

AL: pois isso acho que foi precisamente quando houve uma reestruturação dentro do ICN

MT1: foi, foi... reestruturação essa imposta, imposta se calhar por quem não percebia nada do que é a realidade da vida dentro de um Parque Nacional

AL: pois

MT1: e pronto, mandaram para ali o director do parque que acabou por destruir tudo aquilo que já tinham pensado fazer, ele veio para ali, quanto a mim já veio encomendado, e pronto, conseguiu fazer aquilo que queria, conseguiu impor ali uma data de restrições sem fundamento nenhum, esquecendo sempre, que essa gente nunca se lembrou, que o parque existia com gente... quando eles lá chegaram havia o triplo da gente que há hoje e aquilo funcionava e era bom, hoje querem-nos... praticamente querem-nos expulsar, há aí zonas da serra em que está proibido passar...

AL: as de protecção total?

MT1: são as ZPT, é protecção total... portanto, eles nunca tiveram em conta isso, nunca tiveram em conta de que há 30 ou 40 anos ou mais, antes de eles virem, que existia muito lobo com as populações, hoje que não temos populações e nem sequer o lobo existe, que eles apregoam tanto que são eles que o protegem, não são nada, nem nunca foram! Não é, quem os sustenta são os agricultores, o parque não sustenta nada, o agricultor é que cria os animais para eles comerem, quer dizer

AL: pois, pois, pois... e quais são os investimentos que vocês fazem lá no baldio que... pronto, já percebi que pagam para os sapadores, compraram um tractor... e que outro tipo de investimentos é que fazem com o dinheiro que conseguem poupar

MT1: preservação... é a limpeza do carvalhal... limpeza e condução do carvalhal... nós temos lá uma área muito grande que aqui há uns anos era... não era nada, ardia todos os anos e não crescia lá nada... e hoje temos lá um carvalhal que é um espectáculo, é um exemplo de carvalhal, aliás, o parque faz muito gosto em levar lá os visitantes para verem o trabalho que ali está feito, e realmente está ali um trabalho muito bem feito, repito, graças aos sapadores, são eles que fazem a condução e a limpeza desse carvalhal. Como deve compreender são tudo roças manuais, sai muito caro... para limpar, sei lá, 30 hectares ou talvez mais que lá temos, não se faz tudo nem sequer numa época, é limpeza manual e isso é muito dispendioso, é muito caro

AL: nos carvalhais é que é manual...?

MT1: nos carvalhais...

AL: pois

MT1: e nos outros sítios fazemos a roça com um tractor, aí sim já faz, já é mais rápido, já é mais.... Uuuuh, mas acaba por ser também muito dispendioso porque uma máquina a trabalhar todos os dias gasta muito combustível, gasta... tem muito desgaste, há avarias todos os dias, estamos a falar de uma máquina que anda no monte, na é? Não anda na estrada, e pronto, acho que... se continuarem com estes cortes o futuro do baldio está comprometidíssimo...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: vocês não investem na plantação...

MTR1: para quê? Para quê?

MTR2: não... aquilo nem meio hectare não é...

MTR1: será mais do que meio hectare

AL: então floresta não é propriamente um recurso importante neste baldio ou é?

MTR2: é mais o carvalhal

MTR1: sim, o nosso carvalhal também é muito importante não é...

AL: mas o carvalhal é mais... não se pode cortar e assim, não dá dinheiro não é...

MTR2: temos restrições do Parque

AL: claro. Portanto o carvalhal vocês recebem é dinheiro para limpar não é?

MTR2: sim, é as ITI

MTR1: só que na área de carvalhal pagam-nos menos do que na área de roça e pastagem...

AL: ai é? Pois, ainda estou confusa no meio dessas medidas todas... então, as silvoambientais é o carvalhal não é?

MTR2: silvoambientais sim

AL: e as agroambientais é as pastagens. E pagam-lhe mais pelas pastagens?

MTR1: sim

AL: ok. Mas portanto a exploração dos pinheiros é que vocês não fazem...

MTR1: aqui... é que aqui também há uma coisa... por causa do gado não é, porque a plantação do pinheiro vai-nos proibir a pastagem do gado, e as pessoas não é... aí é que não...

AL: não acham muita piada...

MTR1: não querem a plantação. Não sei, agora estamos a falar não é (passa a palavra ao Zé Bento)

MTR2: por acaso um dos últimos projectos que estamos a planear que é na tal zona mista, entre Sezelhe e Travassos, lá está outra colaboração que existe também, em termos da Junta e com a Câmara, está a tentar meter um projecto que una dois baldios, que é o baldio de Travassos e o baldio de Sezelhe, e isso passará pela reflorestação com pinheiro, carvalho

AL: na zona mista... só?

MTR2: sim, sim, sim. Poderá passar um bocadinho mais para fora da zona mista... estamos a pensar entre os 2 e os 3 hectares, uma coisa pequena mas para ser um projecto-piloto, algo de experimentação

AL: exacto. Quando diz juntar os dois baldios não estão propriamente a pensar criar um grupo de baldios pois não? Que sei que isso existe... que existe essa possibilidade de criar grupos de baldios...

MTR2: sim, mas não. Neste momento é só tipo os dois darem autorização para que seja implementado... porque é, se fosse só um baldio era só aquele baldio que tinha de dar a autorização, assim como são dois têm de ser os dois a dizer que “nós aceitamos que seja submetida esta...”

AL: e isso seria financiado com o dinheiro das ITI?

MTR2: não! Isso será financiado com a câmara

AL: ah, ok. E quando estava a falar de boa relação estava a falar entre a Junta e a Câmara ou entre a Junta e os baldios

MTR2: sim, entre os 4 organismos neste caso... entre o baldio de Sezelhe, o baldio de Travassos, a Junta e a Câmara

MTR1: é que aqui entre o baldio de Travassos e o de Sezelhe há uma área que pertence às duas aldeias. E a isso é que se chama “mistos”. Por exemplo a demarcação de Sezelhe está aqui, não é... e a de Travassos vem mais aqui, este espaço que está aqui é o tal que chamamos de uma “área mista”

AL: e que foi estabelecido pelas pessoas daqui não é?

MTR1: sim

MTR2: aquilo tinha uma finalidade que era o seguinte, quando antigamente as vacas iam para o, havia muitos agricultores e as vacas iam para o monte e dizia-se assim

“o vosso chega aqui não é... mas se passarem para aqui não há problema”, como às deles... agora se passassem para o deles... porque havia aí os guardas-florestais e passavam aquelas multas de, se os animais fossem apanhados noutra território já tinham de pagar... e então ali era tipo uma... como é que lhe vou dizer... é a velocidade, se você for a 60 não paga, mas se for a 80 já, já...

AL: exacto! Uma tolerância não é...

MTR2: exactamente, exactamente... em termos de corte de madeira de carvalho e de tojo também, também havia ali umas restrições... que eu acho que não faz sentido nenhum haver essa zona mista. Eu acho que era de dividir a zona mista ao meio e só haver uma única cruz, portanto o baldio chega ali... parou. Não...

MTR1: quando foi para receber subsídios dos baldios, dividir esta parte que pertence aos dois foi dividida a meio, veio cá o engenheiro Carlos Pinto de Braga, que trabalha no Parque, e depois foram dois homens daqui e dois de Sezelhe e então dividiram esse misto a meio, ficou dividido a meio, portanto daqui para aqui é de Travassos, daqui para aqui é de Sezelhe, por causa de não ficar aquele [*Não se entende*] vêm os dois, não é... e então dividiram a meio, lá puseram, cortaram lá no mapa, eles ficaram com a parte deles e nós...

AL: e não houve conflito nenhum nesse aspecto?

MTR1: não, por isso é que já foram dois homens daqui e outros dois de Sezelhe com o engenheiro, não é... portanto já acertaram todos, certinho para não haver confusões

MTR2: uma das coisas que era interessante fazer era isso, era restabelecer as cruzeiras, porque as cruzeiras é a delimitação

AL: sim, já fui ver lá em cima

MTR2: ou seja pontos georreferenciados onde ninguém... podem partir a pedra à vontade que o ponto está lá... não é, o ponto ninguém consegue, só se for lá alguém apagá-lo ao GPS... e ser depois mesmo reconhecido... fazer a cartografia e depois ser reconhecida pelas várias entidades

AL: mas vocês agora, por exemplo, para fazerem os PUB, os planos de utilização do baldio

MTR2: os planos de utilização do baldio, sim

AL: não tiveram que fazer isso? Eu não sei mas tinha percebido que sim...

MTR2: os PUB, o nosso já está há muito tempo... os novos são os PGF, antes era plano de utilização do baldio e agora é plano de gestão da...

AL: da floresta! Mas e quem não tem floresta? Como no fundo é o vosso caso... não é?

MTR2: sim, mas eles floresta não quer dizer floresta de pinheiro, floresta...

AL: pois, podem ser também os carvalhos

MTR2: sim, sim, sim. O PGF é o plano de gestão mas é tipo aqui é de roço, ali é de [? Não se entende], e cada sítio... agora é que saíram estes novos que exigem mas... pá, não é, eles querem uma cartografia mas você diz que é aqui, mas pode ser aqui ou pode ser ali, não há, não é fixo

AL: ah... mas quando tiveram de fazer esses planos não tiveram de fazer um levantamento desses pontos limites dos baldios?

MTR2: sim, sim, mas não quer dizer que seja o real

AL: ah, então como é que acha que era possível que fosse o real? Qual seria a metodologia a usar

MTR2: seria juntar os presidentes dos baldios da localidade, levar um topógrafo e chegar a um consenso e dizer “é aqui” e a partir de agora os outros desistem... são todos, as outras delimitações são todas esquecidas e é este

AL: e o se fez agora quem é que fez essa delimitação para os PGF?

MTR2: isto já existe há muito tempo, deve ter sido o engenheiro, na altura deve ter sido o engenheiro Carlos pinto ou o engenheiro Dinis

MTR1: o Carlos Pinto

MTR2: sim, sim, isso já vai para aí há 12 anos ou

AL: Mas já está no GPS desde aí?

MTR2: não, não, não. Só foi delimitado, foram lá ver e... não foi com GPS

AL: então com GPS ainda não há nada?

MTR2: não! Tanto que nós tivemos durante muitos anos o nosso limite mal, ainda não está completamente... já lhe demos agora um jeito mas...

AL: mas como é que sabem que está mal?

MTR2: temos a cartografia

AL: antiga?

MTR2: sim. Por exemplo, é muito fácil chegar aqui e dizer “é aqui”, não é? E ficar tudo acordado, e depois ir para o gabinete e alguém dizer “não, não, é por aqui”, ... e nós tivemos muito esse caso. As populações de duas aldeias iam lá, decidiam que era por aqui e depois no mapa aparecia de outra forma... e isso não pode ser

AL: e isso criou conflitos entre as aldeias?

MTR2: claro!

AL: e vocês só têm fronteira com Travassos ou têm com outro também?

MTR1: e com Covelães. Com Sezelhe de um lado e do outro lado com Covelães

MTR2: e com Espanha

AL: E os problemas são ali em Covelães, estou a ver? (RISOS)

MTR2: não, não é...

MTR1: Covelães também, Covelães também...

MTR2: o concelho de Montalegre tem 135 aldeias, de certeza que dessas 135 aldeias se 30 aldeias tiverem os seus limites estabelecidos, bem, é o máximo, porque tenho a certeza, e vê-se não é, agora com as eólicas, que agora anda tudo em conflito

AL: porque? Uns querem outros...

MTR2: não, porque os pontos são fixos, são fáceis de alterar. Se for ali, vai-se a outra pedra e faz uma cruz e dizem que é ali, e depois não há nada que prove que...

AL: eu tinha ficado com a ideia, mas se calhar estou a inventar, mas eu tinha ficado com a ideia que quando se ia marcar as cruzeiras iam pessoas de ambos os baldios

MTR1: sim. Mas isso já foi há muitos anos

MTR2: sim, só que entretanto vão aparecendo cruzeiras novas, e alguém as ... (RISOS)

AL: pois

MTR1: e outras desaparecem

MTR2: por isso é que a situação ideal era com pontos de GPS

AL: e o Secretariado dos Baldios não anda a fazer isso?

MTR2: não! Por acaso foi proposto isso mas não...

AL: vocês também são associados do Secretariado?

MTR2: sim

AL: e o PUB ou PGF é feito por eles ou?

MTR2: não, já existia antes, já existia há muito tempo

AL: Há quanto tempo é que já existia? Só para eu ter uma ideia

MTR2: as ITI, nós estamos a receber ITI para aí há 15 anos

AL: as ITI já têm assim tanto tempo? A partir de 2000...

MTR1: talvez... quando eu vim para presidente já existiam

AL: pois o senhor Manuel disse-me que já cá está há 12 não é? Então se calhar até antes de 2000

MTR2: sim, sim, sim, não tenho noção, já..., eu sempre me lembro de existirem ITI

AL: e para existirem ITI havia os PUB já?

MTR2: sim

AL: tinham de os ter não era, os tais planos... mas PUB é a mesma coisa que o plano plurianual?

MTR2: não, não, é outra coisa... o plano plurianual é tipo o resumo do que se faz no ano, por exemplo, para as ITI tem de se ter várias competências para se candidatar às ITI, uma é a de fazer a limpeza do mato, outra é a limpeza do carvalhal, temos x hectares de limpeza por ano, isto dão dinheiro mas temos de fazer trabalho, e então uma é fazer a limpeza do roço, por exemplo 4 hectares, temos de fazer por exemplo 3 de limpeza de carvalhal e depois também temos de dizer quantos animais é que estão a pastorear o baldio

AL: porque há um limite não é?

MTR2: não, é mesmo só parar dizer que o baldio é utilizado, por isso é que é o plano do ano para o baldio, é tipo um relatório

AL: ok, faz-se no fim do ano ou no início?

MTR2: faz-se na altura dos subsídios que é esta altura no mês de Abril, em que se diz por exemplo “olhe, em Travassos por exemplo estão 170 vacas a utilizar o baldio, nós fornecemos para o encabeçamento x hectares de baldio a esta pessoa e x hectares de baldio a esta pessoa, olhe nós fizemos este ano os 6 hectares de limpeza”

AL: ok, tipo um relatório... esse é o plurianual?

MTR2: sim

MTR1: eles depois também nos põem o que a gente tem de limpar “olhe, tem de limpar tanto na roça de mato, no pastoreio, e tanto no carvalhal... ainda há dois anos limpámos para aí 4 hectares de carvalhal, que esse é o que é mais difícil de limpar não é, porque o carvalhal tem giesta e depois [?], é mais difícil. No outro é mais fácil...

AL: no outro que é... as pastagens

MTR1: é. Ainda agora acabámos de limpar ali para aí 2 hectares

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 euros... mas esses 2500 euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer à Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 euros, teria de dar 10000 euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porque? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: ok, ok... e vocês neste momento estão com que modelo de gestão? Estão em cogestão com o Estado?

MTR2: sim, sim

AL: e como é que corre essa cogestão?

MTR2: já foi muito boa, neste momento quase não... posso arriscar que quase não existe, não existe no sentido... existe através disto... quando é que existia, por exemplo, quando o Estado plantou os pinheiros, não é...

AL: nos tempos do Salazar ainda...

MTR2: e nós temos 40% do... temos 60% desse...

MTR1: 40-60%...

AL: acho que é 40-60 quando é plantado por eles...

MTR2: sim, sim, sim. Aí é bom, é uma parceria boa (RISOS)

AL: mas seria boa se eles gerissem a floresta não?

MTR2: sim, mas neste momento... toda a gente sabe que o sector Estado está a... está tudo a passar para os privados, neste momento não há... nós beneficiamos de muitas medidas ao longo destes anos todos, por exemplo o javali vinha ao milho, vinha um técnico e dava um valor para compensar esse milho, hoje não existe isso... um lobo atacava um animal, vinha logo um técnico, hoje já... vem mas já é mais...

AL: moroso?

MTR2: sim... agora ainda existe essa parceria com o Estado... esses pinheiros que estão aqui, se nós vendermos terá de ser em parceria com o Estado

AL: têm de lhes dar os 40%

MTR2: os 40%

AL: mas alguma vez sentiram, sentiram ou existiu, um apoio logístico e técnico da parte do ICNF na gestão da floresta, no sentido da produção florestal....

MTR2: a equipa dos sapadores no fundo é para isso... eles ajudam também para limpar essas áreas

AL: sim, a limpar... mas no sentido de... de manter a floresta viva ou seja de plantações, de recuperação de regeneração natural, sei lá, no fundo fazendo com que haja dinheiro sempre a sair da floresta

MTR2: as ITI é... também empregadas pelo... neste momento quem está a dirigir o parque é o ICNF, é uma dessas...

AL: mas as ITI também dão para produção florestal? Ou dão só para manutenção das autóctones?

MTR2: sim, sim. Mas para ali para o carvalhal está a ajudar...

AL: eu só pergunto isto porque... a partir do momento em que vocês estão dependentes das ITI, porque estão não é, neste momento, em termos de rendimento, se aquilo opor acaso muda, por exemplo agora com esta alteração das áreas forrageiras, isso não vai alterar o valor que entra para o baldio?

MTR2: não.

AL: não?

MTR2: não, não, porque... mas é isso....

MTR1: ainda não sabemos bem, ainda não sabemos bem, estamos a contar que não, mas... ainda está assim meio...

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

MTR1: os piores foi os de, aqui de Fafião, tinham 9000 hectares de baldio ficaram com 80 e não sei quantos

MTR2: ali é uma questão de...

MTR1: isso é que foi um corte muito forte

MTR2: é uma questão de gestão, eu não sei muito bem até que ponto isto foi assim, como é que isto... não há ninguém que se lembre de vir cá e “vamos cortar isto tudo”. Alguém soube, o ministério da agricultura, depois as secções regionais, isto não apareceu do nada, alguém teve de assinar... alguém... mesmo quem está à frente dos baldios, isto é o... não digo que o secretariado, mas alguém...

AL: a BALADI?

MTR2: não, será mais a nível de... uma associação que represente a parte baldia a nível nacional teve que concordar porque não... não é com uma lei... imagine, ninguém fecha a repartição de finanças de Montalegre sem o presidente da câmara

AL: assinar por baixo...

MTR2: não é? Ou ninguém fecha um centro de saúde sem... ninguém fecha uma sede de Junta sem o presidente de Junta...

AL: pois, ter de aceitar...

MTR2: é isso que eu acho estranho, criou-se aqui um mito que foi um senhor que veio lá de fora por fotografia aérea que...

AL: sim, já ouvi esse mito em vários sítios

MTR2: não é? Isso é tudo mentira, dizem a quem queres mas a mim não porque não...

AL: pois... mas a avaliação não foi feita por fotografia aérea?

MTR2: não sei... pode vir aqui alguém ver o baldio que nós não sabemos se vieram passear se vieram... eu acho que se as reuniões que tivemos agora ultimamente, com os presidentes dos baldios, com os presidentes de junta, com os presidentes de câmara, tivessem acontecido antes, isto não acontecia... se alguém... mesmo que o senhor tivesse vindo lá da noruega ou não sei de onde é que é... se alguém de bom senso lhe explicasse que o baldio em Vila Real é diferente do baldio de Montalegre, eu tenho a certeza que ele em dois minutos percebia... não é? Se alguém lhe explicasse que... cortou as zonas rochosas... se alguém lhe dissesse que as cabras só querem pastorear no sector rochoso, ele percebia em dois minutos e já não cortava essa área, ou então ficava destinada a área rochosa só podia ser para... só se podiam candidatar a essa área agricultores que tivessem cabras. Agora dizer assim... carvalhal, toda a gente sabe que no verão a erva mantém-se nos carvalhais, a outra que não tem carvalhal seca e a que está na sombra é a única que se aguenta para mais tarde... se alguém explicasse isso ao senhor “olhe, não, olhe que as vacas pastoreiam nas corgas”, nós chamamos-lhe as corgas que são as zonas das ribeiras...

AL: e cortaram-nas não foi?

MTR2: sim! Se alguém lhe explicasse isso eu tenho a certeza que o senhor compreendia...

AL: pois, mas então como é que acha que isto aconteceu? Porque é que houve essa abordagem às...

MTR2: pensaram que era alguma ideia que não ia passar, e deixaram andar, deixaram andar, e quando deram conta estava...

AL: pois...

MTR2: para mim foi um erro

MTR1: eles lembraram-se que nos sítios rochosos não andavam lá nada... certamente não é...

AL: pois... mas como é que essas coisas não são confirmadas localmente? Ou como é que as pessoas nem sequer sabem de onde é que vem esta lei? De repente há um corte gigante

MTR2: pois... mas para o Algarve, Alentejo, não há baldio, é tudo herdades ou... por exemplo em Vila Real ou Bragança, o baldio é cedido aos agricultores para por castanheiros ou olivais...

AL: cedido privadamente?

MTR2: arrenda-se... por exemplo cada agricultor arrenda 50 hectares e depois planta lá por x anos, planta lá o que...

AL: e quem é que recebe esse dinheiro, é o órgão gestor do baldio?

MTR2: sim, sim

AL: que pode ser a Junta, pode ser...

MTR2: esqueceram-se que aqui nós temos a particularidade do pastoreio

MTR1: porque no Alentejo não cortaram nada...

MTR2: isto foi mesmo um esquecimento de alguém que foi chamado como representação dos baldios e que não cumpriu com o papel que lhe competia, que era alertar “não, o nosso baldio é específico, como é que podem cortar... a zona rochosa é onde os animais vão pastorear”, você se for à serra vê as vacas no meio das pedras a apanhar a...

AL: exacto!

MTR2: opa, se me dissessem “no meio dos pinheiros tem que se cortar essa área”... porque realmente no meio dos pinheiros a erva não... é tipo, a agulha cai e não deixa que ... pa, se cortassem essa área por mim tudo bem, agora o carvalhal... as vacas nesta altura andam todas no topo, quando chega o mês de agosto setembro começam a sair mais nas corgas porque sabem que é aí que a erva se mantém verde

AL: pois, não faz sentido nenhum... e isto vai para a frente?

MTR2: já foi! Já não há hipótese nenhuma

AL: já foi para a frente? Ah, é que soube que houve aí uma manifestação ali ao pé de Braga ou que foi...

MTR2: isso foi para tapar a...

AL: é que a malta anda aí com esperança, ainda ontem estive a falar com um senhor que acha que ainda pode dar a volta...

MTR2: essa é a ideia que fazem passar...

MTR1: não sei se a ministra da agricultura ouviu... ela estava lá... (RISOS)

AL: se calhar ouviu, mas entrou-lhe por um ouvido e saiu pelo outro (RISOS)

MTR2: não... estamos a falar de uma área...

AL: isso é para acabar com o pastoreio, não é? No fundo é isso que vai acontecer...

MTR2: sim, e estes fundos... é por isso que eu não... eu por acaso estou também dentro da área das candidaturas e sei como é que isto funciona, a UE a verba que dava vai dar à mesma, isto trata-se de uma distribuição ao nível de Portugal, se tirarem 5 ou 6 milhões na região norte ele vai para outro lado qualquer, não é o tal da Noruega que se lembrou e ... não! Porque se não viesse para Portugal, aí sim, foi o gajo que se lembrou e “vamos agora tirar aqui esta verba a...”. Agora Portugal vai receber a mesma verba à mesma... agora localmente, a nível nacional, é que vai ser distribuído de forma diferente...

AL: mas por exemplo, aquela fatia que era dada aos produtores de animais, que é essa que vai ser cortada, ...

MTR2: vão beneficiar, por exemplo as herdades que há no Alentejo...

AL: pois... porque no fundo também interessa acabar com os baldios, de alguma forma, acabar aqui com esta...

MTR2: não, não é questão de acabar com os baldios...

AL: digo...

MTR2: com o pastoreio neste caso...

AL: pois, exacto. Mas no fundo não é qualquer pastoreio, é o pastoreio mais pequenino, vamos dizer assim, comparado com as herdades não é... ou seja, com tudo o que é pequenas produções, que é o que tem vindo a acontecer, acabar com a pequena agricultura de uma forma geral e criar aqui uns espaços gigantes apetecíveis para muita gente não é...

MTR2: eu fui à reunião, e “ah, foi o Governo, foi o Governo...”, na sub-região norte, Mirandela, fomos ali a Vila Pouca e a justificação foi... até mostraram lá sim senhora, aqui através de fotografia digital... mas isso era completamente uma parvoíce autêntica, porque se não, imagine, chega um fogo aquele abre essas pedras todas... se calha ser nessa época que o senhor viu a fotografia, claro, só viu pedra! Mas dali

por um tempo está outra vez tudo verde, por isso é que eu não acredito nisso, não acredito

AL: sim, sim, mas que aquilo vai para a frente vai...

MTR2: já foi! Então este ano os projectos, já se candidataram com esta nova medida

AL: e tiveram muito menos...

MTR2: sim! Nós tivemos aqui agricultores que tinham 100 hectares de baldio e só lhes conseguimos dar 19...

MTR1: e havia os que tinham 5 e 6 hectares e que ficaram só com 1000 metros

AL: ou seja, o que vai acontecer é que a pouco e pouco eles não podem manter os animais... não é?

MTR2: sim... não conseguem é ter o rendimento que tinham antigamente, ou o subsídio que tinham

AL: pois... ou seja o único rendimento que vão ter daí vai ser da venda dos animais...

MTR2: e a própria área, a área deles próprios...

AL: já vos tirei muito tempo queria só perguntar aqui mais uma coisinha... nos tempos da floresta, quando... ainda no tempo do Salazar... qual é que foi o impacto local? Alguém se lembra ou alguém sabe (RISOS). Pois, é outra geração...

MTR2: não sei se o Ti Manel...

AL: como é que foi aqui o impacto, lembra-se?

MTR1: quer dizer, as pessoas das aldeias eram contra, só que naquele tempo tinham de estar quietinhos...

MTR2: e o pagamento das jeiras, não era? Na altura também ...

AL: pagamento das jeiras ou eiras?

MTR1: era as jeiras ... e eu... fazia umas continhas à mãe, era tudo feito à mão

AL: têm de me dizer o que é que é isso

MTR2: é um pagamento por dia

MTR1: um pagamento por dia, aquilo, sei lá...

AL: ah, para trabalhar na floresta? Aah

MTR1: paguei sete e quinhentos ou dez escudos por dia só, naquele tempo...

AL: então estive a trabalhar para a floresta?

MTR1: eu ainda era um catraio

MTR2: o impacto seria negativo, mas quando começaram a ver o valor, depois eles pagavam para plantar os pinheiros, quando começaram a ver... aí já foi um impacto mais positivo

AL: mas inicialmente houve alguma oposição física?

MTR1: não, naquele tempo não houve oposição, também...

MTR2: também não podiam (RISOS)

AL: não, sei que houve aldeias que bloqueavam um bocado o processo, ou queimavam as plantações ou arrancavam as árvores, enfim, mostravam de alguma forma que não estavam de acordo... aqui não houve isso?

MTR1: o nosso aqui ardeu várias vezes...

MTR2: e depois também foi feita a casa da floresta e havia um guarda-florestal

MTR1: pois porque naquele tempo eles montaram a casa da floresta, estava lá o guarda e o guarda era que inscrevia as pessoas que iam para lá trabalhar e tudo

AL: pois, e multava a malta que...

MTR2: exactamente (RISOS)

MTR1: depois mais tarde quando o gado fugia, não é, fugia... que ia lá pela floresta dentro, havia o guarda, chegava lá...

AL: e acha que na altura as pessoas ficaram, inicialmente quando começaram a fazer a florestação, as pessoas ficaram chateadas ou acharam que até era uma coisa boa ou...

MTR1: não, coisa boa não acharam, coisa boa eles não acharam, que eles depois foram proibidos de andar lá com o gado, não é... naquele tempo, agora aqui nesta aldeia não há cabras nem ovelhas

AL: aí é só gado bovino agora?

MTR1: é agora é só...

AL: e equino não? Cavalos?

MTR2: uuuh

MTR1: ainda há por lá alguns, ainda há... aqui aos havia muitos, agora há menos, mas ainda andam por lá alguns

AL: eles limitam muito os cavalos porquê? Eles dizem sempre “só pode haver 20% de equídeos”...

MTR1: nós aqui só podíamos ter, na nossa área só podiam andar 21 cavalos

AL: mas os cavalos são mais destrutivos? Qual é...

MTR2: porque aquilo também, aquilo chegou a um ponto que era uma epidemia

AL: (RISOS)

MTR2: é! As pessoas recebiam subsídio pelos cavalos e então... compravam, compravam, deitavam-nos para ali

AL: ok, já foi para curar um sintoma...

MTR1: eles andam lá todo o ano. Eles de inverno até... porque aqui em geral de inverno o gado não anda no monte, não é... e eles andam lá todo o ano, chuva, neve, eles andam lá... e até ainda limpam o monte que andam lá a comer e tudo e... mas também eram demais.

MTR2: depois iam aos lameiros também, então assaltavam os...

AL: pois, eles têm essa capacidade, não é... não há ca vedações, eles saltam aquilo não é...

AL: portanto o grande impacto na altura da floresta foi as pessoas não poderem pastar como faziam antes?

MTR1: foi, foi, foi, porque perturbou-os muito e como eu ia a dizer, naquele tempo ainda havia aquela vezeira de cabras e ovelhas não é... e aquilo andava tudo junto que é, toda a gente tinha cabras e ovelhas, mais ou menos, e então por exemplo, eu tinha 10 cabras e ia dois dias com o rebanho, aquele tinha 15 já ia 3 dias, e depois era sempre à roda, e andava sempre tudo junto. Ora bom, quando proibiram aquela área de florestação não é... aí já...

AL: e o que é que vocês fizeram? Venderam animais, foram-se embora da aldeia?

MTR1: sim, diminuiu, diminuiu, houve ali uns anos que ainda diminuiu bastante. Agora... também na há quem guarde, acabou... mas depois diminuíram bastante porque o sítio em que eles andavam com as cabras e com as ovelhas foi o que foi florestado

AL: aí sim? Foi mesmo assim?

MTR1: foi

AL: e houve um impacto grande na aldeia? Houve pessoas que emigraram nessa altura ou ficaram por cá na mesma...

MTR1: não, nessa altura ainda... emigraram foi já mais tarde, mais tarde é que emigraram. Naquela altura tiveram de se aguentar... só que diminuíram foi as cabeças...

AL: até hoje não é? Nunca voltaram a aumentar?

MTR1: pois

AL: e a floresta hoje em dia ainda é vista como uma coisa má? Aqui pela malta mais antiga ou ...

MTR1: não, até nem é vista como uma coisa má, só que agora eles destroem-na toda...

AL: eles? O fogo?

MTR1: com o fogo pois... os que chegam fogo

AL: quem chega o fogo é quem? Os pastores para terem erva boa?

MTR2: e para a renovação do pasto

MTR1: sim também

AL: mas depois descontrola-se e lá vai ele por ali acima...

MTR1: há sítios não é, porque aqui a nossa área bota muito disto, bota giesta, silva, feto e portanto aquilo às vezes há áreas de monte que ficam muito sujas, não rompe, então o gado não come. E é por isso que anda a arder o baldio

AL: e antes havia árvores, antes de haver a plantação por parte do Estado já havia alguma floresta aqui ou era tudo matos?

MTR1: não, nunca vi floresta nenhuma

AL: pelo menos não de pinheiros, mas devia haver carvalhos e assim...

MTR1: o carvalhal havia o mesmo que há hoje, o carvalhal... era o mesmo que há hoje... mas pinheiro não e nunca tinha havido pinheiro nenhum nem floresta, nada. Só foi plantada depois...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e alguma vez houve conflitos entre os baldios no sentido de, sei lá, os pastores passarem para um lado

ACm1: não, com o pastoreio nunca houve problemas. Houve sim, há ainda retenção de valores de madeiras cortadas na zona de conflito. Há mais de uma dúzia de anos que existe dinheiro bloqueado por causa disso

AL: ah, bloqueado pelo Estado porque não se decidem quanto às fronteiras, é isso?

ACm1: não, não está bloqueado pelo Estado, só está bloqueado porque as partes nunca chegaram a acordo na divisão da percentagem não é? Da percentagem para cada freguesia. Portanto nós temos aqui um terreno que o Soajo diz que a delimitação é ali por aquela divisão, nós dizemos que a delimitação é aqui pela zona deste pilar. Portanto o Estado vendeu a madeira com o acordo das duas freguesias, porque nós tínhamos que assinar sempre a venda, a venda só era possível desde que as duas partes, as duas freguesias assinassem. Agora, quando era para receber, se não chegávamos a acordo na % que cada um ia receber o dinheiro ficava retido, está retido

AL: e ainda está?

ACm1: ainda está

AL: e como é que está agora a questão da divisão, ou da delimitação do baldio?

ACm1: está na mesma situação

AL: mas por exemplo, agora com os PUB, que agora já são PGF, os planos de utilização dos baldios, que são obrigatórios não é, para concorrer a determinados subsídios, que acho que agora são

ACm1: ah, mas para os subsídios nunca se concorreu para essas zonas de conflito, portanto nunca houve problema nesse aspecto

AL: sim, mas o que eu digo é que, pelo que eu sei, para concorrerem a subsídios têm de ter um plano de utilização do baldio, agora de gestão florestal, e que é feito... nesse processo de fazer os PUB ou os PGF, que é feita uma delimitação dos baldios com o GPS, que fica feita não é, e que acaba por ser útil para várias coisas. Para além disso na nova lei vem que para os baldios não pagarem IMI têm de estar inscritos na matriz predial. Onde eu quero chegar é, perante estas novas necessidades e responsabilidades que o baldio tem que ter, se a delimitação do baldio não está mais clara hoje em dia, tanto com o GPS, como na matriz predial, como para as finanças, etc.

ACm1: para nós na zona de conflito não está, não está mais nem menos, está na mesma, não se chegou a acordo ainda até ao momento

AL: há pouco quando falou das brandas, o que é que é brandas aqui?

ACm1: as brandas no Soajo não são as nossas brandas, quer dizer as brandas no Soajo são pequenas aldeias, sabe, não é? As nossas brandas são áreas que têm aqueles barracos construídos em pedra onde os pastores dormiam para viajar precisamente na época, as brandas não foram construídas porque veio a florestação, mas serviram muito quando a florestação proibiu a entrada dos animais para pastar.

Depois dormíamos nas brandas, tínhamos que... tiveram que se construir muros para impedir que os animais descessem dessa zona das brandas para o interior das áreas florestadas

AL: então brandas aí acaba por ser o curral, o que é chamado o curral noutros sítios, ou não? Que é onde está a cabana do pastor, tem um espacinho à volta onde os animais dormem

ACm1: não, a cabana do pastor e tem aquela vedação à volta onde se guardavam os animais de noite... porque é que se tinha essas vedações? Essas vedações tinham-se porque na branda havia sempre vacas leiteiras... tinham os vitelos

AL: ah, eles também iam...

ACm1: então havia as construções em pedra para guardar os vitelos e havia a área exterior vedada que era onde dormia a mãe do vitelo

AL: isso no monte?

ACm1: no monte. Então de manhã permitia-se que o vitelo fosse chupar um pouquinho de leite mas ia-se tirar uma grande parte do leite à vaca para se trazer para a aldeia, que era para as pessoas fazerem a refeição depois, ou se tomava de manhã ou fazerem a refeição da noite com as papas de leite, que era um prato tradicional e era um prato que servia de base de proteína durante séculos às populações destas zonas, que era o leite... usavam farinha de milho, depois com o leite, farinha de milho, água e leite. E aquilo fazia uma refeição hidroprotéica, portanto hidrato de carbono do cereal e a proteína do leite

AL: que engraçado, tenho ideia que noutros baldios as vacas leiteiras ficavam a dar de mamar aos vitelos na aldeia, que não subiam

ACm1: as nossas subiam, e todas as manhãs vinha alguém que trazia... usavam cabaças, sabe o que é uma cabaça? Não é a abóbora... cabaça é um recipiente que serve

AL: exacto, mas é feito de quê?

ACm1: é feito de uma planta que é da família das abóboras mas é uma abóbora não comestível

AL: ok, então sei o que é cabaça, sei, que era usada para por líquidos

ACm1: aquilo, era... ficava oca por dentro, e usava-se aquilo para trazer o leite, porque era melhor que as latas não é, havia quem usasse latas, mas a maior parte das pessoas usavam essas cabaças. Aquilo levava uma rolha de cortiça e o leite conservava-se melhor dentro daquilo do que dentro dos latões de alumínio

AL: mas é engraçado que aqui não há muito queijo não é, havia o leite mas não sei

ACm1: é, não se usava, não se fabricava queijo. Mas fabricava-se manteiga

AL: mas até seria uma boa forma de manter o leite mais tempo

ACm1: recordo-me da minha falecida mãe fabricar manteiga... fazia a manteiga em casa sempre. Mas queijo não... queijo não mas fazia-se leite fermentado, deixava-se fermentar o leite, tipo requeijão. Isso fazia-se

AL: e era só de vaca que se utilizava o leite?

ACm1: quem tinha cabras fazia de cabra, nós fazíamos só de vaca. A minha mãe fazia só de vaca... nós nunca... tivemos cabras algum tempo mas depois com a vinda da florestação deixámos de ter, porque não havia possibilidade de manter

AL: e hoje há muitos produtores? De animais aqui na freguesia de Cabana Maior, que usem o baldio

ACm1: enquanto houver subsídios há, quando acabarem os subsídios já não vai haver, as pessoas só têm animais porque lhes dão subsídio, ao contrário não

AL: pois... mas isto não eram produtores que tinham vacas já nos tempos antes dos subsídios?

ACm1: sim, tinham, mas tinham menos, com os subsídios houve um investimento nessa área

AL: não seria rentável ter hoje em dia sem subsídios ter produções animais?

ACm1: eu penso que sim, eu penso que continuava a ser rentável, penso que continuava a ser... mas é muito mais rentável com subsídios

AL: pois, claro... há quantos produtores aqui na freguesia, tem uma ideia?

ACm1: nunca contabilizei, mas

AL: 10... 20...

ACm1: não, mais... mais de 20

AL: e cabeças de gado, tem alguma ideia?

ACm1: não... precisa disso?

AL: só para ter uma ideia de como é usado o baldio

ACm1: se precisar disso para o seu trabalho eu arranjo-lhe dados concretos. Se não precisa...

AL: assim, só para perceber quem é que utiliza o baldio

ACm1: há sempre mais de uma centena de cabeças de gado... há um produtor que só ele tem mais de 50 cabeças de gado

AL: pois, mas são mais produtores...?

ACm1: assim com grandes quantidades não, é tudo com menos quantidades, 4, 5... 8....2, 3...

AL: cabeças

ACm1: sim, não há assim... o único que tem assim várias dezenas é só um... o único claro que tem de ser só um [RISOS] não, eu ia dizer, o único que tem assim essa quantidade é um individuo que sofreu um acidente de automóvel, ia de motorizada, ia um individuo bêbedo, abalroou-o na estrada e deixou-o em estado de coma... horrível, mas pronto. São situações terríveis

AL: [...] e a área que vocês têm actualmente do baldio elegível para pastagem, é suficiente para os produtores que têm? Para eles acederem aos subsídios...

ACm1: é, para receber os subsídios é

AL: e ainda sobra área, ou não?

ACm1: ainda sobra área sim

AL: e há jovens agricultores, ou há jovens que estão interessados em fazer projectos de jovem agricultor ali ou

ACm1: não, não há... não se pode dizer que há vários jovens interessados não...

AL: há muitos jovens na freguesia, não?

ACm1: não. Muito poucos... a emigração leva os jovens todos

AL: claro. Então também não há muitos jovens na gestão do baldio, no CD, na AC... bom, o próprio Joaquim é bastante jovem, mas

ACm1: sim, há vários jovens... digamos, se quiser considerar... um jovem para si é de que idade?

AL: bom, dos seus 20's até aos seus 40's

ACm1: tem muito poucos, 3 ou 4

AL: pessoal que faz família aí, tem os seus filhos e

ACm1: há muito poucos jovens, muito poucos jovens

AL: vocês têm muita madeira no baldio?

ACm1: tínhamos... em 2006 ardeu quase tudo, quase tudo

AL: 2006

ACm1: 2005-2006, dois anos seguidos

AL: mas essa madeira que queimou foi vendida ou... alguma ainda está lá

ACm1: foi vendida... foi vendida a um preço relativamente baixo porque as empresas que compravam, a madeira tendo sido queimada valia menos

AL: claro. E vocês chegaram a reflorestar, ou a florestar novas áreas?

ACm1: não, não

AL: nunca investiram na plantação? Nem na regeneração natural

ACm1: nós não... fizemos limpezas, fizemos limpezas para favorecer o desenvolvimento de árvores que iam nascendo da, penso que foi de sementes que ficaram na altura dos incêndios, não sei... mas nunca fizemos plantações não

AL: portanto, entram receitas como resultado da venda de floresta não é, da venda de madeira... e mais nada? Por exemplo as ITI, acabam por sobrar

ACm1: pode, pode também se consegue, mas uma coisa insignificante a nível do pastoreio, nós não temos produtores locais que tenham animais suficientes para ocupar o baldio todo, então pode-se ter também acordos com pastores que queiram ali pastorear, nos nossos baldios

AL: pagam x é isso?

ACm1: é possível eu não lhe sei em números concretos o que é que isso dá, mas é possível, porque nós não temos número de animais suficiente para os hectares de baldio que temos

AL: claro... então quem é que são os reais utilizadores do baldio hoje em dia? Tipo, os produtores não é

ACm1: normalmente são os produtores locais e alguns do exterior que podem com um acordo com o CD utilizar os baldios também

AL: então são sobretudo usados para questões de pastagem

ACm1: sim

AL: pois... e turismo? É feita alguma coisa

ACm1: oh, o turismo não nos traz propriamente

AL: não taxam também a presença dos turistas

ACm1: não taxamos

AL: nem ali as portas do parque taxam nada?

ACm1: não... a porta do parque taxa mas isso é tudo para o município

AL: ah, porque é a ADERE... não é? Porque a câmara faz parte da ADERE, não é? Não... como é que era...

ACm1: a ADERE é uma instituição criada um tanto ou quanto pelo município

AL: são várias empresas e o município não é? Que formam a ADERE

ACm1: sim, é assim uma família

AL: exacto, exacto... então mas não dá nada para o baldio...?

ACm1: nunca lhes foi exigido... ainda não lhes foi exigido

AL: por exemplo, outras coisas que antes se faziam, recolha de matos, de madeira, apicultura, pesca, caça, esse tipo de usos fazem-se ainda hoje em dia?

ACm1: faz-se mas não são taxados, a caça não é taxada por exemplo, a caça... claro que os caçadores pagam a licença à freguesia, pagam uma licença à Junta... pagam uma licença pelos cães de caça, é o que pagam, mas não há uma exploração propriamente... há uma reserva de caça mas a freguesia o único benefício que tira da caça é as licenças dos canídeos

AL: pois, e vai mesmo para a Junta não é? Os compartes acabam por não tirar, benefício directo

ACm1: vai para a Junta. Porque isso transitou das câmaras para as freguesias, a licença dos canídeos, o valor relativo à licença dos canídeos

AL: à freguesia... e não se continua a fazer aquelas actividades tradicionais no baldio... tradicionais no sentido de serem antigas, não no sentido de atraírem visitantes... tipo apanharem lenha, recolherem mato

ACm1: sim, isso é uma tradição que continua a ser respeitada

AL: e continuam a ser necessários os matos? As pessoas continuam a utilizar esse tipo de fertilizante na terra?

ACm1: em parte sim, os poucos que ainda têm animais sim

AL: e isso é gerido, ou seja, quem... se calhar como são poucos já não é preciso, mas

ACm1: em tempos era assim, em tempos na minha adolescência havia muitos produtores agrícolas, e então faziam, uma vez por ano reuniam-se, faziam rifas, estipulavam uma determinada área onde iam roçar o mato para o resto das cortes, os animais, e depois tiravam rifa... depois punham as varas de salgueiro ou outras, com um número feito na própria vara, e as rifas depois tinham os números. Depois cada um que tirava a rifa com um número tal sabia que ia poder roçar o mato naquela área. Faziam esse tipo de divisão assim, era engraçado isso era. Agora não, agora não

é necessário, porque agora há muito poucos a fazer e a explorar então cada um vai roçar onde quer, onde há...

AL: e lenha, continuam a

ACm1: as lenhas as pessoas podem recolher, tem é que... se é dentro da área florestada tem que ter uma autorização do CD ou da junta, se for no exterior do parque, tem de ter uma autorização para a recolha. Mas a qualquer parte residente na freguesia é permitida a recolha de lenha

Cabreiro: AC1

AL: ah, ok, mas nunca houve uma gestão dos povoamentos, uma exploração...

AC1: não, não, nunca

AL: nunca venderam madeira...

AC1: não, já vendemos madeira, no meu tempo, agora, desde que eu estou a gerir, vendi madeira este ano, no anterior que era a Junta que estava a gerir, sim eles chegaram a vender madeira, posso precisar

AL: como é que era antes das ITI?

AC1: não havia, não se fazia nada

AL: não se fazia nada no baldio?

AC1: não, nada

AL: a serio? Nada de nada?

AC1: a serio. Nada de nada, os pastores iam queimando as zonas de pastoreio que queriam que ardesse... ainda hoje fazem isso que eu acho que fazem mal e têm que ter mais cuidado com isso, iam queimando para poderem pastorear os animais

AL: e era a única actividade

AC1: os caminhos iam eles limpando para poderem passar e ir levar os animais ao monte

AL: a floresta...

AC1: agora não, agora os caminhos estão limpos, está tudo diferente, vai-se melhorando aos poucos, não se pode fazer tudo de uma vez só, e pronto

AL: pois, e a floresta não era explorada... mesmo com o Estado que supostamente é cogestor

AC1: não... não era explorada

AL: também ia queimando

AC1: isso ainda vai queimando agora, isso, os incêndios... é preocupante mesmo

Gavieira: AGav1

E agora pronto, esta vai ser a primeira abordagem do trabalho, porque a minha ideia é perceber qual é que a gestão actual dos baldios, principalmente aqui no PNPG, porque acaba por ter uma realidade bastante diferente aqui o Parque e cada vez mais me apercebo disso, pelo menos daquilo que eu tenho lido em teoria nos livros, a realidade aqui é muito diferente, aqui a pastorícia ainda tem importância, a agricultura ainda tem importância

AGav1: sim. A agricultura pronto, nem por isso, mas a pastorícia sim, porque aqui as pessoas praticamente vivem de uma parte do baldio, isto é assim mesmo, porque os animais andam quase sempre na serra, se reparar aqui, em certas zonas aqui, há muitos animais, só vão para a corte na altura de... talvez em meados de novembro

AL: no inverno não é? E no inverno não vão ao monte, ou vão?

AGav1: todos os dias!

AL: ah sim?

AGav1: os animais vão todos os dias ao monte

AL: mesmo no inverno?

AGav1: nós temos aqui pessoas que têm cento e tal cabeças de gado

AGav1: há pessoas aqui em rouças que têm cento e tal cabeças de gado

AL: rouças? É assim que... ah, o Lugar de Rouças não é?

AGav1: o lugar de Rouças. Isto a freguesia é da Gavieira, mas é composta por várias localidades, tem Peneda, que é um santuário que é um lugar da freguesia da Gavieira, tem um outro lugar aqui a seguir que é o Baleal, que quase nem se vê, que fica ali no fundo, há um cafezinho ali à margem da estrada, quando passa o santuário, mas na parte de baixo há uma povoação

AL: há o quê?

AGav1: há um lugarzito, chamado o Baleal

AL: eu vi só uma placazinha de cimento

AGav1: mas é um lugar

AL: sim, sim, imaginei que fosse

AGav1: há lá valentes casas em pedra, feitas nos anos 60 talvez... neste momento está tudo muito velho, muitos emigrantes, mas chegou a haver muito vinho, muita

coisa, neste momento pronto, tem muita gente que só se dedica a animais, porque têm os subsídios, não é, devido às ajudas que têm. E o que acontece é que produzir assim, mesmo produção, é mais à base de pasto, de feno

AL: pois, em termos agrícolas é o que fazem mais

AGav1: pois, quer-se dizer, umas batatas, umas couves para consumo, mas é à base do feno, aqui na nossa zona havia muito milho, estes campos que viste aí, isso era milho à altura desta casa, espigas assim, provavelmente destruídas pelas cabras, que agora já não, mas aqui há uns anos atrás, há uns 50 anos, quando eu tinha os meus 10-15 anos, cada pessoa tinha [? Não se entende] cabras, estava tudo numa vezeira, numa vigia, iam dois produtores por dia, dois produtores, imagina, eram 50 pessoas e iam dois todos os dias com as cabras, centenas de cabras, tudo faz uma quantia de 2000 cabras juntas, imagina são 50 pessoas com um media de 80 cabras cada um, que era como a gente tinha, não havia subsídios, a gente tinha de ter produção, os cabritinhos. Na altura das colheitas, assim no inverno, que era quando as cabras começavam a parir, aquilo era trabalhoso... era trabalhoso... já viste o que é, e não havia condições porque ninguém tinha estábulos, ninguém tinha barracões, eras tu que tinhas que te [? *não se entende*] que tinha 40 cabras lá dentro

AL: sim, eu vi o espaço da aldeia, a aldeia não tem espaço nenhum, pelo menos a Gavieira, não tem muito espaço

AGav1: pronto, depois é assim, vais aqui ao lugar da igreja, tem lá duas brandas [...] isto é composto por 10 povoações, isto é 3000 e tal hectares... isto é muito grande, parte com Lamas de Mouro, parte com Castro Laboreiro, parte com Soajo, com Cabreiro, Gave e Prado de Melgaço

AL: mas quando me disse que eram 3000 e tal hectares estava a falar do baldio ou

AGav1: do baldio... 3500

AL: é enorme

AGav1: isto é enorme... a gente sempre aqui viveu... e depois veio a emigração, depois nos anos 60 a emigração ajudou um bocadinho, mas a gente vivia aqui, vivia aqui na freguesia, e produzia... centeio, batatas, milho e feno. Só que na altura havia menos feno porque a gente precisava mais do terreno para ter o milho, as mulheres faziam a fornada do pão todos os 15 dias, o pão durava 15 dias, ou se conseguisse durar mais, manter mais, nunca havia pão tenro, só era tenro quando era cozida a fornada, depois enquanto houvesse pão comia-se daquele pão, e agora é ao contrário, agora é pão é por festas, o pão de milho que se usava todos os dias... agora nem se consegue, agora é só trigo, e o pão que se faz nas padarias não é como o pão que é feito em casa

AL: claro... mas porque é que se deixou de fazer pão de milho?

AGav1: não há milho

AL: e porque é que deixou de haver milho?

AGav1: porque as pessoas emigraram, nos anos 60... desde 1968 a 1980 as pessoas emigraram, nós neste momento, eu sou construtor e não tenho aqui um homem para trabalhar, vêm lá de baixo dos Arcos todos os dias, tive que empregar gente dos Arcos, em primeiro lugar repara, se calhar [? *não se entende*] 50 anos, há duas crianças, uma há-de ter 13 anos e a outra tem 14

AL: se calhar passei por um deles agora, com uma bicicleta e com um capacete

AGav1: aonde é que passaste por ele?

AL: ali ao pé dos Lameiros

AGav1: é o meu filho

AL: ok, ok. (RISOS)

AGav1: pronto, são as crianças que há aqui durante o ano, mas agosto é uma confusão, aqui no mês de agosto quase não tens onde por o carro

AL: eu nem sei como é que os carros conseguem andar ali dentro

AGav1: é complicadíssimo, e depois é assim, há 4 pessoas e 6 carros. Há 4 pessoas numa casa, há 6 carros. Houve uma altura aqui em que na aldeia só havia 2 carros. Quando eu tinha uns 10 anos, 12, havia 2 carros...

AL: na povoação toda, claro

AGav1: na povoação toda [conta como se demorava 2h e meia de caminho até aos Arcos de Valdevez, por uma estrada de terra batida, todos enfiados na cabine de um carro. Não consigo perceber bem todas as palavras] saías daqui, ias lá acima ao cruzamento com Lamas de Mouro, atravessavas a cumeada e íamos sair ao Mezio, em terra batida e lama e pedras e neve, por vezes no Inverno, e... no fundo isto era bonito, era bonitinho. No natal, que era quando o pessoal vinha de França, isto agora mudou tudo, mas nos anos 70 as pessoas iam para a França iam para França, imagina no mês de março, e vinham no natal, para a festa do Natal, depois havia a feira... depois era uma carroça carregada de pessoas, de pé! Pronto, isto mudou, a gente emigrou, mas isso são pessoas que se formaram, alguns estão em lisboa a trabalhar. É assim, quem está formado, se arranjou trabalho está a morar no centro, não é fácil arranjar trabalho. Há pessoas que emigraram mas que tiveram que emigrar, infelizmente. Temos aqui pessoas formadas e que depois estão na limpeza em França. E neste momento temos aqui pessoas a viver cá mas estão a viver [? *não se entende*]. Aqui em rouças há aqui pessoas que trabalham, trabalham isto é... têm aqui ocupação e fisicamente trabalham muito, têm os pastos, são pessoas que vivem... têm muitos animais e optaram por só tirar feno dos campos, porque não é preciso ser regado, não é preciso ser trabalhado, apenas botam o estrume ao quilo, como eles entenderem e cortam, colhem e secam. E pronto, é assim, que isto funciona

AL: mas quantas pessoas é que vivem aqui durante o ano?

AGav1: uma média de 300 pessoas

AL: em todos os lugares juntamente?

AGav1: na freguesia

AL: ok. São quantos lugares ao todo?

AGav1: isto é assim, vou-te explicar, são 5 lugares na freguesia em baixo e depois há um espaço mais alto

AL: as brandas

AGav1: que são as brandas, que antigamente isso estava assim, aqui era só milho, na freguesia as pessoas produziam milho, e nas brandas era o centeio, e batatas

AL: nas brandas...

AGav1: as batatas eram [*? não se entende*] cesto... e não regavam, atenção, com o estrume das cabras e o próprio local em si, era batatas... a gente tirava batatas e depois o que é que fazia? Não havia espaço para as guardar, faziam buracos nos terrenos de centeio, e metiam-nas ali, e consumiam dali as batatas. Se fosse hoje não sei...

AL: sim, hoje seria muito complicado

AGav1: cada qual... mesmo nos campos dos vizinhos. Nas brandas havia um determinado espaço já, mesmo que fosse no do vizinho, onde é que eram postas as batatas, fazias o buraco, com um metro quadrado, de vez em quando também se metia o feno... feno seco [...]

AL: e isso as pessoas só iam viver lá para cima no verão...?

AGav1: no verão... vou-lhe explicar... iam no mês de abril, acompanhavam as cabras, por causa do lobo, as vacas não, as vacas iam para a serra e pronto [...]

AL: aí é? As vacas defendem-se melhor do lobo do que as cabras?

AGav1: sim, as cabras não têm hipótese, não têm defesa

AL: ok, mas a cabra não corre muito mais rápido do que a vaca

AGav1: não, não tem hipótese. As vacas sim, as vacas adultas, [depois fala das pequeninas] mas naquela altura não havia uma cria na serra, naquela altura o parque não existia, se querias defender o vitelo tinhas que guardá-lo, metia-lo no corte, a vaca ia à serra e vinha à noite dar o leite à cria, tirava-se o leite que fazia falta para consumo, a cria não podia mama-lo todo, ela tirava a parte dela, o resto fazia falta na casa

AL: (RISOS)

AGav1: atenção... era assim que funcionava. Pronto, e as cabras, as cabras iam para cima no mês de março e estavam lá até meados de outubro, porque depois começava a fazer frio e vinham para baixo as cabras e ficavam as vacas na branda, e as pessoas só viviam nas brandas do mês de abril a outubro. E depois iam todos os dias e vinham a pé, não havia gente gorda! A maior parte deles era como tu. Iam todos os dias lá acima, e faziam 4 vezes por dia, iam, vinham trabalhar e iam e vinham depois à noite [*? Não se entende*] faziam uma ginástica tremenda, para ir à serra ver os animais, [*? Não se entende*] corriam o planalto todo, estás a ver? A mim custou-me na altura, a carne também era pouca, o peixe, quase nem falávamos em peixe naquela altura que o peixe nem chegava, estás a ver? Pronto, isto antigamente era assim, depois pronto, depois emigrou-se, a emigração por um lado foi muito bom, mas por outro, desertificou muito isto. Nós agora aqui durante o ano não vês ninguém. Tens aqui o santuário na Peneda, que é extremamente concorrido, tem sempre gente, se não isto era complicado. E no verão... é demais

AL: pois, é que isto vai de um extremo ao outro

AGav1: é que não há espaço para nada, porque toda a gente que é emigrante, vem para aqui mas não sai daqui, podem ir à vila ou à cidade mas... é complicado, só se eles não puderem mesmo regressar a casa. Tem aqui pessoas que têm apartamentos em Braga, Viana, no Porto. Mas não penses que eles dormem no apartamento, só se forem obrigados mesmo a ficar lá, senão nem que [*? não se entende*] eles estão aqui

AL: isso até é bom sinal

AGav1: e essas casinhas, tem aí casas com fortunas lá dentro, parecem [*? Não se entende*] mas tu não imaginas o que essas casas têm lá dentro. Não há uma casa sem aquecimento central

AL: uau!

AGav1: não há uma casa na Gavieira sem aquecimento central, há cozinhas, outras coisas também, mas cozinhas de 5 ou 6 mil contos. Não parece, atenção. E as pessoas gostam muito disto, gostam de viver na serra, gostam da zona

AL: oh, isto é espectacular

AGav1: o espaço... o espaço é que aqui é um bocado complicado

AL: o espaço é de facto, ali dentro da aldeia não há espaço para nada [conto a história de como tive de desistir de entrar com o carro, que não entendo como é que as pessoas conseguem entrar]

AGav1: pois, eu vou ter de rever a situação, nós temos aqui caminhos sem saída, quem não conhece...

AL: depois tem de se fazer tudo para trás

AGav1: [*conta como pode ser complicado, da necessidade de por um sinal a avisar que é um beco ou que as dimensões do veículo são limitadas. Conta a história de uma rapariga nova que se meteu no caminho e de como ficou sem conseguir sair, e de como*]

foram os empregados do senhor Américo que a “safaram” e conclui que tem mesmo de por sinalização, porque a miúda veio ao engano]

AGav1: de resto passas bem, o meu carro é um 3500 e ando por todo o lado, a ambulância... os caminhos foram feitos para a ambulância passar. Hoje, porque antigamente foi para os carros das vacas, mas batia nas paredes, passava mas esfolava

AL: ia abrindo caminho

AGav1: ia abrindo caminho... e é assim

AGav1: inverneira... não, mas aquilo é considerado vila, Castro Laboreiro, eles no verão vão para a vila, ou seja, para as partes mais altas, e no inverno onde é mais quente, onde não há neve...

AL: ah, é ao contrário, pois é....

AGav1: Em Castro Laboreiro neva muito. E nós aqui não, nós aqui no verão vamos para cima e no inverno vamos para baixo. É totalmente ao contrário, o que para eles é inverneiras, para nós são brandas. E depois temos a Bouça dos Homens, que é uma branda da Peneda e do Baleal... não sei se conhece, quem sai da Bouça dos Homens, por cima da serra, por cima da serra tem uma lagoa onde é produzida a energia para o santuário do [? *Não se entende*] de Maria

AL: ah! Como? Com um moinho?

AGav1: com a carga de água, sim...

AL: e não investem na florestação e na produção da floresta

AGav1: nessa parte não, é como te digo, nós fazemos limpezas

AL: porque há outros projectos não é? De subsídios para produção florestal... não estou a dizer que é para pinheiros mas

AGav1: há mas nunca fizemos, aqui nunca fizemos. Aqui temos gerido assim a equipe para aquilo que decidimos fazer e que o dinheiro nos tem vindo

AL: mas estão interessados em vir a ter essa fonte de receita ou não? Tipo, não sei... eu estou a dizer isto porque pareceu-me que tinham bastante floresta...

AGav1: imagina, aqui no verão puseram fogo aqui em cima, não sei se viste, e pronto, estamos a pensar, se a gente ano vai vender eles vão queimar tudo

AL: pois, e quem são... já ouvi em alguns baldios “ah, isso é pastores, não tenho a mínima dúvida”

AGav1: pá, a gente aponta sempre os pastores, mas não sei já viste o que é, há às vezes gajos malandros, gajos bêbedos, aquela, não sei se viste, mas aquela portinha ali da segurança privada, está toda partida, foi um gajo bêbedo que passou aí de certeza e partiu aquilo, com a quantidade de pessoas que passam

AL: claro, é difícil de dizer

AGav1: a gente aponta sempre aos pastores, será um ponto principal, pronto, mas no meio disto tudo há muitos malandros, os madeireiros por exemplo, que repare, aquilo ardeu, mas a madeira se for retirada logo a seguir a madeira é a mesma praticamente, só ardeu por fora, senão aquilo perde 40% do valor, e aquilo safa depois o madeireiro. No caso de lisboa não sei, a única coisa que eu sei é que a gente vai por aí, a primeira coisa a apontar é os pastores, que é errado sabes, porque quando arde é quando é a vegetação, porque quando há um incendio na serra aquilo que vem a seguir é giesta

AL: que não é boa para o...

AGav1: é giesta, passado um ano aquilo é só giesta e, principalmente as vacas, não comem giesta

AL: são muito duras não?

AGav1: não, aquilo tem um sabor esquisito e acho que a vaca que não come giesta, a cabra comia, a cabra adorava a giesta. Eu tenho 50 anos e na altura quando eu era garoto quase não se via giesta aqui derivado da quantidade de cabras que havia

AL: ok... mas agora há mais vacas do que cabras é?

AGav1: agora é só, cabras agora não há...

AL: porquê? Devido aos subsídios?

AGav1: subsídios e andam sozinhas, repara... não é preciso acompanhá-las todos os dias

AL: as vacas...

AGav1: as vacas vão para a serra, se calhar o patrão vai lá uma vez num mês no verão ou... [*? Não se entende*] com a criação na serra porque se o lobo mata têm que conseguir topa alguma coisa para fazer o dito auto senão chega lá o guarda se está há um mês sem ir lá o corpo, mata, e ninguém vê nada, está a perceber?

AL: ah, então como é que é, como é que é? Como é que disse em primeiro lugar? O lobo mata e?

AGav1: o lobo mata, por exemplo, a cria... o vitelo à vaca, mas se tu não fores lá dentro de 2 dias nunca mais vê nada, vê a vaca

[fala de como os pastores, quando há cridas das vacas têm de estar à coca, devido ao lobo, porque se não houver cadáver o ICNF não paga a indemnização. Fala de como os

abutres são um perigo para a manutenção do cadáver e de como se deve estar atento e em cima do acontecimento. De como o javali também destrói os cadáveres...]

AL: o javali também?

AGav1: o javali está em todas

AL: mas os cadáveres também?

AGav1: tudo, tudo. O lobo é que não, o lobo só mata aquilo que come, ou só come aquilo que ele mata, o lobo se vir um animal morto não o come... tem graça. Ele é muito desconfiado, o lobo só come aquilo que ele matar. O javali, esses comem tudo

AL: ah, eu não sabia que o javali comia carne...

AGav1: o javali... o javali até come gente, o javali é a coisa que mais se desenrasca... o javali, o lobo não, o lobo é daqueles animais que só mata aquilo que ele come... que só come aquilo que ele mata

AL: (RISOS)

AGav1: é um animal nesse aspecto muito inteligente. E isso obriga as pessoas a irem constantemente à serra

AL: assim só para ter uma ideia... no que toca a floresta não tem havido investimento para virem a obter maiores receitas da floresta...

AGav1: não, nem investimento nem receitas

AL: não têm feito cortes

AGav1: não temos feito cortes, não temos feito nada [*? Não se entende*]

AL: diga, diga?

AGav1: se passares aí não vês em lado nenhum árvores cortadas

AL: não, vê-se muitas árvores

AGav1: muitas árvores... há pessoas que cortam para consumo, as pessoas querem carvalho, sabes, as pessoas querem carvalho. Cortam-no à fugida não é, se o guarda os vê. Mas repara, eles cortam e a gente por vezes não vê porque o carvalho é proibido cortar... mas cortam, a gente sabe que eles cortam, mas é para consumo próprio

AL: para aquecimento?

AGav1: para dar lenha... isto é muito frio no inverno!

AL: ah, pois, deve ser

AGav1: isto no inverno

AL: então mas não têm aquecimento central? (RISOS)

AGav1: mas é um frio seco sabes, ao fogo sentes-te bem, com a lareira acesa estás uma maravilha

AL: mas da limpeza do carvalhal podem levar pedaços ou uma árvore morta ou...

AGav1: isto há aqui uns dias estipulados para recolher a lenha

AL: ah, têm isso organizado...

AGav1: o pessoal é que não respeita muito, mas à 5ª feira tudo o que é lenha, e não se paga por isso, os baldios não recebem nada por isso, é para consumo próprio, para a indústria não. Imagine, uma pessoa que tem uma padaria, por acaso há aqui um indivíduo, aí não, aí é para vender, há aqui pessoas que vendem lenha, essas pessoas não têm direito a ir a lenha nesse dia, mas para consumo próprio de casa todas as pessoas têm direito à 5ª feira como é o caso de... prontos, normalmente há um guarda a acompanhar, para recolha de lenha caída, uma árvore que esteja seca pode ser recolhida, e o guarda

AL: o guarda quê? Florestal?

AGav1: um guarda-florestal... acho que é uma 5ª feira por mês

AL: ah, por mês!

AGav1: por mês, não é todas as 5as feiras, é uma 5ª feira por mês

AL: e isso até é bom, até para limpar um bocado o...

AGav1: para limpar, só que ... há baldios que levam um x para recolherem a lenha

AL: ah... mas é as pessoas que são compartes que vão lá, ou não?

AGav1: as pessoas da freguesia, às 5as feiras elas sabem que podem ir fazer recolha de lenha

AL: e cobram aos próprios compartes?

AGav1: não

AL: aaah. Vocês não, mas alguns baldios estava a contar...

AGav1: há alguns baldios que acho que lhes cobram. Nós não, nós é pessoas aqui da freguesia

AL: e quem vende vai busca-la ao baldio ou vai busca-la à propriedade privada?

AGav1: não! É o que eu estou a dizer

AL: pois, eu há bocado não percebi bem

AGav1: essas pessoas vão se a gente se aperceber que eles vão, [*? Não se entende*] eles podem dar uma fugidinha sem nos apercebermos disso mas eles sabem que não podem dar. Podem ir aquelas pessoas que é para consumo próprio, para as lareiras, para se aquecerem

AL: sim, sim, sim, eu estou a lembrar me de um caso em que um senhor comparte tem um restaurante e usa forno a lenha, e portanto, faz dinheiro com aquilo, é o negócio da família, e ele vai buscar a lenha ao baldio

AGav1: mas não pode

AL: pois, faz-me um bocado de confusão

AGav1: isso não é legal, atenção, isso não é legal. O baldio, a lenha, paga-se uma taxa ao baldio de 1 euro ou 2 euros por cada porção que leve, agora... mas para consumo próprio, agora quem tem um restaurante, quem tem uma padaria, isso não, isso as pessoas não têm direito a ir ao baldio, aqui não têm. Podem ir, nós temos aqui uma padaria, podem ir a fugir, mas que ele vai com ordens não vai, pronto. O meu chefe da equipa de sapadores vende lenha, estás a perceber? Tem um tractor e vende lenha, mas ele pode levar alguma coisa sem eu ter conhecimento, mas ele não tem o direito de vir ao meu baldio, nem à 5ª feira, porque ele vendendo ganha com a lenha, então tem de a pagar. Se vende não tem, nem ele nem ninguém

AL: pois, também me surgiu como uma surpresa

AGav1: isso de ir buscar lenha ao baldio para vender... isso era... era como se costuma dizer, uma peluda, também não pode ser assim

AL: pois, olhe, vocês é que podiam organizar isso... bom, não sei, e ganharem dinheiro para o baldio

AGav1: não, mas isto é assim, isto as pessoas que vendem lenha não querem pinheiros, querem carvalho...

AL: pois, e o carvalho aqui não...

AGav1: e o carvalho faz muita falta

AL: o?

AGav1: o carvalho faz muita falta, para o oxigénio, para a nossa sobrevivência

AL: claro

AGav1: o carvalho é uma árvore que é muito lenta, um carvalho chega daqui a cem anos está um carvalho adulto

AL: pois é, se cortar demora muito tempo a crescer

AGav1: o pinheiro não, o pinheiro não interessa, mas o carvalho em si, e o carvalho na serra, cortas um carvalho hoje e se calhar estás 30 ou 40 anos sem veres um carvalho ali (...) e as pessoas, quem vende isso, quer um carvalho, até para consumo só querem carvalho para queimar. Por ideia deles eles só cortavam carvalhos, eles não querem pinheiros. E os pinheiros são pinheiros secos, o pinheiro não é cortado pelo pé. Mesmo para a aldeia, às 5as feiras, é só lenha velha, os carvalhos podem ter os galhos, e o pinheiro, só se tira um pinheiro se estiver seco, e os carvalhos tiram-se aquelas galhas, e os rebentos que tem porque no ano a seguir tem novas ramas não é? Isto pode fazer, isto é autorizada a cortar aquelas galhas de 10 cm de diâmetro ou 12... estás a perceber? [*? Não se entende*] no ano a seguir rebenta tudo outra vez, pelo contrário, até cresce mais depressa [explica a mesma coisa através de um desenho]. [*? Não se entende*] essa parte aí não pode fazer, pronto, não é autorizado, só que se eles estiverem acompanhados por quem os fiscalize, eles estavam a cortar não era este aqui a seguir ao carvalho, eles estando a ser acompanhados só cortam aquilo que está autorizado. Por isso é que há aqueles dias determinados às 5as feiras, acompanhados pelo guarda

AL: sim, sim. Isso é outra coisa, aqui no baldio cedem área aos produtores para as pessoas conseguirem subsídios?

AGav1: sim, sim... até aqui repare, até aqui dávamos x hectares por pessoa, porque nós tínhamos muito baldio, mas houve uma redução neste ano, sabe dessa situação, que eles reduziram ao rochedo e ao arvoredado, por exemplo nós aqui... quase 70% foi à vida, isso foi mal feito porque... há um rochedo mas em cima do rochedo, a vegetação por vezes nasce aqui mas depois cobre o rochedo, imagina, a vegetação nasce e depois cobre e depois a parte da rocha já está coberta com vegetação, ali em baixo consegue ver bem. Mas pronto, decidiram assim e o que é que eu vou fazer? Nós dávamos meio hectare por cada vaca na altura, depois podia dar mais

AL: dava meio ou dava um?

AGav1: um, mas chegámos a dar 2 e meio, inicialmente, mas este ano com a quantidade de animais que temos, temos que optar por dar só dois... acho que é dois por 6, que assim nem chega a meio hectare por vaca, estás a perceber?

AL: e eles aceitaram?

AGav1: tiveram que aceitar, não tiveram outra hipótese

AL: eles assim recebem menos dinheiro não é? Cada produtor

AGav1: eles são um bocado penalizados, não pelos animais porque eles recebiam pelo baldio, estás a perceber, imagina, se tinham 20 hectares, se recebiam de 20 hectares recebiam [*? Não se entende*] mil euros, e agora só recebem 10 [*? Não se entende*] não tem nada a ver com os subsídios, os subsídios não tem nada a ver, a parte do baldio ter essa vida é que acho que foram um bocado prejudicados porque eles recebiam por baldio

AL: pois, são muitos? São para aí o quê? Cem?

AGav1: neste momento tínhamos para aí 3000 vacas, deve ser a freguesia do distrito de viana, ou até diria... se calhar, sei lá... que mais animais tem, temos muitos animais... temos muitos animais

AL: e muitos produtores também?

AGav1: sim, muitos

AL: quantos é que são para aí?

AGav1: agora acho que anda para aí... não sei, eu podia saber ao pormenor, tenho tudo em casa, mas para aí uns 80

AL: 80 produtores, em todos os lugares não é? Tudo junto

AGav1: temos produtores com quantidade e produtores só com 3 e 4 também não é, temos aí pessoas que estão reformadas e têm 4 vaquinhas para se entreter, mas também têm direito ao baldio não é. Mas temos aqui pessoas com 150 cabeças de gado, um casal com 150 vacas

AL: e acha que é só para aproveitar os subsídios ou mantêm os animais e uma produção mesmo bem...

AGav1: não, vamos dizer, não mantêm a 100% mas vamos dizer que mantêm a 75% os animais. Pronto, a cachena, isto é produção do tipo biológico sabes, isto é uma carne que tem fama, a carne da cachena biológica é um balúrdio, e é [*Não se entende*], não se come em todo o lado, até eu acho... que cá para cima nem se come carne de cachena porque a carne de cachena é caríssima. Eles podem por mas estão a enganar as pessoas, pronto, eles têm subsídios, têm produção, eles também têm que se encostar um bocadinho ao serviço porque eles têm muita produção e depois é assim, este ano também... têm o subsídio da vaca, mas se a vaca não produzir, que é isso que acontece, se a vaca não produzir naquele x tempo, acho que lhe cortam o subsídio. Pois se a vaca não andar minimamente tratada não consegue, não tem a cria, percebes? Andavam aí muitas ao abandono, mas agora com isto que eles fizeram agora se a vaca depois de 8 meses se a vaca não der produção, aquele animal vai à vida... o que é que acontece? Eles agora têm que, mesmo que não queiram eles têm que gastar com os animais, porque é assim, se a vaca não pare, imagina, a haver vacas que não parem eles cortam o subsídio, por isso eles agora vão ter de fazer as coisas com um bocado de cuidado. Estás a perceber? Há aí muitas pessoas com 4 vaquinhas, com 5... mas também temos muitas com 100. Neste lugar, no lugar do [*Não se entende*] só há um, mas aqui neste lugar, no lugar de Rouças e na Peneda também tem muitas

AL: o Américo não tem? Ah, é construtor...

AGav1: eu por acaso não tenho, tenho muitos campos mas por acaso não tenho animais

AL: chegou a emigrar ou esteve sempre aqui?

AGav1: emigrei, emigrei

AL: ah, muito tempo?

AGav1: dos 18 anos até aos 28

AL: dez anos

AGav1: e depois vim para cá e prontos... eu gosto disto, eu gosto disto

AL: (RISOS)... em termos de utilizadores do baldio, portanto já falámos, é as pessoas que têm animais, as pessoas aqui da aldeia, mas... por exemplo, ainda se vai buscar mato? Ainda há essas actividades tradicionais...?

AGav1: sim, ainda se vai buscar mato

AL: e utiliza-se para os animais e o baldio para recolher lenha...?

AGav1: aqui já há pessoas que têm explorações que têm-nas no chão e lavam, mas são duas ou três só. Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos, depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão e pronto, têm [*? Não se entende*] próprios, e no final do dia lavam e

AL: então não usam nas terras depois

AGav1: não usam nas terras, mas os animais preferem estar no estrume

AGav1: pois, pois, pois. As pessoas é que se calhar não preferem tê-las no estrume

AGav1: da mais trabalho

AL: pois, da mais trabalho

AGav1: têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tira-lo, não é, o estrume

AL: e depois usam-nas nas próprias terras ou vendem? Já ouvi falar de pessoal que depois vende o mato com o estrume, vende tipo fertilizante

AGav1: ah, usam só nos campos, aquele que ele tem é que é biológico, mas tenho aqui gente com produção biológica. Quando eles usam o estrume do coiso, eles têm vantagem por aí também, estás a perceber, porque eles estão a optar por fertilizante biológico, ração biológica, estão agora a ter aqui uma formação aqui na sede, aqui ao lado, um engenheiro de Lisboa também

AL: ai é?

AGav1: o Azeredo

AL: como é que é? Azeredo?

AGav1: sim, o engenheiro Azeredo. Que até está ali fora a explicar como se faz o estrume, que ele sabe bem isso, ele está ali fora tem assim dois montinhos, até vieram aqui os sapadores que trouxeram tojo, meteram-lhe tojo, meteram tudo debaixo dos animais, fizeram aqui o composto todo, prontos

AL: mas está a dar o curso a quem?

AGav1: ao pessoal que aqui está que aderiu à biológica, à produção biológica

AL: mas o pessoal aqui deve saber fazer...

AGav1: pois sabe, mas oh Luísa isto...

(RISOS)

AGav1: tem que haver alguém para tudo, prontos

AL: (RISOS) que maravilha, está bem, vem uma pessoa de Lisboa... está bem

AGav1: e eles aí vêm... esteve aqui a semana toda passada e acho que vai estar esta semana também

AL: que curioso... está bem... bom, é verdade que à medida que os velhotes vão morrendo há sabedoria que vai-se perdendo, mas ainda há aí muita gente, acho eu, que sabe fazer as camas dos animais, o fertilizante para a terra

AGav1: pois sabe

AL: não é preciso vir nenhum engenheiro de Lisboa

AGav1: oh Luísa, mas tudo é comércio! Tudo é comércio... e pronto, o senhor veio, está aí, está a dar aí explicações

AL: está a dar explicações... é como o ... está a dar a missa ao papa

(RISOS)

AGav1: e é assim

Gondoriz: AGo1

AL: pois... e vocês não querem sei lá... florestar, ou plantar ou concorrer a...

AGo1: acha que plantar árvores lá em cima na montanha onde cai neve e em cima de rocha, não vale a pena. Primeiro os animais roem tudo, lá em cima existiam, e ainda existem, alguns camecípare, existiam pinheiros que com os incêndios queimaram-se e nunca mais se viu nada

AL: pois... nunca chegaram a tirar dali rendimentos?

AGo1: não, não.

AL: e a floresta chegou a entrar aqui, na altura dos anos 1940', 1950'

AGo1: não... não, tinha lá uns pinheiros, plantaram lá, mais uns camecíparees lá em cima, mas de resto não tem mais nada

AL: mas houve resistência aqui da população à entrada da floresta?

AGo1: não

AL: não houve resistência?

AGo1: não, nem... é um local que não produz, aquilo é rocha. Há lá pastoreio, pastoreio. Ou tem mais altura de terra ou não... o clima lá em cima é mais agreste do que aqui em baixo. E a questão das árvores, há árvores que não desenvolvem em altitude ou em condições climáticas diferentes, há outras que podem adaptar-se mas mantêm-se ali estagnadas, não... quer dizer, não há investimentos que compensem a... pronto, ali o... já noutra altura falaram que queriam, o meu filho queria fazer ali uma plantação de castanheiro “opa, tu tens muitos hectares” e eu “tenho [? *Não se entende*] epa, lá para cima que aquilo só tem rocha”

AL: e as pessoas continuam a ir ao baldio buscar mato, lenha... já não usam a lenha para aquecimento aqui

AGo1: não tem lenha, eu continuo a dizer que não tem lenha

AL: pois é, mas tem as urzes e essas coisas, também dão calor

AGo1: os camecíparees, aquilo é pago

AL: não, o mato, o mato. Já ninguém corta? Já ninguém usa para as camas do gado?

AGo1: agora já não vai ninguém buscar mato ao, oh, isso agora usam-se o subsídio, as reformas

AL: mas disse-me que havia muita gente com animais, não usam aquilo para fazer a cama do gado no inverno?

AGo1: não, não, os animais andam no monte todo

AL: todo o ano?

AGo1: todo o ano

AL: e o lobo anda aí ou não?

AGo1: anda

AL: e como está a situação dos pagamentos

AGo1: acho que se não se queixam muito é porque deve estar a cair o dinheiro. Agora parece que está mais complicado, acho que eles estão a montar sistemas que

AL: mais fiscalização...

AGo1: é! Havia muitas vacas que eram comidas por lobos de duas pernas (RISOS). E a realidade dos baldios é isto, não vale a pena...

AL: e a presença do parque, sente-se a presença do parque, da instituição, dos serviços do parque, ou do ICNF ou...

AGo1: não sinto a presença do parque porque não há ai madeira, se tivesse aí madeira sentia para virem buscar dinheiro... é o que eles fazem nos outros lados

AL: mas sente... por exemplo, não pode pôr eólicas

AGo1: ai sim, sim, sim, a presença do parque nesse aspecto negativa, dessa parte é, o resto não tem mais nada. O parque nas Juntas onde têm madeiras não deixa arranjar os caminhos, não deixa... há um incendio, como aconteceu aqui há... 2000 e quê?

[estão presentes funcionários da Junta – dois se bem me lembro -, e o filho do senhor Armando, ainda pequeno, uns 12 anos. A nossa reunião foi após a hora de atendimento da Junta]

S: 2005 ou 2006

S1: 2007

AGo1: quando ardeu aquela parte do Mezio e tudo, foi onde o fogo passou ardeu tudo, não tinham acesso, ardeu tudo. O parque só complica, não deixa

AGo1: não, mas isto é uma freguesia... muito grande e muito importante

AL: isso é uma coisa que eu não perguntei, quantos lugares é que tem aqui a freguesia?

[faz uma descrição imensa de lugares – eu tirei uma fotografia de um papel onde estava a lista]

Nós temos área urbana e temos área de monte

AL: a área urbana é bem grandinha também, o monte é 900 e tal hectares, e a área urbana...

AGo1: não, a zona mais urbana é a zona de Pujide e tal, depois temos lá em cima os lugares que é a zona mais rural

[tiro a fotografia à lista]

AGo1: ah, mas isso já ultrapassa os baldios, isso já é freguesia, não tem nada a ver com os baldios, freguesia é só lá no alto mesmo

AL: ah, mas o baldio é da freguesia inteira não é?

AGo1: é

AL: toda esta gente pode por lá os animais. Não é?

AGo1: não, os burros estão cá em baixo

(RISOS)

AL: está mesmo fartinho destas pessoas estou a ver

AGo1: como é que toda a gente pode pôr lá os animais se os hectares não chegam para os animais que há

AL: não, mas isso é no papel não é, isso é para ganharem os subsídios

AGo1: não, não, não podem, não podem, não podem não. E os animais não podem estar todo o ano lá no monte

AL: mas espere, todos os compartes têm direito a por lá os animais ou não?

AGo1: todos os compartes têm direito ao baldio, só que quando não chega para todos

AL: eu pensava que não chegava para todos no sentido de não concorrerem ao subsídio

AGo1: só podem ter lá animais quem tiver área, que a área é delimitada na [? *Não se entende*] para eles. As outras pessoas não podem ir lá

S: se tiver animais e não tiver subsídio pode lá ir, quer dizer eles não sabem qual é que é o meu e o dos outros

AL: pois

AGo1: não pode

S: é assim, eu se tiver aqui um burro e o levar lá para cima

AL: pois, quem é que vai reparar?

S: sabes lá se é meu, se é de quem

AL: é isso, a ideia com que eu tinha ficado é que essa divisão dos hectares tinha a ver só com os subsídios

S: sim, é, mas quem tiver animais e que não tenha subsídio...

AGo1: não, o que acontece aqui é que há pessoas que têm baldio mas os animais não vão para o baldio. Têm baldio só para buscar o subsídio porque não têm terreno que chegue para

AL: pois, era assim que eu entendia essa questão da área

AGo1: nós temos um problema que é com as candidaturas das ITI, que estouraram o encabeçamento, então nós não podemos candidatar-nos às ITI, então o que é que o engenheiro Duarte tentou fazer e acho que conseguiu, foi justificar que, o encabeçamento contava tudo como hectares de baldio, mas as pessoas têm terrenos próprios em que precisavam do baldio para por o número de cabeças que tinham mais o terreno deles. Pronto, e foi isso que teve de ser justificado e acho que foi aceite porque senão já nem às ITI conseguíamos ir. Está a perceber? Agora, com os terrenos que as pessoas têm mais os baldios consegue-se área... mas agora há aqui pessoas que querem baldio e não há

Sistelo: ASi1

AL: então mas e aqui os baldios correm bem ou não? A gestão...

ASi1: para já as coisas têm corrido bem. Aqui os baldios, é como disse há bocado, é os usos e costumes e a tradição, vamos lá a ver, nós não... o baldio da minha freguesia não é só da minha freguesia, como os baldios da freguesia vizinhas são só deles, portanto isso é... no monte isso é tudo os usos e costumes antigos, ancestrais, que já vêm de há muitos anos. Porque os nossos animais pastam nos terrenos dos outros e os dos outros pastam nos nossos terrenos

AL: e não há conflitos?

ASi1: não há conflitos não, e todos conhecem os animais portanto, isso é uma coisa logo que... como andam centenas de animais nos montes e todos conhecem os animais, centenas deles, e conhecem uns os animais dos outros, portanto isto é tudo uma comunidade

AL: e vocês aqui têm muitas cabeças de gado no baldio?

ASi1: muitos, muitos animais nos baldios, são... os baldios da nossa freguesia e de outras freguesias vizinhas são comunitários, todos usamos os baldios em harmonia uns com os outros, todas as pessoas... nós pastamos nos outros baldios, os outros baldios pastam no nosso, portanto isso é uma comunidade ancestral, já de há muitos anos, que todos se conhecem no monte, todos conhecem os animais uns dos outros, todos pastoreiam e assim vão convivendo uns com os outros

AL: e não há conflitos?

ASi1: não... não há conflitos. Para quê entrar em conflitos?

AL: não sei, devido às fronteiras e aos limites dos baldios e freguesias

ASi1: os limites das freguesias só têm interesse para os tribunais e os advogados. Nós convivemos com isso, não temos problemas, o que nos interessa, porque os baldios, os usos e os costumes já vêm de há muitos anos, mas toda a gente sabe quais é que são os limites, mas também queremos saber os limites para quê? O limite fica, os terrenos ficam, mas nós vamos embora. Nós estamos aqui... foram uns que geriram isto, agora somos nós, amanhã são outros, vamos todos

Soajo: AS1

AL: o vosso baldio tem floresta?

AS1: tem!

AL: de produção, tipo pinheiros e assim?

AS1: uuuh, é assim, já tivemos mais, sabe que o Soajo ardeu praticamente a nossa floresta que é toda esta área que está aqui por trás de nós, ao sair pode ver, ardeu tudo em 2006, portanto foi mesmo...

AL: mas não é esta aqui atrás que tem aquelas árvores enormes, pseudotsuga acho eu...

AS1: pronto, isso está a falar de como quem vai para a Travanca? Perto do parque de campismo?

AL: estou a falar de quem vai para a Travanca

AS1: não, é a serra do outro lado, vê-se que está toda descoberta que estão alguns queimados que ainda estão de pé...

AS1: ah, sim, sim, sim, essa área ali era tudo pinhal, em 2005... ardeu-nos imenso, portanto... na altura eu não vivia cá mas fala-se de 400 mil euros, 500 mil euros de vendas de lenhas, portanto imagine o que ardeu, não é... e infelizmente desde então nunca mais se fez nenhum reflorestamento... todo esse dinheiro não sei para onde é que foi

AL: e foi para o baldio, à partida não é?

AS1: à partida foi para os cofres do baldio, só que é assim, não se fez nada, não se comprou máquinas, não se compraram... um tractor, ao menos, para limpar e ajudar a reflorestar, não se fez nada, rigorosamente nada, não se tratou de nada que é comum, não houve nascentes arrançadas... nada! Nada, nada, nada de nada! Portanto, está a ver, é urgente que as pessoas comecem a abrir os olhos e que se interessem um bocadinho pelos baldios e não só outros... nós este ano fizemos uma pequena reflorestação a ver se as pessoas aderiam e foi um sucesso... tanto que foram 500 árvores, estávamos nas comemorações dos 500 anos e... e aderiu-se, aderiu tanta gente que em meia hora estava feito

AL: ah, fizeram vocês mesmos?

AS1: sim

AL: ah, que giro! Mas era os 500 anos do quê? Da aldeia?

AS1: sim, do foral do Soajo

AL: aaah

AS1: é verdade, 2014, portanto nós... foi, foi no fim do ano mas ainda foi simbólico...

AL: plantaram o quê?

AS1: plantámos cerejeiras, nogueiras, carvalhos, medronheiros e alguns pinheiros

AL: e ali em torno da aldeia ou...

AS1: não, um bocadinho mais longe, ali ao pé da barragem do Lindoso, portanto na área do Soajo do lado de cá. Mas pronto, pena foi que no dia anterior já tentaram queimar aquela zona e depois perdemos ali cento e tal hectares de novo pinhal que estava a nascer... malvados. Políticas...

AS1: contratamos sim senhora, quando são... nos programas das ITI em princípio contratamos sempre alguém, porque é assim, têm um prazo muito curto e eles não conseguem de maneira nenhuma, porque eles têm que limpar cerca de 30 hectares por ano, portanto com essas máquinas não é fácil, e então contratamos uma empresa para limpar outros 30-40 hectares... porque senão não conseguimos fazer tudo... nós em Soajo até precisávamos de duas brigadas de sapadores...

AL: 5000 e tal hectares, acredito...

AS1: prontos, não se limpa tudo, também temos muita área de pedra... pronto [*? não se entende*], essa coisa toda, portanto é muita coisa...

AL: pois... eu ouvi falar aí de uma diminuição da área forrageira que o IFADAP... o IFADAP?

AS1: o IFAP

AL: o IFAP... que o IFAP cortou e tal... aqui cortou muito?

AS1: cortou... é assim, a nós até nem cortou muito, não sei bem porquê mas, e ainda bem não é, mas... a área que arde normalmente, eles disseram que este ano iam cortar toda a área ardida, não é... tudo o que ardeu durante uns...

AL: não pode ser pastoreado é isso?

AS1: exactamente

AL: mas já deve haver ervinhas e assim não?

AS1: há, e até que a nossa vaca aqui é Cachena, e portanto a Cachena alimenta-se precisamente na serra, no meio das pedras, porque no meio das pedras vem aquela

ervinha, e até porque é mais húmido e tem mais que comer... mas o IFAP faz as leis em Lisboa, não conhece a nossa realidade... eu acho que deviam de vir, olhe, como você está a fazer, deviam de vir ca ver como é que isto é, ver a realidade... as cabras, as cabras alimentam-se essencialmente nas zonas onde... onde há pedras, onde há pinheiros, que elas gostam daquilo...

AL: Sim, é o que me têm dito em todos os baldios, que foi um corte completamente...

AS1: ridículo... por acaso a nós nem foi muito mas é ridículo...

AL: claro, é mesmo falta de conhecimento

AS1: eles não sabem, não fazem ideia. Isto é como este ano atribuírem carros no Alentejo, pa, eu acho bem, só que um carro com 100 000 kms no Alentejo e um carro com 100 000 kms aqui nesta zona... o desgaste não é o mesmo

AL: claro

AS1: agora que os agricultores no Alentejo tomam outras proporções... sim, claro... os baldios no Alentejo pegam num tractor e fazem tudo o que querem, não é... nós não. Há muita área que não chega lá o tractor

AL: claro... mas houve isso? Deram carros lá no Alentejo foi?

AS1: no Alentejo deram...

AL: em que zona sabe?

AS1: não sei

AL: ok... é que eu também já ouvi isso mas... é que eu nem sei que baldios é que ainda existem lá...

AS1: também não sei, sei que nós por acaso quando fomos buscar o nosso material juntamente com os sapadores, foram 30 e tal carros que foram atribuídos este ano, só que para zonas onde os carros não têm desgaste

AL: pois...

AS1: não faz sentido... não faz. Os nossos sapadores, se há um fogo, têm que andar com o carro no meio do monte, eles têm que ir não é, têm que levar a cisterna cheia, têm que levar essas coisas todas... eles lá não andam no meio das pedras, não estão arranhados, não estão nada...

AL: claro, pois... é mesmo não ter a noção de como as coisas são aqui...

AS1: isto aqui é muito diferente de onde fazem as leis, infelizmente...

AL: vocês fazem parte do Secretariado dos Baldios? Vocês não, não é?

AS1: nós não.

AL: e fazem parte de alguma associação aqui do Minho?

AS1: não...

AL: então fazem tudo sozinhos, fazem a candidatura sozinhos?

AS1: uuuh, é assim, nós trabalhamos com uma associação mas que não é dos baldios, vai trabalhando para os baldios, que é a associação Atlântica...

AL: aaah, com a Sandra?

AS1: exactamente. E ela está... pronto, faz-nos as candidaturas, ocupa-se de tudo o que é dos sapadores, portanto, para pedir as verbas ao Parque e essas coisas todas é ela que trata

AL: ok

AS1: agora não temos assim mais ajudas... eu acho que nós deveríamos, aqui todos os baldios, pelo menos do concelho, nos unirmos em associação, para podermos exigir mais um bocadinho, mas nem sempre é fácil...

AL: pois, exacto... vocês têm relações entre baldios? Ou seja...

AS1: eu tenho...

AL: tem?

AS1: eu tenho. Por acaso dou-me bem com praticamente eles todos, porque aí está, não misturo políticas, não misturo essas coisas todas. Havia diferenças com outros porque... opa, é como lhe digo, pronto... as políticas é que estragam isto tudo

AL: pois, pois, pois

AS1: agora claro que sim, nós ainda este ano fizemos uma reunião precisamente por causa da nova atribuição de baldios, tivemos de mudar todos os parcelários... e convidei...

AL: porquê? Mudar os parcelários...

AS1: este ano, ora bem, cada agricultor que tinha baldio já há x anos tinha tudo na mesma parcela, não é, portanto a Cristina tinha a parcela x e já há 4 ou 5 anos que tinha aquela parcela não é? Este ano veio tudo a zero, portanto tivemos que... eu fiz assim, não sei se os outros fizeram assim... mas eu fiz assim. Foi chamar todos os agricultores, um a um dizia qual era as cabeças de gado que tinham não é, e daí atribuímos uma nova área, portanto conseguimos também limpar um bocadinho dos cadernos, que já estavam desactualizados não é, também isso deu um grande... já havia pessoas mortas há 10 anos que ainda estavam a usufruir, não faz sentido!

AL: claro, claro...

AS1: e prontos, e atribuiu-se isso tudo não é...

AL: mas isso foi derivado dos cortes das áreas não é?

AS1: sim

AL: ah, já percebi... há muita cabeça de gado ali em Soajo?

AS1: aqui em Soajo temos, vacas, temos 750 e qualquer coisa, agora caprinos olhe, assim de cabeça não sei... caprinos e ovinos de cabeça não sei mas ainda há bastantes, umas 300 ou 400 ovelhas... e cavalos também há bastantes, há para aí 200 e qualquer coisa

AL: cavalos... ouvi, pareceu-me ouvir lá na Atlântica que os cavalos já não têm subsídio ou que é...

AS1: vão tendo, por acaso não sei quanto, não faço ideia, mas são cerca de 70 e tal euros por cabeça ou...

AL: ok, se calhar percebi mal, ou se calhar estou agora com uma ideia errada. Eu sei que antes vocês tinham de ter... menos, portanto de todo o efectivo apenas 20% podia ser de cavalos, gado equino ou... limitavam um bocado o número de cavalos, pelo que eu percebi...

AS1: isto é assim, quando o garrano estava em vias de extinção... isso é como tudo não é...

AL: aí foi incentivado

AS1: é como a Cachena e essa coisa toda...incentivaram... há aí pessoas que têm 60 cavalos

AL: pois, por acaso ainda agora passei por uma data deles

AS1: não é... só que é assim, não podem é por tudo no subsídio, porque é assim, até três dão 100, depois de 3 já dão 50, a partir dos 15 já só dão 20 euros por cada cavalo, portanto as pessoas estão a perder e deixam, e té acabam por não ter não é, não fazem candidaturas com eles... mas prontos, gostam deles, andam aí no monte, vão-se reproduzindo, e vão limpando o monte também que também é muito bom, dão comida ao lobo, isto olhe...

AL: aí eu adoro vê-los, mas isto pronto, é o meu olhar não é...

AS1: não, e também... acho que sim, acho que faz bem. Desde que estejam bem tratados na mesma não é, que há assim alguns

AL: pois, isso é outra coisa que também já ouvi, é que às vezes é para o subsídio, é para o subsídio, mas depois...

AS1: essa é a parte feia da coisa... mas eu acho que, é assim, o que o IFAP está a fazer é mau, de uma certa forma... eu não tenho gado, é suspeito, mas eu acho que tem que haver regras também, não é...

AL: pois, isto se calhar já vem derivado de casos de não cumprimento e que acaba por influenciar toda a gente

AS1: exactamente

AL: basta um para lixar toda a gente

AS1: mas quem trata bem não tem problemas, não é... porque as pessoas que têm 100 cabeças de gado e que tratam delas e que têm... que vão buscar o gado à serra, que fazem tudo certinho, esses não têm... agora havia pessoas que tinham 20 vacas e que estavam a receber de 50, pronto... percebe? E isso é que não estava correcto. Há pessoas que as vacas nunca foram à corte, nunca foram ao estábulo... entretanto andaram a abatê-las. Aqui em Soajo não foi.... Mas sei que acolá para cima, acho que foi Rio Frio ou que foi, andaram a abate-las com armas, porque eram bravas, escondiam-se das pessoas, não sabiam o que era gente, aí não sabe disso?

AL: ah, porque andavam lá no meio da serra e nunca voltavam à aldeia...

AS1: eram bravas mesmo

AL: tornaram-se o animal selvagem do Gerês...

AS1: é!

AL: por acaso passei por umas e até estava ao telefone e disse “epa, vêm aí duas vacas, vamos lá ver se isto corre bem” ... eu... metem-me algum respeito não é, eu não estou habituada

AS1: é, não, mas estas que andam aqui...

AL: mas pronto, imagino que não eram destas...

AS1: pois, não, são pequenininhas, as nossas vacas são super pequenas, são as mais pequenas do país...

AL: sim, são baixinhas... são tao engraçadas

AS1: é a nossa Cachena e a Barrosã

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: e a floresta, como é que vocês lidam com a floresta? Cortam pinheiros, já percebi, mas também têm florestado ou...

PB1: não, plantação fez-se uma vez aqui uma, que até nem deu resultado, fez-se uma plantação de sobreiros e de... o antigo presidente, uma plantação de... 3 hectares, parece-me que foi 3 hectares [procura nos registos]. Foram 3 hectares, 3 hectares de plantação de sobreiros e carvalhos, mas essa plantação eu sempre... ainda não

era presidente e quando me disseram que iam fazer essa plantação aplaudi, claro, para a terra fazer uma plantação de 3 hectares, para nós é uma maravilha, está claro que é uma maravilha, não haja dúvidas, mas a seguir fiz-lhe uma pergunta, se esses 3 hectares eram vedados, e ele mostrou-me um documento e ele disse “talvez”, mas o talvez não é uma certeza, eu queria saber se faziam ou não faziam, porque na candidatura que se faz já se põe se é protegido ou não. E ele nunca deu explicação, quer-se dizer, aquilo nunca foi protegido, e na proximidade daquela plantação há um senhor que tem 50 e tal cabras, quer-se dizer, essa plantação, sabe como é, tem aqueles tubinhos não é verdade, mas quando o sobreiro ou o carvalho bota assim a cabeça de fora as cabras *fsst*

AL: acabou

PB1: acabou tudo. Quer-se dizer nos 4 hectares que o Estado gastou, parece que foram 60 000 euros, tem zero... tem zero!

O que nós fazemos agora é diferente, cortamos os pinheiros e deixamos os carvalhos... mais nada. Há ali uma zona que fizemos um... quem via dizia que não havia carvalhos nenhuns, e ontem levei lá um engenheiro, o Jorge, e diz ele “está aqui um trabalho muito bem feito, mas vocês ainda têm aqui mais um bocadinho de trabalho”, e nós sabemos temos que o fazer, que temos muitos eucaliptos a cortar, e austrálias lá e alguns pinheiros... diz ele “você tem de deixar alguns carvalhos lá”, mas nós sabemos, mas não quisemos cortar tudo para não dar cabo dos carvalhos, agora é que temos de cortar tudo e deixar só os carvalhos, e é um hectare e tal de carvalhos, mas há carvalhos com 2 metros

AL: e tem pinheiros é isso?

PB1: tinha pinheiros mas cortamo-los todos, mandámos cortar e vamos vender aquilo para lenha... os pinheiros e limpamos alguns carvalhos, você sabe, há às vezes carvalhos que estão 4 ou 5, aquilo é chão e ele ganha corpo e há uns eucaliptos e umas austrálias que nós temos de cortar, é uma zona de carvalho e sobreiro muito bonita que ali está, e às vezes é melhor limpar em zonas em que os carvalhos já estão agarrados e grandes, em que já nem cabras nem vacas, nem nada, os comem, do que andar a fazer plantações

AL: pois claro, usar a regeneração natural...

PB1: e é isso que nós estamos a fazer

AL: e de pinheiro é que não voltam a...

PB1: não, não, de pinheiro acabou...

AL: mas depois também deixam de ter esse rendimento

PB1: isso é verdade, mas sabe que nos montes baldios há muito pinheiro que é escusado plantar porque ele semeia-se por ele próprio

AL: e aqui no vosso baldio tem acontecido isso?

PB1: tem... tem. Há muitas zonas... há... há muita zona de pinheiro

AL: e deixam a regeneração natural...

PB1: regeneração natural, exactamente, se eu a levar ali a um pinhalzinho que está ali à frente, um pinhal novo todo que ele... quando saiu em 2014, não, fins de 2013 que ele fez um corte de pinheiros que deus me livre, ele cortou, mas pinheiros, pinheiros... não é como nós que vamos cortar agora 3000 pinheiros, não é pinheiros, é uma monda, é mondar, não é cortar, mas ele cortou perto de 4000 pinheiros, ele diz que são tantas toneladas, nós dizemos que são outras, está claro... nós pedimos a relação dos pinheiros que foram vendidos ao parque e o parque confirmou o que ele diz, não haja dúvidas. Mas é o que nós dizemos sempre, que não havia ninguém a acompanhar, logo no lugar de cortar 2000 corou 3000 e dos 3000 meteu dinheiro ao bolso, infelizmente ainda há desta gente

AL: pois, pois há, e há-de haver sempre...

PB1: pois... mas aqui plantação de pinheiros, plantação de sementeiras, isso acabou tudo

AL: portanto o dinheiro que vos vem da madeira mais tarde ou mais cedo vai deixar de vir

PB1: vai deixar de vir, vai vir sempre algum que... sabe que o pinheiro aqui na nossa zona em sítios vem muito rápido, não é como nas zonas mais montanhosas lá em cima para a serra, aqui é... tem melhor terra, tem onde se agarrar e o pinheiro sai mais rápido

AL: em quantos anos é que já dá para cortar?

PB1: o pinheiro? 20 anos... 20. É como o eucalipto, ao fim de 20 anos também pode cortar

AL: acho que até antes não? Para a celulose e tal

PB1: antes... mas entre 15 e 20 anos pode cortar, isso não haja dúvidas. Aqui, não é muito pertinho aqui, no São João... fizeram uma plantação parece que foi de 7000 eucaliptos

AL: ai foi? Dentro do parque?

PB1: sim, sim, dentro do parque

AL: ai é?

PB1: 7000 eucaliptos

AL: em que aldeia é que isso foi?

PB1: aqui em baixo, ao ir para a Ponte da Barca, eles veem-se bem da estrada, ao passar Britelo, eles veem-se bem na costeira

AL: e deixaram? Eu achava que não se podia plantar eucalipto no Parque

PB1: mas foi, quer-se dizer, o presidente dos compartes decidiu que aquele terreno que não podia servir para outra coisa alugou o terreno por 20 anos

AL: ah, alugou o terreno

PB1: alugou o terreno, ao fim de 20 anos eles cortam tudo e deixam". E é o que eles pensaram, daqui a 20 anos eles cortam tudo mas não vão arrancar a raiz do eucalipto, e em 10 anos eles vão vender novamente os eucaliptos

AL: pois, rebenta de toiça

PB1: porque quando o eucalipto já está bem agarrado, o arrebento dele, se eles deixarem só um arrebento, que ele vai puxar uns 5 ou 6 arrebentos, mas se deixares só um em 10 anos já podem cortar uma venda de eucaliptos

AL: e isso é aonde? É o baldio de quê?

PB1: Touvedo-Salvador, é aqui já em baixo, ao passar, ao atravessar as pontes é logo em baixo

AL: e faz mesmo parte do parque? Estou na dúvida se fará

PB1: faz parte do parque... ai não faz não, não faz não! Porque o parque é das pontes para cima, não faz parte do parque não

e há muitas cabeças de gado aqui em Britelo?

PB1: gente com gado nós temos.... Temos uma pessoa que era a que eu falei que era o presidente mas tem dois filhos e tem a esposa e tem, são 4 explorações, nessas 4 explorações parece-me que tem cento e tal vacas

AL: e são os únicos que têm vacas ou cabras?

PB1: não, depois há outro que está também lá a ver que também tem parece-me que são vinte e duas, há outro também no Lugar da Igreja que também tem parece-me que são vinte e duas ou vinte e três, mas esse é mais para fazer concursos de... não é bem para vendas nem nada, esse é mais inteligente que vai para os concursos e ganha muito em concurso com os animais, mas os outros... e há alguns particulares que têm 5, 6 vacas

AL: então a área forrageira do baldio é distribuída por mais ou menos quantas pessoas?

PB1: dezoito

AL: dezoito pessoas... mas o único que tem muitos animais é o tal ex-presidente?

PB1: é. Quantos mais animais tiver mais hectares tem. A nova Lei agora diz que é meio hectare por cabeça, mas tem de ser um adulto, que tenha mais de 2 anos, de 2 anos para baixo não têm direito

AL: ai é?

PB1: é... esta nova lei deu-nos um bocado para trás

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

PB1: nós aqui chamamos-lhe as cabanas, nós aqui, os terrenos são todos muito próximo do lugar, Soajo não, Soajo tem terrenos do caneco, então saiam daqui no princípio da semana e passavam lá a semana. Nós aqui não, nós aqui era todos os dias entrávamos a casa, aí mais ou menos ao meio-dia tornávamos aí

AL: então as cabanas eram para quê?

PB1: as cabanas eram só para as pessoas que iam ver o gado à serra... se ele estava bem, se já tinham nascido crias ou não, e ficavam lá na cabana toda a noite. De dia procuravam o gado, não é verdade, e à noite regressavam à cabana e ficavam na cabana

AL: mas agora já não deixam o gado na serra?

PB1: sim, fica... e há muita gente que ainda vai para as cabanas e... mas não dorme, porque agora a serra, há muitas estradas florestais e a maior parte dessas pessoas que têm gado têm jeep, vão e vêm, vão e vêm. Não era como antigamente, antigamente não havia estradas, não havia nada, não havia caminhos, era tudo a pé, antigamente era tudo a pé

AL: pois, pois, por isso é que ficavam lá

PB1: sim. E antigamente havia mais gado do que agora. Nós agora podemos ter uma média de 200 vacas, antigamente havia uma média de 400 ou 500 vacas. E então ovelhas, isso então...

AL: e hoje em dia há ovelhas também?

PB1: as ovelhas não vão muito lá para cima para o monte, as ovelhas aqui

AL: mas há?

PB1: há algumas, há uma senhora aqui à beira da igreja que tem 50 e tal, e depois há aqui 6, 7, 5, 6, 7,...

AL: ao todo quantas cabeças de gado existem aqui em Britelo? Que vão ao baldio e assim...?

PB1: ao baldio para mim há uma média de 200, não há mais

AL: ok. São quase todas daquela família?

PB1: ...as 200 vacas... antigamente todo o lavrador tinha 2, 3 cabeças de gado, no mínimo

AL: pois... faziam-se as vezeiras nessa altura...

PB1: exactamente, isso agora não, agora acabou, (...) isso agora acabou tudo

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: e qual é a diferença... quer dizer, eu sei qual é a diferença na teoria, mas na prática, porque é um baldio é comunitário e o outro é particular

PE1: não, um é baldio e o outro não é baldio

AL: ai nunca foi baldio

PE1: não

AL: ah, ok

PE1: aquilo, digamos, em termos práticos e objectivos é uma propriedade privada embora de gestão comum, ou seja, cruza em muitos aspectos com a filosofia de gestão do baldio, mas aquela área paga contribuição, paga IMI, tem os proprietários identificados, é indivisível na mesma não é, tal como... no baldio ninguém sabe onde tem baldio, é uma área que é comum e que é partilhada por todos, e esse espírito também incorpora aquela propriedade, só que o espírito da propriedade é privada. Ou seja, em termos visuais e de aspectos e de tudo é semelhante a uma área baldia

AL: é uma gestão de floresta também...

PE1: sim, de pastoreio, floresta, aliás, pronto, em termos de, digamos assim, de utilidade e de gestão e de... é o mesmo que uma área baldia, só que não é baldia

a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta, a Câmara, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a camara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a camara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que [*? não se entende*] e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... noa há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque,

ou o ICNF, e as populações (?), até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negocio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

Germil: PG1

PG1: agora nós, nós CD, tivemos um projecto que acabámos por ter de deixar cair agora há pouco tempo atrás

AL: deixar cair porquê?

PG1: porque não foi... foi um projecto feito em 2000 e... feito quer dizer, pensado, estudado, em 2010 se eu não estou em erro, ano em que por esta altura houve aqui um enorme incendio em que ardeu tudo. Quando foi feito o projecto os técnicos entenderam que, era um projecto de adensamento florestal, entenderam que pronto, porque havia bastante vegetação que agora [*? não se entende*], devido a esse grande incendio, e depois a chuva, pronto, a erosão levaram as terras, e então eles previram uma determinada área que era na altura 40... se eu não estou em erro, 47 hectares de adensamento, só que depois na prática e porque isso obedece a regras a meu ver exigentes ao ponto de inviabilizarem a execução, que foi o caso, percebeu-se que não conseguíamos executar o projecto de acordo como ele estava feito, devido aos terrenos não havia possibilidade de plantação em determinados locais que se vê por aí alguns, junto à estrada, aquilo ficou tudo a rocha, ficou a rocha praticamente toda à vista, mas como tínhamos que executar, ou executávamos a 100% ou parcialmente não podia ser, tivemos que abandonar o projecto

AL: parcialmente não podia ser?

PG1: não podia ser, infelizmente não

AL: bolas... e o dinheiro que vinha do projecto?

PG1: olhe, não há execução não há dinheiro

AL: nunca chegou a entrar nenhum?

PG1: não, não. Ele só entra apos a execução. Os trabalhos primeiro fazem-se, executam-se e depois, se estiver de acordo com aquilo que é o projecto, não é... o caderno de encargos, digamos a memória descritiva do projecto então justifica-se o que já se pagou e o Ministério da Agricultura vai ao campo, os técnicos, e se estiver tudo de acordo aí sim, depois de pago, depois sim, depois pagam

AL: ou seja vocês têm de ter uma data de dinheiro em bolso

PG1: sim, se não houver dinheiro para fazer a obra não podemos fazer a obra

AL: pois

PG1: porque os pagamentos arrastam-se, e sabemos como é o nosso Estado, faz-se a obra e se calhar daí a 8 meses ou 10 meses ainda não se tem recebido, claro que quem faz a obra não está à espera. Então o CD tem de ter dinheiro em caixa para fazer a obra e depois recebe

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: A vezeira também, embora hoje em dia a vezeira já adquira alguns detalhes modernos, se está o gado no monte, vão por exemplo dois pastores lá ver, mas já vão de carro, e se calhar não vão às 5h da manhã vão às 10h, mas portanto, continua a fazer-se em comum.

É água que eles apanham aqui na serra e que canalizaram, vai ter à casa das pessoas e tal, mas não é água da rede, não têm qualquer tipo de contrato com outra empresa. Esta água já é utilizada há para aí meio século, segundo ele, só que actualmente vai ter mesmo a casa das pessoas. A água é utilizada metade para o regadio, metade para as casas. É efectuada a desinfecção dos depósitos, o arranjo das condutas, actualmente é obrigatório juntar cloro e eles fazem-no, portanto cloro à água que é de consumo humano, os tais 50% dessa água que é utilizada. Ao restante não porque é para regadio. E portanto quando as pessoas estão cá só uma vez por ano eles fecham os olhos e não cobram às pessoas. Eu perguntei como é que eles conseguiam manter o sistema de água, ou seja, onde é que eles iam buscar o dinheiro que tinham de investir, ao que ele respondeu que sim, que tem de haver de facto um investimento de manutenção das condutas, de manutenção da sanidade da água, e que aí o dinheiro que eles recebem do aluguer de terrenos do baldio à PT, à Renascença, etc., que têm lá instaladas no baldio antenas desde o tempo da ditadura, que mantêm, e para usufruírem do local de trabalho e para chegarem a esses locais pagam, pagam para usar o espaço e pagam pelo uso das servidões. Como ele disse pagam uma portagem para passar o estradão do baldio e pagam um aluguer para usarem o território. E é com este dinheiro que eles conseguem gerir a água. Caso haja um ano em que este dinheiro não é suficiente para gerir a água eles recorrem aos bolsos de cada um, e aí por exemplo cada um dá 10 euros para manter a água. E é assim, esta questão da água tem trazido muitos conflitos, uma vez que por exemplo a Câmara tem vindo a pressionar no sentido de a freguesia de Lindoso entregar a água. Assim como tem havido pressão das Câmaras para virem gerir os baldios, e o que eles querem, segundo o Sr. Secundino é precisamente a gestão das águas. Porque nestes baldios do parque não se pode ter eólicas, não podem produzir celulose etc. Mas contudo têm boa água e água ainda por cima já gerida e então a Câmara tem vindo a pressionar nesse sentido e tem vindo a tentar também tomar controlo dos baldios. E também pelos fundos comunitários que se conseguem com estes baldios em áreas protegidas, que são ainda bastantes não é, pelo menos até agora têm sido. Portanto há um interesse da parte da Câmara para com os baldios e para com os recursos dos baldios. Como ele diz, as Câmaras estão falidas e portanto o baldio aparece-lhes como uma fonte de receitas bastante interessante. Portanto tem havido alguns conflitos com a Câmara nesta questão de eles gerirem a sua própria água, já vieram cá por em questão “mas porque é que não aceitam a água da nossa rede” e eles respondem “se provarem que a água da vossa rede é melhor do que a nossa... tudo bem, aí damos a mão à palmatória”, respondeu o Sr. Secundino, presidente da Junta.

Como rendimentos do baldio verifica-se que aqui no baldio da freguesia de Lindoso se faz o aluguer de partes do baldio às tais empresas, portanto à PT, à Renascença, à EDP, por aí, portanto entra dinheiro a partir daí. Por outro lado há os projectos comunitários, como as ITI e outros incentivos comunitários. A equipa de sapadores, que também têm uma equipa de sapadores que foi cedida então pelo parque que dá também uma parte do dinheiro.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: a associação de proprietários é recente?

TC1: não, tem 15 anos, creio. E provavelmente o caminho será criarmos uma fundação.... Vamos depois esperar pelos resultados do seu trabalho... (RISOS)... temos dúvidas, já estamos há uns tempos a pensar no assunto porque, queríamos criar algo mais formal, mas mais seguro, e que garanta a homogeneidade do terreno e da propriedade, e provavelmente será por via da criação de uma fundação, afectando este património à fundação, mas vamos ver...

AL: pois, eu não tenho ideia qual será a forma mais... que beneficie mais aqui a população, nem tenho ideia muito bem como é que funcionam as fundações não é...

TC1: a questão até é outra... as pessoas estão muito ligadas a... ao que generalizámos e chamámos de baldio não é, as pessoas são muito orgulhosas daquilo que têm... e nós vamos gerindo, não tem havido apropriação por particulares, isto costuma ser fonte de problemas em vários sítios, porque os particulares vão ocupando, temos inclusivamente um plano urbanístico em que está definido para onde é que a aldeia vai crescer, ou está a crescer, e com uma... um protótipo de implantação e até com um projecto com o apoio da Câmara conseguimos isso, e temos neste momento uma bolsa de terrenos, se algum vizinho, neste momento até tem acontecido com gente mais nova que precisa de espaço, de um terreno para construir, cedemos-lhe esse terreno que está previamente, não é um loteamento mas está minimamente ordenada esta parte e... é a única apropriação que vai acontecendo por parte aqui da comunidade

AL: sim, isso é quanta área mais ou menos, que está assim já prevista

TC1: uuuh, cada lote tem 750 m², que é a área que é exigida aqui pela Câmara para permitir a construção de uma casa uniformizada, e aquilo que nós temos são... neste momento... cerca de 3 lotes disponíveis que devem dar para mais 6 anos ou 7...

AL: [...] a floresta quando entrou aqui pela mão do Estado não é, aqui entrou em força?

TC1: antes disso, entrou antes disso

AL: sim, começou mais cedo na serra do Gerês mas... mas com força não é, assim de uma forma consistente, foi nos anos 40 do século passado, 1938, em que entrou o plano...

TC1: essa foi a segunda fase, aliás, aí já se circunscreveu mais ao perímetro, foi... coincidiu em 1880 e poucos, em que a coroa se apropriou daqui de um conjunto de... de uma parcela grande de terreno, que é hoje a mata nacional... pronto, e aí começou

a desenvolver uma política florestal no território. Mais tarde o Estado Novo, houve um grande incremento, eles fizeram muita actividade naquilo que já era terreno do Estado, mata nacional... e em relação aos particulares estimulavam, davam apoio para a sementeira do pinheiro-bravo, e houve aqui grandes campanhas de sementeira nos terrenos particulares das pessoas

AL: e nos baldios

TC1: e nos baldios também, nós fizemos... a minha avó contava essa história, que recebiam o pinhão e que depois iam semear o pinhão nos terrenos dos baldios, curiosamente esse pinhal está a ser mesmo convertido, ou reconvertido em floresta autóctone

AL: pelo Estado não é?

TC1: não...

AL: não é pelo mesmo Estado, mas é pelo Estado

TC1: acaba por haver aí agora algum apoio, mas é interessante que antes de haver... nós só começámos a aproveitar os apoios do Estado para esta conversão neste ultimo quadro, portanto 3 anos... 4 anos a esta parte, mais concretamente há 3 anos a esta parte é que tivemos apoio para fazer aí esta plantação, que temos... fizemos plantação de carvalhos, de vidoeiros e também uma experiencia de sobreiro. Portanto, sobreiro é mesmo uma experiencia resultado de um trabalho com a Quercus e com a Universidade de Trás-os-Montes... mas é interessante que... ainda aqui há tempos estávamos a fazer a plantação, há dois anos fazíamos a plantação... a primeira grande plantação com o apoio do Estado, porque antes desta fizemos uma outra com voluntariado, e temos tido uma dinâmica interessante... há hoje as escolas e grupos informais de pessoas que sentem a necessidade de contribuir para a natureza. E aqui como o Gerês é um sítio apetecível temos tido muitos convites ou pedidos destes grupos para fazerem acções de valorização ambiental ou de conservação, o que seja... e então temos canalizado para esse tipo de actividades, e a primeira fizemos uma grande plantação com o apoio da Universidade de Trás-os-Montes e com voluntariado, fizemos uma iniciativa castiça. Portanto, a partir daí é que começámos a fazer candidaturas e fizemos uma candidatura e tivemos apoio para fazer esta plantação há dois anos atrás

AL: isso são mais ou menos que áreas... por exemplo na primeira plantação

TC1: na primeira fizemos em 7 hectares

AL: ah...

TC1: mas foi adensamento... e é curioso que poderei voltar atrás e depois fazer-lhe aqui... vermos a evolução do baldio ou tentar perceber como é que os terrenos vão evoluindo. E entretanto andámos aqui a fazer esta plantação e contámos aí com o Rui Reininho dos GNR que veio dinamizar... (RISOS) e até aproveitei para mostrar às pessoas que há uma regeneração espontânea de espécies autóctones muito interessante... que já se verifica para aí há uma dúzia de anos, só mais recentemente é que eu tenho prestado atenção, eu e outras pessoas que tenho alertado para isso...

e então, estávamos ali e eu mostravas-lhe aqui este vale que há 20 anos atrás a mancha que se via, a cor que se via, o tom que se via, era do pinhal, do pinheiro... e hoje o que predomina já são as folhosas de cá, autóctones, é o videiro e o carvalho. E isto há uma conversão até pelos próprios proprietários, pelas pessoas de cá, naturais que começaram a... naturalmente a desfazerem-se do pinheiro e a deixarem as espécies autóctones... de tal maneira que também a nível da associação de compartes há uns tempos aqui não tinha pinheiros, aqui na influência do Parque. E... ah, e então, aqui há 15 anos começaram a nascer aqui pinheiros, e a ideia então era “epa, estão a nascer pinheiros ali, vai ser porreiro...” e tal... e agora é curioso que os pinheiros ali parecem mal (RISOS)

AL: (RISOS)

TC1: portanto, tem havido... houve de facto uma acção forte por parte do Estado que cortou espécies... dizimou floresta de carvalhos e plantou os camecípres, as sequoias, os abetos, e os pinheiros, o bravo e o silvestre... e essa dinâmica... e as mimosas também

AL: as quê?

TC1: as mimosas

AL: ah, sim

TC1: as acácias... foi também o Estado que... e que curiosamente pronto, hoje ao fim de... e é interessante que as populações opuseram-se nessa altura. Nós aqui opusemo-nos à ocupação, à expropriação que fizeram, porque houve uma primeira linha em que a comunidade aceitou ceder aquele espaço lá perto do monte... mas o Estado, depois... o Estado Novo tentou vir buscar mais uma parcela de terreno, que é o Mourinho, e a população meteu uma acção contra o Estado em 1920 e poucos, e ao fim de 6 anos ganhou... ganhou essa acção contra o Estado, e foi restituída a propriedade

AL: a sério? Está bem...

TC1: mas aconteceu em mais sítios, não foi só cá...

AL: eles aí entraram por aí afora não foi?

TC1: hmm, isso já foi...

AL: não foram pedidas permissões

TC1: sim, mas aqui foi antes, aqui está um pouco diluída, aliás aqui a oposição forte foi 1890, por aí... inclusive tiveram de mobilizar tropa para cá e, o grande embate ocorreu aí. Depois o que veio a seguir já ficou mais diluído porque para nós não é marcante, portanto o que se passa a seguir não é muito marcante... enquanto que noutros sítios sim, em que os pastores eram classificados como preguiçosos e por aí afora (RISOS). Mas esse impulso que aqui ocorreu, essa nova dinâmica ou investida,

já se circunscreveu mais... ou melhor já aconteceu mais em colaboração com a actividade local. Já tinha havido o grande embate e depois aqui houve... digamos o envolvimento da comunidade local, até que eram recrutadas pessoas e aqui é recordado, pronto, face a uma primeira fase negativa de luta contra a oposição, depois essa segunda investida já acabou por ser interessante até para a comunidade local, porque criavam postos de trabalho ou pelo menos pagavam... mas as pessoas cá recordam, o meu pai recorda que as pessoas iam ganhar não sei quantos escudos por dia

AL: a trabalhar para a floresta?

TC1: a trabalhar para a floresta. Portanto aí já foi feito... já era numa outra perspectiva, enquanto que noutros sítios a invasão do Estado que ocorreu nessa altura e as marcas e aquilo que marcou é diferente.

AL: então mas depois, já no pos-25 de Abril, aqui a comunidade de Campo do Gerês nunca teve aquela vontade de investir nessa floresta que o Estado deixou ou de a manter...

TC1: Porque nós aqui sempre mantivemos, pois, outro detalhe... porque nós aqui nunca estivemos em cogestão... só dentro do Plano de Ordenamento do Parque Nacional, naquilo que o Estado exige que se dê conhecimento e condicione algumas práticas, é só nessa medida que consideramos que há cogestão, porque aqui nunca aceitámos a cogestão, a Lei dos Baldios permitia, tinha essa possibilidade, de os baldios serem cogeridos entre o Estado e as comunidades. Portanto aqui nunca aconteceu isso, até porque se afastou as actividades... o que é no nosso monte é nosso, o que é mata nacional é vosso, tendes o vosso terreno, entretenham-se por lá. Portanto a partir do... nunca houve aqui... até porque considerando as características, ou esta característica de que é um terreno aforado, foi tratado de forma autónoma sempre, portanto...

AL: ok, nunca chegaram a formar um CD naquela altura do pos-25 de abril ou...

TC1: não porque havia uma outra organização aqui comunitária que era a Junta, mas a Junta

AL: não era a Junta?

TC1: não era a Junta, é o conselho da aldeia, em que havia um zelador que era designado todos os anos e havia mais 6 pessoas que colaboravam com ele, e eles planeavam o trabalho. Portanto, e era este conselho da aldeia que fazia a gestão e definia as actividades a realizar e pronto, e decidia se era preciso cortar ou plantar ou... normalmente a floresta nunca foi vista... nunca houve... só agora recentemente, até por causa de... pronto, e era isso que há pouco lhe dizia... vai havendo uma adaptação, uma reconversão porque há 100 anos atrás isto era tudo despedido, havia núcleos, bosques, bem definidos, mas o resto da montanha... não havia pinheiros, aliás não existiam pinheiros aqui não é... e havia uma actividade pastoril muito intensa em que o monte, aquilo que era comum na prática, era usado para o pastoreio ou para roça de matos para fertilizar as terras e... o que nós... o que tem entretanto vindo a ocorrer é que como a actividade pastoril é muito reduzida e

inclusive hoje há uma outra forma de exploração através das explorações pecuárias, com as vacarias, fruto dos apoios comunitários. Porque aquele conjunto... a vezeira não é, aquele conjunto de animais pertencendo dois, três, quatro a cada família acabou, portanto não há..."

AL: já não se fazem vezeiras aqui?

TC1: sim, mas de uma outra forma... nós tínhamos por exemplo ali por cima da aldeia, ali era o celeiro de inverno, ou seja, havia ali uma parcela que... em que era proibido realizar-se o pastoreio e apenas era usado, era permitido fazer-se a... na altura da neve no inverno quando os animais não podiam sair... aquilo era uma reserva de urze que eram cortadas para alimentar... os animais que não podiam sair na altura da neve. Por exemplo esta actividade de definir que... em que dia, quem podia e o que podia cortar para alimentar os seus animais era feito pelo tal juiz, pelo tal conselho da aldeia. Portanto, esta gestão manteve-se enquanto foi necessária à comunidade. Enquanto em Vilarinho se manteve ainda mais algum tempo, aqui foi-se diluindo. Mesmo depois do 25 de Abril continua a haver a realização da Junta, mas apenas para tarefas essenciais à vida comunitária.

AL: então lá está, quando houve o 25 de abril e deu-se o retorno dos baldios às populações e em que se apelava vá, às populações para se organizarem nos CD e assembleias de compartes...

TC1: aqui já estavam organizados

AL: já havia o conselho da aldeia portanto nunca formalizaram essa instituição

TC1: não, não. Aqui nunca tivemos CD, era o conselho da aldeia, e depois houve uma altura que se criou alguma confusão, logo a seguir ao 25 de Abril, e as Juntas de Freguesia... o poder estava no povo... e as Juntas... pronto, por uma questão de novidade e de revolução e tal a Junta passou a gerir durante ali algum tempo transitoriamente em que fazia... mas, digamos, a assembleia continuava a ser os compartes, enquanto que a assembleia de freguesia, tal como é hoje, a assembleia de freguesia trata dos assuntos que têm a ver com as atribuições da Junta, no caso naquilo que era terreno do baldio, era feita a Junta, o tal ajuntamento e participavam... participava toda a gente, participavam os compartes nessa Junta que não era a assembleia de freguesia.

AL: sim, sim, sim. Então e isso aconteceu assim até vocês terem criado a associação? Basicamente foi isso...

TC1: não, depois passou a haver outra vez o conselho da aldeia, voltou a instituir-se o conselho da aldeia, informal, ou melhor sem...

AL: papel

TC1: exacto, e há cerca de 15 anos criou-se a associação de compartes para... por causa de imposições do relacionamento com entidades externas.

AL: e chegaram a... desde há 15 anos que começaram a candidatar-se a subsídios?

TC1: não, só nos dois últimos quadros comunitários

Covide: TCo1

AL: ok, e a questão do tribunal que agora está, ou a questão do conflito actual é o quê?

TCo1: o conflito actual é porque há aqui meia dúzia de moradores de Covide que se automearam uma comissão de consortes e pediram... e a Junta não reconheceu. Pronto, porque era a Junta que tratava desse assunto, não é... a Junta sempre com o povo não é, quando era para fazer alguma coisa fazia um anúncio público

AL: mas mesmo... só para eu perceber, mesmo depois de serem aforados a Junta continuou a gerir aquilo?

TCo1: continuou

AL: isso é que eu não percebo, mas aquilo não passou a ser particular, quase?

TCo1: e é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir, porque para gerir isto tem que haver uma comissão qualquer, porque senão quem é que o ia gerir, porque isto está tudo em comum

AL: hmm, ok. Então não percebo é para que é que serve o aforamento, se continua a ser feita em comum a gestão, para que é que serve a divisão da propriedade, ou a divisão do baldio em partes? Só para eu perceber melhor...

TCo1: mas nós não temos baldio

AL: ou a divisão do monte, nesse caso

TCo1: mas a divisão do monte não... aqui neste momento não está feita divisão nenhuma

AL: então o que é que são estas pessoas...

TCo1: estas pessoas são os proprietários daquela altura, portanto, são os proprietários do monte. Embora sejam proprietários, mas está tudo em comum

AL: ok (RISOS)

TCo1: porque por exemplo, isto é fácil de compreender, por exemplo estas pessoas eram os proprietários que estavam cá, digamos eram os residentes de cá... porque se agora... ao contrário do baldio, se vier uma pessoa que chegue aqui ao fim de 6 meses ou não sei quê, têm direito, o baldio é global, é para todos não é. Mas se chegar aqui uma pessoa que não seja, ou que não tivesse aqui um familiar qualquer que fizesse parte destas pessoas, não tem monte, não é proprietário.

AL: ok, então vamos dizer, o monte foi entregue a x famílias e essas famílias gerem o monte em comum, entre elas...

TCo1: entre elas

AL: ok

TCo1: e normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público

AL: e as receitas vão para onde? Neste caso...

TCo1: as receitas antigamente iam... há uma parte, do que me lembro, por exemplo... há uma parte... por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre. Outra parte que deram... que se vendeu, deu-se a essa dita comissão, porque há uma comissão que quando se formou... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque... Se o serviço é tratado pela Junta, a Junta tem direito, por exemplo se entrou um cheque, uma vez um de 2400 euros aqui, em 2005 ou qualquer coisa, de dinheiros que foi feita em público... mas a Junta da altura entregou a essa comissão porque eles dizem que a comissão tinha feito aqui há uns anos, que era para vender um saibro, tentou-se aí vender um saibro e depois não se conseguiu, e essa comissão pronto, dizem que tem esse direito. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro, porque a Junta não pode. Porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro, que era sete mil e qualquer coisa euros. E a Junta disse que não dava dinheiro a particulares porque não podia, e portanto logo que eles se legalisassem entregavam o dinheiro à comissão. Eles... a questão está em tribunal e ainda está, eles dizem que estão legalizados, mas o tribunal diz que não. O tribunal só lhe dá razão em que eles podem pedir as contas, porque as contas qualquer pessoa pode pedir não é. Portanto a Junta neste momento foi condenada a apresentar-lhes as contas

AL: da venda?

TCo1: da venda e de tudo, porque a Junta não pode ter duas contas. Uma representação do Estado não pode ter duas contas. Uma Junta ou uma Câmara não pode ter sacos azuis etc., isso ia dar muita chatice. Apresentaram as contas da Junta todas onde está incluída essa receita e essas despesas. Só que eles dizem que querem aquilo mais explicado, só querem saber... o tribunal diz que só quer saber daquilo que diz respeito ao monte. Mas pronto... todas as contas da Junta estão neste processo, nós não podemos... agora podemos é ir lá explicar onde é que elas estão, agora não podemos fazer contas à parte, porque isso a Junta não pode ter sacos azuis, não pode, nem nenhuma Junta não é

AL: então o processo está agora que a tal comissão de compartes, ou comissão de consortes

TCo1: sim, mas ela foi eleita mas ela nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita

AL: mas vai ser, é isso? Eles estão a tratar disso?

TCo1: eles já trataram e agora eles dizem que estão, mas a questão foi que o tribunal, mas não chegou sequer a

AL: ainda não saiu o veredicto

TCo1: não, a questão em tribunal já saiu, houve um processo em tribunal em que eles

AL: perderam?

TCo1: não, o tribunal condenou-os a dar-lhes as contas

AL: ah

TCo1: mas o tribunal [levanta-se e vai buscar qualquer documento de que se lembrou]

AL: e essa comissão é formada pelas famílias que receberam os aforamentos, é isso?

TCo1: é, era, algumas, é meia dúzia, mas ali são centenas delas, e aí eram centenas delas, hoje são... se ali eram 30 e tal hoje são 50 e tal ou cento e tal, porque cada familiar depois... porque se os meus pais têm um terreno depois é dividido pelos irmãos

AL: claro, claro, claro, e pelas famílias deles que entretanto se formam

TCo1: e pelas famílias deles, portanto hoje em Covide há muita gente que tem, todas aquelas famílias [está a ver a coisa que eles fizeram... que era a comissão era isto, eles fizeram essa comissão em 2000 e tal, olhe isto não está legal por várias razões não é, porquê... por várias razões que eles não podiam

AL: ah, aquela questão da saibreira

TCo1: pois, essa questão... foi quando eles dizem que a comissão estava eleita nessa altura, mas mesmo nessa altura ela não foi eleita, foi meia dúzia que se juntaram e pronto, passou

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [referindo-me a um papel que estou a ler]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: e os montes actualmente são usados para quê?

TCo1: é para pastagem

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Covide?

TCo1: há

AL: tipo o quê? Centenas, milhares?

TCo1: milhares não

AL: não falo só de bovinos

TCo1: cabras temos aqui dois que têm à volta de 300, temos dali em Freitas outros dois que também têm à volta de 300, ou três...

AL: cabras

TCo1: cabras. Vacas há menos, mas agora há para aí projectos de caxenas que eu ate nem sei quantos tem, mas vai algumas... se calhar 50, 100

AL: e há aí projectos de jovens agricultores, de pessoal que está a voltar para a terra ou que quer fixar-se aqui

TCo1: há, e estes projectos das caxenas das cabras é tudo projectos aqui de

AL: de jovens agricultores?

TCo1: é, de jovens agricultores

AL: há muitos jovens aqui?

TCo1: ora bem, não há muitos, há poucos, e muitos até nem fazem um projecto quer dizer, fazem um projecto jovem mas quem trata do assunto é o pai que...

AL: é só uma forma de o jovem ter um rendimento

TCo1: o subsídio

AL: exacto, exacto

TCo1: só para ter direito aos subsídios

AL: pois... mas acha que as pessoas aqui, não sei como é que é em Covide especialmente, mas assim em geral, andam a ir aos subsídios mas não estão muito interessados na produção em si?

TCo1: eu acho que não, eu acho que... e deve ser como em todos os lados, pelo menos aqui por cima

AL: pois... é mais pelo subsídio?

TCo1: é, acho que sim

AL: hmmm. O senhor tem animais?

TCo1: não

AL: Está bem, então o ICNF teve um papel no corte dessa mata que foi cortada por eles?

TCo1: teve, porque aquilo é de 60-40, penso que foi 60 para a freguesia e 40 para eles

AL: foram eles que efectuaram o corte e venderam e tal?

TCo1: não, não, eles não fizeram nada, eles só ajudaram na medição, mas ajudaram simplesmente, quem fez a venda foram os proprietários de Covide

AL: ai foi? Então eles só ajudaram a escolher as árvores, foi isso?

TCo1: sim, a marcá-las e a ver quanto daria

AL: então ainda houve uma parte da floresta que ficou, daquele tempo, antes de vocês contestarem a presença do Estado

TCo1: isso foi na outra ponta, isto foi aqui no monte de lamas e a outra parte que se contestou foi aqui no monte contrario, que já não é deles do parque. A parte que se contestou foi dali digamos, do lado direito de quem vem para cima, que é dentro do parque, e este é dentro do parque. Este outro é fora do parque, é do lado

AL: é fora do parque mas ainda é vosso, é do vosso monte

TCo1: é nosso. Porque o nosso monte, essa estrada que vem por aí acima, corta-o ao meio, um lado é para lá e do lado para cá também é nosso, portanto, desde lá debaixo de Rio Caldo, calhando vê lá logo uma placa que diz Covide, a partir dali para cima é nosso. Quem sobe do lado direito é parque, do lado esquerdo não há parque

AL: exacto, exacto. Sim, eu subi esse perímetro florestal com um sapador, o perímetro florestal da Abadia

TCo1: sim

AL: vocês também têm uma área aí?

TCo1: temos... já não temos, essa aí já a conseguimos tirar também, precisamente por essa questão

AL: aaaah, ok. Porque Rio Caldo tem lá uma parte ainda, não é?

TCo1: tem. Mas nos conseguimos tira-la agora, no PDM, foi agora, foi há pouco tempo. Precisamente por aquela questão, porque eles ainda consideram aquilo como... olhe, eu até fazia-lhe uma coisa mas você vai ter de depois me entregar, porque aqui temos vários documentos que a podem ajudar ainda mais, por exemplo, temos aqui um esclarecimento da freguesia por causa da venda dos pinheiros

AL: eu por mim tudo o que eu levar hoje trago-lhe hoje

TCo1: é porque este documento é um documento da Junta, e isto é um documento de uma reunião que fizemos cá, está a ver? Reunião dos moradores da freguesia, ficou aprovado por.... Mas isto são documentos originais, gostava que não os perdesse não é... eu nem sei, eu acho que sim, isto foi uma reunião pública. Este foi o documento quando foi a Lamas, portanto no monte de Lamas

AL: e ainda usam os currais?

TCo1: sim

AL: mas há vezeira ainda?

TCo1: vezeira não há. Quer dizer, vezeira há, porque eles andam lá todo o ano, só que não é guardada, a vezeira... mas a vezeira há

AL: eles ficam lá... não há qualquer tipo de

TCo1: não, ficam lá

AL: e não vão lá os pastores de vez em quando ver?

TCo1: há uns que vão lá todos os dias, mas outros que vão lá quando apetece, mas... por exemplo, nesta altura a maior parte do gado já desceu. Mas acho que ainda há bastante...

AL: e o lobo anda aí, ou não?

TCo1: (RISO) ainda há um bocado estivemos ali a falar, ainda apanhou lá umas cabras lá em cima, e acho que o viram até aqui no lugar

AL: e coitado, deve andar cheio de fome

TCo1: eu não sei aquilo é lobo se é, não faço ideia porque... os lobos nunca desceram cá abaixo não é, e ele nem precisa de descer porque há muita fazenda lá em cima

[fala-se sobre a palavra fazenda...]

TCo1: fazenda é os animais, que é as cabras, e se for lá ver é capaz de ver, não sei, elas não andam no meio da estrada não é, mas... às vezes vê-se

AL: então mas... as pessoas sabendo que há o lobo mesmo assim deixam o gado sozinho no monte

TCo1: porque o lobo às vacas e isso não ataca muito, nunca atacou, é mais às cabras

AL: mas aqui há muitas cabras

TCo1: pois há... mas as pessoas olhe, eu venho dali de um sítio onde estavam ali a fazer ali uma obrázita lá e ia o pastor a levar as cabras

AL: pois, ele vai lá?

TCo1: ele vai lá para cima, tem que [? *não se entende*] nelas, só que o lobo é esperto, apanha-o distraído, ou vai beber o café ou qualquer coisa, ou vai comer e pumba

AL: e eles não têm aqueles cães que o ICNF andou a dar subsídios para o pessoal ter cães

TCo1: não, mas isso também não da nada

AL: não é suficiente para

TCo1: não! Pois... enfim, é um conflito eterno, não é?

TCo1: é

AL: pastores e lobos

TCo1: ai isso é, aqui nem vale a pena falar nos lobos porque as pessoas...

AL: quantas pessoas é que são... bom, se calhar não tem ideia, que estão a gerir actualmente o monte

TCo1: quantas pessoas estão a gerir actualmente o monte... como?

AL: é a Junta de Freguesia que está a gerir não é? Mas é com o conhecimento das pessoas... como é que é? Com o conhecimento de todas as pessoas das aldeias

TCo1: não, não é com o conhecimento nenhum, a Junta quando aparece um problema é que... como por exemplo agora, quando aconteceu a distribuição dos hectares de terreno para os agricultores. Portanto, a Junta fez uma reunião com a freguesia e perguntou-lhes se quer que seja a Junta a tratar do assunto

AL: fez uma reunião com a freguesia... ah, com a freguesia mesmo, fez uma reunião com a assembleia?

TCo1: com a freguesia toda, fez-se um edital e quem quiser aparece, quando há uma reunião na freguesia faz-se um edital e avisa-se os compartes, quem quiser aparece, quem não quiser não aparece

AL: claro

TCo1: fez-se uma reunião com a freguesia

AL: e eles quiseram que fosse a Junta?

TCo1: e eles claro, portanto a Junta tomou a iniciativa e fez a partilha [lê o documento, creio que o edital dessa reunião] “ordem de trabalhos, análises relacionadas com os montes; analisar a decisão do tribunal da [*? não se entende*] que dá o monte do Castelo como baldio

Porque houve aqui uma questão aqui entre um particular, houve uma questão de um particular... por exemplo, aqui a construção faz-se no monte, os moradores chegam aí, pedem à freguesia e fazem uma construção no monte, esta casa não é, mas se vir aí essas casas é tudo feito no monte. E houve uma questão de dois particulares que por causa de um terreno do monte. E depois um advogado que foi mais esperto que o outro, porque meteu aquele bocadinho de terreno como baldio, e ganhou a questão porque no terreno baldio não pode ser cedido a ninguém não é

AL: mas eles os dois queriam o mesmo espaço é isso?

TCo1: sim

AL: os dois particulares queriam o mesmo espaço para construir

TCo1: para construir. E depois houve ali uma questão que, quer dizer, um perdeu porque o outro, o tribunal decidiu que de acordo com a lei dos baldios não sei quê, não sei quê, não pode ser cedido o terreno

AL: então mas assim o cliente dele também não ficou com esse terreno... no sentido em que se esse não pode construir, nem um nem o outro

TCo1: não. Nem um nem outro, pois não ficava nenhum

AL: então ninguém ganhou...

TCo1: ninguém... não, ganhou o outro porque já lá tinha feito despesas e isso e fazia lá construção e já tinha o princípio da construção e tudo, portanto perdeu, e perdeu as custas do tribunal não é. Só que ganhar ninguém ganhou porque...

Ermida: TE1

AL: e aqui na Ermida há muitos pastores?

TE1: temos, cerca de 400 cabeças de gado caprino, e algumas 80 de gado bovino, mais ou menos

AL: pois... e o numero de pastores mais ou menos?

TE1: uuuh, isto é assim, os pastores... aquilo é uma vezeira

AL: ah, ainda há

TE1: o gado anda, o das cabras, anda tudo em conjunto. Não sei se já passaste por algum, se já te falaram de como era

AL: sim, falaram-me das vezadeiras agora não...

TE1: a vezadeira funciona assim, um pastor tem 40 cabras, por cada 20 cabras tem de guardar um dia, tem de vir um dia para a serra, se tem 40 cabras tem de guardar dois dias, outro só tem 20 tem de guardar um dia, outro tem 30...

AL: um dia e meio...

TE1: numa das rodas guarda um dia, depois passado duas rodas guarda dois

AL: ok, ok

TE1: portanto, isso sendo 20 pastores com 20 cabras cada um isso dá para aí 20 e tal dias, é como um relógio a contar, passado 20 dias torna o mesmo pastor a guardar as cabras aqueles dois dias

AL: ok... está bem, curioso

TE1: e o gado é a mesma coisa, cada duas cabeças é um dia não é, a pessoa tem duas vacas vem guardar um dia para a serra, a partir do mês de Maio, porque no inverno o gado está mais ou menos na zona baixa, na zona dos terrenos agrícolas. Mas chegando ao verão os terrenos são lavrados e o gado sobre para a serra alta e aí então é como funcionam os relógios, duas cabeças um dia, se tem 4 cabeças tem que guardar dois dias mas é lá em cima, tem que ir a pé duas, três ou quatro horas. Por exemplo, a vezadeira da Ermida anda mais aqui nesta zona, mais baixa, mas a outra, que até alguns moradores pertencem, de Vilar da Veiga, anda na serra alta, na serra mais alta, e então demora 3 ou 4 horas a chegar lá

AL: anda na serra mais alta no... há um baldio lá que é de Vilar da Veiga não é

TE1: exactamente... portanto é mais na zona de Vilar da Veiga

AL: ok... mas não vêm para aqui para o de Ermida?

TE1: não

AL: pois, está bem. E pelo que eu percebi há pessoas daqui da Ermida que fazem parte da vezeira de Vilar da Veiga

TE1: fazem parte voluntariamente da vezeira de Vilar da Veiga

AL: pois. Este sítio é muito bonito

TE1: aqui há 25 anos foi feito aqui um filme

AL: ai sim?

TE1: sim... como é que se chama... argentina... acho que era espanhol ou argentino. Eu sei que o título do filme é “o argentino”, agora...

AL: ai é? O argentino

TE1: sim... agora não sei... não, o título do filme era “ley de lá frontera”, e se for buscar na internet vê-se lá as imagens do filme. É tipo um filme, como faziam os americanos muito antigamente, tipo pistoleiros, andar a cavalo, ...

AL: ai é? É desses? Está bem

TE1: o argentino era chefe de um bando que assaltava os fulanos da ETA e não sei quê

AL: (RISOS) e vieram para o Gerês

TE1: é assim, ele foi todo rodado aqui, mas algumas partes daquilo foram rodadas aqui, outras na zona da Galiza e... pronto

AL: e antes de ti quem é que estava no CD, era assim uma pessoa mais velha?

TE1: antes de mim foi muito complicado, antes de mim estiveram 30 anos as mesmas famílias... e falando assim um português um bocado mau, não faziam ponta de um corno, estás a perceber? Nem faziam nem tinham queda para fazer, tinham o dinheiro mas não tinham queda para fazer as coisas. Andavam sempre com o dinheiro de volta das obras da igreja e das festas e do caneco e portanto... ardeu muita floresta e eles podiam ter comprado o carro já há muitos anos, nunca compraram. E depois era constituído por pastores, estás a ver a diferença, havia um incêndio qualquer “ah, está a arder em tal lado... ah...”

AL: melhor (RISOS)

TE1: agora mudou um pouco isso. Agora... portanto, desde que eu entrei só houve um incêndio que já vamos ver ali em baixo, arderam 3 hectares

AL: epa.... Pois. Foi em que ano?

TE1: 2013... e... vê bem, nós fizemos uma roça de mato a 20 metros, na lateral do caminho, o caminho todo, todo, todo, e eles foram meter lume na zona em que quase sabiam que a gente não chegava lá com o carro

AL: pois

TE1: andámos lá 48 horas seguidas, eu e mais um morador ou dois do lugar, mais, depois andou a equipa do GIPS, a dar-nos apoio durante o dia a fazer o rescaldo

AL: ah, andaram a ajudar

TE1: e pronto, também andaram lá os bombeiros, mas depois os bombeiros foram embora e nós durante o dia ficámos a tratar da área do rescaldo todo, na linha toda

AL: e vocês sabem manejar isto, portanto... também não deve ter muito que saber, mas meterem-se lá para o meio do fogo

TE1: sim... a gente não é lá para o meio não é, mas pronto...

TE1: toda esta área que estás a ver, que parece que tem mato, ardeu em 2007, e ardeu porque lhes apeteceu, eles, os que estavam a à frente disto nem para aí vieram, estavam para aí os bombeiros à sorte, e pronto... podíamos ter aqui uma floresta

AL: era muito florestada antes?

TE1: era, portanto o que estás a ver era como estava para baixo, tudo cheio de pinheiros e cedros

TE1: mas pronto, é para tu veres, parece que não tem nada mas já tem pinhal outra vez. Estás a ver? Tudo isto já tem pinhal

AL: pois, vocês não chegam a fazer replantação de pinhal pois não?

TE1: é assim, neste caso como é regeneração natural nós não precisamos, estás a ver? Quando é pinho bravo é regeneração natural não é preciso, só é preciso é que não deixe arder outra vez

AL: pois, portanto pinheiro nunca é preciso porque a regeneração natural funciona bastante bem é isso?

TE1: exacto, funciona quando o incêndio matou as árvores adultas, que tinham sementes, estás a perceber?

AL: sim, e fazem alguma gestão da regeneração natural, tipo...

TE1: fazemos uma roça de mato quando ele chega a uma certa altura, já vamos ver um pedaço ali em baixo, e também nas zonas mais problemáticas não é

AL: pois, exacto, tipo onde há giestas de 3 metros e coisas do género

TE1: pois. Tudo isto que vês sem nada para cima era igual a para baixo

AL: pois, como está lá para baixo... quantos hectares é que disseste que ardeu?

TE1: aqui não sei, já não foi da minha época, mas aqui para aí 20 ou 30 hectares

AL: fogo!

TE1: ou mais...

AL: isto depois recolheram a madeira queimada e venderam-na não é?

TE1: exacto, exacto

AL: que pena... que pena... pois, e vocês agora com o novo CD têm dado mais atenção à floresta é?

TE1: temos, mas nós agora é assim, não podemos fazer tudo também, tudo de uma vez, não temos também poder monetário para isso, não podemos fazer caminhos, ter os acessos feitos e... vamos fazendo aquilo que podemos conforme o dinheiro que vamos tendo

AL: claro, claro

TE1: em vez de roçar sei lá, no mesmo sítio dois hectares a gente faz uma lateral de um caminho aí de 50 metros, entretanto já fica mais difícil chegar com um isqueiro, sair do carro e chegar não é... neste caso já tem que andar 50 metros no monte

AL: exacto, já dificulta um pouco

TE1: é essa técnica é que nós usamos, em vez de fazer numa área nós fazemos numa lateral de um caminho por exemplo, para que as pessoas não estejam perto do mato, vamos passar em várias áreas que já fizemos isso

AL: e depois fazem a plantação de autóctones não é? De Quercus... ai, de carvalhos...

TE1: sim, quando é preciso fazer

AL: pois... há uns incentivos não há? Para plantação de carvalhos...

TE1: é assim, havia, agora com o ultimo quadro de apoio que entrou ainda não está definido, eu sei lá o que é que eles... o que é que eles vão dar, se vão dar 70%, se 80 se 70%... eu sei lá

AL: pois, então vocês ainda não têm a mínima noção de como vai ser os apoios este ano

TE1: não... a engenheira Sandra disse-me, disse-me e eu já estive a ver com a o engenheiro do ICNF com quem a gente trabalha, lá da direcção do parque, já ele disse também, que nós fazemos as candidaturas em colaboração com ele, e ele já sabia o que nós íamos receber, e já me disse... é claro que nós reclamámos e toda a gente reclamou que não estava correcto com isso, que a área que nos tiraram porque a pastagem... por exemplo, o que eles consideram pastagem estava errado, porque não é só pedra como eles dizem, imagina, medindo este terreno eles basearam-se no computador, no computador tu vês a imagem de cima para baixo, via satélite, o que é que o satélite mede? Mede uma superfície plana, é ou não é? Mas isto àquela gente de Lisboa faz uma confusão dos diabos, mas se tu olhares para aqui nós temos mais área no terreno do que o satélite mede, porquê? Porque temos a montanha desta maneira. Se for medido em plano, não... porque a medida correcta no caso de tu comprares 100 m² é claro que tem que ser medido numa base de uma superfície plana, que é assim que é feita uma conta de matemática... mas neste caso da pastagem não, porque sendo um cume já tens mais área do que aquela base plana não é, porque está assim, tens pastagem de uma lado e do outro. Mesmo que retires a pedra não é, o resto da área ainda compõe o que falta. Tu se olhares lá para cima não vês vegetação por aquelas pedras fora?

AL: claro, sim, sim, sim

TE1: e é isso, foi esse ponto que lhes fizemos ver em conjunto com o engenheiro do parque e a engenheira Sandra e as outras associações que se envolveram, que mesmo retirando as rochas, como isto são cumes, ainda se mantém a área necessária para a candidatura

AL: E qual é que é aqui a freguesia?

TE1: à qual pertencemos?

AL: sim

TE1: Vilar da Veiga

AL: e quantas aldeias são? É Vilar da Veiga...

TE1: somos três... Vilar da Veiga, Ermida e Gerês

TE1: esta zona ardeu nem eu me lembra... esta aqui da frente

AL: sim, já tem

TE1: mas isto tem mais de... possivelmente 40 anos e não parece

AL: pois não...

TE1: só que o terreno é fraco de si ou não sei

AL: pois, porque eles até têm água pelos vistos aqui há aguinha no solo, fogo quase 40 anos... mas também é uma densidade incrível, isto é tudo regeneração natural?

TE1: foi, foi

AL: fogo! Realmente... o pinheiro dá-se bem estou a ver

TE1: agora nós, se correr bem, dependentemente do apoio que tivermos das ITI vamos encaminhar algum dinheiro para roçar este mato todo, esta zona deste pinhal pequeno. Porque depois de cortar o mato a densidade é muito grande, depois já não vai crescer tanto mato, quase nenhum, porque as próprias fagulhas do pinheiro já não deixam crescer o mato, já fica tudo morto

TE1: foi onde nós passámos agora foi ali, só vim aqui para te mostrar este pinhal, estás a ver isto, está tudo feito

AL: sim... foi antes das chuvas?

TE1: foi... quem está na frente disto, tem de saber que quando chegar o mês de setembro, tem de pagar a alguém para fazer este trabalho, não vai estar à espera que venha a chuva para estragar tudo, ao início de setembro já isto tem de estar organizado, já tem de ter as pessoas para fazer este trabalho, como uma protecção

AL: vocês contrataram pessoas também ou?

TE1: sim, sim, pagámos ao dia

AL: e é malta local que trabalha para vocês?

TE1: sim, sim

AL: da Ermida mesmo?

TE1: sim

AL: e também na...

TE1: passam recibos verdes

AL: e na questão das limpezas também é malta aqui da zona?

TE1: convidamos pessoas de fora e é a que fizer mais barato

AL: pois

TE1: é baseado em hectare, se temos aqui seis hectares para roçar, fazemos o documento, chamamo-los a todos, o que fizer mais barato... por vezes é os daqui, por vezes são os de fora... existe amizades nestes casos

AL: pois, exacto

TE1: para nós é bom, quanto mais barato melhor

TE1: portanto, num baldio há uma série de usos e costumes que se vão mantendo, que não têm outra maneira de ser. A questão dos incêndios esse é um uso e costume que vai ter que acabar

AL: (RISOS) exacto

TE1: isso aí é um à parte

AL: mas antes os incêndios eram assim tao... isto é, fogo sempre houve não é, com o pastoreio, o fogo sempre foi usado...

TE1: não, não...

AL: não havia...

TE1: na época do outro governo não havia o primeiro [*? não se entende*] que andasse aí de isqueiro na mão. Ia havendo de vez em quando, mas não tem nada a ver com o que acontece hoje

AL: mas porque é que mudou assim?

TE1: porque mudou porque sabem que as autoridades não lhes fazem nada

AL: pois

TE1: estás a perceber... é o que mudou

TE1: se algum dia te falarem do sobreiral da ermida é aqui, às vezes os do ICN, toda a gente diz... portanto o trilho PR14 chama-se o trilho do sobreiral da Ermida... mas depois ainda vamos passar mais aí para dentro... e aqui começava aquela parcela da ITI... havia uma parcela, depois ainda tínhamos esta opção, havia uma parcela perto daquele fraguado em que o mato era pequenino e então eu trouxe aqui o engenheiro, porque a gente através do engenheiro do parque lá do ICN, e eu disse-lhe “opa, aquele mato agora é pequenino e nós podíamos fazer aqui...” olha, estás a ver ali?

AL: sim, já é grande

TE1: e então trocámos, e ele disse que sim, desde que seja na zona baixa, porque as parcelas da zona alta só podem ser trocadas na zona alta, as parcelas da roça de mato na zona baixa só podem ser trocadas na zona baixa, e então nos fizemos esta limpeza aqui [*? não se entende*]

AL: pois, está bem, está bem... esse engenheiro é o Carlos

TE1: é o Carlos Pinto

AL: ah, está bem. Já falei por *mail* com ele para ver se vou lá falar com ele, tenho ouvido falar bastante dele

TE1: tinha mato daquele tamanho, olha para isto

AL: está espectacular

TE1: agora já vai... já vai... já vai demorar muito mais tempo a crescer

AL: isto foi quando esta limpeza?

TE1: foi janeiro, fevereiro deste ano

TE1: e é isto, fizemos esta zona de mato diria denso, está aqui um pinhal espectacular, está aqui também a ficar um sobreiral de regeneração natural espectacular... e a coisa mais útil que algum dia chegou foi as ITI, para nós aqui que aproveitamos o dinheiro na floresta, para os outros todos posso te dizer que não, mas cada um é que sabe, cada um é que depois... como tu ouves falar que os baldios já não fazem sentido, alguém em lisboa diz que os baldios já não fazem sentido

AL: a gestão comunitária e assim, sim

TE1: o que interessa é a gestão de cada um

AL: claro... cada baldio é um baldio não é...

TE1: agora não pagamos todos pelo mesmo, se há gente que não é competente para estar na frente daquilo, que não sabe o que está a fazer é uma coisa, agora nós fizemos a nossa parte

TE1: são, são, mas temos muitos, vamos passar ali numa zona muito... olha a tal árvore grande que nós estávamos lá a ver é esta mesmo

AL: o tal... como é que lhe chamaste?

TE1: escalheiro, nós chamamos-lhe escalheiro localmente, isto é a árvore que da para fazer enxertos

AL: ela cresce selvagem...?

TE1: sim, olha ali outra grande

[discutimos se uma árvore é sobreiro ou carvalho... é sobreiro, como dizia o Jorge]

TE1: isto aqui também é de regeneração natural, nunca ninguém aqui plantou isto, isto aqui... é assim, eu não sei muito, mas isto é uma árvore com uns 150 ou 200 anos, porque isto também são solos pobres aqui

AL: eles pelos vistos gostam... deste solo

[fala-se de como o caminho está barrado por uma pedra que caiu, e de como teria sido difícil passar com o carro]

AL: já viste, há ali fogo daquele lado ou é o quê?

TE1: possivelmente

AL: pois

TE1: este caminho não estava transitável então nós arranámos umas pedras para se poder passar

AL: então ainda este ano passaste aqui com o carro?

TE1: sim

AL: aaah, pensei que era em tempos

TE1: e com uma retroescavadora

AL: (RISOS) vocês não adquiriram nenhum tractor nem nada pois não? Vi isso em alguns baldios que fazem as suas próprias limpezas

TE1: não, a nossa floresta não dá para isso, não dá para uso de tractor, aqui onde é que se usava um tractor?

AL: não, lá é mais matos, pois, nestes sítios que eu estou a falar

TE1: isto é só pedras e...

AL: até lá é o vosso [baldio]?

TE1: sim, sim. Portanto ali é a zona agrícola, ali existem vários terrenos privados, a zona que tem eucaliptos é quase toda privada, agora de um caminho que lá está na frente para cima é tudo baldio, estás a ver lá na frente?

A: estou, estou

TE1: lá para cima é tudo baldio... até... há umas árvores lá na frente perto daquele alto que parece carvalhos... para aqui existe ali uns poucos de terrenos privados, para ali... portanto, tem várias parcelas que é de terrenos privados

AL: e lá está, esses terrenos privados já remetem a... eram baldio...

TE1: sim, desde 1920 que já são dessas famílias, mas estão registados estão tudo, são deles, não há cá duvida nenhuma

AL: sim, sim. Estava só a tentar perceber se era recente essa cedência...

TE1: não, não, não, aquilo foi tudo feito, foi tudo feito, foi tudo escrito num livro, e está conforme está escrito no livro, tamanhos e tudo

AL: curioso, e foi ao mesmo tempo que passaram para vocês... para a comunidade o foral...

TE1: exactamente, foi na mesma época

AL: e olha lá, e este pinheiro aqui, por exemplo...

TE1: é regeneração natural também

AL: daquele que foi plantado pelo Estado... é regeneração natural desse ou não?

TE1: uuuh, aqui nesta área não foi plantado pelo Estado

AL: não?

TE1: não... não... onde foi plantado pelo Estado é as zonas que têm pinheiros-silvestres

AL: ah, o bravo não foi plantado pelo Estado

TE1: não... já havia alguns pés, eles sempre no momento, na época que estavam aqui a dominar isto não deixavam que ardesse, ora, ao não deixarem arder, não é, porque andava sempre um guarda por aqui e outro na Pedra Bela e outro na ermida, portanto, toda esta área andava um guarda por aqui, e é claro que as pessoas não sabiam... nem havia tantos isqueiros não é

AL: (RISOS) não era tao fácil

TE1: e então como durante os 40 anos do tal governo não houve grandes incêndios o pinho bravo expandiu-se. E eles faziam muito era a roça de mato na época

AL: curioso, eu achava que o... pronto, se calhar também depende das zonas, mas eu achava que o... que também tinham usado o pinheiro bravo... na floresta

TE1: não sei, não sei, pelo menos onde tenha pinho silvestre ou onde tenha camecípar, onde tenha cedros, agora poderá haver uma zona ou outra mas esta zona de fraguado aqui acho que não foi trazido nada por eles

AL: pois, estou a ver... e vocês têm actividades tipo apicultura também...?

TE1: também há pessoas que se dedicam a isso

AL: isso acaba por ser que cada um tem as suas colmeias, não faz parte do baldio...

TE1: não, não, não, cada um tem os seus apiários, as suas colmeias

AL: o turismo... como a gente já percebeu há para aí muitos turistas a fazer percursos pedestres e não sei quê... aqui há algum controlo disso da vossa parte? Quem é que usa o baldio quem é que não usa...

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de motoquatro, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: aí é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a *canyoning* ou escalada

AL: sim... parece ser muito engraçado, mas também muito perigoso

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: pois, em Cabril, não foi?

TE1: foi

AL: aquela floresta toda é vossa?

TE1: não, é dos de Fafião

AL: ah, ok. Bolas, vocês aqui mantiveram a floresta em pé, já vi alguns baldios em que aquilo foi tudo

TE1: naquela zona dos Arcos, e quando um presidente dos baldios diz que... ou lá quem é que diz que debaixo dos pinheiros que não dá para os gados comerem, quem é ele? É dos andam de isqueiro também?

AL: (RISOS) se calhar... já nem sei, já nem me lembro qual foi o baldio, em que zona é que foi. Mas a ideia com que eu fiquei é que as pessoas têm essa noção. Eu não tenho nada essa noção porque os pinhais por onde costumo andar têm muito mato por baixo, agora o meu desconhecimento é se os animais comem aquilo ou não, mas tu estás a dizer-me que sim e eu acredito... tipo urzes e assim, quando estão mais pequeninas, não é?

TE1: o gado caprino come todos estes matos por onde a gente vai passar, menos os fetos, a não ser quando estão a rebentar, tudo isto, giesta, urze, o gado come isso, o gado caprino. Estás a ver aqui sobreiros de regeneração natural?

AL: sim, muitos

TE1: éramos para ter limpo este bocadinho o ano passado e depois passou...

AL: o sobreiro não foi introduzido pelo Estado pois não?

TE1: não

AL: já cá estava

TE1: eu sempre vi... estas árvores sempre aqui estiveram

AL: e por exemplo, vocês às vezes usam área do baldio para construir qualquer coisa que seja importante para a aldeia, sei lá, vi num, por exemplo, construção de uma vacaria, foi cedido parte do terreno

TE1: pode ser feito com contratos, pode ser contratado em aluguer uma área para introdução... isto está lá nos estatutos não é. Mas tem acontecido, já há muito tempo foi autorizado a dois moradores fazerem lá os seus estábulos. Mas não é uma coisa muito frequente isso

AL: sim, aí, há pouco disseste qualquer coisa que pensei que tenho de perguntar... não sei. Assim, cedência de exploração é que não há pois não? Tipo, uma parte do baldio decidem dar a uma empresa qualquer para gerir a floresta...

TE1: não, não, não

AL: isso não há cá

TE1: não, aqui não há nada disso, nem queremos

Isto é o trilho dos pastores, que os pastores usam, tinha aqui um mato enorme e nós também mandámos... mandámos fazer, aí uns 6 metros de largura, mas daqui até lá abaixo já vamos andar um pedaço

AL: sim, podemos continuar, estava só a ligar para o caso de

[espera para eu ligar o computador para tirar fotografias]

TE1: mas isto dá, é assim, não fazes a mínima ideia, mas isto dá muita trabalho mesmo, e é preciso ser inteligente para se ter um trabalho, estar a trabalhar e depois gerir nos tempos livres esta parte, estás a perceber?

AL: claro que sim. E ter disponibilidade mental para isto

TE1: exactamente. Se fores uma pessoa que não se importe, estás, és o presidente, vou para o café, isto dá tudo em balburdia

AL: claro, sem dúvida. E aqui também chamaram a empresa que fez a limpeza e tal

[o vento não deixa perceber a resposta]

TE1: há agricultores aqui que estão colectados que depois trabalham para nós quando é preciso, como foi neste caso

AL: ok... e podem não é?

TE1: podem

AL: já ouvi falar que tinha de ser x empresas, que era difícil de contratar pessoas locais e isso não fazia sentido nenhum para essa pessoa que mo disse

TE1: nós trabalhamos desta maneira, quando é trabalhos pequenos como este nós temos aí 2 ou 3 pessoas no lugar que nos passam factura ou recibo ou recibo verde ou o que for, nós temos este trilho para limpar, nós já temos o preço estabelecido, que é 850 euros o hectare mais IVA, e pronto, e a gente chega aqui mede o comprimento, mede-se as médias todas, divide-se pelo número de vezes que se mediu e dá os metros quadrados e gente paga-lhe ao hectare

TE1:[...] já viste aquela pedra, é espectacular, parece uma coruja

AL: ah, pois é (RISOS) parece que estamos na lua mas com um bocadinho de verde pelo meio (RISOS)

[ouve-se balir]

AL: ah, é cabra

TE1: é, existem meia dúzia de cabras que eram domesticas e que depois ficaram aqui já muitos anos

AL: sim

TE1: e depois foram ficando aí, foram ficando e estão por aí

AL: ai é? Já não são propriamente domésticas por esta altura

TE1: não, ficaram aí sempre

AL: e não têm dono?

TE1: oh, dono têm, só que o dono já... pronto, o dono não quer saber disso, mas pronto, eram dessa pessoa que está lá para Lisboa

AL: ah, ok

TE1: mas já é velhote. Mas já estão aí há mais de 20 anos ou sei lá... ainda eu era pequeno e andava por aqui já elas ali estavam

AL: ai é?

TE1: depois vão nascendo, vão ficando e depois vem o lobo e vai comendo algumas e depois estão sempre aí 2 ou 3, ainda há dias estavam no cimo daquelas pedras, eu estava lá de baixo e estava a ouvir

AL: (RISOS) que giro. Bom, elas lá terão a sua felicidade, não fora o lobo estava já aí um povoamento

TE1: ai isso estava, mas é assim, o lobo é um bicho muito esperto, o lobo não sobe lá, mas sabe que elas que querem beber água, não é, ele espera por aqui de manhã em baixo, elas descem, descem, descem e pimba, não é à toa

AL: devem ser tão fáceis, devem ser assim uma presa fácil não...

TE1: apanhando-as desprevenidas... porque senão não é...

AL: elas correm bem... não sei, estou a mandar bocas

TE1: não, mas é isso mesmo, e logo essas que estão aí há anos, são como as outras dos Carris não é... elas sobem por aquilo acima como... não há bicho não há ninguém que lá suba, nem pessoas

AL: curioso, então mas o homem podia ter vendido as cabras

TE1: ele não deixou. Ele não deixou... as próprias cabras por vezes ficam, ficam e não voltam mais

AL: ok, ok. E ele também não se preocupou em procura-las é isso?

TE1: não... não quis saber

AL: pois, pois, e isto aqui são choupos não são?

TE1: não, bétulas

AL: ah são bétulas!

TE1: um bosquezinho de bétulas

AL: e já cá estava ou foram vocês que

TE1: já.

AL: oh, que vergonha, pois... eu devia saber, mas os troncos pareciam-me de choupo. Pois isto é capaz de ter sido também naquela altura [da florestação]. Está ali um painel solar ou é o quê?

TE1: é

AL: ai é da tal casa do doutor... isto aqui ainda é zona de protecção parcial não é?

TE1: é zona de protecção ambiental tipo II

AL: ok, sim. Porque as pessoas andam por aqui à vontade, eu lembro-me que quando estive na Mata da Albergaria as pessoas não podiam andar lá assim

TE1: uuuh, não sei como é lá, mas sei que aqui só nós é que podemos circular de veículos motorizados, estava ali um fulano que estive para lhe perguntar porque é que ele estava aqui mas

AL: pois, estava ali um carro

TE1: mas como estão ali a fazer um trabalho... essa gente não tem nada que vir para aqui de carro, só nós. Aqui é uma zona de andar a pé. Isso está estabelecido no plano de ordenamento, todos os caminhos e estradas fora de asfalto não podem circular veículos de motorizadas excepto os residentes naturais, só que há um fulano ou outro que tem o rei na barriga

AL: e será que está explícito?

TE1: está, e tem um sinal lá em baixo, nós passámos

AL: Bem, isto há montes de gente a fazer aqui percursos

TE1: de verão, de verão às vezes é 50 a 100 pessoas aqui

AL: é que lá nas zonas de Montalegre por exemplo, eu via algumas mas não se compara, é impressionante

TE1: Montalegre é a mesma coisa, eles só pensam em cabras, vacas, burros, queimam tudo também.

AL: não, mas pro exemplo Fafião que é já aqui ao lado, que já é Montalegre, eu vi para aí um a passar, quando andávamos lá pelo meio do monte, não... aqui há muito turismo de facto, nesta zona

TE1: muito mesmo. Muito porque é uma zona bonita estás a perceber? É só pedregulho em cima de pedregulho, é disto que as pessoas gostam de ver. E depois a floresta em si em volta destes pedregulhos todos

AL: sim, dá sombra para as pessoas pararem um bocadinho e tem a sua beleza naturalmente. Depois também a proximidade às Caldas do Gerês... aquilo ainda tem termas?

TE1: tem, tem, e funcionam! De maio a outubro... até ainda estão a funcionar

[falo de como da outra vez que vim não estava ninguém no Gerês, vila abandonada]

TE1: sendo de inverno é mais ou menos isso, sendo naqueles dias mesmo chuvosos

AL: era um dia chuvoso e frio, mas não era inverno, era tipo... até acho que foi por esta altura

TE1: havia de ter mais qualquer coisa para as pessoas irem também no inverno, os invernos aqui não são tão rigorosos como é no norte da europa, essas pessoas do norte da europa devem ficar, acho eu... parece que falta qualquer coisa mais para [*não se entende*] esta gente, os alemães, os dinamarqueses, os da Suécia...

[fala-se das possibilidades para o Gerês... digo que os percursos se calhar não é o melhor para fazer no inverno]

TE1: não, porque é feito numa estrada destas, não é de mau todo, assim de chuva...

AL: não, num dia de sol deve ser maravilhoso

TE1: claro, é um bocadinho fresco mas trazendo roupa

AL: a maior parte das pessoas que passam por aqui nem devem fazer ideia que estão num baldio não é...

TE1: pois não, chegam aqui e, é gente tão estúpida... “ah, isto é tudo Estado” “ai é meu amigo, isto é tudo Estado desde quando?”

AL: mas acredito que é essa a ideia geral, essa é a ideia lá em baixo. Vamos lá a ver, eu agora comecei a aprofundar o meu conhecimento sobre os baldios mas quem não o fez não faz ideia. Eu às vezes a falar com as pessoas, mesmo nas apresentações que vou fazendo e tal, a maior parte das pessoas não faz ideia do que é que é um baldio

TE1: a maior parte das pessoas deve achar que é como está lá escrito na lei “um baldio é um terreno abandonado ou quase abandonado, que não é de ninguém, que é da Câmara, que é do Estado”, não é coisa nenhuma que se pareça...

AL: a ideia que me parece que as pessoas têm é que são zonas que são de alguma forma do Estado, seja das autarquias... ena, tanto carro!

TE1: porque é ali que eles param todos, porque tem ali um sinal de trânsito proibido, mas nem precisava de estar lá o sinal porque o plano de ordenamento já prevê que daqui para cima não tem de estar viatura autorizada ou não. E eles a cada passo passam aqui, a patrulha do parque [...] agora estão acolá duas motas de 4 rodas, até me admira aqueles marmanjos não estarem já por aqui acima, eles também acham que têm o rei na barriga

AL: sim, eles normalmente andam por todo o lado não é... mesmo em outras áreas protegidas já os vi um pouco por todo o lado... isto aqui é o quê? Já percebi que é onde os carros param, mas estamos ao pé de alguma...

TE1: da cascata do Arado, não sei se já algum dia ouvistes falar

TE1: aí era onde a gente escavávamos o saibro, aí há 10 anos atrás neste buraco, agora não se pode fazer, agora é um sarilho dos diabos

AL: pois. E vocês tinham equipamento ou também chamavam a alguém para fazer isso

TE1: pagávamos a um escavador e a um camião para levar

AL: Isto é lindo ahn

TE1: é... tem escadaria para lá para o miradouro, depois quando vieres com mais vagar vimos aí

AL: sim... este rio aqui é o rio...

TE1: rio Arado. Isto no mês de agosto e setembro tu não conseguias andar aqui que era uma confusão dos diabos de gente a pé e de carros

AL: também é demais não?

TE1: ui!

AL: pois

TE1: quando é em agosto, ui... toda a gente quer ir para a cascata, toda a gente quer água

[falo da minha experiência na Portela do Homem, de como estava cheio de gente e do turismo]

AL: mas por um lado até fico contente, não é um turismo típico de praia e tal, e acho ótimo que as pessoas conheçam o país que têm, e o Gerês vale a pena

TE1: mas também te digo, há aqui muita gente que não fazia aqui falta nenhuma

AL: ai, isso também acredito

TE1: é só deixar lixo por aí, gente tão porca, eu digo-te uma coisa, tanta escola, tanta universidade que a gente tem por aí abaixo e as pessoas cada vez estão a ficar mais estupidas, na maneira de utilizar o meio-ambiente, na maneira de fazer as coisas

TE1: [...] isto é que é uma mariola

AL: bolas, uma mega-mariola. Costumam ser assim tão grandes

TE1: não, isto é uma espécie de exagero

AL: foram vocês, não?

TE1: não, isto foi as pessoas que aqui param, de certeza, um lá foi pondo uma pedra, outro outra e pronto, e ficaram...

AL: ah, ok

TE1: isto aqui é o acesso ao miradouro, mas ainda não está terminado estás a ver, que ainda não pusemos a indicação, estás a perceber... ainda falta por um resguardo e ter as placas prontas que isto foi feito por nós

AL: o que é que foi feito por vocês?

TE1: o miradouro, já vais ver

AL [falando dos turistas e dos carros] e maior parte são mesmo portugueses, vendo pelas matrículas pelo menos

TE1: são...

AL: foram, vocês também que talharam esta espécie de escadinha?

TE1: isto foi feito pelos escuteiros, há 30 anos ou por aí

AL: ah... os escuteiros da Ermida?

TE1: não, não sei de onde eram mas eles é que na altura andavam muito por aqui. Isto já existia, eles só deram um arranjo nessas pedras

AL: ok. E vocês limparam isto foi? Ou estão a limpar...

TE1: nós cortámos o mato há tempos

AL: vocês conhecem todos a malta dos GNR ou... dos GIPS

TE1: eu o condutor conheço, porque o condutor é da Ermida. Alguém cortou aqui alguma coisa, estava aqui uma árvore...

AL: ai foi?

TE1: é só para eu ter a noção, para saber, porque assim eu logo pergunto ao fulano que dá os documentos para a lenha se a pediram, estás a perceber, que é para ver se foi alguém da Ermida ou se veio aqui alguém roubar

AL: e se for alguém da Ermida é na boa? Ou tem de pedir antes?

TE1: tem de pedir tem. Tem de passar um documento onde ele pede, o local e as coordenadas do que quer cortar para lenha, geralmente é arvores secas apenas.

AL: pois, não podem cortar carvalhos...

TE1: não, nada nada. Só lenha seca e derrubada e têm que nos pedir, nós já sabemos onde é ou não e é-lhe passado um documento

AL: e vocês têm um regulamento do baldio daqui ou não?

TE1: temos

AL: para vocês, para os compartes...

TE1: sim

AL: dos usos e costumes

TE1: exacto

AL: eu já vi o de Pincães, o regulamento. Vocês têm algum *site*? Na internet

TE1: ainda não fizemos, apenas temos o correio. Porquê? Achas que era benéfico ter o *site*?

AL: para mim era, para mim era benéfico. Se tivessem lá os regulamentos e outra informação interessante para mim era óptimo (RISOS). Mas, quer dizer, eu acho que é sempre naquela visão de tornar esta realidade dos baldios do conhecimento do público em geral, e acho que a internet serve muito para isso

TE1: até foi uma boa ideia, se um dia fizermos o site, que é para aquela gente de lisboa ver não é

AL: sim, um baldio activo, até tem um *site*. Não, é que hoje em dia a internet é a forma mais democrática de se conseguir tudo não é, e toda a gente tem acesso àquilo e é uma forma de os baldios entrarem na boca do povo, das pessoas

TE1: isso é verdade. Que não conhecem, que não sabem da realidade

[fala-se da construção das barreiras de segurança e para suporte no caminho que sobe até lá acima ao miradouro. Foram eles, da Ermida que pagaram para se fazer aquilo ao longo da subida que chega a ser bastante íngreme e perigosa]

TE1: [...] nós não temos nada a ganhar com a componente turística mas damos algum apoio naquilo que pudermos, estás a perceber?

AL: sim, e depois é como tu disseste, atrair pessoas aqui tem sempre um lado positivo para a população não é...

TE1: exacto, exacto, é só nessa vertente que a gente trabalha

AL: e agora estou aqui a pensar, mesmo as pessoas andarem pelo baldio acaba por ser vir também, sei lá, de forma de fiscalizar, por exemplo, questões de fogo, se houver alguém no baldio vai avisar não é

TE1: exacto, também...

[fala-se do que se vê lá de cima, o rio Arado, a ponte, descreve os limites do baldio da ermida. Falo-lhe da rocha onde estive em Fafião que se via tudo aquilo que estamos a ver mas de outra perspectiva, identificada pela presença daquela antena pinheiro]

TE1: depois aqui há aqui uma série de terrenos privados aqui nesta zona

AL: aqui em baixo?

TE1: sim

AL: lá está, que já vêm desde há...

TE1: sim, desde a mesma época

AL: e as propriedades privadas que estavas a falar são aqui?

TE1: sim, não é tudo, vai para aí desde uma distância de 100 metros da estrada até metade da encosta, daqui para lá é privado, até lá adiante àqueles carvalhos, depois é tudo baldio [continua a descrição]

AL: pois... os privados pelos vistos também não fazem grande coisa disto

TE1: não, vão cortando mato

AL: mas não está murado pois não?

TE1: não, mas está delimitado com cruzes, eles sabem bem onde é

AL: pois, então também usam o método das cruzes aqui

TE1: é, para delimitar as propriedades... ou cruzes ou muros, mas muros usa-se pouco aqui

AL: e vocês têm levantamento cadastral, com GPS, aqui do baldio todo, ou não?

TE1: ainda não. O levantamento da área total, conforme viste no mapa, acho que foi feita com GPS, aquela que está mencionado no mapa das ITI. Mas é aquilo que está

dado na direcção regional de agricultura e às vezes não condiz com o que está no terreno, por exemplo houve ali uma esquina em que eles vieram até para cima de uma propriedade privada, do outro lado desta montanha, porque quando se está na direcção regional a dizer “é por aqui, é por aqui”, tem de se conhecer muito bem geograficamente o terreno, estás a perceber, a gente estar em frente a um computador não é a mesma coisa que estar no chão. Há uma diferença para aí de 50 metros, mas isso também não faz diferença nenhuma

AL: mas quando andam com o GPS deve ser com pessoal local também não é?

TE1: não sei, foram os anteriores que fizeram, porque os limites até se fazem no computador, nem é preciso ir ao terreno, eles agarram no computador, pegam lá no ratozito, é por aqui, é por aqui, já está

AL: mas quando vocês fazem os PUB ou PGF, ou como é que se chama agora, os planos de utilização do baldio... ou não fizeram?

TE1: isso ainda não fizemos, vamos fazer brevemente, o engenheiro já nos disse, quando abrir uma candidatura qualquer diz ele que se pode incluir na candidatura

AL: o PUB?

TE1: não, isso já acabou, o PGF, o plano de gestão florestal, o PUB acabou. O engenheiro disse-nos que a próxima candidatura que a gente faça vem incluído o plano de gestão florestal da área toda. Já temos valores e tudo é só... só estamos à espera que abra qualquer candidatura para fazer uma candidatura da roça de mato ou sei lá o que é que vai vir aí

AL: eu achava que para fazer uma candidatura já era necessário ter um PGF...

TE1: é, é... mas diz ele que se faz na mesma altura, porque senão já ele tinha feito, foi isto que ele nos disse, porque nós já estamos autorizados a fazer

AL: então se vocês tiveram as ITI e se não tinham PGF também...

TE1: não era necessário, agora para fazer candidaturas a INP's e assim vai ser necessário

AL: vocês ainda não usaram INP então...

TE1: já fizemos aí as INP mas ainda não era necessário, na época em que foi feita a candidatura às INP não era necessário PGF, agora é que já é, qualquer candidatura, género INP ou o que for, já é necessário ter PGF

AL: aprovado não é? Não é só ter feito, é aprovado

TE1: elaborado, elaborado e aprovado

AL: aprovado por eles, pois... e nesses casos vocês estão com a Atlântica não é? Eles ajudam-nos a fazer essas coisas...

TE1: sim, dão-nos o apoio necessário, por acaso não é com eles que vamos fazer o PGF, possivelmente, mas isso não inviabiliza de eles fazerem a candidatura e de o fazerem também, não era isso que estava programado e o futuro não se sabe

AL: então quem é que falou com vocês, foi o tal engenheiro do parque?

TE1: hmm, não, não, é outro engenheiro de uma empresa que já trabalhou para nós a roçar mato. E ele é que disse para esperar até que abram as candidaturas e que se fazia em conjunto e que a gente receberia algum apoio em vez de ter de pagar 3 ou 4 mil euros para o fazer. E eu disse que estava bem, melhor ainda se assim for, se pagarem metade melhor ainda, só pagamos 2 mil

AL: mas o que é que... esse engenheiro não tem nada... pelo que eu percebi não está inserido nos corpos do ICNF... mas tem conhecimento é isso?

TE1: não, não, não, é uma empresa privada

AL: de florestal?

TE1: sim, sim

AL: ah... portanto ele conhece bem os fulanos do ICNF em Braga, conhecem-se todos, ele trabalha com eles porque já trabalhou numa empresa dessas das carrinhas amarelas, tás a perceber, ele conhece essa gente toda... e pronto

AL: e esse o que propõe é que ele próprio... não... através de candidaturas...

TE1: através da candidatura

[somos interrompidos por turistas que pediram para lhes tirarmos uma fotografia]

TE1: portanto, foi essa a informação que ele me disse porque nós já lhe dissemos para avançar para o fazer e ele disse que não, disse para esperar para fazer a candidatura em conjunto, que teríamos algum apoio possivelmente, senão que nos diria

AL: pois, também não sei bem como é que essas coisas funcionam, mas teria de ser uma candidatura de mais coisas

TE1: exactamente, em conjunto. Ao fazer para uma limpeza de terreno fazer... fazer... ou em conjunto ou em separado mas fazer na mesma época

AL: pois, pois, pois. Vocês já ouviram falar das ZIF?

TE1: não, o que é?

AL: é as zonas de intervenção florestal, são, do que eu sei, são tipo zonas que incluem vários proprietários florestais, sejam baldios sejam privados...

TE1: ah, já estou a perceber, pode não ser esse o nome mas já me falaram disso, vários baldios em conjunto a fazer uma candidatura não é?

AL: acabam por fazer uma gestão florestal igual em toda essa área... igual, gerida pelo mesmo órgão de gestão, que normalmente é uma associação, pode ser por exemplo a atlântica

TE1: ah mas isso nós não queremos

AL: pois, exacto, nem eu estou a dizer que é bom ou que é mau, até porque também não tenho conhecimento suficiente, mas eu sei é que aí

TE1: seja bom ou mau nós não queremos

AL: eu só me lembrei disto porque eu sei, falando com a Sandra soube, que nesses casos os tais PGF são feitos pela ZIF, os baldios não têm que pagar, só por isso é que eu me lembrei, e agora até achei que estavas a falar da mesma coisa

TE1: ah, já estou a perceber, já estou a perceber

AL: porque isso lá está, as ZIF é suposto incorporarem vários baldios, por exemplo, vários baldios e também podem ser privados

TE1: e fazer o plano de gestão florestal dessa área toda

AL: dessa área toda e de alguma forma o que eles beneficiam, para já o PGF não pagam, e depois há outras coisas que também trazem benefícios, depois também do ponto de vista da produção acaba por ser uma produção mais forte porque é feita em conjunto, por exemplo da madeira, e acaba por ter mais ... mais... força não é, porque estão todos juntos, é uma área maior

TE1: é uma área maior só que isso dava em sarilho

AL: pois, pelo que eu percebi o órgão de gestão seria uma associação que não tinha de ser o CD de nenhum dos baldios

TE1: eu já estou a perceber, já não faziam nada os gestores dos baldios, fazia a associação

AL: acho que sim

TE1: eles são muito espertos

AL: acho que basicamente acabava por ser assim

TE1: essa gente é toda muito esperta

AL: acho que vocês também participavam em reuniões e assim, mas

TE1: depois vendiam madeira, andava para aí engenheiro atrás de engenheiro a ver isto e aquilo, estouravam o dinheiro todo em coisas que não tinham significado nenhum como fazem as empresas estatais e pronto, não, isso para nós não...

AL: eu não sei como é que aquilo está a decorrer, sei que já há algumas e sei que vai haver uma ali para os lados de Sistelo...

TE1: eles entenderam-se?

AL: pois, pelo menos até agora, vamos ver como é que vai ser daqui para a frente e não, e até acredito que ainda venha a dar alguma conversa ainda e algum conflito

TE1: é assim, sendo baldios grandes, como é o nosso, como é o de Vilar da Veiga, como é o de Fafião, como é os outros, para que é que precisam de ser ainda maiores?

AL: pois, pois

TE1: não é? Aquilo só traz confusão para quem queira gerir aquilo, ou quem são essas pessoas, imagina uma associação qualquer de pessoas que vêm sabe-se lá de onde, não tenho nada contra essas pessoas, chegarem aqui não conhecem o terreno, não conhecem nada, começar a gerir uma área florestal de 3 ou 4 mil hectares

AL: claro... eu acho que isso só faz sentido em baldios que não tenham pessoas com vontade de gerir elas próprias, pronto

TE1: certamente

TE1: foi para aí em dezembro do ano passado, fizemos aquela área toda, estás a ver, desde o parque dos carros até lá acima [continua a descrição]. Portanto foram dois hectares e meio da parte mais alta da cascata para lá e dois e meio para cá, e ainda fizemos mais um trilho na parte superior daquele monte, que daqui não se consegue ver, de 20 metros de largura, [...] um trilho só de pastores que fizemos com 20 metros de largura, porque isto é uma zona de muito mato e muito inclinada e qualquer fosforo está já lá no cimo da montanha, para termos acesso ali pela

AL: e aquele mato ali ao pé do rio achas que também arde fácil ou...

TE1: qual?

AL: portanto esta zona aqui de linha de água

TE1: aquele que nós fizemos?

AL: não, esta zona aqui, vocês fizeram uma parte de limpeza, dali ate lá acima, mas depois dali para baixo tem bastante, está ligado ao rio, essa aí não há-de arder não é

TE1: não ali, essa ali ninguém lá vai fazer nada

AL: e deve ser muito húmida aquela zona não é...

TE1: já é... aquilo já é mais urze já enorme já está... já só tem a planta, aquela erva por baixo, não tem aquelas fagulhas, quando a própria urze cresce não é, fica só uma árvore, um arbusto, e o que está por baixo também morre tudo, então fica só aquilo no ar, estando aquilo no ar já é muito mais difícil para o incêndio, agora quando é mato contínuo, mato baixo e assim todo contínuo é que é complicado, é complicado porque é sempre a arder. Agora quando, por exemplo, onde está este camecípar todo já não tem mato, isto aqui nunca há perigo de incêndio aqui nesta zona

AL: não?

TE1: não tem mato, agora não temos tempo que já é um bocadinho tarde mas se formos por ali abaixo não vêes mato em lado nenhum, debaixo dessas árvores

AL: é mesmo pelo próprio povoamento, não é por haver limpezas?

TE1: sim, sim, sim. Aquilo aqui há 4 anos houve um desbaste e já não tinha mato, mas não tem mato nenhum, porque fechada... isto é uma árvore que fecha a copa uma com a outra, depois tudo o que estiver por baixo morre, porque o sol não entra a vegetação não cresce

AL: pois, sim, vê-se que é escuro por baixo

TE1: isto é assim, um povoamento florestal se conseguir, tendo ele 20 anos e que não arda, aquilo fecha as copas e roçando o mato nunca mais vem mato nenhum, vêm uns herbançositos baixinhos mas nunca mais vem mato assim grande, como aquele que nós passámos lá na frente de tudo não é. Nós é como te digo, nós não podemos fazer tudo, nós o ano passado fizemos 25 hectares, esses 25 hectares são quase 25 000 euros, estás a perceber, é muito dinheiro... quando se pode fazer fazemos nesses espaços mais... e então o mato morre todo e o pinhal fica... ou seja, não há perigo de incêndio... mas isto é preciso ter queda para pensar nisso não é

AL: pois, não é de qualquer maneira

TE1: que eu aqui há muitos anos tirei um cursozito de 90 horas de... sobre os baldios, sobre povoamentos, e depois isto deu-me algumas ideias e depois com aquilo que eu sabia e com essa treta toda

AL: florestal? A nível de gestão florestal e de povoamentos?

TE1: sim, a nível de povoamentos, tivemos um... para aí de 90 horas, tirámos um curso na Junta, foi pago pela comunidade europeia, depois pronto, mas tive... alguns conhecimentos que ainda hoje uso daquilo, como medir o material lenhoso, os metros cúbicos

AL: sim, inventário florestal, biometria

TE1: exactamente... por exemplo, a gente vende madeira não é, vamos vender e ainda há tempos vendemos uns 500 pinheiros, é assim, a gente vai vender mas já tem que saber quando a gente vai vender quanto é que aquilo pode dar, isto no meu caso, um presidente dos baldios devia ter conhecimentos de saber quanto é que aquilo vai dar aproximadamente. Ora para saber quanto é que aquilo vai dar tem que saber quantos metros cúbicos é que estão lá no terreno, porque aquilo é feito assim, a gente vai marcar as árvores com uma suta e mede-as não é? Depois fazemos os mapas no computador, x árvores de 20, x de 25, x do que for... mas eu faço as contas, x árvores de 20, x metros de altura dá x metros cúbicos de madeira

AL: sim, para ver o volume, exacto

TE1: as de 30 com x metros de altura dá x metros cúbicos... e quando chega a altura de vender a madeira eu também já sei qual é o mínimo que eles podem dar, ou o máximo, porque também sei qual é o valor que custa retirar a madeira que eles usam não é, normalmente por tonelada, não é, e sei qual é o metro cubico, quanto pesa também... de madeira verde um metro cubico de madeira verde quanto pesa, portanto, e depois, antes de vender eu já sei que aqueles x pinheiros vão dar entre x valor e x valor, senão não pode ser vendido

TE1: por exemplo aqui, desta estrada para cima, era tudo pinhal ali como aquele, aqui há 20 anos também ardeu tudo, tudo, tudo até lá acima, aquela ultima montanha que ainda lá vez pinheiros... ardeu tudo até lá. Eu lembro-me que era pequeno, estava daquele lado, tu vias tudo, tudo, tudo arborizado, aqui há 30 anos

AL: mas agora já tem umas arvoretas outra vez

TE1: já, mas a maior parte são as acácias não sei das quantas, como é que tu chamas àquilo?

AL: as mimosas não é? Que estavas a dizer

TE1: não, não é, é outra da mesma família

AL: acácia? Não sei...

TE1: acácia não sei quê... nós chamamos-lhe Austrália...

AL: australis

TE1: mas já ai estavam

AL: ah pois, elas dispersam-se a uma velocidade louca

TE1: ainda são mais difíceis de matar do que as outras

AL: é que as sementes com o fogo despoletam, em vez de morrerem não, é bom para elas o fogo, basta haver sementes no solo que acabou

TE1: é, e depois é esse o problema mesmo que dizes, isto produz tanta semente, tanta semente uma coisa destas, e depois não há animal nenhum que coma aquilo, a não ser os ratos não é, a semente por exemplo do pinho, há dezenas de animais que comem aquilo, desde os esquilos, desde os pássaros, não é... mas nisto nem os animaizinhos as querem... isto produz tanta semente, tanta semente

AL: eu por acaso não estou a ver muitas mas se calhar estou a ver mal

TE1: todas essas árvores mais escuras que vês, por aquela montanha toda, com as copas mais largas, é tudo isso, australis, [...]. Também era uma coisa que nós tínhamos programado era acabar com elas nesta zona, porque depois o que é que acontece, estas sementes entram neste curso de água e depois estes terrenos todos próximos do curso de água já começam também a ganhar essa semente

AL: pois é

TE1: e já existem alguns pés por ai abaixo

AL: é muito difícil de controlar o raio das invasoras, principalmente estas que têm sementes à prova de tudo e mais alguma coisa. Trouxeram-mas por terem uma florzinha bonita, amarela, e depois também foi usada para agarrar as dunas no litoral, e tornou-se uma praga

TE1: pois, foi isso foi... aqui foi para segurar os taludes das estradas, quando as fizeram

AL: pois, estás a ver

TE1: introduziram essas, introduziram a outra, como é que chama-se a outra... a mimosa, introduziram essa... até o tojo introduziram nalguns taludes, existe um tojo grande aí por vezes na berma da nossa estrada, pouco, foi introduzido ai também por eles para segurar os taludes da estrada, porque não é o tojo comum aqui da nossa zona, o tojo aqui é desse pequenino que se vê por aí, e de vez em quando vê-se aqueles grandes, vê-se uns espetos grandes... e é isto, é isto que nós gerimos, desde 5 km de estrada daqui até lá adiante aonde nós fomos, mais 2 ou 3 daquele caminho que nós andámos, mais 2 km ou 3 de outro caminho que vai por acolá, olha, nota-se lá que nós passámos o ano passado com a máquina lá no cimo, já era um caminho antigo mas demos um jeito para ser transitável a essa carrinha até lá à frente, ali por cima daquela montanha, conseguimos ir lá com esse carro... e muitos quantos temos por aí. Depois temos lá em baixo um miradouro onde se vê aquela área toda também, vamos lá dar um salto ainda

TE1: [...] depois existem as águas e a distribuição de levadas, porque também não é à toa, não é, isto não é tudo olhado do satélite “ah, isto aqui é só pinheiros”, não, isto tem levadas de água, onde as pessoas têm os seus dias para regar, que foi outra coisa que não falámos, que não é muito connosco, que a água vem da zona dos rios, e a água é distribuída pelos agricultores já há dezenas de anos, meio dia de água para um, um dia para outro, 2 horas para outro, isto tem muito que se lhe diga, não é só...

AL: e tem de haver gestão de conflitos, capacidade de gerir

TE1: exactamente, quer dizer não existe, nessa área não existe conflitos porque aquilo já está delimitado, sempre foi assim e tem que ser assim, não tem outra maneira de ser

AL: eu vi muitos canos distribuídos pela serra abaixo

TE1: onde

AL: nestes caminhos que a gente fez e assim pela serra abaixo

TE1: foi outra... portanto, isto é assim, foi outra estupidez que aconteceu aqui no local... nós só temos estrada para aqui para aí há 40 anos não é, portanto nem

estrada tínhamos, só se ia para a Junta a pé... pronto, isto é a questão da estrada, e das águas é assim, a camara nunca se interessou em colocar água às pessoas aqui. Tínhamos aí dois fontanários públicos dentro da aldeia, que já foi do tempo do Salazar, que mandou colocar dois fontanários e a partir daí mais nada, o que é que aconteceu, a partir de 1900 para aí e 75, as pessoas começaram a trazer água dessas propriedades, de nascentes que existem nas propriedades

AL: a trazer para onde?

TE1: para a povoação...

AL: ah, com os tais caninhos?

TE1: sim... e cada cano que tu viste corresponde a um proprietário que trouxe a água da sua propriedade

AL: (RISOS) mas para consumo de casa?

TE1: consumo de casa, porque não havia distribuição de água

AL: e agora já há?

TE1: nem agora, praticamente, há para aí uma distribuição de água aldrabada

AL: ah, aldrabada pelos locais ou por

TE1: pela camara que nunca se interessou por essa parte. Não têm contadores, há meia dúzia de pessoas aí a gastar água mas andam para aí a regar plantas e tudo e depois quando chega ao verão a água é pouca e eles continuam para aí a regar plantas e não sei quê não sei que mais e a camara nunca se interessou sequer de meter os contadores para obrigar aqueles que gastam mais pagar nem nada, portanto a distribuição de água aqui está assim meio aldrabada, e os tais tubos, é cada tubo que tu viste é de um proprietário que trouxe água para casa, não tem, não tinha outra solução de como ser

AL: mas a água da camara chega aqui, pelo que eu percebi

TE1: chega... chega, mas foi explorada também por nós e fomos nós que a colocámos aqui e fomos nós e os anteriores que a distribuímos pelas pessoas, antes da camara...

AL: ah, então o que é que a camara fez?

TE1: ficou depois com a gestão disso

AL: ah... e cobra?

TE1: no momento não, mas era melhor que cobrasse para haver regra no gasto da água. Depois como não havia distribuição de água já há muitos anos, há 30 anos, os baldios exploraram um sítio e trouxeram a água para aqui e fizeram um depósito que passava aí por aquelas ruas abaixo e tudo, e depois aqui há 10 ou 15 anos a camara é que tomou conta disso, meteu uma rede nova e tal mas acabou por não funcionar na mesma

AL: mas continua a usar aqueles da camara

[somos interrompidos por uma menina que quer indicações]

TE1: e é isso, portanto, depois obrigou as pessoas que não tinham fornecimento de águas, as pessoas eram quase todas emigrantes começaram a explorar o seu nascentezinho na sua propriedade, trouxeram-no, e agora tu vês aqueles tubos todos

AL: mas ainda são usados hoje em dia?

TE1: ainda

AL: portanto têm água da camara e têm essa água

TE1: muitas não têm água da camara, muitos têm estes tubos, outros fizeram perfurações, existem aqui alguns 30 proprietários com perfurações, mas isso custa muito dinheiro, era muito melhor ter a água distribuída, custa 5000 euros, 6000 euros

AL: fazer um furo?

TE1: sim... estás a perceber, portanto, nós estamos ao fim e ao cabo distantes de tudo... não é? Inclusive eu que tive que fazer uma perfuração para mim, e tenho água também de uma nascente que o meu pai trouxe para casa há muitos anos, que é de nós todos dos irmãos, mas também tenho uma perfuração que fiz, custou-me 5000 euros, há 10 anos

AL: mas pronto, ao menos não vais pagar água por mais uns quantos

TE1: pois, mas era muito melhor se houvesse distribuição, não havia transtorno para as pessoas andarem a procurar outras maneiras de ter o fornecimento. Existem 30 furos, se a camara fizesse 2 ou 3 furos e fornecesse água a esta gente toda não era preciso a gente andar com estes transtornos todos

Rio Caldo: TR1

AL: está bem. E investem na reflorestação? Apos retirar

TR1: investimos, investimos, neste momento olhe, fizemos plantação de à volta de 10 000 árvores, fizemos uma plantação de carvalhos em colaboração com a Quercus, que estão muito bonitos, uma parte lá em cima no miradouro de São Bento... fizemos mais duas plantações, uma de também à volta de 4000 árvores, também carvalhos, cedros e... também com a Quercus, e depois nossa mesmo, foi com a ajuda do engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Tomás que nos arranjou aí bastantes árvores e fizemos outra plantação noutra parte, tudo à nossa custa, essa plantação

AL: ok... e há alguma assiduidade da parte das pessoas?

TR1: ninguém aparece

AL: pois

TR1: ninguém aparece. Um ou outro ou por vezes para resolver algum problema de alguma água ou de algum fulano que está a explorar uma água sem coiso, se pusermos não há quem...por isso é que lhe digo, não há quem se mexa, aqui é uma freguesia que não é muito... como é que lhe digo, não é muito unida, está a perceber? Nós temos um problema grave nos baldios porque cada um é ... não é só aqui nesta freguesia é em todos os baldios, onde estiver um proprietário que tenha um terreno encostado ao baldio dificilmente não roubam terreno ao baldio, isto acontece em Vilar da Veiga acontece em todo o lado do mundo. Se a gente... nós ultimamente aí com alguns compartes que têm terrenos à beira, e alguns que lhes foi cedido terreno para construir, que agora não é possível que agora não há legislação não há lei que.... Nós se quisermos dar um terreno a um pobre para fazer uma casa não há lei para isso, não podemos dar

AL: mas acho que é só se for construções que interessem a toda a comunidade

TR1: só se fizermos um...

AL: se tiver colada ao baldio essa zona

TR1: não, não é possível, o terreno baldio não pode ser dado, não pode ser registado como usucapião, não pode ser nada. Você não tem terreno legal, a única coisa que pode fazer é um projecto onde... mas também não vejo lei que, segundo isso, é uma lei que não está ali ainda bem explícita

AL: mas há lá uma alínea que permite fazer construções em terrenos contíguos ao baldio, caso haja consenso a nível dos compartes e caso seja, ou para expansão da área urbana ou para construções que interessem à gestão

TR1: mas agora para resolver um problema, porque as pessoas é assim, porque as pessoas vão por ai fora e onde puderem apanhar apanham. Nós agora em certas zonas já fizemos um caminho em toda a volta com a máquina, dali para cima já não passam, porque onde não há um caminho as pessoas [*? não se entende*], é só fazer...

AL: pois

TR1: porque ninguém se quis chatear em tempos e agora vou-me eu chatear porque, as pessoas já estão ali há 15-20 anos, essas coisas, e agora o que é que eu vou fazer? Andar em desacato com as pessoas se as outras pessoas não fizeram o dever delas? Agora não sou eu... agora remedeio em partes. Fizemos marcos, falámos com as pessoas “até onde é seu? É até aqui?” Fizemos uma divisória para parar por ali senão deus me livre

AL: isso em todas as povoações fizeram isso?

TR1: em algumas... em algumas que estavam mais em zonas críticas

AL: nesse aspecto, vou pensando À medida que vai falando, não era interessante nesse aspecto ter um CD em cada povoação no sentido em que há essa proximidade e

TR1: as pessoas aqui não se interessam muito por isto

AL: pelo baldio?

TR1: pelo baldio. Aqui se não fosse a Junta estava tudo abandonado por aí, está a perceber? Porque as pessoas aqui na freguesia não são muito... deixam andar, são pessoas muito pacatas que não se interessam

AL: mas usam-no... ou não?

TR1: usam aqueles que usam. Aqueles que mais usam são aqueles que moram lá à beira, ou vão buscar lenha ali ou acolá, pessoas daqui de baixo, nem se interessam por isso. Antigamente interessavam-se porquê? Porque não havia mais nada, está a perceber? E havia muito gado, muitas coisas, e então você ia e você não via uma vegetação, estava tudo comido por aí fora, agora desde que veio este...

AL: sim, qual é a principal função do baldio actualmente

S2: o baldio actualmente serve para a comunidade por exemplo para irem buscar lenha, buscar mato para os animais não é... vão buscar pinhas, vão buscar

AL: no fundo continua a ter a mesma função que já tinha antes

S2: exactamente... a ideia continua a ser essa. Para a Junta pronto... constitui também uma fonte de receita, não é, porque nós recebemos... embora não recebemos a verba na totalidade porque é, porque está sob o regime florestal, mas pronto, se temos de vender, pronto, se há necessidade de vender as madeiras, constitui uma fonte de receita para a Junta. É óbvio que só o fazemos quando é estritamente necessário, não estamos aqui a destruir aquilo que, como ele disse muito bem, o que os nossos antecessores deixaram ficar não é, os nossos... quem na altura montou, fez as plantações e essas coisas todas e pronto, quer dizer, somos obrigados a cortar quando há os incêndios, agora nos incêndios somos obrigados a cortar porque depois, se não se cortar, vai-se estragar, e pronto, e... e depois quando há esses cortes ou quando há os incêndios há necessidade de fazer esses cortes e de fazer novamente a reflorestação. E pronto, temos feito aí alguns projectos nesse sentido para tentar repor aquilo que estava

AL: pois, eu hoje fui visitar à tarde algumas das plantações

S2: embora pronto, nós... é sempre um trabalho muito complicado porque aquilo fica em zonas remotas, estou a lembrar-me agora da, de umas plantações que fizemos, que vedámos aquilo tudo, colocámos vedação por causa dos animais não irem lá, foram lá e roubaram a vedação

AL: se calhar foi uma daquelas que fui ver, que o rapaz disse que aquilo tinha uma

TR1: já tinham aberto?

AL: não, não estava aberto, mas ele disse que as pessoas abriam e os animais entravam ou cortavam ou o que fosse

S2: ou roubaram no sentido de necessidade do material que lá estava ou então roubaram porque não aprovavam se calhar que tivessem aquilo vedado. Mas a vedação foi no sentido de proteger as árvores enquanto são pequeninas para que elas possam crescer não é? Senão os animais andam a pastar e destroem o trabalho que foi feito

TR1: os trilhos e essas coisas todas...

AL: sim, os trilhos, ou mesmo para pastar... quem são os outros utilizadores do baldio para além das pessoas aqui das aldeias? Se é que existem...

TR1: os caçadores... há a Câmara Municipal e uma empresa de turismo que fazem essas actividades de bicicleta, essas corridas de montanhas e a não ser isso não vejo mais actividades de desporto. Mas pede sempre ordem para passar, vai haver agora uma actividade de jeeps, vão pedir ao parque para... temos um pedido para deixar passar, para não haver problemas

AL: eles pedem para passar sempre, estava-me a dizer mas...

TR1: não, é naquela semana

AL: não, não, não, os outros todos também, os caçadores...

S2: a caça está sob uma associação, pronto, é uma associação de caça em que, pronto, a Junta autorizou essa associação a, digamos, a incluir aqueles terrenos na reserva de caça, pronto, e a Junta na altura já passou uma declaração a dizer que autoriza que esses terrenos, essas manchas, fossem incluídas na concessão deles, na zona de concessão da caça

AL: mas não há qualquer tipo de taxa que eles tenham de pagar ou

S&S2: não, não, não

AL: nem os outros todos, nem as agencias de turismo, ou, não sei como é que se chama, as associações

S&S2: taxas é só para o Parque Nacional, nós aqui não cobramos nada

AL: ok. Mas o parque cobra alguma coisa?

TR1: para ir lá para cima para fazer as caminhadas cobra

AL: ah sim?

TR1: é, para certas zonas

S2: naquelas zonas mais fechadas, nas zonas mais restritas

AL: na mata da Albergaria acho que sim não é?

S2: ali é uma taxa de acesso só, aquilo, eles dizem... aquilo no fundo não é uma taxa, aquilo é um... é para desincentivar a passagem de viaturas naquela

AL: de viaturas... pois, é mais a questão das viaturas

TR1: não, a pé!

S2: não, a pé não

TR1: para ir aos Carris

S2: não, estamos a falar ali, estávamos a falar nos postos não é?

AL: eu estava a ouvir só, para mim... isto é, o que é que se paga dentro do parque?

S2: quando vão daqui, por exemplo quando atravessam para ir para Espanha para a fronteira no verão, principalmente é sempre no verão, há uns postos ali, umas portagens, que as pessoas têm de pagar ali uma taxa para passar ali. Mas aí digamos que é um valor para desincentivar a utilização daquela

TR1: mas os residentes não pagam, como não pagam os naturais e residentes. Mas para fazer caminhadas em grupo e essas coisas todas tem que pedir ordem ao Parque e mediante a ordem tem na mesma que pagar uma taxa para ir

AL: hmm, para certos sítios

TR1: para certos sítios

AL: de protecção total ou qualquer coisa

TR1: é

AL: não sabia que se pagava. Achava que se pagava quanto muito à agência que os leva lá, à associação

S2: e mais, e mais curioso, eu não sei, sinceramente não ando muito por dentro disso, porque pronto, se fosse aqui na nossa zona andava de certeza, mas como não é a nossa área... por exemplo, você quer fazer uma caminhada ou organizar uma caminhada para ir a uma zona dessas restritas em que carece de autorização. Eu ouvi falar em 100 euros. Pronto, paga uma taxa de 100 euros só para o pedido ser apreciado, não quer dizer que o pedido vá ser autorizado. Portanto, eu ouvi falar em 100 euros mas eu não sei porque nunca pedi nenhum, mas corria o risco de pagar os 100 euros, o parecer é analisado e não é autorizado, e os 100 euros ficam lá

AL: e isso é de agora ou é daquela antiga direcção? Porque eu sei que a antiga direcção era mais...

S2: eu não sei isso ainda está em vigor, sei que está em vigor porque... eu sei que isso esteve em vigor porque eu conheço alguém que lhe aconteceu isso, portanto, pediu uma autorização para ir lá, pagou os 100 euros e não foi autorizado. Aquilo é uma taxa só para apreciar o pedido, mais nada

AL: é como pedir um orçamento (RISOS): paga-se e pronto, depois logo se vê. Pois, está bem, mas então a vocês não vos faz confusão nenhuma que haja associações de turismo etc. que andem a utilizar o espaço do baldio, a fazer dinheiro com aquilo

TR1: não. Nós queremos é cá gente

S2: dentro de algumas limitações não é

S. porque se vêm para aí... faz movimento, e as pessoas fazem

S2: e trazem lixo e essas coisas todas

TR1: trazem lixo e dinheiro também, não é só lixo

(RISOS)

TR1: para a Junta só traz lixo, não trazem dinheiro porque nós depois temos de limpar o lixo à 2ª e à 6ª feira

(RISOS)

TR1: senão deixam aí como os mares de Albufeira. Mas queremos essa gente cá

AL: apesar do lixo

TR1: apesar do lixo

S2: apesar do lixo

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] agora quando a lei toca na pele das pessoas, as pessoas vêm realmente movimentar-se e que não pode e que não pode, e foi o exemplo deste caso deste ano, a questão dos, das áreas que foram tiradas para o pastoreio, ou seja, as pessoas que normalmente tinham área que lhe sobrasse nas suas terras para fazer as candidaturas, porque por exemplo, as candidaturas dos animais, para serem feitas as candidaturas aos projectos, o que é que acontece, aquilo tem que ter um número mínimo de área por animal, e depois tem de fazer as contas aos animais que têm, o que é que acontece, estas pessoas perderam de tal forma áreas, estes baldios perderam de certa forma área que as pessoas deixaram de ter área para poderem concorrer para fazerem as candidaturas. Por exemplo, embora as pessoas tivessem, que eu creio que foi só este ano, que só vai ser este ano, que é...portanto há um ano atrás era preciso um hectare para cada animal, para um bovino. E portanto desta vez como chegaram a retirar, como em alguns baldios que retiraram cerca de 75% que lhes retiraram de área, também arranjaram maneira para que fosse preciso meio hectare para cada bovino. Ou seja, o baldio, nós aqui por exemplo tivemos mais,

quando nos retiraram terreno, agora estamos com mais do que o que tínhamos. Quer dizer, retiraram-nos terreno não é, portanto nós tínhamos 125 hectares, e ficámos com 82, portanto

AL: só tinham 125 hectares?

TV1: isto é de pastoreio

AL: tinham 125 hectares em... quanto é que me disse que era a área do baldio?

TV1: 1750

AL: ah, mesmo assim não tinham muito

TV1: só temos uma área, só há uma área de pastoreio, é uma área em que tem.... Portanto, nós subimos a montanha, só se vai até à primeira cabana de carro, depois é só a pé, portanto demora 5 horas a ir a pé até ao último curral. Portanto são mesmo currais

AL: não me diga que é o curral das Éguas, ou como se chamava...

TV1: é, esse é o primeiro

AL: é no vosso baldio?

TV1: é

AL: ah, estive lá

TV1: Carvalha das Éguas, só vai até ali de carro

AL: ah, eu fui a pé, fui fazer aquele percurso, dos currais

TV1: ah, só foi até lá

AL: sim, só fiz aquele. Passei por 4 currais mas os outros foram já cá em baixo, ali em cima acho que foi só esse, agora não me lembro dos nomes

TV1: mas aquele ali é o primeiro, até ali vais de carro mas depois os outros é todos a pé. Portanto aquilo é tudo de Vilar da Veiga

AL: pois, é um que até está vedado

TV1: está vedado e tem uma carvalha mesmo na casa, aquela casa em pedra

AL: sabe que não vi a casa, bem procurei o abrigo mas não o vi

TV1: tem uma carvalha muito grande, e tem uma cozinha fora, com grelhador, com as coisas todas

AL: ai, como é que isso me passou despercebido

TV1: mas todas elas têm, todas elas têm

[...]

TV1: foram todas recuperadas [as casas] portanto o ano passado, foram todas arranjadas, portanto aquilo tem umas... estava tudo assim, foi tudo com um helicóptero, no baldio de Vilar da Veiga fizemos tudo com um helicóptero. Portanto o transporte dos materiais novos e a recolha dos velhos, estava toda aquela chapa de zinco, portanto, e aquilo foi tudo com telha, com... a pedra já lá estava mas agora está tudo arranjado e depois ainda tiveram todas, por exemplo, os animais se fosse preciso juntavam-se com as pessoas, quer dizer, estavam lá... o pastor estava em casa a dormir e se fosse preciso os animais entravam lá para dentro, ou o caso dele agarrar com o ? pelas calças e andar com o... e então aquilo foi tudo vedado, tudo em pedra, em toda a volta, tipo aquelas casas na pradaria não é, portanto a casa está dentro, está lá e depois fez-se a vedação à volta para estar... lá dentro é lá dentro e cá fora é cá fora, e portanto fizemos a preparação toda daquelas coisas, e as pessoas gostam e muito bem, mas a diferença é que, por exemplo, sobre essas áreas, porque é que foram criadas essas áreas? Porque eles só quiseram considerar, portanto o pastoreio a área limpa, ou seja tudo o que fosse pedras e árvores e água e não sei quê, não valia, está a ver? Portanto outras zonas em que os pastores tinham por hábito fazer as queimadas em zonas que não há árvores nem há nada, por exemplo a zona da Serra Amarela, e aquela zona ali da Porta Aberta, tinham como hábito fazer queimadas, portanto aquilo é mato rasteiro... e quando o mato se tornava assim uma, aquela coisa velha, os pastores queimavam, queimavam para vir depois o pasto novo com a regeneração. E pronto, o que é que acontece, isto foi feito através daquela, da foto, das fotos tiradas assim para se ver essas áreas, ao passar nessas áreas queimadas, mas que eram queimadas já tradicionais, eles consideraram tudo isso como incêndios. E daí retiraram todas essas áreas, e ao retirarem essas áreas as pessoas ficaram prejudicadas porque cortaram-lhe mesmo. O que é que lhe dizia por exemplo em relação a este crescimento, a este milagre do pão ou dos peixes, como se diz, portanto, eles deram, nós tínhamos 125 hectares e com 125 hectares tínhamos lugar para 125 bovinos, e ao passarmos para 82 portanto passámos para 164 bovinos.

TV1: [...] Mas isso era na altura os baldios, os compartes, estavam muito a querer valer-se do que precisavam, que era dos matos, das lenhas e dos frutos, hoje é realmente dessas áreas para... eu não vou dizer que seja para pastoreio, porque podemos mesmo dizer que nós temos, Vilar da Veiga tem estes 82 hectares que dá para 164 animais e aqui Vilar da Veiga não tem lá 20 hectares, não tem lá 20 animais, ou seja não tem lá 10 hectares ocupados. Têm é realmente toda a área ocupada na questão dos projectos para as pessoas poderem fazer as suas candidaturas, que foi áreas que eu dei a outras pessoas sem serem aqui da freguesia

AL: deu para os subsídios?

TV1: para os subsídios exactamente. Mas também sabia que eles que não vinham para aqui com o gado, ou seja, eles têm onde ter o gado nas casas deles, só que para as candidaturas a área que tem não lhes chega. Portanto precisam apenas do documento em como têm a área para o pastoreio aqui, ou em qualquer dos sítios, e eu para várias zonas da freguesia, do concelho, não é da freguesia é do concelho, dei

mais de 50 hectares dei essa área para as pessoas se poderem resolver. Não sei se isto vai continuar, mas o que é certo é que quando as pessoas têm essa necessidade, acham que faz falta os baldios e que devem haver baldios. Doutra parte se há uma assembleia ou qualquer coisa assim para resolver os problemas também não tem interesse nenhum.

AL: não se sente apoiado aí?

TV1: não, quer dizer, não é por ser eu, é porque as pessoas não ligam nenhuma. As pessoas estão... é assim, a necessidade que elas tinham, que mais tinham dos baldios era quando eles valiam menos, mas valia para elas, porque elas precisavam das lenhas, dos matos, dos frutos, e pronto e era dessas coisas que elas viviam e era isso que lhes fazia falta, que havia ali aquele intervalo de não terem que fazer para ir aos medronhos. Depois havia também aquelas alturas dos agricultores, não é agora aqui nesta... prontos, não é assim aqui... mas já quando os baldios pertenciam à freguesia, faziam parte da freguesia, não vamos dizer agora que precisam de ser geridos pelo CD, mas quer dizer, quando faziam parte da freguesia não é, ainda existia a aldeia lá debaixo da água, e portanto se hoje isto é assim, mas depois lá no fundo na barragem a 100 metros era plano, ou seja as agriculturas só não eram feitas por tractores porque não havia tractores na altura, porque hoje estas pequenas agriculturas, os tractores é que se adaptaram aos terrenos não é, não foi os terrenos aos tractores. Porque é assim, dantes havia tractores sim, mas quer dizer, agora mesmo nestes terrenos pequeninos aqui são lavrados com tractor, mas é o tractor que se adapta ao terreno, que é um tractor pequenino. Agora por exemplo, já antigamente lá em baixo antes da barragem, já era veigas e veigas e veigas, aquilo já dava para hoje andar lá de tractor dias e dias e dias a lavrar aquelas terras porque lá em baixo é que era a agricultura e as casas e tudo em pedra, e os cemitérios e igreja e tudo, lá é que havia agricultura. Quando a água cobriu tudo as pessoas deixaram de precisar das coisas, porque naquela altura havia ali meses a fio, que as pessoas iam roçar mato, meses a fio, em que os agricultores e os [*? não se entende*] todos iam roçar mato, pediam mato... eles já eram donos de muitas propriedades, mas mesmo assim pediam matos aos pobres a quem lhe tocou aquelas coutadas, a quem lhe foram dadas aquelas coutadas, pediam aos pobres para lhes deixarem ir lá buscar mato, portanto aquilo andava tudo a pedir para lhes deixarem ir buscar mato, como é que havia de haver incêndios nessa altura, porque é ver que os agricultores roçavam o mato deles e andavam sempre a ver quem deixava roçar também e andavam meses a fio a roçar e meses a fio a carrar para fazer tanto para os animais

AL: e não iam ao baldio também buscar mato?

TV1: pois, também iam ao baldio mas eles juntavam tudo não é. Mas portanto está a ver que os baldios, o baldio por exemplo é cá em cima e aquilo era lá no fundo não é, portanto era muito... mas mesmo assim o interesse que as pessoas tinham era muito naquilo, e aí ainda havia um certo interesse, a partir daqui toda a gente deixou de ter gado, e de precisar de lenhas e de precisar dessas coisas todas, os únicos que realmente hoje estão interessados são aqueles que precisam de fazer candidaturas e não têm terreno, de resto... na altura na subida do gado houve também aí uma altura em que o povo pareceu que estava assim a querer-se juntar e a querer-se unir

portanto quando foi na altura do plano de ordenamento do Parque Nacional, sobre o novo plano, sobre a proibição e sobre muitas coisas entre as quais a pastorícia, o pastoreio por exemplo estava ameaçado

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: então mas se ia ficar debaixo de água...

TVf1: pois, ia... só que a companhia dava 190 contos pela... também já tinha trazido a outra capelinha para a nossa Senhora da Conceição, lá no Campo do Gerês estava já a igreja paroquial, não justificava trazer mais outra capela, que é maior que a igreja paroquial. Eu só trouxe o torreão e trouxe o sino, o sino o raio do padre deu para outro sitio qualquer, mas o torreão manteve-se de Vilarinho [...]. Mas [*? Não se entende*] 190 contos... só que o padre lá da terra um dia diz “ah, agora vou de férias e tal, a companhia quer dar aquele dinheiro por causa da capela que fica debaixo de água, e então eu comecei a fazer umas obras lá na igreja paroquial, acho que o melhor será o dinheiro ficar por minha conta e lá da comissão fabriqueira, para nós gerirmos”. Ah, a malta ficou logo chateada e disse mesmo isso, claro que quando disse que decidia uma coisa assim sem conversar com o pessoal, lhe disse logo que não “se tivesse conversado a gente até dizia que sim”. Pronto, eu cheguei lá de férias, em agosto, e disseram-me que tinham que escrever uma carta para o senhor arcebispo, na altura foi... foi exactamente a 24 de agosto de 1969... e lá foi o zelador, que era o juiz, e mais um grupo. O senhor arcebispo na altura até era o Dom António Ribeiro, que depois veio a ser cardeal de Lisboa, que era o auxiliar [...] chega lá o padre fica todo danado, e é curioso que, até aparece depois num filme, eu nesse dia não estava lá, mas criámos um filme que depois feito pelo António Campos, e o António Campos apanha o padre mesmo à

AL: fez um filme?

TVf1: tenho vários filmes, se for a ver Vilarinho nessa altura tem

AL: eu vi um muito antigo

TVf1: esse é de 1971, do António Campos, eu até depois mando-lhe o *link* para ver na internet

AL: eu vi um que tem imagens muito antigas

TVf1: pois tem, foi filmado em 1968-1969, depois foi mostrado pela primeira vez em 1971

AL: vou ver se é este

TVf1: ah, deve ser, chama-se... Vilarinho da Furna e não Vilarinho das Furnas, eu até explico aí porque é que é da Furna e não das Furnas, já que nos roubaram a terra deixem-nos ficar o nome, Vilarinho da Furna... eu justifico porque é que é assim, é assim que está nos documentos oficiais, foi assim... nós criámos uma fábrica de vidros em Vilarinho...

AL: já ouvi dizer

TVf1: eu tenho aqui até a fotografia da fábrica. E então, inclusive o rei, que na altura ainda era príncipe regente, que veio a ser D. João VI, antes de ir para o Brasil assinou o alvará da fábrica de vidros de Vilarinho da Furna, e ele também lá foi, o próprio rei sabia que era Vilarinho da Furna. Quando é que vai para lá a EDP e essa coisa toda é que começa a chamar as Furnas. Só que nós temos um local lá no cimo da serra que chamamos de Furnas porque são várias covas, é mesmo no plural. Ora bem, só que a aldeia ficava numa furna, feita pela Serra Amarela e pela Serra do Gerês, e é só uma, é a Furna. E é assim... o Jorge Dias chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Torga chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Jaime Cortesão fala de Vilarinho da Furna. [...] Até a minha família às vezes já começa a chamar das Furnas, já me confundem

AL: de plantação? Iam fazer a plantação na área toda?

TVf1: sim, claro... depois como ele não me queria deixar fazer isso nós pregámos-lhe uma partida, porque o Ribeiro das Furnas, que é aquele ribeiro que vai por aqui abaixo, esse é que faz o limite do Parque [descreve olhando para uma fotografia no livro dele, fala de como os limites do parque têm sido alterados ao longo do tempo, por exemplo, quando foi da Maria de Lurdes Pintassilgo passou a seguir a linha de água, etc.] [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a radio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a serio? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andam no nosso, os dos outros andam nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali.

AL: era plantação de quê? De pinheiro bravo?

TVf1: de pinheiro, de carvalhos, é conforme a zona, a área, da +agua

AL: e eram quantos hectares, tem alguma ideia? Só para ter uma ideia do que é que se fazia nessa altura

TVf1: o nosso terreno eram 1700 e tal hectares

AL: de plantação? Iam fazer a plantação na área toda?

TVf1: sim, claro... depois como ele não me queria deixar fazer isso nós pregámos-lhe uma partida, porque o Ribeiro das Furnas, que é aquele ribeiro que vai por aqui abaixo, esse é que faz o limite do Parque [descreve olhando para uma fotografia no livro dele, fala de como os limites do parque têm sido alterados ao longo do tempo, por exemplo, quando foi da Maria de Lurdes Pintassilgo passou a seguir a linha de água, etc.] [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a rádio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a serio? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andam no nosso os dos outros andam nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali. Mas moral da história, daqui para lá é Lindoso (...) e então como a Junta de Freguesia de Lindoso, agora já têm comissão de baldios mas naquela altura não tinham, passou-nos a procuração e nós fizemos o projecto. A mim não me interessava efectivamente para nada a plantação porque eu já sabia que ia arder, mas com base nessa plantação consegui fazer o caminho que vai da barragem junto até ali à aldeia de Vilarinho.

TVf1: [...] Porque aquilo, a barragem fez aquilo mas não deixou nenhum caminho de acesso lá, àquela zona. E então como consegui fazer esse caminho foi porreiro porque começámos depois a desenvolver algumas actividadezinhas [...] e com base nisso criámos o museu subaquático de Vilarinho da Furna

TVf1: [...] porque nós temos um controlo, dizemos que Vilarinho da Furna está fechado à chave, temos um controlo, com uma tranqueta, no início daquele caminho que vai até Vilarinho, se estivesse sem tranqueta nenhuma aquilo era um pandemónio lá dentro, nós no dia que fizemos lá o estradão pusemos lá uma tranqueta, até era da EDP, mas eles tinham-na antes da ponte, antes da barragem... porque a barragem não dava acesso a ninguém, não havia indicação depois para Brufe e para o outro lado, ia-se até ali e pronto, depois só tinha acesso de carro, os funcionários da EDP, e nós até 100 metros mais ou menos depois da barragem, que era onde terminava depois um estradãozinho que eu tinha feito que era por causa de uns acessos, aí então tem umas cascazitas, ali para dentro não havia caminho, foi feito depois pela Furna e tal. Ora bem, ali em cima da barragem começou a haver trânsito livre [...] e então durante o verão, e aquilo até é uma coisa mais simbólica, para dizer que nós é que somos os proprietários daquilo senão aquilo virava caminho público e passados meia dúzia de anos, neste caso 20 anos, era por usucapião e era caminho florestal e assunto resolvido e nós não queremos que isso fique assim, se é privado é privado, é privado como outra coisa qualquer. E quem quiser lá passar, só durante o verão é que pomos lá uma cobrança de portagens, quem quiser vir de carro, só aos fins-de-semana, durante a semana está fechado, ninguém vai de carro, tem de se pedir a chave lá ao guardião

AL: isso é inserido dentro do parque?

TVf1: fica já fora do parque, o limite do parque passa exactamente ali, passa em cima da barragem e tal

AL: ok

TVf1: bem, e telefonaram-me do Diário do Minho porque havia ali um problema qualquer, que eu nem sabia, que o director do Parque estava um bocado chateado com a Furna e não sei quê. E eu disse “o director do Parque que se meta na vida dele e que aprenda os limites do parque, aquilo fica fora do parque, não tem nada a ver com o assunto” [RISOS]

AL: pois, por isso é que eu estava a perguntar, cobrar portagens dentro do parque

TVf1: não tem problema nenhum, não. O próprio parque, por proposta minha, da Furna, começou... claro que eu lancei aquilo, mas foi um processo com a Câmara, com o parque e com essas coisas todas, com a Junta, montou ali as portagens na entrada da Mata de Albergaria no verão... agora no fim de maio vai começar isso. Pôs uma portaria, sai no diário da república e tal, mas foi iniciativa até das populações locais, porquê? Porque aquilo é para evitar o acesso à mata da Albergaria, que é um pandemónio. Só que depois funciona exactamente ao contrário, quanto mais gente for, mais dinheiro cai na bolsa não é, e então eles até punham anúncio para ir para lá mais gente, mais dinheiro recebiam ao fim do dia, o objectivo era por exactamente ao contrário, deixar entrar tanta gente e enquanto não sair um não entra outro, que é o que nós fazemos ali em Vilarinho, já foi proibido de entrar lá um vereador da Câmara Municipal de Terras do Bouro enquanto não saísse outro, e esse depois chateou-se e não foi mesmo, e era uma festa promovida pela Câmara lá dentro, eu disse “enquanto não sair um, não dá” “ah, mas eu sou vereador. [continuando a história do Diário do Minho...] [...] eu às tantas já me estava a chatear com aquilo e disse-lhe “vamos deixar de falar de conflitos com o parque, acho que não temos conflitos nenhuns, vamos falar sobre o museu subaquático de Vilarinho da Furna”. E o diário do Minho espeta lá com o museu subaquático. Na sequência disso o Público vai logo atrás da história do museu subaquático, manda logo repórteres a fotografar a malta a mergulhar e aquelas coisas todas. Claro que a televisão soube disso e convidou-me logo para ir fazer uma reportagem para a televisão. Então foi lá o Serra, o Alberto Serra, acho que eles já está aposentado, ainda fiz uma entrevista com ele mas acho que já está aposentado

AL: é quem?

TVf1: o Alberto Serra, que era jornalista da televisão, ali do Porto. E então convidaram-me para ir lá acima, queriam fazer uma reportagem em directo para o noticiário da uma [...] por acaso nessa altura a água estava um bocado baixa, e eu dei a entrevista mesmo no meio da aldeia

AL: portanto viam-se as casas?

TVf1: sim, sim, metade estava descoberta, e ali estivemos a conversar [fala do atraso que houve, e de como ele se enganou nas perguntas e tiveram de voltar atrás, portanto que aquilo demorou um bocado e que quando saíram de lá já devia passar do meio dia e qualquer coisa mas que ainda assim à uma da tarde estava a reportagem no ar] “museu subaquático, o primeiro da europa... do mundo, não fazia a coisa por menos, nem sabia se havia outro, depois é que vim a confirmar que não havia outros. Ora bem a coisa pegou e a partir daí começou malta a querer ir a

Vilarinho, cada vez mais... e já lá foram mergulhar associações de mergulho aqui de Lisboa, já foram lá do Algarve, da universidade do Algarve... que até, por exemplo, no Algarve, os estudantes de biologia marinha, mas eles têm de treinar a mergulhar, e em vez de irem treinar ao mar bravo foram treinar a Vilarinho... os bombeiros por exemplo já lá vieram mergulhar e treinar, os bombeiros da Bélgica e da Holanda, e portugueses. O da Bélgica foi o seguinte, era para fazerem uns treinos ali, juntamente com os portugueses, ali em Esposende, então andaram lá com os bombeiros de Esposende, Barcelos, etc., só que o mar estava muito agitado naquele dia e não dava muito para mergulhar, e então como eu tinha um sobrinho que trabalha na Câmara lá de Barcelos, que até é o nosso tesoureiro, telefonou-me a perguntar se podiam ir mergulhar a Vilarinho “vá, pode sim senhor”. E lá foram treinar, claro que ficaram todos entusiasmados com aquilo não é, e depois passam a palavra uns aos outros

A: Mas isso controlam-se uns aos outros

AL: mas há muitas cabeças de gado a pastar neste momento no vosso baldio? No monte...

TVf1: teoricamente, teoricamente só lá devia haver duas pessoas, era o que devia haver, que aquilo o ano passado começou muito apertado. Então tem que se dar a marca do terreno, que tem de bater certo com o numero de cabeças de gado que as pessoas têm, e cada cabeça de gado ocupa tantos hectares, portanto não pode passar aquela área e

AL: mas isso é mais para os subsídios não é?

TVf1: em teoria, em teoria... e legalmente só duas pessoas é que lá podem andar. E só pode ter determinadas cabeças de gado. Nós alugámos 50, e ao outro acho que foi 10 [cabeças de gado]

AL: mas quanto é que tem de área elegível actualmente?

TVf1: área elegível temos a volta de... não chega a 100 hectares

AL: e em termos agrícolas, acha que ali o monte ajuda em alguma coisa? Quando digo agrícolas refiro-me a produção animal

TVf1: animal sim, cada um tem lá o seu, andam lá centenas deles

AL: ainda é importante ali essa actividade

TVf1: ah, isso é. Se não houvesse subsídio não havia lá ninguém com animais, havendo subsídios lá vão tendo. Não havia animais porquê... porque para fazerem o trabalho já têm o tractor, não precisam do animal para nada, para... quanto muito de... em termos de produção, produção de quê? De carne... não sei se será muito rentável, é mais rentável ter assim uma vacaria, alimentar os animais com farinha, a farinha engorda em 8 dias mandam-nos para o matadouro

AL: sei lá, agora há aqueles subsídios, pergunto eu, para as raças autóctones não é?

TVf1: ah, tem a caxena e do lado de lá de Montalegre tem a barrosã, ali em Vilarinho é um bocado a mistura de umas coisas com outras, nunca se falou dessas definições

AL: mas há jovens a meter projectos de jovem agricultor naquela zona ou nem por isso?

TVf1: não sei, mas ali não da muito para jovem agricultor

AL: não, quando eu digo agricultura estou sempre a falar de produção animal

TVf1: há duas mulheres

AL: mas são jovens, mais velhas?

TVf1: não, são mães de filhos, têm 50 e tal anos as duas, mais ou menos

AL: portanto, não há uma tendência para a fixação de jovens à volta da produção de animais ali...?

TVf1: não

AL: porque há os projectos de jovem agricultor, que também abarcam essa componente de produção animal

TVf1: tínhamos um, mas esse acho que... ele é natural de lá, mas esse foi mesmo para o subsídio, então não é que... ele até tinha direito a andar lá com as vacas porque é natural de Vilarinho e até o deixámos entrar, no regime antigo, só o ano passado é que houve essa mudança. E então não é que ele vai buscar as vacas à Holanda e espeta-as lá no cimo da serra, morreram para lá todas, umas 2 ou 3 aleijaram-se, uma coisa são as vacas leiteiras habituadas a estar num curral, outra coisa são as vacas habituadas a andar lá pelo monte, e o caso tem outra resistência

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: ok. E conseguiram candidatar-se este ano às antigas ITI

MeC1: não. Às ITI candidatámo-nos três, mas em princípio só este que nós, o que eu tomei posse é que tem condições de elegibilidade, vamos lá ver os outros... o que é que diz o IFAP. Mas vai haver aí muitas mais candidaturas aí no novo quadro comunitário

AL: sim, mas eu não percebi, o que é que não tem elegibilidade?

MeC1: se calhar os outros não têm, porque tem a ver com encabeçamento, com o número de cabeças de gado, as ITI, tem a ver com isso

AL: ah... mas não tem a ver com áreas para limpar? Não sabia que também metia cabeças de gado aí no meio

MeC1: sim, mete o encabeçamento também

AL: agora houve recentemente um corte nas áreas elegíveis não foi?

MeC1: foi

AL: mas isso é para os produtores

MeC1: sim

AL: o corte aqui foi grande? Aqui em Castro?

MeC1: ainda foi bastante mas nós temos uma área de seis mil e tal hectares então...

AL: pois... e não há muitos produtores ou há?

MeC1: há... há bastantes

AL: mais ou menos o quê? Uma parte considerável da população

MeC1: mas o número de cabeças ou o número de produtores?

AL: de produtores... as duas coisas já agora

MeC1: não tenho aqui agora, mas da freguesia toda? Talvez 100, não sei... sei lá, não são... têm meia dúzia de ovelhas não é?

AL: pois

MeC1: e depois temos para aí uns 8 ou 9, que esses não, têm 30 a 40 cabeças de vacas, só vacas. Há produtores que têm para aí 70

AL: e em termos de exploração, que outros tipos de exploração são desenvolvidos lá no baldio, tipo floresta ou o que for...

MeC1: pois, nós queríamos lançar-nos um bocado por aí, estamos bastante condicionados por causa do plano de ordenamento do Parque Nacional, muito condicionados mesmo

AL: vocês queriam usar que tipo de espécies? Só para perceber que tipo de condições é que o parque vos coloca

MeC1: não, o parque é [*? Não se entende*]

AL: é não quê?

MeC1: é não nos deixar plantar nada na parte do planalto

AL: ah, na parte do planalto

MeC1: e nas zonas de protecção. O planalto por causa do megalitismo. Mas nós estávamos a ver, estávamos a trabalhar aí com uma empresa, estamos a pensar em folhosas ou então também em árvores de fruto... fruto seco

AL: ah, ok. Na ideia também de explorar comercialmente os frutos ou

MeC1: sim, a ideia é essa, castanha e outros frutos, outras espécies que tivessem viabilidade lá

AL: hmm, eu por acaso, pois, deve ser mesmo só por causa dessa questão do megalitismo porque eles até fomentam, pelo que eu tenho ouvido em outros baldios eles até veem com bons olhos florestação com as autóctones, não é, com as folhosas, os carvalhos, as castanhas e assim. Mas no baldio só têm o planalto? Não têm outra área grande onde também

MeC1: temos, mas o planalto é o maior não é. Mas temos ali outras zonas também só que são zonas de difícil acesso, depois isso para comercializar, tem de se andar com os frutos às costas não é, torna-se inviável

AL: isso vai ainda demorar um bom tempo a começar a dar fruto ou não? O castanheiro...

MeC1: é capaz, mas também é

AL: mas eu acho ótimo, atenção!

MeC1: mas também o baldio é o que damos para deixar aos nossos filhos não é

AL: as bouças privadas já remetem a tempos imemoriais, não é? Não é uma coisa

MeC1: ah, sim. O baldio não pode ser alienado, quer dizer agora com a nova lei até pode ser alienado

AL: sim, arrendado

MeC1: aliás, ainda há memória, há 60 anos, 50 a 60, pessoas que tentaram alargar as suas propriedades para os baldios, juntaram-se os vizinhos todos e mandaram aquilo abaixo

(RISOS)

MeC1: não, isso já está muito bem balizado

AL: lá em Castro o turismo está organizado? Há lá alguma coisa? Eu ainda não tive muito tempo em Castro só lá passei

MeC1: não... aquilo também há uma empresa que está a exercer a actividade de animação turística da aldeia de Castro. E depois há várias que lá vão assim de forma esporádica, mas acho que não há nada nem nenhum órgão que os reúna. Aquilo está um bocadinho confuso

AL: e a associativa de caça é de Castro também?

MeC1: é

AL: a associativa de caça também não dá nada ao baldio pois não?

MeC1: coitados de nós

(RISOS)

MeC1: nós só temos, o financiamento que temos é das quotas, não temos mais receita nenhuma

AL: pois

MeC1: nós é só mesmo as quotas. Mas pronto, os caçadores também são dos compartes porque a nossa associativa é só de naturais ou residentes. Depois alargámos a quem tivesse antepassados... até avô, também podia ser socio, por isso somos todos compartes também

AL: e o que é que se caça ali?

MeC1: caça menor temos coelho, perdizes, galinhola, pombo

AL: pois, é que realmente o que eu conheci do baldio é uma paisagem tão aberta que eu não imagino ali animais escondidos, mas deverão existir outras zonas menos abertas, eu estive mesmo no planalto então...

MeC1: no planalto é a perdiz e a lebre que há lá, depois as outras espécies é em zonas... é nos privados, zonas mais fechadas

Castro Laboreiro: MeC2

AL: quantos produtores é que há que usam a área do baldio para subsídio?

MeC2: à volta de uns cento e qualquer coisa

AL: aí é? Tantos!

MeC2: mas que não vão ao baldio, os que vão ao baldio somos poucos, os que vão exclusivamente ao baldio somos para aí... podia dar-lhe esses números, até lhos podias dar todos certinhos, mas agora assim ainda são para aí 30 ou assim

AL: aí é?

MeC2: à volta disso

AL: mas vezeiras é que já não há

MeC2: já não

AL: mas até dava jeito não? 30 ainda dava para fazer uma boa vezeira, ou não?

MeC2: ...

AL: devem ser uns 1000 animais... não?

MeC2: 1000 animais?

AL: estou eu a dizer, imaginando que cada um tem os seus 60, não, os seus 40, mas não, não é? Nem toda a gente tem tanta cabeça de gado

MeC2: no total... no total aqui na nossa freguesia há à volta das 700 CN, sabe o que isso quer dizer?

AL: sim, depende do animal não é, se for uma vaca é uma vaca, se for uma cabra é para aí uma cabra e meia... é uma coisa assim não é?

MeC2: se forem cabras são 6 cabras e meia

AL: (RISOS) e se for uma ovelha...

MeC2: é igual, a ovelha e a cabra é igual, os pequenos ruminantes são iguais

AL: E o cavalo?

MeC2: o cavalo é que é o mesmo, o cavalo também dá uma CN

AL: isso depende do que comem ou do espaço que usam não é?

MeC2: não, isso foi definido... foi definido para, o conceito de CN antes era definido assim, tinha de ser um animal que comesse não sei quantas unidades forrageiras e que não sei quê e não sei que mais. E depois acabou-se com essa brincadeira toda e disse-se, uma CN é uma vaca que tenha mais de 2 anos, é uma CN, um cavalo com mais de 6 meses é uma CN, uma vaca que tenha entre seis meses e dois anos será 0.6 CN, uma vaca que tenha menos de seis meses será 0.4 CN, e uma ovelha com mais de um ano e uma cabra com mais de um ano é 0.15 CN. Definiu-se assim isso como escalão para efeitos de cálculo de encabeçamento e de subsídio. Decidiu-se assim agora, antes havia... com os pastores não se entendiam, usavam as coisas da maneira como

AL: pois. Então e se lhe perguntassem, “ah, qual é que é a principal função do baldio de Castro Laboreiro actualmente?”

MeC2: a função que deveria ser, não é, era de facto gerir bem o dinheiro que recebe das ITI em prol da comunidade, não é

AL: sim. Mas por exemplo a função seria... do ponto de vista global, não é, aqui ... global não, aqui da zona, o baldio de Castro Laboreiro inserido no Parque Nacional, inserido no norte de Portugal Continental, e por aí, qual é que é a função deste baldio... real, não digo a potencial, mas a real, ou seja, se retirassem o baldio a esta

comunidade, o que é que eles mais perderiam? Eles, vocês... é a questão dos pastos, é...

MeC2: por exemplo, o baldio neste momento aqui para nós é só para pastos, não tem mais nada de... como lhe digo, se não tivéssemos baldio, eu que tenho 70 vacas se calhar podia ter para aí 20 ou assim, ou 15... e essas não me permitiriam sobreviver. Depois não sou só eu... sou eu que tenho mais, mas há aí mais pessoas que têm 30; 40; 50.... E pronto, também teríamos de acabar com isso

AL: pois... e as pessoas ainda recolhem matos para as camas do gado e... você recolhe?

MeC2: eu recolho, eu recolho porque... porque eu... eu estabulo os meus animais à noite sempre, e nos períodos de maior rigor de inverno também os animais estão estabulados portanto preciso de lhes fazer as camas

AL: e depois usa para fertilizante?

MeC2: pouco... para mim pouco, dou, vendo

AL: ok... mas tem terras cultivadas?

MeC2: não, cultivadas não tenho, de pastagens só

AL: ah, e também se usa...

MeC2: pois, fertilização

AL: isso é que é um ciclo ahh

MeC2: fertilização orgânica que é melhor, em vez de ser a fertilização mineral fazemos essa fertilização orgânica

AL: mas tem pastagens particulares também então...?

MeC2: sim, sim, sim

AL: aqui?

MeC2: então, por exemplo, onde andam agora as minhas vacas aquilo é uma propriedade particular

AL: aí aquilo são elas?

MeC2: sim

AL: ah, mexeram-se rápido.... Ah pois, tem um muro. E depois planta as gramíneas para se comer ou

MeC2: ah, não, não, não. É natural, pastagens naturais, espontâneas

AL: é mesmo um ciclo isso não é? as fezes...

MeC2: é mesmo um ciclo, “na natureza nada se perde, tudo se transforma”, não era o que dizia lá o Lavoisier?

AL: sim... e vem para aqui todos os dias assim?

MeC2: [acena]

AL: boa vida (RISOS)

MeC2: (RISOS) isso é que era bom, se tivessem todos os dias como hoje e tal, e hoje eu estou aqui porque estou aqui consigo a conversar, senão estaria a fazer aí outra coisa qualquer

AL: o que é que estaria a fazer?

MeC2: olhe, provavelmente estaria lá no estábulo a fazer alguma coisa, a limpar os estábulos ou a fazer... ou a preparar o inverno ou ainda em alguma propriedade a fazer alguma melhoria. Ainda ontem estive a tirar camas, a esta hora estava eu a levar o estrume para as propriedades, para os campos

AL: tem muitos privados? Aquilo também é seu ali?

MeC2: tenho... tenho... eu tenho mais área de privados do que... que não são meus atenção, são das pessoas só que as pessoas permitem que eu pastoreie e que os utilize. Mas tenho mais área de privados do que área de baldio

A: ai é?

MeC2: eu... no meu caso, mas com essa condição não é

AL: dá-lhes os matos?

MeC2: não, não dou nada, as pessoas estão em Braga, estão em França, têm os terrenos abandonados e permitem que eu... aquele por acaso onde estão as vacas é meu mesmo, e estes aqui também são meus, mas há muitos outros lá perto da aldeia onde eu faço feno, onde eu faço a fenação que até não são meus, e no entanto as pessoas permitem-me que eu faça lá o feno e que até pastoreie lá aquilo

AL: para fazer o feno é que tem de plantar coisas ou não?

MeC2: não, faço com espontâneas, por isso é que o nosso produto é praticamente biológico

AL: pois, exacto, já podia ter a marca

MeC2: estou em conversão, há um ano, há um ano e meio, é preciso dois anos, três anos, parece que é, para depois poder dizer que é mesmo biológica

AL: pois, isto há aqui uns quantos terrenos privados dentro do baldio não é? Que foram entregues se calhar há muito muito tempo atrás

MeC2: ui, sabe-se lá

AL: isto hoje em dia já não se pode não é?

MeC2: não, não. A Lei permite que se alugue, que o baldio se alugue

AL: agora não é? Agora é mesmo arrendamento, antes era só cessão de exploração não era? Pelo menos é a ideia que eu tenho de ter lido a outra lei, mas agora pode-se mesmo, isso é uma das grandes polémicas

MeC2: é, mas olha que isso não vai... isso, epa, temos de cair na realidade, eu acho que isso que é bom, é bom, eu tenho de ver a coisa... as pessoas que estão à frente destas coisas epa, normalmente foram funcionários públicos, ou são funcionários públicos, epa e têm o ordenado deles ao fim do mês, estão porreirinhos da silva, e dedicam-se então ao fim de semana ou quando lá lhes interessar, para o que lhes interessar, que não sei o que é e nem me interessa saber, mas se vivessem aqui permanentemente como eu vivo do baldio, eu e outras pessoas não é, iriam ver como as coisas não serão assim tão líricas como eles pensam, e que já estamos... pronto, a sociedade evolui não é? Nós deixámos de ter uma agricultura de subsistência, não é, de autoconsumo para ser uma agricultura... eu tenho tanto direito a estar aqui agora e logo à noite ir ao cinema ou ir à ópera, ou devia ter o mesmo direito, e depois no verão ir à praia ou ir viajar não é, e para que isso possa ser feito eu tenho que ter dinheiro não é? E a minha actividade tem de ser rentável, e para ser rentável tenho que utilizar determinadas coisas, eu não posso manter-me a dizer “ah, o baldio é bonito, é bonito...” não é? São sempre coisas que são bonitas, mas é bonito de facto para quem já sabe que chega ao dia 23 ou dia 24 ou dia 20 do mês e tem lá o seu dinheirinho na conta não é? Para esses é bonito

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: pois... então e digam-me só, na vossa perspectiva qual é a importância do baldio actualmente para as comunidades locais?

MeL1: nós vivíamos dos baldios quando tínhamos rebanhos, agora desde que houve a emigração os rebanhos cansaram. Como agora há subsídios para aí com fartura há meia dúzia deles que têm muitos gados por aí

AL: aumentou o gado desde que há subsídios?

MeL1: é, mas menos pessoas, menos...

Z: anda a morrer de fome

MeL1: é, o gado anda a morrer de fome por aí

AL: o gado anda a morrer de fome?

MeL1: anda

Z: eles querem é subsídios

MeL1: andam por aí, não há muita fartura não

MeL2: há produtores que têm muitos animais, há produtores que têm aí 100 vacas ou cento e tais e... não é o nosso caso, nós na nossa freguesia não quisemos saber nada dessas coisas

MeL1: há um só, o Oliveira

MeL2: oh, mas

AL: e só há um produtor em Lamas de Mouro?

MeL2: oh mas é uma pequenina coisa, 2 ou 3 vacas, isso não é nada à beira dos outros. E então dai da parte da Peneda, Soajo, Gavieira, temos aqui um senhor também que não é daqui da freguesia que é daí de São Gregório, ouviste falar de São Gregório? Era a fronteira antiga, foi da emigração para a França. E então tem isto comido, cheio de animais e destroem isso tudo

AL: aí é? No vosso baldio?

MeL2: no nosso baldio e não há quem os tire daqui para fora

MeL1: ontem tirei eu de um campo meu 20... 20 vacas

MeL2: olhe, de um campo dele, de uma propriedade privada

AL: e não sabe de quem são

MeL1: ah, claro que sei, mas não há quem as apanhe

MeL2: sabemos mas

AL: isso não gera conflitos entre

MeL2: não, às vezes a gente avisa, dá-lhe um recado, avisa, mas eles não fazem caso, dali a 8 dias voltam ao mesmo... é assim a vida

AL: então o gado das aldeias em volta tem vindo para o baldio de Lamas de Mouro? E Lamas de Mouro não tem gado, tem só um senhor

MeL2: tem só um senhor que tem duas ou três vacas

MeL1: e tem meia dúzia de ovelhas, eu posso saber quantas tem porque fizemos a

MeL2: mas é pouca coisa

AL: fizeram a... para pedir o subsídio?

MeL1: é

AL: é a primeira vez que estou num baldio que tem só um produtor

MeL2: a gente daqui não está aqui

MeL1: os novos não estão cá, só estamos os cansados

AL: que já estiveram fora também

MeL2: sim, todos

MeL1: 50 anos e uma semana. Canadá... e tive um ano na Alemanha. Mas fui daqui o dia 29 de abril de 1963 até 7 de março de 2013, 50 anos e uma semana

AL: está acabadinho de chegar praticamente

MeL1: estou cá há 2 anos. Fez 2 anos e meio

AL: e o senhor também foi para fora?

MeL2: também, fui França e Canadá

AL: também para o Canadá. Aonde?

MeL2: Mont Real

MeL1: em Mont Real nós íamos trabalhar lá em cima

AL: fazer o quê?

MeL2: para a montanha. Eram grandes barragens, barragens para electricidade

AL: trabalhavam na construção?

MeL2: é, construção

MeL1: a 416 pés debaixo da terra, sabe quanto é que faz? 137 metros

MeL2: trabalho muito duro

MeL1: nós somos homens da serra, somos homens do diabo

MeL2: a gente daqui foi toda emigrante

MeL1: é, e é, continuam a ser. Só estamos cá os velhotes

AL: quantas pessoas vivem cá?

MeL1: 60 e tal. Estivemos a contar aqui a outra noite, são 60 e tal

MeL2: e contaste de Alcobaça?

MeL1: não, não, só daqui da

MeL2: [vai nomeando cada pessoa que lá vive... “ a minha sogra, um, ...”] 21

MeL1: esta é uma aldeia que é anexa a Lamas, não é de Lamas, é de outro lugar

[conta a história de como o presidente da Câmara de Alcobaça lá de baixo veio por a placa do nome da aldeia nesta Alcobaça]

AL: então não há jovens a viver cá?

MeL2: há jovens mas está tudo fora, estão para baixo, Lisboa, Porto, Algarve, andam a trabalhar para aí para baixo

MeL1: cismaram de dizer que isto que não era bonito

AL: bonito não podem dizer que não é

MeL1: pois, mas é, não há hipóteses. Trabalho não há, o que é que gente vai fazer?

MeL2: é como se fossem para França, ou emigrar para outro lado qualquer

AL: e como é que vocês veem o futuro aqui desta zona?

MeL1: o futuro agora vem de fora... as reformas

AL: ah, mas eu digo o futuro mesmo da comunidade

MeL1: como é que o vemos? Cada vez mais fraquinho. Há uma aldeia aqui em castro laboreiro, eu nunca pensei, é incrível, tem para aí 10 ou 12 casas em ruínas pa!

MeL2: ninguém quer saber disso

MeL1: e aqui já vamos a caminho, já há umas 3 ou 4 em ruínas. Faleceram os velhos, os novos estão noutra sítio não querem saber, abandonam, não querem saber

AL: e os vossos novos, da vossa família, não têm vontade de voltar?

MeL1: é uma grande dúvida que temos, falta saber. Quando a gente faltar.... Enquanto estamos cá eles vêm cá uma vez por ano como nós fizemos

AL: ah, não estão cá?

MeL1: não.

MeL2: por exemplo, o caso dele, tem 2 filhos, têm a vida formada lá [em França] estão lá, têm a vida formada lá, têm casas, têm tudo lá, os netos já nasceram lá, já têm lá raízes

MeL1: tenho um neto com 21 anos que já nasceu lá... nunca mais, nunca mais. Podem vir aqui 2 a 3 semanitas, alguns chegam cá e ao fim de uma semana "c'est pas beau" [RISOS]

[fala-se da cidade e do campo, do que cada um oferece e de como quem está habituado a uma e gosta tem dificuldade em adaptar-se a outra]

MeL1: venha cá no inverno e depois diga, vai ser se gosta tanto como gosta hoje

AL: eu não me dou nada bem com o inverno, seja onde for

MeL1: então já não gostava disto, o inverno aqui é... parece o fim do mundo. Começa a chover e chove 6 meses sem parar, quase sem parar

MeL2: e caem boas nevadas aqui também

AL: [...] Senhor MeL3, qual é que é a grande importância do baldio actualmente aqui a nível local?

MeL3: os baldios são bons para... para ter os animais

AL: já soube que aqui em Lamas de Mouro não há muitos animais não é?

MeL3: não há muitos não

MeL1: eu posso ir ali buscar

AL: mas são só os que têm subsídio ou há mais pessoas sem subsídio mas que têm animais?

MeL1: não. Os que têm animais têm subsídio porque faz por ele, porque praticamente está decidido não é? Quem não tem subsídio é porque não tem animais

AL: não há ninguém aqui que tenha animais que não tenha subsídio?

MeL1: expecto a Almerinda... ela tem umas 10 ou 15 ovelhas

MeL2: eu acho que não. Eu não me lembro de fazer o baldio para ela

MeL1: eu também não vejo que ela receba. Não sei porquê

MeL3: o resto tudo o que tem animais tem subsídio

MeL1: têm-nos declarados claro

MeL2: nós aqui na nossa área, os animais que temos aqui são as freguesias que estão em volta que fazem vir para aqui os animais deles

AL: e vocês importam-se com isso?

MeL3: eu não me importo nada. Os baldios, desde sempre, da nossa infância, nós íamos pastar para os outros montes das outras freguesias, e nunca fizemos extremas nos baldios para as pastagens

AL: e já houve aqui muitos animais em tempos?

MeL3: sim, sim, muitos, toda a gente vivia dos animais

MeL2: e vezeira, grande

MeL1: antes da emigração, para França só abriu em 1946, por causa da guerra. Tem tantos anos como eu

AL: não está a par... claro. E se deixasse de haver baldio, qual era a maior perda? Ou seja, voltamos ao mesmo, qual é a maior importância do baldio, que eu ainda não consegui perceber muito bem. Sendo que não há muito gado, pelo que vocês me disseram

MeL1: pois não

AL: então qual é a maior importância do baldio actualmente para as comunidades?

MeL1: [*? não se entende*] será isso só

AL: ok

MeL1: os pastores de gado não são de cá da aldeia, são de outro lado que vejam a vida deles de outra maneira. Nós falamos aqui pelo lado de Lamas de Mouro, a única coisa que se vê é a limpeza que se vai fazendo daqui até à Peneda, do outro lado a mesma coisa, para aqui igual, se sobra alguma coisa, melhorar um bocadinho, como houve ali uma pontezita que caiu, queríamos arranjar e a Câmara não tinha dinheiro, fomos nós que nos prontificámos para arranjar para se poder passar de um lado para o outro, só, mais nada

AL: ahan

MeL1: isto o benefício que traz é mais para os turistas que podem andar melhor nos trilhos. Os trilhos já era outra coisa que tínhamos de andar a limpar por todo o lado

AL: a Câmara não investe nos trilhos?

MeL2: que nós saibamos... não

AL: e vocês?

MeL1: não

AL: vocês também não? Então quem?

MeL2: é mais o parque

AL: é?

MeL2: o Parque Nacional é que trabalha mais aí nesses aspectos

MeL1: nós vemo-nos mal para limpar as nossas propriedades, estamos velhos

AL: ai não, estou a dizer pagar a alguém não é? À empresa, à AMBIFLORA ou que é

MeL2: já se sabe que há que pagar, e não há dinheiro. Se houvesse dinheiro com abundância a gente até faria

AL: não, mas eu digo, os sapadores... vocês pagam aos sapadores

MeL1: eles fazem os caminhos fora do perímetro da aldeia, só caminhos até... até chegar ao baldio, no baldio não fazem. Aliás aqui, até há um tractor [*? não se entende*] vão com as máquinas, mas não vão para longe, não vão fazer os trilhos para as caminhadas

MeL2: os trilhos é mais o Parque Nacional

[...]

AL: pronto, então a grande importância hoje é ir mantendo umas coisas bonitas e tal

MeL1: para quem passa por cá, para quem vem de longe

AL: e do ponto de vista do desenvolvimento local, há alguma contribuição do baldio para o desenvolvimento local destas comunidades, destas aldeias ou

MeL1: se o que nos dão nos baldios der para limpar já é bom... é muito bonito mas... se chegar para isso já é bom

Património construído

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: [...] aqui para esta zona que é o fojo do lobo. Isto aqui já e a zona do fojo, e foi recuperado agora, foi uma obra que nós recuperámos há 2 meses sensivelmente

AL: essas recuperações são feitas com dinheiro das ITI?

MCa1: não, neste caso foi um projecto financiado pelo PRODER. As ITI é outra coisa

AL: é que ontem estava a ler sobre as ITI e percebi que também era para estas questões de recuperação, sei lá, do património, ligado às actividades, tipo pastoreio...

MCa1: sim, pastoreio sim. Este é um projecto denominado INP, investimentos não produtivos.

AL: eu pensava que isso fazia parte das ITI

MCa1: não, não, não, isso são programas (segundos de vento) quadro comunitário

AL: esta aldeia como é que se chama?

MCa1: Xertelo

AL: e ainda faz parte do Parque?

MCa1: claro, toda a freguesia faz parte do Parque. A minha freguesia é a maior freguesia em área do Parque Nacional

AL: a freguesia de Cabril...

MCa1: sim. Tem 74 km²

AL: parece-me bastante

MCa1: é enorme

AL: mas por exemplo, Fafião faz parte da freguesia de Cabril não é?

MCa1: sim

AL: e Pincães também...

MCa1: também. O Raul é o presidente do CD de Fafião... eu tenho um projecto de apicultura

AL: ah, é consigo? Ele falou qualquer coisa que queria por um projecto de jovem agricultor

MCa1: pois, e hoje vai andar comigo em formação, vai andar comigo nas minhas abelhas e tal que é para depois poder

AL: e tu tiveste também esse apoio dos jovens agricultores ou não?

MCa1: não, eu já tinha [VENTO]

AL: vocês cooperam entre baldios?

MCa1: sim, [VENTO] aliás, é um problema de todos os baldios do Parque Nacional

AL: ok, pois. Não importa a modalidade de gestão, não importa nada disso?

MCa1: não.

AL: Cabril está em modalidade b) ou modalidade a)? Ou seja, está com o Estado ou sem o Estado?

MCa1: com o Estado. Está em cogestão. Você consegue subir aqui?

AL: creio que sim

MCa1: epa, estas pedras estão um bocado mal seguras, tenho de falar com o homem... cuidado. E agora aqui estamos num sítio onde se consegue ver aqui o fojo

AL: ah, que horror, que matança

MCa1: (RISOS) quando estamos a falar de sobrevivência já não abordamos a questão dessa maneira

AL: claro que sim... é a visão urbana (RISOS)

MCa1: claro que isto hoje é completamente inconcebível, mas naquela altura...

AL: sim, eu já conhecia a “teoria” do fojo, mas nunca o tinha visto. Depois aquilo é um buraco não é, e ele cai lá para dentro

MCa1: um buraco de 6 metros de profundidade...

AL: fazem tipo uma batida ao lobo não é?

MCa1: uuh, faziam! Quando sentiam, quando havia um ataque aqui próximo, faziam tipo uma batida, encaminhavam-no para aqui, tentavam encaminhá-lo para aqui. Depois vinha um em cima dele que era para ele vir sempre a correr à frente para apertar com ele, sempre a pressioná-lo, isto vai afunilando não é...

AL: e eles vinham a pé?

MCa1: claro, a pé! Então (RISOS), então como é que haviam de vir?

AL: sei lá, o lobo mete respeito

MCa1: não, mas o lobo sempre teve medo ao homem...e ali está a baixa. (RISOS) onde nós estivemos, ali em baixo. O Lugar da Vila...

AL: chama-se o Lugar da Vila?

MCa1: sim

AL: mas quer dizer, não se considera ser Cabril?

MCa1: Cabril é a freguesia, o conjunto das 15 aldeias

AL: ai não é o nome daquela aldeia?

MCa1: não!

AL: por isso é que eu achava que já tinha estado em Cabril, mas não estava em Cabril e afinal estava em Cabril (RISOS)

MCa1: estava em Cabril, isto aqui é Cabril

AL: então como é que se chama aquela aldeia, Lugar da Vila?

MCa1: a da margem direita é São Ane, e aquela onde nós estivemos é Lugar da Vila

AL: ok. E aqui é Meixedo...

MCa1: Xertelo

AL: ah, onde é que eu fui buscar Meixedo?!

MCa1: Meixedo é Montalegre

AL: ah, como venho de lá... (RISOS). Que confusão de nomes, Xertelo, sim. Ok, então não há nenhuma aldeia que se chame Cabril?!

MCa1: não, Cabril são todas. É o conjunto das 15. Importa-se que eu fume? Estamos num ambiente natural mas...

AL: deixe lá, o tabaco também vem da terra (RISOS). Já esses filtros é que pronto...

MCa1: e aquilo acolá é a Sorreira do Meio-dia. A Sorreira do Meio-Dia é o quê? Daqui não se consegue ver bem... tem lá uma frincha, assim uma ...

AL: tipo uma cresta na própria rocha?

MCa1: exactamente, um buraco na rocha de cima abaixo, assim, uma cratera em que quando for meio-dia o sol entra em plenitude na racha (RISOS)

AL: (RISOS) é um momento de comunhão!

MCa1: exacto, entre o sol e a racha! E depois, tirando essa hora não dá mais sol lá, só mesmo quando for meio-dia

AL: é esta racha, vá...? (RISOS)

MCa1: não, é aquela onde ainda se vê um bocadinho de sombra, um bocadinho de sombra do lado esquerda... ali é que é a Sorreira do meio-dia! Isto aqui parece uma coisa, mas em cima daquelas pedras é verdadeiramente assustador. Aquilo é uma escarpa enorme. Não se tem a noção mas aquilo lá...

AL: mas vocês vão lá facilmente?

MCa1: vamos, vamos... a pé por aquele lado, porque a estrada que vai para a serra fica a 20 minutos a pé

AL: ok. Então sobes em vinte minutos desde o carro, é isso?

MCa1: sim.

AL: ok, daqui parece completamente inacessível... quer dizer, para as cabras talvez não...

MCa1: o pessoal vai lá bem... temos ali também outro dos investimentos que fizemos (VENTO) e marcámos...

AL: ah, sim. É para percursos pedestres?

MCa1: pedestres, sim

AL: e depois andaram a sinaliza-lo e assim?

MCa1: a sinalizá-lo com mariolas, mariolas são aquelas pedras que sinalizam de modo tradicional

MCa1: [...] aqui para esta zona que é o fojo do lobo. Isto aqui já é a zona do fojo, e foi recuperado agora, foi uma obra que nós recuperámos há 2 meses sensivelmente

AL: essas recuperações são feitas com dinheiro das ITI?

MCa1: não, neste caso foi um projecto financiado pelo PRODER. As ITI é outra coisa

AL: é que ontem estava a ler sobre as ITI e percebi que também era para estas questões de recuperação, sei lá, do património, ligado às actividades, tipo pastoreio...

MCa1: sim, pastoreio sim. Este é um projecto denominado INP, investimentos não produtivos.

AL: eu pensava que isso fazia parte das ITI

MCa1: não, não, não, isso são programas (segundos de vento) quadro comunitário

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o

mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois... e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira?

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao baco acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nos temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

MCa1: exactamente! A questão é a limitação e a dificuldade está mesmo aí, porque nós não podemos ceder mais do que 490 hectares para efeitos de candidatura dos agricultores para... com baldio. Isto pode ter um impacto muito superior, negativamente, para toda esta gente que vive da agricultura e da pastorícia... essa é que é a questão...

AL: então, a ver se eu percebi. Isso que me disse eu percebi. Sim. Agora vou-lhe dizer o que eu tinha percebido... pelo que eu percebi há um x dinheiro que entra no baldio anualmente como bolo para se gastar...

MCa1: certo, mas isso ao certo ainda ninguém sabe como vai ficar...

AL: aaah. Então não é aí que estão a mexer então... o que eles estão a mexer agora ao definirem áreas forrageiras...

MCa1: o que eles mexeram foi na área elegível para cedência aos agricultores. Agora em termos de ITI ainda ninguém sabe como é que isto vai ficar... digo eu! Eu pelo menos não sei... (RISOS) espero que pelo menos quem mande saiba o que anda a fazer, o que às vezes também me parece que não sabem... porque isto, quando os cortes são feitos dentro de um gabinete no terreiro do paço raramente correm bem porque dizer "ah esta área não presta, isto não presta para pastoreio", esquecem-se por exemplo que as cabras, que é uma parte importante aqui da agricultura. Dão-se muito bem e gostam desta zona de rocha, gostam da zona... basta que ver no nosso baldio existem cerca de 1000 cabras bravas, bravas, selvagens, que foi o próprio parque que as soltou... não é?! E depois a área que eles cortaram a 100% é a área em que elas se dão maravilhosamente bem e que estão a crescer de uma forma exponencial, ou seja há aqui um contrassenso muito grande, não é? Se não presta, se aquilo é deserto, se é só pedra, então elas crescem do quê? Será que comem pedra? Não é? E aqui na serra está o sistema de veraneio em que os animais sobem todos para a serra alta e que não vêm sequer cá abaixo, ficam lá 6 meses, que é ótimo para os agricultores porque fica a custo zero

AL: eles não ficam lá não é? Deixam-nas lá e depois hão-de ir lá buscá-las

MCa1: exactamente, vão lá amiúde, com muita frequência ver os animais, mas dormir lá não vão, não ficam lá ao pé delas, preferem vir dormir com a mulher, e eu também acho que é melhor

AL: (RISOS)

MCa1: (RISOS) eu também acho que é melhor, entre dormir com vacas e dormir com a mulher eu também acho que preferia dormir com a mulher (RISOS). Mas pronto... mas o gado anda mais ou menos acompanhado porque andam todos os dias pastores na serra, e sabem, conhecem os animais de cada um, e quando algum tem algum problema eles ligam "olha, tens aqui a tua vaca, tem este problema, ou pariu, ou qualquer coisa assim"

AL: e esses pastores quando andam na serra vão e vêm ou...

MCa1: vão e vêm...

AL: as vezeiras já não existem aqui?

MCa1: aqui já não existe vezeira há cerca de 40 anos, já há muito tempo...

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sitio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: estou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: [olhando para as fotografias] ah, tao grande, pensei que era uma coisa pequenina. Bom, isso não parece nada um iglô...

MCa1: não, ali aquela é que é a pequenina

AL: ah, parece, parece! Ok, estava a olhar para aquela

MCa1: pois. E esta foi a que fizemos de novo... tinha lá uma velha com placa de cimento e, estava muito mal... com uma aparência fraca e deitámos aquela abaixo e fizemos outra, fizemos este parquezinho aqui à volta, com mesas

AL: he lá isto assim até dá gosto ir pastar. Posso ver outra vez... mas pera lá, isto é uma casa ou é uma árvore? Agora já estou a ficar confusa...

MCa1: aquilo é a cabana, é a tal cabana. A casa de banho, metida no meio das pedras... passa bem despercebida, só tem mesmo a sanita, não tem mais nada, aqui fizemos uma churrasqueira, com sítio para cozinhar aqui, com água. Isto aqui é a parte do dormitório, para quem quiser lá ficar, para os turistas, para quem quiser, para quem andar por aí, quem quiser lá dormir...

AL: mas está a porta aberta?

MCa1: está a porta aberta, isto é tudo de porta aberta. Agora vou lhe mostrar a cabana, quando formos lá... a cabana foi mesmo arranjada por nós

AL: é uma só que está viável não é? Imagino que haja várias, das vezeiras e assim

MCa1: sim, há muitas, só ali em Lagoas do Marinho, que é esta zona

AL: é o nome da zona?

MCa1: é o nome da zona... tem para aí meia dúzia delas, quase em cada curral, curral são aquelas áreas vedadas que antes as pessoas semeavam lá centeio, no tempo da fome

AL: ai era? Semeavam lá centeio, mas isso não era onde as pessoas punham os animais?

MCa1: era, mas estava vedado. E como era pastoreado tudo avezeirado, andava lá um pastor todos os dias, ele guardava os animais.

AL: mas plantava-se centeio ao mesmo tempo?

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois poe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chão mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, ta bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

MCa1: estás a ver aquilo ali em cima?

AL: ah

MCa1: aquilo é um moinho de cubo vertical que nós também recuperámos

AL: de cubo vertical... isso tem a ver com o quê? Com o funcionamento do moinho?

MCa1: exactamente. Aquilo são argolas, a água vem de cima, cai, depois lá no fundo tem... vamos lá num instante senão assim também não dá para... vamos lá... a água... aquilo enche, no fundo forma-se um jacto de água [...] a pressão de água a bater no rodízio (?)

AL: e como é que fazes para que haja pressão

MCa1: a pressão é provocada pelo cair da água

AL: ok. Estão a recuperá-lo é?

MCa1: estamos

AL: e esta casa é para quê?

MCa1: esta casa é minha

AL: ai é?

MCa1: estou a preparar para criar aí um albergue

AL: para turistas?

MCa1: sim, sim

AL: ai que giro, mete-se a pedra por fora... sai mais barato do que meter tudo pedra não?

MCa1: não, não... [vento]

AL: olha, e o albergue fica a ser teu, é do baldio, como é que é?

MCa1: não, isto é meu há muito tempo

AL: então, mas isto é baldio

MCa1: não, isto é particular

AL: ai é particular? O moinho é que já é do baldio?

MCa1: exactamente

AL: ah, então isto é da tua família esta parte?

MCa1: sim

AL: e o moinho está a funcionar?

MCa1: está a funcionar. Esta água vem dali e é esta água que alimenta o moinho

AL: e o moinho é usado?

MCa1: pouco

AL: é moinho mesmo para moer cereais e não sei quê não é?

MCa1: exactamente

AL: (RISOS) deixa-me lá fazer perguntas urbanas. Ok, então aquela água vem dali, é utilizada para alimentar o moinho mas depois é usada para regadio como? Através de...

MCa1: depois a partir dali cada um nos seus dias leva a água para o seu terreno

AL: está bem... bem esta casinha... ainda venho a ser cliente!

MCa1: ora então... a água cai lá de cima... nós depois vamos lá acima

AL: os cilindros são ali não é?

MCa1: os cilindros...

AL: (RISOS) como é que tu chamaste?

MCa1: as argolas... a água cai lá de cima e enche o, o, o...autoclismo

AL: ok

MCa1: certo? E depois sai ali só por aquele buraquinho

AL. Ah, por isso é que faz a pressão...

MCa1: bate nestas helicezinhas e como sai com muita pressão faz com que a pedra amole, isto está ligado à mó, ao bater aqui a água a mó anda e mói

AL: e porque é que não está a cair água agora?

MCa1: porque não querem. Quando se quer torna-se para aqui, vira-se para aqui e ela...

AL: aaah. E isto é usado o quê? Uma vez por mês?

MCa1: fica ao critério das pessoas

AL: ok. Isto faz parte aqui só desta aldeia?

MCa1: exactamente. Isto é daqui de Xertelo

AL: isto estar tudo ferrugento não tem mal nenhum pois não?

MCa1: até é bonito assim (RISOS). Este é o velho, recuperámos o velho, esta madeira é nova, mas o rodízio é o antigo

AL: boa! Não, não tem mal nenhum, ali só passa água não é?

MCa1: claro. Isto já é outro

AL: outro moinho?

MCa1: moinho, que não foi recuperado. Estava muito mais degradado e era muito mais caro

AL: mais difícil pois... ah, era mais ou menos isto que eu estava a imaginar

MCa1: a água vem dali, passava por este, fazia moer este, a mesma água serve para... depois entra aqui, vem por aqui...

AL: ui, grande queda!

MCa1: isto aqui representa uns quilos enormes de água... isto está cheio, isto enche mesmo até aqui acima, depois sai só por aquele buraquinho, é por isso que quanto mais peso tem mais pressão é... certo?

AL: ah, não conhecia. E a água continua a passar por aquele?

MCa1: exactamente, continua! Aquele agora não mói mas continua a passar por ali na mesma.

AL: é engraçado que ainda usem...

MCa1: É claro que isto também vai de encontro áquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... opa, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente

AL: e achas que vai ser só através do turismo que a malta vai conseguir aqui ter...

MCa1: a meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro. O dinheiro neste momento, da maneira que ele é escasso tem de ser muito bem gasto e direccioná-lo para coisas que se sinta que é o futuro, não vamos estar a investir em coisas... que sei lá, à partida já sabemos que não são sustentáveis. E acho que basicamente são esses 3 pilares que temos que manter em bom estado. E se fizermos isso como deve ser acho que Cabril tem muito potencial, tem é de se fazer bem feito. Temos de trabalhar bem!

AL: pois, porque estavas a dizer há bocado que a floresta, e eu também acho, para além de dar algum tem de se investir muito nela, mas se calhar pode chegar a um ponto que, lá está, eu não sei, nunca tive floresta, mas pode chegar a um ponto em que o saldo é positivo e comesças a tirar...

MCa1: ah, claro, sim, exactamente. A medio e a longo prazo, porque a floresta não é uma coisa imediata, que vou plantar hoje a amanhã posso estar a vender

Covelães: MCov1

MCov1:havia aqui uma do Parque, que eu até estive lá ontem...

AL: ah, a casa do guarda?

MCov1:era do Parque, uma que eles arranjaram deles... vinham para aqui as pessoas do Parque, só as do parque é que vinham, não as alugavam a toda a gente. Pessoas que trabalhavam dentro do parque, que andavam a fazer serviços para o parque... vinham aqui dormir... tinham cozinha lá cozinha, tinham lá tudo. E agora está lá tudo abandonado

AL: é aqui em Covelães?

MCov1:sim

[falo de como perguntei a uma Sra. do ICN se haveria esse tipo de alojamento e ela disse que neste momento não tinham nada...]

MCov1:não, não, deixaram tudo ao abandono... tinha a de Pitões, essa foi a ADERE que tomou conta daquilo, arranjaram aquilo e coiso mas agora parece que não está lá ninguém... eles é que tomaram conta dela, daquela casa lá de cima

AL: também era do ICN?

MCov1:era do Parque naquela altura

AL: Pitões das Júnias não era?

MCov1:é, essa era do parque. E agora quando vou lá não vejo lá ninguém. Antigamente vinha muita gente, aos fins-de-semana era só gente, gente, ui, cum

caramba! Vinham para ali pronto, tinham 6 pessoas, para a outra semana já tinham outros, para a outra outros... para a outra semana... tinha sempre gente! Ali nunca estava vazia

AL: Mas era o quê? Turistas ou pessoal do parque?

MCov1:não, de fora também...não era turistas, tinha lá sempre pessoal, sempre, sempre, sempre, tinha muito pessoal... eu é que tomava conta daquilo, vinha uma mulher para fazer a limpeza, tinha de lhe por lenha, por gás, porque aquilo não tem electricidade, tinha de por o gás para cozinhar, tinha de por o coiso para os candeeiros, tinha de andar lá, todos os dias tinha de lá ir uma vez ou duas, depois ver, quando saía, ver se aquilo a roupa faltava, tinha de se conferir a roupa, se coiso tinha de se mandar um ofício para baixo a dizer que faltou uma toalha ou duas, ou três ou quatro, que faltou um lençol ou que faltou um cobertor, depois eles iam lá comprar, eles tinham de pagar aquilo, era eu que tomava conta daquilo, mas pronto, agora ficou... a casa estava bem arranjada, eles depois arranjaram a casa bem, e agora não tem ninguém, e foi a ADERE que depois... foi a ADERE que arranjou aquilo

MCov1:ah, Pitões é bom, Pitões é terra de turismo

AL: ai é? Conheço o nome mas nunca lá fui...

MCov1:então, ali é tudo turismo [fala-se das moscas que são chatas]. Hoje já deve ter lá muita gente e até carreiras, carreiras, muita gente, carros, carros, motos, às vezes, um dia eram para aí 300 motos... foram ao mosteiro... foram ver o mosteiro, foram à cascata, nem cabiam lá em baixo

[fala-se da cascata e discute-se se será a mesma de Pitões e a sua possível localização. As cascatas de Barrondas, que são da zona de Covelães e de Travassos...]

As de Barrondas já são aqui de Covelães... são de Covelães e de Travassos. Elas eram de Covelães... mas agora os de Covelães deram algumas propriedades aos de Travassos e agora eles tomaram conta das Barrondas

AL: mas tomaram conta como?

MCov1:puseram lá o coiso e não se importaram... tenho lá uma propriedade ao pé, tenho lá um carvalhal. Mesmo ao pé daquilo, é junto ao...

Fafião: MF1

AL: sim... neste momento é a madeira que dá maior rendimento aqui ao baldio ou...

MF1: sim... nós, pronto, temos aí muito pinhal tentamos mantê-lo minimamente limpo por causa dos incêndios, quando arde é mau para todos. E temos também uma antena da MEO, é um pinheiro, não sei se viu lá atrás um pinheiro alto, muito mais alto do que os outros que é uma antena da MEO que nos dá uma renda mensal e que portanto também nos dá algum dinheiro. Mas isso é um valor pequeno. Depois

vamos fazendo umas obras, vamos pedindo ajuda à câmara quando é para fazer alguma coisa assim mais... maior

AL: ... e o baldio tem dado rendimento, as actividades que desenvolvem aqui que vos dão algum rendimento é suficiente para manter uma produção, reinvestir nalguma produção... sei lá, por exemplo, madeira ou...

MF1: sim, nós aqui a nível financeiro não posso dizer que estejamos mal porque não estamos, estaria a mentir. Temos muito pinhal e pronto, fazemos umas vendas de pinhal quando é necessário. Muitas vezes não é por causa do valor económico, é porque os pinheiros já estão muito grandes e não deixam crescer os outros então fazemos um desbaste sem fazer cortes rasos e o pinhal vai-se regenerando naturalmente. Sabemos de outros casos em que, por exemplo, as equipas de sapadores têm dificuldades, não recebem há 2 meses, aqui isso nunca acontece...

MF1: (...) Aqui nesta cerca fizemos um projecto de reflorestação com espécies autóctones...

AL: portanto, para lá também ainda é?

MF1: sim... eu penso que isto está aberto... nós fechamos isto por causa dos animais. Depois vamos fazer um bocadinho o trilho, vamos ver os pontos de água... pode deixar aberto... o problema quando fazemos reflorestação é... metemos carvalhos, metemos bétulas, metemos muitas árvores... se as deixamos sem estar protegidas, como tem aqui uma vezeira das cabras... muitas cabras, elas dão cabo das árvores com os cornos. Esgalham-nas e depois as árvores acabam por morrer. E então, ou temos de vedar para a coisa ficar bem feita, ou vedar tipo uma área destas ou então vedá-las à volta. Só que a vedação à volta dá muito trabalho.

AL: Pois, e deve ser caro não? Para todas as árvores...

MF1: é. O melhor é umas, tipo, um tripé em madeira e depois umas estacas a ligar esses 3 paus, só que isso fica muito caro... aqui temos um pinheiro, ali temos um carvalho, aquilo é um medronheiro

AL: e aqui o objectivo é produção, conservação...

MF1: não, é conservação, produção não estamos a plantar para cortar, os pinheiros sim, quando chegarem à medida, mas estas árvores não, porque era uma pena estarmos a cortar estes carvalhinhos

AL: sabe qual é a espécie?

MF1: este aqui é o americano, este aqui é o nacional. Na altura optaram por meter aí o carvalho americano, que eu não estou muito de acordo, mas agora também não o vou cortar. Porque esse carvalho não é originário daqui

AL: he lá, mas estes pinheiros já foram todos postos por vocês?

MF1: não, os pinheiros aparecem naturalmente. Isto aqui é um plátano dos que temos cá, o nome exacto não sei... Acer qualquer coisa

AL: tem vários... isto já foi feito há quanto tempo?

MF1: para aí há meia dúzia de anos, talvez 8. Exactamente já não sei, só que, como vê isto foi limpo há pouco só que o mato cresce muito depressa

AL: o ICNF ajuda aqui nisto? É do interesse do Parque também não?

MF1: é, é do interesse, eles, por exemplo aqui há umas semanas tivemos aqui uma escola de Esposende e precisei de umas árvores, no caso até foram umas sobreiras, e eles deram-me as sobreiras. Outras árvores como são mais difíceis, mais... agora por exemplo não dão castanheiros por causa da vespa asiática que está a matar... mas dão carvalhos, dão muita coisa

AL: e quando dão, dão quantas para aí?

MF1: dão, isso até dão bastantes, o problema é que quando nós fazemos uma coisa que estamos a plantar umas árvores já queremos umas árvores boas e eles assim grandes, grandes não têm, então temos de arranjar noutro sítio. Porque aqui se metermos uma árvore pequena as cabras metem a cabeça e comem a árvore, nunca mais sai dali. Por isso preferimos meter umas árvores maiores que já se desenvolvem mais rapidamente

AL: e essa vezeira não havia forma de fazer com que ela não passasse nesta plantação, ou?

MF1: Nos tempos da floresta faziam isso, plantavam e depois não deixavam a vezeira passar lá, as cabras. Aqui tem duas vezeiras, tem das vacas e das cabras, e no tempo da floresta faziam isso, mas agora é mais complicado (vento)

AL: pois, é isso que eu não sei, por isso é que estava a perguntar, não sei se da para virar um bocadinho à direita...

MF1: é complicado dar conta de 400 cabras, fogem para todo o lado e estas cabras aqui como são bravias, grande parte delas, querem é que lhe soltem a corda e que as deixem ir pelo monte acima

AL: e as vedações não são suficientes para as cabras, ou são?

MF1: não, aqui nas vedações elas nem entram

AL: então e do outro lado não há vedação é isso?

MF1: do outro lado também temos algumas vedações por causa, porque temos ali 40 hectares vedados, em cima, outra plantação também...

AL: epa, 40 hectares vedados é muita vedação...

MF1: pois é, lá temos muitas árvores

AL: também é de plantação então?

MF1: é, é... criação de pontos de água

AL: ah, então vocês andam aí a investir bastante em reflorestação

MF1: também temos porque quando começa a arder aí no alto da serra não há carros que vão lá. Entram os helicópteros em acção, colhem ali água no poço de água e atacam o incêndio na serra alta, não há hipótese, tem de ser mesmo de helicóptero.

AL: portanto a malta toda da aldeia pode usar aqui o baldio

MF1: pode... pode vir aqui buscar mato, pode ir buscar lenha, sabem que não podem cortar carvalhos, sabem que não podem cortar sobreiros, podem levar os pinheiros que estiverem secos e os carvalhos que estiverem secos também os podem levar, e o mato, podem levar tudo, agora chegar aí e cortar à sorte, está ali um pinheiro grande verde com um tronco grande não chegam ali e cortam, porque isso ia-lhes trazer problemas, esse pinheiro é da aldeia, e o dinheiro que esse pinheiro der é para a aldeia, é para o baldio

AL: portanto o baldio há-de ter um papel importante aqui a nível local

MF1: está, aqui o conselho directivo funciona bem! Pronto, claro que depois isto, nem deus agradou a toda a gente, quanto mais nós (RISOS). Depois temos aí uns problemas, porque aí quando foram as novas regulações, creio que foi em 1996, houve uns problemas, que aqui há muita gente que tem árvores e que não... só tem as árvores, tipo uma carvalha no baldio... e quando fizeram essa análise deram-lhe terreno, e esses terrenos vieram causar um problema enorme. Toda a gente sabe que os terrenos não eram das pessoas... o carvalho estava no baldio e o carvalho era sim senhor da pessoa, só que não tinha terreno e aqui houve uma acção em tribunal, uma guerra entre aspas por causa dessas coisas... e continua a haver. E até agora já está a chegar-se a um consenso e as pessoas sabem efectivamente que ali só possuem as árvores mas isso também trouxe algum desconforto e algumas pessoas achavam que aquilo não devia ser assim, que tinham as árvores e que queriam ficar com o terreno... acabaram por não ficar, a sentença do tribunal foi favorável ao baldio e agora sabem perfeitamente que quem fizer isso e quem registar esses terrenos vai ter uma acção em tribunal...

AL: e quem é que teve essa iniciativa? Foram pessoas singulares ou foi...

MF1: não, eu penso que esse trabalho foi por parte das finanças...

AL: não, eu digo quem é que decidiu "ah, vou agora aqui marcar este terreno e esse terreno é meu"? foram pessoas da aldeia...

MF1: não, não, não... pronto, quando fizeram isso as pessoas ou não estavam informadas ou não sei bem como é que funcionava, as pessoas que vieram fazer esse levantamento aconselharam a meter o terreno, tipo esses técnicos das finanças, não faço ideia, depois isso deu um problema enorme. Imagine que eu agora tenho... essa acção já terminou contra uns casos que tínhamos aí, mas agora já estão a meter outras pessoas, porque registaram terrenos nas mesmas condições, e aqui pronto, algumas das pessoas até são bem próximas, mas aqui é igual para todos. Não podemos estar a meter este e a não meter aquele porque este é meu amigo... tem que ir, isto aqui tem de haver justiça e igualdade para todos e é assim que vai funcionar. Casos destes há ao monte, a maior parte das pessoas não fez nada e deixou ficar os terrenos em nome dessas pessoas e por isso aqui fizemos... as pessoas não estão para se chatear, até se calhar também têm um assim e então olha, deixa estar. Só que os terrenos baldios nunca tomam posse, as pessoas nunca tomam posse, não há cá usucapião... se eu deixar passar 50 anos aquilo era um terreno baldio, pode ser julgado e normalmente vai voltar a ser um terreno baldio...

MF1: ... vamos fazer aqui um bocadinho de trilho que foi limpo, fizeram umas mariolas e vamos ter ali a um ponto de água e também temos ali um poio, que é uma cerca das cabras, porque no verão as cabras têm muitas pulguinhas e nós não as queremos lá em baixo na aldeia. E depois estão aqui, aqui é a festa no 25 de julho, temos uma cerca deste lado e elas estão aqui até ao 24 de julho, no 24 de julho a noite passam para a outra cerca e ficam lá fechadas no dia da festa de castigo, a partir daí continuam a soltá-las todos os dias. Depois aquilo tem comida e elas nesse dia não têm problema e nesse dia as pessoas não vão com as cabras tão livres

AL: pois, exacto. Vocês costumam fazer monitorização da utilização do baldio?

MF1: normalmente quando aparece assim alguma coisa fora do comum as pessoas, os próprios compartes tendem a dizer “olha, eu passei ali não sei onde e vi que cortaram lá uma árvore, ou partiram a cancela da cerca das Fontelas” ou qualquer coisa assim. E eu dou um toque aqui nos sapadores e eles vão lá ver o que é que se passa, ver se está tudo bem e se não estiver vêm aí. Mas normalmente sabe-se sempre se alguém fez alguma coisa de mal acaba por se saber sempre

AL: portanto não sentem que há muitas pessoas a usar o baldio e que não lhes diz respeito ou que não têm esse direito, que não contribuem para a gestão do baldio mas usam-no, enfim...

MF1: uuh, pronto, temos aí alguns casos que... por exemplo há aí pessoal que quer vir para aqui buscar pinha, é um exemplo, “olhe, podíamos ir buscar pinhas?” e vêm com uma carrinha de 3500 quilos! E eu... “ouça lá amigo...”. Não podem! Mas eu não me importo que levem 4 sacas de pinhas, agora para levar daqui as pinhas para as vender noutro sítio calma lá! Isso não é assim! E eles já aí ficam... pronto, lá compreendem o que é que se passa e... por exemplo a lenha também não se pode levar, é só para o pessoal daqui, e pronto...

... isto é uma cerca das cabras. Esta é a mais pequenina que nós temos

AL: então é para aqui que elas vêm passar a festa?

MF1: é... aqui não passam a festa, passam na outra. Aqui é até à festa

AL: e porque é que não ficam sempre na mesma nos dois dias da festa?

MF1: porque temos monte dos dois lados e é preciso, ora comem neste ora comem daquele

AL: ah, é longe a outra

MF1: é, é, é do outro lado do rio!

AL: ah, ok! Quantos pastores são?

MF1: eu penso que neste momento há 17 herdeiros na vezeira

AL: 17... como é que lhes chamaste?

MF1: herdeiros...porque imagina que eu tenho 20 cabras, aqui um dia de cabras é de 18 a 22, mas há quem tenha 2 cabras e há quem tenha 30... ou seja, imagina que eu tenho 10 e tu tens 20. As nossas portas faz de conta que é este círculo. Eu tenho 10, quando chegar a minha vez, na primeira vez, eu vou com as cabras hoje. Passo-te a ti, tu tens 20, tu tens que ir todas as vezes vais tu. Quando chegar a outra vez, como eu fui a ultima vez e só tenho 10 desta vez já não vou, do anterior passa directamente para ti, estás a perceber, varia com o número de cabras... e pronto, depois nem toda a gente tem o mesmo número e vai variando conforme o número que eles têm. E as vacas funciona igual, duas vacas num dia, três vacas uma vez vais dois dias outra vez vais só um, se tivesses 5 uma vez ias duas outra vez ias 3

AL: e vai uma pessoa de cada vez, sozinha?

MF1: não, com as cabras vão duas, com as vacas pode ir só uma

AL: e vão e voltam? Ou seja, vêm dormir à aldeia...

MF1: os das cabras vêm sempre dormir à aldeia, os das vacas, imagina que têm 2 dias, estão lá no alto da serra, preferem ficar numa cabaninha do que vir e estar a cansar, porque ainda fica muito longe e preferem ficar

AL: e nesses pastores há pastores jovens também ou?

MF1: não. Às vezes até vêm. Por exemplo, o meu pai tem umas cabritas e o meu sogro, mas eu já não venho há muito tempo, não vou estar agora a mentir... às vezes vinha, mas as cabras não são minhas são do meu pai. Agora se há algum jovem que tenha as cabras em nome dele, pelo menos com menos de 50 anos não há ninguém. Claro que há um ou outro que, temos aí um caso, por exemplo o Dário que é um indivíduo que anda em Braga, que está a acabar o curso de electrotecnia e vai com a

mãe não é, o pai dele não pode ir e toda as vezes que têm de ir as cabras tem de ir ele, ele tem 20 anos e tem de ir e ele vai, embora as cabras estejam em nome da mãe. Aquelas rochas brancas acolá são a outra cerca das cabras, onde as cabras urinarem o musgo não nasce, estão ali, tem aqui este roxinho, e a seguir ao roxo tem umas pedras que tem lá à frente, que até à direita tem uns pinheiros queimados, onde tem aquelas árvores mais verdes e as pedras brancas é a outra cerca das cabras

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

MF1: o pinheiro MEO... É o maior

AL: e eles pagam-vos anualmente ou?

MF1: mensalmente

AL: e o que estavas a dizer há bocado que não podiam ter aerogeradores porquê?

MF1: porque estamos numa zona do Parque e isso causava um grande impacto. Tipo se metêssemos acolá nos altos as eólicas causava um grande impacto

AL: mas não há nenhum baldio no Parque que tenha eólicas

MF1: não, não, não...

AL: não deixam mesmo. Isso para vocês daria jeito. E vento não falta que eu hoje ia voando na tenda

MF1: aqui temos cortiços para as abelhas

AL: ah, fazem vocês aqui mel?

MF1: fazemos. Aqui temos várias pessoas, mas tudo pequenos produtores. Eu por exemplo até quero meter um projecto de jovem agricultor para as abelhas, estou a tratar disso, para o ano já estará tudo a andar

AL: e os compartes não gostavam de fazer isso?

MF1: é complicado, a malta nova... isto é que é um ponto de água, esta cerca é a dos 40 hectares, é o Azeveiro. Ali naquela zona temos as tais espécies autóctones. Aqui optou-se por meter um bocadinho de pinhal... vê ali colmeias? Se calhar não foi a melhor ideia porque há pessoas que não estão muito de acordo em trazer os pinheiros aqui para cima

MF1: estes pinheiros foram plantados, onde tem pinheiros está tudo vedado. Os pinheiros foram aqui plantados e houve pessoas que não acharam muito bem meter aqui os pinheiros. Embora os pinheiros é que dão a rentabilidade aqui ao projecto porque essas árvores autóctones não as vamos cortar para...

AL: e quem é que era contra, eram pessoas dos compartes?

MF1: sim, houve compartes. e eu se calhar também estou de acordo que não foi o melhor pôr aqui o pinheiro

AL: porquê? Não cresce bem?

MF1: porque já temos muito pinhal na aldeia e aqui em cima se calhar vamos encher isto aqui de pinheiros quando não os tinha. Tinha aqui se calhar um bom monte para os animais e agora, por baixo dos pinheiros depois acaba por não nascer nada. Para já os pinheiros ainda não estão muito grandes e ainda dá para tirar dali muita urze. Assim que eles fecharem ali por baixo já não tem nada. Embora que aqui nesta zona os animais não podem pastar, está vedada para eles não poderem pastar.

AL: Mesmo quando não havia pinheiros?

MF1: podiam, nessa altura nós não tínhamos vedação. Agora o que eu estou a pensar, as árvores agora já estão a ficar com algum porte, se metermos aqui as cabras elas nestas árvores com 7 ou 8 ou 10, elas ainda estragam, causam danos e matam algumas. Mas estou a pensar na altura de Inverno, mais ou menos de outubro até janeiro deixar meter aqui as vacas, porque as vacas acabam, por não fazer mal, comem a erva, até podem esgalhar uma árvore ou outra a coçar-se mas não vão causar um prejuízo muito grande. e as pessoas também ficam contentes porque temos aqui estes 40 hectares e “quando é que vocês abrem aquilo?”, porque isto já devia estar aberto, só que as árvores demoram a crescer e é complicado. Então assim acaba por ser... nem toda a gente tem vacas, por exemplo eu não tenho, mas acaba por ser um mal menor e as pessoas ficam contentes se se deixar aqui meter

AL: pois. E vocês, bom já percebi que têm os sapadores não é... mas que tipo de coisas é que fazem para a prevenção dos incêndios, aceiros, caminhos...

MF1: fazemos por exemplo, aquele que se vê ali, aquele que vai para Pinhô, que não existia aquele, tem ali dois pontos de água, um ali metido nesta zona lá em cima, e o outro aqui mais em baixo, não se vê daqui, tem ali uma barragenzinha, até vem dali água pública... pronto, vão-se fazendo uns caminhos, uns pontos de água que é necessário e vai-se tentando reforçar, embora que não é muito fácil reflorestar na

serra porque depois no inverno é muito frio e muitas das árvores que se plantam acabam por morrer.

AL: pois... mas quando tu dizes na serra é mais alto do que isto?

MF1: é, tipo ali para cima para aqueles altos

AL: ah, ok, que é onde os incêndios costumam...

MF1: uuh, é onde os pastores costumam levar os animais

AL: mas por exemplo, já fizeste alguma vez a reflorestação de uma zona que incendiou ou...

MF1: agora temos ali uma zona que ardeu há dois anos que espero conseguir fazer lá um projecto de reflorestação, com árvores autóctones, não com pinheiros!

AL: e para isso tens de te candidatar a subsídios etc...

MF1: tenho de falar com um técnico, fazer um levantamento e tentar enquadrar essa reflorestação num projecto

AL: agora já não é PRODER não é, é PDR

MF1: sim, agora é o PDR. Mas ainda, penso que ainda não está aberto, mas assim que estiver nós vamos apresentar... não só para isso, também para limpezas. Mas essa zona aí ficou muito fustigada, desapareceu tudo e então era interessante meter lá umas árvores autóctones.

AL: e há alguma parte do baldio que é utilizada para agricultura?

MF1: não. Não temos. Temos [MUITO VENTO, NÃO SE PERCEBE].

AL: nem há parcelas do baldio que são cedidas a compartes?

MF1: estamos a tentar fazer isso aí no polígono, a dar às pessoas que pretendem fazer um pavilhão para terem os animais na aldeia, se bem que esse terreno não seja dado para a pessoa, tem ali o pavilhão, faz o seu pavilhão, mas o terreno será sempre do baldio. Eles podem usar, os anos que quiserem, não vão pagar nenhum aluguer por isso, mas esse terreno é sempre do baldio. Cede-se o terreno, ou se alguém quiser meter um projecto de abelhas, cede-se o terreno onde eles vão meter as abelhas mas o terreno é sempre do baldio. Ou se houvesse algum jovem que precisasse de vedar um hectare numa zona onde efectivamente se pudesse, se não houvesse restrições da parte do ICNF, eu teria todo o gosto e sou a favor que as pessoas tentem e façam, desde que de uma forma organizada e não façam à toa, com algum planeamento, porque o problema das aldeias foi que muitas vezes se fez as coisas... cada um fazia o que lhe apetecia, se houver um planeamento as coisas ficam mais integradas e ficam mais engraçadas

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas [... BARULHO] pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: ok... isso tudo junto dá para aí quanta área?

MF1: dá um hectare e meio, 1.8...

AL: tudo junto?

MF1: sim

AL: e quando vocês fazem isso tem de contactar o ICN?

MF1: não, não temos. Nós temos aqui uma regra, se tivermos na zona do PDM para construção, 5 euros... foi tratado isso na assembleia, com as pessoas lá, com os compartes necessários para fazer isso... vendemos a 5 euros por m² dentro do PDM, e fora do PDM vendia-se a 2.5 embora que fora do PDM hoje já não se pode construir por isso também acaba também por não se poder vender

MF1: é que tivemos o *trail* há 15 dias e agora temos o jantar...

AL: o *trail* é o quê?

MF1: o *trail* do Carlos Sá é correr no meio do monte

AL: Quem é o Carlos Sá

MF1: aquele que ganhou a maratona do deserto nos Estados Unidos...

AL: ah, não sabia. Se calhar devia saber não era...

MF1: essa era obrigatória

AL: RISOS. Ganhou quando?

MF1: ganhou já para aí há 4 anos ou 5. E ele agora organiza os *trails*, e foi a primeira vez que passou aqui foi há 15 dias. Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Gerês. E tivemos aqui uma parte que

vinham do Xertelo, essa aldeia onde foi o acidente, que é quase lá na ponta, até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês até Fafião e nos tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para cá. Estes que passavam aqui só comiam uma fruta, uma marmelada e seguiam para o Gerês. E os outros paravam ali e depois o autocarro levava-os outra vez. E hoje e... este, como o Lino não está, esse da marinha que é o presidente da Vezeira, não está disponível, encarregou este, só que este é construtor e rebentou-lhe não sei que no camião, e já não pode ir, e vou ter de ligar a um dos outros para ir...

AL: ao jantar?

MF1: sim

AL: e essa malta pagou-vos para...

MF1: não

AL: essa comida toda teve de vir dos vossos...

MF1: não, grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar... por exemplo, eu que estava ali no pórtico, que era onde eles se encontravam todos, que mandavam uns para um lado e outros para o outro, para eles não se cruzarem, cheguei, ainda não tinha acabado a prova, eu estava todo molhado e já não conseguia dobrar as mãos, estava já cheio de frio e todo molhado. Mas como eu, estiveram mais, veio aí o presidente da Junta também esteve lá num sítio em que o rio subiu muito e ele tinha de estar ajudar as pessoas, também se molhou todo e apanhou uma gripe. Pronto, nós aqui em Fafião éramos 15 e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, só vou eu em representação dos baldios e vai o outro que representa a associação e eles não nos pagaram nada e eu acho que aquilo não está a funcionar muito bem. Mas pronto, logo se verá... e se calhar também devia dar uma palavrinha por causa disso, porque as pessoas, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas

AL: mas na tua opinião quem é que devia pagar, a câmara ou o...

MF1: não, devia pagar o Carlos Sá (*vento*). Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas

AL: é mesmo a primeira vez que fazem isso aqui então...

MF1: é. (...) Daqui deste lado nunca tinha passado...

AL: nunca tinha pensado em fazer maratona no meio do mato

MF1: é espectacular! Se os meus joelhos estivessem como antes era uma coisa mesmo interessante

AL: bom, deve ser super cansativo, mas sim

MF1: mas havia gajos de Singapura, de todo o lado!

AL: quantas pessoas eram para aí?

MF1: os que faziam o curto eram cento e cinquenta, os que faziam o longo que eram 50 km, eram 250. Depois é durante tipo 4 horas a passarem pessoas

AL: que engraçado. Não fazia ideia que se faziam maratonas nos vários ecossistemas (RISOS) deserto, floresta, montanha...

MF1: é espectacular, só que os melhores sítios o ICN não os deixa passar... que era Rocalva lá em cima que é o sítio mais engraçado que temos, de passagem aquilo é mesmo, temos uma paisagem que é uma coisa...

AL: pois é isso... nós ainda andámos bem ahn. A aldeia está longe...

MF1: sim. Vê ali umas colmeias? Aqui onde estão estas árvores secas, lá a frente, já quase perto daquele amarelo? Ali vê-se uma paredezinha, junto àquele amarelo, junto à estrada. Pronto, daqui não se vê, mas aquela parede vê, e tem ali uma chapa com uma pedra em cima, uma chapa ferrugenta, e depois aquilo faz um redondo, aquilo é um redondo em pedra... aquilo é uma cilha, onde ..., faziam as cilhas, dizem, por causa dos ursos não irem tirar o mel. Pronto, agora não há ursos, mas as colmeias sempre estão ali mais resguardadas dentro daquela cilha

AL: mas há colmeias lá dentro normais e depois tem aquilo por cima, é isso?

MF1: há! Não vi quantas é que tinha mas deve ter algumas, mas já todas em caixas normais, já não estão nos cortiços da sobreira. Cortavam o tronco direitinho, só de um lado, cortavam-no assim certinho. Depois, aquilo que levava uma chapela que acho que também era em cortiça em cima, e depois metiam-lhe, não sei se era uma tábua por baixo e elas entravam por baixo. Agora é uma caixa quadrada...

AL: mas o tronco estava oco não era?

MF1: pois estava, estava. Então á sobreira tiram-lhe a casca e a casca sai inteira... para as rolhas e isso assim...

AL: ah, a cortiça! Sim!

MF1: pronto, eles tiram aquilo certinho, aquele redondo, depois atavam-no, já não sei bem de que forma, deviam fazer uns buracos e metiam lá qualquer coisa a segurar e as abelhas estavam lá dentro e faziam lá o mel. Ainda há pouco tempo tínhamos aí um senhor que tinha e ainda lá estão os cortiços, só que acho que já não tem é nada... porque pronto, já não se utiliza, não é tão prático

[telefonema - a conversa é sobre colmeias, um enxame que fugiu]

AL: isso ouve-se tudo... eu ouvi tudo... é um enxame?

MF1: é, é um enxame.

AL: credo, mas isso é assim muito comum?

MF1: é, agora na altura do calor as abelhas enxameiam

AL: ah, e procuram o quê?

MF1: fogem, fogem do sítio onde estavam e criam um novo enxame

AL: ah, então o problema da senhora é o facto de serem as abelhas dela e fugirem ou é o facto de...

MF1: não, as abelhas ela não sabe de quem é que são...

AL: ah, ok. Então o problema dela é mesmo o perigo que elas podem...

MF1: não, elas assim não fazem mal. Pronto, mas se ela não apanhar o enxame vai apanhar outra pessoa

AL: ok

MF1: ou neste caso, se eu não apanhar o enxame vai apanhá-lo outra pessoa. O enxame acho que se está a preparar para pousar num sítio inacessível e depois não se consegue chegar...

AL: ah, ok. Eu estava só a pensar que era uma questão de perigo ou ... que depois não se podia usar a pereira ou ... não estava nada a perceber

MF1: não, não. Isso não há problema! Era a minha sogra. E ela estava a ver, pronto, se eu estivesse por perto para ir lá

AL: e ela queria aproveitar o enxame é isso?

MF1: sim

AL: ah! E as pessoas aqui usam aqueles fatos estranhos?

MF1: sim, tem que usar, senão vai-se às abelhas e são 500 mordidelas

AL: claro. Mas as vezes as pessoas quando estão muito habituadas já não se preocupam

MF1: sim, o meu pai por exemplo com as mãos não se preocupa. Mas eu... não gosto. Eu por acaso também andei a tirar um curso, porque eles aqui fazem as coisas de uma maneira, se calhar já não fazem tudo como se utiliza agora e então é necessário uma pessoa ir procurar esses conhecimentos a outros sítios. Eu no meu caso como estou a pensar em ter um projecto de abelhas é natural que uma pessoa tente ver como é que funcionam as coisas antes de a gente se meter nelas.

AL: por acaso é muito interessante, a forma como elas funcionam... e vocês aqui fazem alguma coisa a ver com o rio... pesca, aquicultura...?

MF1: não. Aqui o pessoal já não... dantes havia aqui um grande vício com a pesca, mas agora já não, o pessoal já não liga nada a isso. Porque também as trutas no rio foram desaparecendo e não sei, se calhar (vento) para conseguirem apanhar de alguma forma menos normal e foram desaparecendo. E agora há pouca e o pessoal não anda muito a pesca

AL: então em termos de produção é mesmo a madeira... pelo que tenho estado a ver... por exemplo, caça... existe aqui alguma associação...

MF1: caça...há as perdizes, as corças, os javalis... mas o pessoal já... hoje acho que isso é só para andar a passear a espingarda que já não matam nada

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia (...) os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafião...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar árvores (...) e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer vingar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: a associação Vezeira?

MF1: exacto.

AL: a Vezeira existe há quanto tempo?

MF1: eu acho que é de 2009 ou 2010...

AL: e antes de haver a Vezeira não faziam essa plantação?

MF1: fazíamos essa plantação na mesma só que pronto não era uma coisa organizada e não trazia pessoas de fora... agora vem 100 pessoas...

AL: ai é? Para ajudar?

MF1: é! E pagam inscrição e comem e fazemos-lhes a cabra... o que se come aqui na festa é cabra...

MF1: na festa de julho?

MF1: sim, na festa de julho. É o nosso, o nosso prato forte é a cabra. Não é aquela cabra negra do Minho como se vê no outro lado. Depois fazemos também uma outra comida grelhada e depois ao fim damos um bocado de cabra. A cabra é maravilhosa. As pessoas que vem adoram a cabra. E fazemos a cabra num pote, como se fazia antigamente e as pessoas ficam deliciadas

Esta actividade é mesmo fora de série. De todas as que fazemos aqui eu pessoalmente é a de que mais gosto, porque eu gosto muito desta parte da serra, e é... é espectacular

AL: e que tipo de pessoas é que vem?

MF1: vem todos, vem todo o tipo de gente. Até há alguns que não conseguem saltar uma pedra, vem, ficam por ali num sítio que reconstruímos, que foi Pinhô, essa cabaninha que está lá toda engraçada, eu depois até lhe posso enviar umas fotografias, vamos lá nesse dia, é um sítio espectacular e o carro chega lá. E depois as pessoas dividem-se porque há vários currais e depois voltamos todos para ali, ficam ali uns a cozinhar, e depois quando chegarmos vai estar tudo pronto e o pessoal está ali na boa, tem água, tem sombra

AL: muito giro. E as pessoas vêm de longe ou vêm aqui de perto?

MF1: não, às vezes vêm alguns de lá de baixo, de Lisboa, muitos do Porto, de Famalicão, de Braga, aqui de todo o lado. Aqui nas nossas actividades tem sempre muita gente. A matança do porco também tem muita gente

AL: ah, a matança do porco também é aberta às pessoas de fora?

MF1: é. Depois também temos o trilho do medronheiro, mas esse costuma vir menos gente porque é em altura sempre de novembro, muita chuva, este ano estava a chover torrencialmente e tivemos tipo 40 a 70 pessoas a fazer os trilhos a chover torrencialmente. Fizemos uma plantação em marco que é aqui aquela zona onde estivemos e mais lá em baixo noutro sítio que ardeu. Essas também têm

menos gente, teve-se 70 pessoas, mas esta dá, principalmente a /matança do porco e aquela lá dos currais é a, são as mais concorridas.

AL: olha cabras...

M+F1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafião ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pá, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este e a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsídio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porquê?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo

T: até logo, obrigado!

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns câezitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar ai numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há várias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

AL: ah, as vezeiras é só nesta época...

MF1: as cabras são todo o ano, só que há uma época que ficam cá em baixo e outra que ficam lá em cima, mas é todo o ano. As vacas é de mais ou menos 10 de Maio, neste caso vai começar amanhã, começa amanhã e acaba em 29 de Setembro, estão na serra, as vacas...

AL: isso que tu disseste de as cabras ora ficarem cá em baixo ora lá em cima, tem a ver com aquela questão das brandas e das inverneiras?

MF1: não. Na altura do verão que elas não querem ir para baixo, que gostam de estar na serra, não tem cabritos e tal, ficam lá nas cercas, e não andam aqui a encher o lugar de pulgas. E no inverno como tem os cabritinhos e está mais frio elas gostam mais de ficar recolhidas

AL: recolhidas aqui nos currais

MF1: sim, porque elas ali, se vier no verão chuva, apanham com a chuva, algumas até têm lá onde se meter mas não tem para todas, e as cabras não têm problema nenhum com isso

AL: mas a palavra brandas, vocês aqui não usam essa expressão?

MF1: não. (eu explico o que entendo por brandas e de como existe esse conceito no Minho...) pois, aqui nunca abandonam as cabras, e as vacas da vezeira também não. Há outras que são... que as soltam numa zona, que é o gado que nós chamamos de “feirio”, que se soltam e deixam lá estar e vão ver tipo uma vez por semana. Só que esses depois têm mais problemas porque muitas vezes comem-nos os vitelos. Não estão guardadas, elas espalham-se e depois é mais... pronto, há mais problemas.

AL: feirio?

MF1: é... nós até, o termo que utilizamos é o gado “á suisse”

MF1: amanhã vamos subir a vezeira...

AL: como assim?

MF1: vão subir as vacas todas para a serra e depois espalhamo-nos uns para cada curral porque tem de se meter o mato no fundo das cabanas e tirar o que lá estava do ano passado e arranjar lá umas coisitas e é o dia de por a vezeira

AL: disseste por o que na cabana?

MF1: o mato. Para depois ser só chegar lá e por só uma ervazita, um saco-cama ou um cobertor ou uma coisa qualquer e dormem lá já bem. Aquelas paredes ali é o fojo, vamos ter de ir lá outra hora porque o fojo também é muito interessante.

AL: pois eu amanhã já tenho combinado lá em Covelães ou Sezelhe, acho que é Covelães... senão colava-me aí a vezeira (RISOS)

MF1: pois, é um dia engraçado

AL: e quem é que vai?

MF1: normalmente vai quem quiser, quem quiser ir ajudar pode ir, só que normalmente vão as pessoas que tem mesmo de ir. Eu por exemplo vou porque vou no lugar do meu sogro, já tem 75 anos e eu vou na vez dele, mas ele ainda podia ir porque ele está rijo. E pronto, e vai o pessoal que pelo menos tem que ir

AL: são para aí quantas pessoas?

MF1: ah, poucas! Eu acho que os da vezeira são 11, por isso vão 11 ou que vão mais 3 ou 4, ou um turista, acho que amanhã vem uns turistas de uma associação qualquer e também vão ajudar e é assim

AL: quantos currais são?

MF1: currais na vezeira são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ... há para aí uns 15, só que eles só utilizam para aí 10

Paredes do Rio: MP1

AL: essa casinha...

MP1: aí era a casa da floresta, aí faz parte do baldio também

AL: aí era? Mas está toda bonita!! Não é? deve ter sido recuperada...

MP1: oh, devia ter trazido a chave...

AL: ah, e recuperaram-na por dentro?

MP1: está recuperada está

AL: foram vocês?

MP1: fomos

AL: e o que é que se faz lá agora?

MP1: vêm às vezes as pessoas para aí dormir, de vez em quando

AL: quais pessoas? Turistas ou vocês?

MP1: não, nos não!

AL: (RISOS) sei lá, quando viessem com as vacas ou qualquer coisa

MP1: não, turistas! Ou pessoas amigas que às vezes aparecem aí, assim em festas e assim... não têm onde dormir, vêm para aí

AL: então e vocês não alugam isto a uma estudante? Como eu...

MP1: os estudantes aqui ficam longe (RISOS)

AL: (RISOS) mas eu sou estudante e vou precisar de uma casa... não, mas isto é muito grande para mim! (RISOS). Mas vocês nunca alugam esta casa?

MP1: alugam às vezes assim, para passarem uns dias

AL: então e quanto é que fazem?

MP1: isso eu aí não lhe sei dizer, que é o, que é lá o presidente da associação é que...

MP1: aqui outra casa igual à outra...

AL: esta é de Pitões né?

MP1: é

AL: também está toda bonita

MP1: esta também uma casa também da floresta, mas esta é da ADERE. A outra deram-nos... deram à associação. E esta foi a ADERE que fez aí obras

Pincães: MPin1

AL: vocês ainda fazem as vezeiras?

MPin1: havia vezeiras de pequenos ruminantes, mas agora já só há um produtor, começaram a vender os animais... tem 80 a 100 cabeças

AL: já não há vezeiras. 80 a 100 foi o que disse? Cabras?

MPin1: sim

AL: então as casinhas dos pastores estão abandonadas é isso?

MPin1: não, isso ainda temos, não sei se o Márcio mostrou, mas estivemos a recuperar

AL: ah, essa mostrou sim, mostrou em fotografias, não tivemos tempo de lá ir

MPin1: porque isto é assim, os usos e costumes mantêm-se, o pastoreio na serra alta mantêm-se em comum, de Fafião tem uma zona, de Pincães até Xelo e toda a área

para cá até Pincães é tudo em comum, e nós também vamos compartilhar para a casa lá de cima, não é só ele, a casa também é nossa

AL: quando diz que é comum, como é que isso funciona?

MPin1: comum é em conjunto

AL: sim, mas em que baldio é que eles estão? Há o baldio de Cabril, há o baldio de Pincães, há o baldio de Fafião...

MPin1: aquilo é baldio de Cabril e de Pincães, temos de passar no mesmo terreno que é em comum lá em cima na serra

AL: ou seja, Cabril com aquelas aldeias todas não é...

MPin1: e nós dividimos a despesa da casa por todas as aldeias e nós vamos contribuir com a nossa parte

AL: ah, está bem. Então mas não havendo vezeira a casa é usada...

MPin1: não havendo vezeira vão vigiar o gado... ao fim-de-semana vão vigiar o gado

AL: ah, e ficam lá a dormir?

MPin1: sim. Oh, a casinha vai servir mais para o pessoal de fora do que para o pessoal daqui

MPin1: isto foi o projecto de regadio que fizemos

AL: vocês, os compartes? Ou vocês a associação?

MPin1: não, tivemos de fazer uma junta de agricultores, depois candidatámo-nos ao PRODER e também fizemos este regadio [?]

AL: ah, mas não é directamente pelo baldio, através dos compartes?

MPin1: não, não, não. Também fiz parte mas temos aí um investimento de cerca de 150 000 euros

MPin1: é um tanque e tem um caudal que vem lá de uma cascata, um dia que você passe aí com mais vagar, vamos lá à cascata. Mas se você for no *facebook*, põe lá MP1, tenho umas fotos da cascata

Pitões das Júnias: MPi1

AL: claro... portanto as actividades tradicionais ainda são muito desenvolvidas aqui nesta zona do Gerês...

MPi1: permanente, estão actuais, continuamos a fazer, ou seja, uma gestão do baldio, de pastoreio, de roço do mato, autentico... uma das obras... o dinheiro que recebemos permitiu-nos por exemplo fazer este armazém para o CD, que não tinha

AL: que é usado?

MPi1: pronto, é usado para por ai a carrinha, temos ai os tractores, temos ai as maquinas, pronto, todo um armazém de ... que é para guardar material não é? Porque essas manilhas vai tudo para passagens, para fazer as passagens nas linhas de água, essas coisas todas, tudo isto é necessário...

AL:... isto aqui não se conseguia passar, é uma passagem de rio, é um investimento do conselho directivo... porquê? Dá-nos acesso ao baldio, os compartes obviamente que estão aqui nesta veiga, melhor... utilizam isso mas nós temos... vamos de encontro aos interesses dos compartes de uma maneira geral, alguns mais directamente são beneficiados mas no seu todo melhorou-se o acesso ao baldio por esse lado. Ou seja, imagine, o gado vem daqui, está aqui, perfeitamente tem acesso ao baldio aí...

AL: e antes seria como? Tinham que atravessar o rio ou....

MPi1: sim, tinha... era, depois no inverno não passavam, e depois não sei quê, depois às vezes queriam ir ali roçar e tinham de ir dar a volta toda lá atrás para passar... tudo isto é uma forma de gestão, mas que os compartes aceitam, embora nem todos os compartes tenham terrenos aqui nesta zona mas que efectivamente reconhecem que é um sitio de passagem e de acesso ao baldio e que deve ser melhorado

AL: claro... portanto esta zona murada é toda de alguém não é?

MPi1: é, é...

AL: toda esta zona aqui...

MPi1: tudo o que está delimitado não é...

AL: sim, sim, sim

MPi1: uau, eles andaram aqui forte e feio... fizeram aqui trabalho

AL: quem é que faz esta obra? Os trabalhadores mesmo...

MPi1: eu paguei a duas pessoas locais e foi comprado tudo com o CD

AL: ah

MPi1: comprámos a pedra que foi preciso, depois fizemos os drenos que foi efectivamente preciso...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: pois, a cooperação é muito importante, imagino que sim

MTR1: e se nós não trabalhássemos em união não é... não tínhamos feito o que aqui está feito...

AL: pois... e o que é que têm feito, só por curiosidade

MTR2: temos neste momento uma das melhores cascatas do concelho, plataformas de acesso à cascata... estamos neste momento a fazer uma obra que vêm quase todos os dias as pessoas ver aí, que é um tronco de maneio para as vacas

AL: tronco de maneio? Para fazer o quê?

MTR2: para tirar o sangue, para ...

MTR1: o gado vai à inspecção...

AL: porque é que se chama tronco?

MTR2: porque as vacas ficam ali tipo presas

AL: ah, ok... a esse tronco?

MTR2: sim, sim, sim. E então estamos ali com uma obra mesmo...

AL: isso está onde?

MTR2: lá em cima da aldeia

AL: é para o lado da cascata?

MTR2: não, não, subindo aqui para cima

AL: ah, ok.

MTR1: depois pode ir lá ver se quiser

AL: aí, quero ver quero. Nunca vi um tronco de maneio, quero ver isso!

MTR2: a gente já tinha lá um velho

MTR1: só que aquilo agora apodreceu, a madeira apodreceu e já estava todo estragado

AL: consta de um tronco basicamente...não! Se é uma obra deve ter muito mais do que um tronco não é...

MTR2: não, tem um pátio que é para o gado entrar para aquele pátio e depois tem a manga em que a vaca depois entra para ali e não se pode mexer para lado nenhum

MTR1: fica presa...

MTR2: estamos aí com uma obra que... não conheço em nenhuma aldeia uma obra daquelas

AL: vocês aqui também têm bastante gado não é?

MTR2: sim, sim, sim

AL: ficam lá quietinhas não é... já não há vezeiras aqui não é?

MTR1: não, mas é quase como que seja uma vezeira, andam todas juntas, bota tudo e larga tudo

MTR2: pois exacto, há uma particularidade aqui na aldeia que é a seguinte, as vacas dormem lá, as vacas dos agricultores, dos tais 5 ou 6, dormem lá. E normalmente, imagine, um vai ver, o outro chega “oh, então vistes as minhas ou...” ... não é organizado, não é uma coisa organizada mas há aquela... imagine, eu vejo o filho do Ti Manel que vem com a carrinha, anda com a carrinha ou ... de lá cima do monte “olha vistes as minhas...”, ou seja não é organizado mas há essa...

AL: sim, exacto, há uma cooperação natural

MTR1: eles vão, vão... às vezes vão duas vezes por semana, outras vezes vão só uma vez por semana

AL: pois... e usam as casas dos pastores ou...

MTR2: hmm, não.

MTR1: ainda agora estamos a renovar uma... mas agora já não se usa, há muitos anos... há muitos anos que aquilo caiu abaixo, estava destruído

AL: pois, não é usada...

MTR2: que é uma medida que só é do Parque... por exemplo, se estiver fora do parque se se quiser candidatar a este fundo de maneio não pode, é específico para... lá está, são as nossas mini-eólicas

(RISOS)

AL: exacto

MTR1: mas essa casa lá do pastor noutros tempos, eu já não me lembra não é... mas... os mais antigos falavam que noutros tempos havia lá uns lameiros, cortavam a erva para o feno do gado e tudo, e quando iam para o ... que aquilo ainda fica longe, quase 5 km, quando iam para lá cortar o feno e fazer esses trabalhos, dormiam lá e cozinhavam lá, tinham lá um potinho para lá cozinhar...colmavam-na em palha, colmavam-na com esse mato depois... agora ficou renovadinha... tem as paredes, cobrimos em telha, tudo, tudo... agora está lá uma barraca muito bonita!

AL: vocês do dinheiro que recebem anualmente sobra algum? Conseguem gerir de forma a sobrar? E de que maneira é que ele é usado, ou seja, de é usado no povo, se é usado...

MTR2: isto é o seguinte, nós temos a tal ITI e temos uma verba... se nós conseguirmos fazer o trabalho com os sapadores é dinheiro que estamos a poupar, ou então tentar negociar com a empresa que for fazer, nós recebemos por exemplo 1000 euros por hectare para limpar, se nós conseguirmos ajustar por 700 temos ali 300 euros de... e esse dinheiro aplicamos no que é... ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajudar... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine...

AL: mas não foge a este [devo ter apontado para qualquer papel...] (RISOS)

MTR2: sim, sim, ou uma infraestrutura que seja necessária na aldeia, um... por exemplo, tínhamos aqui um , já aqui fora, um rego que estava a causar muitos problemas à aldeia e a junta e o baldio chegámos a acordo e fizemos a obra os dois... e é esse tipo de...

AL: pois, melhoraram um bocado a vida localmente, não é... facilitar a vida das pessoas

MTR2: sim, estamos com uma aqui também agora neste momento aqui com uma casa que queremos reconstruir que vai funcionar também tipo como sede dos baldios e ajudar também... queríamos que as partes de baixo destas instalações para uma casa mortuária da aldeia...

AL: portanto o CD não tem sede não é... mas temos a casa do povo, não é, dá para reunir

AL: ah têm uma casa do povo? Ou é o café?

MTR2: por cima do café, isso é tudo da Junta

MTR1: portanto temos essa casa se for preciso

MTR2: eu não acredito que a Câmara lhe tenha posto esse entrave

AL: eu não sei, se calhar também era porque não estavam inscritos na matriz predial...

MTR2: mas o baldio é comprador, pode comprar... se existir um artigo o baldio pode comprar, o baldio é uma pessoa colectiva, tem contribuinte, tem... pois, agora eles quiseram se calhar pegar num espaço que existia ilegal, isto é quiseram construir se calhar na casa do guarda

AL: não, não! Eles construíram de novo

MTR2: ah, não podem, claro que não podem

AL: pois, não podem construir de novo

MTR2: não podem! No baldio, para criar um artigo no baldio teria de se fazer um loteamento

AL: teria de se fazer uma alienação

MTR2: sim, por isso é que não deixam... agora o baldio... uma casa aqui fora, não então... se a casa tem artigo, é só ir à reunião de baldio, a assembleia dá a autorização ao presidente para poder apresentar uma proposta e ele apresenta

AL: pois, tanto para comprar como para vender...

MTR2: sim... vender baldio não pode

AL: alienar... pode... pelo menos o que eu li foi... o que eu percebi, que isto às vezes as leis também são difíceis de entender, o que eu percebi foi, há um baldio, se esse baldio estiver muito próximo da povoação e se houver vontade de alargar a povoação, vontade geral do povo e dos compartes, o baldio pode alienar uma parte da sua área para construção

MTR2: e como é que vai fazer o artigo

MTR1: também é um bocado difícil

MTR2: nós tivemos aqui esse problema, tivemos aqui vários emigrantes que queriam fazer casa mas não tinham terreno e nós deixámos fazer no baldio... não foi possível porque o baldio primeiro teria de fazer loteamento, criar um... esta aqui é a faixa onde nós queremos fazer as casas então vai ter x casas, vai ter de se lá por a água, por... senão não posso fazer artigo

AL: pois, eu não sei, eu sei que eles falam lá isso por interesse comprovado de que... por exemplo estou-me a lembrar, em certos baldios houve a construção de vacarias, houve aí uma... há um interesse geral que haja essa vacaria então há uma alienação da parte do baldio, lá está porque o baldio está colado à povoação, portanto há lá um recorte do baldio e aliena-se uma área para a construção daquela vacaria para o povo... isto já aconteceu porque eu verifiquei, agora como eles fazem do ponto de vista legal é que eu não faço ideia. Agora no caso dos emigrantes também não sei...

MTR2: sei que não é possível porque sei que neste momento...

MTR1: há aldeias que têm feito já...

AL: mas na Lei está escrito mesmo isto... não é...

MTR1: mas muitas são ilegais o problema é esse

AL: ah, se são ilegais ou não isso já não sei...

MTR1: eles fazem...

AL: mas pode, pelo menos a lei permite

MTR2: permite se for feito o loteamento, a delimitação do terreno. Por exemplo, vai a qualquer sítio... por exemplo, Montalegre, para lotearmos os [*? Não se entende*] tem de fazer um loteamento... e é do interesse geral, também invocava o interesse geral

AL: exacto, é do interesse geral... as casas pessoais eu não sei se isso é possível, mas por exemplo uma vacaria para o povo acho que... já é do interesse geral não é...

MTR2: sim, sim. Mas também teria de ser...

AL: para certos compartes, é mais ou menos do interesse geral... (RISOS). Eu não sei, eu não domino a legislação de construção...

MTR1: por acaso há aqui umas vacarias mas foram feitas todas no terreno privado... e nós também aqui à volta da aldeia não temos área de baldio, é tudo privado, e a área de baldio já fica mais distante e às vezes as pessoas também não queriam ir lá para muito longe não é com a vacaria e depois pronto, andaram a ocupar terrenos

MTR2: e depois também foi feita a casa da floresta e havia um guarda-florestal

MTR1: pois porque naquele tempo eles montaram a casa da floresta, estava lá o guarda e o guarda era que inscrevia as pessoas que iam para lá trabalhar e tudo

AL: pois, e multava a malta que...

MTR2: exactamente (RISOS)

MTR1: depois mais tarde quando o gado fugia, não é, fugia... que ia lá pela floresta dentro, havia o guarda, chegava lá...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: há pouco quando falou das brandas, o que é que é brandas aqui?

ACm1: as brandas no Soajo não são as nossas brandas, quer dizer as brandas no Soajo são pequenas aldeias, sabe, não é? As nossas brandas são áreas que têm aqueles barracos construídos em pedra onde os pastores dormiam para viajar precisamente na época, as brandas não foram construídas porque veio a florestação, mas serviram muito quando a florestação proibiu a entrada dos animais para pastar. Depois dormíamos nas brandas, tínhamos que... tiveram que se construir muros para impedir que os animais descessem dessa zona das brandas para o interior das áreas florestadas

AL: então brandas aí acaba por ser o curral, o que é chamado o curral noutros sítios, ou não? Que é onde está a cabana do pastor, tem um espacinho à volta onde os animais dormem

ACm1: não, a cabana do pastor e tem aquela vedação à volta onde se guardavam os animais de noite... porque é que se tinha essas vedações? Essas vedações tinham-se porque na branda havia sempre vacas leiteiras... tinham os vitelos

AL: ah, eles também iam...

ACm1: então havia as construções em pedra para guardar os vitelos e havia a área exterior vedada que era onde dormia a mãe do vitelo

AL: isso no monte?

ACm1: no monte

AL: pois, e acha que o baldio poderia vir a ter algum papel no desenvolvimento local, no sentido de melhorar as condições precisamente para essas gerações se fixarem aqui

ACm1: é assim, os baldios, sendo objecto de uma exploração adequada às características do terreno, poderiam ser uma boa fonte de rendimento

AL: do ponto de vista agrícola ou de outros pontos de vista também?

ACm1: turístico, agrícola, hoteleiro, se quisermos, sei lá, há varias hipóteses... nós vamos agora, vai agora ser construído um parque zoológico

AL: no baldio?

ACm1: no baldio

AL: de Cabana Maior

ACm1: anexo à Porta do Mezio, em Cabana Maior

AL: com que animais?

ACm1: vai ter vários, vai ter lobos, vai ter raposas, vai ter cabra-brava, vai ter javali

AL: mas qual vai ser a área disso? Para por presas e predadores todos juntos [RISOS]

ACm1: não sei... é um processo com interesse da câmara

AL: na fazia ideia nenhuma... num ano muita coisa muda

ACm1: 11 hectares mais ou menos

AL: e quem é que está por trás? É o ICNF, é a ADERE, é quem?

ACm1: é o município de Arcos de Valdevez. A freguesia cede por 20 anos essa área de terreno ao município

AL: a freguesia? Ou os compartes?

ACm1: os compartes

AL: [RISOS]

ACm1: os compartes, mas os compartes são a freguesia e a freguesia é dos compartes [RISOS]

AL: pois, sim, é só para esclarecer

ACm1: são os compartes dos baldios... a AC

AL: 20 anos... ao fim dos 20 anos os animais vão todos para o matadouro [RISOS]

ACm1: ao fim dos 20 anos normalmente renova-se

Gavieira: AGav1

[fala de como o santuário da Peneda está em maus lençóis, que fizeram investimentos grandes e que agora estão com dificuldades...]

AGav1: a Peneda está maus lençóis, houve muitos investimentos a fundo perdido e sabes como é, tudo tem de ter retornos, às vezes as coisas não correm bem

AL: mas é só uma pessoa que está a investir ali?

AGav1: é uma confraria *[fala-me dessa historia do padre que é cedido à freguesia mas que só da lá a missa, e do padre que está à frente da tal confraria que me parece que é outro de Ponte da Barca, mas há muitos pormenores que não entendo o que diz – são vários padres, é uma equipe, estás a ver, é uma confraria, é assim uma coisa. Fala da beleza do local, do santuário, por cima do santuário, do penedo... de como vem sempre muita gente – há lá uma grande laje onde muitos espanhóis vêm escalar. E de como por cima desse santuário da Peneda existe uma barragem que dá energia ao Santuário. De como eles estão a tentar vender a energia sobranete da necessária para o santuário à EDP. Eles estão com muitos problemas com estas obras que tentaram fazer aqui, sem a autorização de ninguém, da Junta, sem os baldios, sem a Câmara, sem a CCDR, sem o ambiente, entraram pelo cano. Obras feitas no baldio clandestinas nunca podia correr bem]*

AL: claro...

AGav1: mas eles estavam a tentar resolver a situação

AL: mas no sentido de arranjar o moinho?

AGav1: arranjar o moinho para produção. E era bom que arranjassem

AL: mas quantas pessoas é que vivem aqui durante o ano?

AGav1: uma média de 300 pessoas

AL: em todos os lugares juntamente?

AGav1: na freguesia

AL: ok. São quantos lugares ao todo?

AGav1: isto é assim, vou-te explicar, são 5 lugares na freguesia em baixo e depois há um espaço mais alto

AL: as brandas

AL: então e... estava a dizer-me que vivem cá 300 e tal pessoas

AGav1: é, é, durante o ano agora é

AL: mas portanto, são 4... como é que era...

AGav1: 5 povoações

AL: 5 povoações mais as brandas

AGav1: mais 4 brandas que é assim, [*? Não se entende*] aqui o lugar de Tibo

AL: tio?

AGav1: Tibo, Tibo. É o nome, depois tem duas brandas, que é aqui o lugar ao pé, que tem o café, tem [*? Não se entende*] e Junqueira, sabes aqui acima, ao chegar aqui ao cruzamento, há ali uma entrada [continua a explicar a localização das aldeias, das brandas, fala de Rouças, Sarmento do Campo [*? Não se entende*], fala da grande festa deste lugar, fala da despesa da festa mas da incrível receita, fala de 50 mil euros de esmolas ao fim de 9 dias

AGav1: [*? Não se entende*] aquelas obrinhas que estão lá feitas à volta do santuário e tudo, os próprios recintos são baldios e aquilo é quedo feito em pedra, tens condições, tens mais condições do que em qualquer outro santuário, balneários, tem casinhas para acolher os peregrinos

AL: isso é em... Rouças?

AGav1: é aqui em São Bento do Carmo [*? Não se entende*] ... tem uma branda do Lugar da Igreja

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês também têm aquela questão das ITI...?

AC1: temos, também temos a questão das ITI, das limpezas que se foram fazendo, também tivemos aqueles que... que a Sandra se calhar também já lhe falou sobre isso

AL: dos não produtivos?

AC1: dos não produtivos, de... recuperámos o fojo do lobo, recuperámos lá umas cabaninhas, muito comum aos outros baldios, se calhar com a Cristina que já falou, é tudo comum à Cristina e a todos por aí fora

AL: quando diz comum, houve mesmo um trabalho comum ou é paralelo?

AC1: paralelo

AL: ok, ok. E desses dinheiros das ITI conseguem fazer sobrar para depois investirem noutras coisas ou...

AC1: sim, sim. Eu já... desse dinheiro das ITI dinheiro já consegui que me sobrasse para arranjar a estrada e para fazer outras coisas, outras melhorias que precisamos lá no baldio

AL: ah, a estrada do baldio, no povo em si não têm trabalhado com o dinheiro das ITI...?

AC1: não. No povo em si não, estamos a fazer o melhoramento das estradas do baldio e já estamos a fazer melhoramento para o povo

Gondoriz: AGo1

AL: e há aqueles investimentos não produtivos, também não têm usado? Tipo para... não sei vocês aqui têm, mas para revitalizar as cabanas

AGo1: é, fizemos lá a reconstrução de umas cabanas, a reconstrução do fojo, mas isso também não me interessa porque é muito trabalhoso e não deixa rendimento nenhum

AL: pois, é mais a pensar no turismo, acho

AGo1: não é para o turismo, aquilo é para quem faz ganhar dinheiro

AL: ah, também. Dá trabalho, é bom

AGo1: o dinheiro tem de ser pago na totalidade, não é, e depois os trabalhos não correspondem bem ao dinheiro que se paga... não tem interesse, eu fiz dois e não me apetece fazer mais. Depois o IVA, o IVA... por acaso eu tive sorte porque os [*? Não se entende*] do IVA têm de ser pagos pela comissão de compartes, eu não... ITI só, o resto não...

Sistelo: ASi1

AL: mas estão em cogestão com o Estado ou não?

ASi1: sim, estamos, infelizmente estamos

AL: mas pode deixar de estar não pode?

ASi1: isso é muito complicado

AL: mas acho que eles agora simplificaram um bocado não foi?

ASi1: a simplificação é como eles fazem, é um assalto, é comunicar a partir de... olha diz que as casas florestais vão estar todas à venda, a partir de não sei quando

S1: não sei

ASi1: todas, quer dizer, não sei se é todas

AL: é bom que saiba antes não é

(RISOS)

S1: a minha não está de certeza [*diz o GNR amigo do ASi1, presente na conversa*]

AL: porque é que não largam então a cogestão?

AL: já me disse outro dia que é difícil, mas é difícil como?

ASi1: sei lá, é difícil, não há uma lei que.... Agora acho que há uma lei nova, não nos facilitam nada. Mesmo as casas florestais, um património que está lapidado que onde tudo roubam, tudo o que é pedras que era rios que era tudo e que não se importam, se a gente tomar conta daquilo, ou a Junta ou os baldios, não podem. Portanto está tudo ao deus dará, está tudo sem rei nem roque

AL: eu lembro-me de uma altura que vi uma notícia que o Estado queria vender as casas florestais

ASi1: sim, nós pusemos à venda as casas florestais... as casas florestais deviam ser para a freguesia, para os CD. Eu já pedi a nossa que era para os sapadores, que era para a zona de caça, que era para o CD, mas não tivemos resposta

AL: desde quando?

ASi1: oi, já há que tempos que fizemos isso, já há anos

Soajo: AS1

AL: pois... vocês também têm feito instrumentos não produtivos? Aqueles para melhorar... acho que faz parte das ITI, para investir na recuperação do património cultural, vá...

AS1: vamos fazer, eu gostava de recuperar os moinhos, temos aqui... e os espigueiros todos, porque é assim, todos os espigueiros que temos aqui em Soajo, na sede da Freguesia, e temos em cada lugar... portanto temos núcleos de espigueiros lindíssimos e que nunca foram recuperados... era isso, as eiras, os caniços, que é aqueles espigueiros de varga, os espigueiros em pedra... as nascentes que estão no monte que são lindíssimas e que podiam aproveitar-se também e ...

AL: há fojo do lobo aqui?

AS1: há! Temos dois mas esses já foram recuperados num programa... temos várias casas de abrigo também, mas também já foram recuperadas, as lagoas, também era muito interessante se fizéssemos que dava para prevenção dos fogos, não é? A água... e pronto, são piscinas naturais que são lindíssimas...

AL: melhorar os acessos e assim não é?

AS1: exactamente! Fazer passadiços entre elas...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

AL: mas vocês recebem algum dinheiro por terem as linhas de alta tensão?

PB1: andamos a tratar disso, porque a primeira linha, sei que a primeira linha foi paga, e foi bem paga, porque segundo as nossas informações havia uma escola que era da EDP ali em baixo, que agora é o centro de dia dos velhotes, e essa escola foi avaliada em 22 000 euros, que aquilo não vale, eu não queria a escola nem por 20 000 euros, vai em 200 e tal mil euros, e eles receberam mais 17 000 euros, um cheque de 17 000 euros, e nós estávamos... e há 3 linhas que não foram pagas, nós agora andamos a tratar disso também

AL: mas espere, não percebi a ligação entre a casa e as linhas de alta tensão...

PB1: quer-se dizer, eles deram 17 000 e a casa

AL: ah, deram... a quem à aldeia?

PB1: claro, ao presidente da Junta, naquele tempo era ele que geria os baldios. E nesse caso nós agora andamos a tratar a ver se nos pagam as outras linhas, e as outras que passaram que são de 30 000, aquelas são de 400 000 volts, e há as de 30 000, temos duas também, que passaram mas que não foram pagas. Mas a nossa zona é um bocado complicada porque que nós temos a EDP aqui em cima de nós, e a EDP tem-nos mais de metade do lugar, e esses terrenos nunca foram pagos

AL: têm? Ah, as instalações deles e tal

PB1: bom, eles não têm nada legal, não têm nada legal que nós já fomos ver e verificámos mais do que uma vez e não têm nada legal, têm um terreno que é onde está a pousada que nós encontrámos que ela que está legal, mas mesmo os próprios advogados dizem que aquilo que não está legal. Eu sei é que mais antigamente, quando era a Electro do Lima, antes de vir a EDP, e antigamente aqui já sabe a miséria que era, numa aldeia antigamente, nos anos 40 e 50 a miséria que não era aqui, e como a Electro do Lima deu trabalho a muita gente, e sobretudo àqueles que estavam à frente do... na altura não havia junta de freguesia, chamavam-lhes eles os fiscais. E esses senhores para terem trabalho cediam, cediam, cediam, cediam... não havia reuniões, não havia nada como agora, eles chegavam lá e olha “nós precisamos de tantos hectares”, e eles iam por baixo assinavam, tantos hectares

AL: chamavam fiscais à...

PB1: antigamente era

AL: eram tipo, fiscais do poder central?

PB1: exactamente. E então essas pessoas cederam para aí terrenos que era uma coisa por demais, onde nós tínhamos... e a barragem, deu cabo do turismo todo, a barragem a nós destruiu-nos o turismo, nós tínhamos o Rio Lima, que era poço aqui, poço acolá, e era gente pelo rio acima que era uma coisa por demais, isso desistiu tudo. Agora o turismo, embora o presidente da Ponte da Barca diga que nós estamos a viver do turismo... é mentira! Isso é tudo mentira, eu já lhe disse a ele numa reunião ‘vocês estão a mentir, nós não temos turismo nenhum, a não ser os emigrantes quando vêm, mais nada, nós não temos turismo’. Quando nós fizemos o trilho e eu passei duas vezes no trilho eu encontrei, cada vez que lá passei, encontrei franceses, bom... e eles falaram-me em francês, bom dia, boa tarde, e eu então disse ‘olha, mais

um francês', em francês. E eles disseram-me 'ah, você fala francês?' 'falo'. 'ah, então vamo-nos sentar um bocadinho e vamos discutir um bocadinho deste trilho". E sentámo-nos e um deles dizia que não havia sinalização nenhuma que arriscavam de se perder na serra. É verdade... é verdade... e então 'quando for para fazer o trilho pergunte... Porque um carreirinho que está roçado ninguém sabe que é um trilho, até se pensa que é um carreiro para andar a visitar os animais, vocês [a Câmara] têm que pôr os pontos centrais – isto aqui é isto, isto aqui é aquilo, este caminho vai a tal sítio, dar as indicações certas e essa coisa toda – não pode ser assim que vocês assim não trazem nada, estão a gastar dinheiro e não fazem nada. E eles então dizem que para o ano querem fazer uma sinalização muito superior à que está feita. E eu depois também lhes disse 'vocês fazem tudo o que é normal, mas é contra a natureza, não se põe um pau espetado com uma placazinha a dizer isto é isto e depois se há um fogo desapareceu tudo'. Desapareceu, não há mais nada, fica tudo queimado. E eu digo 'vocês façam isso com outra coisa, uma placa em inox, nem que o fogo passe fica sempre escrito, com um tubozinho inox, fica tudo escrito para a vida'. E eles também estiveram de acordo com essa proposta, eles dizem que para o ano vão fazer isso tudo, vamos lá a ver se fazem ou não

AL: então quer dizer que todos os terrenos que estão hoje ocupados pela EDP provavelmente não estão legalizados...

PB1: não

AL: mas, pro exemplo, quando esses fiscais assinavam por baixo a cedência do terreno, isso não tornava a coisa legal?

PB1: não tornava porque antigamente... eu lembro-me quando era pequeno e ia às feiras que chamávamos nós "regatões de gado", eles tinham realmente uma carteira muito grande toda cheia de notas, mas quando iam comprar um animal, por exemplo uma vaca ou um cavalo, davam cem euros que era, como diziam eles naquele tempo, um sinal. "Damos-te um sinal e tal dia venho-te pagar a vaca". Mas esse sinal não era... era um sinal um bocado de negociador, porque ele dava o sinal e passado 15 dias vendia a vaca outra vez e ia pagar a vaca com o dinheiro por que tinha vendido, está a compreender?

AL: não (RISOS)

PB1: eu sou regateador de gado, até posso ter 3, 4, 5 contos, que já era muito dinheiro naquela altura, tinha 4 ou 5 contos chegava ao pé do... "ai, tenho aqui esta vaquinha" "ah, quanto quer?" "ah, quero 200 ou 300 escudos", ele dava 50 escudos de sinal e depois vinha-lhe pagar mais tarde, mas naquele intervalo ele vendia a vaca e a seguir ia-lhe pagar e ganhava alguma coisa, que eles ganhavam dinheiro, viviam daquilo ganhavam dinheiro. E o que eu quero dizer é, esses fiscais, a EDP chegava-se a eles emprestavam-lhe 40 hectares, eles faziam para ali uma assinatura qualquer, mas eles não pediam para registar, a EDP nunca registava os terrenos, entretanto as leis mudam, tudo muda, tudo muda, isto já lá vão 50 a 60 anos e as coisas mudaram 7 vezes do que era antigamente e a maior parte nós verificámos que não está legal

AL: pois... e essas linhas de alta tensão foram construídas há quanto tempo?

PB1: ui, uma já vai muito ano

AL: muito ano... e na altura não tiveram qualquer tipo de compensação vá...?

PB1: ninguém protestou

AL: se calhar na altura o baldio também não estava muito bem organizado ou estava?

PB1: não...

AL: terá sido ainda nas mãos da Junta provavelmente

PB1: não era Junta eram os tais fiscais que nós dizíamos

AL: ah, não, mas o baldio?

PB1: o baldio, eram os tais fiscais, e mesmo naquele tempo não eram fiscais que andavam no baldio eram os serviços florestais

AL: sim... então já foi mesmo há muito tempo isso

PB1: ui, já vai há muito tempo, eu era garoto pequeno quando montaram a primeira linha que vai ao Porto

AL: foi ainda na altura

PB1: foi nos anos 50, depois que veio a EDP está claro, a barragem é sete vezes maior que... agora passaram mais 4 linhas de alta tensão de 400 000, essas é que não foram pagas, essas é que a Junta já as havia de ter feito pagar. Eu não fazia como aqueles, porque eles diziam assim “então esta linha dá uns 200 000 euros”, mas eu não fazia assim, não fazia não... vocês dão-me tanto por ano, no lugar de me darem 200 000 dão-me 20 000 euros por ano e consoante muda o nível de vida isso pode ir de 20 para 25, pode ir para 30, pode ir para 40 e vai para 50... era assim que eu negociava. E é como as linhas que falta pagar, eles podem dizer que nos dão tanto pela linha... não, eu não quero isso, vocês dão-me tanto por ano

AL: até porque pelos vistos vocês não podem ter pastagens nessa zona, ou seja, estão a perder com essa zona.

PB1: E os privados ainda é pior, você passa ali no meio de uma bouça, destruíram-lhe a bouça toda e nunca mais têm nada na bouça, pronto... eles de 4 em 4 anos cortam, de 4 em 4 anos cortam, é uma desgraça para os particulares, que há muita linha que atravessa aí muita bouça. E não é só isso, é que há linhas que passam com casas por baixo e isso não é nada bom, sabe perfeitamente. Por exemplo em França retiraram uma linha de alta tensão e meteram uma subterrânea

AL: esta escola [onde hoje é a sede do CD dos baldios] é vossa agora? Compraram ou não?

PB1: esta escola não é nossa, esta escola é um bocado complicado. Esta escola foi feita pelo povo, e é como lhe digo outra vez, e quando houve aí um senhor, o que é que ele fez, foi às finanças, ele e mais outro, e deram a escola às Finanças... quer dizer, a escola foi feita pelo povo e eles entregaram-na às Finanças, quando..., não fui eu foi o presidente anterior foi às Finanças ver como é que estavam as coisas, ora a escola tinha sido dada por fulano, fulano e fulano e a assinatura lá, então que a escola é da Câmara, embora esteja aí uma placa a dizer compartes, mas a escola não é dos compartes pertence à Câmara Municipal de Ponte da Barca

AL: e eles entregaram às Finanças mas receberam algum ou?

PB1: não, não, entregaram a escola

AL: por que carga de água?

PB1: entregaram a escola, sei lá porquê... se foi o povo que construiu a escola, com uma pequena ajuda da Electro do Lima, ficaram sem a escola. E é uma coisa que eu já estive a dizer ao presidente para nos fazer uma declaração, para que nos vendam isto

AL: ao presidente da Câmara?

PB1: claro que não vai ser pelo valor que ele vai querer, mas digo... 1000 euros por exemplo, que nos venda a escola por 1000 euros, nós os 1000 euros arranjam, mas fica dos compartes, definitivo. Eles dizem “ah, vou pensar, vou pensar...” mas com este presidente penso que não há nada a fazer, não vende... vamos lá a ver o próximo quem é, quem será...

PB1: ... a barragem temos aí a barragem é tudo comandado lá do quinto caneco, nunca tem duas pessoas ao serviço, a barragem destas, que produz electricidade para todo o lado, para o estrangeiro, para França, para Espanha, para todo o lado e o continente todo coberto de... para afinal, do que é que serve isso a nós?

AL: e a nível local não tem grande

PB1: não tem nada, não temos benefício nenhum, nada! A EDP desgraçou-nos, a EDP e o Parque

AL: turismo...

PB1: turismo, então, se for camara nem pensar, eles nem falam, “nós vivemos do turismo”, já lhes tenho dito a eles, isso é tudo uma aldrabice o que eles dizem. E se a senhora ler os jornais aqui do concelho, o presidente só fala “apostamos no turismo”... não vejo nada de turismo. Eu o turismo que vejo aqui são os emigrantes que vêm no mês de agosto, não vejo mais nada. A senhora vem aqui no mês de dezembro e não vê aí ninguém fora da estrada, agora ainda vê aí uns carrinhos

Germil: PG1

AL: pois.... enfim. Em que tipo de coisas é que vocês têm usado o dinheiro que sobra das ITI? Também usam no melhoramento da aldeia ou...?

PG1: não... esse dinheiro para já só se aplica ao baldio, recuperação de pontos, não é, de pontos que existem, de ribeiros

AL: pontos é o quê?

PG1: pontes, pequenas pontes não é, para passar os animais, as pessoas a pé, nalgumas até passam tractores e os antigos carros de bois, porque a água todos os anos, os regueiros, no inverno danificam, então temos de os manter, às vezes os suportes de caminhos, a recuperação, melhoramentos próprios dos caminhos, pronto, usamos nessas coisas

AL: e vocês alguma vez pediram também aqueles investimentos não produtivos? Por exemplo, para recuperar o fojo do lobo

PG1: sim, sim, sim, isso é investimentos não produtivos

AL: que avançam com o tal dinheiro que sobra das ITI e que depois recebem

PG1: e depois recebemos

AL: ok, ok.

PG1: e que neste momento temos a caixa para esses projectos, mas depois vai servindo para as outras não é?

AL: pois, se for bem gerido olhe, menos mal

PG1: tem de ser bem gerido! Porque senão, é aquilo que eu digo, isto tem de ser gerido igual que seja o nosso porque senão... não se pode... porque se não fizessemos assim não conseguíamos ter recuperado o fojo do lobo, pontos de abeberamento

AL: como é que se chama

PG1: pontos de abeberamento, são aquelas fontes que existiam que já antes eram... pronto, as pessoas tinham lá aquilo arranjado, a madeira para poderem comer e para os animais beberem, só que pronto, agora há menos actividade dos pastores e então pronto, candidatamo-nos e arranjámo-la nós, recuperámo-la

AL: pois, foi com esses dinheiros

PG1: foi com esses dinheiros, portanto, são investimentos não produtivos mas com... tivemos de ter dinheiro para pagar logo para receber, mas já recebemos. E agora esse mesmo está à espera, ia agora pôr o adensamento, pronto, que tivemos que abandonar, pronto agora pomos no outro a seguir. Digamos que essa caixinha é só para isso

AL: bom, olhe, se conseguir isso já não é nada mau

PG1: é a única forma de se conseguir fazer alguma coisa, senão não se consegue

AL: sim, sim. Se acabarem as ITI... pode ser que entretanto já tenham muitas árvores a engordar

PG1: exactamente, é essa a esperança

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: As servidões do baldio, ou seja os caminhos que levam ao baldio, são caminhos que têm regras que dependem dos compartes, portanto não são caminhos públicos, são caminhos dos compartes, do baldio. Portanto têm regras, não é sempre que podem ser passados e não é por toda a gente.

TERRAS DO BOURO

Ermida: TE1

TE1: por exemplo aqui este abrigo é da vezeira do gado da Ermida

AL: ooooh, que fixe! Já tinha ouvido falar destes abrigos mas ainda não tinha visto nenhum

TE1: a gente dormia aqui, eu cheguei aqui a dormir, porque há 30 anos poucos carros havia na Ermida

AL: ah, claro, vocês agora vêm de carro até certo ponto e depois...

TE1: nos há 30 anos vínhamos a pé para aqui, não se via carros, não havia carros na Ermida

AL: pois é...

[saímos do carro para ver o abrigo]

TE1: isto aqui chama-se um curral... um curral é o quê? Quer dizer o quê? Aquela gente que escreve os livros para a tua zona não percebe patavina do que é um curral. Podes-lhes dizer mesmo que fui eu que disse, que foi o Jorge da Ermida que te disse, que eles não percebem patavina do que é que se passa no terreno... um curral é o quê? É onde tem o abrigo do pastor e aonde o pastor junta o gado normalmente à noite, portanto o gado mais ou menos à noite dormia por aqui... e dorme por aqui. As vacas, o gado bovino, neste caso estamos a falar do gado bovino. Estas árvores que estão aqui foram plantadas por nós voluntariamente há 15-20 anos

AL: pois, já em Fafião também me falaram que costumam arborizar a zona do curral [...] é mesmo lindo. Isso já tem anos e anos não?

TE1: já... já está assim dessa maneira, assim com essa remodelação que foi feita, já está ao menos há 30 anos

AL: e já não usam?

TE1: usam... agora menos, as pessoas hoje já... como todas têm carro, vêm de carro até aqui e depois vão dormir a casa

AL: claro. E o gado fica aqui de noite não é...

TE1: A palavra curral quer dizer isso, é a zona onde o pastor tem o abrigo e onde o gado pernoita durante a noite

AL: este sítio é lindo, eu se fosse pastor ficava aqui

TE1: é assim, agora já inventaram para aqui umas modernices, agora até já há um colchão, mas isto não existia, isto é uma modernice. Portanto, eles colhiam, os primeiros que cá chegavam, colhiam dessas ervas que aí estão e depois metia-se no chão, e trazia-se uns cobertores e a gente dormia assim no chão, de verão quase nunca chove não é

AL: e não faz tanto frio

TE1: a gente dormia com uns cobertores assim no chão, eu cheguei aqui a dormir há 30 anos atrás

AL: e vinha o pastor sozinho?

TE1: normalmente era, ou um ou dois

AL: fogo, este sítio é muito especial. E vocês agora recuperaram-no com as ajudas dos INP's?

TE1: é assim, para nós, a gente fez a candidatura mas depois eles davam pouco apoio, o mais próximo da estrada que temos é este e os outros são mais na serra, os que estão dentro da área da Ermida e só de helicóptero é que se conseguia levar para lá o material, porque às costas, a sério, era impossível. Os de Vilar da Veiga como tinham muito dinheiro levaram um helicóptero e levaram o material lá para cima

AL: aí foi?

TE1: mas nós não tínhamos dinheiro para andar a fazer isso, depois não fizemos contrato para a renovação porque logo o que eles davam era pouquíssimo

AL: pois, porque estar a contratar esses meios...

TE1: depois para nós, para nós ficarmos com essa despesa toda não, era um balúrdio

AL: e é mais por uma questão de turismo não é? Não iam usar ou iam?

TE1: não, agora com o carro

AL: isto é, esses apoios são mais naquele sentido da conservação do património e assim não é?

TE1: exacto

AL: está bem, então a vezeira hoje em dia é isso, vem cá o pastor está aí durante o dia e depois deixa as vacas

TE1: normalmente, exacto, normalmente agora fazem isso, ainda há um por outro que fica lá, que portanto as coisas andam na mesma, tem lá cobertores e tudo para quem quiser ficar, mas quase todos os dias vêm embora

AL: isto é a casa florestal...

TE1: a casa do guarda... morava aqui um guarda, ainda me lembra eu

AL: ainda quê?

TE1: eu ainda me lembro de estar aqui um guarda a morar

AL: e agora, está ao abandono?

TE1: estão todas

AL: é considerada como sendo do ICNF não é? Não é vossa

TE1: é, é

AL: pois... vocês se quisessem renová-la tinham de estar aí a lutar por ela

TE1: fazer o pedido mas não adianta, renovar uma casa dessas custa um balúrdio... eles um dia isso vai ser vendido, isso vai ser património publico, mas o que é que vai acontecer... quem renovar isto, que queira um dia comprá-la tem de morar aqui, se não morar aqui vai ser vandalizada para roubos e para essa coisa toda

AL: pois, exacto, já está não é

TE1: isso é para esquecer

AL: esta casota é de quê?

[sai do carro]

TE1: é a mesma coisa, é um abrigo de pastor

AL: é?

TE1: mas não é da nossa vezeira, é da vezeira do outro lado do rio, da barragem, porque eles têm direito a vir para aqui com o gado, chama-se Louredo da Ribeira [*? não se entende*], do outro lado da barragem, não pertence ao parque nem nada, e este é o espaço deles

AL: ai, vocês deixam-nos é isso?

TE1: não, não, isto já é antiquíssimo, isto sempre foi assim

AL: ok, ok, é tipo

TE1: isto é a área de pastagem durante o verão, desde o 15 de maio ao dia 8 de setembro. Eles têm os currais, os chamados currais deles delimitados também, delimitados geograficamente, têm um sítio para eles dormirem, o gado deles também normalmente fica aqui e dorme aqui, não tem nada a ver com a Ermida, além de ser a mesma área de pastagem não é, quando eles estão lá... eles até podem estar aqui ambos juntos mas um dorme aqui e o outro dorme lá

AL: lá, naquele onde nós estivemos...?

TE1: sim, e este é deles, da vezeira deles

AL: mas isto ainda é baldio da Ermida aqui?

TE1: sim, sim, sim

AL: está bem. E estas plantações de árvores foram vocês?

TE1: não, não, isso foram eles

AL: também eles. Aaaaah. Como é que se chama a aldeia, é Louredo...

TE1: são três aldeias do outro lado à beira da barragem, uma é Louredo, a outra é Castro, a outra é São João da Cova, e têm direito única e simplesmente à pastagem aqui durante os 3 meses, mais nada

AL: é de acordo com os usos e costumes não é?

TE1: exactamente

AL: Aaah. Está bem

TE1: mas estas árvores, segundo as normas do parque não se podiam plantar aqui, nem podem aqui estar

AL: aí é?

TE1: não são autóctones daqui, estás a perceber? Isto é carvalho americano

AL: pois é...

TE1: isto não... eles é que ainda não se lembraram de mandar aí alguém cortar, porque eles de vez em quando ainda fazem isso

AL: eles não deixam por carvalho americano?

TE1: não, porque não é daqui

AL: pois

TE1: mas deixam por o carvalho roble ou o outro que eu até me esquece o nome

AL: há o róbur e há o *pyrenaica*, pode ser?

TE1: é, é capaz de ser esse é

AL: pois, eu também não sei tanto...

TE1: mas é esse é, possivelmente é esse nome mesmo

AL: é um que tem as margens mais cortadas...

TE1: exacto, é esse. Nós chamamos-lhe... nós não usamos...

AL: carvalho negral?

TE1: nós não usamos o nome científico, nós chamamos-lhe o carvalho cerquinho que é este

AL: ah, ok, então se é o cerquinho não é este, aquele que eu estava a dizer era o carvalho negral, se é cerquinho é outro nome, que eu também não me lembro agora

TE1: o nome científico isso eu não sei

AL: também não me lembro cientificamente como é que é esse... olha, está aqui um pinheirinho a crescer. Esta cabana não tem nada a ver com a vossa. Bom, também aquele rochedo não há em todo o lado

TE1: e depois também meteram essas chapas de zinco que parecia mal não é

AL: é muita feioso sim

TE1: pois é

AL: mas se calhar é bom por causa das temperaturas e da chuva

TE1: tás a ver? Como aquele barraco acolá que está lá, a meter nojo, aqui num sítio destes, usando assim a palavra certa

AL: (RISOS) sim, é verdade é pena, mas a sorte é que o lameiro é tao bonito que até dá para esquecer aquilo

TE1: há pessoas que não têm gosto nenhum nem respeito por aquilo que nos envolve

AL: é... é mais a prática que importa

TE1: foram parolos desde que nasceram e querem ser parolos até morrerem

AL: (RISOS)

TE1: é como lhe digo, nós temos que evoluir, seja para um lado ou para o outro, se um fulano tem... se as pessoas de um país usam uma técnica melhor a gente mesmo

que não faça igual faz parecido, e eles também vêm cá e também fazem a mesma coisa, porque as coisas são mesmo assim

AL: Isto também é privado... o que é isto?

TE1: isso é uma casa de um médico do Porto que está feita aí há mais de 60 anos, na altura em que ainda andavam a florestar possivelmente algumas partes desta área, e então o médico fez aí a casa, fez como estás a ver, está conforme foi feito na época

AL: olha que bem

TE1: um médico de crianças

AL: mas ele aqui não dava consultas não é? Era só...

TE1: não, não, não, era só para onde ele vinha nas férias e nos fins-de-semana

AL: epa, que privilégio... na altura deve ter... não sei, comprou isto ao baldio? Como é que foi? Não sabe?

TE1: isto era um curral, igual àquele que tu viste, àquele pradozinho que está fechado em pedra, este também é...

AL: então já era...

TE1: comprou-o aos proprietários...

AL: pois, já era privado... ok, epa, é espectacular.

TE1: e depois o médico morreu para aí há 10 anos e agora tem aí as sobrinhas

TE1: isto aqui... isto aqui vamos fazer uma calçada brevemente, este pedaço

AL: uma calçada calçada?

TE1: sim

AL: a serio? Mas quantos metros?

TE1: até lá ali ao cimo, são 100 metros de comprido, isto é uma zona muito inclinada e obriga a aplicar a manutenção necessária, porque nós não podemos escavar saibro nós vamos fazendo algumas calçadas, quantas mais calçadas nós tivermos nas zonas mais inclinadas menos manutenção precisamos

AL: ah, boa, boa

TE1: fazemos o trabalho por uma vez... já se sabe que é mais caro mas fica para muitos anos

TE1: vamos ali vamos ver outro abrigo de pastores, da tal vezzeira dos fulanos do outro lado da barragem

AL: ah, já estou a ver

TE1: espectacular

AL: é aquele que tem torrões ou que é... não...

TE1: é isso mesmo, nunca viste.

AL: esses dos torrões nunca vi, só ouvi falar

[saímos do carro]

AL: curral das cortes...

TE1: tudo o que se chame curral quer dizer a mesma coisa, quer dizer que tem um abrigo do pastor, ou dois, e quer dizer que é onde o gado pernoita

AL: sim... portanto, este é usado pela malta de lá de fora do parque não é, do outro lado da barragem

TE1: sim

AL: têm dois então? Este e o outro

TE1: têm... têm um aqui que é dos do outro lado, e têm outro ali à frente naquelas pedras que era dos da Ermida, que é ...

AL: e aquele que a gente viu há bocado ali ao pé daquele lameiro?

TE1: também é dos outros do outro lado

AL: também é pois...

TE1: era aqui que eles dormiam há 40 anos

AL: que coisa... e este foi renovado? Não...

TE1: não, não, este está assim já há muitos anos

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: já não é usado?

TE1: não, é a mesma coisa, eles vêm para aqui, ficam, vão à noite embora

AL: pois... ainda continuam com as vezeiras. Lá para os lados de Montalegre a maior parte das vezeiras acabaram, já não há gado suficiente, as pessoas estão cada umas por si, às vezes nem é não haver gado suficiente, há é 3 ou 4 pastores então não... aqui já vi que ainda se mantêm

TE1: e ainda há mais, esses fulanos, agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá

AL: passavam os animais com a barca?

TE1: sim, também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais

AL: fogo! E o gado ia comendo pelo caminho ou não?

TE1: isso, portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no maio ao vir para cá e depois em setembro ao ir

AL: pois, exacto, mas eles diariamente um pastor vinha sempre para aqui

AL: diariamente?

TE1: ou depende, daqueles dois dias...

AL: ah, lá está

TE1: se calhou ser dois dias ou três...

TE1: Eu já te disse, esta é a zona mais espectacular a seguir à Albergaria se não for melhor do que a Albergaria

AL: (RISOS) é lindíssimo é

TE1: estás a ver lá adiante?

AL: sim, o que é?

TE1: uma espécie de umas pedras e um buraco

AL: ah, sim, é uma? Um abrigo?

TE1: é um abrigo do pastor dos da Ermida

AL: pois ali o curral já é mais dificultado, já não é tão plano

TE1: é, é uma zona mais pobre mas era ali que eles dormiam também e era por ali que o gado ficava

AL: esta zona aqui é

TE1: esta zona é espectacular

AL: pois é... tem nome?

TE1: ali chamam-lhe Viseu

AL: como?

TE1: Viseu. Estamos tão longe mas não sei porquê chama-se Viseu... e aqui chama-se Espeto

AL: Espeto?

TE1: sim

AL: ok

E isto está inserido naquele trilho que vocês estão a limpar não é?

TE1: é, olha, passa ali

AL: e parte de onde? Da Ermida?

TE1: é, lá da frente de onde tu vês aquilo

AL: lá é a ermida?

TE1: lá é a Ermida, estás a ver ali um caminho, estás a ver 2 caminhos, um longo lá por cima e um mais curto, o mais curto é o trilho que os pastores passam até aqui, por aqui, por aqui e lá para a serra, os do gado caprino

AL: e estão a aproveitar os dos pastores para fazer o

TE1: os do gado caprino usam este trilho praticamente muitas vezes por semana

AL: ok

TE1: assim como outros noutra zona

AL: o moinho comunitário ainda se usa?

TE1: sim, existe moinhos comunitários de moer o grão

AL: e o forno?

TE1: forno não, aqui nunca foi usual ter forno, cada um tinha o seu, mas moinho de moer o grão e o centeio, o moinho sempre foi de várias pessoas

AL: mas já não se usa o moinho ou usa?

TE1: não... não, mas ainda existe aí um ou dois a funcionar, por exemplo o lagar de azeite, ainda temos o lagar a funcionar, mas como é tudo antiquíssimo, que nem te passa pela cabeça como é que se faz o azeite aqui

AL: tenho de vir cá um dia visitar a aldeia mesmo

TE1: um dia que tenhas... na altura do inverno, quando é janeiro, fevereiro... por vezes fazemos a azeitona, quando há muita, quando não há... possivelmente. Mas normalmente quase todos os anos alguém faz azeite, mas é uma coisa que tu nunca viste e também é uma coisa comunitária da Ermida e onde tem regras de uso, isto não é tudo...

AL: vocês usaram algum dos dinheiros para fazer recuperação dessas coisas?

TE1: os moinhos são de pessoas privadas, isso aí não se gastou dinheiro nenhum, a única coisa que gastaram no lagar foi a meter o telhado, de dinheiro dos baldios, não foi dinheiro comunitário, foi dinheiro dos baldios

Vilar da Veiga: TV1

TV1: está vedado e tem uma carvalha mesmo na casa, aquela casa em pedra

AL: sabe que não vi a casa, bem procurei o abrigo mas não o vi

TV1: tem uma carvalha muito grande, e tem uma cozinha fora, com grelhador, com as coisas todas

AL: ai, como é que isso me passou despercebido

TV1: mas todas elas têm, todas elas têm

[...]

TV1: foram todas recuperadas [as casas do pastor] portanto o ano passado, foram todas arranjadas, portanto aquilo tem umas... estava tudo assim, foi tudo com um helicóptero, no baldio de Vilar da Veiga fizemos tudo com um helicóptero. Portanto o transporte dos materiais novos e a recolha dos velhos, estava toda aquela chapa de zinco, portanto, e aquilo foi tudo com telha, com... a pedra já lá estava mas agora está tudo arranjado e depois ainda tiveram todas, por exemplo, os animais se fosse preciso juntavam-se com as pessoas, quer dizer, estavam lá... o pastor estava em casa a dormir e se fosse preciso os animais entravam lá para dentro, ou o caso dele agarrar com o [?] pelas calças e andar com o... e então aquilo foi tudo vedado, tudo em pedra, em toda a volta, tipo aquelas casas na pradaria não é, portanto a casa está dentro, está lá e depois fez-se a vedação à volta para estar... lá dentro é lá dentro e

cá fora é cá fora, e portanto fizemos a preparação toda daquelas coisas, e as pessoas gostam e muito bem

AL: pesca desportiva também, provavelmente não?

TV1: não, também não temos nada, no baldio não tem muito a ver com a pesca

AL: está bem... eu só lhe perguntava agora... quando é que a barragem foi feita?

TV1: em [19]58

AL: ah, foi ainda antes da de Vilarinho

TV1: sim, a de Vilarinho foi em 1972

AL: sim, acho que foi lá para o fim dos anos 1960, início dos anos 1970

TV1: foi em 1972. Esta creio que encheu em 1959, portanto feita... eu já não me recorda já... recorda-me só dela cheia. Também nasci em 1959, mas parece-me que encheu em 1959, portanto terá sido feita mais cedo... não é que tivesse muita coisa para fazer porque isto só havia que fazer aquele paredão lá em baixo, que estão a fazer outra vez, estão a fazer uma saída de emergência, portanto um túnel de emergência ao lado da água...por causa da água não é, porque aquilo há uns anos esteve muito, portanto esteve numa situação difícil que ali a barragem não estava feita a esquadro, então houve um certo desmazelo...

AL: mas estava a subir a quota demasiado?

TV1: não estava a subir, subiu..

AL: subiu o quê? Transbordou?

TV1: para não transbordar foram camiões e camiões e camiões de TIR com sacas de cimento para porem na passagem em cima do...

AL: em cima do paredão? Iiiich

TV1: foi.. e aqui, eu por exemplo, estou aqui baixo [fala da experiencia que teve ali há uns anos de como a água lhe trepou o restaurante]. Quando a barragem está no máximo fico muito resvés. E depois aqui atrás tem também um ribeiro que vem das águas do monte, mas isto já havia antes, eu já sabia, antes de fazer a casa já eu sabia que aquilo vinha. E a água em vez de entrar no aqueduto vinha para aqui. E eu depois cheguei “aquilo está entupido” e tal... quer dizer água por todo o lado

AL: e como é que fez? Desviou?

TV1: não fez nada... não fez nada. Depois quando cheguei ali à estrada tive de me chegar para trás porque a água estava a chegar à estrada, a água da barragem

AL: ah, e aquele...

TV1: não podia sair

AL: ah, está bem, mas este também lhe traz problemas mesmo quando a barragem não...

TV1: não, não, só trouxe naquele dia [continua um pouco mais nesta história]. A água [da barragem] subiu mais para aí... 20 metros. [...] quer dizer, não podia abrir mais do que aquilo... [as comportas], quer dizer, até podia reduzir o efeito se abrisse mais só que Barcelos e coiso levavam com tudo

AL: Barcelos? Não disse Barcelos pois não?

TV1: Barcelos sim

AL: acha que a água chegava a ...

TV1: ai chega, levava tudo, depois vai para Esposende não é? Para Fão, esta barragem vai desaguar a Fão...

AL: ah, então lá também terá subido assim

TV1: pois, quer dizer, ela aqui não podia despejar mais do que isto por causa das outras povoações vizinhas, não podia... quer dizer, não podia abrir as comportas mais, senão aquilo era uma desgraça por aí abaixo. Por isso é que agora, as obras que estão a fazer, eu até pensei que fosse por causa do desaproveitamento da água que sai do paredão para fora, quando sai para depois produzir outra vez energia... porque esta parte aqui, por exemplo este túnel aqui, esta conduta aqui, portanto que era... só trazia água de Vilarinho para aqui, portanto só trazia água para aqui. E agora já pronto, depois daí fizeram-se obras e agora já leva e traz. Portanto, quando traz está a produzir energia, quando traz a água e quando leva a água... portanto eles fazem a trasfega de uma barragem para a outra, de água, quando não está, uma tem mais a outra tem menos, e ... portanto isto já existia para trazerem a água de lá para cá e agora já fizeram obras que traz para cá e leva para lá também a produzir, e eu pensei que ali fosse igual. Mas não, ali em baixo é, para o lado do paredão, portanto fora do paredão, fizeram portanto um túnel fora, para em caso de emergência abrir aquela... ou seja, não deixar chegar... porque as comportas estão lá no alto, não é? e portanto só quando a água estiver lá perto, só quando chegar lá é que começa a descarregar, e então ali estão a fazer mais fundo, porque se às vezes houver assim algum volte-face na meteorologia ou assim, abrir já pelo fundo para o lado, não deixar que... se for preciso, se se souber que vai vir muita chuva, é preciso deixar a água chegar àquele ponto para ela começar a descarregar, e depois se é muita aquele descarregar pode não chegar porque não podem abrir aquilo mais para não prejudicar as outras povoações, e assim neste caso, se por exemplo se prevê que vai haver muita água, eles começam já a tirá-la por um lado, não é, pelo túnel, [repete a ideia da construção que está a ocorrer]. [...] já vi duas vezes a barragem despejada...

AL: por falta de chuva?

TV1: não, para fazer [*? não se entende*]

AL: vê-se ainda restos da aldeia por baixo?

TV1: tudo, tudo, tudo

AL: deve ser um momento altamente turístico

TV1: quer dizer agora no último, a última também já não se via assim muito bem porque na primeira foi assim uma coisa que ninguém teve muito cuidado, porque esvaziaram e não deixaram... quer dizer, não deixaram nada não, não proibiram nada, foi tudo assim à [*? não se entende*] e conforme foi [*? não se entende*] olha era tudo a agarrar pedras com tractores, fizeram-se muros para aí com pedra

AL: para quê? Não percebi, desculpe

TV1: portanto, a barragem despejou, não é, e depois não houve nada que proibisse as pessoas de ir às pedras, porque lá em baixo ainda estavam as casas. As casas na altura, houve pessoas na altura, aquelas pessoas antigas que achavam que podiam com tudo não é, que nem saíram das casas, a água estava a entrar e eles não saiam. E portanto como não saíam as casas ficaram, não se mexeram sequer... intactas. Não lhe mexeram. E depois quando se despejou a primeira vez toda a gente aproveitou para ir... uns para negócio, começaram a escangalhar aquelas casas todas, a tirar com os tractores, e ainda os caminhos eram fracos, mas a tirar para os tractores, quer dizer, tiraram tudo

AL: isso foi há quanto tempo?

TV1: ah, isto já vai há muito tempo... para aí há mais de 20 anos. Vai, vai, vai, vai há 30 pelo menos, eu tenho isto já aqui há 20... vai, vai há 30 anos para aí. Quer dizer que foi, via-se o cemitério, a igreja, as casas, aquelas casas dos lavradores com aquelas pedras todas, pedras, mesas enormíssimas, e depois as pessoas, quer dizer, uns tinham tractores, montaram para lá umas gruas... e ainda não havia as máquinas que há hoje, porque então, se houvesse aquelas gruas de pegar então é que aquilo era uma... portanto, aquilo era tudo mais ao ferro, e tudo em cima, e traziam mais duas ou três carroças daquilo por dia, mas aquilo esteve para aí dois meses assim e danificaram tudo. E depois da 2ª vez já quiseram proibir, mesmo as areias e as pedras mas já estava tudo estragado, ninguém se precaveu para aquela... para aquele acidente, no fundo aquilo foi um acidente que ali aconteceu, porque desfazer ali casas para fazer muros ou para ter ali um tipo qualquer no monte para vender, foi mesmo, era uma coisa que não se devia ter feito, mas aconteceu

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] Nós recuperámos agora 8 cabanas na serra amarela, depois até lhe posso mandar, era para lhe ter trazido, mas passou-me, que é o nosso parcelário, lá em cima cada terreno tem que ser... é o chamado parcelário, é um sistema de registo a nível nacional, onde constam as propriedades, está muito bem delimitado, com as áreas todas, nós temos uns 1700 e tal hectares [...] quase 1800... número redondo são 2000 hectares, mas são 1700 e tal, quase 1800. E então [...] o primeiro frigorífico que eu vi por lá, o primeiro frigorífico que houve em Portugal, que era uma casa chamada casa da neve, mandada fazer por um arcebispo de Braga, que então durante o inverno que na altura havia muita neve, mais do que agora, que agora neva mas desaparece logo, foi mandada construir por um arcebispo de Braga, para fazer os

seus gelados em Braga só que no tempo da... enfim, por 1640 quando Portugal se estava a tornar independente na luta contra Castela, e ele tomou partido por Castela, de maneira que foi preso [...] depois foi desmantelada.

AL: mas basicamente aproveitava o frio da serra não era?

TVf1: juntava a neve ali dentro, e depois ia trazendo à medida que precisava, e ainda está lá o resto da casa

AL: [...] ficava mesmo junto às antenas... conhece Lindoso?

[depois fala das casarotas, mas não se percebe nada, há muito barulho ao redor] porque ali à beira temos a Portela do Homem e temos também a Portela da Amarela, aqui nesta carta não se vê muito bem mas temos aqui

AL: por acaso o conceito de portela é ainda para mim um mistério

TVf1: Portela é uma porta

AL: é uma porta, mas natural ou...

TVf1: natural, é uma passagem, tem a ver com um sítio de passagem, a Portela do Homem que está onde passa a estrada da Jeira

AL: pois, o que eu estranhava era “porta para quê”?

TVf1: para as pessoas passarem

AL: não, mas para quê? Para que sítio? Agora há o parque, que aproveita esses nomes, mas...

TVf1: olha, para, por exemplo, para passar para Espanha, para a Galiza

AL: pois, devia ser por aí

TVf1: [...] para não irem muito expostos, olha, os contrabandistas, o caminho dos contrabandistas que vinham de outras povoações que não de Vilarinho vinham por aí. E então isto provavelmente insere-se neste contexto da defesa militar

TVF1: [...] o primeiro frigorífico que eu vi por lá [por Vilarinho], o primeiro frigorífico que houve em Portugal, que era uma casa chamada casa da neve, mandada fazer por um arcebispo de Braga, que então durante o inverno que na altura havia muita neve, mais do que agora, que agora neva mas desaparece logo, foi mandada construir por um arcebispo de Braga, para fazer os seus gelados em Braga só que no tempo da... enfim, por 1640 quando Portugal se estava a tornar independente na luta contra Castela, e ele tomou partido por Castela, de maneira que foi preso (...) depois foi desmantelada

AL: mas basicamente aproveitava o frio da serra não era?

TVF1: Juntava a neve ali dentro, e depois ia trazendo à medida que precisava, e ainda está lá o resto da casa [...] ficava mesmo junto às antenas... conhece Lindoso? [...] porque ali à beira temos a Portela do Homem e temos também a Portela da Amarela, aqui nesta carta não se vê muito bem mas temos aqui

AL: por acaso o conceito de portela é ainda para mim um mistério

M: Portela é uma porta

AL: é uma porta, mas natural ou...

M: natural, é uma passagem, tem a ver com um sítio de passagem, a Portela do Homem que está onde passa a estrada da Jeira

AL: pois, o que eu estranhava era “porta para quê”?

M: para as pessoas passarem

AL: não, mas para quê? Para que sítio? Agora há o parque, que aproveita esses nomes, mas...

M: olha, para, por exemplo, para passar para Espanha, para a Galiza

AL: pois, devia ser por aí

M: [...] para não irem muito expostos, olha, os contrabandistas, o caminho dos contrabandistas que vinham de outras povoações que não de Vilarinho vinham por aí. E então isto provavelmente insere-se neste contexto da defesa militar

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: não, acho que têm 5 eólicas eles [em Lamas de Mouro]

AL: ai é? Ah, pensei que era isto tudo

MeC2: não, não, isso aí depois já é outro baldio, ali já são mais baldios [...] o baldio deles era administrado pela Junta até há dois anos, e só quando há dois anos para cá houve então a agregação das freguesias, o presidente quis ser malandro, e para que as receitas das eólicas não revertissem para toda a freguesia fez a comissão de baldios para que revertissem só de facto para Lamas...

AL: aaah

MeC2: isto é tudo um jogo de interesses pa, e os baldios é muito bonito quando de facto há dinheiro envolvido nos baldios, se não houver dinheiro envolvido estão-se a borrifar tipicamente para os baldios não é

AL: ou um interesse qualquer, nem que seja pôr o gado ou o que for

MeC2: isso pôr o gado já não é interesse, porque isso foi o que foi sempre, isso foi o que foi sempre

AL: pois, está bem, está bem

MeC2: quando se associa baldio... baldio associa-se a gado

AL: e lenha, não vêm aqui buscar lenha para se aquecerem?

MeC2: não, aqui o nosso baldio, está a ver, está aqui numa altura muito elevada e não há lenha

AL: mas mesmo sei lá, eu não sei o que é que se usava mais para queimar em casa, não é, para aquecimento... não sei se também usavam estes matos maiores, as giestas, as urzes

MeC2: sim, a giesta sim, mas isso a giesta... a giesta e as urzes, mas isso está no privado. Há baldios que podem ter, mas não é o nosso caso, há uns baldios que podem ir buscar lenha eventualmente

AL: [...] quantos lugares é que há aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: em Castro são 42

AL: lugares? Pois, por isso é que o baldio é tão grande

MeC2: 42, embora não sejam todos habitados não é, é que havia as brandas e as inverneiras

AL: ah... e consideram-se lugares as inverneiras também...? Ou as brandas

MeC2: claro, as pessoas estão... estas são brandas, isto aqui para cima é brandas, e as inverneiras ficavam todas lá para baixo, não se veem daqui

AL: mas continua a haver essa mudança?

MeC2: não, agora acho que já não

AL: olhe aqui... [mostro-lhe o livro que me deram sobre brandas no ICNF no Gerês]

MeC2: ah,... onde é que foi arranjar isso?

AL: foi no ICNF, foi lá no Gerês, conhece?

MeC2: não

AL: e deram-mo... eu perguntei quanto é que custava e disseram-me que mo davam

MeC2: eles repetem-se muito

AL: isto aqui dá-me a sensação que era tipo uma tese da autora ou...

MeC2: ela fez outro antes deste, em que ela comparava Castro Laboreiro e Soajo, comparava a

AL: Soajo também tem? Brandas e inverneiras...

MeC2: não sei se tem

AL: acho que não

MeC2: tem brandas e tem inverneiras, mas não sei se... ela tem aqui fotografias interessantes de Castro Laboreiro. O conceito de brandas e de inverneiras deles não eram bem a mesma coisa que nós aqui. É que nós aqui a branda e a inverneira eram habitadas mesmo e eles lá não, eles lá... eles chamam branda a um sítio que não foi propriamente habitado mas vivia só lá o gado, lá no Soajo, embora na Gavieira também tenham a branda habitada, sim

AL: ai é? Achava que era mais aqui... pois, olhe aqui, branda de mosqueiros, mas dá a sensação que isto é um curral, não é uma branda habitada

MeC2: isso é um ... chamam-lhe os poios ou que é...

AL: lá no Soajo?

MeC2: sim, era quando iam lá para cima para a serra com a vezeira das vacas à noite, na vezeira das vacas as vacas de dia andavam ali mas à noite agrupavam-nas e iam lá dormir duas pessoas por causa do lobo

AL: nestes sítios não é?

MeC2: então isso era o abrigo deles, na Ermida também havia disso

AL: sim, isto aqui onde eu andei agora no concelho de Terras do Bouro quase todos tinham isso, mas isto não é o que se chama de... não é bem brandas e inverneiras

MeC2: não, não é não

AL: isto é mais os currais, eles chamam-lhes os currais, que é onde eles dormiam. E... eles agora recuperaram alguns, com os dinheiros da UE

MeC2: sim, eu sei

AL: aqui não, não é? Aqui não houve essa recuperação ou houve?

MeC2: aqui nós não tínhamos disso

AL: mas mesmo assim... destas aldeias e das brandas

MeC2: aldeias não dava para recuperar com o dinheiro das ITI, embora haja muita gente agora a recuperar para turismo

AL: pois, nesse sentido. Porque acho que há uns subsídios que se chamam INP, que são os investimentos não produtivos

MeC2: pois, exactamente, mas eles recuperaram isso através dos INP, nós recuperámos por exemplo ali estes pontos de água, estes recuperei-os eu com o dinheiro das INP. E eles recuperaram esses poios, houve alguns sítios em que recuperaram o fojo do lobo

AL: exacto

MeC2: cada um tentou

AL: puxar à sua

MeC2: dentro do possível

AL: [...] foram estes pontos de água que andou a arranjar?

MeC2: não, foi outro que está acolá, e mais outro que está ali em cima, outro que está por baixo daquele, e mais dois que estão lá em baixo

AL: o que é que metem, é uma parede e ali enche com a água que cai da montanha?

MeC2: é

AL: e é mais para os helicópteros ou é também para os animais?

MeC2: é... para os helicópteros... vê acolá os cavalos...

AL: pois, nesse sentido. Porque acho que há uns subsídios que se chamam INP, que são os investimentos não produtivos

MeC2: pois, exactamente, mas eles recuperaram isso através dos INP, nós recuperámos por exemplo ali estes pontos de água, estes recuperei-os eu com o dinheiro das INP. E eles recuperaram esses poios, houve alguns sítios em que recuperaram o fojo do lobo

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: vocês não investiram nada com aqueles subsídios que há que é para investimentos não produtivos? Que é para reabilitar o fojo do lobo, os moinhos, as cabanas dos pastores

MeL2: não há cabanas

MeL1: não temos cabanas. Do fojo dos lobos também não se fala disso já há muito muito ano. Os moinhos estão em ruínas

AL: é o que eu estou a dizer, há subsídios para recuperar

MeL1: não sei se há, não sei se há

AL: mas eu estou a dizer-lhe [RISOS]

MeL1: há? E para as levadas também há?

AL: provavelmente... no fundo são subsídios para conservar o património cultural, vá, que no fundo é também tendo em vista o turismo

MeL1: os moinhos era uma coisa boa se se pudessem recuperar também. Agora não vão trabalhar que agora não há grão para moer não é

AL: sim, mas lá está, fica com bom aspecto, os turistas gostam

MeL2: nós aqui tínhamos uns quantos moinhos

MeL1: quatro. Temos oito, mas quatro são da comunidade e quatro são de particulares

AL: ah, eu vejo muito disso em outros baldios, recuperação de moinhos, do fojo do lobo. Para quê? Para as pessoas que vão visitar, gostam de ver, aprendem, ...

MeL1: o fojo do lobo aqui já não existe há muitos anos

AL: eu já visitei alguns

MeL2: fojo do lobo não temos

AL: sim, só dei exemplos do que eu vi noutras aldeias... eu não sei como é que está este ano, agora mudou o quadro, mas eles candidataram-se noutros anos para fazer essas recuperações e tal, e têm aquilo tudo bonitinho

MeL2: mas era dentro do parque ou fora também?

AL: dentro do parque

MeL2: ah, mas nós dentro não temos nada

MeL1: não, está fora do parque

AL: pois, eu não sei se da para esses casos também dá⁵

MeL2: é uma questão de nos informarmos

AL: pois, é isso, se tiverem interesse

⁵ Faz parte das ITI / AZ, medidas dirigidas a zonas protegidas e de Rede Natura

MeL1: a quem nos devíamos dirigir para sabermos essas coisas?

AL: se calhar até o próprio Carlos Pinto vos sabe dizer. Vocês não têm nenhuma associação que vos ajude na candidatura à ITI ou aos AZ. Não?

MeL2: é o Carlos Pinto

AL: é o Carlos Pinto que vos ajuda... então ele há-de saber

MeL1: ou a Sandra, engenheira florestal

AL: ah, vocês são associados da Atlântica?

MeL2: ainda não estamos associados, estivemos a conversar com ela e a organizar isso tudo para entrar aí nesse terreno, mas ainda não estamos associados. Mas de certeza que vai ficar, que vamos ficar associados a ela não é. Porque ela sempre vai, vai estar sempre mais ocupada que nós, dentro dos assuntos que vão saindo

MEIO ENVOLVENTE

ICNF

Cabril: MCa1

AL: [...] E o que é que têm aqui dentro, têm floresta que conseguem explorar ou...

MCa1: sim, basicamente o pinhal, o pinhal é a única floresta que se explora em termos financeiros. De resto o carvalhal, não se toca no carvalhal, até porque só em momentos excepcionais é que o ICN deixa cortar carvalhos, com um diâmetro superior a 30 cm.

AL: por exemplo houve aí um baldio, acho que em Sezelhe, que falava que quando se faz a limpeza dos carvalhais, que utilizam para as pessoas se aquecerem em casa

MCa1: ah, sim, sim, sim. Quando falou em produção de energia nem me estava a lembrar...

AL: ah, não, exacto, para se aquecerem...

MCa1: exacto sim, sim, sim. Os sobrantes... olha, vem ali um rebanho de cabras, naquele pó, está a vê-las a descer?

AL: ah, sim, sim. Mas aquilo parece uma pedreira, será?

MCa1: não, não, não.

AL: é natural aquilo? Ou é uma estrada?

MCa1: nós passámos ali, naquela estrada... e como é um terreno muito arenoso, as cabras todos os dias ali a passar vão provocando aquilo...

AL: o pinhal foi plantado por vocês ou já cá estava desde a altura da floresta...?

MCa1: temos algum, pouco, ainda plantado pelo Estado, na altura do Salazar, que em termos de floresta tinha um ordenamento muito bom...

AL: daquele tempo?

MCa1: daquele tempo e ainda hoje era ótimo que houvesse um planeamento para a floresta que ainda não existe. Passaram estes anos todos desde o 25 de abril, 41 anos, e no entanto o que se tem feito é destruir, completamente, a floresta. Ao não se preservar, ao não se limpar, ao não se cuidar dela, não há hipótese, não há a mínima hipótese, os incêndios destroem tudo

AL: mas aqui Cabril se calhar na altura não achou muita piada à floresta ou achou? Das memórias dos teus avós, ... pergunto...

MCa1: pois, se calhar houve pessoas que ficaram muito afectadas, os rebanhos principalmente, porque eles eram proibidos de ir pastorear os animais naquela zona...

AL: e cobriu muita área na altura?

MCa1: muita área, muita área!

AL: pois...

MCa1: aquela zona ali... aquele pinhal mais junto que se vê acolá...

AL: mais junto das casinhas? Sim, sim, sim

MCa1: aquele ainda foi plantado nessa altura

AL: mas vão extraindo arvores, vai-se regenerando... ou não?

MCa1: nós basicamente vamos extraindo o que arde. Não temos feito abates assim... o que é mau porque um incendio depois de passar desvaloriza para aí 80% do pinhal, é preferível ir abatendo e ir fazendo a regeneração. Porque esperar que ele arda, ele depois não vale nada

AL: pois, exacto... mas têm plantado também? Há aqui pinhais que são recentes?

MCa1: pinhal não se planta, não é preciso, ele regenera-se naturalmente, não é preciso plantar

AL: então têm plantado o quê?

MCa1: temos feito plantações de autóctones, carvalhal...

AL: isso também é incentivado lá pelos dinheiros de fora não é?

MCa1: temos feito isso um bocado com o dinheiro das ITI e em colaboração com o ICNF, temos uma boa relação...

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, qual é que é a vossa relação com o ICNF.

MCa1: temos uma boa relação e temos feito umas plantações, cada um dá a sua parte. Eles fornecem as árvores, nós fornecemos... estamos a fazer vedações individuais para cada árvore para os pastores não acharem que aquilo que lhes vai causar muito prejuízo em termos de pastoreio porque só vedamos mesmo a arvorezinha, assim uma coisinha pequena, as cabras podem pastorear na mesma ali no meio delas, não lhe tocam, e acaba por o impacto ser muito menor

AL: e essas vedaçõeszinhas são suportadas por quem? Pelo ICN?

MCa1: não, por nós

AL: isso ainda... não sei quantas arvores é que poem de cada vez mas...

MCa1: não, ainda é um investimento considerável, mas sendo o... o dinheiro vem para ser aplicado na floresta, quanto a mim é para aí que tem de ir

AL: mas tipo... só para ter uma ideia, uma área de quanto é que têm plantado?

MCa1: ainda há pouco tempo fizemos para aí dois hectares de plantação...

AL: e quando fazem aqueles planos, aqueles plurianuais que têm de fazer, já têm assim pré-definido as áreas de plantação que vão fazer cada ano e...

MCa1: nós o que temos feito é plantar em área ardida. Arde e depois fazemos a plantação, porque a regeneração é muito mais lenta, porque as sementes ardem e vêm normalmente invasoras, são as primeiras a brotar.

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: pois... o baldio lá em Cela e Sirvozelo está em autogestão ou está em gestão partilhada com o Estado?

MCe1: está em... partilhada

AL: e funciona bem essa cogestão?

MCe1: funciona bem, ah funciona bem... mais ou menos, eles atrasam-se muito e depois para fazer os pagamentos e depois cortam e depois quando é para pagar estão para aí um ano ou dois anos a dever... para por o dinheiro, para entregar o dinheiro...

AL: do quê? Das ITI, dos sapadores?

MCe1: não, as ITI funcionam bem, nem sequer passam pelo... pelo...

AL: pelo ICN, pois era a ideia que eu tinha...

MCe1: pelo ICN

AL: então qual é o dinheiro

MCe1: eu estava a falar dos cortes de pinheiros, quando é nas madeiras... que nós temos pouco, nós a única coisa que fizemos foi aqui um corte aqui há 4 ou 5 anos, que foi por causa daquelas obras que fizeram lá à beira da barragem, de resto é completamente arbustivo... mas há alguns que têm

AL: vocês têm para aí quanta área de pinheiro?

MCe1: ai, muito pouco... nós temos para aí meia dúzia de hectares

AL: ok... e depois como é que é? O ICN chega lá faz o corte e depois dá-vos o dinheiro, é isso?

MCe1: é... eles recebem e depois dão-nos a nossa parte

AL: que é quanto? 60?

MCe1: é 60%

AL: 60% para vocês, 40 para eles?

MCe1: sim

AL: porque é o povoamento deles?

MCe1: foram eles que... pronto, são eles que cuidam, foram eles que tomaram a iniciativa de plantar, ou de cuidar... aquele até foi espontâneo, mas pronto

AL: ai foi de regeneração natural?

MCe1: foi, de certa maneira foi, foi da EDP, quando construíram a barragem, a EDP lançou para ali [*? Não se entende*]

AL: e eles mesmo assim cobraram ...

MCe1: nós não temos quantidade suficiente para estarmos muito preocupados e assim também não temos a preocupação... por exemplo eles têm de ter a preocupação de gerir a questão da doença dos pinheiros, portanto isso não tem lucro não é... isso só dá prejuízo

AL: pois... e são eles que fazem?

MCe1: isso nesse caso são eles, fui eu que os avisei mas são eles que o estão a fazer, portanto acaba... quem tiver muita floresta compensa-lhe estar em autogestão, agora nós se calhar até não temos muito prejuízo, Fafião, Pincães... esses acho que compensa-lhes estar em autogestão. Mas nós também é simples, nós é só mandar para lá uma carta que ... fazer uma acta, mandar uma carta e...

AL: e mudar para autogestão?

MCe1: e desvinculamo-nos

AL: é? É assim fácil?

MCe1: é, agora é, porque agora a lei acho que alterou e facilitou isso

AL: pois... está bem, eu não lhe vou tirar mais tempo, eu gostava de um dia, não sei se alguma vez vai ser possível, ir lá a Cela e Sirvozelo, conhecer lá um bocadinho o baldio... não vai ser agora que eu agora vou a Lisboa e depois só volto depois de 20 de junho...

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barroelas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozelo

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [?]

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disse deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falr muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [?] e olha para a montanha do [?], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [?], tem vários metros, havia de ser mais [?], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando foi das outras, havia lá um sítio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

MCe1: isso aí, então... têm os sapadores, faz parte do baldio, é um funcionário do baldio

AL: e do ICN não é?

MCe1: um sapador é um funcionário do baldio... eles têm a máquina... aí tudo faz sentido não é? Não, ele não é do ICN

AL: pelo menos o ICN paga...

MCe1: paga mas é... ele é funcionário do baldio, o ICN dá-lhe é um subsídio para as equipas

AL: mas acho que eles no verão, segundo eles têm dito, eles no verão ficam de prevenção...

MCe1: mas isso é para contrapor o dinheiro que eles dão... é um protocolo que têm assinado... há um protocolo assinado e eles são... a entidade patronal é o CD

AL aaaah

MCe1: não é o ICN... o ICN tem um protocolo com o CD em que lhe dá x dinheiro, fornece-lhe o equipamento e tal para eles... agora os sapadores são funcionários do... se houver qualquer coisa o CD é que tem que... despedir ou... deter...

AL: e os CD só tiveram equipa de sapadores se quisessem não é? Ou seja, não foi uma coisa...

MCe1: sim, houve uma abertura, claro, e depois os daqui praticamente... foi no ano 2000. Fomos lá abaixo a... onde tem aquela serra onde tem muita floresta... parece que tem lá os coisos florestais

AL: ah, a Lousã?

MCe1: sim, a Lousã...

AL: estava a pensar noutra, por acaso...

MCe1: não, mas é nessa... e foi no ano 2000 que fomos lá... eles fizeram um bocadito de formação, estivemos lá dois dias

AL: ah, têm de ir a pé, pois... isso está a fazer-me lembrar uma notícia que li que os bombeiros aqui da zona do PNPG requeriam estradas porque não tinham condições para se movimentarem para chegar aos incêndios

MCe1: não têm outra hipótese, agora, eu acho que ali que a solução era esta, vamos lá a ver... também não podemos pedir que não arda, porque repare uma coisa, se um concelho, ou uma freguesia, estiver 20 anos sem arder, ao fim de 20 anos os matos e o combustível é tão grande que o que é que vai acontecer...

AL: quando for vai ser...

MCe1: quando for vai tudo de uma vez... não é, é uma catástrofe. O que para mim aqui... portanto, as roças em tudo é impossível porque é uma coisa rara, é uma coisa que financeiramente é incomportável... não é? Para limpar 4000 hectares só na minha freguesia, só dois CD era preciso uma fortuna... qual era a solução? Na minha opinião, para além dos pequenos ruminantes, que isso já tem de ser da vontade das pessoas quererem concorrer, era as queimadas controladas... mas como... não vale a pena fazerem queimadas controladas como até faziam até ali porque nós aqui há uns anos, com o ICN e com o Parque, fazíamos, pedíamos, fazíamos e pedíamos queimadas controladas, só que eles marcavam-nos no dia... marcavam-nos ao nosso CD num dia, depois para o outro CD outro dia e assim sucessivamente, só que chegava àquele dia e por exemplo estava a chov... estava vento, ou estava a chover... não se queimava

Covelães: MCov1

AL: e o baldio de Covelães está a ser gerido em cogestão com o Estado ou autonomamente? Ou seja, é a modalidade a) ou a modalidade b)?

MCov1: acho que é a b)...

AL: a b) é com o Estado... em cogestão com o Estado, não é?

MCov1: ele estava... até, o nosso carvalhal estava destinado a ser uma reserva de caça, de caça, mas é caça de Parque Nacional... já nos marcaram isso, mas não sei como é que as

coisas andam, as coisas parece que não andam bem e não sei quê. Eles querem é que aquela parte seja deles e que botem para ali a bicharia que eles querem. E agora em princípio não têm deitado, mas já deitam para aí muitas merdices. Já deitam o lobo, já deitam o javali, deitam para aí tudo

AL: o lobo?

MCov1: o lobo, então, e muito! Então, aparecem vacas mortas, mortas quer dizer, são os lobos que as matam, depois vêm os guardas do parque, que era como eu, que era vigilante, que íamos fazer essa... íamos lá ver depois fazíamos o auto de avaliação, dávamos-lhe um x, aquilo ia para baixo e depois lá vinha o dinheiro

AL: ah já nessa altura faziam isso...

MCov1: já! Fiz muitos serviços desses, muitos

AL: e como é que isso corre agora aqui? Há muitas queixas das pessoas?

MCov1: há, há queixas...há sempre, porque há muitos lobos e... mas é mais o javali, o javali é que, o povo está é mais contra o javali

AL: mas esse estraga mais é as plantações...

MCov1: não, no gado não fazem nada, mas vão-se, vão-se às terras dos milhos e devoram tudo, têm que andar os lavradores de noite para os defenderem. Às vezes já estão a vedá-los [aos campos] com redes... já há aí alguns, até aqui em Covelães, há aqui um por cima já que vedaram tudo lá

AL: pois... e não pedem dinheiro ao ICN para fazer essas vedações?

MCov1: não... eles não dão nada, que faz interesse em pedir. Se for por pedir pedia-se mas eles não dão, eles não têm dinheiro. O parque agora está na falência... porque antigamente havia muita fiscalização. Eu quando estava no serviço eu ia fiscalizar para Cabril, Fafião, às vezes ia para o Geres, fiscalizava esta área toda. Às vezes juntava-me com outros colegas e vínhamos aqui para cima também fiscalizar. Agora não se vê ninguém. Agora só se vê algum javali... não fazem nada, é uma pouca vergonha

AL: então e quando vocês querem falar com o ICN como é que fazem?

MCov1: nós nunca falamos com eles. Falamos com a engenheira Lúcia e ela é que trata de tudo. É ela que trata de tudo

AL: ah, ok. Mas portanto o ICN não anda aí? Ou os Serviços Florestais ou o que for...

MCov1: os SF tem mas os SF andam mas é no rio

AL: Ai é?

MCov1: às multas... agora não andam... isso andam para aí à caça de noite, fazem trinta por uma linha e não se vê ninguém

AL: e não se vê ninguém do ICN...

MCov1: não, não se vê ninguém a fazer fiscalização nenhuma

AL: e como é que... bom, se vocês estão na modalidade b) então o Estado deveriam participar na gestão da floresta não é... como é que isso

MCov1: isso agora é o ICNF

AL: pois, agora é o ICNF, agora juntaram-se não é... as florestas com a conservação da natureza

MCov1: pois, e agora também dizem que é o b)... já não percebo nada. Modificam...

AL: pois, agora fica um bocadinho diferente.

MCov1: Porque dantes tínhamos o parque e tínhamos a floresta. Agora está tudo junto.

AL: Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1: aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov1: não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1: não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a lenha e a gásóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: foi?

MCov1: Tourém... já foram multados.

AL: isso é tudo por ser no Parque?

MCov1: dentro do Parque, fora do Parque não... é por isso que nós devíamos ser beneficiados do Parque... o Parque antigamente dava para os sapadores x e agora não dá nada

AL: ai não dá 35000?

MCov1: 35000 é o ICN...

A: ah, ok. Sim, sim, sim

MCov1: o Parque havia de ajudar, não ajuda nada, diz que não tem dinheiro, que não há dinheiro... o Parque não... no outro dia dizia o engenheiro lá do ICN de Vila Real, "o Parque não contes muito com ele que o Parque não tem dinheiro"

AL: sabe qual é o nome desse engenheiro?

MCov1: era Carvalho... Carvalho...

AL: qualquer coisa Carvalho?

MCov1: é... Eduardo Carvalho!

AL: do ICN de Vila Real?

MCov1: sim

AL: aaah. Ele veio cá fazer o quê?

MCov1: por causa dos sapadores, tivemos um problema com os sapadores, por causa do dinheiro, o dinheiro não dava então veio aí para ver se a câmara dava dinheiro porque senão os sapadores tinham de se ir embora... depois a câmara deu...

AL: e ele aí fez questão de dizer que eles não têm dinheiro e que não podem...

MCov1: não, o Parque não, o Parque, que não esperasse alguma coisa porque o Parque não tinha dinheiro e acabaram por dar os 35000, vocês dão os 2500, a câmara dá 10000, e pronto, as coisas já se vão compor... e foi assim que nós resolvemos

AL: pois

MCov1: e por esta altura os sapadores ainda estão por receber 3 meses e esse que vem 4...

AL: estão por receber?

MCov1: pois... ainda agora mandei para lá a papelada... só ma mandaram agora ultimamente só que já deviam ter mandado no princípio do ano. E agora mandaram um coiso para se reconhecerem as assinaturas, para... pronto, ainda só foi ontem que lá chegou. E agora pronto, claro que já deviam ter mandado, esse dinheiro já podia estar aqui algum. Dão-se 10000. Agora vêm entregar 10000. Depois em Julho dão 12000. E depois logo a seguir lá para o fim de Outubro/ Novembro, No dão outros 10500. É às prestações.

AL: quando há pouco me disse que por vezes dão dinheiro à Junta para fazer um poço ou para fazer isto ou aquilo, de onde é que vem esse dinheiro? De onde é que vos sobra esse dinheiro?

MCov1: sobra? Temos de tirar... em vez de desmatarmos a x o hectare vamos tirar um bocadinho para depois ficar para fazer... para arranjar os poços, vamos ficar com algum, não vamos agora gastá-lo todo

AL: nas roças e assim?

MCov1: pois, nas roças dão-nos x dinheiro, e nós vamo-nos equilibrando por aquele dinheiro

AL: e tentam ficar com algum para outras coisas

MCov1: e depois nós vamos ficando com algum para ... gastamos lá com a companhia, lá com o coiso, para roçar, mas algum tem de ficar para nós para fazermos algumas coisas no povo

AL: ah, ok, conseguem fazer isso... mas se diminuísse muito esse valor...

MCov1: mas o Parque não quer, o Parque não quer que se faça aqui nada na aldeia. Não quer mas nós temos de fazer, falei com o Carvalho e ele disse "ah, vocês... de vez em quando vão fazendo"

AL: mas porque é que não quer...

MCov1: porque no povo... não quer, sei lá porquê... o povo quer que façam, o povo pensa no diabo.

AL: mas o que eu quero dizer é: há uma parte do baldio que é limpa pelos sapadores

MCov1: oh, é um bocado só, não é bem da ITI... é público, é uma parte que lhes pertence a eles, público, e a outra é para os incêndios... a limpeza das ITI é feita pela companhia com a companhia, ou até podemos meter pessoal do povo, eu ainda no outro dia lhes falei, se quisessem... era cada um 750... se quisessem fazer a limpeza, em vez de pagar à companhia pagava-lhes a eles, eles agora têm máquinas... tractores, ...

AL: eles quem?

MCov1: aqui os de Covelães... têm algumas 4 ou 5 máquinas. Já roçam o mato, mas eles não querem, diz que não têm vagar... são lavradores. Não têm vagar. Eu também tenho... mas uma pessoa não tem vagar

AL: pois, o que eu queria dizer era do género... vocês têm uma parte do baldio que vocês pagam a uma companhia para fazer a limpeza com o dinheiro da ITI, não é... os sapadores fazem a limpeza de outra parte com esse dinheiro do FFP. Ou seja se vocês deixarem de ter os sapadores essa parte que é limpa por eles, vocês vão ter de usar dinheiro das ITI para a limpar... vão ter mais custos...

MCov1: mas podemos não limpar...

AL: podiam não limpar mas depois se houver incêndios...

MCov1: está bem, incêndios é um bocado coiso mas... eles não se importam, e por isso tenho andado... agora está o meu rapaz que é o tesoureiro...

AL: do quê? Do CD?

MCov1: do CD, ele está por conta dele... é por causa do rapaz não ir para a rua

AL: eu não percebo é porque é que as pessoas não gostam dos sapadores...

MCov1: oh, dizem que eles não fazem nada, que não trabalham, queriam que eles trabalhassem todos os dias no povo, mas eles não podem que eles têm de trabalhar no monte. E eles queriam que eles trabalhassem aqui todos os dias, que os entregassem à Junta, mas eles não podem ser entregues à Junta

AL: os sapadores trabalharem aqui no povo? A fazer o quê?

MCov1: a limparem, a fazer muros, a fazerem... limpar caminhos. Mas não, o Carvalho disse "você nem fale nisso, vamos lá a ver (?), deixe-os coiso, mas vamos lá a ver (?), porque se não cortam... depois vão-se embora logo... e o Tomás também disse "você não fale nisso, se eles fizerem um muro, se andarem lá um dia ou dois, você não diga... não diga senão eles botam-nos fora, depois não pagam nada, depois eles têm que ir para a rua". Mas eles querem que eles andem sempre, querem que controle o coiso, que eles não querem trabalhar...

AL: então as pessoas não estão muito interessadas no monte...

MCov1: não, não estão interessadas nos sapadores, não querem tomar conta deles, querem tomar... se fosse agora só no baldio não faltava quem quisesse ser presidente, e agora com os sapadores não querem, não querem porque os sapadores dão muito trabalho, eu ainda agora fui 3 vezes a Montalegre para tratar disso, da papelada que eles mandaram. Dias, e aquilo ainda são 10km e tal, e eles não querem... em princípio era eu que fazia a escrita toda, não era preciso a contabilista, a contabilista era eu, mas depois chegou-se a um ponto que eu disse "não, eu agora vou arranjar uma contabilista, porque eu não vou fazer a papelada... deus me livre! E então arranjei uma contabilista e agora a contabilista é que trata lá de tudo. De tudo mas também tenho de lá ir, tenho de pagar a caixa, tenho de pagar a ela também, passar-lhe um cheque, tenho de... várias vezes ela chama-me lá porque tem de mandar essa papelada para Lisboa, depois estão-me a pedir, porque ao fim dos 3 meses

tem de se mandar a papelada, tenho de pagar o número dos cheques que paguei aos sapadores, tenho tudo, as continhas todas certinhas! E tem de se fazer ali tudo por ela e tem de se assinar e carimbar o carimbo, senão pronto... nada é feito. Mandar para lá sem assinar e carimbar não adianta... tenho de anotar... ela não vem aqui, tenho de lá ir eu...

AL: então mas as pessoas não consideram que o serviço que os sapadores fazem é importante?

MCov1: não! Alguns dizem “ah não fazem nada! Não prestam”... e se trabalham! Eles trabalham bruto!

AL: Pois, só que não é aqui ao pé das pessoas, trabalham lá no monte...

MCov1: dizem “ah, não fazem nada!” e tal... pois mas têm porque nós ainda temos... nós agora no monte baldio, depois do ITI, depois nós temos de pagar a gasolina... a gasolina não entra entre todos, porque Paredes paga lá no deles... porque Paredes não tem carvalhal nenhum, são beneficiados, só o dinheiro que vem é todo coiso, não gastam nenhum, têm o tractor, têm o coiso, não gastam nenhum... mas nós não, ainda agora paguei quase 20000 ou coiso... a Travassos, à companhia. A Travassos tive de lhe pagar o que ele fez... o roço, e agora aí adiante vêm fazer outra vez

AL: então e Paredes usa como o dinheiro da ITI?

MCov1: então em Paredes fazem com a máquina, têm lá o tractor...

AL: mas estava a dizer que eles não tinham carvalhal nenhum...

MCov1: não, não têm carvalhal nenhum... só fazem no monte, sei lá como é que eles fazem, não percebo como é isso olhe... então o de Paredes não tem carvalhal e recebe tanto como nós, não percebo nada! Nós temos de fazer 6 hectares, somos obrigados a faze-los, e eles não têm carvalhal não fazem nada e recebem tanto como nós... e têm menos monte, têm menos, nem metade têm de nós... pois, nem metade têm de nós. Vêm-nos arrancar os matos, que eles andam sempre todos os dias a arrancar os matos, já arrancaram lá em cima no Poço das Rãs... para ver se apanham no nosso monte, eles não têm monte quase nenhum, têm pouco, porque eles estão metidos com os de Outeiro. Porque os de Outeiro vêm ter às nossas cruces, os de Outeiro e eles, vêm ter às nossas cruces, daqui é Covelães e dali para baixo é Paredes e Outeiro e Parada. Portanto eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto, depois temos um misto... entre as nossas cruces e a coiso há um misto que é de Paredes e deles, e eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto... foi para nos ir buscar... os de Travassos também o fizeram

AL: o misto quer dizer que ambos podiam usar é isso?

MCov1: é. Um pode cortar e o outro pode roçar, um pode pastar e o outro cortar. Paredes nós, eles podem cortar e nós pastar, e eles dali é ao contrário... ali de Travassos... nós podemos cortar e eles pastar. Mas eles ali no carvalhal não cortam nada, somos nós que cortamos

AL: mas o carvalhal faz parte do misto?

MCov1: algum, algum, um bocado

AL: ah, eles podem quê? Pastar?

MCov1: só pastar, mas cortar nada! Cortar somos nós

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1: quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1: uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1: contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1: não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1: foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às ? eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1: natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar...

AL: mas a GNR agora é que fiscaliza as florestas não é?

MCov1: sei lá, para aqui não fiscaliza nada, não querem saber de nada, não ligam nada

AL: acho que eles agora estão a fazer o papel dos Serviços Florestais...

MCov1: parece que está tudo outra vez, que os florestais são muitos já... estão lá todos no quartel deles mas está lá uma brigada da floresta e são os outros, os da floresta que vêm para aqui. Andam no rio...

AL: ah, o guarda-rios

MCov1: não, são os da floresta, guardas...o que é que eles vão mas é para o rio, não querem... o monte não vêm, andam a passear com o carro na estrada, mais nada. Antigamente iam para o monte e pintava o diabo... agora não, agora querem é passear o carrinho e mais nada. Porque o serviço da pesca é bom de fazer, mas o do monte não é... há armas, então os que andam lá a caçar têm armas, é que eles podem por o coiso e atirar. Já mataram aqui... já no meu tempo mataram 2 ou 3 guardas

AL: a sério?

MCov1: eles iam por trás, iam por trás deles e “tumba” matavam-nos. É perigoso, eles têm medo, é por isso que têm muito medo. Quando andam no rio, ali não andam armados... não caçam. Eu passei muito, porque eu andei também na fiscalização disso. No meu tempo matei muita gente, muitos...

AL: matou?

MCov1: não! Multei!

AL: ah! (RISOS). Montou?

MCov1: multei!!

AL: ah, multei! Desculpe!

MCov1: Quer dizer, passei-lhe ali o chequezinho para pagar. Agora lá no monte de vez em quando ainda andava a coiso, mas não ia lá muito para o pé deles, fugia para trás

Fafião: MF1

AL: ok... o que é isto?

MF1: isto é uma armadilha por causa do nemátode do pinheiro... eles metem aqui isso para ver se anda aqui o mosquito que é responsável por essa praga...

AL: ah, sim. Mas quem é que mete? É o ICNF?

MF1: é, isto foi o ICNF, tem ali a dizer ICNF...

AL: e anda aqui com o carrinho do ICNF, foi...

MF1: não, isto aqui, este carro é dos sapadores, nós temos uma brigada de sapadores que foi criada em 1999 e agora... não sei se foi em Outubro, se foi em setembro... tivemos direito a uma carrinha nova... a nossa até ainda estava em condições, as de grande parte dos sapadores já estavam todas partidas, todas velhas, a nossa até ainda estava bem boa, queria ficar com ela para transportar as máquinas, andar sem este caixote da água, era mais simples, só que eles não permitiram e deram-nos uma nova. Penso que deram 21, e nós tivemos porque fomos das primeiras equipas de sapadores a serem criadas

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas (... barulho) pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: ok... isso tudo junto dá para aí quanta área?

MF1: dá um hectare e meio, 1.8...

AL: tudo junto?

MF1: sim

AL: e quando vocês fazem isso tem de contactar o ICN?

MF1: não, não temos. Nós temos aqui uma regra, se tivermos na zona do PDM para construção, 5 Euros... foi tratado isso na assembleia, com as pessoas lá, com os compartes necessários para fazer isso... vendemos a 5 Euros por m² dentro do PDM, e fora do PDM vendia-se a 2.5 embora que fora do PDM hoje já não se pode construir por isso também acaba também por não se poder vender

AL: nunca tinha pensado em fazer maratona no meio do mato

MF1: é espectacular! Se os meus joelhos estivessem como antes era uma coisa mesmo interessante

AL: bom, deve ser super cansativo, mas sim

MF1: mas havia gajos de Singapura, de todo o lado!

AL: quantas pessoas eram para aí?

MF1: os que faziam o curto eram cento e cinquenta, os que faziam o longo que eram 50 km, eram 250. Depois é durante tipo 4 horas a passarem pessoas

AL: que engraçado. Não fazia ideia que se faziam maratonas nos vários ecossistemas (RISOS) deserto, floresta, montanha...

MF1: é espectacular, só que os melhores sítios o ICN não os deixa passar... que era Rocalva lá em cima que é o sítio mais engraçado que temos, de passagem aquilo é mesmo, temos uma paisagem que é uma coisa...

AL: não é aquele sítio onde tem as cabras...

MF1: em Rocalva tem cabras mas é das bravas

[VENTO]

MF1: [...] também há corças lá em cima, e há lobos...

AL: pois, os lobos

MF1: no início do inverno foi uma coisa brutal

AL: foi? A sério? Há muitos ataques?

MF1: (...) e é complicado as pessoas, porque isto é tudo muito bonito (...) quando temos umas cabritinhas lindas e tem um cabritinho e a cabra e a cabra é apanhado pelo lobo, e o cabritinho fica à fome (...) se essas pessoas estivessem no lugar destas pessoas se calhar já não... e depois tem de repor. E depois o ICN não paga a horas

AL: claro

MF1: [*não se ouve nada por causa do vento*] e pronto, depois as pessoas aí também ficam um bocado, depois não sei, não sei se mataram os lobos, se eles morreram, o que é que aconteceu. Embora eu ache... eles, estima-se aqui que eles tenham soltado os lobos, para começarem a aparecer lobos é muito estranho...

AL: isso foi em que altura?

MF1: foi [... VENTO]

AL: ah, foi recente

[VENTO]

MF1: [...] mas às vezes aparece um ou outro morto à beira do rio (...) e depois lá vão os pequenos lá ver o lobo

AL: mas é morto a tiro ou...

MF1: na altura já não sei se foi morto a tiro ou se foi com veneno...

AL: ah, mas pronto, é morto pelas pessoas...

MF1: é

AL: no teu tempo de pequenino o fojo do lobo era usado?

MF1: não. O fojo já não é usado para o fim que é há muitos anos. Não sei bem há quantos, mas há muitos. Já não é do meu tempo

AL: é um buraco não é? Que as pessoas depois direcionam...

MF1: é. As pessoas depois direcionam os lobos para lá e depois caíam no buraco... aquilo tem 5 metros ou mais

AL: e o lobo ficava lá a morrer ou morria com a queda?

MF1: não, ficava lá e matavam-no

[fala-se da legitimidade disto e ...]

MF1: claro, porque isto é complicado... eu compreendo. Sou uma pessoa nova que saiu daqui e andou a estudar e vê as coisas de outra forma que as pessoas que estiveram sempre aqui e que viveram disso não vêem. Mas é muito complicado uma pessoa que tem os animais e que se calhar até gosta deles e pronto, não tem só ali uma fonte de rendimento, uma cabra se calhar, até se calhar tem ali mais qualquer coisa e gosta daqueles animais, é ver as coisas de uma hora para a outra todas derretidas por causa do lobo. É complicado...

AL: eu percebo que o ICNF precise de alguma prova, porque senão também estavam sempre a desembolsar não é...

MF1: e noutras alturas as coisas se calhar foram feitas as 3 pancadas e se calhar pagaram muitas que não tinham morrido ou coisas desse género. Ou pagaram-nas acima do valor que elas valiam, e depois claro, chega a uma altura em que as coisas andam para trás. E agora é complicado, percebo perfeitamente o lado das pessoas, mas também percebo em parte o ICNF não pagar a torto e a direito porque há muita gente que de certeza que alguém aldrabou aí a situação...

AL: exacto, mas realmente consegues ter o cadáver de todas

MF1: é impossível porque se há um ataque do lobo até pode ser tipo, meia dúzia delas mortas mas algumas nem sequer aparecem. Se ele matar muitas ainda vão aparecer uma ou duas, mas se ele matar só uma ou duas isso já não aparece nada. Arrasta-as, desaparece tudo. E se as deixarem estar que não as encontrem, nem que esteja num sítio mais ou menos escondido, em 2 ou 3 dias desaparece tudo

MF1: ... Aqui vão ser feitos os polígonos pecuários, aqui nesta zona

AL: e como é que vão ultrapassar aquela questão do ICNF?

MF1: eles estão aí a trabalhar connosco, querem fazer disto um trabalho modelo e pronto, acho que também estão minimamente motivados para arranjar isso... olha, esta ali o camião... mas vamos, se eu chegar aqui a frente. Pronto, a casa que estamos a tirar... aqui onde esta a bomba, daí se calhar não consegue ver... [*? Não se entende*] essa casa em cimento é a que estamos a tirar, e estamos a fazer-la... é este telhado cor-de-laranja que se vê ali mais

novo... é aquela ali. E agora eles estão ali a betonar... o tanque que é uma das obras que estamos a fazer juntamente com a câmara. Eles deram-nos o apoio, mas entretanto o apoio já não vai chegar, mas pronto...

AL: e estas são as tais casas que vão por a vender é isso?

MF1: não, esta é a tal casa que foi feita para substituir a outra que destruímos. (...) e aquela casa ali foi derrubada e foi feita esta, com o apoio da câmara

Outeiro: M01

E qual é que é a vossa relação com o ICNF?

M01: para já tem sido boa. Eles têm-nos dado aquilo que se trata e nós fazemos e por acaso ainda nunca nos penalizaram com nada

AL: sim... mas acha que... por exemplo, o ICNF neste momento é cogestor aqui do baldio, supostamente está em cogestão com vocês. Eu pergunto se eles têm colaborado em termos de... sei lá, de apoio logístico, de apoio técnico, na questão das florestas, etc...

M01: o apoio técnico que temos é o Secretariado dos Baldios e a Lúcia

AL: ah, pois, isso não é o ICNF

M01: pois não. Esses é que nos informam de tudo, através deles e...

AL: pois, pois, pois. O ICNF não dá apoio a nível técnico, logístico, para vocês...

M01: não, ainda houve aí, no início do CD, não do do do... do 1º CD, que o Simão tinha a equipa de sapadores quando se formou... antes de ele dividir não é, só havia a equipa e o CD, aí é que eles andavam aí, com os engenheiros deles, vinham ver se os sapadores trabalhavam, depois puseram um encarregado deles também para gerir, e agora temos aí um rapaz do Parque que... raramente aí vem, não é, para marcar as limpezas, para isto e para aquilo, para mandar papéis lá para Lisboa

AL: raramente, o que é que é raramente? É uma vez por ano ou uma vez por mês?

M01: raramente, uma vez quando é nas limpezas, uma vez passa por aí a ver “opa, os sapadores?” “andam ali e tal...”, é isso que temos, mais nada

AL: pois, pois... e realmente, assim... o que é que acha da cogestão? Acha que vale a pena manter a cogestão?

M01: eu tenho de ir por aquilo que dizem os outros, não é, pela maioria, mas nós não estamos mal servidos assim, porque não temos recursos, penso eu... agora se nos derem dinheiro e nos entregarem, a coisa até pode rolar igual

AL: pois... mas para si não é problemático manter a cogestão...

M01: não, não, da maneira que está a rolar não estamos a ser prejudicados e de outra maneira não sabemos, será melhor do que pior

AL: pois, pois

MO1: só depois

AL: mas você disse “ah, nós temos que ir pela maioria”, mas cada baldio tem a sua cabeça não é?

MO1: cada baldio... mas aqui na nossa zona do Parque os baldios têm todos a mesma rentabilidade, Cabril tem mais uns pinheiritos mas isso também é de pouco rendimento

AL: ah, já percebi agora... Parada, Outeiro, e Cela e Sirvozelo. E antes era só um CD?

MO1: era

AL: quem é que era o presidente?

MO1: até foi ele...

AL: o Simão?

MO1: foi ele que iniciou... quando veio esta coisa do Parque, que nos podíamos candidatar a umas equipas para trabalhar dentro do Parque, fui eu e ele e outro rapaz aqui de outra aldeia, os três que iniciámos isso

AL: dos sapadores? Não...

MO1: dos sapadores!

AL: iniciaram como?

MO1: iniciámos... formou-se a equipa, veio o carro do Estado e com as verbas que eles nos davam manteve-se a equipa, era onde era acompanhada com o técnico... até ali era o Parque, agora é o ICNF

AL: sim, sim, sim. E vocês terem uma equipa por aldeia não dava ou dava?

MO1: agora temos o... lá eles não têm equipe...

AL: nem Cela e Sirvozelo?

MO1: não, eles só têm CD mas não têm equipa... a equipa é a nossa

AL: ah

MO1: é! Também fazia trabalhos lá, aqui e ali, nas duas aldeias

AL e faz?

MO1: e faz... agora não, agora para lá nem tem ido, porque ele recebeu o subsídio dele e nunca mais ligou à equipa

AL: dos sapadores?

MO1: sim, a equipa se não sou eu já não havia equipa

AL: ah, eles não estão a pagar para a equipa?

MO1: não!

AL: ah, deixaram de querer a equipa

MO1: deixaram de querer... e eu ainda disse ali ao Simão “pá, os sapadores estão em dificuldades, estão aos 2-3 meses sem receber e tu podias dar uma partezinha e eles faziam as limpezas que ele está a pagar a outros particulares...”. “Ah, eu não quero nada com essa gente, não me entendo com eles”. Lá tentou receber e administrar a parte dele e eu mantive a equipa, sempre, com dificuldade, mas mantive. O projecto da ADERE deixou-nos dinheiro, e depois eles esperavam por ele porque precisavam do emprego, esperavam aos 2-3 meses, e depois lá vinha outra verbazita, depois veio esta coisa e está aí...

AL: e só vocês é que estão a pagar? Vocês, o Parque...

MO1: é... o Parque dava, dava 10000 Euros para a equipa, agora que chegou o projecto das ITI já não dá o Parque, dá o ICNF

AL: ah, dá o ICN, que dá mais não é? Dá 30 e tal mil...

MO1: 35000 Euros

AL: e vocês estão a pagar quanto?

MO1: nós... nós... com estes subsídios pagamos tudo a mesma conta, o dinheiro cai na conta e dali sai para os sapadores, sai para as despesas e está a conta ainda com dinheiro

AL: mas portanto, só vocês é que estão a pagar os sapadores...?

MO1: é!

AL: vocês e o ICNF, mais nada?

MO1: é, mais nada

AL: he lá! Então vocês estão a gerir bem o dinheiro...

MO1: temos de gerir...

AL: porque vocês ainda devem estar a pagar para aí 40 e tal mil pelos sapadores...

MO1: ah, pois, os sapadores não têm... temos um contabilista

AL: ah, têm um contabilista?

MO1: temos! E também lhe pagamos mil Euros por ano, a segurança social deles também é alta, eles andam hoje com 1000... 1000 e picos Euros de segurança social... 5 sapadores... têm um seguro de acidentes de trabalho de mais de mil e tal Euros por ano, seguro de carro... despesas todos os meses...

AL: e vocês acham que convém manter a equipa de sapadores?

MO1: opa, é uma mais-valia para aqui, é um emprego para eles e o dinheiro, se eles estiverem, se eles não estiverem não vem, e fazem trabalho. Agora a gente chega ao pé deles, “olha, preciso de limpar estes tanques, preciso de limpar o regadio da aldeia, preciso de limpar a rua”... e eles andam um dia aí, se não ninguém limpa. E se há maneira de os podermos ter, são 5 empregos a aldeias, as pessoas são daqui, trabalham na vidinha deles e é uma mais-valia para eles e fazem os trabalhos

Paredes do Rio: MP1

AL: então e este CD existe há quanto tempo?

MP2: pertencia a Covelães

AL: aaah, é aquilo que você [MP1] me disse...

MP2: é o mais novo de todos

MP1: para aí há 13 anos

MP2: é... não, nem tanto... eu estive na Junta 12...

MP1: foi de caminho...

MP2: não. 12... para aí há 10... tem 10 anos

AL: então você esteve na Junta com o Senhor Domingos também? De Outeiro, aí não, isso é Outeiro, é outra Junta de Freguesia... esqueça, esqueça, esqueça...

MP2: não, estive no mesmo tempo dele, ele lá em Outeiro e eu aqui

AL: pois, exacto, exacto, eu ainda troco as freguesias

MP2: pronto, mas aqui não havia CD porque estava junto ali com Covelães. O presidente que tinha é o mesmo que é hoje, e ele ainda fez parte da Junta também, e era muito complicado, e ainda continua a ser e então...

AL: pois... vocês decidiram separar...

MP2: criei um CD, não tivemos outra alternativa... e claro que isso criou um bocado de mal-estar e pronto, não sei se já fez ali com o de Covelães. É muito complicado...

AL: já fiz já... ele comigo foi simpático, deu para perceber que tinha ali...

MP2: não, ele é, o que é que pronto, às tantas começa a complicar e...

AL: não, ele percebe-se que tem ali umas ideias muito pré-definidas e não é flexível...

MP2: as coisas têm que ser, têm de se ir alterando conforme os tempos não é e é muito difícil... mas pronto...

AL: pois, pois...

MP2: e é muito complicado... ele chegou, pronto, eu comecei a por os sapadores a fazer trabalhos para a aldeia, porque não justifica, quer dizer... fiz sempre barulho contra... mais que barulho... o que é que os sapadores a partir de junho andam a vigiar a torre, têm um vigilante lá em cima... não sei se já viu o posto de vigia

AL: fomos lá

MP2: pronto. E o que é que os sapadores vão passear de carro para o monte para vigiar o quê? Então não está lá o vigia?! Quando houver alguma coisa comunicam e eles arrancam, a minha ideia sempre era pô-los a trabalhar, e eles onde estavam recebiam ordem, os bombeiros também não andam na rua a saber onde é que há incêndios

AL: exacto

MP2: pronto, mas não, mas pronto, e ele aí foi fazer queixa de mim, que eu que punha os homens a trabalhar nas obras

MP1: não queria que os puséssemos a trabalhar na aldeia

MP2: obras públicas isso aproveitei-os todos, todos e mais algum, porque eu acho que é um bem comum, não é? Tinha de se arranjar dinheiro, mas pronto, mas ele não estava para aí virado... ainda hoje continuam, o que é que os sapadores vão fazer para o monte? Vigiar! Vigiar?! Epa, para mim é ...

AL: ele se calhar está influenciado pelas ideias de ter trabalhado no Parque não? Ele trabalhou tantos anos no Parque...

MP2: mas não é só isso pá, depois também as directrizes também acompanham isso, não é? De Lisboa também dizem “não, entrámos de prevenção”. Para mim a prevenção era estarem junto às aldeias, cada semana em sua, a trabalhar, e estão prontos a sair, e quando chamam saem... agora ir com o carro para o monte gastar gasóleo? Vão vigiar o que está no posto de vigia... não é?

AL: pois, pois, pois

MP2: mas pronto, o que é que gente vai fazer...

AL: pois. Percebo o que diz...

MP2: pois, quer dizer, não sei, não faz sentido nenhum, nenhum, nenhum, mas enfim. E continua, não é? São 3 meses ou 4 meses por ano, quer dizer, se não houver um incêndio todo o mês eles não trabalham para ninguém... e quem é que paga?! Por exemplo, os CD e a Junta têm de pagar para quê? Para eles andarem a passear o carro? Não é?

AL: sim, sim, sim... quer dizer que esse é o principal conflito não é, a questão dos sapadores...

MP2: não é só isso, não é só isso mas pronto, essa é uma delas, era uma delas, agora não sei, no meu tempo que eles não queriam, não queriam, não queriam... pronto, que eles andassem a trabalhar na aldeia, que eles fizessem obras, não nada

AL: pois... e antes do Sr. MP1 ser presidente do CD...

MP2: não havia

S2: não, mas havia...

MP1: o Carreira...

MP2: ah, sim, o Carreira mas já com o CD formado, mas foi por pouco tempo, foi o quê? Um ano?

MP1: para aí 2 ou 3...

MP2: foi pouco tempo

AL: pois... esse Carreira é o tal que teve problemas de saúde e não sei quê não é?

MP2: era funcionário do Parque

AL: aaaah

MP1: mas depois quando saiu foi à conta de depois ter ido para o hospital ser operado às pernas

MP2: foi operado e tal e depois passou para este

[MP2 é o presidente da mesa da AC, e S2 é o seu filho]

S2: soube hoje, sabes o que é que querem fazer aí? Estão a arranjar maneira de fazer passar aqui o rally de Portugal naquela zona do... do...do Lourico, e queriam meter a entrar dentro da Mourela, não sei se passará nalgum...

MP1: se quiserem vir por aí hão-de vir pelo estradão

S2: não mas...

MP2: onde é que vão passar?

S2: os de Montalegre já andam todos fodidos, que aquela estrada que vai para lá para o...

MP1: querem vir lá para as antenas, até lá à Mourela, naquela estrada em que nós estivemos

AL: sim

MP2: arranja aí umas tábuas com uns pregos para...

S2: eu para os moços não aconselho, sabes o que é que fazem lá, trancam a estrada, os gajos têm os terrenos, e gajos que querem ir andar a cavalo e o caralho, já não vai ninguém

MP2: mas é o rally de Portugal ou a prova da... da...

S2: é aqueles treinos que já tem havido, eu não sabia, o David há bocado estava a falar com ele, com o Vido, estava todo fodido porque lhe passavam à porta do armazém, que não os deixavam ir para os armazéns quando andavam lá em provas, e o caralho...

MP2: mas é prova de automóveis ou de bicicletas?

S2: de automóvel! Andam a acabar com tudo

MP1: jeeps

S2: de carros, é mesmo de carros agora...

MP1: se é com os carros então partem tudo

S2: partem tudo?

MP2: isso abre-se uma vala pá

MP1: nos estradões partem tudo

MP2: esse pega-lhe no tractor do CD e vai-lhe abrir uma vala lá acima

S2: não, estão a acabar com tudo os gajos... tudo

Pincães: MPin1

MPin1: [...] sim, mas isso é às câmaras, agora o ICNF está a propor autogestão aos baldios, porque o ICNF já não funciona há muito tempo...

AL: ah, eles é que estão a propor

MPin1: agora estão porque a Lei após o pedido a Lei eram 20 anos, agora facilitam mais

AL: O que é que era 20 anos desculpe?

MPin1: o pedido de autogestão, a autorização tinha de passar 20 anos para fazer essa...

AL: Mas isso é já assim com uma crítica por detrás não? Ou estava mesmo escrito que eram 20 anos?

MPin1: sim, mas depois houve casos que, portanto o ICNF hoje não funciona, o Parque não funciona, e depois houve casos que foram levados para tribunal e o tribunal decidiu entregar a autogestão aos baldios, em certas zonas do país. E agora acho que está mais fácil, nós também já pedimos há um ano mas ainda não se pronunciaram e também acontece que a câmara de Montalegre estava-se a propor a substituir o ICNF, mas a câmara não tem gente à altura para... estava a propor-se... ela nunca... a contrapartida que queria nunca chegou a dizer, reuniu uma vez com os baldios e chegou a propor eles fazerem o

pedido de autogestão e depois eles fazerem intervenções e... a câmara queria contrapartidas mas nunca chegaram a dizer bem a contrapartida que queriam, está a perceber? Não se sabe se era mais se era menos do que o ICNF.

MPin1: [...] eu sou florestal

AL: eu também!

MPin1: é? Também é engenheira florestal?

AL: tirei engenharia florestal no ISA, mas foi a licenciatura

MPin1: mas eu sou florestal, eu era mestre florestal. Agora já não sou mais... mas acontece que...

AL: mas trabalhava nos serviços florestais?

MPin1: sim, trabalhei. Mas agora nos últimos anos transferiram-nos para a GNR, para o SEPNA... um guarda-florestal não era só polícia, também era técnico... e agora não há ninguém. Se formos a ver... em legislação acho que ainda não há, alguém para a instituição florestal a substituir os guardas-florestais... acho que ainda não há! Oficialmente ahn... embora haja não é. Acho que oficialmente ainda não há ninguém...

AL: mas como, como? Que substitua os guardas-florestais?

MPin1: os guardas-florestais eram os únicos a fazerem autos de madeira... oficiais! Depois passaram a ser os jornaleiros, mas havia um guarda-florestal ou um mestre a acompanhá-los. Mas eu acho que ainda não há legislação nenhuma a autorizar ninguém a cortar madeira senão os guardas-florestais

AL: então os guardas-florestais faziam o quê? Faziam não só a monitorização dos usos mas também o quê? Que eu não percebi...

MPin1: faziam o auto de marcação de madeira. Eu acho que ainda não há legalmente, oficialmente acho que ainda não há ninguém a fazer esse serviço

AL: marcação de madeira?

MPin1: sim, a cubicar a madeira...

AL: o que é isso?

MPin1: como é que se chama isso, é densometria não é?

AL: sim... isso tem a ver com a densidade da madeira, é isso?

MPin1: não, com o volume... com o volume da madeira

AL: Ok. Mas vocês marcavam para quê? Para cortar?

MPin1: sim, para abate. Há os cortes culturais, há os finais e há os...

AL: e os guardas-florestais tinham a função de? Escolher as árvores para cortar é isso?

MPin1: sim. Era para seleccionar as árvores... é isso

AL: ok, consoante o quê? Consoante o tamanho...

MPin1: não! Você se é florestal...

AL: bom, mais ou menos, é que eu trabalhei sempre na investigação, não na produção

MPin1: pois, pois, mas aqui é que está o problema... escute, escute... há 3 tipos de cortes: há os extraordinários, que são aqueles por eventual necessidade não é... e depois há os outros, depois aquilo até tem uma rotação, de 5 em 5 anos, há uma [*? Não se entende*] florestal, pode ser de 5 em 5 anos

AL: estamos a falar de pinheiros?

MPin1: sim, de resinosas. E então acontece que... faz de conta que são estas 5 cadeiras, há um talhão aqui, outro acolá e todos os anos há uma passagem por cada um [*? Não se entende*]... depois há aqueles resinados, há aqueles bifurcados, há aqueles que já estão dominados... até aos 50 anos há sempre que tirar. E depois dos 50, 60 anos poderá ser feito um corte final, poderá deixar uns sementões que é para a regeneração natural, que agora já não se usa

AL: já não se usam sementões?

MPin1: não, não se usa regeneração natural, usam-se é plantações... mas acontece que podes deixar uns sementões ou poderás fazer o corte final como normalmente. E acontece que os cortes culturais é o que melhora o povoamento florestal porque tiras os dominados e ficam os dominantes não é...

AL: têm mais espaço...

MPin1: têm mais espaço e isso vai formar uma árvore com bom fuste e produção de madeira. Agora se se deixa à densidade que eles fazem não dão nada... começam à procura do sol, a fugir lá para cima, o fuste não engrossa, só puxam ao sol, uma copa muito pequenina, estão ali uns em cima dos outros, depois uns dominam os outros, os dominados começam a secar e aquilo não... conduzir um pinhal é como conduzir um campo de milho, se não há desbaste não há produção

AL: pois, pois. E os guardas-florestais é que faziam essa selecção?

MPin1: faziam essa selecção...

AL: ah... então e agora ninguém faz, será o ICNF ou não?

MPin1: é, jornaleiros, mas os jornaleiros também mandaram-nos embora também... andam para aí com brigadas de sapadores que não percebem nada daquilo...

AL: não percebem nada daquilo os sapadores?

MPin1: não... então que formação é que eles têm? A formação que têm é para intervenção de incêndios que tiraram na Lousã... então, eu também lá estive, estive lá em vários cursos

AL: ah, na Lousã, também tirei lá um curso

MPin1: ah foi, na Lousã?

AL: fiz de Inventário Florestal... fazia parte da licenciatura

MPin1: agora aqui... pronto, eu acho que, eu até me disponibilizava a fazer parte de uma equipa dessas. Os baldios... agora ninguém sabe a Lei dos Baldios, ninguém sabe de nada, isto...

AL: ninguém quem? Ninguém aqui da aldeia ou...

MPin1: não, da aldeia sabem. Mas muitos baldios, há pessoas á frente dos baldios que não, que estão um bocado fora do contexto... e acontece que eu acho que e já falei com... portanto nós estamos aqui, nós somos sócios do secretariado de baldios de Trás-os-Montes e alto-douro

AL: sim, o SBTMAD, que é gerido pela Lúcia Jorge...

MPin1: não, ela é funcionária, quem gere aquilo é o ...

A: Armando Carvalho não é?

MPin1: é o Armando é!

AL: o mesmo da BALADI não é?

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: deixe-me só fazer-lhe uma pergunta, ali atrás aquilo era o quê? Carvalhos?

MPin1: são faias, são plátanos, o padreiro e bétulas

AL: como é que chamam ao plátano? Padreiro?

MPin1: há quem lhe chame padreiro, há vários tipos de Acer, mas aqui chamam-lhe o padreiro. Só botámos aqui plantas que foram autorizadas, e o castanheiro, também temos aqui o castanheiro *[ele diz qualquer coisa sobre o carvalho americano mas não entendo, mas termina dizendo que o Parque o começou a meter]*

AL: e deram-lhes as árvores? O ICNF?

MPin1: deram... a 20 e tal Euros cada uma!

AL: ai pagaram? Eu vou dizer que o ICNF dava as plantas para florestação

MPin1: dão umas muito pequeninas e que para se desenvolver... aqui vêm grandinhas e vêm num vaso, olha...

AL: e compram onde?

MPin1: compramos num viveiro, existe um em Braga e um em Ponte de Lima

AL: e quantos pés é que puseram ali? Mais ou menos...

MPin1: à volta de 300 pés

AL: e metem daquelas vedações?

MPin1: sim, para os animais

AL: não está vedada essa área...

MPin1: não, não, individualmente

AL: e isso é tudo dinheiro das ITI...

MPin1: aquele que sobra, aquele que vai sobrando não é...

AL: mas as ITI, as silvoambientais não é para isto também?

MPin1: não, é só para limpezas de mato

AL: ah, eu achava que também era para plantações

MPin1: não, não, não

AL: Eu lembro-me que havia lá uma alínea que era para enriquecer matos estremos e outra que era para não sei quê...

MPin1: não, não, não, é só para limpeza de mato... agora o que eles fazem é... eles dão x e a gente tenta fazer mais barato e o que sobra ... se continuar nós vamos protegendo os baldios, vamos fazendo obras, vamos... se não continuar isto vai de caixão à cova. Havendo combustível sabe como é...

AL: qual é a vossa relação com o ICNF?

MPin1: olhe, o ICNF aqui já não funciona desde 1971, passou a Parque Natural, passou a ter director. Agora o parque natural é da responsabilidade do ICNF, já não tem directores, agora já é director das áreas classificadas do norte, metia a Beira Litoral, metia o Montesinho, metia o Alvão...

AL: ai metia a Beira Litoral?

MPin1: metia a Beira Litoral

AL: e o Douro Internacional também não é...

MPin1: sim. E agora, acontece que é o ICNF que é responsável por tudo [*passos e barulho, não se percebe*]. Agora se o ICNF passou para o ministério do ambiente isso é que eu não sei

AL: eu acho que o ICNF agora tem a AFN e o ICN, está tudo junto, e logo o Parque também

MPin1: sim, isso está, mas agora não sei se é a Agricultura... a floresta pertencia à agricultura, e agora não sei se ainda ficou ou se mudou para o Ambiente. Acho que passou para o ministério do ambiente

[fala-se do que se vê na paisagem, as manchas de plantação e limpeza pelas quais passámos]

AL: isto está bonito está... tem de vir cá o ICNF ver que vocês até trabalham, que não é só conversa

MPin1: deviam ver onde é que é aplicado o dinheiro

AL: pois... mas vocês têm uma boa relação com o ICNF? Ou seja, que tipo de apoios é que eles vos dão?

MPin1: não dá nenhum, olhe, precisava de um auto de marca, temos aí um auto de marca.... Até lhe vou mostrar...

AL: o que é que é um auto de marca

MPin1: um auto de marca é marcar os pinheiros que devem sair... é que o parque, o ICNF, mas o Parque [*? Não se entende*] portanto tem de mandar pessoal embora, e é pessoal que é qualificado, pedem poucas habilitações mas têm a parte prática, não têm a teoria, e acontece que essas pessoas mandaram-nas embora evitar despesas e agora nem têm pessoal nem nada, é por isso que é melhor a autogestão dos baldios e depois cada um gere como sabe ou procura alguém que os ajude, porque os engenheiros florestais também estão cá para ajudar as pessoas e pronto, o ICNF não está a fazer de graça, nós pagamos para nos fazerem o coiso das candidaturas, mas pronto, mas colabora connosco

AL: quais candidaturas?

MPin1: as candidaturas das ITI, medem o terreno, o que está livre...

AL: isso é o ICNF que faz?

MPin1: não! É o secretariado dos baldios

AL: ah, percebo que falou aí de ICNF pelo meio

MPin1: não, o Secretariado dos Baldios... vêm cá com o GPS e tudo

AL: porque eu percebi que o senhor disse "ah, o ICNF faz isto das candidaturas mas a gente paga-lhes

MPin1: não, não, não. Somos sócios e depois pagamos o trabalho por fora

AL: mas pagam um x por ser sócios também ou não?

MPin1: mas depois a quota já fica metida naquilo que lhes pagamos. Agora, daqui para baixo isto também vai ser limpo agora, e se não for limpo vai arder, mas isto é o último que temos programado até 2014, porque depois para a frente já fica por aqui. Olha, daqui para a frente vai ficar

AL: vai ficar?

MPin1: já vai ficar por limpar

AL: a sério?

MPin1: se nos cortarem a coisa para aqui já não vai ser

AL: ah, pois, se vos cortarem... o dinheiro na teoria chegava quando?

MPin1: eles costumam pagar duas vezes por ano... olhe, isto aqui, há um caminho aqui por aqui abaixo é que vai dividir, isto para aqui vai ser limpo, para ali não vai ser limpo. Isto estava para ser limpo mas não vai ser porque não... os tais dois anos, 2015/2016, se não houver candidatura não vai ser limpo, e depois você vê, vai incendiar tudo

AL:... vocês não têm sapadores portanto não têm aquele apoio

MPin1: não temos sapadores pois. O ICNF por não... não têm pessoal, não têm, aqui na freguesia têm 2 jornaleiros antigos, que não fazem nada não é... nem lhes dão transporte para trabalhar como é que os podem obrigar a trabalhar...

AL: a sério?

MPin1: é verdade. Eles vão no carro deles até à vila de Cabril, tem lá um quartel da guarda-fiscal antigo, está entregue ao Parque, não têm transportes ficam lá, ao fim do dia vão para casa, se não há transporte para trabalharem eles não vão...

AL: o que é que era suposto eles fazerem?

MPin1: oh, limpezas aqui nestes caminhos...

AL: ah, jornaleiros é a mesma coisa que sapadores, é isso?

MPin1: é... mas eles para já ainda são cogestores do baldio... nós ainda não estamos em autogestão, estamos em cogestão...

AL: mas era isso que eu estava a perguntar, então o ICNF como cogestor o que é que faz?

MPin1: não, não faz nada! Então, precisamos... Temos lá pinheiros em baixo que deviam ser desbastados há tanto tempo, e não foram porque eu não tenho pessoal para fazer os trabalhos...

AL: pois... então há mesmo nada... nas plantações não vos dão as plantas pelo que eu percebi...

MPin1: não, não dão não... e se derem é pequeninas, e depois os animais comem-nas e não vale a pena... olhe, isto era para ser limpo em 2015 mas não vai ser e olhe o combustível que aqui está, olhe para aquilo, as urzes altas. Isso era para ser limpo e não vai ser limpo, porque basta que em 2015 as ITI acabarem... não pode ser

AL: e este lado também é não?

MPin1: era, também era...

AL: pois está muito... ainda por cima está uma ventania que isto está mesmo próprio para fogos... agora até nem está muito, mas tem estado um vento

MPin1: agora, se estivessem realmente interessados na floresta aplicava-se na prevenção, gastava-se o dinheiro que fosse e chegava-se ao verão e não havia chamas...

AL: pois...

MPin1: desde o 25 de abril que a floresta nunca mais foi o que era antes... mas depois começaram a vir os projectos e tal, os projectos e as coisas foram-se fazendo, agora acabam-se com os projectos acabam com tudo... porque puseram projectos para plantações, outros para limpezas e não sei que mais e as coisas foram funcionando, porque antigamente o pastoreio, aquele excesso de cabras que havia também olhe que os agricultores queriam roçar mato para botar nas lojas dos animais e não tinham... e não havia porque as cabras comiam o mato quase todo, as cabras comem muito mato. Esta parte agora aqui de terras novas, o mato, elas comem tudo e já atrasa a planta, está a perceber, atrasa-a de crescer... e está tudo roído e não havia mato, e agora acabaram com o pastoreio o mato desenvolve-se muito mais... o mato desenvolve-se muito mais

AL: pois, pelo que eu percebi essa questão das ITI também era no sentido de manter o pastoreio e de alguma forma contribuir para...

MPin1: sim, sim, sim, até porque era em área forrageira não era em florestal

AL: pois, era no sentido de manter o mato controlado de alguma forma. Mas isso tem toda a razão, dantes as cabras preveniam os incêndios...

MPin1: preveniam! A quantidade de cabras que havia limpava este mato todo

AL: uma coisa que eu ainda não percebi muito bem... antes de haver intervenção da floresta isto não tinha árvores nenhuma?

MPin1: não tinha não! Isso aí foi semeado, isso aí foi semeado e já ardeu e já está natural. Mas esta parte aqui para baixo foi toda semeada, em 60

AL: por vocês?

MPin1: não, pelo Estado!

MPin1: olhe nós, quando vieram esses agroflorestais compartimentámos isto tudo... fizemos também rede viária, esses caminhos foram todos abertos, fui eu que orientei isto tudo

AL: ah, sim?

MPin1: foi, puseram aqui rede viária... houve aqui um incêndio mas trancámo-lo lá no aceiro e trancámos aqui no estaleiro, e só ardeu aqui este bocado, e o outro ficou intacto, está a perceber?

AL: se não houvesse estas estradinhas...

MPin1: pois, se não houvesse isto ia tudo! Agora que isto é tudo regeneração natural já oriunda da plantação que foi feita em 1965... 65 ou 66...

AL:... vocês aqui também têm vendido madeira sem ser queimada ou ...

MPin1: devia ter sido feito, acho eu... precisávamos de ter feito um corte cultural, mas só que eu não tenho pessoal e não se faz e depois eles querem 40% e pronto... eles não fazem nem deixam fazer...

AL: claro. Vocês têm jovens no CD, ou seja há malta nova nos órgãos de gestão?

MPin1: temos, fazemos isso para os incentivar também

AL: pois. Bem, você já está desde 1999... é muito tempo! Sempre na presidência do CD?

MPin1: sim

AL: e antes de 1999 vocês já tinham há muito tempo, uuuh

MPin1: o meu pai formou o CD em 1976

AL: ah, foi logo...

MPin1: mas o meu pai era um agricultor que não percebia nada de floresta, como não percebem todos... se não fosse eu aqui, sabe como é... se não fosse eu aqui...

AL: e o problema é que nem em todos os baldios há quem perceba de gestão da floresta, aí era importante haver o tal papel do Estado como cogestor. A ideia era essa.

MPin1: Ou então arranjam uma empresa que faça e eles paguem e eles façam ou ao menos que lhes ensine a fazer não é...

AL: pois

MPin1: acabaram com os guardas florestais, acabaram com eles, porque os guardas-florestais passaram para a GNR, mas é uma carreira a vagar...

AL: uma carreira a vagar? O que é que quer dizer com isso?

MPin1: que acaba, vão para a reforma e não deixam entrar mais ninguém até acabar

AL: os GNR?

MPin1: não, a equipa de prevenção da floresta que é da GNR e do SEPNA, é uma carreira a vagar. Desde 2006 que transferiram o pessoal da carreira de guarda-florestal para a GNR, e é uma carreira a vagar, quer dizer, não há mais concursos e depois ficam no SEPNA a ... quer -se dizer, agora trabalham em conjunto, não é, com fardas diferentes mas vão trabalhando em conjunto, olhe, isto também foi plantado pelo Estado, estes são carvalhos americanos, não nos quiseram deixar plantar lá em cima... isto é carvalho americano... e isto está assim porquê?

[sai do carro]

MPin1: portanto é uma carreira a vagar, por enquanto ainda há jovens, 30 e tal anos, mas quando passarem à reforma acaba...

AL: é o vento não é?

MPin1: é... tenho lá cordas...

AL: aqui não tem protecções para o gado

MPin1: não, já estão altas

AL: ah, claro

[toca o telefone do Sr. MPin1]

AL: o que é que eu lhe ia perguntar...ah, os guardas-florestais foram incluídos nos GNR ou os GNR é que passaram a tratar dos trabalhos que antes eram feitos pelos guardas florestais?

MPin1: portanto, eles queriam... como falámos há bocado, eles queriam [não percebo... a certa altura começa a falar da DGRF e a explicar como aquilo foi mudando de nome – DGF, DGRF, Instituto Florestal] em 1987 quando fui para lá era a DGF, depois veio o Instituto Florestal, depois veio a DGRF e agora passou para ICNF, acontece que eles pensavam que os guardas florestais eram contra aquilo que eles queriam fazer na floresta, e o que é que eles pensaram? Encostar os guarda florestais... e este... o António Costa que agora está à frente do PS, era o ministro da Administração Interna. E como viu que os guardas florestais iam ser encostados deitou-lhes a mão, deitou-lhes a mão e incluiu-os na GNR, mas... a intenção dele era boa mas a GNR nunca nos viu bem, com bons olhos, porque éramos civis, toda a gente pensava que nós íamos passar a ser militares como eles, porque um militar não nasce militar, um militar é uma cerimónia que se faz e passa a ser militar, é uma cerimónia, mais nada, é um juramento de bandeira ou o que é que eles chamam, é

uma coisa qualquer. Portanto eles nunca nos viram com bons olhos e acontece que aquilo não funciona, mas que um guarda-florestal tem muita mais formação do que tem um GNR, isso ... para se ser guarda-florestal é preciso ter o 11º ano, para GNR hoje ainda estão para lá [*? Não se entende*], está a perceber?

AL: mas os guardas florestais foram incluídos no corpo actual que se chama não sei quê florestal não é?

MPin1: sim... é. Equipa de prevenção da floresta... mas estão lá como civis, passaram por... foi um contrassenso. Puseram pessoal da guarda-florestal no quadro civil da GNR onde está o pessoal da limpeza

AL: epa, essa não deve ter sido fácil de engolir... e o senhor já estava reformado nessa altura?

MPin1: não, ainda lá estive desde 2006 até 2012, depois fiz uma operação no final de 2012, depois tive mais, depois quando fiz a operação já tinha pedido a aposentação e depois saí e vim embora

AL: o senhor tem que idade se não é...

MPin1: 60

Pitões das Júnias: MPi1

AL: a MPi1 como presidente da Junta também deve saber mais ou menos como é que se passa em outros baldios que não estão abrangidos pelo parque não?

MPi1: sim, porque nós no Secretariado representamos todos os baldios não é?

AL: pois, exactamente

MPi1: e aí sim, auxiliamos e esclarecemos e...

AL: e a diferença é muita? Entre o pessoal que está dentro do Parque e... baldios fora do parque e dentro do parque em termos sei lá de... formas de gerir, formas de conseguir dinheiro

MPi1: é assim, há coisas muito semelhantes... o que eu noto por exemplo no concelho de Montalegre... os baldios da ITI como tiveram esta ajuda e houve uma presença técnica mais permanente têm outra postura completamente diferente... os outros baldios estão um bocado abandonados, porque estavam em cogestão com o Estado, o Estado há 20 anos que desapareceu, e eles efectivamente estão à espera, habituaram-se que o estado fizesse e eles estão à espera que o Estado... e ainda não se aperceberam que é preciso dar esse salto... então nós do Secretariado estamos sempre aí “ah, mas tem de ser, vocês peçam autogestão, têm que fazer a vossa gestão, o Estado já se está a descartar...”, e estamos... estamos já a bater nessa tecla não é... mas é um bocado diferente. No entanto há também uma diferença grande em baldios com floresta de produção e baldios que não têm... quem ainda tem floresta de produção e tem uma equipa de sapadores e recorre a projectos ainda investe, ainda procura, ainda zela... os outros já não, e os outros já não porque

efectivamente também deixaram de ter gente de acompanhamento e eles já são velhotes... e não é fácil...

AL: pois... e como é que acha que isso vai resultar...

MPi1: não é fácil... eu por exemplo, ainda agora estivemos numa época de candidaturas não é, e a quantidade de documentos e de pareceres e de não sei quê... epa, já nem temos, já nem vale a pena explicar, é do género “oh Senhor Bento olhe, temos de fazer o parecer tal, isto, isto... assine”, porque não temos condições, porque efectivamente é muita...

AL: é muita papelada

MPi1: é muita, porque vai à RH, tem de se ter o parecer dela, vai não sei quê, outro parecer! É demais! É demais, é demais...

AL: pois, pois

MPi1: ou seja, eu não sei essa quantidade de documentos pensam que é para, se calhar, envolver mais as pessoas para saber que efectivamente existe aquela instituição, que ela é responsável por isto e não sei quê... não sei... não é possível, satura! E isso leva a um... se calhar um abandono das coisas...

AL: mas agora estava a falar de que instituição? Perdi-me aí um bocado

MPi1: do Estado... por exemplo, quem fez agora as medidas, não é... o PRODER e não sei quê... ao incluir essas obrigações, de tanto parecer, que... imagine, um CD vem ter comigo... “olhe, eu quero um projecto de plantação” ... pronto. Mas ele ainda está habituado como no passado “pronto, vamos fazer aqui...”, até os SF tinham aquele banco não é, que faziam os projectos aquilo era... lá pediam parecer daqui e de acolá! Agora a RH já tem o domínio sobre o regime hídrico, já tem um parecer para dar, não sei o quê... tudo o que meta linhas de água tem de passar por ali, as pessoas dizem “mas o que é que é isso? Para que é que é essa insti... essa entidade, essa instituição?”. Pois, acabam por...

AL: pois, tira um bocado a vontade de acção, não é? Para quem não está por dentro...

MPi1: é... e nós técnicos temos que fazer isso tudo e não é fácil, e temos gente que facilmente desistem das coisas... conhecimentos, têm idade!

AL: claro, e não têm muita relação com a floresta por exemplo imagino...

MPi1: não! Quer dizer, para fazer isto temos de ter... olhe, eu até tenho dinheiro mas não quero saber... às vezes dizem isso “eu até tenho dinheiro mas não quero saber disso de papéis”...

AL: pois

MPi1: e eu não sei para quê tanto parecer ... é demais

AL: o que é que irá acontecer a esses baldios na sua perspectiva?

MPi1: esses baldios... vão-se agrupar... vão-se agrupar... aliás há um incentivo, até próprio do Secretariado, a solicitar que se agrupem e tenham uma gestão com uma visão mais

comum... por exemplo, investimentos comuns... porque facilitam e é uma forma de economizar... quem não puder se agrupar obviamente que isso vai cair aonde? Ao Estado... não é isso que nós queremos, que nós no Secretariado sempre defendemos a propriedade comunitária, agora quando não há populações para a gerir... alguém tem de tomar conta dela não é?

AL: pois...

MPi1: nós disso já temos a noção por isso é que efectivamente aconteça o que... dê-se o passo que se dê, obviamente que esse passo depende das situações, mas que a natureza dessa propriedade que nunca deixe de ser baldio. Agora a gestão, obviamente na ausência dos compartes, terá que ser... também não somos adeptos que isso fique abandonado não é? Não pode ficar...

AL: claro, claro... pois, o Estado desapareceu não é, da gestão...?

MPi1: é, o Estado desapareceu e nós também queremos que desapareça, de certa maneira...

Sezelhe: MS1

AL: [...] mas sim, tem 5 sapadores...

MS1: que é a mesma que faz parte dos de Covelães, que era isto... quando se montou esta equipa de sapadores houve uma coligação entre os 3, entre 4 aldeias, que eram... 4 aldeias quer dizer, entre duas freguesias, que era Covelães e Sezelhe. Hoje já... hoje enguiçou mas é da freguesia de Sezelhe com a autorização de Covelães, antigamente eram as duas freguesias e então quando se montou essa equipa de sapadores eram duas freguesias e cada freguesia tinha... 2 aldeias, por isso isto anda assim. É uma semana em cada aldeia que ainda funciona... trabalha uma semana por exemplo aqui, outra semana em Travassos, outra semana em Covelães, outra em Paredes. Quando há fogo [*? Não se entende*]

AL: pois... e vocês concordam com a existência dos sapadores?

MS1: não, há uma certa importância só que hoje... hoje o estado não nos dá dinheiro para podermos sobreviver os sapadores, temos uma média de 60 a 150 mil Euros por ano num sapador. Os conselhos directivos não conseguem... não conseguimos arranjar dinheiro para pagar esses 50 e tal mil Euros. Nós ainda damos uma certa quantia que é dada por cada conselho directivo, mas é preciso andarmos aí de volta de algumas instituições, se estiver a câmara de Montalegre, ou outras instituições para nos poderem ajudar para podermos sustentar essas pessoas. E mesmo lhe digo, a questão é que são 5 empregos, são 5 pessoas que andam a trabalhar, eles não andam só a trabalhar para a aldeia de Covelães e de Sezelhe como são 5 pessoas que andam a trabalhar e se estas 5 pessoas se um dia acabar que não haja dinheiro são logo 5 empregos que vão ao ar

AL: mas o ICN também não contribui?

MS1: não, o ICN contribui... só que... é os serviços florestais, contribui com uma parte, o Parque que contribuía agora acho que não está a contribuir e foi aí onde falhou essa pequena maquia para nos ajudar porque isto... e mesmo os serviços florestais, o ICN,

também reduziu muito... e depois é assim, (...) é as gasolinas e todas essas coisas é muito... nós por exemplo, nós quando fazemos o subsídio, nós se calhar, não entrando este ano nós ficamos com a limpeza de 15 hectares de terreno e eu também, infelizmente depois vem o fogo atrás, ou felizmente, como eu costumo dizer, que sou menos contra essas coisas largam-lhe o fogo, como é que é? Olhe, começando nessa encosta... nessa encosta fizemos 15 hectares de limpeza de carvalhal, o ano passado tínhamos feito aquela parte de acolá naquele monte, a parte de acolá. Este ano fizemos ali, só que é com o dinheiro que nós recebemos das agro-ambientais e dessas...

AL: das ITI

MS1: das ITI, exactamente... se não como é que no conselho directivo conseguíamos ter muitas das vezes o dinheiro para suportar as limpezas

AL: pois... os sapadores não fazem esse tipo de limpezas?

AL: pois... os sapadores não fazem esse tipo de limpezas?

MS1: não, os sapadores fazem, só que isto é este... É claro que eu sou daquelas pessoas que digo "boa" aos sapadores. Só que os sapadores não me fazem, por exemplo, eu em 3 hectares de carvalhal paguei 1000 Euros por hectare, fizeram isso, uma companhia fez isso em 2 meses. Os sapadores se calhar era preciso meio ano, meio ano, 1 ano ou 6 anos para fazer isso. Esses não nos fazem, digamos, não fazem mais do que 3 hectares de limpeza durante o ano... não fazem! Pronto, isto é assim, aqui o nosso clima é totalmente diferente do de todos os sítios, que de inverno chove, neva e coiso, não trabalham. Chega agora vem o mês de Julho, Agosto e Setembro, estão sempre de prevenção para os fogos, para os incêndios e para os fogos. E é essa coisa que nós muitas das vezes... é assim, eu prefiro se calhar pagar a uma companhia, que ao menos pago, não tenho essa preocupação de andar a semana que andam aqui em Sezelhe a fazer isso... "tendes de ir ali, tendes de ir acolá, fazer aquela coisa". E depois é assim, costuma-se dizer, o rebanho sem pastor começa a saltar e... (RISOS) você está a perceber o que eu lhe estou a dizer

AL: sim, sim

MS1: nós nem temos economia, nós não somos pagos, nem se fôssemos pagos, nem eu estava à frente destas coisas, agora é que comecei

AL: mas se vocês deixassem ir os sapadores se calhar também perdiam aquele dinheiro não é?

MS1: não, isso é... os sapadores praticamente fazem parte do, fazem parte também do estado na floresta, na floresta, porque eles quando vêm incêndios ou coiso deixam o que estão a fazer e vão apagar os incêndios seja lá para onde for, seja para Montalegre, seja para outra zona fora da zona do parque. Agora eu acho que o ICN, que não sei se dão 20 ou 30 mil Euros

AL: acho que é trinta e tal mil

MS1: 30 e tal mil Euros... gastamos uma média com eles, uma média de 60 a 65 mil, isto já bem orientado, agora imagine agora onde é que nós vamos arranjar outros 30 e tal mil

para conseguirmos sustentar essas pessoas. É carro, é gásóleo para o carro, é gasolina para motosserras, é

AL: pois, isso não está incluído não é?

MS1: isso não está incluído... é por isso que às vezes estas coisas não são fáceis de...

AL: pois, não estava a perceber bem porque é que as pessoas eram assim tão contra os sapadores, parecia-me um trabalho importante. Mas percebo essa questão...

MS1: pois... quanto ao trabalho, importante, importante... se nós disséssemos assim, temos um Estado que nos ajuda, tudo bem, nós da maneira que estamos, imagine, você sabe muito bem quanto é que custa uma segurança social hoje para se pagar, quanto é que custa um seguro de um trabalhador, que são seguros totalmente diferentes de outro seguro qualquer, tem de ser um seguro... são pessoas que trabalham com motosserra, são pessoas que trabalham com máquinas e depois dão seguros de trabalho diferentes, não são um seguro qualquer que se possa diminuir. O seguro para esse pessoal são 400 e tal Euros por mês, são seguros totalmente diferentes. Há uma roçadora que lixa-me uma perna, ou digamos, uma mão ou outra coisa qualquer, a seguradora, se não estiver lá isso tudo mencionado não há hipótese de ir buscar nada. Agora com os sapadores para mim são, portanto, são, como é que eu hei-de dizer... são uteis, só que eles também tinham um bocadinho de trabalhar mais e ter a gente mais um bocadinho de subsídio para nós podermos fazer certas coisas que não fazemos

AL: pois, porque acabam por estar a fazer serviço para o parque...

MS1: isto, nós se não limpamos cortam-nos logo os subsídios que nos davam, se limpamos temos de por dinheiro na mesma do nosso bolso, porque sabemos que são 15000 Euros que damos, que pagamos aqui, 15000 Euros é preciso que ele venha de algum lado...

AL: à tal empresa?

MS1: à tal empresa, para lhe podermos pagar, é preciso ter uma boa gestão, ou uma boa orientação nestas coisas, não é só dizer sim, isso é, é presidente do CD, ou é o tesoureiro, ou é o presidente da assembleia, não! Isto toda a gente... tem de haver uma boa gestão para chegar a um certo ponto de podermos fazer as coisas e de termos dinheiro para as podermos fazer. Porque senão não... aqui... eu tenho as minhas empresas mas é muito preocupante, eu ando aí a trabalhar mas eu passo se calhar 3 ou 4 horas do dia por conta do baldio, quando a mim se fosse... interessa-me alguma coisa, não vou perder o meu, não vou deixar os meus trabalhos para ir pagar o coiso. Mas isso são coisas que eu, quando se assumem gosto de as cumprir e levar a bom porto, mas...

AL: aqueles pinheiros são de regeneração natural?

MS1: são, são

AL: a floresta entrou aqui, nos anos 50, 60, 70 do século passado, ainda pela mão do Salazar... houve aqui intervenção neste baldio?

MS1: nesse tempo eu ainda não era nascido, eu nasci em 1954

AL: não, eu sei que nos anos 60 andaram aí a florestar em Fafião, Cabril...

MS1: não, e andaram aí a florestar, e aqui igual... que ainda contam, contam lá estas pessoas com 80 anos que ainda andaram na, na altura, na luta... porque depois também proibiam... que era a tal coisa, que depois antigamente havia muito gado, hoje já só há metade, e foi nesses sítios que florestaram e não deixaram pastar o gado, a população não tinha para onde levar o gado, eles proibiam-lhes depois de lá ir e depois faziam, muitas vezes faziam guerra com...

AL: e aqui também faziam?

MS1: sim. Chegaram a fazer... eu vou contar uma que é, que é... mas é verdade, depois tinham... chamavam-lhes rondistas, que eram tipo o guarda-fiscal que andava a rondar os montes onde estavam a florestar... aqui em cima ou ali em cima, houve um rondista, que andavam lá umas vacas lá na floresta, onde ela estava proibida, chegou ao pé do senhor “ah, vou ter de o multar” “opa, eu boto as vacas fora...”... aquilo antigamente era assim, era a lei do coiso. Ele não coiso, vira-se o produtor dá-lhe uma malha, mas uma malha do caralho...

AL: quem é que deu malha a quem?

MS1: o agricultor deu a malha ao outro

(RISOS)

MS1: “epa pronto, bote-las lá de fora, se forem para aí bote-las lá de fora, deixa lá isso”. Ele estava a insistir que o queria multar e depois levou a malha, nem o multou nem nada

AL: (RISOS) ainda houve aí uma guerra contra a floresta na altura...

MS1: e hoje continua igual... porque se o baldio é comunitário, se o baldio é nosso, já dos nossos antepassados, eles, as pessoas, o Estado podiam ter outras alternativas ou outras coisas para poder nos beneficiar mais neste... porque somos nós que cuidamos deles, somos nós que os limpamos, somos nós que os produzimos, somos nós que...

AL: vocês aqui no baldio de Sezelhe alguma produção que vos dê algum rendimento?

MS1: não.

AL: é só as ITI?

MS1: é, é só as ITI

AL: podiam ter os pinheiros mas não... não é?

MS1: podíamos ter os pinheiros mas não temos dinheiro para fazermos, para podermos fazer essas plantações. Depois de fazer as plantações, é como lhe acabei de dizer... depois do, da batata ou do centeio estar na caixa no celeiro não falta quem o coma... mas já dizíamos, os nossos avós diziam, “uma pessoa para colher tem de semear”, e eles se não nos ajudam a semear também não vão, não podem colher... ao fim é que eles vêm buscar o

coiso... nós agora, porque nós temos, como é que eu hei-de dizer, antigamente a freguesia de Sezelhe era duas aldeias, era Sezelhe e Travassos, nós temos limites nossos com os outros, mas entre nós fazemos melhor conta do que é um limite, isto aqui chamamos-lhe nós um misto, que é das duas aldeias... e andamos agora a ver se conseguimos, este mês que ardeu, lá para Junho, se conseguimos fazer um projecto para plantarmos aqui pinheiros e outras coisas

AL: no misto?

MS1: no misto, a ver se a junta ou a câmara nos dão uma ajuda para podermos fazer essa plantação, porque senão não temos... se não há dinheiro não há, para podermos fazer plantações, não temos!

Eu fiz um projecto, que até foi a Lúcia, um projecto, olhe, só me davam, só me subsidiavam em 20%, os 80% tinha de os pagar eu. E ao fim eles vinham buscar, eu levava 60 e eles vinham buscar 40%. Isso não! Eu sou daquelas pessoas que também não boto milho a pitos, como se costuma dizer, têm de crescer para ir para a panela... não, isto não pode ser assim

AL: por acaso agora ate estou com curiosidade de ir ver bem a Lei, porque eu tenho a ideia que quando vocês investem o Estado não pode tirar tanto. Mas se calhar estou errada

MS1: mas a Lei que existia e que ainda existe é essa. Eu hoje, mesmo se quiser, se houver um corte de pinheiros eles só nos dão 60%, os 40 levam-no eles. Portanto, isto também todos os anos muda uma lei...

AL: Vocês nunca pensaram em deixar... em assumir a gestão...

MS1: autogestão, autogestão... é isso que lhe disse há bocado, que ando a pensar nessa...

AL: deixar o Estado de parte...

MS1: deixar o Estado de parte... só que há aí uma coisa que ainda quero saber... é que nós, nós ao deixarmos o estado de parte também não sabemos se nos vão cortar os subsídios que temos das ITIs...

AL: eu acho que não... porque pelo menos Fafião está na modalidade a)

MS1: mas esses estiveram quase sempre...

AL: sim, mas eles têm subsídio da ITI... isso tem a ver com estarem dentro do Parque, não tem a ver com estarem em cogestão...

MS1: pois, pois...

AL: acho eu. Se calhar só tinham a ganhar, porque não têm o apoio do Estado de qualquer forma e depois têm todas essas obrigações e limitações... não é? Não sei... mas isto quem

sou eu não é... tudo o que eu sei é de ler, não sei como é que as coisas depois são na prática. Mas pelo que me vai dizendo não estão a ganhar nada pelo... só estão a perder...

MS1: exactamente, só estamos a perder por estarmos em cogestão. Porque se estivéssemos, era o que eu disse há bocado, é que era para fazermos uma parceria de florestarmos, mas temos de sair do Estado, fazer um protocolo com a câmara, quando ela plantava, só que quando fosse na colheita os 40% que dávamos ao Estado ficava para a câmara... o Estado agora está-nos a levar, fazemos a conta, esses pinheiros aí estão plantados, foram plantados pelo Estado, o Estado está a levar 40%, nós estamos a levar 60%, mas se fosse a Câmara que nos plantasse no lugar do Estado, se nós nos desvinculássemos do Estado, a Câmara plantava, ou mandava plantar, quando fosse no corte, os 40% que iriam para o estado iam para a câmara... não é? Iam para a Câmara... e eu, era melhor que fosse para a Câmara, que eu preferia fazer essa parceria com a Câmara do que por no Estado... porque esses 40%, já não será na minha vida, mas preferia que esses 40% ficassem aqui na Câmara de Montalegre, se não fossem para Sezelhe podia ser para outra aldeia ao lado ou para fazer outros benefícios no concelho...

AL: pois, até porque a câmara avançava dinheiro para vocês...

MS1: a câmara plantava-nos...

AL: pois, que é coisa que o Estado não está a fazer

MS1: exactamente, só que temos de nos... eu já me estive a... já disse a um engenheiro para me mandar os documentos para ver o que eles diziam, ainda não me deu resposta. Assim que me der resposta isso é logo, porque assim, assim estamos... assim faça conta que estamos a produzir um concelho que está a produzir, e assim 40% vão para o estado, sem, praticamente sem produzir nada

AL: em que é que eles estão agora a contribuir para o baldio? Estão a contribuir com dinheiro para os sapadores...

MS1: o Estado é com dinheiro para os sapadores e agora com as ITI que nos dão, de resto não estão a contribuir com mais nada

AL: em termos de floresta nada! Investimento da floresta zero

MS1: zero

AL: também não metem aqui malta a trabalhar na floresta, a custo zero, também não metem...

MS1: pois, não metem não

AL: a custo zero para os baldios...

MS1: pois, não metem, não metem... e mesmo... eu às vezes sou... às vezes se calhar peço por falar demais ou a verdade. Porque temos aqui, ainda anda o Estado... está a pagar o rendimento mínimo a muitas pessoas, sem fazerem nada. Mas isso para mim, fosse quem fosse... no lugar de trabalharem 8 horas, pa trabalhavam 4 horas. Davam uma volta pelo concelho, fosse onde fosse, dividiam aquilo por etapas... por etapas ou por equipes... "hoje

ides, meio dia, ides a Sezelhe limpar aquele caminho, limpar aquele bocado de coiso”. Nem que fosse aqui, diziam “olhe, chegais aqueles carvalhos, cortai aquelas giestas que há ali giestas que é para o coiso...”. Ganhavam dinheiro! E agora estão lhe a pagar ordenado mínimo e a fazer cursos e o coiso, não presta para nada...

AL: mas isso é malta que está desempregada, ou é malta que está velhota ou...

MS1: não, é malta que está desempregada, pagam o ordenado mínimo, malta que não arranja o

AL: ah, que lhes pagam o subsídio de desemprego

MS1: pagam-lhe o subsídio de desemprego, pagam-lhe o ordenado mínimo. Malta que não arranja emprego, vai-se inscrever ao fundo de desemprego, e depois já tem direito a esse coiso... mas havia, o estado, se tomasse outras... se tivesse outra visão nesse aspecto. “sim, senhor, pagamos. Se não arranjais emprego nós pagamos, mas ao menos tendes que trabalhar 8 horas, limpar floresta, ou limpar isto, ou limpar aquilo...” porque há muita gente que, eu digo-lhe sinceramente, há muita gente a receber esse ordenado mínimo e coiso... não é por não terem trabalho ou não coiso. Porque eles recebem 400, ou 450 Euros de ordenado mínimo, e depois vão fazer uma biscatada ou coiso e depois muitas vezes dizem “oh, fogo, então aquele ali recebe 550 ou 600 Euros e eu por 100 Euros ou por 150 vou-me andar a por ali à chuva ou a levantar-me aquelas horas?!”. O Estado também está a ver mal essas coisas...

AL: bom, são coisas diferentes... o subsídio de desemprego é dinheiro que as pessoas descontaram dos seus salários para depois se alguma vez acontecesse alguma coisa terem essa segurança. Depois há o rendimento mínimo, que eu não sei muito bem como é a atribuição desse dinheiro

MS1: não, o rendimento mínimo é isso que eu estou a dizer. Agora, esses estão piores... esses que descontaram e que vão agora para o fundo de desemprego e estão 1 ano, ou ano e meio, acho que eram dois anos e acho que agora é 1, chegam ao fim do coiso cortam-lho, e os outros continuam sempre a receber o ordenamento mínimo...

AL: pois, percebo o que está a dizer... há tanta coisa para fazer...

MS1: depois muitas vezes, florestas ou caminhos... às vezes ouve-se dizer “ardeu, ardeu o pinheiral porque estavam os caminhos todos sujos e não os bombeiros não conseguiram passar para apagarem o fogo, ou não tinham caminhos ou coiso... então, chegavam a essas pessoas e diziam “olha, estás a ver aquele caminho além no pinheiral, ides a ver aquele caminho...”. Era logo para todos os efeitos... mas a gestão de certas pessoas, não sei... é por isso... não andam no terreno, se andassem no terreno...

Tourém: MT1

AL: e os SF tiveram uma mão aqui...

MT1: não!

AL: eles agora estão juntos, acho eu

MT1: é o ICNF

AL: mas antes havia o parque, o ICN e os SF...

MT1: os SF não, no meu baldio não... no meu baldio não...

AL: nem no carvalhal?

MT1: fiscalizavam o carvalhal, o corte de...

AL: fiscalizavam...

MT1: que agora é feito pelo parque, agora volta a ser feito pelo parque, portanto eles estão juntos, apenas fazia fiscalização, aliás eu fui fiscalizado duas ou três vezes por causa das candidaturas e muito bem, e fui precisamente fiscalizado pelos SF que na altura ainda existiam aqui em Montalegre. Portanto isto agora é o... eu penso que aqui em Montalegre até já nem há SF...

AL: pois, eu no outro dia fui ali ao escritorzinho do Parque e perguntei e eles disseram-me que há, mas ainda não percebi muito bem, há ali umas casas à entrada de Montalegre à esquerda de quem sobre, que eu fiquei na dúvida se era aquilo ou não...

MT1: pronto, eu não sei se há, o engenheiro continua aqui, não sei se faz a ponte daqui para vila real se como é que é

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, os sapadores... e é só de Tourém?

MT1: não, Tourém e Pitões, fizemos um acordo, a equipa é a mesma, são cinco homens, mais um carro, que fazem um trabalho excepcional, trabalho que muitas vezes nós não... as pessoas à primeira vista não veem mas depois quando chega a altura da verdade... olhe, os incêndios reduziram 70 a 80%, fazem as limpezas, fazem mais ou menos a gestão dos sítios piores... se for preciso no período do inverno até fazem alguma... no período em que é permitido, fazem alguma queimada para depois no verão não termos esses incêndios que por aí se veem, e quando há um incendio, porque há sempre, actuam, são os primeiros a actuar, ou seja, em menos de meia hora ou uma hora no máximo, estão no local. E é muito mais fácil controlar um incendio no início do que quando está... então têm feito um trabalho excelente, temos a sorte de também termos pessoas excelentes lá na equipa e acho que foi das melhores coisinhas que... olhe, aí sim o parque trabalhou... na criação das equipas dos sapadores florestais o parque teve um papel importante

AL: pois, era isso que queria perguntar

MT1: muito importante! Muito bom... talvez se não fosse o parque não conseguíamos, ter as equipas de sapadores florestais

AL: antes disso vocês já tinham tentado ter ou... antes de...

MT1: não tínhamos porque ... são 5 salários, não havia hipótese... e agora... olhe, até e agora já só nos dão 30% do valor total, vemo-nos à rasca, se não fossem as ITI e não conseguíamos ter isso seguramente, neste momento não conseguíamos ter... parte do

dinheiro da ITI é canalizado para os salários, para despesas, para máquinas, para manutenção e... isto para lhe dizer que fazem um trabalho excelente... lá na aldeia

AL: portanto, é o parque dá 30% do valor...

MT1: não, não, não, é o ICNF... vem mesmo directamente do Estado, o parque não nos dá nada, houve uma altura em que ainda dava uma comparticipaçãozita, pouca, mas dava... agora nada, o parque não participa com nada

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: mas vocês agora, por exemplo, para fazerem os PUB's, os planos de utilização do baldio

MTR2: os planos de utilização do baldio, sim

AL: não tiveram que fazer isso? Eu não sei mas tinha percebido que sim...

MTR2: os PUB, o nosso já está há muito tempo... os novos são os PGF, antes era plano de utilização do baldio e agora é plano de gestão da...

AL: da floresta! Mas e quem não tem floresta? Como no fundo é o vosso caso... não é?

MTR2: sim, mas eles, floresta não quer dizer floresta de pinheiro, floresta...

AL: pois, podem ser também os carvalhos

MTR2: sim, sim, sim. O PGF é o plano de gestão mas é tipo aqui é de roço, ali é de [?], e cada sítio... agora é que saíram estes novos que exigem mas... *pá*, não é, eles querem uma cartografia mas você diz que é aqui, mas pode ser aqui ou pode ser ali, não há, não é fixo

AL: ah... mas quando tiveram de fazer esses planos não tiveram de fazer um levantamento desses pontos limites dos baldios?

MTR2: sim, sim, mas não quer dizer que seja o real

AL: ah, então como é que acha que era possível que fosse o real? Qual seria a metodologia a usar

MTR2: seria juntar os presidentes dos baldios da localidade, levar um topógrafo e chegar a um consenso e dizer "é aqui" e a partir de agora os outros desistem... são todos, as outras delimitações são todas esquecidas e é este

AL: e o se fez agora quem é que fez essa delimitação para os PGF?

MTR2: isto já existe há muito tempo, deve ter sido o engenheiro, na altura deve ter sido o engenheiro Carlos pinto ou o engenheiro Dinis

MTR1: o Carlos Pinto

MTR2: sim, sim, isso já vai para aí há 12 anos ou

AL: Mas já está no GPS desde aí?

MTR2: não, não, não. Só foi delimitado, foram lá ver e... não foi com GPS

AL: então com GPS ainda não há nada?

MTR2: não! Tanto que nós tivemos durante muitos anos o nosso limite mal, ainda não está completamente... já lhe demos agora um jeito mas...

AL: mas como é que sabem que está mal?

MTR2: temos a cartografia

AL: antiga?

MTR2: sim. Por exemplo, é muito fácil chegar aqui e dizer “é aqui”, não é? E ficar tudo acordado, e depois ir para o gabinete e alguém dizer “não, não, é por aqui”, ... e nós tivemos muito esse caso. As populações de duas aldeias iam lá, decidiam que era por aqui e depois no mapa aparecia de outra forma... e isso não pode ser

AL: e isso criou conflitos entre as aldeias?

MTR2: claro!

MTR1: quando foi para receber subsídios dos baldios, dividir esta parte que pertence aos dois foi dividida a meio, veio cá o engenheiro Carlos Pinto de Braga, que trabalha no Parque, e depois foram dois homens daqui e dois de Sezelhe e então dividiram esse misto a meio, ficou dividido a meio, portanto daqui para aqui é de Travassos, daqui para aqui é de Sezelhe, por causa de não ficar aquele [*? Não se entende*] vêm os dois, não é... e então dividiram a meio, lá puseram, cortaram lá no mapa, eles ficaram com a parte deles e nós...

AL: e não houve conflito nenhum nesse aspecto?

MTR1: não, por isso é que já foram dois homens daqui e outros dois de Sezelhe com o engenheiro, não é... portanto já acertaram todos, certinho para não haver confusões

AL: e como é que corre essa cogestão?

MTR2: já foi muito boa, neste momento quase não... posso arriscar que quase não existe, não existe no sentido... existe através disto... quando é que existia, por exemplo, quando o Estado plantou os pinheiros, não é...

AL: nos tempos do Salazar ainda...

MTR2: e nós temos 40% do... temos 60% desse...

MTR1: 40-60%...

AL: acho que é 40-60 quando é plantado por eles...

MTR2: sim, sim, sim. Aí é bom, é uma parceria boa (RISOS)

AL: mas seria boa se eles gerissem a floresta não?

MTR2: sim, mas neste momento... toda a gente sabe que o sector Estado está a... está tudo a passar para os privados, neste momento não há... nós beneficiamos de muitas medidas ao longo destes anos todos, por exemplo o javali vinha ao milho, vinha um técnico e dava um valor para compensar esse milho, hoje não existe isso... um lobo atacava um animal, vinha logo um técnico, hoje já... vem mas já é mais...

AL: moroso?

MTR2: sim... agora ainda existe essa parceria com o Estado... esses pinheiros que estão aqui, se nós vendermos terá de ser em parceria com o Estado

AL: têm de lhes dar os 40%

MTR2: os 40%

AL: mas alguma vez sentiram, sentiram ou existiu, um apoio logístico e técnico da parte do ICNF na gestão da floresta, no sentido da produção florestal....

MTR2: a equipa dos sapadores no fundo é para isso... eles ajudam também para limpar essas áreas

AL: sim, a limpar... mas no sentido de... de manter a floresta viva ou seja de plantações, de recuperação de regeneração natural, sei lá, no fundo fazendo com que haja dinheiro sempre a sair da floresta

MTR2: as ITI é... também empregadas pelo... neste momento quem está a dirigir o parque é o ICNF, é uma dessas...

AL: mas as ITI também dão para produção florestal? Ou dão só para manutenção das autóctones?

MTR2: sim, sim. Mas para ali para o carvalhal está a ajudar...

AL: eu só pergunto isto porque... a partir do momento em que vocês estão dependentes das ITI, porque estão não é, neste momento, em termos de rendimento, se aquilo opor acaso muda, por exemplo agora com esta alteração das áreas forrageiras, isso não vai alterar o valor que entra para o baldio?

MTR2: não.

AL: não?

MTR2: não, não, porque... mas é isso....

MTR1: ainda não sabemos bem, ainda não sabemos bem, estamos a contar que não, mas... ainda está assim meio...

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

AL: e uma coisa... vocês têm algum interesse em... em alguns baldios vi que existe a vontade de deixar o Estado, ou seja, de passar para a modalidade a), já que não obtêm apoio do Estado deixa de fazer sentido manter essa modalidade... vocês aqui consideram isso ou...

MTR2: passar a autogestão?

AL: sim, exactamente, passar a autogestão

MTR2: essa é uma questão que foi introduzida, imagine... a câmara apoia a reflorestação, mas quer assumir o papel do Estado, imagine... o contrato que se fazia antigamente dos baldios com o Estado, a câmara quer fazer agora, por exemplo vai investir dinheiro num baldio mas ao fim de uns anos quer ter 40% ou ter... e só se pode fazer esse contrato com a câmara se se sair do contrato com o estado... só por isso é que se fala disso senão... porque no fundo não vai ter autogestão... sai da cogestão com o Estado e vai passar para cogestão com a câmara...

AL: mas isso com a câmara é por opção não é...

MTR2: sim, mas tenho a certeza de que se não for para isso ninguém sai da cogestão com o Estado... nós por exemplo para podermos fazer aquele projecto com a câmara temos de optar pela autogestão

AL: aí é? Não podem manter-se em cogestão com o Estado e fazer isso na mesma?

MTR2: não! Porque se não depois o Estado poderia vir buscar 40% de...

AL: ah, exactamente...

MTR2: é só por aí... senão... eu falo por nós... nós não sairíamos da cogestão com o estado porque o prejuízo também não é... o benefício não é...

AL: mas qual é o benefício de estar agora com o estado, só para eu perceber melhor...

MTR2: por exemplo na venda daqueles pinheiros poder ir buscar os 40%

AL: o Estado... isso é o benefício deles, mas o vosso? É que vocês têm 60%...

MTR2: sim, mas também temos esse benefício

AL: mas teriam sempre, ou não? A floresta é vossa

MTR2: a floresta e aquilo que lá está...

AL: como é que isso seria?

MTR2: pois (RISOS)... está a perceber?

AL: era melhor, está no baldio, o baldio é vosso

MTR2: sim, mas foi...

AL: eu nem nunca pensei nisso, eu achei que a partir do momento em que, na minha visão. Se retirava o estado, já que o Estado não está a fazer o seu papel, pronto, lá pelas razões que lá terão, não importa agora, que passariam a obter os 100%

MTR2: mesmo que o baldio de Travassos passasse a autogestão, os projectos que meter a partir daí o Estado não tem direito a nada, é tudo 100%... agora os que houve para trás tem, mesmo que passe a autogestão a venda dos pinheiros o Estado vem buscar os 40%

AL: e acha que se passar para o modelo a), autogestão, o baldio não continua a ter esse direito a x% desses pinheiros?

MTR2: tem, tem, tem, sim, sim, sim, tem

AL: aaah, mesmo que esteja na modalidade a)

MTR2: uuuuh

AL: eu estou a perguntar porque não sei...

MTR2: existe, existe, que de hoje a amanhã, imagine que através dos investimentos não produtivos o Estado diz assim MTR1: vamos apoiar a floresta. Se estiver em autogestão já não tem nada com ...

AL: pois, não sei...

MTR2: eu directamente, neste momento é só por causa do projecto com... senão, era cogestão, e se pudermos ficar com cogestão vamos ficar com cogestão

AL: ok, ok... eu ainda não percebi muito bem foi quais são os benefícios... são eventuais benefícios de futuro é isso?

MTR2: sim, nós temos, por estarmos com o Parque nós temos acesso a fundos comunitários que em mais nenhum sítio...

AL: mas continuariam a ter, mesmo que estivessem em autogestão...

MTR2: sim... mas não sei até que ponto eles ao sair... imagine...

AL: eu estou a perceber, podia haver algumas...

MTR2: sim...é normal...

AL: eu sei lá, Fafão está em autogestão e tem ITI

MTR2: qual foi a vantagem que eles tiveram em ..

AL: não sei, eles já estão em autogestão há anos... basicamente passam eles a gerir tudo e a receber tudo o que...

MTR2: não

AL: não?

MTR2: passam nos projectos que eles meterem sozinhos, o que está para trás, o que existe para trás eles têm que dar os 60%, os 40% desculpe...

AL: acho que não... pelo menos a Lei diz que é menos, acho que é tipo 20% nos casos em autogestão...

MTR2: não... imagine, se nós fazemos um contrato os dois, depois você devolve o contrato depois assim sem mais nem menos

AL: não, mas o que diz a Lei, mas lá está, isto é a teoria não é, o que se faz na prática vocês é que sabem, mas o que está na teoria é autogestão, mesmo que o povoamento seja do Estado, tem de dar x, sim, se for daqueles povoamentos plantados pelo Estado em tempos, tem que dar x, mas é menos, acho que é 20% nos casos em autogestão, e se for em povoamentos que não são do Estado não têm de dar nada... mas vocês têm de dar na mesma, mesmo nos povoamentos que plantam

MTR2: sim, sim, sim

[toca o telefone do Sr. MTR1]

MTR2: não, nós não... nós temos 40-60

AL: em tudo?

MTR2: sim

AL: pois, não sei, olhe...

MTR2: agora imagine, nós temos técnicos do ICNF a, por exemplo, quando o pinheiro seca eles vêm ver porque é que seca, temos, pouco agora, mas temos algum acompanhamento

AL: pois, é isso que eu quero saber, que mais-valiás existem ainda numa cogestão...

MTR2: sim, há sítios em que são os técnicos que vão marcar quais são os pinheiros a abater, existe ali uma...

AL: e por exemplo, se calhar perdiam os sapadores caso...

MTR2: não, não, não, não vejo isso por aí

AL: portanto, a vossa relação com o ICNF é pacífica ou há ali alguma constrição de interesses ou de formas de trabalhar, ou...

MTR2: não, porque agora já praticamente não existe...

AL: pois, mesmo através do Parque, porque agora o Parque é o ICNF não é...

[toca o telefone do senhor MTR2]

MTR2: então, imagine, vinham pedir uma montaria ao javali, eles vinham verificar se havia caça, eles andavam sempre, na época da caça eles andavam sempre de vigia ao monte, neste momento não existe

AL: nem do lado bom nem do lado mau...

MTR2: também não se podia dizer que andavam sempre aí, mas também marcavam a sua presença... pá, é uma relação...

AL: ausente

MTR2: ausente (RISOS)

AL: já vos tirei muito tempo queria só perguntar aqui mais uma coisinha... nos tempos da floresta, quando... ainda no tempo do Salazar... qual é que foi o impacto local? Alguém se lembra ou alguém sabe (RISOS). Pois, é outra geração...

MTR2: não sei se o Ti Manel...

AL: como é que foi aqui o impacto, lembra-se?

MTR1: quer dizer, as pessoas das aldeias eram contra, só que naquele tempo tinham de estar quietinhos...

MTR2: e o pagamento das geiras, não era? Na altura também ...

AL: pagamento das geiras ou eiras?

MTR1: era as geiras ... e eu... fazia umas continhas à mãe, era tudo feito à mão

AL: têm de me dizer o que é que é isso

MTR2: é um pagamento por dia

MTR1: um pagamento por dia, aquilo, sei lá...

AL: ah, para trabalhar na floresta? Ahhhh

MTR1: paguei sete e quinhentos ou dez escudos por dia só, naquele tempo...

AL: então estive a trabalhar para a floresta?

MTR1: eu ainda era um catraio

MTR2: o impacto seria negativo, mas quando começaram a ver o valor, depois eles pagavam para plantar os pinheiros, quando começaram a ver... aí já foi um impacto mais positivo

AL: mas inicialmente houve alguma oposição física?

MTR1: não, naquele tempo não houve oposição, também...

MTR2: também não podiam (RISOS)

AL: não, sei que houve aldeias que bloqueavam um bocado o processo, ou queimavam as plantações ou arrancavam as árvores, enfim, mostravam de alguma forma que não estavam de acordo... aqui não houve isso?

MTR1: o nosso aqui ardeu várias vezes...

MTR2: e depois também foi feita a casa da floresta e havia um guarda-florestal

MTR1: pois porque naquele tempo eles montaram a casa da floresta, estava lá o guarda e o guarda era que inscrevia as pessoas que iam para lá trabalhar e tudo

AL: pois, e multava a malta que...

MTR2: exactamente (RISOS)

MTR1: depois mais tarde quando o gado fugia, não é, fugia... que ia lá pela floresta dentro, havia o guarda, chegava lá...

AL: e acha que na altura as pessoas ficaram, inicialmente quando começaram a fazer a florestação, as pessoas ficaram chateadas ou acharam que até era uma coisa boa ou...

MTR1: não, coisa boa não acharam, coisa boa eles não acharam, que eles depois foram proibidos de andar lá com o gado, não é... naquele tempo, agora aqui nesta aldeia não há cabras nem ovelhas

AL: aí é só gado bovino agora?

MTR1: é agora é só...

AL: e equino não? Cavalos?

MTR2: uuuh

MTR1: ainda há por lá alguns, ainda há... aqui aos havia muitos, agora há menos, mas ainda andam por lá alguns

AL: eles limitam muito os cavalos porquê? Eles dizem sempre "só pode haver 20% de equídeos"...

MTR1: nós aqui só podíamos ter, na nossa área só podiam andar 21 cavalos

AL: mas os cavalos são mais destrutivos? Qual é...

MTR2: porque aquilo também, aquilo chegou a um ponto que era uma epidemia

AL: (RISOS)

MTR2: é! As pessoas recebiam subsídio pelos cavalos e então... compravam, compravam, deitavam-nos para ali

AL: ok, já foi para curar um sintoma...

MTR1: eles andam lá todo o ano. Eles de inverno até... porque aqui em geral de inverno o gado não anda no monte, não é... e eles andam lá todo o ano, chuva, neve, eles andam lá... e até ainda limpam o monte que andam lá a comer e tudo e... mas também eram demais.

MTR2: depois iam aos lameiros também, então assaltavam os...

AL: pois, eles têm essa capacidade, não é... não há ca vedações, eles saltam aquilo não é...

AL: portanto o grande impacto na altura da floresta foi as pessoas não poderem pastar como faziam antes?

MTR1: foi, foi, foi, porque perturbou-os muito e como eu ia a dizer, naquele tempo ainda havia aquela vezeira de cabras e ovelhas não é... e aquilo andava tudo junto que é, toda a gente tinha cabras e ovelhas, mais ou menos, e então por exemplo, eu tinha 10 cabras e ia dois dias com o rebanho, aquele tinha 15 já ia 3 dias, e depois era sempre à roda, e andava sempre tudo junto. Ora bom, quando proibiram aquela área de florestação não é... aí já...

AL: e o que é que vocês fizeram? Venderam animais, foram-se embora da aldeia?

MTR1: sim, diminuiu, diminuiu, houve ali uns anos que ainda diminuiu bastante. Agora... também não há quem guarde, acabou... mas depois diminuíram bastante porque o sítio em que eles andavam com as cabras e com as ovelhas foi o que foi florestado

AL: ai sim? Foi mesmo assim?

MTR1: foi

AL: e houve um impacto grande na aldeia? Houve pessoas que emigraram nessa altura ou ? ficaram por cá na mesma...

MTR1: não, nessa altura ainda... emigraram foi já mais tarde, mais tarde é que emigraram. Naquela altura tiveram de se aguentar... só que diminuíram foi as cabeças...

AL: até hoje não é? Nunca voltaram a aumentar?

MTR1: pois

AL: e a floresta hoje em dia ainda é vista como uma coisa má? Aqui pela malta mais antiga ou ...

MTR1: não, até nem é vista como uma coisa má, só que agora eles destroem-na toda...

AL: eles? O fogo?

MTR1: com o fogo pois... os que chegam fogo

AL: quem chega o fogo é quem? Os pastores para terem erva boa?

MTR2: e para a renovação do pasto

MTR1: sim também

AL: mas depois descontrola-se e lá vai ele por ali acima...

MTR1: há sítios não é, porque aqui a nossa área bota muito disto, bota giesta, silva, feto e portanto aquilo às vezes há áreas de monte que ficam muito sujas, não rompe, então o gado não come. E é por isso que anda a arder o baldio

AL: e antes havia árvores, antes de haver a plantação por parte do Estado já havia alguma floresta aqui ou era tudo matos?

MTR1: não, nunca vi floresta nenhuma

AL: pelo menos não de pinheiros, mas devia haver carvalhos e assim...

MTR1: o carvalhal havia o mesmo que há hoje, o carvalhal... era o mesmo que há hoje... mas pinheiro não e nunca tinha havido pinheiro nenhum nem floresta, nada. Só foi plantada depois...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e então, já que entrámos nesse assunto, a sua opinião relativamente à presença do ICNF na área do parque...

ACm1: o ICNF só está em cogestão com os baldios, porque as populações querem, não tem que estar. Só está porque as AC aceitam, portanto. Se as AC quiserem que eles não estejam, eles não estão... são corridos, vão-se embora, vão para os gabinetes

AL: isso é aquela coisa da cogestão ou autogestão não é? Que as AC podem assumir a autogestão do baldio

ACm1: podem, podem

AL: entretanto saiu, e que entretanto também já foi revogada... isto agora com a mudança de governo estão a iniciar a voltar para trás, uns dizem que ainda bem, outros dizem que ainda mal... mas tinha havido a regulamentação da lei dos baldios, não é, tinha saído um decreto-lei, ou uma portaria, nunca sei muito bem, que regulamentava a lei dos baldios que entretanto acho que foi revogada

ACm1: um decreto-lei faz lei, uma portaria só surge depois de um decreto-lei... uma portaria é ministerial, um decreto-lei tem que sair da assembleia da república (AR)... ou do conselho de ministros e passar pela assembleia para obter o passaporte, o passaporte de lei, que se impõe, e a portaria depois é... com base no decreto-lei, ou na lei que sai da AR, a portaria é fabricada no ministério, normalmente são os secretários de estado que cozinham as portarias

AL: ah, então neste caso deveria ser uma portaria não, se está a regulamentar uma lei que já foi aprovada. Portanto, neste caso a lei dos baldios já foi publicada, e entretanto saiu uma regulamentação da lei que não sei se se chama decreto-lei ou portaria

ACm1: normalmente depois é portaria

AL: e a portaria saiu para regulamentar também essas coisas de como passar a autogestão, e de alguma forma dificultava essa passagem porque impunha o pagamento de x ao estado

de compensação, e depois tinham de pedir n documentos, já não me lembro bem quais... que entretanto foi revogada

ACm1: mas foi revogada agora? Por este governo?

AL: com este governo, sim. Portanto, essa regulamentação. Pronto, e regulamentava essa questão da passagem para a autogestão, e de facto não era tão fácil assim, ou seja... se fosse como eles propunham nessa portaria as coisas não seriam assim tão simples, era preciso ter algum dinheiro para pagar ao estado, era preciso alguma burocracia não fácil

ACm1: pois, possivelmente queriam que lhes pagássemos as sementeiras que fizeram há 100 anos atrás [RISOS]

AL: sim, do género. Teria que haver um inventário de quais os recursos que estão no baldio que são do estado e avaliar-se quanto é que valeriam... ou seja, não é uma coisa assim tão simples e eu acredito que a maior parte dos compartes poderá pensar “epa, deixa lá, dá-se-lhes 40% da madeira, eles fazem... acabam por se calhar descansar...

ACm1: é muito dinheiro, é muito dinheiro, eu nunca levei os compartes, se eu o quisesse fazer tinha conseguido... nunca incentivei os compartes a cessarmos a cogestão com eles, mas no caso de ter havido... no tempo em que eu era presidente do CD dos baldios, se tivesse surgido isso eu tinha-me oposto a que houvesse alteração

AL: para autogestão?

ACm1: sim... não, eu tinha-me oposto àquilo que me está a dizer, que era de deixar de existir a liberdade de opção de cogestão ou não cogestão. Porque aquilo que me disse é que foi uma alteração à legislação anterior em que os compartes é que decidiam se queriam continuar em cogestão ou não

AL: e continuam a poder. Isso não mudou, aliás, nada mudou. Simplesmente agora... agora tornou-se claro, com essa tal portaria, como é que esse processo... ou seja, o que me parece é que o estado chegou à conclusão que tem tido um papel ausente na gestão das florestas, e como está sobrecarregado, e como há uma crise, e como há isto e aquilo, está a dispor esse lugar, mas não sem pedir uma data de dinheiro em troca, não é... ou seja, as AC continuam a ter

ACm1: se não houve alteração de lei, o estado não pode impor nada. O estado... eu ainda no ultimo acto eleitoral que houve, para o CD de Cabana Maior, foi-me pedido para especificarmos bem no ultimo ponto se queríamos continuar em cogestão ou não

AL: mas isso continua a ser igual, simplesmente agora está mais claro, não sei se por haver mais baldios a pedir a autogestão, sei que actualmente está clarificada a forma, que não estaria clara antes, como essa passagem é feita, quais são os pré-requisitos

ACm1: não há pré-requisitos, é decidir, não queremos cogestão e acabou

AL: sim, mas tem de compensar o estado de alguma forma

ACm1: não tem nada, a única coisa que poderia ter de se entrar em acordo era sobre os edifícios implantados nos terrenos baldios

AL: sim, tem a ver com as casas florestais, tem a ver com as florestações, tem a ver com os postos de vigia

ACm1: tinha a ver com edifícios. Nós tivemos um problema... eu levei um processo... conheceu o parque de campismo que temos lá em cima em Cabana Maior? Não foi a Travanca?

AL: sim, estive lá a dormir

ACm1: ok, aquele parque de campismo foi construído violentamente pelo parque. A casa foi construída na altura da florestação, nos anos 50. Agora, quando a direcção do PN decidiu construir aquele parque de campismo, ou transformar aquilo num parque de campismo, argumentava que aquilo era terreno do estado. E eu levei-os até à Direcção Geral de Património do Estado para lhes provar que o terreno não é do estado, o terreno é baldio. O próprio terreno onde estão construídos os edifícios... os edifícios foram construídos pelo estado, mas foram construídos em terreno baldio, que nunca perdeu o estatuto de baldio

AL: aquele baldio é de Cabana Maior ali?

ACm1: sim é

AL: ah, pensava que era do Soajo...

ACm1: disseram-lhe que era do Soajo?

AL: não, não me disseram, eu é que achei

ACm1: e porque é que achou?

AL: porque está perto do Soajo e Cabana Maior dá-me ideia que é lá em baixo, já aqui perto de Arcos de Valdevez

ACm1: [RISOS] o Mezio é Cabana Maior

AL: mas Cabana Maior é o nome de uma freguesia só ou também o nome de uma aldeia?

ACm1: Cabana Maior é o nome da freguesia. De uma freguesia que tem 6 aldeias

AL: quais são as aldeias?

ACm1: Igreja, Portela, [*? Não se entende*] Bustelinhos [*? Não se entende*] o Soajo está ainda a cerca de 10 km do início da freguesia de Cabana Maior. O Soajo é, a partir do momento em que começamos a descer para o Soajo... é Soajo

AL: então mas estava a contar, desculpe, quando é que eles fizeram lá o parque de campismo?

ACm1: foi nos anos 80 e... 90, por aí. E eu fui obrigado a enviar o processo para a direcção geral do património do estado para clarificar a...

AL: e depois o que é que aconteceu? Eles fizeram na mesma o parque e

ACm1: aconteceu que a DGPE emitiu o parecer dizendo que o estado não era o proprietário do terreno baldio

AL: e agora o estado paga uma

ACm1: não, não paga, nunca os obrigámos a pagar nada, nós quisemos foi clarificar a situação

AL: eles não pagam uma renda aos compartes?

ACm1: não

AL: nem vocês recebem nada da presença dos turistas lá?

ACm1: também não. Não porque aquilo não dá para pagar os salários ao pessoal. Chegou-se à conclusão que não era justo... ou tinha que o parque deixar de funcionar, ou tínhamos que deixar o parque funcionar e ter a possibilidade de conseguir um posto de trabalho ou dois, temporário, para alguém da freguesia. Era dada prioridade para pessoal de freguesia para os postos de trabalho que ali funcionassem enquanto estivesse aberto

AL: está aberto agora, no inverno?

ACm1: não

AL: pois, quando eu lá estive eles iam fechar em setembro, é verdade

ACm1: pode ocasionalmente acontecer que se há um volume de turistas, ou de escolas, ou de estudantes, que queiram alugar aquilo à semana, já chegou a acontecer, recrutam pessoal e

AL: pois. Então onde está o café do Mezio também é do baldio de Cabana Maior?

ACm1: não

AL: é do Soajo?

ACm1: o limite do viveiro, o muro do viveiro, a vedação que limita o espaço... onde está o café já é do Soajo, porque ali é a limitação entre as duas freguesias. A delimitação fica no alinhamento do muro, mais para norte, vai apanhar o ângulo direito da casa, da casa do guarda [? Não se entende] que agora foi adaptada para venda dos produtos locais, etc.

AL. Então está dentro da vedação da porta do parque

ACm1: e está dentro do terreno de Cabana Maior. Mas há um ângulo da casa que é o limite entre as duas freguesias, o ângulo direito da casa, quando olhamos de sul para norte, é a delimitação entre as duas freguesias, e o café fica mais para a direita, já é do Soajo

AL: na altura da florestação houve um grande impacto ali naquela zona? Se houve muita reacção por parte da população

ACm1: reacção não, reacção houve... não houve reacção porque não valia a pena, nem era possível reagir, quer dizer, como é que se ia reagir face às imposições do estado novo? Não havia hipótese

AL: houve quem queimasse, houve quem cortasse

ACm1: não, na nossa zona nunca aconteceu isso, nunca aconteceu reacções desse género. As populações foram muito muito castigadas com a florestação porque tinham... havia muitos animais, havia muitas cabras, muitas ovelhas, muito gado. E as pessoas ficaram limitadas... ficaram muito limitadas no espaço. Os baldios perderam bem uns 80% dos baldios na altura. Então as pessoas tinham que andar muito cuidadosamente a vigiar os animais, porque se os animais entrassem na área florestada pagavam uma multa enorme, multas pesadas

AL: e houve algumas consequências nas aldeias, houve muita emigração que derivou daí, houve pessoas que venderam os animais e que se dedicaram a outras coisas

ACm1: emigração sim, emigração houve a partir dos anos 60 houve muita emigração. Mas penso que não teve a ver propriamente com a florestação. Mas é verdade que havia famílias que tinham centenas de cabeças de caprinos e de ovinos que tiveram de vender muitas. Ficaram muito limitados na área do baldio que podiam utilizar não é... não era possível. Esses perderam muito com a florestação

AL: e depois na altura do 25 de abril, se cria a lei dos baldios e se devolve os baldios às populações, houve adesão... ou seja as pessoas reconheceram que isso era importante para si ou as coisas já tinham mudado de tal forma que já não lhe reconheciam valor?

ACm1: oh, isso foi como alguém que está na prisão e de um momento para o outro fica em liberdade, claro que sim

AL: porque eu às vezes leio em... pronto, isso depois dependerá de baldio para baldio e de aldeia para aldeia, mas às vezes leio em literatura sobre a história dos baldios e sobre a florestação, que quando os baldios foram retornados às populações já essas populações estavam diferentes, tinha havido emigração, tinha havido uma adaptação à presença da floresta, e que o baldio e as comunidades já não tinham a mesma ligação, sei lá, também tinham chegado os fertilizantes artificiais

ACm1: não, na nossa zona a ligação manteve-se sempre, eu posso-lhe confidenciar que eu na minha infância, fora dos períodos de escola e aos fins-de-semana, o que é que eu fazia? Levava as vacas dos meus pais, e uma égua que tinham, e à noite levávamo-los a pastar dentro da floresta. Elas não comiam as árvores, os animais não comiam as árvores. As vacas e os caprinos não comiam os pinheiros de sementeira

AL: não? As cabras?

ACm1: os caprinos sim. Os caprinos e os ovinos é que comiam, as vacas e as éguas não. Então eu e outros rapazes levávamos ao fim do dia os animais para o interior, onde sabíamos que havia pasto bom, de noite, levávamos animais a pastar e depois retirávamos, depois para a branda

AL: sem medos?

ACm1: não, não havia medo, não havia medo porque de noite não havia rondistas, portanto o rondista só andava de dia

AL: a serio? Devia era andar de noite

ACm1: não, mas isso era um acto normal, não é, levar os animais a pastar, a comer as ervas, sabendo que eles não estragavam as árvores... isso é aquilo que se chama uma gestão correcta, porque os animais só iam comer erva, não iam comer árvores. Então se nós temos a certeza que os animais não comem árvores porque é que nós impedimos a entrada dos animais. E era o que acontecia... durante dezenas de anos foi proibido

AL: e aquilo não estava vedado?

ACm1: aquilo não estava vedado claro. A única hipótese que nós tínhamos para levar os animais a pastar dentro era essa. Por vezes durante o dia também acontecia, os animais entravam, mas o vigilante andava lá, estava do outro lado da encosta e tocava a corneta, e vai a guarda, vai alguém, para fazer multa e tal. Enfim, foi horrível. E depois não perdoavam nada. As pessoas às vezes tinham de vender um vitelo para pagar uma multa

AL: e não houve episódios de violência, de repressão...?

ACm1: não, não houve porque as pessoas não podiam ir por essa via, porque não... ficava-lhes sempre muito mais caro se reagissem dessa forma. Só se queimassem os guardas todos que havia ali, de outra forma não havia hipótese

AL: mas mesmo da parte do estado não houve esse recurso à violência nem nada

ACm1: não, não, o estado... a violência que havia era a imposição de multas e quem não pagasse ia para tribunal... foi horrível, foi horrível.

AL: você tinha que idade?

ACm1: eu tinha 8, 9, 10 anos. Aos 11 fui para Lisboa, já não estava aqui

AL: foi o quê, anos 50 que eles entraram aqui

ACm1: foi, foi, quer dizer, a florestação começou em 45, 46 para aí

AL: aqui nesta zona

ACm1: é... e depois eu, quando me recordo que andava com os animais era pela época de 58, 59, 60... não, 60, 63, que eu ocupava com os animais dos meus pais, eu tinha na altura 7 ou 8 anos. Com essa idade já íamos com os animais...

AL: isto, agora mudando completamente de assunto. Eu quero voltar à questão dos sapadores, mesmo relacionando com as ITI, mas agora só para terminar essa questão das instituições, com o ICNF já percebi que não há grande acordo... é? Em termos de *modus operandi*...

ACm1: com o instituto de conservação da natureza?

AL: e com o parque, no fundo não é...

ACm1: pois, nós vemos o ICNF através dos seus representantes mais próximos de nós que são os funcionários do parque não é. Parque que agora já não é parque. Agora eles também lhe alteraram o nome, inicialmente era o Parque Nacional da Peneda-Gerês, mas depois alteraram a designação do organismo gestor, sabe disso não é?

AL: sim, para a divisão das florestas do norte ou

ACm1: isso, é... a nossa relação, para mim tanto como presidente de junta como presidente do CD, foi sempre muito boa com os representantes locais destas instituições. O conflito... o único conflito que surgiu foi quando o director do PNPG violentamente decidiu, quis impor a construção do parque de campismo, com a base de que o estado tinha adquirido o direito ao terreno baldio por o ter usado para o viveiro, para a construção do edifício, etc. foi o único conflito que tivemos com eles foi esse, houve sempre um bom relacionamento, relacionamento de respeito, normal. Agora nessa altura com o director do parque, era o Tito Costa, nunca ouviu falar pois não?

AL: já, já... já ouvi falar e foi também através de um conflito qualquer

ACm1: foi o director mais... como dizer, mais... eu ia dizer mais anormal, mas [RISOS] anormal porque não respeitava as populações não é, não respeitava os organismos representativos, não respeitava nada, quer dizer, isto é do estado, isto é nosso... e depois ficou mal visto. Ficou mal visto porque encontrou pela frente alguém que não parou, e provei-lhe que ele não tinha razão

AL: pois... e acha que houve... ou seja, ao longo do tempo até aos dias de hoje o ICNF tem vindo a... sei lá, a estar mais de acordo com as populações ou pelo contrário cada vez mais longe, houve momento melhores, houve momentos piores, em termos de relação com as comunidades locais

ACm1: em termos de responsáveis altamente colocados, não houve melhora. Em termos de representantes locais sempre houve bom relacionamento. Temos actualmente a engenheira MC Oliveira que é a responsável por esta zona, sempre houve uma excelente relação com ela, sempre houve uma excelente relação com o marido dela, que era o engenheiro Oliveira que já não está no activo, com o sogro dela que na época da florestação era muito querido das populações, o engenheiro Oliveira, etc., etc.

AL: ainda está vivo? O engenheiro oliveira

ACm1: o marido dela? Sim

AL: ai não era sogro?

ACm1: o sogro já faleceu. Mas o sogro era o responsável na época da florestação, nos anos 40, 50

AL: mas ainda assim era querido

ACm1: ai, era muito querido das populações

AL: pois, houve todo o tipo de casos não foi, houve casos em que

ACm1: se perguntar em qualquer aldeia às pessoas idosas se se lembram do engenheiro oliveira vão-lhe dizer “era uma bondade de pessoa”... era um ser humano 100%, sei lá, carinhoso, amigo das pessoas

AL: e esta engenheira MC está onde?

ACm1: ela é a responsável... ela está em Braga, ela é que é a responsável máxima pela gestão

AL: conhece o CP

ACm1: ah, também, também, o engenheiro CP é excelente, tenho uma relação muitíssimo boa com ele

AL: pois, eu já falei com o engenheiro CP em Braga, não falei com a MC

ACm1: mas tanto um como o outro são pessoas 100%, tanto como seres humanos, como profissionais, excelentes

AL: mas o CP também actua aqui nesta zona?

ACm1: sim, sim

AL: a engenheira MC foi sempre, além de uma técnica... de uma engenheira digna do cargo que lhe foi confiado, é um ser humano extraordinário, muita dedicação, muito respeito, muita delicadeza, são pessoas do melhor que se podia encontrar

AL: ainda bem para o ICNF também

ACm1: exacto, foi sempre um relacionamento excelente, ainda hoje, ainda há dias a encontrei aqui por acaso... também estive lá 30 anos não é

AL: e também deve conhecer a Sandra não? Da Atlântica

ACm1: ah, sim, também. Ah, a engenheira Sandra também, uma amiga... tornou-se uma amiga

AL: ela é muito disponível, tem-me ajudado também bastante... e agora por falar em CP e tal, agora lembrei-me da questão das ITI, que não queria deixar de abordar... das ITI e não só, e da gestão no geral do baldio

ACm1: eu quando falo da engenheira MC, o engenheiro CP, pronto, não veio à conversa mas também temos sempre uma relação muitíssimo boa. Aliás eu via mais o engenheiro CP do que a engenheira MC, o engenheiro CP andava mais por aqui. Era ele que vinha sempre quando era das ITI, era ele que fazia sempre os projectos, as reuniões. Com a engenheira MC foi sempre uma relação muito boa

AL: pois... mas será que se houvesse... agora estou só aqui a pensar, esta questão de não taxarem isto e aquilo, em termos usos do baldio, será que se fosse por aí, aproveitar o tipo de actividades que já são feitas não é, mas que são feitas de uma forma livre, tipo o turismo, a caça, etc., isso de alguma forma poderia contribuir para a fixação de jovens...

ACm1: eu penso que sim, que poderia contribuir para a criação de alguns postos de trabalho, penso que sim

AL: mas nunca houve essa vontade ou

ACm1: não, nunca se... nunca se pensou concretamente nisso, nunca se decidiu tentar avançar. Pensar... quer dizer, pensar eu pensei, cheguei a falar várias vezes, até falei com mais do que um director do parque, eles concordavam também, mas é evidente que a gestão dependia dos CD, não dependia tanto do parque... o parque só... a cogestão só existia, hoje, não estou a ver agora se houve alteração ou não houve, mas enquanto eu sei que não havia direito... ou melhor, a lei não dava ao ICNF, ou ao estado, qualquer direito de decisão sobre estar em cogestão ou não estar... a cogestão dependia da nossa vontade. E perdemos muito dinheiro com isso. Em 2005/2006 nós perdemos... venderam-se mais de 300 000 Euros de madeiras, nós perdemos aí qualquer coisa como cento e tal mil Euros para o Estado...

AL: pois... é os 40%

ACm1: é os 40%, exactamente, podíamos não ter perdido, esse dinheiro dava-nos um jeitão muito grande, mas nunca tomámos a iniciativa de

AL: porque o Estado, isto é, o ICNF, não está a ter nenhum papel na florestação, na gestão da floresta

ACm1: não, nunca teve, desde a florestação nunca mais teve, nunca mais participou absolutamente com nada. Agora o considerarem-se no direito de tirar o benefício porque plantaram e não sei quantos, não sei seria bem assim, porque cada vez que havia um acto eleitoral eles pediam sempre para nós deliberarmos se queríamos continuar em cogestão. Portanto não estavam com direito assegurado de poderem retirar um benefício, e só estavam ali porque nós queríamos

Cabreiro: AC1

AL: Está bem, então vocês não têm floresta

AC1: nós temos aquela floresta que nasce espontaneamente e agora temos já bosques de floresta bem bons, bem bonitos ate porque temos uma brigada de sapadores a trabalhar e temos o cuidado de manter aquilo limpo, fazer aqueles cortes para não arder, e temos uma zona de floresta mais ou menos bonita, mas não temos nada de...

AL: e é floresta de quê?

AC1: o que nós temos mais é pinheiro, algum carvalho, vidoeiro e camecípare, é basicamente isso que temos

AL: esse Último?

AC1: camecípare. Não é esse o nome correcto mas há um outro nome que

AL: e o que é que têm em mais quantidade, é o pinheiro não é?

AC1: é, é o pinheiro, em mais quantidade é o pinheiro bravo é

AL: e aquilo ainda sobra daquelas plantações que houve no Estado Novo?

AC1: sim, sim, ainda sobra algumas coisas, aliás foi isso que gerou para lá as sementes e vai ficando

AL: ah, ok, mas nunca houve uma gestão dos povoamentos, uma exploração...

AC1: não, não, nunca

AL: nunca venderam madeira...

AC1: não, já vendemos madeira, no meu tempo, agora, desde que eu estou a gerir, vendi madeira este ano, no anterior que era a Junta que estava a gerir, sim eles chegaram a vender madeira, posso precisar

AL: ah, antes era a Junta

AC1: era, a Junta

AL: e depois é que formaram o CD

AC1: uuh, a assembleia de compartes

AL: a assembleia de compartes ok. Mas a assembleia de compartes tem um CD ou não?

AC1: sim, sim

AL: ok, mas vocês estão inscritos como assembleia é isso?

AC1: estamos inscritos como assembleia de compartes.

AL: Isso é porquê? Tenho visto aqui alguns casos desses... eu achava que seriam todos CD, mas já vi que na inscrição, do quê? Deve ser das finanças

AC1: das finanças, da segurança social, estamos inscritos como assembleia de compartes

AL: é indiferente?

AC1: eu acho que sim, eu acho que as categorias, as coisas são todas as mesmas portanto não há aí grandes diferenças

AL: está bem, e estão em cogestão com o Estado?

AC1: estamos em cogestão com o Estado em algumas zonas, temos muito poucas zonas onde não temos cogestão

AL: ah... mas basicamente a gestão do vosso baldio é feita com a cooperação do Estado ou seja, porque há duas modalidades, há uma que é cogestão e outra que é autogestão, ou seja, os compartes gerem o seu baldio sozinhos sem qualquer participação do Estado

AC1: sim, sim, sim. em termos de madeira é que estamos em cogestão com o Estado, o resto é tudo gerido à nossa maneira respeitando os usos e costumes sempre

AL: ok, ok. Portanto a parte da madeira ainda é com o Estado

AC1: é, é com o Estado, o resto é nós é que fazemos a gestão do baldio conforme respeitamos os usos e costumes

AL: e como é que é essa relação com o Estado na gestão das florestas?

AC1: opa, não tem sido má, eu só não sou lá muito apologista de eles ficarem com 40% quando eles não fazem nada pelo nosso baldio e somos nós que estamos a fazer, mas prontos, se é a lei temos de cumprir

AL: eles não fazem nada é? Era aí que eu queria chegar precisamente

AC1: não, não

AL: não há uma acção frequente... acompanhada

AC1: não, não, não. Nada disso

AL: pois... nem na floresta?

AC1: não, quando queremos vender a floresta vem dali um funcionário deles para medir os pinheiros e para se por... é a única coisa que eles nos fazem é para pôr a concurso público para se poder vender, isso é o trabalho que eles fazem, mais nada

AL: não incentivam a plantação, não fazem qualquer espécie de... sei lá, estou eu a imaginar, *workshops* ou... outras iniciativas destas

AC1: não, não, nesta zona e também não tenho conhecimento que o tenham feito em algum sítio, pelo menos no meu não fazem

AL: sim, sim, sim, portanto não há qualquer tipo de acompanhamento ou de cogestão, no fundo, não é, do baldio...

AC1: é, é mesmo isso... não.

AL: então e vocês nunca consideraram ir para a autogestão, ou seja seguir a outra modalidade, porque vocês estão na modalidade b), segundo a lei não é... é a modalidade b) que é a modalidade de cogestão, nunca vos passou...

AC1: não. Nunca nos passou pela cabeça fazer isso

AL: ok

AC1: até porque também não temos tido grandes problemas e as coisas têm sempre funcionado respeitando sempre... nisto não se pode melindrar os compartes e portanto eles gostam da forma como está a ser gerido e é assim que temos de prevalecer não é...

Gavieira: AGav1

AL: e já tinham contabilidade há 8 anos atrás ou

AGav1: não, fazíamos nós aqui, mas depois, pronto, isto depois ultrapassa, isto tem valores... não, depois optámos por ter contabilidade organizada. Nós temos aqui 5 homens, que trabalham num carro todos os dias, num *jeep*, há muita despesa, há gasóleo, há gasolinas para nós, há máquinas, há manutenção de máquinas, isto requer muita manutenção, muito dinheiro. Muito dinheiro, o dinheiro não é muito mas prontos

AL: sim, mas envolve muito dinheiro sim

AGav1: mas envolve muito dinheiro de qualquer maneira. Depois temos de andar aqui a jogar, porque eles dão 35000 Euros por ano

AL: sim, para a manutenção da equipa não é?

AGav1: sim, e temos aqui um protocolo com a Câmara que eu consegui, eu e todos os meus colegas que estão nos baldios, para manutenção das bermas da estrada, limpezas, 25000 Euros por ano

AL: que também dão?

AGav1: que dão. De maneira que... nós temos 5 homens, quer dizer o dinheiro quase não chega. Não chega mesmo, nós temos de fazer ginástica... pode chegar nuns meses que sim, mas às vezes não chega, e pronto, vamo-nos organizando assim, a sorte é o protocolo com a Câmara, pode sobreviver

AGav1: e depois temos a representante também da câmara que está ligada à protecção civil, que também é uma engenheira, chamada Xana, não sei se conheces

AL: não... a Câmara Municipal de Arcos não é?

AGav1: Arcos. São pessoas com quem eu praticamente falo todos os dias durante o ano, todos os dias, quase todos os dias

AL: ela é que maneja a equipa de sapadores, não?

AGav1: não, a equipa de sapadores sou eu que dirijo. Eles propõem o que querem fazer, eu depois também, ou concordo ou não concordo não é? No outro dia chegou-me aqui a Maria do Carmo “vamos fazer tantos hectares” “não engenheira...” chega a altura de verão temos de preparar a vigilância, faz-se igual 8 horas de serviço mas não se está sempre a trabalhar, estão de vigilância, vão lá para cima têm de estar de vigília, à noite ou de dia, não interessa, fazem 8 horas mas não estão no terreno, apenas estão à espera que as coisas aconteçam

AL: isso durante esses meses todos é assim? Nunca fazem outros trabalhos?

AGav1: são 3 meses

AL: assim sempre de vigilância?

AGav1: são 3 meses que estão sempre de vigilância

AL: não depende do alerta amarelo ou cor-de-laranja ou assim?

AGav1: na altura crítica praticamente sempre, também há dias bons em setembro que também pode acontecer, mas agora já acabou a vigilância mas se continua assim de calor pode acontecer

AL: mas portanto, eles estão de vigilância mesmo que seja um dia de chuva? Não...

AGav1: não, num dia de chuva não

AL: mesmo naqueles meses do verão...

AGav1: fora isso os 3 meses de verão estão de vigilância, temos de cumprir os outros trabalhos. Estes hectares não fazemos, em vez de fazermos 20 fazemos 10, os 35000 vêm igual mas vamos reduzir um bocadinho nesses hectares e vamos jogando assim, a compor as coisas, e as coisas correm sempre bem, se calhar não fazemos 40 fazemos 30, mas no próximo ano vamos fazer 42 e conciliando sempre aquilo que eles querem, e conseguimos sempre fazer aquilo que eles pretendem estás a perceber? Agora isto tem de ser muito bem gerido

AL: nunca sobra dinheiro das ITI para investir noutras coisas? Tipo... não sei em quê mas...

AGav1: não... nem se deve fazer outras coisas, este dinheiro é só para limpezas, isto é só para limpezas e mesmo assim não chega, mas eu não posso meter este dinheiro no, para fazer um caminho, é para aquilo que é, é dinheiro que é destinado para este tipo de trabalho e não se deve misturar as coisas, percebes? Eu não misturo, nunca misturei, nunca misturei... este dinheiro é gasto para aquilo que é, que é limpezas de trilhos e limpezas de matos, é por isso que ele vem

AL: claro... vocês contratam uma empresa para fazer a limpeza?

AGav1: há uma empresa que vem, que dizer, os engenheiros informam-nos, vêm ter connosco aqui, chegamos a um acordo ao hectare.

AGav1: Pronto, e isto é assim, mas é assim, isto se não fosse as ITI e o protocolo que temos com a Câmara não havia hipótese... eles iniciaram as equipas, formaram as equipas, mas não viram a maneira como é que iam aguentar isto na altura, inicialmente quando eu vim para aqui a Junta acho que chegou aí a meter dinheiro mas depois disseram na assembleia que não concordavam

AL: a assembleia de freguesia...

AGav1: pronto, porque isto quando vim para aqui o presidente do CD era um rapaz que [*Não se entende*]. E eu na altura quando vim para aqui para presidente de junta, os baldios estavam separados, e hoje estão separados igual apenas eu faço parte das duas coisas, simplesmente sou presidente do CD mas cada macaco no seu galho, e na altura chegou a um ponto que o dinheiro findou

AL: o dinheiro de

AGav1: o dinheiro para os sapadores, o dinheiro dos baldios, esses 35000 Euros. Que na altura tinham esses 35000 Euros e o ICNF dava 8000, fazia 43000 não era. Só que esses 8000 Euros o parque deixou de os dar, não sei qual foi a razão, deixou de os dar, ficaram só os 35000, prontos, o rapaz chegou a meio do ano e o dinheiro não chegava para a equipa. Pronto, e dirigiu-se à Junta, mandamos para a assembleia, se a assembleia concordar empresta-se o dinheiro, que na altura a gente ainda tinha dinheiro, hoje não tem, hoje é ao contrário. E pronto, fomos à assembleia e a assembleia concordou e depois devia repor novamente o dinheiro à Junta. Ele ficou um bocado atrapalhado, chegou a uma altura que ele chegou a por dinheiro do dele, isso é um risco, por dinheiro da pessoa nas entidades, e depois? Depois quando terminar o mandato quem é que quer saber do dinheiro que ele pôs? Se o puseste é porque o tinhas, senão não punhas, quem é que te mandou? Pronto, mas na altura ele estava à frente, eramos amigos, passamos à assembleia, a assembleia concordou, a partir daí, depois começou a haver estes projectos das ITI e acresceu também o protocolo da câmara, pronto, e as coisas conseguimos governar sem andar a bater à porta, senão não havia hipótese, se tivesse que andar a bater à porta abandonava, era assim “chega? Se não chega acabou!”. Mas tem pronto, tem-se orientado e tem chegado pronto, chegamos sempre ao fim do ano com dinheiro na conta para alguma coisa que acontecer não é? Não temos problemas

AL: e o guarda... isso agora até me faz lembrar outra coisa, qual é que é a relação, ou qual é que é a presença, ou a actividade, do ICNF aqui no baldio da Gavieira?

AGav1: eles são vigilantes da natureza não é... neste caso têm de proibir cortes de árvores, lixo, deitado aqui a qualquer canto

AL: mesmo no baldio?

AGav1: no perímetro do baldio, no privado eles não são quem mandam, podem chamar a pessoa à atenção mas estou a falar em baldio. Eles têm de se ocupar do abate de árvores que é o ponto número 1, lixo deitado aí, e fazem também então os pagamentos aos animais que são abatidos pelo lobo, que isso é o mais trabalho que eles têm até

AL: e quando fazem um corte... desculpe interromper, mas só para clarificar esta questão, vocês aqui estão em cogestão com o Estado na gestão do baldio ou estão em autogestão? Ou seja, têm de dar 40% dos cortes florestais ao Estado?

AGav1: é, 60/40... 40% é para o ICNF e os 60% é para os baldios

AL: sim, então estão em cogestão com eles

AGav1: em cogestão com eles. Estou a falar de pinheiros, não é?

AL: sim, sim

AGav1: carvalho não é possível cortar, é só o pinheiro. Só que o trabalho neste caso dos guardas florestais é este, protecção das árvores, limpezas por exemplo, o lixo, isto aqui é uma coisa que é

AL: lixo mesmo?

AGav1: não, estou a basear-me mais no entulho das [*? Não se entende*]

AL: no entulho...?

AGav1: por exemplo, tens uma coisa em casa para atirar ao lixo [*? Não se entende*] pronto, esse é um trabalho que eles têm também

AL: ah, fiscalizam esse tipo de coisas

AGav1: só que nós também temos aqui um problema, nós não temos aqui um local onde se possa deixar o entulho

AL: têm ou não? Não...

AGav1: não temos. Nem conseguimos [*? Não se entende*] ainda estava à procura de locais há uns anos pelo concelho e em São Bento do Campo toda a gente descarga lá, toda a gente descarga lá o entulho, e aquilo [*? Não se entende*] o parque não decide o local onde se possa deitar e depois vir recolher, estamos mal, está aí uma pedra no sapato muito má de tirar, aqui uma parte também os vigilantes também controlam, os vigilantes da natureza, os guardas florestais

AL: sim. Vocês nunca fizeram, pelo menos desde que o senhor está no CD; um corte em que tivessem de fazer essa repartição das despesas.... Das receitas! 60/40...? Ou seja, nunca tiveram de fazer um corte florestal em que o ICNF participasse ou...

AGav1: já fizemos. Uma coisa que foi feita foi aquele local a seguir aqui às Rouças, desde que eu estou à frente do CD dos baldios, foi o corte que fizemos, deu acho que 3000 Euros, acho que foi na altura

AL: e qual foi o papel do ICNF aí? Teve algum papel?

AGav1: foi explicar, ajudaram a marcar, pronto, e depois eu fiz-lhes o pedido, foi aceite, inclusive aqui o guarda vigilante foi com a equipa de sapadores que trabalha comigo com uma suta, não é? E foram marcar, e pronto, e chamou-se ali um empreiteiro e foi a única...

AL: mas não investem, não investem, não têm um papel activo na floresta, vá...?

AGav1: não. O parque estava em conjunto com os baldios, quando os baldios precisam do parque consultam-nos, e eles consultam-nos quando nós também os consultamos, quer-se

dizer, trabalhamos em conjunto... nem eles passam sem a ajuda dos baldios, nem a gente passava sem o ICNF

AL: ok

AGav1: aqui nada é feito sem chamadas de atenção e colaborar e decidirmos o que vamos fazer

AL: mas acha que é uma entidade presente e colaborativa ou acha que está um bocado ausente?

AGav1: sim, sim, depende, pronto, há coisas em que eles tinham de estar mais presentes

AL: por exemplo? Em que situações deviam estar mais presentes?

AGav1: por exemplo no abate de árvores, é uma das coisas em que eles deviam estar mais presentes

AL: aonde, aonde?

AGav1: no abate das árvores, e no lixo. Pronto, mas nós estamos aqui numa zona em só existem dois guardas, eles não estão em todo o lado

AGav1: em termos de fiscalização...

AGav1: eles não estão em todo o lado. Porque repara, se lhes calha... daqui ao cimo da serra sei lá quantos kms são, a pessoa que deita o lixo ele nunca sabe onde é que ele está, quem foi? Ninguém vai saber quem foi? O guarda vê o entulho, mas quem foi? Ele não estava ali, não conseguiu ver, e ninguém diz nada, é que ninguém diz nada. Pronto, e por isso é que digo, em algumas situações eles deviam estar mais presentes, mas também não são suficientes não é? Aqui nesta zona temos dois guardas, um que é o meu vizinho, e outro que mora em Castro Laboreiro. Isto também é muito grande ... castro laboreiro, a Gavieira, o Soajo, isto é uma zona muito grande, a zona do Parque Nacional aqui é muito grande, e eu só conheço estes dois guardas aqui a trabalhar, os homens não têm mãos a medir, por muito que eles se esforcem e queiram fazer não têm hipótese. Eles ou estão num lado ou estão no outro [*? Não se entende*] devia estar mais presente mas também tinha que haver mais gente.

AL: sim, a culpa não é dos guardas

AGav1: não tenho queixa, trabalhamos em conjunto, nem eles fazem nada sem me consultar a mim, eles chegam aqui "vamos fazer isto" "não!", mesmo para fazer este tipo de mosaicos e isso tudo eles consultam-me, vêm ter comigo e antes de fazer o mapa para o ano, o mapa de trabalho, eles vêm ter comigo

AL: isso é na questão das limpezas das ITI

AGav1: nas limpezas, não, mas não é das ITI, das ITI também

AL: ah, da questão dos sapadores

AGav1: isto é na questão dos sapadores, a equipa de sapadores é gerida por mim mas temos sempre o apoio do ICNF, temos sempre o apoio do parque

AL: na gestão do trabalho da equipa...

AGav1: mas é assim, nem eles fazem nada sem que consultarem a mim, eu até faço sem os consultar a eles, por exemplo, se eu tiver de limpar aí um caminho vou chamar o rapaz para limpar o caminho, mas agora por exemplo no caso da roça de mato eu digo-lhe a eles "olhe...", e eles dizem logo "são x hectares", e eu depois digo "é melhor aqui, é melhor aqui...", eu estou na freguesia, e é a freguesia quem precisa do trabalho, essa parte eles aí respeitam e tinham que respeitar não é, essa parte aí eles respeitam... e pronto, depois coisas que vejo que tenho que... também respeito obviamente, respeito a eles também não é

AL: mas e esses 40% que eles recebem em cada corte, considera que isso é normal, acha justo ou acha que...

AGav1: eu justo não acho, mas na altura foi implementado por alguém não é... prontos, à freguesia ninguém quer dar dinheiro, ainda para mais é pouco, mas pronto, está assim. Isto também não é nenhuma fortuna, repara, faço um corte é 10 ou 15 mil Euros, que nunca chega a... prontos, o que é isso?

AL: claro... portanto esta floresta ainda foi posta pelo Estado na altura da florestação

AGav1: eu tenho 50 anos e isto

AL: já lá estava

AGav1: já lá estava

AL: pois... tem uma ideia de como é que foi a entrada da floresta aqui? Se foi muito conflituosa

AGav1: não posso dizer

AL: o seu pai ou a sua mãe, não têm muitas histórias

AGav1: por acaso, na altura, repara, o primeiro mês que começou a ganhar, que começou a fazer dinheiro, foi na floresta

AL: o primeiro quê desculpe?

AGav1: os primeiros salários... quando veio para aqui a floresta, a plantação, as pessoas aqui viviam do campo, ninguém tinha dinheiro, a gente... os primeiros salários que vieram para a freguesia foi... a gente ficou contente, foi ideia linda, só que atrás veio o mau, depois os animais não podiam andar na floresta, quer dizer, receber davam salário, mas a seguir pagavam as coimas dos animais irem para a floresta, quer dizer, depois estavam arrependidos talvez... veio a plantação... sim senhora, lá davam 1 escudo ou dois, ou que era naquela altura, mas havia um dinheirinho, para se quisessem comprar um quilo de açúcar, estás a perceber? Foi bem-vindo, mas depois da plantação veio... atrás veio o mau

tempo, como se costuma dizer, porque depois os animais não podiam andar na floresta. Tinham que guardar os animais e toda a área florestada tinha um guarda, nestas casas, esta casa era uma casa florestal, estas casas eram onde é que viviam os guardas, depois tinham muitos filhos... faziam para aí filhos que era uma coisa, porque eles [*Não se entende*] o que estava aqui tinha para aí dez filhos, fez muitos filhos, mas não lhe escapava nada, as vacas andavam aí TAC

AL: ah, exacto, os filhos ajudavam na vigia

AGav1: e tinham um lá e tinham depois um fora que era o rondante, que o meu falecido avô fez parte

AL: quem é que fez parte?

AGav1: o meu avô. Aquele meu avô fez de tudo também, foi rondante, presidente de Junta, também fez tudo

AL: (RISOS) é genético...

AGav1: ora bem, primeiro foi agradável, começou a vir um dinheirinho, sabes que isto nos anos, talvez nos anos 50, que foi plantado... ou 40 e tais, 44, a minha mãe é de 44 e andou já aí a trabalhar, foi aí... nos anos 50 pronto

AL: sim, aquilo foi desde 1938 até 1968

AGav1: nessa altura o dinheiro era uma coisa rara, na altura quem tivesse um conto de reis tinha muito dinheiro

AL: e depois quando se aperceberam que a coisa tinha outro lado, como é que foi?

AGav1: depois virou-se o feitiço contra o feiticeiro e depois da plantação surgem estas casas, na altura da plantação foram construindo estas casas, onde puseram os guardas e estavam sempre no centro e viam tudo, os guardas viam tudo o que passava por aqui, e depois o guarda tinha um acompanhante para andar aí com uma corneta no monte, estás a perceber? Ora, para as pessoas que tinham os animais, nem podiam cortar mato na floresta nessa altura, mesmo para cortar o mato, sabes que recolhiam o mato para o estrume, nem podiam cortar onde é que eles queriam, depois as coisas complicaram-se [*Não se entende*] anos de privação, depois também se viram atrapalhados, atrás do bem veio o mal a seguir, percebes?

AL: e houve alguma revolta ou foram calando?

AGav1: não, depois tinham de aguentar, eles facilitaram, a florestação foi feita, só que depois que a florestação foi feita deram-nos logo a seguir, não estavam bem a contar... vieram os guardas, onde é que a floresta estava plantada os animais não podiam andar

AL: pois, e o que é que eles fizeram? Venderam os animais...?

AGav1: não, não venderam nada, as cabras sim [*não entendo bem as palavras, mas no fundo ele dizer que não valia a pena ter cabras, que eles plantaram floresta no trilho das cabras e que foi a partir daí que começou a emigração...*]

AGav1: [*? Não se entende*] chegou a haver chatices, chegou a haver chatices, zangas, tudo, muitas, depois o guarda tinha de ser querido, davam-lhe batatas, davam-lhe milho, davam-lhe cabritos, para ele ter uma venda nos olhos [*? Não se entende*] um guarda-florestal naquela altura era como um padre, tinha tudo, só fazia filhos, só tinha filhos, não tinha mais nada... ele nem os criava, disse-nos o que estava aqui era aqui da Gavieira mesmo, eu tenho filhos, nem preciso de cria-los, se matavam um porco aqui davam-lhe um presunto a ele, estás a perceber? Isto era assim que funcionava, nesse tempo era assim, isto era assim... agora não, naquela altura era tanta a miséria, e havia mais naquela altura do que há agora

AL: mais... quê?

AGav1: mais guardas, agora há dois guardas para esta área toda, naquela altura [*no meio de várias palavras que não entendo ele refere o vizinho que trabalha actualmente para o parque*]

AL: esse é o dono do *jeep* que lá está? Que diz PNPG...

AGav1: pronto, esse rapaz é meu vizinho

AL: aaah! Já era para lhe ter perguntado quem era aquela pessoa

AGav1: ele esteve aqui há bocado, também faz parte dos baldios, está a seguir a mim, eu sou o presidente [*? Não se entende*] esse rapaz é da Ponte da Barca e casou aqui

AL: mas ele é guarda?

AGav1: ele é vigilante da natureza

AL: ah, sim

AGav1: sim, aquele *jeep* é do Estado, ele tem sempre carro do Estado, tu passaste ao pé desse *jeep* então com o teu carro...

AL: não, passei agora a pé...

AGav1: pronto, na parte de baixo há um cafezinho... aqui o lugar tem para aí 300 pessoas, no verão

AL: aquele quê?... lugar!

AGav1: tem muita gente

AL: mas a Gavieira?

AGav1: a Gavieira... tu não viste, mas um dia que venhas assim que pares, quer dizer, como está tu não consegues ver

AL: bom, há muitas casas

AGav1: [*fala-se da casa do rapaz e do café que há por baixo, digo que não reparei no café que é por baixo da casa do rapaz*]

AL: que engraçado, nessa altura encontrei uma senhora e disse-lhe que vinha ter consigo, e ela disse “mas a casa dele é aqui”, e eu disse “ah, não, eu vou lá à Junta...”

AGav1: a minha casa é abaixo. Pronto, só que depois os guardas é assim, não é como antigamente que havia muitos guardas, agora não, repara, sabes quantas casas [florestais] há nesta freguesia? Esta, há uma aqui a seguir já, outra na Peneda, e outra que essa recuperámos de novo, outra na Bouça dos Homens e outra em São Bento do Carmo, havia seis guardas nesta freguesia

AL: então se calhar entrou muito a floresta aqui nesta zona

AGav1: imagina, são seis [*repete a enumeração das casas e conta uma a uma*], havia seis guardas nesta freguesia efectivos, efectivos! E outro em Santo António, portanto sete, e outro logo a seguir, mais abaixo, oito, os dois de Lamas de Mouro, dez, imagina, só nesta zona havia dez casas florestais

AL: e agora? Essas casas estão todas ao abandono ou

AGav1: estão

AL: esta está aqui não é... e o que é que fizeram? Tiveram de pagar pela casa ou foi cedida?

AGav1: não tivemos de pagar nada, repara que estamos aqui e não pagamos. Houve outra que foi vendida, foi recuperada

AL: particular?

AGav1: particular. Foi vendida mas isto é assim, não está vendida porque ninguém consegue registar isto, repara, a casa é do estado mas o espaço é da freguesia, não é fácil atenção, porque isto aqui ainda vai meter muita coisa, mas venderam-lhe a casa e agora [*Não se entende*] e querem registar e não conseguem, estás a perceber?

AL: tinha de ser a freguesia a deixar? Ou conceder... ou não sei...

AGav1: não é fácil, porque isto é feito no baldio, acho que existe aqui muita coisa que... eu como presidente do CD se eu aceitasse, acho que tenho que consultar o..., enfim, isto é muito complicado, e ele está com esse problema em registar a casa estás a perceber?

AL: e naquele caso também está no baldio ou não...

AGav1: está tudo no baldio

AL: ah, está no baldio, então não é da Junta, é dos compartes, ou não?

AGav1: isto das casas, esta é da freguesia, e o resto está tudo abandonado, está tudo caído no chão, ali em Santo Bento do Carmo está abandonada, está em ruínas, aqui a de [?] está em ruínas e as duas de Lamas estão em ruínas, apenas está esta em pé porque veio para aqui a Junta

AL: e ninguém se interessa pelas casas? As casas são espectaculares

AGav1: toda a gente as queria, mas temos esse problema, é que não se consegue legalizar *[conta uma historia que puseram um cartaz a dizer vende-se na casa – a tal que foi vendida - e a população revoltou-se a queimou a placa]* e agora acabou-se as obras e o rapaz está com problemas... isto não é fácil, não é fácil porque não se consegue, porque isto é assim, na altura as casas foram feitas sem projecto, elas são todas iguais, pronto, foram feitas assim, não registaram o terreno, o terreno é da freguesia, o terreno onde se encontra, o que é que se pode fazer? É levar as casas embora, estás a perceber? Porque o terreno em si nunca é do Estado

AL: na altura era não é, porque nacionalizou-se estas áreas...

AGav1: porque não registaram nada, fizeram a casa ocuparam o terreno e toca a trabalhar

AL: e estando no perímetro florestal... ou isto não é um perímetro florestal?

AGav1: não, neste caso não, e mesmo que fosse era igual

AL: pois, porque as coisas mudaram não é...

AGav1: as coisas mudaram

[continua a falar deste imbróglio do registo da casa. Fala da possibilidade de usar usucapião como argumento, mas diz ele que a freguesia nunca aceitaria isso, digo eu “porque a freguesia também a quer não é?”]

AGav1: eles nem tentam, digo assim “vocês por usucapião nunca conseguem”

AL: tem que haver acordo para usucapião não é? Com a Junta neste caso por exemplo, a minha pergunta é, não pode ser só “ah, isto aqui agora é meu porque eu estou aqui há não sei quantos anos” ... não é assim!? Tem de haver um acordo com o proprietário...

AGav1: não, porque isto... aqui ninguém é proprietário, isto aqui é público, é de toda a gente, só podes usar usucapião quando... imagina, era uma casa que era minha, estavas a usar uma casa mas que era minha

AL: pois, tem de haver um acordo com o proprietário

AGav1: se podes usucapião automaticamente a casa fica registada [*? Não se entende*] mas aqui neste caso não, porque não é de ninguém, é do baldio... não há hipótese, não há hipótese

AL: [RISOS]... em termos de utilizadores do baldio, portanto já falámos, é as pessoas que têm animais, as pessoas aqui da aldeia, mas... por exemplo, ainda se vai buscar mato? Ainda há essas actividades tradicionais...?

AGav1: sim, ainda se vai buscar mato

AL: e utiliza-se para os animais e o baldio para recolher lenha...?

AGav1: aqui já há pessoas que têm explorações que têm-nas no chão e lavam, mas são duas ou três só. Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos, depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão e pronto, têm [?] próprios, e no final do dia lavam e

AL: então não usam nas terras depois

AGav1: não usam nas terras, mas os animais preferem estar no estrume

AGav1: pois, pois, pois. As pessoas é que se calhar não preferem tê-las no estrume

AGav1: da mais trabalho

AL: pois, da mais trabalho

AGav1: têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tirá-lo, não é, o estrume

AL: e depois usam-nas nas próprias terras ou vendem? Já ouvi falar de pessoal que depois vende o mato com o estrume, vende tipo fertilizante

AGav1: ah, usam só nos campos, aquele que ele tem é que é biológico, mas tenho aqui gente com produção biológica. Quando eles usam o estrume do coiso, eles têm vantagem por aí também, estás a perceber, porque eles estão a optar por fertilizante biológico, ração biológica, estão agora a ter aqui uma formação aqui na sede, aqui ao lado, um engenheiro de Lisboa também

AL: ai é?

AGav1: o Azeredo

AL: como é que é? Azeredo?

AGav1: sim, o engenheiro Azeredo. Que até está ali fora a explicar como se faz o estrume, que ele sabe bem isso, ele está ali fora tem assim dois montinhos, até vieram aqui os sapadores que trouxeram tojo, meteram-lhe tojo, meteram tudo debaixo dos animais, fizeram aqui o composto todo, prontos

AL: mas está a dar o curso a quem?

AGav1: ao pessoal que aqui está que aderiu à biológica, à produção biológica

AL: mas o pessoal aqui deve saber fazer...

AGav1: pois sabe, mas oh Luísa isto...

(RISOS)

AGav1: tem que haver alguém para tudo, prontos

AL: (RISOS) que maravilha, está bem, vem uma pessoa de Lisboa... está bem

AGav1: e eles aí vêm... esteve aqui a semana toda passada e acho que vai estar esta semana também

AL: que curioso... está bem... bom, é verdade que à medida que os velhotes vão morrendo há sabedoria que vai-se perdendo, mas ainda há aí muita gente, acho eu, que sabe fazer as camas dos animais, o fertilizante para a terra

AGav1: pois sabe

AL: não é preciso vir nenhum engenheiro de Lisboa

AGav1: oh Luísa, mas tudo é comércio! Tudo é comércio... e pronto, o senhor veio, está aí, está a dar aí explicações

AL: está a dar explicações... é como o ... está a dar a missa ao papa

(RISOS)

AGav1: e é assim

Sistelo: ASi1

AL: e a venda de lenhas. Mas têm bastante floresta dentro do baldio?

ASi1: mal gerida mas temos, estamos em cogestão portanto está muito mal gerida

AL: e há alguma intervenção dos SF?

ASi1: não tem intervenção nenhuma, nem nas casas florestais nem nada, está tudo ao abandono, pode-se roubar mas não podem dar nem podem vender aos baldios, mas podem roubar.... Se chegar ali um gajo com um camião e levar as pedras, ninguém vai atrás deles. Se forem os baldios a irem lá tomar conta daquilo vem já alguém meter-se connosco, há já um problema

AL: pois... mas vocês têm feito algumas plantações, ou reflorestações?

ASi1: temos, mas é sempre um problema, trabalhar com esta gente é sempre problemático. Portanto para fazer uma plantação juntam-se várias entidades, uma dúzia de engenheiros e cada engenheiro opina à maneira dele. Chega-se ali cada um... cada um sabe de uma coisa, chega ali, não sei quê, não sei que mais, um é isto, outro é aquilo, depois chega a uma altura que tenho de me vir embora, porque eu não me entendo com esta gente. Não é possível com esta gente que temos, com esta maneira de gestão, fazermos alguma coisa pelas florestas. Não é possível... não é possível... com esta gente não é possível fazer nada

AL: pois, se calhar o melhor era mesmo tentarem destacar-se do Estado

ASi1: pois, mas o problema é esse, eu já tentei mas isso é muito complicado. Eles exigem muito dinheiro, querem fazer avaliações, querem receber... e depois somos nós que temos de *[o ASi1 é chamado, estão a arranjar a motosserra dele]*

ASi1: [...] é mosaico, num é plantação, noutro é queima, noutro é desbaste, noutro é não sei quê, ora, fizemos uma candidatura aos mosaicos, e a assembleia deu-me poderes para eu fazer a candidatura e fazer toda a papelada relacionada junto do IFAP, e agora pedem-me a acta em que nós pedimos a candidatura, tem algum jeito isso? Eu não entendo, eu não entendo, e ninguém entende isto. O monte de papelada que anda aí... e depois, para o PRODER, temos primeiro de fazer e depois pagam-nos. Nós temos de pagar, justificar que pagámos, como é que nós temos dinheiro, temos de ir ao banco... onde é que nós temos o fundo de maneiio, não é? Temos de ir ao banco, pedir dinheiro para fazer uma coisa pública pa depois nos pagarem... isto é um contrassenso, só no nosso país é que se atura isto...

AL: mas vocês tiveram que fazer aqui um PGF ou um PUB, ou como é chamado agora...?

ASi1: já fizemos sim, temos feito vários ao longo dos tempos, o plano de utilização do baldio não é

AL: sim, que depois tem de ser aprovado

ASi1: aprovado em assembleia de compartes

AL: não, mas mesmo pelo ICN

ASi1: não, nós aprovamos e depois mandamos para eles. Somos obrigados a fazer o plano de utilização, e depois mandamos para eles

AL: ai não tem de ser aprovado por eles?

ASi1: não, aprovado por nós, obrigam é a que nós aprovemos

AL: aaah. E quando vocês fazem esses planos não têm de fazer uma estimativa da área do baldio? Com GPS e assim

ASi1: não, a área do baldio já existe, já está cartografada, são os 2500 hectares

AL: e isso existe desde quando, essa certeza?

ASi1: isso já existe nas cartas militares, isso já existe há muitos anos

AL: ok... aqui também é as cruzeiras que separam os baldios? Que marcam os limites dos baldios?

ASi1: não é bem por cruzeiras mas é por penedos, as divisões vão de penedo a penedo, vai do penedo não sei quantos ao penedo tal... não sei os nomes deles. Nunca entrámos em conflitos nos baldios, e quem entrar em conflito nos baldios só perde. Se há alguma coisa a dividir... portanto, eu sou de acordo que onde há interesses, seria mais ou menos a meio, mais 50 pa um lado, 50 para o outro, seria tudo a meias, onde não há nada para ir buscar não vale a pena estar a partir, porque o baldio só cria problemas onde há riqueza, onde há madeiras, onde há colocação de eólicas, onde há pedreiras, no resto, onde não há isso não há conflito nos baldios. Só há conflitos nos baldios onde há interesses monetários

AL: claro... aqui há algum interesse não é? Madeiras

ASi1: praticamente não há nada, praticamente não, nós entendemo-nos sempre bem

AL: não disse nada, por exemplo, qual é a área?

ASi1: 2500 hectares

AL: e tem lá floresta?

ASi1: tem bosques, tem bosquetes, tem floresta

AL: tem pinheiro?

ASi1: tem pinheiro, tem camecípare, carvalho

AL: então a floresta entrou aqui quando foi do tempo, anos 30, 40

ASi1: sim, ficou sob regime florestal, está em cogestão

AL: e fazem gestão florestal, têm cortado madeira, vendido... plantado

ASi1: a floresta só tem levado a rendimentos que não têm feito nada pela floresta. O ICNB ou o ICNF, não têm feito nada por nós. Nada, nada, nada. Só têm levado o rendimento que

AL: não têm estado a colaborar na gestão

ASi1: não, não, nada de nada

AL: e quando é para cortar, aparecem?

ASi1: ainda temos de estar a pedir para eles virem ver as madeiras, para vir marcar, e para vender mal vendida, que vendem mal vendida, levam muito tempo a pagar, portanto é uma gestão danosa, é uma gestão que não... é uma muito má gestão, não tem princípios, não tem meios, não tem fim, não sabem o que andam a fazer. Portanto se fossemos nós a vender a madeira vendíamos muito melhor. Pagávamos... se fossemos nós, dávamos mais rápido o dinheiro. Eles não... vendem mal, tarde, mal... por exemplo, se arder uma área, deixam secar, e depois é que vendem, portanto é uma gestão que não tem nada de gestão.

AL: e já foi diferente?

ASi1: antigamente era diferente, antigamente funcionava melhor, agora não

[entra um cliente]

AL: então já foi melhor em tempos

ASi1: acho que sim, acho que aquilo já foi melhor gerido e que agora está ao deus dará, ninguém faz nada pela floresta. Na altura dos incêndios é que andam para aí os bombeiros... sei lá, isto dos bombeiros deixa muito a desejar

AL: e aquela questão de estarem a possibilitar a formação de uma equipa de sapadores

ASi1: nós temos uma equipa de sapadores que está divida com várias freguesias, já tentei criar uma equipa de sapadores mas é complicado, para já não há abertura para mais... mais equipas de sapadores

AL: ah, têm uma para várias freguesias?

ASi1: temos uma para várias freguesias

AL: ah, não é daquelas que o parque andou a facilitar

ASi1: não, facilitou só para alguns, não deu para todos

AL: porque é que não largam então a cogestão?

AL: já me disse outro dia que é difícil, mas é difícil como?

ASi1: sei lá, é difícil, não há uma lei que.... Agora acho que há uma lei nova, não nos facilitam nada. Mesmo as casas florestais, um património que está lapidado que onde tudo roubam, tudo o que é pedras que era rios que era tudo e que não se importam, se a gente tomar conta daquilo, ou a Junta de Freguesia ou os baldios, não podem. Portanto está tudo ao deus dará, está tudo sem rei nem roque

AL: eu lembro-me de uma altura que vi uma notícia que o Estado queria vender as casas florestais

ASi1: sim, nós pusemos à venda as casas florestais... as casas florestais deviam ser para a freguesia, para os CD. Eu já pedi a nossa que era para os sapadores, que era para a zona de caça, que era para o CD, mas não tivemos resposta

AL: desde quando?

ASi1: oi, já há que tempos que fizemos isso, já há anos

AL: pois... como é que foi a entrada da floresta aqui? Tem alguma noção?

ASi1: a floresta naquele tempo foi imposta, isso foi imposto não é e... estava bem estruturada, em termos de floresta era muito bonita, nasci e fui criado aqui na floresta e vi a floresta crescer e gosto muito da floresta, mas depois foi toda delapidada, foi tudo incendiado, tudo... e depois entrou naquela altura o fomento e que estragou tudo o que era património cultural, todo o património construído que havia, os regos de água, as levadas de água, os tanques dos guardas-florestais, estava tudo em pedra, foi tudo estragado, foi tudo roubado

AL: por quem?

ASi1: por quem, foi naquele tempo... as máquinas do fundo de fomento estragaram muita coisa. Agora... temos casas florestais, as casas florestais estão abandonadas no meio do monte, qualquer gajo chega lá, pega numa pedra e rouba, não se vai atrás de ninguém. Mas se for uma entidade ou uma freguesia a tomar conta daquilo já há problemas. Pronto, sou a

favor que isso... que não fosse vendido ao desbarato, portanto, o terreno que existe à volta das casas florestais é da freguesia

AL: é do baldio... não é?

ASi1: é do baldio, é da freguesia, dos compartes. O terreno da casa é dos compartes, eles só têm as pedras. A Direcção Geral do Património só tem as pedras, podia negociar com a Junta, negociar com os CD em ceder aquilo por um preço simbólico. Teima em não querer saber nada, estamos neste impasse. E há casas de muito valor, há umas mal situadas mas há casas bem situadas que podiam estar a ser rentabilizadas e neste momento não estão. Como... fazer para combater os incêndios, fazer represas de água, ou uns tanques, pa, é proibido tudo, neste país é tudo proibido. É tudo proibido, não se pode fazer nada e depois para se fazer é preciso contactar várias entidades, nós estamos a falar de uma coisa que temos que recorrer a 3 ou 4 entidades, e que uns não se entendem com os outros. São todos... são antagónicos, não se complementam uns aos outros, em vez de ajudar não, só complicam, neste país só existe para complicar. Lembro-me aqui há uns anos atrás, para aí há uns 8 ou 10 anos fiz uma plantação de 400 hectares, 300 a 400 hectares de plantação. Depois de ter para aí 5 dossiers e devido a várias entidades que não se entendiam uns com os outros, porque um não queria isto, o outro não queria aquilo, o outro era melhor isto, era melhor aquilo... portanto, havia várias entidades e ninguém se entendia uns com os outros para fazer nada, até que eu cheguei a uma certa altura, carreguei aqueles papéis todos e aqueles dossiers todos e vim-me embora, até disse para a engenheira que estava comigo “vamos embora que isto é impossível”. Porque é que nós temos na floresta 3 ou 4, ou 5 entidades a mandar? Bastava uma, uma entidade que mande bem chega uma

AL: era tipo o quê? A Câmara; o ICNF...

ASi1: a Câmara, o ICNF, o IFAP, o... sei lá quantas entidades eram, eram os gajos da água, os gajos da... sei lá, é uma complicação, é uma complicação... é uma complicação para se fazer alguma coisa. Uma pessoa apresenta um projecto... por exemplo, agora vêm-nos dar árvores para a gente plantar nos baldios, muito bem, sim senhora. Só que essas árvores vêm no verão, e quando conseguem dar com a papelada toda quando as árvores chegam aqui já chegam secas. No outro dia deram-me 5000 árvores estavam secas, “não é possível plantar isso, isso não é para plantar em maio ou junho, não pode ser, têm de nos dar no inverno para plantar no inverno, as árvores no verão estão secas”.

AL: mas deram-vos isso por que carga de água, as 5000 árvores, isso foi inserido em que projecto?

ASi1: não sei o nome do projecto, mas é o parque que nos fornece as árvores mas quando chegam cá, chegam muito tarde

AL: relembre-me só quando é que os baldios passaram para as mãos dos compartes

ASi1: então isto foi depois do 25 de abril que

AL: não, mas inicialmente a gestão feita pela freguesia não é

ASi1: não, mas desde aquela altura que foi com os compartes, desde que há compartes

AL: que é quando, é isso que eu quero saber, aqui em Sistelo

ASi1: em Sistelo foi como nos outros sítios, foi sempre os compartes, portanto, passou aquelas questões administrativas e depois passou para os compartes, só que depois nós já passou, por causa das ITI é que depois... estava... havia os compartes, havia a assembleia de compartes que delegou poderes na Junta, mas depois como não podíamos estar delegados na Junta, é que passou a haver mesmo a estrutura própria só de ... mas já há uns anos, há já para aí mais de dez anos

AL: ah, ok, então se estivesse o baldio delegado na Junta não podiam concorrer às ITI é isso?

ASi1: é isso

AL: e foi só por isso?

ASi1: ainda hoje há baldios que estão delegados nas Juntas. Quando não há ITI estão delegados na Junta de Freguesia

AL: então mas agora a Junta não tem nada a ver com... ou seja, a o presidente da Junta não é o presidente do CD

ASi1: não, não. Pode ser, em eleições pode ser, mas não é. Neste momento não é

AL: e acha que é melhor ser ou acha que é melhor não ser?

ASi1: não sei, é capaz de ser melhor, é capaz de ser igual, não sei, só depois é que se pode

AL: mas acha que são coisas separadas ou

ASi1: isto existe para ser separado

AL: pois... e o que é que acha, na sua opinião o que é que é melhor?

ASi1: a lei diz que deve haver uma assembleia de compartes, portanto, se deve haver, deve haver. Agora o presidente da Junta pode-se candidatar e... ou os membros da Junta podem fazer uma lista para se candidatarem ao baldios mas não ganhar... não é?

AL: claro, claro, mas eu digo, acha bem a separação de poderes

ASi1: eu acho que funciona bem de qualquer maneira, de qualquer maneira funciona bem

AL: e vocês aqui conseguem gerir as ITI de forma a conseguirem fazer sobrar dinheiro?

ASi1: quer dizer, nós estamos em zonas difíceis, geograficamente a nossa freguesia é muito mal situada e através de concursos, através de se espremer muito conseguimos ter algum retorno mas muito pouco, muito pouco porque o hectare de limpeza fica-nos muito caro. Nós temos sítios em que... portanto, isso é delineado por eles lá nos escritórios, não é, como sempre foi, e depois temos de fazer em partes em que temos de andar presos por umas cordas para conseguirem cortar o mato não é e isso acarreta-nos muita mais despesa. Há freguesias, por exemplo, nós temos zonas em que nós até fazemos com um tractor com a limpeza não é, fazemos com um tractor, e há zonas que é manual não é

AL: e compraram um tractor?

ASi1: temos tractor, temos carrinha

AL: conseguiram comprar isso com o dinheiro das ITI?

ASi1: conseguimos economizar e conseguimos comprar, e temos também uma carrinha equipada com um kit de incêndios, leva 500 litros de água, uma 4x4, uma que nos foi cedida pela EDP, fizemos o pedido à EDP eles deram-nos uma carrinha e temos um tractor e temos esta brigada de sapadores que nos dá apoio, senão não podíamos ter não é?

AL: então assim se calhar não têm que pagar a empresas, ou têm de pagar a empresas na mesma?

ASi1: mesmo assim temos de pagar a empresas porque os sapadores não conseguem, nós conseguimos com o tractor e com os sapadores... por isso é que nós conseguimos economizar dinheiro, com o nosso tractor e com o pessoal nosso

AL: os tais sapadores que são da Atlântica?

ASi1: da Atlântica. Conseguimos fazer com menos dinheiro, porque... mas nas outras zonas que têm mais declive, mais acentuadas, nós não conseguimos limpar porque torna-se muito caro, não temos máquinas para isso, isso só com uma empresa especializada

AL: ok... então o dinheiro que entra actualmente no baldio é sobretudo o dinheiro das ITI e o dinheiro da venda de madeira?

ASi1: e a venda de madeira, sim

AL: que têm de dar 40% ao Estado?

ASi1: 40% ao Estado

AL: quer seja dentro do parque, quer seja fora, não é?

ASi1: 60-40. E depois ainda temos, mas muito pouco, de pinhal, portanto aquelas zonas que ficaram de fora do perímetro florestal, pouco, muito pouco

AL: e investir vocês na floresta é que não têm investido

ASi1: nós temos investido... nós temos investido com as ITI e com alguns projectos que fazemos, portanto temos projectos da recuperação dos cortelhos, das mariolas, de pontos de água para os animais, para bebedouros, e plantações, conseguimos ainda... eu fiz um projecto de 85000 Euros

AL: isso para plantação?

ASi1: não

AL: foi para as INP não foi

AS1: para os não produtivos, sim, conseguimos fazer isso. Mas o dinheiro chega muito tarde, nós temos de ir ao banco buscar dinheiro, porque nós não temos dinheiro próprio depois pagar imposto e depois temos de esticar o dinheiro para pagarmos os juros e pagarmos ao empreiteiro, isso acarreta-nos muita despesa. De resto não temos rendimentos para o baldio. Portanto não temos, não temos... podemos fazer caminhos, abrir caminhos para incêndios, para chegar mais fácil aos locais mas não conseguimos, não temos dinheiro, mas também derivada à situação geográfica do terreno, nós temos numa zona muito acentuada, é muito difícil de andar, porque tem muita rocha, tem muitas ribanceiras que é preciso limpar, e muitas coisas para lá chegar

Soajo: AS1

AL: e qual tem sido assim a presença do parque e do ICNF aqui na gestão dos baldios, mesmo que... pronto, se calhar antes não tem a noção porque não estava cá, mas desde que está lá, ou daquilo que ouve falar aos mais velhos, não sei...

AS1: [faz uma expressão que me provoca um riso cúmplice] ... um bocado complicado, bom, é assim, o ICNF... o ICNF é um bocado complicado, um bocadinho complicado porque é assim, eles têm as regras deles que eu acho bem estar, as pessoas por norma não gostam muito, eu acho que há coisas que até estão bem, portanto, a nível de construções, dessas coisas todas acho bem, num sítio lindíssimo tem de haver regras não é verdade, e para mais nós com a emigração, vem tudo por aí, começam a fazer assim um bocado tudo maluco e acho bem... a nível de florestas há uma desistência muito grande, eu acho... nós estamos em cogestão com o Parque Nacional... e é assim, cogestão... se falamos numa venda de pinheiros no valor que eu disse há bocadito, sabendo que 40% vai para o ICNF, é assim, o ICNF se calhar, já que toda a gente resmunga com eles, eu diria que devia ter dito "amigos, vamos lá ver isso, nós pomos aqui uma quantia, vá de 50% e vocês ponham outra quantia de 50%, e vamos reflorestar a área" não é... digo eu... mas não, não se fez... e eu hoje tenho um prolema que é assim, esta madeira, prontos já há aí árvores doentes, há pessoas... que nós temos o direito de ir cortar lenha para nós para casa, qualquer parte não é, como já deve saber, mediante uma autorização do CD, podemos ir cortar lenha seca e levar para casa. Pronto, o que é que acontece? Acontece que há aí malandros que andam a cortar lenha verde e vai tudo aí a eito e levam e acabou-se, uns para vender, outros para isto, prontos, o ICNF aí sai fora... sai fora e... é assim, sai fora... se houver uma acusação, tudo bem... agora, acho que os vigilantes deviam estar mais presentes, isso acho...

AL: e estão alguma coisa presente sequer? Pergunto...

AS1: nós aqui?

AL: pergunto porque eu não os vejo por aí...

AS1: eu também nunca os vejo praticamente, uuh, e quando... e quando... é assim, deve de andar aí um vigilante todos os dias a rondar e a ver e a verificar, deve de haver porque é lenha, é saibro... o saibro está completamente proibido na nossa freguesia de recolher saibro. O que é que acontece? Há sempre alguém... e nós, o CD, não podemos... nós, é assim, temos de trabalhar não é, nós não temos remuneração, portanto não vamos andar aí todos os dias a ver quem é que anda a fazer isso... por isso o parque tem os vigilantes e

não... não fazem nada. Nós tínhamos ali muitas austrálias este ano praticamente todas foram roubadas e ninguém se importa não é...

AL: o que é que foi roubado?

AS1: austrálias, é uma árvore muita grande, é assim parecido com a mimosa só que é... é... pronto, dá uma florzinha amarela também..., que é uma lenha bastante procurada pelos madeireiros

AL: ahhh. Mas são exóticas não são? Não são daqui...

AS1: são, não são de cá... o que é que acontece? É que nós ali perdemos... perdemos ali uma venda, mas o ICNF também perdeu, portanto, se nós as cortamos não podemos, não podemos fazer um corte, quando queremos fazer um corte tem que vir o ICNF marcar as árvores, está a perceber? Agora se a gente “epa, mas vamos marcar, estão caídas...” não sei, não aparecem, ou então não sei se é só connosco em Soajo mas eu tenho tido chatices porque realmente...

AL: pois, pois, não há presença dos SF

AS1: não.... E ouça, estão muito longe... já viu? Estão em Braga, eles deviam estar aqui, há aqui uma casa que era para a sede do Parque... mas... eu até posso entender, como é que os engenheiros de Braga querem vir para aqui para o meio do monte?

AL: pois, mas à partida se são vigilantes de natureza é suposto gostarem de estar no monte não é

AS1: não, eles gostam, estão cá meio dia e põem-se logo a andar, porque é preciso chegar cedo a Braga não é...

AL: pois (RISOS)

AS1: não, isso é a queixa que eu tenho, é assim por acaso trabalho com uma engenheira que é muito simpática e essa coisa toda...

AL: que engenheira é?

AS1: é a engenheira Maria do Carmo

AL: daqui do parque?

AS1: do ICNF

AL: ICNF

AS1: prontos, e com o engenheiro Carlos Pinto... só que a verdade é que eles estão longe... estão longe...

AL: esses dois estão em Braga?

AS1: estão...

AL: o Carlos Pinto é de Montalegre ou não?

AS1: não, Braga...

AL: ah ok

AS1: ele está sempre em Braga, agora se é de lá...

AL: não, ok, não deve ser, eu ouvi falar dele em Montalegre, por isso é que eu achei que ele era de lá

AS1: mas é assim, ele se calhar... é ele que faz os programas todos das ITI, portanto se calhar abrange aquela área toda não é... Montalegre a braga é pertinho

AL: pelo menos eu sei que a tal Lúcia Jorge, conhece não conhece?

AS1: não

AL: é do Secretariado dos Baldios

AS1: de Montalegre?

AL: sim, de Trás-os-Montes e Alto-Douro

AS1: não, ainda não tive, ainda não tive oportunidade de ir para aqueles lados

AL: ok, ok. Não, ela é que podia ter vindo cá por qualquer razão... mas pronto, foi através que eu ouvi falar do Carlos Pinto, é natural que ela o conheça mesmo que ele não esteja em Montalegre não é, eu é que fiquei com a ideia que ele estava lá, ninguém me disse...

AS1: sim, sim, sim, não, está em Braga. E pronto, são pessoas porreirinhas mas...

AL: completamente ausentes. E vocês pretendem manter a cogestão perante essa situação ou...?

AS1: nós temos que a manter... foram eles que plantaram isto tudo

AL: mas acho que não... têm que manter?

AS1: eu acho que sim, não sei

AL: eu sei que há alguns baldios que estão a pedir a autogestão, precisamente por questões desse género, não sentem a presença do...

AS1: mas aqui perto?

AL: não, aqui perto não

AS1: eu sei que em Ponte de Lima, já houve ali um baldio em Ponte de Lima que conseguiu, se não estou em erro

AL: por exemplo o de Pitões das Júnias acho que está a pedir autogestão actualmente

AS1: é?

AL: sim

AS1: eu acho que não era pior... porque olhe, nós aqui é uma reserva mundial da biosfera, tudo muito bem, mas tem muitas regras que não fazem sentido. Por exemplo, vai-se para o Gerês e acha-se imensa piada, sim senhor, estas árvores todas à beira da estrada, é muito giro, é, sobretudo quando está assim muito calor é muito fresquinho...

AL: (RISOS)

AS1: mas imagine 5 homens a limpar 40 hectares no inverno aqui, o tempo que faz, e têm que às vezes perder 2 ou 3 semanas a limpar as estradas porque caem pinheiros, carvalhos, mais águas, mais daquilo e daqueloutro e... é assim, porque é que não se faz um corte de 2 metros a toda a volta e isso o parque não autoriza... eu acho que não faz sentido, a árvore é muito bonita... na floresta, à beira das estradas não faz sentido... dois metros! Não faz... e é assim, ia ajudar muita coisa, porque no inverno as estradas estavam transitáveis, dava-lhe o sol logo não há gelo, não há neve, não é? Mas, mas pronto, são coisinhas pequeninas mas que podem ajudar muito, porque não é fácil gerir isto... agora, há freguesias pequenininhas, há freguesias com 1000 hectares, outras se calhar nem tanto, é fácil, com 5 homens é fácil...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: E qual é que tem sido o papel do Estado, dos SF e assim na floresta aqui?

PB1: praticamente zero

AL: vocês estão em cogestão com eles não estão?

PB1: estamos. Quer-se dizer, nós quando fazemos por exemplo um corte de pinheiros que foi de sementeira, eles têm 40% e nós temos 60% da venda

AL: e o que é que eles fazem para merecerem esses 40?

PB1: foi sementeira que foi feita pela antiga floresta

AL: pois, exacto, é só isso? Eles não fazem nada para gerir, para ajudar no corte, não vêm marcar pinheiros

PB1: ah, isso vêm. Isso marcam, eles é que marcam. Se vierem por exemplo a um pinhal dizem "aqui vamos tirar 20% ou 30%"

AL: é só isso que eles fazem?

PB1: mais nada

AL: e fazem porque vocês os chamam...?

PB1: exactamente

AL: e quando há fogos... bom, aí têm mesmo que vir, nem que seja por uma questão nacional

PB1: mas isso a primeira coisa que nós chamamos é os bombeiros e depois eles é que fazem o resto

AL: claro... vocês também têm uma equipa de sapadores...?

PB1: não

AL: ai não?

PB1: não... nós não temos nada disso. Fomos os primeiros anunciados para criar uma equipa de sapadores e ficámos entalados por Lindoso e São Miguel de Entre os Rios

AL: e quê?

PB1: São Miguel... Lindoso tem, São Miguel tem, e a primeira proposta que veio, veio para aqui para a zona de Britelo e o presidente da Junta disse que não precisávamos aqui

AL: e não conseguem ter?

PB1: agora acabou

AL: e não partilham com outras equipas...

PB1: não, não, isso agora acabou, o que podemos fazer agora é chamá-los e eles virem-nos fazer um trabalho qualquer, mas... nós agora íamos ter com os sapadores de Lindoso e quando temos um trabalho de rouça fazer em tal parte, eles vêm fazer mas é 500 Euros por dia... isso nem pensar, vamos a São Miguel “ah, são 500 Euros por dia”

AL: então talvez por isso é que o dinheiro das ITI vai todo... vocês não conseguem fazer sobrar dinheiro da ITI? Ao fim de um ano conseguem fazer sobrar algum?

PB1: não... isto quando as gerências são mal feitas são mal feitas de... começam mal, para a por direitas é um problema. Se se abre uma empresa, se a abriu mal, para a endireitar é um problema, abre um restaurante, começou mal, aquele restaurante não tem mais gente, isto dos compartes foi a mesma coisa. Eu quando entrei... porque no mês de Dezembro, na reunião eles fizeram a apresentação de contas em dezembro, que não é em Dezembro, é em Março, mas eles fizeram a apresentação de contas em dezembro e ninguém disse nada. A 30 de dezembro havia 42000 Euros, no dia 22 de março havia 14000 Euros... no dia 26 de abril, que eu tomei posse, a conta era negativa em 35000... diga-me como é que se pode fazer isto? Em 4 meses 70000 Euros. Ora o que nós fizemos, estes 30000 fizemo-lo tanto, 30000 aqui fizemo-lo botar fora, tínhamos outra de 1250, fomos obrigados a pagar, tínhamos outra de 1200 fomos obrigados também a pagar

AL: e esta o que é que aconteceu? A de botar fora...

PB1: isto foi uma multa que ele apanhou de fazer um estradão

AL: os 30 e tal mil Euros?

PB1: sim

AL: e depois como é que pagaram isto?

PB1: não pagámos porque fizemos... depois acalmámos aquilo tudo, de modo que conseguimos acalmar, deixámos para... bom, fecharam o processo, senão estávamos arrasados, e Lindoso ainda estão a pagar um processo destes

AL: fizeram um estradão sem pedir licença?

PB1: exactamente, sem licença, sem projecto, sem nada. E aí o do SEPS, do Estado, chegam lá, mandam para o Parque Nacional, o Parque Nacional não tem, não há nada a fazer “tanto a pagar, tem tantos dias para pagar”. Nós fomos lá e dissemos “não, é a ver se, conseguir a ver se vocês abafam isso, à uma não temos dinheiro, levamos o advogado connosco, levamos as contas bancarias, o que é que você quer que nós façamos? Vamos vender o terreno? Nós podemos, se vocês dizem vendam o terreno baldio nós vendemo-lo, vendemos uma parcela de 10 ou 15 hectares... só isso...”. E aquilo depois nunca mais veio. Quando estive com o engenheiro... “afinal sempre foi abafado...” “opa, se há um ano e meio que tu lá estás não veio... penso que aquilo que foi abafado”. Foi posto de lado, senão como é que nós íamos fazer? Ora vê lá, é as tais coisas como digo, quando vi a 30 de dezembro 42000 Euros o gajo é capaz ainda de estourar entre os 20 e os 25000, foram as minhas contas, entre 20 e 25 mil ainda estoura, fica a 15000, já tínhamos feitos os nossos cálculos do que íamos fazer, íamos comprar um tractor destruidor para fazer os roços, no lugar de pagar em 4 anos... Em 5 anos a 10000, são 50000 não é verdade... esses 50 000 Euros, o tractor não custava 50000 Euros, custava 27000 Euros. Nós nos 5 anos pagávamos o tractor e ainda nos sobrava dinheiro. Agora... agora há muita gente que dizia “e quem é que vai conduzir o tractor?”. É fácil, há empresas aí que têm gente que trabalha com tractores e máquinas, chegávamos à beira dele “queríamos o teu homem por 20 ou 30 dias”. Só o homem, o homem tinha o seguro dele, nós tínhamos o seguro da máquina e ganhávamos um dinheirinho

AL: e até podiam pedir a um sapador ou assim não?

PB1: também, também podíamos, uma pessoa qualquer, uma pessoa que estivesse ligada a uma empresa que tivesse um homem que soubesse trabalhar com o tractor, podíamos fazer isso...

AL: pois... conclusão

PB1: nem tivemos tractor nem tivemos dinheiro (RISOS)

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: quando a floresta entrou, como estávamos a falar há bocado, quando o Estado entrou por aí adentro, tanto no Foral como no baldio, houve resistência por parte das populações...

PE1: no foral houve... no baldio não tenho histórico que diga que a resistência foi muito agressiva

AL: mas há floresta lá daquele tempo ainda

PE1: há, há, embora plantações que vingassem, digamos assim, restaram muito poucas

AL: é? Tipo vão queimando ou?

PE1: sim, houve incêndios, não sei foi fruto dessa animosidade que se criou na altura, ou não, mas o que é certo é que a floresta aqui há 20 ou 30 anos atrás levou um arrombo significativo e pronto, e depois não têm sido muito bem-sucedidas mesmo apos esse período muitas plantações foram feitas, na altura pelo ICN, ICNB, ICN, ICNF, não têm sido muito bem-sucedidas

AL: por que razão?

PE1: eu penso que porque desde a criação do Parque, 1970, 1971, que a relação foi sempre muito crispada, imposições, nunca ouvi... e fruto disso, penso que foi, foi difícil os projectos ao nível florestal, e depois também a florestas colide em muitos aspectos com a pastorícia não é... imposições de não pastagem, essas coisas todas, e umas actividades que tinham expressão vai diminuindo, vamos ver qual é o impacto destas novas regras das medidas de apoio, mas pronto, a pastorícia tinha expressão e a floresta vinha prejudicar e havia aqui uma relação pouco saudável, e houve muitos incêndios muita, aliás isso é do conhecimento público

AL: pois... e vocês como compartes já desenvolveram algum projecto de florestação ou...

PE1: vários, vários. Nós já desenvolvemos muitos, todos eles em parceria, verdade seja dita, com o ICN, todos eles, e aproveitando os fundos comunitários existentes, fizemos limpezas, temos concorrido a essas medidas todas das ITI, tudo isso, recuperação de algum património edificado, casas de abrigo, os troncos de maneio, limpeza de caminhos, abertura de alguns caminhos, tudo isso nós aderimos

AL: e a florestação tem sido mais à base do carvalho ou também exploram o pinheiro?

PE1: sim, tem sido, o pinheiro, não há plantações de pinheiro, o pinheiro é espontâneo, praticamente é espontâneo e o pinhal em termos de reprodução, digamos assim, de reflorestação espontânea é fácil, acontece facilmente e tem uma taxa de sucesso enorme, por isso os projectos que existem são para outro tipo de árvores, carvalhos, outro tipo de plantas, eu nunca fiz plantação com pinhal

AL: mas tiram rendimento do pinhal, desse de regeneração?

PE1: sim, já fizemos, já fizemos, não é expressivo porque é como lhe digo, quer dizer, nas décadas anteriores foi tudo dizimado que, estarão agora, se não houver incidentes, daqui a dez anos estaremos aí a retirar uma receita considerável da regeneração natural

AL e faz-se alguma condução desses povoamentos ou não?

PE1: vai-se fazendo com... tenta-se fazer, embora é difícil [*? não se entende*] porque os custos são elevadíssimos não é

AL: e o ICN não entra nisso?

PE1: o ICN nos últimos anos tem tecnicamente ajudado na preparação das candidaturas e acompanha...

AL: [...] a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta, a Câmara, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a Câmara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a Câmara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há muito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que [*? não se entende*] e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... noa há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de

assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações [*? não se entende*], até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falta, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras

do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiência com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negócio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

Germil: PG1

AL: pois. E a floresta também entrou aqui neste baldio...?

PG1: não.

AL: ai não? Vocês não deixaram?

PG1: na altura, não é do meu tempo

AL: eu sei, eu sei

PG1: mas não, não, não deixaram na altura

AL: houve um bloqueio aqui localmente?

PG1: houve... por aquilo que eu oiço não é, uma guerra, pronto...

AL: diga, diga que eu quero saber disso

PG1: houve oposição, as pessoas... estou a dizer porque ouviu falar, não é do meu tempo, mas reuniram-se e colocaram-se num limite e “aqui não há floresta” e, segundo se ouve, volto a dizer, alguns pinheiros que já tinham plantado no baldio arrancaram tudo, enfim,

aquilo do “isto é nosso, aqui não tocam” ... e não tocaram, não entraram, e depois, já estavam a iniciar a construção de uma casa de floresta aqui, pronto, daqui não se vê o local, mas vê-se ali do alto do nosso baldio, e foram lá a correr, o pessoal que estava lá a trabalhar “todos daqui para fora!”, isto não é casa da guarda, não é, a guarda-florestal, correram com ela, e depois estavam a... claro, e se calhar e bem, se calhar hoje até a gostaríamos de ter, e depois começaram assim a pensar... mas correram ali com uns técnicos que andavam ali a ver o local

AL: não houve aqui nada que eles não quisessem

PG1: não, daqui não, “isto é nosso”, pensaram... e pronto. E o Salazar obedeceu

(RISOS)

AL: mas aqui ao lado entrou não?

PG1: entrou

AL: pois, aquilo está... eles têm...

PG1: nota-se, mas ali no limite nota-se que cortou

AL: (RISOS) Germil! Pois, por acaso eu gostava de falar com essas pessoas assim mais, que estiveram cá nessa altura, se calhar algumas já morreram

PG1: ui, já morreram muitas, porque isso já foi há muito tempo, é do tempo dos meus avós, possivelmente os meus pais já eram nascidos, eram crianças grandinhas, pronto, mas ainda não ... os meus pais também já morreram por exemplo, ainda há uma ou outra pessoa que ainda se lembra disso mas são pessoas velhotas. Eu não sei o ano, isso não sei dizer

AL: pois, há-de ter sido aí nos anos 30, 40, 50, que andaram aí... 60 também

PG1: não, antes de 60, muito antes

AL: então é isso

PG1: mais para os anos 30, por aí

AL: pois, o plano de povoamento florestal teve início em 38

PG1: [faz cálculos de cabeça tendo em conta a historia dos seus] aquilo seria anos 40, anos 40, 45.

AL: pois, pois, foi quando eles começaram, começaram pelo Gerês, pela Serra da Estrela

PG1: pois isso não sei, não conheço a história, só conheço a daqui por aquilo que falam

AL: pois, sim. Pois ok, eu já tinha ouvido falar desses bloqueios, mas só que já percebi que há umas aldeias em que entrou, outras em que nem tentou, ainda ontem estive em Sá e nem sequer têm floresta

PG1: não, aqui tentaram, é o que eu digo tentaram e estavam já até a construir a casa para o guarda-florestal, e o pessoal “tudo daqui para fora!”

AL: então vocês agora não fazem gestão de floresta ou fazem?

PG1: não, gestão... nós não temos propriamente floresta, podemos chamar áreas com plantas

AL: pois, não é assim uma mancha grande suficiente para se poder chamar floresta

PG1: exacto

AL: e já percebi que tentaram fazer uma reflorestação [adensamento] que depois não deu

PG1: exactamente, não deu, há regras não é, que impõem, porque nós tentámos, nós queríamos executar por exemplo 50%, o que desse, 60%, aquilo que desse mas não nos aceitaram, tivemos que abandonar o projecto

AL: pois, exacto... vocês, como a floresta entrou não estão sujeitos a regime florestal pois não?

PG1: não... não

AL: ainda não percebi muito bem como é que esta coisa funciona

PG1: é assim, isto depois, porque tem que se ver as coisas assim, acaba por no final vir dar ao mesmo, porque é assim, nós candidatamo-nos, um projecto é candidatado a um apoio de 100%, de 80% ou...

AL: sim

PG1: mas que é do Estado e que depois o Estado vai-se sentir também, digamos... também com algum direito digamos. Mas não foi, não conseguimos, pronto, o projecto que eu disse tivemos que abandonar. Eu já não falo do fojo do lobo, de pontos de abeberamento, que isso no fundo não é para vender, não é para, pronto... é para vender mas de outra forma. Portanto, agora, se tivéssemos conseguido levar esse projecto que tínhamos, que vamos tentar mudar, quando amanhã o governo for dizer, falarmos nisso, como é que vai ser? Certamente o ICNF vai aparecer e dizer “bem, nós, o Estado também participou, nós também ajudámos aqui e também...” não é? Possivelmente é isso que eu digo, não há regime florestal mas se calhar depois indirectamente vai depois acontecer a mesma coisa

AL: mas eles ajudam na implementação da floresta nesses projectos?

PG1: não, é assim, eles não ajudam... ajudam tecnicamente, certo? Poem um técnico, disponibilizam etc. mas depois há dinheiros que são do Estado não é? Que se recebem... como o ICNF que é... é Estado. E... isto sou eu que penso, particularmente, nem nunca comentei com ninguém... sou eu que penso. Mas eu penso que depois indirectamente vão-se tentar ligar

AL: ah, ao projecto? Pois...

PG1: no futuro, quando houver... há-de haver um corte de madeira, vamos assumir um número, 50000 Euros, eles se calhar vão dizer “ah, mas o ICNF também... pois, que isto foi participado, porque não foi só dinheiro do baldio, também vai receber, ou pelo menos vai-se candidatar a receber tal e qual como naqueles casos em que estão sob regime florestal

AL: pois, pois... porque o que a Lei dizia era que o Estado recebia no caso dos povoamentos que foram plantados por eles

PG1: mas o caso é que nestes casos eles também participam e eu não sei até que ponto as coisas depois não se vão ligar. Isto é uma desconfiança, mas eu nem nunca comentei isso com ninguém, é a primeira vez que eu estou a... estou farto de pensar mas nunca comentei

AL: pois, eu também não me admiro, porque se realmente vêm técnicos, se vêm... não sei

PG1: porque eu acho que o Estado não dá nada a ninguém

AL: ninguém dá nada a ninguém, cada vez mais uma pessoa se apercebe disso

(RISOS)

PG1: portanto... mas posso eu estar enganado. Isto sou eu que penso, nunca comentei a ninguém sequer essa ideia, é a primeira vez que estou a... pronto, porque me colocou isso, e é aquilo que eu lhe digo, não [estamos sob o regime florestal] mas pode vir a estar ligado. Porque nós sabemos que, pronto, vamos lá a ver, as leis mudam sempre, as regras mudam sempre, e agora até digo assim mas amanhã vão ver que dá mais jeito se calhar receber também porque... mesmo aqueles que não estão sujeitos ao regime florestal, se há pressentimento que há receita, isso é fácil, é mais uma alínea ali não sei quê, que se muda e pronto, e dá-se a volta à coisa. Pronto... e no tempo do Salazar, Salazar é que ouvia a pessoas e diziam que era ditador, mas agora não ouvem e dizem que não são ditadores

AL (RISOS) acha que o Salazar ouvia as pessoas?

PG1: ouvia

AL: ao nível das aldeias, aqui...?

PG1: sim

AL: entrou por aqui adentro com a floresta

PG1: ouça, mas chegou ao limite, por exemplo, estou a falar do exemplo de Germil, outros... e as pessoas impuseram-se e disseram que não, e o Salazar tinha todas as condições para fazer o que se faz agora, mandar para ali a polícia de choque, não sei quê não sei que mais e vamos embora, mas não o fez. Não querem... vamos respeitar, agora? Não respeitam! Agora não respeitam. Está a ver como é que são as coisas, portanto, Salazar respeitava mais as populações do que respeitam agora, e diz-se que era ditador. E era, mas agora são mais ditadores ainda

AL: sim, eu não digo que agora esteja muito bom. Mas...

PG1: eu não estou a falar de política. Não estou a dizer isto por ser de outro partido a) ou por ser do partido b), atenção, eu estou a falar dos governos, seja os que lá estão agora, os que lá estiveram antes, os que estiveram a seguir, etc. E pronto, e não escondendo dizer que eles estão lá e eu votei por eles, arrependido, mas votei pronto, é por isso é que eu lhe digo, eu estou aqui a falar não é porque sou do outro partido ou sou dum... não é essa a questão, a questão é...

AL: e vocês têm equipa de sapadores aqui neste baldio?

PG1: não...

AL: não conseguiram, não tentaram? Eu sei que houve uma altura em que o parque fomentou isso não foi?

PG1: exactamente, e na altura falou-se, fazer, não fazer, e depois acharam que o melhor era fazer uma em Entre-Ambos-os-Rios para Ermida, Germil e Entre-Ambos-os-Rios... eu na altura, que ainda não era presidente do CD mas que já fazia parte, da minha parte eu achava que ter uma equipa para nós podia ser benéfico, uma equipa para três baldios que não era, não ia ser e não era, então nós não entrámos, digamos, nesse... na constituição da equipa e acho que foi bom, porque depois disso dá sempre alguns conflitos, queiramos ou não, por muito bem que a gente se entenda na altura, uma pessoa nunca sabe quem vem e depois... e até porque acho que não... eu acho que não fizemos mal

AL: mas agora para as limpezas têm de contratar

PG1: porque percebe-se... contratamos, mas percebe-se que as equipas de sapadores... porque repare, não digo que não servem de nada mas não servem os objectivos para aquilo que foram criadas, que se pensava

AL: para as limpezas... era para contrariar os incêndios não era? Sobretudo...

PG1: pois mas... Isto a meu ver, pela minha parte eu não estou arrependido que Germil não tenha constituído uma equipa de sapadores, porque é uma despesa certa que tem um... portanto já tínhamos um volume bastante alto, anual, e que depois se formos a ver fazemos mais trabalho, fazemos o dobro do trabalho com esse valor contratando empresas para o fazer

AL: acabam é por ter de fazer as limpezas para... pois, não interessa, vai dar ao mesmo, não é... têm que roçar basicamente não é?

PG1: sim, sim. Mas depois contratamos empresas, dá x ao metro, a partir daí... ou x por hectare, e fazem, pronto... os sapadores não quer dizer que não façam, nós sabemos que são trabalhos que não são de função pública... nós sabemos como isso funciona

AL: isto já está dentro do parque não é?

PG1: já, já

AL: portanto há algumas coisas que não podem fazer não é? Ou não? Tipo eólicas e...

PG1: exactamente, nós tínhamos um... digamos um projecto para um parque eólico e por estar numa zona protegida impediram-nos de realizar esse projecto que era uma fonte de rendimento, não é... não tem nada a ver com ITI não é, não tinha nada a ver com ITI

AL: pois, mesmo quando estava ainda na Junta se calhar já tinha havido essa...

PG1: sim, nessa altura já eu estava na Junta já, estamos a falar... na altura acho que era... foi antes da constituição do CD mas depois de já termos constituído o CD ainda se... ainda se, digamos, estava a tentar esse, a implementação desse projecto

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Depois questionei-o relativamente aos tempos da floresta... como é que foi a questão, se foi problemática, etc. Ele diz que foi extremamente inicialmente porque não houve qualquer diálogo com as populações, naquela zona pelo menos, houve apreensão do gado, caso os animais entrassem para a zona plantada, portanto aquilo não foi de todo compreendido pela população. Isto num altura inicial em que as pessoas não estavam ainda habituadas à floresta, mas *a posteriori* houve bastante gente que acabou por se empregar na floresta que acabou por lhe trazer benefícios no sentido em que aqueles anos em que trabalharam na floresta contaram para as reformas, então hoje em dia se estão reformados e se recebem reforma também é devido ao facto de ali terem trabalhado, se calhar se assim não fosse não teriam reforma sequer não é, porque muitas destas pessoas não descontavam, ou não descontam. Ele diz que quem trabalhou na floresta foram sobretudo os pobres, ou seja, quem não tinha terra, quem não tinha terra acabava por ceder à posição na floresta, e nesse sentido a questão da reforma veio-lhes a beneficiar bastante. Os ricos, ou seja, as famílias mais dominantes – eu perguntei, então mas havia aí pessoas com muita terra? Ele disse “não, mas havia pessoas que... em relação à área e ao local havia famílias dominantes”, que dominavam sobre os restantes, que tinham pouca terra ou que não tinham nenhuma. E eu perguntei-lhe se ainda existia hoje algum antagonismo com a floresta e ele diz que não, mas depois eu percebi que ele percebeu que eu tinha perguntado problemas com as pessoas, com as entidades, que hoje não há qualquer tipo de antagonismo com essas instituições que estão por trás da floresta, com o ICNF, que se dão bem, e por aí.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: a floresta quando entrou aqui pela mão do Estado não é, aqui entrou em força?

TC1: antes disso, entrou antes disso

AL: sim, começou mais cedo na serra do Gerês mas... mas com força não é, assim de uma forma consistente, foi nos anos 40 do século passado, 1938, em que entrou o plano...

TC1: essa foi a segunda fase, aliás, aí já se circunscreveu mais ao perímetro, foi... coincidiu em 1880 e poucos, em que a coroa se apropriou daqui de um conjunto de... de uma parcela grande de terreno, que é hoje a mata nacional... pronto, e aí começou a desenvolver uma política florestal no território. Mais tarde o Estado Novo, houve um grande incremento, eles fizeram muita actividade naquilo que já era terreno do Estado, mata nacional... e em

relação aos particulares estimulavam, davam apoio para a sementeira do pinheiro-bravo, e houve aqui grandes campanhas de sementeira nos terrenos particulares das pessoas

AL: e nos baldios

TC1: e nos baldios também, nós fizemos... a minha avó contava essa história, que recebiam o pinhão e que depois iam semear o pinhão nos terrenos dos baldios, curiosamente esse pinhal está a ser mesmo convertido, ou reconvertido em floresta autóctone

AL: pelo Estado não é?

TC1: não...

AL: não é pelo mesmo Estado, mas é pelo Estado

TC1: acaba por haver aí agora algum apoio, mas é interessante que antes de haver... nós só começámos a aproveitar os apoios do Estado para esta conversão neste ultimo quadro, portanto 3 anos... 4 anos a esta parte, mais concretamente há 3 anos a esta parte é que tivemos apoio para fazer aí esta plantação, que temos... fizemos plantação de carvalhos, de videiros e também uma experiencia de sobreiro. Portanto, sobreiro é mesmo uma experiencia resultado de um trabalho com a Quercus e com a Universidade de Trás-os-Montes... mas é interessante que... ainda aqui há tempos estávamos a fazer a plantação, há dois anos fazíamos a plantação... a primeira grande plantação com o apoio do Estado, porque antes desta fizemos uma outra com voluntariado, e temos tido uma dinâmica interessante... há hoje as escolas e grupos informais de pessoas que sentem a necessidade de contribuir para a natureza. E aqui como o Gerês é um sítio apetecível temos tido muitos convites ou pedidos destes grupos para fazerem acções de valorização ambiental ou de conservação, o que seja... e então temos canalizado para esse tipo de actividades, e a primeira fizemos uma grande plantação com o apoio da Universidade de Trás-os-Montes e com voluntariado, fizemos uma iniciativa castiça. Portanto, a partir daí é que começámos a fazer candidaturas e fizemos uma candidatura e tivemos apoio para fazer esta plantação há dois anos atrás

AL: isso são mais ou menos que áreas... por exemplo na primeira plantação

TC1: na primeira fizemos em 7 hectares

AL: ah...

TC1: mas foi adensamento... e é curioso que poderei voltar atrás e depois fazer-lhe aqui... vermos a evolução do baldio ou tentar perceber como é que os terrenos vão evoluindo. E entretanto andámos aqui a fazer esta plantação e contámos aí com o Rui Reininho dos GNR que veio dinamizar... (RISOS) e até aproveitei para mostrar às pessoas que há uma regeneração espontânea de espécies autóctones muito interessante... que já se verifica para aí há uma dúzia de anos, só mais recentemente é que eu tenho prestado atenção, eu e outras pessoas que tenho alertado para isso... e então, estávamos ali e eu mostravas-lhe aqui este vale que há 20 anos atrás a mancha que se via, a cor que se via, o tom que se via, era do pinhal, do pinheiro... e hoje o que predomina já são as folhosas de cá, autóctones, é o videiro e o carvalho. E isto há uma conversão até pelos próprios proprietários, pelas pessoas de cá, naturais que começaram a... naturalmente a desfazerem-se do pinheiro e a

deixarem as espécies autóctones... de tal maneira que também a nível da associação de compartes há uns tempos aqui não tinha pinheiros, aqui na influência do Parque. E... ah, e então, aqui há 15 anos começaram a nascer aqui pinheiros, e a ideia então era “epa, estão a nascer pinheiros ali, vai ser porreiro...” e tal... e agora é curioso que os pinheiros ali parecem mal (RISOS)

AL: (RISOS)

TC1: portanto, tem havido... houve de facto uma acção forte por parte do Estado que cortou espécies... dizimou floresta de carvalhos e plantou os camecípres, as sequoias, os abetos, e os pinheiros, o bravo e o silvestre... e essa dinâmica... e as mimosas também

AL: as quê?

TC1: as mimosas

AL: ah, sim

TC1: as acácias... foi também o Estado que... e que curiosamente pronto, hoje ao fim de... e é interessante que as populações opuseram-se nessa altura. Nós aqui opusemo-nos à ocupação, à expropriação que fizeram, porque houve uma primeira linha em que a comunidade aceitou ceder aquele espaço lá perto do monte... mas o Estado, depois... o Estado Novo tentou vir buscar mais uma parcela de terreno, que é o Mourinho, e a população meteu uma acção contra o Estado em 1920 e poucos, e ao fim de 6 anos ganhou... ganhou essa acção contra o Estado, e foi restituída a propriedade

AL: a sério? Está bem...

TC1: mas aconteceu em mais sítios, não foi só cá...

AL: sim, sim, sim, acredito. Mas depois quando começou o plano florestal, pelo que eu li, que foi em 1938 em que houve a tal imposição da floresta, mas que a nível de Lei vá, foi mesmo implementada a partir desse ano, pelo menos é o que está escrito

TC1: para nós aqui está um pouco diluída...

AL: eles aí entraram por aí afora não foi?

TC1: hmmm, isso já foi...

AL: não foram pedidas permissões

TC1: sim, mas aqui foi antes, aqui está um pouco diluída, aliás aqui a oposição forte foi 1890, por aí... inclusive tiveram de mobilizar tropa para cá e, o grande embate ocorreu aí. Depois o que veio a seguir já ficou mais diluído porque para nós não é marcante, portanto o que se passa a seguir não é muito marcante... enquanto que noutros sítios sim, em que os pastores eram classificados como preguiçosos e por aí afora (RISOS). Mas esse impulso que aqui ocorreu, essa nova dinâmica ou investida, já se circunscreveu mais... ou melhor já aconteceu mais em colaboração com a actividade local. Já tinha havido o grande embate e depois aqui houve... digamos o envolvimento da comunidade local, até que eram recrutadas pessoas e aqui é recordado, pronto, face a uma primeira fase negativa de luta

contra a oposição, depois essa segunda investida já acabou por ser interessante até para a comunidade local, porque criavam postos de trabalho ou pelo menos pagavam... mas as pessoas cá recordam, o meu pai recorda que as pessoas iam ganhar não sei quantos escudos por dia

AL: a trabalhar para a floresta?

TC1: a trabalhar para a floresta. Portanto aí já foi feito... já era numa outra perspectiva, enquanto que noutros sítios a invasão do Estado que ocorreu nessa altura e as marcas e aquilo que marcou é diferente

AL: então mas depois, já no pós-25 de Abril, aqui a comunidade de Campo do Gerês nunca teve aquela vontade de investir nessa floresta que o Estado deixou ou de a manter...

TC1: porque nós aqui sempre mantivemos, pois, outro detalhe... porque nós aqui nunca estivemos em cogestão... só dentro do plano de ordenamento do Parque Nacional, naquilo que o Estado exige que se dê conhecimento e condicione algumas práticas, é só nessa medida que consideramos que há cogestão, porque aqui nunca aceitámos a cogestão, a Lei dos Baldios permitia, tinha essa possibilidade, de os baldios serem cogeridos entre o Estado e as comunidades. Portanto aqui nunca aconteceu isso, até porque se afastou as actividades... o que é no nosso monte é nosso, o que é mata nacional é vosso, tendes o vosso terreno, entretenham-se por lá. Portanto a partir do... nunca houve aqui... até porque considerando as características ou esta característica de que é um terreno aforado, foi tratado de forma autónoma sempre, portanto...

AL: ok, nunca chegaram a formar um CD naquela altura do pós-25 de abril ou...

TC1: não... não porque havia uma outra organização aqui comunitária que era a Junta, mas a Junta...

AL: não era a Junta?

TC1: não, não era a Junta, é o conselho da aldeia, em que havia um zelador que era designado todos os anos e havia mais 6 pessoas que colaboravam com ele, e eles planeavam o trabalho. Portanto, e era este conselho da aldeia que fazia a gestão e definia as actividades a realizar e pronto, e decidia se era preciso cortar ou plantar ou... normalmente a floresta nunca foi vista... nunca houve... só agora recentemente, até por causa de... pronto, e era isso que há pouco lhe dizia... vai havendo uma adaptação, uma reconversão porque há 100 anos atrás isto era tudo despedido, havia núcleos, bosques, bem definidos, mas o resto da montanha... não havia pinheiros, aliás não existiam pinheiros aqui não é... e havia uma actividade pastoril muito intensa em que os montes, aquilo que era comum na prática, era usado para o pastoreio ou para roça de matos para fertilizar as terras e... o que nós... o que tem entretanto vindo a ocorrer é que como a actividade pastoril é muito reduzida e inclusive hoje há uma outra forma de exploração através das explorações pecuárias, com as vacarias, fruto dos apoios comunitários. Porque aquele conjunto... a vezeira não é, aquele conjunto de animais pertencendo dois, três, quatro a cada família acabou, portanto não há...

AL: sim, sim. E no meio disso tudo, da questão dos incêndios e tudo o mais, qual é que tem sido o papel do ICNF? Ou seja, é uma instituição com a qual colaboram e é presente, coopera, ou só proíbe?

TC1: nós queríamos

AL: como é que isso tem sido?

TC1: ultimamente tem havido uma certa aproximação, ela é recíproca claro, tanto de nós como do ICNF, até porque agora há uma maniatção, agora até os baldios vão ter de prestar contas ao ICNF, não é? De acordo com...

AL: sim, a, Lei...

TC1: antigamente o Estado era mais directo, mais frontal, agora usa subterfúgios... mas, mas pronto, foram criando um sem número de teias que obrigam... mesmo alguém que queira cortar um carvalho fora da área do Parque Nacional tem de pedir autorização ao ICNF, portanto esta excessiva dependência do ICNF, eu ainda não percebi onde é que eles querem chegar nem sei se vão ter estrutura para dar resposta, a não ser que arranjem aplicações para o telemóvel e que deem telemóveis aí às pessoas... hoje toda a gente tem telemóvel.... Mas há uma aproximação, há hoje um melhor relacionamento e, curiosamente, às tantas talvez fruto disso, quando o ICNF tem menos recursos aqui localmente, dentro do Parque Nacional, quer em termos de vigilância, quer até em termos de apoio, há uma maior abertura, há uma maior colaboração, claro que dependendo... mas têm uma outra visão, uma outra atitude perante as co... neste caso a nossa comunidade

AL: isso é recente, essa alteração de posição?

TC1: tem vindo, sei lá 3 anos a esta parte

AL: ok, ok. Estava a pensar se teria a ver com a mudança mesmo na própria... o director mudou não é, recentemente

TC1: ah, claro que tem a ver com as modificações que ocorreram na organização dos serviços, claro que depois também foi para uma situação muito extrema porque até aqui... antes o Parque Nacional era o ICNB, apenas queria cuidar da conservação, não é... e com esta inclusão da parte da exploração e do fomento com a conservação, o F, não é? Com as florestas. E o actual director tem uma lógica, tem uma visão diferente na área da exploração florestal não é? E que de facto foi isto que foi faltando ao longo dos tempos, porque é bom que se evidencie que do território do parque dos 700 km², 93% é terreno privado o gerido pelos privados, portanto, apenas 7%, sete virgula pouco por cento é terreno do Estado... e isto não é um, contrariamente ao que defendia o Henrique Miguel Pereira que foi o último conservador dentro do Parque Nacional, que defendia que isto era um terreno que devia, um território que devia ser pristinado não é...

AL: ah, pristinado (RISO)

TC1: o tal *wilderness* área e que, intocado pelo homem e... natural, intocado... não, isto não, isto é um terreno, um território... é um terreno que foi moldado pelo homem ancestralmente, portanto, isto tem ocupação humana e foi esta falta de flexibilidade na...

que ocorreu ao longo dos tempos, porque o Parque Nacional muito fechado, muito conservador, levou a que as pessoas também se afastassem, e depois havia quase o jogo do gato e do rato, enquanto as coisas devem ser vistas de uma forma integrada, exploração com conservação. E aquilo que hoje acontece mesmo no nível das comunidades locais, temos em todo o lado gente nova, digamos é uma evolução natural na sociedade, até no clima, em tudo não é... temos aí emigrantes por aí acima também que às tantas vão querer plantar outras coisas, mas as dinâmicas são outras e era bom que quem gere ou quem tem a responsab... a obrigação de fazer uma gestão integrada do território enquanto unidade Parque Nacional o pudesse fazer, mas estão a deixar muito na mão dos particulares também, não sei...

AL: pois, acabam por ser vocês que fazem a gestão do parque... embora com ajudas

TC1: claro, mas eu creio que a solução vai para aí

AL: sim, também não me parece mal

TC1: mas eu creio que teremos todos vantagem que seja assim, mas era importante que da parte do ICNF houvesse uma maior presença, um maior acompanhamento, porque quando dermos conta... por exemplo, a situação flagrante com as queimadas... é um calvário para fazer uma queimada

AL: em termos burocráticos?

TC1: desde o pedido inicial até depois ao dia da queimada, isto é terrível

AL: sim, se calhar se houvesse maior proximidade talvez se evitasse tantas burocracias não é? Ou não?

TC1: o que sucede, o que acaba por suceder é... nós temos vindo a divergir mas não sei se tem a parte que lhe interessa em termos de entrevista ou...

AL: não, não, não, tá...

TC1: ok.... Porque o que acontece é que... para mim o aspecto negativo é que... como há um conjunto de entraves e em que as pessoas não estão predispostas a isso, e por falta dessa proximidade e de apoio e de facilitação do processo, o que leva é que... os últimos incêndios que tivemos aí no final da primavera acabaram por ser queimadas mas queimadas clandestinas em que uma delas, até aqui muito próximo, degenerou e até fez dano que escusava de fazer. O que é que as pessoas fizeram? Foi ao fim da tarde foram queimar.... Quando accionaram os meios, quando vieram era de manhã, claro que já tinha ardido imenso. E as pessoas foram obrigadas a fazer ou fazem estas queimadas furtivas por causa da falta de apoio, da falta de proximidade. É apenas um exemplo, mas são inúmeros, portanto, era importante, é excelente que se siga essa máxima ou esse princípio de que... o tal princípio de subsidiariedade, o Estado deve vir, ou deve intervir, se nós localmente não conseguirmos fazer não é, mas dando-nos ferramentas, dando-nos apoio, envolvendo as pessoas que são os proprietários, é a forma adequada, agora o que era importante era que o Estado por via, por intermedio desses técnicos, estivesse mais presente e desse efectivamente mais apoio

AL: pois, que estivesse mais próximo não é...

TC1: até por dizer que está, que passou, que viu, que... não é importante? Até mesmo, quantas vezes... falo por mim, quando ia... estava a equipa a... passava lá, ia lá ver o trabalho, ir ter com a equipa quando estávamos a fazer trabalho de forma... eles eram pagos ao hectare, mas ir lá e dar lhes estímulo, apoio “epa, porreiro, estás a fazer bem”, é completamente diferente. E neste processo de reeducação ou de devolução de uma gestão responsável, no fundo... e há depois aqui outro detalhe que acho importante mencioná-lo que é... nós estamos, ultimamente temos vindo a tocar nesta tecla que é... na externalidade negativa que é imposta aqui às comunidades, portanto, quem usufrui da nossa paisagem... eu estou a construir uma casa mas eu não posso tirar pedra daqui, portanto eu fui pagar, mandei vir a pedra de Ponte de Lima quando podia ter extraído... esta preservação deste ambiente, como de não permitir a instalação de indústrias poluidoras... poluentes... por exemplo, a água que se capta aqui nas albufeiras, quem a consome, quem a beneficia directamente... metermos aqui um ecossistema que garanta que, neste caso este recurso, a água, ou até o ar ou... possa ser utilizado por outras pessoas, implica que a gestão deste ecossistema seja feita de uma forma que eu dizia há pouco responsável não é... e o responsável não é apenas para meu benefício directo enquanto proprietário mas visto integralmente na nossa sociedade não é. Isto implica necessariamente uma intervenção directa do Estado, o Estado devia ter uma intervenção directa, e com o apoio do Estado, portanto, a lógica de funcionamento tem de ser uma lógica diferente. Aqui há tempos alguém... mostrávamos ali em cima a um, mostrava ali a umas pessoas a plantação e então eles perguntavam “e isto agora para explorar... quando é que vão tirar rendimento daquilo?”, mas isto não é para tirar rendimento, isto não é para recortar, isto é que para vocês possam beneficiar

AL: isso quase que já não faz sentido hoje em dia não é, se não é explorar então é para quê...

TC1: mas as nossas intervenções... eu apenas queria chegar a este ponto, ou evidenciar isto, ou remarcar isto que é, a lógica que deve presidir dentro da área protegida Parque Nacional na gestão dos 1200 hectares, tem de ser uma lógica de conservação... claro que temos uma comunidade, claro que temos gente que vive cá, e agora este equilíbrio entre... pronto, no fundo é a tal sustentabilidade que tem as 3 vertentes, mas tem de ser vista assim

AL: uuh, estava ainda a pensar na questão do Estado e da intervenção do Estado, mas... porque aí em alguns locais ouve-se falar muito das limitações à... isto é que... lá está, no fundo vai de acordo àquilo que está a dizer, por estarem dentro do Parque acabam por ter... é-lhes requerido muita coisa, do ponto de vista de fazer certas coisas mas também de não fazer outras coisas, e ao mesmo tempo há pessoas que sentem que não há compensações suficientes para essas limitações, ou para essas directivas vãs, e que isso às vezes implica... sei lá, se calhar acaba por ter reflexos também ao nível... as pessoas não querem estar aqui porque não conseguem estar... sei lá, estou a falar dos jovens, e isto também vai de acordo com o que estava a dizer há pouco, a questão das ITI e dos cortes que houve nas áreas forrageiras... percebi que em algumas aldeias houve dificuldade

depois em distribuir a área do baldio pelos produtores da aldeia e que isso acaba por até por em causa a fixação de jovens agricultores e por aí... e este tipo de questões externas acabam por ter reflexo localmente, não sei se isso também aconteceu aqui

TC1: pois, mas também é importante... aquilo que, eu há pouco disse-lhe que o Estado esteve muito presente aqui desde o tempo do rei e Salazar, e o Parque Nacional enquanto ICNB, e entretanto está-se a afastar mas a afastar-se de uma forma perigosa, porque está a demitir-se de tarefas essenciais e, eu tenho uma ideia diferente, e eu acho que os apoios aqui deviam ser desenhados de uma outra forma... há pouco falávamos em vezeiras e perguntou-se se aqui... aqui há uma pseudo-vezeira que é de 3 criadores, são 3 criadores que hoje fruto dos apoios e da política da agricultura, criam muitos desequilíbrios, têm 3 vacarias e o território não está preparado para isso. Como não está preparado para termos aqui uma logica de jovens agricultores com um plano de viabilidade económica e até o projecto teve de... para ser aprovado tinha de garantir... isso vai implicar mecanização, vai implicar... as actividades aqui, a actividade na terra, silvopastoril, é uma actividade, se queremos preservar o ecossistema é uma actividade que tem de ser subsidiada numa outra logica, não pode ir dentro desta logica que hoje está implementada para os projectos, para os jovens agricultores e por aí fora, não pode ir por aí

AL: pelo nível de... ou seja, pelo nível de produção que se procura em cada uma ou...

TC1: tem de ser ao contrário, há sítios que... aqui tem de ser outra, não direi... na sardinha também não pagaram para não pescar não é? Às tantas aqui também tem de haver um equilíbrio, não pode, não se pode... o termos, o massificarmos isto, entrarmos em logicas... era interessante, às tantas, era chamar esses conservadores que estiveram aqui e perguntar onde é que eles estão agora não é... não sei se leu as discussões que havia no Estado Novo quando... antes da implementação daquela onda de... das dinâmicas para a floresta,... a discussão na época é interessante, leia, porque é interessante

AL: mas onde é que encontro isso?

TC1: há muita coisa escrita sobre isso, em que universidade é que esteve?

AL: no instituto superior de agronomia, em lisboa

TC1: na agronomia, mas a universidade de lisboa tem lá muito muito sobre os baldios e... e há trabalhos interessantes

AL: eu li uma tese já antiga, da altura dos anos 1980, que falava sim muito de discussão mas ao nível da assembleia sobre a posse dos baldios

TC1: a sociedade civil, a discussão que existia, quem defendia a política florestal do Estado e quem estava contra, portanto, já havia sensibilidades ambientais na época não é...

AL: ah, sim, entre os arquitectos paisagistas e os florestais, sim, sim, sim

TC1: havia, e a discussão é castiço, porque eu lendo aquilo é assim, nos dias de hoje só não temos *blogs* nem *facebooks*, mas os temas e a forma de discutir era... os conteúdos eram semelhantes... mas, porque, entretanto o raio das dinâmicas mesmo na gestão são reféns de projectos comunitários. Então o projecto comunitário executa-se, aquele projecto é

aprovado e executa-se e findo acabou, entra-se numa nova logica, num... e o território não pode funcionar assim, o território não pode andar ao sabor de impulsos ou de falta de impulsos

AL: essa é outra questão que referem alguns destes compartes com quem tenho vindo a falar que é precisamente, as ITI parecem ser consensualmente bem recebidas e como sendo uma boa iniciativa, mas lá está, dura 4 anos, ou 5 anos, e depois vai dependendo das políticas sempre

TC1: mas é que a seguir pode vir uma política completamente numa outra linha, de uma outra forma

AL: exacto, é isso, nunca se sabe não é

TC1: mas o que é mau é que internamente, mesmo quem está por dentro da estrutura de gestão do território, funciona dentro dessa logica, o que até ali fechou o *dossier*, e agora qual é a próxima? Pronto, e a preocupação dos técnicos é qual é a próxima janela de oportunidade em termos de financiamento, e depois vai por ali...e agora? Não pode funcionar assim

AL: pois exacto, é muito transitória essa realidade, dura muito pouco tempo, quer dizer 5 anos parece muito mas não é nada ao nível do território

TC1: são estes ciclos, não há uma linha condutora, são... e temos aí n exemplos de que as coisas depois acabam por não casar, mas um projecto novo e... é assim. Mas o território não tem, há aqui actividades que são lucrativas, de facto, a nossa por exemplo, mas o querer que os jovens agricultores explorem o recurso dentro das regras, porque as regras são as mesmas, quer seja no Algarve, no Alentejo, na lezíria, seja onde for... as regras para o apoio são as mesmas, só que aqui cria um impacto que vai ser negativo, considerando as características que era importante preservar aqui neste território, e provavelmente aqui deveria caminhar-se numa outra logica de projectos de conservação e de valorização, e não propriamente a da exploração, porque aquilo que há para os privados é exploração não é

AL: pois, pois, pois. Sim, mas mesmo assim aqui nesta região vê-se muito não é, estas iniciativas de aproveitar os recursos naturais no sentido de atrair... como vocês têm não é, passeio a cavalo, disto, daquilo e de aqueloutro

TC1: sim, mas isso é uma actividade turística que por sua vez também, lá está, é preciso que haja vida, que os sítios sejam visitáveis, que seja agradável quando as pessoas saem... e não é tudo, cheio de silvas, cheio de mato não é... temos aí uma paisagem muito bonita com socacos, os campos estando ao abandono nem se passa por la, nem se...

AL: então mas a que tipo de actividades é que se referia senão... não sendo produção, não sendo turismo, que actividades é que referia que poderiam ser implementadas?

TC1: então nem que seja manutenção do ecossistema. Eu creio que agora para os... aliás, creio não, veio agora para os baldios apoios para a conservação das linhas de água... qual é o propósito? É manter intocadas as linhas de água de maneira que valorizem o curso de água não é... é um INP, o objectivo é conservar naquele estado

AL: pois, mas a mim, a nível pessoal, faz-me um bocadinho de confusão, por exemplo, isso é para o baldio, acaba por ser uma instituição, mas para as pessoas que cá vivem, pronto que têm de comer e de receber algum dinheiro ao fim do mês faz-me um bocado confusão que seja sempre dependente de subsídios, e nesse sentido para mim a produção faz algum sentido, a produção não quer dizer que necessariamente seja contra a conservação, com determinadas características que... também, com o numero de pessoas que aqui há...

TC1: falei isto em contraponto, claro que são medidas com as quais não concordo, mas para os pescadores foram buscar o subsídio para não produzir

AL: e cá acho que também já houve não foi?

TC1: sim, para a agricultura

AL: Para arrancar as vinhas e não sei quê

TC1: sim, mas aos pescadores pagam-lhes para não sair para o mar... eu só chamei estes exemplos extremos porque a logica... toquei no assunto porque não pode ser provavelmente tem de ser uma actividade cujos indicadores ou índices de produtividade, têm de ser diferentes de um outro território qualquer, porque aqui o principal objectivo tem de... sim senhor vai explorar mas vai manter o equilíbrio, não vai esgotar o recurso, até digo mais aqui a sustentabilidade devia ser vista de uma outra maneira que era "vai valorizar o recurso". Foi apenas neste sentido que eu disse, porque se até noutros sítios pagam para não produzir, para que não se exija os mesmos rácios que exigem noutros sítios, para que lhe aprove o projecto não é... e isto carecia de uma maior proximidade das instituições e de apoio efectivo

AL: no fundo as ITI com esse melhoramento das pastagens, através da roça de matos já acaba por... mas lá está é sempre um subsídio, é sempre uma garantia inexistente, ainda agora falando na Ermida percebi que ainda não se sabe bem como é que vão ser os apoios zonais não é, que agora estão associados ao novo quadro, e as pessoas andam assim um bocadinho ao sabor do subsídio e imagino que isso não seja nada confortável

TC1: pronto, é que os subsídios até aqui nalgumas situações têm criado desequilíbrios, é aquilo que eu lhe dizia, as tais explorações pecuárias...

AL: pois é

TC1: nos terrenos, nos concelhos onde foram, nas comunidades onde foram, tente saber se de facto os criadores agora com 50 cabeças de gado neste território não cria desequilíbrio

AL: pois... sim, mesmo entre a população, não sei se é a isso que se está a referir

TC1: claro!

AL: sim, lá está, é o subsídio... eu não sei qual é que seria, nem é o meu papel aqui agora, mas lá está, um subsídio que permita começar um negocio ou uma produção e depois largar-se o subsídio eventualmente, manter-se uma produção a longo prazo mas sem necessidade de se recorrer ao subsídio, e aí havia de alguma forma igualdade no acesso inicialmente... mas acho que depois o subsídio passou a ser dado conforme o número de cabeças de gado e a partir daí as pessoas começam a disparar no número de...

TC1: sim, porque o projecto só é rentável a partir de... com uma certa escala não é...tem de contratar um... ou dito de outra forma, o projecto que seja rentável, que garanta um posto de trabalho, um posto de trabalho tem de ter determinadas cabeças de gado

AL: pois... uma cooperativa (RISOS). Uma forma de os produtores se associarem e deixar de haver essas desigualdades... enfim, é complicado, imagino que seja

TC1: e de outra maneira... e porque não pedir um rácio, pedir índices diferentes, porque é que tem de ter aquela rentabilidade? Pode ser um projecto apoiado mesmo dando prejuízo... porque não?

AL: sim, se é para manter a paisagem em prol do parque

TC1: claro, se é necessário, portanto, se foi identificado que os animais é importante que pastoreiem para reduzir a camada de combustível

AL: manterem a matéria orgânica, blablabla

TC1: pronto. Se para... se as regras são as mesmas para a unidade de produção que noutro sítio qualquer, e aqui só é aprovada, como noutro sítio qualquer, se for rentável não é... claro que aqui o... apenas tenho dito, reflectam se é exagerado ter neste território explorações pecuárias com o efectivo como estamos a ver por aí. Depois ainda se dá outra situação caricata que é a de, olha-se para o gado e... no outro dia fui fazer um passeio com uns clientes e digo “no meu tempo era vergonha ter-se uma vaca magra” e agora... porque aquilo era... o meu animal, até tinha um nome e... e agora é mais uma que dá o subsídio, portanto, é um objecto que permite subsídio

AL: pois, já ouvi falar desse efeito

TC1: a forma como... e vemos aí, no inverno na... isto é até degradante, é mau, e para os animais coitados que sofrem... basta vir aí uns dias de neve então levam um bocado de feno lá para... poem ali junto da estrada, e os animais magrinhos, coitados, cheios de frio, vêm lá comer. Epa aquilo não faz sentido nenhum

AL: mas no inverno eles não recolhem aos currais?

TC1: não! Alguns não, alguns não, não têm condições... não têm condições de outra maneira, claro que eles têm de ter o estábulo, só que estando no estábulo têm que lhes dar de comer, e ao menos lá em cima sempre vão comendo qualquer coisa. E aquilo é assim... só gastei... cada fardo custa um Euro ou lá o que é “ainda só gastei 50 Euros esta semana... esta semana não gastei nenhum, ele conseguiu aguentar-se”

AL: não morreu...

TC1: pois! Porque aquilo o que interessa é manter o animal vivo por causa do apoio, não interessa mais nada. Ah, e depois os animais saem quando vão para abater, depois também está montado o esquema de, os fulanos comprar aquilo barato, levam para engorda e depois abatem e...

AL: pois, então aqui ao produtor acaba por não interessar muito sequer a venda não é...

TC1: o produtor só tem interesse no manter o efectivo, porque o objectivo... porque da forma como estão desenhados os apoios é “preciso de ter este efectivo, então como é que eu reduzo os custos para manter este efectivo”

AL: pois assim não...

TC1: e depois pronto, agora imagine-se o que se quiser imaginar à volta disto

AL: pois. E quantos produtores existem então aqui no Campo do Gerês?

TC1: temos três...

AL: só três produtores de animais...

TC1: mas eu estou a falar mais nem é por aqui, porque aqui ainda há gente que vai tendo alguma consciência... estou a olhar para acolá porque são os vizinhos mais próximos... (RISOS). E ali naquele, ali perto da Calcedónia, há ali uma confluência, e até há ali um sítio castiço, há ali uma situação castiça de... o fulano de Vilar da Veiga que vem pastorear para ali, com autorização dos de Covide, porque aquilo é de Covide, mas com a obrigação de guardar o outro gado, dos de Covide, então naquela zona de fronteira no inverno assiste-se ali a cenas degradantes, com os animais a precisarem de comer...

AL: são demasiados animais ali naquela...

TC1: não é questão de serem muitos só que com neve precisavam de ser tratados de outra forma

AL: pois... então são três produtores, e quantas pessoas é que são aqui? Compartes... não sei se vocês se gerem com a lei dos baldios

TC1: noventa e qualquer coisa

AL: noventa e tal compartes e três produtores de animais?

TC1: sim

AL: são pouquitos pois... e são apenas esses que tiram proveito do baldio directo, vá...? Benefícios extraídos directamente do baldio, e apicultores também se calhar... há muita gente?

TC1: apicultores há três...

AL: ok, e de resto o baldio é usado para quê? Já percebi que para buscar os matos, para pastorear o gado

TC1: os matos já ninguém os vai buscar lá

AL: não? Nem esses três produtores?

TC1: não, esses têm propriedades... sim, e os estábulos hoje também são preparados de outra maneira não é... aquilo é limpo não é, só tem a cama mas é com os restos da comida,

só naqueles... nos eidos não é, é que junto... quando junta mais lama é que eles poem algum mato, nem se faz... ou se tem campos para cultivar que tem interesse... senão não... para a sua exploração não precisa. Aliás até o pessoal ali das cabras da aldeia vizinha até têm extracto seco não é, aquilo não precisa de nada, se recolhem as fezes... aquilo é um gradeamento. As técnicas de hoje não precisam, portanto uma vacaria não precisa de ter mato não é...

AL: mas não utilizam depois na agricultura?

TC1: sim, há um deles particularmente que sim, tem lá uma parte fora onde os animais ficam na... junto do estábulo, e aí sim vão triturando e vão depositando fezes e claro, fazem o estrume

AL: e a maior parte das pessoas tem a sua horta

TC1: sim

AL: tem a sua agricultura de subsistência

TC1: não direi de subsistência, não, é mais um.... É mais a despesa não é...

AL: si, exacto. E essas vacarias foram construídas no baldio?

TC1: não

AL: não houve cedência de terrenos...

TC1: não. É em terrenos deles

AL: e é só deles? Não há utilização por parte de outras pessoas que também tenham animais

TC1: não... explorações em terrenos individuais

Covide: TCo1

AL: a lei dos baldios não tem qualquer influência sobre os montes aqui de Covide?

TCo1: não. Embora por exemplo nessa repartição dos montes está-se a fazer mais ou menos como a lei dos baldios, mas não é... a lei dos baldios aqui não intervém em nada

AL: pois... a repartição dos montes, como assim?

TCo1: desses hectares que demos agora por exemplo, pelas cabeças de animais

AL: ah! Ok. E o ICNF tem alguma intervenção nos vossos montes? Em termos de exploração florestal... colabora com vocês? Há algum tipo de colaboração entre vocês e o ICNF?

TCo1: não. Havia uma parte, mas isso já foi antigamente, havia uma parte que era ali, que foi dos pinheiros que se vendeu agora ultimamente, que tinham sido plantados pelos SF aqui há muitos anos, ainda me lembra disso, mas eles... por acaso até tenho aqui... mas isso tinha sido reclamado... não sei se tenho aqui a data, novembro de 1991...

AL: é da madeira esse?

TCo1: não, isto foi uma parte do monte que estava a ser gerido, neste momento, pelo PN. Quando fizeram as divisórias do monte eles apoderaram-se de uma área que era da freguesia, que estava desde a escritura

AL: a tal que eles conquistaram?

TCo1: não. Isso não tem nada a ver com o estado. Mas isto depois... está a ver, isto até está fácil de compreender

AL: sim... 1991... incluído no Parque Nacional

TCo1: Lamas, que é ali junto do Parque... procede-se à notificação dos limites do monte da freguesia de Covide, concelho de Terras do Bouro e a mata nacional da serra do Gerês.

AL: ah, por causa da mata

TCo1: porque isto antes de ser parque era mata nacional não é, aqui onde é parque agora... estiveram presentes os moradores da freguesia - que eram estes - pela parte da Junta - aqui está a ver que já era a Junta, estiveram presentes os moradores da freguesia, que é o senhor Manuel Moreira

AL: mas aqui o baldio, o baldio não, o monte de Covide faz fronteira com a mata de Albergaria, não?

TCo1: com a mata de Albergaria não, faz fronteira com a mata de Lamas, que é a partir da estrada

AL: ah, a mata de Lamas, não conhecia

TCo1: a mata... a mata... o parque, começa aqui desta estrada nacional para lá. Você veio por onde?

AL: vim por...

TCo1: São Bento?

AL: sim

TCo1: então, a estrada do lado esquerdo já é parque, e aquele monte, aquela encosta é de Covide

AL: quando diz lado esquerdo é para lá não é? Se eu estiver a ir para lá, ou é se eu estiver a vir para cá? Se eu estiver a vir para cá de São bento, é do lado esquerdo do parque?

TCo1: não, não, é do lado direito, o parque é do lado direito. Se for daqui na direcção de São Bento é ao lado esquerdo. Portanto o que faz a divisória do parque com o... o parque chega até aqui, mas o monte de Covide chega muito lá acima

AL: ou seja, tem uma parte grande fora do parque

TCo1: sim

AL: e conflui com a mata de... como é que disse? Lamas...

TCo1: a mata de albergaria não.

AL: não, a de Lamas

TCo1: Lamas, é o nosso monte de Lamas, que é ali a...

AL: é tipo, faz parte de um perímetro florestal, é isso?

TCo1: não, não, aquilo era já mata florestal, na altura

AL: mas é do estado a Mata de Lamas

TCo1: é do Estado

AL: e por isso é que eles precisaram de fazer esses limites melhor, porque eles tentaram apropriar-se de parte do vosso monte

TCo1: do nosso monte. E nós reclamámos e de facto eles foram lá ver e de facto estão lá as cruces nos penedos, antigas, porque o nosso monte está todo dividido por cruces, em toda a volta. O nosso monte faz aqui a divisória com São João do Campo, Rio Caldo, aquela parte ali de Santa Isabel do Monte

AL: sabe qual é a área do monte? Mais ou menos

TCo1: não sei, eu acho que anda à volta de uns 15000 hectares

AL: iiiiih, é grande ahn

TCo1: eu acho que anda à volta disso, é só questão de pegar para aí

AL: ah, acha que está para aqui... então eu depois vejo

TCo1: está, porque eles até medem de cruz a cruz

AL: está bem, então eu depois vejo, não se preocupe. Está bem, então o ICNF teve um papel no corte dessa mata que foi cortada por eles?

TCo1: teve, porque aquilo é de 60-40, penso que foi 60 para a freguesia e 40 para eles

AL: foram eles que efectuaram o corte e venderam e tal?

TCo1: não, não, eles não fizeram nada, eles só ajudaram na medição, mas ajudaram simplesmente, quem fez a venda foram os proprietários de Covide

AL: ai foi? Então eles só ajudaram a escolher as árvores, foi isso?

TCo1: sim, a marcá-las e a ver quanto daria

AL: então ainda houve uma parte da floresta que ficou, daquele tempo, antes de vocês contestarem a presença do estado

TCo1: isso foi na outra ponta, isto foi aqui no monte de lamas e a outra parte que se contestou foi aqui no monte contrario, que já não é deles do parque. A parte que se contestou foi dali digamos, do lado direito de quem vem para cima, que é dentro do parque, e este é dentro do parque. Este outro é fora do parque, é do lado

AL: é fora do parque mas ainda é vosso, é do vosso monte

TCo1: é nosso. Porque o nosso monte, essa estrada que vem por aí acima, corta-o ao meio, um lado é para lá e do lado para cá também é nosso, portanto, desde lá debaixo de Rio Caldo, calhando vê lá logo uma placa que diz Covide, a partir dali para cima é nosso. Quem sobe do lado direito é parque, do lado esquerdo não há parque

AL: exacto, exacto. Sim, eu subi esse perímetro florestal com um sapador, o perímetro florestal da Abadia

TCo1: sim

AL: vocês também têm uma área aí?

TCo1: temos... já não temos, essa aí já a conseguimos tirar também, precisamente por essa questão

AL: aaaah, ok. Porque Rio Caldo tem lá uma parte ainda, não é?

TCo1: tem. Mas nos conseguimos tira-la agora, no PDM, foi agora, foi há pouco tempo. Precisamente por aquela questão, porque eles ainda consideram aquilo como... olhe, eu até fazia-lhe uma coisa mas você vai ter de depois me entregar, porque aqui temos vários documentos que a podem ajudar ainda mais, por exemplo, temos aqui um esclarecimento da freguesia por causa da venda dos pinheiros

AL: eu por mim tudo o que eu levar hoje trago-lhe hoje

TCo1: é porque este documento é um documento da Junta de Freguesia, e isto é um documento de uma reunião que fizemos cá, está a ver? Reunião dos moradores da freguesia, ficou aprovado por.... Mas isto são documentos originais, gostava que não os perdesse não é... eu nem sei, eu acho que sim, isto foi uma reunião pública. Este foi o documento quando foi a Lamas, portanto no monte de Lamas

AL: e o PN já não tem nenhuma floresta plantada aqui, daqueles tempos

TCo1: não. Não. Porque aqueles tempos é esta parte que nós reclamámos. Mas isto já vem, esta floresta já vem desde que

AL: E a Câmara tem alguma intervenção ou alguma... há alguma relação com a Câmara na gestão aqui do vosso monte?

TCo1: não.

AL: não há qualquer tipo de

TCo1: não, então, isto é uma propriedade particular, é como qualquer propriedade, é como esta cadeira, é minha

AL: mas não há protocolos, sei lá, qualquer coisa que a Câmara lhe interessasse dali do monte e vos ajudasse também de alguma forma

TCo1: não, não, não há nada. O monte é como eu digo, é

AL: e vocês já alguma vez fizeram alguma plantação no monte ou pretendem fazer alguma plantação

TCo1: ora bem, houve ali uma altura em que o Parque fez ali uma plantaçãozinha ali em Lamas onde vai lá passar, mas aquilo não deu nada, não é

AL: e o pessoal que gere, neste caso a Junta, nunca tentou investir na floresta?

TCo1: não. Nós ainda há dias a Junta arranjou meia dúzia de pessoas e fomos a Lamas plantar. A Junta pagou as árvores, nos currais, em especial nos currais, para fazer sombra aos animais, a Junta passou as árvores e um número de moradores foram lá plantar. Mas isto estou-me a referir a meia dúzia, 10-20 árvores, não é, não é uma plantação...

AL: e vocês agora se quiserem fazer um corte de madeira, fazem-no sozinhos ou chamam o parque, chamam o ICNF?

TCo1: não temos nada que chamar o parque, quer dizer, aquela parte que era deles já se cortou os pinheiros

AL: mas fazem sozinhos? Conseguem fazer isso sozinhos?

TCo1: fazemos

AL: e o PN já não tem nenhuma floresta plantada aqui, daqueles tempos

TCo1: não. Não. Porque aqueles tempos é esta parte que nós reclamámos. Mas isto já vem, esta floresta já vem desde que

Ermida: TE1

AL: e actualmente... portanto na altura foi o Estado que florestou, e vocês quando criaram o CD e a assembleia de partes, fizeram-no em cogestão com o Estado ou autogestão?

TE1: não, na altura foi autogestão

AL: ah foi?

TE1: eles tinham essa opção, de ficar com o Estado ou não e na altura ficaram já em autogestão

AL: e ainda estão?

TE1: e ainda estamos

AL: ok

TE1: do Estado só pareceres do ICNF é que a gente pede

AL: para fazer...

TE1: caminhos ou reflorestações, a gente tem que ir dizer sempre “ah, nós precisamos deste caminho...”. Portanto... e outras pequenas obras que vamos fazendo, a gente tem de pedir parecer sempre

AL: claro, é o Parque não é...

TE1: é

AL: mas para gerir a floresta não contam com eles...?

TE1: não

AL: se calhar têm de pedir pareceres, lá está

TE1: temos que os informar, imagine que a gente vai vender... sei lá, meio hectare de pinhal... a gente informa-os, “pretendemos vender x pinhal em x zona”, ele vêm ver... como não são árvores que estão em... como o sobreiro, que estão em...

AL: protegidas?

TE1: exactamente

AL: pois, pois... então actualmente... acha que já houve uma altura em que o parque era mais activo, digamos assim... mais presente do que actualmente...? Eu estou a perguntar isto porque noutros baldios tenho ouvido certas coisas como “ah, não, hoje em dia o parque é como se não existisse, nunca ouvimos falar deles” e assim, não sei se aqui também é assim

TE1: é mais ou menos isso, é como se não existisse, é isso que eu lhe estou a dizer

AL: pois

TE1: a gente só precisa dos pareceres, no nosso caso, não é... ou às vezes outro tipo de apoios técnicos, como a elaboração de projectos, também tem que passar por eles na mesma, não é... a gente vem com eles ao local onde se pretende fazer uma plantação ou outra coisa qualquer e eles também vêm ver se... não é

AL: sim, sim

TE1: é mais a nível técnico...

AL: mas por exemplo, eles não ficam com uma percentagem das vossas receitas em floresta ou ficam?

TE1: não, o pinhal... nunca ficaram

AL: pois, se vocês estavam em autogestão

TE1: em autogestão desde o início... e nós é que tratámos da construção de todas as estradas florestais que estão dentro do que é... isto aqui era uma estrada florestal e a conservação disto é toda a nosso cargo, não é de... nós temos cerca de 20 km dentro da área de caminhos e... os dois troços de estrada florestal são mantidos por nossa conta... senão isto não se passava aqui hoje, isto ainda há dias na semana que passou, eram duas pessoas numa semana inteira a fazer estas...

AL: ah, para a água...

TE1: isto, estás a ver

AL: estas coisas são mesmo para a água sair para o lado⁶

TE1: sim

AL: ah, boa, boa solução

TE1: é assim, não está muito bom, pois agora temos outro problema técnico que é não podemos escavar saibro para compor isto

AL: pois

TE1: e eu não sei como é que isto se vai resolver no futuro

AL: escavar saibro é por exemplo chegar a esta rocha e... não...

TE1: a rocha é... por exemplo, naquela clareira que vês lá em baixo é um solo tipo areoso, onde nós passámos, é onde nós, e mesmo em conjunto com eles, eles houve uma época que ainda davam algum apoio com o camião deles e pronto, para carregar o saibro... nós em conjunto com eles trazíamos lá de baixo... está lá uma clareirazita

AL: sim, sim

TE1: e portanto... compúnhamos a estrada com o saibro só que agora não é permitido fazer

AL: nem se pedirem autorização? Não dão?

TE1: não, é logo passado um parecer negativo

AL: que engraçado, eu estive a falar com um senhor que até já foi presidente do parque em tempos, director aliás, e ele disse que, pronto, escavar saibro é proibido em todo o lado e que tem de se pedir licenças, pronto, tem de ser fiscalizada assim. Mas eu fiquei convencida que aqui também, se pedisse licença poderia obtê-la... mas já não é a primeira pessoa que me diz que não

TE1: é assim... nestas zonas assim de ambiente natural, aqui mais a norte, isso já é impossível de fazer, é já dito o não... depois há uma zona lá mais a sul que possivelmente

⁶ São cortes no terreno que obrigam a água a diminuir a velocidade a descer num caminho, limitando assim o efeito erosivo da estrada, ao mesmo tempo que direcciona a água para as bermas

eles dão autorização, mas é assim... a gente faz o pedido à Câmara e os da Câmara enfim, para o parque, e eles dão autorização para tirar algum saibro, mas imagina, para 8 dias. Mas havia que ter vários pareceres, de várias entidades que a gente tinha que pedir, e só podíamos tirar o saibro durante 8 dias e depois nos outros dias a seguir tinha que se voltar a fazer o pedido... nós acabámos por desistir

AL: ok

TE1: sei lá até quando... não sei. Mas que a guerra pelo saibro vai... isto cada vez vai ficar pior, para além da gente, de alguns... os cortes de área não é? E é assim, depois não sei como é que se vai resolver um dia

TE1: pois tire uma [fotografia] aqui encostada que é para eles verem que nós temos um veículo de apagar incêndios

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: (RISOS) pois... quem sabe... sim, já tenho ouvido também noutros baldios, que os incêndios estão associados a...

TE1: pois, portanto isto não é nenhuma catástrofe, os incêndios hoje... isto também é um negocio, um negocio dos diabos... e depois há meia dúzia de manos que andam aí com uns helicópteros a brincar, estás a perceber, eu não sei quanto é que eles gastaram este ano nos meios aéreos, mas se nos dessem a nós, aos da Ermida, 50 000 Euros, nós conseguíamos roçar mato em 50 hectares

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber onde é que está a diferença? Mas o governo central não quer isso, quer dar o dinheiro a meia dúzia de manos, tás a entender, dar uns milhões valentes a meia dúzia de manos, e os outros não interessa, o que interessa é que poucos

AL: pois, exacto, e é sempre na cena do combate, não é tanto na prevenção

TE1: exactamente, o que interessa é que poucos ganhem muito dinheiro e que os muitos não ganhem coisa nenhuma. Nós não precisávamos dos helicópteros aí, se nos derem 60 mil Euros ou 70 nós roçamos 70 hectares nas zonas mais problemáticas e os incêndios acabam

AL: claro... mas estas coisa das ITI acaba por vir um bocadinho de encontro a isso não é?

TE1: foi, ajudou bastante nessa parte, porque a gente fazíamos a área que eramos obrigados a fazer e ainda fazíamos muita mais por fora, com esse valor que vinha, estás a perceber, nós só o ano passado conseguimos roçar 20 e tal hectares, fora os 10 hectares que tínhamos de roçar obrigatoriamente com o contrato das ITI

AL: ah... ok. Mas vocês usam uma empresa ou têm um tractor ou...

TE1: contratamos

AL: contratam uma empresa, pois

TE1: nós, por exemplo, o mapazinho, imagina... [vai buscar o mapa ao carro] isto era mais ou menos... imagina aqui, isto tem medidas não é... a SA52 eram 2 hectares e 600 (metros), imagina, não é... e esta foi aqui, estamos mesmo aqui em frente a ela, até se nota lá em baixo, anda lá agora o gado caprino, ainda se nota lá uma clareira, foi entre aquele rochedo e este por ali abaixo. Pronto, a gente mais ou menos consegue ver, pelas linhas de água, chega-se aqui, traz-se os empreiteiros, não é, por ali, por ali, por ali... e eles têm de fazer esta área por x valor acordado

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber? E a gente ao fim paga-lhe, é o que fizer mais barato

AL: pois, exacto... e estas áreas todas juntas, portanto, por ano é 10 000 é isso?

TE1: dava mais ou menos 10 hectares por ano a nós

AL: 10 000, sim, 10 hectares

TE1: 10 hectares... porque imagina esta que era 2 e... era mais ou menos 3 parcelas por ano, eram sete hectares e meio mais a do norte, a da serra alta. Porque esta aqui podia ser feita em fogo controlado ou roça de mato, mas eu optei sempre por roça de mato, e além de ficar mais caro, porque era muito mais fácil chegar lá com um fosforo, ou chamar os gajos do ICN “vamos queimar ali a parcela x”, mas nós temos opção

AL: hmm, ah mas também há opção de fazer fogo controlado?

TE1: sim, havia

AL: não sabia

TE1: é... já vês aqui

AL: por acaso tenho ouvido falar sempre de roça, nunca tenho ouvido falar de fogo controlado

TE1: mas só havia dois baldios que estavam, que eramos nós e os de Vilar da Veiga, que podíamos ter fogo controlado... estás a ver estas em rosa

AL: sim, sim, sim

TE1: roça de mato / fogo controlado

AL: ok

TE1: que são estas aqui da zona alta, onde tem pouco arvoredado

AL: mas para o fogo controlado tinham de chamar técnicos especializados não é?

TE1: vêm os tipos do ICN, acompanhados com a equipa, normalmente era do GIPS

AL: de jeeps?

TE1: do GIPS, dessas brigadas dessa guarda-florestal, dessas carrinhas verdes

AL: ok... não sabia que se chamavam GIPS

TE1: GIPS é G, P... pronto

AL: ok, não conheço

TE1: são essas que andam aí ligados à floresta, essa guarda que até têm uma farda igual a isto, castanha

AL: ok, tipo, o pessoal da GNR, ou não?

TE1: eles fazem

AL: que agora os serviços florestais passaram para a GNR não é isso?

TE1: é mais ou menos isso... é mais ou menos isso. E então a gente fazia o pedido não é, parte tudo da nossa parte, a gente fazia o pedido e... da minha parte eu nunca fiz o pedido para fazer fogo controlado, porque é assim, fogo controlado, mesmo que poucas árvores existam na serra alta vai matá-las também, estás a perceber

AL: epa, isto está-me a picar

TE1: aqui na serra a zona do gado é assim, tem muita mosca

AL: isto são moscas? Estão-me a picar!... sim...

TE1: pronto e era assim, mas como eu nunca fiz nunca me preocupei com essa parte

AL: mas o fogo controlado é pago?

TE1: não, não... a gente não paga nada

AL: mas a roça pagam...

TE1: sim, sim

AL: então se calhar até vos saía mais em conta

TE1: mas... mas portanto, na serra alta o fogo controlado deixa o solo muito desprotegido e depois as pessoas... mas as pessoas não querem saber disso para nada, os pastores só querem ver é lume não é, e eu lutei sempre por roça de mato

AL: ah, exacto

TE1: por exemplo, também fazíamos a limpeza de muitos trilhos, ainda há dias se fez este aqui, temos outro lá em baixo

AL: isto é a casa florestal...

TE1: a casa do guarda... morava aqui um guarda, ainda me lembra eu

AL: ainda quê?

TE1: eu ainda me lembro de estar aqui um guarda a morar

AL: e agora, está ao abandono?

TE1: estão todas

AL: é considerada como sendo do ICNF não é? Não é vossa

TE1: é, é

AL: pois... vocês se quisessem renová-la tinham de estar aí a lutar por ela

TE1: fazer o pedido mas não adianta, renovar uma casa dessas custa um balúrdio... eles um dia isso vai ser vendido, isso vai ser património publico, mas o que é que vai acontecer... quem renovar isto, que queira um dia comprá-la tem de morar aqui, se não morar aqui vai ser vandalizada para roubos e para essa coisa toda

AL: pois, exacto, já está não é

TE1: isso é para esquecer

AL: e aqui vocês têm muita questão com o lobo, como eu tenho ouvido noutros?

TE1: tem, os pastores aqui de vez em quando são bastante afectados, não tanto como nos outros lados, mas de vez em quando também temos

AL: e como é que tem sido a presença do ICN nesses casos?

TE1: é assim, eles dizem que pagam mas se encontrar a carcaça...

AL: pois

TE1: mas por vezes não é isso que acontece, não se encontra coisa nenhuma... quando se encontra é uma coisa, quando não se encontra...

AL: pois... mas não há assim muitas queixas dos pastores aqui na zona não é?

TE1: na Ermida propriamente não

AL: e como é que é aqui, nos limites com os outros baldios, há algum conflito na utilização...

TE1: já houve

AL: eu já ouvi falar de um com Fafião... (RISOS)

TE1: e com os de Vilar da Veiga

AL: ai com os de lá também...

TE1: já falaste com os de Vilar da Veiga?

AL: não, ainda não, é que eu não tenho o número de telefone dessas pessoas, já mandei para lá uma carta, porque arranjei a morada, até foi através da engenheira Sandra, mas ela ainda não os tem como sócios então não quis estar a abusar

TE1: ah, pois não, não trabalham não com a associação dela

AL: pois, ela entretanto foi fazer contactos e eu não sei como é que isso ficou, mas a verdade é que ela não se sentiu à vontade para me estar a dar números de telefone, e eu percebo perfeitamente, mas agora estou a ver se vou lá meter o bedelho, tentar ver quem é que é, não sei... mas ainda não falei com eles não, mandei-lhes a tal carta só. Mas sim, não sabia desse conflito, soube... até já nem me lembro quem é que me contou sobre o conflito de Fafião e Ermida, mas não... que foi assim também muito longo, não foi? Uns anos... tribunal e...

TE1: foi, foi, foi, e...

AL: e vocês então têm conseguido fazer sobrar bastante dinheiro das ITI?

TE1: sim, porque [*? não se entende*]. Imagina, gastávamos 10 000 Euros nos 10 hectares obrigados a fazer e depois com o resto fazíamos mais

AL: ok... e usavam em quê? Portanto, faziam mais limpezas, já percebi...

TE1: limpezas e caminhos, colocação de aquedutos

AL: era sobretudo usado no baldio...?

TE1: sim, tudo

AL: não era na aldeia como...

TE1: não, ultimamente connosco não... na aldeia as obras quem tem de as fazer normalmente é a Junta ou a câmara. Enquanto no baldo a gente vai... renovando os caminhos, roçando o mato

AL: compraram o carro também não foi?

TE1: sim

AL: pois... e esse tipo de utilizações *a posteriori* não são... isto é, não são fiscalizadas ou não há uma forma pré... prescrita para utilizar esse dinheiro que sobra das ITI, como é que isso é?

TE1: é assim, o plano de actividades é aprovado ou não conforme o que tem proposto e depois já fica mais ou menos... depois é baseado naquilo, se tivermos dinheiro, se não tivermos não se faz

AL: mas isso é para as limpezas que pré-definiram não é? Mas aquelas que depois fazem a mais... isso não está no plano pois não?

TE1: está

AL: ai também está?

TE1: está, está no plano de actividades... se houver valor monetário para isso, fica lá explicado, se houver possibilidades

AL: e se decidir usar na aldeia, sei lá, vamos inventar...

TE1: tem de estar no plano de actividades

AL: também está lá...

TE1: alguém tinha de se ter lembrado, senão faz-se uma assembleia de compartes para esse efeito

AL: ok, ok. Está bem, eu pensei que era tudo decidido depois de se fazerem as limpezas. Via-se o dinheiro que sobrava e usava-se o dinheiro, ok, tem de ser tudo pré...

TE1: se houver alguém que peça alguma coisa para a aldeia ou um grupo de pessoas, isso é colocado na assembleia de compartes, reúne-se a assembleia de compartes, e se houver valor monetário para fazer faz-se, ou não, dependendo da votação

AL: mas não é naquele plano de 5 anos pois não?

TE1: não

AL: é num outro que fazem anualmente...

TE1: não, esse plano de 5 anos é das ITI, isso é uma coisa à parte

AL: aaah, eu estava a falar das ITI, dos dinheiros das ITI, se sobrar do dinheiro das ITI... era nesse sentido que eu estava a perguntar, esses dinheiros que sobram, se são fiscalizados por quem os dá, portanto pelo Estado, onde é que é usado e onde é que não é usado

TE1: não. Aquele dinheiro é atribuído para fazer x tarefas, se a gente consegue fazer mais barato mais dinheiro sobra e mais a gente consegue aplicar noutro lado

AL: ok... mas lá está, essas aplicações com o dinheiro que sobra não têm de estar previstas nesse tal plano de 5 anos...?

TE1: não... no de 5 anos tem, de lá estar o que lá está escrito, aqueles x hectares que lá está mencionado

TE1: portanto, num baldio há uma série de usos e costumes que se vão mantendo, que não têm outra maneira de ser. A questão dos incêndios esse é um uso e costume que vai ter que acabar

AL: (RISOS) exacto

TE1: isso aí é um à parte

AL: mas antes os incêndios eram assim tao... isto é, fogo sempre houve não é, com o pastoreio, o fogo sempre foi usado...

TE1: não, não...

AL: não havia...

TE1: na época do outro governo não havia o primeiro [*? não se entende*] que andasse aí de isqueiro na mão. Ia havendo de vez em quando, mas não tem nada a ver com o que acontece hoje

AL: mas porque é que mudou assim?

TE1: porque mudou porque sabem que as autoridades não lhes fazem nada

AL: pois

TE1: estás a perceber... é o que mudou

TE1: ... isto fomos nós que pusemos também

AL: ai sim?

TE1: sim

AL: a sinalização?

TE1: sim, nós demos a madeira e os do parque fizeram o feitiço, eles fizeram o feitiço, nós é que colocámos aquilo, tem aqui um trilhozinho...

AL: isto deve ser brutal fazer aqui uns passeios

TE1: isto é o PR14, é um percurso pedestre de 13 km onde nós estamos a andar

AL: eu tenho de vir para aqui de férias que isto de andar aqui só a...

TE1: lembras-te daquela gente toda que nós vimos a pé, estão a fazer o percurso PR 14

ALL: é engraçado, porque alguns eram bastante mais velhos

TE1: olha só para aquilo, que espectáculo...

AL: é brutal

TE1: e tu consegues lá passar a pé, na parte mais baixa, ao lado, e até na parte superior, consigo ir a pé ate na parte superior, mas isso tem que ser com tempo, tem trilhos ali próximo, depois ao vir para cá passamos por lá e vais ver também o trilho que nós mandámos fazer há pouco tempo

AL: sim

TE1: a seguir à zona da Albergaria no Gerês a zona mais bonita do parque é esta aqui onde nós andámos hoje

TE1: [...] e aqui começava aquela parcela da ITI... havia uma parcela, depois ainda tínhamos esta opção, havia uma parcela perto daquele fraguado em que o mato era pequenino e então eu trouxe aqui o engenheiro, porque a gente através do engenheiro do parque lá do ICN, e eu disse-lhe “opa, aquele mato agora é pequenino e nós podíamos fazer aqui...” olha, estás a ver ali?

AL: sim, já é grande

TE1: e então trocámos, e ele disse que sim, desde que seja na zona baixa, porque as parcelas da zona alta só podem ser trocadas na zona alta, as parcelas da roça de mato na zona baixa só podem ser trocadas na zona baixa, e então nos fizemos esta limpeza aqui [*não se entende*]

AL: pois, está bem, está bem... esse engenheiro é o Carlos

TE1: é o Célio Silva

AL: ah, está bem. Já falei por *mail* com ele para ver se vou lá falar com ele, tenho ouvido falar bastante dele

TE1: tinha mato daquele tamanho, olha para isto

AL: está espectacular

TE1: agora já vai... já vai... já vai demorar muito mais tempo a crescer

AL: isto foi quando esta limpeza?

TE1: foi janeiro, fevereiro deste ano

AL: e olha lá, e este pinheiro aqui, por exemplo...

TE1: é regeneração natural também

AL: daquele que foi plantado pelo Estado... é regeneração natural desse ou não?

TE1: uuuh, aqui nesta área não foi plantado pelo Estado

AL: não?

TE1: não... não... onde foi plantado pelo Estado é as zonas que têm pinheiros silvestres

AL: ah, o bravo não foi plantado pelo Estado

TE1: não... já havia alguns pes, eles sempre no momento, na época que estavam aqui a dominar isto não deixavam que ardesse, ora, ao não deixarem arder, não é, porque andava sempre um guarda por aqui e outro na Pedra Bela e outro na ermida, portanto, toda esta área andava um guarda por aqui, e é claro que as pessoas não sabiam... nem havia tantos isqueiros não é

AL: (RISOS) não era tao fácil

TE1: e então como durante os 40 anos do tal governo não houve grandes incêndios o pinho bravo expandiu-se. E eles faziam muito era a roça de mato na época

AL: curioso, eu achava que o... pronto, se calhar também depende das zonas, mas eu achava que o... que também tinham usado o pinheiro bravo... na floresta

TE1: não sei, não sei, pelo menos onde tenha pinho silvestre ou onde tenha camecípar, onde tenha cedros, agora poderá haver uma zona ou outra mas esta zona de fraguado aqui acho que não foi trazido nada por eles

AL: então se o baldio por acaso vamos dizer que por uma situação qualquer passava para... isto é, deixava de ser das comunidades locais, essas pessoas não... ou seja, há alguma dependência actual do baldio, é isso que eu quero perguntar...?

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: exacto, cada caso é um caso, de facto

TE1: mas... portanto, não tem outra maneira de ser senão desta maneira, não tem porque aquela gente da capital é toda um bando de incompetentes, a própria área do Estado, a própria área que é administrada pelo Estado, como a Albergaria, a Serra da Cabreira, que é da direcção geral das florestas ou lá o que é, aquilo é só mato e pedras, não tem lá nada ou quase nada, e é administrada directamente por eles

AL: a Albergaria também está má?

TE1: este ano fizeram lá umas intervenções boas mas esteve muitos anos que não fizeram lá nada, muitos anos, têm lá matagais muito piores do que o nosso aqui... não fizeram nada mesmo, anos e anos seguidos, sendo do Estado, também da invasão das acácias e tal... não fizeram nada. Ao lado do parque de campismo, aquele monte todo cheio de... a gente chama-lhes mimosas

AL: sim, eu reparei, as mimosas, as acácias sim

TE1: aquilo são centenas de hectares

AL: é, aquilo está uma tristeza, eu nunca imaginei, dentro do... não sei se aquilo já é dentro do parque... é?

TE1: é, é

AL: é? Dentro do Parque Nacional?

TE1: é, toda aquela área fora do parque de campismo é dentro do Parque Nacional, por lá acima, até lá acima, é o concelho de são João do campo

AL: é que não se vê outra espécie, só se vê mesmo as acácias

TE1: pois só... porque aquilo cresce tao rápido que depois mata tudo, imagina se aqui nascerem 10 ou 20 acácias à volta desta árvore, ou deste sobreiro ou deste pinheiro, aquilo cresce muito rápido, fecha, tapa o sol e depois isto morre

AL: sim, sim, sim, tenho essa experiencia lá no pinhal lá em baixo, é incrível, elas crescem tanto, de um ano para o outro, ficam logo assim de uma altura

TE1: nós também temos uma área problemática ali, os outros não fizeram nada e nós não conseguimos fazer tudo ao mesmo tempo, aquilo custa milhares de Euros, fazer...

AL: mas para isso devem ter ajudas não? Para fazer o controlo das invasoras...

TE1: tivemos, foi feita uma candidatura no tempo dos anteriores mas falhou

AL: falhou a implementação?

TE1: falhou, falhou, porque cortaram-nas, fizeram o tratamento mas depois entretanto nasceram outras, entretanto aquilo eram 60 ou 70 hectares e entretanto já está quase igual, porque a candidatura havia de ter sido feita mais pequena, numa área mais pequena e conseguia-se controlar numa área mais pequena de cada vez, não era fazer logo 60 ou 70 hectares de cada vez

AL: pois... e vocês aqui ao nível da floresta que tipo de gestão é que ... ou seja, quem é que faz? Quem é que prevê a gestão da floresta... eu quando digo gestão da floresta estou a falar por exemplo dos cortes dos pinheiros, da plantação dos carvalhos, são vocês mesmos ou são aconselhados

TE1: somos nós... somos nós directamente, nós vamos vendo e se num lado ou noutro precisa de ser o mato roçado depois se tivermos poder monetário fazemos, ou se uma área ou outra precisa de mais árvores fazemo-lo também, a gente não precisamos de nenhum técnico que nos venha dizer, nós também temos olhos na cara para ver

AL: e para cortes também são vocês que decidem quando é que é os cortes...

TE1: sim

AL: a partir de que diâmetro ou qualquer coisa assim

TE1: imagina, numa zona que o pinhal está criado e que por exemplo estão pinheiros já criados a morrer, não é, porque acontece muito e depois aquilo passa de uns para os outros, a gente chega lá corta um pedaço, pronto, aquilo fica ali terminado e já não morre mais pinheiro nenhum... zonas de pinhal criado já não é...

AL: pois, e na plantação de carvalhos... eu lembro-me que perguntei isto ao início da conversa mas já não me recordo, eu perguntei se vocês tinham usado os subsídios para plantação...

TE1: foi, foi nessa plantação ao tratamento das acácias, onde foi plantado o carvalho e o sobreiro

AL: ah, ok, ok. E aí nesses casos já há um técnico a dar umas dicas ou não?

TE1: houve, houve quem elaborou o projecto, até estar concluído no terreno, mas depois aquilo cresceu tanto outra vez que já está outra vez incontrolável

AL: as acácias... e os carvalhos...

TE1: muitos morrem

AL: pois

TE1: portanto, são as tais coisas falhadas que foram aconselhadas pelos fulanos do ICN que lembraram-se de introduzir também carvalho numa zona que eu para mim não deveria ser. Normalmente o carvalho tem que se aproximar mais de uma linha de água, não é, mesmo que não seja mesmo na linha, a 20 metros da linha, por ali. E portanto eles sugeriram que fosse plantado numa área, em toda a área

AL: onde estavam as acácias?

TE1: sim. Porque depois o que é que acontece... o crescimento é lento, do carvalho, por causa da humidade em si, o carvalho gosta de alguma humidade, pronto, e depois o crescimento das acácias é muito rápido não há hipótese

AL: pois... e aquilo de criar povoamentos mistos, de incluir carvalhos no meio dos pinheiros, eu já vi aí alguns sítios onde havia

TE1: foi esse também... foi a mesma coisa, foi povoamento... como é que eles lhe chamam...

AL: mistos de folhosas com resinosas?

TE1: é povoamento, quando é povoamento, mas nós ali não foi povoamento que se chama, é... adensamentos... adensamentos!

AL: ah, sim

TE1: porque adensamentos é... num terreno enorme não é, como naquele caso, em zonas que não tem nada plantaram lá essas árvores, na outra zona a seguir já tem um bocado de pinhal fica, ou lá o que é, depois na outra zona mais em baixo, já... foi mais ou menos isso que foi utilizado, foi o sistema de adensamento, que é diferente de povoamento. Povoamento é as espécies que são espaçadas e com espaços entre elas e aquela treita toda

AL: é fazer tudo de novo não é?

TE1: é... e adensamento é diferente, adensamento é nas clareiras meter um x número de árvores, que foi aquilo que foi feito ali, mas falhou porquê? Porque fomos aconselhados por quem disse que seria bom fazer dessa maneira...

AL: e por exemplo, o turismo... como a gente já percebeu há para aí muitos turistas a fazer percursos pedestres e não sei quê... aqui há algum controlo disso da vossa parte? Quem é que usa o baldio quem é que não usa...

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de moto⁴, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: ai é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a canyoning ou escalada

AL: sim... parece ser muito engraçado, mas também muito perigoso

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: pois, em Cabril, não foi?

TE1: foi

TE1: mas é assim que isto funciona, se a gente não tiver assim um bocadinho da mão pesada isto vai ao ar, tudo

AL: pois, acredito

TE1: fica tudo só pedras e mato. Como no Lindoso, no Soajo...

AL: Soajo acho que houve agora um há pouco tempo que limpou aquilo em grande parte. Aliás eu estava a campar no Mezio, tu conheces não?

TE1: mais ou menos

AL: aquilo está tudo queimadinho à volta

TE1: tudo, aquilo só tem pedras e mato

AL: é uma pena

[entramos no carro]

TE1: mas isto vai acontecer pelo país todo, não é só aqui, eu ia trabalhar numa comissão de 2 meses agora em Resende, andamos lá a fazer umas obra para a EDP lá num canal, foi a serra do Montemuro, não sei se...

AL: uuh, de nome, de nome, não conheço bem

TE1: pronto, a serra de Montemuro possivelmente é do tamanho da da Cabreira e eu subi várias vezes porque eu tinha de levar o lixo das obras para um centro de tratamento que há lá em Monteiras de Castro Daire e eu atravessava a serra várias vezes durante a obra, só tem pedras e mato, e era toda cheia de pinhal também, só tem pedras e mato... mas uma serra enorme do tamanho daquela

AL: pois. Sim, sim, os incêndios vão por todo o lado, este ano foi ali também na zona de Caminha, também ardeu imenso numa zona lá de montanha. Isto todos os anos vão uns quantos de hectares

TE1: e depois... por exemplo, uma coisa muito importante, quando arde um pinhal daquele tamanho aquilo tem muitas sementes, corta-se o pinhal e pronto, depois as sementes tornam a germinar e torna a nascer, quando arde um pinhal que tem 10 anos, do tamanho daquele, que ainda não tem sementes pronto, já se acabou, já não vem pinhal mais nenhum

AL: pois, faz sentido

TE1: estás a perceber? Com esta altura ainda há sementes ainda vem outra vez pinhal, mas quando o pinhal é pequeno, para aí com 7, 8, 10 anos, que não tem sementes, acabou... só vem mato e giestas, mais nada

AL: pois, faz sentido claro. O pinheiro-silvestre regenera bem?

TE1: não

AL: não, é mais o bravo?

TE1: sim. O pinheiro-silvestre para regenerar tem que ser numa zona vedada onde a fazenda não tenha acesso, porque é uma espécie mais doce e a fazenda come aquilo muito facilmente

AL: a fazenda?

TE1: as cabras, ...

AL: chama-se fazenda?

TE1: fazenda é uma palavra que a gente usa para englobar todo o tipo de gados

AL: ah, não sabia

TE1: localmente, se aqui na Ermida se falar “ah, tenho a minha fazenda em tal lado”, fazenda por de ser gado caprino, bovino, tudo o que seja gado, e é por isso... agora se for plantado e que o gado não coma também cresce, agora não sendo vedados o gado come aquilo muito mais facilmente, é mais doce

AL: pois... mas a semente em si regenera, eles começam a crescer mas depois são comidos pelo gado

TE1: sim, sim, sim, exacto... isto é preciso conhecer um bocadinho, não sou técnico nenhum mas pronto, sei bem como é que se planta o pinheiro porque já os plantei, e sei bem onde se pode por um carvalho, onde deve ser colocado um carvalho...

AL: Portanto, vamos lá ver se eu entendo, o ICNF não tem qualquer tipo de trabalho de limpeza de caminhos

TE1: nada, nada. Tudo isto aqui verde, este pedaço, todo este pedaço até à cascata é a Junta que o compõe a cada passo, mas nós também, nós há dias mandámos ai duas pessoas a talhar, são estes cortezinhos na estrada, estás a perceber? Mas durante o verão foram eles que trataram disto. Então, a Câmara e a Junta é que ganham impostos com as pessoas que vêm aqui para o Gerês não é, se as pessoas ficam em hotéis já são impostos que têm de pagar, pois que arranjem a estrada também, agora lá para cima é tudo connosco, tudo, tudo, tudo, aqui ninguém nos da nada, ninguém...

AL: percursos pedestres

TE1: tudo, tudo, tudo

TE1: mas é assim, tive trabalhos praticamente difíceis, mas não me meteram medo, eram trabalhos pesados ao fim ao cabo, mas consegui aprender coisas novas e coisas que os outros usam nesses países mais desenvolvidos que o nosso. Eu vou te dar só um exemplo, aqui usa-se muito, ou usava-se, os desbastes no pinhal... na Alemanha e na Áustria eles não fazem desbastes, eles cortam para aí 100 m², ou 200 ou 300, mas cortam tudo porque já são árvores crescidas e plantam logo tudo, ao final de cortar, queimam aquela lenha e plantam outra vez novas plantas... são aqueles pinheiros nórdicos, lá a floresta é toda de pinheiro nórdico

AL: mas queimam qual madeira, não percebi

TE1: queimam a lenha... a lenha, as ramas...

AL: ah, e deixam no chão não é...

TE1: queimam e depois planta-se já, num dia de inverno mete-se já as plantas

AL: por acaso, bom, eu tirei lá o curso de engenharia florestal

TE1: aonde?

AL: lá em lisboa, no ISA, foi antes de me dedicar a estes temas mais sociais, ainda trabalhei na área mas foi em investigação, nunca trabalhei em produção ou em empresas, mas isto para dizer que o que nos passavam era que cortes rasos não eram bem vindos porque deixam o solo desprotegido

TE1: e era os teus professores que te diziam isso?

AL: e há livros, há bíblias sobre isso, mas isso também me faz confusão, isso provoca a erosão do solo que fica ao sabor das intempéries, perde qualidades

TE1: depende de onde for

AL: e depende do tempo que fica sem vegetação não é...

TE1: exacto... porque é assim, se tu cortares este pinhal todo o solo tem na mesma a vegetação rasteira que não deixa fugir nada, a questão é tu quereres plantar outra vez sendo necessário. Estás a ver, essa gente da universidade, os professores, não conhecem isto, não conhecem o terreno... aqui tens pinheiros pequenos, se fossem grandes, pinheiros

adultos, 40 a 50, tu tinhas aí a mesma vegetação, esse mato rasteiro não é? Tu cortas os pinheiros, queimas a lenha, plantas outros e o mato continua ali, e não existe erosão nenhuma

AL: o que eles também diziam era manter arvores maiores, que lhes chamavam os sementões, que eram no fundo aquelas que garantiam a regeneração, a fertilidade, e manter o solo o mais protegido possível para evitar a erosão

TE1: é assim, não foi isso que eu vi, eu trabalhei para um agricultor e eu vi eles a fazer isso e via o que os outros faziam na floresta e não faziam nada disso. Eles chegam cortam 200, 300 ou meio hectare de madeira, porque são árvores adultas e criadas cortam tudo, queimam a lenha e a seguir plantam outra vez, fica ali uma mancha, mas não interessa, mas dali por 3 a 4 anos já as arvores têm 3 ou 4 metros outra vez e já eles cortam noutro lado, e é assim. E se eles fazem isso lá é porque resulta e porque tem de ser. O que é que acontece se tu fazes um desbaste? Para cortar um pinheiro daquele tamanho vais partir uns quantos dos pequenos que estejam no chão, vai ou não vai... e depois vais arrastá-lo com um tractor, não é? O trabalho é feito dessa maneira. Ao arrastar o pinheiro ele vai tocar noutro qualquer que vai ficar e vai arrancar a casca, aquele pinheiro vai ficar ali já com aquela mancha para sempre

AL: pois, mas mesmo que faças o corte raso isso também acontece não é? Tipo, os primeiros que cortares...

TE1: eu agora, quando a gente pode aqui a gente não faz desbaste... primeiro pelo motivo de ter de arrumar a lenha, nós temos que queimar a lenha... como é que tu vais fazer um desbaste e depois queimar a lenha no meio dos outros pinheiros? Estás a perceber? As contradições que essa gente das universidades arranja?

AL: isso de ter de queimar a lenha é que também acho estranho, para mim faz-me mais sentido aproveitar a lenha noutro sítio qualquer do que estar a queimá-la aqui

TE1: não, nós temos de queimar os sobrantes do pinhal, é outra estupidez autentica, obrigar-nos a queimar os sobrantes, e já nem digo do pinhal verde... quando acontece uma queimada não é, o lume queimou tudo, vegetação rasteira e tudo, e obrigam-nos a queimar a lenha do pinheiro não é... mas a lenha do pinheiro se ficar no chão, eles dizem que vai pegar doença a outros pinheiros que fiquem, mas já não vai ficar nada, porque ardeu tudo é para cortar tudo, a lenha já não vai pegar doença a coisa nenhuma... e o quê? E não deixa que aconteça a erosão essa lenha que fica, estás a ver o filme

AL: sim, sim, fica a cobrir o solo

TE1: essa lenha ajuda a travar a erosão. Agora se foi uma queimada, cortou-se os pinheiros e tem de se queimar o que lá está o solo ainda mais desprotegido fica, porque toda essa lenha, seja grossa ou seja fina, fica a travar essa água. Nós hoje é que não temos tempo, uma zona que ali ardeu, nós íamos entrar lá e tu ias ver... com todos esses galhos, alguns que ficaram, porque na época ainda não era obrigatório queimar a lenha ficaram e ficaram a travar a água e tu se vieses às vezes têm um troncozinho assim aí com meio metro e tem ali tudo cheio de terra até à altura dele, porque se não estivesse aquilo ali a terra já tinha ido, até que a vegetação torne a cobrir aquilo

AL: lá está, manter o solo coberto, seja de que maneira for

TE1: eles dizem que por causa do nematode tem de se eliminar os sobrantes, ora sendo uma queimada já não há nematode nenhum, já tem que se tirar tudo, já não vai haver nematode nenhum, já não vai pegar doença nenhuma

AL: acerca do nematode não estou muito informada, não sei até que ponto mantendo-se ali a lenha infectada, até que ponto os que vierem ali a crescer naquela zona... não faço ideia

TE1: quer-se dizer, se é que há... o nematode, dizem que do rio Douro para cima que não há

AL: pois não sei

TE1: foi aquilo que sempre ouvi dizer, que a norte do rio Douro que não há

AL: não sei, mas realmente queimar no local mete em causa muitas árvores, também me parece logico isso que disseste

TE1: é assim, nós no momento não estamos a usar desbaste, nós escolhemos um local e se tivermos com pinhal adulto cortamos ali 200 ou 300 metros e pronto, e fazemos

AL: pois, outra coisa era, imagina que tens assim um povoamento, cortas aqui, cortas ali, mas deixando sempre uma parte tapada não é

TE1: exacto, porque depois as sementes que caem do pinhal ao lado, com o vento caem para o mesmo sítio... vai para o mesmo local que tem o pinhal cortado

TE1: mas é, o erro maior dos engenheiros florestais é terem pouco trabalho de campo, seguirem as empresas, há tanta empresa... da para fazer plantações de pinheiros, não é? Já sabes, são intensivas, não interessa, haverá outras que não serão, haverá adensamentos... as pessoas que estão a tirar os cursos de floresta deveriam sair para o campo o mais tempo possível

[repito a ideia que muito do conhecimento prático acaba por se ganhar quando com a mão na massa já]

[Memória da parte em que fiquei sem o gravador]

- para o Jorge a gestão florestal nacional a partir de 1980 foi toda uma granda porcaria, a partir daí acabou-se, que até aí a coisa até estava a ser bem feitinha, mas que a partir daí, ele dizia “é que eles nem conseguiram manter aquilo que o Estado Novo deixou, a floresta que foi deixada nem essa foi mantida sequer”. Depois perguntei porquê 1980 “então foi quando começaram a dar subsídios aos agricultores, foi quando a gente entrou para a União Europeia, começaram a dar subsídios ao desbarato”, portanto que a adesão à EU só veio atrofiar a gestão florestal

Vilar da Veiga: TV1

AL: e essas... só um à partezinho, desculpe, e essa entrada da floresta foi violenta ou...

TVF1: foi violenta, foi violenta, houve mortes e tudo, com muita força e com... teve... foi mesmo violenta, portanto... não tinha nada a ver com hoje, porque se fosse hoje levavam tudo na frente, portanto hoje, com o tipo de pessoas que existem hoje a violência era de tal forma que... a violência era de tal forma que não havia ninguém que lhe chegasse.

Portanto, isso era um exército na altura, um exército dos guardas todos armados que não havia forma nenhuma de lhe chegar. Valia-lhes a eles no entanto que as pessoas da altura que eram também todas possantes e todas e que marchavam aí todos os dias a pé, se fosse preciso iam fazer segurança, montar seguranças e tudo, pessoas de [*? não se entende*] e ter enfim, ter outras defesas e ser homens corpulentos e saber que estavam todos, aquilo bastava tocar o sino uma vez e já sabiam todos para que era, não era como hoje. Por exemplo não se comparava nada a hoje em o facto de cada um remar para o seu lado, isso não é nada comigo e se está aqui alguém a falar qualquer coisa da nossa terra, portanto, as pessoas passam... é como ver uma pessoa deitada no chão em alguns sítios e não querer saber delas, nas cidades por exemplo.

Vilarinho da Furna: TVF1

AL: e quando é que veio lá de Vilarinho? Quando é que se veio embora?

TVF1: fui a última pessoa [...] e por trás disto fica a aldeia de Vilarinho... a aldeia mesmo que está debaixo de água, está submersa, mas ainda existe lá

[fala de como Vilarinho atraiu pintores, cineastas, etc., para apanharem a aldeia antes de ser submersa; conta como esse pintor que está em Viana do Castelo, lhe pediu para ir lá fazer uma conferência sobre Vilarinho, e de como ele foi, na biblioteca municipal, e depois da intervenção dele, na parte da discussão levanta-se um jovem e refere como tem o prazer de anunciar que estava presente a filha do dito pintor, que estavam lá duas das filhas dele. Ela perguntou-lhe se o pai tinha deixado muitos quadros e ele respondeu “o seu pai pintava muito rápido, não deixou nenhum para mim nem lá para o museu, ele só me deixou uns três ou quatro” “pois, ele vendeu tudo”]

TVF1: [...] mesmo antes de terem feito a escritura do aforamento, as pessoas estavam organizadas e faziam os nossos usos e costumes... mas eles fizeram aquilo por escrito, no século XIX fizeram aquilo por escrito, 1841, fizeram a escritura para dizer como é que se vai fazer, as reuniões

AL: o regulamento?

TVF1: o regulamento exactamente, reconhecido em notário

AL: antes de haver o foral certo?

TVF1: antes de haver o foral, e depois temos aqui, esta acta é que dá o foral, não, isto é a guerra lá com o Estado, o foral é aqui

AL: portanto, isso foi numa altura em que a floresta estava a querer

TVF1: foi... eu conto aqui esta história toda, e as lutas que tivemos, ah, a escritura do aforamento está aqui, e está aqui tudo, quem estava, se era casado se era solteiro

AL: e quem é que tinha direito?

TVF1: tinham direito quem lá estava naquela altura e quem era chefe de família ou a sua mulher, se ele era vivo se não era vivo

AL: ok, não era uma hierarquia...

TVF1: não, não, era tudo igual, se não tinha casa constituída era daquela pessoa, se tivesse família era das pessoas todas. De qualquer forma, com base nesta escritura de aforamento nós fizemos, agora até para nos defendermos contra o Estado, que o Estado de vez em quando esquece-se, pensou que aquilo era baldio e começa para lá a mandar os SF e a gente espeta-lhe um processo logo em tribunal, e agora há 16 anos nós ganhámos o processo, contra o Salazar [RISOS] e contra o Marcelo Caetano, o de Lindoso não, o de Lindoso perdeu, entretanto o da Peneda, serra do Soajo, deixaram tudo passar, não estavam organizados, por isso é que têm lá baldios, nós em Terras do Bouro não há praticamente baldios

AL: mas acha que isso decorre do quê?

TVF1: então decorreu de quê? Porque foram para lá os SF, em 1888, o Dom Luís foi lá [...] “apoiar a florestação da Serra do Gerês” e tal. Acontece que, mandados pelo rei, pensam que levam o rei na barriga, e chegaram lá e quem manda aqui somos nós”, e as pessoas... “ah, você não pode andar com o gado aqui, agora é a florestação”, “agora tem de andar com o gado por acolá”, conclusão, claro que a gente habituada a gerir aquilo desde tempos imemoriais... pertence à freguesia de Vilar da Veiga... claro que houve guerra, os pastores cortavam as plantações, de tal forma que, aquilo era a sério, de tal forma que um comandante das tropas, que eles mandaram as tropas ali de Guimarães, sentiram necessidade de regressar aos quarteis, porque não tinham comida, porque a gente não lhes dava comida nem vendia, roubávamos-lhes as botas, espingardas [RISOS]. Ainda tenho aqui a carta que ele escreveu ao administrador a pedir para regressar aos quarteis. Ora bem, mas [? *Não se entende*] houve para lá um processo contra um vizinho, que andava a cortar as plantas e então, para que não houvesse guerra resolveu-se que se tinha que encontrar uma saída... e a saída foi uma que hoje não se podia fazer, mas naquela altura pôde-se. Era a legislação do tempo dos liberais, vamos aproveitar aqui uns alvarás de 1828 e depois o código administrativo de 1800 e quarenta e tal, e com base nisso requereram à Câmara o... ah, e com base nisso as câmaras é que ficaram a gerir os baldios. A câmara não tinha dado bem com aquilo, mas foi-lhe dado por lei, com um decreto. Pronto, e daí veio a nossa saída, as câmaras podiam dar de aforamento e contra o pagamento de um foro anual, os foros em Portugal só terminaram, lá para o Alentejo... o aforamento... teve de ser anunciado, com uns cartazes, tenho esse processo todo

AL: mas portanto, vocês é que decidiram manter aquilo comunitário, digamos assim...?

TVF1: aquilo na prática sempre esteve tudo na mesma, aquilo só foi para feitos jurídicos, porque na prática sempre foi tudo na mesma

AL: eu achava que o foral era concedido à comunidade

TVF1: não é

AL: mas não é, é a casa pessoa. Vocês depois é que gerem aquilo como vos apetecer

TVF1: sim, aquilo sempre foi gerido pela comunidade, não teve alteração nenhuma, só que, por exemplo, se alguém de fora casasse com alguém de lá e quisesse mandar o gado para o monte podia, não dá é “ah, não me dão só esta parcelinha” e não sei quê, não, é indiviso. Mas tem vantagens, se eu hoje quero, por exemplo “ah, isto aqui é meu”, chega lá o Estado, eu tive uma luta com o director do Parque, para mim subiu-me um bocadinho a tensão mas no seu lugar quem lá esteve, levou com um processo em tribunal e perdeu tudo o que havia para perder

AL: mas o que é que eles queriam?

TVF1: queriam várias coisas... o director do Parque queria

AL: isso foi em que altura, só para ter uma ideia...?

TVF1: foi agora recentemente

AL: quem era o director do parque, lembra-se? Era o Henrique?

TVF1: não, este até já faleceu, é o... Tito Costa! Foi em 1998, agora não sei precisar, eu conto aqui essa história, o processo em tribunal, o processo nos jornais, processos em tudo o que é sítio. Ora bem, mas como é que eu acabei por me ir defender... não era eu Manuel Antunes, presidente de A Furna, eu na tenho lá 1 cm, nós gerimos aquilo mas não temos lá um centímetro de terra. E como foi que gerimos... gerimos porque cada [*? Não se entende*] e com base nisso eu fiz depois a habilitação de herdeiros, está o meu pai, o meu tio, o fulano, o beltrano e não sei quê, que está aqui na escritura, na tal escritura de 1895, “tal, depois casou com aquele, e tem uns certos avos, não sabe onde é mas tem lá aqueles avos⁷ [área] e isso depois vale na contribuição de cada um para as finanças. Então aqueles proprietários passaram a pertencer à Furna e a Furna como procuradora é que gere aquilo. Portanto quando é preciso uma reunião convoca-se uma assembleia geral, mas se não for preciso para uma intervenção qualquer, quem tiver as procurações convém que o presidente da Furna esteja lá

TVF1: Vilar da Veiga é a sede da freguesia a que pertence o Gerês, são limítrofes, Gerês, Vilar da Veiga compartilham com a sede de freguesia e com o nosso lugar também... ali as freguesias colidem umas com as outras, temos Covide antes de chegar ao Campo do Gerês, também tem foral... ali ninguém tem baldio, naquela zona... não tem

AL: mas a que é que se deve que Terras do Bouro seja diferente dos outros concelhos

TVF1: porque foi para onde foram os SF para a Serra do Gerês, em 1888, mandados pelo rei, e então a gente para se ver livre deles

AL: no final do século XIX

⁷ Medida de superfície

TVF1: foi, foram para lá em 1888, foi quando o Eça de Queiroz escreveu Os Maias... e depois houve para lá aquelas guerras todas e tal [...] e então resolveu-se pôr forais, e, o foral de Vilarinho foi em 1895, 17 de agosto de 1895, essa é a tal escritura de aforamento. Depois a gente ficou com a obrigação por altura de São Miguel... São Miguel era quando se fazia a recolha de... as colheitas, do milho e dessas coisas todas, em setembro, finais de setembro, e depois oferecia-se tanto à Câmara [...] estava lá dito quanto é que era para pagar anualmente. Em 1936 decidimos pagar o foro todo de uma vez, para toda a vida, e então com base nisso, até deixou de ser foral e passou a ser um aforamento privado [...]

TVF1: [...] olhe e por exemplo, ali na serra de Arga, Viana do Castelo também tiveram problemas com os SF e também tentaram fazer o aforamento, fizeram o aforamento mas depois não registaram aquilo, porque aquilo também tem de ser registado, não é só a Câmara dar, depois tem de ser registado, tem de fazer consulta ao registo predial, sem tem uma coisa qualquer tem de ir ao registo predial não é? Aqui é a mesma coisa, uma bouça, uma casa

AL: pois, pagam IMI e essas coisas todas

TVF1: tudo. Foi em 1922 que foi registado o registo predial, primeira vez na minha vida, nunca tinha registado essas coisas, e depois foi registado nas finanças, em 1940 e tal e, eu conto essa historia toda aí, e então, depois disso tudo agora nós é que gerimos aquilo, e gerimos de acordo com.... Claro que nas escrituras está que deve ser gerido de acordo com a vontade da maioria, portanto eu nem preciso de ter as procurações de toda a gente, vai pela vontade da maioria.... E é assim que a gente gere aquilo

AL: e quantos são agora?

TVF1: agora devemos ser aí uns, eu tinha lá a lista, devem ser uns cento e tal herdeiros já, mas quando morre um, passa para os netos e para os filhos e por aí fora

AL: e desses cento e tal fazem parte por exemplo 4 netos?

TVF1: divide-se por eles

AL: e fazem parte, isto é, o número de herdeiros conta com o número de crianças...?

TVF1: tudo, se morreu o pai, se o filho era pequeno, olha...

AL: e houve muita luta anti-barragem ou não?

TVF1: não, olha, contra os serviços florestais a gente lutou ao máximo e conseguimos ganhar tudo, contra a barragem... conformamo-nos, uns com os outros e com a situação... não há nada a fazer, olha, o que não há nada a fazer está feito

AL: e diga-me uma coisa, já que está a falar em história, também está associado... quando o Plano de Povoamento Florestal foi implementado, em 1938, já a segunda ofensiva, entre aspas, da floresta houve ali algum impacto ali naquela zona de Vilarinho da Furna

TVF1: houve, houve. Ora bem, em Vilarinho só começaram a florestar em 1945, por acaso foi em agosto de 1945

AL: e foi conflituosa a entrada ali?

TVF1: foi, foi tão conflituosa que entrou-se logo com um processo em tribunal, a primeira coisa foi um processo em tribunal, embargou-se a obra. Nesta altura já nem sequer era foral, já estava remido o foro

AL: remido o foro... eu tenho visto isso escrito, o que é que isso quer dizer?

TVF1: remir quer dizer pagar tudo de uma vez... eu sou obrigado a pagar uma renda, pago tudo para todo o resto da vida

AL: ah, isso é remir? Ok

TVF1: sim, e o foro foi remido em 1936, só que o Estado pensou que aquilo era baldio, e então vai lá o doutor Catalão, foi lá, um advogado, embargou a obra, a obra quer dizer, a plantação, mas depois o processo em tribunal só entrou a 2 de janeiro de 1946, a correr daqui para acolá, andou lá 16 anos, porque... o Estado é notificado, não tem nada que dizer, pede adiamento

AL: e eles chegaram a plantar coisas lá?

TVF1: chegaram a abrir as primeiras covas mas foram logo embargadas... foi ali a seguir, quem vai a caminho da Albergaria mas do outro lado do rio, numa zona chamada Mamoas, está completamente delimitado, escrituras, e então a coisa foi... depois entra o processo

AL: ok. E diga-me uma coisa, sobre o que consegue da madeira o Estado não põe a mão, no vosso caso? Aquilo está sob o regime florestal ou não?

TVF1: não. Não está sob o regime florestal. Nós tirámos agora ali da barragem

AL: não tem de dar percentagem nenhum das receitas ao Estado...?

TVF1: temos lá adiante... temos uma zona que está no parque e por acaso até foi o engenheiro do Parque que me pediu para tirá-las de lá e a nós também nos dá jeito... é ali a caminho da Albergaria, nós ainda temos uma faixa na serra do Gerês, que acompanha a estrada do Gerês, praticamente é da estrada do Gerês para o lado do rio [...] é numa zona da albergaria que tem ali uma grande concentração de marcos miliários, do lado de Pederedo, o também chamado Bico da Geira, e ali há um grande matagal que está sujeito a pegar fogo a qualquer hora, e aí já fizemos limpezas mas já está tudo outra vez, e ali temos uns pinheiros alguns velhos que alguns já estão podres, e até um engenheiro do parque nos pediu para os tirarmos de lá, mas tem que ser tirado assim de uma maneira muito discreta porque senão começam logo a dizer que andámos para lá a cortar coisas na mata

da Albergaria e isso dá logo grande confusão. De resto todas as árvores que tirámos foi fora do Parque

AL: pois... porque de facto o Estado cobra pelo aproveitamento dos povoamentos que foram plantados por eles, e no vosso caso não foram...

TVF1: não, não foram plantados por eles

AL: começaram mas

TVF1: ardeu tudo

AL: não, e sobretudo o Estado entrou mas vocês meteram-no em tribunal, não foi isso?

TVF1: ah, sim, sim, sim, o nosso é foral não tem nada que ver com isso

AL: exactamente, foi nessa altura

TVF1: não, eles têm direito naqueles que eles plantaram, mas nós não deixámos plantar, nos anos 1940 e tal, por aí fora

AL: exactamente, portanto, não, não estão sobre o regime florestal não senhor

TVF1: não, não têm nada direito. Aí teriam direito, como noutros baldios, como no Lindoso, na Serra da Peneda, na serra do Soajo, na Serra do Gerês. Tem em todo o lado em que chegou a entrar. Não entrou no Campo do Gerês, não entrou em Covide, não entrou em Vilarinho.

AL: Ermida também é monte foral

TVF1: na Ermida também não entrou, não deixaram entrar. Isso é com base lá numa coisa qualquer, de Dona Maria, eu tenho aqui a escritura deles. Eles também andaram em tribunal com o Estado português

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: pois. Isto não tem muito a ver com isso, mas estando nós aqui agora na Câmara Municipal... eu estive numa sessão de esclarecimento lá em Lisboa, que deve ter havido noutros sítios do país também, sobre a mudança da gestão das áreas protegidas para as Câmaras... isto já teve repercussões, está a par?

MeC1: eu acho que... falou-se um bocado, foi quando o Campelo esteve lá como Secretário de Estado, e ele é que propunha isso, só que ele depois saiu de Secretario de Estado e eu acho que isso...

AL: mas é que esta sessão de esclarecimento... ou seja eu fui a uma sessão de esclarecimento que pressupunha, pelo que percebi, uma realidade já, que era a alteração ou a mudança ou a transferência das áreas protegidas para os PDM, ou seja...

MeC1: mas isso é a transposição das normas

AL: eu saí de lá completamente com a cabeça em água, depois eu não estou por dentro das *nuances* destas teias

MeC1: não, porque saiu agora a lei de bases dos solos e do ordenamento que prevê lá que os planos de ordenamento vão deixar de existir, vão ser programas, e os programas não vinculam particulares, a única coisa que vincula os particulares são os planos e ao deixarem de existir, eles querem transferir, para vincularem os particulares, para os PDM. Então querem inserir as normas nos PDM, que é para vincular os particulares

AL: ah ok, numa frase conseguiu deixar mais claro aquilo que eu consegui perceber numa tarde (RISOS)

MeC1: (RISOS) vão deixar de existir os planos especiais, que é o caso dos planos de ordenamento, esta nova lei prevê que deixem de existir, passam agora a programas

AL: pois, eles falavam desses tais planos especiais, que é o plano de ordenamento das albufeiras, das áreas protegidas e de um outro caso que agora não me estou a lembrar

MeC1: nós só temos esses dois aqui... é o da orla costeira se calhar

AL: é, da orla costeira, é isso mesmo... e até estavam lá, aquilo foi uma discussão mesmo, até estavam lá presidentes de Câmara, estava lá [um autarca da zona da] o da Serra da Estrela, como tem uma área protegida, enfim, esteve várias pessoas, esteve pessoal do ICNF e assim, e houve uma grande discussão, mas eu não percebi nada, e acabei por não perceber quais eram as consequências, o que era pior ou melhor, enfim, e acho que não fui só eu, e agora então está a dizer-me isso. Mas isso acontece e está a acontecer mesmo?

MeC1: a CCDDR já nos disse as normas que nós temos de transpor e agora temos até 2017, a CCDDR tinha um ano para dizer quais eram as normas que tínhamos que transpor e agora nós temos dois para adaptar os PDM, para alterar...

AL: e o que é que acha disto? Acha que pode melhorar alguma coisa em termos de, sei lá, de burocracias ou de... não sei. Tornar as decisões mais locais

MeC1: não se consegue porque o Plano de Ordenamento não tem pés nem cabeça. Por exemplo, proíbe o sobrevoo de uma aeronave a não sei quantos metros

AL: proíbe o que, não percebi?

MeC1: o sobrevoo de

AL: o sobrebolo?

MeC1: o voo, o voo, o sobrevoo de uma aeronave a menos de... vamos supor, não sei aqui a norma, 2000 metros por exemplo... quem é que vai ver isso? (RISOS) quem é que consegue fiscalizar aquilo?! Que meios tem, nem tem meios o ICNF nem têm as Câmaras. Estas

normas, os regulamentos, devem ter normas que depois uma pessoa consiga no terreno verificar se são cumpridas ou não, agora coisas deste género não lembra a ninguém [ele procura no PO do PNPG essa alínea]. Agora não estou aqui a ver, mas está aqui algures isso

AL: sim, não se preocupe agora com isso

MeC1: há coisas que, eu acho que nem é bom nem é mau, porque depois não há forma de fiscalizar

AL: pois,... mas não é todo o plano que tem de ser integrado no PDM ou é?

MeC1: pois, isso é uma luta que já foi agora travada pela CCDR e depois vai ser também pelas Câmaras porque há aqui coisas que não têm pés nem cabeça e depois o PDM reflecte as opções do município, a Câmara não pode pôr lá opções de que discorda, se a Câmara Municipal de Melgaço foi contra este PO, deu parecer negativo, e agora vai ser obrigada a integrar num plano que é dela

AL: nem tinha pensado nisso, pois

MeC1: porque o PDM é... são as opções do município

AL: pois... e agora vai ser opção do município a selecção dos artigos que entram ou não entram?

MeC1: não, a CCDR já nos disse o que é que tinha... nós aí temos de acatar, só que, não sei se foi muito ponderada na análise que fez. Ao mesmo tempo também deixou muitas coisas em aberto, por isso vamos ver como é que a coisa vai correr

AL: mas acha que alguma coisa vai mudar em termos de gestão no parque, sei lá, por exemplo, vai deixar de ser nacional a gestão das áreas protegidas? Vai ser só local? Porque lá dizia-se muito nessa discussão, a conservação da natureza ou dos espaços é um interesse nacional e qu enão faz sentido estarmos a por essas decisões nas mãos só de... pronto, só de... dos autarcas ou de... não é? Isto vai mudar de facto? Porque depois estava lá uma senhora da ICNF que defendia que isso não ia mudar, que o ICNF não vai desaparecer, pura e simplesmente...

MeC1: eu coloco isto de outra forma, que gestão?

(RISOS)

MeC1: não é? Que gestão? Não há gestão, neste momento não há gestão nenhuma. O papel do ICNB cinge-se a pareceres, que nem tem razão de existir esses pareceres, o regulamento devia ser clarinho, isto tudo é permitido ou proibido desde que... depois tem o que é permitido isto se forem reduzidos isto e isto e isto, e pronto. E isto, uma pessoa se demonstrasse que cumpria aquilo nem tinha que ter pareceres, eu acho que o ICN não deveria poder dar pareceres assim vagos. Por isso a gestão cinge-se a pareceres, mais nada. Eles não fazem mais nada.

AL: pois, mas talvez, bom, agora vou aqui mandar uma boca sem ter a certeza do que vou dizer, mas talvez através dos pareceres eles consigam manter de alguma forma uma ideia de conservação que é nacional, ou o que for

MeC1: mas os pareceres não deviam ser assim, devia estar tipificado cada actividade, se era proibida ou permitida, e definido o que é que havia de cumprir, e ponto.

AL: pois, ser mais claro

MeC1: não era dar pareceres *ad hoc*. E depois isso a que é que leva? Leva muitas vezes a compadrios... se as coisas fossem clarinhas

AL: e esses compadrios não tenderão a aumentar quando se passa para a Câmara?

MeC1: não, porque têm de passar... a Câmara Municipal tem regulamentos clarinhos, pode-se fazer uma casa nesta zona com x metros se fizer isto, o regulamento é claro

AL: pois... torna mais difícil a existência de compadrios, não quer dizer que não haja

MeC1: não, não há, não há porque os regulamentos, e cada vez mais nós caminhamos para isto, para ter regulamentos claros, e [alguém entra na sala]. Cada vez mais, mesmo a própria Câmara é quase um depósito, o técnico é que assume que está a respeitar os regulamentos e à Câmara complete-lhe só ir verificar ao terreno se aquilo está bem feito ou não. Portanto quanto a mim a legislação assim é mais pratico, e no ICNB devia ser igual. É a Câmara que tem de ir ao local verificar através da sua fiscalização. Porque é o que eu digo, agora os regulamentos, eles aqui sujeitam uma quantidade de acções aqui a pareceres e não poem aqui condições para os pareceres serem favoráveis ou não, isto não tem pés nem cabeça. Eles dizem “pode ser admitido”, mas quais são os pressupostos de ser admitido ou não?

AL: pois... e lobos há? Não...

MeC1: há, há

AL: há? É frequente?

MeC1: é... eu penso que... eu já vai uns anos que não vejo, mas há bastantes lobos

AL: mas não chega a criar grandes conflitos com os produtores, ou chega?

MeC1: ultimamente não tem havido por acaso, mas... [passa alguém que faz barulho e não percebo o que diz]. É inevitável...

AL: pois... e o ICNF tem sido assíduo?

MeC1: acho que sim, acho que tem pago o ... até houve uma altura que pelos vistos pagava demais (RISOS)

AL: ai é? Mais do que o subsídio?

MeC1: o mesmo animal dava para dois ou três autos

AL: ah, também já ouvi falar dessa manha

MeC1: agora acho que não, agora acho que já não

Castro Laboreiro: MeC2

AL: pois... era principalmente os homens... pois, porque era para a construção civil não é. E foi nessa altura que entrou a floresta aqui também não é? Nos anos 30, 40 não?

MeC2: para aí 40, 40 e tal, deu aqui um abanão

AL: qual é que foi o nível do abanão aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não posso... não posso...

AL: mas houve resistência da parte da população?

MeC2: naquela altura as pessoas não podiam resistir... não é?

AL: pois... silenciosamente podiam, tipo queimar as árvores

MeC2: hmmm, as pessoas também não podiam queimar, não podiam queimar muito porque naquele tempo se queimassem muito estavam desgraçados porque nós estamos... está a ver isto, isto está tudo abandonado não é, hoje quase não consegue distinguir o que é a zona do baldio do que é a zona do privado. Mas isto há para aí... sei lá, há 40 anos para trás, a zona privada estava altamente aproveitada e tal, e as pessoas dependiam muito do baldio e não se podia, não podiam queimar assim a torto e a direito, depois ficavam sem pasto, ficavam muito aflitas, ficavam sem pasto e ficavam também sem mato para fazer as camas dos animais e para o estrume, o estrume naquela altura era muito importante, o mato das camas para fazer o estrume era de uma importância extraordinária. Eu tenho 50 anos e recordo-me, é do meu tempo de proteger os campos de mato, as propriedades de mato, dos incêndios, por causa de terem de facto mato para fazerem as camas aos animais. Mas há muito pouco tempo, um terreno de mato, de tojo não é, era tão valioso como um terreno de cultivo

AL: que curioso

MeC2: era... era isso era, mas e há muito pouco tempo um terreno de mato que tinha tojo era tão valioso como um terreno que produzisse batatas ou centeio ou assim

AL: pois, eu sabia que eles usavam o mato, não sabia que era que era assim tão imprescindível

MeC2: era, era... o estrume aqui neste solo, são solos pobres, não é, solos arenosos, solos pobres, e se as terras de cultivo não forem devidamente estrumadas, a produtividade diminui consideravelmente não é, é essa a razão para

AL: mesmo as zonas dos vales não são boas

MeC2: vale... epa, não há assim muitas zonas de vale, há mais umas zonas de várzea, assim tipo aluviossolos, são mais ou menos, mais frescas mas não são assim também tão

AL: então é mesmo muito importante adicionar estrume

MeC2: muito importante fazer estrumação, muito importante mesmo, senão a produtividade caía brutalmente

AL: pois... e isto estava cheio de animais nesse tempo provavelmente...

MeC2: sim, aqui... já não é do meu tempo não é, mas antes havia as vezeiras, das cabras, das vacas

AL: já não é do seu tempo, quer dizer que já acabaram há algum tempo

MeC2: eu já não me recordo de haver vezeiras aqui.

AL: é engraçado não se ter focado aqui na ... sei lá, nas brandas e não sei quê, [em vez de ir estudar a vezeira da Ermida no seu relatório de fim de curso]

MeC2: aqui não havia nada, naquele momento já estava tudo

AL: ah, é verdade

MeC2: já estava completamente descaracterizado

AL: já não se via aquela dinâmica das brandas e das inverneiras

MeC2: não, ainda havia, as pessoas ainda mudavam não é, naquele tempo ainda mudavam, mas pronto já estava descaracterizada, isto foi em 1988, 87, já estava a ficar

AL: e acha que a entrada da floresta também contribuiu para isso? Para essa descaracterização e tal...

MeC2: o que me contam a entrada da floresta contribuiu, mas se calhar não foi assim tanto como isso, porque a floresta depois esteve muito pouco tempo, isto não é uma zona florestal e entretanto o pessoal deu-se conta que isto não resultava, não me lembro de a floresta ser um obstáculo. Dizem que... as pessoas mais antigas dizem que houve uma altura que sim, depois não me parece que tenha sido assim tanto. O que levou a que isto fosse para trás foi que [*? não se entende*] as pessoas começaram a ganhar dinheiro, houve pessoas que tiveram, começaram a fazer a divisão das coisas, antes mudava só o homem não é e a mulher e os filhos ficavam aqui...e pronto, mas houve alguém que se deve ter aventurado provavelmente a levar a mulher também não é e depois pronto, para uns se calhar correu bem, para outros se calhar menos bem, mas pronto, as pessoas começaram a ter outro modo de vida [*? não se entende*] e isto aqui, vive-se se calhar alegremente mas com qualidade de vida relativamente baixa não é e depois da emigração para o estrangeiro, bem isso depois nos anos 60, anos 70, princípio dos anos 80 [*? não se entende*] as pessoas começaram a ir lá para Braga, e depois começaram a ir para o Porto e agora está assim

AL: já não se via aquela dinâmica das brandas e das inverneiras

MeC2: não, ainda havia, as pessoas ainda mudavam não é, naquele tempo ainda mudavam, mas pronto já estava descaracterizada, isto foi em 1988, 87, já estava a ficar

AL: e acha que a entrada da floresta também contribuiu para isso? Para essa descaracterização e tal...

MeC2: o que me contam a entrada da floresta contribuiu, mas se calhar não foi assim tanto como isso, porque a floresta depois esteve muito pouco tempo, isto não é uma zona florestal e entretanto o pessoal deu-se conta que isto não resultava, não me lembro de a floresta ser um obstáculo. Dizem que... as pessoas mais antigas dizem que houve uma altura que sim, depois não me parece que tenha sido assim tanto. O que levou a que isto fosse para trás foi que [*? Não se entende*] as pessoas começaram a ganhar dinheiro, houve pessoas que tiveram, começaram a fazer a divisão das coisas, antes mudava só o homem não é e a mulher e os filhos ficavam aqui...e pronto, mas houve alguém que se deve ter aventurado provavelmente a levar a mulher também não é e depois pronto, para uns se calhar correu bem, para outros se calhar menos bem, mas pronto, as pessoas começaram a ter outro modo de vida (...) e isto aqui, vive-se se calhar alegremente mas com qualidade de vida relativamente baixa não é e depois da emigração para o estrangeiro, bem isso depois nos anos 60, anos 70, princípio dos anos 80 (...) as pessoas começaram a ir lá para Braga, e depois começaram a ir para o Porto e agora está assim

AL: e depois quando lá, agora relativamente aqui mais aos baldios, houve a tal florestação dos baldios, não sei, pelos vistos aqui o impacto da floresta não foi tão grande assim...

MeC2: não me parece que tenha sido

AL: hoje em dia ainda há floresta neste baldio?

MeC2: olhe, aqueles pinheiros que estão acolá são os poucos que restam, aqueles pinheiros têm seguramente 60 a 70 anos

AL: são tão pouquinhos

MeC2: são os poucos que restam, há ali por baixo mais alguns. Esta zona aqui onde estamos, aqui é muito alto, é uma altitude de 1100 metros, isto é muito frio

MeC2: portanto esses baldios [com eólicas por exemplo] são ricos porque podem ter outras coisas, agora nós não, Castro Laboreiro, toda a área que tem está dentro da área do parque, não tem muita... o facto de estar dentro da área do parque condiciona muito as coisas. Não pode ter pedreiras, não pode ter uma serie de coisas, não é? Pronto, não tem receitas próprias

AL: é só mesmo as ITI?

MeC2: é só mesmo as ITI

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? Sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: ai é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a serio? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

AL: acho que antes tinham mais não é, hoje em dia a floresta está a desaparecer

MeC2: pois, é assim, e a madeira... pronto, é complicado porque quase que compensa mais importá-la do que...

AL: o que é ridículo, não é... então aqui que há regeneração natural aos potes, quer dizer, não aqui em Castro Laboreiro, de facto aqui não vejo, mas em alguns baldios é uma coisa impressionante, o pinheiro está sempre a crescer, queima, cresce, queima cresce

MeC2: sim, mas está sempre em sítios quase inacessíveis, e sai muito caro, e depois o que vale a madeira... a madeira neste momento o que tem mais valor é para a celulose e para a celulose as pessoas preferem o eucalipto que é muito mais rápido

AL: pois... e o eucalipto aqui não, não é? Mas no parque é mesmo limitada a plantação de eucalipto... quer dizer, eu vejo

MeC2: há alguns deles que há

AL: há, e normalmente é em privados, o que eu notei na zona de Terras do Bouro, no de Rio Caldo, é que havia várias bouças privadas, dentro dos baldios, que estavam plantadas com eucalipto, mas era fora do parque, era colado ao parque mas já era fora, não sei se dentro do parque também seria possível. Mas aquela zona está cheia de acácias... não é por nada, não tenho nada contra a acácia, mas aquilo cresce cá da uma forma que poe em causa tudo à volta... portanto sim, tenho isso contra a acácia

MeC2: e dizer que há 20 anos ali em Viana do Castelo havia a festa da mimosa, exactamente a mimosa era um chamariz turístico.

AL: ai era?

MeC2: e pronto, desde que começou a haver essa polémica com a... reuniu-se lá um fim-de-semana uma série de personalidades lá em Viana, uns congressistas e tal, e chegou-se à conclusão “a mimosa é uma infestante” e acabou-se ali a festa da mimosa. (RISOS) mas havia a festa da mimosa, o rali da mimosa

AL: que curioso, porque ela de facto tem o seu charme

MeC2: aquilo é bonito, e depois a mimosa floresce numa altura em que não havia assim muitas em flor

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: em relação ao ICNF, ao Estado vá, à forma como eles têm vindo a gerir esta situação, desde os tempos antigos até agora, veem diferença, acham que eles estão presente, que estão ausentes... qual é o papel do ICNF neste momento no Parque?

MeL1: o ICNF é o instituto de conservação da natureza

AL: do ICNF ou do próprio parque

MeL1: pois, eu acho que não há nada de mal a assinalar

MeL2: não, eles andam por aí, eles controlam isto tudo

AL: acham que eles estão presentes?

MeL2: sim, sim, sim

MeL1: está tudo ok, da minha parte de ver as coisas está

MeL2: eu é rara a semana que não andam por aqui, eles controlam isto ao máximo

AL: e o que é que fazem? Com vocês, por exemplo na gestão do baldio

MeL2: nos baldios, eles, quando há aí qualquer novidade que a gente não conheça eles alertam-nos logo, dizem-nos logo o que temos que fazer, e o que é que há aí de fazer, e como estão as coisas

AL: ok. Mas por exemplo, vocês estão em cogestão com o Estado não é? Na gestão do baldio vocês estão em cogestão, modalidade b)

MeL1: é o PGF não é? O Plano de Gestão Florestal, é o PGF...

AL: sim, mas quero dizer que estão em cogestão no sentido em que supostamente gerem o baldio em colaboração com o Estado não é... há outros baldios que não, que estão em autogestão, que gerem o baldio sozinhos

MeL2: mas esses são os baldios que não estão dentro do parque

AL: não, estão dentro do parque, mas quando se formaram os CD houve a opção de ficar em cogestão ou assumir a autogestão, então houve alguns baldios que decidiram ficar em autogestão

MeL2: aaah, não sabia

MeL1: mas é uma vantagem ou não?

AL: não têm de dar 40% ao estado das receitas, por exemplo, mas têm que gerir tudo sozinhos

MeL1: mas não compreendo como é que eles fizeram isso, então mas para quê?

AL: está na lei

MeL1: está na lei?

AL: sim. Quando se organizaram os compartes, eles tiveram... eles e vocês, mas também vocês já só se formaram há pouco tempo, não foi? Mas mesmo a Junta antes, quando geria aqui o baldio de Lamas de Mouro, estava em cogestão com o Estado?

MeL1: não sei

AL: mas se calhar estava não é, para vocês terem assumido que ficariam em colaboração com o Estado é porque se calhar estavam. Pronto temos ali

MeL2: de certeza que estavam

AL: pronto, mas temos ali alguns ali em Montalegre, outros em Terras do Bouro, também em autogestão, não têm o apoio do Estado mas

MeL2: não recebem nada do Estado nas florestas?

AL: não, mas o que é que vocês recebem?

MeL2: nós temos as ITI

AL: ah, está bem, mas isso não é bem do Estado, isso é dinheiro da Europa [tento explicar a diferença do que eu quero dizer com apoio do Estado com as ITI] ... desses 40% pressupõe-se que o Estado vos ajude na gestão da floresta, como? E é isso que eu estou a perguntar, se o Estado intervém na gestão da floresta no baldio de Lamas de Mouro, se ajuda, se dá apoio, sei lá, na reflorestação, nos cortes, na venda da madeira

MeL1: dá

AL: então qual é o apoio, era isso que queria saber

MeL1: dá, então, eles é que se ocupam disso

MeL2: assim, na plantação não vejo assim muito que se ocupem com isso

MeL1: ah, isso agora também não plantam nada

MeL2: isso agora não estão muito virados para esse lado. Mas quando há um corte de madeira eles ajudam, não é, a abater a madeira, e fazem a gestão deles não é, que é o parque

MeL1: é o parque é que contrata quem corta e quem não corta

MeL2: contacta os empresários

MeL1: faz o leilão, faz... divide por tanto, a vossa parte é tanto e a nossa é tanto

MeL1: tem feito isso, e é a Maria do Carmo não é?

AL: mas depois na reflorestação não, não têm tido

MeL1: não, porque isso já não é feito

A: nem de carvalhos nem nada

MeL1: nada. Não fazem nada

AL: e vocês?

MeL1: também não

AL: nunca fizeram plantações?

MeL1: depois começou a arder por aí com toda a valentia

AL: mas isso é os pinheiros

MeL1: depois foram os freixos

MeL2: fizemos uma pequenina plantação de freixos aqui, foi o ano passado não foi? Não é lá muito grande

MeL1: foi, foi o ano passado. Mas aquilo é pouco, aquilo é para os burros que aí andam, não deixam nada

AL: vocês não vedaram?

MeL1: vedámos com aquelas camisas, como é que se chama... com aquelas protecções

AL: não sei como é que se chama

MeL2: mas eles botam aquilo de fora, eles não deixam os cavalos come-los

AL: qual foi a área? De freixo que puseram?

MeL1: pouquinho, pouquinho, não chegou a meio hectare

MeL3: 100 pés

MeL2: ela queria dizer à área, ao hectare

AL: não, mas 100 pés já dá para ter uma ideia

MeL1: não, não deve chegar a meio hectare, não... não chega não

AL: e essa plantação foi para quê?

MeL1: foi freixos, foi árvores que deram, que ofereceu o parque

MeL2: e nós mandámos plantar

MeL1: foram os sapadores

MeL2: mas foi como falámos há bocadinho... os sapadores há que os pagar

AL: ah, sim, pois há

MeL1: e as camisas houve que as pagar, cento e quarenta e um Euros e tal

MeL2: aquelas protecções que leva de pé não é?

AL: pois

MeL3: as mangas

[fala-se de como os nomes mudam regionalmente, localmente. Café/bica; mangas,...]

AL: está bem, então plantações nada?

MeL1: nada. Dai por enquanto nada se tem feito já há muitos anos. A não ser agora, os freixos, esses que deram

AL: quando o Estado entrou com a floresta houve aqui muita resistência? Ou seja, houve muita luta contra a floresta?

MeL2: oh, a luta naquela altura não se podia fazer, devido ao regime que tínhamos

AL: pois... mas aquela luta “silenciosa” de pegarem fogo, mandarem as árvores abaixo

MeL3: não, nessa altura não. Isso foi mais depois do 25 de abril para cá, até ao 25 de abril

AL: então a floresta entrou à vontade aqui?

MeL3: entrou à vontade. Plantou onde quis, foi mais aí na zona do parque, neste lado daqui... ainda não existia parque, mas a floresta plantou-se

MeL1: o parque foi em 1971

MeL3: e quando eu nasci já havia floresta, a parte que pertence ao parque já estava tudo reflorestado desta parte para lá, daquela não tinha nada porque ali é só rocha, não podia plantar nada

AL: então mas as pessoas não ficaram

MeL3: claro que as pessoas estavam revoltadas porque naquela altura havia muitos animais

MeL2: e obrigaram-nos a reduzir os animais

MeL3: e em vez de ter 10 cabeças só poderíamos ter 2 ou 3

AL: e houve problemas nesse aspecto? Fomentou a emigração?

MeL3: nunca houve porque a gente tinha medo de falar, porque tínhamos aquele regime salazarista. Então a gente, como se diz, “comia e calava”

AL: pois

MeL1: ai não.... E mesmo assim

MeL2: era o tempo do Salazar. Ai de quem deixasse o animal tocar lá num pinheiro ou tocar numa árvore, ou comer uma folha de árvore. Muita malandrice que andava por aí na altura

AL: e houve pessoas que acabaram por trabalhar para a floresta? Pessoas da aldeia, ou das aldeias?

MeL2: aqui ainda houve, na zona onde é o parque, plantavam pinheiros pequeninos, ou carvalho, e quando fosse mais (...) mas das freguesias em volta até Melgaço, andavam para aí 100 pessoas aí a trabalhar para a floresta... era eu pequeno, eu nunca andei, mas os meus irmãos, eu era o mais novo, esses ainda andaram

MeL1: mas andaste na... a tirar a areia do rio e a plantar estes que eu também andei

AL: a fazer o quê?

MeL1: a plantar estas árvores que há à beira da estrada por ai acima, a fazer estes buracos para fazer plantação. Mas isto era nas estradas não era na floresta

AL: mas isso na altura da floresta?

MeL1: sim

AL: nos anos quê? 50-60?

MeL1: antes de 63, 57-63, foi por aí

AL: nessa altura andaram a plantar árvores ao longo das estradas

MeL2: é. Sobretudo nesta que passa aqui

MeL3: nas estradas nacionais. Na altura era com a JAE, agora é com a Câmara

AL: mas recebiam dinheiro?

MeL1: foi de 57 ate 60 e tal, foi quando saímos da escola primária, que são as habilitações que temos

MeL2: mas depois logo a seguir foi a invasão da emigração e pronto, foi quando eles arrancaram todos

AL: foi quando? Nos 60's?

MeL2: não, a emigração foi antes

MeL1: a emigração já foi nos 40 e tal, já antes da guerra, alguns, poucochinhos. A emigração foi de 1946 para a frente, foi quando a França estava toda destruída ou quase

AL: por causa da guerra

MeL1: o Hitler deu cabo de tudo e então toca a reconstruir, e então portugueses, italianos, espanhóis, foi tudo

AL: então e por causa da floresta houve muita gente a emigrar ou não?

MeL1: ah pois houve

MeL3: toda a gente, toda a gente. Só não emigravam os que eram já velhinhos

MeL1: ou aleijados

AL: mas foi por causa da floresta ou foi por outras razões?

MeL1: fez parte disso, a floresta fez parte disso

MeL3: a gente não tinha trabalhos aqui

AL: e com a floresta ainda menos, deixando de poder ter o gado... não é?

MeL3: se não houvesse a floresta haveria mais animais e o lavrador teria mais rendimento

PNPG

Cabril: MCa1

AL: vocês têm caça dentro do baldio de Cabril?

MCa1: temos

AL: e é aqui dos povos da freguesia

MCa1: sim, é uma associativa de caça e só podem caçar cá os nativos

AL: ok

MCa1: não é aberta a qualquer um. Toda aquela zona de acolá e a partir do rio para lá já não se pode caçar, o parque também impôs algumas... alguns perímetros...

AL: é aquilo da protecção total, protecção parcial...? Ali é protecção total?

MCa1: não! Ali é parcial tipo I... tipo I ou II, isso agora... qual é que é a mais grave?

AL: a mais grave acho que é a tipo I

MCa1: é a I, então esta é tipo II. Do rio para cá é área de ambiente rural em que praticamente não há impedimento nenhum com nada, e de lá já há um bocadinho, mas pouco também. Depois lá em cima nas Lagoas do Maninho, onde fizemos o abrigo já é tipo I. e depois na zona dos Carris, já ouviste falar? Nas minas dos Carris, havia uma exploração mineira no tempo do volfrâmio... lá no topo da serra a 1500 metros de altitude em que a estrada de acesso era da Portela do Homem, do lado do Gerês para cá e vinha para ali. Os Carris é de Cabril, do lado de Cabril

AL: ah. E é tipo quê? Protecção...

MCa1: total!

AL: pois eu ontem andei a ler sobre isso porque me estava a fazer um bocado de confusão a questão dos eucaliptos... eu achava que em Parque era impossível fazer plantação de eucaliptos

MCa1: e é...

AL: mas só que estive a ver e, embora seja desaconselhado não há nada que diga que... mas isto é nas tais zonas de ambiente rural, que é as complementares... aí tu podes fazer plantações florestais e eles não dizem especificamente que não pode ser com eucalipto. Eles dizem que fomentam a floresta autóctone mas não dizem que não pode ser. E eu fiquei um bocado... porque o senhor Bento ali de Sezelhe dizia-me... “ai não, eu se quiser planto eucalipto”

MCa1: a sério?

AL: em Parque?? Acho isso muito estranho. Mas realmente estive a ver... bom, em zonas de protecção, seja ela parcial, seja ela total não podes mesmo, mas na complementar não vi lá nada que dissesse que não podes. Diz que podes fazer explorações florestais... e mesmo na complementar tipo II acho que também já podes

MCa1: não é essa a ideia que eu tenho.

AL: pois, eu também não tinha...

MCa1: A ideia que eu tenho é que para fazer seja que tipo de plantação for é preciso um parecer do ICNF

AL. Exacto, provavelmente aí é travado

MCa1: exactamente. Porque... *pá*, o meu irmão Tomás é engenheiro...

AL: é engenheiro florestal?

MCa1: sim

AL: acho que já ouvi falar do Tomás em algum lado

MCa1: e ele até é que nos dá apoio à parte da... dos sapadores, porque nós temos uma parte que 's serviço público e que é marcada por ele, pelo meu irmão, pelo ICN, ou seja metade do financiamento é nosso, metade é deles, nós marcamos metade da área e eles marcam metade... eles marcam tendencialmente à volta das aldeias, para criar um perímetro de segurança

AL: e isso é o serviço público

MCa1: isso é o serviço público

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao cabo acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, é interessante! Muito interessante!

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: eu também na minha opinião a região havia de ter mais formação, por exemplo, temos várias condições para o produto biológico, e isso também é uma mais valia

AL: sim, sim

MCe1: que é... as pessoas não têm formação, nem têm obrigação de... coitadas, nasceram aqui, foram educadas, não têm... depois as instituições locais também não ajudam, isto tem de se ir para o terreno, é preciso ter técnicos, é preciso gastar dinheiro... enfim, isto não é só fazer reuniões e depois...

AL: pois, assim instituições como o secretariado dos baldios e assim, são importantes nesse sentido ou não?

MCe1: são, isso são, acho que sim, que são e têm feito algum, têm feito um bom trabalho, pelo menos há mais informação, a secção ali do parque está muito mais bem organizada do que estão os outros de fora, não é...

AL: isso através da tal organização dos baldios da Peneda-Gerês?

MCe1: sim, sim, sim, aí acho que pronto essas coisas estão... pronto, agora pode ser discutido, mais isto ou menos aquilo, mas tem sempre andado... essa parte estando unidas, estando... tendo uma linha mais ou menos definida, pronto, ter alguém a coordenar eu acho que isso está... havia era de haver outras coisas, seguirem o caminho, o exemplo desses

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: não é propriamente um espaço onde as pessoas... muitos dos livros que eu tenho vindo a ler sobre baldios o que dizem é que actualmente os baldios são geridos como se fosse um... vá, uma propriedade daquele grupo, e que é cedida para exploração de terceiros, eólicas, empresas florestais, isto e aquilo e que os compartes se limitam a receber as receitas que advêm dessas cedências, vá...

MCe1: directamente? Os compartes não, o CD... sim, nós por exemplo, a nossa realidade não é essa

AL: não é essa, pois...

MCe1: não é essa, a nossa aliás, nós não temos rendimento nenhum excepto o das ITI

AL: nem há arrendamentos de partes do baldio, nem nada do género, cessão de exploração...

MCe1: não, não temos nada. Portanto aqui na nossa zona, por exemplo nas zonas do parque não têm eólicas, empresas a explorar também não conheço nenhuma

AL: também não vi nada disso até agora

MCe1: não, não conheço nenhuma... a única maneira que eles exploram é a floresta, alguns mais floresta outros menos

AL: eles quem? Os próprios...

MCe1: os CD... portanto, são opções, alguns apostaram muito na floresta muito cedo, outros não querem floresta porque querem é aposta nos animais e querem que sejam... dão prioridade aos agricultores, à parte humana, à parte...portanto aqui na zona do parque isso não se verifica e está um bocado... agora continuo a frisar que o baldio é extremamente importante para a sobrevivência, senão não havia solução...sem o baldio

AL: eu no outro dia falei com uma senhora, que até acho que... foi a Dona Lola, do café de Paradela

MCe1: ah, sim, sim, sim

AL: pronto, entretanto ela fez-me conhecer a Lurdes Ramada ou Parada...

MCe1: sim, sim, Ramada, Ramada. Essa é advogada, mas pronto

AL: sim, sim. Tivemos uma conversa muito breve ao telefone, porque a Lola disse “ah, trabalha com os baldios, então olhe, vou aqui telefonar a uma amiga minha” e de repente eu estava ao telefone com a Lurdes

MCe1: mas ela nem sequer está muito ligada aos baldios

AL: pois não... mas a dona Lola não sabia. Mas ela depois lá me disse que faz parte da comissão de fiscalização do baldio de Paradela

MCe1: sim, sim (...) mas também é um baldio que tem só para aí 2 anos...

AL: ah, não sabia, pois... e está fora do Parque... e só naquela conversinha de segundos deu logo para perceber que há enormes diferenças... ela a dizer “pois, de facto é uma pena nós não estarmos dentro do Parque, nós não temos direito a alguns subsídios que eles têm...”

MCe1: têm outras vantagens

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1: não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

(falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...)

MCov1: pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1: já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1: trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: qual é a vossa relação com o Parque?

MCov1: é boa

AL: é boa?

MCov1: é, porque eu era do Parque... (RISOS). Em princípio é boa...

AL: mas tem havido mais obstáculos da parte do Parque para além das eólicas na gestão do baldio?

MCov1: não, não tem assim havido muito. Há o problema do javali que já dá muitos prejuízos

AL: o javali vivo... ou seja, há demasiado javali, é isso?

MCov1: há bastantes, dão cabo dos lameiros, dão cabo do pasto ao gado e aos milhos...

AL: mas eles não... não se pode caçar javali? Achava que sim...

MCov1: não, só batidas, em batidas pode... mas há uma batida vá lá, de 2 em 2 meses... uma coisa assim mas depois chegou a um certo ponto parou, no tempo da direcção já não há. E agora já não há, agora andam eles aí à vontade a dar cabo dos lameiros, e depois ao vir os milhos andam em cima dos milhos. Tem de andar o pessoal aí a guardá-los se não dão cabo de tudo

AL: por acaso achava que o javali era possível caçar... achava que era introduzido para isso mesmo, também...

MCov1: não, as batidas não deixam passar assim muito. Nem no tempo da caça, naqueles dias próprios para caçar... uuh podem matar algum, mas escondido, de resto não podem

AL: e vocês pagam alguma coisa por essa equipa de sapadores ou é o ICN que paga?

MCov1: não, pagamos nós. Nós pagamos, pagamos cada um 2500 Euros

AL: cada um?

MCov1: Travassos e...

AL: ok

MCov1: e Covelães e Paredes e Sezelhe

AL: isso por ano?

MCov1: 10 000... portanto nós os 4 temos de pagar 10000. A Câmara da 10000. E o... ainda agora estive a tratar lá com o ICN, mandei para lá a papelada... dá-nos 35000

AL: o ICN?

MCov1: sim, 35000. Só nos dá isso. O resto temos de o pôr nós e a câmara. Nós temos de ir pedir à Câmara para dar um auxílio, se não tínhamos de os mandar embora, não os podíamos aguentar. Ao princípio pagaram tudo. Era o Parque que pagava, o Parque, o ICN também mas o Parque era mais, dava uma verba e agora o Parque deixou de dar, diz que não tem dinheiro e acabou essa verba. E agora é a Câmara. Agora temos de pedir à Câmara para nos auxiliar, para nos dar apoio senão temos de mandar os sapadores embora. E são 5 empregos que vão ao ar, e nós não queríamos. Nós já assim já temos de por 10 000 e temos de fazer serviços no Parque. Um Parque tem incêndios... eles dizem ali na papelada que eu até mandei para Lisboa, mandar uma fotocopia da papelada... têm 6 meses deles, que é para os incêndios, tem para o serviço publico

AL: Pois, ontem estavam a fazer o serviço público em Fafião, os sapadores de Fafião...

MCov1: nós também fazemos, temos os sapadores, vai demorar, estamos a fazer desde a semana passada, e agora vão fazer o de Paredes, depois vão para Sezelhe, fazem lá e depois vão para Travassos. Às vezes lá se tira algum para dar uma ajuda ao presidente da Junta, a fazer um poço, a limpar um poço, dar uma ajudazinha... a limpar uns regos, que agora não há gente... agora nós temos meia dúzia de... tudo velho.

AL: e o baldio de Covelães está a ser gerido em cogestão com o Estado ou autonomamente? Ou seja, é a modalidade a) ou a modalidade b)?

MCov1: acho que é a b)...

AL: a b) é com o Estado... em cogestão com o Estado, não é?

MCov1: ele estava... até, o nosso carvalhal estava destinado a ser uma reserva de caça, de caça, mas é caça de Parque Nacional... já nos marcaram isso, mas não sei como é que as coisas andam, as coisas parece que não andam bem e não sei quê. Eles querem é que aquela parte seja deles e que botem para ali a bicharia que eles querem. E agora em princípio não têm deitado, mas já deitam para aí muitas merdices. Já deitam o lobo, já deitam o javali, deitam para aí tudo

AL: o lobo?

MCov1: o lobo, então, e muito! Então, aparecem vacas mortas, mortas quer dizer, são os lobos que as matam, depois vêm os guardas do parque, que era como eu, que era vigilante, que íamos fazer essa... íamos lá ver depois fazíamos o auto de avaliação, dávamos-lhe um x, aquilo ia para baixo e depois lá vinha o dinheiro

AL: ah já nessa altura faziam isso...

MCov1: já! Fiz muitos serviços desses, muitos

AL: e como é que isso corre agora aqui? Há muitas queixas das pessoas?

MCov1: há, há queixas...há sempre, porque há muitos lobos e... mas é mais o javali, o javali é que, o povo está é mais contra o javali

AL: mas esse estraga mais é as plantações...

MCov1: não, no gado não fazem nada, mas vão-se, vão-se às terras dos milhos e devoram tudo, têm que andar os lavradores de noite para os defenderem. Às vezes já estão a vedá-los [aos campos] com redes... já há aí alguns, até aqui em Covelães, há aqui um por cima já que vedaram tudo lá

AL: pois... e não pedem dinheiro ao ICN para fazer essas vedações?

MCov1: não... eles não dão nada, que faz interesse em pedir. Se for por pedir pedia-se mas eles não dão, eles não têm dinheiro. O parque agora está na falência... porque antigamente havia muita fiscalização. Eu quando estava no serviço eu ia fiscalizar para Cabril, Fafião, às vezes ia para o Geres, fiscalizava esta área toda. Às vezes juntava-me com outros colegas e vínhamos aqui para cima também fiscalizar. Agora não se vê ninguém. Agora só se vê algum javali... não fazem nada, é uma pouca vergonha

AL: então e quando vocês querem falar com o ICN como é que fazem?

MCov1: nós nunca falamos com eles. Falamos com a engenheira Lúcia e ela é que trata de tudo. É ela que trata de tudo

AL: ah, ok. Mas portanto o ICN não anda aí? Ou os Serviços Florestais ou o que for...

MCov1: os SF tem mas os SF andam mas é no rio

AL: Ai é?

MCov1: às multas... agora não andam... isso andam para aí à caça de noite, fazem trinta por uma linha e não se vê ninguém

AL: e não se vê ninguém do ICN...

MCov1: não, não se vê ninguém a fazer fiscalização nenhuma

MCov1: não, o parque não deixou pôr aí as eólicas que nos davam mais dinheiro escusávamos de andar com isso... tínhamos mais dinheiro, dava empregos, empregavam aí pessoas para guardar as eólicas e coiso, tínhamos o dinheiro, esse dinheiro aplicávamos aqui no povo em melhoramentos...

AL: pois... mas se calhar por isso é que vocês têm as ITI's não é?

MCov1: a parte de acolá está melhor que nós... ali não é Parque, do rio para lá já não é parque, já têm as eólicas por ali abaixo, as aldeias... recebe a câmara e recebem as aldeias e as aldeias agora estão com o que querem, já têm dinheiro para as despesas, para fazerem melhoramentos, para... antigamente não faziam nada...

AL: isso é uma coisa que queria perguntar... aqui, pelo que percebi, vocês não têm floresta nenhuma, ou seja não ganham nada com a venda de madeira...

MCov1: não

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1: é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1: e agora cortaram... deram para aí um.... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: foi?

MCov1: Tourém... já foram multados.

AL: isso é tudo por ser no Parque?

MCov1: dentro do Parque, fora do Parque não... é por isso que nós devíamos ser beneficiados do Parque... o Parque antigamente dava para os sapadores x e agora não dá nada

AL: ai não dá 35000?

MCov1: 35000 é o ICN...

A: ah, ok. Sim, sim, sim

MCov1: o Parque havia de ajudar, não ajuda nada, diz que não tem dinheiro, que não há dinheiro... o Parque não... no outro dia dizia o engenheiro lá do ICN de Vila Real, "o Parque não contes muito com ele que o Parque não tem dinheiro"

AL: sabe qual é o nome desse engenheiro?

MCov1: era Carvalho... Carvalho...

AL: qualquer coisa Carvalho?

MCov1: é... Eduardo Carvalho!

AL: do ICN de Vila Real?

MCov1: sim

AL: aaah. Ele veio cá fazer o quê?

MCov1: por causa dos sapadores, tivemos um problema com os sapadores, por causa do dinheiro, o dinheiro não dava então veio aí para ver se a câmara dava dinheiro porque senão os sapadores tinham de se ir embora... depois a câmara deu...

AL: e ele aí fez questão de dizer que eles não têm dinheiro e que não podem...

MCov1: não, o Parque não, o Parque, que não esperasse alguma coisa porque o Parque não tinha dinheiro e acabaram por dar os 35000, vocês dão os 2500, a câmara dá 10000, e pronto, as coisas já se vão compor... e foi assim que nós resolvemos

AL: pois

MCov1: e por esta altura os sapadores ainda estão por receber 3 meses e esse que vem 4...

AL: estão por receber?

MCov1: pois... ainda agora mandei para lá a papelada... só ma mandaram agora ultimamente só que já deviam ter mandado no princípio do ano. E agora mandaram um coiso para se reconhecerem as assinaturas, para... pronto, ainda só foi ontem que lá chegou. E agora pronto, claro que já deviam ter mandado, esse dinheiro já podia estar aqui

algum. Dão-se 10000. Agora vêm entregar 10000. Depois em Julho dão 12000. E depois logo a seguir lá para o fim de Outubro/ Novembro, No dão outros 10500. É às prestações.

AL: quando há pouco me disse que por vezes dão dinheiro à Junta para fazer um poço ou para fazer isto ou aquilo, de onde é que vem esse dinheiro? De onde é que vos sobra esse dinheiro?

MCov1: sobra? Temos de tirar... em vez de desmatarmos a x o hectare vamos tirar um bocadinho para depois ficar para fazer... para arranjar os poços, vamos ficar com algum, não vamos agora gastá-lo todo

AL: nas roças e assim?

MCov1: pois, nas roças dão-nos x dinheiro, e nós vamo-nos equilibrando por aquele dinheiro

AL: e tentam ficar com algum para outras coisas

MCov1: e depois nós vamos ficando com algum para ... gastamos lá com a companhia, lá com o coiso, para roçar, mas algum tem de ficar para nós para fazermos algumas coisas no povo

AL: ah, ok, conseguem fazer isso... mas se diminuísse muito esse valor...

MCov1: mas o Parque não quer, o Parque não quer que se faça aqui nada na aldeia. Não quer mas nós temos de fazer, falei com o Carvalho e ele disse “ah, vocês... de vez em quando vão fazendo”

AL: mas porque é que não quer...

MCov1: porque no povo... não quer, sei lá porquê... o povo quer que façam, o povo pensa no diabo. Aqui o povo não quer os sapadores.

MCov1: tive de mandar a Acta, isto também da Acta, assim... para saber se está em ordem se não está. E tenho para aqui muita coisa. E depois aqui, aqui só dão 35, e depois dão um... este é do ano passado, 01 do 04 de 2014 a 30 do 04 de coiso dão 10500. Aqui do 01 a... a... 01 do 06 de 2014 a 30 do 06 de 2014, dão 12250. A 01 do 10 de 2014 a 31 do 10 de 2014 dão 10500. E depois vem este, este que está mal de 01 do 02 de 2015 a 29 do 02 de 2015, esse ainda não apareceu, do ano passado, esse não apareceu, vê lá! Esse dinheiro nunca mais, já se falou para lá... diz que não tem dinheiro, é o que eles dizem, não há dinheiro

AL: aaah. Posso ver aqui uma coisa? Posso...?

MCov1: pode!

AL: “no âmbito do fundo florestal permanente” ... “contrato de atribuição de apoio financeiro no âmbito do FFP...”. Hmm, eu acho que este dinheiro não tem nada a ver com as ITI's, pois não? Ou será que tem?

MCov1: não!

AL: ah, não tem!

MCov1: este não! Este é do ICN... este é do ICNF, ICNF... era onde eu pertencia...

AL: portanto este dinheiro é para os sapadores, ok, eu estava a trocar...

MCov1: este é para os sapadores

AL: e depois a ITI dá dinheiro que vocês usam com a companhia não é?

MCov1: esse é para a limpeza dos montes, limpeza de carvalhal, limpeza de mato

AL: ok, já percebi

MCov1: este é o que eles dão lá do ICN. Agora não sei se esse ICN pertence ao Parque ou não pertence...

AL: eu acho que sim, porque veja, o ICNF agora é o instituto de conservação da natureza, que é o Parque, e das florestas, que é os serviços florestais, eles uniram-se. Agora em termos práticos não sei o que é que isso significa...

MCov1: pois, mas além desse, no antigamente, ainda davam por fora x davam 10000... eu tenho aí o protocolo

AL: portanto, os serviços florestais davam x e o parque ainda dava mais?

MCov1: dava, o Parque dava mais

AL: há quanto tempo é que isso deixou de acontecer?

MCov1: aí já vai para aí há uns 6 anos, 5, 6 anos... quando isto começa a mudar de presidência, lá do coiso de primeiro-ministro e o caramba aquilo começa logo tudo a manobrar... fica tudo estragado

AL: e diga-me outra coisa... se vocês não têm floresta, não têm pinheiros não é... porque é que não plantam pinheiros? Ou não faz sentido?

MCov1: não, o parque não quer... aqui na nossa zona é só carvalhos, vidoeiros, não querem... o Parque não quer, não quer pinheiros cá, isto é uma zona de carvalhal, bonita, diz que é bonita. O carvalhal aqui na ponte ou para cima, até lá acima ao sapateiro, que é um carvalhal que é uma categoria, para lá só se vêem corços ou porcos ou lobos, lá não se vê mais nada, não anda lá ninguém, aquilo é só carvalhal, carvalho, e depois tem carvalhos assim grossos

AL: quem é que está a fazer isso?

MCov1: o pessoal de Montalegre, agora estão a pensar entregar isto às câmaras... eu ouvi lá em Montalegre. Se entregarem o Parque às câmaras...

AL: eu também ouvi isso... aliás, eu vou a Lisboa na 3ª feira para ir a uma sessão de discussão sobre essa questão da entrega da gestão dos parques às câmaras...

MCov1: às câmaras... pois, está previsto isso, agora o outro dia lá na reunião já iam falar disso também... que houve lá no Gerês. Iam lá 5 presidentes da câmara entregar o parque às câmaras...

AL: e as câmaras o que é que acham disso?

MCov1: as câmaras querem, elas querem que as dêem a eles...

AL: e vocês o que é que acham?

MCov1: aqui não dizem nada, não lhes importa.

AL: e o que é o que o senhor Manuel acha?

MCov1: eu acho mal, porque se entregam isto às câmaras, isto vai ser uma... isto não vai dar. Quer dizer, não chegam a lado nenhum, vai ser abandonado, se se entregar isto à câmara vai ser uma bandalheira. Não, entregar à câmara fica tudo abandonado

AL: acha que as câmaras não funcionam muito bem?

MCov1: não, não, eu acho que não... eu por acaso até sou amigo lá da câmara...

AL: como é que se chama o presidente da câmara?

MCov1: Orlando Alves

AL: é de que partido, sabe?

MCov1: é socialista. Também levou o meu voto

AL: levou?

MCov1: então eu votei nele

AL: acha que eles estão a trabalhar bem?

MCov1: está, está... mas isso de entregar ao parque já vai ser um problema... já nem vai ser parque, já nem vai ser nada, começam a entrar os de lá todos para aqui vão estragar tudo. Caça terminou! Depois andam de lá para cá, daqui para lá, anda para aí tudo... depois isto já nem é parque, aquilo não vai ser parque, aquilo vai ser mais como antigamente, tudo à revelia... caçam onde querem, fazem o que querem, não vai dar nada...

AL: e o que é que agora tem de melhor? Em termos de gestão do parque...

MCov1: agora tem que sabem que é Parque e já ninguém vem para aqui. É raríssimo. Vêm os turistas, os turistas sim. Dão o passeio deles. Depois os transgressores vêm para aqui todos. Eles andam de noite, anda para aí tudo à volta de noite e dão cabo disto tudo

AL: e acha que vai ser assim?

MCov1: ah pois vai.

AL: não confia muito nas autarquias para gerir o parque, o senhor Manel?

MCov1: não, não. Eu sou contra isso. Eu sou contra isso porque eles vão estragar tudo porque os outros o pessoal de lá vem tudo para aqui.

AL: qual pessoal?

MCov1: vêm para aqui caçar...

AL: acha que eles vão seguir os seus próprios interesses? Cada câmara...

MCov1: então... pois isso vai ficar a não ser parque nenhum... por exemplo o parque teve as suas autoridades e isto... embora elas sim senhor, as câmaras, tenham algum poder sobre isto mas não era ela a tomar conta disto tudo. Agora assim é mau...

AL: mas o senhor Manel gosta do parque, ou seja, acha que é importante haver o parque?

MCov1: tem. Pois se eu trabalhei sempre no parque, desde que foi parque até que me reformei trabalhei sempre no parque, não tenho a dizer mal do parque

AL: identifica-se com esta coisa da conservação da natureza

MCov1: sim, sim

AL: acha que é importante?

MCov1: isso é importante, acho que o parque é uma coisa boa

AL: e faz-lhe confusão a caça desregulada

MCov1: pois, exacto... vinham agora os de lá fora agora meter-se aqui, devorarem tudo, estragarem tudo. Aquilo que foi o parque, o parque já fez aqui bastante antigamente, agora já está um bocadinho mais abandonado, mas aqui fez-se muito e isso estava tudo bem. Agora vai, se a câmara coiso vai... fica tudo estragado

AL: e como é que isso está? A lei já foi aprovada ou ainda está em fase de discussão?

MCov1: não, acho que não, que ainda não foi aprovada. Se aquilo for entregue à câmara é um desastre

AL: pois, eu ainda não tenho opinião em relação a isso, ainda nem percebi bem qual é a proposta, vou perceber agora melhor na 3ª feira. Mas pelo que me disseram a ideia é essa, é descentralizar a gestão dos parques e por nas autarquias a gestão.

MCov1: eh, isso não... eu não concordo com isso

AL: pois, eu até concordo que as autoridades locais têm de ter alguma voz, agora toda... também não sei, acho que era complicado...

MCov1: eu também acho que devem ter sim senhora, mas não tudo, não tudo porque senão então lá estamos no tempo antigo... depois isto já nem é parque nem é nada, isto é uma república depois... (RISOS) isso não tem jeito. Se é Parque tem de ser coiso... tem as suas autoridades, tem coiso, é que administram. Agora sendo a câmara, trazem logo para aqui tudo, começam logo “isto não é parque, o parque presta para alguma coisa, isto não é parque não é nada, nós vamos para onde queremos, fazemos o que queremos”. “ah, está bem!”. Agora... o parque tem de ter uma... que é parque, a polícia vem aí, tem de ser respeitada

MCov1: havia aqui uma do Parque, que eu até estive lá ontem...

AL: ah, a casa do guarda?

MCov1: era do Parque, uma que eles arranjaram deles... vinham para aqui as pessoas do Parque, só as do parque é que vinham, não as alugavam a toda a gente. Pessoas que trabalhavam dentro do parque, que andavam a fazer serviços para o parque... vinham aqui dormir... tinham cozinha lá cozinha, tinham lá tudo. E agora está lá tudo abandonado

AL: é aqui em Covelães?

MCov1: sim

[falo de como perguntei a uma Sra. do ICN se haveria esse tipo de alojamento e ela disse que neste momento não tinham nada...]

MCov1: não, não, deixaram tudo ao abandono... tinha a de Pitões, essa foi a ADERE que tomou conta daquilo, arranjaram aquilo e coiso mas agora parece que não está lá ninguém... eles é que tomaram conta dela, daquela casa lá de cima

AL: também era do ICN?

MCov1: era do Parque naquela altura

AL: Pitões das Júnias não era?

MCov1: é, essa era do parque. E agora quando vou lá não vejo lá ninguém. Antigamente vinha muita gente, aos fins-de-semana era só gente, gente, ui, cum caramba! Vinham para ali pronto, tinham 6 pessoas, para a outra semana já tinham outros, para a outra outros... para a outra semana... tinha sempre gente! Ali nunca estava vazia

AL: Mas era o quê? Turistas ou pessoal do parque?

MCov1: não, de fora também... não era turistas, tinha lá sempre pessoal, sempre, sempre, sempre, tinha muito pessoal... eu é que tomava conta daquilo, vinha uma mulher para fazer a limpeza, tinha de lhe por lenha, por gás, porque aquilo não tem electricidade, tinha de por o gás para cozinhar, tinha de por o coiso para os candeeiros, tinha de andar lá, todos os dias tinha de lá ir uma vez ou duas, depois ver, quando saía, ver se aquilo a roupa faltava, tinha de se conferir a roupa, se coiso tinha de se mandar um ofício para baixo a dizer que faltou uma toalha ou duas, ou três ou quatro, que faltou um lençol ou que faltou

um cobertor, depois eles iam lá comprar, eles tinham de pagar aquilo, era eu que tomava conta daquilo, mas pronto, agora ficou... a casa estava bem arranjada, eles depois arranjaram a casa bem, e agora não tem ninguém, e foi a ADERE que depois... foi a ADERE que arranjou aquilo

MCov1: ah, Pitões é bom, Pitões é terra de turismo

AL: ai é? Conheço o nome mas nunca lá fui...

MCov1: então, ali é tudo turismo [fala-se das moscas que são chatas]. Hoje já deve ter lá muita gente e até carreiras, carreiras, muita gente, carros, carros, motos, às vezes, um dia eram para aí 300 motos... foram ao mosteiro... foram ver o mosteiro, foram à cascata, nem cabiam lá em baixo

[fala-se da cascata e discute-se se será a mesma de Pitões e a sua possível localização. As cascatas de Barrondas, que são da zona de Covelães e de Travassos...]

As de Barrondas já são aqui de Covelães... são de Covelães e de Travassos. Elas eram de Covelães... mas agora os de Covelães deram algumas propriedades aos de Travassos e agora eles tomaram conta das Barrondas

AL: mas tomaram conta como?

MCov1: puseram lá o coiso e não se importaram... tenho lá uma propriedade ao pé, tenho lá um carvalhal. Mesmo ao pé daquilo, é junto ao...

Fafião: MF1

AL: ok... então parece-me a mim, pelo que vai dizendo, que há uma relação bastante pacífica com a malta do parque...

MF1: sim, sim. Nós temos uma boa relação, só que o problema é que muitas vezes o Parque cria-nos entraves quando queremos fazer alguma coisa. Vou dar-lhe um exemplo... aqui nesta aldeia até nem há muito desses projectos para jovem agricultor, esses jovens precisavam de uns pavilhões para meter animais, tipo 20 vacas, um pavilhão de 200 m². As restrições a nível nacional... imagine, se está no Alentejo, para fazer uma coisa dessas há 50 metros à volta do pavilhão em que o campo tem de ser seu, em todos os lados do pavilhão. Isso aqui na nossa zona é impensável, porque os terrenos são pequenos, tem poucos terrenos já sequer com 1 ha, aqui em Fafião, não sei, se houver..., mas julgo que não há nenhum e é complicado fazer isso. E eles nesta situação não facilitam e depois as pessoas ficam um bocado revoltadas porque não podem fazer... as regras são gerais mas aqui nestes sítios mais... únicos, diferentes, não se enquadra e o pessoal fica um bocado revoltado

AL: e nunca conseguem dar a volta a esse tipo de regras...

MF1: não, só conseguem fazer uns cobertos e depois, não é a mesma coisa, os animais ficam ao frio, porque depois aquilo não tem paredes e é mau. E são esse tipo de coisas que revolta as pessoas

AL: mas só por curiosidade, para que é que é esse espaço à volta?

MF1: é a legislação, não sei...

AL: ah... ok. Pois entendo a revolta. Ainda no outro dia estava a ler um documento, até acho que era de Pincães, em que eles diziam que os baldios são um bocado, à luz da Lei e dos governantes, vá, do poder central... os baldios são considerados muito como se fossem áreas homogéneas entre elas, como se fossem todos iguais, o que não é verdade. Não são iguais nem a nível físico nem a nível institucional, quando se está dentro de um Parque Nacional não é a mesma coisa que um baldio, sei lá, de Viseu ou outro qualquer...

MF1: pois, pois.

AL: E esses conflitos não levam a que a relação se deteriore entre as duas instituições, ou seja, entre os compartes e o Parque...

MF1: Uuuuh. Eu vou dar-lhe um exemplo... aqui estamos a tentar tirar os animais da aldeia, estamos a criar um polígono pecuário, só que o problema é que as coisas demoram muito tempo, aqui no Parque demoram muito tempo e o pessoal começa a ficar um bocadinho farto. E aí é um bocado complicado depois de... depois as pessoas viram-se um bocado para quem está à frente, neste caso que sou eu e tipo andam sempre a perguntar “isto nunca mais está”. E é complicado estar a dizer “bem, eu fiz a minha parte e agora estou à espera que o ICN faça a parte deles”. E eles demoram um bocado o processo. E é por aí, essa parte é a menos boa. No entanto se precisamos às vezes de alguma coisa, eu vou dar-lhe um exemplo, uma coisa que não me agrada nada no Parque é ver tudo cheio de mimosas, das infestantes, e o que é que eu, por exemplo, aqui com os sapadores... estou a fazer um combate às mimosas e até pedi um líquido que lhe deitam para as matar, porque elas, se não lhes aplicar nada rebrotam, e então eles até me deram o líquido para fazer esse combate... há coisas boas, há outras que são menos boas, é como tudo

MF1: o baldio, é de lei, isso é de Lei. Aqui nesta cerca fizemos um projecto de reflorestação com espécies autóctones...

AL: portanto, para lá também ainda é?

MF1: sim... eu penso que isto está aberto... nós fechamos isto por causa dos animais. Depois vamos fazer um bocadinho o trilho, vamos ver os pontos de água... pode deixar aberto... o problema quando fazemos reflorestação é... metemos carvalhos, metemos bétulas, metemos muitas árvores... se as deixamos sem estar protegidas, como tem aqui uma vezeira das cabras... muitas cabras, elas dão cabo das árvores com os cornos. Esgalham-nas e depois as árvores acabam por morrer. E então, ou temos de vedar para a coisa ficar bem feita, ou vedar tipo uma área destas ou então vedá-las à volta. Só que a vedação à volta dá muito trabalho.

AL: Pois, e deve ser caro não? Para todas as árvores...

MF1: é. O melhor é umas, tipo, um tripé em madeira e depois umas estacas a ligar esses 3 paus, só que isso fica muito caro... aqui temos um pinheiro, ali temos um carvalho, aquilo é um medronheiro

AL: e aqui o objectivo é produção, conservação...

MF1: não, é conservação, produção não estamos a plantar para cortar, os pinheiros sim, quando chegarem à medida, mas estas árvores não, porque era uma pena estarmos a cortar estes carvalhinhos

AL: sabe qual é a espécie?

MF1: este aqui é o americano, este aqui é o nacional. Na altura optaram por meter aí o carvalho americano, que eu não estou muito de acordo, mas agora também não o vou cortar. Porque esse carvalho não é originário daqui

AL: he lá, mas estes pinheiros já foram todos postos por vocês?

MF1: não, os pinheiros aparecem naturalmente. Isto aqui é um plátano dos que temos cá, o nome exacto não sei... Acer qualquer coisa

AL: tem vários... isto já foi feito há quanto tempo?

MF1: para aí há meia dúzia de anos, talvez 8. Exactamente já não sei, só que, como vê isto foi limpo há pouco só que o mato cresce muito depressa

AL: o ICNF ajuda aqui nisto? É do interesse do Parque também não?

MF1: é, é do interesse, eles, por exemplo aqui há umas semanas tivemos aqui uma escola de Esposende e precisei de umas árvores, no caso até foram umas sobreiras, e eles deram-me as sobreiras. Outras árvores como são mais difíceis, mais... agora por exemplo não dão castanheiros por causa da vespa asiática que está a matar... mas dão carvalhos, dão muita coisa

AL: e quando dão, dão quantas para aí?

MF1: dão, isso até dão bastantes, o problema é que quando nós fazemos uma coisa que estamos a plantar umas árvores já queremos umas árvores boas e eles assim grandes grandes não têm, então temos de arranjar noutro sítio. Porque aqui se metermos uma árvore pequena as cabras metem a cabeça e comem a árvore, nunca mais sai dali. Por isso preferimos meter umas árvores maiores que já se desenvolvem mais rapidamente

AL: não é aquele sítio onde tem as cabras...

MF1: em Rocalva tem cabras mas é das bravas

[VENTO]

MF1: [...] também há corças lá em cima, e há lobos...

AL: pois, os lobos

MF1: no início do inverno foi uma coisa brutal

AL: foi? A sério? Há muitos ataques?

MF1: [*? Não se entende*] e é complicado as pessoas, porque isto é tudo muito bonito [*? Não se entende*] quando temos umas cabritinhas lindas e tem um cabritinho e a cabra e a cabra é apanhado pelo lobo, e o cabritinho fica à fome [*? Não se entende*] se essas pessoas estivessem no lugar destas pessoas se calhar já não... e depois tem de repor. E depois o ICN não paga a horas

AL: claro

MF1: [*não se ouve nada por causa do vento*] e pronto, depois as pessoas aí também ficam um bocado, depois não sei, não sei se mataram os lobos, se eles morreram, o que é que aconteceu. Embora eu ache... eles, estima-se aqui que eles tenham soltado os lobos, para começarem a aparecer lobos é muito estranho...

AL: isso foi em que altura?

MF1: foi [*? Não se entende*]

AL: ah, foi recente

[VENTO] – 2:00:40

MF1: [*? Não se entende*] mas às vezes aparece um ou outro morto à beira do rio [*? Não se entende*] e depois lá vão os pequenos lá ver o lobo

AL: mas é morto a tiro ou...

MF1: na altura já não sei se foi morto a tiro ou se foi com veneno...

AL: ah, mas pronto, é morto pelas pessoas...

MF1: é

MF1: é. As pessoas depois direcionam os lobos para lá e depois caíam no buraco... aquilo tem 5 metros ou mais

AL: e o lobo ficava lá a morrer ou morria com a queda?

MF1: não, ficava lá e matavam-no

[*fala-se da legitimidade disto e ...*]

MF1: claro, porque isto é complicado... eu compreendo. Sou uma pessoa nova que saiu daqui e andou a estudar e vê as coisas de outra forma que as pessoas que estiveram sempre aqui e que viveram disso não vêem. Mas é muito complicado uma pessoa que tem os animais e que se calhar até gosta deles e pronto, não tem só ali uma fonte de rendimento, uma cabra se calhar, até se calhar tem ali mais qualquer coisa e gosta daqueles animais, é ver as coisas de uma hora para a outra todas derretidas por causa do lobo. É complicado...

AL: eu percebo que o ICNF precise de alguma prova, porque senão também estavam sempre a desembolsar não é...

MF1: e noutras alturas as coisas se calhar foram feitas as 3 pancadas e se calhar pagaram muitas que não tinham morrido ou coisas desse género. Ou pagaram-nas acima do valor que elas valiam, e depois claro, chega a uma altura em que as coisas andam para trás. E agora é complicado, percebo perfeitamente o lado das pessoas, mas também percebo em parte o ICNF não pagar a torto e a direito porque há muita gente que de certeza que alguém aldrabou aí a situação...

AL: exacto, mas realmente consegues ter o cadáver de todas

MF1: é impossível porque se há um ataque do lobo até pode ser tipo, meia dúzia delas mortas mas algumas nem sequer aparecem. Se ele matar muitas ainda vão aparecer uma ou duas, mas se ele matar só uma ou duas isso já não aparece nada. Arrasta-as, desaparece tudo. E se as deixarem estar que não as encontrem, nem que esteja num sítio mais ou menos escondido, em 2 ou 3 dias desaparece tudo

Aqueles mamarrachos que se vêem ali brancos, e aqui em cima aquele verdinho ali, escuro e de depois o claro, aquilo é do entulho que tiraram lá do túnel. Naquele caso foi do lado da Venda Nova, daquele lado, este aqui foi Salamonde...

AL: outro túnel?

MF1: eles fizeram um túnel aqui em Salamonde e em outros sítios, daqui para a Caniçada. Durante a noite como não há consumo de electricidade e não tem como armazenar electricidade, as eólicas continuam a funcionar e utilizam a energia produzida pelas eólicas a noite para puxar a água para cima. Durante o dia quando há um pico no consumo a partir das 5h da tarde eles abrem as comportas, abrem as comportas não, fazem a descarga e a água passa lá numa turbina que não é esta que tem ali, que aqui tem uma turbina mas meteram uma ali na zona onde fizeram o túnel e produz mais nas alturas mais necessárias. São obras de não sei quantos milhões... teve aí 5 anos. E acaba agora...

AL: e quando tu dizes o túnel é...

MF1: é um buracão que tem ali, do lado de lá da barragem, que vai até lá abaixo a Caniçada

AL: ok, só para eu perceber melhor... e esse túnel serve para...?

MF1: para a água de noite vem de baixo para cima e de dia vai de cima para baixo, ou talvez soltem alguma pelas comportas normais, não sei...

AL: ok... e aquele material que está ali vem desse tal túnel, mas é transportado até ali, o material...

MF1: é, os camiões vão descarregando...

AL: vão descarregando... mas aquilo é... é um problema, descarregar assim o material...

MF1: aquilo deste lado não o deviam fazer, por causa do Parque... mas daquele lado não há restrições, fazem o que lhes apetece

AL: tem de facto um impacto incrível na paisagem...

MF1: mas aquilo daqui por uns anos desaparece tudo.

AL: olha cabras...

MF1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafião ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pa, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este e a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsídio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porque?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo

T: até logo, obrigado!

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 Euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 Euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns cãesitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar ai numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há várias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

Outeiro: M01

AL: e o pessoal, vocês não andam com as vacas? Lá, para controlar isso...

M01: antigamente fazia-se a vezeira aqui, ia-se dormir para lá, aquelas cabanas, ainda agora temos aí cabanas recuperadas através destes projectos, cabanas feitas para o pastor... não produtivos, essa coisa, investimento não produtivo... mas já temos, tanto o CD dali como nós já fizemos essas... a recuperação dessas cabanas, mas agora o pessoal é pouco. Quando era antigamente iam render uns aos outros para guardarem o gado, também porque o lobo atacava muito os animais. Agora anda aí muito garrano e parem os potros e eles alimentam-se deles, e cabras bravas temos aí, talvez 500 dessas

AL: os lobos alimentam-se dos potros é isso?

M01: alimentam, quando são pequeninos atacam as burras, são animais mais frágeis... a vaca reage não é... e a égua vê só, a manada segue e ele fica quando é pequenino o lobo tenta... poucos trazem, anda aí muito garrano mas agora poucos trazem, poucos trazem para vender... e é da maneira que isto está, mas aí há muito animal desse...

AL: lobo?

M01: isso há, agora andam aí alguns, porque nascem os potros veem-se os ossos e não se vê o potro é porque alguém os come não é...

AL: fevereiro vai haver eleições?

M01: vai haver nova eleição outra vez. Vamos ficar os mesmos, o povo é que vai decidir... ou entrarem outros novos, ou alguém que não queira estar entrega a outro. Agora é para 4 anos, agora não sei se...

AL: acho que é 4, acho que sim. E qual é que é o vosso maior rendimento aqui no badio?

M01: o maior rendimento que temos aqui, o parque não deixa pôr eólicas, não deixa pôr essas coisas, não deixa abrir pedreiras, nós temos aí zonas que podíamos ... olhe, ali funciona... está fora do parque. Do lado de Boticas funciona, aqui dentro do nosso não. Então o maior lucro do baldio é o pastoreio, é os animais

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

M01: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

M01: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

MO1: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

MO1: não?

AL: acho que não, porque ...

MO1: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim “vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

MO1: não, nunca fui presidente, mas estive sempre tesoureiro ou secretário sempre com as outras pessoas, e tentámos um caminho para lá, que já existia antigamente, havia

currais que, nas aldeias antigamente havia muita gente e iam para os currais e trabalhavam-no, iam lá buscar o centeio e pronto, era a vida daquele tempo

AL: os currais onde levavam as vacas também plantavam lá centeio é isso?

MO1: pois. Os currais! As vacas pastam em tudo mas aquelas partes melhoraram eram cultivadas, aqui a parte da Mourela já produziu batata de semente no tempo que aqui se tinha, se vendia... havia aqui lamas que eram lavradas e sementadas e saía dali muito dinheiro

AL: mas a que é que chamam currais?

MO1: currais é aqueles currais que estão delimitados, que é tipo estes terrenos não é...

AL: ah, não tem que ter lá animais dentro para ser curral?

MO1: não, tem paredes antigas, agora estão abertas, e o gado entra e pasta, mas há currais que têm ainda dono, está registado, tem dono... ali na nossa serra. E portanto já havia aquele caminho antigo de carro de bois, com dificuldade... nós por esse trilho exigimos, mas o parque não queria que nós fizéssemos um acesso à serra e eu pedi à câmara

AL: porquê?

MO1: porque diz que ia para lá muita gente, que aquilo que era uma zona protegida, queriam que as pessoas só pastassem um certo ponto, aquelas regras, eles queriam pôr para lá os Pan Parks ali pela serra adiante, com animais e tal, para o turista ir ver e pagar e o próprio agricultor vivia aqui perdendo o seu direito, está a perceber, e nós exigimos, pedi uma máquina ao presidente da câmara e metemos lá violência, e depois foi-nos trancado aquilo pelo Parque, pelo director do parque... fui lá com o director do Parque, fomos ver, por acaso houve sítios em que foi mal o caminho, mas depois mudou-se... e depois eu mandei para lá um rapaz, o rapaz, havia lá umas casas que tinham interesse e puxaram o caminho para o lado das casas, mas o caminho era para seguir para o centro da serra, e depois eu fui lá, fui lá 5 ou 6 dias, voluntário, com o rapaz “tu metes-te atrás de mim que eu vou adiante e digo-te por onde é que vai o caminho”, e fizemos o caminho. Aí já eu fui depois de o Parque nos travar o caminho. Depois falei com o director, juntámo-nos aqui, fomos a Montalegre ao presidente da câmara e eu disse ao presidente da câmara “travaram-nos o caminho”. “Não tenhas problema, eles vêm até mim, eu digo-lhes que fostes vós que mandaste, se eles forem a vós, dizes-lhes que fui eu que mandei... amanhã a máquina já volta para lá”. Voltou e nós metemos o caminho. Hoje já está um caminho que vai lá um jeep, um carro... e agora a pessoa pode ir a pé, já viu o que é ir daqui à serra sem um trilho, a pessoa a pé, ir e vir, há um animal que pare, há uma vaca que tem uma dificuldade numa perna é preciso ir buscá-la, já se lá foi buscar às costas, em burros e cavalos, a carne de animais. Agora já temos este acesso, foi feito à violência, o parque não o queria, e depois o director do parque chegou aqui ao pé de mim “então vocês andam a fazer estas coisas?”. “Não, nós pedimos, vocês fizeram um projecto para nós fazermos um caminho, aquilo nunca mais saiu, nós tentámos, nós precisamos. E depois fomos lá ver o caminho. Eu disse ao director “olhe que isto tem sítios que não está muito bem, mas daqui para cima (...)” que eu andei lá uma semana com o rapaz “olhe que daqui para cima você não tinha por onde o tirar, tinha que ir por onde está”. E ele agarrou-me meteu-me assim o

braço debaixo “também é o único sítio que está bem feito”, porque eu alinhei o caminho como nenhum engenheiro alinhava, agora está direitinho e lá vai à serra. Estes conflitos houve sempre não é...

AL ali é protecção total, lá em cima?

MO1: não, é zona protegida

AL: é que eles têm diferentes níveis de protecção. Há uma zona muito protegida, que é a zona de protecção total, depois tem a zona de protecção parcial e depois tem a zona complementar, não sei se lá será a maior...

MO1: temos aqui esta zona aqui do rio que vai ter a Pitões que é mais carvalhal e é essa zona que eles lhe dão esse primeiro nome, não é... e depois há as outras

MO1: 23%! Na agricultura é 6%

AL: na agricultura é 6%, mas nos animais?

MO1: os animais sim, também é 6%... eu vendo um vitelo, tenho contabilidade ali numa contabilista, pago-lhe 90 Euros por mês, de contabilidade, e o que vendo e o que compro... está lá, todo o agricultor hoje está metido nisto

AL: 6% não é?

MO1: é... 23% é... como estes me andam a fazer, o Estado dá-me mas eu tenho de declarar para lá como eu paguei ao homem, o cheque e tudo, e agora pago com o meu e depois é que vem o outro

AL: e eles já cobram a pensar com o IVA...

MO1: com IVA. Mas ainda bem que ainda se restaura, porque senão não se restaura, esses terrenos mais inclinados, cai nas bordas [*? Não se entende*], o pessoal não tem dinheiro, deixa ver agora... será aqui mais na zona do Parque que para ter isto mais limpo e mais ajeitadinho também... lá vem esse por fora, nós não nos afecta nada estar a viver dentro do parque, até acho bem, mas também eles também têm que trazer algumas mais-valias para aqui

AL: sim, se vocês têm limites à produção tem de haver uma mais-valia de outra forma

MO1: claro! E mantemos a paisagem e mantemos tudo

Paredes do Rio: MP1

MP1: a lei têm todos a mesma...

AL: pois... sim, sim, a lei é a lei dos baldios não é..., é a nível nacional. Mas por exemplo, aqui em Paredes do Rio o baldio é gerido em autogestão ou em cogestão?

MP1: agora é que me fez uma pergunta que eu não sei responder

[o senhor MP1 sai do carro]

AL: está a precisar de alguma ajuda?

MP1: está aqui isto a fazer barulho

AL: sabe responder, sabe... então, se gerem vocês sozinhos ou se gerem em cogestão com o Estado

MP1: não... somos nós sós

AL: aí é... ok. Portanto deixaram o Estado de parte

MP1: o Estado aqui nunca mandou

AL: nem o ICN nem o Parque?

MP1: bom, o ICN e o Parque sim, não deixam plantar o que a gente quer, por exemplo

AL: pois, pois... o que é que vocês gostariam de plantar que eles não deixam?

MP1: por exemplo, o eucalipto aqui não deixam plantar

AL: pois... vocês queriam plantar eucalipto?

MP1: era talvez a madeira que dava mais rendimento e que crescia mais... aqui assim o carvalho leva muitos anos a crescer

AL: sim... e vocês não podem cortar o carvalho pois não?

MP1: oh, pode, não se pode é cortar tudo a eito, não se pode arrancar a eito, aí já eles intervêm, o parque

AL: então vocês volta na volta cortam um ou outro carvalho e vendem

MP1: não, po lume, po lume da casa

AL: ah, po lume

MP1: há quem tenha vendido também mas de vez em quando andam aí à rasca, que eles andam em cima

AL: ah, não se pode mesmo pois. E pinheiro, vocês aqui?

MP1: aqui não há, nesta aldeia não há

AL: mas o Estado não entrou aqui com a floresta naqueles tempos?

MP1: antigamente já, mas já, já foi antes de eu nascer, já tem 5 anos já... já tinha 5 anos, antigamente fizeram aí uma plantação, mas depois o lume

AL: o lume de quem? Dos pastores ou sem querer?

MP1: sei lá se é por querer se é sem querer

AL: (RISOS)

MP1: sei é que de vez em quando está uma a arder, lá vai o que lhe aparece à frente

AL: isto está muita bem conservado, bom o outro também, mas este está cheio de etiquetas

MP1: puseram as etiquetas para as pessoas virem e saberem como é que se chamavam as coisas (RISOS)

AL: isto aqui foi reabilitado por quem?

MP1: pelo Parque

AL: ah, este foi mesmo pelo Parque, pois... só aqui ver esta... aleviadoiro... abana. E é usado este?

MP1: quer dizer, se fizer falta, mas eles já usam...

AL: em homenagem ao homem que imaginou e concretizou este complexo hidráulico... então quem é que era o Adelino, diga lá...

MP1: Adelino Gil

AL: já morreu?

MP1: já!

AL: mas conheceu-o?

MP1: eu não... o tal não, mas o filho sim. Geravam a luz aqui e ia ali para aquela casa

AL: ah, é o tal sítio! Aquela ali que está atrás da... ena bem! A sério?

MP1: como é que eles faziam?

MP1: com a água, a água é que fazia tudo

AL: ok... fazia electricidade?... brutal...

MP1: o que gerava a luz era este coiso aqui... esta peça, ali em cima tem ali o coiso que girava a água para o que queriam, e depois ali em baixo tem ali um... tem ali um rodiço onde a água batia e tocava estas peças

AL: e gerava electricidade...?

MP1: sim. Aqui era uma serra para serra madeira. Tudo tocada a água

AL: a sério?! Ah!

MP1: era a água que tocava isto tudo

AL: epa, isto é muito complexo

MP1: e depois a água batia num rodiço que aqui tem e depois isto andava para baixo e para cima... já ouviu falar nos bureles

AL: burel?

MP1: sim

AL: acho que não

MP1: o burel... fiavam a lã das ovelhas e depois era tecido no tear e depois vinha para aqui, aqueciam a água nesta caldeira, e depois era aqui batido que era para ficar prensado para não entrar a água nem o frio, faziam as capas para a chuva e para o frio... que era isto. Isto era tocado com a água que ia acolá atrás e depois batia aqui, nesses malhos, oh, a água tocava isto e fazia assim

AL: mas isto está muito bem pensado! Este Adelino Gil, cuidado! Era para quê este balde?

MP1: para aquecer a água... acendiam aí um lume, aí por baixo, e aqueciam aí a água, que era para molharem o pano

AL: epa, grande senhor

MP1: para molhar o tecido

AL: onde é que o senhor vai?

MP1: olhe aqui... este era o que tocava a serra

AL: ah, sim, sim, sim

MP1: e a serra ia para baixo e para cima

AL: opa, que brutal! Oh senhor MP1, isto é espectacular!

MP1: e a água depois vinha cá para baixo, vinha e vem, se eu botar a água isto anda tudo

AL: bem, esse homem era um engenheiro!

MP1: e este... este era o que tocava o da luz... vinha a água também aqui, por aquele cano abaixo, e toca isto

AL: [RISOS], esse está mesmo perro, não? Ai não!

MP1: faz luz ainda!

AL: a sério?

MP1: sim, se o puserem a andar!

AL: é?

MP1: é...

AL: faz luz lá na casa?

MP1: para aqui

AL: para aqui?

MP1: sim! Olhe aqui as lâmpadas, se botar a água faz luz para aqui

AL: a sério? Uau! Xiii, brutal! Como é que chamam a isto?

MP1: aqui chamam-lhe... o nome que dão a isto é o pisão. Mas isto era um conjunto de...

AL: isto era uma indústria! Bolas! Então a luz dava para aqui e dava para a casa? Dava para os dois lados?

MP1: sim! E as lá de cima com um cabo que tinham de acolá para aqui, quando a queriam desligar puxavam o cabo lá para desviar a água, para tirar a água e para a luz parar

AL: opa! Que fixe! Já valeu conhecer um sítio assim! Isto não há disto em lado nenhum, pois não?!

MP1: ah pois não!

AL: eu nunca tinha ouvido falar!

MP1: pisão há! Mas era só o pisão... assim o conjunto de tudo não!

AL: o pisão é o das ovelhas?

MP1: sim

AL: uau! E você chegou a ver isto a trabalhar?

MP1: a gente põe isto a trabalhar de vez em quando, quando vêm os turistas

AL: não, mas assim a trabalhar mesmo!

MP1: não!

AL: não é do seu tempo

MP1: não! Ainda não havia aqui energia

AL: pois, pois

MP1: então para si também é um mito! Para si também é uma coisa que não faz parte da sua realidade, não é só para mim (RISOS)

MP1: pois!

AL: muito bom! Brutal mesmo!

MP1: botavam-lhe a água para fazerem trabalhar as peças que queriam

AL: aonde?

MP1: aí! Vinha por aqui, passa acolá e vinha por aqui, e depois aqui... esta vai para o moinho, esta vai para o coiso de gerar a luz,

AL: ah, e barra e não barra

MP1: e a outra é do pisão, e a outra é da serra...

AL: o moinho... ah, pois, o moinho está na outra sala anterior... que fixe! Muito bom!

Agora não há água aqui porquê? Está barrada?

MP1: vem por ali, olhe, vem ali por fora... vem ali por fora e quando querem por isso a trabalhar é que ela a põem para aqui

AL: uau!

MP1: aqui é para a rega, tapam ali umas comportas, e depois vem aqui, está cheia, abrem para regar os campos...

AL: aaah, só quando está cheia é que... e os campos estão onde? Estão lá em baixo?

MP1: estão lá em baixo, espalhados...

AL: então e se estiver assim aberta não dá para regar os campos também?

MP1: mas depois a água que vem por fora... é só a que nasce aqui... a que vem por fora vai por esses lados... para outros campos. Já não é para [*? Não se entende*] na aldeia, para regar outros, tem um tanque grande lá em cima que dá para aí 4 ou 5 destes, nas ruas da aldeia... e regam aqui

AL: eu só não percebi porque é que tem de acumular aqui a água...

MP1: porque se for pouquinha não dá para regar nada... não anda

AL: ok, ok, ok, para fazer pressão... está bem. Isto são tudo perguntas de quem não percebe nada disto oh senhor Zé Augusto... desculpe lá...

MP1: pois... porque depois aquela que vai acolá ao moinho não vem, é só a que nasce aqui. Mas ainda nasce aqui bastante!

AL: esta vem lá de cima?

MP1: é daí, nasce aí!

AL: ah!...

O senhor gosta disto não gosta?

MP1: eu gosto!

Pincães: MPin1

AL: pois... e aqui no Parque vocês têm muitas limitações não é?

MPin1: pois, temos, temos... e agora tínhamos uma compensação que era as ITI, não sei se já ouviu falar

AL: sim

MPin1: este governo obrigou o IFAP a reduzir a área elegível do baldio, porque nós não tínhamos... o Parque existe há 40 anos, acho que é, e acontece que o decreto-lei que implementou o Parque sabe muito da realidade das populações só que as põe no papel, na

prática nunca existiram. E acontece que agora, desde 2007 para cá, primeiro chamaram-lhe plano zonal, depois mudaram-lhe de nome e agora chama-se ITI, intervenção territorial integrada da Peneda-Gerês, que é o nome

AL: ah, é a mesma coisa, plano zonal e ITI... ok, ok

MPin1: é, é... o Plano Zonal depois não funcionou, acho que as candidaturas foram ao ar, mas depois em 2007 vieram as ITI. E pronto, mas o que eu lhe queria mostrar é que a ITI é muito importante...

AL: pois, depois as pessoas que estão à frente do baldio se calhar não percebem muito de floresta

MPin1: pois, por isso é que eu digo que devia de haver alguém que os incentivasse e ajudasse

AL: se não é o Estado, que normalmente seria o cogestor, não é...

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem. Acho que até ajudava aí no governo da... o que é a ITI? Porque a ITI, até convém você depois... isto vai ser discutido... nós fizemos no outro dia um manifesto à ministra da agricultura, eu não sei o que é que ela vai fazer, nós estamos a pedir-lhe um... eu ainda há bocado recebi um mail do IFAP, a candidatura termina amanhã mas parece que ainda dão até ao dia 23 de Junho com penalização de 1% por dia. Eu recebi há um bocadinho um mail do IFAP que até ao 23 de Junho, as alterações podem ser feitas até ao dia 15, e as candidaturas podem entrar até ao 23 com penalizações de 1% por dia

AL: ah... isso para as ITI?

MPin1: não! Isso não se sabe, ainda não se sabe de nada... Estou a falar é de candidaturas que vão fora de prazo

AL: ah, mas candidaturas a quê?

MPin1: agro-ambientais e mesmo os particulares... porque terminam amanhã

AL: ah... mas agroambientais e silvoambientais não são ITI?

MPin1: também são ITI... mas para os baldios estamos estagnados

AL: ah, não é com o baldio

MPin1: o *mail* que me mandaram é em geral. Mas nós no baldio eles fizeram-nos uma redução de 50% e depois de 50% ainda me retiraram a parte rochosa toda. Nós temos um corte para aí entre 80 e 90% das áreas elegíveis do baldio que nos deixa sem manobra de candidatura para a ITI. E agora não sei o que é que vai acontecer. Fizemos um manifesto ao nível dos 5 concelhos que fazem parte do PNPG, ao nível dos baldios dos 5 concelhos, associações e tudo e pronto. Vamos ver o que é que a ministra decide. Entrou lá ontem salvo erro, ou anteontem

AL: ah, só agora é que entrou

MPin1: pedimos o adiamento do prazo e que tenha em atenção aos baldios do PN porque tem certas restrições que não... enquanto os outros podem usar mini-hídricas e mini-eólicas...

AL: o que é que são mini-eólicas? É que eu estive a ler... acho que foi no plano de ordenamento do parque, é que eles dizem que

MPin1: parque eólico é aqueles que se vê aí para Cabreiro...

AL: só que eles falam de mini-eólicas ou de mini geradores eólicos

MPin1: portanto isso é quando funcionarem em moinhos de água, ou... em qualquer moinho de água pode funcionar... mas pronto, o Parque Nacional faz as suas coisas boas, agora a vantagem foram as ITI porque, e o mais importante é isto, é que nos dá maneira de fazer as limpezas de combustíveis e eu depois vou-lhe mostrar, e até convém que você quando passe veja e conta, e o mais importante é que é uma prevenção aos incêndios florestais, porque se não houver combustível não há incêndios, e mais vale estar a tirar o combustível que ele fica todo em estilha, não fica com... ao tirar o combustível automaticamente há prevenção dos incêndios. E isso funcionava muito bem e agora vamos ficar sem essa componente. Enfim... isto é reduzir às despesas, então o que nós pedimos lá no manifesto é que abram a excepção aos baldios do PN porque não temos outra... porque se só formos fazer trabalho com dinheiro só do pinhal abatido não vamos lá. Eu andei 4 anos a pôr dinheiro do meu bolso para as despesas do CD, não havia dinheiro...

AL: mesmo com as vendas das madeiras?

MPin1: não havia dinheiro, olhe, arderam-nos aqui à volta de 150 hectares aqui há coisa de 3 ou 4 anos. Na altura gastámos algum aqui, porque também veio algum para aqui, outros usamo-los de outra maneira mas...

AL: deixe-me só fazer-lhe uma pergunta, ali atrás aquilo era o quê? Carvalhos?

MPin1: são faias, são plátanos, o padreiro e bétulas

AL: como é que chamam ao plátano? Padreiro?

MPin1: há quem lhe chame padreiro, há vários tipos de Acer, mas aqui chamam-lhe o padreiro. Só botámos aqui plantas que foram autorizadas, e o castanheiro, também temos aqui o castanheiro [*ele diz qualquer coisa sobre o carvalho americano mas não entendo, mas termina dizendo que o Parque o começou a meter*]

AL: e deram-lhes as árvores? O ICNF?

MPin1: deram... a 20 e tal Euros cada uma!

AL: ai pagaram? Eu vou dizer que o ICNF dava as plantas para florestação

MPin1: dão umas muito pequeninas e que para se desenvolver... aqui vêm grandinhas e vêm num vaso, olha...

AL: e compram onde?

MPin1: compramos num viveiro, existe um em Braga e um em Ponte de Lima

AL: e quantos pés é que puseram ali? Mais ou menos...

MPin1: à volta de 300 pés

AL: e metem daquelas vedações?

MPin1: sim, para os animais

AL: não está vedada essa área...

MPin1: não, não, individualmente

AL: e isso é tudo dinheiro das ITI...

MPin1: aquele que sobra, aquele que vai sobrando não é...

AL: mas as ITI, as silvoambientais não é para isto também?

MPin1: não, é só para limpezas de mato

AL: ah, eu achava que também era para plantações

MPin1: não, não, não

AL: Eu lembro-me que havia lá uma alínea que era para enriquecer matos estremos e outra que era para não sei quê...

MPin1: não, não, não, é só para limpeza de mato... agora o que eles fazem é... eles dão x e a gente tenta fazer mais barato e o que sobra ... se continuar nós vamos protegendo os baldios, vamos fazendo obras, vamos... se não continuar isto vai de caixão à cova. Havendo combustível sabe como é...

MPin1: esse é que é o Cabril, que é um afluente do Cávado

AL: pois, o Cabril não tem barragens, este é que tem... daquele lado já não é parque, obviamente...

MPin1: não, não, lá é pré-parque, mas também estão lá com a Rede Natura

AL: ai é? E pode ter eólicas assim?

MPin1: eles lá podem

AL: em Rede Natura?

MPin1: mas acho que a Rede Natura não chega lá...

AL: epa, isto está demais! É muito bonito mas o fogo não perdoa...

MPin1: devia ser tudo limpo... agora nós, se não tivéssemos parque, se não estivéssemos à espera do dinheiro do projecto, já tínhamos feito isto nós, mas como agora como também temos pouco dinheiro, estamos à espera de 45000 Euros do investimento que fizemos lá em cima na casa do pastor

AL: imagine que vocês deixam o Estado, portanto passam para a modalidade a), em que é que isso melhoraria em termos de intervenção florestal?

MPin1: melhoraria porque faríamos o acompanhamento contínuo ao povoamento e as necessidades que ele tivesse íamos a fazer-las a tempo e horas, está a perceber... o desbaste que é o mais importante. Porque o mato é só para efeito dos incêndios, se não houver incendio o pinheiro domina bem no mato, até com a densidade... se houver muita densidade até o mata não é... agora para criar riqueza é fazer o desbaste do pinhal a tempo e horas porque ele se passa o tempo e não se desenvolve, depois de ser velho bem podes andar ali a desbastar que ele já não tem força para andar, ele já não vai a lado nenhum. Vi aqui pinheiros já a arder, tinham 15 cm de DAP e tinham 27 metros de altura! Você veja bem, eles foram sempre à procura do sol, com a densidade... foram sempre à procura do sol e nunca engrossaram porque...

AL: em termos de rendimento vale-vos muito mais ter árvores grossas não é?

MPin1: exactamente. Sabe, isto é assim, a madeira para construção é só a partir de 25 para cima é que é considerada, ponto final! Já se chegou a pagar a 75 Euros a tonelada! E é pela tabelinha, se não fosse a tabelinha pagava-se aí 25 a 60 Euros, há um valor comercial muito grande

AL: ou seja, a ver se eu percebi, uma situação sem o ICNF, ou seja, em que vocês ficavam na modalidade a), no fundo em termos de ajudas do ICNF vocês já não têm nenhuma mesmo

MPin1: e depois ficávamos com a receita toda

AL: com a receita toda

MPin1: e aí já dá para investir

Pitões das Júnias: MPi1

MPi1: ... aqui já é limite de fronteira, ali já é Espanha, a Galiza não é... aqui é a Portela... nós aqui praticamente... ah, nós anualmente temos aqui um encontro transfronteiriço, fazemos aqui um encontro, vêm os galegos, vimos nós, e estamos aqui um dia, confraternizamos todos e entendemo-nos bem... o nosso gado, isto não tem limite nenhum, o gado está aqui como podia estar ali, o gado tanto pastoreia aqui como ali, não há... no passado houve, havia essa restrição mas agora já não... isso já não acontece...

AL: e vice-versa não é?

MPi1: é... eles não, a parte, os espanhóis estão mais... em termos de desertificação estão muito pior que nós, têm só muito pouca gente, gente com muita idade e que praticamente já nem têm animais

AL: ainda estão pior do que aqui, bolas... não sabia

MPi1: muito, muito, muito. Estão, estão, ninguém imagina como estão estas aldeias da raia

AL: pois... e a questão do parque será que também tem influencia sobre isso, ou seja as dificuldades... não sei, pelo menos aqui há algumas restrições em termos de produção e... não sei como é que é do outro lado

MPi1: não, não, não vejo... e assim, pronto, há restrições obviamente, mas as restrições em si nestas aldeias não foram causadas pelo parque. Efectivamente há mais de 30 anos estas aldeias não têm... perderam gente, perderam gente... mesmo actualmente a crise é muito sentida na Galiza, em Espanha... muito muito sentida! Nós por exemplo este fim-de-semana tivemos aí a festa de São João da fraga e no sábado fizemos uma travessia de uma aldeia galega para Pitões... e obviamente que se junta gente e a gente fala, e nós temos aqui uma associação, eles também têm ali outra... não tem nada a ver, não tem nada a ver... efectivamente as populações estão com pessoas muito idosas e pouca gente. Não é o parque, não é assim... enquanto nós aqui por exemplo temos problemas, temos problemas sim senhora, por exemplo em termos de construção..., um jovem agricultor que queira construir por exemplo um armazém está limitado a 200 ou 300 m². Por exemplo, eu tenho aí uma jovem que queria se instalar, queria um armazém de 800 m²... se calhar isso vai fazer com que ela acabe por perder o projecto obviamente e se calhar vai-se embora... mas é aqui, ali não! Ali não têm jovens, não têm actividade... por exemplo, esta zona ali toda de armazéns, são 17 armazéns com 700 m², entre 400 a 700 m², ou seja, é gente que está no activo, alguns deles já têm 50 anos obviamente, mas também temos gente com 30 e 40, mas ali não se vê... não se vê absolutamente nada disso... são realidades um bocado distintas...

AL: pois, não imaginava

MPi1: não, não tem nada a ver, não é por aí... efectivamente há mais de 30 anos a Galiza perdeu gente e gente nova... quem regressou era gente que estava a trabalhar fora e são idosos, obviamente

AL: bem, no fundo é o caminho que aqui também se vai acabar por seguir...

MPi1: é o que vai acontecer, ou seja, lá se calhar já se deu há mais tempo, mas aqui vai acontecer... eu prevejo que daqui a 10 anos Pitões vai ser muito diferente

AL: aqui em Pitões estão na modalidade b) ou a) ou seja, autogestão ou cogestão?

MPi1: na b)

AL: ou seja, autogestão? Cogestão?

MPi1: não, não, não, cogestão...

AL: cogestão com o Estado

MPi1: se bem que já temos o pedido feito para... Ainda estamos em cogestão mas já temos o pedido feito para a autogestão... não temos outra hipótese não é... aliás eu não vejo aqui... os SF a mim nunca... não me dizem nada, aqui no território, dizem-me só no sentido da... de ter uma equipa de sapadores, obviamente... o Estado aqui é o Parque Nacional, é o Parque Nacional que tem um Plano de Ordenamento que... é necessário, é necessário, temos de ser conscientes, é necessário... só que às vezes haviam de actuar mais onde haviam de actuar e não implicarem com coisas tao fúteis...

AL: pois, pois... complicam

MPi1: eu incomoda-me uma pessoa que acha que conservação da natureza é não tocar

AL: pois!

MPi1: que acha que conservação da natureza é ausência de populações, a mim isso incomoda-me porque eu não vejo conservação da natureza ausente da intervenção humana, não vejo, e muito menos neste nosso... neste nosso Parque Nacional

AL: pois, que está carregado de gente não é? Ou já estive mais...

MPi1: que tem... já teve mais, obviamente... mas que tem ainda gente cá

AL: e cuja paisagem foi no fundo...

MPi1: e que a paisagem foi moldada e é moldada e é mantida pela acção do homem e que a conservação da natureza requer essa participação, esse envolvimento das duas partes. Eu muito simplesmente digo assim, eu se não tocar neste baldio, nesta área, ela... as espécies umas dominam as outras e evolui para uma uniformização, ou seja, uma única espécie ocupa o espaço, e eu digo, isso é conservação da natureza? Para mim isso é destruição... porque ela aniquilou as outras espécies, eu acho que todas são precisas e acho que as várias acções e intervenções permitem com que as espécies ocupem o seu lugar e se desenvolvam, eu ao roçar obviamente que isso dou a oportunidade a determinadas gramíneas e a outras espécies de florescer... essa é a história como do fogo. "ah, o fogo destrói...". Sim senhora, o fogo destrói... em quê? Em períodos de verão, em picos muito altos de temperatura, com ausência de humidade no solo e tudo. Mas em condições propícias o fogo é oportunidade de espécies, se um fogo por exemplo de inverno, numa situação, ele passa só na vegetação de superfície, não entra no solo e passado um mês só se

vê as espécies todas a florir e não sei quê... eu acho que isso dá oportunidade a espécies... agora a forma como utilizamos e as épocas em que por vezes nós o utilizamos é que não é de todo aconselhável, isso concordo. Olhe imagine aqui, se aqui não houvesse gente este caminho não se passava aqui, e quê? Que me interessa aqui? Tinha aqui um javali? O lobo tenho? Não sei se tenho... se eu não tiver, continuar a ter vacas, ovelhas e cabras, tenho o lobo? Acho que não!

AL: pois... sim, sim, eu também acho isso, e isto é a minha opinião pessoal, também é que, quer dizer, as pessoas já cá estão há... não há memória, não é... as pessoas estão cá desde que existe memória basicamente, ou seja, se houve alguma intervenção humana essa já vem de há muuuito tempo atrás, então o equilíbrio, se existe algum equilíbrio, baseia-se precisamente na presença das pessoas e não na ausência, portanto retirar as pessoas ou retirar as suas actividades, à partida é contribuir para o “desequilíbrio” e não para uma tendência...

MPi1: é um desequilíbrio a todos os níveis... a todos os níveis!

AL: pois... eu tenho ideia, mas não tenho a certeza, é pelo que venho lendo dos planos de ordenamento e da forma como o discurso, pelo menos, tem vindo a ser feito da parte das entidades que gerem os parques e o ICNF e não sei quê, têm vindo a falar cada vez mais da integração das populações e da importância das populações na gestão do parque e tal e tal. Isto concretiza-se na prática ou é mais discurso...

MPi1: não, de todo! E posso dizer que desde há 15 anos para cá houve uma quebra, porque tivemos gente à frente das áreas protegidas que era contra as populações, onde diziam que a conservação só era possível se não houver populações e então houve uma quebra total na ligação entre eles, as áreas protegidas, e as populações, no passado era completamente diferente, havia um envolvimento, havia parcerias, havia dinâmica, nós por exemplo para fazer isto eu não recorria se calhar à câmara... ou nem ao CD, tinha recorrido ao Parque Nacional, àquelas brigadas. De há 15 anos para cá perdeu-se completamente porque quem ficou à frente das áreas protegidas é gente que entende que a conservação da natureza é não tocar! Porque [*Não se entende*] desses biólogos há gente de tudo, gente doente, uma coisa qualquer...

AL: oh, é gente que nunca viveu aqui

MPi1: ui é um crime à humanidade

AL: é malta que olha a natureza por um microscópio, que estão lá nos laboratórios e tal, pois isto estou eu a dizer, também é a minha opinião muito pessoal, não é... não importa agora a minha opinião mas estou a dizer-la...

MPi1: é que às vezes até vejo assim por exemplo, património, conservar ou manter um património, pronto, qualquer coisa... quando se mexe qualquer coisa as coisas nunca ficam iguais... “ui, perdeu aquele património! Aquele monumento, aquele não sei quê, não sei que mais...”. Há alturas em que... mas por outro lado ao intervir naquele património... obviamente que tem de haver, tem que ser feito com cabeça e não... isto não se aplica a todas as situações que houve já efectivamente situações gravíssimas... mas ao mexer

houve envolvimento da população, houve ali movimento, mexeu na economia local, houve ali envolvimento, houve ali trabalho...

AL: não se perdeu só não é?

MPi1: houve... há muita coisa que se ganha

AL: claro...

MPi1: há muita coisa que se ganha... eu ainda me lembro, o fojo, o fojo de Pitões era uma ruína autêntica, eu sabia... “ah, o fojo...”. O fojo, eu sabia do fojo pelo nome em si, não pela estrutura. A gente já chamava àquele sítio o fojo... o fojo... mas eu nunca associava aquilo à estrutura. Depois fui lá... só havia para aí 20 metros de parede mais ou menos intacta... tudo outro, e ruínas, soterrada... e eu “opa, temos esta candidatura, se não candidatarmos agora quando é que vamos candidatar? Isto aplica-se perfeitamente aqui, então porque é que não o recupera? Vamos lá!”. Agora chego lá... penso assim “fojo, tenho 40 anos, 44 anos, nunca imaginei isto, esta obra...

AL: curioso isso. Não fazia ideia...

MPi1: e eu digo assim “isto é uma obra” ... resultado, fluxos de gente a ir ver, gente local aqui a valorizar o que tem... “epa, nós até temos um fojo”. Ou seja, foi criada uma dinâmica e há uma outra atitude localmente por causa disso, que nos passava completamente ao lado... agora é assim, essa gente “ah, não se pode tocar no património”. O que é que interessa ter aquele património completamente enterrado? Não interessa nada! Envolveu as pessoas... o património, as acções, têm que envolver as pessoas

AL: claro. É engraçado isso, eu não imaginava, por exemplo eu imaginava que toda a gente aqui na aldeia soubesse o que é o fojo, mas afinal não... já é uma memória mesmo...

MPi1: não... eu falo por mim

AL: pois, pois, pois

MPi1: o fojo era o local “ah, aquele sítio é o fojo”. Mas a estrutura em si não me dizia absolutamente nada. Lembro-me de o meu pai dizer “hoje dormi no fojo”

AL: (RISOS)

MPi1: mas o meu pai não se lembra daquilo ser utilizado

AL: pois, então já é mesmo uma memória antiga, se calhar seria mais o avô, por exemplo...

MPi1: era mais uma coisa que estava lá e agora que a gente olha para aquilo “epa, é o fojo do lobo, olha, e como era? Isto era...”. Já houve... até nem que seja por motivo de conversa local...

AL: sim, sim, sim. Histórias que vêm ao de cima...

MPi1: não é? E no entanto... “ah, não se pode tocar, isso é património...”. Oh... por amor de deus...

AL: (RISOS) pois... eu não tinha a noção que as coisas tinham vindo a separar-se cada vez mais das populações em termos de gestão dos parques e ...

MPi1: muito, muito, muito, completamente. E então, esta ausência de uma autogestão do Parque Nacional foi crucial... quando foi criado o departamento das áreas protegidas do norte, um director para todas as áreas protegidas... quer dizer, as pessoas... “então e o director do parque?”... até mesmo nos eventos locais ao nível do concelho... a feira do fumeiro, a abertura, tinha sempre lá um representante do parque... e agora nada! Uma coisa... ausência... ausente... uma ausência total, de intervenção no terreno

AL: eu no outro dia fui a uma sessão de esclarecimento sobre a passagem da responsabilidade dos parques para as Câmaras municipais, que pelos vistos já está a decorrer... ouviu falar disso?

MPi1: muita coisa, muita coisa...as Câmaras municipais cada vez mais têm mais responsabilidades e mais participação no território, ou seja o nosso medo aqui é que... efectivamente os baldios, agora com esta saída do Estado, porque o Estado está a entregar, antes jamais conseguíamos, tínhamos de estar à espera 20 anos para ter a autogestão

AL: pois, era o que eu lia... acho que foi na Lousã que tiveram de esperar uma data de tempo

MPi1: pois, exactamente, e o processo foi todo ... agora não, agora é automático, só que esta passagem é saída do Estado enquanto serviço, enquanto instituto da conservação da natureza e florestas, e passa para as Câmaras, que isso é gravíssimo... ou seja, nos ficamos aqui nas mãos de partidos políticos! Isto é do maior... do mais grave que existe!

AL: pois, partidos políticos, amizades...

MPi1: amizades, compadrios! Tudo! Tudo! Nem passa pela cabeça, mas isto é tudo, ainda no outro dia li relativamente aos professores, que eram as Câmaras municipais que ficavam responsáveis pela colocação dos professores... eu disse assim “ai Jesus, como é que isto pode ser?” Eu disse assim “como é que isto pode ser? Uma questão que é a educação da nossa gente ficar nas mãos dos partidários!?. Então eu agora tenho, sou uma brilhante professora só que não sou do partido a, b, c, diga o partido para onde vou...?”

AL: pois... é isso, por um lado a gente pensa “uau, descentralização de poder”. Mas por outro lado...

MPi1: e aonde é que o vão meter? Essa gente não é alheia a esse tipo de coisas, de compadrios e...

AL: vocês ali no secretariado de baldios lidam com todos os baldios da região de Trás-os-Montes?

MPi1: exactamente

AL: que se tenham inscrito não é?

MPi1: sim, que sejam associados, é assim, e independentemente até de serem associados, jamais o secretariado deixou de apoiar um baldio pelo facto de não ser associado, muito pelo contrário, nós sempre ajudamos, o que lhe pedimos é que pague a sua quota no mínimo não é? Mas não, sim... ao nível de Trás-os-Montes... eu estou mais afecta ao concelho de Montalegre e Boticas, se bem que tenho uma participação muito maior na questão da ITI dada a necessidade com a candidatura, a presença técnica, pronto, e depois houve um protocolo entre os baldios da ITI e o secretariado onde o secretariado teve um técnico a tempo inteiro para esses baldios

AL: e a associação dos baldios do PNPG, como é que se insere no meio destas associações todas?

MPi1: foi... foi fácil, isto foi mesmo pela questão da ITI, para nos conseguirmos representar na Estrutura Local de Apoio tivemos de criar a associação para termos um assento na ELA. Pronto, e foi isso. Depois a associação... eu fiquei à frente da associação, eu formei a associação com os baldios ainda era técnica do Parque Nacional mas foi pela questão mesmo da candidatura da ITI, que não era ITI antes, era plano zonal em 2005...pronto, e então houve a necessidade foi mesmo uma questão de termos assento

AL: ok... mas como instituição a associação funciona actualmente de alguma forma? Ou foi mais mesmo pela questão das candidaturas?

MPi1: funciona, e por exemplo, em questões de representação dos baldios, e depois nós estamos associados a associação também ao secretariado, ou seja, a associação dos baldios e o secretariado... é mais nisso. Mas localmente ao nível do território nacional foi mais por uma questão de termos um assento porque o que é que acontecia... os concelhos estão todos divididos por associações florestais, por exemplo... associações florestais que nada têm a ver com a dinâmica do próprio baldio, e depois como na altura eu estava à frente das equipas de sapadores no território do Parque, ou seja tinha aqui 5, tinha 2 em Ponte da Barca, tinha 3 nos Arcos de Valdevez e tinha uma em Melgaço. Eu conseguia trabalhar com um universo grande de baldio, e então era urgente que nós tivéssemos assento nesses... nessas situações de decisão relativamente à área baldia, e foi nesse sentido. Obviamente que depois as coisas mudaram, entretanto... depois era impossível não é, um técnico para esta área toda, mas depois como houve... como o Parque Nacional manteve sempre um técnico a dar apoio, eu como que fiquei mais para o concelho de Montalegre e o Parque Nacional mais para o outro lado, e depois o Parque Nacional, juntou-se mais a associação Atlântica também, que também está a dar apoio, que passou a dar alguma apoio na ITI, mas que também é associada da BALADI, ou seja, temos a estrutura montada, tem de ser! Porque para fazer face... as associações florestais, as celulosas, essas coisas, têm outros interesses que não é de todo o zelo e a defesa da propriedade comunitária... foi mais nesse sentido

AL: pois, eu quando vi que havia uma data de associações florestais por trás dos baldios fiquei um bocado confusa

MPi1: foi mesmo para afastar essas associações florestais do território...

AL: e a Atlântica é uma associação florestal?

MPi1: é, é mas agora já é associada da BALADI

AL: ah, está bem, é verdade

MPi1: tudo tem um porquê não é? Depois as pessoas “ah, mas...” ... representa sim senhora, se bem que a sede é no concelho de Montalegre... como podia ser... é no concelho de Montalegre porque eu sou de cá e inicialmente foi mais fácil constituir a associação com os baldios daqui não é, um é dali, outro de acolá, outro de acolá, mas... agora todas estas questões de, estas alterações e não sei o quê, são feitas sessões de esclarecimento, vamos lá, não sei quê, e ligam-nos, estamos em contacto permanente, agora, mas por exemplo o serviço técnico obviamente que é totalmente diferente o que é prestado aqui no concelho de Montalegre do que é prestado noutro lado, está sempre, a nossa intenção é que ele seja sempre prestado por uma associação ligada ao movimento dos baldios, vá lá, no secretariado é isso que nos interessa

AL: pois... aquelas, tipo a ADEFM ou como se chama, a associação de defesa da floresta do Minho

MPi1: também, também são mas não de todo. A AFL que é uma de Ponte de lima, não, não é de todo, tem uma visão muito de floresta de particular não é, trabalha com muitos produtores particulares florestais

AL: mas estas aqui... se não me engano, se calhar já estou confusa, mas fazem parte também da BALADI ou não?

MPi1: quem?

AL: a ADEFM...

MPi1: uma é, uma é, por exemplo a associação florestal do Lima não, por exemplo

AL: pois, essa de facto não conhecia

MPi1: essas estão associadas à FORESTIS

MPi1: eu tenho aqui uma listagem porque fizemos agora um manifesto por causa da redução das áreas forrageiras, e quem esteve à frente foi ali um senhor... ele fez essa movimentação mas depois acabámos por... acabei por eu ter de dar apoio nisto, um José Carlos Pires que é de donde... de Campo do Gerês, acho que é de Campo do Gerês... e então, eu fui ao *e-mail* dele e retirei todos os outros e-mails, porque depois nós criámos ali aquele manifesto que depois foi enviado por *e-mail*, ou seja, à partida estes *e-mails* todos é de gente que está ligado aos baldios, à excepção de, há aqui um na presidência da Câmara Municipal de Melgaço

Sezelhe: MS1

AL: que bonito... e vocês têm floresta de produção da qual possam vender madeira e ganhar algum dinheiro com isso?

MS1: tivemos, tivemos, esta parte que aqui há por cima, tivemos o tal problema também que nos surge, que também há meia dúzia de anos ardeu, meti um projecto para florestarmos o coiso do Estado, até hoje não há dinheiros para florestamento

AL: a sério? PRODER e tal?

MS1: ai, a sério! O PRODER e o coiso. Nós agora andamos a ver se conseguimos fazer, porque a nossa Câmara de Montalegre fez um protocolo, quer fazer um protocolo connosco, mas nos temos que nos desligar do sector das florestas não é, temos que nos desligar para de facto fazermos o protocolo com a câmara para florestarmos isto e o dinheiro que a floresta depois vem buscar, os 40%, será para a nossa câmara. Só que agora temos de nos andar, é preciso que eles nos autorizem a desligar lá das florestas e também do Parque...

AL: isso é muito complicado, como é que conseguem sair do Parque?

MS1: não, há certos limites que não conseguimos. Porque ainda mesmo agora o Parque proibiu-nos uma área que nós já lá vamos passar, onde nós caçávamos, portanto caçávamos a perdiz, caçávamos o corço, que não, essa área não era para reserva natural...

AL: então e o parque não quer que vocês plantem árvores é isso? Ou não tem dinheiro, mas permite?...

MS1: não, o parque não tem dinheiro para nos ajudar e depois, ou nós plantamos, fazemos essa plantação... nós se não nos desvincularmos dessas pessoas, dessas coisas, nós ao fim vamos pagar, vamos produzir e eles depois vêm-nos buscar os 40% de benefício e sem trabalho nenhum, que isso é o que o nosso país está a fazer, são os que menos fazem os que mais recebem, agora, eles deixam-nos fazer sim senhor, agora, nós vamos investir aí 150 ou 200 000 Euros em pinheiros ou carvalho ou castanho ou essas coisas, eles deixam-nos fazer, só que ao fim dos cortes, quando as árvores estiverem para cortar ou coiso, os 40% são para eles

AL: Vocês estão em cogestão? Em modalidade b)?

MS1: exactamente, em cogestão!

AL: ah, e eles não fazem...

MS1: exactamente, é isso! Eles fazem... nós pedimos para florestar ou coiso “ah, sim, muito bem, mas só há x%, não há dinheiro, já me responderam a mim que não havia dinheiro nessa altura para florestarmos, mas se nós dissermos... “mas se vocês quiserem florestar podem florestar”, pois é mas ao fim de 30 ou 40 anos quando for dos cortes e nós não estejamos desvinculados deles eles os 40% a que têm direito vêm-nos buscar.

AL: eu por acaso tinha a ideia que eles só podiam cobrar essa fatia se fosse povoamentos que ainda vinham da floresta, daquela floresta que eles puseram ca ainda na altura do Salazar...

MS1: enquanto não nos desvincularmos desses eles cobram sempre, eles cobram sempre. Agora diga-me como... para se cobrar, para o Estado floresta nos cobrar, eu prefiro que ao fim dos 50 anos se cobrasse os 40% e que seja dinheiro que fique no nosso concelho e que ficava... e que revertia a favor da, fosse do que fosse...

AL: pois, e depois em zona de Parque a produção está muito limitada não é...

MS1: depois, nós não podemos... há árvores aqui que vingam muito mais rápido e o Parque diz que essas árvores não se podem aqui plantar, não são adequadas... se calhar para eles era melhor, o que eles queriam aqui por era aí umas, essas árvores que dão flores para turista ver que é essas coisas...

AL: (RISOS) mas o pinheiro sabe que pode ou que não pode?

MS1: não, o pinheiro pode, o carvalho, podemos, aquela área ali ardeu, já eu tinha para aí, naquela altura..., isto já andei ali a sacholar... já foram cortados...naqueles pinheiros...

AL: o parque não diz quais são as espécies que podem cortar, ou ter?

MS1: o parque, o parque é tudo... se quiser fazer um corte

É o parque que vem marcar o corte de carvalho

AL: aí é? Ah, porque vocês estão em modalidade b)

MS1: o parque é que vem fazer os próprios... que vem marcar qual é os que ficam ou os que se tem de cortar

MS1: no tempo da caça venho por aqui acima... só que agora o parque, nós caçávamos por aqui, proibiu-nos esta parte toda, estes carvalhais todos, por aí abaixo, tem aqui uma zona de perdiz, javalis e o caraças e agora... quando foi este novo regulamento, como é que eles chamavam... que saiu aqui há meia dúzia de anos...

AL: sobre a caça?

MS1: Não, sobre o terreno todo

AL: ah, o plano de ordenamento do parque?

MS1: exactamente!

AL: deixaram de poder caçar?

MS1: (...) isto foi metido no plano de ordenamento do parque... agora não podemos caçar

AL: mas podem de certas maneiras não é? Tipo, como é que se chama...

MS1: nem batidas!

AL: *he lá*, o que é aquilo, é uma águia?

MS1: aquilo é um falcão...

AL: então pronto, antes faziam isso na caça... e agora, como é que dividem, ou não dividem?

MS1: não, agora é assim... agora cortaram-nos as batidas de salto mas fazemos aí batidas normais. O que matamos depois... os animais que se abatem... são leiloados e depois aquilo reverte a favor das associativas, para nós termos... nós temos de pagar...

Tourém: MT1

AL: pois, exactamente, eu não contei com eles porque estavam fora do Parque e a minha ideia é perceber estes que estão dentro do Parque, que entretanto começo a perceber que têm uma realidade completamente diferente dos restantes baldios não é?

MT1: completamente diferente isto é, os que estão junto ao Parque acabam por ter as mesmas, Sabuzedo, Padroso e Mourilhe é quase igual

AL: pois, também têm as ITI, exacto

MT1: têm, e com a vantagem de esses nos baldios podem ter eólicas

AL: ah, eles podem na Rede Natura? Aaaaah

MT1: e nós não! Eles têm lá...

AL: eles têm... eu achava que lá também não podiam

MT1: têm, têm, têm, eles recebem uma renda. Agora o problema das ITI foram os cortes que fizeram e aqueles que vão fazer no futuro, mesmo que a gente queira fazer alguma coisa vai ser muito complicado

AL: então neste momento no baldio de Tourém, quais são as receitas?

MT1: tem a ITI

AL: é só as ITI?

MT1: só, mais nada! E antes não tinha nada que ainda era pior

AL: antes não tinha nada... como é que vocês faziam isso?

MT1: olhe, de algumas candidaturas que já na altura, e estou me a recordar de quando entrei, porque nem sequer CD dos baldios existia

AL: há quanto tempo?

MT1: há 20 anos atrás

AL: as ITI já existem há quanto tempo?

MT1: não, não, a ITI é recente, a ITI tem 6 anos ou 8

AL: pois, era a ideia que eu tinha

MT1: e na altura era gerida, porque o baldio era gerido pela Junta

AL: ai era

MT1: o CD do baldio foi formado em 1990 e oito ou nove, e fomos dos primeiros, da zona foi

AL: da zona sim

MT1: na área do Parque fomos todos ao mesmo tempo, foram todos formados em 98 / 99, foi assim uma coisa, foi Tourém, Pitões, Cabril, Sezelhe, Outeiro, foram todos formados nessa altura, já para fazer a candidatura, mas antes, estava-lhe a dizer, antes ia-se fazendo umas candidaturazinhas assim daquele jeito para manutenção, para limpeza, para preservação da... o combate contra incêndios, então vinha vindo algum dinheirinho que nós utilizávamos para fazer a limpeza, para abrir uns caminhos, para fazer essas coisas. Na altura era... se hoje é complicado na altura ainda era mais, naquela altura ainda era mais complicado porque não havia meios

AL: não havia dinheiros, pois...

MT1: nessa altura tínhamos o grande apoio do parque, do Parque Nacional, que infelizmente hoje não existe

AL: pois... que tipo de apoio é que o Parque dava?

MT1: dava apoio financeiro, bastante, e com meios humanos. Portanto tinha equipas que nos ajudavam lá nos trabalhos que era preciso fazer... hoje não tem nada, nem tem dinheiro nem tem... não sei, eu hoje tenho uma imagem negra do parque... eu que sempre fui um defensor acérrimo do parque hoje estou muito desiludido

AL: mas é pela ausência ou é mesmo por algumas opções...

MT1: principalmente pela ausência. Eu ontem estive a falar com o presidente da junta, à noite, está lá há 2 anos e ainda não foi contactado uma vez pelo parque... quer dizer, ando todos a brincar não é

AL: mas o parque em termos de gestão está sedado em vila real não é?

MT1: não, está em Braga

AL: ou em Braga... ok, achava que era em Vila Real mas se calhar é em Braga... e que está responsável por mais uns quantos parques aqui do norte não é?

MT1: pois, também houve a junção...

AL: eu não estou a dizer que isto é bom ahn

MT1: sim, desde que houve a junção dos parques a situação virou. Não houve um acompanhamento tão perto então aí virou, aí não houve... mas pronto, mesmo... mas repare, neste momento o parque... acho que só está para prejudicar, não está para... quer dizer, não nos apoia nada, não nos dá apoios de espécie alguma, e ainda está preocupado em quando se faz uma obra, ir lá fiscalizar e aplicar as multas. Eu acho que todos devemos ter regras, e não estarmos aqui, isto não é nosso, devemos todos respeitar. Mas devemos saber aquilo que andamos a fazer. Se nós fizermos uma obra que é bem feita, que é para beneficiar a população, que é para beneficiar toda a gente e a seguir vai o Parque a por entaves e...é um empecilho neste momento, aí não posso estar de acordo, de maneira nenhuma, só lhe quero falar agora do caso concreto de Tourém que tem agora um problema em mãos em que o parque em vez de ajudar está a complicar tudo

AL: uuuh, de construção? Tem a ver com construções?

MT1: foi o alargamento de um caminho, de um caminho agrícola, e em vez de se preocuparem em nos ajudar estão é preocupados a multar. Quer dizer, não pode ser, está aqui qualquer coisa que não funciona não é...

AL: e não há qualquer tipo de apoio para além desses obstáculos vá... actualmente nada

MT1: não, nenhum, nada, liga-se para lá nem caso fazem

AL: pois...

MT1: claro que isso há qualquer coisa que não está bem. Para por restrições e para por leis isso andam eles finos, para ajudar...

AL: pois... e quando é que acha que isso se alterou, foi só mesmo com a evolução dos parques ou foi antes ainda? Que o parque passou a ter outro tipo de apoio ou zero apoio ou...

MT1: olhe, a partir de 2005, 2006, 2007, descambou completamente

AL: pois isso acho que foi precisamente quando houve uma reestruturação dentro do ICN

MT1: foi, foi... reestruturação essa imposta, imposta se calhar por quem não percebia nada do que é a realidade da vida dentro de um Parque Nacional

AL: pois

MT1: e pronto, mandaram para ali o director do parque que acabou por destruir tudo aquilo que já tinham pensado fazer, ele veio para ali, quanto a mim já veio encomendado, e pronto, conseguiu fazer aquilo que queria, conseguiu impor ali uma data de restrições sem fundamento nenhum, esquecendo sempre, que essa gente nunca se lembrou, que o parque existia com gente... quando eles lá chegaram havia o triplo da gente que há hoje e aquilo funcionava e era bom, hoje querem-nos... praticamente querem-nos expulsar, há aí zonas da serra em que está proibido passar...

AL: as de protecção total?

MT1: são as ZPT, é protecção total... portanto, eles nunca tiveram em conta isso, nunca tiveram em conta de que há 30 ou 40 anos ou mais, antes de eles virem, que existia muito lobo com as populações, hoje que não temos populações e nem sequer o lobo existe, que eles apregoam tanto que são eles que o protegem, não são nada, nem nunca foram! Não é, quem os sustenta são os agricultores, o parque não sustenta nada, o agricultor é que cria os animais para eles comerem, quer dizer

AL: pois, pois, pois... isso é um problema... eu entretanto assisti a uma sessão de esclarecimento sobre a gestão dos parques e das áreas protegidas passarem para as câmaras municipais... ouviu falar disto?

MT1: olhe, isso é um pau de dois bicos, porque o que se pretende, ou o que alegadamente se pretende, é os baldios passarem para a gestão directamente do Estado... isso não pode acontecer, isso nunca pode acontecer, então é que é o descalabro total, porque não conhecem, não preservam, e o que vai acabar por acontecer é como está a fazer o parque, que nem sequer lá vão.... O parque é muito bonito para eles andarem com a bandeira no ar a dizer que são os senhores do parque, quando os verdadeiros senhores do parque estão completamente abandonados... não é? São as pessoas que vivem nas aldeias, são os agricultores, são lá quem mora todo o ano... o parque é que quem lá mora todo o ano, é que o sustenta, é que o preserva... o que é que o Parque Nacional fez alguma vez desde, não sei... desde 2000 e pouco para cá? Não fez nada! Rigorosamente nada! Eu estou-me a referir sempre ao baldio de Tourém, da realidade dos outros eles é que têm de se pronunciar (RISO). Portanto, neste momento acho que o parque está a trabalhar pessimamente, que eu sempre fui um defensor, talvez o maior defensor do parque, fui eu... mas da maneira como a coisa corre... de modo algum!

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, os sapadores... e é só de Tourém?

MT1: não, Tourém e Pitões, fizemos um acordo, a equipa é a mesma, são cinco homens, mais um carro, que fazem um trabalho excepcional, trabalho que muitas vezes nós não... as pessoas à primeira vista não veem mas depois quando chega a altura da verdade... olhe, os incêndios reduziram 70 a 80%, fazem as limpezas, fazem mais ou menos a gestão dos sítios piores... se for preciso no período do inverno até fazem alguma... no período em que é permitido, fazem alguma queimada para depois no verão não termos esses incêndios que por aí se veem, e quando há um incendio, porque há sempre, actuam, são os primeiros a actuar, ou seja, em menos de meia hora ou uma hora no máximo, estão no local. E é muito mais fácil controlar um incendio no início do que quando está... então têm feito um trabalho excelente, temos a sorte de também termos pessoas excelentes lá na equipa e acho que foi das melhores coisinhas que... olhe, aí sim o parque trabalhou... na criação das equipas dos sapadores florestais o parque teve um papel importante

AL: pois, era isso que queria perguntar

MT1: muito importante! Muito bom... talvez se não fosse o parque não conseguíamos, ter as equipas de sapadores florestais

AL: antes disso vocês já tinham tentado ter ou... antes de...

MT1: não tínhamos porque ... são 5 salários, não havia hipótese... e agora... olhe, até e agora já só nos dão 30% do valor total, vemo-nos à rasca, se não fossem as ITI epa não conseguíamos ter isso seguramente, neste momento não conseguíamos ter... parte do dinheiro da ITI é canalizado para os salários, para despesas, para máquinas, para manutenção e... isto para lhe dizer que fazem um trabalho excelente... lá na aldeia

AL: e vocês agora estão em autogestão ou estão em cogestão com o Estado?

MT1: não, nós temos a nossa gestão própria

AL: ah, estão em autogestão?

MT1: sim, sim, sim

AL: ah então estão em modalidade a)...

MT1: pois, não sei que modalidade é que é

AL: mas uuuh, actualmente é assumido...

MT1: mas nós fazemos cogestão com o parque, atenção!

AL: ah, ok... então ainda tem coges...

MT1: estamos a falar de uma área protegida, portanto a área protegida...

AL: sim, aí é inevitável, claro. Mas eu sei que há baldios, por exemplo, Fafião... está em autogestão, no sentido em que não tem uma cogestão com o Estado. Ou seja, por exemplo, para quem tem floresta isso é importante, porque senão o Estado leva uma percentagem das receitas e tal. No vosso caso não faz tanta diferença

MT1: nós não temos esse problema. Nós até gostaríamos de ter e teríamos todo o interesse em ter parceiros, como o parque, como a câmara, alguém que ajude a desenvolver, isso seria óptimo, não vejo qual é o problema, embora isso meta aí confusão a muita gente eu não vejo qual é o problema. Uma parceria sendo bem feita é sempre vantajosa

AL: lei dos baldios, esta alteração, qual é que acha que vai ser assim o impacto, não sei se está muito a par ou não...

MT1: olhe, a lei dos baldios está agora, esteve agora em estudo e está agora a...

AL: sim, aquilo foi aprovado mas acho que agora está no tribunal constitucional...

MT1: tem, tem, tem, ainda não está, ainda não está a 100%. Eu posso lhe dizer que em termos gerais que não tem assim...

AL: não vai grande impacto na prática, é isso?

MT1: não vai ter grande impacto nem ... pois, precisamente, eu acho que não é nada fora do normal, que se for cumprida que até se adequa à nossa realidade e à nossa situação. Pronto, a nossa opinião também contou, a opinião dos baldios também contou

AL: também foi tida em conta na altura

MT1: foi tida em conta, e por isso...

AL: foram auscultados, digamos assim?

MT1: sim, sim, sim, fomos. Vamos ver, vamos ver o que é que, da maneira como é que é aplicada, porque isso também depende muito de quem a vai aplicar e a ideia com que a vai aplicar

AL: mas por exemplo aquelas alterações que mudam o conceito de comparte, que tornam obrigatório que esteja x% das pessoas, acho que é 30%, para fazer determinadas decisões no baldio, 30% das pessoas que estão inscritas como compartes

MT1: isso sempre existiu... isso sempre existiu, agora acho que não tem nada que nós podemos dizer “não, isto não pode ser assim, somos contra” ... não! No global acho que se aceita, no global aceita-se e o global é o que conta. Uma vez que foi discutido pontualmente acho que não... agora a única coisa aonde falha é realmente naquelas restrições, as ZPT e essa coisada toda que eu aí... eu não tenho essa situação lá, mas também não concordo com ela

AL: não têm áreas de protecção total?

MT1: total, não, só temos lá um biquinho lá na coroa que ninguém lá vai por isso... uma faixa muito pequena, portanto também não estou muito preocupado com isso... não concordo, repito, não concordo porque antigamente toda a gente ia a todo o lado e havia o dobro das peças que há hoje. Hoje com uma população três vezes menos porque é que não se pode ir lá? Não faz sentido, não, há coisas que não faz sentido. Mas pronto, isso tem de ser discutido por quem tem essas zonas, não por mim

AL: quem tem animais é isso?

MT1: quem tem animais e quem anda nessas zonas de protecção total e que sabe que não pode ir lá

AL: ah, os baldios que têm

MT1: claro, que é o caso de Pitões, Outeiro, Cabril Fafião e não sei se Pincães tem, acho que não... não me recordo, é aquela zona toda dos Carris

AL: ZPT acho que não, eles têm tanta floresta em Pincães

MT1: é aquela zona dos Carris, é para essa zona

AL: pois, pois, pois

MT1: porque é que a gente não pode ir dar um passeio à serra, mas porquê? Por que motivo?

AL: no fundo é o vosso quintal não é?

MT1: porque é que a gente tem de pagar a mata da Albergaria?

AL: os compartes também têm? Os compartes isto é as pessoas das aldeias...

MT1: olhe, eu faço parte do parque e já paguei, cada vez que passo lá que remédio tenho senão pagar

AL: eu até entendo que se tire dos turistas, agora que se tire das pessoas que cá vivem não entendo. Dou-lhe um exemplo, por exemplo em Lisboa, o castelo de São Jorge, passou a ser pago também, há um castelo lá que passou a ser pago entrar lá

MT1: não, não, mas quem queira visitar tudo bem

AL: exacto, agora os locais não pagam

MT1: não, mas repare, é passagem, a passagem não tem de ser paga, se eu quiser ir visitar acho bem, até acho muito bem que se pague, para ir visitar, para ir aqui, para ir acolá. Para passar, há pessoas aqui que passaram lá uma vez na vida... ouça, eu tenho casos de pessoas de Lisboa e dali da zona que ficaram chocadas com o que aconteceu, mas o que faz eu passar aqui ou passar ali? Eu passei lá porque há uma estrada, a estrada não tem de ser paga, não foram eles que a fizeram...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... mas isso frustra-vos ou ?

MTR2: não! Eu falo por mim. Claro que é bom saber que uma eólica rende x, imagina ao fim do ano tem 10 000 Euros por eólica, isto é muito... mas foi agora, nós também não nos podemos esquecer que estamos a usufruir da medida das ITI há muitos anos e eles não tinham isso, isto é por nós estarmos no Parque, é uma vantagem... tivemos esta vantagem durante muitos anos, neste momento já não é uma vantagem, era mais a eólica do que as ITI

MTR1: já vai para aí há 5 anos teve aqui uma empresa de umas eólicas e nós fomos até lá acima para se debater, e então eles... é que o Parque não deixou, não é.... Dentro do parque a ninguém deixou por. Mas então eles faziam-nos um contrato, logo no acto de inscrição não é... tinha lá uma data em que dentro de 4 anos tinham de por as eólicas e portanto aí

davam-nos 15 000 Euros. No caso de não porem as eólicas dentro daqueles 4 anos tinham de renovar, davam-nos outros 15 000 e tinham de por nos próximos 4 anos. No caso de porem as eólicas quando começassem o trabalho tinham que nos dar 50 000 Euros e depois cada eólica rendia 5000 Euro por ano... cada uma! Eles vieram só ver mas depois é que iam trazer os técnicos para ver onde é que as punham e quantas punham... só que como o Parque não autorizou

AL: pois, no plano de ordenamento do Parque vi lá qualquer coisa sobre mini-eólicas, o que são mini-eólicas?

MTR2: é para consumo próprio. É uma eólica que é para uma casa, para um hotel, que é para produzir a própria energia, inclusive em Montalegre o hotel tem uma mini-eólica

AL: ai é?

MTR1: acolá naquele alto também já estava lá uma, também puseram lá uma, lá para...

AL: aonde?

MTR1: lá, nós chamamos-lhe ali a serra de acolá

AL: que já é Parque?

MTR2: não, ali não é

MTR1: chamamos de Piade, fica perto dos Pisões, não sei se passou na barragem

AL: passei, passei

MTR1: ali à esquerda, há lá umas já há uns anos também...

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, aí isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 Euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: aí foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles têm de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tido, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: (...) entretanto também ouvi falar na influência do IFAP na questão das áreas de pastagem, que houve cortes nas áreas elegíveis para pastagem para conseguir os subsídios para os produtores. Isso também teve grande impacto ali em Cabana Maior?

ACm1: também teve, teve impacto sim

AL: houve uma grande redução?

ACm1: houve uma redução considerável. Teve ali e teve em todos os baldios, um bocado... uns mais que outros. Mas... isto tem sido feito sempre no interesse de desvios de dinheiros para outros benefícios etc. etc. no nosso país tudo está em permanente alteração, os ministros têm de trabalhar, os gabinetes de advogados têm de trabalhar, tem que haver sempre trabalho para quem chupa, se quisermos, os frutos daquilo que é o resultado do trabalho dos portugueses. É incalculável, os milhares de milhões de Euros que são saqueados, é o termo, por sociedades de advogados, a que estão ligados os deputados, muitos deles são os próprios directores das sociedades, etc. etc. portanto, é uma fonte de negócio. Depois a questão dos subsídios, sabe-se perfeitamente que vem dinheiro para subsídios que muitas vezes não é aplicado para os fins a que à partida estava previsto que fossem... já se sabe como é que são os negócios por aí.

AL: mas portanto, realmente são coisas dessas que levam depois... imagine, o IFAP fez os cortes, muita gente considera que foram injustos. Pelo que eu ouço, e pelo que eu leio, está a haver um movimento grande contra aqueles cortes feitos sem base de campo, e sem base nos costumes locais. Porque eu cheguei a ler o tal decreto que levou a que o IFAP tivesse este tipo de iniciativa, que propunha que houvesse alterações nacionais, de cada estado, no que diz respeito à utilização das pastagens. Mas eles lá, pelo que eu li no decreto, eles deixavam em aberto que cada estado aplicasse com os limites culturais ou de utilização local, e isso não foi o que aconteceu aqui pois não? Houve cortes cegos

ACm1: não, porque isso é tratado nos gabinetes, pelas pessoas que não conhecem a realidade e então decidem no mapa. Pegam numa carta geográfica e decidem sobre aquilo. Tinham de ter vir ouvir os responsáveis pela gestão dos baldios. Tinham até que mandar observadores para conhecer melhor a realidade, isso é que era um trabalho sério. Agora não, nunca se trabalhou seriamente

AL: entretanto houve alguns protestos, isso levou a quê?

ACm1: levou a zero

AL: eu sei que na altura eles depois reduziram a área mínima que requeriam para cada CN, como estava a haver muito “barulho” da parte dos baldios, o que me disseram foi que o IFAP à última da hora, antes das candidaturas, baixou a área mínima para cada CN

ACm1: eu depois acabei por não acompanhar isso até ao final, porque como estava para sair não me interessei porque... participei em várias reuniões mas a partir de um certo momento apercebi-me que era tempo perdido e acabei por não continuar a participar em

tudo o que... houve uma altura em que participei numa reunião em que estavam federações de várias zonas do país, mas não havia garantia de nada... Claro que numa luta nunca há garantia de nada. Mas apercebíamos-nos que quer fosse de uma forma ou de outra íamos ser sempre encostados à parede... como eu há mais de 30 anos que estava envolvido nisto, já estava um pouco escaldado de ver repetirem-se aprovações de planos directores municipais, do Parque Nacional, por exemplo

AL: o Plano de Ordenamento

ACm1: o plano de ordenamento do PNPG, foram sempre aprovados um tanto ou quanto violentamente contra as populações. Punham-nos em discussão pública, eram emitidas opiniões, mas depois não aceitavam... os PDM é idêntico, poem em discussão pública, recebem as sugestões, e depois decidem como eles entendem. Depois são sempre os senhores do gabinete que tomam a decisão... Desacredita os políticos, desacredita os administrativos ministeriais, desacredita essa gente toda. Essa gente... não merecem consideração nenhuma porque eles não têm respeito por ninguém, eles só têm interesse por quem lhes interessa pelo dinheiro

Gavieira: AGav1

AGav1: a gente aponta sempre aos pastores, será um ponto principal, pronto, mas no meio disto tudo há muitos malandros, os madeireiros por exemplo, que repare, aquilo ardeu, mas a madeira se for retirada logo a seguir a madeira é a mesma praticamente, só ardeu por fora, senão aquilo perde 40% do valor, e aquilo safa depois o madeireiro. No caso de lisboa não sei, a única coisa que eu sei é que a gente vai por aí, a primeira coisa a apontar é os pastores, que é errado sabes, porque quando arde é quando é a vegetação, porque quando há um incendio na serra aquilo que vem a seguir é giesta

AL: que não é boa para o...

AGav1: é giesta, passado um ano aquilo é só giesta e, principalmente as vacas, não comem giesta

AL: são muito duras não?

AGav1: não, aquilo tem um sabor esquisito e acho que a vaca que não come giesta, a cabra comia, a cabra adorava a giesta. Eu tenho 50 anos e na altura quando eu era garoto quase não se via giesta aqui derivado da quantidade de cabras que havia

AL: ok... mas agora há mais vacas do que cabras é?

AGav1: agora é só, cabras agora não há...

AL: porquê? Devido aos subsídios?

AGav1: subsídios e andam sozinhas, repara... não é preciso acompanhá-las todos os dias

AL: as vacas...

AGav1: as vacas vão para a serra, se calhar o patrão vai lá uma vez num mês no verão ou...
[? Não se entende] com a criação na serra porque se o lobo mata têm que conseguir topa

alguma coisa para fazer o dito auto senão chega lá o guarda se está há um mês sem ir lá o corpo, mata, e ninguém vê nada, está a perceber?

AL: ah, então como é que é, como é que é? Como é que disse em primeiro lugar? O lobo mata e?

AGav1: o lobo mata, por exemplo, a cria... o vitelo à vaca, mas se tu não fores lá dentro de 2 dias nunca mais vêes nada, vêes a vaca

[fala de como os pastores, quando há cridas das vacas têm de estar à coca, devido ao lobo, porque se não houver cadáver o ICNF não paga a indemnização. Fala de como os abutres são um perigo para a manutenção do cadáver e de como se deve estar atento e em cima do acontecimento. De como o javali também destrói os cadáveres...]

AL: o javali também?

AGav1: o javali está em todas

AL: mas os cadáveres também?

AGav1: tudo, tudo. O lobo é que não, o lobo só mata aquilo que come, ou só come aquilo que ele mata, o lobo se vir um animal morto não o come... tem graça. Ele é muito desconfiado, o lobo só come aquilo que ele matar. O javali, esses comem tudo

AL: ah, eu não sabia que o javali comia carne...

AGav1: o javali... o javali até come gente, o javali é a coisa que mais se desenrasca... o javali, o lobo não, o lobo é daqueles animais que só mata aquilo que ele come... que só come aquilo que ele mata

AL: (RISOS)

AGav1: é um animal nesse aspecto muito inteligente. E isso obriga as pessoas a irem constantemente à serra

AL: mas acha que é uma entidade presente e colaborativa ou acha que está um bocado ausente?

AGav1: sim, sim, depende, pronto, há coisas em que eles tinham de estar mais presentes

AL: por exemplo? Em que situações deviam estar mais presentes?

AGav1: por exemplo no abate de árvores, é uma das coisas em que eles deviam estar mais presentes

AL: aonde, aonde?

AGav1: no abate das árvores, e no lixo. Pronto, mas nós estamos aqui numa zona em só existem dois guardas, eles não estão em todo o lado

AGav1: em termos de fiscalização...

AGav1: eles não estão em todo o lado. Porque repara, se lhes calha... daqui ao cimo da serra sei lá quantos kms são, a pessoa que deita o lixo ele nunca sabe onde é que ele está, quem foi? Ninguém vai saber quem foi? O guarda vê o entulho, mas quem foi? Ele não estava ali, não conseguiu ver, e ninguém diz nada, é que ninguém diz nada. Pronto, e por isso é que digo, em algumas situações eles deviam estar mais presentes, mas também não são suficientes não é? Aqui nesta zona temos dois guardas, um que é o meu vizinho, e outro que mora em Castro Laboreiro. Isto também é muito grande ... castro laboreiro, a Gavieira, o Soajo, isto é uma zona muito grande, a zona do Parque Nacional aqui é muito grande, e eu só conheço estes dois guardas aqui a trabalhar, os homens não têm mãos a medir, por muito que eles se esforcem e queiram fazer não têm hipótese. Eles ou estão num lado ou estão no outro [*Não se entende*] devia estar mais presente mas também tinha que haver mais gente.

AL: sim, a culpa não é dos guardas

AGav1: não tenho queixa, trabalhamos em conjunto, nem eles fazem nada sem me consultar a mim, eles chegam aqui “vamos fazer isto” “não!”, mesmo para fazer este tipo de mosaicos e isso tudo eles consultam-me, vêm ter comigo e antes de fazer o mapa para o ano, o mapa de trabalho, eles vêm ter comigo

AL: isso é na questão das limpezas das ITI

AGav1: nas limpezas, não, mas não é das ITI, das ITI também

AL: ah, da questão dos sapadores

AGav1: isto é na questão dos sapadores, a equipa de sapadores é gerida por mim mas temos sempre o apoio do ICNF, temos sempre o apoio do parque

Gondoriz: AGo1

AL: e a presença do parque, sente-se a presença do parque, da instituição, dos serviços do parque, ou do ICNF ou...

AGo1: não sinto a presença do parque porque não há aí madeira, se tivesse aí madeira sentia para virem buscar dinheiro... é o que eles fazem nos outros lados

AL: mas sente... por exemplo, não pode pôr eólicas

AGo1: aí sim, sim, sim, a presença do parque nesse aspecto negativa, dessa parte é, o resto não tem mais nada. O parque nas Juntas onde têm madeiras não deixa arranjar os caminhos, não deixa... há um incendio, como aconteceu aqui há... 2000 e quê?

[estão presentes funcionários da Junta - S e S1- e o filho do senhor Armando, ainda pequeno, uns 12 anos. A nossa reunião foi apos a hora de atendimento da Junta]

S: 2005 ou 2006

S1: 2007

AGo1: quando ardeu aquela parte do Mezio e tudo, foi onde o fogo passou ardeu tudo, não tinham acesso, ardeu tudo. O parque só complica, não deixa

AL: mas não deixa fazer caminhos?

AGo1: o parque até aplicou uma multa de 30 e tal mil Euros ao presidente da Junta da Gavieira por ter tirado saibro para os caminhos florestais, portanto não vale a pena o parque só está aqui para... aqui não, que aqui não... não temos nada. Aliás há um estradão florestal lá em cima e eles diz que é [*? Não se entende*]

AL: (RISOS) até agora está tudo bem, ainda não vieram

AGo1: está, até agora está tudo bem, aquilo está aí, já passou, já...

Sistelo: ASi1

[conversa entre dois habitantes da zona de Sistelo, um deles trabalha para o ICNF e vive na casa florestal de uma aldeia limítrofe]

S1: antigamente era o verdadeiro lobo, agora são cães [...] é, agora não é o verdadeiro lobo, o verdadeiro era quando eu tinha o quê....5, 10 anos, aí é que era o verdadeiro lobo, agora é tudo arraçado a cão

S2: o problema é que o agricultor habituou-se a abandonar os animais no pastoreio

S1: pois, antigamente não havia problemas

S2: ora, se os animais andam sem o pastor, é muito mais fácil o lobo fazer a presa do que se estivesse na presença do pastor, isso é evidente

S1: mas se formos a ver agora, esteja o pastor ou não esteja eles limpam os animais e ficam sem eles

(S2 vai embora)

[conversa com um senhor dali da zona - Bouças de Merufe, Monção –guarda-florestal, da GNR]

AL: ah, é mesmo guarda-florestal

S1: sou, sou polícia florestal

AL: mas trabalha para o ICNF?

S1: não, não...

AL: ah, é a GNR

S1: trabalho como parte da GNR

M: agora acabou a floresta

AL: pois acabou, eu digo o mesmo

S1: infelizmente sim. Quem viu a floresta como eu a vi quando entrei e quem a vê agora conforme está, acabou mesmo, não tenha dúvida

(...)

AL: o que é que faz lá na

S1: no meu serviço?

AL: sim

S1: tudo

AL: mas está lá sozinho?

S1: não, nós trabalhamos em equipa, é caça, é pesca, é arvoredos, é todo o tipo que diga respeito à floresta, é furtos de árvores, é poluição ou despejo de lixo no interior das matas, tem tudo a ver connosco, nós somos o ambiente, ligados ao ambiente

M: fogos

S1: incêndios, que essa parte é toda connosco, desde o auto de notícia, à avaliação dos prejuízos, a causa que provocou o incêndio, até aos hectares, é tudo

ASi1: morreu um gajo ontem ali em Trancoso

M: novo

S1: e morreu um bombeiro em Lisboa

ASi1: em Lisboa não sabem

S1: não, mas não foi num incêndio, foi num acidente e o outro está em estado grave

AL: então também acaba por andar aí pelos baldios e assim, e acaba por ter relação com essa malta toda

S1: sim, está tudo ligado. Mesmo a extracção de matéria-prima do saibro, de terra... areais, é sempre connosco, é proibido, existe legislação para isso, a exploração de águas, extrair barro, ou inertes

AL: isso é ilegal não é?

S1: é ilegal, exactamente, tem de se pedir autorização. A entidade competente, se for terreno submetido ao regime florestal, será o ministério da agricultura, se for outro, é a Câmara. O terreno embora esteja a ser administrado pelo Ministério da Agricultura, o terreno pertence sempre à autarquia local, à Junta de Freguesia e à respectiva Câmara Municipal

AL: ou aos compartes não é?

S1: os compartes que no fundo é a autarquia, a Junta e a Câmara

AL: mas há compartes que geram sozinhos a sua área, sem estarem ligados à Junta

S1: não, faz sempre parte da Junta, o que são é métodos diferentes. Quem gere aquilo é... não é a comissão de compartes, é o... CD, que é isso que você acaba de dizer. E outra coisa é a Junta

AL: exactamente, outra coisa é a Junta

S1: cada um deles tem as suas funções

AL: pois, mas o baldio pertence aos compartes

S1: é gerido pelos compartes

AL: e pertence aos compartes, não pertence à Junta

S1: pertence à Junta!

[entram outros na conversa, nomeadamente o Durval e o actual presidente da Atlântica que acho que também se chama Durval]

ASi1: não senhor! Compartes... o baldio é dos compartes e tem a assembleia de compartes eleita. O CD que elegeram os compartes, a Junta só pode gerir os compartes se a assembleia dos compartes delegar a competência na Junta. Como no nosso caso nós não podemos delegar, porque estamos candidatos às INP's e tudo o mais, não podemos delegar na Junta, temos de ter a assembleia de compartes a funcionar, não podemos delegar na Junta

S1: e esse terreno pertence a quem

S: o terreno é dos compartes da freguesia

AL: é da aldeia

ASi1: da freguesia são os terrenos [*? Não se entende*], a Junta não manda, até agora com a nova lei diz que nós temos de registar os compartes, os terrenos, temos que... está em nome da Junta, agora temos que

S1: aaaah, agora com a nova lei

AL: porque acho que ao longo do tempo algumas Juntas começaram a apropriar-se, ao longo do tempo

S4 (presidente da Atlântica): em muitas freguesias há uma delegação de poderes na Junta, porque não pode haver duplicação de poderes não é

AL: sim, sim, sim, claro

ASi1: por causa das ITI nós não podemos delegar

S4: na minha freguesia aqui é o que acontece

AL: aonde?

S4: em Brufe, aqui já estamos em Brufe

[...]

AL: já era da GNR lá?

S1: não, eu vim para aqui para guarda-florestal, há 9 anos que estamos inseridos na GNR [os guardas florestais]. Até aí eramos florestais. Eu estive 9 anos com uma brigada de 1ª intervenção dos incêndios, como agora é os

AL: sapadores?

S1: não, como agora é os GIPS, e os sapadores de 1ª intervenção, eu tive aqui uma brigada de 12 homens num barracão que tem aqui por cima

AL: mas portanto já fazia parte do corpo florestal antes de passar para a GNR, ou não?

S1: sim, muito ano

AL: então antes trabalhava para o ICNF

S1: exactamente, na altura não se chamava assim, era a DGRF, que era a direcção geral das florestas

AL: sim, aquilo já teve tantos nomes

[...]

S1: aquilo já mudou tantas vezes... infelizmente

AL: é como se se mudassem de nome comessem a funcionar melhor

S1: oh... agora para termos floresta tinham que começar outra vez do zero, dantes tinha tudo, não se imagina, dantes tinha tudo, tinha máquinas para tudo, para destroçar o mato, para abrir os aceiros, tudo, para ajeitar os caminhos, hoje está tudo abandonado

[...]

AL: quando diz que tem de ir trabalhar, o que é que faz, pega no carro e vai por aí fora? Como é que é o vosso

S1: quando digo que vou trabalhar saio daqui, apresento-me no posto da GNR ali em Monção, e depois formamos uma equipa de 3 ou 4, conforme, pode estar algum de férias, mas se não estiver nenhum de férias somos 4... e temos o expediente para elaborar, temos situações de alto risco que é limpezas à volta das habitações

AL: e vocês é que usam a motosserra e tal?

S1: não, não, não. Nós obrigamos as pessoas a limpar, sob a lei 124 que obriga as pessoas a limpar num raio de 50 metros à volta das habitações e anexos e estufas e outras coisas assim do género

AL: e vocês andam aí à procura de situações irregulares?

S1: não, não, as pessoas que estão a ser lesadas é que fazem a reclamação. Essa reclamação entra numa base de dados que depois é-nos endereçada a nós e nós tentamos resolver, temos que ir falar com a pessoa que fez a reclamação e depois vamos falar com a pessoa que é proprietária do terreno que está sujo e tem de limpar. Fiscalizar os caçadores, é uma profissão de risco, quando há armas e tudo, que é o caso da caça.... É complicado. Eu digo-lhe uma coisa, eu sempre gostei daquilo que faço mas não sei se foi boa opção eu abdicar de ser militar e vir para aqui. Eu assim acabo por ser militar igual.... Estamos inseridos nos militares

AL: mas o que é que era preciso na altura para entrar para os florestais? Para os SF...

S1: quando eu concorri era livre, desde que tivesse a 4ª classe, era livre, era um concurso livre, não tinha a ver com a idade, não tinha a ver com os estudos, não tinha a ver com a categoria, nada, as habilitações literárias era o mínimo, que era a 4ª classe, o serviço militar obrigatório podia ter [interrompidos por uma senhora que pedia direcções]

S1: Pois é, isto é complicado

AL: então também tem de andar aí atrás da malta dos baldios, não podem isto, não podem aquilo

S1: há coisas que não podem e eles sabem disso. Se o fizerem, se há uma reclamação já estão a comer

AL: aqui não é parque pois não?

S1: esta zona aqui é abrangida pelo PNPG

AL: há uma parte do baldio de Sistelo que está dentro do Parque, é isso?

S1: que coincide dentro do parque sim

AL: e tem zonas de protecção especial e assim, ou

ASi1: não, só em Cabreiro

AL: Cabreiro tem...

ASi1: especial... aquilo não é protecção não é nada, proteger, quem é que protege aquilo? Quem é que protege aquilo? Anda lá tudo ao deus dará, há incêndios, há animais, há passagens de gente, protecção de quê? O que é que o parque significa? Nada! Zero! Alguém faz alguma coisa pelo parque? Zero!

AL: pois, mas já foi diferente ou não?

ASi1: sim, antigamente era, no tempo do Salazar

S1: parque natural... quando se fala de um parque natural é precisamente porque não deve ter intervenção humana, não pode cortar árvores, não pode danificar nada do que está lá

[...]

S1: o trabalho de gabinete para o terreno não funciona. Uma coisa é a técnica e outra coisa é a prática, e a técnica na prática muitas vezes não se pode aplicar, não consegue. Mesmo a florestação, como é que você vai por ao nível a florestação do sul para o norte? ... não dá! Lá eles podem usar o método que eles quiserem que funciona, aqui não dá! Os terrenos são muito íngremes, são inclinados, é muito rochoso, não dá! Lá sim, aquilo é plano, é trabalhado

ASi1: depois dizem-nos assim “façam um furo vertical”. Mas como isto fica longe, a nossa electricidade aqui é diferente, nos nossos montes, temos de ir buscar a electricidade muito longe, leva-nos 5 ou 6 ou 10 mil Euros um ramal de electricidade, e depois temos de fazer o furo, pagar o furo e depois temos de manter o furo todo o ano. Temos de pagar todo o ano o quadro da luz... o contador, de 3 em 3 meses

S1: é como a caça,

ASi1: é muita entidade a mandar

S1: a caça ao pombo ao menos a 100 metros das linhas de água é proibido. No Alentejo isso pode-se aplicar porque os bebedouros dos animais, nesse caso do pombo, são raros, é claro que se você se poe ali à espera que ele venha beber, pois aquilo é um chamariz, aquilo você apanha... mas aqui há água por todo o lado, todas as linhas de água têm água... porquê os 100 metros? Se não sabe se vai beber aqui nesta linha de água, se vai beber àquela, lá é que sim, tem aqueles pontos precisos que é onde eles vão beber, e aquilo na hora de ir beber se nos metemos ali aquilo é varrer. Aí tem logica, aqui não tem logica, e tudo isso para os outros sectores, aqui não funciona igual, não pode!

ASi1: é muita gente a mandar e não se entendem, e depois se ao menos mandassem bem. Mas não se entendem

S1: mas dentro do gabinete as leis é para todo o país. Não há a, nem b, nem c, saiu a lei é para o país e ponto final. Não funciona... não funciona... assim como a medida dos peixes, pois é igual... nos grandes rios tem muito alimento o peixe tem condições de sobreviver bem e desenvolve. Nos regatos pobres montanhosos, tem pouco alimento. O peixe é velho, acaba por ser velho já, considerado muito adulto e não cresceu, em tamanho é pequeno, mas a medida aplica-se para o país todo... está mal! Você aparece-lhe peixe no rio Minho muito mais novo com 30 cm que vai pescar nos regatinhos que chegam à Peneda, por exemplo, ou onde você está no Mezio, com a mesma idade e tem para aí 2cm... não pode, está mal feito. E claro, depois a gente reclama... mas que lhe adianta reclamar? Chega a autoridade, pimba! Não tem a medida exigida por lei... não, isto é muito bonito mas não é no gabinete não! Uma vez estive aqui uma doutora do ministério da agricultura, à conta das plantações de arvoredo, pinheiro bravo. “oh senhora engenheira, oh senhora doutora, você vai me desculpar mas é assim, como é que nós vamos ter qualidade e quantidade a fazer as plantações como estamos a fazer” “oh senhor marques, e porquê?” “porquê? Então se a gente planta as árvores de 2 em 2 metros entre si, em linha, de uma linha para a outra 3 metros, então se nós fazemos um cultural, quando um arvoredo tiver 14 ou 15 anos, cultural é o desbaste... uma arvore sim, e uma não. Se eu tirar uma árvore sim e uma não, passamos a ter uma linha de 3 metros com árvores de 4 em 4 metros. Quando é que você tira mais dali uma árvore? Só quando for o corte final! Porque ficam muito distanciadas umas das outras, só quando for o corte final é que você vai tirar dali mais árvores. Isso é

rentável senhora doutora? Acha que isso é rentável?” “Depende do ponto de vista” “depende do ponto de vista... e a qualidade senhora doutora, porque as árvores estando apertadas elas fazem uma pré-selecção, as dominadas ficam e as dominantes sobem, disparam, e as dominadas ficam. E eles fazem uma pré-selecção, que não tem ramos, que tem o fuste, tem o tronco direitinho e alto” calou-se, não me disse mais nada. “Olhe, já andei por muitas zonas florestais, mas encontrar um homem que me dissesse o que você me disse hoje nunca encontrei” “mas olhe, eu não sou nenhum especialista, mas a realidade daquilo que já vi, daquilo que aprendi, a realidade é esta

AL: mas como é que propunha que fosse?

S1: tudo bem os 3 metros, mas no mínimo dos mínimos de metro a metro uma árvore [... continua...]

ASi1: nós vamos ter uma assembleia de compartes, não quer aparecer?

AL: eu quero... eu não estou a brincar

ASi1: venha à reunião de compartes no domingo

AL: mas eu posso vir?

ASi1: podes

AL: de certeza?

ASi1: as reuniões são públicas

AL: são públicas... sei lá, eles podem não gostar, não sei

S1: [...] sem ovos não se fazem omeletes doutora. Então dantes tínhamos tudo, tínhamos eiras de malhar as pinhas, de tirar o pinhão, de tirar tudo, até a sementeira era feita a lance, a lance era colher as pinhas e depois tirar o pinhão, a semente, e depois, lançar como quem está a semear centeio ou trigo, assim a olho, assim. Agora olha, agora chegámos ao ponto de para fazermos em linhas de 3 metros de uma para a outra não temos dinheiro para plantarmos as árvores... que é que lhe faço?

ASi1: ...Portanto isto é gerido pelo CD, nós fazemos as candidaturas, submetemos à apreciação da assembleia de compartes e normalmente são aprovadas as candidaturas

AL: fazem com a associação Atlântica ou fazem vocês?

ASi1: nós fazemos em colaboração com a Atlântica, e fazemos também a ASCLI, com a associação do lobo ibérico. A ASCLI, em que nós temos um contrato com eles, temos um protocolo de colaboração por causa da defesa do lobo, em que temos uma determinada área em que... e dão-nos outros benefícios para o baldio. Ele vai fazer também um protocolo, temos um protocolo com eles ao nível da caça, temos um protocolo também com as cercas para animais, damos uma determinada área para o lobo ibérico, para o lobo, e nós proibimos a zona de caça e eles ficam com aquela para protecção ao lobo e nós ficamos com a outra parte. Agora vamos ter também um protocolo para a gestão de 15

hectares do baldio em que eles se comprometem a limpar o monte, a desmatar as árvores, a podar as árvores, a fazer plantações, sob o nosso controlo

AL: a ASCLI

ASi1: a ASCLI sob o nosso controlo. Sob o controlo do CD

AL: e isso não pode trazer conflitos com a malta que tem gado e não sei quê?

ASi1: não porque a pastagem fica livre na mesma. E é tudo também aprovado em sede de assembleia de partes não é

AL: mas se o lobo aumentar... mas tem vedações não é

ASi1: não tem vedações, não precisa de vedações, aquilo para as limpezas, para melhorar os bosques, os bosquetes não precisam de vedar

AL: não, não, não, eu imagino que eles queiram introduzir o lobo, ou reproduzir ou...

S1: ele por si reproduz-se

ASi1: tem muitas alcateias aí

AL: sim, exacto, mas ao criar uma zona em que não há caça, em que não conflitos com o gado

ASi1: não, naquela zona há caça, não há caça numa determinada zona, é uma troca, damos-lhes uma determinada zona para protecção do lobo, e eles dão-nos outras benesses na outra parte, melhoram-nos as pastagens, melhoram os

AL: sim, eu digo é, se o lobo é protegido o número tenderá a aumentar e logo

S1: não é não haver caça, é uma zona que não é para caçar. Se não é para caçar o homem, há mais abundância de alimento para o lobo. Você não tendeu mal, se reservam uma determinada zona que chamam de protecção para o lobo, ali não é para caçar o ser humano

AL: ok, ok, percebi, percebi, há mais alimento para o lobo e ele não tenderá tanto a ir para o gado

ASi1: aquilo também é para não andarem lá naquela zona aos tiros para não perturbarem o lobo

S1: afugentam-no dali, está a compreender, e assim ele está concentrado ali, se não há ali coisas anormais, ruídos e

AL: à partida o lobo tenderá a ficar por ali

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, pôr porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

AL: e tem zonas de protecção especial e assim, ou

ASi1: não, só em Cabreiro

AL: Cabreiro tem...

ASi1: especial... aquilo não é protecção não é nada, proteger, quem é que protege aquilo? Quem é que protege aquilo? Anda lá tudo ao deus dará, há incêndios, há animais, há passagens de gente, protecção de quê? O que é que o parque significa? Nada! Zero! Alguém faz alguma coisa pelo parque? Zero!

AL: pois, mas já foi diferente ou não?

ASi1: sim, antigamente era, no tempo do Salazar

S1: parque natural... quando se fala de um parque natural é precisamente porque não deve ter intervenção humana, não pode cortar árvores, não pode danificar nada do que está lá

AL: sim, mas a ideia de Parque Nacional vem dos Estados Unidos onde há zonas onde não há pessoas.... Aqui não existem zonas sem pessoas, então não faz sentido pensar assim

ASi1: parque só faz sentido com gente, e a gente mora lá dentro

S1: aqui isto está tudo devorado pelo homem e pelo animal doméstico, sem dúvida nenhuma

AL: claro, e isto é a nossa realidade, não vale a pena estarmos a basear-nos em realidades que não existem

ASi1: é muito bonito nós termos aqui o parque e respeitarmos o parque, mas deviam dar-nos alternativas, privam-nos de tudo... não podemos tirar saibro, não podemos tirar pedra, não podemos tirar... então mas afinal para que é que queremos o parque?

AL: mas o saibro é em todo o lado não é? Tem de se pedir licença em todo o lado

S1: é, a questão é que tem de se pedir licença, exactamente

AL: aqui se pedir autorização não pode tirar saibro?

ASi1: não

S1: não lho cedem

ASi1: temos de ir buscar a outra freguesia

S1: eles essa autorização não lha passam

ASi1: o parque existe aqui só para proibições

AL: mas agora têm as ITI, ao menos... não é?

ASi1: sim, foi uma medida boa que veio e que minimizou os incêndios, porque nós conseguimos com as ITI fazer muito trabalho, muitas limpezas, algum aproveitamento de águas

AL: aproveitamento de águas com as ITI, como assim?

ASi1: por exemplo, os bebedouros para os animais. Ainda agora queria fazer aqui em baixo um tanque por causa dos helicópteros carregarem água mas... não posso fazer numa linha de água, não posso explorar água, como é que eu faço?

M: vais lá fazer xixi e

ASi1: portanto tenho que fazer o depósito... tenho que retirar da linha de água, depois tenho uma nascente na linha de água mas não posso explorá-la, portanto quer dizer que tenho uma candidatura, sim senhor, para fazer o tanque para carregarmos os helicópteros e para os carros, para os tanques carregarem. Só que depois como é que eu faço? Encho de pinhas? Não nos deixam ir buscar a água à linha de água, não nos deixam explorar a nascente, como é que se faz? Portanto, é muita gente sem vocação nenhum para as florestas... a mandar no mesmo. É muita gente a mandar no mesmo

S1: o trabalho de gabinete para o terreno não funciona. Uma coisa é a técnica e outra coisa é a prática, e a técnica na prática muitas vezes não se pode aplicar, não consegue. Mesmo a florestação, como é que você vai por ao nível a florestação do sul para o norte? ... não dá! lá eles podem usar o método que eles quiserem que funciona, aqui não dá! Os terrenos são muito íngremes, são inclinados, é muito rochoso, não dá! Lá sim, aquilo é plano, é trabalhado

ASi1: depois dizem-nos assim “façam um furo vertical”. Mas como isto fica longe, a nossa electricidade aqui é diferente, nos nossos montes, temos de ir buscar a electricidade muito longe, leva-nos 5 ou 6 ou 10 mil Euros um ramal de electricidade, e depois temos de fazer o furo, pagar o furo e depois temos de manter o furo todo o ano. Temos de pagar todo o ano o quadro da luz... o contador, de 3 em 3 meses

S1: é como a caça,

ASi1: é muita entidade a mandar

S1: a caça ao pombo ao menos a 100 metros das linhas de água é proibido. No Alentejo isso pode-se aplicar porque os bebedouros dos animais, nesse caso do pombo, são raros, é claro que se você se poe ali à espera que ele venha beber, pois aquilo é um chamariz, aquilo você apanha... mas aqui há água por todo o lado, todas as linhas de água têm água... porquê os 100 metros? Se não sabe se vai beber aqui nesta linha de água, se vai beber àquela, lá é que sim, tem aqueles pontos precisos que é onde eles vão beber, e aquilo na

hora de ir beber se nos metemos ali aquilo é varrer. Aí tem logica, aqui não tem logica, e tudo isso para os outros sectores, aqui não funciona igual, não pode!

ASi1: é muita gente a mandar e não se entendem, e depois se ao menos mandassem bem. Mas não se entendem

ASi1: nós vamos ter uma assembleia de compartes, não quer aparecer?

AL: eu quero... eu não estou a brincar

ASi1: venha à reunião de compartes no domingo

AL: mas eu posso vir?

ASi1: podes

AL: de certeza?

ASi1: as reuniões são públicas

AL: o vosso baldio está metade dentro do parque e metade fora não é?

ASi1: não está bem metade, mas está uma parte dentro do parque

AL: e depois como é que fazem a gerir... cada um está submetido a regras diferentes não é?

ASi1: o do parque está submetido às regras do parque, e a outra não está

AL: na outra podem por eólicas por exemplo?

ASi1: podemos... podemos, tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário

AL: não houve acordo, portanto não chegaram a um acordo entre vocês

ASi1: não chegámos a acordo, portanto entre a Câmara, a empresa que... nós e a empresa que ia colocar as eólicas

AL: ah, a Câmara estava também no meio

ASi1: a Câmara é sempre parte, cheirando-lhe a dinheiro...

AL: e como é que é a vossa relação com a Câmara e com a Junta?

ASi1: ah, isso é bom, eu já fui presidente da Junta vinte e quatro anos, e fui o presidente dos baldios e sou o presidente dos baldios e por isso o meu relacionamento com a Câmara foi sempre bom, tanto com a nossa Câmara como com as Câmaras vizinhas, não tenho problemas

AL: mas sendo que há ali uma vontade de apropriação dos baldios...

ASi1: não, os baldios têm uma lei própria pela qual se regem, os baldios é dos compartes e daí estamos todos à vontade. Agora quanto ao licenciamento de eólicas, dessas coisas, tem de passar pelas freguesias e tem de passar pelos baldios. E não havendo acordo não se fez

AL: como é que está a questão da mini-hídrica⁸?

ASi1: a mini-hídrica está parada, está no ICNF para licenciamento

AL: mas houve uma petição e pessoal a não querer

ASi1: o que eu vejo é que há uma grande falta de informação, e a falta de informação faz com que as pessoas se revoltam, e as pessoas revoltam-se porque são levadas às vezes pelo líder e levada... às vezes até contra a própria vontade, porque eles não sabem do que se trata, chegam lá pessoas a dizer “vão perder os direitos já, vão perder todos os direitos” e as pessoas revoltam-se. Mas se fosse bem explicado eu acho que as pessoas não se revoltavam porque a mini-hídrica não é prejudicial, apenas traziam benefícios para a freguesia

AL: traz benefícios para a freguesia?

ASi1: trazia benefícios para a freguesia. Tudo o que isto... as eólicas e... tem de trazer benefícios, se não trouxesse benefícios claramente que não se deixava construir a mini-hídrica, a mini-hídrica tinha que trazer benefícios e trazia. E os benefícios que eu negocieei, negocieei, não está lá escrito no papel, mas no tempo em que eu era presidente de Junta, presidente dos baldios, tinha negociado com grandes vantagens para a freguesia uma mini-hídrica. Só que depois não houve acordo entre a Câmara, o CD e a Junta e aquilo que eles se propunham a fazer, que era um embalse que era feito no concelho de Monção que nos desviava a água para o concelho de Monção e nós isso não queríamos

AL: e esta aqui dizem também que

ASi1: é esta!

AL: ah, está bem, que poderia reduzir o caudal e

ASi1: claro que há sempre, fazendo uma obra há sempre alterações. Por exemplo... nós temos a mania que somos contra tudo, portanto se há uma fábrica que se instala no nosso concelho, ou no concelho vizinho, somos contra ela, umas 300 pessoas. Depois de a fábrica estar feita, para outras 300 ou 400 pessoas a fábrica é muito boa, acontece isso com as eólicas, a mini-hídrica, as barragens, é-se contra tudo, as pessoas são levadas a ir contra tudo, mas é claro que as coisas fazem falta, e só assim é que funcionam, nós queremos aceder a luz, nós queremos água, nós queremos, então não se pode fazer uma captação de água, mas nós queremos água nas casas, como é que se faz. Queremos um caminho mas não queremos deixar alargar um caminho, como é que passa? Tudo o que é bases não é,

^{8 8} Este é um projecto que deu notícia em 2015, designadamente posta na base de uma luta local contra a Hidrocentrais Reunidas, empresa que pretendia instalar a dita mini-hídrica que traria a diminuição da qualidade de vida da população, alegadamente pela diminuição do caudal do curso de água visado, na aldeia. A notícia era portanto o relato de uma luta da comunidade contra o grande interesse externo e económico. A construção acabou por ser barrada pela APA, que chumbou o projecto após consulta pública.

tudo o que se faz, mexe com bases não é, claro que mexe, não vamos dizer que não se mexa, há sempre alterações, um caminho tem alterações, uma rede eléctrica traz alterações, uma mini-hídrica traz alterações, uma eólica traz alterações, tudo traz alterações, mas para estarmos num mundo desenvolvido temos que também sujeitar a certas regras

AL: pois... e o baldio para as pessoas agora, aqui... qual é a maior importância que assume para a população?

ASi1: os baldios são muito importantes para as pessoas da freguesia, é importante para a extracção de lenhas, de matos, de pedra, para os subsídios, sem eles não podiam candidatar-se aos subsídios. É uma grande fonte de riqueza para as pessoas...

AL: exacto... tem importância para o desenvolvimento local, destas comunidades, ...

ASi1: para o desenvolvimento, para as ITI, para as INP, e sobretudo para as pessoas terem aqui as suas explorações, porque senão não se podiam candidatar aos fundos comunitários, ou dificilmente conseguiam. Porque há pessoas que têm 60, 70, 80 animais, como é que se podiam candidatar? Não podiam... enquanto as leis estiverem assim ainda podem

AL: e essas pessoas não conseguem fazer “sobreviver” essas produções sem os subsídios?

ASi1: não podem, sem os subsídios não

AL: porquê?

ASi1: porque essas raças autóctones... nós aqui vivemos as nossas raças autóctones, que é a da cachena, a do garrano e dos rebanhos, portanto, a cachena é uma raça a preservar, é uma raça autóctone, e os garranos, se nós deixarmos de os produzir acaba esta raça, o que é muito importante. Portanto, depois a cachena, embora seja uma carne saborosa, é uma carne que a carcaça da pouco peso. Pronto, isso para o talho... embora seja uma carne muito boa, uma carne muito gostosa, suculenta, é muito ... rende muito pouco, muito pouco dinheiro, portanto... tem de ser apoiada. Que é para as pessoas que vivem aqui no meio da serra, portanto, nós estamos no PNPG, na dita Biosfera⁹, que eu tenho dúvidas, mas pronto, na Biosfera, e que se nós queremos manter o parque temos de manter esta nossa raça, temos de manter a nossa gente, temos de manter gente no parque... porque o parque sem vida não é parque, tem que ter vida, tem que ter estas aldeias, tem que ter estas tradições, tem que ter os seus usos, eu repito, mas tem que ter estas coisas todas. E portanto há que investir... e um Parque Nacional, nós queremos ter um parque não podemos ter um parque só de nome “parque da Peneda-Gerês, um parque com não sei quantos hectares...” para quê? Só para dizer que temos? Ainda há pouco tempo fui aos Picos da Europa e vi aquilo espectacular, bem trabalhado, bem gerido, que era bem financiado, que era... aqui não, o nosso parque está a morrer, está a cair, a cair de podre... as casas florestais abandonam-se, os caminhos abandonam-se, os trilhos abandonam-se, as

⁹ Refere-se à designação de Reserva da Biosfera pela International Union for the Conservation of Nature (IUCN).

peessoas estão proibidas de tudo e de mais alguma coisa, não queria que se desse dinheiro às pessoas, queria que se criasse condições para as pessoas, criasse um melhor modo de vida, abastecimento de água, em que tivesse acessibilidades, para eles para as casas e para os campos, em que tivesse saneamento, em que tivesse luz eléctrica, em que tivesse... sei lá, um certo número de coisas em que não tivéssemos tantas restrições. Embora sabemos que numa área preservada, reservada, temos que nós também ceder, mas também queremos usufruir de algumas coisas. Porque nós também estamos aqui no meio do monte, queremos ir a um teatro de revista não temos, queremos ir para o aeroporto temos de andar quilómetros, queremos ir para uma autoestrada temos que pagar, queremos ver futebol temos que ir para o estádio que nos fizeram, portanto nós aqui não temos direito a nada. Nós somos portugueses, em relação a lisboa ou ao porto, somos portugueses de 5ª. Não temos direito a nada. Nós estamos a pagar para o metro, não temos metro. Estamos a pagar pelos autocarros da Carris, não temos. Estamos a pagar para os aeroportos não temos. Estamos a pagar para o estádio de futebol, temos que nos deslocar quilómetros para ir ver o jogo, nós pagamos, temos de contribuir, mas não usufruímos. Nós em relação a lisboa estamos, eles estão em 70%, e nós estamos em 30 se calhar. Mas pagamos como eles, pagámos impostos como eles, pagámos como eles. Mas não estamos em pé de igualdade todas as pessoas. Nós vivemos aqui encravados no meio da serra, com dificuldades de tudo, longe de tudo e perto de nada. Ainda nos proíbem tudo, tudo é proibido. Até para tirarmos... quando era presidente de Junta precisámos de... porque as trovoadas, porque as cheias levaram-nos a estrada, tivemos que suportar a estrada e tirámos um bocado de saibro no monte e tivemos de pagar 4000 Euros de multa, isso é um contrassenso, “ah, você tem de ir a outra freguesia buscar saibro”, quer dizer, tínhamos de andar com camiões 20 ou 30 kms para ir buscar saibro, quando temos aqui saibro. Portanto são coisas que não tem jeito nenhum de existir, mas pronto. Proíbe-se sim senhor, agora nada... nos não queremos dinheiro, queremos que nos deem melhores condições de vida. Porque é que da minha freguesia tenho de pagar um táxi para ir para os Arcos, e outros sítios tem metro, tem autocarro, tem comboio, tem tudo, nós não temos nada, somos os portugueses marginalizados, não temos praia, temos de andar kms

AL: bom, mas isso já é outra coisa, vocês têm outras coisas não é

ASi1: não temos nada, porque em troca dão-nos a serra, os rios, mas nós não temos nada, eles não pagam nada para vir cá

[conversa no café de Sistelo no seguimento da reunião de compartes]

AL: [...] olhe lá, então e há muitos lobos por aí, muitos ataques ou não?

S: [alguém diz qualquer coisa que não se entende mas que pela resposta terá dito que os animais dele sofreram um ataque]

AL: foi? E teve aquela ajuda por causa das mortes?

S: e onde é que está?

AL: não sei, é isso que eu estou a perguntar... nunca lhe pagaram pelas mortes das burras?

S: vieram fazer o auto mas não sei se

AL: vieram fazer o auto e? E nada

S: ainda não me chegou nada

AL: ah, quando é que foi isso?

S: há 3 meses

AL: e ainda não... é normal demorar tanto tempo?

S: até alguns demoram anos

[...]

ASi1: é mal pago, é tarde, devia ser pago a tempos e horas, porque nós para alimentar o lobo temos de pagar, se nós vamos a um restaurante temos de pagar, o lobo quer-se alimentar tem de pagar a alimentação do lobo, não somos nós obrigados a manter a alimentação do lobo

S: o parque havia de estar vedado

ASi1: vedado não

S: ah, pois, vedado, e depois eles que...

T: eu acho que o dono dos animais tem de vigiar os seus animais, mais nada

[grande discussão que se gera mas não dá para diferenciar discursos]

[...]

AL: mas antes vigiavam ou não?

Q: não

AL: o gado deixava-se assim no monte também antes?

S: [? *Não se entende*]

AL: mas havia as vezeiras ou não? Que as pessoas iam com os animais ficavam lá, ou não?

S: as vacas ficam no monte, agora os velhos vão e vêm

AL: mas antes, antes... quando havia mais gado, as pessoas iam e ficavam lá não era? Nas brandas e...

S: era, já por isso é que há lá aqueles barracos

AL: pois, portanto havia um controlo maior ou não?

S: também havia mais

T: havia menos animais

X: só o ? tem para aí quê? Umas 800

AL: mas se calhar antes havia mais pessoas com... exacto, só um proprietário

[confusão geral]

AL: agora há menos pessoas com mais gado... não é?

[...]

AL: está bem, então e porque é que as pessoas hoje têm menos animais? Ou há menos pessoas com animais

S: já não há tanto pessoal

AL: já há menos pessoas também não é... pois

ASi1: as pessoas que já não têm idade passaram para os filhos

S: e cada vez menos

Soajo: AS1

AS1: *[para o técnico que cortou as galhas de uma árvore a pedido da AS1 ...não, mas está muito bem, ouça está muito bem. Não querem beber outra? Bebam outra que pago eu, sério, beba lá... oh Bruno traz aí duas cervejas aos senhores, duas Super, ou uma Sagres e uma Super]*

AS1: ora bem, está a ver? Às vezes para cortar umas galhas de uma árvore é uma complicação

AL: ah, teve de ser com autorização?

AS1: é, eu aqui... veja so, isto é... por exemplo, o CD com 5 sapadores, para tirar só umas galhazinhas que estão aí por cima do bar tenho de mandar um ofício ao Parque Nacional, pedir autorização, eles vêm verificar o que é, depois mandam os sapadores deles, porque não confiam... o ano passado até veio um engenheiro com eles... e por acaso no outro dia estavam aqui estes senhores, e aqui atrás estava um pinheiro, estava todo seco, e estavam sempre a cair galhas grandes, portanto é perigoso, nós estamos bastante tempo ali fora, e tive sorte porque senão isto... um ano para cortar umas galhas... isso é a parte chata do parque

AL: e era mesmo só umas galhas, não era tirar uma árvore inteira?

AS1: não, não, não, pode ir ver daqui a bocado

AL: ... este [parque de campismo de Travanca] não tem nada, é do ICNF pronto, é a caricatura da situação actual (RISOS). É, nota-se que aquilo está assim um bocado ao abandono, mas para mim dá perfeitamente

AS1: e limparam o ano passado, que aquilo estava num estado

AL: em termos de vegetação e de caminhos está bom, agora vê-se que as casas de banho não são usadas muitas vezes, não as sanitas, isso está tudo bem, o resto... vê-se que aquilo está um bocadinho ao abandono

AS1: nós quando viemos para aqui há 4 anos... estas casas de banho são do ICNF, e tive de pedir autorização para utilizar... terrível! Porque isto aqui já foi construído em 1978, tivemos de pedir uma autorização deles, tem tudo! Só que entretanto isto fechou e esteve fechado cerca de 5 anos e eles nunca mais fizeram manutenção às casas de banho... nunca mais! Deixaram as portas abertas e ninguém se preocupou em saber se tinha sanita, se não tinha... por isso é que eu digo, olhe, os parques de merendas, isto tudo foi feito pelo ICNF... acabou-se. E eu nem entendo porque é que eles insistem porque muitas das vezes não há dinheiro para telefone, portanto eles não comunicam connosco, a gente pede "olhe precisava que ca viesse para ver uma coisa" "ah, não estamos cá, não há dinheiro para gásóleo"... porque é que insistem? Porque é que não viram costas e deixam-nos em paz...

AL: pois, exacto...

AS1: é verdade

AL: pois, exacto...

AS1: é verdade

AL: eu acho que eles devagarinho estão a fazer isso... agora fala-se de entregar a gestão das áreas protegidas às Câmaras Municipais... e acho que já está em processo, mesmo. Eu não sei em que moldes é que isso vai ser feito, fui a uma sessão de esclarecimento para perceber isso melhor mas não percebi grande coisa, mas pelo que eu percebi vai ser...

AS1: não é fácil de perceber...

AL: não, não é. A AS1 ainda está dentro da Junta, talvez até tenha mais conhecimentos do que eu

AS1: não temos muito

AL: eu perco-me um bocado ali no meio

AS1: não temos muito, e depois temos muitos... é assim, eu estou cá desde 2002 em Portugal e o meu português não é sempre assim muito correcto e às vezes tenho algumas dificuldades em interpretar certas palavras, já falo... agora já falo, há 20 anos atrás não falava assim, mas pronto, tenho-me esforçado. E há muitas coisas que eu não consigo apanhar, e depois ele falam muito por abreviações...

AL: é, é, e siglas e ...

AS1: e às vezes a gente fica a pensar o que é que é isto não é, porque nunca metem, podem pô-las mas por sei lá, em pequenino o que é, para a gente ter uma noção... mas não. Mas também é assim, também se calhar são coisas que não querem que a gente entenda tudo

não é? Porque isto quando vai para as Câmaras, imagine a nossa Câmara, se tivesse a gestão de todos os baldios já viu a fortuna que eles tinham?

AL: pois...

AS1: não é nada, mas na altura, nós aqui, Soajo, quando se vendeu essa lenha toda, estamos a falar de praticamente meio milhão de Euros que não se sabe para onde é que foi o dinheiro, porque é assim, é o que eu digo, as pessoas não têm conhecimentos, não se preocupam, deixam andar, é tudo pessoas mais velhas, é tudo igual, portanto imagine isto numa área num concelho como o nosso... nós gerimos cerca de 50 000 Euros por ano. É mais do que uma Junta; mas é assim também temos muitas despesas que não tem uma Junta; nós só em combustível temos 1500 Euros por mês, só de combustível, mais os homens, mais seguros que são caríssimos... como a Junta não tem. E às vezes dizem assim, “ai os baldios têm...”, sim, e as despesas? Querendo trabalhar não é... mas pronto, a nossa freguesia hoje não está assim muito bem mas como é como eu digo, nota-se que há pouca intenção de trabalhar não é? Se passar aí por baixo nota-se que está tudo assim muito ao abandono não é? Nós nos lugares, não nos compete aos baldios limpar e manutenção... os nossos lugares estão uma miséria, já lá mandei dois homens porque assim não é possível...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

Mas quer-se dizer que nós no primeiro ano tínhamos 200 e tal mil de candidaturas e foi tudo ao ar

AL: no 1º ano que os compartes se organizaram ou no 1º ano que o senhor entrou?

PB1: que eu entrei. E quando entrei fui a ver que ele devia uma média de 30 000 Euros... muito dinheiro

AL: a quem, a empresas...

PB1: a empresas, a advogados, ao estado propriamente, e então eu pensei em entregar esses documentos todos a um advogado e está em tribunal, agora vamos lá a ver. Mas isso não interessa... isso não interessa, mas, quero dizer, os compartes aqui são um bocado complicados, a zona Parque é muito complicada, e a zona Parque a nós não nos favorece nada, porque isto nós temos de andar sempre em cima sobre as novas leis

AL: turismo...

PB1: turismo, então, se for Câmara nem pensar, eles nem falam, “nós vivemos do turismo”, já lhes tenho dito a eles, isso é tudo uma aldrabice o que eles dizem. E se a senhora ler os jornais aqui do concelho, o presidente só fala “apostamos no turismo”... não vejo nada de turismo. Eu o turismo que vejo aqui são os emigrantes que vêm no mês de agosto, não vejo mais nada. A senhora vem aqui no mês de dezembro e não vê aí ninguém fora da estrada, agora ainda vê aí uns carrinhos

AL: eu vim em maio e já vejo uma diferença enorme para agosto

PB1: mas isto... está um bocadinho complicado, está um bocadinho complicado...

AL: e acha que o baldio não vai ter um papel importante nesse aspecto...

PB1: não, porque não tem rendimentos suficientes para se fazer seja lá o que for

AL: nem é possível pô-lo a render?

PB1: depois temos uma coisa muito mal feita, imagine, eu queria fazer um estradão a comunicar um com o outro, são bens florestais, se há um incendio um camião passa de um lado para o outro. Pois mesmo nisso tenho de fazer umas demandas e ainda me dizem “e com certeza que não te vêm aprovadas”

AL: pois... e faz a quem, ao ICNF?

PB1: sim... isso já corta um bocado as pernas, porque antigamente quando se queria fazer um caminho fazia-se, não tínhamos que pedir a ninguém, agora não se pode fazer nada, não se pode, nem um buraco se pode fazer no chão, senão leva uma multa de 3000 a trinta e tal mil, porra! Não se pode cortar uma pedra no monte, a pedra só se pode trazer aquela que está solta

AL: tem de pedir licença, não é isso

PB1: oh, nós fizemos ali uns trilhos, uns caminhozitos lá para a Via Sacra ali, ali ao pé daquela casa, e a capelinha em cima, para fazermos a Via Sacra, houve uma pessoa que nos acusou que nós andávamos a remoer a terra, veio dali o engenheiro, tivemos de mandar logo um *e-mail*

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: e faz-se alguma condução desses povoamentos ou não?

PE1: vai-se fazendo com... tenta-se fazer, embora é difícil [*? não se entende*] porque os custos são elevadíssimos não é

AL: e o ICN não entra nisso?

PE1: o ICN nos últimos anos tem tecnicamente ajudado na preparação das candidaturas e acompanha... efectivamente acredito que o ICN tem no processo um papel qualquer na decisão, de aprovação ou de não aprovação da majoração, devera ter, é um Parque Nacional, há-de haver um critério qualquer, de certeza que há critérios em que diga “está dentro do parque” “ não está dentro do parque”, para digamos assim priorizar candidaturas em termos de decisão. E depois nós vamos fazendo as nossas acções de limpeza e tentar que elas sejam feitas junto dos aglomerados florestais e tudo o mais, para ordenar de certa forma, agora, a limpeza e o ordenamento nestes espaços é extremamente dispendiosa, porquê? Porque tem regras, nós não podemos usar maquinaria pesada, fazer mosaicos como se faz em muitas zonas do país, mosaicos... é impossível limpar a área florestal toda, é impossível, isso inviabilizaria qualquer projecto do ponto de vista económico

AL: devido ao..

PE1: claro, é o declive do terreno, nós é tudo manual quase, poucas são as áreas em que se pode fazer intervenção com máquinas, tractores e... portanto, uma situação que já se vem contando era eventualmente fazer mosaicos com buldózers, máquinas super potentes e que fizessem aqueles quadrados não é, para separar as manchas florestais para se ardesse uma podemos combater ali, digamos assim, diminuir a abrangência por exemplo de um desastre em termos de incendio, mas isso é impossível, não se pode fazer, não podemos, estamos no Parque Nacional, não podemos fazer esse tipo de coisas

AL: ah, por isso?

PE1: é, nós estamos no Parque Nacional não podemos fazer acessos nem esse tipo de intervenções, limitamo-nos aos existentes e eventualmente a abertura de um ou outro mas isso é quase uma situação extrema ou radical. Nós tivemos um incendio aqui em Ponte da Barca que veio até Terras do Bouro que ardeu na Serra Amarela e foi... só não tivemos, depois de semanas de arder é que foi possível meter uma máquina lá e mesmo assim foi quase à bruta sem autorizações porque é muito complicado

AL: estou a lembrar-me de uma notícia que falava precisamente do facto de os autarcas da zona do parque estarem furiosos por não poderem intervir e fazer caminhos

PE1: sim, sim, há muitos registos de incidentes dessa natureza, se procurar na zona do Soajo, nós aqui por exemplo em Lindoso, Terras do Bouro, quer dizer, há muitos incidentes desse tipo, em que os autarcas que são quem está com responsabilidades nessa matéria resolveriam de outra forma se não fosse estarem numa área protegida mas não podem, quer dizer isto tem como é obvio péssima... quer dizer, há que perceber que estamos num Parque Nacional, e eu também entendo que há aqui muitas coisas que têm de se manter diferentes, não podemos tratar tudo igual, senão também não era Parque Nacional, mas há que arranjar um equilíbrio na balança, porque o prejuízo tem sido enormíssimo e eu acho que há mais prejuízo do que beneficio fruto de serem tão extremistas nesta matéria, acho eu, mas isso

AL: por acaso agora, vinha por Espanha, vim de Montalegre e vim por Espanha, e até às tantas pensei “já estou em Portugal?... não!”, olhei para a floresta e vi “isto é Espanha!”, que eles têm uns estradões bem largos no meio da floresta

PE1: pois têm, é isso, é esse tipo de intervenção, e aí de facto

AL: não é a coisa mais estética mas

PE1: sim, mas o problema é que isso tem resultado em termos de salvar mais área florestal, é claro que não é agradável, a mim também não me agrada ver aqueles mosaicos ali só que é muito mais eficaz no combate

AL: e eu até me deu a ideia que eles mantêm aquilo a crescer, que eles mantêm diferentes idades, lá está, o tal mosaico, porque pareceu-me ver lá umas plantinhas, ou seja, pareceu-me que eram pequenos pinheiros e depois grandes pinheiros

PE1: é, sim, isso é uma técnica, aliás isso há informação, a técnica de mosaico não é, é uma tipologia que existe no ordenamento florestal

AL: mesmo para a conservação da fauna

PE1: as grandes explorações florestais utilizam isso porque é como digo, estar a fazer ou pensar que se consegue limpar hectares e hectares e hectares de floresta isso, é que é assim, não podemos esquecer que a actividade florestal é uma actividade económica, e como tal tem de ser, a questão dos lucros e das despesas e que mais, e estar a limpar tudo é impensável. Nós aqui então no nosso território, então aí é para esquecer, não é, isso era para custos enormíssimos, não dá

AL: qual é que é a principal importância do baldio a nível local? Para as comunidades, actualmente?

PE1: neste momento é o garante da actividade pastorícia, neste momento é, não tenho duvidas nenhuma relativamente a isso. A floresta acredito que venha a ganhar mais predominância... quer dizer, tenha um peso mais significativo. Agora nós também nessa área estamos um pouco limitados, por exemplo, fomos e continuamos a ser um bocado abordados pelas celulosas, não é, para, que até apoiam, até fazem contratos de concessão de áreas para o eucalipto, para espécies de crescimento rápido, nós nesse aspecto acabou-se, quer dizer, é para esquecer. O pinhal... não sei, mas o pinhal é a única espécie de crescimento mais rápido que nós podemos explorar, o resto está fora de questão, também temos limitações nessa área. Não vamos fazer uma plantação de carvalhos para... nem de sobreiros nem nada, quer dizer, estávamos 60 anos à espera

AL: e quais são os principais rendimentos no baldio?

PE1: os nossos rendimentos, pronto, a floresta alguma coisa residual, e depois são as candidaturas que temos feito a ITI, neste momento, as candidaturas às equipas de sapadores florestais que vão, embora também com bastante dificuldade, porque também aí houve alteração de regras desde o início, o início em 2005 era uma coisa, depois até meio do ... do [*? não se entende*] mudaram as regras e agora as equipas são subsidiadas a 35000 Euros. 35000 Euros que digamos assim, em termos globais dá para 50% do custo associado à manutenção de uma equipa dessas, nós temos que ganhar já o resto não é? O que não tem sido fácil, não é, não temos onde ir buscar recursos, tentámos fazer protocolos com outras entidades, com as Câmaras, as juntas e não sei que, a ver se conseguimos. Para já penso que consegui manter mas não sei até quando. E depois fora isso, olhe, nós não podemos fazer contrato para a exploração de inertes, nós não podemos fazer contratos para a exploração de energia eólica, nós não podemos fazer contratos com empresas de celulose e tudo o mais, que querem e estão interessados e pagam e não sei quê, também não podemos. Está a ver a nossa limitação na manutenção de todo o tipo de recursos não é? E essas limitações são do quê? São pelo facto de estarmos no Parque Nacional... não é? Pronto, aquilo que nos vêm dizendo, e eu acredito que sim, que nós temos sido privilegiados na questão das ITI e tudo o mais, que é uma medida que privilegia a zona do Parque Nacional e tudo o mais, mas elas não existem só para aqui. Ou seja, tudo bem que eu até acredito que sim, que pronto, que se tenha um benefício por aí, mas não acredito que seja suficiente, ou seja, há que limitar, eu sou da opinião que sim senhor, nós temos de ter estas limitações, mas isto tem de ser pago por alguém, por exemplo a energia eólica, agora já nem se fala tanto mas houve aí uma altura, houve aí um momento em que

se nós, se aqui as entidades da zona do Parque pudessemos aderir, porque até no anterior plano de ordenamento não era clara a limitação, mas no outro já foi, quer dizer, energia eólica dentro do território do parque... exclusão! No anterior plano não vinha lá isso mencionado, o que é certo é que eu sei que entraram n pedidos de autorização e eles andaram ali a enrolar mesmo naquilo, não sei que mais, até que aquilo deu em nada. E depois na revisão colocaram lá a limitação nessa área. Plano que foi aprovado com voto contra dos 5 municípios... penso que foram os 5, contra os 5 municípios da área do parque, por alguma coisa foi

AL: o plano não era aprovado pelos municípios e foi para a frente?

PE1: o plano de ordenamento é um instrumento [*? não se entende*], mas que colheu pareceres dos municípios que integravam o Parque Nacional e todos eles votaram contra à sua aprovação, mas pronto, não dependia, não era vinculativo ao...

AL: e os CD também tinham palavra...

PE1: sim, nós também fizemos, fizemos exposições na altura a contestar, questões que tinham a ver com a caça, com a pastorícia, com a exploração dos materiais, das lenhas, de não sei quê para uso próprio, fizemos várias reclamações, a caça também, mas pronto, algumas coisas mudaram em termos de... porque o documento inicial tratava quase de forma igual todas as pessoas, vivessem ou não vivessem dentro da área do parque e nalguns aspectos houve ali alguns melhoramentos não é, na não necessidade por exemplo de obtenção de pareceres para recolha de lenha para consumo próprio ou das populações, porque inicialmente isso vinha lá também, a excepção por exemplo de algumas coisas de pedidos de parecer dos residentes que também não estava prevista de início, pronto, há uma série de coisas que melhorou, mas no essencial e nestas grandes limitações, não houve abertura nenhuma. E eu estou convencido quer dizer, que mesmo as Câmaras e as juntas e os CD dos baldios, seriam receptivas se vissem que estaria a ser criado um mecanismo de compensação por as limitações criadas pelo instrumento, mas isso não foi tratado, a única com que nos acenaram, digamos assim, foi com as ITI, só que pronto

AL: pois... sobra dinheiro das ITI?

PE1: as ITI dão para fazer uma gestão interessante. Uma das dificuldades que existe na gestão das ITI e mesmo destes projectos para a recuperação do património e tudo o mais, é que depois nós ao entrarmos numa logica de concursos públicos, empresas públicas e coiso, para organizar todos esses processos, não podemos fazer administração directa, e eu sei que, pronto, a administração directa há aqueles riscos disto, daquilo de fazer, mas a experiencia que eu tenho ao longo dos anos é que resulta sempre num prejuízo, num gasto superior o facto de estarmos dependentes de dinheiros públicos, situação que impõe condições à gestão que por vezes não têm o melhor dos desfechos ... porquê? As empresas que podemos contratar têm que ser empresas preparadas para isso, são empresas que se preparam a serio para isso e que depois praticam um preço muito superior e exclui à partida empresas menores daqui da zona que podiam fazer o trabalho, é um custo menor mas que não tem os certificados de não sei quê, não tem aquilo que têm as outras grandes que se preparam e depois quem comanda os preços e quem dita os preços são as grandes empresas que se preparam para isto, que já sabem quanto é que as entidades recebem por área, por isto, por aquilo e pronto

AL: então e se vocês recorrerem uma das pequenas não estão conforme?

PE1: pois, porque as empresas têm que cumprir determinados pressupostos, desde já têm que estar registadas numa plataforma electrónica, não sei quê, não sei que mais... e os nossos pequenos empresários... porque é assim, estamos a falar de limpeza de mato, estamos a falar de... que até nós por administração directa poderíamos dar ali às pessoas e não sei quê, mas cada vez estamos mais limitados nessa...

AL: é que eu conheço alguns baldios que adquiriram um tractor e

PE1: pois, nós também temos, nós também temos tractor, e nós fazemos algum trabalho, ainda vamos fazendo, e as ITI ainda dão alguma margem para fazer esse tipo de gestão, mas depois quando partimos para projectos de reflorestação, projectos para recuperação de edificado e tudo o mais, aí já a coisa muda de figura, porquê? Porque somos obrigados a abrir um concurso público, a registar numa plataforma electrónica, as pessoas têm que concorrer por esse meio. Aliás tivemos aí algumas chatices nos procedimentos no início, porque as pessoas não estavam a contar com isso e depois foram levantadas questões pelo IFAP e pela Direcção Regional de Agricultura nesse sentido

AL: então as empresas acabam por vir se calhar das grandes cidades...

PE1: vêm de fora

AL: aí, essa não sabia

PE1: não sabias. Isto tem sido reclamado, não sei agora quais são as indicações que os serviços da direcção geral de florestas têm nesse sentido, nós tivemos, há coisas absurdas quer dizer, depois as entidades, estas entidades não têm sítio na internet, não têm página... depois como é que se vão registar numa plataforma electrónica que tem despesas associadas, nós aqui o que é que fizemos, a Câmara na altura também já tinha notado isso e como a entidade contratou, digamos assim, a plataforma electrónica para este fim, incluiu a autorização a alguma entidade para a usarem porque senão, quer dizer, cada entidade por si a ter que fazer esse procedimento... é assim a sensação que dá é que muitas destas coisas aparecem e criam um conjunto de pessoas à volta que se organizam para tirarem proveito daquilo, e isto não é controlado, e eu sei que por administração directa, por um lado chegava-se a dava-se oportunidade a pessoas de lá poderem ganhar algum dinheiro com isto com o seu trabalho e poupava-se recursos, mas pronto

AL: e era uma forma de criar emprego local

PE1: sim, e algum sustento para as pessoas não é

AL: matava-se uma data de coelhos de uma cajadada só

PE1: mas a filosofia que incrementou nisto não está com isso

AL: o foral está todo inserido no Parque?

PE1: todo, 100%

AL: então também tem os mesmos problemas de produção?

PE1: tudo igual

AL: e a floresta também não é muito...

PE1: não, é igual, em termos daquilo que eu já lhe disse, eu falei no conjunto, os problemas são os mesmos, e as áreas são contíguas também, uma mais, digamos assim, mais para o vale e a outra mais de montanha, a foral mais de montanha, o baldio mais encostado ao vale

AL: [...] a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta, a Câmara, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a Câmara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a Câmara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que [? *não se entende*] e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou

à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... não há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações [*? não se entende*], até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem

que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negócio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

AL: ok, e vocês para fazerem as candidaturas têm uma ajuda?

PE1: é o ICN

AL: isso é engraçado, nunca tinha ouvido que o ICN ajudava nisso

PE1: não, ajuda, ajuda, e ajudou, aqui tudo o que é zona do parque, os técnicos do ICN, se não agora todos, porque houve alguns que também se afastaram, também o volume de candidaturas é tanto, entraram outras associações, que também se organizaram, por

exemplo, a ARDAL, pronto, há um conjunto de associações de apoio aí, que se organizaram e que foram também prestando esse apoio não é, mas na fase inicial por exemplo do aparecimento dos [? *não se entende*] os do parque trataram de tudo

AL: pois, por exemplo, lá em Montalegre é muito o SBTMAD...

PE1: sim, é o que eu digo, a partir de determinado momento começam as associações também a saber, e depois também o Parque, isto ganhou alguma escala, e tinha dificuldade em fazer tudo, e então aparecem estas associações que também não trabalham exclusivamente com o Parque, por exemplo, temos aqui o Gabinete agrícola da Câmara que também dá o apoio técnico

AL: ah, pois é, a tal Estrutura de Apoio Local não é? Ou local de apoio

PE1: isso era a ELA que era a estrutura que avaliava, mas isso era em Braga, mas por exemplo, as Câmaras têm gabinetes de agricultura, todas elas e dão apoio técnico nisso, submissão, preparação de candidaturas, depois há aqui algumas associações locais, por exemplo a ARDAL e há outra... a Atlântica

AL: e há uma cooperativa

PE1: pronto, e há a Cooperativa Agrícola, todas estas associações dão apoio técnico a estas entidades todas

AL: pagando?

PE1: sim, se sairmos fora do contexto ICN ou Câmaras, tem que se pagar

AL: claro... claro...? É normal...elas existem

PE1: claro. Elas formaram-se... é isso

AL: pois. Disse-me que a ELA é em Braga, eu percebi que a ELA era composta por várias associações/entidades

PE1: a ELA é um organismo criado na altura em que surgiram as ITI, foi criada, digamos assim, por um organismo, que é a ELA, a Estrutura Local de Apoio, que incluía elementos de várias entidades, a Direcção Regional de Recursos Florestais, ..., e que era, digamos assim um organismo que validava, digamos assim, e que de certa forma, davam critério, criteriava, as candidaturas e o interesse e a necessidade de, que não sei se agora ainda está activa ou não, e que era composta por técnicos das associações, movimentos de associações ligadas aos baldios, era do Parque, era da Direcção Geral dos Recursos Florestais, pronto, eram vários técnicos, era composto, aliás a Lúcia fez parte da Estrutura Local de Apoio, o engenheiro Carlos Pinto também, a engenheira Luísa que não sei se já se terá reformado, da Direcção Regional de Agricultura, tem uma serie de técnicos

Falo das diferenças entre os baldios de dentro e de fora do parque...

PE1: aliás, ali em Arcos já pôde ter essa perspectiva, há ali freguesias que estão dentro e outras que estão fora

AL: sim, e depois há outras que têm o baldio metade dentro, metade fora, então chegam a ter dois tipos de gestão dentro do próprio baldio

PE1: é, é um fenómeno que diferencia muito, o estar dentro ou fora diferencia muito o tipo de gestão

AL: pois... depois há uns que estão na Rede Natura na zona de Montalegre e neste lado também provavelmente, que têm o bom do Parque e o bom de estar fora do Parque, porque não estão no Parque... ou seja, têm as ITI e têm as eólicas, basicamente

PE1: pois... sabe que as eólicas foram, agora não sei qual é, digamos assim, como é que se separa, como é que esses processos, se a evolução foi positiva, muito positiva, ou se estagnou, mas na altura claro, isto diferenciou muito o investimento nos territórios, porque quem tinha acesso a esses contratos com produções eólicas teve o dinheiro para fazer muita coisa, e os outros acabou... mais tarde vieram as ITI e, pronto, era aquela questão que era anunciada de que aquilo ia de certa forma compensar os prejuízos por não terem a... mas aquilo visa a manutenção... o que é que dizem as ITI? As ITI é a manutenção de um conjunto de condições que permitem que isto tenha características para ser um Parque Nacional e tudo o mais, e então é isso, não é mais nada além disso, porquê? Porque isto é parque, para que se mantenha a pastorícia, porque isto é parque, para que se mantenha a floresta, porque isto é parque, para que se mantenham determinadas coisas, e as ITI visam que isso se mantenha minimamente, não é [*? não se entende*] mesmo nenhum que compense pelo não acesso a outro tipo de fontes de rendimento, pronto, vamos lá a ver... do mal o menos, quer dizer, eu do mal entendo que... agora não sei, por exemplo não se sabe o que é que vai ser feito das ITI daqui a...

AL: pois, se acabam as ITI

PE1: à partida, mas não se sabe, se isto se mantiver vai permitindo a manutenção de um conjunto interessante de actividades, se isto cair, por exemplo, se acabarem, não sei. E entretanto quem fez os contratos para a energia eólica vai manter, quem fez os contratos... quer dizer, percebe... vamos ver

Germil: PG1

AL: pois, qual é que é a... desculpe interromper, qual é a relação que vocês têm com o parque ou com o ICNF, como compartes e como...

PG1: é assim... o parque, o ICNF agora, mas antigo parque embora toda a gente

AL: continua com o parque, parque...

PG1: a relação já foi assim-assim, foi menos boa, ou má, nessa altura em que quisemos levantar os parques eólicos... neste momento não há parque, não há director, digamos, parque enfim... somos nós que dizemos. A relação com alguns técnicos, e essencialmente com os técnicos que andam mais por aqui, neste momento é boa porque também se percebe que o parque, aquilo que nós... aquela...sei lá, aquela imagem que tínhamos do parque neste momento percebeu-se que o parque nada mais era do que um órgão que recebe, que é subordinado, digamos, subordinado, portanto as ordens vêm do nosso

governo. E eles até agora, para nós percebermos melhor isso, não há director do parque, não há... não há nada não é

AL: pois, agora é assumido que assim é, é assumido que vem lá tudo de Lisboa

PG1: portanto mais uma vez se percebeu que são os nossos governos que assim querem e... havia aquela ideia “é o parque” e não sei quê... vamos lá a ver, o parque... é, é mais um subordinado do governo

AL: pois

PG1: do ministério da...

AL: e essa mudança para deixar de haver um director do parque e passar a haver um director das florestas do norte, não é? E das áreas protegidas do norte, foi pior ou...?

PG1: foi, foi pior. Nós pelo menos tínhamos a possibilidade, embora... e nós percebemos isso ainda com o ultimo director... o ultimo não é, não houve mais

AL: o Lagildo

PG1: sim, o Lagildo. Percebemos isso, que eles pouco podiam fazer... pouco podiam fazer, não sei se faziam se... nós até às vezes achávamos que não... era levar as nossas pretensões a Lisboa, não sei se o faziam. Se calhar alguns não faziam, outros fariam. Mas em Lisboa, elas se lá chegavam digamos... morriam ali na gaveta, se lá não chegavam... também não chegavam, mas de qualquer forma, mesmo se chegassem não me cheira

AL: então acha que estar dentro do parque acaba por ser uma coisa não muito positiva para vocês...?

PG1: não... de momento... é assim, quando a nós, Germil, não temos nada positivo. Agora vem-me dizer “ah, vocês podem se candidatar às ITI, fazer melhoramento das pastagens e...” sim, mas se não estivéssemos dentro do parque tínhamos uma fonte de rendimento ainda maior, dentro de uma área protegida... voltamos sempre ao parque, tínhamos o poder, ou tínhamos possibilidade de ter outras fontes de rendimento, mais fiáveis, porque isto depende sempre do político não é? Hoje há, amanhã não há, nós sabemos como isto funciona. Portanto... enfim, não temos nenhum benefício, digamos, por isso

AL: pois... a floresta aqui não será muito bem vista, ou será? Imagine que agora de repente o baldio agora decidia, o baldio isto é, os compartes decidiam... decidiam não, propunham uma florestação, aqui a população acha que ia estar de acordo, ou...

PG1: é assim, feita pelo baldio sim, agora se falasses que o ICNF ou pelos SF vir cá fazer.... Não. Isso as pessoas continuam mesmo assim a ver isto como um património que lhes pertence e que deve ser gerido por elas, por nós, não é, por nós... compartes e não pelo... digamos por nenhum órgão exterior

AL: pois. E o facto de a floresta tirar área de pasto não seria...

PG1: não, até porque já não há muitos animais e como já não há muitos animais... claro, que se quiseses cobrir tudo, aí pronto, se calhar é natural que as pessoas queiram

continuar mesmo assim, aquelas que podem e que querem ter os seus animais. Mas, mesmo o projecto que fizemos e que foi dado a conhecer e não houve oposição nenhuma...

AL: já não há quase animais...

PG1: não, não.

AL: quando muito vão buscar lenha não?

PG1: lenha, num caso ou outro, depois também há aqueles que também vão buscar a pedra

AL: pois, já percebi que a pedra é mesmo aqui uma luta

PG1: aqui também já nos tentaram impedir, ou tentam impedir, de qualquer forma eu sou contra, eu acho que as pessoas devem continuar a tirar a pedra como sempre tiraram, para as construções locais, claro, e que tem sido feito

AL: mas já me disseram, eu ainda não percebi muito bem, mas é possível pedir licença e conseguir ou não...? Ou não se consegue licença dentro do parque?

PG1: licença não, porque o plano de ordenamento do Parque Nacional não prevê que seja extraído, que sejam extraídos inertes. Aquilo que dizem era “só se for pedra solta”, mas nós sabemos que qualquer pedra que está sempre na terra, solta só se for uma pedra deste tamanho. Se está pousada na pedra, digamos, já não é considerada solta. Nós, e o que me vale disso é que, neste momento como presidente do CD e antes, que não era, mas até mesmo na Junta, sempre me debati que as pessoas para fazer os seus muros, já nem digo bem as casas porque as casas já, as pessoas já nem vão buscar a pedra, mas às vezes para os muros, para os sítios à roda das casas, porém daquelas lajes, acho que devem continuar a trazer. Claro que também não concordo fazer grandes escavações ou criar ali alterações

AL: sim, não é propriamente uma empresa que vai agora começar ali a

PG1: não, é uma pessoa que vai ali com um tractor e que, pedras pequenas, não vai escavar...

AL: pois... aqui há ataques do lobo? Agora lembrei-me por causa das burocracias...

PG1: não... existe lobo, de vez em quando aparece um ou outro animal morto, mas não há assim aquele... um ambiente...

[toca o telefone de PG1; atende]

AL: [...] E agora falando disso e do PO, vocês estão na modalidade b) não é? Que é com a cogestão com o Estado ou não? Ou isso não existe já quando...

PG1: com o Estado não... com, sim... com o antigo PNPG, porque cogestão...

AL: ok, quando havia o parque... sim, quando digo com o Estado quero dizer com os SF, porque o que eu tenho vindo a perceber é que ao início quando começou o processo de entregar os baldios às comunidades no pós-25 de abril, na altura deu-se a possibilidade de as comunidades manterem uma cooperação com o Estado na gestão da floresta, porque as pessoas não estavam habituadas a gerir floresta não é, pelo menos daquela forma produtiva, ou manterem-se em autogestão. E a maior parte preferiu a cogestão com o Estado precisamente por causa disso, e porque teriam apoio técnico na floresta. Mas isto foi inicialmente, mas entretanto mudaram as leis em 1993 e agora em 2014, e hoje eu não sei se ainda há esta possibilidade de se escolher autogestão ou não

PG1: não, de escolher...

AL: já não há?

PG1: não, o Estado assume-se como... (RISOS) pronto, o Estado neste caso que era... falando nós aqui do Parque Nacional, quando no ex-Parque Nacional era Parque Nacional, a figura que aparecia, não é, mas aparece sempre como cogestão, embora às vezes há aquela oposição das pessoas "ah, mas não tem de ser". Mas é uma verdade que é importante o apoio técnico não é, os baldios não têm condições para ter técnicos nem nada

AL: claro... mas o apoio existe?

PG1: vai existindo, algum

AL: tipo o quê? O que é que eles fazem?

PG1: é assim, na questão do... tipo, quando há candidaturas a projectos por exemplo e etc., isto... vão por trás, têm lá um técnico do parque que é o engenheiro Carlos Pinto

AL: já ouvi falar mas ainda não o conheci

PG1: pronto, quanto a mim é das pessoas mais educadas que eu já contactei aqui dentro, que eram do Parque Nacional, agora ... bom, mas a gente relaciona sempre com o Parque Nacional. Mas então é ele que nos dá o apoio, que nos informa, há esta possibilidade, pronto, ele está sempre, entra sempre em contacto quando nos ajuda, quando é das candidaturas, ou quando há atrasos de pagamento a gente fala com ele e ele tenta saber porquê, pronto, vai dando aí algum apoio, mesmo na realização de obras que se façam ele vai ao local ver se precisam de alguma ideia, técnica não é... quando é necessário vai ao local, pronto, é uma pessoa espectacular. Por isso eu digo, na má relação neste momento há uma ideia melhor do Parque Nacional, que não existe mas do ex-parque, da área protegida, porque pronto, pelo menos há uma pessoa que está, que colabora, que está sempre... ligar, se for preciso ligar a um domingo por uma dúvida, ele atende, nunca... portanto, ele já é mais do que um simples funcionário, funcionário, pronto, de um técnico do ICNF, ele já é mais... é quase uma pessoa amiga que está ali e que ajuda não é, e isso é importante.

AL: claro, claro... eu sei que há alguns baldios que estão à procura de conseguir a autogestão, ou seja, que antes estavam em cogestão ou em cooperação com o Estado, e que agora por sentirem que... porque depois nos cortes de madeira o Estado fica com 40%

PG1: é, é...

AL: e então as pessoas que sentem que não estão a ser acompanhadas pelo Estado, as pessoas, isto é, os baldios, alguns estão a pensar que assim não vale a pena e estão a procurar pedir a autogestão, portanto deixar de estar vinculado ao Estado. Vocês aqui não sentem...

PG1: para já não, para já não. É o que eu digo, não temos floresta, pronto, e para além disso... agora... também já pensei nisso, hoje é um técnico que está aí que... ok, está sempre pronto para... mas, e depois? Ali já estamos a falar de uma vontade praticamente... para além de... da obrigação, não é, porque é um técnico que está ali que está ao serviço, tem vontade própria de colaborar, mas outra pessoa que venha a seguir se calhar não vai ser assim, a relação pode-se azedar, nunca sabemos

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Este baldio tem uma zona de protecção total que abrange 1000 e tal hectares. Portanto o baldio tem 4000 e tal hectares, dos quais mil e tal corresponde a zonas de protecção total, nas quais os compartes, portanto as pessoas que usam o baldio, têm direito a entrar lá, mas há muitas limitações nessa entrada. Por exemplo, se um pastor tem cães os cães não podem entrar nessa zona – deve ser por questões de poderem perseguir ou caçar certos animais que serão eventualmente protegidos por lei – não se pode fazer lá ajuntamentos de pessoas, por exemplo um churrasco ou um piquenique, não, são zonas que são vedadas à partida, mas se algum pastor tiver que se deslocar lá para ir buscar uma vaca que foi para lá – as vacas podem ir – ou qualquer coisa, poderá aceder. Mas são zonas com alto nível de protecção. Portanto, esta questão de só poderem entrar nessa área com certas restrições concretiza-se no facto de os compartes – pastores etc. – só poderem entrar em questões que tenham a ver com as actividades tradicionais, só esse tipo de entradas é que é permitido nesta zona de protecção total.

Assim como tem havido pressão das Câmaras para virem gerir os baldios, e o que eles querem, segundo o Sr. Secundino é precisamente a gestão das águas. Porque nestes baldios do parque não se pode ter eólicas, não podem produzir celulose etc. Mas contudo têm boa água e água ainda por cima já gerida e então a Câmara tem vindo a pressionar nesse sentido e tem vindo a tentar também tomar controlo dos baldios. E também pelos fundos comunitários que se conseguem com estes baldios em áreas protegidas, que são ainda bastantes não é, pelo menos até agora têm sido. Portanto há um interesse da parte da Câmara para com os baldios e para com os recursos dos baldios. Como ele diz, as Câmaras estão falidas e portanto o baldio aparece-lhes como uma fonte de receitas bastante interessante.

Uma coisa que ele disse que eu estranhei um bocado foi que é o Parque quem gere as candidaturas aos fundos comunitários, portanto às ITI. Que é o parque na pessoa do Carlos Pinto. Eu falei-lhe da Atlântica, do SBTMAD, e ele disse ‘então mas o Carlos Pinto também trabalha na Atlântica’. E eu até acredito, aliás eu lembro-me de qualquer coisa que a Sandra disse que a atlântica é especial nesse sentido, trabalha com o parque, ou uma coisa do género. Trabalha com o parque, portanto se calhar hoje em dia tem outros tipos de trabalho mas se calhar inicialmente surgiu para dar apoio nestas questões das candidaturas que são principalmente relativas a zonas protegidas e ao PNPG. E portanto

ele diz que oficialmente é o parque que faz as candidaturas. E inclusivamente em tempos o parque entrava com dinheiro, mas em tempos o parque foi bastante interventivo e geria dinheiro em prol das comunidades locais e da gestão do território do parque. Isto até está conforme o que tenho ouvido em outros baldios.

Em Lindoso estão em cogestão com o parque, por acaso esqueci-me de explorar essa parte, estão em cogestão na gestão dos baldios e o que se verifica é que não há... ou seja há muitos deveres para quem cá vive, e eles têm-no feito bem, têm defendido o nome do parque e da área protegida, eles as pessoas que cá vivem, e contudo o que se verifica é que é só deveres, deveres, não se cria uma situação que venha em benefício das populações, não há... como ele disse 'a gente aqui só vive do nome do parque, mas não vemos benefícios por isso'. Não há portanto um investimento da parte do ICNF e do parque para que as populações, por estarem subjugadas, digamos assim, a esta situação de estarem extremamente limitados em muitos lados, não há um contrabalançar disso.

Quando falo da lei dos baldios ele aponta-me logo a questão dos compartes. Ele diz-me também agora nesta altura que é no parque sobretudo que se manteve uma ideia de propriedade comunitária e uma utilização da mesma nesse sentido, eu perguntei porquê no parque, o que é que foi diferente em relação às outras zonas e ele diz que, por exemplo as pessoas tiveram que lutar, por exemplo, na altura da floresta, mesmo isso contribuiu para que as pessoas mantivessem uma espécie de outro modo de estar, mais em comunidade, na medida em que lutaram contra a ditadura, lutaram contra os efeitos da florestação e contra a entrada da floresta nos seus baldios e isso como que lhes deu outra forma de estar, com laços mais fortes, talvez, no interior da comunidade. Como ele diz 'o povo organizou-se para lutar contra a ditadura, portanto, contra a floresta, o que levou a criar laços e outra maneira de estar'. Por outro lado, o facto de se estar longe dos centros urbanos, tudo isso contribuiu para que se mantivesse esta maneira de estar mais comunitária. Eu perguntei, então mas espere lá, nas aldeias fora do parque também entrou a floresta, não houve uma luta também da parte destas aldeias face à floresta e ele diz que 'ah, mas aí a floresta estava entregue à Câmara e às Juntas, não havia compartes'.

Por outro lado ele lamenta bastante que não se possam pôr eólicas no parque, para ele não faz sentido que dentro dos limites do parque não se possam pôr eólicas, mas naquela aldeia logo ali ao lado, colada à fronteira já se possa. Percebe que não se possa pôr na zona de protecção total, isso ele até percebe, agora na zona de protecção complementar não se haveria de poder pôr porquê? Logo ali ao lado está uma no vizinho. Para ele não faz sentido."

Ele no futuro do baldio, o que é que ele vê, ele vê que, por exemplo, se deixarem de haver ITI, se deixarem de haver subsídios para limpeza e tudo o mais ele diz que tem de ser o parque a ajudar e a investir, que não faz sentido isto ser Parque Nacional só para inglês ver. E as pessoas vivem cá dentro, têm muitas limitações por estarem a viver num parque, então se deixa de haver fundos comunitários tem de passar a haver algum investimento da parte do parque novamente, como já houve. Para ele o futuro do baldio vai ter de passar necessariamente pelo turismo sazonal. E eu perguntei, turismo sazonal, então e como é que é no resto do ano? Ele responde: "... é que isto nas áreas classificadas, não estejamos para aqui com ilusões, em áreas classificadas não há volta a dar, então, não se pode fazer plantações, não se pode pôr eólicas, não se pode fazer produção, no que é que a gente se

vai basear? No turismo, é que não há mesmo volta a dar. Claro que há sempre o pastoreio não é, mas mesmo no pastoreio andam a cortar em prol da conservação... ou em prol de poupar dinheiro, não sei.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: mas têm floresta ou não?

TC1: alguma floresta, não é significativa... digamos, floresta com vocação para a exploração que é o pinheiro... aqui não há eucaliptos

AL: epa, eu vi foi o monte cheio de acácias, tantas, tantas, que infestação

TC1: ah pois, por onde passou, daquele lado. Portanto o pinhal é diminuto, temos é floresta de carvalhos e de medronheiros e que não é para a exploração florestal. Em relação ao medronheiro temos um plano de, para começarmos este ano, com a exploração de recolha de fruto e de valorização de fruto e também de lenhas através do desbaste, porque é uma floresta muito densa. E vamos procurar voltar ao maneio que se fazia antigamente. Depois com a chegada do Parque Nacional houve uma serie de restrições e, neste caso claro até... as restrições até acabam por ser fruto do condicionalismo que é imposto para as práticas porque é necessário pedir autorização para um conjunto de práticas, e claro que... e as pessoas muitas vezes desconhecendo ou até dificuldade de redigirem um requerimento ou de fazerem uma exposição, isto leva a que as pessoas se abstenham de o fazer

AL: e têm também, também usufruíram das ITI?

TC1: sim, foi através de... aliás, foram as ITI que nos vieram desafiar, ate porque havia uma certa relutância em aceitar fosse o que fosse do Parque Nacional, aqui criou-se uma aversão grande a tudo o que era administração ou gestão do Parque Nacional. Mas com as ITI foi criada a estrutura local de apoio (ELA) que fez um bom papel e era importante que continuasse, é pena que tenham mudado da forma radical como mudaram, mas esta primeira... há dois... no quadro anterior, não, no penúltimo... houve uma aproximação, fizeram-se aqui umas intervenções mínimas, dirigidas... no fundo o que se passou foi... foi essa ELA definiu o que é que era importante fazermos e veio propor a realização dessas actividades com a garantia que não havia custos e o beneficio era obvio

AL: quando está a falar de actividades está a falar de limpezas, e... plantações se calhar...

TC1: sim, no âmbito das medidas silvoambientais e ali era para protecção de núcleos, tanto de pinhal como de carvalhal, foi uma primeira intervenção

AL: ai também de pinhal?

TC1: sim, foi uma primeira intervenção... no último quadro é que... até porque essa primeira experiencia correu bem, eu sou só presidente da associação há 4 anos, e então como a anterior direcção me explicou que havia... que tinha corrido... da forma como tinha

corrido essa primeira experiencia, avançámos para uma segunda, e nesta segunda fomos nós que conduzimos o plano de... a realização do plano de gestão

AL: ah, sem qualquer ajuda da ELA ou foi com uma associação?

TC1: não, com a ajuda deles mas nós contratámos o serviço de uma associação local... distrital de produtores, que é a ADEFM, a associação de defesa da floresta do Minho, e a quem expusemos... porque entretanto veio uma proposta de plano de gestão que foi registado, porque entretanto havia ali algumas actividades com as quais não concordávamos, aquilo foi a nível nacional, se não era chapa 5 era quase e... havia ali algumas coisas com as quais não concordámos e outras que pretendíamos e que não estavam lá contempladas, então rejeitámos esse plano que foi feito e fizemos a revisão de acordo com o que era nosso interesse e com base nisto fizemos nas ultimas ITI... o plano foi elaborado por nós, ao contrário do primeiro em que a ELA apresentou “era bom que fizessem isto...”

AL: ah, eu achava que tinha de ser sempre assim, pois

TC1: pronto, aqui fomos nós que fizemos ao contrário... “queremos fazer isto”, e apresentámos, fizemos o plano e foi aprovado... até porque estava de acordo com o plano e entretanto envolvemos também o engenheiro do Parque Nacional que está também nessa estrutura

AL: o Carlos Pinto?

TC1: o Carlos Pinto, e ele também, claro, foi dando o apoio, aliás eu lembro-me, quando estávamos a fazer a candidatura para os investimentos não produtivos (RISOS) é um episódio castiço em que pela primeira vez me sentei, eu contava ao resto ..., sentei-me ao lado do inimigo, eu dizia-lhe “quero isto” e o inimigo “sim senhor”

AL: (RISOS)

TC1: (RISOS) estar sentado na secretária, na mesma secretária... então estávamos lá na plataforma a fazer aquilo online, e ele estava a marcar onde é que se ia fazer a limpeza de trilhos, a recuperação dos abrigos e bebedouros e dos currais, e então “vamos fazer isto assim...” e tal... e então ele... eu é que lhe expliquei, porque tínhamos feito uma reunião previamente e tínhamos já as coisas definidas e... mas foi, foi castiço essa... enquanto que até aqui temos andado... “nós queremos ver isto...” (RISOS)

AL: exacto, houve uma mudança de papéis

TC1: e foi... neste último projecto, tivemos um... aliás, tivemos dois projectos, um INP e outro no âmbito das medidas agro e silvoambientais... nas agroambientais fizemos a valorização de pastagens e nas silvoambientais fizemos limpeza e adensamento e noutros sítios fizemos a plantação em áreas que já tinham ardido há uns anos atrás e aí fizemos... uma delas, essa tal experiencia que lhe contei dos sobreiros

queria só agora perceber melhor aqui a questão do foral, portanto na altura os terrenos foram cedidos a um certo número de famílias não foi? Que correspondia às famílias todas ou só a algumas?

TC1: sim, a todas

AL: e actualmente já deve haver outras famílias entretanto ou não?

TC1: sim

AL: Essas têm direito ou

TC1: nós temos hoje aqui pela Lei dos Baldios

(RISOS)

TC1: pela lei dos baldios seriam compartes mas não são compartes porque não são herdeiros

AL: os tais, as tais novas famílias?

TC1: sim

AL: pois

TC1: portanto aquilo que para nós é definição de compartes é, são os herdeiros dos outorgantes da escritura de aforamento

AL: ok, então se eu por acaso me viesse a mudar para aqui não seria compartes, por exemplo

TC1: podia ser se casasse com alguém de cá

AL: (RISOS) ok

TC1: (RISOS) e herdasse... mas não bastava ser casada, teria de ser herdeira da quota dele

AL: tinha de ser bem-vinda na família (RISOS)

TC1: não, depende do regime de bens do casamento não é, porque há casamentos que não... há regimes que não permitem herdar da parte do outro cônjuge

AL: pois. E isso não gera conflitos ao nível da aldeia?

TC1: não.

AL: tipo "ah, eu queria, mas não posso", não?

TC1: não... vamos ver, porque nós usufruímos isto... que rendimento é que isto nos dá, é apenas o sentimento de pertença...

AL: exacto, exacto... que é importante esse sentimento não é?

TC1: pronto e chega, e as pessoas satisfazem-se

AL: sim, sim. Não, porque eu as vezes pergunto-me o que é que move estas pessoas que andam aqui a ter um trabalhão à frente do CD, que não recebem nada por isso, o que é que os move, só têm é trabalho e chatices e às vezes conflitos, o que é que os move...

TC1: é o legado, é manter este legado, este é... é algo que foi conquistado não é, pertenceu toda a vida à comunidade, entretanto desenvolveu-se dessa forma e entendemos que devemos mante-lo

AL: não há qualquer tipo de dividendos para cada um dos

TC1: não, não, há agora aquilo que nós.... Até aqui nunca houve, nós temos neste momento um bom pé-de-meia, e o que temos previsto agora no próximo PDR, neste novo quadro... até porque participámos lá na definição da estratégia pra o desenvolvimento e a um conjunto de projectos que estão desenhados com o apoio da associação de compartes. Ainda há dias participei numa reunião no âmbito municipal para o desenvolvimento social do concelho, apenas um exemplo, e um dos temas que ali foi tratado foi dos idosos e de cuidar dos idosos e por aí fora, e eu referi... porque isto foi objecto já do nosso trabalho, referi que o, para além do... nós temos aqui na nossa comunidade vários idosos que estão a ser tratados mas de forma informal, ou seja em casa, com os familiares, e aquilo que detectamos é que estes cuidadores precisam de ser cuidados também. Há dias uma prima minha que está a cuidar da mae veio para aqui e estivemos à conversa para aí uma hora ou meia hora, e ela disse “ai, esta conversa soube-me tao bem”. É o alivio de... e aquilo é que deu o clique, que temos de arranjar algum esquema que... é isso, vamos agora virar-nos para as pessoas, aqui localmente uma das vertentes é esta, e então referi... queríamos desenhar uma forma de apoio para dar ajuda a estes cuidadores, por exemplo um dia de folga não é, a minha prima, a Conceição... “conceição à 3ª feira é teu o dia, podes ir passear, podes ir tratar de qualquer coisa, vais à Braga, vais onde te apetecer, e ter lá uma pessoa de substituição a cuidar da mãe com, eventualmente, se não for todos os dias ter dia sim, dia não, ter uma aula, ter uma sessão... ter o conforto de alguém que... às tantas não terá que ser necessariamente um psicólogo, mas de alguém que ajude a lidar e que ajude a superar este, é uma prisão e quando não deixam dormir, e permanentemente a lembrar o passado e a repetir e para além de ter de tratar

AL: é pesado é,

TC1: e pronto, isto é apenas para lhe dar o exemplo de que há aqui áreas que temos já identificadas onde a associação vai intervir, e a forma de distribuirmos os dividendos vai ser com projectos concretos, podemos de facto fazer uma divisão do pecúlio, mas...

AL: (RISOS) isso acaba por ser muito importante, quer dizer, a presença do baldio e as receitas que daí advêm, acaba por ser bastante importante a nível local, não é, pelo que eu estou a perceber, mesmo para a própria comunidade. Acabam por fazer serviços que se calhar deviam vir de outras partes mas que vocês acabam por assumir não é? A nível social, a nível

TC1: sim, sim... neste caso sim, aliás aquilo que..., como eu creio que... claro, evidentemente que devia ser o Estado a apoiar, mas como o Estado deve ter outras preocupações...

AL: não, é que isto para mim é tudo... argumentos (RISOS). Quando há aqueles argumentos “ah, aquilo já não serve para nada, no estado actual da agricultura os baldios já não fazem sentido, pelo menos não da forma como estão a ser geridos...”, blablabla, acaba por haver

muitos argumentos contra essa ideia... talvez sim, tem que haver uma adaptação, sim tem que haver... concordo

TC1: mas é preciso perceber a função do baldio não é, eu acredito, imagine, lá na região centro, em paisagens descaracterizadas e sem valor, ali perto do... não sei, mondego ou o que seja, para além do recurso água que é importante ser preservado não sei o que é que haverá ali mais, mas aqui no nosso caso, quando o baldio tem outra função que é a de ser o garante de uma classificação do território como Parque Nacional, se calhar aqui a gestão tem de ser pensada de uma forma diversa, e provavelmente... é aquilo que eu lhe dizia há pouco, e a logica dos apoios e... às comunidades locais será para cuidar, cuidar deste recurso, não daquela exploração como é desenhada

AL: exploração e é o abandono não é, tem os dois lados

TC1: sim, sim

AL: e nesse sentido também é bom fomentar a população cá

TC1: não, porque, atenção que aqui o perigo é... querendo agora encontrar novas formas de exploração ela tem de ser rentável e o ser rentável hoje não é subsistência não é... o ser rentável hoje é... é preciso ter dinheiro para um telemóvel, é preciso ter dinheiro para a internet, para a televisão por cabo, para o carro e... e enquanto que antigamente '... aquela ideia que se tinha do baldio, insustentável e não sei que... insustentável... permitia criar o vitelo para vender para se comprar uns livros para o filho ou para se fazer uma despesa extraordinária, porque no dia a dia não havia dinheiro, não era... por isso não podemos estar presos a isso... hoje em dia o... para que uma família tire rendimento, para que tenha um nível de vida aceitável, tente... e a população que está dentro do território, fazendo actividades silvopastoris, tem de ter uma actividade de tal maneira intensa que vai estragar o património... portanto, aquilo que era importante era modelar as... a função do baldio... "este baldio é para quê?", é para integrar o Parque Nacional... ok, é para integrar a paisagem protegida do Corno de Bico e haver um plano macro depois integrado dos baldios que concorressem e que se adaptassem a isso. Por exemplo nós vimos aqui... eles vão fazendo isso só que o fazem de uma forma... uma chico-espertice, do tipo, tínhamos previsto realizar umas determinadas queimadas e entretanto como ocorreram incêndios o Parque Nacional ardeu mais área do que aquilo que era suposto, aliás nem sequer era suposto haver incendio... ter ardido, então... deixaram de... ok, proibiram, não foi propriamente proibir, porque se quiséssemos forçar íamos queimar, mas não nos deixaram queimar porque tinha ardido muito no... olhando o parque como um todo faz sentido... mas é a tal historia não é, com o mal dos outros... enquanto fomentarem isto funcionar assim... isto não está integrado, o que é eu tenho a ver com os outros do outro lado? Não tenho nada... portanto, isso era preciso ter uma política e uma visão de conjunto pelo menos da área protegida, já não direi... é evidente que tinha de se integrar num sistema mas... e a questão dos baldios acho que... teria... tem de ser mais dinâmico, e a lei não pode ser tao fechada. Atenção que a lei dos baldios serve em primeira linha uma estrutura que vive à custa dos agricultores. Há estruturas a nível nacional... há muita gente que vive em estruturas de apoio à agricultura e que estão muito... e que querem esse formato de baldios e do não se toca e não sei quê

AL: sim, sim, sim. Pois... aqui confunde-se um bocado talvez não? Aqui dentro do parque, a função...

TC1: não, eles funcionam fora... não!... epa, refiro-me à BALADI por exemplo, e a mais do que uma federação nacional dos baldios, e depois as outras estruturas que eles têm a nível concelhio... a nível distrital e de região. Portanto eles têm um conjunto... eles têm uma estrutura que funciona dentro... muito dogmática de conceitos antigos de baldio e... e aquilo que era importante era adaptar, por exemplo, nós fizemos aqui há tempos uma exposição dos baldios do Parque Nacional, um manifesto por causa da redução das... teve acesso a esse manifesto?

AL: da BALADI, aquele que saiu da BALADI, sobre... não

TC1: sobre a redução das áreas forrageiras, aqui no Parque Nacional...

AL: eu li um da BALADI

TC1: sim, mas nós fizemos aqui ao nível do Parque Nacional

AL: não li, não li... isso está onde? Dá para obter *online* ou não?

TC1: eu posso enviar-lhe... e então, a BALADI queria uma posição a nível nacional... está bem, ok, a nível nacional... mas o território do Parque Nacional tem importância suficiente para que se trate especificamente o Parque Nacional. E é um território diferenciado, que tem uma classificação diferenciada e que tem de ser tratado de forma diferente, não é ter favor, é diferente. Agora definam o que é que querem de cá, querem que os recursos se conservem, não querem... e o que é que querem de outros sítios, querem explorar eucalipto, querem explorar pinhal, querem... sei lá, fazer o que lhes apetece

AL: sim... e aquelas painéis solares é o que dá energia às casitas?

TC1: não, aquecimento de água. Curiosamente a energia fotovoltaica é proibida, dentro do Parque Nacional

AL: porquê?

TC1: uma das parvoíces...

AL: epa

TC1: é permitida a eólica, a hídrica, mas a fotovoltaica não...

Covide: TCo1

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [referindo-me a um papel que estou a ler]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: vocês receberam alguma vez a proposta de fazer uma equipa de sapadores? Agora recentemente... pelo parque

TCo1: hmm, não... Acho que não. Pelo menos que eu tenha conhecimento não. Não, é que há aqui outras freguesias que têm equipa de sapadores e o parque propôs, o parque, o ICNF, no sentido de terem uma equipa de sapadores que fazem os trabalhos de limpeza nas aldeias, nos caminhos florestais, etc. e dão x dinheiro para manter essa equipa, e depois vocês têm de pagar o resto. E eu agora estava a pensar se seria este dinheiro, mas não

TCo1: não, não, não. Este foi para limpeza, abertura de caminho, fizemos a abertura de um caminho e tal, mas eu desde que estou cá tenho poucos dados, esse foi só um papel que eu apanhei para ali com essas

AL: ah, está bem “... saibreira...” é a tal, esta é que é a tal

TCo1: é. e esse dinheiro... houve ali uma troca de dinheiro que eu não sei qual foi, que não há documento nenhum, que eles pedem a devolução do dinheiro no outro papel atrás, está a ver, e parece que ficaram ali juros, não sei se ficaram se não ficaram

AL: pois... epa, estes conflitos estragam tudo, não é?

TCo1: é... este não sei se vale a pena levar, e este também pode levar, é só para ter uma ideia. Isto é tudo só para ter uma ideia, porque eu gostava que estas coisas ... por exemplo, isto aqui, as contas, que não fosse para público não é

AL: não, isto não sai daqui, nem tem interesse nenhum

TCo1: elas estão públicas, eu penso que até há aí uma delas que estão na internet

AL: sim, se já envolve a Junta à partida é público. Sim, mas é esquisito não é, andar para aí a falar das contas daqui

TCo1: é, não convém... eu só tenho a dizer

[...]

AL: quer dizer, isso faz parte de dinheiros públicos, que dão a todos os baldios no fundo, que se candidatam, isto não é nada que seja propriamente segredo não é, mas

TCo1: não, mas eu acho que para si só chega dizer “ a Junta ou a freguesia de Covide nos anos tal tem recebido dinheiro do IFAP, ou dinheiro de não sei quê

AL: no fundo a mim interessa-me só o que está relacionado com os montes, qual é o dinheiro não me interessa, é mesmo só para perceber melhor como é que eles são geridos

TCo1: e era isso que eu queria dizer, não interessa estar a por quantidades

AL: não, nada

TCo1: [...] “juntamente com a maioria dos moradores da freguesia vendeu à companhia dos pedreiros do Porto diversos penedos no lugar de Paranhos pela quantia de x”

AL: isso era as tais para fazer pedreiras?

TCo1: não, a saibreira é muito depois, isto foi em 1984, a saibreira foi aqui há

AL: isto é dentro do parque?

TCo1: não, é fora do parque

AL: e podia-se fazer recolha de pedra neste local?

TCo1: isso na altura ainda se fez

AL: ok. E ainda hoje estão vendidas não é? Portanto, ainda hoje são dos proprietários que adquiriram

TCo1: não, não, pronto, eles tiraram o que tiraram e pronto, já acabou, isso já acabou há muito ano. Eles só se, venderam-se aqueles penedos, mas venderam-se para eles cortarem e

AL: ah, exacto, os penedos acabaram e acabou

Ermida: TE1

AL: ...mas isto é muito bonito

TE1: é a Ermida... mas está já um bocadinho estragada porque as pessoas assim começaram a colocar tijolo em cima de pedra e pedra em cima de tijolo

AL: pois é, o parque não tem algumas restrições nesse aspecto?

TE1: na altura tinha mas... mas as populações na altura não... não queriam muito bem aceitar as ideias deles, e eles tinham razão nessa parte. Eles têm partes onde têm razão e outras em que não, as direcções todas do parque que já por aqui passaram, uma dessas que eu acho que neste momento teriam razão era... e a Câmara... porque se há 40 anos uma Câmara Municipal chegava a uma aldeia e dissesse “não, vocês não fazem uma casa onde lhes apetece, vocês...”, eles compravam os terrenos como fazem nos países desenvolvidos, vocês fazem a aldeia sempre seguida não é, e assim aconteceu isto olha... uma lá em cima das pedras, outra lá... eu não tenho nada contra isso mas pronto

AL: claro, ali deve ter uma vista lindíssima

TE1: pois, tem... e isso tem a ver com a organização da Câmara. Mas nas cidades aconteceu bem pior, em cada esquina fazem um parque industrial, quando... já nem digo na Espanha, na França, na Alemanha, não acontece nada disso, eles têm uma área só para a indústria, não é...

AL: pois, exacto, a zona industrial e depois a zona central. Não, isto, descabros destes faz-se por todo o país, é verdade

TE1: e isto, das aldeias todas não é a que está pior, que eu já vi bem pior aí pelo país

AL: não, mas ela tem um aspecto muito... catita, por acaso, mas sim, nota-se que há algumas construções já assim muito à base de tijolo

TE1: e depois se ainda revestissem já quase não se notava mas as pessoas às vezes também não têm posses para fazer, e na época também era caro

AL: claro

TE1: aquela parte central está quase toda vazia, para que saibas, não tem nada a ver se calhar com o trabalho que estás a fazer

AL: não, não, tudo me interessa na verdade, nem que seja como pessoa

TE1: mas aquela área central está quase toda vazia, as pessoas emigraram e pronto, aquilo está... e portanto, não vendem também, não...

AL: pois, e vêm no Verão?

TE1: muitas pessoas vêm, mas entretanto têm as suas casitas mais novas e as outras ainda estão por repartir entre família e assim

AL: e actualmente... portanto na altura foi o Estado que florestou, e vocês quando criaram o CD e a assembleia de compartes, fizeram-no em cogestão com o Estado ou autogestão?

TE1: não, na altura foi autogestão

AL: ah foi?

TE1: eles tinham essa opção, de ficar com o Estado ou não e na altura ficaram já em autogestão

AL: e ainda estão?

TE1: e ainda estamos

AL: ok

TE1: do Estado só pareceres do ICNF é que a gente pede

AL: para fazer...

TE1: caminhos ou reflorestações, a gente tem que ir dizer sempre “ah, nós precisamos deste caminho...”. Portanto... e outras pequenas obras que vamos fazendo, a gente tem de pedir parecer sempre

AL: claro, é o Parque não é...

TE1: é

AL: mas para gerir a floresta não contam com eles...?

TE1: não

AL: se calhar têm de pedir pareceres, lá está

TE1: temos que os informar, imagine que a gente vai vender... sei lá, meio hectare de pinhal... a gente informa-os, “pretendemos vender x pinhal em x zona”, ele vêm ver... como não são árvores que estão em... como o sobreiro, que estão em...

AL: protegidas?

TE1: exactamente

AL: pois, pois... então actualmente... acha que já houve uma altura em que o parque era mais activo, digamos assim... mais presente do que actualmente...? Eu estou a perguntar isto porque noutros baldios tenho ouvido certas coisas como “ah, não, hoje em dia o parque é como se não existisse, nunca ouvimos falar deles” e assim, não sei se aqui também é assim

TE1: é mais ou menos isso, é como se não existisse, é isso que eu lhe estou a dizer

AL: pois

TE1: a gente só precisa dos pareceres, no nosso caso, não é... ou às vezes outro tipo de apoios técnicos, como a elaboração de projectos, também tem que passar por eles na

mesma, não é... a gente vem com eles ao local onde se pretende fazer uma plantação ou outra coisa qualquer e eles também vêm ver se... não é

AL: sim, sim

TE1: é mais a nível técnico...

AL: mas por exemplo, eles não ficam com uma percentagem das vossas receitas em floresta ou ficam?

TE1: não, o pinhal... nunca ficaram

AL: pois, se vocês estavam em autogestão

TE1: em autogestão desde o início... e nós é que tratámos da construção de todas as estradas florestais que estão dentro do que é... isto aqui era uma estrada florestal e a conservação disto é toda a nosso cargo, não é de... nós temos cerca de 20 km dentro da área de caminhos e... os dois troços de estrada florestal são mantidos por nossa conta... senão isto não se passava aqui hoje, isto ainda há dias na semana que passou, eram duas pessoas numa semana inteira a fazer estas...

AL: ah, para a água...

TE1: isto, estás a ver

AL: estas coisas são mesmo para a água sair para o lado¹⁰

TE1: sim

AL: ah, boa, boa solução

TE1: é assim, não está muito bom, pois agora temos outro problema técnico que é não podemos escavar saibro para compor isto

AL: pois

TE1: e eu não sei como é que isto se vai resolver no futuro

AL: escavar saibro é por exemplo chegar a esta rocha e... não...

TE1: a rocha é... por exemplo, naquela clareira que vês lá em baixo é um solo tipo areoso, onde nós passámos, é onde nós, e mesmo em conjunto com eles, eles houve uma época que ainda davam algum apoio com o camião deles e pronto, para carregar o saibro... nós em conjunto com eles trazíamos lá de baixo... está lá uma clareirazita

AL: sim, sim

TE1: e portanto... compúnhamos a estrada com o saibro só que agora não é permitido fazer

¹⁰ São cortes no terreno que obrigam a água a diminuir a velocidade a descer num caminho, limitando assim o efeito erosivo da estrada, ao mesmo tempo que direcciona a água para as bermas.

AL: nem se pedirem autorização? Não dão?

TE1: não, é logo passado um parecer negativo

AL: que engraçado, eu estive a falar com um senhor que até já foi presidente do parque em tempos, director aliás, e ele disse que, pronto, escavar saibro é proibido em todo o lado e que tem de se pedir licenças, pronto, tem de ser fiscalizada assim. Mas eu fiquei convencida que aqui também, se pedisse licença poderia obtê-la... mas já não é a primeira pessoa que me diz que não

TE1: é assim... nestas zonas assim de ambiente natural, aqui mais a norte, isso já é impossível de fazer, é já dito o não... depois há uma zona lá mais a sul que possivelmente eles dão autorização, mas é assim... a gente faz o pedido à Câmara e os da Câmara enfim, para o parque, e eles dão autorização para tirar algum saibro, mas imagina, para 8 dias. Mas havia que ter vários pareceres, de várias entidades que a gente tinha que pedir, e só podíamos tirar o saibro durante 8 dias e depois nos outros dias a seguir tinha que se voltar a fazer o pedido... nós acabámos por desistir

AL: ok

TE1: sei lá até quando... não sei. Mas que a guerra pelo saibro vai... isto cada vez vai ficar pior, para além da gente, de alguns... os cortes de área não é? E é assim, depois não sei como é que se vai resolver um dia

TE1: tem, os pastores aqui de vez em quando são bastante afectados, não tanto como nos outros lados, mas de vez em quando também temos

AL: e como é que tem sido a presença do ICN nesses casos?

TE1: é assim, eles dizem que pagam mas se encontrar a carcaça...

AL: pois

TE1: mas por vezes não é isso que acontece, não se encontra coisa nenhuma... quando se encontra é uma coisa, quando não se encontra...

AL: pois... mas não há assim muitas queixas dos pastores aqui na zona não é?

TE1: na Ermida propriamente não

AL: e como é que é aqui, nos limites com os outros baldios, há algum conflito na utilização...

TE1: já houve

AL: eu já ouvi falar de um com Fafião... (RISOS)

TE1: e com os de Vilar da Veiga

AL: ai com os de lá também...

TE1: já falaste com os de Vilar da Veiga?

AL: não, ainda não, é que eu não tenho o número de telefone dessas pessoas, já mandei para lá uma carta, porque arranjei a morada, até foi através da engenheira Sandra, mas ela ainda não os tem como sócios então não quis estar a abusar

TE1: ah, pois não, não trabalham não com a associação dela

AL: pois, ela entretanto foi fazer contactos e eu não sei como é que isso ficou, mas a verdade é que ela não se sentiu à vontade para me estar a dar números de telefone, e eu percebo perfeitamente, mas agora estou a ver se vou lá meter o bedelho, tentar ver quem é que é, não sei... mas ainda não falei com eles não, mandei-lhes a tal carta só. Mas sim, não sabia desse conflito, soube... até já nem me lembro quem é que me contou sobre o conflito de Fafião e Ermida, mas não... que foi assim também muito longo, não foi? Uns anos... tribunal e...

TE1: foi, foi, foi, e...

AL: isto é privado não é? Só um pequeno à parte

TE1: é, isso aí é um terreno privado

AL: e está dentro do baldio?

TE1: está, está

AL: hmmm, e nunca se mudou isso, isto é, estas cedências são antigas não é?

TE1: são, e portanto é privado, e vai continuar a ser

[...]

AL: E esta terra também foi entregue a estas pessoas já nem se lembram há quanto tempo não é?

TE1: exacto

AL: e manteve-se assim. Eu pergunto porque sei que hoje em dia o baldio não se pode... pronto, não se pode privatizar, não é...

TE1: não, não, até ao momento, vamos lá ver se a lei ... mas para quem os tiver

TE1: mas estas árvores, segundo as normas do parque não se podiam plantar aqui, nem podem aqui estar

AL: ai é?

TE1: não são autóctones daqui, estás a perceber? Isto é carvalho americano

AL: pois é...

TE1: isto não... eles é que ainda não se lembraram de mandar aí alguém cortar, porque eles de vez em quando ainda fazem isso

AL: eles não deixam por carvalho americano?

TE1: não, porque não é daqui

AL: pois

TE1: mas deixam por o carvalho roble ou o outro que eu até me esquece o nome

AL: há o róbur e há o *pyrenaica*, pode ser?

TE1: é, é capaz de ser esse é

AL: pois, eu também não sei tanto...

TE1: mas é esse é, possivelmente é esse nome mesmo

AL: é um que tem as margens mais cortadas...

TE1: exacto, é esse. Nós chamamos-lhe... nós não usamos...

AL: carvalho negral?

TE1: nós não usamos o nome científico, nós chamamos-lhe o carvalho cerquinho que é este

TE1: [...] isto fomos nós que pusemos também

AL: ai sim?

TE1: sim

AL: a sinalização?

TE1: sim, nós demos a madeira e os do parque fizeram o feitiço, eles fizeram o feitiço, nós é que colocámos aquilo, tem aqui um trilhozinho...

AL: isto deve ser brutal fazer aqui uns passeios

TE1: isto é o PR14, é um percurso pedestre de 13 km onde nós estamos a andar

AL: eu tenho de vir para aqui de férias que isto de andar aqui só a...

TE1: lembras-te daquela gente toda que nós vimos a pé, estão a fazer o percurso PR 14

ALL: é engraçado, porque alguns eram bastante mais velhos

TE1: olha só para aquilo, que espectáculo...

AL: é brutal

TE1: e tu consegues lá passar a pé, na parte mais baixa, ao lado, e até na parte superior, consigo ir a pé ate na parte superior, mas isso tem que ser com tempo, tem trilhos ali próximo, depois ao vir para cá passamos por lá e vais ver também o trilho que nós mandámos fazer há pouco tempo

AL: sim

TE1: a seguir à zona da Albergaria no Gerês a zona mais bonita do parque é esta aqui onde nós andámos hoje

TE1: [...] e aqui começava aquela parcela da ITI... havia uma parcela, depois ainda tínhamos esta opção, havia uma parcela perto daquele fraguado em que o mato era pequenino e então eu trouxe aqui o engenheiro, porque a gente através do engenheiro do parque lá do ICN, e eu disse-lhe “opa, aquele mato agora é pequenino e nós podíamos fazer aqui...” olha, estás a ver ali?

AL: sim, já é grande

TE1: e então trocámos, e ele disse que sim, desde que seja na zona baixa, porque as parcelas da zona alta só podem ser trocadas na zona alta, as parcelas da roça de mato na zona baixa só podem ser trocadas na zona baixa, e então nos fizemos esta limpeza aqui [? *não se entende*]

AL: pois, está bem, está bem... esse engenheiro é o Carlos

TE1: é o Carlos Pinto

AL: ah, está bem. Já falei por *mail* com ele para ver se vou lá falar com ele, tenho ouvido falar bastante dele

TE1: tinha mato daquele tamanho, olha para isto

AL: está espectacular

TE1: agora já vai... já vai... já vai demorar muito mais tempo a crescer

AL: isto foi quando esta limpeza?

TE1: foi janeiro, fevereiro deste ano

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: exacto, cada caso é um caso, de facto

TE1: mas... portanto, não tem outra maneira de ser senão desta maneira, não tem porque aquela gente da capital é toda um bando de incompetentes, a própria área do Estado, a própria área que é administrada pelo Estado, como a Albergaria, a Serra da Cabreira, que é da direcção geral das florestas ou lá o que é, aquilo é só mato e pedras, não tem lá nada ou quase nada, e é administrada directamente por eles

AL: a Albergaria também está má?

TE1: este ano fizeram lá umas intervenções boas mas esteve muitos anos que não fizeram lá nada, muitos anos, têm lá matagais muito piores do que o nosso aqui... não fizeram nada mesmo, anos e anos seguidos, sendo do Estado, também da invasão das acácias e tal... não fizeram nada. Ao lado do parque de campismo, aquele monte todo cheio de... a gente chama-lhes mimosas

AL: sim, eu reparei, as mimosas, as acácias sim

TE1: aquilo são centenas de hectares

AL: é, aquilo está uma tristeza, eu nunca imaginei, dentro do... não sei se aquilo já é dentro do parque... é?

TE1: é, é

AL: é? Dentro do Parque Nacional?

TE1: é, toda aquela área fora do parque de campismo é dentro do Parque Nacional, por lá acima, até lá acima, é o concelho de são João do campo

AL: é que não se vê outra espécie, só se vê mesmo as acácias

TE1: pois só... porque aquilo cresce tao rápido que depois mata tudo, imagina se aqui nascerem 10 ou 20 acácias à volta desta árvore, ou deste sobreiro ou deste pinheiro, aquilo cresce muito rápido, fecha, tapa o sol e depois isto morre

AL: sim, sim, sim, tenho essa experiencia lá no pinhal lá em baixo, é incrível, elas crescem tanto, de um ano para o outro, ficam logo assim de uma altura

TE1: nós também temos uma área problemática ali, os outros não fizeram nada e nós não conseguimos fazer tudo ao mesmo tempo, aquilo custa milhares de Euros, fazer...

AL: mas para isso devem ter ajudas não? Para fazer o controlo das invasoras...

TE1: tivemos, foi feita uma candidatura no tempo dos anteriores mas falhou

AL: falhou a implementação?

TE1: falhou, falhou, porque cortaram-nas, fizeram o tratamento mas depois entretanto nasceram outras, entretanto aquilo eram 60 ou 70 hectares e entretanto já está quase igual, porque a candidatura havia de ter sido feita mais pequena, numa área mais pequena e conseguia-se controlar numa área mais pequena de cada vez, não era fazer logo 60 ou 70 hectares de cada vez

AL: pois... e vocês aqui ao nível da floresta que tipo de gestão é que ... ou seja, quem é que faz? Quem é que prevê a gestão da floresta... eu quando digo gestão da floresta estou a falar por exemplo dos cortes dos pinheiros, da plantação dos carvalhos, são vocês mesmos ou são aconselhados

TE1: somos nós... somos nós directamente, nós vamos vendo e se num lado ou noutro precisa de ser o mato roçado depois se tivermos poder monetário fazemos, ou se uma área ou outra precisa de mais árvores fazemo-lo também, a gente não precisamos de nenhum técnico que nos venha dizer, nós também temos olhos na cara para ver

AL: e para cortes também são vocês que decidem quando é que é os cortes...

TE1: sim

AL: a partir de que diâmetro ou qualquer coisa assim

TE1: imagina, numa zona que o pinhal está criado e que por exemplo estão pinheiros já criados a morrer, não é, porque acontece muito e depois aquilo passa de uns para os outros, a gente chega lá corta um pedaço, pronto, aquilo fica ali terminado e já não morre mais pinheiro nenhum... zonas de pinhal criado já não é...

AL: pois, e na plantação de carvalhos... eu lembro-me que perguntei isto ao início da conversa mas já não me recordo, eu perguntei se vocês tinham usado os subsídios para plantação...

TE1: foi, foi nessa plantação ao tratamento das acácias, onde foi plantado o carvalho e o sobreiro

AL: ah, ok, ok. E aí nesses casos já há um técnico a dar umas dicas ou não?

TE1: houve, houve quem elaborou o projecto, até estar concluído no terreno, mas depois aquilo cresceu tanto outra vez que já está outra vez incontrolável

AL: as acácias... e os carvalhos...

TE1: muitos morrem

AL: pois

TE1: portanto, são as tais coisas falhadas que foram aconselhadas pelos fulanos do ICN que lembraram-se de introduzir também carvalho numa zona que eu para mim não deveria ser. Normalmente o carvalho tem que se aproximar mais de uma linha de água, não é, mesmo que não seja mesmo na linha, a 20 metros da linha, por ali. E portanto eles sugeriram que fosse plantado numa área, em toda a área

AL: onde estavam as acácias?

TE1: sim. Porque depois o que é que acontece... o crescimento é lento, do carvalho, por causa da humidade em si, o carvalho gosta de alguma humidade, pronto, e depois o crescimento das acácias é muito rápido não há hipótese

AL: pois... e aquilo de criar povoamentos mistos, de incluir carvalhos no meio dos pinheiros, eu já vi aí alguns sítios onde havia

TE1: foi esse também... foi a mesma coisa, foi povoamento... como é que eles lhe chamam...

AL: mistos de folhosas com resinosas?

TE1: é povoamento, quando é povoamento, mas nós ali não foi povoamento que se chama, é... adensamentos... adensamentos!

AL: ah, sim

TE1: porque adensamentos é... num terreno enorme não é, como naquele caso, em zonas que não tem nada plantaram lá essas árvores, na outra zona a seguir já tem um bocado de pinhal fica, ou lá o que é, depois na outra zona mais em baixo, já... foi mais ou menos isso que foi utilizado, foi o sistema de adensamento, que é diferente de povoamento. Povoamento é as espécies que são espaçadas e com espaços entre elas e aquela treita toda

AL: é fazer tudo de novo não é?

TE1: é... e adensamento é diferente, adensamento é nas clareiras meter um x número de árvores, que foi aquilo que foi feito ali, mas falhou porquê? Porque fomos aconselhados por quem disse que seria bom fazer dessa maneira...

AL: [...] e por exemplo, o turismo... como a gente já percebeu há para aí muitos turistas a fazer percursos pedestres e não sei quê... aqui há algum controlo disso da vossa parte? Quem é que usa o baldio quem é que não usa...

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de moto⁴, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: ai é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a canyoning ou escalada

AL: sim... parece ser muito engraçado, mas também muito perigoso

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: pois, em Cabril, não foi?

TE1: foi

AL: essa zona dos Carris é o quê?

TE1: é a zona mais alta da serra e onde antigamente... há 50 anos funcionavam as minas de volfrâmio...

AL: ah, sim, sim

TE1: que abasteciam os nazis e os alemães... que era para o Salazar se dar bem com ambas as partes

AL: pois, para depois manter Portugal fora da guerra

TE1: foi o que ele fez melhor

AL: pois

TE1: e depois aquilo fechou, ficou tudo ao abandono, a estrada ninguém a reparou, que são 10 km de estrada de terra, só consegues ir lá a pé

AL: ninguém a reparou... e aquilo faz parte de vários baldios não?

TE1: uuuh, faz parte... há uma parte que é do Estado acho eu, e há outra parte que acho que faz parte dos baldios daqueles lados, não sei se será de Cabril, se será de Pitões, não faço a mínima ideia

AL: eu também não sei... eu diria talvez Cabril mas não tenho a certeza

TE1: e pronto, e depois é uma zona que tem a chamada cabra brava, a cabra montês, que é aqui da serra do Gerês, e pronto, tem algumas restrições para se visitar aquela área

AL: tu ouviste alguma coisa de introduzirem a cabra? Recentemente...

TE1: uuuh, a cabra não foi introduzida, foi mas não foi pelas entidades portuguesas

AL: ah, então?

TE1: os espanhóis, do outro lado, que é a mesma serra, a serra do Gerês não é só nossa é mais ou menos

AL: é o Xerez não é?

TE1: é mais ou menos nossa e deles, metade para cada lado... e eles tinham lá uma espécie de viveiro onde tinham esses... onde tinham esses animais presos para introduzir na área deles, e depois é o que se consta, aquilo que eu ouvi, alguns desses animais soltaram-nos lá na zona deles, e pronto, aquilo foi evoluindo o número de elementos por... não é, e depois estão aí na serra toda

AL: eles não têm fronteiras não é... dessas pelo menos

TE1: mas muitos mesmo agora

AL: muitos não é?

TE1: tem alturas que lá naqueles fraguedos, lá na zona dos Carris, que se via a 50

AL: e lá está, elas comem no meio das rochas, as tais que não servem para pasto

TE1: a dita cabra da serra do Gerês, que tinha sido extinta na nossa zona, e não sei se foi também na zona espanhola, em 1800 e tal, na época em que começaram as reflorestações. Nessa altura foi quando mataram o último exemplar

_____ -

TE1: [...] aqui foram feitos dois hectares e meio

AL: ali, de limpeza?

TE1: sim, por aí adiante, onde nós vamos passar, só que esta parte da linha de água o engenheiro disse que havia de ficar e ficou, por causa dos... por causa dos... das espécies que aqui estão

AL: pois, da mata... como é que se chama... da mata ripícola... da galeria

TE1: eles disseram que as espécies que estão na linha de água era melhor ficar

AL: pois... deve ser para segurar as margens e não sei quê

TE1: hmm, não é por isso... é por causa das rãs, por todas as espécies que habitam a zona da linha de água

AL: ah, os animais

TE1: os animais

AL: ok, ok

TE1: daqui para cima e até ali adiante fizemos dois hectares e meio... também pertencia às ITI

AL: isso foi este ano?

TE1: foi... também em janeiro, fevereiro ou março. Ai, eu é assim, é como te digo, a única coisa de boa que até ao momento houve foi o apoio que veio das ITI para nós. Nós não precisamos de helicópteros, não precisamos aqui de nada, só precisamos de algum apoio para fazermos este trabalho

AL: não, e acaba por ser um trabalho que interessa ao país inteiro, não é, no sentido em que mantêm-se estas áreas, olha os turistas virem para aqui e isto estar tudo queimado, por exemplo não é

TE1: que imagem é que isso tinha?

AL: claro, todo o país perde se isto perder, e nesse sentido vocês acaba, por estar a fazer um serviço público, digamos assim... então vocês... está bem, eu achava que as equipas de sapadores interessava ao parque ter em todo o lado porque... lá está, porque parte é paga pelo ICN, no sentido precisamente desse serviço público

TE1: não, parte acho que é paga pelo Estado, mas acho que não é pelo ICN, acho eu... não sei

AL: mas pronto, é dinheiros do Estado

TE1: é

AL: não é? Há um incentivo para haver essas equipas, acho que pagam tipo 10 000 Euros por ano, ou algo assim.

TE1: e os baldios pagam o restante

AL: o restante que não é nada pouco, pelo que eu percebi

TE1: não sei, acho que é 30 000 Euros por ano ou

AL: hmm, acho que é mais, porque depois têm de pagar a manutenção do carro, têm de pagar o combustível, têm de pagar tudo não é

TE1: olha para isto, ficou aqui espectacular, era um mato enorme, vê aqui estes sobreirinhos já todos fora. E se assim for durante 20 anos fica aqui uma mata de sobreiros espectacular

AL: pois é... o sobreiro dificilmente arderá não é?

TE1: é assim, o sobreiro arde, quando é um sobreiro já criado torna a... muitos, estás a ver, aqui há.... Ena pa¹¹!

AL: aaah

¹¹ Deparamo-nos com um obstáculo no caminho, uma árvore caída.

TE1: nós íamos voltar ali mas pronto, se calhar vamos fazer marcha atrás e dar a volta. Aqui há 6 anos houve aqui um incendio nesta parte, que veio aqui dar... estás a ver esse, ardeu todo e depois voltou a

AL: está todo verdinho

TE1: é, voltou, e como os outros estás a ver, mais pequenos, está tudo preto, eles arderam todos, só que

AL: pois, a cortiça acaba por

TE1: é, acaba por

AL: por os proteger

TE1: por os proteger

AL: mesmo depois de ter tirado as outras camadas de cortiça não é, continua a ficar protegido

TE1: aqui já não é retirada há muitos anos e a nossa opção agora foi não retirar também porque tivemos aí 2 ou 3 compradores que queriam e que como são árvores muito irregulares e muito antigas, depois ficam... há uma parte da cortiça que sai, outra que não, e isto ficava feissimo, então nós...falámos entre nós da direcção e dissemos “não, não vale a pena porque a gente vai-se chatear porque depois o gajo que vem tirar quanta mais tirar melhor, depois vai estragar as árvores e depois eu não estou para andar aqui a passear todos os dias e a chatear-me com ele porque está a estragar as árvores, e então digo eu assim “fica assim nunca mais se tira cortiça, pelo menos enquanto nós estivermos na frente e acabou-se, não há chatice”. Porque isto é assim, se isto for mal descortiçado a árvore pode morrer também, em poucos anos, em 2-3 anos a árvore pode morrer

AL: sim, sim, sim. Pois, eu nem me tinha lembrado disso, que a cortiça também pode ser uma entrada de receitas para vocês

TE1: mas as árvores, se tu vires são quase todas deformadas

AL: sim, a cortiça não sai direitinha, não é

TE1: porque isto, exacto, isto não...

AL: aquele lá à frente é espectacular, está mesmo direitinho

TE1: é, este... é um por outro, mas de resto é tudo irregular e as coisas não iam funcionar e eu ia-me chatear com alguém e eu tenho mais que fazer do que andar-me a chatear, e por isso disse lá ao comprador que a gente nunca mais ia vender cortiça nenhuma

AL: mas chegaram a vender então?

TE1: a última vez foi em 2004 mas não foi connosco, vez está marcado aí nas árvores, 2004...

AL: ah, sim, não vi mas acredito

TE1: ainda houve aí um sarilho dos diabos com os do ICNF, porque eles estavam a tirar a cortiça com um ano a menos

AL: ah, pois

TE1: os da época era tudo gente maluca

AL: pois... e depois as contas estavam claras nessa altura... transparentes...

TE1: nem por isso

AL: nem eram apresentadas nas assembleias e não sei quê...

TE1: eram, isso eram, mas...

AL: [...] e a limpeza de trilhos também é ITI ou é outro subsídio?

TE1: não, não, isto aqui é um trabalho nosso

AL: ah, ok, ok

TE1: nós entendemos que devia ser feito, estás a perceber?

AL: ok, achava que havia um subsídio mesmo para limpeza de trilhos

TE1: não, agora só falta fazer este pedacinho daqui até lá ao cimo daquelas pedras lá adiante

AL: sim, opa isto aqui é mesmo bonito

TE1: já vamos lá, se queres descemos aqui só mais 20 metros

AL: descemos, descemos

TE1: e é isto, estás a ver as tais mariolas, que se chama, são muito pequeninas, mas pronto

AL: pois são

TE1: mas é mais ou menos isto que a gente usa aí pela serra toda

AL: aaah. Pois, eu já vi umas que tinham para aí umas 7 ou 8 pedras umas em cima das outras... depois a água constantemente a acompanhar-nos

TE1: agora, agora

AL: pois... ah, porque choveu agora não é?

TE1: aqui há um mês atrás não ouvias isso... mas é isso que nos motiva, pelo menos a mim, a nós, a direcção, é tentar segurar uma coisa que nos deixaram, que nos deram

AL: sim, que aprenderam a ligar sem... isto aqui também é considerado uma mariola? Não...

TE1: é considerado uma direcção... uma sinalização do trilho, não é considerado uma mariola, porque uma mariola são 3 ou 4 pedras, mas é considerado uma sinalização do trilho

AL: ok, ok... não é o 14 pois não? Este é outro...

TE1: não, não, o 14 é na estrada [...]. Isto aqui é um trilho que os pastores utilizam para passar nesta área... estás a ver? As pessoas molhavam-se todas a passar aqui e assim não, a gente corta 5 metros de largura daqui a lá adiante e eles passam à vontade

AL: ai é da tal casa do doutor... isto aqui ainda é zona de protecção parcial não é?

TE1: é zona de protecção ambiental tipo II

AL: ok, sim. Porque as pessoas andam por aqui à vontade, eu lembro-me que quando estive na Mata da Albergaria as pessoas não podiam andar lá assim

TE1: uuuh, não sei como é lá, mas sei que aqui só nós é que podemos circular de veículos motorizados, estava ali um fulano que estive para lhe perguntar porque é que ele estava aqui mas

AL: pois, estava ali um carro

TE1: mas como estão ali a fazer um trabalho... essa gente não tem nada que vir para aqui de carro, só nós. Aqui é uma zona de andar a pé. Isso está estabelecido no plano de ordenamento, todos os caminhos e estradas fora de asfalto não podem circular veículos de motorizadas excepto os residentes naturais, só que há um fulano ou outro que tem o rei na barriga

AL: e será que está explícito?

TE1: está, e tem um sinal lá em baixo, nós passámos

[conversa entre o Jorge e uma transeunte de carro numa zona onde a passagem de carros é proibida]

S: eu sei que não posso andar aqui

TE1: exactamente

S: só vou levar umas coisas a uns colegas que vão ficar na cabaninha de Penor, que vieram de Fafião, para não virem muito carregados e já vou para trás

TE1: está bem

S: está bem?

TE1: está bem...

S: obrigada

TE1: porque é assim, se passar por aí a patrulha do parque e do SEPNA eles vão-lhe entregar possivelmente um cheque de 300 Euros

S: eu espero que eles não me façam isso

TE1: ah, mas pode ter a certeza, se eles passarem aqui você vai ser notificada]

TE1: vai levar as coisas aos colegas...

AL: ela diz que ficavam na cabaninha... qual cabaninha?

TE1: é o abrigo do pastor que está lá adiante na zona de Fafão

AL: ah, e podem lá ficar assim?

TE1: podem, se ninguém lhes disser nada podem, se não estiver a ser ocupada...

AL: curioso. Ah, era isto que estavas a dizer que ias fazer? Tipo isto?

TE1: é, é, mas lá naquele sítio...

AL: sim, sim.

Está bem, está bem... ela sabia...

TE1: sabe, sabe. De certeza que já para aí vieram...

TE1: aí era onde a gente escavávamos o saibro, aí há 10 anos atrás neste buraco, agora não se pode fazer, agora é um sarilho dos diabos

AL: pois. E vocês tinham equipamento ou também chamavam a alguém para fazer isso

TE1: pagávamos a um escavador e a um camião para levar

AL: E o que é que achas das limitações que o parque cria à utilização dos recursos e tudo mais, em termos de tudo não é, de plantações, de eólicas, de... enfim de tudo o que vocês não podem fazer por estarem dentro do PNPG

TE1: é assim, nas plantações... nós não temos plantações, pelo que eu saiba não há restrições em plantações, só não podemos plantar é as árvores que não são autóctones daqui. Agora nós queremos, podemos plantar pinho bravo, se for, isto é, se for tudo pago por nós, porque se for feita a candidatura eles já não deixam... já não é elaborado o parecer para o pinho bravo, eles só querem que plantem árvores folhosas, carvalho e sobreiro

AL: ok, já percebi... se for para vocês ao vosso custo... não há incentivos para a plantação de pinhal

TE1: se for ao nosso custo não há restrições mas se for através de candidaturas há... nas candidaturas eles querem participar e obrigar-nos a por as árvores que eles lhes interessem. Mas depois é assim, o que nos dá algum dinheiro para mantermos os 20 km de caminhos transitáveis como vistes alguns, é o dinheiro dos pinheiros algumas das vezes, não é dos carvalhos, porque nós os carvalhos não vendemos, nem se sabe se alguma vez vamos ter rendimento de carvalhos para vender, nem se vai poder vender, porque é uma árvore que a partir de 30 também não se pode cortar

AL: a partir dos 30...

TE1: 30 centímetros de espessura. Agora no que diz respeito às eólicas é assim, eu para mim acho bem isso, porque nós aqui ou temos de ter uma coisa ou outras, ou virados para o turismo, ou virados para as antenas, e não para lá ninguém isso é certo. É o que eu acho, é a minha opinião, não será a da maior parte deles mas a minha é esta porque eu tenho outra visão, nós ganhamos mais com o turismo e não tendo aqui as antenas do que se as meterem aqui, digo eu, até posso estar enganado

AL: sim, isso depende, se não estivermos só a pensar em questões monetárias e estivermos a pensar também em outro tipo de valores não é, sejam valores de beleza, de gostar de olhar para o seu baldio e de sentir que é seu não é, porque a partir do momento em que as eólicas entram aquela parte pelo menos é gerida por eles não é... acho que há muitas coisas a pesar para além do que se ganhar em termos de dinheiro e isso agora depende, já percebi que por exemplo que tu Jorge acabas por valorizar mais coisas para além do dinheiro... eu não faço ideia que dinheiro é que está envolvido em termos de utilização pelas eólicas mas já ouvi dizer que é bastante

TE1: eu acho que eles dão... não faço a mínima ideia, 3 ou 4 mil Euros àquelas Juntas daquela serra por cada eólica lá colocada

AL: pois, é muito dinheiro

TE1: está bem, é muito dinheiro, se forem duas já são 6000 Euros, mas o que é que eles vão fazer com aquele dinheiro, eles não fazem coisa nenhuma como acolá... estás a ver aquela serra com aquelas eólicas todas, estás a ver aquilo sem pinhal nenhum só vês algumas manchas verdes... aqui há 20 anos tudo aquilo que tu vês era tudo pinhal, mas pinhais densos, pinhais como aqueles grandes que acolá temos. Se ainda hoje lá fores tem lá pinhais com 30, 40, 50 anos, queimaram tudo nos últimos 20 anos, tudo

AL: pois... pois é isso, também ter dinheiro só para ter

TE1: é assim, para mim as coisas funcionam de outra maneira, eu penso de outra maneira, eu e não é só eu, há mais colegas meus, e pronto, eu julgo que aqui a serra do Gerês ganha muito mais se não tiver eólicas do que se as tiver

AL: pois, pois, não és a primeira pessoa a dizer-me isso

TE1: vêm aqui... Assim aqui à zona norte, aqui à zona do Gerês e do parque vêm aqui milhares de pessoas da Alemanha, da Dinamarca, sabe-se lá de onde, se espetarem com antenas porque não sei quê ninguém cá põe os pés porque fartos de ver antenas devem estar eles

AL: sim, é verdade, mas pronto, quem diz eólicas diz outros tipos de desenvolvimentos que aqui não podem ter aqui dentro do parque, vocês não veem isso com muito maus olhos...

TE1: eu não, eu não... eu pessoalmente não, até é como te digo, há coisas que eu concordo com isso... por exemplo a exploração de pedra, fazer uma pedreira aqui numa esquina qualquer ou duas ou três pedreiras, para mim isso era muito mal feito... é como te digo, ou uma coisa ou outra. Ou então espetam aí com pedreiras em todas as esquinas e acabou-se, ninguém cá vem por os pés e aí está

AL: houve essas tentativas? De fazer aqui pedreiras?

TE1: não, não, não. É assim, agora para consumo próprio da aldeia haveria umas pessoas que até gostariam de cortar aí umas pedras não é, mas também não podem, mas também é um mal menor, depois fica mais barato comprar a pedra do que andar aí a cortá-la a trazer o compressor e a pagar e... tas a perceber, isso é um mal menor... eu pessoalmente acho bem, não fazer pedreira nenhuma no meio do parque e pronto

AL: claro, claro... vocês não têm nenhuma antena aqui também a gerar dinheiro pois não?

TE1: não, não

AL: de telemóveis...

TE1: não porque

AL: isso podiam ou não?

TE1: possivelmente, nunca fomos questionados sobre essa parte... é porque não é necessário

AL: claro, sim, eu digo em termos do parque se é permitido

TE1: é, porque lá em Fafião colocaram aquela não é, o tal pinheirinho que lá está. Mas também se aqui nunca foi feito o pedido é porque não... porque não é necessário, as que existem devem fazer a cobertura que eles pretendem

AL: sim, era só para perceber se teriam mais alguma entrada de receitas

TE1: por exemplo, da cortiça, nós acabámos por não vender a cortiça porquê... pela imagem que as árvores depois iam mostrar, como aquilo não sai na totalidade e aquilo ia ficar metade fora metade sem tirar e ficava um mau aspecto, aquilo é um per... o PR 14 é um percurso onde passa lá muita gente, que imagem é que aquilo dava para as fotos que as pessoas iam tirar. E pronto, e nem sequer sei quanto é que aquilo iria dar, ainda lá está uma proposta sem abrir, eu nem a vi, já nos entregaram há um ano e ainda lá está sem abrir que ainda não tive curiosidade de ir ver quanto é que eles davam por aquilo

Rio Caldo: TR1

AL: mas portanto, mais uma vez em relação ao Estado e ao ICNF, mas notou alguma diferença, desde outros tempos para hoje, na actuação deles, como é que vê o trabalho deles? No parque...

TR1: no parque o trabalho deles...

AL: nem estou a falar do engenheiro Tomás, estou a falar da instituição vá...

TR1: tem os seus quês, eles poem restrições para ali e para acolá, é como no Estado, obrigam as pessoas a limpar os terrenos, quando o Estado, o próprio não o faz, se estamos em cogestão... olhe, por exemplo, nós temos os caminhos florestais e essas coisas todas, eles não mexem uma palheira, têm direito aos 40% quando não haviam de ter porque eles não fazem nada para o merecer. Porquê? Os caminhos é a Junta que os tem de arranjar e

tem gastos disso. Nos outros coisos os sapadores é que fazem os trabalhos, o que é que eles vêm? Só vêm buscar o dinheiro, só vêm buscar o dinheiro, mais nada, por isso é que eu digo que não, prontos, não compensa hoje em dia ter a cogestão com ninguém, se eles tivessem as casas arranjadas, os guardas nas casas, eles têm tudo abandonado, que até a Junta

[toca bem alto o telefone do Sr. Serafim]

AL: portanto o ICNF não faz nada na parte da gestão da floresta...?

TR1: não... não, eles têm tudo abandonado, você vai por ai fora, as casas florestais estão todas a cair, estão todas degradadas, todas... todas degradadas, também faz parte do Estado, eles também não cuidam dessas coisas, andam a abandonar tudo, era muito bonito e até controlavam mais no tempo dos incêndios as florestas estando as casas ocupadas não é? Era um respeito, uma pessoa que ia pela floresta fora até visitar, o guarda vinha perguntar-lhe o que é que você estava a fazer. “Olhe ando a fazer aqui um trilho” ou “ando aqui...”, é um respeito, até mesmo porque isto entrou num caos tamanho que as pessoas já não têm vergonha de ir por ai fora e de cortar árvores aqui e acolá que não aparece ninguém para os fiscalizar nessas coisas. Agora ainda vai aqui o engenheiro Tomás, tem um papel importante nisso, que pôs ainda com os conhecimentos dele um agente da polícia ainda anda aí de vez em quando aí pela serra adiante e ainda consegue fazer alguma coisa, mas do resto têm tudo abandonado, as casas todas numa miséria total, que agora até já as pedimos, vamos ver agora se eles as cedem, para a equipa de sapadores ter lá as suas coisas, [*? Não se entende*] mas ainda estamos à espera de respostas

AL: é pela Junta ou pela Câmara?

TR1: pela Junta

AL: e qual é a vossa relação em termos de baldios com a Câmara por exemplo?

TR1: a Câmara não ajuda nada, nós é que temos... pedimos apoio e a única coisa que nos dão é o gasóleo, de resto temos máquina própria para arranjar os caminhos porque é chato, se você chega a um incêndio e os caminhos estão degradados e os bombeiros querem ir a algum lado apagar o fogo não passam! Por vontade dos SF não passavam porque... porque eles não fazem nada, eles não fazem um palheiro, dantes faziam tudo e mais alguma coisa mas agora não fazem nada mesmo, pararam completamente, está tudo desprezado. A ver se vem um governo que mude... que... (RISOS)

AL: o que eu já ouvi em certos baldios que também estão dentro do parque é que para nós a função aqui é de manter, vá, a conservação da natureza e por aí, ou seja para ele era estritamente necessário definir a função do baldio, sendo um facto que está inserido num Parque Nacional... então, o que é que se pretende afinal do baldio? Pretende-se com o baldio promover a produção local, o desenvolvimento local, ou ao mesmo tempo a conservação, qual é que é a principal linha aqui?

S2: eu não falei no pastoreio mas claro, também têm essa função de pastoreio

TR1: nós temos que ter em conta as duas coisas que falou, que é a conservação da natureza e

S2: o facto de estar sob o regime florestal pronto é... causa aí alguns constrangimentos

TR1: como por exemplo, eles não fazem nada e recebem 40%

S2: é.... Não contribuem para proteger esses... essas manchas e no fundo vão buscar 40% das receitas, digamos assim, daquela

TR1: pronto, eles também fizeram a plantação e certas coisas também tem de vir o

S2: pois fizeram, só que agora zelar é zero

TR1: nós é que fazemos os caminhos, nós é que fazemos tudo. Até chegaram ao cúmulo de um funcionário em tempos quando começámos a trabalhar e quando nos elegeram para a Junta, diz que ainda tinha de pedir ordem À engenheira para arranjar os caminhos

AL: sim, já ouvi isso várias vezes em outros baldios, que não podiam fazer quaisquer caminhos e que às vezes faziam à revelia

TR1: não é fazer, atenção, não é fazer, é manter os caminhos bons, arranjar as valetas para encaminhar as águas, tinha de pedir à engenheira para o fazer, era a engenheira Moreira da Silva, só que eu nunca pedi nada, e arranjámos e para já ainda não... (RISOS). Acho que isso é um absurdo...

AL: pois é. Se é para manter, de facto é mesmo um absurdo

TR1: não é chegar... agora ainda há vários processos até, com várias pessoas, por abrir caminhos dentro do parque sem autorização, sem essas coisas todas, não é isso, é... arranjar os caminhos que estão feitos, tem de se fazer acessos para os bombeiros, se há um incêndio que minimamente vão lá os carros, acho que é assim

AL: e em termos de outros utilizadores do baldio, por exemplo, os turistas, ou outros que haja, não sei se há outros de outras freguesias que usam

TR1: os trilhos e essas coisas todas...

AL: sim, os trilhos, ou mesmo para pastar... quem são os outros utilizadores do baldio para além das pessoas aqui das aldeias? Se é que existem...

TR1: os caçadores... há a Câmara Municipal e uma empresa de turismo que fazem essas actividades de bicicleta, essas corridas de montanhas e a não ser isso não vejo mais actividades de desporto. Mas pede sempre ordem para passar, vai haver agora uma actividade de jeeps, vão pedir ao parque para... temos um pedido para deixar passar, para não haver problemas

AL: eles pedem para passar sempre, estava-me a dizer mas...

TR1: não, é naquela semana

AL: não, não, não, os outros todos também, os caçadores...

S2: a caça está sob uma associação, pronto, é uma associação de caça em que, pronto, a Junta autorizou essa associação a, digamos, a incluir aqueles terrenos na reserva de caça, pronto, e a Junta na altura já passou uma declaração a dizer que autoriza que esses terrenos, essas manchas, fossem incluídas na concessão deles, na zona de concessão da caça

AL: mas não há qualquer tipo de taxa que eles tenham de pagar ou

TR1&S2: não, não, não

AL: nem os outros todos, nem as agencias de turismo, ou, não sei como é que se chama, as associações

TR1&S2: taxas é só para o Parque Nacional, nós aqui não cobramos nada

AL: ok. Mas o parque cobra alguma coisa?

TR1: para ir lá para cima para fazer as caminhadas cobra

AL: ah sim?

TR1: é, para certas zonas

S2: naquelas zonas mais fechadas, nas zonas mais restritas

AL: na mata da Albergaria acho que sim não é?

S2: ali é uma taxa de acesso só, aquilo, eles dizem... aquilo no fundo não é uma taxa, aquilo é um... é para desincentivar a passagem de viaturas naquela

AL: de viaturas... pois, é mais a questão das viaturas

TR1: não, a pé!

S2: não, a pé não

TR1: para ir aos Carris

S2: não, estamos a falar ali, estávamos a falar nos postos não é?

AL: eu estava a ouvir só, para mim... isto é, o que é que se paga dentro do parque?

S2: quando vão daqui, por exemplo quando atravessam para ir para Espanha para a fronteira no verão, principalmente é sempre no verão, há uns postos ali, umas portagens, que as pessoas têm de pagar ali uma taxa para passar ali. Mas aí digamos que é um valor para desincentivar a utilização daquela

TR1: mas os residentes não pagam, como não pagam os naturais e residentes. Mas para fazer caminhadas em grupo e essas coisas todas tem que pedir ordem ao Parque e mediante a ordem tem na mesma que pagar uma taxa para ir

AL: hmm, para certos sítios

TR1: para certos sítios

AL: de protecção total ou qualquer coisa

TR1: é

AL: não sabia que se pagava. Achava que se pagava quanto muito à agência que os leva lá, à associação

S2: e mais, e mais curioso, eu não sei, sinceramente não ando muito por dentro disso, porque pronto, se fosse aqui na nossa zona andava de certeza, mas como não é a nossa área... por exemplo, você quer fazer uma caminhada ou organizar uma caminhada para ir a uma zona dessas restritas em que carece de autorização. Eu ouvi falar em 100 Euros. Pronto, paga uma taxa de 100 Euros só para o pedido ser apreciado, não quer dizer que o pedido vá ser autorizado. Portanto, eu ouvi falar em 100 Euros mas eu não sei porque nunca pedi nenhum, mas corria o risco de pagar os 100 Euros, o parecer é analisado e não é autorizado, e os 100 Euros ficam lá

AL: e isso é de agora ou é daquela antiga direcção? Porque eu sei que a antiga direcção era mais...

S2: eu não sei isso ainda está em vigor, sei que está em vigor porque... eu sei que isso esteve em vigor porque eu conheço alguém que lhe aconteceu isso, portanto, pediu uma autorização para ir lá, pagou os 100 Euros e não foi autorizado. Aquilo é uma taxa só para apreciar o pedido, mais nada

AL: ah, eu venho debater a gestão dos baldios, para perceber o que é que anda aí, o que é que se anda a passar, no fundo é sobre isso o meu trabalho, sim. Sobre a gestão dos baldios, e utilizo o PNPG porque é um caso bastante particular, há montes de instituições a intervir, não é? Desde o Estado às autarquias, aos compartes, sei lá, empresas etc. e acaba por ser interessante nesse sentido, mas começo a perceber é que isto é um caso muito especial, o PNPG é de facto um caso muito especial de baldios

S2: não é fácil, causa-nos aqui muitos constrangimentos o parque

TR1: mas para isso havíamos de ser

S2: a nível de construção e... ou seja, aquilo que nós nos debatemos e, pronto, e foi quando houve a revisão do plano e essa coisa toda é que, pelo menos já que há essas restrições todas, pelo menos que sejam compensadas em outras coisas não é? Quer dizer... porque acontece aí muita gente que tem determinados terrenos não é, e que só tem aquele terreno e que não pode comprar outro, e quer fazer uma casinha porque não tem casinha, e que não pode construir porque está em reserva ou porque sob o Parque Nacional ou não sei quê não sei que mais, quer dizer, não é? É complicado para essa pessoa que tem aquele terreno e não consegue fazer ali mais nada, é obrigado a comprar outro terreno se quiser fazer a casinha e pronto, não tem posses e é... pronto, são situações complicadas

AL: claro, sim... as ITI pelo menos pelo que eu percebi foram de alguma forma “vendidas” como sendo uma forma compensatória também de gerir o baldio

S2: sim, sim

AL: o baldio, lá está

S2: o baldio...

AL: pois é, estamos sempre a falar de baldio

TR1: mas digo-lhe uma coisa, são dinheiros muito mal distribuídos

AL: é?

TR1: para você ver... um baldio recebia 26000 Euros na mesma área que nós recebíamos 8 [mil]

AL: pois, no caso de ser a Junta que gere

TR1: no caso de ser o baldio, ia lá fazer duas cocegas, tumba, 26000 Euros. Acho que isso era dinheiro mal dado, porque no Estado havia de haver alguém que visse que, sei lá, esses engenheiros que tanto andam por aí, e não veem uma coisa dessas. As ITI são uma fonte de receita, é por isso que o dinheiro fácil leva as pessoas às vezes a fazer asneiras. Para ver, eles passavam lá, isto é assim, você limpava a ITI num ano, no outro ano era só mesmo passar, cortar os fenos, o que custava mais era o 1º ano, depois era só... e 26000 Euros por uma área que é a mesma que a nossa, que eu por acaso sei que nós, se fôssemos baldios tínhamos 26000 Euros e só recebíamos 8 [mil]. Acho que era uma injustiça grande, que era dinheiro a mais

AL: eu até achava que não... que as Juntas não podiam concorrer

TR1: e havia Junta, havia CD a receber cento e tal mil Euros... dentro do parque, por exemplo uma lá para cima para a... em... como é que se chama, Portela do Alvite

AL: ah, sim... Sistelo

TR1: recebia cento e tal mil Euros anuais

AL: mas isso não é igual para todos?

TR1: depende da área que ponham

AL: pois, depende da área, claro. Mas se calhar faziam o trabalho não é...

TR1: talvez

AL: eu sei que o dinheiro que sobra do trabalho que é requerido pelas ITI, que é depois utilizado pelos baldios naquilo que eles bem entenderem, mas o que eu tenho visto é que normalmente investido

TR1: aquilo é feito e depois é investido claro

AL: sim, só que depois eles gerem-no... por exemplo, contratam uma empresa para fazer as limpezas mas tentam negociar de forma a conseguirem... ou usam os sapadores com o

tractor que entretanto adquiriram, enfim, tentam gerir de forma a conseguirem fazer sobrar o dinheiro fazendo na mesma o trabalho

TR1: claro. Não, o trabalho tem de ser feito senão

AL: mas eu até nem acho mal, porque pelo que eu tenho percebido eles depois até utilizam na gestão do baldio ou utilizam em trabalhos para o povo ou para investir em certas coisas, não sei, pelo menos

TR1: investem em incêndios que aquilo arde na mesma tudo e depois lá vai tudo, o monte que arde

S: (RISOS) você vem debater os CD

AL: eu?

S: sim

AL: ah, eu venho debater a gestão dos baldios, para perceber o que é que anda aí, o que é que se anda a passar, no fundo é sobre isso o meu trabalho, sim. Sobre a gestão dos baldios, e utilizo o PNPG porque é um caso bastante particular, há montes de instituições a intervir, não é? Desde o Estado às autarquias, aos compartes, sei lá, empresas etc. e acaba por ser interessante nesse sentido, mas começo a perceber é que isto é um caso muito especial, o PNPG é de facto um caso muito especial de baldios

S2: não é fácil, causa-nos aqui muitos constrangimentos o parque

S: mas para isso havíamos de ser

S2: a nível de construção e... ou seja, aquilo que nós nos debatemos e, pronto, e foi quando houve a revisão do plano e essa coisa toda é que, pelo menos já que há essas restrições todas, pelo menos que sejam compensadas em outras coisas não é? Quer dizer... porque acontece aí muita gente que tem determinados terrenos não é, e que só tem aquele terreno e que não pode comprar outro, e quer fazer uma casinha porque não tem casinha, e que não pode construir porque está em reserva ou porque sob o Parque Nacional ou não sei quê não sei que mais, quer dizer, não é? É complicado para essa pessoa que tem aquele terreno e não consegue fazer ali mais nada, é obrigado a comprar outro terreno se quiser fazer a casinha e pronto, não tem posses e é... pronto, são situações complicadas

AL: claro, sim... as ITI pelo menos pelo que eu percebi foram de alguma forma “vendidas” como sendo uma forma compensatória também de gerir o baldio

S2: sim, sim

Vilar da Veiga: TV1

AL: e os do Gerês não [têm baldio]?

TV1: e o Gerês não tem nenhum, quer dizer o Gerês a única coisa que tem é por exemplo, lenhas e essas coisas todas tem de pedir aos SF. Ou seja, por exemplo, se o baldio, se as

peessoas dos compartes dos baldios daqui de Vilar da Veiga se quiser lenha, tractores de lenha ou quê, vêm ter com o presidente e pedem o que querem e dizem em que sítio é e vão ver e portanto, passam uma requisição para eles poderem ir buscar aquela lenha

AL: os compartes do próprio baldio não é?

TV1: do baldio! Nós passamos aos nossos, os da Ermida passam aos deles, para poderem ir buscar a lenha, e portanto é nesse sentido. De resto o que se está a salientar aqui mais é que quando houve realmente portanto o baldio da Ermida, não, de Vilar da Veiga, e depois da ermida também quando se impuseram e legalizaram esta parte toda, passaram a trabalhar depois, neste caso nós, os de Vilar da Veiga trabalha em cogestão com o Parque Nacional, ou seja, ou seja, nós somos o baldio, eles são o Parque e portanto eles têm 40% das vendas, neste caso dos lucros, e das despesas – devia ser, mas não é – portanto é só para os lucros. Mas portanto aqui eles fazem a fiscalização, têm os vigilantes fazem a fiscalização, deviam arranjar os caminhos mas também não arranjam assim muito bem. Deviam com participar os projectos que nós fazemos muitas vezes em florestação e em limpezas, mas também não fazem nada disso. E portanto essa cogestão é mais dizer assim “pronto, se nos não tivéssemos o parque como cogestor tínhamos de ter uma equipa de fiscalização, tínhamos que, por exemplo, se quiséssemos fazer um corte de madeira também não era de qualquer maneira, tinha que se ter um técnico, tínhamos que avaliar quantos pinheiros iam sair daquela zona, o que é que ia sair, como é que se fazia, é simples... nós quando queremos fazer um corte de madeira tem que se pedir realmente ao Parque, ao IC... neste caso, já não é Parque é ICNF, para dizer que queremos fazer, e depois eles têm técnicos para ir marcar e ver de onde é que deve sair, pronto, para ter a coisa mais controlada. E na questão da fiscalização também

AL: e não iam ao baldio também buscar mato?

TV1: pois, também iam ao baldio mas eles juntavam tudo não é. Mas portanto está a ver que os baldios, o baldio por exemplo é cá em cima e aquilo era lá no fundo não é, portanto era muito... mas mesmo assim o interesse que as pessoas tinham era muito naquilo, e aí ainda havia um certo interesse, a partir daqui toda a gente deixou de ter gado, e de precisar de lenhas e de precisar dessas coisas todas, os únicos que realmente hoje estão interessados são aqueles que precisam de fazer candidaturas e não têm terreno, de resto... na altura na subida do gado houve também aí uma altura em que o povo pareceu que estava assim a querer-se juntar e a querer-se unir portanto quando foi na altura do plano de ordenamento do Parque Nacional, sobre o novo plano, sobre a proibição e sobre muitas coisas entre as quais a pastorícia, o pastoreio por exemplo estava ameaçado, ou seja estávamos quase em época de o gado subir para a serra, que é a 13 de maio, uma coisa parecida, e ainda lá está nesta altura

AL: até outubro não é?

TV1: não, até setembro, se calhar até é este fim-de-semana, não sei, mas é de maio a setembro pelo menos, deve ser, e portanto estava tudo em vias de não poder sequer passar com o gado para lá, portanto nem sequer podiam existir pessoas para além daquela zona que o plano não deixava sequer que as pessoas passassem para lá. Ora isso aí as

peessoas é claro, houve aí uma grande confusão e as pessoas agarravam-se a tudo, não é. Ora a gente nessa altura não fazia parte dos baldios mas não dávamos mãos a medir, todas as semanas ouvir pessoas e ouvir os agricultores e fazer isto e fazer aquilo, ou que fosse sei lá... ir ter... quer dizer, agarrava-se a qualquer pessoa, o que é que podia fazer, e como é que vai ser e como é que não vai ser e pronto, porque era assim, aconteceu sempre estas coisas com as Câmaras, as Câmaras foram sempre poupadas disso tudo, porque é assim, estas câmaras dentro do Parque Nacional... quer dizer, as populações têm sido prejudicadas mas as Câmaras não têm sido prejudicadas, as Câmaras não são prejudicadas, porque é assim, as Câmaras têm... para conseguir... portanto, as Câmaras receberam milhões, as Câmaras receberam todas elas milhões ao longo destes anos do PN para fazer, implementar uma serie de coisas que umas prejudicam as outras não é, portanto, para aceitar umas que lhe vem trazer benefícios, certamente que depois vai trazer outras que a eles também não lhes traz prejuízo nenhum mas traz prejuízo às populações, e eles isso não dizem, porque, por exemplo, a Câmara Municipal de Montalegre, nesta altura do PO, que foi das primeiras a assinar o PO do PN, foi-lhe prometido por exemplo um restaurante panorâmico na barragem de Vila Nova ou coisa parecida e ali assim uma serie de coisas e não sei quê, não sei que mais. A Câmara Municipal por exemplo de Terras do Bouro conseguiu milhares e milhares e milhares de contos diários aí dos trilhos, das eiras, dos trilhos, dessas coisas todas, que recebeu para fazer essas coisas todas e muitas mais, portanto também lhe foi prometido que depois de assinar o... hmm, quer dizer, não é assinar, é não dizer nada, basta estar calados para ter essas garantias. Ou seja, o que lhes é prometido é fazer isto em troca de não dizer nada. Porque é assim, sempre que vieram com todos os planos de ordenamento, foi o plano de ordenamento da barragem, foi o PO do Parque, foi a Rede Natura, foi todas essas coisas, portanto, as Câmaras têm realmente benefícios, primeiro beneficiam as Câmaras com muitos dinheiros, só para que elas não digam nada, ou seja, corre tudo normal e depois passa a parte de estarem em discussão pública, e depois, só quando está em discussão pública e quando já está tudo feito e arrumado é que depois vêm dizer “não sabíamos, nós não sabíamos, ninguém nos disse nada”. E eles metem-se também do lado do povo a dizer é contra eles, mas quer dizer eles do outro lado sabem bem que eles estão do lado deles e eles foi só para não dizer nada até estar em discussão pública, foi no PO da barragem, quando se podia construir a 30 metros da barragem, não faltava aí terrenos que se pagavam a peso de ouro porque estavam ali na... e que se podiam construir. Quando nos foi apresentado o PO da barragem, ainda com o Dr. José Araújo, quer dizer... “não sabia, não sabia, isto não pode ser, não pode ser, não pode ser”. O que é certo é que para reclamar depois, tinha que... portanto, quando estava em discussão pública as reclamações tinha de ser, não podia nenhum grupo, nem nenhuma associação nem coisa parecida fazer reclamação, tinha de ser a título individual, fazer essa reclamação... ora, uma pessoa vai-se por a fazer uma coisa qualquer sozinha, vão sozinho fazer, que não sabe fazer, e depois chega lá e eles... atiram para o lado, não quer saber, não dão resposta mas depois até diz que deram, mas pronto, é o que eles costumam dizer, dizer que deram a resposta mas que

AL: mas isso porque era permitido construir e depois deixou de ser é isso?

TV1: sim, sim, sim. Portanto a 30 metros da barragem passou de 50 a 500, portanto, até 500 metros é preciso licença. Portanto depois construírem a 500 metros da barragem é preciso licença. Mas muitas mais coisas, quer dizer, estas do PO também é a mesma coisa,

por exemplo em Vilarinho da Furna que não pode andar um barco à vela por exemplo, não pode andar um barco à vela, foi permitido também nessa altura, na altura do PO, fazer um tal... como é que se chama, aquilo era tipo um submarino... um submarino que ia lá por baixo fazer visita à aldeia, e o projecto foi aprovado, e está aprovado. Aquilo é muitos milhões, tem muitos milhões que depois... claro que foi chumbado porque aquilo era no fundo para além de.... Portanto aquilo na altura tinha havido esta avaliação [ou alteração?] toda do governo mas que na altura quer dizer, aquilo eram muitos milhões, mas os milhões quer dizer, não quer dizer que fosse a Câmara a suportá-los não é, mas quer dizer, uma parte boa era. E para além disso aquilo era uma coisa onde as pessoas entravam ali em cima mas depois quer dizer entrava por baixo e ia fazer a visita... quer dizer, eu não sei

AL: nunca existiu?

TV1: não, nunca existiu, nunca existiu. Depois alteraram para uma coisa muito mais simples, isso já foi com este presidente novo, que já vai no 2º mandato, portanto... mas já

AL: da Câmara?

TV1: da Câmara. Já não tinha sido isso, já tinha sido do tempo que era do anterior a este, tinha sido do outro, do Zé Araújo, que tinha sido, para ficar tudo escondido e calado nunca disseram nada, porque para isto tiveram todos sempre estas garantias de... estas garantias quer dizer, esta facilidade de ter uns orçamentos, de conseguir dinheiro através de... para fazer obras e para fazer os tais trilhos da jeira romana e todas essas coisas, a garantia de que aquelas coisas eram aprovadas e que havia financiamento, portanto em troca de não falar muito, depois diziam “olhe, eu não sabia, nós fomos apanhados de surpresa”. Eles não se importavam disso, bastava dizer que não sabiam de nada, e portanto foi assim e não foi de outra forma, foi sempre dizer assim “não se diz nada”, lá em cima em Ponte da Barca, por exemplo, Ponte da Barca também, e também tiveram todas essas vantagens de fazer coisas que de outra forma não era possível. Enfim, depois aquilo o que correu menos bem para eles neste caso foi que as pessoas realmente juntaram-se, e onde eles depois tiveram grandes alterações e velas... muitas velas, foi por exemplo a questão do pastoreio, abandonaram essa alínea que os proibia sequer de ir com o gado, proibiam as pessoas de passear a pé, de andar a pé, proibia todas essas coisas. Mas prontos, mas complica-se na mesma porque existem na mesma as portagens no verão as pessoas não podem também, mesmo que vão para estacionar o carro na Portela do Homem ou em qualquer outro ponto também não podem ir a pé e depois não passam nas lagoas, não se podem deslocar às lagoas, não podem fazer um trilho sem ser guiado, portanto, podem ir mas podem ser apanhados e depois têm uma contraordenação

AL: pois... nessa zona de protecção total

TV1: na zona de protecção total que é praticamente tudo não é, é tudo. Isso, sei lá, quando foi vendida a ideia no início de “as portagens é só para ver que as pessoas se ponham enfim, desta portagem, desta zona a outra zona em x tempo, que é para não estar estacionados a estorvar o transito, que é para depois as pessoas não... se for preciso, se houver um incendio, se houver para os carros dos bombeiros ou ambulâncias não fiquem ali condicionados por causa do estacionamento, foi isso que foi vendido mas quer dizer, mas afinal depois a seguir já dizem que a portagem, enfim, não é que seja muito considerável mas por exemplo, mas sempre dá para depois fazer alguns investimentos

aqui na zona, e as limpezas e tratar disto e daquilo, o que é certo é que não há nada, nunca fez aí ninguém nada não é, portanto eles calculam que hajam 800000 Euros ou que é que eles fazem ali de portagens, mas quer dizer não se vê investimentos nenhuns... e na questão das outras coisas temos, sei lá, olhe, temos aquilo que não era antigamente que é as casas florestais todas a cair, não é, que são todas da floresta, embora muitas delas estão em terreno baldio mas são da floresta, estão todas a cair, não têm nada de útil, pronto, é tudo assim ao abandono, aqui a sede do Parque Nacional que era aqui em cima, que foi feita, sei lá, em 1990, foi construída de certa forma para ser aqui a sua sede, que não faz nenhum sentido a sede ser em Braga, mas era para ter aqui a sua sede, isso traria grande movimento aqui a esta região

AL: mas já foi aqui a sede? É aquela ao pé da estrada, que diz lá...

TV1: sim, de quem vira... depois de passar aquelas curvas fechadas

AL: já na Vila do Gerês...

TV1: já depois de passar, já depois lá para cima, digamos que... é no Vidoeiro

TV1: ah, já sei, onde está o centro ambiental ou que é, de interpretação

TV1: sim, aí é que era a sede, devia de ser, e até tem um auditório, fizeram aquelas obras todas, e fizeram aquilo tudo para, com intenção de... enfim, de funcionar aqui a sede, que era o que se justificava, e tem aqueles gabinetes todos para toda a gente, mas quer dizer, eles não quiseram, ficaram todos, preferem todos estar em Braga. E portanto a gente quando às vezes participa numa venda no baldio, por exemplo o de madeira sabe o que é, por exemplo os madeireiros que... agora não são... mas portanto que é para concorrer ao corte de madeira que tem que ir primeiro lá à sede apresentar a proposta, depois... mas vão lá uns poucos naquele dia, depois tem que ir lá outro dia depois fazer não sei o quê, depois tem que ir lá outro dia para... enfim para fazer...

AL: lá a Braga?

TV1: sim, mas não quer dizer que sejam daqui, podem ser do Porto ou de Vila Real ou de onde for. E depois têm que ir lá outra vez para... no dia para ver, para ver as propostas, e depois tem de ir lá outra vez para validar a proposta, e depois tem de ir lá outra vez para começar o corte e essas coisas, quer dizer, aquilo para um corte de madeira obriga as pessoas a deslocar-se a Braga para aí 5 ou 6 vezes, o que quer dizer que se a sede fosse aqui tinham que se deslocar aqui, e quer dizer, deslocar-se aqui ou a Braga já quer dizer que as pessoas têm de vir cá almoçar, têm que ficar ali naquela zona, e portanto... pronto, é uma coisa que prejudicou bastante esta área que não tem cá ninguém. Quer dizer agora ainda tem meia dúzia de carros a passar e não sei quê porque o tempo está de sol, mas se estiver a chover não passa cá ninguém. E pronto, as pessoas a troco do estar melhor, os funcionários estão melhor lá em baixo, aqui há 3 ou 4 que são de cá, mas ninguém quer ficar aqui

AL: há uns engenheiros aí a trabalhar ainda não é? Do ICNF

TV1: há um engenheiro só que está aqui, o...

AL: é o Tomás

TV1: sim, o engenheiro Tomás

AL: ai é só um? Pensei que eram mais

TV1: é um só, o outro engenheiro que está responsável pela [? *não se entende*], que é o Jorge Dias, mas está em Braga todos os dias

AL: curioso, esse Jorge Dias tem exactamente o mesmo nome que um antropólogo que escrever sobre Vilarinho das Furnas

TV1: ah, esse é mesmo Jorge Dias e também é de Vilarinho da Furna, do Campo do Gerês

TV1: [...] Ainda há bem pouco tempo o Parque Nacional que tinha mandado cerca de 40 moradores que ficavam naquelas imediações do parque e que estavam a tomar conta de terrenos do parque, e os terrenos de que eles estavam a tomar conta era apenas a limpeza, para fazer limpeza das mimosas e dos matos que lhes entravam pela porta dentro, das suas casas não é, e eles faziam aquelas limpezas ali... é claro que alguns naquelas zonas fizeram... meteram umas árvores de fruto naqueles bocados, outros já há muitos anos atrás até chegaram a alugar assim a tipo precário ao Parque para cultivo. Tinha aqueles terrenos ali à volta da casa e o parque mandou que as pessoas... para as pessoas retirarem aquilo dali para fora em x dias porque senão iam lá e tiravam, e mesmo assim ainda fizeram essas tentativas de tirar essas coisas

AL: agora recentemente?

TV1: sim, sim, sim, há para aí um ano. E claro, depois disso houve... depois as pessoas não têm a quem recorrer, quer dizer, nessas alturas as pessoas recorrem é a mim, e vieram depois aqui à pressa a ver como é que ia ser. E portanto eles estavam mesmo.... O tribunal era mesmo para os tirar dali para fora, quando eles apenas limpavam aquelas... pronto, aquilo que o parque era obrigado a limpar

AL: então eles estão a fazer um serviço para o Parque

TV1: exactamente

AL: e o que é que ganhavam com isso?

TV1: as pessoas, quer dizer, ganhavam... primeiro por terem a limpeza à volta das casas feitas

AL: mas eram as próprias pessoas que faziam não é?

TV1: faziam, mas as casas eram ali à beira da casa e aquilo estava ali tudo sujo não é

AL: mas portanto, o Parque investia nas pessoas, davas-lhe dinheiro para fazerem a limpeza?

TV1: não, não, era eles que faziam, eram eles que faziam tudo, mas já faziam aquilo há muitos anos, e o parque é que teve medo que eles estivessem a usar aquilo, que tomassem conta daqueles terrenos e é que lhes fez despejar dali para fora

AL: não me está a fazer sentido nenhum

TV1: pronto, mas sabe qual é o sentido? O sentido é que, é neste sentido também, é que, depois de começarem a insistir, o que veio ao de cima foi isto que é assim, para quem está a ouvir e a ver, a ouvir o que está a acontecer, portanto e com o PN também, era para dar cumprimentos ao PO, que era para quem estivesse fora e não soubesse o que se estava a passar, portanto eram as pessoas que tinham aquelas zonas agrícolas dentro do parque tinham que abandonar até que o novo PO previa, por causa dos incêndios e por causa disto e por causa daquilo, o que quero dizer é que, para quem não soubesse o que é que se passava, esses agricultores estavam um, sei lá, na Pedra Bela, o outro estava na Albergaria, o outro estava sei lá no... sei lá era algum terreno que um particular estava a usar dentro do Parque mas lá no meio da mata não é, não era ali... que não era ali à beira das casas, era pensado... quer dizer, o que parecia era que aquilo era lá muito longe e realmente tinha razão porque depois havia, para queimar umas lenhas, havia o período dos incêndios. Mas não, era à porta das casas, ora, nós começámos a pegar nesse caso, não é, e as pessoas estavam atrapalhadas, porque mesmo alguns eles chegaram a tirar, e depois o que é que veio a acontecer? Veio a acontecer que o parque teve de recuar e teve que dizer que realmente aquilo foi um erro e deixar estar como estava e que aquilo foi um mal-entendido, e não sei quê... mas foi a partir da altura em que veio também o JN por aí acima, e fomos ver e fomos ao local com as pessoas e eles tiraram fotografias e escarrapachou bem no jornal o que é que se passava afinal, que não era nem isto, nem aquilo, nem aqueloutro, que era realmente aquilo, e depois, por outro lado, eles fizeram várias perguntas à Assembleia da República, e portanto tivemos a resposta do Ministério da Agricultura e do Ambiente e dessas coisas todas e depois a última cartada que nós fizemos realmente foi o quê? Quando eles resistiram por completo... e não há é pessoas aqui, porque se houvesse essas coisas não existiam, eu também não estou muito para me meter nessas coisas, quer dizer que foi aí que acabámos com esta contenda que foi o Parque estava a mandar retirar as pessoas daqueles locais, quando a única pessoa que os podia mandar sair dali para fora era a Câmara. E porquê? Porque os terrenos estão todos em nome da Câmara. Portanto o legítimo dono desta área toda, ou é particular ao baldio... ou é a Câmara. Ou seja, os terrenos que o Estado, que a floresta... diz que é da floresta... e é, portanto, para nós também, é da floresta... mas está em nome da Câmara.

Portanto repare, nós até... portanto, se houvesse aqui pessoas, portanto, o Gerês diz que é um beco sem saída, que não tem espaço nenhum para alargar, que não pode alargar para lado nenhum, que não tem sítio para nada, que não tem nada, quer dizer, isto é mau, porque nós já não pedíamos se fosse até à Pedra Bela ou que fosse até lá acima ao mirante de João Seda [*? não se entende*], já não se pedia que fosse para lá... mas pelo menos não era aqui naquela baixa, de onde é o campo de futebol, não é, ali aquela zona, esta parte ali onde não se pode construir, não se pode fazer nada porque não há espaços, portanto, desde aquela parte baixa em todo o nível do Gerês, porque está tudo em nome da Câmara, era resgatar aquela parte pelo menos para enfim, para poder haver espaço para o Gerês poder alargar se quisesse, e então era muito simples, olha 'olhe, vamos lá tratar disto, vocês a partir daqui... isto é tudo nosso, a partir daqui isto é nosso, e a partir daqui para cima isto é

vosso e vamos lá tratar disto, portanto... e foi dessa vez que eles resolveram realmente essa situação, porque foi na Assembleia da República não é, foi feita a pergunta final... vocês querem mandar em quem? A única pessoa que pode por as pessoas dali para fora, conforme documentos, é a Câmara, que isto é da Câmara. E pronto, e depois veio realmente a resposta a dizer que sim senhor, que havia razão, porque enfim, porque os SF nunca se interessaram de pôr mas iam começar a pensar nisso agora, e tal, tal, e pronto, e daqui dava muito pano para mangas para... para a Câmara também dizer assim, se eles dizem que sim senhor, pois muito bem. Mas o que é certo é que as pessoas ficaram satisfeitas e sim senhora, e grande golpada, e assim é que se fez as coisas e foi muito bem feito. [...]

AL: vocês recebem e eles só recebem salário... não é?

TV1: exactamente, ou seja, nós tínhamos de pagar à ADEFM¹² 9500 de três em três meses, portanto o dinheiro das ITI que era por exemplo 24000 Euros, não é... portanto, eles executavam aquela limpeza que estava programada e depois andavam a trabalhar para o baldio, portanto, desses 24 000 Euros que nós recebíamos das ITI eles recebiam aquele e mais, andavam a trabalhar sempre para o baldio, portanto esse dinheiro dava para lhes pagar e dava para uma parte do orçamento. E depois, por exemplo, se eles fizessem uma coutada para um particular, que fizessem 1500 Euros, depois mais mil, e mais... de serviços particulares, no final do ano... eu posso dizer que até este ano eu nunca paguei nada aos sapadores, ou seja, o baldio nunca teve despesa com os sapadores, foi sempre esse dinheiro que vinha das ITI... mas que era de trabalhos feitos, ou seja, o que é que eu quero dizer... se, no tempo dos antecessores recebiam os 20 000 Euros das ITI, e se eles chamavam a equipa de Rio Caldo e pagavam 2000 para efectuar esse serviço... era a única coisa que faziam também, não faziam mais nada... portanto, esses 20 000 Euros iam para outro lado mas não para a floresta não é? Vinham para a floresta mas não eram utilizados na floresta. Neste caso, o nosso... desde que temos a equipa de sapadores, é usado na floresta. Porque quer seja directa ou indirectamente, eles estão a trabalhar na floresta, não é? Portanto, eu não lhe vou pagar nada por ele estar a fazer aquele serviço ali para o baldio, mas como tenho que pagar 9500 à associação de 3 em 3 meses, eles têm que estar a trabalhar para o baldio, por exemplo se estiver a chover, vão arranjar os caminhos, tratar dos caminhos do baldio e se não fossem eles tinha que arranjar alguém para tirar os [*? não se entende*], por causa da chuva para não cortar os caminhos, e prontos, é esse dinheiro das ITI reflectia-se no orçamento dos sapadores

AL: e eram também os sapadores que faziam a limpeza das ITI

TV1: pois, faziam tudo

AL: então era, só usava esses 9500 por ano, basicamente

TV1: de 3 em 3 meses. São 37, e a associação recebe 35, portanto uma equipa de sapadores tem um orçamento na ordem dos 72 000, sendo que a associação recebe 35000 do Estado e 37 do baldio, portanto, para fazer os 72 000

¹² Associação de Defesa da Floresta do Minho

AL: então vocês que recebem 20 e tal mil, gastavam 30 e tal mil

TV1: exactamente, nós... 24... 13... portanto, nós gastávamos 37, o nosso orçamento era 37 por ano, não é, para a equipa de sapadores. Se nós recebíamos 24....

AL: teriam, que gastar 13 000

TV1: 13, 13. Mas quer dizer, nunca gastávamos porque os trabalhos que os sapadores faziam para os particulares acabavam por... portanto, 1500 de roçar aquela coutada, mais mil para a outra

AL: não iam para a associação, iam para vocês... esses tais trabalhos que eles faziam para particulares...

TV1: se fosse para a associação nós ao fim descontávamos, porque para nós também não vinham, mas quer dizer, ao fim havia o controlo do dinheiro que ia ter à associação e nós quando íamos para pagar já não pagávamos, porque eles já tinham recebido... não é, já tinham recebido desses serviços. Esses serviços, pronto, também algumas vezes havia, outras não havia, e depois também tínhamos um projecto com 40 e tal hectares que era naquela zona que ia para a Ermida, e portanto este ano é que realmente foi cortado tudo, foram as ITI, foram cortadas as ITI's, foram cortados os projectos de limpezas, que nós fizemos um e depois aconselharam-nos a recandidatar-nos a continuação daquele projecto e ele não deixaram... portanto, foram cortados, não deixaram, este ano não...

AL: não vai haver? Já sabem?

TV1: vão abrir agora, mas para já, de momento ainda não há nada, ainda não há nada em concreto

AL: e essas candidaturas vocês faziam com a ajuda de quem?

TV1: da ADEFM, somos associados e pronto. Essas das ITI era o Parque que as fazia, portanto o Carlos Pinto, o engenheiro Carlos Pinto é que fazia, é que faz, essas candidaturas, portanto ao nível dos baldios todos do parque, é ele que faz as candidaturas. Portanto, essas ITI e esses INP, são feitos pelo Carlos Pinto.

AL: e não costuma fazer cortes de madeira boa?

TV1: não, porque eles também... e também não há e eles também não... quer dizer, não é não haver, não há assim muito aqui em baixo não há, e em [*? não se entende*] também não, e o parque também quer dizer, é assim, não gosta muito de deixar vender... Por exemplo, nós estamos na alínea em que estamos em cogestão com o PN, e o PN é no fundo ainda é o que tem valido não é, porque é ter assim um bocado “não posso hoje vou amanhã” e não sei quê, e entretanto passou aquele corte, e eles sabem que naquele ano que não vai, porque sabem que as pessoas também não têm necessidade de dinheiro. E a Ermida em contrapartida está noutra alínea, não sei muito bem como é que eles...

AL: é autogestão não é?

TV1: é autogestão mas quer dizer, é uma autogestão mas para todos os efeitos o parque... eles precisam sempre do parque. Prontos, foi uma opção que eles tomaram e levaram aquilo sempre um bocado assim à margem.... Estes novos agora prontos, tanto os do CD como os do Parque, pronto já estão assim... já têm melhores relações e não sei quê. Mas antigamente aquelas pessoas da Ermida era tudo a eito e quem se atravessasse na frente, qual parque qual carapuça. O que é certo é que fizeram muita asneira, levavam tudo a eito, cortes rasos, o que eles fizeram para ali, limpavam aquilo tudo a eito

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] eu tenho trabalhado muito com engenheiros florestais... ainda agora, olha por causa disto, nós também concorreremos àqueles projectos, lá de

AL: pois, também queria chegar aí, a essa parte da gestão actual do foral, só para ter uma ideia... porque inicialmente eu não estava muito por dentro de qual a diferença prática entre monte foral e baldio, agora já vou estando mais porque tenho falado com pessoas que estão associadas a montes aforados

TVf1: o problema é que a própria lei não prevê nada para montes forais, aqueles concursos, faz de conta que isto não existe... pronto, em termos práticos, e para efeitos de concurso, nós concorreremos como se aquilo fosse um baldio... eu já tive ali um processo em tribunal por causa ali de um estafermo de um advogado que lhe chamou baldio, e eu citei-lhe por exemplo, olhe, “quando os lobos uivam”, foi aqui em Terras do Bouro, perderam os terrenos todos quando o Salazar resolveu plantar com o pinheiro bravo todo o território português

AL: sim, mas depois com o 25 de abril não foram retornados os baldios?

TVf1: foram... foram e não foram, porque a lei previa que sim senhora o Estado devolvia aquilo mas não ia [*? Não se entende*] os baldios, de maneira que a Junta apropriava-se um bocado daquilo e ficava como sendo coiso... e na maior parte dos casos nem sequer a Junta, por exemplo o Lindoso, agora o Lindos já tem lá o concelho de baldios e aquela coisa tudo organizado, mas não tinha. E houve ali uma certa guerra contra a Junta, e a Junta alegou qualquer coisa de 1930 e não sei quê, mas depois o Estado... ah, mas mesmo nessa comissão o próprio Estado ia buscar também x %

AL: ainda vai...

TVf1: ainda vai, pois

AL: das receitas da floresta ainda vai.

TVf1: de maneira isso significa que... depois o desenrolar dos acontecimentos acho que são quase todos em consociação, já estão quase todos organizados, olha, por exemplo, o Campo do Gerês não funcionava a comissão de baldio... agora já está, e praticamente ele não tem baldio, é que eu nem sei onde é que é, acho que o pessoal também faz aí alguma confusão, aquilo é tudo

AL: é monte foral também não é?

TVf1: aquilo foi aforado... tem para lá uma courelazita

AL: eu agora não sei a área mas tenho escrito em algum lado

TVf1: mas acontece que já se criou isso. Ora bom, mas então para concorrermos lá para esses fundos

AL: aliás, muitos dos baldios que se organizaram recentemente, ou os compartes, organizaram-se precisamente para acederem aos subsídios

TVf1: exacto... nós estávamos organizados, nós precisámos de um projecto, na altura do IPAF, aquilo foi mudando conforme as circunstâncias

AL: agroflorestal?

TVf1: aquilo era para reflorestação... e então por causa disso andámos em guerra lá com o tal director do Parque e não conseguimos, essa deu-me gozo, que ainda ele era director do Parque... “ah, quando eu for director do Parque, a Furna...” e tal, que não vai aprovar projectos nenhuns, e foi nessa altura que foi aprovado o projecto para o Lindoso, e a Junta de Freguesia do Lindoso veio passar procuração à Furna, de maneira que

AL: passar procuração à Furna?

TVf1: a florestação... a primeira reflorestação que houve no âmbito desses projectos foi feita pela Furna, foi feita por mim, a freguesia do Lindoso passou-me a procuração

AL: mas o Lindoso é perto de Vilarinho? Não...

TVf1: é, é... divide com Vilarinho lá no cimo da serra, os terrenos fazem fronteira com Vilarinho

AL: ah, lá em cima da serra... mas o Lindoso faz parte de Ponte da Barca não faz?

TVf1: faz, mas nós temos aqui assim, aqui neste lado fica Vilarinho, o rio Homem, neste lado fica o Lindoso, e depois aqui no cimo fazemos o limite de fronteiras, para aqui é terreno de Vilarinho, para aqui é terreno do Lindoso. E então a Junta de Freguesia passou-me, na altura era quem geria ainda os baldios, então passou a procuração à Furna. E ainda era ele o director do Parque e foram aprovados dois projectos, deu-me um gozo [RISOS]

AL: e eles não queriam porquê? Porque era produção, é isso?

TVf1: o quê?

AL: porque é que os do Parque não queriam?

TVf1: porque embirrou, e depois ele não me queria deixar fazer o projecto e foi obrigado pelo tribunal a fazer-me o projecto. O próprio Parque teve de me fazer o projecto. Só que foi um projecto tão mal feito, tão mal feito, que eu não aceitei. Foi a primeira vez que... quando se concorre com projecto quero que seja aprovado para se ir lá buscar uns tostõezinhos. Pois eu recusei um projecto de 30000 contos, recusei mesmo! E escrevi uma carta para o IFAP do Porto a dizer que “recuso este projecto”, e foi feito pelo Parque, foi condenado a fazer-me o projecto [RISOS]

AL: mas estava mal feito porquê? Em termos de quê?

TVf1: porque, primeiro, olhe, plantação lá no cimo da serra, tudo bem, mas não prevê um caminho para depois lá chegarmos... como é que vou lá levantar a coisa? Sim senhora, o pessoal vai, eu tenho de andar a pagar ao pessoal para andar a passear para cima e para baixo ahn? Tudo bem, mas para isso que vão passear para outro sítio, eu quero é que eles trabalhem. E depois, sim senhora, cresceu a planta... como é que eu vou tirá-la de lá para fora? Tem de ter um acesso não é? Para depois ir lá um tractor, uma coisa qualquer, não digo assim ir lá um Porsche ou ir lá um *Rolls Royce*, mas um jeep... eu recusei e justifiquei porquê, e o engenheiro lá do IFAP do Porto, que era o chefe lá do IFAP do Porto disse “ oh senhor Antunes, você alguma vez estudou engenharia florestal? Você parece um silvicultor” [RISOS] “eu nunca vi uma crítica a um projecto tão bem feita como esta” [RISOS]. Então deu-me razão e não foi aprovado o projecto. E depois eu fiz outro como devia ser, e ainda está... a ele não lhe interessava a porcaria da plantação para nada

AL: era plantação de quê? De pinheiro bravo?

TVf1: de pinheiro, de carvalhos, é conforme a zona, a área, da água

AL: e eram quantos hectares, tem alguma ideia? Só para ter uma ideia do que é que se fazia nessa altura

TVf1: o nosso terreno eram 1700 e tal hectares

AL: de plantação? Iam fazer a plantação na área toda?

TVf1: sim, claro... depois como ele não me queria deixar fazer isso nós pregámos-lhe uma partida, porque o Ribeiro das Furnas, que é aquele ribeiro que vai por aqui abaixo, esse é que faz o limite do Parque [descreve olhando para uma fotografia no livro dele, fala de como os limites do parque têm sido alterados ao longo do tempo, por exemplo, quando foi da Maria de Lurdes Pintassilgo passou a seguir a linha de água, etc.] [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a radio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a serio? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andam no nosso os dos outros andam nos deles.
Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali. Mas moral da história, daqui para lá é Lindoso [...] e então como a Junta de Freguesia de Lindoso, agora já têm comissão de baldios mas naquela altura não tinham, passou-nos a procuração e nós fizemos o projecto. A mim não me interessava efectivamente para nada a plantação porque eu já sabia que ia arder, mas com base nessa plantação consegui fazer o caminho que vai da barragem junto até ali à aldeia de Vilarinho.

Porque aquilo, a barragem fez aquilo mas não deixou nenhum caminho de acesso lá, àquela zona. E então como consegui fazer esse caminho foi porreiro porque começámos depois a desenvolver algumas actividadezinhas

AL: da barragem à antiga aldeia, foi o que disse?

TVf1: [explica a mesma coisa recorrendo a fotografia do livro] e com base nisso, isso concluímos em 2001, e com base nisso criamos o museu subaquático de Vilarinho da Furna, que é mais um museu que nós temos lá

AL: como é que é?

TVf1: o museu subaquático

AL: como é que eu nunca ouvi falar disso?

TVf1: nunca ouviu falar? É o primeiro museu subaquático do mundo. Por isso é que lhe digo, com base naquela ideia de criar o museu etnográfico, já temos 4 meses, temos o museu de Vilarinho, temos o museu das Portas do Parque, temos o museu da Geira, que está junto ao museu de Vilarinho, é subterrâneo, e depois temos o museu subaquático que é... temos a aldeia, que é as casas, as pedras, tem uma ponte... é só levar o fato de mergulho e vai lá

AL: a sério?

TVf1: a sério, temos 2 mergulhadores lá

[fala-se sobre essa possibilidade pessoal]

TVf1: temos guias turísticos subaquáticos, que é uma associação de Viana do Castelo, que é “Os Cavaleiros do Mar (?)”

AL: não conhecia

TVf1: é o primeiro museu subaquático do mundo

AL: deve ser espectacular, mas há quanto tempo é que isto existe?

TVf1: desde 2001 [mostra nas fotos antigas da aldeia o que se pode ver debaixo de água] [...] então é o seguinte, com base nisso, a malta começou, malta de viana do Castelo, o Marco Leitão por exemplo, que na altura era o presidente de uma associação de mergulho, Os Amigos do Mar, e agora criou Os Cavaleiros do Mar, que é uma empresa mesmo, ele é de Ponte de Lima mas... olhe, ele até é farmacêutico de formação, mas é todo dedicado a estas coisas de mergulho e não sei quê (...) “nós podíamos... agora que tem um caminho nós podíamos ir lá mergulhar”, e mergulharam e fizemos um protocolo com eles, a Furna. E a coisa começou a funcionar... depois, um dia houve ali uma confusão qualquer, ah, mudou o director do Parque, e eu estava.... Tinha ido a Astorga, fica ali em Leon... porquê? Porque Vilarinho da Furna muito provavelmente a aldeia de Vilarinho terá começado quando fizeram a celebre estrada da Geira [aqui faz questão de dizer que a primeira vez que isso foi escrito foi no seu livro], uma estrada romana que ia de Braga até Astorga, e Geira só se chama a um troço que vai dali de Amares até ali à Portela do Homem, tem muitas curvas... ou melhor, é uma designação

AL: eu conheço, é aquela que passa pelo meio da mata da Albergaria?

TVf1: exactamente, que é a estrada romana do tempo Vespasiano, que em termos [? *Não se entende*] é a estrada nº 18 do itinerário de Adriano.... Uma espécie de Guia Michelin que dizia as estradas do império romano, século I, da nossa era, foi atribuído a Adriano, ninguém sabe muito bem quem era esse Adriano... se foi um imperador... e as estradas vêm numeradas e então aquela é a estrada Via Nova nº 18, e a 17 é aquela que também sai de Braga e vai por Chaves, que era mais antiga. E depois Astorga... e então Astorga estava-me um bocado atravessada, eu andava a falar de Astorga a todo o momento e nunca tinha ido a Astorga, até que um belo dia terminámos a nossa reunião a nossa reunião assembleia geral ali junto ao museu e depois meti-me no carro, foi em 2001, por aí e meti-me por aí afora e fui a Astorga. E depois já vinha no regresso

AL: e foi por essa estrada?

TVf1: a estrada... agora é a estrada nova, é alcatroada, nalguns sítios apanha troços antigos mas já está a desaparecer. A zona onde está mais conservada é ali precisamente na zona da Albergaria, concelho de Terras do Bouro, não é só na zona de albergaria, é no concelho todo, porque um presidente da Câmara bateu-se por isso e comprou aquilo e tal e fez umas coisas interessantes, e até é património nacional

Ah, mas eu estava a acabar de contar a historia lá do... então eu tinha ido a Astorga e então estava na hora de almoço num sítio muito giro que fica do outro lado de Bragança, na parte espanhola, que é Sanabria [...] e então recebo um telefonema de um jornalista do Diário do Minho, porque... tinha estado o Paulo Castro e depois tinha havido outro que tinha vindo dali da zona de Esposende, de uma reserva

AL: acho que é o parque do Litoral Norte

TVf1: e então, e nós também não sabíamos muito bem os limites do parque... porque nós temos um controlo, dizemos que Vilarinho da Furna está fechado à chave, temos um controlo, com uma tranqueta, no início daquele caminho que vai até Vilarinho, se estivesse sem tranqueta nenhuma aquilo era um pandemónio lá dentro, nós no dia que fizemos lá o estradão pusemos lá uma tranqueta, até era da EDP, mas eles tinham-na antes da ponte, antes da barragem... porque a barragem não dava acesso a ninguém, não havia indicação depois para Brufe e para o outro lado, ia-se até ali e pronto, depois só tinha acesso de carro, os funcionários da EDP, e nós até 100 metros mais ou menos depois da barragem, que era onde terminava depois um estradãozinho que eu tinha feito que era por causa de uns acessos, aí então tem umas cascazitas, ali para dentro não havia caminho, foi feito depois pela Furna e tal. Ora bem, ali em cima da barragem começou a haver trânsito livre [...] e então durante o verão, e aquilo até é uma coisa mais simbólica, para dizer que nós é que somos os proprietários daquilo senão aquilo virava caminho público e passados meia dúzia de anos, neste caso 20 anos, era por usucapião e era caminho florestal e assunto resolvido e nós não queremos que isso fique assim, se é privado é privado, é privado como outra coisa qualquer. E quem quiser lá passar, só durante o verão é que pomos lá uma cobrança de portagens, quem quiser vir de carro, só aos fins-de-semana, durante a semana está fechado, ninguém vai de carro, tem de se pedir a chave lá ao guardião

AL: isso é inserido dentro do parque?

TVf1: fica já fora do parque, o limite do parque passa exactamente ali, passa em cima da barragem e tal

AL: ok

TVf1: bem, e telefonaram-me do Diário do Minho porque havia ali um problema qualquer, que eu nem sabia, que o director do Parque estava um bocado chateado com a Furna e não sei quê. E eu disse “o director do Parque que se meta na vida dele e que aprenda os limites do parque, aquilo fica fora do parque, não tem nada a ver com o assunto” [RISOS]

AL: pois, por isso é que eu estava a perguntar, cobrar portagens dentro do parque

TVf1: não tem problema nenhum, não. O próprio parque, por proposta minha, da Furna, começou... claro que eu lancei aquilo, mas foi um processo com a Câmara, com o parque e com essas coisas todas, com a Junta, montou ali as portagens na entrada da Mata de Albergaria no verão... agora no fim de maio vai começar isso. Pôs uma portaria, sai no diário da república e tal, mas foi iniciativa até das populações locais, porquê? Porque aquilo é para evitar o acesso à mata da Albergaria, que é um pandemónio. Só que depois funciona exactamente ao contrário, quanto mais gente for, mais dinheiro cai na bolsa não é, e então eles até punham anúncio para ir para lá mais gente, mais dinheiro recebiam ao fim do dia, o objectivo era por exactamente ao contrário, deixar entrar tanta gente e enquanto não sair um não entra outro, que é o que nós fazemos ali em Vilarinho, já foi proibido de entrar lá um vereador da Câmara Municipal de Terras do Bouro enquanto não saísse outro, e esse depois chateou-se e não foi mesmo, e era uma festa promovida pela Câmara lá dentro, eu disse “enquanto não sair um, não dá” “ah, mas eu sou vereador. [continuando a história do Diário do Minho...] [...] eu às tantas já me estava a chatear com aquilo e disse-lhe “vamos deixar de falar de conflitos com o parque, acho que não temos conflitos nenhuns, vamos falar sobre o museu subaquático de Vilarinho da Furna”. E o

diário do Minho espeta lá com o museu subaquático. Na sequência disso o Público vai logo atrás da história do museu subaquático, manda logo repórteres a fotografar a malta a mergulhar e aquelas coisas todas. Claro que a televisão soube disso e convidou-me logo para ir fazer uma reportagem para a televisão. Então foi lá o Serra, o Alberto Serra, acho que eles já está aposentado, ainda fiz uma entrevista com ele mas acho que já está aposentado

AL: é quem?

TVf1: o Alberto Serra, que era jornalista da televisão, ali do Porto. E então convidaram-me para ir lá acima, queriam fazer uma reportagem em directo para o noticiário da uma [...] por acaso nessa altura a água estava um bocado baixa, e eu dei a entrevista mesmo no meio da aldeia

AL: portanto viam-se as casas?

TVf1: sim, sim, metade estava descoberta, e ali estivemos a conversar [fala do atraso que houve, e de como ele se enganou nas perguntas e tiveram de voltar atrás, portanto que aquilo demorou um bocado e que quando saíram de lá já devia passar do meio dia e qualquer coisa mas que ainda assim à uma da tarde estava a reportagem no ar] “museu subaquático, o primeiro da Europa... do mundo, não fazia a coisa por menos, nem sabia se havia outro, depois é que vim a confirmar que não havia outros. Ora bem a coisa pegou e a partir daí começou malta a querer ir a Vilarinho, cada vez mais... e já lá foram mergulhar associações de mergulho aqui de Lisboa, já foram lá do Algarve, da universidade do Algarve... que até, por exemplo, no Algarve, os estudantes de biologia marinha, mas eles têm de treinar a mergulhar, e em vez de irem treinar ao mar bravo foram treinar a Vilarinho... os bombeiros por exemplo já lá vieram mergulhar e treinar, os bombeiros da Bélgica e da Holanda, e portugueses. O da Bélgica foi o seguinte, era para fazerem uns treinos ali, juntamente com os portugueses, ali em Esposende, então andaram lá com os bombeiros de Esposende, Barcelos, etc., só que o mar estava muito agitado naquele dia e não dava muito para mergulhar, e então como eu tinha um sobrinho que trabalha na Câmara lá de Barcelos, que até é o nosso tesoureiro, telefonou-me a perguntar se podiam ir mergulhar a Vilarinho “vá, pode sim senhor”. E lá foram treinar, claro que ficaram todos entusiasmados com aquilo não é, e depois passam a palavra uns aos outros. Mas esta história de ser o primeiro, tanto faz que seja o primeiro ou o último, mas tem a sua piada, isso foi em 2001, dada a notícia na televisão portuguesa... em 2009 no noticiário da noite, está o José Rodrigues dos Santos “ah, e tal, primeiro museu subaquático do mundo em Israel”, disseram que descobriram para lá um porto do tempo dos romanos, então foi lá a malta mergulhar e tal, em 2009... o nosso tinha sido em 2001, só pode haver um! Aqui há tempos também, houve outra história, foi não sei onde, uma terra qualquer, também vinha lá, o primeiro museu subaquático do mundo “não, o primeiro é o nosso!”. [...] e temos tido malta que lá vai, pedem-nos autorização para ir, pagam um tanto

AL: e isso vai para a Furna ou vai para

TVf1: vai para a Furna, a Furna é que faz a gestão daquilo, alguns vão lá, levam a chave e não pagam nada, alguns são mais ou menos sérios e vão lá pagar. Lá o guardião, agora desfazendo, diz-lhes para quando vierem voltarem a depositar a chave aqui

AL: vocês criaram alguns... já percebi que há um guardião, que é pago

TVf1: não é pago

AL: ai não?

TVf1: quer dizer, é pago sim, mas é pago mais pelas gorjetas da gente que lá vai e tal

AL: mas houve algum posto de trabalho que tenha sido criado devido à Furna ou à actividade de gestão do foral

TVf1: não, não, não tem ninguém que seja pago. Mas postos de trabalho sim, olhe, toda a malta que trabalha no museu etnográfico é graças à minha ideia, se não, não havia lá museu para ninguém, certo? E depois atrás desse já veio o museu da Geira, já veio o museu do coiso. E temos o guardião que também faz lá as cobranças, que lhe oferecem umas gorjetas, além da cobrança que é documentada por si, lá vai recebendo uma gorjetazita, lá se vai governando com isso... pelo menos nunca me apresentou nenhuma conta para pagar [RISOS]. Mas ele tem de pagar a outra... quando mete algum ajudante, tem que lhe pagar, aí sim, mas isso é daquelas coisas pontuais, eu digo pago porque agora está credenciado, tem um crachá passado pela Furna, pela direcção da Furna, e agora pediu-me para passar um para uma ajudante dele, que até é espanhola, casou com um dali do Campo do Gerês, e eu passei-lhe aqui há dias um crachá, para ela, para este ano. Não sei quanto é que ele lhe paga, mas isso é contas lá dele, lá das portagens

TVf1: a estrada... agora é a estrada nova, é alcatroada, nalguns sítios apanha troços antigos mas já está a desaparecer. A zona onde está mais conservada é ali precisamente na zona da Albergaria, concelho de Terras do Bouro, não é só na zona de albergaria, é no concelho todo, porque um presidente da Câmara bateu-se por isso e comprou aquilo e tal e fez umas coisas interessantes, e até é património nacional

AL: e fazendo parte do Parque, até que ponto não é

TVf1: o Parque foi um estorvo, até agora, sempre foi um estorvo, para toda a gente lá da terra, só prejudicam todo o desenvolvimento... [...] [conta a história de como e quando foi publicado o livro dele, que foi no mesmo dia em que ele te comparecer em tribunal em Braga devido ao processo com o director do parque que ele já referiu, do qual não foi acusado no fim. Em seguida foi para lisboa para apresentar o livro. Conta isto porque fala de como este conflito com o parque está descrito no livro – 7 de dezembro de 1994. Fala de como estava presente o Ramalho Eanes e a família no lançamento do livro e de como fez com ele uma piada “já tentámos pôr o Estado na cadeia mas ainda não conseguimos”]. E então, voltando à história, tinha mudado o director do parque, já tínhamos outro, e já era o terceiro... olha, este edifício aqui, o monumental, tem a ver com o encerramento dos processos entre o parque e a furna

AL: então? Teve aqui uma reunião?

TVf1: foi mesmo. Então, o Tio Costa sai e é substituído pelo Paulo Castro [...] e então, ele telefona-me, nem eu o conhecia nem ele a mim, tal como como nós estamos hoje. “vou aí a

Lisboa, vi que há aqui uns problemas entre a Furna e o Parque, a ver se a gente acaba aqui com isto”, “está bem”, e marcámos um encontro aqui no Monumental [...] descemos para a cave e há ali uma escada rolante, começámos a falar de Vilarinho, a meio da escada rolante já tínhamos resolvido todos os problemas de Vilarinho... foi de uma simplicidade de resolução, sem andarmos cá com tribunais, é que resolvemos os problemas todos antes de sairmos da escada rolante, nem chegámos a tomar café, e ficámos com a situação de Vilarinho resolvida para toda a vida

AL: como é que é possível?

TVf1: é assim, ele era uma pessoa séria, ele também viu que eu era mais ou menos... ah, e ele depois vinha connosco à serra para ver os projectos, para ver os caminhos, se havia caminhos, se não havia caminhos “ah, por aqui é melhor” “pronto, meta lá um técnico à disposição”, e foi connosco à serra mesmo

AL: isso faz toda a diferença

TVf1: faz toda a diferença, outra coisa é assim, outra coisa é, por exemplo, quando foi o tempo do Tito Costa, quando ele escrevia uma carta, normalmente a gente termina, com respeitosos cumprimentos, eu punha “sem cumprimentos, uma vez que o presidente do Parque se recusou a cumprimentar o presidente desta associação, Manuel Antunes” [RISOS]. Normalmente ele mandava a carta para o tribunal o avisar a ele ou mandava... e não mandava em nome dele, mandava em nome da direcção do PNPG

AL: era mesmo conflituosa a vossa relação então...

TVf1: aquilo foi coisa do arco-da-velha. Eu tenho aqui um artigo em que eu também o arraso... coitado, aí tenho pena, todo este processo, ele tem a tensão um bocadinho mais elevada [...] mas ele foi parar ao manicómio, foi mesmo parar ao manicómio, e depois infelizmente disseram-me que já tinha falecido

AL: mas ao manicómio ou uma questão depressiva?

TVf1: depressiva, pois. Ah, e depois pôs um processo contra o director dos Parques, pôs processo contra a ministra dele, que era a Elisa Ferreira, pôs processo contra o presidente de Terras do Bouro, contra o presidente da Câmara Municipal de Montalegre, quer dizer, o homem arreia com tudo

AL: pois... e devia ter muito dinheiro para pagar a advogados

TVf1: oh, era o Estado que pagava, quando somos nós temos que pagar nós, quando é ele é o Estado, não paga nada. E até nos conhecíamos, de congressos do ambiente e tal, nomeadamente do Parque... não era amigo, mas era conhecido

AL: e acha que a relação com o ICNF tem vindo a piorar ou a melhorar? Com os novos directores

TVf1: eu agora nem sei quem são

AL: já não há propriamente um director do Parque não é

TVf1: não, agora é da região

AL: sim

TVf1: eu nem conheço, e acho que já mudou agora recentemente

AL: mudou, mudou

TVf1: nem tenho mantido contactos, mantenho contactos ali com a delegação de Braga

AL: Carlos Pinto?

TVf1: o engenheiro Carlos Pinto... até tenho que lhe telefonar hoje, porquê, porque temos... já que já vamos falar dessas coisas, temos lá... reduziram-nos a área de pastoreio, mas não foi a nós, a alguns tiraram tudo, ali ao Campo do Gerês tiraram tudo, só houve um ou dois que aumentaram, não sei porquê

AL: que aumentaram? Ah...

TVf1: sim, acho que fica ali para a zona do Soajo

AL: eu acho que não é tanto aumentar, acho é que quando depois quiseram limpar a imagem disseram que eram só precisos x hectares por cabeça normal, aí é que aumentou, digamos assim, a área para alguns

TVf1: isso entrou em vigor o ano passado. Que nessas coisas, o engenheiro Carlos Pinto diz-me “ah venha cá acima para assinar”, eu venho e assino, confio nele... é uma equipa porreira, eu dou-me bem com os técnicos do parque, mas não

AL: o Carlos Pinto é muito bem falado

TVf1: mas com esse director do parque foi um dos meus maiores problemas. A gente falava, não quer dizer que esteja de acordo, por isso é que a gente discute não é, e conversa-se e explica-se uma coisa, quer dizer, e sai a coisa melhor do que só um a pensar.

AL: e actualmente com o Parque, tem

TVf1: não, com o Parque tenho boas relações, olhe daquela vez, no tempo de descer a escada rolante ficou tudo resolvido até hoje

AL: com o Paulo Castro. E o que é que aconteceu nessa conversa que levou a que corresse tão bem a

TVf1: não aconteceu nada, o problema é ter acontecido, que aquilo não havia nada por resolver, estava tudo resolvido, não havia nada para resolver, quer dizer, cada um mantém a sua autonomia, relacionamo-nos bem uns com os outros, que é próprio de gente normal, o outro é que era anormal, e fez-me a mim também anormal

AL: mas o parque, ou o plano de ordenamento do parque, digamos que está por cima em termos de legislação, ou não? Ou seja, tem algum cunho sobre o monte foral

TVf1: sim... na área do parque. Nós com o anterior, com o tal Tito Costa, nós contestámos muito seriamente o plano de ordenamento, e ganhámos

AL: mas vocês têm de respeitar o plano de ordenamento

TVf1: temos, mas nós não temos problema nenhum em respeitar

AL: não, podia haver conflitos, e houve não é, quando foi da elaboração

TVf1: houve, seriamente. Mas hoje não temos problemas nenhuns, nem conflito, já nos quiseram proibir o mergulho em Vilarinho, a visita

AL: o que é que

TVf1: não está proibido nadar, e o mergulho é uma maneira mais segura de nadar [RISOS]. Mas tive que lhe dizer, a um director, que não está a cumprir o critério... o tal que veio de lá, o que veio substituir o Paulo Castro... proibiram de tudo e mais alguma coisa, não pode andar de canoa, não pode andar aqui, umas confusões, mas já está mais ou menos ultrapassado

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e em termos de exploração, que outros tipos de exploração são desenvolvidos lá no baldio, tipo floresta ou o que for...

MeC1: pois, nós queríamos lançar-nos um bocado por aí, estamos bastante condicionados por causa do plano de ordenamento do Parque Nacional, muito condicionados mesmo

AL: vocês queriam usar que tipo de espécies? Só para perceber que tipo de condições é que o parque vos coloca

MeC1: não, o parque é [*? Não se entende*]

AL: é não quê?

MeC1: e não nos deixar plantar nada na parte do planalto

AL: ah, na parte do planalto

MeC1: e nas zonas de protecção. O planalto por causa do megalitismo. Mas nós estávamos a ver, estávamos a trabalhar aí com uma empresa, estamos a pensar em folhosas ou então também em árvores de fruto... fruto seco

AL: ah, ok. Na ideia também de explorar comercialmente os frutos ou

MeC1: sim, a ideia é essa, castanha e outros frutos, outras espécies que tivessem viabilidade lá

AL: hmm, eu por acaso, pois, deve ser mesmo só por causa dessa questão do megalitismo porque eles até fomentam, pelo que eu tenho ouvido em outros baldios eles até veem com bons olhos floresta com as autóctones, não é, com as folhosas, os carvalhos, as

castanhas e assim. Mas no baldio só têm o planalto? Não têm outra área grande onde também

MeC1: temos, mas o planalto é o maior não é. Mas temos ali outras zonas também só que são zonas de difícil acesso, depois isso para comercializar, tem de se andar com os frutos às costas não é, torna-se inviável

AL: isso vai ainda demorar um bom tempo a começar a dar fruto ou não? O castanheiro...

MeC1: é capaz, mas também é

AL: mas eu acho ótimo, atenção!

MeC1: mas também o baldio é o que damos para deixar aos nossos filhos não é

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MeC1: não

AL: e não vai dar?

MeC1: vai!

(RISOS)

MeC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descobrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valorizá-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos pôr uma taxa nossa

AL: e a presença do ICNF é presente ou ... a presença é presente

MeC1: para estorvar é

(RISOS)

MeC1: é presente para estorvar

AL: mas em termos de cooperação, vocês estão em cogestão não estão?

MeC1: estamos

AL: e qual é a cogestão que eles fazem, ou como cooperam ...?

MeC1: é o que eu lhe estou a dizer, é estorvar

AL: é?

MeC1: é, nitidamente estão completamente desfasados da realidade, não fazem ideia do que é que se passa no terreno

AL: não andam por lá, não contactam...

MeC1: andam, para estorvarem (RISOS). Andar andam muito a passear, eu vejo-os lá várias vezes

AL: não há muita colaboração mesmo, entre

MeC1: há alguma mas há pouca. Há aquela colaboração que tem mesmo de existir, emitir um parecer... eu também concordo que o ICNF tem poucos meios, muito poucos, isso também é um facto, mas depois eles também colaboraram... melhorou agora um bocadinho, desde que se juntou o ICNB e a AFN

AL: ai melhorou? Já ouvi dizer isso também

MeC1: melhorou bastante, antes com o ICNB era mais complicado. E eu conheço um bocado essa realidade porque faço parte da direcção do clube de caça e pesca e já há uns anos e aí eu notei nitidamente que na caça e na pesca que houve uma melhoria incrível

AL: são menos...

MeC1: são objectivos, pragmáticos, se é preciso decidir alguma coisa vai-se ao terreno e decide-se e não se tomam decisões no gabinete assim... e depois são objectivos nos pareceres. Porque quando ainda estava no ICNB os pareceres deles divagavam um bocado e agora não, são mais... há um contra por causa disto e disto... são mais claros.

AL: ok, ainda bem

MeC1: os pareceres não são subjectivos... nem podem ser, só que antigamente eram. Porque se uma pessoa diz que não pode existir determinada actividade por causa de uma espécie que está lá, mas tem de dizer qual é a espécie e qual é o mal que a caça aqui vai fazer à espécie, não é dizer “ah, não por causa disto”. Isso não é nada

AL: pois, isso é mais uma posição de proibição da caça e acabou. Bom, então alguma coisa mudou para melhor

MeC1: não, isso sim, desde que houve essa junção

AL: vocês como não têm feito gestão florestal, pelo que eu percebi, não podem dizer se há ou não colaboração nesse aspecto não é? Ou têm feito? Não...

MeC1: o que eu sei é que fizeram cortes de lenha

AL: e aí o ICNF intervém não é?

MeC1: intervém, tem que autorizar e leva uma parte das receitas, não sei quanto é que é

AL: 40%

MeC1: é 40?

AL: é o que me dizem pelo menos

MeC1: pois, não sei

AL: eu por acaso pelas leituras que fui fazendo achava que era 30, mas toda a gente diz 40, portanto deve ser 40. Todos os baldios, 40%

MeC1: pois nós esperamos bem que agora de futuro se colabore mais, porque também se não se colabora então... não tem muita logica estarmos em regime florestal, então pedimos para sair

AL: há alguns baldios que o estão a fazer

MeC1: se for para colaborar muito bem, há interesse de ambas as partes, e principalmente interesse do baldio não é, se for para colaborar vamos colaborar, se não então... não sei como é que vai ser para sair, porque isto foi-nos imposto por decreto pelo parque, é diferente dos outros baldios

AL: o que é que foi imposto por decreto? A cogestão?

MeC1: o regime florestal, sim. Quando foi criado o Parque Nacional

AL: ah, exacto, basta estar dentro do... é o regime parcial. Há o regime total que se aplica às matas do Estado e por aí, e depois há o parcial que basta que esteja inserido no...

MeC1: foi no próprio decreto da criação do parque, já estava, porque já havia áreas, esse decreto do regime é de 40 e tal, só que esse da criação do parque submete a regime florestal tudo, as casas

AL: o que é que é de 40 e tal? Peço desculpa, não percebi

MeC1: o regime florestal, o primeiro de... foi de 40 e tal

AL: ah, foi quando foi feita a plantação

MeC1: depois este da criação do parque veio a submeter a regime florestal tudo, casas, terrenos agrícolas, em Castro está tudo em regime florestal

AL: (RISOS)

MeC1: que é uma coisa... é surreal, e nunca quiseram corrigir isso não sei porquê, está tudo, não cabe na cabeça

AL: é, acho que as áreas protegidas estão todas sob regime florestal parcial, acho que é porque simplesmente, com agora até faz algum sentido porque o ICN está com a DGRF, e até acabam por estar a conservação e a floresta juntos, não é, agora antes acho que era mesmo só uma forma de terem poder sobre a floresta das áreas protegidas

MeC1: pois, agora existem uns planos de ordenamento, não se justifica... não é?

AL: mantiveram-se... pois, são coisas já muito antigas que se mantiveram, mas de facto não está... aliás, já me disseram até em alguns baldios, que eu fiquei surpreendida, isto por acaso foi só num baldio, não, não foi só num, mas não foi em todos, que o ICNF inclusive anda a fomentar, ou a incentivar, a autogestão em alguns baldios “sim, porque eles não têm pessoal” e não sei quê...

MeC1: não, anda, isso é verdade, e mesmo eles incentivam a criação de ZIF. Andam...

AL: portanto de alguma forma já andam a tentar passar para as vossas, e para as mãos das autarquias e

MeC1: e o problema nós lá em cima é depois com o plano de ordenamento, porque aquilo é só restrições e há umas que não têm pés nem cabeça, não é. Essa por exemplo do pastoreio que estávamos a falar, os estábulos, a área máxima que eles permitem no plano é 200 metros [quadrados], isso não é nada 200 metros, só para guardar o feno para o inverno é preciso 150, depois fica o quê? Um nicozito para guardar os animais? Não tem lógica, 200 metros quadrados. E isso é na área toda

AL: e essas coisas não são contestáveis?

MeC1: foram, quando foi a discussão pública do Plano [de Ordenamento], agora é como falar com uma parede

AL: é? Ok.

MeC1: nós contestámos isso em sede de discussão pública, no plano de ordenamento

AL: quando estava a ser discutido o plano. Mas caso a caso a coisa não dá para...

MeC1: não, a regra é geral para a área toda do parque, que os estábulos só podem ter 200 metros

AL: pois. Isto não tem muito a ver com isso, mas estando nós aqui agora na câmara municipal... eu estive numa sessão de esclarecimento lá em Lisboa, que deve ter havido noutros sítios do país também, sobre a mudança da gestão das áreas protegidas para as Câmaras... isto já teve repercussões, está a par?

MeC1: eu acho que... falou-se um bocado, foi quando o Campelo esteve lá como Secretário de Estado, e ele é que propunha isso, só que ele depois saiu de Secretario de Estado e eu acho que isso...

AL: mas é que esta sessão de esclarecimento... ou seja eu fui a uma sessão de esclarecimento que pressupunha, pelo que percebi, uma realidade já, que era a alteração ou a mudança ou a transferência das áreas protegidas para os PDM, ou seja...

MeC1: mas isso é a transposição das normas

AL: eu saí de lá completamente com a cabeça em água, depois eu não estou por dentro das *nuances* destas teias

MeC1: não, porque saiu agora a lei de bases dos solos e do ordenamento que prevê lá que os planos de ordenamento vão deixar de existir, vão ser programas, e os programas não vinculam particulares, a única coisa que vincula os particulares são os planos e ao deixarem de existir, eles querem transferir, para vincularem os particulares, para os PDM. Então querem inserir as normas nos PDM, que é para vincular os particulares

AL: ah ok, numa frase conseguiu deixar mais claro aquilo que eu consegui perceber numa tarde (RISOS)

MeC1: (RISOS) vão deixar de existir os planos especiais, que é o caso dos planos de ordenamento, esta nova lei prevê que deixem de existir, passam agora a programas

AL: pois, eles falavam desses tais planos especiais, que é o plano de ordenamento das albufeiras, das áreas protegidas e de um outro caso que agora não me estou a lembrar

MeC1: nós só temos esses dois aqui... é o da orla costeira se calhar

AL: é, da orla costeira, é isso mesmo... e até estavam lá, aquilo foi uma discussão mesmo, até estavam lá presidentes de Câmara, estava lá o [um autarca da zona da]da Serra da Estrela, como tem uma área protegida, enfim, esteve várias pessoas, esteve pessoal do

ICNF e assim, e houve uma grande discussão, mas eu não percebi nada, e acabei por não perceber quais eram as consequências, o que era pior ou melhor, enfim, e acho que não fui só eu, e agora então está a dizer-me isso. Mas isso acontece e está a acontecer mesmo?

MeC1: a CCDR já nos disse as normas que nós temos de transpor e agora temos até 2017, a CCDR tinha um ano para dizer quais eram as normas que tínhamos que transpor e agora nós temos dois para adaptar os PDM, para alterar...

AL: e o que é que acha disto? Acha que pode melhorar alguma coisa em termos de, sei lá, de burocracias ou de... não sei. Tornar as decisões mais locais

MeC1: não se consegue porque o plano de ordenamento não tem pés nem cabeça. Por exemplo, proíbe o sobrevoo de uma aeronave a não sei a quantos metros

AL: proíbe o que, não percebi?

MeC1: o sobrevoo de

AL: o sobrebolo?

MeC1: o voo, o voo, o sobrevoo de uma aeronave a menos de... vamos supor, não sei aqui a norma, 2000 metros por exemplo... quem é que vai ver isso? (RISOS) quem é que consegue fiscalizar aquilo?! Que meios tem, nem tem meios o ICNF nem têm as Câmaras. Estas normas, os regulamentos, devem ter normas que depois uma pessoa consiga no terreno verificar se são cumpridas ou não, agora coisas deste género não lembra a ninguém [ele procura no PO do PNPG essa alínea]. Agora não estou aqui a ver, mas está aqui algures isso

AL: sim, não se preocupe agora com isso

MeC1: há coisas que, eu acho que nem é bom nem é mau, porque depois não há forma de fiscalizar

AL: pois,... mas não é todo o plano que tem de ser integrado no PDM ou é?

MeC1: pois, isso é uma luta que já foi agora travada pela CCDR e depois vai ser também pelas Câmaras porque há aqui coisas que não têm pés nem cabeça e depois o PDM reflecte as opções do município, a Câmara Municipal não pode pôr lá opções de que discorda, se a Câmara Municipal de Melgaço foi contra este PO, deu parecer negativo, e agora vai ser obrigada a integrar num plano que é dela

AL: nem tinha pensado nisso, pois

MeC1: porque o PDM é... são as opções do município

AL: pois... e agora vai ser opção do município a selecção dos artigos que entram ou não entram?

MeC1: não, a CCDR já nos disse o que é que tinha... nós aí temos de acatar, só que, não sei se foi muito ponderada na análise que fez. Ao mesmo tempo também deixou muitas coisas em aberto, por isso vamos ver como é que a coisa vai correr

AL: mas acha que alguma coisa vai mudar em termos de gestão no parque, sei lá, por exemplo, vai deixar de ser nacional a gestão das áreas protegidas? Vai ser só local? Porque lá dizia-se muito nessa discussão, a conservação da natureza ou dos espaços é um interesse nacional e que não faz sentido estarmos a por essas decisões nas mãos só de... pronto, só de... dos autarcas ou de... não é? Isto vai mudar de facto? Porque depois estava lá uma senhora da ICNF que defendia que isso não ia mudar, que o ICNF não vai desaparecer, pura e simplesmente...

MeC1: eu coloco isto de outra forma, que gestão?

(RISOS)

MeC1: não é? Que gestão? Não há gestão, neste momento não há gestão nenhuma. O papel do ICNB cinge-se a pareceres, que nem tem razão de existir esses pareceres, o regulamento devia ser clarinho, isto tudo é permitido ou proibido desde que... depois tem o que é permitido isto se forem reduzidos isto e isto e isto, e pronto. E isto, uma pessoa se demonstrasse que cumpria aquilo nem tinha que ter pareceres, eu acho que o ICN não deveria poder dar pareceres assim vagos. Por isso a gestão cinge-se a pareceres, mais nada. Eles não fazem mais nada.

AL: pois, mas talvez, bom, agora vou aqui mandar uma boca sem ter a certeza do que vou dizer, mas talvez através dos pareceres eles consigam manter de alguma forma uma ideia de conservação que é nacional, ou o que for

MeC1: mas os pareceres não deviam ser assim, devia estar tipificado cada actividade, se era proibida ou permitida, e definido o que é que havia de cumprir, e ponto.

AL: pois, ser mais claro

MeC1: não era dar pareceres *ad hoc*. E depois isso a que é que leva? Leva muitas vezes a compadrios... se as coisas fossem clarinhas

AL: e esses compadrios não tenderão a aumentar quando se passa para a Câmara?

MeC1: não, porque têm de passar... a Câmara tem regulamentos clarinhos, pode-se fazer uma casa nesta zona com x metros se fizer isto, o regulamento é claro

AL: pois... torna mais difícil a existência de compadrios, não quer dizer que não haja

MeC1: não, não há, não há porque os regulamentos, e cada vez mais nós caminhamos para isto, para ter regulamentos claros, e [alguém entra na sala]. Cada vez mais, mesmo a própria Câmara é quase um depósito, o técnico é que assume que está a respeitar os regulamentos e à Câmara complete-lhe só ir verificar ao terreno se aquilo está bem feito ou não. Portanto quanto a mim a legislação assim é mais pratico, e no ICNB devia ser igual. É a Câmara que tem de ir ao local verificar através da sua fiscalização. Porque é o que eu digo, agora os regulamentos, eles aqui sujeitam uma quantidade de acções aqui a pareceres e não poem aqui condições para os pareceres serem favoráveis ou não, isto não tem pés nem cabeça. Eles dizem “pode ser admitido”, mas quais são os pressupostos de ser admitido ou não?

AL: por exemplo, os percursos pedestres são arrançados por quem?

MeC1: essa é uma das coisas que vamos querer conversar com o presidente

AL: ah. Até agora não era a Câmara então... alguns foi a Câmara, ainda agora o ... vai ser inaugurado o centro de BTT

AL: ah, sim, vi lá em baixo naquela revista que está ali em baixo [na sede da Câmara] e esse por exemplo é... a Câmara contratou uma empresa para fazer a limpeza de alguns trilhos, havia outros quer eram os sapadores, vamos tentar... aquilo também era um bocadinho confuso a gestão porque eram as mesmas pessoas que estavam... praticamente as mesmas que estavam na Junta estavam na assembleia de compartes

AL: ah, sim, isso acontece em muitos baldios

MeC1: pois, acontece... então é preciso pensar muito bem se foi a Junta a fazer, se foram os baldios, se quem pagou foram uns ou foram outros

AL: pois, pois, e isso não era claro nas reuniões e nas apresentações de contas?

MeC1: não, nunca era muito claro. Agora, estávamos a ver agora para trás e nas contas, e realmente os baldios participaram em montes de coisas, só que na altura, também não convinha muito, se calhar convinha mais a quem era da Junta não é, para valorizar mais o papel da Junta

AL: pois... e lobos há? Não...

MeC1: há, há

AL: há? É frequente?

MeC1: é... eu penso que... eu já vai uns anos que não vejo, mas há bastantes lobos

AL: mas não chega a criar grandes conflitos com os produtores, ou chega?

MeC1: ultimamente não tem havido por acaso, mas [passa alguém que faz barulho e não percebo o que diz]. É inevitável...

AL: pois... e o ICNF tem sido assíduo?

MeC1: acho que sim, acho que tem pago o ... até houve uma altura que pelos vistos pagava demais (RISOS)

AL: ai é? Mais do que o subsídio?

MeC1: o mesmo animal dava para dois ou três autos

AL: ah, também já ouvi falar dessa manha

MeC1: agora acho que não, agora acho que já não

AL: tem animais?

MeC1: não. Quer dizer, tivemos, até aos meus 20 e tal anos tivemos

AL: pois, com os seus pais

MeC1: eram os meus avós que os meus pais não estavam cá, nós todos fomos todos educados da mesma forma, todos tivemos animais e depois... agora é que não, os meus pais estavam em França...

AL: não emigrou? É que até agora as pessoas com que falo quase todas emigraram nem que por um bocadinho

MeC1: não, eu não

X: emigrou para Coimbra

AL: emigrou para Coimbra...

MeC1: (RISOS) não, mas, os meus pais estavam lá e deixaram-me ficar com os meus avós, então eu fiquei por cá. Na minha lista temos... a vice-presidente trabalha aqui num banco, o presidente da mesa trabalha na farmácia, é o pessoal jovem que estamos aqui

AL: estamos aqui perto, estamos... (RISOS). Estamos todos aqui (RISOS)

X: não estamos não, que aqui já quase não há gente, há cada vez menos, então em Castro Laboreiro, um amigo nosso que tem uma farmácia aqui, abriu lá em Castro Laboreiro a farmácia para aí há 12 anos ou 13, e diz ele que já perdeu nestes anos metade dos clientes. Pessoas mais velhas que foram morrendo e tal. E aqui em baixo nem tanto, mas lá para cima, as aldeias de lá da montanha é pior. E mesmo aqui nestas aqui perto da ribeira, também é igual

AL: pois, lá está... a minha sensação é que Melgaço está cheia de gente nestes dias, mas se calhar é nestes dias

X: está hoje que é 6ª feira, e mesmo assim não há muita gente

AL: pois, eu não conhecia bem esta zona e... não sei, vejo tanta movimentação de carros e tanta oferta de serviços

X: não, carros tem, gente não

(RISOS)

AL: é uma pessoa por carro. Pois, mas eu de facto fiquei surpreendida pela positiva aqui com Melgaço, porque de facto já estamos a ir para o inverno e isto mantém-se com alguma actividade

MeC1: e lá em cima ao fim de semana, se fores lá ao fim de semana vais ver, principalmente ao domingo

X: tem mais um bocadinho

MeC1: tem ao fim de semana

AL: seja em que mês seja?

MeC1: praticamente sim

X: então se nevar então é que não se cabe lá

AL: porquê? Vão ver a neve?

X: vão ver a neve

AL: aí tem turismo ao longo do ano...

MeC1: durante a semana é só durante os meses de verão, mas ao fim de semana é o ano todo

X: e aqui na Vila de Melgaço e aqui nas termas que também é uma zona mais ou menos coisa, não se vê ninguém

MeC1: acho que é mais turismo de natureza

AL: ainda bem não é, desde que andem a estragar aquilo que querem visitar

MeC1: ah, mas não estragam

AL: eu não digo que sim, mas

X: de qualquer modo nós aqui cada vez somos menos, o pessoal chega aos 18 anos vai todo estudar para fora, outros emigram

AL: pois, eu nessa perspectiva às vezes penso que o baldio

X: e depois já não voltam

AL: pois

MeC1: que o baldio o quê?

AL: que o baldio pode ter um papel fundamental para isso, para o desenvolvimento local

MeC1: temos 5 sapadores, são 5 postos de trabalho

AL: exacto

X: não, o grande problema é que agora toda a malta estuda e no quadro superior não há um emprego, não há

AL: pois é... pois, acaba por ser um bocado o turismo e... os jovens agricultores não há assim muitos a quererem

MeC1: agora há

AL: há? Ali em Castro?

MeC1: temos 1, 2, 3, para aí um 4º se calhar

AL: eu ouvi dizer que é preciso ter x maquinaria para iniciar certas explorações

MeC1: não... vamos lá a ver

AL: isto era numa conversa em que essa pessoa defendia que é muito bonito pensar em produção e não sei quê, mas quando se está numa área de parque que não se pode pensar que se vai criar aqui agora grandes explorações com animais e tal, com maquinaria e com toda uma... pronto, para se tornar rentável, isso não faz sentido num Parque Nacional

MeC1: não, e não faz. E maquinaria, isto é assim... obrigatório no fundo é porque tem de ter as alfaías todas para cortar o feno e enfardar porque senão não tem feno para o inverno, quando há muita neve... basicamente é isso. E depois agora também há pessoal que, nunca se plantara em Castro trigo por exemplo e há pessoal que está a semear trigo, pastores... depois enfardam a palha e o grão para depois dar aos animais também. Por isso, quem diz que não é rentável não vejo

AL: não, o que ele defendia era que, de facto sim, é bom o fomento à manutenção dessas actividades mas no sentido de conservação dos recursos mais do que no sentido de produção a longo prazo em que a pessoa se torna um verdadeiro produtor, com produção rentável para além dos subsídios, que isso não é possível no... no ponto de vista dele a produção pecuária é útil no sentido inclusivamente da prevenção de incêndios, da manutenção de

MeC1: isso é o teórico, porque... não está na realidade quem disse isso, isso é um teórico de gabinete, esse discurso

AL: ele não é bem de gabinete mas não está ligado à pecuária, isso é um facto, está ligado ao turismo, mas é uma pessoa do local, daquele baldio mas não está ligado à produção propriamente

MeC1: porque é o que eu digo, nós lá em Castro... todos nós tivemos animais e sabemos quais são as necessidades dos animais, maquinaria, há que ter

X: mas também é uma maquinaria básica não é

MeC1: mas ao todo gastas porque tens de ter um tractor forte, tens de ter uma enfardadeira, dinheiro para cortar, tens de ter um arado, estamos a falar de uma maquinaria normal para qualquer agricultor

X: por vezes é mesmo o sítio onde está o estábulo, onde estão os animais, que se calhar 2 ou 3 silos de ração, ou assim qualquer coisa, isso é que será uma maquinaria que tem algum impacto

MeC1: não há rações, nós é feno basicamente

X: pois, exactamente, mas se calhar as pessoas podem-se preferir a isso, porque isso é no fundo já uma exploração média não é

MeC1: mas isso não se utiliza, esses silos é de regime intensivo

X: pois, e é isso, não é nesta zona de facto

MeC1: não, nós é extensivo

AL: mas pode ser rentável em modo extensivo?

MeC1: é rentável... é o que eu estou a dizer, se calhar sem o subsídio neste momento não, mas nós estamos a competir com a Europa toda, e eles também são subsidiados. Foi o que eu disse, se deixasse de haver subsídios provavelmente o valor da carne subia. Não podemos ver isto

AL: pois. Se deixasse de haver subsídio deixava de haver na EU toda por isso ficava tudo ao mesmo nível

MeC1: e se calhar o valor da carne ia subir... todos os pastores recebem não somos só nós não é. Quem está num regime extensi... num regime intensivo não sei se recebem nem se não, mas o regime intensivo é completamente diferente

Castro Laboreiro: MeC2

AL: mas lá está, depois há outros baldios, e eu aí não percebo porque é que há uns e outros não, que é um engenheiro do ICNF que os ajuda a fazer as candidaturas, mas noutros não... não sei se os ajuda ou se simplesmente os mantem a par das candidaturas que abrem

MeC2: oh, não, ajuda, ajuda, no nosso baldio ajuda

AL: o Carlos Pinto e o Tomás, lá mais para a zona de Terras do Bouro e mais não sei quê

MeC2: o Carlos Pinto tem feito um trabalho muito bom nesta...

AL: porque ele fazia parte da ELA¹³

MeC2: sim, sim, mas ele faz essa ajuda mas é porque pertence ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, e acho muito bem não é, o Parque Nacional da Peneda-Gerês...

AL: mas claro que eu acho isso muito bem

MeC2: também deve estar aí para ajudar as pessoas não é

AL: eu acho isso muito bem, eu acho é que isso deveria ser assim, há um subsídio para concorrer, ok, então vamos lá ajudar este pessoal que não percebe nada disto, se fosse eu iria precisar de ajuda, eu sei lá preencher aquilo. Mas acho mal que as pessoas tenham que gastar dos tais subsídios que ganham, ou

MeC2: mas não... nesse caso até não gastamos mas

AL: mas há muitos baldios que gastam

¹³ Equipa Local de Apoio, associada à implementação das ITI.

MeC2: mas eu quando me estava a referir a que tínhamos que, seríamos nós, agricultores mesmo, não o baldio... o baldio

AL: claro... olhe, sabe quem é que eu conheci aqui também em Castro Laboreiro?

MeC2: hmm

AL: [...] o Henrique Pereira, antigo presidente do Parque¹⁴

[...]

MeC2: ele é que está a fazer um trabalho muito profundo sobre aqui, sobre a história da paisagem e das pessoas aqui

AL: mas ele interessa-se mais pela fauna e pela flora não é?

MeC2: e não só

AL: eu digo em termos de trabalho

MeC2: ele tem uma equipa muito grande

AL: mas o que é que achou do trabalho dele como director do Parque?... ele é contestado, que isso já percebi, a maior parte das pessoas aqui não gostaram, acham que ele era todo virado para a conservação e esquecia as pessoas e por aí. Isto estou a falar em geral, há-de haver opiniões díspares

MeC2: pois

AL: não sei... que ele fez uma gestão muito virada para manter a natureza intacta, digamos assim, como se isso fosse possível

MeC2: se nós queremos ir a algum lado temos de fazer isso

AL: se queremos o quê?

MeC2: se queremos ir a algum lado tem de se fazer as coisas assim

AL: como? Radicais?

MeC2: não radicalizá-las tanto, mas temos que manter aqui minimamente intacto senão as pessoas o que é que vêm cá fazer?

AL: há, não estou a perceber, mas espere aí... esta paisagem foi sempre usada, não é? Pelos seus pais, pelos seus avós, pelos avós dos avós

MeC2: mas tem de ser usada com critério

AL: está bem, sustentavelmente

¹⁴ O Henrique Pereira foi quem me falou do senhor MC2 como possível contacto.

MeC2: exactamente

AL: sim, mas o que se diz é que... e também é verdade que se vê um bocadinho isso no plano de ordenamento, aquela questão da protecção total, como se isto fosse em países como os EUA, em que tivéssemos grandes áreas sem ninguém, isso não existe aqui em Portugal não é, e muito menos aqui

MeC2: sim, mas

AL: estou a dizer coisas tendo em conta o que fui ouvindo e juntando também um pouco da minha posição perante esse discurso... não sei, o que é que acha?

MeC2: epa, isto é muito complicado

[...]

AL: pois, ele falou-me de si, por acaso. Ele disse “ah, tens de falar é com o Enes que está muito por dentro dessa situação dos baldios e tal”. Eu na altura já tinha o seu contacto... eu cheguei a enviar-lhe uma carta?

MeC2: chegou sim

AL: pois (...) mas como director do parque, o que é que acha?

MeC2: ele quase não aqueceu o lugar

AL: ahn? Ele não aqueceu o lugar (RISOS) ah, mas ainda fez algumas coisas não foi? Mudou o Plano de Ordenamento, criou as portas do parque, não foi?

MeC2: [? *Não se entende*] ser director do parque é um daqueles cargos, houve aqui um gajo pa... eu na minha opinião [VENTO] não tinha uma ideia [? *Não se entende*]

AL: era quem?

MeC2: Tito Costa

AL: mas esse já foi há muito tempo não?

MeC2: já, foi há 20 e tal anos

AL: o Henrique Pereira deve ter estado o quê? Uns 5 anos?

MeC2: não, esteve dois anos ou assim

AL: só?

MeC2: sim, sim, esteve pouco tempo e depois nem acabou o mandato, o mandato era de 3 anos acho eu, e ele esteve dois

AL: pois, ele depois foi lá para... ele saiu antes e foi trabalhar para a Alemanha ou

MeC2: o parque é muito difícil de gerir, porque pelos vistos, não sei agora se ainda mantem, porque tem perdido muita gente, mas há 20 anos parece que era o Parque Nacional mais habitado do mundo

AL: sim, acredito. Lá está, porque é uma ideia que não existe cá, de *wilderness*, não é...

MeC2: gerir as pessoas aqui, sobretudo nesta fase que o país atravessou, em que nem era carne nem era peixe, as pessoas não sabiam o que queriam nem o que deixavam de querer, houve uma transição... que idade é que você tem?

AL: 36

MeC2: mesmo assim... havia uma transição... desde os anos 70 para os anos 90 passaram 20 anos, mas houve uma mudança muito brutal na sociedade

AL: sim, sim, sim. Nem que seja só pela entrada na UE

MeC2: em tudo

AL: o fim da ditadura

MeC2: apanhar um Parque Nacional aqui... nessa fase, com essas coisas todas... é muito difícil de gerir... acho eu. Não houve nenhum

AL: (RISOS) eu vou por aqui, mas eu estou a ouvi-lo [fugia ao tojo, estava de chinelos]

MeC2: director de parque, todos eles foram muito contestados

AL: como é que vê as limitações que as pessoas têm dentro do Parque Nacional? À produção e à utilização de recursos.... Acha que são despropositadas? Ou que não estão a ser devidamente compensadas ou pelo contrário esta tudo normal?

MeC2: eu nunca tive limitações para fazer nada, eu nunca tive limitações para fazer nada... não sei o que é que é isso de limitações

AL: sei lá, construção, há quem se queixe disso

MeC2: oh, agora já não há... as pessoas queixam-se aqui mas quando estão em França não se queixam, e no entanto lá também têm limitações

AL: ai é? Não sei

MeC2: (RISOS) é, é que as pessoas criou-se uma ideia "ah, estamos aqui na nossa terra fazemos o que queremos" e nem se dão conta que há normas a cumprir não é? E as pessoas aqui antes não estavam preparadas para essas normas

AL: pois, porque antes estavam a viver bem longe do Estado, digamos assim, não havia cá... estavam mesmo independentes antes, não era?

MeC2: pois, fazia-se tudo o que se queria não é. O PNPG estabelece limitações em outras coisas, houve uma altura em que o parque, a relação deles com as pessoas não era de facto muito boa, e era até muito má, por uma razão, na minha opinião, por uma razão muito simples... a gestão do parque... eles também não tinham meios, eu aceito que eles não tinham meios

AL: as pessoas?

MeC2: o parque, o parque não tinha meios. Mas pronto, não dava nada em troca e limitava-se a proibir. Aquilo não valia nada porque as pessoas controlavam a situação. E eu nunca... eu não sou a favor das proibições, não acho que se deva dizer “é proibido”, pa, não se devia fazer assim, tentar dar a volta... mas eles não, o parque limitava-se a proibir, e houve uma altura em que, no caso das casas sobretudo, eles queriam que se fizesse um determinado tipo de casas [...]

AL: mas agora as coisas mudaram?

MeC2: [VENTO] está muito melhor, está muito melhor, está mais próximo das pessoas

AL: está mais próximo

[entramos no carro]

MeC2: eles aparecem muito por aí às vezes

AL: há quem se queixe por exemplo de não poder tirar saibro para fazer caminhos

MeC2: uuh, não quer dizer que não se possa tirar, o que é que vamos ver, antes tirava-se saibro do sítio onde se queria, e punha-se lixo onde se queria, e punha-se entulho onde se queria, e agora... acho que isso é normal não é, dizer, pa, para não fazer as coisas assim não é, há locais próprios, para pôr e para tirar não é, só que, como disse, as pessoas aqui foram um bocadinho anarcas, porque viveram sempre... e essas coisas custa a...

AL: a encaixar. Mas acho que agora não podem mesmo, tirar saibro

MeC2: está restrito, não quer dizer que não se possa. Nós andámos a fazer o centro de dia e quando se fez as escavações pôs-se o problema de onde vamos pôr isto, chamou-se cá o parque e andámos à procura de pormos num sítio “ah, pomos aqui”, tapámos, ao fim depois acabaram, pôs-se um bocadinho de terra para isto ervar e acabou, e resolve-se o problema e não se nota nada, não há problema nenhum

(RISOS)

AL: contorna-se

MeC2: contorna-se a situação, é possível fazer isso, agora não pegamos nele e não atiramos com ele aí ao calhas, não é, escolheu-se um sítio próprio, que os há... olha, era uma antiga saibreira até, experimentou-se a antiga saibreira, vamos tapar isto, impecável

AL: (RISOS) mas pronto, completamente ilegal

MeC2: não foi ilegal, foi de acordo com eles

AL: ai foi de acordo com eles...

MeC2: foi, chamou-se cá os indivíduos do parque e... a arquitecta e mais 4 indivíduos e... mas está a ver? É uma coisa que é ilegal, mas conseguiu-se arranjar uma solução para aquilo

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: e a área do baldio é mais ou menos quanta?

MeL1: a área? Os hectares?

AL: sim, se souber assim por alto

MeL1: 379.14

AL: ok, não sabe por alto, sabe mesmo a sério

[RISOS]

MeL1: porque tínhamos 1500 e tal, mas agora tiraram-nos, por exemplo 900 hectares são parte do PNPG, que é da estrada para lá, e da parte daqui eram 600 e qualquer coisa. Mas agora reduziram, que só vão aceitar para pastagem, tiraram os penedos, foram logo metade embora, mais de metade. Tiraram as árvores, só ficou o que é pastoreio não é... ficaram 379,14

AL: para pastagens. E ao todo, para além das pastagens, são os tais mil e tal?

MeL1: 1500 e tal, só que eu não me recordo bem

MeL2: com os do parque

AL: e vocês fazem separação da área que está no parque da área que está fora? Na gestão

MeL1: não, não, acho que não... a gestão eu não a fiz ainda

AL: não, tipo, se o tipo de receitas que... sei lá, por exemplo, a floresta. Se usam a floresta da mesma maneira dentro do parque e fora do parque

MeL2: praticamente a floresta que temos é dentro do Parque toda

MeL3: fora não há floresta

AL: fora é mais para pastagem é isso?

MeL1: só temos rosmaninho

MeL2: temos carvalho, temos o vidoeiro, o pinheiro não... sim, mas isto é tudo propriedades privadas

AL: deste lado do baldio?

MeL2: do baldio daqui da

AL: ai é propriedade privada? Foram cedidas partes do baldio às pessoas é isso?

MeL2: não, está tudo incluído no baldio, não é, quero eu dizer que a floresta que temos do lado daqui, carvalhos e vidoeiro, é tudo propriedades privadas, não tem nada a ver

AL: ah, ok. Não está na área do baldio, está nas áreas privadas. E lá é que tem o pinheiro, na zona do parque

MeL2: sim, desse lado é mais o pinheiro

AL: e ainda vem daqueles tempos da floresta em que o Estado plantou isto tudo ou foram vocês já que plantaram?

MeL1: não, não, isso foi já do tempo do Salazar

AL: e vocês reflorestam, ou aquilo nasce sozinho?

MeL1: não... para quê se daqui por 2 ou 3 anos queima tudo, olhe para aquela parte, tinha lá pinheiros grandes e não se vê lá nenhum sequer. Está para aí um ou dois que escaparam, não sei como tal

MeL2: mas eles vêm outra vez

AL: eles regeneram naturalmente não é

MeL1: em princípio sim

AL: pois... mas vocês conseguem tirar receitas da floresta? Cortar madeira, vender

MeL1: quando há venda do pinheiro, temos

MeL3: temos nós e o parque

AL: ah, eles também levam

MeL3: também leva uma percentagem o parque

MeL1: 40 Euros e nós 60

AL: ah, vocês estão em cogestão com o parque não é?

MeL3: é, é, e quando se faz venda de pinheiros e essas coisas, é tudo em conjunto com o parque, e outras coisas... e outras coisas

AL: como por exemplo?

MeL2: candidaturas para ajudas, e essas coisas, muita coisa em conjunto com eles

Autarquias

Cabril: MCa1

MCa1: conheço! Nós aqui conhecemo-nos... eu aqui sou obrigado a conhecer toda a gente nem que não queira... mesmo que eu não queira sou obrigado a conhecê-los.

AL: pois é... 2 anos de Junta de Freguesia...

MCa1: mas já, já...

AL: já antes, pois...

MCa1: já antes conhecia toda a gente... mas agora se calhar de uma maneira diferente...

AL: não é necessariamente melhor

MCa1: exacto, não, na maior parte dos casos não é necessariamente melhor! As pessoas são chatas, são... preocupam-se com merdas, com merdices que não prestam para nada, coisas que não interessam nem ao menino Jesus mas que para elas é como se tivessem a vida em causa e os velhotes...caia o cabelo, eu oiço com cada coisa

AL: eles querem fazer a diferença acho eu, sentem que os jovens sabem muito mais do que eles em certas coisas então querem puxar por aquilo que eles sabem...

MCa1: exacto... é complicado, é complicado. Essa parte está a ser a parte mais difícil. Porque eu tenho muita dificuldade em dizer que não... é mesmo muito difícil para mim, eu só digo que não mesmo... se não puder mesmo! Que às vezes sinto-me um fantoche, uma marioneta, quer dizer... imagina aqui que, foda-se, às vezes tenho de fazer quase tudo o que as pessoas querem... às tantas parte-se-lhe uma coisa em casa e querem que seja eu a ir lá arranjá-la... só falta mesmo isso, coisa que não cabe na cabeça de ninguém, mas não pode ser assim, cada um tem de zelar por aquilo que é seu, tem de estimar aquilo que é seu, tem de preservar, não é... não podem estar sempre à espera que seja a Junta e o baldio a fazer tudo. Mas também as pessoas habituaram-se, isto é uma questão de habituação e a lei do menor esforço funciona em tudo, as pessoas se tiverem quem faça por elas não vão fazer elas. Morrer por morrer morra o meu pai que é mais velho... e é complicado, é complicado porque deixa-me confrontado com algumas situações... completamente desagradáveis e sem sentido nenhum. O que me chateia a mim é que às vezes não fazem sentido nenhum, são pedidos que eu nunca os faria a ninguém, nunca os faria a ninguém... mas pronto! É o que temos... isto é, digo eu, um bocado transversal... acontece em todo o lado... as pessoas estão habituadas...

AL: sim, quando há uma relação de proximidade é muito difícil de separar as coisas, penso eu...

MCa1: pois... muito difícil! Depois quando se tem uma relação de amizade... longa e não sei quê... depois quando essa pessoa nos pede alguma coisa, é muito difícil dizer que não. Se é difícil em condições normais, com toda a gente, com uma pessoa que é nossa amiga, que é amiga da nossa família, que há uma relação próxima, ainda é muito mais difícil... mas pronto

AL: sim, não me imagino no teu lugar, não...

MCa1: (RISOS) mas estou a gostar, estou a gostar...

AL: da experiência... estiveste sempre cá directo ou foste para fora?

MCa1: não, fui para fora, estive a estudar na universidade do Porto, 6 anos

AL: a estudar o quê, se não é indiscrição?

MCa1: Direito... mas sempre muito ligado a isto, que eu sempre gostei muito disto... a única coisa que eu... os meus pais, sempre tivemos agricultura, e tínhamos vacas. Praticamente nunca tivemos outro tipo de animal, foi sempre só vacas. E eu a coisa que eu mais gostava era vir do porto aos fins-de-semana e ir com as vacas... (RISOS) com o código civil atras de mim e ia po monte. No monte... eu sempre gostei muito de estar sozinho, assim, afastado... não gosto de aturar pessoas...

AL. Ora então, vais para presidente da Junta... bem-vindo!

MCa1: epa, é um contrassenso muito grande, eu sei... opa, não tenho paciência... ligam-me e eu opa! Um dia destes ligou-me um velhote, ligou-me às 6h30 da manha! Epa! Mas então mas afinal o que é isto??! As pessoas também depois perdem um bocado a noção das merdas... então? Calma! Eu não sou funcionário da Junta! Eu não sou funcionário... eu não ganho nada, recebo uma compensaçõzita de merda! Porque é mesmo assim! E gasto mais do meu dinheiro do que recebo da Junta, porque quem quiser ser um presidente presente é exigente, tem de andar sempre de um lado para o outro, tem de gastar dinheiro aqui, tem de gastar dinheiro ali, gasta o carro, depois é revisão e não é a Junta que vai pagar. Pa, então as pessoas também têm de ter a noção das merdas. Tenho o domingo de manha que é o dia de atendimento da Junta e quase que não aparece lá ninguém, e depois encontram-me no café e eu fico tolo! Quer dizer, está um gajo no café descansado como os outros, como os normais...não é? E vêm falar comigo de merdas que têm a ver com a Junta. Opa, vão lá ao domingo de manha e falamos, mas não... encontram-me numa festa, que eu estou ali para estar com o pessoal a conviver com os amigos, não! Vêm-me falar de merdas da Junta... Ah pa puta que o pariu (baixinho) (RISOS). Esta falta de tacto das pessoas é isso é que me revolta, que as pessoas não têm a noção pah, nós devemos ter acima de tudo bom senso

AL: sim, sim, se há um dia de atendimento, que até é ao domingo que já é um dia chato

MCa1: exactamente! Quer dizer, acabo por estar, de ter de me dedicar quase todos os dias um bocado à Junta...

AL: pois... já existiu. Pelo que eu tenho lido no Alentejo e Algarve havia, mas aquilo foi tudo comido pelas grandes propriedades e hoje em dia ninguém sabe onde é que andam os baldios. As pessoas já não têm memória, se quisessem requerê-los ninguém sabe muito bem quais são as fronteiras então... pronto, ficaram desaparecidos. Aqui ainda existem... entretanto comecei a ler... eu tinha um outro projecto que era no Douro Internacional que não tinha nada a ver com baldios, só que eu já não estava nada contente com aquilo e comecei a pensar “iih, como é que eu vou dar a volta a isto” e sinceramente já não me lembro muito bem como, sinceramente não me recordo, como é que entrei na realidade dos baldios, comecei a ler muito sobre baldios e comecei a interessar-me muito... depois percebi que o PNPG é mais de 60% baldio, então... ah, e depois começo também a aperceber-me do perigo sob o qual os baldios estão neste momento com a alteração da Lei, com as tentativas de passar isto para as mãos das Juntas e depois para as mãos de quem sabe quem...

MCa1: eu sinceramente em relação a isso eu em certos casos concordo...

AL: pois... acredito que haja casos e casos. É isso também que eu quero perceber...

MCa1: há muito má gestão em muitos casos. Apercebo-me que há aí baldios que dividem o dinheiro entre si...

AL: pois, isso nem sequer se pode supostamente pela lei...

MCa1: claro que não se pode, isso é uma coisa que não lembra a ninguém, quer dizer então agora o baldio tem dinheiro e vai dividi-lo pelas pessoas, mas isto cabe na cabeça de alguém?!! O dinheiro vem do Estado para um fim e o dinheiro tem de ser utilizado para esse fim, quer dizer... vão andar a fazer rotundas e estátuas e santuários, com o dinheiro do baldio?! Não! A mim não me faz sentido

AL: vocês aqui nunca utilizaram... não estou a dizer necessariamente o das ITI, mas o da venda de madeira ou do que for...

MCa1: sim, foi utilizado, mas quanto a mim mal, quanto a mim mal porque a floresta precisava de muito mais dinheiro do que aquilo que ela dá... certo? Portanto acho que todo o dinheiro que vem da floresta tem de ser empregue na floresta... em caminhos florestais, limpeza de caminhos, há tanto para fazer... há uma infinidade de coisas que podem ser feitas, abertura de caminhos em alguns sítios, acessibilidades para o... em casos de incêndios para os bombeiros chegarem o mais rápido possível, essas coisas que fazem falta

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: não, Parada é o mesmo CD de Outeiro

AL: ok

MCe1: são as duas aldeias e nós as outras duas... é igual, os CD, isto também, os CD já não têm bem a mesma essência do que era antigamente. Porque antigamente o fito era mesmo para gerir... 90% dos CD que existem foi para... nasceram porquê? Foi porque as Juntas tinham um determinado peso e são eleitas politicamente e quando às vezes acontecia uma eleição ao contrário formava-se um CD com a outra facção

AL aaaah. Então é político...?

MCe1: acaba por ser, acaba por haver aqui uma mistura, porquê... porque depois a Junta de Freguesia gere o dinheiro do FE

AL: do? Desculpe?

MCe1: do FE... do Governo, que vem lá...

AL: fundo qualquer coisa...?

MCe1: é... e os CD acaba, por gerir as receitas dos baldios. Hoje há baldios que gerem muita mais receita do que gerem as Juntas, às vezes mais, e foi para haver aqui... portanto, já não

é aquela ingenuidade... está a perceber? que havia antigamente quando eles foram formados. Há aqui uma evolução um bocado...

AL: pois, pois... então há baldios muito jovens? Baldios não, CD...

MCe1: a maior parte, 80% daqui tem 10 anos, como o nosso e outros

AL: são de 2000 e tal já...

MCe1: sim... portanto a existência deles já não é bem a mesma com que existiu aqui há 30 anos atrás

AL: pois, bom, é um acompanhar dos tempos (RISOS)

MCe1: é um acompanhar dos tempos, só que depois mistura-se aqui muitas coisas que [? *Não se entende*], não é?

AL: pois, já percebi que sim, há uma grande confusão entre Junta e... pelo menos para mim há uma grande confusão, entre Junta de Freguesia e assembleia de partes

MCe1: por acaso no nosso não há, no nosso o que é que fazemos? Ainda ontem passei um cheque para arranjar uma capela, pronto... mas há uma boa sintonia entre os membros da Junta e o CD, e complementam-se, nós se a Junta precisar para ali põe-se lá o dinheiro... mas conheço alguns que é uma rivalidade enorme

AL: ah, sim, quando há rivalidade então a confusão ainda é maior. Mas eu agora estava a dizer mesmo qual é o limite... qual é a fronteira entre Junta de Freguesia e partes...

MCe1: ah, isso aí pois... isso aí sim... não, freguesia e partes não pode haver

AL: não, entre a instituição Junta de Freguesia e a instituição assembleia de partes ou conselho directivo (CD)...

MCe1: ah, onde é que devem aplicar ou não devem aplicar...

AL: não, qual é a separação, porque muitas vezes... já me aconteceu estar a entrevistar o presidente do CD que também é presidente da Junta, ou o presidente da assembleia de partes também é presidente da Junta, por exemplo... então às vezes para mim é um bocado “então vá, mas isto é daqui, aquilo é dali...” – RISOS

MCe1: a melhor coisa que... pronto, o ideal é Junta e CD estarem em sintonia e as receitas serem aplicadas em benefício do povo, tanto um como o outro o objectivo é esse, não é? Então, para que é que há... agora dizer “ai, vai gastar ali...” então, há receitas, vamos gastar no quê? A beneficiar o povo... e depois as prioridades, arranjar as prioridades...

AL: pois, pois

MCe1: é a melhor solução

AL: ali em Outeiro e não sei quê, eu também tinha percebido que o CD se tinha formado, portanto o segundo que entretanto foi formado, que eu agora não sei se foi primeiro o de Outeiro se foi primeiro o de Cela e Sirvozelo...

MCe1: foi primeiro o de Outeiro, até fui eu que o formei

AL em Outeiro? Aaaah, sim?

MCe1: foi em 2000... foi por causa

AL: das ITI, não?

MCe1: não era as ITI, por causa dos sapadores florestais

AL: aaaah

MCe1: daquelas equipas

AL: sim

MCe1: foi por causa disso que foram formados... fomos buscar o carro, aquela carrinha para eles andarem a fazer limpezas...

AL: então até aí era como? Até você ter formado o de Outeiro, até aí era como a gestão? Agora já estou confusa outra vez...

MCe1: até ali não havia nenhum, era a Junta não havia CD's na freguesia de Outeiro...

AL: então o baldio não se tinha ainda entregue às pessoas... não se tinham ainda organizado

MCe1: era... só que a diferença era, não havendo organização como CD era a Junta, é a mesma coisa... que gere o baldio

AL há tipo um acordo tácito a...

MCe1: é igual! É exactamente a mesma coisa, como há aqui neste momento, há Juntas que não têm CD, por exemplo Viade de Baixo, é uma freguesia grande e quem está a gerir é a Junta... mas gere a mesma coisa como se fosse o CD, é igual, distribui o baldio, como é agora para as candidaturas, até é ela que faz os caminhos, é igual, as receitas se as houver vão para a Junta, que eu acabo por... às vezes até achar que isto havia de mudar, agora uma mudança maior nesta questão dos baldios

AL: acha que devia ser como?

MCe1: na constituição... acho que devia de mudar... acho que... quando está uma freguesia com 10 aldeias há 10 CD's...

AL: pois, não tinha de ser assim, mas é assim que acontece...

MCe1: não tinha de ser assim... havia de ser... está-se aqui a desvirtuar um bocado já...depois é para fazer guerra àquele porque senão aquele... depois é assim, as pessoas... o problema é que, no nosso caso porque é foi feito... constituído o CD? Éramos... somos 4 aldeias, nestas 4 aldeias geralmente o que é que se fazia? Quando era para candidatar à Junta metia-se um elemento de cada aldeia e mais ou menos estava representada... dessa vez não meteram ninguém de Cela e Sirvozelo

AL: aaaah

MCe1: e eu sabi... à partida sabíamos que não nos iam lá fazer nada, como nós tínhamos alguma receita, o que é que fizemos, procurámos constituir aqui o CD para salvaguardarmos algum, porque senão eles ainda por cima iam buscar a receita e ainda gastavam no lado deles

AL: pois...

MCe1: é o tal desvirtuamento do que é o CD...

AL: pois... eu tinha percebido que o de Cela e Sirvozelo se tinha criado... como é que era... Outeiro tinha cavalos... e então não queriam candidatar-se logo às ITI's... acho que era isto

MCe1: mas isso já existia... pronto, não foi bem por aí, isso foi mais tarde quando apareceram as ITI, mas quando as ITI apareceram o CD já existia...

AL: ai já existia...

MCe1: já! Depois aproveitamos foi essa situação, mas aí, prontos, aí era um problema interno porque em Outeiro havia pessoas que tinham muitos cavalos e eles mediante o encabeçamento que tinham de cavalos não podiam e era difícil fazer lá os agricultores desistirem dos cavalos, porque eles estavam a ganhar subsídios não é? Ora bem, como não puderam nós fizemos... isso foi uma parceria que nós fizemos com os de Parada... que nós temos algumas... depois em termos de ITI não é para a divisão, mas em termos de ITI como nós precisávamos de encabeçamento de vacas nós fizemos uma parceria com os de Parada para eles, portanto inscreviam as vacas na nossa área e nós depois fazíamos ali um acordo, foi por aí, mas o CD já existia, o CD foi criado precisamente por causa de eles não terem metido elementos do nosso lado...

AL: e porque é que não meteram?

MCe1: oh, isto é rivalidades políticas, eles não meteram porquê... se calhar isso é fácil de entender, porque se sabiam que iam meter lá um elemento mas não tinham uma mais valia em termos de votos, portanto é as tais...

AL: é as tais politiquices que agora andam associadas ao baldio

MCe1: portanto, eu sinceramente... já criei dois mas acho que devia de haver aqui uma coisa mais bem pensada...

AL: tem alguma pista do que é que acha que era melhor?

MCe1: oh, não, tinha de ser explorado, não sei

AL: pois, pois, pois

S. tinha de ser... para já exigir no mínimo... sei lá... pelo menos o mínimo de compartes, porque senão também, isto entra... meia dúzia fazem um CD

AL: e às tantas até pode ser uma família só ou...

MCe1: pois... quer dizer... pode acontecer muita coisa... não é?

AL: sim, sim

MCe1: não sei... agora, não sei, tem que ser pensado bem os prós e os contras, porque... se não houver o mínimo de coiso, ser a Junta... opa, ou pensar isto também de outra maneira e serem as Juntas também a gerir se calhar... porque as Juntas, ao fim e ao cabo também são... não sei, tem de ser bem pensado.. mas isto acho que há aqui uma lacuna grande...

AL: o ideal era isto ter montes de gente outra vez, virem para cá montes de jovens, trabalhar na agricultura...

MCe1: era é trazer para aqui brasileiros e brasileiras (RISOS)

AL: já não digo nada...

MCe1: não sei, não está fácil, porque... é muito difícil gerir isto

AL: que é... no caso do baldio de Cela e Sirvozelo, vocês... como é que é feita a gestão do dinheiro? Ou seja, sobra dinheiro das ITI, ele vai ser empregue... aonde? Há uma utilização...

MCe1: ... é como lhe dizia há bocado... nós em termos de Junta temos um membro da Junta lá, eu também já estive na Junta, o que é que acontece? O dinheiro que sobra... por exemplo, há uma obra que é preciso para fazer... ainda agora tínhamos uma obra dentro da aldeia que eu, que ainda estava na altura na Junta comprei aí uma corte que foi demolida... portanto, a Junta comprou a corte, depois acabou por demolir a corte, mas depois não havia dinheiro para continuar, e agora fizemos lá... ah, e tinha lá um tanque de lavar e coiso...

AL: a corte é curral?

MCe1: é, onde é que se metiam os animais...

AL: ok

MCe1: era uma coisa que estava já em... estava destruída, já há muitos anos que não... e então eu na altura, eu quando estava na Junta, comprámos a corte, lá o local, demolimos um tanque que estava todo partido, agora entrou outro membro lá, que é meu vizinho, veio para a Junta, eu saí, e foi ele próprio a dizer-me “epa, faz tu essa parte do tanque”, que agora íamos fazer a obra... podia ser a Junta podia ser... até competia mais à Junta porque está dentro da aldeia, e ele disse-me “epa, faz-me isso, tás mais habituado a gerir essa obra, faz tu isso que...”, pronto, gastámos lá 10 ou 12 mil Euros, mas como... pronto, sou topografo fiz lá o desenho o boneco e tal e... tá feito... portanto, não há aqui... portanto, se fizer falta ali vai para ali, se fizer falta... não há aqui, o CD não tem limite, onde é que termina, onde é que... podem... os dinheiros podem-se juntar, ainda agora para a capela... portanto, não há, é pacífico, connosco é pacífico, sei que há CD que têm esse problema, e juntam-se, mas nós ali naquele caso não... o ano passado fizemos, pusemos dinheiro para as ruas em Sirvozelo... no mandato em que eu lá estava... e temos lá algum dinheiro e

quando fizer falta é aplicado, e o da Junta, se fizer falta nos caminhos do baldio também é aplicado não é... portanto aí não há, aí não há... não temos guerra

AL: ok, ok. E no baldio que tipo de investimentos é que são feitos? Mesmo no baldio, espaço baldio...

MCe1: epa, o maior é os caminhos... o arranjo de caminhos.

AL: caminhos para quê? Para combater o fogo?

MCe1: não, os agrícolas... para acessos aos terrenos... e temos de cumprir os projectos das limpezas... isso tem de ser não é? Senão não recebemos o dinheiro, e depois temos bebedouros... essa questão dos bebedouros, para os animais beberem... águas, para trazer, às vezes canalizações de águas para o regadio... é essencialmente a coisa dos caminhos, agora neste momento, temos o... o grosso do investimento é nos caminhos

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas, ainda há pouco tempo... ontem, tinha os sapadores hoje já pertencem a Paredes... amanhã que é 2ª feira vão para Paredes... para fazer limpezas...

AL: ah, dividem os sapadores, entre aspas...

MCov1: os sapadores pertencem a Covelães. Agora o ICN pôs Travassos, Sezelhe, Covelães e Paredes. Mas quem fica responsável aqui pelos sapadores é só aqui Covelães... alguma coisa que haja Covelães é o responsável

AL: porquê?

MCov1: porque estão mandados a Covelães...

AL: ah.

MCov1: mas a trabalhar estão também uma semana em Paredes, outra em Travassos e outra em Sezelhe...

AL: pois, isto é tudo coladinho não é...

MCov1: é... está aqui Paredes logo, que é freguesia. Nós agora até pertencemos à União de Freguesias, Sezelhe, Travassos e Paredes... é, União de Freguesias...

AL: e essa união de freguesias alterou em alguma coisa a quantidade de compartes por aldeia... ou seja, as pessoas que têm direito a usar o baldio de Covelães por exemplo... a partir do momento em que houve a união de freguesias, isso mudou?

MCov1: não, não mudou nada. Mudou, bem aqui tínhamos uma junta e havia outra em Sezelhe... por acaso até era em Travassos, e nós tínhamos aqui uma e em Travassos havia outra, ou Sezelhe. E agora a nossa desapareceu... só temos daqui um... um, quer dizer, um membro

AL: ah, que faz parte da Junta de Freguesia de Paredes...

MCov1: uuh, hmm, não. Paredes tem um, e Covelães tem outro membro

AL: ah, exacto... mas a Junta de Freguesia não é de Paredes, ou é de Travassos? Desculpe...

MCov1: não, é de Travassos...a junta pertence a Sezelhe, mas está em Travassos

AL: a sede...?

MCov1: sim, a sede está em Travassos. Em paredes é que está o [presidente da Junta]... ele está no conselho directivo... eu também estive 24 anos na Junta

AL: como presidente da Junta?

MCov1: estive presidente, estive secretário, estive tesoureiro, estive vinte anos. Antigamente, agora já não é assim, agora manda mais a junta. Antigamente um secretário de Paredes e Covelães, e o secretário..., de Paredes era o presidente vamos supor, e aqui era o secretário, quem mandava era o secretário aqui e o presidente lá. O presidente aqui quase não vinha dar ordens nenhuma. Depois tínhamos um contracto de quatro anos, lá o presidente, quatro anos, aqui... acabava os quatro anos tornava para Paredes, acabava em Paredes... depois houve um desentendimento, desentenderam-se e depois pronto, acabou. Agora é que veio a união e passou para Travassos. Mas amanhã pode estar aqui, agora nas novas eleições pode ser o presidente daqui, conforme... pode ser Paredes, pode ser Travassos, como agora é Travassos, mas pertence a Sezelhe

AL: então e disse-me que o conselho directivo agora é em Travassos?

MCov1: conselho directivo não, a junta!

AL: ah, então houve aqui uma troca de informação...

MCov1: conselho directivo então há um...

AL: cada um tem o seu...

MCov1: pois!

AL: ok!

MCov1: Travassos tem um presidente e tem um conselho directivo. O presidente é um e o Serra, chamam-lhe o Serra, é o presidente do conselho directivo... nós mandamos no monte, o conselho directivo. A Junta não tem nada a ver com o monte, e, portanto, a junta só manda no povo. É assim que... nós já temos os sapadores mas depois ainda damos uma

ajudazinha aqui ao povo. Um dia destes fomos ao monte, de vez em quando é preciso limpar uns regos, fazer uns poços, limpar umas poças e tal, e nós mandamos os sapadores

AL: e vocês pagam alguma coisa por essa equipa de sapadores ou é o ICN que paga?

MCov1: não, pagamos nós. Nós pagamos, pagamos cada um 2500 Euros

AL: cada um?

MCov1: Travassos e...

AL: ok

MCov1: e Covelães e Paredes e Sezelhe

AL: isso por ano?

MCov1: 10 000... portanto nós os 4 temos de pagar 10000. A Câmara da 10000. E o... ainda agora estive a tratar lá com o ICN, mandei para lá a papelada... dá-nos 35000

AL: o ICN?

MCov1: sim, 35000. Só nos dá isso. O resto temos de o pôr nós e a câmara. Nós temos de ir pedir à Câmara para dar um auxílio, se não tínhamos de os mandar embora, não os podíamos aguentar. Ao princípio pagaram tudo. Era o Parque que pagava, o Parque, o ICN também mas o Parque era mais, dava uma verba e agora o Parque deixou de dar, diz que não tem dinheiro e acabou essa verba. E agora é a Câmara. Agora temos de pedir à Câmara para nos auxiliar, para nos dar apoio senão temos de mandar os sapadores embora. E são 5 empregos que vão ao ar, e nós não queríamos. Nós já assim já temos de por 10 000 e temos de fazer serviços no Parque. Um Parque tem incêndios... eles dizem ali na papelada que eu até mandei para Lisboa, mandar uma fotocopia da papelada... têm 6 meses deles, que é para os incêndios, tem para o serviço público

AL: o Parque tem 6 meses deles, foi isso que disse?

MCov1: sim. E eles ainda têm o la, o público.

AL: Pois, ontem estavam a fazer o serviço público em Fafião, os sapadores de Fafião...

MCov1: nós também fazemos, temos os sapadores, vai demorar, estamos a fazer desde a semana passada, e agora vão fazer o de Paredes, depois vão para Sezelhe, fazem lá e depois vão para Travassos. Às vezes lá se tira algum para dar uma ajuda ao presidente da Junta, a fazer um poço, a limpar um poço, dar uma ajudazinha... a limpar uns regos, que agora não há gente... agora nós temos meia dúzia de... tudo velho.

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não

pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: foi?

MCov1: Tourém... já foram multados.

AL: isso é tudo por ser no Parque?

MCov1: dentro do Parque, fora do Parque não... é por isso que nós devíamos ser beneficiados do Parque... o Parque antigamente dava para os sapadores x e agora não dá nada

AL: ai não dá 35000?

MCov1: 35000 é o ICN...

A: ah, ok. Sim, sim, sim

MCov1: o Parque havia de ajudar, não ajuda nada, diz que não tem dinheiro, que não há dinheiro... o Parque não... no outro dia dizia o engenheiro lá do ICN de Vila Real, "o Parque não contes muito com ele que o Parque não tem dinheiro"

AL: sabe qual é o nome desse engenheiro?

MCov1: era Carvalho... Carvalho...

AL: qualquer coisa Carvalho?

MCov1: é... Eduardo Carvalho!

AL: do ICN de Vila Real?

MCov1: sim

AL: aaah. Ele veio cá fazer o quê?

MCov1: por causa dos sapadores, tivemos um problema com os sapadores, por causa do dinheiro, o dinheiro não dava então veio aí para ver se a câmara dava dinheiro porque senão os sapadores tinham de se ir embora... depois a câmara deu...

AL: e ele aí fez questão de dizer que eles não têm dinheiro e que não podem...

MCov1: não, o Parque não, o Parque, que não esperasse alguma coisa porque o Parque não tinha dinheiro e acabaram por dar os 35000, vocês dão os 2500, a câmara dá 10000, e pronto, as coisas já se vão compor... e foi assim que nós resolvemos

AL: pois

MCov1: e por esta altura os sapadores ainda estão por receber 3 meses e esse que vem 4...

AL: estão por receber?

MCov1: pois... ainda agora mandei para lá a papelada... só ma mandaram agora ultimamente só que já deviam ter mandado no princípio do ano. E agora mandaram um coiso para se reconhecerem as assinaturas, para... pronto, ainda só foi ontem que lá chegou. E agora pronto, claro que já deviam ter mandado, esse dinheiro já podia estar aqui algum. Dão-se 10000. Agora vêm entregar 10000. Depois em Julho dão 12000. E depois logo a seguir lá para o fim de Outubro/ Novembro, No dão outros 10500. É às prestações.

AL: quando há pouco me disse que por vezes dão dinheiro à Junta para fazer um poço ou para fazer isto ou aquilo, de onde é que vem esse dinheiro? De onde é que vos sobra esse dinheiro?

MCov1: sobra? Temos de tirar... em vez de desmatarmos a x o hectar vamos tirar um bocadinho para depois ficar para fazer... para arranjar os poços, vamos ficar com algum, não vamos agora gastá-lo todo

AL: nas roças e assim?

MCov1: pois, nas roças dão-nos x dinheiro, e nós vamo-nos equilibrando por aquele dinheiro

AL: e tentam ficar com algum para outras coisas

MCov1: e depois nós vamos ficando com algum para ... gastamos lá com a companhia, lá com o coiso, para roçar, mas algum tem de ficar para nós para fazermos algumas coisas no povo

AL: ah, ok, conseguem fazer isso... mas se diminuísse muito esse valor...

MCov1: mas o Parque não quer, o Parque não quer que se faça aqui nada na aldeia. Não quer mas nós temos de fazer, falei com o Carvalho e ele disse "ah, vocês... de vez em quando vão fazendo"

AL: mas porque é que não quer...

MCov1: porque no povo... não quer, sei lá porquê... o povo quer que façam, o povo pensa no diabo. Aqui o povo não quer os sapadores

AL: e como é que é a vossa relação com a Junta de Freguesia e com a Câmara Municipal?

MCov1: é boa, não temos problemas

AL: não há aquela coisa de a Junta querer ficar com a gestão do baldio ou assim?

MCov1: quem quer não é a Junta, é a câmara... mas ainda não foi aprovado

AL: mas está em processo?

MCov1: oh, isso é o que eles pediram para lá, isso é o que eles pedem sempre para... assina lá... assino eu, assina lá o de Lisboa

MCov1: o pessoal de Montalegre, agora estão a pensar entregar isto às câmaras... eu ouvi lá em Montalegre. Se entregarem o Parque às câmaras...

AL: eu também ouvi isso... aliás, eu vou a Lisboa na 3ª feira para ir a uma sessão de discussão sobre essa questão da entrega da gestão dos parques às câmaras...

MCov1: às câmaras... pois, está previsto isso, agora o outro dia lá na reunião já iam falar disso também... que houve lá no Gerês. Iam lá 5 presidentes da câmara entregar o parque às câmaras...

AL: e as câmaras o que é que acham disso?

MCov1: as câmaras querem, elas querem que as dêem a eles...

AL: e vocês o que é que acham?

MCov1: aqui não dizem nada, não lhes importa.

AL: e o que é o que o senhor Manuel acha?

MCov1: eu acho mal, porque se entregam isto às câmaras, isto vai ser uma... isto não vai dar. Quer dizer, não chegam a lado nenhum, vai ser abandonhado, se se entregar isto à câmara vai ser uma bandalhice. Não, entregar à câmara fica tudo abandonhado

AL: acha que as câmaras não funcionam muito bem?

MCov1: não, não, eu acho que não... eu por acaso até sou amigo lá da câmara...

AL: como é que se chama o presidente da câmara?

MCov1: Orlando Alves

AL: é de que partido, sabe?

MCov1: é socialista. Também levou o meu voto

AL: levou?

MCov1: então eu votei nele

AL: acha que eles estão a trabalhar bem?

MCov1: está, está... mas isso de entregar ao parque já vai ser um problema... já nem vai ser parque, já nem vai ser nada, começam a entrar os de lá todos para aqui vão estragar tudo. Caça terminou! Depois andam de lá para cá, daqui para lá, anda para aí tudo... depois isto já nem é parque, aquilo não vai ser parque, aquilo vai ser mais como antigamente, tudo à revelia... caçam onde querem, fazem o que querem, não vai dar nada...

AL: e o que é que agora tem de melhor? Em termos de gestão do parque...

MCov1: agora tem que sabem que é Parque e já ninguém vem para aqui. É raríssimo. Vêm os turistas, os turistas sim. Dão o passeio deles. Depois os transgressores vêm para aqui todos. Eles andam de noite, anda para aí tudo à volta de noite e dão cabo disto tudo

AL: e acha que vai ser assim?

MCov1: ah pois vai.

AL: não confia muito nas autarquias para gerir o parque, o senhor Manel?

MCov1: não, não. Eu sou contra isso. Eu sou contra isso porque eles vão estragar tudo porque os outros o pessoal de lá vem tudo para aqui.

AL: qual pessoal?

MCov1: vêm para aqui caçar...

AL: acha que eles vão seguir os seus próprios interesses? Cada câmara...

MCov1: então... pois isso vai ficar a não ser parque nenhum... por exemplo o parque teve as suas autoridades e isto... embora elas sim senhor, as câmaras, tenham algum poder sobre isto mas não era ela a tomar conta disto tudo. Agora assim é mau...

AL: mas o senhor Manel gosta do parque, ou seja, acha que é importante haver o parque?

MCov1: tem. Pois se eu trabalhei sempre no parque, desde que foi parque até que me reformei trabalhei sempre no parque, não tenho a dizer mal do parque

AL: identifica-se com esta coisa da conservação da natureza

MCov1: sim, sim

AL: acha que é importante?

MCov1: isso é importante, acho que o parque é uma coisa boa

AL: e faz-lhe confusão a caça desregulada

MCov1: pois, exacto... vinham agora os de lá fora agora meter-se aqui, devorarem tudo, estragarem tudo. Aquilo que foi o parque, o parque já fez aqui bastante antigamente, agora já está um bocadinho mais abandonado, mas aqui fez-se muito e isso estava tudo bem. Agora vai, se a câmara coiso vai... fica tudo estragado

AL: e como é que isso está? A lei já foi aprovada ou ainda está em fase de discussão?

MCov1: não, acho que não, que ainda não foi aprovada. Se aquilo for entregue à câmara é um desastre

AL: pois, eu ainda não tenho opinião em relação a isso, ainda nem percebi bem qual é a proposta, vou perceber agora melhor na 3ª feira. Mas pelo que me disseram a ideia é essa, é descentralizar a gestão dos parques e por nas autarquias a gestão.

MCov1: eh, isso não... eu não concordo com isso

AL: pois, eu até concordo que as autoridades locais têm de ter alguma voz, agora toda... também não sei, acho que era complicado...

MCov1: eu também acho que devem ter sim senhora, mas não tudo, não tudo porque senão então lá estamos no tempo antigo... depois isto já nem é parque nem é nada, isto é uma república depois... (RISOS) isso não tem jeito. Se é Parque tem de ser coiso... tem as suas autoridades, tem coiso, é que administram. Agora sendo a câmara, trazem logo para aqui tudo, começam logo "isto não é parque, o parque presta para alguma coisa, isto não é parque não é nada, nós vamos para onde queremos, fazemos o que queremos". "ah, está bem!". Agora... o parque tem de ter uma... que é parque, a polícia vem aí, tem de ser respeitada

AL: diga-me só mais uma coisa... há pouco quando referiu que a câmara já chegou a querer pôr a mão na gestão dos baldios

MCov1: não, e aqui a junta de freguesia também já quer meter o nariz também. É... aqui o de Travassos. Ah, tivemos aí uma reunião e não sei quê, porque nós damos... a câmara dá x e também tem que mandar e fazer serviços aqui no povo... está bem, vais fazer no povo serviços se puderem, não vamos agora fazer coisas e deixar o carvalhal por limpar, e depois a pessoa do ICN sabe e põe os sapadores fora... "ah, mas tem de fazer, tem de dar..." e faz as reuniões ou ... e eu não concordo com isso. Quem deve mandar aqui, quem manda é o conselho directivo não é o presidente da Junta. O presidente da junta é que já anda ali a trocar os paus a eles para já meterem dinheiro no parque...

AL: mas o que é que eles pretendem, a Junta, não percebi muito bem... eles pretendem fazer o quê aqui no povo

MCov1: quem manda no... é o presidente da... a Junta não tem nada a ver com os montes baldios, mas eles agora querem-se meter nos baldios também

AL: ah, essa coisa de andarem a falar dos sapadores e não sei quê?

MCov1: pois, querem se meter também, a Junta quer-se meter nos montes baldios, querem entrar, é como a câmara, quer entrar também

AL: o que é que a câmara faz? Ou o que é que a câmara diz?

MCov1: a câmara quer tomar conta disso

AL: dos baldios?

MCov1: sim.

AL: como é que eles dizem isso?

MCov1: ah eles dizem que hora menos hora que vai ser entregue às câmaras, que eles também pagam, não sei que mais, que eles também têm de dar dinheiro para os sapadores

Fafião: MF1

AL: ah, então a Câmara também financia um bocado aqui dos vossos trabalhos...

MF1: sim, algumas coisas. Eles conhecem perfeitamente o nosso trabalho, sabem como é que nós funcionamos, as coisas não vêm aqui ter por acaso, vêm porque nós fazemos pressão e trabalhamos por elas, porque se estamos à espera que nos entreguem alguma coisa é esquecer, assim nunca chega cá nada, estamos aqui muito longe da... estamos na fronteira, estamos (...) Terras do Bouro e (...), e já estamos muito longe de Montalegre, estamos a 46 km pela estrada interior, se formos pela nacional são 57... e pronto, estamos muito longe, estamos mais perto de Braga do que de Montalegre, e pronto, se não formos lá de vez em quando pedir alguma coisa aqui não vem ter nada

AL: mas é estranha essa forma de classificar o solo, faz mais sentido que as pessoas que o usam sejam consultadas... não sabia que isso tinha sido feito assim, através de fotografias aéreas...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pelas tais avaliações...

MF1: sim

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso

foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: portanto os compartes aqui de Fafião correspondem a todas as pessoas que vivem aqui na freguesia de Fafião...

MF1: na aldeia de Fafião

AL: ah, na aldeia

MF1: na aldeia, isto aqui é uma aldeia, a freguesia é Cabril, só que Cabril tem várias aldeias e o conselho directivo deles tem várias aldeias porque a freguesia tem umas 14 aldeias e só Fafião e Pincães é que têm conselho directivo, Cabril engloba as outras todas

AL: e também há aulas para os miúdos?

MF1: não, não, não, a escola normal é em Cabril, e depois quando vão para o secundário é na Venda Nova, agora ali a escola já acabou, tinha poucas crianças, como em todo o lado, e acabou

AL: pois ali Cabril apanha com as crianças de todas as aldeias portanto deve estar mais ou menos cheia...

MF1: uuuh, não está muito, tem poucas crianças, porque aqui até no fim-de-semana se der aí uma volta pela aldeia vê muita malta jovem e muitas crianças, mas se calhar durante a semana estão em Braga ou estão assim noutros sítios, depois ao fim de semana é que o pessoal volta aqui. Mas pronto, as pessoas estão nos seus empregos e têm de ter os filhos à beira, não iam deixar aqui os filhos para manter a escola, não tinha lógica nenhuma

AL: e a vossa relação com as autarquias, com a junta de freguesia, com a câmara municipal?

MF1: é boa!

AL. Não há vontade da freguesia de se apropriar do baldio, ou a câmara...

MF1: não, isso... eles dizem que os baldios que não estiverem, com a nova lei, que não estiverem a ser bem geridos que vão ser entregues às autarquias, mas aqui no nosso caso isso não se aplica, e aliás se eles quisessem por algum motivo ficar com o nosso baldio isso ia dar uma guerra enorme porque nós nunca na vida íamos permitir uma coisa dessas porque aqui a nossa aldeia até está muito desenvolvida por causa do conselho directivo que efectivamente faz um bom trabalho e vai andando, vai dando os seus próprios passos

AL: e quando é que sabem qual é a área de ITI?

MF1: Acho que as candidaturas ainda não fecharam, estão a tentar prolongar o prazo e estão a tentar a ver se eles recuam nessa redução das áreas. E é o que temos andado a fazer com estas reuniões agora, com os presidentes das câmaras a puxarem também do nosso lado se calhar a coisa fica um bocadinho mais fácil

AL: e é só Fafião que está a sofrer com isso?

MF1: não, não, isso é todo o parque, todas as zonas que tem, todos os baldios que têm as ITI's estão a sofrer com isso. E neste caso serão... se não forem todos devem ser quase todos... vamos por ali que tem uma vista espectacular

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas [... barulho] pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: ok... isso tudo junto dá para aí quanta área?

MF1: dá um hectare e meio, 1.8...

AL: tudo junto?

MF1: sim

AL: e quando vocês fazem isso tem de contactar o ICN?

MF1: não, não temos. Nós temos aqui uma regra, se tivermos na zona do PDM para construção, 5 Euros... foi tratado isso na assembleia, com as pessoas lá, com os compartes necessários para fazer isso... vendemos a 5 Euros por m² dentro do PDM, e fora do PDM vendia-se a 2.5 embora que fora do PDM hoje já não se pode construir por isso também acaba também por não se poder vender

MF1: é que tivemos o *trail* há 15 dias e agora temos o jantar...

AL: o *trail* é o quê?

MF1: o *trail* do Carlos Sá é correr no meio do monte

AL: Quem é o Carlos Sá

MF1: aquele que ganhou a maratona do deserto nos Estados Unidos...

AL: ah, não sabia. Se calhar devia saber não era...

MF1: essa era obrigatória

AL: RISOS. Ganhou quando?

MF1: ganhou já para aí há 4 anos ou 5. E ele agora organiza os *trails*, e foi a primeira vez que passou aqui foi há 15 dias. Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Gerês. E tivemos aqui uma parte que vinham do Xertelo, essa aldeia onde foi o acidente, que é quase lá na ponta, até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês ate Fafião e nos tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para ca. Estes que passavam aqui só comiam uma fruta, uma marmelada e seguiam para o Gerês. E os outros paravam ali e depois o autocarro levava-os outra vez. E hoje e... este, como o Lino não está, esse da marinha que é o presidente da Vezeira, não está disponível, encarregou este, só que este é construtor e rebentou-lhe não sei que no camião, e já não pode ir, e vou ter de ligar a um dos outros para ir...

AL: ao jantar?

MF1: sim

AL: e essa malta pagou-vos para...

MF1: não

AL: essa comida toda teve de vir dos vossos...

MF1: não, grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar... por exemplo, eu que estava ali no pórtico, que era onde eles se encontravam todos, que mandavam uns para um lado e outros para o outro, para eles não se cruzarem, cheguei, ainda não tinha acabado a prova, eu estava todo molhado e já não conseguia dobrar as mãos, estava já cheio de frio e todo molhado. Mas como eu, estiveram mais, veio aí o presidente da Junta também esteve lá num sítio em que o rio subiu muito e ele tinha de estar ajudar as pessoas, também se molhou todo e apanhou uma gripe. Pronto, nós aqui em Fafião éramos 15 e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, só vou eu em representação dos baldios e vai o outro que representa a associação e eles não nos pagaram nada e eu acho que aquilo não está a funcionar muito bem. Mas pronto, logo se verá... e se calhar também devia dar uma palavrinha por causa disso, porque as pessoas, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas

AL: mas na tua opinião quem é que devia pagar, a câmara ou o...

MF1: não, devia pagar o Carlos Sá [VENTO]. Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas

AL: é mesmo a primeira vez que fazem isso aqui então...

MF1: é. [...] Daqui deste lado nunca tinha passado...

AL: estão a fazer um tanque na fonte para a aldeia toda ou?

MF1: pronto, quem está a fazer a obra é o baldio. Foi com o apoio da câmara, eles deram-nos uma verba e entretanto as pessoas pediram para fazer o tanque, que aquilo deitava água para todos os lados, para fazer o tanque certinho, e estamos a fazer. Embora não seja bem para toda a gente, a fonte é de todos só que não regam todos dali. Então achei por bem que ali era uma obra pública e interessante e valia a pena e optei por gastar mais um bocadinho e deixar aquilo para muitos e muitos anos

MF1: também temos aqui um ecomuseu mas ainda não está a funcionar.

A: ah, vi isso escrito em Montalegre...

MF1: tem em Montalegre, tem em Salto, em Pitões, em Tourém, há aí uma rede de ecomuseus, e agora temos um aqui mas só que ainda só está a parte da obra em si feita, os conteúdos e essas coisas ainda não está nada feito

AL: e ecomuseu em si é o quê? Para se falar da biodiversidade e assim?

MF1: normalmente será sobre o que esta aldeia tem de diferente das outras que é as vezeiras, o azeite, porque lá para cima as oliveiras não existem ou não dão a azeitona para fazer o azeite...

MF1: aqui é a sede dos baldios. Aqui temos um palco que montamos para os conjuntos actuarem ali debaixo para os dias que chover. E por baixo é a sede dos baldios, tem uma sala, tem uma casa de banho, tem uma zona para os arquivos. Depois pronto, aqui a aldeia ainda tem aqui muita bosta porque os animais ainda estão aqui, agora vão começar a deixar de estar

AL: [RISOS]. A mim por acaso não me afecta nada

MF1: pois, mas para as pessoas que moram ali, não gostam muito!

AL: pois, exacto!

MF1: aqui este muro foi outra obra juntamente da câmara com os baldios, isto aqui era muito mais apertado e alargou-se aqui a rua, depois outro dia vamos ao fojo e vamos, e vamos... _____

Aqui vão ser feitos os polígonos pecuários, aqui nesta zona

AL: e como é que vão ultrapassar aquela questão do ICNF?

MF1: eles estão aí a trabalhar connosco, querem fazer disto um trabalho modelo e pronto, acho que também estão minimamente motivados para arranjar isso... olha, esta ali o camião... mas vamos, se eu chegar aqui a frente. Pronto, a casa que estamos a tirar... aqui onde esta a bomba, daí se calhar não consegue ver... [*? Não se entende*] essa casa em cimento é a que estamos a tirar, e estamos a fazer-la... é este telhado cor-de-laranja que se vê ali mais

novo... é aquela ali. E agora eles estão ali a betonar... o tanque que é uma das obras que estamos a fazer juntamente com a câmara. Eles deram-nos o apoio, mas entretanto o apoio já não vai chegar, mas pronto...

AL: e estas são as tais casas que vão por a vender é isso?

MF1: não, esta é a tal casa que foi feita para substituir a outra que destruímos. [*? Não se entende*] e aquela casa ali foi derrubada e foi feita esta, com o apoio da câmara

Outeiro: M01

M01: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

M01: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

M01: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

M01: não, nunca fui presidente, mas estive sempre tesoureiro ou secretário sempre com as outras pessoas, e tentámos um caminho para lá, que já existia antigamente, havia currais que, nas aldeias antigamente havia muita gente e iam para os currais e trabalhavam-no, iam lá buscar o centeio e pronto, era a vida daquele tempo

M01: não, nunca fui presidente, mas estive sempre tesoureiro ou secretário sempre com as outras pessoas, e tentámos um caminho para lá, que já existia antigamente, havia currais que, nas aldeias antigamente havia muita gente e iam para os currais e trabalhavam-no, iam lá buscar o centeio e pronto, era a vida daquele tempo

AL: os currais onde levavam as vacas também plantavam lá centeio é isso?

M01: pois. Os currais! As vacas pastam em tudo mas aquelas partes melhoraram eram cultivadas, aqui a parte da Mourela já produziu batata de semente no tempo que aqui se tinha, se vendia... havia aqui lamas que eram lavradas e sementadas e saía dali muito dinheiro

AL: mas a que é que chamam currais?

M01: currais é aqueles currais que estão delimitados, que é tipo estes terrenos não é...

AL: ah, não tem que ter lá animais dentro para ser curral?

M01: não, tem paredes antigas, agora estão abertas, e o gado entra e pasta, mas há currais que têm ainda dono, está registado, tem dono... ali na nossa serra. E portanto já havia

aquele caminho antigo de carro de bois, com dificuldade... nós por esse trilho exigimos, mas o parque não queria que nós fizéssemos um acesso à serra e eu pedi à câmara

AL: porquê?

MO1: porque diz que ia para lá muita gente, que aquilo que era uma zona protegida, queriam que as pessoas só pastassem um certo ponto, aquelas regras, eles queriam pôr para lá os Pan Parks ali pela serra adiante, com animais e tal, para o turista ir ver e pagar e o próprio agricultor vivia aqui perdendo o seu direito, está a perceber, e nós exigimos, pedi uma máquina ao presidente da câmara e metemos lá violência, e depois foi-nos trancado aquilo pelo Parque, pelo director do parque... fui lá com o director do Parque, fomos ver, por acaso houve sítios em que foi mal o caminho, mas depois mudou-se... e depois eu mandei para lá um rapaz, o rapaz, havia lá umas casas que tinham interesse e puxaram o caminho para o lado das casas, mas o caminho era para seguir para o centro da serra, e depois eu fui lá, fui lá 5 ou 6 dias, voluntário, com o rapaz “tu metes-te atrás de mim que eu vou adiante e digo-te por onde é que vai o caminho”, e fizemos o caminho. Aí já eu fui depois de o Parque nos travar o caminho. Depois falei com o director, juntámo-nos aqui, fomos a Montalegre ao presidente da câmara e eu disse ao presidente da câmara “travaram-nos o caminho”. “Não tenhas problema, eles vêm até mim, eu digo-lhes que fostes vós que mandaste, se eles forem a vós dizes-lhes que fui eu que mandei... amanhã a máquina já volta para lá”. Voltou e nós metemos o caminho. Hoje já está um caminho que vai lá um jeep, um carro... e agora a pessoa pode ir a pé, já viu o que é ir daqui à serra sem um trilho, a pessoa a pé, ir e vir, há um animal que pare, há uma vaca que tem uma dificuldade numa perna é preciso ir buscá-la, já se lá foi buscar às costas, em burros e cavalos, a carne de animais. Agora já temos este acesso, foi feito à violência, o parque não o queria, e depois o director do parque chegou aqui ao pé de mim “então vocês andam a fazer estas coisas?”. “Não, nós pedimos, vocês fizeram um projecto para nós fazermos um caminho, aquilo nunca mais saiu, nós tentámos, nós precisamos. E depois fomos lá ver o caminho. Eu disse ao director “olhe que isto tem sítios que não está muito bem, mas daqui para cima (...)” que eu andei lá uma semana com o rapaz “olhe que daqui para cima você não tinha por onde o tirar, tinha que ir por onde está”. E ele agarrou-me meteu-me assim o braço debaixo “também é o único sítio que está bem feito”, porque eu alinhei o caminho como nenhum engenheiro alinhava, agora está direitinho e lá vai à serra. Estes conflitos houve sempre não é...

AL ali é protecção total, lá em cima?

MO1: não, é zona protegida

AL: é que eles têm diferentes níveis de protecção. Há uma zona muito protegida, que é a zona de protecção total, depois tem a zona de protecção parcial e depois tem a zona complementar, não sei se lá será a maior...

MO1: temos aqui esta zona aqui do rio que vai ter a Pitões que é mais carvalhal e é essa zona que eles lhe dão esse primeiro nome, não é... e depois há as outras

AL: você fala muito do Simão, quem é o Simão?

MO1: o Simão é o presidente do CD de Cela e Sirvozelo

AL: de Cela e Sirvozelo, ok... eu falei com ele mas ele diz que, já não me lembrava do nome dele porque ainda não o conheci, ele tem uma empresa não é...

MO1: ele trabalha em Montalegre, é topógrafo, e a mulher também... ele trabalha para a câmara em Montalegre, se quiser estar com ele e for a Montalegre

AL: ah, sim, eu se calhar vou lhe ligar quando sair daqui e vou ver o que é que ele pode

MO1: ele está lá em Montalegre, tem o escritório dele, a mulher trabalha lá, e ele trabalha na câmara... já esteve comigo na Junta, e o outro rapaz que eu estou a falar, que está lá agora

AL: quem é que está lá agora?

MO1: estivemos na Junta, agora ele está de presidente da assembleia de freguesia ainda...

AL: quem, o Simão?

MO1: sim. É a tal política, nós até ali fizemos a Junta... portanto, cada aldeia apresentava o seu elemento e era... não havia votação, depois eles como são mais políticos queriam agora que ganhasse o PSD e nós não nos candidatámos lá por partidos, candidatamo-nos por uma lista independente

AL: mas isso aonde? No baldio?

MO1: aqui, na freguesia, no baldio não. Para a Junta, a eleição para a Junta. E ele candidatou-se, e depois arranjou para aí pessoas que tinham muita população e quiseram ir para lá e agora estão lá eles até que os renovem, não é...

AL: eles? Mas quem é o presidente da Junta agora?

MO1: o presidente da Junta é daqui e ele é presidente da assembleia e nós estamos na assembleia de Junta, os derrotados que só perdemos por 4 votos, estamos na assembleia, os 3 elementos que nos candidatámos

AL: pois, pois... e a vossa relação com a Junta actualmente é boa?

MO1: igual

AL: a Junta também dá dinheiro para os sapadores ou não?

MO1: não, não. A Junta ainda quer é dinheiro, que nós lhes demos do nosso para eles

MO1: ainda disse à minha mulher há bocado "opa, ...". "ai não tenho vagar de estar agora a partir batatas para as vacas, elas agora não precisam de batatas". Mas é melhor deitá-las aos animais do que deitá-las ao lixo, não é, porque a batata vindo daqui a um mês vem a nova e esta já não serve

AL: vocês antes tinham a cooperativa não era? De batata

MO1: pois, mas a cooperativa falhou, má gestão também, não é... como falha outra empresa qualquer, agora havia a câmara botar mão por isso e tornar, porque nós aqui, os nossos concelhos se a batata de semente desse podíamos produzir para a parte do nosso país por aí abaixo... vai-se comprar a estrangeira mas custa caro não é... e estamos a dar o dinheiro aos outros países, e nós podíamos ter aqui rentabilidade e dar emprego e dar sustento... eu tenho dois filhos na Inglaterra que podiam estar aqui, que eu tenho aí terrenos para produzir batatas e animais e tudo, mas pronto, lá encontraram que era melhor emigrar, vão atrás dos outros e lá estão...

AL: a Junta também dá dinheiro para os sapadores ou não?

MO1: não, não. A Junta ainda quer é dinheiro, que nós lhes demos do nosso para eles

AL: aí é?

MO1: é, porque eles também... a verba não é grande não é... e eles têm aquela despesazinha, eles ainda prometeram que iam aí fazer grandes obras e tal, mas... não tem, não tem corrido, o ano não tem corrido grande coisa...

AL: mas vocês também têm usado dinheiro dos compartes aqui na aldeia não é? E isso era trabalho da Junta à partida portanto logo aí estão a dar dinheiro à Junta não é... indirectamente

MO1: claro. E já demos mais, já conseguimos mais... a câmara em si dá-se bem connosco não é e se nós lhe pedirmos uma coisa qualquer cai, já vamos fazer mais uma ponte, já vamos fazer mais um alargamento de um caminho, já comprámos manilhas para pôr no estradão para tirar as águas, e vamos fazer esta casa mortuária, e vamos talvez recuperar ali aquele muro que está a cair

AL: está a ver, isso é tudo trabalho da Junta à partida

MO1: claro!

AL: portanto já estão a ajudar a Junta

MO1: não, a gente, o dinheiro é para se investir em benefício público naquele que... em primeiro está, temos de investir naquele que nos exigem não é... se nos dão para fazer 20 hectares de limpeza não podemos fazer 10, temos de fotografar aquilo que se limpou e enviar ao ICNF, eles rectificam tudo, temos facturação, temos contabilidade, temos tudo em dia

MO1: é, eu agora tenho o gado, tenho aí 10 vacas à porta paridas não é, agora vou ali com a máquina das costas, corto ali num terreno erva, ponho lá o pastor, e eu estou ao lado já a fazer duas terrinhas mais que me faltam... onde andam a fazer os muros estes amigos que foram para baixo, estamos lá a acabar o muro no terreno e agora ainda vou sementá-lo, milho e certas coisas, e ainda me vão fazer outro por baixo... esses eram os mesmos que andam aqui a fazer a casa mortuária, já trabalham aqui para nós na Junta há vários anos,

calcetas, estes murozinhos de pedra, várias coisas fazem eles, trabalham muito bem, são dali da Ermida mas são pessoas 100%, construíram-nos ali a sede da Junta, fizeram-na toda...

AL: a sede da Junta é aqui?

MO1: é, é, ali onde está aquele carro adiante... são pessoas que trabalham

AL: a Junta, desculpe interromper, a Junta é Cela, Sirvozelo, Outeiro e Paradela

MO1: e Parada

AL: Parada, Parada, desculpe, e Parada... é união de freguesias? Ou já era assim?

MO1: a nossa não foi, a nossa tinha população não foi mexida, ficou as mesmas aldeias com a população que tinha, nas outras aldeias que tinham menos é que houve... como tal acolá de Paradela e de Ponteira já foi buscar Fiães e Loios

AL: pois, pois, pois... e o facto de a sede ser daqui não tem a ver com o facto de o presidente ser daqui?

MO1: não, é rotativo

AL: podia ser o presidente dali e a sede era aqui?

MO1: já estive 30 anos em Sirvozelo

AL: mas há lá uma sede também ou a sede é sempre aqui?

MO1: não, a sede é aqui, aqui é... como se costuma dizer, a capital destas aldeias, aqui Outeiro (RISOS). Aqui a igreja, e aqui este muro já fomos tudo nós que fizemos, tudo, o cemitério, tudo

AL: tudo com o dinheiro dos compartes?

MO1: não, e ajudas da câmara e projectos daqui... metemos saneamento, está tudo feito, as aldeias está tudo pavimentado em paralelos, tudo por aí abaixo, águas, tudo

AL: e diga-me uma coisa, você já ouviu falar da câmara municipal... não sei se a câmara já vos propôs a vocês também de fazerem projectos de arborização em conjunto

MO1: já, já, e vamos trabalhar

AL: ai é? Já está falado?

MO1: a câmara é daqui não é?

AL: claro

MO1: E é uma mais-valia então... eles têm essa ideia, a política deles agora é essa, ajudar o baldio, ainda agora nos deram aí uma verbazinha boa para fazer uma ponte e um alargamento de um caminho. Pedimos... o presidente da Junta está um bocado "ah, a

câmara a vós dá e a mim não me dá”, e depois até o meu colega lhe disse “opa, tu sabes que as cruzeiras contam, embora não deva ser assim, mas as pessoas têm...” ...

AL: ah, as cruzeiras (RISOS)

MO1: as cruzeiras lá no boletim de voto, e eles votaram todos contra. Temos aqui uma antiga escola já foi dada aqui à associação, que temos aqui uma associação, temos ali uma casa que era a antiga da professora, nós quando estivemos na Junta recuperámo-la, hoje durante o mês de Agosto e durante o ano, o pessoal da aldeia vai ali, convive, tem televisão, tem um cafezinho, tem tudo, restaurámos nós a casa em lugar de a vender. E aquela ali vamos-la reconstruir também, que a câmara não a usa, para fins de vendas de fumeiro, aqui há muita gente que, a minha patroa vai fazer o fumeiro, e há pessoas aqui que vão fazer a feira... e nós podemos aqui fazer um evento, uma vez, ou duas, ou três por ano durante a época... e traz pessoal aqui!

AL: ah, uau!

MO1: temos uma escola nova, já fui eu que a implantei ali, por rivalidades também... ah, eu acompanho isto já desde 1975, está a perceber? Sempre ligado a isto. Depois Cela e Sirvozel, Outeiro e Parada tínhamos uma escola, que era esta que agora é a sede da Junta, restaurámo-la para a sede da Junta. E depois fez-se esta escola nova, e aqui isto era do padre, que isto pertence aqui à igreja, então pedimos autorização e localizei eu ali a escola. Parada queria a escola lá, antigamente tinha escola lá também, depois veio isto a nível da freguesia de só uma escola, como agora, a nível do concelho já só há escolas em Montalegre, não é? Tem sido a mingar... e depois agora esta escola queria-a vender, mas como se dava bem com nós... “não, você tem que nos deixar isto para o povo”, e já está do lado [*Não se entende*] levado para um independente (RISOS)... não é? Há muita gente que dava bom dinheiro por isso, está aqui um sítio que é um espectáculo... você ainda não viu?

AL: não!

MO1: mas vê daqui... agora vai-se ali fazer a festa durante o ano.

AL: ai é? A festa vai ser ali?

MO1: a festa era aqui no meio da aldeia, mas afecta porque pode haver um incêndio, pode haver uma pessoa doente e fica o trânsito...

AL: fica atravancado

MO1: atravancado. E agora temos este espaço todo aí, todo este espaço verde...

AL: e agora escola só em Montalegre não é?

MO1: a Câmara leva-os e trá-los não é, e este espaço então ficou para a freguesia... fica para nós, para a associação. E a câmara deu-nos... porquê? Porque a gente tem apoiado... agora o presidente entrou noutra política e vai e bate lá à porta “ai eu quero fazer tanto, eu quero fazer isto, eu quero fazer aquilo” mas não consegue por não fazer nada

AL: você?

MO1: não, eles, quem está agora na Junta, queria fazer muito e não faz nada, porque não tem... não vai buscar a água à nascente (RISOS)... está a ver este espaço? Aí é a escola, tem lá por baixo uma vedação e está aí a escola... e agora isto fica para eventos que vamos desenvolver com o tempo

AL: estou a imaginar aí a festa

MO1: ai, aquilo é grande lá para trás, tem lá para baixo... isso era o passal antigo do padre. Nós levamos isto, quando estávamos na Junta, a uma reunião para fazer ali uma casa mortuária e eu disse não, porque a casa mortuária aqui não é adequada porque isto tem outro fim, e estamos já a fazer ali, numas casas que estavam degradadas

AL: sim, sim. E vocês têm uma associação... a associação é de quê?

MO1: a associação é de... pusemos-lhe o nome de Associação do Castanheiro, tem uma gerência como tem a Junta, faz ali dinheiro, paga ali a um empregado durante o Verão para estar ali para atender o pessoal, porque isto tem muito emigrante aqui

AL: lá no café, é isso?

MO1: sim, fazem aqui uma grande festa, no mês de agosto... há chega de bois, há fogo, há rancho folclórico, as aldeias que podem fazer isso não é... e eles tratam disso, e agora a câmara deu a escola à associação

AL: para fazerem a festa

MO1: é

AL: mas portanto a associação serve sobretudo para fazer a festa ou não?

MO1: é, trabalha para esses fins e agora vamos desenvolver para outros fins

AL: ah, para a questão dos eventos do chouriço e não sei quê?

MO1: é, é através da associação

AL: o senhor faz parte?

MO1: não, não faço, sou sócio... temos vários sócios, lá de Lisboa e de todo o lado, habitantes não é... até o presidente da câmara é sócio

MO1: está isto a cair

AL: o que é que disse?

MO1: está este muro a cair e agora quem vai construí-lo? Vai ser o CD, em conjunto com o outro

AL: com a outra?

MO1: com a casa mortuária

AL: ah, sim, sim, sim

MO1: [ele vai a minha frente e não se ouve nada... mas vai descrevendo a casa mortuária]... tem lá as casas de banho e aqui agora vamos fazer a capelinha porque a igreja está aqui, isto vai ser tirado, vai ser tudo pavimentado, o pátiozinho ali dentro vai ser todo [?], aqui que era a antiga garagem do padre, vamos-la restaurar para se chover acolá está a família e o morto e o pessoal que vem visitar e quer estar, está ali, entende? Isto já foi tudo restaurado por nós aqui dentro, estes muros, foi tudo restaurado, agora o padre não está cá... o padre se for preciso está em Montalegre e vem rezar missa só ao domingo, mas antigamente tínhamos aqui um padre permanente

AL: ah, e era assim em todas as aldeias?

MO1: era, em todas as aldeias tinha um padre, e este passal, tem terreno, tem água, tem...

AL: passal era a casa do padre?

MO1: era a casa do padre, agora isto também... para deixar cair. Agora já vai aqui a capelinha, depois há outros subsídiosinhos, vai-se restaurando as casas, isto até dá para pôr aí quartos e lugar... entende? Andamos em guerra também com eles

AL: com quem?

MO1: com os da diocese, a gente só investe e isto é deles... eles na câmara eclesiástica, em Vila Real, têm lá um documento em como isto é do...

AL: isto o quê? O terreno

MO1: isto é deles! É da igreja, da... mas para investir aí é sempre a Junta com coisas que faz, o padre não põe aqui nenhum, só leva... eu sou católico, não praticante, mas... mas ele só é bota pra cá, quem tem de conservar é o povo porque isto é nosso, é nosso no sentido que está aqui, agora se cair este muro a diocese não vem aqui levantá-lo, temos de levantar nós

AL: pois... mas o padre vem aos domingos ou não?

MO1: vem sempre um padre, a igreja já a restaurei, toda por dentro, toda em pinturas, tudo, está aí uma igreja em condições

AL: e se calhar já foi também com o dinheiro dos baldios ou não?

MO1: tudo, demos para aí 10 000 Euros... do pinhal que ardeu, foi o que nos tocou, fizemos pontes, fizemos pontes de madeira na serra, um dia que venha por aí com vagar você comunique, eu vou ali ao meu colega, consigo dar aí uma voltinha com você, a serra parece assim mas é fácil... vai o carro até lá ao meio e depois tem trilhos, tem... tem um trilho para passear

AL: ai é? Mas pode-se acampar no parque?

MO1: pode

AL: hmm, supostamente não pode, mas as pessoas acampam na mesma

MO1: ali não há problema nenhum, o ano passado estive aqui em certas zonas de Pitões, à procura de uma vaca que não dava com ela... vê aquele caminho que nós metemos, olhe ali...

AL: ah, é aquele!

MO1: é aquele caminho, aquele caminho vai aqui a Parada, vai ao fojo do lobo, temos aí um fojo do lobo já restaurado também

AL: já restauraram?

MO1: nós! Restaurámos nós! E vai abaixo tem pontes que nós fizemos já no rio, eram antigas, de paus de madeira, restaurámos, com os pinheiros do pinhal, pusemos-lhes emparos, fizemos outras coisas, vamos até lá à capel..., àquele morro alto que lá está, aquela bacia que também fizemos lá o ano passado 40 hectares de limpeza e temos lá as barracas, as cavernas feitas à moda antiga

AL: as cavernas do quê?

MO1: aquelas cavernas antigas que era a caverna do pastor, foi isso que nós concorremos a um projecto de investimentos não produtivos, ainda tive de tirar uma licença na câmara, e fiz aquilo, e é por isso que agora aqui a Junta mudou mas o povo agora diz assim “ai, se nós sabemos...”. Alguém que se absteve, outros não, viram, andaram para aí agarrados às pessoas, nós não ligámos, já lá estávamos há um tempo “deixa para lá isso”, mas agora o povo diz “não, para as próximas eleições estes têm que ir à vida, têm de para lá ir os outros”

AL: ah, gostaram do vosso trabalho

MO1: porque agora não veem nada, você vira-se para todo o lado, aqui junto das aldeias, se for a Parada vê ali uma cruz restaurada, vê ali naquela capelinha outro monumento, em todo o lado, vai por esta rua abaixo vê... não há-de dizer, é tudo obras da Junta... não é a gente estar a gabar-se mas eu gosto daquilo que faço... e depois trabalhei com boa gente, ainda trabalhamos igual. ??? vê obras... nós não tínhamos saneamento, nós não tínhamos calçada, nós não tínhamos aqui nada, está tudo restaurado. E agora para lhe dizer assim o que é verdade, é que ainda no outro dia fomos à câmara e pedimos-lhes 30 e tal mil Euros para uma ponte mais e para um alargamento de caminhos, que é da Junta... mas a Junta não faz... puseram as cruces ao contrário... as pessoas não devem ser políticos mas devem ver quem é que está à frente e quem vai dar algum rendimento não é, eles quiseram mudar, e agora o rapaz até pode ter boas ideias, mas não tem com quê, vai lá, bate lá à porta, fecham-lhe a porta! Você telefonou-me estou aqui a atendê-la com todo o gosto, eu se for a Montalegre a qualquer hora, o presidente da câmara se passar aí na estrada pára para falar comigo, porque já é aquele conhecimento de há anos, e nós chegamos ao pé um do outro e... agora é o Orlando até ali era o Fernando “olhe, nós precisamos disto” “opa, caralho, eu não tenho”, desculpe eu falar assim “não, não tenho mas...” “anda lá!” “atão como é que eu vou dar o dinheiro para não passar pela Junta?” “põe-no no CD e nós

fazemos a obra” ... e a obra é da Junta... a obra devia ser feita pela Junta, porque é aqui, aqui a seguir à aldeia, para o alargamento de um caminho para o baldio e para terrenos agrícolas... um terreno agrícola hoje se não tem condições para lá ir não dá nada, não é... uma pessoa a trabalhar num terreno se não vai uma máquina. E ele... “então vamos-o pôr ao CD”. Já no outro dia fui levar uma declaração da Segurança Social de uma dívida, outra do Parque, essas coisas que me pediram, à câmara para... o dinheiro já lá está na conta certinho, amanhã já começa esta gente e outra a fazer a obra. Temos 3 projectos de 3 empreiteiros, o que concorreu mais barato vai fazer a obra. Amanhã precisamos de outro, vamos lá e ele dá-nos

AL: e vocês, quando tiverem que apresentar as contas do baldio essa entrada de dinheiro não vai...

MO1: ai agora vai... conforme entra no baldio há-de sair

AL: mas vocês têm de prestar essas contas...

MO1: ai, facturamos! Tudo é facturado!

AL: mas porque é que não quiseram que passasse pela Junta? Essa parte não percebi...

MO1: porque para a Junta ele não dava

AL: ele, o presidente, aaah... porque há ali tensão?

MO1: por causa das cruzes que lhe falei, ele agora castigava eles não é

AL: mas o presidente da Junta é daqui não é?

MO1: é, é. É daqui mas que procure, que peça, pelos meios dele que puxe obras, que ele anunciou fazer “que é caminho, vou pôr isto, vou pôr aquilo”, ainda não mexeu uma pedra já vai ano e meio, daqui nada dois... então como é? Ai é? Agora aprendeis, agora aprendeis a voltar ao mesmo restaurante que tinhas porque o outro leva caro (RISOS). Mas nós aqui quando tomávamos conta da Junta aqui havia, nós podíamos andar com a máquina lá no caminho e pagávamos com o dinheiro da Junta, mas depois a câmara dava e tornava a cair na Junta, entende? Quando não havia do baldio gastávamos do da Junta, depois dizia “ah, Outeiro gastou muito dinheiro”, e eu até na reunião disse “eu até gostei, porque vós dizíeis, aqui alguns de Outeiro, que se gastava mais dinheiro na aldeia de Parada do que em Outeiro, e agora Outeiro gastou mais... alcatroámos um caminho que vai dali daquela aldeia para baixo, fizemo-lo de novo e a câmara pagou, e “ah, Outeiro gastou muito mais dinheiro”, e ainda bem que o gastei, vós dizíeis que se gastava mais em Parada e agora no último das contas disse que Outeiro... “mas deixou aqui um buraco”, “o buraco que deixamos uns tapamos os outros”, reconstruímos-lhe a sede da Junta toda de novo, que estava em piso podre, pôs-se-lhe pavimento, Pôs-se-lhe aquecimento, tem casas de banho... tem tudo feito

AL: e isso já foi feito com dinheiro do baldio?

MO1: e eu disse-lhe assim “mas nós fizemos uns buracos mas tapamos outros” e eles calaram, porque quando entravam lá, numa reunião ou... batiam com o pé e diziam “epa, isto está podre, o pinheiro, pode ser um bicho que comeu”, agora entraram lá está o buraco

tapado, e depois... 600 contos, 3000 Euros, a câmara dava-mo a mim, se eu fosse lá, “Oh Orlando, deixe estar o dinheiro aqui no baldio”, e ele pagava-nos para nós... não, dei-o à Junta porque nós tínhamos gasto o da Junta no caminho do baldio e agora o dinheiro deu para já taparmos o buraco, já se tapou o buraco, tem estas manobras, está a perceber?

AL: sim, sim, sim

MO1: e por isso isto tem rolado mais ou menos, e vai continuar e atrás de nós virão outros

AL: acha que vai ter jovens para ocupar os vossos lugares no CD?

MO1: tem! No CD não vejo grandes clientes porque não há verba para ninguém, ninguém ganha nada... na Junta já há porque agora já há ... porque eu estive na Junta durante 6 ou 7 anos lá com um elemento de Sirvozelo e já tínhamos direito e nós não recebíamos... o pouco que nos davam, dizia mesmo o presidente da Junta, que o homem já está no fim de vida, mas estive 28 anos... porquê? Porque não ganhava e ainda iam lá fazer? se calhar ainda gastava uma pinha de vinho com os vizinhos, podia ter o lucro de um dia quando fosse para ajudar a trabalhar, havia lá pessoas que reconheciam os favores, e o homem nunca ganhou e estive 28 anos na Junta, foi ele que me ajudou a por aqui a escola, porque havia birra ali com Parada que queria a escola lá, Outeiro queria a escola aqui que já cá existia, e Cela e Sirvozelo também tinha alunos... e então dizia “ não pá, então a escola, se é para ir vai para a volta dos calheiros, chamamos-lhe nós, ali a partir do Rio Cávado, faço a escola ali, temos de dividir... e eu disse lá ao Zé “olha Zé, olhe que a escola é bem posta aqui” “bota para a frente que vai para Outeiro a escola”, e veio para li... (RISOS). É aquela rivalidade mas puxou-se aqui e está aqui, e agora já houve candidatos porque já ganham, não é... tiram para aí 250 Euros ou assim, tira o presidente ou que é

AL: pois... então e acha que aqui não vai haver muita gente para ir para o CD ou ...

MO1: não... se nós entregamos, não sei mesmo... só sendo que haja verbas e digam assim “há verbas e queremos fazer melhor que os outros”, mas não sei se conseguirão... deus queira que sim

AL: eu não estou a dizer que o senhor tem de sair, mas imagino que um dia há-de querer sair...

MO1: claro, já estou lá agora mais por um capricho... está a perceber? Porque nós estávamos na Junta e isto tudo tem este fim e disseram-nos “ah, isto já estão há tempo a mais, têm que mudar”, e mudaram... nós não obrigamos, nem éramos para nos candidarmos tampouco, mas ultimamente o presidente da câmara “não, tendes que fazer uma lista”, nós não fizemos partido nenhum, fizemos a que estava a continuar, a lista independente, e eles fizeram pelo PSD, o PSD aqui tem muita população, é tudo! Votaram pelo partido não votaram pelas pessoas, mas agora dizem “ah, os partidos não nos dão nada”, dão-nos é as pessoas que estão à frente que sabem aproveitar os recursos quando eles vêm e que se mostram... e que se mostram, é o dinheiro mas mostrou-se, não ... e há contas a toda a gente. Ainda há tempos, foi para o projecto da [*Não se entende*], que foi aqui com o tal amigo meu o tal Domingos que já falámos, e ele foi-me buscar, eu até vinha de Espanha e fomos acolá pelo lado de Ponte da Barca, para o Lindoso, para aprovação desse projecto que agora temos, das ITI... e fui gastar, e fui reconhecer uma assinatura ali a

um advogado a Braga e paguei 15 Euros... 15 Euros, e comemos do nosso bolso e desse dinheiro ele ainda disse “tens de tirar algum”, “opa, eu cago nessa merda dos 15 Euros, deixa lá essa porcaria” e nunca cobrámos nada... somos voluntários, gostamos do serviço. E agora fiquei mais nisto, que eu até disse à Lúcia... “Oh Lúcia vou sair do baldio, quero que essa merda se foda, eu tenho a minha vida, não tenho vagar”. “Se você sai do baldio oh Domingos, eu não faço trabalho nenhum”. E cá estou eu...

AL: não tem ninguém que consiga imaginar que possa ir para o seu lugar se algum dia quiser deixar...

MO1: ai, há muita gente que... trabalhar com gosto, não é...

AL: mas existem pessoas aqui que possam trabalhar com gosto?

MO1: existe! Existem aí várias pessoas

AL: e que querem?

MO1: não vejo para já grande interesse, mas se quiserem eu dou-lhes o lugar à disposição, e ainda lhes pago o almoço

AL: mas por exemplo, quando há eleições, alguém se candidata?

MO1: não, não se tem candidatado ninguém, são sempre os mesmos

AL: também devem gostar do vosso trabalho não é

MO1: ah, não sei, veem como dá prejuízo, não é...

AL: ahn?

MO1: veem como dá prejuízo, porque hoje tenho de ir a uma reunião aqui, amanhã ali, ou acolá, ou ali...

AL: ah, quem está no cargo é que tem prejuízo

MO1: quem está no cargo é que perde o dia e ainda paga, às vezes...

AL: então e, agora pergunto, não sei como é que isso é gerido, as receitas do próprio baldio que vocês usam aqui na aldeia e assim, não sobra um bocadinho para vos cobrir as despesas?

MO1: pode sobrar, mas nós nunca utilizamos... ao menos uma pessoa passa e não dizem assim “este anda a passear à custa do...”, ah, isto não me afecta a mim também, até agora...

AL: pois. E os jovens? Não estão interessados em meter-se nesses cargos?

MO1: opa, à uma também não têm experiência não é... é preciso um bocadinho de conhecimento dentro disto e ler ou percorrer não é, e as pessoas também não ... estão para lá... é como isto da Junta “ai, eu quero fazer tanto”, o rapaz não mediu aqui isto, é como se diz aqui no Barroso, voltamos à vaca fria, porque ele entrou e nomeou logo 7 ou 8

caminhos... e um rapaz que estava na Junta com ele disse “oh Paulo está calado porque tu já nomeaste para 8 anos, tu só estás candidato 4, já nomeaste caminhos, que ias fazer a este, àquele a ao outro para 8 anos, nós em Parada só queremos que nos faças um...”, e ainda não o conseguiu fazer, está a perceber o que eu digo

AL: pois

MO1: tivemos lá uma casa que estorvava o público, numa altura, que ainda lá está em Parada, e depois era para negociar com a outra mulher à frente que tinha outra casinha velha, para alargamento da rua da aldeia... agora o que se constrói de novo já se... mas nas aldeias uma casa que a família morre e que esteja a ocupar, tem de a comprá-la a Junta, ou a câmara, e tirá-la de lá, porque é um benefício público, do que ir para lá uma pessoa ocupar aquilo e ainda ocupar mais do que está... e nós retirámos essa casa através da câmara

AL: retiram as casas das pessoas que falecem?

MO1: sim, a pessoa morreu, não há quem vá à falência à casa não é, e a pessoa quer receber, o herdeiro, se calhar vende, e é melhor comprarmos nós e criar espaço do que meter lá uma pessoa que ainda vai ocupar mais, porque nunca vai mais para dentro, é sempre para fora, e se aquilo é apertado retiram-se... então nós retirámos a casa, mas depois quando nós saímos da Junta ficou por acabar, ficou por acabar ali uns trabalhecos... e só para fazerem aquilo ainda andaram lá um ano e só ainda só agora é que conseguiram lá fazer um bocadinho do muro de suporte e de outras coisas e ainda lá está o cascalho... é preciso é gente que...

AL: mas já viu... se os jovens não são incentivados no sentido de serem presidentes do CD e de estarem dentro da realidade do baldio e tal, vocês vão ficando cansados também e depois? Como é que vai ser?

MO1: ... vão apanhando experiência como nós apanhámos, mas é com o tempo, mas demora, não é? Você não anda a estudar há uma data de anos? E ainda anda a concluir o seu estudo... e daqui até quase ao fim anda sempre a aprender, é ou não é? E para isso é preciso ter amor à arte também para se ser agricultor, ou doutor ou engenheiro, é preciso ter amor à arte e estudar para aquilo, senão não ligam. Agora a pessoa até pode querer entrar para o CD e de lá estar, mas depois é preciso ir buscá-lo

AL: mas essas pessoas... por exemplo, quantos jovens é que há aqui na aldeia?

MO1: ah, ainda há

AL: mas quantos, tipo 20?

MO1: é capaz de haver...

AL: a viver cá, estou a dizer

MO1: a viver cá, estão à espera também... de projectos, como falámos há bocado. Mas se o baldio deixa de dar para essa gente não é... agora vamos dizer assim “não se bota animais à serra, não tal. Não se dá área baldia para as pessoas poderem pastar os animais” e isso, as pessoas vão desistindo não é... cada engenheiro faz uma candidatura porque se vier

aprovado ele tirou x %, mas depois o jovem agricultor é preciso ver se está a enveredar numa coisa que lhe vai dar rentabilidade, se vai investir, dão-lhe os fundos a fundo perdido, instala-se e depois aquilo não lhe dá rentabilidade para viver, é mais um falhanço

AL: pois... mas, por exemplo, esses jovens fazem parte da assembleia de compartes?

MO1: não!

AL: não... nem de nada?

MO1: são pessoas que acabaram de estudar há pouco não é, têm os pais ainda aí, estão a viver à sombra dos pais, e abrem-se estes coisões, o projecto para jovem agricultor, que é aquilo que um pai aspira... como eu, os meus estão lá fora não é... mas também se estivessem aqui eu também vendo uma maneira de os meus terrenos com o baldio fixá-los, fixava-os, é o caso destes, este rapaz aqui do café tem uma filha que agora está solteira, trabalha ali na associação em Paredes e a outra casou-se agora ali para a Aldeia Nova e agora já lhe quis dar, ele tem umas 40 ou 50 vacas "ah, eu dou-te 15 vacas, dou-te um terreno ou dois..." e ela até fez o projecto, eu até lhe assinei a área baldia para a moça seguir. Se há um corte à frente a pessoa tem de arranjar um emprego ou trabalhar noutra coisa, não é...

AL: pois, pois, pois. Portanto, não vê os jovens actualmente ainda, pelo menos, assim muito envolvidos no baldio?

MO1: não nesta zona não, podem sobreviver ou falhar o pai, e entregar-lhe a agricultura que tem e continuar no mesmo ritmo... de outra maneira não tem...

AL: mas não estão muito interessados na gestão...

MO1: porque o pai aqui nestas aldeias é como eu, enquanto não está reformado não vai ceder a actividade a outro, se é filho trabalha para o pai até que o pai morra para tomar conta, sem lucro, não é... trabalha para a família. Hoje o jovem agricultor casa-se e quer já a vidinha dele à parte, a casinha, o terreninho, o animal dele, mas se está tudo, não pode sair dali, não tem...

AL: pois, mas não os vê assim muito interessados na gestão do baldio então? Para além de quererem lá por os animais, não é...

MO1: eh, se têm eles que orientar a coisa não estão interessados, estão bem esclarecidos todos... eles até ali davam de hectares por cada animal 1 hectare, depois já tivemos que lhe dar 4,5 hectares a quem tem 10 ou 12 vacas, cortaram, só aqueles aprovados é daqueles que eles vão receber alguns subsídios, que a outra área é pastoreio igual, ele não saiu de lá, era o que dizia lá o director do IFADAP, vocês o baldio têm-no lá todo, pois temos, mas temos menos para dar às pessoas, e não é que o baldio até dê grande subsídio para o agricultor mas dá para o encabeçamento dos animais, porque se não têm aquelas áreas, no encabeçamento dos animais já não vão buscar os subsídios

AL: e as pessoas sem subsídios não conseguem fazer produção?

MO1: pois não...

AL: pergunto, eu não sei, isto é, a venda de animais e não sei quê não serve para...

MO1: não, não dá, sabe que agora os terrenos para manter animais estão a produzir renovo, não é? Embora haja os lameiros do feno, e nesta época aqui não se podia ter os animais porque senão iam comer o alimento do inverno não é... eu tenho aí 10 mas tenho outras parcelas que já as como com elas, mas se elas andassem na serra aquelas parcelas acumulavam para o inverno para alimento, e todas as pessoas que têm animais em excesso é tudo à base do baldio, e no lugar de terem 30 só podem ter 5 ou 6 para manter o que é deles

AL: mas eles andam a fiscalizar onde é que andam as cabras e onde é que andam as vacas

MO1: sabem... essas associações sabem bem que os animais andam acolá e exigem que eles baixem para campanhas sanitárias, para tudo

AL: mas em termos de número de cabeças, por exemplo, eles inscrevem-se com, vamos dizer, 12 cabeças por 2 hectares, que é muito não é, são muitas cabeças por hectare

MO1: claro, isso era dado era um hectare por cada animal, eu agora parece que deram 3 animais por hectare, mas isso já é para... agora quem não tem hectares, quer dizer, agora...

AL: mas eu digo, se eles saírem dessa área que é supostamente a deles, ninguém está a ver ou seja, não sei se percebi bem, o ICNF ou lá quem está a determinar esses limites de cabeças e esses limites de áreas agora para os subsídios, isso aí só é importante para o dinheiro que recebem, não é importante para a área que eles podem usar realmente?

MO1: não sei... até aqui funcionou assim, até agora tínhamos a área toda livre e ninguém foi penalizado. Agora com estas novas leis que estão a impor, já não vamos saber como vai já ser o próprio subsídio... há o RPU, quem não tiver área baldia e isso e tenha muitos animais não tem RPU

AL: pois, exacto, e se eles baixam a área baldia elegível...

MO1: eu também recebia de RPU, 5000 Euros, e já me deu as cartas com o corte, com bastante corte

AL: a RPU é o quê?

MO1: RPU... mas tem que ter área baldia para o RPU, um jovem agricultor para meter o projecto tem de ter baldio senão não tem área para fazer o projecto

AL: mas imagine que não sai esse dinheiro, imagine que um jovem agricultor não tem esse subsídio, através da venda dos animais, de de de... eu pergunto porque...

MO1: não, não tem rentabilidade

AL: não tem rentabilidade...

MO1: não, não tem nada, não tem, onde é que vai buscar dinheiro para as despesas? Mesmo aqui se cortarem os subsídios a gente terá de viver como vivia antigamente, mas não pode

AL: não, não... vão ter de deixar os animais porque não dá rendimento...

MO1: não, não dá, não dá, tem que emigrar ou tem de ir para outros lados, não vão viver só de meia dúzia de vacas um agricultor, não adianta, isso não dá para a água, para a luz e para o telefone

AL: e como é que vocês... isto agora é uma pergunta ingénua, porque não tenho a noção... nos tempos em que não havia subsídios como é que vocês tinham aquelas cabeças de gado todas?

MO1: tinha menos gado, havia menos gado, e lá viviam os lavradores, que iriam fazer? Isto era tudo de colmo, as casas... nem havia água canalizada, nem havia frigorífico, nem havia lareiras a dar aquecimento, nem havia nada... a minha filha hoje já tem lá uma casa em baixo com aquecimento a lenha, aquecimento a gásóleo, com todas as condições... porquê? Porque emigrou para a Inglaterra, restaurou aquela, eu ajudei também, mas restaurou aquela e agora tem 2 na Inglaterra a render 1000 Euros cada uma

AL: portanto naqueles tempos também não havia tantos gastos, é isso?

MO1: claro! Não havia gastos, mas hoje gasta em todo o lado... vem com os papéis, vai a Montalegre à casa do povo, eu e a minha patroa já chegámos a pagar 200 Euros

AL: ou seja, se as pessoas deixassem agora de ter subsídios, para manter o gado tinham de voltar a viver sem electricidade, sem água canalizada, ...

MO1: era à antigamente, claro

AL: tinham de andar para trás... exactamente, exactamente

MO1: tinham de voltar à estaca zero, que é isso que muita gente ainda pensa que... não irá para esse campo mas... nunca se sabe... antigamente cozinhava-se nos potes agora tenho-os lá encostados ao canto, é no fogão, mas a bilha do gás é preciso pô-la lá, o fogão, acaba-se aquele é preciso comprar outro e antigamente era o pote, era a lenhinha na lareira, era o aquecimento era aquele e mais nada... eu hoje mato uma vitela ou duas para meu consumo em minha casa, mato 10 ou 15 porcos, uns vendo-os outros gasto-os para mim

AL: tem porcos também?

MO1: tenho... porcos e têm de ser brincados e preparadinhos para irem para a feira do fumeiro com carimbo para não entrar lá à trapalhada, para as pessoas poderem se vêm comprar pagam... o quilo da chouriça a 20 Euros, um quilo de presunto a 12 ou 13, o salpicão a 30 Euros o quilo, as pessoas vêm comprar isto mas tem de se lhe levar qualidade. O porco é alimentado em casa com produtos de casa, embora compre aí algumas farinhas, mas é milho, é batatas, é erva dos terrenos, é aquela carne biológica

AL: claro... quando é que é a feira do fumeiro?

MO1: a feira do fumeiro é em janeiro

AL: ah, é quando é as matanças e assim

MO1: é... o produto vai para lá mas vai carimbado e certificado pelos veterinários, a criação de porcos até à matança, a matança é feita em casa mas é vigiada por um veterinário, o porco é inspeccionado, não é para li à balda, se fora à balda...

AL: e isso é tudo pago não?

MO1: não, a câmara oferece, e pagava-se a barraca, temos ali multiusos próprio para isso, que fez o presidente da câmara, o pessoal vai ali, tem a barraquinha, vende, não paga nada, é uma mais-valia que a câmara oferece. A câmara já não se paga a sanidade animal também, tinha de se pagar, quem tenha 40-50 vacas tinha que dar uma

AL: pois, exacto (RISOS)

MO1: tinha de dar uma, criar uma e dá-la àquela gente e a câmara já... paga-nos a sanidade animal, para o agricultor ter mais um bocadinho de mais-valiás na carteira não é? É assim...

AL: pois... então sem subsídios olhe...

MO1: sem subsídios viola... está bem que o país estava um bocado em baixo, mas nós agora pagamos para tudo... imposto, o IVA

AL: pois, qualquer pessoa que forneça serviços ou produtos tem de pagar o IVA não é...

MO1: claro!

AL: aqui é mais baixo não é? 6%

MO1: 23%! Na agricultura é 6%

AL: na agricultura é 6%, mas nos animais?

MO1: os animais sim, também é 6%... eu vendo um vitelo, tenho contabilidade ali numa contabilista, pago-lhe 90 Euros por mês, de contabilidade, e o que vendo e o que compro... está lá, todo o agricultor hoje está metido nisto

AL: 6% não é?

MO1: é... 23% é... como estes me andam a fazer, o Estado dá-me mas eu tenho de declarar para lá como eu paguei ao homem, o cheque e tudo, e agora pago com o meu e depois é que vem o outro

AL: e eles já cobram a pensar com o IVA...

MO1: com IVA. Mas ainda bem que ainda se restaura, porque senão não se restaura, esses terrenos mais inclinados, cai nas bordas [*? Não se entende*], o pessoal não tem dinheiro, deixa ver agora... será aqui mais na zona do Parque que para ter isto mais limpo e mais ajeitadinho também... lá vem esse por fora, nós não nos afecta nada estar a viver dentro do parque, até acho bem, mas também eles também têm que trazer algumas mais-valiás para aqui

AL: sim, se vocês têm limites à produção tem de haver uma mais-valia de outra forma

MO1: claro! E mantemos a paisagem e mantemos tudo

MO1: a tal sede da Junta é esta

AL: aaah

MO1: a sede da junta de freguesia

AL: e é usada diariamente?

MO1: uuuh, para reuniões... e agora é para o presidente lá ter a reunião com os elementos dele

AL: (RISOS)

MO1: mas está aí, alguém aí a pôs, é aquilo que eu lhe estou a dizer... está ali a escola, alguém a puxou para aqui, estão aqui saneamentos feitos, está as ruas tudo pavimentado, alguém lutou por isto que isto era calcetas, buracos, chuvas por aí abaixo, isto era uma aldeia... uma aldeia fantasma

AL: vocês estiveram quanto tempo na Junta?

MO1: eu estive de 1975 estive sempre ligado à Junta, ao CD, estas coisas, eu como outras pessoas, e nunca tivemos oposição, foi agora vá, porque as pessoas entendiam que...

AL: bom, mudar não é mau, nem que seja para as pessoas perceberem que agora está pior

MO1: claro, isso eu estou a perceber agora... isto já foi feito, alargamento aqui

AL: o vosso presidente era de onde?

MO1: o nosso presidente desde que entramos era daqui, antes destes 28 anos foi outro homenzito de Sirvozelo, que era quando não havia o conquinete

AL: quando não havia o quê?

MO1: era quando não havia o com quê, que era o graveto, ninguém queria ir para lá. Olhe este tanque, estava aqui no meio da aldeia, foi encostado para acolá por nós, águas que tem aqui a correr sempre diária fomos a buscá-la ao baldio talvez a 5 ou 6 hect.. quilómetros de longe... está aí a correr

AL ai é? Mas canalizaram-na?

MO1: vem, vem tudo, temos depósitos lá, ao pé de Paredes, aquela água de acolá é a água antiga que havia que temos aqui de uma mina, pusemo-la à parte para o pessoal beber da natural. E esta é da canalizada que também é boa água, vem da serra, mas está sempre a correr, temos aí depósitos para enchermos

AL: quando diz a de acolá está a falar de uma boca e de outra boca?

MO1: a boca de acolá é a torneira que é a água boa, o pessoal chega aqui bebe, chega aqui e bebe a água própria, e aquela água é o abastecimento mas que até ali só existia neste tanque, noutro ao pé da minha casa, eram os bebedouros que tinham uns tubos e a água servia com o caneco para levar para casa, para cozinhar e para tudo. E agora já temos um posto de abastecimento para a aldeia, toda a gente tem água em casa e sobra

AL: e quê?

MO1: até sobra... [*? Não se entende*] esse rego de água

AL: vem de onde?

MO1: vem lá de ao pé de Paredes

AL: o tal... mas é de uma fonte ou é de um tanque?

MO1: fonte que foi explorada

AL: então e não há água da companhia das águas?

MO1: depois aquela é da câmara, aquela foi a câmara, instalaram contadores, é a água que toda a gente tem... e aquela é pública

MO1: isto antigamente era tudo barro e buracos...

AL: pois, imagino que sim

MO1: já foi tudo recuperado por nós... através da Câmara

AL: é mesmo a descer, vocês não têm uma rua que não seja a descer ou a subir

MO1: o tal caminho que eu lhe digo foi feito por aqui e vai em volta da aldeia outra vez...

MO1: este tanque já fizemos nós quando estávamos na Junta, para regarem, mas regavam com... era em terra, vertia, e foram essas pessoas que andam a fazer-me o muro... fizemos este tanque, mudámos aquele que estava assim assim, pusemos aquelas escadas e agora a água que vem lá de cima vem parar aqui e daqui vai para os terrenos

AL: e depois direccionam-nos para os terrenos. Mas direccionam-nos com o quê? Com mangueiras?

MO1: agora sobre as casas alagadas... vê esta casa? As pessoas estão em Lisboa ou já faleceram, aquele espigueiro é nosso e eu falei ao Orlando para tirar isto tudo daqui, porque vinha o carro do lixo por este caminho de baixo que tem alcatrão em volta até lá acima, vinha aqui, criava-se aqui um espaço à volta e vinha recolher aqui o lixo da aldeia e

nós só tínhamos de o levar onde nós estávamos, vinha aqui.... Eu fiz isto “uouuuouuo¹⁵”, nem indemnizou as pessoas e nem isto está aqui assim abandonado em derrocada

AL: e conhecem as pessoas?

MO1: conhecemos, e as pessoas queriam era ver algum... e tirava-se isto e criava-se aqui um espaço, está a perceber?

AL: pois

MO1: porque não custa nada, as pessoas recebiam o dinheiro, oh, aquela já caiu, e esta está a cair, vê? Criava-se aqui um espaço, eu mudava o espigueiro e criava-se aqui um espaço. Epa, este emigrante construiu esta casa mas está [*? Não se entendem*] aqui para o caminho, que é o mesmo que se agora constrói ali outro mais apertado e depois um homem quer passar e não passa, é por isso que estas coisas têm que...

AL: são seus? Os cães são seus?

MO1: não... o meu é aquele ali pequenino... [*? Não se entende*] espaçado, que já fomos nós que pedimos às pessoas e recuámos a parede, é para meu benefício também que tenho aí habitação mas isso tem caminho para baixo, público

AL: mas ouça, a câmara ao pagar uma casa e depois mandá-la abaixo depois é só despesa para a câmara não é?

MO1: mas ela faz isso... se nós estivéssemos na Junta ela já ali não estava...

AL: (RISOS)

MO1: ai já não estava, e as pessoas já tinham o dinheirinho na mão... entende ou não? Era uma mais-valia para eles que não vendem a ninguém

MO1: agora já fizemos este alargamento nós quando estávamos na Junta, este alargamento do caminho por aqui abaixo até lá abaixo, que isto era acanhadinho, levei aqui este bocado para trás, metemos aqui um muro até lá abaixo, agora... já estava com o paralelo, se nos estivéssemos na Junta isto já tinha paralelo, mas ainda não tem, nem vai ter, ainda vai ter de esperar 4 anos

AL: (RISOS) e aquele muro é o tal dos socalcos não é?

MO1: não, este muro foi um alargamento que nós fizemos ao caminho... está a ver, alargamos esse muro para dar continuação a esse caminho até à... até lá abaixo que dá acesso para a barragem, está a perceber?

AL: estou

¹⁵ Sons no sentido de ter sido criticado, como se fosse alguém a resmungar pelo que ele fez. Refere-se aos donos das casas.

MO1: agora as pessoas têm que... as pessoas agora têm que copiar e seguir com as obras, mas prometem mas não fazem.

Paredes do Rio: MP1

AL: ai é? É o primeiro Acácio que conheço em Trás-os-Montes... a vossa relação com a Junta e com a Câmara é boa aqui?

MP1: é, eu também sou da Junta

[MP2 é o presidente da mesa da AC, e S2 é o seu filho]

S2: soube hoje, sabes o que é que querem fazer aí? Estão a arranjar maneira de fazer passar aqui o rally de Portugal naquela zona do... do...Lourico, e queriam meter a entrar dentro da Mourela, não sei se passará nalgum...

MP1: se quiserem vir por aí hão-de vir pelo estradão

S2: não mas...

MP2: onde é que vão passar?

S2: os de Montalegre já andam todos fodidos, que aquela estrada que vai para lá para o...

MP1: querem vir lá para as antenas, até lá à Mourela, naquela estrada em que nós estivemos

AL: sim

MP2: arranja aí umas tábuas com uns pregos para...

S2: eu para os moços não aconselho, sabes o que é que fazem lá, trancam a estrada, os gajos têm os terrenos, e gajos que querem ir andar a cavalo e o caralho, já não vai ninguém

MP2: mas é o rally de Portugal ou a prova da... da...

S2: é aqueles treinos que já tem havido, eu não sabia, o David há bocado estava a falar com ele, com o Vido, estava todo fodido porque lhe passavam à porta do armazém, que não os deixavam ir para os armazéns quando andavam lá em provas, e o caralho...

MP2: mas é prova de automóveis ou de bicicletas?

S2: de automóvel! Andam a acabar com tudo

MP1: jeeps

S2: de carros, é mesmo de carros agora...

MP1: se é com os carros então partem tudo

S2: partem tudo?

MP2: isso abre-se uma vala pa

MP1: nos estradões partem tudo

MP2: esse pega-lhe no tractor do CD e vai-lhe abrir uma vala lá acima

S2: não, estão a acabar com tudo os gajos... tudo

Pincães: MPin1

MPin1: (...) sim, mas isso é às câmaras, agora o ICNF está a propor autogestão aos baldios, porque o ICNF já não funciona há muito tempo...

AL: ah, eles é que estão a propor

MPin1: agora estão porque a Lei após o pedido a Lei eram 20 anos, agora facilitam mais

AL: O que é que era 20 anos desculpe?

MPin1: o pedido de autogestão, a autorização tinha de passar 20 anos para fazer essa...

AL: Mas isso é já assim com uma crítica por detrás não? Ou estava mesmo escrito que eram 20 anos?

MPin1: sim, mas depois houve casos que, portanto o ICNF hoje não funciona, o Parque não funciona, e depois houve casos que foram levados para tribunal e o tribunal decidiu entregar a autogestão aos baldios, em certas zonas do país. E agora acho que está mais fácil, nós também já pedimos há um ano mas ainda não se pronunciaram e também acontece que a câmara de Montalegre estava-se a propor a substituir o ICNF, mas a câmara não tem gente à altura para... estava a propor-se... ela nunca... a contrapartida que queria nunca chegou a dizer, reuniu uma vez com os baldios e chegou a propor eles fazerem o pedido de autogestão e depois eles fazerem intervenções e... a câmara queria contrapartidas mas nunca chegaram a dizer bem a contrapartida que queriam, está a perceber? Não se sabe se era mais se era menos do que o ICNF. E pronto, os baldios andam aí com uns problemas, como deve saber, já vem desde que tentaram alterar a Lei e agora foi alterada, há alguns parágrafos, alguns pontos, alguns artigos que não são bem consensuais e acontece que está para o tribunal...

AL: isto [a sede dos compartes] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um comparte para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

Sezelhe: MS1

MS1: [...] e vocês têm floresta de produção da qual possam vender madeira e ganhar algum dinheiro com isso?

MS1: tivemos, tivemos, esta parte que aqui há por cima, tivemos o tal problema também que nos surge, que também há meia dúzia de anos ardeu, meti um projecto para florestarmos o coiso do Estado, até hoje não há dinheiros para florestamento

AL: a sério? PRODER e tal?

MS1: ai, a sério! O PRODER e o coiso. Nós agora andamos a ver se conseguimos fazer, porque a nossa Câmara de Montalegre fez um protocolo, quer fazer um protocolo connosco, mas nos temos que nos desligar do sector das florestas não é, temos que nos desligar para de facto fazermos o protocolo com a câmara para florestarmos isto e o dinheiro que a floresta depois vem buscar, os 40%, será para a nossa câmara. Só que agora temos de nos andar, é preciso que eles nos autorizem a desligar lá das florestas e também do Parque...

AL: isso é muito complicado, como é que conseguem sair do Parque?

MS1: não, há certos limites que não conseguimos. Porque ainda mesmo agora o Parque proibiu-nos uma área que nós já lá vamos passar, onde nós caçávamos, portanto caçávamos a perdiz, caçávamos o corço, que não, essa área não era para reserva natural...

AL: acha que em Covelães haveria alguém para substituir o senhor Manel?

MS1: há, há

AL: há? Pessoas interessadas em ir para...

MS1: interessado não, porque isto é assim...

AL: dá muito trabalho?

MS1: dá muito trabalho não... não, é que o senhor Manuel é do tempo da ditadura...

AL: sim, trabalhou no Parque...

MS1: trabalhou no Parque e depois é assim... não quer deixar o poder. Já me confrontei muita vez com ele por causa dos sapadores, porque, eles já andaram para desaparecer e, e quanto ao entendimento que ele fazia...

[peço para por o radio do carro mais baixo]

MS1: e... e depois isto, foi assim, foi como eu acabei de dizer... eu gosto de estar, eu tento ser responsável com alguma coisa mas gosto que aquilo corra como deve ser e houve aí uma altura que o tio Manel não estava aí, ele pensava que aquilo que era ele que mandava, o dinheiro os outros tinham de por e havia certos dinheiros que ele dizia que não era para aquele efeito. E eu um dia disse assim “se eu continuar com o CD de Sezelhe, quanto aos sapadores eu não... conforme estão a fazer e estão a ser geridos eu faço mais serviço sem eles, pagando a empresas, do que com eles. E... depois tivemos uma reunião... e a malta depois passava por mim... porque os sapadores são do CD de Covelães, só que fizeram uma parceria com Sezelhe, Travassos e Covelães, e ele, chegou a uma altura e queria mandar os sapadores embora. Mas queria que o CD de Sezelhe e os outros CD, pagassem a indemnização aos sapadores também, mas ele está enganado, não está a perceber nada da poda. Um dia tivemos que transmitir isso à delegação das florestas e naquela reunião em Montalegre, também estava o presidente da Câmara, e chega lá com uns, quando nos apresentamos lá para a reunião, ele tinha lá dois advogados. Os advogados começaram a falar, comecei a falar, disse que não é isso, que é assim, assim, assim... “ah, mas isso não é nada do que você está a dizer”. E disse “não é nada, então vocês é que sabem. Então a partir daqui não me façam mais pergunta nenhuma porque eu não respondo.”. O novelo começou-se a desenrolar e depois vira-se para mim “Diz lá, oh senhor MS1...”. Eu disse “olhe, desculpe lá, mas já lhe disse, eu não lhe respondo, porque o que eu estava a dizer, agora vocês vêm ao encontro, agora quer que lhe explique o que eu estava a dizer, quer que lhe explique a realidade, agora querem que vá ao encontro do que eu estava a dizer, para eu lhe explicar...”. “ah e tal, porque lá o senhor Manuel disse-nos ao contrário, que era assim, que era assado...”. Eu disse “olhe, o que se passa é isto, e isto, e isto... e é o que vos tenho a dizer, e eu tenho mais que fazer e façam o que quiserem” e eu fui-me embora. Tinha uma máquina avariada e fui ali a Espanha com a peça... e ficaram lá. Eu nestas coisas sou assim, quando vejo que as coisas não coiso... telefonam-me “olhe, passa-se isto e isto e isto”, ele queria... já não sei quanto era... “olha, passa-se isto e isto e isto...”. Eu disse-lhe “olha, eu só vou até ali, se não quiseres acabou, não vale a pena estares a teimar”. Lá conseguimos que o presidente da câmara nos desse uma verba para os sapadores

Tourém: MT1

AL: pois, pois, pois... isso é um problema... eu entretanto assisti a uma sessão de esclarecimento sobre a gestão dos parques e das áreas protegidas passarem para as câmaras municipais... ouviu falar disto?

MT1: olhe, isso é um pau de dois bicos, porque o que se pretende, ou o que alegadamente se pretende, é os baldios passarem para a gestão directamente do Estado... isso não pode acontecer, isso nunca pode acontecer, então é que é o descalabro total, porque não conhecem, não preservam, e o que vai acabar por acontecer é como está a fazer o parque, que nem sequer lá vão.... O parque é muito bonito para eles andarem com a bandeira no ar a dizer que são os senhores do parque, quando os verdadeiros senhores do parque estão completamente abandonados... não é? São as pessoas que vivem nas aldeias, são os agricultores, são lá quem mora todo o ano... o parque é que quem lá mora todo o ano, é que o sustenta, é que o preserva... o que é que o Parque Nacional fez alguma vez desde, não sei... desde 2000 e pouco para cá? Não fez nada! Rigorosamente nada! Eu estou-me a referir sempre ao baldio de Tourém, da realidade dos outros eles é que têm de se pronunciar (RISO). Portanto, neste momento acho que o parque está a trabalhar pessimamente, que eu sempre fui um defensor, talvez o maior defensor do parque, fui eu... mas da maneira como a coisa corre... de modo algum!

AL: e qual é que é a relação com a Câmara e com a Junta...

MT1: é óptima, mal seria se assim não fosse

AL: pois, não é fácil se for de outra forma não é...

MT1: mal seria se assim não fosse, até porque eu sou daqueles que defendo que... os presidentes da Junta deviam fazer parte da direcção do CD, obrigatoriamente, porque há serviços que ficam... há trabalhos que têm de ser feitos com as duas entidades. Ora bem, imagina que o CD se dá bastante mal com a Junta, a figura de presidente... não faziam nada, andavam sempre às cabeçadas e cada um puxa para seu lado e entretanto o tempo passa, as coisas acontecem e nada feito

AL: pois... mas imagine, quando há uma freguesia que tem mais do que um baldio e a sede de freguesia está instalada numa aldeia... por exemplo

MT1: não pode haver conflito porque esse CD tem a sua gestão

AL: sim

MT1: portanto não, a junta de freguesia, atenção, a junta de freguesia não tem de intervir no CD, é uma parceria...

AL: não, não, estava a dizer naquele caso

MT1: é uma parceria, que é muito diferente... cada macaco no seu galho. Agora como há... há... terreno que é dos dois, digamos assim... pa, eu acho que havendo um bom relacionamento que as coisas são facilitadas, se não houver bom relacionamento, cada um

puxa para o seu lado, as coisas complicam-se obrigatoriamente... não é? Agora, é claro que o CD tem de ser gerido pelo CD dos baldios, a Junta de Freguesia nem sequer tem de interferir. Agora, o caso concreto de Tourém, na altura até há dois anos atrás eu era o presidente do CD e o presidente da Junta. Mas acontecia isso em mais sítios, em Pitões acontecia o mesmo caso, em Covelães parece-me que não, em cabril acontecia a mesma coisa... e as coisas funcionavam, as coisas funcionavam muito bem. E com isto estou a dizer que não sabíamos onde é que trabalhava nem um nem o outro, não sabíamos... o que sabíamos é que tínhamos de parar aqui e seguir ali. Cuidado, são coisas muito diferentes! Porque há quem diga “ah, é o mesmo, ele faz o que ele quer e sobra-lhe tempo” ... não é assim! Não é nada disso... não é nada disso. Agora claro que sendo a mesma pessoa, epá a pessoa sabe o que tem de fazer, sabe que tem de encaminhar as coisas de maneira diferente. Neste caso... neste momento dou-me, pronto, é uma pessoa que trabalhou comigo muitos anos, o presidente da junta e eu temos uma relação óptima em que... o caso de ontem à noite, juntámo-nos para definir o que é que tinha de ser feito e onde é que tinha de ser feito, nada de...

AL: eu entretanto tenho ouvido falar de casos... veja lá se tiver que ir embora diga-me... com 5 minutos de antecedência (RISOS) para eu parar de falar... quer um café?

MT1: não, agora não... quer tomar café?

AL: não, não, não, era só para o caso de ...

[luta por quem paga a conta... ganha o senhor Paulo]

MT1: vamos ver até onde é que nos deixam ir...

AL: e com a Câmara Municipal?

MT1: uma relação óptima e esses 5 [sapadores da equipa de Tourém] ajudam muito

AL: pois...

MT1: quando é as limpezas mais rigorosas dos caminhos em que precisam de uma máquina pesada ou qualquer coisa há uma articulação... há uma articulação [*Não se entende*]... ou com a participação no gasóleo ou um dia mandam-nos a máquina para lá, outras vezes alugam-nos equipamento e mandam-nos para lá, é óptima, a relação é óptima!

AL: e sempre foi?

MT1: comigo sempre foi, eu não me posso queixar porque ajudaram-me muito e eu também faço por os ajudar a eles, ou fazia, há coisas que eles também precisam que... e nós tudo o que posso... aqui há 2 anos, 1 ano e meio, eles precisaram de fazer uma área de corte de mato mecânico e pediram-me se eu lhes fazia isso, e claro que sim, gratuitamente, porque sei que eles a seguir também nos fazem outras a nós... e é isso que eu estava a referir há bocado, uma boa relação digamos, com o vizinho, com as outras entidades, é espectacular, é a melhor coisa que pode acontecer, um faz uma coisa, outro faz outra, o outro ajuda naquilo que pode, entreaajuda é a melhor coisa que há

AL: e vocês agora estão em autogestão ou estão em cogestão com o Estado?

MT1: não, nós temos a nossa gestão própria

AL: ah, estão em autogestão?

MT1: sim, sim, sim

AL: ah então estão em modalidade a)...

MT1: pois, não sei que modalidade é que é

AL: mas uuuh, actualmente é assumido...

MT1: mas nós fazemos cogestão com o parque, atenção!

AL: ah, ok... então ainda tem coges...

MT1: estamos a falar de uma área protegida, portanto a área protegida...

AL: sim, aí é inevitável, claro. Mas eu sei que há baldios, por exemplo, Fafião... está em autogestão, no sentido em que não tem uma cogestão com o Estado. Ou seja, por exemplo, para quem tem floresta isso é importante, porque senão o Estado leva uma percentagem das receitas e tal. No vosso caso não faz tanta diferença

MT1: nós não temos esse problema. Nós até gostaríamos de ter e teríamos todo o interesse em ter parceiros, como o parque, como a câmara, alguém que ajude a desenvolver, isso seria óptimo, não vejo qual é o problema, embora isso meta aí confusão a muita gente eu não vejo qual é o problema. Uma parceria sendo bem feita é sempre vantajosa

AL: e daqueles dinheiros que sobram da ITI também investem no povo, na aldeia?

MT1: é todo no povo... é todo no povo

AL: ok, então também fazem beneficiação da aldeia...

MT1: isso, nós desde o início que não fomos muito nessas coisas, de tirar o dinheiro do baldio para recuperar a ... atenção, não sou contra, mas eu tenho tanto caminho, tanto baldio para preservar, como é que vou retirar esse dinheiro para o cimo da capela? Epá, isso têm a comissão fabriqueira, são eles que têm que a fazer... não é?

AL: comissão fabriqueira? É o quê? Faz parte da Junta?

MT1: não, comissão fabriqueira é digamos que a gestão de património da igreja

AL: ah, faz parte da paróquia?

MT1: é, comissão paroquial, eu não sei como é que se chama isso. O nome é comissão fabriqueira, isso eu sei... agora, temos tantos bebedouros para fazer, tanto caminho para abrir, tanto caminho para limpar, tanto carvalhal para preservar que acho que não faz

sentido levar o dinheiro para dentro da aldeia, então está lá a Junta também, a Junta é que tem de fazer esse trabalho. Atenção que não sou contra, eu não sou contra, se alguma coisa é por necessidade e alguém tem dinheiro, epá que se aplique, eu nunca tive muito esse caso, essa situação, nem as procuro ter, nem as procuro ter... se tiver que as ter olha, lá me desenrascarei se eu puder... agora eu acho que o dinheiro das ITI é canalizado para o baldio é empregue nele. É assim que eu entendo as coisas, e é assim que até agora tem sido feito. E acho bem

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: da assembleia ou do CD?

MTR2: sou da assembleia

AL: presidente da assembleia?

MTR2: não, não, não. Este é um baldio, nós agora tivemos uma reunião e juntámos os 4 baldios da freguesia... eu sou presidente da Junta e tentámos fazer uma... o que se reporta aqui e Travassos entre o presidente de Junta e o presidente dos baldios que é uma ligação bastante forte e só assim é que se consegue trabalhar bem para a comunidade, nós fazemos tudo em conjunto, não há... nós... não há a Junta e nem há os baldios, por isso é que vê-se o trabalho que está a ser feito em Travassos e que nós temos aí obras e temos aí limpezas que não se vê quase em nenhuma aldeia porque trabalhamos em conjunto

AL: pois... mas sendo o presidente da Junta também acaba por ser o presidente de Sezelhe, o presidente de Covelães...

MTR2: sim, sim

AL: e contudo não há esse tipo de relação próxima com eles...

MTR2: não, já não é tao fácil... também relativamente... das pessoas de lá vir alguém mandar no... não creio que... tem que haver é uma parceria, não mandar... nós, por exemplo, esta reunião que nós fazemos todos os meses com todos os presidentes dos 4 baldios e a Junta é para isso, não é mandar mas olha, vamos interagir, vamos tentar fazer isto esta semana, só que ainda há um bocadinho a mentalidade de que nós...

MTR1: o Manel de Covelães...

AL: (RISOS) já ouvi falar, aliás, já o conheci... o senhor de Covelães não é...

MTR1: é difícil ele acertar com o da Junta... e depois quando assim é cada um vai para o seu lado e as coisas já fogem não é

AL: pois, a cooperação é muito importante, imagino que sim

MTR1: e se nós não trabalhássemos em união não é... não tínhamos feito o que aqui está feito...

AL: ok. Mas portanto a exploração dos pinheiros é que vocês não fazem...

MTR1: aqui... é que aqui também há uma coisa... por causa do gado não é, porque a plantação do pinheiro vai-nos proibir a pastagem do gado, e as pessoas não é... aí é que não...

AL: não acham muita piada...

MTR1: não querem a plantação. Não sei agora estamos a falar não é *(passa a palavra ao MTR2)*

MTR2: por acaso um dos últimos projectos que estamos a planear que é na tal zona mista, entre Sezelhe e Travassos, lá está outra colaboração que existe também, em termos da Junta e com a Câmara, está a tentar meter um projecto que una dois baldios, que é o baldio de Travassos e o baldio de Sezelhe, e isso passará pela reflorestação com pinheiro, carvalho

AL: na zona mista... só?

MTR2: sim, sim, sim. Poderá passar um bocadinho mais para fora da zona mista... estamos a pensar entre os 2 e os 3 hectares, uma coisa pequena mas para ser um projecto-piloto, algo de experimentação

AL: exacto. Quando diz juntar os dois baldios não estão propriamente a pensar criar um grupo de baldios pois não? Que sei que isso existe... que existe essa possibilidade de criar grupos de baldios...

MTR2: sim, mas não. Neste momento é só tipo os dois darem autorização para que seja implementado... porque é, se fosse só um baldio era só aquele baldio que tinha de dar a autorização, assim como são dois têm de ser os dois a dizer que “nós aceitamos que seja submetida esta...”

AL: e isso seria financiado com o dinheiro das ITI?

MTR2: não! Isso será financiado com a câmara

AL: ah, ok. E quando estava a falar de boa relação estava a falar entre a Junta e a Câmara ou entre a Junta e os baldios

MTR2: sim, entre os 4 organismos neste caso... entre o baldio de Sezelhe, o baldio de Travassos, a Junta e a Câmara

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 Euros... mas esses 2500 Euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer À Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 Euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 Euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 Euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 Euros, teria de dar 10000 Euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 Euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 Euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 Euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 Euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 Euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 Euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porque? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: pois... mas isto tudo porque disse que ia recuperar uma casa para ...

MTR2: sim, sim, sim, uma casa que está neste momento registada como sede do conselho directivo

AL: pois... e por exemplo, aqui para vocês qual é que é a importância do baldio aqui para a comunidade local, qual é que é a função? O que é que para vocês parece... imagine, se dissessem que a partir de amanhã deixava de haver baldio era assustador? O que é isso significaria aqui para as comunidades?

MTR1: assustador um bocadinho

MTR2: no sentido de não poder ir buscar a ITI

AL: pois... porque no fundo o baldio tem uma presença importante na... isto é uma pergunta, no desenvolvimento local...?

MTR2: sem dúvida... neste momento o baldio está a tomar mais relevância do que a própria Junta, hoje em dia quase é melhor ser presidente de um baldio do que presidente de Junta...

AL: em termos de quê?

MTR2: em termos de verba

AL: ah

MTR2: há baldios que têm o dobro da verba da Junta

AL: para fundo de maneio de ambas as instituições...

MTR2: sim

AL: e há vontade de fundir as duas instituições. Ou de haver uma apropriação...?

MTR2: repare que isso depois já é um conflito de interesses... porque é que se criou o baldio, o baldio ou as comissões de compartes? Porque até ali eram praticamente todos geridos pela Junta, só que depois as Juntas eram de várias aldeias, por exemplo, a Junta era o núcleo de várias aldeias, só que depois as pessoas "ai pa, mas se eu puder ficar com o

meu...". E foi aí que se começou a criar baldios em cada lugar, tinham medo que o presidente de Junta gerisse o dinheiro... desse o dinheiro de uma aldeia para outra...

MTR1: há aqui duas aldeias não é... que o concelho ainda está em Cambezes, está numa aldeia, e isso...

AL: o CD? Ah, ok, e o baldio é partilhado pelas duas... e acha que há ali uma tendência na gestão?

MTR1: há uma aldeia que se pode dizer que não tem recebido nada...

AL: mas também há baldios que envolvem muitas aldeias, por exemplo a freguesia de Cabril... portanto aqui não há vontade da Junta se apropriar... estou a usar esta palavra, até parece mal, mas não é no sentido negativo...

MTR2: não, não, não, porque isto já existe há muitos anos, já... por exemplo aqui na zona do parque os baldios já existiam há muito tempo e a Junta sempre conviveu bem com isso

AL: e já existiam separados por aldeias?

MTR2: sim, sim, sim. Agora que...

AL: mas antes a Junta também eram menos aldeias juntas não era?

MTR2: sim, sim, sim. Era só Sezelhe e Travassos. Agora é Sezelhe, Travassos, Paredes e Covelães. Agora que, se não houver uma boa relação entre o presidente de Junta e o do baldio, quem fica a perder não é nem a Junta nem o baldio, quem fica a perder é a população. Por exemplo imagine, o que se verifica em muitos sítios é, o presidente... concorrem duas pessoas a presidente de Junta, o que perde tenta logo fazer lista contra para o baldio, há situações em que é, o presidente de Junta é de uma cor política e o presidente do CD é de outra cor política, e depois há ali a ver qual é o que faz a obra, tipo qual é o que... se um faz uma coisa o outro quer... e quem fica a perder é a aldeia... eu sou a favor de um modelo completamente diferente de gestão do baldio, é a minha opinião mas é pública

AL: qual é? Já agora, se é pública...

MTR2: seria a Junta a gerir em que cada representante da aldeia ser o porta-voz do baldio, o elemento que estivesse na Junta seria ele o porta-voz naquela aldeia

AL: o elemento que estivesse na Junta?

MTR2: sim, imagine, eu sou presidente de Junta da Freguesia, por exemplo o meu número 2 normalmente é de outra aldeia... era ele aí ser o... só há um problema, não é um problema, não é só o porta-voz na aldeia e ser o porta-voz da aldeia e do baldio

AL: o problema, digo eu, se o presidente da Junta é de uma aldeia, o número 2 é de outra, depois não sei como é que seria o número 3 e o número 4, não sei como é que isso se faz, há aí uma espécie de uma hierarquia não é, e que acaba por se calhar se reflectir, pelo menos na cabeça das pessoas, na importância de cada aldeia na gestão do baldio...

MTR2: não! Depois vai a votação, imagine que o presidente de Junta é tendencioso, faz mais obras numa aldeia, está sujeito a perder as eleições

AL: eleições do quê? Do CD ou da Junta?

MTR2: não, da Junta. Por exemplo, eu e o Ti Manel por acaso, já viu que temos uma boa relação. Imagine que ele tinha uma postura diferente, não conseguíamos fazer nada na aldeia...

AL: não isso eu entendo e concordo, acho que esta relação pacífica sem dúvida terá... agora não sei é até que ponto... isto é a minha opinião, não é, e é a primeira vez que estou a pensar nisto, não sei até que ponto se fosse a Junta, e como esses representantes da aldeia na Junta, não iria haver algum conflito, porque lá está... mesmo que haja eleições, as eleições a gente também já sabe que muitas vezes podem ser enviadas ou por amizades, ou por familiares, ou porque não sei quê... isto acontece em todo o lado, acontece em Alverca onde eu vivi sempre, também acontecerá aqui com certeza... ou seja, não sei até que ponto não existiria aqui também alguma disparidade, vá, de representação de cada aldeia...

MTR2: não, não percebeu...

AL: se calhar não...

MTR2: o limite do baldio seria o limite da freguesia, em vez de haver 4 baldios haveria um, não haveria baldio, tipo o limite da freguesia seria o limite da... a Junta geria o baldio, haveria só uma acta, que seria a acta da junta e da assembleia, e haveria só uma contabilidade, uma contabilidade organizada da Junta de Freguesia e passaria tudo pela Junta. Imagine, nós temos 4 aldeias, temos um presidente de Junta e 4 presidentes de baldios... vai chegar a um ponto em que vai haver aldeias que não vão ter representantes para fazer a lista de um baldio, ou então vão por a mãe, o pai, o filho

AL: pois, isso já é sintoma de ... da desertificação aqui destas zonas

MTR2: esta opinião é muito particular

AL: não, e está muito mais dentro da realidade aqui do que eu

MTR2: eu nesse aspecto estou bem, todos os presidentes dos baldios ou são representantes da Junta ou cooperam com ela...

AL: pois, já vi que há muito isso não é... até agora ainda não vi nenhuma má relação entre a Junta e ... também ainda não fui a todos... mas sim, confunde-se um bocado...

MTR2: pode ver por exemplo, a situação de Outeiro, não sei se já viu...

AL: vou amanhã acho eu...

MTR2: pois, em que você vai ver que o presidente de Junta não é presidente do baldio. Por exemplo, o de Tourém... em que o presidente de Junta não é o presidente do baldio

AL: ah, e há um baldio por freguesia é isso?

MTR2: sim, há um baldio por aldeia...

AL: ah, por aldeia ok... eu até agora só conheci um, na verdade, que coincide... para além de... bom, no seu caso também não coincide, não é... não é presidente do CD, até agora só conheci um que coincide, que é o Márcio, que é o presidente do CD e presidente da Junta

MTR2: sim, mas tem mais... tem outros baldios na freguesia, ele é presidente do CD de Cabril, Fafião, Pincães, isso são outros. Eu tenho a certeza que ele nos outros não faz nada, não faz nada, tipo, não tem

AL: sim, não tem mão...

MTR2: pois

AL: sim, sim, sim. Mas isso não tem de ser mau, ou tem?.... Se calhar não estou a perceber (RISOS)

MTR1: depende

MTR2: depende

AL: porque me parece que eles se dão bem, o Raúl com o Márcio dá-se bem...

MTR2: sim, sim, é por aí, têm só de se dar bem

AL: sim, se houver conflitos é mau...

MTR2: no meu caso, o presidente da assembleia é o Bento Moreira que é o presidente dos baldios de Sezelhe, o meu tesoureiro da Junta é o presidente dos baldios de Paredes, aqui o presidente dos baldios de Travassos, o Ti Manel, temos uma boa ... em Covelães é o Ti Manel que é... ele não é contra a Junta, nem nada, mas é a pessoas, é a mais complicada... por mentalidade não é por

AL: por função...

MTR2: sim, sim, sim. Se você reparar em todas as Juntas que a Junta e o Baldio é do mesmo presidente ou se dá bem, o desenvolvimento é totalmente diferente.

AL: sim, isso acredito bem que seja assim

MTR2: se o presidente do baldio for de uma cor política e o presidente de Junta fôr de outra cor política... (RISOS)

AL: pois, eu li não sei onde que precisamente está a acontecer isso, que a gestão dos baldios está-se a politizar muito. Está a haver muita questão política no meio e depois criam-se estas questões que extravasam completamente os interesses locais, não é... já não tem nada a ver com o interesse local das pessoas...

MTR2: por isso é que eu digo que nesse aspecto que se fosse uma lista da Junta...

AL: atenuavam-se pelo menos as possibilidades de haver conflitos

MTR2: sim, e há uma assembleia em que as pessoas poderiam dizer “não concordo com isto” ou “tem de ser esta...” ... é a minha opinião, já fiz... essa opinião já está escrita em assembleia de câmara, fiz questão de dizer, e não haveria estas guerras tao.. como existem. porque isto é muito fácil ganhar um baldio

AL: em termos locais é isso?

MTR2: sim. Agora a Junta é mais complicado porque é uma...

A: está a falar por exemplo de uma família mais influente, que é fácil de...

MTR2: sim, exactamente. O que não quer dizer que seja o gestor do baldio...

AL: pois, exacto

MTR2: mas pronto, estou a defender a minha opinião (RISOS)

AL: não, são realidades locais que eu não estou a par, eu venho cheia de ideias...

MTR2: eu já dei essa minha opinião muitas vezes, já falei várias vezes com o Ti Manel

AL: e o Ti Manel concorda ou discorda?

MTR1: (RISOS) até aqui temos concordado

AL: é... e nesta questão da gestão pela Junta ou pelas... pelos CD. Concorda com...

MTR1: sim...

AL: sim

MTR2: não, as pessoas têm de ser... têm de...

MTR1: nós temos que nos abrir um para o outro não é... para as coisas correrem bem...

AL: não, isso sem dúvida, mas agora passar o CD para...

MTR2: eu sou presidente de Junta, tenho 4 aldeias, sou de Travassos, não quer dizer que depois faça tudo só em Travassos... percebe?

AL: sim

MTR2: é a mesma coisa que não... e garanto-lhe que a maior parte dos fundos comunitários e das verbas seria mais bem aproveitada... não haveria tantos litígios com... seria o limite da freguesia não haveria como fugir...

AL: pois exacto, diminuindo-se as fronteiras diminuir-se-iam os conflitos...

MTR2: pronto, era isso! Era isso... nós por acaso estamos bem por isso não há... não há...

[despedida, o senhor Zé Bento pergunta me que estudos são os que estou a fazer, se é mestrado... não, é doutoramento, em ecologia humana... como o baldio é um caso

interessante, etc., da minha opinião sobre a situação dos baldios... e como acho importante que se mantenham, seja sob a gestão da Junta seja sob a gestão dos CD, desde que para as comunidades locais... AL: se esta estrutura acabar...]

MTR2: não, atenção, a esta estrutura não acaba. O baldio nunca irá acabar, ...

AL: mas se sair das mãos dos locais...

MTR2: a gestão é que... eu falei em questão de gestão, não falei em questão de ...

AL: ai não, quando eu agora disse “acabar” eu falei no sentido de se se tira a gestão da mão dos locais, sejam eles freguesia sejam eles...

MTR2: ah, não, isso também nunca vai acontecer...

AL: esperemos bem que não, se vocês estiverem cá para mostrar que sabem fazer as coisas...

MTR2: não, ... no máximo passará, mas isso é já um cenário muito negro, a gestão do baldio passará para a câmara, no máximo! Mas isso nunca irá acontecer...

AL: pois, mas se isto passa para o património privado seja da câmara seja da Junta estamos tramados não é, porque a partir daí é alienação atrás de alienação opara interesses maiores, isto já estou eu a ver um cenário bastante negro

MTR2: não, o caminho que leva é o individualizar, tipo ser baldio a baldio, é o caminho que leva, não tem... já não tem forma de sair dali...

AL: não percebi, individualizar como assim? Privatizar?

MTR2: não, não, não, ser individual, tipo cada baldio ser de uma aldeia...

AL: ah, mas isso a mim nem me faz muita confusão, o que me faz confusão é privatizar-se, é entregar-se a companhias de celulose

MTR2: não, não, não

AL: é que a partir daí deixa-se de se fazer o... para mim esse seria o papel mais importante do baldio, que é o de promover o desenvolvimento local e de criar melhores condições para quem cá vive... a partir do momento em que isso se perde...

MTR2: não, mas a gestão do baldio há-de ser sempre local

AL: eu espero que sim, mas pro exemplo, a nova Lei dos Baldios poderá ter alguns efeitos negativos a esse nível

MTR2: já tem, já tem, já tem alguns impactos

AL: pois, mas é que se estas leis forem alteradas de x em x anos, cada vez mais a afunilar...

MTR2: mas também a lei dos baldios também não foi assim nada feito de propósito... isto também não... é como tudo

AL: mas a Lei, quer dizer, a Lei é a Lei, não tem que ser...

MTR2: a gestão dos hospitais... é a mesma coisa. Mas mal saia uma lei já sabemos que é tipo, para a tal empresa concorrer à gestão do...

AL: mas quer dizer, as leis não têm de ser assinadas pelos locais... se fosse assim era uma maravilha, era tudo muito mais justo

MTR2: mas têm de ser assinadas... têm que ir a concertação social, ninguém se lembra de... o governo diz vamos fazer 45 horas semanais ou 35, os patrões, ou as confederações dos patrões estão lá... se eles todos votarem contra não, a lei não passa...

AL: sim, está bem, mas pro exemplo a Lei dos Baldios...

MTR2: alguém...

AL: sim, alguém, mas não acredito que tenha sido alguém relacionado com os baldios actualmente, eu acredito que seja... o secretário de estado da agricultura ou... mas isso são pessoas que não têm se calhar interesses locais

MTR2: mas alguém... este Secretário antes de decidir consultou os órgãos, tenho a certeza...

AL: eu gostava de acreditar nisso mas não... ou melhor, nesse caso até nem gostava porque isso metia em causa muita coisa não é... se as pessoas aqui a nível local estão de acordo com muitas das alíneas que estão na lei dos baldios...

MTR2: oh, não vamos... eu sou, tenho as minhas...

AL: diga tudo o que quiser... (RISOS)

MTR2: a moção das Juntas foi assinada pelas pessoas

AL: o quê, o quê? Não percebi...

MTR2: a redução das Juntas de Freguesia... houve tanta guerra...

AL: a redução do orçamento é isso?

MTR2: não, não, não...

AL: ah, a união

MTR2: sim. Diga-me... mas foi assinado. O PS e o PSD assinaram, por isso não foi o Estado, a União Europeia que se lembrou de reduzir as... lembrou-se mas os partidos, nós é que concordámos...

AL: sim, e também foi o PSD e o CDS que propuseram a lei dos baldios

MTR2: sim

AL: pronto, mas isso para mim eles estão de alguma forma a defender um certo ponto de vista

MTR2: o presidente da CAP pertence a uma cor política, o presidente da CNA pertence... eu digo isto porque estou à vontade, e tenho falado disto ao nível, com o presidente da câmara e com o... porque mais tarde se verificou que alguém sabia mesmo que do que se estava a... mas já é muito... para a frente

AL: já estamos a sair do...

[começamos a arrumar]

AL: eu não tenho dúvidas que haja sempre algum interesse de alguém ou de algum grupo atrás destas alterações

MTR2: mas eu não digo que haja interesse, eu digo que a pessoas não viu para o caminho que levava

AL: ah, não teve a noção das consequências...?

MTR2: não teve noção ou não se apercebeu que iria causar este impacto... por exemplo, a redução da... cortarem a área da... do carvalho e a rochosa... vila real acho que não... esqueceram-se foi deste cantinho...

AL: são decisões tomadas lá fora e que depois têm impactos a nível local que ninguém imagina

MTR2: não podem dizer que foi o senhor que veio lá de fora que decidiu cortar, que o homem deu a opinião dele, não... se alguém dissesse “não, ele está enganado”

AL: mas também teria de haver interesse em ir ouvir essas pessoas que podem dizer que está enganado, não é?

MTR2: sim, mas antes disso, quando souberam lá que... tenho a certeza que... e foi provado que sabiam...

AL: que sabiam? Agora perdi-me um bocado, desculpe...

MTR2: sim, que andava a ser esse trabalho feito

AL: a nível local, é isso? Das autoridades locais?

MTR2: sim, o ICNF sabia que andava aí esse senhor a ver o baldio...

AL: sim, mas tinha de haver interesse da parte da instituição que esse senhor que representa, não é... de saber a nível local o que é que significa a rocha, ou o que é que significa carvalhal, o que é que significa

MTR2: ou alguém que lhe explicasse não é...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: [...] ¹⁶ com a nova lei dos baldios, com a desertificação ou despovoamento que existe nesta zona, portanto há alguns problemas que estão a assolar estas áreas rurais de uma forma geral e também os baldios [explico porque escolhi o PNPG, qual o objectivo; explico como cheguei a ele] [...] você esteve ainda algum tempo à frente do CD ou não?

ACm1: eu estive 34 anos

AL: pois

ACm1: à frente da Junta, como presidente da Junta; e estive como presidente dos baldios mais que uma dúzia de anos

AL: ok, desde quando é que vocês se organizaram lá? Ou era através da Junta? Ou seja, o baldio era gerido pela Junta ou era gerido pela Assembleia de Compartes (AC)?

ACm1: enquanto não foi obrigatório para os baldios com fins de interesse de subsídios, durante vários anos foi a Junta de Freguesia que geriu. Mas a partir de um certo momento houve uma imposição que para podermos beneficiar de subsídios teria que existir o Conselho Directivo (CD). Então, a partir do momento em que se criou essa necessidade formámos o CD mas fui eu o presidente sempre

AL: e mudou alguma coisa na gestão, com essa alteração de instituição?

ACm1: em termos de subsídios conseguidos através de subsídios melhorou, a vantagem, foi essa, de resto não

AL: era as ITI's não era? Porque as Juntas não tinham direito às agroambientais

ACm1: não, não tinham. Mas agora, por outro lado, há vantagem também... nós temos duas gestões, temos a gestão dentro do parque pelo CD dos baldios, e temos a gestão do exterior do parque, que é feita pela Junta. há vantagens também em que o exterior do parque seja gerido pela Junta

AL: há vantagens? Quais são as vantagens?

ACm1: as vantagens relacionam-se também com questões de subsídios, com certo tipo de subsídios

AL: pode só dar-me um exemplo, para eu depois pesquisar...?

ACm1: não lhe posso especificar, porque a vantagem que surgiu veio já depois da minha saída do CD. Eu estou totalmente fora agora da gestão dos baldios

^{16 16} Segundo o presidente do CD com quem me encontrei por acaso no café de uma outra compartes de outro baldio, mas com quem foi impossível encontrar-me para realizar entrevista, na sua opinião, tem de haver uma conformidade entre o trabalho do CD e o trabalho da Junta de Freguesia, se isto corre mal está tudo tramado, e isto é mesmo assim, segundo ele, são poderes que se disputam e se as coisas não correm no mesmo sentido, o resultado vai correr mal. Segundo ele até inclusivamente devia ser a Junta de Freguesia a gerir os baldios. Pelo que percebi em Cabana Maior os compartes são todas as pessoas que fazem parte da freguesia (como dita a nova Lei), ou seja os eleitores. Portanto, ele sublinhou bastante que se a Junta não está de acordo é muito difícil que as coisas corram bem, ou vice-versa.

AL: ok... e isso foi sua opção, deixou de querer estar naquela função ou...

ACm1: não foi uma questão de opção, foi uma questão de alteração, portanto eu saí da presidência da Junta de Freguesia por imposição de lei e também não quis depois candidatar, não quis depois fazer lista depois para a gestão dos baldios

AL: ok... e foi aí que entrou o Joaquim Campos?

ACm1: sim, sim, foi aí que entrou ele na gestão... ele organizou uma lista, uma lista única

AL: ah, foi única?

ACm1: é, e eu não quis concorrer contra ele

AL: [RISOS] ele também é presidente da Junta actualmente não é?

ACm1: é, é... ele veio por imposição da lei do limite dos mandatos para mim, não é? eu estava lá há 34 anos, já devia ter saído há muito. Perdi muito tempo

AL: acha que perdeu tempo?

ACm1: para mim sim, para a freguesia não. A gente não se apercebe que o tempo passa com uma rapidez extraordinária, passaram 34 anos

[chega outra pessoa. Acho que é alguém que vem da parte do presidente da Junta o qual precisa de umas dicas do antigo presidente sobre questões burocráticas]

ACm1: bom... o presidente assinou um documento no sítio que não devia

AL: ai é?... O presidente do quê?

ACm1: o presidente da Junta

AL: estamos a falar do Joaquim então

ACm1: sim

AL: ele anda sempre a correr

ACm1: penso que é por descuido. Ou por não saber ler porque aquilo vem de França. Assinou no local onde devia assinar a própria pessoa. São provas de vida que têm de ser assinadas anualmente pela entidade representativa da área de residência [? *Não se entende*] pois, não está habituado a fazer, por isso tem um secretário

AL: mas não é o secretário ou é?

ACm1: sou, sou o secretário da Junta sou

AL: e qual é a vossa relação com essas entidades, a ADERE, o ICNF, se é conflituosa, se é colaborativa, pelo contrario, se simplesmente coabitam, ou

ACm1: a relação das instituições com

AL: a AC com a Câmara por exemplo

ACm1: o CD, o CD, a AC são os compartes, o CD... o presidente é o presidente da Junta, portanto

AL: tem uma boa relação [RISOS]

ACm1: muito boa, muito boa

AL: e com a Câmara?

ACm1: muito boa, muito boa

Cabreiro: AC1

AL: quando vocês, assim só para ter uma ideia, quando vocês formaram o CD foi por que razão?

AC1: foi por causa dos sapadores florestais e para também... eu na altura também era presidente da Junta e também achava que o baldo deve ser um órgão autónomo, não tem que estar ligado à Junta, tem que ser coisas separadas, o baldio é uma coisa e a Junta é outra, foi mais a pensar em separar as águas

AL: nessa altura, na altura em que formaram o CD estava na presidência da Junta?

AC1: estava

AL: e chegou a haver... chegou a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AC1: cheguei a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AL: um bocado confuso ou não?

AC1: nunca, nunca, nunca senti que fosse confuso porque eu tive sempre as coisas separadas, portanto, uma coisa é o baldio outra coisa é a Junta, portanto as coisas foram sempre geridas separadamente

AL: e também é da opinião que há muita politiquice no meio dos baldios, no sentido que... isto agora até soou mal... eu não estou a dizer que é mau o presidente da Junta ser o presidente do CD, não é isso. O que eu tenho percebido em alguns baldios, pelo menos é o que se diz, é que o baldio ou

AC1: eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, e acho que é o termo correcto, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas críticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmaras e vejo que as Juntas gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar.

Gavieira: AGav1

AL: e já tinham contabilidade há 8 anos atrás ou

AGav1: não, fazíamos nós aqui, mas depois, pronto, isto depois ultrapassa, isto tem valores... não, depois optámos por ter contabilidade organizada. Nós temos aqui 5 homens, que trabalham num carro todos os dias, num *jeep*, há muita despesa, há gasóleo, há gasolinas para nós, há máquinas, há manutenção de máquinas, isto requer muita manutenção, muito dinheiro. Muito dinheiro, o dinheiro não é muito mas prontos

AL: sim, mas envolve muito dinheiro sim

AGav1: mas envolve muito dinheiro de qualquer maneira. Depois temos de andar aqui a jogar, porque eles dão 35000 Euros por ano

AL: sim, para a manutenção da equipa não é?

AGav1: sim, e temos aqui um protocolo com a Câmara que eu consegui, eu e todos os meus colegas que estão nos baldios, para manutenção das bermas da estrada, limpezas, 25000 Euros por ano

AL: que também dão?

AGav1: que dão. De maneira que... nós temos 5 homens, quer dizer o dinheiro quase não chega. Não chega mesmo, nós temos de fazer ginástica... pode chegar nuns meses que sim, mas às vezes não chega, e pronto, vamo-nos organizando assim, a sorte é o protocolo com a Câmara, pode sobreviver

Depois disso é outra coisa, por vezes há pessoas que chamam, querem limpar propriedades... falam comigo. E pronto, vamos limpar mas é x por pessoa, então esse dinheirinho também ajuda. Porque se eu for mandar limpar a minha bouça, tu falas comigo “olha, eu quero limpar esta bouça”, aquilo é x por dia, pode ser 50 Euros por dia por cada pessoa. Pronto, esse dinheirinho ajuda para o gasto de gasóleo e de gasolina e de material, mas fica sempre algum. Porque se pedes 50 Euros por pessoa, estou a contar gastar só pelo menos 20 de combustível não é, e discos, pronto, há que fazer contas a tudo, senão a gente não consegue manobrar isto, não é fácil, a gestão dos baldios não é muito fácil, a gestão dos baldios... atenção, e se formos a ver há muitos baldios com muitos problemas. Soajo aquilo está aos tombos, porque se eles não se controlarem muito bem, não podes misturar a Junta de Freguesia com os baldios, são entidades diferentes, e prontos, nós temos uma assembleia e a assembleia nem concorda com isso. É uma entidade separada, tem que se manter. A Junta... a Junta se não faz deixa por fazer não é... a Junta não tem problemas, mas nós nos baldios temos coisas a cumprir mesmo, esses 35000 Euros que dão, nós temos de fazer uma certa área de roça e temos de manter os trilhos todos limpinhos, que é muitos trilhos, trilhos e...

AL: sim... mas a principal receita são as ITI então?

AGav1: não são as ITI, as ITI são um projecto, pode não ser este ano e pode não ser para o ano. A receita mesmo são soos 35000 Euros, isso é que é a receita, e depois o protocolo que

temos com a Câmara também não é seguro, por acaso, temos um ano que ele não fez, o anterior, fez 4 ou 5 anos seguidos e a seguir não faz o protocolo

AL: e era o mesmo presidente?

AGav1: na altura era, era que estou aqui no 3º mandato e eu fiz mandatos com ele, e foi no 2º

AL: fez o quê? Desculpe...

AGav1: fiz dois mandatos com este presidente, estive 8 anos com ele e foi no 6º ano que ele falhou, portanto os 4 primeiros mandatos correu muito bem, os primeiros 4 anos, o 2º também correu bem os dois primeiros, a seguir falhou-nos ali com o protocolo

AL: mas qual era a razão? Não havia dinheiro...

AGav1: não sei, não sei

AL: (RISOS) é a crise

AGav1: e agora estamos com protocolo com este actual presidente que é um rapaz novo

AL: nos Arcos

AGav1: nos Arcos

AL: desculpe perguntar isto tantas vezes, mas ainda me faz alguma confusão a divisão autárquica das várias aldeias

AGav1: o que estava na altura também, ele deve ter agora 52 anos, estive lá 20 anos na Câmara Municipal como presidente, o que saiu, o anterior... tem agora 52 anos, ele estava na câmara há 25 anos como presidente, foi um bom presidente. O que está agora lá era vice-presidente, é um rapaz novo

AL: ah, eu conheci foi o Inocêncio de Entre-Ambos-os-Rios que é presidente adjunto ou que é, conhece-o?

AGav1: sim, ele é vice-presidente de câmara agora

AL: ou vice-presidente. Eu conheci-o agora por causa do baldio não é

AGav1: pronto, também é presidente dos baldios, e não sei se também é presidente da Junta

AL: ah, não sei, não me lembro

AGav1: acho que já foi presidente de Junta

AL: talvez, agora não me lembro, sei que tem lá

AGav1: agora eu sei que é, parece-me que é o vice-presidente da Câmara Municipal

AL: é, é, ele disse-me que era o presidente adjunto, que deve ser a mesma coisa que vice-presidente da Câmara. Mas eu nem sabia, eu fui lá à Câmara não fazia ideia do que é que ele estava lá a fazer

AGav1: é um rapaz novo?

AL: sim

AGav1: eu acho que ele até é... não sei se ele é presidente de Junta, se não é presidente de Junta também, presidente dos baldios sei que é

AL: é, é, é, foi por isso que eu fui falar com ele

AGav1: o rapaz é... e depois também temos o Secundino, que esse então é um castiço do caralho, o de Lindoso

AL: Lindoso, que personagem

AGav1: esse é... esse é mesmo uma coisa única, boa pessoa, uma maravilha

AL: eu gostei de o conhecer, ao início entrou retraído, não me deixou gravar a conversa, mas depois no fim já disse “volte, volte, com o gravador”

AGav1: opa, aquilo para a brincadeira não há melhor

Pronto, e isto é assim, mas é assim, isto se não fosse as ITI e o protocolo que temos com a Câmara não havia hipótese... eles iniciaram as equipas, formaram as equipas, mas não viram a maneira como é que iam aguentar isto na altura, inicialmente quando eu vim para aqui a Junta acho que chegou aí a meter dinheiro mas depois disseram na assembleia que não concordavam

AL: a assembleia de freguesia...

AGav1: pronto, porque isto quando vim para aqui o presidente do CD era um rapaz que [*Não se entende*]. E eu na altura quando vim para aqui para presidente de junta, os baldios estavam separados, e hoje estão separados igual apenas eu faço parte das duas coisas, simplesmente sou presidente do CD mas cada macaco no seu galho, e na altura chegou a um ponto que o dinheiro findou

AL: o dinheiro de

AGav1: o dinheiro para os sapadores, o dinheiro dos baldios, esses 35000 Euros. Que na altura tinham esses 35000 Euros e o ICNF dava 8000, fazia 43000 não era. Só que esses 8000 Euros o parque deixou de os dar, não sei qual foi a razão, deixou de os dar, ficaram só os 35000, prontos, o rapaz chegou a meio do ano e o dinheiro não chegava para a equipa. Pronto, e dirigiu-se à Junta, mandamos para a assembleia, se a assembleia concordar empresta-se o dinheiro, que na altura a gente ainda tinha dinheiro, hoje não tem, hoje é ao contrário. E pronto, fomos à assembleia e a assembleia concordou e depois devia repor novamente o dinheiro à Junta. Ele ficou um bocado atrapalhado, chegou a uma altura que ele chegou a por dinheiro do dele, isso é um risco, por dinheiro da pessoa nas entidades, e

depois? [depois quando terminar o mandato quem é que quer saber do dinheiro que ele pôs?] se o puseste é porque o tinhas, senão não punhas, quem é que te mandou? Pronto, mas na altura ele estava à frente, eramos amigos, passamos à assembleia, a assembleia concordou, a partir daí, depois começou a haver estes projectos das ITI e acresceu também o protocolo da câmara, pronto, e as coisas conseguimos governar sem andar a bater à porta, senão não havia hipótese, se tivesse que andar a bater à porta abandonava, era assim “chega? Se não chega acabou!”. Mas tem pronto, tem-se orientado e tem chegado pronto, chegamos sempre ao fim do ano com dinheiro na conta para alguma coisa que acontecer não é? Não temos problemas

AL: pois.... Eu estou mesmo já nas últimas perguntas... ah, uma coisa que eu ainda não percebi, quando é que se formou a assembleia de compartes aqui?

AGav1: foi em 2004

AL: e foi para quê na altura? Porque é que se lembraram de fazer

AGav1: não foi na mesma altura que eu estava, eu vim tomar conta disto já em 2007

AL: sim, mas não tem a noção porque é que na altura se quis organizar a assembleia de compartes?

AGav1: talvez, talvez não, de certeza, isso foi derivado da limpeza de matos,

AL: das ITI

AGav1: as ITI vieram mais tarde, atenção, em 2007 entrei eu, acho que só começaram em 2009

AL: mas antes de 2004 estava na mão da Junta

AGav1: não estava na mão da Junta, estava na mão de uma gestão diferente

AL: estavam delegados na Junta ou não?

AGav1: não

AL: ah, não?

AGav1: não, era num rapaz que não tinha a ver com a Junta

AL: então quem é que geria antes de 2004?

AGav1: era um presidente do CD como eu sou, eu sou presidente da Junta por acaso não é, podia não ser presidente de Junta

AL: então mas quando é que se formou o CD..

AGav1: foi em 2004

AL: ah... então eu digo, antes de 2004, por exemplo em 2003, antes de se formar o primeiro CD quem é que geria o baldio?

AGav1: a Junta

AL: ah, ok

AGav1: era a Junta que geria, imagina se fores num caminho, numa localidade, é a Junta que tem que actuar, isto a Lei dos Baldios é muito complicada, imagina, o baldio a gente pronto, é o CD dos baldios não é? Mas se for um caminho, um caminho público da povoação, já é a Junta, já não é os baldios

AL: mas não é isso que acontece se calhar ou?

AGav1: acontece

AL: acontece?

AGav1: porque repare, se há uma história com um vizinho da aldeia, eu tenho que actuar como presidente da Junta e não como presidente do CD, é totalmente diferente, isto está sempre a mudar, estás a perceber, isto está sempre a mudar. Na altura em que formaram o CD foi possivelmente para este tipo de trabalhos, empresas, manutenção de... prontos

AL: não estava cá nessa altura? Não participou nessa reunião?

AGav1: não, eu só vim para agarrar nisto desde que vim para a Junta de Freguesia em 2005, e tomei conta dos baldios em 2007. Houve eleições, o povo entendeu que tinha de ser eu, não sei porquê, eu nem queria na altura porque era muito amigo do rapaz que aqui estava

AL: mas ele é que quis sair ou...

AGav1: não, houve eleições. Inclusive eu fazia parte da lista dele na altura, quando foi para ser formada eu já cá estava, como construtor, e eramos muito amigos, e eu fiz parte da lista com ele

AL: da lista dos baldios?

AGav1: dos baldios em 4º lugar, estava em 4º lugar com ele, depois decidiram que tinha de se fazer o CD dos baldios, que tinha de estar não misturados, mas a casa é que seria para as duas coisas, porque nós temos isto aqui para a Junta e há um escritório ali para os baldios, pronto, e foi por aí, vim para cá em 2007

AL: ok... mas esse rapaz foi o primeiro aqui a gerir o CD na Gavieira...

AGav1: esse rapaz foi, José Costa

AL: mas o senhor AGav1 já cá estava nessa altura

AGav1: eu já cá estava quando isto foi formado mas só que não acompanhei foi muito

AL: não se lembra porque é que se lembraram de se formar...isto é, conheço alguns casos em que os compartes se decidem organizar por exemplo, por causa da equipa de sapadores

AGav1: foi um dos casos... foi um dos casos, acho que foi um dos casos foi para formar a equipa de sapadores que fazia falta à freguesia

AL: se calhar havia essa possibilidade na altura, facilitaram ...

AGav1: havia essa possibilidade, fizeram uma equipa para a freguesia do Parque Nacional e acho que esse foi o primeiro ponto. Porque depois foram fazer um estágio

AL: quem eles?

AGav1: sim, os sapadores.

AL: ah, está bem aqui. E o seu filho, aguenta-se aqui bem? A única criança, ou uma das duas únicas crianças

AGav1: bom, eles vão à escola a Melgaço, vão e vêm à noite

AL: ah, há um autocarro?

AGav1: a gente faz transporte daqui para Lamas de Mouro, a Junta, e de para lá a câmara assume o transporte, a câmara de Melgaço, para a vila, até ao 12º, depois têm de seguir outro caminho não é

AL: mas ele gosta daqui?

AGav1: ele gosta, sabes que onde se nasce gosta-se, é nascido e criado aqui, ele e a filha do ?, são quase da mesma idade

AL: o quê o quê? Ele e a filha o quê?

AGav1: do [? *Não se entende*], o rapaz [? *Não se entende*], o guarda...

AL: ah, Palhares

AGav1: do meu vizinho, Palhares

AL: ah, sim, sim, sim

AGav1: a filha dele anda na escola com ele. Mas depois também tem mais que vão aqui da Rouça, vão todos na carrinha, vão para Melgaço, mas depois vão aqui para os Arcos também alguns aqui das Rouças. Estás a perceber... só que isto foi, na altura

AL: ah, ainda há bastantes crianças, apesar de tudo

AGav1: ainda há... há um [? *Não se entende*], uns 7 ou 8 aqui das Rouças, há 6 na Peneda, ainda há...

AL: vá lá, está muito melhor do que em outros sítios

AGav1: porque a escola era aqui, sabes que a escola, depois quando é que decidiram fechar as escolas das freguesias, pronto, por falta de alunos, foi decidido que as crianças que estavam nesta escola que iam [*? Não se entende*] daquela altura. E as crianças na altura foram direccionadas a ir para ali até ao 4º ano. Mas a nossa câmara nunca viu bem isso, porque era concelho diferente, mas as crianças... o meu e o do Palhares, outro rapaz que agora até emigrou, e alguns do Peneda como iam para ali não quiseram mudar ali para os Arcos, depois a câmara entendeu que era conselho diferente e não sei aceitaram. Ainda era na altura o Francisco Araújo e em 4 anos o gajo é que mudou para ali, mas depois tiraram lá o gajo da oposição e o gajo veio-me dizer que eu tinha que desistir, a oposição “não, não...”. Prontos, e agora, nós Junta, assumimos o transporte até Lamas e lá de baixo assume a câmara com a parte das crianças, neste caso são 8 que vão para ali, temos que andar a assumir junta e pais também, e depois a câmara assume o resto e os que vão ali para os Arcos é a câmara que paga totalmente o transporte, até Rouças

AL: mas vocês preferiram mesmo Melgaço?

AGav1: eles começaram ali, sabes como é “ah, temos ali os nossos amigos”, isto também é complicado e as próprias pessoas, olha, nós damos algum, a junta também e depois a câmara assume o resto, até ao 12º, se continuar...

AL: e o anterior do CD foi posto fora porque fazia alguma coisa menos bem ou

AGav1: o rapaz foi assim, o rapaz quando viu que as pessoas começaram a dizer que ele não podia ser, nem aqui apareceu sequer

AL: mas ele fez alguma coisa errada, era contestado?

AGav1: não, fez tudo bem, pelo contrário, chegou a por dinheiro dele

AL: ah, exacto, é o tal

AGav1: só que, o problema é assim Luísa, se não “está aqui tudo, é aqui que vemos, tá tudo na Junta...”, não tinha nada que ser eu o presidente do CD, até porque repara, a papelada ainda vem quase toda com a direcção da casa dele praticamente, porque na altura o correio ia para a casa dele [*? Não se entende*]. Nunca me chatee com ninguém [*? Não se entende*]. Eu estou farto de dizer na câmara, isto a mim não me dá resultado nenhum, eu estou aqui mas não sou nenhum empregado de vocês, eu estou aqui e estou a ajudar-vos a vocês, eu já lhes disse várias vezes “vocês precisam do meu voto mas eu de vocês não preciso, você é que é o presidente portanto eu estou-me marimbando”, mas depois demonstramos bem, ele só se zangou comigo porque...” opa, é assim que funciona presidente, eu vim aqui pedir esmola, é para fazermos, simplesmente temos de fazer... É que eu não vivo disto, vocês vivem disto, vocês o presidente da câmara, os vereadores, toda a gente vive disto, mas eu não vivo disto, isto para mim é um estorvo na minha vida, isto para mim é um estorvo”... mas também ninguém me obrigou, eu vim para aqui de vontade, tenho de fazer o meu papel, tenho de fazer o que sei e o que faço e o que posso dentro da freguesia, mas [*? Não se entende*] ... e pronto as coisas têm corrido sempre bem

AL: e a sua relação com a Câmara e com a Junta... e com a Junta, bom... (RISOS)

AGav1: sim, sempre bem

AL: corre bem, há colaboração pelos vistos

AGav1: tanto que eu nunca tive oposição... chegou a haver 4 listas, eu ganhei ao sujeito, no ano a seguir não tive oposição, o que nunca aconteceu, e agora neste ultimo tive uma eleição de 30 pontos, eu tive 280 e eles tiveram 30, pronto, não houve oposição nenhuma

AL: e agora só pode ter três não é?

AGav1: é três...

AL: este é o último então...

AGav1: não, é, este é o último mandato, de 2 em 2 anos...

AL: e tem pena?

AGav1: não, pá... isto é assim, a gente depois apanha amor às coisas... tu convives com muita gente, conheces muita gente e crias muitas amizades quando a pessoa é educada e prontos, é a parte que, eu também acho que é a parte que se ganha que é essa, estás a perceber, crias amizades, crias... agora dinheiro não ganhas com isto, eu dantes andava... e a minha mulher dá-me cabo da cabeça "tu andas a gastar dinheiro do teu... mas agora...", prontos, "eu fui para aqui, mas tu alguma vez tinhas espaço antes para estacionar o carro à porta de casa? Não tinhas!"

AL: o quê? O quê?

AGav1: ela podia ter o carro aqui à porta de casa, não tinha, eras tu nem os vizinhos. Pronto, e as coisas têm de se andar assim, tenho uma relação boa com toda a gente, com a Câmara, com toda a gente

AL: pois... se calhar vai-lhe custar um bocadinho quando acabar o mandato

AGav1: epa...

AL: [RISOS]

AGav1: não é o custar, que eu sei que tenho que ir, repara... mas a amizade mantem-se, quando a pessoa já tem amizade pelas pessoas, repara, as amizades que criei vou-as manter, toda a gente

AL: claro, exacto, claro que sim

AGav1: só o que eu quero dizer é que ninguém ganha com a Junta, pelo contrário, ganha-se amizade, ganha-se pessoas amigas, aumentares os progressos porque por vezes consegues chegar mais depressa às coisas quando tem conhecimentos, é isto

AL: pois, exactamente, mesmo para a empresa se calhar, não? Conhece mais pessoas

AGav1: porque depois há coisas que se calhar podia fazer num mês e faço em 4 ou 5, porque não tenho [? *Não se entende*] relativamente às coisas [? *Não se entende*] tens mais hipóteses de chegar às pessoas, a partir daí não há... qualquer pessoa que vá para a Junta

para ganhar dinheiro, não ganha, e aquele que não tá a ganhar só faz as [?] *Não se entende*] e acaba por desistir logo no início, que é o que acontece a muitos, sabes que há muitos presidentes de junta que 2 ou 3 anos depois foram postos na rua porque só estavam a fazer asneiras. Sabes que houve uma altura que havia dinheiro e houve muita gente que se perdia, “isto não pode ir para os outros”, ao fim de dois anos estavam na rua, isso aconteceu a muita gente, eu conheço muita gente dessa que eram presidentes de junta e foram 2 anos, porque isto é assim, tem de ser gente séria... quer-se gente séria. É que agora é tudo computadores, mas houve uma altura em que era tudo feito nas casas deles, nem havia cheques sequer, era tudo pago com dinheiro para... agora não, agora tem de haver facturação, tem que haver... chegas ao fim e tem de haver contas certas, seja na Junta que seja nos baldios, as contas têm que estar correctamente certas

AL: na sua opinião acha que os baldios devem ser geridos pelas Juntas ou pelos compartes?

AGav1: pelos compartes, eu acho que são entidades totalmente diferentes, totalmente diferentes... eu acho que os baldios nunca devem ser entregues à Junta, porque repara... acho que são coisas diferentes, baldio é baldio, e Junta é Junta, cada macaco no seu galho, estás a perceber? Porque eu acho que os baldios, por exemplo a Junta é uma entidade que está aqui, mas os compartes por vezes nem sempre precisam de vir à Junta, para compor um caminho para ali... é diferente! É diferente... estás a perceber? É diferente, eu acho que é diferente

AL: sim... e qual é que é assim a principal importância do baldio actualmente aqui para as comunidades, aqui para a comunidade local, para as aldeias

AGav1: o baldio neste momento nesta freguesia é coisa que mais interessa aos compartes, a gente está a viver praticamente do baldio e daquilo que produz não é

AL: por causa dos animais?

AGav1: por causa dos animais, mas o baldio é uma ajuda se calhar de 70% para os produtores aqui da Gavieira, neste momento os baldios é a parte mais interessante para os compartes, por isso convém ter uma boa gestão e pessoas que... repara que não ando aqui a tentar... como é que eu te hei-de explicar, ser um presidente do CD para toda a gente igual, estás a ver? Não haver preferências, não haver..., porque isto é assim, quando as coisas correrem bem correrem bem para toda a gente, tem de ser um presidente dos baldios, do CD, que diga assim: “não, eu quero que toda a gente [?] *Não se entende*]” percebes, que eu acho que é o que não acontece em muitos sítios... é mais “ah, eu sou amigo daquele, aquele leva 10 e aquele não leva nenhum”, isso não pode acontecer, e acho que é uma das coisas que por exemplo há muito tempo que ninguém lá chega estás a perceber? Há amizades, mas há que saber separar as amizades dos cargos que está a exercer, porque repara eu hoje sou teu amigo, chegas aqui, “eu quero 20 hectares” e chegas ali fora da porta e [?] *Não se entende*]. E o baldio tem esse poder, o presidente do CD tem esse poder, mas não é justo, entendes? Mas não é justo... mas não é o caso repara, eu tento que toda a gente chegue ao fim do ano e que toda a gente seja bem servido. Claro que quem tem cinco não pode ter só tanto como quem tem uma ou duas, mas isso tens de separar as coisas, tem 50 vacas dás-lhe o suficiente para poder ter as 50 vacas, se tem 100 dás para 100 se tem duas dás para duas e eu até me lembro agora, há pessoas que não têm

baldio, que não têm animais, chamam-lhe o RPU, que é o pagamento único, e essas pessoas, se levarem mais que meio hectare também podem receber um x estás a perceber?

AL: se quê desculpe?

AGav1: se levarem um hectare do baldio por exemplo, ou meio hectare

AL: mesmo sem animais?

AGav1: sem animais

AL: ai é? Pode?

AGav1: tu podes ter uma exploração sem animais, mas podes querer compra-lo amanhã. Imagina, não tens animais, mas podes ter o RPU, incluído com os terrenos, estás a perceber? Só pode pedir se tiver terrenos

AL: terrenos particulares...

AGav1: particulares

AL: ai não é com a área do baldio?

AGav1: se conseguires também alguma área do baldio vamos conseguir mais uns 500 ou 600 Euros acima da base dos terrenos, entendes?

AL: aaaah.

AGav1: e se a pessoa puder fazer um acerto com toda a gente, ninguém é penalizado, entendes?

AL: eu estava a pensar precisamente isso, que quem tira benefício do baldio são sobretudo as pessoas com animais

AGav1: quem tem animais são 100% imaginemos, mas quem não tem animais, por exemplo há aqui pessoas na Gavieira que não têm animais mas têm uma exploração e têm o subsídio dos terrenos

AL: o tal RPU?

AGav1: o RPU. E se o CD lhe desse meio hectare, essas pessoas iam buscar 500 Euros a mais acima do que teriam ganho com os terrenos, estás a perceber? [*? Não se entende*] não recebiam, mas meio hectare... a pessoa pode comprar um vitelo amanha ou uma vaca, estás a perceber? Mas se não comprar é igual

AL: e para ter isso é preciso que tenha uma área mínima privada? Há um mínimo?

AGav1: sim, tens que ter campos, para RPU tens de ter campos. Agora há pessoas aqui da freguesia que não têm, que só têm a área do baldio, pessoas com cento e tal cabeças de gado e não têm nada deles, não têm nada deles, pronto, é tudo área baldia. Mas há pessoas que têm o subsídio dos terrenos e se tu conseguires dar nem que seja só meio hectare, vão buscar mais 500 eurinhos ao fim do ano. Percebes? E não falta nada aos outros. É um dinheiro que está ali como assim está ali

AL: e havendo área... mas se não houver área é que já afecta os outros, mas pronto, isso aí são todos compartes, têm todos direito

AGav1: não, são todos compartes mas mesmo assim temos de ceder área primeiro aos que têm animais não é

AL: claro

AGav1: quando muito fazemos as contas, diz assim “olha, tu se lebares 20 vives igual, se lebares 22 não vais ter vantagem nem sacrifício, ...”. Estes hectares ficam para aquelas pessoas que não têm nenhum pa, isto tem que ser bem feito para que toda a gente viva

AL: aqui sobra área ou não sobra?

AGav1: sim, deixei 12 hectares para uma margem que podia haver... estás a perceber?

AL: mas todos os produtores têm área e há gente também com esta coisa do RPU também?

AGav1: muita gente

AL: ah, também há...

AGav1: são pessoas que já não têm animais, já com 70 e tal anos, compraram o seu vitelinho para depois o matar, estás a perceber? Teve ali 4 ou 5 meses na corte e depois... é para consumo, pronto e...

AL: também têm área do baldio agora

AGav1: mas tem de ser um acerto entre o CD e os compartes, estás a perceber?

AL: claro

AGav1: um presidente do CD tem de saber bem manobrar estas coisas em conjunto com... prontos, com a cooperativa, fazer ali um acerto para que toda a gente seja servida e ninguém seja penalizada

AL: cooperativa?

AGav1: sim, cooperativa agrícola...

AL: porque é que a cooperativa entra aí?

AGav1: os subsídios são feitos na cooperativa... eu dou em área e depois a cooperativa, os engenheiros da cooperativa

AL: é que ajudam a fazer a candidatura...?

AGav1: são quem faz a candidatura, é a cooperativa agrícola

AL: a cooperativa agrícola dos Arcos não é?

AGav1: com a de Ponte da Barca, em conjunto

AL: ah, não sabia, ainda bem que falou nisso

AGav1: essa parte depois é a cooperativa que faz

Gondoriz: AGo1

AL: E qual é a vossa relação da Câmara Municipal aqui na gestão dos baldios, há alguma parceria, alguma tentativa de abarcar o baldio...

AGo1: já houve, aqui há uns anos. É, mas não...

AL: mas houve o quê? Uma proposta? Ou houve uma tentativa mesmo de

AGo1: houve uma tentativa de criar uma comissão para gerir os baldios do concelho

AL: ai sim? Da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez

AGo1: não sei se eram os baldios do concelho, se eram os baldios que fazem parte do parque, que são 5 freguesias... Sistelo, Cabreiro, Gondoriz, Cabana Maior, Soajo e Gavieira

AL: e queriam gerir isso em conjunto

AGo1: queriam gerir agora que dá dinheiro, eles já sabiam que tínhamos as ITI, que tínhamos as ?, e era um bocado para açambarcar

AL: mas vocês dão-se bem com a Câmara?

AGo1: sim, lindamente, com os políticos a gente tem de se dar bem

AL: mas então basicamente os baldios não quiseram essa proposta... foi unanime o não?

AGo1: quer dizer, não foi proposta escrita foi assim uma reunião e tal

AL: é presidente da Junta há muito tempo?

AGo1: desde 2005

AL: e já está farto

AGo1: estou farto, cheio, faltam 2 anos

AL: e depois se calhar ainda leva com uma reeleição

AGo1: não, não, já não posso ir mais

AL: ai é?

AGo1: é, sou despedido por decreto

S: 3 mandatos

AL: então mas há pessoas que estão há 20 e tal anos

AGo1: estiveram

AL: ai já não pode?

AGo1: máximo 12 anos, ao fim de 12 anos tem que ir embora

AL: aah. É seu filho?

AGo1: é

AL: anda a aprender? Queres ser o próximo? (RISOS) está é a aprender que é melhor não

S: ele tomou posse no mesmo dia que nós

[...]

AGo1: não, hoje o povo está insuportável

AL: o que é isso, têm mais à vontade para falar é isso?

AGo1: por amor de deus, há aqui alguns que são pior que porcos [*? Não se entende*]... é verdade, esta zona aqui é a faixa de gaza, sabe o que é a faixa de gaza não sabe? Andam todos à cabeça uns com os outros

AL: é? Não é muito harmoniosa

AGo1: esta zona VIP aqui não

S: é só este cantinho

AL: ai isto é uma zona VIP

AGo1: nós temos aqui as nossas madeiras, daqui para cima é tudo pacífico

AL: as nossas madeiras?

AGo1: os nossos lugares em cima, Gondoriz é muito grande, tem muitos lugares [*? Não se entende*] dali da nacional vê, o monte mais alto, é o nosso baldio, os bicos

Sistelo: ASi1

ASi1: Fui presidente da Atlântica e agora sou o tesoureiro, fui eu que fundei a atlântica, agora não sou o presidente porque não quis. Fui presidente para aí 8 anos ou 9, e depois passei para presidente da assembleia e agora passei para tesoureiro

M: e agora está como presidente dos baldios

ASi1: fui 24 anos presidente de Junta

AL: tudo seguido?

ASi1: e presidente dos baldios ainda sou. Tudo seguido. E só não fui mais porque a lei não deu, o despacho... e fui apresentador do rancho durante não sei quantos anos

AL: ai eu não sabia que os ranchos tinham apresentadores

ASi1: então não têm, um rancho folclórico?

AL: ah, eu não costumo ver muitos ranchos

ASi1: então, quando eles vão actuar têm de ter um apresentador das músicas

AL: ok, mas nunca pensei, achava que o apresentador fazia parte da festa e não do rancho

ASi1: eu faço parte do rancho, tenho de ser parte do grupo para saber...

AL: para saber apresentar

Menino: agora já não és

ASi1: não, não sou porque não quero já

S1: não há rancho que não tenha apresentador

ASi1: tem que sempre apresentar as musicas, de onde é que vêm, ...

AL: ok, eu achava era que o grupo chegava e dizia ao apresentador as informações

ASi1: não, então ele não sabe como é que o grupo nasceu, a história do rancho

S1: as características

ASi1: "olá boa tarde, nós somos o rancho da freguesia de Sistelo, representamos aquilo que é os nossos costumes, os nossos usos e as nossas tradições, ..." e tudo aquilo que envolve o grupo, o rancho, neste caso aqui é um grupo (....)

ASi1: então era isso tudo que eu representava... fui presidente da Junta 24 anos, fui presidente dos baldios sempre, fui presidente da atlântica uns anos e depois passei para presidente da assembleia e agora sou tesoureiro, fui vice-presidente da banda arcoense, da música, durante 9 anos, fui membro da comissão política distrital do PSD durante 15 anos, fui da comissão política do partido dos Arcos de Valdevez durante 7 anos

AL: tantos anos cada coisa credo, isso é que é convicção

ASi1: ah, e sou da comissão fabriqueira da igreja também já não sei há quantos anos

AL: o que é que é uma comissão fabriqueira

ASi1: comissão fabriqueira portanto, é aquilo que representa a igreja na freguesia. Portanto, nós somos uma equipa de 4, liderada pelo padre, nós é que fazemos as obras, recebemos os dinheiros...

AL: as obras da igreja?

ASi1: da igreja, capelas

S1: tudo o que é relacionado com a igreja

ASi1: tudo o que é relacionado com a igreja. Determinamos as missas quando é que são, marcamos, às vezes marcamos nós, outras vezes marca o padre

AL: e escolhem o padre?

ASi1: não, o padre não, o padre é que nos escolhe... “não está bem metade [do baldio], mas está uma parte dentro do parque, o [lado que está dentro] do parque está submetido às regras do parque, e a outra [parte] não está. [No lado fora] podemos [ter eólicas]... tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário, não chegámos a acordo, portanto entre a Câmara, nós e a empresa que ia colocar as eólicas (...) a Câmara é sempre parte, cheirando-lhe a dinheiro... [A nossa relação com a Câmara], isso é boa, eu já fui presidente da Junta 24 anos, e fui o presidente dos baldios e sou o presidente dos baldios e por isso o meu relacionamento com a Câmara foi sempre bom, tanto com a nossa Câmara como com as Câmaras vizinhas, não tenho problemas. [Quanto ao interesse em gerir os baldios demonstrado pelas Câmaras], não, os baldios têm uma lei própria pela qual se regem, os baldios é dos compartes e daí estamos todos à vontade. Agora quanto ao licenciamento de eólicas, dessas coisas, tem de passar pelas freguesias e tem de passar pelos baldios. E não havendo acordo não se fez (...). A mini-hídrica¹⁷ está parada, está no ICNF para licenciamento

ASi1: o que eu vejo é que há uma grande falta de informação, e a falta de informação faz com que as pessoas se revoltam, e as pessoas revoltam-se porque são levadas às vezes pelo líder e levada... às vezes até contra a própria vontade, porque eles não sabem do que se trata, chegam lá pessoas a dizer “vão perder os direitos já, vão perder todos os direitos” e as pessoas revoltam-se. Mas se fosse bem explicado eu acho que as pessoas não se revoltavam porque a mini-hídrica não é prejudicial, apenas traziam benefícios para a freguesia

AL: traz benefícios para a freguesia?

ASi1: trazia benefícios para a freguesia. Tudo o que isto... as eólicas e... tem de trazer benefícios, se não trouxesse benefícios claramente que não se deixava construir a mini-hídrica, a mini-hídrica tinha que trazer benefícios e trazia. E os benefícios que eu negocieei, negocieei, não está lá escrito no papel, mas no tempo em que eu era presidente de Junta, presidente dos baldios, tinha negociado com grandes vantagens para a freguesia uma mini-hídrica. Só que depois não houve acordo entre a Câmara Municipal, o CD e a Junta de Freguesia e aquilo que eles se propunham a fazer, que era um embalse que era feito no concelho de Monção que nos desviava a água para o concelho de Monção e nós isso não queríamos

Soajo: AS1

¹⁷ Este é um projecto que deu notícia em 2015, designadamente posta na base de uma luta local contra a Hidrocentrais Reunidas, empresa que pretendia instalar a dita mini-hídrica que traria a diminuição da qualidade de vida da população, alegadamente pela diminuição do caudal do curso de água visado, na aldeia. A notícia era portanto o relato de uma luta da comunidade contra o grande interesse externo e económico. A construção acabou por ser barrada pela APA, que chumbou o projecto após consulta pública.

AS1: [...] mandou [uma carta], então deve ter sido lá o meu presidente, que nós estamos em desacordo

AL: porque eu cheguei a falar... ah, é? Ah, os compartes e ele ou a AS1 e ele?

AS1: a AS1 e ele

AL: ai, e trabalha com ele?

AS1: sim... o senhor, ... é complicado, ele não está com todas as suas faculdades mentais e gerir uma Junta de Freguesia não é fácil

AL: iihi. Quando é que são... pois, as eleições ainda falta um bocadinho

AS1: e o problema até que cedi-lhe o meu lugar

AL: ah, era presidente?

AS1: não era, era cabeça de lista, formámos um movimento e era cabeça de lista, como nunca tive assim pretensão de ser presidente da Junta cedi o meu lugar, prontos, sem problema nenhum e finalmente lá houve as eleições e o senhor começou a variar. Não faz ideia, um ditador de primeira, uma coisa assim... o senhor foi PIDE e ele está a viver a repressão ainda, ele nesta altura, eu diria olhe, e pode pensar que estou a brincar mas não, eu diria que ele pensa mesmo o Salazar, é mesmo por aí, “quem manda sou eu, não se pede autorizações de nada, não, o presidente da Junta é que manda”. Passo-lhe uma acta, se ele acha que não está bem, censura...! É assim uma coisa...

AL: completamente fora... epa... mas ele é velho? Se era PIDE não é...

AS1: 74...

AL: ah pois... pois...

AS1: não é fácil. E então como o senhor queria ser presidente dos baldios e eu achei que ele não estava apto, não é... fiz uma lista e ganhei à larga e então prontos... tudo o que é para os baldios ele deita ao lixo

AL: aaaah, então deve ter sido isso, porque eu lembro-me que eu tinha um número de telefone, um fixo que era da Junta, percebi depois, porque houve uma pessoa que me atendeu que me disse “ah, não, este é o número de telefone da Junta” e essa pessoa, que era uma rapariga simpática, é que me deu o seu número

AS1: é a Cidália... uma funcionária

AL: pois... não é fácil gerir os baldios e as pessoas e...

AS1: não, eu acho que é assim, isto nas pequenas localidades como a nossa funciona quando ninguém se sente ameaçado, e como os políticos sentem-se sempre ameaçados

AL: pois... mas neste momento... a sua lista, lista vá, o CD, a mesa da assembleia, etc., é composta por pessoas que já não têm nada a ver com a Junta ou?

AS1: não, somos. Como lhe disse eu sou secretária, os dois meus outros colegas não, e depois temos toda a assembleia que está contra a forma, porque fomos todos enganados, está contra a forma que o senhor presidente e o senhor tesoureiro estão a gerir a Junta, portanto, que se uniram e fizeram uma outra lista mas connosco... porque é impossível não é? Se não, não se faz nada em lado nenhum, não pode ser, perdido por perdido só se perde um lado... não é?

AL: claro... estava a dizer-me que está a viver cá há pouco tempo...

AS1: eu estou a viver cá desde 2007

AL: mas não é daqui do Soajo?

AS1: eu sou do Soajo, estive em França, portanto, nasci em França, estive em França até 2002 e depois estive a viver em Arcos de Valdevez e vim para aqui em 2007

AL: ok, para o Soajo mesmo?

AS1: para o Soajo... Paradela, Soajo, mas é num lugar a 8 quilómetros

AL: Paradela, sim, vi no mapa

AS1: perto da barragem do Lindoso

[a AS1 lê a carta...]

AL: se quiser também lhe posso dizer isso, escusa de estar a ler, fica só com a carta arquivada...

AS1: ... mas é mesmo isso, o problema é que a política é que estraga isto tudo

AL: o quê? O quê? A política? Pois, já ouvi dizer que há muita politiquice lá no meio

AS1: mas não devia sabe... o problema disto tudo é que todos os baldios praticamente estão entregues às Juntas de Freguesia, mas não devia

AL: estão entregues mesmo que não seja no papel não é... ou seja, podem ter um CD...

AS1: têm um CD que é um presidente da Junta, um secretário...

AL: pois

AS1: nós aqui era o caso... teve, teve sempre... prontos, era assim, faziam eleições mas eram eles, e acaba-se por ver isto de forma política, angariar votos, e isso é nojento... é nojento

AL: então era, o próprio corpo da Junta era o... hmmm

AS1: e havia aqui assim umas coisas... sabe, eu estou a tomar conta dos baldios há muito pouco tempo e sinceramente... lamento que outras pessoas não façam o que eu fiz, porque realmente é urgente tirar isto das mãos da política

AL: pois... há quanto tempo é que está lá no CD?

AS1: fez 1 ano agora... mas é um ano de tribunais

AL: he lá! Conflitos?

AS1: conflitos porque... não havia eleições há vários anos, e eu achei que isto não é assim, que isto é uma ditadura... a lei dos baldios é clara, não é? São 2 anos, são 2 anos e não se fica lá eternamente porque não se convocam eleições

AL: ei, nem se convocava...

AS1: não se convocava

AL: estavam mesmo irregulares

AS1: portanto, é assim, nós pedimos por quatro vezes, portanto 8 meses, pedimos eleições, com 385 assinaturas, e mesmo assim não se convocavam... convocámos nós... e por isso agora é assim um bocado, por isso é que eu digo, isto aqui é para mim... não sei... é? Tudo o que eu estou a dizer?

AL: não, não, não, atenção, isto não vai ser usado...

AS1: porque é bastante feio o que está a acontecer na nossa freguesia, infelizmente, uma freguesia tao grande e com tantos baldios

AL: tem muito baldio... qual é que é a área do baldio?

AS1: 5200 hectares...

AL: é dos maiores que já visitei até hoje

AS1: depois há a Gavieira que tem um bocadinho mais... perto de 6000

AL: ainda não fui lá, aliás do Minho é o primeiro com quem estou a falar, tenho estado em Montalegre e só tenho conhecido lá aquela realidade, também há uns melhores e outros piores, mas isso é em todo o lado... em termos de gestão... melhores isto é, mais activos. Enfim... mas aqui do Minho é a primeira pessoa com quem estou a falar.

AS1: muito bem, no meio disto tudo há coisas boas, como disse

AL: ah, tem de haver, só a própria existência do baldio é boa à partida...

AS1: ah, claro que sim

AL: Mas enfim... e então e vocês quando fizeram essa nova distribuição os produtores perderam com estes cortes ou...

AS1: não! Nós ficámos a ganhar, porque conseguimos eliminar 40 explorações para fazer essa nova reatribuição... eliminámos 40, portanto tivemos baldio de sobra, ainda consegui dar mais 3 hectares a cada agricultor, porque sobraram, e ainda ficámos com cerca de 700 hectares para novos agricultores que quiserem

AL: ai que bom!

AS1: é, por acaso este ano fizemos esse... agora já nos arderam muitos hectares, este ano já nos arderam perto de 200 hectares, já não sei agora, agora não sei...

AL: já não conta como área forrageira...

AS1: já não conta

AL: e conseguiram por muitos jovens agricultores agora por a candidatura?

AS1: por enquanto temos 3 que vão iniciar agora, temos 3... mas que não serão com baldio... mas já é bom

AL: ah, é sem baldio? E conseguem?

AS1: sim, sim, sim, porque é aquela história das galinhas, daquelas coisas, que já não pode ser com baldio, mas prontos, não temos assim muitos problemas com área...

AL: e com jovens (RISOS)?

AS1: não temos...

AL: pois, é isso... aí já têm alguns problemas não é...

AS1: é um problema, e eu gostava através dos baldios de poder ajudar e de fazer com que as pessoas viessem para cá, ainda tenho de encontrar aqui alguma ideia luminosa

AL: (RISOS) pois é, isso é o que mais... aliás, isso é uma das mais-valias do baldio, é poder criar de facto alguma, lá está, as tais ideias luminosas, que façam, que atraiam as pessoas a ficar aqui... agora não sei...

AS1: eu acho que é assim, eu acho que nós aqui precisamos de formação e eu já pensei atribuir uma verba, assim uma coisita, para os jovens poderem se formar, porque é assim, há pouco dinheiro, aqui não há trabalho nenhum e atribuir uma bolsazinha para irem, porque nós temos crianças aqui com 20 anos que não sabem ler

AL: ai sim?

AS1: falta de incentivo...sim! É triste... e eu gostava de poder mudar isso um bocadinho, criar assim, sei lá, uma bolsa ou uma coisa qualquer... não é, porque as pessoas aqui, como os pais têm poucos estudos as crianças, o que é que acontece, enquanto não há nada estão à espera dos 18 anos para emigrar... portanto, eu acho que o trabalho dos autarcas agora neste momento aqui na nossa freguesia seria quase de pegar neles pela mão, porque eles, não faltam ideia, não sabem como, às vezes é só trabalhar um bocadinho com eles e eles vão, mas agarrar neles e ajudá-los a criar uma microempresa, um projectozinho pequeno, iniciar e seria por aí... infelizmente não é assim... o senhor presidente da Junta, que compete mais a ele do que aos baldios não é... mas pronto, eu se puder através dos baldios vou fazê-lo porque ao menos enquanto lá estiver faz-se alguma coisa

AL: pois... então a ideia, a sua perspectiva de futuro para os baldios é baseada na floresta, pelo que eu percebi, não é?

AS1: floresta e em tudo o que é agricultura... é mesmo isso, é incentivar o mais possível os jovens a se candidatarem, não é, a essas coisas, a terem alguma formação

AS1: nós quando viemos para aqui há 4 anos... estas casas de banho são do ICNF, e tive de pedir autorização para utilizar... terrível! Porque isto aqui já foi construído em 1978, tivemos de pedir uma autorização deles, tem tudo! Só que entretanto isto fechou e esteve fechado cerca de 5 anos e eles nunca mais fizeram manutenção às casas de banho... nunca mais! Deixaram as portas abertas e ninguém se preocupou em saber se tinha sanita, se não tinha... por isso é que eu digo, olhe, os parques de merendas, isto tudo foi feito pelo ICNF... acabou-se. E eu nem entendo porque é que eles insistem porque muitas das vezes não há dinheiro para telefone, portanto eles não comunicam connosco, a gente pede “olhe precisava que ca viesse para ver uma coisa” “ah, não estamos cá, não há dinheiro para gasóleo”... porque é que insistem? Porque é que não viram costas e deixam-nos em paz...

AL: pois, exacto...

AS1: é verdade

AL: eu acho que eles devagarinho estão a fazer isso... agora fala-se de entregar a gestão das áreas protegidas às Câmaras Municipais... e acho que já está em processo, mesmo. Eu não sei em que moldes é que isso vai ser feito, fui a uma sessão de esclarecimento para perceber isso melhor mas não percebi grande coisa, mas pelo que eu percebi vai ser...

AS1: não é fácil de perceber...

AL: não, não é. A AS1 ainda está dentro da Junta, talvez até tenha mais conhecimentos do que eu

AS1: não temos muito

AL: eu perco-me um bocado ali no meio

AS1: não temos muito, e depois temos muitos... é assim, eu estou cá desde 2002 em Portugal e o meu português não é sempre assim muito correcto e às vezes tenho algumas dificuldades em interpretar certas palavras, já falo... agora já falo, há 20 anos atrás não falava assim, mas pronto, tenho-me esforçado. E há muitas coisas que eu não consigo apanhar, e depois eles falam muito por abreviações...

AL: é, é, e siglas e ...

AS1: e às vezes a gente fica a pensar o que é que é isto não é, porque nunca metem, podem pô-las mas por sei lá, em pequenino o que é, para a gente ter uma noção... mas não. Mas também é assim, também se calhar são coisas que não querem que a gente entenda tudo não é? Porque isto quando vai para as Câmaras, imagine a nossa Câmara, se tivesse a gestão de todos os baldios já viu a fortuna que eles tinham?

AL: pois...

AS1: não é nada, mas na altura, nós aqui, Soajo, quando se vendeu essa lenha toda, estamos a falar de praticamente meio milhão de Euros que não se sabe para onde é que foi o dinheiro, porque é assim, é o que eu digo, as pessoas não têm conhecimentos, não se preocupam, deixam andar, é tudo pessoas mais velhas, é tudo igual, portanto imagine isto numa área num concelho como o nosso... nós gerimos cerca de 50 000 Euros por ano. É mais do que uma Junta; mas é assim também temos muitas despesas que não tem uma Junta; nós só em combustível temos 1500 Euros por mês, só de combustível, mais os homens, mais seguros que são caríssimos... como a Junta não tem. E às vezes dizem assim, “ai os baldios têm...”, sim, e as despesas? Querendo trabalhar não é... mas pronto, a nossa freguesia hoje não está assim muito bem mas como é como eu digo, nota-se que há pouca intenção de trabalhar não é? se passar aí por baixo nota-se que está tudo assim muito ao abandono não é? Nós nos lugares, não nos compete aos baldios limpar e manutenção... os nossos lugares estão uma miséria, já lá mandei dois homens porque assim não é possível...

AL: portanto, sobra-vos dinheiro das ITI que conseguem depois usar nas aldeias... porque a Junta não... pois

AS1: não, nós temos... olhe, por exemplo, os cemitérios que eram da responsabilidade da Junta, como era a mesma entidade que geria os dois órgãos, o que é que acontecia? Mandava por exemplo os sapadores florestais limpar os cemitérios, mas não está correcto, não está correcto... nós tínhamos vários problemas que era transferir 20 000 Euros para a conta da Junta, não está certo... são dinheiros públicos. Porque depois esse dinheiro não se sabe para onde é que ele vai, não é? E agora vamos mandar 10 para os baldios... e depois chega-se ali já é uma confusão tao grande, já ninguém repõe nada, já ninguém faz nada, e tudo está misturado e dá uma bronca. E agora o que é que fazem? Herbicida! Que é uma coisa que eu nunca vi... herbicida nos cemitérios

AL: aaah

AS1: é verdade, herbicida! E é uma das zangas muito grandes que eu tenho porque não se deve por em lado nenhum, que eu acho que o herbicida é daquelas coisas que não se deve por em lado nenhum, mas muito menos num cemitério

AL: pois, é um bocado estranho

AS1: eu acho... cada um tem a opinião que tem, e eu acho, e não quero que ponham

AL: pois, pois. Eu não faço ideia de como é que se faz nos outros mas...

AS1: não, não deve ser com herbicida de maneira nenhuma

AL: (RISOS)

AS1: eu não acredito, não sei... todos nós temos lá os nossos antepassados

AL: exacto, é estranho parece um contrassenso

AS1: é estranho! Não é? Quer dizer, afectivamente, de afectos não é? Herbicida, então, como é que é? O que é que a gente lá vai fazer a por um raminho de flores, o que é que a

gente lá vai limpar a pedra, não vamos lá fazer nada se é um problema que se mete herbicida por todo o lado...

AL: pois... mas a vossa relação com a Câmara é boa? Com a câmara de Arcos

AS1: é, é razoável...

AL: há uma cooperação vá...

AS1: é razoável... vai melhorando, vamos dizer assim, vai melhorando, todos os dias temos de mostrar, como houve um litígio inicial, como ninguém se atreveu a destituir o senhor ex, quando foi feito acharam que... “isto não é possível, isto não é possível isto não pode ser” não é? “isto foi demais” e não sei quê. E a ideia era “isto não vai dar nada, foi um assalto ali à... e não vai dar nada”. E tem-se mostrado trabalho, ideias, tem-se mostrado algum empenho e vai correndo bem

AL: ok, mas não há assim uma cooperação na gestão dos baldios com a Câmara...?

AS1: connosco não. Connosco por enquanto não.

AL: pois, ao início, agora já... é mesmo por não me lembrar, porque eu acho que já falou isso. Ao início falou de uma colaboração qualquer com a câmara... qual era?

AS1: os protocolos, das bermas das estradas

AL: ah, exactamente.

AS1: Portanto, a Câmara Municipal do Soajo¹⁸ reteve, precisamente por causa desse litígio, reteve-nos uma verba do ano passado de 2014 de 27000 Euros. E até hoje pagou 9000, uma prestação de 9000, portanto nós já fizemos toda a área o ano passado, foi logo das primeiras coisas que mandei fazer, portanto toda a área, uuuh, tudo da cerca de 50 Kms, uma linha recta... é muito quilómetro, tudo a pé, não é, com aquelas maquetazinhas é muito quilómetro. E portanto deram-nos 9000 e agora 4500, portanto 13 500 Euros, sobre 27000, de 2014

AL: pois. Portanto, estão a dever-lhe esse dinheiro... aos compartes...

AS1: ai estão, estão! Estão nos a dever o resto desse dinheiro e já estamos a entrar no programa de 2015 que são mais 2500 mensais para realizar esse trabalho

AL: para continuarem a realizar... pois

AS1: mas pronto, aí está... isto...

AL: vocês têm alguém que vos faça as contas ou são vocês mesmos?

AS1: não, temos contabilidade

AL: e têm todas aquelas, por exemplo, a mesa da assembleia, o CD, a fiscalização, como é que se chama..

¹⁸ Terá querido dizer Câmara Municipal de Arcos de Valdevez

AS1: tudo, tudo, tudo, o conselho de fiscalização. Temos isso tudo. Temos tudo, tudo, prontos, é uma assembleia, somos, portanto, é gerido pelo CD mas o nome é assembleia de compartes, estamos 3 do CD, 5 do conselho fiscal, portanto há o presidente da mesa, vice-presidente, 2 secretários, temos essa... não, está tudo

AL: mas porque é que o nome ficou assembleia de compartes, já não é a primeira vez que eu ouço isso... porque é que não ficou CD de...?

AS1: o CD representa os compartes, não é? Mas na verdade nós tudo o que fazemos temos de pedir uma autorização aos compartes, portanto à assembleia de compartes, porque quem vai votar não são os membros da assembleia ali, 1525 pessoas, são o número de eleitores, por isso a assembleia não é?

AL: de eleitores... ah, vocês...

AS1: o caderno dos compartes é o mesmo do caderno eleitoral

AL: já era ou foi agora com a alteração da lei?

AS1: como não temos caderno de registo de compartes, não é, orientamo-nos pelo caderno eleitoral

AL: aah

AS1: e eu acho bem

AL: sim, eu não acho bem nem mal, o que eu tenho reparado é que...

AS1: não, é só assim, se nós somos 1525 eleitores é normal que esses mesmos eleitores, só estão os residentes, que devem ser residentes não é, que tenham o direito a opinião, porque é assim, e deve saber, não é, os baldios eu acho que é o estado mais democrático que pode haver

AL: sim, sim, sim. Não, eu... bom, eu tenho estado em baldios que não, imagine, há baldios que não... que não correspondem à freguesia inteira, imagine, por exemplo, a freguesia de Cabril... tem 3 baldios diferentes. Um é da aldeia de Pincães, outro é da aldeia de Fafião, e... porque foram divididos de uma forma informal, as pessoas juntaram-se para gerir aquele... ou por questões geográficas ou por questões de proximidade... então é Pincães, Fafião e as restantes aldeias. Ou seja, as restantes aldeias têm um baldio, Fafião tem outro e Pincães tem outro. Porquê? Provavelmente porque sim, porque fez sentido para eles, porque as pessoas se juntaram numa de amizades e famílias e começaram a gerir aquele espaço, e mesmo assim cada um tem uma área bastante jeitosa, simplesmente a gestão, talvez também por não estarem todos de acordo quanto a formas de gerir, não sei, sei que aquilo está tudo separadinho

AS1: e têm CD os três?

AL: sim, e não são os únicos, eu noto que há baldios que não têm necessariamente que ver com fronteiras geográficas ou administrativas, foi por questões muito locais dos usos e costumes

AS1: mas isso, isso eu acho que é mesmo o que tem que reger esta lei, o uso e costume de cada freguesia é muito importante

AL: claro. Por isso é que há muita gente que está contra aquela alínea da nova lei dos baldios que diz que todos os eleitores e mais as pessoas que exerçam uma actividade agroflorestal na zona são compartes... isso vai contra os usos e costumes locais

AS1: não pode ser

AL: e faz com que uma empresa de repente passe a ser... uma empresa que posso ser eu, eu agora venho aqui e estabeleço aqui uma actividade agroflorestal passo a ser comparte! Eu e a minha família toda, e se calhar até começo a dominar a assembleia porque somos muitos

AS1: e até pode, exactamente, agora é assim, nós temos os nossos usos e costumes e vocês vêm para aqui com uma empresa grande imaginemos, uma empresa que venha para aqui, que nunca vai acontecer e que tem 600 pessoas a trabalhar, imaginemos... e todos eles são compartes?

AL: é isso que a Lei diz

AS1: e dizem assim "olhe, e vamos ter de por aqui 5 eólicas aqui a volta, nós vamos ter de levar com elas?"

AL: pois, se é democrática a cena... por isso é que estava a dizer, há aldeias que não é o numero de eleitores, mas a lei diz que sim, o que é estranho, ainda por cima agora com a união das freguesias, imagine que havia um baldio que estava à volta desta freguesia aqui, e agora com a união das freguesias estas pessoas aqui também passam a ter direito a este baldio... é toda uma confusão...

AS1: bom, mas com a união de freguesias eu acho que sim, até faz sentido que fique... por exemplo, há uma união de 3 freguesias, imaginemos não é? O que é que acontece? Cada uma das antigas deve ficar, não é?

AL: sim...

AS1: por exemplo, nós aqui [no mapa], eu não sei se isso alguma vez aconteceu antes de haver um CD ou uma assembleia de compartes, não sei porque não tenho nenhum registo histórico, mas a nossa área que é muito grande não é, até podia ter sido dividida em 3, se calhar até tinha a sua logica, só que por exemplo temos aqui esta área de Soajo mesmo, esta área aqui não é, portanto, depois para aqui já praticamente não tem baldio nenhum, o nosso baldio, prontos é isto, está aqui no rio não é, por aqui acima e que vai até aqui a Bouças e depois vai por aqui

AL: xiça!

AS1: praticamente é aqui esta zona toda verde, portanto isto é enorme, o Gião ainda é nosso

AL: isto é rocha não é? Ai não, isto tem a ver com o nível de protecção, as mais clarinhas têm menos protecção, esta é a área que não se pode mexer

AS1: esta área aqui da Cascalheira, é, olhe, está aqui a ver, esta área é a única que temos praticamente que não foi ardida

AL: ah, a serio... porque esta zona pelos vistos já é mais protegida, pelos vistos, tem o verde

AS1: mas aqui tem as ínsuas da várzea, [...] e isto aqui, esta zona aqui era tudo floresta, tudo isto ardeu tudo [...] ¹⁹

AL: se fosse em linha recta eram para aí 8 kms... mas não é...

AS1: pois, ardeu muita área. Houve uma altura que isto deu na televisão, andavam aqui bombeiros de todo o país, vieram de França, aviões de França, da Itália... esta zona aqui havia só militares aqui, eu que vinha todos os dias da Vila que vinha trabalhar ali, os militares já dormiam debaixo dos carros, foi assim faz de conta que... foi assim uma coisa horrível mesmo, horrível, horrível

AL: esperemos que este ano não vá por aí, com este calor e com este vento

AS1: na páscoa foram 200 hectares, vamos lá ver...

AL: é tramado. Ainda hoje, ontem estava, estava um a deflagrar ali na zona do Douro Internacional... mas pronto. O que é que eu lhe ia perguntar mais... ah, o número de... já me disse não é, são 1000 e tal

AS1: 1525 eleitores

AL: portanto vocês consideram que todos eles são compartes não é?

AS1: sim, todos os naturais do Soajo, não é, portanto muita emigração, nós aqui...

AL: e os emigrantes também votam? Pergunto...

AS1: sim, sim, sim

AL: mas só vêm cá uma vez por ano não é? Mais ou menos

AS1: só, mas só têm a residência em Soajo também, embora não seja permanente mas cá em Portugal é a única residência que têm, portanto são eleitores

AL: portanto podem votar nas questões do baldio...

AS1: e na freguesia...

AL: sim, isso sim

AS1: e eles sendo naturais... porque é assim, a outra lei diz o seguinte, não é, sendo filhos de naturais são automaticamente compartes

AL: sim, a nova lei diz isso... o que é que acha desta nova lei dos baldios? Não sei se sabe tudo que diz, mas a ideia com que ficou em relação à anterior...

¹⁹ Não passo tudo para aqui... é a descrição do mapa

AS1: eu acho que ela até é mais segura, prontos, há ali várias coisinhas que talvez não estejam tao bem mas a nível de...de... da nossa... responsabilidade, eu acho muito bem

AL: responsabilizar mais o ...

AS1: eu acho muito bem, porque isto é assim, havia muitas também que não tinham contabilidade nenhuma, olhe... Cabril! Falaram-lhe em Cabril? Já lhe disseram?

AL: eu já lá fui a Cabril até...

AS1: já lá foi e não lhe disseram nada?

AL: por acaso não tenho... não me lembro, já foi há algum tempo que lá fui, tenho de ouvir as entrevistas outra vez, não me recordo...

AS1: aqui há pouco tempo que havia um problema também com Cabril, por causa da gestão, umas transferências de dinheiros, que os novos... o CD vieram-se a aperceber, que nós não sabemos, e o senhor presidente do CD acabou por me dizer que a antiga direcção não fazia eleições, não havia assembleias, não havia apresentação de contas, não havia nada, nada!

AL: sim, acho que agora... agora esses jovens... é um jovem que está lá agora não é? O Márcio não é? Houve agora uma... não sei se é de agora mas pelo menos agora há bastantes, há algumas freguesias que têm jovens à frente dos baldios e que estão a tentar precisamente mudar um bocadinho, tal como a AS1... mudar um bocadinho essa situação...

AS1: e tem de ser, tem de ser, porque se não, não se faz nada, opa eu se me apanho agora com 500 000 Euros, eu dava aqui uma reviravolta nisto, comprava-se máquinas e fazia-se e plantações, não... porque na verdade ele foi para algum lado, não é... agora nós temos d garantir salários, temos de garantir tudo isso, opa temos de apertar um bocadinho mas eu espero que daqui até ao fim de janeiro consiga arranjar um tractor, mas claro que se ele é bem orientado, aí eu vou-lhe dizer, sabe quanto é que nós temos de custas de ... não de representação mas de... almoços e jantares este ano?

AL: para os sapadores?

AS1: não, não. Aquelas coisas que nós podemos ir jantar se vêm engenheiros ou, pronto, aquelas coisas normais...

AL: ah

AS1: 120 Euros!

AL: de...

AS1: refeições...

AL: mas durante quanto tempo?

AS1: um ano!

AL: mas isso parece-me não muito...

AS1: pois, parece-lhe não muito porque nós quando almoçamos, almoçamos à nossa custa

AL: ah, ok... não estava a perceber

AS1: e sabe o que é que foi estes 120 Euros? Foi a despesa do jantar de natal dos sapadores... antigamente havia 4000 Euros de...

AL: Aaah, está bem...

AS1: a sério... claro que se a gente vai com a intenção de... não é? Tudo nosso... eu não ponho gasóleo no meu carro com o cartão dos baldios, porque parece-me completamente... é assim, ninguém me obrigou a ir para lá... está a perceber?

AL: pois, essa atitude tem que mudar dentro dos CD...

AS1: pois claro que tem de mudar e para isso tem de haver contabilidade, e devia de haver alguém que se lembrasse de vez em quando e dissesse assim, “olhe, vamos lá a ver a contabilidade dos baldios” ... não é? E as coisas resolviam-se...

AL: a comissão de fiscalização não tem feito esse papel?... Bom, antes não, de certeza não é...

AS1: oh... ouça lá, a fiscalização que nós temos nos baldios é uma lista que é feita connosco, que não deveria, não deveria...

AL: correndo bem até parece-me bem, não é...

AS1: claro, o que é que acontece por exemplo este ano na Junta do Soajo? Como é que as pessoas do mesmo partido estão a fazer oposição ao presidente da Junta... isso é um trabalho do conselho de fiscalização dos baldios, não é? Se nós pomos um presidente da Junta que é completamente estúpido e palerma e que está a estragar tudo, a assembleia tem a obrigação de não o ajudar... o conselho de fiscalização dos baldios tem exactamente isso que é “vamos lá a ver, o que é que foi feito? Mostra-me lá as facturas e vamos a ver...” ... não é? Por acaso nós temos a obrigação de fazer uma assembleia por ano... já fizemos cinco!

AL: ai sim?

AS1: exactamente, porque é normal que os compartes vão e que saibam o que é que se vai fazer e o que é que não se vai fazer e como é que vamos fazer e essas coisas todas... portanto, este ano e com esta história toda dos baldios é normal que eles saibam o que é que se está a passar, para não haver surpresas, não é? E o conselho de fiscalização sabe essas coisas porque nós fizemos muitas assembleias porque se não, ninguém diz, ninguém está para se chatear

AL: ninguém se lembra de... ok, pois, pois, pois

AS1: agora também é assim, nós por acaso temos bastante juventude agora que está interessada, as nossas assembleias são bastante concorridas, muita juventude, até a oposição, que são todos da CDU, e que questionam e que veem e que até acharam muito pouco 120 Euros

AL: pois, pois... e é malta que vive nas aldeias, essa juventude?

AS1: uuuuh

AL: ou que pelo menos vêm frequentemente à aldeia...

AS1: vêm ao fim de semana, porque estão lá fora mas têm os pais, e depois alguns estão a estudar, assim, o meu filho e assim, mas que já estão interessados não é, e que estavam habituados a coisas malucas e agora...e nota-se e depois vê-se assim, realmente isto andava assim tudo um bocadinho...

AL: isso se calhar até pode incentivá-los a meterem-se também na gestão dos baldios...

AS1: o objectivo é esse não é, que ocupações já eu tenho bastantes não é? Agora era interessante que com 25-30 anos comessem a ter mais ideias, e até porque se trabalhassem bem podiam ter um salario não é, fazer disto uma forma de cooperativa e fazer 3 salários a tempo inteiro, pro exemplo, e trabalhar a sério, porque isto merece, não é? Não como nós que estamos aqui, não ganhamos nada, temos muito trabalho mas temos de trabalhar ao lado que isto é mesmo assim, temos de trabalhar em algum lado não é... e pronto, e eu acho bem, acho que seria por aí, porque senão isto vai-se tudo embora, é mesmo assim, como é que a gente pode dizer a um miúdo de 20 ou 25 anos “olha, fica aqui”. A fazer o quê? Não é possível... eu tenho um sobrinho a viver em lisboa e acho que sim, que fez muito bem, agora o meu filho se calhar daqui por um ano ou dois também se vai embora porque aqui não faz nada... acaba de estudar e lá vai ele, não é?

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: isto aqui começou... o primeiro esteve dois anos... 6, para aí há 7 anos

AL: e porque é que decidiram organizar-se? Estava cá nessa altura? Já estava cá não já?

PB1: eu já cá estava, desde o primeiro mandato que foi, que organizaram os compartes, já cá estava

AL: e o que é que impeliu as pessoas a organizarem-se na altura?

PB1: isto foi fácil, porque quem fez isto dos compartes era um presidente que era um presidente da Junta, e com isso dos compartes já existia a união dos lugares, ele decidiu então fazer a comissão de compartes

PB1: antes estava nas mãos da Junta era?

PB1: antigamente era na Junta, a gestão era da Junta, e esse presidente decidiu então de fazer essas duas divisões que houve, que foi uma parte complicada

AL: e ele era presidente da Junta, essa pessoa?

PB1: ele era presidente da Junta. E eu acho que isso é que... achei um bocado mal feito porque não há... não há [*? não se entende*] para as duas coisas

AL: não há quê? Desculpe, não percebi

PB1: não há dinheiro para termos as duas coisas, não há condições para ter as duas... a Junta fica em o poder, que a Junta podia fazer mais alguma coisa, se há um corte de pinheiros podia dizer assim “não, é [? *não se entende*] aí, mas ele hoje precisa, por exemplo, de 20 000 Euros, faz um corte de 30000 Euros e não precisa de fazer esse trabalho como tirou aqui, e mais tarde vem a verba e eu meto aqui novamente, o dinheiro não se pode misturar. Entre a Junta e os compartes são duas contas diferentes, mas pode jogar é com o dinheiro da Junta e pode jogar com o dinheiro dos compartes, esse presidente, que faz as duas coisas, que é como em Lindoso por exemplo, agora se não me engano Entre-Ambos-os-Rios parece-me que se retirou da Junta, não se podia candidatar mais, parece-me que se retirou, mas era... as duas freguesias estavam metidas, e Soajo também parece-me que era... não, parece-me que aquilo lá no Soajo anda um bocado embaralhado

AL: sim, pelo menos a presidente do CD não está na... quer dizer, trabalha na Junta de Freguesia mas não é a presidente

PB1: pois, mas houve ali uma embaralhção de cartas ali muito grande que... eu conheço o antigo presidente

AL: do CD? Ou da Junta?

PB1: o antigo do CD, aquilo até nem é CD é Associação, não é? Soajo é associação

AL: não sei, agora estou na dúvida.

PB1: Soajo parece-me que é associação... e Lindoso também é associação

AL: tinha para aqui isso escrito... Soajo... não diz...

PB1: eu penso que é associação

E aqui os órgãos gestores do baldio, que tipo de relações é que têm com as outras instituições, tipo com as autarquias, com o ICNF, há uma relação próxima ou há conflitos na gestão...?

PB1: foi aquilo que eu acabei de lhe dizer há bocadinho, isto quando há diálogo há tudo. Bom, eu com o presidente da Câmara não tenho problemas nenhuns, nenhuns, absolutamente nenhuns, nem com vereadores nem com ninguém que está na Câmara

AL: e têm apoio? Já percebi que há algumas parcerias

PB1: há, há... quanto ao IFAP também não tenho problemas nenhuns, quanto a aqui na zona, já se sabe, todo o mundo conhece as aldeias, há contras e a favores não é verdade? Nós não podemos agradar a toda a gente, embora que façamos o melhor que possamos nunca vamos agradar a toda a gente e às vezes está claro que não ficam contentes mas a lei é a lei, como eu lhes digo, a lei foi feita para alguma coisa e é a lei, se vocês não a têm eu posso vos dar um documento da Lei e vocês leem a lei e já veem. Mas não tenho grandes problemas, tenho problemas aí com o antigo presidente do CD e com a presidente da

assembleia antiga que é uma senhora cujo marido chegou a ser coronel da protecção civil e por ser coronel da protecção civil a mim não me cala, não me cala não... sou uma pessoa que gosto de falar mas também não gosto que passem por cima de mim, isso é que não admito, que passem por cima de mim não admito, seja lá quem for, aí sou direito

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta, a Câmara, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a Câmara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatassem um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a Câmara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que [*? não se entende*] e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de

alguma forma a manutenção daquelas estruturas... não há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações [*? não se entende*], até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negócio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

AL: isso é engraçado, nunca tinha ouvido que o ICN ajudava nisso

PE1: não, ajuda, ajuda, e ajudou, aqui tudo o que é zona do parque, os técnicos do ICN, se não agora todos, porque houve alguns que também se afastaram, também o volume de candidaturas é tanto, entraram outras associações, que também se organizaram, por exemplo, a ARDAL, pronto, há um conjunto de associações de apoio aí, que se organizaram e que foram também prestando esse apoio não é, mas na fase inicial por exemplo do aparecimento dos [? *não se entende*] os do parque trataram de tudo

AL: pois, por exemplo, lá em Montalegre é muito o SBTMAD...

PE1: sim, é o que eu digo, a partir de determinado momento começam as associações também a saber, e depois também o Parque, isto ganhou alguma escala, e tinha dificuldade em fazer tudo, e então aparecem estas associações que também não trabalham

exclusivamente com o Parque, por exemplo, temos aqui o Gabinete agrícola da Câmara que também dá o apoio técnico

AL: ah, pois é, a tal Estrutura de Apoio Local não é? Ou local de apoio

PE1: isso era a ELA que era a estrutura que avaliava, mas isso era em Braga, mas pro exemplo, as Câmaras têm gabinetes de agricultura, todas elas e dão apoio técnico nisso, submissão, preparação de candidaturas, depois há aqui algumas associações locais, por exemplo a ARDAL e há outra... a Atlântica

AL: e há uma cooperativa

PE1: pronto, e há a Cooperativa Agrícola, todas estas associações dão apoio técnico a estas entidades todas

AL: pagando?

PE1: sim, se sairmos fora do contexto ICN ou Câmaras, tem que se pagar

AL: claro... claro...? É normal...elas existem

PE1: claro. Elas formaram-se... é isso

AL: pois. Disse-me que a ELA é em Braga, eu percebi que a ELA era composta por várias associações/entidades

PE1: a ELA é um organismo criado na altura em que surgiram as ITI, foi criada, digamos assim, por um organismo, que é a ELA, a Estrutura Local de Apoio, que incluía elementos de várias entidades, a Direcção Regional de Recursos Florestais, ..., e que era, digamos assim um organismo que validava, digamos assim, e que de certa forma, davam critério, criteriava, as candidaturas e o interesse e a necessidade de, que não sei se agora ainda está activa ou não, e que era composta por técnicos das associações, movimentos de associações ligadas aos baldios, era do Parque, era da Direcção Geral dos Recursos Florestais, pronto, eram vários técnicos, era composto, aliás a Lúcia fez parte da Estrutura Local de Apoio, o engenheiro Carlos Pinto também, a engenheira Luísa que não sei se já se terá reformado, da Direcção Regional de Agricultura, tem uma serie de técnicos

Germil: PG1

PG1: não, isso nota-se que há um grande interesse em as câmaras, algumas câmaras, e até a nossa também já mostrou interesse há algum tempo atrás de tomarem conta dos baldios portanto

AL: ai foi?

PG1: foi

AL: e também me falaram das Comunidades Intermunicipais (CIM)

PG1: sim, sim, então... quem é que faz parte das CIM?

AL: são as câmaras, pois

PG1: são as câmaras, são elas que estão presentes

AL: e o que é que ia acontecer, o mais provável era acabarem privatizados os baldios não era...

PG1: claro, claro, claro! Claro que... As populações não aceitariam, eu pela minha parte não ia aceitar

AL: claro. E de que maneira é que a Câmara mostrou a sua vontade? Como é que foi?

Propôs-vos qualquer coisa ou isso ou...

PG1: é assim, as Câmaras e a de Ponte da Barca também estava de acordo... através da CIM mostraram-se digamos, interessadas, se os baldios não tinham gestão gerir... a Câmara assumir essa gestão, que as Câmaras assumissem essa gestão. Já se sabe porquê não é. Segundo se ouve, e eu ouvi isto numa reunião que tivemos com a ACEB²⁰ que já aqui vai há 3 anos atrás, até foi em Ponte de Lima

AL: a ACEB... vocês são associados?

PG1: não somos... não somos porque... mais que uma vez lhes pedi para me enviarem uma fichinha para sermos sócios mas, ao Eugénio²¹ e essas coisas todas, mas ele por acaso não, opa, acho que ele... sei lá, acho que houve ali uma altura em que o homem andava um bocado, não sei porquê, um bocado confuso e passou-lhe e nunca chegou a acontecer, mas cheguei a solicitar-lhe isso, verbalmente certo, em conversa, mas nunca chegou a acontecer

AL: então e as vossas candidaturas com a ITI é com a ADRIL? Não...

PG1: não, é com a atlântica

AL: ai, desculpe, eu sabia que já tinha perguntado mas não me recordava da resposta

PG1: mas antes de... porque inicialmente uma engenheira que estava na ACEB, que trabalhava com eles, foi quem nos deu esse projecto que acabámos por ter de abandonar foi iniciado por uma engenheira que trabalhava na ACEB, só que ela depois saiu, foi-se embora, abandonou aquilo, houve ali uns problemas e então eu na altura propus, olhe vamos ser sócios, mas não chegou a se realizar. Entretanto depois viemos a trabalhar com a Atlântica, portanto tornámo-nos sócios etc. mas com a ACEB não.

AL: pois, mas entretanto interrompi-o, estava nessa reunião...

PG1: mas então nessa reunião foi-nos informado que as Câmaras pronto, tinham interesses nisso e que tinham já empresas para... aliás, eu penso que... não sei se é em Ponte de Lima, deixe-me cá ver, acho que é uma empresa... deixe-me ver se me lembro do nome, era para a plantação de eucaliptos, eu acho que até já tinham um terreno em Ponte de Lima, não sei se era um baldio que acho que tinha... mas depois eles acho que abordaram as Câmaras, para ser mais fácil não é, porque é mais difícil entenderem-se com

²⁰ Associação para a Cooperação entre Baldios (ACEB); Viana do Castelo

²¹ Eugénio Vítor, presidente da ACEB

20 do que entenderem-se com a Câmara não é... e que essa empresa que estava a... estava a aliciar as Câmaras para as Câmaras pronto... e também me foi dito, não fui eu que ouvi, mas que aqui há poucos meses atrás, numa reunião da CIM o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima que desvalorizou completamente os presidentes dos CD dos baldios e não sei quê, enfim, pronto, que o que era bom era as Câmaras gerirem, e pronto, e que ainda continua com essa ideia

AL: e queria que essa empresa entrasse na gestão...

PG1: exactamente, eu agora estava a ver se me lembrava do nome pa...

AL: e era para plantação de eucaliptos...

PG1: sim, foi o que nos foi dito

AL: no parque?

PG1: dirigiu-se aos CD, porque ali não era só Parque Nacional. Não sei até que ponto dentro do parque iria depois ser ou não viável, não sei... do parque, da área protegida que agora não há parque

AL: pois... então a vossa relação com as outras instituições, tipo com a Junta, Câmara, em termos de gestão do baldio é...

PG1: sim, não há conflito, digamos... não há conflito

AL: mas também não há cooperação ou qualquer tipo de protocolos...

PG1: não, não, não...

AL: pois... nem com a Junta?

PG1: nem com a Junta

AL: e existe alguma outra associação aqui na aldeia? Já vi em outras aldeias que existe uma associação de desenvolvimento cultural ou social, mesmo dos próprios habitantes...

PG1: não, só a associação de moradores

AL: e esta associação pretende o quê? Defender...

PG1: exactamente, digamos, ...

AL: junto da Junta de Freguesia não? E da Câmara

PG1: e não só propriamente da Junta, e da Câmara e não só, foi criada com essa, com esse propósito não é

AL: e já existe há muito tempo?

PG1: não... talvez dois anos acho eu

AL: sentiram alguma necessidade disso...

PG1: sim, com a extinção das freguesias, a saída das Juntas e etc. achámos que devia haver alguém que defendesse os interesses das pessoas, pronto

AL: a Junta de Freguesia actualmente é qual, a freguesia... é Germil ou...?

PG1: não, a freguesia agora é união de freguesias

AL: que é com quem?

PG1: Entre-Ambos-os-Rios, Ermida e Germil

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: É água que eles apanham aqui na serra e que canalizaram, vai ter à casa das pessoas e tal, mas não é água da rede, não têm qualquer tipo de contrato com outra empresa. Esta água já é utilizada há para aí meio século, segundo ele, só que actualmente vai ter mesmo a casa das pessoas. A água é utilizada metade para o regadio, metade para as casas. É efectuada a desinfecção dos depósitos, o arranjo das condutas, actualmente é obrigatório juntar cloro e eles fazem-no, portanto cloro à água que é de consumo humano, os tais 50% dessa água que é utilizada. Ao restante não porque é para regadio. E portanto quando as pessoas estão cá só uma vez por ano eles fecham os olhos e não cobram às pessoas. Eu perguntei como é que eles conseguiam manter o sistema de água, ou seja, onde é que eles iam buscar o dinheiro que tinham de investir, ao que ele respondeu que sim, que tem de haver de facto um investimento de manutenção das condutas, de manutenção da sanidade da água, e que aí o dinheiro que eles recebem do aluguer de terrenos do baldio à PT, à Renascença, etc., que têm lá instaladas no baldio antenas desde o tempo da ditadura, que mantêm, e para usufruírem do local de trabalho e para chegarem a esses locais pagam, pagam para usar o espaço e pagam pelo uso das servidões. Como ele disse pagam uma portagem para passar o estradão do baldio e pagam um aluguer para usarem o território. E é com este dinheiro que eles conseguem gerir a água. Caso haja um ano em que este dinheiro não é suficiente para gerir a água eles recorrem aos bolsos de cada um, e aí por exemplo cada um dá 10 Euros para manter a água. E é assim, esta questão da água tem trazido muitos conflitos, uma vez que por exemplo a Câmara tem vindo a pressionar no sentido de a freguesia de Lindoso entregar a água. Assim como tem havido pressão das Câmaras para virem gerir os baldios, e o que eles querem, segundo o Sr. Secundino é precisamente a gestão das águas. Porque nestes baldios do parque não se pode ter eólicas, não podem produzir celulose etc. Mas contudo têm boa água e água ainda por cima já gerida e então a Câmara tem vindo a pressionar nesse sentido e tem vindo a tentar também tomar controlo dos baldios. E também pelos fundos comunitários que se conseguem com estes baldios em áreas protegidas, que são ainda bastantes não é, pelo menos até agora têm sido. Portanto há um interesse da parte da Câmara para com os baldios e para com os recursos dos baldios. Como ele diz, as Câmaras estão falidas e portanto o baldio aparece-lhes como uma fonte de receitas bastante interessante. Portanto tem havido alguns conflitos com a Câmara nesta questão de eles gerirem a sua própria água, já vieram cá por em questão 'mas porque é que não aceitam a água da nossa rede' e eles respondem 'se provarem que a água da vossa rede é melhor do que a nossa... tudo bem, aí damos a mão à palmatória', respondeu o Sr. Secundino, presidente da Junta.

Como já referi, antes de haver CD havia reuniões que eram os tais *ajuntos* anuais entre a freguesia e os compartes. Há uma coisa que se verifica nesta freguesia que a destaca e que já vem de há anos e anos atrás que é no colectivo da Junta, ou seja o grupo que está responsável pelo funcionamento da Junta, é tradição nesta freguesia que tenha incluídos uma pessoa de cada lugar, portanto se há uma lista para a Junta essa lista terá que ter necessariamente uma pessoa de Castelo, uma pessoa de Parada e outra de Cidadelhe. Outra parte da tradição é que o presidente da Junta tem de ser do lugar de Castelo, porquê? Porque em tempos, e isto já vem mesmo do tempo do foral, tempos em que o lugar de Castelo chegou a ser sede de concelho e desde então que mantém alguma prioridade, ou alguma importância relativamente aos outros lugares. E portanto cada colectivo da Junta tem de ter como presidente, alguém do lugar de Castelo.

Ele tem uma opinião muito céptica em relação às Câmaras, embora como ele disse, é amigo do presidente da Câmara, são do mesmo partido e tudo o mais, mas não confia nas Câmaras, não confia no trabalho deles, tem muita politiquice. Ele fala sobretudo das Câmaras dos meios rurais, diz que é só políticas, cores, interesses, em vez de garantirem o suprimento das necessidades dos seus munícipes, o que querem é sempre mais e mais poder, no sentido em que querem agarrar mais área, mais domínio, mais controlo, em vez de efectivarem bem aquilo que já têm, na mão.

Pronto, depois volta a falar das Câmaras; que estão super endividadas e que precisam de algum financiamento e então olham para os baldios com um ar 'esfomeado'. E depois como aqui nas zonas de parque a plantação de eucalipto não é permitida, as eólicas também não são permitidas, então querem gerir a água, que é o que Lindoso faz autonomamente.

Enquanto falávamos o Secundino recebeu um telefonema, era uma senhora da aldeia de Castelo que estava completamente desesperada porque a água da fonte da aldeia tinha secado. Segundo disse o Secundino, é uma fonte que flui independentemente do caudal do rio, tem sempre água corrente, e a senhora tinha apanhado o susto da vida dela porque chegou lá e não estava a correr água. No final da nossa conversa fomos lá à fonte e de facto estava a correr um fiozinho de água só. Então ao que parece a água vem de uma nascente que vem de baixo. A água vem através do solo, infiltrada na terra e há uma zona em que cria uma nascente, e é essa nascente que alimenta aquela fonte. E o que acontece é que essa nascente deixou de estar ligada às pipas, não é, à zona de onde saem as "torneiras", então está a água só a vir de baixo, forma assim um turbilhão naquela poça de água ali na fonte, então o que tem de se fazer é ligar a nascente aos tais "canos", vá. E foi isto que aconteceu, a água continua lá, continua a ser fornecida continuamente, contudo não está ligada ao mecanismo que a levaria a sair pela "torneira" da fonte. Mas o engraçado no meio disto tudo foi o ajuntamento das pessoas, foi vindo, uma da esquerda, outra da direita, outra da frente, as pessoas foram-se juntando ali à volta da fonte e desta questão, e tornou-se uma questão enorme. A água de facto tem uma importância gigante para estas pessoas. E é à volta daquela fonte que muita coisa acontece: lavagem da roupa, conversas, buscar água para as casas, embora agora já tenham água que lhes vai dar às casas, mas em tempos não tinham portanto era um ponto fulcral da aldeia e é muito engraçado porque foi um tema completamente polémico, juntou-se ali toda a gente, veio o presidente da Junta, não é, o Secundino, elas ficaram super agradecidas, ele esteve lá e esteve a dar a importância devida à situação, assegurou-lhes que vem uma máquina nos próximos dias tratar-lhes da situação. E pronto, ele todo contente ali no meio daquilo tudo a demonstrar "isto são os

usos e costumes, estás a ver?”. Houve pessoas que quase choravam, houve pessoas que ficaram completamente em pânico perante a possibilidade sequer de aquela fonte ter secado. Porque é uma fonte que acompanha a aldeia desde tempos imemoriais e que lhes dá vida não é? Aquilo até emociona, é impressionante. Havia lá uma senhora que cada vez que relembrava o momento em que viu a fonte seca, caíam-lhe as lágrimas. Mas pronto, parece que foi apenas um susto e foi engraçado ver o presidente da Junta ali em acção. O presidente da Junta é de facto uma figura simbólica de proximidade e que tem mesmo de estar próximo das populações, e está, e apanha com tudo, é preciso ter estofo para aquele cargo, mas ele esteve ao nível (...). Não sei há quanto tempo ele está na Junta mas fiquei curiosa, acredito que será também há 10 anos. Mas pronto, é um rapaz não é, ele era um juvenzinho ali no meio, as outras eram tudo velhotas que estavam super assustadas porque não tinham água e estava lá o Secundino, provavelmente da idade dos filhos delas...

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: já não se fazem vezeiras aqui?

TC1: sim, mas de uma outra forma... nós tínhamos por exemplo ali por cima da aldeia, ali era o celeiro de inverno, ou seja, havia ali uma parcela que... em que era proibido realizar-se o pastoreio e apenas era usado, era permitido fazer-se a... na altura da neve no inverno quando os animais não podiam sair... aquilo era uma reserva de urze que eram cortadas para alimentar... os animais que não podiam sair na altura da neve. Por exemplo esta actividade de definir que... em que dia, quem podia e o que podia cortar para alimentar os seus animais era feito pelo tal juiz, pelo tal conselho da aldeia. Portanto, esta gestão manteve-se enquanto foi necessária à comunidade. Enquanto em Vilarinho se manteve ainda mais algum tempo, aqui foi-se diluindo. Mesmo depois do 25 de abril continua a haver a realização da Junta, mas apenas para tarefas essenciais à vida comunitária

AL: então lá está, quando houve o 25 de abril e deu-se o retorno dos baldios às populações e em que se apelava vá, às populações para se organizarem nos CD e assembleias de compartes...

TC1: aqui já estavam organizados

AL: já havia o conselho da aldeia portanto nunca formalizaram essa instituição

TC1: não, não. Aqui nunca tivemos CD, era o conselho da aldeia, e depois houve uma altura que se criou alguma confusão, logo a seguir ao 25 de Abril, e as Juntas... o poder estava no povo e povo... e as Juntas... pronto, por uma questão de novidade e de revolução e tal... pronto, a Junta passou a gerir durante ali algum tempo transitoriamente em que fazia... mas, digamos, a assembleia continuava a ser os compartes, enquanto que a assembleia de freguesia, tal como é hoje, a assembleia de freguesia trata dos assuntos que têm a ver com as atribuições da Junta, no caso naquilo que era terreno do baldio, era feita a Junta, o tal ajuntamento e participavam... participava toda a gente, participavam os compartes nessa Junta que não era a assembleia de freguesia

AL: sim, sim, sim. Então e isso aconteceu assim até vocês terem criado a associação?
Basicamente foi isso...

TC1: não, depois passou a haver outra vez o conselho da aldeia, voltou a instituir-se o conselho da aldeia, informal, ou melhor sem...

AL: papel

TC1: exacto, e há cerca de 15 anos criou-se a associação de compartes para... por causa de imposições do relacionamento com entidades externas

AL: e chegaram a... desde há 15 anos que começaram a candidatar-se a subsídios?

TC1: não, só nos dois últimos quadros comunitários

AL: ... isto agora só para criar aqui um bocadinho de discussão, também ninguém pega na propriedade particular dessas pessoas e entrega à Junta, também não há essa legitimidade em relação à propriedade privada

TC1: ah, sim, ok, mas eu concordo que se entregue a alguém que possa gerir aquilo, aquele bem comum,

AL: sim, eu também

TC1: até lhe digo mais, às tantas, essas pessoas abandonando, até pode perder para o vizinho, o vizinho pode apropriar-se daquilo, o nosso direito civil permite que ao fim de um dado tempo

AL: usucapião? Mas para isso tem de estar a usar... diga, diga, pensei que estava a falar do usucapião

TC1: sim, usucapião, dos privados não é, se abandona o que é seu e se entretanto o vizinho se apropria daquilo, aquilo passa a ser dele não é, ao fim de...

AL: mas tem de haver um acordo não tem? Entre os proprietários

TC1: não, não tem não

AL: pelo menos eu estive a ler sobre usucapião e

TC1: mas não faz sentido nós desenharmos, entramos agora noutros campos não é, o nosso direito privado já vem do tempo dos romanos não é? E agora os marcianos provavelmente vão influenciar e criar um

AL: os marcianos?

TC1: pois, então...

AL: (RISOS) os próximos...

TC1: tem de haver dinâmicas e esta mobilidade, eventualmente até os migrantes, não faço ideia, enquanto que antigamente ir daqui a Braga, havia barreiras, havia uma barreira grande à mobilidade, havia naturalmente uma tendência à fixação, ao sedentarismo, hoje a sociedade é nómada, não é... portanto, e há uma dinâmica grande... pronto, não entrando por aí... provavelmente há que repensar o direito da propriedade, mesmo individual não é, porque com que direito é que alguém que herdou, que nem quer saber, e vive não sei onde e que tem aquilo ao abandono, e outra pessoa até pode precisar daquilo, porque 'que não há-de poder usar aquilo? Portanto, a mim não me repugna nada que... e desde logo a questão é esta, será que a Junta tem interesse em tomar conta de algo

AL: o meu receio é... o meu receio pessoal, não é, à medida que vou lendo coisas e falando com as pessoas e não quê é precisamente, a Junta não tem interesse então o que é que ela faz? Entrega às empresas e as empresas vão dominar aqui o mundo rural, 2 ou 3 empresas

TC1: mas quem é, mas a Junta de Freguesia, espera, mas nós não confiamos no nosso governo, elegemos e o governo até vende a TAP e faz assim e faz assado, mas se a Junta... eu concordo que haja alguém, uma entidade pública, à falta da iniciativa da comunidade, que haja uma entidade pública a gerir esse bem comum

AL: pois, mas eu acho é que vai deixar de ser rapidamente essa entidade pública a gerir

TC1: faz uma PPP não é?

AL: entrega! Vem a celulose, "ai dava-me mesmo jeito esta areazinha", arrenda ou vende, vende, pode expropriar, passa a ser património da freguesia, o baldio, pelo menos é o que diz na lei

TC1: mas quem escolhe a Junta não é a comunidade?

AL: e quem diz Junta diz Câmara... é, mas como disse, a gente também escolhe o governo e olhe lá o que é que...

TC1: pronto, e até nos enganam não é

AL: pois

TC1: mas ao fim de 4 anos volta outra vez

AL: mas entretanto já está nas mãos das celulosas (RISOS), o baldio, e aí já não há nada a fazer... se houver uma venda não é, e que passa a ser possível a partir do momento em que passa a fazer parte do património privado da Junta, acho eu, eu também não sei tanto assim, passa a ser possível a cedência de área

TC1: mas há mecanismos depois que... atenção que os projectos carecem de planos de utilização pelo menos, básico, não é, o PUB, e o PUB é aprovado pelo ICNF

AL: isto pressupondo que a Junta ia continuar a fazer o mesmo tipo de gestão

TC1: sim, mas portanto não há... a transformação do terreno não é, a transformação do baldio, da propriedade, eu não vejo assim tao fácil

AL: pois, eu também não sei, isto eu digo já num extremo

TC1: então mas isso, a ir por aí os deputados podem fazer uma lei como entenderem não é? Podem acabar com os baldios

AL: e eu acho que é isso que estão a fazer aos bocadinhos. Olhe o exemplo da tal alínea da definição de comparte, também define comparte como qualquer pessoa que esteja a, pessoa ou pessoas não é, que esteja a efectuar uma actividade agroflorestal na área da freguesia, passa a poder votar e a tirar partido do baldio como outro qualquer comparte, e isto para mim já é... não é? Não sei, pelo menos a mim sugere-me muita coisa.... Enfim, não sei, são receios

TC1: às tantas tem mais interesse essa pessoa do que o que é mero eleitor que nem sequer lá poe os pés

AL: pois, exacto, provavelmente sim, eu também...

TC1: se olharmos ali... se a ideia do baldio é para quem vive, explora, aquele território, o eleitor pode não explorar não é... a mim é-me mais simpático essa solução, agora claro, isto devia ser temperado sempre com os usos e costumes, e ser a comunidade local a dizer que é e quem não é

AL: exactamente, não era uma lei feita em Lisboa, é isto que me faz pensar onde é que isto vai parar

TC1: mas a Lei dos Baldios seguramente vai ser revista

AL: já houve uma revisão de alguns pontos agora mas, uma revisão isto é, tornaram mais claros alguns pontos. Por exemplo uma das questões era a extinção do baldio por decisão da Junta, sem ser necessário recurso a tribunal, portanto era a Junta que decidia “ok, isto está abandonado, vamos extinguir este baldio” para passar a ser património da Junta, é assim uma coisa. E agora neste decreto-lei já, lá está, temperaram um bocadinho esta alínea...

TC1: mas a lei anterior permitia que o baldio fosse extinto e passasse a património privativo da Junta, mas na lei anterior previa

AL: mas isso era decidido a nível local

TC1: decidido pela comunidade

AL: pela comunidade, e esta aqui pode ser decidido, tipo a Junta “hmm, acho que este baldio aqui está abandonado”, pelo que dizia lá, agora já veio a ser refinada essa alínea, não precisava de recorrer a qualquer instância... superior, vá, em termos de justiça e, está abandonado pronto. Agora já não, agora já vem especificado o tipo de provas que têm de ser dadas para decidir que aquilo está abandonado e assim, mas lá está, se não tivesse havido essa movimentação se calhar ficava assim, super falta de clareza associada e a Junta tinha quase toda a liberdade para decidir o que é que é abandonado e o que não é... enfim

TC1: eu não entendo porque é que se está a por agora o odioso na Junta (RISOS)

AL: não, não é na Junta, aliás muitos dos compartes são os presidentes da Junta

TC1: mas é isso que eu não entendo, eu participei em muitas discussões e sessões sobre a revisão da lei e por aí fora, e eu ficava espantado, mas está-se a falar de quem carago?!

AL: parece que se está a falar de um demónio (RISOS)

TC1: e depois ainda por cima temperado lá com aquela prisão na semana anterior do Sócrates... parece que estamos a... isto é a nossa realidade carago, estamos agora a por diabo, este, aquele não é...

AL: sim, sim, sim, sem dúvida, quando falo disto já estou a falar de um caso extremo que pode ser realmente... ou seja, abrem-se portas, é um facto, agora claro que depende de quem é que está na Junta, de quem é que está na Câmara, como é que a coisa é gerida, em quem é que a gente vota

TC1: e eu não creio que seja, aliás hoje há mecanismos, sempre houve mas pronto, mas hoje são mais fáceis de activar e ... porque as... não se interpõem providencias cautelares contra tudo e mais alguma coisa não é, o exemplo da TAP não é, alguém fora da empresa... da administração da empresa e do governo entendeu que devia interpor uma providencia cautelar para impedir que a TAP fosse vendida... mas na comunidade, se se sentir alguma ameaça a lei tem mecanismos, e não era preciso refinar porque a lei prevê mecanismos para que as pessoas defendam o interesse comum, então agora de facto o problema é “o que é o interesse comum”? Mas isso já é outra questão

AL: e vocês têm uma boa relação com a Junta e com a Câmara

TC1: ah, sim, sim

AL: e não há cooperação?

TC1: há! Dia 22 vou ter uma reunião com o presidente da Câmara e um dos temas é a reparação aí de caminhos, e no próximo PDR vamos articular que, como os baldios se podem candidatar dentro do plano de protecção, de gestão e protecção da floresta contra incêndios, vamos ver que caminhos é que vamos requalificar para... termos um melhor acesso e isto vai ser articulado com a Junta e com a Câmara Municipal de maneira que, nós fazemos o trabalho de... esta intervenção mas depois vai carecer de manutenção, e eles vão ter de assumir

Covide: TCo1

AL: a questão do conflito actual é o quê?

TCo1: o conflito actual é porque há aqui meia dúzia de moradores de Covide que se automearam uma comissão de consortes e pediram... e a Junta não reconheceu. Pronto, porque era a Junta que tratava desse assunto, não é... a Junta sempre com o povo não é, quando era para fazer alguma coisa fazia um anúncio público

AL: mas mesmo... só para eu perceber, mesmo depois de serem aforados a Junta continuou a gerir aquilo?

TCo1: continuou

AL: isso é que eu não percebo, mas aquilo não passou a ser particular, quase?

TCo1: e é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir, porque para gerir isto tem que haver uma comissão qualquer, porque senão quem é que o ia gerir, porque isto está tudo em comum

AL: hmm, ok. Então não percebo é para que é que serve o aforamento, se continua a ser feita em comum a gestão, para que é que serve a divisão da propriedade, ou a divisão do baldio em partes? Só para eu perceber melhor...

TCo1: mas nós não temos baldio

AL: ou a divisão do monte, nesse caso

TCo1: mas a divisão do monte não... aqui neste momento não está feita divisão nenhuma

AL: então o que é que são estas pessoas...

TCo1: estas pessoas são os proprietários daquela altura, portanto, são os proprietários do monte. Embora sejam proprietários, mas está tudo em comum

AL: ok (RISOS)

TCo1: porque por exemplo, isto é fácil de compreender, por exemplo estas pessoas eram os proprietários que estavam cá, digamos eram os residentes de cá... porque se agora... ao contrário do baldio, se vier uma pessoa que chegue aqui ao fim de 6 meses ou não sei quê, tem direito, o baldio é global, é para todos não é. Mas se chegar aqui uma pessoa que não seja, ou que não tivesse aqui um familiar qualquer que fizesse parte destas pessoas, não tem monte, não é proprietário.

AL: ok, então vamos dizer, o monte foi entregue a x famílias e essas famílias gerem o monte em comum, entre elas...

TCo1: entre elas

AL: ok

TCo1: e normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público

AL: e as receitas vão para onde? Neste caso...

TCo1: as receitas antigamente iam... há uma parte, do que me lembro, por exemplo... há uma parte... por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre. Outra parte que deram... que se vendeu, deu-se a essa dita comissão, porque há uma comissão que quando se formou... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque... Se o serviço é tratado pela Junta, a Junta tem direito, por exemplo se entrou um cheque, uma vez um de 2400 Euros aqui, em

2005 ou qualquer coisa, de dinheiros que foi feita em público... mas a Junta da altura entregou a essa comissão porque eles dizem que a comissão tinha feito aqui há uns anos, que era para vender um saibro, tentou-se aí vender um saibro e depois não se conseguiu, e essa comissão pronto, dizem que tem esse direito. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro, porque a Junta não pode. Porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro, que era sete mil e qualquer coisa Euros. E a Junta disse que não dava dinheiro a particulares porque não podia, e portanto logo que eles se legalizassem entregavam o dinheiro à comissão. Eles... a questão está em tribunal e ainda está, eles dizem que estão legalizados, mas o tribunal diz que não. O tribunal só lhe dá razão em que eles podem pedir as contas, porque as contas qualquer pessoa pode pedir não é. Portanto a Junta neste momento foi condenada a apresentar-lhes as contas

AL: da venda?

TCo1: da venda e de tudo, porque a Junta não pode ter duas contas. Uma representação do estado não pode ter duas contas. Uma Junta ou uma Câmara não pode ter sacos azuis etc., isso ia dar muita chatice. Apresentaram as contas da Junta todas onde está incluída essa receita e essas despesas. Só que eles dizem que querem aquilo mais explicado, só querem saber... o tribunal diz que só quer saber daquilo que diz respeito ao monte. Mas pronto... todas as contas da Junta estão neste processo, nós não podemos... agora podemos é ir lá explicar onde é que elas estão, agora não podemos fazer contas à parte, porque isso a Junta não pode ter sacos azuis, não pode, nem nenhuma Junta não é

AL: então o processo está agora que a tal comissão de compartes, ou comissão de consortes

TCo1: sim, mas ela foi eleita mas ela nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita

AL: mas vai ser, é isso? Eles estão a tratar disso?

TCo1: eles já trataram e agora eles dizem que estão, mas a questão foi que o tribunal, mas não chegou sequer a

AL: ainda não saiu o veredicto

TCo1: não, a questão em tribunal já saiu, houve um processo em tribunal em que eles

AL: perderam?

TCo1: não, o tribunal condenou-os a dar-lhes as contas

AL: ah

TCo1: mas o tribunal [*levanta-se e vai buscar qualquer documento de que se lembrou*]

AL: e essa comissão é formada pelas famílias que receberam os aforamentos, é isso?

TCo1: é, era, algumas, é meia dúzia, mas ali são centenas delas, e aí eram centenas delas, hoje são... se ali eram 30 e tal hoje são 50 e tal ou cento e tal, porque cada familiar depois... porque se os meus pais têm um terreno depois é dividido pelos irmãos

AL: claro, claro, claro, e pelas famílias deles que entretanto se formam

TCo1: e pelas famílias deles, portanto hoje em Covide há muita gente que tem, todas aquelas famílias [está a ver a coisa que eles fizeram... que era a comissão era isto, eles fizeram essa comissão em 2000 e tal, olhe isto não está legal por várias razões não é, porquê... por várias razões que eles não podiam

AL: ah, aquela questão da saibreira

TCo1: pois, essa questão... foi quando eles dizem que a comissão estava eleita nessa altura, mas mesmo nessa altura ela não foi eleita, foi meia dúzia que se juntaram e pronto, passou

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [*referindo-me a um papel que estou a ler*]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: E a Câmara tem alguma intervenção ou alguma... há alguma relação com a Câmara na gestão aqui do vosso monte?

TCo1: não.

AL: não há qualquer tipo de

TCo1: não, então, isto é uma propriedade particular, é como qualquer propriedade, é como esta cadeira, é minha

AL: mas não há protocolos, sei lá, qualquer coisa que a Câmara lhe interessasse dali do monte e vos ajudasse também de alguma forma

TCo1: não, não, não há nada. O monte é como eu digo, é

AL: e vocês já alguma vez fizeram alguma plantação no monte ou pretendem fazer alguma plantação

TCo1: ora bem, houve ali uma altura em que o Parque fez ali uma plantaçãozinha ali em Lamas onde vai lá passar, mas aquilo não deu nada, não é

AL: e o pessoal que gere, neste caso a Junta, nunca tentou investir na floresta?

TCo1: não. Nós ainda há dias a Junta arranjou meia dúzia de pessoas e fomos a Lamas plantar. A Junta pagou as árvores, nos currais, em especial nos currais, para fazer sombra aos animais, a Junta passou as árvores e um número de moradores foram lá plantar. Mas isto estou-me a referir a meia dúzia, 10-20 árvores, não é, não é uma plantação...

AL: é a Junta que está a gerir o monte não é? Mas é com o conhecimento das pessoas... como é que é? Com o conhecimento de todas as pessoas das aldeias

TCo1: não, não é com o conhecimento nenhum, a Junta quando aparece um problema é que... como por exemplo agora, quando aconteceu a distribuição dos hectares de terreno para os agricultores. Portanto, a Junta fez uma reunião com a freguesia e perguntou-lhes se quer que seja a Junta a tratar do assunto

AL: fez uma reunião com a freguesia... ah, com a freguesia mesmo, fez uma reunião com a assembleia?

TCo1: com a freguesia toda, fez-se um edital e quem quiser aparece, quando há uma reunião na freguesia faz-se um edital e avisa-se os compartes, quem quiser aparece, quem não quiser não aparece

AL: claro

TCo1: fez-se uma reunião com a freguesia

AL: e eles quiseram que fosse a Junta?

TCo1: e eles, claro, portanto a Junta tomou a iniciativa e fez a partilha [*lê o documento, creio que o edital dessa reunião*] “ordem de trabalhos, análises relacionadas com os montes; analisar a decisão do tribunal da [*? não se entende*] que dá o monte do Castelo como baldio

Porque houve aqui uma questão aqui entre um particular, houve uma questão de um particular... por exemplo, aqui a construção faz-se no monte, os moradores chegam aí, pedem à freguesia e fazem uma construção no monte, esta casa não é, mas se vir aí essas casas é tudo feito no monte. E houve uma questão de dois particulares que por causa de um terreno do monte. E depois um advogado que foi mais esperto que o outro, porque meteu aquele bocadinho de terreno como baldio, e ganhou a questão porque no terreno baldio não pode ser cedido a ninguém não é

AL: mas eles os dois queriam o mesmo espaço é isso?

TCo1: sim

AL: os dois particulares queriam o mesmo espaço para construir

TCo1: para construir. E depois houve ali uma questão que, quer dizer, um perdeu porque o outro, o tribunal decidiu que de acordo com a lei dos baldios não sei quê, não sei quê, não pode ser cedido o terreno

AL: então mas assim o cliente dele também não ficou com esse terreno... no sentido em que se esse não pode construir, nem um nem o outro

TCo1: não. Nem um nem outro, pois não ficava nenhum

AL: então ninguém ganhou...

TCo1: ninguém... não, ganhou o outro porque já lá tinha feito despesas e isso e fazia lá construção e já tinha o princípio da construção e tudo, portanto perdeu, e perdeu as custas do tribunal não é. Só que ganhar ninguém ganhou porque

AL: então no final ninguém construiu

TCo1: não

AL: e porque é que o outro ficou contente que o outro saísse (RISOS)

TCo1: é as tais embirrações. Quando as pessoas se embirram e depois se eles se entendessem... se eles não fossem para tribunal entendiam-se sem ir para tribunal. Foram para tribunal acabaram por perder os dois. Quer dizer o que perdeu tem de pagar custas e tudo o mais, o outro não perdeu se calhar nada, não sei, foi só

AL: mas eles nunca tinham chegado a fazer pedido de autorização à Junta? Para construir...

TCo1: um tinha

AL: aquele que já tinha construído qualquer coisa?

TCo1: sim... mas a Junta... quer dizer, a Junta, é um documento que a Junta dá, ou não é a Junta que dá. Aqui quando quer construir uma casa pede... vou pelas portas dos moradores e diz assim “eu, fulano tal queria construir uma casa no local tal. E aqui a freguesia em princípio dá-lhe 1000 m2. E depois, e aquilo servia como documento, aqui para... interior, para a freguesia, porque a nível de ... para mais nada não serve. E servia também para a Câmara lhe passar uma licença, porque... coisa que ela actualmente não passa porque aquele documento não é válido, quer dizer, aquele documento não é documento da freguesia, não pode, não é válido, aquilo se quiser registar aquilo... aquele terreno... as pessoas dão-lhe o terreno e ele vai com aquele documento à Câmara, primeiro ia, agora já nem isso acontece, porque a Câmara é obrigada a redigir o documento de terreno e aquele documento do terreno não é válido, é um documento interno mas mais nada. Porque aquilo basta haver um que o conteste. Por exemplo, há aqui 100 pessoas que acham que deve, mas depois há um emigrante ou uma coisa qualquer que acha que não deu, ora não temos nada que dar aquilo que é meu, ele é proprietário na mesma

AL: pois, era isso que eu ia perguntar, se os proprietários não têm nada a dizer, se é só a Junta

TCo1: não, a Junta não dá nada, tem de ir aos proprietários e depois a Junta só confirma no fim, confirma que estes são moradores ou herdeiros do monte de Covide, mais nada... não, a Junta não dá nada, porque a Junta não pode dar, a Junta não pode dar uma coisa que não é dela

Ermida: TE1

TE1: ah, nem é boa nem é fraca, nós só precisamos de uns pareceres de vez em quando, quando precisamos de fazer alguma coisa que temos que lhes pedir e mais nada

AL: não há nenhuma cooperação...?

TE1: não, a não ser nos trilhos também, nós estamos em conjunto, mas os trilhos, só temos isso que foi trabalhado em conjunto com eles. Vamos fazer outro ali em baixo também, está a ser tratado connosco, com a associação e com eles, e pronto, é só isso. Eles dinheiro não nos dão porque não têm, ainda há tempos fui lá pedir umas manilhas para fazer uns aquedutos e ele começou a dizer “temos aí umas candidaturas próximo e tal, vamos fazer umas candidaturas para essas coisas”, não vão fazer coisa nenhuma, foi só... e ainda que faça as candidaturas depois o dinheiro vai para outros lados, estás a perceber?

AL: sim. e não há vontade da Câmara de começar a gerir isto aqui?

TE1: vontade até haveria não é, mas nós... isto aqui quem manda aqui somos nós

AL: mas nunca demonstraram isso, essa vontade?

TE1: não, não, ou até nem haverá, não sei... não faço a mínima ideia, isso nunca foi posto em causa

AL: e a Junta também não há esse tipo de...

TE1: não, também não há esse tipo de interesse, pelo menos pelas conversas que tenho tido...

TE1: é... eles também coitados também não têm dinheiro, não têm nada para nos dar

AL: pois... e vocês alguma vez colaboram com a Junta ou fazem qualquer coisa...

TE1: já aconteceu, fizemos uma... uma brita, uma calçada, e eles deram a pedra, nós pagámos a mão-de-obra

AL: na Ermida?

TE1: sim... isto ao fim e ao cabo esteve nas mãos destas pessoas 30 anos, mas isto, durante 30 anos fizeram-se aí muitos caminhos, que se tivessem de ser feitos hoje deus me livre, era... não é? Esses caminhos se fossem feitos hoje era um balúrdio

AL: sim... mas foram feitos pelos CD? Pelo CD...

TE1: sim, sim, e isso tudo pronto, está visível hoje, uns bem feitos, uns mal feitos, mas quem fez mais fomos até nós já...

AL: pois. Portanto a Junta nunca chegou propriamente a gerir isto, se em 1920 entregou

TE1: não, não, não. Aqui a Junta nunca nos disse nada, nem ninguém

AL: e desde o ano em que se deu o foral, ou como se diz

TE1: é... foi entregue às populações

AL: pronto, a partir daí nunca mais se deu aqui...

TE1: não, não, com a Junta e com a Câmara nada...

AL: aqui nunca houve sobreposição entre o presidente da Junta e o presidente do CD?

TE1: nunca houve atrito nenhum

AL: e mesmo ser a mesma pessoa... por acaso o presidente da Junta também fazer parte do CD

TE1: é assim, pode acontecer no Vilar da Veiga, agora

AL: ah, pois, porque a freguesia é de lá

TE1: agora ser um presidente da Junta de Freguesia da Ermida é difícil de acontecer, é difícil porque na Ermida tem poucas pessoas a apoiar, não é, imagina, eu se me candidatasse por um partido qualquer a presidente da Junta perdia, porque só apoiariam algumas pessoas da Ermida, não é, ninguém me conhece assim como a uma pessoa de vilar da Veiga

AL: pois, mas é União de Freguesias não é? ... Ah, os GIPS, era isto que estavas a dizer...

TE1: pois, era isto que eu te dizia

AL: pois, é GNR é, está lá por baixo também GNR... É união de freguesias de Vilar da Veiga, Ermida e... qual é que falta?

TE1: não, aqui não houve união de freguesias, nós ficámos como éramos

AL: ah, sempre foi assim então, vilar da Veiga, Ermida e... e quê?

TE1: e Gerês

AL: e Gerês, exactamente

TE1: era assim e ficámos assim

AL: então mas e depois... claro que podia haver uma lista com pessoal da Ermida

TE1: e há, normalmente para as eleições da Junta há, mas é em 3º lugar, vai-se ter sempre um elemento, agora dificilmente vai-se ter um elemento da Ermida em primeiro lugar, porque à partida perdia

AL: é mais pequena também a Ermida?

TE1: sim, sim. À partida perdia pelo número de apoiantes que teria

Rio Caldo: TR1

AL: e qual é que é então a vossa relação com o ICNF, qual é a vossa perspectiva perante a presença deles, a actuação deles e o trabalho deles... actualmente?

TR1: para já não tenho muito que dizer, eles têm... por exemplo, agora com o engenheiro, é uma pessoa mais assídua e que está aí sempre

AL: qual engenheiro?

TR1: o Tomás... que é uma pessoa excelente, está sempre aberto a diálogo e pronto para ajudar no que fizer falta na especialidade dele, que eles também claro, que isto também não está... isto não está nada fácil não é?

AL: pois, não deve estar

TR1: até para eles, até para eles, essas... é só cortes em cima de cortes, como é que os homens... eles às vezes não têm gasóleo para ir ali, não têm gasóleo para ir acolá, também tem, a gente também tem que compreender, mas tenho boas relações com eles, não tenho nada que lhes aponte

AL: o engenheiro Tomás está aonde?

TR1: está aqui no Gerês

AL: ai, ele está mesmo aqui estabelecido

TR1: está

AL: e estará lá ao pé do Vidoeiro, não?

S. está no Vidoeiro

AL: ah, tenho que ir lá, está bem

TR1: o engenheiro Tomás está no Vidoeiro. É o engenheiro do Parque Nacional, e agora é tudo, agora não há Parque Nacional, é o ICNF, que engloba o Parque Nacional e aqui o perímetro da Abadia. Dantes era o engenheiro Silvino e agora ficou ele que é o que faz a cogestão do perímetro da Abadia

AL: o perímetro da Abadia só apanha o vosso baldio ou apanha outros baldios?

TR1: apanha outros baldios. Apanha o baldio de Vilarinho, Valdosende, e depois apanha também outras partes dacolá, Santa Maria de Bouro

AL: Mas pronto, por mim pode ser hoje porque assim já fica...

TR1: resolvido. Já lá vai ter uma acta da tomada de posse da Junta de Freguesia, que foi a votação, 200 e tal votos

AL: foi a tomada de posse do baldio

TR1: aquilo foi lá, houve 2 ou 3 reuniões, nessa acta diz

AL: mas você acha que a gestão é melhor através do povo ou através da Junta?

TR1: eu acho que nem, eu acho que isto havia de estar tudo na mão da Junta, ano tem jeito nenhum

AL: já está não é?

TR1: isto a maior parte não é, a maior parte dos baldios não são organizados. Eu não digo aqui... na Junta a gente tem de apresentar contas. Onde se engloba tudo, onde as contas vão para o tribunal de contas, que tem de estar tudo legal não é, não podemos andar aí a... eu sou apologista de que só prejudica, há divisões nos lugares, por exemplo Vilar da Veiga é... as pessoas nunca estão contentes, que eu veja ali aquela divisão é tudo a mesma freguesia, embora sempre foi assim. Vilar da Veiga, é uma freguesia enorme onde engloba o Lugar da Ermida, onde tem o baldio e as partes do Gerês não ficaram prejudicadas porque não têm baldio

AL: não têm não é

TR1: não, já reparou? A freguesia é toda a mesma, uns têm umas coisas e outros não têm nada. Na adega do Ramalho para baixo não há baldio, para cima não há baldio

AL: mas está na mão de Vilar da Veiga ou não há simplesmente?

TR1: não há, os da Vila do Gerês não têm baldio

AL: nunca tiveram?

TR1: nunca tiveram

AL: ok... onde é que eles iam pastorear?

TR1: iam pastorear lá para as serras lá para cima que é um baldio que só tem direito a pastoreio, é como nos aqui, também temos área lá. Nós temos área lá, que o gado vai daqui em Maio, que temos a subida da vezeira em Maio, dia 15, este ano foi ao dia 17, é uma coisa muito bonita também

AL: pois, acredito... de maio?

S. de maio. Fazem aqui a festa ao cimo da subida, eles até são bastante [*? Não se entende*], que é a associação Lírrio do Gerês, que junta depois o gado vêm aqui a Rio Caldo, combinam com as pessoas e fazem a subida

AL: como é que se chama a associação?

TR1: o Lírrio do Gerês. Quem era o presidente era o Miguel que trabalha na Câmara, agora já nem sei como é que está isso, e fazem uma festa ali da subida da vezeira muito engraçada e muito bonita aqui para a região, vai o gado por ali fora, pela estrada fora

AL: e vai gado o quê? Desta região toda?

TR1: de Rio Caldo e de Vilar da Veiga. São sempre cento e tal cabeças de gado

AL: e do Gerês também não?

TR1: do Gerês há pouco

AL: mas também vai nessa...

TR1: vai, vai tudo junto. Aqueles que... há pessoas que não... há vezeiros, porque aquilo é uma associação de vezeiros, que aderem a isso, outros não, outros levam eles

AL: o Lírrio do Gerês

TR1: sim, a associação

AL: que é uma associação de vezeiros

TR1: não é uma associação de vezeiros, é uma associação desportiva que faz esse evento

AL: então mas tinha dito que era uma associação de vezeiros

TR1: a associação de vezeiros... são duas associações... nós temos uma aqui em Rio Caldo que é a associação de vezeiros e outra em Vilar da Veiga, que eles têm os prados lá que se juntam e depois guardam o gado o ano todo lá, todo o ano... de maio a outubro, em outubro o gado desce, está a perceber? Nesta altura de maio a outubro, o gado agora em outubro, agora no final do mês desce para baixo

AL: descem para os currais da

TR1: não, descem para cá para casa

AL: pois, eu chamei curral mas não é curral... vêm para as cortas não é?

TR1: eles agora estão nos currais

AL: pois. Está bem uma associação de vezeiros, não tinha ouvido falar

TR1: há duas associações, uma é de Vilar da Veiga outra é de Rio Caldo

AL: está bem... e faz parte de alguma? Não...

TR1: não, não. Eu não preciso, não tenho gado... mas há pessoas que são vezeiros e que não têm gado. Gostam de ir e vão para guardar, ou vão para limpar os caminhos quando é na altura em Abril, tira-se sempre um fim-de-semana em que vão limpar os caminhos para passar o gado e para passar as pessoas

AL: estava só a dizer que a relação da gestão com a Câmara, disse-me que eles não colaboram muito

TR1: opa eles gostam... chega-se a... quando se faz o plano dos incêndios lá com a protecção civil e essas coisas todas é tudo uma maravilha, só que depois em termos concretos não é nada o que se fala lá porque... embora a nossa freguesia não tem com que se queixar porque tem... os bombeiros vão e muitos dos lados, de muitas freguesias, não fazem nada disso, nem limpam caminhos, nem a Câmara havia de se intrometer nisso, se o baldio não faz eles é que haviam de fazer porque quando não há condições aparece aí o incêndio que começa de coiso, se começa e não há meios e se os caminhos não estão em condições de as pessoas irem lá apagar, como é que podem apagar um incêndio daqueles? Não podem. Poem-se na estrada a vê-lo a arder. Não vão por em risco a segurança do pessoal por causa dessas coisas. Havia de ser mais activa. Por exemplo a protecção civil havia de em termos de... fiscalizar quando está um caminho impraticável de se passar tem de se arranjar. Se o baldio não tiver possibilidades a Câmara que o faça, porque senão nós daqui a pouco arde-nos tudo. Nós aqui temos tudo controlado graças a deus, temos a equipa de sapadores, temos uma máquina retroescavadora que a comprámos logo no primeiro mandato que tivemos e que nos vai fazendo as coisas, porque se fosse a apagar deus me livre.

AL: e quem é que faz? Quem é que maneja a máquina?

TR1: temos um dos sapadores.

AL: e por exemplo, agora estou aqui a pensar, vocês recebem bastante menos em termos de ITI só por serem Junta. Só por isso não valeria a pena serem CD em vez de Junta?

TR1: já pensámos nisso, mas depois há ali uma confusão tamanha... isto... não sei, não faço ideia. Já pensamos nisso, até já pensámos fazer englobado entre assembleia da Junta e a coisa mas isto agora também houve alteração, vamos ver

AL: ah, por causa dos apoios

TR1: dos apoios, vamos ver se vale a pena se não vale. Até aqui ainda não nos metemos nisso porque isso dá uma trabalhadeira enorme, as Juntas já dão muito trabalho, os baldios então, deus me livre

AL: pois, pois. Por outro lado até era bom nesse aspecto, estou eu a dizer que não percebo nada do assunto

TR1: em termos financeiros

AL: em termos financeiros e se calhar em termos de gestão porque ao menos eram dois corpos diferentes e geriam, bom, não sei, estava há bocado a dizer que acha que era melhor ser gerido pela Junta não é?

TR1: acho, acho porque as coisas tornam-se mais transparentes, que eu não digo que nos baldios não seja, aqueles que são organizados. Mas em tempos não estavam nada organizados, agora não sei, em tempos era uma miséria autentica... era uma miséria autentica e... coisas muito graves que... sabe que o dinheiro, o dinheiro transforma as pessoas e o dinheiro fácil e... e às vezes, há CD que só trabalha uma pessoa de resto só estão para ali a encher... nem reuniões, nada. Então o d Ermida nem... o da Ermida só agora é que tem, porque nem reuniões faziam, nem reuniões faziam... isso é grave, devemos estar dentro da Lei, o máximo dentro da Lei porque isto não está nada, porque da maneira que as pessoas apertam, da maneira que isto está... e acho bem que as pessoas sejam responsabilizadas pelos actos que cometem

AL: claro, claro. Vocês como é que fazem, as reuniões são só de compartes ou... ou seja, as reuniões de freguesia são reuniões de baldio, são reuniões de quê?

TR1: fazemos tudo, quando é reunião de algum problema do baldio vem toda a gente, quando é Junta e assembleia

AL: sim, mas chama-se o quê? Assembleia de freguesia? Assembleia de compartes? Por exemplo, quando fazem o edital...

TR1: faço Assembleia de Compartes da freguesia, não faço do lugar, faço da freguesia inteira

AL: ok... e há alguma assiduidade da parte das pessoas?

TR1: ninguém aparece

AL: pois

TR1: ninguém aparece. Um ou outro ou por vezes para resolver algum problema de alguma agua ou de algum fulano que está a explorar uma água sem coiso, se pusermos não há quem...por isso é que lhe digo, não há quem se mexa, aqui é uma freguesia que não é muito... como é que lhe digo, não é muito unida, está a perceber? Nós temos um problema grave nos baldios porque cada um é ... não é só aqui nesta freguesia é em todos os baldios, onde estiver um proprietário que tenha um terreno encostado ao baldio dificilmente não roubam terreno ao baldio, isto acontece em Vilar da Veiga acontece em todo o lado do mundo. Se a gente... nós ultimamente aí com alguns compartes que têm terrenos à beira, e alguns que lhes foi cedido terreno para construir, que agora não é possível que agora não há legislação não há lei que.... Nós se quisermos dar um terreno a um pobre para fazer uma casa não há lei para isso, não podemos dar

AL: mas acho que é só se for construções que interessem a toda a comunidade

TR1: só se fizermos um...

AL: se tiver colada ao baldio essa zona

TR1: não, não é possível, o terreno baldio não pode ser dado, não pode ser registado como usucapião, não pode ser nada. Você não tem terreno legal, a única coisa que pode fazer é um projecto onde... mas também não vejo lei que, segundo isso, é uma lei que não está ali ainda bem explícita

AL: mas há lá uma alínea que permite fazer construções em terrenos contíguos ao baldio, caso haja consenso a nível dos compartes e caso seja, ou para expansão da área urbana ou para construções que interessem à gestão

TR1: mas agora para resolver um problema, porque as pessoas é assim, porque as pessoas vão por ai fora e onde puderem apanhar apanham. Nós agora em certas zonas já fizemos um caminho em toda a volta com a máquina, dali para cima já não passam, porque onde não há um caminho as pessoas [*? Não se entende*], é só fazer...

AL: pois

TR1: porque ninguém se quis chatear em tempos e agora vou-me eu chatear porque, as pessoas já estão ali há 15-20 anos, essas coisas, e agora o que é que eu vou fazer? Andar em desacato com as pessoas se as outras pessoas não fizeram o dever delas? Agora não sou eu... agora remedeio em partes. Fizemos marcos, falámos com as pessoas “até onde é seu? É até aqui?” Fizemos uma divisória para parar por ali senão deus me livre

AL: isso em todas as povoações fizeram isso?

TR1: em algumas... em algumas que estavam mais em zonas críticas

AL: nesse aspecto, vou pensando À medida que vai falando, não era interessante nesse aspecto ter um CD em cada povoação no sentido em que há essa proximidade e

TR1: as pessoas aqui não se interessam muito por isto

AL: pelo baldio?

TR1: pelo baldio. Aqui se não fosse a Junta estava tudo abandonado por aí, está a perceber? Porque as pessoas aqui na freguesia não são muito... deixam andar, são pessoas muito pacatas que não se interessam

AL: mas usam-no... ou não?

TR1: usam aqueles que usam. Aqueles que mais usam são aqueles que moram lá à beira, ou vão buscar lenha ali ou acolá, pessoas daqui de baixo, nem se interessam por isso. Antigamente interessavam-se porquê? Porque não havia mais nada, está a perceber? E havia muito gado, muitas coisas, e então você ia e você não via uma vegetação, estava tudo comido por aí fora, agora desde que veio este...

AL: Na sua opinião a gestão dos baldios, se calhar na altura não tomava tanta atenção a estas questões mas não importa, estão melhor na mão da Junta ou dos CD de cada aldeia?

S2: uuuh, é assim, do ponto de vista da Junta a Junta estaria melhor sem os baldios, por um aspecto, estaria melhor porque digamos que, sei lá, 70 a 80% por vezes dos problemas que a Junta tem para resolver estão relacionados com baldios, nomeadamente com conflitos com baldios e particulares, pessoas que se tentam apoderar de terrenos do baldio, e essa treta toda, pronto, é uma dor de cabeça para nós

AL: claro

S2: por outro lado tem outro aspecto positivo que, pronto, constitui uma fonte de receita para a Junta também e se calhar também, digamos, é provável que esteja melhor sob a alçada da Junta porque sempre é uma entidade digamos, uma entidade pública e uma entidade que não vai deixar de existir digamos assim, porque os baldios ora existe ora não existe, depois... eu sei que existem sempre muitos conflitos mesmo entre os próprios compartes e essa treta toda e digamos que, pronto, a comissão de baldios existe em várias freguesias, digamos que é uma entidade solida, pronto... mas por aquilo que tive conhecimento aqui da Junta de Rio Caldo, pronto, nem sempre, ora existia ora não existia, quer dizer, e depois não havia ali uma gestão concreta, digamos assim, dos recursos e se calhar a Junta terá mais oportunidade de estar mais por dentro nomeadamente desses projectos e... pronto, eu acho que sob a alçada da Junta está melhor, é a minha opinião, não sei, posso estar enganado, mas pronto

AL: o que é que se considera? Considera-se que o baldio faz parte do património privado da freguesia ou continua a fazer parte

TR1: os baldios estão todos registados em nome da Junta

S2: neste momento pronto, os baldios são da comissão dos compartes, que neste momento a sua gestão está cedida à Junta, portanto, nós somos os gestores, porque aqui há uns anos a comissão de baldios reuniu

TR1: eu já lhe dei uma acta

S2: pronto, e foi decidido entregar a gestão à Junta pronto, e desde então a Junta tem gerido não é

AL: portanto, continua, digamos assim, se formos falar de... posse, não sei se será a palavra certa aqui, continua digamos a ser dos compartes

S2: dos compartes, exactamente

AL: mas eles não ganham, a partir de "agora" a receita é da Junta tudo é da Junta

S2: até porque, actualmente isso não se verifica, mas verificou-se já... tem-se vindo a verificar, no nosso mandato acho que nunca se verificou isso, por exemplo, quando havia aí um pobre, pronto, que queria construir aí uma casinha em terreno baldio, que isso aí

não existe, porque o terreno baldio não se pode vender, não se pode ceder, pronto, isso não existe. Mas aquilo que eu tenho conhecimento de Juntas anteriores, o que faziam... porque a Junta não manda no baldio, a Junta fazia um... digamos, um abaixo-assinado ou uma pessoa fazia um abaixo-assinado, e tinha que ir a todos os compartes, e todos os compartes tinham que

TR1: daquele lugar

S2: daquele lugar, tinham que aceitar a dizer “sim senhora concordo que se ceda esse pedacinho de terreno para tu fazeres uma casinha” e tinha que pronto, a pessoa não ter terreno, não ter terreno, não ter.... pronto, ser uma pessoa mesmo sem posses não é, e na altura funcionava assim. Portanto, isso mais uma vez vem a comprovar que a Junta não tem poder sobre esse terreno mas sim os compartes. Eles faziam isso, andavam com esse abaixo-assinado aos compartes daquele lugar e as pessoas é que autorizavam “sim senhor, concordamos” e então assinavam aquilo e a entregavam aquilo na Junta, faziam uma acta sobre isso e era assim que funcionava, passado 20 anos aquilo era registado por usucapião e estava resolvido o problema

AL: mas agora não pode pois não?

S2: agora não.

AL: e acho que antes também não mas era o que acontecia

S2: o que diz a Lei é que ainda hoje em dia aquele terreno comprovando-se que é de facto baldio pode ir lá e pode...tem que restituir aquele terreno. É óbvio que a Junta não está aqui para fazer isso nem... pelo menos no nosso mandato não tencionamos fazer isso

TR1: no nosso tempo não houve nada disso

S2: mas nos outros, porque há aí muita coisa

AL: mas a Lei, era o que eu estava a dizer ao Senhor Serafim, a Lei continua a permitir, pelo que eu me lembro, a construção em áreas anexas, anexas não, limítrofes com o baldio

S2: exacto

AL: em caso de expansão da aldeia ou para construções que interessem à aldeia

S2: exactamente, exactamente

TR1: exactamente, mas não no baldio...

AL: eu acho que mesmo no baldio, pode haver cedência de terreno que esteja limítrofe com o baldio e que sirva os interesses da aldeia, digamos assim e, claro que tem de haver acordo não é, mas... eu acho que pode sim, mas o usucapião não é... não é consentido

S2: não, isso não existe

AL: e só para terminar que eu sei que vocês têm mais que fazer mas... aquela critica que se faz à nova lei em que se diz “ah isto aqui eles estão a preparar o terreno para entregar tudo às Juntas, para os patrimónios privados das Juntas, que depois farão o que quiserem com

aquilo, inclusive vender a empresas e a interesses “maiores” ... o que é que vocês acham disto?

TR1: nós não queremos vender nada a ninguém

(RISOS)

AL: mas acham isto possível

TR1: acredito que pode ser

S2: acredito

TR1: em certos baldios acredito

S2: haverá algumas Juntas que se calhar vão abusar mas nós não... não concordo com isso

AL: pode haver jogos de interesses que levem a...

S2: mas pode acontecer. Isso existe no governo

TR1: nós como já estamos há muito tempo já toda a gente confia em nós, não há problema

S2: a questão não é confiarem em nós porque hoje estamos cá nós mas amanhã não estamos

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] Vilar da Veiga tem estes 82 hectares que dá para 164 animais e aqui Vilar da Veiga não tem lá 20 hectares, não tem lá 20 animais, ou seja não tem lá 10 hectares ocupados. Têm é realmente toda a área ocupada na questão dos projectos para as pessoas poderem fazer as suas candidaturas, que foi áreas que eu dei a outras pessoas sem serem aqui da freguesia

AL: deu para os subsídios?

TV1: para os subsídios exactamente. Mas também sabia que eles que não vinham para aqui com o gado, ou seja, eles têm onde ter o gado nas casas deles, só que para as candidaturas a área que tem não lhes chega. Portanto precisam apenas do documento em como têm a área para o pastoreio aqui, ou em qualquer dos sítios, e eu para várias zonas da freguesia, do concelho, não é da freguesia é do concelho, dei mais de 50 hectares dei essa área para as pessoas se poderem resolver. Não sei se isto vai continuar, mas o que é certo é que quando as pessoas têm essa necessidade, acham que faz falta os baldios e que devem haver baldios. Doutra parte se há uma assembleia ou qualquer coisa assim para resolver os problemas também não tem interesse nenhum. Portanto eu acho que é assim, há que haver duas coisas que para mim seriam muito fáceis. Tentar acabar os baldios pela lei pode ser difícil, mas por exemplo se fosse por haver um referendo ou uma coisa assim qualquer, o de Vilar da Veiga e o da ermida era fácil de acabar com ele. Portanto se chegasse aqui, mesmo as populações... para já tinha aqui o Gerês a dizer assim “prontos, acaba-se”, e se o Gerês tivesse de votar também o Gerês queria que acabasse os dois não é? Não tem nada em nenhum, queria que acabasse com os dois. Depois nós aqui temos sempre a divisão de quem ganha e de quem perde, aliás tenho sempre diro, as pessoas

ficam chateadas porque eu não quero apoios de ninguém, eu não quero cá, depois vêm cá às assembleias, quem pensa que vem dos outros lados, eu não quero cá nada disso, a gente tem que se pautar é que a gente tem é que fazer, não é cá por isso, porque depois estão do nosso lado e amanhã estão contra e não, eu não aceito cá esse tipo de divisões. Na Ermida acontece a mesma coisa, estes estão por aqui os outros estão por acolá, portanto era fácil acabar com isto, assim como o município, era fácil acabar com esta câmara também, com esta câmara era a coisa mais simples que havia

AL: era a mais quê?

TV1: era a coisa mais simples que havia

AL: acabar com a Câmara?

TV1: com a Câmara Municipal

AL: ena, mas isso é uma ideia muito revolucionaria

TV1: não, era fácil se houvesse um, se fosse por referendo era a coisa mais fácil que havia, era não haver câmara. Porque o povo de lá queria que fosse e o de cá queria que não fosse. Portanto de cá estamos a falar do vale do Homem e de cá do vale do Cávado, não é... portanto nós daqui não queríamos que a câmara fosse de Terras do Bouro, e os de lá não queriam que portanto também... os de lá votavam, podiam votar que sim e os de cá votavam que não, quer dizer, portanto, nós preferiríamos pertencer a Vieira do Minho e os outros, o lado de lá passaria a pertencer a Vila Verde, e portanto é assim, porque por exemplo

AL: e deixava de existir a de Terras do Bouro

TV1: se fosse dizer assim, bem vou acabar com os municípios e tal, se fosse por referendo este era o primeiro a acabar, porque as pessoas não... por exemplo, eu dou-lhe já um exemplo, se houver alguém que tenha que se deslocar, embora hoje as mentalidades tendem a mudar um bocadinho, mas muito pouco, muitas vezes não sei até se não é pior, e também as coisas são mais rápidas, são mais fáceis, por exemplo, se uma pessoa desta zona... não estou a dizer agora porque agora até é mais fácil, se fosse por exemplo a Terras do Bouro, à parte de lá, para pedir uma certidão qualquer, essa certidão não era tirada na hora “ah, só está logo pronta” ou não sei quê, e pessoa se vai de carro, e a certidão só está pronta depois, a pessoa pega no carro, vem ao Gerês almoçar, vem almoçar a casa e vai à tarde buscar

AL: mas isso é bom

TV1: é bom não, é que nem um café toma, chegam lá só para buscar aquilo, senão houver aquilo viram já para trás

AL: ah, já percebi

TV1: está a ver? Uma pessoa não era mais fácil ficar lá e almoçar e depois trazer e vir com a certidão? Mas não, vêm para aqui comem e depois é que vão lá, só para não gastarem lá, quer dizer... há aquela coisa. E da parte das [? *não se entende*] é igual, portanto ninguém

virá... pode haver um evento qualquer daquele lado que ninguém vira para lá, e aqui pode haver alguma coisa também que daquele lado também ninguém virá para cá

AL: quando diz daquele lado é da ponte, da...

TV1: não, estamos a falar daquela zona lá em cima

AL: mesmo Terras do Bouro

TV1: Terras do Bouro, daquela zona de Terras do Bouro

AL: e isso é porquê?

TV1: não sei, é porque toda a... é assim, primeiro é dois vales, o Cávado e o Homem, e depois é... sendo, e continua, embora nas palavras não queira dizer isso mas é no fundo a mesma coisa, é que convém-lhes que haja metade de cada lado, não é, que haja sempre metade, porque se chega lá, portanto, sei lá, nas campanhas, há lá metade diz uma coisa, e depois chega à outra metade fala de outra coisa, e quer dizer, anda ali assim no meio da ponte a falar... quer dizer, não é assim uma, enfim, não é assim uma zona onde possa estar toda a gente junta, se for lá são os de lá que estão lá, se for daqui são os daqui, e portanto fala a uns de uma forma, fala a outros de outra e portanto arranjam essa divisão, arranjam essas divisões.

AL: estive na freguesia antes? Ou não...

TV1: sim, já fiz parte da assembleia de freguesia, sou deputado municipal, e agora na Assembleia de Freguesia também não quis ficar, portanto cedi o meu lugar ao secretário mas não... não fiquei eu, não quis, mas... pronto, era candidato a presidente, não era a secretário e por isso cedi o meu lugar, mas quer dizer, tratar esta questão destas leis, que isto é assim, nós já sabemos que até dezembro nós temos de apresentar o plano de actividades e orçamento, não é, daquilo que se vai fazer e do dinheiro que se vai gastar, tanto da parte do baldio como da parte da equipa de sapadores, são dois orçamentos separados, quanto é que vai custar e onde é que vamos arranjar o dinheiro, fazer esse plano e orçamento, e depois no final em março, em meados de março, coisa parecida, apresentar essas contas, portanto, isto que apareceu agora na lei em que é obrigatório apresentar o plano de actividades até dezembro e essas coisas até finais de março, princípios de abril, isso já eu fazia, mas quer dizer, fazia mas há quem os faça... mas eu faço-os e depois de feitos apresento-os, portanto, mandei-os fazer... 3 pautas onde está um em cada ponto do lugar, enfim, uma mais a sul, outra ao meio, outra a norte, portanto e estão ali depois [*? não se entende*], tanto as actas, como são feitas na hora e aprovadas na hora, como essa questão das contas, dos planos e orçamentos, são escarrapachadas todas ali nas pautas para toda a gente ver o que é que se vai fazer e depois o que não se fez e quanto é que se gastou, se se ultrapassou, se não se ultrapassou. Tudo claro. Portanto, o problema todo é uma pessoa quer os baldios... às vezes até se nota, por exemplo, na equipa de sapadores, na altura também... 25 fizeram formação, e depois há tempos um quis sair depois para entrar outro e depois aquilo já se sabia quem ia ser porque havia curiosidade se é comparte, e morar cá e da necessidade do lugar e não sei que mais, e depois toda a gente já "ah, afinal o baldio conseguiu postos de trabalho...", e prontos, ainda veem

assim por esses lados quer dizer, mas de resto.... Ninguém precisa de mato, ninguém precisa de lenha, ninguém precisa de frutos, ninguém precisa de nada. Quer dizer é o que eu lhe digo... “olhe, acha que devia haver ou acha que não?” “não senhora”. E depois também é assim, quer dizer, as pessoas também vêm e portanto eu também sempre vi com bons olhos o facto de por exemplo, dizer que... dizer não, não basta dizer, por exemplo, a direcção dos baldios diz assim “aqui a igreja está a precisar de obras, está a meter água por aqui e por acolá... isto precisa de obras”. Nós temos um orçamento... pedimos um orçamento, o orçamento é para isto, é para ficar assim, ou para ficar assado, isto é para ficar assim”. Ora bem, eu também sou dos que acho que os baldios devem compartilhar, porquê? Porque se não compartilharem os baldios eles vão pedir dinheiro às pessoas, aos compartes... não é? Porque ou fazem, dizer assim “prontos, da 20 Euros a casa ...”

AL: a freguesia? Não tem que entrar aí?

TV1: não, a freguesia quer dizer, a freguesia, repare... a freguesia já tem que limpar, andar a fazer limpezas na estrada. Não, quer dizer, a diferença é assim, se os compartes são compartes, portanto, e se o baldio pagar pelos compartes, os compartes estão a ter benefício, ou seja... há uma assembleia de compartes, aparece alguém da igreja, ligado à igreja com um projecto a dizer que há necessidade daquele trabalho feito, que mete água, que faz assim, que não sei que mais... e se aparece depois ali também um grupo de compartes, de cidadãos a dizer “olha, nós fazemos parte da comissão fabriqueira e tal, e aquilo precisa mesmo das obras...”, ora bem, em vez de estarmos a lançar 10 ou 15 ou 20 Euros por casa parte para custear aquelas obras, se o baldio pagar pelos compartes, os compartes já estão a ter algum benefício com os baldios, porque nem todos têm o mesmo benefício, porque por exemplo, se eu por exemplo tenho uma carrinha e tenho uma motosserra e se peço uns tractores de lenha ao baldio, e se o baldio me dá lenha, eu pego na carrinha e na motosserra e vou ao monte à lenha e vou, mas para uma pessoa que não tenha carrinha nem tenha motosserra já não pode ir, então fica-lhe mais caro, e portanto, e por aí assim. Mas antigamente não era dessa forma. Antigamente era fazer as obras, chegar ao fim e apresentar as contas ao baldio. Mas aquilo foi milhares de contos. Olhe de 2009... não, de 1999, não de 2000 a 2010, esta direcção que passou por lá de 2000 a... aliás, de 1999.... De 2000, vamos dizer, de 2000 a 2009 gastou aquela comissão 120 000 contos. Gastou 60000 contos que deixou o presidente em 1999, 2000. 60 000 contos... e depois o dinheiro que eles fizeram em madeiras ultrapassou 120 000 contos. Agora que gastaram como? A força que tinham por exemplo os homens que tinham as máquinas, as [*? não se entende*], essas coisas todas de fazer caminhos... por exemplo para tirar um corte de madeira em que eles no final do corte da madeira tirado, o dinheiro não chegou para o caminho, vendiam as madeiras e o dinheiro não chegava para o caminho... e fizeram assim coisas do arco da velha. E pronto, é assim muito... quando se mexem para fazerem qualquer coisa há sempre uma segunda intenção. E aí é que muitas vezes são descredibilizados e as pessoas acham que não é bom e depois que querem roubar os baldios, tirar os baldios, fazer e acontecer, e prontos, ninguém liga muitos, só mesmo quando as pessoas precisam é que dizem assim “prontos, fomos roubados, não há ninguém, ninguém ligou por isto, ninguém quis saber, ninguém se entendeu”. Porque esta questão de gerir o baldio, quer dizer, não tem ganho certo, também não ganha nada, nós não somos por coisa nenhuma, portanto a gente também não tem que andar na serra, nem

em de conhecer os montes e os limites e tudo, tem de pegar no mapa e também consegue ver não é

AL: aqui ao lado a Ermida foi aforado não é, hoje em dia é um monte aforado...

TV1: mas é baldio, é baldio

AL: sim, é baldio, é CD não é

TV1: metade era de Vilar da Veiga, portanto era todo, o baldio de Vilar da Veiga era de Vilar e de Ermida. Aforado é o campo do Gerês, o campo do Gerês é que é aforado

AL: ah, é que eu percebi que em 1920 o monte foi aforado por x famílias, não sei se se chama aforado, e pronto, depois chegou o Estado lá com a floresta e não sei quê e isso acabou, não é, porque eles entraram pelas propriedades adentro. Depois veio o 25 de abril criaram o CD do baldio. E portanto, actualmente é um baldio, não é?

TV1: é um baldio... é metade de um baldio. Portanto, o baldio na sua matriz é o baldio de Vilar da Veiga e depois em tribunal o resto da divisão entre os dois baldios, quer dizer e aí pode-se justificar desta maneira, o baldio era único e até no tribunal constitucional está mesmo a dizer, portanto eu tenho, este conheço bem, portanto o tribunal constitucional diz mesmo que é o baldio de Vilar da Veiga que começa ali e acaba ali, portanto, e sem direito a divisão nem empossamentos nem a coisas nenhuma, e portanto se não havia direito a divisão já na altura foi assim decretado pelo tribunal constitucional, portanto já nunca podia ser dividido, mesmo a metade que a Ermida tem já nunca podia ser dividido, mas

AL: isso foi em que altura desculpe?

TV1: isto foi, portanto essa divisão, a divisão seria em 85 para aí

AL: entre Vilar da Veiga e a Ermida

TV1: 85.... Sim, 85 por aí, 85, 87, mas andou anos em tribunal

AL: mas foi conflituoso?

TV1: foi, foi, muito conflituoso, gastou-se milhões de contos só nos tribunais...

AL: mas porque é que houve essa separação? Já havia conflitos...

TV1: a separação, os conflitos que havia era, portanto, os conflitos eram neste sentido, era o povo da Ermida e o povo de vilar, portanto havia os galos em Vilar da Veiga e havia os galos na Ermida, portanto aquelas pessoas antigas de coisa... e portanto repare, nós temos por exemplo sempre, há sempre o mesmo problema para os partidos políticos para formar uma lista e candidatura por exemplo nas autárquicas, que é... portanto, Vilar da Veiga, Ermida, Gerês, como é que vamos fazer, portanto agora o candidato vai ser de Vilar ou do Gerês? E depois o terceiro é sempre da Ermida, no máximo, não é, vai sempre buscar o terceiro nome à Ermida. Portanto mas é, ou o primeiro é daqui debaixo e o segundo é do

Gerês e o terceiro da Ermida, ou então é, o primeiro do Gerês, o segundo daqui e o terceiro da Ermida, portanto é sempre assim que se tem de fazer aquele consenso

AL: e porque é que o da Ermida não pode ser o segundo ou o primeiro?

TV1: é assim, porque tem menos população, estamos a falar em votos, estamos a falar em tradução de votos não é. E depois ao fazer essas coisas todas ali também era igual, porque repara, se por exemplo, aqui em baixo era aquelas pessoas, aqueles galifões enfim que resgataram os baldios e não sei quê, não sei quê, mas lá em cima também havia aqueles poderosos e então o poder para eles era... sei lá, como é que iam formar o CD, quem é que vai mandar, e a assembleia, e o conselho fiscal, e depois onde é que se vai gastar o dinheiro, porque.... “então o dinheiro é só para aqui, para a igreja daqui? E depois para a lá de cima, e depois o dinheiro para quem vai?”. Quer dizer, era assim uma coisa, e depois toda a gente queria mandar e depois aquilo não era fácil porque portanto a força era muita de todos os lados não é e era quando uma pessoa qualquer daqui dissesse qualquer coisa estava dito, era o fim da missa juntava-se já tudo e não ia ninguém para casa. E se alguém lá em cima também dissesse alguma coisa também... por exemplo, quando era uma assembleia de compartes, não é, eu não me recordo muito bem disso, mas quando havia uma assembleia de compartes Vilar da Veiga ia toda à assembleia de compartes e a Ermida ia toda à assembleia de compartes. Portanto, aquilo ali não era coiso, portanto ali estava em causa era o quê? Pronto, vamos fazer um cemitério na Ermida, não é? ora bem estes daqui andava tudo pelas portas, pois claro, também as pessoas nesse tempo não tinham muito que fazer, também não havia televisões ou havia poucas, andavam pelas portas “tal, vai haver uma assembleia, é para fazer um cemitério lá, agora...”. Portanto aquilo tratava-se de ir alguém daqui dizer que não, que não, para não ser feito lá o cemitério”

AL: tinha o lado positivo de as pessoas irem todas às reuniões

TV1: exactamente, que era para os outros virem, os outros vinham também que era para fazer o cemitério, quer dizer, e andava-se nestas coisas. E pronto, isto depois deu assim, pronto... e depois na direcção quando era para fazer eleições quem é que ia fazer parte? Fazia-se listas, um pro exemplo apresentava uma lista de cá e outro uma lista de cá? Pronto, e foi daí que houve esta divisão. Mas gastou-se mais dinheiro em advogados, os dois baldios gastaram tempo e mais dinheiro em advogados do que o que vale a área toda do baldio, de um e de outro. Portanto são 175000 hectares... 1650 hectares duas vezes. E portanto eles gastaram mais dinheiro nesse tempo em tribunais, só em advogados, do que vale o terreno todo, do que vale os 300 000 hectares... ora, 160, 320... 320 000 hectares. Não 3000... 3000 e tal hectares... eles gastaram mais, portanto aquilo foi uma fortuna incalculável que...

TV1: [...] Mas depois esquece-se de tudo, quer dizer. Se a gente um dia fizer.... Sei lá, várias coisas, olhe, por exemplo, outra das coisas que nunca mais me esqueço, como foi a questão dos CTT no Gerês, os CTT iam fechar, sabíamos que era aquelas duas e meia e já ia fechar, e depois não havia mais e portanto aquilo já estava combinado em que fosse para um partido privado e portanto marcámos uma manifestação, quando chegámos à manifestação já estavam para aí sei lá, umas 500 pessoas ali em frente que era para não deixar fechar aquilo, ou pelo menos ter ali uma resposta dos CTT para saber o que é que ia

fazer, o que é que eles iam fazer, ou que garantias é que ia haver, ou essa coisa toda, e depois quando estava a... pronto, a manifestação a chegar ao fim, tudo ali a ver e tudo a bater palmas e aquelas coisas todas, chegou um funcionário da Câmara e um assessor do presidente, chegou e disse “prontos, a Câmara Municipal vai tomar conta, a Câmara vai tomar conta dos correios, não há nada que atrapalhar agora, quer dizer, as pessoas começaram a desandar todas, foram embora todos. Quer dizer, a Câmara como vai tomar conta, depois está tudo satisfeito, pensamos as pessoas que a Câmara que é igual aos CTT não é. Porque é assim, os CTT quer dizer deixaram de ter os produtos que tinham, a Câmara deixou de ter... tem lá um funcionário que no fim paga-lhe uma fortuna, tinha por exemplo também, outra coisa que ela tinha que tinha muita vantagem que tem, lá no centro, aquele edifício grande, as lojas estão lá vazias, e também são da Câmara, podia passar para lá os correios mas ficou na mesma cá em baixo, num sítio a pagar um aluguer, conforme pagava os CTT. Os produtos, pronto, os que era depósitos e essas coisas todas, deixou de haver, os certificados de aforro e essas coisas todas, deixou de haver, deixou de vender telemóveis, deixou de fazer aqueles serviços todos, está ali para vender selos, para fazer um registo e mais nada, mas quer dizer, não deixaram sequer que os CTT se pronunciassem, que dissessem “eu faço isto, eu faço aquilo”, não... agora, por exemplo, vira-se o cego contra a esmola, por exemplo, nestas... já nestas últimas assembleias municipais que o presidente vem achar que a assembleia municipal tem de se manifestar sobre isto e sobre aquilo, querem lhes tirar isto, querem agora as águas do noroeste e querem passar agora a água para outra empresa e eles antes querem estar com a de noroeste e querem nos fazer sair da noroeste e a assembleia municipal devia se manifestar, porque nós vamos ficar prejudicados, porque vamos assim, até com os serviços, e não sei quê, e depois as finanças também, a assembleia devia fazer e devia fazer e devia fazer, e eu disse “pois é, e é agora que deve fazer? E antes quando foi dos CTT não tinha que também a assembleia municipal tomar oposição, quer dizer, os CTT enquanto deu dinheiro estiveram aqui e agora vão-se embora e a assembleia municipal não tinha que fazer isso também antes, ou foi preciso pedir a Câmara dizer assim “calma que nós vamos tomar conta”? não é? ou outras coisas, sei lá, por exemplo nas freguesias, na junção das freguesias, para chegar aqui... prontos, se eles querem assim é assim... no outro dia na assembleia municipal também está contra a junção das freguesias, porque é assim, as freguesias quer dizer, elas... não tem nada a ver contra, por exemplo, se eu estiver em Braga, se for de São Vítor se for para passar para a outra, é mais uma rua para ali como para acolá, tanto faz que seja de uma como de outra não é, mas nestes concelhos não... nestes concelhos é que... acho que cada pessoa precisava de um presidente de Junta

(RISOS)

Não é cada freguesia, é cada pessoa. Porque as pessoas estão cada vez.... Quais foram as que foram... que juntaram-se, são mais de 70, não têm ninguém, ninguém quer lá estar, têm medo... é assim, se o presidente que está na freguesia, na outra, que no fundo acaba por tomar conta da mais pequena, se já não dá feito à que tem, como é que depois ainda vai pegar numa mais pequena e depois vai andar a correr lá acima e as pessoas vão responder de quem... e pronto, e há aí uma grande diferença entre as freguesias, quer dizer, se for uma cidade, é como diz “ah, as cidades juntaram-se mais até do que foi mandado”, mas isso não custa nada, estão todas ali, está tudo ali agarrado, não tem nada a ver, aqui é bem diferente. E é assim, e o que nós vemos em relação aos baldios é isto que estávamos a falar,

portanto as pessoas não têm interesse nenhum, as pessoas aquilo de que elas mais lhes interessava antigamente, do que elas mais necessitavam, hoje já não têm essa necessidade, a necessidade maior é realmente as áreas que no fundo é apenas para fazer as candidaturas porque também não vão para lá com os gados, também os pastores daqui...

AL: Ele diz que não se vai negar se se entrar naquela coisa de não haver ninguém... que não se vai entregar à Junta, que quando uma pessoa se mete nestas coisas tem de aceitar que seja assim]

TV1: isso, olhe, essa é que podia ser uma das boas soluções, se dissesse assim “ora bem não vai haver ninguém, isto passa para a Junta”, não faltava já gente aí a correr... para a Junta é que não

AL: era?

TV1: ui, isso era a coisa que

AL: pois, esqueci-me de perguntar isso, qual é que é a relação com a Junta

TV1: não, é assim, com a Junta nós é assim, nós não temos nada. Mas já viu o que era, se fosse para a Junta, os baldios eram da freguesia, não era, e agora como é que os compartes de Vilar da Veiga, sabendo que o Gerês ia usufruir de dinheiros dos baldios de Vilar da Veiga, isso até os comiam todos vivos, ano se podem ver, Vilar da Veiga e o Gerês não se podem ver, é como Terras do Bouro, daqui e dacolá, é as coisas, portanto ... há pessoas daqui que vão a Terras do Bouro, têm que ir às finanças e as finanças é ali, eles param aqui o carro, vão às finanças, viram-se para cá vêm para o carro e directos a casa, nem olham para o lado, eles nem sabem que têm o *Intermarché*, não sabem que em Terras do Bouro que há um *Intermarché*, que há bombas de gasolina

AL: mas isso já é o quê? É transmitido de pais para filhos?

TV1: é... e então se fosse assim, agora o Gerês é comparte dos baldios de vilar e da Ermida, ui... no caso de não haver uma gestão, neste caso do baldio, se não houver entendimento, a lei prevê que a Junta de Freguesia venha a tomar conta, e se assim fosse

AL: Rio Caldo é, não é...

TV1: sim, sim, sim. Mas lá está, também ah outras coisas, por exemplo, Rio Caldo tem os terrenos do baldio, está a usar na freguesia toda, porque esses baldios são também... se fosse geridos por compartes, pelo CD, também não era a freguesia toda, era só de um determinado lugar, de lugares. E aquilo a Junta gere aquilo e as receitas... é como por exemplo, o baldio de Vilar da Veiga é só de... pronto, é dinheiros à parte, faz por exemplo um corte de madeiras, tem esse dinheiro que está na conta do baldio, quando o baldio gastar dinheiro só o gasta dentro da área do baldio para fazer qualquer coisa, mas por exemplo, se fosse para a Junta, se gastasse... por exemplo, fazia um corte de 50 ou de 100 mil Euros, não ia estar a discriminar, “ora bem Vilar da Veiga vai ter de ser gasto porque é dos baldios...” quer dizer, ele pegava naqueles 100 mil Euros e era para gastar na freguesia toda, não ia estar a discriminar se tinha... ou gastava dinheiro dos baldios só em Vilar da

Veiga, e dos dinheiros que vêm da Câmara, do FEF²² e não sei quê não gastava nada no vilar porque vilar tinha dinheiro que chegasse dos baldios, e era para aí uma confusão. E se dissessem pronto “já não há direcção nenhuma, a Junta vai...” se se falasse nisso, aí isto não faltava já aí as pessoas para tomar conta, isso era...

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: e quando é que veio lá de Vilarinho? Quando é que se veio embora?

TVf1: fui a última pessoa [...] e por trás disto fica a aldeia de Vilarinho... a aldeia mesmo que está debaixo de água, está submersa, mas ainda existe lá

[fala de como Vilarinho atraiu pintores, cineastas, etc., para apanharem a aldeia antes de ser submersa; conta como esse pintor que está em Viana do Castelo, lhe pediu para ir lá fazer uma conferência sobre Vilarinho, e de como ele foi, na biblioteca municipal, e depois da intervenção dele, na parte da discussão levanta-se um jovem e refere como tem o prazer de anunciar que estava presente a filha do dito pintor, que estavam lá duas das filhas dele. Ela perguntou-lhe se o pai tinha deixado muitos quadros e ele respondeu “o seu pai pintava muito rápido, não deixou nenhum para mim nem lá para o museu, ele só me deixou uns 3 ou 4” “pois, ele vendeu tudo”]

TVf1: [...] mesmo antes de terem feito a escritura do aforamento, as pessoas estavam organizadas e faziam os nossos usos e costumes... mas eles fizeram aquilo por escrito, no século XIX fizeram aquilo por escrito, 1841, fizeram a escritura para dizer como é que se vai fazer, as reuniões

AL: o regulamento?

TVf1: o regulamento exactamente, reconhecido em notário

AL: antes de haver o foral certo?

TVf1: antes de haver o foral, e depois temos aqui, esta acta é que dá o foral, não, isto é a guerra lá com o Estado, o foral é aqui

AL: portanto, isso foi numa altura em que a floresta estava a querer

TVf1: foi... eu conto aqui esta historia toda, e as lutas que tivemos, ah, a escritura do aforamento está aqui, e está aqui tudo, quem estava, se era casado se era solteiro

AL: e quem é que tinha direito?

TVf1: tinham direito quem lá estava naquela altura e quem era chefe de família ou a sua mulher, se ele era vivo se não era vivo

AL: ok, não era uma hierarquia...

TVf1: não, não, era tudo igual, se não tinha casa constituída era daquela pessoa, se tivesse família era das pessoas todas. De qualquer forma, com base nesta escritura de aforamento nós fizemos, agora até para nos defendermos contra o Estado, que o Estado de vez em

²² Fundo de Equilíbrio Financeiro

quando esquece-se, pensou que aquilo era baldio e começa para lá a mandar os SF e a gente espeta-lhe um processo logo em tribunal, e agora há 16 anos nós ganhámos o processo, contra o Salazar [RISOS] e contra o Marcelo Caetano, o de Lindoso não, o de Lindoso perdeu, entretanto o da Peneda, serra do Soajo, deixaram tudo passar, não estavam organizados, por isso é que têm lá baldios, nós em Terras do Bouro não há praticamente baldios

AL: mas acha que isso decorre do quê?

TVf1: então decorreu de quê? Porque foram para lá os SF, em 1888, o Dom Luís foi lá [*Não se entende*] “apoiar a florestação da Serra do Gerês” e tal. Acontece que, mandados pelo rei, pensam que levam o rei na barriga, e chegaram lá e quem manda aqui somos nós “, e as pessoas... “ah, você não pode andar com o gado aqui, agora é a florestação”, “agora tem de andar com o gado por acolá”, conclusão, claro que a gente habituada a gerir aquilo desde tempos imemoriais... pertence à freguesia de Vilar da Veiga... claro que houve guerra, os pastores cortavam as plantações, de tal forma que, aquilo era a sério, de tal forma que um comandante das tropas, que eles mandaram as tropas ali de Guimarães, sentiram necessidade de regressar aos quartéis, porque não tinham comida, porque a gente não lhes dava comida nem vendia, roubávamos-lhes as botas, espingardas [RISOS]. Ainda tenho aqui a carta que ele escreveu ao administrador a pedir para regressar aos quartéis. Ora bem, mas [...] houve para lá um processo contra um vizinho, que andava a cortar as plantas e então, para que não houvesse guerra resolveu-se que se tinha que encontrar uma saída... e a saída foi uma que hoje não se podia fazer, mas naquela altura pôde-se. Era a legislação do tempo dos liberais, vamos aproveitar aqui uns alvarás de 1828 e depois o código administrativo de 1800 e quarenta e tal, e com base nisso requereram à Câmara o... ah, e com base nisso as câmaras é que ficaram a gerir os baldios. A câmara não tinha dado bem com aquilo, mas foi-lhe dado por lei, com um decreto. Pronto, e daí veio a nossa saída, as câmaras podiam dar de aforamento e contra o pagamento de um foro anual, os foros em Portugal só terminaram, lá para o Alentejo... o aforamento... teve de ser anunciado, com uns cartazes, tenho esse processo todo

AL: mas portanto, vocês é que decidiram manter aquilo comunitário, digamos assim...?

TVf1: aquilo na prática sempre esteve tudo na mesma, aquilo só foi para feitos jurídicos, porque na prática sempre foi tudo na mesma

AL: eu achava que o foral era concedido à comunidade

TVf1: não é

AL: mas não é, é a casa pessoa. Vocês depois é que gerem aquilo como vos apetecer

TVf1: sim, aquilo sempre foi gerido pela comunidade, não teve alteração nenhuma, só que, por exemplo, se alguém de fora casasse com alguém de lá e quisesse mandar o gado para o monte podia, não dá é “ah, não me dão só esta parcelinha” e não sei quê, não, é indiviso. Mas tem vantagens, se eu hoje quero, por exemplo “ah, isto aqui é meu”, chega lá o Estado, eu tive uma luta com o director do Parque, para mim subiu-me um bocadinho a tensão mas no seu lugar quem lá esteve, levou com um processo em tribunal e perdeu tudo o que havia para perder

AL: mas o que é que eles queriam?

TVf1: queriam várias coisas... o director do Parque queria

AL: isso foi em que altura, só para ter uma ideia...?

TVf1: foi agora recentemente

AL: quem era o director do parque, lembra-se? Era o Henrique?

TVf1: não, este até já faleceu, é o... Tito Costa! Foi em 1998, agora não sei precisar, eu conto aqui essa história, o processo em tribunal, o processo nos jornais, processos em tudo o que é sítio. Ora bem, mas como é que eu acabei por me ir defender... não era eu Manuel Antunes, presidente de A Furna, eu na tenho lá 1 cm, nós gerimos aquilo mas não temos lá um centímetro de terra. E como foi que gerimos... gerimos porque cada [*? Não se entende*] e com base nisso eu fiz depois a habilitação de herdeiros, está o meu pai, o meu tio, o fulano, o beltrano e não sei quê, que está aqui na escritura, na tal escritura de 1895, "tal, depois casou com aquele, e tem uns certos avos, não sabe onde é mas tem lá aqueles avos"²³ e isso depois vale na contribuição de cada um para as finanças. Então aqueles proprietários passaram a pertencer à Furna e a Furna como procuradora é que gere aquilo. Portanto quando é preciso uma reunião convoca-se uma assembleia geral, mas se não for preciso para uma intervenção qualquer, quem tiver as procurações convém que o presidente da Furna esteja lá

AL: e qual é a vossa relação com as autarquias? É boa, é má, têm alguma?

TVf1: temos excelentes relações, olhe, este que pôs agora as cabeças de gado em nome da mulher, até era presidente da Junta, e é de Vilarinho da Furna [...] o presidente da Câmara anterior até é natural de Vilarinho e é socio efectivo da Furna, porquê? Porque ele não nasceu em Vilarinho, ele nasceu numa casa florestal na Albergaria e tem terreno em Vilarinho [ou entra em Vilarinho?]. Então se tem terreno em Vilarinho [ou se entrou em Vilarinho?] tem direito a usar como sendo de Vilarinho

AL: e há assim alguma colaboração, projectos, entre as autarquias e vocês...?

TVf1: tínhamos, tínhamos com o presidente... e temos. Este trilha é da autarquia... é da autarquia de Ponte da Barca e de Terras do Bouro, é uma parceria, normalmente são eles que pagam as limpezas daquilo, mas nós é que autorizamos

AL: e ninguém paga para andar nesses trilhos ou paga? Ou nas portas do parque ou assim?

TVf1: não, dentro do parque, eles querem lá por uns acessos controlados, uma confusão. Eu nem me quero meter nisso. Porque nós somos livres dessa portaria, tou fora, eu nem me quero meter nisso. Não temos direito a nada então ele agora que se defenda, eu tenho direito a entrar porque sou natural do Campo do Gerês, ponto final

²³ Medida de superfície.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: pois... epa, isto é complicada a questão dos baldios

MeC1: não... não é nada complicada

AL: não tem que ser não é, mas é, eu acho que pelo menos está um pouco actualmente... não sei, pelo menos... e depois de baldio para baldio as coisas diferem, e as relações entre as pessoas tornam-se mais... indefinidas

MeC1: o problema da gestão dos baldios é que as Juntas entendem que aquilo deve ser gerido pela Junta e que devem fazer o que a Junta entende. Eu acho que o único problema é esse. Quando... se o baldio tem receitas deve ser investido no próprio baldio, mas na maior parte dos casos que eu conheço o baldio é visto só como uma fonte de financiamento, nada mais do que isso, não se tenta fazer nada para se melhorar o baldio nem para o rentabilizar

AL: pois. Isto não tem muito a ver com isso, mas estando nós aqui agora na câmara municipal... eu estive numa sessão de esclarecimento lá em Lisboa, que deve ter havido noutros sítios do país também, sobre a mudança da gestão das áreas protegidas para as Câmaras... isto já teve repercussões, está a par?

MeC1: eu acho que... falou-se um bocado, foi quando o Campelo esteve lá como Secretário de Estado, e ele é que propunha isso, só que ele depois saiu de Secretario de Estado e eu acho que isso...

AL: mas é que esta sessão de esclarecimento... ou seja eu fui a uma sessão de esclarecimento que pressupunha, pelo que percebi, uma realidade já, que era a alteração ou a mudança ou a transferência das áreas protegidas para os PDM, ou seja...

MeC1: mas isso é a transposição das normas

AL: eu saí de lá completamente com a cabeça em água, depois eu não estou por dentro das *nuances* destas teias

MeC1: não, porque saiu agora a lei de bases dos solos e do ordenamento que prevê lá que os planos de ordenamento vão deixar de existir, vão ser programas, e os programas não vinculam particulares, a única coisa que vincula os particulares são os planos e ao deixarem de existir, eles querem transferir, para vincularem os particulares, para os PDM. Então querem inserir as normas nos PDM, que é para vincular os particulares

AL: ah ok, numa frase conseguiu deixar mais claro aquilo que eu consegui perceber numa tarde (RISOS)

MeC1: (RISOS) vão deixar de existir os planos especiais, que é o caso dos planos de ordenamento, esta nova lei prevê que deixem de existir, passam agora a programas

AL: pois, eles falavam desses tais planos especiais, que é o plano de ordenamento das albufeiras, das áreas protegidas e de um outro caso que agora não me estou a lembrar

MeC1: nós só temos esses dois aqui... é o da orla costeira se calhar

AL: é, da orla costeira, é isso mesmo... e até estavam lá, aquilo foi uma discussão mesmo, até estavam lá presidentes de Câmara, estava lá o [um autarca da zona da] da Serra da Estrela, como tem uma área protegida, enfim, esteve várias pessoas, esteve pessoal do ICNF e assim, e houve uma grande discussão, mas eu não percebi nada, e acabei por não perceber quais eram as consequências, o que era pior ou melhor, enfim, e acho que não fui só eu, e agora então está a dizer-me isso. Mas isso acontece e está a acontecer mesmo?

MeC1: a CCDR já nos disse as normas que nós temos de transpor e agora temos até 2017, a CCDR tinha um ano para dizer quais eram as normas que tínhamos que transpor e agora nós temos dois para adaptar os PDM, para alterar...

AL: e o que é que acha disto? Acha que pode melhorar alguma coisa em termos de, sei lá, de burocracias ou de... não sei. Tornar as decisões mais locais

MeC1: não se consegue porque o plano de ordenamento não tem pés nem cabeça. Por exemplo, proíbe o sobrevoo de uma aeronave a não sei a quantos metros

AL: proíbe o que, não percebi?

MeC1: o sobrevoo de

AL: o sobrebolo?

MeC1: o voo, o voo, o sobrevoo de uma aeronave a menos de... vamos supor, não sei aqui a norma, 2000 metros por exemplo... quem é que vai ver isso? (RISOS) quem é que consegue fiscalizar aquilo?! Que meios tem, nem tem meios o ICNF nem têm as Câmaras. Estas normas, os regulamentos, devem ter normas que depois uma pessoa consiga no terreno verificar se são cumpridas ou não, agora coisas deste género não lembra a ninguém [ele procura no PO do PNPG essa alínea]. Agora não estou aqui a ver, mas está aqui algures isso

AL: sim, não se preocupe agora com isso

MeC1: há coisas que, eu acho que nem é bom nem é mau, porque depois não há forma de fiscalizar

AL: pois,... mas não é todo o plano que tem de ser integrado no PDM ou é?

MeC1: pois, isso é uma luta que já foi agora travada pela CCDR e depois vai ser também pelas Câmaras porque há aqui coisas que não têm pés nem cabeça e depois o PDM reflecte as opções do município, a Câmara não pode pôr lá opções de que discorda, se a Câmara Municipal de Melgaço foi contra este PO, deu parecer negativo, e agora vai ser obrigada a integrar num plano que é dela

AL: nem tinha pensado nisso, pois

MeC1: porque o PDM é... são as opções do município

AL: pois... e agora vai ser opção do município a selecção dos artigos que entram ou não entram?

MeC1: não, a CCDDR já nos disse o que é que tinha... nós aí temos de acatar, só que, não sei se foi muito ponderada na análise que fez. Ao mesmo tempo também deixou muitas coisas em aberto, por isso vamos ver como é que a coisa vai correr

AL: mas acha que alguma coisa vai mudar em termos de gestão no parque, sei lá, por exemplo, vai deixar de ser nacional a gestão das áreas protegidas? Vai ser só local? Porque lá dizia-se muito nessa discussão, a conservação da natureza ou dos espaços é um interesse nacional e qu enão faz sentido estarmos a por essas decisões nas mãos só de... pronto, só de... dos autarcas ou de... não é? Isto vai mudar de facto? Porque depois estava lá uma senhora da ICNF que defendia que isso não ia mudar, que o ICNF não vai desaparecer, pura e simplesmente...

MeC1: eu coloco isto de outra forma, que gestão?

(RISOS)

MeC1: não é? Que gestão? Não há gestão, neste momento não há gestão nenhuma. O papel do ICNB cinge-se a pareceres, que nem tem razão de existir esses pareceres, o regulamento devia ser clarinho, isto tudo é permitido ou proibido desde que... depois tem o que é permitido isto se forem reduzidos isto e isto e isto, e pronto. E isto, uma pessoa se demonstrasse que cumpria aquilo nem tinha que ter pareceres, eu acho que o ICN não deveria poder dar pareceres assim vagos. Por isso a gestão cinge-se a pareceres, mais nada. Eles não fazem mais nada.

AL: pois, mas talvez, bom, agora vou aqui mandar uma boca sem ter a certeza do que vou dizer, mas talvez através dos pareceres eles consigam manter de alguma forma uma ideia de conservação que é nacional, ou o que for

MeC1: mas os pareceres não deviam ser assim, devia estar tipificado cada actividade, se era proibida ou permitida, e definido o que é que havia de cumprir, e ponto.

AL: pois, ser mais claro

MeC1: não era dar pareceres *ad hoc*. E depois isso a que é que leva? Leva muitas vezes a compadrios... se as coisas fossem clarinhas

AL: e esses compadrios não tenderão a aumentar quando se passa para a Câmara?

MeC1: não, porque têm de passar... a Câmara tem regulamentos clarinhos, pode-se fazer uma casa nesta zona com x metros se fizer isto, o regulamento é claro

AL: pois... torna mais difícil a existência de compadrios, não quer dizer que não haja

MeC1: não, não há, não há porque os regulamentos, e cada vez mais nós caminhamos para isto, para ter regulamentos claros, e [alguém entra na sala]. Cada vez mais, mesmo a própria Câmara é quase um depósito, o técnico é que assume que está a respeitar os regulamentos e à Câmara complete-lhe só ir verificar ao terreno se aquilo está bem feito ou não. Portanto quanto a mim a legislação assim é mais pratico, e no ICNB devia ser igual.

É a Câmara que tem de ir ao local verificar através da sua fiscalização. Porque é o que eu digo, agora os regulamentos, eles aqui sujeitam uma quantidade de acções aqui a pareceres e não poem aqui condições para os pareceres serem favoráveis ou não, isto não tem pés nem cabeça. Eles dizem “pode ser admitido”, mas quais são os pressupostos de ser admitido ou não?

AL: no Gerês, isto é no PNPG, ate agora não vejo arrendamentos acontecerem, mas não, aliás, o que eu noto é que às vezes o gado das aldeias vizinhas até vai lá mas ninguém... quer dizer, pode haver até conflito de palavras, há outros sítios em que não, que aceitam, como têm muito espaço e não há gado suficiente na aldeia, aceitam que os outros entrem. Arrendamento a pastores não tenho visto, tenho visto é para os subsídios, um baldio que tenha área suficiente poe os da aldeia vizinha ou os do baldio vizinho só para os subsídios, não quer dizer que depois o gado venha para lá. Isso também vi, agora arrendamento propriamente a interesses externos que não sejam do baldio, não...

MeC1: aqui na nossa zona... não porque também as pessoas não concordam com isso

AL: pois não... eu ate agora não vejo isso

X: aqui há muito aquele sentido de propriedade, o nosso minifúndio, a parcelinha

MeC1: não mas ia haver sempre conflitos

AL: pois, pois... mas pronto, é um bocado isso, é que de facto o que se lê generalizadamente na lei... na lei, na literatura sobre baldios é que... é essa questão: cessão de exploração, pastorícia já quase igual a zero, agricultura também, e generalizando isto desta forma de facto acaba por se excluir pelo menos a realidade aqui do parque

MeC1: mas isso acontece e tem uma razão de ser, porque por trás disso há empresas que têm interesses, ... o caso das eólicas

AL: sim

MeC1: por isso interessa a muita gente que [*Não se entende*] grandes interesses económicos...

AL: sim, sim, sim. Não, e é incrível, estive numa aldeia, num baldio que tem eólicas e o dinheiro que entra é incrível. E depois, por exemplo, notei nessa aldeia que... por exemplo a Junta ou a Câmara quando... se vai dar apoio a alguma aldeia não vai dar àquela “não vocês são ricos, vocês têm eólicas, não...” e realmente é bem diferente, não é, a realidade. Aqui em Lamas de Mouro não cheguei a perceber, porque eles nem chegaram a falar-me das eólicas, depois é que eu percebi que havia eólicas

MeC1: porque em Lamas metade é Parque e metade é fora e na parte que está fora do parque tem lá umas 3 eólicas, acho eu

AL: sim, mas já é mais do que outros não é

MeC1: ah, eles recebem bastante, não sei qual é o valor mas é bastante

AL: também não sei

MeC1: mas por isso que estavas a dizer, de a Câmara não o fazer, lá está porque há esta confusão... porque os baldios não têm nada a ver com a Câmara nem com a Junta, a Câmara tem obrigação de fazer nessas freguesias como faz noutras

AL: sim, sim, sim, mas não fazia naquelas por...

MeC1: mas não tem logica, porque

AL: sim, na verdade nem me recordo bem se falou da Câmara ou da Junta. De qualquer forma creio que ele o tenha referido não por estar muito ofendido com a situação, mas apenas como um facto: se tiver de haver escolha sobre que aldeia apoiar, não vai ser naquela que tem eólicas, mas eu nem acho isso assim tão estranho

MeC1: mas isso é confundir, o baldio não tem nada a ver... o baldio é dos compartes, ponto. Não é da Junta nem é da Câmara

AL: sim, claro, mas associam “ah, a tua aldeia é rica”, não é o baldio que é rico, é a aldeia, é aquela congregação humana que está ali

X: mas a discussão chegou a surgir aqui nas assembleias municipais de discutirem “ah, porque vocês... haviam de dar algum dinheiro das eólicas para freguesias aqui de baixo”. E eles disseram “ah, vocês têm o Alvarinho, nós temos as eólicas

(RISOS)

X: eu nem me estava a lembrar que vocês lá em cima em Castro Laboreiro tendes os baldios, também é uma fonte de rendimento os baldios não é?

MeC1: mas isso é misturar tudo, temos um limite das freguesias, nós

X: porque eles recebem pelos baldios, não sei se ele já lhe disse

MeC1: mas as ITI é diferente, mas...quem tem [*? Não se entende*] do limite, os compartes até podiam entender olha, o que vem da eólica não vão repartir connosco, eles no limite podiam fazer isso

AL: sim... acho que na outra lei não podiam, não sei como é que é agora mas... eu ainda não vi essa alínea exactamente, mas houve um professor que me disse

MeC1: não, porque isto é uma renda do ... de ter lá aquele espaço, não é o das ITI, não, isso está fora de questão, mas no caso deles, eles no limite

AL: mas acho que não pode ser dinheiro privado. Eu nunca li isso na lei directamente mas já me disseram que está lá, tenho de procurar melhor, na de 93, não digo esta, nesta aqui acho que esse aspecto estará mantido

MeC1: acho que agora esta clarifica. Mas isto para dizer que [*? Não se entende*] porque o baldio não tem nada a ver com a Junta ou com a Câmara

AL: sim, entendo o que está a querer dizer. E concordo...

MeC1: criou-se essa confusão... e essa confusão também não foi criada de forma inocente, porque a nível político depois é muito mais fácil de controlar depois as assembleias de compartes, tendo a Junta lá a pata. [? *Não se entende*] o outro presidente da Junta fazia parte da outra lista

AL: o presidente da... ah, fazia parte da lista... não era da que estava...

MeC1: era da que estava, da lista que nós derrotámos, o presidente da Junta também lá estava

AL: sim, sim. Isso acontece em muitos sítios, inclusive o presidente do CD ser o presidente da Junta. Mas em muitos deles, por acaso do que eu tenho visto, principalmente os mais novos, vejo uma vontade real de separar as coisas, e muitos dizem “eu fui para lá para separar as coisas porque já estava instalada uma grande confusão”

MeC1: sim, nós também foi... nós fomos para lá para conseguir, porque na assembleia também não conseguíamos, então e não conseguimos de uma maneira vamos tentar de outra

X: já os baldios aqui de baixo [zona mais baixa, perto de Melgaço] ninguém quer saber disso, são as Juntas, porque não dá nada, ninguém quer saber, e nem as Juntas querem saber

MeC1: mas também há outros financiamentos, tens no quadro comunitário e já via net, há muitos financiamentos aí, as pessoas também não se importam, porque acções de florestação e desse género havia e vai continuar a haver

X: há um gabinete florestal na Câmara, devia ser a Câmara como reguladora...

MeC1: o baldio é dos compartes, não é da Câmara Municipal

X: mas há que falar com essa gente, porque quer queiras quer não, os baldios podem ser dos compartes mas fazem parte do território do concelho

AL: não, pode haver é protocolos lá está, como

MeC1: mas nós lá fazemos candidaturas ao que nos apetecer e não temos de pedir parecer nem à Câmara nem à Junta, temos de pedir ao Parque por causa

X: é aquilo que eu estava a falar, porque estais organizados, eles aqui não estão, nem querem saber

AL: pois, nas Juntas nota-se um pouco isso

X: e eu se calhar também sou culpado porque na minha freguesia temos lá um baldio e eu nem sei onde é que é... eu olho lá para cima para o monte, vejo muitos pinheiros mas

MeC1: o papel do baldio pela Junta de Freguesia, era o que eu estava a dizer, é só arborizado para virem verbas e para irem lá os pastores pedir lá as declarações, aí sim, dava-lhe o estatuto não é... mas não olhava para aquilo com olhos de ver

AL: pois, nem era explorada a floresta nem nada do género não é?

MeC1: era explorada para cortar (RISOS)

X: mas atenção que quando eu pertenci à Junta de Freguesia de Alvaredo, as pessoas iam lá para nós passarmos um papel da Junta por causa de irem receber os subsídios de... de quem tem rebanhos, de cabras e ovelhas e...

MeC1: isso era o que eu estava a dizer

X: porque era a Junta que era o encarregado do baldio, aqui debaixo é as Juntas, porque ninguém quer saber

AL: os pastores querem, não é, tipo, para terem a área

X: oh, é só para receber o subsídio, porque... meia dúzia de ovelhas e cabras e mais nada

Castro Laboreiro: MeC2

AL: qual é que é a relação aqui com a Junta na questão do baldio? As coisas estão muito separadas ou...

MeC2: acho que aqui a nossa situação, aliás, o nosso baldio seria... embora, pronto... seria, penso que era o único baldio que estava completamente independente da Junta, penso eu. Nesta zona do parque penso que será o único, se não é o único é dos poucos

AL: no papel há outros, agora na prática isso agora é que eu não sei

MeC2: nas primeiras reuniões a que eu ia eu era o único que pertencia à Junta, embora tivesse alguns elementos da Junta na minha lista mas... embora algumas vezes colaborássemos em algumas coisas mas... uma coisa era a Junta outra coisa era os baldios

AL: mas havia uma boa relação?

MeC2: tínhamos uma boa relação sim

AL: em alguns baldios disseram-me que “ah, se o baldio não se dá bem com a Junta está tudo tramado” (RISOS)

MeC2: opa, e eu acho que sim, que se têm de dar bem não é, eu acho que se devem dar bem, porque no final de contas nós estamos aqui no fim do mundo, isolados, com poucos recursos, se as pessoas começam a guerrear então pior ainda não é

AL: claro, claro... e com a Câmara?

MeC2: também

AL: e cooperam em alguma coisa agora?

MeC2: pouco mas... colabora-se um bocadito

AL: sim, mas também não se dificultam... do ponto de vista turístico aqui há alguma, da parte do baldio, há algum investimento aqui que delineie os percursos pedestres...

MeC2: não, não, não. Nem o baldio tem condições para isso, o baldio colaborava era com a ADERE e colaborava com o Parque, e até foi com o próprio parque, eles é que marcaram alguns dos percursos pedestres e o baldio... os sapadores, o baldio através dos sapadores, fazia-lhe uma limpeza e a manutenção desses percursos

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: quando é que vocês formaram o CD pela primeira vez? Quando é que se organizaram os compartes, têm uma noção...?

MeL1: foi em 2013... já existiam mas estavam em conjunto com a Junta

AL: ah, antes estavam com a Junta

MeL1: é, agora como tivemos união [interrompidos pelo levantar da chávena de café ainda cheia]

MeL2: na altura era a Junta que fazia a gestão toda. Fazia a gestão dos baldios e da Junta claro, ela é que fazia tudo

AL: mas era vosso na mesma

[MeL1 interrompe para me mostrar a quantidade de área elegível, de como tinha falhado por pouco]

AL: portanto, a Junta é que geria, mas os baldios continuavam a ser usados pelo povo, segundo os usos e costumes e assim?

MeL1: era, era. A Junta geria o capital, o dinheiro

AL: aha. A Junta já se candidatava às ITI?

MeL2: já, já

AL: já havia essa candidatura

MeL2: já, já

MeL1: as ITI fazem-se em conjunto com Castro

MeL2: sim, mas o Pereira já tinha feito... já se fazia, já, a Junta já fazia

AL: mas vocês fazem as candidaturas em conjunto com Castro Laboreiro?

MeL2: tínhamos feito, agora não

AL: correu mal? [RISOS]

MeL1: não... a gente não, eles uns com os outros um bocadinho, eles lá... uns com os outros, eles desentenderam-se um bocado mas nós já tínhamos feito a candidatura à parte, não foi por causa disso

MeL2: não, porque eles andaram aí em tribunal uns com os outros, aquela história toda, e nós então preferimos candidatar-nos sozinhos que é mais calmo e mais seguro seria não é

MeL1: mas nós já nos tínhamos separado. Para já estamos à espera

AL: e por exemplo, com a Junta de Freguesia vocês vão de acordo?

MeL1: sim, sim

MeL2: sim, não há problemas

MeL1: ele já nos avisou que com dinheiro não contemos que não há, que não vale a pena ir amealhar à porta que não têm nada para dar

MeL2: as Câmaras não têm dinheiro

MeL1: não tê, aquilo está tudo seco. Não têm, dizem que não têm, eu sei lá

AL: na altura em que se organizaram os compartes foi porquê? Porque é que decidiram em 2013 organizar-se?

MeL1: foi porque íamos ter união de freguesias, que estávamos a ser geridos por Castro Laboreiro, praticamente. Então, pusemo-nos à parte, já ainda antes de

MeL2: antes de haver eleições para a união de freguesias

MeL1: já para evitar conflitos, que até foi bom dado o que está a acontecer lá em cima. Se é para andar em tribunal vale mais

MeL2: eles agora andam lá em conflitos uns com os outros porque tendo as outras associativas de compartes dos baldios, eles não se entendem

[MeL1 conta uma história de França de como onde ele trabalhava se tiveram que rebelar, fazer greve, e de como ele se viu sozinho no final na frente da batalha. Mas acabaram por ganhar o caso]

MeL1: [...] desde aquela vez que estive em tribunal, não gosto disso. Oxalá nunca mais tenha de lá voltar

AL: e agora a Junta de Freguesia é Castro Laboreiro, Lamas de Mouro e?

MeL1: união... Lamas e Castro. O Fernandino é secretário, tesoureiro, tesoureiro...

AL: e foi a partir de 2013 que passaram a fazer as ITI separadas de Castro Laboreiro?

MeL2: foi o ano passado só [2014]

MeL1: não, já foi este ano

AL: quando é que se separam as ITI

MeL2: foi este ano

AL: foi nesta candidatura?

MeL2: foi nesta candidatura. Foi em março, ou em maio, ou abril, foi assim na... por aí

AL: mas a Junta geria bem o baldio?

MeL2: sim, na nossa opinião acho que não havia problemas

AL: vocês só queriam era ter a certeza que não ia haver conflitos e por isso é que separaram

AL: e com a Câmara também há uma boa relação?

MeL2: sim, sim, não há problemas, quanto a isso não há problemas

AL: e há cooperação também? Colaboram?

MeL2: sim, quando a gente fizer alguma coisa eles colaboram, dentro daquilo que podem, voltamos ao mesmo, que não há dinheiros, mas colaboram

MeL2: se quer saber os turistas que passam por aqui é ir ali às Portas do Parque que eles têm lá tudo apontado e já lhe dizem

MeL1: ele também lá trabalha

AL: trabalha lá?

MeL2: trabalho lá. Sou guarda-nocturno

AL: ah, do parque?

MeL2: não, das Portas, das Portas. Mas nós trabalhamos é com a Câmara não é. A Câmara é que gere isto, ela e o Parque, ela e o Parque. Mas nós estamos como funcionários da Câmara ali a trabalhar

AL: e os turistas que entram na Porta pagam alguma coisa? Ou seja, que... pelo menos eu vi isso em Lindoso, que havia uma taxazinha, tipo um Euro

MeL2: é, uma taxazinha. Para informação isso não paga nada, se quer ir... nós temos uma maquete ou como é que se chama, lá em cima, ora bom, aí já paga uma taxa de, é de uns 80 cêntimos, é assim uma coisa, pouca, uma coisa simbólica

AL: e esse dinheiro vai para quem?

MeL2: esse dinheiro vai para a Câmara e para o Parque, que é quem faz a manutenção das Portas, não é, de tudo aquilo, qualquer trabalho a fazer, eles fazem

[fala-se da Gavieira, de como AGav1 é também presidente da Junta, de como eu tinha estado lá para combinar para o sábado seguinte]

MeL1: nós também eramos para ir para a sede da Junta, mas como ele está de serviço aqui foi por isso que fizemos aqui no

AL: mas vocês fazem parte da Junta?

MeL1: ele faz

MeL3: eu, agora da União

MeL1: nós temos uma sede ali, está de porta fechada, não está lá ninguém

AL: ah porque há outra em Castro Laboreiro e usam mais aquela é isso?

MeL1: não, porque nós aqui tínhamos a Junta de cá, há 2 anos é que temos a união

Leis dos baldios

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: como é que você vê agora esta nova lei? Dos baldios... a lei dos baldios que veio aí com umas alterações...

MCe1: com aquela questão de comparte não é?

AL: também, sim, sim, sim.

MCe1: também, o que é um comparte, definição de comparte...

AL: sim, por exemplo, essa aí é bastante polémica

MCe1: aquela questão por exemplo do eleitor, que basta estar recenseado não é...

AL: sim

MCe1: eu acho que... é um bocado... foram longe demais, porque eu acho que... fica-se naquele, se quiser estar em Lisboa, vem cá uma vez por ano e está ali inscrito e ao mesmo tempo pode ger... pode ser interveniente na gestão. Portanto, e eu não concordo muito, acho que aí que quem devia gerir é quem cá vive, porque os interesses são completamente diferentes não é... quem cá vive é que sofre, é que tem... é que sabe que... é que tem os animais... e havia de ser quem está directamente na área a produzir... senão entramos aqui em coisas que... em interesses diferentes não é, entra-se aqui numa área... quer-se dizer, quem está em Lisboa não percebe muito bem o que é gerir para animais não é? As pessoas têm que sobreviver aqui. Pronto, e eu para mim o conceito de baldio era para viver... essa parte eu acho que não concordo muito, o resto também das alterações (? Não consigo perceber)

AL: não, há lá algumas que a olho nu passam, mas depois quando... estive a ler a opinião de um advogado sobre aquilo e ele começa a chamar pontos que eu nem pensaria sozinha... mas pronto, nem vou entrar agora por aí, mas por exemplo nessa questão dos compartes, uuuh, é que para além de eles dizerem isso dos recenseados, dizem também que, e esta parte era interessante saber qual é a sua opinião, dizem também que qualquer pessoa que tenha lá um negócio agroflorestal

MCe1: de silvicultura, sim... também é comparte... lá está, é a mesma coisa que o que está, que o votante porque basta ter um terreno pequenino e andar lá a limpar ou... eu acho que devia ser mais quem está directamente a exercer e a ocupar e... porque é isso que faz o baldio... porque senão... você, repare uma coisa, se pegarmos e forem só compartes que estejam em Lisboa ou que estejam a fazer silvicultura, aquilo acaba por ficar desvalorizado, aquele baldio, porque não tem uma gestão, não tem animais, não tem nada não é?

AL: claro... perde o significado

MCe1: a prioridade era para isso, senão... acho que de hoje a amanhã acaba por... vai haver aldeias que vão morrer não é...

AL: esperemos que não, mas acredito que sim

MCe1: então, já há aldeias com 4-5 pessoas não é

AL: por exemplo?

MCe1: Sirvozelo!

AL: é?

MCe1: Sirvozelo neste momento a morar lá estão... ora, 3 e 2 é 5, 6, 7, 8 pessoas.

AL: ainda não lá fui, não sabia...

MCe1: E há mais, e há mais aldeias com 5 pessoas, 6 pessoas... não é só contar aldeias

AL: pois.. eu por acaso as aldeias a que tenho ido têm todas até bastante gente

MCe1: aí esta parte aqui de cima, de Covelães, Paredes, ainda tem, Pitões... aquela parte de baixo ali de Cabril, tem aldeias com ...

AL: ah, pois são muitas aldeias naquela freguesia

MCe1: muitas aldeias e ... temos Fontaínhos, Bostochão, aquilo tem... 6, meia dúzia de pessoas, agora vêm... se por exemplo lá estiverem 10 votantes, são as que mandam, são as que gerem... não é? Acaba por

AL: mas o que me faz confusão nesses casos é por exemplo, se houver uma empresa de florestas, ou do que for que chegue ali e se implante lá na zona da freguesia, passa a ter direito ao baldio, mesmo que venha de Lisboa

MCe1: exactamente... é, é! Conforme está! Portanto essa parte eu não concordo com isso

AL: rapidamente nessas aldeias que têm 4 pessoas aquilo passa a ser gerido pela... Portucel

MCe1: pronto, eu acho que essa questão devia ser gerida e devia ser os que... quem mora, quem usufrui, portanto, que era o que era antigamente, nesse aspecto eu acho que não... não concordo com isso

AL: pois, pois, essa é a mais polémica

MCe1: não sei se a maioria também concorda comigo mas...

AL: ermm... eu concordo! (RISOS)

MCe1: não, eu digo os outros CD

AL: sim, sim, sim, não, foi... enfim há pessoas que

MCe1: não têm opinião bem formada?

AL: não, há pessoas que até acham que é mais-valia... por exemplo, jovens que vão estudar à semana para o Porto ou para Braga ou não sei quê... que vêm ao fim de semana, continuam relacionados com a aldeia, são uma mais valia para a aldeia, pois...

MCe1: mas esses acho que, à partida, são compartes

AL: exacto, e são, e eles querem continuar

MCe1: esses já eram

AL: mas imagine, são pessoas que se calhar, este foi o exemplo que me deram, para viverem por exemplo no Porto querem comprar lá uma casa, acabam por ter de passar para lá a residência, deixam de estar inscritos...

MCe1: não, mas a assembleia de compartes tem poderes para dizer se é comparte ou não, depende de como se insere na própria sociedade e na... agora uma coisa é a lei, e outra coisa é... não, é a lei

AL: eu também não acho que se vá lá ver... mas no fundo. Vocês têm de entregar o caderno de recenseamento todos os anos não é?

MCe1: é, é, mas pode ser aprovado... a assembleia de compartes também tem alguns poderes não é, a assembleia também pode... mas pode... por exemplo, há determinados direitos dos compartes, vamos ver... agora quando foi na distribuição dos baldios, portanto, isto podia tornar-se também num negócio, então quem estava em Lisboa também tinha direito aos hectares, então sei... é que agora houve uma redução muito grande nos hectares

AL: da área forrageira, é isso?

MCe1: exacto! Agora repare que metade dos compartes estavam no Porto e em Lisboa, ou Braga, e não tinham por exemplo animais... iam ter o mesmo direito na distribuição do baldio. Conclusão, quem tem animais e morava ali não tinha terreno, e os outros tinham tanto como eles

AL: claro, claro

MCe1: também não tinha lógica... então a assembleia aqui vai ter poderes, não, faz a assembleia "ora, quem é que vai ter direito ao... à distrib... ao baldio?" ... vai ser quem tem os animais

AL: claro, e aí o...

MCe1: e aí o... até pode ser comparte mas já não vai, na lei não é, até pode ser comparte mas se assembleia decidir que não é assim, não é... pode... pode... aliás, as assembleias são soberanas, embora a lei não tira o direito de ser comparte, sim senhor, mas dentro do comparte pode... a assembleia pode

AL: há negociações locais não é? Digamos assim...

MCe1: não. E a própria assembleia é soberana para decidir o que é que um comparte que está com determinadas condições tem e outros não... também tinha de ser assim

AL: e isso também em relação à dita eventual actividade agroflorestal ou silvícola

MCe1: as assembleias têm poder, se aquilo vai ser prejudicial para o baldio e se numa assembleia eles decidirem... eu acho que ninguém... ninguém, nem o tribunal nem nada, também se vai por contra uma população não é... isso vai prejudicar, isso não tem interesse, anda uma pessoa sozinha... sim senhor, é comparte, está bem

AL: até porque a lei diz que os usos e costumes locais têm de ser respeitados

MCe1: pronto, mas tudo bem, ele não deixa de ser comparte, só que nem sempre... está tudo bem, ele é comparte mas depois as regras são definidas... não é... nós vimos lá alguns casos desses de pessoas nessa questão para a distribuição do baldio, eu já estava a pensar no... porque os agricultores vão ser muito prejudicados... ainda ninguém sabe vá, ainda ninguém sabe do prejuízo, agora quando se for a receber o subsídio é que se vai saber

Fafião: MF1

MF1: não, aqui não há... tivemos aí, houve há muitos anos problemas de vizinhos aqui com o de Pincães, mas isso agora já está tudo direitinho, e com os da Ermida também estivemos vários anos em tribunal, mas depois chegou-se a um acordo e pronto, agora o pessoal dá-se todo bem e é melhor assim

AL: e o ICNF intervém nessas coisas ou não?

MF1: eu não tenho ideia de como é que foi, a isso não lhe posso responder...

AL: claro, claro. Isto é só curiosidade porque... bom, na verdade o cadastro destas terras ainda não existe não é, assim a demarcação geográfica com GPS e com registo... não falo de Fafião, falo em geral... então, pelo que eu tenho lido, na altura em que os baldios foram entregues às pessoas, após o 25 de Abril, o Estado, uma das suas funções era fazer o cadastro dos baldios, ou seja, definir muito bem os limites dos vários, precisamente para evitar esse tipo de conflitos, por isso é que eu perguntei se o ICNF intervém nesses conflitos, no sentido de melhorar a situação ou não...

MF1: mas isso aí já não sei... sei que nós agora até Outubro vamos ter de registar nas Finanças o nosso baldio...

AL: já decorrente da nova Lei não é?

MF1: sim, sim, sim, vamos ter de fazer isso até Outubro, então já temos lá alguns artigos de certas zonas aqui do nosso baldio, só que se somarmos as áreas todas que estão lá nos artigos dá mais área do que a do nosso baldio... as medidas não estão correctas. E então tem de se fazer uma revisão e actualizar isso

AL: e a questão da Lei dos Baldios. Aqui a malta está toda a par do que se está a passar, não... bom, tu estás de certeza, mas ...

MF1: sim, está, mais ou menos, sabemos mais ou menos como é que é, como é que vai funcionar. Por exemplo quanto... eles falam nas assembleias, falam em 30%, em 50%... e aqui não é muito fácil, por exemplo Fafião tem 172 compartes, vamos imaginar que eu precisava numa reunião, uma alienação de terrenos que serão 50% ou uma coisa assim perto disso, e eu nunca na vida consigo juntar esses compartes. E essas coisas aí não estão muito bem. E depois quem vai fica com a sensação “afinal o que é que vim fazer?”. Depois tem de ser marcada para passado 8 dias e as pessoas sentem que...

AL: não têm liberdade de acção não é?

MF1: pois, e é um bocadinho complicado as pessoas depois virem outra vez.

AL: e a vossa relação com as autarquias, com a junta de freguesia, com a câmara municipal?

MF1: é boa!

AL. Não há vontade da freguesia de se apropriar do baldio, ou a câmara...

MF1: não, isso... eles dizem que os baldios que não estiverem, com a nova lei, que não estiverem a ser bem geridos que vão ser entregues às autarquias, mas aqui no nosso caso isso não se aplica, e aliás se eles quisessem por algum motivo ficar com o nosso baldio isso ia dar uma guerra enorme porque nós nunca na vida íamos permitir uma coisa dessas porque aqui a nossa aldeia até está muito desenvolvida por causa do conselho directivo que efectivamente faz um bom trabalho e vai andando, vai dando os seus próprios passos

AL: pois, de alguma forma até eles folgam um bocado, a freguesia

MF1: pois, porque eles já têm muita área e é complicado estar a gerir assim umas áreas enormes

AL: pois... o presidente da Junta é o tal...

MF1: Márcio

AL: Márcio. E portanto há uma boa relação entre o baldio de Fafião e o...

MF1: ai há! Para além de sermos amigos, já éramos amigos antes de eu ser o presidente do baldio e de ele ser o presidente da Junta, temos um elemento de Fafião na Junta, o número 2, a Suzete, pronto, Fafião é a maior aldeia da freguesia de Cabril, e esperávamos ter lá uma pessoa, se não fosse presidente que fosse um dos 3 membros principais

AL: e a câmara nunca meteu aqui o bedelho sem dever?

MF1: às vezes eles fazem umas coisas menos bem mas... o que interessa salientar é que nós pedimos ajuda para as mais diversas obras e eles normalmente vão sempre ajudando, dão apoio financeiro e outras vezes em meios, quer seja com uma máquina, quer seja com paralelo, coisas desse género. E eles na câmara reconhecem que Fafião é um conselho directivo que efectivamente funciona. Há uns sítios em que não funciona tão bem então eles ficam com uma ideia errada dos conselhos directivos mas aqui no nosso caso funciona muito bem

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m2 para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas (... barulho) pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: vocês agora com esta leva que houve de PUB's, em que muitas associações foram contactadas para elaborarem os planos de utilização dos baldios, a BALADI, a FORESTIS, etc, aqui também foi feito nessa altura ou?

MF1: aqui foi feito quando... pronto, esses dados que são anteriores eu não sei bem, o plano de gestão, de utilização, foi feito em 2012 e é até 2017, eu até tenho lá o plano no carro e podemos ver...

AL: foi feito antes de tu...

MF1: sim. E agora tenho de dar seguimento porque as coisas são mesmo assim. Pronto, às vezes podia ter alguma coisa que as pessoas me dizem "ah, tu vais limpar ali" ou "vais fazer isto", e se calhar é melhor fazer noutra zona, e eu vejo com as pessoas, e se efectivamente for uma coisa que tem uma lógica e que as pessoas estejam de acordo, muda-se, porque as coisas também não são assim tão rectilíneas, dá para mudar

AL: vocês têm reuniões periódicas

MF1: temos duas obrigatórias. Uma é a 31 de Março quando se apresentam as contas, e uma até 31 de Dezembro onde se faz o planeamento. O que tu esperas gastar e onde é que pensas investir, e coisas desse género

AL: e isso é guiado pelo PUB não é, esse planeamento?

MF1: é guiado... mais ou menos. O que está no plano de gestão, é da parte da floresta (VENTO), agora o que temos depois... é tipo, gastámos 2500 Euros em gasolina com os sapadores a limpar os montes ou a fazer as limpezas, gastámos 2500 numa reparação do carro não sei o quê...

AL: ah, gastámos... tem a ver com o passado, ok! Pensei que...

MF1: sim, a das contas é... a do planeamento é do tipo, eu disse este ano que estava a pensar fazer uma garagem para o carro dos sapadores, que estava a pensar requalificar o campo de futebol, pronto, é o que eu tenho em mente, algumas das coisas vou fazendo, mas há outras que vou fazendo que nem sequer estão lá...as coisas também não são assim tão lineares, “[a reunião de planeamento] tem [a ver com o PGF]. Só que, pronto, as pessoas aí [na reunião de planeamento] é que são informadas do que é que se vai fazer no ano, mas as coisas já estão delineadas. Tipo, nesta parte aqui vais limpar forrageira ou vai-se limpar um caminho não sei onde também se informa [? *Não se entende*] poderá alterar-se, se for uma coisa que as pessoas achem que é melhor aqui do que ali, não sei quê. Mas [o PGF] é uma coisa construída para 5 anos, pelo menos [na reunião fala-se do que se vai fazer nesse ano], em termos de obras, obras em termos de, ou uma plantação aqui, ou uma plantação ali caso seja necessário. Uma das coisas que eu queria era reflorestar aí uma zona de tipo 2 hectares. Vamos dizendo o que efectivamente se pretende fazer. Agora o plano claro que ... pelo menos ficam a saber o que vai sendo feito, nem toda a gente sabe [? *Não se entende*] [os compartes] costumam [aparecer nas reuniões]. Às vezes quando se trata de um assunto que não tenha nada a ver com eles, que não lhes interessa nada, que não lhe interesse directamente, muitos não aparecem. Se for uma coisa, tipo os subsídios, aparecem lá todos, nessa reunião não falta nenhum [? *Não se entende*] podem votar todos os que morarem aqui ou que tiverem, com a nova lei, aí uma actividade agrícola ou florestal”

AL: porque supostamente compartes são todos os da aldeia não é?

MF1: é... podem votar todos os que morarem aqui ou que tiverem, com a nova lei, aí uma actividade agrícola ou florestal

AL: imagina que estava aqui uma empresa qualquer a fazer produção de pinheiros ou o que fosse... essa empresa podia ...

MF1: tinha direito ao baldio. Só que aqui nós não vamos aceitar isso. Está na lei só que em assembleia nós... julgo que podemos deliberar sobre isso. Não tem logica absolutamente nenhuma, se alguém vem para aqui com um projecto de cabras, imagine que era uma aldeia pequena, vinham 10 com um projecto qualquer e eram logo mais do que os habitantes da

aldeia, não tem absolutamente logica nenhuma. Mas isso aqui não vai ser fácil que o pessoal aqui não deixa as coisas para ninguém

AL: pois, isso era uma coisa que eu me questionava... se localmente a lei tem o impacto que se pretende que tenha

MF1: mas na lei nem tudo é mau, porque aí na aldeia ao lado quando foi das eleições da última vez apareceram para votar 500 pessoas e a aldeia tem cento e poucas. Lá toda a gente que tenha um bocado de terreno pode votar ... aqui não, só pode votar quem mora aqui, quem tenha aqui residência. Quem tem residência em Braga não. Ou tem aqui a residência ou então não pode votar. E aí não havia hipótese. Só votaram mesmo os que são daqui e os que moram aqui

AL: porque vocês decidiram assim

MF1: porque faz sentido assim. Não tem lógica, as pessoas que tem aqui coisas mas que não querem saber disto nem vem cá estarem a decidir o que... uma coisa que não lhes diz respeito. Agora imaginemos que era uma família enorme numa aldeia pequena, essa família que nem quer saber daquilo para nada ia lá e votavam e faziam daquilo o que quisessem

AL: porque supostamente compartes são todos os da aldeia não é?

MF1: é... podem votar todos os que morarem aqui ou que tiverem, com a nova lei, aí uma actividade agrícola ou florestal

AL: imagina que estava aqui uma empresa qualquer a fazer produção de pinheiros ou o que fosse... essa empresa podia ...

MF1: tinha direito ao baldio. Só que aqui nós não vamos aceitar isso. Está na lei só que em assembleia nós... julgo que podemos deliberar sobre isso. Não tem logica absolutamente nenhuma, se alguém vem para aqui com um projecto de cabras, imagine que era uma aldeia pequena, vinham 10 com um projecto qualquer e eram logo mais do que os habitantes da aldeia, não tem absolutamente logica nenhuma. Mas isso aqui não vai ser fácil que o pessoal aqui não deixa as coisas para ninguém

AL: pois, isso era uma coisa que eu me questionava... se localmente a lei tem o impacto que se pretende que tenha

MF1: mas na lei nem tudo é mau, porque aí na aldeia ao lado quando foi das eleições da última vez apareceram para votar 500 pessoas e a aldeia tem cento e poucas. Lá toda a gente que tenha um bocado de terreno pode votar ... aqui não, só pode votar quem mora aqui, quem tenha aqui residência. Quem tem residência em Braga não. Ou tem aqui a residência ou então não pode votar. E aí não havia hipótese. Só votaram mesmo os que são daqui e os que moram aqui

AL: porque vocês decidiram assim

MF1: porque faz sentido assim. Não tem lógica, as pessoas que tem aqui coisas mas que não querem saber disto nem vem cá estarem a decidir o que... uma coisa que não lhes diz

respeito. Agora imaginemos que era uma família enorme numa aldeia pequena, essa família que nem quer saber daquilo para nada ia lá e votavam e faziam daquilo o que quisessem

AL: pois, então de alguma forma concordas com a lei nesse sentido...

MF1: concordo

AL: mas imagina, pelo que percebo da nova lei, de repente todos os eleitores da freguesia passam a ter direito ao baldio. No caso de Fafião, todos os eleitores da freguesia de cabril, a luz da nova lei, passar a ter direito ao baldio de Fafião e podem votar aqui...

MF1: não, não, não.

AL: porque Fafião esta incluído na freguesia de cabril certo?

MF1: está na freguesia de cabril mas aqui só há um caderno de recenseamento eleitoral. Aqui há uma mesa, e aqui só votam os de Fafião, não vem aqui votar os de cabril. Nem os de Fafião vão votar a Cabril, nem os de cabril vem votar a Fafião

AL: e tu achas que a nova lei tem isso em conta?

MF1: tem. Aí não vai haver problema, nesse aspecto não há problema

AL: porque realmente se formos ler aquilo à letra eles dizem que compartes são os eleitores das freguesias onde o baldio estiver inseridos. Mas eles associam freguesias a locais eleitorais, portanto agora fico algo confusa...

MF1: pois, nem tinha a mínima lógica nem nós queremos...

Pincães: MPin

E pronto, os baldios andam aí com uns problemas, como deve saber, já vem desde que tentaram alterar a Lei e agora foi alterada, há alguns parágrafos, alguns pontos, alguns artigos que não são bem consensuais e acontece que está para o tribunal...

AL: era isso que eu ia perguntar, está ainda no tribunal constitucional mas e... ainda não se sabe de nada pois não?

MPin1: não porque o tribunal constitucional ainda não sabe a decisão. E agora temos problema com quem é comparte, quem não é comparte. Até aqui tínhamos visto, agora esta Lei já não deixa, que era o caderno de recenseamento da assembleia de compartes e depois agora isto não funciona, funciona desde 2014 com o caderno de recenseamento eleitoral ou que tenha uma exploração agroflorestal no baldio. Não sei o que é que vai acontecer no tribunal constitucional, nós temos eleições agora em Agosto, estamos à espera de alguma dica para sabermos como fazer... porque na minha opinião, nós aqui na zona, pronto, nós estamos a poucos kms de Braga e há muita gente que trabalha em Braga e que passa aqui os fins-de-semana todos. Só que por eventualidade de certas questões compram casa na cidade e por causa do IMI eles têm de estar, têm de ter residência lá e aquilo vai afectar sempre os cargos. São estas pessoas com outra formação do que os agricultores que davam uma mais-valia ao baldio e ao conselho directivo e que viam as

coisas de outra maneira... é um problema que nós temos com isso porque sabemos que são pessoas mais habilitadas e com outra perspectiva...

AL: pois, para mim faz todo o sentido. Ainda ontem estive em Cabril e o presidente do CD também trabalha em Braga, não sei onde é que ele está registado, isso não faço ideia...

MPin1: não, ele está cá... eu tenho uma filha que o ano passado comprou casa em Braga, trabalha lá e assim perante a Lei já não podia ser comparte. São pessoas formadas que faz todo o sentido que fizessem parte da assembleia de compartes porque é sempre uma mais-valia... e agora estamos à espera a ver o que é que o tribunal decide sobre a reclamação que fizemos...

AL: não é que isto é mesmo de não estar na realidade do local, porque é natural que os jovens saiam durante a semana para trabalhar...

MPin1: não, não, porque... nós já sabemos que esta Lei traz alguma coisa por trás porque já se sabe que está a separar as águas e as povoações vão faltando e isto é o princípio do fim, é o que eles pensam, mas o ultimo a rir... porque já sabemos que hoje nós atravessamos uma fase que temos muita gente formada e, felizmente por um lado e infelizmente por outro, porque muitos têm que emigrar porque não conseguem cá trabalho, mas pronto, a formação está com eles, não é... a formação está com eles. E essas pessoas são uma mais-valia para estas zonas rurais e para os baldios, que os baldios são terrenos comunitários que... pronto, é para benefício das aldeias e... também há quem entenda que só conhece dois tipos de terrenos que é o Estado e o privado, os terrenos comunitários não os conhecem. Mas para já eu acho que os baldios [*Não se entende*], já são de tempos imemoráveis

AL: já quê? Desculpe...

MPin1: já são de tempos imemoráveis não é...

AL: ah, sim, sim

MPin1: e agora esperamos o que é que vai sair

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar...

AL: quantas pessoas estão aqui em Pincães?

MPin1: à volta de 50 pessoas

AL: 50 pessoas, e quantos jovens para aí?

MPin1: ao fim de semana há mais, mas diariamente há para aí 50 pessoas

AL: ao fim de semana é o quê, o dobro?

MPin1: não, para aí mais 20... mais 10. 10, 15

AL: Ao fim-de-semana vêm os jovens é?

MPin1: é, é. E as pessoas que trabalham fora e... Braga aqui para nós, nós somos transmontanos mas lidamos mais com o Minho do que com Trás-os-Montes. Nós estamos a 50 km de Braga e a 50 kms de Montalegre, e Braga tem condições de trabalho que não tem Montalegre, então nós temos mais vida com Minho do que com Trás-os-Montes e acontece que Braga é uma cidade que dá muito trabalho, dá muito trabalho. E então o que eu queria dizer... o pessoal mora na cidade, os que compraram casa há pouco tempo, para efeitos de benefício do IMI convém ter lá a residência, não é? E por norma já estão um bocado tremidos a ser compartes aqui, e essa gente faz-nos falta, faz-nos falta, os conhecimentos deles fazem-nos falta. Não é só saber de florestal, não é só ser isto e aquilo, uma pessoa que tem uma formação, pode ser um engenheiro, pode ser da construção, pode..., mas é sempre uma pessoa formada não é? Vê sempre as coisas de outra maneira que não vê um agricultor.

AL: sim, basta ser de outra geração que já vê as coisas de outra forma

MPin1: exactamente, basta a geração. Agora a actual lei dos baldios vai muito contra... e a gente apercebe-se que o objectivo deles é começar a fraquejar as populações do interior pronto, e acabar com isto. Porque isto está agora a querer voltar ao tempo do Salazar, porque o Salazar era...

AL: e na altura ainda era o Estado que metia aqui as patas, agora serão só privados provavelmente...

MPin1: pois, agora é privados, isto é tudo interesses, isto agora é tudo grupos de interesses

AL: pois, esse é que é o maior perigo. Estão com problemas que isto seja só de uma aldeia ou duas mas depois se vão por nas mãos de uma companhia ou outra...

MPin1: já estiveram para entregar os baldios a várias empresas e o objectivo deles... eu uma vez estava na Lousã a tirar um curso e também lá estava no curso um desses indivíduos que estavam-se a preparar para... porque alguns eram chefões cá dentro, na

altura chamavam-se circunscrições florestais, era no Porto uma, a do norte, depois era outra em Vila Real, eram umas poucas por aí... e acontece que era todo um esquema... e então eu estava lá no curso a tirar uma formação... os gajos eram lá de uma empresa que eu não me lembro que nome é que era, mas depois os baldios bateram o pé e as coisas não avançaram. Porque o objectivo deles era carecada deles todos, eles ficavam com o pinhal e entregavam as pedras ao... isto é assim, é só interesses, mais nada, porque um pinhal para ter um bom coiso tem de ter cerca de 50 anos no mínimo, 50-60 anos. E eles iam consumir o trabalho de 50 ou 60 anos e em 3 a 4 anos iam entregá-los ao... isto é só interesses. Mais nada... e agora os baldios eu sou da opinião que sejam entregues às pessoas mas a pessoas que tenham o mínimo de condições para gerir os baldios. Não é só pastoreio! Há lugar para pastoreio, há para floresta, há para tudo, o baldio chega para tudo! E a floresta é indispensável, porque se não houver baldios, ou se não houver eólicas, ou se não houver coiso, também não há rendimento, não há fontes de receita, não é, não há fontes de receita.

AL: e o pessoal quando reúnem aparecem muitos ou as pessoas estão muito interessadas?

MPin1: normalmente a gente faz a convocatória, tem de se fazer com 8 dias de antecedência, mas nós até fazemos com 15...e as pessoas vão votar. Os emigrantes não votam... nós aí, o caderno de recenseamento que tínhamos, nós tínhamos lá alguns emigrantes... porque os emigrantes são considerados... aquele é o local de trabalho dele, porque ele tem cá os bens dele. Por exemplo, agora a nova lei diz que quem não é comparte não pode ir ao baldio, nós não podemos impedir um emigrante que vem cá para o Natal de ir buscar lenha ao baldio para se aquecer. Se ele tem cá os bens dele como é que nós podemos proibir? Não pode!

AL: Mas isso também é uma coisa que eles não vão conseguir fiscalizar, quer dizer, acho que isso acaba por ser mais gerido localmente do que propriamente pela Lei, não é?

MPin1: eu, eu de toda a maneira... a assembleia a decidir...

Pitões das Júnias: MPi1

AL: e agora também, relacionado com isto tudo, a alteração da lei dos baldios, como é que vê isso?

MPi1: a alteração da lei dos baldios está muito complicada, no sentido em que não ... veio ainda gerar mais confusão. Agora se efectivamente nós antes já tínhamos dificuldade quanto à natureza jurídica... sempre houve dificuldade de entendê-la, mas de a aceitar de determinada maneira, porque ela existiu, é uma questão de a aceitar porque ela está na constituição da república, a comunidade proprietária²⁴ está lá, a natureza jurídica é aquela, acabou! E então temos é que... estas medidas, tudo, ser pensado também para um tipo de propriedade que é a comunitária, pronto... agora, quanto ao comparte que já na anterior era motivo de discórdia, muito localmente, isto piorou... quanto a esta questão da ausência de gestão, e esta passagem que está nitidamente lá espelhada para as Câmaras municipais, já é... é evidente. Ou seja, este foi o passo para passar isto tudo para as autarquias

²⁴ Troca de palavras, seria “propriedade comunitária”.

AL: pois, eu também tenho essa sensação...

MPi1: a questão por exemplo de ela ser possível a venda

AL: o arrendamento

MPi1: o arrendamento... ou seja, já nos estão a meter no mesmo saco que a propriedade privada, temos perfeitamente... esta nova lei, para onde nos está a encaminhar...

AL: estava a dizer que antes havia discórdia quanto ao conceito de comparte...

MPi1: sim porque a própria lei não era clara, permitia ser-se comparte em vários sítios... agora é pior... o que é que isto tem a ver o ser comparte com o ser eleitor? Não tem nada a ver, não tem nada a ver

AL: são leis que vêm lá de baixo...

MPi1: não tem nada a ver

AL: e como é que isso se irá repercutir aqui na realidade dos compartes? Ou não vai? Ou seja, vai mudar alguma coisa?

MPi1: em determinados sítios já há problemas não é? Se bem que estamos a ver a parte final como é que isto sai, ainda há a questão... ainda está

AL: no tribunal constitucional não é?

MPi1: é, ainda está... determinados documentos a serem trabalhados, entidades a darem opiniões em determinados artigos e não sei quê... mas acho que isso foi, é gravíssimo, vai ser uma confusão tao grande, tao grande, a questão do quórum, da percentagem...

AL: é de quem não tem a noção da realidade não é?

MPi1: é, é.

AL: e aquela questão, por exemplo, de quem tiver, não é um negócio, mas quem tiver aqui actividade agroflorestal na zona pode ser comparte também, isso é assustador não é?

MPi1: isso é uma borga! Então não é... isso é uma borga, se bem que depois mais à frente é comparte quem a assembleia de compartes assim o deliberar... ou seja, isto obriga-nos a mais, nós internamente temos isso no regulamento bem lá espelhado, mas isso não nos livra de andar em tribunais, não é? "Não, a lei diz que desde que eu tenha uma actividade agroflorestal eu posso ser comparte" ... e depois vamos nós, "não, mas nós em assembleia de compartes temos um regulamento que isto e isto e isto"

AL: pois, exactamente, e depois andam aí à luta em vez de andarem a trabalhar naquilo que importa. Pois, isto está a passar-se aqui uma fase um bocado...

MPi1: não, isto não está bem

AL: pois, eu... ou seja, o que eu vejo é... o despovoamento das zonas rurais é óbvio não é? E está a ser gradualmente acentuado... e este tipo de atitudes o que me parece é que andam

a tentar continuar e que esse despovoamento seja ainda mais acelerado para conseguirem ter o controlo do território

MPi1: é, porque... veja, nós os presidentes dos CD... não ganhamos nada! Nada, absolutamente! A gente chega a ter chatices com determinados compartes localmente... e depois eu digo “mas eu venho aqui, agora venho de Chaves aqui por causa... eu tenho alguma coisa? Eu podia estar com a minha família e estou aqui... não é?

AL: vive em Chaves?

MPi1: durante a semana vou lá dormir a Chaves, não é, só ao fim de semana é que estou aqui, com a questão das escolas, dos miúdos e não sei quê. Agora eu digo assim, eu nem tenho animais, agora vou-me chatear com a, b ou c...? Isto leva a que as pessoas... eles criam-nos os conflitos, e depois nós localmente é que temos de os gerir... e não é fácil! E depois, determinada gente que até podia, porque têm potencial e que podia ser uma mais-valia e não sei quê, mas que também não está para aturar a, b ou c, por causa de um fulano iluminado que entendeu que isto tinha de ser assim... depois é assim, eu acho que é indecente gente que nada tem a ver com isto, não têm conhecimento desta realidade e como se atreve a dar opinião e fazer lei

AL: pois é, isto está a passar uma fase...

MPi1: pois está, e nós vemos perfeitamente qual é a intenção dos governos, é efectivamente de se apoderar destas áreas comunitárias, porque aqui é que está a essência. Porque há determinados recursos que vão gerar receita no futuro. A questão, por exemplo, as energias alternativas e outros departamentos, os créditos de carbono, eu não os vejo a pegar nisso, porquê? Como a propriedade não é deles ainda não... mas já não é... ao fim e ao cabo é nos querer tirar deste processo todo para eles depois irem buscar os dividendos na sua totalidade. Porque o que é que se está a assistir nessas empresas intermunicipais? A questão dos parques eólicos fora das áreas protegidas... quem está a lucrar mais com isso são as autarquias onde as empresas fizeram um contrato... ou seja, têm um contrato com essa unidade de gestão, x valor por eólica, mas depois a maior receita reverte para as empresas intermunicipais...

AL: aaah... empresas intermunicipais... o que é que essas empresas

MPi1: o bolo não vem para nós! É o direito da passagem dos cabos, é não sei quê... e depois há aquelas... as autarquias com que se juntaram, Montalegre, Boticas, Chaves, não sei quê... há os empreendimentos hidroelétricos, há não sei quê, e depois essas empresas a maior fatia vai para eles, não é para nós

AL: quando diz empresas é empresas mesmo? Empresas quê? Que são geridas...

MPi1: EDP's...

AL: empresas intermunicipais?

MPi1: sim, há as empresas e associações intermunicipais...

AL: ah, ok, aquela coisa de os municípios se juntarem para gerir...

MPi1: exactamente... a questão da... pronto, e ... têm isso dessa maneira

AL: pois

MPi1: agora nós, nós obviamente, há baldios que conseguiram um bom acordo e tudo muito bem, mas as autarquias também estão a lá ir buscar, e nós sabemos perfeitamente que estão a ir buscar isso, não temos nada a ver, só que há determinadas freguesias que... ou seja, a receita que dá o território deles vai para as associações intermunicipais e não... ou seja, não é aplicada de todo ali... não é o caso de Pitões, certo? Eu por acaso, dado o relacionamento que temos tido com a Câmara municipal, nada... nós temos beneficiado e não sei quê, mas temos determinadas... por exemplo a questão da Câmara municipal de Montalegre... a questão é se a luta que ela conseguiu ganhar à EDP, tem aquela indemnização anual, muito desse investimento é repartido por cada concelho, mas há freguesias que mais directamente foram prejudicadas pela acção

AL: eu não sei muito bem que acção foi essa... devia estar a par se calhar mas não estou...

MPi1: foi a indemnização dos terrenos agrícolas por exemplo

AL: ah, para a questão das barragens?

MPi1: para a construção das barragens, não é... temos determinados parques eólicos a reverterem uma receita anual para aquelas autarquias, e se me disser que depois essa receita, parte se aplicou naquela freguesia onde o parque está... não sei se é... não é?

AL: sim, sim

MPi1: agora as aldeias conseguiram um bom protocolo e...

AL: e como recebem acabam por ficar satisfeitos e não se perguntam não é?

MPi1: não, mas algumas conseguiram mesmo efectivamente um bom protocolo, um bom contrato, há outros que não, não tiveram capacidade de negociar não é? E a autarquia ajudou-os a negociar? Não! A autarquia negociou para ela... tudo isto acontece não é... porque a gente... o que é que vai dizer... falei-lhe no geral, agora por exemplo eu tenho ali uma obra ali a ser feita no antigo... na zona envolvente à escola, essa obra vai-me ser financiada pela câmara... essa receita vai vir do quê? Da EDP... ora Pitões perdeu alguma coisa com a EDP? Não! Não tem barragem, não tem nada, não é?

AL: pois, pois, pois... (RISOS)

MPi1: isto é.... Depois é estas questões não é... agora se me perguntar Paradela que perdeu... e Outeiro, que foram... que perderam área agrícola, as pessoas emigraram e tiveram de vender os rebanhos, estão a reivindicar esse investimento lá? Se calhar não...

AL: pois, exacto. Não recebem mas também não lutam por ele não é...

MPi1: não é?

AL: pois... epa pois não sei...

MPi1: tudo isto acontece em todo o lado não é?

AL: sim, é verdade, mas se calhar a falta de, lá está, se calhar a falta de pessoal...

MPi1: a questão de nós permitirmos que estas coisas passem a ser todas políticas, aí é que está o grave das coisas, essa é que é....

AL: e a política também já começa a entrar na gestão dos baldios...

MPi1: tudo! Tudo, tudo, tudo, tudo, está em todo o lado, até enerva

Sezelhe: MS1

AL: ... E diga-me uma coisa, quem é que é comparte aqui?

MS1: são todos os residentes

AL: todos os que vivem mesmo aqui? Quem tiver por exemplo a trabalhar em lisboa mas que seja daqui?

MS1: ora bem, isto saiu uma nova lei. Se estiver a trabalhar em Lisboa e tiver residência aqui é comparte como os outros

AL: e vocês vão ir de acordo a essa lei ou vão manter os vossos usos e costumes?

MS1: então, as pessoas que forem daqui e que estejam a trabalhar em lisboa estão praticamente, se decidirem voltar aqui é... eu estou de acordo. O que eu não estou de acordo é como esta nova lei que saiu ou... não sei se já está em prática ou se não está

AL: já está

MS1: já está em prática, agora a união de freguesias, houve união de freguesias e querem que toda a gente que faça parte da freguesia seja comparte e nós com isso não estamos de acordo..

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: E mesmo as pessoas que tenham aqui um negócio, imagine que uma pessoa que tenha aí uma exploração florestal ou de gado ou do que for e que esteja dentro da freguesia tem direito ao baldio

MS1: exacto, é por isso que nós não estamos de acordo com essa... agora uma pessoa que saiu daqui, que esteja em lisboa, é normal que faça parte do baldio. Agora uma pessoa por exemplo, até se nós antes de já ter saído essa lei, nós quer a freguesia, quer Sezelhe e Travassos, quer a freguesia, nós já dividimos o baldio, porque cada um faz parte. Por exemplo, nós temos aqui, todo o pinheiral que existiu e que foi cortado da nossa zona a aldeia vizinha não recebeu nada. O que foi cortado da parte dele nós também não recebemos nada. O que foi cortado no misto dos dois foi metade para cada aldeia. Agora imagine, agora vinham... foi Covelães e paredes... nós íamos para lá e eles vinham para aqui, isso não...

AL: vai contra os usos e costumes locais...

MS1: exactamente, cada um tem os seus... se nós temos aqui um costume e uns usos, lá podem ter outros usos, são coisas totalmente diferentes

AL: sim, e vocês encontraram e criaram as vossas próprias regras, e agora vem lá alguém do governo dizer que afinal tem de ser de outra forma

MS1: exactamente, porque isto já era dos nossos antepassados, e como acabei de dizer, como falámos há bocado, a população quando decidia uma coisa decidia e tanto fazia se o estado... florestaram mas eles metiam lá o gado, chegaram a um certo ponto tiveram que deixar coiso, porque era mais... porque a própria aldeia, os próprios lavradores fazia falta aquele terreno para o gado. E eles, se os proibiam de andar lá, como é que eles iam fazer? Depois tínhamos uma coisa que era... o gado, quando agora neste tempo e deixava-se só, e à noite ia-se buscar outra vez. Agora tinham de lá andar todos os dias, que era o tempo do trabalho e da sacha, depois, antigamente não havia maquinismo, não havia herbicida para

botar e ainda bem, não havia certos... era tudo semeado ao sacho, tudo semeado com... hoje tractores, há maquinas para semear centeio, há maquinas para semear o milho, há maquinas... até ali não, era tudo com o gado e eles não tinham tempo para andar de volta do, a guardar o gado durante o dia. Chegavam lá deixavam o gado e à noite é que iam outra vez buscar o gado. E por isso é que faziam guerra com os guardas-florestais, com os rondistas como lhes chamavam e com essas coisas porque o estado não via que só estava a olhar o interesse dele. E porque isto, e isto ainda foi há pouco tempo. Porque até ali cortavam, levavam e não pagavam nada.

AL: quem?

MS1: os florestais, com os pinheiros. Isto foi há quê? Se calhar há 20 anos, vinte e tal, é que começaram a dividir, porque antigamente cortavam, levavam e isto era tudo nosso. Agora, depois do 25 de abril é que começou a ser dividido. Eles ficarem com... ainda bem... não nos darem... mas eu acho que, mas aí não estou certo, mas eu acho que nós recebíamos 40 e eles recebiam 60. Mas eu depois acho que houve ali uma coisa que foi ao contrário que eles tinham de receber só 40 e nós 60...

AL: pois, eu não tenho agora as percentagens na cabeça, mas eu sei que é diferente a aldeia, ou o baldio, está em cogestão, por exemplo se for em modalidade a) o baldio tem de dar menos, agora não sei quanto. E sei que também era diferente consoante o povoamento fosse plantado pelo Estado, ou se fosse um povoamento vosso, de regeneração natural ou plantado por vocês... era diferente a %, agora não sei é as percentagens... mas eu vou ver e falamos outro dia. Mas sim, esta nova lei traz assim algumas novidades que podem trazer algumas consequências...

MS1: vão trazer consequências, vão trazer muita coisa

AL. Mas vocês como é que vão tratar essa coisa dos compartes? Vão manter os usos e costumes ou vão quê?

MS1: não, nós vamos manter os usos e costumes, conforme está. E estamos a trabalhar e vamos conseguir buscar o que nos tiraram. Da questão das ITI e da zona da pastagem para gados e para tudo. Agora digam-me, eles chegaram acolá e viram aquele morro ali, aquilo consideram como rochedo e pedras, mas há lá pastagem, há lá ervas, há lá carqueja, há lá sargaço, há... mas para eles não é considerada zona de pastagem... o mato não pode ter mais do que um metro de altura, para cima disso já não é considerado zona de pastagem

AL. E por exemplo, o carvalhal é considerado zona de pastagem para eles?

MS1: não!

AL: mas vocês metem lá o gado não é?

MS1: pois, mas é o que estávamos a falar há bocado, eles passaram, tiraram fotografias por cima, as copas das árvores e depois não deixaram ver o que estava por baixo. Mas por baixo existe pastagem, existe esses... agora tiraram caminhos, tiraram rios, tiraram barragens, tiraram essas coisas todas. Então agora não pode ter um caminho que faz um metro ou 2 metros de largo, não consideraram isso como zona de pastagem... não é zona

de pastagem mas é zona de passagem para o gado. Para andar não há caminhos para o gado andar...

AL: claro, faz parte do sistema de pastagem...

MS1: para mim isso faz parte do baldio

AL. Tal e qual como o rio

MS1: exactamente, tal e qual como o rio. Por exemplo, estas margens não sei quantos deste ribeiro cortam.

AL. Mas as cabras se calhar até andam lá

MS1: ai, as cabras andam lá. E outra coisa, por falar agora nas cabras, eles no Gerês cortaram-lhe não sei quanta... ali para Fafião e Gerês... mas lançaram-lhes para lá estas cabras bravias e coiso, lançaram para lá meia dúzia delas e agora reproduziram-se e andam lá centenas e centenas deles. Então não há pastagem como é que elas se aguentaram no alto do Geres, e como é que isso não é considerado? Se não houvesse pastagem como é que elas sobreviviam lá, esses animais. Não percebo essa avaliação dos senhores que estão lá em Lisboa e do que se passa aqui, eles estão a ver o Tejo e a passear lá os barcos, mas isto não (RISOS). Eu até fico, eu francamente... eles estão lá sentadinhos ao computador, depois por computador veem onde é que eles querem. Mas a realidade não é essa, a realidade é darem um passeio por aqui e ver, e bastava dar em meia dúzia de locais, escusavam de ir ao país todo. Diz "olha, distrito de Montalegre, de Vila Real, vamos a dois locais, distrito da Guarda... a dois; distrito de Braga também. Só para tirar uma ideia, depois chegavam lá... bastava ir a uma aldeia, a um concelho, a um conselho directivo, a Montalegre. Ou quem diz a Sezelhe diz a Tourém ou a outro lado qualquer, dar uma vista de olhos, passar, perder meio dia, como perdemos nós muitas vezes, aí sim, era ver a realidade, agora ... e costuma-se dizer que "só perde quem tem"

Tourém: MT1

AL: e o pessoal participa na gestão do baldio? O pessoal da aldeia... compartes são todos os da aldeia?

MT1: todos aqueles que tiverem pelo menos 6 meses de... efectivos na aldeia, acho que a lei até diz entre 6 meses e 2 anos, nós estamos a basear-nos nos 6 meses porque...

AL: desde que estejam 6 meses na aldeia seguidos são...

MT1: é considerado comparte

AL: ah, então se eu for para lá 6 meses também sou...

MT1: é comparte! (RISOS)

AL: aaaah!

MT1: é mais ou menos isso

(RISOS)

AL: bom, claro que não é bem assim, porque se calhar se for uma pessoa desconhecida não vao integrar...

MT1: se não fizer lá actividade nenhuma...

AL: pois...

MT1: vai ser mais complicado não é... mas nós não temos problemas com isso

AL: e tem havido alteração dos órgãos de gestão, do tipo, a assembleia de compartes, o CD, a assembleia não, o CD, ou é o Paulo há muito tempo...

MT1: não, porque nem sequer candidatos há...

AL: pois... e isso pode ser um problema ou?

MT1: não, é um problema! Não é pode ser, é um problema! Tomara eu deixar aquilo de uma vez, e quem é que vai para lá?

AL: pois

MT1: ah, ele não tem vagar, outro não quer, outro não sabe, outro não pode, e a gente vai andando

AL: pois

MT1: mas é mau, é mau em tudo isso... porque eu estive 20 anos na Junta

AL: 20 anos na Junta? Eeeeh

MT1: e abençoada a hora em que saiu essa coisa da limitação de mandatos porque senão que remédio tinha se não continuar... embora na Junta seja diferente, há a oposição, mas também... se a gente não gosta ou vê que as pessoas que não são capazes ou qualquer coisa temos que avançar não é... mas olhe, desta vez pronto, puseram-me fora!

AL: (RISOS) lá na Junta qual era o seu papel?

MT1: ...

AL: aaah, estive 20 anos na presidência da Junta??

MT1: seguidinhos.... É obra!

AL: fogo! Eu acho que não conheço outro caso assim... 20 anos é uma vida!

MT1: foi desde que cheguei a Tourém... e saí agora porque fui obrigado porque senão não saía, não saía porque... as pessoas que estiveram comigo desde o início na Câmara continuavam os mesmos, era óbvio que eu tinha de continuar, mas não era por querer, só que também não podia dizer que não. Mas sempre ajudaram, sempre estivemos juntos, eu saía os outros ficavam, também não tinha jeito não é...

AL: pois, pois

MT1: para mim foi ótimo

AL: quem lá está agora... aqui as cores políticas importam ou não?

MT1: importam muito... bastante mesmo

AL: pois... é nacional essa questão...

MT1: é... e isto não foge à regra. Aquele rapaz que está lá estava na Junta no mandato antes de eu entrar, depois estive comigo 8 anos, e agora voltar a estar lá

AL: pela mesma cor política sua?

P: não

AL: ah, ok... ok, ok

MT1: fez o seguimento

AL: lei dos baldios, esta alteração, qual é que acha que vai ser assim o impacto, não sei se está muito a par ou não...

MT1: olhe, a lei dos baldios está agora, esteve agora em estudo e está agora a...

AL: sim, aquilo foi aprovado mas acho que agora está no tribunal constitucional...

MT1: tem, tem, tem, ainda não está, ainda não está a 100%. Eu posso lhe dizer que em termos gerais que não tem assim...

AL: não vai grande impacto na prática, é isso?

MT1: não vai ter grande impacto nem ... pois, precisamente, eu acho que não é nada fora do normal, que se for cumprida que até se adequa à nossa realidade e à nossa situação. Pronto, a nossa opinião também contou, a opinião dos baldios também contou

AL: também foi tida em conta na altura

MT1: foi tida em conta, e por isso...

AL: foram auscultados, digamos assim?

MT1: sim, sim, sim, fomos. Vamos ver, vamos ver o que é que, da maneira como é que é aplicada, porque isso também depende muito de quem a vai aplicar e a ideia com que a vai aplicar

AL: mas por exemplo aquelas alterações que mudam o conceito de comparte, que tornam obrigatório que esteja x% das pessoas, acho que é 30%, para fazer determinadas decisões no baldio, 30% das pessoas que estão inscritas como compartes

MT1: isso sempre existiu... isso sempre existiu, agora acho que não tem nada que nós podemos dizer "não, isto não pode ser assim, somos contra"... não! No global acho que se aceita, no global aceita-se e o global é o que conta. Uma vez que foi discutido pontualmente acho que não... agora a única coisa aonde falha é realmente naquelas restrições, as ZPT e

essa coisada toda que eu aí... eu não tenho essa situação lá, mas também não concordo com ela

AL: não têm áreas de protecção total?

MT1: total, não, só temos lá um biquinho lá na coroa que ninguém lá vai por isso... uma faixa muito pequena, portanto também não estou muito preocupado com isso... não concordo, repito, não concordo porque antigamente toda a gente ia a todo o lado e havia o dobro das peças que há hoje. Hoje com uma população três vezes menos porque é que não se pode ir lá? Não faz sentido, não, há coisas que não faz sentido. Mas pronto, isso tem de ser discutido por quem tem essas zonas, não por mim

AL: quem tem animais é isso?

MT1: quem tem animais e quem anda nessas zonas de protecção total e que sabe que não pode ir lá

AL: ah, os baldios que têm

MT1: claro, que é o caso de Pitões, Outeiro, Cabril Fafião e não sei se Pincães tem, acho que não... não me recordo, é aquela zona toda dos Carris

AL: ZPT acho que não, eles têm tanta floresta em Pincães

MT1: é aquela zona dos Carris, é para essa zona

AL: pois, pois, pois

MT1: porque é que a gente não pode ir dar um passeio à serra, mas porquê? Por que motivo?

AL: no fundo é o vosso quintal não é?

MT1: porque é que a gente tem de pagar a mata da Albergaria?

AL: os compartes também têm? Os compartes isto é as pessoas das aldeias...

MT1: olhe, eu faço parte do parque e já paguei, cada vez que passo lá que remedio tenho senão pagar

AL: eu até entendo que se tire dos turistas, agora que se tire das pessoas que cá vivem não entendo. Dou-lhe um exemplo, por exemplo em Lisboa, o castelo de São Jorge, passou a ser pago também, há um castelo lá que passou a ser pago entrar lá

MT1: não, não, mas quem queira visitar tudo bem

AL: exacto, agora os locais não pagam

MT1: não, mas repare, é passagem, a passagem não tem de ser paga, se eu quiser ir visitar acho bem, até acho muito bem que se pague, para ir visitar, para ir aqui, para ir acolá. Para passar, há pessoas aqui que passaram lá uma vez na vida... ouça, eu tenho casos de pessoas de Lisboa e dali da zona que ficaram chocadas com o que aconteceu, mas o que faz eu

passar aqui ou passar ali? Eu passei lá porque há uma estrada, a estrada não tem de ser paga, não foram eles que a fizeram...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

[despedida, o senhor MTR2 pergunta me que estudos são os que estou a fazer, se é mestrado... não, é doutoramento, em ecologia humana... como o baldio é um caso interessante, etc., da minha opinião sobre a situação dos baldios... e como acho importante que se mantenham, seja sob a gestão da Junta seja sob a gestão dos CD, desde que para as comunidades locais... AL: se esta estrutura acabar...]

MTR2: não, atenção, a esta estrutura não acaba. O baldio nunca irá acabar, ...

AL: mas se sair das mãos dos locais...

MTR2: a gestão é que... eu falei em questão de gestão, não falei em questão de ...

AL: ai não, quando eu agora disse “acabar” eu falei no sentido de se se tira a gestão da mão dos locais, sejam eles freguesia sejam eles...

MTR2: ah, não, isso também nunca vai acontecer...

AL: esperemos bem que não, se vocês estiverem cá para mostrar que sabem fazer as coisas...

MTR2: não, ... no máximo passará, mas isso é já um cenário muito negro, a gestão do baldio passará para a câmara, no máximo! Mas isso nunca irá acontecer...

AL: pois, mas se isto passa para o património privado seja da câmara seja da Junta estamos tramados não é, porque a partir daí é alienação atrás de alienação opara interesses maiores, isto já estou eu a ver um cenário bastante negro

MTR2: não, o caminho que leva é o individualizar, tipo ser baldio a baldio, é o caminho que leva, não tem... já não tem forma de sair dali...

AL: não percebi, individualizar como assim? Privatizar?

MTR2: não, não, não, ser individual, tipo cada baldio ser de uma aldeia...

AL: ah, mas isso a mim nem me faz muita confusão, o que me faz confusão é privatizar-se, é entregar-se a companhias de celulose

MTR2: não, não, não

AL: é que a partir daí deixa-se de se fazer o... para mim esse seria o papel mais importante do baldio, que é o de promover o desenvolvimento local e de criar melhores condições para quem cá vive... a partir do momento em que isso se perde...

MTR2: não, mas a gestão do baldio há-de ser sempre local

AL: eu espero que sim, mas pro exemplo, a nova Lei dos Baldios poderá ter alguns efeitos negativos a esse nível

MTR2: já tem, já tem, já tem alguns impactos

AL: pois, mas é que se estas leis forem alteradas de x em x anos, cada vez mais a afunilar...

MTR2: mas também a lei dos baldios também não foi assim nada feito de propósito... isto também não... é como tudo

AL: mas a Lei, quer dizer, a Lei é a Lei, não tem que ser...

MTR2: a gestão dos hospitais... é a mesma coisa. Mas mal saia uma lei já sabemos que é tipo, para a tal empresa concorrer à gestão do...

AL: mas quer dizer, as leis não têm de ser assinadas pelos locais... se fosse assim era uma maravilha, era tudo muito mais justo

MTR2: mas têm de ser assinadas... têm que ir a concertação social, ninguém se lembra de... o governo diz vamos fazer 45 horas semanais ou 35, os patrões, ou as confederações dos patrões estão lá... se eles todos votarem contra não, a lei não passa...

AL: sim, está bem, mas pro exemplo a Lei dos Baldios...

MTR2: alguém...

AL: sim, alguém, mas não acredito que tenha sido alguém relacionado com os baldios actualmente, eu acredito que seja... o secretário de estado da agricultura ou... mas isso são pessoas que não têm se calhar interesses locais

MTR2: mas alguém... este Secretário antes de decidir consultou os órgãos, tenho a certeza...

AL: eu gostava de acreditar nisso mas não... ou melhor, nesse caso até nem gostava porque isso metia em causa muita coisa não é... se as pessoas aqui a nível local estão de acordo com muitas das alíneas que estão na lei dos baldios...

MTR2: oh, não vamos... eu sou, tenho as minhas...

AL: diga tudo o que quiser... (RISOS)

MTR2: a moção das Juntas foi assinada pelas pessoas

AL: o quê, o quê? Não percebi...

MTR2: a redução das Juntas de Freguesia... houve tanta guerra...

AL: a redução do orçamento é isso?

MTR2: não, não, não...

AL: ah, a união

MTR2: sim. Diga-me... mas foi assinado. O PS e o PSD assinaram, por isso não foi o Estado, a União Europeia que se lembrou de reduzir as... lembrou-se mas os partidos, nós é que concordámos...

AL: sim, e também foi o PSD e o CDS que propuseram a lei dos baldios

MTR2: sim

AL: pronto, mas isso para mim eles estão de alguma forma a defender um certo ponto de vista

MTR2: o presidente da CAP pertence a uma cor política, o presidente da CNA pertence... eu digo isto porque estou à vontade, e tenho falado disto ao nível, com o presidente da câmara e com o... porque mais tarde se verificou que alguém sabia mesmo que do que se estava a... mas já é muito... para a frente

AL: já estamos a sair do...

[começamos a arrumar]

AL: eu não tenho dúvidas que haja sempre algum interesse de alguém ou de algum grupo atrás destas alterações

MTR2: mas eu não digo que haja interesse, eu digo que a pessoas não viu para o caminho que levava

AL: ah, não teve a noção das consequências...?

MTR2: não teve noção ou não se apercebeu que iria causar este impacto... por exemplo, a redução da... cortarem a área da... do carvalho e a rochosa... vila real acho que não... esqueceram-se foi deste cantinho...

AL: são decisões tomadas lá fora e que depois têm impactos a nível local que ninguém imagina

MTR2: não podem dizer que foi o senhor que veio lá de fora que decidiu cortar, que o homem deu a opinião dele, não... se alguém dissesse “não, ele está enganado”

AL: mas também teria de haver interesse em ir ouvir essas pessoas que podem dizer que está enganado, não é?

MTR2: sim, mas antes disso, quando souberam lá que... tenho a certeza que... e foi provado que sabiam...

AL: que sabiam? Agora perdi-me um bocado, desculpe...

MTR2: sim, que andava a ser esse trabalho feito

AL: a nível local, é isso? Das autoridades locais?

MTR2: sim, o ICNF sabia que andava aí esse senhor a ver o baldio...

AL: sim, mas tinha de haver interesse da parte da instituição que esse senhor que representa, não é... de saber a nível local o que é que significa a rocha, ou o que é que significa carvalhal, o que é que significa

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: ok... agora a propósito do que estávamos a falar, sobre o que é e não é um comparte, o que é que acha da lei de 2014, a lei dos baldios, onde alteraram o conceito de comparte, no fundo, que foi assim a alteração mais polémica

ACm1: eu discordo, aliás eu protestei e participei em várias reuniões. Eu discordo. A alteração que houve foi para tirar poderes aos compartes, não foi para trazer nada de favorável à gestão... quer dizer, eles argumentavam, em algumas reuniões que participei, argumentavam que havia CD que não apresentavam contas. Eu em Viana do Castelo disse-lhe “então, é vergonhoso que apareçam aqui representantes ministeriais, estava pessoal do ICN, do ministério do ambiente, e afirmavam então que havia CD que não apresentavam contas... “Então mas isso é da responsabilidade das AC, vocês não têm nada que meter o nariz nisso... é da competência exclusiva da AC. Se as AC estão satisfeitas, acabou, você não tem nada a ver com isso, ninguém tem nada a ver com isso. Eu, no que me diz respeito a mim, as contas são apresentadas anualmente, com tudo trabalhado por um contabilista... mas se não fossem quem tinha que me exigir responsabilidades era a AC”... ou uma participação, se suspeitassem que havia qualquer falcatura, às autoridades para... mas isso tinha de ser sempre feito por um comparte da freguesia, ninguém do exterior pode ir intrometer-se nessas questões. Mas enfim, isso foi feito para favorecer interesses que vão apoiar entidades interessadas em explorar os baldios, está tudo relacionado com isso

AL: pois... eles agora também dizem que o comparte tem de estar inscrito no caderno eleitoral da freguesia no fundo acabam por reduzir o comparte a um eleitor da freguesia, portanto acabam por desrespeitar as fronteiras dos baldios que muitas vezes não são as mesmas que as das freguesias

ACm1: e aquilo que é a tradição, porque a lei dos baldios anterior, antes desta alteração, ela permitia que pudesse ser comparte aquele ou aquela pessoa que por direitos adquiridos, por ligação à área em questão, mantivesse o seu direito... que lhe fosse reconhecido a manutenção do direito de usufruir do baldio, poder ser considerado comparte. Pronto, mas as leis quando são alteradas têm que trazer sempre alguma coisa de novo senão não valia a pena alterar, por isso neste caso foi alterado no sentido de vir a favorecer interesses

Cabreiro: AC1

AL: quantas aldeias é que estão inseridas nesse baldio?

AC1: neste baldio são 11

AL: ah... quantas pessoas são compartes?

AC1: muito poucas... já não é o que era. Temos cerca de 100 compartes, por aí...

AL: 100? Em 11 aldeias? Mas e é toda a gente que está como comparte?

AC1: não, nem toda a gente... é assim, nem toda a gente usa o baldio percebe, eu se lhe for a dizer que se calhar no baldio estamos a usar para aí umas 80 pessoas... nem sequer

AL: ok, mas não estão inscritas como compartes então...

AC1: estão todas inscritas como compartes porque comparte agora se mudou a lei, desde que seja residente... o que acho que não está correcto, comparte deve ser aquela pessoa que usa e que faz alguma coisa no baldio, esses é que devem ser os compartes, mas agora é todos os naturais e residentes que estejam lá que são todos compartes

AL: e vocês seguem essa nova lei ou continuam a usar os usos e costumes nessa questão?

AC1: nós continuamos a preservar os usos e os costumes que acho que é o mais correcto

AL: então é comparte quem usa o baldio?

AC1: quem usa o baldio

AL: é assim na vossa aldeia

AC1: na nossa opinião, e acho que deveria ser assim. Mas está muito muito desertificada, nós estamos a perder gente... e temos... ainda temos quem use o baldio que é por causa dos subsídios, porque quando... se isso não existisse... eu tenho... fico com muita pena de estas zonas começarem a ficar completamente desertificadas

AL: pois... é comum a toda a região aqui, pelo menos aquela que eu tenho visitado

AC1: é

AL: há umas aldeias um bocadinho melhores, umas aldeias um bocadinho piores, mas em geral

AC1: para ter uma ideia nós crianças quase que nem temos

AL: pois... mas isso até em Lisboa (RISOS). As crianças andam a escassear no país inteiro mas sim, aqui é pior, claramente. Quando há menos pessoas ainda mais isso se nota

AC1: claro, e a população envelhecida... é assustador, começa a ser assustador, mas é a realidade que temos

AL: mas a nível de cadernos eleitorais quantas pessoas é que estão ali inscritas? Tem alguma ideia? Das 11 aldeias...

AC1: acho que são 300 e tal

AL: ah, também não são assim tantas pois...

AC1: não, não, não temos muita gente

AL: é bem diferente ali de... eu estive agora a falar com a Cristina, não sei se conhece, do Soajo...

AC1: conheço

AL: ela apontou-me 1000 e tal pessoas naquela freguesia, é bem diferente

AC1: não, mas também eu não sei se ela tem 1000 compartes

AL: não... tem se puser a nova lei em acção, é o que ela estava a dizer, se contarmos com todos os eleitores são mil e tal, isto é, aquilo é o número de pessoas que lá vivem

AC1: na realidade se atendermos ao que é um comparte, comparte deve ser aquela pessoa que usa o baldio e que faz dele

AL: exacto, ela terá menos nesse aspecto

AC1: temos muitos menos, se utilizarmos o caderno eleitoral, temos muitos mais, o que não está correcto ano é. No caderno eleitoral está muita gente inscrita que nem sequer está cá a viver, vive fora, só porque tirou o cartão de cidadão e ficou inscrita, deu ali uma morada, fica logo ali automaticamente inscrito

AL: exacto

AC1: não está é correcto, mas

AL: e também, e acho que a Lei também diz que qualquer pessoa que já...

AC1: a residir há mais de... acho que é 6 meses não é?

AL: eu essa nem sei assim ao pormenor, mas sei que se estiver a efectuar uma exploração agroflorestal, imagine que eu agora vinha para aqui desenvolver uma exploração agroflorestal passava a ser comparte

AC1: não faz sentido, não tem cabimento, mas prontos, se eles acham

AL: e há mais alguma coisa da lei que ache que está...

AC1: não, eu, é basicamente isso, acho que isso é ridículo

Está bem, então vocês não têm floresta

AC1: nós temos aquela floresta que nasce espontaneamente e agora temos já bosques de floresta bem bons, bem bonitos ate porque temos uma brigada de sapadores a trabalhar e temos o cuidado de manter aquilo limpo, fazer aqueles cortes para não arder, e temos uma zona de floresta mais ou menos bonita, mas não temos nada de...

AL: e é floresta de quê?

AC1: o que nós temos mais é pinheiro, algum carvalho, vidoeiro e camecípare, é basicamente isso que temos

AL: esse último?

AC1: camecípare. Não é esse o nome correcto mas há um outro nome que

AL: e o que é que têm em mais quantidade, é o pinheiro não é?

AC1: é, é o pinheiro, em mais quantidade é o pinheiro bravo é

AL: e aquilo ainda sobra daquelas plantações que houve no Estado Novo?

AC1: sim, sim, ainda sobra algumas coisas, aliás foi isso que gerou para lá as sementes e vai ficando

AL: ah, ok, mas nunca houve uma gestão dos povoamentos, uma exploração...

AC1: não, não, nunca

AL: nunca venderam madeira...

AC1: não, já vendemos madeira, no meu tempo, agora, desde que eu estou a gerir, vendi madeira este ano, no anterior que era a Junta que estava a gerir, sim eles chegaram a vender madeira, posso precisar

AL: ah, antes era a Junta

AC1: era, a Junta

AL: e depois é que formaram o CD

AC1: uuh, a assembleia de compartes

AL: a assembleia de compartes ok. Mas a assembleia de compartes tem um CD ou não?

AC1: sim, sim

AL: ok, mas vocês estão inscritos como assembleia é isso?

AC1: estamos inscritos como assembleia de compartes.

AL: Isso é porquê? Tenho visto aqui alguns casos desses... eu achava que seriam todos CD, mas já vi que na inscrição, do quê? Deve ser das finanças

AC1: das finanças, da segurança social, estamos inscritos como assembleia de compartes

AL: é indiferente?

AC1: eu acho que sim, eu acho que as categorias, as coisas são todas as mesmas portanto não há aí grandes diferenças

AL: está bem, e estão em cogestão com o Estado?

AC1: estamos em cogestão com o Estado em algumas zonas, temos muito poucas zonas onde não temos cogestão

AL: ah... mas basicamente a gestão do vosso baldio é feita com a cooperação do Estado ou seja, porque há duas modalidades, há uma que é cogestão e outra que é autogestão, ou seja, os compartes gerem o seu baldio sozinhos sem qualquer participação do Estado

AC1: sim, sim, sim. em termos de madeira é que estamos em cogestão com o Estado, o resto é tudo gerido à nossa maneira respeitando os usos e costumes sempre

AL: ok, ok. Portanto a parte da madeira ainda é com o Estado

AC1: é, é com o Estado, o resto é nós é que fazemos a gestão do baldio conforme respeitamos os usos e costumes

AL: e como é que é essa relação com o Estado na gestão das florestas?

AC1: opa, não tem sido má, eu só não sou lá muito apologista de eles ficarem com 40% quando eles não fazem nada pelo nosso baldio e somos nós que estamos a fazer, mas prontos, se é a lei temos de cumprir

AL: eles não fazem nada é? Era aí que eu queria chegar precisamente

AC1: não, não

AL: não há uma acção frequente... acompanhada

AC1: não, não, não. Nada disso

AL: pois... nem na floresta?

AC1: não, quando queremos vender a floresta vem dali um funcionário deles para medir os pinheiros e para se por... é a única coisa que eles nos fazem é para por a concurso público para se poder vender, isso é o trabalho que eles fazem, mais nada

AL: não incentivam a plantação, não fazem qualquer espécie de... sei lá, estou eu a imaginar, *workshops* ou... outras iniciativas destas

AC1: não, não, nesta zona e também não tenho conhecimento que o tenham feito em algum sítio, pelo menos no meu não fazem

AL: sim, sim, sim, portanto não há qualquer tipo de acompanhamento ou de cogestão, no fundo, não é, do baldio...

AC1: é, é mesmo isso... não.

AL: então e vocês nunca consideraram ir para a autogestão, ou seja seguir a outra modalidade, porque vocês estão na modalidade b), segundo a lei não é... é a modalidade b) que é a modalidade de cogestão, nunca vos passou...

AC1: não. Nunca nos passou pela cabeça fazer isso

AL: ok

AC1: até porque também não temos tido grandes problemas e as coisas têm sempre funcionado respeitando sempre... nisto não se pode melindrar os compartes e portanto eles gostam da forma como está a ser gerido e é assim que temos de prevalecer não é...

Gondoriz: AGo1

AL: e o que é que acha da nova lei dos baldios? Que saiu o ano passado

AGo1: eu acho que esta nova lei em parte veio corrigir muitos erros que estavam a ser cometidos, que havia aqui muita gente sem animais a receber dinheiro à conta dos baldios

AL: ah, está a falar do corte nas áreas de pastagem não é?

AGo1: sim, sim.

AL: eu digo mesmo a lei dos baldios

AGo1: opa, eu não sei, eu sinceramente não me debrucei muito sobre ela, não tenho grande interesse em... porque a lei aqui não vai afectar nada a freguesia. O que afectou mais foi a redução, mas por um lado até foi bom porque havia aí muita gente a receber dinheiro injustamente e assim foram distribuídos mais correctamente

Sistelo: ASi1

AL: e a venda de lenhas. Mas têm bastante floresta dentro do baldio?

ASi1: mal gerida mas temos, estamos em cogestão portanto está muito mal gerida

AL: e há alguma intervenção dos SF?

ASi1: não tem intervenção nenhuma, nem nas casas florestais nem nada, está tudo ao abandono, pode-se roubar mas não podem dar nem podem vender aos baldios, mas podem roubar.... Se chegar ali um gajo com um camião e levar as pedras, ninguém vai atrás deles. Se forem os baldios a irem lá tomar conta daquilo vem já alguém meter-se connosco, há já um problema

AL: pois... mas vocês têm feito algumas plantações, ou reflorestações?

ASi1: temos, mas é sempre um problema, trabalhar com esta gente é sempre problemático. Portanto para fazer uma plantação juntam-se várias entidades, uma dúzia de engenheiros e cada engenheiro opina à maneira dele. Chega-se ali cada um... cada um sabe de uma coisa, chega ali, não sei quê, não sei que mais, um é isto, outro é aquilo, depois chega a uma altura que tenho de me vir embora, porque eu não me entendo com esta gente. Não é possível com esta gente que temos, com esta maneira de gestão, fazermos alguma coisa pelas florestas. Não é possível... não é possível... com esta gente não é possível fazer nada

AL: pois, se calhar o melhor era mesmo tentarem destacar-se do Estado

ASi1: pois, mas o problema é esse, eu já tentei mas isso é muito complicado. Eles exigem muito dinheiro, querem fazer avaliações, querem receber... e depois somos nós que temos de [o Durval é chamado, estão a arranjar a motosserra dele]

AL: relembre-me só quando é que os baldios passaram para as mãos dos compartes

ASi1: então isto foi depois do 25 de abril que

AL: não, mas inicialmente a gestão feita pela freguesia não é

ASi1: não, mas desde aquela altura que foi com os compartes, desde que há compartes

AL: que é quando, é isso que eu quero saber, aqui em Sistelo

ASi1: em Sistelo foi como nos outros sítios, foi sempre os compartes, portanto, passou aquelas questões administrativas e depois passou para os compartes, só que depois nós já passou, por causa das ITI é que depois... estava... havia os compartes, havia a assembleia de compartes que delegou poderes na Junta, mas depois como não podíamos estar delegados na Junta, é que passou a haver mesmo a estrutura própria só de ... mas já há uns anos, há já para aí mais de dez anos

AL: ah, ok, então se estivesse o baldio delegado na Junta não podiam concorrer às ITI é isso?

ASi1: é isso

AL: e foi só por isso?

ASi1: ainda hoje há baldios que estão delegados nas Juntas. Quando não há ITI estão delegados na Junta

AL: então mas agora a Junta não tem nada a ver com... ou seja, a o presidente da Junta não é o presidente do CD

ASi1: não, não. Pode ser, em eleições pode ser, mas não é. Neste momento não é

AL: e acha que é melhor ser ou acha que é melhor não ser?

ASi1: não sei, é capaz de ser melhor, é capaz de ser igual, não sei, só depois é que se pode

AL: mas acha que são coisas separadas ou

ASi1: isto existe para ser separado

AL: pois... e o que é que acha, na sua opinião o que é que é melhor?

ASi1: a lei diz que deve haver uma assembleia de compartes, portanto, se deve haver, deve haver. Agora o presidente da Junta pode-se candidatar e... ou os membros da Junta podem fazer uma lista para se candidatarem ao baldios mas não ganhar... não é?

AL: claro, claro, mas eu digo, acha bem a separação de poderes

ASi1: eu acho que funciona bem de qualquer maneira, de qualquer maneira funciona bem

AL: e há bastantes jovens aqui nesta freguesia?

ASi1: há bastantes, uns que já estão fixados há anos e outros que estão a vir, temos aí muitos jovens, casais temos um, que se fixaram há meia dúzia de anos temos por aí, temos 1, 2, 3... para aí uns 10 casais, que vieram de França e de fora e fixaram-se aqui. Temos outros também que já estão fixados, que já estão projectos feitos. Temos também outras pessoas com mais idade que já estavam cá que têm as suas explorações, têm os seus animais, somos uma freguesia que temos muitos animais

AL: consegue dizer mais ou menos por alto quantos mais ou menos?

ASi1: mais 1000 animais

AL: quantas aldeias? Quantos baldios?

ASi1: baldio só, o de Sistelo

AL: e quantas aldeias são?

ASi1: lugares? Somos 6 lugares

AL: pode dizer? O lugar da igreja

ASi1: o lugar da Estrica, Lugar da Quebrada, lugar da Portela do Alvite, lugar do Padrão e lugar da Pontecova

AL: ok, e quantos compartes são ao todo?

ASi1: compartes agora devem ser à volta de... que estão inseridos, que estão mais ou menos autorizados no baldio são à volta de 200

AL: 200... ok, mas esses são aqueles que estão na lista de

ASi1: na lista dos compartes. Autorizado, autorizado, autorizado, são menos

AL: então mas os compartes praticamente agora para vocês são todos os eleitores?

ASi1: não é para nós, é a lei que diz

AL: eu sei, mas

ASi1: não são todos os eleitores, o caderno dos compartes não é o mesmo que o caderno dos eleitores

AL: Mas acho que a nova lei agora diz que sim

ASi1: diz e não diz

AL: então diga lá...

ASi1: porque a nova lei... a lei diz que deve ser parte todos os que estão recenseados não é? nesse caso eram 300 e tal. Depois diz que uma pessoa qualquer de fora que tenha... que seja proprietário ou tenha uma actividade também pode, pois se uma pessoa está recenseada noutra freguesia não pode estar recenseado na minha, como é que é?

AL: é uma grande confusão, é o que é

ASi1: pois, é que quem faz as legislações só cria confusões.

AL: para mim essa legislação foi só para causar confusão e para as pessoas ficarem cada vez mais desmotivadas

ASi1: todas as pessoas que são da freguesia proprietárias são partes, mas se a pessoa que não mora na freguesia mas tenha iniciado ali a sua actividade, é parte. Então se ela está recenseada nos Arcos ou noutro sítio qualquer como é que pode estar recenseada em

Sistelo? Portanto tem que abrir um caderno eleitoral que não seja o mesmo. E aliás, quem é que obriga a Junta a dar o caderno de compartes aos baldios? Sempre actualizado? Há uma lei para isso? Não há nenhuma lei que diga assim “o presidente do CD deve solicitar à Junta e a Junta deve dar o caderno aos compartes”. Portanto, se há litígio entre a freguesia, entre os compartes... se há litígio entre a assembleia de compartes e a Junta, a Junta não cede o caderno eleitoral, é tão fácil quanto isto. Porque quem pode, actualmente só a Junta é que pode extrair o caderno eleitoral, e sempre que há eleições tem sempre o caderno actualizado, portanto nós nunca temos o caderno actualizado, podemos pedi-lo à Junta e a Junta pode não facultar, porque não há nenhuma lei que obrigue a Junta a dar. Seria dizer assim “a Junta é obrigada a ceder o caderno de compartes aos baldios” ... portanto eu não percebo bem esta lei, como é que é, quem são os compartes? São todos, só os da freguesia, só os que são residentes, só os que são naturais, ou aqueles de fora também são compartes... portanto um gajo tem aqui uma exploração... nós temos aqui muita gente que está fora daqui, que mora noutras freguesias, tem aqui exploração, tem aqui os seus terrenos, tem aqui animais... então são compartes ou não são compartes? E sendo compartes estão ou não estão no caderno?

AL: pois, pois... é uma grande confusão... Mas por exemplo, no vosso caso, disse-me que havia 200 e tal compartes e 300 e tal pessoas recenseadas... qual é que é essa diferença? Esses cento e tal são o quê?

ASi1: emigrantes.... São emigrantes. Ate são mais se calhar

AL: ok... esses não são considerados compartes aqui em Sistelo

ASi1: não, se vierem para aqui são considerados compartes, desde que venham para aqui e que utilizem os baldios são considerados compartes

AL: pois... e a participação na gestão dos baldios por parte dos compartes, é grande?

ASi1: Isso é complicado, qualquer assembleia, tanto a dos compartes, como as de freguesia como as assembleias municipais, só são concorridas se houver uma matéria de interesses, se não, não são. Portanto nós temos dificuldade... à primeira nunca... dificilmente uma freguesia consegue fazer uma reunião à primeira. Portanto a lei aí também... é uma lei que não se coaduna... não percebo estas leis, tem de ser 1/5 das pessoas a participar na coisa... portanto, depois à segunda vez vai com qualquer número de compartes. Portanto muitas vezes temos dificuldade em fazer reuniões. Ultimamente têm até sido bastante assíduas, com mais alguma gente, mas é difícil ter mais de 20 pessoas numa reunião. Só se o assunto for de muito interesse

AL: o que é que acha desta nova lei?

ASi1: ainda não li, ainda não li esta nova lei dos baldios

AL: mas já tem uma ideia do que é que

ASi1: não, não li, já ma entregaram, já ma entregou a Sandra mas não li

AL: mas eu estou a falar da que saiu o ano passado

AS1: a que saiu o ano passado é confusão, eu não percebo os legisladores... por quem são feitas as leis? É feita por uma sociedade de advogados que mora em Lisboa, portanto as leis não são feitas nas freguesias ou nos concelhos onde há baldios, Lisboa não tem baldios... porque é que a lei não é feita... porque é que eles não vêm para o terreno ver o que se passa... é uma lei que é só confusão, só lança cada vez mais confusão, não é uma lei que seja clara, que estipule as coisas, que chame pelo nome aos bois, não chama... não sei, não... para mim cada vez que se mexe é confusão, não simplificam, é tudo mais do mesmo

Soajo: AS1

AL: completamente ausentes. E vocês pretendem manter a cogestão perante essa situação ou...?

AS1: nós temos que a manter... foram eles que plantaram isto tudo

AL: mas acho que não... têm que manter?

AS1: eu acho que sim, não sei

AL: eu sei que há alguns baldios que estão a pedir a autogestão, precisamente por questões desse género, não sentem a presença do...

AS1: mas aqui perto?

AL: não, aqui perto não

AS1: eu sei que em Ponte de Lima, já houve ali um baldio em Ponte de Lima que conseguiu, se não estou em erro

AL: por exemplo o de Pitões das Júnias acho que está a pedir autogestão actualmente

AS1: é?

AL: sim

AS1: eu acho que não era pior... porque olhe, nós aqui é uma reserva mundial da biosfera, tudo muito bem, mas tem muitas regras que não fazem sentido. Por exemplo, vai-se para o Gerês e acha-se imensa piada, sim senhor, estas árvores todas à beira da estrada, é muito giro, é, sobretudo quando está assim muito calor é muito fresquinho...

AL: (RISOS)

AS1: mas imagine 5 homens a limpar 40 hectares no inverno aqui, o tempo que faz, e têm que às vezes perder 2 ou 3 semanas a limpar as estradas porque caem pinheiros, carvalhos, mais águas, mais daquilo e daqueloutro e... é assim, porque é que não se faz um corte de 2 metros a toda a volta e isso o parque não autoriza... eu acho que não faz sentido, a árvore é muito bonita... na floresta, à beira das estradas não faz sentido... dois metros! Não faz... e é assim, ia ajudar muita coisa, porque no inverno as estradas estavam transitáveis, dava-lhe o sol logo não há gelo, não há neve, não é? Mas, mas pronto, são coisinhas pequeninas mas que podem ajudar muito, porque não é fácil gerir isto... agora,

há freguesias pequenininhas, há freguesias com 1000 hectares, outras se calhar nem tanto, é fácil, com 5 homens é fácil...

AL: O que é que eu lhe ia perguntar mais... ah, o número de... já me disse não é, são 1000 e tal

AS1: 1525 eleitores

AL: portanto vocês consideram que todos eles são compartes não é?

AS1: sim, todos os naturais do Soajo, não é, portanto muita emigração, nós aqui...

AL: e os emigrantes também votam? Pergunto...

AS1: sim, sim, sim

AL: mas só vêm cá uma vez por ano não é? Mais ou menos

AS1: só, mas só têm a residência em Soajo também, embora não seja permanente mas cá em Portugal é a única residência que têm, portanto são eleitores

AL: portanto podem votar nas questões do baldio...

AS1: e na freguesia...

AL: sim, isso sim

AS1: e eles sendo naturais... porque é assim, a outra lei diz o seguinte, não é, sendo filhos de naturais são automaticamente compartes

AL: sim, a nova lei diz isso... o que é que acha desta nova lei dos baldios? Não sei se sabe tudo que diz, mas a ideia com que ficou em relação à anterior...

AS1: eu acho que ela até é mais segura, prontos, há ali várias coisinhas que talvez não estejam tao bem mas a nível de...de... da nossa... responsabilidade, eu acho muito bem

AL: responsabilizar mais o ...

AS1: eu acho muito bem, porque isto é assim, havia muitas também que não tinham contabilidade nenhuma, olhe... Cabril! Falaram-lhe em Cabril? Já lhe disseram?

AL: eu já lá fui a Cabril até...

AS1: já lá foi e não lhe disseram nada?

AL: por acaso não tenho... não me lembro, já foi há algum tempo que lá fui, tenho de ouvir as entrevistas outra vez, não me recordo...

AS1: aqui há pouco tempo que havia um problema também com Cabril, por causa da gestão, umas transferências de dinheiros, que os novos... o CD vieram-se a aperceber, que nós não sabemos, e o senhor presidente do CD acabou por me dizer que a antiga direcção

não fazia eleições, não havia assembleias, não havia apresentação de contas, não havia nada, nada!

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: que eu entrei. E quando entrei fui a ver que ele devia uma média de 30 000 Euros... muito dinheiro

AL: a quem, a empresas...

PB1: a empresas, a advogados, ao estado propriamente, e então eu pensei em entregar esses documentos todos a um advogado e está em tribunal, agora vamos lá a ver. Mas isso não interessa... isso não interessa, mas, quero dizer, os compartes aqui são um bocado complicados, a zona Parque é muito complicada, e a zona Parque a nós não nos favorece nada, porque isto nós temos de andar sempre em cima sobre as novas leis, sabe que saiu uma nova lei há pouco tempo no dia e de setembro... a Lei já mudou outra vez

AL: já mudou outra vez?

PB1: já há artigos que... novos. Não sei se eu tenho aqui, por acaso não trouxe

AL: tenho de ver isso, não estou a par, sei da lei de setembro, mas...

PB1: há um artigo que é o artigo nº1 que já modificou muito, e se uma pessoa não anda em cima disso está tudo estragado. Sei que antigamente havia muitas mais candidaturas para terrenos florestais e essa coisa toda e isso acabou tudo... existe as ITI. Temos as candidaturas das ITI e mais nada, e isso não dá para nada, não dá absolutamente para nada, e sabe que sobre a nossa lei, que nós temos, de compartes, e eles aqui na nossa região são... dormem sempre de olho aberto, é que nós temos de limpar de volta das casas 50 metros. E nós, a nossa zona aqui é toda montanhosa, como quase, quase a nuvem não esteja a partir com o baldio [*? não se entende*], e eu sei que este ano já rocei de volta das casas uma média de 12 hectares, e os hectares há aqui os pagar-se

AL: há que quê?

PB1: há que os pagar

AL: ah, sim

PB1: e sabe que o hectare é a 2000 Euros

AL: pois... E é mais caro por ser declivoso? Ou por ser mais difícil o trabalho, ou é sempre igual

PB1: não, é assim o preço, ele pode aumentar ainda, se é um roço que é feito a escada ou a corda, não falemos nisso, não temos essas zonas aqui, não temos felizmente não temos essas zonas assim. Mas vemo-nos à rasca para fazer isso e se não fizermos esses trabalhos temos uma multa de 30 000 Euros

AL: ai é?

PB1: é verdade...

AL: portanto aqui em Britelo, pelo que eu percebi, todos os habitantes da freguesia aqui de Britelo têm direito ao baldio...? São considerados compartes

PB1: são... sim... não têm direito, eles não têm direito

AL: direito ao uso... usufruto

PB1: usos e costumes, mas mesmo assim não é como querem. Por exemplo, nós temos ali 4 ou 5 eucaliptos, nós aqui nós cortámo-los, mas essa pessoa teve de vir pedir, tem de pedir ao presidente se pode cortar. O presidente pode dizer “sim, corta” ou “não corta”

AL: ao presidente isto é à assembleia de compartes...?

PB1: não, não, só o presidente, só o presidente... o presidente é que decide

AL: ah, não vai à assembleia esse tipo de coisas?

PB1: não, não, não vai à assembleia, não vai à assembleia esse tipo de coisas. Por exemplo, está aqui esta senhora “ah, está acolá um eucalipto ou um pinheiro, posso cortá-lo?” “pode sim senhora”. Ou “está em tal parte 4 giesteiras, posso cortar?” “pode sim senhora”

AL: isso no baldio?

PB1: é nos baldios, ninguém pode... esta senhora não pode ir cortar aquele eucalipto que está acolá, isso já é um furto, nós declarámos isso completamente, porque se nós não fizéssemos assim todo o mundo cortava no baldio, todo o mundo cortava, e há muita coisa que não se pode cortar, não haja dúvidas, temos muitas árvores aqui que não podem ser cortadas, o sobreiro, o carvalho, o arbadeiro, o piorno, há muita, muita coisa

AL: qual é que disse antes?

PB1: o arbadeiro?

AL: sim o que é isso?

PB1: o arbadeiro é isso que dá umas frutas que se faz aguardente deles e tudo

AL: ah, o medronheiro?

PB1: sim, o medronheiro, nós aqui chamamos arbadeiro

AL: e o piorno

PB1: e o piorno, mas o piorno é mais lá para cima para a serra, e o azevinho também não pode ser cortado, nem pensar

PB1: [...] Sobre a lei... sobre a lei... era é verdade que nós quando olhamos para a lei e lemos o artigo 12, ou o artigo 5 ou o artigo 7, pomo-nos assim “o que é que quer dizer

isto?”. Porque a lei não foi feita para as aldeias, isso podem-me dizer o que disserem, eu lá li a lei mais do que 50 vezes, já, já... mas esta lei que está feita não é para as aldeias, esta lei está feita é para as cidades, não pode ser para nós

AL: em termos de discurso ou...

PB1: não é de discurso, de gerência, não é, não pode ser... viver numa vila não é viver aqui, os costumes não são os mesmos, são totalmente diferentes, numa cidade o que é que a senhora tem que os compartes tenham? Não tem nada. Numa vila, o que é que tem? Tem os arredores, mas os arredores já têm as Juntas e já têm os compartes. Ora, nisto dou umas passadas às outras, por exemplo, não foi há muito tempo que fiz este protocolo com a Câmara, o senhor presidente teve... vou falar assim de um modo especial, teve a lata de me dizer “se tu não fazes faço eu!”. E aquilo pôs-me já a 200 à hora

AL: mas o quê? Se não fazes o quê?

PB1: o trilho. Aquilo que ele disse já me revirou todo cá dentro e virei-me para ele e disse-lhe: “senhor presidente aqui na Câmara o senhor é o presidente da Câmara, aqui dentro... lá fora é um homem como eu, mas nos montes baldios eu sou um homem como o senhor mas o senhor não mete lá os pés, quem manda lá sou eu, e só vai ao monte baldio quem eu quero. O senhor pode organizar um autocarro para ir ver as gravuras, eu chego lá não deixo ir ninguém ver as gravuras, sou eu é que decido”. E ele disse assim “mas não estás bom da cabeça” “é como eu digo, va ler no regulamento, os montes baldios têm um presidente que é o presidente dos compartes, mais nada e ponto final!” E mais tarde ele veio-me dizer... “quem é que te ensinou isso tudo?”. “Ninguém... ninguém, eu quando não sei as coisas tento saber ou vou procurar alguém que as conheça e faço o meu melhor, ora no monte baldio você não manda nada, desculpe la, lá sou eu que mando”. E agora somos uns grandes amigalhões

AL (RISOS)

PB1: é verdade... já temos comido juntos e essa coisa toda, não, mas as minhas relações são boas com toda a gente

AL: não, mas vamos imaginar que era entregue às... porque esta nova lei prepara um bocadinho o caminho para a entrega às autarquias

PB1: sim, mas depende das situações, que há compartes que têm os terrenos baldios registados, são deles, é isso que é a diferença

AL: como assim?

PB1: sim, há muita gente, há muitos casos em que o terreno é todo deles

AL: deles quem?

PB1: dos próprios compartes, está registado em nome deles próprios

AL: mas vocês também...

PB1: nós não...

AL: então?

PB1: nós temos o baldio mas o baldio não é nosso, o baldio é do parque, era da floresta, é do Estado

AL: mas a partir do momento em que vocês se organizam

PB1: mas o deles é deles próprios

AL: Mas pelo que eu percebi a partir do momento em que os compartes se organizam e reclamam, digamos assim, o baldio para si, passa a ser propriedade da assembleia de compartes

PB1: mas não podemos vender

AL: não, vender não, não é uma propriedade privada

PB1: mas eles têm-no registado, há muitos que têm os baldios registados

AL: mas acho que a nova lei agora obriga a registar na matriz predial o baldio

PB1: não

AL: está lá escrito, que têm que registar e que só assim é que se safam de pagar o IMI

PB1: não, porque os baldios não podemos registar uma coisa que não é nossa

AL: mas isso é que torna a nova lei um bocadinho discutível e polémica, porque trata o baldio como se estivesse incluído no comercio jurídico

PB1: se eu for registar, por exemplo, os 900 e tal hectares que temos, o Estado não tinha, nem parque nem nada, não tinham que meter aqui o nariz, nós botávamos o parque fora

AL: pronto, mas a verdade é que é isso, agora estamos a falar de um caso muito específico que é os baldios do parque, mas a lei é geral não é só para os baldios do parque, é para todos, e lá está escrito que são obrigados a registar o baldio na matriz predial e que só dessa forma é que passam a ser isentos de IMI, pelo menos é o que eu...

PB1: nós não pagamos IMI

AL: pois não, não pagam IMI, mas uma das alíneas, e é o que está lá escrito, pelo menos é assim que eu li, uma das alíneas diz precisamente que passam a não pagar IMI mas para isso têm de ter o baldio inscrito na matriz predial

PB1: não foi isso que eu compreendi

AL: é que esta nova lei é precisamente muito contestada e polémica por causa da forma como trata o baldio como sendo uma propriedade privada e não é, é uma propriedade comunitária...

PB1: eu acho que o problema, o que traz mais polemica para mim é o... foi aquela zona que eles tiraram, que disseram que nós por exemplo, que nós de 900 passamos a 300 hectares

AL: sim

PB1: bom, uma zona que era florestal, outra zona que era passagem de linhas, de ribeiros e penedos, quando nós vemos de 900 passar a duzentos e... a 300 vá hectares... isto é tudo maluco. Onde é que comem as cabras? No meio dos penedos, nos íamos à serra, eu vou à serra, vejo uma camada de cavalos todos no meio das pedras da Peneda, não é como eles dizem, no meio das pedras há comida, no meio dos penedos há comida, e eles dizem que não, mas há, debaixo das linhas há comida

AL: das linhas de água?

PB1: não, das de alta tensão... nas corgas... para que é que serve uma corga? É para os animais beberem, não serve para outra coisa, já sabemos que onde passa a água não há comida caraças, então porque é que eles, se... um animal não come só, também bebe, então porque é que uma corga é tirada do pastorício?... foi isso que nos levou mais ao fundo da historia, porque nós dissemos "entre os penedos há comida! Debaixo das colunas há comida! Os ribeiros não há onde passa a água... mas é um alimento igual como o pastorício, a água é um alimento, então porque é que eles nos tiram esses hectares? E ficou escrito que... que eles queriam fazer uma nova revisão e essa revisão já foi feita, porque nós agora só nos tiraram 100 hectares, nos já estamos nos 800 hectares outra vez, pela nova lei que me deram ontem

AL: então houve uma nova revisão em todos os baldios ou foi só aqui?

PB1: ah, em todos. Porque nós tivemos sorte porque sobre essa revisão que fizeram, nós temos muita giesta, e eles consideram a giesta como pastorício, e não é

AL: é mesmo falta de conhecimento do terreno

PB1: é claro. O nosso baldio está coberto de giesta e eles consideraram a giesta como pastorício, nós e a Soajo também, há para ali uma região da zona do Soajo que tem muita giesta também, que também lhe acrescentou muito, fomos nós e eles, ainda ontem estive a conversar com o engenheiro Carlos Pinto, olhe, foi Britelo e uma freguesia de Soajo que teve um aumento enorme

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: quantas pessoas é que são compartes?

PE1: compartes é o eleitorado não é, são cerca de 600. É o eleitorado, mas que em termos de, quer dizer, há aqui um desfasamento enorme, e a lei agora veio, digamos assim, desvirtuar um bocadinho o espirito de... eu acho e sou da opinião, que o espirito anterior da lei era muito mais correcto, era mais correcto, porquê?

AL: adequado à realidade não é?

PE1: porque era dos que estivessem efectivamente a residir e que utilizassem a área baldia, e agora com a nova lei é do universo eleitoral, ou seja temos agora aqui emigrantes, isso ainda é como... mas pronto, mas segundo a lei agora é o universo eleitoral

AL: sim, e aquela questão também de que quem tem uma actividade agroflorestal na área da freguesia também passa a ser comparte

PE1: sim, pronto, embora estas questões presumo que vão ainda dar muito que falar e pode inclusivamente dar origem a alguns processos complicados

AL: eu acho que vai dar alguns processos, conheço um baldio em que já está a haver conflitos porque foi as eleições e depois votaram emigrantes e aquilo deu tudo ao contrário do que se esperava

PE1: pois, não favoreceu nada e não torna, digamos assim, real, não dá, porquê? Se o baldio é para uso e fruição de quem reside, porque faz sentido não é, porque as pessoas estão lá, precisam, aquilo a filosofia é para ajudar, digamos assim, a vida agrícola, um meio de subsistência também, não faz sentido estar a integrar aqui os emigrantes que não têm qualquer relação durante 11 meses do ano com a terra, mas pronto

AL: pois... por acaso, até soube pelos compartes, nestes dias que tenho estado por cá, que saiu um novo decreto-lei agora, e eu estive a lê-lo ontem, e eu até pensei que tocasse essa questão mas não toca, toca varias importantes mas essa não

PE1: eu acho que há aqui mesmo o interesse de fraquejar, de tornar mais fraca esta questão de, do baldio, e deste espirito que as pessoas têm relativamente ao baldio, e alargando digamos assim o grupo de pessoas que podem interferir no processo, pessoas que não têm necessidade que tem quem vive na comunidade, pessoas com outras visões e perspectivas em termos de mesmo de negócios e não sei quê, fraqueja um bocado isto, fragiliza... e pronto, eu acho que essa é a intenção, uma vez que se mantivessem o núcleo, digamos assim, de utilizadores e de possuidores do baldio, era difícil convence-los do contrário. Eu penso que isto tem a ver um pouco com isso. E já se fala de... acabar com os baldios, de... e esta questão de alargar o número de compartes assim desta forma tem a ver um pouco com isso

AL: há casos de... portanto, uma pessoa que faça parte do foral também tem direito ao baldio da sua... ou da sua freguesia ou da sua aldeia, depende

PE1: hmmm, não... isto já tem, isso já tem tanta história que as pessoas já percebem que, as pessoas de Lourido, Froufe e Ermida é na Foral que têm... e os outros, os de Lugar de Igreja, Sobredo (Severedo?) e Tamente é área baldia

AL: qual é essa freguesia?

PE1: agora é assim, agora também implicou a questão, agora isso também não foi pensado porque isso ainda não foi sentido no terreno, face à Lei, se o universo de compartes é o universo eleitoral, parte-se do princípio que sim, mas lá está a prova de que não faz sentido

AL: mas nos usos e costumes já não

PE1: já está a questão que a lei não faz muito sentido, porque nem as próprias pessoas sentem esse direito, elas estão disciplinadas naquele espirito e não reclamam ainda esse direito, não sei se amanhã, o oportunismo e tal...

AL: as outras gerações

PE1: não sei quê, outras gerações, não poderão vir reclamá-lo, mas lá está que a Lei não é coincidente com o uso e costume em prática no território, os Louridos, da Foral, não costumam nem vêm reivindicar direitos de baldio. Porque isso estava disciplinado, desde os nossos antepassados, eles já sabiam, para pastagem os dali podiam usar aquelas áreas e os outros aquelas, e não há história de utilização diferente dessa, agora com a alteração da Lei a verdade é que se um dia me aparecer um problema desses eu vou ter dificuldade em decidir, e se calhar vamos entrar aqui num diferendo, mas não sei, vamos lá a ver

AL: as próprias aldeias fazem parte do foral? Essas aldeias foram formadas devido a esse foral...? Lourido, Froufe e Ermida...

PE1: se calhar já existiam, não sei, se calhar existiam as aldeias mas existe povoação no interior não é, são 3 lugares, o próprio foral, Foral dos Montes de Ermida, Lourido e Froufe, ou Froufe, Lourido e Ermida, não sei qual é a ordem

AL: pois eu perguntei isto mais por causa daquela questão dos terrenos particulares que estão dentro do Foral, que já devem existir também há muito não é, se calhar já nem há memória, mas são destas aldeias não é?

PE1: sim, são de pessoas dessas aldeias

Germil: PG1

AL: e o que é que acha desta nova lei que mudou o ano passado...

PG1: do...

AL: dos baldios

PG1: acho que pronto, é mais uma machadada nos baldios, digam o que disserem

AL: pois... qual é que acha que é o ponto mais... mais ameaçador?

PG1: acho que o ponto mais ameaçador é quando dizem que os compartes que são... digamos, os recenseados no caderno eleitoral, eu não concordo!

AL: pois... como é que era aqui em Germil?

PG1: parte é aquela pessoa que é natural ou que reside, não é, que tem residência, pronto... agora, pode haver uma pessoa que nem é daqui mas que sim, que até é, que está nos cadernos

AL: que não habita aqui, que não... nada

PG1: exacto, que não tem nada a ver com o baldio

AL: e depois há aquela questão também da actividade agroflorestal na região, não é, que também fazem parte... o comparte também para além de ser isso que disse também é qualquer pessoa que exerça uma actividade agroflorestal

PG1: exactamente, exactamente. Quer dizer, eu acho que isso que é mais uma forma de baralhar as coisas para... eu acho que isto na minha maneira de ver traz aquilo que falámos há bocadinho, é dificultar as coisas, ir dificultando para que... para deixar de haver gestão e depois venham “ah, não há gestão, o Estado tem que entrar”, porque isso é aquilo que se espera e aquilo que... porque eu acho que ... epa, se fizessem alguma coisa para melhor, eu até concordo, agora mexer nalgumas coisas, epa, eu acho que é... não sei, não sei...

AL: não vê aí grande vontade de melhoria...

PG1: não. Não, não, isto acho que só piora as coisas. Isto... eu volto ao mesmo, eu não estou a falar de política mas eu acho que isto é uma merda pa, eu votei por eles, eu acho isto uma merda, só faz asneira em cima de asneira, é nos baldios e em tudo pa... foi a lei dos baldios, foi a classificação das áreas das pastagens, o que é que eles querem? Querem correr connosco daqui para fora? Foram chegar aos agricultores, àquelas pessoas que tinham duas vaquitas e tal “você tem que se colectar, tem que ter uma empresa”... “eu? Como? Como é que eu faço isto? Olha, vou vender e acabou-se, quer dizer”. Isto é só machadadas na agricultura e no meio rural...

AL: sim... e depois o corte das escolas, o corte disto, o corte daquilo

PG1: tudo! Mas depois... indirectamente já lhe deram forte, mas depois foi também directamente! Eu não sei o que é que pensam, não sei

AL: pois.. querem deixar. Bom não sei, isto também é a minha opinião não é

PG1: sim, mas não estamos aqui para falar de política

AL: não, não, também podia entrar agora aqui

PG1: isto é... já houve outros atrás que fizeram, mas estes não... primeiro não têm direito a nada se não se coletar, opa, nós sabemos, e quem conhece estes... para si pode ser novo mas, pa, uma pessoa tem 5 ou 6 cabras, por exemplo, ou tem duas vacas, como é que se vai colectar, como é que vai ter uma contabilidade... como é que paga? Como é que paga se ao fim do ano o rendimento, por exemplo, imagine, tem duas vacas, ao fim do ano vendeu dois vitelos, e o pessoal até tem aquilo para passar tempo e às vezes até já está reformada ou... pronto, vendeu dois vitelos por 500 Euros ou 600 cada um, se for 600 são 1200 Euros, e depois quanto é que paga ao contabilista, se for a pagar tudo não lhe sobrou nenhum, “mas então para que é que eu quero isto?”, então cada vez abandona-se mais a agricultura... não é? Mas o Estado não vê isso, não quer ver isso

AL: e isso é mesmo assim? Só com duas vaquinhas tinham de se colectar?

PG1: sim! Até com uma! Eu digo duas mas com uma. E as pessoas claro “eu não estou para me chatear, mas onde é que eu vou buscar o dinheiro, então e depois ao fim do ano não tenho, já não me paga o trabalho”, as pessoas trabalham às vezes pronto para ter uma

ocupação e tal, agora assim? “então pronto, olha vendo”. Daí os animais começarem a desaparecer. Depois foi essa... foi a lei dos baldios, e agora a das pastagens a mesma coisa, agora vieram atrás, vá, projectos novos que venham por exemplo, não é só... estou a falar do nosso baldio mas estou a falar de outros aqui vizinhos que estão com o mesmo problema “e se vier alguém para fazer um projecto não temos baldio”. Quer-se dizer, isso é cortar as pernas aos jovens agricultores que queiram, pronto... lançar-se por exemplo. Eu falo por nós, nós não temos baldio neste momento para se vier um jovem que queira fazer um projecto temos de o mandar para trás... não faz. E depois ouvimos dizer, mas há apoios, há candidaturas, os jovens... a ministra veio dizer “os jovens agricultores podem-se candidatar, pois podem, podem, não recebem é o dinheiro, mas eles podem

(RISOS)

PG1: podem, eles não estão impedidos, mas nada disto... só que depois não recebem

AL: pois... candidatam-se

PG1: não há problema nenhum, eles podem-se candidatar, mas depois não recebem

AL: de facto não percebo muito bem onde é que eles querem chegar, quer dizer, percebo mas é triste

PG1: sim, é triste

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

O baldio das freguesias de Lindoso corresponde a 26% do território do município de Ponte da Barca (área: 4180 hectares). Este baldio, ou esta freguesia é dividida por três lugares, o lugar do Castelo, o lugar da Parada e o lugar de Cidadelhe. Todos juntos têm 800 e tal recenseados nesta freguesia, contudo apenas 480 são considerados compartes. Aqui lidera ainda o conceito de comparte dos usos e costumes, ou seja, são compartes aquelas pessoas que são residentes efectivas no local. Eles fazem a excepção na questão da utilização das águas para os emigrantes que não vivem ali, vêm cá uma vez por ano mas quando vêm eles deixam-nos usar a água. Isto porquê, porque a água em Lindoso é gerida localmente, ou seja, não há água da rede, eles têm um sistema de água próprio, todo legalizado conforme a higiene e saúde, contudo é gerida localmente.

Quando falo da lei dos baldios ele aponta-me logo a questão dos compartes. Ele diz-me também agora nesta altura que é no parque sobretudo que se manteve uma ideia de propriedade comunitária e uma utilização da mesma nesse sentido, eu perguntei porquê no parque, o que é que foi diferente em relação às outras zonas e ele diz que, por exemplo as pessoas tiveram que lutar, por exemplo, na altura da floresta, mesmo isso contribuiu para que as pessoas mantivessem uma espécie de outro modo de estar, mais em comunidade, na medida em que lutaram contra a ditadura, lutaram contra os efeitos da florestação e contra a entrada da floresta nos seus baldios e isso como que lhes deu outra forma de estar, com laços mais fortes, talvez, no interior da comunidade. Como ele diz ‘o povo organizou-se para lutar contra a ditadura, portanto, contra a floresta, o que levou a criar laços e outra maneira de estar’. Por outro lado, o facto de se estar longe dos centros urbanos, tudo isso contribuiu para que se mantivesse esta maneira de estar mais comunitária. Eu perguntei, então mas espere lá, nas aldeias fora do parque também entrou

a floresta, não houve uma luta também da parte destas aldeias face à floresta e ele diz que 'ah, mas aí a floresta estava entregue à Câmara e às Juntas, não havia compartes'.

Continuando na lei dos baldios, ele acha que a questão da matriz predial, o facto de serem agora obrigados a meter a propriedade nas finanças, e mesmo a prestação de contas, porque agora requerem isso tudo da gestão de um baldio. Ora ele acha que isso faz todo o sentido caso o dinheiro que é gerido seja do Estado, ou seja, eu vou prestar contas ao Estado por que razão se o dinheiro é nosso? É dinheiro que entrou com o nosso trabalho na nossa entidade que é proprietária do baldio, porque é que eu hei-de dar contas ao Estado do que é que eu faço ou deixo de fazer aqui dentro? Se o dinheiro fosse do Estado, como por exemplo quando a gente recebe dinheiro das ITI, nós aí temos que prestar contas ao financiador do que é que fizemos com o dinheiro e não sei o quê, isso sim. Agora se o dinheiro é nosso vou ter de estar a dizer ao Estado que fiz isto ou vou fazer aquilo ou não sei quê? Para mim isso não faz sentido, disse ele.

Por outro lado, outras alíneas que tem conhecimento, que há alíneas que responsabilizam directamente as pessoas que gerem o baldio de coisas que correm mal, em vez de se responsabilizar o baldio todo. Por exemplo, ele deu o exemplo da Junta de Freguesia: "eu faço parte da Junta de Freguesia, se eu faço qualquer coisa mal, é a Junta que vai pagar, não sou eu, é a entidade, é um corpo. Na lei o que se pretende é que os gestores dos baldios venham a ser penalizados caso alguma coisa corra mal no baldio. E ele não acha isso bem, ele acha que isso serve apenas para desincentivar as pessoas, para desincentivar a gestão local e que não traz benesses nenhuma.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: sim, sim. E no meio disso tudo, da questão dos incêndios e tudo o mais, qual é que tem sido o papel do ICNF? Ou seja, é uma instituição com a qual colaboram e é presente, coopera, ou só proíbe?

TC1: nós queríamos

AL: como é que isso tem sido?

TC1: ultimamente tem havido uma certa aproximação, ela é recíproca claro, tanto de nós como do ICNF, até porque agora há uma maniação, agora até os baldios vão ter de prestar contas ao ICNF, não é? De acordo com...

AL: sim, a, Lei...

TC1: antigamente o Estado era mais directo, mais frontal, agora usa subterfúgios... mas, mas pronto, foram cirando um sem número de teias que obrigam... mesmo alguém que queira cortar um carvalho fora da área do Parque Nacional tem de pedir autorização ao ICNF, portanto esta excessiva dependência do ICNF, eu ainda não percebi onde é que eles querem chegar nem sei se vão ter estrutura para dar resposta, a não ser que arranjem aplicações para o telemóvel e que deem telemóveis aí às pessoas... hoje toda a gente tem telemóvel....

AL: [...] sendo aforados eu também não sei bem qual é a relação que vocês têm com a lei dos baldios, sendo um regime de propriedade um bocadinho diferente...

TC1: nós temos, na relação... para efeitos de apoios do Estado, a própria lei dos baldios prevê lá terrenos equiparados não é, e para esse efeito considera-se equiparados, portanto há ali um conjunto de regras que acabam por se aplicar quando nós... e que no fundo fazem depois parte da regulamentação para os apoios. Portanto os apoios estão desenhados tendo por base, ou considerando as normas da lei dos baldios, ou do regulamento da lei também, e depois há algumas exigências que vão buscar à lei dos baldios. Quando contratualizamos faz parte das condições, portanto sujeitamo-nos e cumprimos, portanto, eu reconheço... conhecemos a lei dos baldios (RISOS)

AL: sim, a lei dos baldios e também têm que ter o PGF ou o PUB...

TC1: sim, o plano de gestão florestal, sim, mas isso

AL: e têm-no já aprovado?

TC1: temos, o plano de utilização do baldio não é?

AL: sim

TC1: temos, sim. Para determinadas candidaturas é necessário ter esse instrumento

AL: pois, exactamente. E o que é que acha desta alteração da Lei dos Baldios, que houve o ano passado e que ainda está a ser moldada

TC1: está a ser digerida

AL: saiu agora um decreto-lei que estive a ler no outro dia

TC1: eu na generalidade concordo com ela, porque contrariamente a alguns companheiros mais conservadores... porque há dinâmicas... há hoje comunidades, ou melhor, hoje nalguns sítios deixaram de existir comunidades e não faz sentido ter ali um terreno que pertence a uma comunidade que não existe não é, daí que... não se passa aqui no nosso território mas sei que há sítios, aldeias que desapareceram e que tinham terrenos baldios. Nessa medida a lei... parece-me bem que fosse alterada. Há depois ali aquela parte da prestação de contas ao ICNF que acho intrusivo, acho que não faz sentido nenhum, acho que... duvido inclusive relativamente à constitucionalidade dessa lei mas isso depois quem quiser que... no nosso caso nós não somos obrigados, não iremos apresentar contas e apenas as apresentamos quando estamos a executar algum, ou dentro de algum projecto, e aí sim, por exemplo nas ITI tínhamos de apresentar um plano de actividades e o relatório de contas da actividade da associação, para além de outros documentos com relevância fiscal e por aí fora. Mas agora é o único ponto, como há também o outro lá relativamente à definição de comparte, criaram ali uma confusão, não sei se depois clarificaram a Lei mas havia ali

AL: não, está igual

TC1: está igual...

AL: pelo menos neste decreto-lei não referem essa alínea, este último que saiu

TC1: pronto, se mantiverem igual permite sempre que localmente ainda continuem a escolher como lhes interessa, não é

AL: está um bocado pouco clara

TC1: permite... pronto, permite que localmente ainda possam dizer se basta ser residente ou não, ou exercer uma actividade não é

AL: mas eles já dizem que é as pessoas que estão inscritas no caderno eleitoral da freguesia onde o baldio se encontre... isto é completamente de quem desconhece a realidade local, não faz sentido, porque há baldios que abrangem se calhar mais do que uma freguesia, há aldeias que têm um baldio e que fazem parte da mesma freguesia que o outro baldio ao lado, vai ser uma grande confusão

TC1: claro, mas eu creio que... era importante por isso mais claro, mas o que eu estava a dizer era que eu creio que as comunidades podem definir e depois andarem ali a raia não é, como o governo, o actual governo não é, abusou ali em várias coisas e o tribunal constitucional depois mandou corrigir não é, também não vejo problema nenhum, dentro do bom senso, que as comunidades locais definam as regras "ok, para nós comparte tem que ser assim", se estiver mal vai para o tribunal, depois logo se vê como é que se resolve

AL: mas criam-se uma série de conflitozinhos que não havia necessidade não é, a meu ver isso poderá desmotivar as pessoas, não sei

TC1: atenção que os baldios...

AL: já são ricos em conflitos é isso? (RISOS)

TC1: acho que não vai ser por ali, acho que não há-de ser por ali (RISOS)

AL: (RISOS) não, mas por exemplo, sei de um conflito que se gerou derivado dessa nova alínea, da definição de compartes que antes era definido localmente e que agora é definida pela Lei

TC1: mas isso só deve ter acontecido por causa de eleger o novo CD

AL: exactamente, na altura das eleições

TC1: (RISOS) só aí, mais nada

AL: é uma questão de

TC1: sim, mas isso é... eu creio que é pacífico, estabilizando agora, elaborando o caderno de compartes e fixando as regras para a definição de comparte, a partir daqui a coisa estabiliza. Agora como houve disputas aí por causa de... a Lei ali precisava de... há de facto dois aspectos na Lei que me deixam algumas reservas, uma é a definição de comparte que

tem de ser melhorada, ou devia ser melhorada, e a obrigação de prestar contas ao ICNF, acho que é um absurdo, não faz sentido nenhum

AL: e vocês, estava a dizer-me que vocês aqui não vão prestar, é porquê?

TC1: porque nós não somos... a Lei dos Baldios nós somos aplicamos consoante aquilo que nos interessa

AL: (RISOS)

TC1: não, sim

AL: que incida sobre a vossa situação

TC1: claro

AL: sim, sim. Ok, só para perceber, não estava a perceber como é que podiam contornar essa questão.

TC1: ai, mas é assim, não porque não é baldio, ponto.

AL: pois

TC1: agora viremos a apresentar provavelmente porque nas candidaturas que vamos elaborar vão-nos pedir, mas isso é quem aprecia a candidatura, que vai na mesma eventualmente também para o ICNF mas... portanto quem aprecia a candidatura provavelmente vai-nos pedir, já fazia antes irá continuar a fazer, que se apresente o plano de actividades e o relatório de contas. Portanto, para nós não é novidade, estamos à vontade

AL: pois, pois. Há bocado quando disse, pronto, concordo em geral com a lei dos baldios porque há comunidades que deixaram... tem de se ir embora?

TC1: não, estou só a ver as horas

AL: ah... que horas são?

TC1: meio-dia

AL: eu já estou mesmo a acabar, da minha parte, se quiser falar mais pode falar (RISOS). Referiu que há comunidades que estão a desaparecer então não vale a pena manter um baldio numa zona onde não há já comunidades. Eu até concordo em parte com isso, mas isso não irá contribuir precisamente para que essa comunidade desapareça, ou seja, não se está a pregar ainda outro prego nesse caixão que é o facto de as pessoas estarem a desaparecer

TC1: hmm, acho que não. Não... há um conjunto de factores que levam à desertificação, não é só cá, é em todo o mundo, havendo ou não havendo baldios não é...

AL: claro, mas um dos objectivos da PAC actualmente, da política agrícola comum, e do PRODER, do actual PDR e tal, é precisamente fomentar o desenvolvimento local, o povoamento destas áreas e tudo o mais, mas ao mesmo tempo retira-se...

TC1: mas isso não é verdade

AL: é o que está escrito

TC1: sim, mas isso não é verdade

AL: o que acontece eu não sei

TC1: isso vai servir

AL: é só balelas é?

TC1: vamos ver, ok, tudo muito bonito, tratando com a actividade em si mas... e os filhos vão estudar aonde? E o médico está onde?

AL: pois, mas isso para mim são outros pregos no mesmo caixão dessa tal vontade

TC1: mas o principal problema, ou melhor nós não podemos... ok, os baldios é o limite porque fruto de um conjunto de políticas e de dinâmicas sociais as pessoas, até em algumas cidades, há agora uma cadeira nova, uma disciplina nova que é o marketing territorial

AL: eu odeio marketing, desculpe-me se tem algum filho em marketing (RISOS), mas o próprio conceito a mim mete-me medo

TC1: o marketing, mas é interessante o marketing territorial, as cidades disputam pessoas, querem pessoas, querem atrair... pronto, se nós temos a cidade aqui a 40 kms a fazer o apelo à juventude para ir para baixo, se o Estado ajuda cortando num conjunto de infraestruturas básicas para que as pessoas pudessem viver cá... naturalmente que o baldio é uma consequência como há outras consequências, o próprio património de cada um as pessoas abandonam-no, não entendo porque é que Ok, é colectivo, podíamos eventualmente trata-lo de outra forma, mas se as pessoas abandonam o que é seu, se deixaram a casa onde nasceram, se deixaram a vida não é..., os sítios, as memórias e trocaram, porque é que... o que é que o baldio lhes diz? Não diz nada

AL: sim, mas ninguém paga... isto agora só para criar aqui um bocadinho de discussão, também ninguém pega na propriedade particular dessas pessoas e entrega à Junta, também não há essa legitimidade em relação à propriedade privada

TC1: ah, sim, ok, mas eu concordo que se entregue a alguém que possa gerir aquilo, aquele bem comum,

AL: sim, eu também

TC1: até lhe digo mais, às tantas, essas pessoas abandonando, até pode perder para o vizinho, o vizinho pode apropriar-se daquilo, o nosso direito civil permite que ao fim de um dado tempo

AL: usucapião? Mas para isso tem de estar a usar... diga, diga, pensei que estava a falar do usucapião

TC1: sim, usucapião, dos privados não é, se abandona o que é seu e se entretanto o vizinho se apropria daquilo, aquilo passa a ser dele não é, ao fim de...

AL: mas tem de haver um acordo não tem? Entre os proprietários

TC1: não, não tem não

AL: pelo menos eu estive a ler sobre usucapião e

TC1: mas não faz sentido nós desenharmos, entramos agora noutros campos não é, o nosso direito privado já vem do tempo dos romanos não é? E agora os marcianos provavelmente vão influenciar e criar um

AL: os marcianos?

TC1: pois, então...

AL: (RISOS) os próximos...

TC1: tem de haver dinâmicas e esta mobilidade, eventualmente até os migrantes, não faço ideia, enquanto que antigamente ir daqui a Braga, havia barreiras, havia uma barreira grande à mobilidade, havia naturalmente uma tendência à fixação, ao sedentarismo, hoje a sociedade é nómada, não é... portanto, e há uma dinâmica grande... pronto, não entrando por aí... provavelmente há que repensar o direito da propriedade, mesmo individual não é, porque com que direito é que alguém que herdou, que nem quer saber, e vive não sei onde e que tem aquilo ao abandono, e outra pessoa até pode precisar daquilo, porque 'que não há-de poder usar aquilo? Portanto, a mim não me repugna nada que... e desde logo a questão é esta, será que a Junta tem interesse em tomar conta de algo

AL: o meu receio é... o meu receio pessoal, não é, à medida que vou lendo coisas e falando com as pessoas e não quê é precisamente, a Junta não tem interesse então o que é que ela faz? Entrega às empresas e as empresas vão dominar aqui o mundo rural, 2 ou 3 empresas

TC1: mas quem é, mas a Junta, espera, mas nós não confiamos no nosso governo, elegemos e o governo até vende a TAP e faz assim e faz assado, mas se a Junta... eu concordo que haja alguém, uma entidade pública, à falta da iniciativa da comunidade, que haja uma entidade pública a gerir esse bem comum

AL: pois, mas eu acho é que vai deixar de ser rapidamente essa entidade pública a gerir

TC1: faz uma PPP não é?

AL: entrega! Vem a celulose, "ai dava-me mesmo jeito esta areazinha", arrenda ou vende, vende, pode expropriar, passa a ser património da freguesia, o baldio, pelo menos é o que diz na lei

TC1: mas quem escolhe a Junta de Freguesia não é a comunidade?

AL: e quem diz Junta diz Câmara... é, mas como disse, a gente também escolhe o governo e olhe lá o que é que...

TC1: pronto, e até nos enganam não é

AL: pois

TC1: mas ao fim de 4 anos volta outra vez

AL: mas entretanto já está nas mãos das celulosas (RISOS), o baldio, e aí já não há nada a fazer... se houver uma venda não é, e que passa a ser possível a partir do momento em que passa a fazer parte do património privado da Junta, acho eu, eu também não sei tanto assim, passa a ser possível a cedência de área

TC1: mas há mecanismos depois que... atenção que os projectos carecem de planos de utilização pelo menos, básico, não é, o PUB, e o PUB é aprovado pelo ICNF

AL: isto pressupondo que a Junta ia continuar a fazer o mesmo tipo de gestão

TC1: sim, mas portanto não há... a transformação do terreno não é, a transformação do baldio, da propriedade, eu não vejo assim tao fácil

AL: pois, eu também não sei, isto eu digo já num extremo

TC1: então mas isso, a ir por aí os deputados podem fazer uma lei como entenderem não é? Podem acabar com os baldios

AL: e eu acho que é isso que estão a fazer aos bocadinhos. Olhe o exemplo da tal alínea da definição de comparte, também define comparte como qualquer pessoa que esteja a, pessoa ou pessoas não é, que esteja a efectuar uma actividade agroflorestal na área da freguesia, passa a poder votar e a tirar partido do baldio como outro qualquer comparte, e isto para mim já é... não é? Não sei, pelo menos a mim sugere-me muita coisa.... Enfim, não sei, são receios

TC1: às tantas tem mais interesse essa pessoa do que o que é mero eleitor que nem sequer lá poe os pés

AL: pois, exacto, provavelmente sim, eu também...

TC1: se olharmos ali... se a ideia do baldio é para quem vive, explora, aquele território, o eleitor pode não explorar não é... a mim é-me mais simpático essa solução, agora claro, isto devia ser temperado sempre com os usos e costumes, e ser a comunidade local a dizer que é e quem não é

AL: exactamente, não era uma lei feita em Lisboa, é isto que me faz pensar onde é que isto vai parar

TC1: mas a Lei dos Baldios seguramente vai ser revista

AL: já houve uma revisão de alguns pontos agora mas, uma revisão isto é, tornaram mais claros alguns pontos. Por exemplo uma das questões era a extinção do baldio por decisão da Junta, sem ser necessário recurso a tribunal, portanto era a Junta que decidia "ok, isto está abandonado, vamos extinguir este baldio" para passar a ser património da Junta, é assim uma coisa. E agora neste decreto-lei já, lá está, temperaram um bocadinho esta alínea...

TC1: mas a lei anterior permitia que o baldio fosse extinto e passasse a património privativo da Junta, mas na lei anterior previa

AL: mas isso era decidido a nível local

TC1: decidido pela comunidade

AL: pela comunidade, e esta aqui pode ser decidido, tipo a Junta “hmm, acho que este baldio aqui está abandonado”, pelo que dizia lá, agora já veio a ser refinada essa alínea, não precisava de recorrer a qualquer instância... superior, vá, em termos de justiça e, está abandonado pronto. Agora já não, agora já vem especificado o tipo de provas que têm de ser dadas para decidir que aquilo está abandonado e assim, mas lá está, se não tivesse havido essa movimentação se calhar ficava assim, super falta de clareza associada e a Junta tinha quase toda a liberdade para decidir o que é que é abandonado e o que não é... enfim

TC1: eu não entendo porque é que se está a por agora o odioso na Junta (RISOS)

AL: não, não é na Junta, aliás muitos dos compartes são os presidentes da Junta

TC1: mas é isso que eu não entendo, eu participei em muitas discussões e sessões sobre a revisão da lei e por aí fora, e eu ficava espantado, mas está-se a falar de quem carago?!

AL: parece que se está a falar de um demónio (RISOS)

TC1: e depois ainda por cima temperado lá com aquela prisão na semana anterior do Sócrates... parece que estamos a... isto é a nossa realidade carago, estamos agora a por diabo, este, aquele não é...

AL: sim, sim, sim, sem dúvida, quando falo disto já estou a falar de um caso extremo que pode ser realmente... ou seja, abrem-se portas, é um facto, agora claro que depende de quem é que está na Junta, de quem é que está na Câmara, como é que a coisa é gerida, em quem é que a gente vota

TC1: e eu não creio que seja, aliás hoje há mecanismos, sempre houve mas pronto, mas hoje são mais fáceis de activar e ... porque as... não se interpõem providencias cautelares contra tudo e mais alguma coisa não é, o exemplo da TAP não é, alguém fora da empresa... da administração da empresa e do governo entendeu que devia interpor uma providencia cautelar para impedir que a TAP fosse vendida... mas na comunidade, se se sentir alguma ameaça a lei tem mecanismos, e não era preciso refinar porque a lei prevê mecanismos para que as pessoas defendam o interesse comum, então agora de facto o problema é “o que é o interesse comum”? Mas isso já é outra questão

Covide: TCo1

TCo1: não. Embora por exemplo nessa repartição dos montes está-se a fazer mais ou menos como a lei dos baldios, mas não é... a lei dos baldios aqui não intervém em nada

AL: pois... a repartição dos montes, como assim?

TCo1: desses hectares que demos agora por exemplo, pelas cabeças de animais

AL: ah! Ok. E o ICNF tem alguma intervenção nos vossos montes? Em termos de exploração florestal... colabora com vocês? Há algum tipo de colaboração entre vocês e o ICNF?

TCo1: não. Havia uma parte, mas isso já foi antigamente, havia uma parte que era ali, que foi dos pinheiros que se vendeu agora ultimamente, que tinham sido plantados pelos SF aqui há muitos anos, ainda me lembra disso, mas eles... por acaso até tenho aqui... mas isso tinha sido reclamado... não sei se tenho aqui a data, novembro de 1991...

AL: é da madeira esse?

TCo1: não, isto foi uma parte do monte que estava a ser gerido, neste momento, pelo PN. Quando fizeram as divisórias do monte eles apoderaram-se de uma área que era da freguesia, que estava desde a escritura

AL: ah! Ok. E o ICNF tem alguma intervenção nos vossos montes? Em termos de exploração florestal... colabora com vocês? Há algum tipo de colaboração entre vocês e o ICNF?

TCo1: não. Havia uma parte, mas isso já foi antigamente, havia uma parte que era ali, que foi dos pinheiros que se vendeu agora ultimamente, que tinham sido plantados pelos SF aqui há muitos anos, ainda me lembra disso, mas eles... por acaso até tenho aqui... mas isso tinha sido reclamado... não sei se tenho aqui a data, novembro de 1991...

AL: é da madeira esse?

TCo1: não, isto foi uma parte do monte que estava a ser gerido, neste momento, pelo PN. Quando fizeram as divisórias do monte eles apoderaram-se de uma área que era da freguesia, que estava desde a escritura

AL: a tal que eles conquistaram?

TCo1: não. Isso não tem nada a ver com o estado. Mas isto depois... está a ver, isto até está fácil de compreender

AL: sim... 1991... incluído no Parque Nacional

TCo1: Lamas, que é ali junto do Parque... procede-se à notificação dos limites do monte da freguesia de Covide, concelho de Terras do Bouro e a mata nacional da serra do Gerês.

AL: ah, por causa da mata

TCo1: porque isto antes de ser parque era mata nacional não é, aqui onde é parque agora... estiveram presentes os moradores da freguesia - que eram estes - pela parte da Junta - aqui está a ver que já era a Junta, estiveram presentes os moradores da freguesia, que é o senhor Manuel Moreira

AL: mas aqui o baldio, o baldio não, o monte de Covide faz fronteira com a mata de albergaria, não?

TCo1: com a mata de albergaria não, faz fronteira com a mata de Lamas, que é a partir da estrada

AL: ah, a mata de Lamas, não conhecia

TCo1: a mata... a mata... o parque, começa aqui desta estrada nacional para lá. Você veio por onde?

AL: vim por...

TCo1: São Bento?

AL: sim

TCo1: então, a estrada do lado esquerdo já é parque, e aquele monte, aquela encosta é de Covide

AL: quando diz lado esquerdo é para lá não é? Se eu estiver a ir para lá, ou é se eu estiver a vir para cá? Se eu estiver a vir para cá de São bento, é do lado esquerdo do parque?

TCo1: não, não, é do lado direito, o parque é do lado direito. Se for daqui na direcção de São Bento é ao lado esquerdo. Portanto o que faz a divisória do parque com o... o parque chega até aqui, mas o monte de Covide chega muito lá acima

AL: ou seja, tem uma parte grande fora do parque

TCo1: sim

AL: e conflui com a mata de... como é que disse? Lamas...

TCo1: a mata de albergaria não.

AL: não, a de Lamas

TCo1: Lamas, é o nosso monte de Lamas, que é ali a...

AL: é tipo, faz parte de um perímetro florestal, é isso?

TCo1: não, não, aquilo era já mata florestal, na altura

AL: mas é do estado a Mata de Lamas

TCo1: é do Estado

AL: e por isso é que eles precisaram de fazer esses limites melhor, porque eles tentaram apropriar-se de parte do vosso monte

TCo1: do nosso monte. E nós reclamámos e de facto eles foram lá ver e de facto estão lá as cruces nos penedos, antigas, porque o nosso monte está todo dividido por cruces, em toda a volta. O nosso monte faz aqui a divisória com São João do Campo, Rio Caldo, aquela parte ali de Santa Isabel do Monte

AL: sabe qual é a área do monte? Mais ou menos

TCo1: não sei, eu acho que anda à volta de uns 15000 hectares

AL: iih, é grande ahn

TCo1: eu acho que anda à volta disso, é só questão de pegar para aí

AL: ah, acha que está para aqui... então eu depois vejo

TCo1: está, porque eles até medem de cruz a cruz

AL: está bem, então eu depois vejo, não se preocupe. Está bem, então o ICNF teve um papel no corte dessa mata que foi cortada por eles?

TCo1: teve, porque aquilo é de 60-40, penso que foi 60 para a freguesia e 40 para eles

AL: foram eles que efectuaram o corte e venderam e tal?

TCo1: não, não, eles não fizeram nada, eles só ajudaram na medição, mas ajudaram simplesmente, quem fez a venda foram os proprietários de Covide

AL: ai foi? Então eles só ajudaram a escolher as árvores, foi isso?

TCo1: sim, a marcá-las e a ver quanto daria

AL: então ainda houve uma parte da floresta que ficou, daquele tempo, antes de vocês contestarem a presença do estado

TCo1: isso foi na outra ponta, isto foi aqui no monte de lamas e a outra parte que se contestou foi aqui no monte contrario, que já não é deles do parque. A parte que se contestou foi dali digamos, do lado direito de quem vem para cima, que é dentro do parque, e este é dentro do parque. Este outro é fora do parque, é do lado

AL: é fora do parque mas ainda é vosso, é do vosso monte

TCo1: é nosso. Porque o nosso monte, essa estrada que vem por aí acima, corta-o ao meio, um lado é para lá e do lado para cá também é nosso, portanto, desde lá debaixo de Rio Caldo, calhando vê lá logo uma placa que diz Covide, a partir dali para cima é nosso. Quem sobe do lado direito é parque, do lado esquerdo não há parque

AL: exacto, exacto. Sim, eu subi esse perímetro florestal com um sapador, o perímetro florestal da Abadia

TCo1: sim

AL: vocês também têm uma área aí?

TCo1: temos... já não temos, essa aí já a conseguimos tirar também, precisamente por essa questão

AL: aaaah, ok. Porque Rio Caldo tem lá uma parte ainda, não é?

TCo1: tem. Mas nos conseguimos tirá-la agora, no PDM, foi agora, foi há pouco tempo. Precisamente por aquela questão, porque eles ainda consideram aquilo como... olhe, eu

até fazia-lhe uma coisa mas você vai ter de depois me entregar, porque aqui temos vários documentos que a podem ajudar ainda mais, por exemplo, temos aqui um esclarecimento da freguesia por causa da venda dos pinheiros

AL: eu por mim tudo o que eu levar hoje trago-lhe hoje

TCo1: é porque este documento é um documento da Junta de Freguesia, e isto é um documento de uma reunião que fizemos cá, está a ver? Reunião dos moradores da freguesia, ficou aprovado por.... Mas isto são documentos originais, gostava que não os perdesse não é... eu nem sei, eu acho que sim, isto foi uma reunião pública. Este foi o documento quando foi a Lamas, portanto no monte de Lamas

AL: é a tal ITI. Mesmo ainda assim ainda é bastante, eu pensava que era menos... deve depender da área não é

TCo1: depende da área

AL: eu pensava que era... houve uma Junta que me disse que recebeu 8000... não me lembro qual foi

TCo1: nós aqui recebíamos à volta de 10000 por ano, só que isto eram dinheiros que estavam atrasados, está a perceber? O projecto dava à volta de 8 a 10 mil por ano. Embora o que tenhamos agora em princípio vai-nos dar 30000 Euros

AL: ah, vai dar mais. Ah, pois, é a tal questão, agora vão beneficiar as Juntas...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o... este é o processo daquele... a tal questão do particular, e é uma factura de advogados “declarar a parcela baldio com uma área inferior a 1000 metros...”

AL: “... declarar terreno baldio a parcela com área não inferior a 1000 metros que o réu [? *não se entende*] e efectuou escavações e movimentações de terra e iniciou a construção...”

TCo1: ora, isto aqui é mentira, porque o terreno baldio não foi, mas pronto, foi a tribunal, ela foi mais esperta. Olhe, está a ver “no termo do artigo de 4 de dezembro baldios são montes geridos....” Como ela diz, como são comunitariamente geridos não pode ser arrendados, que os baldios...?

AL: e toda a gente sabe que aquilo não é baldio (RISOS)

TCo1: e ela sabe que não é baldio também. Mas as questões em tribunal nem sempre ganha quem tem razão

AL: é que essa foi mesmo do género “se eu não construo tu também não constróis”... é feio

TCo1: é feio. E além disso, não foi só isso, quer dizer, foi... a própria advogada sabia que o terreno não é baldio. Mas houve alguns moradores de aqui de Covide que também sabiam e foram lá dizer que sim senhor, quer dizer, foram as testemunhas que sim, apanhou e

disse não, as testemunhas de lá dizem que é”. Aquilo... e o juiz pronto, se é baldio não pode, não pode construir

Ermida: TE1

AL: está bem... essa questão do foral é que eu realmente não sabia... que a Ermida era foral

TE1: é...

AL: então... está bem... mas a lei estatal dos baldios também tem efeito sobre o vosso, sobre a vossa área... ou não?

TE1: tem, sim. Neste momento tem porque nós estamos constituídos como baldios, vamos usando a mesma lei... não é, mas um dia quando já estivermos com outro tipo de associação, com outro tipo de estatutos, já não vai ser, já não vamos querer saber dessa gente para nada

AL: ok... pois, vão assumir que é uma propriedade privada... vossa

TE1: da povoação da Ermida

AL: ok... da povoação da Ermida ou daquelas famílias a quem foi entregue o foral?

TE1: somos nós, somos a população toda

AL: é toda

TE1: os descendentes dessas famílias somos nós

AL: ok... sim, é que eu estive num outro foral, que é o foral de... que acho que é... que é o de Ermida, Louredo e Froufe, que é ali para os lados de Ponte da Barca

TE1: eu sei, na estrada que vai para o Lindoso

AL: sim

TE1: Entre-Ambos-os-Rios...

AL: exactamente. E ali aquilo pertence a algumas famílias, portanto, não corresponde à população inteira, não sei porquê, mas pronto, na altura foi doado àquelas três famílias ou quatro, não sei já

TE1: e os descendentes dessa família

AL: e aos descendentes sim, entretanto morrem uns, ficam outros

TE1: exactamente

AL: mas não...

TE1: por isso possivelmente é que é daquelas, quase daquelas pessoas todas

AL: provavelmente são quase todas, mas...

TE1: porque não foi ninguém para lá de fora, possivelmente

AL: e por exemplo, vocês às vezes usam área do baldio para construir qualquer coisa que seja importante para a aldeia, sei lá, vi num, por exemplo, construção de uma vacaria, foi cedido parte do terreno

TE1: pode ser feito com contratos, pode ser contratado em aluguer uma área para introdução... isto está lá nos estatutos não é. Mas tem acontecido, já há muito tempo foi autorizado a dois moradores fazerem lá os seus estábulos. Mas não é uma coisa muito frequente isso

AL: sim, ai, há pouco disseste qualquer coisa que pensei que tenho de perguntar... não sei. Assim, cedência de exploração é que não há pois não? Tipo, uma parte do baldio decidem dar a uma empresa qualquer para gerir a floresta...

TE1: não, não, não

AL: isso não há cá

TE1: não, aqui não há nada disso, nem queremos

AL: esta lei dos baldios, o que é que achas... pronto, não sei se... se a malta andou aí a lê-la...

TE1: sim, sim, já, é uma estupidez autêntica, não é só um bocadinho, é uma estupidez autêntica aquilo que eles lá escreveram

AL: estás a falar daquela da diminuição das áreas ou mesmo da lei dos baldios

TE1: mesmo da lei dos baldios. Eu agora já nem me lembra mas há um artigo que até é polémico

AL: sim, há muitos (RISOS)

TE1: sim, mas um deles, é assim uma estupidez tamanha... na questão do comparte, podia ser comparte um votante de uma freguesia, a maior estupidez que eu algum dia vi. Então, na nossa freguesia tem 3 lugares, cada um tem o seu baldio, então quer-se dizer, o fulano da Ermida ia poder votar no de vilar da Veiga

AL: exacto

TE1: aquela gente da capital é do piorio que eu algum dia vi, estás a perceber, e eu estou-me a lembrar agora só desse, que estava lá escrito... é assim, eu depois nem sei, que aquilo entrou em vigor em janeiro, porque depois ainda foi...

AL: ainda foi ao tribunal constitucional

TE1: exacto

AL: e agora saiu um decreto-lei que

TE1: que ainda não o tenho definido, tenho aquelas linhas que eles apresentaram, mas um dos artigos lembro-me bem que era esse, quem é o votante, quem é o da freguesia, é gente estúpida que não sabe que os baldios são de uma povoação local, podia ir votar nos de Vilar da Veiga, e os de Vilar da Veiga vinham votar aos da Ermida, e era para aí uma sardinhada dos diabos

AL: pois, não, isto para mim, ao que venho lendo e ao que parece, isto estão a preparar o caminho para entregar isto às freguesias... às freguesias ou às autarquias

TE1: para depois as autarquias as entregarem às empresas para andarem aí a fuçar

AL: exactamente... este é o meu receio, e também por isso é que me interessa estudar estas coisas e andar aqui a ver como é que estas coisas estão a decorrer no campo, porque... perceber qual é o impacto por exemplo da lei a nível local, perceber o que é que irá acontecer... isso já deu problemas, há um baldio que está com problemas nas eleições porque houve pessoas que não é suposto votar e votaram e depois o resultado das eleições foi exactamente o oposto àquele que era esperado e agora o... enfim, isto para dizer que pode vir a dar problemas não é, e conflitos a nível local e desincentiva as pessoas não é, ninguém quer chatear-se não é, ninguém quer andar aí à porrada com o vizinho, isto é desincentivador

TE1: foi essa a maior estupidez que eu logo vi, mas de longe, e ainda mais, quem estava registado na freguesia podia votar num baldio e no outro, não é, porque é votante da freguesia, podiam vir pedir lenha à Ermida, e os da Ermida a Vilar da Veiga, quer dizer, nós andámos 10 anos em tribunal para cada lado a tentar resolver as coisas e agora voltava tudo ao mesmo

AL: (RISOS) exacto. Não, a mim dá-me a sensação que é mesmo...

TE1: eles nem sabem

AL: há assim várias, e essa questão diz que não só são os eleitores da freguesia mas também a quem tenha uma actividade agroflorestal na zona

TE1: exactamente, imagina

AL: isto é mesmo para entregar às empresas, devagarinho, passinho a passinho

TE1: exactamente, a ratoeira que aí está, quer-se dizer, vinha um apicultor, neste caso não temos nenhum apicultor de fora da aldeia aqui, mas vinha um apicultor, instalava-se aqui... não é? De fora... davam-lhe autorização para se instalar de fora "não, meus amigos, eu também tenho direito a isto... isto é tudo gente que não...

AL: e mesmo se for uma exploração florestal, desde que estejam dentro da freguesia passavam a ter direito (RISOS) epa, é que isto até dá vontade de rir, é tao parvo e tao fora da realidade... mas sim, há assim umas quantas alíneas que são um bocado polemicas

TE1: eu também fui a Lisboa nessa altura, eu e mais uns quantos daí, mas eu não ia só para lá para bater palminhas como fui, que a minha intenção não era essa, eu não sou uma

pessoa violenta mas a minha intenção era ir lá partir já aquilo tudo que era para eles recuarem já, estás a perceber?

AL: pois... e que impactos é que achas que vai ter, a nível local...?

TE1: vai dar problemas, isto um dia vai dar problemas para alguém, para nós não, nós vamos trocar

AL: pois, vocês querem mudar...

TE1: mais tarde ou mais cedo nós vamos mandar lixar essa parte, temos o livro de 1920 "oh meus amigos aqui vós não mandais, aqui quem manda somos nós"

AL: vocês pagavam impostos...

TE1: pagavam e pagamos

AL: porque eu nunca vi... mas tu vais emprestar-me um livro não é (RISOS)?

TE1: eu não te empresto, dou

AL: é? Eu não me importo de pagar ahn!? Isso interessa-me portanto eu não me importo de comprar o livro

TE1: é a história do nosso monte.... Foi requerido por 9 moradores da Ermida da época a cedência desta área toda e foi aceite pela Junta, as pessoas pagaram impostos já nessa época, aquilo... pronto... e nós continuámos a pagar desde 1977 e pronto

AL: pois

TE1: os outros não, os outros ninguém paga, a não ser os do foral, os do foral devem pagar

AL: sim, sim. o foral é como se fosse uma propriedade privada, eu de Vilarinho ainda não consegui falar com eles, porque há um foral que é de Vilarinho, há o de Vilarinho e há aquele tal de Ermida, Lourido e Froufe, lá de Entre-Ambos-os-Rios... o de Entre-Ambos-os-Rios sei que sim, que é isso, é gerido como se fosse uma propriedade privada de x pessoas, de um grupo

TE1: exactamente

AL: e é assim que é gerida, no fundo acho que é um bocado como vocês quando assumirem isso... agora isso tem outras questões associadas que é a questão de haver dinheiro envolvido para cada pessoa não é, e isso às vezes pode-se tornar mais complicado de gerir

TE1: dinheiro envolvido como?

AL: ou seja, por exemplo, naquele caso... pelo que eu sei os forais, sendo propriedades privadas, cada uma das pessoas que faz parte do foral, tem direito a receber das receitas não é e aí passa a haver dinheiros individuais e isso às vezes traz problemas, pronto, já se sabe, a partir do momento em que há interesses pessoais

TE1: no nosso caso nunca houve isso e julgo que nunca vai haver, divisão de dinheiros

AL: pois, exacto, aí já está a ser gerido como uma propriedade comunitária

TE1: exactamente, uma propriedade onde as receitas revertem aplicadas a favor da comunidade local, seja neste sítio ou naquele

AL: pois, se mantiver assim talvez evitem esses problemas, mas a partir do momento em que é gerido como se fosse uma propriedade privada tem esses problemas associados, podem não ser problemas, depende das pessoas e da forma como gerem os seus interesses, mas eu sou céptica nesses casos (RISOS)

TE1: resumindo, aquela gente de Lisboa é toda completamente marada, aquela que está lá naqueles gabinetes, estás a perceber

AL: (RISOS)

TE1: não há nada do Estado, que seja do Estado, que funcione, nem das câmaras, não há nada que funcione. Se alguma coisa vai funcionando são os assuntos relacionados com as comunidades locais onde a comunidade vai fazendo... nalguns lados, porque eu desconfio que também noutros lados aquilo não funciona coisa nenhuma, que aquilo é tudo um bando de baratas tontas

AL: eu acho que eles... pelo menos o que até agora eu tenho percebido é que pelo menos os mínimos têm que ser feitos porque senão ficam sem o dinheiro, acho eu, não sei como é que a coisa é feita, mas...

TE1: sim, sim, sim, na questão dessa...

AL: portanto, quem tem ITI tem que limpar e acabou

TE1: sim, sim, essa parte não há cá trifulhice nenhuma

AL: exacto, isso é bom para todos... agora o resto... claro que não me dizem tudo não é...

TE1: como estás a ver nós aqui é completamente diferente daquilo por onde passaste, de certeza

AL: sim, sim, sim vê-se que é um baldio bem gerido, e que há vontade e gosto e dinâmica e tal

TE1: exactamente

AL: o resto das pessoas também são assim activas?

TE1: as que pertencem à direcção?

AL: sim, todas, todas

TE1: sim, umas mais, outras menos, outras que está tudo bem de qualquer maneira, mas desde que pelo menos não nos criem problemas aos da direcção, para a gente fazer aquilo que deve ser feito já é bom

AL: sim, sim, sim... o que é que vos move? Isto é, sabendo eu que não há propriamente salários, não é

TE1: não, não há

AL: o que é que move as pessoas que estão...

TE1: é gostar disto, é não querer ver isto tudo preto, tudo chamuscado

AL: claro... imagino que seja mesmo preciso isso, para o trabalho que dá

TE1: eu a sorte é que não tenho família, senão estava lixado

AL: pois é isso

TE1: tem dias que está a chover a cântaros, não é, mas isto sou eu, e eu venho aqui, porque há aqui caminhos que são problemáticos que juntam muita água, que nos custaram alguns 1000 e dois mil e tal Euros para os recompor, eu venho aqui, às vezes 7, 8 horas da noite, ver se os aquedutos não estão entupidos, achas que em algum baldio que tu passaste saía de casa às 8 horas da noite e andar 5 ou 6 km e vir a um sítio ver se as coisas estavam a funcionar?

AL: pois... não, de facto não é a coisa mais comum não...

TE1: porque isto custou dinheiro, é assim, como sou o presidente dos baldios giro isto como se fosse a minha carteira, estás a entender, porque tudo o que eu tenho tive de trabalhar para o ter, ninguém me deu nada, o carro [*? não se entende*] tive de o comprar com o meu dinheiro

AL: claro, claro, pois, essa noção é boa quando se está a utilizar os baldios

TE1: isto é que é saber gerir a coisa comum, não é um fulano qualquer, que doutorou-se não sei das quantas com as fitas coloridas que não percebe como é que se planta um pinheiro, não sabe quando é que se pode esgalhar um pinheiro, não sabe onde se pode... sei lá, onde se pode fazer uma roça de mato, não sabe ver se está bem feito ou não se mandar algum fazer-lo, é preciso saber ver se está ou não feito e para saber ver se está feito a pessoa já deve ter feito aquilo, porque senão também não sabe

AL: e vocês têm levantamento cadastral, com GPS, aqui do baldio todo, ou não?

TE1: ainda não. O levantamento da área total, conforme viste no mapa, acho que foi feita com GPS, aquela que está mencionado no mapa das ITI. Mas é aquilo que está dado na direcção regional de agricultura e às vezes não condiz com o que está no terreno, por exemplo houve ali uma esquina em que eles vieram até para cima de uma propriedade privada, do outro lado desta montanha, porque quando se está na direcção regional a dizer “é por aqui, é por aqui”, tem de se conhecer muito bem geograficamente o terreno, estás a perceber, a gente estar em frente a um computador não é a mesma coisa que estar no chão. Há uma diferença para aí de 50 metros, mas isso também não faz diferença nenhuma

AL: mas quando andam com o GPS deve ser com pessoal local também não é?

TE1: não sei, foram os anteriores que fizeram, porque os limites até se fazem no computador, nem é preciso ir ao terreno, eles agarram no computador, pegam lá no ratozito, é por aqui, é por aqui, já está

AL: mas quando vocês fazem os PUB ou PGF, ou como é que se chama agora, os planos de utilização do baldio... ou não fizeram?

TE1: isso ainda não fizemos, vamos fazer brevemente, o engenheiro já nos disse, quando abrir uma candidatura qualquer diz ele que se pode incluir na candidatura

AL: o PUB?

TE1: não, isso já acabou, o PGF, o plano de gestão florestal, o PUB acabou. O engenheiro disse-nos que a próxima candidatura que a gente faça vem incluído o plano de gestão florestal da área toda. Já temos valores e tudo é só... só estamos à espera que abra qualquer candidatura para fazer uma candidatura da roça de mato ou sei lá o que é que vai vir aí

AL: eu achava que para fazer uma candidatura já era necessário ter um PGF...

TE1: é, é... mas diz ele que se faz na mesma altura, porque senão já ele tinha feito, foi isto que ele nos disse, porque nós já estamos autorizados a fazer

AL: então se vocês tiveram as ITI e se não tinham PGF também...

TE1: não era necessário, agora para fazer candidaturas a INP's e assim vai ser necessário

AL: vocês ainda não usaram INP então...

TE1: já fizemos aí as INP mas ainda não era necessário, na época em que foi feita a candidatura às INP não era necessário PGF, agora é que já é, qualquer candidatura, género INP ou o que for, já é necessário ter PGF

AL: aprovado não é? Não é só ter feito, é aprovado

TE1: elaborado, elaborado e aprovado

Rio Caldo: TR1

AL: claro, claro. Vocês como é que fazem, as reuniões são só de compartes ou... ou seja, as reuniões de freguesia são reuniões de baldio, são reuniões de quê?

TR1: fazemos tudo, quando é reunião de algum problema do baldio vem toda a gente, quando é Junta e assembleia

AL: sim, mas chama-se o quê? Assembleia de freguesia? Assembleia de compartes? Por exemplo, quando fazem o edital...

TR1: faço Assembleia de Compartes da freguesia, não faço do lugar, faço da freguesia inteira

AL: ok... e há alguma assiduidade da parte das pessoas?

TR1: ninguém aparece

AL: pois

TR1: ninguém aparece. Um ou outro ou por vezes para resolver algum problema de alguma agua ou de algum fulano que está a explorar uma água sem coiso, se pusermos não há quem...por isso é que lhe digo, não há quem se mexa, aqui é uma freguesia que não é muito... como é que lhe digo, não é muito unida, está a perceber? Nós temos um problema grave nos baldios porque cada um é ... não é só aqui nesta freguesia é em todos os baldios, onde estiver um proprietário que tenha um terreno encostado ao baldio dificilmente não roubam terreno ao baldio, isto acontece em Vilar da Veiga acontece em todo o lado do mundo. Se a gente... nós ultimamente aí com alguns compartes que têm terrenos à beira, e alguns que lhes foi cedido terreno para construir, que agora não é possível que agora não há legislação não há lei que.... Nós se quisermos dar um terreno a um pobre para fazer uma casa não há lei para isso, não podemos dar

AL: mas acho que é só se for construções que interessem a toda a comunidade

TR1: só se fizermos um...

AL: se tiver colada ao baldio essa zona

TR1: não, não é possível, o terreno baldio não pode ser dado, não pode ser registado como usucapião, não pode ser nada. Você não tem terreno legal, a única coisa que pode fazer é um projecto onde... mas também não vejo lei que, segundo isso, é uma lei que não está ali ainda bem explícita

AL: e só para terminar que eu sei que vocês têm mais que fazer mas... aquela critica que se faz à nova lei em que se diz “ah isto aqui eles estão a preparar o terreno para entregar tudo às Juntas, para os patrimónios privados das Juntas, que depois farão o que quiserem com aquilo, inclusive vender a empresas e a interesses “maiores”... o que é que vocês acham disto?

TR1: nós não queremos vender nada a ninguém

(RISOS)

AL: mas acham isto possível

TR1: acredito que pode ser

S2: acredito

TR1: em certos baldios acredito

S2: haverá algumas Juntas que se calhar vão abusar mas nós não... não concordo com isso

AL: pode haver jogos de interesses que levem a...

S2: mas pode acontecer. Isso existe no governo

TR1: nós como já estamos há muito tempo já toda a gente confia em nós, não há problema

S2: a questão não é confiarem em nós porque hoje estamos cá nós mas amanhã não estamos nossa custa, essa plantação

Vilar da Veiga: TV1

TV1: sim, portanto isto é... os que estão comigo agora... pronto, desde 2010 sim, mas os que eram do outro lado estão assim “oh, há quanto tempo isso devia ter acabado”.

Chegamos à Ermida, onde houve também eleições há... e depois houve também alguma promiscuidade, por exemplo houve alguns dirigentes que chegaram a estar aos 12 e 15 anos sem fazer eleições não é, estiveram assim tempo seguido sem fazer eleições e sem prestação de contas, sem nada, portanto isso...

AL: antes da nova lei, claro... claro, a nova lei só teve início o ano passado

TV1: desde sempre, já desde sempre, e portanto essas coisas também foi uma coisa que também não foi muito bem conseguida. Mas de qualquer maneira as pessoas ficam... se chegamos mesmo aqui onde existe baldio dizem “para que é o baldio, eu não quero o baldio, para que é o baldio, serve só para isto,...”, enfim... mas nós temos uma equipa de sapadores que trabalha aqui todos os dias, são 5 homens desde 2011 que trabalham e limpam e que fazem serviços particulares e essas coisas... mas depois há outros que não têm actividade nenhuma, e as pessoas depois ficam assim “eu não vou ao mato, não vou à lenha...” e depois há outra coisa que é, por exemplo, os baldios, portanto, os compartes, os que sejam mais pobres por exemplo ficam nesta situação, se a gente lhes quisesse dar ... se eles quisessem 3 tractores de lenha do baldio, eles era preferível não querer, porque eles não têm tractor para a ir buscar, eles não têm motosserra, eles não têm... eles não podem ir buscá-la, porque se fossem a pagar para a ir lá buscar era tudo mais caro que comprá-la. Porque repare, a lenha dos baldios obriga a ir lá no alto não é, lá no monte. Para ir buscar um bocado de lenha aquilo ficava verdadeiramente mais caro. E portanto é essas coisas... portanto, como é que era fácil acabar? Ou seja, porque é que querem tentar mudar a lei? Querem tentar mudar a lei porque há baldios que de facto não têm actividade nenhuma. Ele não se pode vender, não se pode... e portanto, essas coisas não se podem fazer, há alguém que tenta e que consegue fazer, principalmente a Junta que a troco de querer fazer uma obra qualquer na freguesia, tenta arranjar ali maneira de haver quem compre e de fazer para ali uma permuta qualquer, o que isso não é válido, é ilegal, e portanto a qualquer momento é desfeito, não é, portanto essa escritura é desfeita. E portanto há esse medo também, e portanto o que eles querem é poder vender, que é o que esta nova lei que está no tribunal constitucional, ainda há pelo menos 3 pontos em que estão em tribunal constitucional, que é a questão de compartes, quem é o compartes, compartes sempre foi... eu posso ser natural mas se residir em Braga ao fim de 6 meses deixo de ser compartes, e o que é natural de Braga se vier para aqui e ao fim de residir 6 meses, daqui a 6 meses ele é compartes. Portanto, eu não sou e ele passa a ser. Eu que sou natural não sou, e ele passa a ser, o que querem com esta nova lei, querem por realmente ao contrário que é por exemplo, qualquer pessoa que esteja recenseada ser compartes, qualquer pessoa que tenha um terreno nesta área do baldio também é compartes... e isso aí pode trazer muitas coisas, que é por exemplo, que alguém que vai comprar uma coutada num determinado sítio só

para ser comparte, por muito pequena que ela seja, passa a ser comparte, ele e a família. E depois pode-se interessar por aquela... não é por aquela zona, ele comprou aquilo para ser comparte, e o facto de ser comparte e o facto de ser comparte já lhe dá direito a estar nas assembleias e... quer dizer, não quer dizer que ele seja recenseado lá, mas só o facto de ele ter...

AL: de ter uma exploração agroflorestal não é?

TV1: exactamente, nesse sentido, assim pode ser, e pode ser essa pessoa, sendo que os outros não querem nada, não é? As pessoas estão completamente desinteressadas do baldio, pode ser ele o único interessado no baldio. Ele pode conseguir convencer ali pessoas, não é? Algumas pessoas que, não é, convencer alguém a dizer que aquilo está mal explorado, que aquilo devia ser assim, que aquilo criava postos de trabalho e que criava não sei quê, e então pode ser vendido, não é, a lei permite... permite, vamos ver, o tribunal constitucional o dirá, e portanto aquilo pode ser vendido a um Euro um hectare, 10 000 metros por um Euro, não é? Quer dizer que uma pessoa que apareça ali, que venha com fins de ter comprado uma pequena propriedade para depois ser comparte e ali manipular aquelas pessoas a dizer que haveria um maior desenvolvimento e o baldio está abandonado e que não está ali a fazer nada, e quer dizer, essas coisas todas, quer dizer, tudo isso dá azo a que... não é nestas, porque nós nesta área não temos nenhum medo, porque ficavam logo condicionados porque... é assim, ninguém pode, aqui não havia forma nenhuma, porque o ICNF, o Parque Nacional também não deixava não é, não ia deixar agora fazer... portanto nós aqui estava toda a gente perfeitamente à vontade. É claro que as pessoas antigas, repare, por exemplo nas pessoas antigas nesta nova lei e daquilo que as pessoas querem fazer, portanto eu a parte de tirarem os baldios, pronto eu vejo um bocado nesta perspectiva, quando alguém que compra num determinado local e passa a ser comparte pode realmente vir com intenções de querer levar as pessoas, enfim, e acabar por ser ele a comprar o baldio todo, como nesta parte isto não...

AL: e imagine que lhe perguntavam... se fizessem o tal referendo em que é que votava, em relação à existência do baldio no futuro... se lhe perguntassem acha que o baldio deve continuar a existir o que é que o senhor Alexandre dizia?

TV1: se eu... o que é que eu dizia? Ah, sim, sim, votarei sempre para que o baldio nunca acabe e contra as leis como estas que pode chegar uma pessoa qualquer e vender e comprar, portanto, sobre essas leis que não estão ainda... portanto, estão no tribunal constitucional ainda, que foram levantadas essas dúvidas todas, esta nova lei ainda não está garantida que seja...

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: e como é que... uma pergunta, agora com a alteração da lei dos baldios e tudo o mais

TVf1: ah, mas a nossa não é baldio, aí não vou pegar

AL: era aí que eu queria chegar, a lei não vos toca?

TVf1: não, não, de modo nenhum, nem deixamos tocar, aquele é privado, por enquanto ainda não houve... ainda não houve digamos espoliação das propriedades privadas, quando houver espoliação deste edifício também pode espoliar o nosso, mas até lá não

AL: e... já agora, falando de leis

TVf1: ainda mais, é que não somos apenas proprietários do baldio, mas a própria barragem de Vilarinho da Furna, está em nome da Furna, e pago IMI; olhe pago IMI agora no mês de Abril, é verdade... a EDP não paga IMI por nada, [*? Não se entende*] e a Furna paga IMI pela barragem de Vilarinho

AL: isso não faz sentido nenhum, a EDP não vos paga em seguida?

TVf1: nada, nada, nada [RISOS]

AL: mas vocês ganham alguma coisa com a...

TVf1: não ganhamos nada, só temos prejuízos.

AL: e como é que vê os baldios? Já nem falo do monte foral, mas esta questão toda que está a haver da lei dos baldios

TVf1: eu não tenho ligado nada, ou melhor... não, tenho

AL: foi em 2014

TVf1: não, mas ela não foi alterada

AL: ai foi alterada em 2014

TVf1: eu até escrevi sobre os baldios

AL: mudou muito, bom, bastante. Mudaram o conceito de comparte

TVf1: não estou a par. Não, mas continua indivisível

AL: sim, continua a não se poder apropriar e essas questões todas, embora já haja arrendamentos

TVf1: porque nós beneficiámos desta história, de não se poder vender nem apropriar, nós beneficiámos dessa história da revolução liberal que era, o objectivo já dos nossos liberais era como o nosso Passos Coelho, era liberalizar tudo, principalmente aquilo que eram os baldios, aquilo era propriedade do povo então se ele saísse já não tinha direito ao baldio. Ora bem, até cito aqui, cito o Alexandre Herculano, em que ele diz que os baldios são das piores desgraças da agricultura portuguesa e para não me enganar eu fui mesmo ver o opusculo onde ele fez essa citação... fui consultá-lo. Por causa disso já me enganei uma vez e não me quero enganar outra vez. E por causa disso é que eles foram para aquela história que queriam se apropriar dos bens da igreja, dessas coisas todas, dos conventos, sei lá [...]

AL: quando diz eles está a falar do Estado é isso?

TVf1: sim, do Estado. E então o próprio Alexandre Herculano escreve esse opusculo, que foi em 1959, mas é de 1840 e tal, que é quando o Alexandre Herculano escreve sobre isso. E então aquilo diz “breves reflexões sobre alguns pontos da economia agrícola, e eu aqui até o cito melhor, mais completo [procura...] está a ver, isto foi editado em 1898, mas ele escreveu isto em 1840 e tal, em 1849, foi quando ele escreveu. E depois este e outros textos foram compilados em vários opúsculos

AL: isso está onde? Na Torre do Tombo?

TVf1: sim, e na biblioteca nacional. Mas também se for a internet também encontra isto. Ah, e for por aí que eles criaram legislação em que as câmaras se apropriavam, e o Estado apropriava-se daquilo que era baldio, e com base nisso já podiam dar, porque senão dantes não se podia dar, nem se pensava nisso, nem estavam preocupados com essas coisas. E então nós aproveitámos esse interregno da lei, então a câmara já podia dar, e deram-nos

AL: dar as terras comunitárias a proprietários individuais

TVf1: sim, daí ... não era dar áreas, eles podiam dar um foro, ou seja, uma enfiteuse, era uma coisa que continua a ser [? *Não se entende*] no Alentejo havia muitos foros, muitos mesmo

AL: e havia muitos baldios mas foram todos apropriados

TVf1: a pouco e pouco. Portanto, nós beneficiámos disso, a câmara pode dar por enfiteuse... mas mediante o pagamento... e então, esta é uma tentativa que vem desde a revolução liberal, apropriar-se de tudo o que é dos outros, estava ao serviço do povo. [procura ainda no seu livro a citação do Alexandre Herculano] [...] e depois falo aqui da decadência, como é que surge o regime comunitário, porque isso é uma novidade para vocês mulheres, porque as mulheres em Vilarinho da Furna tinham direito a voto desde o século V, a família era representada por um homem ou por uma mulher, era quem estivesse na Junta, as mulheres estavam era dispensadas de ir à Junta durante a noite, porque tinham de tratar dos filhos e de alimentar os filhos e de tratar da cozinha, eram dispensadas, era o marido que as assistia, quando representava a família, não é, e às vezes o marido estava emigrado, estava fora, e tal, e tinham direito a voto, o voto era por família, não era por pessoa, era por família. E então [fala de como foi o primeiro a chegar à raiz do comunitarismo de Vilarinho da Furna, que nem o Jorge Dias diz, que o descreve, mas não diz a raiz] eu digo qual é a origem do comunitarismo, não só de Vilarinho, mas de Portugal. Do douro para baixo, do douro para baixo não, vá, Trás-os-Montes, nas aldeias, para mim a origem do comunitarismo, de Vilarinho e não só está na mistura do modo de produção romano com o modo de produção germânico, ou seja, nós temos os romanos, são eles muito individualistas, já os germanos não, são mais coletivistas, e essas zonas dos baldios muito provavelmente vem também da tradição germânica, invasões barbaras, dos suevos, vêm lá do norte, espalharam-se por todo o lado, mais pelo centro, mas andaram lá pelo norte de áfrica [...] e depois tudo isso se encaixa, encaixa-se perfeitamente, aquilo que se passava em Vilarinho ao nível das aldeias, passava-se depois ao nível do município, também era nomeado um representante de cada aldeia, ou de cada freguesia, conforme, para representar aquela aldeia ao nível municipal, quando havia eleições a freguesia mandava lá o seu representante para fazer parte da câmara. E então desta mistura do

individual com o colectivo é que vem depois o comunitarismo, que tem vários nomes. O Leite Vasconcelos chama-lhe o comunismo primitivo, que não tem de comunismo, mas que não tem nada a ver com comunismo, nem pouco nem muito. Há a parte colectiva, e há todo um sistema, digamos, social e político de gestão desta colectividade, cada um não pode fazer aquilo que quer, senão... mesmo naquilo que é privado... por exemplo, eu tenho aqui um campo de milho, eu para chegar a este meu campo eu tenho de passar por cima desses, dou cabo dos outros... não, não, está marcado um dia para se ir fazer o corte do milho nessa zona, e aquilo tem de ser assim, as vindimas a mesma coisa. Então “a existência de baldios municipais dos pastos comuns é um dos mais graves embaraços da [? *Não se entende*] da agricultura entre nós...”, soube da existência deste livro através do livro do Manuel Rodrigues, dos baldios, foi aí que fui buscar esta citação pela primeira vez [começa-se a falar de autores que falam dos baldios, eu falo da Devy-Vareta, ele fala-me do Aquilino Ribeiro, eu falo do Ferreira de Castro, a Lã e a Neve; conta como já levou um processo crime por citar o Aquilino Ribeiro] eu meto-me nelas e depois tenho de sair, depois o advogado, conceituado, passa um atestado de incompetente e ignorante, porque ele chama à nossa terra baldios e eu não me inibo de lhe dizer que aquilo não são baldios, dou a entender que ele é um ignorante sobre o assunto e depois faço-lhe uma citação do Aquilino Ribeiro e ele espeta-me com um processo-crime por causa de eu o ter ofendido e eu levanto também um processo-crime contra ele

AL: ofendeu-o com o Aquilino?

TVf1: não, num texto que eu escrevi... escrevi num jornal, e escrevi também lá para o tribunal. De maneira que sou chamado lá ao ministério público e como o ministério público aceitou a queixa dele mas aceitou a minha contra ele, de maneira que, como estava equilibrado ele não quis avançar mais e pediu também para desistir do processo... mas era um advogado conceituado [...]

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: estás lá há quanto tempo no CD?

MeC1: vai fazer um mês

AL: ah vai fazer um mês, ok. Pois, eu sabia que tinha havido eleições, não tinha era a ideia que era tão recente

MeC1: houve eleições e depois houve o tribunal pelo meio, porque impugnaram... meteram uma providência cautelar

AL: em relação às eleições?

MeC1: sim, a lista que perdeu, depois o tribunal validou a nossa

AL: mas a questão é... eu já ouvi qualquer coisa, aqueles zunzuns que a gente vai ouvindo, que teve a ver com o facto de se ser ou não residente

MeC1: sim, tem... com a definição de comparte, tem a ver com isso

AL: então mas a definição que a outra lista defendia era qual?

MeC1: que só podiam ser os residentes e eleitores

AL: ok. E vocês não são residentes nem eleitores?

MeC1: eu sou, mas votaram pessoas que não. Mas têm lá casa, têm lá terrenos, têm lá uma actividade e nós entendíamos que essas pessoas também haviam de ser compartes

AL: ah, ok, foi pessoal que votou, não é pessoal que faz parte da lista...

MeC1: foi pessoal que votou. Nós também tínhamos um, tínhamos um que não tinha lá a residência

AL: pois. Mas o Albertino vive aqui ou vive lá?

MeC1: lá e cá. Mas a residência é lá. Vivo aqui e vivo lá, como me dá mais jeito

AL: sim, claro. Mas pronto, então o tribunal deu-vos razão e a coisa continuou e hoje em dia são

MeC1: o tribunal entendeu que a definição de comparte que nós defendíamos era a correcta

AL: e como é que se defende essa definição? É toda a gente? (RISOS)

MeC1: nós conhecemo-nos todos de lá

AL: de lá...?

MeC1: sim, nós conhecemo-nos

AL: ah, ok, então estas pessoas que não têm residência lá têm lá o seu negócio ou a sua produção

MeC1: sim, têm lá os seus terrenos, têm lá casa, todos vão lá frequentemente, não estamos a falar de ninguém que caiu lá de paraquedas não... estamos a falar de castrejos, que nasceram lá, que têm lá casa

AL: ok... pois. Esta questão da nova lei acaba por trazer ali algumas ... deixa ali uns espaços abertos não é

MeC1: agora está no constitucional, também...

AL: pois... entretanto saiu um decreto-lei este ano que já

MeC1: não, o que saiu foi a portaria a regulamentar o

AL: portaria, portaria, tem razão, era portaria, a regulamentar algumas das alíneas não foi?

MeC1: mas disso da definição de comparte não

AL: não, essa não

MeC1: traz muito pouco essa regulamentação, traz muito pouco à lei... não clarifica, um regulamento normalmente é mais prático, mais objectivo e este não.

AL: está a falar do que saiu este ano?

MeC1: sim

MeC1: tivemos assim uns meses de luta

AL: e mantem-se o conflito actualmente ou as coisas acalmaram?

MeC1: o conflito nunca houve da nossa parte. E da deles se tivessem ganho também não havia. Porque se eles tivessem ganho não ia vir para tribunal

AL: naturalmente

MeC1: por isso conflito... só existiu por mau perder

AL: as bouças privadas já remetem a tempos imemoriais, não é? Não é uma coisa

MeC1: ah, sim. O baldio não pode ser alienado, quer dizer agora com a nova lei até pode ser alienado

AL: sim, arrendado

MeC1: aliás, ainda há memória, há 60 anos, 50 a 60, pessoas que tentaram alargar as suas propriedades para os baldios, juntaram-se os vizinhos todos e mandaram aquilo abaixo

(RISOS)

MeC1: não, isso já está muito bem balizado

MeC1: espere aí, eu ia-lhe só dizer aqui uma coisa, voltando a... leu o texto do João Carlos Gralheiro

AL: ah, li! Eu li o parecer dele sobre a lei que saiu o ano passado, sim. Ele ajudou-me muito a perceber certas coisas, que eu não estou habituada a ler legislação, então há coisas que me escapam e para mim ajudou-me não só a ler a lei dos baldios mas também a perceber como é que se leem determinadas leis

MeC1: ele também é interessado nos baldios, é um especialista mesmo. Mas este parecer está fantástico.

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: pois, os baldios, não sei bem como é que os baldios vão evoluir, porque os baldios foram muito importantes na altura própria, mas entretanto as coisas evoluíram não é, não sei, não sei

AL: mas qual é a importância do baldio actual aqui?

MeC2: opa, é importante, eu se não fosse o baldio não podia ter por exemplo as vacas que tenho não é, e muitas pessoas também não. Mas também penso assim, se me alugassem o baldio eu podia se calhar rentabilizá-lo muito mais, ou que fosse privatizado

AL: o que é que fazia ao baldio, só para perceber

MeC2: por exemplo, era uma questão mais... podia fazer melhoria de pastagens mais eficaz

AL: por ser uma área mais pequena?

MeC2: não, porque dizia-me só respeito a mim não é

AL: sim

MeC2: porque se me desses, imagina, se posso alugar uma área de baldio, nessa área... posso vedá-la e só eu é que tenho direito a

AL: pois, é isso, sendo uma área mais pequena é mais fácil de se calhar se apropriar dela

MeC2: apropriar entre aspas não é?

AL: não, apropriar no sentido de fazer o que quer lá dentro, pronto, nesse sentido

MeC2: enquanto que sendo assim, como é de todos não é, torna-se mais difícil fazer uma boa gestão e fazer uma série de operações que possam rentabilizar mais o baldio

AL: mas os produtores não se podiam juntar e fazer isso em conjunto? Se há vários...

MeC2: isso é o que se fez antigamente, o que se fazia quando as pessoas dependiam totalmente do baldio, é complicado...

AL: há muitos produtores aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não, para já ainda não há muitos

AL: mas quantos produtores é que estão

MeC2: sabe porque é que os produtores na generalidade não se preocupam muito com isso?

[toca o telefone de MeC2, ele atende]

MeC2: as pessoas estão mais preocupadas com os subsídios do que propriamente com a produção, não é? Por isso é que não se preocupam muito com o melhoramento das pastagens. E eu disse há bocado que quase compensa não produzir

AL: mas a partir do momento em que se recebe subsídio?

MeC2: pois, quase não compensa, porque ao preço que se encontra a carne, e ao preço que se encontram os [?VENTO] quase que sai mais barato não produzir e viver só praticamente do subsídio

AL: então seria tipo, adquirir os animais e depois... por acaso lá em baixo disseram-me isso, "ah, isso as vacas andam aí muito magras"

MeC2: pois, está a ver, embora agora as novas normas, para que o animal tenha direito aos subsídios mudaram ligeiramente, uma vaca tem de pelo menos parir de 18 em 18 meses, não é, senão perde direito ao prémio

AL: eu isso não acho mal, pelo menos o que li, a PAC é um mundo, para mim pelo menos que só agora é que comecei a entrar nela

MeC2: é complicadíssima

AL: é super complicada, e pelo que eu percebi houve aí uns tempos em que os subsídios eram dados não pela produção mas pela área ou pelo número de cabeças, então é natural que as pessoas comecem a adquirir animais, agora se tiver a ver com a produção, a questão dos nascimentos, aí... eu acho isso bem, garantir que um projecto é um projecto realmente, não é só um suga-subsídios

MeC2: exactamente. [VENTO]

AL: [...] hmm, o que é que eu lhe tinha perguntado...

MeC2: o problema que tinha acontecido aqui com os baldios não era?

AL: ah, sim, houve eleições, saiu...

MeC2: houve um vencedor, interpretámos que são compartes só os eleitores e que são cá residentes, no entanto quem não interpretou assim dizia que compartes era quem era proprietário e então apareceram aí uma série de pessoas que não moram cá mas que têm cá propriedades e ganharam... ganharam as eleições

AL: ah... eles apareceram cá como lista...

MeC2: sim

AL: e não moram cá?

MeC2: e não moram cá

AL: então pera, são CD e não moram cá?

MeC2: sim, aliás a maior parte das pessoas que fazem parte do CD não mora cá

AL: moram aonde?

MeC2: sei lá, olha, alguns moram em Braga, outros moram noutros sítios, em Melgaço, outros assim

AL: então porque é que eles quiseram ser...

MeC2: lá está, como lhe digo, os baldios agora servem para muitas coisas não é, há essas ITI, essas coisas todas, que servem também para promoções sociais e promoções políticas e para fazer uma série de coisas, menos para... no fundo, no fundo, menos para quem vive deles

AL: ai... pois, a lei de facto agora diz que basta que esteja inscrito no caderno eleitoral e

MeC2: não, a lei é complicada, muito complicada

AL: é muito vaga

MeC2: é, depois vai aos usos e costumes, é muito complicada...

AL: sim... o que eu noto é que a maior parte das pessoas estão a manter os usos e costumes e acabou, na questão do que é que é comparte e do que é que não é comparte

MeC2: não sei se sabem

AL: o que eu vejo é, as pessoas sabem o que é que a lei diz e no papel seguem mas na prática continuam a... pronto, há baldios que acham que as pessoas que vivem no Porto e em Braga e assim, como vêm cá aos fins-de-semana, podem votar sim senhora e podem manter-se como compartes. A maior parte é isto que diz, até porque é como eles dizem “para nós é uma mais-valia ter pessoas que foram estudar e que têm outros pontos de vista e não sei quê, é uma mais-valia ter aqui esses pontos de vista no baldio”. E portanto mantêm. E muitas vezes estas pessoas acabam por ter de se inscrever no caderno eleitoral do local para onde foram, ou porque pagam impostos lá, ou porque não sei o quê, enfim, eu não estou muito a par das burocracias mas é o que me dizem... portanto eu acho que no fundo o que domina é a lei local. Agora no papel as coisas têm que seguir a lei, pronto. Mas é isso, é quem está no caderno eleitoral da freguesia e quem tem... e lá está, eles têm também lá uma alínea que também diz que quem tem uma exploração agroflorestal na freguesia, ou no baldio

MeC2: no baldio

AL: no baldio, também pode

MeC2: é no baldio, ou quem exerce alguma actividade agroflorestal ou silvopastoril no baldio

AL: mas é o caso deles?

MeC2: não

AL: então o que é que eles têm cá afinal?

MeC2: alguns têm terrenos outros nada. Alguns têm terrenos abandonados, como esses que estão aí, e outros nada

AL: pois... não percebo. Então lá formaram uma lista e conseguiram juntar o número de pessoas suficiente para votarem neles... quantos compartes é que há aqui?

MeC2: sendo assim não sei...

AL: exacto

(RISOS)

MeC2: não é? Dessa forma pode aparecer sempre mais um, assim não se sabe

AL: e antes? Quando a coisa estava melhor definida?

MeC2: são os eleitores

AL: eram quantos para aí?

MeC2: somos 400 e tal, não, são mais, são 600 e tal

AL: só de Castro Laboreiro, sem Lamas de Mouro não é?

MeC2: sim, só. Como era uma freguesia à parte não interessa como... embora agora seja uma união de freguesias eles mantêm o baldio deles e a sua secção de voto e a sua

AL: pois, isto há aqui uns quantos terrenos privados dentro do baldio não é? Que foram entregues se calhar há muito muito tempo atrás

MeC2: ui, sabe-se lá

AL: isto hoje em dia já não se pode não é?

MeC2: não, não. A Lei permite que se alugue, que o baldio se alugue

AL: agora não é? Agora é mesmo arrendamento, antes era só cessão de exploração não era? Pelo menos é a ideia que eu tenho de ter lido a outra lei, mas agora pode-se mesmo, isso é uma das grandes polémicas

MeC2: é, mas olha que isso não vai... isso, epa, temos de cair na realidade, eu acho que isso que é bom, é bom, eu tenho de ver a coisa... as pessoas que estão à frente destas coisas epa, normalmente foram funcionários públicos, ou são funcionários públicos, epa e têm o ordenado deles ao fim do mês, estão porreirinhos da silva, e dedicam-se então ao fim de semana ou quando lá lhes interessar, para o que lhes interessar, que não sei o que é e nem me interessa saber, mas se vivessem aqui permanentemente como eu vivo do baldio, eu e outras pessoas não é, iriam ver como as coisas não serão assim tão líricas como eles pensam, e que já estamos... pronto, a sociedade evolui não é? Nós deixámos de ter uma agricultura de subsistência, não é, de autoconsumo para ser uma agricultura... eu tenho tanto direito a estar aqui agora e logo à noite ir ao cinema ou ir à ópera, ou devia ter o mesmo direito, e depois no verão ir à praia ou ir viajar não é, e para que isso possa ser feito eu tenho que ter dinheiro não é? E a minha actividade tem de ser rentável, e para ser rentável tenho que utilizar determinadas coisas, eu não posso manter-me a dizer “ah, o baldio é bonito, é bonito...” não é? São sempre coisas que são bonitas, mas é bonito de facto para quem já sabe que chega ao dia 23 ou dia 24 ou dia 20 do mês e tem lá o seu dinheirinho na conta não é? Para esses é bonito

AL: não, estava a pensar como é que era a relação deles com o baldio, por exemplo, ou seja, se dissesse ao seu pai “arrendámos um hectare, ou dez hectares a não sei quem”, como é que ele reagiria, se ele acharia isso...

MeC2: ui, isso seria impensável, naquele tempo seria impensável. No entanto fez-se, até ali na zona da batateira, que é acolá, fez-se uma [*? Não se entende*] uma batateira, porque um indivíduo nos anos 50, parece que foi nos anos 50 ou 40 e tal, mais ou menos por essa altura, que alugou lá uma parte do baldio e fez lá uma plantação de batatas, por isso é que aquilo se chama batateiras, ele até morreu, ele era de Santo Tirso

AL: era cientista?

MeC2: de Santo Tirso!

AL: ah

MeC2: e eu ia dizer que eu até estava a estudar em Santo Tirso no dia em que ele morreu, morreu afogado no Algarve numa piscina. A casa dele era precisamente por cima da casa agrícola onde eu estudava e recordo-me disso. E esse senhor nessa altura, depois, ele era um industrial, forte e feio, depois meteu-se... ganhou aí dinheiro com as batatas, também recorreu... porque o Salazar também acho que houve aí uma altura que deu uns subsídios e tal

AL: ah, para os casais agrícolas...?

MeC2: e depois ele aproveitou-se disso e depois... pronto, depois era um industrial, tinha para aí 10000 pessoas a trabalhar para ele

[toca o telefone, atende]

AL: [...] disse que tinha 1000 e tal trabalhadores esse batateiro?

MeC2: o batateiro... mais! Para aí 10 000

AL: mas que área é que ele tinha ali?

MeC2: não, mais tarde, depois quando morreu, quando deixou as batatas, eu já não é do meu tempo isso [as batatas]. Mas isso porque ele deve ter alugado aquilo... essa área, portanto, eu penso que isso foi nos anos 50

AL: sim, eu acho que mesmo a título excepcional, mesmo na história dos baldios o que me recordo é que às vezes, para qualquer produtor sem terra que era normal ceder-se uma parte do baldio para cultivar, isso a mim não me faz confusão nenhuma, aliás é para isso não é, o baldio serve precisamente para beneficiar as comunidades e tal, embora eu ache que aquilo não passava a ser da pessoa, mas era-lhe cedido durante uns tempos, era assim não era?

MeC2: sim, sim, e não, e também houve uma altura em que chegaram a dar mesmo, para fazer uma casa ou assim

AL: e mesmo a lei actual permite construção, desde que

MeC2: sim, até 1500 m² salvo erro

AL: ah, pois, não sei os pormenores de área, mas sei que para alargar a povoação ou para qualquer construção que beneficie a comunidade, é possível

MeC2: sim, sim, permite fazer isso, até uma determinada área, permite vender, pode vender até

AL: sim, acaba por ser cedida aquela área

MeC2: não, vender, pode vender mesmo

AL: a uma pessoa qualquer?

MeC2: tem de obedecer a determinados requisitos, mas permite fazer venda para casos especiais

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: e vocês estão a par que mudou a lei dos baldios o ano passado?

MeL1: como disse?

AL: a lei dos baldios mudou o ano passado, vocês estão a par disso?

MeL1: eu tenho ali o regulamento

MeL2: sim, alguma informação temos, mas não teremos tudo não é, não sei se

AL: mas houve alguém que vos veio dizer isso, vocês sabiam

MeL1: nós procurámos saber o regulamento e deram-nos... é a lei 72, de 2014 não é?

AL: exactamente [RISOS] tem mesmo memória para os números

[...]

AL: mas pro exemplo, o Parque veio informar-vos, houve sessões de informação

MeL2: sim, os engenheiros do Parque iam-nos dando informações

AL: e o que é que vocês acham... Estão por dentro da nova lei? O que é que mudou, o que é que não mudou... vocês também só há pouco tempo é que se reformaram não é?

MeL1: o antigo regulamento eu não sei o numero, é o...

MeL2: mas nós temos lá o antigo regulamento, temos todos, e a gente vai vendo por ali

MeL3: devíamos estar por dentro disto e não estamos

MeL1: ignoramos totalmente quase tudo

AL: mas por exemplo, como é que vocês consideram o que é um comparte? Como é que vocês definem comparte?

MeL1: comparte é todo o morador daqui da aldeia

AL: morador

MeL1: morador... e que tem cartão de eleitor

AL: então e se tiver cartão de eleitor mas não morar aqui?

MeL1: já não pode... ah, não, pode, pode ser, acho que pode

AL: segundo vocês, eu não estou a dizer segundo a lei, segundo os vossos usos e costumes

MeL1: o problema de Castro Laboreiro vem por causa disso. Pessoas que moram em Braga

MeL2: que não têm residência cá em Castro e vieram votar... o mais importante acho que é a residência

MeL1: mas hoje em dia temos direito a ter duas residências, uma primária e outra secundária

MeL2: ai é?

MeL1: é... como existem aquelas duas nacionalidades [*? não se entende*] como os moradores acho que podem ter segunda residência. Mas o direito de voto, que é só um, não pode haver dois, esse é o que consideram o verdadeiro, a moradia dele

AL: mas por exemplo, quando estava cá a Junta a gerir o baldio, como é que se definia os compartes, como é que se definia os utilizadores... não sabem. Bom, você esteve montes de tempo fora... e você?

MeL3: eu também estive

AL: ah, você também esteve fora?

MeL1: estivemos todos

MeL3: estive no Canadá, estive nos EUA, na França

AL: mas vocês daqui dispersaram-se pelo mundo

MeL1: aqui toda a gente emigrou porque tinha de ser

MeL2: a emigração começou aqui

AL: do Canadá só ouvi falar aqui, até agora. De resto é França, Suíça...

MeL1: ah é? Mas teve muita gente no Canadá

MeL3: os nossos pais não tinham capacidade para nos sustentar, então o remédio foi emigrar aos 16, 17 anos

AL: estas aldeias devem ter ficado vazias nessa altura... havia era mais gente não é

MeL1: ah, pois havia, antes tinha-se 4-5 filhos, agora têm um e nada

MeL3: e muitos deles saíam daqui a pé e chegavam a França a pé, essa dá que pensar não dá?

MeL2: era fugir às autoridades que prendiam a gente

MeL1: eu não andei a pé, mas fui dentro de uma destas cisternas oh, eu e mais 16

MeL1: cisterna do gasóleo, estava...

AL: vazia espero eu [RISOS]

MeL1: ah, pois claro. Desde aqui, já do outro lado da fronteira até à fronteira francesa

AL: com que idade?

MeL1: 16 anos e meio

MeL2: a história é uma história muito grande

MeL1: 11 dias para lá chegar [?] *não se entende* havia uma fotografia que era cortada a meio, metade levava-a eu, outra metade ficava com o passador, quando eu lá chegasse ele dava ordens de juntar as fotografias para pagar. Dez mil escudos e sessenta e três, que era uma fortuna

AL: ah, pois, mesmo hoje não é pouco

MeL2: a história da emigração é muito grande

MeL1: emigração toda a vida existiu

MeL2: existiu e existe

MeL1: quem olhar para os livros vê que toda a vida existiu a emigração

MeL2: você não vê esta gente que quer entrar para a Europa, que quer entrar para os EUA, aqueles sul-americanos todos... morrem à fome

Outras entidades estatais (e.g. financiamento)

Cabril: MCa1

MCa1: (...) aqui para esta zona que é o fojo do lobo. Isto aqui já é a zona do fojo, e foi recuperado agora, foi uma obra que nós recuperámos há 2 meses sensivelmente

AL: essas recuperações são feitas com dinheiro das ITI?

MCa1: não, neste caso foi um projecto financiado pelo PRODOR. As ITI é outra coisa

AL: é que ontem estava a ler sobre as ITI e percebi que também era para estas questões de recuperação, sei lá, do património, ligado às actividades, tipo pastoreio...

MCa1: sim, pastoreio sim. Este é um projecto denominado INP, investimentos não produtivos.

AL: eu pensava que isso fazia parte das ITI

MCa1: não, não, não, isso são programas (segundos de vento) quadro comunitário

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois..e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira??

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao cabo acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nos temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

AL: considerando o baldio todo e a área forrageira toda do baldio...

MCa1: exactamente! A questão e a limitação e a dificuldade está mesmo aí, porque nós não podemos ceder mais do que 490 hectares para efeitos de candidatura dos agricultores para... com baldio. Isto pode ter um impacto muito superior, negativamente, para toda esta gente que vive da agricultura e da pastorícia... essa é que é a questão...

AL: então, a ver se eu percebi. Isso que me disse eu percebi. Sim. Agora vou-lhe dizer o que eu tinha percebido... pelo que eu percebi há um x dinheiro que entra no baldio anualmente como bolo para se gastar...

MCa1: certo, mas isso ao certo ainda ninguém sabe como vai ficar...

AL: aaah. Então não é aí que estão a mexer então... o que eles estão a mexer agora ao definirem áreas forrageiras...

MCa1: o que eles mexeram foi na área elegível para cedência aos agricultores. Agora em termos de ITI ainda ninguém sabe como é que isto vai ficar... digo eu! Eu pelo menos não sei... (RISOS) espero que pelo menos quem mande saiba o que anda a fazer, o que às vezes também me parece que não sabem... porque isto, quando os cortes são feitos dentro de um gabinete no terreiro do paço raramente correm bem porque dizer "ah esta área não presta, isto não presta para pastoreio", esquecem-se por exemplo que as cabras, que é uma parte importante aqui da agricultura. Dão-se muito bem e gostam desta zona de rocha, gostam da zona... basta que ver no nosso baldio existem cerca de 1000 cabras bravas, bravas, selvagens, que foi o próprio parque que as soltou... não é?! E depois a área que eles cortaram a 100% é a área em que elas se dão maravilhosamente bem e que estão a crescer de uma forma exponencial, ou seja há aqui um contrassenso muito grande, não é? Se não presta, se aquilo é deserto, se é só pedra, então elas crescem do quê? Será que comem pedra? Não é? E aqui na serra está o sistema de veraneio em que os animais sobem todos para a serra alta e que não vêm sequer cá abaixo, ficam lá 6 meses, que é óptimo para os agricultores porque fica a custo zero

AL: eles não ficam lá não é? Deixam-nas lá e depois hão-de ir lá buscá-las

MCa1: exactamente, vão lá amiúde, com muita frequência ver os animais, mas dormir lá não vão, não ficam lá ao pé delas, preferem vir dormir com a mulher, e eu também acho que é melhor

AL: (RISOS)

MCa1: (RISOS) eu também acho que é melhor, entre dormir com vacas e dormir com a mulher eu também acho que preferia dormir com a mulher (RISOS). Mas pronto... mas o gado anda mais ou menos acompanhado porque andam todos os dias pastores na serra, e sabem, conhecem os animais de cada um, e quando algum tem algum problema eles ligam “olha, tens aqui a tua vaca, tem este problema, ou pariu, ou qualquer coisa assim”

AL: e esses pastores quando andam na serra vão e vêm ou...

MCa1: vão e vêm...

AL: as vezeiras já não existem aqui?

MCa1: aqui já não existe vezeira há cerca de 40 anos, já há muito tempo...

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sítio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: tou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: [olhando para as fotografias] ah, tao grande, pensei que era uma coisa pequenina. Bom, isso não parece nada um iglô...

MCa1: não, ali aquela é que é a pequenina

AL: ah, parece, parece! Ok, estava a olhar para aquela

MCa1: pois. E esta foi a que fizemos de novo... tinha lá uma velha com placa de cimento e, estava muito mal... com uma aparência fraca e deitámos aquela abaixo e fizemos outra, fizemos este parquezinho aqui à volta, com mesas

AL: he lá isto assim até dá gosto ir pastar. Posso ver outra vez... mas pera lá, isto é uma casa ou é uma árvore? Agora já estou a ficar confusa...

MCa1: aquilo é a cabana, é a tal cabana. A casa de banho, metida no meio das pedras... passa bem despercebida, só tem mesmo a sanita, não tem mais nada, aqui fizemos uma churrasqueira, com sítio para cozinhar aqui, com água. Isto aqui é a parte do dormitório, para quem quiser lá ficar, para os turistas, para quem quiser, para quem andar por aí, quem quiser lá dormir...

AL: mas está a porta aberta?

MCa1: está a porta aberta, isto é tudo de porta aberta. Agora vou lhe mostrar a cabana, quando formos lá... a cabana foi mesmo arranjada por nós

AL: é uma só que está viável não é? Imagino que haja várias, das vezeiras e assim

MCa1: sim, há muitas, só ali em Lagoas do Marinho, que é esta zona

AL: é o nome da zona?

MCa1: é o nome da zona... tem para aí meia dúzia delas, quase em cada curral, curral são aquelas áreas vedadas que antes as pessoas semeavam lá centeio, no tempo da fome

AL: ai era? Semeavam lá centeio, mas isso não era onde as pessoas punham os animais?

MCa1: era, mas estava vedado. E como era pastoreado tudo avezeirado, andava lá um pastor todos os dias, ele guardava os animais.

AL: mas plantava-se centeio ao mesmo tempo?

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois poe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chao mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, ta bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

AL: exactamente. Ou seja acabas por ter de falar com a malta de 12 ou 13 aldeias

MCa1: exactamente

AL: estão muito separadas as aldeias?

MCa1: entre Fafião e Lapela estamos a falar de cerca de 15 kms

AL: e essas 12 aldeias distribuem-se nesses 15 kms

MCa1: exactamente, temos Lapela, Azevedo, Xertelo, xelo, São Lourenço, Vila Boa, Fontainha, Chao, São Ane, Parca e Barreirinhas, faz tudo parte do mesmo... lá, aquela que se vê lá em cima, já é Pincães.

AL: Pincães também vou lá... conhece o Paulino?

MCa1: conheço! Nós aqui conhecemo-nos... eu aqui sou obrigado a conhecer toda a gente nem que não queira... mesmo que eu não queira sou obrigado a conhece-los.

AL: pois é... 2 anos de Junta de Freguesia...

MCa1: mas já, já...

AL: já antes, pois...

MCa1: já antes conhecia toda a gente... mas agora se calhar de uma maneira diferente...

AL: não é necessariamente melhor

MCa1: exacto, não, na maior parte dos casos não é necessariamente melhor! As pessoas são chatas, são... preocupam-se com merdas, com merdices que não prestam para nada, coisas que não interessam nem ao menino Jesus mas que para elas é como se tivessem a vida em causa e os velhotes...caia o cabelo, eu oiço com cada coisa

AL: eles querem fazer a diferença acho eu, sentem que os jovens sabem muito mais do que eles em certas coisas então querem puxar por aquilo que eles sabem...

MCa1: exacto... é complicado, é complicado. Essa parte está a ser a parte mais difícil. Porque eu tenho muita dificuldade em dizer que não... é mesmo muito difícil para mim, eu só digo que não mesmo... se não puder mesmo! Que às vezes sinto-me um fantoche, uma marioneta, quer dizer... imagina aqui que, foda-se, às vezes tenho de fazer quase tudo o que as pessoas querem... às tantas parte-se-lhe uma coisa em casa e querem que seja eu a ir lá arranjá-la... só falta mesmo isso, coisa que não cabe na cabeça de ninguém, mas não pode ser assim, cada um tem de zelar por aquilo que é seu, tem de estimar aquilo que é seu, tem de preservar, não é... não podem estar sempre à espera que seja a Junta e o baldio a fazer tudo. Mas também as pessoas habituaram-se, isto é uma questão de habituação e a lei do menor esforço funciona em tudo, as pessoas se tiverem quem faça por elas não vão fazer elas. Morrer por morrer morra o meu pai que é mais velho... e é complicado, é complicado porque deixa-me confrontado com algumas situações... completamente desagradáveis e sem sentido nenhum. O que me chateia a mim é que às vezes não fazem sentido nenhum, são pedidos que eu nunca os faria a ninguém, nunca os faria a ninguém... mas pronto! É o que temos... isto é, digo eu, um bocado transversal... acontece em todo o lado... as pessoas estão habituadas...

AL: sim, quando há uma relação de proximidade é muito difícil de separar as coisas, penso eu...

MCa1: pois... muito difícil! Depois quando se tem uma relação de amizade... longa e não sei quê... depois quando essa pessoa nos pede alguma coisa, é muito difícil dizer que não. Se é difícil em condições normais, com toda a gente, com uma pessoa que é nossa amiga, que é amiga da nossa família, que há uma relação próxima, ainda é muito mais difícil... mas pronto

AL: sim, não me imagino no teu lugar, não...

MCa1: (RISOS) mas estou a gostar, estou a gostar...

MCa1: o meu pai é taxista e há uma pessoa que quer ir para a urgência e não está a conseguir falar com ele...

AL: mas a urgência é aonde? Em Montalegre?

MCa1: sim. Mas também pode ir para outro sítio... Braga... Fafião fica mais perto de Braga do que da sede do concelho, de Montalegre... está a 52 km de Montalegre e está a 40 e qualquer coisa de Braga... 42 de Braga... as pessoas aqui... vai-me perdoar o que eu vou dizer mas...

AL: ai, por mim pode falar à vontade

MCa1: as pessoas de Lisboa não têm a mínima noção do que é viver nestas condições. Lembra-me particularmente de uma manifestação a ver o mar, na Póvoa do Varzim ou Vila do Conde, em que iam fechar as... iam fechar o Centro de Saúde e eles “ai meu deus do céu que temos de nos deslocar 10 kms”. Isto é de gente que não tem a mínima noção do que é este país, do que é esta zona, da dificuldade que é viver aqui. Se tivessem as pessoas estavam caladinhas, tomáramos nós ter o centro de saúde a 10 kms! Quantos é que eram precisos fazer por aí acima? Era quase um por aldeia!

AL: pois. Sendo possível era o melhor que havia. Dava-se emprego aos enfermeiros e aos médicos

[vento]

MCa1: (...) a qualidade de vida que se tem num sítio destes ainda... eu tenho um escritório em Braga e vou lá duas a três vezes por semana

AL: ah, um escritório? De quê?

MCa1: de advogados

AL: ah continuas a trabalhar como advogado?! Caramba!

M epa e eu estou lá e estou à rasca, à rasquinha pra voltar para aqui (...), principalmente daqui para cima

[bom, está muito vento mas fala-se das coisas boas que há nestes lugares e das vontades de ambos de sair da cidade e de como apreciamos esta calma e paisagem]

MCa1: está muito na moda agora esses abrigos de montanha, sem condições nenhuma... que é para as pessoas também se sentirem que não é só conforto, que não é só sofás e tv cabos e *playstations* e essa merda toda

AL: então os miúdos...

MCa1: os miúdos... o que é que vai ser desta sociedade daqui por 20, 30 anos??!

[vento... continua a conversa neste tema]

MCa1: (...) ainda estou para perceber o que é que vai ser do interior daqui a 20, 30 anos

AL: pois lá está...

MCa1: eu gostava de perceber como é que isto será... para aqui não é dos sítios, claramente não é dos sítios piores, porque apesar de tudo se vêm alguns jovens com projectos virados para o turismo, que esta zona para esse fim é espectacular e dá para viver bem

AL: e têm resposta?

MCa1: sim... portanto, mas há aí sítios que não têm crianças, as escolas fecham todas, claro! Não há hipótese! Vão manter uma escola aberta com 2 ou 3 crianças?

AL: sim, isto está aqui um grande imbróglio. E por exemplo, achas que o baldio e a sua gestão poderão de alguma forma contribuir para melhorar aqui o desenvolvimento local?

MCa1: pa, este tipo de infraestruturas são importantes para mostrar a nossa identidade, mostrar a nossa história, como é que esta gente vivia, e a partir daí pode-se sempre potenciar...

No outro dia estava a ver um documentário que na Galiza acontece um bocado... acho que as coisas são parecidas não são?

MCa1: sim

AL: com aqui em termos de baldios... então eles estavam a dizer que, estavam a entrevistar precisamente um pastor e ele dizia “eu não quero que o meu filho seja pastor, isto é muito duro e não dá rendimento nenhum”

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: da muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 Euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos quilos?

MCa1: 5 quilos, o ideal, 5-6 quilos no máximo

AL: 60 Euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 Euros cada um

AL: Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: não, Parada é o mesmo CD de Outeiro

AL: ok

MCe1: são as duas aldeias e nós as outras duas... é igual, os CD, isto também, os CD já não têm bem a mesma essência do que era antigamente. Porque antigamente o fito era mesmo para gerir... 90% dos CD que existem foi para... nasceram porquê? Foi porque as Juntas tinham um determinado peso e são eleitas politicamente e quando às vezes acontecia uma eleição ao contrário formava-se um CD com a outra facção

AL: aaaah. Então é político...?

MCe1: acaba por ser, acaba por haver aqui uma mistura, porquê... porque depois a Junta gere o dinheiro do FE

AL: do? Desculpe?

MCe1: do FE... do Governo, que vem lá...

AL: fundo qualquer coisa...?

MCe1: é... e os CD acaba, por gerir as receitas dos baldios. Hoje há baldios que gerem muita mais receita do que gerem as Juntas, às vezes mais, e foi para haver aqui... portanto, já não é aquela ingenuidade... está a perceber? que havia antigamente quando eles foram formados. Há aqui uma evolução um bocado...

AL: pois, pois... então há baldios muito jovens? Baldios não, CD...

MCe1: a maior parte, 80% daqui tem 10 anos, como o nosso e outros

AL: são de 2000 e tal já...

MCe1: sim... portanto a existência deles já não é bem a mesma com que existiu aqui há 30 anos atrás

AL: pois, bom, é um acompanhar dos tempos (RISOS)

MCe1: é um acompanhar dos tempos, só que depois mistura-se aqui muitas coisas que [*Não se entende*], não é?

AL: pois, já percebi que sim, há uma grande confusão entre Junta e... pelo menos para mim há uma grande confusão, entre Junta e assembleia de compartes

MCe1: por acaso no nosso não há, no nosso o que é que fazemos? Ainda ontem passei um cheque para arranjar uma capela, pronto... mas há uma boa sintonia entre os membros da Junta e o CD, e complementam-se, nós se a Junta precisar para ali põe-se lá o dinheiro... mas conheço alguns que é uma rivalidade enorme

AL: ah, sim, quando há rivalidade então a confusão ainda é maior. Mas eu agora estava a dizer mesmo qual é o limite... qual é a fronteira entre Junta e compartes...

MCe1: ah, isso aí pois... isso aí sim... não, freguesia e compartes não pode haver

AL: não, entre a instituição Junta e a instituição assembleia de compartes ou conselho directivo (CD)...

MCe1: ah, onde é que devem aplicar ou não devem aplicar...

AL: não, qual é a separação, porque muitas vezes... já me aconteceu estar a entrevistar o presidente do CD que também é presidente da Junta, ou o presidente da assembleia de compartes também é presidente da Junta, por exemplo... então às vezes para mim é um bocado “então vá, mas isto é daqui, aquilo é dali...” – RISOS

MCe1: a melhor coisa que... pronto, o ideal é Junta e CD estarem em sintonia e as receitas serem aplicadas em benefício do povo, tanto um como o outro o objectivo é esse, não é? Então, para que é que há... agora dizer “ai, vai gastar ali...” então, há receitas, vamos gastar no quê? A beneficiar o povo... e depois as prioridades, arranjar as prioridades...

AL: pois, pois

MCe1: é a melhor solução

AL: ali em Outeiro e não sei quê, eu também tinha percebido que o CD se tinha formado, portanto o segundo que entretanto foi formado, que eu agora não sei se foi primeiro o de Outeiro se foi primeiro o de Cela e Sirvozelo...

MCe1: foi primeiro o de Outeiro, até fui eu que o formei

AL em Outeiro? Aaaah, sim?

MCe1: foi em 2000... foi por causa

AL: das ITI, não?

MCe1: não era as ITI, por causa dos sapadores florestais

AL: aaaah

MCe1: daquelas equipas

AL: sim

MCe1: foi por causa disso que foram formados... fomos buscar o carro, aquela carrinha para eles andarem a fazer limpezas...

AL: então até aí era como? Até você ter formado o de Outeiro, até aí era como a gestão? Agora já estou confusa outra vez...

MCe1: até ali não havia nenhum, era a Junta não havia CD's na freguesia de Outeiro...

AL: então o baldio não se tinha ainda entregue às pessoas... não se tinham ainda organizado

MCe1: era... só que a diferença era, não havendo organização como CD era a Junta, é a mesma coisa... que gere o baldio

AL há tipo um acordo tácito a...

MCe1: é igual! É exactamente a mesma coisa, como há aqui neste momento, há Juntas que não têm CD, por exemplo Viade de Baixo, é uma freguesia grande e quem está a gerir é a Junta... mas gere a mesma coisa como se fosse o CD, é igual, distribui o baldio, como é agora para as candidaturas, até é ela que faz os caminhos, é igual, as receitas se as houver vão para a Junta, que eu acabo por... às vezes até achar que isto havia de mudar, agora uma mudança maior nesta questão dos baldios

AL: acha que devia ser como?

MCe1: na constituição... acho que devia de mudar... acho que... quando está uma freguesia com 10 aldeias há 10 CD's...

AL: pois, não tinha de ser assim, mas é assim que acontece...

MCe1: não tinha de ser assim... havia de ser... está-se aqui a desvirtuar um bocado já...depois é para fazer guerra àquele porque senão aquele... depois é assim, as pessoas... o problema é que, no nosso caso porque é foi feito... constituído o CD? Éramos... somos 4 aldeias, nestas 4 aldeias geralmente o que é que se fazia? Quando era para candidatar à Junta metia-se um elemento de cada aldeia e mais ou menos estava representada... dessa vez não meteram ninguém de Cela e Sirvozelo

AL: aaaah

MCe1: e eu sabi... à partida sabíamos que não nos iam lá fazer nada, como nós tínhamos alguma receita, o que é que fizemos, procurámos constituir aqui o CD para salvaguardarmos algum, porque senão eles ainda por cima iam buscar a receita e ainda gastavam no lado deles

AL: pois...

MCe1: é o tal desvirtuamento do que é o CD...

AL: pois... eu tinha percebido que o de Cela e Sirvozelo se tinha criado... como é que era... Outeiro tinha cavalos... e então não queriam candidatar-se logo às ITI's... acho que era isto

MCe1: mas isso já existia... pronto, não foi bem por aí, isso foi mais tarde quando apareceram as ITI, mas quando as ITI apareceram o CD já existia...

AL: ai já existia...

MCe1: já! Depois aproveitamos foi essa situação, mas aí, prontos, aí era um problema interno porque em Outeiro havia pessoas que tinham muitos cavalos e eles mediante o encabeçamento que tinham de cavalos não podiam e era difícil fazer lá os agricultores desistirem dos cavalos, porque eles estavam a ganhar subsídios não é? Ora bem, como não puderam nós fizemos... isso foi uma parceria que nós fizemos com os de Parada... que nós temos algumas... depois em termos de ITI não é para a divisão, mas em termos de ITI como nós precisávamos de encabeçamento de vacas nós fizemos uma parceria com os de Parada para eles, portanto inscreviam as vacas na nossa área e nós depois fazíamos ali um acordo, foi por aí, mas o CD já existia, o CD foi criado precisamente por causa de eles não terem metido elementos do nosso lado...

AL: e porque é que não meteram?

MCe1: oh, isto é rivalidades políticas, eles não meteram porquê... se calhar isso é fácil de entender, porque se sabiam que iam meter lá um elemento mas não tinham uma mais valia em termos de votos, portanto é as tais...

AL: é as tais politiquices que agora andam associadas ao baldio

MCe1: portanto, eu sinceramente... já criei dois mas acho que devia de haver aqui uma coisa mais bem pensada...

AL: tem alguma pista do que é que acha que era melhor?

MCe1: oh, não, tinha de ser explorado, não sei

AL: pois, pois, pois

S. tinha de ser... para já exigir no mínimo... sei lá... pelo menos o mínimo de compartes, porque senão também, isto entra... meia dúzia fazem um CD

AL: e às tantas até pode ser uma família só ou...

MCe1: pois... quer dizer... pode acontecer muita coisa... não é?

AL: sim, sim

MCe1: não sei... agora, não sei, tem que ser pensado bem os prós e os contras, porque... se não houver o mínimo de coiso, ser a Junta... opa, ou pensar isto também de outra maneira e serem as Juntas também a gerir se calhar... porque as Juntas, ao fim e ao cabo também sao... não sei, tem de ser bem pensado.. mas isto acho que há aqui uma lacuna grande...

AL: o ideal era isto ter montes de gente outra vez, virem para cá montes de jovens, trabalhar na agricultura...

MCe1: era é trazer para aqui brasileiros e brasileiras (RISOS)

AL: já não digo nada...

MCe1: não sei, não está fácil, porque... é muito difícil gerir isto

AL: como é que você vê agora esta nova lei? Dos baldios... a lei dos baldios que veio aí com umas alterações...

MCe1: com aquela questão de compartes não é?

AL: também, sim, sim, sim.

MCe1: também, o que é um compartes, definição de compartes...

AL: sim, por exemplo, essa aí é bastante polémica

MCe1: aquela questão por exemplo do eleitor, que basta estar recenseado não é...

AL: sim

MCe1: eu acho que... é um bocado... foram longe demais, porque eu acho que... fica-se naquele, se quiser estar em Lisboa, vem cá uma vez por ano e está ali inscrito e ao mesmo tempo pode ger... pode ser interveniente na gestão. Portanto, e eu não concordo muito, acho que aí que quem devia gerir é quem cá vive, porque os interesses são completamente diferentes não é... quem cá vive é que sofre, é que tem... é que sabe que... é que tem os animais... e havia de ser quem está directamente na área a produzir... senão entramos aqui em coisas que... em interesses diferentes não é, entra-se aqui numa área... quer-se dizer, quem está em Lisboa não percebe muito bem o que é gerir para animais não é? As pessoas têm que sobreviver aqui. Pronto, e eu para mim o conceito de baldio era para viver... essa parte eu acho que não concordo muito, o resto também das alterações (? Não consigo perceber)

AL: não, há lá algumas que a olho nu passam, mas depois quando... estive a ler a opinião de um advogado sobre aquilo e ele começa a chamar pontos que eu nem pensaria sozinha... mas pronto, nem vou entrar agora por aí, mas por exemplo nessa questão dos compartes, uuuh, é que para além de eles dizerem isso dos recenseados, dizem também que, e esta parte era interessante saber qual é a sua opinião, dizem também que qualquer pessoa que tenha lá um negócio agroflorestal

MCe1: de silvicultura, sim... também é compartes... lá está, é a mesma coisa que o que está, que o votante porque basta ter um terreno pequenino e andar lá a limpar ou... eu acho que devia ser mais quem está directamente a exercer e a ocupar e... porque é isso que faz o baldio... porque sen... você, repare uma coisa, se pegarmos e forem só compartes que estejam em Lisboa ou que estejam a fazer silvicultura, aquilo acaba por ficar

desvalorizado, aquele baldio, porque não tem uma gestão, não tem animais, não tem nada não é?

AL: claro... perde o significado

MCe1: a prioridade era para isso, senão... acho que de hoje a amanhã acaba por... vai haver aldeias que vão morrer não é...

AL: esperemos que não, mas acredito que sim

MCe1: então, já há aldeias com 4-5 pessoas não é

AL: por exemplo?

MCe1: Sirvozelo!

AL: é?

MCe1: Sirvozelo neste momento a morar lá estão... ora, 3 e 2 é 5, 6, 7, 8 pessoas.

AL: ainda não lá fui, não sabia...

MCe1: E há mais, e há mais aldeias com 5 pessoas, 6 pessoas... não é só contar aldeias

AL: pois.. eu por acaso as aldeias a que tenho ido têm todas até bastante gente

MCe1: ai esta parte aqui de cima, de Covelães, Paredes, ainda tem, Pitões... aquela parte de baixo ali de Cabril, tem aldeias com ...

AL: ah, pois são muitas aldeias naquela freguesia

MCe1: muitas aldeias e ... temos Fontaínhos, Bostochão, aquilo tem... 6, meia dúzia de pessoas, agora vêm... se por exemplo lá estiverem 10 votantes, são as que mandam, são as que gerem... não é? Acaba por

AL: mas o que me faz confusão nesses casos é por exemplo, se houver uma empresa de florestas, ou do que for que chegue ali e se implante lá na zona da freguesia, passa a ter direito ao baldio, mesmo que venha de Lisboa

MCe1: exactamente... é, é! Conforme está! Portanto essa parte eu não concordo com isso

AL: rapidamente nessas aldeias que têm 4 pessoas aquilo passa a ser gerido pela... Portucel

MCe1: pronto, eu acho que essa questão devia ser gerida e devia ser os que... quem mora, quem usufrui, portanto, que era o que era antigamente, nesse aspecto eu acho que não... não concordo com isso

AL: pois, pois, essa é a mais polémica

MCe1: não sei se a maioria também concorda comigo mas...

AL: ermm... eu concordo! (RISOS)

MCe1: não, eu digo os outros CD

AL: sim, sim, sim, não, foi... enfim há pessoas que

MCe1: não têm opinião bem formada?

AL: não, há pessoas que até acham que é mais-valia... por exemplo, jovens que vão estudar à semana para o Porto ou para Braga ou não sei quê... que vêm ao fim de semana, continuam relacionados com a aldeia, são uma mais valia para a aldeia, pois...

MCe1: mas esses acho que, à partida, são compartes

AL: exacto, e são, e eles querem continuar

MCe1: esses já eram

AL: mas imagine, são pessoas que se calhar, este foi o exemplo que me deram, para viverem por exemplo no Porto querem comprar lá uma casa, acabam por ter de passar para lá a residência, deixam de estar inscritos...

MCe1: não, mas a assembleia de compartes tem poderes para dizer se é comparte ou não, depende de como se insere na própria sociedade e na... agora uma coisa é a lei, e outra coisa é... não, é a lei

AL: eu também não acho que se vá lá ver... mas no fundo. Vocês têm de entregar o caderno de recenseamento todos os anos não é?

MCe1: é, é, mas pode ser aprovado... a assembleia de compartes também tem alguns poderes não é, a assembleia também pode... mas pode... por exemplo, há determinados direitos dos compartes, vamos ver... agora quando foi na distribuição dos baldios, portanto, isto podia tornar-se também num negócio, então quem estava em Lisboa também tinha direito aos hectares, então sei... é que agora houve uma redução muito grande nos hectares

AL: da área forrageira, é isso?

MCe1: exacto! Agora repare que metade dos compartes estavam no Porto e em Lisboa, ou Braga, e não tinham por exemplo animais... iam ter o mesmo direito na distribuição do baldio. Conclusão, quem tem animais e morava ali não tinha terreno, e os outros tinham tanto como eles

AL: claro, claro

MCe1: também não tinha lógica... então a assembleia aqui vai ter poderes, não, faz a assembleia "ora, quem é que vai ter direito ao... à distrib... ao baldio?"... vai ser quem tem os animais

AL: claro, e aí o...

MCe1: e aí o... até pode ser comparte mas já não vai, na lei não é, até pode ser comparte mas se assembleia decidir que não é assim, não é... pode... pode... aliás, as assembleias são soberanas, embora a lei não tira o direito de ser comparte, sim senhor, mas dentro do comparte pode... a assembleia pode

AL: há negociações locais não é? Digamos assim...

MCe1: não. E a própria assembleia é soberana para decidir o que é que um comparte que está com determinadas condições tem e outros não... também tinha de ser assim

AL: e isso também em relação à dita eventual actividade agroflorestal ou silvícola

MCe1: as assembleias têm poder, se aquilo vai ser prejudicial para o baldio e se numa assembleia eles decidirem... eu acho que ninguém... ninguém, nem o tribunal nem nada, também se vai por contra uma população não é... isso vai prejudicar, isso não tem interesse, anda uma pessoa sozinha... sim senhor, é comparte, está bem

AL: até porque a lei diz que os usos e costumes locais têm de ser respeitados

MCe1: pronto, mas tudo bem, ele não deixa de ser comparte, só que nem sempre... está tudo bem, ele é comparte mas depois as regras são definidas... não é... nós vimos lá alguns casos desses de pessoas nessa questão para a distribuição do baldio, eu já estava a pensar no... porque os agricultores vão ser muito prejudicados... ainda ninguém sabe vá, ainda ninguém sabe do prejuízo, agora quando se for a receber o subsídio é que se vai saber

AL: pois... alterou muito a área [forrageira] lá [no baldio de Cela e Sirvozelo]?

MCe1: ui! Nós somos montanha e alta montanha, temos muita rocha, floresta não foi o que prejudicou mais, temos muita rocha e... pronto, foi por aí, foi o que nos cortaram, através da fotointerpretação, uma fotografia a 500 metros de altitude, aquilo parece tudo cinzento, tudo rocha, basta olharmos para a *google*, o que é que se vê? Vê-se rochas. Claro, eles não vieram ao terreno, eu sou topógrafo, mais ou menos entendo disto, e não vieram para o terreno, claro... e há aqui uma contradição deles, então eles cortaram 100% do alto da serra do Gerês, a 100% praticamente... e quando se corta a 100% é a mesma coisa que dizer, bom, isto é um deserto, nada vive aqui, mas o próprio governo entrou numa contradição, foi lá que ele foi colocar as cabras [*? Não se entende*], e por consequência elas desenvolveram-se a um ritmo alucinante, já vão mais de 1000 cabras, ora conclusão, aquilo tem algum valor, mas para o governo sim senhor... aquilo é bom e era o único sítio, podiam-nas por no Alentejo, era o único sítio, foi o melhor sítio para as colocar, mas para os agricultores aqui dão zero

AL: exactamente

MCe1: quer dizer, eu acho que aqui que... agora, eu também compreendo que isto às vezes há erros, agora, se vierem sentar-se à mesa, vir para o terreno, fazer uma equipa, com a associação dos baldios e as câmaras, arranjam técnicos profissionais de fotointerpretação, para poderem se sentar e falarem a mesma linguagem, não é? E irem ao terreno e verem, porque todos sabemos que a alta montanha tem muita... se calhar é o melhor sítio por exemplo para pequenos ruminantes e para outras coisas, agora cortarem aquilo também assim a zeros parece-me que foi forçado, mas...

AL: pois... isso foi um investimento da parte de quem? Essa iniciativa veio de quem?

MCe1: do IFAP... foram os técnicos de IFAP que... não, bom, acho que a medida vem da comunidade Europeia, vem de fora, tinha de haver uma redução... é evidente que eu concordo com essa redução, porque há sítios, por exemplo, onde estavam metidas até as barragens, noutros estavam os penedos, tudo bem... agora cortarem até 90% é demais... o que é que se havia? Havia de se ajustar essa parte para o terreno, quer dizer... esse exemplo que eu dou, cortaram 100% e vivem lá 1000 animais ou... portanto, não podia ser 100% à partida não é? Senão também morriam lá

AL: pois, claro... e quantos... vocês têm muito gado lá na vossa aldeia?

MCe1: temos... ora bem, nós agora o que fizemos... na freguesia havia dois CD, como havia dois CD o nosso foi o menos penalizado, ficou com 150 hectares, e o de Outeiro e Parada portanto, ficaram com 50... eu quando vi aquela realidade... e depois é assim, a realidade deles... eles tinham 400 vacas e nós temos 100, como hipótese, conclusão, eles tinham 50 hectares e 400 vacas e nós tínhamos 150 hectares e 100 vacas, ou 100 animais, ora, o que é que acontece, peguei, fui ter com eles “olha, a melhor coisa que fazemos é: juntamos o bolo todo e distribuímos como depois a assembleia decidir”

AL: então, só para eu perceber... os animais foram a candidatura... os animais não! Os agricultores, foram a candidatura (RISOS) com o seu número de animais para a área dos dois baldios?

MCe1: sim, ficámos com a área dos dois baldios...

AL: Cela e Sirvozelo?

MCe1: Cela e... não! Cela e Sirvozelo e Outeiro... porque na freguesia há dois CD

AL: ok, Cela e Sirvozelo e Outeiro

MCe1: há... essa freguesia tem, tinha, tem à volta de 4000 hectares, é assim, cada CD tem à volta de 2000, houve uma redução de 80, num de 80, noutro de 90... pronto, por aí. O CD de Cela e Sirvozelo ficou com 150 hectares e o de Outeiro ficou com 50, só que o concelho (CD) de Outeiro tem 3 ou 4 vezes mais vacas do que Cela e Sirvozelo, e nós tínhamos mais hectares, não fazia sentido não é? Com mais terreno e com menos gado... então o que é que eu fiz? Fui ter com eles e disse-lhes “olha, a melhor coisa é juntarmos o bolo, os hectares, e distribuir para não haver ... senão entrávamos aqui num choque grande”, porque eles não têm... assim pronto, isso pelo menos ...

AL: então a candidatura foi em nome dos hectares de todos juntos... hmm, isto não está bem dito... eu sei

MCe1: não é bem a candidatura, eles depois vão fazer as candidaturas, e nós, o que é que fizemos, juntámos o bolo dos hectares todos e atribuímos a todos igual

AL: ah, está bem, sim

MCe1: portanto, os de Cela e Sirvozelo ficaram com os mesmos de Outeiro e Parada, cada agricultor... pronto, foi por aí

AL: pois... não, e esse tipo de cortes , isto agora é a minha opinião pessoal, esse tipo de cortes da área forrageira e tal que as pessoas depois não têm direito aos subsídios e assim, também não fomenta nada a vinda dos jovens de volta para as aldeias, não é... a partir do momento em que não conseguem fazer

MCe1: mas lá está, pronto...isto... os subsídios são muito bons e tudo o mais, mas nós também nos habituamos aqui a um sistema de subsidiodependência e isto não nos leva a lado nenhum, porquê? Porque uma empresa que nasce a pensar nisso... o problema é que as empresas nascem a pensar nisso, quando a empresa nasce a pensar nisso não tem sustentabilidade, porque amanhã termina, a empresa morreu... não é? Portanto, eu acho que devia ser por objectivos, por produção, os próprios subsídios... se produz, sim senhor... opa, produzes x quilos de carne, de boas qualidades, biológica ou não biológica, essas coisas... tudo bem, era um incentivo ao crescimento e à qualidade... agora dar subsídios por exemplo, como até ali... 40 hectares de terreno que se dava, porque nós tínhamos para ali hectares, iam buscar o subsídio, para aí de 10 000 Euros, para o FPD ou lá como é que era...

AL: hmm, eu não vou lá com siglas (RISOS)

MCe1: é o coiso lá do... a alínea lá do subsídio, um jovem que tivesse 40 hectares ia logo buscar 10 000 Euros... pronto... quer dizer... tudo bem, mas não incentiva a produção. Portanto a meu ver os subsídios haviam de ser atribuídos à produção. E à qualidade, não é... não é só produzir, produzir e depois a qualidade do coiso... senão tornamo-nos aqui subsídio-dependentes, e eu acho que isso não é futuro para ninguém

AL: sim, isso é verdade, eu até perguntei às tantas lá... porque precisamente não percebo, não estou tao dentro da realidade e... então perguntei a um dos compartes com quem entretanto falei, se não houvesse subsídios se as pessoas conseguiam continuar a produzir...

MCe1: pára tudo

AL: ... animais, e ele deu a entender que não era rentável, que não ia ser atraente...

MCe1: pára tudo! Mas então o que estamos aqui a fazer? Se amanhã pararem morre tudo de uma vez... está mal... não é...

AL: pois... volta tudo aos períodos de subsistência, foi o que ele disse, então mas nesse caso votávamos todos para trás e voltávamos a viver sem electricidade, sem água canalizada (RISOS)

MCe1: não, mas o que devíamos... havíamos de nos organizar de outra maneira, até por exemplo, se calhar haver cooperativas, bem estruturadas, porque não é essa a ideia que temos, pelo menos aqui no concelho, de cooperativas, que aqui é tudo um desastre, vai tudo por água abaixo... a qualificarem o produto e a colocá-lo no mercado... e as pessoas saberem que tinham o produto vendido e saber mais ou menos o preço que... pronto, dentro daquela variação... era por aí, porque nós temos sítio para fazer qualidade, melhor se calhar do que muitos outros lugares, agora, precisamos do quê? Alguém... precisamos de... para já as pessoas aqui não sao muito de fazer cooperativismo e de fazer essas coisas não é... mas se nos unirmos.. por exemplo nós temos aqui o cabrito... mas não está devidamente explorado. Uma cooperativa por exemplo podia ter, fazer essa questão por

exemplo nas aldeias, “opa, vamos arranjar...” até se arranja um funcionário público... por exemplo, ter 100 cabras ou 200 cabras, é um problema grande para um jovem agricultor porque tem de lá estar amarrado todos os dias... não é? Não pode sair, não tem férias, não tem nada, pá, mas se se criasse aqui em determinadas aldeias... porque já havia antigamente, a questão da vezeira, mas se eles agora não se entendem, as próprias cooperativas se arranjam aqui um coiso, se calhar até criarem aqui no meio um funcionário ou dois, pá, e ser gerido assim, e a pessoa tem direito a um fim de semana... porque também... não é? Também concordo que um jovem estando amarrado ali toda a vida, nem férias, nem fim-de-semana, nem para nada, também desincentiva logo as pessoas a irem embora não é? Agora se tivesse, se isto fosse pensado ou gerido desta maneira... eu acho que...

AL: e como é que se podia...

MCe1: só para mim eu acho que é através de cooperativas, associações... apostar no marketing e na imagem do produto, diversificar o produto porque também não podemos viver só com um produto, pode aquele não dar... por exemplo, nós temos o mel, temos tantas coisas não é? E o ser retirado... criar a imagem para os produtos e depois eu acho que a qualidade está vendida... parece-me a mim

AL: sim, sim. Pois...

MCe1: eu sou produtor, comecei a produzir mel para aí há 3 ou 4 anos, e quer dizer, não há mel para... se tivesse 100 toneladas estavam vendidas... e tenho o mel biológico e... agora, portanto, eu acho que é o que falta aqui mas... qualquer coisa é as pessoas unirem-se e falta o cérebro, ou falta gente

AL: mais, mais... não falo de si mas em muitos baldios as pessoas que estão à frente são assim mais velhas, então às vezes se calhar falta também, isto estou eu a dizer, é a minha opinião pessoal, a falta de jovens nas aldeias também não contribui muito para isto, sei lá jovens que vão para fora e não voltam

MCe1: mas podiam as próprias instituições locais, por exemplo as câmaras... não é? Podiam dar uma mão, só que as câmaras, o que é que fazem? Só olham para a parte política também... não interessa nada.. epa, estão virados para os votos e para as festas e para as 6as feiras 13 e para isso tudo

Agora, esta questão, o produto só... a maneira de dar a volta a uma região destas é só a meu ver por aí, por exemplo, porque não criar uma coisa comunitária, por exemplo, o estábulo para as cabras, uma hipótese, você tinha lá por exemplo uma quota de por exemplo 20 cabras, ia lá dois dias ou três, ou quatro ou cinco ou seis, não é... eu tinha 50, o outro tinha 10, pa, mas aquilo estar perfeito, estar funcional, com pouco... o mínimo de trabalho possível para coiso, com as condições... as pessoas acabavam por aderir

AL: isso a nível municipal ou a nível do baldio?

MCe1: não pode ser muito pequeno, municipal também não, pode ser por exemplo...

AL: um grupo de baldios...

MCe1: uma aldeia grande, por exemplo, uma hipótese, Paredes... Paredes já... já comporta... quem diz Paredes, Covelães... Travassos... ou então reunirem-se duas, não é? Não sei... é um estudo que tinha de se fazer, os gastos e os..., também ver o potencial de cada aldeia, não adianta apostar por exemplo numa aldeia que já tem pessoas acima dos 70 anos

AL: pois, pois

MCe1: é o que pelo menos... até podia começar como uma experiência piloto, para ver-se as coisas... para mostrar, porque às vezes só vendo, o do lado, só vendo, nós aqui somos muito... não temos formação, não temos ao lado para ver o que é que está... e depois temos medo então seguimos sempre a rotina anterior, mas se houvesse um projecto piloto numa determinada aldeia neste sentido acho que as pessoas amanhã podiam. Pa, vamos copiar aquele... aquele.. penso que era uma solução... para a região, para a região, estou a falar agora para assegurar a região... porque isto vai acabar, isto vai acabar, eu tenho dois filhos e não vai cá ficar nenhum, um já está na Alemanha e o outro está para sair se calhar daqui a um ano, está a acabar engenharia civil e de certeza que depois vai embora, portanto...

AL: pois

MCe1: é assim, isto porquê? Porque vê-se que... eu não concordo, essa... eu tenho medo dos subsídios, os subsídios são um contributo, aquilo é a maravilha, cai ali, não dá trabalho nenhum, logo se acaba de repente... não é?

AL: pois.... sim, a mim também me faz um bocado de confusão esta dependência dos subsídios

MCe1: são bons, pronto, ajudam

AL: depois há cortes destes e as pessoas ficam “e agora?”, não é? E...

MCe1: mas eles podem acabar de um momento para o outro

AL: pois, exacto

MCe1: claro, as pessoas têm fé que não, não é... mas eu sei lá, nós conhecemos tanta coisa, a união Europeia pode desmoronar... e depois quem é que dá os subsídios?

AL: não... e mesmo, é uma sensação de estarem constantemente dependentes, algo que não eram, até certa altura...

MCe1: e acaba por não ser um motor de desenvolvimento

AL: pois...pois. quer dizer, actualmente, lá está, pelo que eu tenho percebido, ou como já disse até o Simão, actualmente são entradas de dinheiro extremamente importantes para as comunidades locais, não é?

MCe1: são, fora de dúvida, mas podia ser à prod... em vez de ser assim directo ser à produção

AL: sim, sim, sim, sim, essa é uma das críticas...

MCe1: porque incentivava... por exemplo, eu sou produtor de vacas, o que é que eu estou a ver, eles pagam à cabeça os animais, o subsídio... ora, conclusão, o que é que interessa, o que interessa é ter número de cabeças

AL: sim

MCe1: se você tiver 50 cabeças... se calhar não tem condições para ter 10, os animais estão a morrer à fome há muito... só isso... não tem, aqui não tem, e depois era haver uma fiscalização muito mais... quer dizer, se as pessoas... e depois prendem-nos em cercas alguns e... sem condições, depois não querem, para ficarem com mais dinheiro dão-lhes pouco de comer, os animais depois ainda por cima, são raças autóctones que o... a produção da carne não lhe interessa, porque à partida aquilo já era, só lhes interessa o subsídio, porque ainda por cima é raça autóctone, é majorada com mais um subsídio, ainda vão buscar mais por cada cabeça 160 Euros, quer dizer, se tiverem muitas cabeças, independentemente se estiverem gordas ou se...

AL: se estiverem gordas ou magras...

MCe1: é outra lacuna que... o IFAP até, que fiscaliza isso não está... havia de ver as condições dos animais, não é?

AL: pois, sim... e isso acontece?

MCe1: acontece, acontece... acontece! E o que se passará por aí por esse país, não sei...

AL: sim, por acaso uma das críticas que eu tenho lido às políticas da união Europeia, uma delas é essa, que os subsídios são dados... mas nem era à cabeça, eles lá, o que eles criticavam... mas era à agricultura, na agricultura é a área, não tem a ver com a produção, tem a ver com a área...

MCe1: pois

AL: então as grandes propriedades ganham à grande e...

MCe1: mas isso... vamos lá a ver...isso também vamos...

AL: mas não têm que apresentar produção

MCe1: mas aí é que haviam de ter, que é a produção, mas aí tinham que apresentar... por exemplo, também não concordo que venham subsídios para os campos de golfe

AL: pois, não concordo também

MCe1: pois, mas dão, dão agroambientais para os campos de golfe, pelos vistos, eu também não tenho a certeza a 100% mas

AL: também não sabia, mas não concordo

MCe1: está errado

AL: também discordo plenamente

MCe1: vamos aqui por exemplo pôr... eu tenho aqui um campo de milho, candidatei-o ao subsídio, eu cheguei lá, lavrei e plantei o milho, ele nasceu e depois não lhe ligo mais, nem vou schar o milho, nem lhe ponho herbicida, nem o rego nem lhe faço nada, eu não produzo nada, mas o subsídio é o mesmo

AL: pois...

MCe1: havia de ser ao contrário... “sim senhor, tens o milho, ora vamos lá ver ao fim, quanto é que produziste? Produzi 2 toneladas de milho”, prontos, está a perceber, então pagam-lhe 2 toneladas de milho... não é?

AL: sim

MCe1: devia ser por aí, agora se é... conclusão, não produziu nada, recebeu o subsídio e não se interessou pelo milho... que riqueza é que traz ao país? Não é? Nenhuma! Depois importamos milho...

AL: pois... sim, esses são os argumentos da CNA e da BALADI e mais não sei quê nas manifestações...

MCe1: é, é, é a guerra, pois... claro. Mas pro exemplo, aqui ao lado em Espanha acho que é diferente, eles é à produção, por isso é que depois vendem a batata a 5 cêntimos...

AL: há tanto produto espanhol aqui... no supermercado tenho de estar sempre com cuidado para não estar sempre a comprar espanhol, mas mesmo produtos feitos, tipo sabonetes, comida feita... mas pronto...

MCe1: eu também na minha opinião a região havia de ter mais formação, por exemplo, temos várias condições para o produto biológico, e isso também é uma mais-valia

AL: sim, sim

MCe1: que é... as pessoas não têm formação, nem têm obrigação de... coitadas, nasceram aqui, foram educadas, não têm... depois as instituições locais também não ajudam, isto tem de se ir para o terreno, é preciso ter técnicos, é preciso gastar dinheiro... enfim, isto não é só fazer reuniões e depois...

AL: pois, assim instituições como o secretariado dos baldios e assim, são importantes nesse sentido ou não?

MCe1: são, isso são, acho que sim, que são e têm feito algum, têm feito um bom trabalho, pelo menos há mais informação, a secção ali do parque está muito mais bem organizada do que estão os outros de fora, não é...

AL: isso através da tal organização dos baldios da Peneda-Gerês?

MCe1: sim, sim, sim, aí acho que pronto essas coisas estão... pronto, agora pode ser discutido, mais isto ou menos aquilo, mas tem sempre andado... essa parte estando unidas, estando... tendo uma linha mais ou menos definida, pronto, ter alguém a coordenar eu acho que isso está... havia era de haver outras coisas, seguirem o caminho, o exemplo desses

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barroelas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozel

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [?] *Não se entende*

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disso deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falar muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [?] e olha para a montanha do [?], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [*? Não se entende*], tem vários metros, havia de ser mais [*? Não se entende*], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando foi das outras, havia lá um sítio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: "no âmbito do fundo florestal permanente" ... "contrato de atribuição de apoio financeiro no âmbito do FFP...". Hmm, eu acho que este dinheiro não tem nada a ver com as ITI's, pois não? Ou será que tem?

MCov1: não!

AL: ah, não tem!

MCov1: este não! Este é do ICN... este é do ICNF, ICNF... era onde eu pertencia...

AL: portanto este dinheiro é para os sapadores, ok, eu estava a trocar...

MCov1: este é para os sapadores

AL: e depois a ITI dá dinheiro que vocês usam com a companhia não é?

MCov1: esse é para a limpeza dos montes, limpeza de carvalhal, limpeza de mato

AL: ok, já percebi

MCov1: este é o que eles dão lá do ICN. Agora não sei se esse ICN pertence ao Parque ou não pertence...

AL: eu acho que sim, porque veja, o ICNF agora é o instituto de conservação da natureza, que é o Parque, e das florestas, que é os serviços florestais, eles uniram-se. Agora em termos práticos não sei o que é que isso significa...

MCov1: pois, mas além desse, no antigamente, ainda davam por fora x davam 10000... eu tenho aí o protocolo

AL: portanto, os serviços florestais davam x e o parque ainda dava mais?

MCov1: dava, o Parque dava mais

AL: há quanto tempo é que isso deixou de acontecer?

MCov1: ai já vai para aí há uns 6 anos, 5, 6 anos... quando isto começa a mudar de presidência, lá do coiso de primeiro-ministro e o caramba aquilo começa logo tudo a manobrar... fica tudo estragado

AL: ah, e quando diz “limpar” o que é que há lá para limpar

MCov1: o carvalhal, é o carvalhal

AL: e tira as árvores também?

MCov1: o carvalhal está muito junto, depois eles ralam só, portanto tiram-lhe a lenha mas vão deixar aqui um carvalho, ali outros, aqui outro, ali outro, ... e esses que estão muito juntos têm que se tirar, também estão a estragar os outros

AL: esse é o tal carvalhal dos 400 hectares?

MCov1: é, é nesse carvalhal...

AL: no resto do baldio não há árvores, é isso?

MCov1: no resto não, no resto há tojo, há carqueja, aquilo agora está tudo cheio de flor, lá na Mourela vê-se tudo, em Pitões queimaram tudo

AL: de propósito?

MCov1: sei lá como é que foi...

AL: ontem vi um fogo, quando vinha de Fafião...

MCov1: aquilo foi tudo à conta do... ali queimaram, ali para Parada... tudo por causa desta coisa de cortarem nos baldios. Cortaram a área toda, como lhes cortaram muita área eles agora chegaram-lhe fogo

AL: ah, esta questão das ITI's? O pessoal agora está a ficar enraivecido?

MCov1: ficaram todos maus, atiraram fogo a quase tudo. Em Pitões só se vê lume, ainda mandamos para lá os sapadores, estiveram para lá uns dois dias... ou três...

AL: para apagar o fogo?

MCov1: para apagar, foram os nossos sapadores, foram outros, foram os bombeiros, lá aquilo andava tudo a arder, tudo! A Lúcia também não gostou que lhe cortassem. Ah, pois... ela não queria, nem por nada

AL: pois claro, então, essa a forma de o pessoal ter...

MCov1: deixou queimar à vontade

AL: a sério?

MCov1: então! Não fez caso, eles olhe, queimaram-nos à vontade. Mandaram para lá os bombeiros, mandaram para lá o coiso, mas não adiantou nada, eles chegavam pelo outro lado. Ainda no outro dia andava tudo a arder outra vez. E acabaram no nosso ainda também...

AL: e vocês têm a certeza que foi por causa desses cortes de...

MCov1: foi, foi. O nosso também queimaram, mas esse foi para pastagem, porque esses têm uma parte nossa, eles passam o nosso todo lá por cima, nós temos o nosso monte, eles têm o deles, depois eles passam para o outro... temos lá um que é, chamam-lhe a Páscoa, e ele tem muito gado, e esse gado vem tudo para Covelães, vem para Covelães, passa o monte todo e ainda vem para o lado de Travassos. Eles em Travassos não têm gado nenhum, mas eles atravessam para o lado de Travassos, vêm pelo carvalhal abaixo e depois ainda vêm até Travassos. Os outros de Pitões é que nos cobrem o nosso monte, pois nós temos gado, é o que dizia a engenheira Lúcia “vocês também não têm gado para o baldio que têm...”. Antes de vir esses cortes disse “vocês não têm gado para... portanto temos de meter o de Paredes, meter o de Tourém, ... no nosso monte. E depois eu não queria, até fiquei arreliado, ela até ficou zangada comigo.

Fafião: MF1

AL: e vocês têm tido problemas... como é que aqui é estabelecido quem é que pode estar aqui, quem é que não pode usar o baldio, quem é que pode

MF1: normalmente aqui não aparece ninguém que não seja daqui. Até tínhamos aí uns senhores interessados em fazer aqui um projecto de cabras só que agora com a redução das áreas forrageiras deixou de se poder dar o baldio, deixou... reduziram muito e agora não temos hectares suficientes para dar, que isso em termos de RPU era muito favorável para quem se quisesse instalar e então...

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 Euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 Euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: ou seja, quando tu dizes que diminuiu a área forrageira, referes-te à área forrageira subsidiada, é isso? Ou seja, aquela que permite o acesso ao subsídio à produção...

MF1: sim, nós tínhamos... porque aí só nos interessa a forrageira, que é onde os animais pastam, e nós tínhamos penso que 590 hectares dessa área e passámos para 92...

AL: bolas!!

MF1: dizem que... o IFAP... dizem que foi imposição da comunidade Europeia, já tivemos informações contraditórias, fizeram uma visualização fotográfica viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos, ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha onde eles dizem que ali não tem área forrageira, mantemos ali as cabras nessas zonas que eles dizem que não tem forrageira, mas pronto... está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: fogo! Mas nesses 50% a ideia é diminuir a área de produção de gado e aumentar a área de conservação da natureza, é isso?

MF1: o que me parece que eles estão a tentar fazer é dar mais a quem tem terrenos próprios. Tipo, no Alentejo as pessoas têm muitos hectares, nós aqui não temos nada, nós não podemos estar a ser avaliados da mesma forma que eles que estão no Alentejo, porque eles têm área e área e área. E nós aqui ou é o baldio, porque por exemplo as pessoas de manhã até põem as vaquinhas a pastar no campo, depois ao meio dia, da parte da tarde soltam-nas para o monte e elas comem, estão no baldio, também ajudam a limpar, e pronto, a manutenção dos animais não é feita só com a área deles, e é isso que eles não estão a ver bem, e se calhar não sabem, se calhar o melhor era virem aqui ao terreno e verem como é que isto efectivamente funciona e pronto, que não podem estar a avaliar isto como se fosse o Alentejo

AL: portanto o baldio há-de ter um papel importante aqui a nível local

MF1: está, aqui o conselho directivo funciona bem! Pronto, claro que depois isto, nem deus agradou a toda a gente, quanto mais nós (RISOS). Depois temos aí uns problemas, porque aí quando foram as novas regulações, creio que foi em 1996, houve uns problemas, que aqui há muita gente que tem árvores e que não... só tem as árvores, tipo uma carvalha no baldio... e quando fizeram essa análise deram-lhe terreno, e esses terrenos vieram causar um problema enorme. Toda a gente sabe que os terrenos não eram das pessoas... o carvalho estava no baldio e o carvalho era sim senhor da pessoa, só que não tinha terreno e aqui houve uma acção em tribunal, uma guerra entre aspas por causa dessas coisas... e continua a haver. E até agora já está a chegar-se a um consenso e as pessoas sabem efectivamente que ali só possuem as árvores mas isso também trouxe algum desconforto e algumas pessoas achavam que aquilo não devia ser assim, que tinham as árvores e que queriam ficar com o terreno... acabaram por não ficar, a sentença do tribunal foi favorável ao baldio e agora sabem perfeitamente que quem fizer isso e quem registar esses terrenos vai ter uma acção em tribunal...

AL: e quem é que teve essa iniciativa? Foram pessoas singulares ou foi...

MF1: não, eu penso que esse trabalho foi por parte das finanças...

AL: não, eu digo quem é que decidiu "ah, vou agora aqui marcar este terreno e esse terreno é meu"? foram pessoas da aldeia...

MF1: não, não, não... pronto, quando fizeram isso as pessoas ou não estavam informadas ou não sei bem como é que funcionava, as pessoas que vieram fazer esse levantamento aconselharam a meter o terreno, tipo esses técnicos das finanças, não faço ideia, depois isso deu um problema enorme. Imagine que eu agora tenho... essa acção já terminou contra uns casos que tínhamos aí, mas agora já estão a meter outras pessoas, porque registaram terrenos nas mesmas condições, e aqui pronto, algumas das pessoas até são bem próximas, mas aqui é igual para todos. Não podemos estar a meter este e a não meter aquele porque este é meu amigo... tem que ir, isto aqui tem de haver justiça e igualdade para todos e é assim que vai funcionar. Casos destes há ao monte, a maior parte das pessoas não fez nada e deixou ficar os terrenos em nome dessas pessoas e por isso aqui fizemos... as pessoas não estão para se chatear, até se calhar também têm um assim e então olha, deixa estar. Só que os terrenos baldios nunca tomam posse, as pessoas nunca

tomam posse, não há cá usucapião... se eu deixar passar 50 anos aquilo era um terreno baldio, pode ser julgado e normalmente vai voltar a ser um terreno baldio...

AL: mas por exemplo, já fizeste alguma vez a reflorestação de uma zona que incendiou ou...

MF1: agora temos ali uma zona que ardeu há dois anos que espero conseguir fazer lá um projecto de reflorestação, com árvores autóctones, não com pinheiros!

AL: e para isso tens de te candidatar a subsídios etc...

MF1: tenho de falar com um técnico, fazer um levantamento e tentar enquadrar essa reflorestação num projecto

AL: agora já não é PRODER não é, é PDR

MF1: sim, agora é o PDR. Mas ainda, penso que ainda não está aberto, mas assim que estiver nós vamos apresentar... não só para isso, também para limpezas. Mas essa zona aí ficou muito fustigada, desapareceu tudo e então era interessante meter lá umas árvores autóctones.

AL: pois... no outro dia estava a falar com a Lúcia Jorge [do SBTMAD], conheces não é...

MF1: muito bem.

AL: pois, ela estava cheia de trabalho por causa dos subsídios agrícolas. Vocês aqui não tiveram de fazer isso ou é a associação que faz...?

MF1: toda a gente tem de fazer, toda a gente que tenha animais, e mesmo alguns que não têm fazem, tem que fazer os subsídios e pronto, a Lúcia faz aí os subsídios de grande parte das pessoas e nesta altura é complicado para ela ter tempo para fazer outra coisa qualquer (... conto a historia da Lúcia ao telefone, do stress apresentado etc.). Pois, isto tem estado complicado para ela, por acaso no outro dia estivemos aí numa reunião, na 3ª feira, e ela nesta altura está cheia de trabalho. A Lúcia é uma pessoa que faz parte do secretariado e é o nosso braço direito, quando precisamos de alguma coisa, quando não sabemos, é logo à Lúcia que...

AL: o secretariado dos baldios de Trás-os-Montes?

MF1: Sim

AL: e aquela associação dos baldios do Gerês...

MF1: do Parque?

AL: sim, isso funciona?

MF1: é, também é a Lúcia que é a presidente e... funciona, funciona. Nós, aí com a Lúcia, penso que estamos muito bem servidos

AL: sim, acredito. Mas o que eu pergunto é se as funções que a associação e o secretariado dos baldios têm são completamente diferentes ou... isto é, eu não sabia que existia esta associação, só descobri agora há pouco tempo... mas não percebi o que é que a associação acrescenta em termos de trabalho aos baldios daqui desta zona uma vez que já se encontravam todos associados dentro do SBTMAD...

MF1: eu aí também, sou sincero, também não sei muito bem. Mas sei que quando é preciso aí nalgumas... tipo, quando é preciso aí um parecer ou um técnico, ou alguém que represente esta zona ou precisam que algum técnico seja chamado, é a Lúcia neste caso que representa a Associação de Baldios do Parque que é chamada

MF1: em Rocalva tem cabras mas é das bravas

[VENTO]

MF1: [...] também há corças lá em cima, e há lobos...

AL: pois, os lobos

MF1: no início do inverno foi uma coisa brutal

AL: foi? A sério? Há muitos ataques?

MF1: (...) e é complicado as pessoas, porque isto é tudo muito bonito (...) quando temos umas cabritinhas lindas e tem um cabritinho e a cabra e a cabra é apanhado pelo lobo, e o cabritinho fica à fome (...) se essas pessoas estivessem no lugar destas pessoas se calhar já não... e depois tem de repor. E depois o ICN não paga a horas

AL: claro

MF1: [*não se ouve nada por causa do vento*] e pronto, depois as pessoas aí também ficam um bocado, depois não sei, não sei se mataram os lobos, se eles morreram, o que é que aconteceu. Embora eu ache... eles, estima-se aqui que eles tenham soltado os lobos, para começarem a aparecer lobos é muito estranho...

AL: isso foi em que altura?

MF1: foi [*? Não se entende*]

AL: ah, foi recente

[VENTO]

MF1: [*? Não se entende*] mas às vezes aparece um ou outro morto à beira do rio [*? Não se entende*] e depois lá vão os pequenos lá ver o lobo

AL: mas é morto a tiro ou...

MF1: na altura já não sei se foi morto a tiro ou se foi com veneno...

AL: ah, mas pronto, é morto pelas pessoas...

MF1: é

AL: no teu tempo de pequenino o fojo do lobo era usado?

MF1: não. O fojo já não é usado para o fim que é há muitos anos. Não sei bem há quantos, mas há muitos. Já não é do meu tempo

AL: é um buraco não é? Que as pessoas depois direcionam...

MF1: é. As pessoas depois direcionam os lobos para lá e depois caíam no buraco... aquilo tem 5 metros ou mais

AL: e o lobo ficava lá a morrer ou morria com a queda?

MF1: não, ficava lá e matavam-no

[fala-se da legitimidade disto e ...]

MF1: claro, porque isto é complicado... eu compreendo. Sou uma pessoa nova que saiu daqui e andou a estudar e vê as coisas de outra forma que as pessoas que estiveram sempre aqui e que viveram disso não vêem. Mas é muito complicado uma pessoa que tem os animais e que se calhar até gosta deles e pronto, não tem só ali uma fonte de rendimento, uma cabra se calhar, até se calhar tem ali mais qualquer coisa e gosta daqueles animais, é ver as coisas de uma hora para a outra todas derretidas por causa do lobo. É complicado...

AL: eu percebo que o ICNF precise de alguma prova, porque senão também estavam sempre a desembolsar não é...

MF1: e noutras alturas as coisas se calhar foram feitas as 3 pancadas e se calhar pagaram muitas que não tinham morrido ou coisas desse género. Ou pagaram-nas acima do valor que elas valiam, e depois claro, chega a uma altura em que as coisas andam para trás. E agora é complicado, percebo perfeitamente o lado das pessoas, mas também percebo em parte o ICNF não pagar a torto e a direito porque há muita gente que de certeza que alguém aldrabou aí a situação...

AL: exacto, mas realmente conseguires ter o cadáver de todas

MF1: é impossível porque se há um ataque do lobo até pode ser tipo, meia dúzia delas mortas mas algumas nem sequer aparecem. Se ele matar muitas ainda vão aparecer uma ou duas, mas se ele matar só uma ou duas isso já não aparece nada. Arrasta-as, desaparece tudo. E se as deixarem estar que não as encontrem, nem que esteja num sítio mais ou menos escondido, em 2 ou 3 dias desaparece tudo

Outeiro: M01

AL: (...) isso é, pois, é aquilo das ITI ou das silvoambientais ou agroambientais...

M01: nós tínhamos, tivemos aqui já no início, há vários anos, mas depois aqui entre aldeias houve... as pessoas que tinham aí animais na serra e depois essas ITI exigiam que as pessoas tivessem uma zona de pastoreio em que eles andavam com o gado, a serra é grande e tinham de andar a guardá-los [...] que os garranos andavam mais nesta parte nossa... ele, o rapaz até estava connosco nesse dia, tentou ele, por intermédio do parque

fazer um CD dos baldios das duas aldeias dele, estão anexadas à mesma freguesia, e continuam, mas ele fez o projecto, portanto eles já recebem o subsídio lá do IFADAP há vários anos. Nós no ano passado e este ano candidatámo-nos, que as burras recuaram nesta zona

AL: as quê?

MO1: as éguas... nós chamamos-lhes as burras... e recuaram lá para a serra espanhola, e ardeu e elas assim... movimentaram-se aí para outras zonas e depois a Lúcia fez-nos a candidatura, portanto já recebemos o ano passado e este ano o subsídio para limpezas, para conservação dos caminhos e algum restante para fazermos algumas obrazinhas aqui também na aldeia, agora até andamos aqui a fazer uma casa mortuária com o sobejante das limpezas. Limpámos o ano passado 40 hectares, este ano 20, temos carvalhais e temos também outras candidaturas silvoambientais

AL: mas Parada ainda é do Parque?

MO1: é... o Parque chega até Sezelhe

AL: e tem muito baldio, Parada?

MO1: o baldio é comum... para subsídio é que nós dividimos, aqui Cela e Sirvozelo tem um [? *Não se entende*] para subsídio como fez o conselho directivo e nós ficámos com o restante. Agora cortaram-nos muito baldio para... a gente dá o baldio às pessoas para pastoreio e o outro que é dado para limpezas está independente, mas agora cortaram-nos, na nossa área só nos deixaram uma média de... elegíveis para aí quê... 200 hectares

AL: tinham quanto?

MO1: ui, não lhe posso dizer... alguns 2000 e tal hectares

AL: isso é a área do baldio... dois mil e tal hectares

MO1: é, a área do baldio passa acolá pela Lapela vem aqui... Lapela já é para Cabril, vai àquela zona ali, vai aos Carris, vem toda a raia adiante, faz fronteira ali com o baldio de Pitões, acolá no... na Fonte Fria, não é...na Gralheira, chamamos-lhe a Gralheira, vem acolá da Gralheira, vem acolá daquela ladeira adiante, vem ali àquela capelinha que nós chamamos o [? *Não se entende*] da Fraga

AL: é aquilo que está ali a brilhar, branco?

MO1: é, é, aquilo pertence a Pitões, portanto os nossos limites vêm mesmo por trás da Fraga, onde está aquele carvalhal verde, e ali apanha depois esta parte aqui da Mourela, o cruzamento de Pitões e depois fazemos limite com Paredes [ou Pitões] e misto entre as duas aldeias [? *Não se entende*] foi pedido também para esse projecto das ITI

AL: o que é que foi dividido mesmo?

MO1: o que era misto

AL: ah exacto, dividiram ao meio para ficar...

MO1: dividimos ao meio mas continua a ser igual, não é, quando acabar estes projectos, estas coisas, o baldio... temos cruzeiros nos penedos marcadas e cada um tem o seu limite. O misto tem cruzeiros de baixo e de cima e eles podem vir até aos limites de baixo e nós até aos limites de cima, aquilo é um misto... depois temos o que é de cada freguesia, está tudo no GPS, eu levei 7 dias a marcar isso com uma rapariga lá de Vila Real e com o Parque, andámos nos sítios por onde...

AL: ai foi?

MO1: sim, temos tudo bem feito

AL: mas isso foi para o quê?

MO1: foi para quando fiz esse projecto das ITI

AL: ah, e tiveram que fazer essas delimitações

MO1: delimitações... era o baldio, tinha [*? Não se entende*] porque já era uso e costume antigo, daí que foi...por aí é com águas vertentes, com Espanha é igual, águas vertentes e aqui, com as aldeias é...

AL: Águas vertentes é o nome de uma aldeia de Espanha é isso?

MO1: não, águas vertentes chamamos à cumieira do monte, onde a água escorre para Espanha é espanhol, onde corre para cá é português, temos marcos! Portugal e Espanha, toda a raia adiante...

AL: pois, eu ainda vi quando fui a Sezelhe, andámos lá a passear pelo baldio e ele mostrou-me os marcos

MO1: nós temos toda aquela zona... toda a raia adiante tem os marcos numerados, uma tem um número, outra tem outro número, conforme foram postos, e são pintados de vários em vários anos as letras, Portugal e Espanha, mas aquilo está mesmo cravado na pedra, o P e o E

AL: não há cá maneira de tirar...

MO1: não, não, aquilo está bem feito, fica para toda a vida não é.

AL: (RISOS) mas pronto, isso é o rendimento de cada produtor, mas eu digo assim o rendimento do baldio, portanto da gestão do próprio baldio, não necessariamente da sua família

MO1: não temos nada de recursos para ir buscar, dão-nos estes subsídios para limpar, e nós mantemos a equipa também através das florestas que nos dão 35000 Euros por ano

AL: e vocês também têm de dar um bocadinho não é?

MO1: e nós também temos de dar, para o restante não é, eles ganham 600 Euros, têm segurança social, têm seguro de acidentes de trabalho, têm isso tudo, agora até lhes deram um carro novo, foram levá-lo lá à Lousã para as equipas todas aqui, e eram 5.... Covelães não teve, não sei porque não teve, mas foram todos roubados [*? Não se entende*] os carros já tinham 15 anos não é... os carros andam aí no monte e lá o ministro da agricultura... até fomos receber os carros, deram-nos um carro novo. Também o seguro de 1000 Euros por ano e os 35000 Euros não chegam não é... nós com estes subsídios das ITI dá para fazer as limpezas, eles pagam por hectare mais ou menos à volta de 1000 Euros, a gente tenta negociar com as pessoas que limpam, é uma empresa que temos aqui que nos tem feito as limpezas, a AMBIFLORA

AL: a AMBIFLORA?

MO1: AMBIFLORA, são pessoas que chegam aí com as máquinas e com pessoal, põem tudo em dia, rápido! Os sapadores limpam a parte deles. Com esses subsídios a gente paga os ordenados à equipas e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro. Do outro lado não há, não é?

AL: pois, pois. Vocês estão em cogestão com o Estado aqui não é? Não estão em autogestão...

MO1: é... era, agora andam a mudar, nós temos o Secretariado de Baldios, temos as reuniões e eles informam-nos, eles também levam o deles não é... é a engenheira Lúcia, nós pagamos pelo subsídio talvez quê... 5000 Euros.

AL: ah, vocês pagam para ela fazer a candidatura...

MO1: dos projectos, depois eles têm o ordenado deles não é...

AL: ah, mas isso pagam anualmente?

MO1: do dinheiro que recebemos, conforme recebemos, recebeu-se a 1ª prestação é aquele x%, paga-se ao Secretariado de Baldios e na última tranche que vem outro...

AL: aaaah

MO1: desta aqui até tenho em mente que foi 861 Euros que se pagaram, e da outra foi 3000 e não sei quantos, do dinheiro que recebemos ainda...

AL: pois... eles também têm um trabalhão não é...

MO1: têm... e é eles que fazem tudo não é... e já fomos fazer manifestações a Lisboa, a Braga, a reclamar os nossos direitos do baldio para se não perderem não é... mas o Estado tem aquilo... disse "oh pa isto já está feito"

AL: quem é que disse isso?

MO1: digo eu

AL: ah!

MO1: pela minha experiência, isto já está feito. Depois ainda fomos lá a uma reunião a Vila Pouca também, veio lá o do IFADAP “ah, nós vamos rectificar e tal, mas a vossa área é muita pedra, não é considerada elegível para subsídios e tal”, e agora tivemos que dividir os hectares que tínhamos pelos agricultores, x a cada um, para eles poderem fazer as candidaturas, agora vamos ver para o ano como isto vai dar, também havia aí muita coisa mal feita não é, também pessoas que não tinham animais e candidatavam-se ao baldio

AL: a sério?

MO1: e isto foi bem, foi bem, foi abaixo e agora começa de novo, agora dão subsídio a quem cá trabalhar... então pessoas reformadas que estão em França e que estão aqui a fazer subsídios dos terrenos e a alugá-los aos outros, porque os alugam por dinheiro, ainda vão buscar outro por fora, também não é correcto não é?

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

MO1: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

MO1: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

MO1: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

MO1: não?

AL: acho que não, porque ...

MO1: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim “vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

MO1: cada baldio... mas aqui na nossa zona do Parque os baldios têm todos a mesma rentabilidade, Cabril tem mais uns pinheiritos mas isso também é de pouco rendimento

AL: estive em Pincães e eles têm imensa floresta

MO1: têm! Têm, agora já há mais conservação porque o povo vê que... já está a olhar para aquilo como seja deles não é... talvez, por essa maneira, talvez até o povo olhasse melhor e não queimasse tanto e houvesse outro regime não é... porque se viesse para aí o ICN ou qualquer outra instituição proibir certas zonas que interessam ao povo noutra exploração isso nada vai acima, porque o povo queima, o parque ou mete animais ou ... eu já conheço isto, dantes quando tínhamos ali aquele pinhal que estava ainda novo, as próprias aldeias já não se entendiam aqui... uns queriam pastar, outros queriam que não fossem lá os animais, estavam mais certos não é... um núcleo qualquer, eu hoje até penso que fazer umas plantações era bem, numas zonas..., mesmo em zona boa a árvore plantada com certa distância dava pasto igual, dava alimento para os animais, os castanheiros, dava para o brávia e para o produtor, que não era má...

AL: mas?

MO1: mas a ser gerido pelas aldeias

AL: mas porque é que não fazem isso então?

MO1: ainda se não começou

AL: ah, mas têm esse projecto é isso?

MO1: mas podíamos fazer isso, então porque não? Para uma era a protecção aos animais não é, abrigo. Porque a nossa serra a não ser os carvalhais não tem outra protecção, e os animais procuram, havendo frio, procuram os abrigos não é... são esses carvalhais. O carvalho produz as landras, produz para o corço, para o javali, para os próprios animais

AL pois, pois

MO1: e temos carvalho, não se vê mas nós temos muito carvalho na serra nessas baixas escondidas temos muito carvalho e agora até estão a regenerar muito com as limpezas que estão lá a fazer. O carvalho em si só se protegia a ele próprio na linha de água, porque já ele tinha dominado a vegetação, com as limpezas que estão a fazer à volta já há lá muito carvalho, não é? Já há carvalho em regeneração, porque o mato ardia, o mato crescia tanto ou mais que o carvalho quando ia outro palhito tornava a queimá-lo e agora já está a alargar os carvalhais porque... com essas limpezas, se não houver fundos para fazer essas limpezas e ninguém limpe nunca temos nada.

AL: pois, pois, pois

MO1: por exemplo, este carvalho que você vê agora aqui, toda esta encosta por aqui afora até ao Rio Cávado, isto quando não havia tractores havia aí um carvalho por outro, alguém que não... era tudo roçado pelos agricultores para estrume dos animais e para as terras, mas hoje não, já há tractores, a gente tem estradas que até aqui não havia... vai aí acima até ao cruzamento de Pitões, não sei se você conhece, quem vira para Pitões e para Tourém, há ali um cruzamento, os nossos limites vão até ali, vem de toda a linha de água que vai ter à cascata, para cá o limite é nosso não é, a gente vai lá roça, vai à limpeza, já fiz lá limpezas nesse baldio também, no último ano, foi através da ADERE da Peneda-Gerês, um projecto que aí fizeram... e limpámos ali, ainda deu aí um subsídio para o pastor da rês e ainda nos deixou dinheiro para muitas coisas esse projecto

AL: da ADERE... eu não sabia que havia projectos da ADERE aqui também para limpeza

MO1: foi a ADERE, a ADERE é que trabalhou aí connosco, aí um projecto, fizemos aí umas limpezas, uns 15 ou 16 hectares

AL: isso foi em que ano, sabe? Mais ou menos?

MO1: já não ...

AL: mas há 10 anos? Há 20?

MO1: não, menos, aí há 6-7 anos

MO1: certos terrenos que nós agora aqui até estamos a fabricar, se lhe metesse castanheiros ou árvores assim daqui por uns anos outros que venham atrás têm futuro. O mal destas aldeias é... a população nova saiu, e as pessoas que têm mais idade que estão já estão a trabalhar um bocado com sacrifício para não ver as coisas abandonadas, não é pela rentabilidade que temos, entende? Dá para viver não é? Nos outros lados também se trabalha para viver, chega-se ao fim do mês gasta-se aquele ordenado tem de se ganhar outro... aqui é igual

AL: pois é. Então não há muitos jovens aqui em Outeiro?

MO1: há! Estão é fora!

AL: pois exacto... fora de Portugal ou fora da aldeia?

MO1: Lisboa, Montalegre, nos sítios mais desenvolvidos que é para onde tem fugido a população toda, é para onde há mais é para onde vão mais, e depois afectam uns aos outros. Até no trânsito! (RISOS)

AL: então mas aqui a viver e a dedicar-se à agricultura não...

MO1: é mais partes da minha idade

AL: é? Não há jovens aqui ...

MO1: agora há uns jovens aqui novos, porque a vida está má em todo o lado, a quem meteram uns projectozitos de... o pai a ceder-lhe e tal, mas com estes cortes de baldio já o pessoal está com medo, porque se lhe tiram o baldio as pessoas só no próprio que têm é que nenhum projecto podem fazer porque não têm áreas

AL: diga-me uma coisa, você às vezes fala “nós, eu e o simão...”. Alguma vez estes baldios estiveram juntos?

MO1: sempre

AL: o de Outeiro e o de Cela?

MO1: sempre! Só estão agora para subsídio, mas continuam a ser... o pastoreio... nós podemos pastar de acolá, e eles pastam aqui, é igual, o pastoreio e o... é tudo comum! Agora para subsídio ele aproveitou aquilo porque aqui não quiseram...”ah, o parque vai vir e tal”, deixou de se fazer, e ele fez e foi buscar esse dinheiro

AL: ok, então antes... antes não, para fins que não sejam do subsídio, Outeiro, Cela, Sirvozelo e Parada estão todos juntos?

MO1: é tudo igual

AL: no pastoreio?

MO1: no pastoreio, até ali, que o misto partimos com Paredes, ficou um documento lavrado quando isto... o roçar de mato, o pastar dos animais é igual. Não tem nada independente, não é partilhas definitivas, é um acordo mais nada, enquanto isto dá assim dá, não dá fica como era antigamente

AL: mas havia mais do que um CD? Ou havia um CD só para Cela, Sirvozelo, Outeiro?

MO1: houve, depois quando veio essa coisa dos subsídios das ITI é que tínhamos que fazer um só, mas como aqui não fizeram e a lei deu a duas aldeias fazerem, que eles também têm área baldia não é, eles marcaram ali uma área e faz aquela e agora nós fizemos com o restante que ficou

AL: mas vocês podiam ter... eu se calhar há bocado não tinha percebido logo, desculpe estar a repetir tudo, mas é que é só para eu perceber melhor...

MO1: não tem problema...

AL: vocês também podiam, pergunto eu, vocês também podiam ter concorrido aos subsídios todos juntos, tipo Cela, Sirvozelo, Outeiro e Parada

MO1: claro! Mas para isso havíamos de meter o baldio todo, que era para se receber 175 000 Euros a nível da freguesia

AL: mas isso era mau?

MO1: era bom!

AL: ah! Então porque é que não se juntaram todos?

MO1: foi mau porque a população aqui... uns tinham os garranos na serra e isso e não... como é que é isso, fazem-me baixar os garranos e tal e eu não recebo, porque eles iam buscar por cada égua garrana 250 Euros por cabeça

AL: ah, por causa dos subsídios dos garranos

MO1: por causa dos subsídios dos garranos, e se isso vai eles tinham de retirar os garranos e eles iam perder, então para se não estar a chatear deixou ficar

AL: mas depois acabaram por fazer na mesma...

MO1: depois acabámos por fazer, agora há dois anos, mas já perdemos quantos?... para aí há 15 anos...

AL: e tudo por causa dos garranos?

MO1: dos garranos

AL: mas uma coisa nem tem nada a ver com a outra pois não?

MO1: nem tem nada a ver, nem os animais afectam nada, lá andam, lá passam... lá a erva dá para todos, quando não há comem lá o que lá têm olhe...

AL: mas para fins de candidatura os garranos eram importantes?

MO1: era, era, tinha de ter 100 vacas e 20 garranos

AL: ah! Ok...

MO1: onde havia 200 garranos e 100 vacas (RISOS) era ao contrário...

AL: então foi por isso... e quantas pessoas é que tinham garranos? Era muita gente aqui da aldeia?

MO1: a maior parte... dos que não têm terreno, os que não têm terreno atiraram-se para o baldio com garranos, e estavam a tirar mais lucro eles do que os outros, foi isso que...

AL: aaaah, então foi por isso que o outro seguiu à frente com a candidatura e separaram-se nas candidaturas...?

MO1: foi

AL: ah, já percebi agora... Parada, Outeiro, e Cela e Sirvozelo. E antes era só um CD?

MO1: era

AL: quem é que era o presidente?

MO1: até foi ele...

AL: o Simão?

MO1: foi ele que iniciou... quando veio esta coisa do Parque, que nos podíamos candidatar a umas equipas para trabalhar dentro do Parque, fui eu e ele e outro rapaz aqui de outra aldeia, os três que iniciámos isso

MO1: olhe, em cima daqueles 3 cabecinhos que lá estão, o meu gado anda lá agora, lá e por trás... é que você não vê tanta serra que está escondida naquele vale como a que vê aqui de frente, aqui de frente vê esta paisagem mas entre esta serra e a outra serra dos Carris, que é onde é que foi explorado o volfrâmio, aquela bacia toda por ali fora, até ao rio, tem planícies onde o gado pasta todo o ano, e andam os garranos, tem muito visitante aí a pé, às vezes passam aí... estou lá a ver o gado e às vezes passam aos 15 e 20 pessoas, como você, com as suas tendas, acampam, dormem

AL: ai é? Mas pode-se acampar no parque?

MO1: pode

AL: hmm, supostamente não pode, mas as pessoas acampam na mesma

MO1: ali não há problema nenhum, o ano passado estive aqui em certas zonas de Pitões, à procura de uma vaca que não dava com ela... vê aquele caminho que nós metemos, olhe ali...

AL: ah, é aquele!!

MO1: é aquele caminho, aquele caminho vai aqui a Parada, vai ao fojo do lobo, temos aí um fojo do lobo já restaurado também

AL: já restauraram?

MO1: nós! Restaurámos nós! E vai abaixo tem pontes que nós fizemos já no rio, eram antigas, de paus de madeira, restaurámos, com os pinheiros do pinhal, pusemos-lhes emparos, fizemos outras coisas, vamos até lá à capel..., àquele morro alto que lá está, aquela bacia que também fizemos lá o ano passado 40 hectares de limpeza e temos lá as barracas, as cavernas feitas à moda antiga

AL: as cavernas do quê?

MO1: aquelas cavernas antigas que era a caverna do pastor, foi isso que nós concorremos a um projecto de investimentos não produtivos, ainda tive de tirar uma licença na câmara, e fiz aquilo, e é por isso que agora aqui a Junta mudou mas o povo agora diz assim “ai, se nós sabemos...”. Alguém que se absteve, outros não, viram, andaram para aí agarrados às pessoas, nós não ligámos, já lá estávamos há um tempo “deixa para lá isso”, mas agora o povo diz “não, para as próximas eleições estes têm que ir à vida, têm de para lá ir os outros”

AL: mas essas pessoas... por exemplo, quantos jovens é que há aqui na aldeia?

MO1: ah, ainda há

AL: mas quantos, tipo 20?

MO1: é capaz de haver...

AL: a viver cá, estou a dizer

MO1: a viver cá, estão à espera também... de projectos, como falámos há bocado. Mas se o baldio deixa de dar para essa gente não é... agora vamos dizer assim “não se bota animais à serra, não tal. Não se dá área baldia para as pessoas poderem pastar os animais” e isso, as pessoas vão desistindo não é... cada engenheiro faz uma candidatura porque se vier aprovado ele tirou x %, mas depois o jovem agricultor é preciso ver se está a enveredar numa coisa que lhe vai dar rentabilidade, se vai investir, dão-lhe os fundos a fundo perdido, instala-se e depois aquilo não lhe dá rentabilidade para viver, é mais um falhanço

AL: pois... mas, por exemplo, esses jovens fazem parte da assembleia de compartes?

MO1: não!

AL: não... nem de nada?

MO1: são pessoas que acabaram de estudar há pouco não é, têm os pais ainda aí, estão a viver à sombra dos pais, e abrem-se estes coisos, o projecto para jovem agricultor, que é aquilo que um pai aspira... como eu, os meus estão lá fora não é... mas também se estivessem aqui eu também vendo uma maneira de os meus terrenos com o baldio fixá-los, fixava-os, é o caso destes, este rapaz aqui do café tem uma filha que agora está solteira, trabalha ali na associação em Paredes e a outra casou-se agora ali para a Aldeia Nova e agora já lhe quis dar, ele tem umas 40 ou 50 vacas “ah, eu dou-te 15 vacas, dou-te um terreno ou dois...” e ela até fez o projecto, eu até lhe assinei a área baldia para a moça seguir. Se há um corte à frente a pessoa tem de arranjar um emprego ou trabalhar noutra coisa, não é...

AL: pois, pois, pois. Portanto, não vê os jovens actualmente ainda, pelo menos, assim muito envolvidos no baldio?

MO1: não nesta zona não, podem sobreviver ou falhar o pai, e entregar-lhe a agricultura que tem e continuar no mesmo ritmo... de outra maneira não tem...

AL: mas não estão muito interessados na gestão...

MO1: porque o pai aqui nestas aldeias é como eu, enquanto não está reformado não vai ceder a actividade a outro, se é filho trabalha para o pai até que o pai morra para tomar conta, sem lucro, não é... trabalha para a família. Hoje o jovem agricultor casa-se e quer já a vidinha dele à parte, a casinha, o terreninho, o animal dele, mas se está tudo, não pode sair dali, não tem...

AL: pois, mas não os vê assim muito interessados na gestão do baldio então? Para além de quererem lá por os animais, não é...

MO1: eh, se têm eles que orientar a coisa não estão interessados, estão bem esclarecidos todos... eles até ali davam de hectares por cada animal 1 hectare, depois já tivemos que lhe dar 4,5 hectares a quem tem 10 ou 12 vacas, cortaram, só aqueles aprovados é daqueles que eles vão receber alguns subsídios, que a outra área é pastoreio igual, ele não saiu de lá, era o que dizia lá o director do IFADAP, vocês o baldio têm-no lá todo, pois temos, mas temos menos para dar às pessoas, e não é que o baldio até dê grande subsídio para o agricultor mas dá para o encabeçamento dos animais, porque se não têm aquelas áreas, no encabeçamento dos animais já não vão buscar os subsídios

AL: e as pessoas sem subsídios não conseguem fazer produção?

MO1: pois não...

AL: pergunto, eu não sei, isto é, a venda de animais e não sei quê não serve para...

MO1: não, não dá, sabe que agora os terrenos para manter animais estão a produzir renovo, não é? Embora haja os lameiros do feno, e nesta época aqui não se podia ter os animais porque senão iam comer o alimento do inverno não é... eu tenho aí 10 mas tenho outras parcelas que já as como com elas, mas se elas andassem na serra aquelas parcelas acumulavam para o inverno para alimento, e todas as pessoas que têm animais em excesso é tudo à base do baldio, e no lugar de terem 30 só podem ter 5 ou 6 para manter o que é deles

AL: mas eles andam a fiscalizar onde é que andam as cabras e onde é que andam as vacas

MO1: sabem... essas associações sabem bem que os animais andam acolá e exigem que eles baixem para campanhas sanitárias, para tudo

AL: mas em termos de número de cabeças, por exemplo, eles inscrevem-se com, vamos dizer, 12 cabeças por 2 hectares, que é muito não é, são muitas cabeças por hectare

MO1: claro, isso era dado era um hectare por cada animal, eu agora parece que deram 3 animais por hectare, mas isso já é para... agora quem não tem hectares, quer dizer, agora...

AL: mas eu digo, se eles saírem dessa área que é supostamente a deles, ninguém está a ver ou seja, não sei se percebi bem, o ICNF ou lá quem está a determinar esses limites de cabeças e esses limites de áreas agora para os subsídios, isso aí só é importante para o dinheiro que recebem, não é importante para a área que eles podem usar realmente?

MO1: não sei... até aqui funcionou assim, até agora tínhamos a área toda livre e ninguém foi penalizado. Agora com estas novas leis que estão a impor, já não vamos saber como vai já ser o próprio subsídio... há o RPU, quem não tiver área baldia e isso e tenha muitos animais não tem RPU

AL: pois, exacto, e se eles baixam a área baldia elegível...

MO1: eu também recebia de RPU, 5000 Euros, e já me deu as cartas com o corte, com bastante corte

AL: a RPU é o quê?

MO1: RPU... mas tem que ter área baldia para o RPU, um jovem agricultor para meter o projecto tem de ter baldio senão não tem área para fazer o projecto

AL: mas imagine que não sai esse dinheiro, imagine que um jovem agricultor não tem esse subsídio, através da venda dos animais, de de de... eu pergunto porque...

MO1: não, não tem rentabilidade

AL: não tem rentabilidade...

MO1: não, não tem nada, não tem, onde é que vai buscar dinheiro para as despesas? Mesmo aqui se cortarem os subsídios a gente terá de viver como vivia antigamente, mas não pode

AL: não, não... vão ter de deixar os animais porque não dá rendimento...

MO1: não, não dá, não dá, tem que emigrar ou tem de ir para outros lados, não vão viver só de meia dúzia de vacas um agricultor, não adianta, isso não dá para a água, para a luz e para o telefone

AL: e como é que vocês... isto agora é uma pergunta ingénua, porque não tenho a noção... nos tempos em que não havia subsídios como é que vocês tinham aquelas cabeças de gado todas?

MO1: tinha menos gado, havia menos gado, e lá viviam os lavradores, que iriam fazer? Isto era tudo de colmo, as casas... nem havia água canalizada, nem havia frigorífico, nem havia lareiras a dar aquecimento, nem havia nada... a minha filha hoje já tem lá uma casa em baixo com aquecimento a lenha, aquecimento a gasóleo, com todas as condições... porquê? Porque emigrou para a Inglaterra, restaurou aquela, eu ajudei também, mas restaurou aquela e agora tem 2 na Inglaterra a render 1000 Euros cada uma

AL: portanto naqueles tempos também não havia tantos gastos, é isso?

MO1: claro! Não havia gastos, mas hoje gasta em todo o lado... vem com os papéis, vai a Montalegre à casa do povo, eu e a minha patroa já chegámos a pagar 200 Euros

AL: ou seja, se as pessoas deixassem agora de ter subsídios, para manter o gado tinham de voltar a viver sem electricidade, sem água canalizada, ...

MO1: era à antigamente, claro

AL: tinham de andar para trás... exactamente, exactamente

MO1: tinham de voltar à estaca zero, que é isso que muita gente ainda pensa que... não irá para esse campo mas... nunca se sabe... antigamente cozinhava-se nos potes agora tenho-os lá encostados ao canto, é no fogão, mas a bilha do gás é preciso pô-la lá, o fogão, acaba-se aquele é preciso comprar outro e antigamente era o pote, era a lenhinha na lareira, era o aquecimento era aquele e mais nada... eu hoje mato uma vitela ou duas para meu consumo em minha casa, mato 10 ou 15 porcos, uns vendo-os outros gasto-os para mim

AL: tem porcos também?

MO1: tenho... porcos e têm de ser brincados e preparadinhos para irem para a feira do fumeiro com carimbo para não entrar lá à trapalhada, para as pessoas poderem se vêm comprar pagam... o quilo da chouriça a 20 Euros, um quilo de presunto a 12 ou 13, o salpicão a 30 Euros o quilo, as pessoas vêm comprar isto mas tem de se lhe levar qualidade. O porco é alimentado em casa com produtos de casa, embora compre aí algumas farinhas, mas é milho, é batatas, é erva dos terrenos, é aquela carne biológica

AL: claro... quando é que é a feira do fumeiro?

MO1: a feira do fumeiro é em janeiro

AL: ah, é quando é as matanças e assim

MO1: é... o produto vai para lá mas vai carimbado e certificado pelos veterinários, a criação de porcos até à matança, a matança é feita em casa mas é vigiada por um veterinário, o porco é inspeccionado, não é para li à balda, se fora à balda...

AL: e isso é tudo pago não?

MO1: não, a câmara oferece, e pagava-se a barraca, temos ali multiusos próprio para isso, que fez o presidente da câmara, o pessoal vai ali, tem a barraquinha, vende, não paga nada, é uma mais-valia que a câmara oferece. A câmara já não se paga a sanidade animal também, tinha de se pagar, quem tenha 40-50 vacas tinha que dar uma

AL: pois, exacto (RISOS)

MO1: tinha de dar uma, criar uma e dá-la àquela gente e a câmara já... paga-nos a sanidade animal, para o agricultor ter mais um bocadinho de mais-valiás na carteira não é? É assim...

AL: pois... então sem subsídios olhe...

MO1: sem subsídios viola... está bem que o país estava um bocado em baixo, mas nós agora pagamos para tudo... imposto, o IVA

AL: pois, qualquer pessoa que forneça serviços ou produtos tem de pagar o IVA não é...

MO1: claro!

AL: aqui é mais baixo não é? 6%

MO1: 23%! Na agricultura é 6%

AL: na agricultura é 6%, mas nos animais?

MO1: os animais sim, também é 6%... eu vendo um vitelo, tenho contabilidade ali numa contabilista, pago-lhe 90 Euros por mês, de contabilidade, e o que vendo e o que compro... está lá, todo o agricultor hoje está metido nisto

AL: 6% não é?

MO1: é... 23% é... como estes me andam a fazer, o Estado dá-me mas eu tenho de declarar para lá como eu paguei ao homem, o cheque e tudo, e agora pago com o meu e depois é que vem o outro

AL: e eles já cobram a pensar com o IVA...

MO1: com IVA. Mas ainda bem que ainda se restaura, porque senão não se restaura, esses terrenos mais inclinados, cai nas bordas (?), o pessoal não tem dinheiro, deixa ver agora... será aqui mais na zona do Parque que para ter isto mais limpo e mais ajeitadinho também... lá vem esse por fora, nós não nos afecta nada estar a viver dentro do parque, até acho bem, mas também eles também têm que trazer algumas mais-valias para aqui

AL: sim, se vocês têm limites à produção tem de haver uma mais-valia de outra forma

MO1: claro! E mantemos a paisagem e mantemos tudo

[fala-se do projecto do sr domingos para a casa que a filha vai querer explorar turisticamente]

MO1: (...) e esta área toda, isto é inclinado mas em baixo tem uns lameiros grandes, onde estão aqueles eucaliptos e aqueles castanheiros, esta parte aqui toda é tudo nosso, onde é que eu plantei os castanheiros foi ali em baixo, olhe um... tenho ali uns 60 e tal castanheiros, o terreno todo dali até lá à borda da barragem até lá acima, isto é nosso, e agora como saiu essa candidatura eu aproveitei para fazer estes muros... sobrou terreno, eu ainda vou semear estes terrenos

AL: mas estes muros são da aldeia ou são da sua propriedade?

MO1: são meus!

AL: a, então qual candidatura, desculpe?

MO1: é do PRODER

AL: para recuperar...

MO1: os socalcos aqui na zona... já fiz outro lá em baixo que me ficou em 15000 Euros

AL: mas os socalcos não é quando a cultura é feita assim²⁵

MO1: é, e aqui tem... este socalco toma conta desta de cima e os outros tomam conta desta parcela

AL: ah, ta bem, ta bem, ta bem

MO1: e aqui debaixo está o tanque para a água que vai para este terreno... toda esta parte até ao Cávado é um tanque de água... fiz-lhe aquele ingénio (engenho), trabalha quando está cheio, vai por aqui, vai para os lameiros acolá para baixo, portanto são aquelas árvores por aqui abaixo

AL: o que é que é ingénio...

MO1: ingénio é aquilo

AL: a abertura?

MO1: a abertura, aquilo trabalha com a água, a água ao encher acima ele funciona sozinho, e fecha sozinho, e isto é o pau para abrir para quando quiser lavar o tanque, entende?

AL: mas está sempre a sair água?

MO1: a água é aquela que vem por baixo e é canalizada para aqui

AL: sim, mas aquela água que está ali daquele lado

MO1: aquilo é alguma que está o pipo mal tapado

AL: ah, ok, não é de propósito

MO1: não, não ... e ela quer então fazer aí uma recuperação desse palheiro está a perceber? Pô-lo alinhado para aqui, já tem o projecto disto, tirar isto tudo e fazer aí uma obra. Eu era para fazer aqui um armazém para o gado está a perceber? Mas como a rapariga tem ali a casa e tal, dei-lhe esta parte toda a ela, já lhe fiz documento e tudo, e ela agora vai trabalhar aqui, ao vir... agora já vem governadinha, não lhe correu nada mal, tem duas filhinhas, tem duas casas lá na Inglaterra pagas a render-lhe 1000 Euros cada uma, com 400 contos por mês, 400 contos na moeda antiga, agora 2000 Euros, por mês, vem para aqui, faz o que quer, também os terrenos são dela, e tudo depois é dali do... AL: pois, e se está com essas ideias de...

MO1: pois estou!

AL: não, e ela, e ela, se ela está com ideias de...

MO1: eu também faço... olhe, e o tubo que sobrou da canalização? Este tubo sobrou quando trouxe a água, ainda aí está... havia tubo mais barato mas eu quis deste, que este resiste que nunca mais acaba... e ela quer recuperar... quer recuperar

²⁵ Gestos para dar a entender declive

AL: isto é tudo da família da sua esposa?

MO1: é, é... recuperar isto para alugar aquelas casinhas, cada uma com uma casinha de banho

MO1: está a ver aquele muro, foi do mesmo projecto, o rapaz é primo da minha mulher e eu disse-lhe “opa, tens esse muro velho, e ali outro em baixo, mete a candidatura que te sai”, saiu-lhe aprovada e já os fez

AL: ai que bom

MO1: as outras pessoas até dizem assim “ai pa, que não sei como os outros fazem”, a nós dão... é preciso ir ao nascente buscar a água... se eu não for ao nascente buscar a água, não tem nada...

Paredes do Rio: MP1

AL: pois, e vocês nunca plantaram pinheiro?

MP1: não, não

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 Euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: RISOS

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1: pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1: ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1: e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1: é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1: o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1: mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: [...] então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo "ah, isto é meu! Não, isto não é teu..."

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruces feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruces feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruces para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

AL: ai é?

MP1: é

AL: no inverno também?

MP1: sim

AL: ah... ficam aqui ou vêm cá buscá-los todos os dias?

MP1: não, aqui foram sempre para a corte

AL: a corte é no meio do baldio?

MP1: não! Na aldeia, as cortes eram aquelas lojas que tinham debaixo de casa, antigamente era assim, debaixo de casa e ao lado, agora é que há os armazéns

AL: mas disse que era todo o ano no baldio

MP1: andam todo o ano no baldio mas dormem todo o ano em casa

AL: ok, ok... então eles não queriam tirar os cavalos e por isso não queriam aceder ao subsídio

MP1: pois, e por isso deixaram de receber da parte deles

AL: pois... vocês já estão com as ITI há muito tempo? Aqui em Paredes... foi logo desde o início ou foi depois?

MP1: foi, desde o início

AL: ok... já há 7 anos não? 6-7 anos... não sei bem

MP1: é mais ou menos é

MP1: aqui temos dentro da aldeia 9 moinhos

AL: ai é? Eu vi um, que está ali logo ao pé da igreja

MP1: temos 9

AL: E funcionam todos?

MP1: tudo, está tudo a funcionar

AL: foram vocês que os recuperaram?

MP1: recuperámos nós

MP1: isto é uma capela para os mortos... quando morrem vêm para ali. É a igreja... só há outra no concelho como essa, é das igrejas mais bonitas do concelho

AL: ai é? Qual é que é a outra?

MP1: a outra é em São Vicente

AL: São Vicente... não sei... da Chã? Não...

MP1: sim!

AL: ah, então é lá ao pé de mim... [boa tarde]

MP1: aqui é um forno comunitário, acolá... acolá... eu vou buscar a chave e vou-lhe mostrar

AL: é o quê?

MP1: chamam-lhe o pisão, era onde é que pisavam o [? *não se entende*], ainda não havia energia eléctrica na aldeia e acolá já faziam a luz eléctrica para aquela casa ali...

AL: ah... só para uma casa?

MP1: sim

AL: e a casa era de quem?

MP1: era do proprietário daquilo... agora aquilo comprou o parque...

AL: e era gerada como? Pisava-se o quê?

MP1: com a água, com a água que corre pela aldeia abaixo

AL: pois, a água corre pela aldeia abaixo, literalmente

MP1: essa água nasce aí

AL: ali?

MP1: não, essa... esta já vem de longe, já vem lá de cima de onde é o posto de vigia, daquelas lamas, essa é que nasce aí

MP1: [Esta garagem] foi uma obra que fizeram com o dinheiro do CD

AL: esta obra aqui?

MP1: sim

AL: a garagem para o tractor

[abre-se a porta da garagem]

AL: he lá! Granda máquina! E esta lenha é de todos também?

MP1: a lenha é os sapadores também que a fazem ali para a associação

AL: ah, ok... boa. E este tanque?

MP1: é do gasóleo, para o tractor

AL: ah, ok, ok. Granda máquina que vocês têm aqui... isto é caríssimo não? Ou melhor, é muito dinheiro, caro não será a palavra

MP1: 50 000 Euros

AL: mas depois poupam imenso em

MP1: claro

AL: é com cada roda!

MP1: ainda tem outra parte para acolá que fazem despensa para arrumar... para arrumação das ?, aquela parede também...

AL: ok. Então isto foi feito pelos compartes em benefício da associação?

MP1: e para meter o tractor

AL: exacto

MP1: aquela capela mortuária também a renovámos... também foi com esse dinheiro

AL: ai é?

MP1: é. Então temos outra ali acima que também a renovámos.

AL: e é usada para quê?

MP1: para fazer uma casa à moda antiga, chamamos-lhe a Casa do Cabaneiro

AL: ah... e é usada para quê? Para turismo? Não...

MP1: sim... não se faz lá nada mas... era para mostrar como é que vivia o... como é que vivia... cabaneiro era uma pessoa

[MP1: tia Teresa!]

AL: olá, boa tarde]

MP1: era uma pessoa que... não tinha... as pessoas que não tinham fazenda, que não tinham nada, só tinha aquela barraquinha e pronto

AL: não tinham fazenda ou seja não tinham sítios para...

MP1: não tinham terrenos, não tinham nem vacas, nem... não tinham nada vá

AL: sim. Mas viviam nessa casa?

MP1: pois... nós comprámo-la para mostrar que era assim que se vivia, que era assim

AL: sim, sim, sim, mas naquele tempo o cabaneiro vivia lá? Ou eu não estou a perceber nada?

MP1: todos os cabaneiros, se não tinham nada, eram chamados de cabaneiros

AL: ah, ok... portanto era tipo uma casa de solidariedade? Ou não? Uma casa de caridade... oh senhor MP1 se eu não estiver a perceber nada diga-me

MP1: olhe aqui o moinho

AL: ia pá! Aquilo é uma teia de aranha?

MP1: é!

AL: bolas! São fortes!

MP1: porque é da farinha que fica aqui

AL: pois é, pois é... mas isto está a ser usado actualmente?

MP1: está!

AL: ai é? Quem é que usa?

MP1: ah, usa quem calha!

AL: mas é assim usado quantas vezes por.. tipo, uma vez por mês? Mais vezes por mês?

MP1: agora já é mais no inverno que usam, mas já se usa poucas vezes porque agora as pessoas já moem o grão nos armazéns que têm aqueles moinhos eléctricos, agora já pouco usam isto

AL: e disse que usam mais no inverno porquê? Porque há mais água?

MP1: sim! Porque no verão a água é para regar o renovo, é para regar a comida

AL: ah, ok, há prioridades não é? Está bem... e vocês também concorreram aquela coisa dos investimentos não produtivos? Para recuperar sei lá... o fojo do lobo, as casas dos pastores, ou não? Os socalcos...

MP1: aqui fez-se pouco disso, só para fazer aí uns tanques de água para as vacas beberem

AL: sim... mas isso é dos investimentos não produtivos ou é das ITI?

MP1: não, foi um projecto dos tais da ADERE

AL: ah da ADERE

MP1: os tais da casa de Pitões

AL: muito bem. O que é que é a ADERE?

MP1: aquilo pertence mais ao Parque Nacional da Peneda-Gerês

AL: sim... mas abrem concursos, pelos vistos, candidaturas para dinheiro para projectos...?

MP1: houve ali uma altura que foi, que tinham projectos

MP1: este também o compraram, também era particular...

AL: ai era particular?

MP1: era. Agora não, agora é do povo

AL: e há quanto tempo é que está na mão do povo? Ou seja é uma coisa recente ou é dos outros tempos?

MP1: olhe, vai para 2 ou 3 anos

AL: ai era particular... nunca foi usado comunitariamente?

MP1: este era o forno, era não, é

AL: exacto. E também é usado regularmente?

MP1: agora... era mais para cozerem o pão, agora já... mas ainda cozem aqui, ainda há quem coza

AL: cada casa vem aí fazer o seu pão é isso?

MP1: sim, antigamente era assim, mas agora já só há aí uma casa que faz pão aqui

AL: ai é? A maior parte das pessoas já compram o pão?

MP1: vem o padeiro à porta

AL: pois com certeza, dá menos trabalho, as pessoas já têm outras coisas para fazer

Então, antes de terem comprado isto a um privado não havia forno comunitário?

MP1: antigamente havia mas depois acabaram com aquilo, venderam... as coisas que havia destruíram-nas, nós é que depois começámos a...

AL: ah, começaram a reavivar as tradições?

MP1: pois, a recuperar

Pincães: MPin1

AL: pois... e aqui no Parque vocês têm muitas limitações não é?

MPin1: pois, temos, temos... e agora tínhamos uma compensação que era as ITI, não sei se já ouviu falar

AL: sim

MPin1: este governo obrigou o IFAP a reduzir a área elegível do baldio, porque nós não tínhamos... o Parque existe há 40 anos, acho que é, e acontece que o decreto-lei que implementou o Parque sabe muito da realidade das populações só que as põe no papel, na prática nunca existiram. E acontece que agora, desde 2007 para cá, primeiro chamaram-lhe plano zonal, depois mudaram-lhe de nome e agora chama-se ITI, intervenção territorial integrada da Peneda-Gerês, que é o nome

AL: ah, é a mesma coisa, plano zonal e ITI... ok, ok

MPin1: é, é... o Plano Zonal depois não funcionou, acho que as candidaturas foram ao ar, mas depois em 2007 vieram as ITI. E pronto, mas o que eu lhe queria mostrar é que a ITI é muito importante... eu sou florestal

AL: eu também!

MPin1: é? Também é engenheira florestal?

AL: tirei engenharia florestal no ISA, mas foi a licenciatura

MPin1: mas eu sou florestal, eu era mestre florestal.

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem. Acho que até ajudava aí no governo da... o que é a ITI? Porque a ITI, até convém você depois... isto vai ser discutido... nós fizemos no outro dia um manifesto à ministra da agricultura, eu não sei o que é que ela vai fazer, nós estamos a pedir-lhe um... eu ainda há bocado recebi um mail do IFAP, a candidatura termina amanhã mas parece que ainda dão até ao dia 23 de Junho com penalização de 1% por dia. Eu recebi há um bocadinho um mail do IFAP que até ao 23 de Junho, as alterações podem ser feitas até ao dia 15, e as candidaturas podem entrar até ao 23 com penalizações de 1% por dia

AL: ah... isso para as ITI?

MPin1: não! Isso não se sabe, ainda não se sabe de nada... Estou a falar é de candidaturas que vão fora de prazo

AL: ah, mas candidaturas a quê?

MPin1: agro-ambientais e mesmo os particulares... porque terminam amanhã

AL: ah... mas agroambientais e silvoambientais não são ITI?

MPin1: também são ITI... mas para os baldios estamos estagnados

AL: ah, não é com o baldio

MPin1: o mail que me mandaram é em geral. Mas nós no baldio eles fizeram-nos uma redução de 50% e depois de 50% ainda me retiraram a parte rochosa toda. Nós temos um corte para aí entre 80 e 90% das áreas elegíveis do baldio que nos deixa sem manobra de candidatura para a ITI. E agora não sei o que é que vai acontecer. Fizemos um manifesto ao nível dos 5 concelhos que fazem parte do PNPG, ao nível dos baldios dos 5 concelhos,

associações e tudo e pronto. Vamos ver o que é que a ministra decide. Entrou lá ontem salvo erro, ou anteontem

AL: ah, só agora é que entrou

MPin1: pedimos o adiamento do prazo e que tenha em atenção aos baldios do PN porque tem certas restrições que não... enquanto os outros podem usar mini-hídricas e mini-eólicas...

AL: o que é que são mini-eólicas? É que eu estive a ler... acho que foi no plano de ordenamento do parque, é que eles dizem que

MPin1: parque eólico é aqueles que se vê aí para Cabreiro...

AL: só que eles falam de mini-eólicas ou de mini geradores eólicos

MPin1: portanto isso é quando funcionarem em moinhos de água, ou... em qualquer moinho de água pode funcionar... mas pronto, o Parque Nacional faz as suas coisas boas, agora a vantagem foram as ITI porque, e o mais importante é isto, é que nos dá maneira de fazer as limpezas de combustíveis e eu depois vou-lhe mostrar, e até convém que você quando passe veja e conta, e o mais importante é que é uma prevenção aos incêndios florestais, porque se não houver combustível não há incêndios, e mais vale estar a tirar o combustível que ele fica todo em estilha, não fica com... ao tirar o combustível automaticamente há prevenção dos incêndios. E isso funcionava muito bem e agora vamos ficar sem essa componente. Enfim... isto é reduzir às despesas, então o que nós pedimos lá no manifesto é que abram a excepção aos baldios do PN porque não temos outra... porque se só formos fazer trabalho com dinheiro só do pinhal abatido não vamos lá. Eu andei 4 anos a pôr dinheiro do meu bolso para as despesas do CD, não havia dinheiro...

AL: mesmo com as vendas das madeiras?

MPin1: não havia dinheiro, olhe, arderam-nos aqui à volta de 150 hectares aqui há coisa de 3 ou 4 anos. Na altura gastámos algum aqui, porque também veio algum para aqui, outros usamo-los de outra maneira mas...

AL: ... e qual é a maior fonte de receita actual?

MPin1: é as ITI... porque dá para fazer limpezas, fizemos dois agroflorestais em 2005, depois a 3ª candidatura já não entrou a tempo, também não havia dinheiro no quadro comunitário, esperámos pelo Quadro Comunitário e já não saiu, tinha sido aquilo a 100%. Depois saiu a 60%, mas 60% já não há fundo de maneio para tal, para investir 40% não dá, e depois vieram as ITI e foi a salvação. A ITI tem áreas forrageiras e tem silvoambientais, as silvoambientais é que dá para proteger a floresta. E vamos ver o terreno

AL: sim, bora. Pois... eu vi lá no vosso texto, naquele texto vocês põem em causa alguns pontos da avaliação daquela comissão de valorização para os territórios comunitários e vocês lá dizem isso, que antes este tipo de projectos era financiado na totalidade a fundo perdido... mas eram projectos de quê?

MPin1: eram agroflorestal

AL: antes de existirem as ITI?

MPin1: antes

AL: e eram só para zonas protegidas ou eram para todos os baldios?

MPin1: uhh, acho que era só para aqui

AL: ok, porque as ITI tenho ideia que é mais para as zonas protegidas

MPin1: as ITI vieram com outra função mas depois também vieram as silvoambientais, que também posso mostrar aqui...

AL: mas as silvoambientais também são das ITI ou não? Estou um bocado confusa com isto

MPin1: também. As ITI tem os investimentos não produtivos

AL: exactamente, faz parte da ITI não é? Era a ideia que eu tinha

MPin1: sim, recuperação de fojos e... ainda agora fizemos aí por cima, gastámos 50 000 Euros... investimentos não produtivos, pagam 50 000 Euros

AL: pois, com o dinheiro das ITI? Fazem as coisas com o dinheiro das ITI

MPin1: para já pagamos nós, este ano ainda não recebemos

AL: só recebem no ano a seguir não é?

MPin1: primeiro pagamos 40%... A gente na primeira factura atrasámo-nos a pagar e depois já não dava, porque se tiver uma factura pendente não pagam na segunda, e então como não dava para... como o prazo terminava a 31 de março, como não dava para pedir a segunda antes de terminar o prazo metemos tudo na última, são 44000...

AL: pois... mas então e o Fundo Florestal Permanente, é com ele que se paga às equipas de sapadores não é?

MPin1: o Fundo Florestal Permanente, sabe o que lhe aconteceu?

AL: uuuh, foi para as câmaras...

MPin1: pois...

AL: eu só sei porque estive a ler os vossos documentos...

MPin1: foi para as câmaras, ... e o dinheiro

AL: pois... e não para a floresta necessariamente...

MPin1: e não para a floresta

AL: pois... mas isso é mesmo assim?

MPin1: é... aquilo era 2% sobre o combustível que se comprava nas bombas e dava para o fundo. E aquele dinheiro era para compartilhar a parte que pertencia ao Estado, porque 80% vinha da EU não é... e os 20% vinham do FFP e no projecto eram contemplados... olhe, daqui vê-se bem, vê acolá tudo limpo? Na encosta do outro lado?

AL: sim

MPin1: oh, tudo limpo, lá adiante... tinha lá mato mais alto do que este pinheiro, agora se acolá continua este ano se calhar ia arder, agora se este ano fizerem já não arde, nem arde neste ano nem daqui a uns anos

AL: e isto foi feito com...

MPin1: este foi feito agora este ano... com as ITI

AL: ah, as ITI... vocês aqui também têm sapadores não é?

MPin1: não

AL: ai não têm...

MPin1: antes de entrar para o CD, em 1999, que eu sabia que ia haver sapadores, e eu disse ao presidente do CD para se candidatar

[o senhor MPin1 conta a história das equipas de sapadores, mas com os passos não se consegue perceber com pormenor o que vai dizendo...]

AL: que era quem já agora?

MPin1: era o [?]. E eles relaxaram-se, e na altura até era fácil, eram 60 equipas

AL: para o Parque?

MPin1: não para o país, era fácil Mas depois quando eu entrei quando fui tentar já não foi possível *[não se percebe nada, cães, passos, tudo ao mesmo tempo]*. E agora, acontece que, quando eu me fui candidatar, como a de Fafião era muito junta eles aqui já começaram sempre a...

AL: estes aqui começaram a... mas vocês não partilham dos sapadores de ...

MPin1: não! São baldios diferentes... eles têm... eles também recebem acho que à volta de 35000 Euros

AL. Acho que sim, que é qualquer coisa desse género...

MPin1: mas agora com o dinheiro das ITI já dá para fazer isso e sobra dinheiro, porque eles aproveitam... nós contratamos uma empresa, e eles fazem com o pessoal deles e poupam dinheiro

AL: aaah, fazem o trabalho das ITI com os sapadores, é isso?

MPin1: e ficam com o dinheiro, e assim o dinheiro chega, sobra, ainda dá para pagar aos sapadores

AL: então e os sapadores foram uma mais-valia, não foram uma imposição...

MPin1: não! Só que é preciso dinheiro, e os baldios antes das ITI tinham que arranjar pelo menos 80 000 Euros por ano para por em cima

AL: e vocês aqui, sobra-vos dinheiro das ITI para depois usarem em produção, seja do que for?

MPin1: algum que sobrou veio para aqui [para a sede dos compartes]... mas isto também era uma necessidade que tínhamos, nós reuníamos lá no meio da aldeia, um dia estava um vendaval, a chuva... e agora

AL: mas por exemplo conseguem investir na produção florestal?

MPin1: conseguimos

AL: mas a floresta neste momento pode dizer-se que está a dar frutos ou não?

MPin1: ainda agora fizemos uma plantação...

AL: de pinheiro?

MPin1: não, de folhosas

AL: ah, ok. Mas as folhosas, vocês não podem nada com elas, ou seja, entra é dinheiro das ITI para fazerem as florestas... não podem cortar, não podem vender...

MPin1: não...

AL: mas fazem também plantações de pinheiro?

MPin1: para já não [? Não se entende] se fossem projectos financiados a 80%, assim já podia haver fundo de maneio, agora com 60% não dá

AL: pois... isso é que o que eles investem é isso? E vocês têm de dar x dos rendimentos que obtenham na floresta não é? Com a madeira...

MPin1: é 20 e 40%

AL: 20 quando?

MPin1: 20 neste caso em que é regeneração natural e 40% quando a plantação é feita pelo Estado, isso foi em 1975 ou 1976...

AL: pois, isso deu problemas cá não deu?

MPin1: Naquela altura havia muito pastoreio no verão, bovinos não, mas pequenos ruminantes havia muitos, e a floresta, no período do verão não, mas quando fosse inverno tomou muito conta, e eles aqui tiveram de vender mais de metade dos animais, porque não havia pasto para os animais pastarem no inverno, no verão havia, mas no inverno não

AL: pois, na altura você era um menino não é... mas o seu pai e tal devem contar... tiveram luta aqui em Pincães?

MPin1: aqui não, mas ali tiveram

AL: aonde, em Fafão?

MPin1: não, em São Lourenço... em São Lourenço correram com eles

AL: aqui aceitaram o futuro florestal. Quando é que o senhor entra para os SF?

MPin1: primeiro estive na GNR, depois em 1987 concorri a guarda-florestal

AL: aqui?

MPin1: não, Vieira do Minho

AL: portanto a floresta que um dia foi um problema hoje acaba por ter uma função importante...

MPin1: oh, os agricultores hoje também não vêm nada a floresta com bons olhos

AL: deixe-me só fazer-lhe uma pergunta, ali atrás aquilo era o quê? Carvalhos?

MPin1: são faias, são plátanos, o padreiro e bétulas

AL: como é que chamam ao plátano? Padreiro?

MPin1: há quem lhe chame padreiro, há vários tipos de Acer, mas aqui chamam-lhe o padreiro. Só botámos aqui plantas que foram autorizadas, e o castanheiro, também temos aqui o castanheiro *[ele diz qualquer coisa sobre o carvalho americano mas não entendo, mas termina dizendo que o Parque o começou a meter]*

AL: e deram-lhes as árvores? O ICNF?

MPin1: deram... a 20 e tal Euros cada uma!

AL: ai pagaram? Eu vou dizer que o ICNF dava as plantas para florestação

MPin1: dão umas muito pequeninas e que para se desenvolver... aqui vêm grandinhas e vêm num vaso, olha...

AL: e compram onde?

MPin1: compramos num viveiro, existe um em Braga e um em Ponte de Lima

AL: e quantos pés é que puseram ali? Mais ou menos...

MPin1: à volta de 300 pés

AL: e metem daquelas vedações?

MPin1: sim, para os animais

AL: não está vedada essa área...

MPin1: não, não, individualmente

AL: e isso é tudo dinheiro das ITI...

MPin1: aquele que sobra, aquele que vai sobrando não é...

AL: mas as ITI, as silvoambientais não é para isto também?

MPin1: não, é só para limpezas de mato

AL: ah, eu achava que também era para plantações

MPin1: não, não, não

AL: Eu lembro-me que havia lá uma alínea que era para enriquecer matos estremos e outra que era para não sei quê...

MPin1: não, não, não, é só para limpeza de mato... agora o que eles fazem é... eles dão x e a gente tenta fazer mais barato e o que sobra ... se continuar nós vamos protegendo os baldios, vamos fazendo obras, vamos... se não continuar isto vai de caixão à cova. Havendo combustível sabe como é...

AL: e uma coisa que eu ainda não percebi... porque ora percebo uma coisa ora percebo outra, conforme as pessoas com quem falo. Diminuindo a área forrageira, porque no fundo é esse o problema das ITI actualmente não é... é que diminuiu fortemente a área forrageira de cada baldio... quem é que perde com isso, são os produtores de gado que concorreram em nome do baldio para...

MPin1: este ano isso é assim... eu já não concordava no primeiro ano, mas porque... um hectare de baldio não é o suficiente para uma cabeça normal se alimentar,...

AL: uma cabeça normal, estamos a falar de um animal é?

MPin1: um animal! Ora um hectare de baldio não dá

AL: para um ano?

MPin1: para um ano... eles agora o que é que disseram? Isto é assim, isto é tudo política... como é ano de eleições, eles fizeram a redução na mesma e puseram que cada animal podia candidatar-se com 2000m², ora se um hectare já não chega como é que vão aceitar 2000m²? E aceitaram a candidatura assim, aos particulares, nesses termos. Nós tínhamos 1900 hectares ficámos com 187, desses 187 tivemos de os dividir por os animais todos

AL: por uma data de cabeças, é isso...

MPin1: sim, e acontece que desde que tenham 0.2 hectares para cada animal nós vamos dar o subsídio, mas quer dizer, o baldio a área é a mesma, os animais mantêm-se lá e não sei que mais, no papel é que eles cortaram a área, porque isto é tudo política...

AL: ou seja, no papel passaram a dizer que a área forrageira é x, muito menos do que era, mas mantêm o número de cabeças...

MPin1: e ainda para mais, vou-lhe explicar, a ITI tinha uma equipa de técnicos, chamavam-lhe a ELA, a estrutura local de apoio, e essas pessoas fizeram um levantamento ao terreno, e as candidaturas foram feitas por essa estrutura, e o trabalho que eles fizeram puseram-no de lado, e agora vieram os senhores do IFAP com uma [?] ou foram ao globo, porque não foram ao terreno, eles próprios disseram que não tinham meios humanos para vir ao terreno, fizeram... foram ao globo, viram aquilo... porque eu trabalhei na serra da cabreira e sei... sabe onde é, daquele lado, a serra da cabreira... quem vê aqui isto do alto da serra da cabreira diz que é só pedra, e chegas aqui não é só pedra, há planícies, há tudo, mas de lá para cá não se vê, e quem vai ao globo também só vê pedra e eles em vez de virem ao terreno, puseram de lado o trabalho que os outros técnicos do Estado fizeram, porque também são funcionários do Estado, como eles... e agora para tapar os olhos às pessoas, pode dizer-se assim, admitiram que 0,2 hectares por cada CN que dava... uma CN tem de ter mais de 24 [?]. Uma CN é uma égua ou um cavalo, ou 6 cabras adultas, isso faz uma CN, ou 6 ovelhas... também faz uma CN

AL: ah, pensava que uma cabeça normal era uma cabeça

MPin1: não, não. Se for vaca ou garrano, é um; e se for cabra tem de ser 6, e se for ovelha também tem de ser 6. E tem de ter mais de... a cabra tem de ter mais de um ano e os cavalos têm de ter mais de 24 meses, isto é que é considerado uma CN. E o que é que acontece é que eles dão 0,2 hectares por cada... por amor de deus! Um hectare não chegava já, mas 0,2 hectares! Mas é tudo doido!

AL: mas depois também não vêm fiscalizar se o animal está ou não na área forrageira

MPin1: mas cortaram! Eles não proibem de lá andar mas cortaram na candidatura

AL: ah, por causa do dinheiro

MPin1: cortam o dinheiro! E para o ano vai ser pior! Que eles este ano... para o ano acho que vai ser pior... 0,2 para o pessoal não fazer muito barulho e votar neles, porque isto é tudo muita política, mais nada! O que se consta é que o ministério da agricultura tinha de devolver dinheiro à União Europeia, é o que se consta... e eu ouvi uma entrevista à ministra da agricultura e ela... eram 142 milhões de Euros mais... e ela vai arranjar agora o que retirou... agora vai arranjar para pagar...

AL: para pagar o quê?

MPin1: para pagar as multas à EU e o dinheiro que têm a devolver. Porque houve para aí dinheiro mal... houve candidaturas de pessoas que nunca tiveram uma vaca, nunca houve umas paredes ao alto e nunca houve um coberto. Houve muitas candidaturas no princípio, houve muitos construtores civis que metiam projectos agrícolas que nunca os fizeram e andavam a construir prédios para fazer apartamentos a toda a gente com dinheiro da agricultura... e agora estamos a pagar isso tudo!

AL: pois... essa questão das ITI ainda me fazem um bocado de confusão...

MPin1: as ITI era o melhor que nós tínhamos aqui para salvaguardar isto, está a perceber, porque isto é assim, não havendo projectos, não havendo nada, se não houver alguma maneira de se fazer limpezas de redução ao combustível, nós estamos feitos

AL: é que...

MPin1: é que isto é assim, eu trabalhei quase 20 anos na floresta e a experiência que tenho é esta... ou se aposta na prevenção porque no combate quase não vale a pena. Olhe, os bombeiros... isto é como tudo, ninguém, todos gostamos da nossa produção mas ninguém quer morrer. Eu quando andava a fiscalizar a caça andava na zona de Fafe, que é gente muito perigosa

AL: quem é que era muito perigosa?

MPin1: na zona de Fafe... pessoal de Fafe é muito perigoso

AL: ah, porquê?

MPin1: opa, é pessoal que é capaz de dar um tiro numa pessoa

AL: ah é? Não sabia que tinham essa fama, continue então...

MPin1: nunca ouviu dizer que a justiça de Fafe é com o povo.

AL: não! Estou sempre a aprender...

MPin1: não, mas há... “isto é como a justiça de Fafe!” a justiça de Fafe é feita por eles, antigamente devia ser assim. E acontece que... então... ninguém quer... vão para um incêndio mas morrem porque calha mas não é por [*? Não se entende*]

AL: claro

MPin1: e um incêndio se for numa mata... olhe, isto é um medronheiro... sabe o que é um medronheiro?

AL: sei, sei. Este conheço eu bem, gosto muito do fruto

MPin1: nós temos aqui muito... acontece que se houver mato considerável, a 30 metros do incêndio já ninguém suporta o calor. Agora os GIPS têm lá aqueles fatos de água e não sei que mais que protegem. Mas...

AL: e têm todos isso?

MPin1: ah, os GIPS têm

AL: ah, os GIPS, sim, sim, sim

MPin1: está a ver, tudo até lá acima...

AL: foi limpinho aqui também?

MPin1: está limpinho tá. Assim não arde, mas se não ardia que isto tinha aqui um mato grande. Mas aqui limpámos tudo... e acontece que os meios aéreos há 30 anos um helicóptero ganhava 14 contos por minuto, há 30 anos. Hoje não faço ideia...

AL: ou seja é caríssimo o combate, não é isso?

MPin1: é que no fundo arde, há o prejuízo do pinhal que arde e a despesa com o meio aéreo é 4 ou 5 vezes mais ao prejuízo do pinhal... mas ele há interesses nisso. Agora na minha óptica, o essencial é a prevenção, e a prevenção é isto, nem precisa de meios aéreos, nem é preciso um bombeiro morrer, nem nada... o essencial é isto... mas como há outros interesses deixa-se arder porque se sabe que as empresas que... estas empresas... estás a ver, já foi limpo e o feto já veio...

AL: o feto depois seca mas não chega a ser um combustível muito forte...

MPin1: não, não, não, depois seca mas já é no outono também... depois também já não há...

Isto foi com a tal empresa?

MPin1: sim, sim. Já trabalhamos com eles há uns anos [*não se entende, está longe do gravador, mas entende-se a ideia central: sendo de perto fazem-lhes um preço especial, mas que a partir do momento em que alguma outra apresente um orçamento mais jeitoso que mudam*]

AL: são daqui da região?

MPin1: é, são daqui da região

AL: vocês têm muitas cabeças de gado aqui na aldeia?

MPin1: temos à volta de 100 animais na aldeia

AL: hmm, isso pertence para aí a quantas pessoas?

MPin1: 12 pessoas

AL: e vocês têm problemas das aldeias ao lado virem pastar aqui

MPin1: oh, nós não ligamos a isso, pronto, o baldio está mais ou menos delimitado mas

AL: delimitado com vedações?

MPin1: delimitado

AL: Ah, delimitado isto é, as pessoas sabem quais são os limites...

MPin1: exactamente, mas não ...

AL: não têm esse tipo de conflito...

MPin1: não!

AL: e costuma haver aqui desporto, ou caminhadas...

MPin1: aqui há dias veio aí uma prova de trailer não sei se já ouviu falar...

AL: ah, aquilo das corridas? Não, isso foi no inverno acho eu...

MPin1: não, passou acolá...

AL: o que é que é trailer?

MPin1: oh, eu também não sabia, é tipo uma corrida na montanha

AL: ah, então é isso que eu ouvi falar, que passou em Fafião, que passou...

MPin1: sim, sim, sim, Cabril, passou aqui por cima

MPin1: *[mostra-me outra coisa... e de como o mato antes era tão grande ali onde passamos mas agora já não está devido às limpezas. Depois fala-se da combustibilidade do medronheiro... e de como ele regenera, rebenta todo outra vez]*. Nós tínhamos aqui um projecto feito há pouco tempo, este foi com estilha, mas os outros projectos não envolviam estilha, era só roça... e depois tocaram-no ali, ardeu para um hectare, os bombeiros abafaram aquilo, depois descuidaram-se um pouco, um dia lá para as 11 horas arrancou e ardeu o projecto todo, por causa daquela manta morta...

AL: mas o projecto era de quê?

MPin1: o projecto foi um agroflorestal que tínhamos feito. Estava feito, estava aquela camada toda cortada...

AL: ah, ok... diga-me lá a diferença entre estilha e roça...

MPin1: a estilha fica assim, fica estilhado, mesmo que pegue... agora a roça o mato fica inteiro, sabe como é...

AL: ah, a estilha é triturada não é

MPin1: é! A roça não...

AL: e quando fala de projecto agroambiental está sempre a falar de limpeza de matos?

MPin1: sim

AL: por baixo do copado...

MPin1: agora, a ITI obriga a estilha

AL: ah, está bem... arde menos a estilha?

MPin1: arde, porque em pouco tempo ele desaparece todo

AL: estava-lhe a perguntar, aqueles usos lúdicos e desportivos do baldio, a vocês não vos confrange?

MPin1: não! Eles pedem autorização...

AL: eles pedem autorização normalmente?

MPin1: pedem autorização

AL: e também não lhes cobram nada?

MPin1: não! Oh, ainda lhes limpamos os trilhos para eles passarem. Havia aí muito mato e aquilo desapareceu todo

AL: está bonito sim senhor. Havia mato, não era uma zona rochosa, não é, devia ser lá mais para cima

MPin1: o mato era como este, assim grande, ou mais alto só que depois... estas coisas secas ainda foi de quando a gente passou aqui

AL: ah, sim, sim, do tal projecto que foi ao ar?

MPin1: sim. Agora a ITI obriga a usar a estilha e a estilha já é diferente, já não arde

Por aqui abaixo até lá adiante está tudo limpinho, esse aí como ardeu há pouco, deixámo-lo ficar

AL: falta limpar alguma coisa, para além daquele sítio que andam a limpar agora?

MPin1: ora bem, isto há... vamos limpar agora aqui, estava programado mais, mas os pagamentos estão atrasados... então também nos vamos atrasar na realização do trabalho

AL: pois, não é porque não queiram, mas porque não conseguem

MPin1: e acontece que agora, nós até 2014 vamos ter que realizar até 2014 tudo, e depois se não aceitarem as candidaturas

AL: até 2015...

MPin1: não, até 2014, realizar o programa

AL: ah, realizar o que estava programado até 2014

MPin1: em 2015/2016, há um contrato assinado, há tudo e eles vão falhar

AL: isto aqui foi feito por vocês?

MPin1: isto foi o projecto de regadio que fizemos

AL: vocês, os compartes? Ou vocês a associação?

MPin1: não, tivemos de fazer uma junta de agricultores, depois candidatámo-nos ao PRODER e também fizemos este regadio [?]

AL: ah, mas não é directamente pelo baldio, através dos compartes?

MPin1: não, não, não. Também fiz parte mas temos aí um investimento de cerca de 150 000 Euros

MPin1: é um tanque e tem um caudal que vem lá de uma cascata, um dia que você passe aí com mais vagar, vamos lá à cascata. Mas se você for no *facebook*, põe lá MP1, tenho umas fotos da cascata

Pitões das Júnias: MPi1

AL: sim, sim... e essa questão da diminuição das áreas forrageiras, do ponto de vista de quem fez a avaliação, e do ponto de vista das consequências que poderá vir a ter, acha que vai ter impacto sobre o valor que recebem através das ITI?

MPi1: sim, vai haver dois impactos que vão acontecer... ao nível particular... porque o agricultor candidatava os seus terrenos particulares, mas também candidatava área forrageira para os encabeçamentos... ninguém nos tira o baldio, o baldio está aí, só que a questão em termos de candidatura às ajudas comunitárias, ela deixou de ser elegível... pronto. Obviamente que as pessoas não vão ser obrigadas a vender as vacas, não, não vão ser obrigadas porque a área continua na mesma, mas a questão aqui é em termos de candidaturas, em termos de subsídios comunitários... obviamente que houve uma redução da área forrageira para mais de metade em determinados baldios houve de 90 e quase 100%... nós aqui tivemos uma redução de 40%, mas... ou seja, houve a necessidade de redistribuição das áreas forrageiras novamente por todos os compartes

AL: ficou muito menos, pois...

MPi1: pronto, Pitões conseguiu ter área suficiente para todos os agricultores, conseguiu manter as áreas que estavam afectas aos projectos de jovens agricultores, mas noutras freguesias não... tão simples quanto isso...

AL: pois

MPi1: e nós... em termos de baldio, obviamente que sim porque a área também reduziu, enquanto por exemplo eu antes candidatava o baldio com 2600 hectares, agora só candidatei com 1300... obviamente que isso vai ter...

AL: isso para receber os tais dinheiros para gerir as áreas forrageiras e por aí, não é?...

MPi1: exactamente

AL: pastagens

MPi1: exactamente, porque esse dinheiro era aplicado... porque o baldio tem um plano de gestão e anualmente compromete-se, estava comprometido a beneficiar x hectares de baldio, através do roço de mato. As áreas diferem de baldio para baldio, isto tem a ver com a própria dimensão do baldio, eu anualmente melhorava 20 hectares... perante um plano

de gestão que nós, dada a carga... ao número de animais e de área que tenho e como consegui investir num tractor com destroçador, em media eu fazia roço de mato, beneficiação de pastagem, em cerca de 50 a 60 hectares...

AL: pois, é imenso

MPi1: tudo isto...o mato está mais curto... obviamente que é melhorado com o tractor do CD

AL: então acabam por não ter de recorrer a equipas internas...

MPi1: não, nós não recorremos a empresas, fazemos com o tractor, obviamente que tenho condições. Por exemplo pego num sapador e ele faz-me esse... ele utiliza o tractor, obviamente que tenho a despesa do gasóleo, tenho de o pagar não é...

AL: e tiveram que o comprar

MPi1: tivemos que o comprar, não é, investi nele, agora de que me adianta também ter um tractor se agora não tenho dinheiro para o combustível... não é?

AL: pois, pois

MPi1: isso vai trazer consequências, aumento de fogos por exemplo, nós conseguimos ter uma redução do número de incêndios, porquê? A esse melhoramento de pastagem anual não havia necessidade de queimar para renovação de pastagem. Obviamente que isso vai trazer todos esses problemas

AL: portanto isto pode vir a ser um problema real para os baldios, estas reduções...

MPi1: vai, vai, e...

AL: para os baldios do parque, porque os outros acabam por não ter esse tipo de...

MPi1: pronto... estamos aqui, já passámos por vários núcleos de gado. Depois tudo isto, este dinheiro permitiu-nos fazer obras que estavam, olhe por exemplo ali, antes das vacas há ali uma parede, foi uma passagem, ali não se conseguia passar, já foi possível por exemplo investir ali, fazer essa passagem, e muitas outras obras de abeberamentos para o gado

AL: sim, sim. E no próprio povo, fazem alguns melhoramentos que conseguem fazer sobrar não é, de alguma forma?

MPi1: sim, sim, sim... o financiamento das Juntas é muito pequeno e então, ou as freguesias... _____

AL: a Lúcia como presidente da Junta também deve saber mais ou menos como é que se passa em outros baldios que não estão abrangidos pelo parque não?

MPi1: sim, porque nós no secretariado representamos todos os baldios não é?

AL: pois, exactamente

MPi1: e aí sim, auxiliamos e esclarecemos e...

AL: e a diferença é muita? Entre o pessoal que está dentro do Parque e... baldios fora do parque e dentro do parque em termos sei lá de... formas de gerir, formas de conseguir dinheiro

MPi1: é assim, há coisas muito semelhantes... o que eu noto por exemplo no concelho de Montalegre... os baldios da ITI como tiveram esta ajuda e houve uma presença técnica mais permanente têm outra postura completamente diferente... os outros baldios estão um bocado abandonados, porque estavam em cogestão com o Estado, o Estado há 20 anos que desapareceu, e eles efectivamente estão à espera, habituaram-se que o estado fizesse e eles estão à espera que o Estado... e ainda não se aperceberam que é preciso dar esse salto... então nós do Secretariado estamos sempre aí “ah, mas tem de ser, vocês peçam autogestão, têm que fazer a vossa gestão, o Estado já se está a descartar...”, e estamos... estamos já a bater nessa tecla não é... mas é um bocado diferente. No entanto há também uma diferença grande em baldios com floresta de produção e baldios que não têm... quem ainda tem floresta de produção e tem uma equipa de sapadores e recorre a projectos ainda investe, ainda procura, ainda zela... os outros já não, e os outros já não porque efectivamente também deixaram de ter gente de acompanhamento e eles já são velhotes... e não é fácil...

AL: pois... e como é que acha que isso vai resultar...

MPi1: não é fácil... eu por exemplo, ainda agora estivemos numa época de candidaturas não é, e a quantidade de documentos e de pareceres e de não sei quê... epa, já nem temos, já nem vale a pena explicar, é do género “oh Senhor Bento olhe, temos de fazer o parecer tal, isto, isto... assine”, porque não temos condições, porque efectivamente é muita...

AL: é muita papelada

MPi1: é muita, porque vai à RH, tem de se ter o parecer dela, vai não sei quê, outro parecer! É demais! É demais, é demais...

AL: pois, pois

MPi1: ou seja, eu não sei essa quantidade de documentos pensam que é para, se calhar, envolver mais as pessoas para saber que efectivamente existe aquela instituição, que ela é responsável por isto e não sei quê... não sei... não é possível, satura! E isso leva a um... se calhar um abandono das coisas...

AL: mas agora estava a falar de que instituição? Perdi-me aí um bocado

MPi1: do Estado... por exemplo, quem fez agora as medidas, não é... o PRODER e não sei quê... ao incluir essas obrigações, de tanto parecer, que... imagine, um CD vem ter comigo... “olhe, eu quero um projecto de plantação” ... pronto. Mas ele ainda está habituado como no passado “pronto, vamos fazer aqui...”, até os SF tinham aquele banco não é, que faziam os projectos aquilo era... lá pediam parecer daqui e de acolá! Agora a RH já tem o domínio sobre o regime hídrico, já tem um parecer para dar, não sei o quê... tudo o que meta linhas de água tem de passar por ali, as pessoas dizem “mas o que é que é isso? Para que é que é essa insti... essa entidade, essa instituição?”. Pois, acabam por...

AL: pois, tira um bocado a vontade de acção, não é? Para quem não está por dentro...

MPi1: é... e nós técnicos temos que fazer isso tudo e não é fácil, e temos gente que facilmente desistem das coisas... conhecimentos, têm idade!

AL: claro, e não têm muita relação com a floresta por exemplo imagino...

MPi1: não! Quer dizer, para fazer isto temos de ter... olhe, eu até tenho dinheiro mas não quero saber... às vezes dizem isso “eu até tenho dinheiro mas não quero saber disso de papéis”...

AL: pois

MPi1: e eu não sei para quê tanto parecer ... é demais

AL: o que é que irá acontecer a esses baldios na sua perspectiva?

MPi1: esses baldios... vão-se agrupar... vão-se agrupar... aliás há um incentivo, até próprio do Secretariado, a solicitar que se agrupem e tenham uma gestão com uma visão mais comum... por exemplo, investimentos comuns... porque facilitam e é uma forma de economizar... quem não puder se agrupar obviamente que isso vai cair aonde? Ao Estado... não é isso que nós queremos, que nós no Secretariado sempre defendemos a propriedade comunitária, agora quando não há populações para a gerir... alguém tem de tomar conta dela não é?

AL: pois...

MPi1: nós disso já temos a noção por isso é que efectivamente aconteça o que... dê-se o passo que se dê, obviamente que esse passo depende das situações, mas que a natureza dessa propriedade que nunca deixe de ser baldio. Agora a gestão, obviamente na ausência dos compartes, terá que ser... também não somos adeptos que isso fique abandonado não é? Não pode ficar...

AL: claro, claro... pois, o Estado desapareceu não é, da gestão...?

MPi1: é, o Estado desapareceu e nós também queremos que desapareça, de certa maneira...

AL: pois, o problema é de base...

MPi1: E nós, as populações rurais não somos tidas nem achadas para nada! E engraçado que eu tenho essa noção porque estou envolvida nesses processos, por exemplo já estive envolvida no processo do plano de ordenamento que representei os baldios, estive envolvida na questão das ITI, a questão da Junta em outras áreas e não sei quê, agora por exemplo esta questão do IFAP eu fui só num mês 4 vezes a Lisboa, reunir com o departamento da agricultura, reunir com o presidente do IFAP, com este e com aquele... a maneira... aquilo é um mundo lá, e é de amigos, gente ainda mais nova que eu ali em altos cargos e... a gente fala com eles e eles nem nos entendem. Disse assim “olhe, baldio, é assim e assim, sabe? Olhe isto...”. E depois lanço aquele “olhe, mas isto vai influenciar isto, isto e aquilo”. “aaah” [espanto]. Quem está a dominar o ministério da agricultura é a CAP que é uma federação que é... são todos CDS, são os grandes latifundiários do Alentejo... o

que é que estes problemas do norte, esta pequena agricultura lhes interessa ou lhes diz alguma coisa?... nós ficamos assim... “aaah, ninguém quer saber de nós”. Ninguém nos defende... porque toda a gente, a natureza...é mesmo a natureza humana, toda a gente quer ser rica, valente e bonita... quem é que se junta a um que defende o pequeno? Quer estar à beira dos grandes

AL: pois... e tem tido dificuldades nessas negociações?

MPi1: montes de coisas, montes de coisas. Este ano esta [*? Não se entende*] foi extremamente cansativa, complicada, nessa parte... de vidas assim que surgem, e depois como é que isto agora se encaixa a nós? Nós é assim, já não é como é que isto agora se encaixa a nós, já é como é que nós nos encaixamos agora aqui? Onde é que podemos ir buscar este acordo? É demais!

AL: pois... eu estou aqui a pensar, no meio disso tudo o baldio acaba por ter uma importância ainda maior porque em termos de dimensão é a única forma de conseguirem de alguma forma meterem-se ao nível daquela escala alentejana e... não é? Em termos de...

MPi1: pois, mas depois quando a vais apresentar... “e então a titularidade?” “é a comunidade” “e quem representa?” “é a comunidade” “e então e para falar...” “tem de falar com a comunidade” ... “comunidade eu? Não!” ... é muito mais simples, chegar à beira de si que tem 100 ou 200 ou 1000 hectares, 1000 não sei se tem, mas para cima de 500 muitas herdades no Alentejo têm, e no ribatejo têm.... E falar e negociar directamente consigo... isto aqui é muito pequenino, isto dá lucro a quem? Isto é uns milhares que são distribuídos por 40 agricultores, enquanto um milhar da se calhar para um agricultor... tem havido muitas dificuldades

AL: nessas alterações... isso também acaba por tocar naquele assunto da avaliação destas áreas para pastagem, do corte das áreas forrageiras...

MPi1: exactamente, nós não fomos tidos nem achados, mais, nós temos uma gestão própria ao longo de 7 anos financiada pelo IFAP... quer dizer, andou a dar dinheiro assim?

AL: exacto, exacto! No fundo é isso que estão a assumir não é...

MPi1: não é?

AL: enganámo-nos

MPi1: enganámo-nos, somos uns malandros... [*ironia*]

AL: falou-me que havia uma associação aqui na aldeia, não tem nada a ver com estas sim...

MPi1: não, não tem nada a ver, essa é para o desenvolvimento local

AL: sim, exacto, essa. Chama-se associação para o desenvolvimento local de Pitões?

MPi1: sim, é de gente local, formámos para... porquê? Também pela necessidade de quê? As Juntas não se podem candidatar a determinados fundos, mais de carácter social e não sei quê, e então houve a necessidade de criar essa associação.... Já havia uma, que é a associação Fiadeiro que tinha integrado um grupo de gaiteiros...

AL: ai é? Nunca tinha ouvido falar... curioso

MPi1: é, Fiadeiro, temos um grupo de gaiteiros e pronto, mas essa associação nunca conseguiu envolver a população, praticamente não saía ali da actividade dos gaiteiros, ou seja parecia que era uma associação dos gaiteiros. Depois... pá, depois há aqui determinados desentendimentos, porque eu sou gaiteira, porque tu não és, porque não sei quê... e então a associação durante alguns anos esteve um bocado parada, só que nós agora com este novo quadro comunitário e como reparámos que no outro quadro comunitário perdemos muitas oportunidades, que efectivamente tínhamos de ter uma associação local a trabalhar connosco, tivemos que formar uma, pronto, e temos mais... é mais nesse sentido, para quê? Com a visão de ir buscar novos fundos e conseguir manter determinadas actividades, por exemplo a questão do Fiadeiro de Contos, o Fiadeiro de Contos se eu for pedir apoio aqui à Associação de Desenvolvimento Turístico do Alto Tâmega não me dão, para as Juntas não, tem de ser através de uma associação...

AL: ah, isso porquê? É por uma questão...

MPi1: não é legal, não é permitido, por exemplo, é mais a área social, centros de dia e não sei quê, a Junta não se pode candidatar por exemplo a esses fundos, já tem de ser através de uma associação...

AL: e a assembleia de compartes, pode?

MPi1: há associações de compartes que têm essa, que estão a prestar esse serviço. Nomeadamente temos o baldio de Ermelo que tem centro de dia e tudo ali a funcionar

AL: pois... eu ainda não fui à zona do Minho, ainda só estive aqui em Montalegre

MPi1: não, Ermelo, é Vila... é Amarante... Vila Real...

AL: ah, fora do parque... está bem, estava a trocar com certeza com algum... sim, sim

MPi1: isso, essa questão de criarem certas coisas às vezes é para combater, para conseguir chegar a determinados ...

MPi1: eu tenho aqui uma listagem porque fizemos agora um manifesto por causa da redução das áreas forrageiras, e quem esteve à frente foi ali um senhor... ele fez essa movimentação mas depois acabámos por... acabei por eu ter de dar apoio nisto, um José Carlos Pires que é de donde... de Campo do Gerês, acho que é de Campo do Gerês... e então, eu fui ao *e-mail* dele e retirei todos os outros e-mails, porque depois nós criámos ali aquele manifesto que depois foi enviado por e-mail, ou seja, à partida estes e-mails todos é de gente que está ligado aos baldios, à excepção de, há aqui um da presidência da Câmara Municipal de Melgaço

Sezelhe: MS1

AL: [...] mas sim, tem 5 sapadores...

MS1: que é a mesma que faz parte dos de Covelães, que era isto... quando se montou esta equipa de sapadores houve uma coligação entre os 3, entre 4 aldeias, que eram... 4 aldeias quer dizer, entre duas freguesias, que era Covelães e Sezelhe. Hoje já... hoje enguiçou mas é da freguesia de Sezelhe com a autorização de Covelães, antigamente eram as duas freguesias e então quando se montou essa equipa de sapadores eram duas freguesias e cada freguesia tinha... 2 aldeias, por isso isto anda assim. É uma semana em cada aldeia que ainda funciona... trabalha uma semana por exemplo aqui, outra semana em Travassos, outra semana em Covelães, outra em Paredes. Quando há fogo [*? Não se entende*]

AL: pois... e vocês concordam com a existência dos sapadores?

MS1: não, há uma certa importância só que hoje... hoje o estado não nos dá dinheiro para podermos sobreviver os sapadores, temos uma média de 60 a 150 mil Euros por ano num sapador. Os conselhos directivos não conseguem... não conseguimos arranjar dinheiro para pagar esses 50 e tal mil Euros. Nós ainda damos uma certa quantia que é dada por cada conselho directivo, mas é preciso andarmos aí de volta de algumas instituições, se estiver a câmara de Montalegre, ou outras instituições para nos poderem ajudar para podermos sustentar essas pessoas. E mesmo lhe digo, a questão é que são 5 empregos, são 5 pessoas que andam a trabalhar, eles não andam só a trabalhar para a aldeia de Covelães e de Sezelhe como são 5 pessoas que andam a trabalhar e se estas 5 pessoas se um dia acabar que não haja dinheiro são logo 5 empregos que vão ao ar

AL: mas o ICN também não contribui?

MS1: não, o ICN contribui... só que... é os serviços florestais, contribui com uma parte, o Parque que contribuía agora acho que não está a contribuir e foi aí onde falhou essa pequena maquia para nos ajudar porque isto... e mesmo os serviços florestais, o ICN, também reduziu muito... e depois é assim, [*? Não se entende*] é as gasolinas e todas essas coisas é muito... nós por exemplo, nós quando fazemos o subsídio, nós se calhar, não entrando este ano nós ficamos com a limpeza de 15 hectares de terreno e eu também, infelizmente depois vem o fogo atrás, ou felizmente, como eu costumo dizer, que sou menos contra essas coisas largam-lhe o fogo, como é que é? Olhe, começando nessa encosta... nessa encosta fizemos 15 hectares de limpeza de carvalhal, o ano passado tínhamos feito aquela parte de acolá naquele monte, a parte de acolá. Este ano fizemos ali, só que é com o dinheiro que nós recebemos das agro-ambientais e dessas...

AL: das ITI

MS1: das ITI, exactamente... se não como é que nos conselho directivo conseguíamos ter muitas das vezes o dinheiro para suportar as limpezas

AL: pois... os sapadores não fazem esse tipo de limpezas?

MS1: não, os sapadores fazem, só que isto é este... É claro que eu sou daquelas pessoas que digo "boa" aos sapadores. Só que os sapadores não me fazem, por exemplo, eu em 3 hectares de carvalhal paguei 1000 Euros por hectare, fizeram isso, uma companhia fez isso

em 2 meses. Os sapadores se calhar era preciso meio ano, meio ano, 1 ano ou 6 anos para fazer isso. Esses não nos fazem, digamos, não fazem mais do que 3 hectares de limpeza durante o ano... não fazem! Pronto, isto é assim, aqui o nosso clima é totalmente diferente do de todos os sítios, que de inverno chove, neva e coiso, não trabalham. Chega agora vem o mês de Julho, Agosto e Setembro, estão sempre de prevenção para os fogos, para os incêndios e para os fogos. E é essa coisa que nós muitas das vezes... é assim, eu prefiro se calhar pagar a uma companhia, que ao menos pago, não tenho essa preocupação de andar a semana que andam aqui em Sezelhe a fazer isso... “tendes de ir ali, tendes de ir acolá, fazer aquela coisa”. E depois é assim, costuma-se dizer, o rebanho sem pastor começa a saltar e... (RISOS) você está a perceber o que eu lhe estou a dizer

AL: sim, sim

MS1: nós nem temos economia, nós não somos pagos, nem se fôssemos pagos, nem eu estava à frente destas coisas, agora é que comecei

AL: mas se vocês deixassem ir os sapadores se calhar também perdiam aquele dinheiro não é?

MS1: não, isso é... os sapadores praticamente fazem parte do, fazem parte também do estado na floresta, na floresta, porque eles quando vêm incêndios ou coiso deixam o que estão a fazer e vão apagar os incêndios seja lá para onde for, seja para Montalegre, seja para outra zona fora da zona do parque. Agora eu acho que o ICN, que, não sei se dão 20 ou 30 mil Euros

AL: acho que é trinta e tal mil

MS1: 30 e tal mil Euros... gastamos uma média com eles, uma média de 60 a 65 mil, isto já bem orientado, agora imagine agora onde é que nós vamos arranjar outros 30 e tal mil para conseguirmos sustentar essas pessoas. É carro, é gasóleo para o carro, é gasolina para motosserras, é

AL: pois, isso não está incluído não é?

MS1: isso não está incluído... é por isso que às vezes estas coisas não são fáceis de...

AL: pois, não estava a perceber bem porque é que as pessoas eram assim tão contra os sapadores, parecia-me um trabalho importante. Mas percebo essa questão...

MS1: pois... quanto ao trabalho, importante, importante... se nós disséssemos assim, temos um Estado que nos ajuda, tudo bem, nós da maneira que estamos, imagine, você sabe muito bem quanto é que custa uma segurança social hoje para se pagar, quanto é que custa um seguro de um trabalhador, que são seguros totalmente diferentes de outro seguro qualquer, tem de ser um seguro... são pessoas que trabalham com motosserra, são pessoas que trabalham com máquinas e depois dão seguros de trabalho diferentes, não são um seguro qualquer que se possa diminuir. O seguro para esse pessoal são 400 e tal Euros por mês, são seguros totalmente diferentes. Há uma roçadora que lixa-me uma perna, ou digamos, uma mão ou outra coisa qualquer, a seguradora, se não estiver lá isso tudo mencionado não há hipótese de ir buscar nada. Agora com os sapadores para mim são, portanto, são, como é que eu hei-de dizer... são uteis, só que eles também tinham um

bocadinho de trabalhar mais e ter a gente mais um bocadinho de subsídio para nós podermos fazer certas coisas que não fazemos

AL: pois, porque acabam por estar a fazer serviço para o parque...

MS1: isto, nós se não limpamos cortam-nos logo os subsídios que nos davam, se limpamos temos de por dinheiro na mesma do nosso bolso, porque sabemos que são 15000 Euros que damos, que pagamos aqui, 15000 Euros é preciso que ele venha de algum lado...

AL: à tal empresa?

MS1: à tal empresa, para lhe podermos pagar, é preciso ter uma boa gestão, ou uma boa orientação nestas coisas, não é só dizer sim, isso é, é presidente do CD, ou é o tesoureiro, ou é o presidente da assembleia, não! Isto toda a gente... tem de haver uma boa gestão para chegar a um certo ponto de podermos fazer as coisas e de termos dinheiro para as podermos fazer. Porque senão não... aqui... eu tenho as minhas empresas mas é muito preocupante, eu ando aí a trabalhar mas eu passo se calhar 3 ou 4 horas do dia por conta do baldio, quando a mim se fosse... interessa-me alguma coisa, não vou perder o meu, não vou deixar os meus trabalhos para ir pagar o coiso. Mas isso são coisas que eu, quando se assumem gosto de as cumprir e levar a bom porto, mas...

AL: você já ouviu falar que a gestão dos parques naturais em Portugal vai passar para as câmaras...

MS1: mas isso já andam a falar há muito tempo...

AL: Pois, mas desta vez já está a ser discutida, já houve uma proposta

MS1: isso está a ser discutido, isto eles agora anda em tudo em guerra nos baldios que cortaram 50%, aqui a nós cortaram 50% por exemplo e Pincães e por aí chegaram-lhe a cortar 80%

AL: do quê? Daquilo das ITI?

MS1: das áreas, das áreas do coiso. Porque eles vieram aqui, que é essas coisas que eu também não percebo dos senhores... vieram num helicóptero, num avião, tiraram fotografias aéreas ou outro nome assim qualquer... eles passam por aqui, têm aqui estes, tudo o que é penedos

AL: ortofotomapa

MS1: exactamente (RISOS). Tudo o que é penedos, tudo o que é caminhos, tudo o que é carvalhais, cortam tudo, por exemplo, eles passaram lá por cima, mas eles não viram que acolá por baixo há forragem para o gado comer, e eles consideram que por baixo do carvalhal não existe, não se pode pastar, não tem que comer para o gado. É que eles viessem como vem a Lúcia ou outras pessoas dar um passeiozinho a pé a ver a realidade eles não faziam isso. Eles é só em Lisboa e sentados... e esses pormenores não é... agora eles haviam de vir dar um passeiozinho e ver que realmente em certos sítios não é como eles, como eles

AL: pois, e depois em zona de Parque a produção está muito limitada não é...

MS1: depois, nós não podemos... há árvores aqui que vingam muito mais rápido e o Parque diz que essas árvores não se podem aqui plantar, não são adequadas... se calhar para eles era melhor, o que eles queriam aqui por era aí umas, essas árvores que dão flores para turista ver que é essas coisas...

AL: (RISOS) mas o pinheiro sabe que pode ou que não pode?

MS1: não, o pinheiro pode, o carvalho, podemos, aquela área ali ardeu, já eu tinha para aí, naquela altura..., isto já andei ali a sacholar... já foram cortados...naqueles pinheiros...

MS1: ... agora eles haviam de vir dar um passeiozinho e ver que realmente em certos sítios não é como eles, como eles

AL: como eles vêm do ar...

MS1: como eles vêm do ar, como é, ainda na 3ª feira estivemos nós nas portas do Parque da Peneda-Gerês, estive lá um representante da Câmara de Montalegre, de Terras do Bouro, de Arcos de Valdevez e a... estivemos alguns representantes dos CD, porque isto não pode, isto não é assim como eles dizem, agora a ver se eles, entre as Câmaras e os CD vamos fazer uma força a ver se conseguimos coiso, porque depois esses 50%... como é que pode ser, nós estamos a receber as ITI, 10000 Euros por ano, se nos cortam 50% só vamos receber 5000. Como é que eles querem que depois nós vamos fazer limpezas do coiso

AL: ok. E nas ITI... isto agora tem a ver mais com o baldio... quando... vocês gerem o dinheiro da ITI de forma a que sobre algum para poderem investir noutras coisas?

MS1: exactamente

AL: e têm investido em quê, se não é indiscrição

MS1: temos investido na associação, temos investido na recuperação da tal casa que fizemos ao pé da igreja. Do que estamos a falar... repare, recuperar aquela casa que estava lá ao lado que era do coiso se não conseguirmos fazer um projecto temos de recuperar de outra maneira, se calhar com o dinheiro, algum dinheiro que gerimos dos baldios, com o que vamos juntando que as pessoas dão, é assim que temos de... nós se não conseguirmos fazer lá o centro de BTT estávamos com a ideia de fazer lá um salão tipo, como é que eu hei-de dizer, tipo para as pessoas idosas quando quisessem ir para lá, estarem lá, púnhamos lá uns sofás, durante o dia

AL: tipo um lar...

MS1: tipo um lar, tem lá uma televisão, tem lá uma coisa qualquer, se quiserem lá jogar às cartas ou coiso, terem ali um espaço para lá estarem as pessoas, não andarem aí muitas das vezes, há aí pessoas idosas que estão sozinhas em casa, não têm com quem falar, não

têm as comodidades de aquecimento, tinham-nas ali, iam para lá durante o dia... é essa a coisa. Se não conseguirmos fazer esse projecto...

AL: e a junta não intervém nisso?

MS1: a Junta, a Junta não... temos ajudas, por exemplo da...às vezes pedimos uma ajuda à câmara e à junta, lá nos dão umas pequenas... mas isto dá tudo... tudo a migalhinhas não é...

AL: pois, porque vocês no fundo acabam por fazer trabalho que normalmente é associado à Junta. Também não sei se a Junta tem dinheiro...

MS1: não, hoje as juntas, sim hoje as juntas também não têm dinheiro. Se não há dinheiro para um lado também não há dinheiro para o outro, porque eles estão a cortar as juntas. Por exemplo a nossa Junta recebia, recebia só do, como é que aquilo se chama, do SEF... 15000 Euros... que é que da 15000 Euros para arranjar um caminho ou arranjar um ...

AL: por ano?

MS1: por ano!

AL: é o quê? O SEF?

MS1: chamam-lhe o SEF. Esse dinheiro que vem lá do Estado para as autarquias... o que é que se vai fazer com esse... e esse dinheiro depois é para pagar ao presidente da Junta, é para pagar ao tesoureiro, ao secretário, aos membros da assembleia, é para pagar a essas coisas todas, ao fim que é que vai sobrar, não sobra nada

AL: pois... porque esse dinheiro que vocês acabam por usar no povo, que eu acho que é legítimo, se aplicassem por exemplo na floresta aqui, se calhar conseguiam fazê-lo reproduzir-se, esse dinheiro, em madeira e quê. Mas também percebo perfeitamente que queiram investir no povo que está a precisar e que...

MS1: muitas das vezes há uma rua que é preciso lá fazer um bocado de calcete, ou é preciso manter um cano de água, porque nós, durante, do mês de São João, do mês que vem, até ao fim de Setembro, temos aqui este rio que aqui passa é o que vai regar estas propriedades todas, o milho, o centeio, o feijão e essas coisas todas, e normalmente a água andava ali por fora, nas valetas como se chamava ali na rua, nós agora já, conforme vamos tendo o dinheiro ali do coiso, vamos encanando essas coisas para não andarem ali no coiso. Hoje 15000 Euros para duas aldeias não é nada não é, agora muito bem... que eu sou daquelas pessoas que, eu gosto de plantar e gosto de semear para colher, mas também quando não temos possibilidade não vale a pena deixar morrer, porque a plantação não é só dizer assim, bota-se para ali. Não é só chegarmos ali e dizer assim "bom, vamos fazer estes 3 ou 4 hectares ou 5 de pinheiros". Mas ao fazer isso, antes de começarem a nascer há que começar a limpar o mato, não é só dizer assim, que é só semear... não é só semear, não é só deitar a semente à terra, tem de se cuidar dela. Agora, é o que eu digo, eu ando mesmo brevemente para resolver aí uma plantação, o mínimo opera aí de 6 hectares. Aquela parte ali que ardeu até lá abaixo, até à Santa Luzia ali em baixo, andamos para fazer esse coiso. Quero ver se agora, este novo quadro comunitário a ver se abre mais umas portas para ver se conseguimos... porque eu em teimando numa coisa sou teimoso e é por

isso que eu digo, esteja lá eu, ou esteja lá alguém a replaçar-me o meu esforço vai ser sempre mesmo para ajudar e para fazer estas coisas

AL: pois. E a ideia disso das BTT era também que as pessoas investissem, que quem usasse pagasse qualquer coisa...

MS1: exactamente. Porque depois estão ali as casas, porque depois... eles, depois é preciso lá por as bicicletas, é preciso lá por águas quentes, é preciso... eles tinham que pagar. Tinham para cada pessoa, simbólico sim, mas tinham de dar alguma...

AL: pois, já era uma entrada de dinheiro no baldio, no baldio não, na aldeia, pois, porque isso é da associação...

MS1: é da associação mas a associação é.... O dinheiro que nós temos é de tudo. Onde fizer falta é para onde o dinheiro vai, é... se fizer falta nos baldios vai para os baldios. Se calhar estes 15000 Euros, nós... desde que faço parte do CD dos baldios... se calhar tinha meio milhão de Euros. Mas se não fosse as limpezas, se fosse fazer plantações ou que fosse, isto não podia estar feito e para nos dar temos de fazer estas limpezas, que é assim. Agora ainda pior com este corte que nos vão dar. Se nos cortarem 50% do coiso ainda pior. Nós recebíamos uma média de 18 mil Euros por ano, eu gastei 15 mil aqui, sobram 3 mil. Tenho de dar destes 3000, no outro dia dei 2500 Euros para os sapadores... sobraram-me 500 Euros. É isso... muitas das vezes as contas tem que se... agora se no lugar de receber 18, se me dessem 36, já tinha uma margem de 15 ou 20 Euros de lado... mas assim não, assim a nossa gestão tem de ser feita desta maneira, temos de andar muitas vezes aí anos e anos se calhar a recuperar 100 ou 200 Euros ou 500 Euros para por de lado para um dia pormos noutro sítio que nos faz falta. O que é que nós vamos fazer com 500 ou 600 Euros, ou mesmo 1000 Euros, para fazermos uma plantação... tínhamos de andar anos a anos a recuperar esses 500 ou mil Euros para fazermos a plantação. Eu fiz um projecto, que até foi a Lúcia, um projecto, olhe, só me davam, só me subsidiavam em 20%, os 80% tinha de os pagar eu. E ao fim eles vinham buscar, eu levava 60 e eles vinham buscar 40%. Isso não! Eu sou daquelas pessoas que também não boto milho a pitos, como se costuma dizer, têm de crescer para ir para a panela... não, isto não pode ser assim

AL: por acaso agora ate estou com curiosidade de ir ver bem a Lei, porque eu tenho a ideia que quando vocês investem o Estado não pode tirar tanto. Mas se calhar estou errada

MS1: mas a Lei que existia e que ainda existe é essa. Eu hoje, mesmo se quiser, se houver um corte de pinheiros eles só nos dão 60%, os 40 levam-no eles. Portanto, isto também todos os anos muda uma lei...

AL: pois, você está a par da nova Lei dos Baldios...

MS1: que é esta agora... agora não sei.. mas também se houver algumas coisas, isto agora com este novo quadro comunitário, pode ser que, o 20 a 22, ou como é que se chama... é a 5 anos.

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: vocês aqui já têm um plano de gestão feito, o plano de gestão do baldio?

MS1: este ano já está quase feito

AL: ah, é aquele que é para 5 anos

MS1: não! O de 5 anos é o que fizemos

AL: ah, esse já fizeram. Ok, depois têm é de fazer um anual não é?

MS1: é anual!

AL: isso fazem porque querem ou porque é imposto pelo...

MS1: não, temos de fazer! Temos de fazer... temos de dar a relação dos animais, temos de dar, temos que reunir a assembleia, temos de ver os que fazem parte dos compartes, o recenseamento de compartes, todos os anos fazemos isso

AL: então vocês já têm isto tudo delimitadinho no papel?

MS1: já, já, já... nós no coiso temos parcelas por parcelas, sabemos quantas parcelas existem, parcela aqui, parcela acolá, temos essa... mesmo agora quando nos cortaram fomos ao coiso mostrar quais são as parcelas que nós (...) só nos vales e aos coisos e assim (...) – VENTO

AL: quem é que vos fez esse reconhecimento?

MS1: de quê, da ...?

AL: de andar a ver da, de fazer tipo um mapa do baldio, com o GPS...

MS1: ah, isso foi, quando fizemos a constituição do baldio fizemos, como é que eu hei-de dizer, fizemos com a carta militar

AL: o cadastro?

MS1: não... com a carta militar e trouxemos aqui o ?? para fazer o levantamento do...

AL: ahh, e quando é que o baldio foi constituído? Lembra-se?

MS1: pa, nessa altura... isso já foi... ele estava constituído em 89...89/90 foi mais ou menos nessa...

AL: foi quando vocês se organizaram para receber o baldio, foi isso? Quando criaram a assembleia de compartes e isso, foi nessa altura?

MS1: exacto, exacto, porque eu nessa altura portanto, eu ainda estava em França e, é por isso que eu digo havia... ainda andavam a trabalhar nele quando eu vim, eu vim em 89 portanto devia ser nessa altura que eles andavam a coisar, portanto, depois tiveram lá do coiso, ora eu faço 25 anos

AL: que está cá? Então chegou em 90 para aí

MS1: 89/90... 89. Depois, passado 3 anos [VENTO] (...) digo logo nas ventas das pessoas aquilo que sinto, coisas que digo logo à frente e depois há pessoas que não se dão bem com isso... demitiram-se e então depois passei eu para... elegeram-me a mim para presidente da, dos compartes. Outro senhor para presidente da assembleia

AL: e os outros estão contra vocês ou... aqueles que tiveram de sair, ou que decidiram sair...

MS1: eles viram que era a realidade e que era assim... as pessoas quando não são capazes de ocupar um lugar elas, têm de sair

AL: mas portanto não há conflito com eles nem nada do género?

MS1: não, não, não. Houve conflito quando a pessoa, passou porque eles depois nunca mais... porque é assim, eu já na Junta e nas coisas chega-se ao fim do ano, acabou-se o ano faço balanços. Não há... e os balanços têm de ser lidos por quem lhe diz respeito, tem de se apresentar contas a quem têm que ser apresentadas. Eles, não calhou, não apresentaram

contas, eu se faço parte de uma coisa gosto de saber o que é que se passa e eu um dia tive de lhe dizer... não é? Tive de lhe dizer, pá, embora não gostassem, embora não coiso, tive de lhe dizer um dia, numa reunião um dia “hei, isto passa-se assim, todos os... seja empresas, seja juntas seja o que for tem de se fazer contas, o que se recebeu, o que se gastou, e ao que há, o que sobrou e o que não sobrou. Tens há 4 ou 5 anos nunca dizendes quanto se recebeu, nem quanto se pagou, nem quanto se gastou, e isso para mim não serve... pessoal como é? Está tudo de acordo? Para o fim do ano tem de ser lidas as contas...” ah, pois, porque isto tem de ser, porque eles sabem como é, na aldeia há pessoas que estão tímidas e que não gostam de falar mas se ouvem uma voz depois... toda... ah, a partir dali tem de ser assim, se não querendes lá estar ou se levais coiso deixais para lá ir outros, mas de resto tem de ser assim. Nós todos os anos acabam-se as coisas tem de se ler as contas... e é por isso que o pessoal muitas vezes diz “sim senhor”, porque fiz... por exemplo, fiz 15 hectares de limpeza “olha, fizemos 15 hectares de limpeza, cada hectare custa x, recebemos x, ficou x. Toda a gente não tem a reclamar. Eles ficam assim a olhar, levam as folhinhas do que se recebeu, que está tudo bem “olha, estão aqui” – recebeu-se aqui, x daqui, x de acolá e estão aqui os gastos portanto, e depois essas pessoas ao verem isso já sabem que não há falhas, não há nada e é por isso que... ainda agora, ainda agora tivemos uma reunião, no mês de abril, foi 6ª feira Santa “oh meninos, já estou cansado, e estou. Qual é o que quer ocupar o meu lugar?” “ah, para as próximas... vamos ver para as próximas”. Porque até ali era de 2 em dois anos as eleições, e agora é de quatro em quatro...

AL: com a nova lei?

MS1: com a nova lei!

AL: quanto é que falta para o seu terminar?

MS1: agora ainda faltam 4 anos (RISOS). Houve em abril...

AL: ah, essa já era a das eleições...

MS1: acabava o mandato, mandei reunir a assembleia... estivemos todos reunidos...

AL: e o que é que acha, acha que era melhor de 2 em 2 ou de 4 em 4?

MS1: olhe, eu vou ser-lhe sincero, para pessoas que às vezes não são correctas seria melhor em dois

AL: pois... mas a assembleia pode destituir não pode?

MS1: pode, pode. Nós é que decidimos, nós mesmo certas regras que há nos baldios, se a maioria disser que é assim, é assim.

AL: e depois isso tem de vir em actas e tal não é?

MS1: ah, isto é tudo escrito em actas, depois nem havia reuniões, nem havia actas escritas...

AL: antes não havia... e eu têm que apresentar a alguém essas actas?

MS1: não, estas actas são para nós. Agora para fazer lá o subsídio do coiso é que temos de mandar uma acta a dizer o que é que se gastou, o que se não gastou, e essas coisas... e essas actas temos de mandar

AL: e vocês tiveram de registar o baldio nas finanças, no registo predial?

MS1: nas finanças, nós estamos registados nas finanças

AL: mas já estavam antes? Ou foi só agora com a nova lei?

MS1: não, não, já estávamos, já estávamos, temos mesmo o cartão de contribuinte do conselho directivo.

AL: e têm de pagar IMI ou não? Ainda não percebi muito bem. Lá na lei diz que estão isentos desde que estejam inscritos na matriz predial

MS1: pronto. Nós declaramos, fazemos, e por causa dos IRS, e essas coisas, fazemos. Ainda o ano passado nos deram 600 e não sei quantos Euros

AL: gastaram mais do que ganharam

MS1: não, temos as nossas contabilidades, e é por isso que existe esta confiança e a contabilidade existe entre a tesouraria, o presidente e o presidente da assembleia, existe essa realidade e existe essa verdade e existe essa transparência...

AL: pois, eu lembro-me que o IMI os baldios estavam isentos desde que fizessem os usos que é suposto serem desenvolvidos dentro dos baldios e desde que... ai, já não sei (RISOS). Mas sim, acho que vocês estão isentos

MS1: sim, sim, há, há, há, estamos isentos estamos. Sim, sim. (VENTO) eles agora, já há 2 anos querem que façamos contabilidade, e depois começamos, foi daí que começamos a fazer contabilidade e o ano passado mandaram-nos 600 e tal Euros. Mas até aí não tínhamos contabilidade. Só agora a partir de 2 anos é que começámos a fazer a contabilidade...

AL: e acha bem ou?

MS1: oh, eu? Não discordo com isso... porque, porque há muitas, há muitos, não vou citar nem vou nomear, há muitos baldios que recebem e depois não fazem nada e o dinheiro desaparece. E eu acho que para esses efeitos só com a contabilidade é que se sabe onde é que foi o dinheiro, porque senão não se sabe para onde é que foi o dinheiro. Porque por exemplo, eu este ano levei uma factura de aqui de hectares às finanças...gastei. As finanças sabem o que eu recebi, automaticamente sabem o que foi gasto e que paguei... porque paguei o IVA, porque no baldio o IVA é 6%, não é 23%. E sabe que nós pagamos o IVA, que estamos a pagar ao Estado, que sabe que nós não estamos a tirar, e às vezes bem falta fazia, não é (RISOS). Mas é isso... eu acho bem, e se toda a gente fosse a cumprir 50% do que lhe pertencia havia se calhar, não estávamos a pagar tanto dos outros que estão a pagar, porque a maior parte das pessoas que andam por aí são essas de tudo lucro para eles

AL: também é por isso que as ITI diminuem, é porque há alguns que não cumprem ou metem a mais ou ...

MS1: por exemplo, no nosso trabalho, seja em que trabalho for, se toda a gente pagasse os seus direitos, toda a gente pagávamos menos. Agora o Estado, ou as finanças, abrem o computador e só veem o nome dos que lá estão, os que lá não estão não pagam, só pagam os que lá estão, seja nos baldios, seja em empresas particulares, seja onde for... eles, os que não estão lá inscritos, esses não pagam. E muitas das vezes são esses os que metem tudo ao bolso

Tourém: MT1

AL: pois, exactamente, eu não contei com eles porque estavam fora do Parque e a minha ideia é perceber estes que estão dentro do Parque, que entretanto começo a perceber que têm uma realidade completamente diferente dos restantes baldios não é?

MT1: completamente diferente isto é, os que estão junto ao Parque acabam por ter as mesmas, Sabuzedo, Padroso e Mourilhe é quase igual

AL: pois, também têm as ITI, exacto

MT1: têm, e com a vantagem de esses nos baldios podem ter eólicas

AL: ah, eles podem na Rede Natura? Aaaaah

MT1: e nós não! Eles têm lá...

AL: eles têm... eu achava que lá também não podiam

MT1: têm, têm, têm, eles recebem uma renda. Agora o problema das ITI foram os cortes que fizeram e aqueles que vão fazer no futuro, mesmo que a gente queira fazer alguma coisa vai ser muito complicado

AL: pois

MT1: vai ser muito complicado...

AL: lá no vosso, em Tourém houve cortes muito... o corte foi grande?

MT1: uuuh, foi, em relação ao 1º ano foi

AL: sabe mais ou menos quantos %, só para ter uma ideia... da área forrageira que foi cortada

MT1: foi cerca de 50%, mas espere aí, deixe-me pensar que eu consigo lhe dizer

AL: não, não é preciso

MT1: foi na área baldia passou de 1050 hectares para 700 se não me engano

AL: é quase 50%, não chega mas é quase... sim, sim, sim

MT1: portanto todos nós vamos sofrer com isso, claro que...

AL: pois, ainda não percebi muito bem as consequências... já percebi que os agricultores sim, vão ter... à partida vão ter algumas consequências na área que candidatam e tal, não é?

MT1: exactamente, nós em Tourém não temos esse problema

AL: ah, não têm gado?

MT1: infelizmente o número de agricultores diminuiu e a área que cortaram para eles poderem fazer a candidatura é mais que suficiente

AL: pronto, ok...

MT1: suponho que só há duas freguesias em que isso aconteceu... foi Tourém e Pitões... já foi a Pitões?

AL: fui anteontem... falar com a Lúcia

MT1: exactamente. Sim, nós não temos esse problema...

AL: ok

MT1: e ainda bem que assim foi. Agora o problema está nas novas instalações...

AL: nas construções?

MT1: nas novas... os jovens agricultores é que estão um bocado condicionados. Primeiro porque precisam de uma área mínima de 20 hectares... e a área que nos sobrou não é assim tanta que nos permita fazer isso

AL: que vos sobrou...

MT1: dos outros agricultores. O que é que nós estamos a fazer... portanto, imagine, que um agricultor precisava de 20 hectares, em vez de lhe dar os 20, se houver um jovem agricultor que necessite dessa área nós vamos retirar área a quem já estava, não podemos cortar as pernas a quem quer começar

AL: ah, sim, sim

MT1: e é por aí, a logica será essa, já está aprovada em assembleia, que isso será assim, se vier a acontecer. Se não vier a acontecer então não teremos grande problema

AL: mas podem construir? Essa parte é que eu não percebi

MT1: podem, podem construir na mesma os armazéns, só que precisam de uma área para os efectivos de 20 hectares... para reunir as condições necessárias e aí é que muitos CD vão ter problemas

AL: pois, pois

MT1: o grande problema vai estar aí

AL: para a instalação de jovens?

MT1: exactamente. Aí é que vai estar o grande problema. Agora quem já está... no meu caso não vai haver grande problema...

AL: você tem animais?

MT1: não

AL: ah, no seu caso, do baldio de Tourém...

MT1: o caso de Tourém

AL: mas um jovem para se instalar precisa necessariamente de fazer uma construção é isso?

MT1: porque... praticamente, ou se já tiverem...

AL: ok

MT1: agora, quem vai por, vai por gado... onde é que mete depois os animais?

AL: no inverno...

MT1: aqui os invernos são muito rigorosos... agora não, agora anda tudo não tem problema nenhum, mas no inverno é complicado

AL: sim, sim, sim... lá em Tourém há muitos jovens ainda ou...

MT1: uuuh, não... ate porque neste caso concreto que lhe falei temos apenas uma situação

Sei que vai acontecer outra, mas ainda não aconteceu, portanto neste momento temos apenas uma... agora, a população de Tourém que trabalha na agricultura é como em todo o lado, bastante idosa, mas só que nos tivemos a sorte de nos anos 90 houve muito pessoal que hoje já tem 40 e tal, já perto dos 50 anos, que é o meu caso, que estávamos fora e regressámos, então aí estão ali muitos agricultores que se vão manter por muitos anos

AL: e esses estão a dedicar-se à agricultura? Você, já sei, mas...

MT1: sim, sim, eles dedicam-se 100% à agricultura, não têm outra forma de vida

AL: boa... quantos habitantes é que agora existem lá em Tourém?

MT1: cerca de 120 pessoas... mais ou menos

AL: é uma aldeia mais para o grande ou mais para o pequena? Por exemplo é mais pequena que Pitões?

MT1: é mais ou menos igual

AL: ok, ainda é maiorzinha do que as outras...

MT1: até porque nos últimos censos havia uma diferença de 6 habitantes de Tourém para Pitões, 157... 151

AL: em Pitões é que era 157?

MT1: sim. Era... na altura dos censos, isso foi em 2011, portanto há 4 anos... uhh, havia uma diferença de... a

É porque houve aí uma situação, quando foi da junção das freguesias, tinham de ter um mínimo de 150 habitantes, e nós safámo-nos por 1...

AL: (RISOS) e não tiveram que juntar a freguesia foi? A vossa é a freguesia de quê?

MT1: de Tourém

AL: e em Pitões também é... ah, ok, a Lúcia já tinha dito...

MT1: Pitões também é freguesia...

AL: sim, sim, sim, senão juntavam-se a Pitões provavelmente

MT1: se estivesse mais próximo, porque não tinha nada a ver uma coisa com a outra, um do lado outro do outro, foi aquela coisa feita em cima do joelho

AL: então neste momento no baldio de Tourém, quais são as receitas?

MT1: tem a ITI

AL: é só as ITI?

MT1: só, mais nada! E antes não tinha nada que ainda era pior

AL: antes não tinha nada... como é que vocês faziam isso?

MT1: olhe, de algumas candidaturas que já na altura, e estou me a recordar de quando entrei, porque nem sequer CD dos baldios existia

AL: há quanto tempo?

MT1: há 20 anos atrás

AL: as ITI já existem há quanto tempo?

MT1: não, não, a ITI é recente, a ITI tem 6 anos ou 8

AL: pois, era a ideia que eu tinha

MT1: e na altura era gerida, porque o baldio era gerido pela Junta

AL: ai era

MT1: o CD do baldio foi formado em 1990 e oito ou nove, e fomos dos primeiros, da zona foi

AL: da zona sim

MT1: na área do Parque fomos todos ao mesmo tempo, foram todos formados em 98 / 99, foi assim uma coisa, foi Tourém, Pitões, Cabril, Sezelhe, Outeiro, foram todos formados

nessa altura, já para fazer a candidatura, mas antes, estava-lhe a dizer, antes ia-se fazendo umas candidaturazinhas assim daquele jeito para manutenção, para limpeza, para preservação da... o combate contra incêndios, então vinha vindo algum dinheirinho que nós utilizávamos para fazer a limpeza, para abrir uns caminhos, para fazer essas coisas. Na altura era... se hoje é complicado na altura ainda era mais, naquela altura ainda era mais complicado porque não havia meios

AL: [...] e como é que vocês fazem a... portanto, vocês são obrigados através das ITI a fazer limpezas e tal... vocês recorrem a limpezas ou compraram um tractor...

MT1: nós comprámos todo o equipamento,... nós comprámos.

AL: então, compraram um tractor e tal e...

MT1: nós comprámos toda a maquinaria e agora vamos ter de comprar outro, porque aquele infelizmente ardeu...

AL: ai, eu acho que já ouvi falar desse acontecimento, não me lembro em que situação...

MT1: é...

AL: e de onde é que veio o fogo?

MT1: problema eléctrico provavelmente... é que seguros para isso já se sabe como é que é...

AL: bem, foi um investimento grande...

MT1: 90 000 Euros! E agora claro que teremos que ver se arranjam outro. Temos de recorrer a uma empresa qualquer, alguém que nos faça o trabalho. Mas também como depois esse tractor não faz só a limpeza não é, é os arranjos dos caminhos, é... faz muito trabalho. E como nós temos a equipa de sapadores florestais compensam-nos ter a máquina...

AL: e daqueles dinheiros que sobram da ITI também investem no povo, na aldeia?

MT1: é todo no povo... é todo no povo

AL: ok, então também fazem beneficiação da aldeia...

MT1: isso, nós desde o início que não fomos muito nessas coisas, de tirar o dinheiro do baldio para recuperar a ... atenção, não sou contra, mas eu tenho tanto caminho, tanto baldio para preservar, como é que vou retirar esse dinheiro para o cimo da capela? Epá, isso têm a comissão fabriqueira, são eles que têm que a fazer... não é?

AL: comissão fabriqueira? É o quê? Faz parte da Junta?

MT1: não, comissão fabriqueira é digamos que a gestão de património da igreja

AL: ah, faz parte da paróquia?

MT1: é, comissão paroquial, eu não sei como é que se chama isso. O nome é comissão fabriqueira, isso eu sei... agora, temos tantos bebedouros para fazer, tanto caminho para abrir, tanto caminho para limpar, tanto carvalhal para preservar que acho que não faz sentido levar o dinheiro para dentro da aldeia, então está lá a Junta também, a Junta é que tem de fazer esse trabalho. Atenção que não sou contra, eu não sou contra, se alguma coisa é por necessidade e alguém tem dinheiro, epá que se aplique, eu nunca tive muito esse caso, essa situação, nem as procuro ter, nem as procuro ter... se tiver que as ter olha, lá me desenrascarei se eu puder... agora eu acho que o dinheiro das ITI é canalizado para o baldio é empregue nele. É assim que eu entendo as coisas, e é assim que até agora tem sido feito. E acho bem

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: vocês também são associados do Secretariado?

MTR2: sim

AL: e o PUB ou PGF é feito por eles ou?

MTR2: não, já existia antes, já existia há muito tempo

AL: Há quanto tempo é que já existia? Só para eu ter uma ideia

MTR2: as ITI, nós estamos a receber ITI para aí há 15 anos

AL: as ITI já têm assim tanto tempo? A partir de 2000...

MTR1: talvez... quando eu vim para presidente já existiam

AL: pois o senhor Manuel disse-me que já cá está há 12 não é? Então se calhar até antes de 2000

MTR2: sim, sim, sim, não tenho noção, já..., eu sempre me lembro de existirem ITI

AL: e para existirem ITI havia os PUB já?

MTR2: sim

AL: tinham de os ter não era, os tais planos... mas PUB é a mesma coisa que o plano plurianual?

MTR2: não, não, é outra coisa... o plano plurianual é tipo o resumo do que se faz no ano, por exemplo, para as ITI tem de se ter várias competências para se candidatar às ITI, uma é a de fazer a limpeza do mato, outra é a limpeza do carvalhal, temos x hectares de limpeza por ano, isto dão dinheiro mas temos de fazer trabalho, e então uma é fazer a limpeza do roço, por exemplo 4 hectares, temos de fazer por exemplo 3 de limpeza de carvalhal e depois também temos de dizer quantos animais é que estão a pastorear o baldio

AL: porque há um limite não é?

MTR2: não, é mesmo só parar dizer que o baldio é utilizado, por isso é que é o plano do ano para o baldio, é tipo um relatório

AL: ok, faz-se no fim do ano ou no início?

MTR2: faz-se na altura dos subsídios que é esta altura no mês de Abril, em que se diz por exemplo “olhe, em Travassos por exemplo estão 170 vacas a utilizar o baldio, nós fornecemos para o encabeçamento x hectares de baldio a esta pessoa e x hectares de baldio a esta pessoa, olhe nós fizemos este ano os 6 hectares de limpeza”

AL: ok, tipo um relatório... esse é o plurianual?

MTR2: sim

MTR1: eles depois também nos põem o que a gente tem de limpar “olhe, tem de limpar tanto na roça de mato, no pastoreio, e tanto no carvalhal... ainda há dois anos limpámos para aí 4 hectares de carvalhal, que esse é o que é mais difícil de limpar não é, porque o carvalhal tem giesta e depois ???, é mais difícil. No outro é mais fácil...

AL: no outro que é... as pastagens

MTR1: é. Ainda agora acabámos de limpar ali para aí 2 hectares

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 Euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil Euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 Euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 Euros... mas esses 2500 Euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer À Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 Euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 Euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 Euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 Euros, teria de dar 10000 Euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 Euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 Euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 Euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 Euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 Euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 Euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porquê? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, aí isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 Euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: aí foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles tem de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tudo, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

AL: vocês tiveram um grande corte de área forrageira?

MTR2: bastante! Foi de 300 e tal hectares passámos para 84...

AL: e vocês acham isso justo ou acham que não faz sentido?

MTR1: isto foi uma pancada até grande não é... para toda a gente

AL: e quais são as consequências disso que ainda não consegui perceber...

MTR1: porque as pessoas até tinham bastante área agora tivemos de lhes dar só um bocadinho que é para chegar para todos

AL: e como é que isso é na prática... imagine, antes tinham 300 hectares para 6 pastores, só assim para dar uma ideia, e agora passam a ter só metade, 150 hectares, cada pastor ou cada rebanho fica com menos área não é... mas como é que isso se fiscaliza?

MTR2: imagine, cada agricultor para se poder candidatar para os fundos comunitários tem de ter uma área... como é que um agricultor com 70 vacas justifica a sua própria área? Uma pessoa com 70 vacas precisava de ter 200 e tal hectares e ele não sua própria exploração não consegue ter essa área, então ele justifica dizendo que deita as suas vacas para o baldio. E então, qual é a forma de dizer que... o presidente dos baldios passa uma declaração a dizer “ nós cedemos 50 hectares de baldio a este agricultor”. Neste caso reduziu a área, enquanto um agricultor tinha 50 hectares neste momento teve de ficar com 19 ou... logo vai influenciar na apresentação da candidatura aos subsídios desse agricultor... uma coisa é ter... depois recebe-se x Euros por cada hectare

MTR1: por exemplo até ali tinham um hectare e tal por cada vaca não era... quase hectare e meio, agora ficaram com meio hectare...

MTR2: 0.6... ficou

AL: e é permitido, por exemplo, há um limite estabelecido por quem dá o subsídio para a área por cabeça

MTR2: quanto mais melhor

AL: quanto mais melhor em termos de subsídio... ok, acho que começo a perceber, é que isto está a ser tudo novidade e confusão para mim

MTR2: o baldio é um mundo muito...

AL: sim, é complexo isto

MTR2: é

AL: eu antes de vir para aqui pouco tinha ouvido falar de ITI e... (RISOS)

MTR2: porque é uma medida própria do Parque

AL: pois, exacto... eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse tão importante, que fosse essa a fonte de rendimento dos baldios do Parque, nunca me passou isso pela cabeça.

Porque eu leio muito sobre baldios mas a realidade dos baldios em geral e a realidade dos baldios dos parques, ou pelo menos do Parque Nacional, é completamente diferente

MTR2: sim, onde há pastoreio e onde não há pastoreio é completamente diferente

AL: exacto!

MTR2: tipo, um jovem agricultor que meta 60 hectares de baldio terá seguramente 16 a 17 mil Euros por ano de subsídio só do baldio...

AL: e o baldio não recebe nada por isso?

MTR2: não... deveria receber, uma verba disso devia ir para o baldio

AL: até porque ele é comparte, à partida... esse pastor ou produtor...

MTR2: sim, mas imagine o baldio é de todos... e estão a usufruir 4 ou 5

MTR1: mas também se não fosse o baldio aqui eles não podiam ter estas vacas... nem a terça parte, porquê? Porque o gado agora, aqueles que têm os vitelos não é...que estão a dar leite, está bem, mas as outras que ficam lá até ao fim de setembro

AL: o que eu queria perguntar... vocês do dinheiro que recebem anualmente sobra algum? Conseguem gerir de forma a sobrar? E de que maneira é que ele é usado, ou seja, de é usado no povo, se é usado...

MTR2: isto é o seguinte, nós temos a tal ITI e temos uma verba... se nós conseguirmos fazer o trabalho com os sapadores é dinheiro que estamos a poupar, ou então tentar negociar com a empresa que for fazer, nós recebemos por exemplo 1000 Euros por hectare para limpar, se nós conseguirmos ajustar por 700 temos ali 300 Euros de... e esse dinheiro aplicamos no que é... ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajudar... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine...

AL: mas não foge a este [devo ter apontado para qualquer papel...] (RISOS)

MTR2: sim, sim, ou uma infraestrutura que seja necessária na aldeia, um... por exemplo, tínhamos aqui um , já aqui fora, um rego que estava a causar muitos problemas à aldeia e a junta e o baldio chegámos a acordo e fizemos a obra os dois... e é esse tipo de...

AL: pois, melhoraram um bocado a vida localmente, não é... facilitar a vida das pessoas

MTR2: sim, estamos com uma aqui também agora neste momento aqui com uma casa que queremos reconstruir que vai funcionar também tipo como sede dos baldios e ajudar também... queríamos que as partes de baixo destas instalações para uma casa mortuária da aldeia...

AL: pois... eu estive ontem em Pincães, e lá percebi que eles tiveram uma grande dificuldade em construir a sede, porque eles queriam uma sede para os compartes

poderem reunir e acho que a Câmara, acho que foi a câmara, barrou ali um bocado a construção, e eles tiveram que criar uma associação para conseguirem legalizar aquilo e não sei quê... aqui também é assim, se quiserem construir uma sede...

MTR2: não, acho que não

AL: porque aquilo era construção no baldio, ou seja, fazia parte da área do baldio, e como no baldio há aquela questão toda da matriz predial e tal, e não está no comércio jurídico e tal então eles tiveram ali uma grande...

MTR2: não... eu aliás...

MTR1: não

AL: portanto o CD não tem sede não é... mas temos a casa do povo, não é, dá para reunir

AL: ah têm uma casa do povo? Ou é o café?

MTR2: por cima do café, isso é tudo da Junta

MTR1: portanto temos essa casa se for preciso

MTR2: eu não acredito que a Câmara lhe tenha posto esse entrave

AL: eu não sei, se calhar também era porque não estavam inscritos na matriz predial...

MTR2: mas o baldio é comprador, pode comprar... se existir um artigo o baldio pode comprar, o baldio é uma pessoa colectiva, tem contribuinte, tem... pois, agora eles quiseram se calhar pegar num espaço que existia ilegal, isto é quiseram construir se calhar na casa do guarda

AL: não, não! Eles construíram de novo

MTR2: ah, não podem, claro que não podem

AL: pois, não podem construir de novo

MTR2: não podem! No baldio, para criar um artigo no baldio teria de se fazer um loteamento

AL: teria de se fazer uma alienação

MTR2: sim, por isso é que não deixam... agora o baldio... uma casa aqui fora, não então... se a casa tem artigo, é só ir à reunião de baldio, a assembleia dá a autorização ao presidente para poder apresentar uma proposta e ele apresenta

AL: pois, tanto para comprar como para vender...

MTR2: sim... vender baldio não pode

AL: alienar... pode... pelo menos o que eu li foi... o que eu percebi, que isto às vezes as leis também são difíceis de entender, o que eu percebi foi, há um baldio, se esse baldio estiver

muito próximo da povoação e se houver vontade de alargar a povoação, vontade geral do povo e dos compartes, o baldio pode alienar uma parte da sua área para construção

MTR2: e como é que vai fazer o artigo

MTR1: também é um bocado difícil

MTR2: nós tivemos aqui esse problema, tivemos aqui vários emigrantes que queriam fazer casa mas não tinham terreno e nós deixámos fazer no baldio... não foi possível porque o baldio primeiro teria de fazer loteamento, criar um... esta aqui é a faixa onde nós queremos fazer as casas então vai ter x casas, vai ter de se lá por a água, por... senão não posso fazer artigo

AL: pois, eu não sei, eu sei que eles falam lá isso por interesse comprovado de que... por exemplo estou-me a lembrar, em certos baldios houve a construção de vacarias, houve aí uma... há um interesse geral que haja essa vacaria então há uma alienação da parte do baldio, lá está porque o baldio está colado à povoação, portanto há lá um recorte do baldio e aliena-se uma área para a construção daquela vacaria para o povo... isto já aconteceu porque eu verifiquei, agora como eles fazem do ponto de vista legal é que eu não faço ideia. Agora no caso dos emigrantes também não sei...

MTR2: sei que não é possível porque sei que neste momento...

MTR1: há aldeias que têm feito já...

AL: mas na Lei está escrito mesmo isto... não é...

MTR1: mas muitas são ilegais o problema é esse

AL: ah, se são ilegais ou não isso já não sei...

MTR1: eles fazem...

AL: eu só pergunto isto porque... a partir do momento em que vocês estão dependentes das ITI, porque estão não é, neste momento, em termos de rendimento, se aquilo opor acaso muda, por exemplo agora com esta alteração das áreas forrageiras, isso não vai alterar o valor que entra para o baldio?

MTR2: não.

AL: não?

MTR2: não, não, porque... mas é isso....

MTR1: ainda não sabemos bem, ainda não sabemos bem, estamos a contar que não, mas... ainda está assim meio...

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

MTR1: os piores foi os de, aqui de Fafião, tinham 9000 hectares de baldio ficaram com 80 e não sei quantos

MTR2: ali é uma questão de...

MTR1: isso é que foi um corte muito forte

MTR2: é uma questão de gestão, eu não sei muito bem até que ponto isto foi assim, como é que isto... não há ninguém que se lembre de vir cá e “vamos cortar isto tudo”. Alguém soube, o ministério da agricultura, depois as secções regionais, isto não apareceu do nada, alguém teve de assinar... alguém... mesmo quem está à frente dos baldios, isto é o... não digo que o secretariado, mas alguém...

AL: a BALADI?

MTR2: não, será mais a nível de... uma associação que represente a parte baldia a nível nacional teve que concordar porque não... não é com uma lei... imagine, ninguém fecha a repartição de finanças de Montalegre sem o presidente da câmara

AL: assinar por baixo...

MTR2: não é? Ou ninguém fecha um centro de saúde sem... ninguém fecha uma sede de Junta sem o presidente de Junta...

AL: pois, ter de aceitar...

MTR2: é isso que eu acho estranho, criou-se aqui um mito que foi um senhor que veio lá de fora por fotografia aérea que...

AL: sim, já ouvi esse mito em vários sítios

MTR2: não é? Isso é tudo mentira, dizem a quem queres mas a mim não porque não...

AL: pois... mas a avaliação não foi feita por fotografia aérea?

MTR2: não sei... pode vir aqui alguém ver o baldio que nós não sabemos se vieram passear se vieram... eu acho que se as reuniões que tivemos agora ultimamente, com os presidentes dos baldios, com os presidentes de junta, com os presidentes de câmara, tivessem acontecido antes, isto não acontecia... se alguém... mesmo que o senhor tivesse vindo lá da noruega ou não sei de onde é que é... se alguém de bom senso lhe explicasse que o baldio em Vila Real é diferente do baldio de Montalegre, eu tenho a certeza que ele em dois minutos percebia... não é? Se alguém lhe explicasse que... cortou as zonas rochosas... se alguém lhe dissesse que as cabras só querem pastorear no sector rochoso,

ele percebia em dois minutos e já não cortava essa área, ou então ficava destinada a área rochosa só podia ser para... só se podiam candidatar a essa área agricultores que tivessem cabras. Agora dizer assim... carvalhal, toda a gente sabe que no verão a erva mantém-se nos carvalhais, a outra que não tem carvalhal seca e a que está na sombra é a única que se aguenta para mais tarde... se alguém explicasse isso ao senhor “olhe, não, olhe que as vacas pastoreiam nas corgas”, nós chamamos-lhe as corgas que são as zonas das ribeiras...

AL: e cortaram-nas não foi?

MTR2: sim! Se alguém lhe explicasse isso eu tenho a certeza que o senhor compreendia...

AL: pois, mas então como é que acha que isto aconteceu? Porque é que houve essa abordagem às...

MTR2: pensaram que era alguma ideia que não ia passar, e deixaram andar, deixaram andar, e quando deram conta estava...

AL: pois...

MTR2: para mim foi um erro

MTR1: eles lembraram-se que nos sítios rochosos não andavam lá nada... certamente não é...

AL: pois... mas como é que essas coisas não são confirmadas localmente? Ou como é que as pessoas nem sequer sabem de onde é que vem esta lei? De repente há um corte gigante

MTR2: pois... mas para o Algarve, Alentejo, não há baldio, é tudo herdades ou... por exemplo em Vila Real ou Bragança, o baldio é cedido aos agricultores para por castanheiros ou olivais...

AL: cedido privadamente?

MTR2: arrenda-se... por exemplo cada agricultor arrenda 50 hectares e depois planta lá por x anos, planta lá o que...

AL: e quem é que recebe esse dinheiro, é o órgão gestor do baldio?

MTR2: sim, sim

AL: que pode ser a Junta, pode ser...

MTR2: esqueceram-se que aqui nós temos a particularidade do pastoreio

MTR1: porque no Alentejo não cortaram nada...

MTR2: isto foi mesmo um esquecimento de alguém que foi chamado como representação dos baldios e que não cumpriu com o papel que lhe competia, que era alertar “não, o nosso baldio é específico, como é que podem cortar... a zona rochosa é onde os animais vão pastorear”, você se for à serra vê as vacas no meio das pedras a apanhar a...

AL: exacto!

MTR2: opa, se me dissessem “no meio dos pinheiros tem que se cortar essa área” ... porque realmente no meio dos pinheiros a erva não... é tipo, a agulha cai e não deixa que ... pa, se cortassem essa área por mim tudo bem, agora o carvalhal... as vacas nesta altura andam todas no topo, quando chega o mês de agosto setembro começam a sair mais nas corgas porque sabem que é aí que a erva se mantém verde

AL: pois, não faz sentido nenhum... e isto vai para a frente?

MTR2: já foi! Já não há hipótese nenhuma

AL: já foi para a frente? Ah, é que soube que houve aí uma manifestação ali ao pé de Braga ou que foi...

MTR2: isso foi para tapar a...

AL: é que a malta anda aí com esperança, ainda ontem estive a falar com um senhor que acha que ainda pode dar a volta...

MTR2: essa é a ideia que fazem passar...

MTR1: não sei se a ministra da agricultura ouviu... ela estava lá... (RISOS)

AL: se calhar ouviu, mas entrou-lhe por um ouvido e saiu pelo outro (RISOS)

MTR2: não... estamos a falar de uma área...

AL: isso é para acabar com o pastoreio, não é? No fundo é isso que vai acontecer...

MTR2: sim, e estes fundos... é por isso que eu não... eu por acaso estou também dentro da área das candidaturas e sei como é que isto funciona, a EU a verba que dava vai dar à mesma, isto trata-se de uma distribuição ao nível de Portugal, se tirarem 5 ou 6 milhões na região norte ele vai para outro lado qualquer, não é o tal da Noruega que se lembrou e ... não! Porque se não viesse para Portugal, aí sim, foi o gajo que se lembrou e “vamos agora tirar aqui esta verba a...”. Agora Portugal vai receber a mesma verba à mesma... agora localmente, a nível nacional, é que vai ser distribuído de forma diferente...

AL: mas por exemplo, aquela fatia que era dada aos produtores de animais, que é essa que vai ser cortada, ...

MTR2: vão beneficiar, por exemplo as herdades que há no Alentejo...

AL: pois... porque no fundo também interessa acabar com os baldios, de alguma forma, acabar aqui com esta...

MTR2: não, não é questão de acabar com os baldios...

AL: digo...

MTR2: com o pastoreio neste caso...

AL: pois, exacto. Mas no fundo não é qualquer pastoreio, é o pastoreio mais pequenino, vamos dizer assim, comparado com as herdades não é... ou seja, com tudo o que é

pequenas produções, que é o que tem vindo a acontecer, acabar com a pequena agricultura de uma forma geral e criar aqui uns espaços gigantes apetecíveis para muita gente não é...

MTR2: eu fui à reunião, e “ah, foi o Governo, foi o Governo...”, na sub-região norte, Mirandela, fomos ali a Vila Pouca e a justificação foi... até mostraram lá sim senhora, aqui através de fotografia digital... mas isso era completamente uma parvoíce autêntica, porque se não, imagine, chega um fogo aquele abre essas pedras todas... se calha ser nessa época que o senhor viu a fotografia, claro, só viu pedra! Mas dali por um tempo está outra vez tudo verde, por isso é que eu não acredito nisso, não acredito

AL: sim, sim, mas que aquilo vai para a frente vai...

MTR2: já foi! Então este ano os projectos, já se candidataram com esta nova medida

AL: e tiveram muito menos...

MTR2: sim! Nós tivemos aqui agricultores que tinham 100 hectares de baldio e só lhes conseguimos dar 19...

MTR1: e havia os que tinham 5 e 6 hectares e que ficaram só com 1000 metros

AL: ou seja, o que vai acontecer é que a pouco e pouco eles não podem manter os animais... não é?

MTR2: sim... não conseguem é ter o rendimento que tinham antigamente, ou o subsídio que tinham

AL: pois... ou seja o único rendimento que vão ter daí vai ser da venda dos animais...

MTR2: e a própria área, a área deles próprios...

[despedida, o senhor MTR2 pergunta me que estudos são os que estou a fazer, se é mestrado... não, é doutoramento, em ecologia humana... como o baldio é um caso interessante, etc., da minha opinião sobre a situação dos baldios... e como acho importante que se mantenham, seja sob a gestão da Junta seja sob a gestão dos CD, desde que para as comunidades locais... AL: se esta estrutura acabar...]

MTR2: não, atenção, a esta estrutura não acaba. O baldio nunca irá acabar, ...

AL: mas se sair das mãos dos locais...

MTR2: a gestão é que... eu falei em questão de gestão, não falei em questão de ...

AL: ai não, quando eu agora disse “acabar” eu falei no sentido de se se tira a gestão da mão dos locais, sejam eles freguesia sejam eles...

MTR2: ah, não, isso também nunca vai acontecer...

AL: esperemos bem que não, se vocês estiverem cá para mostrar que sabem fazer as coisas...

MTR2: não, ... no máximo passará, mas isso é já um cenário muito negro, a gestão do baldio passará para a câmara, no máximo! Mas isso nunca irá acontecer...

AL: pois, mas se isto passa para o património privado seja da câmara seja da Junta estamos tramados não é, porque a partir daí é alienação atrás de alienação opara interesses maiores, isto já estou eu a ver um cenário bastante negro

MTR2: não, o caminho que leva é o individualizar, tipo ser baldio a baldio, é o caminho que leva, não tem... já não tem forma de sair dali...

AL: não percebi, individualizar como assim? Privatizar?

MTR2: não, não, não, ser individual, tipo cada baldio ser de uma aldeia...

AL: ah, mas isso a mim nem me faz muita confusão, o que me faz confusão é privatizar-se, é entregar-se a companhias de celulose

MTR2: não, não, não

AL: é que a partir daí deixa-se de se fazer o... para mim esse seria o papel mais importante do baldio, que é o de promover o desenvolvimento local e de criar melhores condições para quem cá vive... a partir do momento em que isso se perde...

MTR2: não, mas a gestão do baldio há-de ser sempre local

AL: eu espero que sim, mas pro exemplo, a nova Lei dos Baldios poderá ter alguns efeitos negativos a esse nível

MTR2: já tem, já tem, já tem alguns impactos

AL: pois, mas é que se estas leis forem alteradas de x em x anos, cada vez mais a afunilar...

MTR2: mas também a lei dos baldios também não foi assim nada feito de propósito... isto também não... é como tudo

AL: mas a Lei, quer dizer, a Lei é a Lei, não tem que ser...

MTR2: a gestão dos hospitais... é a mesma coisa. Mas mal saia uma lei já sabemos que é tipo, para a tal empresa concorrer à gestão do...

AL: mas quer dizer, as leis não têm de ser assinadas pelos locais... se fosse assim era uma maravilha, era tudo muito mais justo

MTR2: mas têm de ser assinadas... têm que ir a concertação social, ninguém se lembra de... o governo diz vamos fazer 45 horas semanais ou 35, os patrões, ou as confederações dos patrões estão lá... se eles todos votarem contra não, a lei não passa...

AL: sim, está bem, mas pro exemplo a Lei dos Baldios...

MTR2: alguém...

AL: sim, alguém, mas não acredito que tenha sido alguém relacionado com os baldios actualmente, eu acredito que seja... o secretário de estado da agricultura ou... mas isso são pessoas que não têm se calhar interesses locais

MTR2: mas alguém... este Secretário antes de decidir consultou os órgãos, tenho a certeza...

AL: eu gostava de acreditar nisso mas não... ou melhor, nesse caso até nem gostava porque isso metia em causa muita coisa não é... se as pessoas aqui a nível local estão de acordo com muitas das alíneas que estão na lei dos baldios...

MTR2: oh, não vamos... eu sou, tenho as minhas...

AL: diga tudo o que quiser... (RISOS)

MTR2: a moção das Juntas foi assinada pelas pessoas

AL: o quê, o quê? Não percebi...

MTR2: a redução das Juntas de Freguesia... houve tanta guerra...

AL: a redução do orçamento é isso?

MTR2: não, não, não...

AL: ah, a união

MTR2: sim. Diga-me... mas foi assinado. O PS e o PSD assinaram, por isso não foi o Estado, a União Europeia que se lembrou de reduzir as... lembrou-se mas os partidos, nós é que concordámos...

AL: sim, e também foi o PSD e o CDS que propuseram a lei dos baldios

MTR2: sim

AL: pronto, mas isso para mim eles estão de alguma forma a defender um certo ponto de vista

MTR2: o presidente da CAP pertence a uma cor política, o presidente da CNA pertence... eu digo isto porque estou à vontade, e tenho falado disto ao nível, com o presidente da câmara e com o... porque mais tarde se verificou que alguém sabia mesmo que do que se estava a... mas já é muito... para a frente

AL: já estamos a sair do...

[começamos a arrumar]

AL: eu não tenho dúvidas que haja sempre algum interesse de alguém ou de algum grupo atrás destas alterações

MTR2: mas eu não digo que haja interesse, eu digo que a pessoa não viu para o caminho que levava

AL: ah, não teve a noção das consequências...?

MTR2: não teve noção ou não se apercebeu que iria causar este impacto... por exemplo, a redução da... cortarem a área da... do carvalho e a rochosa... Vila Real acho que não... esqueceram-se foi deste cantinho...

AL: são decisões tomadas lá fora e que depois têm impactos a nível local que ninguém imagina

MTR2: não podem dizer que foi o senhor que veio lá de fora que decidiu cortar, que o homem deu a opinião dele, não... se alguém dissesse “não, ele está enganado”

AL: mas também teria de haver interesse em ir ouvir essas pessoas que podem dizer que está enganado, não é?

MTR2: sim, mas antes disso, quando souberam lá que... tenho a certeza que... e foi provado que sabiam...

AL: que sabiam? Agora perdi-me um bocado, desculpe...

MTR2: sim, que andava a ser esse trabalho feito

AL: a nível local, é isso? Das autoridades locais?

MTR2: sim, o ICNF sabia que andava aí esse senhor a ver o baldio...

AL: sim, mas tinha de haver interesse da parte da instituição que esse senhor que representa, não é... de saber a nível local o que é que significa a rocha, ou o que é que significa carvalhal, o que é que significa

MTR2: ou alguém que lhe explicasse não é...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: (...) entretanto também ouvi falar na influência do IFAP na questão das áreas de pastagem, que houve cortes nas áreas elegíveis para pastagem para conseguir os subsídios para os produtores. Isso também teve grande impacto ali em Cabana Maior?

ACm1: também teve, teve impacto sim

AL: houve uma grande redução?

ACm1: houve uma redução considerável. Teve ali e teve em todos os baldios, um bocado... uns mais que outros. Mas... isto tem sido feito sempre no interesse de desvios de dinheiros para outros benefícios etc. etc. no nosso país tudo está em permanente alteração, os ministros têm de trabalhar, os gabinetes de advogados têm de trabalhar, tem que haver sempre trabalho para quem chupa, se quisermos, os frutos daquilo que é o resultado do trabalho dos portugueses. É incalculável, os milhares de milhões de Euros que são saqueados, é o termo, por sociedades de advogados, a que estão ligados os deputados, muitos deles são os próprios directores das sociedades, etc. etc. portanto, é uma fonte de

negócio. Depois a questão dos subsídios, sabe-se perfeitamente que vem dinheiro para subsídios que muitas vezes não é aplicado para os fins a que à partida estava previsto que fossem... já se sabe como é que são os negócios por aí.

AL: mas portanto, realmente são coisas dessas que levam depois... imagine, o IFAP fez os cortes, muita gente considera que foram injustos. Pelo que eu ouço, e pelo que eu leio, está a haver um movimento grande contra aqueles cortes feitos sem base de campo, e sem base nos costumes locais. Porque eu cheguei a ler o tal decreto que levou a que o IFAP tivesse este tipo de iniciativa, que propunha que houvesse alterações nacionais, de cada estado, no que diz respeito à utilização das pastagens. Mas eles lá, pelo que eu li no decreto, eles deixavam em aberto que cada estado aplicasse com os limites culturais ou de utilização local, e isso não foi o que aconteceu aqui pois não? Houve cortes cegos

ACm1: não, porque isso é tratado nos gabinetes, pelas pessoas que não conhecem a realidade e então decidem no mapa. Pegam numa carta geográfica e decidem sobre aquilo. Tinham de ter vir ouvir os responsáveis pela gestão dos baldios. Tinham até que mandar observadores para conhecer melhor a realidade, isso é que era um trabalho sério. Agora não, nunca se trabalhou seriamente

AL: entretanto houve alguns protestos, isso levou a quê?

ACm1: levou a zero

AL: eu sei que na altura eles depois reduziram a área mínima que requeriam para cada CN, como estava a haver muito “barulho” da parte dos baldios, o que me disseram foi que o IFAP à última da hora, antes das candidaturas, baixou a área mínima para cada CN

ACm1: eu depois acabei por não acompanhar isso até ao final, porque como estava para sair não me interessei porque... participei em várias reuniões mas a partir de um certo momento apercebi-me que era tempo perdido e acabei por não continuar a participar em tudo o que... houve uma altura em que participei numa reunião em que estavam federações de várias zonas do país, mas não havia garantia de nada... Claro que numa luta nunca há garantia de nada. Mas apercebíamos-nos que quer fosse de uma forma ou de outra íamos ser sempre encostados à parede... como eu há mais de 30 anos que estava envolvido nisto, já estava um pouco escaldado de ver repetirem-se aprovações de planos directores municipais, do Parque Nacional, por exemplo

AL: o plano de ordenamento

ACm1: o plano de ordenamento do PNPG, foram sempre aprovados um tanto ou quanto violentamente contra as populações. Punham-nos em discussão pública, eram emitidas opiniões, mas depois não aceitavam... os PDM é idêntico, poem em discussão pública, recebem as sugestões, e depois decidem como eles entendem. Depois são sempre os senhores do gabinete que tomam a decisão... Desacredita os políticos, desacredita os administrativos ministeriais, desacredita essa gente toda. Essa gente... não merecem consideração nenhuma porque eles não têm respeito por ninguém, eles só têm interesse por quem lhes interessa pelo dinheiro

AL: e hoje há muitos produtores? De animais aqui na freguesia de Cabana Maior, que usem o baldio

ACm1: enquanto houver subsídios há, quando acabarem os subsídios já não vai haver, as pessoas só têm animais porque lhes dão subsídio, ao contrário não

AL: pois... mas isto não eram produtores que tinham vacas já nos tempos antes dos subsídios?

ACm1: sim, tinham, mas tinham menos, com os subsídios houve um investimento nessa área

AL: não seria rentável ter hoje em dia sem subsídios ter produções animais?

ACm1: eu penso que sim, eu penso que continuava a ser rentável, penso que continuava a ser... mas é muito mais rentável com subsídios

AL: pois, claro... há quantos produtores aqui na freguesia, tem uma ideia?

ACm1: nunca contabilizei, mas

AL: 10... 20...

ACm1: não, mais... mais de 20

AL: e cabeças de gado, tem alguma ideia?

ACm1: não... precisa disso?

AL: só para ter uma ideia de como é usado o baldio

ACm1: se precisar disso para o seu trabalho eu arranjo-lhe dados concretos. Se não precisa...

AL: assim, só para perceber quem é que utiliza o baldio

ACm1: há sempre mais de uma centena de cabeças de gado... há um produtor que só ele tem mais de 50 cabeças de gado

AL: pois, mas são mais produtores...?

ACm1: assim com grandes quantidades não, é tudo com menos quantidades, 4, 5... 8....2, 3...

AL: cabeças

ACm1: sim, não há assim... o único que tem assim várias dezenas é só um... o único claro que tem de ser só um [RISOS] não, eu ia dizer, o único que tem assim essa quantidade é um individuo que sofreu um acidente de automóvel, ia de motorizada, ia um individuo bêbedo, abalroou-o na estrada e deixou-o em estado de coma... horrível, mas pronto. São situações terríveis

AL: [...] e a área que vocês têm actualmente do baldio elegível para pastagem, é suficiente para os produtores que têm? Para eles acederem aos subsídios...

ACm1: é, para receber os subsídios é

AL: e ainda sobra área, ou não?

ACm1: ainda sobra área sim

AL: e há jovens agricultores, ou há jovens que estão interessados em fazer projectos de jovem agricultor ali ou

ACm1: não, não há... não se pode dizer que há vários jovens interessados não...

AL: há muitos jovens na freguesia, não?

ACm1: não. Muito poucos... a emigração leva os jovens todos

AL: e esta engenheira MC está onde?

ACm1: ela é a responsável... ela está em Braga, ela é que é a responsável máxima pela gestão

AL: conhece o CP

ACm1: ah, também, também, o engenheiro CP é excelente, tenho uma relação muitíssimo boa com ele

AL: pois, eu já falei com o engenheiro CP em Braga, não falei com a MC

ACm1: mas tanto um como o outro são pessoas 100%, tanto como seres humanos, como como profissionais, excelentes

AL: mas o CP também actua aqui nesta zona?

ACm1: sim, sim

AL: a engenheira MC foi sempre, além de uma técnica... de uma engenheira digna do cargo que lhe foi confiado, é um ser humano extraordinário, muita dedicação, muito respeito, muita delicadeza, são pessoas do melhor que se podia encontrar

AL: ainda bem para o ICNF também

ACm1: exacto, foi sempre um relacionamento excelente, ainda hoje, ainda há dias a encontrei aqui por acaso... também estive lá 30 anos não é

AL: e também deve conhecer a Sandra não? Da Atlântica

ACm1: ah, sim, também. Ah, a engenheira Sandra também, uma amiga... tornou-se uma amiga

AL: ela é muito disponível, tem-me ajudado também bastante... e agora por falar em CP e tal, agora lembrei-me da questão das ITI, que não queria deixar de abordar... das ITI e não só, e da gestão no geral do baldio

ACm1: eu quando falo da engenheira MC, o engenheiro CP, pronto, não veio à conversa mas também temos sempre uma relação muitíssimo boa. Aliás eu via mais o engenheiro

CP do que a engenheira MC, o engenheiro CP andava mais por aqui. Era ele que vinha sempre quando era das ITI, era ele que fazia sempre os projectos, as reuniões. Com a engenheira MC foi sempre uma relação muito boa

AL: e o que é que acha das ITI? Acha que têm tido um papel importante a nível local e da gestão do baldio

ACm1: tem, as ITI têm trazido dinheiro pelo menos para as limpezas

AL: e aquelas limpezas têm trazido alguns benefícios para

ACm1: trazem benefícios porque isso permite que as áreas limpas possam facilitar o pastoreio e em certas áreas em que há árvores em desenvolvimento, que elas possam crescer melhor, e isso. E no combate aos incêndios também, porque se o terreno não for limpo... se há um incendio naquela zona ninguém pode combater... estando limpo é possível, pode-se fazer corta-fogos, e é muito mais fácil de combater os incêndios. Portanto o grande benefício das limpezas é, em grande parte, é esse... é poder prevenir, por exemplo é combater mais eficazmente os incêndios

AL: e vocês recorrem a empresas para fazer essas limpezas ou fazem vocês mesmos?

ACm1: normalmente... nos meus mandatos recorríamos sempre a empresa...

AL: uma empresa local?

ACm1: sim. Agora, o CD agora já teve um mandato em que teve algum pessoal, com apoio do centro de emprego e agora também tem uma equipa de 2 ou 3 homens

AL: ai é, tipo sapadores?

ACm1: sim, mais ou menos

AL: por acaso a ultima vez que falei com o Joaquim, que foi aqui há uns 2 meses talvez, ele estava precisamente no processo de comprar um carro

ACm1: já comprou

AL: pois, ele disse que nesse dia ia ver um carro. E é precisamente para essas pessoas poderem fazer

ACm1: deslocar-se, poderem deslocar-se

AL: e têm máquinas e tudo mais?

ACm1: têm máquinas para cortar mato, sim

AL: também do próprio baldio... aquisição do baldio?

ACm1: sim, sim

AL: isso também acaba por me levar a uma outra questão, que é

ACm1: e eles têm feito limpezas de caminhos, tem feito melhoramento de... o grande caminho de acesso ao interior do parque, que vai do Mezio para cima, que é o primeiro caminho florestal que ligava aqui o Mezio a Lamas de Mouro, perto da Peneda, perto de Castro Laboreiro também

AL: sim, eu conheço os sítios, eu estou a tentar perceber que caminho será esse, que aquilo parece-me tão longe

ACm1: é o grande caminho florestal que passa no parque de campismo e segue sempre pelo limite do parque e da área não florestada, vai ligar

AL: mas aquilo só mesmo com 4x4 não é? Se for o que eu estou a pensar

ACm1: sim, é um caminho florestal não é uma estrada

AL: passa o rio?

ACm1: ah, sim, o rio tem uma ponte boa, uma ponte de pedra muito boa

AL: ah, sim... não, eu já fui a pé, passei a zona do rio, fui por ali acima, é esse o caminho?

ACm1: não... não é esse, depois do parque de campismo ao chegar ao ribeiro seguiu à margem do ribeiro

AL: não... segui para a esquerda

ACm1: ou seguiu para a esquerda... ah,

AL: assim um caminho mau para os pés... que tem assim muitas pedras

ACm1: ah, bom, está bem, é o caminho florestal, esse é o caminho florestal que foi construído aquando da florestação, nos anos 50, 50-60, por aí, acho que ainda chegou ao início dos anos 60. Mas esse caminho estava muito degradado porque há muitos anos que não era reparado. Agora teve um melhoramento

AL: da vossa parte? Ou do ICNF

ACm1: do actual CD

AL: vocês adquiriram tractor ou foi o carro só? Pergunto porque já vi acontecer noutros baldios

ACm1: o tractor acho que vai ser adquirido... eu não posso falar concretamente sobre isso porque não estou a par. O presidente falou na última assembleia de comparte que estavam a pensar adquirir um tractor, ainda não adquiriram mas

AL: acabam por ficar independentes para fazerem as suas

ACm1: sim, sim, sim, é mais fácil

AL: então têm conseguido gerir as ITI de forma a sobrar dinheiro...? Para poderem fazer essas aquisições, ou não?

ACm1: essas perguntas era melhor fazê-las ao Joaquim²⁶

AL: não, mas nos seus tempos... eu falo agora do seu tempo, ainda geriu umas quantas ITI

ACm1: no meu tempo nós pedimos mas nós não tínhamos carro, não tínhamos tractor, não tínhamos nada. Entregávamos tudo a empresas particulares

AL: pois... mas o dinheiro que recebiam para fazerem as limpezas, sobrava ou era apenas suficiente?

ACm1: o dinheiro que recebíamos não sobrava para outros benefícios, era usado para os fins a que estava destinado

AL: sim, claro, o que eu vejo em alguns baldios é que conseguem gerir o subsídio de forma a conseguirem fazer sobrar ao fim das limpezas e acabam por utilizar... é sempre no baldio, mas acabam por utilizá-lo

ACm1: sim, nós também usámos, usámos alguns valores em melhoramento, por exemplo nós conseguimos melhorar caminhos no interior de todas as aldeias da freguesia com dinheiro dos baldios, com dinheiro desses... conseguíamos economizar, quer dizer, conseguíamos arranjar forma de gerir esse valor fazendo as limpezas da candidatura, ou das candidaturas, e conseguir ainda fazer outros melhoramentos

AL: pois... e agora com esta alteração do PRODER para o PDR, e ainda não se sabia ainda muito bem como é que iam ser, que agora iam ser os apoios zonais, não está a par de como é que isso está a ser implementado

ACm1: eu agora não estou a par

AL: como é que vê os baldios no futuro? Ou seja, com esta coisa toda de alterações de leis, de corte de áreas elegíveis para pastagem, com o despovoamento que está a ser um bocado fomentado através das leis que o estado vai fazendo sair relativamente às zonas rurais, como é que vê isto tudo?

ACm1: eu em termos de previsões eu vejo um futuro... é muito difícil de fazer uma previsão, mas por aquilo que eu tenho observado é assim, os nossos políticos a nível da assembleia da república, eles dificilmente vão conseguir respeitar as populações, melhor do que aquilo que têm feito até agora... a tendência é para piorar, na minha opinião. O jogo dos interesses vai pesar sempre, cada vez mais, cada vez mais, no sentido de as empresas que turisticamente querem explorar estas zonas, e para eles satisfazerem essa clientela as populações vão ficar cada vez mais limitadas no que quer que seja. Eu não vejo... ou tinham que as populações ter um comportamento ao nível geral nacional um comportamento muito solido em termos de posição conjunta, geral, ou então é sempre

²⁶ De acordo com o presidente do CD, quem faz as candidaturas às ITI por Cabana Maior é também a Sandra da Atlântica

muito mais complicado, porque eles lá em cima na assembleia acabam sempre por cozinhar tudo à conveniência e impõem. Não estamos em ditadura mas estamos em ditadura

AL: agora com esta alteração do governo tenho alguma esperança, porque realmente há coisas que se têm verificado que têm vindo a melhorar

ACm1: mas neste governo também sabemos que quando há jogo de interesses em causa poe-se todos de acordo também.

AL: pois isso no sentido de estarmos a falar do futuro dos baldios e do meio rural

ACm1: sim, sim, e aqui vai acontecer, aqui e noutros sectores vai acontecer o mesmo, quer dizer... os partidos poem-se todos de acordo quando há interesses em jogo não é. Agora sabemos que há um grande interesse na exploração destas áreas turisticamente, e isso interessa a certas empresas e essas empresas têm lá os decisores bem colocados para os favorecer

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês também têm aquela questão das ITI...?

AC1: temos, também temos a questão das ITI, das limpezas que se foram fazendo, também tivemos aqueles que... que a Sandra se calhar também já lhe falou sobre isso

AL: dos não produtivos?

AC1: dos não produtivos, de... recuperámos o fojo do lobo, recuperámos lá umas cabaninhas, muito comum aos outros baldios, se calhar com a Cristina que já falou, é tudo comum à Cristina e a todos por aí fora

AL: quando diz comum, houve mesmo um trabalho comum ou é paralelo?

AC1: paralelo

AL: ok, ok. E desses dinheiros das ITI conseguem fazer sobrar para depois investirem noutras coisas ou...

AC1: sim, sim. Eu já... desse dinheiro das ITI dinheiro já consegui que me sobrasse para arranjar a estrada e para fazer outras coisas, outras melhorias que precisamos lá no baldio

AL: ah, a estrada do baldio, no povo em si não têm trabalhado com o dinheiro das ITI...?

AC1: não. No povo em si não, estamos a fazer o melhoramento das estradas do baldio e já estamos a fazer melhoramento para o povo

AL: para toda a gente, sim. Quando eu disse povo estava a referir-me às aldeias

AC1: não, no interior da aldeia não acho que tenha de ser essa a nossa preocupação, isso tem de ser a preocupação da Junta e da Câmara, não temos de ser nós

AL: claro. Não, mas verifica-se em alguns baldios que acabam por faze-lo ou porque a Junta não está presente ou porque... já me disseram que a Junta não tem dinheiro ou qualquer coisa que não está a permitir o investimento devido

[entra a tia de AC1, cumprimentam-se]

AL: e as limpezas vocês fazem como, contratam uma empresa

AC1: uma empresa

AL: ah, contratam uma empresa, não chegaram a investir num tractor ou assim

AC1: não...

AL: pergunto só porque já vi isso noutros baldios

AC1: não, nós não investimos em nada disso, a única coisa que temos, como já falei, é a brigada de sapadores e portanto, e algum dinheiro também que nos sobra das ITI também nos faz falta para os sapadores, porque o que recebemos dos SF não chega, portanto é mesmo isso, como são áreas grandes quando nos candidatamos às ITI, candidatamo-nos a vários hectares para nos fazerem as limpezas, não podemos fazer com os sapadores e temos de ter máquinas próprias para fazer isso então contratamos uma empresa para fazer esse tipo de serviço

AL: ok, ok. E os sapadores fazem que parte desse serviço...?

AC1: para as ITI os sapadores não fazem nada

AL: ah!

AC1: os ITI fazem a outra limpeza que nós já tínhamos protocolado com outras entidades para fazer

AL: ok, ok

AC1: portanto, os sapadores fazem só a limpeza de alguma área florestal, fazem a limpeza de caminhos e fazem também algumas limpezas em algumas áreas nos baldios, mas tudo o que é ITI contratamos uma empresa para o fazer

AL: e os sapadores como é que conseguiram ter essa equipa?

AC1: através de apoios do ICNF

AL: ok, foram eles que vos propuseram ter uma equipa ou... ou foram vocês que procuraram

AC1: não, não, até foi o Parque Nacional da Peneda-Gerês

AL: ah.

AC1: foi através do parque, ouvi falar das candidaturas, dirigi-me lá e eles apoiaram, apoiaram-me na candidatura, foram eles que elaboraram e foram eles que me deram o apoio

AL: ok... e aquela questão, que tenho ouvido falar, que houve um corte na área forrageira pelo IFAP recentemente

AC1: olhe, nós nessa área não fomos quase nada prejudicados, portanto continua tudo bem, há áreas aí que foram muito prejudicadas com a área forrageira, no meu baldio não me aconteceu

AL: porque não havia se calhar as tais áreas que eles andaram a cortar, acho que eles consideram improdutivo as zonas de rocha, as zonas de floresta, não foi

AC1: foi, as zonas de rocha, as zonas de floresta, eu também tenho algumas zonas de rocha, portanto eles, alguma zona tiraram mas aquilo é mesmo rocha portanto considero que também não seja área forrageira. Em relação à área florestal não cortaram grande coisa portanto acho que não fui nada prejudicada

AL: ...mas as ITI começaram quando? Em 2000 e tal não foi?

AC1: opa, eu agora não sei se foi em 2010

AL: mas foi recente não foi?

AC1: foi recente, ou 2009... não sei

Gavieira: AGav1

AL: mas vocês não têm ITI também?

AGav1: também, já íamos chegar aí. E depois temos ITI e por vezes o dinheiro, algum que fica, porque isto das ITI é uma vantagem senão também não chegava, repara, uma equipa de 5 homens, nós temos uma média feita de contabilidade que fica a 75000 Euros por ano, seguros, a manutenção do carro, este ano gastámos 4000 Euros só com o carro, o carro já é velho, conclusão, podemos contar com 80000 Euros só de dinheiro para os sapadores. Imagine, nós temos 35000, com 25000, 50000 não é

AL: uuuh, 60 não? 60000...

AGav1: 60000. Pronto, esses 60000 não chegavam. O que está a acontecer, e a safa de termos aquilo, é que nas ITI por vezes faz-se 20 hectares mas fazemos 40, fazemos 20 e fica algum dinheiro ali para suporte, senão não vai chegar, estás a perceber? E no ano seguinte em vez de se fazerem 20 fazemos 25, imaginemos, hectares, e vamos aí entre nós e engenheiros, controlando assim a situação, estás a ver?

AL: mas como é que fazem para poupar, não percebi muito bem, se têm 20 hectares para limpar

AGav1: imagina, nós agora fazemos 7 hectares de limpezas das ITI, mas eu depois como gestor dos baldios tenho que ver assim "não, 7 hectares vamos gastar x de Euros, mas nós gastámos, temos de pensar que a equipa custa x, se gastarmos os 60000 Euros dos baldios, das ITI não nos vai chegar o dinheiro para o resto do ano para manter a equipa". O que é que eu penso, eu falo com a engenheira, com a responsável máxima "opa, nós não

podemos fazer esses hectares todos” e prontos, o dinheiro vem para os 60000, as ITI pagam 40000 ou 45000, e fica ali uma margenzita para suportar, conforme pode acontecer atrás

AL: portanto, não fazem a limpeza toda dessa vez é isso?

AGav1: e no ano a seguir, imagina, há que fazer 40 hectares, nós agarramos no de trás, vamos fazer 45 ou 50, e se conseguires manter as duas coisas, conseguir fazer os dois trabalhos, ter isto bem controladinho, senão não conseguíamos, não tínhamos hipótese, imagina se uma equipa custa 80000 Euros nós temos 60000... nós só em gasóleo pagamos uma média de 400 a 500 Euros por mês... só de gasóleo para o carro... só de gasóleo, nós fizemos uma estimativa a rondar os 80000 Euros por ano, só para a equipe, mas nós temos 65000 não é, como é que...? O que é que fazemos assim? Depois disso é outra coisa, por vezes há pessoas que chamam, querem limpar propriedades... falam comigo. E pronto, vamos limpar mas é x por pessoa, então esse dinheirinho também ajuda. Porque se eu for mandar limpar a minha bouça, tu falas comigo “olha, eu quero limpar esta bouça”, aquilo é x por dia, pode ser 50 Euros por dia por cada pessoa. Pronto, esse dinheirinho ajuda para o gasto de gasóleo e de gasolina e de material, mas fica sempre algum. Porque se pedes 50 Euros por pessoa, estou a contar gastar só pelo menos 20 de combustível não é, e discos, pronto, há que fazer contas a tudo, senão a gente não consegue manobrar isto, não é fácil, a gestão dos baldios não é muito fácil, a gestão dos baldios... atenção, e se formos a ver há muitos baldios com muitos problemas. Soajo aquilo está aos tombos, porque se eles não se controlarem muito bem, não podes misturar a Junta com os baldios, são entidades diferentes, e prontos, nós temos uma assembleia e a assembleia nem concorda com isso. É uma entidade separada, tem que se manter. A Junta... a Junta se não faz deixa por fazer não é... a Junta não tem problemas, mas nós nos baldios temos coisas a cumprir mesmo, esses 35000 Euros que dão, nós temos de fazer uma certa área de roça e temos de manter os trilhos todos limpinhos, que é muitos trilhos, trilhos e... nós temos trilhos que saem daqui, que é aquele que chamam “pertinho do céu”, que é um trilho que sai daqui, vai correr o topo da serra todo, que são kms de trilho, estás a perceber? Com os 35000 Euros temos que manter, temos um mapa que ao fim do ano o ICN dá-me um mapa, temos aqueles trilhos todos a manter, certinhos, e temos que fazer [*Não se entende*] tínhamos que fazer imagina uns 20 hectares de limpeza. Não fazemos os 20 hectares porque não conseguimos, e é isto, a gente poupa um bocadinho no combustível não é, mas fazer 20 hectares... no caso do ICN, temos de manter tudo o que é trilhos limpinhos, há um trilho que sai aqui da Peneda que vai ao Soajo lá pelo pé da barragem, há muitos trilhos que temos de manter limpos, todo o ano, e depois temos de fazer também uma certa área de... sabes, os azulejos

AL: os socalcos?

AGav1: não, aquelas faixas de limpeza pra fazer...

AL: aaah, mosaicos

AGav1: mosaico, pronto, só que depois eu aqui também não vou muito na... falando assim, na treta deles, porque eu é que estou no terreno, eu é que tenho de gerir o meu dinheiro, o meu dinheiro entre aspas, o dinheiro que me vai vir, porque eles mandam fazer mas depois chega ao fim do ano e pode (...) há sempre no fim do ano que conferir as contas, vou ter que ter tudo certinho. Se estamos com dívida não pode ser, por acaso nunca isso

aconteceu, está tudo certinho, neste momento temos dinheiro, as coisas estão a correr bem... aqui há dias veio aqui um engenheiro, responsável do ICNF

AL: ah, como é que ela se chama?

AGav1: Maria do Carmo

AL: ok. Ela costuma estar aqui é?

AGav1: vem aqui constantemente

AL: mas ela está aonde? Desculpe estar a fazer tantas perguntas

AGav1: está em Braga. Não, pergunta o que quiseres, estás à vontade. Está em Braga, e depois há outro rapaz, chamado Marcos que está em Viana, esse é que é o responsável máximo

AL: do ICNF também?

AGav1: também

AL: ah, destes não tinha ainda ouvido falar

AGav1: e depois temos a representante também da câmara que está ligada à protecção civil, que também é uma engenheira, chamada Xana, não sei se conheces

AL: não... a Câmara Municipal de Arcos não é?

AGav1: Arcos. São pessoas com quem eu praticamente falo todos os dias durante o ano, todos os dias, quase todos os dias

AL: nunca sobra dinheiro das ITI para investir noutras coisas? Tipo... não sei em quê mas...

AGav1: não... nem se deve fazer outras coisas, este dinheiro é só para limpezas, isto é só para limpezas e mesmo assim não chega, mas eu não posso meter este dinheiro no, para fazer um caminho, é para aquilo que é, é dinheiro que é destinado para este tipo de trabalho e não se deve misturar as coisas, percebes? Eu não misturo, nunca misturei, nunca misturei... este dinheiro é gasto para aquilo que é, que é limpezas de trilhos e limpezas de matos, é por isso que ele vem

AL: claro... vocês contratam uma empresa para fazer a limpeza?

AGav1: há uma empresa que vem, que dizer, os engenheiros informam-nos, vêm ter connosco aqui, chegamos a um acordo ao hectare. Mas é assim, eu nunca deixo fazer aquilo que eles querem que tu... imagina, eles querem fazer 100 hectares... não! E depois como é que fazemos? A empresa no dia em que eu lhe entrego a factura quer o dinheiro, que é o que aconteceu em muitos baldios, é que não controlam... imagina, o individuo chega aqui "foram 100 hectares", já aconteceu no Soajo, a empresa emite a factura, diz "no tal dia a factura vai entrar", só que nenhuma das equipas vai a trabalhar, entregam a factura têm de

pagar a factura, ficaram sem salário quase 5 ou 6 meses para os funcionários... por má gestão!

AL: mas era da Junta então?

AGav1: não, isto eram terrenos baldios

AL: Mas quais funcionários ficaram sem salário então?

AGav1: os sapadores, então o gajo emitiu a factura, os tais cento e tal hectares são 200000 Euros, foram mil e tal Euros mais IVA, um absurdo, emite a factura e claro, não há dinheiro para pagar, isto é complicado, isto há coisas que não têm em conta, não é chegar aqui e fazer e fazer e... não, depois há que todos pagar. A equipa de sapadores recebe todos os dias ao fim do mês, são 5 elementos, 700 Euros cada um, não há hipótese, são 3000 e tal, mais 600 para gásóleo, há que contar sempre com uma média de 5000 e tal Euros só para a equipa de sapadores, entre gásóleo, gasolina e salários, e depois ainda tens mais 1000 e tal de caixa... de segurança social

AL: ah, sim, sim, sim

AGav1: são mil e tal de segurança social para eles, quer dizer não chega a 5000 e tal mas quase 5000 Euros só por mês para a equipa, quer dizer, há que fazer contas à vida

AL: sim... mas a principal receita são as ITI então?

AGav1: não são as ITI, as ITI são um projecto, pode não ser este ano e pode não ser para o ano. A receita mesmo são so 35000 Euros, isso é que é a receita, e depois o protocolo que temos com a Câmara também não é seguro, por acaso, temos um ano que ele não fez, o anterior, fez 4 ou 5 anos seguidos e a seguir não faz o protocolo

AL: e era o mesmo presidente?

AGav1: na altura era, era que estou aqui no 3º mandato e eu fiz mandatos com ele, e foi no 2º

AL: fez o quê? Desculpe...

AGav1: fiz dois mandatos com este presidente, estive 8 anos com ele e foi no 6º ano que ele falhou, portanto os 4 primeiros mandatos correu muito bem, os primeiros 4 anos, o 2º também correu bem os dois primeiros, a seguir falhou-nos ali com o protocolo

AL: mas qual era a razão? Não havia dinheiro...

AGav1: não sei, não sei

AL: (RISOS) é a crise

AGav1: e agora estamos com protocolo com este actual presidente que é um rapaz novo

AL: nos Arcos

AGav1: nos Arcos

AL: desculpe perguntar isto tantas vezes, mas ainda me faz alguma confusão a divisão autárquica das várias aldeias

AGav1: o que estava na altura também, ele deve ter agora 52 anos, esteve lá 20 anos na Câmara como presidente, o que saiu, o anterior... tem agora 52 anos, ele estava na câmara há 25 anos como presidente, foi um bom presidente. O que está agora lá era vice-presidente, é um rapaz novo

AL: ah, eu conheci foi o Inocêncio de Entre-Ambos-os-Rios que é presidente adjunto ou que é, conhece-o?

AGav1: sim, ele é vice-presidente de câmara agora

AL: ou vice-presidente. Eu conheci-o agora por causa do baldio não é

AGav1: pronto, também é presidente dos baldios, e não sei se também é presidente da Junta

AL: ah, não sei, não me lembro

AGav1: acho que já foi presidente de Junta

AL: talvez, agora não me lembro, sei que tem lá

AGav1: agora eu sei que é, parece-me que é o vice-presidente da Câmara

AL: é, é, ele disse-me que era o presidente adjunto, que deve ser a mesma coisa que vice-presidente da Câmara. Mas eu nem sabia, eu fui lá à Câmara não fazia ideia do que é que ele estava lá a fazer

AGav1: é um rapaz novo?

AL: sim

AGav1: eu acho que ele até é... não sei se ele é presidente de Junta, se não é presidente de Junta também, presidente dos baldios sei que é

AL: é, é, é, foi por isso que eu fui falar com ele

AGav1: o rapaz é... e depois também temos o Secundino, que esse então é um castiço do caralho, o de Lindoso

AL: Lindoso, que personagem

AGav1: esse é... esse é mesmo uma coisa única, boa pessoa, uma maravilha

AL: eu gostei de o conhecer, ao início entrou retraído, não me deixou gravar a conversa, mas depois no fim já disse “volte, volte, com o gravador”

AGav1: opa, aquilo para a brincadeira não há melhor

AL: sim, sim. Isso é outra coisa, aqui no baldio cedem área aos produtores para as pessoas conseguirem subsídios?

AGav1: sim, sim... até aqui repare, até aqui dávamos x hectares por pessoa, porque nós tínhamos muito baldio, mas houve uma redução neste ano, sabe dessa situação, que eles reduziram ao rochedo e ao arvoredado, por exemplo nós aqui... quase 70% foi à vida, isso foi mal feito porque... há um rochedo mas em cima do rochedo, a vegetação por vezes nasce aqui mas depois cobre o rochedo, imagina, a vegetação nasce e depois cobre e depois a parte da rocha já está coberta com vegetação, ali em baixo consegue ver bem. Mas pronto, decidiram assim e o que é que eu vou fazer? Nós dávamos meio hectare por cada vaca na altura, depois podia dar mais

AL: dava meio ou dava um?

AGav1: um, mas chegámos a dar 2 e meio, inicialmente, mas este ano com a quantidade de animais que temos, temos que optar por dar só dois... acho que é dois por 6, que assim nem chega a meio hectare por vaca, estás a perceber?

AL: e eles aceitaram?

AGav1: tiveram que aceitar, não tiveram outra hipótese

AL: eles assim recebem menos dinheiro não é? Cada produtor

AGav1: eles são um bocado penalizados, não pelos animais porque eles recebiam pelo baldio, estás a perceber, imagina, se tinham 20 hectares, se recebiam de 20 hectares recebiam [?] mil Euros, e agora só recebem 10 [?] não tem nada a ver com os subsídios, os subsídios não tem nada a ver, a parte do baldio ter essa vida é que acho que foram um bocado prejudicados porque eles recebiam por baldio

AL: pois, são muitos? São para aí o quê? Cem?

AGav1: neste momento tínhamos para aí 3000 vacas, deve ser a freguesia do distrito de viana, ou até diria... se calhar, sei lá... que mais animais tem, temos muitos animais... temos muitos animais

AL: e muitos produtores também?

AGav1: sim, muitos

AL: quantos é que são para aí?

AGav1: agora acho que anda para aí... não sei, eu podia saber ao pormenor, tenho tudo em casa, mas para aí uns 80

AL: 80 produtores, em todos os lugares não é? Tudo junto

AGav1: temos produtores com quantidade e produtores só com 3 e 4 também não é, temos aí pessoas que estão reformadas e têm 4 vaquinhas para se entreter, mas também têm direito ao baldio não é. Mas temos aqui pessoas com 150 cabeças de gado, um casal com 150 vacas

AL: e acha que é só para aproveitar os subsídios ou mantêm os animais e uma produção mesmo bem...

AGav1: não, vamos dizer, não mantêm a 100% mas vamos dizer que mantêm a 75% os animais. Pronto, a cachena, isto é produção do tipo biológico sabes, isto é uma carne que tem fama, a carne da cachena biológica é um balúrdio, e é [*? Não se entende*], não se come em todo o lado, até eu acho... que cá para cima nem se come carne de cachena porque a carne de cachena é caríssima. Eles podem por mas estão a enganar as pessoas, pronto, eles têm subsídios, têm produção, eles também têm que se encostar um bocadinho ao serviço porque eles têm muita produção e depois é assim, este ano também... têm o subsídio da vaca, mas se a vaca não produzir, que é isso que acontece, se a vaca não produzir naquele x tempo, acho que lhe cortam o subsídio. Pois se a vaca não andar minimamente tratada não consegue, não tem a cria, percebes? Andavam aí muitas ao abandono, mas agora com isto que eles fizeram agora se a vaca depois de 8 meses se a vaca não der produção, aquele animal vai à vida... o que é que acontece? Eles agora têm que, mesmo que não queiram eles têm que gastar com os animais, porque é assim, se a vaca não pare, imagina, a haver vacas que não parem eles cortam o subsídio, por isso eles agora vão ter de fazer as coisas com um bocado de cuidado. Estás a perceber? Há aí muitas pessoas com 4 vaquinhas, com 5... mas também temos muitas com 100. Neste lugar, no lugar do [*? Não se entende*] só há um, mas aqui neste lugar, no lugar de Rouças e na Peneda também tem muitas

AL: o AGav1 não tem? Ah, é construtor...

AGav1: eu por acaso não tenho, tenho muitos campos mas por acaso não tenho animais

AL: chegou a emigrar ou esteve sempre aqui?

AGav1: emigrei, emigrei

AL: ah, muito tempo?

AGav1: dos 18 anos até aos 28

AL: dez anos

AGav1: e depois vim para cá e prontos... eu gosto disto, eu gosto disto

AL: está bem... e agora só uma derradeira pergunta... o baldio também tem servido para fixar jovens aqui? Tipo, através de projectos de jovem agricultor, ou mesmo através de questões relativas ao turismo...

AGav1: temos aqui projectos de agricultores, temos 4

AL: de jovens?

AGav1: há 4 casais jovens, optaram por... pronto, tudo [*? Não se entende*], mas fizeram um projecto, o baldio cedeu-lhes o espaço

AL: portanto, o baldio acaba por ter um papel realmente importante a nível local...

AGav1: importante! Até é a única hipótese que nós temos para fixar aqui alguém neste momento, é o baldio... tem de se fazer uma boa divisão de baldios que não complique a vida a ninguém que tente ajudar, esta é a parte que temos... é o único que temos para fixar alguém, no caso das Rouças temos 4

AL: jovens agricultores

AGav1: 4 produtores, e temos agora mais dois projectos em curso também, e acho que vai vir um outro terceiro... prontos, também é o que nos resta, porque outros trabalhos não há, e é assim, foi por aí, e acho que é a única parte que temos para poder fixar alguém

Gondoriz: AGo1

AL: (...) mas pode dizer, não é o primeiro baldio em que acontece haver privados no meio dos baldios

AGo1: o baldio de Gondoriz foi criado... está na comissão de compartes para... quando nós ganhámos as eleições a primeira vez, para fazer uma candidatura aos sapadores florestais

AL: isso foi em que ano, só para ter uma ideia?

AGo1: 2006... acho eu, foi 2006 que tratámos disso. E então fizemos a comissão de baldios e tentámos criar a comissão de... fizemos a candidatura só que não conseguimos a aprovação, porque depois começava a haver muita gente e já havia aqui muitas e não foram consentidas, a equipa de sapadores.

AL: a equipa de sapadores?

AGo1: a equipa de sapadores. Acontece que o nosso baldio só tem pedra, não tem mais nada, não tem árvores, não tem qualquer rentabilidade... e esteve assim durante muito tempo... passávamos os... as fichas para os agricultores meterem lá o pasto. Depois apareceu uma, umas candidaturas que se puderam fazer que foram as ITI, que era limpezas, que foi quando nós fizemos as candidaturas, e era aí que nós buscávamos verbas

AL: e isso foi em que ano, só para me situar...

AGo1: foi para aí em 2008 se calhar, não lhe posso precisar. Pronto, fizemos essas candidaturas e o baldio resume-se a isso

AL: e há aqueles investimentos não produtivos, também não têm usado? Tipo para... não sei vocês aqui têm, mas para revitalizar as cabanas

AGo1: é, fizemos lá a reconstrução de umas cabanas, a reconstrução do fojo, mas isso também não me interessa porque é muito trabalhoso e não deixa rendimento nenhum

AL: pois, é mais a pensar no turismo, acho

AGo1: não é para o turismo, aquilo é para quem faz ganhar dinheiro

AL: ahn?

AGo1: aquilo é para quem faz ganhar dinheiro

AL: ah, também. Dá trabalho, é bom

AGo1: o dinheiro tem de ser pago na totalidade, não é, e depois os trabalhos não correspondem bem ao dinheiro que se paga... não tem interesse, eu fiz dois e não me apetece fazer mais. Depois o IVA, o IVA... por acaso eu tive sorte porque os [*Não se entende*] do IVA têm de ser pagos pela comissão de compartes, eu não... ITI só, o resto não...

AL: isso é uma coisa que eu não perguntei, quantos lugares é que tem aqui a freguesia?

[faz uma descrição imensa de lugares – eu tirei uma fotografia de um papel onde estava a lista]

Nós temos área urbana e temos área de monte

AL: a área urbana é bem grandinha também, o monte é 900 e tal hectares, e a área urbana...

AGo1: não, a zona mais urbana é a zona do Pujido e tal, depois temos lá em cima os lugares que é a zona mais rural

[tiro a fotografia à lista]

AGo1: ah, mas isso já ultrapassa os baldios, isso já é freguesia, não tem nada a ver com os baldios, freguesia é só lá no alto mesmo

AL: ah, mas o baldio é da freguesia inteira não é?

AGo1: é

AL: toda esta gente pode pôr lá os animais. Não é?

AGo1: não, os burros estão cá em baixo

(RISOS)

AL: está mesmo fartinho destas pessoas estou a ver

AGo1: como é que toda a gente pode pôr lá os animais se os hectares não chegam para os animais que há

AL: não, mas isso é no papel não é, isso é para ganharem os subsídios

AGo1: não, não, não podem, não podem, não podem não. E os animais não podem estar todo o ano lá no monte

AL: mas espere, todos os compartes têm direito a pôr lá os animais ou não?

AGo1: todos os compartes têm direito ao baldio, só que quando não chega para todos

AL: eu pensava que não chegava para todos no sentido de não concorrerem ao subsídio

AGo1: só podem ter lá animais quem tiver área, que a área é delimitada na [*? Não se entende*] para eles. As outras pessoas não podem ir lá

S: se tiver animais e não tiver subsídio pode lá ir, quer dizer eles não sabem qual é que é o meu e o dos outros

AL: pois

AGo1: não pode

S: é assim, eu se tiver aqui um burro e o levar lá para cima

AL: pois, quem é que vai reparar?

S: sabes lá se é meu, se é de quem

AL: é isso, a ideia com que eu tinha ficado é que essa divisão dos hectares tinha a ver só com os subsídios

S: sim, é, mas quem tiver animais e que não tenha subsídio...

AGo1: não, o que acontece aqui é que há pessoas que têm baldio mas os animais não vão para o baldio. Têm baldio só para buscar o subsídio porque não têm terreno que chegue para

AL: pois, era assim que eu entendia essa questão da área

AGo1: nós temos um problema que é com as candidaturas das ITI, que estouraram o encabeçamento, então nós não podemos candidatar-nos às ITI, então o que é que o engenheiro Duarte tentou fazer e acho que conseguiu, foi justificar que, o encabeçamento contava tudo como hectares de baldio, mas as pessoas têm terrenos próprios em que precisavam do baldio para por o número de cabeças que tinham mais o terreno deles. Pronto, e foi isso que teve de ser justificado e acho que foi aceite porque senão já nem às ITI conseguíamos ir. Está a perceber? Agora, com os terrenos que as pessoas têm mais os baldios consegue-se área... mas agora há aqui pessoas que querem baldio e não há

Sistelo: ASi1

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, por porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

ASi1: [...] é mosaico, num é plantação, noutro é queima, noutro é desbaste, noutro é não sei quê, ora, fizemos uma candidatura aos mosaicos, e a assembleia deu-me poderes para eu fazer a candidatura e fazer toda a papelada relacionada junto do IFAP, e agora pedem-me a acta em que nós pedimos a candidatura, tem algum jeito isso? Eu não entendo, eu não entendo, e ninguém entende isto. O monte de papelada que anda aí... e depois, para o PRODER, temos primeiro de fazer e depois pagam-nos. Nós temos de pagar, justificar que pagámos, como é que nós temos dinheiro, temos de ir ao banco... onde é que nós temos o fundo de maneio, não é? Temos de ir ao banco, pedir dinheiro para fazer uma coisa pública para depois nos pagarem... isto é um contrassenso, só no nosso país é que se atura isto

ASi1: não recebemos dinheiro, eu faço candidaturas que ainda me estão a dever dinheiro... só que ninguém acredita, pensam que aquilo tem lá dinheiro, eu faço candidaturas de 100 000 Euros, cento e tal mil Euros

AL: candidaturas para?

ASi1: o baldio, as ITI, INP, agora vou-me candidatar lá para os...

AL: isso é o quê?

ASi1: é PRODER. Estou sempre a trabalhar, tenho um tractor, tenho uma carrinha, estamos equipados

AL: vocês não contratam uma empresa para limpezas

ASi1: fazemos algumas nós e outras contratamos, não podemos porque é muita coisa

AL: então são vocês, é os sapadores que fazem naqueles sítios

ASi1: os sapadores e é uma empresa que contratamos, por concurso público

AL: é aqui da zona a empresa?

ASi1: é de Braga

AL: ah... e sobra dinheiro das ITI? Conseguem fazer sobrar?

ASi1: bem gerido sobra, das INP não, mas das ITI sobra, se for bem gerido não é, senão não chega

AL: têm conseguido fazer sobrar

ASi1: sim, consegui comprar um tractor, consegui comprar mais umas coisas, equipamentos

AL: e fazem algum... sei lá... esse dinheiro também é usado na aldeia, para fazerem alguns trabalhos ou não

ASi1: uns caminhos, acesso a baldios, tudo que diga respeito a baldios, ainda agora fizemos uma obra de 10 000 Euros, de 12000 Euros, que foi para beneficiar os baldios

AL: obra de quê?

ASi1: obra de acesso aos montes, lá em cima, serve as brandas, serve a população e serve os baldios

AL: e as brandas ainda se fazem?

ASi1: ainda

AL: ai sim. Eles mudam-se mesmo não é? Para uma aldeia em cima

ASi1: agora não, porque agora têm os jeeps e têm os tractores, mas antigamente mudavam-se mas agora como têm os meios de comunicação, têm as máquinas, mas há brandas são trabalhadas

AL: portanto chegam lá, deixam lá o gado...

ASi1: deixam lá o gado, têm lá os fenos, tem batata, em alguns lados, em todos já não, têm as casinhas arrançadas e estão lá

AL: e estão lá?

ASi1: comem lá, cozinham lá ao meio-dia muitas vezes

AL: e dormem lá?

ASi1: não, dormir lá já não

AL: ai já não

ASi1: é difícil

AL: e é no baldio a branda?

ASi1: é. São todas as brandas, são todas nos baldios

AL: e há caminho até lá?

ASi1: [*? Não se entende*] noutras que não tem vão até um certo ponto e depois vão a pé e depois metem-se no *jeep*, ou agora têm as motoquatro, agora as motoquatro vão a todo o lado

AL: ah, eles têm motoquatro?

ASi1: têm motoquatro

AL: curioso... e há muito gado aqui em Sistelo?

ASi1: umas centenas deles

AL: pois... como é que foi a entrada da floresta aqui? Tem alguma noção?

ASi1: a floresta naquele tempo foi imposta, isso foi imposto não é e... estava bem estruturada, em termos de floresta era muito bonita, nasci e fui criado aqui na floresta e vi a floresta crescer e gosto muito da floresta, mas depois foi toda delapidada, foi tudo incendiado, tudo... e depois entrou naquela altura o fomento e que estragou tudo o que era património cultural, todo o património construído que havia, os regos de água, as levadas de água, os tanques dos guardas-florestais, estava tudo em pedra, foi tudo estragado, foi tudo roubado

AL: por quem?

ASi1: por quem, foi naquele tempo... as máquinas do fundo de fomento estragaram muita coisa. Agora... temos casas florestais, as casas florestais estão abandonadas no meio do monte, qualquer gajo chega lá, pega numa pedra e rouba, não se vai atrás de ninguém. Mas se for uma entidade ou uma freguesia a tomar conta daquilo já há problemas. Pronto, sou a favor que isso... que não fosse vendido ao desbarato, portanto, o terreno que existe à volta das casas florestais é da freguesia

AL: é do baldio... não é?

ASi1: é do baldio, é da freguesia, dos compartes. O terreno da casa é dos compartes, eles só têm as pedras. A Direcção Geral do Património só tem as pedras, podia negociar com a Junta de Freguesia, negociar com os CD em ceder aquilo por um preço simbólico. Teima em não querer saber nada, estamos neste impasse. E há casas de muito valor, há umas mal situadas mas há casas bem situadas que podiam estar a ser rentabilizadas e neste momento não estão. Como... fazer para combater os incêndios, fazer represas de água, ou uns tanques, pá, é proibido tudo, neste país é tudo proibido. É tudo proibido, não se pode fazer nada e depois para se fazer é preciso contactar várias entidades, nós estamos a falar de uma coisa que temos que recorrer a 3 ou 4 entidades, e que uns não se entendem com os outros. São todos... são antagónicos, não se complementam uns aos outros, em vez de ajudar não, só complicam, neste país só existe para complicar. Lembro-me aqui há uns anos atrás, para aí há uns 8 ou 10 anos fiz uma plantação de 400 hectares, 300 a 400 hectares de plantação. Depois de ter para aí 5 *dossiers* e devido a várias entidades que não se entendiam uns com os outros, porque um não queria isto, o outro não queria aquilo, o outro era melhor isto, era melhor aquilo... portanto, havia várias entidades e ninguém se entendia uns com os outros para fazer nada, até que eu cheguei a uma certa altura, carreguei aqueles papéis todos e aqueles *dossiers* todos e vim-me embora, até disse para a engenheira que estava comigo “vamos embora que isto é impossível”. Porque é que nós temos na floresta 3 ou 4, ou 5 entidades a mandar? Bastava uma, uma entidade que mande bem chega uma

AL: era tipo o quê? A Câmara Municipal; o ICNF...

ASi1: a Câmara Municipal, o ICNF, o IFAP, o... sei lá quantas entidades eram, eram os gajos da água, os gajos da... sei lá, é uma complicação, é uma complicação... é uma complicação

para se fazer alguma coisa. Uma pessoa apresenta um projecto... por exemplo, agora vêm-nos dar árvores para a gente plantar nos baldios, muito bem, sim senhora. Só que essas árvores vêm no verão, e quando conseguem dar com a papelada toda quando as árvores chegam aqui já chegam secas. No outro dia deram-me 5000 árvores estavam secas, “não é possível plantar isso, isso não é para plantar em maio ou junho, não pode ser, têm de nos dar no inverno para plantar no inverno, as árvores no verão estão secas”.

AL: mas deram-vos isso por que carga de água, as 5000 árvores, isso foi inserido em que projecto?

ASi1: não sei o nome do projecto, mas é o parque que nos fornece as árvores mas quando chegam cá, chegam muito tarde

AL: e vocês aqui conseguem gerir as ITI de forma a conseguirem fazer sobrar dinheiro?

ASi1: quer dizer, nós estamos em zonas difíceis, geograficamente a nossa freguesia é muito mal situada e através de concursos, através de se espremer muito conseguimos ter algum retorno mas muito pouco, muito pouco porque o hectare de limpeza fica-nos muito caro. Nós temos sítios em que... portanto, isso é delineado por eles lá nos escritórios, não é, como sempre foi, e depois temos de fazer em partes em que temos de andar presos por umas cordas para conseguirem cortar o mato não é e isso acarreta-nos muita mais despesa. Há freguesias, por exemplo, nós temos zonas em que nós até fazemos com um tractor com a limpeza não é, fazemos com um tractor, e há zonas que é manual não é

AL: e compraram um tractor?

ASi1: temos tractor, temos carrinha

AL: conseguiram comprar isso com o dinheiro das ITI?

ASi1: conseguimos economizar e conseguimos comprar, e temos também uma carrinha equipada com um kit de incêndios, leva 500 litros de água, uma 4x4, uma que nos foi cedida pela EDP, fizemos o pedido à EDP eles deram-nos uma carrinha e temos um tractor e temos esta brigada de sapadores que nos dá apoio, senão não podíamos ter não é?

AL: então assim se calhar não têm que pagar a empresas, ou têm de pagar a empresas na mesma?

ASi1: mesmo assim temos de pagar a empresas porque os sapadores não conseguem, nós conseguimos com o tractor e com os sapadores... por isso é que nós conseguimos economizar dinheiro, com o nosso tractor e com o pessoal nosso

AL: os tais sapadores que são da Atlântica?

ASi1: da Atlântica. Conseguimos fazer com menos dinheiro, porque... mas nas outras zonas que têm mais declive, mais acentuadas, nós não conseguimos limpar porque torna-se muito caro, não temos máquinas para isso, isso só com uma empresa especializada

AL: agora com esta coisa do IFAP ter diminuído as áreas de pastagem nos baldios, também sofreram aqui muito com isso?

ASi1: toda a gente sofreu não é, nós por acaso como somos uma freguesia de muitos baldios, cortaram-nos alguma percentagem, cortaram-nos mais de 400 hectares de pastagem, mas conseguimos que a população não ficasse a perder, conseguimos mais ou menos distribuir pelas pessoas

AL: quantos têm desculpe, de área forrageira?

ASi1: temos 900 hectares, tínhamos 1300, perdemos à volta de 400 hectares

AL: e isso houve alguma luta contra não foi? Não deu nada?

ASi1: não deu nada, está delineado, o que os senhores decidiram, quem manda no nosso país já não somos nós, já é a CEE que manda não é? Com certos entraves, com certas coisas, mas... nós não sofremos muito, houve freguesias que sofreram muito, nós não sofremos muito, conseguimos distribuir equitativamente pelas pessoas e ninguém ficou a perder

AL: e por exemplo, se alguém quisesse vir de novo, um jovem agricultor

ASi1: ainda temos algum, ainda temos alguma disponibilidade

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: E eu sei que nesse, quando me apresentei, antes de me apresentar já tinha feito uma candidatura de 180 000 Euros das ITI

AL: antes de ser presidente?

PB1: antes de ser presidente, consegui isso, consegui e quando foi que eles votaram nas eleições nós tínhamos que apresentar a candidatura até ao 31 de março, não, de abril, até ao 31 de abril, e eu tomei posse no dia 28, não 26, desculpe. No dia 26 é que nós tomámos posse, eu tinha uma margem muito pequenina para entregar esses documentos todos. Mas eu como tinha relações com bastante gente e conseguimos então fazer essa candidatura

AL: com a ajuda de alguma associação ou

PB1: não, não, não, não foi nenhuma associação, foi de um rapaz que faz também... de um homem que faz parte também, não é do CD, é do conselho de fiscalização, que trabalha no parque. E então por intermédio desse rapaz fomos buscar, falámos com os engenheiros, tivemos reuniões e falámos e falámos, e conseguimos essa candidatura. Quer-se dizer, quando tomámos posse que foi num sábado, na 2ª feira eu fui a Braga entregar a candidatura e safou-se. Mas é que essa candidatura logo a seguir foi botada abaixo, dizendo que a acta que não era legal

AL: quem é que disse isso?

PB1: o presidente antigo, que a acta que não era legal, e nós fizemos uma acta minuta, a acta minuta é legal

AL: eu não sei muito bem o que é uma acta minuta

PB1: uma acta minuta é de uma hora para a outra, nós estamos aqui, vamos votar, votam-se os pontos todos, são votados e a acta está preparada e só assinar o presidente da mesa e acabou-se. E então mandaram-nos dizer que a acta que não estava legal. Eu podia, como eles, escrever um correio a dizer que essa acta que não estava bem esclarecida, bem esclarecida não quer dizer que não é legal, para mim não é... bom, e que tinha de fazer uma nova assembleia para votar a acta, e eu escrevi que as actas que não são votadas, as actas são os pontos que são discutidos, não há votação de actas, os pontos são discutidos, os pontos são votados ou contra ou a favor. E eles queriam nesse caso que eu, ao fim da reunião, na próxima reunião que lesse a acta e votasse a acta, e eu disse-lhe “não! A lei não permite isso, os pontos são discutidos, são votados, a acta é lida na segunda reunião, mas está aprovada. E ali fez um bocado de confusão, como todos, todos faziam um bocadinho de confusão, isto os compartes são novos, eu sou o 3º presidente dos compartes... fazia um bocado de confusão a toda a gente e havia uma rapariga que é engenheira, que é a Ana Silva, não sei se já ouviu falar...

AL: não, mas ela está aonde?

PB1: ela está aqui na Ponte da Barca

AL: ok, engenheira florestal é isso?

PB1: é.... E nesse caso ela disse “porque é que vocês não fazem as actas minutas? E eu respondi a essa senhora que não vale a pena fazer actas minutas, os pontos são votados e a acta está aprovada”, não havia outra coisa a fazer... e a seguir começaram-se a fazer assim as coisas e as coisas começaram-se a acalmar mais, alguns pontos votaram contra e nós metemos na acta. Os pontos que eram aprovados metíamos na acta e a acta era lida consoante correu a reunião e terminou.

Mas quer-se dizer que nós no primeiro ano tínhamos 200 e tal mil de candidaturas e foi tudo ao ar

AL: no 1º ano que os compartes se organizaram ou no 1º ano que o senhor entrou?

PB1: que eu entrei. E quando entrei fui a ver que ele devia uma média de 30 000 Euros... muito dinheiro

AL: a quem, a empresas...

PB1: a empresas, a advogados, ao estado propriamente, e então eu pensei em entregar esses documentos todos a um advogado e está em tribunal, agora vamos lá a ver. Mas isso não interessa... isso não interessa, mas, quero dizer, os compartes aqui são um bocado complicados, a zona Parque é muito complicada, e a zona Parque a nós não nos favorece nada, porque isto nós temos de andar sempre em cima sobre as novas leis

AL: mas o dinheiro das ITI não vos chega para fazer isso tudo?

PB1: o dinheiro das ITI é um bocado complicado... ele não é complicado, quando sabemos que fazemos as candidaturas das ITI é por 5 anos e dá uma média parece-me que este ano de 30 e... ano passado era 37 000 e agora parece-me que passou para 27 000 por ano. Mas quer dizer, essas candidaturas são feitas como? Fazemos a candidatura, ela é aprovada, mas nessa candidatura temos um roço de 5 hectares por ano para fazer, no pastorício, tudo o que é pastorício, se nós fazemos... a senhora faz a conta, 5 hectares a 2000 Euros, lá vão 10000 e tal Euros embora, o que é que nos fica? Ora se vai fazer as limpezas todas às casas, nós estamos desgraçados, nós temos de ir para tribunal. E eu disse muitas vezes, “você vão para tribunal”, eu lá estou para responder aos actos, se não há dinheiro o que é que eu vou fazer? Para a prisão não me levam que eu levo uma letra²⁷ comigo, nesse caso demissiono-me já, deixo a carta no tribunal, de demissão. E depois vocês vão-me fazer como fizerem vocês, quem é que o faz? É o Estado que tem de o fazer-lo, não sou eu. Enquanto se passam as leis, e as eleições, e se fazem novas eleições e fazem tudo... e as eleições eu posso-me apresentar, posso ganhar outra vez, posso embaralhar as coisas outra vez e estamos num sarilho. E quer-se dizer que é um bocado complicado para nós, os compartos aqui vivem... praticamente não têm nada

E a outra coisa também que eu falei é sobre as vacarias, que nós temos aqui vacarias que não são vacarias, são hotéis...

AL: recebem o subsídio para fazer vacarias...

PB1: e no fim de 5 anos... é deles. Isso é que não está nada correcto, eles recebem 60, parece-me que é 60% ou 70... para a vacaria, fazem vacarias em prédio, tudo em pedra, mas a pedra é toda em corte, eu posso a levar a duas vacarias, tu vais dizer “isto é impossível de ser uma vacaria, é impossível”, e ao fim de 5 anos eles fazem o que querem, a vacaria é deles, terminou, eles vendem o gado e ficam com uma casa num local onde não é permitido construir, isso é que eu estou contra, já disse tantas vezes, já fui à Câmara umas poucas vezes, queriam fazer uma vacaria ali ao pé da capelinha da Senhora da Penha e eu disse “isso fazer não fazem”

AL: aquela zona muito turística onde tem um restaurante?

PB1: não, não, ali na Pena, na Senhora da Penha

AL: pois, não é onde há um... um.... Um santuário?

PB1: não

AL: ah, Nossa Senhora da Peneda! (RISOS)

PB1: não, não, não. É a Senhora da Penha, é aqui à beira de...

AL: ok, ok

PB1: e queria lá fazer uma vacaria, e eu disse a esse senhor “olhe, escolha outro sítio, só se não puder eu vou botar a vacaria abaixo, mas olha que eu vou tentar”

²⁷ Do francês *lettre*, provavelmente

AL: mas porquê? Porque é que ali não era bom?

PB1: porque é à beira de uma capelinha, à beira de um cemitério... vacaria? Por amor de deus! E eu disse a esse senhor “olha, o que eu te posso fazer é ir contigo ao Parque, escolhemos uma zona e tu fazes a vacaria, vou contigo à EDP para te meterem lá a electricidade, a água és tu a resolve-la, não sou eu nem é mais ninguém. E esse senhor teimou, teimou, teimou que queria fazer a vacaria, fez três vezes o processo e três vezes ele veio embora. Que eu fui junto dessa senhora, da Doutora Eulalia e disse-lhe, olhe, eu levo-a lá ao local e a senhora diz é impossível... mete as mãos na cabeça e diz que aquilo não é uma vacaria”. E quando ele diz vacaria... foi como eu disse à doutora “oh doutora isso não é uma vacaria, uma vacaria é uma casa que tem currais, isso é uma cavalaria então! Isto não é vacaria, é uma cava... os cavalos é que entram dentro da...e uma vacaria com uma chaminé?”. Diz ela “realmente...”. Três vezes que foi ao IFAP foi tudo eliminado

AL: e não chegou a ser construída?

PB1: não chegou a ser construída e nunca mais é... e nunca mais é. Agora, as vacarias aqui, uma vacaria eles fazem o projecto para 5 anos, depois fazem... como há aqui um senhor que diz que tem 180 vacas e quando íamos a contá-las tem 40 ou 50 e está a receber 180 Euros por cada vaca e depois não é só isso, é o terreno pastorício que eles têm, por exemplo esse senhor quando eu entrei tinha 400 hectares, e nós, aqui na freguesia de Britelo tínhamos 980 hectares, só ele tinha metade da serra

AL: estamos a falar do baldio

PB1: dos baldios. E porque é que tinha metade dos baldios? É simples, porque cada hectare estava a 250 Euros, e quantos mais hectares ele tinha mais ele ganhava. E eu quando entrei achei aquilo um bocado estranho, quando fui à cooperativa a Braga, não, ao ministério da agricultura a Braga, pedir um levantamento dos hectares que havia distribuído a cada pessoa, e quando eu faço o cálculo aos hectares que tinha vi que ele tinha metade do terreno, do baldio, ele “não sei”, digo “mas é que eu vou-lhe cortar” e essa senhora que estava lá, uma senhora de idade, disse-me “faça cautela ao cortar desse senhor, você tem que rectificar se eles foram dados em assembleia de compartes”. Mas como eu tinha seguido os compartes nas reuniões todas, eu sabia que não tinha sido votada aquela lei e disse a essa senhora “não foi votada!”. “Oh senhor João, o melhor que faz é pega num livro de actas e rectifique as actas todas”, as actas aqui normalmente por Lei são duas

AL: duas reuniões anuais

PB1: é em Dezembro e é em Março a apresentação de contas. Eu já fiz mais, eu por ano com certeza fiz para aí umas 8

AL: (RISOS)

PB1: sim, sim

AL: reuniões extraordinárias?

PB1: faço as actas para dar a perceber às pessoas o que era antigamente e o que é agora

AL: mas faz actas de reuniões que existem

PB1: sim, existem! As reuniões existem todas, e então eles admiram-se, antigamente faziam-se duas e agora fazem-se tantas reuniões para quê?... para vocês estarem ao corrente do que se faz, que é para isso que nós estamos aqui, que é para darmos conhecimento do que fazemos e do que não podemos fazer. E então foi... eu vim-me embora, cheguei a casa peguei no livro de actas e fui verificar no livro de actas se havia alguma cedência de hectares... nada! No dia seguinte fui a Braga, levei o livro de actas comigo e disse-lhe “não há!”. Essa senhora disse “então você pode-lhe cortar tudo o que você quiser, se você quiser tirar-lhe todos, você pode tirar todos, porque não foram votados na assembleia”, foi ele como presidente que os meteu!

AL: mas ele era o próprio presidente?

PB1: ele era o próprio presidente

AL: do CD?

PB1: do CD. E como ele tinha a caneta, como nós dizemos, na mão, chegava ali a Braga e olha... aos Arcos, à cooperativa “olhe, meta mais 100 hectares em nome de fulano”, de um filho ou da esposa, meta-me mais 100, e meta-me mais 90 e naquele meta-me mais 80..., chegou-se ao fim o resultado é que ele tinham metade do pastorício, 400 e tal hectares e estavam a receber 180 000 por ano, que foi as contas que nós fizemos, 180 000 Euros. E nós quando cortámos hectares fizemos uma reunião aqui

AL: foi aquela em que voaram cadeiras não? (RISOS)

PB1: não voaram, nessa não voaram muito, ficou tudo surpreendido de eu tomar essa decisão, porque era uma decisão um bocado forte e quando eu lhe disse, ele sentou-se aqui numa cadeira, digo “senhor Carlos Martins tem cento e tal... 160 vacas, mas tem metade da serra, tem 480 hectares...”. Todo o mundo deitou a mão à cabeça. Ora nesses 400 hectares, o senhor Carlos Martins recebe tanto por cada hectare e tanto por cada animal, que faz o total entre o hectare e o animal faz tanto. Quando multiplicamos por tantas vacas faz tanto ao fim do ano. Aí então... ele vivia aí que ele chegava a dizer “eu ganho mais que o ministro”, ah pois ganha, mais que 4 ministros até! 180 000 Euros por ano os 4 ministros não os ganham, não ganham não. E foi quando eles... tentaram de botar abaixo, mas vamos ver, nós vamos vivendo

Quando não há dinheiro não há dinheiro, não é verdade? Ao fim do ano fazemos as contas. E uma coisa que eu acho também que está muito mal é não ter assim como as Juntas, ter um relatório de contas ou tribunal de contas

AL: acha que devia ter

PB1: eu acho que devia de ser, um relatório de contas ser entregue ao tribunal de contas, isso não há hipótese, porque se nós fazemos um corte de pinheiros de 1000 pinheiros, sabemos que íamos receber tanto, não é verdade? Sabemos que o IVA que é a 6%. Nós as contas são feitas assim, mas quando fazemos um corte de pinheiros, por exemplo de 1000 pinheiros, a maior parte deles não vendem 1000, vendem 1500, mas os 500 foram para meter no bolso deles

AL: ele, quem está na gestão é isso?

PB1: quem está na gestão, está claro. Ora, já também falei no parque, que para quando houver um corte de pinheiros para estarem eles presentes, se é de 4000 ou 3000 ou 2000 pinheiros, são aqueles 2000 ou 3000 pinheiros e não há mais pinheiros a cortar. Se eles com um pinheiro botam abaixo outro têm que pagar o suplemento desse pinheiro, eles aí estiveram de acordo comigo. Dizem “é verdade”. Porque eles quando botam um pinheiro, está acolá aquele pinheiro que não está marcado, fazem com que o pinheiro caia em cima do outro e levam-no gratuito

AL: eles, a empresa?

PB1: a empresa. Ora, também eles dizem que vão acompanhar os cortes agora, de pinheiros, sobre esse caso acham justo que é normal que façam isso, o que aí é... é onde um presidente dos compartes se não for sério, é onde leva dinheiro.

AL: ... e há muitas cabeças de gado aqui em Britelo?

PB1: gente com gado nós temos.... Temos uma pessoa que era a que eu falei que era o presidente mas tem dois filhos e tem a esposa e tem, são 4 explorações, nessas 4 explorações parece-me que tem cento e tal vacas

AL: e são os únicos que têm vacas ou cabras?

PB1: não, depois há outro que está também lá a ver que também tem parece-me que são vinte e duas, há outro também no Lugar da Igreja que também tem parece-me que são vinte e duas ou vinte e três, mas esse é mais para fazer concursos de... não é bem para vendas nem nada, esse é mais inteligente que vai para os concursos e ganha muito em concurso com os animais, mas os outros... e há alguns particulares que têm 5, 6 vacas

AL: então a área forrageira do baldio é distribuída por mais ou menos quantas pessoas?

PB1: dezoito

AL: dezoito pessoas... mas o único que tem muitos animais é o tal ex-presidente?

PB1: é. Quantos mais animais tiver mais hectares tem. A nova Lei agora diz que é meio hectare por cabeça, mas tem de ser um adulto, que tenha mais de 2 anos, de 2 anos para baixo não têm direito

AL: aí é?

PB1: é... esta nova lei deu-nos um bocado para trás

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

AL: é que esta nova lei é precisamente muito contestada e polémica por causa da forma como trata o baldio como sendo uma propriedade privada e não é, é uma propriedade comunitária...

PB1: eu acho que o problema, o que traz mais polémica para mim é o... foi aquela zona que eles tiraram, que disseram que nós por exemplo, que nós de 900 passamos a 300 hectares

AL: sim

PB1: bom, uma zona que era florestal, outra zona que era passagem de linhas, de ribeiros e penedos, quando nós vemos de 900 passar a duzentos e... a 300 vá hectares... isto é tudo maluco. Onde é que comem as cabras? No meio dos penedos, nos íamos à serra, eu vou à serra, vejo uma camada de cavalos todos no meio das pedras da Peneda, não é como eles dizem, no meio das pedras há comida, no meio dos penedos há comida, e eles dizem que não, mas há, debaixo das linhas há comida

AL: das linhas de água?

PB1: não, das de alta tensão... nas corgas... para que é que serve uma corga? É para os animais beberem, não serve para outra coisa, já sabemos que onde passa a água não há comida caraças, então porque é que eles, se... um animal não come só, também bebe, então porque é que uma corga é tirada do pastorício?... foi isso que nos levou mais ao fundo da

historia, porque nós dissemos "entre os penedos há comida! Debaixo das colunas há comida! Os ribeiros não há onde passa a água... mas é um alimento igual como o pastorício, a água é um alimento, então porque é que eles nos tiram esses hectares? E ficou escrito que... que eles queriam fazer uma nova revisão e essa revisão já foi feita, porque nós agora só nos tiraram 100 hectares, nos já estamos nos 800 hectares outra vez, pela nova lei que me deram ontem

AL: então houve uma nova revisão em todos os baldios ou foi só aqui?

PB1: ah, em todos. Porque nós tivemos sorte porque sobre essa revisão que fizeram, nós temos muita giesta, e eles consideram a giesta como pastorício, e não é

AL: é mesmo falta de conhecimento do terreno

PB1: é claro. O nosso baldio está coberto de giesta e eles consideraram a giesta como pastorício, nós e a Soajo também, há para ali uma região da zona do Soajo que tem muita giesta também, que também lhe acrescentou muito, fomos nós e eles, ainda ontem estive a conversar com o engenheiro Carlos Pinto, olhe, foi Britelo e uma freguesia de Soajo que teve um aumento enorme

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: ok... e qual é que funciona melhor em termos de gestão, o baldio ou o foral?

PE1: é assim, é mais complicada a gestão da Foral, digamos assim, de aceitação de algumas regras e de... pronto, é mais complicado na Foral, porquê? Porque lá está, é a questão privada que entra ali, eventualmente a possibilidade ou a ideia de poder daí resultar dividendos e tudo o mais, do que no baldio, no baldio essa parte está afastada, por isso vai... temos maior dificuldade na Foral. Também é uma área bastante maior, são 2400 hectares e no baldio são 1700

AL: aaah... está bem... e por exemplo, estando dentro do Parque... está não está?

PE1: sim, sim

AL: e o Foral também está

PE1: sim

AL: também têm direito às ITI na

PE1: sim, sim

AL: mesmo não sendo um baldio

PE1: sim, sim, tem

AL: qualquer privado tem?

PE1: sim, dependendo das medidas sim, os privados têm concorrido às ITI e agroambientais e tudo o mais, concorrem todos. Naquele caso concreto entra nalgumas medidas que são específicas para áreas baldias porque o espaço é em tudo semelhante na

gestão e na actividade e no desenvolvimento de todas as actividades como o baldio e na altura foi também permitido que ele entrasse em todas as medidas em que entram os baldios

AL: pois... e vocês como compartes já desenvolveram algum projecto de florestação ou...

PE1: vários, vários. Nós já desenvolvemos muitos, todos eles em parceria, verdade seja dita, com o ICN, todos eles, e aproveitando os fundos comunitários existentes, fizemos limpezas, temos concorrido a essas medidas todas das ITI, tudo isso, recuperação de algum património edificado, casas de abrigo, os troncos de maneio, limpeza de caminhos, abertura de alguns caminhos, tudo isso nós aderimos

AL: vocês têm muitas cabeças de gado lá na... agora estou a falar do baldio, mas depois também pergunto para o foral

PE1: sim, baldio e foral, temos mais no foral do que no baldio, como é alto, vai de encontro àquilo que já tinha dito anteriormente e temos, nós tínhamos nesta última digamos assim, contagem, tínhamos no foral penso que é 300 e tal cabeças, entre bovinos e caprinos, começa a ganhar mais expressão o bovino agora do que o caprino, e era ao contrário

AL: é porquê? Há subsídios para o bovino é?

PE1: tem a ver com os apoios é. Agora não sei porque isto, como levou aqui uma volta enorme em relação a essas questões, não sei em que é que isso vai resultar no futuro, a médio prazo

AL: vocês tiveram um grande corte?

PE1: nós da área, por exemplo, só para ter uma ideia não é, em termos de pastagem, que é a área que é considerada para essas candidaturas e tudo o mais, em termos de pastagem até aqui eram-nos considerados os 2400 hectares, isto no foral, e agora temos 420... é assim, eu percebo que nem toda a área será de pastagem, mas também não é como fizeram, porque os animais também fazem pasto no meio de pedras, embora eles digam que não, no meio de floresta, não em tudo, eu também percebo que 2400 hectares se calhar é exagero, mas o que se havia de fazer era uma, uma visão real da situação, e esse trabalho estava feito, esse trabalho existe, os técnicos do ICN fizeram isso ao longo dos anos, mas o modelo que foi definido foi o IFAP que fez o trabalho e não escolheu os [*? não se entende*] feitos pelo ICN, aliás os próprios membros do ICN estão em desacordo com isso e já manifestaram, embora até fossem de certa forma impedidos de se manifestarem muito assim com grande, afirmarem muito porque muitos sabem, mas não corresponde de todo à realidade, agora o que é que isso implicou? Implicou que nós tivemos de fazer uma redefinição de áreas não é, porque até aqui tínhamos 2400 hectares para distribuir, não havia problema porque a área chegava. Com a redução brutal que houve tivemos que fazer uma redistribuição e a área não foi possível dar aquela que todos necessitavam para os animais que tinham e isso vai resultar, não tenho dúvida nenhuma, numa diminuição do efectivo pecuário

AL: pois

PE1: vai resultar nisso

AL: e a importância da ITI também vai diminuir?

PE1: no meu caso não, porque as áreas depois, entra a área de pastagem e as outras áreas que têm outras classificações não tive redução expressiva que implicasse redução, mas sei de baldios que tiveram reduções significativas dessa nova reclassificação da área. Nós por acaso não vai ser o caso

AL: e há muitos jovens...

PE1: não

AL: com “jovens agricultores”

PE1: ah, aparecem alguns, há alguns jovens, mas poucos, não são lá muitos, a por projectos, e vamos ver também se não... porque esses projectos muitos deles foram... entraram mas ainda não foram aprovados definitivamente... ainda não está decidido isso. Quando forem decididos, eu espero bem, a não ser que apareçam mais jovens a meterem candidaturas, mas já para os que estão em candidatura ainda consigo meter área, mas se amanhã me aparecerem imagine, mais 3 ou 4 ou 5 posso correr o risco de “não posso porque não há área disponível”. Normalmente uma candidatura dessas, daquilo que eu sei, implicava a distribuição de 40 hectares de área de pastagem, é impossível não é, porque 40 hectares, se aparecessem 10... bastava 10 projectos desses, no nosso caso concreto 400 hectares... e o resto? Isso vai criar muitas limitações, eu não sei se eles vão mexer nisso ou não mas se não mexerem, na área do Parque Nacional vai limitar muito a actividade de pastorícia, vai limitar muito... há quem diga que pronto, que isso tem a ver com políticas de canalização de verbas para o Alentejo e outras coisas. Isso diz-se... é assim, tecnicamente eu não tenho fundamento para dizer isso, não é, o que é certo é que teoricamente e a gente olhando assim esses pormenores técnicos faz sentido, porque no Alentejo, naquelas zonas, lá é muito fácil conseguir áreas enormíssimas de pastagens, na montanha com os critérios que eles definiram realmente é difícil, se tirarem zonas de pedra, zonas de floresta... se tirarem isso então o que é que sobra? Quer dizer... mas os animais desde datas imemoriais que

AL: os cortes foram a nível nacional não é? Não foi só no Parque

PE1: aquilo tem a ver com uma imposição comunitária e que Portugal era obrigado a cumprir isso... tudo bem, não duvido que sim, mas há ali possibilidades de em alguns momentos de criar excepções. E depois também há mais uma questão, quer dizer, a verba desses números para Portugal está definida, já foi definida e o bolo é aquele. Depois a distribuição cá dentro também depende um pouco do estado, estar a passar essa responsabilidade para a Europa, quer dizer isso soa-me um bocadinho estranho, mas também isso às vezes são coisas muito técnicas que às vezes nós não estamos a ver pormenores que eles poderão estar a ver. Teoricamente, e a primeira análise que faço é que é assim, na zona do Parque Nacional se mantiverem estas regras criou-se aqui um mecanismo e um fenómeno para diminuir efectivamente a pastorícia, disso não tenho dúvida nenhuma

AL que é a principal actividade

PE1: que é... pronto, claro que são os apoios que dão sentido a esta dinâmica... se eles vão à vida... não é? Por isso vamos ver... estamos cá expectantes

PE1: o plano de ordenamento é um instrumento [*? não se entende*], mas que colheu pareceres dos municípios que integravam o Parque Nacional e todos eles votaram contra à sua aprovação, mas pronto, não dependia, não era vinculativo ao...

AL: e os CD também tinham palavra...

PE1: sim, nós também fizemos, fizemos exposições na altura a contestar, questões que tinham a ver com a caça, com a pastorícia, com a exploração dos materiais, das lenhas, de não sei quê para uso próprio, fizemos várias reclamações, a caça também, mas pronto, algumas coisas mudaram em termos de... porque o documento inicial tratava quase de forma igual todas as pessoas, vivessem ou não vivessem dentro da área do parque e nalguns aspectos houve ali alguns melhoramentos não é, na não necessidade por exemplo de obtenção de pareceres para recolha de lenha para consumo próprio ou das populações, porque inicialmente isso vinha lá também, a excepção por exemplo de algumas coisas de pedidos de parecer dos residentes que também não estava prevista de início, pronto, há uma serie de coisas que melhorou, mas no essencial e nestas grandes limitações, não houve abertura nenhuma. E eu estou convencido quer dizer, que mesmo as Câmaras e as juntas e os CD dos baldios, seriam receptivas se vissem que estaria a ser criado um mecanismo de compensação por as limitações criadas pelo instrumento, mas isso não foi tratado, a única com que nos acenaram, digamos assim, foi com as ITI, só que pronto

AL: pois... sobra dinheiro das ITI?

PE1: as ITI dão para fazer uma gestão interessante. Uma das dificuldades que existe na gestão das ITI e mesmo destes projectos para a recuperação do património e tudo o mais, é que depois nós ao entrarmos numa logica de concursos públicos, empresas públicas e coiso, para organizar todos esses processos, não podemos fazer administração directa, e eu sei que, pronto, a administração directa há aqueles riscos disto, daquilo de fazer, mas a experiencia que eu tenho ao longo dos anos é que resulta sempre num prejuízo, num gasto superior o facto de estarmos dependentes de dinheiros públicos, situação que impõe condições à gestão que por vezes não têm o melhor dos desfechos ... porquê? As empresas que podemos contratar têm que ser empresas preparadas para isso, são empresas que se preparam a serio para isso e que depois praticam um preço muito superior e exclui à partida empresas menores daqui da zona que podiam fazer o trabalho, é um custo menor mas que não tem os certificados de não sei quê, não tem aquilo que têm as outras grandes que se preparam e depois quem comanda os preços e quem dita os preços são as grandes empresas que se preparam para isto, que já sabem quanto é que as entidades recebem por área, por isto, por aquilo e pronto

AL: então e se vocês recorrerem uma das pequenas não estão conforme?

PE1: pois, porque as empresas têm que cumprir determinados pressupostos, desde já têm que estar registadas numa plataforma electrónica, não sei quê, não sei que mais... e os

nossos pequenos empresários... porque é assim, estamos a falar de limpeza de mato, estamos a falar de... que até nós por administração directa poderíamos dar ali às pessoas e não sei quê, mas cada vez estamos mais limitados nessa...

AL: é que eu conheço alguns baldios que adquiriram um tractor e

PE1: pois, nos também temos, nós também temos tractor, e nós fazemos algum trabalho, ainda vamos fazendo, e as ITI ainda dão alguma margem para fazer esse tipo de gestão, mas depois quando partimos para projectos de reflorestação, projectos para recuperação de edificado e tudo o mais, aí já a coisa muda de figura, porquê? Porque somos obrigados a abrir um concurso público, a registar numa plataforma electrónica, as pessoas têm que concorrer por esse meio. Aliás tivemos aí algumas chatices nos procedimentos no início, porque as pessoas não estavam a contar com isso e depois foram levantadas questões pelo IFAP e pela Direcção Regional de Agricultura nesse sentido

AL: então as empresas acabam por vir se calhar das grandes cidades...

PE1: vêm de fora

AL: aí, essa não sabia

PE1: não sabias. Isto tem sido reclamado, não sei agora quais são as indicações que os serviços da direcção geral de florestas têm nesse sentido, nós tivemos, há coisas absurdas quer dizer, depois as entidades, estas entidades não têm sítio na internet, não têm pagina... depois como é que se vão registar numa plataforma electrónica que tem despesas associadas, nós aqui o que é que fizemos, a Câmara na altura também já tinha notado isso e como a entidade contratou, digamos assim, a plataforma electrónica para este fim, incluiu a autorização a alguma entidades para a usarem porque senão, quer dizer, cada entidade por si a ter que fazer esse procedimento... é assim a sensação que dá é que muitas destas coisas aparecem e criam um conjunto de pessoas à volta que se organizam para tirarem proveito daquilo, e isto não é controlado, e eu sei que por administração directa, por um lado chegava-se a dava-se oportunidade a pessoas de lá poderem ganhar algum dinheiro com isto com o seu trabalho e poupava-se recursos, mas pronto

AL: e era uma forma de criar emprego local

PE1: sim, e algum sustento para as pessoas não é

AL: matava-se uma data de coelhos de uma cajadada só

PE1: mas a filosofia que incrementou nisto não está com isso

AL: só assim mais umas pequenas coisinhas, qual foi a diminuição da área do baldio mesmo?

PE1: a do baldio, ora, o baldio era 600 e passou para 120, do baldio, mas aí como temos menos pastores, menos projectos, da foram é que passou de 2400 para 420

AL: que diferença. E no baldio conseguem ter área para todos?

PE1: sim, neste momento conseguimos assegurar

AL: tanto num como noutro

PE1: está em risco os projectos que eventualmente possam aparecer, que aí eu não sei como é que nós vamos resolver a questão, vamos ver. Este ano vai ser o ano zero nestes moldes, para o ano vamos ver qual foi o impacto disto e qual vai se a aderência das pessoas a renovarem as candidaturas ou eventualmente a fazerem outras. Eu não sei se, já falou com a BALADI, é a BALADI e a... a associação de baldios do Parque Nacional

AL: com a BALADI ainda não, mas com a Lúcia Jorge sim

PE1: eles têm muita informação sobre estas questões

AL: sim, sim, sim, já falei, com a BALADI pronto, a Lúcia Jorge também está ligada de alguma forma não está?

PE1: sim, sim, sim, mas não falei com o Armando Carvalho, isso ainda não, mas gostava, ainda ontem estive com a Lúcia por acaso

PE1: o Armando, pronto, relativamente às questões da Lei dos Baldios, das alterações...

AL: sim, ele é mais da parte politica não é?

PE1: ele tem muita informação sobre isso e uma perspectiva... a dele, mas que em muitos aspectos é o somatório da opinião do conjunto dos baldios

AL: isso é engraçado, nunca tinha ouvido que o ICN ajudava nisso

PE1: não, ajuda, ajuda, e ajudou, aqui tudo o que é zona do parque, os técnicos do ICN, se não agora todos, porque houve alguns que também se afastaram, também o volume de candidaturas é tanto, entraram outras associações, que também se organizaram, por exemplo, a ARDAL, pronto, há um conjunto de associações de apoio aí, que se organizaram e que foram também prestando esse apoio não é, mas na fase inicial por exemplo do aparecimento dos [*? não se entende*] os do parque trataram de tudo

AL: pois, por exemplo, lá em Montalegre é muito o SBTMAD...

PE1: sim, é o que eu digo, a partir de determinado momento começam as associações também a saber, e depois também o Parque, isto ganhou alguma escala, e tinha dificuldade em fazer tudo, e então aparecem estas associações que também não trabalham exclusivamente com o Parque, por exemplo, temos aqui o Gabinete agrícola da Câmara que também dá o apoio técnico

AL: ah, pois é, a tal Estrutura de Apoio Local não é? Ou local de apoio

PE1: isso era a ELA que era a estrutura que avaliava, mas isso era em Braga, mas por exemplo, as Câmara têm gabinetes de agricultura, todas elas e dão apoio técnico nisso, submissão, preparação de candidaturas, depois há aqui algumas associações locais, por exemplo a ARDAL e há outra... a Atlântica

AL: e há uma cooperativa

PE1: pronto, e há a Cooperativa Agrícola, todas estas associações dão apoio técnico a estas entidades todas

AL: pagando?

PE1: sim, se sairmos fora do contexto ICN ou Câmaras, tem que se pagar

AL: claro... claro...? É normal...elas existem

PE1: claro. Elas formaram-se... é isso

AL: pois. Disse-me que a ELA é em Braga, eu percebi que a ELA era composta por várias associações/entidades

PE1: a ELA é um organismo criado na altura em que surgiram as ITI, foi criada, digamos assim, por um organismo, que é a ELA, a Estrutura Local de Apoio, que incluía elementos de várias entidades, a Direcção Regional de Recursos Florestais, ..., e que era, digamos assim um organismo que validava, digamos assim, e que de certa forma, davam critério, criteriava, as candidaturas e o interesse e a necessidade de, que não sei se agora ainda está activa ou não, e que era composta por técnicos das associações, movimentos de associações ligadas aos baldios, era do Parque, era da Direcção Geral dos Recursos Florestais, pronto, eram vários técnicos, era composto, aliás a Lúcia fez parte da Estrutura Local de Apoio, o engenheiro Carlos Pinto também, a engenheira Luísa que não sei se já se terá reformado, da Direcção Regional de Agricultura, tem uma série de técnicos

Germil: PG1

AL: então vocês neste momento têm algum rendimento dentro do baldio? Algum dinheiro a entrar

PG1: nós o rendimento que temos são as ITI para o controlo dos matos, não é, as limpezas e etc. claro que conseguimos sempre fazer por menos dinheiro do que aquele que recebemos, e há sempre forma de fazermos pronto, com pessoal da terra, pronto, e daí conseguimos por vezes ficar com qualquer coisa que depois nos vai ajudando para fazer algum dinheiro para as intervenções desses projectos, pronto, como foi o caso do fojo do lobo, projectos de melhoramento, desse projecto que tivemos que abandonar

AL: mas o dinheiro que sobra das ITI usam-no...

PG1: aos bocadinhos, vamos tirando um bocadinho num lado, um bocadinho do outro, porque é daí que nós

AL: ah exacto, para avançarem o dinheiro desses projectos

PG1: exactamente

AL: pois

PG1: e claro, nós tínhamos já uma mancha de plantas de pinheiro, e não de pinheiro grande, e não só de pinheiro, também tinha algum carvalho, castanheiro também, que

depois ardeu, porque senão nós aí já iríamos, ou estávamos a pensar fazer uma receita para

AL: pois... o que ardeu ainda conseguiram vender alguma coisa?

PG1: não, já não conseguimos

AL: estava mesmo

PG1: ainda tentámos, contactámos empresas, madeireiros, claro, mas já não se interessaram, aquilo foi... sei lá, aquilo foi numa altura muito violenta e o lume destruiu mesmo quer dizer, aquilo foi...

AL: pois, pois, pois... e não veio às casas?

PG1: não...

AL: pois.... enfim. Em que tipo de coisas é que vocês têm usado o dinheiro que sobra das ITI? Também usam no melhoramento da aldeia ou...?

PG1: não... esse dinheiro para já só se aplica ao baldio, recuperação de pontos, não é, de pontos que existem, de ribeiros

AL: pontos é o quê?

PG1: pontes, pequenas pontes não é, para passar os animais, as pessoas a pé, nalgumas até passam tractores e os antigos carros de bois, porque a água todos os anos, os regueiros, no inverno danificam, então temos de os manter, às vezes os suportes de caminhos, a recuperação, melhoramentos próprios dos caminhos, pronto, usamos nessas coisas

AL: pois... e quer dizer, se não houvesse ITI...

PG1: não se podia fazer

AL: o que é que acha que os podia aguentar aqui [aos jovens]?

PG1: seria... pronto, seria a criação de algumas facilidades na agricultura, que não tem acontecido ultimamente

AL: facilidades da parte de

PG1: do... é assim a agricultura é a única coisa que... é a única coisa que nós podemos aqui fazer, no local... não é? Só que de qualquer forma tem-se burocratizado um bocado nas formas de manter, pronto. A seguir a isso seria a criação, não em Germil, isso eu concordo, mas... dentro do concelho, se calhar em Ponte da Barca, criar mais alguns locais onde pudesse haver industria para os jovens ali trabalharem estando perto das suas casas não é. Porque se forem trabalhar para Braga ou Viana ou Porto já é complicado, digamos, já vão viver lá, então seria uma forma de se manter em Germil. Claro, o turismo por exemplo é uma das coisas em que se poderia apostar mas aí lá está, os jovens para apostar também

precisam de ter com quê, não é? Dinheiro... e eu continuo a dizer, também é muito burocrática a... estávamos há bocadinho a falar dos baldios e etc., as coisas são bastante burocráticas, para se conseguir uma coisa, para... recuperação de casas e etc., pa, muita burocracia muita coisa e as pessoas muitas vezes desistem porque aquilo é difícil, é... não é? E isso...

AL: pois, acredito que sim

PG1: não, porque... já aconteceu aqui no concelho, várias casas dessas para turismo, e outras que não foram para turismo mas para as pessoas e que houve um apoio de 50%, só que a forma que tinha de se fazer e as exigências e toda aquela burocracia houve pessoas que desistiram e que deixaram “opa, não vamos estar para isto, nunca mais chegamos lá”, mas pronto, com teimosia e com trabalho, enfim, isto é aquilo que eu estava a dizer, o baldio para fazer tem de ter dinheiro, e para o particular é a mesma coisa, se não tem dinheiro para pagar “ah, toma lá um apoio de comparticipação de 50%”, por exemplo, mas se a pessoa não tiver os 100% para fazer a obra não pode fazer

AL: pois, pois, tem de andar a pedir crédito e não sei quê

PG1: mas isso já sabemos como funciona, depois quando se chega no fim já é um descontrolo e é isso que o Estado devia... o Estado nem sabe que isto existe não é

AL: pois (RISOS)

PG1: e vocês aqui não têm nenhuma... sei lá, associação local ou de desenvolvimento local que vos ajude nessas candidaturas, porque eu imagino, sei lá, eu acho que não era capaz de atender a toda a burocracia

PG1: aí, portanto, na última recuperação que se fez aí foi a ADRIL

AL: a ADRIL...

PG1: de Ponte de Lima, que esteve envolvida.... Mas de qualquer forma, e isto claro que ajudou, também era difícil sem a ajuda de alguém... só que pronto, são aquelas coisas que ali poderiam ser mais facilitadas

AL: claro. E por exemplo, nas candidaturas às ITI; vocês fazem sozinhos ou também têm uma associação que dá apoio?

PG1: temos... é assim, acho que há outras pessoas, nós trabalhamos com a associação, com a Atlântica, e são eles que nos apoiam, tem que ser, porque senão é difícil

AL: imagino... eu estive lá com a Sandra, ela mostrou-me o *dossier*... a quantidade de papelada que aquilo tem, a quantidade de linhas para preencher

PG1: é, aquilo é muito trabalhoso, é o que eu digo, há burocracia a mais, se calhar há coisas que facilitam demais e outras que... que... é aquilo que eu digo, se as pessoas não forem corajosas, não forem determinadas às tantas desistem, “oh, que se lixe”, pronto

AL: sim, é isso, por isso é que eu acho que às vezes era bom que, já que a coisa está a etse nível de complexidade, porque está, eu também acho que a burocracia é um exagero, então

era bom que pelo menos houvesse aqui associações locais que dessem esse apoio, embora isso também envolva dinheiro

PG1: e vai havendo, é o que eu digo, claro, só que para isso há custos

AL: pois, ou tem que se ser socio ou tem de se pagar pelo serviço

PG1: tem de ser sócios e há serviços que têm de ser pagos, é natural, todos nós sabemos que nada pode ser com todas as facilidades, mas também há burocracias que podiam ser dispensadas

AL: e agora vocês também devem ter sofrido um corte de área forrageira no baldio

PG1: pois, por exemplo, lá está...

AL: foi muito aqui?

PG1: foi, só nos deixaram 83 hectares, 83, 82...qualquer coisa assim

AL de 600 e tal...

PG1: de 630

AL: e entretanto andaram aí a contestar e no que é que isso deu?

PG1: mandámos um *e-mail* para o IFAP, esses ainda não responderam, a dizer que não tinham nada a ver que era uma regra da EU, mandámos uma carta para a ministra, depois fizemos uma reunião ao nível dos baldios e Câmaras dentro do Parque Nacional, foi essa que eu disse que estive com a Lúcia e que foi no campo do Gerês, onde fizemos um... como é que se diz, pronto, um documento conjunto a contestar, enviámos à ministra... todos os CD e as 5 Câmaras do PN, até hoje nada. Nós CD do baldio de Germil também já tínhamos antes disso enviado uma carta para lá... nada! Portanto, isto é que é ditadura, não era o Salazar. O Salazar ouviu as pessoas... epa, pronto, se calhar têm razão... agora não. Isto é que é ditadura

AL: o que é que eu lhe ia dizer dos cortes...

PG1: ia se calhar perguntar-me se não houve problemas com a distribuição de área...

AL: sim, e também do valor da ITI

PG1: sim, sim, o valor da ITI reduziu para aí, enfim, agora não tenho aqui o número, mas deve ter reduzido quase metade, aí quase metade não, metade

AL: e já sofreram isso? Ou seja, já tiveram de gerir esse dinheiro reduzido?

PG1: ainda não que isso ainda se vai reflectir agora neste ano, mas medidas deste ano

AL: mas também, se diminui a área forrageira diminui o número de limpezas que tem de fazer...?

PG1: mas lá está, mais um problema para o baldio

AL: pois, claro, não meto isso em questão. Mas, e na distribuição de área, como é que foi?

PG1: na distribuição de área, como há poucos animais não houve problema para já, mas é aquilo que eu disse, aliás que se colocou na carta, agora imagine que amanhã um dos jovens, até pode ser um filho meu, não é? Por exemplo... quer fazer um projecto, já não temos área, inviabiliza-se

AL: pois, isso não ajuda à fixação dos jovens

PG1: eles problematizam as coisas, poem as coisas de forma a que dizem que as pessoas podem fazer mas depois não podem. É aquilo que eu digo, são as dificuldades criadas pelo próprio sistema, pelo nosso próprio Estado. Eu neste momento se houver aqui um jovem que queira fazer um projecto, não vou ter baldio para lhe distribuir, e depois? Vamos dizer “olha, afinal não podes fazer”, é complicado

AL: e vocês alguma vez pediram também aqueles investimentos não produtivos? Por exemplo, para recuperar o fojo do lobo

PG1: sim, sim, sim, isso é investimentos não produtivos

AL: que avançam com o tal dinheiro que sobra das ITI e que depois recebem

PG1: e depois recebemos

AL: ok, ok.

PG1: e que neste momento temos a caixa para esses projectos, mas depois vai servindo para as outras não é?

AL: pois, se for bem gerido olhe, menos mal

PG1: tem de ser bem gerido! Porque senão, é aquilo que eu digo, isto tem de ser gerido igual que seja o nosso porque senão... não se pode... porque se não fizéssemos assim não conseguíamos ter recuperado o fojo do lobo, pontos de abeberamento

AL: como é que se chama

PG1: pontos de abeberamento, são aquelas fontes que existiam que já antes eram... pronto, as pessoas tinham lá aquilo arranjado, a madeira para poderem comer e para os animais beberem, só que pronto, agora há menos actividade dos pastores e então pronto, candidatámo-nos e arranjámo-la nós, recuperámo-la

AL: pois, foi com esses dinheiros

PG1: foi com esses dinheiros, portanto, são investimentos não produtivos mas com... tivemos de ter dinheiro para pagar logo para receber, mas já recebemos. E agora esse mesmo está À espera, ia agora por o adensamento, pronto, que tivemos que abandonar, pronto agora pomos no outro a seguir. Digamos que essa caixinha é só para isso

AL: bom, olhe, se conseguir isso já não é nada mau

PG1: é a única forma de se conseguir fazer alguma coisa, senão não se consegue

AL: sim, sim. Se acabarem as ITI... pode ser que entretanto já tenham muitas árvores a engordar

PG1: exactamente, é essa a esperança

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Como rendimentos do baldio verifica-se que aqui no baldio da freguesia de Lindoso se faz o aluguer de partes do baldio às tais empresas, portanto à PT, à Renascença, à EDP, por aí, portanto entra dinheiro a partir daí. Por outro lado há os projectos comunitários, como as ITI e outros incentivos comunitários.

No que toca as limpezas por parte das ITI eles recorrem a empresas aqui em Lindoso para aquelas limpezas mais difíceis, maiores e para as restantes utilizam os sapadores quando eles não estão a fazer serviço público.

Questionei-o quanto aos cortes das áreas forrageiras e ele disse-me que anteriormente eles podiam candidatar-se com mil e tal hectares para as ITI e para os produtores de animais e actualmente com o corte veio abaixo quase metade, ficaram com 520 hectares elegíveis para essas candidaturas. E segundo ele, só da ITI vão perder 20000 Euros, e isto não tem a ver com os produtores. (...) ele disse que antes davam 20 hectares a cada agricultor, a cada agricultor que pretenda obter um subsídio para a produção de gado, e agora podem apenas dar meio hectare por cada animal adulto com mais de 2 anos ou por cada 7 ovelhas, portanto o animal adulto com mais de 2 anos refere-se aos bovinos. Portanto houve assim um corte grande. No baldio dele existem 50 produtores. Actualmente esta candidatura para os pastores depende portanto do efectivo de cada um. Por exemplo nesta questão dos cortes, em 2010 houve um incêndio que levou abaixo uma data de mato e floresta e eles imediatamente retiraram essa área da possível forrageira. Ora este senhor é também da opinião, como toda a gente até agora, que estas classificações são feitas a partir do escritório de Lisboa, não têm a mínima noção do que é que se passa no local e é mentira que os animais não pastam na zona de rocha, é mentira que os animais não pastam na floresta, é mentira que não pastam nas zonas queimadas, que passado um bocadinho já está cheio de erva. Enfim... diz ele 'agora vamos ver em Setembro como é que vai ser a perda para os nossos agricultores, porque se fosse só a perda para o baldio ainda vá agora os agricultores já é mais preocupante'. Ele diz que prometeram que vão passar outra vez o avião que fez a análise aérea das áreas para ver se alguma coisa muda. Mas entretanto mesmo que alguma coisa muda já se passou um ano, como ele diz.

Diz que existem muito poucos jovens nas aldeias, que uns estão para França, outros estão para Lisboa, outros estão para o porto, e aqueles que cá estão ou é porque conseguiram um emprego na vila ou na EDP e pronto, que há os tais 3 ou 4 jovens que submeteram uma candidatura para jovens agricultores, mas que estes cortes na área forrageira claro que desmotiva, há muitos deles que já querem desistir, porque este corte não incentiva de todo a que se efectuem candidaturas e a que se tente começar aqui um negocio nesse sentido,

porque se há cortes de ano para ano como é que vai ser, uma pessoa investe agora e daqui por um ano ou dois cortam-lhes a área, como é que vai ser?

Ele diz que cabeças de gado que estejam a ser candidatas a subsídio na freguesia de Lindoso são 600 e tal. Há mais pessoas mas que não são candidatas às ajudas da EU. Eu estranhei 'não querem porquê?'. Depois percebi, são pessoas que têm outros trabalhos e que têm animais também, mas que não se querem dar ao trabalho de estar agora a por as ajudas, não precisam no sentido em que têm outra actividade, esta não é a sua actividade principal, e então não concorrem às ajudas. Portanto ainda há mais animais para além destes 600 e tal.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: também usufruíram das ITI?

TC1: sim, foi através de... aliás, foram as ITI que nos vieram desafiar, ate porque havia uma certa relutância em aceitar fosse o que fosse do Parque Nacional, aqui criou-se uma aversão grande a tudo o que era administração ou gestão do Parque Nacional. Mas com as ITI foi criada a estrutura local de apoio (ELA) que fez um bom papel e era importante que continuasse, é pena que tenham mudado da forma radical como mudaram, mas esta primeira... há dois... no quadro anterior, não, no penúltimo... houve uma aproximação, fizeram-se aqui umas intervenções mínimas, dirigidas... no fundo o que se passou foi... foi essa ELA definiu o que é que era importante fazermos e veio propor a realização dessas actividades com a garantia que não havia custos e o benefício era obvio

AL: quando está a falar de actividades está a falar de limpezas, e... plantações se calhar...

TC1: sim, no âmbito das medidas silvoambientais e ali era para protecção de núcleos, tanto de pinhal como de carvalhal, foi uma primeira intervenção

AL: ai também de pinhal?

TC1: sim, foi uma primeira intervenção... no último quadro é que... até porque essa primeira experiencia correu bem, eu sou só presidente da associação há 4 anos, e então como a anterior direcção me explicou que havia... que tinha corrido... da forma como tinha corrido essa primeira experiencia, avançámos para uma segunda, e nesta segunda fomos nós que conduzimos o plano de... a realização do plano de gestão

AL: ah, sem qualquer ajuda da ELA ou foi com uma associação?

TC1: não, com a ajuda deles mas nós contratámos o serviço de uma associação loc... distrital de produtores, que é a ADEFM, a associação de defesa da floresta do Minho, e a quem expusemos... porque entretanto veio uma proposta de plano de gestão que foi registado, porque entretanto havia ali algumas actividades com as quais não concordávamos, aquilo foi a nível nacional, se não era chapa 5 era quase e... havia ali algumas coisas com as quais não concordámos e outras que pretendíamos e que não estavam lá contempladas, então rejeitámos esse plano que foi feito e fizemos a revisão de acordo com o que era nosso interesse e com base nisto fizemos nas ultimas ITI... o plano

foi elaborado por nós, ao contrário do primeiro em que a ELA apresentou “era bom que fizessem isto...”

AL: ah, eu achava que tinha de ser sempre assim, pois

TC1: pronto, aqui fomos nós que fizemos ao contrário... “queremos fazer isto”, e apresentámos, fizemos o plano e foi aprovado... até porque estava de acordo com o plano e entretanto envolvemos também o engenheiro do Parque Nacional que está também nessa estrutura

AL: o Carlos Pinto?

TC1: o Carlos Pinto, e ele também, claro, foi dando o apoio, aliás eu lembro-me, quando estávamos a fazer a candidatura para os investimentos não produtivos (RISOS) é um episódio castiço em que pela primeira vez me sentei, eu contava ao resto ..., sentei-me ao lado do inimigo, eu dizia-lhe “quero isto” e o inimigo “sim senhor”

AL: (RISOS)

TC1: (RISOS) estar sentado na secretária, na mesma secretária... então estávamos lá na plataforma a fazer aquilo online, e ele estava a marcar onde é que se ia fazer a limpeza de trilhos, a recuperação dos abrigos e bebedouros e dos currais, e então “vamos fazer isto assim...” e tal... e então ele... eu é que lhe expliquei, porque tínhamos feito uma reunião previamente e tínhamos já as coisas definidas e... mas foi, foi castiço essa... enquanto que até aqui temos andado... “nós queremos ver isto...” (RISOS)

AL: exacto, houve uma mudança de papéis

TC1: e foi... neste último projecto, tivemos um... aliás, tivemos dois projectos, um INP e outro no âmbito das medidas agro e silvoambientais... nas agroambientais fizemos a valorização de pastagens e nas silvoambientais fizemos limpeza e adensamento e noutros sítios fizemos a plantação em áreas que já tinham ardido há uns anos atrás e aí fizemos... uma delas, essa tal experiencia que lhe contei dos sobreiros

AL: ah, sim, sim. E esses dinheiros que entram, o que eu tenho verificado em alguns baldios é que conseguem gerir o dinheiro de forma a sobrar e a investir em ... onde for que considerarem relevante, ou no baldio ou na aldeia, depende do ponto de vista, há sempre um investimento, até agora... ou seja há sempre um investimento

TC1: nós ainda não o fizemos...

AL: ainda não... pois, ok, têm lá tudo no cofre... (RISOS)

TC1: está no banco. De facto, esse é um dos aspectos que é interessante, até é curioso porque aqui há dois anos... dois anos não, há quase há um ano... quando prenderam o Sócrates... (RISOS)

AL: ah, sim (RISOS) dá para situar bem no tempo

TC1: tinha sido naquela semana a seguir, houve um fórum sobre os baldios num sítio qualquer. E então, ah, discutia-se a revisão da Lei e por aí fora. E foi nesse âmbito que

participei numa reunião e então a questão era essa, porque os baldios, há gente que se aproveita do dinheiro, assim e assado, contavam para lá má gestão, e por aí fora. E até porque estava à vontade para falar do meu baldio “se quiserem saber o que o baldio tem não temos problema nenhum”, mas isto não é nada de espanto porque até hoje o primeiro-ministro está a ser acusado, portanto isso... se vamos... isto para chegar onde... ali um dos fundamentos que apresentavam para a revisão da Lei é que havia má gestão, que havia gente que, que havia não sei quê, pronto

AL: ou falta de gestão sequer

TC1: pronto, nós de facto aqui o que conseguimos foi com o apoio que é dado, e ele não é generoso... o apoio não é generoso, aliás até no combate às acácias é manifestamente insuficiente, mas o que permitiu foi fazer uma gestão aqui a nível local, o que é que nós alterámos aqui... por exemplo, a Vilar de Veiga permitiu-lhes criar uma equipa de sapadores, e aliás o Alexandre irá testemunhar isso, porque eles têm uma área com muita floresta, Fafão também tem uma dinâmica muito interessante, nós aqui tínhamos esse convite e também desafio para criarmos uma equipa de sapadores, e entendemos que era errado criar uma equipa de funcionários públicos e estimulámos o aparecimento de uma empresa, que foi criada aqui a nível local, que foi aqui um... ah, nós começámos primeiro por fazer por administração directa essas intervenções, o projecto de agro e silvoambientais, começámos por fazê-los contratando as pessoas e pagando ao dia, mas foi-lhes dito “portanto, preparem-se porque vamos fazer isto só durante um ano e findo este ano ides perceber que isto é a base, é suficiente para que lancem ou para que criem uma empresa”, até porque também, o que eu lhes dizia era “eu não posso estar aqui todos os dias, ou quase todos os dias, a controlar o vosso trabalho” e criámos aí um mecanismo em que o trabalho era pago à peça, fizeram-se aí uns ensaios e... por exemplo a roça em determinado tipo de vegetação era paga a x ao hectare, noutro tipo era... dependendo da dificuldade, havia uma matriz e geríamos por aí, até que eles perceberam que... se trabalhassem mais e se trabalhassem com um ritmo diferente, podiam gerir melhor o tempo deles e... curiosamente essa equipa que trabalhava connosco e que trabalhou connosco, não queriam constituir a empresa e... então fizemos-lhes um ultimato “epa, tem de ser senão não fazeis mais”, então eles esticaram até que “ah, não queremos porque assim...”. Entretanto aparece uma outra pessoa e criou a empresa (RISOS)

AL: ah pois...!

TC1: depois foi caricato, porque o outro constituiu, o de fora que não tinha estado fora da experiência, mas percebeu que era uma mais-valia para ele, e contratou os outros para a... (RISOS)

AL: aaaah, olha, ficaram todos contentes! (RISOS)

TC1: e pronto, a empresa entretanto em vindo a desenvolver-se, entretanto tem tido aí uma dinâmica castiça, criou um viveiro florestal, trabalha em ligação com a Quercus e com a UTAD também, no fundo ajudei-a, ajudámo-la, abrimos aí um conjunto de contactos e de portas e está a começar bem... primeiro resultado prático: conseguimos com o apoio, fizemos mais e melhor os trabalhos que qualquer outro, que qualquer outra entidade... porque os exemplos que temos aí são... resulta de uma valorização, claro, sem duvida, é um trabalho de valorização do nosso território, e depois aqui ao nível da, para a economia

local, aqui para os vizinhos, inicialmente quatro, neste momento são três que têm um rendimento, claro que agora também fazem outros trabalhos, estimulámos o aparecimento de uma empresa que...

AL: quatro, três... esta parte não percebi...

TC1: eram quatro trabalhadores, agora são três

AL: ah, ok, ok.

TC1: e que estão com actividade e agora até trabalham para fora, pronto, é uma empresa de prestação de serviços que até faz mais trabalho para fora aqui da aldeia do que propriamente na aldeia. E depois permitiu que ficássemos, que amealhássemos bastante, até porque algum deste trabalho foi feito com recurso a mão-de-obra voluntária, tivemos aí, fizemos aí plantações em que as pessoas vinham faziam o trabalho, comprámos um pote de 80 litros para fazer o caldo para lhes dar de comer no dia das plantações, e tivemos aí acções com 150 pessoas a plantar, e portanto, isto permitiu-nos amealhar bastante dinheiro que temos pronto para agora investirmos nas pessoas

AL: nas pessoas?

TC1: sim

AL: como assim?

TC1: investir nas pessoas

AL: na aldeia?

TC1: nos vizinhos (A SORRIR)

AL: não percebo, quais vizinhos? (RISOS)

TC1: nos nossos vizinhos

AL: ah, nos compartes! Sim, sim, sim

TC1: porque até aqui a política foi esta “ok, conseguimos amealhar dinheiro com o monte, e agora vamos cuidar das pessoas”

AL: sim, sim. Faz sentido, está bem. Então e isso também promove, de alguma forma esse dinheiro que conseguem amealhar, pergunto eu não é, se acabam também por usar... por exemplo, eu já vi baldios em que acabam por... lá está, assegurarem-se que conseguem fazer o trabalho sozinhos sem recorrerem a... necessariamente aos sapadores ou a quem for, então por exemplo compraram um carro e eles próprios é que fazem a vigilância e tudo o mais, pronto, investiram de alguma forma numa gestão continuada, vá

TC1: mas nós não vamos comprar, não, nós não vamos comprar. A ideia aqui... até porque o exemplo que temos aqui da iniciativa privada, e aquilo que podemos fazer é, ok, dar algum apoio, dar algum estímulo, mas o privado tem de ir para casa a pensar que...

AL: claro, é o trabalho deles, pronto, e não é o vosso

TC1: portanto, aquilo que sentimos e provavelmente vamos tratar é de um *kit* para primeira intervenção de combate a incêndios, porque temos tido aí... este ano, por exemplo este ano... ocorreram aqui vários incêndios, mas o pessoal da o alerta e as primeiras pessoas a irem para o terreno e que chegam lá, sou eu, os outros membros da direcção, e essa equipa

AL: a tal empresa?

TC1: não, chegamos rapidamente ao local e conseguimos extinguir

AL: mas que equipa é essa de que falou, é a tal empresa?

TC1: é sempre essa...

AL: sim, sim

TC1: e essa... e esta disponibilidade, este interesse... e pronto, e como já verificámos que precisávamos de um kit, ter ferramentas adequadas para sapador, para intervenção, depois a água e os carros, lá vêm, é sempre outra gente que ganha dinheiro com isso, nós não queremos

AL: e vocês, estava a dizer-me que vocês aqui não vão prestar, é porquê?

TC1: porque nós não somos... a Lei dos Baldios nós só aplicamos consoante aquilo que nos interessa

AL: (RISOS)

TC1: não, sim

AL: que incida sobre a vossa situação

TC1: claro

AL: sim, sim. Ok, só para perceber, não estava a perceber como é que podiam contornar essa questão.

TC1: ai, mas é assim, não porque não é baldio, ponto.

AL: pois

TC1: agora viremos a apresentar provavelmente porque nas candidaturas que vamos elaborar vão-nos pedir, mas isso é quem aprecia a candidatura, que vai na mesma eventualmente também para o ICNF mas... portanto quem aprecia a candidatura provavelmente vai-nos pedir, já fazia antes irá continuar a fazer, que se apresente o plano de actividades e o relatório de contas. Portanto, para nós não é novidade, estamos à vontade

AL: pois, pois. Há bocado quando disse, pronto, concordo em geral com a lei dos baldios porque há comunidades que deixaram... tem de se ir embora?

TC1: não, estou só a ver as horas

AL: ah... que horas são?

TC1: meio-dia

AL: eu já estou mesmo a acabar, da minha parte, se quiser falar mais pode falar (RISOS). Referiu que há comunidades que estão a desaparecer então não vale a pena manter um baldio numa zona onde não há já comunidades. Eu até concordo em parte com isso, mas isso não irá contribuir precisamente para que essa comunidade desapareça, ou seja, não se está a pregar ainda outro prego nesse caixão que é o facto de as pessoas estarem a desaparecer

TC1: hmm, acho que não. Não... há um conjunto de factores que levam à desertificação, não é só cá, é em todo o mundo, havendo ou não havendo baldios não é...

AL: claro, mas um dos objectivos da PAC actualmente, da política agrícola comum, e do PRODER, do actual PDR e tal, é precisamente fomentar o desenvolvimento local, o povoamento destas áreas e tudo o mais, mas ao mesmo tempo retira-se...

TC1: mas isso não é verdade

AL: é o que está escrito

TC1: sim, mas isso não é verdade

AL: o que acontece eu não sei

TC1: isso vai servir

AL: é só balelas é?

TC1: vamos ver, ok, tudo muito bonito, tratando com a actividade em si mas... e os filhos vão estudar aonde? E o médico está onde?

AL: pois, mas isso para mim são outros pregos no mesmo caixão dessa tal vontade

TC1: mas o principal problema, ou melhor nós não podemos... ok, os baldios é o limite porque fruto de um conjunto de políticas e de dinâmicas sociais as pessoas, até em algumas cidades, há agora uma cadeira nova, uma disciplina nova que é o marketing territorial

AL: eu odeio marketing, desculpe-me se tem algum filho em marketing (RISOS), mas o próprio conceito a mim mete-me medo

TC1: o marketing, mas é interessante o marketing territorial, as cidades disputam pessoas, querem pessoas, querem atrair... pronto, se nós temos a cidade aqui a 40 kms a fazer o apelo à juventude para ir para baixo, se o Estado ajuda cortando num conjunto de infraestruturas básicas para que as pessoas pudessem viver cá... naturalmente que o baldio é uma consequência como há outras consequências, o próprio património de cada um as pessoas abandonam-no, não entendo porque é que Ok, é colectivo, podíamos eventualmente trata-lo de outra forma, mas se as pessoas abandonam o que é seu, se

deixaram a casa onde nasceram, se deixaram a vida não é..., os sítios, as memórias e trocaram, porque é que... o que é que o baldio lhes diz? Não diz nada

AL: sim, mas ninguém paga... isto agora só para criar aqui um bocadinho de discussão, também ninguém pega na propriedade particular dessas pessoas e entrega à Junta, também não há essa legitimidade em relação à propriedade privada

TC1: ah, sim, ok, mas eu concordo que se entregue a alguém que possa gerir aquilo, aquele bem comum,

AL: sim, eu também

TC1: até lhe digo mais, às tantas, essas pessoas abandonando, até pode perder para o vizinho, o vizinho pode apropriar-se daquilo, o nosso direito civil permite que ao fim de um dado tempo

AL: usucapião? Mas para isso tem de estar a usar... diga, diga, pensei que estava a falar do usucapião

TC1: sim, usucapião, dos privados não é, se abandona o que é seu e se entretanto o vizinho se apropria daquilo, aquilo passa a ser dele não é, ao fim de...

AL: mas tem de haver um acordo não tem? Entre os proprietários

TC1: não, não tem não

AL: pelo menos eu estive a ler sobre usucapião e

TC1: mas não faz sentido nós desenharmos, entramos agora noutros campos não é, o nosso direito privado já vem do tempo dos romanos não é? E agora os marcíanos provavelmente vão influenciar e criar um

AL: os marcíanos?

TC1: pois, então...

AL: (RISOS) os próximos...

TC1: tem de haver dinâmicas e esta mobilidade, eventualmente até os migrantes, não faço ideia, enquanto que antigamente ir daqui a Braga, havia barreiras, havia uma barreira grande à mobilidade, havia naturalmente uma tendência à fixação, ao sedentarismo, hoje a sociedade é nómada, não é... portanto, e há uma dinâmica grande... pronto, não entrando por aí... provavelmente há que repensar o direito da propriedade, mesmo individual não é, porque com que direito é que alguém que herdou, que nem quer saber, e vive não sei onde e que tem aquilo ao abandono, e outra pessoa até pode precisar daquilo, porque 'que não há-de poder usar aquilo? Portanto, a mim não me repugna nada que... e desde logo a questão é esta, será que a Junta tem interesse em tomar conta de algo

AL: o meu receio é... o meu receio pessoal, não é, à medida que vou lendo coisas e falando com as pessoas e não quê é precisamente, a Junta não tem interesse então o que é que ela faz? Entrega às empresas e as empresas vão dominar aqui o mundo rural, 2 ou 3 empresas

TC1: mas quem é, mas a Junta, espera, mas nós não confiamos no nosso governo, elegemos e o governo até vende a TAP e faz assim e faz assado, mas se a Junta... eu concordo que haja alguém, uma entidade pública, à falta da iniciativa da comunidade, que haja uma entidade pública a gerir esse bem comum

AL: pois, mas eu acho é que vai deixar de ser rapidamente essa entidade pública a gerir

TC1: faz uma PPP não é?

AL: entrega! Vem a celulose, “ai dava-me mesmo jeito esta areazinha”, arrenda ou vende, vende, pode expropriar, passa a ser património da freguesia, o baldio, pelo menos é o que diz na lei

TC1: mas quem escolhe a Junta não é a comunidade?

AL: e quem diz Junta diz Câmara... é, mas como disse, a gente também escolhe o governo e olhe lá o que é que...

TC1: pronto, e até nos enganam não é

AL: pois

TC1: mas ao fim de 4 anos volta outra vez

AL: mas entretanto já está nas mãos das celulosas (RISOS), o baldio, e aí já não há nada a fazer... se houver uma venda não é, e que passa a ser possível a partir do momento em que passa a fazer parte do património privado da Junta de Freguesia, acho eu, eu também não sei tanto assim, passa a ser possível a cedência de área

TC1: mas há mecanismos depois que... atenção que os projectos carecem de planos de utilização pelo menos, básico, não é, o PUB, e o PUB é aprovado pelo ICNF

AL: isto pressupondo que a Junta ia continuar a fazer o mesmo tipo de gestão

TC1: sim, mas portanto não há... a transformação do terreno não é, a transformação do baldio, da propriedade, eu não vejo assim tao fácil

AL: pois, eu também não sei, isto eu digo já num extremo

TC1: então mas isso, a ir por aí os deputados podem fazer uma lei como entenderem não é? Podem acabar com os baldios

AL: e eu acho que é isso que estão a fazer aos bocadinhos. Olhe o exemplo da tal alínea da definição de comparte, também define comparte como qualquer pessoa que esteja a, pessoa ou pessoas não é, que esteja a efectuar uma actividade agroflorestal na área da freguesia, passa a poder votar e a tirar partido do baldio como outro qualquer comparte, e isto para mim já é... não é? Não sei, pelo menos a mim sugere-me muita coisa.... Enfim, não sei, são receios

TC1: às tantas tem mais interesse essa pessoa do que o que é mero eleitor que nem sequer lá poe os pés

AL: pois, exacto, provavelmente sim, eu também...

TC1: se olharmos ali... se a ideia do baldio é para quem vive, explora, aquele território, o eleitor pode não explorar não é... a mim é-me mais simpático essa solução, agora claro, isto devia ser temperado sempre com os usos e costumes, e ser a comunidade local a dizer que é e quem não é

AL: exactamente, não era uma lei feita em Lisboa, é isto que me faz pensar onde é que isto vai parar

TC1: mas a Lei dos Baldios seguramente vai ser revista

AL: já houve uma revisão de alguns pontos agora mas, uma revisão isto é, tornaram mais claros alguns pontos. Por exemplo uma das questões era a extinção do baldio por decisão da Junta, sem ser necessário recurso a tribunal, portanto era a Junta que decidia “ok, isto está abandonado, vamos extinguir este baldio” para passar a ser património da Junta, é assim uma coisa. E agora neste decreto-lei já, lá está, temperaram um bocadinho esta alínea...

TC1: mas a lei anterior permitia que o baldio fosse extinto e passasse a património privativo da Junta, mas na lei anterior previa

AL: mas isso era decidido a nível local

TC1: decidido pela comunidade

AL: pela comunidade, e esta aqui pode ser decidido, tipo a Junta “hmm, acho que este baldio aqui está abandonado”, pelo que dizia lá, agora já veio a ser refinada essa alínea, não precisava de recorrer a qualquer instância... superior, vá, em termos de justiça e, está abandonado pronto. Agora já não, agora já vem especificado o tipo de provas que têm de ser dadas para decidir que aquilo está abandonado e assim, mas lá está, se não tivesse havido essa movimentação se calhar ficava assim, super falta de clareza associada e a Junta tinha quase toda a liberdade para decidir o que é que é abandonado e o que não é... enfim

TC1: eu não entendo porque é que se está a por agora o odioso na Junta (RISOS)

AL: não, não é na Junta, aliás muitos dos compartes são os presidentes da Junta

TC1: mas é isso que eu não entendo, eu participei em muitas discussões e sessões sobre a revisão da lei e por aí fora, e eu ficava espantado, mas está-se a falar de quem carago?!

AL: parece que se está a falar de um demónio (RISOS)

TC1: e depois ainda por cima temperado lá com aquela prisão na semana anterior do Sócrates... parece que estamos a... isto é a nossa realidade carago, estamos agora a por diabo, este, aquele não é...

AL: sim, sim, sim, sem dúvida, quando falo disto já estou a falar de um caso extremo que pode ser realmente... ou seja, abrem-se portas, é um facto, agora claro que depende de quem é que está na Junta, de quem é que está na Câmara, como é que a coisa é gerida, em quem é que a gente vota

TC1: e eu não creio que seja, aliás hoje há mecanismos, sempre houve mas pronto, mas hoje são mais fáceis de activar e ... porque as... não se interpõem providencias cautelares contra tudo e mais alguma coisa não é, o exemplo da TAP não é, alguém fora da empresa... da administração da empresa e do governo entendeu que devia interpor uma providencia cautelar para impedir que a TAP fosse vendida... mas na comunidade, se se sentir alguma ameaça a lei tem mecanismos, e não era preciso refinar porque a lei prevê mecanismos para que as pessoas defendam o interesse comum, então agora de facto o problema é “o que é o interesse comum”? Mas isso já é outra questão

AL: pois, enfim, isto é um bocado conjecturar mas é bom, sei lá, é bom também falar sobre estas possibilidades porque são deixam de ser possibilidades, embora possa ser difícil chegar a esse ponto. Uuh, eu queria só agora perceber melhor aqui a questão do foral, portanto na altura os terrenos foram cedidos a um certo número de famílias não foi? Que correspondia às famílias todas ou só a algumas?

TC1: sim, a todas

AL: e actualmente já deve haver outras famílias entretanto ou não?

TC1: sim

AL: Essas têm direito ou

TC1: nós temos hoje aqui pela Lei dos Baldios

(RISOS)

TC1: pela lei dos baldios seriam compartes mas não são compartes porque não são herdeiros

AL: os tais, as tais novas famílias?

TC1: sim

AL: pois

TC1: portanto aquilo que para nós é definição de parte é, são os herdeiros dos outorgantes da escritura de aforamento

AL: ok, então se eu por acaso me viesse a mudar para aqui não seria parte, por exemplo

TC1: podia ser se casasse com alguém de cá

AL: (RISOS) ok

TC1: (RISOS) e herdasse... mas não bastava ser casada, teria de ser herdeira da quota dele

AL: tinha de ser bem-vinda na família (RISOS)

TC1: não, depende do regime de bens do casamento não é, porque há casamentos que não... há regimes que não permitem herdar da parte do outro cônjuge

AL: pois. E isso não gera conflitos ao nível da aldeia?

TC1: não.

AL: tipo “ah, eu queria, mas não posso”, não?

TC1: não... vamos ver, porque nós usufruímos isto... que rendimento é que isto nos dá, é apenas o sentimento de pertença...

AL: exacto, exacto... que é importante esse sentimento não é?

TC1: pronto e chega, e as pessoas satisfazem-se

AL: sim, sim. Não, porque eu as vezes pergunto-me o que é que move estas pessoas que andam aqui a ter um trabalhão à frente do CD, que não recebem nada por isso, o que é que os move, só têm é trabalho e chatices e às vezes conflitos, o que é que os move...

TC1: é o legado, é manter este legado, este é... é algo que foi conquistado não é, pertenceu toda a vida à comunidade, entretanto desenvolveu-se dessa forma e entendemos que devemos mante-lo

AL: não há qualquer tipo de dividendos para cada um dos

TC1: não, não, há agora aquilo que nós.... Até aqui nunca houve, nós temos neste momento um bom pé-de-meia, e o que temos previsto agora no próximo PDR, neste novo quadro... até porque participámos lá na definição da estratégia pra o desenvolvimento e a um conjunto de projectos que estão desenhados com o apoio da associação de compartes. Ainda há dias participei numa reunião no âmbito municipal para o desenvolvimento social do concelho, apenas um exemplo, e um dos temas que ali foi tratado foi dos idosos e de cuidar dos idosos e por aí fora, e eu referi... porque isto foi objecto já do nosso trabalho, referi que o, para além do... nós temos aqui na nossa comunidade vários idosos que estão a ser tratados mas de forma informal, ou seja em casa, com os familiares, e aquilo que detectamos é que estes cuidadores precisam de ser cuidados também. Há dias uma prima minha que está a cuidar da mãe veio para aqui e estivemos à conversa para aí uma hora ou meia hora, e ela disse “ai, esta conversa soube-me tao bem”. É o alívio de... e aquilo é que deu o clique, que temos de arranjar algum esquema que... é isso, vamos agora virar-nos para as pessoas, aqui localmente uma das vertentes é esta, e então referi... queríamos desenhar uma forma de apoio para dar ajuda a estes cuidadores, por exemplo um dia de folga não é, a minha prima, a Conceição... “conceição à 3ª feira é teu o dia, podes ir passear, podes ir tratar de qualquer coisa, vais à Braga, vais onde te apetecer, e ter lá uma pessoa de substituição a cuidar da mãe com, eventualmente, se não for todos os dias ter dia sim, dia não, ter uma aula, ter uma sessão... ter o conforto de alguém que... às tantas não terá que ser necessariamente um psicólogo, mas de alguém que ajude a lidar e que ajude a superar este, é uma prisão e quando não deixam dormir, e permanentemente a lembrar o passado e a repetir e para além de ter de tratar

AL: é pesado é,

TC1: e pronto, isto é apenas para lhe dar o exemplo de que há aqui áreas que temos já identificadas onde a associação vai intervir, e a forma de distribuirmos os dividendos vai ser com projectos concretos, podemos de facto fazer uma divisão do pecúlio, mas...

AL: (RISOS) isso acaba por ser muito importante, quer dizer, a presença do baldio e as receitas que daí advêm, acaba por ser bastante importante a nível local, não é, pelo que eu estou a perceber, mesmo para a própria comunidade. Acabam por fazer serviços que se calhar deviam vir de outras partes mas que vocês acabam por assumir não é? A nível social, a nível

TC1: sim, sim... neste caso sim, aliás aquilo que..., como eu creio que... claro, evidentemente que devia ser o Estado a apoiar, mas como o Estado deve ter outras preocupações...

AL: não, é que isto para mim é tudo... argumentos (RISOS). Quando há aqueles argumentos “ah, aquilo já não serve para nada, no estado actual da agricultura os baldios já não fazem sentido, pelo menos não da forma como estão a ser geridos...”, blablabla, acaba por haver muitos argumentos contra essa ideia... talvez sim, tem que haver uma adaptação, sim tem que haver... concordo

TC1: mas é preciso perceber a função do baldio não é, eu acredito, imagine, lá na região centro, em paisagens descaracterizadas e sem valor, ali perto do... não sei, mondego ou o que seja, para além do recurso água que é importante ser preservado não sei o que é que haverá ali mais, mas aqui no nosso caso, quando o baldio tem outra função que é a de ser o garante de uma classificação do território como Parque Nacional, se calhar aqui a gestão tem de ser pensada de uma forma diversa, e provavelmente... é aquilo que eu lhe dizia há pouco, e a logica dos apoios e... às comunidades locais será para cuidar, cuidar deste recurso, não daquela exploração como é desenhada

AL: exploração e é o abandono não é, tem os dois lados

TC1: sim, sim

AL: e nesse sentido também é bom fomentar a população cá

TC1: não, porque, atenção que aqui o perigo é... querendo agora encontrar novas formas de exploração ela tem de ser rentável e o ser rentável hoje não é subsistência não é... o ser rentável hoje é... é preciso ter dinheiro para um telemóvel, é preciso ter dinheiro para a internet, para a televisão por cabo, para o carro e... e enquanto que antigamente ‘... aquela ideia que se tinha do baldio, insustentável e não sei que... insustentável... permitia criar o vitelo para vender para se comprar uns livros para o filho ou para se fazer uma despesa extraordinária, porque no dia a dia não havia dinheiro, não era... por isso não podemos estar presos a isso... hoje em dia o... para que uma família tire rendimento, para que tenha um nível de vida aceitável, tente... e a população que está dentro do território, fazendo actividades silvopastoris, tem de ter uma actividade de tal maneira intensa que vai estragar o património... portanto, aquilo que era importante era modelar as... a função do baldio... “este baldio é para quê?”, é para integrar o Parque Nacional... ok, é para integrar a paisagem protegida do Corno de Bico e haver um plano macro depois integrado dos baldios que concorressem e que se adaptassem a isso. Por exemplo nós vimos aqui... eles

vão fazendo isso só que o fazem de uma forma... uma chico-espertice, do tipo, tínhamos previsto realizar umas determinadas queimadas e entretanto como ocorreram incêndios o Parque Nacional ardeu mais área do que aquilo que era suposto, aliás nem sequer era suposto haver incêndio... ter ardido, então... deixaram de... ok, proibiram, não foi propriamente proibir, porque se quiséssemos forçar íamos queimar, mas não nos deixaram queimar porque tinha ardido muito no... olhando o parque como um todo faz sentido... mas é a tal historia não é, com o mal dos outros... enquanto fomentarem isto funcionar assim... isto não está integrado, o que é eu tenho a ver com os outros do outro lado? Não tenho nada... portanto, isso era preciso ter uma política e uma visão de conjunto pelo menos da área protegida, já não direi... é evidente que tinha de se integrar num sistema mas... e a questão dos baldios acho que... teria... tem de ser mais dinâmico, e a lei não pode ser tao fechada. Atenção que a lei dos baldios serve em primeira linha uma estrutura que vive à custa dos agricultores. Há estruturas a nível nacional... há muita gente que vive em estruturas de apoio à agricultura e que estão muito... e que querem esse formato de baldios e do não se toca e não sei quê

AL: sim, sim, sim. Pois... aqui confunde-se um bocado talvez não? Aqui dentro do parque, a função...

TC1: não, eles funcionam fora... não!... epa, refiro-me à BALADI por exemplo, e a mais do que uma federação nacional dos baldios, e depois as outras estruturas que eles têm a nível concelhio... a nível distrital e de região. Portanto eles têm um conjunto... eles têm uma estrutura que funciona dentro... muito dogmática de conceitos antigos de baldio e... e aquilo que era importante era adaptar, por exemplo, nós fizemos aqui há tempos uma exposição dos baldios do Parque Nacional, um manifesto por causa da redução das... teve acesso a esse manifesto?

AL: da BALADI, aquele que saiu da BALADI, sobre... não

TC1: sobre a redução das áreas forrageiras, aqui no Parque Nacional...

AL: eu li um da BALADI

TC1: sim, mas nós fizemos aqui ao nível do Parque Nacional

AL: não li, não li... isso está onde? Dá para obter *online* ou não?

TC1: eu posso enviar-lhe... e então, a BALADI queria uma posição a nível nacional... está bem, ok, a nível nacional... mas o território do Parque Nacional tem importância suficiente para que se trate especificamente o Parque Nacional. E é um território diferenciado, que tem uma classificação diferenciada e que tem de ser tratado de forma diferente, não é ter favor, é diferente. Agora definam o que é que querem de cá, querem que os recursos se conservem, não querem... e o que é que querem de outros sítios, querem explorar e3ucalipto, querem explorar pinhal, querem... sei lá, fazer o que lhes apetece

Covide: TCo1

AL: Eles [a comissão] continuam a não estar legalizados para fazer a gestão?

TCo1: não, porque eles, ainda na última noite fizeram aqui uma reunião porque tentaram vender uns pinheiros para coisa, mas o pessoal disse todo que não, que se era para gastarem em tribunais, não valia a pena estarem a cortar pinheiros para gastar em tribunais. Portanto o pessoal está todo contra eles

AL: ai é...

TCo1: portanto, quando acontece alguma coisa eu vou-lhe dizer, ainda há pouco tempo, e até ainda não saiu, nós fizemos um projecto para limpeza dos montes, a Junta

AL: a ITI?

TCo1: sim. Estamos à espera que ele saia, deve sair agora este mês ou o mês que vem

AL: ah, sim, e o ano passado também receberam desse projecto?

TCo1: e o ano passado também recebemos

AL: as Juntas recebem menos do que os CD não é?

TCo1: outro ano receberam, este ano já deram mais aberturas às juntas.

AL: hmm, ok. Mas ainda não têm a certeza se vão ter ou não

TCo1: não, porque ainda não foi... em princípio será aprovado mas ainda não foi aprovado. Mas por trás havia outro processo

AL: como assim?

TCo1: havia outro processo de limpeza dos montes, ou outro... que já estava a ser cumprido

AL: exacto, exacto. E houve um ou já houve dois? Quando é que começaram a fazer isso com as ITI?

TCo1: não sei se houve um se houve dois, também já não me recordo

AL: e os montes actualmente são usados para quê?

TCo1: é para pastagem

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Covide?

TCo1: há

AL: tipo o quê? Centenas, milhares?

TCo1: milhares não

AL: não falo só de bovinos

TCo1: cabras temos aqui dois que têm à volta de 300, temos dali em Freitas outros dois que também têm à volta de 300, ou três...

AL: cabras

TCo1: cabras. Vacas há menos, mas agora há para aí projectos de caxenas que eu ate nem sei quantos tem, mas vai algumas... se calhar 50, 100

AL: e há aí projectos de jovens agricultores, de pessoal que está a voltar para a terra ou que quer fixar-se aqui

TCo1: há, e estes projectos das caxenas das cabras é tudo projectos aqui de

AL: de jovens agricultores?

TCo1: é, de jovens agricultores

AL: há muitos jovens aqui?

TCo1: ora bem, não há muitos, há poucos, e muitos até nem fazem um projecto quer dizer, fazem um projecto jovem mas quem trata do assunto é o pai que...

AL: é só uma forma de o jovem ter um rendimento

TCo1: o subsídio

AL: exacto, exacto

TCo1: só para ter direito aos subsídios

AL: pois... mas acha que as pessoas aqui, não sei como é que é em Covide especialmente, mas assim em geral, andam a ir aos subsídios mas não estão muito interessados na produção em si?

TCo1: eu acho que não, eu acho que... e deve ser como em todos os lados, pelo menos aqui por cima

AL: pois... é mais pelo subsídio?

TCo1: é, acho que sim

AL: hmm. O senhor tem animais?

TCo1: não

AL: o que é que é isso da décima? Desculpe interromper agora... tem de pagar x... mas quem é que paga a quem?

TCo1: paga, porque desde sempre pagou aí meia dúzia de moradores e é eles que têm de pagar, paga às finanças, você não paga a décima das suas casas?

AL: ah, é um imposto?

TCo1: é um imposto... pronto, é um imposto

AL: não é?

TCo1: você não tem casa? Os seus pais não têm casa?

AL: eu não tenho, os meus pais pagam o IMI, imposto sobre... o imobiliário... individual...?

TCo1: pois... mas antigamente aqui pagava-se das terras e de tudo, e dos terrenos também. É a história é a mesma coisa não é, é um imposto que tem de se pagar ao estado, como o imposto do selo do carro ou

AL: pois, deve ser o IMI... aí como é que era.... Ah, já sei, imposto municipal imobiliário..., que é sobre as propriedades, tipo casas, deve ser também sobre os terrenos. E pagam à Câmara?

TCo1: não, é ao Estado, é nas finanças, é tudo nas finanças. E depois parece que há uma parte que é para as autarquias, mas isso já é outra coisa

AL: pois, porque é imposto municipal... não sei se isto é exactamente aquilo a que se refere como a décima, mas parece

TCo1: sim, é a décima, aqui primeiro era conhecido pela décima

AL: pois, pois, e isso é tudo pago com as receitas que tiram do monte, pois

TCo1: claro

AL: pois. E têm sempre dinheiro? Quando não há cortes de madeira...

TCo1: não, por exemplo, desses 2 mil e tal contos isso dá para pagar a décima para aí de 50 anos se for preciso

[fala-se que agora tiro cópias deste, e de como a Câmara terá a mesma informação das outras freguesias todas também]

TCo1: [...] isto foi uma coisa que acrescentei aqui ao lado que foram as pessoas mais ou menos que estiveram ali, porque é uma coisa que a gente aqui não tem feito e que tem feito mal, porque estas pessoas podiam ter feito uma assinatura no final, porque elas amanhã podem dizer que não estiveram na reunião

AL: sim, normalmente passa uma folha que as pessoas assinam

TCo1: assinam. Olhe, tenho aqui outra que é meio particular, mas que também é. a comissão pediu-nos as contas e eu mandei-lhe para lá este

AL: quem é que pediu?

TCo1: o tribunal. E eu mandei para lá esta cópia... “no ano de 1984 a freguesia recebeu este... 1985... 2000, desde...” e agora desde que eu estou, Abel Fernandes sou eu, recebemos 17000 do IFAP

AL: é a tal ITI. Mesmo ainda assim ainda é bastante, eu pensava que era menos... deve depender da área não é

TCo1: depende da área

AL: eu pensava que era... houve uma Junta que me disse que recebeu 8000... não me lembro qual foi

TCo1: nós aqui recebíamos à volta de 10000 por ano, só que isto eram dinheiros que estavam atrasados, está a perceber? O projecto dava à volta de 8 a 10 mil por ano. Embora o que tenhamos agora em princípio vai-nos dar 30000 Euros

AL: ah, vai dar mais. Ah, pois, é a tal questão, agora vão beneficiar as Juntas...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o...

AL: e chegam a arrendar partes do monte, a empresas ou assim?

TCo1: não

AL: nem cedência de exploração a interessados?

TCo1: houve esta questão que se tentou fazer, que é a tal saibreira que esteve

AL: ah sim, sim

TCo1: mas não foi avante

AL: e eólicas também não têm

TCo1: não

AL: portanto rendimentos é mesmo só a madeira quando a cortam?

TCo1: é

Ermida: TE1

AL: Qual é a área aqui do baldio?

TE1: é... não sei se tenho aqui no mapa

AL: só para ter uma ideia

TE1: se tiver aqui no mapa... mais ou menos eu sei

AL: ah vocês têm aquilo tudo bonitinho, posso tirar uma fotografia?

TE1: pode... é o ICNF que nos cede isto, porque as ITI era através do PNPG e depois a gente tinha áreas marcadas onde se roçava mato ou onde tinha de se fazer laterais de caminhos e essas coisas todas, esta foi uma dos últimos anos

AL: aaah, faz parte da candidatura às ITI isso?

TE1: exactamente. Isto era uma abordagem

AL: vou tirar consigo... não se importa?

TE1: não, não, esteja à vontade. Se um dia quiser um posso-lhe arranjar, agora neste momento só tenho este

AL: é só uma curiosidade

TE1: e isto é a nossa área

AL: ok... e se calhar está aí a área não? Isto é cada parte

TE1: não, isto era cada parte de trabalhos que tinham de ser realizados, por números e por letras

AL: já tinha visto candidaturas às ITI mas os anexos, neste caso o mapa, ainda não tinha visto

TE1: e depois o ano 1 é x parcelas, o ano 2, ano 3, ano 4, ano 5... que estão aqui todas assinaladas

AL: vocês agora estão em que ano?

TE1: isto terminou o ano passado

AL: ah, é verdade! Tem razão! Sim, sim, sim

TE1: agora é um outro nome que lhe atribuíram e portanto as pessoas que tiveram que... que lhes foi retirada muita área já não vão ter o apoio que tinham, como nos aconteceu a nós

AL: pois, também vos aconteceu a vocês?

TE1: sim

AL: agora estão com quanta área?

TE1: quase não deu para ceder aos pastores, a nós retiraram-nos para aí 80%

AL: icch. Não tem uma ideia assim mais ou menos da área do baldio? 1000, 2000, 3000...? Hectares do baldio todo

TE1: não, porque isto é que nos é retirado é área de pastagem não é... a área total são 1400 hectares

AL: do baldio?

TE1: sim. Depois havia uns 350 hectares que era considerado área de pastagem, que era essa área que a gente estava a usar

AL: então não era assim tanto, não era nenhum exagero, 350 em mil e tal...

TE1: não... depois a outra área é considerada floresta. Pronto, e depois na área da pastagem eles viram isto através do satélite, como é que se chama? Foto não sei quê... e parece que apanha ali muita pedra

AL: sim, fotointerpretação

TE1: exactamente. E depois diziam que era a UE que não queria pagar por pedras

AL: pois

TE1: mas não é isso que se vê no terreno, mas eu já lhe mostro quando a gente for

AL: sim, sim, sim. Pois eu ouvi falar dessa questão

TE1: esperas aqui um bocadinho e eu vou buscar o carro?

AL: E vocês agora recuperaram-no [o abrigo do pastor] com as ajudas dos INP's?

TE1: é assim, para nós, a gente fez a candidatura mas depois eles davam pouco apoio, o mais próximo da estrada que temos é este e os outros são mais na serra, os que estão dentro da área da Ermida e só de helicóptero é que se conseguia levar para lá o material, porque às costas, a sério, era impossível. Os de Vilar da Veiga como tinham muito dinheiro levaram um helicóptero e levaram o material lá para cima

AL: ai foi?

TE1: mas nós não tínhamos dinheiro para andar a fazer isso, depois não fizemos contrato para a renovação porque logo o que eles davam era pouquíssimo

AL: pois, porque estar a contratar esses meios...

TE1: depois para nós, para nós ficarmos com essa despesa toda não, era um balúrdio

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: (RISOS) pois... quem sabe... sim, já tenho ouvido também noutros baldios, que os incêndios estão associados a...

TE1: pois, portanto isto não é nenhuma catástrofe, os incêndios hoje... isto também é um negocio, um negocio dos diabos... e depois há meia dúzia de manos que andam aí com uns helicópteros a brincar, estás a perceber, eu não sei quanto é que eles gastaram este ano nos meios aéreos, mas se nos dessem a nós, aos da Ermida, 50 000 Euros, nós conseguíamos roçar mato em 50 hectares

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber onde é que está a diferença? Mas o governo central não quer isso, quer dar o dinheiro a meia dúzia de manos, tás a entender, dar uns milhões valentes a meia dúzia de manos, e os outros não interessa, o que interessa é que poucos

AL: pois, exacto, e é sempre na cena do combate, não é tanto na prevenção

TE1: exactamente, o que interessa é que poucos ganhem muito dinheiro e que os muitos não ganhem coisa nenhuma. Nós não precisávamos dos helicópteros aí, se nos derem 60 mil Euros ou 70 nós roçamos 70 hectares nas zonas mais problemáticas e os incêndios acabam

AL: claro... mas estas coisa das ITI acaba por vir um bocadinho de encontro a isso não é?

TE1: foi, ajudou bastante nessa parte, porque a gente fazíamos a área que eramos obrigados a fazer e ainda fazíamos muita mais por fora, com esse valor que vinha, estás a perceber, nós só o ano passado conseguimos roçar 20 e tal hectares, fora os 10 hectares que tínhamos de roçar obrigatoriamente com o contrato das ITI

AL: ah... ok. Mas vocês usam uma empresa ou têm um tractor ou...

TE1: contratamos

AL: contratam uma empresa, pois

TE1: nós, por exemplo, o mapazinho, imagina... [vai buscar o mapa ao carro] isto era mais ou menos... imagina aqui, isto tem medidas não é... a SA52 eram 2 hectares e 600 (metros), imagina, não é... e esta foi aqui, estamos mesmo aqui em frente a ela, até se nota lá em baixo, anda lá agora o gado caprino, ainda se nota lá uma clareira, foi entre aquele rochedo e este por ali abaixo. Pronto, a gente mais ou menos consegue ver, pelas linhas de água,

chega-se aqui, traz-se os empreiteiros, não é, por ali, por ali, por ali... e eles têm de fazer esta área por x valor acordado

AL: pois, pois

TE1: estás aperceber? E a gente ao fim paga-lhe, é o que fizer mais barato

AL: pois, exacto... e estas áreas todas juntas, portanto, por ano é 10 000 é isso?

TE1: dava mais ou menos 10 hectares por ano a nós

AL: 10 000, sim, 10 hectares

TE1: 10 hectares... porque imagina esta que era 2 e... era mais ou menos 3 parcelas por ano, eram sete hectares e meio mais a do norte, a da serra alta. Porque esta aqui podia ser feita em fogo controlado ou roça de mato, mas eu optei sempre por roça de mato, e além de ficar mais caro, porque era muito mais fácil chegar lá com um fosforo, ou chamar os gajos do ICN “vamos queimar ali a parcela x”, mas nós temos opção

AL: hmm, ah mas também há opção de fazer fogo controlado?

TE1: sim, havia

AL: não sabia

TE1: é... já vês aqui

AL: por acaso tenho ouvido falar sempre de roça, nunca tenho ouvido falar de fogo controlado

TE1: mas só havia dois baldios que estavam, que eramos nós e os de Vilar da Veiga, que podíamos ter fogo controlado... estás a ver estas em rosa

AL: sim, sim, sim

TE1: roça de mato / fogo controlado

AL: ok

TE1: que são estas aqui da zona alta, onde tem pouco arvoredor

AL: mas para o fogo controlado tinham de chamar técnicos especializados não é?

TE1: vêm os tipos do ICN, acompanhados com a equipa, normalmente era do GIPS

AL: de jeeps?

TE1: do GIPS, dessas brigadas dessa guarda-florestal, dessas carrinhas verdes

AL: ok... não sabia que se chamavam GIPS

TE1: GIPS é G, P... pronto

AL: ok, não conheço

TE1: são essas que andam aí ligados à floresta, essa guarda que até têm uma farda igual a isto, castanha

AL: ok, tipo, o pessoal da GNR, ou não?

TE1: eles fazem

AL: que agora os serviços florestais passaram para a GNR não é isso?

TE1: é mais ou menos isso... é mais ou menos isso. E então a gente fazia o pedido não é, parte tudo da nossa parte, a gente fazia o pedido e... da minha parte eu nunca fiz o pedido para fazer fogo controlado, porque é assim, fogo controlado, mesmo que poucas árvores existam na serra alta vai matá-las também, estás a perceber

AL: epa, isto está-me a picar

TE1: aqui na serra a zona do gado é assim, tem muita mosca

AL: isto são moscas? Estão-me a picar!... sim...

TE1: pronto e era assim, mas como eu nunca fiz nunca me preocupei com essa parte

AL: mas o fogo controlado é pago?

TE1: não, não... a gente não paga nada

AL: mas a roça pagam...

TE1: sim, sim

AL: então se calhar até vos saía mais em conta

TE1: mas... mas portanto, na serra alta o fogo controlado deixa o solo muito desprotegido e depois as pessoas... mas as pessoas não querem saber disso para nada, os pastores só querem ver é lume não é, e eu lutei sempre por roça de mato

AL: ah, exacto

TE1: por exemplo, também fazíamos a limpeza de muitos trilhos, ainda há dias se fez este aqui, temos outro lá em baixo

AL: que pena... que pena... pois, e vocês agora com o novo CD têm dado mais atenção à floresta é?

TE1: temos, mas nós agora é assim, não podemos fazer tudo também, tudo de uma vez, não temos também poder monetário para isso, não podemos fazer caminhos, ter os acessos feitos e... vamos fazendo aquilo que podemos conforme o dinheiro que vamos tendo

AL: claro, claro

TE1: em vez de roçar sei lá, no mesmo sítio dois hectares a gente faz uma lateral de um caminho aí de 50 metros, entretanto já fica mais difícil chegar com um isqueiro, sair do carro e chegar não é... neste caso já tem que andar 50 metros no monte

AL: exacto, já dificulta um pouco

TE1: é essa técnica é que nós usamos, em vez de fazer numa área nós fazemos numa lateral de um caminho por exemplo, para que as pessoas não estejam perto do mato, vamos passar em varias áreas que já fizemos isso

AL: e depois fazem a plantação de autóctones não é? De Quercus... ai, de carvalhos...

TE1: sim, quando é preciso fazer

AL: pois... há uns incentivos não há? Para plantação de carvalhos...

TE1: é assim, havia, agora com o ultimo quadro de apoio que entrou ainda não está definido, eu sei lá o que é que eles... o que é que eles vão dar, se vão dar 70%, se 80 se 70%... eu sei lá

AL: e agora com estes cortes das áreas acha que a ITI também vai diminuir o valor ou... já se sabe como é que isso vai ser?

TE1: vai, vai, muito mesmo, para nós muito

AL: pois, é que eu falei com um senhor que me disse, de um baldio... que me disse “ah, isso ainda não está definido como é que vai ser, a questão das ITI...”

TE1: é assim, aquilo que a engenheira Sandra me disse, que a gente trabalha com ela nas candidaturas e nessas coisas todas, foi que... que vamos, nós no nosso caso vamos sofrer um corte mas um corte enormíssimo. Agora os outros baldios não foram tao afectados

AL: sim, há uns que são menos afectados... e conseguiram ainda assim ainda ter área para todos os pastores ou não?

TE1: conseguimos porque aquela gente de Lisboa foi manhosa, antigamente a gente precisava de um hectare ou dois hectares... agora não me lembro, eu tenho nos documentos, sei que agora por cada bovino adulto é preciso meio hectare, e antigamente acho que era um hectare. Ora, eles diminuíram a área, aquela gente de Lisboa é toda muita esperta, diminuíram a área, mas para não levarem com os pastores todos em cima nas direcções regionais de agricultura, diminuíram também a área da candidatura, que sendo assim meio hectare, ora meio hectare já dá, mas foi assim mesmo na ultima da hora, houve uma reunião em Vila Real, porque havia aí uma confusão dos diabos e chegaram lá atiraram com aquilo para os pastores se calarem todos e pronto, ficou tudo assim

AL: pois, então vocês ainda não têm a mínima noção de como vai ser os apoios este ano

TE1: não... a engenheira Sandra disse-me, disse-me e eu já estive a ver com a o engenheiro do ICNF com quem a gente trabalha, lá da direcção do parque, já ele disse também, que nós fazemos as candidaturas em colaboração com ele, e ele já sabia o que nós íamos receber, e

já me disse... é claro que nós reclamámos e toda a gente reclamou que não estava correcto com isso, que a área que nos tiraram porque a pastagem... por exemplo, o que eles consideram pastagem estava errado, porque não é só pedra como eles dizem, imagina, medindo este terreno eles basearam-se no computador, no computador tu vês a imagem de cima para baixo, via satélite, o que é que o satélite mede? Mede uma superfície plana, é ou não é? Mas isto àquela gente de Lisboa faz uma confusão dos diabos, mas se tu olhares para aqui nós temos mais área no terreno do que o satélite mede, porquê? Porque temos a montanha desta maneira. Se for medido em plano, não... porque a medida correcta no caso de tu comprares 100 m² é claro que tem que ser medido numa base de uma superfície plana, que é assim que é feita uma conta de matemática... mas neste caso da pastagem não, porque sendo um cume já tens mais área do que aquela base plana não é, porque está assim, tens pastagem de uma lado e do outro. Mesmo que retires a pedra não é, o resto da área ainda compõe o que falta. Tu se olhares lá para cima não vês vegetação por aquelas pedras fora?

AL: claro, sim, sim, sim

TE1: e é isso, foi esse ponto que lhes fizemos ver em conjunto com o engenheiro do parque e a engenheira Sandra e as outras associações que se envolveram, que mesmo retirando as rochas, como isto são cumes, ainda se mantém a área necessária para a candidatura

AL: ai é? Então e vocês agora, para além das ITI o dinheiro entra-vos de onde?

TE1: de alguma lenha que vamos vendendo

AL: ok, sim. Maioritariamente pinheiro não é?

TE1: sim.

AL: pois, o carvalho não se pode... pois, e ainda têm muita floresta, isso é muita bom não é? É uma boa forma de... se manterem

AL: mesmo a malta de alguns baldios dizem isso "ah, não, debaixo do pinhal não há nada, mas debaixo do carvalhal há", mas eu por acaso, do que eu conheço do pinhal é isto, há sempre muito mato

TE1: é... pronto, era outra coisa que lhe queria explicar... é uma confusão dos diabos que faz essa gente da Europa também no que respeita às pastagens...

AL: sim... sim, sim, sim. Pois...

TE1: porque tu vais para a Áustria, Suíça, França, Alemanha e o que é pastagem para eles? Pastagens para eles é um campo onde metem as ovelhas, onde metem as cabras, mas aqui não é assim, para nós aqui as ITI devia ser considerado pastagem mesmo a área da floresta, porque o gado bovino anda aqui a pastar, estás a perceber

AL: sim, eu já vi... ali na zona de Travanca, ao pé da Porta do Mezio, eles andam lá, no meio das rochas

TE1: aqui assim, anda gado bovino aqui a pastar. Para esta gente da Alémanha, porque dizem que os culpados de haver cortes nas áreas de pastagem, que foi um fulano que veio aí da Comissão Europeia, depois que lhe foram mostrar um baldio não sei para onde, para ali, e o fulano só viu pedras e viu pinheiros, diz que não podia ser pastagem debaixo dos pinheiros... não pode ser na Alémanha, por isso é que os nossos gados autóctones daqui não são iguais aos da Alémanha, não é...

AL: é os usos e costumes lá está... quando não se tem as pastagens idílicas da Suíça, usa-se o que se tem

TE1: exactamente, mas sempre foi assim

AL: exacto, e come-se e elas estão gordas

TE1: isso é para tu veres que a informação que por vezes tu recolheste noutra baldio que não há de comer debaixo do pinhal é mentira, aqui pode pastar cabras... porque... qual é a pastagem da cabra? Não é a mesma do gado bovino... a cabra pasta nestes matos não é, o gado bovino é mais as ervas que estão assim... mas o gado bovino também acaba por comer este mato. Mas pronto, mas esta gente da Europa faz uma confusão dos diabos para eles a área de pastagem. A área de pastagem da serra do Gerês, não sei lá como é que são as outras, não tem nada a ver com a área de pastagem na Alémanha ou assim

AL: e vocês então têm conseguido fazer sobrar bastante dinheiro das ITI?

TE1: sim, porque [*? não se entende*]. Imagina, gastávamos 10 000 Euros nos 10 hectares obrigados a fazer e depois com o resto fazíamos mais

AL: ok... e usavam em quê? Portanto, faziam mais limpezas, já percebi...

TE1: limpezas e caminhos, colocação de aquedutos

AL: era sobretudo usado no baldio...?

TE1: sim, tudo

AL: não era na aldeia como...

TE1: não, ultimamente connosco não... na aldeia as obras quem tem de as fazer normalmente é a Junta ou a câmara. Enquanto no baldo a gente vai... renovando os caminhos, roçando o mato

AL: compraram o carro também não foi?

TE1: sim

AL: pois... e esse tipo de utilizações *a posteriori* não são... isto é, não são fiscalizadas ou não há uma forma pré... prescrita para utilizar esse dinheiro que sobra das ITI, como é que isso é?

TE1: é assim, o plano de actividades é aprovado ou não conforme o que tem proposto e depois já fica mais ou menos... depois é baseado naquilo, se tivermos dinheiro, se não tivermos não se faz

AL: mas isso é para as limpezas que pré-definiram não é? Mas aquelas que depois fazem a mais... isso não está no plano pois não?

TE1: está

AL: ai também está?

TE1: está, está no plano de actividades... se houver valor monetário para isso, fica lá explicado, se houver possibilidades

AL: e se decidir usar na aldeia, sei lá, vamos inventar...

TE1: tem de estar no plano de actividades

AL: também está lá...

TE1: alguém tinha de se ter lembrado, senão faz-se uma assembleia de compartes para esse efeito

AL: ok, ok. Está bem, eu pensei que era tudo decidido depois de se fazerem as limpezas. Via-se o dinheiro que sobrava e usava-se o dinheiro, ok, tem de ser tudo pré...

TE1: se houver alguém que peça alguma coisa para a aldeia ou um grupo de pessoas, isso é colocado na assembleia de compartes, reúne-se a assembleia de compartes, e se houver valor monetário para fazer faz-se, ou não, dependendo da votação

AL: mas não é naquele plano de 5 anos pois não?

TE1: não

AL: é num outro que fazem anualmente...

TE1: não, esse plano de 5 anos é das ITI, isso é uma coisa à parte

AL: aaah, eu estava a falar das ITI, dos dinheiros das ITI, se sobrar do dinheiro das ITI... era nesse sentido que eu estava a perguntar, esses dinheiros que sobram, se são fiscalizados por quem os dá, portanto pelo Estado, onde é que é usado e onde é que não é usado

TE1: não. Aquele dinheiro é atribuído para fazer x tarefas, se a gente consegue fazer mais barato mais dinheiro sobra e mais a gente consegue aplicar noutro lado

AL: ok... mas lá está, essas aplicações com o dinheiro que sobra não têm de estar previstas nesse tal plano de 5 anos...?

TE1: não... no de 5 anos tem, de lá estar o que lá está escrito, aqueles x hectares que lá está mencionado

AL: está bem, está bem... então e imagina que deixa de haver ITI... como é que vocês vão fazer?

TE1: nós não temos... não temos... dividas, estás a perceber? Se não temos dinheiro não fazemos as coisas, vamos tendo algum dinheiro para manter alguns caminhos e... que é o que nos interessa... não temos, não temos... como é que e diz... nada que pagar no final do mês, não temos nada, só gastamos se temos. Agora esses baldios que têm aquelas equipas, essas empresas, como é que se chama, aquelas carrinhas amarelas

AL: os sapadores

TE1: os sapadores, esses é que têm de pagar uma percentagem, e se lhes cortaram as ITI's e que o dinheiro não chega para pagar a percentagem, eles estão lixados, se não tiverem outro rendimento... nós não, nós temos... a carrinha é nossa, se está parada, não temos ninguém por nossa conta, não temos dividas no final do mês

AL: pois, pois, pois... isso era uma pergunta que eu ia fazer, se vocês tinham equipa de sapadores, mas não têm... Fafão tem não é?

TE1: tem... nós temos veículo pronto a sair a qualquer dia do ano, está pronto a carregar água a qualquer altura do ano e pronto a trabalhar, com os voluntários que estão no momento ali na aldeia

AL: hmmm, voluntários...

TE1: seja eu, seja... o meu irmão também pertence, há uma serie de pessoas que sabem andar com isto

AL: mas na altura quando foi a distribuição da equipa de sapadores, vocês não quiseram?

TE1: nós não queremos, ainda há tempos o engenheiro, o engenheiro que pertence [*? não se entende*] "vocês têm uma área grande, porque é que vós não querendes uma equipe", porque não queremos, porque envolve gastos e depois se as coisas derem para o torto nós depois não temos como pagar, estás a perceber...

TE1: e é isto, fizemos esta zona de mato diria denso, está aqui um pinhal espectacular, está aqui também a ficar um sobreiral de regeneração natural espectacular... e a coisa mais útil que algum dia chegou foi as ITI, para nós aqui que aproveitamos o dinheiro na floresta, para os outros todos posso te dizer que não, mas cada um é que sabe, cada um é que depois... como tu ouves falar que os baldios já não fazem sentido, alguém em lisboa diz que os baldios já não fazem sentido

AL: a gestão comunitária e assim, sim

TE1: o que interessa é a gestão de cada um

AL: claro... cada baldio é um baldio não é...

TE1: agora não pagamos todos pelo mesmo, se há gente que não é competente para estar na frente daquilo, que não sabe o que está a fazer é uma coisa, agora nós fizemos a nossa parte

AL: ah, ok. Bolas, vocês aqui mantiveram a floresta em pé, já vi alguns baldios em que aquilo foi tudo

TE1: naquela zona dos Arcos, e quando um presidente dos baldios diz que... ou lá quem é que diz que debaixo dos pinheiros que não dá para os gados comerem, quem é ele? É dos andam de isqueiro também?

AL: (RISOS) se calhar... já nem sei, já nem me lembro qual foi o baldio, em que zona é que foi. Mas a ideia com que eu fiquei é que as pessoas têm essa noção. Eu não tenho nada essa noção porque os pinhais por onde costumo andar têm muito mato por baixo, agora o meu desconhecimento é se os animais comem aquilo ou não, mas tu estás a dizer-me que sim e eu acredito... tipo urzes e assim, quando estão mais pequeninas, não é?

TE1: o gado caprino come todos estes matos por onde a gente vai passar, menos os fetos, a não ser quando estão a rebentar, tudo isto, giesta, urze, o gado come isso, o gado caprino. Estás a ver aqui sobreiros de regeneração natural?

AL: sim, muitos

TE1: éramos para ter limpo este bocadinho o ano passado e depois passou...

AL: o sobreiro não foi introduzido pelo Estado pois não?

TE1: não

AL: já cá estava

TE1: eu sempre vi... estas árvores sempre aqui estiveram

AL: pois... querem manter vocês a gestão é isso?

TE1: exacto... aqui foram feitos dois hectares e meio

AL: ali, de limpeza?

TE1: sim, por aí adiante, onde nós vamos passar, só que esta parte da linha de água o engenheiro disse que havia de ficar e ficou, por causa dos... por causa dos... das espécies que aqui estão

AL: pois, da mata... como é que se chama... da mata ripícola... da galeria

TE1: eles disseram que as espécies que estão na linha de água era melhor ficar

AL: pois... deve ser para segurar as margens e não sei quê

TE1: hmmm, não é por isso... é por causa das rãs, por todas as espécies que habitam a zona da linha de água

AL: ah, os animais

TE1: os animais

AL: ok, ok

TE1: daqui para cima e até ali adiante fizemos dois hectares e meio... também pertencia às ITI

AL: isso foi este ano?

TE1: foi... também em janeiro, fevereiro ou março. Ai, eu é assim, é como te digo, a única coisa de boa que até ao momento houve foi o apoio que veio das ITI para nós. Nós não precisamos de helicópteros, não precisamos aqui de nada, só precisamos de algum apoio para fazermos este trabalho

AL: não, e acaba por ser um trabalho que interessa ao país inteiro, não é, no sentido em que mantêm-se estas áreas, olha os turistas virem para aqui e isto estar tudo queimado, por exemplo não é

TE1: que imagem é que isso tinha?

AL: e vocês têm levantamento cadastral, com GPS, aqui do baldio todo, ou não?

TE1: ainda não. O levantamento da área total, conforme viste no mapa, acho que foi feita com GPS, aquela que está mencionado no mapa das ITI. Mas é aquilo que está dado na direcção regional de agricultura e às vezes não condiz com o que está no terreno, por exemplo houve ali uma esquina em que eles vieram até para cima de uma propriedade privada, do outro lado desta montanha, porque quando se está na direcção regional a dizer “é por aqui, é por aqui”, tem de se conhecer muito bem geograficamente o terreno, estás a perceber, a gente estar em frente a um computador não é a mesma coisa que estar no chão. Há uma diferença para aí de 50 metros, mas isso também não faz diferença nenhuma

AL: mas quando andam com o GPS deve ser com pessoal local também não é?

TE1: não sei, foram os anteriores que fizeram, porque os limites até se fazem no computador, nem é preciso ir ao terreno, eles agarram no computador, pegam lá no ratozito, é por aqui, é por aqui, já está

AL: mas quando vocês fazem os PUB ou PGF, ou como é que se chama agora, os planos de utilização do baldio... ou não fizeram?

TE1: isso ainda não fizemos, vamos fazer brevemente, o engenheiro já nos disse, quando abrir uma candidatura qualquer diz ele que se pode incluir na candidatura

AL: o PUB?

TE1: não, isso já acabou, o PGF, o plano de gestão florestal, o PUB acabou. O engenheiro disse-nos que a próxima candidatura que a gente faça vem incluído o plano de gestão florestal da área toda. Já temos valores e tudo é só... só estamos à espera que abra qualquer candidatura para fazer uma candidatura da roça de mato ou sei lá o que é que vai vir aí

AL: eu achava que para fazer uma candidatura já era necessário ter um PGF...

TE1: é, é... mas diz ele que se faz na mesma altura, porque senão já ele tinha feito, foi isto que ele nos disse, porque nós já estamos autorizados a fazer

AL: então se vocês tiveram as ITI e se não tinham PGF também...

TE1: não era necessário, agora para fazer candidaturas a INP's e assim vai ser necessário

AL: vocês ainda não usaram INP então...

TE1: já fizemos aí as INP mas ainda não era necessário, na época em que foi feita a candidatura às INP não era necessário PGF, agora é que já é, qualquer candidatura, género INP ou o que for, já é necessário ter PGF

AL: aprovado não é? Não é só ter feito, é aprovado

TE1: elaborado, elaborado e aprovado

AL: aprovado por eles, pois... e nesses casos vocês estão com a Atlântica não é? Eles ajudam-nos a fazer essas coisas...

TE1: sim, dão-nos o apoio necessário, por acaso não é com eles que vamos fazer o PGF, possivelmente, mas isso não inviabiliza de eles fazerem a candidatura e de o fazerem também, não era isso que estava programado e o futuro não se sabe

AL: então quem é que falou com vocês, foi o tal engenheiro do parque?

TE1: hmm, não, não, é outro engenheiro de uma empresa que já trabalhou para nós a roçar mato. E ele é que disse para esperar até que abram as candidaturas e que se fazia em conjunto e que a gente receberia algum apoio em vez de ter de pagar 3 ou 4 mil Euros para o fazer. E eu disse que estava bem, melhor ainda se assim for, se pagarem metade melhor ainda, só pagamos 2 mil

AL: mas o que é que... esse engenheiro não tem nada... pelo que eu percebi não está inserido nos corpos do ICNF... mas tem conhecimento é isso?

TE1: não, não, não, é uma empresa privada

AL: de florestal?

TE1: sim, sim

AL: ah... portanto ele conhece bem os fulanos do ICNF em Braga, conhecem-se todos, ele trabalha com eles porque já trabalhou numa empresa dessas das carrinhas amarelas, tás a perceber, ele conhece essa gente toda... e pronto

AL: e esse o que propõe é que ele próprio... não... através de candidaturas...

TE1: através da candidatura

[somos interrompidos por turistas que pediram para lhes tirarmos uma fotografia]

TE1: portanto, foi essa a informação que ele me disse porque nós já lhe dissemos para avançar para o fazer e ele disse que não, disse para esperar para fazer a candidatura em conjunto, que teríamos algum apoio possivelmente, senão que nos diria

AL: pois, também não sei bem como é que essas coisas funcionam, mas teria de ser uma candidatura de mais coisas

TE1: exactamente, em conjunto. Ao fazer para uma limpeza de terreno fazer... fazer... ou em conjunto ou em separado mas fazer na mesma época

AL: pois, pois, pois. Vocês já ouviram falar das ZIF?

TE1: não, o que é?

AL: é as zonas de intervenção florestal, são, do que eu sei, são tipo zonas que incluem vários proprietários florestais, sejam baldios sejam privados...

TE1: ah, já estou a perceber, pode não ser esse o nome mas já me falaram disso, vários baldios em conjunto a fazer uma candidatura não é?

AL: acabam por fazer uma gestão florestal igual em toda essa área... igual, gerida pelo mesmo órgão de gestão, que normalmente é uma associação, pode ser por exemplo a atlântica

TE1: ah mas isso nós não queremos

AL: pois, exacto, nem eu estou a dizer que é bom ou que é mau, até porque também não tenho conhecimento suficiente, mas eu sei é que aí

TE1: seja bom ou mau nós não queremos

AL: eu só me lembrei disto porque eu sei, falando com a Sandra soube, que nesses casos os tais PGF são feitos pela ZIF, os baldios não têm que pagar, só por isso é que eu me lembrei, e agora até achei que estavas a falar da mesma coisa

TE1: ah, já estou a perceber, já estou a perceber

AL: porque isso lá está, as ZIF é suposto incorporarem vários baldios, por exemplo, vários baldios e também podem ser privados

TE1: e fazer o plano de gestão florestal dessa área toda

AL: dessa área toda e de alguma forma o que eles beneficiam, para já o PGF não pagam, e depois há outras coisas que também trazem benefícios, depois também do ponto de vista da produção acaba por ser uma produção mais forte porque é feita em conjunto, por exemplo da madeira, e acaba por ter mais ... mais... força não é, porque estão todos juntos, é uma área maior

TE1: é uma área maior só que isso dava em sarilho

AL: pois, pelo que eu percebi o órgão de gestão seria uma associação que não tinha de ser o CD de nenhum dos baldios

TE1: eu já estou a perceber, já não faziam nada os gestores dos baldios, fazia a associação

AL: acho que sim

TE1: eles são muito espertos

AL: acho que basicamente acabava por ser assim

TE1: essa gente é toda muito esperta

AL: acho que vocês também participavam em reuniões e assim, mas

TE1: depois vendiam madeira, andava para aí engenheiro atrás de engenheiro a ver isto e aquilo, estouravam o dinheiro todo em coisas que não tinham significado nenhum como fazem as empresas estatais e pronto, não, isso para nós não...

AL: eu não sei como é que aquilo está a decorrer, sei que já há algumas e sei que vai haver uma ali para os lados de Sistelo...

TE1: eles entenderam-se?

AL: pois, pelo menos até agora, vamos ver como é que vai ser daqui para a frente e não, e até acredito que ainda venha a dar alguma conversa ainda e algum conflito

TE1: é assim, sendo baldios grandes, como é o nosso, como é o de Vilar da Veiga, como é o de Fafião, como é os outros, para que é que precisam de ser ainda maiores?

AL: pois, pois

TE1: não é? Aquilo só traz confusão para quem queira gerir aquilo, ou quem são essas pessoas, imagina uma associação qualquer de pessoas que vêm sabe-se lá de onde, não tenho nada contra essas pessoas, chegarem aqui não conhecem o terreno, não conhecem nada, começar a gerir uma área florestal de 3 ou 4 mil hectares

AL: claro... eu acho que isso só faz sentido em baldios que não tenham pessoas com vontade de gerir elas próprias, pronto

TE1: certamente

TE1: por exemplo, da cortiça, nós acabámos por não vender a cortiça porquê... pela imagem que as árvores depois iam mostrar, como aquilo não sai na totalidade e aquilo ia ficar metade fora metade sem tirar e ficava um mau aspecto, aquilo é um per... o PR 14 é um percurso onde passa lá muita gente, que imagem é que aquilo dava para as fotos que as pessoas iam tirar. E pronto, e nem sequer sei quanto é que aquilo iria dar, ainda lá está uma proposta sem abrir, eu nem a vi, já nos entregaram há um ano e ainda lá está sem abrir que ainda não tive curiosidade de ir ver quanto é que eles davam por aquilo

AL: também agora se calhar com as ITI também não precisam assim tanto não é?

TE1: não, é assim... as ITI para nós vai vir muito menos, o que vier... é aquilo que está decidido, mas nós só vamos fazer se tivermos dinheiro, se não tivermos não fazemos, paciência, vai-se vendendo um pinhalzito de vez em quando para ir fazendo uns caminhos, para ir mantendo os caminhos e pronto

AL: já compraram o carro há muito tempo?

TE1: quando entrámos, no ano em que entrámos, nós andámos aí numa azáfama dos diabos

AL: (RISOS) mesmo para acabar com aquela gestão defeituosa

TE1: não, tivemos porque nós não tínhamos caminhos, tínhamos tanta área, não tínhamos nada, os bombeiros demoram uma hora a chegar chegam aqui não fazem a ponta de um corno, falando portuguesmente, porque aquilo que tu ouves na televisão é tudo mentira, 300 homens envolvidos num incendio na serra não sei da onde é tudo mentira, não estão envolvidos em coisa nenhuma, estão lá na beira da estrada à espera que o lume lá chegue

AL: (RISOS)

TE1: é, podes escrever isso, e podes dizer que fui eu que disse

AL: bom, houve mortos...

TE1: aí está outro problema, essas pessoas que morreram estão preparadas para incêndios urbanos, como estão todos os bombeiros, os bombeiros só estão preparados para incêndios urbanos, não estão preparados para incêndios florestais

AL: aí são mais os sapadores não é?

TE1: e depois há aquela arrogância, eles chegam aqui e “nós qé que sabemos”. Então mas eles não conhecem a condição geográfica do terreno quem é que sabe, são eles ou somos nós? É outra coisa que tu não sabes mas ficas a saber, por exemplo, essas equipas das empresas que são os carros amarelos, os sapadores, acontece um incendio no Vilar da Veiga, eles têm uma carrinha... e eles não podem fazer nada, chegam os bombeiros e já ficam aos comandos dos bombeiros, eles não podem fazer nada já, se os gajos dos bombeiros “opa, vós encostai-vos aí, fiquem aí”, eles têm de se encostar, nós não! Em nós ninguém manda!

AL: mas a lei, ou a forma como a coisa é suposto ser gerida, supunha que vocês também estivessem quietos?

TE1: não, nós não, nós o carro é nosso, nós vamos para onde nos apetecer, ninguém manda em nós

AL: ah, aquela carrinha não é deles? Essa parte perdi-a

TE1: pois não, aquelas carrinhas amarelas das empresas florestais não são deles, são do Estado

AL: ah, dos sapadores, sim, sim, sim

TE1: é ou não é? É o Estado que as dá e depois a empresa é que gere aquilo... acho eu que é, também é uma confusão dos diabos, nunca percebi aquilo

AL: não, acho que os carros são dos sapadores

TE1: porque o carro não foi os baldios que compraram, o carro foi dado pelo Estado

AL: não, sim, esses carros fazem parte das equipas, acho eu

TE1: pronto, ao fim e ao cabo aquilo é um carro do Estado, não é?

AL: acho que sim... eu sei que houve alguns que receberam um carro novo, mas eu acho que é para a equipa, mas não tenho a certeza. Por acaso olha, hei-de tentar perceber isso melhor

TE1: bem, é... eu também ainda não conseguir perceber essa parte, o que eu sei é isso, é que essas equipas dos sapadores quando há um incendio na área deles eles têm que estar quietos, não fazem nada, eles mandam-nos estar quietos. E depois chegam os da GIPS e é a mesma coisa, isto é tudo gente que não se dá uma com a outra, também é uma coisa que possivelmente desconheces, estás a entender... os gajos da GIPS normalmente são os primeiros a chegar não é... é outra estupidez também a GNR a apagar incêndios

AL: (RISOS)

TE1: quer-se dizer, eles são GNR, podem multar um carro sem seguro, podem multar um gajo sem capacete, e também apagam incêndios...

AL: (RISOS) são polivalentes

TE1: não sei... mas pronto, menos mal, que eles às vezes ainda fazem alguma coisa, são os primeiros a chegar e tal, pronto, mas é uma estupidez ao fim e ao cabo, porque um GNR preparado para apagar incêndios, nem a profissão que têm de exercer exercem

AL: (RISOS)

TE1: é assim...

AL: pois... acaba por ser uma grande confusão de competências

TE1: depois chegam, os bombeiros não gostam muito dessa gente porque eles são os primeiros a chegar e o lume às vezes já está apagado, outras vezes nem por isso, mas pronto, eles não se dão muito bem uns com os outros... mas connosco não acontece isso, nós... ainda bem que não tem acontecido, só aconteceu uma vez, mas no nosso carro ninguém manda, no nosso carro manda quem estiver com ele e nós vamos para onde nos apetecer, eles chegam lá “vamos aqui, vamos acolá” e depois junto com os do Parque, e eu digo-lhes assim “opa, nós vamos fazer logo o melhor que se possa, não vamos estar aqui a perder tempo e se vós querendes mandar e mandai e mandai bem, para mim é-me igual, nós ou carregamos água ou pomos o nosso carro a atirar com água é como quiserdes”... é logo assim

AL: pois, porque de facto o que está em causa é apagar o incendio, não faz sentido estar naquela altura com problemas de egos, porque no fundo é um bocado isso não é. Tinha de haver aí cooperação mais do que outra coisa

TE1: claro que tinha. E depois eles chegam ao terreno, a [*? não se entende*] dos bombeiros, vêm pelos rádios ou pelo telefone a perguntar “epa, onde é que vamos virar, epa, neste cruzamento, encontras lá uma pedra enorme, ou um carvalho, encontras ali...” isto já se viu nalgum país do mundo, eles não têm um GPS, não metem as coordenadas, não é

AL: (RISOS) pois...

TE1: eu nunca vi isso em lado nenhum já te digo, só aqui, e todos os anos a mesma coisa. É que as equipas dos bombeiros funcionarem dessa maneira, eles não têm que funcionar por nomes, têm que funcionar é por coordenadas. Há um elemento, o primeiro carro chegou ao local, eles estão nas coordenadas x, eles têm que marcar, têm que ter um GPS ou sei lá, se não têm deviam-no ter, e o GPS tem que o levar ao sítio, agora estar com o rádio “ah, viras em tal lado depois tem um carvalho” “ah, mas já passei isso”, opa isto é tudo uma treta dos diabos

AL: não faz sentido de facto, com tanta tecnologia disponível

TE1: mas eu estou-te a dizer isto porque eu ouvi, eu estava ali no tal incendio e vi como é que as coisas são, e quem está fora em casa não sabe o que é que se passa

AL: pois, enfim, nada como estar nos locais para se saber o que é que se passa

TE1: claro... depois ainda mais, nós fomos os primeiros a chegar não é, nós temos sempre um adiantamento de 40 minutos dos bombeiros, quando foi o incêndio lá [*? não se entende*] mas a nossa água acabou... acabou e uma das frentes ainda continuava a arder... às tantas chegou o carro do Parque e às tantas chegou também uma equipa dos bombeiros de Sal, e depois tivemos de fazer o resto à mão, porque já não tínhamos mangueiras que chegassem, porque já ia a uma altura dos diabos. E pronto, começámos lhe a dar por ali acima e apagámos o lume à enxada e lá com o apoio todo da equipa de Sal

AL: Sal?

TE1: Salto... é uma equipa de prevenção que costuma estar ali na zona entre Cabril e Fafião... e então pronto, estava já o lume todo apagado mas há sempre aquelas fogueirinhas, sendo de verão a gente tem de estar ali atentos a noite toda, mas os

bombeiros não querem saber disso para nada, às tantas vêm corporações de Famalicão, vêm de Santo Tirso para ali, vêm não sei de onde, e eu a vê-los chegar e a ouvir a conversa pela radio. E eu com tudo desligado, já eram duas da manhã, com tudo desligado, eu estava lá sentado em cima de uma pedra e tinha outro elementos daqui dos baldios lá em baixo na zona sul, e lá se me adivinhou estar a ouvi-los a falar pelos rádios mas eles não sabiam que eu estava lá, e então, eu a ouvir a conversa pelo radio “epa, espalhai-vos por aí e tal, um dos comandantes de Terras do Bouro na faixa do lado direito, não sei quê, não sei que mais” e os gajos a meterem-se lá debaixo de um carvalho a encostarem-se... estás a ver como é que as coisas são?

AL: (RISOS)

TE1: não sei... vieram cansados não é, chegaram ali encostaram-se lá debaixo de um carvalho, duas corporações, eram para aí 14 gajos. Telefonei lá para baixo para o outro “epa, controla aí esses gajos, vê o que é que essa gente anda a fazer porque eles aqui estão todos aqui debaixo de um carvalho”. Às tantas desço mais um bocado, apanho um comandante que é aquele de Terras do Bouro que estava a comandar a coisa digo “como é? Aquela gente está ali toda encostada é mandá-los espalhar por aí abaixo...”. E foi aí que alguns desceram, mas...

AL: (RISOS)

TE1: o lume estava a apagar-se, era preciso era controlar o rescaldo, estás a perceber, qualquer fogueirinha que reacendesse...

AL: que coisa mais estranha

TE1: mas isto é em todos os lados, não é nada daquilo que tu ouves na comunicação social, ouves lá os gajos quando a Câmara da RTP chega lá ali a esticar mangueiras no meio da estrada só para dizer que estão a fazer alguma coisa mas não estão a fazer coisa nenhuma

AL: (RISOS)

TE1: não, tu estás-te a rir mas é assim, eles só estão a fazer o filme para aquilo parecer bem na televisão... eles todos apressados, quando estiveres a ver um incendio vê se eles não estão todos apressados a puxar mangueiras em frente ao gajo da Câmara

AL: pois... essa distribuição de equipas de sapadores agora pela zona do parque que houve não é, não sei se pode chamar distribuição, mas os baldios podiam candidatar-se a ter uma equipa de sapadores

TE1: nós também podíamos

AL: exacto

TE1: nós não quisemos

AL: mas pronto, também é uma forma de lutar contra a situação dos incêndios não é, porque eles fazem serviço publico, ficam lá e por aí afora, isto porquê? Isto porque eu estou aqui precisamente a pensar porque é que não se investe mais na formação de

sapadores e de pessoal que saiba fazer essas coisas, fogo controlado, contrafogo, pronto, essas técnicas não é

TE1: eu não vou, não me leves a mal, claro, cada um tem o seu pensamento, eu não vou por aí... nós não precisamos de mais equipas de sapadores, nós não precisamos de mais bombeiros, não precisamos de mais equipamentos, nem de aviões, nem de helicópteros, nós precisamos é de apoio monetário para limpeza do terreno, mais nada

TE1: mas é assim, tive trabalhos praticamente difíceis, mas não me meteram medo, eram trabalhos pesados ao fim ao cabo, mas consegui aprender coisas novas e coisas que os outros usam nesses países mais desenvolvidos que o nosso. Eu vou te dar só um exemplo, aqui usa-se muito, ou usava-se, os desbastes no pinhal... na Alemanha e na Áustria eles não fazem desbastes, eles cortam para aí 100 m², ou 200 ou 300, mas cortam tudo porque já são árvores crescidas e plantam logo tudo, ao final de cortar, queimam aquela lenha e plantam outra vez novas plantas... são aqueles pinheiros nórdicos, lá a floresta é toda de pinheiro nórdico

AL: mas queimam qual madeira, não percebi

TE1: queimam a lenha... a lenha, as ramas...

AL: ah, e deixam no chão não é...

TE1: queimam e depois planta-se já, num dia de inverno mete-se já as plantas

AL: por acaso, bom, eu tirei lá o curso de engenharia florestal

TE1: aonde?

AL: lá em lisboa, no ISA, foi antes de me dedicar a estes temas mais sociais, ainda trabalhei na área mas foi em investigação, nunca trabalhei em produção ou em empresas, mas isto para dizer que o que nos passavam era que cortes rasos não eram bem-vindos porque deixam o solo desprotegido

TE1: e era os teus professores que te diziam isso?

AL: e há livros, há biblias sobre isso, mas isso também me faz confusão, isso provoca a erosão do solo que fica ao sabor das intempéries, perde qualidades

TE1: depende de onde for

AL: e depende do tempo que fica sem vegetação não é...

TE1: exacto... porque é assim, se tu cortares este pinhal todo o solo tem na mesma a vegetação rasteira que não deixa fugir nada, a questão é tu queres plantar outra vez sendo necessário. Estás a ver, essa gente da universidade, os professores, não conhecem isto, não conhecem o terreno... aqui tens pinheiros pequenos, se fossem grandes, pinheiros adultos, 40 a 50, tu tinhas aí a mesma vegetação, esse mato rasteiro não é? Tu cortas os pinheiros, queimas a lenha, plantas outros e o mato continua ali, e não existe erosão nenhuma

AL: o que eles também diziam era manter arvores maiores, que lhes chamavam os sementões, que eram no fundo aquelas que garantiam a regeneração, a fertilidade, e manter o solo o mais protegido possível para evitar a erosão

TE1: é assim, não foi isso que eu vi, eu trabalhei para um agricultor e eu vi eles a fazer isso e via o que os outros faziam na floresta e não faziam nada disso. Eles chegam cortam 200, 300 ou meio hectare de madeira, porque são árvores adultas e criadas cortam tudo, queimam a lenha e a seguir plantam outra vez, fica ali uma mancha, mas não interessa, mas dali por 3 a 4 anos já as arvores têm 3 ou 4 metros outra vez e já eles cortam noutro lado, e é assim. E se eles fazem isso lá é porque resulta e porque tem de ser. O que é que acontece se tu fazes um desbaste? Para cortar um pinheiro daquele tamanho vais partir uns quantos dos pequenos que estejam no chão, vai ou não vai... e depois vais arrastá-lo com um tractor, não é? O trabalho é feito dessa maneira. Ao arrastar o pinheiro ele vai tocar noutro qualquer que vai ficar e vai arrancar a casca, aquele pinheiro vai ficar ali já com aquela mancha para sempre

AL: pois, mas mesmo que faças o corte raso isso também acontece não é? Tipo, os primeiros que cortares...

TE1: eu agora, quando a gente pode aqui a gente não faz desbaste... primeiro pelo motivo de ter de arrumar a lenha, nós temos que queimar a lenha... como é que tu vais fazer um desbaste e depois queimar a lenha no meio dos outros pinheiros? Estás a perceber? As contradições que essa gente das universidades arranja?

AL: isso de ter de queimar a lenha é que também acho estranho, para mim faz-me mais sentido aproveitar a lenha noutro sítio qualquer do que estar a queimá-la aqui

TE1: não, nós temos de queimar os sobrantes do pinhal, é outra estupidez autentica, obrigar-nos a queimar os sobrantes, e já nem digo do pinhal verde... quando acontece uma queimada não é, o lume queimou tudo, vegetação rasteira e tudo, e obrigam-nos a queimar a lenha do pinheiro não é... mas a lenha do pinheiro se ficar no chão, eles dizem que vai pegar doença a outros pinheiros que fiquem, mas já não vai ficar nada, porque ardeu tudo é para cortar tudo, a lenha já não vai pegar doença a coisa nenhuma... e o quê? E não deixa que aconteça a erosão essa lenha que fica, estás a ver o filme

AL: sim, sim, fica a cobrir o solo

TE1: essa lenha ajuda a travar a erosão. Agora se foi uma queimada, cortou-se os pinheiros e tem de se queimar o que lá está o solo ainda mais desprotegido fica, porque toda essa lenha, seja grossa ou seja fina, fica a travar essa água. Nós hoje é que não temos tempo, uma zona que ali ardeu, nós íamos entrar lá e tu ias ver... com todos esses galhos, alguns que ficaram, porque na época ainda não era obrigatório queimar a lenha ficaram e ficaram a travar a água e tu se vieses às vezes têm um troncozinho assim aí com meio metro e tem ali tudo cheio de terra até à altura dele, porque se não estivesse aquilo ali a terra já tinha ido, até que a vegetação torne a cobrir aquilo

AL: lá está, manter o solo coberto, seja de que maneira for

TE1: eles dizem que por causa do nematode tem de se eliminar os sobrantes, ora sendo uma queimada já não há nematode nenhum, já tem que se tirar tudo, já não vai haver nemátode nenhum, já não vai pegar doença nenhuma

AL: acerca do nematode não estou muito informada, não sei até que ponto mantendo-se ali a lenha infectada, até que ponto os que vierem ali a crescer naquela zona... não faço ideia

TE1: quer-se dizer, se é que há... o nemátode, dizem que do rio Douro para cima que não há

AL: pois não sei

TE1: foi aquilo que sempre ouvi dizer, que a norte do rio Douro que não há

AL: não sei, mas realmente queimar no local mete em causa muitas árvores, também me parece logico isso que disseste

TE1: é assim, nós no momento não estamos a usar desbaste, nós escolhemos um local e se tivermos com pinhal adulto cortamos ali 200 ou 300 metros e pronto, e fazemos

AL: pois, outra coisa era, imagina que tens assim um povoamento, cortas aqui, cortas ali, mas deixando sempre uma parte tapada não é

TE1: exacto, porque depois as sementes que caem do pinhal ao lado, com o vento caem para o mesmo sítio... vai para o mesmo local que tem o pinhal cortado

TE1: mas é, o erro maior dos engenheiros florestais é terem pouco trabalho de campo, seguirem as empresas, há tanta empresa... da para fazer plantações de pinheiros, não é? Já sabes, são intensivas, não interessa, haverá outras que não serão, haverá adensamentos... as pessoas que estão a tirar os cursos de floresta deveriam sair para o campo o mais tempo possível

[repito a ideia que muito do conhecimento prático acaba por se ganhar quando com a mão na massa já]

TE1: eu é como te digo, às vezes vejo com cada asneira, formado em área florestal

Rio Caldo: TR1

AL: Então, vocês como Junta que gerem o baldio também como é que isso é feito? Vocês também concorrem a subsídios para gerir, como as ITI

TR1: as ITI, sim, sim, sim, nós concorremos a isso, agora acabaram, agora é outra lei

AL: pois exacto agora com o PDR

TR1: concorremos a outro programa que agora até nem sei qual é o programa que eu tenho isso com o engenheiro Carlos Pinto

AL: sim

TR1: nem sei que medidas são ainda, porque ainda não foi aprovado acho eu até

AL: sim, as pessoas têm-me dito isso

TR1: era tipo

AL: é os apoios zonais não é

TR1: é, zonais, é isso tudo

AL: e há quanto tempo é que já andam a recorrer às ITI?

TR1: nós temos uma equipa de sapadores, como temos uma equipa de sapadores a gente... como nos fica bastante caro, que é um orçamento entre 75 000 Euros anuais, nós temos pronto, de arranjar ajudas onde as há, porque nós estamos inseridos numa associação onde 50% temos de suportar nós dos custos dessa equipa que é gente daqui

AL: pois

TR1: e temos de fazer umas certas manobras para o dinheiro, manobras... legalmente, não é, tipo projectos, limpezas para fora que temos que fazer para depois o dinheiro que vem para podermos suportar que se não é impossível, que a nossa Junta recebe do FEF²⁸ 28000 Euros anuais se pagamos 35 para os sapadores onde é que vamos buscar o dinheiro? Temos que andar aí sempre com uma mão à frente e outra atrás

AL: mas portanto, o dinheiro do baldio e o da Junta acabam por ficar juntos não é?

TR1: juntos, é

AL: ok, e vocês com as ITI conseguem fazer sobrar dinheiro ou

TR1: nas ITI nós perdemos muito dinheiro porque em termos de ITI o baldio, se fosse baldio recebia 4 ou 5 vezes mais. Uma Junta, nós como Junta recebíamos 8000 Euros anuais pelas ITI, se fosse um CD recebia 26, é para você ver

AL: ah, não sabia desse pormenor

TR1: por ser Junta de Freguesia

AL: e como Junta podem... lá está, podem, ok...

TR1: podemos só que recebemos menos

AL: vocês tiveram uma grande alteração de área forrageira agora com o decréscimo que houve...?

TR1: tivemos, muito. Nós tínhamos 600 e não sei quantos hectares de pastoreio, ficámos com 300... não chegou, 280

AL: e isso que repercussões é que vai ter? Ou que está a ter no baldio...?

TR1: Não teve muito porque também diminuíram a área de... por cada cabeça

²⁸ Fundo de equilíbrio financeiro

AL: já ouvi dizer isso também

TR1: não diminuiu muito. Por isso, tivemos aí um decréscimo qualquer mas não diminuiu muito assim por aí além, há freguesias muito piores

AL: mas houve pessoas que ficaram sem área, dos produtores?

TR1: não, não, não, ficou tudo com área

AL: e esse decréscimo

TR1: ainda nos sobrou alguma área

AL: sobrou? Ah... mas faz algum sentido decrescerem a área e depois decrescerem também a área requerida por cabeça? Acaba por ir dar à mesma situação? Ou não?

TR1: não, não chega muito bem, a nós pouca diferença nos fez, porque nós tínhamos à volta de 700, 680 para aí, e diminuíram para 280, tiraram-nos 400 hectares, é assim não é?

AL: sim

TR1: diminuíram o número de área por cada cabeça meio hectare. Fez ali uma diferença... mínima.

AL: pois, acaba por parecer que foram assim mudar a área por cabeça à última da hora só para não causar grande contestação, não sei, pelo menos é o que eu tenho percebido

TR1: isto, quem sofre mais com isso é as zonas onde há... a Ermida, Covide, porque tem muitas cabras e essas... como é que chama... tem muitas cabras e outros animais, as cabras é uma das coisas que requer muita área, está a perceber? E onde houver muita gente com essa exploração, mais prejudica. Nós aqui só temos um que só tem cabras, se tiver uns 4 ou 5 como têm os da Ermida e os de Covide, não tínhamos área para todos

AL: pois, está bem. Os bovinos precisam de menos área...?

TR1: quer-se dizer, precisam de menos área mas são mais em quantidade

AL: são mais os bovinos? Ah, são mais os produtores

TR1: são mais os produtores, nós aqui só temos um

AL: de cabras

TR1: de cabras

AL: e quantas pessoas é que têm... quantos produtores é que há que tenham animais

TR1: aqui?

AL: só para ter uma ideia, basta que me diga assim.... Dezenas

TR1: não, dezenas não... são para aí uns... agricultores.... São para aí uns 15

AL: 15 dentro do número de habitantes que me disse há bocado...?

TR1: sim

AL: quantos é que eram?

TR1: somos à volta de 957

AL: E só há 15 produtores de animais?

TR1: 15 ou 16. Tem mais só que não procuram... têm áreas deles. Entende? Quem tiver área não precisa de

AL: A questão das ITI só para ter uma ideia mais clara, vocês concorrem às ITI já há alguns anos não é?

TR1: concorremos, só que agora já não é ITI não é...

AL: sim, aos apoios zonais agora. Mas aquelas plantações, já me disse mas já não me lembro

TR1: foram um projecto com a Quercus

AL: não tem nada a ver com as ITI nem com subsídios do Estado...

TR1: não, não, não

AL: portanto com as ITI têm feito sobretudo, têm feito não, fizeram, sobretudo a limpeza

TR1: fizemos uma [plantação] à nossa custa, toda... foi a que está mais para aquele lado, embora as vedações foi tudo à nossa custa, tanto num lado como do outro, foi tudo suportado pela Junta

AL: pois, isso era o que o sapador me estava a dizer, o Severino não é... pois, e recebem 8000 só das ITI relativamente à

TR1: recebíamos, agora vamos ver

AL: pois exacto, eu esqueço-me que aquilo não teve ainda continuidade, mas eu acho que vai ter, pelo menos o que tenho lido no PDR

TR1: agora não sei se vai ser pior se vai ser melhor, vamos ver, temos de ser sempre positivos mas

AL: aquele corte da área forrageira vai ter alguma influência sobre aquilo que se recebe? O corte da área forrageira?

TR1: não... acho que não. Aquilo antes das ITI tinha de se fazer a medição delas e tinha que as marcar no... tinha que as marcar e tinha que as limpar, portanto nós como temos muita área

AL: hmm, portanto, depende da área que estão a limpar portanto não importa se a classificação

TR1: é... cada ano acho que era 3 hectares que tínhamos de... acho que era, 3 ou 4, ou mais, acho que era mais, acho que era 5 hectares por ano que tínhamos de cortar

AL: hmm, não me lembro, já soube mas não me lembro

TR1: é para aí uma coisa dessas

AL: então não interessa se a classificação é área elegível forrageira ou não

TR1: não, não

AL: à partida fica igual nesse aspecto.

TR1: é

AL: ok, e o dinheiro é sobretudo usado nisso não é? Na limpeza

TR1: é usado nos sapadores, como já lhe disse

AL: mas os sapadores são usados também para fazer as limpezas das ITI não é? Estava o senhor Severino a dizer-me

TR1: é, são usados nos vencimentos deles e no orçamento que temos com eles e com a associação... que nos fica bastante caro

AL: ok... espere... o que é que é usado nisso? O dinheiro das ITI? Não... sim.

TR1: o dinheiro que recebemos dessas ITI é para fazer a limpeza e depois o dinheiro das ITI não nos chega para lhes pagar, portanto temos que arranjar mais dinheiro dali e daí, do orçamento da Junta neste momento

AL: 8000 foi o que disse que recebiam das ITI?

TR1: por ano, recebíamos 8000 e depois pagávamos 30 e tal mil Euros por ano para eles

AL: pois... eu só estou a fazer tanta pergunta para isto porque o que eu tenho reparado em outros baldios é que os sapadores nas aldeias têm um determinado propósito, que é fazer as limpezas por causa dos incêndios, por baixo das florestas de pinheiro e por aí, e depois

TR1: mas isso é serviço público

AL: exactamente

TR1: serviço público para a entidade do Estado, que é o Parque Nacional

AL: ok... mas eu tenho ideia que muitos baldios apesar de terem equipa de sapadores ainda pagam a uma empresa para fazerem as limpezas das ITI

TR1: como?

AL: para além de terem os sapadores

S2: nós não, nós geralmente é serviço

TR1: porque há baldios que não têm equipa de sapadores

AL: mas mesmo com equipa, estou-me a lembrar... de Fafião por exemplo

TR1: na Ermida quem as foi fazer [as limpezas das ITI] foi a nossa equipa...

AL: das ITI... mas eles também pagam a uma empresa, que ele disse-me

TR1: mas agora, eles pagaram para lá... isso não foi, eles fizeram um negócio com a associação e depois é que foram lá, mas foi com um preço muito baixo e eu depois quando soube do preço disse depois que não valia a pena andar a gastar gasolina porque a Junta... eles depois fazem a conta a tudo, é o combustível, é os seguros é essas coisas todas, e depois a Junta aqui não pode andar a fabricar dinheiro, mas também não gosta de ser prejudicada. E ajustaram para lá o hectare não sei a que preço, a um preço muito baixo e eles foi por isso, aproveitaram e foram finos. Para isso não vale a pena porque era um preço bastante baixo e que vinha prejudicado eramos nós

AL: pois, pois. Mas eu estou a lembrar-me de alguns baldios que têm equipa de sapadores que tem determinadas funções e depois pagam a uma empresa com o dinheiro das ITI para fazerem as limpezas das ITI. Os sapadores pelo que eu percebi fazem sobretudo aquelas limpezas de segurança, de tudo não é, da aldeia e dos arredores, e depois essa tal empresa que eles pagam fazem aquelas que são prescritas, ou como poderemos dizer, pelas ITI. Não sei... mas pelos vistos é possível também manter...

S2: não sei se será por causa disso, pronto, os nossos sapadores florestais não estão sob a alçada da Junta, digamos assim, os nossos sapadores pertencem a uma associação. Pronto, a equipa está afecta aqui à nossa freguesia de facto, mas quem gere, digamos assim, a entidade patronal dessa equipa é essa associação

AL: a ADEFM²⁹ não é?

S2: é, a ADEFM, exactamente. Pode ser por causa disso

AL: pois, no fundo é a mesma coisa, vão buscar na mesma trabalho exterior

S2: exacto... no fundo a Junta não tem sapadores, temos é uma equipa que está afecta aqui à nossa freguesia e que trabalha na nossa freguesia, faz, eventualmente faz serviços também para fora da freguesia

AL: exacto. Faz, o sr. Severino estava a dizer que também faz.

S2: ela está aqui porque nós participamos com os 50% senão não estava, estava noutro lado

TR1: se o orçamento é de 70 mil Euros ou de 70 e tal nós temos de pagar metade desse orçamento, a outra metade paga o Estado

AL: ok... pois exacto, o ICN que dá também uma parte

²⁹ Associação de Defesa da Floresta do Minho

TR1: por isso é que eles têm de fazer o serviço público, eles têm um certo trabalho anual, chega-se a novembro, está assim acordado, faz o plano de actividades para o ano a seguir e é o serviço público tantas horas e têm que as fazer

AL: claro, sim... as ITI pelo menos pelo que eu percebi foram de alguma forma “vendidas” como sendo uma forma compensatória também de gerir o baldio

S2: sim, sim

AL: o baldio, lá está

S2: o baldio...

AL: pois é, estamos sempre a falar de baldio

TR1: mas digo-lhe uma coisa, são dinheiros muito mal distribuídos

AL: é?

TR1: para você ver... um baldio recebia 26000 Euros na mesma área que nós recebíamos 8 [mil]

AL: pois, no caso de ser a Junta que gere

TR1: no caso de ser o baldio, ia lá fazer duas cocegas, tumba, 26000 Euros. Acho que isso era dinheiro mal dado, porque no Estado havia de haver alguém que visse que, sei lá, esses engenheiros que tanto andam por aí, e não veem uma coisa dessas. As ITI são uma fonte de receita, é por isso que o dinheiro fácil leva as pessoas às vezes a fazer asneiras. Para ver, eles passavam lá, isto é assim, você limpava a ITI num ano, no outro ano era só mesmo passar, cortar os fenos, o que custava mais era o 1º ano, depois era só... e 26000 Euros por uma área que é a mesma que a nossa, que eu por acaso sei que nós, se fossemos baldios tínhamos 26000 Euros e só recebíamos 8 [mil]. Acho que era uma injustiça grande, que era dinheiro a mais

AL: eu até achava que não... que as Juntas não podiam concorrer

TR1: e havia Junta, havia CD a receber cento e tal mil Euros... dentro do parque, por exemplo uma lá para cima para a... em... como é que se chama, Portela do Alvite

AL: ah, sim... Sistelo

TR1: recebia cento e tal mil Euros anuais

AL: mas isso não é igual para todos?

TR1: depende da área que ponham

AL: pois, depende da área, claro. Mas se calhar faziam o trabalho não é...

TR1: talvez

AL: eu sei que o dinheiro que sobra do trabalho que é requerido pelas ITI, que é depois utilizado pelos baldios naquilo que eles bem entenderem, mas o que eu tenho visto é que normalmente investido

TR1: aquilo é feito e depois é investido claro

AL: sim, só que depois eles gerem-no... por exemplo, contratam uma empresa para fazer as limpezas mas tentam negociar de forma a conseguirem... ou usam os sapadores com o tractor que entretanto adquiriram, enfim, tentam gerir de forma a conseguirem fazer sobrar o dinheiro fazendo na mesma o trabalho

TR1: claro. Não, o trabalho tem de ser feito senão

AL: mas eu até nem acho mal, porque pelo que eu tenho percebido eles depois até utilizam na gestão do baldio ou utilizam em trabalhos para o povo ou para investir em certas coisas, não sei, pelo menos

TR1: investem em incêndios que aquilo arde na mesma tudo e depois lá vai tudo, o monte que arde

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...]... agora quando a lei toca na pele das pessoas, as pessoas vêm realmente movimentar-se e que não pode e que não pode, e foi o exemplo deste caso deste ano, a questão dos, das áreas que foram tiradas para o pastoreio, ou seja, as pessoas que normalmente tinham área que lhe sobrasse nas suas terras para fazer as candidaturas, porque por exemplo, as candidaturas dos animais, para serem feitas as candidaturas aos projectos, o que é que acontece, aquilo tem que ter um numero mínimo de área por animal, e depois tem de fazer as contas aos animais que têm, o que é que acontece, estas pessoas perderam de tal forma áreas, estes baldios perderam de certa forma área que as pessoas deixaram de ter área para poderem concorrer para fazerem as candidaturas. Por exemplo, embora as pessoas tivessem, que eu creio que foi só este ano, que só vai ser este ano, que é...portanto há um ano atrás era preciso um hectare para cada animal, para um bovino. E portanto desta vez como chegaram a retirar, como em alguns baldios que retiraram cerca de 75% que lhes retiraram de área, também arranjaram maneira para que fosse preciso meio hectare para cada bovino. Ou seja, o baldio, nós aqui por exemplo tivemos mais, quando nos retiraram terreno, agora estamos com mais do que o que tínhamos. Quer dizer, retiraram-nos terreno não é, portanto nós tínhamos 125 hectares, e ficámos com 82, portanto

TV1: [...] mas a diferença é que, por exemplo, sobre essas áreas, porque é que foram criadas essas áreas? Porque eles só quiseram considerar, portanto o pastoreio a área limpa, ou seja tudo o que fosse pedras e árvores e água e não sei quê, não valia, está a ver? Portanto outras zonas em que os pastores tinham por hábito fazer as queimadas em zonas que não há árvores nem há nada, por exemplo a zona da Serra Amarela, e aquela zona ali da Porta Aberta, tinham como hábito fazer queimadas, portanto aquilo é mato rasteiro... e quando o mato se tornava assim uma, aquela coisa velha, os pastores queimavam, queimavam para vir depois o pasto novo com a regeneração. E pronto, o que é que

acontece, isto foi feito através daquela, da foto, das fotos tiradas assim para se ver essas áreas, ao passar nessas áreas queimadas, mas que eram queimadas já tradicionais, eles consideraram tudo isso como incêndios. E daí retiraram todas essas áreas, e ao retirarem essas áreas as pessoas ficaram prejudicadas porque cortaram-lhe mesmo. O que é que lhe dizia por exemplo em relação a este crescimento, a este milagre do pão ou dos peixes, como se diz, portanto, eles deram, nós tínhamos 125 hectares e com 125 hectares tínhamos lugar para 125 bovinos, e ao passarmos para 82 portanto passámos para 164 bovinos. Mas para nós ainda foi uma coisa como o outro, porque nós temos realmente áreas limpas, nós temos muita área limpa, que aquilo é praticamente tudo vedado, são eles todos vedados e aquilo é mesmo área limpa, porque isto é assim, isto é uma zona que é baldia, a área é do baldio, o terreno todo, mas quer dizer, quem faz essa gestão é a vezeira, a vezeira de Vilar da Veiga, do gado

AL: a tal associação que eu já ouvi falar? Não...

TV1: não é associação, é a Vezeira, portanto associação não é, é Vezeira. Portanto são eles que reúnem, são eles que... se não comparecerem os associados, os sócios, se não comparecerem às reuniões, se não chegarem à hora certa, até podem não comparecer, mas se não chegarem à hora certa, até pode vir passado... se vier depois de ela começar já paga 50 Euros de multa. Se há duas 2 ou 3 por ano em que são obrigados a estar nessa vezeira, têm que estar reunidos, são 3 delas que não são avisadas, já se sabe que naqueles dias há essa reunião, é o tal chamado. Se não estiver no chamado ninguém precisam de avisar, se não estiver lá são 50 Euros

AL: se não forem

TV1: se não forem. E naqueles que são avisados têm de ser avisados e se não aparecer também pagam 50 Euros. E portanto têm as regras deles mas isto já desde 1920 ou 25, ou coisa parecida, que já são eles que usam, que fazem essa gestão daquela área toda lá de cima. Embora claro que o terreno é baldio e quem fez a candidatura para fazer estas obras e aquelas casas todas de recuperação, podemos dizer que são 6 pousadas, não é, são 6 pousadas, uma em cada curral

AL: o que é que é pousadas nesse contexto?

TV1: uma pousada, uma casinha. Portanto em vez de ser um barraco, um forno, como aquele que havia para estar lá dentro, agora pode-se ir para qualquer uma delas, pode-se lá fazer musica, pode-se fazer serão, pode-se estar cá fora, pode-se estar lá dentro, são digamos 5 casas de turismo rural por exemplo, onde as pessoas podem estar e fazer fogueira, ter tudo, sem perigo nenhum de haver aquele... a telha também é térmica, portanto imita mesmo... aliás com o parecer do PN na altura, para alterar a telha de barro para aquela chapa que é aquela chapa térmica, que é igual à de barro e que por exemplo o gelo iria descascar aquele barro todo no inverno não é? Portanto aquela é garantida para muitos anos.

TV1: [...] Mas isso era na altura os baldios, os compartes, estavam muito a querer valer-se do que precisavam, que era dos matos, das lenhas e dos frutos, hoje é realmente dessas áreas para... eu não vou dizer que seja para pastoreio, porque podemos mesmo dizer que nós temos, Vilar da Veiga tem estes 82 hectares que dá para 164 animais e aqui Vilar da

Veiga não tem lá 20 hectares, não tem lá 20 animais, ou seja não tem lá 10 hectares ocupados. Têm é realmente toda a área ocupada na questão dos projectos para as pessoas poderem fazer as suas candidaturas, que foi áreas que eu dei a outras pessoas sem serem aqui da freguesia

AL: deu para os subsídios?

TV1: para os subsídios exactamente. Mas também sabia que eles que não vinham para aqui com o gado, ou seja, eles têm onde ter o gado nas casas deles, só que para as candidaturas a área que tem não lhes chega. Portanto precisam apenas do documento em como têm a área para o pastoreio aqui, ou em qualquer dos sítios, e eu para várias zonas da freguesia, do concelho, não é da freguesia é do concelho, dei mais de 50 hectares dei essa área para as pessoas se poderem resolver. Não sei se isto vai continuar, mas o que é certo é que quando as pessoas têm essa necessidade, acham que faz falta os baldios e que devem haver baldios. Doutra parte se há uma assembleia ou qualquer coisa assim para resolver os problemas também não tem interesse nenhum.

TV1: [...] E é assim, e o que nós vemos em relação aos baldios é isto que estávamos a falar, portanto as pessoas não têm interesse nenhum, as pessoas aquilo de que elas mais lhes interessava antigamente, do que elas mais necessitavam, hoje já não têm essa necessidade, a necessidade maior é realmente as áreas que no fundo é apenas para fazer as candidaturas porque também não vão para lá com os gados, também os pastores daqui... portanto, aquilo é uma vezeira que funciona

AL: mas é de quantas pessoas

TV1: a vezeira tem regras.... Quer dizer, as pessoas mantêm-se na mesma na vezeira, mas aquilo deve ter, sei lá, para aí... agora grande parte das pessoas são da Ermida, e depois aquilo também tem uma quota. Portanto, é também junto com a Ermida, depois as pessoas têm uma quota, depois têm... caso não aparecer são obrigados... se uma pessoa sabe que vai pagar uma multa e tal, mas é capaz de ter para aí 80 pessoas

AL: ainda fazem o pastoreio do gado em vezeira

TV1: sim, sim. Há muitos que já não têm gado mas continuam na mesma só e são obrigados a ir na mesma. Agora por exemplo, as pessoas que vão para lá com o gado, Às áreas que eu dei para fora para os animais, eu também já sabia que as pessoas não vinham para cá com o gado, aquilo é no fundo só dar a área para as pessoas poderem dizer que têm área para se candidatar, porque não... eu já sabia que as pessoas... porque senão as pessoas daqui, eu já sabia me apertavam o pescoço

AL: as pessoas que estão nessa vezeira têm também subsídios provavelmente...

TV1: sim, muitos fazem subsídios, outros não... outros não fazem, não porque é assim, também, eles não vivem destas coisas, são pessoas que são reformadas ou GNR ou assim, pessoas que... quer dizer, já não são aquelas pessoas, os agricultores tradicionais que não tinham emprego e que o sustento deles era aquele, não é? Antigamente os agricultores tinham de ter esse sustento, tinham que arranjar maneira, porque o sustento deles era

aquilo que produziam, mas agora não, agora os agricultores quer dizer, são agricultores, têm aquelas coisas mas têm todos um emprego. Por exemplo, a Câmara, esta Câmara tem na sua maioria, tem os trabalhadores, tem muitos nos quadros mas... portanto, trabalham dentro da Câmara mas a grande parte é tudo fora, cantoneiros ou jardineiros, aquelas coisas todas, e portanto todas essas pessoas são todos agricultores, mas quer dizer, preferiram abdicar... abdicar não, no fundo eles fazem na mesma o [*? não se entende*] nos terrenos que têm, lá nas quintarolas que eles têm, recolhem na mesma o vinho, têm na mesma os porcos, têm o gado mas trabalham na Câmara. E assim para eles está sempre bem. Ou seja, eles vão fazer o trabalho deles, chega ao fim do mês têm o salário, têm os descontos, quando chegarem à idade da reforma têm a reforma e vão fazendo ali as... durante o fim-de-semana e depois nos feriados da Câmara e depois quando vem o Verão a largar às 16h30 da tarde ainda têm tempo de trabalhar... trabalham na Câmara e ainda... ou seja, vão para a Câmara fazer o que têm de fazer não é, e depois às 16h30, ou às vezes até largam à 1 da tarde, para ir, e vão fazer esses trabalhos. Quer dizer, as pessoas vivem bem, porque têm um trabalho na Câmara e depois fazem os serviços na mesma na agricultura e prontos, e depois têm as duas, estão garantidos. Mas quando era mesmo só viver daquilo, era mais difícil e as pessoas aí tinham que se agarrar a tudo. Hoje mesmo os adubos, os estrumes e tal, em vez de andarem ao mato compram aqueles sacos azuis daquele estrume e nem é preciso cortá-lo com a enxada, antigamente eles tinham de roçar aquilo e faziam aquelas pilhas nas costas dos animais

AL: e já não vão buscar mato ao monte hoje em dia?

TV1: não... não, nem mesmo o deles, já ninguém vai ao mato, nem nas suas coutadas, tanto que o problema dos incêndios também tem muito a ver com isso

AL: as coutadas mantêm-se privadas portanto...

TV1: são privadas, mas mesmo eles nem ao mato deles vão, já ninguém vai ao mato para pôr nos animais

AL: pois... vocês também de candidataram às ITI?

TV1: candidatámo-nos mas já acabaram

AL: sim, mas nos outros anos têm recebido...

TV1: sim, sim, sim

AL: e têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI para depois usarem noutras coisas ou não?

TV1: prontos, isso foi... isso foi outro dos erros que foi cometido ao longo destes anos todos, portanto, a outra equipa que saiu antes de mim fez ainda, portanto, 4 anos. Portanto, recebeu 4 anos. E eu recebi também um deles e mais 4, talvez... e agora acabou. Mas não deixavam de ser 24000 Euros, e portanto, a diferença que tinha, e eu, um dos anos que eu fiz... dois, dois anos que eu... um ainda pela candidatura deles, e depois outra feita por mim, creio que foi assim... ou foi um ou dois, eu chamei a equipa de sapadores de Rio

Caldo, também é da ADEFM... chamei a equipa de sapadores de Rio Caldo, e portanto recebíamos na altura 24 000 Euros, eu chamei a equipa de sapadores, e pelo serviço que tinham de fazer... que fizeram, aquele conforme o plano, paguei 2200 Euros. 2200 Euros que paguei do serviço para fazerem aquela limpeza e o que quer dizer que fiquei com mais de 20 000 Euros de lucro, não é? e portanto, o que é que eles fizeram durante aqueles 4 anos pelo menos, foi... aquilo ficaram com mais de 20000 Euros de lucro, portanto dá 80 000 Euros, só nesses 4 anos que eles, que a equipa que fez esse trabalho

AL: e usaram sempre a mesma equipa de sapadores cada ano...

TV1: portanto, eles faziam com essa equipa de sapadores também, de Rio Caldo. Portanto, se pagavam 2000 e qualquer coisa ficavam com 20 000 e ... de lucro, e portanto depois gastaram foi aí nessas coisas mal gastas. Entretanto eu fui realmente, um ano depois, não me recordo, e que teve realmente esse lucro, mas depois de seguida apareceu a equipa de sapadores de Vilar da Veiga, ou seja, o que é que nós temos? Nós temos que pagar por trimestre um valor à ADEFM pelos sapadores, e quer dizer que esse dinheiro das ITI é contabilizado no fundo para pagar aos sapadores. Ou seja, os sapadores tinham aquele plano ali para fazer das ITI's, não é? Prontos, iam fazendo aquele plano, e depois iam trabalhando na mesma para o baldio, sem planos, na altura também não havia projectos, depois conseguimos um projecto também de 40 e qualquer coisa hectares. Mas quer dizer, a soma dos 20, por exemplo nestas

AL: um projecto para plantação...?

TV1: plantação e limpeza e tudo. Nós fazíamos parte... por exemplo, no plano de actividades, no plano de actividades quer dizer que por exemplo os sapadores custam aos baldios cerca de 37000 Euros por ano, não é, são 9500 de 3 em 3 meses, e portanto lá está, por exemplo, no plano e orçamento da equipa de sapadores, que eu faço à parte do baldio, da gestão do baldio... desta equipa de sapadores que custa 37000 Euros, a gente já previa os 22 000 das ITI, para pagar aos sapadores, não é... e depois mais os serviços particulares que eles façam calculados em não sei quanto, e os sapadores acabam por custar

AL: vocês recebem e eles só recebem salário... não é?

TV1: exactamente, ou seja, nós tínhamos de pagar à ADEFM 9500 de três em três meses, portanto o dinheiro das ITI que era por exemplo 24000 Euros, não é... portanto, eles executavam aquela limpeza que estava programada e depois andavam a trabalhar para o baldio, portanto, desses 24 000 Euros que nós recebíamos das ITI eles recebiam aquele e mais, andavam a trabalhar sempre para o baldio, portanto esse dinheiro dava para lhes pagar e dava para uma parte do orçamento. E depois, por exemplo, se eles fizessem uma coutada para um particular, que fizessem 1500 Euros, depois mais mil, e mais... de serviços particulares, no final do ano... eu posso dizer que até este ano eu nunca paguei nada aos sapadores, ou seja, o baldio nunca teve despesa com os sapadores, foi sempre esse dinheiro que vinha das ITI... mas que era de trabalhos feitos, ou seja, o que é que eu quero dizer... se, no tempo dos antecessores recebiam os 20 000 Euros das ITI, e se eles chamavam a equipa de Rio Caldo e pagavam 2000 para efectuar esse serviço... era a única coisa que faziam também, não faziam mais nada... portanto, esses 20 000 Euros iam para outro lado mas não para a floresta não é? Vinham para a floresta mas não eram utilizados na floresta. Neste caso, o nosso... desde que temos a equipa de sapadores, é usado na

floresta. Porque quer seja directa ou indirectamente, eles estão a trabalhar na floresta, não é? Portanto, eu não lhe vou pagar nada por ele estar a fazer aquele serviço ali para o baldio, mas como tenho que pagar 9500 à associação de 3 em 3 meses, eles têm que estar a trabalhar para o baldio, por exemplo se estiver a chover, vão arranjar os caminhos, tratar dos caminhos do baldio e se não fossem eles tinha que arranjar alguém para tirar os [? *Não se entende*], por causa da chuva para não cortar os caminhos, e prontos, é esse dinheiro das ITI reflectia-se no orçamento dos sapadores

AL: e eram também os sapadores que faziam a limpeza das ITI

TV1: pois, faziam tudo

AL: então era, só usava esses 9500 por ano, basicamente

TV1: de 3 em 3 meses. São 37, e a associação recebe 35, portanto uma equipa de sapadores tem um orçamento na ordem dos 72 000, sendo que a associação recebe 35000 do Estado e 37 do baldio, portanto, para fazer os 72 000

AL: então vocês que recebem 20 e tal mil, gastavam 30 e tal mil

TV1: exactamente, nós... 24... 13... portanto, nós gastávamos 37, o nosso orçamento era 37 por ano, não é, para a equipa de sapadores. Se nós recebíamos 24....

AL: teriam, que gastar 13 000

TV1: 13, 13. Mas quer dizer, nunca gastávamos porque os trabalhos que os sapadores faziam para os particulares acabavam por... portanto, 1500 de roçar aquela coutada, mais mil para a outra

AL: não iam para a associação, iam para vocês... esses tais trabalhos que eles faziam para particulares...

TV1: se fosse para a associação nós ao fim descontávamos, porque para nós também não vinham, mas quer dizer, ao fim havia o controlo do dinheiro que ia ter à associação e nós quando íamos para pagar já não pagávamos, porque eles já tinham recebido... não é, já tinham recebido desses serviços. Esses serviços, pronto, também algumas vezes havia, outras não havia, e depois também tínhamos um projecto com 40 e tal hectares que era naquela zona que ia para a Ermida, e portanto este ano é que realmente foi cortado tudo, foram as ITI's, foram cortadas as ITI's, foram cortados os projectos de limpezas, que nós fizemos um e depois aconselharam-nos a recandidatar-nos a continuação daquele projecto e ele não deixaram... portanto, foram cortados, não deixaram, este ano não...

AL: não vai haver? Já sabem?

TV1: vão abrir agora, mas para já, de momento ainda não há nada, ainda não há nada em concreto

AL: e essas candidaturas vocês faziam com a ajuda de quem?

TV1: da ADEFM, somos associados e pronto. Essas das ITI's era o Parque que as fazia, portanto o Carlos Pinto, o engenheiro Carlos Pinto é que fazia, é que faz, essas

candidaturas, portanto ao nível dos baldios todos do parque, é ele que faz as candidaturas. Portanto, essas ITI e esses INP, são feitos pelo Carlos Pinto. Agora não sei, creio que vamos saber cerca de 11 000 Euros, ou coisa parecida, por causa das... é outro nome que eles chamam-lhe as... zonais

AL: os apoios zonais, sim... que é portanto aquela questão, antigamente na vezeira faziam-se as queimadas, não é? Eram feitas as queimadas controladas que iam as equipas de sapadores, a nossa e a de Rio Caldo, íamos queimar aquilo, para a vezeira de Vilar da Veiga, para a de Rio Caldo, para todas, fazia-se assim. Agora como, visto que aquelas fotos que acabaram por tirar as áreas do pastoreio, portanto, está queimado, agora é proibido queimar e tem de ser roço, tem que se roçar... mas quer dizer, como é menos área calculo que nos vão tocar cerca de 10 000 ou 11 000 Euros, coisa parecida

AL: quanto é que vai receber, pensa?

TV1: 11000... penso que 11000. Mas é para roçar umas áreas... portanto, aquilo está dividido em... aquilo são 6 currais, portanto, aquilo estão na zona dos currais, aquilo está dividido, são 6, umas são maiores e outras são mais pequenas, aquilo é também em 5 anos, portanto... quer dizer, a área é praticamente a mesma que era a das ITI's, da limpeza, o dinheiro é que é menos

AL: todos os baldios recebem igual das ITI ou depende da área que têm para limpar?

TV1: os que não estiverem no parque não recebem

AL: sim, mas não depende da área do baldio o valor?

TV1: da limpeza, não... é da limpeza

AL: ah, da área da limpeza.

TV1: por exemplo, nós temos, nos 5 anos que temos para fazer, podemos optar por fazer esta ou optar por começar uma outra, mas portanto aquilo são x hectares

AL: que têm que limpar todos os anos não é? Eles é que dizem quantos hectares?

TV1: sim, eles é que marcam nas cartas os hectares

AL: estou mesmo a terminar, queria só perceber, então neste momento o baldio que receitas é que dá? Já percebi que das ITI não sobra

TV1: das ITI não há, portanto, isso acabou

AL: ou não sobrava, pronto, até hoje

TV1: quer dizer, por questões de... não sobrava porque se trabalhava

AL: porque tinham os sapadores não é?

TV1: tínhamos a equipa de sapadores, é assim... se não tivéssemos a equipa de sapadores chamávamos as pessoas para limpar como faziam os outros e depois sobrava, não é? Só que nós optámos por ter a nossa equipa e portanto essa equipa acabou por fazer coisas

que estão todas marcadas, não é, está tudo relatado... a questão de vários incêndios que não existiram por eles não é, primeiro porque estão de vigilância naquelas épocas de calor, enfim, o estado já para isso paga e que foram detectados vários incêndios em vários pontos aqui destas... enfim, destas coutadas dos particulares e chamaram e acudiram a tempo. E depois o desmazelo das pessoas também que tiveram que os chamar porque assustaram-se e tiveram medo que houvesse incêndio, antes de mais nada, que nós pusemos esses números também, para as pessoas... porque também era tudo contra os sapadores, não queriam que eles tivessem e não sei que mais. E portanto, acabaram por resolver muitas coisas, depois em rescaldos e... mas não quer dizer que não ardesse na mesma muita coisa.

AL: e também fizeram outras coisas não foi? Ao nível das aldeias...

TV1: sim, fazem, por exemplo um particular qualquer que não tem, que tem de fazer uma limpeza qualquer de volta da casa e que não consegue, não pode porque é idoso e não pode fazer e não tem dinheiro para pagar, vai fazer, pois claro... para todos os efeitos é comparte, e não pode e eles vão fazer e limpar, pois claro, quer dizer, a gente tem de ser sempre ouvido nestas coisas e portanto não paga. É porque senão também toda a gente queria e também tem que haver critérios não é, ouviu dizer que foi roçar para aquele então também quero que venha roçar para mim, quer dizer. Há essas coisas todas, por outro lado eles têm a questão dos caminhos que, por exemplo... da maneira que isto é íngreme, e os caminhos assim acentuados de tal forma que se, por exemplo, se não houver aquela manutenção ou se por exemplo, se estiver a chover e se... basta uma pedra meter-se numa valeta para a água em vez de estar na valeta vir pelo caminho abaixo, leva o caminho todo, não é, portanto, isto... essas coisas também têm que se ver. O dinheiro que eles recebem... eles trabalham todo o ano. Portanto, digamos que o que acontece é que o dinheiro contabilizado para o orçamento deles é deste das ITI's. Agora eles faziam aquelas áreas que estavam marcadas para as ITI mas depois têm outras áreas do baldio limpas sem ser com dinheiros, não é, que não houve dinheiros de nenhum lado. E os dinheiros que realmente eu recebi foi dos baldios durante estes anos eles não... desde 2010, realmente foi... há um que eu recebi que não queria receber, que fui obrigado a receber, que foi o dos incêndios, uma ninharia

AL: ah, da madeira queimada

TV1: queimada... porque por exemplo, eu tinha me... havia aqui na zona de Ermida pinheiros enormíssimos, que já estavam há um monte de tempo mas que deviam ser vendidos, mas que eu recusei a venda porque tinha ardido esta parte aqui toda e eu disse "se está aquela parte toda queimada, para que é que eu vou estar a vender estes numa zona destas e depois de estarem aqueles todos queimados, o que é eu vou fazer, enquanto são vivos deixa-os estar", estão a dar semente e

AL: ah, não estavam mortos

TV1: não, não, quer dizer, eram grandes, estavam grossos, não iam crescer muito mais e não sei que mais, mas quer dizer, o dinheiro também não fazia falta, por isso não vendi. O que é certo é que passado um ano arderam todos. E aí foi um prejuízo muito grande. Mas pronto, foi o que se conseguiu fazer... 50 000 Euros

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] eu tenho trabalhado muito com engenheiros florestais... ainda agora, olha por causa disto, nós também concorreremos àqueles projectos, lá de

AL: pois, também queria chegar aí, a essa parte da gestão actual do foral, só para ter uma ideia... porque inicialmente eu não estava muito por dentro de qual a diferença prática entre monte foral e baldio, agora já vou estando mais porque tenho falado com pessoas que estão associadas a montes aforados

TVf1: o problema é que a própria lei não prevê nada para montes forais, aqueles concursos, faz de conta que isto não existe... pronto, em termos práticos, e para efeitos de concurso, nós concorreremos como se aquilo fosse um baldio...

TVf1: mas acontece que já se criou isso. Ora bom, mas então para concorrermos lá para esses fundos

AL: aliás, muitos dos baldios que se organizaram recentemente, ou os compartes, organizaram-se precisamente para acederem aos subsídios

TVf1: exacto... nós estávamos organizados, nós precisámos de um projecto, na altura do IPAF, aquilo foi mudando conforme as circunstâncias

AL: agroflorestal?

TVf1: aquilo era para reflorestação... e então por causa disso andámos em guerra lá com o tal director do Parque e não conseguimos, essa deu-me gozo, que ainda ele era director do Parque... “ah, quando eu for director do Parque, a Furna...” e tal, que não vai aprovar projectos nenhuns, e foi nessa altura que foi aprovado o projecto para o Lindoso, e a Junta de Freguesia do Lindoso veio passar procuração à Furna, de maneira que

AL: passar procuração à Furna?

TVf1: a florestação... a primeira reflorestação que houve no âmbito desses projectos foi feita pela Furna, foi feita por mim, a freguesia do Lindoso passou-me a procuração

AL: mas o Lindoso é perto de Vilarinho? Não...

TVf1: é, é... divide com Vilarinho lá no cimo da serra, os terrenos fazem fronteira com Vilarinho

AL: ah, lá em cima da serra... mas o Lindoso faz parte de Ponte da Barca não faz?

TVf1: faz, mas nós temos aqui assim, aqui neste lado fica Vilarinho, o rio Homem, neste lado fica o Lindoso, e depois aqui no cimo fazemos o limite de fronteiras, para aqui é terreno de Vilarinho, para aqui é terreno do Lindoso. E então a Junta passou-me, na altura era quem geria ainda os baldios, então passou a procuração à Furna. E ainda era ele o director do Parque e foram aprovados dois projectos, deu-me um gozo [RISOS]

AL: e eles não queriam porquê? Porque era produção, é isso?

TVf1: o quê?

AL: porque é que os do Parque não queriam?

TVf1: porque embirrou, e depois ele não me queria deixar fazer o projecto e foi obrigado pelo tribunal a fazer-me o projecto. O próprio Parque teve de me fazer o projecto. Só que foi um projecto tão mal feito, tão mal feito, que eu não aceitei. Foi a primeira vez que... quando se concorre com projecto quero que seja aprovado para se ir lá buscar uns tostõezinhos. Pois eu recusei um projecto de 30000 contos, recusei mesmo! E escrevi uma carta para o IFAP do Porto a dizer que “recuso este projecto”, e foi feito pelo Parque, foi condenado a fazer-me o projecto [RISOS]

AL: mas estava mal feito porquê? Em termos de quê?

TVf1: porque, primeiro, olhe, plantação lá no cimo da serra, tudo bem, mas não prevê um caminho para depois lá chegarmos... como é que vou lá levantar a coisa? Sim senhora, o pessoal vai, eu tenho de andar a pagar ao pessoal para andar a passear para cima e para baixo ahn? Tudo bem, mas para isso que vão passear para outro sítio, eu quero é que eles trabalhem. E depois, sim senhora, cresceu a planta... como é que eu vou tirá-la de lá para fora? Tem de ter um acesso não é? Para depois ir lá um tractor, uma coisa qualquer, não digo assim ir lá um Porsche ou ir lá um *Rolls Royce*, mas um jeep... eu recusei e justifiquei porquê, e o engenheiro lá do IFAP do Porto, que era o chefe lá do IFAP do Porto disse “oh senhor Antunes, você alguma vez estudou engenharia florestal? Você parece um silvicultor” [RISOS] “eu nunca vi uma crítica a um projecto tão bem feita como esta” [RISOS]. Então deu-me razão e não foi aprovado o projecto. E depois eu fiz outro como devia ser, e ainda está... a ele não lhe interessava a porcaria da plantação para nada

AL: era plantação de quê? De pinheiro bravo?

TVf1: de pinheiro, de carvalhos, é conforme a zona, a área, da água

AL: e eram quantos hectares, tem alguma ideia? Só para ter uma ideia do que é que se fazia nessa altura

TVf1: o nosso terreno eram 1700 e tal hectares

AL: de plantação? Iam fazer a plantação na área toda?

TVf1: sim, claro... depois como ele não me queria deixar fazer isso nós pregámos-lhe uma partida, porque o Ribeiro das Furnas, que é aquele ribeiro que vai por aqui abaixo, esse é que faz o limite do Parque [descreve olhando para uma fotografia no livro dele, fala de como os limites do parque têm sido alterados ao longo do tempo, por exemplo, quando foi da Maria de Lurdes Pintassilgo passou a seguir a linha de água, etc.] [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a rádio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a serio? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andam no nosso os dos outros andam nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali. Mas moral da história, daqui para lá é Lindoso [...] e então como a Junta de Freguesia de Lindoso, agora já têm comissão de baldios mas naquela altura não tinham, passou-nos a procuração e nós fizemos o projecto. A mim não me interessava efectivamente para nada a plantaçao porque eu já sabia que ia arder, mas com base nessa plantaçao consegui fazer o caminho que vai da barragem junto até ali à aldeia de Vilarinho.

AL: já não há propriamente um director do Parque não é

TVf1: não, agora é da região

AL: sim

TVf1: eu nem conheço, e acho que já mudou agora recentemente

AL: mudou, mudou

TVf1: nem tenho mantido contactos, mantenho contactos ali com a delegação de Braga

AL: Carlos Pinto?

TVf1: o engenheiro Carlos Pinto... até tenho que lhe telefonar hoje, porquê, porque temos... já que já vamos falar dessas coisas, temos lá... reduziram-nos a área de pastoreio, mas não foi a nós, a alguns tiraram tudo, ali ao Campo do Gerês tiraram tudo, só houve um ou dois que aumentaram, não sei porquê

AL: que aumentaram? Ah...

TVf1: sim, acho que fica ali para a zona do Soajo

AL: eu acho que não é tanto aumentar, acho é que quando depois quiseram limpar a imagem disseram que eram só precisos x hectares por CN, aí é que aumentou, digamos assim, a área para alguns

TVf1: isso entrou em vigor o ano passado. Que nessas coisas, o engenheiro Carlos Pinto diz-me “ah venha cá acima para assinar”, eu venho e assino, confio nele... é uma equipa porreira, eu dou-me bem com os técnicos do parque, mas não

AL: o Carlos Pinto é muito bem falado

TVf1: mas com esse director do parque foi um dos meus maiores problemas.

AL: então e, actualmente o monte, para além dos museus que já percebi que chamam pessoas e que trazem algum rendimento, o que é que o monte traz de... para as pessoas, sim, através da Furna

TVf1: ora bem, praticamente não traz grande coisa, não traz praticamente nada. Aqueles 1800 hectares, constam lá nos parcelares, estão medidos com o GPS e aquela coisa toda, que aquilo que está nas finanças não deve ser muito certo, deve ser a olhómetro, agora este aqui foi medido por GPS, até estive para lhe mandar, até lhe convinha efectivamente ter um parcelário para ver como é que é, para a sua tese

AL: em termos de divisão pelos vários proprietários, é isso?

TVf1: não, não, da divisão da propriedade

AL: ah, em termos do próprio limite

TVf1: do próprio limite sim. E então davam-nos, quando apareceram esses novos financiamentos, ainda no financiamento anterior, acho que foi revogado [ou renovado?] o ano passado. Ora bom, davam-nos à volta de uns 40 000 Euros, trinta e tal mil, eu nunca percebi a lógica daquilo. 30000 a 40000 Euros por ano

AL: mas para quê? Desculpe, agora perdi-me aí um bocado. Está a falar das ITI, não?

TVf1: não, ITI era outro projecto à parte. Não, é aquele projecto para fazer limpezas...

AL: ah, ok, os...

TVf1: aquilo muda de nome a toda a hora

AL: que é os Apoios Zonais agora, não é? é a mesma coisa que as ITI

TVf1: não sei como é que se chamam agora... para dizer a verdade não sei como é que se chamam agora. Os ITI e estruturas não produtivas não, isso é outro

AL: pois, mas as ITI é de limpeza dos matos não é?

TVf1: não, isso é de reconstrução de caminhos, por isso fizemos a recuperação de 8 cabanas

AL: mas isso é que as não produtivas

TVf1: é as não produtivas

AL: pronto, e depois há as ITI, que são as intervenções territoriais integradas, que é para as limpezas

TVf1: ah, então será, é capaz de ser isso

AL: e daí é que recebem os tais 40 e tal mil não é?

TVf1: recebíamos. Mas tínhamos de ter lá animais, não é? É evidente que a Furna não tem animais nenhuns. Não tem vacas, não tem cabeças comunitárias, não tem nada disso. Mas temos gente de fora que quer lá ter os seus animais, como temos espaço... então fazemos uma lista e temos de ter um certo controlo daquilo, aquilo depois é controlado, o número de identificação fiscal do proprietário, normalmente são proprietárias, as mulheres têm os gados todos, os homens ou não fazem nada ou estão a fazer outra coisa [RISOS]. Por acaso reparei que os animais estão em nome das mulheres

AL: e essas pessoas são de outra aldeia, a qual também tem o seu baldio, ou não?

TVf1: uns têm, outros não têm, outros têm pouco e não chega, porque aquilo tem de ter tantos hectares por cada cabeça não é e então às vezes não chega, há uns que têm 40 vacas por exemplo

AL: e essa área é depois a que eles usam para concorrer depois aos subsídios à produção

TVf1: exactamente. Então nós tínhamos isso, mas tínhamos de fazer limpezas, numa altura eles deram-nos 40 000 e nós gastámos 70 000, só para fazer limpeza do terreno, mais nada, fazer fogos controlados na época apropriada, ainda agora temos uma limpeza de mato que custa-nos 12000 Euros

AL: então o dinheiro que lhes davam das ITI não era suficiente para fazerem as limpezas?

TVf1: fica mais ou menos ela por ela

AL: não sobra?

TVf1: sobra nuns anos mas falta noutros, então nós gastámos 70000, logo já não chegou. Quando gastámos 10000 ou 20000 é conforme. O Carlos Pinto é que nos escolhe as áreas e nós temos de fazer

AL: e vocês fazem com uma empresa a quem pagam?

TVf1: sim, claro. É a associação florestal do cavado, trabalho bem com eles. Ainda agora mandou-me o orçamento para fazer limpezas lá de uma área que fica por aí por uns 12 mil e tal Euros, e ainda não recebemos nada disso. Se é pelo que recebemos este ano, só nos depositaram 7000 Euros

AL: isso já é agora os Apoios Zonais, que mudou agora com o novo PDR

TVf1: não sei se estes 7000 Euros não são ainda do anterior, mas vá lá que ainda temos dinheiro para isso, vá lá, vá lá. Já recebi o orçamento e agora espero que me façam aquilo, tenho de fazer até meados de Abril por causa dos prazos. Mas esse até nos vai ser bastante útil. Porquê? Porque é... neste, aqui neste vale [mostra-me num mapa ou fotografia no livro...] e eu pedi-lhes para em vez de entrar tanto por aqui, para manterem a mesma área mas puxam-me aqui para me limparem o rio, porque está cheio de, agora de verão está seco, mas de inverno..., mas no verão está seco, e tem aqui umas poças que são autênticas piscinas naturais que a malta chega ali e “epa, gostava de tomar banho” e tal. Só que precisa de estar limpo, porque senão não se chega lá, então se eu fizer limpeza nisto aqui, fica por aqui fora até esta área aqui

[...] Então, com essa limpeza nós ficávamos aqui com uma dezena de piscinas naturais, de água quentinha, até pode apanhar trutas ali e comê-las na hora, aquilo está cheio de trutas e de escalos e de bogas, apanhei lá muita truta. [...] porque eu tinha a intenção de ser ali, mas por acaso o Carlos Pinto até me apontou para ali. E já telefonei lá para ele me tratar disso. Porque nós temos aqui um trilho pedestre, feito em colaboração com a Câmara Municipal de Terras do Bouro e de Ponte da Barca, que começa em Vilarinho e sobre a serra toda por aí fora, 34 km, e durante esse percurso aparecem depois as cabanas de pastores, nós recuperámos 8 cabanas, e se quiser lá pernoitar, leva um saco-cama e fica. Já lá dormi várias vezes a guardar o gado só com um simples retalho pelas costas, nós nem precisávamos de mantas nem nada, também era de verão

AL: e essas pessoas que andam por lá, para além dessa tal cancela, não é, ...

TVf1: se forem a pé não controlamos nada

AL: ok, não tiram qualquer tipo de benefício monetário da entrada dessas pessoas. Mas normalmente, ao menos que não estraguem, porque nós recuperámos essas cabanas e em duas pusemos umas portas, porque lá no projecto as cabanas não tinham portas, ficava a porta aberta, punha-se assim um molhe de lenha e de urzes à porta, que se queimava e no dia seguinte ia-se buscar outro, portanto não tinha portas. Até porque algumas são tão baixinhas que até nem dá para por porta. Mas como o Carlos Pinto fez projectos lá de Montalegre, de Vilar da Veiga e do Gerês, onde as cabanas tinham porta, então espetou com portas em todas as cabanas. A gente nem reparou naquilo. Quando foram ver “eh, faltam aqui as portas”. “oh diabo, realmente está aqui no projecto”, agora pediram outra vez a revisão do projecto, coisas do arco da velha, enfim, uma confusão. Fez-se portas em duas, que são duas cabanas, normalmente elas são assim [procura no livro]. São cobertas de terra, mas há duas que são cobertas de telha, e essas tivemos de fazer de raiz, porque tinham levado as telhas, tinham deitado as portas abaixo e não havia lá nada para ninguém. E então pôs duas portas. Passado 8 dias tinham queimado as portas! Já viu uma coisa destas? Queimaram as portas mesmo. Os bandidos... é suposto que uma pessoa quando vai para a serra, vai usufruir, não vai estragar aquilo que está feito para eles, eu não usufruo daquilo para nada, a gente está farta de andar lá pela serra, não vai lá pernoitar. Agora, a mata que vem de longe, fazer os 34 km num dia [...] Ou então fazem ao contrário, fazem a cama cá fora e fazem da cabana a casa de banho, com a serra toda por conta deles... fazem uma coisa destas

AL: por acaso tinha a ideia que ali haveria mais respeito

TVf1: não há respeito por nada, principalmente quando é feito pelos outros, aquilo é feito para benefício deles. Enfim, é o que temos

AL: e essas pessoas que andam por lá, para além dessa tal cancela, não é, ...

TVf1: se forem a pé não controlamos nada

AL: ok, não tiram qualquer tipo de benefício monetário da entrada dessas pessoas

TVf1: Mas normalmente, ao menos que não estraguem, porque nós recuperámos essas cabanas e em duas pusemos umas portas, porque lá no projecto as cabanas não tinham portas, ficava a porta aberta, punha-se assim um molhe de lenha e de urzes à porta, que se queimava e no dia seguinte ia-se buscar outro, portanto não tinha portas. Até porque algumas são tão baixinhas que até nem dá para por porta. Mas como o Carlos Pinto fez projectos lá de Montalegre, de Vilar da Veiga e do Gerês, onde as cabanas tinham porta, então espetou com portas em todas as cabanas. A gente nem reparou naquilo. Quando foram ver “eh, faltam aqui as portas”. “oh diabo, realmente está aqui no projecto”, agora pediram outra vez a revisão do projecto, coisas do arco da velha, enfim, uma confusão. Fez-se portas em duas, que são duas cabanas, normalmente elas são assim [procura no livro...]. São cobertas de terra, mas há duas que são cobertas de telha, e essas tivemos de fazer de raiz, porque tinham levado as telhas, tinham deitado as portas abaixo e não havia lá nada para ninguém. E então pôs duas portas. Passado 8 dias tinham queimado as portas! Já viu uma coisa destas? Queimaram as portas mesmo. Os bandidos... é suposto que uma pessoa quando vai para a serra, vai usufruir, não vai estragar aquilo que está feito para eles, eu não usufruo daquilo para nada, a gente está farta de andar lá pela serra, não vai lá pernoitar. Agora, a mata que vem de longe, fazer os 34 km num dia [...] Ou então fazem ao contrário, fazem a cama cá fora e fazem da cabana a casa de banho, com a serra toda por conta deles... fazem uma coisa destas

AL: por acaso tinha a ideia que ali haveria mais respeito

TVf1: não há respeito por nada, principalmente quando é feito pelos outros, aquilo é feito para benefício deles. Enfim, é o que temos

AL: então, vocês estão a usar as ITI, as INP's, estão a aderir a quase todos os incentivos

TVf1: e este ano, nós temos 1700- 1800 hectares, mas reduziram-nos para 100 hectares, 90 ou 100 hectares

AL: quanto é que tinham?

TVf1: bom, 1800 era o coiso, mas depois eles tiram tudo o que é pedregulho, se for floresta também tiram, mas deve dar 1500 mais ou menos, 1500 e tal, ficámos com à volta de uma centena deles, não chega a 100. Claro que cortaram-nos logo no financiamento, reduziram para... Acho que à volta de 17000 Euros

AL: as ITI... porque segundo me disse o engenheiro Carlos Pinto, e o Parque, tem aquilo tudo medidinho, com as medições, e não ligaram nada áquilo. Acabaram por tirar uma fotografia aérea depois de aquilo ter ardido... ardeu a serra toda, e ardeu cá em baixo,

junto à barragem de Vilarinho, foi por aí fora, o guardião andou para ali, ainda queimou para lá a camisa, vieram os bombeiros “ah, a gente não pode lá chegar acima”, passaram dia e noite a olhar para o fogo a andar, depois vieram os helicópteros, atiram água lá de cima, ao chegar aqui espalham o fogo, aí vai ele mais para diante, cada coisa de água espalha o fogo mais para diante, ou seja, andou a espalhar o fogo pela serra toda, ardeu do lado de Vilarinho, passou para o lado de Lindoso, toda a Serra Amarela ardeu. Eles tiraram fotografia, nem precisaram de sair do gabinete... sou um gajo para respeitar ali os aumentos nas bombas de gasolina a dizer que é a taxa verde, que é não sei o quê... nem 1 cêntimo... é tudo para manter os burocratas nos seus gabinetes, tudo, tudo, tudo. A última vez que puseram essa taxa lembro-me perfeitamente, foi no tempo do Durão Barroso

AL: o Fundo Florestal Permanente?

TVf1: o Durão Barroso como Primeiro-Ministro, e o Secretário de Estado era o João Soares, que é defensor da celulose, que ia vender [*? Não se entende*] celulose para a Direcção Geral das Florestas... eu conheci porque negocieei com ele um projecto de Vilarinho e conheço pessoalmente. Então “não, temos que aumentar a taxa verde nos combustíveis” e tal e tal. Nem 1 cêntimo foi para plantar uma ervazinha, eu já plantei a pagar do meu bolso, a Furna já plantou a pagar das suas próprias finanças que já são poucas, centenas de árvores... eles? Nem um cêntimo para plantar uma árvore em Portugal inteiro. Tudo para os burocratas, por isso eu digo que não adianta, isso é um mito urbano, andam para aí uns bandidos que andam a roubar-nos dinheiro.

AL: e vocês conseguem controlar a utilização do baldio pelas outras aldeias?

TVf1: oh, eles têm mais que fazer

AL: não põem lá o gado?

TVf1: oh, algumas, mas se o deles vem para o nosso, o nosso também vai para o deles

AL: mas há vossos?

TVf1: nosso quer dizer, a gente a quem nós alugámos e pagam-nos para andar lá com o gado.

AL: Ah, ok, era aí que eu queria chegar, essas pessoas acabam por estar controladas porque é do interesse delas que a coisa esteja controlada

TVf1: sim, eles que andam lá que se arranjam com os vizinhos... nós dantes até fazíamos a... mas depois, aquilo é mais para turista, ou seja, é mais para a gente se encontrar e percorrer a nossa serra, e dar um sinal que muito pouca gente [*? Não se entende*]. Quando a gente sai de Vilarinho até que se forme a associação, aquilo estava abandonado... agora, eles sabem que aquilo está controladinho. E mais ainda, mesmo os das aldeias vizinhas, agora estão a sofrer as consequências, estou a lembrar-me de uma reunião que tivemos lá em cima em Arcos de Valdevez sobre essa história das áreas de pastagens, estava o Carlos Pinto, estava a Associação de Ponte da Barca, como é que se chama... a cooperativa de Ponte da Barca, dos baldios, e daquelas coisas todas, enfim... fazem parte do projecto

AL: sim, fazem parte da ELA, não é? Da estrutura local de apoio

TVf1: e então estávamos assim, estavam os presidentes dos CD, um bocado até coincidia com o presidente da Junta, acho que até eram ali de Curtinhos [ou Portinhos?], freguesia de Brufe, que faz confluência também com Vilarinho, esses é que normalmente nos causavam mais problemas, andavam lá sempre com os gados... e então quando a gente sai de Vilarinho eles pensam que aquilo é tudo deles. Agora até nem há problemas porque as pessoas que andavam com os gados entretanto já morreram, já estão velhos, já não têm vida. Mas vi o presidente do CD dali a queixar-se da aldeia vizinha que andavam lá no terreno dele, que ele já tinha pouco... eu ri-me cá para dentro e disse para dentro “é para saberes como custa a vida aos outros”. Mas normalmente é pacífico. Mas isso controlam-se uns aos outros

AL: mas há muitas cabeças de gado a pastar neste momento no vosso baldio? No monte...

TVf1: teoricamente, teoricamente só lá devia haver duas pessoas, era o que devia haver, que aquilo o ano passado começou muito apertado. Então tem que se dar a marca do terreno, que tem de bater certo com o numero de cabeças de gado que as pessoas têm, e cada cabeça de gado ocupa tantos hectares, portanto não pode passar aquela área e

AL: mas isso é mais para os subsídios não é?

TVf1: em teoria, em teoria... e legalmente só duas pessoas é que lá podem andar. E só pode ter determinadas cabeças de gado. Nós alugámos 50, e ao outro acho que foi 10 [cabeças de gado]

AL: mas quanto é que tem de área elegível actualmente?

TVf1: área elegível temos a volta de... não chega a 100 hectares

AL: essa redução é incrível!

TVf1: sim, viram a fotografia do Google e viram “ah, isto está tudo ardido”, não tem lá pastagem nenhuma, pumba, fica sem nada, pois é... por isso é que nos reduziram para 40 e tal mil Euros para 7 mil

AL: então e das ITI nunca conseguiram fazer sobrar dinheiro para poderem investir noutras coisas

TVf1: não

AL: porque aquilo é a fundo perdido, as comunidades ficam

TVf1: sim, mas não... nunca sabemos se no ano seguinte espetam uma área para limpeza maior. [...] ainda me passou pela cabeça distribuir aqui pelos associados, associados não, proprietários. Porque nós para além da associação temos também temos a reunião, quando é necessário, dos proprietários, os descendentes das pessoas que foram fazer a escritura

AL: no fundo são só que fizeram a procuração

TVf1: a procuração... mas por acaso, a mesa da assembleia dos proprietários é a mesma da Furna, está nos estatutos, o presidente do CD dos proprietários é o mesmo do presidente da Furna, quer dizer, os órgãos dos conselhos, ou seja, o órgãos de uns são os órgãos dos outros, para não haver cá confusões, e por sua vez os proprietários passaram procuração à Furna. Mas às vezes há necessidade de juntarmos os proprietários

AL: pois, tipo uma assembleia

TVf1: é mesmo uma assembleia de proprietários, aí não são sócios... só pode votar quem... ah, e quem nos der procuração, já aconteceu, vinham lá com tretas e não nos tinha passado a procuração, até nos tinha tirado a procuração. "Faça favor de provar que é proprietário", eu é que sei quem é proprietário e quem não é [RISOS] ora bem, isto só para dizer que estava a pensar fazer uma distribuiçãozinha, foi logo no primeiro ano, gastámos pouco dinheiro, foi os fogos controlados, não sei se gastámos para aí uns 10 mil Euros, deve somar para aí uns 30 000 Euros, ... só que no ano seguinte espetaram-nos com um projecto para limpeza de 60 mil. Ainda bem que não tínhamos distribuído, porque senão estávamos tramados

AL: ah, pois... mas vocês recebem também depois das quotas dos sócios não é?

TVf1: isso, não, isso é uma ninharia, isso é uma coisa simbólica, 6 Euros por ano e a maior parte não paga, isso não dava para me pagar uma deslocação daqui ao norte. Normalmente também era eu que as pagava, do meu bolso

AL: então é basicamente só subsídios da união Europeia que entram aí não é?

TVf1: basicamente. Depois temos madeira

AL: as madeiras exacto

TVf1: mas que às vezes até ardem. Temos feito plantações, só que as plantações depois pegam fogo... normalmente de 4 em 4 anos há lá fogo, de 4 em 4... se não há limpezas há fogo

AL: e com 4 anos os pinheiros já dão algum dinheiro?

TVf1: oh, não dão nada

AL: e as plantações fazem-se com que subsídio? Ou não é com nenhum subsídio, fazem à vossa custa

TVf1: não, aqueles 60 mil Euros nem foi para plantação, nem foi para limpeza. Para plantação tivemos depois outro, foi mais carvalhos que plantámos

AL: ah, carvalhos, aí não podem vender

TVf1: não. Isso é por gerações, só daqui a 100 anos é que

AL: ah sim, e supostamente não podem cortar, pelo menos dentro do parque

TVf1: e não nos interessa tirar lucro daquilo nem fazer rendimento daquilo, interessa sim conservar aquilo e manter aquilo minimamente apresentável

AL: sim, só digo porque para manter também é preciso dinheiro, por isso é que perguntei

TVf1: sim, precisamos de dinheiro

AL: enquanto houver subsídios a coisa ainda vai andando

TVf1: nós estamos habituados a viver sem subsídios, não havia subsídios nem para agricultura nem para nada e a gente sobreviveu durante séculos

AL: claro. Mas agora é diferente não é

TVf1: agora vive-se do subsídio. Agora vá lá, vá lá, que agora os subsídios que dão já obrigam a apanhar os girassóis, porque aqui... o subsídio era assim, era para plantar girassóis, mas era só para plantar, semeavam mas depois não tiravam porque dava trabalho. Ali no Alentejo, os girassóis ali tudo seco, ninguém apanha aquilo, porque o subsídio não era para apanhar

AL: pois, é como a produção animal também, não é. Dizem isso em relação aos garranos, dizem isso em relação a outros animais que são criados no Gerês. Eu não sei se é verdade ou não, mas estas histórias já as ouvi muito, recebem dinheiro para iniciar a produção e depois largam o

TVf1: não, o ano passado aquilo começou-se a fazer no papel muito seriamente. Eu sei disto porque eu tenho de ter uma guia porque, bom, primeiro tenho que estar registado, tenho de ter a marca, depois aquilo não coincidia a marca com o projecto, disseram-nos logo que aquilo não era candidatável, aquilo não coincidia, afinal aquilo tinha de ser daquela forma porque o sistema aqui em Lisboa não aceitava, uma treta qualquer, tinha de ser tudo direitinho. E só duas pessoas, duas mulheres, nem são os maridos delas, os animais estão no nome das mulheres, por acaso são cunhadas é que podem lá ter os seus gados, mas têm de ter uma guia para os levar, mas tem de ser agora em Abril, não podem levá-los em janeiro ou em março, é em abril e têm de sair de lá acho que é em princípios de outubro, e isso está sujeito ao controlo, se lá vai a tutela

AL: pois, e também ouvi um produtor de cachena, de vaca cachena, que agora já não é assim, ou seja, antes não se dava tanta atenção à parte da fiscalização à continuidade do projecto, ou seja à produtividade, mas agora já se dá... após x meses tem de haver crias

TVf1: exactamente. E depois tem de ter um curral adaptado lá para o bem-estar animal, para estar aqueles meses de novembro até abril, não até fim de março

AL: sim, e tem de haver provas de que está a haver produção

TVf1: tem de haver. E controlar as cabeças de gado que tem. E depois... por exemplo, ali são só duas mulheres, e agora o marido de uma delas também tinha alguns animais, mas que não têm direito a andar lá na serra de Vilarinho, apesar de ele ser natural de Vilarinho, mas uma coisa é ter direito a andar lá com os gados para comer, e outra coisa é ter lá os animais para ir buscar subsídio, tem de pagar à Furna... se recebe subsídio... aquilo que ele [*Não se entende*] não é estabelecido por nós. Então ele telefonou-me aqui há dias a perguntar se eu lhe podia dar lá meio hectare, porque a nós sobraram-nos 5 ou 6 hectares, porque ele tem terreno suficiente lá nos campos e na aldeia, só que tem para lá uma vaca a

mais ou não sei quê, e se vai lá a fiscalização ainda está sujeito a apanhar uma multa. E eu digo assim, “olha, eu agora já não sei ao certo quantos hectares é que tenho ainda lá, acho que são meia dúzia deles, mas um hectare pelo menos eu dou “também só preciso de meio hectare, e esse hectare não vai ficar em meu nome, fica em nome da minha mulher”, tudo bem, mas tem de [?] *Não se entende*], há período para submeter o projecto, há período para fazer a inscrição, por isso é que eu tenho de telefonar hoje ao engenheiro Carlos Pinto para saber como é que isso é, como é que eu tenho de fazer. E vai obrigar-me a ir lá acima várias vezes, depois é para assinar uma coisa, depois é para assinar outra e mais não sei o quê, das marcas e não sei o quê. Só isso, das reuniões já me gastava muito tempo. De maneira que eu disse “ah, mas tu para isso tens de pagar”, “ah, mas eu sou de Vilarinho” “pois, és de Vilarinho sim senhor, se não concorreres a subsídio tudo bem, estavas lá com o gado que quisesses em Vilarinho, mas concorrendo a subsídio tu vais buscar dinheiro, vais buscar 7500 Euros, o ano passado tinhas-me dito que eventualmente davas 500 Euros “ “não, mas ...” “não, não, foi quanto tu me disseste, vais dar 500 Euros e eu dou-te meio hectare, dou-te um hectare, não tenho problema nenhum”. “Ah, está bem”. E aquilo é por ano, foi feito foi por um ano, mas agora todos os anos tem de ser renovado, durante 5 anos. Mas não posso dar a outros. Mesmo de Vilarinho, que até aqui andavam lá com os gados deles, mas que para subsídio já não tenho espaço. Chatearam-se todos comigo mas paciência, já não tenho espaço. Que eu depois é que sou o gestor, depois caem em cima de mim não é. É que mesmo que eu desse eles não aceitavam, não lhes aceitavam as candidaturas, aquilo está controladinho ao máximo

AL: tiveram aí um corte enorme... isso não volta atrás?

TVf1: não faço ideia

AL: porque depois eles voltaram atrás, de certa forma, e alteraram a área necessária por cada CN, voltando no fundo à situação quase inicial, não foi?

TVf1: não, não, não mudaram nada. Para já nós próprios aqui do parque também contestámos isso e as populações também se manifestaram. Também assinei lá um abaixo-assinado e essa coisa toda, e ali do Campo, o homem lá do parque do... o Zé Carlos, do parque de campismo, não sei se conhece

AL: ah, do Campo do Gerês?

TVf1: sim. Ele é que encabeçou essa luta, eu subscrevi. Telefonei ao Carlos Pinto para saber mais ou menos “ah, acho que sim, nós também contestámos. 2015... não houve alterações. Não sei se em 2016 irá haver alterações

AL: porque eu tinha a ideia que entretanto alteraram, não o corte em si, o corte manteve-se, mas que tinham alterado a área necessária para se ter uma cabeça normal, que teria passado para um hectare, e que por isso

TVf1: não faço ideia. Tenho de telefonar agora, inclusive para saber quais são as démarches que terei de efectuar, e quais é que são as démarches que o interessado terá de efectuar, isso será lá por conta dele, para meter aqui mais um, tenho dois... mais outra pessoa com tantas cabeças de gado, ele é que me vai dizer, porque senão nem o sistema aceita. Ah, houve ali uma jogada de alguns, um que, quer dizer, um eu conheço, ate são

dois, que julgo que até é de Vilarinho e que lá dentro... ficaram chateados, porque eu na altura não sabia quais é que eram as regras do jogo, mas isso foi o ano passado, porque até aqui era diferente. Até aí não havia nada, eu só tinha de dizer quantas cabeças de gado é que lá andavam, 20, 30, 40 50, e tinha de dar o nome deles só, aí sim, nós por cada cabeça de gado que metia para lá acho que paga-se não sei se são 20 Euros, isso é o que paga lá o guardião, mas ele é lá de outras terras, isso que não seja para subsídio, não entra nesta contagem dos subsídios, anda para aí à volta dos 600 Euros por ano, e depois alguns não pagam e tal. Lá o guardião lá manda avisar ao padre, começa-se uma guerra com aqueles que não pagam, mais ou menos, que aquilo é mais simbólico que outra coisa. Mas sei lá, se tem um rebanho de cabras, não pagava nada porque era natural de Vilarinho, quem for natural de Vilarinho da Furna pode lá ter as cabeças de gado que quiser, entendem-se lá uns com os outros, nós aí não interferimos e não paga nada, agora de for de fora ou se for para subsídio, aí é outra coisa, têm de se adequar às leis nacionais como é evidente. E então esse, que mora ali em Paredes, na freguesia de Carvalheira, tinha lá um rebanho de cabras, e depois tinha também vacas e não sei quê, só que agora para concorrer ao subsídio precisava também de hectares. Só que naquela altura como nos reduziram a área, uma coisa é gerir, sei lá, tirando os pedregulhos, uns 1500 hectares, outra coisa é gerir 100, é muito diferente não é? E eu disse-lhe “eu nem sei quanta área tenho, e para já, para já, não posso dar a ninguém. Ficaram chateados comigo, eu também fui um bocado bruto, eu disse “não há nada para ninguém enquanto eu não souber as regras do jogo, como é evidente. Se é de Vilarinho pode ir para lá com os teus animais”, se é para subsídio [toca o telefone, é a esposa de TVf1]. Então fui lá acima a Braga [...] e disseram-me que, não, não, se você não tiver ninguém vocês não recebem nada, vocês têm de ter pelo menos duas pessoas. Ou seja, eu tinha o terreno, mas se não desse autorização a ninguém a entrar, dentro deste regime de subsídio, eu também não recebia

AL: ah, nas ITI

TVf1: nas ITI

AL: ok, ok

TVf1: então toca a telefonar à pressa a esse que eu tinha recusado, eu nem tinha o telefone dele, por acaso o Carlos Pinto tinha porque ele tinha sido antigo presidente da Junta, era o António, chama-se António e então... quase lhe pedi por favor para ele aceitar. Ele disse que sim, tudo bem, então pronto, já está. Lá me deu o número de identificação lá da mulher, e quantas cabeças de gado é que ela tem e aquela coisa toda... e depois precisava de outro e telefonei para o nosso empreiteiro, que andava lá a fazer as cabanas, por acaso deu sorte de lhe apanhar a jeito “ah, sim, sim, eu também quero”, e lá me deu o nome da mulher, é que tinha de ser naquele dia, que era o ultimo dia, ia-nos ficar cara a brincadeira. É que ninguém sabia como é que era, o Carlos Pinto também não sabia lá muito bem

AL: isso foi a primeira vez que lidou com as ITI então

TVf1: foi, foi, nesse regime foi a primeira vez

AL: isso foi em que altura?

TVf1: foi o ano passado

AL: ah, foi a primeira vez que teve acesso às ITI? É que há outros baldios que já têm há mais tempo

TVf1: não, neste novo regime, antes era aquele regime mais antigo

AL: as ITI existem desde 2006 ou 2007

TVf1: sim, mas esse é o regime em que não era preciso aquilo tudo e tinha 2000 hectares para dar

AL: ah, sim, não tinha havido os cortes

TVf1: sim, os cortes, era outro regime. O problema é que mudaram as regras do jogo e eu também não sabia, soube naquele dia à última da hora

TVf1: eu não tenho ligado nada, ou melhor... não, tenho

AL: foi em 2014

TVf1: não, mas ela não foi alterada

AL: aí foi alterada em 2014

TVf1: eu até escrevi sobre os baldios

AL: mudou muito, bom, bastante. Mudaram o conceito de parte

TVf1: não estou a par. Não, mas continua indivisível

AL: sim, continua a não se poder apropriar e essas questões todas, embora já haja arrendamentos

TVf1: porque nós beneficiámos desta história, de não se poder vender nem apropriar, nós beneficiámos dessa história da revolução liberal que era, o objectivo já dos nossos liberais era como o nosso Passos Coelho, era liberalizar tudo, principalmente aquilo que eram os baldios, aquilo era propriedade do povo então se ele saísse já não tinha direito ao baldio. Ora bem, até cito aqui, cito o Alexandre Herculano, em que ele diz que os baldios são das piores desgraças da agricultura portuguesa e para não me enganar eu fui mesmo ver o opusculo onde ele fez essa citação... fui consultá-lo. Por causa disso já me enganei uma vez e não me quero enganar outra vez. E por causa disso é que eles foram para aquela história que queriam se apropriar dos bens da igreja, dessas coisas todas, dos conventos, sei lá [...]

AL: quando diz eles está a falar do Estado é isso?

TVf1: sim, do Estado. E então o próprio Alexandre Herculano escreve esse opusculo, que foi em 1959, mas é de 1840 e tal, que é quando o Alexandre Herculano escreve sobre isso. E então aquilo diz "breves reflexões sobre alguns pontos da economia agrícola, e eu aqui até o cito melhor, mais completo [procura...] está a ver, isto foi editado em 1898, mas ele escreveu isto em 1840 e tal, em 1849, foi quando ele escreveu. E depois este e outros textos foram compilados em vários opúsculos

AL: isso está onde? Na Torre do Tombo?

TVf1: sim, e na biblioteca nacional. Mas também se for a internet também encontra isto. Ah, e for por aí que eles criaram legislação em que as câmaras se apropriavam, e o Estado apropriava-se daquilo que era baldio, e com base nisso já podiam dar, porque senão dantes não se podia dar, nem se pensava nisso, nem estavam preocupados com essas coisas. E então nós aproveitámos esse interregno da lei, então a câmara já podia dar, e deram-nos

AL: dar as terras comunitárias a proprietários individuais

TVf1: sim, daí ... não era dar áreas, eles podiam dar um foro, ou seja, uma enfiteuse, era uma coisa que continua a ser [...] no Alentejo havia muitos foros, muitos mesmo

AL: e havia muitos baldios mas foram todos apropriados

TVf1: a pouco e pouco. Portanto, nós beneficiámos disso, a câmara pode dar por enfiteuse... mas mediante o pagamento... e então, esta é uma tentativa que vem desde a revolução liberal, apropriar-se de tudo o que é dos outros, estava ao serviço do povo.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: ok. E conseguiram candidatar-se este ano às antigas ITI

MeC1: não. Às ITI candidatámo-nos três, mas em princípio só este que nós, o que eu tomei posse é que tem condições de elegibilidade, vamos lá ver os outros... o que é que diz o IFAP. Mas vai haver aí muitas mais candidaturas aí no novo quadro comunitário

AL: sim, mas eu não percebi, o que é que não tem elegibilidade?

MeC1: se calhar os outros não têm, porque tem a ver com encabeçamento, com o número de cabeças de gado, as ITI, tem a ver com isso

AL: ah... mas não tem a ver com áreas para limpar? Não sabia que também metia cabeças de gado aí no meio

MeC1: sim, mete o encabeçamento também

AL: agora houve recentemente um corte nas áreas elegíveis não foi?

MeC1: foi

AL: mas isso é para os produtores

MeC1: sim

AL: o corte aqui foi grande? Aqui em Castro?

MeC1: ainda foi bastante mas nós temos uma área de seis mil e tal hectares então...

AL: pois... e não há muitos produtores ou há?

MeC1: há... há bastantes

AL: mais ou menos o quê? Uma parte considerável da população

MeC1: mas o número de cabeças ou o número de produtores?

AL: de produtores... as duas coisas já agora

MeC1: não tenho aqui agora, mas da freguesia toda? Talvez 100, não sei... sei lá, não são... têm meia dúzia de ovelhas não é?

AL: pois

MeC1: e depois temos para aí uns 8 ou 9, que esses não, têm 30 a 40 cabeças de vacas, só vacas. Há produtores que têm para aí 70

AL: pois... e é o que tem sido feito em Castro Laboreiro... pergunto. Ou seja, eu percebo que aquilo não tem muita floresta, que eu já estive lá em cima e não vi grande floresta

MeC1: não, aquilo a única fonte de financiamento é mesmo as ITI, senão aquilo o rendimento seria zero

AL: já teve floresta ou não?

MeC1: já, a parte do planalto já... e em baixo também, tem algumas zonas que tem

AL: queimou ou foi-se cortando?

MeC1: não, não, por exemplo, no ribeiro ainda há lá uma encosta. No planalto aquilo é bastante alto, pouca floresta singrou lá

AL: e acha que aquela que vocês viriam a pôr conseguiria

MeC1: mas ia ser em zonas muito... em áreas pequeninas, em zonas muito específicas, áreas de 2 a 3 hectares

AL: muita gente diz que sem subsídios também não existia pecuária... acha que é verdade? Eu não sei

MeC1: mas isso é... se calhar é verdade, mas não podemos ver só Portugal... temos de ver a EU toda

X: [o terceiro rapaz que está presente na sala diz qualquer coisa]

AL: é produtor?

X: não, só que estou a par aí de algumas situações

AL: mas pode falar também (RISOS)

X: não

MeC1: porque os subsídios é para todos os produtores da EU, não é? Caso não houver subsídios para nenhum país se calhar o preço ia subir e tornava-se tudo rentável, por isso não podemos estar a pensar “sem subsídios”... porque não somos só nós não é? Se não houvesse se calhar o preço por kg subia e tornava-se... não é?

AL: sim, mas depois há aquelas línguas que dizem “ah, eles querem é o subsídio e depois deixam as vacas magras pelo planalto ou pela

MeC1: isso o subsídio é para preservar as espécies animais autóctones

X: eles já nem dão subsídios

MeC1: pois

X: há alguns que sim

MeC1: se é para preservar aquilo é um negócio bastante rentável pelos vistos. Tem gente que recebe muito dinheiro por ano

AL: pois, e depois há pessoas que dizem que o número é ditado precisamente pelo valor do subsídio

X: não, mas não é isso que está em causa, porque há subsídios para manter as raças autóctones, e isso não é focado para a produção, claro está, mas há outros que

AL: sim, já me disseram que agora foi implementada outra questão que foi também para garantir que há produção de facto, porque o que se diz que como o subsídio não é à produção mas sim aos números de cabeça as pessoas adquirem uma data de cabeças para terem o subsídio mas depois não lhes dão continuidade à produção, mas já me disseram também que tem que haver x cabritos... aí, os animais têm de ter x cabritos por ano e não sei quê, que é para garantir que há ali uma continuidade. Mas até hoje pelos vistos o que se tem visto, ou o que eu tenho ouvido, é que as pessoas adquirem os animais mas depois a partir do momento em que têm o subsídio deixam... os cavalos, por exemplo, andam sempre por aí, assim, aqui não, mas mais lá para a zona de Terras do Bouro, andam para lá e nenhum tem dono, mas se vem a fiscalização cada um passa a ter 20 donos

MeC1: nalguns... eu sei de casos noutros baldios, mas no nosso felizmente... há com pessoas de fora... com pessoas de fora há, e com os espanhóis, mas de resto não... as pessoas que se dedicam mesmo a sério àquilo, dedicam-se mesmo a sério

AL: às suas produções

MeC1: sim, e aos animais de uma forma geral, estão bem tratados.

AL: e que receitas é que o baldio dá neste momento? Neste momento não está a dar grandes receitas não é? Para a Junta

MeC1: dava, com as ITI estava a dar

AL: ah, conseguiam fazer sobrar e

MeC1: faziam... sobrou... Nós lá em Castro deram a uma associação 220 000 Euros, que é muito dinheiro

AL: deram assim?

MeC1: sim

AL: a uma associação? Qual associação?

MeC1: Castro solidário

AL: ah, não conheço

MeC1: um centro de dia

AL: ah, construíram qualquer coisa não foi?

MeC1: construíram o centro de dia, mas para dar 220 000 Euros...

AL: foi sobrando bastante ao longo dos anos. Acho que aquilo são 20 e tal mil Euros por ano, que dão... não é?

MeC1: quase 100 000 que davam

AL: ah, porque é gigante o baldio, pois

MeC1: nós tivemos a ver, não tenho bem a certeza mas deve ser perto de um milhão de Euros que se recebeu desde 2009 ou 2010

AL: pois porque isso depende da área não é? O que recebem da ITI depende da área que tem de limpar não é?

MeC1: sim

AL: e vocês têm uma área muito grande

MeC1: por isso dinheiro dava aquilo

AL: e vocês concordavam com a forma como eram usadas essas sobras de dinheiro, entre aspas?

MeC1: aquilo as actas não reflectiam o que acontecia nas reuniões, só para ver, já estávamos em tribunal por causa desta brincadeira e já não me recordo, houve lá uma decisão qualquer, e houve votação de braço no ar e eu discordei, levantei-me e disse “desculpe lá mas eu... não foi essa noção com que eu fiquei...” isto disse ao presidente da mesa “fazer nova votação para contarmos isto tudo melhor”. Negou-se.

AL: ah

MeC1: foi com este tipo de... depois imagine, 30 a favor 12 contra, até podia ter posto 100 para 4, negou-se a fazer uma recontagem, isto parece-me um bocado... de braço no ar

AL: pois, exacto

MeC1: por isso é que avançámos com uma lista porque vimos que a única forma de mudar era ganharmos as eleições, porque por outro lado não valia a pena, de outra forma era...

AL: eles não estavam abertos

MeC1: há deliberações... em dezembro houve uma deliberação da assembleia a proibir mais transferências para o centro de dia, em março transferiram mais 70 000 Euros. Quando chegamos a este ponto não há

AL: mas foram os compartes que decidiram que não iria haver mais transferências para o centro de dia

MeC1: e essa não conseguiram aldrabar a acta, está lá... estavam pouquinhos, só estavam para aí 20 pessoas (RISOS). E fizeram questão de ficar aquilo escrito, as pessoas quiseram ver a acta e ficou escrito. Não há mais transferências. E mesmo assim transferiram. Por isso

AL: mas vocês não concordavam então com essa questão do centro de dia?

MeC1: concordávamos mas uma coisa que fosse razoável, não orçamentar a obra a 300 e tal mil Euros e já ia em 500 000, mais do que 500 mil.

AL: aaah, por culpa dos empreiteiros ou...

MeC1: isso o que se passa lá dentro... agora, dar um apoio, isso é uma coisa, agora não asfixiar os baldios por outra associação, isto é que não tem pés nem cabeça não é. Com esse dinheiro podia-se ter feito muita coisa e não se fez nada

MeC1: mas nesta zona a noção que eu tenho... nós em Castro eu conheço a realidade, e o baldio é fundamental para a actividade das pessoas principalmente ao nível da pecuária. Se não houvesse o baldio não haveria pecuária. Era de todo impossível existir pecuária.

AL: sim, e isso é uma das coisas que se se vai a ler o que é escrito sobre os baldios actualmente, mesmo por pessoas que sabem do que estão a falar, ao generalizarem cortam uma parte da realidade dos baldios que é esta. Porque o que se diz muito é que a pecuária já não tem importância, que a tendência de hoje nos baldios é de ceder a exploração a empresas e a outros interessados externos e não sei que, e o que eu verifico aqui não tem nada a ver.

MeC1: esta nova lei vem um bocado contra isso, porque abriu muito mais a alienação, mas não tem nada a ver com o que se passa aqui, embora já tenhamos sido abordados várias vezes

X: também tem um bocado... os castrejos são muito de lá e de defender o que é deles, muito coiso... se calhar noutras terras não é assim tanto

[MeC1 ausenta-se um pouco]

X: eu ando sempre a dizer ao Albertino que sois fundamentalistas, que tudo que é de lá é que é bom, essencialmente bairrista, por norma aqui em Melgaço são somos bairristas, mas os castrejos são. E nós até costumamos por como termo de comparação com Monção, que é aqui o concelho vizinho, que são muito bairristas e nós não somos nada bairristas, mas os castrejos são, mas também não dizem que são de Melgaço, dizem que são de Castro Laboreiro

(RISOS)

X: porque o nome de Castro Laboreiro é muito conhecido por causa dos cães de Castro e eles andam um bocado à volta disso

AL: mas eu acho que é esse tipo de amor ou de relação próxima com os recursos que leva a que haja um baldio bem gerido, ou

X: aquilo já foi concelho, Castro Laboreiro já foi concelho

AL até quando mais ou menos?

X: isto... eu até fiz um trabalho para a escola também sobre isso mas já não me recorda

AL: mas é recente?

X: não, 1800 e qualquer coisa foi quando juntaram, porque havia [dirige-se ao mapa] porque se reparar isto parece um apêndice com o concelho de Melgaço. O concelho de Melgaço é isto aqui assim [...] havia aqui o concelho de Melgaço e o concelho de Valadares que apanhava aqui um bocado de Monção, mas depois veio uma reforma administrativa em 1800 e não sei quê e ficou tudo concelho de Melgaço e castro laboreiro deixou de ser concelho

AL: ok. Mas também era um concelho pequenino

X: era, era. Foi uma reforma administrativa bastante acentuada no território nacional. E foi a que permaneceu até hoje até esta reforma que houve há dois anos. E não mexeu no limite dos concelhos, só mexeu no limite das freguesias. Aqui houve cinco não foi? Cinco uniões aqui em Melgaço... [entretanto Sr. Albertino voltou]. Aliás houve a união da freguesia de Castro Laboreiro e de Lamas de Mouro, que era só uma freguesia, Castro Laboreiro

AL: e que levou a separar os baldios, por exemplo

X: e é muito conhecido o presunto de Castro Laboreiro, se reparar tem uma forma de presunto

(RISOS)

AL: as coincidências da natureza

MeC1: do que estávamos a falar, eu não tenho... a nossa realidade aqui [?] *Não se entende* várias pessoas queriam-nos arrendar

AL: várias pessoas queriam arrendar... mas tipo o quê? Tipo empresas ou pessoas particulares?

MeC1: as pessoas também que tinham animais. Para já estamos numa fase em que muitas pessoas estão a atravessar, faz falta para nós, para os compartimentos mesmo

X: e nas outras terras têm arrendado aos particulares, a essas empresas?

MeC1: há alguns sítios que arrendam

AL: no Gerês, isto é no PNPG, até agora não vejo arrendamentos acontecerem, mas não, aliás, o que eu noto é que às vezes o gado das aldeias vizinhas até vai lá mas ninguém... quer dizer, pode haver até conflito de palavras, há outros sítios em que não, que aceitam, como têm muito espaço e não há gado suficiente na aldeia, aceitam que os outros entrem. Arrendamento a pastores não tenho visto, tenho visto é para os subsídios, um baldio que tenha área suficiente para os da aldeia vizinha ou os do baldio vizinho só para os subsídios, não quer dizer que depois o gado venha para lá. Isso também vi, agora arrendamento propriamente a interesses externos que não sejam do baldio, não...

MeC1: aqui na nossa zona... não porque também as pessoas não concordam com isso

AL: pois não... eu até agora não vejo isso

X: aqui há muito aquele sentido de propriedade, o nosso minifúndio, a parcelinha

MeC1: não mas ia haver sempre conflitos

MeC1: o papel do baldio pela Junta, era o que eu estava a dizer, é só arborizado para virem verbas e para irem lá os pastores pedir lá as declarações, aí sim, dava-lhe o estatuto não é... mas não olhava para aquilo com olhos de ver

AL: pois, nem era explorada a floresta nem nada do género não é?

MeC1: era explorada para cortar (RISOS)

X: mas atenção que quando eu pertenci à Junta de Freguesia de Alvaredo, as pessoas iam lá para nós passarmos um papel da Junta por causa de irem receber os subsídios de... de quem tem rebanhos, de cabras e ovelhas e...

MeC1: isso era o que eu estava a dizer

X: porque era a Junta que era o encarregado do baldio, aqui debaixo é as Juntas, porque ninguém quer saber

AL: os pastores querem, não é, tipo, para terem a área

X: oh, é só para receber o subsídio, porque... meia dúzia de ovelhas e cabras e mais nada

MeC1: não, aqui em baixo... pastoreio é mesmo na zona de montanha

X: olha, eu agora é que recebi uns subsídios, e também acho que era de gado... ovino

AL: pois, é capaz

MeC1: não, mas lá em cima não, lá em cima tem mesmo... e na zona do parque toda, tem lá mesmo muitos animais, não é brincadeira. Eu se aqui há 10 anos me dissessem que isto ia estar assim, ninguém acreditava, porque com esta crise isto deu uma volta. Nós temos lá pessoal que perdeu o emprego no estrangeiro e veio para cá, está-se a dedicar a sério, e isto tudo para dizer... aqui há meia dúzia de anos atrás era impensável, este regresso, e agora está a haver um regresso à terra. E nota-se mesmo.... E o número de animais é único, que se fez aos anos, não havia tantos animais. Agora há menos é... há muitos animais mas poucos pastores. Agora se calhar uma pessoa tem tantos animais como tinha o lugar todo quase... ter 70 vacas, antes se calhar cada casa tinha para aí 5 vacas

AL: e isso é fruto dos subsídios provavelmente não?

MeC1: não... não, tem que ter, senão não é viável viver disso, só é viável, é o que eles dizem... até aliás, acho que os projectos só são aprovados a partir daí, nos concursos para jovem agricultor acho que é 35 cabeças, em termos de bovinos, só a partir daí senão acho que nem financiam porque não é rentável

AL: eu ouvi dizer que é preciso ter x maquinaria para iniciar certas explorações

MeC1: não... vamos lá a ver

AL: isto era numa conversa em que essa pessoa defendia que é muito bonito pensar em produção e não sei quê, mas quando se está numa área de parque que não se pode pensar que se vai criar aqui agora grandes explorações com animais e tal, com maquinaria e com toda uma... pronto, para se tornar rentável, isso não faz sentido num Parque Nacional

MeC1: não, e não faz. E maquinaria, isto é assim... obrigatório no fundo é porque tem de ter as alfaías todas para cortar o feno e enfardar porque senão não tem feno para o inverno, quando há muita neve... basicamente é isso. E depois agora também há pessoal que, nunca se plantara em Castro trigo por exemplo e há pessoal que está a semear trigo, pastores... depois enfardam a palha e o grão para depois dar aos animais também. Por isso, quem diz que não é rentável não vejo

AL: não, o que ele defendia era que, de facto sim, é bom o fomento à manutenção dessas actividades mas no sentido de conservação dos recursos mais do que no sentido de produção a longo prazo em que a pessoa se torna um verdadeiro produtor, com produção rentável para além dos subsídios, que isso não é possível no... no ponto de vista dele a produção pecuária é útil no sentido inclusivamente da prevenção de incêndios, da manutenção de

MeC1: isso é o teórico, porque... não está na realidade quem disse isso, isso é um teórico de gabinete, esse discurso

AL: ele não é bem de gabinete mas não está ligado à pecuária, isso é um facto, está ligado ao turismo, mas é uma pessoa do local, daquele baldio mas não está ligado à produção propriamente

MeC1: porque é o que eu digo, nós lá em Castro... todos nós tivemos animais e sabemos quais são as necessidades dos animais, maquinaria, há que ter

X: mas também é uma maquinaria básica não é

MeC1: mas ao todo gastas porque tens de ter um tractor forte, tens de ter uma enfardadeira, dinheiro para cortar, tens de ter um arado, estamos a falar de uma maquinaria normal para qualquer agricultor

X: por vezes é mesmo o sítio onde está o estábulo, onde estão os animais, que se calhar 2 ou 3 silos de ração, ou assim qualquer coisa, isso é que será uma maquinaria que tem algum impacto

MeC1: não há rações, nós é feno basicamente

X: pois, exactamente, mas se calhar as pessoas podem-se preferir a isso, porque isso é no fundo já uma exploração média não é

MeC1: mas isso não se utiliza, esses silos é de regime intensivo

X: pois, e é isso, não é nesta zona de facto

MeC1: não, nós é extensivo

AL: mas pode ser rentável em modo extensivo?

MeC1: é rentável... é o que eu estou a dizer, se calhar sem o subsídio neste momento não, mas nós estamos a competir com a Europa toda, e eles também são subsidiados. Foi o que eu disse, se deixasse de haver subsídios provavelmente o valor da carne subia. Não podemos ver isto

AL: pois. Se deixasse de haver subsídio deixava de haver na EU toda por isso ficava tudo ao mesmo nível

MeC1: e se calhar o valor da carne ia subir... todos os pastores recebem não somos só nós não é. Quem está num regime extensi... num regime intensivo não sei se recebem nem se não, mas o regime intensivo é completamente diferente

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: A Cachena terá sido uma variante da Barrosã, a caxena é originária ali de baixo, destas serras, dessas serranias aí da Peneda e tal... são zonas muito escarpadas, com forte declive e pastos pobres e então a caxena provavelmente terá evoluído um bocadinho para algo mais pequeno, membros mais finos, mais esganado o pescoço, focinho mais comprido e tal, para ela conseguir ir buscar a... a sítios mais

AL: pois, pois... e movimentar-se não é, se for muito pesada se calhar não consegue aguentar grandes declives

MeC2: poderá ser assim... poderá ser... não sou ninguém para...

AL: faz sentido

MeC2: e agora ultimamente veio a euforia das raças novas, e dos recursos genéticos próprios e essas coisas todas e tal, e terá caxena como raça, como raça descrita em livro genealógico terá para aí 10 anos

AL: só?

MeC2: por aí, não lhe vou dizer... mas por aí, 10 a 12 anos, talvez, como raça própria escrita em livro genealógico ahn

AL: mas se calhar é isso que diz, se calhar começaram a dar mais atenção agora, se calhar a vaca já existia mas agora é que lhe deu para

MeC2: exactamente

AL: porque acaba por ser marca não é? Turismo e não sei quê

MeC2: sim, há alguns interesses, apareceu aqui a caxena, mas apareceu lá em baixo (...) depois apareceu lá umas com umas características próprias, chamaram-lhe por exemplo, parece que lhe chamaram *garvonesa*, e agora apareceram aí há dois ou três anos, ou quatro para aí na zona da serra da estrela também uma raça muito própria, que lhe chamaram a *germelista*

AL: *germelista*?

MeC2: sim, *gemelista* ou *germelista*. Agora como há um apoio da EU ao património genético, essas associações, que de associações não têm nada mas pronto

(RISOS)

AL: de produtores?

MeC2: mas pronto, não são de produtores, tem alguns, pronto para tentarem ter alguma influência e tentar ir buscar mais algum dinheiro para ir vivendo e tal, então vão criando essas... essas [? *Não se entende*] que tecnicamente valerão que valém... valerão o que valém, não sei até que ponto se poderá chamar de facto raças [? *Não se entende*] uma raça é uma coisa restrita, é um grupo de indivíduos não é, que além de se poderem cruzar entre si por serem da mesma espécie têm depois de garantir determinadas características

AL: ah... também concorre àqueles subsídios para produtor agrícola... produtor de animais

MeC2: sim, sim, senão não tinha viabilidade nenhuma

AL: era? Isso é uma coisa que eu às vezes me pergunto...

MeC2: a minha carne, a carne que eu vendo, eu vendo carne DOP não é, e está mais barata do que estava há 20 anos, há 20 anos vendia-se o quilo de carne DOP, vitela barrosã DOP a 1050 escudos, dá 5 Euros e 25 não é? E neste momento estamos a vendê-la a 5 Euros, e o gasóleo se calhar quadruplicou [? *Não se entende*] portanto se não houver subsídios

AL: mas porque é que a carne baixa tanto o preço? Porque há entrada no mercado global e não sei quê?

MeC2: [VENTO] de facto os agricultores recebem os subsídios, mas quem tira partido desses subsídios é o consumidor, está a entender?

AL: sim, não é preciso porem o preço tão alto

MeC2: porque se o agricultor, imagine [VENTO] ou teríamos que vender a carne 5 vezes mais cara, e então nesse caso só uma elite é que eventualmente podia comer um bife, e então o consumo diminuía e se o consumo diminuía a produção teria naturalmente que diminuir, e depois vinham os problemas... o abandono das terras seria maior não é, vinham os problemas ecológicos e os problemas ambientais aqui da zona não é. Se hoje está tudo já praticamente semiabandonado, se isso acontecesse provavelmente estaria pior, não lhe parece?

AL: sim, exacto, o gado acaba por ter aqui um papel ecológico, não só a comer os matos mas também a deixar matéria orgânica

MeC2: não funciona um bocado com um certo... equilíbrio...

AL: e que já existe há séculos não é

MeC2: eu defendo... eu defendo não, mas já me questioneei... que não sei até que ponto uma boa parte do dinheiro que é gasto na prevenção e no combate aos incêndios, o que está destinado a essa, se não fosse distribuído de facto entre os agricultores, mas com algumas exigências não é. Não sei se não daria mais benefícios não era

AL: sim, sim, mesmo para prevenção dos incêndios

MeC2: exactamente. Nesta brincadeira toda, porque há uma... pronto, há uma relação, e isso está mais que estudado, que é uma relação entre o abandono das terras e a frequência dos incêndios não é

AL: sim, sim, sim, acumula-se combustível

MeC2: e por mais dinheiro que se gaste, e todos os anos, desde há não sei quantos anos para cá, todos os anos todos os governos têm aumentado a quantia de dinheiro para a prevenção e combate e, se houver um ano um verão mais quente a área ardida é sempre superior à anterior

AL: é, por acaso, nunca tinha pensado a fundo nisso do papel do gado na prevenção dos incêndios, até porque muita gente associa ainda pastores a fogo não é

MeC2: exactamente. Mas lá está, aí é que havia de dar o contributo aos pastores, ou aos agricultores, ou a lá quem fosse, mas também exigir-lhes determinadas coisas não é, determinadas práticas, não é só "toma lá e aguenta-te aí", não. E aquele facto que há bocado ia dizer que muitos incêndios estavam associados aos pastores, se calhar teria a sua lógica, o mato cresce muito e depois o pasto que escasseia e depois se lhe pegar fogo renova... e apareceu então aí para contrariar um bocadinho essa situação, os chamados planos zonais, não sei se...

AL: sim, aqueles apoios... as ITI

MeC2: os apoios zonais, exactamente, as tais ITI. Aqui onde nós estamos até foi uma zona que sofreu uma intervenção das ITI, porque senão o mato estava maior, isto podemos ver, ali à frente até vemos melhor, a zona que sofreu intervenção e a zona que não sofreu intervenção, a zona que não sofreu intervenção tem um combustível muito... muito maior. E esses apoios zonais se fossem mais implantados e mais... pronto, se calhar teria mais vantagem no combate aos incêndios e nessas coisas assim

AL: exacto. Sim, acho que houve mesmo, pelo menos do que as pessoas vão dizendo, e também a BALADI e assim, que desde que foram implementadas essas ITI que houve de facto uma redução dos incêndios

MeC2: mas podem ser consideravelmente melhoradas, podiam ser melhoradas

AL: a forma como são geridos, esses subsídios?

MeC2: exactamente... e mais implantadas, e mais

AL: ah, sim. Sim, porque eu acho que isto é só para as zonas protegidas por exemplo. Aliás, no ano passado, ou pelo menos no outro quadro comunitário, foi só aqui, na Serra da Estrela e não sei se em Montesinho também

MeC2: foi em todas as zonas protegidas, agora neste quadro comunitário nem todas, parece que não houve para todas, sei que há aqui na Peneda-Gerês, continua na mesma porque teve uma adesão bastante boa, na Serra da Estrela penso que continua³⁰

AL: sim, acho que lá não correu tão bem, segundo me disseram, mas talvez continue

MeC2: no Douro Vinhateiro penso que acabou

AL: a zona do Douro Internacional?

MeC2: sim

AL: ah

MeC2: penso que acabou

AL: Montesinho acho que mantém também

MeC2: houve sítios em que se mantem houve outros sítios em que acabou... que acabaram

AL: sim, estive a ler esta questão dos Apoios Zonais há pouco tempo e só me lembro de ver lá Serra da Estrela, Montesinho e Gerês. Mas era para coisas diferentes, na Serra da Estrela era para outra questão qualquer, já não me recordo

³⁰ ITI (2007-2013): Douro Vinhateiro, Peneda-Gerês; Montesinho-Nogueira; Douro Internacional; Serra da Estrela; Tejo Internacional; Aire e Candeeiros; Castro Verde; SW Alentejano; Monchique. Apoio Zonal (20013-2020): socalcos e gestão do pastoreio PNPG; soutos Montesinho-Nogueira; rotação de sequeiro cereal-pousio Douro Internacional, Sabor, Maçãs e Vale do Côa; Castro Verde; outras áreas estepárias. Caiu S. Estrela, Tejo Internacional., Aire e Candeeiros, SW Alentejano.

MeC2: claro... claro que é. Aqui a nossa função é a manutenção da superfície forrageira das áreas do baldio não é... e no Douro Vinhateiro por exemplo foi fortemente a reparação dos socalcos e essas coisas todas

AL: pois, pois, na zona das vinhas

MeC2: cada um foi mais feita pronto, para situações mais específicas e características da zona onde era implementado

AL: vocês aqui que área é que têm, forrageira?

MeC2: de baldio?

AL: sim, área forrageira do baldio

MeC2: hmm, deve andar à volta de 6000 hectares

AL: bolas! 6000 hectares só de área forrageira? Aquela que concorreu às ITI?

MeC2: de pastagem, às ITI não se concorreu com essa área toda porque não havia condições para concorrer com a área toda. Ainda para mais, este ano também houve... o IFAP cortou muita área portanto não... nós de área considerada para concorrer às ITI, opa, eu não queria dar um número, mas andaria sobre os 4000 e tal hectares de área possível de candidatar. A área com condições de candidatar, por causa do encabeçamento, andaria na casa dos 3700 hectares

AL: agora, este ano?

MeC2: este ano, neste quadro comunitário, que começou este ano não é. A área que foi candidata não sei já... depois há aqui um problema de gestão do baldio

AL: pois, já ouvi dizer que houve umas situações, não sei o que foi mas já ouvi dizer isso

MeC2: porque os baldios, como tudo na vida, não é... os baldios começam agora a ser para as pessoas se promoverem, para se resolverem situações políticas, para uma série de coisas menos para

AL: pois

MeC2: pois... e daí às vezes acontece, isto é quase como em todas as situações, eu digo sempre aos colegas e tal, e aos tipos lá do ministério e tal, neste momento vive mais gente à custa da agricultura do que propriamente agricultores, você se somar as pessoas que estão nesses partidos, as pessoas que estão nas associações todas, que na maior parte dos casos as pessoas que lá estão à frente não têm nada a ver com a agricultura, por isso repare, isso é um sem numero de pessoas que... e quem é que paga isso? São os tais subsídios que o agricultor recebe. Há 20 anos por exemplo, há 20 anos... ou vamos fazer hoje, comparamos aqui nós aqui com a vizinha Galiza, eu nasce-me um vitelo tenho que gastar 17 Euros, assim que o vitelo nasce tenho que gastar 17, para quê? Para por um brinco e para ser inscrito no livro de nascimentos de, no livro genealógico da raça e para

fazer o saneamento de uma vaca tenho que gastar pelo menos 12 Euros por ano, um galego não gasta nada disso.

AL: então?

MeC2: o próprio Estado é que financia isso tudo. Nós não, porquê? Porque quem faz essas coisas são essas associações todas que estão aí, enquanto que na Galiza quem faz é o Ministério, são os serviços do ministério, não é, nós temos aqui os indivíduos do ministério a não fazer nada, mais ou menos, grosso modo, e depois estão a receber um ordenado, praticamente, eles próprios dizem, há muitos que estão rigorosamente sentados a uma secretária sem fazer nada, e depois temos que nós, que o agricultor, tem que retirar subsídio a que teve direito para pagar essas... entendes?

AL: mas isso é engraçado, porque nesta coisa dos baldios, das ITI e não sei quê, é tudo muito bonito e tal, mas se as pessoas dos baldios, e não estou a falar de si, que até é relativamente jovem e tem estudos e não sei quê, mas a maior parte das pessoas que estão nos baldios não são assim não é, têm sempre que recorrer a uma associação qualquer à qual têm que pagar para se poderem candidatar às ITI, porque sozinhas não conseguiriam. Portanto aquilo está direccionado já para se criar uma rede...

MeC2: é, é isso, a própria agricultura no nosso país está assim. A CAP (RISOS) não há duvidas que tem poder não é, a sede da CAP em Bruxelas parece que é uma coisa de um luxo extraordinário, enquanto que o que é que é o nosso país em termos agrícolas quando comparado com a Alemanha ou França ou Holanda ou assim? No entanto eles lá têm o último grito da moda (RISOS). Quem diz a CAP diz outras, a CNA, quer dizer a CNA é mais humilde, pronto, mas a CONFAGRI, toda essa...

AL: mas lá está, depois há outros baldios, e eu aí não percebo porque é que há uns e outros não, que é um engenheiro do ICNF que os ajuda a fazer as candidaturas, mas noutros não... não sei se os ajuda ou se simplesmente os mantem a par das candidaturas que abrem

MeC2: oh, não, ajuda, ajuda, no nosso baldio ajuda

AL: o Carlos Pinto e o Tomás, lá mais para a zona de Terras do Bouro e mais não sei quê

MeC2: o Carlos Pinto tem feito um trabalho muito bom nesta...

AL: porque ele fazia parte da ELA

MeC2: sim, sim, mas ele faz essa ajuda mas é porque pertence ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, e acho muito bem não é, o Parque Nacional da Peneda-Gerês...

AL: mas claro que eu acho isso muito bem

MeC2: também deve estar aí para ajudar as pessoas não é

AL: eu acho isso muito bem, eu acho é que isso deveria ser assim, há um subsídio para concorrer, ok, então vamos lá ajudar este pessoal que não percebe nada disto, se fosse eu

iria precisar de ajuda, eu sei lá preencher aquilo. Mas acho mal que as pessoas tenham que gastar dos tais subsídios que ganham, ou

MeC2: mas não... nesse caso até não gastamos mas

AL: mas há muitos baldios que gastam

MeC2: mas eu quando me estava a referir a que tínhamos que, seríamos nós, agricultores mesmo, não o baldio...

MeC2: enquanto que sendo assim, como é de todos não é, torna-se mais difícil fazer uma boa gestão e fazer uma série de operações que possam rentabilizar mais o baldio

AL: mas os produtores não se podiam juntar e fazer isso em conjunto? Se há vários...

MeC2: isso é o que se fez antigamente, o que se fazia quando as pessoas dependiam totalmente do baldio, é complicado...

AL: há muitos produtores aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não, para já ainda não há muitos

AL: mas quantos produtores é que estão

MeC2: sabe porque é que os produtores na generalidade não se preocupam muito com isso?

[toca o telefone de MeC2, ele atende]

MeC2: as pessoas estão mais preocupadas com os subsídios do que propriamente com a produção, não é? Por isso é que não se preocupam muito com o melhoramento das pastagens. E eu disse há bocado que quase compensa não produzir

AL: mas a partir do momento em que se recebe subsídio?

MeC2: pois, quase não compensa, porque ao preço que se encontra a carne, e ao preço que se encontram os [VENTO] quase que sai mais barato não produzir e viver só praticamente do subsídio

AL: então seria tipo, adquirir os animais e depois... por acaso lá em baixo disseram-me isso, “ah, isso as vacas andam aí muito magras”

MeC2: pois, está a ver, embora agora as novas normas, para que o animal tenha direito aos subsídios mudaram ligeiramente, uma vaca tem de pelo menos parir de 18 em 18 meses, não é, senão perde direito ao prémio

AL: eu isso não acho mal, pelo menos o que li, a PAC é um mundo, para mim pelo menos que só agora é que comecei a entrar nela

MeC2: é complicadíssima

AL: é super complicada, e pelo que eu percebi houve aí uns tempos em que os subsídios eram dados não pela produção mas pela área ou pelo número de cabeças, então é natural que as pessoas comecem a adquirir animais, agora se tiver a ver com a produção, a questão dos nascimentos, aí... eu acho isso bem, garantir que um projecto é um projecto realmente, não é só um suga-subsídios

MeC2: exactamente. [VENTO]

MeC2: portanto esses baldios são ricos porque podem ter outras coisas, agora nós não, Castro Laboreiro, toda a área que tem está dentro da área do parque, não tem muita... o facto de estar dentro da área do parque condiciona muito as coisas. Não pode ter pedreiras, não pode ter uma serie de coisas, não é? Pronto, não tem receitas próprias

AL: é só mesmo as ITI?

MeC2: é só mesmo as ITI

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: ai é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a serio? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

AL: acho que antes tinham mais não é, hoje em dia a floresta está a desaparecer

MeC2: pois, é assim, e a madeira... pronto, é complicado porque quase que compensa mais importá-la do que...

AL: o que é ridículo, não é... então aqui que há regeneração natural aos potes, quer dizer, não aqui em Castro Laboreiro, de facto aqui não vejo, mas em alguns baldios é uma coisa impressionante, o pinheiro está sempre a crescer, queima, cresce, queima cresce

MeC2: sim, mas está sempre em sítios quase inacessíveis, e sai muito caro, e depois o que vale a madeira... a madeira neste momento o que tem mais valor é para a celulose e para a celulose as pessoas preferem o eucalipto que é muito mais rápido

AL: pois... e o eucalipto aqui não, não é? Mas no parque é mesmo limitada a plantação de eucalipto... quer dizer, eu vejo

MeC2: há alguns deles que há

AL: há, e normalmente é em privados, o que eu notei na zona de Terras do Bouro, no de Rio Caldo, é que havia várias bouças privadas, dentro dos baldios, que estavam plantadas com eucalipto, mas era fora do parque, era colado ao parque mas já era fora, não sei se dentro do parque também seria possível. Mas aquela zona está cheia de acácias... não é por nada, não tenho nada contra a acácia, mas aquilo cresce cá da uma forma que poe em causa tudo à volta... portanto sim, tenho isso contra a acácia

MeC2: e dizer que há 20 anos ali em Viana do Castelo havia a festa da mimosa, exactamente a mimosa era um chamariz turístico.

AL: ai era?

MeC2: e pronto, desde que começou a haver essa polémica com a... reuniu-se lá um fim-de-semana uma série de personalidades lá em Viana, uns congressistas e tal, e chegou-se à conclusão "a mimosa é uma infestante" e acabou-se ali a festa da mimosa. (RISOS) mas havia a festa da mimosa, o rali da mimosa

AL: que curioso, porque ela de facto tem o seu charme

MeC2: aquilo é bonito, e depois a mimosa floresce numa altura em que não havia assim muitas em flor

AL: isto é mais os currais, eles chamam-lhes os currais, que é onde eles dormiam. E... eles agora recuperaram alguns, com os dinheiros da EU

MeC2: sim, eu sei

AL: aqui não, não é? Aqui não houve essa recuperação ou houve?

MeC2: aqui nós não tínhamos disso

AL: mas mesmo assim... destas aldeias e das brandas

MeC2: aldeias não dava para recuperar com o dinheiro das ITI, embora haja muita gente agora a recuperar para turismo

AL: pois, nesse sentido. Porque acho que há uns subsídios que se chamam INP, que são os investimentos não produtivos

MeC2: pois, exactamente, mas eles recuperaram isso através dos INP, nós recuperámos por exemplo ali estes pontos de água, estes recuperei-os eu com o dinheiro das INP. E eles recuperaram esses poios, houve alguns sítios em que recuperaram o fojo do lobo

AL: exacto

MeC2: cada um tentou

AL: puxar à sua

MeC2: dentro do possível

AL: sim, eu acho que não deve ser fácil gerir um parque sem ter críticas de algum lado. Mas de uma forma geral, pelo menos nesta fase, ouço o pessoal contente com isto das ITI

MeC2: pudera

AL: com esta iniciativa

(RISOS)

MeC2: claro (RISOS) agora quando as ITI acabarem, se acabarem, há quem diga que poderão acabar no próximo quadro, vamos ver o que é que ficou das ITI

AL: pois... bom, pelo menos ficaram áreas limpas. Sei lá, para além de ser dinheiro, que evidentemente que sim, que isso é logo uma bandeira verde, mas ao mesmo tempo vejo as pessoas comprometidas com o trabalho que têm de fazer, e em gerir a papelada, e em gerir as equipas de sapadores e...

MeC2: já não é mau

AL: já não é mau. E têm bem a noção, já fizeram estas limpezas e agora têm de fazer aquelas, e vão fazer uma plantação não sei aonde, de carvalho... e há baldios em que isto está activo, está mesmo dinâmico e vê-se que têm orgulho do trabalho que vão fazendo e gostam de ver o monte gerido. Então nem que seja por isso eu acho que... bolas. Mas é como estava a dizer, tinha de haver mais iniciativas dessas

MeC2: havia de se fazer um trabalho de fundo, em que as pessoas [*? Não se entende*]

AL: pois, pois é, isto ao fim de 4 ou 5 anos acabou

MeC2: pois é, e acabou, acabou tudo

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: e a área do baldio é mais ou menos quanta?

MeL1: a área? Os hectares?

AL: sim, se souber assim por alto

MeL1: 379.14

AL: ok, não sabe por alto, sabe mesmo a sério

[RISOS]

MeL1: porque tínhamos 1500 e tal, mas agora tiraram-nos, por exemplo 900 hectares são parte do PNPG, que é da estrada para lá, e da parte daqui eram 600 e qualquer coisa. Mas agora reduziram, que só vão aceitar para pastagem, tiraram os penedos, foram logo metade embora, mais de metade. Tiraram as árvores, só ficou o que é pastoreio não é... ficaram 379,14

AL: para pastagens. E ao todo, para além das pastagens, são os tais mil e tal?

MeL1: 1500 e tal, só que eu não me recordo bem

AL: quando é que vocês formaram o CD pela primeira vez? Quando é que se organizaram os compartes, têm uma noção...?

MeL1: foi em 2013... já existiam mas estavam em conjunto com a Junta

AL: ah, antes estavam com a Junta

MeL1: é, agora como tivemos união [interrompidos pelo levantar da chávena de café ainda cheia]

MeL2: na altura era a Junta que fazia a gestão toda. Fazia a gestão dos baldios e da Junta claro, ela é que fazia tudo

AL: mas era vosso na mesma

[MeL1 interrompe para me mostrar a quantidade de área elegível, de como tinha falhado por pouco]

AL: portanto, a Junta é que geria, mas os baldios continuavam a ser usados pelo povo, segundo os usos e costumes e assim?

MeL1: era, era. A Junta geria o capital, o dinheiro

AL: aha. A Junta já se candidatava às ITI?

MeL2: já, já

AL: já havia essa candidatura

MeL2: já, já

MeL1: as ITI fazem-se em conjunto com Castro

MeL2: sim, mas o Pereira já tinha feito... já se fazia, já, a Junta já fazia

AL: mas vocês fazem as candidaturas em conjunto com Castro Laboreiro?

MeL2: tínhamos feito, agora não

AL: correu mal? [RISOS]

MeL1: não... a gente não, eles uns com os outros um bocadinho, eles lá... uns com os outros, eles desentenderam-se um bocado mas nós já tínhamos feito a candidatura à parte, não foi por causa disso

MeL2: não, porque eles andaram aí em tribunal uns com os outros, aquela história toda, e nós então preferimos candidatar-nos sozinhos que é mais calmo e mais seguro seria não é

MeL1: mas nós já nos tínhamos separado. Para já estamos à espera

MeL2: estamos à espera

AL: pois, ainda não se sabe como é que vai ser este ano não é?

MeL1: não sabemos e vão dar alguma coisa, se não dar nada, e vão dar pouquinho, de vão dar muito... muito não, isso de certeza que não, essa é...

AL: [RISOS] essa é a parte certa... e como é que vai ser se não houver subsídios?

MeL1: ai, não, subsídios para os animais têm dado, eles estão a receber, agora para limpezas, que era o que estávamos a tratar, não sei se não der a gente não limpa. De qualquer maneira enquanto não houver dinheiro não se poe lá gente para limpar

MeL2: enquanto não houver dinheiro a gente não pode fazer

AL: e o dinheiro só vem das ITI? O dinheiro que entra no baldio, para os cofres, digamos assim, do baldio, só vem das ITI?

MeL1: não sei de onde vem...

AL: [RISOS] não é isso, o que eu quero perguntar é se têm receitas de outros recursos

MeL2: não, não, é só daí

AL: mas vendem madeira também às vezes...

MeL2: e da madeira

MeL1: da madeira é pouca, é quando calha de arder... queima na primeira e depois é que vendem [RISOS]

AL: e então e porque é que não gerem isso

MeL1: não, não há grandes madeiras, já ardeu tudo, já ardeu tudo

AL: não há muita área de floresta?

MeL1: não, já ardeu tudo. Havia, agora não há

AL: então neste momento o baldio e a gestão do baldio está dependente da ITI?

MeL1: não sei se é a ITI que paga, não sei... será?

AL: [RISOS] a ITI é aquele dinheiro que vem do Estado para vocês fazerem as limpezas

MeL1: prontos, eu não sei

MeL2: eram 10 hectares que nós fazíamos aqui na nossa

MeL3: como é que é

AL: ITI, agora chamam-se Apoios Zonais

MeL1: vale mais um pequeno lapso do que uma grande memória

[fala-se desta questão, eles fazem perguntas das designações de ITI, AZ, etc.]

MeL2: sim, sim, todos os anos tínhamos que limpar... quando é que tínhamos de fazer de limpeza MeL3?

MeL3: dez hectares

MeL2: dez hectares

MeL3: agora o Carlos Pinto é que nos disse que podíamos

MeL1: o Carlos Pinto, conhece?

AL: hei-de conhecer, já ouvi falar dele, já falei com ele ao telefone, hei-de lá ir

MeL2: ele trabalha em Braga

MeL3: este ano é que nos disse que ficava 9 hectares, porque como reduziram os hectares...

AL: ai é, podem limpar menos?

MeL1: menos um bocadito, não é muito, de 10 para 9... não baixa muito não

MeL3: quando vai limpar não vai reparar

MeL1: o pior é que já devem de estar a contar que reduziram o Money, com certeza

AL: pois é isso, porque se eles cortam a área de pastagem para os produtores, se eles dizem que aquilo não é pastagem então também não é preciso limpar, é nesse sentido que vocês podem limpar menos

MeL1: vamos lá a ver olhe, “se eles tiraram ao bico, a gente tira-lhes ao pico”, como dizia o pedreiro [RISOS]

MeL3: agora vamos lá ver se pagam se não pagam

AL: quando é que vão saber?

MeL2: vamos saber quando eles mandarem o dinheiro, ou o mandam ou não mandam, não é

AL: e não sabem quando é que vai haver essa

MeL1: eu acho que era em outubro

MeL3: há 2 anos quando nós estivemos com Castro, nós recebíamos uma quantia no mês de Setembro e a outra no princípio de fevereiro

MeL2: era porque pagavam por duas etapas

AL: eram 10 hectares não era?

MeL2: sim

AL: e faziam sempre isso e acabavam sempre os trabalhos e tal?

MeL2: sim, sim, sim, sempre se fez

AL: e recorriam a uma empresa para fazer limpeza ou como é que faziam?

MeL2: sim

MeL1: uma vez foi à AMBIFLORA

AL: são de onde?

MeL1: se quiser saber vou ali ao carro... tenho ali as coisas do antigo... Eu acho que eles estão em Palmeira, Braga, se não estou em erro acho que é lá

MeL3: eu acho que eles estão ali na freguesia da Gavieira

AL: ai também fazem trabalho ali na Gavieira

MeL3: é, porque ali o terreno é muito inclinado e tem de ser com as máquinas às costas

[o senhor Belarmino lembra-se de pedir para diminuir o volume da TV, para não ficar “uma baralhada” na gravação. Depois perguntam-me se não quero ver se gravou bem, e eu paro a gravação para ver]

AL: portanto vocês pagam à tal empresa para fazerem as limpezas não é? e têm conseguido fazer sobrar dinheiro dessas ITI? Eu estou a perguntar isto porque em alguns baldios vi que

MeL1: que não chega... ou que sobra?

AL: que sobra, que sobra

MeL1: que sobra? Hmm, não sei se será verdade. Isto é assim, se se pode limpar com uma máquina, é mais fácil, mas se tem de ser feito com a máquina das costas

MeL2: leva muito mais tempo

MeL1: já o preço não é o mesmo

AL: pois, depende do terreno, se for muito inclinado se calhar gastam mais dinheiro

MeL3: e também esse dinheiro não é só para fazer limpeza no monte, os acessos aos montes também são

AL: pois... vocês acabam por usar aquele dinheiro todo, não só naqueles 10 hectares mas também

MeL3: nos acessos

MeL1: nem fica para tomar um cafezinho à vontade, nem sequer... também não queremos ahh

MeL3: a fazer caminhos

AL: e nunca utilizaram aquele dinheirinho por exemplo, sei lá, em benfeitorias no povo, ou

MeL3: é só tudo o que diz [respeito] aos baldios, acessos aos baldios

AL: ok

MeL1: se eles nos pagassem muito até daria para fazer mais alguma coisa não é? [RISOS]. O problema está aí. Vamos lá a ver se com a sua ajuda...

AL: a minha ajuda [RISOS]

MeL1: [RISOS] não então...

MeL2: faça aí uma forcinha [RISOS]

[...]

AL: mas é uma quantidade considerável de dinheiro não é?

MeL1: claro que é

AL: quanto é que eles entregam aqui? 20 e tal mil?

MeL1: vinte e... quatro não? Acho que era 24 000. Agora como estamos sozinhos [sem Castro Laboreiro] não sei se vai dar para mais, se para menos

MeL2: como fizemos a candidatura independente dos de Castro

MeL1: [...] a gente também tem um tractor, só que o tractor só vai a sítios... e aqui infelizmente não é bem o caso, temos bocadinhos que é limpo este ano, para o ano já não é preciso, aqui para a encosta

MeL2: aqui com as máquinas das costas

AL: vocês têm muitas encostas

MeL1: ah! E acolá mais para a Peneda, não sei se já passou por lá, foi limpo há dois anos, levou por um bocadito ali 11000 Euros

AL: ah pois

MeL1: ah pois, é normal então, uma pessoa com uma máquina às costas a cortar mato desta altura não é

MeL2: e foi num sítio mais ou menos direito

MeL1: ainda foi num sítio mais ou menos, que ainda há aqui bem pior

AL: mas eles cortam com o quê? Com a tal máquina às costas?

MeL1: é com a roçadeira de mato

AL: pois... então e digam-me só, na vossa perspectiva qual é a importância do baldio actualmente para as comunidades locais?

MeL1: nós vivíamos dos baldios quando tínhamos rebanhos, agora desde que houve a emigração os rebanhos cansaram. Como agora há subsídios para aí com fartura há meia dúzia deles que têm muitos gados por aí

AL: aumentou o gado desde que há subsídios?

MeL1: é, mas menos pessoas, menos...

Z: anda a morrer de fome

MeL1: é, o gado anda a morrer de fome por aí

AL: o gado anda a morrer de fome?

MeL1: anda

Z: eles querem é subsídios

MeL1: andam por aí, não há muita fartura não

MeL2: há produtores que têm muitos animais, há produtores que têm aí 100 vacas ou cento e tais e... não é o nosso caso, nós na nossa freguesia não quisemos saber nada dessas coisas

MeL1: há um só, o Oliveira

MeL2: oh, mas

AL: e só há um produtor em Lamas de Mouro?

MeL2: oh mas é uma pequenina coisa, 2 ou 3 vacas, isso não é nada à beira dos outros. E então dai da parte da Peneda, Soajo, Gavieira, temos aqui um senhor também que não é daqui da freguesia que é daí de São Gregório, ouviste falar de São Gregório? Era a fronteira antiga, foi da emigração para a França. E então tem isto comido, cheio de animais e destroem isso tudo

AL: ai é? No vosso baldio?

MeL2: no nosso baldio e não há quem os tire daqui para fora

MeL1: ontem tirei eu de um campo meu 20... 20 vacas

MeL2: olhe, de um campo dele, de uma propriedade privada

AL: e não sabe de quem são

MeL1: ah, claro que sei, mas não há quem as apanhe

MeL2: sabemos mas

AL: isso não gera conflitos entre

MeL2: não, às vezes a gente avisa, dá-lhe um recado, avisa, mas eles não fazem caso, dali a 8 dias voltam ao mesmo... é assim a vida

AL: então o gado das aldeias em volta tem vindo para o baldio de Lamas de Mouro? E Lamas de Mouro não tem gado, tem só um senhor

MeL2: tem só um senhor que tem duas ou três vacas

MeL1: e tem meia dúzia de ovelhas, eu posso saber quantas tem porque fizemos a

MeL2: mas é pouca coisa

AL: fizeram a... para pedir o subsídio?

MeL1: é

AL: é a primeira vez que estou num baldio que tem só um produtor

MeL2: a gente daqui não está aqui

MeL1: os novos não estão cá, só estamos os cansados

AL: que já estiveram fora também

MeL2: sim, todos

MeL1: 50 anos e uma semana. Canadá... e tive um ano na Alemanha. Mas fui daqui o dia 29 de abril de 1963 até 7 de março de 2013, 50 anos e uma semana

AL: está acabadinho de chegar praticamente

MeL1: estou cá há 2 anos. Fez 2 anos e meio

AL: e o senhor também foi para fora?

MeL2: também, fui França e Canadá

AL: também para o Canadá. Aonde?

MeL2: Mont Real

MeL1: em Mont Real nós íamos trabalhar lá em cima

AL: fazer o quê?

MeL2: para a montanha. Eram grandes barragens, barragens para electricidade

AL: trabalhavam na construção?

MeL2: é, construção

MeL1: a 416 pés debaixo da terra, sabe quanto é que faz? 137 metros

MeL2: trabalho muito duro

MeL1: nós somos homens da serra, somos homens do diabo

MeL2: a gente daqui foi toda emigrante

MeL1: é, e é, continuam a ser. Só estamos cá os velhotes

AL: quantas pessoas vivem cá?

MeL1: 60 e tal. Estivemos a contar aqui a outra noite, são 60 e tal

MeL2: e contaste de Alcobaça?

MeL1: não, não, só daqui da

MeL2: [vai nomeando cada pessoa que lá vive... " a minha sogra, um, ..."] 21

MeL1: esta é uma aldeia que é anexa a Lamas, não é de Lamas, é de outro lugar

[conta a historia de como o presidente da Câmara Municipal de Alcobaça lá de baixo veio por a placa do nome da aldeia nesta Alcobaça]

AL: então não há jovens a viver cá?

MeL2: há jovens mas está tudo fora, estão para baixo, Lisboa, Porto, Algarve, andam a trabalhar para aí para baixo

MeL1: cismaram de dizer que isto que não era bonito

AL: bonito não podem dizer que não é

MeL1: pois, mas é, não há hipóteses. Trabalho não há, o que é que gente vai fazer?

MeL2: é como se fossem para França, ou emigrar para outro lado qualquer

AL: e como é que vocês veem o futuro aqui desta zona?

MeL1: o futuro agora vem de fora... as reformas

AL: ah, mas eu digo o futuro mesmo da comunidade

MeL1: como é que o vemos? Cada vez mais fraquinho. Há uma aldeia aqui em castro laboreiro, eu nunca pensei, é incrível, tem para aí 10 ou 12 casas em ruínas pa!

MeL2: ninguém quer saber disso

MeL1: e aqui já vamos a caminho, já há umas 3 ou 4 em ruínas. Faleceram os velhos, os novos estão noutra sítio não querem saber, abandonam, não querem saber

AL: e os vossos novos, da vossa família, não têm vontade de voltar?

MeL1: é uma grande dúvida que temos, falta saber. Quando a gente faltar.... Enquanto estamos cá eles vêm cá uma vez por ano como nós fizemos

AL: ah, não estão cá?

MeL1: não.

MeL2: por exemplo, o caso dele, tem 2 filhos, têm a vida formada lá [em França] estão lá, têm a vida formada lá, têm casas, têm tudo lá, os netos já nasceram lá, já têm lá raízes

MeL1: tenho um neto com 21 anos que já nasceu lá... nunca mais, nunca mais. Podem vir aqui 2 a 3 semanitas, alguns chegam cá e ao fim de uma semana "c'est pas beau" [RISOS]

[fala-se da cidade e do campo, do que cada um oferece e de como quem está habituado a uma e gosta tem dificuldade em adaptar-se a outra]

MeL1: venha cá no inverno e depois diga, vai ser se gosta tanto como gosta hoje

AL: eu não me dou nada bem com o inverno, seja onde for

MeL1: então já não gostava disto, o inverno aqui é... parece o fim do mundo. Começa a chover e chove 6 meses sem parar, quase sem parar

MeL2: e caem boas nevadas aqui também

AL: [...] MeL3, qual é que é a grande importância do baldio actualmente aqui a nível local?

MeL3: os baldios são bons para... para ter os animais

AL: já soube que aqui em Lamas de Mouro não há muitos animais não é?

MeL3: não há muitos não

MeL1: eu posso ir ali buscar

AL: mas são só os que têm subsídio ou há mais pessoas sem subsídio mas que têm animais?

MeL1: não. Os que têm animais têm subsídio porque faz por ele, porque praticamente está decidido não é? Quem não tem subsídio é porque não tem animais

AL: não há ninguém aqui que tenha animais que não tenha subsídio?

MeL1: expecto a Almerinda... ela tem umas 10 ou 15 ovelhas

MeL2: eu acho que não. Eu não me lembro de fazer o baldio para ela

MeL1: eu também não vejo que ela receba. Não sei porquê

MeL3: o resto tudo o que tem animais tem subsídio

MeL1: têm-nos declarados claro

MeL2: nós aqui na nossa área, os animais que temos aqui são as freguesias que estão em volta que fazem vir para aqui os animais deles

AL: e vocês importam-se com isso?

MeL3: eu não me importo nada. Os baldios, desde sempre, da nossa infância, nós íamos pastar para os outros montes das outras freguesias, e nunca fizemos extremas nos baldios para as pastagens

AL: e já houve aqui muitos animais em tempos?

MeL3: sim, sim, muitos, toda a gente vivia dos animais

MeL2: e vezeira, grande

MeL1: antes da emigração, para França só abriu em 1946, por causa da guerra. Tem tantos anos como eu

AL: claro... hoje em dia... os subsídios agrícolas para a produção animal, vocês cedem área do vosso baldio para produtores de outras aldeias?

MeL1: não, não. Porque disseram-nos bem para não o fazer

AL: ai não. Mas sobra-vos área ou não? Para dar aos produtores

MeL1: chega e sobra

MeL2: mas nós pa fora não damos nada a ninguém

MeL1: não, não. Foi-nos dito para não o fazermos, que depois podemos apanhar uma coça

MeL3: o povo manda não é

AL: ah foi o povo que decidiu não fazer isso

MeL3: claro. O povo é os compartes e os compartes é o povo todo, e eles disseram que não

AL: não está a par... claro. E se deixasse de haver baldio, qual era a maior perda? Ou seja, voltamos ao mesmo, qual é a maior importância do baldio, que eu ainda não consegui perceber muito bem. Sendo que não há muito gado, pelo que vocês me disseram

MeL1: pois não

AL: então qual é a maior importância do baldio actualmente para as comunidades?

MeL1: [*? não se entende*] será isso só

AL: ok

MeL1: os pastores de gado não são de cá da aldeia, são de outro lado que vejam a vida deles de outra maneira. Nós falamos aqui pelo lado de Lamas de Mouro, a única coisa que se vê é a limpeza que se vai fazendo daqui até à Peneda, do outro lado a mesma coisa, para aqui igual, se sobra alguma coisa, melhorar um bocadinho, como houve ali uma pontezita que caiu, queríamos arranjar e a Câmara não tinha dinheiro, fomos nós que nos prontificámos para arranjar para se poder passar de um lado para o outro, só, mais nada

AL: ahan

MeL1: isto o benefício que traz é mais para os turistas que podem andar melhor nos trilhos. Os trilhos já era outra coisa que tínhamos de andar a limpar por todo o lado

AL: a Câmara não investe nos trilhos?

MeL2: que nós saibamos... não

AL: e vocês?

MeL1: não

AL: vocês também não? Então quem?

MeL2: é mais o parque

AL: é?

MeL2: o Parque Nacional é que trabalha mais aí nesses aspectos

MeL1: nós vemo-nos mal para limpar as nossas propriedades, estamos velhos

AL: ai não, estou a dizer pagar a alguém não é? À empresa, à AMBIFLORA ou que é

MeL2: já se sabe que há que pagar, e não há dinheiro. Se houvesse dinheiro com abundancia a gente até faria

AL: não, mas eu digo, os sapadores... vocês pagam aos sapadores

MeL1: eles fazem os caminhos fora do perímetro da aldeia, só caminhos até... até chegar ao baldio, no baldio não fazem. Aliás aqui, até há um tractor [*? não se entende*] vão com as máquinas, mas não vão para longe, não vão fazer os trilhos para as caminhadas

MeL2: os trilhos é mais o Parque Nacional

[...]

AL: pronto, então a grande importância hoje é ir mantendo umas coisas bonitas e tal

MeL1: para quem passa por cá, para quem vem de longe

AL: e do ponto de vista do desenvolvimento local, há alguma contribuição do baldio para o desenvolvimento local destas comunidades, destas aldeias ou

MeL1: se o que nos dão nos baldios der para limpar já é bom... é muito bonito mas... se chegar para isso já é bom

AL: vocês não investiram nada com aqueles subsídios que há que é para investimentos não produtivos? Que é para reabilitar o fojo do lobo, os moinhos, as cabanas dos pastores

MeL2: não há cabanas

MeL1: não temos cabanas. Do fojo dos lobos também não se fala disso já há muito muito ano. Os moinhos estão em ruínas

AL: é o que eu estou a dizer, há subsídios para recuperar

MeL1: não sei se há, não sei se há

AL: mas eu estou a dizer-lhe [RISOS]

MeL1: há? E para as levadas também há?

AL: provavelmente... no fundo são subsídios para conservar o património cultural, vá, que no fundo é também tendo em vista o turismo

MeL1: os moinhos era uma coisa boa se se pudessem recuperar também. Agora não vão trabalhar que agora não há grão para moer não é

AL: sim, mas lá está, fica com bom aspecto, os turistas gostam

MeL2: nós aqui tínhamos uns quantos moinhos

MeL1: quatro. Temos oito, mas quatro são da comunidade e quatro são de particulares

AL: ah, eu vejo muito disso em outros baldios, recuperação de moinhos, do fojo do lobo. Para quê? Para as pessoas que vão visitar, gostam de ver, aprendem, ...

MeL1: o fojo do lobo aqui já não existe há muitos anos

AL: eu já visitei alguns

MeL2: fojo do lobo não temos

AL: sim, só dei exemplos do que eu vi noutras aldeias... eu não sei como é que está este ano, agora mudou o quadro, mas eles candidataram-se noutros anos para fazer essas recuperações e tal, e têm aquilo tudo bonitinho

MeL2: mas era dentro do parque ou fora também?

AL: dentro do parque

MeL2: ah, mas nós dentro não temos nada

MeL1: não, está fora do parque

AL: pois, eu não sei se da para esses casos também dá³¹

MeL2: é uma questão de nos informarmos

AL: pois, é isso, se tiverem interesse

MeL1: a quem nos devíamos dirigir para sabermos essas coisas?

AL: se calhar até o próprio Carlos Pinto vos sabe dizer. Vocês não têm nenhuma associação que vos ajude na candidatura à ITI ou aos AZ. Não?

MeL2: é o Carlos Pinto

AL: é o Carlos Pinto que vos ajuda... então ele há-de saber

MeL1: ou a Sandra, engenheira florestal

AL: ah, vocês são associados da Atlântica?

MeL2: ainda não estamos associados, estivemos a conversar com ela e a organizar isso tudo para entrar aí nesse terreno, mas ainda não estamos associados. Mas de certeza que vai ficar, que vamos ficar associados a ela não é. Porque ela sempre vai, vai estar sempre mais ocupada que nós, dentro dos assuntos que vão saindo

Outras entidades – não estatais (associações baldios, floresta, etc.)

³¹ Faz parte das ITI / AZ, medidas dirigidas para zonas protegidas e de Rede Natura.

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: qual é a diferença... isto é, qual é o papel da associação dos baldios do Parque Nacional da Peneda-Gerês e do secretariado dos baldios do Trás-os-Montes e Alto-Douro? Ou seja, fundem-se ou têm funções diferentes?

MCe1: não! Agora, a única... a que está a gerir a associação é a vice-presidente do Secretariado, portanto, dá a sensação pronto, que as coisas... por um lado também pode... para a associação também é bom para o coiso porque está a acompanhar... está mais de perto, está lá dentro e acaba por ter mais informação e tudo mais directo e tudo mais, pronto mas cada coisa é uma coisa...

AL: pronto

MCe1: agora a pessoa é que está nos dois lugares e depois acaba por...

AL: mas qual é o papel da associação dos baldios do PNPG?

MCe1: informar, portanto, estamos sempre informados do que se está a passar, o que é que é preciso, ela faz-nos as candidaturas, embora, prontos, os CD paguem em função do que recebem. Mas pronto, facilita a vida aos presidentes dos CD, porque acaba por a informação mais ou menos ser tratada... depois trabalham mais ou menos todos uniformemente, não é? Nós estamos unidos, em vez de ser um é de uma maneira, outro é de outra, outro é de outra, portanto, e assim acho que isto...

AL: e isso é através da associação dos baldios ou através do secretariado?

MCe1: através da associação. Depois o secretariado é que... pronto, nós também somos sócios lá do secretariado e aquilo depois acaba por... a pessoa é a mesma

AL: sim, acaba por não haver grande...

MCe1: não haver... estamos ligados também muito de perto com o secretariado...

AL: pois... está bem, eu não lhe vou tirar mais tempo, eu gostava de um dia, não sei se alguma vez vai ser possível, ir lá a Cela e Sirvozelo, conhecer lá um bocadinho o baldio... não vai ser agora que eu agora vou a Lisboa e depois só volto depois de 20 de junho...

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barroelas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozelo

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [?]

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disse deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falar muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [?] *Não se entende*] e olha para a montanha do [?] *Não se entende*], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa "olha, faz-me assim", depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe "eu vou fazer assim"... porque aquilo é

uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [?], tem vários metros, havia de ser mais [?], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando foi das outras, havia lá um sítio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

Covelães: MCov1

Covelães: MCov1

AL: vocês têm aqui alguma associação de caça dentro do baldio?

MCov1: temos uma

AL: e eles pagam alguma coisa ao baldio?

MCov1: não pagam nada. Por acaso até fui eu que organizei essa associação. No princípio eu com um de Pitões andei a apanhar as assinaturas e coiso e conseguimos.

AL: também faz caça então?

MCov1: não, caçava. Agora já não, agora é mais o meu filho

AL: vocês aqui já têm o PUB, o plano de utilização dos baldios, ou o plano de gestão...

MCov1: de gestão?

AL: sim, se já fizeram aquele plano que agora é obrigatório, que é para 5 anos...

MCov1: sim, sim

AL: então já têm o baldio todo delimitado, vá...

MCov1: já, todo delimitado

AL: ok. Quem é que vos ajudou nesse processo, qual foi a associação?

MCov1: ora bem quem trata mais disso dos baldios, que é a que está coiso... é a engenheira Lúcia. Parece que também há um Paulo Tourém que também pertence aos baldios

AL: Paulo de Tourém ou Paulo Tourém?

MCov1: de Tourém

AL: ah ok

MCov1: já falou com esse?

AL: ainda não, mas está aqui também...

MCov1: estive na Junta muito tempo

AL: estava só a ver se o nome coincidia aqui na minha lista...

MCov1: não, é Paulo... é Paulo Grilo o nome...

AL: ah, tá aqui, Paulo Barroso

MCov1: Paulo Barroso, é, Paulo Barroso, mas o nome do pai é o Grilo, é nomeada... é como eu, eu chamo-me Manuel Gonçalves Braga e aqui chamo-me Manuel Gaspar

AL: porquê Gaspar?

MCov1: porque é nomeada da casa antiga, a casa dos meus pais era Gaspar. Gaspares... e depois há outros Sorradeira que não são Sorradeira mas que lhe chamam Sorradeira, há várias, aqui a do Albertinho que era do meu sogro, que também já morreu, que também chamam de Engenheiro Gusmão. Os Pedreira, Pedreira, que chamavam Pedreira mas não se assinavam Pedreira. Cada qual tem o seu apelido, mas não se assinam com esse apelido

AL: então o Paulo Barroso é Grilo... já o vou surpreender... (RISOS)

MCov1: ao pai dele chamavam-lhe o Grilo

AL: muito bem. Então é a Lúcia Jorge que vos trata da papelada e dos planos de gestão e tal...

MCov1: a papelada é aqui, que eu tenho uma contabilista

AL: ah, pois, isso é a papelada das contas. Mas por exemplo quando vocês querem candidatar-se a ...

MCov1: isso é a Lúcia...

AL: para se candidatarem a financiamentos...

MCov1: sim, é a Lúcia... mas é de quase todos, e acho que são todos. Travassos, Sezelhe, Paredes, ..., são todos, Outeiro...

AL: por causa do Secretariado dos Baldios não é?

MCov1: é...

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: e podem usar a madeira? O que sai das limpezas, em geral, podem usar...?

MCov1: pois... vai para o gado que depois aquelas máquinas desfazem tudo, depois só fica a erva que é para o gado comer, porque aquilo... a máquina desfaz, aquilo é para desfazer, mas nós contratamos uma companhia...

AL: essa companhia é de onde?

MCov1: é de Travassos... é do irmão do presidente da Junta, ele é que vem fazer aqui. Mas há outras que vêm de Braga, mas esses aqui nunca trabalharam. Mas trabalharam em Travassos já... trabalharam em Sezelhe, trabalharam em Sabuzedo, que ainda é longe, trabalham em muitos sítios. Trabalham em Outeiro

AL: está a falar daquela de Braga. Ou da do irmão do presidente?

MCov1: da de Braga. A do irmão também faz aqui, é aqui... e às vezes lá vem a ... porque aqui Paredes têm tractor, e esse tractor foi comprado com o dinheiro da ITI. Isso é o que

nós fizemos mal, não termos comprado, não estávamos agora a pagar. Mas a engenheira Lúcia disse “ah, a vocês não vos compensa, a vocês não vos compensa, não comprem”. E nós não comprámos, fizemos mal, agora nós fazíamos as coisas e o dinheiro ficava, ficava quer dizer, tínhamos depois o gasóleo, mas ele já se gastara, era da ITI, pronto gastou-se aquele dinheiro, depois agora o que vinha era todo bem-vindo...

AL: com o tractor conseguia fazer essa limpeza toda?

MCov1: limpezas várias

AL: ah, pensava que era uma máquina especial que triturava

MCov1: e há outros que têm... Pitões também fazem. O de Pitões não é preciso alugar assim as coisas porque têm lá um tractor...

AL: compraram com dinheiro da ITI também?

MCov1: foi. E os de Tourém também, compraram um também, e grande, queimaram-no. Quer dizer, não se lá que foi, se foi malandrice, se foi ele que teve um curto-circuito e que se incendiou. Sei é que ardeu todo

AL: não tinha seguro não tinha nada?

MCov1: era um tractor muito grande e esse foi ao ar. E nós aqui se o tivéssemos escusávamos de estar a pagar. Mas a Lúcia lá disse “não, que a vocês não vos compensa, porque coiso”. Porque eles tinham muito mais área... porque eles tinham muito mais área do que nós

AL: e vocês não podem o tractor do lado?

MCov1: dá mas temos de pagar

AL: pois, mas se calhar pagam menos do que pagam se pagarem a uma empresa

MCov1: ah, é quase igual. Depois temos esse tractor dessa companhia, lá a de Travassos, tem um tractor que tem lagartas... aquilo vai por cima de urzes grandes, aquilo dá para tudo. Os outros às tantas os pneus rebentam. Depois se estão sempre a rebentar aquilo nunca anda mas o de Travassos não, aquilo é sempre a andar

AL: quanto é que custa um tractor mais ou menos?

MCov1: noventa e tal mil... o de Tourém foi, noventa e tal mil. Esse de Travassos não sei, nunca perguntei, mas custou também para aí oitenta mil...

AL: e o dinheiro das ITI dava para comprar isso? Um ano das ITI dava para comprar um tractor?

MCov1: pois logo ao princípio quando esse dinheiro veio era para comprar um tractor, calha depois meter lá pessoal a limpar e coiso compraram o tractor. E agora então esse dinheiro está...

AL: está a entrar

MCov1: está a entrar para eles. Em vez de ir parar a outro lado vai para eles. Eles fazem x hectares como nós durante o ano

AL: é doze ao todo não é

MCov1: nós por cada hectare estamos a dar 750 Euros

AL: à companhia?

MCov1: sim. E depois ainda tem o IVA, ainda temos de lhe pagar o IVA. Vá lá que aquilo é só 6%

AL: ai é, 6%?

MCov1: sim, no baldio é. Agora temos a parte que vamos roçar e vamos lá com essa máquina... com essa companhia. Mas nós temos terreno que é para trazermos mato para o gado, porque nós, as cortes, se não puséssemos ficava cheia de porcária, temos de carregar, como o meu rapaz agora foi buscar, um pouco porque o gado já está na... e essa parte é para... já não lhe mexemos... ali é o povo só, a aldeia é que tira...

AL: o mato?

MCov1: mato, mato, trazem-no para casa... o outro que é mais coiso, não dá... o maior é para as máquinas... que é depois para ficar limpo para o gado comer, aquilo é para pasto do gado. Isto o dinheiro que vem é para nós fazermos a limpeza para o gado pastar, porque eles querem que o gado paste e que seja aquilo limpo para o gado ter que comer...

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1: é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1: e agora cortaram... deram para aí um.... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

AL: e o resto?

MCov1: o resto sei lá para onde foi...

AL: e o resto fica para quê?

MCov1: sei lá para quê... agora andam a fazer barulho para aí, já fizeram para ai umas reuniões. Eu até era para ir ali ao Gerês... lá para fazer, vinha lá um deputado do PSD, e depois vinha lá um ministro e não sei que para fazerem barulho a ver se tornavam ao mesmo, a ver se davam. Nós tínhamos... aqui nós temos pouco gado e portanto o monte chega. Mas se for falar em... alguns tinham 40 hectares. O de Outeiro... e agora tiveram de dar só 4 hectares ao lavrador... quatro... se tem 20 vacas levou quatro, o que tem 50 levou quatro... não tem mais para lhe dar. Tiveram de dividir cada hectare. Ficaram só com 50 hectares... eles tinham para aí 2000 ou 3000 hectares... e depois vieram aí e diz que aquilo

eram pedras, que não era pasto. Que era pedras, não sei quê, e que não era pasto. E depois cortaram-lhes, agora é...

AL: então se era pedras qual é o problema deles que as pessoas continuem a andar por lá... não faz sentido (*achava eu por esta altura que este corte se devia à conservação da natureza...*)

MCov1: lá na serra... aquilo, realmente nalguns sítios é mesmo pedra. Há muitas pedras em que o gado não pasta e aquilo está marcado e as pessoas iam receber dinheiro do fundo, do baldio... o baldio da dinheiro... o baldio da dinheiro! Eles vão buscar dinheiro ao baldio...

AL: quem?

MCov1: os lavradores. Os lavradores e tiverem 10 hectares recebem x, se tiverem 20 recebem mais, se tiverem 40 recebem mais...

AL: mas recebem de quem? Do baldio? Das ITI's?

MCov1: vão fazer os subsídios e vão receber essa importância... toca a cada hectare x

AL: mas isso não tem nada a ver com o baldio, ou tem? Ou seja, disse-me que o baldio dá dinheiro... percebi bem ou percebi mal?

MCov1: o baldio dá dinheiro que vem da ITI

AL: ah, já percebi. Então o baldio recebe x da ITI, e depois conforme o número de hectares de cada produtor, assim recebe dessa ITI (*não percebi rigorosamente nada, está claro*)

MCov1: depois dividimos aqueles que eles deixaram só aquele terreno (*apos o corte de área*) para dividir pelos animais que têm

AL: pelo número de cabeças...

MCov1: cabeças de gado

AL: ok

MCov1: mas isso depois cada um... se tiver 10 hectares já recebe mais que ...

AL: então não é só o número de cabeças, é também a área...

MCov1: é a área é... as cabeças recebem por uma parte, lá o subsídio... e depois vão tirar também lá do baldio

AL: o ITI?

MCov1: sim...

AL: ah. E aí é que entram os hectares...

MCov1: é...

AL. Ou seja, se eles contassem com zonas rochosas, mesmo que o gado não lá fosse, estavam a receber mais dinheiro

MCov1: estavam a receber mais

AL: por isso é que eles estão a cortar

MCov1: em Travassos... aqui tinha só um que tinha cento e não sei quantos hectares e outro tinha quase igual... e os outros pequenos tinham pouquinho. E eles aproveitavam, era uma porrada de dinheiro que entrava para eles e os outros nada. E aqui não, recebem quase todos o mesmo

AL: E quem é que decide os hectares de cada um?

MCov1: é o conselho directivo. Eu dividi por Covelães... em Paredes foi o, lá o.... Presidente do conselho directivo. Em Travassos foi o conselho directivo, todos...cada vaca x, dois hectares. Dividir dois hectares por cada vaca. Mas se não chegasse, o meu terreno não desse, se me tinham cortado mais área em que eu ficasse só com 30 a 40 hectares, só podia dar para aí meio hectare a cada um, o que aconteceu em Outeiro. O de Outeiro, agora só ficaram para aí com 50 hectares quando eles tinham para aí 3000, e agora eles têm bastante gado e agora sobra só um bocadinho a cada um

AL: igual para todos ou consoante o número de cabeças?

MCov1: a mim foi tudo igual, e às vezes dava mais um bocadinho a um, mais um bocado a outro, mas ... não sei se isso estará bem

AL: pois... eu não sei mas isso parece-me que estão a tentar corrigir abusos de alguns no passado. Com certeza houve muitos que abusaram dos subsídios e agora... para cortar isso cortam até nos que não merecem o corte...

MCov1: é! Porque agora há muitos a queixarem-se porque recebiam cento e tal hectares e agora só dão 5 ou 6 ou 7 hectares a cada e eles agora estão revoltados, lutam para que se volte aos mesmos hectares...

AL: então mas...

MCov1: cortaram muitos hectares! Nós temos... nós até tínhamos assim, segundo a engenheira Lúcia tínhamos 600 e tal e eles só nos deixaram 181. E agora temos de dividir esses... agora repararam que aquilo era só rochas e não sei que mais e só lhes deixaram 50 hectares

AL: aonde?

MCov1: o de Outeiro, Parada... 50 hectares não dá para depois o gado andar bem

AL: Então e agora como é que...

MCov1: agora em vez de terem 40 hectares ou 50, têm só meio hectare. O CD teve de dividir aquilo. Agora vamos ver se aquilo vai ficar ainda em águas de bacalhau, não sabemos porque ainda andam a tratar disso

AL: e você chegou a ir ao tal encontro no Geres onde estava o tal deputado?

MCov1: não. Não fui

AL: mas foi lá...

MCov1: fui chamado mas não fui

AL: alguém foi?

MCov1: foi, foram outros. Ia lá o presidente da câmara aqui do coiso, iam os lá de baixo, iam lá cinco presidentes da câmara e iam os conselhos directivos. Quem me telefonou foi o de Fafião... que era para irmos ao Gerês. Eu disse “ eu que vou lá fazer, eu estou bem, eu não me interessa”

AL: têm que se unir (RISOS)

MCov1: para o meu gado chega, porque nós só tínhamos... a nós dava... se eu tinha 5 vacas, ou sete, eu só tinha 5 hectares mas agora fiquei com 20, ainda fiquei com mais. E agora aquele que tinha 10 hectares passou a ter 20. Quando tivemos o nosso terreno dá para o gado, nós temos pouco gado. Agora se tivéssemos 500 vacas aqui, como tivemos antigamente isto já não dava nada e assim dá, temos menos gado temos mais hectares.

AL: mas se diminui a sua área de ITI vai receber menos dinheiro

MCov1: o CD é que vai receber menos

AL: pois, por isso se calhar devia ter ido ao Gerês (RISOS). Deviam juntar-se todos nessa luta...

MCov1: oh, sei lá, isso ao fim se calhar não deve dar nada. Não dá nada porque já estão a dividir, já têm tudo dividido

AL. Então imagine que aqui em Covelães as ITI's baixam a um ponto tal que entra mesmo muito pouco dinheiro, como é que vocês... vocês não têm mais nenhuma fonte de rendimento ou têm...

MCov1: não, mas se não houver não fazemos o serviço, no lugar de ser limpo não é, nos temos de ter...o o CD tem de ter dinheiro para limpar o monte, se não tem dinheiro não se limpa, fica... agora vem depois o lume e limpa tudo. Depois é incêndios...

AL: mas vocês aqui não têm mais nenhuma forma de rendimento para além da ITI?

MCov1: não...

AL: o carvalhal também não vos dá dinheiro pois não?

MCov1: não, o carvalhal é só para o pessoal, embora que não podem cortar tudo, aquilo dá agora o que é é cada um cortar mas deixar o carvalho, os carvalhos... porque o Parque não quer...

AL: você há pouco disse-me que eram 400 e tal m2 era isso? O carvalhal?

MCov1: 400 metros como?

AL: qual é a área do carvalhal?

MCov1: não, o carvalhal... quer dizer, ao limpar fica quatro metros de planta para planta

AL: Ah, ok. Mas qual é assim a área toda do carvalhal?

MCov1: uns 400 hectares...

AL: Ah, hectares, pronto, foi aí, é que há bocado disse 400 mas depois não disse mais nada e eu fiquei a achar que seriam m²

MCov1: 400 hectares... que tem de carvalhal! 400 hectares. E o outro é que é só para pastar o gado e para roçar e para limpar com as máquinas para ficar o pasto para o gado. Temos uma parte que é carvalhal, para li já não é carvalhal, para ali é carvalhal, esta parte, temos uma parte para roçar, vai a companhia lá coiso e roça aquilo e desfaz o mato. E temos outra parte que é para a povoação trazer o tojo, o mato para as cortes, para os animais

AL: e a maior parte do vosso baldio é o quê?

MCov1: ...

AL: ou seja, o vosso baldo tem mil e tal hectares...

MCov1: mil e tal?...

AL: então não foi o que me disse há bocado, era quanto?

MCov1: ah, mil e tal, sim, sim, tem 1800 e tal, mas sim, com o de Paredes devemos ter mil e tal

AL: ah, 1800, tem quase 2000. Mas pronto, isso é o baldio...

MCov1: é, mas é com o carvalhal e tudo

AL: sim, então, de 1000 e tal hectares, mais não é..., 400 hectares é o carvalhal não é... e o resto é...

MCov1: já recebemos antigamente pelo carvalhal...

AL: já receberam?

MCov1: vieram aí mediram, não sei se eram do Parque, e depois deram 400 hectares de carvalhal. E depois davam-nos x

AL: Ai davam-vos dinheiro para manter o carvalhal?

MCov1: sim.

AL: e já não dão?

MCov1: agora deu a ITI e pronto, passou tudo... não sei é o mesmo se não é, devia ser... agora o ITI é que tomou conta...

AL: e o resto da área do baldio, que é mato para as pessoas irem lá buscar e que é mato para fazer a pastagem, é quanto?

MCov1: ai agora por hectares?

AL: sim... a maior parte é o quê? A maior parte é matos para as pessoas ou é matos para pastar?

MCov1: para pastar é quase metade do baldio fora do carvalhal. Se é 1000, são 500 para roçar e para limpar e são outros 500 para trazer o mato para o gado, para a cama dos animais. Agora tenho aí os animais, tenho ali em cima... agora são todos já na lama, como é que se diz aqui... estão sujos. Lama no mato, o rapaz foi buscar o mato, já o trouxe um bocado... depois faz as camas, bota-lhe um bocadinho de palha por cima, pronto, e lá estão enxutas

MCov1: oh, está a ver o mapa que manda a Lúcia... então, agora temos de roçar, mato... Covelães, está a ver aqui, silvicultura

AL: sim, isto faz parte do PUB não é?

MCov1: isto é do uso do... tem de se fazer isto...

AL: do plano de gestão não é?

MCov1: é, oh, mais o...

AL: isto é o que tem de roçar?

MCov1: pois... isto é do... acho que é do carvalhal. Agora aqui temos.... Mato

AL: isto é a roça do mato?

MCov1: olhe, isto já foi feito, mas já foi feito ainda no , ela ainda não me deu o resto...depois tem aqui o dinheiro...

AL: tem aqui o dinheiro, sim... ai, não, isto são os hectares

MCov1: já fizemos. Aquilo é os hectares que temos de fazer. Já fizemos um... ano de 2012/2013... 6 hectares, e depois temos aqui...

AL: isso é o roçar de mato para pastagem

MCov1: para pastagem. 2013/2014, também já fizemos, mais 6 hectares. E agora temos esse para fazer. Temos 2015... 2014 para 2015 e depois é em Novembro e Dezembro. Tem de ser em Novembro e Dezembro. Depois temos aqui em 2015 e 2016 mais 6 hectares, Novembro e Dezembro

AL: mas aqui ainda não fizeram, mas era pa ser em Novembro e Dezembro de 2014

MCov1: ainda temos de fazer

AL: já está atrasado não é?

MCov1: pois, já está atrasado, ainda vamos fazer agora

AL: porque não conseguem pagar aos sapadores?

MCov1: não é lá com o outro, lá com a ...

AL: ah, com a companhia...

MCov1: e vai até ao... até aqui, 2016 a 2017. Temos de fazer 36 hectares de rouça, rouça de mato, a máquina desfaz tudo, aquele é para desfazer. E o outro que fica por fazer, esse é para o gado, para as cortes dos animais

AL: que fazem vocês, não precisam de...

MCov1: é! Esse, foi, foi a Lúcia que me entregou isto e eu tenho de fazer isto tudo.

MCov1: porque no povo... não quer, sei lá porquê... o povo quer que façam, o povo pensa no diabo. Aqui o povo não quer os sapadores. Mas para mandar os sapadores fora temos de pagar uma indemnização aos sapadores, eles já ca estão há 14 anos e nós... Covelães é que paga, Paredes não paga nada, nem Travassos nem Sezelhe. Somos nós que temos de pagar...

AL: a indemnização...

MCov1: e depois onde vamos buscar o dinheiro para pagar, aí é que é o problema

AL: mas eles pagam x para manter a equipa de sapadores, não pagam?

MCov1: pagam, 2500. Sai da ITI, sai também da ITI, sai tudo dessa via. Nós não temos lucro... nós não temos lucro para fazer

Ainda no outro dia andava tudo a arder outra vez. E acabaram no nosso ainda também...

AL: e vocês têm a certeza que foi por causa desses cortes de...

MCov1: foi, foi. O nosso também queimaram, mas esse foi para pastagem, porque esses têm uma parte nossa, eles passam o nosso todo lá por cima, nós temos o nosso monte, eles têm o deles, depois eles passam para o outro... temos lá um que é, chamam-lhe a Páscoa, e ele tem muito gado, e esse gado vem tudo para Covelães, vem para Covelães, passa o monte todo e ainda vem para o lado de Travassos. Eles em Travassos não têm gado nenhum, mas eles atravessam para o lado de Travassos, vêm pelo carvalhal abaixo e depois ainda vêm até Travassos. Os outros de Pitões é que nos cobrem o nosso monte, pois nós temos gado, é o que dizia a engenheira Lúcia "vocês também não têm gado para o baldio que têm...". Antes de vir esses cortes disse "vocês não têm gado para... portanto temos de meter o de Paredes, meter o de Tourém, ... no nosso monte. E depois eu não queria, até fiquei arreliado, ela até ficou zangada comigo.

AL: (risos)

MCov1: ah, mas não tem... também foi à conta de um carro dos sapadores...

AL: o quê?

MCov1: tirou-nos o carro dos sapadores...

AL: tirou? Porquê?

MCov1: quando vieram os carros distribuídos para os sapadores, mas eu como não tenho fax ou coiso, a contabilista é que recebe o ... a papelada que vem, vem para a contabilista, e depois eu vou lá e “olhe, mande para lá isto” e ela manda... é tudo pela contabilista. E o carro eu... sabia que havia para aí carros, houve uma aldeia aí que acho que era Outeiro que parece que não tinha direito ao carro mas ela deu à vontade,... e então aquilo veio para mim e mandou-me então... telefonou-me. A contabilista “olhe, tem aqui um coiso para um carro e tem de vir cá, tem de assinar isto... e eu fui. E eu fui lá mas faltava assinar por cima “conselho directivo do baldio de Covelães”. E o carro já vinha com a matrícula, já vinha com aquilo tudo e tal. E eu pego no... e a rapariga diz-me “olhe, eu não sei como é que eu vou preencher aqui por cima e você?”, disse ela. E eu disse “eu vou ali à engenheira”, tinha muita confiança... e tenho. Na engenheira Lúcia... “ eu vou ali e já resolvo o problema”. E fui lá... ao sair de lá apanhou-me logo o papel... “ah, isso fica aqui, e eu quando arranjar o de Pitões, arranjo o seu e depois já se manda para baixo e já se vai buscar os carros”. Mas afinal manda-me o Tomas, que é o engenheiro da floresta lá do Parque também...

AL: Tomás?

MCov1: sim, conhece?

AL: não...

MCov1: é de Cabril

AL: e é o quê? Vigilante da natureza?

MCov1: ele é engenheiro... e, e telefona-me para ir buscar o carro. E eu disse “olhe, e para fazer seguro”. “ E você agora tem de fazer o seguro já do carro para depois trazer o outro para baixo, já arranja... botar esse abaixo e faz o seguro até para chegar lá abaixo”. “está bem mas eu entreguei aquilo é engenheira Lúcia”. “Ah, mas vai ter de ir busca-lo”. Telefonei à engenheira Lúcia e ela não me respondeu... pronto, não me podia atender. E então não me atendeu e no outro dia vou para Montalegre eu vou a Montalegre, vou lá ao gabinete dela e estava lá no gabinete, estava no tempo de abrir e telefona-me ela. “então você ontem telefonou-me?”. “ah, vinha buscar o papel do carro porque já me telefonaram para fazer o seguro e ir buscar o carro”. “Ah, você não tem direito a carro nenhum”. E eu “caramba”. “olhe, mas tá maluca ou quê?! Então dei-lhe o papel e não tenho direito ao carro?”. “ah, não, não tem não! Não tem direito nenhum!”. Eu falo ao Tomás e o Tomás...” não senhor, o carro é de Covelães, o carro foi para Covelães, não foi para Outeiro”. E eu telefonei logo ao Carvalho para Vila Real, e o carvalho disse “não, os de Outeiro é que não tinham carro, Covelães tinha, e os outros também tinham, só Outeiro é que não tinha”. Pronto, mas ela depois quando falou para mim vinha já de falar com o Tomás “Oh Tomás não tinha! Covelães não tinha!”. “Tinha!”, nós ouvimos... “tinha! O carro era de Covelães, não era de Outeiro”. Eu disse “porra, então eu confiava nela e agora faz-me uma partida destas?! Então isso tem algum jeito”. E agora “ah, não, você não tinha”. E agora... eu já tinha falado com os outros... mas ela deu a volta ao Tomás.... O Tomás até

não, o Tomas ate disse o mesmo, mas o outro de Vila Real, lá o Carvalho... esse depois... “ah, não, houve engano!”. Depois eu lembrei-me numa reunião que estava o presidente da Câmara... e depois ele disse assim “então você entregou à Lúcia, então você já sabia que ia ficar sem ele, porque os de Outeiro não tinham e ela dava-se lá muito bem com o de Outeiro e ela passou o carro para Outeiro” e agora você tem de esperar até que venha outro. E agora o conselho directivo daqui ficaram lixados comigo, o de Travassos era para a nossa equipa, era Travassos, de Covelães e de Sezelhe...

AL: mas quando os sapadores andam aí andam com carro ou não?

MCov1: têm carro mas é velho

AL: ah, queria um carro novo e este seria entregue?

MCov1: quando dão carro, os outros entregaram um carro e levaram o velho. E o carro também já está todo velho, já não presta... agora disse que vinha outro, disse que já vinham... agora não sei se vêm se não vêm...

AL: mas este carro ainda dá para andar, ainda dá para dar umas voltas?

MCov1: ainda, mas o carro está sempre na oficina e tem de se pagar, porque eles não pagam nada. Nós agora se formos meter pneus temos de pagar nós, se houver alguma coisa qualquer no motor ou coiso, temos de pagar nós... e agora está sempre a dar despesa. E um carro novo não da tanta despesa... e agora nós estamos... ainda no outro dia o presidente da... também não faz parte do conselho directivo mas o outro deixou-lhe fazer parte... de Travassos. “ah, eu dou-me bem com o conselho directivo, eu faço tudo”. E ele disse, assim diante dos outros todos “se é na minha mão o carro não ia para onde foi”. E eu disse “então, o que é que eu lhe havia de fazer? Então eu tratei daquilo, ele é que fez...”. “ah, mas eu não deixava fazer isso, não deixava, o carro estava aqui, e você deixou fazer, se me vem ter à mão a mim a ver se ele vinha, se ele ia para outro lado...”. E foi assim, fiquei mal eu...

AL: mas o que eu quero dizer é: há uma parte do baldio que é limpa pelos sapadores

MCov1: oh, é um bocado só, não é bem da ITI... é público, é uma parte que lhes pertence a eles, público, e a outra é para os incêndios... a limpeza das ITI é feita pela companhia com a companhia, ou até podemos meter pessoal do povo, eu ainda no outro dia lhes falei, se quisessem... era cada um 750... se quisessem fazer a limpeza, em vez de pagar à companhia pagava-lhes a eles, eles agora têm máquinas... tractores, ...

AL: eles quem?

MCov1: aqui os de Covelães... têm algumas 4 ou 5 máquinas. Já roçam o mato, mas eles não querem, diz que não têm vagar... são lavradores. Não têm vagar. Eu também tenho... mas uma pessoa não tem vagar

AL: pois, o que eu queria dizer era do género... vocês têm uma parte do baldio que vocês pagam a uma companhia para fazer a limpeza com o dinheiro da ITI, não é... os sapadores fazem a limpeza de outra parte com esse dinheiro do FFP. Ou seja se vocês deixarem de ter

os sapadores essa parte que é limpa por eles, vocês vão ter de usar dinheiro das ITI para a limpar... vão ter mais custos...

MCov1: mas podemos não limpar...

AL: podiam não limpar mas depois se houver incêndios...

MCov1: está bem, incêndios é um bocado coiso mas... eles não se importam, e por isso tenho andado... agora está o meu rapaz que é o tesoureiro...

AL: do quê? Do CD?

MCov1: do CD, ele está por conta dele... é por causa do rapaz não ir para a rua

AL: eu não percebo é porque é que as pessoas não gostam dos sapadores...

MCov1: oh, dizem que eles não fazem nada, que não trabalham, queriam que eles trabalhassem todos os dias no povo, mas eles não podem que eles têm de trabalhar no monte. E eles queriam que eles trabalhassem aqui todos os dias, que os entregassem à Junta, mas eles não podem ser entregues à Junta

AL: os sapadores trabalharem aqui no povo? A fazer o quê?

MCov1: a limparem, a fazer muros, a fazerem... limpar caminhos. Mas não, o Carvalho disse “você nem fale nisso, vamos lá a ver (?), deixe-os coiso, mas vamos lá a ver (?)”, porque se não cortam... depois vão-se embora logo... e o Tomás também disse “você não fale nisso, se eles fizerem um muro, se andarem lá um dia ou dois, você não diga... não diga senão eles botam-nos fora, depois não pagam nada, depois eles têm que ir para a rua”. Mas eles querem que eles andem sempre, querem que controle o coiso, que eles não querem trabalhar...

AL: então as pessoas não estão muito interessadas no monte...

MCov1: não, não estão interessadas nos sapadores, não querem tomar conta deles, querem tomar... se fosse agora só no baldio não faltava quem quisesse ser presidente, e agora com os sapadores não querem, não querem porque os sapadores dão muito trabalho, eu ainda agora fui 3 vezes a Montalegre para tratar disso, da papelada que eles mandaram. Dias, e aquilo ainda são 10km e tal, e eles não querem... em princípio era eu que fazia a escrita toda, não era preciso a contabilista, a contabilista era eu, mas depois chegou-se a um ponto que eu disse “não, eu agora vou arranjar uma contabilista, porque eu não vou fazer a papelada... deus me livre! E então arranjei uma contabilista e agora a contabilista é que trata lá de tudo. De tudo mas também tenho de lá ir, tenho de pagar a caixa, tenho de pagar a ela também, passar-lhe um cheque, tenho de... várias vezes ela chama-me lá porque tem de mandar essa papelada para Lisboa, depois estão-me a pedir, porque ao fim dos 3 meses tem de se mandar a papelada, tenho de pagar o número dos cheques que paguei aos sapadores, tenho tudo, as continhas todas certinhas! E tem de se fazer ali tudo por ela e tem de se assinar e carimbar o carimbo, senão pronto... nada é feito. Mandar para lá sem assinar e carimbar não adianta... tenho de anotar... ela não vem aqui, tenho de lá ir eu...

AL: então mas as pessoas não consideram que o serviço que os sapadores fazem é importante?

MCov1: não! Alguns dizem “ah não fazem nada! Não prestam”... e se trabalham! Eles trabalham bruto!

AL: Pois, só que não é aqui ao pé das pessoas, trabalham lá no monte...

MCov1: dizem “ah, não fazem nada!” e tal... pois mas têm porque nós ainda temos... nós agora no monte baldio, depois do ITI, depois nós temos de pagar a gasolina... a gasolina não entra entre todos, porque Paredes paga lá no deles... porque Paredes não tem carvalhal nenhum, são beneficiados, só o dinheiro que vem é todo coiso, não gastam nenhum, têm o tractor, têm o coiso, não gastam nenhum... mas nós não, ainda agora paguei quase 20000 ou coiso... a Travassos, à companhia. A Travassos tive de lhe pagar o que ele fez... o roço, e agora aí adiante vêm fazer outra vez

AL: então e Paredes usa como o dinheiro da ITI?

MCov1: então em Paredes fazem com a máquina, têm lá o tractor...

AL: mas estava a dizer que eles não tinham carvalhal nenhum...

MCov1: não, não têm carvalhal nenhum... só fazem no monte, sei lá como é que eles fazem, não percebo como é isso olhe... então o de Paredes não tem carvalhal e recebe tanto como nós, não percebo nada! Nós temos de fazer 6 hectares, somos obrigados a faze-los, e eles não têm carvalhal não fazem nada e recebem tanto como nós... e têm menos monte, têm menos, nem metade têm de nós... pois, nem metade têm de nós. Vêm-nos arrancar os matos, que eles andam sempre todos os dias a arrancar os matos, já arrancaram lá em cima no Poço das Rãs... para ver se apanham no nosso monte, eles não têm monte quase nenhum, têm pouco, porque eles estão metidos com os de Outeiro. Porque os de Outeiro vêm ter às nossas cruces, os de Outeiro e eles, vêm ter às nossas cruces, daqui é Covelães e dali para baixo é Paredes e Outeiro e Parada. Portanto eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto, depois temos um misto... entre as nossas cruces e a coiso há um misto que é de Paredes e deles, e eles arrancaram as cruces para nos apanharem o misto... foi para nos ir buscar... os de Travassos também o fizeram

AL: o misto quer dizer que ambos podiam usar é isso?

MCov1: é. Um pode cortar e o outro pode roçar, um pode pastar e o outro cortar. Paredes nós, eles podem cortar e nós pastar, e eles dali é ao contrário... ali de Travassos... nós podemos cortar e eles pastar. Mas eles ali no carvalhal não cortam nada, somos nós que cortamos

[falo de como perguntei a uma Sra. do ICN se haveria esse tipo de alojamento e ela disse que neste momento não tinham nada...]

MCov1: não, não, deixaram tudo ao abandono... tinha a de Pitões, essa foi a ADERE que tomou conta daquilo, arranjaram aquilo e coiso mas agora parece que não está lá ninguém... eles é que tomaram conta dela, daquela casa lá de cima

AL: também era do ICN?

MCov1: era do Parque naquela altura

AL: Pitões das Júnias não era?

MCov1: é, essa era do parque. E agora quando vou lá não vejo lá ninguém. Antigamente vinha muita gente, aos fins-de-semana era só gente, gente, ui, cum caramba! Vinham para ali pronto, tinham 6 pessoas, para a outra semana já tinham outros, para a outra outros... para a outra semana... tinha sempre gente! Ali nunca estava vazia

AL: Mas era o quê? Turistas ou pessoal do parque?

MCov1: não, de fora também...não era turistas, tinha lá sempre pessoal, sempre, sempre, sempre, tinha muito pessoal... eu é que tomava conta daquilo, vinha uma mulher para fazer a limpeza, tinha de lhe por lenha, por gás, porque aquilo não tem electricidade, tinha de por o gás para cozinhar, tinha de por o coiso para os candeeiros, tinha de andar lá, todos os dias tinha de lá ir uma vez ou duas, depois ver, quando saía, ver se aquilo a roupa faltava, tinha de se conferir a roupa, se coiso tinha de se mandar um ofício para baixo a dizer que faltou uma toalha ou duas, ou três ou quatro, que faltou um lençol ou que faltou um cobertor, depois eles iam lá comprar, eles tinham de pagar aquilo, era eu que tomava conta daquilo, mas pronto, agora ficou... a casa estava bem arranjada, eles depois arranjaram a casa bem, e agora não tem ninguém, e foi a ADERE que depois... foi a ADERE que arranjou aquilo

AL: aquele mato que trouxe do monte para por na cama dos animais, depois ainda vão usar como fertilizante da terra?

MCov1: então pois! Se não fosse isso como é que havíamos de semear? Nós temos aqui as terras todas semeadas, eu tenho aqui uma grande que está toda semeada, acolá em baixo, outra...

AL: o que é que cultivam?

MCov1: tudo, milho, batatas, se não levar o esterco não dá nada

AL: o quê?

MCov1: o estrume... nós aqui chamamos-lhe de esterco... depois as vacas amassam e depois andamos com os tractores é que...

AL: e aquilo é que dá ali a vitalidade ao solo

MCov1: aquilo espalha-se no campo e lá ...

[chega a esposa do senhor Manuel, que até ali tinha estado recolhida nos seus afazeres lá para dentro da casa...]

E: olha, o Paulo chegou e diz que daqui a pouco tens de o ajudar a ir botar as vacas...

AL: eu vou-me embora, já lhes tirei demasiado tempo. Vou deixar-vos seguir a vossa vida (RISOS)

E: ele foi buscar o tractor...

AL: eu também já tinha acabado

E: ele foi buscar o tractor e agora precisa que ele lhe ajude a botar as vacas que estão umas num lado, outras no outro

AL: tem de ir trabalhar! Já teve aqui a trabalhar um bocado agora, e agora tem de ir trabalhar um bocadinho mais (RISOS). Diga-me só... esta terra aqui em frente é sua?

MCov1: esta terra aqui é de um cunhado meu, por acaso trabalho-a eu, é o rapaz, agora é ele que a trabalha... esta aqui, aquela lá de baixo também, até ontem metemos duas, anteontem três. Aquilo tem de levar o estrume, se não levar o esterco não dá nada. Eu aqui, tenho as vacarias, é tudo para isto. Agora se não fosse o esterco não podiam semear nada

AL e aquilo que vocês conseguem aqui, tipo as batatas, o milho, etc. é para consumo ou vendem?

MCov1: aqui é quase tudo para consumo. Consumo, depois fazem silagem para as vacas, os milhos é depois para galinhas, para... outras coisas, metem-se no canastro. A maior parte faz silagem, fazem silagem e depois deitam todo o inverno ao gado, e vendem os bezerros

AL: mas vender produtos agrícolas não costumam?

MCov1: não, aqui vendia batatas... aqui tudo tem

AL: e vender para outros mercados?

MCov1: não, eles aqui podiam até vender, aqui não escoam nada, não tiram nada. Quem é que vai... umas batatas. Antigamente o coiso aqui era batatas, que havia aqui uma cooperativa grande, havia batatas por todos os cantos. A cooperativa deu o estouro, pronto, ficou, a batata de Montalegre morreu, agora ninguém a tira...

AL porque é que deu o estouro, sabe?

MCov1: faliu! Roubaram, começaram a roubar, uns roubaram, outros o carambas... e agora... agora ainda vão formar outra

MCov1: vão... já saiu no jornal, já está, já tem o presidente já... mas o outro saiu, aquilo embodegaram tudo, têm lá umas casas do carambas, que aquilo... umas casas boas, e para fazer reuniões e o carambas e aquilo está tudo fechado

AL: da cooperativa?

MCov1: sim

AL: lá em Montalegre?

MCov1: sim, o Estado, sei lá se foi o Estado, havia muito dinheiro e agora açambarcaram aquilo, aquilo enquanto não pagarem, aquilo não podem lá ... está tudo fechado. Fecharam a casa, os armazéns todos, e que armazéns eles lá tinham!

AL: e esses agora vão ser usados pela nova cooperativa ou não?

MCov1: não sei, eles andam a tentar isso mas sei lá, ele diz que não querem ceder... a cooperativa quer...

AL: era bom para vocês, não era?

MCov1: era! Antigamente aqui batatas era... se viesse aqui no tempo das batatas por estas terras, por aqui adiante, por todo o lado só se via sacos, sacos, sacos de batatas. Era carros e tractores a carregar lá para a cooperativa. Até aqui em Covelães havia uma terra grande e um armazém, lá em Montalegre já não cabiam, e tinham uma terra grande e punham tudo aos silos, e depois carregavam no armazém, vinham todos aqui buscar, era só batata! Vinham de Tourém, vinham de Pitões, vinham de Parada, vinha tudo para aqui, e depois levavam tudo lá para Montalegre. Pronto, acabou esse coiso agora a agricultura, pronto, é só para eles

AL: o milho é só para o gado não é? E fazem pão ou?

MCov1: é, é só para o gado, e para as galinhas e ...

AL: a batata era a batata

MCov1: a batata dava muito dinheiro, era solteiro e já fabricava batatas para a cooperativa, já ganhava dinheiro como o carambas, naqueles tempos, já ganhava aí muito dinheiro

AL: e não há mais nenhuma cultura que dê assim...

MCov1: não, agora aqui dedicam-se mais às vacas e depois não querem fazer... não há, porque não há quem tire nada. Eu se tirasse este terra de cenouras, ou o povo, ninguém mas tirava, tinha de as botar fora

AL: não percebi desculpe...

MCov1: ninguém mas tirava!

AL: ninguém ia lá trabalhar, é isso?

MCov1: não, tirá-las, tirá-las, não há escoamento! Não uma coisa para "as tirar". Podia tê-las mas tinhas de as botar fora. Não há nada para as tirar, nós podíamos vender muito, beterrabas, só que aqui damos, dá-se a beterraba, dá-se feijão, dá-se tudo, dá-se cenouras, dá-se aqui tudo. Mas quê? Não há a quem vender. Nada! Não há quem tire-as, "eu depois tiro-vos isto...". Eu se tiver aí couves para vender, não, não há ninguém que as tire! Nada!

AL: pois... e não há uma feira ou mercado ou ...

MCov1: há, mas as feiras agora é mais... é só roupas e...

AL: não há feira agrícola aqui perto, para os produtores irem lá...

MCov1: não, não há. Isto aqui está muito morto! A lavoura aqui, as pessoas trabalham na lavoura bastante, mas agora é mais para o gado e para o sustento da casa. Aqui já se põe

muita coisa, os lavradores aqui não têm fome. Diz-se que há muita fome, muita miséria... aqui não!

AL: nunca houve?

MCov1: Matam muitos porcos, matam, um vitelo já... já matam vitelos. Já, batatas aí também é aos...alguns já nem semeiam muitas, semeiam poucas, para que é que eu semeio batatas, vale a pena para comer? Ninguém mas tira, eu não as vendo, para que as quero? O milho ainda semeiam muito por causa do gado, semeiam muito para o gado, muito milho. Haviam de tirar, havia de haver muitas cooperativas que tirassem, até nós, haveria pessoal que gostava de trabalhar, se fosse preciso até vinham pessoas para aí, porque nós, as pessoas já são velhas e o caramba, vinham para aí trabalhar as terras. Há aí terras a monte, tenho para aí 3 hectares, está a monte, tenho aqui outro por cima que também tem um hectare, quase dois, que também está a monte...

AL: o problema é que não há jovens não é? Se os jovens se dedicassem aqui um bocado

MCov1: eu ainda tenho, o meu moço ainda trabalha algumas, trabalhas as nossas e ainda trabalha, o que trabalha no hospital do coiso trabalha para aí ao todo 50 terras, tem uma lavoura [*Não se entende*]. O Calistro...

AL: não percebi, 50 terras, quem é que tem 50 terras?

MCov1: é lá o meu sobrinho

AL: tem 50 terras?

MCov1: não, mas está a trabalhá-las... ele também tem uma casa grande e depois dão-lhe para trabalhar a ele “olha, trabalha-as tu que eu não posso trabalhar” e outro “olha, trabalha-as tu que eu não posso” e outro “olha, trabalha-as tu que eu não posso”, e todos assim... esta que está aqui em cima ele dá-as para pastar aí a um sujeito, as outras lá adiante também são para pastar, ele tem tudo para pastar. E pronto, não podem trabalhar em tantas. Agora se houvesse quem trabalhasse e se houvesse alguém que, quer dizer, se as coisas dessem, mas não dão! Quem é que vai trabalhar? Trabalham só para a casa! Ninguém tira nada! Se houvesse quem escoasse, assim pronto, uma cooperativa... no tempo da cooperativa toda a gente tinha dinheiro carambas! O que não faltava era dinheiro... batatas davam muito dinheiro, não faltava dinheiro, toda a gente semeava e o carai, agora... agora é o gado! É o que dá... e há a reforma, antes não havia reforma nenhuma

AL: quando é que a cooperativa foi à falência?

MCov1: já foi há muito, há para aí há mais de 15 anos. E o matadouro, também temos agora o matadouro que também está a dar... se a câmara não tomar conta daquilo aquilo vai também...

AL: é lá em Montalegre?

MCov1: é no Barracão

AL: no barracão? É uma aldeia?

MCov1: é numa aldeia

AL: que é onde vocês vendem os vossos animais?

MCov1: é. Morrem ali, vão para Braga, vão para o Porto, vão para Bragança, vão para Chaves, matam-nos todos os dias, gado, há aí muito gado

AL: mas é o matadouro que paga a vocês os animais?

MCov1: não. Há muitos, depois há um grupo que vende para Braga. Mata-os ali e vai entregar a Braga

AL: compra-os a vocês, mata-os ali e vai entregar a Braga...

MCov1: sim, há vários, há vários marchantes

AL: como é que se chamam? Marchantes?

MCov1: marchantes. Os que vão comprar. Compram aí e já têm lá em Braga ou no Porto talhos que fornece, compram coiso, matam-nos aí e o carro vai leva-los lá, vai levar a Braga, Porto. De maneira que também, se não conseguir manter-se no futuro já estamos outra vez na mesma

AL: se o matador for... pois, estou a ver que sim. Mas acha que vai dar problema?

MCov1: sei lá, porque o da cooperativa é o mesmo, o que lá está. A câmara é que está a dar dinheiro para aquilo se aguentar senão já tinha ido ao ar

AL: pois, deve ser o matadouro municipal, é antigo?

MCov1: é. É antigo, já tem uns anitos... eu já paguei para ele.

AL: o que é que isso quer dizer?

MCov1: já pagámos para fazermos o matadouro, o Estado deu e cada um lavrador dava x, uma dava 100, outro dava 200 contos, outro dava 1000

AL: e os baldios deram ou foram as pessoas mesmo?

MCov1: as pessoas, foram as pessoas, as pessoas é que davam dinheiro. E até é um matadouro que é bom, é um matadouro agora aqui do norte que não há outro. Só é pena que não tenha uma organização boa. Os gajos levam carne, tiram carne, mas ele é bom homem, o engenheiro da batata, deixa-os roubar... houve lá gajos que pediram dinheiro à cooperativa e que não lhe deram mais, pediam aos mil e aos 2000 contos e tal

AL: e foi assim que aquilo foi abaixo?

MCov1: foi abaixo! E depois não pagaram

AL: mas já pagaram...

MCov1: e lavradores! E o homem até era bom, o engenheiro era um tipo porreiro. Lá a cooperativa dava para tudo, até fazia festas lá, convidava o concelho todo, fazia lá festas que assombrava

Fafião: MF1

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 Euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: ou seja, quando tu dizes que diminuiu a área forrageira, referes-te à área forrageira subsidiada, é isso? Ou seja, aquela que permite o acesso ao subsídio à produção...

MF1: sim, nós tínhamos... porque aí só nos interessa a forrageira, que é onde os animais pastam, e nós tínhamos penso que 590 hectares dessa área e passámos para 92...

AL: bolas!

MF1: dizem que... o IFAP... dizem que foi imposição da comunidade Europeia, já tivemos informações contraditórias, fizeram uma visualização fotográfica viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos, ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha onde eles dizem que ali não tem área forrageira, mantemos ali as cabras nessas zonas que eles dizem que não tem forrageira, mas pronto... está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui...

AL: mas é estranha essa forma de classificar o solo, faz mais sentido que as pessoas que o usam sejam consultadas... não sabia que isso tinha sido feito assim, através de fotografias aéreas...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pelas tais avaliações...

MF1: sim

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: pois... no outro dia estava a falar com a Lúcia Jorge [do SBTMAD], conheces não é...

MF1: muito bem.

AL: pois, ela estava cheia de trabalho por causa dos subsídios agrícolas. Vocês aqui não tiveram de fazer isso ou é a associação que faz...?

MF1: toda a gente tem de fazer, toda a gente que tenha animais, e mesmo alguns que não têm fazem, tem que fazer os subsídios e pronto, a Lúcia faz aí os subsídios de grande parte das pessoas e nesta altura é complicado para ela ter tempo para fazer outra coisa qualquer (... *conto a história da Lúcia ao telefone, do stress apresentado etc.*). Pois, isto tem estado complicado para ela, por acaso no outro dia estivemos aí numa reunião, na 3ª feira, e ela nesta altura está cheia de trabalho. A Lúcia é uma pessoa que faz parte do secretariado e é o nosso braço direito, quando precisamos de alguma coisa, quando não sabemos, é logo à Lúcia que...

AL: o secretariado dos baldios de Trás-os-Montes?

MF1: Sim

AL: e aquela associação dos baldios do Gerês...

MF1: do Parque?

AL: sim, isso funciona?

MF1: é, também é a Lúcia que é a presidente e... funciona, funciona. Nós, aí com a Lúcia, penso que estamos muito bem servidos

AL: sim, acredito. Mas o que eu pergunto é se as funções que a associação e o secretariado dos baldios têm são completamente diferentes ou... isto é, eu não sabia que existia esta

associação, só descobri agora há pouco tempo... mas não percebi o que é que a associação acrescenta em termos de trabalho aos baldios daqui desta zona uma vez que já se encontravam todos associados dentro do SBTMAD...

MF1: eu aí também, sou sincero, também não sei muito bem. Mas sei que quando é preciso aí nalgumas... tipo, quando é preciso aí um parecer ou um técnico, ou alguém que represente esta zona ou precisam que algum técnico seja chamado, é a Lúcia neste caso que representa a Associação de Baldios do Parque que é chamada

AL: pois, e até faz sentido, porque são os baldios do PN, que têm umas condições completamente diferentes dos outros baldios que se calhar também são associados do Secretariado dos Baldios não é... portanto se calhar é isso não é... é isso que os une, estarem no único PN do país... está bem, é que não consegui obter muita informação por isso é que estava a perguntar...

MF1: mas isso a melhor pessoa é mesmo a Lúcia...

AL: pois, quando ela tiver tempo (RISOS)

MF1: para a outra semana talvez, porque os subsídios entretanto também foram alargados até ao fim do mês e não sei se ela já conseguiu fazer tudo

AL: não, ela disse para não a contactar por favor antes de 31 de Maio... mas isto por causa dos subsídios agrícolas, se são vocês que fazem, se é a associação dos baldios que faz...

MF1: não, não, não, isso cada pessoa tem de fazer os seus, nós aqui somos responsáveis no baldio pela distribuição da área forrageira, até fizemos uma reunião em abril por causa da distribuição, com essa redução então teve de ser recalculada a área para distribuir para toda a gente, e então fizemos isso, foram criados os polígonos, que neste caso é até a Lúcia que cria no Secretariado e pronto, depois as pessoas vão lá e já têm o polígono delas, com a área que lhes foi dada. E numa associação qualquer fazem as fotografias sem problemas

AL: então tu dirias que o que dá aqui mais rendimento ao baldio é a venda de madeira?

MF1: é. E as ITI's eram muito boas, eram muito boas para o baldio. Se não tivermos neste ano de 2015 essa receita, pronto, sabemos que alguma coisa normalmente será recebido... mas, se não tivermos essa receita, o balanço dos sapadores este ano que já não temos madeira para vender, porque acabou um corte do último que fizemos, já vai ser negativo e que se está assim 10 anos perdemos em 10 anos tipo 200 000 Euros e assim é complicado. Essa diferença dos sapadores faz-nos falta.

AL: as ITI's são no fundo uma compensação por vocês não poderem produzir naquelas zonas ou não?

MF1: uuuh. As ITI's só existem no Parque e são uma forma de... bem, eles no ICN dizem que é a nossa compensação por estarmos no Parque e não termos eólicas eram as ITI's. Agora se nos tiram as ITI's já não temos compensação nenhuma, não temos nada, é tudo mau

AL: e quando é que sabem qual é a área de ITI?

MF1: Acho que as candidaturas ainda não fecharam, estão a tentar prolongar o prazo e estão a tentar a ver se eles recuam nessa redução das áreas. E é o que temos andado a fazer com estas reuniões agora, com os presidentes das câmaras a puxarem também do nosso lado se calhar a coisa fica um bocadinho mais fácil

AL: e é só Fafião que está a sofrer com isso?

MF1: não, não, isso é todo o parque, todas as zonas que tem, todos os baldios que têm as ITI's estão a sofrer com isso. E neste caso serão... se não forem todos devem ser quase todos...

AL: vocês agora com esta leva que houve de PUB's, em que muitas associações foram contactadas para elaborarem os planos de utilização dos baldios, a BALADI, a FORESTIS, etc, aqui também foi feito nessa altura ou?

MF1: aqui foi feito quando... pronto, esses dados que são anteriores eu não sei bem, o plano de gestão, de utilização, foi feito em 2012 e é até 2017, eu até tenho lá o plano no carro e podemos ver...

AL: foi feito antes de tu...

MF1: sim. E agora tenho de dar seguimento porque as coisas são mesmo assim. Pronto, às vezes podia ter alguma coisa que as pessoas me dizem "ah, tu vais limpar ali" ou "vais fazer isto", e se calhar é melhor fazer noutra zona, e eu vejo com as pessoas, e se efectivamente for uma coisa que tem uma lógica e que as pessoas estejam de acordo, muda-se, porque as coisas também não são assim tão rectilíneas, dá para mudar

AL: claro. E esse plano foi feito por vocês ou com a associação?

MF1: com a associação, com a Lúcia

AL: com o Secretariado

MF1: esses pormenores técnicos a Lúcia é que sabe explicar tudo. Pronto, depois os baldios acabam por ter muitas... pronto, acabamos por ter muitas vertentes que tem muitos assuntos e não é fácil uma pessoa estar completamente especializada naquela área. É-me difícil, esses pormenores todos da gestão, como é que é, como é que não é, saber tudo ao pormenor, que não sei. Se eu dissesse que sabia estava a mentir. Há muita coisa ali que não preciso de saber e então já não me preocupo com isso. Temos muita confiança na Lúcia, ela é espectacular. Nesse aspecto é mesmo do outro mundo

AL: vocês para fazerem parte da associação tem de pagar... cada baldio tem de pagar x para a associação se manter viva ou ...

MF1: sim, nós temos de pagar. O que nós pagamos é uma percentagem de acordo com as ITI's. Porque eles fazem as candidaturas e tudo o mais e nós damos-lhes uma percentagem, uma coisa mínima.

MF1: é que tivemos o *trail* há 15 dias e agora temos o jantar...

AL: o *trail* é o quê?

MF1: o *trail* do Carlos Sá é correr no meio do monte

AL: Quem é o Carlos Sá

MF1: aquele que ganhou a maratona do deserto nos Estados Unidos...

AL: ah, não sabia. Se calhar devia saber não era...

MF1: essa era obrigatória

AL: RISOS. Ganhou quando?

MF1: ganhou já para aí há 4 anos ou 5. E ele agora organiza os *trails*, e foi a primeira vez que passou aqui foi há 15 dias. Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Gerês. E tivemos aqui uma parte que vinham do Xertelo, essa aldeia onde foi o acidente, que é quase lá na ponta, até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês até Fafião e nos tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para cá. Estes que passavam aqui só comiam uma fruta, uma marmelada e seguiam para o Gerês. E os outros paravam ali e depois o autocarro levava-os outra vez. E hoje e... este, como o Lino não está, esse da marinha que é o presidente da Vezeira, não está disponível, encarregou este, só que este é construtor e rebentou-lhe não sei que no camião, e já não pode ir, e vou ter de ligar a um dos outros para ir...

AL: ao jantar?

MF1: sim

AL: e essa malta pagou-vos para...

MF1: não

AL: essa comida toda teve de vir dos vossos...

MF1: não, grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar... por exemplo, eu que estava ali no pátio, que era onde eles se encontravam todos, que mandavam uns para um lado e outros para o outro, para eles não se cruzarem, cheguei, ainda não tinha acabado a prova, eu estava todo molhado e já não conseguia dobrar as mãos, estava já cheio de frio e todo molhado. Mas como eu, estiveram mais, veio aí o presidente da Junta também esteve lá num sítio em que o rio subiu muito e ele tinha de estar ajudar as pessoas, também se molhou todo e apanhou uma gripe. Pronto, nós aqui em Fafião éramos 15 e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, só vou eu em representação dos baldios e vai o outro que representa a associação e eles não nos pagaram nada e eu acho que aquilo não está a funcionar muito bem. Mas pronto, logo se verá... e se calhar também

devia dar uma palavrinha por causa disso, porque as pessoas, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas

AL: mas na tua opinião quem é que devia pagar, a câmara ou o...

MF1: não, devia pagar o Carlos Sá [VENTO]. Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas

AL: é mesmo a primeira vez que fazem isso aqui então...

MF1: é. (...) Daqui deste lado nunca tinha passado...

AL: nunca tinha pensado em fazer maratona no meio do mato

MF1: é espectacular! Se os meus joelhos estivessem como antes era uma coisa mesmo interessante

AL: bom, deve ser super cansativo, mas sim

MF1: mas havia gajos de Singapura, de todo o lado!

AL: quantas pessoas eram para aí?

MF1: os que faziam o curto eram cento e cinquenta, os que faziam o longo que eram 50 km, eram 250. Depois é durante tipo 4 horas a passarem pessoas

AL: que engraçado. Não fazia ideia que se faziam maratonas nos vários ecossistemas (RISOS) deserto, floresta, montanha...

MF1: é espectacular, só que os melhores sítios o ICN não os deixa passar... que era Rocalva lá em cima que é o sítio mais engraçado que temos, de passagem aquilo é mesmo, temos uma paisagem que é uma coisa...

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia [*Não se entende*] os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafião...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irnos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores (...) e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer virar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer virar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: e o que é que plantam?

MF1: é as autóctones

AL: e fazem isso todos os anos?

MF1: todos os anos

AL: a associação Vezeira?

MF1: exacto.

AL: a Vezeira existe há quanto tempo?

MF1: eu acho que é de 2009 ou 2010...

AL: e antes de haver a Vezeira não faziam essa plantação?

MF1: fazíamos essa plantação na mesma só que pronto não era uma coisa organizada e não trazia pessoas de fora... agora vem 100 pessoas...

AL: aí é? Para ajudar?

MF1: é! E pagam inscrição e comem e fazemos-lhes a cabra... o que se come aqui na festa é cabra...

MF1: na festa de julho?

MF1: sim, na festa de julho. É o nosso, o nosso prato forte é a cabra. Não é aquela cabra negra do Minho como se vê no outro lado. Depois fazemos também uma outra comida grelhada e depois ao fim damos um bocado de cabra. A cabra é maravilhosa. As pessoas que vem adoram a cabra. E fazemos a cabra num pote, como se fazia antigamente e as pessoas ficam deliciadas

Esta actividade é mesmo fora de série. De todas as que fazemos aqui eu pessoalmente é a de que mais gosto, porque eu gosto muito desta parte da serra, e é... é espectacular

AL: e que tipo de pessoas é que vem?

MF1: vem todos, vem todo o tipo de gente. Até há alguns que não conseguem saltar uma pedra, vem, ficam por ali num sítio que reconstruímos, que foi Pinh^o, essa cabaninha que está lá toda engraçada, eu depois até lhe posso enviar umas fotografias, vamos lá nesse dia, é um sítio espectacular e o carro chega lá. E depois as pessoas dividem-se porque há vários currais e depois voltamos todos para ali, ficam ali uns a cozinhar, e depois quando chegarmos vai estar tudo pronto e o pessoal está ali na boa, tem água, tem sombra

AL: muito giro. E as pessoas vêm de longe ou vêm aqui de perto?

MF1: não, às vezes vêm alguns de lá de baixo, de lisboa, muitos do porto, de Famalicão, de braga, aqui de todo o lado. Aqui nas nossas actividades tem sempre muita gente. A matança do porco também tem muita gente

AL: ah, a matança do porco também e aberta as pessoas de fora?

MF1: é. Depois também temos o trilho do medronheiro, mas esse costuma vir menos gente porque é em altura sempre de novembro, muita chuva, este ano estava a chover torrencialmente e tivemos tipo 40 a 70 pessoas a fazer os trilhos a chover torrencialmente. Fizemos uma plantação em marco que é aqui aquela zona onde estivemos e mais lá em baixo noutro sítio que ardeu. Essas também tem menos gente, teve-se 70 pessoas, mas esta da, principalmente a matança do porco e aquela lá dos currais é a, são as mais concorridas.

AL: (...) mas não fazia ideia nenhuma que existia aqui uma associação a trabalhar... mas confunde-se um bocado com o baldio ou não?

MF1: sim. Há aí muito pessoal que acha que a associação é o baldio mas não tem nada a ver. Porque depois a malta nova é a que está numa coisa e noutra e eles, alguns dos velhotes, causa-lhes mais confusão... pronto, o pessoal vai explicando e eles gostam de ver que as coisas funcionam e gostam de ver aí gente. Esses velhotes gostam de falar com as pessoas e as pessoas que vêm aqui muitas vezes gostam é disso, de ver o velhote a falar de como é que fazia no tempo dele, como é que arranjou a namorada, como é que eles guardavam as cabras. Porque aqui antes tinha vezeira das ovelhas, tinha dos cabritos, tinha dos bois e agora só tem a das vacas e a das cabras, mas já teve aqui muitas e pronto, as coisas vão acabando, é complicado de se manter. Até gostava de arranjar forma de preservar as vezeiras, porque as pessoas estão a ficar velhas e a malta nova arranja o seu emprego e esquece isto completamente, e não podiam fazer de outra maneira. Mas havia de se arranjar uma forma de, não sei, ou de arranjar uma pessoa para ajudar ou criar um emprego, assim qualquer coisa para não deixar morrer as coisas. Porque a vezeira é uma coisa engraçadíssima. Vamos imaginar que as coisas, agora já não funcionam até bem assim, mas tipo, hoje estava eu na vezeira e ias me render, o dia que se trocava era agora a tarde. Eu tenho um dia mas o meu dia é de hoje a tarde até amanhã a tarde. E então, tu chegavas lá e eu tinha te feito a comida, e depois o que viesse a seguir a ti, tu também lhe tinhas feito a comida. Era espectacular!

AL: e lá havia forma de cozinhar? Ah, eles levavam a comida já...

MF1: sim, cada um leva as suas coisas e depois tinham que levar mantimentos para deixar para o que viesse a seguir.

AL: ah, ok. Estava a imaginar uma cozinha lá (RISOS)

MF1: não, lá é uma barraquinha de pedra e depois tem um pote que acompanha a vezeira e, pronto, e vai seguindo

AL: e acredito que fosse a forma de toda a gente conseguir pastar os seus animais e continuar a dedicar-se a outras coisas... no fundo é um trabalho partilhado

MF1: pois, é que assim não custa nada...

AL: e aqueles sapadores trabalham só para vocês ou têm outros trabalhos?

MF1: só, só, eles só são nossos

AL: então recebem um salário...

MF1: recebem, nós pagamos, até sou eu que faço esses pagamentos, pronto, dantes faziam por cheque, mas agora eu já faço tudo por transferência bancária, eu crio, a minha colega autoriza e pumba, está pago. E esses e muitos mais não é, porque depois temos as mais diversas despesas. Temos os gasóleos, temos os seguros, temos os jornais, porque recebemos jornais para saber se alguém fez uma escritura de algum terreno daqui, n coisas. Depois tenho para ai despesas e coisas para pagar, muita coisa! Depois temos as percentagens lá para o secretariado das ITI's. Pronto, é muita coisa... e lá vamos andando

Outeiro: M01

AL: pois, pois. Vocês estão em cogestão com o Estado aqui não é? Não estão em autogestão...

M01: é... era, agora andam a mudar, nós temos o Secretariado de Baldios, temos as reuniões e eles informam-nos, eles também levam o deles não é... é a engenheira Lúcia, nós pagamos pelo subsídio talvez quê... 5000 Euros.

AL: ah, vocês pagam para ela fazer a candidatura...

M01: dos projectos, depois eles têm o ordenado deles não é...

AL: ah, mas isso pagam anualmente?

M01: do dinheiro que recebemos, conforme recebemos, recebeu-se a 1ª prestação é aquele x%, paga-se ao Secretariado de Baldios e na última tranche que vem outro...

AL: aaaah

M01: desta aqui até tenho em mente que foi 861 Euros que se pagaram, e da outra foi 3000 e não sei quantos, do dinheiro que recebemos ainda...

AL: pois... eles também têm um trabalhão não é...

MO1: têm... e é eles que fazem tudo não é... e já fomos fazer manifestações a Lisboa, a Braga, a reclamar os nossos direitos do baldio para se não perderem não é... mas o Estado tem aquilo... disse “oh pá isto já está feito”

AL: quem é que disse isso?

MO1: digo eu

AL: ah!

MO1: pela minha experiência, isto já está feito. Depois ainda fomos lá a uma reunião a Vila Pouca também, veio lá o do IFADAP “ah, nós vamos rectificar e tal, mas a vossa área é muita pedra, não é considerada elegível para subsídios e tal”, e agora tivemos que dividir os hectares que tínhamos pelos agricultores, x a cada um, para eles poderem fazer as candidaturas, agora vamos ver para o ano como isto vai dar, também havia aí muita coisa mal feita não é, também pessoas que não tinham animais e candidatavam-se ao baldio

AL: a sério?

MO1: e isto foi bem, foi bem, foi abaixo e agora começa de novo, agora dão subsídio a quem cá trabalhar... então pessoas reformadas que estão em França e que estão aqui a fazer subsídios dos terrenos e a alugá-los aos outros, porque os alugam por dinheiro, ainda vão buscar outro por fora, também não é correcto não é?

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

MO1: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

MO1: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

MO1: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

MO1: não?

AL: acho que não, porque ...

MO1: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim “vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

MO1: por exemplo, este carvalhal que você vê agora aqui, toda esta encosta por aqui afora até ao Rio Cávado, isto quando não havia tractores havia aí um carvalho por outro, alguém que não... era tudo roçado pelos agricultores para estrume dos animais e para as terras, mas hoje não, já há tractores, a gente tem estradas que até aqui não havia... vai aí acima até ao cruzamento de Pitões, não sei se você conhece, quem vira para Pitões e para Tourém, há ali um cruzamento, os nossos limites vão até ali, vem de toda a linha de água que vai ter à cascata, para cá o limite é nosso não é, a gente vai lá roça, vai à limpeza, já fiz lá limpezas nesse baldio também, no último ano, foi através da ADERE da Peneda-Gerês, um projecto que aí fizeram... e limpámos ali, ainda deu aí um subsídio para o pastor da rês e ainda nos deixou dinheiro para muitas coisas esse projecto

AL: da ADERE... eu não sabia que havia projectos da ADERE aqui também para limpeza

MO1: foi a ADERE, a ADERE é que trabalhou aí connosco, aí um projecto, fizemos aí umas limpezas, uns 15 ou 16 hectares

AL: isso foi em que ano, sabe? Mais ou menos?

MO1: já não ...

AL: mas há 10 anos? Há 20?

MO1: não, menos, aí há 6-7 anos

AL: ok

MO1: e é isto, é assim que tem corrido isto...

AL: você fala muito do Simão, quem é o Simão?

MO1: o Simão é o presidente do CD de Cela e Sirvozelo

AL: de Cela e Sirvozelo, ok... eu falei com ele mas ele diz que, já não me lembrava do nome dele porque ainda não o conheci, ele tem uma empresa não é...

MO1: ele trabalha em Montalegre, é topógrafo, e a mulher também... ele trabalha para a câmara em Montalegre, se quiser estar com ele e for a Montalegre

AL: ah, sim, eu se calhar vou lhe ligar quando sair daqui e vou ver o que é que ele pode

MO1: ele está lá em Montalegre, tem o escritório dele, a mulher trabalha lá, e ele trabalha na câmara... já estive comigo na Junta, e o outro rapaz que eu estou a falar, que está lá agora

AL: quem é que está lá agora?

MO1: estivemos na Junta, agora ele está de presidente da assembleia de freguesia ainda...

AL: pois... então e acha que aqui não vai haver muita gente para ir para o CD ou ...

MO1: não... se nós entregamos, não sei mesmo... só sendo que haja verbas e digam assim "há verbas e queremos fazer melhor que os outros", mas não sei se conseguirão... deus queira que sim

AL: eu não estou a dizer que o senhor tem de sair, mas imagino que um dia há-de querer sair...

MO1: claro, já estou lá agora mais por um capricho... está a perceber? Porque nós estávamos na Junta e isto tudo tem este fim e disseram-nos "ah, isto já estão há tempo a mais, têm que mudar", e mudaram... nós não obrigamos, nem éramos para nos candidarmos tampouco, mas ultimamente o presidente da câmara "não, tendes que fazer uma lista", nós não fizemos partido nenhum, fizemos a que estava a continuar, a lista independente, e eles fizeram pelo PSD, o PSD aqui tem muita população, é tudo! Votaram pelo partido não votaram pelas pessoas, mas agora dizem "ah, os partidos não nos dão nada", dão-nos é as pessoas que estão à frente que sabem aproveitar os recursos quando eles vêm e que se mostram... e que se mostram, é o dinheiro mas mostrou-se, não ... e há contas a toda a gente. Ainda há tempos, foi para o projecto da ??, que foi aqui com o tal amigo meu o tal Domingos que já falámos, e ele foi-me buscar, eu até vinha de Espanha e fomos acolá pelo lado de Ponte da Barca, para o Lindoso, para aprovação desse projecto que agora temos, das ITI... e fui gastar, e fui reconhecer uma assinatura ali a um advogado

a Braga e paguei 15 Euros... 15 Euros, e comemos do nosso bolso e desse dinheiro ele ainda disse “tens de tirar algum”, “opa, eu cago nessa merda dos 15 Euros, deixa lá essa porcaria” e nunca cobrámos nada... somos voluntários, gostamos do serviço. E agora fiquei mais nisto, que eu até disse à Lúcia... “Oh Lúcia vou sair do baldio, quero que essa merda se foda, eu tenho a minha vida, não tenho vagar”. “Se você sai do baldio oh Domingos, eu não faço trabalho nenhum”. E cá estou eu...

AL: não tem ninguém que consiga imaginar que possa ir para o seu lugar se algum dia quiser deixar...

MO1: ai, há muita gente que... trabalhar com gosto, não é...

AL: mas existem pessoas aqui que possam trabalhar com gosto?

MO1: existe! Existem aí várias pessoas

AL: e que querem?

MO1: não vejo para já grande interesse, mas se quiserem eu dou-lhes o lugar à disposição, e ainda lhes pago o almoço

AL: mas por exemplo, quando há eleições, alguém se candidata?

MO1: não, não se tem candidatado ninguém, são sempre os mesmos

AL: também devem gostar do vosso trabalho não é

MO1: ah, não sei, veem como dá prejuízo, não é...

AL: ahn?

MO1: veem como dá prejuízo, porque hoje tenho de ir a uma reunião aqui, amanhã ali, ou acolá, ou ali...

AL: ah, quem está no cargo é que tem prejuízo

MO1: quem está no cargo é que perde o dia e ainda paga, às vezes...

AL: então e, agora pergunto, não sei como é que isso é gerido, as receitas do próprio baldio que vocês usam aqui na aldeia e assim, não sobra um bocadinho para vos cobrir as despesas?

MO1: pode sobrar, mas nós nunca utilizamos... ao menos uma pessoa passa e não dizem assim “este anda a passear à custa do...”, ah, isto não me afecta a mim também, até agora...

Paredes do Rio: MP1

AL: e diga-me lá como é que nasceu aquela associação, e há quanto tempo e assim... e quem é que faz parte...

MP1: oh, faz parte a aldeia toda

AL: ai é?

MP1: é

AL: e já é antiga a associação?

MP1: não, aquilo... agora não lhe sei dizer os anos que aquilo tem mas não são muitos

AL: e nasceu porquê? Qual é que era o objectivo?

MP1: o objectivo era, já era objectivo de fazer e estão a fazer, de dar de comer às pessoas, de ajudar, e para haver assim coisas comunitárias, fazer aquelas festas, aquelas coisas, para se não deixar perder as tradições

AL: ok, ok

MP1: e agora as outras aldeias já começaram a aderir a fazer connosco

AL: fazem associações também e juntam-se a vocês?

MP1: estavam a deixar perder tudo... nós ainda fazemos ali a chegada do centeio à moda antiga, a cortar o centeio ao badalho e a malhar ao malho

AL: (RISOS) mas fazem para chamar pessoas, turistas e não sei quê?

MP1: também, também. É para não deixar perder

AL: Ou fazem porque... porque sempre fizeram... ok, ok. Quando é que é essa actividade?

MP1: é no mês de Agosto... a malhada é no mês de Agosto. Este ano não sei a que dia toca o fim de semana, mas é aí por volta do dia 10 mais ou menos, para trás ou para diante

AL: o que é que disse?

MP1: um dia para trás ou para diante

AL: aaaah, pensei que estava a falar daqui, não percebi, desculpe... sim, sim, sim. Mas isso é como? Deixam as pessoas inscrever-se e também participam, ou como é que é?

MP1: sim

AL: se eu quisesse vir, por exemplo, como é que isso se fazia?

MP1: quem... por exemplo, quem eles convidam que são convidados, já vêm e não pagam nada. Quem não é inscreve-se e vem e participa e come e bebe e pronto

AL: ah... mas não não faz a malhada também?

MP1: sim, também, se quiser...

MP1: aqui outra casa igual à outra...

AL: esta é de Pitões né?

MP1: é

AL: também está toda bonita

MP1: esta também uma casa também da floresta, mas esta é da ADERE. A outra deram-nos... deram à associação. E esta foi a ADERE que fez aí obras

AL: Está bem... e vocês também concorreram aquela coisa dos investimentos não produtivos? Para recuperar sei lá... o fojo do lobo, as casas dos pastores, ou não? Os socalcos...

MP1: aqui fez-se pouco disso, só para fazer aí uns tanques de água para as vacas beberem

AL: sim... mas isso é dos investimentos não produtivos ou é das ITI?

MP1: não, foi um projecto dos tais da ADERE

AL: ah da ADERE

MP1: os tais da casa de Pitões

AL: muito bem. O que é que é a ADERE?

MP1: aquilo pertence mais ao Parque Nacional da Peneda-Gerês

AL: sim... mas abrem concursos, pelos vistos, candidaturas para dinheiro para projectos...?

MP1: houve ali uma altura que foi, que tinham projectos

Pincães: MPin1

MPin1: agora aqui... pronto, eu acho que, eu até me disponibilizava a fazer parte de uma equipa dessas. Os baldios... agora ninguém sabe a Lei dos Baldios, ninguém sabe de nada, isto...

AL: ninguém quem? Ninguém aqui da aldeia ou...

MPin1: não, da aldeia sabem. Mas muitos baldios, há pessoas á frente dos baldios que não, que estão um bocado fora do contexto... e acontece que eu acho que e já falei com... portanto nós estamos aqui, nós somos sócios do secretariado de baldios de Trás-os-Montes e alto-douro

AL: sim, o SBTMAD, que é gerido pela Lúcia Jorge...

MPin1: não, ela é funcionária, quem gere aquilo é o ...

A: Armando Carvalho não é?

MPin1: é o Armando é!

AL: o mesmo da BALADI não é?

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: então e os próprios compartes não podem constituir uma equipa dessas e funcionar assim na sua floresta, nos seus baldios?

MPin1: nós aqui estamos salvaguardados... eu estou à frente dos baldios desde 1999 e as coisas até têm funcionado. Mas antes as coisas não funcionavam... era como os outros. E vê-se aí baldios que... em termos de desenvolvimento florestal vão na conversa daquelas empresas de estilhagem... de estilha... e tiram o bom e deixam o fraco e ... mais valia cortarem tudo e ao menos vinha um povoamento novo e ao menos não havia mais nada a ...

AL: mas essas empresas fomentam o corte das boas é isso?

MPin1: é. Porque aquilo é para produção de papel, pasta para papel, apanham uma coisa tiram aquilo que lhes apetece

AL: pois, depois as pessoas que estão à frente do baldio se calhar não percebem muito de floresta

MPin1: pois, por isso é que eu digo que devia de haver alguém que os incentivasse e ajudasse

AL: se não é o Estado, que normalmente seria o cogestor, não é...

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem.

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem. Acho que até ajudava aí no governo da... o que é a ITI? Porque a ITI, até convém você depois... isto vai ser discutido... nós fizemos no outro dia um manifesto à ministra da agricultura, eu não sei o que é que ela vai fazer, nós estamos a pedir-lhe um... eu ainda há bocado recebi um *mail* do IFAP, a candidatura termina amanhã mas parece que ainda dão até ao dia 23 de Junho com penalização de 1% por dia. Eu recebi há um bocadinho um *mail* do IFAP que até ao 23 de Junho, as alterações podem ser feitas até ao dia 15, e as candidaturas podem entrar até ao 23 com penalizações de 1% por dia

AL: ah... isso para as ITI?

MPin1: não! Isso não se sabe, ainda não se sabe de nada... Estou a falar é de candidaturas que vão fora de prazo

AL: ah, mas candidaturas a quê?

MPin1: agro-ambientais e mesmo os particulares... porque terminam amanhã

AL: ah... mas agroambientais e silvoambientais não são ITI?

MPin1: também são ITI... mas para os baldios estamos estagnados

AL: ah, não é com o baldio

MPin1: o mail que me mandaram é em geral. Mas nós no baldio eles fizeram-nos uma redução de 50% e depois de 50% ainda me retiraram a parte rochosa toda. Nós temos um corte para aí entre 80 e 90% das áreas elegíveis do baldio que nos deixa sem manobra de candidatura para a ITI. E agora não sei o que é que vai acontecer. Fizemos um manifesto ao nível dos 5 concelhos que fazem parte do PNPG, ao nível dos baldios dos 5 concelhos, associações e tudo e pronto. Vamos ver o que é que a ministra decide. Entrou lá ontem salvo erro, ou anteontem

AL: ah, só agora é que entrou

MPin1: pedimos o adiamento do prazo e que tenha em atenção aos baldios do PN porque tem certas restrições que não... enquanto os outros podem usar mini-hídricas e mini-eólicas...

AL: o que é que são mini-eólicas? É que eu estive a ler... acho que foi no plano de ordenamento do parque, é que eles dizem que

MPin1: parque eólico é aqueles que se vê aí para Cabreiro...

AL: só que eles falam de mini-eólicas ou de mini geradores eólicos

MPin1: portanto isso é quando funcionarem em moinhos de água, ou... em qualquer moinho de água pode funcionar... mas pronto, o Parque Nacional faz as suas coisas boas, agora a vantagem foram as ITI porque, e o mais importante é isto, é que nos dá maneira de fazer as limpezas de combustíveis e eu depois vou-lhe mostrar, e até convém que você quando passe veja e conta, e o mais importante é que é uma prevenção aos incêndios florestais, porque se não houver combustível não há incêndios, e mais vale estar a tirar o combustível que ele fica todo em estilha, não fica com... ao tirar o combustível automaticamente há prevenção dos incêndios. E isso funcionava muito bem e agora vamos ficar sem essa componente. Enfim... isto é reduzir às despesas, então o que nós pedimos lá no manifesto é que abram a excepção aos baldios do PN porque não temos outra... porque se só formos fazer trabalho com dinheiro só do pinhal abatido não vamos lá. Eu andei 4 anos a pôr dinheiro do meu bolso para as despesas do CD, não havia dinheiro...

AL: mesmo com as vendas das madeiras?

MPin1: não havia dinheiro, olhe, arderam-nos aqui à volta de 150 hectares aqui há coisa de 3 ou 4 anos. Na altura gastámos algum aqui, porque também veio algum para aqui, outros usamo-los de outra maneira mas...

AL: isto [a sede dos compartes] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um compartes para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

AL: está bonito. Isto foi com a tal empresa?

MPin1: sim, sim. Já trabalhamos com eles há uns anos [*não se entende, está longe do gravador, mas entende-se a ideia central: sendo de perto fazem-lhes um preço especial, mas que a partir do momento em que alguma outra apresente um orçamento mais jeitoso que mudam*]

AL: são daqui da região?

MPin1: é, são daqui da região

AL: vocês têm muitas cabeças de gado aqui na aldeia?

MPin1: temos à volta de 100 animais na aldeia

AL: hmm, isso pertence para aí a quantas pessoas?

MPin1: 12 pessoas

AL: e vocês têm problemas das aldeias ao lado virem pastar aqui

MPin1: oh, nós não ligamos a isso, pronto, o baldio está mais ou menos delimitado mas

AL: delimitado com vedações?

MPin1: delimitado

AL: Ah, delimitado isto é, as pessoas sabem quais são os limites...

MPin1: exactamente, mas não ...

AL: não têm esse tipo de conflito...

MPin1: não!

AL: e costuma haver aqui desporto, ou caminhadas...

MPin1: aqui há dias veio aí uma prova de trailer não sei se já ouviu falar...

AL: ah, aquilo das corridas? Não, isso foi no inverno acho eu...

MPin1: não, passou acolá...

AL: o que é que é trailer?

MPin1: oh, eu também não sabia, é tipo uma corrida na montanha

AL: ah, então é isso que eu ouvi falar, que passou em Fafião, que passou...

MPin1: sim, sim, sim, Cabril, passou aqui por cima

Pitões das Júnias: MPi1

AL: a MPi1 como presidente da Junta também deve saber mais ou menos como é que se passa em outros baldios que não estão abrangidos pelo parque não?

MPi1: sim, porque nós no Secretariado representamos todos os baldios não é?

AL: pois, exactamente

MPi1: e aí sim, auxiliamos e esclarecemos e...

AL: e a diferença é muita? Entre o pessoal que está dentro do Parque e... baldios fora do parque e dentro do parque em termos sei lá de... formas de gerir, formas de conseguir dinheiro

MPi1: é assim, há coisas muito semelhantes... o que eu noto por exemplo no concelho de Montalegre... os baldios da ITI como tiveram esta ajuda e houve uma presença técnica mais permanente têm outra postura completamente diferente... os outros baldios estão um bocado abandonados, porque estavam em cogestão com o Estado, o Estado há 20 anos que desapareceu, e eles efectivamente estão à espera, habituaram-se que o estado fizesse e eles estão à espera que o Estado... e ainda não se aperceberam que é preciso dar esse salto... então nós do Secretariado estamos sempre aí "ah, mas tem de ser, vocês peçam autogestão, têm que fazer a vossa gestão, o Estado já se está a descartar...", e estamos... estamos já a bater nessa tecla não é... mas é um bocado diferente. No entanto há também uma diferença grande em baldios com floresta de produção e baldios que não têm... quem ainda tem floresta de produção e tem uma equipa de sapadores e recorre a projectos ainda investe, ainda procura, ainda zela... os outros já não, e os outros já não porque efectivamente também deixaram de ter gente de acompanhamento e eles já são velhotes... e não é fácil...

AL: pois... e como é que acha que isso vai resultar...

MPi1: não é fácil... eu por exemplo, ainda agora estivemos numa época de candidaturas não é, e a quantidade de documentos e de pareceres e de não sei quê... epa, já nem temos, já nem vale a pena explicar, é do género "oh Senhor Bento olhe, temos de fazer o parecer tal, isto, isto... assine", porque não temos condições, porque efectivamente é muita...

AL: é muita papelada

MPi1: é muita, porque vai à RH, tem de se ter o parecer dela, vai não sei quê, outro parecer! É demais! É demais, é demais...

AL: pois, pois

MPi1: ou seja, eu não sei essa quantidade de documentos pensam que é para, se calhar, envolver mais as pessoas para saber que efectivamente existe aquela instituição, que ela é responsável por isto e não sei quê... não sei... não é possível, satura! E isso leva a um... se calhar um abandono das coisas...

AL: mas agora estava a falar de que instituição? Perdi-me aí um bocado

MPi1: do Estado... por exemplo, quem fez agora as medidas, não é... o PRODER e não sei quê... ao incluir essas obrigações, de tanto parecer, que... imagine, um CD vem ter comigo... “olhe, eu quero um projecto de plantação”... pronto. Mas ele ainda está habituado como no passado “pronto, vamos fazer aqui...”, até os SF tinham aquele banco não é, que faziam os projectos aquilo era... lá pediam parecer daqui e de acolá! Agora a RH já tem o domínio sobre o regime hídrico, já tem um parecer para dar, não sei o quê... tudo o que meta linhas de água tem de passar por ali, as pessoas dizem “mas o que é que é isso? Para que é que é essa insti... essa entidade, essa instituição?”. Pois, acabam por...

AL: pois, tira um bocado a vontade de acção, não é? Para quem não está por dentro...

MPi1: é... e nós técnicos temos que fazer isso tudo e não é fácil, e temos gente que facilmente desistem das coisas... conhecimentos, têm idade!

AL: claro, e não têm muita relação com a floresta por exemplo imagino...

MPi1: não! Quer dizer, para fazer isto temos de ter... olhe, eu até tenho dinheiro mas não quero saber... às vezes dizem isso “eu até tenho dinheiro mas não quero saber disso de papéis”...

AL: pois

MPi1: e eu não sei para quê tanto parecer ... é demais

AL: o que é que irá acontecer a esses baldios na sua perspectiva?

MPi1: esses baldios... vão-se agrupar... vão-se agrupar... aliás há um incentivo, até próprio do Secretariado, a solicitar que se agrupem e tenham uma gestão com uma visão mais comum... por exemplo, investimentos comuns... porque facilitam e é uma forma de economizar... quem não puder se agrupar obviamente que isso vai cair aonde? Ao Estado... não é isso que nós queremos, que nós no Secretariado sempre defendemos a propriedade comunitária, agora quando não há populações para a gerir... alguém tem de tomar conta dela não é?

AL: pois...

MPi1: nós disso já temos a noção por isso é que efectivamente aconteça o que... dê-se o passo que se dê, obviamente que esse passo depende das situações, mas que a natureza dessa propriedade que nunca deixe de ser baldio. Agora a gestão, obviamente na ausência

dos compartes, terá que ser... também não somos adeptos que isso fique abandonado não é? Não pode ficar...

AL: claro, claro... pois, o Estado desapareceu não é, da gestão...?

MPi1: é, o Estado desapareceu e nós também queremos que desapareça, de certa maneira...

AL: pois é, isto está a passar uma fase...

MPi1: pois está, e nós vemos perfeitamente qual é a intenção dos governos, é efectivamente de se apoderar destas áreas comunitárias, porque aqui é que está a essência. Porque há determinados recursos que vão gerar receita no futuro. A questão, por exemplo, as energias alternativas e outros departamentos, os créditos de carbono, eu não os vejo a pegar nisso, porquê? Como a propriedade não é deles ainda não... mas já não é... ao fim e ao cabo é nos querer tirar deste processo todo para eles depois irem buscar os dividendos na sua totalidade. Porque o que é que se está a assistir nessas empresas intermunicipais? A questão dos parques eólicos fora das áreas protegidas... quem está a lucrar mais com isso são as autarquias onde as empresas fizeram um contrato... ou seja, têm um contrato com essa unidade de gestão, x valor por eólica, mas depois a maior receita reverte para as empresas intermunicipais...

AL: aaah... empresas intermunicipais... o que é que essas empresas

MPi1: o bolo não vem para nós! É o direito da passagem dos cabos, é não sei quê... e depois há aquelas... as autarquias com que se juntaram, Montalegre, Boticas, Chaves, não sei quê... há os empreendimentos hidroelétricos, há não sei quê, e depois essas empresas a maior fatia vai para eles, não é para nós

AL: quando diz empresas é empresas mesmo? Empresas quê? Que são geridas...

MPi1: EDP's...

AL: empresas intermunicipais?

MPi1: sim, há as empresas e associações intermunicipais...

AL: ah, ok, aquela coisa de os municípios se juntarem para gerir...

MPi1: exactamente... a questão da... pronto, e ... têm isso dessa maneira

AL: pois

MPi1: agora nós, nós obviamente, há baldios que conseguiram um bom acordo e tudo muito bem, mas as autarquias também estão a lá ir buscar, e nós sabemos perfeitamente que estão a ir buscar isso, não temos nada a ver, só que há determinadas freguesias que... ou seja, a receita que dá o território deles vai para as associações intermunicipais e não... ou seja, não é aplicada de todo ali... não é o caso de Pitões, certo? Eu por acaso, dado o relacionamento que temos tido com a Câmara municipal, nada... nós temos beneficiado e não sei quê, mas temos determinadas... por exemplo a questão da Câmara municipal de

Montalegre... a questão é se a luta que ela conseguiu ganhar à EDP, tem aquela indemnização anual, muito desse investimento é repartido por cada concelho, mas há freguesias que mais directamente foram prejudicadas pela acção

AL: eu não sei muito bem que acção foi essa... devia estar a par se calhar mas não estou...

MPi1: foi a indemnização dos terrenos agrícolas por exemplo

AL: ah, para a questão das barragens?

MPi1: para a construção das barragens, não é... temos determinados parques eólicos a reverterem uma receita anual para aquelas autarquias, e se me disser que depois essa receita, parte se aplicou naquela freguesia onde o parque está... não sei se é... não é?

AL: sim, sim

MPi1: agora as aldeias conseguiram um bom protocolo e...

AL: e como recebem acabam por ficar satisfeitos e não se perguntam não é?

MPi1: não, mas algumas conseguiram mesmo efectivamente um bom protocolo, um bom contrato, há outros que não, não tiveram capacidade de negociar não é? E a autarquia ajudou-os a negociar? Não! A autarquia negociou para ela... tudo isto acontece não é... porque a gente... o que é que vai dizer... falei-lhe no geral, agora por exemplo eu tenho ali uma obra ali a ser feita no antigo... na zona envolvente à escola, essa obra vai-me ser financiada pela câmara... essa receita vai vir do quê? Da EDP... ora Pitões perdeu alguma coisa com a EDP? Não! Não tem barragem, não tem nada, não é?

AL: pois, pois, pois... (RISOS)

MPi1: isto é.... Depois é estas questões não é... agora se me perguntar Paradela que perdeu... e Outeiro, que foram... que perderam área agrícola, as pessoas emigraram e tiveram de vender os rebanhos, estão a reivindicar esse investimento lá? Se calhar não...

AL: pois, exacto. Não recebem mas também não lutam por ele não é...

MPi1: não é?

AL: pois... epa pois não sei...

MPi1: tudo isto acontece em todo o lado não é?

AL: sim, é verdade, mas se calhar a falta de, lá está, se calhar a falta de pessoal...

MPi1: a questão de nós permitirmos que estas coisas passem a ser todas políticas, aí é que está o grave das coisas, essa é que é....

AL: e a política também já começa a entrar na gestão dos baldios...

MPi1: tudo! Tudo, tudo, tudo, tudo, está em todo o lado, até enerva

AL: vocês ali no secretariado de baldios lidam com todos os baldios da região de Trás-os-Montes?

MPi1: exactamente

AL: que se tenham inscrito não é?

MPi1: sim, que sejam associados, é assim, e independentemente até de serem associados, jamais o secretariado deixou de apoiar um baldio pelo facto de não ser associado, muito pelo contrário, nós sempre ajudamos, o que lhe pedimos é que pague a sua quota no mínimo não é? Mas não, sim... ao nível de Trás-os-Montes... eu estou mais afecta ao concelho de Montalegre e Boticas, se bem que tenho uma participação muito maior na questão da ITI dada a necessidade com a candidatura, a presença técnica, pronto, e depois houve um protocolo entre os baldios da ITI e o secretariado onde o secretariado teve um técnico a tempo inteiro para esses baldios

AL: e a associação dos baldios do PNPG, como é que se insere no meio destas associações todas?

MPi1: foi... foi fácil, isto foi mesmo pela questão da ITI, para nos conseguirmos representar na Estrutura Local de Apoio tivemos de criar a associação para termos um assento na ELA. Pronto, e foi isso. Depois a associação... eu fiquei à frente da associação, eu formei a associação com os baldios ainda era técnica do Parque Nacional mas foi pela questão mesmo da candidatura da ITI, que não era ITI antes, era plano zonal em 2005...pronto, e então houve a necessidade foi mesmo uma questão de termos assento

AL: ok... mas como instituição a associação funciona actualmente de alguma forma? Ou foi mais mesmo pela questão das candidaturas?

MPi1: funciona, e por exemplo, em questões de representação dos baldios, e depois nós estamos associados a associação também ao secretariado, ou seja, a associação dos baldios e o secretariado... é mais nisso. Mas localmente ao nível do território nacional foi mais por uma questão de termos um assento porque o que é que acontecia... os concelhos estão todos divididos por associações florestais, por exemplo... associações florestais que nada têm a ver com a dinâmica do próprio baldio, e depois como na altura eu estava à frente das equipas de sapadores no território do Parque, ou seja tinha aqui 5, tinha 2 em Ponte da Barca, tinha 3 nos Arcos de Valdevez e tinha uma em Melgaço. Eu conseguia trabalhar com um universo grande de baldio, e então era urgente que nós tivéssemos assento nesses... nessas situações de decisão relativamente à área baldia, e foi nesse sentido. Obviamente que depois as coisas mudaram, entretanto... depois era impossível não é, um técnico para esta área toda, mas depois como houve... como o Parque Nacional manteve sempre um técnico a dar apoio, eu como que fiquei mais para o concelho de Montalegre e o Parque Nacional mais para o outro lado, e depois o Parque Nacional, juntou-se mais a associação Atlântica também, que também está a dar apoio, que passou a dar alguma apoio na ITI, mas que também é associada da BALADI, ou seja, temos a estrutura montada, tem de ser! Porque para fazer face... as associações florestais, as celuloses, essas coisas, têm outros interesses que não é de todo o zelo e a defesa da propriedade comunitária... foi mais nesse sentido

AL: pois, eu quando vi que havia uma data de associações florestais por trás dos baldios fiquei um bocado confusa

MPi1: foi mesmo para afastar essas associações florestais do território...

AL: e a Atlântica é uma associação florestal?

MPi1: é, é mas agora já é associada da BALADI

AL: ah, está bem, é verdade

MPi1: tudo tem um porquê não é? Depois as pessoas “ah, mas...” ... representa sim senhora, se bem que a sede é no concelho de Montalegre... como podia ser... é no concelho de Montalegre porque eu sou de cá e inicialmente foi mais fácil constituir a associação com os baldios daqui não é, um é dali, outro de acolá, outro de acolá, mas... agora todas estas questões de, estas alterações e não sei o quê, são feitas sessões de esclarecimento, vamos lá, não sei quê, e ligam-nos, estamos em contacto permanente, agora, mas por exemplo o serviço técnico obviamente que é totalmente diferente o que é prestado aqui no concelho de Montalegre do que é prestado noutro lado, está sempre, a nossa intenção é que ele seja sempre prestado por uma associação ligada ao movimento dos baldios, vá lá, no secretariado é isso que nos interessa

AL: pois... aquelas, tipo a ADEFM ou como se chama, a associação de defesa da floresta do Minho

MPi1: também, também são mas não de todo. A AFL que é uma de Ponte de lima, não, não é de todo, tem uma visão muito de floresta de particular não é, trabalha com muitos produtores particulares florestais

AL: mas estas aqui... se não me engano, se calhar já estou confusa, mas fazem parte também da BALADI ou não?

MPi1: quem?

AL: a ADEFM...

MPi1: uma é, uma é, por exemplo a associação florestal do Lima não, por exemplo

AL: pois, essa de facto não conhecia

MPi1: essas estão associadas à FORESTIS

AL: e como é que se chama aqui a associação de Pitões, mudando agora um bocadinho o assunto

MPi1: associação de Pitões como...

AL: falou-me que havia uma associação aqui na aldeia, não tem nada a ver com estas sim...

MPi1: não, não tem nada a ver, essa é para o desenvolvimento local

AL: sim, exacto, essa. Chama-se associação para o desenvolvimento local de Pitões?

MPi1: sim, é de gente local, formámos para... porquê? Também pela necessidade de quê? As Juntas não se podem candidatar a determinados fundos, mais de carácter social e não sei quê, e então houve a necessidade de criar essa associação.... Já havia uma, que é a associação Fiadeiro que tinha integrado um grupo de gaiteiros...

AL: ai é? Nunca tinha ouvido falar... curioso

MPi1: é, Fiadeiro, temos um grupo de gaiteiros e pronto, mas essa associação nunca conseguiu envolver a população, praticamente não saía ali da actividade dos gaiteiros, ou seja parecia que era uma associação dos gaiteiros. Depois... pá, depois há aqui determinados desentendimentos, porque eu sou gaiteira, porque tu não és, porque não sei quê... e então a associação durante alguns anos esteve um bocado parada, só que nós agora com este novo quadro comunitário e como reparámos que no outro quadro comunitário perdemos muitas oportunidades, que efectivamente tínhamos de ter uma associação local a trabalhar connosco, tivemos que formar uma, pronto, e temos mais... é mais nesse sentido, para quê? Com a visão de ir buscar novos fundos e conseguir manter determinadas actividades, por exemplo a questão do Fiadeiro de Contos, o Fiadeiro de Contos se eu for pedir apoio aqui à Associação de Desenvolvimento Turístico do Alto Tâmega não me dão, para as Juntas não, tem de ser através de uma associação...

AL: ah, isso porquê? É por uma questão...

MPi1: não é legal, não é permitido, por exemplo, é mais a área social, centros de dia e não sei quê, a Junta não se pode candidatar por exemplo a esses fundos, já tem de ser através de uma associação...

AL: e a assembleia de compartes, pode?

MPi1: há associações de compartes que têm essa, que estão a prestar esse serviço. Nomeadamente temos o baldio de Ermelo que tem centro de dia e tudo ali a funcionar

AL: pois... eu ainda não fui à zona do Minho, ainda só estive aqui em Montalegre

MPi1: não, Ermelo, é Vila... é Amarante... Vila Real...

AL: ah, fora do parque... está bem, estava a trocar com certeza com algum... sim, sim

MPi1: isso, essa questão de criarem certas coisas às vezes é para combater, para conseguir chegar a determinados ...

MPi1: mando, mando. Estás a ver Ana Luísa, andas a pedir isto há tanto tempo (RISOS). Tem sido complicado, ou efectivamente as pessoas se aproximam e a gente pronto, agora... ou então isto passa...

AL: claro! Também já tinha pensado que mais valia ir...

MPi1: e foi muito mau, tivemos uma campanha péssima, e depois de seguida, tivemos uns problemas lá com os agricultores, que tínhamos de os associar à [?] da exploração do baldio e de seguida abrem as candidaturas à rede primária, quer dizer, não há hipótese...

Sezelhe: MS1

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma que o pessoal entre assim no baldio sem pedir autorização?

MS1: não, não, quanto a isso nós não proibimos, não proibimos. Só às vezes temos um bocadinho de coiso mas é que há muito pessoal que agarra nas moto4 e nas motas e metem-se aí pelos caminhos acima e às vezes andam para aí a fazer buracos, de resto não... há trilhos para isso, há trilhos marcados para essas coisas. Mas agora até queríamos fazer aí um, uns projectos, queríamos fazer aí um, como é que aquilo se chama, coiso para bicicletas...

AL: ah, de BTT?

MS1: isso, de BTT, de bicicletas, temos, até fomos ver ali, porque nós temos ali umas casas... nós fizemos aqui uma associação, em Sezelhe, temos uma associação, e depois temos ali uma casa que é, era a residência paroquial, só que nós depois... aquilo estava tudo em baixo e então sugerimos com o pároco, “opa, então ou vocês poem aquilo em cima ou então nós fazemos uma sugestão, nós fazemos uma... havia ali umas casas que estavam todas em baixo ao pé da igreja e então nós fazemos um quarto e um salão para o padre lá ficar e vos cedei-nos a coisa... porque a casa faz 120 m² e tem de logradouro cerca de 150 m² e então nós fomos ali a, ali para o lado de Tourem, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos isso, para fazermos uma parceria com Espanha e nós aqui nesta coisa. Só que estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê...por acaso nós já tivemos com os agentes da ADRAT³²

AL: a ADRAT é o quê?

MS1: a ADRAT é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas. Nós ainda agora vínhamos do lado de Boticas, há pessoas que depois não cumprem com os projectos que pedem... nós chegamos lá... depois era uma porta de madeira está lá uma porta de ferro, eram estas coisas ali e depois estão lá outras. E depois chegamos a um ponto em que temos de parar com estas coisas e depois há pessoas que já têm que repor dinheiro, há ali uma pessoa ali do lado de Boticas que tem de repor, de devolver 150 mil Euros. Depois dizem que é para isto, não é! Depois dizem que metem 4 ou 5 empregados, chega-se lá não há lá nenhum. E agora da maneira que isto está temos de [?] *Não se entende*] por agora não há, agora pode haver se houver uma parceria com câmaras ou... agora estamos a ver se conseguimos

³² Associação de desenvolvimento da região do Alto Tâmega – grupo de acção local. Sedeada em Chaves

arranjar uma parceria com a câmara e nós a ver se conseguimos fazer esse coiso, nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve “as carrilheiras do rio”.

AL: isso é o quê?

MS1: é um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui

AL: quem é que organiza?

MS1: é a NaturBarroso

AL: isso é...

MS1: não conhece? É o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso

AL: então e eles fazem os passeios deles dentro do baldio?

MS1: fazem!

AL: e não falam com vocês?

MS1: falam... nós até mesmo a Junta, que eu agora actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 Euro, mandas vir o que quiseres e depois nós... o pessoal que passar

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

MTR1: os piores foi os de, aqui de Fafião, tinham 9000 hectares de baldio ficaram com 80 e não sei quantos

MTR2: ali é uma questão de...

MTR1: isso é que foi um corte muito forte

MTR2: é uma questão de gestão, eu não sei muito bem até que ponto isto foi assim, como é que isto... não há ninguém que se lembre de vir cá e “vamos cortar isto tudo”. Alguém soube, o ministério da agricultura, depois as secções regionais, isto não apareceu do nada, alguém teve de assinar... alguém... mesmo quem está à frente dos baldios, isto é o... não digo que o secretariado, mas alguém...

AL: a BALADI?

MTR2: não, será mais a nível de... uma associação que represente a parte baldia a nível nacional teve que concordar porque não... não é com uma lei... imagine, ninguém fecha a repartição de finanças de Montalegre sem o presidente da câmara

AL: assinar por baixo...

MTR2: não é? Ou ninguém fecha um centro de saúde sem... ninguém fecha uma sede de Junta sem o presidente de Junta...

AL: pois, ter de aceitar...

MTR2: é isso que eu acho estranho, criou-se aqui um mito que foi um senhor que veio lá de fora por fotografia aérea que...

AL: sim, já ouvi esse mito em vários sítios

MTR2: não é? Isso é tudo mentira, dizem a quem queres mas a mim não porque não...

AL: pois... mas a avaliação não foi feita por fotografia aérea?

MTR2: não sei... pode vir aqui alguém ver o baldio que nós não sabemos se vieram passear se vieram... eu acho que se as reuniões que tivemos agora ultimamente, com os presidentes dos baldios, com os presidentes de junta, com os presidentes de câmara, tivessem acontecido antes, isto não acontecia... se alguém... mesmo que o senhor tivesse vindo lá da noruega ou não sei de onde é que é... se alguém de bom senso lhe explicasse que o baldio em Vila Real é diferente do baldio de Montalegre, eu tenho a certeza que ele em dois minutos percebia... não é? Se alguém lhe explicasse que... cortou as zonas rochosas... se alguém lhe dissesse que as cabras só querem pastorear no sector rochoso, ele percebia em dois minutos e já não cortava essa área, ou então ficava destinada a área rochosa só podia ser para... só se podiam candidatar a essa área agricultores que tivessem cabras. Agora dizer assim... carvalhal, toda a gente sabe que no verão a erva mantém-se nos carvalhais, a outra que não tem carvalhal seca e a que está na sombra é a única que se aguenta para mais tarde... se alguém explicasse isso ao senhor “olhe, não, olhe que as vacas pastoreiam nas corgas”, nós chamamos-lhe as corgas que são as zonas das ribeiras...

AL: e cortaram-nas não foi?

MTR2: sim! Se alguém lhe explicasse isso eu tenho a certeza que o senhor compreendia...

AL: pois, mas então como é que acha que isto aconteceu? Porque é que houve essa abordagem às...

MTR2: pensaram que era alguma ideia que não ia passar, e deixaram andar, deixaram andar, e quando deram conta estava...

AL: pois...

MTR2: para mim foi um erro

MTR1: eles lembraram-se que nos sítios rochosos não andavam lá nada... certamente não é...

AL: pois... mas como é que essas coisas não são confirmadas localmente? Ou como é que as pessoas nem sequer sabem de onde é que vem esta lei? De repente há um corte gigante

MTR2: pois... mas para o Algarve, Alentejo, não há baldio, é tudo herdades ou... por exemplo em Vila Real ou Bragança, o baldio é cedido aos agricultores para por castanheiros ou olivais...

AL: cedido privadamente?

MTR2: arrenda-se... por exemplo cada agricultor arrenda 50 hectares e depois planta lá por x anos, planta lá o que...

AL: e quem é que recebe esse dinheiro, é o órgão gestor do baldio?

MTR2: sim, sim

AL: que pode ser a Junta, pode ser...

MTR2: esqueceram-se que aqui nós temos a particularidade do pastoreio

MTR1: porque no Alentejo não cortaram nada...

MTR2: isto foi mesmo um esquecimento de alguém que foi chamado como representação dos baldios e que não cumpriu com o papel que lhe competia, que era alertar “não, o nosso baldio é específico, como é que podem cortar... a zona rochosa é onde os animais vão pastorear”, você se for à serra vê as vacas no meio das pedras a apanhar a...

AL: exacto!

MTR2: opa, se me dissessem “no meio dos pinheiros tem que se cortar essa área” ... porque realmente no meio dos pinheiros a erva não... é tipo, a agulha cai e não deixa que ... pa, se cortassem essa área por mim tudo bem, agora o carvalhal... as vacas nesta altura andam todas no topo, quando chega o mês de agosto setembro começam a sair mais nas corgas porque sabem que é aí que a erva se mantém verde

AL: pois, não faz sentido nenhum... e isto vai para a frente?

MTR2: já foi! Já não há hipótese nenhuma

AL: já foi para a frente? Ah, é que soube que houve aí uma manifestação ali ao pé de Braga ou que foi...

MTR2: isso foi para tapar a...

AL: é que a malta anda aí com esperança, ainda ontem estive a falar com um senhor que acha que ainda pode dar a volta...

MTR2: essa é a ideia que fazem passar...

MTR1: não sei se a ministra da agricultura ouviu... ela estava lá... (RISOS)

AL: se calhar ouviu, mas entrou-lhe por um ouvido e saiu pelo outro (RISOS)

MTR2: não... estamos a falar de uma área...

AL: isso é para acabar com o pastoreio, não é? No fundo é isso que vai acontecer...

MTR2: sim, e estes fundos... é por isso que eu não... eu por acaso estou também dentro da área das candidaturas e sei como é que isto funciona, a EU a verba que dava vai dar à mesma, isto trata-se de uma distribuição ao nível de Portugal, se tirarem 5 ou 6 milhões na região norte ele vai para outro lado qualquer, não é o tal da Noruega que se lembrou e ... não! Porque se não viesse para Portugal, aí sim, foi o gajo que se lembrou e “vamos agora tirar aqui esta verba a...”. Agora Portugal vai receber a mesma verba à mesma... agora localmente, a nível nacional, é que vai ser distribuído de forma diferente...

AL: mas por exemplo, aquela fatia que era dada aos produtores de animais, que é essa que vai ser cortada, ...

MTR2: vão beneficiar, por exemplo as herdades que há no Alentejo...

AL: pois... porque no fundo também interessa acabar com os baldios, de alguma forma, acabar aqui com esta...

MTR2: não, não é questão de acabar com os baldios...

AL: digo...

MTR2: com o pastoreio neste caso...

AL: pois, exacto. Mas no fundo não é qualquer pastoreio, é o pastoreio mais pequenino, vamos dizer assim, comparado com as herdades não é... ou seja, com tudo o que é pequenas produções, que é o que tem vindo a acontecer, acabar com a pequena agricultura de uma forma geral e criar aqui uns espaços gigantes apetecíveis para muita gente não é...

MTR2: eu fui à reunião, e “ah, foi o Governo, foi o Governo...”, na sub-região norte, Mirandela, fomos ali a Vila Pouca e a justificação foi... até mostraram lá sim senhora, aqui através de fotografia digital... mas isso era completamente uma parvoíce autêntica, porque se não, imagine, chega um fogo aquele abre essas pedras todas... se calha ser nessa época que o senhor viu a fotografia, claro, só viu pedra! Mas dali por um tempo está outra vez tudo verde, por isso é que eu não acredito nisso, não acredito

AL: sim, sim, mas que aquilo vai para a frente vai...

MTR2: já foi! Então este ano os projectos, já se candidataram com esta nova medida

AL: e tiveram muito menos...

MTR2: sim! Nós tivemos aqui agricultores que tinham 100 hectares de baldio e só lhes conseguimos dar 19...

MTR1: e havia os que tinham 5 e 6 hectares e que ficaram só com 1000 metros

AL: ou seja, o que vai acontecer é que a pouco e pouco eles não podem manter os animais... não é?

MTR2: sim... não conseguem é ter o rendimento que tinham antigamente, ou o subsídio que tinham

AL: pois... ou seja o único rendimento que vão ter daí vai ser da venda dos animais...

MTR2: e a própria área, a área deles próprios...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabreiro: AC1

[NOTA DE CONVERSA NÃO GRAVADA] “quem faz as candidaturas aos fundos comunitários é a Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez, mas o baldio não está ligado a nenhuma associação”

Gavieira: AGav1

[fala de como o santuário da Peneda está em maus lençóis, que fizeram investimentos grandes e que agora estão com dificuldades...]

AGav1: a Peneda está maus lençóis, houve muitos investimentos a fundo perdido e sabes como é, tudo tem de ter retornos, às vezes as coisas não correm bem

AL: mas é só uma pessoa que está a investir ali?

AGav1: é uma confraria *[fala-me dessa historia do padre que é cedido à freguesia mas que só da lá a missa, e do padre que está à frente da tal confraria que me parece que é outro de Ponte da Barca, mas há muitos pormenores que não entendo o que diz – são vários padres, é uma equipe, estás a ver, é uma confraria, é assim uma coisa. Fala da beleza do local, do santuário, por cima do santuário, do penedo... de como vem sempre muita gente – há lá uma grande laje onde muitos espanhóis vêm escalar. E de como por cima desse santuário da Peneda existe uma barragem que dá energia ao Santuário. De como eles estão a tentar vender a energia sobrança da necessária para o santuário à EDP. Eles estão com muitos problemas com estas obras que tentaram fazer aqui, sem a autorização de ninguém, da Junta, sem os baldios, sem a Câmara, sem a CDR, sem o ambiente, entraram pelo cano. Obras feitas no baldio clandestinas nunca podia correr bem]*

AL: claro...

AGav1: mas eles estavam a tentar resolver a situação

AL: mas no sentido de arranjar o moinho?

AGav1: arranjar o moinho para produção. E era bom que arranjassem

AGav1: [...] aqui há dias veio aqui um engenheiro, responsável do ICNF

AL: ah, como é que ela se chama?

AGav1: MC

AL: ok. Ela costuma estar aqui é?

AGav1: vem aqui constantemente

AL: mas ela está aonde? Desculpe estar a fazer tantas perguntas

AGav1: está em Braga. Não, pergunta o que quiseres, estás à vontade. Está em Braga, e depois há outro rapaz, chamado Marcos que está em Viana, esse é que é o responsável máximo

AL: do ICNF também?

AGav1: também

AL: ah, destes não tinha ainda ouvido falar

AGav1: e depois temos a representante também da câmara que está ligada à protecção civil, que também é uma engenheira, chamada Xana, não sei se conheces

AL: não... a Câmara Municipal de Arcos não é?

AGav1: Arcos. São pessoas com quem eu praticamente falo todos os dias durante o ano, todos os dias, quase todos os dias

AL: aqui sobra área forrageira ou não sobra?

AGav1: sim, deixei 12 hectares para uma margem que podia haver... estás a perceber?

AL: mas todos os produtores têm área e há gente também com esta coisa do RPU também?

AGav1: muita gente

AL: ah, também há...

AGav1: são pessoas que já não têm animais, já com 70 e tal anos, compraram o seu vitelinho para depois o matar, estás a perceber? Teve ali 4 ou 5 meses na corte e depois... é para consumo, pronto e...

AL: também têm área do baldio agora

AGav1: mas tem de ser um acerto entre o CD e os compartes, estás a perceber?

AL: claro

AGav1: um presidente do CD tem de saber bem manobrar estas coisas em conjunto com... prontos, com a cooperativa, fazer ali um acerto para que toda a gente seja servida e ninguém seja penalizada

AL: cooperativa?

AGav1: sim, cooperativa agrícola...

AL: porque é que a cooperativa entra aí?

AGav1: os subsídios são feitos na cooperativa... eu dou em área e depois a cooperativa, os engenheiros da cooperativa

AL: é que ajudam a fazer a candidatura...?

AGav1: são quem faz a candidatura, é a cooperativa agrícola

AL: a cooperativa agrícola dos Arcos não é?

AGav1: com a de Ponte da Barca, em conjunto

AL: ah, não sabia, ainda bem que falou nisso

AGav1: essa parte depois é a cooperativa que faz

AL: [RISOS]... em termos de utilizadores do baldio, portanto já falámos, é as pessoas que têm animais, as pessoas aqui da aldeia, mas... por exemplo, ainda se vai buscar mato? Ainda há essas actividades tradicionais...?

AGav1: sim, ainda se vai buscar mato

AL: e utiliza-se para os animais e o baldio para recolher lenha...?

AGav1: aqui já há pessoas que têm explorações que têm-nas no chão e lavam, mas são duas ou três só. Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos, depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão e pronto, têm [?] próprios, e no final do dia lavam e

AL: então não usam nas terras depois

AGav1: não usam nas terras, mas os animais preferem estar no estrume

AGav1: pois, pois, pois. As pessoas é que se calhar não preferem tê-las no estrume

AGav1: da mais trabalho

AL: pois, da mais trabalho

AGav1: têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tirá-lo, não é, o estrume

AL: e depois usam-nas nas próprias terras ou vendem? Já ouvi falar de pessoal que depois vende o mato com o estrume, vende tipo fertilizante

AGav1: ah, usam só nos campos, aquele que ele tem é que é biológico, mas tenho aqui gente com produção biológica. Quando eles usam o estrume do coiso, eles têm vantagem por aí também, estás a perceber, porque eles estão a optar por fertilizante biológico, razão

biológica, estão agora a ter aqui uma formação aqui na sede, aqui ao lado, um engenheiro de Lisboa também

AL: ai é?

AGav1: o Azeredo

AL: como é que é? Azeredo?

AGav1: sim, o engenheiro Azeredo. Que até está ali fora a explicar como se faz o estrume, que ele sabe bem isso, ele está ali fora tem assim dois montinhos, até vieram aqui os sapadores que trouxeram tojo, meteram-lhe tojo, meteram tudo debaixo dos animais, fizeram aqui o composto todo, prontos

AL: mas está a dar o curso a quem?

AGav1: ao pessoal que aqui está que aderiu à biológica, à produção biológica

AL: mas o pessoal aqui deve saber fazer...

AGav1: pois sabe, mas oh Luísa isto...

(RISOS)

AGav1: tem que haver alguém para tudo, prontos

AL: (RISOS) que maravilha, está bem, vem uma pessoa de Lisboa... está bem

AGav1: e eles aí vêm... esteve aqui a semana toda passada e acho que vai estar esta semana também

AL: que curioso... está bem... bom, é verdade que à medida que os velhotes vão morrendo há sabedoria que vai-se perdendo, mas ainda há aí muita gente, acho eu, que sabe fazer as camas dos animais, o fertilizante para a terra

AGav1: pois sabe

AL: não é preciso vir nenhum engenheiro de Lisboa

AGav1: oh Luísa, mas tudo é comércio! Tudo é comércio... e pronto, o senhor veio, está aí, está a dar aí explicações

AL: está a dar explicações... é como o ... está a dar a missa ao papa

(RISOS)

AGav1: e é assim

AL: e há outros utilizadores do baldio, tipo turistas ou associativas de caça, de pesca, do que for...

AGav1: sim, aqui também há um clube de caça e pesca

AL: eles não pagam nada ao baldio? Para utilizar a área...

AGav1: não... a associativa de caça e pesca não, e também há muitas por aí que fazem trilhos e que andam aí constantemente e que também não pagam nada. Nunca optámos por isso, repara, eles têm uma forma que repara que os baldios também ganham por isso, e acho que se calhar afastávamos as pessoas, estás a perceber

AL: pois, e gostam de tê-las...

AGav1: alguém está a ganhar dinheiro, alguém está a ganhar dinheiro, mas prontos, nunca cobrámos nada a ninguém. O baldio nunca cobrou nada a ninguém, mantemos tudo limpinho, tudo o que é trilhos, tudo, e sei que andam aí pessoas a ganhar dinheiro, prontos, a fazer aí os guias, mas aqui o baldio

AL: e para vocês é bom que haja turistas e haja pessoas aí

AGav1: isto aqui, mesmo quando há neve no inverno, isto tem sempre gente todo o ano, mas 30-40 e 100 pessoas às vezes, mas o baldio nunca cobrou nada

AL: mas para a população é positivo que haja essas pessoas por aí?

AGav1: é lógico, são os cafés, para tudo, estás a ver... o que faz funcionar uma coisa faz funcionar a outra... as coisas encostadas funcionam, se não há encosto nada funciona. Passam lá investem, gastam nos cafés, dormem na Peneda muitas vezes, lá no hotel, prontos, e é assim

AL: e essa associativa é aqui da zona

AGav1: é daqui

AL: e é só os residentes e não sei quê? Como já vi noutras

AGav1: é residentes e naturais, há pessoas que são naturais daqui e também caçam

Sistelo: ASi1

ASi1: já foste falar com a Sandra, na Atlântica, a engenheira Sandra

AL: já...

ASi1: ela esteve aqui ontem

AL: ai esteve? Por acaso precisava de falar com ela, ela ficou de me dar uns contactos e ainda não me respondeu, eu vou ver se vou lá a Arcos na semana que vem

ASi1: na 2ª feira estou lá

AL: em Arcos? Ou na Atlântica?

ASi1: na Atlântica. Fui presidente da Atlântica e agora sou o tesoureiro, fui eu que fundei a atlântica, agora não sou o presidente porque não quis. Fui presidente para aí 8 anos ou 9, e depois passei para presidente da assembleia e agora passei para tesoureiro

AL: tantos anos cada coisa credo, isso é que é convicção

ASi1: ah, e sou da comissão fabriqueira da igreja também já não sei há quantos anos

AL: o que é que é uma comissão fabriqueira

ASi1: comissão fabriqueira portanto, é aquilo que representa a igreja na freguesia. Portanto, nós somos uma equipa de 4, liderada pelo padre, nós é que fazemos as obras, recebemos os dinheiros...

AL: as obras da igreja?

ASi1: da igreja, capelas

S1: tudo o que é relacionado com a igreja

ASi1: tudo o que é relacionado com a igreja. Determinamos as missas quando é que são, marcamos, às vezes marcamos nós, outras vezes marca o padre

AL: e escolhem o padre?

ASi1: não, o padre não, o padre é que nos escolhe...

ASi1: sim, e Anhões de Monção. Portanto isto é gerido pelo CD, nós fazemos as candidaturas, submetemos à apreciação da assembleia de partes e normalmente são aprovadas as candidaturas

AL: fazem com a associação Atlântica ou fazem vocês?

ASi1: nós fazemos em colaboração com a Atlântica, e fazemos também a ASCLI, com a associação do lobo ibérico. A ASCLI, em que nós temos um contrato com eles, temos um protocolo de colaboração por causa da defesa do lobo, em que temos uma determinada área em que... e dão-nos outros benefícios para o baldio. Ele vai fazer também um protocolo, temos um protocolo com eles ao nível da caça, temos um protocolo também com as cercas para animais, damos uma determinada área para o lobo ibérico, para o lobo, e nós proibimos a zona de caça e eles ficam com aquela para protecção ao lobo e nós ficamos com a outra parte. Agora vamos ter também um protocolo para a gestão de 15 hectares do baldio em que eles se comprometem a limpar o monte, a desmatar as árvores, a podar as árvores, a fazer plantações, sob o nosso controlo

AL: a ASCLI

ASi1: a ASCLI sob o nosso controlo. Sob o controlo do CD

AL: e isso não pode trazer conflitos com a malta que tem gado e não sei quê?

ASi1: não porque a pastagem fica livre na mesma. E é tudo também aprovado em sede de assembleia de compartes não é

AL: mas se o lobo aumentar... mas tem vedações não é

ASi1: não tem vedações, não precisa de vedações, aquilo para as limpezas, para melhorar os bosques, os bosquetes não precisam de vedar

AL: não, não, não, eu imagino que eles queiram introduzir o lobo, ou reproduzir ou...

S1: ele por si reproduz-se

ASi1: tem muitas alcateias aí

AL: sim, exacto, mas ao criar uma zona em que não há caça, em que não conflitos com o gado

ASi1: não, naquela zona há caça, não há caça numa determinada zona, é uma troca, damos-lhes uma determinada zona para protecção do lobo, e eles dão-nos outras benesses na outra parte, melhoram-nos as pastagens, melhoram os

AL: sim, eu digo é, se o lobo é protegido o número tenderá a aumentar e logo

S1: não é não haver caça, é uma zona que não é para caçar. Se não é para caçar o homem, há mais abundancia de alimento para o lobo. Você não tendeu mal, se reservam uma determinada zona que chamam de protecção para o lobo, ali não é para caçar o ser humano

AL: ok, ok, percebi, percebi, há mais alimento para o lobo e ele não tenderá tanto a ir para o gado

ASi1: aquilo também é para não andarem lá naquela zona aos tiros para não perturbarem o lobo

S1: afugentam-no dali, está a compreender, e assim ele está concentrado ali, se não há ali coisas anormais, ruídos e

AL: à partida o lobo tenderá a ficar por ali

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, por porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

Soajo: AS1

AL: então fazem tudo sozinhos, fazem a candidatura sozinhos?

AS1: uuuh, é assim, nós trabalhamos com uma associação mas que não é dos baldios, vai trabalhando para os baldios, que é a associação Atlântica...

AL: aaah, com a Sandra?

AS1: exactamente. E ela está... pronto, faz-nos as candidaturas, ocupa-se de tudo o que é dos sapadores, portanto, para pedir as verbas ao Parque e essas coisas todas é ela que trata

AL: ok

AS1: agora não temos assim mais ajudas... eu acho que nós deveríamos, aqui todos os baldios, pelo menos do concelho, nos unirmos em associação, para podermos exigir mais um bocadinho, mas nem sempre é fácil...

AL: pois, exacto... vocês têm relações entre baldios? Ou seja...

AS1: eu tenho...

AL: tem?

AS1: eu tenho. Por acaso dou-me bem com praticamente eles todos, porque aí está, não misturo políticas, não misturo essas coisas todas. Havia diferenças com outros porque... opa, é como lhe digo, pronto... as políticas é que estragam isto tudo

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: a Beatriz é da Cooperativa do quê?

PB1: ah, não, a engenheira faz parte da Associação do Vale do Lima

AL: ah, eu escrevi cooperativa

PB1: e é cooperativa, é igual, eles têm uma cooperativa também

AL: e o Carlos Pinto? Eu já ouvi este nome várias vezes

PB1: esse é o engenheiro do Parque, muito boa pessoa, é uma belíssima pessoa

AL: que está em Braga ou assim não é?

PB1: está em Braga está. Uma belíssima pessoa

AL: pois, do CP tenho ouvido muito falar

PB1: e o Carlos Jorge também é uma belíssima pessoa, ainda ontem estive... ao fim de me telefonar tinha sido ele que tinha

AL: Carlos Jorge... quem é?

PB1: é também, faz parte dos serviços... dos antigos serviços florestais, que acabaram

AL: ah, é um que está em Montalegre?

PB1: não, não, ele está também em Braga. Também é uma belíssima pessoa, mais ou menos os engenheiros que... a Doutora Eulália, também me entendo muito bem ela, é do IFAP, também é uma belíssima pessoa

AL: o Carlos Jorge era dos SF e agora está aonde?

PB1: é o parque, faz parte do Parque. São umas belíssimas pessoas, tenho umas boas relações sempre com eles. E é por isso mesmo que eu tenho conseguido muita coisa porque, foi o que eu sempre disse, o diálogo é tudo, se não há diálogo não há nada, está tudo estragado. Eu lembro-me de em França de ter uma empresa durante 20 anos e os meus colegas não havia dia nenhum que eu não telefonasse aos meus colegas para ver como tudo andava, e isso conta muito. Não havendo diálogo, não há nada, em diálogo não há nada. E é como nós estarmos agora aqui, se eu dissesse à senhora “olhe, isso a mim não me interessa nada” ... e a senhora não ficava a saber nada do que se passa aqui

AL: quantos compartes são ao todo?

PB1: nós actualmente devemos estar numa média de 500

AL: pois, porque são as 3 aldeias juntas...

PB1: mas, houve uma reunião em que estiveram cento e sete ou cento e oito compartes

AL: e qual era a reunião, já agora...?

PB1: a reunião era que... sobrou um terreno

AL: ah, era uma reunião extraordinária?

PB1: sobre um terreno que está em cima, que é... que nós sempre considerámos esse terreno como da santa, que é a Senhora da Penha, que se faz a Via Sacra lá e essa coisa toda, e nós sempre considerámos que o terreno que era da Senhora da Penha. Bom, o antigo presidente em 2011 o que é que ele faz? Poe-se lá o madeireiro para cortar os pinheiros todos, chegaram lá “calma, os pinheiros não são baldios, pertence à Santa”. Dali começou já ali o sarilho todo, aquilo foi para tribunal, andou em tribunal, de 2011 a 2014, três anos em tribunal. E então, é verdade que eles ali no tribunal da Ponte da Barca eles ganharam o processo, não sei como mas ganharam, uma juíza que diz que o próprio terreno da Penha à porta da capela que é baldio, é preciso também ter lata para o dizer

AL: risos

PB1: é... uma juíza que diz isso é como este bocado de terreno que está aqui dizer que é baldio. Falei com o padre, eu era um dos principais cabecilhas, e eu disse ao padre “isto não para aqui” “como é que eu vou fazer? Não há dinheiro” “não se importe com o

dinheiro, vamos mandar isto para a relação do tribunal de Guimarães... e foi... passa algum tempo veio um documento a dizer ainda pior... ainda pior porque aquilo é feito por 4 juízes diferentes, um daqui, outro dacolá... outro não sei de onde não é? Veio diferente, que aquilo nem pertencia ao baldio nem à capela, e eu “pertence a quem então?” ... é uma coisa que é preciso pensar-se, se não é baldio, não é da capela, é de quem? Bom, entretanto eu perdi as eleições e fui ver esse dito advogado e disse-lhe a ele “nós temos que ganhar isto” ... “o que é que você quer fazer?” “é fácil, eu vou pedir... vou fazer uma reunião e vamos retirar a acção do tribunal” “ai se você consegue isso...” “ai vou conseguir vou”. No edital, ou na convocatória, como queiramos dizer, expliquei tudo para o que era a reunião e não sei quê, esse dia havia aqui umas 80 e tal pessoas, nessas 80 pessoas estavam 40 a favor de uma retirada do tribunal e 22 contra, mas nessa acta não ficaram os pontos todos esclarecidos nem todos votados, isto foi no dia 3 de agosto. No dia 30 de agosto faço uma nova reunião para a aprovação da acta, que os pontos não estavam votados, tinha de fazer uma acta para aprovação da acta... faço uma nova reunião e a acta foi aprovada... foi aprovada e pedi ao advogado para me fazer logo um documentozinho que era preciso entregar para a relação de Guimarães, um processo qualquer, ele fez-me o processo, eu agarro no processo, agarro na acta, meto tudo dentro de um envelope, a convocatória, a acta e o documentozinho do tribunal, meto tudo e mando para a relação de Guimarães. Passado o quê? Uma semana... está definido, é da igreja! O padre a seguir foi fazer a escritura, eles agora andam a fazer novamente um processo em tribunal

AL: quem?

PB1: os mesmos... que as actas que não estão correctas, eu às vezes até me punha a rir aqui para eles, eles dizem... é verdade, a gente não se deve rir para uma pessoa, parece que está a gozar dela, não é verdade, mas quando eles me dizem que as actas não estão correctas eu ponho-me a rir, eu não sei então como é que é uma acta correcta, expliquem-me como é uma acta correcta que eu não sei como é uma acta correcta. Se a acta tem tudo o que foi dito o que é que vocês querem? Mais nada... e agora temos mais um processo em tribunal

AL: mas há uma parte que não percebi, aquele processo que o João levou para a frente teve como objectivo “tirar a acção do tribunal”? Essa parte não percebi...

PB1: essa acção era a igreja e os compartes. Os compartes diziam que o terreno era baldio, os compartes não, o antigo presidente dizia que aquilo que era baldio e a igreja dizia que aquilo pertencia à igreja, se tinha lá as cruces porque é que não era da igreja? Não é verdade? E eu fui dos principais logo que embargámos aquilo e fomos ver um advogado e aquilo foi para tribunal, fui um dos primeiros eu, disse logo “isto vai para tribunal, isto não pode ser assim, é da capela, é da capela, os santos não falam nem se sabem defender, nós temos de os defender nós”, foi logo. E o padre chegou-me a dizer “e as custas do tribunal?” “deixe as custas do tribunal, ao fim depois vemos” ... nós conseguimos arranjar dinheiro... e então isso foi para tribunal e estive em tribunal. Sabe que um presidente quando entra pode-se retirar desse processo, sendo votado na assembleia... está a compreender?

AL: sim

PB1: e então eu fiz uma reunião para me retirar desse processo do tribunal

AL: mas já era presidente dos baldios quando começou essa...

PB1: não

AL: ok, ok, mas já era presidente depois, sim

PB1: não era presidente dos baldios não... o outro era presidente dos baldios e fez o processo à igreja, e eu sempre disse, mesmo nas reuniões e aqui que era ridículo entrar em processo em tribunal com a igreja, que afinal o terreno fica lá igual, ninguém lo leva, meu deus... o terreno está lá igual e ninguém lo levou ainda nem ninguém lo leva. Dizem “ah, isso é para a diocese” “não é da diocese, é da senhora da Penha o terreno, metam na cabeça...”. A diocese para que é que quer aquilo? Porque há uma capela, que nós temos ali uma capela que é como uma igreja, que é da EDP e a EDP ofereceu à diocese e a diocese disse “nós já temos capelas a mais” e não quis aquela e ia querer aquela? Que aquilo é uma capelinha que faz o quê? 25 m²? Ou 30...

AL: mas tem muitos pinheiros? Para haver essa luta toda...

PB1: não, aquilo não tem muitos pinheiros, mas eles queriam-nos cortar todos, nós decidimos que os pinheiros não os haviam de cortar, e lá estão os pinheiros

AL: mas são o quê? 20?

PB1: não, são mais de 20, são para aí cento e tal pinheiros, mas não os cortaram

AL: bem grande confusão...

PB1: uff, confusão e guerra. Mas aquilo fica sempre, sempre assim esteve e fica... só por dizer que o presidente dos compartes não pode dizer assim “vou fazer um corte acolá” sem pedir por exemplo à comissão da igreja. Eles têm de dizer assim “não, vamos falar com o padre e o padre tem uma comissão da igreja, tem um presidente, um secretário e essa coisa toda, vamos reunir e vamos conversar e depois...

AL: ah, agora estava a tentar lembrar-me de onde é que vinha este tema... já me lembrei, foi a tal reunião que havia cento e tal compartes

PB1: exactamente... e votaram 40 nessa reunião, mas depois eles não ficaram contentes e andaram para aí com as cadeiras no ar, não ficaram contentes quer dizer, votaram a favor 40 e tal

AL: ai foi nessa que as cadeiras voaram

PB1: eles achavam impossível... mas bom, nós também fomos finos, andámos pelas portas “tendes que estar na reunião, não é?”, uma pessoa também de ter um bocadinho de olho aberto não é verdade. Passámos pelas portas e depois fizemos para aí uns papeis e começámos a botar, a espalhá-los por aí, começámos a espalhá-los por aí, que havia a reunião e que a reunião era da Senhora da Penha, que tinham de vir votar, ou a favor ou contra, nós não pedíamos para votar a favor, mas que tinham de vir votar, ou a favor ou contra e ao final a maior parte votou a favor daquele terreno. Eles meteram o processo em tribunal e eu tive uma conversa com o antigo presidente e o antigo presidente disse “de toda a maneira vocês já vão ficar sem o terreno porque nós já temos 100 assinaturas que dizem que aquilo que é baldio. Mas aquilo também não caiu na orelha de um surdo não é, não caiu não... eu fui ao advogado e então fizemos um cabeçalho a dizer que sobre aquele

terreno há tantos anos que sempre se conheceu como sendo da Senhora da Penha e para votar ou sim ou não, e fizemos uma lista de assinaturas entre os compartes e já íamos em 160, dos próprios compartes de cá, que dizem que aquilo que é da Penha e emigrantes já temos cento e tal, que alguns são compartes, têm um número de eleitor, outros não têm, e já íamos a uma conta enorme...

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: ok, e vocês para fazerem as candidaturas têm uma ajuda?

PE1: é o ICN

AL: isso é engraçado, nunca tinha ouvido que o ICN ajudava nisso

PE1: não, ajuda, ajuda, e ajudou, aqui tudo o que é zona do parque, os técnicos do ICN, se não agora todos, porque houve alguns que também se afastaram, também o volume de candidaturas é tanto, entraram outras associações, que também se organizaram, por exemplo, a ARDAL, pronto, há um conjunto de associações de apoio aí, que se organizaram e que foram também prestando esse apoio não é, mas na fase inicial por exemplo do aparecimento dos [*? não se entende*] os do parque trataram de tudo

AL: pois, por exemplo, lá em Montalegre é muito o SBTMAD...

PE1: sim, é o que eu digo, a partir de determinado momento começam as associações também a saber, e depois também o Parque, isto ganhou alguma escala, e tinha dificuldade em fazer tudo, e então aparecem estas associações que também não trabalham exclusivamente com o Parque, por exemplo, temos aqui o Gabinete agrícola da Câmara que também dá o apoio técnico

AL: ah, pois é, a tal Estrutura de Apoio Local não é? Ou local de apoio

PE1: isso era a ELA que era a estrutura que avaliava, mas isso era em Braga, mas pro exemplo, as Câmaras têm gabinetes de agricultura, todas elas e dão apoio técnico nisso, submissão, preparação de candidaturas, depois há aqui algumas associações locais, por exemplo a ARDAL e há outra... a Atlântica

AL: e há uma cooperativa

PE1: pronto, e há a Cooperativa Agrícola, todas estas associações dão apoio técnico a estas entidades todas

AL: pagando?

PE1: sim, se sairmos fora do contexto ICN ou Câmaras, tem que se pagar

AL: claro... claro...? É normal...elas existem

PE1: claro. Elas formaram-se... é isso

AL: pois. Disse-me que a ELA é em Braga, eu percebi que a ELA era composta por várias associações/entidades

PE1: a ELA é um organismo criado na altura em que surgiram as ITI, foi criada, digamos assim, por um organismo, que é a ELA, a Estrutura Local de Apoio, que incluía elementos de várias entidades, a Direcção Regional de Recursos Florestais, ..., e que era, digamos assim um organismo que validava, digamos assim, e que de certa forma, davam critério, criteriava, as candidaturas e o interesse e a necessidade de, que não sei se agora ainda está activa ou não, e que era composta por técnicos das associações, movimentos de associações ligadas aos baldios, era do Parque, era da Direcção Geral dos Recursos Florestais, pronto, eram vários técnicos, era composto, aliás a Lúcia fez parte da Estrutura Local de Apoio, o engenheiro Carlos Pinto também, a engenheira Luísa que não sei se já se terá reformado, da Direcção Regional de Agricultura, tem uma série de técnicos

Germil: PG1

AL: e vocês têm equipa de sapadores aqui neste baldio?

PG1: não...

AL: não conseguiram, não tentaram? Eu sei que houve uma altura em que o parque fomentou isso não foi?

PG1: exactamente, e na altura falou-se, fazer, não fazer, e depois acharam que o melhor era fazer uma em Entre-Ambos-os-Rios para Ermida, Germil e Entre-Ambos-os-Rios... eu na altura, que ainda não era presidente do CD mas que já fazia parte, da minha parte eu achava que ter uma equipa para nós podia ser benéfico, uma equipa para três baldios que não era, não ia ser e não era, então nós não entrámos, digamos, nesse... na constituição da equipa e acho que foi bom, porque depois disso dá sempre alguns conflitos, queiramos ou não, por muito bem que a gente se entenda na altura, uma pessoa nunca sabe quem vem e depois... e até porque acho que não... eu acho que não fizemos mal

AL: mas agora para as limpezas têm de contratar

PG1: porque percebe-se... contratamos, mas percebe-se que as equipas de sapadores... porque repare, não digo que não servem de nada mas não servem os objectivos para aquilo que foram criadas, que se pensava

AL: para as limpezas... era para contrariar os incêndios não era? Sobretudo...

PG1: pois mas... Isto a meu ver, pela minha parte eu não estou arrependido que Germil não tenha constituído uma equipa de sapadores, porque é uma despesa certa que tem um... portanto já tínhamos um volume bastante alto, anual, e que depois se formos a ver fazemos mais trabalho, fazemos o dobro do trabalho com esse valor contratando empresas para o fazer

AL: acabam é por ter de fazer as limpezas para... pois, não interessa, vai dar ao mesmo, não é... têm que roçar basicamente não é?

PG1: sim, sim. Mas depois contratamos empresas, dá x ao metro, a partir daí... ou x por hectare, e fazem, pronto... os sapadores não quer dizer que não façam, nós sabemos que são trabalhos que não são de função pública... nós sabemos como isso funciona

AL: o que é que acha que os podia aguentar aqui [aos jovens]?

PG1: seria... pronto, seria a criação de algumas facilidades na agricultura, que não tem acontecido ultimamente

AL: facilidades da parte de

PG1: do... é assim a agricultura é a única coisa que... é a única coisa que nós podemos aqui fazer, no local... não é? Só que de qualquer forma tem-se burocratizado um bocado nas formas de manter, pronto. A seguir a isso seria a criação, não em Germil, isso eu concordo, mas... dentro do concelho, se calhar em Ponte da Barca, criar mais alguns locais onde pudesse haver industria para os jovens ali trabalharem estando perto das suas casas não é. Porque se forem trabalhar para Braga ou Viana ou Porto já é complicado, digamos, já vão viver lá, então seria uma forma de se manter em Germil. Claro, o turismo por exemplo é uma das coisas em que se poderia apostar mas aí lá está, os jovens para apostar também precisam de ter com quê, não é? Dinheiro... e eu continuo a dizer, também é muito burocrática a... estávamos há bocadinho a falar dos baldios e etc., as coisas são bastante burocráticas, para se conseguir uma coisa, para... recuperação de casas e etc., pa, muita burocracia muita coisa e as pessoas muitas vezes desistem porque aquilo é difícil, é... não é? E isso...

AL: pois, acredito que sim

PG1: não, porque... já aconteceu aqui no concelho, várias casas dessas para turismo, e outras que não foram para turismo mas para as pessoas e que houve um apoio de 50%, só que a forma que tinha de se fazer e as exigências e toda aquela burocracia houve pessoas que desistiram e que deixaram “opa, não vamos estar para isto, nunca mais chegamos lá”, mas pronto, com teimosia e com trabalho, enfim, isto é aquilo que eu estava a dizer, o baldio para fazer tem de ter dinheiro, e para o particular é a mesma coisa, se não tem dinheiro para pagar “ah, toma lá um apoio de comparticipação de 50%”, por exemplo, mas se a pessoa não tiver os 100% para fazer a obra não pode fazer

AL: pois, pois, tem de andar a pedir crédito e não sei quê

PG1: mas isso já sabemos como funciona, depois quando se chega no fim já é um descontrolo e é isso que o Estado devia... o Estado nem sabe que isto existe não é

AL: pois (RISOS)

PG1: e vocês aqui não têm nenhuma... sei lá, associação local ou de desenvolvimento local que vos ajude nessas candidaturas, porque eu imagino, sei lá, eu acho que não era capaz de atender a toda a burocracia

PG1: aí, portanto, na última recuperação que se fez aí foi a ADRIL

AL: a ADRIL...

PG1: de Ponte de Lima, que esteve envolvida.... Mas de qualquer forma, e isto claro que ajudou, também era difícil sem a ajuda de alguém... só que pronto, são aquelas coisas que ali poderiam ser mais facilitadas

AL: claro. E por exemplo, nas candidaturas às ITI; vocês fazem sozinhos ou também têm uma associação que dá apoio?

PG1: temos... é assim, acho que há outras pessoas, nós trabalhamos com a associação, com a Atlântica, e são eles que nos apoiam, tem que ser, porque senão é difícil

AL: imagino... eu estive lá com a Sandra, ela mostrou-me o *dossier*... a quantidade de papelada que aquilo tem, a quantidade de linhas para preencher

PG1: é, aquilo é muito trabalhoso, é o que eu digo, há burocracia a mais, se calhar há coisas que facilitam demais e outras que... que... é aquilo que eu digo, se as pessoas não forem corajosas, não forem determinadas às tantas desistem, “oh, que se lixe”, pronto

AL: sim, é isso, por isso é que eu acho que às vezes era bom que, já que a coisa está a esse nível de complexidade, porque está, eu também acho que a burocracia é um exagero, então era bom que pelo menos houvesse aqui associações locais que dessem esse apoio, embora isso também envolva dinheiro

PG1: e vai havendo, é o que eu digo, claro, só que para isso há custos

AL: pois, ou tem que se ser sócio ou tem de se pagar pelo serviço

PG1: tem de ser sócios e há serviços que têm de ser pagos, é natural, todos nós sabemos que nada pode ser com todas as facilidades, mas também há burocracias que podiam ser dispensadas

PG1: não, isso nota-se que há um grande interesse em as câmaras, algumas câmaras, e até a nossa também já mostrou interesse há algum tempo atrás de tomarem conta dos baldios portanto

AL: ai foi?

PG1: foi

AL: e também me falaram das Comunidades Intermunicipais (CIM)

PG1: sim, sim, então... quem é que faz parte das CIM?

AL: são as câmaras, pois

PG1: são as câmaras, são elas que estão presentes

AL: e o que é que ia acontecer, o mais provável era acabarem privatizados os baldios não era...

PG1: claro, claro, claro! Claro que... As populações não aceitariam, eu pela minha parte não ia aceitar

AL: claro. E de que maneira é que a Câmara mostrou a sua vontade? Como é que foi?
Propôs-vos qualquer coisa ou isso ou...

PG1: é assim, as Câmaras e a de Ponte da Barca também estava de acordo... através da CIM mostraram-se digamos, interessadas, se os baldios não tinham gestão gerir... a Câmara assumir essa gestão, que as Câmaras assumissem essa gestão. Já se sabe porquê não é. Segundo se ouve, e eu ouvi isto numa reunião que tivemos com a ACEB que já aqui vai há 3 anos atrás, até foi em Ponte de Lima

AL: a ACEB³³... vocês são associados?

PG1: não somos... não somos porque... mais que uma vez lhes pedi para me enviarem uma fichinha para sermos sócios mas, ao Eugénio³⁴ e essas coisas todas, mas ele por acaso não, opa, acho que ele... sei lá, acho que houve ali uma altura em que o homem andava um bocado, não sei porquê, um bocado confuso e passou-lhe e nunca chegou a acontecer, mas cheguei a solicitar-lhe isso, verbalmente certo, em conversa, mas nunca chegou a acontecer

AL: então e as vossas candidaturas com a ITI é com a ADRIL? Não...

PG1: não, é com a atlântica

AL: ai, desculpe, eu sabia que já tinha perguntado mas não me recordava da resposta

PG1: mas antes de... porque inicialmente uma engenheira que estava na ACEB, que trabalhava com eles, foi quem nos deu esse projecto que acabámos por ter de abandonar foi iniciado por uma engenheira que trabalhava na ACEB, só que ela depois saiu, foi-se embora, abandonou aquilo, houve ali uns problemas e então eu na altura propus, olhe vamos ser sócios, mas não chegou a se realizar. Entretanto depois viemos a trabalhar com a Atlântica, portanto tornámo-nos sócios etc. mas com a ACEB não.

AL: pois, mas entretanto interrompi-o, estava nessa reunião...

PG1: mas então nessa reunião foi-nos informado que as Câmaras pronto, tinham interesses nisso e que tinham já empresas para... aliás, eu penso que... não sei se é em Ponte de Lima, deixe-me cá ver, acho que é uma empresa... deixe-me ver se me lembro do nome, era para a plantação de eucaliptos, eu acho que até já tinham um terreno em Ponte de Lima, não sei se era um baldio que acho que tinha... mas depois eles acho que abordaram as Câmaras, para ser mais fácil não é, porque é mais difícil entenderem-se com 20 do que entenderem-se com a Câmara não é... e que essa empresa que estava a... estava a aliciar as Câmaras para as Câmaras pronto... e também me foi dito, não fui eu que ouvi, mas que aqui há poucos meses atrás, numa reunião da CIM o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima que desvalorizou completamente os presidentes dos CD dos baldios e não sei quê, enfim, pronto, que o que era bom era as Câmaras gerirem, e pronto, e que ainda continua com essa ideia

AL: e queria que essa empresa entrasse na gestão...

PG1: exactamente, eu agora estava a ver se me lembrava do nome pa...

³³ Associação para a Cooperação entre Baldios (ACEB); Viana do Castelo

³⁴ Eugénio Vítor, presidente da ACEB

AL: e era para plantação de eucaliptos...

PG1: sim, foi o que nos foi dito

AL: no parque?

PG1: dirigiu-se aos CD, porque ali não era só Parque Nacional. Não sei até que ponto dentro do parque iria depois ser ou não viável, não sei... do parque, da área protegida que agora não há parque

AL: pois... então a vossa relação com as outras instituições, tipo com a Junta de Freguesia, Câmara Municipal, em termos de gestão do baldio é...

PG1: sim, não há conflito, digamos... não há conflito

AL: mas também não há cooperação ou qualquer tipo de protocolos...

PG1: não, não, não...

AL: pois... nem com a Junta?

PG1: nem com a Junta

AL: e existe alguma outra associação aqui na aldeia? Já vi em outras aldeias que existe uma associação de desenvolvimento cultural ou social, mesmo dos próprios habitantes...

PG1: não, só a associação de moradores

AL: e esta associação pretende o quê? Defender...

PG1: exactamente, digamos, ...

AL: junto da Junta de Freguesia não? E da Câmara

PG1: e não só propriamente da Junta, e da Câmara e não só, foi criada com essa, com esse propósito não é

AL: e já existe há muito tempo?

PG1: não... talvez dois anos acho eu

AL: sentiram alguma necessidade disso...

PG1: sim, com a extinção das freguesias, a saída das Juntas e etc. achámos que devia haver alguém que defendesse os interesses das pessoas, pronto

AL: a Junta de Freguesia actualmente é qual, a freguesia... é Germil ou...?

PG1: não, a freguesia agora é união de freguesias

AL: que é com quem?

PG1: Entre-Ambos-os-Rios, Ermida e Germil

AL: isso foi há dois anos?

PG1: há dois

AL: e foi aí que decidiram...

PG1: exactamente

AL: e... eu sei que vocês fazem parte da Associação dos Baldios do PNPG, que é uma associação que ainda não percebi qual é a finalidade

PG1: eu posso-lhe dizer que não fazemos

AL: ai não? Que é da Lúcia Jorge... que é não, a Lúcia é presidente

PG1: eu conheço a Lúcia Jorge, poucas vezes a tenho visto, nunca conversei com ela, boa tarde, bom dia em algumas reuniões, lembro-me de uma no Campo do Gerês, uma reunião em que ela esteve lá mas nós nunca fomos contactados, nunca nos pronunciámos, posso-lhe dizer que a não ser eu no CD ninguém sabe nem conhece, nem sabe que essa associação existe

AL: pois, eu acho que aquilo surgiu com um intuito bastante,... eu já não me lembro, mas era com o intuito de ... até acho que foi por causa dos sapadores, das equipas de sapadores, que foi mais fácil assim a candidatura ou o processo, iniciar o processo

PG1: eu acho que, pronto, talvez aquele bocadinho na formação das equipas de sapadores depois... fiquei ao lado não é, como já disse há bocado, fiquei ao lado, ficou o CD, pronto, eu fiquei pela parte que me toca mas... possivelmente poderá ter sido por isso. Eu só tive conhecimento que essa associação existia, e sem conhecer sequer a engenheira Lúcia, quando foi da revisão do plano de ordenamento, quando diziam que em representação dos baldios do PNPG estava a engenheira Lúcia, e eu disse “não, em representação de Germil não...”. O CD não tem conhecimento que tem alguém que o represente. E então fiquei, e então vi, e se calhar até foi na carta que me enviou, que também falou com a Lúcia, desculpe lá, mas acho que referiu isso não referiu

AL: esteja à vontade, referi, acho que refiro que foi a Lúcia que me deu os contactos, e a Sandra...

PG1: exactamente, e então eu vi e pensei “pronto, cá está a Lúcia...” (RISOS)

AL: de vez em quando aparece por aí o nome dela não é...

PG1: exactamente [lê a carta em voz alta na parte que refiro a Lúcia e a Sandra] (...) Lúcia Jorge, presidente da associação... é que eu nem sequer sabia se ela era presidente, na altura disseram-me que ela é que estava em representação dos baldios e eu assim “pronto, cá está...”, associação... mas nós não somos sócios...

AL: pois, eu acho que isso foi uma forma de facilitar o processo de conseguir as equipas de sapadores para o parque, foi uma coisa assim

PG1: ou se calhar foi... até seria na altura, eu desconheço, como digo mas acho que terá havido algum interesse da parte dos gestores do Parque Nacional na altura, quando havia director e etc. e do... do... pronto, daqueles que no poder central defendem isso, quando foi

da revisão do plano de ordenamento eles têm que nos ouvir, aos CD, e então para tentarem ultrapassar isso, para não nos ouvir, invocaram uma associação e então é uma associação onde só há um representante. E foi nessa altura que eu disse, “não, o CD de Germil não, não se sente representado porque nunca consentiu isso, não há nenhuma acta que diga que somos sócios, nada... somos sócios da Atlântica, sim... mas não há nenhuma acta que diga isso...”

AL: e depois como é que foi? O pessoal foi todo ouvido? Os CD...

PG1: é assim, depois acabámos por enviar pareceres etc. mas que na realidade não tiveram, não foram escutados porque foram ignorados, na verdade esconderam-se um bocado na sombra da

AL: da associação

PG1: da associação... está a perceber?

AL: e nunca ouviu falar da associação associada às equipas de sapadores ou ...

PG1: não, não ouvi, mas como digo como estive um bocado fora, porque inicialmente decidimos não entrar nisso, não sei se teria algum papel nisso, até teria, não sei, eu desconheço... eu desconheço, portanto... sei que nessa altura deu um bocado jeito, da revisão do plano, deu um bocado de jeito não é

(RISOS)

AL: pois, olhe essa desconhecia por acaso

PG1: pois, mas deu, deu. Agora eu não sei se já existia, se calhar... mas olhe, ali deu jeito

AL: portanto, a Lúcia também é do Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto Douro, portanto também é natural que ela tenha mais relação com os baldios de Montalegre e talvez por isso não haja tanta relação e pelo que eu percebi foi mais uma formalização para facilitar a formação das equipas de sapadores do parque, mas

PG1: possivelmente, possivelmente

AL: e que ainda existe no papel, mas que como associação não tem actividade nenhuma, não tem dinâmica

PG1: eu não conheço nada da actividade da associação

AL: eu também não, aliás eu andei à procura na internet antes de vir para cá para conseguir mais contactos, e nunca... por acaso apareceu-me la...Associação dos Baldios do PNPG... eu nem sabia que existia. Pronto, e foi assim. Quando falei com a Lúcia é que percebi que acabou por ter sido mais uma ferramenta do que propriamente. Agora essa do PO não sabia

PG1: não, mas isso foi verdade, e foi aí que eu soube, mas sem sequer saber quem era a pessoa, não é. Depois, em qualquer sítio que eu não me recordo agora aonde, numa reunião qualquer em que ela estava é que eu percebi, que alguém a apresentou e eu “olha

pronto, cá está a pessoa que eu ouvi falar”. Pronto, e aí então é que, foi em maio esta reunião em que ela também esteve, e pronto, mais uma vez

AL: (RISOS) a mítica Lúcia

PG1: mas pronto nunca conversei com ela sequer, nem nada, por isso... também nunca perguntei a nenhum dos baldios daqui da zona se eram associados porque eu até, sei lá, eu não levei isso sequer como sendo uma associação, li como representante para a revisão do PO, mas quer-se dizer, representante? Olhe, vi mais a questão da associação agora quando li a sua carta não é, e eu espera aí, mas isto é uma associação...

AL: e ela é

PG1: mas foi agora, porque eu antes nem tinha... porque eu na altura penso que não se referiram sequer como presidente da associação, na comissão estava ela como representante dos baldios, e eu disse “não, como representante do baldio de Germil não está”, nunca delegámos nada em ninguém. E então... mas na altura se disseram associação eu nem sequer... e eu, ah, afinal há uma associação

AL: mas há, no papel há. E a Lúcia também é presidente do CD de Pitões das Júnias

PG1: pois, talvez

AL: não, é... já falei com ela

PG1: sim, sim.

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: No que toca as limpezas por parte das ITI eles recorrem a empresas aqui em Lindoso para aquelas limpezas mais difíceis, maiores e para as restantes utilizam os sapadores quando eles não estão a fazer serviço público.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: [...] também usufruíram das ITI?

TC1: sim, foi através de... aliás, foram as ITI que nos vieram desafiar, até porque havia uma certa relutância em aceitar fosse o que fosse do Parque Nacional, aqui criou-se uma aversão grande a tudo o que era administração ou gestão do Parque Nacional. Mas com as ITI foi criada a estrutura local de apoio (ELA) que fez um bom papel e era importante que continuasse, é pena que tenham mudado da forma radical como mudaram, mas esta primeira... há dois... no quadro anterior, não, no penúltimo... houve uma aproximação, fizeram-se aqui umas intervenções mínimas, dirigidas... no fundo o que se passou foi... foi essa ELA definiu o que é que era importante fazermos e veio propor a realização dessas actividades com a garantia que não havia custos e o benefício era óbvio

AL: quando está a falar de actividades está a falar de limpezas, e... plantações se calhar...

TC1: sim, no âmbito das medidas silvoambientais e ali era para protecção de núcleos, tanto de pinhal como de carvalhal, foi uma primeira intervenção

AL: ai também de pinhal?

TC1: sim, foi uma primeira intervenção... no último quadro é que... até porque essa primeira experiencia correu bem, eu sou só presidente da associação há 4 anos, e então como a anterior direcção me explicou que havia... que tinha corrido... da forma como tinha corrido essa primeira experiencia, avançámos para uma segunda, e nesta segunda fomos nós que conduzimos o plano de... a realização do plano de gestão

AL: ah, sem qualquer ajuda da ELA ou foi com uma associação?

TC1: não, com a ajuda deles mas nós contratámos o serviço de uma associação loc... distrital de produtores, que é a ADEFM, a associação de defesa da floresta do Minho, e a quem expusemos... porque entretanto veio uma proposta de plano de gestão que foi registado, porque entretanto havia ali algumas actividades com as quais não concordávamos, aquilo foi a nível nacional, se não era chapa 5 era quase e... havia ali algumas coisas com as quais não concordámos e outras que pretendíamos e que não estavam lá contempladas, então rejeitámos esse plano que foi feito e fizemos a revisão de acordo com o que era nosso interesse e com base nisto fizemos nas ultimas ITI... o plano foi elaborado por nós, ao contrário do primeiro em que a ELA apresentou “era bom que fizessem isto...”

AL: ah, eu achava que tinha de ser sempre assim, pois

TC1: pronto, aqui fomos nós que fizemos ao contrário... “queremos fazer isto”, e apresentámos, fizemos o plano e foi aprovado... até porque estava de acordo com o plano e entretanto envolvemos também o engenheiro do Parque Nacional que está também nessa estrutura

AL: o Carlos Pinto?

TC1: o Carlos Pinto, e ele também, claro, foi dando o apoio, aliás eu lembro-me, quando estávamos a fazer a candidatura para os investimentos não produtivos (RISOS) é um episódio castiço em que pela primeira vez me sentei, eu contava ao resto ..., sentei-me ao lado do inimigo, eu dizia-lhe “quero isto” e o inimigo “sim senhor”

AL: (RISOS)

TC1: (RISOS) estar sentado na secretária, na mesma secretária... então estávamos lá na plataforma a fazer aquilo online, e ele estava a marcar onde é que se ia fazer a limpeza de trilhos, a recuperação dos abrigos e bebedouros e dos currais, e então “vamos fazer isto assim...” e tal... e então ele... eu é que lhe expliquei, porque tínhamos feito uma reunião previamente e tínhamos já as coisas definidas e... mas foi, foi castiço essa... enquanto que até aqui temos andado... “nós queremos ver isto...” (RISOS)

AL: exacto, houve uma mudança de papéis

TC1: e foi... neste último projecto, tivemos um... aliás, tivemos dois projectos, um INP e outro no âmbito das medidas agro e silvoambientais... nas agroambientais fizemos a

valorização de pastagens e nas silvoambientais fizemos limpeza e adensamento e noutros sítios fizemos a plantação em áreas que já tinham ardido há uns anos atrás e aí fizemos... uma delas, essa tal experiência que lhe contei dos sobreiros

AL: [...] queria só agora perceber melhor aqui a questão do foral, portanto na altura os terrenos foram cedidos a um certo número de famílias não foi? Que correspondia às famílias todas ou só a algumas?

TC1: sim, a todas

AL: e actualmente já deve haver outras famílias entretanto ou não?

TC1: sim

AL: Essas têm direito ou

TC1: nós temos hoje aqui pela Lei dos Baldios

(RISOS)

TC1: pela lei dos baldios seriam partes mas não são partes porque não são herdeiros

AL: os tais, as tais novas famílias?

TC1: sim

AL: pois

TC1: portanto aquilo que para nós é definição de parte é, são os herdeiros dos outorgantes da escritura de aforamento

AL: ok, então se eu por acaso me viesse a mudar para aqui não seria parte, por exemplo

TC1: podia ser se casasse com alguém de cá

AL: (RISOS) ok

TC1: (RISOS) e herdasse... mas não bastava ser casada, teria de ser herdeira da quota dele

AL: tinha de ser bem-vinda na família (RISOS)

TC1: não, depende do regime de bens do casamento não é, porque há casamentos que não... há regimes que não permitem herdar da parte do outro cônjuge

AL: pois. E isso não gera conflitos ao nível da aldeia?

TC1: não.

AL: tipo "ah, eu queria, mas não posso", não?

TC1: não... vamos ver, porque nós usufruímos isto... que rendimento é que isto nos dá, é apenas o sentimento de pertença...

AL: exacto, exacto... que é importante esse sentimento não é?

TC1: pronto e chega, e as pessoas satisfazem-se

AL: sim, sim. Não, porque eu as vezes pergunto-me o que é que move estas pessoas que andam aqui a ter um trabalhão à frente do CD, que não recebem nada por isso, o que é que os move, só têm é trabalho e chatices e às vezes conflitos, o que é que os move...

TC1: é o legado, é manter este legado, este é... é algo que foi conquistado não é, pertenceu toda a vida à comunidade, entretanto desenvolveu-se dessa forma e entendemos que devemos mante-lo

AL: não há qualquer tipo de dividendos para cada um dos

TC1: não, não, há agora aquilo que nós.... Até aqui nunca houve, nós temos neste momento um bom pé-de-meia, e o que temos previsto agora no próximo PDR, neste novo quadro... até porque participámos lá na definição da estratégia pra o desenvolvimento e a um conjunto de projectos que estão desenhados com o apoio da associação de compartes. Ainda há dias participei numa reunião no âmbito municipal para o desenvolvimento social do concelho, apenas um exemplo, e um dos temas que ali foi tratado foi dos idosos e de cuidar dos idosos e por aí fora, e eu referi... porque isto foi objecto já do nosso trabalho, referi que o, para além do... nós temos aqui na nossa comunidade vários idosos que estão a ser tratados mas de forma informal, ou seja em casa, com os familiares, e aquilo que detectamos é que estes cuidadores precisam de ser cuidados também. Há dias uma prima minha que está a cuidar da mãe veio para aqui e estivemos à conversa para aí uma hora ou meia hora, e ela disse “ai, esta conversa soube-me tao bem”. É o alivio de... e aquilo é que deu o clique, que temos de arranjar algum esquema que... é isso, vamos agora virar-nos para as pessoas, aqui localmente uma das vertentes é esta, e então referi... queríamos desenhar uma forma de apoio para dar ajuda a estes cuidadores, por exemplo um dia de folga não é, a minha prima, a Conceição... “conceição à 3ª feira é teu o dia, podes ir passear, podes ir tratar de qualquer coisa, vais à Braga, vais onde te apetecer, e ter lá uma pessoa de substituição a cuidar da mãe com, eventualmente, se não for todos os dias ter dia sim, dia não, ter uma aula, ter uma sessão... ter o conforto de alguém que... às tantas não terá que ser necessariamente um psicólogo, mas de alguém que ajude a lidar e que ajude a superar este, é uma prisão e quando não deixam dormir, e permanentemente a lembrar o passado e a repetir e para além de ter de tratar

AL: é pesado é,

TC1: e pronto, isto é apenas para lhe dar o exemplo de que há aqui áreas que temos já identificadas onde a associação vai intervir, e a forma de distribuirmos os dividendos vai ser com projectos concretos, podemos de facto fazer uma divisão do pecúlio, mas...

AL: (RISOS) isso acaba por ser muito importante, quer dizer, a presença do baldio e as receitas que daí advêm, acaba por ser bastante importante a nível local, não é, pelo que eu estou a perceber, mesmo para a própria comunidade. Acabam por fazer serviços que se

calhar deviam vir de outras partes mas que vocês acabam por assumir não é? A nível social, a nível

TC1: sim, sim... neste caso sim, aliás aquilo que..., como eu creio que... claro, evidentemente que devia ser o Estado a apoiar, mas como o estado deve ter outras preocupações...

AL: não, é que isto para mim é tudo... argumentos (RISOS). Quando há aqueles argumentos “ah, aquilo já não serve para nada, no estado actual da agricultura os baldios já não fazem sentido, pelo menos não da forma como estão a ser geridos...”, blablabla, acaba por haver muitos argumentos contra essa ideia... talvez sim, tem que haver uma adaptação, sim tem que haver... concordo

TC1: mas é preciso perceber a função do baldio não é, eu acredito, imagine, lá na região centro, em paisagens descaracterizadas e sem valor, ali perto do... não sei, mondego ou o que seja, para além do recurso água que é importante ser preservado não sei o que é que haverá ali mais, mas aqui no nosso caso, quando o baldio tem outra função que é a de ser o garante de uma classificação do território como Parque Nacional, se calhar aqui a gestão tem de ser pensada de uma forma diversa, e provavelmente... é aquilo que eu lhe dizia há pouco, e a logica dos apoios e... às comunidades locais será para cuidar, cuidar deste recurso, não daquela exploração como é desenhada

AL: exploração e é o abandono não é, tem os dois lados

TC1: sim, sim

AL: e nesse sentido também é bom fomentar a população cá

TC1: não, porque, atenção que aqui o perigo é... querendo agora encontrar novas formas de exploração ela tem de ser rentável e o ser rentável hoje não é subsistência não é... o ser rentável hoje é... é preciso ter dinheiro para um telemóvel, é preciso ter dinheiro para a internet, para a televisão por cabo, para o carro e... e enquanto que antigamente ´... aquela ideia que se tinha do baldio, insustentável e não sei que... insustentável... permitia criar o vitelo para vender para se comprar uns livros para o filho ou para se fazer uma despesa extraordinária, porque no dia a dia não havia dinheiro, não era... por isso não podemos estar presos a isso... hoje em dia o... para que uma família tire rendimento, para que tenha um nível de vida aceitável, tente... e a população que está dentro do território, fazendo actividades silvopastoris, tem de ter uma actividade de tal maneira intensa que vai estragar o património... portanto, aquilo que era importante era modelar as... a função do baldio... “este baldio é para quê?”, é para integrar o Parque Nacional... ok, é para integrar a paisagem protegida do Corno de Bico e haver um plano macro depois integrado dos baldios que concorressem e que se adaptassem a isso. Por exemplo nós vimos aqui... eles vão fazendo isso só que o fazem de uma forma... uma chico-espertice, do tipo, tínhamos previsto realizar umas determinadas queimadas e entretanto como ocorreram incêndios o Parque Nacional ardeu mais área do que aquilo que era suposto, aliás nem sequer era suposto haver incendio... ter ardido, então... deixaram de... ok, proibiram, não foi propriamente proibir, porque se quiséssemos forçar íamos queimar, mas não nos deixaram queimar porque tinha ardido muito no... olhando o parque como um todo faz sentido... mas é a tal historia não é, com o mal dos outros... enquanto fomentarem isto

funcionar assim... isto não está integrado, o que é eu tenho a ver com os outros do outro lado? Não tenho nada... portanto, isso era preciso ter uma política e uma visão de conjunto pelo menos da área protegida, já não direi... é evidente que tinha de se integrar num sistema mas... e a questão dos baldios acho que... teria... tem de ser mais dinâmico, e a lei não pode ser tao fechada. Atenção que a lei dos baldios serve em primeira linha uma estrutura que vive à custa dos agricultores. Há estruturas a nível nacional... há muita gente que vive em estruturas de apoio à agricultura e que estão muito... e que querem esse formato de baldios e do não se toca e não sei quê

AL: sim, sim, sim. Pois... aqui confunde-se um bocado talvez não? Aqui dentro do parque, a função...

TC1: não, eles funcionam fora... não!... epa, refiro-me à BALADI por exemplo, e a mais do que uma federação nacional dos baldios, e depois as outras estruturas que eles têm a nível concelhio... a nível distrital e de região. Portanto eles têm um conjunto... eles têm uma estrutura que funciona dentro... muito dogmática de conceitos antigos de baldio e... e aquilo que era importante era adaptar, por exemplo, nós fizemos aqui há tempos uma exposição dos baldios do Parque Nacional, um manifesto por causa da redução das... teve acesso a esse manifesto?

AL: da BALADI, aquele que saiu da BALADI, sobre... não

TC1: sobre a redução das áreas forrageiras, aqui no Parque Nacional...

AL: eu li um da BALADI

TC1: sim, mas nós fizemos aqui ao nível do Parque Nacional

AL: não li, não li... isso está onde? Dá para obter *online* ou não?

TC1: eu posso enviar-lhe... e então, a BALADI queria uma posição a nível nacional... está bem, ok, a nível nacional... mas o território do Parque Nacional tem importância suficiente para que se trate especificamente o Parque Nacional. E é um território diferenciado, que tem uma classificação diferenciada e que tem de ser tratado de forma diferente, não é ter favor, é diferente. Agora definam o que é que querem de cá, querem que os recursos se conservem, não querem... e o que é que querem de outros sítios, querem explorar eucalipto, querem explorar pinhal, querem... sei lá, fazer o que lhes apetece

Covide: TCo1

AL: a questão do conflito actual é o quê?

TCo1: o conflito actual é porque há aqui meia dúzia de moradores de Covide que se autonearam uma comissão de consortes e pediram... e a Junta não reconheceu. Pronto, porque era a Junta que tratava desse assunto, não é... a Junta sempre com o povo não é, quando era para fazer alguma coisa fazia um anúncio público

AL: mas mesmo... só para eu perceber, mesmo depois de serem aforados a Junta continuou a gerir aquilo?

TCo1: continuou

AL: isso é que eu não percebo, mas aquilo não passou a ser particular, quase?

TCo1: e é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir, porque para gerir isto tem que haver uma comissão qualquer, porque senão quem é que o ia gerir, porque isto está tudo em comum

AL: hmm, ok. Então não percebo é para que é que serve o aforamento, se continua a ser feita em comum a gestão, para que é que serve a divisão da propriedade, ou a divisão do baldio em partes? Só para eu perceber melhor...

TCo1: mas nós não temos baldio

AL: ou a divisão do monte, nesse caso

TCo1: mas a divisão do monte não... aqui neste momento não está feita divisão nenhuma

AL: então o que é que são estas pessoas...

TCo1: estas pessoas são os proprietários daquela altura, portanto, são os proprietários do monte. Embora sejam proprietários, mas está tudo em comum

AL: ok (RISOS)

TCo1: porque por exemplo, isto é fácil de compreender, por exemplo estas pessoas eram os proprietários que estavam cá, digamos eram os residentes de cá... porque se agora... ao contrário do baldio, se vier uma pessoa que chegue aqui ao fim de 6 meses ou não sei quê, tem direito, o baldio é global, é para todos não é. Mas se chegar aqui uma pessoa que não seja, ou que não tivesse aqui um familiar qualquer que fizesse parte destas pessoas, não tem monte, não é proprietário.

AL: ok, então vamos dizer, o monte foi entregue a x famílias e essas famílias gerem o monte em comum, entre elas...

TCo1: entre elas

AL: ok

TCo1: e normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público

AL: e as receitas vão para onde? Neste caso...

TCo1: as receitas antigamente iam... há uma parte, do que me lembro, por exemplo... há uma parte... por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre. Outra parte que deram... que se vendeu, deu-se a essa dita comissão, porque há uma comissão que quando se formou... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque... Se o serviço é tratado pela Junta, a Junta tem direito, por exemplo se entrou um cheque, uma vez um de 2400 Euros aqui, em 2005 ou qualquer coisa, de dinheiros que foi feita em público... mas a Junta da altura entregou a essa comissão porque eles dizem que a comissão tinha feito aqui há uns anos,

que era para vender um saibro, tentou-se aí vender um saibro e depois não se conseguiu, e essa comissão pronto, dizem que tem esse direito. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro, porque a Junta não pode. Porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro, que era sete mil e qualquer coisa Euros. E a Junta disse que não dava dinheiro a particulares porque não podia, e portanto logo que eles se legalizassem entregavam o dinheiro à comissão. Eles... a questão está em tribunal e ainda está, eles dizem que estão legalizados, mas o tribunal diz que não. O tribunal só lhe dá razão em que eles podem pedir as contas, porque as contas qualquer pessoa pode pedir não é. Portanto a Junta neste momento foi condenada a apresentar-lhes as contas

AL: da venda?

TCo1: da venda e de tudo, porque a Junta não pode ter duas contas. Uma representação do estado não pode ter duas contas. Uma Junta ou uma Câmara não pode ter sacos azuis etc., isso ia dar muita chatice. Apresentaram as contas da Junta todas onde está incluída essa receita e essas despesas. Só que eles dizem que querem aquilo mais explicado, só querem saber... o tribunal diz que só quer saber daquilo que diz respeito ao monte. Mas pronto... todas as contas da Junta estão neste processo, nós não podemos... agora podemos é ir lá explicar onde é que elas estão, agora não podemos fazer contas à parte, porque isso a Junta não pode ter sacos azuis, não pode, nem nenhuma Junta não é

AL: então o processo está agora que a tal comissão de compartes, ou comissão de consortes

TCo1: sim, mas ela foi eleita mas ela nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita

AL: mas vai ser, é isso? Eles estão a tratar disso?

TCo1: eles já trataram e agora eles dizem que estão, mas a questão foi que o tribunal, mas não chegou sequer a

AL: ainda não saiu o veredicto

TCo1: não, a questão em tribunal já saiu, houve um processo em tribunal em que eles

AL: perderam?

TCo1: não, o tribunal condenou-os a dar-lhes as contas

AL: ah

TCo1: mas o tribunal [levanta-se e vai buscar qualquer documento de que se lembrou]

AL: e essa comissão é formada pelas famílias que receberam os aforamentos, é isso?

TCo1: é, era, algumas, é meia dúzia, mas ali são centenas delas, e aí eram centenas delas, hoje são... se ali eram 30 e tal hoje são 50 e tal ou cento e tal, porque cada familiar depois... porque se os meus pais têm um terreno depois é dividido pelos irmãos

AL: claro, claro, claro, e pelas famílias deles que entretanto se formam

TCo1: e pelas famílias deles, portanto hoje em Covide há muita gente que tem, todas aquelas famílias [está a ver a coisa que eles fizeram... que era a comissão era isto, eles fizeram essa comissão em 2000 e tal, olhe isto não está legal por várias razões não é, porquê... por várias razões que eles não podiam

AL: ah, aquela questão da saibreira

TCo1: pois, essa questão... foi quando eles dizem que a comissão estava eleita nessa altura, mas mesmo nessa altura ela não foi eleita, foi meia dúzia que se juntaram e pronto, passou

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [referindo-me a um papel que estou a ler]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: e chegam a arrendar partes do monte, a empresas ou assim?

TCo1: não

AL: nem cedência de exploração a interessados?

TCo1: houve esta questão que se tentou fazer, que é a tal saibreira que esteve

AL: ah sim, sim

TCo1: mas não foi avante

AL: e eólicas também não têm

TCo1: não

AL: portanto rendimentos é mesmo só a madeira quando a cortam?

TCo1: é

AL: e depois fazem regeneração natural, ou não? Aquilo cresce sozinho, os pinheiros

TCo1: faz, faz, é. Se for por aí pelo monte acima vai ver uma parte toda que ardeu

AL: este ano?

TCo1: não, aqui há 3 anos

AL: 2012

TCo1: e já vê a plantação toda nova a sair

[concordo e falo da minha experiência no perímetro florestal da abadia e da capacidade de regeneração do pinheiro bravo que pude verificar]

TCo1: é, onde há fazenda cresce menos, onde não há fazenda cresce mais... mas pronto

AL: é a tal ITI. Mesmo ainda assim ainda é bastante, eu pensava que era menos... deve depender da área não é

TCo1: depende da área

AL: eu pensava que era... houve uma Junta que me disse que recebeu 8000... não me lembro qual foi

TCo1: nós aqui recebíamos à volta de 10000 por ano, só que isto eram dinheiros que estavam atrasados, está a perceber? O projecto dava à volta de 8 a 10 mil por ano. Embora o que tenhamos agora em princípio vai-nos dar 30000 Euros

AL: ah, vai dar mais. Ah, pois, é a tal questão, agora vão beneficiar as Juntas...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o... este é o processo daquele... a tal questão do particular, e é uma factura de advogados “declarar a parcela baldio com uma área inferior a 1000 metros...”

AL: “... declarar terreno baldio a parcela com área não inferior a 1000 metros que o réu [? não se entende] e efectuou escavações e movimentações de terra e iniciou a construção...”

TCo1: ora, isto aqui é mentira, porque o terreno baldio não foi, mas pronto, foi a tribunal, ela foi mais esperta. Olhe, está a ver “no termo do artigo de 4 de dezembro baldios são montes geridos....” Como ela diz, como são comunitariamente geridos não pode ser arrendados, que os baldios...?

AL: e toda a gente sabe que aquilo não é baldio (RISOS)

TCo1: e ela sabe que não é baldio também. Mas as questões em tribunal nem sempre ganha quem tem razão

AL: é que essa foi mesmo do género “se eu não construo tu também não constróis”... é feio

TCo1: é feio. E além disso, não foi só isso, quer dizer, foi... a própria advogada sabia que o terreno não é baldio. Mas houve alguns moradores de aqui de Covide que também sabiam e foram lá dizer que sim senhor, quer dizer, foram as testemunhas que sim, apanhou e disse não 2as testemunhas de lá dizem que é”. Aquilo... e o juiz pronto, se é baldio não pode, não pode construir

AL: pois... epa, estes conflitos estragam tudo, não é?

TCo1: é... este não sei se vale a pena levar, e este também pode levar, é só para ter uma ideia. Isto é tudo só para ter uma ideia, porque eu gostava que estas coisas ... por exemplo, isto aqui, as contas, que não fosse para público não é

AL: não, isto não sai daqui, nem tem interesse nenhum

TCo1: elas estão públicas, eu penso que até há aí uma delas que estão na internet

AL: sim, se já envolve a Junta à partida é público. Sim, mas é esquisito não é, andar para aí a falar das contas daqui

TCo1: é, não convém... eu só tenho a dizer

(...)

AL: quer dizer, isso faz parte de dinheiros públicos, que dão a todos os baldios no fundo, que se candidatam, isto não é nada que seja propriamente segredo não é, mas

TCo1: não, mas eu acho que para si só chega dizer “a Junta ou a freguesia de Covide nos anos tal tem recebido dinheiro do IFAP, ou dinheiro de não sei quê

AL: no fundo a mim interessa-me só o que está relacionado com os montes, qual é o dinheiro não me interessa, é mesmo só para perceber melhor como é que eles são geridos

TCo1: e era isso que eu queria dizer, não interessa estar a por quantidades

AL: não, nada

TCo1: [...] “juntamente com a maioria dos moradores da freguesia vendeu à companhia dos pedreiros do Porto diversos penedos no lugar de Paranhos pela quantia de x”

AL: isso era as tais para fazer pedreiras?

TCo1: não, a saibreira é muito depois, isto foi em 1984, a saibreira foi aqui há

AL: isto é dentro do parque?

TCo1: não, é fora do parque

AL: e podia-se fazer recolha de pedra neste local?

TCo1: isso na altura ainda se fez

AL: ok. E ainda hoje estão vendidas não é? Portanto, ainda hoje são dos proprietários que adquiriram

TCo1: não, não, pronto, eles tiraram o que tiraram e pronto, já acabou, isso já acabou há muito ano. Eles só se, venderam-se aqueles penedos, mas venderam-se para eles cortarem e

AL: ah, exacto, os penedos acabaram e acabou

AL: pois, parece que houve ali qualquer transação

TCo1: no ano de 2005 esta tal comissão... esta tal que diz que era a comissão vendeu uns pinheiros em Lamas. Consta que eles meteram ali no relógio da torre, mas não há documentos nenhuns. E eu mandei isso para tribunal de apontamentos que tinha ali de... que consegui encontrar na Junta que era para dizer a eles onde nós gastámos o dinheiro, o dinheiro que recebemos, porque eles queriam saber o dinheiro que recebemos e de onde veio. Pronto, e eu disse-lhes

AL: e isto foi por causa desta questão não foi?

TCo1: foi por causa da questão que ainda está em tribunal

AL: que ainda está

TCo1: os papéis que apresentei foi estes, este pedi ao IFAP e eles deram-me um extracto da conta, recebemos isto. E isto pedi também o extracto

AL: e isto também foi das ITI não é? De outros anos

TCo1: é das ITI, é, é

AL: Ah, pois, é a tal questão, agora vão incluir as Juntas [nas ITI]...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o... este é o processo daquele... a tal questão do particular, e é uma factura de advogados “declarar a parcela baldio com uma área inferior a 1000 metros...”

AL: “... declarar terreno baldio a parcela com área não inferior a 1000 metros que o réu [? não se entende] e efectuou escavações e movimentações de terra e iniciou a construção...”

TCo1: ora, isto aqui é mentira, porque o terreno baldio não foi, mas pronto, foi a tribunal, ela foi mais esperta. Olhe, está a ver “no termo do artigo de 4 de dezembro baldios são montes geridos...” Como ela diz, como são comunitariamente geridos não pode ser arrendados, que os baldios...?

AL: e toda a gente sabe que aquilo não é baldio (RISOS)

TCo1: e ela sabe que não é baldio também. Mas as questões em tribunal nem sempre ganha quem tem razão

AL: é que essa foi mesmo do género “se eu não construo tu também não constróis”... é feio

TCo1: é feio. E além disso, não foi só isso, quer dizer, foi... a própria advogada sabia que o terreno não é baldio. Mas houve alguns moradores de aqui de Covide que também sabiam e foram lá dizer que sim senhor, quer dizer, foram as testemunhas que sim, apanhou e disse não, as testemunhas de lá dizem que é”. Aquilo... e o juiz pronto, se é baldio não pode, não pode construir

Ermida: TE1

AL: isto é a casa florestal...

TE1: a casa do guarda... morava aqui um guarda, ainda me lembra eu

AL: ainda quê?

TE1: eu ainda me lembro de estar aqui um guarda a morar

AL: e agora, está ao abandono?

TE1: estão todas

AL: é considerada como sendo do ICNF não é? Não é vossa

TE1: é, é

AL: pois... vocês se quisessem renová-la tinham de estar aí a lutar por ela

TE1: fazer o pedido mas não adianta, renovar uma casa dessas custa um balúrdio... eles um dia isso vai ser vendido, isso vai ser património público, mas o que é que vai

acontecer... quem renovar isto, que queira um dia comprá-la tem de morar aqui, se não morar aqui vai ser vandalizada para roubos e para essa coisa toda

AL: pois, exacto, já está não é

TE1: isso é para esquecer

AL: e agora com estes cortes das áreas acha que a ITI também vai diminuir o valor ou... já se sabe como é que isso vai ser?

TE1: vai, vai, muito mesmo, para nós muito

AL: pois, é que eu falei com um senhor que me disse, de um baldio... que me disse “ah, isso ainda não está definido como é que vai ser, a questão das ITI...”

TE1: é assim, aquilo que a engenheira Sandra me disse, que a gente trabalha com ela nas candidaturas e nessas coisas todas, foi que... que vamos, nós no nosso caso vamos sofrer um corte mas um corte enormíssimo. Agora os outros baldios não foram tao afectados

AL: sim, há uns que são menos afectados... e conseguiram ainda assim ainda ter área para todos os pastores ou não?

TE1: conseguimos porque aquela gente de Lisboa foi manhosa, antigamente a gente precisava de um hectare ou dois hectares... agora não me lembro, eu tenho nos documentos, sei que agora por cada bovino adulto é preciso meio hectare, e antigamente acho que era um hectare. Ora, eles diminuíram a área, aquela gente de Lisboa é toda muita esperta, diminuíram a área, mas para não levarem com os pastores todos em cima nas direcções regionais de agricultura, diminuíram também a área da candidatura, que sendo assim meio hectare, ora meio hectare já dá, mas foi assim mesmo na ultima da hora, houve uma reunião em Vila Real, porque havia aí uma confusão dos diabos e chegaram lá atiraram com aquilo para os pastores se calarem todos e pronto, ficou tudo assim

AL: (RISOS) já tinha ouvido falar disso, sim...

[entramos para o carro]

AL: pois, então vocês ainda não têm a mínima noção de como vai ser os apoios este ano

TE1: não... a engenheira Sandra disse-me, disse-me e eu já estive a ver com a o engenheiro do ICNF com quem a gente trabalha, lá da direcção do parque, já ele disse também, que nós fazemos as candidaturas em colaboração com ele, e ele já sabia o que nós íamos receber, e já me disse... é claro que nós reclamámos e toda a gente reclamou que não estava correcto com isso, que a área que nos tiraram porque a pastagem... por exemplo, o que eles consideram pastagem estava errado, porque não é só pedra como eles dizem, imagina, medindo este terreno eles basearam-se no computador, no computador tu vês a imagem de cima para baixo, via satélite, o que é que o satélite mede? Mede uma superfície plana, é ou não é? Mas isto àquela gente de Lisboa faz uma confusão dos diabos, mas se tu olhares para aqui nós temos mais área no terreno do que o satélite mede, porquê? Porque temos a montanha desta maneira. Se for medido em plano, não... porque a medida correcta no caso

de tu comprares 100 m² é claro que tem que ser medido numa base de uma superfície plana, que é assim que é feita uma conta de matemática... mas neste caso da pastagem não, porque sendo um cume já tens mais área do que aquela base plana não é, porque está assim, tens pastagem de uma lado e do outro. Mesmo que retires a pedra não é, o resto da área ainda compõe o que falta. Tu se olhares lá para cima não vês vegetação por aquelas pedras fora?

AL: claro, sim, sim, sim

TE1: e é isso, foi esse ponto que lhes fizemos ver em conjunto com o engenheiro do parque e a engenheira Sandra e as outras associações que se envolveram, que mesmo retirando as rochas, como isto são cumes, ainda se mantém a área necessária para a candidatura

TE1: foi onde nós passámos agora foi ali, só vim aqui para te mostrar este pinhal, estás a ver isto, está tudo feito

AL: sim... foi antes das chuvas?

TE1: foi... quem está na frente disto, tem de saber que quando chegar o mês de setembro, tem de pagar a alguém para fazer este trabalho, não vai estar à espera que venha a chuva para estragar tudo, ao início de setembro já isto tem de estar organizado, já tem de ter as pessoas para fazer este trabalho, como uma protecção

AL: vocês contrataram pessoas também ou?

TE1: sim, sim, pagámos ao dia

AL: e é malta local que trabalha para vocês?

TE1: sim, sim

AL: da Ermida mesmo?

TE1: sim

AL: e também na...

TE1: passam recibos verdes

AL: e na questão das limpezas também é malta aqui da zona?

TE1: convidamos pessoas de fora e é a que fizer mais barato

AL: pois

TE1: é baseado em hectare, se temos aqui seis hectares para roçar, fazemos o documento, chamamo-los a todos, o que fizer mais barato... por vezes é os daqui, por vezes são os de fora... existe amizades nestes casos

AL: pois, exacto

TE1: para nós é bom, quanto mais barato melhor

estavas a falar-me da associação, que associação é que é?

TE1: temos aqui uma associação ligada ao turismo, à promoção turística, uma associaçãozita

AL: ah, é mesmo só ligada à promoção turística?

TE1: sim

AL: não tem outros fins?

TE1: não

AL: como é que se chama?

TE1: ATACE

AL: ATACE? O que é que quer dizer? Associação...

TE1: associação turística não sei quê da Ermida, já nem sei, deixa-me pensar, a t a c e... associação turística...

AL: da aldeia...

TE1: da aldeia comunitária da Ermida, é mais ou menos isso

AL: ok

TE1: é que eu lido com tanto documento que até

AL: vocês têm contabilidade organizada?

TE1: temos

AL: têm uma pessoa de fora que faz a contabilidade

TE1: um contabilista

AL: está bem, e essa associação é antiga ou recente?

TE1: tem para aí 8 anos

AL: o que é que tem feito?

TE1: vai fazendo uns eventozitos, umas festazitas, participa naquelas corridas que vai havendo por aqui, do Carlos Sá e não sei quê

AL: já ouvi falar

TE1: participa na elaboração dos trilhos em colaboração connosco, por exemplo este PR 14 já foi feito no tempo dos outros, mas foi com o parecer dos outros, dos antigos, não é? Eles

têm que nos perguntar se podem passar no percurso ou não, depois em colaboração, pronto, resolve-se. Vamos fazer outro trilho ali mais pequeno que este para 5 ou 6 horas, para 4 horas mais ou menos

AL: isso é outra coisa que vocês fazem, dá trabalho mas não ganham nada com isso?

TE1: não... eu não! Eu olha...

AL: ah já está

TE1: vou só aqui mostrar-te um trilho que nós fizemos

AL: bora, bora. Pois lá está, atraí pessoas, as pessoas gastam dinheiro nas coisas locais, como tu disseste

TE1: mas eu também não tenho negócio turístico nenhum

AL: pois, exacto, não é de ti não é, não é para ti directamente

[saímos do carro]

TE1: se for para a aldeia e alguém na aldeia ganhar dinheiro com isso e não precisar de ir embora para estar por aqui melhor ainda

AL: pois, claro, é isso, acaba por ser bom para todos, lá está... mas essa associação não é das mesmas pessoas, ou seja, tu não fazes parte por exemplo?

TE1: eu por exemplo não, mas há pessoas que fazem parte, dos baldios que fazem parte.

Rio Caldo: TR1

AL: está bem. E investem na reflorestação? Após retirar

TR1: investimos, investimos, neste momento olhe, fizemos plantação de à volta de 10 000 árvores, fizemos uma plantação de carvalhos em colaboração com a Quercus, que estão muito bonitos, uma parte lá em cima no miradouro de São Bento... fizemos mais duas plantações, uma de também à volta de 4000 árvores, também carvalhos, cedros e... também com a Quercus, e depois nossa mesmo, foi com a ajuda do engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Tomás que nos arranhou aí bastantes árvores e fizemos outra plantação noutra parte, tudo à nossa custa, essa plantação

Vilar da Veiga: TV1

TV1: Mas esta parte foi a que gerou muitas das confusões por isto: porque os baldios foi uma coisa que prontos, foi formada a partir de 1976, e prontos, mas foi muito as pessoas da altura, de idade, que prontos, que conheciam os montes e que sabiam disto tudo mas que... havia um problema com eles, é que pronto, eram pessoas de idade que tinham todas as influências, por exemplo da igreja, tinham todas essas influências, e as influências é que, e aí é que se estragou muito dinheiro, é que por exemplo é que tinham... portanto, as assembleias ainda hoje não conseguimos fazer nenhum sem ser ao fim da missa, se quisermos marcar uma para a tarde ou para a noite não aparece ninguém, têm que ser

todas no final da missa. Depois têm que ser todas muito rápidas e mesmo que haja um problema grave para resolver nas assembleias tem que ser tudo muito a correr porque portanto... praticamente vão só mulheres, e depois têm que ir a correr para ir fazer o almoço e depois não sei quê, e tem esse problema todo. Ora estas coisas todas deu azo realmente a estas desconfianças e a estas obrigаторiedades de apresentar contas, quer dizer, de haver uma contabilidade, as pessoas usavam os cargos sem saber bem portanto, naquela... em rigor da lei o que é a assembleia, o que é o CD, o que é o conselho fiscal, quais são os poderes de cada, portanto não... entendem aquilo à maneira deles só, e depois foi como lhe disse, foi a diferença de se fazer por exemplo... de abater por abater, na altura não havia incêndios, mas abater árvores para arranjar dinheiro para as obras da igreja. Portanto tudo foi gasto nos adros da igreja, portanto um padre vinha fazer assim, o outro vinha e queria fazer diferente, depois queriam o dinheiro e depois andavam sempre naquelas coisas todas, e as pessoas eram sempre aquelas depois ao por em assembleia as pessoas da igreja, o padre aconselhava as pessoas a irem à assembleia e porque era preciso dinheiro para isto, ou seja, sei lá, nós temos aqui o exemplo em Vilar da Veiga que os últimos quatro padres que vieram para aqui alteraram todos a residência, portanto um quis a residência em madeira e o outro, ela era em pedra, um quis em madeira...

AL: ah, a residência casa! Pensava que era morada

TV1: a residência casa! A casa deles. Quer dizer, tinham uma adega, porque antigamente os direitos paroquiais eram pagos com géneros não é, portanto o lavrador tinha de dar um cântaro de vinho, dois cântaros de vinho e mais assim uma rasa de milho, essas coisas, o centeio ou não sei quê... e o padre tinha de ter uma adega para guardar essas coisas, porque ele não podia vender, porque as pessoas iam lá levar-lhe essas coisas, depois deixaram de... prontos, deixou de se ter milho, deixou de se ter cereais e vinhos e então passaram a dar um dia de trabalho, pagar um dia de trabalho. Pagar um dia de trabalho então davam-lhe em dinheiro aquilo que eles ganhavam. Quer dizer que havia a adega mas o padre por exemplo tinha lá a adega com os barris que era de por o vinho e aquelas coisas todas, quis por tudo para fora e portanto quis por tudo, era tudo em pedram, quis por tudo em madeira. Depois veio o outro a seguir tirou tudo para fora e quis tudo outra vez em pedra, depois veio outro e quis em madeira

AL: e quem é que paga isso?

TV1: eram os baldios. Depois eles só dizem que é para fazer, depois propõe-se, o povo é que levanta o dinheiro “sim senhor, sim senhor”, e portanto gastaram-se milhares e milhares e milhares de contos em obras... imagina que era logo naquela igreja ali e que era assim, depois no fim diz que a obra não ficou bem-feita é preciso fazer outra vez, prontos, e agora houve realmente essa coisa em que houve desconfiança, dos pinheiros, que foram gastos e que não foram justificados, quer dizer não foram justificados porque não houve... não há nada escrito aquilo que apareceu e tal.

AL: e usaram sempre a mesma equipa de sapadores cada ano...

TV1: portanto, eles faziam com essa equipa de sapadores também, de Rio Caldo. Portanto, s pagavam 2000 e qualquer coisa ficavam com 20 000 e ... de lucro, e portanto depois

gastaram foi aí nessas coisas mal gastas. Entretanto eu fui realmente, um ano depois, não me recordo, e que teve realmente esse lucro, mas depois de seguida apareceu a equipa de sapadores de Vilar da Veiga, ou seja, o que é que nós temos? Nós temos que pagar por trimestre um valor à ADEFM pelos sapadores, e quer dizer que esse dinheiro das ITI é contabilizado no fundo para pagar aos sapadores. Ou seja, os sapadores tinham aquele plano ali para fazer das ITI's, não é? Prontos, iam fazendo aquele plano, e depois iam trabalhando na mesma para o baldio, sem planos, na altura também não havia projectos, depois conseguimos um projecto também de 40 e qualquer coisa hectares. Mas quer dizer, a soma dos 20, por exemplo nestas

AL: um projecto para plantação...?

TV1: plantação e limpeza e tudo. Nós fazíamos parte... por exemplo, no plano de actividades, no plano de actividades quer dizer que por exemplo os sapadores custam aos baldios cerca de 37000 Euros por ano, não é, são 9500 de 3 em 3 meses, e portanto lá está, por exemplo, no plano e orçamento da equipa de sapadores, que eu faço à parte do baldio, da gestão do baldio... desta equipa de sapadores que custa 37000 Euros, a gente já previa os 22 000 das ITI's, para pagar aos sapadores, não é... e depois mais os serviços particulares que eles façam calculados em não sei quanto, e os sapadores acabam por custar

AL: vocês recebem e eles só recebem salário... não é?

TV1: exactamente, ou seja, nós tínhamos de pagar à ADEFM³⁵ 9500 de três em três meses, portanto o dinheiro das ITI que era por exemplo 24000 Euros, não é... portanto, eles executavam aquela limpeza que estava programada e depois andavam a trabalhar para o baldio, portanto, desses 24 000 Euros que nós recebíamos das ITI eles recebiam aquele e mais, andavam a trabalhar sempre para o baldio, portanto esse dinheiro dava para lhes pagar e dava para uma parte do orçamento. E depois, por exemplo, se eles fizessem uma coutada para um particular, que fizessem 1500 Euros, depois mais mil, e mais... de serviços particulares, no final do ano... eu posso dizer que até este ano eu nunca paguei nada aos sapadores, ou seja, o baldio nunca teve despesa com os sapadores, foi sempre esse dinheiro que vinha das ITI... mas que era de trabalhos feitos

AL: pesca desportiva também, provavelmente não?

TV1: não, também não temos nada, no baldio não tem muito a ver com a pesca

AL: está bem... eu só lhe perguntava agora... quando é que a barragem foi feita?

TV1: em (19)58

AL: ah, foi ainda antes da de Vilarinho

TV1: sim, a de Vilarinho foi em 1972

³⁵ Associação de Defesa da Floresta do Minho

AL: sim, acho que foi lá para o fim dos anos 1960, início dos anos 1970

TV1: foi em 1972. Esta creio que encheu em 1959, portanto feita... eu já não me recorda já... recorda-me só dela cheia. Também nasci em 1959, mas parece-me que encheu em 1959, portanto terá sido feita mais cedo... não é que tivesse muita coisa para fazer porque isto só havia que fazer aquele paredão lá em baixo, que estão a fazer outra vez, estão a fazer uma saída de emergência, portanto um túnel de emergência ao lado da água...por causa da água não é, porque aquilo há uns anos esteve muito, portanto esteve numa situação difícil que ali a barragem não estava feita a esquadro, então houve um certo desmazelo...

AL: mas estava a subir a quota demasiado?

TV1: não estava a subir, subiu...

AL: subiu o quê? Transbordou?

TV1: para não transbordar foram camiões e camiões e camiões de TIR com sacas de cimento para porem na passagem em cima do...

AL: em cima do paredão? Iiiich

TV1: foi... e aqui, eu por exemplo, estou aqui baixo [fala da experiencia que teve ali há uns anos de como a água lhe trepou o restaurante]. Quando a barragem está no máximo fico muito resvés. E depois aqui atrás tem também um ribeiro que vem das águas do monte, mas isto já havia antes, eu já sabia, antes de fazer a casa já eu sabia que aquilo vinha. E a água em vez de entrar no aqueduto vinha para aqui. E eu depois cheguei “aquilo está entupido” e tal... quer dizer água por todo o lado

AL: e como é que fez? Desviou?

TV1: não fez nada... não fez nada. Depois quando cheguei ali à estrada tive de me chegar para trás porque a água estava a chegar à estrada, a água da barragem

AL: ah, e aquele...

TV1: não podia sair

AL: ah, está bem, mas este também lhe traz problemas mesmo quando a barragem não...

TV1: não, não, só trouxe naquele dia [continua um pouco mais nesta história]. A água [da barragem] subiu mais para aí... 20 metros. [...] quer dizer, não podia abrir mais do que aquilo... [as comportas, digo eu], quer dizer, até podia reduzir o efeito se abrisse mais só que Barcelos e coiso levavam com tudo

AL: Barcelos? Não disse Barcelos pois não?

TV1: Barcelos sim

AL: acha que a água chegava a ...

TV1: ai chega, levava tudo, depois vai para Esposende não é? Para Fão, esta barragem vai desaguar a Fão...

AL: ah, então lá também terá subido assim

TV1: pois, quer dizer, ela aqui não podia despejar mais do que isto por causa das outras povoações vizinhas, não podia... quer dizer, não podia abrir as comportas mais, senão aquilo era uma desgraça por aí abaixo. Por isso é que agora, as obras que estão a fazer, eu até pensei que fosse por causa do desaproveitamento da água que sai do paredão para fora, quando sai para depois produzir outra vez energia... porque esta parte aqui, por exemplo este túnel aqui, esta conduta aqui, portanto que era... só trazia água de Vilarinho para aqui, portanto só trazia água para aqui. E agora já pronto, depois daí fizeram-se obras e agora já leva e traz. Portanto, quando traz está a produzir energia, quando traz a água e quando leva a água... portanto eles fazem a trasfega de uma barragem para a outra, de água, quando não está, uma tem mais a outra tem menos, e ... portanto isto já existia para trazerem a água de lá para cá e agora já fizeram obras que traz para cá e leva para lá também a produzir, e eu pensei que ali fosse igual. Mas não, ali em baixo é, para o lado do paredão, portanto fora do paredão, fizeram portanto um túnel fora, para em caso de emergência abrir aquela... ou seja, não deixar chegar... porque as comportas estão lá no alto, não é? E portanto só quando a água estiver lá perto, só quando chegar lá é que começa a descarregar, e então ali estão a fazer mais fundo, porque se às vezes houver assim algum *volte-face* na meteorologia ou assim, abrir já pelo fundo para o lado, não deixar que... se for preciso, se se souber que vai vir muita chuva, é preciso deixar a água chegar àquele ponto para ela começar a descarregar, e depois se é muita aquele descarregar pode não chegar porque não podem abrir aquilo mais para não prejudicar as outras povoações, e assim neste caso, se por exemplo se prevê que vai haver muita água, eles começam já a tirá-la por um lado, não é, pelo túnel, [repete a ideia da construção que está a ocorrer]. [...] já vi duas vezes a barragem despejada...

AL: por falta de chuva?

TV1: não, para fazer [?] *Não se entende*

AL: vê-se ainda restos da aldeia por baixo?

TV1: tudo, tudo, tudo

AL: deve ser um momento altamente turístico

TV1: quer dizer agora no ultimo, a ultima também já não se via assim muito bem porque na primeira foi assim uma coisa que ninguém teve muito cuidado, porque esvaziaram e não deixaram... quer dizer, não deixaram nada não, não proibiram nada, foi tudo assim à [?] *Não se entende* e conforme foi [?] *Não se entende* olha era tudo a agarrar pedras com tractores, fizeram-se muros para aí com pedra

AL: para quê? Não percebi, desculpe

TV1: portanto, a barragem despejou, não é, e depois não houve nada que proibisse as pessoas de ir às pedras, porque lá em baixo ainda estavam as casas. As casas na altura, houve pessoas na altura, aquelas pessoas antigas que achavam que podiam com tudo não

é, que nem saíram das casas, a água estava a entrar e eles não saiam. E portanto como não saíam as casas ficaram, não se mexeram sequer... intactas. Não lhe mexeram. E depois quando se despejou a primeira vez toda a gente aproveitou para ir... uns para negócio, começaram a escangalhar aquelas casas todas, a tirar com os tractores, e ainda os caminhos eram fracos, mas a tirar para os tractores, quer dizer, tiraram tudo

AL: isso foi há quanto tempo?

TVf1: ah, isto já vai há muito tempo... para aí há mais de 20 anos. Vai, vai, vai, vai há 30 pelo menos, eu tenho isto já aqui há 20... vai, vai há 30 anos para aí. Quer dizer que foi, via-se o cemitério, a igreja, as casas, aquelas casas dos lavradores com aquelas pedras todas, pedras, mesas enormíssimas, e depois as pessoas, quer dizer, uns tinham tractores, montaram para lá umas gruas... e ainda não havia as máquinas que há hoje, porque então, se houvesse aquelas gruas de pegar então é que aquilo era uma... portanto, aquilo era tudo mais ao ferro, e tudo em cima, e traziam mais duas ou três carroças daquilo por dia, mas aquilo esteve para aí dois meses assim e danificaram tudo. E depois da 2ª vez já quiseram proibir, mesmo as areias e as pedras mas já estava tudo estragado, ninguém se precaveu para aquela... para aquele acidente, no fundo aquilo foi um acidente que ali aconteceu, porque desfazer ali casas para fazer muros ou para ter ali um tipo qualquer no monte para vender, foi mesmo, era uma coisa que não se devia ter feito, mas aconteceu

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: e houve muita luta anti-barragem ou não?

TVf1: não, olha, contra os serviços florestais a gente lutou ao máximo e conseguimos ganhar tudo, contra a barragem... conformamo-nos, uns com os outros e com a situação... não há nada a fazer, olha, o que não há nada a fazer está feito conformamo-nos, uns com os outros e com a situação... não há nada a fazer, olha, o que não há nada a fazer está feito [*? Não se entende*]... porque nem sequer nos fizeram um caminho para a gente trazer as nossas coisas... eu tenho aqui uma fotografia, que está também lá no museu, nós a fazermos o próprio caminho para sair de Vilarinho, para irem lá os camiões pela primeira vez... ninguém o fez... ainda fizeram o primeiro troço e depois embirraram... “se não fazem vocês fazemos nós”... e fizemos. Eu tirei fotografias, e também trabalhei... trabalhei lá

AL: incrível... quantas pessoas lá viviam?

TVf1: éramos à volta de 250 pessoas, digo à volta porquê, porque havia quem estivesse em Lisboa e depois ia lá de férias, e havia muitos emigrantes para aí e tal

AL: ainda eram bastantes

TVf1: é... eu passo para aqui [para o livro] as coisinhas todas, quem é que lá estava em permanência, quem era emigrante, quem não era, e como é que lá iam, e essas coisas todas

AL: mas portanto, as pessoas agora dispersaram-se por aí

TVf1: estava aqui à procura exactamente do mapa de dispersão, dispersaram-se assim num raio de 50 quilómetros mais ou menos em torno da barragem. Alguns foram para

Barcelos, outros foram para Viana do Castelo, outros foram para Ponte de Lima, outros vieram para... olhe, as capelas de Vilarinho

AL: ah, que vieram

TVf1: esta por acaso não foi, mas depois acabou por ser trazida, mas depois já foi para as fundações do museu, mas isto deu uma guerra do arco-da-velha... nós fomos amaldiçoados pelo Estado, que nos deu cabo da terra, e fomos ameaçados de excomunhão pelo padre lá da terra, por causa desta capela

AL: então mas se ia ficar debaixo de água...

TVf1: pois, ia... só que a companhia dava 190 contos pela... também já tinha trazido a outra capelinha para a nossa Senhora da Conceição, lá no Campo do Gerês estava já a igreja paroquial, não justificava trazer mais outra capela, que é maior que a igreja paroquial. Eu só trouxe o torreão e trouxe o sino, o sino o raio do padre deu para outro sítio qualquer, mas o torreão manteve-se de Vilarinho [...]. Mas [*? Não se entende*] 190 contos... só que o padre lá da terra um dia diz “ah, agora vou de férias e tal, a companhia quer dar aquele dinheiro por causa da capela que fica debaixo de água, e então eu comecei a fazer umas obras lá na igreja paroquial, acho que o melhor será o dinheiro ficar por minha conta e lá da comissão fabriqueira, para nós gerirmos”. Ah, a malta ficou logo chateada e disse mesmo isso, claro que quando disse que decidia uma coisa assim sem conversar com o pessoal, lhe disse logo que não “se tivesse conversado a gente até dizia que sim”. Pronto, eu cheguei lá de férias, em agosto, e disseram-me que tinham que escrever uma carta para o senhor arcebispo, na altura foi... foi exactamente a 24 de agosto de 1969... e lá foi o zelador, que era o juiz, e mais um grupo. O senhor arcebispo na altura até era o Dom António Ribeiro, que depois veio a ser cardeal de Lisboa, que era o auxiliar [...] chega lá o padre fica todo danado

AL: então o dinheiro que lhes davam das ITI não era suficiente para fazerem as limpezas?

TVf1: fica mais ou menos ela por ela

AL: não sobra?

TVf1: sobra nuns anos mas falta noutros, então nós gastámos 70000, logo já não chegou. Quando gastámos 10000 ou 20000 é conforme. O Carlos Pinto é que nos escolhe as áreas e nós temos de fazer

AL: e vocês fazem com uma empresa a quem pagam?

TVf1: sim, claro. É a associação florestal do cavado, trabalho bem com eles. Ainda agora mandou-me o orçamento para fazer limpezas lá de uma área que fica por aí por uns 12 mil e tal Euros, e ainda não recebemos nada disso. Se é pelo que recebemos este ano, só nos depositaram 7000 Euros

AL: isso já é agora os Apoios Zonais, que mudou agora com o novo PDR

TVf1: não sei se estes 7000 Euros não são ainda do anterior, mas vá lá que ainda temos dinheiro para isso, vá lá, vá lá. Já recebi o orçamento e agora espero que me façam aquilo, tenho de fazer até meados de Abril por causa dos prazos.

AL: mas é a associação florestal do Cávado que vos faz as candidaturas?

TVf1: é ela e o Carlos Pinto e também quando temos que fazer também nos fazem as declarações de numero de cabeças, mas cismou que nós tínhamos que apresentar o relatório de contas e eu aí mandei-lhe o relatório de contas que apresentei na assembleia, não, era... o registo... o registo de movimentos de contas. E eu mandei-lhe o que apresentámos na assembleia, as contas, receitas, os gastos “ah, não é isso, é os movimentos de contas, o movimento contabilístico”. Eu já não sabia como havia de despachar a senhora, lá do IFAP, e então pedi lá ao nosso TOC, por acaso temos sorte ele faz-nos aquilo de borla, normalmente paga-se bem, mas ele como é descendente de um individuo que nasceu em Vilarinho... por acaso ele já é neto... e ele lá ficou um bocado chateado comigo mas lá resolveu o problema eu vi mais ou menos como é que ele fez aquilo, e por acaso, como eu até sou administrador do condomínio, adaptei aquilo à Furna, oh, agora já não há problema nenhum, já sei as manias

AL: sim, nos baldios tenho visto que muitos contratam um contabilista para fazer isso, porque têm que apresentar contas por causa dos projectos etc., e

TVf1: claro... nós aqui fazemos tudo internamente, algumas coisas faço-as eu e depois mando para ele para fazer a declaração oficial. Os subsídios não contam para os impostos

AL: pois, mas depois os ganhos das madeiras e assim também entram não?

TVf1: ah, faz de conta que é um donativo

AL: [RISOS]

TVf1: não tem nada que rir porque até é verdade, estas últimas madeiras que vieram até eram mesmo um donativo, é daquelas que nós gerimos mas são da EDP

AL: como?

TVf1: aqueles bocados que a EDP nos deu para gerir, num contrato que vale até ao dia 31 de dezembro de 2052, eles só podiam dar como exploração, porque eles têm uma concessão, não têm a propriedade, por isso é que não podiam fazer um contrato de compra e venda. Quando acabar a concessão, pode continuar a mesma empresa, ou pode ser outra empresa qualquer, ou até a empresa pode mudar de nome. Portanto no fundo é um donativo que nos deram [RISOS]

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o baldio recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valoriza-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos por uma taxa nossa

AL: e a presença do ICNF é presente ou ... a presença é presente

MeC1: para estorvar é

(RISOS)

MeC1: é presente para estorvar

AL: mas em termos de cooperação, vocês estão em cogestão não estão?

MeC1: estamos

AL: e qual é a cogestão que eles fazem, ou como cooperam ...?

MeC1: é o que eu lhe estou a dizer, é estorvar

AL: é?

MeC1: é, nitidamente estão completamente desfasados da realidade, não fazem ideia do que é que se passa no terreno

AL: não andam por lá, não contactam...

MeC1: andam, para estorvarem (RISOS). Andar andam muito a passear, eu vejo-os lá várias vezes

AL: não há muita colaboração mesmo, entre

MeC1: há alguma mas há pouca. Há aquela colaboração que tem mesmo de existir, emitir um parecer... eu também concordo que o ICNF tem poucos meios, muito poucos, isso também é um facto, mas depois eles também colaboraram... melhorou agora um bocadinho, desde que se juntou o ICNB e a AFN

AL: ai melhorou? Já ouvi dizer isso também

MeC1: melhorou bastante, antes com o ICNB era mais complicado. E eu conheço um bocado essa realidade porque faço parte da direcção do clube de caça e pesca e já há uns anos e aí eu notei nitidamente que na caça e na pesca que houve uma melhoria incrível

AL: são menos...

MeC1: são objectivos, pragmáticos, se é preciso decidir alguma coisa vai-se ao terreno e decide-se e não se tomam decisões no gabinete assim... e depois são objectivos nos pareceres. Porque quando ainda estava no ICNB os pareceres deles divagavam um bocado e agora não, são mais... há um contra por causa disto e disto... são mais claros.

AL: ok, ainda bem

MeC1: os pareceres não são subjectivos... nem podem ser, só que antigamente eram. Porque se uma pessoa diz que não pode existir determinada actividade por causa de uma espécie que está lá, mas tem de dizer qual é a espécie e qual é o mal que a caça aqui vai fazer à espécie, não é dizer "ah, não por causa disto". Isso não é nada

AL: pois, isso é mais uma posição de proibição da caça e acabou. Bom, então alguma coisa mudou para melhor

MeC1: não, isso sim, desde que houve essa junção

Castro Laboreiro: MeC2

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? Sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: ai é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a serio? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

MeC2: [...] depois há aqui um problema de gestão do baldio

AL: pois, já ouvi dizer que houve umas situações, não sei o que foi mas já ouvi dizer isso

MeC2: porque os baldios, como tudo na vida, não é... os baldios começam agora a ser para as pessoas se promoverem, para se resolverem situações políticas, para uma série de coisas menos para

AL: pois

MeC2: pois... e daí às vezes acontece, isto é quase como em todas as situações, eu digo sempre aos colegas e tal, e aos tipos lá do ministério e tal, neste momento vive mais gente à custa da agricultura do que propriamente agricultores, você se somar as pessoas que

estão nesses partidos, as pessoas que estão nas associações todas, que na maior parte dos casos as pessoas que lá estão à frente não têm nada a ver com a agricultura, por isso repare, isso é um sem numero de pessoas que... e quem é que paga isso? São os tais subsídios que o agricultor recebe. Há 20 anos por exemplo, há 20 anos... ou vamos fazer hoje, comparamos aqui nós aqui com a vizinha Galiza, eu nasce-me um vitelo tenho que gastar 17 Euros, assim que o vitelo nasce tenho que gastar 17, para quê? Para por um brinco e para ser inscrito no livro de nascimentos de, no livro genealógico da raça e para fazer o saneamento de uma vaca tenho que gastar pelo menos 12 Euros por ano, um galego não gasta nada disso.

AL: então?

MeC2: o próprio Estado é que financia isso tudo. Nós não, porquê? Porque quem faz essas coisas são essas associações todas que estão aí, enquanto que na Galiza quem faz é o Ministério, são os serviços do ministério, não é, nós temos aqui os indivíduos do ministério a não fazer nada, mais ou menos, grosso modo, e depois estão a receber um ordenado, praticamente, eles próprios dizem, há muitos que estão rigorosamente sentados a uma secretária sem fazer nada, e depois temos que nós, que o agricultor, tem que retirar subsídio a que teve direito para pagar essas... entendes?

AL: mas isso é engraçado, porque nesta coisa dos baldios, das ITI e não sei quê, é tudo muito bonito e tal, mas se as pessoas dos baldios, e não estou a falar de si, que até é relativamente jovem e tem estudos e não sei quê, mas a maior parte das pessoas que estão nos baldios não são assim não é, têm sempre que recorrer a uma associação qualquer à qual têm que pagar para se poderem candidatar às ITI, porque sozinhas não conseguiriam. Portanto aquilo está direccionado já para se criar uma rede...

MeC2: é, é isso, a própria agricultura no nosso país está assim. A CAP (RISOS) não há duvidas que tem poder não é, a sede da CAP em Bruxelas parece que é uma coisa de um luxo extraordinário, enquanto que o que é que é o nosso país em termos agrícolas quando comparado com a Alemanha ou França ou Holanda ou assim? No entanto eles lá têm o último grito da moda (RISOS). Quem diz a CAP diz outras, a CNA, quer dizer a CNA é mais humilde, pronto, mas a CONFAGRI, toda essa...

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: então e por exemplo, vocês têm outro tipo de utilizadores do baldio? tipo turistas, associativa de caça, de pesca, que utilizem o baldio

MeL1: há a associativa de caça há

MeL2: utiliza o baldio sim

MeL1: mas não pagam nada

AL: não pagam nada

MeL1: não, não. Nadinha... utilizam, que até têm aí um campo debaixo, como quem vai para o São Bento, do lado direito, tem um campo de treino, não sei quantos hectares que eles têm

MeL2: é, a tal associativa de caça

Z³⁶: 43 hectares

AL: mas é do baldio que usam?

MeL1: não, não, do campo de treino

MeL2: é para treinar os cães

AL: ok. Então mas não contribuem em nada, sei lá, para limpezas do baldio?

MeL2: nada, nada, nada

AL: nem vos passa isso pela cabeça?

MeL1: quando faz falta limpar vem um de noite com um isqueiro, para o outro dia está tudo limpinho

AL: para a caça também fazem isso ou é para os pastores?

MeL1: não digo que o façam para isso, mas feito é. Este ano aqui, para o outro daquele lado, para o outro do outro lado, tudo em volta. Enquanto não chega dentro da aldeia

MeL2: estes malandros é assim. Infelizmente há por todo o país, mas

AL: se calhar até o próprio Carlos Pinto vos sabe dizer. Vocês não têm nenhuma associação que vos ajude na candidatura à ITI ou aos AZ. Não?

MeL2: é o Carlos Pinto

AL: é o Carlos Pinto que vos ajuda... então ele há-de saber

MeL1: ou a Sandra, engenheira florestal

AL: ah, vocês são associados da Atlântica?

MeL2: ainda não estamos associados, estivemos a conversar com ela e a organizar isso tudo para entrar aí nesse terreno, mas ainda não estamos associados. Mas de certeza que vai ficar, que vamos ficar associados a ela não é. Porque ela sempre vai, vai estar sempre mais ocupada que nós, dentro dos assuntos que vão saindo

EU – subsídios

Cabril: MCa1

³⁶ Um senhor que apareceu como cliente que pelos vistos é caçador.

MCa1: (...) aqui para esta zona que é o fojo do lobo. Isto aqui já é a zona do fojo, e foi recuperado agora, foi uma obra que nós recuperámos há 2 meses sensivelmente

AL: essas recuperações são feitas com dinheiro das ITI?

MCa1: não, neste caso foi um projecto financiado pelo PRODER. As ITI é outra coisa

AL: é que ontem estava a ler sobre as ITI e percebi que também era para estas questões de recuperação, sei lá, do património, ligado às actividades, tipo pastoreio...

MCa1: sim, pastoreio sim. Este é um projecto denominado INP, investimentos não produtivos.

AL: eu pensava que isso fazia parte das ITI

MCa1: não, não, não, isso são programas [segundos de vento] quadro comunitário

Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois..e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira??

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma descriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao cabo acaba por ser

um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nós temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

AL: considerando o baldio todo e a área forrageira toda do baldio...

MCa1: exactamente! A questão é a limitação e a dificuldade está mesmo aí, porque nós não podemos ceder mais do que 490 hectares para efeitos de candidatura dos agricultores para... com baldio. Isto pode ter um impacto muito superior, negativamente, para toda esta gente que vive da agricultura e da pastorícia... essa é que é a questão...

AL: então, a ver se eu percebi. Isso que me disse eu percebi. Sim. Agora vou-lhe dizer o que eu tinha percebido... pelo que eu percebi há um x dinheiro que entra no baldio anualmente como bolo para se gastar...

MCa1: certo, mas isso ao certo ainda ninguém sabe como vai ficar...

AL: aaah. Então não é aí que estão a mexer então... o que eles estão a mexer agora ao definirem áreas forrageiras...

MCa1: o que eles mexeram foi na área elegível para cedência aos agricultores. Agora em termos de ITI ainda ninguém sabe como é que isto vai ficar... digo eu! Eu pelo menos não sei... (RISOS) espero que pelo menos quem mande saiba o que anda a fazer, o que às vezes também me parece que não sabem... porque isto, quando os cortes são feitos dentro de um gabinete no terreiro do paço raramente correm bem porque dizer “ah esta área não presta, isto não presta para pastoreio”, esquecem-se por exemplo que as cabras, que é uma parte importante aqui da agricultura. Dão-se muito bem e gostam desta zona de rocha, gostam da zona... basta que ver no nosso baldio existem cerca de 1000 cabras bravas, bravas, selvagens, que foi o próprio parque que as soltou... não é?! E depois a área que eles cortaram a 100% é a área em que elas se dão maravilhosamente bem e que estão a crescer de uma forma exponencial, ou seja há aqui um contrassenso muito grande, não é? Se não presta, se aquilo é deserto, se é só pedra, então elas crescem do quê? Será que comem pedra? Não é? E aqui na serra está o sistema de veraneio em que os animais sobem todos para a serra alta e que não vêm sequer cá abaixo, ficam lá 6 meses, que é ótimo para os agricultores porque fica a custo zero

AL: eles não ficam lá não é? Deixam-nas lá e depois hão-de ir lá buscá-las

MCa1: exactamente, vão lá amiúde, com muita frequência ver os animais, mas dormir lá não vão, não ficam lá ao pé delas, preferem vir dormir com a mulher, e eu também acho que é melhor

AL: (RISOS)

MCa1: (RISOS) eu também acho que é melhor, entre dormir com vacas e dormir com a mulher eu também acho que preferia dormir com a mulher (RISOS). Mas pronto... mas o gado anda mais ou menos acompanhado porque andam todos os dias pastores na serra, e sabem, conhecem os animais de cada um, e quando algum tem algum problema eles ligam “olha, tens aqui a tua vaca, tem este problema, ou pariu, ou qualquer coisa assim”

AL: e esses pastores quando andam na serra vão e vêm ou...

MCa1: vão e vêm...

AL: as vezeiras já não existem aqui?

MCa1: aqui já não existe vezeira há cerca de 40 anos, já há muito tempo...

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sítio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: tou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: [olhando para as fotografias] ah, tao grande, pensei que era uma coisa pequenina. Bom, isso não parece nada um iglô...

MCa1: não, ali aquela é que é a pequenina

AL: ah, parece, parece! Ok, estava a olhar para aquela

MCa1: pois. E esta foi a que fizemos de novo... tinha lá uma velha com placa de cimento e, estava muito mal... com uma aparência fraca e deitámos aquela abaixo e fizemos outra, fizemos este parquezinho aqui à volta, com mesas

AL: he lá isto assim até dá gosto ir pastar. Posso ver outra vez... mas pera lá, isto é uma casa ou é uma árvore? Agora já estou a ficar confusa...

MCa1: aquilo é a cabana, é a tal cabana. A casa de banho, metida no meio das pedras... passa bem despercebida, só tem mesmo a sanita, não tem mais nada, aqui fizemos uma churrasqueira, com sítio para cozinhar aqui, com água. Isto aqui é a parte do dormitório, para quem quiser lá ficar, para os turistas, para quem quiser, para quem andar por aí, quem quiser lá dormir...

AL: mas está a porta aberta?

MCa1: está a porta aberta, isto é tudo de porta aberta. Agora vou lhe mostrar a cabana, quando formos lá... a cabana foi mesmo arranjada por nós

AL: é uma só que está viável não é? Imagino que haja várias, das vezeiras e assim

MCa1: sim, há muitas, só ali em Lagoas do Marinho, que é esta zona

AL: é o nome da zona?

MCa1: é o nome da zona... tem para aí meia dúzia delas, quase em cada curral, curral são aquelas áreas vedadas que antes as pessoas semeavam lá centeio, no tempo da fome

AL: ai era? Semeavam lá centeio, mas isso não era onde as pessoas punham os animais?

MCa1: era, mas estava vedado. E como era pastoreado tudo avezeirado, andava lá um pastor todos os dias, ele guardava os animais.

AL: mas plantava-se centeio ao mesmo tempo?

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois poe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chão mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, está bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

AL: [...] No outro dia estava a ver um documentário que na Galiza acontece um bocado... acho que as coisas são parecidas não são?

MCa1: sim

AL: com aqui em termos de baldios... então eles estavam a dizer que, estavam a entrevistar precisamente um pastor e ele dizia “eu não quero que o meu filho seja pastor, isto é muito duro e não dá rendimento nenhum”

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: da muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 Euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos kgs?

MCa1: 5 kgs, o ideal, 5-6 kgs no máximo

AL: 60 Euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 Euros cada um

AL. Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: não, Parada é o mesmo CD de Outeiro

AL: ok

MCe1: são as duas aldeias e nós as outras duas... é igual, os CD, isto também, os CD já não têm bem a mesma essência do que era antigamente. Porque antigamente o fito era mesmo para gerir... 90% dos CD que existem foi para... nasceram porquê? Foi porque as Juntas tinham um determinado peso e são eleitas politicamente e quando às vezes acontecia uma eleição ao contrário formava-se um CD com a outra facção

AL aaaah. Então é político...?

MCe1: acaba por ser, acaba por haver aqui uma mistura, porquê... porque depois a Junta gere o dinheiro do FE

AL: do? Desculpe?

MCe1: do FE... do Governo, que vem lá...

AL: fundo qualquer coisa...?

MCe1: é... e os CD acaba, por gerir as receitas dos baldios. Hoje há baldios que gerem muita mais receita do que gerem as Juntas, às vezes mais, e foi para haver aqui... portanto, já não é aquela ingenuidade... está a perceber? que havia antigamente quando eles foram formados. Há aqui uma evolução um bocado...

AL: pois, pois... então há baldios muito jovens? Baldios não, CD...

MCe1: a maior parte, 80% daqui tem 10 anos, como o nosso e outros

AL: são de 2000 e tal já...

MCe1: sim... portanto a existência deles já não é bem a mesma com que existiu aqui há 30 anos atrás

AL: pois, bom, é um acompanhar dos tempos (RISOS)

MCe1: é um acompanhar dos tempos, só que depois mistura-se aqui muitas coisas que ???, não é?

AL: pois, já percebi que sim, há uma grande confusão entre Junta e... pelo menos para mim há uma grande confusão, entre Junta de Freguesia e assembleia de compartes

MCe1: por acaso no nosso não há, no nosso o que é que fazemos? Ainda ontem passei um cheque para arranjar uma capela, pronto... mas há uma boa sintonia entre os membros da Junta e o CD, e complementam-se, nós se a Junta precisar para ali põe-se lá o dinheiro... mas conheço alguns que é uma rivalidade enorme

AL: ah, sim, quando há rivalidade então a confusão ainda é maior. Mas eu agora estava a dizer mesmo qual é o limite... qual é a fronteira entre Junta de Freguesia e compartes...

MCe1: ah, isso aí pois... isso aí sim... não, freguesia e compartes não pode haver

AL: não, entre a instituição Junta de Freguesia e a instituição assembleia de compartes ou conselho directivo (CD)...

MCe1: ah, onde é que devem aplicar ou não devem aplicar...

AL: não, qual é a separação, porque muitas vezes... já me aconteceu estar a entrevistar o presidente do CD que também é presidente da Junta, ou o presidente da assembleia de compartes também é presidente da Junta, por exemplo... então às vezes para mim é um bocado “então vá, mas isto é daqui, aquilo é dali...” – RISOS

MCe1: a melhor coisa que... prontos, o ideal é Junta e CD estarem em sintonia e as receitas serem aplicadas em benefício do povo, tanto um como o outro o objectivo é esse, não é? Então, para que é que há... agora dizer “ai, vai gastar ali...” então, há receitas, vamos gastar no quê? A beneficiar o povo... e depois as prioridades, arranjar as prioridades...

AL: pois, pois

MCe1: é a melhor solução

AL: ali em Outeiro e não sei quê, eu também tinha percebido que o CD se tinha formado, portanto o segundo que entretanto foi formado, que eu agora não sei se foi primeiro o de Outeiro se foi primeiro o de Cela e Sirvozelo...

MCe1: foi primeiro o de Outeiro, até fui eu que o formei

AL em Outeiro? Aaaah, sim?

MCe1: foi em 2000... foi por causa

AL: das ITI, não?

MCe1: não era as ITI, por causa dos sapadores florestais

AL: aaaah

MCe1: daquelas equipas

AL: sim

MCe1: foi por causa disso que foram formados... fomos buscar o carro, aquela carrinha para eles andarem a fazer limpezas...

AL: então até aí era como? Até você ter formado o de Outeiro, até aí era como a gestão? Agora já estou confusa outra vez...

MCe1: até ali não havia nenhum, era a Junta não havia CD na freguesia de Outeiro...

AL: então o baldio não se tinha ainda entregue às pessoas... não se tinham ainda organizado

MCe1: era... só que a diferença era, não havendo organização como CD era a Junta, é a mesma coisa... que gere o baldio

AL há tipo um acordo tácito a...

MCe1: é igual! É exactamente a mesma coisa, como há aqui neste momento, há Juntas que não têm CD, por exemplo Viade de Baixo, é uma freguesia grande e quem está a gerir é a Junta... mas gere a mesma coisa como se fosse o CD, é igual, distribui o baldio, como é agora para as candidaturas, até é ela que faz os caminhos, é igual, as receitas se as houver vão para a Junta, que eu acabo por... às vezes até achar que isto havia de mudar, agora uma mudança maior nesta questão dos baldios

AL: acha que devia ser como?

MCe1: na constituição... acho que devia de mudar... acho que... quando está uma freguesia com 10 aldeias há 10 CD's...

AL: pois, não tinha de ser assim, mas é assim que acontece...

MCe1: não tinha de ser assim... havia de ser... está-se aqui a desvirtuar um bocado já...depois é para fazer guerra àquele porque senão aquele... depois é assim, as pessoas... o problema é que, no nosso caso porque é foi feito... constituído o CD? Éramos... somos 4 aldeias, nestas 4 aldeias geralmente o que é que se fazia? Quando era para candidatar à Junta metia-se um elemento de cada aldeia e mais ou menos estava representada... dessa vez não meteram ninguém de Cela e Sirvozelo

AL: aaaah

MCe1: e eu sabi... à partida sabíamos que não nos iam lá fazer nada, como nós tínhamos alguma receita, o que é que fizemos, procurámos constituir aqui o CD para salvaguardarmos algum, porque senão eles ainda por cima iam buscar a receita e ainda gastavam no lado deles

AL: pois...

MCe1: é o tal desvirtuamento do que é o CD...

AL: pois... eu tinha percebido que o de Cela e Sirvozelo se tinha criado... como é que era... Outeiro tinha cavalos... e então não queriam candidatar-se logo às ITI's... acho que era isto

MCe1: mas isso já existia... pronto, não foi bem por aí, isso foi mais tarde quando apareceram as ITI, mas quando as ITI apareceram o CD já existia...

AL: ai já existia...

MCe1: já! Depois aproveitámos foi essa situação, mas aí, prontos, aí era um problema interno porque em Outeiro havia pessoas que tinham muitos cavalos e eles mediante o encabeçamento que tinham de cavalos não podiam e era difícil fazer lá os agricultores desistirem dos cavalos, porque eles estavam a ganhar subsídios não é? Ora bem, como não

puderam nós fizemos... isso foi uma parceria que nós fizemos com os de Parada... que nós temos algumas... depois em termos de ITI não é para a divisão, mas em termos de ITI como nós precisávamos de encabeçamento de vacas nós fizemos uma parceria com os de Parada para eles, portanto inscreviam as vacas na nossa área e nós depois fazíamos ali um acordo, foi por aí, mas o CD já existia, o CD foi criado precisamente por causa de eles não terem metido elementos do nosso lado...

AL: e porque é que não meteram?

MCe1: oh, isto é rivalidades políticas, eles não meteram porquê... se calhar isso é fácil de entender, porque se sabiam que iam meter lá um elemento mas não tinham uma mais valia em termos de votos, portanto é as tais...

AL: é as tais politiquices que agora andam associadas ao baldio

MCe1: portanto, eu sinceramente... já criei dois mas acho que devia de haver aqui uma coisa mais bem pensada...

AL: tem alguma pista do que é que acha que era melhor?

MCe1: oh, não, tinha de ser explorado, não sei

AL: pois, pois, pois

S. tinha de ser... para já exigir no mínimo... sei lá... pelo menos o mínimo de compartes, porque senão também, isto entra... meia dúzia fazem um CD

AL: e às tantas até pode ser uma família só ou...

MCe1: pois... quer dizer... pode acontecer muita coisa... não é?

AL: sim, sim

MCe1: não sei... agora, não sei, tem que ser pensado bem os prós e os contras, porque... se não houver o mínimo de coiso, ser a Junta... opa, ou pensar isto também de outra maneira e serem as Juntas também a gerir se calhar... porque as Juntas, ao fim e ao cabo também são... não sei, tem de ser bem pensado.. mas isto acho que há aqui uma lacuna grande...

AL: o ideal era isto ter montes de gente outra vez, virem para cá montes de jovens, trabalhar na agricultura...

MCe1: era é trazer para aqui brasileiros e brasileiras (RISOS)

AL: já não digo nada...

MCe1: não sei, não está fácil, porque... é muito difícil gerir isto

AL: pois... alterou muito a área [forrageira] lá [no baldio de Cela e Sirvozelo]?

MCe1: ui! Nós somos montanha e alta montanha, temos muita rocha, floresta não foi o que prejudicou mais, temos muita rocha e... pronto, foi por aí, foi o que nos cortaram, através

da fotointerpretação, uma fotografia a 500 metros de altitude, aquilo parece tudo cinzento, tudo rocha, basta olharmos para o *google*, o que é que se vê? Vê-se rochas. Claro, eles não vieram ao terreno, eu sou topógrafo, mais ou menos entendo disto, e não vieram para o terreno, claro... e há aqui uma contradição deles, então eles cortaram 100% do alto da serra do Gerês, a 100% praticamente... e quando se corta a 100% é a mesma coisa que dizer, bom, isto é um deserto, nada vive aqui, mas o próprio governo entrou numa contradição, foi lá que ele foi colocar as cabras (?), e por consequência elas desenvolveram-se a um ritmo alucinante, já vão mais de 1000 cabras, ora conclusão, aquilo tem algum valor, mas para o governo sim senhor... aquilo é bom e era o único sítio, podiam-nas por no Alentejo, era o único sítio, foi o melhor sítio para as colocar, mas para os agricultores aqui dão zero

AL: exactamente

MCe1: quer dizer, eu acho que aqui que... agora, eu também compreendo que isto às vezes há erros, agora, se vierem sentar-se à mesa, vir para o terreno, fazer uma equipa, com a associação dos baldios e as câmaras, arranjam técnicos profissionais de fotointerpretação, para poderem se sentar e falarem a mesma linguagem, não é? E irem ao terreno e verem, porque todos sabemos que a alta montanha tem muita... se calhar é o melhor sítio por exemplo para pequenos ruminantes e para outras coisas, agora cortarem aquilo também assim a zeros parece-me que foi forçado, mas...

AL: pois... isso foi um investimento da parte de quem? Essa iniciativa veio de quem?

MCe1: do IFAP... foram os técnicos de IFAP que... não, bom, acho que a medida vem da comunidade Europeia, vem de fora, tinha de haver uma redução... é evidente que eu concordo com essa redução, porque há sítios, por exemplo, onde estavam metidas até as barragens, noutros estavam os penedos, tudo bem... agora cortarem até 90% é demais... o que é que se havia? Havia de se ajustar essa parte para o terreno, quer dizer... esse exemplo que eu dou, cortaram 100% e vivem lá 1000 animais ou... portanto, não podia ser 100% à partida não é? Senão também morriam lá

AL: pois, claro... e quantos... vocês têm muito gado lá na vossa aldeia?

MCe1: temos... ora bem, nós agora o que fizemos... na freguesia havia dois CD, como havia dois CD o nosso foi o menos penalizado, ficou com 150 hectares, e o de Outeiro e Parada portanto, ficaram com 50... eu quando vi aquela realidade... e depois é assim, a realidade deles... eles tinham 400 vacas e nós temos 100, como hipótese, conclusão, eles tinham 50 hectares e 400 vacas e nós tínhamos 150 hectares e 100 vacas, ou 100 animais, ora, o que é que acontece, peguei, fui ter com eles "olha, a melhor coisa que fazemos é: juntamos o bolo todo e distribuímos como depois a assembleia decidir"

AL: então, só para eu perceber... os animais foram a candidatura... os animais não! Os agricultores, foram a candidatura (RISOS) com o seu número de animais para a área dos dois baldios?

MCe1: sim, ficámos com a área dos dois baldios...

AL: Cela e Sirvozelo?

MCe1: Cela e... não! Cela e Sirvozelo e Outeiro... porque na freguesia há dois CD

AL: ok, Cela e Sirvozelo e Outeiro

MCe1: há... essa freguesia tem, tinha, tem à volta de 4000 hectares, é assim, cada CD tem à volta de 2000, houve uma redução de 80, num de 80, noutra de 90... pronto, por aí. O CD de Cela e Sirvozelo ficou com 150 hectares e o de Outeiro ficou com 50, só que o concelho (CD) de Outeiro tem 3 ou 4 vezes mais vacas do que Cela e Sirvozelo, e nós tínhamos mais hectares, não fazia sentido não é? Com mais terreno e com menos gado... então o que é que eu fiz? Fui ter com eles e disse-lhes “olha, a melhor coisa é juntarmos o bolo, os hectares, e distribuir para não haver ... senão entrávamos aqui num choque grande”, porque eles não têm... assim pronto, isso pelo menos ...

AL: então a candidatura foi em nome dos hectares de todos juntos... hmm, isto não está bem dito... eu sei

MCe1: não é bem a candidatura, eles depois vão fazer as candidaturas, e nós, o que é que fizemos, juntámos o bolo dos hectares todos e atribuímos a todos igual

AL: ah, está bem, sim

MCe1: portanto, os de Cela e Sirvozelo ficaram com os mesmos de Outeiro e Parada, cada agricultor... pronto, foi por aí

AL: pois... não, e esse tipo de cortes , isto agora é a minha opinião pessoal, esse tipo de cortes da área forrageira e tal que as pessoas depois não têm direito aos subsídios e assim, também não fomenta nada a vinda dos jovens de volta para as aldeias, não é... a partir do momento em que não conseguem fazer

MCe1: mas lá está, pronto...isto... os subsídios são muito bons e tudo o mais, mas nós também nos habituamos aqui a um sistema de subsidiodependência e isto não nos leva a lado nenhum, porquê? Porque uma empresa que nasce a pensar nisso... o problema é que as empresas nascem a pensar nisso, quando a empresa nasce a pensar nisso não tem sustentabilidade, porque amanhã termina, a empresa morreu... não é? Portanto, eu acho que devia ser por objectivos, por produção, os próprios subsídios... se produz, sim senhor... opa, produzes x kgs de carne, de boas qualidades, biológica ou não biológica, essas coisas... tudo bem, era um incentivo ao crescimento e à qualidade... agora dar subsídios por exemplo, como até ali... 40 hectares de terreno que se dava, porque nós tínhamos para ali hectares, iam buscar o subsídio, para aí de 10 000 Euros, para o FPD ou lá como é que era...

AL: hmm, eu não vou lá com siglas (RISOS)

MCe1: é o coiso lá do... a alínea lá do subsídio, um jovem que tivesse 40 hectares ia logo buscar 10 000 Euros... pronto... quer dizer... tudo bem, mas não incentiva a produção. Portanto a meu ver os subsídios haviam de ser atribuídos à produção. E à qualidade, não é... não é só produzir, produzir e depois a qualidade do coiso... senão tornamo-nos aqui subsídio-dependentes, e eu acho que isso não é futuro para ninguém

AL: sim, isso é verdade, eu até perguntei às tantas lá... porque precisamente não percebo, não estou tao dentro da realidade e... então perguntei a um dos compartes com quem entretanto falei, se não houvesse subsídios se as pessoas conseguiam continuar a produzir...

MCe1: pára tudo

AL: ... animais, e ele deu a entender que não era rentável, que não ia ser atraente...

MCe1: pára tudo! Mas então o que estamos aqui a fazer? Se amanhã pararem morre tudo de uma vez... está mal... não é...

AL: pois... volta tudo aos períodos de subsistência, foi o que ele disse, então mas nesse caso votávamos todos para trás e voltávamos a viver sem electricidade, sem água canalizada (RISOS)

MCe1: não, mas o que devíamos... havíamos de nos organizar de outra maneira, até por exemplo, se calhar haver cooperativas, bem estruturadas, porque não é essa a ideia que temos, pelo menos aqui no concelho, de cooperativas, que aqui é tudo um desastre, vai tudo por água abaixo... a qualificarem o produto e a colocá-lo no mercado... e as pessoas saberem que tinham o produto vendido e saber mais ou menos o preço que... pronto, dentro daquela variação... era por aí, porque nós temos sítio para fazer qualidade, melhor se calhar do que muitos outros lugares, agora, precisamos do quê? Alguém... precisamos de... para já as pessoas aqui não são muito de fazer cooperativismo e de fazer essas coisas não é... mas se nos unirmos.. por exemplo nós temos aqui o cabrito... mas não está devidamente explorado. Uma cooperativa por exemplo podia ter, fazer essa questão por exemplo nas aldeias, “opa, vamos arranjar...” até se arranja um funcionário público... por exemplo, ter 100 cabras ou 200 cabras, é um problema grande para um jovem agricultor porque tem de lá estar amarrado todos os dias... não é? Não pode sair, não tem férias, não tem nada, pá, mas se se criasse aqui em determinadas aldeias... porque já havia antigamente, a questão da vezeira, mas se eles agora não se entendem, as próprias cooperativas se arranjam aqui um coiso, se calhar até criarem aqui no meio um funcionário ou dois, pá, e ser gerido assim, e a pessoa tem direito a um fim de semana... porque também... não é? Também concordo que um jovem estando amarrado ali toda a vida, nem férias, nem fim de semana, nem para nada, também desincentiva logo as pessoas a irem embora não é? Agora se tivesse, se isto fosse pensado ou gerido desta maneira... eu acho que...

AL: e como é que se podia...

MCe1: só para mim eu acho que é através de cooperativas, associações... apostar no marketing e na imagem do produto, diversificar o produto porque também não podemos viver só com um produto, pode aquele não dar... por exemplo, nós temos o mel, temos tantas coisas não é? E o ser retirado... criar a imagem para os produtos e depois eu acho que a qualidade está vendida... parece-me a mim

AL: sim, sim. Pois...

MCe1: eu sou produtor, comecei a produzir mel para aí há 3 ou 4 anos, e quer dizer, não há mel para... se tivesse 100 toneladas estavam vendidas... e tenho o mel biológico e... agora,

portanto, eu acho que é o que falta aqui mas... qualquer coisa é as pessoas unirem-se e falta o cérebro, ou falta gente

AL: mais, mais... não falo de si mas em muitos baldios as pessoas que estão à frente são assim mais velhas, então às vezes se calhar falta também, isto estou eu a dizer, é a minha opinião pessoal, a falta de jovens nas aldeias também não contribui muito para isto, sei lá jovens que vão para fora e não voltam

MCe1: mas podiam as próprias instituições locais, por exemplo as câmaras... não é? Podiam dar uma mão, só que as câmaras, o que é que fazem? Só olham para a parte política também... não interessa nada.. epa, estão virados para os votos e para as festas e para as 6as feiras 13 e para isso tudo

Agora, esta questão, o produto só... a maneira de dar a volta a uma região destas é só a meu ver por aí, por exemplo, porque não criar uma coisa comunitária, por exemplo, o estábulo para as cabras, uma hipótese, você tinha lá por exemplo uma quota de por exemplo 20 cabras, ia lá dois dias ou três, ou quatro ou cinco ou seis, não é... eu tinha 50, o outro tinha 10, pá, mas aquilo estar perfeito, estar funcional, com pouco... o mínimo de trabalho possível para coiso, com as condições... as pessoas acabavam por aderir

AL: isso a nível municipal ou a nível do baldio?

MCe1: não pode ser muito pequeno, municipal também não, pode ser por exemplo...

AL: um grupo de baldios...

MCe1: uma aldeia grande, por exemplo, uma hipótese, Paredes... Paredes já... já comporta... quem diz Paredes, Covelães... Travassos... ou então reunirem-se duas, não é? Não sei... é um estudo que tinha de se fazer, os gastos e os..., também ver o potencial de cada aldeia, não adianta apostar por exemplo numa aldeia que já tem pessoas acima dos 70 anos

AL: pois, pois

MCe1: é o que pelo menos... até podia começar como uma experiência piloto, para ver-se as coisas... para mostrar, porque às vezes só vendo, o do lado, só vendo, nós aqui somos muito... não temos formação, não temos ao lado para ver o que é que está... e depois temos medo então seguimos sempre a rotina anterior, mas se houvesse um projecto piloto numa determinada aldeia neste sentido acho que as pessoas amanhã podiam. Pa, vamos copiar aquele... aquele.. penso que era uma solução... para a região, para a região, estou a falar agora para assegurar a região... porque isto vai acabar, isto vai acabar, eu tenho dois filhos e não vai cá ficar nenhum, um já está na Alemanha e o outro está para sair se calhar daqui a um ano, está a acabar engenharia civil e de certeza que depois vai embora, portanto...

AL: pois

MCe1: é assim, isto porquê? Porque vê-se que... eu não concordo, essa... eu tenho medo dos subsídios, os subsídios são um contributo, aquilo é a maravilha, cai ali, não dá trabalho nenhum, logo se acaba de repente... não é?

AL: pois.... sim, a mim também me faz um bocado de confusão esta dependência dos subsídios

MCe1: são bons, pronto, ajudam

AL: depois há cortes destes e as pessoas ficam “e agora?”, não é? E...

MCe1: mas eles podem acabar de um momento para o outro

AL: pois, exacto

MCe1: claro, as pessoas têm fé que não, não é... mas eu sei lá, nós conhecemos tanta coisa, a união Europeia pode desmoronar... e depois quem é que dá os subsídios?

AL: não... e mesmo, é uma sensação de estarem constantemente dependentes, algo que não eram, até certa altura...

MCe1: e acaba por não ser um motor de desenvolvimento

AL: pois...pois. quer dizer, actualmente, lá está, pelo que eu tenho percebido, ou como já disse até o Simão, actualmente são entradas de dinheiro extremamente importantes para as comunidades locais, não é?

MCe1: são, fora de dúvida, mas podia ser à prod... em vez de ser assim directo ser à produção

AL: sim, sim, sim, sim, essa é uma das críticas...

MCe1: porque incentivava... por exemplo, eu sou produtor de vacas, o que é que eu estou a ver, eles pagam à cabeça os animais, o subsídio... ora, conclusão, o que é que interessa, o que interessa é ter número de cabeças

AL: sim

MCe1: se você tiver 50 cabeças... se calhar não tem condições para ter 10, os animais estão a morrer à fome há muito... só isso... não tem, aqui não tem, e depois era haver uma fiscalização muito mais... quer dizer, se as pessoas... e depois prendem-nos em cercas alguns e... sem condições, depois não querem, para ficarem com mais dinheiro dão-lhes pouco de comer, os animais depois ainda por cima, são raças autóctones que o... a produção da carne não lhe interessa, porque à partida aquilo já era, só lhes interessa o subsídio, porque ainda por cima é raça autóctone, é majorada com mais um subsídio, ainda vão buscar mais por cada cabeça 160 Euros, quer dizer, se tiverem muitas cabeças, independentemente se estiverem gordas ou se...

AL: se estiverem gordas ou magras...

MCe1: é outra lacuna que... o IFAP até, que fiscaliza isso não está... havia de ver as condições dos animais, não é?

AL: pois, sim... e isso acontece?

MCe1: acontece, acontece... acontece! E o que se passará por aí por esse país, não sei...

AL: sim, por acaso uma das críticas que eu tenho lido às políticas da união Europeia, uma delas é essa, que os subsídios são dados... mas nem era à cabeça, eles lá, o que eles

criticavam... mas era à agricultura, na agricultura é a área, não tem a ver com a produção, tem a ver com a área...

MCe1: pois

AL: então as grandes propriedades ganham à grande e...

MCe1: mas isso... vamos lá a ver...isso também vamos...

AL: mas não têm que apresentar produção

MCe1: mas aí é que haviam de ter, que é a produção, mas aí tinham que apresentar... por exemplo, também não concordo que venham subsídios para os campos de golfe

AL: pois, não concordo também

MCe1: pois, mas dão, dão agroambientais para os campos de golfe, pelos vistos, eu também não tenho a certeza a 100% mas

AL: também não sabia, mas não concordo

MCe1: está errado

AL: também discordo plenamente

MCe1: vamos aqui por exemplo pôr... eu tenho aqui um campo de milho, candidatei-o ao subsídio, eu cheguei lá, lavei e plantei o milho, ele nasceu e depois não lhe ligo mais, nem vou schar o milho, nem lhe ponho herbicida, nem o rego nem lhe faço nada, eu não produzo nada, mas o subsídio é o mesmo

AL: pois...

MCe1: havia de ser ao contrário... “sim senhor, tens o milho, ora vamos lá ver ao fim, quanto é que produziste? Produzi 2 toneladas de milho”, prontos, está a perceber, então pagam-lhe 2 toneladas de milho... não é?

AL: sim

MCe1: devia ser por aí, agora se é... conclusão, não produziu nada, recebeu o subsídio e não se interessou pelo milho... que riqueza é que traz ao país? Não é? Nenhuma! Depois importamos milho...

AL: pois... sim, esses são os argumentos da CNA e da BALADI e mais não sei quê nas manifestações...

MCe1: é, é, é a guerra, pois... claro. Mas pro exemplo, aqui ao lado em Espanha acho que é diferente, eles é à produção, por isso é que depois vendem a batata a 5 cêntimos...

AL: há tanto produto espanhol aqui... no supermercado tenho de estar sempre com cuidado para não estar sempre a comprar espanhol, mas mesmo produtos feitos, tipo sabonetes, comida feita... mas pronto...

MCe1: eu também na minha opinião a região havia de ter mais formação, por exemplo, temos várias condições para o produto biológico, e isso também é uma mais-valia

AL: sim, sim

MCe1: que é... as pessoas não têm formação, nem têm obrigação de... coitadas, nasceram aqui, foram educadas, não têm... depois as instituições locais também não ajudam, isto tem de se ir para o terreno, é preciso ter técnicos, é preciso gastar dinheiro... enfim, isto não é só fazer reuniões e depois...

AL: pois, assim instituições como o secretariado dos baldios e assim, são importantes nesse sentido ou não?

MCe1: são, isso são, acho que sim, que são e têm feito algum, têm feito um bom trabalho, pelo menos há mais informação, a secção ali do parque está muito mais bem organizada do que estão os outros de fora, não é...

AL: isso através da tal organização dos baldios da Peneda-Gerês?

MCe1: sim, sim, sim, aí acho que pronto essas coisas estão... pronto, agora pode ser discutido, mais isto ou menos aquilo, mas tem sempre andado... essa parte estando unidas, estando... tendo uma linha mais ou menos definida, pronto, ter alguém a coordenar eu acho que isso está... havia era de haver outras coisas, seguirem o caminho, o exemplo desses

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1: é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1: e agora cortaram... deram para aí um.... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

AL: e o resto?

MCov1: o resto sei lá para onde foi...

AL: e o resto fica para quê?

MCov1: sei lá para quê... agora andam a fazer barulho para aí, já fizeram para ai umas reuniões. Eu até era para ir ali ao Gerês... lá para fazer, vinha lá um deputado do PSD, e

depois vinha lá um ministro e não sei que para fazerem barulho a ver se tornavam ao mesmo, a ver se davam. Nós tínhamos... aqui nós temos pouco gado e portanto o monte chega. Mas se for falar em... alguns tinham 40 hectares. O de Outeiro... e agora tiveram de dar só 4 hectares ao lavrador... quatro... se tem 20 vacas levou quatro, o que tem 50 levou quatro... não tem mais para lhe dar. Tiveram de dividir cada hectare. Ficaram só com 50 hectares... eles tinham para aí 2000 ou 3000 hectares... e depois vieram aí e diz que aquilo eram pedras, que não era pasto. Que era pedras, não sei quê, e que não era pasto. E depois cortaram-lhes, agora é...

AL: então se era pedras qual é o problema deles que as pessoas continuem a andar por lá... não faz sentido *(achava eu por esta altura que este corte se devia à conservação da natureza...)*

MCov1: lá na serra... aquilo, realmente nalguns sítios é mesmo pedra. Há muitas pedras em que o gado não pasta e aquilo está marcado e as pessoas iam receber dinheiro do fundo, do baldio... o baldio da dinheiro... o baldio da dinheiro! Eles vão buscar dinheiro ao baldio...

AL: quem?

MCov1: os lavradores. Os lavradores e tiverem 10 hectares recebem x, se tiverem 20 recebem mais, se tiverem 40 recebem mais...

AL: mas recebem de quem? Do baldio? Das ITI's?

MCov1: vão fazer os subsídios e vão receber essa importância... toca a cada hectare x

AL: mas isso não tem nada a ver com o baldio, ou tem? Ou seja, disse-me que o baldio dá dinheiro... percebi bem ou percebi mal?

MCov1: o baldio dá dinheiro que vem da ITI

AL: ah, já percebi. Então o baldio recebe x da ITI, e depois conforme o número de hectares de cada produtor, assim recebe dessa ITI *(não percebi)*

MCov1: depois dividimos aqueles que eles deixaram só aquele terreno *(após o corte de área)* para dividir pelos animais que têm

AL: pelo numero de cabeças...

MCov1: cabeças de gado

AL: ok

MCov1: mas isso depois cada um... se tiver 10 hectares já recebe mais que ...

AL: então não é só o número de cabeças, é também a área...

MCov1: é a área é... as cabeças recebem por uma parte, lá o subsídio... e depois vão tirar também lá do baldio

AL: o ITI?

MCov1: sim...

AL: ah. E aí é que entram os hectares...

MCov1: é...

AL. Ou seja, se eles contassem com zonas rochosas, mesmo que o gado não lá fosse, estavam a receber mais dinheiro

MCov1: estavam a receber mais

AL: por isso é que eles estão a cortar

MCov1: em Travassos... aqui tinha só um que tinha cento e não sei quantos hectares e outro tinha quase igual... e os outros pequenos tinham pouquinho. E eles aproveitavam, era uma porrada de dinheiro que entrava para eles e os outros nada. E aqui não, recebem quase todos o mesmo

AL. E quem é que decide os hectares de cada um?

MCov1: é o conselho directivo. Eu dividi por Covelães... em Paredes foi o, lá o.... Presidente do conselho directivo. Em Travassos foi o conselho directivo, todos...cada vaca x, dois hectares. Dividir dois hectares por cada vaca. Mas se não chegasse, o meu terreno não desse, se me tinham cortado mais área em que eu ficasse só com 30 a 40 hectares, só podia dar para aí meio hectare a cada um, o que aconteceu em Outeiro. O de Outeiro, agora só ficaram para aí com 50 hectares quando eles tinham para aí 3000, e agora eles têm bastante gado e agora sobra só um bocadinho a cada um

AL: igual para todos ou consoante o número de cabeças?

MCov1: a mim foi tudo igual, e às vezes dava mais um bocadinho a um, mais um bocado a outro, mas ... não sei se isso estará bem

AL: pois... eu não sei mas isso parece-me que estão a tentar corrigir abusos de alguns no passado. Com certeza houve muitos que abusaram dos subsídios e agora... para cortar isso cortam até nos que não merecem o corte...

MCov1: é! Porque agora há muitos a queixarem-se porque recebiam cento e tal hectares e agora só dão 5 ou 6 ou 7 hectares a cada e eles agora estão revoltados, lutam para que se volte aos mesmos hectares...

AL: então mas...

MCov1: cortaram muitos hectares! Nós temos... nós até tínhamos assim, segundo a engenheira Lúcia tínhamos 600 e tal e eles só nos deixaram 181. E agora temos de dividir esses... agora repararam que aquilo era só rochas e não sei que mais e só lhes deixaram 50 hectares

AL: aonde?

MCov1: o de Outeiro, Parada... 50 hectares não dá para depois o gado andar bem

Al: Então e agora como é que...

MCov1: agora em vez de terem 40 hectares ou 50, têm só meio hectare. O CD teve de dividir aquilo. Agora vamos ver se aquilo vai ficar ainda em águas de bacalhau, não sabemos porque ainda andam a tratar disso

AL: e você chegou a ir ao tal encontro no Gers onde estava o tal deputado?

MCov1: não. Não fui

AL: mas foi lá...

MCov1: fui chamado mas não fui

AL: alguém foi?

MCov1: foi, foram outros. Ia lá o presidente da câmara aqui do coiso, iam os lá de baixo, iam lá cinco presidentes da câmara e iam os conselhos directivos. Quem me telefonou foi o de Fafião... que era para irmos ao Gerês. Eu disse “ eu que vou lá fazer, eu estou bem, eu não me interessa”

AL: têm que se unir (RISOS)

MCov1: para o meu gado chega, porque nós só tínhamos... a nós dava... se eu tinha 5 vacas, ou sete, eu só tinha 5 hectares mas agora fiquei com 20, ainda fiquei com mais. E agora aquele que tinha 10 hectares passou a ter 20. Quando tivemos o nosso terreno dá para o gado, nós temos pouco gado. Agora se tivéssemos 500 vacas aqui, como tivemos antigamente isto já não dava nada e assim dá, temos menos gado temos mais hectares.

AL: mas se diminui a sua área de ITI vai receber menos dinheiro

MCov1: o CD é que vai receber menos

AL: pois, por isso se calhar devia ter ido ao Geres (RISOS). Deviam juntar-se todos nessa luta...

MCov1: oh, sei lá, isso ao fim se calhar não deve dar nada. Não dá nada porque já estão a dividir, já têm tudo dividido

AL. Então imagine que aqui em Covelães as ITI's baixam a um ponto tal que entra mesmo muito pouco dinheiro, como é que vocês... vocês não têm mais nenhuma fonte de rendimento ou têm...

MCov1: não, mas se não houver não fazemos o serviço, no lugar de ser limpo não é, nos temos de ter...o o CD tem de ter dinheiro para limpar o monte, se não tem dinheiro não se limpa, fica... agora vem depois o lume e limpa tudo. Depois é incêndios...

AL: mas vocês aqui não têm mais nenhuma forma de rendimento para além da ITI?

MCov1: não...

AL: o carvalhal também não vos dá dinheiro pois não?

MCov1: não, o carvalhal é só para o pessoal, embora que não podem cortar tudo, aquilo dá agora o que é é cada um cortar mas deixar o carvalho, os carvalhos... porque o Parque não quer...

AL: você há pouco disse-me que eram 400 e tal m2 era isso? O carvalhal?

MCov1: 400 metros como?

AL: qual é a área do carvalhal?

MCov1: não, o carvalhal... quer dizer, ao limpar fica quatro metros de planta para planta

AL: Ah, ok. Mas qual é assim a área toda do carvalhal?

MCov1: uns 400 hectares...

AL: Ah, hectares, pronto, foi aí, é que há bocado disse 400 mas depois não disse mais nada e eu fiquei a achar que seriam m2

MCov1: 400 hectares... que tem de carvalhal! 400 hectares. E o outro é que é só para pastar o gado e para roçar e para limpar com as máquinas para ficar o pasto para o gado. Temos uma parte que é carvalhal, para li já não é carvalhal, para ali é carvalhal, esta parte, temos uma parte para roçar, vai a companhia lá coiso e roça aquilo e desfaz o mato. E temos outra parte que é para a povoação trazer o tojo, o mato para as cortes, para os animais

AL: e a maior parte do vosso baldio é o quê?

MCov1: ...

AL: ou seja, o vosso baldo tem mil e tal hectares...

MCov1: mil e tal?...

AL: então não foi o que me disse há bocado, era quanto?

MCov1: ah, mil e tal, sim, sim, tem 1800 e tal, mas sim, com o de Paredes devemos ter mil e tal

AL: ah, 1800, tem quase 2000. Mas pronto, isso é o baldio...

MCov1: é, mas é com o carvalhal e tudo

AL: sim, então, de 1000 e tal hectares, mais não é..., 400 hectares é o carvalhal não é... e o resto é...

MCov1: já recebemos antigamente pelo carvalhal...

AL: já receberam?

MCov1: vieram aí mediram, não sei se eram do Parque, e depois deram 400 hectares de carvalhal. E depois davam-nos x

AL: Ai davam-vos dinheiro para manter o carvalhal?

MCov1: sim.

AL: e já não dão?

MCov1: agora deu a ITI e pronto, passou tudo... não sei é o mesmo se não é, devia ser... agora o ITI é que tomou conta...

AL: e o resto da área do baldio, que é mato para as pessoas irem lá buscar e que é mato para fazer a pastagem, é quanto?

MCov1: ai agora por hectares?

AL: sim... a maior parte é o quê? A maior parte é matos para as pessoas ou é matos para pastar?

MCov1: para pastar é quase metade do baldio fora do carvalhal. Se é 1000, são 500 para roçar e para limpar e são outros 500 para trazer o mato para o gado, para a cama dos animais. Agora tenho aí os animais, tenho ali em cima... agora são todos já na lama, como é que se diz aqui... estão sujos. Lama no mato, o rapaz foi buscar o mato, já o trouxe um bocado... depois faz as camas, bota-lhe um bocadinho de palha por cima, pronto, e lá estão enxutas

Fafião: MF1

AL: e vocês têm tido problemas... como é que aqui é estabelecido quem é que pode estar aqui, quem é que não pode usar o baldio, quem é que pode

MF1: normalmente aqui não aparece ninguém que não seja daqui. Até tínhamos aí uns senhores interessados em fazer aqui um projecto de cabras só que agora com a redução das áreas forrageiras deixou de se poder dar o baldio, deixou... reduziram muito e agora não temos hectares suficientes para dar, que isso em termos de RPU era muito favorável para quem se quisesse instalar e então...

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 Euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 Euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: ou seja, quando tu dizes que diminuiu a área forrageira, referes-te à área forrageira subsidiada, é isso? Ou seja, aquela que permite o acesso ao subsídio à produção...

MF1: sim, nós tínhamos... porque aí só nos interessa a forrageira, que é onde os animais pastam, e nós tínhamos penso que 590 hectares dessa área e passámos para 92...

AL: bolas!

MF1: dizem que... o IFAP... dizem que foi imposição da comunidade Europeia, já tivemos informações contraditórias, fizeram uma visualização fotográfica viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos, ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha onde eles dizem que ali não tem área forrageira, mantemos ali as cabras nessas zonas que eles dizem que não tem forrageira, mas pronto... está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui...

AL: mas é estranha essa forma de classificar o solo, faz mais sentido que as pessoas que o usam sejam consultadas... não sabia que isso tinha sido feito assim, através de fotografias aéreas...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: fogo! Mas nesses 50% a ideia é diminuir a área de produção de gado e aumentar a área de conservação da natureza, é isso?

MF1: o que me parece que eles estão a tentar fazer é dar mais a quem tem terrenos próprios. Tipo, no Alentejo as pessoas têm muitos hectares, nós aqui não temos nada, nós não podemos estar a ser avaliados da mesma forma que eles que estão no Alentejo, porque eles têm área e área e área. E nós aqui ou é o baldio, porque por exemplo as pessoas de manhã até põem as vaquinhas a pastar no campo, depois ao meio dia, da parte da tarde soltam-nas para o monte e elas comem, estão no baldio, também ajudam a limpar, e pronto, a manutenção dos animais não é feita só com a área deles, e é isso que eles não estão a ver bem, e se calhar não sabem, se calhar o melhor era virem aqui ao terreno e verem como é que isto efectivamente funciona e pronto, que não podem estar a avaliar isto como se fosse o Alentejo

AL: e aquela associação dos baldios do Gerês...

MF1: do Parque?

AL: sim, isso funciona?

MF1: é, também é a Lúcia que é a presidente e... funciona, funciona. Nós, aí com a Lúcia, penso que estamos muito bem servidos

AL: sim, acredito. Mas o que eu pergunto é se as funções que a associação e o secretariado dos baldios têm são completamente diferentes ou... isto é, eu não sabia que existia esta associação, só descobri agora há pouco tempo... mas não percebi o que é que a associação acrescenta em termos de trabalho aos baldios daqui desta zona uma vez que já se encontravam todos associados dentro do SBTMAD...

MF1: eu aí também, sou sincero, também não sei muito bem. Mas sei que quando é preciso aí nalgumas... tipo, quando é preciso aí um parecer ou um técnico, ou alguém que represente esta zona ou precisam que algum técnico seja chamado, é a Lúcia neste caso que representa a Associação de Baldios do Parque que é chamada

AL: então tu dirias que o que dá aqui mais rendimento ao baldio é a venda de madeira?

MF1: é. E as ITI's eram muito boas, eram muito boas para o baldio. Se não tivermos neste ano de 2015 essa receita, pronto, sabemos que alguma coisa normalmente será recebido... mas, se não tivermos essa receita, o balanço dos sapadores este ano que já não temos madeira para vender, porque acabou um corte do último que fizemos, já vai ser negativo e que se está assim 10 anos perdemos em 10 anos tipo 200 000 Euros e assim é complicado. Essa diferença dos sapadores faz-nos falta.

AL: as ITI's são no fundo uma compensação por vocês não poderem produzir naquelas zonas ou não?

MF1: uuuh. As ITI's só existem no Parque e são uma forma de... bem, eles no ICN dizem que é a nossa compensação por estarmos no Parque e não termos eólicas eram as ITI's. Agora se nos tiram as ITI's já não temos compensação nenhuma, não temos nada, é tudo mau

AL: e quando é que sabem qual é a área de ITI?

MF1: Acho que as candidaturas ainda não fecharam, estão a tentar prolongar o prazo e estão a tentar a ver se eles recuam nessa redução das áreas. E é o que temos andado a fazer com estas reuniões agora, com os presidentes das câmaras a puxarem também do nosso lado se calhar a coisa fica um bocadinho mais fácil

AL: e é só Fafião que está a sofrer com isso?

MF1: não, não, isso é todo o parque, todas as zonas que tem, todos os baldios que têm as ITI's estão a sofrer com isso. E neste caso serão... se não forem todos devem ser quase todos...

Outeiro: M01

AL: (...) isso é, pois, é aquilo das ITI ou das silvoambientais ou agroambientais...

M01: nós tínhamos, tivemos aqui já no início, há vários anos, mas depois aqui entre aldeias houve... as pessoas que tinham aí animais na serra e depois essas ITI exigiam que as pessoas tivessem uma zona de pastoreio em que eles andavam com o gado, a serra é grande e tinham de andar a guardá-los [...] que os garranos andavam mais nesta parte nossa... ele, o rapaz até estava connosco nesse dia, tentou ele, por intermédio do parque fazer um CD dos baldios das duas aldeias dele, estão anexadas à mesma freguesia, e continuam, mas ele fez o projecto, portanto eles já recebem o subsídio lá do IFADAP há vários anos. Nós no ano passado e este ano candidatámo-nos, que as burras recuaram nesta zona

AL: as quê?

M01: as éguas... nós chamamos-lhes as burras... e recuaram lá para a serra espanhola, e ardeu e elas assim... movimentaram-se aí para outras zonas e depois a Lúcia fez-nos a candidatura, portanto já recebemos o ano passado e este ano o subsídio para limpezas, para conservação dos caminhos e algum restante para fazermos algumas obrazinhas aqui também na aldeia, agora até andamos aqui a fazer uma casa mortuária com o sobejante das limpezas. Limpámos o ano passado 40 hectares, este ano 20, temos carvalhais e temos também outras candidaturas silvoambientais, temos também uma equipa de sapadores florestais a trabalhar diariamente aí

AL: aí é pelas ITI que eles estão cá?

M01: não, eles estão por, quando se formaram os conselhos directivos aqui na zona do Parque, cinco equipas de sapadores, Cabril tem uma, Fafião outra, aqui Outeiro tem outra, Covelães e Sezelhe tem outra e trabalham aí trabalho inteiro. Agora estão de prevenção aos incêndios, fora os incêndios fazem a conservação do caminho para a serra que temos um caminho que agora vai lá acima à serra não é, que é preciso conservá-lo, meter

manilhas, prepará-lo... e eles trabalham aí, agora estão de prevenção... quando não estão de prevenção fazem as limpezas nos carvalhais e roças de mato e aqueles hectares todos ...

AL: (RISOS) mas pronto, isso é o rendimento de cada produtor, mas eu digo assim o rendimento do baldio, portanto da gestão do próprio baldio, não necessariamente da sua família

MO1: não temos nada de recursos para ir buscar, dão-nos estes subsídios para limpar, e nós mantemos a equipa também através das florestas que nos dão 35000 Euros por ano

AL: e vocês também têm de dar um bocadinho não é?

MO1: e nós também temos de dar, para o restante não é, eles ganham 600 Euros, têm segurança social, têm seguro de acidentes de trabalho, têm isso tudo, agora até lhes deram um carro novo, foram levá-lo lá à Lousã para as equipas todas aqui, e eram 5.... Covelães não teve, não sei porque não teve, mas foram todos roubados [*? Não se entende*] os carros já tinham 15 anos não é... os carros andam aí no monte e lá o ministro da agricultura... até fomos receber os carros, deram-nos um carro novo. Também o seguro de 1000 Euros por ano e os 35000 Euros não chegam não é... nós com estes subsídios das ITI dá para fazer as limpezas, eles pagam por hectare mais ou menos à volta de 1000 Euros, a gente tenta negociar com as pessoas que limpam, é uma empresa que temos aqui que nos tem feito as limpezas, a AMBIFLORA

AL: a AMBIFLORA?

MO1: AMBIFLORA, são pessoas que chegam aí com as máquinas e com pessoal, põem tudo em dia, rápido! Os sapadores limpam a parte deles. Com esses subsídios a gente paga os ordenados à equipas e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro. Do outro lado não há, não é?

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: mas havia mais do que um CD? Ou havia um CD só para Cela, Sirvozel, Outeiro?

MO1: houve, depois quando veio essa coisa dos subsídios das ITI é que tínhamos que fazer um só, mas como aqui não fizeram e a lei deu a duas aldeias fazerem, que eles também têm área baldia não é, eles marcaram ali uma área e faz aquela e agora nós fizemos com o restante que ficou

MO1: não, eles só têm CD mas não têm equipa... a equipa é a nossa

AL: ah

MO1: é! Também fazia trabalhos lá, aqui e ali, nas duas aldeias

AL e faz?

MO1: e faz... agora não, agora para lá nem tem ido, porque ele recebeu o subsídio dele e nunca mais ligou à equipa

AL: dos sapadores?

MO1: sim, a equipa se não sou eu já não havia equipa

AL: ah, eles não estão a pagar para a equipa?

MO1: não!

AL: ah, deixaram de querer a equipa

MO1: deixaram de querer... e eu ainda disse ali ao Simão "pá, os sapadores estão em dificuldades, estão aos 2-3 meses sem receber e tu podias dar uma partezinha e eles faziam as limpezas que ele está a pagar a outros particulares...". "Ah, eu não quero nada com essa gente, não me entendo com eles". Lá tentou receber e administrar a parte dele e eu mantive a equipa, sempre, com dificuldade, mas mantive. O projecto da ADERE deixou-nos dinheiro, e depois eles esperavam por ele porque precisavam do emprego, esperavam aos 2-3 meses, e depois lá vinha outra verbazita, depois veio esta coisa e está aí...

AL: e só vocês é que estão a pagar? Vocês, o Parque...

MO1: é... o Parque dava, dava 10000 Euros para a equipa, agora que chegou o projecto das ITI já não dá o Parque, dá o ICNF

AL: ah, dá o ICN, que dá mais não é? Dá 30 e tal mil...

MO1: 35000 Euros

AL: e vocês estão a pagar quanto?

MO1: nós... nós... com estes subsídios pagamos tudo a mesma conta, o dinheiro cai na conta e dali sai para os sapadores, sai para as despesas e está a conta ainda com dinheiro

Paredes do Rio: MP1

AL: pois, e vocês nunca plantaram pinheiro?

MP1: não, não

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 Euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: RISOS

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaaaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1: pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1: ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1: e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1: é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1: o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1: mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: [...] então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo "ah, isto é meu! Não, isto não é teu..."

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruces feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruces feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruces para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

AL: ai é?

MP1: é

AL: no inverno também?

MP1: sim

AL: ah... ficam aqui ou vêm cá buscá-los todos os dias?

MP1: não, aqui foram sempre para a corte

AL: a corte é no meio do baldio?

MP1: não! Na aldeia, as cortes eram aquelas lojas que tinham debaixo de casa, antigamente era assim, debaixo de casa e ao lado, agora é que há os armazéns

AL: mas disse que era todo o ano no baldio

MP1: andam todo o ano no baldio mas dormem todo o ano em casa

AL: ok, ok... então eles não queriam tirar os cavalos e por isso não queriam aceder ao subsídio

MP1: pois, e por isso deixaram de receber da parte deles

MP1: aqui temos dentro da aldeia 9 moinhos

AL: ai é? Eu vi um, que está ali logo ao pé da igreja

MP1: temos 9

AL: E funcionam todos?

MP1: tudo, está tudo a funcionar

AL: foram vocês que os recuperaram?

MP1: recuperámos nós

MP1: isto é uma capela para os mortos... quando morrem vêm para ali. É a igreja... só há outra no concelho como essa, é das igrejas mais bonitas do concelho

AL: ai é? Qual é que é a outra?

MP1: a outra é em São Vicente

AL: São Vicente... não sei... da Chã? Não...

MP1: sim!

AL: ah, então é lá ao pé de mim... [boa tarde]

MP1: aqui é um forno comunitário, acolá... acolá... eu vou buscar a chave e vou-lhe mostrar

AL: é o quê?

MP1: chamam-lhe o pisão, era onde é que pisavam o burel, ainda não havia energia eléctrica na aldeia e acolá já faziam a luz eléctrica para aquela casa ali...

AL: ah... só para uma casa?

MP1: sim

AL: e a casa era de quem?

MP1: era do proprietário daquilo... agora aquilo comprou o parque...

AL: e era gerada como? Pisava-se o quê?

MP1: com a água, com a água que corre pela aldeia abaixo

AL: pois, a água corre pela aldeia abaixo, literalmente

MP1: essa água nasce aí

AL: ali?

MP1: não, essa... esta já vem de longe, já vem lá de cima de onde é o posto de vigia, daquelas lamas, essa é que nasce aí

Pincães: MPin1

AL: pois... e aqui no Parque vocês têm muitas limitações não é?

MPin1: pois, temos, temos... e agora tínhamos uma compensação que era as ITI, não sei se já ouviu falar

AL: sim

MPin1: este governo obrigou o IFAP a reduzir a área elegível do baldio, porque nós não tínhamos... o Parque existe há 40 anos, acho que é, e acontece que o decreto-lei que implementou o Parque sabe muito da realidade das populações só que as põe no papel, na

prática nunca existiram. E acontece que agora, desde 2007 para cá, primeiro chamaram-lhe plano zonal, depois mudaram-lhe de nome e agora chama-se ITI, intervenção territorial integrada da Peneda-Gerês, que é o nome

AL: ah, é a mesma coisa, plano zonal e ITI... ok, ok

MPin1: é, é... o Plano Zonal depois não funcionou, acho que as candidaturas foram ao ar, mas depois em 2007 vieram as ITI. E pronto, mas o que eu lhe queria mostrar é que a ITI é muito importante... eu sou florestal

AL: eu também!

MPin1: é? Também é engenheira florestal?

AL: tirei engenharia florestal no ISA, mas foi a licenciatura

MPin1: mas eu sou florestal, eu era mestre florestal.

AL: [...] e qual é a maior fonte de receita actual?

MPin1: é as ITI... porque dá para fazer limpezas, fizemos dois agroflorestais em 2005, depois a 3ª candidatura já não entrou a tempo, também não havia dinheiro no quadro comunitário, esperámos pelo Quadro Comunitário e já não saiu, tinha sido aquilo a 100%. Depois saiu a 60%, mas 60% já não há fundo de maneio para tal, para investir 40% não dá, e depois vieram as ITI e foi a salvação. A ITI tem áreas forrageiras e tem silvoambientais, as silvoambientais é que dá para proteger a floresta. E vamos ver o terreno

AL: sim, bora. Pois... eu vi lá no vosso texto, naquele texto vocês põem em causa alguns pontos da avaliação daquela comissão de valorização para os territórios comunitários e vocês lá dizem isso, que antes este tipo de projectos era financiado na totalidade a fundo perdido... mas eram projectos de quê?

MPin1: eram agroflorestal

AL: antes de existirem as ITI?

MPin1: antes

AL: e eram só para zonas protegidas ou eram para todos os baldios?

MPin1: uhh, acho que era só para aqui

AL: ok, porque as ITI tenho ideia que é mais para as zonas protegidas

MPin1: as ITI vieram com outra função mas depois também vieram as silvoambientais, que também posso mostrar aqui...

AL: mas as silvoambientais também são das ITI ou não? Estou um bocado confusa com isto

MPin1: também. As ITI tem os investimentos não produtivos

AL: exactamente, faz parte da ITI não é? Era a ideia que eu tinha

MPin1: sim, recuperação de fojos e... ainda agora fizemos aí por cima, gastámos 50 000 Euros... investimentos não produtivos, pagam 50 000 Euros

AL: pois, com o dinheiro das ITI? Fazem as coisas com o dinheiro das ITI

MPin1: para já pagamos nós, este ano ainda não recebemos

Pitões das Júnias: MPi1

AL: sim, sim... e essa questão da diminuição das áreas forrageiras, do ponto de vista de quem fez a avaliação, e do ponto de vista das consequências que poderá vir a ter, acha que vai ter impacto sobre o valor que recebem através das ITI?

MPi1: sim, vai haver dois impactos que vão acontecer... ao nível particular... porque o agricultor candidatava os seus terrenos particulares, mas também candidatava área forrageira para os encabeçamentos... ninguém nos tira o baldio, o baldio está aí, só que a questão em termos de candidatura às ajudas comunitárias, ela deixou de ser elegível... pronto. Obviamente que as pessoas não vão ser obrigadas a vender as vacas, não, não vão ser obrigadas porque a área continua na mesma, mas a questão aqui é em termos de candidaturas, em termos de subsídios comunitários... obviamente que houve uma redução da área forrageira para mais de metade em determinados baldios houve de 90 e quase 100%... nós aqui tivemos uma redução de 40%, mas... ou seja, houve a necessidade de redistribuição das áreas forrageiras novamente por todos os compartes

AL: ficou muito menos, pois...

MPi1: pronto, Pitões conseguiu ter área suficiente para todos os agricultores, conseguiu manter as áreas que estavam afectas aos projectos de jovens agricultores, mas noutras freguesias não... tão simples quanto isso...

AL: pois

MPi1: e nós... em termos de baldio, obviamente que sim porque a área também reduziu, enquanto por exemplo eu antes candidatava o baldio com 2600 hectares, agora só candidatei com 1300... obviamente que isso vai ter...

AL: isso para receber os tais dinheiros para gerir as áreas forrageiras e por aí, não é?

MPi1: exactamente

AL: pastagens

MPi1: exactamente, porque esse dinheiro era aplicado... porque o baldio tem um plano de gestão e anualmente compromete-se, estava comprometido a beneficiar x hectares de baldio, através do roço de mato. As áreas diferem de baldio para baldio, isto tem a ver com a própria dimensão do baldio, eu anualmente melhorava 20 hectares... perante um plano de gestão que nós, dada a carga... ao número de animais e de área que tenho e como consegui investir num tractor com destroçador, em media eu fazia roço de mato, beneficiação de pastagem, em cerca de 50 a 60 hectares...

AL: pois, é imenso

MPi1: tudo isto...o mato está mais curto... obviamente que é melhorado com o tractor do CD

AL: então acabam por não ter de recorrer a equipas internas...

MPi1: não, nós não recorremos a empresas, fazemos com o tractor, obviamente que tenho condições. Por exemplo pego num sapador e ele faz-me esse... ele utiliza o tractor, obviamente que tenho a despesa do gasóleo, tenho de o pagar não é...

AL: e tiveram que o comprar

MPi1: tivemos que o comprar, não é, investi nele, agora de que me adianta também ter um tractor se agora não tenho dinheiro para o combustível... não é?

AL: pois, pois

MPi1: isso vai trazer consequências, aumento de fogos por exemplo, nós conseguimos ter uma redução do número de incêndios, porquê? A esse melhoramento de pastagem anual não havia necessidade de queimar para renovação de pastagem. Obviamente que isso vai trazer todos esses problemas

MPi1: e aqui, e aqui... já estive com Mourilhe? Já estive com Sabuzedo? Já estive com Padroso?

AL: não... esses estão dentro do Parque?

MPi1: Rede Natura

AL: ah, não, esses não... eu Rede Natura não fui... aliás, por acaso foi engraçado, porque o Bento de Sezelhe, o senhor Bento, disse-me “ah, não, porque agora o Parque foi aumentado até à margem do Cávado” e eu fiquei um bocado confusa... “ai foi, isso já foi há quanto tempo e não sei quê”... entretanto por acaso um dia fui a Montalegre e por acaso meti conversa com a malta do Parque, que estão lá naquela lojinha, e eles disseram “não, não foi aumentado, isso é a Rede Natura”, ok... e aí é que tive a noção que também é área protegida mas não faz parte do parque, portanto eu desconhecia... mas não, esses não fui...

MPi1: mas esses também têm candidatura à ITI...

AL: ah, ok...

MPi1: nós tínhamos falado nisso

AL: sim, perguntou-me se eu queria os contactos da Rede Natura, pois foi... eu disse que sim e depois até pensei, bom, mas isso já virá depois... é que começo a perceber que se calhar seria interessante abordar também pessoal fora do parque porque começo a perceber que a realidade ca dentro é completamente diferente

MPi1: é, é, é, têm outra postura, outra...

AL: sim, e mesmo perante o baldio, não é, em termos de gestão e tudo o mais, têm outras possibilidades e outras dificuldades. Mas enfim, em termos das do parque, do concelho de Montalegre só me falta mesmo Tourém, o resto da malta já falei mais ou menos com toda a gente

MPi1: o Paulo também é um bocado ocupado não é?

AL: pois, ele até me deu a entender que se eu estivesse em Montalegre ele até preferia que fosse em Montalegre, porque pelos vistos ele anda assim de um lado para o outro não é

MPi1: é, é

AL: mas ele disse 6ª feira à tarde portanto à partida

MPi1: pronto, ele se marcou não falha...

AL: fiquei só de lhe falar outra vez para saber se seria em Tourém ou em Montalegre... quais foram os nomes que disse daqueles que estão em Rede Natura?

MPi1: Mourilhe, Sabuzedo e Padroso... Padroso este ano fiz-lhe a candidatura pela primeira vez

Sezelhe: MS1

AL: você já ouviu falar que a gestão dos parques naturais em Portugal vai passar para as câmaras...

MS1: mas isso já andam a falar há muito tempo...

AL: Pois, mas desta vez já está a ser discutida, já houve uma proposta

MS1: isso está a ser discutido, isto eles agora anda em tudo em guerra nos baldios que cortaram 50%, aqui a nós cortaram 50% por exemplo e Pincães e por aí chegaram-lhe a cortar 80%

AL: do quê? Daquilo das ITI?

MS1: das áreas, das áreas do coiso. Porque eles vieram aqui, que é essas coisas que eu também não percebo dos senhores... vieram num helicóptero, num avião, tiraram fotografias aéreas ou outro nome assim qualquer... eles passam por aqui, têm aqui estes, tudo o que é penedos

AL: ortofotomapa

MS1: exactamente (RISOS). Tudo o que é penedos, tudo o que é caminhos, tudo o que é carvalhais, cortam tudo, por exemplo, eles passaram lá por cima, mas eles não viram que acolá por baixo há forragem para o gado comer, e eles consideram que por baixo do carvalhal não existe, não se pode pastar, não tem que comer para o gado. É que eles viessem como vem a Lúcia ou outras pessoas dar um passeiozinho a pé a ver a realidade eles não faziam isso. Eles é só em Lisboa e sentados... e esses pormenores não é... agora eles haviam de vir dar um passeiozinho e ver que realmente em certos sítios não é como eles, como eles

AL: como eles vêm do ar...

MS1: como eles vêm do ar, como é, ainda na 3ª feira estivemos nós nas portas do Parque da Peneda-Gerês, esteve lá um representante da Câmara de Montalegre, de Terras do Bouro, de Arcos de Valdevez e a... estivemos alguns representantes dos CD, porque isto não pode, isto não é assim como eles dizem, agora a ver se eles, entre as Câmaras e os CD vamos fazer uma força a ver se conseguimos coiso, porque depois esses 50%... como é que pode ser, nós estamos a receber as ITI, 10000 Euros por ano, se nos cortam 50% só vamos receber 5000. Como é que eles querem que depois nós vamos fazer limpezas do coiso

AL: pois, já era uma entrada de dinheiro no baldio, no baldio não, na aldeia, pois, porque isso é da associação...

MS1: é da associação mas a associação é.... O dinheiro que nós temos é de tudo. Onde fizer falta é para onde o dinheiro vai, é... se fizer falta nos baldios vai para os baldios. Se calhar estes 15000 Euros, nós... desde que faço parte do CD dos baldios... se calhar tinha meio milhão de Euros. Mas se não fosse as limpezas, se fosse fazer plantações ou que fosse, isto não podia estar feito e para nos dar temos de fazer estas limpezas, que é assim. Agora ainda pior com este corte que nos vão dar. Se nos cortarem 50% do coiso ainda pior. Nós recebíamos uma média de 18 mil Euros por ano, eu gastei 15 mil aqui, sobram 3 mil. Tenho de dar destes 3000, no outro dia dei 2500 Euros para os sapadores... sobraram-me 500 Euros. É isso... muitas das vezes as contas tem que se... agora se no lugar de receber 18, se me dessem 36, já tinha uma margem de 15 ou 20 Euros de lado... mas assim não, assim a nossa gestão tem de ser feita desta maneira, temos de andar muitas vezes aí anos e anos se calhar a recuperar 100 ou 200 Euros ou 500 Euros para por de lado para um dia pormos noutra sítio que nos faz falta. O que é que nós vamos fazer com 500 ou 600 Euros, ou mesmo 1000 Euros, para fazermos uma plantação... tínhamos de andar anos a anos a recuperar esses 500 ou mil Euros para fazermos a plantação. Eu fiz um projecto, que até foi a Lúcia, um projecto, olhe, só me davam, só me subsidiavam em 20%, os 80% tinha de os pagar eu. E ao fim eles vinham buscar, eu levava 60 e eles vinham buscar 40%. Isso não! Eu sou daquelas pessoas que também não boto milho a pitos, como se costuma dizer, têm de crescer para ir para a panela... não, isto não pode ser assim

AL: por acaso agora ate estou com curiosidade de ir ver bem a Lei, porque eu tenho a ideia que quando vocês investem o Estado não pode tirar tanto. Mas se calhar estou errada

MS1: mas a Lei que existia e que ainda existe é essa. Eu hoje, mesmo se quiser, se houver um corte de pinheiros eles só nos dão 60%, os 40 levam-no eles. Portanto, isto também todos os anos muda uma lei...

AL: pois, você está a par da nova Lei dos Baldios...

MS1: que é esta agora... agora não sei.. mas também se houver algumas coisas, isto agora com este novo quadro comunitário, pode ser que, o 20 a 22, ou como é que se chama... é a 5 anos.

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: E mesmo as pessoas que tenham aqui um negócio, imagine que uma pessoa que tenha aí uma exploração florestal ou de gado ou do que for e que esteja dentro da freguesia tem direito ao baldio

MS1: exacto, é por isso que nós não estamos de acordo com essa... agora uma pessoa que saiu daqui, que esteja em lisboa, é normal que faça parte do baldio. Agora uma pessoa por exemplo, até se nós antes de já ter saído essa lei, nós quer a freguesia, quer Sezelhe e Travassos, quer a freguesia, nós já dividimos o baldio, porque cada um faz parte. Por exemplo, nós temos aqui, todo o pinheiral que existiu e que foi cortado da nossa zona a aldeia vizinha não recebeu nada. O que foi cortado da parte dele nós também não recebemos nada. O que foi cortado no misto dos dois foi metade para cada aldeia. Agora imagine, agora vinham... foi Covelães e paredes... nós íamos para lá e eles vinham para aqui, isso não...

AL: vai contra os usos e costumes locais...

MS1: exactamente, cada um tem os seus... se nós temos aqui um costume e uns usos, lá podem ter outros usos, são coisas totalmente diferentes

AL: sim, e vocês encontraram e criaram as vossas próprias regras, e agora vem lá alguém do governo dizer que afinal tem de ser de outra forma

MS1: exactamente, porque isto já era dos nossos antepassados, e como acabei de dizer, como falámos há bocado, a população quando decidia uma coisa decidia e tanto fazia se o estado... florestaram mas eles metiam lá o gado, chegaram a um certo ponto tiveram que deixar coiso, porque era mais... porque a própria aldeia, os próprios lavradores fazia falta aquele terreno para o gado. E eles, se os proibiam de andar lá, como é que eles iam fazer? Depois tínhamos uma coisa que era... o gado, quando agora neste tempo e deixava-se só, e à noite ia-se buscar outra vez. Agora tinham de lá andar todos os dias, que era o tempo do trabalho e da sacha, depois, antigamente não havia maquinismo, não havia herbicida para botar e ainda bem, não havia certos... era tudo semeado ao sacho, tudo semeado com... hoje tractores, há máquinas para semear centeio, há máquinas para semear o milho, há máquinas... até ali não, era tudo com o gado e eles não tinham tempo para andar de volta do, a guardar o gado durante o dia. Chegavam lá deixavam o gado e à noite é que iam outra vez buscar o gado. E por isso é que faziam guerra com os guardas-florestais, com os rondistas como lhes chamavam e com essas coisas porque o estado não via que só estava a olhar o interesse dele. E porque isto, e isto ainda foi há pouco tempo. Porque até ali cortavam, levavam e não pagavam nada.

AL: quem?

MS1: os florestais, com os pinheiros. Isto foi há quê? Se calhar há 20 anos, vinte e tal, é que começaram a dividir, porque antigamente cortavam, levavam e isto era tudo nosso. Agora, depois do 25 de abril é que começou a ser dividido. Eles ficarem com... ainda bem... não nos darem... mas eu acho que, mas aí não estou certo, mas eu acho que nós recebíamos 40 e eles recebiam 60. Mas eu depois acho que houve ali uma coisa que foi ao contrário que eles tinham de receber só 40 e nós 60...

AL: pois, eu não tenho agora as percentagens na cabeça, mas eu sei que é diferente a aldeia, ou o baldio, está em cogestão, por exemplo se for em modalidade a) o baldio tem de dar menos, agora não sei quanto. E sei que também era diferente consoante o povoamento fosse plantado pelo Estado, ou se fosse um povoamento vosso, de regeneração natural ou plantado por vocês... era diferente a %, agora não sei é as percentagens... mas eu vou ver e falamos outro dia. Mas sim, esta nova lei traz assim algumas novidades que podem trazer algumas consequências...

MS1: vão trazer consequências, vão trazer muita coisa

AL. Mas vocês como é que vão tratar essa coisa dos compartes? Vão manter os usos e costumes ou vão quê?

MS1: não, nós vamos manter os usos e costumes, conforme está. E estamos a trabalhar e vamos conseguir buscar o que nos tiraram. Da questão das ITI e da zona da pastagem para gados e para tudo. Agora digam-me, eles chegaram acolá e viram aquele morro ali, aquilo consideram como rochedo e pedras, mas há lá pastagem, há lá ervas, há lá carqueja, há lá

sargaço, há... mas para eles não é considerada zona de pastagem... o mato não pode ter mais do que um metro de altura, para cima disso já não é considerado zona de pastagem

AL: E por exemplo, o carvalhal é considerado zona de pastagem para eles?

MS1: não!

AL: mas vocês metem lá o gado não é?

MS1: pois, mas é o que estávamos a falar há bocado, eles passaram, tiraram fotografias por cima, as copas das árvores e depois não deixaram ver o que estava por baixo. Mas por baixo existe pastagem, existe esses... agora tiraram caminhos, tiraram rios, tiraram barragens, tiraram essas coisas todas. Então agora não pode ter um caminho que faz um metro ou 2 metros de largo, não consideraram isso como zona de pastagem... não é zona de pastagem mas é zona de passagem para o gado. Para andar não há caminhos para o gado andar...

AL: claro, faz parte do sistema de pastagem...

MS1: para mim isso faz parte do baldio

AL: Tal e qual como o rio

MS1: exactamente, tal e qual como o rio. Por exemplo, estas margens não sei quantos deste ribeiro cortam.

AL: Mas as cabras se calhar até andam lá

MS1: ai, as cabras andam lá. E outra coisa, por falar agora nas cabras, eles no Gerês cortaram-lhe não sei quanta... ali para Fafião e Gerês... mas lançaram-lhes para lá estas cabras bravias e coiso, lançaram para lá meia dúzia delas e agora reproduziram-se e andam lá centenas e centenas deles. Então não há pastagem como é que elas se aguentaram no alto do Geres, e como é que isso não é considerado? Se não houvesse pastagem como é que elas sobreviviam lá, esses animais. Não percebo essa avaliação dos senhores que estão lá em Lisboa e do que se passa aqui, eles estão a ver o Tejo e a passear lá os barcos, mas isto não (RISOS). Eu até fico, eu francamente... eles estão lá sentadinhos ao computador, depois por computador veem onde é que eles querem. Mas a realidade não é essa, a realidade é darem um passeio por aqui e ver, e bastava dar em meia dúzia de locais, escusavam de ir ao país todo. Diz "olha, distrito de Montalegre, de Vila Real, vamos a dois locais, distrito da Guarda... a dois; distrito de Braga também. Só para tirar uma ideia, depois chegavam lá... bastava ir a uma aldeia, a um concelho, a um conselho directivo, a Montalegre. Ou quem diz a Sezelhe diz a Tourém ou a outro lado qualquer, dar uma vista de olhos, passar, perder meio dia, como perdemos nós muitas vezes, aí sim, era ver a realidade, agora ... e costuma-se dizer que "só perde quem tem"

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: vocês também são associados do Secretariado?

MTR2: sim

AL: e o PUB ou PGF é feito por eles ou?

MTR2: não, já existia antes, já existia há muito tempo

AL: Há quanto tempo é que já existia? Só para eu ter uma ideia

MTR2: as ITI, nós estamos a receber ITI para aí há 15 anos

AL: as ITI já têm assim tanto tempo? A partir de 2000...

MTR1: talvez... quando eu vim para presidente já existiam

AL: pois o senhor Manuel disse-me que já cá está há 12 não é? Então se calhar até antes de 2000

MTR2: sim, sim, sim, não tenho noção, já..., eu sempre me lembro de existirem ITI

AL: e para existirem ITI havia os PUB já?

MTR2: sim

AL: tinham de os ter não era, os tais planos... mas PUB é a mesma coisa que o plano plurianual?

MTR2: não, não, é outra coisa... o plano plurianual é tipo o resumo do que se faz no ano, por exemplo, para as ITI tem de se ter várias competências para se candidatar às ITI, uma é a de fazer a limpeza do mato, outra é a limpeza do carvalhal, temos x hectares de limpeza por ano, isto dão dinheiro mas temos de fazer trabalho, e então uma é fazer a limpeza do roço, por exemplo 4 hectares, temos de fazer por exemplo 3 de limpeza de carvalhal e depois também temos de dizer quantos animais é que estão a pastorear o baldio

AL: porque há um limite não é?

MTR2: não, é mesmo só parar dizer que o baldio é utilizado, por isso é que é o plano do ano para o baldio, é tipo um relatório

AL: ok, faz-se no fim do ano ou no início?

MTR2: faz-se na altura dos subsídios que é esta altura no mês de Abril, em que se diz por exemplo “olhe, em Travassos por exemplo estão 170 vacas a utilizar o baldio, nós fornecemos para o encabeçamento x hectares de baldio a esta pessoa e x hectares de baldio a esta pessoa, olhe nós fizemos este ano os 6 hectares de limpeza”

AL: ok, tipo um relatório... esse é o plurianual?

MTR2: sim

MTR1: eles depois também nos põem o que a gente tem de limpar “olhe, tem de limpar tanto na roça de mato, no pastoreio, e tanto no carvalhal... ainda há dois anos limpámos para aí 4 hectares de carvalhal, que esse é o que é mais difícil de limpar não é, porque o carvalhal tem giesta e depois? é mais difícil. No outro é mais fácil...

AL: no outro que é... as pastagens

MTR1: é. Ainda agora acabámos de limpar ali para aí 2 hectares

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 Euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil Euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 Euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 Euros... mas esses 2500 Euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer À Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 Euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 Euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 Euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 Euros, teria de dar 10000 Euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 Euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 Euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 Euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 Euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 Euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 Euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porque? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, aí isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 Euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: aí foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles têm de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tudo, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

AL: vocês tiveram um grande corte de área forrageira?

MTR2: bastante! Foi de 300 e tal hectares passámos para 84...

AL: e vocês acham isso justo ou acham que não faz sentido?

MTR1: isto foi uma pancada até grande não é... para toda a gente

AL: e quais são as consequências disso que ainda não consegui perceber...

MTR1: porque as pessoas até tinham bastante área agora tivemos de lhes dar só um bocadinho que é para chegar para todos

AL: e como é que isso é na prática... imagine, antes tinham 300 hectares para 6 pastores, só assim para dar uma ideia, e agora passam a ter só metade, 150 hectares, cada pastor ou cada rebanho fica com menos área não é... mas como é que isso se fiscaliza?

MTR2: imagine, cada agricultor para se poder candidatar para os fundos comunitários tem de ter uma área... como é que um agricultor com 70 vacas justifica a sua própria área? Uma pessoa com 70 vacas precisava de ter 200 e tal hectares e ele não sua própria exploração não consegue ter essa área, então ele justifica dizendo que deita as suas vacas para o baldio. E então, qual é a forma de dizer que... o presidente dos baldios passa uma declaração a dizer “ nós cedemos 50 hectares de baldio a este agricultor”. Neste caso reduziu a área, enquanto um agricultor tinha 50 hectares neste momento teve de ficar com 19 ou... logo vai influenciar na apresentação da candidatura aos subsídios desse agricultor... uma coisa é ter... depois recebe-se x Euros por cada hectare

MTR1: por exemplo até ali tinham um hectare e tal por cada vaca não era... quase hectare e meio, agora ficaram com meio hectare...

MTR2: 0.6... ficou

AL: e é permitido, por exemplo, há um limite estabelecido por quem dá o subsídio para a área por cabeça

MTR2: quanto mais melhor

AL: quanto mais melhor em termos de subsídio... ok, acho que começo a perceber, é que isto está a ser tudo novidade e confusão para mim

MTR2: o baldio é um mundo muito...

AL: sim, é complexo isto

MTR2: é

AL: eu antes de vir para aqui pouco tinha ouvido falar de ITI e... (RISOS)

MTR2: porque é uma medida própria do Parque

AL: pois, exacto... eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse tão importante, que fosse essa a fonte de rendimento dos baldios do Parque, nunca me passou isso pela cabeça. Porque eu leio muito sobre baldios mas a realidade dos baldios em geral e a realidade dos baldios dos parques, ou pelo menos do Parque Nacional, é completamente diferente

MTR2: sim, onde há pastoreio e onde não há pastoreio é completamente diferente

AL: exacto!

MTR2: tipo, um jovem agricultor que meta 60 hectares de baldio terá seguramente 16 a 17 mil Euros por ano de subsídio só do baldio...

AL: e o baldio não recebe nada por isso?

MTR2: não... deveria receber, uma verba disso devia ir para o baldio

AL: até porque ele é comparte, à partida... esse pastor ou produtor...

MTR2: sim, mas imagine o baldio é de todos... e estão a usufruir 4 ou 5

MTR1: mas também se não fosse o baldio aqui eles não podiam ter estas vacas... nem a terça parte, porquê? Porque o gado agora, aqueles que têm os vitelos não é...que estão a dar leite, está bem, mas as outras que ficam lá até ao fim de setembro

AL: o que eu queria perguntar... vocês do dinheiro que recebem anualmente sobra algum? Conseguem gerir de forma a sobrar? E de que maneira é que ele é usado, ou seja, de é usado no povo, se é usado...

MTR2: isto é o seguinte, nós temos a tal ITI e temos uma verba... se nós conseguirmos fazer o trabalho com os sapadores é dinheiro que estamos a poupar, ou então tentar negociar com a empresa que for fazer, nós recebemos por exemplo 1000 Euros por hectare para limpar, se nós conseguirmos ajustar por 700 temos ali 300 Euros de... e esse dinheiro aplicamos no que é... ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajudar... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine...

AL: mas não foge a este [devo ter apontado para qualquer papel...] (RISOS)

MTR2: sim, sim, ou uma infraestrutura que seja necessária na aldeia, um... por exemplo, tínhamos aqui um , já aqui fora, um rego que estava a causar muitos problemas à aldeia e a junta e o baldio chegámos a acordo e fizemos a obra os dois... e é esse tipo de...

AL: pois, melhoraram um bocado a vida localmente, não é... facilitar a vida das pessoas

MTR2: sim, estamos com uma aqui também agora neste momento aqui com uma casa que queremos reconstruir que vai funcionar também tipo como sede dos baldios e ajudar também... queríamos que as partes de baixo destas instalações para uma casa mortuária da aldeia...

AL: pois... eu estive ontem em Pincães, e lá percebi que eles tiveram uma grande dificuldade em construir a sede, porque eles queriam uma sede para os compartes poderem reunir e acho que a Câmara, acho que foi a câmara, barrou ali um bocado a construção, e eles tiveram que criar uma associação para conseguirem legalizar aquilo e não sei quê... aqui também é assim, se quiserem construir uma sede...

MTR2: não, acho que não

AL: porque aquilo era construção no baldio, ou seja, fazia parte da área do baldio, e como no baldio há aquela questão toda da matriz predial e tal, e não está no comércio jurídico e tal então eles tiveram ali uma grande...

MTR2: não... eu aliás...

MTR1: não

AL: portanto o CD não tem sede não é... mas temos a casa do povo, não é, dá para reunir

AL: ah têm uma casa do povo? Ou é o café?

MTR2: por cima do café, isso é tudo da Junta

MTR1: portanto temos essa casa se for preciso

MTR2: eu não acredito que a Câmara lhe tenha posto esse entrave

AL: eu não sei, se calhar também era porque não estavam inscritos na matriz predial...

MTR2: mas o baldio é comprador, pode comprar... se existir um artigo o baldio pode comprar, o baldio é uma pessoa colectiva, tem contribuinte, tem... pois, agora eles quiseram se calhar pegar num espaço que existia ilegal, isto é quiseram construir se calhar na casa do guarda

AL: não, não! Eles construíram de novo

MTR2: ah, não podem, claro que não podem

AL: pois, não podem construir de novo

MTR2: não podem! No baldio, para criar um artigo no baldio teria de se fazer um loteamento

AL: teria de se fazer uma alienação

MTR2: sim, por isso é que não deixam... agora o baldio... uma casa aqui fora, não então... se a casa tem artigo, é só ir à reunião de baldio, a assembleia dá a autorização ao presidente para poder apresentar uma proposta e ele apresenta

AL: pois, tanto para comprar como para vender...

MTR2: sim... vender baldio não pode

AL: alienar... pode... pelo menos o que eu li foi... o que eu percebi, que isto às vezes as leis também são difíceis de entender, o que eu percebi foi, há um baldio, se esse baldio estiver muito próximo da povoação e se houver vontade de alargar a povoação, vontade geral do povo e dos compartes, o baldio pode alienar uma parte da sua área para construção

MTR2: e como é que vai fazer o artigo

MTR1: também é um bocado difícil

MTR2: nós tivemos aqui esse problema, tivemos aqui vários emigrantes que queriam fazer casa mas não tinham terreno e nós deixámos fazer no baldio... não foi possível porque o baldio primeiro teria de fazer loteamento, criar um... esta aqui é a faixa onde nós queremos fazer as casas então vai ter x casas, vai ter de se lá por a água, por... senão não posso fazer artigo

AL: pois, eu não sei, eu sei que eles falam lá isso por interesse comprovado de que... por exemplo estou-me a lembrar, em certos baldios houve a construção de vacarias, houve aí uma... há um interesse geral que haja essa vacaria então há uma alienação da parte do baldio, lá está porque o baldio está colado à povoação, portanto há lá um recorte do baldio e aliena-se uma área para a construção daquela vacaria para o povo... isto já aconteceu

porque eu verifiquei, agora como eles fazem do ponto de vista legal é que eu não faço ideia. Agora no caso dos emigrantes também não sei...

MTR2: sei que não é possível porque sei que neste momento...

MTR1: há aldeias que têm feito já...

AL: mas na Lei está escrito mesmo isto... não é...

MTR1: mas muitas são ilegais o problema é esse

AL: ah, se são ilegais ou não isso já não sei...

MTR1: eles fazem...

AL: mas pode, pelo menos a lei permite

MTR2: permite se for feito o loteamento, a delimitação do terreno. Por exemplo, vai a qualquer sítio... por exemplo, Montalegre, para lotearmos os ?? tem de fazer um loteamento... e é do interesse geral, também invocava o interesse geral

AL: exacto, é do interesse geral... as casas pessoais eu não sei se isso é possível, mas por exemplo uma vacaria para o povo acho que... já é do interesse geral não é...

MTR2: sim, sim. Mas também teria de ser...

AL: para certos compartes, é mais ou menos do interesse geral... (RISOS). Eu não sei, eu não domino a legislação de construção...

MTR1: por acaso há aqui umas vacarias mas foram feitas todas no terreno privado... e nós também aqui à volta da aldeia não temos área de baldio, é tudo privado, e a área de baldio já fica mais distante e às vezes as pessoas também não queriam ir lá para muito longe não é com a vacaria e depois pronto, andaram a ocupar terrenos

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

MTR1: os piores foi os de, aqui de Fafião, tinham 9000 hectares de baldio ficaram com 80 e não sei quantos

MTR2: ali é uma questão de...

MTR1: isso é que foi um corte muito forte

MTR2: é uma questão de gestão, eu não sei muito bem até que ponto isto foi assim, como é que isto... não há ninguém que se lembre de vir cá e “vamos cortar isto tudo”. Alguém soube, o ministério da agricultura, depois as secções regionais, isto não apareceu do nada, alguém teve de assinar... alguém... mesmo quem está à frente dos baldios, isto é o... não digo que o secretariado, mas alguém...

AL: a BALADI?

MTR2: não, será mais a nível de... uma associação que represente a parte baldia a nível nacional teve que concordar porque não... não é com uma lei... imagine, ninguém fecha a repartição de finanças de Montalegre sem o presidente da câmara

AL: assinar por baixo...

MTR2: não é? Ou ninguém fecha um centro de saúde sem... ninguém fecha uma sede de Junta sem o presidente de Junta...

AL: pois, ter de aceitar...

MTR2: é isso que eu acho estranho, criou-se aqui um mito que foi um senhor que veio lá de fora por fotografia aérea que...

AL: sim, já ouvi esse mito em vários sítios

MTR2: não é? Isso é tudo mentira, dizem a quem queres mas a mim não porque não...

AL: pois... mas a avaliação não foi feita por fotografia aérea?

MTR2: não sei... pode vir aqui alguém ver o baldio que nós não sabemos se vieram passear se vieram... eu acho que se as reuniões que tivemos agora ultimamente, com os presidentes dos baldios, com os presidentes de junta, com os presidentes de câmara, tivessem acontecido antes, isto não acontecia... se alguém... mesmo que o senhor tivesse vindo lá da noruega ou não sei de onde é que é... se alguém de bom senso lhe explicasse que o baldio em Vila Real é diferente do baldio de Montalegre, eu tenho a certeza que ele em dois minutos percebia... não é? Se alguém lhe explicasse que... cortou as zonas rochosas... se alguém lhe dissesse que as cabras só querem pastorear no sector rochoso, ele percebia em dois minutos e já não cortava essa área, ou então ficava destinada a área rochosa só podia ser para... só se podiam candidatar a essa área agricultores que tivessem cabras. Agora dizer assim... carvalhal, toda a gente sabe que no verão a erva mantém-se nos carvalhais, a outra que não tem carvalhal seca e a que está na sombra é a única que se aguenta para mais tarde... se alguém explicasse isso ao senhor “olhe, não, olhe que as vacas pastoreiam nas corgas”, nós chamamos-lhe as corgas que são as zonas das ribeiras...

AL: e cortaram-nas não foi?

MTR2: sim! Se alguém lhe explicasse isso eu tenho a certeza que o senhor compreendia...

AL: pois, mas então como é que acha que isto aconteceu? Porque é que houve essa abordagem às...

MTR2: pensaram que era alguma ideia que não ia passar, e deixaram andar, deixaram andar, e quando deram conta estava...

AL: pois...

MTR2: para mim foi um erro

MTR1: eles lembraram-se que nos sítios rochosos não andavam lá nada... certamente não é...

AL: pois... mas como é que essas coisas não são confirmadas localmente? Ou como é que as pessoas nem sequer sabem de onde é que vem esta lei? De repente há um corte gigante

MTR2: pois... mas para o Algarve, Alentejo, não há baldio, é tudo herdades ou... por exemplo em Vila Real ou Bragança, o baldio é cedido aos agricultores para por castanheiros ou olivais...

AL: cedido privadamente?

MTR2: arrenda-se... por exemplo cada agricultor arrenda 50 hectares e depois planta lá por x anos, planta lá o que...

AL: e quem é que recebe esse dinheiro, é o órgão gestor do baldio?

MTR2: sim, sim

AL: que pode ser a Junta, pode ser...

MTR2: esqueceram-se que aqui nós temos a particularidade do pastoreio

MTR1: porque no Alentejo não cortaram nada...

MTR2: isto foi mesmo um esquecimento de alguém que foi chamado como representação dos baldios e que não cumpriu com o papel que lhe competia, que era alertar “não, o nosso baldio é específico, como é que podem cortar... a zona rochosa é onde os animais vão pastorear”, você se for à serra vê as vacas no meio das pedras a apanhar a...

AL: exacto!

MTR2: opa, se me dissessem “no meio dos pinheiros tem que se cortar essa área”... porque realmente no meio dos pinheiros a erva não... é tipo, a agulha cai e não deixa que ... pá, se cortassem essa área por mim tudo bem, agora o carvalhal... as vacas nesta altura andam todas no topo, quando chega o mês de agosto setembro começam a sair mais nas corgas porque sabem que é aí que a erva se mantém verde

AL: pois, não faz sentido nenhum... e isto vai para a frente?

MTR2: já foi! Já não há hipótese nenhuma

AL: já foi para a frente? Ah, é que soube que houve aí uma manifestação ali ao pé de Braga ou que foi...

MTR2: isso foi para tapar a...

AL: é que a malta anda aí com esperança, ainda ontem estive a falar com um senhor que acha que ainda pode dar a volta...

MTR2: essa é a ideia que fazem passar...

MTR1: não sei se a ministra da agricultura ouviu... ela estava lá... (RISOS)

AL: se calhar ouviu, mas entrou-lhe por um ouvido e saiu pelo outro (RISOS)

MTR2: não... estamos a falar de uma área...

AL: isso é para acabar com o pastoreio, não é? No fundo é isso que vai acontecer...

MTR2: sim, e estes fundos... é por isso que eu não... eu por acaso estou também dentro da área das candidaturas e sei como é que isto funciona, a EU a verba que dava vai dar à mesma, isto trata-se de uma distribuição ao nível de Portugal, se tirarem 5 ou 6 milhões na região norte ele vai para outro lado qualquer, não é o tal da Noruega que se lembrou e ... não! Porque se não viesse para Portugal, aí sim, foi o gajo que se lembrou e “vamos agora tirar aqui esta verba a...”. Agora Portugal vai receber a mesma verba à mesma... agora localmente, a nível nacional, é que vai ser distribuído de forma diferente...

AL: mas por exemplo, aquela fatia que era dada aos produtores de animais, que é essa que vai ser cortada, ...

MTR2: vão beneficiar, por exemplo as herdades que há no Alentejo...

AL: pois... porque no fundo também interessa acabar com os baldios, de alguma forma, acabar aqui com esta...

MTR2: não, não é questão de acabar com os baldios...

AL: digo...

MTR2: com o pastoreio neste caso...

AL: pois, exacto. Mas no fundo não é qualquer pastoreio, é o pastoreio mais pequenino, vamos dizer assim, comparado com as herdades não é... ou seja, com tudo o que é pequenas produções, que é o que tem vindo a acontecer, acabar com a pequena agricultura de uma forma geral e criar aqui uns espaços gigantes apetecíveis para muita gente não é...

MTR2: eu fui à reunião, e “ah, foi o Governo, foi o Governo...”, na sub-região norte, Mirandela, fomos ali a Vila Pouca e a justificação foi... até mostraram lá sim senhora, aqui através de fotografia digital... mas isso era completamente uma parvoíce autêntica, porque se não, imagine, chega um fogo aquele abre essas pedras todas... se calha ser nessa época que o senhor viu a fotografia, claro, só viu pedra! Mas dali por um tempo está outra vez tudo verde, por isso é que eu não acredito nisso, não acredito

AL: sim, sim, mas que aquilo vai para a frente vai...

MTR2: já foi! Então este ano os projectos, já se candidataram com esta nova medida

AL: e tiveram muito menos...

MTR2: sim! Nós tivemos aqui agricultores que tinham 100 hectares de baldio e só lhes conseguimos dar 19...

MTR1: e havia os que tinham 5 e 6 hectares e que ficaram só com 1000 metros

AL: ou seja, o que vai acontecer é que a pouco e pouco eles não podem manter os animais... não é?

MTR2: sim... não conseguem é ter o rendimento que tinham antigamente, ou o subsídio que tinham

AL: pois... ou seja o único rendimento que vão ter daí vai ser da venda dos animais...

MTR2: e a própria área, a área deles próprios...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês também têm aquela questão das ITI...?

AC1: temos, também temos a questão das ITI, das limpezas que se foram fazendo, também tivemos aqueles que... que a Sandra se calhar também já lhe falou sobre isso

AL: dos não produtivos?

AC1: dos não produtivos, de... recuperámos o fojo do lobo, recuperámos lá umas cabaninhas, muito comum aos outros baldios, se calhar com a Cristina que já falou, é tudo comum à Cristina e a todos por aí fora

AL: quando diz comum, houve mesmo um trabalho comum ou é paralelo?

AC1: paralelo

AL: ok, ok. E desses dinheiros das ITI conseguem fazer sobrar para depois investirem noutras coisas ou...

AC1: sim, sim. Eu já... desse dinheiro das ITI dinheiro já consegui que me sobrasse para arranjar a estrada e para fazer outras coisas, outras melhorias que precisamos lá no baldio

AL: ah, a estrada do baldio, no povo em si não têm trabalhado com o dinheiro das ITI...?

AC1: não. No povo em si não, estamos a fazer o melhoramento das estradas do baldio e já estamos a fazer melhoramento para o povo

AL: para toda a gente, sim. Quando eu disse povo estava a referir-me às aldeias

AC1: não, no interior da aldeia não acho que tenha de ser essa a nossa preocupação, isso tem de ser a preocupação da Junta e da Câmara, não temos de ser nós

AL: sem baldio provavelmente não conseguiam os subsídios

AC1: não, não, não, sem baldio não tinham animais, era impossível

AL: pois

AC1: teriam que emigrar ou não sei o que é que seria feito de nós... é fundamental

AL: e agora com o envelhecimento da população e tudo o mais como é que vai ser isto com o futuro do baldio, tem alguma perspectiva? Há jovens a ficarem na zona ou nem por isso

AL: pois, porque eles contam, o IFAP corta a área da floresta. Pois não estão a ajudar muito com esse tipo de cortes

AC1: não, com esse tipo de cortes não está a ajudar, porque as pessoas se têm animais, se utilizam o baldio é por causa enquanto tiverem subsídios para tirarem alguma rentabilidade daquilo, porque senão acabou

AL: e sem os subsídios eles não conseguiam produzir animais ou conseguiam?

AC1: ai não, acho que não. Isso é tudo tão barato, os animais, é tudo tão... não conseguiam, tinham muito menos

AL: cooperativas e assim... eu estou aqui a pensar alto não é

AC1: sim, e pensa muito bem, sim, está a pensar muito bem, sim, se nós tivéssemos uma mente de produzir quantidade e de as coisas serem pagas pelo justo valor, mas as coisas não é... não é a realidade que nós temos

AL: pois

AC1: a realidade é muito diferente

AL: sim

AC1: portanto um agricultor que esteja a pensar em viver para vender, só, que não tenha um subsídio, não consegue... não consegue, eles chegam a vender vitelos por cento e tal Euros

AL: pois... isso é barato não é?

AC1: muito barato

AL: eu não tenho a noção

AC1: é muito barato

AC1: há tanta coisa para fazer nos baldios. Arranjar os caminhos para as florestas por causa dos incêndios, fazer os pontos de água que é muito importante

AL: para os fogos e para os animais

AC1: para os fogos e para os animais, para as pessoas que lá passam poderem colher água para beber, tanta coisa bonita que se pode fazer. Fazer uns parquezitos para as pessoas poderem estar lá, poderem passar um fim-de-semana diferente, temos cabanas lindíssimas que as podemos recuperar para quem quiser pernoitar lá pernoitar, limpar os trilhos para os pastores, para as pessoas

AL: e agora com estes subsídios todos até conseguem não é

AC1: quer-se dizer, indo aos pouquinhos vai-se conseguindo, é lógico que não se consegue fazer tudo de uma vez, tem que ser devagarinho, vai-se conseguindo fazer

AL: como é que era antes das ITI?

AC1: não havia, não se fazia nada

AL: não se fazia nada no baldio?

AC1: não, nada

AL: a serio? Nada de nada?

AC1: a sério. Nada de nada, os pastores iam queimando as zonas de pastoreio que queriam que ardesse... ainda hoje fazem isso que eu acho que fazem mal e têm que ter mais cuidado com isso, iam queimando para poderem pastorear os animais

AL: e era a única actividade

AC1: os caminhos iam eles limpando para poderem passar e ir levar os animais ao monte

AL: a floresta...

AC1: agora não, agora os caminhos estão limpos, está tudo diferente, vai-se melhorando aos poucos, não se pode fazer tudo de uma vez só, e pronto

AL: pois, e a floresta não era explorada... mesmo com o Estado que supostamente é cogestor

AC1: não... não era explorada

AL: também ia queimando

AC1: isso ainda vai queimando agora, isso, os incêndios... é preocupante mesmo

AL: então é comparte quem usa o baldio?

AC1: quem usa o baldio

AL: é assim na vossa aldeia

AC1: na nossa opinião, e acho que deveria ser assim. Mas está muito muito desertificada, nós estamos a perder gente... e temos... ainda temos quem use o baldio que é por causa

dos subsídios, porque quando... se isso não existisse... eu tenho... fico com muita pena de estas zonas começarem a ficar completamente desertificadas

Sistelo: ASi1

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, por porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

AL: pois... e o baldio para as pessoas agora, aqui... qual é a maior importância que assume para a população?

ASi1: os baldios são muito importantes para as pessoas da freguesia, é importante para a extracção de lenhas, de matos, de pedra, para os subsídios, sem eles não podiam candidatar-se aos subsídios. É uma grande fonte de riqueza para as pessoas...

AL: exacto... tem importância para o desenvolvimento local, destas comunidades, ...

ASi1: para o desenvolvimento, para as ITI, para as INP, e sobretudo para as pessoas terem aqui as suas explorações, porque senão não se podiam candidatar aos fundos comunitários, ou dificilmente conseguiam. Porque há pessoas que têm 60, 70, 80 animais, como é que se podiam candidatar? Não podiam... enquanto as leis estiverem assim ainda podem

AL: e essas pessoas não conseguem fazer “sobreviver” essas produções sem os subsídios?

ASi1: não podem, sem os subsídios não

AL: porquê?

ASi1: porque essas raças autóctones... nós aqui vivemos as nossas raças autóctones, que é a da cachena, a do garrano e dos rebanhos, portanto, a cachena é uma raça a preservar, é uma raça autóctone, e os garranos, se nós deixarmos de os produzir acaba esta raça, o que é muito importante. Portanto, depois a cachena, embora seja uma carne saborosa, é uma carne que a carcaça da pouco peso. Pronto, isso para o talho... embora seja uma carne muito boa, uma carne muito gostosa, suculenta, é muito ... rende muito pouco, muito pouco dinheiro, portanto... tem de ser apoiada. Que é para as pessoas que vivem aqui no

meio da serra, portanto, nós estamos no PNPG, na dita Biosfera³⁷, que eu tenho dúvidas, mas pronto, na Biosfera, e que se nós queremos manter o parque temos de manter esta nossa raça, temos de manter a nossa gente, temos de manter gente no parque... porque o parque sem vida não é parque, tem que ter vida, tem que ter estas aldeias, tem que ter estas tradições, tem que ter os seus usos, eu repito, mas tem que ter estas coisas todas. E portanto há que investir... e um Parque Nacional, nós queremos ter um parque não podemos ter um parque só de nome “parque da Peneda-Gerês, um parque com não sei quantos hectares...” para quê? Só para dizer que temos? Ainda há pouco tempo fui aos Picos da Europa e vi aquilo espectacular, bem trabalhado, bem gerido, que era bem financiado, que era... aqui não, o nosso parque está a morrer, está a cair, a cair de podre... as casas florestais abandonam-se, os caminhos abandonam-se, os trilhos abandonam-se, as pessoas estão proibidas de tudo e de mais alguma coisa, não queria que se desse dinheiro às pessoas, queria que se criasse condições para as pessoas, criasse um melhor modo de vida, abastecimento de água, em que tivesse acessibilidades, para eles para as casas e para os campos, em que tivesse saneamento, em que tivesse luz eléctrica, em que tivesse... sei lá, um certo número de coisas em que não tivéssemos tantas restrições. Embora sabemos que numa área preservada, reservada, temos que nós também ceder, mas também queremos usufruir de algumas coisas. Porque nós também estamos aqui no meio do monte, queremos ir a um teatro de revista não temos, queremos ir para o aeroporto temos de andar quilómetros, queremos ir para uma autoestrada temos que pagar, queremos ver futebol temos que ir para o estádio que nos fizeram, portanto nós aqui não temos direito a nada. Nós somos portugueses, em relação a lisboa ou ao porto, somos portugueses de 5^a. Não temos direito a nada. Nós estamos a pagar para o metro, não temos metro. Estamos a pagar pelos autocarros da carris, não temos. Estamos a pagar para os aeroportos não temos. Estamos a pagar para o estádio de futebol, temos que nos deslocar quilómetros para ir ver o jogo, nós pagamos, temos de contribuir, mas não usufruímos. Nós em relação a lisboa estamos, eles estão em 70%, e nós estamos em 30 se calhar. Mas pagamos como eles, pagámos impostos como eles, pagámos como eles. Mas não estamos em pé de igualdade todas as pessoas. Nós vivemos aqui encravados no meio da serra, com dificuldades de tudo, longe de tudo e perto de nada. Ainda nos proíbem tudo, tudo é proibido. Até para tirarmos... quando era presidente de Junta precisámos de... porque as trovoadas, porque as cheias levaram-nos a estrada, tivemos que suportar a estrada e tirámos um bocado de saibro no monte e tivemos de pagar 4000 Euros de multa, isso é um contrassenso, “ah, você tem de ir a outra freguesia buscar saibro”, quer dizer, tínhamos de andar com camiões 20 ou 30 kms para ir buscar saibro, quando temos aqui saibro. Portanto são coisas que não tem jeito nenhum de existir, mas pronto. Proíbe-se sim senhor, agora nada... nos não queremos dinheiro, queremos que nos deem melhores condições de vida. Porque é que da minha freguesia tenho de pagar um táxi para ir para os Arcos, e outros sítios tem metro, tem autocarro, tem comboio, tem tudo, nós não temos nada, somos os portugueses marginalizados, não temos praia, temos de andar kms

AL: então neste momento a principal fonte de rendimentos no baldio é as ITI?

³⁷ Refere-se à designação de Reserva da Biosfera pela International Union for the Conservation of Nature (IUCN).

ASi1: é as ITI e a venda de lenhas

AL: e a venda de lenhas. Mas têm bastante floresta dentro do baldio?

ASi1: mal gerida mas temos, estamos em cogestão portanto está muito mal gerida

AL: ah... e sobra dinheiro das ITI? Conseguem fazer sobrar?

ASi1: bem gerido sobra, das INP não, mas das ITI sobra, se for bem gerido não é, senão não chega

AL: têm conseguido fazer sobrar

ASi1: sim, consegui comprar um tractor, consegui comprar mais umas coisas, equipamentos

AL: e fazem algum... sei lá... esse dinheiro também é usado na aldeia, para fazerem alguns trabalhos ou não

ASi1: uns caminhos, acesso a baldios, tudo que diga respeito a baldios, ainda agora fizemos uma obra de 10 000 Euros, de 12000 Euros, que foi para beneficiar os baldios

AL: obra de quê?

ASi1: obra de acesso aos montes, lá em cima, serve as brandas, serve a população e serve os baldios

AL: relembre-me só quando é que os baldios passaram para as mãos dos compartes

ASi1: então isto foi depois do 25 de abril que

AL: não, mas inicialmente a gestão feita pela freguesia não é

ASi1: não, mas desde aquela altura que foi com os compartes, desde que há compartes

AL: que é quando, é isso que eu quero saber, aqui em Sistelo

ASi1: em Sistelo foi como nos outros sítios, foi sempre os compartes, portanto, passou aquelas questões administrativas e depois passou para os compartes, só que depois nós já passou, por causa das ITI é que depois... estava... havia os compartes, havia a assembleia de compartes que delegou poderes na Junta, mas depois como não podíamos estar delegados na Junta, é que passou a haver mesmo a estrutura própria só de ... mas já há uns anos, há já para aí mais de dez anos

AL: ah, ok, então se estivesse o baldio delegado na Junta não podiam concorrer às ITI é isso?

ASi1: é isso

AL: e foi só por isso?

ASi1: ainda hoje há baldios que estão delegados nas Juntas. Quando não há ITI estão delegados na Junta

AL: e investir vocês na floresta é que não têm investido

ASi1: nós temos investido... nós temos investido com as ITI e com alguns projectos que fazemos, portanto temos projectos da recuperação dos cortelhos, das mariolas, de pontos de água para os animais, para bebedouros, e plantações, conseguimos ainda... eu fiz um projecto de 85000 Euros

AL: isso para plantação?

ASi1: não

AL: foi para as INP não foi

ASi1: para os não produtivos, sim, conseguimos fazer isso. Mas o dinheiro chega muito tarde, nós temos de ir ao banco buscar dinheiro, porque nós não temos dinheiro próprio depois pagar imposto e depois temos de esticar o dinheiro para pagarmos os juros e pagarmos ao empreiteiro, isso acarreta-nos muita despesa. De resto não temos rendimentos para o baldio. Portanto não temos, não temos... podemos fazer caminhos, abrir caminhos para incêndios, para chegar mais fácil aos locais mas não conseguimos, não temos dinheiro, mas também derivada à situação geográfica do terreno, nós temos numa zona muito acentuada, é muito difícil de andar, porque tem muita rocha, tem muitas ribanceiras que é preciso limpar, e muitas coisas para lá chegar

AL: agora com esta coisa do IFAP ter diminuído as áreas de pastagem nos baldios, também sofreram aqui muito com isso?

ASi1: toda a gente sofreu não é, nós por acaso como somos uma freguesia de muitos baldios, cortaram-nos alguma percentagem, cortaram-nos mais de 400 hectares de pastagem, mas conseguimos que a população não ficasse a perder, conseguimos mais ou menos distribuir pelas pessoas

AL: quantos têm desculpe, de área forrageira?

ASi1: temos 900 hectares, tínhamos 1300, perdemos à volta de 400 hectares

AL: e isso houve alguma luta contra não foi? Não deu nada?

ASi1: não deu nada, está delineado, o que os senhores decidiram, quem manda no nosso país já não somos nós, já é a CEE que manda não é? Com certos entraves, com certas coisas, mas... nós não sofremos muito, houve freguesias que sofreram muito, nós não sofremos muito, conseguimos distribuir equitativamente pelas pessoas e ninguém ficou a perder

AL: e por exemplo, se alguém quiser vir de novo, um jovem agricultor

ASi1: ainda temos algum, ainda temos alguma disponibilidade

Soajo: AS1

AL: cavalos... ouvi, pareceu-me ouvir lá na Atlântica que os cavalos já não têm subsídio ou que é...

AS1: vão tendo, por acaso não sei quanto, não faço ideia, mas são cerca de 70 e tal Euros por cabeça ou...

AL: ok, se calhar percebi mal, ou se calhar estou agora com uma ideia errada. Eu sei que antes vocês tinham de ter... menos, portanto de todo o efectivo apenas 20% podia ser de cavalos, gado equino ou... limitavam um bocado o número de cavalos, pelo que eu percebi...

AS1: isto é assim, quando o garrano estava em vias de extinção... isso é como tudo não é...

AL: aí foi incentivado

AS1: é como a Cachena e essa coisa toda...incentivaram... há aí pessoas que têm 60 cavalos

AL: pois, por acaso ainda agora passei por uma data deles

AS1: não é... só que é assim, não podem é por tudo no subsídio, porque é assim, até três dão 100, depois de 3 já dão 50, a partir dos 15 já só dão 20 Euros por cada cavalo, portanto as pessoas estão a perder e deixam, e té acabam por não ter não é, não fazem candidaturas com eles... mas prontos, gostam deles, andam aí no monte, vão-se reproduzindo, e vão limpando o monte também que também é muito bom, dão comida ao lobo, isto olhe...

AL: ai eu adoro vê-los, mas isto pronto, é o meu olhar não é...

AS1: não, e também.. acho que sim, acho que faz bem. Desde que estejam bem tratados na mesma não é, que há assim alguns

AL: pois, isso é outra coisa que também já ouvi, é que às vezes é para o subsídio, é para o subsídio, mas depois...

AS1: essa é a parte feia da coisa... mas eu acho que, é assim, o que o IFAP está a fazer é mau, de uma certa forma... eu não tenho gado, é suspeito, mas eu acho que tem que haver regras também, não é...

AL: pois, isto se calhar já vem derivado de casos de não cumprimento e que acaba por influenciar toda a gente

AS1: exactamente

AL: basta um para lixar toda a gente

AS1: mas quem trata bem não tem problemas, não é... porque as pessoas que têm 100 cabeças de gado e que tratam delas e que têm... que vão buscar o gado à serra, que fazem tudo certinho, esses não têm... agora havia pessoas que tinham 20 vacas e que estavam a receber de 50, pronto... percebe? E isso é que não estava correcto. Há pessoas que as vacas nunca foram à corte, nunca foram ao estábulo... entretanto andaram a abatê-las. Aqui em Soajo não foi.... Mas sei que acolá para cima, acho que foi Rio Frio ou que foi, andaram a abate-las com armas, porque eram bravas, escondiam-se das pessoas, não sabiam o que era gente, aí não sabe disso?

AL: ah, porque andavam lá no meio da serra e nunca voltavam à aldeia...

AS1: eram bravas mesmo

AL: tornaram-se o animal selvagem do Gerês...

AS1: é!

AL: por acaso passei por umas e até estava ao telefone e disse “epa, vêm aí duas vacas, vamos lá ver se isto corre bem” ... eu... metem-me algum respeito não é, eu não estou habituada

AS1: é, não, mas estas que andam aqui...

AL: mas pronto, imagino que não eram destas...

AS1: pois, não, são pequenininhas, as nossas vacas são super pequenas, são as mais pequenas do país...

AL: sim, são baixinhas... são tao engraçadas

AS1: é a nossa Cachena e a Barrosã

[continuo a falar do respeito que me metem, são volumosas e tal, a AS1 diz que são mansinhas, que já um boi é bem diferente]

AS1: é normal, vem de Lisboa não é? Pois... eu entendo isso

AL: sim, venho de lisboa, não estou habituada a vacas, é ridículo isto, mas é verdade, as pessoas perdem um bocado a relação à terra e ...

AS1: não, não é ridículo, é assim... eu também não me consigo chegar à vontade ao pe de um cavalo

AL: eu também não

AS1: nós tínhamos um e eu nunca o tratei

AL: então aqueles muito grandes...

AS1: e o nosso era bem grande, era uma égua bem grande, não, não, eles têm os pés muito pesados

AL: pois é... eu já andei em cima deles e tudo... é uma questão de hábito, lá está, quando estou muito próxima durante uns dias acabo por... mas a primeira vez é sempre. Mas enfim... e então e vocês quando fizeram essa nova distribuição os produtores perderam com estes cortes ou...

AS1: não! Nós ficámos a ganhar, porque conseguimos eliminar 40 explorações para fazer essa nova reatribuição... eliminámos 40, portanto tivemos baldio de sobra, ainda consegui dar mais 3 hectares a cada agricultor, porque sobraram, e ainda ficámos com cerca de 700 hectares para novos agricultores que quiserem

AL: ai que bom!

AS1: é, por acaso este ano fizemos esse... agora já nos arderam muitos hectares, este ano já nos arderam perto de 200 hectares, já não sei agora, agora não sei...

AL: já não conta como área forrageira...

AS1: já não conta

AL: e conseguiram por muitos jovens agricultores agora por a candidatura?

AS1: por enquanto temos 3 que vão iniciar agora, temos 3... mas que não serão com baldio... mas já é bom

AL: ah, é sem baldio? E conseguem?

AS1: sim, sim, sim, porque é aquela história das galinhas, daquelas coisas, que já não pode ser com baldio, mas prontos, não temos assim muitos problemas com área...

AL: e com jovens (RISOS)?

AS1: não temos...

PONTE DA BARCA

Germil: PG1

AL: então vocês neste momento têm algum rendimento dentro do baldio? Algum dinheiro a entrar

PG1: nós o rendimento que temos são as ITI para o controlo dos matos, não é, as limpezas e etc. claro que conseguimos sempre fazer por menos dinheiro do que aquele que recebemos, e há sempre forma de fazermos pronto, com pessoal da terra, pronto, e daí conseguimos por vezes ficar com qualquer coisa que depois nos vai ajudando para fazer algum dinheiro para as intervenções desses projectos, pronto, como foi o caso do fojo do lobo, projectos de melhoramento, desse projecto que tivemos que abandonar

AL: mas o dinheiro que sobra das ITI usam-no...

PG1: aos bocadinhos, vamos tirando um bocadinho num lado, um bocadinho do outro, porque é daí que nós

AL: ah exacto, para avançarem o dinheiro desses projectos

PG1: exactamente

AL: pois

PG1: e claro, nós tínhamos já uma mancha de plantas de pinheiro, e não de pinheiro grande, e não só de pinheiro, também tinha algum carvalho, castanheiro também, que

depois ardeu, porque senão nós aí já iríamos, ou estávamos a pensar fazer uma receita para

AL: pois... o que ardeu ainda conseguiram vender alguma coisa?

PG1: não, já não conseguimos

AL: estava mesmo

PG1: ainda tentámos, contactámos empresas, madeireiros, claro, mas já não se interessaram, aquilo foi... sei lá, aquilo foi numa altura muito violenta e o lume destruiu mesmo quer dizer, aquilo foi...

AL: pois, pois, pois... e não veio às casas?

PG1: não...

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Questionei-o quanto aos cortes das áreas forrageiras e ele disse-me que anteriormente eles podiam candidatar-se com mil e tal hectares para as ITI e para os produtores de animais e actualmente com o corte veio abaixo quase metade, ficaram com 520 hectares elegíveis para essas candidaturas. E segundo ele, só da ITI vão perder 20000 Euros, e isto não tem a ver com os produtores. (...) ele disse que antes davam 20 hectares a cada agricultor, a cada agricultor que pretenda obter um subsídio para a produção de gado, e agora podem apenas dar meio hectare por cada animal adulto com mais de 2 anos ou por cada 7 ovelhas, portanto o animal adulto com mais de 2 anos refere-se aos bovinos. Portanto houve assim um corte grande. Na aldeia dele [ou no conjunto dos 3 lugares? Ver caderno] existem 50 pastores. Actualmente esta candidatura para os pastores depende portanto do efectivo de cada um. Por exemplo nesta questão dos cortes, em 2010 houve um incêndio que levou abaixo uma data de mato e floresta e eles imediatamente retiraram essa área da possível forrageira. Ora este senhor é também da opinião, como toda a gente até agora, que estas classificações são feitas a partir do escritório de Lisboa, não têm a mínima noção do que é que se passa no local e é mentira que os animais não pastam na zona de rocha, é mentira que os animais não pastam na floresta, é mentira que não pastam nas zonas queimadas, que passado um bocadinho já está cheio de erva. Enfim... diz ele 'agora vamos ver em Setembro como é que vai ser a perda para os nossos agricultores, porque se fosse só a perda para o baldio ainda vá agora os agricultores já é mais preocupante'. Ele diz que prometeram que vão passar outra vez o avião que fez a análise aérea das áreas para ver se alguma coisa muda. Mas entretanto mesmo que alguma coisa muda já se passou um ano, como ele diz.

TERRAS DO BOURO

Ermida: TE1

AL: Qual é a área aqui do baldio?

TE1: é... não sei se tenho aqui no mapa

AL: só para ter uma ideia

TE1: se tiver aqui no mapa... mais ou menos eu sei

AL: ah vocês têm aquilo tudo bonitinho, posso tirar uma fotografia?

TE1: pode... é o ICNF que nos cede isto, porque as ITI era através do PNPG e depois a gente tinha áreas marcadas onde se roçava mato ou onde tinha de se fazer laterais de caminhos e essas coisas todas, esta foi uma dos últimos anos

AL: aaah, faz parte da candidatura às ITI isso?

TE1: exactamente. Isto era uma abordagem

AL: vou tirar consigo... não se importa?

TE1: não, não, esteja à vontade. Se um dia quiser um posso-lhe arranjar, agora neste momento só tenho este

AL: é só uma curiosidade

TE1: e isto é a nossa área

AL: ok... e se calhar está aí a área não? Isto é cada parte

TE1: não, isto era cada parte de trabalhos que tinham de ser realizados, por números e por letras

AL: já tinha visto candidaturas às ITI mas os anexos, neste caso o mapa, ainda não tinha visto

TE1: e depois o ano 1 é x parcelas, o ano 2, ano 3, ano 4, ano 5... que estão aqui todas assinaladas

AL: vocês agora estão em que ano?

TE1: isto terminou o ano passado

AL: ah, é verdade! Tem razão! Sim, sim, sim

TE1: agora é um outro nome que lhe atribuíram e portanto as pessoas que tiveram que... que lhes foi retirada muita área já não vão ter o apoio que tinham, como nos aconteceu a nós

AL: pois, também vos aconteceu a vocês?

TE1: sim

AL: agora estão com quanta área?

TE1: quase não deu para ceder aos pastores, a nós retiraram-nos para aí 80%

AL: icch. Não tem uma ideia assim mais ou menos da área do baldio? 1000, 2000, 3000...? Hectares do baldio todo

TE1: não, porque isto é que nos é retirado é área de pastagem não é... a área total são 1400 hectares

AL: do baldio?

TE1: sim. Depois havia uns 350 hectares que era considerado área de pastagem, que era essa área que a gente estava a usar

AL: então não era assim tanto, não era nenhum exagero, 350 em mil e tal...

TE1: não... depois a outra área é considerada floresta. Pronto, e depois na área da pastagem eles viram isto através do satélite, como é que se chama? Foto não sei quê... e parece que apanha ali muita pedra

AL: sim, fotointerpretação

TE1: exactamente. E depois diziam que era a UE que não queria pagar por pedras

AL: pois

TE1: mas não é isso que se vê no terreno, mas eu já lhe mostro quando a gente for

AL: sim, sim, sim. Pois eu ouvi falar dessa questão

AL: pois, há quem diga que debaixo do pinhal não há comida para cabras, mas há bastante, e de que maneira

TE1: há, há! É para veres...

AL: mesmo a malta de alguns baldios dizem isso “ah, não, debaixo do pinhal não há nada, mas debaixo do carvalhal há”, mas eu por acaso, do que eu conheço do pinhal é isto, há sempre muito mato

TE1: é... pronto, era outra coisa que lhe queria explicar... é uma confusão dos diabos que faz essa gente da Europa também no que respeita às pastagens...

AL: sim... sim, sim, sim. Pois...

TE1: porque tu vais para a Áustria, Suíça, França, Alemanha e o que é pastagem para eles? Pastagens para eles é um campo onde metem as ovelhas, onde metem as cabras, mas aqui não é assim, para nós aqui as ITI devia ser considerado pastagem mesmo a área da floresta, porque o gado bovino anda aqui a pastar, estás a perceber

AL: sim, eu já vi... ali na zona de Travanca, ao pé da Porta do Mezio, eles andam lá, no meio das rochas

TE1: aqui assim, anda gado bovino aqui a pastar. Para esta gente da Alemanha, porque dizem que os culpados de haver cortes nas áreas de pastagem, que foi um fulano que veio aí da Comissão Europeia, depois que lhe foram mostrar um baldio não sei para onde, para ali, e o fulano só viu pedras e viu pinheiros, diz que não podia ser pastagem debaixo dos

pinheiros... não pode ser na Alémanha, por isso é que os nossos gados autóctones daqui não são iguais aos da Alémanha, não é...

AL: é os usos e costumes lá está... quando não se tem as pastagens idílicas da Suíça, usa-se o que se tem

TE1: exactamente, mas sempre foi assim

AL: exacto, e come-se e elas estão gordas

TE1: isso é para tu veres que a informação que por vezes tu recolheste noutra baldio que não há-de comer debaixo do pinhal é mentira, aqui pode pastar cabras... porque... qual é a pastagem da cabra? Não é a mesma do gado bovino... a cabra pasta nestes matos não é, o gado bovino é mais as ervas que estão assim... mas o gado bovino também acaba por comer este mato. Mas pronto, mas esta gente da Europa faz uma confusão dos diabos para eles a área de pastagem. A área de pastagem da serra do Gerês, não sei lá como é que são as outras, não tem nada a ver com a área de pastagem na Alémanha ou assim

Vilar da Veiga: TV1

Covide: TCo1

Rio Caldo: TR1

Vilarinho da Furna: TVf1

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e que receitas é que o baldio dá neste momento? Neste momento não está a dar grandes receitas não é? Para a Junta

MeC1: dava, com as ITI estava a dar

AL: ah, conseguiam fazer sobrar e

MeC1: faziam... sobrou... Nós lá em Castro deram a uma associação 220 000 Euros, que é muito dinheiro

AL: deram assim?

MeC1: sim

AL: a uma associação? Qual associação?

MeC1: Castro Solidário

AL: ah, não conheço

MeC1: um centro de dia

AL: ah, construíram qualquer coisa não foi?

MeC1: construíram o centro de dia, mas para dar 220 000 Euros...

AL: foi sobrando bastante ao longo dos anos. Acho que aquilo são 20 e tal mil Euros por ano, que dão... não é?

MeC1: quase 100 000 que davam

AL: ah, porque é gigante o baldio, pois

MeC1: nós tivemos a ver, não tenho bem a certeza mas deve ser perto de um milhão de Euros que se recebeu desde 2009 ou 2010

AL: pois porque isso depende da área não é? O que recebem da ITI depende da área que tem de limpar não é?

MeC1: sim

AL: e vocês têm uma área muito grande

MeC1: por isso dinheiro dava aquilo

AL: e vocês concordavam com a forma como eram usadas essas sobras de dinheiro, entre aspas?

MeC1: aquilo as actas não reflectiam o que acontecia nas reuniões, só para ver, já estávamos em tribunal por causa desta brincadeira e já não me recordo, houve lá uma decisão qualquer, e houve votação de braço no ar e eu discordei, levantei-me e disse “desculpe lá mas eu... não foi essa noção com que eu fiquei...” isto disse ao presidente da mesa “fazer nova votação para contarmos isto tudo melhor”. Negou-se.

AL: muita gente diz que sem subsídios também não existia pecuária... acha que é verdade? Eu não sei

MeC1: mas isso é... se calhar é verdade, mas não podemos ver só Portugal... temos de ver a EU toda

X: [o terceiro rapaz que está presente na sala diz qualquer coisa]

AL: é produtor?

X: não, só que estou a par aí de algumas situações

AL: mas pode falar também (RISOS)

X: não

MeC1: porque os subsídios é para todos os produtores da EU, não é? Caso não houver subsídios para nenhum país se calhar o preço ia subir e tornava-se tudo rentável, por isso

não podemos estar a pensar 'sem subsídios'... porque não somos só nós não é? Se não houvesse se calhar o preço por kg subia e tornava-se... não é?

AL: sim, mas depois há aquelas línguas que dizem "ah, eles querem é o subsídio e depois deixam as vacas magras pelo planalto ou pela

X: isso, o subsídio é para preservar as espécies animais autóctones

MeC1: eles já nem dão subsídios

X: pois

MeC1: há alguns que sim

X: se é para preservar aquilo é um negócio bastante rentável pelos vistos. Tem gente que recebe muito dinheiro por ano

AL: pois, e depois há pessoas que dizem que o número é ditado precisamente pelo valor do subsídio

MeC1: não, mas não é isso que está em causa, porque há subsídios para manter as raças autóctones, e isso não é focado para a produção, claro está, mas há outros que

AL: sim, já me disseram que agora foi implementada outra questão que foi também para garantir que há produção de facto, porque o que se diz que como o subsídio não é à produção mas sim aos números de cabeça as pessoas adquirem uma data de cabeças para terem o subsídio mas depois não lhes dão continuidade à produção, mas já me disseram também que tem que haver x cabritos... ai, os animais têm de ter x cabritos por ano e não sei quê, que é para garantir que há ali uma continuidade. Mas até hoje pelos vistos o que se tem visto, ou o que eu tenho ouvido, é que as pessoas adquirem os animais mas depois a partir do momento em que têm o subsídio deixam... os cavalos, por exemplo, andam sempre por aí, assim, aqui não, mas mais lá para a zona de Terras do Bouro, andam para lá e nenhum tem dono, mas se vem a fiscalização cada um passa a ter 20 donos

MeC1: nalguns... eu sei de casos noutros baldios, mas no nosso felizmente... há com pessoas de fora... com pessoas de fora há, e com os espanhóis, mas de resto não... as pessoas que se dedicam mesmo a sério àquilo, dedicam-se mesmo a sério

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: A Cachena terá sido uma variante da Barrosã, a caxena é originária ali de baixo, destas serras, dessas serranias aí da Peneda e tal... são zonas muito escarpadas, com forte declive e pastos pobres e então a caxena provavelmente terá evoluído um bocadinho para algo mais pequeno, membros mais finos, mais esganado o pescoço, focinho mais comprido e tal, para ela conseguir ir buscar a... a sítios mais

AL: pois, pois... e movimentar-se não é, se for muito pesada se calhar não consegue aguentar grandes declives

MeC2: poderá ser assim... poderá ser... não sou ninguém para...

AL: faz sentido

MeC2: e agora ultimamente veio a euforia das raças novas, e dos recursos genéticos próprios e essas coisas todas e tal, e terá caxena como raça, como raça descrita em livro genealógico terá para aí 10 anos

AL: só?

MeC2: por aí, não lhe vou dizer... mas por aí, 10 a 12 anos, talvez, como raça própria escrita em livro genealógico ahn

AL: mas se calhar é isso que diz, se calhar começaram a dar mais atenção agora, se calhar a vaca já existia mas agora é que lhe deu para

MeC2: exactamente

AL: porque acaba por ser marca não é? Turismo e não sei quê

MeC2: sim, há alguns interesses, apareceu aqui a caxena, mas apareceu lá em baixo (...) depois apareceu lá umas com umas características próprias, chamaram-lhe por exemplo, parece que lhe chamaram *garvonesa*, e agora apareceram aí há dois ou três anos, ou quatro para aí na zona da serra da estrela também uma raça muito própria, que lhe chamaram a *germelista*

AL: *germelista*?

MeC2: sim, *gemelista* ou *germelista*. Agora como há um apoio da EU ao património genético, essas associações, que de associações não têm nada mas pronto

(RISOS)

AL: de produtores?

MeC2: mas pronto, não são de produtores, tem alguns, pronto para tentarem ter alguma influência e tentar ir buscar mais algum dinheiro para ir vivendo e tal, então vão criando essas... essas raças, que tecnicamente valerão que valém... valerão o que valém, não sei até que ponto se poderá chamar de facto raças [...] uma raça é uma coisa restrita, é um grupo de indivíduos não é, que além de se poderem cruzar entre si por serem da mesma espécie têm depois de garantir determinadas características

MeC2: enquanto que sendo assim, como é de todos não é, torna-se mais difícil fazer uma boa gestão e fazer uma série de operações que possam rentabilizar mais o baldio

AL: mas os produtores não se podiam juntar e fazer isso em conjunto? Se há vários...

MeC2: isso é o que se fez antigamente, o que se fazia quando as pessoas dependiam totalmente do baldio, é complicado...

AL: há muitos produtores aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não, para já ainda não há muitos

AL: mas quantos produtores é que estão

MeC2: sabe porque é que os produtores na generalidade não se preocupam muito com isso?

[toca o telefone de MeC2, ele atende]

MeC2: as pessoas estão mais preocupadas com os subsídios do que propriamente com a produção, não é? Por isso é que não se preocupam muito com o melhoramento das pastagens. E eu disse há bocado que quase compensa não produzir

AL: mas a partir do momento em que se recebe subsídio?

MeC2: pois, quase não compensa, porque ao preço que se encontra a carne, e ao preço que se encontram os [VENTO] quase que sai mais barato não produzir e viver só praticamente do subsídio

AL: então seria tipo, adquirir os animais e depois... por acaso lá em baixo disseram-me isso, "ah, isso as vacas andam aí muito magras"

MeC2: pois, está a ver, embora agora as novas normas, para que o animal tenha direito aos subsídios mudaram ligeiramente, uma vaca tem de pelo menos parir de 18 em 18 meses, não é, senão perde direito ao prémio

AL: eu isso não acho mal, pelo menos o que li, a PAC é um mundo, para mim pelo menos que só agora é que comecei a entrar nela

MeC2: é complicadíssima

AL: é super complicada, e pelo que eu percebi houve aí uns tempos em que os subsídios eram dados não pela produção mas pela área ou pelo número de cabeças, então é natural que as pessoas comecem a adquirir animais, agora se tiver a ver com a produção, a questão dos nascimentos, aí... eu acho isso bem, garantir que um projecto é um projecto realmente, não é só um suga-subsídios

MeC2: exactamente. (vento)

AL: pois, eu não sei, depois de todas as conversas que tenho tido começo a ficar algo confusa, mas ao mesmo tempo há coisas que começam a ficar claras para mim, uma delas é a manutenção do gado nem que seja como prevenção de incêndios, manutenção de uma certa dinâmica no monte, sendo um Parque Nacional, também do ponto de vista de manter a paisagem não é

MeC2: é que por definição Parque Nacional é a área, mas inclui também as pessoas e os usos e os costumes das próprias pessoas, e essa é a definição que distingue parque natural do Parque Nacional

AL: sim, e eu acho que é isso que atrai o turista, claro que estas paisagens brutais também atraem, mas eu acho que, de uma forma muito geral, claro que há-de haver aqueles que preferem não ter os animais e não ter as pessoas, mas eu acho que não, acho que a grande

maioria do turista vem precisamente à procura de perceber como é que estas pessoas vivem ou viviam e assim. Portanto acaba por ser também um investimento manter um certo nível de produção pecuária e agrícola nestas zonas, e lá está, isso tem de ser através de subsídios... Mas não é um bocado assustador pensar que estão dependentes de subsídios que nunca se sabe se vão acabar amanhã?

MeC2: é verdade, é complicado isto

AL: pois, porque se acabam os subsídios...

MeC2: no nosso país, e não só no nosso país [VENTO]

AL: acha?

MeC2: não, poderão ser dados de uma outra forma, com mais ou menos exigências, mas não...

AL: sei lá

MeC2: não pode acabar, senão não sei o que seria

AL: oh, era o fim se calhar, da actividade agrícola... isto só do ponto de vista do gourmet, não é, da qualidade, é que pode vir a ser rentável, mas também não sei se é o suficiente para manter uma família

MeC2: não sei, é que há pouco mercado para isso. Eu estou agora em conversão para fazer carne biológica, só que... vou fazer carne biológica, mas só por causa do subsídio, porque eu sei que a não vou vender, eu não tenho mercado para carne biológica

AL: pois em Portugal não há muito esse mercado

MeC2: pois... não eu tenho mercado, mas como vou continuar na mesma a fazer carne DOP, embora biológica mas vai ter ser vendida como DOP porque não tenho ninguém que ma consuma como biológica, então porque é que eu a vou fazer, porque vai-me sair mais caro do que estou a fazer agora, mas lá está, lá vou ter o tal subsídio que me vai compensar e vou fazer isso. E como eu há aí. Neste momento nós se calhar perante Bruxelas, não é, lá a nossa ministra ou... vão dizer "ah, temos não sei quantas pessoas a fazer agricultura biológica", pois... mas nós temos é não sei quantas pessoas a receber subsídios para isso, e produtos biológicos, nada!

AL: pois... será exportação ou como é que é?

MeC2: exportação podia ser, mas para se fazer exportação, havia que se agrupar

AL: ou para vender em agosto (RISOS), que é quando vem cá toda a gente gastar dinheiro

MeC2: não, não vejo que de, o pessoal que vem cá em agosto não gasta dinheiro em produtos biológicos

AL: não?

MeC2: não, o produto biológico vende-se bem na Alemanha e nos países nórdicos

OUTROS UTILIZADORES

Utilizadores autorizados oficialmente

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: olha as cabras

AL: estas não estão sozinhas ou estão? Pelo menos estão para ali cães...

MCa1: não, vem lá o pastor

AL: vocês controlam quem é que ainda aí a pastar ou...

MCa1: sim, sim, sim, claro. Até porque as pessoas que vêm aqui está tudo registado, nós sabemos quantos animais é que existem no baldio, a pastorear no baldio, qualquer tipo de animal, cabra, cavalo, vaca, seja o que for, até porque agora para as declarações para os subsídios temos de saber quantos animais é que cada pastor tem. Sabemos perfeitamente quantos... mas também podem chegar aí e descarregar uma vaca ou duas e eu não sei de quem é, não é... se é daqui ou não, não têm matrícula (RISOS).

AL: exacto!

MCa1: não sei bem se será daqui, se será do lado de lá, sei lá... não é...

AL: e se acontecer isso assim e tu perceberes que são de outro lado, há problema ou...

MCa1: têm de tirar os animais, porque os usos e costumes têm de ser mantidos... não é...

AL: pois, exacto... e essas pessoas à partida terão o seu baldio...

MCa1: exactamente, cada um tem a sua área para pastagem. Se bem que aqui os de Ruivães, os de Ferral, têm direitos de pastagem do nosso lado no verão... na altura da vezeira a nossa vezeira ia à frente e a deles ia atrás, a descer a deles descia à frente e a nossa descia atrás...

AL: aaah, vocês comiam o melhor que havia e eles vinham depois... pois, mas é isso, o baldio é daqui

MCa1: ah pois... para um comer a carne o outro tem de comer os ossos, não podem todos comer a carne

AL: mas eles também têm pastagens lá, não têm?

MCa1: têm, têm. Porque isto antes em termos administrativos Ruivães era sede de concelho e nós fazíamos parte de Ruivães, antes de existir a barragem. Muito antes... existia só um rio, o Rio Caldo que é um rio que praticamente traz pouquinha água

AL: ok, então esta barragem é sobre o rio Caldo...

MCa1: deste lado, encaixado na encosta Este, aí no fundo... e aqui é o rio Cabril

MCa1: estás a ver aquilo ali em cima?

AL: ah

MCa1: aquilo é um moinho de cubo vertical que nós também recuperámos

AL: de cubo vertical... isso tem a ver com o quê? Com o funcionamento do moinho?

MCa1: exactamente. Aquilo são argolas, a água vem de cima, cai, depois lá no fundo tem... vamos lá num instante senão assim também não dá para... vamos lá... a água... aquilo enche, no fundo forma-se um jacto de água [...] a pressão de água a bater no rodízio (?)

AL: e como é que fazes para que haja pressão

MCa1: a pressão é provocada pelo cair da água

AL: ok. Estão a recuperá-lo é?

MCa1: estamos

AL: e esta casa é para quê?

MCa1: esta casa é minha

AL: ai é?

MCa1: estou a preparar para criar aí um albergue

AL: para turistas?

MCa1: sim, sim

AL: ai que giro, mete-se a pedra por fora... sai mais barato do que meter tudo pedra não?

MCa1: não, não... [vento]

AL: olha, e o albergue fica a ser teu, é do baldio, como é que é?

MCa1: não, isto é meu há muito tempo

AL: então, mas isto é baldio

MCa1: não, isto é particular

AL: ai é particular? O moinho é que já é do baldio?

MCa1: exactamente

AL: ah, então isto é da tua família esta parte?

MCa1: sim

AL: e o moinho está a funcionar?

MCa1: está a funcionar. Esta água vem dali e é esta água que alimenta o moinho

AL: e o moinho é usado?

MCa1: pouco

AL: é moinho mesmo para moer cereais e não sei quê não é?

MCa1: exactamente

AL: (RISOS) deixa-me lá fazer perguntas urbanas. Ok, então aquela água vem dali, é utilizada para alimentar o moinho mas depois é usada para regadio como? Através de...

MCa1: depois a partir dali cada um nos seus dias leva a água para o seu terreno

AL: está bem... bem esta casinha... ainda venho a ser cliente!

MCa1: ora então... a água cai lá de cima... nós depois vamos lá acima

AL: os cilindros são ali não é?

MCa1: os cilindros...

AL: (RISOS) como é que tu chamaste?

MCa1: as argolas... a água cai lá de cima e enche o, o, o...autoclismo

AL: ok

MCa1: certo? E depois sai ali só por aquele buraquinho

AL: Ah, por isso é que faz a pressão...

MCa1: bate nestas helicezinhas e como sai com muita pressão faz com que a pedra amole, isto está ligado à mó, ao bater aqui a água a mó anda e mói

AL: e porque é que não está a cair água agora?

MCa1: porque não querem. Quando se quer torna-se para aqui, vira-se para aqui e ela...

AL: aaah. E isto é usado o quê? Uma vez por mês?

MCa1: fica ao critério das pessoas

AL: ok. Isto faz parte aqui só desta aldeia?

MCa1: exactamente. Isto é daqui de Xertelo

AL: isto estar tudo ferrugento não tem mal nenhum pois não?

MCa1: até é bonito assim (RISOS). Este é o velho, recuperámos o velho, esta madeira é nova, mas o rodízio é o antigo

AL: boa! Não, não tem mal nenhum, ali só passa água não é?

MCa1: claro. Isto já é outro

AL: outro moinho?

MCa1: moinho, que não foi recuperado. Estava muito mais degradado e era muito mais caro

AL: mais difícil pois... ah, era mais ou menos isto que eu estava a imaginar

MCa1: a água vem dali, passava por este, fazia moer este, a mesma água serve para... depois entra aqui, vem por aqui...

AL: ui, granda queda!

MCa1: isto aqui representa uns quilos enormes de água... isto está cheio, isto enche mesmo até aqui acima, depois sai só por aquele buraquinho, é por isso que quanto mais peso tem mais pressão é... certo?

AL: ah, não conhecia. E a água continua a passar por aquele?

MCa1: exactamente, continua! Aquele agora não mói mas continua a passar por ali na mesma.

AL: é engraçado que ainda usem...

MCa1: É claro que isto também vai de encontro àquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... opa, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente

AL: e achas que vai ser só através do turismo que a malta vai conseguir aqui ter...

MCa1: a meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro. O dinheiro neste momento, da maneira que ele é escasso tem de ser muito bem gasto e direccioná-lo para coisas que se sinta que é o futuro, não vamos estar a investir em coisas... que sei lá, à partida já sabemos que não são sustentáveis. E acho que basicamente são esses 3 pilares que temos que manter em bom estado. E se fizermos isso como deve ser acho que Cabril tem muito potencial, tem é de se fazer bem feito. Temos de trabalhar bem!

AL: pois, porque estavas a dizer há bocado que a floresta, e eu também acho, para além de dar algum tem de se investir muito nela, mas se calhar pode chegar a um ponto que, lá está, eu não sei, nunca tive floresta, mas pode chegar a um ponto em que o saldo é positivo e começa a tirar...

MCa1: ah, claro, sim, exactamente. A medio e a longo prazo, porque a floresta não é uma coisa imediata, que vou plantar hoje a amanhã posso estar a vender

AL: vão às tuas e vai ser uma aula prática ou quê?

MCa1: não! Vamos andar aí nos apiários... aproveito a mão-de-obra barata para o pôr a trabalhar para mim (RISOS). Ele também aprende não é? Vai vendo o que vai passar... isto são tudo ensinamentos

AL: mas tens várias... para além destas colmeias tens noutros sítios também?

MCa1: eu tenho 600 colmeias!

AL: fogo! Ok, pronto, que ingenuidade minha

MCa1: olha, vês, é essa a água toda que vem... do regadio

AL: ah, do regadio. Pensei que era a do... mas também é a mesma do moinho não?

MCa1: é a mesma, antes de chegar aqui passa se quiserem pelo moinho

AL: se quiserem, pois está bem... e como é que se direcciona aí a água do moinho?

MCa1: tem umas torvas que se viram para um lado ou para o outro, de acordo com...

AL: Está bem, e neste momento estão viradas para o regadio

MCa1: sim, para os terrenos

[entramos no carro]

AL: então agora só mais uma pergunta assim parva...

MCa1: pergunta as que quiseres

AL: então, a água chega ali àquela espécie de piscina, não é, àquele tanque, e acumula-se lá não é? Que é a mesma água não é...

MCa1: exactamente!

AL: e esta água vem do tanque?

MCa1: vem, é a que cai dentro do tanque

AL: ah, ok.

MCa1: depois fora do tanque tem um sítio que nós chamamos de talheiros, um talheiro é onde se... põe-se aqui a tábua e a água vai para aqui, põe-se a tábua aqui e a água vai para a frente, percebe? É um cruzamento... em que viras a água de acordo com..., se vai para a frente vai para os terrenos de acolá, vai por cima, se vier para aqui vem para baixo, entendes?

AL: ah, ok. E neste momento vai para aqui porque alguém decidiu que dava jeito...

MCa1: não, porque é desse herdeiro, é desse senhor, a água é direccionada cada um para o seu terreno. E tens um número de horas para cada terreno, percebes? É 12 horas, ou não sei quê para o terreno x e vira-la para lá... percebes?

AL: a água aqui não escasseia ou? Pelo menos agora ainda...

MCa1: não! E agora depois desta obra³⁸ não escasseia facilmente

AL: portanto essa questão das horas é mesmo porque não é possível não estar a água em muitos lados ao mesmo tempo, não é por uma questão de poupar ou ...

MCa1: não é por uma questão de poupar... não, não, não. Aquele terreno tem x horas de água, aquele outro tem x horas de água, tem a ver depois do tamanho do terreno, da necessidade de ele ter. isto já está partida, a água já está partida há muitos anos

AL: está partida... engraçado

MCa1: partida entre os herdeiros

AL: chamam-lhe herdeiros, herdeiros porquê?

MCa1: ainda são herdeiros porque a água é uma propriedade e os herdeiros daquela água... que são as pessoas que usam

AL: que é a malta da aldeia toda...

MCa1: pode não ser a malta da aldeia toda

AL: são as pessoas que precisam da água...

MCa1: que têm os terrenos para serem regados

AL: está bem. O que é aquilo?

MCa1: aquilo era uma barraquinha para o pastor se abrigar, das cabras, portanto quando andam aí com as cabras e metem-se ali...

AL: e foi ele que...

MCa1: escavaram aquilo na pedra...

AL: aí estão elas... pois andam aí à vontade

MCa1: isto é importantíssimo. A cabra come tojo, é aquele que pica, a cabra é o único animal que come o tojo

AL: ... não têm concorrência...

MCa1: este velhote tem 80 e tal anos

MCa1: então patrão? A vida? Estás bom?

S: tem de ser assim

MCa1: quantas tens agora?

S: poucas, algumas 52, mas ainda são demais

MCa1: são demais? ... também, diz que ou 100 ou sem elas

³⁸ É um tanque de recolha de água

S: não, mas isso, não conta isso. Conta mas é os anos que já...

MCa1: os passos que tens de dar com 50 eras os mesmos que davas com 100

S: não, mas não, isso era se eu tivesse menos de 20 anos

MCa1: quantos anos tens? 86?

S: 84

MCa1: vês aqui um exemplar de homem que com esta idade ainda anda aí todos os dias para trás e para a frente

S: mas olha que parte desses podiam andar melhor do que eu, novos, há aí malta nova

MCa1: não, esses é que não mexem uma palha

S: não querem!

MCa1: pois, lá está, e um trabalho...

AL: tramado!

MCa1: nesta altura até é uma maravilha, até se podem bronzear, agora de inverno o dia todo debaixo de chuva

S: não é. Eu até gosto, a chuva nem é o que me perturba. Eu custa-me mais agora o verão.

No inverno a gente anda pouco tempo no monte

MCa1: pois, agora é muito mais horas

S: é meio-dia, a gente bota, só até 4 horas da noite, e às vezes nem 4 horas é

MCa1: também és preguiçoso

S: não, não é até 4 horas porque está a chover e vai-se para casa

MCa1: pois é... e agora os dias como são muito maiores eles...

S: agora é custoso

MCa1: mas é uma maravilha, deitas-te aí numa sombra, aí debaixo de uma pedra

S: ah pois deito e depois os lobos comem-me os animais

MCa1: é pena é... se tivesses aí uma gaja nova ao pé de ti

S: olha, nem nova nem velha. O meu tempo já passou, ouviste ou não? E foi bem doce mas agora...

(RISOS)

MCa1: mas também quem comeu não ouga

S: não, isso é verdade!

MCa1: xau!

S: até logo!]

AL: foi bem doce (RISOS). Que fixe! No outro dia estava a ver um documentário que na Galiza acontece um bocado... acho que as coisas são parecidas não são?

MCa1: sim

AL: com aqui em termos de baldios... então eles estavam a dizer que, estavam a entrevistar precisamente um pastor e ele dizia “eu não quero que o meu filho seja pastor, isto é muito duro e não dá rendimento nenhum”

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: da muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos quilos?

MCa1: 5 quilos, o ideal, 5-6 quilos no máximo

AL: 60 euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 euros cada um

AL: Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

AL: vocês têm caça dentro do baldio de Cabril?

MCa1: temos

AL: e é aqui dos povos da freguesia

MCa1: sim, é uma associativa de caça e só podem caçar cá os nativos

AL: ok

MCa1: não é aberta a qualquer um. Toda aquela zona de acolá e a partir do rio para lá já não se pode caçar, o parque também impôs algumas... alguns perímetros...

AL: é aquilo da protecção total, protecção parcial...? Ali é protecção total?

MCa1: não! Ali é parcial tipo I... tipo I ou II, isso agora... qual é que é a mais grave?

AL: a mais grave acho que é a tipo I

MCa1: é a I, então esta é tipo II. Do rio para cá é área de ambiente rural em que praticamente não há impedimento nenhum com nada, e de lá já há um bocadinho, mas pouco também. Depois lá em cima nas Lagoas do Maninho, onde fizemos o abrigo já é tipo I. e depois na zona dos Carris, já ouviste falar? Nas minas dos Carris, havia uma exploração mineira no tempo do volfrâmio... lá no topo da serra a 1500 metros de altitude em que a estrada de acesso era da Portela do Homem, do lado do Gerês para cá e vinha para ali. Os Carris é de Cabril, do lado de Cabril

AL: ah. E é tipo quê? Protecção...

MCa1: total!

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo não, ainda não percebi muito bem esta questão...

MCe1: há uma aldeia Cela e a outra é Sirvozelo

AL: pois, mas em baldio estão juntas

MCe1: estão juntas. Agora a serra tem , tem... perdido muita qualidade de fauna e de coiso porque os incêndios são consecutivos, os pequenos ruminantes diminuíram, aumentaram os fogos porque os pequenos ruminantes até aí não deixavam crescer os matos. Agora começou a ... os matos crescem muito rapidamente e as pessoas a única hipótese que têm é não chegar fogo que é para...

Covelães: MCov1

AL: vocês têm aqui alguma associação de caça dentro do baldio?

MCov1: temos uma

AL: e eles pagam alguma coisa ao baldio?

MCov1: não pagam nada. Por acaso até fui eu que organizei essa associação. No princípio eu com um de Pitões andei a apanhar as assinaturas e coiso e conseguimos.

AL: também faz caça então?

MCov1: não, caçava. Agora já não, agora é mais o meu filho

AL: quantas pessoas há na aldeia?

MCov1: oh, temos para aí alguns quarenta... tudo velhos (RISOS). Há pessoas de setenta anos, de oitenta, setenta, de oitenta, setenta.

AL: pois, é complicado

MCov1: nós temos o gado agora também, há pessoas que têm gado que é isso que eu estou a dizer e o meu rapaz agora já, é organizado, já tem gado, depois já pega para o monte.

Tem aqui os terrenos, agora tira o feno, sei lá como se chama lá para baixo, o feno é o pasto...

AL: feno, feno

MCov1: tem de se meter lá nos armazéns para depois no inverno... porque aqui há neve, e temos neve, chuva, muita, e depois o gado muitas vezes até não sai, fica nos currais... não pode sair. E temos de lhe dar de comer. E quando dá vai para a serra. Agora no mês de Maio já vão para a serra a maior parte

AL: há muito gado na aldeia?

MCov1: aqui só temos pouco, nós temos setenta e ... para aí setenta e quatro ou setenta e cinco; ovelhas é que temos mais para aí umas quarenta

AL: e os animais são das pessoas?

MCov1: são das pessoas pois, um tem dez, outro tem doze, outro tem vinte

AL: e fazem vezeiras ou não?

MCov1: não, cada um vai com as suas. Quando as vão lá deitar ao monte andam lá todas juntas... juntas com as de Pitões, com as de Travassos, vai tudo para o nosso monte

AL: ah, então as de Pitões e de Travassos também vai tudo para o vosso monte...

MCov1: vêm, comem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles

AL: Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1: aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov1: não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1: não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem

aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a lenha e a gásóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1: do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI.

Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: e podem usar a madeira? O que sai das limpezas, em geral, podem usar...?

MCov1: pois... vai para o gado que depois aquelas máquinas desfazem tudo, depois só fica a erva que é para o gado comer, porque aquilo... a máquina desfaz, aquilo é para desfazer, mas nós contratamos uma companhia...

AL: essa companhia é de onde?

MCov1: é de Travassos... é do irmão do presidente da Junta, ele é que vem fazer aqui. Mas há outras que vêm de Braga, mas esses aqui nunca trabalharam. Mas trabalharam em Travassos já... trabalharam em Sezelhe, trabalharam em Sabuzedo, que ainda é longe, trabalham em muitos sítios. Trabalham em Outeiro

AL: quanto é que custa um tractor mais ou menos?

MCov1: noventa e tal mil... o de Tourém foi, noventa e tal mil. Esse de Travassos não sei, nunca perguntei, mas custou também para aí oitenta mil...

AL: e o dinheiro das ITI dava para comprar isso? Um ano das ITI dava para comprar um tractor?

MCov1: pois logo ao princípio quando esse dinheiro veio era para comprar um tractor, calha depois meter lá pessoal a limpar e coiso compraram o tractor. E agora então esse dinheiro está...

AL: está a entrar

MCov1: está a entrar para eles. Em vez de ir parar a outro lado vai para eles. Eles fazem x hectares como nós durante o ano

AL: é doze ao todo não é

MCov1: nós por cada hectare estamos a dar 750 euros

AL: à companhia?

MCov1: sim. E depois ainda tem o IVA, ainda temos de lhe pagar o IVA. Vá lá que aquilo é só 6%

AL: ai é, 6%?

MCov1: sim, no baldio é. Agora temos a parte que vamos roçar e vamos lá com essa máquina... com essa companhia. Mas nós temos terreno que é para trazermos mato para o gado, porque nós, as cortes, se não puséssemos ficava cheia de porcaria, temos de carregar, como o meu rapaz agora foi buscar, um pouco porque o gado já está na... e essa parte é para... já não lhe mexemos... ali é o povo só, a aldeia é que tira

AL: o mato?

MCov1: mato, mato, trazem-no para casa... o outro que é mais coiso, não dá... o maior é para as máquinas... que é depois para ficar limpo para o gado comer, aquilo é para pasto do gado. Isto o dinheiro que vem [das ITI] é para nós fazermos a limpeza para o gado pastar, porque eles querem que o gado paste e que seja aquilo limpo para o gado ter que comer

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: aquele mato que trouxe do monte para por na cama dos animais, depois ainda vão usar como fertilizante da terra?

MCov1: então pois! Se não fosse isso como é que havíamos de semear? Nós temos aqui as terras todas semeadas, eu tenho aqui uma grande que está toda semeada, acolá em baixo, outra...

AL: o que é que cultivam?

MCov1: tudo, milho, batatas, se não levar o esterco não dá nada

AL: o quê?

MCov1: o estrume... nós aqui chamamos-lhe de esterco... depois as vacas amassam e depois andamos com os tractores é que...

AL: e aquilo é que dá ali a vitalidade ao solo

MCov1: aquilo espalha-se no campo e lá ...

[chega a esposa do senhor Manuel, que até ali tinha estado recolhida nos seus afazeres lá para dentro da casa...]

E: olha, o Paulo chegou e diz que daqui a pouco tens de o ajudar a ir botar as vacas...

AL: eu vou-me embora, já lhes tirei demasiado tempo. Vou deixar-vos seguir a vossa vida (RISOS)

E: ele foi buscar o tractor...

AL: eu também já tinha acabado

E: ele foi buscar o tractor e agora precisa que ele lhe ajude a botar as vacas que estão umas num lado, outras no outro

AL: tem de ir trabalhar! Já teve aqui a trabalhar um bocado agora, e agora tem de ir trabalhar um bocadinho mais (RISOS). Diga-me só... esta terra aqui em frente é sua?

MCov1: esta terra aqui é de um cunhado meu, por acaso trabalho-a eu, é o rapaz, agora é ele que a trabalha... esta aqui, aquela lá de baixo também, até ontem metemos duas, anteontem três. Aquilo tem de levar o estrume, se não levar o esterco não dá nada. Eu aqui, tenho as vacarias, é tudo para isto. Agora se não fosse o esterco não podiam semear nada

Fafião: MF1

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para

Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores [? *Não se entende*] e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer virar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: e o que é que plantam?

MF1: é as autóctones

AL: e fazem isso todos os anos?

MF1: todos os anos

AL: a associação Vezeira?

MF1: exacto.

AL: a Vezeira existe há quanto tempo?

MF1: eu acho que é de 2009 ou 2010...

AL: e antes de haver a Vezeira não faziam essa plantação?

MF1: fazíamos essa plantação na mesma só que pronto não era uma coisa organizada e não trazia pessoas de fora... agora vem 100 pessoas...

AL: ai é? Para ajudar?

MF1: é! E pagam inscrição e comem e fazemos-lhes a cabra... o que se come aqui na festa é cabra...

MF1: na festa de julho?

MF1: sim, na festa de julho. É o nosso, o nosso prato forte é a cabra. Não é aquela cabra negra do Minho como se vê no outro lado. Depois fazemos também uma outra comida grelhada e depois ao fim damos um bocado de cabra. A cabra é maravilhosa. As pessoas que vem adoram a cabra. E fazemos a cabra num pote, como se fazia antigamente e as pessoas ficam deliciadas

Esta actividade é mesmo fora de série. De todas as que fazemos aqui eu pessoalmente é a de que mais gosto, porque eu gosto muito desta parte da serra, e é... é espectacular

AL: e que tipo de pessoas é que vem?

MF1: vem todos, vem todo o tipo de gente. Até há alguns que não conseguem saltar uma pedra, vem, ficam por ali num sítio que reconstruimos, que foi Pinh^o, essa cabaninha que está lá toda engraçada, eu depois até lhe posso enviar umas fotografias, vamos lá nesse dia, é um sítio espectacular e o carro chega lá. E depois as pessoas dividem-se porque há vários currais e depois voltamos todos para ali, ficam ali uns a cozinhar, e depois quando chegarmos vai estar tudo pronto e o pessoal está ali na boa, tem água, tem sombra

AL: muito giro. E as pessoas vêm de longe ou vêm aqui de perto?

MF1: não, às vezes vêm alguns de lá de baixo, de Lisboa, muitos do Porto, de Famalicão, de Braga, aqui de todo o lado. Aqui nas nossas actividades tem sempre muita gente. A matança do porco também tem muita gente

AL: ah, a matança do porco também é aberta às pessoas de fora?

MF1: é. Depois também temos o trilho do medronheiro, mas esse costuma vir menos gente porque é em altura sempre de novembro, muita chuva, este ano estava a chover torrencialmente e tivemos tipo 40 a 70 pessoas a fazer os trilhos a chover torrencialmente. Fizemos uma plantação em marco que é aqui aquela zona onde estivemos e mais lá em baixo noutro sítio que ardeu. Essas também tem menos gente, teve-se 70 pessoas, mas esta da, principalmente a matança do porco e aquela lá dos currais é a, são as mais concorridas.

AL: olha cabras...

MF1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafão ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pa, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este e a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsídio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porque?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo

T: até logo, obrigado!

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns câezitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar ai numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há várias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

MF1: sim, isso tinha de ser assim uma coisa mais diferente, porque no inverno depois cada um já anda com as suas vacas no campo, já não é preciso

AL: ah, as vezeiras é só nesta época...

MF1: as cabras são todo o ano, só que há uma época que ficam cá em baixo e outra que ficam lá em cima, mas é todo o ano. As vacas é de mais ou menos 10 de Maio, neste caso vai começar amanhã, começa amanhã e acaba em 29 de Setembro, estão na serra, as vacas...

AL: isso que tu disseste de as cabras ora ficarem cá em baixo ora lá em cima, tem a ver com aquela questão das brandas e das inverneiras?

MF1: não. Na altura do verão que elas não querem ir para baixo, que gostam de estar na serra, não tem cabritos e tal, ficam lá nas cercas, e não andam aqui a encher o lugar de pulgas. E no inverno como tem os cabritinhos e está mais frio elas gostam mais de ficar recolhidas

AL: recolhidas aqui nos currais

MF1: sim, porque elas ali, se vier no verão chuva, apanham com a chuva, algumas até têm lá onde se meter mas não tem para todas, e as cabras não têm problema nenhum com isso

AL: mas a palavra brandas, vocês aqui não usam essa expressão?

MF1: não. (eu explico o que entendo por brandas e de como existe esse conceito no Minho...) pois, aqui nunca abandonam as cabras, e as vacas da vezeira também não. Há outras que são... que as soltam numa zona, que é o gado que nós chamamos de “feirio”, que se soltam e deixam lá estar e vão ver tipo uma vez por semana. Só que esses depois têm mais problemas porque muitas vezes comem-nos os vitelos. Não estão guardadas, elas espalham-se e depois é mais... pronto, há mais problemas.

AL: feirio?

MF1: é... nós até, o termo que utilizamos é o gado “á suisse”

AL: então em termos de produção é mesmo a madeira... pelo que tenho estado a ver... por exemplo, caça... existe aqui alguma associação...

MF1: caça...há as perdizes, as corças, os javalis... mas o pessoal já... hoje acho que isso é só para andar a passear a espingarda que já não matam nada

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia (...) os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar

Outeiro: M01

AL: e o pessoal, vocês não andam com as vacas? Lá, para controlar isso...

M01: antigamente fazia-se a vezeira aqui, ia-se dormir para lá, aquelas cabanas, ainda agora temos aí cabanas recuperadas através destes projectos, cabanas feitas para o pastor... não produtivos, essa coisa, investimento não produtivo... mas já temos, tanto o CD dali como nós já fizemos essas... a recuperação dessas cabanas, mas agora o pessoal é pouco. Quando era antigamente iam render uns aos outros para guardarem o gado, também porque o lobo atacava muito os animais. Agora anda aí muito garrano e parem os potros e eles alimentam-se deles, e cabras bravas temos aí, talvez 500 dessas

AL: os lobos alimentam-se dos potros é isso?

M01: alimentam, quando são pequeninos atacam as burras, são animais mais frágeis... a vaca reage não é... e a égua vê só, a manada segue e ele fica quando é pequenino o lobo tenta... poucos trazem, anda aí muito garrano mas agora poucos trazem, poucos trazem para vender... e é da maneira que isto está, mas aí há muito animal desse...

AL: lobo?

M01: isso há, agora andam aí alguns, porque nascem os potros veem-se os ossos e não se vê o potro é porque alguém os come não é...

AL: quantas cabeças de gado é que vocês têm aqui na aldeia?

MO1: aqui há cerca de, ora, cada aldeia deve ter aí 200 e tal

AL: cada aldeia?

MO1: cada aldeia

AL: e de que aldeias é que está a falar? De Outeiro, ...

MO1: aqui de outeiro, de Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo tem menos gado, há menos gentes, estão mais idosos. Todas as pessoas têm 30, 20, 40,50, há aí quem tenha 100 vacas... a maior parte é o pastoreio no monte

AL: quantas pessoas é que têm aqui?

MO1: aqui não sei, mais ou menos, entre a aldeia de Outeiro, Parada e Cela e Sirvozelo deve ter aí alguns, os residentes, alguns 200 e tal eleitores aqui... há muita gente aqui

AL: ah, que vive...

MO1: que vivem aqui nas aldeias, pois... há muita gente

AL: pois, mas aqui em Outeiro quantas pessoas mais ou menos é que têm gado?

MO1: aqui devem ter sempre aí 12 ou 13 pessoas

AL: mas o pastoreio é privado não é? Ou seja, é uma actividade individual

MO1: não, o pastoreio é agora na serra bota-se para lá os animais e andam juntas... tem de se lá ir ver umas vezes de 8 em 8 dias. Vai um vizinho vê as minhas "olhe, eu vi as tuas em tal parte", a gente conhece os nomes "andavam ali acolá" e tal. Eu agora até para domingo que vem já vou botar a sair as que tenho aí, tenho aí vitelos

AL: vocês têm quantas? 20 não é?

MO1: é, eu tenho 20

AL: a sua esposa tinha dito... como é que se chama a sua esposa?

MO1: Maria

AL: ok, é que eu já falei imenso ao telefone com ela mas não sabia o nome

MO1: até foi ela que a atendeu... e até que venha lá o tempo frio, lá para Outubro ou por aí, há pessoas que até abusam mais, o gado deitou-se ao monte é como o bicho-bravo, deixam-se lá andar e não tem mal, parem, trazem de lá os vitelinhos, agora têm mais medo aos lobos como eles andam lá...

AL: quem?

MO1: têm medo aos lobos, que eles comam os vitelos e trazem-nos, mas eu nunca as deixo parir lá, só por uma casualidade de não saber bem quando é que a vaca cerra o tempo, mas parem em... baixo-as para parir, depois têm cá os vitelos, estão cá durante o inverno, a gente arruma o feno para elas e nesta altura elas gostam de ir para lá, basta só chegar ao fundo da aldeia e elas alinham como vão para uma festa (RISOS)

AL: pois... mas a vocês não vos interessa por exemplo começar a fazer render o pinheiro? Já fiz esta pergunta mais ou menos, mas agora mais...

MO1: não! Não é que...

AL: no sentido de vos trazer receitas

MO1: nós temos aí zonas, até aquele pinhal ali que ardeu, era um núcleo que podia ser vedado, não é... se disséssemos assim, pronto, e se nós fizermos este projecto, o parque ou o ICNF eles aprovam-nos isso de certeza. Vedá-lo e plantá-lo e limpá-lo e trabalhá-lo para produzir, agora deitá-los à sorte e meter animais a pastar, a comê-los e a esmagá-los, não tem interesse nenhum

AL: pois, mas assim o pessoal da aldeia não está muito interessado não é? Preferem manter os pastos do que ...

MO1: ter do que viver não é...

AL: do que ter a floresta

MO1: há zonas e zonas não é, há zonas que, como tal, aquela aldeia ali de Paradela já não tem uma vaca, não têm [*? Não se entende*], dão os lameiros a quem os limpa e pagam para limpar os terrenozinhos, porque as pessoas envelheceram, têm filhos que estão fora e já é uma zona que se calhar até antes quer isso, não é...

AL: o pinheiro?

MO1: ora, esta aldeia como é uma aldeia que vive do rendimento dos animais quer é pasto, não é...pasto que é fácil, deitar o gado e ele pastar e todo o lucro que vem é rentabilidade porque não se põe na pia, como nós chamamos não é, se eu for pôr hoje na pia rações ou qualquer produto, o animal não dá rentabilidade daquilo que come. E enquanto andam na serra meio ano é limpo. Eles botam para lá uma manada de novilhas ou vitelas, enquanto elas têm pasto elas vivem lá como vivem aqui a ser tratadas na manjedoura. Durante o inverno é frio, neva, chove, a gente tem de ter aqui os palheiros, como nós chamamos aqui, alimento, que é aquilo para que nós trabalhamos durante o ano é para as vacas

MO1: ... A filha vai vir embora agora qualquer dia

AL: vem para cá?

MO1: quando entra o mês de agosto, tem lá duas casinhas que comprou com as economias dela, na Inglaterra, agora aluga-as, tem uma casa já bem preparadinha e com tudo

AL: aqui?

MO1: que era dos meus sogros. Ela quer ir aí para o lado, fazer umas casinhas para alugar para turismo

AL: ah, boa. Isso dá dinheiro, então aqui no Parque... não sei como é que é mas pelo menos tem potencialidade

MO1: é, tem, temos uma estalagem aqui que tem gente e muitas, é a Vista Bela

AL: ai é? Aqui... Como é que se chama?

MO1: é aqui... Vista Bela, é aqui mesmo na voltinha, ao seguir a estrada para Montalegre já está ali. Até me comprou agora li um terreno que eu tinha pegado, tipo carvalhal, para parque, que ele tinha a estalagem em si mas não tinha parque, e agora quer lá por uns animais, uns cavalos e fazer uns roteiros lá no meio das árvores, anda a trabalhar nisso. E eu até lhe cedi o terreno. Para mim era carvalhal, não tinha grande utilidade, vinha o fogo queimava... e ele andou de roda de mim e eu “opa, não te vou vender, não te vou vender” e tal. Depois falei com os filhos, “olha, o...” nós chamamos-lhe o Carneiro, “vamos a casa do Carneiro” (RISOS), “ele quer-me comprar o tapado, mas eu não o queria vender”. “Ah, venda-o, para que o quer? Você tem muito tapado, não o limpa, se vem um incêndio...”. Eu era obrigado a 50 metros em volta ter de limpar, ele está colado ao meu tapado... é ali a seguir àquele pinhal, logo para dentro, ali um hectare e tal de terreno, vendi-lhe aquilo... vendi-lhe aquilo e ele lá faz a vida dele não é, e eu emprego o dinheiro noutra coisa

AL: e o quê?

MO1: eu emprego o dinheiro noutra coisa que me dê valor não é?

AL: ah, sim!

MO1: agora vender definitivamente para gastar o dinheiro e... não fui habituado assim está a perceber. Eu só mais para a conservação.

AL: mais vale ter os terrenos do que ter o dinheiro é isso?

MO1: eu acho que sim... eu acho que sim. Nunca perderam o valor, toda a gente diz “ihh, não dá, não dá, não dá” mas eu nunca lhe vi perder o valor nem de uma pedra. Um tio meu comprou este bocadinho que está aqui de cemitério, pronto era a pessoa que tinha aquelas ideias daquele tempo, comprou isto por 3 contos naquele tempo, dali vinha aqui, o estradão era mais apertado depois fizeram este redondo. Já na altura lhe deram aqui por este bocado mais de, duas vezes mais do que ele deu pelo terreno, e agora mais tarde o presidente da câmara negociou comigo e ainda me deu 2 mil euros pelo restante, portanto nunca perde o valor. O homem queria comprar isto aqui para fazer aqui um armazém para o gado, como no fundo da aldeia, porque os animais a puxar pelo estrume já era difícil “vamos ali fazer um...”, já com as ideias que há hoje, para o gado não estar aqui e depois olha, foi adequado para o cemitério e cedeu-se

AL: ahh, então não fizeram o armazém para o gado?

MO1: não, pois não, que depois precisaram dele para aqui e eu depois já fiz o meu, lá ao pé da casa para...

AL: mas quem é que queria fazer um armazém para o gado? Era o da câmara?

MO1: era o meu tio, o meu tio

AL: ah, o seu tio...

MO1: o meu tio, estamos a falar em relação a perder o valor... ele entregou aqui 3 contos naquele tempo e veja o que ele foi render. Se calhar se, se o entrega num carro, ou se for assim numa coisa assim, fazendo falta tudo bem, do que numa coisa que amanhã não tem nada, e o terreno nunca o perdeu. E mesmo, seja o que for, até uma árvore! Está aí um terreno, o terreno não produz outra coisa, plantam-se-lhe árvores e daqui por um tempo, outros que vêm atrás de nós têm mais valor do que o terreno e o terreno está lá sempre o mesmo. Tenho aqui ao fundo da aldeia um terreno e plantei-lhe castanheiros eu. Aqui há um mês ia dizer... olhe, foi quando a minha rapariga foi, há 15 anos, já lá tem castanheiros assim, e dá castanhas juntas e nem as apanham, comem-nas para aí as cabras, não tenho vagar, às vezes há aí pessoas "olha, vai lá ao souto e apanha tu!". E o terreno está lá igual, e está limpo, indo por baixo tem erva como aí, e está lá a plantação...

AL: pois, não é uma mais-valia sem dúvida alguma

MO1: certos terrenos que nós agora aqui até estamos a fabricar, se lhe metesse castanheiros ou árvores assim daqui por uns anos outros que venham atrás têm futuro. O mal destas aldeias é... a população nova saiu, e as pessoas que têm mais idade que estão já estão a trabalhar um bocado com sacrifício para não ver as coisas abandonadas, não é pela rentabilidade que temos, entende? Dá para viver não é? Nos outros lados também se trabalha para viver, chega-se ao fim do mês gasta-se aquele ordenado tem de se ganhar outro... aqui é igual

AL: pois é. Então não há muitos jovens aqui em Outeiro?

MO1: há! Estão é fora!

AL: pois exacto... fora de Portugal ou fora da aldeia?

MO1: Lisboa, Montalegre, nos sítios mais desenvolvidos que é para onde tem fugido a população toda, é para onde há mais é para onde vão mais, e depois afectam uns aos outros. Até no trânsito! (RISOS)

AL: então mas aqui a viver e a dedicar-se à agricultura não...

MO1: é mais partes da minha idade

AL: é? Não há jovens aqui ...

MO1: agora há uns jovens aqui novos, porque a vida está má em todo o lado, a quem meteram uns projectozitos de... o pai a ceder-lhe e tal, mas com estes cortes de baldio já o pessoal está com medo, porque se lhe tiram o baldio as pessoas só no próprio que têm é que nenhum projecto podem fazer porque não têm áreas

AL: pois, isso vai ser um bocado mau para, lá está, para rejuvenescer aqui um bocado a agricultura

MO1: claro! Nós aqui antigamente havia aqui 3 vezeiras de cabras aqui nesta aldeia, Cela e Sirvoselo tinha vezeira, vinham daqui acolá serra acima, Parada tinha outras 3 vezeiras, ovelhas e cabras, o pessoal estava cá fixado, tinha de sobreviver disso não é... havia aí, vinham aí pessoas que levavam camiões de cabritos, e de anhos, no são João para Braga. Havia um homenzito, já faleceu, chamavam-lhe o Rebenta Portugal, chegava aqui, botavam os cabritos para fora das lojas, ele comprava tudo pela mesma medida, "quanto é cada um" "é tanto!" e tal... levava tudo, tudo se varria, hoje... é bom comer cabrito mas guardar cabras não é fácil

AL: gradar cabras?

MO1: guardá-las

AL: ah, guardar, desculpe

MO1: guardá-las, o pastor andar com elas. Ah, agora ainda há aqui um rebanhozito delas mas como o dia é grande levam-nas a pastar de manhã e tornam-nas a botar de tarde, mas já está mal, já só andam de roda da aldeia, porque até ali, quando era a vezeira, ou iam dois pastores ou um, mas a rês saía de manhã, logo aí às oito da manhã ou nove horas, ia por essa serra fora e só vinha à noite, mas agora como o pessoal não quer andar todo o dia, porque tem um rebanhinho delas, leva aí de roda e tal, nos terrenos e tal... corte! Já não é aquela exploração como era antigamente

AL: e depois metem as vacas a comer aonde?

M: ali numa terra acolá, naquelas ervas

AL: e metem lá a erva que cortam, é isso?

M: é, é

MO1: põe-la no terreno e elas comem

AL: e são aquelas vacas todas que estavam lá na...

M: são 10, são 10

MO1: ainda está aqui outra

AL: têm 10 aqui e 10 lá na serra?

M: não, temos 10 aqui fora, e 4 lá em cima numa terrinha, são 3 e um touro

MO1: estão a endurecer para ir para a serra, estão a fazer a recruta

M: e andam 4 na serra, e agora tenho um touro na corte e mais estas duas, são 21!

MO1: agora as outras estão a fazer a recruta

AL: o que é que isso quer dizer?

MO1: estão a fazer a recruta agora, estavam habituadas a estar na corte agora estão lá a pastar a dormir fora, e depois há-dem ir com esta vaca e com mais duas que tenho ali, que lhe tirei as vitelas, e vão as 6

Paredes do Rio: MP1

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: RISOS

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

AL: [...] então e vocês têm alguns conflitos com a aldeia ao lado? Por exemplo com o pasto... com a partilha das pastagens...

MP1: por exemplo, aqui a nossa área comem-na toda os outros, mas os de Pitões e ali de Parada é que comem tudo

AL: (RISOS) porquê? São muitos?

MP1: têm muita fazenda, têm muitas vacas. E por cá há poucas e é só quase dentro dos terrenos, não vão assim para longe

AL: pois... mas vocês têm conflitos acerca disso?

MP1: não! Já houve mais

AL: o que é que mudou para que já não haja?

MP1: antigamente havia muito gado, e quem tem gado não quer as dos outros na área deles não é?

AL: pois... pois, exacto. Vocês ainda fazem vezeiras aqui?

MP1: não

AL: há muito tempo que deixaram já?

MP1: aqui com as vacas nunca fizeram vezeira. Aqui o gado nesta aldeia ia sempre pastar para o monte e ia dormir a casa e ainda assim é hoje

AL: e porque é que é diferente, em relação aos sítios onde se faz vezeira?

MP1: porque as vezeiras normalmente é onde há serra, não há terrenos em volta

AL: aaah. Quando o pasto é bom mas longe não é? Onde ele é melhor é lá longe é isso?

MP1: botam-nas lá todo o verão para a serra e não andam lá mais atrás delas

AL: pois... mas tem a ver com o facto de a ervinha boa estar lá longe... ou não? Não tem nada a ver com isso?

MP1: não... o monte até é mais ruim, aquilo é só pedras

AL: sim... mas eu percebi que disse que as aldeias que fazem vezeiras são aquelas que não têm pasto perto delas

MP1: também tem, mas são áreas mais, quer dizer o terreno é mais ruim, aqui se for a ver aqui há água em quase todo o lado... aí por esse monte, este ano até está muito fraco porque botou pouco, o sol e o frio queimou tudo, mas às vezes isto está tudo cheio de erva

AL: a mim já me parece bastante verde, não sei como é que costuma ser mas... em relação a outros que tenho visto

MP1: o de Pitões e lá aquela parte toda de Fafião para cima vai tudo acolá para aquela serra, aquilo é só planos, poucas lamas tem, é só, é quase só pedras e carquejas

AL: e eles vão para lá porquê? Porque não têm outro sítio se calhar não é?

MP1: pois não. Andam por aí algumas aqui pelo nosso mas são poucas. Porque aqui não podem estar sozinhas que elas vão para os terrenos e lá não tem terrenos

AL: aqui tem terrenos no baldio?

MP1: aqui tem terrenos espalhados

AL: ah, que são privados?

MP1: são privados

AL: aaah. Mas é já muito antiga esta apropriação ou não?

MP1: já. Esta até pertence à aldeia, era onde, tinham este e outro, que era onde chegavam a erva para o boi, havia o boi do povo

AL: já não há?

MP1: que era um boi que era comunitário vá

AL: era o boi que andava a emprenhar as vacas todas, era um boi feliz (RISOS)

MP1: Então esta lama, este terreno aqui, pertencia ao boi. Antigamente daqui para cima semeavam aí tudo cheio de batatas, depois o gado não podia andar sozinho porque ia...

AL: aaah. E esse cultivo que era feito, era feito em zonas que eram sempre da mesma pessoa ou eram áreas que iam trocando de dono de ano para ano?

MP1: não, era sempre do mesmo

AL: ah! Então era mesmo de alguém

MP1: sim. Só que aqui... isto antigamente era baldio também e depois como isto era bom para batatas de semente, tinha de ser batatas de semente, vinham todo o ano comprar batatas à aldeia para a semente, e os de Covelães faziam o mesmo

AL: plantavam batata no baldio?

MP1: aí também era em... cada um tinha a sua leira

AL: ali é já Covelães, é já o baldio de Covelães aqui?

MP1: é, daqui para lá. Onde nós estamos é a extrema

AL: ok, tem as cruzeiras e não sei quê?

MP1: é. Tem umas cruzeiras acolá naquela pedra sozinha, ali entre o poste e às outras. Para ali é de Covelães, para ali é de Paredes

AL: Está bem, e vocês têm zona mista com eles?

MP1: há, mas é estreito, são para aí 100 metros ou isso

AL: então essa zona foi toda dividida por pessoas... olha a turfeira, pois é, a turfeira da Mourela... uuuh, foi toda dividida por particulares vá...? para cultivar...

MP1: sim, depois cada um tinha a sua eirinha aí, semeavam, era tudo à enxada, porque aí tractores já é muito húmido, não...

AL: afundam?

MP1: antigamente também os não havia, vá...os tractores, mas enterravam-se aí, não dava para trabalhar

AL: pois... e então estas zonas que antes eram cultivadas agora como é que é? São ainda de alguém?

MP1: agora anda para aí o gado espalhado

AL: então já não são de ninguém agora? Já não são consideradas de ninguém... ou são?

MP1: são consideradas igual mas já não fazem campos

AL: e sabem de quem são?

MP1: sabem, sabem

AL: e há muita área do baldio que está assim dividida?

MP1: não

AL: é só aqui?

MP1: aqui é que pertencia ao baldio [*não se ouve*]

AL: está bem... mas isto era porquê? Porque as pessoas não tinham terra?

MP1: era por o terreno ser bom para isso, para a batata de semente e foi por isso que o dividiram

AL: isso já foi há quanto tempo sabe? Mais ou menos... essa divisão, foi muito antes de si?

MP1: ui! Já mal me lembro de semearem aí alguns...

AL: ah, ok.

MP1: eu depois ainda tenho ali... aquela sede [*? Não se entende*] que está ali é minha

AL: aquela que se vê ali

MP1: pois, que ainda cuido daquilo, mas dali para baixo está tudo

AL: Cuida como? O que é que faz?

MP1: boto-lhe p'ali estrume, adubo...

AL: é este que parece um lameiro?

MP1: Sim, e serve-me o feno

AL: Ah, vai lá buscar o feno... aquilo é posto de vigia não? Do ICN...

MP1: é... vigia da Mourela

AL: Está bem, então e vocês continuam a vir aqui buscar matos para a cama das vacas

MP1: é! Aqui até dá, dá para umas poucas de aldeias, vêm aí todas

AL: ai sim? Com o vosso avale? Com a vossa autorização ou?

MP1: eu nunca lhes dei autorização... (RISOS) eles também não têm onde ir a ele...

AL: ah... vocês não se importam?

MP1: não... se eles não o limpam temos de limpar nós

(RISOS)

AL: pois, exacto, acaba por ser uma limpeza

MP1: acaba por ajudar

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaaaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1: pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1: ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1: e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1: é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1: o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1: mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: ... então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo “ah, isto é meu! Não, isto não é teu...”

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruzeiras feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruzeiras feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruzeiras para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

AL: ai é?

MP1: é

AL: no inverno também?

MP1: sim

AL: ah... ficam aqui ou vêm cá buscá-los todos os dias?

MP1: não, aqui foram sempre para a corte

AL: a corte é no meio do baldio?

MP1: não! Na aldeia, as cortes eram aquelas lojas que tinham debaixo de casa, antigamente era assim, debaixo de casa e ao lado, agora é que há os armazéns

AL: mas disse que era todo o ano no baldio

MP1: andam todo o ano no baldio mas dormem todo o ano em casa

AL: ok, ok... então eles não queriam tirar os cavalos e por isso não queriam aceder ao subsídio

MP1: pois, e por isso deixaram de receber da parte deles

AL: ah ok, então de lá para cá é que é Paredes e daqui para lá é Pitões

MP1: para acolá é de Pitões

AL: Pitões tem muito baldio?

MP1: tem, tem

AL: mas eles têm mais pessoas, mais gado, ou...

MP1: há muito gado em Pitões. Pitões deve ser... deve não, é... das aldeias que tem mais gado

AL: hmm, pois... eu já lá fui... fui lá com o senhor Bento aliás... naquele diz em que o encontrei, fomos lá... até fomos lá a um restaurante, e de facto nota-se, tem montes de armazéns de gado e restaurantes a comer carne de lá e não sei quê. Pois, eu não sabia que

Pitões era assim tão desenvolvido, também tem montes de casas para turistas e não sei quê, não é?

MP1: é...

AL: pois

MP1: olhe, está a ver, este está roçado, todas...alguns somos nós que o destroçamos para nós... mas é tudo de Outeiro, Parada, Pitões... roçam isso

AL: a sério? Mas eles não têm tanto mato lá na... ou não é tão fácil?

MP1: Pitões tem muito mas também há muito gado, já não chega... e depois chegam aqui... agora acolá os de Outeiro e os de Parada não têm onde é que roçar nada... só pedras

AL: pois... então vêm aqui... eles ainda têm algumas cabeças de gado, não é...

MP1: ai têm bastante

AL: cento e tal ou o que é que é, ou mais

MP1: ou mais

AL: já não me lembro, ele ontem disse-me mas já não me lembro... pois, mas vocês dão-se bem entre vocês apesar de haver essas entradas para mato?

MP1: damos!

AL: não há conflito nesse aspecto?

MP1: há sempre quem não goste mas...

AL: pois... em Paredes a maior parte tem gado ou a maior parte não tem gado?

MP1: não, a maior parte ainda tem

AL: e é gado que se não fosse o baldio não conseguia sobreviver não é?

MP1: não, o gado lá pouco vive do baldio até... porque tem poucas, cada um tem poucas e mantêm-nas... a não ser 2 ou 3... a não ser 2 ou 3 o resto mantêm-nas todas dentro dos terrenos

Pincães: MPin1

MPin1: [*? Não se entende*] eu não sou contra, mas os past... os projectos de... de gado, principalmente de pequenos ruminantes, cada pastor, cada projecto que aí está é um incendiário

AL: querem renovar as pastagens?

MPin1: eles pensam que renovam as pastagens só que, o nosso terreno, da forma que é, isto é só para degradar o terreno com a erosão. E isto fazia falta [*não se percebe ... fala de escola, depois fala de baldios, os baldios passarem uma declaração na assembleia de compartes...?*]. Se for nesta chã tudo bem

AL: o quê? Desculpe...

MPin1: se for nesta chã tudo bem, porque aqui não há grande erosão do terreno, agora numa inclinação vêm as chuvas e vai tudo

AL: ah, para fazer as tais queimadas é isso?

MPin1: sim, sim, sim

AL: chamou-lhe chã não foi? O que é chã?

MPin1: é um terreno plano

AL: ah

MPin1: olhe, aqui, isto foi feito o ano passado

AL: esta plantação?

MPin1: sim

AL: e estes fetos... isto houve aqui algum fogo?

MPin1: não... é sazonal, portanto na fase do verão tanto cresce como depois no outono já morre tudo

AL: ah, associava-os ao fogo

MPin1: não, isso tem a ver com a acidez da terra... os fetos desenvolvem-se em solos muito ácidos

AL: está ali abelhas

MPin1: sim...

AL: vocês ainda fazem as vezeiras?

MPin1: havia vezeiras de pequenos ruminantes, mas agora já só há um produtor, começaram a vender os animais... tem 80 a 100 cabeças

AL: já não há vezeiras. 80 a 100 foi o que disse? Cabras?

MPin1: sim

AL: então as casinhas dos pastores estão abandonadas é isso?

MPin1: não, isso ainda temos, não sei se o Márcio mostrou, mas estivemos a recuperar

AL: ah, essa mostrou sim, mostrou em fotografias, não tivemos tempo de lá ir

MPin1: porque isto é assim, os usos e costumes mantêm-se, o pastoreio na serra alta mantém-se em comum, de Fafião tem uma zona, de Pincães até Xelo e toda a área para cá até Pincães é tudo em comum, e nós também vamos compartilhar para a casa lá de cima, não é só ele, a casa também é nossa

AL: quando diz que é comum, como é que isso funciona?

MPin1: comum é em conjunto

AL: sim, mas em que baldio é que eles estão? Há o baldio de Cabril, há o baldio de Pincães, há o baldio de Fafião...

MPin1: aquilo é baldio de Cabril e de Pincães, temos de passar no mesmo terreno que é em comum lá em cima na serra

AL: ou seja, Cabril com aquelas aldeias todas não é...

MPin1: e nós dividimos a despesa da casa por todas as aldeias e nós vamos contribuir com a nossa parte

AL: ah, está bem. Então mas não havendo vezeira a casa é usada...

MPin1: não havendo vezeira vão vigiar o gado... ao fim-de-semana vão vigiar o gado

AL: ah, e ficam lá a dormir?

MPin1: sim. Oh, a casinha vai servir mais para o pessoal de fora do que para o pessoal daqui

AL: o que sai da limpeza, vocês usam? Os raminhos e assim...

MPin1: não! Olhe, já fui a reuniões com empresas de biomassa, ao fim da reunião nem fiquei a saber o que é que eles queriam dizer, tanta coisa, tanta coisa no fim o que eles queriam era, o que nós aqui queimamos nas lareiras, era o que lhes interessava a eles... mas queriam-no de graça. Para isso não...

AL: queriam-nos de graça? Ah, mas eles faziam a limpeza...

MPin1: a limpeza, também, eles só fazem a limpeza também... eu tenho ido aqui para o alto de Boticas, para o lado de Chaves... há para ali uma fábrica e eles também só se queriam alargar da fábrica num raio de 24 km, não queriam alargar mais... a gente o mato dava-lhe de graça, a limpeza, não queríamos dinheiro pelo mato, agora medronheiro ou outras espécies que nos fazem falta para o lume não! Tanto nos faz falta a nós então não lhes damos a eles. Eh! Eu cheguei a ver, já estive em várias reuniões de limpeza e de biomassa e eles queriam era... o que nos interessa a nós é que eles queriam de graça, assim não...

AL: mas... só para eu perceber, essas empresas para além de ficarem com aquilo que vos interessa a vocês faziam a vossa limpeza?

MPin1: faziam a nossa limpeza mas também cortavam árvores que dá para vender. Ninguém dá nada a ninguém, sabe? Ninguém dá nada a ninguém!

AL: pois, por um lado era bom para vocês porque não tinham de pagar pela limpeza, não é? Mas depois perdiam... mas o que é que vocês fazem com os medronheiros?

MPin1: os medronheiros, está lá no regulamento do baldio, o medronheiro deve-se também desbastar. Desbastar mas os 2 ou 3 ramos mais desenvolvidos vão-nos buscar à...

AL: sim, eu li isso. Mas que dinheiro é que eles vos trazem

MPin1: não! É só para consumo de casa, das habitações

AL: ah

MPin1: é só para consumo de... para aquecimento

AL: ah, madeira

MPin1: é, para aquecimento das lareiras, no inverno, para aquecimento da casa

AL: mas cortam o medronheiro ou

MPin1: sim, faz-se um desbaste, uns ramos

AL: ah, já percebi, vocês usam esse material para se aquecerem e a empresa ia levar para fazer negócio

MPin1: pois

AL: isto aqui foi feito por vocês?

MPin1: isto foi o projecto de regadio que fizemos

AL: vocês, os compartes? Ou vocês a associação?

MPin1: não, tivemos de fazer uma junta de agricultores, depois candidatámo-nos ao PRODER e também fizemos este regadio [*? Não se entende*]

AL: ah, mas não é directamente pelo baldio, através dos compartes?

MPin1: não, não, não. Também fiz parte mas temos aí um investimento de cerca de 150 000 euros

MPin1: é um tanque e tem um caudal que vem lá de uma cascata, um dia que você passe aí com mais vagar, vamos lá à cascata. Mas se você for no *facebook*, põe lá MP1, tenho umas fotos da cascata

Pitões das Júnias: MPi1

MPi1: ... isto aqui como há uma veiga de terrenos, e como o gado anda solto no monte, ninguém o guarda, as vacas... o pessoal põe isto que é para elas não virem para os terrenos

AL: mas já não há mesmo ninguém que vá lá guardar o gado... não digo vezeiras, mas...

MPi1: as vacas não, as vacas ninguém as guarda, as vacas é diferente... aqui, porque lá para baixo...

[toca o telefone da MPi1]

MPi1: aquelas áreas assim mais rapadas... foi o melhoramento deste ano. Estas aqui por exemplo foi do ano passado, todo o baldio está como que retalhado. Esta área ali do planalto, como faltou uma vezeira comunitária ali daquele lado, ou seja, o giestal está a ganhar terreno e então uma forma que nós temos de o combater não é... é através da... dos... com o destroçador de correntes ou de facas actuar, porque usando fogo piora a situação, porque a giesta... digamos que, a giesta é uma pioneira, pós-fogo ela é a primeira a ocupar o terreno e isso ainda piorava a situação, então a única forma que estamos a combater esta área do avanço do giestal é através do...

AL: com as máquinas não é?

MPi1: sim, sim

AL: quando disse que lhe faltou a vezeira quer dizer que ainda há pouco tempo se faziam vezeiras? Ou já deixou de se fazer há muito tempo...?

MPi1: há pouco tempo... esta aqui já há mais de se calhar 15 anos...

AL: que não é...

MPi1: sim

AL: pois... a partir do momento em que só um dos agricultores é que tem cabras não faz muito sentido...não é?

MPi1: exactamente... a vezeira é as pessoas juntarem os animais de todos, não é, de todos, depois consoante o número de animais assim vai o número de dias, por isso, eu tinha por exemplo 20 cabras..., por cada 10 um dia, portanto ia 2 dias, e era à roda, ia 2, o vizinho a seguir ia 3, até chegar novamente à minha porta. Isso é uma forma de economizar mão-de-obra, não é, e de haver interajuda, de certa maneira... o gado já não é assim, as vacas já não, nós aqui nunca utilizámos a vezeira das vacas. O nosso gado no verão e no inverno é acompanhado individualmente, a partir de abril até setembro o gado vai e volta, vai e vem todos os dias, o parido, mas ele, só basta ir de manhã, ele leva-as aqui ao monte, elas sobem, pastoreiam, e depois ao fim do dia, como têm as crias na corte ela própria instintivamente vem, a que não está parida o que é que acontece? Permanece!

AL: ali o tempo todo, esses meses todos?

MPi1: exactamente... até que para, ou então até finais de setembro... porque depois no final de, a partir de setembro... agora cortam os feno, uma chuvita ou o lameiro que tem erva, deita erva, cresce uma erva, então é possível ao gado bovino fazer pastoreio de fim de verão

AL: ah, sim

MPi1: então, como também a produção no baldio já é mais escassa, porque passou-se um verão, há secura e já... e diminui, o gado então baixa e faz este pastoreio. Ao fim e ao cabo o feno é um elemento muito importante nesta economia local, porque quanto mais feno o agricultor individual conseguir arrecadar, mais animais tem e mais condições tem de o gado dele na época de inverno mais desfavorecida, ter alimento e conseguir sobreviver... porque no inverno, os invernos aqui são rigorosos!

AL: pois, devem ser

MPi1: e aqui os animais chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio, porque é chuva, é neve e não sei quê, então os agricultores têm de arrecadar feno para no inverno, que é a época mais desfavorável, o gado se alimentar... a cabra não, a cabra já é diferente, independentemente de nevar, de chover e de não sei quê, a cabra tem que sempre sair, pode ter o complemento de feno na corte mas ela necessita de sair, agora o gado, os bovinos chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio no inverno.

AL: pois, é mesmo preciso ter o feno

MPi1: feno... silagens também, já se planta muito milho para silagens...

AL: ah, sim, sim, sim. O milho é basicamente para os animais ou não? Aqui...

MPi1: é... é, agora basicamente é...

AL: há muitos jovens aqui em Pitões?

MPi1: jovens, nós... por exemplo, projectos jovens... neste momento tenho 5...

AL: vá lá, não está mau

MPi1: e desde que, ou seja, desde que surgiu a comunidade europeia, basicamente a partir de 1996, Pitões foi a freguesia no concelho de Montalegre que mais jovens conseguiu fixar no activo, porque enquanto o que se passou nos outros lugares [cautela com isto aqui]

AL: [sim, sim]

MPi1: houve efectivamente jovens a meterem projectos mas foi para quê? Para irem buscar dinheiro para comprarem um carro e acabaram por emigrar... aqui não, aqui é que... os que meteram o projecto acabaram por [?] *Não se entende*

AL: pois, boa... e eles... (RISOS) desculpe interromper... ia perguntar se esses jovens também se envolvem na gestão do baldio ou se a MPi1 é única jovem na gestão do baldio aqui em Pitões...

MPi1: não, então... alguns, efectivamente às vezes eu digo isso "eu já vos substituo em tudo", isto também é demais. Já acaba, porque as pessoas depois... as pessoas agora estão muito acomodadas e já não há aquela participação mais plena... uma vez porque também já não têm se calhar tanta necessidade, porque antigamente ... o que era o comunitarismo? O comunitarismo era uma obrigação que as pessoas tinham de se organizar

AL: pois...

MPi1: para poderem sobreviver, para poderem todos usufruir e ter as mesmas condições, caso contrario não se justificava... agora como há menos gente não é, obviamente já não haverá tanto essa necessidade de organização e de viver mais em comunitarismo. Porque depois também têm máquinas não é? Não é? Individualmente, podendo fazer os seus trabalhos e não sei quê. Mas... obviamente que isso me preocupa, preocupa-me e é um

problema grave, mas já... também estamos... cabe-nos a nós, não é, a quem está à frente, de envolver e chamarmos as pessoas. Obviamente quando fazemos as listas não é, para os órgãos, já tentamos meter essa gente. Tem que ser... e é o que eu lhe digo... depois eu digo assim “epa, mas eu não tenho uma vaca, não tenho uma cabra...”

(RISOS)

Mas as pessoas estão muito acomodadas. As vezes eu digo assim “ah, vamos... aprovar as contas” “ah, mas...”; “hei, eu não aprovo contas, as contas são aprovadas em assembleia”. Ou então digo-lhes assim “olha, temos esta candidatura” e não sei quê... “oh MPi1, tu é que sabes”. “ai, não pode ser assim”. Tem que haver efectivamente uma participação

AL: claro... e antes de si quem era, era pessoal mais velho ou mais novo que estava no CD?

MPi1: era pessoal mais velho, olhe este senhor ali

AL: isto não é fácil de passar, parece um jogo quase...

MPi1: isto é para o gado não vir. Sim, era gente mais... mais local. Agora... sim, era mais gente daqui. Agora, mas com todas estas alterações e não sei quê... é necessário terem gente com formação e se calhar gente que nada tem... que nada vive ou que se calhar não tem nada a ver com esta... esta toda actividade destas coisas. Porquê? Porque somos nós que podemos representá-los e faze-los chegar onde têm de ir, às instituições e tudo, porque... estas gentes aqui, elas até podem ser muito boas aqui nesta gestão, mas se não vão, se não têm conhecimento, dos financiamentos e não sei que... morre!

AL: pois, pois, pois

MPi1: obrigatoriamente é isso

AL: pois, pois é

MPi1: a questão é isso, e obviamente que para nós que não dependemos disto e que não estamos aqui, que não temos esta luta toda, esta labuta toda, também nos faz falta esta gente, nós estamos a trabalhar, temos de ir de encontro também... obviamente temos de ter aqui dois pesos: temos que trabalhar para esta gente, ou seja, as nossas acções têm que se adequar ao tipo de actividade deles, eles têm que beneficiar delas porque senão também nada... e por outro lado, temos de ver uma visão mais para além disto, sei lá, educação ambiental, sensibilização, transmitir conhecimentos, ir angariar fundos numa outra vertente, trazer determinadas vertentes que se adequam perfeitamente aqui ao território, porque o território como no passado foi utilizado vai acabar por não ser, obviamente que não se vai... que não vai ser uma redução ou perda, sei lá, de 60%, mas é completamente diferente... há determinados usos e formas de gestão que no passado faziam todo o sentido mas que agora já não, já não faz... agora obviamente que temos de ter sempre consciência e adequar as nossas acções e os nossos projectos e as nossas intervenções a quem utiliza, não é... porque elas têm de estar direccionadas para alguém, só que não de todo esta gente só, que isto então morre com eles, nós temos é que preparar... temos de dar um passo para o futuro, ou seja, prepará-los, eles já não os mudamos, determinadas coisas eles vai continuar a fazer e a praticar e a agir disso, mas pelo menos já nós darmos esse passo no sentido de quê? Pa, antigamente só se pastoreava

e roçava, agora não, agora já se pode fazer uns percursos pedestres, já pode isto servir como observatório para aves, já pode servir isto como uma forma de estudo e de espécies e de conhecimento para uma universidade, inter... universidades internacionais... ver essa questão, e é como eles, por exemplo a agricultura, já ninguém vive, obviamente que eles vivem da agricultura, mas só por si já ninguém vive só da agricultura, porque se lhe tirassem os subsídios como é que era? Ou seja, é uma agricultura de sobrevivência, mas eles têm que, têm que por exemplo, têm que usufruir do espaço em si, *pá*, é muita área para quem pastoreia, é muita! Quem pastoreia já não ocupa esta área... então há que aceitar e inovar os modos de uso

AL: claro... sim, sim, sim

MPi1: e nós mesmos, nós mudamos, por exemplo, eu já não tenho nada a ver com as vacas ou não sei quê, eu já quero vir aqui, usufruir do meu baldio de outra maneira... e tenho todo o direito, sou parte! Não é... ou seja, temos de adaptar o uso à sociedade

AL: pois, pois... qual é que é a área aqui do baldio? Se souber de cor, não vale a pena estar ... é só mais ou menos

MPi1: eu sei que é 2600 hectares, tenho 1300 da área de... da serra do Gerês e a restante é área de planalto. Por exemplo, agora já só há dois agricultores que levam as vacas para a serra...

Sezelhe: MS1

AL: vocês agora estão a recolher os matos para as camas do gado ou não é agora?

MS1: é, é agora!

AL: vocês o que é que cultivam aí na aldeia?

MS1: menos centeio, de resto é batata. É milho, é feijão, é cebola, é couve...

AL: há alguma coisa que é vendida, alguma cooperativa ou assim?

MS1: não, praticamente vende-se pouco, praticamente é tudo para consumo da, das casas, e para os animais, porque antigamente havia aí uma cooperativa, nós aqui em Montalegre era a zona da batata. Antigamente a batata, quando era muita, não havia despensas, não havia coisas para as recolher, faziam-no, chamavam-lhe silo, metiam nesse silo e a batata ficava lá o mês de outubro, de setembro, até ao fim do ano quando a vinham buscar, vinham comprar. Então nesse silo estava tudo quanto era batata, era assim uma cova que depois era coberta com palha, chamavam-lhe aquilo de polmo que era o que saía do centeio, nós com o centeio, aqui o centeio é alto, o trigo é mais baixo mas o centeio é muito mais alto, e depois... esta parte aqui de giestas era tudo pinheiral...

AL: ai era? Quando é que ardeu?

MS1: já ardeu para ai há uma dúzia de anos...

AL: e nunca voltou a crescer?

MS1: nunca voltou a crescer. Se voltassem a crescer era o que eu dizia, ardeu cresceu a giesta... e depois estavam crescidos

AL: e esta giesta é para a cama dos animais?

MS1: sim, a mais pequena, quando assim está maior já é também para lenha, agora para a cama do animal é mais pequena que é esta para não ficar o animal tao... os tojos deita-se-lhe, deita-se-lhe um bocadinho de palha em cima, só custa deitar a primeira vez... (RISOS)

AL: mas vocês podem cortar carvalhos, por exemplo, um carvalho assim já grandinho, podem cortá-lo para madeira...

MS1: não, antigamente era assim... as casas eram todas cobertas com madeira de carvalho. Aqui não havia eucalipto, nem serrações havia praticamente para serrar. Se vamos a certos sítios ainda se veem casas em que os próprios caibros e filetes e coiso ainda eram vigas do próprio carvalho, sem serrar nem nada, em bruto. Em bruto, que ainda em certas coisas ainda se vê essas coisas. Agora, depois de, começou a haver serras e deixaram de cortar o carvalho porque o eucalipto é mais fácil de trabalhar... é outra coisa, é outra coisa agora, porque o eucalipto leva menos tempo a cortar, porque o carvalho também tem muito nó, tem muita, faz muito nó. E depois também em certos sítios estava sempre a ceder e a partir, mas antigamente era tudo... e ainda há casas cobertas tudo de carvalho. Ainda na semana passada, nesta semana...andámos ali em Travassos a descobrir uma, ainda era esses caibros todos de carvalho e tudo à antiga

AL: agora que já não usam na construção, também já não usam em mais nada a madeira de carvalho?

MS1: não, agora praticamente a madeira de carvalho... praticamente só se usa... usa-se o carvalho mas já é esse carvalho americano, o brasileiro, o francês... e nós aqui também já vamos começando a ter...

AL: o parque não diz quais são as espécies que podem cortar, ou ter?

MS1: o parque, o parque é tudo... se quiser fazer um corte

É o parque que vem marcar o corte de carvalho

AL: ai é? Ah, porque vocês estão em modalidade b)

MS1: o parque é que vem fazer os próprios... que vem marcar qual é os que ficam ou os que se tem de cortar

AL: pois, era outra coisa... bolas, isto realmente é com cada giesta! Então e vocês costumam andar por aí andar pelo baldio a ver quem é que anda a usa-lo, quem é que não anda...

MS1: eu praticamente quase todos os domingos, todos não, mas um sim ou não, dou sempre uma volta por aqui...

AL: ai é? Então ainda bem que escolhemos o domingo, assim não atrapalho a sua vida...

MS1: não, eu gosto de dar... nós aqui andámos... aqui andámos a limpar isto, limpámos no ano passado... aqui há outras cruces...

[saímos do carro]

AL: quando vem ao domingo costuma vir de carro ou costuma vir a pé?

MS1: não, costumo vir de carro, a maior parte das vezes venho de carro, porque eu ando um bocado atrofiado do joelho

AL: E assim consegue dar a volta toda não é?...

MS1: pois, era o que eu estava a acabar de lhe dizer... nós andámos no tal carvalho pequeno, porque isto também tinha ardido, e nós andámos a fazer limpeza neste carvalhal, só que a giesta agora... depois da limpeza que foi feita... o ano passado

AL: a limpeza?

MS1: sim. Porque isto ardeu e os secos, foram os sapadores que andaram aqui a limpar... tiraram os secos e só deixaram aqui os que vinham a crescer na...

AL: Mas o que é que quer dizer? É que os secos deixaram aqui cortadinhos no chão é isso?

MS1: no chão, sim. Deixámos os secos e deixámos estes que estavam a ...

AL: Ah sim, para aproveitar a regeneração

MS1: há certos sítios, agora por exemplo, agora ali aquela vaga durante o coiso, é uma vaga que está... que não tem tanta giesta e é mais húmida são zonas em que os carvalhos crescem mais rápido. E não largam tantos... este aqui cortaram-no aqui, sem autorização, e acolá e pagaram 400 euros cada...

AL: pagaram a vocês?

MS1: ah pois

AL: e não houve problema, eles pagaram?

MS1: ah, não, têm de pagar! O coiso está aí... primeiro têm de pedir, cortarem sem coiso, sem terem autorização são, pode vir de 200 a 500 ou 400... está ali no regulamento, temos essas coisas todas

AL: e quem cortou eram pessoas da aldeia?

MS1: da aldeia sim...

MS1: o regulamento é assim, nós fizemos o regulamento, afixamo-lo nos locais próprios, temos lá no coiso afixado para ler. E quando fizemos a assembleia e se juntaram os compartes explicamos o que é. O que é que há sempre uma pessoa ou outra que pensam que não conta... é por isso que aos domingos que eu vou sempre a...

AL: E depois como é que sabem quem é que cortou?

MS1: há sempre alguém que vê passar, e depois basta ver mais ou menos os troncos que coiso, e depois dessa coisa vê-se logo quem é que corta...

AL: é que bastava se calhar terem pedido autorização

MS1: não, era o que eu estava a dizer... eu se chegar aqui “epa, olha preciso de lenha portanto esta lenha que está aqui está proibida de cortar”, porque é assim, nós onde andamos a limpar com os sapadores não deixamos cortar a lenha, porquê... porque temos locais que não estão limpos e que têm lá lenha boa, melhor do que esta, e assim é uma coisa deles cortar e já deixar limpo também

AL: [andamos, andamos...] são umas cruzes? Não é nesta rocha?

MS1: penso que não...

[andamos mais]

AL: é? Aha!

MS1: está a ver aqui, isto tem aqui uma era...

AL: tem uma? Era?

MS1: mil trezentos... e dezanove, ou oitocentos e dezanove...

AL: é o quê isso?

MS1: isto é quando andaram a... ou quando vieram-nas ver ou quando as fizeram...

AL: 1819?

MS1: mil oitocentos e noventa e nove ou mil trezentos e noventa e novembro

[tentamos perceber]

MS1: é mil... mil oitocentos e noventa e nove, parece que foi isso...

AL: tem de por sempre o ano ou não?

MS1: não, nalgumas tem noutras não...

AL: e esta é a de... Sezelhe deste lado?

MS1: não, é a de Travassos deste lado. Portanto, o limite de Travassos chega até aqui e as nossas passam ali por trás, naquela vaga naqueles penedos que estão acolá, lá trás daqueles últimos que se vêm daqui... não são estes primeiros, são os outros que estão de lá...

AL: não são as mesmas que a gente viu há bocado pois não?

MS1: não, não, não, estão outras ao pé ali da vaga, depois estão ali outras... é como estar esta ali atrás e estas aqui...

AL: então isto é tudo misto?

MS1: isto... isto portanto, isto fazemos uma linha que é uma linha, uma linha das cruzeiras, para cada lado que as cruzeiras estão, entre o meio das duas cruzeiras é o misto e depois para cada lado, de lá é Travassos e daqui é Sezelhe

AL: isto são fronteiras antigas...

MS1: são fronteiras antigas, exactamente... então de 1899... há cento e ...

AL: sim, há 116 anos... aqui o baldio sempre foi desta aldeia, nunca foi de várias aldeias?

MS1: não, sempre foi da aldeia

AL: alguma vez houve conflitos, entre aldeias, ou dentro da aldeia, relativamente aos usos do baldio...

MS1: havia sempre um ou outro que havia sempre aquele conflito. Às vezes onde havia primeiro, onde havia conflitos era entre uma aldeia e outra. Porque depois uns diziam que as cruzeiras não eram aqui, porque muitas das vezes há pessoas que ainda hoje não sabem onde estão as cruzeiras. Depois as pessoas que não sabem onde estão as cruzeiras e os limites dizem "ai, não, porque as nossas vão em tal sítio, e as vossas são em tal sítio..." ... de resto não havia conflitos assim...

AL: é mais os limites

MS1: é. Há aquele respeito, só que é como estávamos a acabar de dizer, o gado e depois mesmo os da aldeia vizinha, se quiserem vir cortar mato para o lado aqui nós nunca nos interessamos por coiso...

AL: Vocês aqui fazem vezeiras, agora mudando um bocadinho o assunto...

MS1: do gado

AL: ah, fazem...

MS1: agora antigamente quando havia muita ovelha e cabra e coiso, às vezes até era duas vezeiras, era muita e tinha de ir dividida que era para não andar... só que nós antigamente era assim, a vezeira andava à volta da... como é que hei-de dizer... das casas, andava à volta do povo, portanto...

AL: ah, passava de casa em casa...

MS1: passava de casa em casa, todos os dias, passava de casa a casa. E por exemplo, eram x dias por cada cabeça de cabra, ou de ovelha ou de coiso. Quem tivesse por exemplo 50, vinha 3 dias, quem tivesse 20 ou 20 e tal, ia 2, quem tivesse 15 ia um dia com elas. Então era, vinha sempre um pastor ou dois pastores e às vezes, como era muito gado, muita ovelha, muita cabra, às vezes era às 500 cabeças de coiso, então dividiam... olhe, queimaram isto, isto era um carvalhal, isto daqui por meia dúzia de anos estava... está a ver, era um carvalhal, mas deitaram-lhe fogo queimaram-no todo

AL: e foi Travassos ou foi daqui?

MS1: é malta desse gado... e, está a ver, estes carvalhos aqui ainda se safaram mas os outros queimaram tudo, seca tudo.

AL: ah, estes que aqui estão em pé estão mortos...

MS1: estão mortos, aqui a maior parte estão mortos

AL: esta erva cresce sempre depois da passagem do fogo não é?

MS1: é é, deve ser. Não, mas a erva cresce, depois de largarem o fogo depois, mas quanto mais... quanto mais queima mais prejudica

AL: mas diga-me só, para acabar aquilo... antes faziam assim as vezeiras, e hoje?

MS1: hoje não... hoje não fazem porque não há, a maior parte das pessoas emigraram, deixaram de haver jovens para estas, para constituir certas vezeiras, agora não há... hoje se houver há meia dúzia que tem 4 ou 5 praticamente só numa propriedade, só para consumo, que antigamente vendiam os cabritos, vendia-se os anhos, vendia-se a lã da ovelha, que era para fazer as meias para calçar, que era para fazer os cobertores da cama, para fazer as capas de bordel, aquelas capas que não sei se está a ver qual é... a capa do coiso, era para se fazer... hoje já não há...

AL: então por exemplo, esta malta que tem este gado...

MS1: esta malta deste gado é assim, largam-nos agora, vêem-nos ver quando vêm, e depois descem-nos no mês de setembro, e depois ficam no curral até praticamente agora. No inverno não vêm, tem muita neve, muito frio, cai neve, praticamente às vezes fica alguns 15 dias fica tudo coberto

AL: então já não há aquelas cabaninhas onde os pastores ficavam...

MS1: é, aquilo é mesmo... não, ninguém as usa, ainda agora, não sei se se vê dali...

AL: há pouco vi uma casinha mas não sei se era isso

MS1: para donde?

AL: pfff, não sei, era ali onde a gente veio

MS1: ah, se calhar era uma cabana... olhe, acolá, olhe vê-se daqui... o telhado está a ver...

AL: sim, sim, sim. Mas já ninguém usa agora não é?

MS1: já não. Recuperou-se isso por existir, que isto de resto já não...

AL: foram vocês que recuperaram?

MS1: fomos nós que recuperámos...

AL: pois... por exemplo, lá em Fafião tentam manter a tradição mas... mais tarde ou mais cedo...

MS1: pois... passei lá ainda há pouco tempo, o Raul, conheço bem

AL: sim, ele também me disse que o conhecia... eu disse-lhe que vinha cá e ele “ah, o Bento”

MS1: e há essas tradições, mas isso também é como tudo, chegam lá quando levam o gado e depois deixam-no lá e vêm embora outra vez. Mas era isso que existia e essas... porque quando há muita população e há muito gado as pessoas são mesmo obrigadas a juntar-se e... nós quando era na época... eu emigrei em 70, antes quando era, só se via... agora se fosse nesta época, só se via gado, só se via pastores, a comerem as merendas... quando era dia de entrudo ou dia de reis... toda a malta trazia as chouriças, o vinho e o pão, juntavam-se aí numa coisa, acendiam aí uma fogueira e toda a gente comia ali de volta da, do coiso... hoje não se vê... hoje mesmo para vir ver o gado, para vir ver o gado ou vem de mota ou vem... (RISOS) mas é verdade, é verdade...

Tourém: MT1

AL: lá no vosso, em Tourém houve cortes muito... o corte foi grande?

MT1: uuuh, foi, em relação ao 1º ano foi

AL: sabe mais ou menos quantos %, só para ter uma ideia... da área forrageira que foi cortada

MT1: foi cerca de 50%, mas espere aí, deixe-me pensar que eu consigo lhe dizer

AL: não, não é preciso

MT1: foi na área baldia passou de 1050 hectares para 700 se não me engano

AL: é quase 50%, não chega mas é quase... sim, sim, sim

MT1: portanto todos nós vamos sofrer com isso, claro que...

AL: pois, ainda não percebi muito bem as consequências... já percebi que os agricultores sim, vão ter... à partida vão ter algumas consequências na área que candidatam e tal, não é?

MT1: exactamente, nós em Tourém não temos esse problema

AL: ah, não têm gado?

MT1: infelizmente o número de agricultores diminuiu e a área que cortaram para eles poderem fazer a candidatura é mais que suficiente

AL: pronto, ok...

MT1: suponho que só há duas freguesias em que isso aconteceu... foi Tourém e Pitões... já foi a Pitões?

AL: fui anteontem... falar com a Lúcia

MT1: exactamente. Sim, nós não temos esse problema...

AL: ok

MT1: e ainda bem que assim foi. Agora o problema está nas novas instalações...

AL: nas construções?

MT1: nas novas... os jovens agricultores é que estão um bocado condicionados. Primeiro porque precisam de uma área mínima de 20 hectares... e a área que nos sobrou não é assim tanta que nos permita fazer isso

AL: que vos sobrou...

MT1: dos outros agricultores. O que é que nós estamos a fazer... portanto, imagine, que um agricultor precisava de 20 hectares, em vez de lhe dar os 20, se houver um jovem agricultor que necessite dessa área nós vamos retirar área a quem já estava, não podemos cortar as pernas a quem quer começar

AL: ah, sim, sim

MT1: e é por aí, a logica será essa, já está aprovada em assembleia, que isso será assim, se vier a acontecer. Se não vier a acontecer então não teremos grande problema

AL: mas podem construir? Essa parte é que eu não percebi

MT1: podem, podem construir na mesma os armazéns, só que precisam de uma área para os efectivos de 20 hectares... para reunir as condições necessárias e aí é que muitos CD vão ter problemas

AL: pois, pois

MT1: o grande problema vai estar aí

AL: para a instalação de jovens?

MT1: exactamente. Aí é que vai estar o grande problema. Agora quem já está... no meu caso não vai haver grande problema...

AL: você tem animais?

MT1: não

AL: ah, no seu caso, do baldio de Tourém...

MT1: o caso de Tourém

AL: mas um jovem para se instalar precisa necessariamente de fazer uma construção é isso?

MT1: porque... praticamente, ou se já tiverem...

AL: ok

MT1: agora, quem vai por, vai por gado... onde é que mete depois os animais?

AL: no inverno...

MT1: aqui os invernos são muito rigorosos... agora não, agora anda tudo não tem problema nenhum, mas no inverno é complicado

AL: sim, sim, sim... lá em Tourém há muitos jovens ainda ou...

MT1: uuuh, não... ate porque neste caso concreto que lhe falei temos apenas uma situação

Sei que vai acontecer outra, mas ainda não aconteceu, portanto neste momento temos apenas uma... agora, a população de Tourém que trabalha na agricultura é como em todo o lado, bastante idosa, mas só que nos tivemos a sorte de nos anos 90 houve muito pessoal que hoje já tem 40 e tal, já perto dos 50 anos, que é o meu caso, que estávamos fora e regressámos, então aí estão ali muitos agricultores que se vão manter por muitos anos

AL: e esses estão a dedicar-se à agricultura? Você já sei mas...

MT1: sim, sim, eles dedicam-se 100% à agricultura, não têm outra forma de vida

AL: boa... quantos habitantes é que agora existem lá em Tourém?

MT1: cerca de 120 pessoas... mais ou menos

AL: é uma aldeia mais para o grande ou mais para o pequena? Por exemplo é mais pequena que Pitões?

MT1: é mais ou menos igual

AL: ok, ainda é maiorzinha do que as outras...

MT1: até porque nos últimos censos havia uma diferença de 6 habitantes de Tourém para Pitões, 157... 151

AL: em Pitões é que era 157?

MT1: sim. Era... na altura dos censos, isso foi em 2011, portanto há 4 anos... uhh, havia uma diferença de... a

É porque houve aí uma situação, quando foi da junção das freguesias, tinham de ter um mínimo de 150 habitantes, e nós safámo-nos por 1...

AL: (RISOS) e não tiveram que juntar a freguesia foi? A vossa é a freguesia de quê?

MT1: de Tourém

AL: e em Pitões também é... ah, ok, a Lúcia já tinha dito...

MT1: Pitões também é freguesia...

AL: sim, sim, sim, senão juntavam-se a Pitões provavelmente

MT1: se estivesse mais próximo, porque não tinha nada a ver uma coisa com a outra, um do lado outro do outro, foi aquela coisa feita em cima do joelho

AL: pois... e lá no vosso baldio têm floresta, de produção por exemplo?

MT1: não... a floresta que temos é autóctone, é só com os carvalhos... agora pinheiro e essas coisadas disso não temos nada

AL: e nunca tiveram ou já não têm?

MT1: não, não

AL: o Estado não pôs lá o pinhal na altura do Salazar? Não chegou a entrar?

MT1: não... ficava muito longe

(RISOS)

MT1: ficava um bocado longe. E depois nós sempre tivemos um bocadinho de cuidado com o baldio, acho que as pessoas foram-se adaptando e chegaram à conclusão que realmente não vale a pena inventar muito, está tudo inventado, é preservar o que temos e se preservarmos já não fazemos pouco, e as pessoas foram-se consciencializando disso e vendo que isso realmente era verdade... e nós no baldio se quer que lhe diga nem sequer problemas temos. Há sempre aquela pequenas coisitas, que um quer abusar disto ou daquilo, mas pronto, coisas insignificantes, não temos... eu quando vejo aí freguesias com problemas gravíssimos de baldios que vão para tribunal eu até fico um bocado admirado como é que lá não existe, felizmente não existe, e oxalá nunca exista...

AL: mas esses que vão para tribunal normalmente é por fronteira do baldio com a aldeia ao lado e coisas do género, porque os animais foram para o outro lado...

MT1: ou mesmo privados que se querem apoderar do baldio para proveito próprio, vedando e fazendo...

AL: e lá não acontece nada disso?

MT1: até hoje não... há sempre aquele que gosta de abusar um bocadinho mas não... fala-se com ele... até hoje tem-se resolvido sem problema de maior

AL: e a freguesia de Tourém tem outras aldeias?

MT1: ... (não)

AL: ah, é só Tourém?

MT1: só Tourém... é muito fácil de gerir. Não tem que... imagine, há freguesias que é como o caso de Cabril

AL: tem uma data de aldeias...

MT1: já foi lá não é?

AL: sim

MT1: Cabril, Fafião, aquela... Pincães... aquilo deve ser complicadíssimo...

AL: mas Pincães e Fafião.... Ah, pois, faz parte da mesma freguesia mas o baldio é que é diferente, agora já estava a confundir...

MT1: atenção, baldio cada um tem o seu

AL: exacto, exacto, agora estava a confundir tudo

MT1: não, não, freguesia é uma coisa, baldio é outra

AL: e mesmo só o baldio de Cabril são uma data de aldeias que a gerem, é aquelas aldeias mais pequeninas... não é? Só a de Pincães e de Fafião é que são à parte não é?

MT1:...

AL: aquilo são uma data de aldeias que formam a freguesia de Cabril, para além de Pincães e de Fafião... depois essas outras aldeias, para além destas duas, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: cada uma gere o seu

AL: não, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: uma um só?

AL: para além de Fafião e de Pincães que cada um tem o seu, depois o restante baldio é gerido por aquelas aldeias todas

MT1: mas aquelas aldeias ali já tiram muito rendimento do baldio

AL: têm floresta não é?

MT1: floresta exacto que aqui para cima nada...

AL: pois... mas aqui não há... mas também não há muita vontade de a plantar ou há?

MT1: nenhuma! Pura e simplesmente nenhuma...

AL: porquê?

MT1: porque é assim... num carvalhal os pastos crescem normalmente, no pinhal não... quando o pinhal é grande começa a ficar todo queimado por baixo e... o que é que acontece, andamos aqui... o gado anda no monte todo o ano, se fosse pinhal não poderia andar...

AL: pois... mas com a diminuição do gado, não começa a fazer sentido...

MT1: para já nenhum! Para já nenhum... até porque Tourém e Pitões são as aldeias com mais gado

AL: com mais gado, pois... quantas cabeças têm vocês?

MT1: temos 243

AL: de gado bovino?

MT1: sim, e Pitões tem 350 se não me engano

AL: sim, ela disse que eram perto de 400, portanto deve ser isso

MT1: é mais ou menos isso é

AL: e têm cabras?

MT1: não...

AL: ai não? Então não têm vezeiras?

MT1: ...? Toda a vida

AL: de cabras só, ou...

MT1: e de ovelhas

AL: e de ovelhas sim, mas nas vacas não é costume

MT1: as vacas vão sozinhas para o monte e toca a andar

AL: pois, pois, pois... e quais são os investimentos que vocês fazem lá no baldio que... pronto, já percebi que pagam para os sapadores, compraram um tractor... e que outro tipo de investimentos é que fazem com o dinheiro que conseguem poupar

MT1: preservação... é a limpeza do carvalhal... limpeza e condução do carvalhal... nós temos lá uma área muito grande que aqui há uns anos era... não era nada, ardia todos os anos e não crescia lá nada... e hoje temos lá um carvalhal que é um espectáculo, é um exemplo de carvalhal, aliás, o parque faz muito gosto em levar lá os visitantes para verem o trabalho que ali está feito, e realmente está ali um trabalho muito bem feito, repito, graças aos sapadores, são eles que fazem a condução e a limpeza desse carvalhal. Como deve compreender são tudo roças manuais, sai muito caro... para limpar, sei lá, 30 hectares ou talvez mais que lá temos, não se faz tudo nem sequer numa época, é limpeza manual e isso é muito dispendioso, é muito caro

AL: nos carvalhais é que é manual...?

MT1: nos carvalhais...

AL: pois

MT1: e nos outros sítios fazemos a roça com um tractor, aí sim já faz, já é mais rápido, já é mais.... Uuuuh, mas acaba por ser também muito dispendioso porque uma máquina a trabalhar todos os dias gasta muito combustível, gasta... tem muito desgaste, há avarias todos os dias, estamos a falar de uma máquina que anda no monte, na é? Não anda na estrada, e pronto, acho que... se continuarem com estes cortes o futuro do baldio está comprometidíssimo... e aí é que a gente se vai dar conta da falta que fazem os CD's e da falta que faz alguém que gira o baldio em condições, porque estou a referir-me a gerir em

condições porque gerir daquela maneira qualquer um gere, nem é preciso virem cá, como neste caso faz o parque. Pode gerir de Braga, sentadinho lá na cadeira com o ar condicionado ligado, gerem que é uma maravilha

(RISOS)

AL: vocês têm comissão de fiscalização, CD...

MT1: somos nós próprios que fiscalizamos... se não formos nós próprios a fazermos este trabalho ninguém o faz por nós...

AL: claro, claro

MT1: ninguém o faz por nós porque não sabe, porque não vai, porque não sabe o que se está a fazer, somos nós próprios que lá estamos que temos de fazer esse trabalho

AL: mas no papel não tem de existir um CD formado por x pessoas, uma comissão de fiscalização formada por x pessoas

MT1: claro... não, mas isso está devidamente regularizado

AL: sim, sim, sim, mas depois na prática...

MT1: então, na prática é isso mesmo, somos nós, CD, que...

AL: ah, ok, ok

MT1: é isso que acontece, é precisamente isso que acontece, somos nós que fiscalizamos, nós CD

AL: são vocês CD...ok. É que eu tinha percebido que havia dois órgãos diferentes que era, bom, para além da mesa de assembleia de compartes... haver o CD e a comissão de fiscalização...

MT1: são três: é o conselho fiscal, é a assembleia de compartes e é o CD, é a direcção do CD...

AL: mas não sempre as mesmas pessoas em cada...corpo vá, em cada...

MT1: não, normalmente toca sempre ao mesmo, que é o presidente da direcção...

AL: pois...

MT1: que é a regra... é isso que acontece nas câmaras, é isso que acontece nas juntas, é sempre a mesma pessoa que faz isso, neste caso é o presidente do CD; ou o presidente da Junta, ou... porque também quando são muitas pessoas a mandar também não da muito certo... é melhor... as decisões sim, têm que ser tomadas por todos em assembleia, juntamo-nos todos toma-se a decisão de limpar acolá, vai-se limpar acolá e toma-se a responsabilidade de limpar... de fazer uma queimada em tal sítio, sim senhor a decisão é tomada mas depois é executada, neste caso pelos sapadores e ou eu ou outro membro do CD vai lá

AL: sim, sim, sim

MT1: e é assim que funciona

AL: lei dos baldios, esta alteração, qual é que acha que vai ser assim o impacto, não sei se está muito a par ou não...

MT1: olhe, a lei dos baldios está agora, esteve agora em estudo e está agora a...

AL: sim, aquilo foi aprovado mas acho que agora está no tribunal constitucional...

MT1: tem, tem, tem, ainda não está, ainda não está a 100%. Eu posso lhe dizer que em termos gerais que não tem assim...

AL: não vai grande impacto na prática, é isso?

MT1: não vai ter grande impacto nem ... pois, precisamente, eu acho que não é nada fora do normal, que se for cumprida que até se adequa à nossa realidade e à nossa situação. Pronto, a nossa opinião também contou, a opinião dos baldios também contou

AL: também foi tida em conta na altura

MT1: foi tida em conta, e por isso...

AL: foram auscultados, digamos assim?

MT1: sim, sim, sim, fomos. Vamos ver, vamos ver o que é que, da maneira como é que é aplicada, porque isso também depende muito de quem a vai aplicar e a ideia com que a vai aplicar

AL: mas por exemplo aquelas alterações que mudam o conceito de comparte, que tornam obrigatório que esteja x% das pessoas, acho que é 30%, para fazer determinadas decisões no baldio, 30% das pessoas que estão inscritas como compartes

MT1: isso sempre existiu... isso sempre existiu, agora acho que não tem nada que nós podemos dizer “não, isto não pode ser assim, somos contra” ... não! No global acho que se aceita, no global aceita-se e o global é o que conta. Uma vez que foi discutido pontualmente acho que não... agora a única coisa aonde falha é realmente naquelas restrições, as ZPT e essa coisada toda que eu aí... eu não tenho essa situação lá, mas também não concordo com ela

AL: não têm áreas de protecção total?

MT1: total, não, só temos lá um biquinho lá na coroa que ninguém lá vai por isso... uma faixa muito pequena, portanto também não estou muito preocupado com isso... não concordo, repito, não concordo porque antigamente toda a gente ia a todo o lado e havia o dobro das peças que há hoje. Hoje com uma população três vezes menos porque é que não se pode ir lá? Não faz sentido, não, há coisas que não faz sentido. Mas pronto, isso tem de ser discutido por quem tem essas zonas, não por mim

AL: quem tem animais é isso?

MT1: quem tem animais e quem anda nessas zonas de protecção total e que sabe que não pode ir lá

AL: ah, os baldios que têm

MT1: claro, que é o caso de Pitões, Outeiro, Cabril Fafião e não sei se Pincães tem, acho que não... não me recordo, é aquela zona toda dos Carris

AL: ZPT acho que não, eles têm tanta floresta em Pincães

MT1: é aquela zona dos Carris, é para essa zona

AL: pois, pois, pois

MT1: porque é que a gente não pode ir dar um passeio à serra, mas porquê? Por que motivo?

AL: no fundo é o vosso quintal não é?

MT1: porque é que a gente tem de pagar a mata da Albergaria?

AL: os compartes também têm? Os compartes isto é as pessoas das aldeias...

MT1: olhe, eu faço parte do parque e já paguei, cada vez que passo lá que remédio tenho senão pagar

AL: eu até entendo que se tire dos turistas, agora que se tire das pessoas que cá vivem não entendo. Dou-lhe um exemplo, por exemplo em Lisboa, o castelo de São Jorge, passou a ser pago também, há um castelo lá que passou a ser pago entrar lá

MT1: não, não, mas quem queira visitar tudo bem

AL: exacto, agora os locais não pagam

MT1: não, mas repare, é passagem, a passagem não tem de ser paga, se eu quiser ir visitar acho bem, até acho muito bem que se pague, para ir visitar, para ir aqui, para ir acolá. Para passar, há pessoas aqui que passaram lá uma vez na vida... ouça, eu tenho casos de pessoas de Lisboa e dali da zona que ficaram chocadas com o que aconteceu, mas o que faz eu passar aqui ou passar ali? Eu passei lá porque há uma estrada, a estrada não tem de ser paga, não foram eles que a fizeram...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

MTR1: sim, sempre agricultor... agora já há uns anos que eu não faço nada porque passei tudo ao meu filho... eu tenho um filho

AL: hmm, está aqui?

MTR1: sim, está. Ele agora deve estar aí com umas 40 e tal vacas não é. Mas também ainda que queira trabalhar não posso, ainda ontem andei a virar aqui um bocadinho aqui deste lado, andei lá a plantar umas couves... eu tenho 3 hérnias na coluna... tenho seguro. Quando cheguei à metade já tive de tomar um comprimido, deu-me a dor. Tenho 3 hérnias na coluna...

AL: pois, as vidas duras dá nisto não é? Começa a vir dores muito cedo

MTR1: agora o nosso conselho vai, em princípio está a correr tudo muito bem

AL: ao nível dos baldios ou em geral?

MTR1: não, em geral, em geral está tudo... está aqui o presidente...

AL: (RISOS) mas o presidente também faz parte dos corpos dos baldios ou não?

MTR1: sim, sim

MTR2: por isso é que a situação ideal era com pontos de GPS

AL: e o Secretariado dos Baldios não anda a fazer isso?

MTR2: não! Por acaso foi proposto isso mas não...

AL: vocês também são associados do Secretariado?

MTR2: sim

AL: e o PUB ou PGF é feito por eles ou?

MTR2: não, já existia antes, já existia há muito tempo

AL: Há quanto tempo é que já existia? Só para eu ter uma ideia

MTR2: as ITI, nós estamos a receber ITI para aí há 15 anos

AL: as ITI já têm assim tanto tempo? A partir de 2000...

MTR1: talvez... quando eu vim para presidente já existiam

AL: pois o senhor Manuel disse-me que já cá está há 12 não é? Então se calhar até antes de 2000

MTR2: sim, sim, sim, não tenho noção, já..., eu sempre me lembro de existirem ITI

AL: e para existirem ITI havia os PUB já?

MTR2: sim

AL: tinham de os ter não era, os tais planos... mas PUB é a mesma coisa que o plano plurianual?

MTR2: não, não, é outra coisa... o plano plurianual é tipo o resumo do que se faz no ano, por exemplo, para as ITI tem de se ter várias competências para se candidatar às ITI, uma é a de fazer a limpeza do mato, outra é a limpeza do carvalhal, temos x hectares de limpeza por ano, isto dão dinheiro mas temos de fazer trabalho, e então uma é fazer a limpeza do roço, por exemplo 4 hectares, temos de fazer por exemplo 3 de limpeza de carvalhal e depois também temos de dizer quantos animais é que estão a pastorear o baldio

AL: porque há um limite não é?

MTR2: não, é mesmo só parar dizer que o baldio é utilizado, por isso é que é o plano do ano para o baldio, é tipo um relatório

AL: ok, faz-se no fim do ano ou no início?

MTR2: faz-se na altura dos subsídios que é esta altura no mês de Abril, em que se diz por exemplo “olhe, em Travassos por exemplo estão 170 vacas a utilizar o baldio, nós fornecemos para o encabeçamento x hectares de baldio a esta pessoa e x hectares de baldio a esta pessoa, olhe nós fizemos este ano os 6 hectares de limpeza”

AL: ok, tipo um relatório... esse é o plurianual?

MTR2: sim

MTR1: eles depois também nos põem o que a gente tem de limpar “olhe, tem de limpar tanto na roça de mato, no pastoreio, e tanto no carvalhal... ainda há dois anos limpámos para aí 4 hectares de carvalhal, que esse é o que é mais difícil de limpar não é, porque o carvalhal tem giesta e depois [*Não se entende*], é mais difícil. No outro é mais fácil...

AL: no outro que é... as pastagens

MTR1: é. Ainda agora acabámos de limpar ali para aí 2 hectares

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

AL: ficam lá quietinhas não é... já não há vezeiras aqui não é?

MTR1: não, mas é quase como que seja uma vezeira, andam todas juntas, bota tudo e larga tudo

MTR2: pois exacto, há uma particularidade aqui na aldeia que é a seguinte, as vacas dormem lá, as vacas dos agricultores, dos tais 5 ou 6, dormem lá. E normalmente, imagine, um vai ver, o outro chega “oh, então vistes as minhas ou...” ... não é organizado, não é uma coisa organizada mas há aquela... imagine, eu vejo o filho do MTR1 que vem com a carrinha, anda com a carrinha ou ... de lá cima do monte “olha vistes as minhas...”, ou seja não é organizado mas há essa...

AL: sim, exacto, há uma cooperação natural

MTR1: eles vão, vão... às vezes vão duas vezes por semana, outras vezes vão só uma vez por semana

AL: pois... e usam as casas dos pastores ou...

MTR2: hmm, não.

MTR1: ainda agora estamos a renovar uma... mas agora já não se usa, há muitos anos... há muitos anos que aquilo caiu abaixo, estava destruído

AL: pois, não é usada...

MTR2: que é uma medida que só é do Parque... por exemplo, se estiver fora do parque se se quiser candidatar a este fundo de maneio não pode, é específico para... lá está, são as nossas mini-eólicas

(RISOS)

AL: exacto

MTR1: mas essa casa lá do pastor noutros tempos, eu já não me lembra não é... mas... os mais antigos falavam que noutros tempos havia lá uns lameiros, cortavam a erva para o feno do gado e tudo, e quando iam para o ... que aquilo ainda fica longe, quase 5 km, quando iam para lá cortar o feno e fazer esses trabalhos, dormiam lá e cozinhavam lá, tinham lá um potinho para lá cozinhar...colmavam-na em palha, colmavam-na com esse mato depois... agora ficou renovadinha... tem as paredes, cobrimos em telha, tudo, tudo... agora está lá uma barraca muito bonita!

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e hoje há muitos produtores? De animais aqui na freguesia de Cabana Maior, que usem o baldio

ACm1: enquanto houver subsídios há, quando acabarem os subsídios já não vai haver, as pessoas só têm animais porque lhes dão subsídio, ao contrário não

AL: pois... mas isto não eram produtores que tinham vacas já nos tempos antes dos subsídios?

ACm1: sim, tinham, mas tinham menos, com os subsídios houve um investimento nessa área

AL: não seria rentável ter hoje em dia sem subsídios ter produções animais?

ACm1: eu penso que sim, eu penso que continuava a ser rentável, penso que continuava a ser... mas é muito mais rentável com subsídios

AL: pois, claro... há quantos produtores aqui na freguesia, tem uma ideia?

ACm1: nunca contabilizei, mas

AL: 10... 20...

ACm1: não, mais... mais de 20

AL: e cabeças de gado, tem alguma ideia?

ACm1: não... precisa disso?

AL: só para ter uma ideia de como é usado o baldio

ACm1: se precisar disso para o seu trabalho eu arranjo-lhe dados concretos. Se não precisa...

AL: assim, só para perceber quem é que utiliza o baldio

ACm1: há sempre mais de uma centena de cabeças de gado... há um produtor que só ele tem mais de 50 cabeças de gado

AL: pois, mas são mais produtores...?

ACm1: assim com grandes quantidades não, é tudo com menos quantidades, 4, 5... 8....2, 3...

AL: cabeças

ACm1: sim, não há assim... o único que tem assim várias dezenas é só um... o único claro que tem de ser só um [RISOS] não, eu ia dizer, o único que tem assim essa quantidade é um individuo que sofreu um acidente de automóvel, ia de motorizada, ia um individuo bêbedo, abalroou-o na estrada e deixou-o em estado de coma... horrível, mas pronto. São situações terríveis

AL: (...) e a área que vocês têm actualmente do baldio elegível para pastagem, é suficiente para os produtores que têm? Para eles acederem aos subsídios...

ACm1: é, para receber os subsídios é

AL: e ainda sobra área, ou não?

ACm1: ainda sobra área sim

AL: e há jovens agricultores, ou há jovens que estão interessados em fazer projectos de jovem agricultor ali ou

ACm1: não, não há... não se pode dizer que há vários jovens interessados não...

AL: há muitos jovens na freguesia, não?

ACm1: não. Muito poucos... a emigração leva os jovens todos

AL: claro. Então também não há muitos jovens na gestão do baldio, no CD, na AC... bom, o próprio Joaquim é bastante jovem, mas

ACm1: sim, há vários jovens... digamos, se quiser considerar... um jovem para si é de que idade?

AL: bom, dos seus 20's até aos seus 40's

ACm1: tem muito poucos, 3 ou 4

AL: pessoal que faz família aí, tem os seus filhos e

ACm1: há muito poucos jovens, muito poucos jovens

AL: à freguesia... e não se continua a fazer aquelas actividades tradicionais no baldio... tradicionais no sentido de serem antigas, não no sentido de atraírem visitantes... tipo apanharem lenha, recolherem mato

ACm1: sim, isso é uma tradição que continua a ser respeitada

AL: e continuam a ser necessários os matos? As pessoas continuam a utilizar esse tipo de fertilizante na terra?

ACm1: em parte sim, os poucos que ainda têm animais sim

AL: e isso é gerido, ou seja, quem... se calhar como são poucos já não é preciso, mas

ACm1: em tempos era assim, em tempos na minha adolescência havia muitos produtores agrícolas, e então faziam, uma vez por ano reuniam-se, faziam rifas, estipulavam uma determinada área onde iam roçar o mato para o resto das cortes, os animais, e depois tiravam rifa... depois punham as varas de salgueiro ou outras, com um número feito na própria vara, e as rifas depois tinham os números. Depois cada um que tirava a rifa com um número tal sabia que ia poder roçar o mato naquela área. Faziam esse tipo de divisão assim, era engraçado isso era. Agora não, agora não é necessário, porque agora há muito poucos a fazer e a explorar então cada um vai roçar onde quer, onde há...

AL: e lenha, continuam a

ACm1: as lenhas as pessoas podem recolher, tem é que... se é dentro da área florestada tem que ter uma autorização do CD ou da junta, se for no exterior do parque, tem de ter uma autorização para a recolha. Mas a qualquer comparte residente na freguesia é permitida a recolha de lenha

AL: sim, sim, sim. Eu agora quando estava a referir-me às questões de aproveitamento do turismo estava sempre a referir-me à vossa organização local, não estava pensar no ICNF, precisamente no sentido de criar condições para os vossos jovens se manterem na zona utilizando o baldio como meio.

ACm1: o pastoreio é interessante, o pastoreio enquanto houver subsídios dá muito dinheiro para os produtores. Para qualquer tipo de ... qualquer das raças de animais que a pessoa escolha

AL: esses são os principais beneficiários do baldio... os produtores

ACm1: sim, são... e o CD nunca taxou a utilização dos baldios e podia fazê-lo, mesmo para os locais

AL: para os outros que não beneficiam mas que têm iguais direitos

ACm1: exactamente. Mesmo aos locais podia faze-lo, porque os locais há uma pequena percentagem que usufrui, enquanto que outros não têm qualquer benefício, e esses que usufruem o CD podia ter tomado a decisão de propor à AC, falta saber se a AC aprovaria ou

não. Normalmente aprovava porque havia mais dos que não exploravam do que dos que exploravam. E então podia-se conseguir dinheiro para melhoramento de caminhos, para outros benefícios da freguesia. Mas eu nunca enveredei por aí porque nunca surgiu um momento decisivo para fazer isso. Mas era uma possibilidade. E é justo. É justo porque estão uns a beneficiar com aquilo que é de todos

AL: sim... e ao contribuir-se para a AC com x estava-se de alguma forma a tornar isso mais justo não é? No sentido em que aquilo seria aplicado

ACm1: e era um investimento que iria surgir em benefício de todos... olhando aos fracos recursos locais e às dificuldades que se enfrentava sempre com as câmaras sempre a apertarem a corda por dinheiro

AL: e alguma vez houve conflitos entre os baldios no sentido de, sei lá, os pastores passarem para um lado

ACm1: não, com o pastoreio nunca houve problemas. Houve sim, há ainda retenção de valores de madeiras cortadas na zona de conflito. Há mais de uma dúzia de anos que existe dinheiro bloqueado por causa disso

AL: ah, bloqueado pelo Estado porque não se decidem quanto às fronteiras, é isso?

ACm1: não, não está bloqueado pelo Estado, só está bloqueado porque as partes nunca chegaram a acordo na divisão da percentagem não é? Da percentagem para cada freguesia. Portanto nós temos aqui um terreno que o Soajo diz que a delimitação é ali por aquela divisão, nós dizemos que a delimitação é aqui pela zona deste pilar. Portanto o Estado vendeu a madeira com o acordo das duas freguesias, porque nós tínhamos que assinar sempre a venda, a venda só era possível desde que as duas partes, as duas freguesias assinassem. Agora, quando era para receber, se não chegávamos a acordo na % que cada um ia receber o dinheiro ficava retido, está retido

AL: e ainda está?

ACm1: ainda está

AL: e como é que está agora a questão da divisão, ou da delimitação do baldio?

ACm1: está na mesma situação

Cabreiro: AC1

AL: quantas aldeias é que estão inseridas nesse baldio?

AC1: neste baldio são 11

AL: ah... quantas pessoas são compartes?

AC1: muito poucas... já não é o que era. Temos cerca de 100 compartes, por aí...

AL: 100? Em 11 aldeias? Mas e é toda a gente que está como comparte?

AC1: não, nem toda a gente... é assim, nem toda a gente usa o baldio percebe, eu se lhe for a dizer que se calhar no baldio estamos a usar para aí umas 80 pessoas... nem sequer

AL: ok, mas não estão inscritas como compartes então...

AC1: estão todas inscritas como compartes porque comparte agora se mudou a lei, desde que seja residente... o que acho que não está correcto, comparte deve ser aquela pessoa que usa e que faz alguma coisa no baldio, esses é que devem ser os compartes, mas agora é todos os naturais e residentes que estejam lá que são todos compartes

AL: e vocês seguem essa nova lei ou continuam a usar os usos e costumes nessa questão?

AC1: nós continuamos a preservar os usos e os costumes que acho que é o mais correcto

AL: então é comparte quem usa o baldio?

AC1: quem usa o baldio

AL: é assim na vossa aldeia

AC1: na nossa opinião, e acho que deveria ser assim. Mas está muito muito desertificada, nós estamos a perder gente... e temos... ainda temos quem use o baldio que é por causa dos subsídios, porque quando... se isso não existisse... eu tenho... fico com muita pena de estas zonas começarem a ficar completamente desertificadas

AL: pois... é comum a toda a região aqui, pelo menos aquela que eu tenho visitado

AC1: é

AL: há umas aldeias um bocadinho melhores, umas aldeias um bocadinho piores, mas em geral

AC1: para ter uma ideia nós crianças quase que nem temos

AL: pois... mas isso até em Lisboa (RISOS). As crianças andam a escassear no país inteiro mas sim, aqui é pior, claramente. Quando há menos pessoas ainda mais isso se nota

AC1: claro, e a população envelhecida... é assustador, começa a ser assustador, mas é a realidade que temos

AL: mas a nível de cadernos eleitorais quantas pessoas é que estão ali inscritas? Tem alguma ideia? Das 11 aldeias...

AC1: acho que são 300 e tal

AL: ah, também não são assim tantas pois...

AC1: não, não, não temos muita gente

AL: é bem diferente ali de... eu estive agora a falar com a Cristina, não sei se conhece, do Soajo...

AC1: conheço

AL: ela apontou-me 1000 e tal pessoas naquela freguesia, é bem diferente

AC1: não, mas também eu não sei se ela tem 1000 compartes

AL: não... tem se puser a nova lei em acção, é o que ela estava a dizer, se contarmos com todos os eleitores são mil e tal, isto é, aquilo é o número de pessoas que lá vivem

AC1: na realidade se atendermos ao que é um comparte, comparte deve ser aquela pessoa que usa o baldio e que faz dele

AL: exacto, ela terá menos nesse aspecto

AC1: temos muitos menos, se utilizarmos o caderno eleitoral, temos muitos mais, o que não está correcto ano é. No caderno eleitoral está muita gente inscrita que nem sequer está cá a viver, vive fora, só porque tirou o cartão de cidadão e ficou inscrita, deu ali uma morada, fica logo ali automaticamente inscrito

AL: exacto

AC1: não está é correcto, mas

AL: e também, e acho que a Lei também diz que qualquer pessoa que já...

AC1: a residir há mais de... acho que é 6 meses não é?

AL: eu essa nem sei assim ao pormenor, mas sei que se estiver a efectuar uma exploração agroflorestal, imagine que eu agora vinha para aqui desenvolver uma exploração agroflorestal passava a ser comparte

AC1: não faz sentido, não tem cabimento, mas prontos, se eles acham

AL: e há mais alguma coisa da lei que que ache que está...

AC1: não, eu, é basicamente isso, acho que isso é ridículo

Gavieira: AGav1

AGav1: Nós agora aqui durante o ano não vês ninguém. Tens aqui o santuário na Peneda, que é extremamente concorrido, tem sempre gente, se não isto era complicado. E no verão... é demais

AL: pois, é que isto vai de um extremo ao outro

AGav1: é que não há espaço para nada, porque toda a gente que é emigrante, vem para aqui mas não sai daqui, podem ir à vila ou à cidade mas... é complicado, só se eles não puderem mesmo regressar a casa. Tem aqui pessoas que têm apartamentos em Braga, Viana, no Porto. Mas não penses que eles dormem no apartamento, só se forem obrigados mesmo a ficar lá, senão nem que (...) eles estão aqui

AL: isso até é bom sinal

AGav1: e essas casinhas, tem aí casas com fortunas lá dentro, parecem ? mas tu não imaginas o que essas casas têm lá dentro. Não há uma casa sem aquecimento central

AL: uau!

AGav1: não há uma casa na Gavieira sem aquecimento central, há cozinhas, outras coisas também, mas cozinhas de 5 ou 6 mil contos. Não parece, atenção. E as pessoas gostam muito disto, gostam de viver na serra, gostam da zona

AL: oh, isto é espectacular

AGav1: o espaço... o espaço é que aqui é um bocado complicado

AL: o espaço é de facto, ali dentro da aldeia não há espaço para nada [conto a historia de como tive de desistir de entrar com o carro, que não entendo como é que as pessoas conseguem entrar]

AGav1: pois, eu vou ter de rever a situação, nós temos aqui caminhos sem saída, quem não conhece...

AL: depois tem de se fazer tudo para trás

AGav1: [conta como pode ser complicado, da necessidade de por um sinal a avisar que é um beco ou que as dimensões do veiculo são limitadas. Conta a história de uma rapariga nova que se meteu no caminho e de como ficou sem conseguir sair, e de como foram os empregados do senhor Américo que a “safaram” e conclui que tem mesmo de por sinalização, porque a miúda veio ao engano]

AGav1: de resto passas bem, o meu carro é um 3500 e ando por todo o lado, a ambulância... os caminhos foram feitos para a ambulância passar. Hoje, porque antigamente foi para os carros das vacas, mas batia nas paredes, passava mas esfolava

AL: ia abrindo caminho

AGav1: ia abrindo caminho... e é assim

AL: então e... estava a dizer-me que vivem cá 300 e tal pessoas

AGav1: é, é, durante o ano agora é

AL: mas portanto, são 4... como é que era...

AGav1: 5 povoações

AL: 5 povoações mais as brandas

AGav1: mais 4 brandas que é assim, (...) aqui o lugar de Tibo

AL: tio?

AGav1: Tibo, Tibo. É o nome, depois [?] tem duas brandas, que é aqui o lugar ao pé, que tem o café, tem [?] e Junqueira, sabes aqui acima, ao chegar aqui ao cruzamento, há ali uma entrada [*continua a explicar a localização das aldeias, das brandas, fala de Rouças,*

Sarmento do Campo [? Não se entende], fala da grande festa deste lugar, fala da despesa da festa mas da incrível receita, fala de 50 mil euros de esmolas ao fim de 9 dias]

AGav1: [?] aquelas obrinhas que estão lá feitas à volta do santuário e tudo, os próprios recintos são baldios e aquilo é quedo feito em pedra, tens condições, tens mais condições do que em qualquer outro santuário, balneários, tem casinhas para acolher os peregrinos

AL: isso é em... Rouças?

AGav1: é aqui em São Bento do Carmo [?]... tem uma branda do Lugar da Igreja

AGav1: cada qual... mesmo nos campos dos vizinhos. Nas brandas havia um determinado espaço já, mesmo que fosse no do vizinho, onde é que eram postas as batatas, fazias o buraco, com um metro quadrado, de vez em quando também se metia o feno... feno seco [?]

AL: e isso as pessoas só iam viver lá para cima no verão...?

AGav1: no verão... vou-lhe explicar... iam no mês de abril, acompanhavam as cabras, por causa do lobo, as vacas não, as vacas iam para a serra e pronto [?]

AL: ai é? As vacas defendem-se melhor do lobo do que as cabras?

AGav1: sim, as cabras não têm hipótese, não têm defesa

AL: ok, mas a cabra não corre muito mais rápido do que a vaca

AGav1: não, não tem hipótese. As vacas sim, as vacas adultas, [depois fala das pequeninas] mas naquela altura não havia uma cria na serra, naquela altura o parque não existia, se querias defender o vitelo tinhas que guardá-lo, metia-lo no corte, a vaca ia à serra e vinha à noite dar o leite à cria, tirava-se o leite que fazia falta para consumo, a cria não podia mama-lo todo, ela tirava a parte dela, o resto fazia falta na casa

AL: [RISOS]

AGav1: atenção... era assim que funcionava. Pronto, e as cabras, as cabras iam para cima no mês de março e estavam lá até meados de outubro, porque depois começava a fazer frio e vinham para baixo as cabras e ficavam as vacas na branda, e as pessoas só viviam nas brandas do mês de abril a outubro. E depois iam todos os dias e vinham a pé, não havia gente gorda! A maior parte deles era como tu. Iam todos os dias lá acima, e faziam 4 vezes por dia, iam, vinham trabalhar e iam e vinham depois à noite [? Não se entende] faziam uma ginástica tremenda, para ir à serra ver os animais, [? Não se entende] corriam o planalto todo, estás a ver? A mim custou-me na altura, a carne também era pouca, o peixe, quase nem falávamos em peixe naquela altura que o peixe nem chegava, estás a ver? Pronto, isto antigamente era assim, depois pronto, depois emigrou-se, a emigração por um lado foi muito bom, mas por outro, desertificou muito isto.

AGav1: Nós agora aqui durante o ano não vês ninguém. Tens aqui o santuário na Peneda, que é extremamente concorrido, tem sempre gente, se não isto era complicado. E no verão... é demais

AL: pois, é que isto vai de um extremo ao outro

AGav1: é que não há espaço para nada, porque toda a gente que é emigrante, vem para aqui mas não sai daqui, podem ir à vila ou à cidade mas... é complicado, só se eles não puderem mesmo regressar a casa. Tem aqui pessoas que têm apartamentos em Braga, Viana, no Porto. Mas não penses que eles dormem no apartamento, só se forem obrigados mesmo a ficar lá, senão nem que (...) eles estão aqui

AL: isso até é bom sinal

AGav1: e essas casinhas, tem aí casas com fortunas lá dentro, parecem [*? Não se entende*] mas tu não imaginas o que essas casas têm lá dentro. Não há uma casa sem aquecimento central

AL: uau!

AGav1: não há uma casa na Gavieira sem aquecimento central, há cozinhas, outras coisas também, mas cozinhas de 5 ou 6 mil contos. Não parece, atenção. E as pessoas gostam muito disto, gostam de viver na serra, gostam da zona

AL: oh, isto é espectacular

AGav1: o espaço... o espaço é que aqui é um bocado complicado

AL: o espaço é de facto, ali dentro da aldeia não há espaço para nada [*conto a história de como tive de desistir de entrar com o carro, que não entendo como é que as pessoas conseguem entrar*]

AGav1: pois, eu vou ter de rever a situação, nós temos aqui caminhos sem saída, quem não conhece...

AL: depois tem de se fazer tudo para trás

AGav1: [*conta como pode ser complicado, da necessidade de por um sinal a avisar que é um beco ou que as dimensões do veículo são limitadas. Conta a história de uma rapariga nova que se meteu no caminho e de como ficou sem conseguir sair, e de como foram os empregados do senhor Américo que a "safaram" e conclui que tem mesmo de por sinalização, porque a miúda veio ao engano*]

AGav1: de resto passas bem, o meu carro é um 3500 e ando por todo o lado, a ambulância... os caminhos foram feitos para a ambulância passar. Hoje, porque antigamente foi para os carros das vacas, mas batia nas paredes, passava mas esfolava

AL: ia abrindo caminho

AGav1: ia abrindo caminho... e é assim

AL: então e... estava a dizer-me que vivem cá 300 e tal pessoas

AGav1: é, é, durante o ano agora é

AL: mas portanto, são 4... como é que era...

AGav1: 5 povoações

AL: 5 povoações mais as brandas

AGav1: mais 4 brandas que é assim, [*? Não se entende*] aqui o lugar de Tibo

AL: tio?

AGav1: Tibo, Tibo. É o nome, depois [*? Não se entende*] tem duas brandas, que é aqui o lugar ao pé, que tem o café, tem [*? Não se entende*] e Junqueira, sabes aqui acima, ao chegar aqui ao cruzamento, há ali uma entrada [continua a explicar a localização das aldeias, das brandas, fala de Rouças, Sarmento do Campo [*? Não se entende*], fala da grande festa deste lugar, fala da despesa da festa mas da incrível receita, fala de 50 mil euros de esmolas ao fim de 9 dias

AGav1: [*? Não se entende*] aquelas obrinhas que estão lá feitas à volta do santuário e tudo, os próprios recintos são baldios e aquilo é quedo feito em pedra, tens condições, tens mais condições do que em qualquer outro santuário, balneários, tem casinhas para acolher os peregrinos

AL: isso é em... Rouças?

AGav1: é aqui em São Bento do Carmo [*? Não se entende*]... tem uma branda do Lugar da Igreja

AL: e não investem na florestação e na produção da floresta

AGav1: nessa parte não, é como te digo, nós fazemos limpezas

AL: porque há outros projectos não é? De subsídios para produção florestal... não estou a dizer que é para pinheiros mas

AGav1: há mas nunca fizemos, aqui nunca fizemos. Aqui temos gerido assim a equipe para aquilo que decidimos fazer e que o dinheiro nos tem vindo

AL: mas estão interessados em vir a ter essa fonte de receita ou não? Tipo, não sei... eu estou a dizer isto porque pareceu-me que tinham bastante floresta...

AGav1: imagina, aqui no verão puseram fogo aqui em cima, não sei se viste, e pronto, estamos a pensar, se a gente ano vai vender eles vão queimar tudo

AL: pois, e quem são... já ouvi em alguns baldios “ah, isso é pastores, não tenho a mínima dúvida”

AGav1: pá, a gente aponta sempre os pastores, mas não sei já viste o que é, há às vezes gajos malandros, gajos bêbedos, aquela, não sei se viste, mas aquela portinha ali da

segurança privada, está toda partida, foi um gajo bêbedo que passou aí de certeza e partiu aquilo, com a quantidade de pessoas que passam

AL: claro, é difícil de dizer

AGav1: a gente aponta sempre aos pastores, será um ponto principal, pronto, mas no meio disto tudo há muitos malandros, os madeireiros por exemplo, que repare, aquilo ardeu, mas a madeira se for retirada logo a seguir a madeira é a mesma praticamente, só ardeu por fora, senão aquilo perde 40% do valor, e aquilo safa depois o madeireiro. No caso de lisboa não sei, a única coisa que eu sei é que a gente vai por aí, a primeira coisa a apontar é os pastores, que é errado sabes, porque quando arde é quando é a vegetação, porque quando há um incendio na serra aquilo que vem a seguir é giesta

AL: que não é boa para o...

AGav1: é giesta, passado um ano aquilo é só giesta e, principalmente as vacas, não comem giesta

AL: são muito duras não?

AGav1: não, aquilo tem um sabor esquisito e acho que a vaca que não come giesta, a cabra comia, a cabra adorava a giesta.

AL: [RISOS]... em termos de utilizadores do baldio, portanto já falámos, é as pessoas que têm animais, as pessoas aqui da aldeia, mas... por exemplo, ainda se vai buscar mato? Ainda há essas actividades tradicionais...?

AGav1: sim, ainda se vai buscar mato

AL: e utiliza-se para os animais e o baldio para recolher lenha...?

AGav1: aqui já há pessoas que têm explorações que têm-nas no chão e lavam, mas são duas ou três só. Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos, depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão e pronto, têm [*? Não se entende*] próprios, e no final do dia lavam e

AL: então não usam nas terras depois

AGav1: não usam nas terras, mas os animais preferem estar no estrume

AGav1: pois, pois, pois. As pessoas é que se calhar não preferem tê-las no estrume

AGav1: dá mais trabalho

AL: pois, dá mais trabalho

AGav1: têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tirá-lo, não é, o estrume

AL: e depois usam-nas nas próprias terras ou vendem? Já ouvi falar de pessoal que depois vende o mato com o estrume, vende tipo fertilizante

AGav1: ah, usam só nos campos, aquele que ele tem é que é biológico, mas tenho aqui gente com produção biológica. Quando eles usam o estrume do coiso, eles têm vantagem por aí também, estás a perceber, porque eles estão a optar por fertilizante biológico, ração biológica, estão agora a ter aqui uma formação aqui na sede, aqui ao lado, um engenheiro de Lisboa também

AL: ai é?

AGav1: o Azeredo

AL: como é que é? Azeredo?

AGav1: sim, o engenheiro Azeredo. Que até está ali fora a explicar como se faz o estrume, que ele sabe bem isso, ele está ali fora tem assim dois montinhos, até vieram aqui os sapadores que trouxeram tojo, meteram-lhe tojo, meteram tudo debaixo dos animais, fizeram aqui o composto todo, prontos

AL: mas está a dar o curso a quem?

AGav1: ao pessoal que aqui está que aderiu à biológica, à produção biológica

AL: mas o pessoal aqui deve saber fazer...

AGav1: pois sabe, mas oh Luísa isto...

(RISOS)

AGav1: tem que haver alguém para tudo, prontos

AL: (RISOS) que maravilha, está bem, vem uma pessoa de Lisboa... está bem

AGav1: e eles aí vêm... esteve aqui a semana toda passada e acho que vai estar esta semana também

AL: que curioso... está bem... bom, é verdade que à medida que os velhotes vão morrendo há sabedoria que vai-se perdendo, mas ainda há aí muita gente, acho eu, que sabe fazer as camas dos animais, o fertilizante para a terra

AGav1: pois sabe

AL: não é preciso vir nenhum engenheiro de Lisboa

AGav1: oh Luísa, mas tudo é comércio! Tudo é comércio... e pronto, o senhor veio, está aí, está a dar aí explicações

AL: está a dar explicações... é como o ... está a dar a missa ao papa

(RISOS)

AGav1: e é assim

AL: e não investem na florestação e na produção da floresta

AGav1: nessa parte não, é como te digo, nós fazemos limpezas

AL: porque há outros projectos não é? De subsídios para produção florestal... não estou a dizer que é para pinheiros mas

AGav1: há mas nunca fizemos, aqui nunca fizemos. Aqui temos gerido assim a equipe para aquilo que decidimos fazer e que o dinheiro nos tem vindo

AL: mas estão interessados em vir a ter essa fonte de receita ou não? Tipo, não sei... eu estou a dizer isto porque pareceu-me que tinham bastante floresta...

AGav1: imagina, aqui no verão puseram fogo aqui em cima, não sei se viste, e pronto, estamos a pensar, se a gente ano vai vender eles vão queimar tudo

AL: pois, e quem são... já ouvi em alguns baldios “ah, isso é pastores, não tenho a mínima dúvida”

AGav1: *pá*, a gente aponta sempre os pastores, mas não sei já viste o que é, há às vezes gajos malandros, gajos bêbedos, aquela, não sei se viste, mas aquela portinha ali da segurança privada, está toda partida, foi um gajo bêbedo que passou aí de certeza e partiu aquilo, com a quantidade de pessoas que passam

AL: claro, é difícil de dizer

AGav1: a gente aponta sempre aos pastores, será um ponto principal, pronto, mas no meio disto tudo há muitos malandros, os madeireiros por exemplo, que repare, aquilo ardeu, mas a madeira se for retirada logo a seguir a madeira é a mesma praticamente, só ardeu por fora, senão aquilo perde 40% do valor, e aquilo safa depois o madeireiro. No caso de lisboa não sei, a única coisa que eu sei é que a gente vai por aí, a primeira coisa a apontar é os pastores, que é errado sabes, porque quando arde é quando é a vegetação, porque quando há um incendio na serra aquilo que vem a seguir é giesta

AL: que não é boa para o...

AGav1: é giesta, passado um ano aquilo é só giesta e, principalmente as vacas, não comem giesta

AL: são muito duras não?

AGav1: não, aquilo tem um sabor esquisito e acho que a vaca que não come giesta, a cabra comia, a cabra adorava a giesta. Eu tenho 50 anos e na altura quando eu era garoto quase não se via giesta aqui derivado da quantidade de cabras que havia

AL: ok... mas agora há mais vacas do que cabras é?

AGav1: agora é só, cabras agora não há...

AL: porquê? Devido aos subsídios?

AGav1: subsídios e andam sozinhas, repara... não é preciso acompanhá-las todos os dias

AL: as vacas...

AGav1: as vacas vão para a serra, se calhar o patrão vai lá uma vez num mês no verão ou...
[? *Não se entende*] com a criação na serra porque se o lobo mata têm que conseguir topar alguma coisa para fazer o dito auto senão chega lá o guarda se está há um mês sem ir lá o corpo, mata, e ninguém vê nada, está a perceber?

AL: ah, então como é que é, como é que é? Como é que disse em primeiro lugar? O lobo mata e?

AGav1: o lobo mata, por exemplo, a cria... o vitelo à vaca, mas se tu não fores lá dentro de 2 dias nunca mais vês nada, vês a vaca

[fala de como os pastores, quando há cridas das vacas têm de estar à coca, devido ao lobo, porque se não houver cadáver o ICNF não paga a indemnização. Fala de como os abutres são um perigo para a manutenção do cadáver e de como se deve estar atento e em cima do acontecimento. De como o javali também destrói os cadáveres...]

AL: o javali também?

AGav1: o javali está em todas

AL: mas os cadáveres também?

AGav1: tudo, tudo. O lobo é que não, o lobo só mata aquilo que come, ou só come aquilo que ele mata, o lobo se vir um animal morto não o come... tem graça. Ele é muito desconfiado, o lobo só come aquilo que ele matar. O javali, esses comem tudo

AL: ah, eu não sabia que o javali comia carne...

AGav1: o javali... o javali até come gente, o javali é a coisa que mais se desenrasca... o javali, o lobo não, o lobo é daqueles animais que só mata aquilo que ele come... que só come aquilo que ele mata

AL: (RISOS)

AGav1: é um animal nesse aspecto muito inteligente. E isso obriga as pessoas a irem constantemente à serra

AL: assim só para ter uma ideia... no que toca a floresta não tem havido investimento para virem a obter maiores receitas da floresta...

AGav1: não, nem investimento nem receitas

AL: não têm feito cortes

AGav1: não temos feito cortes, não temos feito nada [? *Não se entende*]

AL: diga, diga?

AGav1: se passares aí não vês em lado nenhum árvores cortadas

AL: não, vê-se muitas árvores

AGav1: muitas árvores... há pessoas que cortam para consumo, as pessoas querem carvalho, sabes, as pessoas querem carvalho. Cortam-no à fugida não é, se o guarda os vê. Mas repara, eles cortam e a gente por vezes não vê porque o carvalho é proibido cortar... mas cortam, a gente sabe que eles cortam, mas é para consumo próprio

AL: para aquecimento?

AGav1: para dar lenha... isto é muito frio no inverno!

AL: ah, pois, deve ser

AGav1: isto no inverno

AL: então mas não têm aquecimento central? [(RISOS)]

AGav1: mas é um frio seco sabes, ao fogo sentes-te bem, com a lareira acesa estás uma maravilha

AL: mas da limpeza do carvalhal podem levar pedaços ou uma árvore morta ou...

AGav1: isto há aqui uns dias estipulados para recolher a lenha

AL: ah, têm isso organizado...

AGav1: o pessoal é que não respeita muito, mas à 5ª feira tudo o que é lenha, e não se paga por isso, os baldios não recebem nada por isso, é para consumo próprio, para a indústria não. Imagine, uma pessoa que tem uma padaria, por acaso há aqui um indivíduo, aí não, aí é para vender, há aqui pessoas que vendem lenha, essas pessoas não têm direito a ir a lenha nesse dia, mas para consumo próprio de casa todas as pessoas têm direito à 5ª feira como é o caso de... prontos, normalmente há um guarda a acompanhar, para recolha de lenha caída, uma árvore que esteja seca pode ser recolhida, e o guarda

AL: o guarda quê? Florestal?

AGav1: um guarda-florestal... acho que é uma 5ª feira por mês

AL: ah, por mês!

AGav1: por mês, não é todas as 5as feiras, é uma 5ª feira por mês

AL: e isso até é bom, até para limpar um bocado o...

AGav1: para limpar, só que ... há baldios que levam um x para recolherem a lenha

AL: ah... mas é as pessoas que são compartes que vão lá, ou não?

AGav1: as pessoas da freguesia, às 5as feiras elas sabem que podem ir fazer recolha de lenha

AL: e cobram aos próprios compartes?

AGav1: não

AL: aaah. Vocês não, mas alguns baldios estava a contar...

AGav1: há alguns baldios que acho que lhes cobram. Nós não, nós é pessoas aqui da freguesia

AL: e quem vende vai busca-la ao baldio ou vai busca-la à propriedade privada?

AGav1: não! É o que eu estou a dizer

AL: pois, eu há bocado não percebi bem

AGav1: essas pessoas vão se a gente se aperceber que eles vão, [*? Não se entende*] eles podem dar uma fugidinha sem nos apercebermos disso mas eles sabem que não podem dar. Podem ir aquelas pessoas que é para consumo próprio, para as lareiras, para se aquecerem

AL: sim, sim, sim, eu estou a lembrar me de um caso em que um senhor comparte tem um restaurante e usa forno a lenha, e portanto, faz dinheiro com aquilo, é o negocio da família, e ele vai buscar a lenha ao baldio

AGav1: mas não pode

AL: pois, faz-me um bocado de confusão

AGav1: isso não é legal, atenção, isso não é legal. O baldio, a lenha, paga-se uma taxa ao baldio de 1 euro ou 2 euros por cada porção que leve, agora... mas para consumo próprio, agora quem tem um restaurante, quem tem uma padaria, isso não, isso as pessoas não têm direito a ir ao baldio, aqui não têm. Podem ir, nós temos aqui uma padaria, podem ir a fugir, mas que ele vai com ordens não vai, pronto. O meu chefe da equipa de sapadores vende lenha, estás a perceber? Tem um tractor e vende lenha, mas ele pode levar alguma coisa sem eu ter conhecimento, mas ele não tem o direito de vir ao meu baldio, nem à 5ª feira, porque ele vendendo ganha com a lenha, então tem de a pagar. Se vende não tem, nem ele nem ninguém

AL: pois, também me surgiu como uma surpresa

AGav1: isso de ir buscar lenha ao baldio para vender... isso era... era como se costuma dizer, uma peluda, também não pode ser assim

AL: pois, olhe, vocês é que podiam organizar isso... bom, não sei, e ganharem dinheiro para o baldio

AGav1: não, mas isto é assim, isto as pessoas que vendem lenha não querem pinheiros, querem carvalho...

AL: pois, e o carvalho aqui não...

AGav1: e o carvalho faz muita falta

AL: o?

AGav1: o carvalho faz muita falta, para o oxigénio, para a nossa sobrevivência

AL: claro

AGav1: o carvalho é uma árvore que é muito lenta, um carvalho chega daqui a cem anos está um carvalho adulto

AL: pois é, se cortar demora muito tempo a crescer

AGav1: o pinheiro não, o pinheiro não interessa, mas o carvalho em si, e o carvalho na serra, cortas um carvalho hoje e se calhar estás 30 ou 40 anos sem veres um carvalho ali [*? Não se entende*] e as pessoas, quem vende isso, quer um carvalho, até para consumo só querem carvalho para queimar. Por ideia deles eles só cortavam carvalhos, eles não querem pinheiros. E os pinheiros são pinheiros secos, o pinheiro não é cortado pelo pé. Mesmo para a aldeia, às 5as feiras, é só lenha velha, os carvalhos podem ter os galhos, e o pinheiro, só se tira um pinheiro se estiver seco, e os carvalhos tiram-se aquelas galhas, e os rebentos que tem porque no ano a seguir tem novas ramas não é? Isto pode fazer, isto é autorizada a cortar aquelas galhas de 10 cm de diâmetro ou 12... estás a perceber? [*? Não se entende*] no ano a seguir rebenta tudo outra vez, pelo contrário, até cresce mais depressa [*explica a mesma coisa através de um desenho*]. [*? Não se entende*] essa parte aí não pode fazer, pronto, não é autorizado, só que se eles estiverem acompanhados por quem os fiscalize, eles estavam a cortar não era este aqui a seguir ao carvalho, eles estando a ser acompanhados só cortam aquilo que está autorizado. Por isso é que há aqueles dias determinados às 5as feiras, acompanhados pelo guarda

AL: e há outros utilizadores do baldio, tipo turistas ou associativas de caça, de pesca, do que for...

AGav1: sim, aqui também há um clube de caça e pesca

AL: eles não pagam nada ao baldio? Para utilizar a área...

AGav1: não... a associativa de caça e pesca não, e também há muitas por aí que fazem trilhos e que andam aí constantemente e que também não pagam nada. Nunca optámos por isso, repara, eles têm uma forma que repara que os baldios também ganham por isso, e acho que se calhar afastávamos as pessoas, estás a perceber

Sistelo: ASi1

AL: e vocês aqui têm muitas cabeças de gado no baldio?

ASi1: muitos, muitos animais nos baldios, são... os baldios da nossa freguesia e de outras freguesias vizinhas são comunitários, todos usamos os baldios em harmonia uns com os outros, todas as pessoas... nós pastamos nos outros baldios, os outros baldios pastam no nosso, portanto isso é uma comunidade ancestral, já de há muitos anos, que todos se conhecem no monte, todos conhecem os animais uns dos outros, todos pastoreiam e assim vão convivendo uns com os outros

AL: e não há conflitos?

ASi1: não... não há conflitos. Para quê entrar em conflitos?

AL: não sei, devido às fronteiras e aos limites dos baldios e freguesias

ASi1: os limites das freguesias só têm interesse para os tribunais e os advogados. Nós convivemos com isso, não temos problemas, o que nos interessa, porque os baldios, os usos e os costumes já vêm de há muitos anos, mas toda a gente sabe quais é que são os limites, mas também queremos saber os limites para quê? O limite fica, os terrenos ficam, mas nós vamos embora. Nós estamos aqui... foram uns que geriram isto, agora somos nós, amanhã são outros, vamos todos

AL: e há bastantes jovens aqui nesta freguesia?

ASi1: há bastantes, uns que já estão fixados há anos e outros que estão a vir, temos aí muitos jovens, casais temos um, que se fixaram há meia dúzia de anos temos por aí, temos 1, 2, 3... para aí uns 10 casais, que vieram de França e de fora e fixaram-se aqui. Temos outros também que já estão fixados, que já estão projectos feitos. Temos também outras pessoas com mais idade que já estavam cá que têm as suas explorações, têm os seus animais, somos uma freguesia que temos muitos animais

AL: consegue dizer mais ou menos por alto quantos mais ou menos?

ASi1: mais 1000 animais

AL: quantas aldeias? Quantos baldios?

ASi1: baldio só, o de Sistelo

AL: e quantas aldeias são?

ASi1: lugares? Somos 6 lugares

AL: pode dizer? O lugar da igreja

ASi1: o lugar da Estrica, lugar da Quebrada, lugar da Portela do Alvite, lugar do Padrão e lugar da Pontecova

AL: ok, e quantos compartes são ao todo?

ASi1: compartes agora devem ser à volta de... que estão inseridos, que estão mais ou menos autorizados no baldio são à volta de 200

AL: 200... ok, mas esses são aqueles que estão na lista de

ASi1: na lista dos compartes. Autorizado, autorizado, autorizado, são menos

AL: então mas os compartes praticamente agora para vocês são todos os eleitores?

ASi1: não é para nós, é a lei que diz

AL: eu sei, mas

ASi1: não são todos os eleitores, o caderno dos compartes não é o mesmo que o caderno dos eleitores

ASi1: sim, e Anhões de Monção. Portanto isto é gerido pelo CD, nós fazemos as candidaturas, submetemos à apreciação da assembleia de compartes e normalmente são aprovadas as candidaturas

AL: fazem com a associação Atlântica ou fazem vocês?

ASi1: nós fazemos em colaboração com a Atlântica, e fazemos também a ASCLI, com a associação do lobo ibérico. A ASCLI, em que nós temos um contrato com eles, temos um protocolo de colaboração por causa da defesa do lobo, em que temos uma determinada área em que... e dão-nos outros benefícios para o baldio. Ele vai fazer também um protocolo, temos um protocolo com eles ao nível da caça, temos um protocolo também com as cercas para animais, damos uma determinada área para o lobo ibérico, para o lobo, e nós proibimos a zona de caça e eles ficam com aquela para protecção ao lobo e nós ficamos com a outra parte. Agora vamos ter também um protocolo para a gestão de 15 hectares do baldio em que eles se comprometem a limpar o monte, a desmatar as árvores, a podar as árvores, a fazer plantações, sob o nosso controlo

AL: a ASCLI

ASi1: a ASCLI sob o nosso controlo. Sob o controlo do CD

AL: e isso não pode trazer conflitos com a malta que tem gado e não sei quê?

ASi1: não porque a pastagem fica livre na mesma. E é tudo também aprovado em sede de assembleia de compartes não é

AL: mas se o lobo aumentar... mas tem vedações não é

ASi1: não tem vedações, não precisa de vedações, aquilo para as limpezas, para melhorar os bosques, os bosquetes não precisam de vedar

AL: não, não, não, eu imagino que eles queiram introduzir o lobo, ou reproduzir ou...

S1: ele por si reproduz-se

ASi1: tem muitas alcateias aí

AL: sim, exacto, mas ao criar uma zona em que não há caça, em que não conflitos com o gado

ASi1: não, naquela zona há caça, não há caça numa determinada zona, é uma troca, damos-lhes uma determinada zona para protecção do lobo, e eles dão-nos outras benesses na outra parte, melhoram-nos as pastagens, melhoram os

S1: não é não haver caça, é uma zona que não é para caçar. Se não é para caçar o homem, há mais abundância de alimento para o lobo

AL: sim, eu digo é, se o lobo é protegido o número tenderá a aumentar e logo

S1: não é não haver caça, é uma zona que não é para caçar. Se não é para caçar o homem, há mais abundância de alimento para o lobo. Você não tendeu mal, se reservam uma determinada zona que chamam de protecção para o lobo, ali não é para caçar o ser humano

AL: ok, ok, percebi, percebi, há mais alimento para o lobo e ele não tenderá tanto a ir para o gado

ASi1: aquilo também é para não andarem lá naquela zona aos tiros para não perturbarem o lobo

S1: afugentam-no dali, está a compreender, e assim ele está concentrado ali, se não há ali coisas anormais, ruídos e

AL: à partida o lobo tenderá a ficar por ali

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, pôr porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

Soajo: AS1

AS1: agora claro que sim, nós ainda este ano fizemos uma reunião precisamente por causa da nova atribuição de baldios, tivemos de mudar todos os parcelários... e convidei...

AL: porquê? Mudar os parcelários...

AS1: este ano, ora bem, cada agricultor que tinha baldio já há x anos tinha tudo na mesma parcela, não é, portanto a Cristina tinha a parcela x e já há 4 ou 5 anos que tinha aquela parcela não é? Este ano veio tudo a zero, portanto tivemos que... eu fiz assim, não sei se os outros fizeram assim... mas eu fiz assim. Foi chamar todos os agricultores, um a um dizia qual era as cabeças de gado que tinham não é, e daí atribuímos uma nova área, portanto conseguimos também limpar um bocadinho dos cadernos, que já estavam desactualizados não é, também isso deu um grande... já havia pessoas mortas há 10 anos que ainda estavam a usufruir, não faz sentido!

AL: claro, claro...

AS1: e prontos, e atribuiu-se isso tudo não é...

AL: mas isso foi derivado dos cortes das áreas não é?

AS1: sim

AL: ah, já percebi... há muita cabeça de gado ali em Soajo?

AS1: aqui em Soajo temos, vacas, temos 750 e qualquer coisa, agora caprinos olhe, assim de cabeça não sei... caprinos e ovinos de cabeça não sei mas ainda há bastantes, umas 300 ou 400 ovelhas... e cavalos também há bastantes, há para aí 200 e qualquer coisa

AL: cavalos... ouvi, pareceu-me ouvir lá na Atlântica que os cavalos já não têm subsídio ou que é...

AS1: vão tendo, por acaso não sei quanto, não faço ideia, mas são cerca de 70 e tal euros por cabeça ou...

AL: ok, se calhar percebi mal, ou se calhar estou agora com uma ideia errada. Eu sei que antes vocês tinham de ter... menos, portanto de todo o efectivo apenas 20% podia ser de cavalos, gado equino ou... limitavam um bocado o número de cavalos, pelo que eu percebi...

AS1: isto é assim, quando o garrano estava em vias de extinção... isso é como tudo não é...

AL: aí foi incentivado

AS1: é como a Cachena e essa coisa toda...incentivaram... há aí pessoas que têm 60 cavalos

AL: pois, por acaso ainda agora passei por uma data deles

AS1: não é... só que é assim, não podem é por tudo no subsídio, porque é assim, até três dão 100, depois de 3 já dão 50, a partir dos 15 já só dão 20 euros por cada cavalo, portanto as pessoas estão a perder e deixam, e té acabam por não ter não é, não fazem candidaturas com eles... mas prontos, gostam deles, andam aí no monte, vão-se reproduzindo, e vão limpando o monte também que também é muito bom, dão comida ao lobo, isto olhe...

AL: aí eu adoro vê-los, mas isto pronto, é o meu olhar não é...

AS1: não, e também... acho que sim, acho que faz bem. Desde que estejam bem tratados na mesma não é, que há assim alguns

AL: pois, isso é outra coisa que também já ouvi, é que às vezes é para o subsídio, é para o subsídio, mas depois...

AS1: essa é a parte feia da coisa... mas eu acho que, é assim, o que o IFAP está a fazer é mau, de uma certa forma... eu não tenho gado, é suspeito, mas eu acho que tem que haver regras também, não é...

AL: pois, isto se calhar já vem derivado de casos de não cumprimento e que acaba por influenciar toda a gente

AS1: exactamente

AL: basta um para lixar toda a gente

AS1: mas quem trata bem não tem problemas, não é... porque as pessoas que têm 100 cabeças de gado e que tratam delas e que têm... que vão buscar o gado à serra, que fazem tudo certinho, esses não têm... agora havia pessoas que tinham 20 vacas e que estavam a receber de 50, pronto... percebe? E isso é que não estava correcto. Há pessoas que as vacas nunca foram à corte, nunca foram ao estábulo... entretanto andaram a abatê-las. Aqui em Soajo não foi.... Mas sei que acolá para cima, acho que foi Rio Frio ou que foi, andaram a abate-las com armas, porque eram bravas, escondiam-se das pessoas, não sabiam o que era gente, aí não sabe disso?

AL: ah, porque andavam lá no meio da serra e nunca voltavam à aldeia...

AS1: eram bravas mesmo

AL: tornaram-se o animal selvagem do Gerês...

AS1: é!

AL: por acaso passei por umas e até estava ao telefone e disse “epa, vêm aí duas vacas, vamos lá ver se isto corre bem” ... eu... metem-me algum respeito não é, eu não estou habituada

AS1: é, não, mas estas que andam aqui...

AL: mas pronto, imagino que não eram destas...

AS1: pois, não, são pequenininhas, as nossas vacas são super pequenas, são as mais pequenas do país...

AL: sim, são baixinhas... são tao engraçadas

AS1: é a nossa Cachena e a Barrosã

Mas enfim... e então e vocês quando fizeram essa nova distribuição os produtores perderam com estes cortes ou...

AS1: não! Nós ficámos a ganhar, porque conseguimos eliminar 40 explorações para fazer essa nova reatribuição... eliminámos 40, portanto tivemos baldio de sobra, ainda consegui dar mais 3 hectares a cada agricultor, porque sobraram, e ainda ficámos com cerca de 700 hectares para novos agricultores que quiserem

AL: aí que bom!

AS1: é, por acaso este ano fizemos esse... agora já nos arderam muitos hectares, este ano já nos arderam perto de 200 hectares, já não sei agora, agora não sei...

AL: já não conta como área forrageira...

AS1: já não conta

AL: e conseguiram por muitos jovens agricultores agora por a candidatura?

AS1: por enquanto temos 3 que vão iniciar agora, temos 3... mas que não serão com baldio... mas já é bom

AL: ah, é sem baldio? E conseguem?

AS1: sim, sim, sim, porque é aquela história das galinhas, daquelas coisas, que já não pode ser com baldio, mas prontos, não temos assim muitos problemas com área...

AL: e com jovens (RISOS)?

AS1: não temos...

AL: pois, é isso... aí já têm alguns problemas não é...

AS1: é um problema, e eu gostava através dos baldios de poder ajudar e de fazer com que as pessoas viessem para cá, ainda tenho de encontrar aqui alguma ideia luminosa

AL: (RISOS) pois é, isso é o que mais... aliás, isso é uma das mais-valias do baldio, é poder criar de facto alguma, lá está, as tais ideias luminosas, que façam, que atraiam as pessoas a ficar aqui... agora não sei...

AS1: eu acho que é assim, eu acho que nós aqui precisamos de formação e eu já pensei atribuir uma verba, assim uma coisita, para os jovens poderem se formar, porque é assim, há pouco dinheiro, aqui não há trabalho nenhum e atribuir uma bolsazinha para irem, porque nós temos crianças aqui com 20 anos que não sabem ler

AL: ai sim?

AS1: falta de incentivo...sim! É triste... e eu gostava de poder mudar isso um bocadinho, criar assim, sei lá, uma bolsa ou uma coisa qualquer... não é, porque as pessoas aqui, como os pais têm poucos estudos as crianças, o que é que acontece, enquanto não há nada estão à espera dos 18 anos para emigrar... portanto, eu acho que o trabalho dos autarcas agora neste momento aqui na nossa freguesia seria quase de pegar neles pela mão, porque eles, não faltam ideia, não sabem como, às vezes é só trabalhar um bocadinho com eles e eles vão, mas agarrar neles e ajudá-los a criar uma microempresa, um projectozinho pequeno, iniciar e seria por aí... infelizmente não é assim... o senhor presidente da Junta, que compete mais a ele do que aos baldios não é... mas pronto, eu se puder através dos baldios vou fazê-lo porque ao menos enquanto lá estiver faz-se alguma coisa

AL: pois... então a ideia, a sua perspectiva de futuro para os baldios é baseada na floresta, pelo que eu percebi, não é?

AS1: floresta e em tudo o que é agricultura... é mesmo isso, é incentivar o mais possível os jovens a se candidatarem, não é, a essas coisas, a terem alguma formação

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: e a floresta, como é que vocês lidam com a floresta? Cortam pinheiros, já percebi, mas também têm florestado ou...

PB1: não, plantação fez-se uma vez aqui uma, que até nem deu resultado, fez-se uma plantação de sobreiros e de... o antigo presidente, uma plantação de... 3 hectares, parece-me que foi 3 hectares [procura nos registos]. Foram 3 hectares, 3 hectares de plantação de sobreiros e carvalhos, mas essa plantação eu sempre... ainda não era presidente e quando me disseram que iam fazer essa plantação aplaudi, claro, para a terra fazer uma plantação de 3 hectares, para nós é uma maravilha, está claro que é uma maravilha, não haja dúvidas, mas a seguir fiz-lhe uma pergunta, se esses 3 hectares eram vedados, e ele mostrou-me um documento e ele disse “talvez”, mas o talvez não é uma certeza, eu queria saber se faziam ou não faziam, porque na candidatura que se faz já se põe se é protegido ou não. E ele nunca deu explicação, quer-se dizer, aquilo nunca foi protegido, e na proximidade daquela plantação há um senhor que tem 50 e tal cabras, quer-se dizer, essa plantação, sabe como é, tem aqueles tubinhos não é verdade, mas quando o sobreiro ou o carvalho bota assim a cabeça de fora as cabras *fsst*

AL: acabou

PB1: acabou tudo. Quer-se dizer nos 4 hectares que o Estado gastou, parece que foram 60 000 euros, tem zero... tem zero!

O que nós fazemos agora é diferente, cortamos os pinheiros e deixamos os carvalhos... mais nada. Há ali uma zona que fizemos um... quem via dizia que não havia carvalhos nenhuns, e ontem levei lá um engenheiro, o Jorge, e diz ele “está aqui um trabalho muito bem feito, mas vocês ainda têm aqui mais um bocadinho de trabalho”, e nós sabemos temos que o fazer, que temos muitos eucaliptos a cortar, e austrálias lá e alguns pinheiros... diz ele “você tem de deixar alguns carvalhos lá”, mas nós sabemos, mas não quisemos cortar tudo para não dar cabo dos carvalhos, agora é que temos de cortar tudo e deixar só os carvalhos, e é um hectare e tal de carvalhos, mas há carvalhos com 2 metros

AL: e tem pinheiros é isso?

PB1: tinha pinheiros mas cortamo-los todos, mandámos cortar e vamos vender aquilo para lenha... os pinheiros e limpamos alguns carvalhos, você sabe, há às vezes carvalhos que estão 4 ou 5, aquilo é chão e ele ganha corpo e há uns eucaliptos e umas austrálias que nós temos de cortar, é uma zona de carvalho e sobreiro muito bonita que ali está, e às vezes é melhor limpar em zonas em que os carvalhos já estão agarrados e grandes, em que já nem cabras nem vacas, nem nada, os comem, do que andar a fazer plantações

AL: pois claro, usar a regeneração natural...

PB1: e é isso que nós estamos a fazer

AL: e de pinheiro é que não voltam a...

PB1: não, não, de pinheiro acabou...

AL: mas depois também deixam de ter esse rendimento

PB1: isso é verdade, mas sabe que nos montes baldios há muito pinheiro que é escusado plantar porque ele semeia-se por ele próprio

AL: e aqui no vosso baldio tem acontecido isso?

PB1: tem... tem. Há muitas zonas... há... há muita zona de pinheiro

AL: e deixam a regeneração natural...

PB1: regeneração natural, exactamente, se eu a levar ali a um pinhalzinho que está ali à frente, um pinhal novo todo que ele... quando saiu em 2014, não, fins de 2013 que ele fez um corte de pinheiros que deus me livre, ele cortou, mas pinheiros, pinheiros... não é como nós que vamos cortar agora 3000 pinheiros, não é pinheiros, é uma monda, é mondar, não é cortar, mas ele cortou perto de 4000 pinheiros, ele diz que são tantas toneladas, nós dizemos que são outras, está claro... nós pedimos a relação dos pinheiros que foram vendidos ao parque e o parque confirmou o que ele diz, não haja dúvidas. Mas é o que nós dizemos sempre, que não havia ninguém a acompanhar, logo no lugar de cortar 2000 corou 3000 e dos 3000 meteu dinheiro ao bolso, infelizmente ainda há desta gente

AL: pois, pois há, e há-de haver sempre...

PB1: pois... mas aqui plantação de pinheiros, plantação de sementeiras, isso acabou tudo

AL: portanto o dinheiro que vos vem da madeira mais tarde ou mais cedo vai deixar de vir

PB1: vai deixar de vir, vai vir sempre algum que... sabe que o pinheiro aqui na nossa zona em sítios vem muito rápido, não é como nas zonas mais montanhosas lá em cima para a serra, aqui é... tem melhor terra, tem onde se agarrar e o pinheiro sai mais rápido

AL: em quantos anos é que já dá para cortar?

PB1: o pinheiro? 20 anos... 20. É como o eucalipto, ao fim de 20 anos também pode cortar

AL: acho que até antes não? Para a celulose e tal

PB1: antes... mas entre 15 e 20 anos pode cortar, isso não haja dúvidas. Aqui, não é muito pertinho aqui, no São João... fizeram uma plantação parece que foi de 7000 eucaliptos

AL: ai foi? Dentro do parque?

PB1: sim, sim, dentro do parque

AL: ai é?

PB1: 7000 eucaliptos

AL: em que aldeia é que isso foi?

PB1: aqui em baixo, ao ir para a Ponte da Barca, eles veem-se bem da estrada, ao passar Britelo, eles veem-se bem na costeira

AL: e deixaram? Eu achava que não se podia plantar eucalipto no Parque

PB1: mas foi, quer-se dizer, o presidente dos compartes decidiu que aquele terreno que não podia servir para outra coisa alugou o terreno por 20 anos

AL: ah, alugou o terreno

PB1: alugou o terreno, ao fim de 20 anos eles cortam tudo e deixam". E é o que eles pensaram, daqui a 20 anos eles cortam tudo mas não vão arrancar a raiz do eucalipto, e em 10 anos eles vão vender novamente os eucaliptos

AL: pois, rebenta de toíça

PB1: porque quando o eucalipto já está bem agarrado, o arrebento dele, se eles deixarem só um arrebento, que ele vai puxar uns 5 ou 6 arrebentos, mas se deixares só um em 10 anos já podem cortar uma venda de eucaliptos

AL: e isso é aonde? É o baldio de quê?

PB1: Touvedo-Salvador, é aqui já em baixo, ao passar, ao atravessar as pontes é logo em baixo

AL: e faz mesmo parte do parque? Estou na dúvida se fará

PB1: faz parte do parque... ai não faz não, não faz não! Porque o parque é das pontes para cima, não faz parte do parque não

. E a outra coisa também que eu falei é sobre as vacarias, que nós temos aqui vacarias que não são vacarias, são hotéis...

AL: recebem o subsídio para fazer vacarias...

PB1: e no fim de 5 anos... é deles. Isso é que não está nada correcto, eles recebem 60, parece-me que é 60% ou 70... para a vacaria, fazem vacarias em prédio, tudo em pedra, mas a pedra é toda em corte, eu posso a levar a duas vacarias, tu vais dizer "isto é impossível de ser uma vacaria, é impossível", e ao fim de 5 anos eles fazem o que querem, a vacaria é deles, terminou, eles vendem o gado e ficam com uma casa num local onde não é permitido construir, isso é que eu estou contra, já disse tantas vezes, já fui à Câmara umas poucas vezes, queriam fazer uma vacaria ali ao pé da capelinha da Senhora da Penha e eu disse "isso fazer não fazem"

AL: aquela zona muito turística onde tem um restaurante?

PB1: não, não, ali na Pena, na Senhora da Penha

AL: pois, não é onde há um... um.... Um santuário?

PB1: não

AL: ah, Nossa Senhora da Peneda! (RISOS)

PB1: não, não, não. É a Senhora da Penha, é aqui à beira de...

AL: ok, ok

PB1: e queria lá fazer uma vacaria, e eu disse a esse senhor "olhe, escolha outro sítio, só se não puder eu vou botar a vacaria abaixo, mas olha que eu vou tentar"

AL: mas porquê? Porque é que ali não era bom?

PB1: porque é à beira de uma capelinha, à beira de um cemitério... vacaria? Por amor de deus! E eu disse a esse senhor “olha, o que eu te posso fazer é ir contigo ao Parque, escolhemos uma zona e tu fazes a vacaria, vou contigo à EDP para te meterem lá a electricidade, a água és tu a resolve-la, não sou eu nem é mais ninguém. E esse senhor teimou, teimou, teimou que queria fazer a vacaria, fez três vezes o processo e três vezes ele veio embora. Que eu fui junto dessa senhora, da Doutora Eulalia e disse-lhe, olhe, eu levo-a lá ao local e a senhora diz é impossível... mete as mãos na cabeça e diz que aquilo não é uma vacaria”. E quando ele diz vacaria... foi como eu disse à doutora “oh doutora isso não é uma vacaria, uma vacaria é uma casa que tem currais, isso é uma cavalaria então! Isto não é vacaria, é uma cava... os cavalos é que entram dentro da...e uma vacaria com uma chaminé?”. Diz ela “realmente...”. Três vezes que foi ao IFAP foi tudo eliminado

AL: e não chegou a ser construída?

PB1: não chegou a ser construída e nunca mais é... e nunca mais é. Agora, as vacarias aqui, uma vacaria eles fazem o projecto para 5 anos, depois fazem... como há aqui um senhor que diz que tem 180 vacas e quando íamos a contá-las tem 40 ou 50 e está a receber 180 euros por cada vaca e depois não é só isso, é o terreno pastorício que eles têm, por exemplo esse senhor quando eu entrei tinha 400 hectares, e nós, aqui na freguesia de Britelo tínhamos 980 hectares, só ele tinha metade da serra

AL: estamos a falar do baldio

PB1: dos baldios. E porque é que tinha metade dos baldios? É simples, porque cada hectare estava a 250 euros, e quantos mais hectares ele tinha mais ele ganhava. E eu quando entrei achei aquilo um bocado estranho, quando fui à cooperativa a Braga, não, ao ministério da agricultura a Braga, pedir um levantamento dos hectares que havia distribuído a cada pessoa, e quando eu faço o cálculo aos hectares que tinha vi que ele tinha metade do terreno, do baldio, ele “não sei”, digo “mas é que eu vou-lhe cortar” e essa senhora que estava lá, uma senhora de idade, disse-me “faça cautela ao cortar desse senhor, você tem que rectificar se eles foram dados em assembleia de compartes”. Mas como eu tinha seguido os compartes nas reuniões todas, eu sabia que não tinha sido votada aquela lei e disse a essa senhora “não foi votada!”. “Oh senhor João, o melhor que faz é pega num livro de actas e rectifique as actas todas”, as actas aqui normalmente por Lei são duas

AL: duas reuniões anuais

PB1: é em Dezembro e é em Março a apresentação de contas. Eu já fiz mais, eu por ano com certeza fiz para aí umas 8

AL: (RISOS)

PB1: sim, sim

AL: reuniões extraordinárias?

PB1: faço as actas para dar a perceber às pessoas o que era antigamente e o que é agora

AL: mas faz actas de reuniões que existem

PB1: sim, existem! As reuniões existem todas, e então eles admiram-se, antigamente faziam-se duas e agora fazem-se tantas reuniões para quê?... para vocês estarem ao corrente do que se faz, que é para isso que nós estamos aqui, que é para darmos conhecimento do que fazemos e do que não podemos fazer. E então foi... eu vim-me embora, cheguei a casa peguei no livro de actas e fui verificar no livro de actas se havia alguma cedência de hectares... nada! No dia seguinte fui a Braga, levei o livro de actas comigo e disse-lhe “não há!”. Essa senhora disse “então você pode-lhe cortar tudo o que você quiser, se você quiser tirar-lhe todos, você pode tirar todos, porque não foram votados na assembleia”, foi ele como presidente que os meteu!

AL: mas ele era o próprio presidente?

PB1: ele era o próprio presidente

AL: do CD?

PB1: do CD. E como ele tinha a caneta, como nós dizemos, na mão, chegava ali a Braga e olha... aos Arcos, à cooperativa “olhe, meta mais 100 hectares em nome de fulano”, de um filho ou da esposa, meta-me mais 100, e meta-me mais 90 e naquele meta-me mais 80..., chegou-se ao fim o resultado é que ele tinham metade do pastorício, 400 e tal hectares e estavam a receber 180 000 por ano, que foi as contas que nós fizemos, 180 000 euros. E nós quando cortámos hectares fizemos uma reunião aqui

AL: foi aquela em que voaram cadeiras não? (RISOS)

PB1: não voaram, nessa não voaram muito, ficou tudo surpreendido de eu tomar essa decisão, porque era uma decisão um bocado forte e quando eu lhe disse, ele sentou-se aqui numa cadeira, digo “senhor Carlos Martins tem cento e tal... 160 vacas, mas tem metade da serra, tem 480 hectares...”. Todo o mundo deitou a mão à cabeça. Ora nesses 400 hectares, o senhor Carlos Martins recebe tanto por cada hectare e tanto por cada animal, que faz o total entre o hectare e o animal faz tanto. Quando multiplicamos por tantas vacas faz tanto ao fim do ano. Aí então... ele vivia aí que ele chegava a dizer “eu ganho mais que o ministro”, ah pois ganha, mais que 4 ministros até! 180 000 euros por ano os 4 ministros não os ganham, não ganham não. E foi quando eles... tentaram de botar abaixo, mas vamos ver, nós vamos vivendo

AL: ... e há muitas cabeças de gado aqui em Britelo?

PB1: gente com gado nós temos.... Temos uma pessoa que era a que eu falei que era o presidente mas tem dois filhos e tem a esposa e tem, são 4 explorações, nessas 4 explorações parece-me que tem cento e tal vacas

AL: e são os únicos que têm vacas ou cabras?

PB1: não, depois há outro que está também lá a ver que também tem parece-me que são vinte e duas, há outro também no Lugar da Igreja que também tem parece-me que são vinte e duas ou vinte e três, mas esse é mais para fazer concursos de... não é bem para

vendas nem nada, esse é mais inteligente que vai para os concursos e ganha muito em concurso com os animais, mas os outros... e há alguns particulares que têm 5, 6 vacas

AL: então a área forrageira do baldio é distribuída por mais ou menos quantas pessoas?

PB1: dezoito

AL: dezoito pessoas... mas o único que tem muitos animais é o tal ex-presidente?

PB1: é. Quantos mais animais tiver mais hectares tem. A nova Lei agora diz que é meio hectare por cabeça, mas tem de ser um adulto, que tenha mais de 2 anos, de 2 anos para baixo não têm direito

AL: ai é?

PB1: é... esta nova lei deu-nos um bocado para trás

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

AL: mas vocês recebem algum dinheiro por terem as linhas de alta tensão?

PB1: andamos a tratar disso, porque a primeira linha, sei que a primeira linha foi paga, e foi bem paga, porque segundo as nossas informações havia uma escola que era da EDP ali em baixo, que agora é o centro de dia dos velhotes, e essa escola foi avaliada em 22 000 euros, que aquilo não vale, eu não queria a escola nem por 20 000 euros, vai em 200 e tal mil euros, e eles receberam mais 17 000 euros, um cheque de 17 000 euros, e nós estávamos... e há 3 linhas que não foram pagas, nós agora andamos a tratar disso também

AL: mas espere, não percebi a ligação entre a casa e as linhas de alta tensão...

PB1: quer-se dizer, eles deram 17 000 e a casa

AL: ah, deram... a quem à aldeia?

PB1: claro, ao presidente da Junta, naquele tempo era ele que geria os baldios. E nesse caso nós agora andamos a tratar a ver se nos pagam as outras linhas, e as outras que passaram que são de 30 000, aquelas são de 400 000 volts, e há as de 30 000, temos duas também, que passaram mas que não foram pagas. Mas a nossa zona é um bocado complicada porque que nós temos a EDP aqui em cima de nós, e a EDP tem-nos mais de metade do lugar, e esses terrenos nunca foram pagos

AL: têm? Ah, as instalações deles e tal

PB1: bom, eles não têm nada legal, não têm nada legal que nós já fomos ver e verificámos mais do que uma vez e não têm nada legal, têm um terreno que é onde está a pousada que nós encontrámos que ela que está legal, mas mesmo os próprios advogados dizem que aquilo que não está legal. Eu sei é que mais antigamente, quando era a Electro do Lima, antes de vir a EDP, e antigamente aqui já sabe a miséria que era, numa aldeia antigamente, nos anos 40 e 50 a miséria que não era aqui, e como a Electro do Lima deu trabalho a muita gente, e sobretudo àqueles que estavam à frente do... na altura não havia junta de freguesia, chamavam-lhes eles os fiscais. E esses senhores para terem trabalho cediam, cediam, cediam, cediam... não havia reuniões, não havia nada como agora, eles chegavam lá e olha “nós precisamos de tantos hectares”, e eles iam por baixo assinavam, tantos hectares

AL: chamavam fiscais à...

PB1: antigamente era

AL: eram tipo, fiscais do poder central?

PB1: exactamente. E então essas pessoas cederam para aí terrenos que era uma coisa por demais, onde nós tínhamos... e a barragem, deu cabo do turismo todo, a barragem a nós destruiu-nos o turismo, nós tínhamos o Rio Lima, que era poço aqui, poço acolá, e era gente pelo rio acima que era uma coisa por demais, isso desistiu tudo. Agora o turismo, embora o presidente da Ponte da Barca diga que nós estamos a viver do turismo... é mentira! Isso é tudo mentira, eu já lhe disse a ele numa reunião “você estão a mentir, nós não temos turismo nenhum, a não ser os emigrantes quando vêm, mais nada, nós não temos turismo”. Quando nós fizemos o trilho e eu passei duas vezes no trilho eu encontrei, cada vez que lá passei, encontrei franceses, bom... e eles falaram-me em francês, bom dia, boa tarde, e eu então disse “olha, mais um francês, em francês!”. E eles disseram-me “ah,

você fala francês?” “falo”. “ah, então vamo-nos sentar um bocadinho e vamos discutir um bocadinho deste trilho”. E sentámo-nos e um deles dizia que não havia sinalização nenhuma que arriscavam de se perder na serra. É verdade... é verdade... e então “quando for para fazer o trilho pergunte... porque um carreirinho que está roçado ninguém sabe que é um trilho, até se pensa que é um carreiro para andar a visitar os animais, vocês têm que por os pontos centrais – isto aqui é isto, isto aqui é aquilo, este caminho vai a tal sítio, dar as indicações certas e essa coisa toda – não pode ser assim que vocês assim não trazem nada, estão a gastar dinheiro e não fazem nada. E eles então dizem que para o ano querem fazer uma sinalização muito superior à que está feita. E eu depois também lhes disse “vocês fazem tudo o que é normal, mas é contra a natureza, não se poe um pau espetado com uma placazinha a dizer isto é isto e depois se há um fogo desapareceu tudo”. Desapareceu, não há mais nada, fica tudo queimado. E eu digo “vocês façam isso com outra coisa, uma placa em inox, nem que o fogo passe fica sempre escrito, cum um tubozinho inox, fica tudo escrito para a vida”. E eles também estiveram de acordo com essa proposta, eles dizem que para o ano vão fazer isso tudo, vamos lá a ver se fazem ou não

AL: então quer dizer que todos os terrenos que estão hoje ocupados pela EDP provavelmente não estão legalizados...

PB1: não

AL: mas, por exemplo, quando esses fiscais assinavam por baixo a cedência do terreno, isso não tornava a coisa legal?

PB1: não tornava porque antigamente... eu lembro-me quando era pequeno e ia às feiras que chamávamos nós “regatões de gado”, eles tinham realmente uma carteira muito grande toda cheia de notas, mas quando iam comprar um animal, por exemplo uma vaca ou um cavalo, davam cem euros que era, como diziam eles naquele tempo, um sinal. “Damos-te um sinal e tal dia venho-te pagar a vaca”. Mas esse sinal não era... era um sinal um bocado de negociador, porque ele dava o sinal e passado 15 dias vendia a vaca outra vez e ia pagar a vaca com o dinheiro por que tinha vendido, está a compreender?

AL: não (RISOS)

PB1: eu sou regateador de gado, até posso ter 3, 4, 5 contos, que já era muito dinheiro naquela altura, tinha 4 ou 5 contos chegava ao pé do... “ai, tenho aqui esta vaquinha” “ah, quanto quer?” “ah, quero 200 ou 300 escudos”, ele dava 50 escudos de sinal e depois vinha-lhe pagar mais tarde, mas naquele intervalo ele vendia a vaca e a seguir ia-lhe pagar e ganhava alguma coisa, que eles ganhavam dinheiro, viviam daquilo ganhavam dinheiro. E o que eu quero dizer é, esses fiscais, a EDP chegava-se a eles emprestavam-lhe 40 hectares, eles faziam para ali uma assinatura qualquer, mas eles não pediam para registar, a EDP nunca registava os terrenos, entretanto as leis mudam, tudo muda, tudo muda, isto já lá vão 50 a 60 anos e as coisas mudaram 7 vezes do que era antigamente e a maior parte nós verificámos que não está legal

AL: pois... e essas linhas de alta tensão foram construídas há quanto tempo?

PB1: ui, uma já vai muito ano

AL: muito ano... e na altura não tiveram qualquer tipo de compensação vá...?

PB1: ninguém protestou

AL: se calhar na altura o baldio também não estava muito bem organizado ou estava?

PB1: não...

AL: terá sido ainda nas mãos da Junta provavelmente

PB1: não era Junta eram os tais fiscais que nós dizíamos

AL: ah, não, mas o baldio?

PB1: o baldio, eram os tais fiscais, e mesmo naquele tempo não eram fiscais que andavam no baldio eram os serviços florestais

AL: sim... então já foi mesmo há muito tempo isso

PB1: ui, já vai há muito tempo, eu era garoto pequeno quando montaram a primeira linha que vai ao Porto

AL: foi ainda na altura

PB1: foi nos anos 50, depois que veio a EDP está claro, a barragem é sete vezes maior que... agora passaram mais 4 linhas de alta tensão de 400 000, essas é que não foram pagas, essas é que a Junta já as havia de ter feito pagar. Eu não fazia como aqueles, porque eles diziam assim “então esta linha dá uns 200 000 euros”, mas eu não fazia assim, não fazia não... vocês dão-me tanto por ano, no lugar de me darem 200 000 dão-me 20 000 euros por ano e consoante muda o nível de vida isso pode ir de 20 para 25, pode ir para 30, pode ir para 40 e vai para 50... era assim que eu negociava. E é como as linhas que falta pagar, eles podem dizer que nos dão tanto pela linha... não, eu não quero isso, vocês dão-me tanto por ano

AL: até porque pelos vistos vocês não podem ter pastagens nessa zona, ou seja, estão a perder com essa zona.

PB1: E os privados ainda é pior, você passa ali no meio de uma bouça, destruíram-lhe a bouça toda e nunca mais têm nada na bouça, pronto... eles de 4 em 4 anos cortam, de 4 em 4 anos cortam, é uma desgraça para os particulares, que há muita linha que atravessa aí muita bouça. E não é só isso, é que há linhas que passam com casas por baixo e isso não é nada bom, sabe perfeitamente. Por exemplo em França retiraram uma linha de alta tensão e meteram uma subterrânea

AL: pois...e há pouco tempo saiu uma notícia que querem fazer uma... mas é diferente, tem a ver com barragens ali na zona do Sistelo, também está a haver assim um grande forrobodó à volta disso, não é alta tensão, não tem nada a ver

PB1: mas aquilo é uma coisinha pequena

AL: sim, é uma mini... mas há receio que aquilo possa cortar o caudal da água na aldeia, mas pronto, isso é outra coisa

PB1: cortar não sei se corta, porque

AL: ou diminuir bastante

PB1: não, mas fica ali um embalse, e quando fica um embalse pode correr às ???

AL: o que é que é um embalse?

PB1: um embalse é uma barragem

AL: sim, eles dizem que não barram mesmo, que vai estar sempre a correr um x caudal, que vão garantir um mínimo de água... pronto, enfim. Mas realmente é complicado, porque como diz, a EDP está em alta... está com uma presença muito forte aqui nesta zona, todos os aproveitamentos hidrográficos e não sei quê

PB1: bom, isto... eles dizem... tive uma reunião com o engenheiro não há muito tempo, o engenheiro da EDP e isto vai ser entregue tudo ao Estado em 2017

AL: o que é que vai ser entregue ao Estado?

PB1: tudo, os terrenos que tem a EDP, a barragem a central que tem em baixo, a velha, vai ser entregue tudo ao Estado

AL: então mas isso, grande parte está no baldio...

PB1: pois está, mas aí é que.... Aí é que está o grande ponto, o ponto que nós estamos a fazer, é que tudo o que a EDP tem está nos baldios de Britelo

AL: pois, pois... e se calhar noutros também não? Lindoso...

PB1: Lindoso... Lindoso já recuperou tudo

AL: ah

PB1: tudo o que era da Electro do Lima... eles fizeram também, mas eu também não fazia assim, nem todos temos a mesma ideia mas... ter por exemplo uma grande... prédio lá em cima em Lindoso, que foi aquilo, eles ficaram com ela, a pousada, chamavam-lhe a pousada, e aquilo foi tudo, mas o presidente de Lindoso pôs aquilo com a gerência na Câmara. Eu assim "opa, então tu vais buscar uma coisa que vos pertence e tu poes em gerência a câmara? Ainda fazias ali uma coisa qualquer ou alugavas... isto está feito para um restaurante e hotel ou uma coisa qualquer, pá, punhas na internet, podia haver uma pessoa que se aventurasse a fazer um negócio ali, acaso não houvesse deixavas estar, porque a câmara não te faz lá nada".

AL: pois

PB1: a Câmara não lhe faz nada, a nossa câmara está à rasca, de dívidas, alguma vez vão lá fazer alguma coisa no meio da serra, não fazem nada

AL: pois, e eles ficam sem acesso aquilo porque passaram para a câmara, é isso?

PB1: é porque... quer-se dizer, aquilo é dos compartes mas a gerência é da câmara... alguma vez aceitava isso eu? Não aceitava, nem pensar, nem que ela caísse, não aceitava,

então, a gerência é da população. É assim coisas, aqui na nossa zona é um bocado especial... dos outros lugares, das outras freguesias, penso eu

AL: portanto aqui em Britelo, pelo que eu percebi, todos os habitantes da freguesia aqui de Britelo têm direito ao baldio...? São considerados compartes

PB1: são... sim... não têm direito, eles não têm direito

AL: direito ao uso... usufruto

PB1: usos e costumes, mas mesmo assim não é como querem. Por exemplo, nós temos ali 4 ou 5 eucaliptos, nós aqui nós cortámo-los, mas essa pessoa teve de vir pedir, tem de pedir ao presidente se pode cortar. O presidente pode dizer “sim, corta” ou “não corta”

AL: ao presidente isto é à assembleia de compartes...?

PB1: não, não, só o presidente, só o presidente... o presidente é que decide

AL: ah, não vai à assembleia esse tipo de coisas?

PB1: não, não, não vai à assembleia, não vai à assembleia esse tipo de coisas. Por exemplo, está aqui esta senhora “ah, está acolá um eucalipto ou um pinheiro, posso cortá-lo?” “pode sim senhora”. Ou “está em tal parte 4 giesteiras, posso cortar?” “pode sim senhora”

AL: isso no baldio?

PB1: é nos baldios, ninguém pode... esta senhora não pode ir cortar aquele eucalipto que está acolá, isso já é um furto, nós declaramos isso completamente, porque se nós não fizéssemos assim todo o mundo cortava no baldio, todo o mundo cortava, e há muita coisa que não se pode cortar, não haja dúvidas, temos muitas árvores aqui que não podem ser cortadas, o sobreiro, o carvalho, o arbadeiro, o piorno, há muita, muita coisa

AL: qual é que disse antes?

PB1: o arbadeiro?

AL: sim o que é isso?

PB1: o arbadeiro é isso que dá umas frutas que se faz aguardente deles e tudo

AL: ah, o medronheiro?

PB1: sim, o medronheiro, nós aqui chamamos arbadeiro

AL: e o piorno

PB1: e o piorno, mas o piorno é mais lá para cima para a serra, e o azevinho também não pode ser cortado, nem pensar

PB1: nós aqui chamamos-lhe as cabanas, nós aqui, os terrenos são todos muito próximo do lugar, Soajo não, Soajo tem terrenos do caneco, então saiam daqui no princípio da semana e passavam lá a semana. Nós aqui não, nós aqui era todos os dias entrávamos a casa, aí mais ou menos ao meio-dia tornávamos aí

AL: então as cabanas eram para quê?

PB1: as cabanas eram só para as pessoas que iam ver o gado à serra... se ele estava bem, se já tinham nascido crias ou não, e ficavam lá na cabana toda a noite. De dia procuravam o gado, não é verdade, e à noite regressavam à cabana e ficavam na cabana

AL: mas agora já não deixam o gado na serra?

PB1: sim, fica... e há muita gente que ainda vai para as cabanas e... mas não dorme, porque agora a serra, há muitas estradas florestais e a maior parte dessas pessoas que têm gado têm jeep, vão e vêm, vão e vêm. Não era como antigamente, antigamente não havia estradas, não havia nada, não havia caminhos, era tudo a pé, antigamente era tudo a pé

AL: pois, pois, por isso é que ficavam lá

PB1: sim. E antigamente havia mais gado do que agora. Nós agora podemos ter uma média de 200 vacas, antigamente havia uma média de 400 ou 500 vacas. E então ovelhas, isso então...

AL: e hoje em dia há ovelhas também?

PB1: as ovelhas não vão muito lá para cima para o monte, as ovelhas aqui

AL: mas há?

PB1: há algumas, há uma senhora aqui à beira da igreja que tem 50 e tal, e depois há aqui 6, 7, 5, 6, 7,...

AL: ao todo quantas cabeças de gado existem aqui em Britelo? Que vão ao baldio e assim...?

PB1: ao baldio para mim há uma média de 200, não há mais

AL: ok. São quase todas daquela família?

PB1: ...as 200 vacas... antigamente todo o lavrador tinha 2, 3 cabeças de gado, no mínimo

AL: pois... faziam-se as vezeiras nessa altura...

PB1: exactamente, isso agora não, agora acabou, [*? não se entende*] isso agora acabou tudo

AL: vocês têm muitas cabeças de gado lá na... agora estou a falar do baldio, mas depois também pergunto para o foral

PE1: sim, baldio e foral, temos mais no foral do que no baldio, como é alto, vai de encontro àquilo que já tinha dito anteriormente e temos, nós tínhamos nesta última digamos assim, contagem, tínhamos no foral penso que é 300 e tal cabeças, entre bovinos e caprinos, começa a ganhar mais expressão o bovino agora do que o caprino, e era ao contrário

AL: é porquê? Há subsídios para o bovino é?

PE1: tem a ver com os apoios, é. Agora não sei porque isto, como levou aqui uma volta enorme em relação a essas questões, não sei em que é que isso vai resultar no futuro, a médio prazo

AL: está bem... já me disse quantas pessoas estão no Foral? Já...

PE1: no foral

AL: ah, são cento e tal famílias

PE1: é assim, os cento e tal são os herdeiros originais

AL: exacto, agora é que já deve estar nos 900 e tal, pois, pois, pois

PE1: eu acho que o ultimo registo que fizeram, não sei bem com que critérios, aproximado ia nos 800 ou assim, mas não chegaram a concluir, precisamente pela dificuldade de chegar aos herdeiros, e os que estão emigrados e não sei quê... e também por aí é que depois é a associação que paga as contribuições e tudo, porque era impossível estar a fazer a divisão pelos herdeiros não é? Eu como herdeiro posso reclamar digamos assim a sucessão por herança da quota-parte que me pertence, não é, dos 2400 hectares, só que isso é quase impossível, e então assumiu a associação no seu todo a responsabilidade de pagar essas questões

AL: com os dinheiros também dos sócios não é? Há uma quota com certeza

PE1: é assim, tiveram na altura da constituição mas não há obrigatoriedade de pagamento de quota, não é... porque é assim, se não fosse... porque isso é uma questão de gestão, porque ninguém perde o direito por não pagar quota, porque aquilo é hereditário, não é, é uma herança, e ninguém pode ficar impedido de aceder à sua herança só porque não pagou uma quota numa determinada associação não é. Aquilo é uma questão voluntária e de gestão. O objectivo da associação foi garantir que se criariam mecanismos de angariação de receitas para fazer face às despesas que existem e que vão existindo, para não acontecer por exemplo aquilo que aconteceu à data dos tais 150, que tinham a questão contra o Estado a resolver, e se calhar até houve aqui uma coisa interessante que é, foram se calhar excluídas famílias na altura que não tinham recursos e que então não puderam ir à defesa da propriedade, se calhar isso também não é muito correcto, não é, as pessoas já moravam lá na altura, eram de lá, mas como não se chegaram à frente, como se costuma dizer, para a defesa, eles, o povo, que lá estava decidiu "pronto, atenção que os direitos desta propriedade ficam para quem sustentar e pagar". Para evitar um pouco isso não é, foi criada a associação, e a associação representa um universo de...

AL: acaba por ser formada se calhar na altura das ITI não?

PE1: uuuh, a associação não, foi mais cedo, a associação não sei se foi em 1995, foi na década de 90 que a associação foi formada

Germil: PG1

AL: ok... e quantos animais é que existem na aldeia, por aí...

PG1: há poucos, não sei agora... haverá para aí, não sei, para aí umas 15 ou 16 vacas, bovinos, cabras já não há que já acabaram há relativamente pouco tempo

AL: não há assim nenhum projecto de jovem agricultor

PG1: há alguns cavalos também, nem sei quantos, mas poucos, deverei estar a falar para aí de uma dezena ou assim

AL: então é mesmo pouquinho os animais...

PG1: é

AL: e não há... os jovens, ou mesmo os menos jovens, não têm utilizado a área do parque para meter projectos de produção animal?

PG1: é assim, há aí um projecto de uma pessoa que até nem é de cá mas que comprou cá uns terrenos, não animal mas pronto, para a produção de produtos agrícolas, mas à parte disso não...não, não.

AL: não há essa vontade de as pessoas ficarem aqui e fixarem-se aqui

PG1: as pessoas... até este momento ainda ninguém se virou para aí não é, não quer dizer que não venha a acontecer, mas até ao momento ainda ninguém se virou para nenhum projecto

AL: ok, ok. Portanto o baldio neste momento, as pessoas já não desenvolvem aquelas actividades tradicionais que iam lá buscar mato...

PG1: não, mato não

AL: já não há quase animais...

PG1: não, não.

AL: quando muito vão buscar lenha não?

PG1: lenha, num caso ou outro, depois também há aqueles que também vão buscar a pedra

AL: pois, já percebi que a pedra é mesmo aqui uma luta

PG1: aqui também já nos tentaram impedir, ou tentam impedir, de qualquer forma eu sou contra, eu acho que as pessoas devem continuar a tirar a pedra como sempre tiraram, para as construções locais, claro, e que tem sido feito

AL: mas já me disseram, eu ainda não percebi muito bem, mas é possível pedir licença e conseguir ou não...? Ou não se consegue licença dentro do parque?

PG1: licença não, porque o plano de ordenamento do Parque Nacional não prevê que seja extraído, que sejam extraídos inertes. Aquilo que dizem era "só se for pedra solta", mas

nós sabemos que qualquer pedra que está sempre na terra, solta só se for uma pedra deste tamanho. Se está pousada na pedra, digamos, já não é considerada solta. Nós, e o que me vale disso é que, neste momento como presidente do CD e antes, que não era, mas até mesmo na Junta, sempre me debati que as pessoas para fazer os seus muros, já nem digo bem as casas porque as casas já, as pessoas já nem vão buscar a pedra, mas às vezes para os muros, para os sítios à roda das casas, porém daquelas lajes, acho que devem continuar a trazer. Claro que também não concordo fazer grandes escavações ou criar ali alterações

AL: sim, não é propriamente uma empresa que vai agora começar ali a

PG1: não, é uma pessoa que vai ali com um tractor e que, pedras pequenas, não vai escavar...

AL: pois... a floresta aqui não será muito bem vista, ou será? Imagine que agora de repente o baldio agora decidia, o baldio isto é, os compartes decidiam... decidiam não, propunham uma florestação, aqui a população acha que ia estar de acordo, ou...

PG1: é assim, feita pelo baldio sim, agora se falasses que o ICNF ou pelos SF vir cá fazer.... Não. Isso as pessoas continuam mesmo assim a ver isto como um património que lhes pertence e que deve ser gerido por elas, por nós, não é, por nós... compartes e não pelo... digamos por nenhum órgão exterior

AL: pois. E o facto de a floresta tirar área de pasto não seria...

PG1: não, até porque já não há muitos animais e como já não há muitos animais... claro, que se quiseses cobrir tudo, aí pronto, se calhar é natural que as pessoas queiram continuar mesmo assim, aquelas que podem e que querem ter os seus animais. Mas, mesmo o projecto que fizemos e que foi dado a conhecer e não houve oposição nenhuma...

AL: ok... e quantos animais é que existem na aldeia, por aí...

PG1: há poucos, não sei agora... haverá para aí, não sei, para aí umas 15 ou 16 vacas, bovinos, cabras já não há que já acabaram há relativamente pouco tempo

AL: não há assim nenhum projecto de jovem agricultor

PG1: há alguns cavalos também, nem sei quantos, mas poucos, deverei estar a falar para aí de uma dezena ou assim

AL: então é mesmo pouquinho os animais...

PG1: é

AL: e não há... os jovens, ou mesmo os menos jovens, não têm utilizado a área do parque para meter projectos de produção animal?

PG1: é assim, há aí um projecto de uma pessoa que até nem é de cá mas que comprou cá uns terrenos, não animal mas pronto, para a produção de produtos agrícolas, mas à parte disso não... não, não.

AL: não há essa vontade de as pessoas ficarem aqui e fixarem-se aqui

PG1: as pessoas... até este momento ainda ninguém se virou para aí não é, não quer dizer que não venha a acontecer, mas até ao momento ainda ninguém se virou para nenhum projecto

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: A vezeira também, embora hoje em dia a vezeira já adquira alguns detalhes modernos, se está o gado no monte, vão por exemplo dois pastores lá ver, mas já vão de carro, e se calhar não vão às 5h da manhã vão às 10h, mas portanto, continua a fazer-se em comum.

As servidões do baldio, ou seja os caminhos que levam ao baldio, são caminhos que têm regras que dependem dos compartes, portanto não são caminhos públicos, são caminhos dos compartes, do baldio. Portanto têm regras, não é sempre que podem ser passados e não é por toda a gente.

Este baldio tem uma zona de protecção total que abrange 1000 e tal hectares. Portanto o baldio tem 4000 e tal hectares, dos quais mil e tal corresponde a zonas de protecção total, nas quais os compartes, portanto as pessoas que usam o baldio, têm direito a entrar lá, mas há muitas limitações nessa entrada. Por exemplo, se um pastor tem cães os cães não podem entrar nessa zona – deve ser por questões de poderem perseguir ou caçar certos animais que serão eventualmente protegidos por lei – não se pode fazer lá ajuntamentos de pessoas, por exemplo um churrasco ou um piquenique, não, são zonas que são vedadas à partida, mas se algum pastor tiver que se deslocar lá para ir buscar uma vaca que foi para lá – as vacas podem ir – ou qualquer coisa, poderá aceder. Mas são zonas com alto nível de protecção. Portanto, esta questão de só poderem entrar nessa área com certas restrições concretiza-se no facto de os compartes – pastores etc. – só poderem entrar em questões que tenham a ver com as actividades tradicionais, só esse tipo de entradas é que é permitido nesta zona de protecção total.

Como rendimentos do baldio verifica-se que aqui no baldio da freguesia de Lindoso se faz o aluguer de partes do baldio às tais empresas, portanto à PT, à Renascença, à EDP, por aí, portanto entra dinheiro a partir daí. Por outro lado há os projectos comunitários, como as ITI e outros incentivos comunitários. A equipa de sapadores, que também têm uma equipa de sapadores que foi cedida então pelo parque que dá também uma parte do dinheiro.

Quando lhe pergunto porque é que não usam a floresta... porque ele diz que tem regeneração natural, que tem floresta em pé, e por aí, e então porque é que não investem mais na floresta no sentido de conseguir maiores dividendos para o baldio. Ele respondeu que no sentido de rentabilizarem o baldio eles têm por exemplo os trilhos, que andam a arranjar os trilhos para as pessoas fazerem turismo nesses trilhos, então andam a incentivar as pessoas, ou a obrigar, digamos assim, as pessoas a terem de se inscrever e depois pagam um euro para irem ao castelo, com uma visita guiada que é feita por dois funcionários da Câmara que estão ali na porta do Lindoso para fazer o acompanhamento da porta... a porta é um espaço que é explorado turisticamente, não é apenas uma porta,

por exemplo a porta do Mezio é uma cena gigante, tem exposições, tem uma maquete de uma aldeia feita para as pessoas visitarem e verem como é que as aldeias se estruturam, etc., tem uma piscina, portanto é todo um espaço que é gerido por... portanto no caso do Mezio é pela ARDAL, que é a tal do Pedro Teixeira, em conjunto com a Câmara, e aqui no Lindoso é gerida pela Câmara. Então a Câmara tem ali a porta e vende umas coisinhas e tal mas o dinheiro dos trilhos, da visita ao Castelo e aos Espigueiros vai para o baldio... porquê? Este território é nosso, disse o Secundino. 'ah, o Castelo está no baldio?', 'está, isto é tudo área do baldio, isto é tudo nosso'. E nesse sentido o que o visitante paga vai para os baldios, portanto isso já é uma rentabilização das visitas turísticas. E eles estão a fomentar isso e a arranjar os trilhos cada vez melhor e tudo o mais. Por outro lado têm casas de turismo rural que foi um negócio incentivado pelo parque no sentido também de tirar partido do turismo. É gerido por particulares, não tem nada a ver com o baldio, não cai nenhum para o baldio, mas por outro lado incentiva as pessoas a ficar, as pessoas a irem visitar, as pessoas no fundo a gastar, no sentido também de dar algum ao baldio não é... se as pessoas ficam vão querer visitar, vão querer ver o castelo, os espigueiros, e aí entra algum para o baldio, portanto cativa a população.

Ele diz que cabeças de gado que estejam a ser candidatas a subsídio na freguesia de Lindoso são 600 e tal. Há mais pessoas mas que não são candidatas às ajudas da EU. Eu estranhei 'não querem porquê?'. Depois percebi, são pessoas que têm outros trabalhos e que têm animais também, mas que não se querem dar ao trabalho de estar agora a por as ajudas, não precisam no sentido em que têm outra actividade, esta não é a sua actividade principal, e então não concorrem às ajudas. Portanto ainda há mais animais para além destes 600 e tal.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: Então mas qual é a área do baldio actualmente?

TC1: 1200 hectares

AL: e essa área é gerida no sentido por exemplo das receitas serem usadas no baldio ou as pessoas individualmente recebem

TC1: nós não temos, ninguém paga renda pela utilização do baldio

AL: sim, sim, sim

TC1: os utilizadores são... em menor escala os apicultores, os pastores, esse é que tiram rendimento, proveito directamente do usufruto do espaço, ou do terreno... quilo que... porque a parte florestal aí apenas se fazem... por exemplo, o último corte de pinheiros que houve, ou de árvores, neste caso foram pinheiros, que é isso que normalmente se corta para fazer dinheiro, foram para dar apoio à igreja para construir lá um edifício... porque não.... O rendimento que se tira é usufruto apenas

AL: ok, então a parte das madeiras acabam por não...

TC1: não temos exploração florestal

AL: mas têm floresta ou não?

TC1: alguma floresta, não é significativa... digamos, floresta com vocação para a exploração que é o pinheiro... aqui não há eucaliptos

AL: epa, eu vi foi o monte cheio de acácias, tantas, tantas, que infestação

TC1: ah pois, por onde passou, daquele lado. Portanto o pinhal é diminuto, temos é floresta de carvalhos e de medronheiros e que não é para a exploração florestal. Em relação ao medronheiro temos um plano de, para começarmos este ano, com a exploração de recolha de fruto e de valorização de fruto e também de lenhas através do desbaste, porque é uma floresta muito densa. E vamos procurar voltar ao maneio que se fazia antigamente. Depois com a chegada do Parque Nacional houve uma serie de restrições e, neste caso claro até... as restrições até acabam por ser fruto do condicionalismo que é imposto para as práticas porque é necessário pedir autorização para um conjunto de práticas, e claro que... e as pessoas muitas vezes desconhecendo ou até dificuldade de redigirem um requerimento ou de fazerem uma exposição, isto leva a que as pessoas se abstenham de o fazer. Mas em relação a esta parte do... porque a intenção é aproveitarmos agora este quadro comunitário e estimularmos aí alguma economia local, através da recolha de frutos, de recursos, o aproveitamento de recursos endógenos e espontâneos, portanto a ideia não é de... temos aí vários exemplos, o medronho é um deles, e os últimos anos tem produzido bastante e no próximo ano vai produzir muito. Conhece o medronho?

AL: sim, sim, sim, então não... gosto de o comer e já provei a aguardente... que é um bocado forte (RISOS)

TC1: o ciclo é anual, da frutificação, e pronto, e a ideia é de... temos dois exemplos, é o medronho e a carqueja, tanto o medronho como a carqueja vêm pessoas de fora recolher

AL: a carqueja não sabia, para quê?

TC1: para chá

AL: aaah

TC1: flor de carqueja... e como há pessoas de fora a virem recolher e vender, aproveitar, aqui a ideia é mobilizar as pessoas, temos isto à porta, é espontâneo e seria a forma de aproveitar... o medronho o propósito era de o vender primeiro enquanto fruto, para comer, e depois ser transformado em compotas e doce, e só numa última fase, até porque isso já carece de outro tipo de autorização, produzir-se aguardente. Mas o objectivo não é recolher para fazer aguardente, é tirar outro proveito e a visão é termos o medronho do Gerês, até porque temos ali uma área interessante, de floresta, bonita, que através desta actividade irá acabar por sair valorizada, porque as pessoas vão querer cuidar da floresta e as intervenções que se vão fazer, já fizemos uma de limpeza, irá permitir até se vier a ocorrer um incendio, se estiver limpo e com um perímetro de segurança, faixas de protecção à volta, temos mais garantias de que a floresta se manterá. Mas a visão é então de termos o... de sair daqui uma carrinha de manhã e levar meia dúzia de pessoas a vender o medronho, como se faz com a cereja de Resende (RISOS)

AL: (RISOS) vão ali para as estradas com os cestos. Parece-me bem. Eu não tenho ideia qual é a procura mas acredito que possa resultar... mas e quem é que... por exemplo é preciso combustível, é preciso o tempo das pessoas, ...

TC1: mas isso... pronto, a ideia é de... cada um terá de colher o seu medronho e aquilo que a associação se propõe fazer é arranjar o transporte, levá-los... no fundo vão ser os embaixadores (RISOS)

AL: [...] então são três produtores, e quantas pessoas é que são aqui? Compartes... não sei se vocês se gerem com a lei dos baldios

TC1: noventa e qualquer coisa

AL: noventa e tal compartes e três produtores de animais?

TC1: sim

AL: são pouquitos pois... e são apenas esses que tiram proveito do baldio directo, vá...? Benefícios extraídos directamente do baldio, e apicultores também se calhar... há muita gente?

TC1: apicultores há três...

AL: ok, e de resto o baldio é usado para quê? Já percebi que para buscar os matos, para pastorear o gado

TC1: os matos já ninguém os vai buscar lá

AL: não? Nem esses três produtores?

TC1: não, esses têm propriedades... sim, e os estábulos hoje também são preparados de outra maneira não é... aquilo é limpo não é, só tem a cama mas é com os restos da comida, só naqueles... nos eidos não é, é que junto... quando junta mais lama é que eles poem algum mato, nem se faz... ou se tem campos para cultivar que tem interesse... senão não... para a sua exploração não precisa. Aliás até o pessoal ali das cabras da aldeia vizinha até têm extracto seco não é, aquilo não precisa de nada, se recolhem as fezes... aquilo é um gradeamento. As técnicas de hoje não precisam, portanto uma vacaria não precisa de ter mato não é...

AL: mas não utilizam depois na agricultura?

TC1: sim, há um deles particularmente que sim, tem lá uma parte fora onde os animais ficam na... junto do estábulo, e aí sim vão triturando e vão depositando fezes e claro, fazem o estrume

AL: e a maior parte das pessoas tem a sua horta

TC1: sim

AL: tem a sua agricultura de subsistência

TC1: não direi de subsistência, não, é mais um.... É mais a despesa não é...

AL: si, exacto. E essas vacarias foram construídas no baldio?

TC1: não

AL: não houve cedência de terrenos...

TC1: não. É em terrenos deles

AL: e é só deles? Não há utilização por parte de outras pessoas que também tenham animais

TC1: não... explorações em terrenos individuais

AL: [...] vocês aqui... jovens, há muitos aqui nesta zona?

TC1: os necessários (RISOS)

AL: é? Isso já é muito bom!

TC1: há uma redução, como noutros sítios, há uma redução da população... curiosamente há o regresso de... nós aqui não... em contraponto com outros sítios, isto tem de... tenho usado muito esta expressão, nós não temos jovens agricultores, temos novos agricultores

AL: ah, sim, eu acho que percebo o que quer dizer

TC1: e há muita gente que ainda... espera uma... não há grande longevidade, e que tinham as suas actividades... nós temos aqui uma aldeia muito diferente de outros sítios, porque as pessoas não precisam, não dependem do baldio nem de... têm recursos que são obtidos por outras fontes e... pronto, as pessoas estão bem. E temos bastantes pessoas que deixaram os seus empregos, por uma razão ou por outra, normalmente a reforma ou pré-reforma, e vieram e retomaram... uns retomaram a actividade de crianças, de jovens não é, saíram com 18 anos e voltaram agora e é a agricultura... e há outros que nunca foram agricultores e que começaram a trabalhar e a ter ovelhas e por aí fora, de tal maneira que ainda no outro dia passava ali por cima e olhei para a veiga e pensei "olha, nunca vi isto tao cultivado como..." e comentei "olha, está outra vez a voltar". E não é de jovens, é de gente que está de novo, ou que voltou... de jovens... tivemos ontem aí um casamento de um jovem, aquilo estava cheio, nunca imaginei que tivéssemos tantos jovens cá

AL (RISOS)

TC1: mas não tenho esse senso, sei que temos ai muitos jovens, sim

AL: é? E que são activos, por exemplo não vão ter dificuldades em manter a associação *a posteriori*?

TC1: a associação vai ser tratada por velhos, os jovens vão-se embora, vão procurar emprego noutro sítio, aqui fixa-se pouca gente

AL: pois, era mais nesse sentido, jovens fixos

TC1: não, não tenho... tem sido esta a dinâmica do... eu trabalhei no Porto durante vários anos e eu ia e vinha todos os dias

AL: pois, sim... mas de alguma forma manteve-se aqui, isso tem um lado, hoje em dia não é isso que acontece, as pessoas vão...? Mas isso ainda é muito longe não? 1h30?

TC1: é

AL: eu não teria paciência para fazer essa estrada todos os dias

TC1: mas a perspectiva é sempre a de irem trabalhar fora, os que ficam cá são sempre poucos. Eu creio que, sei lá, nem metade... tem aqui...consegue aqui trabalho, tem aqui emprego...

Covide: TCo1

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Covide?

TCo1: há

AL: tipo o quê? Centenas, milhares?

TCo1: milhares não

AL: não falo só de bovinos

TCo1: cabras temos aqui dois que têm à volta de 300, temos dali em Freitas outros dois que também têm à volta de 300, ou três...

AL: cabras

TCo1: cabras. Vacas há menos, mas agora há para aí projectos de caxenas que eu ate nem sei quantos tem, mas vai algumas... se calhar 50, 100

AL: e há aí projectos de jovens agricultores, de pessoal que está a voltar para a terra ou que quer fixar-se aqui

TCo1: há, e estes projectos das caxenas das cabras é tudo projectos aqui de

AL: de jovens agricultores?

TCo1: é, de jovens agricultores

AL: há muitos jovens aqui?

TCo1: ora bem, não há muitos, há poucos, e muitos até nem fazem um projecto quer dizer, fazem um projecto jovem mas quem trata do assunto é o pai que...

AL: é só uma forma de o jovem ter um rendimento

TCo1: o subsídio

AL: exacto, exacto

TCo1: só para ter direito aos subsídios

AL: pois... mas acha que as pessoas aqui, não sei como é que é em Covide especialmente, mas assim em geral, andam a ir aos subsídios mas não estão muito interessados na produção em si?

TCo1: eu acho que não, eu acho que... e deve ser como em todos os lados, pelo menos aqui por cima

AL: pois... é mais pelo subsídio?

TCo1: é, acho que sim

AL: hmm. O senhor tem animais?

TCo1: não

AL: mas há vezeira ainda?

TCo1: vezeira não há. Quer dizer, vezeira há, porque eles andam lá todo o ano, só que não é guardada, a vezeira... mas a vezeira há

AL: eles ficam lá... não há qualquer tipo de

TCo1: não, ficam lá

AL: e não vão lá os pastores de vez em quando ver?

TCo1: há uns que vão lá todos os dias, mas outros que vão lá quando apetece, mas... por exemplo, nesta altura a maior parte do gado já desceu. Mas acho que ainda há bastante...

AL: o monte está mais dentro do parque ou mais fora... a maior área é dentro do parque ou fora?

TCo1: penso que é capaz de ser menos dentro do parque

AL: está bem... e o lobo anda aí, ou não?

TCo1: (RISO) ainda há um bocado estivemos ali a falar, ainda apanhou lá umas cabras lá em cima, e acho que o viram até aqui no lugar

AL: e coitado, deve andar cheio de fome

TCo1: eu não sei aquilo é lobo se é, não faço ideia porque... os lobos nunca desceram cá abaixo não é, e ele nem precisa de descer porque há muita fazenda lá em cima

[fala-se sobre a palavra fazenda...]

TCo1: fazenda é os animais, que é as cabras, e se for lá ver é capaz de ver, não sei, elas não andam no meio da estrada não é, mas... às vezes vê-se

AL: então mas... as pessoas sabendo que há o lobo mesmo assim deixam o gado sozinho no monte

TCo1: porque o lobo às vacas e isso não ataca muito, nunca atacou, é mais às cabras

AL: mas aqui há muitas cabras

TCo1: pois há... mas as pessoas olhe, eu venho dali de um sítio onde estavam ali a fazer ali uma obrázita lá e ia o pastor a levar as cabras

AL: pois, ele vai lá?

TCo1: ele vai lá para cima, tem que [*? não se entende*] nelas, só que o lobo é esperto, apanha-o distraído, ou vai beber o café ou qualquer coisa, ou vai comer e pumba

AL: e eles não têm aqueles cães que o ICNF andou a dar subsídios para o pessoal ter cães

TCo1: não, mas isso também não da nada

AL: não é suficiente para

TCo1: não! Pois... enfim, é um conflito eterno, não é?

TCo1: é

AL: pastores e lobos

TCo1: ai isso é, aqui nem vale a pena falar nos lobos porque as pessoas...

Ermida: TE1

AL: e aqui na Ermida há muitos pastores?

TE1: temos, cerca de 400 cabeças de gado caprino, e algumas 80 de gado bovino, mais ou menos

AL: pois... e o numero de pastores mais ou menos?

TE1: uuuh, isto é assim, os pastores... aquilo é uma vezeira

AL: ah, ainda há

TE1: o gado anda, o das cabras, anda tudo em conjunto. Não sei se já passaste por algum, se já te falaram de como era

AL: sim, falaram-me das vezeiras agora não...

TE1: a vezeira funciona assim, um pastor tem 40 cabras, por cada 20 cabras tem de guardar um dia, tem de vir um dia para a serra, se tem 40 cabras tem de guardar dois dias, outro só tem 20 tem de guardar um dia, outro tem 30...

AL: um dia e meio...

TE1: numa das rodas guarda um dia, depois passado duas rodas guarda dois

AL: ok, ok

TE1: portanto, isso sendo 20 pastores com 20 cabras cada um isso dá para aí 20 e tal dias, é como um relógio a contar, passado 20 dias torna o mesmo pastor a guardar as cabras aqueles dois dias

AL: ok... está bem, curioso

TE1: e o gado é a mesma coisa, cada duas cabeças é um dia não é, a pessoa tem duas vacas vem guardar um dia para a serra, a partir do mês de Maio, porque no inverno o gado está mais ou menos na zona baixa, na zona dos terrenos agrícolas. Mas chegando ao verão os terrenos são lavrados e o gado sobre para a serra alta e aí então é como funcionam os relógios, duas cabeças um dia, se tem 4 cabeças tem que guardar dois dias mas é lá em cima, tem que ir a pé duas, três ou quatro horas. Por exemplo, a vezeira da Ermida anda mais aqui nesta zona, mais baixa, mas a outra, que até alguns moradores pertencem, de Vilar da Veiga, anda na serra alta, na serra mais alta, e então demora 3 ou 4 horas a chegar lá

AL: anda na serra mais alta no... há um baldio lá que é de Vilar da Veiga não é

TE1: exactamente... portanto é mais na zona de Vilar da Veiga

AL: ok... mas não vêm para aqui para o de Ermida?

TE1: não

AL: pois, está bem. E pelo que eu percebi há pessoas daqui da Ermida que fazem parte da vezeira de Vilar da Veiga

TE1: fazem parte voluntariamente da vezeira de Vilar da Veiga

AL: ok

TE1: por exemplo aqui este abrigo é da vezeira do gado da Ermida

AL: ooooh, que fixe! Já tinha ouvido falar destes abrigos mas ainda não tinha visto nenhum

TE1: a gente dormia aqui, eu cheguei aqui a dormir, porque há 30 anos poucos carros havia na Ermida

AL: ah, claro, vocês agora vêm de carro até certo ponto e depois...

TE1: nos há 30 anos vínhamos a pé para aqui, não se via carros, não havia carros na Ermida

AL: pois é...

[saímos do carro para ver o abrigo]

TE1: isto aqui chama-se um curral... um curral é o quê? Quer dizer o quê? Aquela gente que escreve os livros para a tua zona não percebe patavina do que é um curral. Podes-lhes dizer mesmo que fui eu que disse, que foi o Jorge da Ermida que te disse, que eles não percebem patavina do que é que se passa no terreno... um curral é o quê? É onde tem o

abrigo do pastor e aonde o pastor junta o gado normalmente à noite, portanto o gado mais ou menos à noite dormia por aqui... e dorme por aqui. As vacas, o gado bovino, neste caso estamos a falar do gado bovino. Estas árvores que estão aqui foram plantadas por nós voluntariamente há 15-20 anos

AL: pois, já em Fafião também me falaram que costumam arborizar a zona do curral

[AL: ai pa, desculpa lá, é que não tou a conseguir ligar esta porcaria e queria tirar umas fotografias... eu não percebo nada deste computador... bem, esse abrigo está espectacular... uau!

TE1: e telemóvel, não consegues?

AL: agora já consegui

TE1: para tirar as fotos

AL: é que o meu telemóvel é dos outros, é dos antigos... agora já consegui, é que eu não estou nada habituada a isto. Isto é tao simples, mas depois bloqueia, enfim, não percebo nada disto. Mas agora já está

AL: é mesmo lindo. Isso já tem anos e anos não?

TE1: já... já está assim dessa maneira, assim com essa remodelação que foi feita, já está ao menos há 30 anos

AL: e já não usam?

TE1: usam... agora menos, as pessoas hoje já... como todas têm carro, vêm de carro até aqui e depois vão dormir a casa

AL: claro. E o gado fica aqui de noite não é...

TE1: A palavra curral quer dizer isso, é a zona onde o pastor tem o abrigo e onde o gado pernoita durante a noite

AL: este sítio é lindo, eu se fosse pastor ficava aqui

TE1: é assim, agora já inventaram para aqui umas modernices, agora até já há um colchão, mas isto não existia, isto é uma modernice. Portanto, eles colhiam, os primeiros que cá chegavam, colhiam dessas ervas que aí estão e depois metia-se no chão, e trazia-se uns cobertores e a gente dormia assim no chão, de verão quase nunca chove não é

AL: e não faz tanto frio

TE1: a gente dormia com uns cobertores assim no chão, eu cheguei aqui a dormir há 30 anos atrás

AL: e vinha o pastor sozinho?

TE1: normalmente era, ou um ou dois

AL: fogo, este sítio é muito especial. E vocês agora recuperaram-no com as ajudas dos INP's?

TE1: é assim, para nós, a gente fez a candidatura mas depois eles davam pouco apoio, o mais próximo da estrada que temos é este e os outros são mais na serra, os que estão dentro da área da Ermida e só de helicóptero é que se conseguia levar para lá o material, porque às costas, a sério, era impossível. Os de Vilar da Veiga como tinham muito dinheiro levaram um helicóptero e levaram o material lá para cima

AL: ai foi?

TE1: mas nós não tínhamos dinheiro para andar a fazer isso, depois não fizemos contrato para a renovação porque logo o que eles davam era pouquíssimo

AL: pois, porque estar a contratar esses meios...

TE1: depois para nós, para nós ficarmos com essa despesa toda não, era um balúrdio

AL: está bem, então a vezeira hoje em dia é isso, vem cá o pastor está aí durante o dia e depois deixa as vacas

TE1: normalmente, exacto, normalmente agora fazem isso, ainda há um por outro que fica lá, que portanto as coisas andam na mesma, tem lá cobertores e tudo para quem quiser ficar, mas quase todos os dias vêm embora

AL: pois. Este sítio é muito bonito

TE1: aqui há 25 anos foi feito aqui um filme

AL: ai sim?

TE1: sim... como é que se chama... argentina... acho que era espanhol ou argentino. Eu sei que o título do filme é "o argentino", agora...

AL: ai é? O argentino

TE1: sim... agora não sei... não, o título do filme era "ley de lá frontera", e se for buscar na internet vê-se lá as imagens do filme. É tipo um filme, como faziam os americanos muito antigamente, tipo pistoleiros, andar a cavalo, ...

AL: ai é? É desses? Está bem

TE1: o argentino era chefe de um bando que assaltava os fulanos da ETA e não sei quê

AL: (RISOS) e vieram para o Gerês

TE1: é assim, ele foi todo rodado aqui, mas algumas partes daquilo foram rodadas aqui, outras na zona da Galiza e... pronto

TE1: uuuh, e depois, por exemplo, um dos problemas que nós temos, claro, é os incêndios. E quem são as pessoas? Não é aquilo que na comunicação social vê, quando chega aí maio e junho, todos os canais abrem às 8 horas, um incêndio aqui, outro acolá, que as altas temperaturas fizeram com que o lume ardesse em tal área, isso é tudo mentira, portanto, quem são os causadores dos incêndios aqui na zona do parque são toso os pastores, todos, mesmo os da Ermida, eu conheço-os, eu sei quem são... e em Fafião também são, e lá por onde andaste, pela zona dos Arcos, também são, os causadores dos incêndios na área do parque, e nas outras áreas que não são do parque, zonas de montanha são tudo pastores ou gente ligada à caça ou sei lá... tem tudo a ver

AL: pois, pois

TE1: e pronto, é para que saibas que aquilo que eles dizem na comunicação social, que está muito quente, até podem estar 40º, mas isso é...

AL: não, e se calhar eles até aproveitam esses dias para atear não é

TE1: sim, pois, claro, porque é nessa época que o lume avança muito mais rápido, portanto

AL: mas é o quê? Para conseguirem erva melhor e assim?

TE1: exacto. Porque a maluqueira deles... eles dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros

AL: pois

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: e aqui vocês têm muita questão com o lobo, como eu tenho ouvido noutros?

TE1: tem, os pastores aqui de vez em quando são bastante afectados, não tanto como nos outros lados, mas de vez em quando também temos

AL: e como é que tem sido a presença do ICN nesses casos?

TE1: é assim, eles dizem que pagam mas se encontrar a carcaça...

AL: pois

TE1: mas por vezes não é isso que acontece, não se encontra coisa nenhuma... quando se encontra é uma coisa, quando não se encontra...

AL: pois... mas não há assim muitas queixas dos pastores aqui na zona não é?

TE1: na Ermida propriamente não

AL: e como é que é aqui, nos limites com os outros baldios, há algum conflito na utilização...

TE1: já houve

AL: eu já ouvi falar de um com Fafião... (RISOS)

TE1: e com os de Vilar da Veiga

AL: ai com os de lá também...

TE1: já falaste com os de Vilar da Veiga?

AL: não, ainda não, é que eu não tenho o número de telefone dessas pessoas, já mandei para lá uma carta, porque arranjei a morada, até foi através da engenheira Sandra, mas ela ainda não os tem como sócios então não quis estar a abusar

TE1: ah, pois não, não trabalham não com a associação dela

AL: pois, ela entretanto foi fazer contactos e eu não sei como é que isso ficou, mas a verdade é que ela não se sentiu à vontade para me estar a dar números de telefone, e eu percebo perfeitamente, mas agora estou a ver se vou lá meter o bedelho, tentar ver quem é que é, não sei... mas ainda não falei com eles não, mandei-lhes a tal carta só. Mas sim, não sabia desse conflito, soube... até já nem me lembro quem é que me contou sobre o conflito de Fafião e Ermida, mas não... que foi assim também muito longo, não foi? Uns anos... tribunal e...

TE1: foi, foi, foi, e...

AL: esta casota é de quê?

[sai do carro]

TE1: é a mesma coisa, é um abrigo de pastor

AL: é?

TE1: mas não é da nossa vezeira, é da vezeira do outro lado do rio, da barragem, porque eles têm direito a vir para aqui com o gado, chama-se Louredo da Ribeira (?), do outro lado da barragem, não pertence ao parque nem nada, e este é o espaço deles

AL: ai, vocês deixam-nos é isso?

TE1: não, não, isto já é antigússimo, isto sempre foi assim

AL: ok, ok, é tipo

TE1: isto é a área de pastagem durante o verão, desde o 15 de maio ao dia 8 de setembro. Eles têm os currais, os chamados currais deles delimitados também, delimitados geograficamente, têm um sitio para eles dormirem, o gado deles também normalmente fica aqui e dorme aqui, não tem nada a ver com a Ermida, além de ser a mesma área de pastagem não é, quando eles estão lá... eles até podem estar aqui ambos juntos mas um dorme aqui e o outro dorme lá

AL: lá, naquele onde nós estivemos...?

TE1: sim, e este é deles, da vezeira deles

AL: mas isto ainda é baldio da Ermida aqui?

TE1: sim, sim, sim

AL: está bem. E estas plantações de árvores foram vocês?

TE1: não, não, isso foram eles

AL: também eles. Aaaaah. Como é que se chama a aldeia, é Louredo...

TE1: são três aldeias do outro lado à beira da barragem, uma é Louredo, a outra é Castro, a outra é São João da Cova, e têm direito única e simplesmente à pastagem aqui durante os 3 meses, mais nada

TE1: vamos ali vamos ver outro abrigo de pastores, da tal vezeira dos fulanos do outro lado da barragem

AL: ah, já estou a ver

TE1: espectacular

AL: é aquele que tem torrões ou que é... não...

TE1: é isso mesmo, nunca viste.

AL: esses dos torrões nunca vi, só ouvi falar

[saímos do carro]

AL: curral das cortes...

TE1: tudo o que se chame curral quer dizer a mesma coisa, quer dizer que tem um abrigo do pastor, ou dois, e quer dizer que é onde o gado pernoita

AL: sim... portanto, este é usado pela malta de lá de fora do parque não é, do outro lado da barragem

TE1: sim

AL: têm dois então? Este e o outro

TE1: têm... têm um aqui que é dos do outro lado, e têm outro ali à frente naquelas pedras que era dos da Ermida, que é ...

AL: e aquele que a gente viu há bocado ali ao pé daquele lameiro?

TE1: também é dos outros do outro lado

AL: também é pois...

TE1: era aqui que eles dormiam há 40 anos

AL: que coisa... e este foi renovado? Não...

TE1: não, não, este está assim já há muitos anos

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: já não é usado?

TE1: não, é a mesma coisa, eles vêm para aqui, ficam, vão à noite embora

AL: pois... ainda continuam com as vezeiras. Lá para os lados de Montalegre a maior parte das vezeiras acabaram, já não há gado suficiente, as pessoas estão cada umas por si, às vezes nem é não haver gado suficiente, há é 3 ou 4 pastores então não... aqui já vi que ainda se mantêm

TE1: e ainda há mais, esses fulanos, agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá

AL: passavam os animais com a barca??

TE1: sim, também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais

AL: fogo! E o gado ia comendo pelo caminho ou não?

TE1: isso, portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no maio ao vir para cá e depois em setembro ao ir

AL: pois, exacto, mas eles diariamente um pastor vinha sempre para aqui

AL: diariamente?

TE1: ou depende, daqueles dois dias...

AL: ah, lá está

TE1: se calhou ser dois dias ou três...

AL: até lá é o vosso?

TE1: sim, sim. Portanto ali é a zona agrícola, ali existem vários terrenos privados, a zona que tem eucaliptos é quase toda privada, agora de um caminho que lá está na frente para cima é tudo baldio, estás a ver lá na frente?

A: tou, tou

TE1: lá para cima é tudo baldio... até... há umas árvores lá na frente perto daquele alto que parece carvalhos... para aqui existe ali uns poucos de terrenos privados, para ali... portanto, tem várias parcelas que é de terrenos privados

AL: e lá está, esses terrenos privados já remetem a... eram baldio...

TE1: sim, desde 1920 que já são dessas famílias, mas estão registados estão tudo, são deles, não há cá duvida nenhuma

AL: sim, sim. Estava só a tentar perceber se era recente essa cedência...

TE1: não, não, não, aquilo foi tudo feito, foi tudo feito, foi tudo escrito num livro, e está conforme está escrito no livro, tamanhos e tudo

AL: curioso, e foi ao mesmo tempo que passaram para vocês... para a comunidade o foral...

TE1: exactamente, foi na mesma época

AL: pois, estou a ver... e vocês têm actividades tipo apicultura também...?

TE1: também há pessoas que se dedicam a isso

AL: isso acaba por ser que cada um tem as suas colmeias, não faz parte do baldio...

TE1: não, não, não, cada um tem os seus apiários, as suas colmeias

AL: tu tens gado?

TE1: não, não tenho tempo para isso

AL: pois, nem a tua família nem nada...

TE1: não, os meus irmãos têm, mas lá é a vida deles, e eu tenho o meu trabalho

AL: e o baldio actualmente é usado principalmente para...?

TE1: para fins de pastoreio... e de recolha de lenha

AL: e continuam a usar os matos para fertilizar...

TE1: e os matos que recolhem lá para os terrenos agrícolas, para levar para as cortes do gado e para essas coisas todas

AL: ok, ok. Pois, continua a haver assim essas actividades mais tradicionais associadas....

TE1: sim, sim, sim

AL: a agricultura é principalmente de subsistência ou...

TE1: é isso mesmo, é de subsistência, mas praticamente... é uma maneira de não deixar os terrenos não ganhar arvoredo, porque não é para eles... as pessoas têm os seus trabalhos quase todas e lá vão fazendo aquilo no final de semana, porque ninguém vive, aqui não há ninguém que viva praticamente da agricultura, ninguém...

AL: ai é? Mesmo os pastores?

TE1: os pastores a maior parte deles ou estão reformados ou têm o seu trabalhito alguns ou aqui ou ali ou acolá, mesmo os pastores também têm outros trabalhos adicionais que não os de pastoreio unicamente

AL: então se o baldio por acaso vamos dizer que por uma situação qualquer passava para... isto é, deixava de ser das comunidades locais, essas pessoas não... ou seja, há alguma dependência actual do baldio, é isso que eu quero perguntar...?

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: pois... e vocês aqui ao nível da floresta que tipo de gestão é que ... ou seja, quem é que faz? Quem é que prevê a gestão da floresta... eu quando digo gestão da floresta estou a falar por exemplo dos cortes dos pinheiros, da plantação dos carvalhos, são vocês mesmos ou são aconselhados

TE1: somos nós... somos nós directamente, nós vamos vendo e se num lado ou noutro precisa de ser o mato roçado depois se tivermos poder monetário fazemos, ou se uma área ou outra precisa de mais árvores fazemo-lo também, a gente não precisamos de nenhum técnico que nos venha dizer, nós também temos olhos na cara para ver

AL: e para cortes também são vocês que decidem quando é que é os cortes...

TE1: sim

AL: a partir de que diâmetro ou qualquer coisa assim

TE1: imagina, numa zona que o pinhal está criado e que por exemplo estão pinheiros já criados a morrer, não é, porque acontece muito e depois aquilo passa de uns para os outros, a gente chega lá corta um pedaço, pronto, aquilo fica ali terminado e já não morre mais pinheiro nenhum... zonas de pinhal criado já não é...

AL: pois, e na plantação de carvalhos... eu lembro-me que perguntei isto ao início da conversa mas já não me recordo, eu perguntei se vocês tinham usado os subsídios para plantação...

TE1: foi, foi nessa plantação ao tratamento das acácias, onde foi plantado o carvalho e o sobreiro

AL: ah, ok, ok. E aí nesses casos já há um técnico a dar umas dicas ou não?

TE1: houve, houve quem elaborou o projecto, até estar concluído no terreno, mas depois aquilo cresceu tanto outra vez que já está outra vez incontrolável

AL: as acácias... e os carvalhos...

TE1: muitos morrem

AL: pois

TE1: portanto, são as tais coisas falhadas que foram aconselhadas pelos fulanos do ICN que lembraram-se de introduzir também carvalho numa zona que eu para mim não deveria ser. Normalmente o carvalho tem que se aproximar mais de uma linha de água, não é, mesmo que não seja mesmo na linha, a 20 metros da linha, por ali. E portanto eles sugeriram que fosse plantado numa área, em toda a área

AL: onde estavam as acácias?

TE1: sim. Porque depois o que é que acontece... o crescimento é lento, do carvalho, por causa da humidade em si, o carvalho gosta de alguma humidade, pronto, e depois o crescimento das acácias é muito rápido não há hipótese

AL: pois... e aquilo de criar povoamentos mistos, de incluir carvalhos no meio dos pinheiros, eu já vi aí alguns sítios onde havia

TE1: foi esse também... foi a mesma coisa, foi povoamento... como é que eles lhe chamam...

AL: mistos de folhosas com resinosas?

TE1: é povoamento, quando é povoamento, mas nós ali não foi povoamento que se chama, é... adensamentos... adensamentos!

AL: ah, sim

TE1: porque adensamentos é... num terreno enorme não é, como naquele caso, em zonas que não tem nada plantaram lá essas árvores, na outra zona a seguir já tem um bocado de pinhal fica, ou lá o que é, depois na outra zona mais em baixo, já... foi mais ou menos isso que foi utilizado, foi o sistema de adensamento, que é diferente de povoamento. Povoamento é as espécies que são espaçadas e com espaços entre elas e aquela treita toda

AL: é fazer tudo de novo não é?

TE1: é... e adensamento é diferente, adensamento é nas clareiras meter um x número de árvores, que foi aquilo que foi feito ali, mas falhou porquê? Porque fomos aconselhados por quem disse que seria bom fazer dessa maneira...

TE1: Isto é o trilho dos pastores, que os pastores usam, tinha aqui um mato enorme e nós também mandámos... mandámos fazer, aí uns 6 metros de largura, mas daqui até lá abaixo já vamos andar um pedaço [...] Mas isto dá, é assim, não fazes a mínima ideia, mas isto dá muito trabalho mesmo, e é preciso ser inteligente para se ter um trabalho, estar a trabalhar e depois gerir nos tempos livres esta parte, estás a perceber?

AL: claro que sim. E ter disponibilidade mental para isto

TE1: exactamente. Se fores uma pessoa que não se importe, estás, és o presidente, vou para o café, isto dá tudo em balburdia

AL: claro, sem dúvida. E aqui também chamaram a empresa que fez a limpeza e tal

[o vento não deixa perceber a resposta]

TE1: há agricultores aqui que estão colectados que depois trabalham para nós quando é preciso, como foi neste caso

AL: ok... e podem não é?

TE1: podem

AL: já ouvi falar que tinha de ser x empresas, que era difícil de contratar pessoas locais e isso não fazia sentido nenhum para essa pessoa que mo disse

TE1: nós trabalhamos desta maneira, quando é trabalhos pequenos como este nós temos aí 2 ou 3 pessoas no lugar que nos passam factura ou recibo ou recibo verde ou o que for, nós temos este trilho para limpar, nós já temos o preço estabelecido, que é 850 euros o hectare mais IVA, e pronto, e a gente chega aqui mede o comprimento, mede-se as médias todas, divide-se pelo número de vezes que se mediu e dá os metros quadrados e gente paga-lhe ao hectare

AL: está bem... e a limpeza de trilhos também é ITI ou é outro subsídio?

TE1: não, não, isto aqui é um trabalho nosso

AL: ah, ok, ok

TE1: nós entendemos que devia ser feito, estás a perceber?

AL: ok, achava que havia um subsídio mesmo para limpeza de trilhos

TE1: não, agora só falta fazer este pedacinho daqui até lá ao cimo daquelas pedras lá adiante

AL: sim, opa isto aqui é mesmo bonito

TE1: já vamos lá, se queres descemos aqui só mais 20 metros

AL: descemos, descemos

TE1: e é isto, estás a ver as tais mariolas, que se chama, são muito pequeninas, mas pronto

AL: pois são

TE1: mas é mais ou menos isto que a gente usa aí pela serra toda

AL: aaah. Pois, eu já vi umas que tinham para aí umas 7 ou 8 pedras umas em cima das outras... depois a água constantemente a acompanhar-nos

TE1: agora, agora

AL: pois... ah, porque choveu agora não é?

TE1: aqui há um mês atrás não ouvias isso... mas é isso que nos motiva, pelo menos a mim, a nós, a direcção, é tentar segurar uma coisa que nos deixaram, que nos deram

AL: sim, que aprenderam a ligar sem... isto aqui também é considerado uma mariola? Não...

TE1: é considerado uma direcção... uma sinalização do trilho, não é considerado uma mariola, porque uma mariola são 3 ou 4 pedras, mas é considerado uma sinalização do trilho

AL: ok, ok... não é o 14 pois não? Este é outro...

TE1: não, não, o 14 é na estrada [*? não se entende*]. Isto aqui é um trilho que os pastores utilizam para passar nesta área... estás a ver? ... as pessoas molhavam-se todas a passar aqui e assim não, a gente corta 5 metros de largura daqui a lá adiante e eles passam à vontade

TE1: [...] ali em baixo, não consegues ver mas pronto, é ali logo na frente, onde tu viste a casita do pastor da Ermida, um dia à tarde estava o meu colega da direcção em casa e viu a sair muito fumo daqui. Diz ele assim “epa, oh Jorge anda depressa aqui porque está a sair fumo em tal lado”. Viemos por aí acima com a carrinha, chegámos aqui já vinha um helicóptero também... um dos pastores meteu lume ali, meteu lume ali e ele andava ali com as cabras, depois acabou por dizer que não, que não, porque ninguém viu, mas se estava ali ele quem foi? Não é... e pronto, e depois fizemos a queixa na GNR e avançou para tribunal

AL: foi?

TE1: foi... então? Ainda hoje fala para mim... bem. É assim ele diz que não foi, mas a gente sabe que foi ele, depois a partir daí nunca mais houve mais fogo nenhum

AL: e o que é que lhe aconteceu? Uma multa?

TE1: não, foi chamado ao posto, e as pessoas negando que não foram

AL: vais fazer o quê, pois...

TE1: não é?

AL: se houver provas não é?

TE1: claro, mas pelo menos foi chamado ao posto e

AL: já ficou na linha... ai ai. Pois, mas é como tu dizes, essa malta tem outro conhecimento da coisa não é, de outros tempos, e depois foi a floresta a entrar por aí adentro sem perguntar nada a ninguém, acredito que seja... outra visão não é...

TE1: não é esse o motivo, o motivo deles é... é assim, são pessoas com fraca escolaridade, andaram sempre atrás das cabras e do gado e só pensam nisso, não querem saber de mais nada, não querem saber do futuro para os que vierem, não querem saber de nada, só querem saber de umas cervejolas ao final do dia no café, emborracharem-se e mais nada, isto é mesmo assim, com esta gente que pertence à área do pastoreio é só isso. Querem que o subsídio lhe entre ao chegar o mês de outubro ou lá quando é, e mais nada, só querem é saber do bolso deles

AL: pois... e essas pessoas por exemplo, vão às reuniões?

TE1: vão

AL: vão?

TE1: vão... e é igual

AL: pois... e as mulheres vão às reuniões?

TE1: vão, com mais força que os homens

AL: ora aí está

TE1: (RISOS) tu vês lá mais mulheres que homens

AL: grandes mulheres. Curioso... eu fui a uma reunião, uma vez, em Sistelo e, por acaso foi pouca gente, era um dia horrível de chuva e... foi pouca gente mas também porque era um assunto muito específico, interessava a poucos digamos assim. Quer dizer no meu ponto de vista deveria interessar a toda a gente, mas pronto, claro que estas coisas são mesmo assim, e por acaso não vi nenhuma mulher... e agora estava-me a questionar... naquele caso, não quer dizer que não é costume haver, só fui a uma e era uma assembleia geral extraordinária, não era uma das normais, mas pronto...

TE1: mas é assim que isto funciona, se a gente não tiver assim um bocadinho da mão pesada isto vai ao ar, tudo

AL: pois, acredito

TE1: fica tudo só pedras e mato. Como no Lindoso, no Soajo...

AL: Soajo acho que houve agora um há pouco tempo que limpou aquilo em grande parte. Aliás eu estava a campar no Mezio, tu conheces não?

TE1: mais ou menos

AL: aquilo está tudo queimadinho à volta

TE1: tudo, aquilo só tem pedras e mato

TE1: ... lixou esta trampa toda

AL: ela? Isto é, a passagem do carro

TE1: não, a chuva nestes dias, depois dá-nos um trabalho dos diabos ter de compor isto

AL: aqueles tronquinhos ali já foram queimados também não?

TE1: foi naquele incêndio, porque depois são zonas inacessíveis, aquilo que foi vendido, o fulano tirou madeira, chegou, tirou, o resto teve de ficar lá

AL: qual fulano, pera lá que agora perdi-me

TE1: a empresa que comprou a madeira que ardeu

AL: ah, sim, sim, sim, ok

TE1: onde eles chegam com o tractor eles conseguem tirar, onde eles não chegam tem que ficar lá

AL: ok, entendo... tem que ir o helicóptero também

TE1: é chato, fica a fazer lá um feitiço esquisito mas pronto, vai dar lugar para os pássaros fazerem os ninhos

AL: e vocês usam assim os restos das limpezas, os ramos...

TE1: isto é para queimar, quando vier o tempo mais de chuva, isto está junto que é para queimar

AL: não vendem a empresas de...

TE1: não, ninguém quer isso

AL: há quem use para biomassa e...

TE1: eles nem recolher vêm

AL: porque agora há aquelas empresas de peletes, eles não querem destas coisas?

TE1: não

AL: então o que é que eles querem? Eles não queimam assim estas coisas?

TE1: querem queimar material lenhoso grosso e depois desfazem e fazem aquilo

AL: estes não dão? Aquilo não deve ser quase nada de facto, mas quando fazem limpezas e tal deve sair muito material daqui não?

TE1: quando se vende pinhal é, temos que queimar tudo

AL: achava que esse tipo de empresas lhes interessaria esse tipo de material vegetal

TE1: não, ainda há dias falei com uma pessoa sobre isso e ele diz que não, que antes quer que fique aí tudo, que não, que há tempos vendemos um pedaço de pinhal verde e falámos, “se for interesse vocês tirem isso depois tirem” “ah, não, não, não, nós não queremos isso para nada”, é porque não dá dinheiro nenhum

TE1: [...] depois existem as águas e a distribuição de levadas, porque também não é à toa, não é, isto não é tudo olhado do satélite “ah, isto aqui é só pinheiros”, não, isto tem levadas de água, onde as pessoas têm os seus dias para regar, que foi outra coisa que não falámos, que não é muito connosco, que a água vem da zona dos rios, e a água é distribuída pelos agricultores já há dezenas de anos, meio dia de água para um, um dia para outro, 2 horas para outro, isto tem muito que se lhe diga, não é só...

AL: e tem de haver gestão de conflitos, capacidade de gerir

TE1: exactamente, quer dizer não existe, nessa área não existe conflitos porque aquilo já está delimitado, sempre foi assim e tem que ser assim, não tem outra maneira de ser

AL: eu vi muitos canos distribuídos pela serra abaixo

TE1: onde

AL: nestes caminhos que a gente fez e assim pela serra abaixo

TE1: foi outra... portanto, isto é assim, foi outra estupidez que aconteceu aqui no local... nós só temos estrada para aqui para aí há 40 anos não é, portanto nem estrada tínhamos, só se ia para a Junta a pé... pronto, isto é a questão da estrada, e das águas é assim, a Câmara nunca se interessou em colocar água às pessoas aqui. Tínhamos ai dois fontanários públicos dentro da aldeia, que já foi do tempo do Salazar, que mandou colocar dois fontanários e a partir daí mais nada, o que é que aconteceu, a partir de 1900 para aí e 75, as pessoas começaram a trazer água dessas propriedades, de nascentes que existem nas propriedades

AL: a trazer para onde?

TE1: para a povoação...

AL: ah, com os tais caninhos?

TE1: sim... e cada cano que tu viste corresponde a um proprietário que trouxe a água da sua propriedade

AL: (RISOS) mas para consumo de casa?

TE1: consumo de casa, porque não havia distribuição de água

AL: e agora já há?

TE1: nem agora, praticamente, há para aí uma distribuição de água aldrabada

AL: ah, aldrabada pelos locais ou por

TE1: pela Câmara que nunca se interessou por essa parte. não têm contadores, há meia dúzia de pessoas aí a gastar água mas andam para aí a regar plantas e tudo e depois quando chega ao verão a água é pouca e eles continuam para aí a regar plantas e não sei quê não sei que mais e a Câmara nunca se interessou sequer de meter os contadores para obrigar aqueles que gastam mais pagar nem nada, portanto a distribuição de água aqui está assim meio aldrabada, e os tais tubos, é cada tubo que tu viste é de um proprietário que trouxe água para casa, não tem, não tinha outra solução de como ser

AL: mas a água da Câmara chega aqui, pelo que eu percebi

TE1: chega... chega, mas foi explorada também por nós e fomos nós que a colocámos aqui e fomos nós e os anteriores que a distribuímos pelas pessoas, antes da Câmara...

AL: ah, então o que é que a Câmara fez?

TE1: ficou depois com a gestão disso

AL: ah... e cobra?

TE1: no momento não, mas era melhor que cobrasse para haver regra no gasto da água. Depois como não havia distribuição de água já há muitos anos, há 30 anos, os baldios exploraram um sítio e trouxeram a água para aqui e fizeram um depósito que passava aí por aquelas ruas abaixo e tudo, e depois aqui há 10 ou 15 anos a Câmara é que tomou conta disso, meteu uma rede nova e tal mas acabou por não funcionar na mesma

AL: mas continua a usar aqueles da Câmara

[somos interrompidos por uma menina que quer indicações]

TE1: e é isso, portanto, depois obrigou as pessoas que não tinham fornecimento de águas, as pessoas eram quase todas emigrantes começaram a explorar o seu nascentezinho na sua propriedade, trouxeram-no, e agora tu vês aqueles tubos todos

AL: mas ainda são usados hoje em dia?

TE1: ainda

AL: portanto têm água da Câmara e têm essa água

TE1: muitas não têm água da Câmara, muitos têm estes tubos, outros fizeram perfurações, existem aqui alguns 30 proprietários com perfurações, mas isso custa muito dinheiro, era muito melhor ter a água distribuída, custa 5000 euros, 6000 euros

AL: fazer um furo?

TE1: sim... estás a perceber, portanto, nós estamos ao fim e ao cabo distantes de tudo... não é? Inclusive eu que tive que fazer uma perfuração para mim, e tenho água também de uma nascente que o meu pai trouxe para casa há muitos anos, que é de nós todos dos irmãos, mas também tenho uma perfuração que fiz, custou-me 5000 euros, há 10 anos

AL: mas pronto, ao menos não vais pagar água por mais uns quantos

TE1: pois, mas era muito melhor se houvesse distribuição, não havia transtorno para as pessoas andarem a procurar outras maneiras de ter o fornecimento. Existem 30 furos, se a Câmara fizesse 2 ou 3 furos e fornecesse água a esta gente toda não era preciso a gente andar com estes transtornos todos

Rio Caldo: TR1

AL: vocês tiveram uma grande alteração de área forrageira agora com o decréscimo que houve...?

TR1: tivemos, muito. Nós tínhamos 600 e não sei quantos hectares de pastoreio, ficámos com 300... não chegou, 280

AL: e isso que repercussões é que vai ter? Ou que está a ter no baldio...?

TR1: Não teve muito porque também diminuíram a área de... por cada cabeça

AL: já ouvi dizer isso também

TR1: não diminuiu muito. Por isso, tivemos aí um decréscimo qualquer mas não diminuiu muito assim por aí além, há freguesias muito piores

AL: mas houve pessoas que ficaram sem área, dos produtores?

TR1: não, não, não, ficou tudo com área

AL: e esse decréscimo

TR1: ainda nos sobrou alguma área

AL: sobrou? Ah... mas faz algum sentido decrescerem a área e depois decrescerem também a área requerida por cabeça? Acaba por ir dar à mesma situação? Ou não?

TR1: não, não chega muito bem, a nós pouca diferença nos fez, porque nós tínhamos à volta de 700, 680 para aí, e diminuíram para 280, tiraram-nos 400 hectares, é assim não é?

AL: sim

TR1: diminuíram o número de área por cada cabeça meio hectare. Fez ali uma diferença... mínima.

AL: pois, acaba por parecer que foram assim mudar a área por cabeça à última da hora só para não causar grande contestação, não sei, pelo menos é o que eu tenho percebido

TR1: isto, quem sofre mais com isso é as zonas onde há... a Ermida, Covide, porque tem muitas cabras e essas... como é que chama... tem muitas cabras e outros animais, as cabras é uma das coisas que requer muita área, está a perceber? E onde houver muita gente com essa exploração, mais prejudica. Nós aqui só temos um que só tem cabras, se tiver uns 4 ou 5 como têm os da Ermida e os de Covide, não tínhamos área para todos

AL: pois, está bem. Os bovinos precisam de menos área...?

TR1: quer-se dizer, precisam de menos área mas são mais em quantidade

AL: são mais os bovinos? Ah, são mais os produtores

TR1: são mais os produtores, nós aqui só temos um

AL: de cabras

TR1: de cabras

AL: e quantas pessoas é que têm... quantos produtores é que há que tenham animais

TR1: aqui?

AL: só para ter uma ideia, basta que me diga assim.... Dezenas

TR1: não, dezenas não... são para aí uns... agricultores.... São para aí uns 15

AL: 15 dentro do número de habitantes que me disse há bocado...?

TR1: sim

AL: quantos é que eram?

TR1: somos à volta de 957

AL: E só há 15 produtores de animais?

TR1: 15 ou 16. Tem mais só que não procuram... têm áreas deles. Entende? Quem tiver área não precisa de...

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] Porque eles só quiseram considerar, portanto o pastoreio a área limpa, ou seja tudo o que fosse pedras e árvores e água e não sei quê, não valia, está a ver? Portanto outras zonas em que os pastores tinham por hábito fazer as queimadas em zonas que não há árvores nem há nada, por exemplo a zona da Serra Amarela, e aquela zona ali da Porta Aberta, tinham como hábito fazer queimadas, portanto aquilo é mato rasteiro... e quando o mato se tornava assim uma, aquela coisa velha, os pastores queimavam, queimavam para vir depois o pasto novo com a regeneração. E pronto, o que é que acontece, isto foi feito através daquela, da foto, das fotos tiradas assim para se ver essas áreas, ao passar nessas áreas queimadas, mas que eram queimadas já tradicionais, eles consideraram tudo isso como incêndios. E daí retiraram todas essas áreas, e ao retirarem essas áreas as pessoas ficaram prejudicadas porque cortaram-lhe mesmo. O que é que lhe dizia por exemplo em relação a este crescimento, a este milagre do pão ou dos peixes, como se diz, portanto, eles deram, nós tínhamos 125 hectares e com 125 hectares tínhamos lugar para 125 bovinos, e ao passarmos para 82 portanto passámos para 164 bovinos. Mas para nós ainda foi uma coisa como o outro, porque nós temos realmente áreas limpas, nós temos muita área limpa, que aquilo é praticamente tudo vedado, são eles todos vedados e aquilo é mesmo área limpa, porque isto é assim, isto é uma zona que é baldia, a área é do baldio, o terreno todo, mas quer dizer, quem faz essa gestão é a vezeira, a vezeira de Vilar da Veiga, do gado

AL: a tal associação que eu já ouvi falar? Não...

TV1: não é associação, é a Vezeira, portanto associação não é, é Vezeira. Portanto são eles que reúnem, são eles que... se não comparecerem os associados, os sócios, se não comparecerem às reuniões, se não chegarem à hora certa, até podem não comparecer, mas se não chegarem à hora certa, até pode vir passado... se vier depois de ela começar já paga 50 Euros de multa. Se há duas 2 ou 3 por ano em que são obrigados a estar nessa vezeira, têm que estar reunidos, são 3 delas que não são avisadas, já se sabe que naqueles dias há essa reunião, é o tal chamado. Se não estiver no chamado ninguém precisam de avisar, se não estiver lá são 50 Euros

AL: se não forem

TV1: se não forem. E naqueles que são avisados têm de ser avisados e se não aparecer também pagam 50 Euros. E portanto têm as regras deles mas isto já desde 1920 ou 25, ou coisa parecida, que já são eles que usam, que fazem essa gestão daquela área toda lá de cima.

E é assim, e o que nós vemos em relação aos baldios é isto que estávamos a falar, portanto as pessoas não têm interesse nenhum, as pessoas aquilo de que elas mais lhes interessava antigamente, do que elas mais necessitavam, hoje já não têm essa necessidade, a necessidade maior é realmente as áreas que no fundo é apenas para fazer as candidaturas porque também não vão para lá com os gados, também os pastores daqui... portanto, aquilo é uma vezeira que funciona

AL: mas é de quantas pessoas

TV1: a vezeira tem regras.... Quer dizer, as pessoas mantêm-se na mesma na vezeira, mas aquilo deve ter, sei lá, para aí... agora grande parte das pessoas são da Ermida, e depois aquilo também tem uma quota. Portanto, é também junto com a Ermida, depois as pessoas têm uma quota, depois têm... caso não aparecer são obrigados... se uma pessoa sabe que vai pagar uma multa e tal, mas é capaz de ter para aí 80 pessoas

AL: ainda fazem o pastoreio do gado em vezeira

TV1: sim, sim. Há muitos que já não têm gado mas continuam na mesma só e são obrigados a ir na mesma. Agora por exemplo, as pessoas que vão para lá com o gado, Às áreas que eu dei para fora para os animais, eu também já sabia que as pessoas não vinham para cá com o gado, aquilo é no fundo só dar a área para as pessoas poderem dizer que têm área para se candidatar, porque não... eu já sabia que as pessoas... porque senão as pessoas daqui, eu já sabia me apertavam o pescoço

AL: as pessoas que estão nessa vezeira têm também subsídios provavelmente...

TV1: sim, muitos fazem subsídios, outros não... outros não fazem, não porque é assim, também, eles não vivem destas coisas, são pessoas que são reformadas ou GNR ou assim, pessoas que... quer dizer, já não são aquelas pessoas, os agricultores tradicionais que não tinham emprego e que o sustento deles era aquele, não é? Antigamente os agricultores tinham de ter esse sustento, tinham que arranjar maneira, porque o sustento deles era aquilo que produziam, mas agora não, agora os agricultores quer dizer, são agricultores, têm aquelas coisas mas têm todos um emprego. Por exemplo, a Câmara, esta Câmara tem na sua maioria, tem os trabalhadores, tem muitos nos quadros mas... portanto, trabalham dentro da Câmara mas a grande parte é tudo fora, cantoneiros ou jardineiros, aquelas coisas todas, e portanto todas essas pessoas são todos agricultores, mas quer dizer, preferiram abdicar... abdicar não, no fundo eles fazem na mesma o [? Não se entende] nos terrenos que têm, lá nas quintarolas que eles têm, recolhem na mesma o vinho, têm na mesma os porcos, têm o gado mas trabalham na Câmara. E assim para eles está sempre bem. Ou seja, eles vão fazer o trabalho deles, chega ao fim do mês têm o salário, têm os descontos, quando chegarem à idade da reforma têm a reforma e vão fazendo ali as... durante o fim-de-semana e depois nos feriados da Câmara e depois quando vem o Verão a largar às 16h30 da tarde ainda têm tempo de trabalhar... trabalham na Câmara e ainda... ou seja, vão para a Câmara fazer o que têm de fazer não é, e depois às 16h30, ou às vezes até largam à 1 da tarde, para ir, e vão fazer esses trabalhos. Quer dizer, as pessoas vivem bem, porque têm um trabalho na Câmara e depois fazem os serviços na mesma na agricultura e prontos, e depois têm as duas, estão garantidos. Mas quando era mesmo só viver daquilo, era mais difícil e as pessoas aí tinham que se agarrar a tudo. Hoje mesmo os adubos, os estrumes e tal, em vez de andarem ao mato compram aqueles sacos azuis

daquele estrume e nem é preciso cortá-lo com a enxada, antigamente eles tinham de roçar aquilo e faziam aquelas pilhas nas costas dos animais

AL: e já não vão buscar mato ao monte hoje em dia?

TV1: não... não, nem mesmo o deles, já ninguém vai ao mato, nem nas suas coutadas, tanto que o problema dos incêndios também tem muito a ver com isso

AL: as coutadas mantêm-se privadas portanto...

TV1: são privadas, mas mesmo eles nem ao mato deles vão, já ninguém vai ao mato para pôr nos animais

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: ah, deve ser, chama-se... Vilarinho da Furna e não Vilarinho das Furnas, eu até explico aí porque é que é da Furna e não das Furnas, já que nos roubaram a terra deixem-nos ficar o nome, Vilarinho da Furna... eu justifico porque é que é assim, é assim que está nos documentos oficiais, foi assim... nós criámos uma fábrica de vidros em Vilarinho...

AL: já ouvi dizer

TVf1: eu tenho aqui até a fotografia da fábrica. E então, inclusive o rei, que na altura ainda era príncipe regente, que veio a ser D. João VI, antes de ir para o Brasil assinou o alvará da fábrica de vidros de Vilarinho da Furna, e ele também lá foi, o próprio rei sabia que era Vilarinho da Furna. Quando é que vai para lá a EDP e essa coisa toda é que começa a chamar as Furnas. Só que nós temos um local lá no cimo da serra que chamamos de Furnas porque são várias covas, é mesmo no plural. Ora bem, só que a aldeia ficava numa furna, feita pela Serra Amarela e pela Serra do Gerês, e é só uma, é a Furna. E é assim... o Jorge Dias chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Torga chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Jaime Cortesão fala de Vilarinho da Furna. [...] Até a minha família às vezes já começa a chamar das Furnas, já me confundem

AL: e vocês conseguem controlar a utilização do baldio pelas outras aldeias?

TVf1: oh, eles têm mais que fazer

AL: não põem lá o gado?

TVf1: oh, algumas, mas se o deles vem para o nosso, o nosso também vai para o deles

AL: mas há vossos?

TVf1: nosso quer dizer, a gente a quem nós alugámos e pagam-nos para andar lá com o gado.

AL: Ah, ok, era aí que eu queria chegar, essas pessoas acabam por estar controladas porque é do interesse delas que a coisa esteja controlada

TVf1: sim, eles que andam lá que se arranjam com os vizinhos... nós dantes até fazíamos a... mas depois, aquilo é mais para turista, ou seja, é mais para a gente se encontrar e percorrer a nossa serra, e dar um sinal que muito pouca gente [*? Não se entende*]. Quando a gente sai de Vilarinho até que se forme a associação, aquilo estava abandonado... agora, eles sabem que aquilo está controladinho. E mais ainda, mesmo os das aldeias vizinhas, agora estão a sofrer as consequências, estou a lembrar-me de uma reunião que tivemos lá em cima em Arcos de Valdevez sobre essa história das áreas de pastagens, estava o Carlos Pinto, estava a Associação de Ponte da Barca, como é que se chama... a cooperativa de Ponte da Barca, dos baldios, e daquelas coisas todas, enfim... fazem parte do projecto

AL: sim, fazem parte da ELA, não é? Da estrutura local de apoio

TVf1: e então estávamos assim, estavam os presidentes dos CD, um bocado até coincidia com o presidente da Junta, acho que até eram ali de Curtinhos [ou Portinhos?], freguesia de Brufe, que faz confluência também com Vilarinho, esses é que normalmente nos causavam mais problemas, andavam lá sempre com os gados... e então quando a gente sai de Vilarinho eles pensam que aquilo é tudo deles. Agora até nem há problemas porque as pessoas que andavam com os gados entretanto já morreram, já estão velhos, já não têm vida. Mas vi o presidente do CD dali a queixar-se da aldeia vizinha que andavam lá no terreno dele, que ele já tinha pouco... eu ri-me cá para dentro e disse para dentro “é para saberes como custa a vida aos outros”. Mas normalmente é pacífico. Mas isso controlam-se uns aos outros

AL: mas há muitas cabeças de gado a pastar neste momento no vosso baldio? No monte...

TVf1: teoricamente, teoricamente só lá devia haver duas pessoas, era o que devia haver, que aquilo o ano passado começou muito apertado. Então tem que se dar a marca do terreno, que tem de bater certo com o numero de cabeças de gado que as pessoas têm, e cada cabeça de gado ocupa tantos hectares, portanto não pode passar aquela área e

AL: mas isso é mais para os subsídios não é?

TVf1: em teoria, em teoria... e legalmente só duas pessoas é que lá podem andar. E só pode ter determinadas cabeças de gado. Nós alugámos 50, e ao outro acho que foi 10 [cabeças de gado]

AL: mas quanto é que tem de área elegível actualmente?

TVf1: área elegível temos a volta de... não chega a 100 hectares

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MEC1

AL: ok. E conseguiram candidatar-se este ano às antigas ITI

MEC1: não. Às ITI candidatámo-nos três, mas em princípio só este que nós, o que eu tomei posse é que tem condições de elegibilidade, vamos lá ver os outros... o que é que diz o IFAP. Mas vai haver aí muitas mais candidaturas aí no novo quadro comunitário

AL: sim, mas eu não percebi, o que é que não tem elegibilidade?

MEC1: se calhar os outros não têm, porque tem a ver com encabeçamento, com o número de cabeças de gado, as ITI, tem a ver com isso

AL: ah... mas não tem a ver com áreas para limpar? Não sabia que também metia cabeças de gado aí no meio

MEC1: sim, mete o encabeçamento também

AL: agora houve recentemente um corte nas áreas elegíveis não foi?

MEC1: foi

AL: mas isso é para os produtores

MEC1: sim

AL: o corte aqui foi grande? Aqui em Castro?

MEC1: ainda foi bastante mas nós temos uma área de seis mil e tal hectares então...

AL: pois... e não há muitos produtores ou há?

MEC1: há... há bastantes

AL: mais ou menos o quê? Uma parte considerável da população

MEC1: mas o número de cabeças ou o número de produtores?

AL: de produtores... as duas coisas já agora

MEC1: não tenho aqui agora, mas da freguesia toda? Talvez 100, não sei... sei lá, não são... têm meia dúzia de ovelhas não é?

AL: pois

MEC1: e depois temos para aí uns oito ou nove, que esses não, têm 30 a 40 cabeças de vacas, só vacas. Há produtores que têm para aí 70

Castro Laboreiro:MEC2

AL: quantos produtores é que há que usam a área do baldio para subsídio?

MEC2: à volta de uns cento e qualquer coisa

AL: ai é? Tantos!

MEC2: mas que não vão ao baldio, os que vão ao baldio somos poucos, os que vão exclusivamente ao baldio somos para aí... podia dar-lhe esses números, até lhos podias dar todos certinhos, mas agora assim ainda são para aí 30 ou assim

AL: ai é?

MEC2: à volta disso

AL: mas vezeiras é que já não há

MEC2: já não

AL: mas até dava jeito não? 30 ainda dava para fazer uma boa vezeira, ou não?

MEC2: ...

AL: devem ser uns 1000 animais... não?

MEC2: 1000 animais?

AL: estou eu a dizer, imaginando que cada um tem os seus 60, não, os seus 40, mas não, não é? Nem toda a gente tem tanta cabeça de gado

MEC2: no total... no total aqui na nossa freguesia há à volta das 700 cabeças normais, sabe o que isso quer dizer?

AL: sim, depende do animal não é, se for uma vaca é uma vaca, se for uma cabra é para aí uma cabra e meia... é uma coisa assim não é?

MEC2: se forem cabras são 6 cabras e meia

AL: (RISOS) e se for uma ovelha...

MEC2: é igual, a ovelha e a cabra é igual, os pequenos ruminantes são iguais

AL: E o cavalo?

MEC2: o cavalo é que é o mesmo, o cavalo também dá uma cabeça normal

AL: isso depende do que comem ou do espaço que usam não é?

MEC2: não, isso foi definido... foi definido para, o conceito de cabeça normal antes era definido assim, tinha de ser um animal que comesse não sei quantas unidades forrageiras e que não sei quê e não sei que mais. E depois acabou-se com essa brincadeira toda e disse-se, uma cabeça normal é uma vaca que tenha mais de 2 anos, é uma cabeça normal, um cavalo com mais de 6 meses é uma cabeça normal, uma vaca que tenha entre seis meses e dois anos será 0.6 cabeça normal, uma vaca que tenha menos de seis meses será 0.4 cabeça normal, e uma ovelha com mais de um ano e uma cabra com mais de um ano é 0.15 cabeça normal. Definiu-se assim isso como escalão para efeitos de cálculo de encabeçamento e de subsídio. Decidiu-se assim agora, antes havia... com os pastores não se entendiam, usavam as coisas da maneira como

AL: [...] mas enfim, então e como é que estamos aqui em termos de jovens, há muitos há poucos?

MEC2: há quase nada

AL: eu digo jovens mas já estou aqui a incluir os novos jovens, 40's... 30's... já nem falo de crianças... foi tudo?

MEC2: a viver aqui em permanência? Eu sei lá, com menos de 50 anos haverá muito pouca gente, muitíssimo pouca

AL: estas pessoas que agora se meteram no CD têm cerca de que idades?

MEC2: trintas e tais... por aí

AL: aí sim? Bom, ao menos isso, ao menos, pronto, pode ser que os filhos se venham a fixar por aqui, por exemplo, e manter um bocado... não sei.

MEC2: é complicado viver no interior

AL: viveu sempre aqui?

MEC2: só quando estive a estudar é que não, de resto estive sempre aqui, vivi aqui em Melgaço, a minha família vive em Melgaço, a minha mulher e os meus filhos vivem em Melgaço, o meu filho agora está no Porto, o mais velho está no Porto, só tenho um em Melgaço, mas a minha mulher vive em Melgaço, eu é que vivo cá

AL: ah... eles não querem vir para aqui?

MEC2: então o que é que eles vêm cá fazer?

AL: olha para isto... isto é tão bonito, bom Melgaço também é bonito

MEC2: o meu filho é médico, está em medicina, e a outra está em electrotecnia e computação

AL: (RISOS) ok, essa talvez não vá encontrar muito para fazer por aqui, mas ele podia, também há doentes aqui. Pois... vai-se tudo embora. Pois, eu não sei... o que é que será feito disto sem...

MEC2: isto daqui a dez anos provavelmente não sei como será

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: pois... então e digam-me só, na vossa perspectiva qual é a importância do baldio actualmente para as comunidades locais?

MeL1: nós vivíamos dos baldios quando tínhamos rebanhos, agora desde que houve a emigração os rebanhos cansaram. Como agora há subsídios para aí com fatura há meia dúzia deles que têm muitos gados por aí

AL: aumentou o gado desde que há subsídios?

MeL1: é, mas menos pessoas, menos...

Z: anda a morrer de fome

MeL1: é, o gado anda a morrer de fome por aí

AL: o gado anda a morrer de fome?

MeL1: anda

Z: eles querem é subsídios

MeL1: andam por aí, não há muita fartura não

MeL2: há produtores que têm muitos animais, há produtores que têm aí 100 vacas ou cento e tais e... não é o nosso caso, nós na nossa freguesia não quisemos saber nada dessas coisas

MeL1: há um só, o Oliveira

MeL2: oh, mas

AL: e só há um produtor em Lamas de Mouro?

MeL2: oh mas é uma pequenina coisa, 2 ou 3 vacas, isso não é nada à beira dos outros. E então dai da parte da Peneda, Soajo, Gavieira, temos aqui um senhor também que não é daqui da freguesia que é daí de São Gregório, ouviste falar de São Gregório? Era a fronteira antiga, foi da emigração para a França. E então tem isto comido, cheio de animais e destroem isso tudo

AL: ai é? No vosso baldio?

MeL2: no nosso baldio e não há quem os tire daqui para fora

MeL1: ontem tirei eu de um campo meu 20... 20 vacas

MeL2: olhe, de um campo dele, de uma propriedade privada

AL: e não sabe de quem são

MeL1: ah, claro que sei, mas não há quem as apanhe

MeL2: sabemos mas

AL: isso não gera conflitos entre

MeL2: não, às vezes a gente avisa, dá-lhe um recado, avisa, mas eles não fazem caso, dali a 8 dias voltam ao mesmo... é assim a vida

AL: então o gado das aldeias em volta tem vindo para o baldio de Lamas de Mouro? E Lamas de Mouro não tem gado, tem só um senhor

MeL2: tem só um senhor que tem duas ou três vacas

MeL1: e tem meia dúzia de ovelhas, eu posso saber quantas tem porque fizemos a

MeL2: mas é pouca coisa

AL: fizeram a... para pedir o subsídio?

MeL1: é

AL: é a primeira vez que estou num baldio que tem só um produtor

MeL2: a gente daqui não está aqui

MeL1: os novos não estão cá, só estamos os cansados

AL: que já estiveram fora também

MeL2: sim, todos

MeL1: 50 anos e uma semana. Canadá... e tive um ano na Alemanha. Mas fui daqui o dia 29 de abril de 1963 até 7 de março de 2013, 50 anos e uma semana

AL: está acabadinho de chegar praticamente

MeL1: estou cá há 2 anos. Fez 2 anos e meio

AL: e o senhor também foi para fora?

MeL2: também, fui França e Canadá

AL: também para o Canadá. Aonde?

MeL2: Mont Real

MeL1: em Mont Real nós íamos trabalhar lá em cima

AL: fazer o quê?

MeL2: para a montanha. Eram grandes barragens, barragens para electricidade

AL: trabalhavam na construção?

MeL2: é, construção

MeL1: a 416 pés debaixo da terra, sabe quanto é que faz? 137 metros

MeL2: trabalho muito duro

MeL1: nós somos homens da serra, somos homens do diabo

MeL2: a gente daqui foi toda emigrante

MeL1: é, e é, continuam a ser. Só estamos cá os velhotes

AL: quantas pessoas vivem cá?

MeL1: 60 e tal. Estivemos a contar aqui a outra noite, são 60 e tal

MeL2: e contaste de Alcobaça?

MeL1: não, não, só daqui da

MeL2: [vai nomeando cada pessoa que lá vive... “ a minha sogra, um, ...”] 21

MeL1: esta é uma aldeia que é anexa a Lamas, não é de Lamas, é de outro lugar

[conta a historia de como o presidente da Câmara Municipal de Alcobaça lá de baixo veio por a placa do nome da aldeia nesta Alcobaça]

AL: então não há jovens a viver cá?

MeL2: há jovens mas está tudo fora, estão para baixo, Lisboa, Porto, Algarve, andam a trabalhar para aí para baixo

MeL1: cismaram de dizer que isto que não era bonito

AL: bonito não podem dizer que não é

MeL1: pois, mas é, não há hipóteses. Trabalho não há, o que é que gente vai fazer?

MeL2: é como se fossem para França, ou emigrar para outro lado qualquer

AL: e como é que vocês veem o futuro aqui desta zona?

MeL1: o futuro agora vem de fora... as reformas

AL: ah, mas eu digo o futuro mesmo da comunidade

MeL1: como é que o vemos? Cada vez mais fraquinho. Há uma aldeia aqui em castro laboreiro, eu nunca pensei, é incrível, tem para aí 10 ou 12 casas em ruínas pa!

MeL2: ninguém quer saber disso

MeL1: e aqui já vamos a caminho, já há umas 3 ou 4 em ruínas. Faleceram os velhos, os novos estão noutra sítio não querem saber, abandonam, não querem saber

AL: e os vossos novos, da vossa família, não têm vontade de voltar?

MeL1: é uma grande dúvida que temos, falta saber. Quando a gente faltar.... Enquanto estamos cá eles vêm cá uma vez por ano como nós fizemos

AL: ah, não estão cá?

MeL1: não.

MeL2: por exemplo, o caso dele, tem 2 filhos, têm a vida formada lá [em França] estão lá, têm a vida formada lá, têm casas, têm tudo lá, os netos já nasceram lá, já têm lá raízes

MeL1: tenho um neto com 21 anos que já nasceu lá... nunca mais, nunca mais. Podem vir aqui 2 a 3 semanitas, alguns chegam cá e ao fim de uma semana "c'est pas beau" [RISOS]

[fala-se da cidade e do campo, do que cada um oferece e de como quem está habituado a uma e gosta tem dificuldade em adaptar-se a outra]

MeL1: venha cá no inverno e depois diga, vai ser se gosta tanto como gosta hoje

AL: eu não me dou nada bem com o inverno, seja onde for

MeL1: então já não gostava disto, o inverno aqui é... parece o fim do mundo. Começa a chover e chove 6 meses sem parar, quase sem parar

MeL2: e caem boas nevadas aqui também

Utilizadores de fora autorizados por omissão

Covelães: MCov1

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1: quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1: uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1: contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1: não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1: foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às ? eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1: natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar... ainda por cima com os de Travassos que depois querem vir pastar para ali, este ano estiveram lá de noite, queimaram aquilo tudo, a parte lá de cima da serra, limpavam aquilo tudo com o lume

AL: mas a zona de carvalhal?

MCov1: o carvalhal também... tudo!

AL: do vosso? De Covelães?

MCov1: sim, sim, porque eles vêm passar para o nosso

AL: mas quem é que queimou?

MCov1: os de Travassos... e os de Pitões... se não foram são os de Travassos são os de Pitões, eles são da mesma família, são genros, ou sogros ou genros e depois chegam fogo para irem lá pastar

AL: mas não queimou as árvores ou queimou?

MCov1: algumas queimaram

AL: então vocês ficaram chateados ou não?

MCov1: ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! Mas isto é... é uma malandragem do carambas! Por causa do gado! O Senhor Duro arranjou... ele estava na França, veio para aí, o tio é que lhe deu a mão...

AL: quem, quem? Desculpe?

MCov1: o Duro, de Travassos... e arranjou 70 ou 80 vacas, meteu agora para aí 80 ou uma coisa assim, têm-nas na corte e depois agora bota-as para o nosso monte... e depois queima o monte. Vai buscar um subsídio com a sombra (?), com as vacas, apanha o monte tinha cento e não sei quantos hectares de monte baldio, ia buscar uma fortuna, só ele do coiso tirava para cima de 20000, mais que 20000, para aí 80000 de subsídio lá de... do ITI, lá do monte e das vacas e coiso... tira uma fortuna... mas agora lixou-se, agora já não tem tanto terreno... agora as vacas andam no nosso, pois... se lá for agora elas andam elas lá em cima todas...

AL: e vocês não dizem nada?

MCov1: não... agora já não dizemos nada. Elas ficam lá... porque eles agora chegaram-lhe fogo e agora a erva vem e as vacas não saem de lá, nem os cavalos

AL: as deles...

MCov1: as deles, não saem de lá... e as de Pitões. Pitões vão para a zona do monte nosso até que chegam ao de Travassos. E os de Travassos chegam ao de Pitões. Mas para o de Pitões não passam, só andam é no nosso

AL: então mas se isso é contra a vossa vontade vocês não dizem nada?

MCov1: chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

AL: não, mas falar com eles directamente

MCov1: ah, isso dá para alguma coisa? Não querem saber... nada

AL: mas portanto, assim quando as vossas vacas forem já não há erva, ou há menos erva...

MCov1: sim, as nossas vacas agora de verão vão... algumas. Mas depois lá andam todas juntas

AL: com as deles?

MCov1: pois. Depois de inverno as nossas andam ca em baixo e as deles andam no nosso monte... em cima. De inverno o baldio de Pitões que fica perto do nosso monte, da nossa área, e eles vêm para o nosso... andam lá, quando os dias estão bons, quando não há neve, passam aquilo tudo, metem-se com o gado pelo monte

AL: e vocês não conseguem regradar isso?

MCov1: para quê? Não vale a pena... para quê? Chatear-nos e ao fim vamos para tribunal e ainda ficamos mal... deixam as vacas sozinhas... porque tem um sítio ali de Pitões que aquilo é tudo... deitam-nas sozinhas... as vacas fugiram para lá. Andavam para ali com elas, e se for preciso anda lá pessoal com elas e diz que fugiram... se fugiram não pagam nada. Por isso não vale a pena meter-nos com eles

AL: e há mais alguém a usar o baldio sem autorização?

MCov1: não, Travassos, Tourém também vêm

AL: e em outro tipo de usos que não sejam o gado como empresas de turismo que trazem aqui pessoas para fazer percursos pedestres ou assim... não há nada disso? Que usem o baldio sem vos dizer nada...

MCov1: turismo aqui há muito turismo, Covelães também passam aqui, passam aqui no povo, e depois vão por aí fora pelo nosso monte, e depois vão ali até Paredes, vão ali para ... Outeiro. Outeiro, vão a Outeiro mas vão a Fiães

AL: e essas pessoas sabem que isto é baldio, que não é público ou...

MCov1: sabem, sabem

AL: e vêm com empresas ou vêm sozinhas...?

MCov1: vêm passear

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MCov1: não. No outro dia passaram aqui uns cavalos, estava aqui um ? “xii, tanto cavalo!”. Disse “então, vieram aqui montar?”. Então ele disse “ é que aqui não se vê nenhum sinal” o sinal do turismo, é ali atrás, disse-lhe eu, é ali atrás, tem de subir ali acima, lá para cima para a serra, “vamos embora então...” e lá foram.

AL: mas devem pensar que toda a gente pode ali entrar... e podem pelos vistos

MCov1: podem, podem, podem

AL: vocês não vos faz confusão nenhuma que as pessoas entrem no vosso baldio e que...

MCov1: não, não. Nem se cobra nada... que há muitos lá para baixo para o Gerês é que cobram, cobram um x a cada um. Mas aqui não se cobra nada...

AL: mas o quê? Nos baldios ou no Parque?

MCov1: nos baldios... parque, os baldios são parque também...

AL: mas quem é que cobra, sabe?

MCov1: lá há guardas a cobrar

AL: ah, é pessoal do parque que cobra...

MCov1: aqui não... aqui passam, entram quando querem.

MCov1: ah, Pitões é bom, Pitões é terra de turismo

AL: ai é? Conheço o nome mas nunca lá fui...

MCov1: então, ali é tudo turismo [fala-se das moscas que são chatas]. Hoje já deve ter lá muita gente e até carreiras, carreiras, muita gente, carros, carros, motos, às vezes, um dia eram para aí 300 motos... foram ao mosteiro... foram ver o mosteiro, foram à cascata, nem cabiam lá em baixo

[fala-se da cascata e discute-se se será a mesma de Pitões e a sua possível localização. As cascatas de Barrondas, que são da zona de Covelães e de Travassos...]

As de Barrondas já são aqui de Covelães... são de Covelães e de Travassos. Elas eram de Covelães... mas agora os de Covelães deram algumas propriedades aos de Travassos e agora eles tomaram conta das Barrondas

AL: mas tomaram conta como?

MCov1: puseram lá o coiso e não se importaram... tenho lá uma propriedade ao pé, tenho lá um carvalhal. Mesmo ao pé daquilo, é junto ao...

Fafião: MF1

AL: Esses caminheiros, eles usam o baldio sem qualquer tipo de conhecimento... as pessoas não fazem ideia se se encontram numa área de baldio, se estão em terra ou floresta pública... não é?

MF1: Eu... quer dizer, grande parte deles acho que vai falando com as pessoas e vai sendo informada que está em terreno de uma aldeia, em terreno baldio. Quem vem aqui algumas vezes fala com as pessoas fica logo a saber. Mas isso também não é importante. Importante é que normalmente essas pessoas vêm e não deixam lixo, não fazem nada de mal, vêm e não perturbam nada, dão o passeio deles, ficam contentes e voltam a ir embora

AL: e nunca houve assim uma associação ou uma empresa que traz para aqui pessoal para caminhar ou a fazer uma actividade qualquer no baldio sem vos dizer nada?

MF1: não. Houve quem fizesse isso e houve quem fizesse o contrário. Tivemos aí uma empresa que era... agora não me estou a lembrar o nome. Estiveram [*? Não se entende*] aí até num edificíozinho ali que utilizamos para a festa, onde fazemos lá uma tasca para a festa, uma barraquinha de bebida. No inverno não fazia falta para nada e então alugava-se para eles meterem lá o material

AL: à tal empresa?

MF1: sim, sim. Pronto depois vê-se aí alguns a passar de uma serie de empresas que nem nos dizem nada, se calhar [*? Não se entende*] o nosso caminho, mas nós também não podemos andar atrás de toda a gente

Outeiro: M01

AL: pois, muito bem... olhe, aqui há alguns conflitos quando por exemplo... não, aqui não deve haver, vocês fazem fronteira com Cela e Sirvozelo e com Parada, mas depois também fazem com Pitões...

M01: com Pitões... mas não, não, não

AL: não há conflitos de utilização...

M01: não, não, não... os animais passarem dos limites uns dos outros foi toda a vida assim... eles vêm para o nosso, os nossos vão para o deles... é serra

AL: claro. E há alguns outros tipos de usos, tipo desportivo, recreativo, pessoal que anda para aí a fazer... sei lá, a aproveitar a serra para fazer desporto ou para fazer...

M01: não, aqui só bicicletas, motas, vem por aí várias vezes gente, vem

AL: e vocês não vos faz confusão que andem por aí no baldio

M01: não! Não faz... então a gente vai a serra gosta de ver... turistas acampados, e por aí, tem vários rios de água aí... este rio, que chamam-lhe Rio de Riodola, que vai aos Carris, tem peixe até lá à coroa, àquela serra, peixes naturais...

AL: vocês não pescam?

M01: há quem pesque por aí, eu não, eu não tenho vagar

AL: vocês não são muito do peixe pois não?

MO1: não. A gente tem vagar é para andar nesta vida né... mas há muito peixe, há truta, carpa, há boga, há escalo, anda aí agora, aos sábados e aos domingos, aí em volta da barragem está tudo cheio

AL: este é o Cávado?

MO1: é a barragem

AL: do Cávado?

MO1: é! O Cávado é este rio que passa por... não sei se você, você veio de Montalegre não foi?

AL: vim de Penedones, sim, da zona de Montalegre

MO1: mas esta estrada que vai daqui vai ter à estrada de Braga

AL: ah, à nacional... sim, sim, sim

MO1: vai aqui a Paradela, Ponteira, depois tem aqui outra estrada por estes povos abaixo que vai ter ao Gerês, vai à Ermida, Fafião, para o Gerês, tem estrada por estes povos abaixo.

Paredes do Rio: MP1

AL: não está mal... por acaso achei a aldeia bem organizada, com bom aspecto... uma pessoa chega lá e sente-se bem

MP1: tem lá coisas bonitas

AL: tem, então não tem... e a associação...

MP1: de vez em quando vêm assim umas excursões de turismo. E depois é lá o presidente da associação... mas marcam, fazem uma visita guiada

AL: ai é?

MP1: é

AL: que giro. Quem é o presidente da associação?

MP1: é um rapaz que mora lá à beira da igreja, foi ele ou o pai que lhe responderam à carta

AL: ai é? É que eles assinaram em seu nome então não sei...

AL: ... a associação, pois, eu acho que isso dá... não sei, eu faço parte de algumas associações e isso é... acredito que seja bom para a aldeia não? Ter assim uma associação que dinamiza...

MP1: ai, claro que é, se não fosse assim acabava tudo

AL: pois... e há a ideia de que é bom preservar não é? As tradições e... qual é que você acha que é o futuro destas regiões? Em termos de actividades e de... sobrevivência, digamos...

MP1: é acabar tudo...

AL: mas assim, o pensamento mais positivo para o futuro baseia-se em quê? É no turismo... é na produção do gado, é na agricultura... onde é que você pode ver aí alguma esperança, vá...

MP1: talvez no turismo

Pincães: MPin1

AL: estava-lhe a perguntar, aqueles usos lúdicos e desportivos do baldio, a vocês não vos confrange?

MPin1: não! Eles pedem autorização...

AL: eles pedem autorização normalmente?

MPin1: pedem autorização

AL: e também não lhes cobram nada?

MPin1: não! Oh, ainda lhes limpamos os trilhos para eles passarem.

AL: E por exemplo virem a taxar esses usos desportivos e lúdicos cabe-vos na cabeça?

MPin1: ora bem, o organizador foi o Carlos Sá... ele é que foi o organizador e parece que pagaram [*? Não se entende*] aquilo só era para pagar as despesas, as deslocações, acontece que o objectivo nem seria [fazer lucro], era mais a pessoa vem, gosta, vê e depois vem cá passar férias, o nosso objectivo é esse

Sezelhe: MS1

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma que o pessoal entre assim no baldio sem pedir autorização?

MS1: não, não, quanto a isso nós não proibimos, não proibimos. Só às vezes temos um bocadinho de coiso mas é que há muito pessoal que agarra nas moto4 e nas motas e metem-se aí pelos caminhos acima e às vezes andam para aí a fazer buracos, de resto não... há trilhos para isso, há trilhos marcados para essas coisas. Mas agora até queríamos fazer aí um, uns projectos, queríamos fazer aí um, como é que aquilo se chama, coiso para bicicletas...

AL: ah, de BTT?

MS1: isso, de BTT, de bicicletas, temos, até fomos ver ali, porque nós temos ali umas casas... nós fizemos aqui uma associação, em Sezelhe, temos uma associação, e depois temos ali uma casa que é, era a residência paroquial, só que nós depois... aquilo estava tudo em baixo e então sugerimos com o pároco, "opa, então ou vocês poem aquilo em cima ou então nós fazemos uma sugestão, nós fazemos uma... havia ali umas casas que estavam todas em baixo ao pé da igreja e então nós fazemos um quarto e um salão para o padre lá ficar e vos cedei-nos a coisa... porque a casa faz 120 m2 e tem de logradouro cerca de 150 m2 e então nós fomos ali a, ali para o lado de Tourem, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos isso, para fazermos uma parceria com Espanha e nós aqui nesta coisa. Só que

estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê...por acaso nós já tivemos com os agentes da ADRAT³⁹

AL: a ADRAT é o quê?

MS1: a ADRAT é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas. Nós ainda agora vínhamos do lado de Boticas, há pessoas que depois não cumprem com os projectos que pedem... nós chegamos lá... depois era uma porta de madeira está lá uma porta de ferro, eram estas coisas ali e depois estão lá outras. E depois chegamos a um ponto em que temos de parar com estas coisas e depois há pessoas que já têm que repor dinheiro, há ali uma pessoa ali do lado de Boticas que tem de repor, de devolver 150 mil euros. Depois dizem que é para isto, não é! Depois dizem que metem 4 ou 5 empregados, chega-se lá não há lá nenhum. E agora da maneira que isto está temos de (...) por agora não há, agora pode haver se houver uma parceria com câmaras ou... agora estamos a ver se conseguimos arranjar uma parceria com a câmara e nós a ver se conseguimos fazer esse coiso, nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve “As Carrilheiras do Rio”.

AL: isso é o quê?

MS1: é um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui

AL: quem é que organiza?

MS1: é a NaturBarroso

AL: isso é...

MS1: não conhece? É o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso

AL: então e eles fazem os passeios deles dentro do baldio?

MS1: fazem!

AL: e não falam com vocês?

MS1: falam... nós até mesmo a Junta, que eu agora actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 euro, mandas vir o que quiseres e depois nós... o pessoal que passar

AL: ok, mas a associação ganha dinheiro com estes passeios

MS1: ganha dinheiro mas também têm muito gasto, são comidas, dão de comer, dão... ali em baixo na barragem estiveram lá todo o dia a assar carne e... também tem os seus gastos

³⁹ Associação de desenvolvimento da região do Alto Tâmega – grupo de acção local. Sedeada em Chaves

AL: então o baldio não acha que deve cobrar pelos passeios...

MS1: ora bem, há coisas que muitas das vezes nós, costumava-se dizer “na nossa terra é bem-vindo quem passe”

AL: “quem vier por bem”

MS1: quem vier por bem, nós chegamos nos Reis, nós fazemos os Reis. Estão às vezes cento e tal pessoas ali de volta do coiso sem coiso...

AL: o que é que é os Reis?

MS1: não sabe o que é os Reis?

AL: é o Natal?

MS1: é no Janeiro

AL: ah, o dia de Reis... e o que é que vocês fazem?

MS1: nós aqui fazemos um convívio, até fazemos quase duas vezes por ano, um convívio para toda a gente, matamos um porco, curamos, fazemos as chouriças, com o pessoal todo, depois no dia de Reis vamos comer, as orelheiras, é a orelha do porco, os pés, depois mais algum que não coiso, depois junta-se a aldeia toda, o pessoal todo e pessoas que vêm, convidamos pessoas também de fora, e somos às cento e tal pessoas...

AL: e as pessoas pagam um x...

MS1: não pagam nada! Por isso é que nós estamos a acabar de dizer. É um convívio e depois essas pessoas, que vêm ca várias vezes durante o ano, porque essas pessoas vêm ca várias vezes durante o ano, depois nós ao fim dizemos “olha, no dia de Reis ou tal dia nós vamos aí fazer um coiso, passai por aí”. E é assim, depois juntamos a população, juntamos as pessoas, emigrantes que às vezes vêm de fora que vêm ca passar o natal...

AL: ah, não são pessoas que vocês não conhecem de lado nenhum...

MS1: não, podem vir pessoas... por exemplo uma pessoa chega ali, passou ali, fosse ou não fosse, opa nós convidamos. Ainda na festa de Natal, esteve aí o, como é que ele se chama, um famoso aqui de Portugal... esteve aí e já está, e para o ano volta aí, e já reservou a casa entre palheiros só para vir a esta festa

AL: ah pois, essas pessoas sabem o que é que é bom

MS1: é bom é, a carne dos chouriços, a carne tudo coiso... essas pessoas viram a primeira vez e já para o ano já reservou a casa entre palheiros, para vir aí ao... diz que os filhos que adoraram isto e que...

AL: e essa associação como é que se chama? A vossa associação...

MS1: chama-se associação... chamam-lhe a ACURAS, é a associação para a reabilitação da aldeia de Sezelhe...

AL: então devia ser ARAS...

MS1: pois, ainda estamos a construir ainda agora a casa

AL: então está mesmo a começar a associação

MS1: a associação já tem 4 anos, 3 anos... nós tínhamos uma... havia um boi do povo, que era aquele animal, portanto hoje as vacas para terem, para fazerem criação, são examinadas e levam aquela injeção... mas antigamente não, era mesmo o boi do povo que cobria as vacas

AL: era o felizardo! (RISOS)

MS1: era o felizardo! Mas depois como deixou de haver menos gado, e depois quem tem muito gado começou também a criar um boi... e nós ao pé das casas, dessas casas, desses palheiros, tínhamos uma casa que fazia... que estava junta, encostada com a casa do boi do povo, chamam-lhe a casa do boi do povo, e ainda hoje lá está "a casa do boi do povo". E então "se não cedeis aquilo...". "Epa, só se comprares uma casa mais ou menos do valor dessa e nós trocamos

AL: mas o que ele queria era a casa ou era o boi?

MS1: era a casa, o boi já não existe, há muito tempo! O boi já não existe, ele queria a casa, a casa, que era a corte, o curral do boi do povo. "Se nos arranjares uma casa mais ou menos equilibrada". "Nós temos pa...". Comprou uma casa agora ali, onde agora fizemos a associação, era uma casa velha e agora nós renovamo-la toda e acabou-se agora a cozinha, ainda está por terminar. Mas a associação já existia só que não tínhamos um local próprio, era para fazermos a tal casa do, na corte do boi, a associação. Mas como tava lá o João do coiso que depois nos arranjou uma lá, tanto faz fazer ali como fazermos aqui, e então arranjámos uma casa e estamos a acabar... acabou-se e estamos a mobilá-la e de resto está pronta para podermos lá fazer os convívios, juntarmo-nos, e vamos lá montar um cafezinho por baixo, no coiso, temos um salão por cima e ...

AL: quantas pessoas são na associação?

MS1: na associação somos, praticamente a aldeia faz parte toda, somos mais de cento e tal pessoas associados

AL: então mas há bocado disse-me que eram menos pessoas na aldeia ou não?

MS1: então, mas é toda a gente que está fora também... sócios é sócios!

AL: ah, ok

MS1: sócios... por exemplo, há pessoas que estão em França, ou estão na América ou estão noutro lado, mas fazem parte dela porque se associaram, isto é como seja um socio do Porto ou do Benfica, ou doutra...

AL: e qualquer pessoa pode ser sócia?

MS1: pode, quem quiser

AL: qual é a quota?

MS1: é 5 euros por ano

AL: pode ser que ainda arranjem aqui uma socia (RISOS). Mas essa associação tem papeis já? Já está tudo certinho?

MS1: está, está tudo legal, tudo legal

AL: e o que é que vocês têm organizado?

MS1: não, então, o que organizamos são as tais coisas que nós estamos a organizar. Nós temos, nós fazemos a ceia de Natal, fazemos os Reis, quando é no fim de Julho ou de Agosto, fazemos ali no centro da aldeia onde você tem o carro, fazemos ali um convívio para os emigrantes e... para organizar, para juntarmos as pessoas, e mesmo para as pessoas que vêm de fora sentirem que a aldeia ainda está ali e mostrar o que era antigamente.

AL: E o dinheiro que conseguirem com isso depois investem outra vez em outras actividades, ou querem investir na própria aldeia?

MS1: não, nós investimos nas necessidades que forem mais...

AL: E mesmo isso das BTT's já é uma boa coisa, vai trazer dinheiro...

MS1: vai trazer dinheiro! Mas isso são diferentes coisas do coiso, porque esse dinheiro praticamente, se for para o projecto vamos rever esse dinheiro. Porque nós metemos pela associação, metemos um projecto, opa, deu-nos, deram-nos... acho que foi 40 e tal % do investimento...

AL: qual foi o projecto?

MS1: para arranjarmos a casa da associação. Era uma casa antiga, metemos um projecto, a associação meteu um projecto para a recuperação da casa antiga, foi apresentado, o projecto deu-nos, conseguiram-nos o projecto e depois deram-nos... gastámos 60 e tal mil euros deram-nos 42 mil euros. É por isso que nós... agora se nos disser "vamos por o dinheiro do que pomos ao lado do...", não, isso não dá

AL: pois. E a ideia disso das BTT era também que as pessoas investissem, que quem usasse pagasse qualquer coisa...

MS1: exactamente. Porque depois estão ali as casas, porque depois... eles, depois é preciso lá por as bicicletas, é preciso lá por águas quentes, é preciso... eles tinham que pagar. Tinham para cada pessoa, simbólico sim, mas tinham de dar alguma...

AL: pois, já era uma entrada de dinheiro no baldio, no baldio não, na aldeia, pois, porque isso é da associação...

MS1: é da associação mas a associação é.... O dinheiro que nós temos é de tudo. Onde fizer falta é para onde o dinheiro vai, é... se fizer falta nos baldios vai para os baldios. Se calhar estes 15000 euros, nós... desde que faço parte do CD dos baldios... se calhar tinha meio milhão de euros. Mas se não fosse as limpezas, se fosse fazer plantações ou que fosse, isto

não podia estar feito e para nos dar temos de fazer estas limpezas, que é assim. Agora ainda pior com este corte que nos vão dar. Se nos cortarem 50% do coiso ainda pior. Nós recebíamos uma média de 18 mil euros por ano, eu gastei 15 mil aqui, sobram 3 mil. Tenho de dar destes 3000, no outro dia dei 2500 euros para os sapadores... sobram-me 500 euros. É isso... muitas das vezes as contas tem que se... agora se no lugar de receber 18, se me dessem 36, já tinha uma margem de 15 ou 20 euros de lado... mas assim não, assim a nossa gestão tem de ser feita desta maneira, temos de andar muitas vezes aí anos e anos se calhar a recuperar 100 ou 200 euros ou 500 euros para por de lado para um dia pormos noutro sitio que nos faz falta. O que é que nós vamos fazer com 500 ou 600 euros, ou mesmo 1000 euros, para fazermos uma plantação... tínhamos de andar anos a anos a recuperar esses 500 ou mil euros para fazermos a plantação. Eu fiz um projecto, que até foi a Lúcia, um projecto, olhe, só me davam, só me subsidiavam em 20%, os 80% tinha de os pagar eu. E ao fim eles vinham buscar, eu levava 60 e eles vinham buscar 40%. Isso não! Eu sou daquelas pessoas que também não boto milho a pitos, como se costuma dizer, têm de crescer para ir para a panela... não, isto não pode ser assim

AL: por acaso agora ate estou com curiosidade de ir ver bem a Lei, porque eu tenho a ideia que quando vocês investem o Estado não pode tirar tanto. Mas se calhar estou errada

MS1: mas a Lei que existia e que ainda existe é essa. Eu hoje, mesmo se quiser, se houver um corte de pinheiros eles só nos dão 60%, os 40 levam-no eles. Portanto, isto também todos os anos muda uma lei...

MS1: no tempo da caça venho por aqui acima... só que agora o parque, nós caçávamos por aqui, proibiu-nos esta parte toda, estes carvalhais todos, por aí abaixo, tem aqui uma zona de perdiz, javalis e o caraças e agora... quando foi este novo regulamento, como é que eles chamavam... que saiu aqui há meia dúzia de anos...

AL: sobre a caça?

MS1: Não, sobre o terreno todo

AL: ah, o plano de ordenamento do parque?

MS1: exactamente!

AL: deixaram de poder caçar?

MS1: (...) isto foi metido no plano de ordenamento do parque... agora não podemos caçar

AL: mas podem de certas maneiras não é? Tipo, como é que se chama...

MS1: nem batidas!

AL: batidas, era isso que eu queria dizer... há aqui alguma associação de caça dentro do baldio

MS1: temos nós aí... Sezelhe e Travassos, temos uma associação de caça

AL: ah, são vocês mesmos que fazem parte da associação

MS1: exactamente

AL: e caçam nos baldios?

MS1: sim, caçamos nos baldios

AL: e depois dividem... imagine que fazem muita caça...

MS1: não! Isto é assim

AL: desculpe interromper, está aí um marco não é?

MS1: isto é um marco militar...

AL: ah... para que é que serve?

MS1: aquilo eram pontos de referências...

AL: é tipo a cota?

MS1: é tipo a cota e tipo referencias... por exemplo eles estão ali, se plantar qualquer coisa tem uma visagem alargada para todo o ...

AL: ah, ok. Mas interrompi-o...

MS1: isto aqui também ainda pertence-nos a nós, isto aqui... está a ver mais gado acola em baixo...

AL: ah, sim, sim, sim. E agora também fica ali até ao final do...

MS1: fica, agora praticamente fica aí até ao final do ano... e então, portanto, a caça é assim... nós é por grupos, por exemplo, eu caço mais um colega, e posso dividir mais um colega, só que o fim da caça havia... havia uma altura que... não sei agora como é que se vai passar... havia uma batida, que nos chamávamos a batida do javali. E essa batida, que juntava... os caçadores faziam parte da associativa, vínhamos por aí acima a fazer a batida ao javali... fazíamos a merenda, dávamos uma volta de manhã, chegávamos ali em baixo, até estava lá uma placa... onde eu disse que aquele terreno era meu... deixávamos ali os carros e os *jeeps*, quando viéssemos acendíamos ali o lume, fazíamos ali uma churrascada...

AL: ui, o parque! Tudo contra o que eles querem (RISOS)

MS1: os javalis que matávamos, portanto depois fazíamos entre as duas aldeias, e os caçadores, fazíamos uma festa, cozinávamos e juntávamos a gente toda e comíamos tudo em conjunto...

MS1: quer ali ao marco... não?

AL: vale a pena?

MS1: é mais a vista...

MS1: é só mais a vista... nós temos aqui outro marco

AL: esse já é diferente, é entre Espanha e Portugal, não...

MS1: é, mas este marco puseram-no aí que está... está fora do sitio... por acaso está... que esses marcos foram postos há dois anos por militares, pelo exército. Que eu ainda ali para cima fizemos... ali na fábrica, mandaram-me lá fazer uns. Só que eles, estes puseram-nos fora do sítio... porque passa acolá, vê acolá outro...

AL: então, mas puseram-nos como se fossem aqueles...

MS1: mas esse puseram-no lá na carta que eles traziam, puseram lá no, puseram-no mal... porque o território português vai até ali, onde está aquele coiso... está acolá outro marco à frente. Para lá para baixo é Espanha, para aqui...donde estão aqueles, os galegos chamam-lhes o corta-fogo, aquela limpeza acolá... por ali afora, para lá é Espanha, para aqui é Portugal... onde estão aquelas eólicas já pertence aqui a Montalegre, é Sabuzedo, é a aldeia de Sabuzedo... aqui o nosso baldio acaba aqui em baixo

AL: e o marco faz parte do vosso baldio. A vista de lá é brutal ou...

MS1: é, é

AL: se calhar devia ter ido, mas pronto...

MS1: ah, mas nós voltamos para cima...

AL: ah, então pronto. E já foi ao parque do outro lado de Espanha... continua o parque lá não é?

MS1: não, o parque não. Há lá um sítio qualquer, mas o parque continua mais ali para os lados ali, debaixo do Gerês... como é que eles chamam...

AL: Xerez não?

MS1: sim, ponte de lima... ali é que continua para a Galiza...

AL: *he lá*, o que é aquilo, é uma águia?

MS1: aquilo é um falcão...

AL: então pronto, antes faziam isso na caça... e agora, como é que dividem, ou não dividem?

MS1: não, agora é assim... agora cortaram-nos as batidas de salto mas fazemos aí batidas normais. O que matamos depois... os animais que se abatem... são leiloados e depois aquilo reverte a favor das associativas, para nós termos... nós temos de pagar... o nosso limite chega aqui a este caminho. Depois é já daqui de Mourilhe. Pertence a Montalegre mas é outra aldeia

AL: e tem baldio

MS1: tem

AL: ah, mas está fora do Parque...

MS1: está fora do Parque... não, mas agora está dentro do parque porque agora alargou... porque este, Mourilhe, e aqui à frente Sabuzedo e alargaram isto até à fronteira, o Parque... do rio Cávado, porque o rio Cávado passa acolá em Montalegre ali pelo lado daquela encosta, daquela aldeia que está acolá. E tudo o que está do rio Cávado para cá é, pertence ao Parque... incluíram isto no Parque

AL: isso é que eu não sabia...

MS1: e isto pertence... cada aldeia tem o seu CD

AL: então agora já fazem parte do Parque, pronto...

MS1: ⁴⁰...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: por exemplo, outras coisas que antes se faziam, recolha de matos, de madeira, apicultura, pesca, caça, esse tipo de usos fazem-se ainda hoje em dia?

ACm1: faz-se mas não são taxados, a caça não é taxada por exemplo, a caça... claro que os caçadores pagam a licença à freguesia, pagam uma licença à Junta... pagam uma licença pelos cães de caça, é o que pagam, mas não há uma exploração propriamente... há uma reserva de caça mas a freguesia o único benefício que tira da caça é as licenças dos canídeos

AL: pois, e vai mesmo para a Junta não é? Os compartes acabam por não tirar, benefício directo

ACm1: vai para a Junta. Porque isso transitou das Câmaras para as freguesias, a licença dos canídeos, o valor relativo à licença dos canídeos

Gavieira: AGav1

AL: e há outros utilizadores do baldio, tipo turistas ou associativas de caça, de pesca, do que for...

AGav1: sim, aqui também há um clube de caça e pesca

AL: eles não pagam nada ao baldio? Para utilizar a área...

AGav1: não... a associativa de caça e pesca não, e também há muitas por aí que fazem trilhos e que andam aí constantemente e que também não pagam nada. Nunca optámos por isso, repara, eles têm uma forma que repara que os baldios também ganham por isso, e acho que se calhar afastávamos as pessoas, estás a perceber

AL: pois, e gostam de tê-las...

⁴⁰ Na verdade o que aconteceu foi a delimitação da Rede Natura 2000, que de facto abrange o PNPG e também aquelas aldeias e baldios de Montalegre.

AGav1: alguém está a ganhar dinheiro, alguém está a ganhar dinheiro, mas prontos, nunca cobrámos nada a ninguém. O baldio nunca cobrou nada a ninguém, mantemos tudo limpinho, tudo o que é trilhos, tudo, e sei que andam aí pessoas a ganhar dinheiro, prontos, a fazer aí os guias, mas aqui o baldio

AL: e para vocês é bom que haja turistas e haja pessoas aí

AGav1: isto aqui, mesmo quando há neve no inverno, isto tem sempre gente todo o ano, mas 30-40 e 100 pessoas às vezes, mas o baldio nunca cobrou nada

AL: mas para a população é positivo que haja essas pessoas por aí?

AGav1: é logico, são os cafés, para tudo, estás a ver... o que faz funcionar uma coisa faz funcionar a outra... as coisas encostadas funcionam, se não há encosto nada funciona. Passam lá investem, gastam nos cafés, dormem na Peneda muitas vezes, lá no hotel, prontos, e é assim

PONTE DA BARCA

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: ok, ok... bom, eu agora continuava mas tenho a certeza que tem outras coisas para fazer, mas pronto, só mais isto, a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a Câmara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a Câmara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que ? e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... noa há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem

vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações [*? não se entende*], até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negocio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

Germil: PG1

AL: mas portanto, aqui há algum turismo, algum

PG1: sim, sim, sim, há bastante turismo. Também da limpeza dos caminhos que fazemos todos os anos

AL: o turismo traz algum dinheiro ao baldio?

PG1: ao baldio directamente não. Mas traz à aldeia não é

AL: pois, as pessoas vão ao café, fazem isto, fazem aquilo

PG1: as casas de turismo, essencialmente

AL: pois, pois. As casas de turismo são exploradas localmente, por pessoas

PG1: sim, são pessoas daqui que as recuperaram e que funcionam muito bem, o que é importante não é

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Quando lhe pergunto porque é que não usam a floresta... porque ele diz que tem regeneração natural, que tem floresta em pé, e por aí, e então porque é que não investem mais na floresta no sentido de conseguir maiores dividendos para o baldio. Ele respondeu que no sentido de rentabilizarem o baldio eles têm por exemplo os trilhos, que andam a arranjar os trilhos para as pessoas fazerem turismo nesses trilhos, então andam a incentivar as pessoas, ou a obrigar, digamos assim, as pessoas a terem de se inscrever e depois pagam um euro para irem ao castelo, com uma visita guiada que é feita por dois funcionários da Câmara que estão ali na porta do Lindoso para fazer o acompanhamento da porta... a porta é um espaço que é explorado turisticamente, não é apenas uma porta, por exemplo a porta do Mezio é uma cena gigante, tem exposições, tem uma maquete de uma aldeia feita para as pessoas visitarem e verem como é que as aldeias se estruturam, etc., tem uma piscina, portanto é todo um espaço que é gerido por... portanto no caso do Mezio é pela ARDAL, que é a tal do Pedro Teixeira, em conjunto com a Câmara, e aqui no Lindoso é gerida pela Câmara Municipal. Então a Câmara tem ali a porta e vende umas coisinhas e tal mas o dinheiro dos trilhos, da visita ao Castelo e aos Espigueiros vai para o baldio... porquê?

Este território é nosso, disse o Secundino. 'ah, o Castelo está no baldio?', 'está, isto é tudo área do baldio, isto é tudo nosso'. E nesse sentido o que o visitante paga vai para os baldios, portanto isso já é uma rentabilização das visitas turísticas. E eles estão a fomentar isso e a arranjar os trilhos cada vez melhor e tudo o mais. Por outro lado têm casas de turismo rural que foi um negócio incentivado pelo parque no sentido também de tirar partido do turismo. É gerido por particulares, não tem nada a ver com o baldio, não cai nenhum para o baldio, mas por outro lado incentiva as pessoas a ficar, as pessoas a irem visitar, as pessoas no fundo a gastar, no sentido também de dar algum ao baldio não é... se as pessoas ficam vão querer visitar, vão querer ver o castelo, os espigueiros, e aí entra algum para o baldio, portanto cativa a população.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: [...] a questão dos turistas... as pessoas que usam o baldio para percursos pedestres e assim, mesmo, não sei se aqui no parque de campismo também promovem esse tipo de... e sendo o baldio da população de Campo do Gerês há algum tipo de contributo para o baldio ou da parte das agências ou das associações, vamos chamar-lhes assim, que usam o baldio para explorarem o turismo, ou não?

TC1: não... nós temos aqui 3 empresas de animação e aquilo que está instituído é que para as empresas de cá não há contrapartida nenhuma, para as de fora não tem havido também, ou seja não tem havido exigência de darem qualquer contra-prestação, até porque há aqui várias famílias ou, a maior parte das pessoas, têm rendimentos directamente relacionados com a actividade turística, portanto daí que...

AL: acabam por beneficiar também da presença dos turistas... e caça?

TC1: caça há uma associação... há uma área de caça associativa

AL: e essa também não contribui para a gestão do...

TC1: não, é-lhes cedida... gratuitamente. Nós não cobramos nada a ninguém (RISOS). Não precisamos. Curiosamente esta semana ligou um fulano, um apicultor, que veio não sei de onde, de lá de baixo, da zona centro, que veio... casou aqui perto no concelho e queria trazer para cá umas colmeias e queria ver se nós lhe arrendávamos um espaço para colocar... eu disse "não, não é política arrendarmos... não é".

Ermida: TE1

AL: ok... e achas que este incêndio também terá sido por pastores...?

TE1: claro que foi. Sabes, eu conheço-os, eu sei quem são... eu gosto de dizer que aqui na Ermida sei quem são os que metem lume aqui na... eu sei quem são, eu falo para eles. Mas eles também sabem que quando arder um pedacinho agora connosco lá dentro, que está já uma queixa na GNR

AL: pois

TE1: eu é assim, quando se vê na frente disto as coisas ou hão-de funcionar ou está tudo lixado

AL: tem de ser, se for para andar a brincar não vale a pena...

AL: pois... e vocês têm caça aqui dentro?

TE1: também há aí a associação de caça de... não sei como é que se chama, que usa esta área, mas nem toda, mas nem toda, porque há área que está fechada, não sei se é aquela estrada que a gente passou para norte que está fechada a qualquer tipo de caça... existe zonas

AL: aah. E eles pagam alguma coisa ao baldio?

TE1: não, não mas já foi uma coisa que eu me lembrei, que a gente podia ganhar com isso

AL: pois

TE1: já me lembrei desse pormenor

AL: (RISOS) eu agora perguntei porque, quer dizer, sendo uma área que é de alguém não é... ou que pelo menos é gerida por alguém, lembrei-me... lembrei-me, não fui eu que me lembrei, já li coisas sobre isso

TE1: até te digo mais, até nem acho piada nenhum a haver caça aqui dentro, porque eu nunca vi Parque Nacional nenhum no mundo onde houvesse caça

AL: pois

TE1: é só este. Estás a perceber?

AL: pois... a questão é que quando se introduzem espécies é difícil depois de gerir isso, acho que a caça acaba por servir como... como não há predadores, e a verdade é que o lobo já não é propriamente um predador muito presente, é difícil depois de controlar, sei lá, por exemplo, javalis, os corços não sei

TE1: não, aqui há bastante lobo e javalis, existem alguns problemazitos agora no início, que eles vão ao milho e tal, pronto, não vejo que isso seja uma ameaça, não vejo... e ainda te digo mais, não existe espécie nenhum que esteja assim... portanto, resumindo, existe um número muito baixo em todas as espécies aqui do parque que pudessem ser usadas para caçar, todas elas para mim

AL: é? Não há muitas?

TE1: não

AL: pois

TE1: para mim, pelo que eu vejo, que eu ando quase todos os dias no terreno, tu vais aqui, passas a serra toda para veres duas ou três perdizes, quando há 30 anos vias...

AL: pois, a perdiz também ouvi dizer que está um pouco desaparecida

TE1: e depois é outro problema, eles saem para caçar... imagina, coelho, quando abre a caça ao coelho... eles atiram a tudo, não existe nenhum controlo de quem vai à caça, de quem não vai

AL: hoje não existe, mas já alguma vez existiu? Noutro tempo?

TE1: não, nunca foi, isto foi tudo sempre à toa, vão fazer uma caça ao porco-bravo, matam corços, matam veados, matam tudo

AL: falta de pontaria? (RISOS)

TE1: não, não

AL: estou a brincar

TE1: isto é assim

AL: sim, estou a ver... e por exemplo, o turismo... como a gente já percebeu há para aí muitos turistas a fazer percursos pedestres e não sei quê... aqui há algum controlo disso da vossa parte? Quem é que usa o baldio quem é que não usa...

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de moto⁴, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: ai é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a canyoning ou escalada

AL: sim... parece ser muito engraçado, mas também muito perigoso

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: pois, em Cabril, não foi?

TE1: foi

AL: estavas a falar-me da associação, que associação é que é?

TE1: temos aqui uma associação ligada ao turismo, à promoção turística, uma associaçãozita

AL: ah, é mesmo só ligada à promoção turística?

TE1: sim

AL: não tem outros fins?

TE1: não

AL: como é que se chama?

TE1: ATACE

AL: ATACE? O que é que quer dizer? Associação...

TE1: associação turística não sei quê da Ermida, já nem sei, deixa-me pensar, a t a c e... associação turística...

AL: da aldeia...

TE1: da aldeia comunitária da Ermida, é mais ou menos isso

AL: ok

TE1: é que eu lido com tanto documento que até

AL: vocês têm contabilidade organizada?

TE1: temos

AL: têm uma pessoa de fora que faz a contabilidade

TE1: um contabilista

AL: está bem, e essa associação é antiga ou recente?

TE1: tem para aí 8 anos

AL: o que é que tem feito?

TE1: vai fazendo uns eventozitos, umas festazitas, participa naquelas corridas que vai havendo por aqui, do Carlos Sá e não sei quê

AL: já ouvi falar

TE1: participa na elaboração dos trilhos em colaboração connosco, por exemplo este PR 14 já foi feito no tempo dos outros, mas foi com o parecer dos outros, dos antigos, não é? Eles têm que nos perguntar se podem passar no percurso ou não, depois em colaboração, pronto, resolve-se. Vamos fazer outro trilho ali mais pequeno que este para 5 ou 6 horas, para 4 horas mais ou menos

AL: isso é outra coisa que vocês fazem, dá trabalho mas não ganham nada com isso?

TE1: não... eu não! Eu olha...

AL: ah já está

TE1: vou só aqui mostrar-te um trilho que nós fizemos

AL: bora, bora. Pois lá está, atraí pessoas, as pessoas gastam dinheiro nas coisas locais, como tu disseste

TE1: mas eu também não tenho negócio turístico nenhum

AL: pois, exacto, não é de ti não é, não é para ti directamente

[saímos do carro]

TE1: se for para a aldeia e alguém na aldeia ganhar dinheiro com isso e não precisar de ir embora para estar por aqui melhor ainda

AL: pois, claro, é isso, acaba por ser bom para todos, lá está... mas essa associação não é das mesmas pessoas, ou seja, tu não fazes parte por exemplo?

TE1: eu por exemplo não, mas há pessoas que fazem parte, dos baldios que fazem parte.

AL: Bem, isto há montes de gente a fazer aqui percursos

TE1: de verão, de verão às vezes é 50 a 100 pessoas aqui

AL: é que lá nas zonas de Montalegre por exemplo, eu via algumas mas não se compara, é impressionante

TE1: Montalegre é a mesma coisa, eles só pensam em cabras, vacas, burros, queimam tudo também.

AL: não, mas pro exemplo Fafião que é já aqui ao lado, que já é Montalegre, eu vi para aí um a passar, quando andávamos lá pelo meio do monte, não... aqui há muito turismo de facto, nesta zona

TE1: muito mesmo. Muito porque é uma zona bonita estás a perceber? É só pedregulho em cima de pedregulho, é disto que as pessoas gostam de ver. E depois a floresta em si em volta destes pedregulhos todos

AL: sim, dá sombra para as pessoas pararem um bocadinho e tem a sua beleza naturalmente. Depois também a proximidade às Caldas do Gerês... aquilo ainda tem termas?

TE1: tem, tem, e funcionam! De maio a outubro... até ainda estão a funcionar

[falo de como da outra vez que vim não estava ninguém no Gerês, vila abandonada]

TE1: sendo de inverno é mais ou menos isso, sendo naqueles dias mesmo chuvosos

AL: era um dia chuvoso e frio, mas não era inverno, era tipo... até acho que foi por esta altura

TE1: havia de ter mais qualquer coisa para as pessoas irem também no inverno, os invernos aqui não são tão rigorosos como é no norte da europa, essas pessoas do norte da europa devem ficar, acho eu... parece que falta qualquer coisa mais para [*? não se entende*] esta gente, os alemães, os dinamarqueses, os da Suécia...

[fala-se das possibilidades para o Gerês... digo que os percursos se calhar não é o melhor para fazer no inverno]

TE1: não, porque é feito numa estrada destas, não é de mau todo, assim de chuva...

AL: não, num dia de sol deve ser maravilhoso

TE1: claro, é um bocadinho fresco mas trazendo roupa

AL: a maior parte das pessoas que passam por aqui nem devem fazer ideia que estão num baldio não é...

TE1: pois não, chegam aqui e, é gente tão estúpida... “ah, isto é tudo Estado” “ai é meu amigo, isto é tudo Estado desde quando?

AL: mas acredito que é essa a ideia geral, essa é a ideia lá em baixo. Vamos lá a ver, eu agora comecei a aprofundar o meu conhecimento sobre os baldios mas quem não o fez não faz ideia. Eu às vezes a falar com as pessoas, mesmo nas apresentações que vou fazendo e tal, a maior parte das pessoas não faz ideia do que é que é um baldio

TE1: a maior parte das pessoas deve achar que é como está lá escrito na lei “um baldio é um terreno abandonado ou quase abandonado, que não é de ninguém, que é da Câmara, que é do Estado”, não é coisa nenhuma que se pareça...

AL: a ideia que me parece que as pessoas têm é que são zonas que são de alguma forma do Estado, seja das autarquias [ena, tanto carro!

TE1: porque é ali que eles param todos, porque tem ali um sinal de trânsito proibido, mas nem precisava de estar lá o sinal porque o plano de ordenamento já prevê que daqui para cima não tem de estar viatura autorizada ou não. E eles a cada passo passam aqui, a patrulha do parque [...] agora estão acolá duas motas de 4 rodas, até me admira aqueles marmanjos não estarem já por aqui acima, eles também acham que têm o rei na barriga

AL: sim, eles normalmente andam por todo o lado não é... mesmo em outras áreas protegidas já os vi um pouco por todo o lado... isto aqui é o quê? Já percebi que é onde os carros param, mas estamos ao pé de alguma...

TE1: da cascata do Arado, não sei se já algum dia ouvistes falar

AL: eu turismo fiz pouco ainda aqui

AL: por exemplo, esta empresa da Gerezmonte

TE1: é uma empresa de turismo do Gerês

AL: é, mas eles fazem as visitas aqui no vosso baldio

TE1: é, fazem, fazem como faz qualquer empresa

AL: e não pagam a ninguém o facto de usarem este espaço e recebem dinheiro à pala disto. Isto é lindo ahn

TE1: é... tem escadaria para lá para o miradouro, depois quando vieres com mais vagar vimos aí

AL: sim... este rio aqui é o rio...

TE1: rio Arado. Isto no mês de agosto e setembro tu não conseguias andar aqui que era uma confusão dos diabos de gente a pé e de carros

AL: também é demais não?

TE1: ui!

AL: pois

TE1: quando é em agosto, ui... toda a gente quer ir para a cascata, toda a gente quer água

[falo da minha experiência na Portela do Homem, de como estava cheio de gente e do turismo]

AL: mas por um lado até fico contente, não é um turismo típico de praia e tal, e acho ótimo que as pessoas conheçam o país que têm, e o Gerês vale a pena

TE1: mas também te digo, há aqui muita gente que não fazia aqui falta nenhuma

AL: aí, isso também acredito

TE1: é só deixar lixo por aí, gente tão porca, eu digo-te uma coisa, tanta escola, tanta universidade que a gente tem por aí abaixo e as pessoas cada vez estão a ficar mais estupidas, na maneira de utilizar o meio-ambiente, na maneira de fazer as coisas

TE1: isto é que é uma mariola

AL: bolas, uma mega-mariola. Costumam ser assim tão grandes

TE1: não, isto é uma espécie de exagero

AL: foram vocês, não?

TE1: não, isto foi as pessoas que aqui param, de certeza, um lá foi pondo uma pedra, outro outra e pronto, e ficaram...

AL: ah, ok

TE1: isto aqui é o acesso ao miradouro, mas ainda não está terminado estás a ver, que ainda não pusemos a indicação, estás a perceber... ainda falta por um resguardo e ter as placas prontas que isto foi feito por nós

AL: o que é que foi feito por vocês?

TE1: o miradouro, já vais ver

AL [falando dos turistas e dos carros] e maior parte são mesmo portugueses, vendo pelas matrículas pelo menos

TE1: são...

AL: foram, vocês também que talharam esta espécie de escadinha?

TE1: isto foi feito pelos escuteiros, há 30 anos ou por aí

AL: ah... os escuteiros da Ermida?

TE1: não, não sei de onde eram mas eles é que na altura andavam muito por aqui. Isto já existia, eles só deram um arranjo nessas pedras

AL: ok. E vocês limparam isto foi? Ou estão a limpar...

TE1: nós cortámos o mato há tempos

AL: vocês conhecem todos a malta dos GNR ou... dos GIPS

TE1: eu o condutor conheço, porque o condutor é da Ermida. Alguém cortou aqui alguma coisa, estava aqui uma arvore...

AL: ai foi?

TE1: é só para eu ter a noção, para saber, porque assim eu logo pergunto ao fulano que dá os documentos para a lenha se a pediram, estás a perceber, que é para ver se foi alguém da Ermida ou se veio aqui alguém roubar

AL: e se for alguém da Ermida é na boa? Ou tem de pedir antes?

TE1: tem de pedir tem. Tem de passar um documento onde ele pede, o local e as coordenadas do que quer cortar para lenha, geralmente é arvores secas apenas.

AL: pois, não podem cortar carvalhos...

TE1: não, nada nada. Só lenha seca e derrubada e têm que nos pedir, nós já sabemos onde é ou não e é-lhe passado um documento

AL: e vocês têm um regulamento do baldio daqui ou não?

TE1: temos

AL: para vocês, para os compartes...

TE1: sim

AL: dos usos e costumes

TE1: exacto

AL: eu já vi o de Pincães, o regulamento. Vocês têm algum *site*? Na internet

TE1: ainda não fizemos, apenas temos o correio. Porquê? Achas que era benéfico ter o *site*?

AL: para mim era, para mim era benéfico. Se tivessem lá os regulamentos e outra informação interessante para mim era óptimo (RISOS). Mas, quer dizer, eu acho que é sempre naquela visão de tornar esta realidade dos baldios do conhecimento do público em geral, e acho que a internet serve muito para isso

TE1: até foi uma boa ideia, se um dia fizermos o site, que é para aquela gente de lisboa ver não é

AL: sim, um baldio activo, até tem um *site*. Não, é que hoje em dia a internet é a forma mais democrática de se conseguir tudo não é, e toda a gente tem acesso àquilo e é uma forma de os baldios entrarem na boca do povo, das pessoas

TE1: isso é verdade. Que não conhecem, que não sabem da realidade

[fala-se da construção das barreiras de segurança e para suporte no caminho que sobe até lá acima ao miradouro. Foram eles, da ermida que pagaram para se fazer aquilo ao longo da subida que chega a ser bastante íngreme e perigosa]

TE1: [...] nós não temos nada a ganhar com a componente turística mas damos algum apoio naquilo que pudermos, estás a perceber?

AL: sim, e depois é como tu disseste, atrair pessoas aqui tem sempre um lado positivo para a população não é...

TE1: exacto, exacto, é só nessa vertente que a gente trabalha

AL: e agora estou aqui a pensar, mesmo as pessoas andarem pelo baldio acaba por ser vir também, sei lá, de forma de fiscalizar, por exemplo, questões de fogo, se houver alguém no baldio vai avisar não é

TE1: exacto, também...

Rio Caldo: TR1

AL: e em termos de outros utilizadores do baldio, por exemplo, os turistas, ou outros que haja, não sei se há outros de outras freguesias que usam

TR1: os trilhos e essas coisas todas...

AL: sim, os trilhos, ou mesmo para pastar... quem são os outros utilizadores do baldio para além das pessoas aqui das aldeias? Se é que existem...

TR1: os caçadores... há a Câmara e uma empresa de turismo que fazem essas actividades de bicicleta, essas corridas de montanhas e a não ser isso não vejo mais actividades de desporto. Mas pede sempre ordem para passar, vai haver agora uma actividade de jeeps, vão pedir ao parque para... temos um pedido para deixar passar, para não haver problemas

AL: eles pedem para passar sempre, estava-me a dizer mas...

TR1: não, é naquela semana

AL: não, não, não, os outros todos também, os caçadores...

S2: a caça está sob uma associação, pronto, é uma associação de caça em que, pronto, a Junta autorizou essa associação a, digamos, a incluir aqueles terrenos na reserva de caça, pronto, e a Junta de Freguesia na altura já passou uma declaração a dizer que autoriza que esses terrenos, essas manchas, fossem incluídas na concessão deles, na zona de concessão da caça

AL: mas não há qualquer tipo de taxa que eles tenham de pagar ou

S&S2: não, não, não

AL: nem os outros todos, nem as agencias de turismo, ou, não sei como é que se chama, as associações

S&S2: taxas é só para o Parque Nacional, nós aqui não cobramos nada

AL: ok. Mas o parque cobra alguma coisa?

TR1: para ir lá para cima para fazer as caminhadas cobra

AL: ah sim?

TR1: é, para certas zonas

S2: naquelas zonas mais fechadas, nas zonas mais restritas

AL: na mata da Albergaria acho que sim não é?

S2: ali é uma taxa de acesso só, aquilo, eles dizem... aquilo no fundo não é uma taxa, aquilo é um... é para desincentivar a passagem de viaturas naquela

AL: de viaturas... pois, é mais a questão das viaturas

TR1: não, a pé!

S2: não, a pé não

TR1: para ir aos Carris

S2: não, estamos a falar ali, estávamos a falar nos postos não é?

AL: eu estava a ouvir só, para mim... isto é, o que é que se paga dentro do parque?

S2: quando vão daqui, por exemplo quando atravessam para ir para Espanha para a fronteira no verão, principalmente é sempre no verão, há uns postos ali, umas portagens, que as pessoas têm de pagar ali uma taxa para passar ali. Mas aí digamos que é um valor para desincentivar a utilização daquela

TR1: mas os residentes não pagam, como não pagam os naturais e residentes. Mas para fazer caminhadas em grupo e essas coisas todas tem que pedir ordem ao Parque e mediante a ordem tem na mesma que pagar uma taxa para ir

AL: hmm, para certos sítios

TR1: para certos sítios

AL: de protecção total ou qualquer coisa

TR1: é

AL: não sabia que se pagava. Achava que se pagava quanto muito à agência que os leva lá, à associação

S2: e mais, e mais curioso, eu não sei, sinceramente não ando muito por dentro disso, porque pronto, se fosse aqui na nossa zona andava de certeza, mas como não é a nossa área... por exemplo, você quer fazer uma caminhada ou organizar uma caminhada para ir a uma zona dessas restritas em que carece de autorização. Eu ouvi falar em 100 euros. Pronto, paga uma taxa de 100 euros só para o pedido ser apreciado, não quer dizer que o pedido vá ser autorizado. Portanto, eu ouvi falar em 100 euros mas eu não sei porque nunca pedi nenhum, mas corria o risco de pagar os 100 euros, o parecer é analisado e não é autorizado, e os 100 euros ficam lá

AL: e isso é de agora ou é daquela antiga direcção? Porque eu sei que a antiga direcção era mais...

S2: eu não sei isso ainda está em vigor, sei que está em vigor porque... eu sei que isso esteve em vigor porque eu conheço alguém que lhe aconteceu isso, portanto, pediu uma autorização para ir lá, pagou os 100 euros e não foi autorizado. Aquilo é uma taxa só para apreciar o pedido, mais nada

AL: mas então a vocês não vos faz confusão nenhuma que haja associações de turismo etc que andem a utilizar o espaço do baldio, a fazer dinheiro com aquilo

TR1: não. Nós queremos é cá gente

S2: dentro de algumas limitações não é

TR1: porque se vêm para aí... faz movimento, e as pessoas fazem

S2: e trazem lixo e essas coisas todas

TR1: trazem lixo e dinheiro também, não é só lixo

(RISOS)

TR1: para a Junta só traz lixo, não trazem dinheiro porque nós depois temos de limpar o lixo à 2ª e à 6ª feira

(RISOS)

TR1: senão deixam aí como os mares de Albufeira. Mas queremos essa gente cá

AL: apesar do lixo

TR1: apesar do lixo

S2: apesar do lixo

Vilar da Veiga: TV1

AL: e vocês não têm outro tipo, por exemplo, esta é mesmo a minha última pergunta... tipo associações de caça, associações que investem no turismo no baldio etc. não cobram a este tipo de utilizações do baldio...? Se é que existem

TV1: não, não... existem, existem, mas não. Não, ainda ajudamos. Mesmo por exemplo, nesta ultima vez, estivemos todos a trabalhar, embora.... Aquilo era só dia e meio que me pediram e depois acabaram por usar mais de ... a semana toda, que foi neste evento que houve há tempos que eu nem sequer sei como é que se chama, era o Carlos Sá, que... a gente acaba por não perceber muito bem estas coisas e se for preciso se calhar até nem era preciso colaborar. Mas pronto, vieram-nos pedir, a Câmara, as pessoas ligadas a esse evento através da Câmara, ver se era possível nós ali, aquilo tinha de ser feito de noite, naquela conduta ali na barragem, aquele tubo da água que vai pela montanha acima

AL: ah, sim, sei, vê-se daqui não é?

TV1: pronto, sim, naquela escadaria ali havia para ali uns pinheiros caídos, e pelo meio as escadas não estavam limpas e tal, e depois noutros sítios ao pé do parque de campismo ali por ali acima, era um sitio onde o pessoal da Junta não conseguia com as maquinas deles, não limpavam, a ver se a gente ajudava, com os sapadores, são mais potentes e estão mais habituados e tal, para ajudar a fazer esse trilho e tal. E a gente ajudou dentro do baldio. Agora da caça também Às vezes até tem zonas do baldio que até nos vêm pedir para deixar semear para as perdizes e essas coisas e pronto, não tem problema nenhum, depois se for preciso os sapadores também irem lá com o carro fazer uma rega de vez em quando, com o tudo deles, da água... e pronto, a gente ajuda mais do que estar a pedir dinheiro. Realmente o regulamento interno prevê estas coisas, e de arrendar assim por algum tempo, e quem quiser ir buscar isto ou buscar aquilo tem de pagar isto, não sei quantos escudos e tal... mas isso está ultrapassado e neste momento está-se mais para ajudar do que estar a cobrar para

AL: e os turistas também...

TV1: não, não, não têm

AL: e as agências de turismo, sei la, vou inventar, estava ali ao pé do vidoeiro.... A *gerez monte*, e não sei quê que devem usar com certeza os baldios e que ganham dinheiro com isso, vocês não cobram nada

TV1: não, não, não. Chamamos às vezes à atenção, já chamei várias vezes à atenção da Gerês Monte, porque eles lá nos *crossings* com a bicicleta que eles têm a gente nota às vezes que os caminhos estão todos escavacados, todos estragados, e aquilo é um bocado... e portanto, isso não faz grande, não tem grande mal, quer dizer, chamar-lhe à atenção que é o que a Lei prevê, eu também tenho um peso nesse sentido, embora assim no monte não fazemos muito, mas que tem que levar guia não é, um guia para ir pelos locais certos e não é para... por exemplo, os cavalos vão mas ninguém pega, os cavalos vão para onde lhes apetece, quer dizer vai ali um guia a marcar o passo, não é para quem souber andar de cavalo andar ali como lhe apeteça, é como o guia mandar e não vai ninguém a abusar do cavalo, as pessoas alugam-no mas não é para dar cabo do cavalo. Portanto, e eles ali às vezes vai lá um daqueles habilidosos que sabe andar e portanto eles não levam guia e eles escavam mesmo o terreno todo, o caminho todo, mas mesmo escavado. E às vezes eu

chamo-lhes a atenção, neste caso o *Gerezmont*, o guia se vai andar também sabe que se tiver ali a escavar com o carro está a dar cabo daquilo não é, primeiro está a gastar mais gasolina, e depois está a dar cabo daquilo e portanto por vezes chamo-lhes a atenção pelo facto de levarem um guia e que essas coisas não são permitidas. O guia vai com o carro dele, sabe que se tiver ali a fazer peões ou coiso, sabe que está a estragar o caminho, está a estragar material... não só o caminho, mas também a mota que ele leva e depois os outros também estragam as deles porque veem também a fazer, portanto aquilo é, no fundo é um passeio mas não é para andar ali com... às vezes sim, mas pagar...

AL: não... e eles pedem autorização? Não estou a falar só do Gerês monte, estou a falar do geral, caça, turismo, todo esse tipo de utilizações...

TVf1: não, normalmente não pedem... pedem quando sei lá, os jeeps, neste caso uma prova de todo o terreno, assim uma coisa em grande, isso pedem. Pedem autorização para passar no baldio, isso pede, mas já é uma coisa mais a sério, mas de resto... um *jeep* que vá por ali ou acolá, a caça... não...

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: e então, e nós também não sabíamos muito bem os limites do parque... porque nós temos um controlo, dizemos que Vilarinho da Furna está fechado à chave, temos um controlo, com uma tranqueta, no início daquele caminho que vai até Vilarinho, se estivesse sem tranqueta nenhuma aquilo era um pandemónio lá dentro, nós no dia que fizemos lá o estradão pusemos lá uma tranqueta, até era da EDP, mas eles tinham-na antes da ponte, antes da barragem... porque a barragem não dava acesso a ninguém, não havia indicação depois para Brufe e para o outro lado, ia-se até ali e pronto, depois só tinha acesso de carro, os funcionários da EDP, e nós até 100 metros mais ou menos depois da barragem, que era onde terminava depois um estradãozinho que eu tinha feito que era por causa de uns acessos, aí então tem umas cascazitas, ali para dentro não havia caminho, foi feito depois pela Furna e tal. Ora bem, ali em cima da barragem começou a haver transito livre [...] e então durante o verão, e aquilo até é uma coisa mais simbólica, para dizer que nós é que somos os proprietários daquilo senão aquilo virava caminho público e passados meia dúzia de anos, neste caso 20 anos, era por usucapião e era caminho florestal e assunto resolvido e nós não queremos que isso fique assim, se é privado é privado, é privado como outra coisa qualquer. E quem quiser lá passar, só durante o verão é que pomos lá uma cobrança de portagens, quem quiser vir de carro, só aos fins-de-semana, durante a semana está fechado, ninguém vai de carro, tem de se pedir a chave lá ao guardião

AL: isso é inserido dentro do parque?

TVf1: fica já fora do parque, o limite do parque passa exactamente ali, passa em cima da barragem e tal

AL: ok

TVf1: bem, e telefonaram-me do Diário do Minho porque havia ali um problema qualquer, que eu nem sabia, que o director do Parque estava um bocado chateado com a Furna e não sei quê. E eu disse "o director do Parque que se meta na vida dele e que aprenda os limites do parque, aquilo fica fora do parque, não tem nada a ver com o assunto" [RISOS]

AL: pois, por isso é que eu estava a perguntar, cobrar portagens dentro do parque

TVf1: não tem problema nenhum, não. O próprio parque, por proposta minha, da Furna, começou... claro que eu lancei aquilo, mas foi um processo com a Câmara, com o parque e com essas coisas todas, com a Junta, montou ali as portagens na entrada da Mata de Albergaria no verão... agora no fim de maio vai começar isso. Pôs uma portaria, sai no diário da república e tal, mas foi iniciativa até das populações locais, porquê? Porque aquilo é para evitar o acesso à mata da Albergaria, que é um pandemónio. Só que depois funciona exactamente ao contrário, quanto mais gente for, mais dinheiro cai na bolsa não é, e então eles até punham anúncio para ir para lá mais gente, mais dinheiro recebiam ao fim do dia, o objectivo era por exactamente ao contrário, deixar entrar tanta gente e enquanto não sair um não entra outro, que é o que nós fazemos ali em Vilarinho, já foi proibido de entrar lá um vereador da Câmara Municipal de Terras do Bouro enquanto não saísse outro, e esse depois chateou-se e não foi mesmo, e era uma festa promovida pela Câmara lá dentro, eu disse “enquanto não sair um, não dá” “ah, mas eu sou vereador. [continuando a história do Diário do Minho...] [...] eu às tantas já me estava a chatear com aquilo e disse-lhe “vamos deixar de falar de conflitos com o parque, acho que não temos conflitos nenhuns, vamos falar sobre o museu subaquático de Vilarinho da Furna”. E o diário do Minho espeta lá com o museu subaquático. Na sequência disso o Público vai logo atrás da história do museu subaquático, manda logo repórteres a fotografar a malta a mergulhar e aquelas coisas todas. Claro que a televisão soube disso e convidou-me logo para ir fazer uma reportagem para a televisão. Então foi lá o Serra, o Alberto Serra, acho que eles já está aposentado, ainda fiz uma entrevista com ele mas acho que já está aposentado

AL: é quem?

TVf1: o Alberto Serra, que era jornalista da televisão, ali do Porto. E então convidaram-me para ir lá acima, queriam fazer uma reportagem em directo para o noticiário da uma [...] por acaso nessa altura a água estava um bocado baixa, e eu dei a entrevista mesmo no meio da aldeia

AL: portanto viam-se as casas?

TVf1: sim, sim, metade estava descoberta, e ali estivemos a conversar [fala do atraso que houve, e de como ele se enganou nas perguntas e tiveram de voltar atrás, portanto que aquilo demorou um bocado e que quando saíram de lá já devia passar do meio dia e qualquer coisa mas que ainda assim à uma da tarde estava a reportagem no ar] “museu subaquático, o primeiro da europa... do mundo, não fazia a coisa por menos, nem sabia se havia outro, depois é que vim a confirmar que não havia outros. Ora bem a coisa pegou e a partir daí começou malta a querer ir a Vilarinho, cada vez mais... e já lá foram mergulhar associações de mergulho aqui de Lisboa, já foram lá do Algarve, da universidade do Algarve... que até, por exemplo, no Algarve, os estudantes de biologia marinha, mas eles têm de treinar a mergulhar, e em vez de irem treinar ao mar bravo foram treinar a Vilarinho... os bombeiros por exemplo já lá vieram mergulhar e treinar, os bombeiros da Bélgica e da Holanda, e portugueses. O da Bélgica foi o seguinte, era para fazerem uns treinos ali, juntamente com os portugueses, ali em Esposende, então andaram lá com os bombeiros de Esposende, Barcelos, etc., só que o mar estava muito agitado naquele dia e

não dava muito para mergulhar, e então como eu tinha um sobrinho que trabalha na Câmara lá de Barcelos, que até é o nosso tesoureiro, telefonou-me a perguntar se podiam ir mergulhar a Vilarinho “vá, pode sim senhor”. E lá foram treinar, claro que ficaram todos entusiasmados com aquilo não é, e depois passam a palavra uns aos outros.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MC1

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MC1: não

AL: e não vai dar?

MC1: vai!

(RISOS)

MC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descubrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valoriza-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos pôr uma taxa nossa

AL: lá em Castro o turismo está organizado? Há lá alguma coisa? Eu ainda não tive muito tempo em Castro só lá passei

MC1: não... aquilo também há uma empresa que está a exercer a actividade de animação turística da aldeia de Castro. E depois há várias que lá vão assim de forma esporádica, mas acho que não há nada nem nenhum órgão que os reúna. Aquilo está um bocadinho confuso

AL: e a associativa de caça é de Castro também?

MC1: é

AL: a associativa de caça também não dá nada ao baldio pois não?

MC1: coitados de nós

(RISOS)

MC1: nós só temos, o financiamento que temos é das quotas, não temos mais receita nenhuma

AL: pois

MC1: nós é só mesmo as quotas. Mas pronto, os caçadores também são dos compartes porque a nossa associativa é só de naturais ou residentes. Depois alargámos a quem tivesse antepassados... até avô, também podia ser socio, por isso somos todos compartes também

AL: e o que é que se caça ali?

MC1: caça menor temos coelho, perdizes, galinhola, pombo

AL: pois, é que realmente o que eu conheci do baldio é uma paisagem tão aberta que eu não imagino ali animais escondidos, mas deverão existir outras zonas menos abertas, eu estive mesmo no planalto então...

MC1: no planalto é a perdiz e a lebre que há lá, depois as outras espécies é em zonas... é nos privados, zonas mais fechadas

Castro Laboreiro: MC2

MC2: [...] vê acolá os cavalos?

AL: ah, quem é que explora os cavalos?

MC2: é um casal, é da sua terá, lá de Lisboa

AL: mas estão aqui? Ah... da minha terra (RISOS)

MC2: não é? A sua terra

AL: sim, digamos que sim

[...]

AL: e estão em Castro Laboreiro eles? A fazerem essa...

MC2: estão ali do outro lado, têm ali uma casa do outro lado onde nós estávamos, têm lá um centro equestre, como se chama, têm os cavalos

[Fala de como agora já se começa a ver portugueses a fazer as caminhadas mas que é recente e são poucos ainda, que 'lhes custou a entrar', que iam de carro antes, mas agora...]

Lamas de Mouro: ML1, ML2, ML3, ML4

AL: então e por exemplo, vocês têm outro tipo de utilizadores do baldio? Tipo turistas, associativa de caça, de pesca, que utilizem o baldio

ML1: há a associativa de caça há

ML2: utiliza o baldio sim

ML1: mas não pagam nada

AL: não pagam nada

ML1: não, não. Nadinha... utilizam, que até têm aí um campo debaixo, como quem vai para o São Bento, do lado direito, tem um campo de treino, não sei quantos hectares que eles têm

ML2: é, a tal associativa de caça

Z⁴¹: 43 hectares

AL: mas é do baldio que usam?

ML1: não, não, do campo de treino

⁴¹ Um senhor que apareceu como cliente que pelos vistos é caçador

ML2: é para treinar os cães

AL: ok. Então mas não contribuem em nada, sei lá, para limpezas do baldio?

ML2: nada, nada, nada

AL: nem vos passa isso pela cabeça?

ML1: quando faz falta limpar vem um de noite com um isqueiro, para o outro dia está tudo limpinho

AL: para a caça também fazem isso ou é para os pastores?

ML1: não digo que o façam para isso, mas feito é. Este ano aqui, para o outro daquele lado, para o outro do outro lado, tudo em volta. Enquanto não chega dentro da aldeia

ML2: estes malandros é assim. Infelizmente há por todo o país, mas

AL: então e por exemplo não há jovens interessados em pôr projectos de jovem agricultor, utilizando o baldio?

ML1: não. Apenas tivemos um pedido de um projecto para fazer *carting*, não sei se vai ser aprovado se não vai

AL: aqui dentro do baldio? Mas para fazer o quê? Um evento?

ML1: sim... não, uma pista de *carting*, alcatroada, não em terra, com aqueles carritos pequeninos. Não sei se vai sair aprovado se não

AL: mas vocês votaram em assembleia e as pessoas disseram que sim?

ML2: ainda está sem resolver, esse caso ainda não está resolvido

AL: mas vocês gostavam?

ML1: nem por isso

ML2: nós de momento que nos seja rentável, que nos entre dinheiro para melhorarmos aqui a nossa terra de certeza que não vamos em contra não é. Mas o povo... quem manda é o povo, não somos nós

AL: e o parque deixa por aí...

ML2: está fora do parque

AL: aaaah

ML1: não, não, não, dentro do parque nem pensar

ML2: nem deixam lá tocar

AL: ah, estava a estranhar

ML1: não, não, é fora, do outro lado. Se for aceite é do outro lado. Os rapazes falaram disso aqui no mês de agosto, eles são emigrantes, estão-se a preparar, não sei se vão aceitar se não. Tem de ter autorização do ICNF por escrito, do ministério do ambiente por escrito, do clube da caça por escrito, da pastorícia, dos pastores também por escrito, eles são quatro, e depois o [? *não se entende*] do povo. São cinco coisas que têm de estar

[conta uma historia que não percebo bem, que tem a ver com a pista dos cavalos na Aveleira, onde tinham o acordo da Câmara e construíram uma torre mas ela caiu

ML2: o ICNF aqui não aprova de certeza

ML1: [...] porque nem eu nem os meus colegas vamos dizer “sim, sim, botai isso para a frente” e depois chamam-nos à hora “vocês, venham cá, isto não podia fazer-se, isto não está bem”

AL: vocês têm muitos turistas aqui no baldio? A fazer percursos pedestres e assim

ML2: ah, há, muitos, muitos

ML1: há aí um parque de campismo já aqui pertinho

AL: eu sei, eu sei

[...]

ML2: aqui nas Portas do Parque passa muito turista

AL: e eles usam o vosso baldio também...

ML2: diga?

AL: os turistas entram no baldio

ML2: sim, sim, sim

ML1: entram

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

ML1: não

AL: nem taxam essa entrada?

ML2: não, não, não. Nem um cêntimo

AL: e como é que veem essas entradas? É uma coisa boa para a população, para a comunidade e para o baldio?

ML1: não, não fazem diferença nenhuma

ML2: eu acho que é, traz vida aqui para a terra não é

ML1: agora o que há é o turismo, tem que se apostar nele ao máximo

AL: mas, por exemplo, há agências turísticas que levam as pessoas a passear ou fazem de guias

ML1: há, há a Sylvie, há o do parque de campismo, há aquela empresa de Melgaço dos desportos radicais...

AL: e eles acabam por fazer dinheiro no baldio, não é... eles usam o baldio

ML2: eles vão com monitores deles não é

AL: pois, mas vocês não cobram nada a essas agencias?

ML2: não

AL: nem têm... nem faz sentido para vocês? Ou faz?

ML1: para quê?

ML2: não, porque se a gente lhes fosse levar dinheiro eles iam embora, desistiam

AL: era?

ML2: claro que sim, a maior parte

AL: e vocês gostam é que eles estejam cá não é?

ML1: claro

AL: dinamizam aí a

ML2: claro, trazem vida para a terra

ML1: e está a haver cada vez mais, isto tem crescido, o turismo tem crescido

ML2: se quer saber os turistas que passam por aqui é ir ali às Portas do Parque que eles têm lá tudo apontado e já lhe dizem

ML1: ele também lá trabalha

AL: trabalha lá?

ML2: trabalho lá. Sou guarda-nocturno

AL: ah, do parque?

ML2: não, das Portas, das Portas. Mas nós trabalhamos é com a Câmara não é. A Câmara é que gere isto, ela e o Parque, ela e o Parque. Mas nós estamos como funcionários da Câmara ali a trabalhar

AL: e os turistas que entram na Porta pagam alguma coisa? Ou seja, que... pelo menos eu vi isso em Lindoso, que havia uma taxazinha, tipo um euro

ML2: é, uma taxazinha. Para informação isso não paga nada, se quer ir... nós temos uma maquete ou como é que se chama, lá em cima, ora bom, aí já paga uma taxa de, é de uns 80 cêntimos, é assim uma coisa, pouca, uma coisa simbólica

AL: e esse dinheiro vai para quem?

ML2: esse dinheiro vai para a Câmara e para o Parque, que é quem faz a manutenção das Portas, não é, de tudo aquilo, qualquer trabalho a fazer, eles fazem

Utilizadores de fora não autorizados

MONTALEGRE

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1: não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

(falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...)

MCov1: pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1: já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1: trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: qual é a vossa relação com o Parque?

MCov1: é boa

AL: é boa?

MCov1: é, porque eu era do Parque... (RISOS). Em princípio é boa...

AL: mas tem havido mais obstáculos da parte do Parque para além das eólicas na gestão do baldio?

MCov1: não, não tem assim havido muito. Há o problema do javali que já dá muitos prejuízos

AL: o javali vivo... ou seja, há demasiado javali, é isso?

MCov1: há bastantes, dão cabo dos lameiros, dão cabo do pasto ao gado e aos milhos...

AL: mas eles não... não se pode caçar javali? Achava que sim...

MCov1: não, só batidas, em batidas pode... mas há uma batida vá lá, de 2 em 2 meses... uma coisa assim mas depois chegou a um certo ponto parou, no tempo da direcção já não há. E agora já não há, agora andam eles aí à vontade a dar cabo dos lameiros, e depois ao vir os milhos andam em cima dos milhos. Tem de andar o pessoal aí a guardá-los se não dão cabo de tudo

AL: por acaso achava que o javali era possível caçar... achava que era introduzido para isso mesmo, também...

MCov1: não, as batidas não deixam passar assim muito. Nem no tempo da caça, naqueles dias próprios para caçar... uuh podem matar algum, mas escondido, de resto não podem

AL: ah, então as de Pitões e de Travassos também vai tudo para o vosso monte...

MCov1: vêm, comem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles

AL: ah é? Não há uma forma de se organizarem?

MCov1: no Verão até nem há grande coiso, mas de Inverno há. Mas mesmo de Inverno nós temos o... depois os de Pitões comem aquilo, porque nós aqui numa área, só pode ir até ali o gado, de inverno não pode ir lá para cima senão chega com o gado a Tourém...

AL: mas lá para cima não está tudo cheio de neve?

MCov1: não. Não está sempre neve...

AL: de inverno?

MCov1: não... o gado depois já não sobe acima, só vai aqui por cima do povo, é uma parte que até foi a engenheira Lúcia, estivemos a ver o terreno, como havia de ser e, em todas as aldeias. Por exemplo, só deve ir... de inverno, por exemplo, só chegam ali e depois de verão sobem para cima

AL: então e nessas pastagens há algum conflito com as aldeias ao lado para usarem o monte?

MCov1: há, há sempre problemas, que ninguém gosta que lhe venham depois ao mato. No mato, para roçarem ou vamos cortar o mato, nós não queremos que nos cortem o mato porque precisamos dele para nós, para os animais

AL: e eles não têm também o seu baldio?

MCov1: tá bem, mas muitos têm e não chega

AL: e vocês não conseguem criar aí um entendimento, tipo “a partir daqui...”, não sei... qualquer coisa para evitar conflitos

MCov1: não, não há assim conflitos nenhuns, vá...é mais “oh pa, não podes vir, aquilo é nosso” e tal, e eles depois lá retiram... não há multa não há nada... a gente aqui não faz multas

AL: vocês andam por aí a ver quem é que usa o baldio e quem é que não usa, não há uma espécie de fiscalização vossa?

MCov1: não, é o conselho directivo... o conselho directivo é que vê se... os que pertencem somos doze

AL: doze... Uau, mas isso é imenso. Não é cinco normalmente?

MCov1: agora parece que mudou para quatro até, e nós fizemos a acta já com doze. E alguém que está no monte vai dizer “olha, fulano andou lá” ... vêm-me dizer a mim, ao presidente, “fulano andava em tal sitio”. E depois um homem tem de dizer “olha, não podes ir, aquilo que está ali é nosso”. E começa a ver se passa se não se diz nada...

AL: não há nenhuma separação física pois não? Uma rede ou ...

MCov1: não, temos lá as marcas, temos as cruzes. Nós temos as... cada um tem as suas cruzes, nós partilhamo-las com Paredes, temos as cruzes, temos marcos, temos ?? tudo em volta, e de vez em quando, lá de anos em anos, vamos limpá-las

AL: o quê? Ah, a zona à volta da...

MCov1: dar uma limpeza à...não, depois de limpar as cruzes com um pico

AL: com um pico?

MCov1: as cruzes são feitas com um pico... depois elas enchem-se de musgo. Depois vêm os de Travassos, se é do lado de Travassos, vêm os de Travassos e os de Covelães limpar, limpam as cruzes para se verem; se vêm do lado de Paredes e de Pitões, e depois vamos ao de Tourém também, também temos com os de Tourém. Aqueles que lhes pertencem vão as duas aldeias limpá-las. Vamos a Travassos, vamos nós e os de Travassos; vamos a Tourém, vamos nós e os de Tourém, vamos a Paredes, vamos nós e os de Paredes

AL: quando diz picos é o quê?

MCov1: é um bico de ferro como os dos... aqueles que de ferro que servem para picar pedras e... depois aquilo está aguçado, afiado e depois fazem a cruz. Quer dizer, limpa-se

uma e faz-se outra nova. Aquela limpa-se, aquela uma ou duas que estejam lá, limpam-se. Depois faz-se outra nova

AL: para quê?

MCov1: que é para dizer que limpámos naquele verão

AL: e há muitas assim? É de quanto em quanto espaço?

MCov1: aquilo às vezes tem 500 metros, 1500, 1000 metros, mais, às vezes tem mais... aquilo não calha em linha recta, é um penedo... e depois tem marcos, em mais sítios tem marcos

AL: pois... e não pedem dinheiro ao ICN para fazer essas vedações?

MCov1: não... eles não dão nada, que faz interesse em pedir. Se for por pedir pedia-se mas eles não dão, eles não têm dinheiro. O parque agora está na falência... porque antigamente havia muita fiscalização. Eu quando estava no serviço eu ia fiscalizar para Cabril, Fafião, às vezes ia para o Gerês, fiscalizava esta área toda. Às vezes juntava-me com outros colegas e vínhamos aqui para cima também fiscalizar. Agora não se vê ninguém. Agora só se vê algum javali... não fazem nada, é uma pouca vergonha

AL: então e quando vocês querem falar com o ICN como é que fazem?

MCov1: nós nunca falamos com eles. Falamos com a engenheira Lucia e ela é que trata de tudo. É ela que trata de tudo

AL: ah, ok. Mas portanto o ICN não anda aí? Ou os Serviços Florestais ou o que for...

MCov1: os SF tem mas os SF andam mas é no rio

AL: Ai é?

MCov1: às multas... agora não andam... isso andam para aí à caça de noite, fazem trinta por uma linha e não se vê ninguém

AL: e não se vê ninguém do ICN...

MCov1: não, não se vê ninguém a fazer fiscalização nenhuma

MCov1: não, o parque não deixou pôr aí as eólicas que nos davam mais dinheiro escusávamos de andar com isso... tínhamos mais dinheiro, dava empregos, empregavam aí pessoas para guardar as eólicas e coiso, tínhamos o dinheiro, esse dinheiro aplicávamos aqui no povo em melhoramentos...

AL: pois... mas se calhar por isso é que vocês têm as ITI's não é?

MCov1: a parte de acolá está melhor que nós... ali não é Parque, do rio para lá já não é parque, já têm as eólicas por ali abaixo, as aldeias... recebe a câmara e recebem as aldeias e as aldeias agora estão com o que querem, já têm dinheiro para as despesas, para fazerem melhoramentos, para... antigamente não faziam nada...

AL: isso é uma coisa que queria perguntar... aqui, pelo que percebi, vocês não têm floresta nenhuma, ou seja não ganham nada com a venda de madeira...

MCov1: não

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1: é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1: e agora cortaram... deram para aí um.... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1: quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1: uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1: contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1: não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1: foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o

vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às ? eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1: natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar... ainda por cima com os de Travassos que depois querem vir pastar para ali, este ano estiveram lá de noite, queimaram aquilo tudo, a parte lá de cima da serra, limparam aquilo tudo com o lume

AL: mas a zona de carvalhal?

MCov1: o carvalhal também... tudo!

AL: do vosso? De Covelães?

MCov1: sim, sim, porque eles vêm passar para o nosso

AL: mas quem é que queimou?

MCov1: os de Travassos... e os de Pitões... se não foram são os de Travassos são os de Pitões, eles são da mesma família, são genros, ou sogros ou genros e depois chegam fogo para irem lá pastar

AL: mas não queimou as árvores ou queimou?

MCov1: algumas queimaram

AL: então vocês ficaram chateados ou não?

MCov1: ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! Mas isto é... é uma malandragem do carambas! Por causa do gado! O Senhor Duro arranjou... ele estava na França, veio para aí, o tio é que lhe deu a mão...

AL: quem, quem? Desculpe?

MCov1: o Duro, de Travassos... e arranjou 70 ou 80 vacas, meteu agora para aí 80 ou uma coisa assim, têm-nas na corte e depois agora bota-as para o nosso monte... e depois queima o monte. Vai buscar um subsídio com a sombra (?), com as vacas, apanha o monte tinha cento e não sei quantos hectares de monte baldio, ia buscar uma fortuna, só ele do coiso tirava para cima de 20000, mais que 20000, para aí 80000 de subsídio lá de... do ITI, lá do monte e das vacas e coiso... tira uma fortuna... mas agora lixou-se, agora já não tem

tanto terreno... agora as vacas andam no nosso, pois... se lá for agora elas andam elas lá em cima todas...

AL: e vocês não dizem nada?

MCov1: não... agora já não dizemos nada. Elas ficam lá... porque eles agora chegaram-lhe fogo e agora a erva vem e as vacas não saem de lá, nem os cavalos

AL: as deles...

MCov1: as deles, não saem de lá... e as de Pitões. Pitões vão para a zona do monte nosso até que chegam ao de Travassos. E os de Travassos chegam ao de Pitões. Mas para o de Pitões não passam, só andam é no nosso

AL: então mas se isso é contra a vossa vontade vocês não dizem nada?

MCov1: chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

AL: não, mas falar com eles directamente

MCov1: ah, isso dá para alguma coisa? Não querem saber... nada

AL: mas portanto, assim quando as vossas vacas forem já não há erva, ou há menos erva...

MCov1: sim, as nossas vacas agora de verão vão... algumas. Mas depois lá andam todas juntas

AL: com as deles?

MCov1: pois. Depois de inverno as nossas andam ca em baixo e as deles andam no nosso monte... em cima. De inverno o baldio de Pitões que fica perto do nosso monte, da nossa área, e eles vêm para o nosso... andam lá, quando os dias estão bons, quando não há neve, passam aquilo tudo, metem-se com o gado pelo monte

AL: e vocês não conseguem regradar isso?

MCov1: para quê? Não vale a pena... para quê? Chatear-nos e ao fim vamos para tribunal e ainda ficamos mal... deixam as vacas sozinhas... porque tem um sítio ali de Pitões que aquilo é tudo... deitam-nas sozinhas... as vacas fugiram para lá. Andavam para ali com elas, e se for preciso anda lá pessoal com elas e diz que fugiram... se fugiram não pagam nada. Por isso não vale a pena meter-nos com eles

AL: e há mais alguém a usar o baldio sem autorização?

MCov1: não, Travassos, Tourém também vêm

AL: vocês não vos faz confusão nenhuma que as pessoas entrem no vosso baldio e que...

MCov1: não, não. Nem se cobra nada... que há muitos lá para baixo para o Gerês é que cobram, cobram um x a cada um. Mas aqui não se cobra nada...

AL: mas o quê? Nos baldios ou no Parque?

MCov1: nos baldios... parque, os baldios são parque também...

AL: mas quem é que cobra, sabe?

MCov1: lá há guardas a cobrar

AL: ah, é pessoal do parque que cobra...

MCov1: aqui não... aqui passam, entram quando querem. E depois a caça, temos a caça... os de Montalegre, Aldeia Nova, andam toda a noite com os carros, por um lado, por o outro, dão cabo da caça toda. Depois não há ninguém do parque que venha aí olhar por isto. Nada! Podem chamar a guarda, podem chamar o coiso... não vem ninguém! Não querem saber disto. A guarda está tudo contra isto

AL: contra o quê?

MCov1: contra o parque, contra o parque.

AL: a guarda o quê? A GNR?

MCov1: pois, a GNR quer lá saber do parque...

AL: mas a GNR agora é que fiscaliza as florestas não é?

MCov1: sei lá, para aqui não fiscaliza nada, não querem saber de nada, não ligam nada

Fafião: MF1

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

AL: portanto não sentem que há muitas pessoas a usar o baldio e que não lhes diz respeito ou que não têm esse direito, que não contribuem para a gestão do baldio mas usam-no, enfim...

MF1: uuh, pronto, temos aí alguns casos que... por exemplo há aí pessoal que quer vir para aqui buscar pinha, é um exemplo, “olhe, podíamos ir buscar pinhas?” e vêm com uma carrinha de 3500 quilos! E eu... “ouça lá amigo...”. Não podem! Mas eu não me importo que levem 4 sacas de pinhas, agora para levar daqui as pinhas para as vender noutra sítio calma lá! Isso não é assim! E eles já aí ficam... pronto, lá compreendem o que é que se passa e... por exemplo a lenha também não se pode levar, é só para o pessoal daqui, e pronto...

Outeiro: M01

MO1: é, é, aquilo pertence a Pitões, portanto os nossos limites vêm mesmo por trás da Fraga, onde está aquele carvalhal verde, e ali apanha depois esta parte aqui da Mourela, o cruzamento de Pitões e depois fazemos limite com Paredes [ou Pitões] e misto entre as duas aldeias [...] foi pedido também para esse projecto das ITI

AL: o que é que foi dividido mesmo?

MO1: o que era misto

AL: ah exacto, dividiram ao meio para ficar...

MO1: dividimos ao meio mas continua a ser igual, não é, quando acabar estes projectos, estas coisas, o baldio... temos cruces nos penedos marcadas e cada um tem o seu limite. O misto tem cruces debaixo e de cima e eles podem vir até aos limites de baixo e nós até aos limites de cima, aquilo é um misto... depois temos o que é de cada freguesia, está tudo no GPS, eu levei 7 dias a marcar isso com uma rapariga lá de Vila Real e com o Parque, andámos nos sítios por onde...

AL: ai foi?

MO1: sim, temos tudo bem feito

AL: mas isso foi para o quê?

MO1: foi para quando fiz esse projecto das ITI

AL: ah, e tiveram que fazer essas delimitações

MO1: delimitações... era o baldio, tinha [...] porque já era uso e costume antigo, daí que foi...por aí é com águas vertentes, com Espanha é igual, águas vertentes e aqui, com as aldeias é... águas vertentes chamamos à cumieira do monte, onde a água escorre para Espanha é espanhol, onde corre para cá é português, temos marcos! Portugal e Espanha, toda a raia adiante...

AL: pois, eu ainda vi quando fui a Sezelhe, andámos lá a passear pelo baldio e ele mostrou-me os marcos

MO1: nós temos toda aquela zona... toda a raia adiante tem os marcos numerados, uma tem um número, outra tem outro número, conforme foram postos, e são pintados de vários em vários anos as letras, Portugal e Espanha, mas aquilo está mesmo cravado na pedra, o P e o E

AL: não há cá maneira de tirar...

MO1: não, não, aquilo está bem feito, fica para toda a vida não é. Agora onde os animais pastam, tanto do lado espanhol, que os espanhóis agora têm menos gado, que o nosso gado até vai para lá, o dele vem para cá, conhece-se não é

AL: é? Conhecem-se?

MO1: mas já houve conflitos antigamente

AL: entre os espanhóis e os portugueses?

MO1: o gado deles, o nosso gado ia mais para o deles, e eles cada um tinha de andar na sua área

AL: porque é que o vosso ia mais para o deles? Era melhor lá?

MO1: o gado não tem parede não é... ainda hoje vão. Ai tenho aí um vizinho meu que tem de ir pelo lado ali de Tourém e virá-las que elas vão-se aos lameiros, quando já não têm comida no monte vão procurar, como o javali

Paredes do Rio: MP1

[MP2 é o presidente da mesa da AC, e S2 é o seu filho]

S2: soube hoje, sabes o que é que querem fazer aí? Estão a arranjar maneira de fazer passar aqui o rally de Portugal naquela zona do... Lourico, e queriam meter a entrar dentro da Mourela, não sei se passará nalgum...

MP1: se quiserem vir para aí hão-de vir pelo estradão

S2: não mas...

S: onde é que vão passar?

S2: os de Montalegre já andam todos fodidos, que aquela estrada que vai para lá para o...

MP1: querem vir lá para as antenas, até lá à Mourela, naquela estrada em que nós estivemos

AL: sim

S: arranja aí umas tábuas com uns pregos para...

S2: eu para os moços não aconselho... Sabes o que é que fazem lá? Trancam a estrada, os gajos têm os terrenos, e gajos que querem ir andar a cavalo e o caralho, já não vai ninguém

S: mas é o rally de Portugal ou a prova da... da...

S2: é aqueles treinos que já tem havido, eu não sabia, o David há bocado estava a falar com ele, com o Vido, estava todo fodido porque lhe passavam à porta do armazém, que nem os deixavam ir para os armazéns quando andavam lá em provas, nem o caralho...

S: mas é prova de automóveis ou de bicicletas?

S2: de automóvel! Andam a acabar com tudo

MP1: jeeps

S2: de carros, é mesmo de carros agora...

MP1: se é com os carros então partem tudo

S2: partem tudo?

S: isso abre-se uma vala pá

MP1: nos estradões partem tudo

S: esse pega-lhe no tractor do CD e vai-lhe abrir uma vala lá acima

S2: não, mas estão a acabar com tudo os gajos... tudo

Pitões das Júnias: MPi1

AL: sim, sim. E no próprio povo, fazem alguns melhoramentos que conseguem fazer sobrar não é, de alguma forma?

MPi1: sim, sim, sim... o financiamento das Juntas é muito pequeno e então, ou as freguesias... aqui já é limite de fronteira, ali já é Espanha, a Galiza não é... aqui é a Portela... nós aqui praticamente... ah, nós anualmente temos aqui um encontro transfronteiriço, fazemos aqui um encontro, vêm os galegos, vimos nós, e estamos aqui um dia, confraternizamos todos e entendemo-nos bem... o nosso gado, isto não tem limite nenhum, o gado está aqui como podia estar ali, o gado tanto pastoreia aqui como ali, não há... no passado houve, havia essa restrição mas agora já não... isso já não acontece...

AL: e vice-versa não é?

MPi1: é... eles não, a parte, os espanhóis estão mais... em termos de desertificação estão muito pior que nós, têm só muito pouca gente, gente com muita idade e que praticamente já nem têm animais

AL: ainda estão pior do que aqui, bolas... não sabia

MPi1: muito, muito, muito. Estão, estão, ninguém imagina como estão estas aldeias da raia

Sezelhe: MS1

MS1: ... olha, aqui a giesta está cortada....

AL: aaah, aqui já foi para tirar para as camas?

MS1: para a cama do gado, oh... olhe lá as manadas lá em baixo...

AL: e não faz ideia de quem são as vacas...

MS1: não, aquilo são da aldeia vizinha. Porque as nossas, está acolá aquela pedra... as nossas cruzes estão acolá, e as deles, até lhe vou mostrar aqui... quer ver, estão aqui umas... isto já... já são lá de séculos, dos nossos, sei lá, bisavós... há cruzes aí com 300 anos ou 400 anos

AL: então aquilo onde estão as vacas é misto é isso?

MS1: sim. Faziam estas cruzes, nas próprias pedras, está a ver...

AL: bolas, isto não é fácil de ver... é só para quem sabe

MS1: e a maior parte das pessoas não sabe delas, nas aldeias...

AL: Tá bem, porque o senhor Manel falou-me qualquer coisa que as cruzes eram feitas com picos... picos... mas o que são picos?! Ele disse que eram coisas de ferro

MS1: pois... isto antigamente devia ser...

AL: são imensas

MS1: são imensas que é para não haver dúvidas

AL: então e como é que vocês sabem que isto são as vossas, aquelas são as deles...

MS1: não, sabemos, estas...portanto, uuuh, a aldeia vizinha a partir daqui para cima já não lhe pertence nada. E nós, de onde estão as vacas para o outro lado à aldeia de Sezelhe já não nos pertence nada

AL: ah, porque lá estão as cruzes de Sezelhe?

MS1: exactamente. Estas são as cruzes de Travassos e do outro lado são as de Sezelhe

AL: e a área que é mista é grande ou...

MS1: a área que é mista, portanto, nós temos... estão estas cruzes aqui, estão ali à frente, estão acolá... são várias... ali ao pé daqueles pinheiros estão ali outras, as de Travassos, normalmente as cruzes estão sempre postas ao nascente, e de cruzes a cruzes há sempre uma linha recta, como por exemplo, desta cruz acolá é uma linha recta, mais ou menos tem de ser uma linha recta, ao chegar lá pode desviar, mas da outra, daquela mesmo, esta está assim mas a outra está ali em baixo, mas dali ali o horizontal é sempre uma linha recta. E as cruzes, se procurar as cruzes, estão sempre postas ao nascente, porque se viermos aqui a parte de trás não tem nada, nesta pedra

MS1: as cruzes estão todas feitas ao nascente... porque se houver cruzes por trás do outro lado, para o poente, não são cruzes

AL: então ali naquela pedra também hão-de estar para cá...

MS1: sim, as cruzes estão ali...

AL: então os picos, fico sem perceber o que eram os picos...

MS1: o tio Manel às vezes explica-se mal...as cruzes são abertas com picos. Sabe o que é um pico do prego não sabe? É tipo de um, de uma picareta... depois tem um bico de cada lado. Depois é com esse bico confirme se picam as pedras, essas pedras de casas e coiso eram picadas a pico ou então ...

AL: e por exemplo, quando vocês metem nos PUB's a área do baldio também contabilizam a área mista?

MS1: uuuh

AL: por exemplo, se o baldio é isto, e isto aqui é a área mista... por exemplo, isto é de Sezelhe, e aqui há uma área mista porque aqui estão as cruzes de Travassos...

MS1: não, não metemos isso.

AL: no PUB não está? No PUB está toda a volta de Sezelhe...

MS1: exacto

AL: ah, pois, porque isso já é costumes locais...

MS1: pois, já é costumes locais. Como por exemplo, nós estávamos a dizer, para baixo há lá um imenso carvalhal... onde é só nosso nos podemos partir, como várias vezes chegamos a um certo ponto, reunimos a população e dividimos x, chamamos-lhes as leiras, terrenos para cortar essa lenha... nós não vendemos mas já chegaram a certa altura, precisa de lenha, eu preciso de lenha, os outros precisam de lenha... chamamos... em tal sítio há lá uma área que podemos fazer um corte... chegamos lá dividimos aquilo em... nós chamamos leiras...

AL: umas parcelas?

MS1: sim, em bocados... são x parcelas, faz-se x números, mas... que é para depois não haver complicações... mete-se coiso e tira cada um o seu numero... não é para depois um dizer assim “não, eu quero aqui”, o outro quer acolá... aquele é melhor... não. Assim há x parcelas, faz-se x números, faz-se um sorteio e mete-se conforme os tirarem assim tem que... onde é misto, portanto podemos... chegamos a acordo as duas partes, podemos vender aquilo a um madeireiro ou como podemos dividir estas, essa lenha

AL: e diga-me uma coisa... lá em cima há assim uns carvalhos muito pequeninos... é regeneração natural ou...

MS1: é! É regeneração natural... porquê? Porque isto é assim, há uma coisa com a qual eu me chateio... mas ali com a malta de Travassos, porque têm mais gado e depois tem menos pasto do que temos nós... porque o gado ali de Travassos vê no nosso monte um sítio melhor para o gado pastar, depois eles de vez em quando largam-lhe o fogo

AL: aqui?

MS1: ao nosso. Por ai à frente... depois ao fim de x anos começa este... portanto, está-se aqui a ver que isto ardeu... estes carvalhos arderam. Estes carvalhos já arderam, já estavam assim e arderam... agora estão estes que vêm de novo. Está a ver, estes no tamanho que tinham já nesta altura, arderam, quando tinham mais ou menos esta altura...

AL: agora voltou tudo atrás

MS1: como está este... está a ver? E este nasceu depois de aquilo arder. Que nós aqui o carvalho... na nossa área não é preciso plantar

AL. Então e nunca chegou a haver aqui grandes, grandes?

MS1: não, cheguei a ver carvalhos, grandalhões não, mas carvalhos mais ou menos assim havia...

AL. E onde é que eles estão?

MS1: havia... depois começa a arder, depois começa... agora por exemplo temos aí já carvalhos mais grossos, só que depois, era o que eu estava a acabar de dizer, chega-se a um certo ponto que eles não são capazes de vingar porque começam, porque ardem... este carvalho da maneira que a própria casca já está a cobrir a que ardeu, já ardeu há uns tempos. E depois isto é como nós termos um pé queimado. Chegamos a um certo ponto, naquele sítio já não ... ao pôr-lhe o pé dói-lho sempre, o sangue já não circula fica sempre aquela coisa, e isto é a mesma... o lume a arder é a mesma coisa como coisar [? Não se

entende] ... mas eu vou-lhe mostrar do outro lado da barragem, também gosto que vá ver, que vou lá mostrar-lhe os nossos carvalhos no baldio

AL: pois, era outra coisa... bolas, isto realmente é com cada giesta! Então e vocês costumam andar por aí andar pelo baldio a ver quem é que anda a usa-lo, quem é que não anda...

MS1: eu praticamente quase todos os domingos, todos não, mas um sim ou não, dou sempre uma volta por aqui...

AL: ai é? Então ainda bem que escolhemos o domingo, assim não atrapalho a sua vida...

MS1: não, eu gosto de dar... nós aqui andámos... aqui andámos a limpar isto, limpámos no ano passado... aqui há outras cruces...

[saímos do carro]

AL: quando vem ao domingo costuma vir de carro ou costuma vir a pé?

MS1: não, costumo vir de carro, a maior parte das vezes venho de carro, porque eu ando um bocado atrofiado do joelho

AL. E assim consegue dar a volta toda não é?

MS1: pois, era o que eu estava a acabar de lhe dizer... nós andámos no tal carvalho pequeno, porque isto também tinha ardido, e nós andámos a fazer limpeza neste carvalhal, só que a giesta agora... depois da limpeza que foi feita... o ano passado

AL: a limpeza?

MS1: sim. Porque isto ardeu e os secos, foram os sapadores que andaram aqui a limpar... tiraram os secos e só deixaram aqui os que vinham a crescer na...

AL. Mas o que é que quer dizer? É que os secos deixaram aqui cortadinhos no chão é isso?

MS1: no chão, sim. Deixámos os secos e deixámos estes que estavam a ...

AL. Ah sim, para aproveitar a regeneração

MS1: há certos sítios, agora por exemplo, agora ali aquela vaga durante o coiso, é uma vaga que está... que não tem tanta giesta e é mais húmida são zonas em que os carvalhos crescem mais rápido. E não largam tantos... este aqui cortaram-no aqui, sem autorização, e acolá e pagaram 400 euros cada...

AL: pagaram a vocês?

MS1: ah pois

AL: e não houve problema, eles pagaram?

MS1: ah, não, têm de pagar! O coiso está aí... primeiro têm de pedir, cortarem sem coiso, sem terem autorização são, pode vir de 200 a 500 ou 400... está ali no regulamento, temos essas coisas todas

AL: e quem cortou eram pessoas da aldeia?

MS1: da aldeia sim...

MS1: o regulamento é assim, nós fizemos o regulamento, afixamo-lo nos locais próprios, temos lá no coiso afixado para ler. E quando fizemos a assembleia e se juntaram os compartes explicamos o que é. O que é que há sempre uma pessoa ou outra que pensam que não conta... é por isso que aos domingos que eu vou sempre a...

AL: E depois como é que sabem quem é que cortou?

MS1: há sempre alguém que vê passar, e depois basta ver mais ou menos os troncos que coiso, e depois dessa coisa vê-se logo quem é que corta...

AL: é que bastava se calhar terem pedido autorização

MS1: não, era o que eu estava a dizer... eu se chegar aqui “epa, olha preciso de lenha portanto esta lenha que está aqui está proibida de cortar”, porque é assim, nós onde andamos a limpar com os sapadores não deixamos cortar a lenha, porquê... porque temos locais que não estão limpos e que têm lá lenha boa, melhor do que esta, e assim é uma coisa deles cortar e já deixar limpo também

AL: [andamos, andamos...] são umas cruzes? Não é nesta rocha?

MS1: penso que não...

[andamos mais]

AL: é? Aha!

MS1: está a ver aqui, isto tem aqui uma era...

AL: tem uma? Era?

MS1: mil trezentos... e dezanove, ou oitocentos e dezanove...

AL: é o quê isso?

MS1: isto é quando andaram a... ou quando vieram-nas ver ou quando as fizeram...

AL: 1819?

MS1: mil oitocentos e noventa e nove ou mil trezentos e noventa e novembro

[tentamos perceber]

MS1: é mil... mil oitocentos e noventa e nove, parece que foi isso...

AL: tem de por sempre o ano ou não?

MS1: não, nalgumas tem noutras não...

AL: e esta é a de... Sezelhe deste lado?

MS1: não, é a de Travassos deste lado. Portanto, o limite de Travassos chega até aqui e as nossas passam ali por trás, naquela vaga naqueles penedos que estão acolá, lá trás daqueles últimos que se vêm daqui... não são estes primeiros, são os outros que estão de lá...

AL: não são as mesmas que a gente viu há bocado pois não?

MS1: não, não, não, estão outras ao pé ali da vaga, depois estão ali outras... é como estar esta ali atrás e estas aqui...

AL: então isto é tudo misto?

MS1: isto... isto portanto, isto fazemos uma linha que é uma linha, uma linha das cruzes, para cada lado que as cruzes estão, entre o meio das duas cruzes é o misto e depois para cada lado, de lá é Travassos e daqui é Sezelhe

AL: isto são fronteiras antigas...

MS1: são fronteiras antigas, exactamente... então de 1899... há cento e ...

AL: sim, há 116 anos... aqui o baldio sempre foi desta aldeia, nunca foi de várias aldeias?

MS1: não, sempre foi da aldeia

AL: alguma vez houve conflitos, entre aldeias, ou dentro da aldeia, relativamente aos usos do baldio...

MS1: havia sempre um ou outro que havia sempre aquele conflito. Às vezes onde havia primeiro, onde havia conflitos era entre uma aldeia e outra. Porque depois uns diziam que as cruzes não eram aqui, porque muitas das vezes há pessoas que ainda hoje não sabem onde estão as cruzes. Depois as pessoas que não sabem onde estão as cruzes e os limites dizem “ai, não, porque as nossas vão em tal sítio, e as vossas são em tal sítio...” ... de resto não havia conflitos assim...

AL: é mais os limites

MS1: é. Há aquele respeito, só que é como estávamos a acabar de dizer, o gado e depois mesmo os da aldeia vizinha, se quiserem vir cortar mato para o lado aqui nós nunca nos interessamos por coiso...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: ah, ok. E quando estava a falar de boa relação estava a falar entre a Junta e a Câmara ou entre a Junta e os baldios

MTR2: sim, entre os 4 organismos neste caso... entre o baldio de Sezelhe, o baldio de Travassos, a Junta e a Câmara

MTR1: é que aqui entre o baldio de Travassos e o de Sezelhe há uma área que pertence às duas aldeias. E a isso é que se chama “mistos”. Por exemplo a demarcação de Sezelhe está aqui, não é... e a de Travassos vem mais aqui, este espaço que está aqui é o tal que chamamos de uma “área mista”

AL: e que foi estabelecido pelas pessoas daqui não é?

MTR1: sim

MTR2: aquilo tinha uma finalidade que era o seguinte, quando antigamente as vacas iam para o, havia muitos agricultores e as vacas iam para o monte e dizia-se assim “o vosso chega aqui não é... mas se passarem para aqui não há problema”, como às deles... agora se passassem para o deles... porque havia aí os guardas-florestais e passavam aquelas multas de, se os animais fossem apanhados noutra território já tinham de pagar... e então ali era tipo uma... como é que lhe vou dizer... é a velocidade, se você for a 60 não paga, mas se for a 80 já, já...

AL: exacto! Uma tolerância não é...

MTR2: exactamente, exactamente... em termos de corte de madeira de carvalho e de tojo também, também havia ali umas restrições... que eu acho que não faz sentido nenhum haver essa zona mista. Eu acho que era de dividir a zona mista ao meio e só haver uma única cruz, portanto o baldio chega ali... parou. Não...

MTR1: quando foi para receber subsídios dos baldios, dividir esta parte que pertence aos dois foi dividida a meio, veio cá o engenheiro Carlos Pinto de Braga, que trabalha no Parque, e depois foram dois homens daqui e dois de Sezelhe e então dividiram esse misto a meio, ficou dividido a meio, portanto daqui para aqui é de Travassos, daqui para aqui é de Sezelhe, por causa de não ficar aquele [? *Não se entende*] vêm os dois, não é... e então dividiram a meio, lá puseram, cortaram lá no mapa, eles ficaram com a parte deles e nós...

AL: e não houve conflito nenhum nesse aspecto?

MTR1: não, por isso é que já foram dois homens daqui e outros dois de Sezelhe com o engenheiro, não é... portanto já acertaram todos, certinho para não haver confusões

MTR2: uma das coisas que era interessante fazer era isso, era restabelecer as cruces, porque as cruces é a delimitação

AL: sim, já fui ver lá em cima

MTR2: ou seja pontos georreferenciados onde ninguém... podem partir a pedra à vontade que o ponto está lá... não é, o ponto ninguém consegue, só se for lá alguém apagá-lo ao GPS... e ser depois mesmo reconhecido... fazer a cartografia e depois ser reconhecida pelas várias entidades

AL: mas vocês agora, por exemplo, para fazerem os PUB's, os planos de utilização do baldio

MTR2: os planos de utilização do baldio, sim

AL: não tiveram que fazer isso? Eu não sei mas tinha percebido que sim...

MTR2: os PUB, o nosso já está há muito tempo... os novos são os PGF, antes era plano de utilização do baldio e agora é plano de gestão da...

AL: da floresta! Mas e quem não tem floresta? Como no fundo é o vosso caso... não é?

MTR2: sim, mas eles floresta não quer dizer floresta de pinheiro, floresta...

AL: pois, podem ser também os carvalhos

MTR2: sim, sim, sim. O PGF é o plano de gestão mas é tipo aqui é de roço, ali é de [*? Não se entende*], e cada sítio... agora é que saíram estes novos que exigem mas... *pá*, não é, eles querem uma cartografia mas você diz que é aqui, mas pode ser aqui ou pode ser ali, não há, não é fixo

AL: ah... mas quando tiveram de fazer esses planos não tiveram de fazer um levantamento desses pontos limites dos baldios?

MTR2: sim, sim, mas não quer dizer que seja o real

AL: ah, então como é que acha que era possível que fosse o real? Qual seria a metodologia a usar

MTR2: seria juntar os presidentes dos baldios da localidade, levar um topógrafo e chegar a um consenso e dizer “é aqui” e a partir de agora os outros desistem... são todos, as outras delimitações são todas esquecidas e é este

AL: e o se fez agora quem é que fez essa delimitação para os PGF?

MTR2: isto já existe há muito tempo, deve ter sido o engenheiro, na altura deve ter sido o engenheiro Carlos pinto ou o engenheiro Dinis

MTR1: o Carlos Pinto

MTR2: sim, sim, isso já vai para aí há 12 anos ou

AL. Mas já está no GPS desde aí?

MTR2: não, não, não. Só foi delimitado, foram lá ver e... não foi com GPS

AL: então com GPS ainda não há nada?

MTR2: não! Tanto que nós tivemos durante muitos anos o nosso limite mal, ainda não está completamente... já lhe demos agora um jeito mas...

AL: mas como é que sabem que está mal?

MTR2: temos a cartografia

AL: antiga?

MTR2: sim. Por exemplo, é muito fácil chegar aqui e dizer “é aqui”, não é? E ficar tudo acordado, e depois ir para o gabinete e alguém dizer “não, não, é por aqui”, ... e nós tivemos muito esse caso. As populações de duas aldeias iam lá, decidiam que era por aqui e depois no mapa aparecia de outra forma... e isso não pode ser

AL: e isso criou conflitos entre as aldeias?

MTR2: claro!

AL: e vocês só têm fronteira com Travassos ou têm com outro também?

MTR1: e com Covelães. Com Sezelhe de um lado e do outro lado com Covelães

MTR2: e com Espanha

AL: E os problemas são ali em Covelães, estou a ver? (RISOS)

MTR2: não, não é...

MTR1: Covelães também, Covelães também...

MTR2: o concelho de Montalegre tem 135 aldeias, de certeza que dessas 135 aldeias se 30 aldeias tiverem os seus limites estabelecidos, bem, é o máximo, porque tenho a certeza, e vê-se não é, agora com as eólicas, que agora anda tudo em conflito

AL: porquê? Uns querem outros...

MTR2: não, porque os pontos são fixos, são fáceis de alterar. Se for ali, vai-se a outra pedra e faz uma cruz e dizem que é ali, e depois não há nada que prove que...

AL: eu tinha ficado com a ideia, mas se calhar estou a inventar, mas eu tinha ficado com a ideia que quando se ia marcar as cruzeiras iam pessoas de ambos os baldios

MTR1: sim. Mas isso já foi há muitos anos

MTR2: sim, só que entretanto vão aparecendo cruzeiras novas, e alguém as ...(RISOS)

AL: pois

MTR1: e outras desaparecem

MTR2: por isso é que a situação ideal era com pontos de GPS

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... mas isso frustra-vos ou ?

MTR2: não! Eu falo por mim. Claro que é bom saber que uma eólica rende x, imagina ao fim do ano tem 10 000 euros por eólica, isto é muito... mas foi agora, nós também não nos podemos esquecer que estamos a usufruir da medida das ITI há muitos anos e eles não

tinham isso, isto é por nós estarmos no Parque, é uma vantagem... tivemos esta vantagem durante muitos anos, neste momento já não é uma vantagem, era mais a eólica do que as ITI

MTR1: já vai para aí há 5 anos teve aqui uma empresa de umas eólicas e nós fomos até lá acima para se debater, e então eles... é que o Parque não deixou, não é.... Dentro do parque a ninguém deixou pôr. Mas então eles faziam-nos um contrato, logo no acto de inscrição não é... tinha lá uma data em que dentro de 4 anos tinham de por as eólicas e portanto aí davam-nos 15 000 euros. No caso de não porem as eólicas dentro daqueles 4 anos tinham de renovar, davam-nos outros 15 000 e tinham de por nos próximos 4 anos. No caso de porem as eólicas quando começassem o trabalho tinham que nos dar 50 000 euros e depois cada eólica rendia 5000 euro por ano... cada uma! Eles vieram só ver mas depois é que iam trazer os técnicos para ver onde é que as punham e quantas punham... só que como o Parque não autorizou

AL: pois, no plano de ordenamento do Parque vi lá qualquer coisa sobre mini-eólicas, o que são mini-eólicas?

MTR2: é para consumo próprio. É uma eólica que é para uma casa, para um hotel, que é para produzir a própria energia, inclusive em Montalegre o hotel tem uma mini-eólica

AL: ai é??

MTR1: acolá naquele alto também já estava lá uma, também puseram lá uma, lá para...

AL: aonde?

MTR1: lá, nós chamamos-lhe ali a serra de acolá

AL: que já é Parque?

MTR2: não, ali não é

MTR1: chamamos de Piade, fica perto dos Pisões, não sei se passou na barragem

AL: passei, passei

MTR1: ali à esquerda, há lá umas já há uns anos também...

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, ai isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: ai foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles têm de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tido, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

AL: vocês tiveram um grande corte de área forrageira?

MTR2: bastante! Foi de 300 e tal hectares passámos para 84...

AL: e vocês acham isso justo ou acham que não faz sentido?

MTR1: isto foi uma pancada até grande não é... para toda a gente

AL: e quais são as consequências disso que ainda não consegui perceber...

MTR1: porque as pessoas até tinham bastante área agora tivemos de lhes dar só um bocadinho que é para chegar para todos

AL: e como é que isso é na prática... imagine, antes tinham 300 hectares para 6 pastores, só assim para dar uma ideia, e agora passam a ter só metade, 150 hectares, cada pastor ou cada rebanho fica com menos área não é... mas como é que isso se fiscaliza?

MTR2: imagine, cada agricultor para se poder candidatar para os fundos comunitários tem de ter uma área... como é que um agricultor com 70 vacas justifica a sua própria área? Uma pessoa com 70 vacas precisava de ter 200 e tal hectares e ele não sua própria exploração não consegue ter essa área, então ele justifica dizendo que deita as suas vacas para o baldio. E então, qual é a forma de dizer que... o presidente dos baldios passa uma declaração a dizer “ nós cedemos 50 hectares de baldio a este agricultor”. Neste caso reduziu a área, enquanto um agricultor tinha 50 hectares neste momento teve de ficar com 19 ou... logo vai influenciar na apresentação da candidatura aos subsídios desse agricultor... uma coisa é ter... depois recebe-se x euros por cada hectare

MTR1: por exemplo até ali tinham um hectare e tal por cada vaca não era... quase hectare e meio, agora ficaram com meio hectare...

MTR2: 0.6... ficou

AL: e é permitido, por exemplo, há um limite estabelecido por quem dá o subsídio para a área por cabeça

MTR2: quanto mais melhor

AL: quanto mais melhor em termos de subsídio... ok, acho que começo a perceber, é que isto está a ser tudo novidade e confusão para mim

MTR2: o baldio é um mundo muito...

AL: sim, é complexo isto

MTR2: é

AL: eu antes de vir para aqui pouco tinha ouvido falar de ITI e... (RISOS)

MTR2: porque é uma medida própria do Parque

AL: pois, exacto... eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse tão importante, que fosse essa a fonte de rendimento dos baldios do Parque, nunca me passou isso pela cabeça. Porque eu leio muito sobre baldios mas a realidade dos baldios em geral e a realidade dos baldios dos parques, ou pelo menos do Parque Nacional, é completamente diferente

MTR2: sim, onde há pastoreio e onde não há pastoreio é completamente diferente

AL: exacto!

MTR2: tipo, um jovem agricultor que meta 60 hectares de baldio terá seguramente 16 a 17 mil euros por ano de subsídio só do baldio...

AL: e o baldio não recebe nada por isso?

MTR2: não... deveria receber, uma verba disso devia ir para o baldio

AL: até porque ele é comparte, à partida... esse pastor ou produtor...

MTR2: sim, mas imagine o baldio é de todos... e estão a usufruir 4 ou 5

MTR1: mas também se não fosse o baldio aqui eles não podiam ter estas vacas... nem a terça parte, porquê? Porque o gado agora, aqueles que têm os vitelos não é...que estão a dar leite, está bem, mas as outras que ficam lá até ao fim de setembro

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

ACm1:...Nós tivemos um problema... eu levei um processo... conheceu o parque de campismo que temos lá em cima em Cabana Maior? Não foi a Travanca?

AL: sim, estive lá a dormir

ACm1: ok, aquele parque de campismo foi construído violentamente pelo parque. A casa foi construída na altura da florestação, nos anos 50. Agora, quando a direcção do PN decidiu construir aquele parque de campismo, ou transformar aquilo num parque de campismo, argumentava que aquilo era terreno do Estado. E eu levei-os até à Direcção Geral de Património do Estado para lhes provar que o terreno não é do Estado, o terreno é baldio. O próprio terreno onde estão construídos os edifícios... os edifícios foram construídos pelo Estado, mas foram construídos em terreno baldio, que nunca perdeu o estatuto de baldio

AL: aquele baldio é de Cabana Maior ali?

ACm1: sim é

AL: ah, pensava que era do Soajo...

ACm1: disseram-lhe que era do Soajo?

AL: não, não me disseram, eu é que achei

ACm1: e porque é que achou?

AL: porque está perto do Soajo e Cabana Maior dá-me ideia que é lá em baixo, já aqui perto de Arcos de Valdevez

ACm1: [RISOS] o Mezio é Cabana Maior

AL: mas Cabana Maior é o nome de uma freguesia só ou também o nome de uma aldeia?

ACm1: Cabana Maior é o nome da freguesia. De uma freguesia que tem 6 aldeias

AL: quais são as aldeias?

ACm1: Igreja, Portela, (...) Bustelinhos (...) o Soajo está ainda a cerca de 10 km do início da freguesia de Cabana Maior. O Soajo é, a partir do momento em que começamos a descer para o Soajo... é Soajo

AL: então mas estava a contar, desculpe, quando é que eles fizeram lá o parque de campismo?

ACm1: foi nos anos 80 e... 90, por aí. E eu fui obrigado a enviar o processo para a direcção geral do património do Estado para clarificar a...

AL: e depois o que é que aconteceu? Eles fizeram na mesma o parque e

ACm1: aconteceu que a DGPE emitiu o parecer dizendo que o Estado não era o proprietário do terreno baldio

AL: e agora o Estado paga uma

ACm1: não, não paga, nunca os obrigámos a pagar nada, nós quisemos foi clarificar a situação

AL: eles não pagam uma renda aos compartes?

ACm1: não

AL: nem vocês recebem nada da presença dos turistas lá?

ACm1: também não. Não porque aquilo não dá para pagar os salários ao pessoal. Chegou-se à conclusão que não era justo... ou tinha que o parque deixar de funcionar, ou tínhamos que deixar o parque funcionar e ter a possibilidade de conseguir um posto de trabalho ou dois, temporário, para alguém da freguesia. Era dada prioridade para pessoal de freguesia para os postos de trabalho que ali funcionassem enquanto estivesse aberto

AL: está aberto agora, no inverno?

ACm1: não

AL: pois, quando eu lá estive eles iam fechar em setembro, é verdade

ACm1: pode ocasionalmente acontecer que se há um volume de turistas, ou de escolas, ou de estudantes, que queiram alugar aquilo à semana, já chegou a acontecer, recrutam pessoal e

AL: pois. Então onde está o café do Mezio também é do baldio de Cabana Maior?

ACm1: não

AL: é do Soajo?

ACm1: o limite do viveiro, o muro do viveiro, a vedação que limita o espaço... onde está o café já é do Soajo, porque ali é a limitação entre as duas freguesias. A delimitação fica no alinhamento do muro, mais para norte, vai apanhar o angulo direito da casa, da casa do guarda (...) que agora foi adaptada para venda dos produtos locais, etc.

AL. Então está dentro da vedação da porta do parque

ACm1: e está dentro do terreno de Cabana Maior. Mas há um ângulo da casa que é o limite entre as duas freguesias, o angulo direito da casa, quando olhamos de sul para norte, é a delimitação entre as duas freguesias, e o café fica mais para a direita, já é do Soajo

AL: como é que vê os baldios no futuro? Ou seja, com esta coisa toda de alterações de leis, de corte de áreas elegíveis para pastagem, com o despovoamento que está a ser um bocado fomentado através das leis que o Estado vai fazendo sair relativamente às zonas rurais, como é que vê isto tudo?

ACm1: eu em termos de previsões eu vejo um futuro... é muito difícil de fazer uma previsão, mas por aquilo que eu tenho observado é assim, os nossos políticos a nível da assembleia da república, eles dificilmente vão conseguir respeitar as populações, melhor do que aquilo que têm feito até agora... a tendência é para piorar, na minha opinião. O jogo dos interesses vai pesar sempre, cada vez mais, cada vez mais, no sentido de as empresas que turisticamente querem explorar estas zonas, e para eles satisfazerem essa clientela as populações vão ficar cada vez mais limitadas no que quer que seja. Eu não vejo... ou tinham que as populações ter um comportamento ao nível geral nacional um comportamento muito solido em termos de posição conjunta, geral, ou então é sempre muito mais complicado, porque eles lá em cima na assembleia acabam sempre por cozinhar tudo à conveniência e impõem. Não estamos em ditadura mas estamos em ditadura

AL: agora com esta alteração do governo tenho alguma esperança, porque realmente há coisas que se têm verificado que têm vindo a melhorar

ACm1: mas neste governo também sabemos que quando há jogo de interesses em causa poe-se todos de acordo também. É o caso de angola, o caso de angola... condenação à sentença contra estes jovens... como é que um grupo de 15 jovens vão organizar um golpe de Estado contra uma máquina que destrói tudo... não faz sentido

AL: não, e depois o próprio julgamento foi ridículo. E depois o PCP põe-se com aquela conversa “ estamos a pôr em causa o bom funcionamento das instituições de um país” ... qual bom funcionamento?

ACm1: não, o que o PCP mostrou aí o seu lado ditatorial comunista... claríssimo. Se o Putin não há muito tempo condenou umas raparigas por cantarem com as mamas ao leu... e foram para a prisão por estarem a criticar o Putin, não foi por mostrar as mamas. E agora aqui nesta situação na AR foi uma vergonha, e o PCP votar com o PSD e o CDS. Veja bem, aqui já se vê o que são os interesses, os interesses poem-nos todos de acordo, eu tive uma situação, faço parte de uma comissão que foi criada em 2004, para a regulamentação das medicinas ditas não convencionais. E a um certo momento o director geral de saúde fez um relatório falso. Quando o governo do passos coelho e do Paulo portas entrou em funções em 2011, o director geral de saúde fez um relatório falso informando o ministro da saúde, Paulo macedo, já não sei se é macedo... é aquele indivíduo que quando foi director geral das finanças não declarou uma casa que tinha lá para o Alentejo ou que foi. Então o director geral de saúde quando esse governo entrou em funções fez um relatório falso, declarando ao ministro, era o ministro da agricultura “no prazo de 90 dias preciso de ter uma informação sobre o ponto da situação da regulamentação das medicinas não convencionais”. E o director geral de saúde faz um relatório e informa o ministro “não tendo havido acordo conclusivo entre a comissão, de que eu fazia parte, eu e mais 5 representantes das terapêuticas, os representantes ministeriais... então não tendo havido acordo temos que partir para um processo novo. Claro que o ministro pegou naquilo, quando eu tive conhecimento desse relatório falso eu denunciei esse relatório falso, em plena reunião da comissão parlamentar de saúde na AR, estavam representantes de todos os partidos, eu tinha actas das reuniões feitas na direcção geral de saúde sobre os trabalhos da comissão. A comissão fez os trabalhos, aprovou os trabalhos, estava tudo pronto para serem começados a ser emitidos as cédulas aos profissionais que se candidatassem, e o director geral de saúde meteu todos os processos na gaveta e disse que não havia nada feito. E eu nessa comissão, nessa reunião da comissão denunciei isso. Foi ouvido por todos os deputados que estavam presentes, toda a gente de boca calada. A presidente da comissão, filha do falecido Almeida Santos, mandou-me calar porque eu não podia falar. Mesmo que eu tivesse a dizer a verdade tinha de estar caladinho. E os outros também ficaram todos calados, PCP, Bloco de Esquerda, Verdes, toda a gente, todos os deputados que estavam ali ninguém abriu a boca, e entretanto é isto assim... e o director geral de saúde estava a mentir... foi uma mentira, depois tivemos de travar uma luta enorme com ele, com o ministério, para o fazer ver que aquilo que ele tinha dito era mentira. Mas nessa reunião, uma reunião de trabalho, em que o director geral de saúde foi convidado para ir lá falar desse processo, ele disse lá a mesma coisa que tinha mandado no relatório, e eu disse-lhe “eu peço desculpa mas o senhor director geral de saúde não está a falar verdade, eu faço parte da comissão, acompanhei todos os trabalhos, os processos foram concluídos, foram para discussão pública e depois da discussão pública estavam prontos a que o ministro Correia de Campos desse andamento ao processo para começarem a ser apreciados os processos dos candidatos à certificação”. O director geral disse “não, não houve acordo, não houve acordo...” e aquilo ficou ali tudo parado

AL: então mas actas dizem essas coisas não é, “votaram x pessoas” ...

ACm1: eu entreguei a acta a um jornalista que estava lá do Correio da Manhã, aquilo é tudo... o jornalista não escreveu nada (...) isso só para dizer que quando há questões que interessam todos se calam e tudo cai para o lado que convém não é

AL: pois isso no sentido de estarmos a falar do futuro dos baldios e do meio rural

ACm1: sim, sim, e aqui vai acontecer, aqui e noutros sectores vai acontecer o mesmo, quer dizer... os partidos poem-se todos de acordo quando há interesses em jogo não é. Agora sabemos que há um grande interesse na exploração destas áreas turisticamente, e isso interessa a certas empresas e essas empresas têm lá os decisores bem colocados para os favorecer

AL: pois... e turismo? É feita alguma coisa

ACm1: oh, o turismo não nos traz propriamente

AL: não taxam também a presença dos turistas

ACm1: não taxamos

AL: nem ali as portas do parque taxam nada?

ACm1: não... a porta do parque taxa mas isso é tudo para o município

AL: ah, porque é a ADERE... não é? Porque a câmara faz parte da ADERE, não é? Não... como é que era...

ACm1: a ADERE é uma instituição criada um tanto ou quanto pelo município

AL: são várias empresas e o município não é? Que formam a ADERE

ACm1: sim, é assim uma família

AL: exacto, exacto... então mas não dá nada para o baldio...?

ACm1: nunca lhes foi exigido... ainda não lhes foi exigido

TERRAS DO BOURO

Covide: TCo1

AL: a questão do conflito actual é o quê?

TCo1: o conflito actual é porque há aqui meia dúzia de moradores de Covide que se autonomearam uma comissão de consortes e pediram... e a Junta não reconheceu. Pronto, porque era a Junta que tratava desse assunto, não é... a Junta sempre com o povo não é, quando era para fazer alguma coisa fazia um anúncio público

AL: mas mesmo... só para eu perceber, mesmo depois de serem aforados a Junta continuou a gerir aquilo?

TCo1: continuou

AL: isso é que eu não percebo, mas aquilo não passou a ser particular, quase?

TCo1: e é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir, porque para gerir isto tem que haver uma comissão qualquer, porque senão quem é que o ia gerir, porque isto está tudo em comum

AL: hmm, ok. Então não percebo é para que é que serve o aforamento, se continua a ser feita em comum a gestão, para que é que serve a divisão da propriedade, ou a divisão do baldio em partes? Só para eu perceber melhor...

TCo1: mas nós não temos baldio

AL: ou a divisão do monte, nesse caso

TCo1: mas a divisão do monte não... aqui neste momento não está feita divisão nenhuma

AL: então o que é que são estas pessoas...

TCo1: estas pessoas são os proprietários daquela altura, portanto, são os proprietários do monte. Embora sejam proprietários, mas está tudo em comum

AL: ok (RISOS)

TCo1: porque por exemplo, isto é fácil de compreender, por exemplo estas pessoas eram os proprietários que estavam cá, digamos eram os residentes de cá... porque se agora... ao contrário do baldio, se vier uma pessoa que chegue aqui ao fim de 6 meses ou não sei quê, tem direito, o baldio é global, é para todos não é. Mas se chegar aqui uma pessoa que não seja, ou que não tivesse aqui um familiar qualquer que fizesse parte destas pessoas, não tem monte, não é proprietário.

AL: ok, então vamos dizer, o monte foi entregue a x famílias e essas famílias gerem o monte em comum, entre elas...

TCo1: entre elas

AL: ok

TCo1: e normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público

AL: e as receitas vão para onde? Neste caso...

TCo1: as receitas antigamente iam... há uma parte, do que me lembro, por exemplo... há uma parte... por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre. Outra parte que deram... que se vendeu, deu-se a essa dita comissão, porque há uma comissão que quando se formou... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque... Se o serviço é tratado pela Junta, a Junta tem direito, por exemplo se entrou um cheque, uma vez um de 2400 euros aqui, em

2005 ou qualquer coisa, de dinheiros que foi feita em público... mas a Junta de Freguesia da altura entregou a essa comissão porque eles dizem que a comissão tinha feito aqui há uns anos, que era para vender um saibro, tentou-se aí vender um saibro e depois não se conseguiu, e essa comissão pronto, dizem que tem esse direito. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro, porque a Junta não pode. Porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro, que era sete mil e qualquer coisa euros. E a Junta disse que não dava dinheiro a particulares porque não podia, e portanto logo que eles se legalisassem entregavam o dinheiro à comissão. Eles... a questão está em tribunal e ainda está, eles dizem que estão legalizados, mas o tribunal diz que não. O tribunal só lhe dá razão em que eles podem pedir as contas, porque as contas qualquer pessoa pode pedir não é. Portanto a Junta neste momento foi condenada a apresentar-lhes as contas

AL: da venda?

TCo1: da venda e de tudo, porque a Junta não pode ter duas contas. Uma representação do Estado não pode ter duas contas. Uma Junta ou uma Câmara não pode ter sacos azuis etc., isso ia dar muita chatice. Apresentaram as contas da Junta todas onde está incluída essa receita e essas despesas. Só que eles dizem que querem aquilo mais explicado, só querem saber... o tribunal diz que só quer saber daquilo que diz respeito ao monte. Mas pronto... todas as contas da Junta estão neste processo, nós não podemos... agora podemos é ir lá explicar onde é que elas estão, agora não podemos fazer contas à parte, porque isso a Junta não pode ter sacos azuis, não pode, nem nenhuma Junta não é

AL: então o processo está agora que a tal comissão de compartes, ou comissão de consortes

TCo1: sim, mas ela foi eleita mas ela nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita

AL: mas vai ser, é isso? Eles estão a tratar disso?

TCo1: eles já trataram e agora eles dizem que estão, mas a questão foi que o tribunal, mas não chegou sequer a

AL: ainda não saiu o veredicto

TCo1: não, a questão em tribunal já saiu, houve um processo em tribunal em que eles

AL: perderam?

TCo1: não, o tribunal condenou-os a dar-lhes as contas

AL: ah

TCo1: mas o tribunal [levanta-se e vai buscar qualquer documento de que se lembrou]

AL: e essa comissão é formada pelas famílias que receberam os aforamentos, é isso?

TCo1: é, era, algumas, é meia dúzia, mas ali são centenas delas, e aí eram centenas delas, hoje são... se ali eram 30 e tal hoje são 50 e tal ou cento e tal, porque cada familiar depois... porque se os meus pais têm um terreno depois é dividido pelos irmãos

AL: claro, claro, claro, e pelas famílias deles que entretanto se formam

TCo1: e pelas famílias deles, portanto hoje em Covide há muita gente que tem, todas aquelas famílias [está a ver a coisa que eles fizeram... que era a comissão era isto, eles fizeram essa comissão em 2000 e tal, olhe isto não está legal por várias razões não é, porquê... por várias razões que eles não podiam

AL: ah, aquela questão da saibreira

TCo1: pois, essa questão... foi quando eles dizem que a comissão estava eleita nessa altura, mas mesmo nessa altura ela não foi eleita, foi meia dúzia que se juntaram e pronto, passou

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [*referindo-me a um papel que estou a ler*]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: e o que é que a Junta ganha por estar delegado em si os poderes?

TCo1: não ganha nada, só ganha chatices

AL: o dinheiro que sai das receitas, por exemplo, da floresta, às vezes também é aplicado na aldeia, e nesse aspecto a Junta também ganha um bocadinho

TCo1: eu vou-lhe dar um exemplo, que foi os últimos 7000 euros que passou comigo desde que estou na Junta, 7600 que foi o resultado da venda dos pinheiros de Lamas, nós já tivemos uma questão em tribunal com um morador de Santa Isabel, que também queria ser herdeiro do monte de Covide, porque botava para lá a fazenda há muitos anos e depois pensava que... portanto, aquilo foi a tribunal e perdeu-se, foi a tribunal e perdeu a questão... olha, a questão que eu lhe estava a dizer era isto [*mostra-me uns documentos*] está a ver, a questão do particular

AL: ah, sim

TCo1: e esse morador de Santa Isabel que é de outra freguesia aqui ao lado, queria dizer que tinha, que era proprietário do monte, só porque há muitos anos que pastava lá e não sei quê. Pronto, e ele veio à freguesia de Covide e a freguesia de Covide no princípio passou-lhe uma declaração que passava anual, para as pastagens, para os agricultores terem direito aos subsídios. E ao 2º ano ele veio de lá, começou a dar um bocado com a língua nos dentes e veio à Junta e a Junta não lhe passou “não lhe passo nada, tu não és de Covide”, e ele meteu a freguesia de Covide em tribunal, aqueles moradores que mandaram uma carta a dizer para ele não vir pastar no monte de Covide, e ele meteu-os em tribunal, que ele que era herdeiro e que portanto podia vir. Claro que foi para tribunal e perdeu porque ele não era herdeiro, o nome dele não estava aqui na escritura... não podia ser herdeiro não é. Se fosse monte baldio, e ele se morasse cá tinha os mesmos direitos também, mas como isto é... o monte de Covide é uma propriedade daquelas pessoas e agora se aquelas pessoas morrerem são os herdeiros que veem aí por adiante. Enquanto não o partir, todos têm em comum. Portanto não é uma propriedade de toda a gente não é, nem do parque, nem da floresta, nem... os nossos vizinhos do lado, não tem nada no monte Covide. É uma propriedade, como eu digo desta cadeira

AL: Ah, pois, é a tal questão, agora vão incluir as Juntas [nas ITI]...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o... este é o processo daquele... a tal questão do particular, e é uma factura de advogados “declarar a parcela baldio com uma área inferior a 1000 metros...”

AL: “... declarar terreno baldio a parcela com área não inferior a 1000 metros que o réu [*? não se entende*] e efectuou escavações e movimentações de terra e iniciou a construção...”

TCo1: ora, isto aqui é mentira, porque o terreno baldio não foi, mas pronto, foi a tribunal, ela foi mais esperta. Olhe, está a ver “no termo do artigo de 4 de dezembro baldios são montes geridos....” Como ela diz, como são comunitariamente geridos não pode ser arrendados, que os baldios...[? *não se entende*]

AL: e toda a gente sabe que aquilo não é baldio (RISOS)

TCo1: e ela sabe que não é baldio também. Mas as questões em tribunal nem sempre ganha quem tem razão

AL: é que essa foi mesmo do género “se eu não construo tu também não constróis” ... é feio

TCo1: é feio. E além disso, não foi só isso, quer dizer, foi... a própria advogada sabia que o terreno não é baldio. Mas houve alguns moradores de aqui de Covide que também sabiam e foram lá dizer que sim senhor, quer dizer, foram as testemunhas que sim, apanhou e disse não, as testemunhas de lá dizem que é”. Aquilo... e o juiz pronto, se é baldio não pode, não pode construir

AL: pois... epa, estes conflitos estragam tudo, não é?

TCo1: é... este não sei se vale a pena levar, e este também pode levar, é só para ter uma ideia. Isto é tudo só para ter uma ideia, porque eu gostava que estas coisas ... por exemplo, isto aqui, as contas, que não fosse para público não é

AL: não, isto não sai daqui, nem tem interesse nenhum

TCo1: elas estão públicas, eu penso que até há aí uma delas que estão na internet

AL: sim, se já envolve a Junta à partida é público. Sim, mas é esquisito não é, andar para aí a falar das contas daqui

TCo1: é, não convém... eu só tenho a dizer

[...]

AL: quer dizer, isso faz parte de dinheiros públicos, que dão a todos os baldios no fundo, que se candidatam, isto não é nada que seja propriamente segredo não é, mas

TCo1: não, mas eu acho que para si só chega dizer “ a Junta ou a freguesia de Covide nos anos tal tem recebido dinheiro do IFAP, ou dinheiro de não sei quê

AL: no fundo a mim interessa-me só o que está relacionado com os montes, qual é o dinheiro não me interessa, é mesmo só para perceber melhor como é que eles são geridos

TCo1: e era isso que eu queria dizer, não interessa estar a pôr quantidades

AL: não, nada

TCo1: [...] “juntamente com a maioria dos moradores da freguesia vendeu à companhia dos pedreiros do Porto diversos penedos no lugar de Paranhos pela quantia de x”

AL: isso era as tais para fazer pedreiras?

TCo1: não, a saibreira é muito depois, isto foi em 1984, a saibreira foi aqui há

AL: isto é dentro do parque?

TCo1: não, é fora do parque

AL: e podia-se fazer recolha de pedra neste local?

TCo1: isso na altura ainda se fez

AL: ok. E ainda hoje estão vendidas não é? Portanto, ainda hoje são dos proprietários que adquiriram

TCo1: não, não, pronto, eles tiraram o que tiraram e pronto, já acabou, isso já acabou há muito ano. Eles só se, venderam-se aqueles penedos, mas venderam-se para eles cortarem e

AL: ah, exacto, os penedos acabaram e acabou

Ermida: TE1

TE1: Aí há 15 dias veio-me um morador da Ermida dizer-me “opa, andam a roubar lenha de pinheiros lá em baixo na berma da barragem, e são os fulanos do outro lado”... veio-me dizer, naquele domingo já não tive tempo de ir lá, no sábado a seguir eram 8 da manhã já eu estava lá no fundo da barragem, pedi a alguém que me levasse lá com o carro, e fiz a pé a berma da barragem toda, 3 km, para ver o que é que se passava, estás a perceber? É a gente sair quando for preciso

AL: claro... e estavam mesmo?

TE1: estavam

AL: mas era malta quê? Do outro lado da barragem?

TE1: sim, do outro lado

AL: e depois houve algum problema ou?

TE1: ah, eu... já estão identificados já vão levar com um processo em tribunal

AL: ai, ai... eles têm baldio não têm?

TE1: têm, mas [*? não se entende*] é assim...

AL: vocês aqui também têm os baldios delimitados com cruzeiros e não sei quê?

TE1: não é com cruzeiros, é com marcos e está no livro escrito os nomes dos locais

AL: esse livro é um livro antigo não é?

TE1: é a cópia do antigo, o livro antigo ainda está na casa do fulano anterior que perdeu as eleições e que ainda não nos deu

AL: e como é que conseguiram a cópia?

TE1: porque as cópias já foram feitas há 15 anos atrás

AL: ah, ok

TE1: não é bem uma cópia, é feito... portanto o dos antigos é escrito à mão e depois foi traduzido e foram feitos livros no computador mas com a tradução que lá estava nos livros

AL: quem é que fez esse trabalho?

TE1: a tradução? Não sei, foi feito lá por um fulano para aí há dez anos atrás [*? não se entende*] Não se percebe daqui pa frente)

AL: mas a iniciativa foi daqui ou foi do ICNF?

TE1: não, não, não tem nada a ver com o ICNF

AL: está bem... e esse tipo de conflitos depois reflecte-se na aldeia? Tipo, por exemplo, o conflito com o antigo órgão de gestão do baldio, entre vocês e eles, isso depois cria mal-estar na aldeia ou...

TE1: para mim não, vivo bem sem eles, ele é que deixou de falar para mim [*? não se entende*] deixou de falar [...]

AL: e é só contigo ou é também com os outros?

TE1: também com alguns dos outros, mas poucos, é mais comigo

AL: o presidente

TE1: há lá uma senhora que devia estar à volta dos tachos e não está, porque o trabalho dela seria melhor à volta dos tachos, até disse que eu nem devia ter vindo da Inglaterra “saíu da Inglaterra veio lixar isto tudo”

AL: (RISOS) veio lixar isto tudo... do ponto de vista dela é verdade

TE1: porque o marido dela também trabalhava diariamente aqui

AL: e se calhar recebia um quinhão

TE1: recebia o ordenado, 600 e tal euros por mês

AL: aí é da tal casa do doutor... isto aqui ainda é zona de protecção parcial não é?

TE1: é zona de protecção ambiental tipo II

AL: ok, sim. Porque as pessoas andam por aqui à vontade, eu lembro-me que quando estive na Mata da Albergaria as pessoas não podiam andar lá assim

TE1: uuuh, não sei como é lá, mas sei que aqui só nós é que podemos circular de veículos motorizados, estava ali um fulano que estive para lhe perguntar porque é que ele estava aqui mas

AL: pois, estava ali um carro

TE1: mas como estão ali a fazer um trabalho... essa gente não tem nada que vir para aqui de carro, só nós. Aqui é uma zona de andar a pé. Isso está estabelecido no plano de ordenamento, todos os caminhos e estradas fora de asfalto não podem circular veículos de motorizadas excepto os residentes naturais, só que há um fulano ou outro que tem o rei na barriga

AL: e será que está explícito?

TE1: está, e tem um sinal lá em baixo, nós passámos

[conversa entre o Jorge e uma transeunte de carro numa zona onde a passagem de carros é proibida]

S: eu sei que não posso andar aqui

TE1: exactamente

S: só vou levar umas coisas a uns colegas que vão ficar na cabaninha de Penor, que vieram de Fafião, para não virem muito carregados e já vou para trás

TE1: está bem

S: está bem?

TE1: está bem...

S: obrigada

TE1: porque é assim, se passar por aí a patrulha do parque e do SEPNA eles vão-lhe entregar possivelmente um cheque de 300 euros

S: eu espero que eles não me façam isso

TE1: ah, mas pode ter a certeza, se eles passarem aqui você vai ser notificada]

TE1: vai levar as coisas aos colegas...

AL: ela diz que ficavam na cabaninha... qual cabaninha?

TE1: é o abrigo do pastor que está lá adiante na zona de Fafião

AL: ah, e podem lá ficar assim?

TE1: podem, se ninguém lhes disser nada podem, se não estiver a ser ocupada...

AL: curioso. Ah, era isto que estavas a dizer que ias fazer? Tipo isto?

TE1: é, é, mas lá naquele sitio...

AL: sim, sim.

Está bem, está bem... ela sabia...

TE1: sabe, sabe. De certeza que já para aí vieram...

TE1: Agora no que diz respeito às eólicas é assim, eu para mim acho bem isso, porque nós aqui ou temos de ter uma coisa ou outras, ou virados para o turismo, ou virados para as antenas, e não para lá ninguém isso é certo. É o que eu acho, é a minha opinião, não será a da maior parte deles mas a minha é esta porque eu tenho outra visão, nós ganhamos mais

com o turismo e não tendo aqui as antenas do que se as meterem aqui, digo eu, até posso estar enganado

AL: sim, isso depende, se não estivermos só a pensar em questões monetárias e estivermos a pensar também em outro tipo de valores não é, sejam valores de beleza, de gostar de olhar para o seu baldio e de sentir que é seu não é, porque a partir do momento em que as eólicas entram aquela parte pelo menos é gerida por eles não é... acho que há muitas coisas a pesar para além do que se ganhar em termos de dinheiro e isso agora depende, já percebi que por exemplo que tu Jorge acabas por valorizar mais coisas para além do dinheiro... eu não faço ideia que dinheiro é que está envolvido em termos de utilização pelas eólicas mas já ouvi dizer que é bastante

TE1: eu acho que eles dão... não faço a mínima ideia, 3 ou 4 mil euros àquelas Juntas daquela serra por cada eólica lá colocada

AL: pois, é muito dinheiro

TE1: está bem, é muito dinheiro, se forem duas já são 6000 euros, mas o que é que eles vão fazer com aquele dinheiro, eles não fazem coisa nenhuma como acolá... estás a ver aquela serra com aquelas eólicas todas, estás a ver aquilo sem pinhal nenhum só vês algumas manchas verdes... aqui há 20 anos tudo aquilo que tu vês era tudo pinhal, mas pinhais densos, pinhais como aqueles grandes que acolá temos. Se ainda hoje lá fores tem lá pinhais com 30, 40, 50 anos, queimaram tudo nos últimos 20 anos, tudo

AL: pois... pois é isso, também ter dinheiro só para ter

TE1: é assim, para mim as coisas funcionam de outra maneira, eu penso de outra maneira, eu e não é só eu, há mais colegas meus, e pronto, eu julgo que aqui a serra do Gerês ganha muito mais se não tiver eólicas do que se as tiver

AL: pois, pois, não és a primeira pessoa a dizer-me isso

TE1: vêm aqui... Assim aqui à zona norte, aqui à zona do Gerês e do parque vêm aqui milhares de pessoas da Alémanha, da Dinamarca, sabe-se lá de onde, se espetarem com antenas porque não sei quê ninguém cá põe os pés porque fartos de ver antenas devem estar eles

AL: sim, é verdade, mas pronto, quem diz eólicas diz outros tipos de desenvolvimentos que aqui não podem ter aqui dentro do parque, vocês não veem isso com muito maus olhos...

TE1: eu não, eu não... eu pessoalmente não, até é como te digo, há coisas que eu concordo com isso... por exemplo a exploração de pedra, fazer uma pedreira aqui numa esquina qualquer ou duas ou três pedreiras, para mim isso era muito mal feito... é como te digo, ou uma coisa ou outra. Ou então espetam aí com pedreiras em todas as esquinas e acabou-se, ninguém cá vem por os pés e aí está

AL: houve essas tentativas? De fazer aqui pedreiras?

TE1: não, não, não. É assim, agora para consumo próprio da aldeia haveria umas pessoas que até gostariam de cortar aí umas pedras não é, mas também não podem, mas também é um mal menor, depois fica mais barato comprar a pedra do que andar aí a cortá-la a trazer

o compressor e a pagar e... tas a perceber, isso é um mal menor... eu pessoalmente acho bem, não fazer pedreira nenhuma no meio do parque e pronto

AL: claro, claro... vocês não têm nenhuma antena aqui também a gerar dinheiro pois não?

TE1: não, não

AL: de telemóveis...

TE1: não porque

AL: isso podiam ou não?

TE1: possivelmente, nunca fomos questionados sobre essa parte... é porque não é necessário

AL: claro, sim, eu digo em termos do parque se é permitido

TE1: é, porque lá em Fafião colocaram aquela não é, o tal pinheirinho que lá está. Mas também se aqui nunca foi feito o pedido é porque não... porque não é necessário, as que existem devem fazer a cobertura que eles pretendem

AL: sim, era só para perceber se teriam mais alguma entrada de receitas

TE1: por exemplo, da cortiça, nós acabámos por não vender a cortiça porquê... pela imagem que as árvores depois iam mostrar, como aquilo não sai na totalidade e aquilo ia ficar metade fora metade sem tirar e ficava um mau aspecto, aquilo é um per... o PR 14 é um percurso onde passa lá muita gente, que imagem é que aquilo dava para as fotos que as pessoas iam tirar. E pronto, e nem sequer sei quanto é que aquilo iria dar, ainda lá está uma proposta sem abrir, eu nem a vi, já nos entregaram há um ano e ainda lá está sem abrir que ainda não tive curiosidade de ir ver quanto é que eles davam por aquilo

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a rádio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a sério? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andarem no nosso os dos outros andarem nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali. Mas moral da história, daqui para lá é Lindoso [...]

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: [...] sim, já me disseram que agora foi implementada outra questão que foi também para garantir que há produção de facto, porque o que se diz que como o subsídio não é à produção mas sim aos números de cabeça as pessoas adquirem uma data de cabeças para terem o subsídio mas depois não lhes dão continuidade à produção, mas já me disseram também que tem que haver x cabritos... ai, os animais têm de ter x cabritos por ano e não sei quê, que é para garantir que há ali uma continuidade. Mas até hoje pelos vistos o que se tem visto, ou o que eu tenho ouvido, é que as pessoas adquirem os animais mas depois a partir do momento em que têm o subsídio deixam... os cavalos, por exemplo, andam sempre por aí, assim, aqui não, mas mais lá para a zona de Terras do Bouro, andam para lá e nenhum tem dono, mas se vem a fiscalização cada um passa a ter 20 donos

MeC1: nalguns... eu sei de casos noutros baldios, mas no nosso felizmente... há com pessoas de fora... com pessoas de fora há, e com os espanhóis, mas de resto não... as pessoas que se dedicam mesmo a sério àquilo, dedicam-se mesmo a sério

AL: às suas produções

MeC1: sim, e aos animais de uma forma geral, estão bem tratados. Temos problemas é com os de fora, de freguesias vizinhas e de Espanha

AL: deixam lá os animais assim ou

MeC1: eles andam no monte, não são pastoreados e acabam por ir para lá... para Castro

AL: e não há assim conflitos directos entre... vocês também têm montes de espaço não é?

MeC1: há... não, o conflito é mais com os particulares, porque eles vão e dão cabo das propriedades, das paredes e dos cultivos das pessoas, é mais com particulares, porque a

anterior direcção também nunca assumiu isso, nós agora temos a alínea para regular isso, só que a anterior direcção nunca se preocupou muito com isso

AL: e como é que vão regular?

MeC1: vamos ver, ainda estamos a... há várias possibilidades e ainda estamos a ver qual será o melhor. Até porque também isto tem de ser com outras entidades, não pode ser nós não é

AL: pois, exacto, era o que eu estava a pensar, aquilo é gigante, não vão andar lá a ver todas as fronteiras

MeC1: não, temos de colaborar com outras entidades

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: claro... hoje em dia... os subsídios agrícolas para a produção animal, vocês cedem área do vosso baldio para produtores de outras aldeias?

MeL1: não, não. Porque disseram-nos bem para não o fazer

AL: ai não. Mas sobra-vos área ou não? Para dar aos produtores

MeL1: chega e sobra

MeL2: mas nós pa fora não damos nada a ninguém

MeL1: não, não. Foi-nos dito para não o fazermos, que depois podemos apanhar uma coça

MeL3: o povo manda não é

AL: ah foi o povo que decidiu não fazer isso

MeL3: claro. O povo é os compartes e os compartes é o povo todo, e eles disseram que não

GESTÃO DO BALDIO

Floresta

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

AL: E o que é que têm aqui dentro, têm floresta que conseguem explorar ou...

MCa1: sim, basicamente o pinhal, o pinhal é a única floresta que se explora em termos financeiros. De resto o carvalhal, não se toca no carvalhal, até porque só em momentos excepcionais é que o ICN deixa cortar carvalhos, com um diâmetro superior a 30 cm.

AL: por exemplo houve ai um baldio, acho que em Sezelhe, que falava que quando se faz a limpeza dos carvalhais, que utilizam para as pessoas se aquecerem em casa

MCa1: ah, sim, sim, sim. Quando falou em produção de energia nem me estava a lembrar...

AL: ah, não, exacto, para se aquecerem...

MCa1: exacto sim, sim, sim. Os sobrantes... olha, vem ali um rebanho de cabras, naquele pó, está a vê-las a descer?

AL: ah, sim, sim. Mas aquilo parece uma pedreira, será?

MCa1: não, não, não.

AL: é natural aquilo? Ou é uma estrada?

MCa1: nós passámos ali, naquela estrada... e como é um terreno muito arenoso, as cabras todos os dias ali a passar vão provocando aquilo...

AL: o pinhal foi plantado por vocês ou já ca estava desde a altura da floresta...?

MCa1: temos algum, pouco, ainda plantado pelo Estado, na altura do Salazar, que em termos de floresta tinha um ordenamento muito bom...

AL: daquele tempo?

MCa1: daquele tempo e ainda hoje era óptimo que houvesse um planeamento para a floresta que ainda não existe. Passaram estes anos todos desde o 25 de abril, 41 anos, e no entanto o que se tem feito é destruir, completamente, a floresta. Ao não se preservar, ao não se limpar, ao não se cuidar dela, não há hipótese, não há a mínima hipótese, os incêndios destroem tudo

AL: mas aqui Cabril se calhar na altura não achou muita piada à floresta ou achou? Das memórias dos teus avós, ... pergunto...

MCa1: pois, se calhar houve pessoas que ficaram muito afectadas, os rebanhos principalmente, porque eles eram proibidos de ir pastorear os animais naquela zona...

AL: e cobriu muita área na altura?

MCa1: muita área, muita área!

AL: pois...

MCa1: aquela zona ali... aquele pinhal mais junto que se vê acolá...

AL: mais junto das casinhas? Sim, sim, sim

MCa1: aquele ainda foi plantado nessa altura

AL: mas vão extraindo arvores, vai-se regenerando... ou não?

MCa1: nós basicamente vamos extraindo o que arde. Não temos feito abates assim... o que é mau porque um incendio depois de passar desvaloriza para aí 80% do pinhal, é preferível ir abatendo e ir fazendo a regeneração. Porque esperar que ele arda, ele depois não vale nada

AL: pois, exacto... mas têm plantado também? Há aqui pinhais que são recentes?

MCa1: pinhal não se planta, não é preciso, ele regenera-se naturalmente, não é preciso plantar

AL: então têm plantado o quê?

MCa1: temos feito plantações de autóctones, carvalhal...

AL: isso também é incentivado lá pelos dinheiros de fora não é?

MCa1: temos feito isso um bocado com o dinheiro das ITI e em colaboração com o ICNF, temos uma boa relação...

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, qual é que é a vossa relação com o ICNF.

MCa1: temos uma boa relação e temos feito umas plantações, cada um dá a sua parte. Eles fornecem as árvores, nós fornecemos... estamos a fazer vedações individuais para cada árvore para os pastores não acharem que aquilo que lhes vai causar muito prejuízo em termos de pastoreio porque só vedamos mesmo a arvorezinha, assim uma coisinha pequena, as cabras podem pastorear na mesma ali no meio delas, não lhe tocam, e acaba por o impacto ser muito menor

AL: e essas vedaçõezinhas são suportadas por quem? Pelo ICN?

MCa1: não, por nós

AL: isso ainda... não sei quantas arvores é que põem de cada vez mas...

MCa1: não, ainda é um investimento considerável, mas sendo o... o dinheiro vem para ser aplicado na floresta, quanto a mim é para aí que tem de ir

AL: mas tipo... só para ter uma ideia, uma área de quanto é que têm plantado?

MCa1: ainda há pouco tempo fizemos para aí dois hectares de plantação...

AL: e quando fazem aqueles planos, aqueles plurianuais que têm de fazer, já têm assim pré-definido as áreas de plantação que vão fazer cada ano e...

MCa1: nós o que temos feito é plantar em área ardida. Arde e depois fazemos a plantação, porque a regeneração é muito mais lenta, porque as sementes ardem e vêm normalmente invasoras, são as primeiras a britar. Se andar com atenção em alguns sítios que arderam, depois o que é que vem, essencialmente giestas, a semente é mais resistente, consegue resistir ao fogo e depois... é só giestas que vêm... e é uma coisa que não interessa minimamente

AL: e se por exemplo queimar um pinhal, quando vão regenerar põem carvalho ou esperam que o pinhal cresça novamente?

MCa1: não, não esperamos a regeneração do pinhal porque o pinhal ... interessa por um lado, financeiramente interessa, mas também acho que está na altura de alterar um bocado esse paradigma porque é uma resinosa e em caso de incendio arde tudo, mesmo que esteja tudo limpo, aparentemente limpo, basta ficar só a caruma do pinheiro que arde logo tudo, sobe por ele acima, pela resina, e não há hipótese. Este carvalhal que estamos aqui a ver nem que lhe cheguem fogo não arde... porque cria ali uma manta morta húmida, reserva muita humidade, e o incêndio quase não faz mal, um carvalhal se for denso não tem problema nenhum.

AL: e por exemplo, se vocês deixassem de ter pinhal e deixassem de poder explorar o pinhal financeiramente. Como é que o baldio sobrevivia? Era com as ITI ou?

MCa1: sim... nós recebemos uma verba para a manutenção das equipas de sapadores, de 35000 euros anuais e o resto, nós gastamos cerca de 70000 euros com a equipa, todos os gastos, com combustíveis, com...

AL: já a contar com os trabalhos que têm de fazer para as ITI é isso?

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas [*? não se entende*] melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que

fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois... e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira??

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao baco acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parquee...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nos temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

MCa1: pois, lá para baixo não existe nada disto

AL: pois... já existiu. Pelo que eu tenho lido no Alentejo e Algarve havia, mas aquilo foi tudo comido pelas grandes propriedades e hoje em dia ninguém sabe onde é que andam os baldios. As pessoas já não têm memória, se quisessem requerê-los ninguém sabe muito bem quais são as fronteiras então... pronto, ficaram desaparecidos. Aqui ainda existem... entretanto comecei a ler... eu tinha um outro projecto que era no Douro Internacional que não tinha nada a ver com baldios, só que eu já não estava nada contente com aquilo e comecei a pensar “iih, como é que eu vou dar a volta a isto” e sinceramente já não me lembro muito bem como, sinceramente não me recordo, como é que entrei na realidade dos baldios, comecei a ler muito sobre baldios e comecei a interessar-me muito... depois percebi que o PNPG é mais de 60% baldio, então... ah, e depois começo também a aperceber-me do perigo sob o qual os baldios estão neste momento com a alteração da Lei, com as tentativas de passar isto para as mãos das Juntas e depois para as mãos de quem sabe quem...

MCa1: eu sinceramente em relação a isso eu em certos casos concordo...

AL: pois... acredito que haja casos e casos. É isso também que eu quero perceber...

MCa1: há muito má gestão em muitos casos. Apercebo-me que há aí baldios que dividem o dinheiro entre si...

AL: pois, isso nem sequer se pode supostamente pela lei...

MCa1: claro que não se pode, isso é uma coisa que não lembra a ninguém, quer dizer então agora o baldio tem dinheiro e vai dividi-lo pelas pessoas, mas isto cabe na cabeça de alguém?! O dinheiro vem do Estado para um fim e o dinheiro tem de ser utilizado para esse fim, quer dizer... vão andar a fazer rotundas e estátuas e santuários, com o dinheiro do baldio?! Não! A mim não me faz sentido

AL: vocês aqui nunca utilizaram... não estou a dizer necessariamente o das ITI, mas o da venda de madeira ou do que for...

MCa1: sim, foi utilizado, mas quanto a mim mal, quanto a mim mal porque a floresta precisava de muito mais dinheiro do que aquilo que ela dá... certo? Portanto acho que todo o dinheiro que vem da floresta tem de ser empregue na floresta... em caminhos florestais, limpeza de caminhos, há tanto para fazer... há uma infinidade de coisas que podem ser feitas, abertura de caminhos em alguns sítios, acessibilidades para o... em casos de incêndios para os bombeiros chegarem o mais rápido possível, essas coisas que fazem falta

[telefone do Márcio toca, atende]

AL: ah, não conhecia. E a água continua a passar por aquele?

MCa1: exactamente, continua! Aquele agora não mói mas continua a passar por ali na mesma.

AL: é engraçado que ainda usem...

MCa1: É claro que isto também vai de encontro áquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... opa, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente

AL: e achas que vai ser só através do turismo que a malta vai conseguir aqui ter...

MCa1: a meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro. O dinheiro neste momento, da maneira que ele é escasso tem de ser muito bem gasto e direccioná-lo para coisas que se sinta que é o futuro, não vamos estar a investir em coisas... que sei lá, à partida já sabemos que não são sustentáveis. E acho que basicamente são esses 3 pilares que temos que manter em bom estado. E se fizermos isso como deve ser acho que Cabril tem muito potencial, tem é de se fazer bem feito. Temos de trabalhar bem!

AL: pois, porque estavas a dizer há bocado que a floresta, e eu também acho, para além de dar algum tem de se investir muito nela, mas se calhar pode chegar a um ponto que, lá está, eu não sei, nunca tive floresta, mas pode chegar a um ponto em que o saldo é positivo e comesas a tirar...

MCa1: ah, claro, sim, exactamente. A medio e a longo prazo, porque a floresta não é uma coisa imediata, que vou plantar hoje a amanhã posso estar a vender

MCa1: é a I, então esta é tipo II. Do rio para cá é área de ambiente rural em que praticamente não há impedimento nenhum com nada, e de lá já há um bocadinho, mas pouco também. Depois lá em cima nas Lagoas do Maninho, onde fizemos o abrigo já é tipo I. e depois na zona dos Carris, já ouviste falar? Nas minas dos Carris, havia uma exploração mineira no tempo do volfrâmio... lá no topo da serra a 1500 metros de altitude em que a estrada de acesso era da Portela do Homem, do lado do Gerês para cá e vinha para ali. Os Carris é de Cabril, do lado de Cabril

AL: ah. E é tipo quê? Protecção...

MCa1: total!

AL: pois eu ontem andei a ler sobre isso porque me estava a fazer um bocado de confusão a questão dos eucaliptos... eu achava que em Parque era impossível fazer plantação de eucaliptos

MCa1: e é...

AL: mas só que estive a ver e, embora seja desaconselhado não há nada que diga que... mas isto é nas tais zonas de ambiente rural, que é as complementares... aí tu podes fazer plantações florestais e eles não dizem especificamente que não pode ser com eucalipto. Eles dizem que fomentam a floresta autóctone mas não dizem que não pode ser. E eu fiquei um bocado... porque o senhor Bento ali de Sezelhe dizia-me... “ai não, eu se quiser planto eucalipto”

MCa1: a sério?

AL: em Parque?? Acho isso muito estranho. Mas realmente estive a ver... bom, em zonas de protecção, seja ela parcial, seja ela total não podes mesmo, mas na complementar não vi lá nada que dissesse que não podes. Diz que podes fazer explorações florestais... e mesmo na complementar tipo II acho que também já podes

MCa1: não é essa a ideia que eu tenho.

AL: pois, eu também não tinha...

MCa1: A ideia que eu tenho é que para fazer seja que tipo de plantação for é preciso um parecer do ICNF

AL. Exacto, provavelmente aí é travado

MCa1: exactamente. Porque... pá, o meu irmão Tomás é engenheiro...

AL: é engenheiro florestal?

MCa1: sim

AL: acho que já ouvi falar do Tomás em algum lado

MCa1: e ele até é que nos dá apoio à parte da... dos sapadores, porque nós temos uma parte que é serviço público e que é marcada por ele, pelo meu irmão, pelo ICN, ou seja metade do financiamento é nosso, metade é deles, nós marcamos metade da área e eles marcam metade... eles marcam tendencialmente à volta das aldeias, para criar um perímetro de segurança

AL: e isso é o serviço público

MCa1: isso é o serviço público

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: (...) a minha ideia é ir falar com todos os baldios do Parque e agora começo a perceber que se calhar é interessante ir também fora, porque já percebi que esta realidade é muito própria, enfim é muito comum entre baldio e muito diferente do resto do país... não sei se é do resto do país, lá está, se calhar também era interessante ir a outra área protegida

MCe1: tem a zona de Bragança...

AL: pois, já pensei também em ir a Montesinho, mas...

MCe1: Montesinho, mas também não sei se a realidade é a mesma coisa

AL: eu também não sei, por exemplo as ITI não sei até que ponto lá têm a mesma força

MCe1: o que tem também interesse era fazer também aqui com os nossos colegas, os espanhóis, que eles também têm ITI...

AL: isso então... pois, se a gente se entender... o meu espanhol está muito fraco

MCe1: é aqui, é quase igual, isto aqui é galego

AL: é galego pois... mas isso era giro também, é verdade

MCe1: eles aqui também têm os mesmos problemas que nós temos, aqui já aqui mesmo na raia, aqui nesta linha, se for aqui a Baltar já vê-se lá essa coisa das roças e ...

AL: o que eu reparo quando olho para a paisagem do lado de lá da fronteira é que os espanhóis têm mais floresta, é verdade?

MCe1: é, é, eles apostam mais na floresta e gastam muito mais dinheiro na floresta do que nós... é evidente que aqui no concelho de Montalegre em termos de floresta está a zeros... houve uma altura que foi pós-25 de Abril que houve aí um grande boom, mas agora neste momento está descuidada. Os espanhóis também têm mais sorte porque pelo menos nesta vertente como está virada aqui a norte os incêndios não são tão... porque a vegetação é mais verde... também tem essas coisas. Mas eles estão a gastar mais dinheiro, estão-se a preocupar mais

AL: pois, parece que há assim mais plantações novas e assim... ao longe, só vi ao longe...

MCe1: e os aceiros, a coisa dos aceiros

AL: também fazem mais disso... pois, se vocês não têm floresta também não faz sentido ter aceiros

MCe1: he, alguma coisa temos

AL: alguma coisa há não é

AL: pois... o baldio lá em Cela e Sirvozelo está em autogestão ou está em gestão partilhada com o Estado?

MCe1: está em... partilhada

AL: e funciona bem essa cogestão?

MCe1: funciona bem, ah funciona bem... mais ou menos, eles atrasam-se muito e depois para fazer os pagamentos e depois cortam e depois quando é para pagar estão para aí um ano ou dois anos a dever... para por o dinheiro, para entregar o dinheiro...

AL: do quê? Das ITI, dos sapadores?

MCe1: não, as ITI funcionam bem, nem sequer passam pelo... pelo...

AL: pelo ICN, pois era a ideia que eu tinha...

MCe1: pelo ICN

AL: então qual é o dinheiro

MCe1: eu estava a falar dos cortes de pinheiros, quando é nas madeiras... que nós temos pouco, nós a única coisa que fizemos foi aqui um corte aqui há 4 ou 5 anos, que foi por causa daquelas obras que fizeram lá à beira da barragem, de resto é completamente arbustivo... mas há alguns que têm

AL: vocês têm para aí quanta área de pinheiro?

MCe1: ai, muito pouco... nós temos para aí meia dúzia de hectares

AL: ok... e depois como é que é? O ICN chega lá faz o corte e depois dá-vos o dinheiro, é isso?

MCe1: é... eles recebem e depois dão-nos a nossa parte

AL: que é quanto? 60?

MCe1: é 60%

AL: 60% para vocês, 40 para eles?

MCe1: sim

AL: porque é o povoamento deles?

MCe1: foram eles que... pronto, são eles que cuidam, foram eles que tomaram a iniciativa de plantar, ou de cuidar... aquele até foi espontâneo, mas pronto

AL: ai foi de regeneração natural?

MCe1: foi, de certa maneira foi, foi da EDP, quando construíram a barragem, a EDP lançou para ali (???)

AL: e eles mesmo assim cobraram ...

MCe1: nós não temos quantidade suficiente para estarmos muito preocupados e assim também não temos a preocupação... por exemplo eles têm de ter a preocupação de gerir a questão da doença dos pinheiros, portanto isso não tem lucro não é... isso só dá prejuízo

AL: pois... e são eles que fazem?

MCe1: isso nesse caso são eles, fui eu que os avisei mas são eles que o estão a fazer, portanto acaba... quem tiver muita floresta compensa-lhe estar em autogestão, agora nós se calhar até não temos muito prejuízo, Fafião, Pincães... esses acho que compensa-lhes estar em autogestão. Mas nós também é simples, nós é só mandar para lá uma carta que ... fazer uma acta, mandar uma carta e...

AL: e mudar para autogestão?

MCe1: e desvinculamo-nos

AL: é? É assim fácil?

MCe1: é, agora é, porque agora a lei acho que alterou e facilitou isso

AL: e assim coisas que possam prover receitas... sei lá... plantações de pinheiros, de...

MCe1: as plantações é assim... nós hoje... nós não temos muita coisa muita... porque a nossa área para fazer floresta não é muito coiso, porque como é só penedo as máquinas não dá para trabalhar... também para plantar floresta em sítios que depois não tem hipótese de limpar também não adianta, não é... porque por exemplo, você vai plantar, ... ou para limpar manualmente, já viu o que é? Um hectare para limpar manualmente normalmente custa à volta de 1200... 1300 Euros por cada hectare, onde é que isso vai ter a rentabilidade? É preciso limpar de 3 em 3 anos... acaba por comprar a floresta 3 vezes ou 4... não é? Portanto, se for num sítio que tenha... com máquinas, fica muito mais barato

AL: é, eu noto que nas aldeias, principalmente naquelas que têm mais cabeças de gado, não estão minimamente interessadas em por floresta, por exemplo...

MCe1: não.. não e vamos lá a ver, também não concordo com floresta massificada, porque por exemplo, como Fafião, Fafião à volta da aldeia está tudo florestado, quer dizer, uma pessoa se quiser ter um rebanho de cabras tem que ir com as cabras, andar 3 km, ou 4 km para ir... não pode ser assim, não pode ser só objectivos... as pessoas têm de viver, têm que... um bocadinho de floresta “pá, vamos plantar aqui um hectare de floresta, acolá outro, acolá outro” e depois com capacidade para se limpar, opa, também chega-se a um ponto em que dinheiro não é tudo para a aldeia, ao teres os regulamentos, ou ter isto ou ter aquilo... também para que é que queremos... o quê? Está aqui na vaidade de ter dinheiro ou ...

AL: oh, era mais para não precisarem de subsídios... era nesse sentido (RISOS)

MCe1: pois, mas o problema é que se calhar um jovem quer-se instalar e não consegue lá meter um rebanho de cabras não é... acaba por não ter... então vai-se deslocar não sei quantos kms para ir alimentar os animais?! É que é para norte, sul, nascente e pôente, para todo o lado, Fafião está metido no meio de um...

AL: e quando as árvores chegam a uma certa dimensão as cabras não podem passar e alimentar-se por baixo?

MCe1: o pinhal mata tudo porque debaixo não há nada, cria uma...

AL de caruma não é...

MCe1: se fosse folhosas... tudo bem, ainda por cima haviam de fazer assim isto também... por folhosas e resinosas que era por causa até do combate aos incêndios... que fizeram

tudo, eu vejo por exemplo esta zona de Boticas, é só pinhal, pinhal, pinhal, pinhal... e depois é incêndios que aquilo é... são do outro mundo

AL: pois, e hoje em dia já se sabe tanto sobre isso, sobre o que é que queima, o que é que não queima, o que é que é melhor o que é que não é

MCe1: claro, isso estudos há estudos que cheguem e também em termos profissionais por aí formados para acompanhar isto melhor do que se tem andado a fazer

AL: ali na UTAD há um departamento que se dedica particularmente aos fogos...

MCe1: aonde?

AL: na UTAD em Vila Real...

MCe1: ah, na UTAD, ah pois, sim, sim, sim

AL: mas pois, esta coisa da floresta... eu também.. não é que eu seja grande defensora de ppor floresta no meio da serra, às vezes até parece um bocadinho fora do sitio, é mais naquele sentido de as pessoas terem um rendimento que lhes permita não estar dependentes

MCe1: mas pronto, mas em vez de ser massificado porque não por exemplo, 1 hectare ou 2 aqui, outro hectare ou dois ali... acaba por ser abrigo para os animais quando é no inverno, tem capacidade para ser limpa e não há... para quem se quiser instalar, os agricultores têm área para pastoreio e para coiso... agora, acho que tem muito mais utilidade assim

Covelães: MCov1

Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1: aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov1: não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1: não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham

aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a lenha e a gasóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1: do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: e podem usar a madeira? O que sai das limpezas, em geral, podem usar...?

MCov1: pois... vai para o gado que depois aquelas máquinas desfazem tudo, depois só fica a erva que é para o gado comer, porque aquilo... a máquina desfaz, aquilo é para desfazer, mas nós contratamos uma companhia...

AL: essa companhia é de onde?

MCov1: é de Travassos... é do irmão do presidente da Junta, ele é que vem fazer aqui. Mas há outras que vêm de Braga, mas esses aqui nunca trabalharam. Mas trabalharam em Travassos já... trabalharam em Sezelhe, trabalharam em Sabuzedo, que ainda é longe, trabalham em muitos sítios. Trabalham em Outeiro

AL: vocês também têm aqui agricultura na aldeia?

MCov1: agricultura?

AL: sim, qualquer produção agrícola...

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não

pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: foi?

MCov1: Tourém... já foram multados.

AL: isso é tudo por ser no Parque?

MCov1: dentro do Parque, fora do Parque não... é por isso que nós devíamos ser beneficiados do Parque... o Parque antigamente dava para os sapadores x e agora não dá nada

AL: ai não dá 35000?

MCov1: 35000 é o ICN...

A: ah, ok. Sim, sim, sim

MCov1: o Parque havia de ajudar, não ajuda nada, diz que não tem dinheiro, que não há dinheiro... o Parque não... no outro dia dizia o engenheiro lá do ICN de Vila Real, "o Parque não contes muito com ele que o Parque não tem dinheiro"

AL: sabe qual é o nome desse engenheiro?

MCov1: era Carvalho... Carvalho...

AL: qualquer coisa Carvalho?

MCov1: é... Eduardo Carvalho!

AL: do ICN de Vila Real?

MCov1: sim

AL: aaah. Ele veio cá fazer o quê?

MCov1: por causa dos sapadores, tivemos um problema com os sapadores, por causa do dinheiro, o dinheiro não dava então veio aí para ver se a câmara dava dinheiro porque senão os sapadores tinham de se ir embora... depois a câmara deu...

AL: e ele aí fez questão de dizer que eles não têm dinheiro e que não podem...

MCov1: não, o Parque não, o Parque, que não esperasse alguma coisa porque o Parque não tinha dinheiro e acabaram por dar os 35000, vocês dão os 2500, a câmara dá 10000, e pronto, as coisas já se vão compor... e foi assim que nós resolvemos

AL: pois

MCov1: e por esta altura os sapadores ainda estão por receber 3 meses e esse que vem 4...

AL: estão por receber?

MCov1: pois... ainda agora mandei para lá a papelada... só ma mandaram agora ultimamente só que já deviam ter mandado no princípio do ano. E agora mandaram um coiso para se reconhecerem as assinaturas, para... pronto, ainda só foi ontem que lá chegou. E agora pronto, claro que já deviam ter mandado, esse dinheiro já podia estar aqui algum. Dão-se 10000. Agora vêm entregar 10000. Depois em Julho dão 12000. E depois logo a seguir lá para o fim de Outubro/ Novembro, No dão outros 10500. É às prestações.

AL: e diga-me outra coisa... se vocês não têm floresta, não têm pinheiros não é... porque é que não plantam pinheiros? Ou não faz sentido?

MCov1: não, o parque não quer... aqui na nossa zona é só carvalhos, vidoeiros, não querem... o Parque não quer, não quer pinheiros cá, isto é uma zona de carvalhal, bonita, diz que é bonita. O carvalhal aqui na ponte ou para cima, até lá acima ao sapateiro, que é um carvalhal que é uma categoria, para lá só se vêem corços ou porcos ou lobos, lá não se vê mais nada, não anda lá ninguém, aquilo é só carvalhal, carvalho, e depois tem carvalhos assim grossos

AL: ai é?

MCov1: ui! Há lá com cada carvalho que mete medo, há lá um que é preciso duas... há lá um que é do engenheiro, de Montalegre, que é preciso duas pessoas para o abarcar

AL: ele tem a árvore mas não pode ter o terreno não é? Esse engenheiro...

MCov1: não, o terreno é dele!

AL: é dele? Então não faz parte do baldio?

MCov1: não. O baldio é outro para cima... ah, o baldio não tem árvores. Só tem assim pequenos, mas depois cortam-nos

AL: quem é que corta?

MCov1: o povo

AL: mas é carvalho ou é pinheiro?

MCov1: carvalho... nós temos um carvalhal, e depois eu faço assim, chego lá agora junto ao povo, os compartes todos... digo "olhem, vamos partir em tal sítio a lenha". Pronto, chegamos lá, partimos aquilo... número 1, numero 2, numero 3, numero 4, numero 5, numero 6, numero 7 e tal, por aí adiante e depois trocamos números. O número 1 pode me tocar a mim, pode tocar a outro, pode tocar a outro. O número 2... e depois aquele a que tocar é que vai limpar aquilo. Aquilo já faz parte da limpeza também, esse dinheiro que nos depois arranjamos para coiso faz parte da limpeza do ITI. Esse dinheiro já fica para a povoação.

AL: então mas conte-me lá como é que começou a sua colaboração com os serviços florestais... você estava aqui em Covelães e chegou a floresta não foi?

MCov1: eu vim por aí abaixo, vim para Pondres, depois de Pondres é que vim para.... Ainda estive em Mondim de Basto e depois é que vim para Pitões...

AL: mas quando começou a trabalhar para os SF começou a trabalhar aonde?

MCov1: na floresta comecei em Mondim de Basto, depois fui para Sintra, depois vim para Pondres...

AL: ah pois, porque aí já tinha estado em Moçambique, voltou, procurou um trabalho e foi aí que entrou... portanto não estava aqui na aldeia quando chegou a floresta aqui, ou a floresta não chegou aqui?

MCov1: não, quando eu vim não era Parque. Quando eu entrei para o serviço aqui não havia Parque nenhum

AL: não era parque. Mas já havia floresta plantada pelo Estado ou não? Na altura em que andaram a florestar o país inteiro

MCov1: não, aqui não. Mas lá para baixo havia, aqui é só o carvalho, aqui não havia nada...

AL: aqui não houve...

MCov1: lá para Cabril e coiso já havia... lá para o Geres...

AL: ah, aqui em Covelães não houve intervenção do Estado...

MCov1: não, não!

AL: então isto não está sob regime florestal ou está?

MCov1: aqui está o regime só do Parque Nacional... aqui eles não deixam por flo... vá, pinheiros, não querem pinheiros. Só querem desse carvalhal... e já botaram para aí lobos, e javalis e lince e o carai...

AL: então e na altura que começou a trabalhar para os serviços florestais o pessoal das aldeias estava contra os SF ou não?

MCov1: estava contra? Ah, estavam...

AL: eu digo isto porque pelo tenho lido o Estado quando interveio com a florestação fê-lo contra a vontade das populações, que depois deixaram de poder pastar o gado à vontade etc. el algumas aldeias... aqui em Covelães pelos vistos não houve florestação...

MCov1: não, aqui só havia problema no tempo do Salazar é que queimavam no monte, queimavam no monte, e depois, já não havia tantos incêndios, e depois 2 anos não deixavam pastar. E depois os guardas, eu ainda andei também, depois coiso iam botar o gado lá dentro, botavam-lhe o gado, o gado andava lá, prendiam-no

AL: mas eles queimavam era?

MCov1: se fizessem uma queimada no monte, às vezes há sempre malandros...

AL: ah, os pastores...

MCov1: o pastor ou outras pessoas, podem fazer...

AL: sim

MCov1: ali não podiam pastar 2 anos, às vezes era a erva que **acendrava** mas não os deixavam lá ir, e chegavam lá andavam dois guardas, andava eu daqui e o de Travassos. Íamos lá e multávamos-lhe as vacas. Prendíamos-las, mandávamos vir a GNR... aí é que havia depois o fogo, não se calava... contra o Parque, contra o Parque contra o Estado ou... às vezes iam para lá de noite... com as vacas, metiam-nas lá dentro e os guardas andavam lá para... andavam a ver onde é que nós íamos, se estávamos em casa, e iam levar as vacas lá para o ... a erva era grande e eles iam nas levar para elas comerem

AL: então e você trabalhando no Parque nunca teve conflitos com os seus colegas dos baldios? Porque imagino que há pessoas que não gostam do que o Parque faz, ou do que o Parque impõe...

MCov1: não, eles aqui não... lá para baixo é que havia sempre... ui, eu ia para lá trabalhar, para Cabril, ui, havia lá guerra que assombrava. Aquilo era o diabo! Mas aqui não. Aqui era uma paz

AL: mas que guerra era essa? Era contra o quê?

MCov1: ela lá à conta das florestas... aquilo havia sempre lá problemas, sempre! Uma vez à conta de umas partilhas dos carvalhais da Ermida e os de Fafião, eu também andava lá a servir. Não se entendiam lá com os marcos, porque “pertence-me a mim”; “aquela área é nossa”; ... um dia deram lá uma sachada a um, que era para o matar, deram-lhe uma sachada bem dura. O de Ermida ao de Fafião... depois andaram muito tempo no tribunal...

AL: mas não o matou?

MCov1: não, não chegou a morrer. E então depois andaram muito tempo no tribunal e aqui depois ao fim pronto lá se compuseram, lá com os advogados e um ... aqui houve lá guerra que assombrava, ui! E o mesmo com a floresta... é que ia para lá trabalhar, havia um incendio, que eles queimavam tudo, os de Fafião... e nós íamos para lá, os guardas, e nós víamo-nos à rasca. Eu ia para lá passar, eu à noite não passava lá, às vezes havia incendio e os gajos estavam armados...

AL: eles queimavam a floresta que o Estado punha era?

MCov1: pois, queimavam e depois queriam lixar os guardas e eu para passar... às vezes tinha de passar... uma vez foi um lobo que mataram lá, estava no campo da bola, nós para tirarmos de lá o coiso chamámos lá um do... um que pertencia ao parque e ele lá me disse “epa, vocês têm de passar lá para baixo, vão para Salamonde, vão lá coiso, que eu arranjo-me aqui por cima para depois descarregarmos o lobo”, depois fomos levá-lo ao Gerês. E lá fomos, lá fomos até lá acima e lá estava ele, toca a carregar o lobo, subimos com ele, tal

vamos ao Gerês. Vínhamos de lá para cá, era noite, já era tarde, já eram para aí duas horas da noite quando viemos... chegámos ali a Fafião estavam lá uma data deles, lá com as armas e o caramba, tirámos outra vez lá para trás, de volta, demos lá uma volta do caramba para vir ali para Cabril, senão atiravam-nos o fogo. Havia lá, ui, deus me livre! Queimavam tudo, ali não respeitavam Parques e o carambas. Aqui não, aqui não, aqui nunca houve problemas desses

AL: mas também aqui não houve... ninguém quis florestar aqui...

MCov1: aqui não... mas lá ui! Queimavam tudo, era todas as noites, tínhamos que ir para lá, depois ardia noutro lado, depois já havia outro incendio. Eu via-me à rasca com aquilo. É que eu andava sempre com medo... um homem ia a passar com medo, passava ali em Fafião, ia lá para o pé do café, F.! epa!

AL: e hoje, ainda sente alguma...

MCov1: agora não!

AL: ninguém olha para si como sendo o senhor do Parque?

MCov1: agora não, agora nada, ninguém! Agora não... uniram-se, depois agora são do Parque. Depois o parque ficou... quer dizer, até ali tiravam a madeira e ficavam com todo o dinheiro... o Parque ou sei lá... o Estado. E agora não, agora deram-lhe ali aquilo coiso... o Estado só tira 25% acho eu...

AL: acho que é 30... ou 30 ou 20, já não me lembro bem

MCov1: pronto, dali por diante começou a acalmar

AL: pois, desde 1974 ou 1976, quando foram entregues os baldios às pessoas é que isso mudou não foi?

MCov1: é, senão... ui, quando ia lá para Fafião já ficava com medo

AL: e houve mais alguma aldeia que também desse esse tipo de problemas aqui?

MCov1: não, aqui não. Aqui nunca houve problemas...

AL: não, assim no Parque em geral...

MCov1: não, só lá para baixo, ao passar a serra, só lá para baixo é que havia problemas

AL: lá para baixo tipo o quê? Fafião, Cabril...

MCov1: Fafião, Cabril... ui, isso era o diabo no inferno, eu nunca vi. Aqui não, nós aqui podíamos vir à vontade que não havia problemas, podíamos vir à vontade, agora lá para baixo... ui!

AL: mas quando começou a trabalhar aqui já havia o Parque?

MCov1: não, quando eu vim para aqui ainda não era Parque, eu estava em Pitões, estava na casa de Pitões e veio o parque, apanhou essa zona o parque... depois disseram assim... eu era guarda-florestal, “olhe, quer ir para os Serviços Florestais? Tem de sair... então vai

para uma casa para os Serviços Florestais...” ia aqui logo para Mourilhe. “Ou se quer ficar pronto, fica no Parque”. “não, agora já que pedi para vir para aqui agora fico aqui”. Pronto, então fica dentro do Parque Nacional. E eu lá fiquei, como guarda sempre, vigilante

AL: e o que é que achava do processo de florestação, como ele decorreu, por exemplo, o caso de Fafião... o que é que achava?

MCov1: eu achava bem que florestassem, mas eles é que não queriam!

AL: mas estavam a florestar os baldios deles, não é? E metiam as pessoas dali para fora e não lhes davam dinheiro em troca.

MCov1: isso era mau...

AL: Mas percebe hoje em dia que eles estavam a defender aquilo que era deles ou continua a achar que aquilo era bom?

MCov1: eles estavam a defender aquilo que era deles, realmente estavam... mas é que ali não era, ali era, tinha de florestar... ali mandavam e tinha de se florestar, às vezes até vinha a GNR, a florestar porque eles não queriam, não deixavam... e era um problema dos diabos. Ai eu lá não podia ir ao café... o guarda não podia entrar no café, senão, possa, tinha de sair arredado dali para fora... aquilo era perigoso

AL: pois, para si também não era fácil... estava a trabalhar, tinha de fazer o que tinha de fazer e...

MCov1: mas isso era em todo o lado, isso era em todo o lado. Eu estive em Mondim de Basto, também lá estive, aquilo tinha lá muito de pinhal e era sempre uma guerra. O guarda, eu, não podia ir lá para as aldeias. Havia lá aldeias que se eu entrasse lá numa aldeia, ou que fosse a um café ou o caramba, já estava fuuuu, começava logo tudo andavam de roda para lixarem um homem! Um homem tinha de andar ou fugir

AL: pois, a partir do momento em que as coisas são feitas sem consultar antes as populações as pessoas ficam revoltadas...

MCov1: porque o Estado tirava tudo e não dava nada a eles então punham-se com aquela coisa... então quem é que pagava, quem é que pagava... eram os guardas! Os guardas é que eram os que comiam! Porque os outros estavam lá nos gabinetes em baixo e quem andava lá dentro é que se lixava. Eles atiravam-se pa gente!

AL: e muitos de vocês até eram filhos aqui da terra, não estavam propriamente contra ninguém... imagino...

MCov1: ah pois não, mas é que eles ui! Não tinham pena da gente, não nos podiam ver... agora não, agora já não fazem mal, já não...

AL: e assim ninguém olha para si com algum ressentimento?

MCov1: não... Tourém, eu agora vou lá... posso lá ir e a gente já se dá bem. Vou lá a Tourém, não falta lá nada, vou a Pitões, vou... então, vou a Cabril e tudo. Não! Eu agora já tem... em Fafião...

AL: Fafião o quê?

MCov1: Fafião agora também já estão civilizados... já não há aquela guerra!

AL: e havia mais alguém que trabalhasse consigo, aqui do povo de Covelães ou assim, nos serviços florestais...

MCov1: nos SF tinha aqui um guarda em Travassos... era eu e ele. Tínhamos... ao princípio tínhamos cavalos, metiam-nos na caça, a caça é que era mais ruim... às vezes vinham os espanhóis, vinham caçar para o nosso monte, depois nós saltávamos atrás deles com os cavalos e eles caramba, voltavam para a Espanha. E era assim. Mas assim por aqui não havia assim nada... lá em Tourém havia. E havia, eu tive problemas aqui com a caça, muito! Muito! Estive para ser morto aqui com a caça. Aqui de Montalegre vinham caçar nisto... aqui o Parque proibiu aqui de caçarem os lá de fora, e eles continuaram a vir para aí. Um dia estava aí, estava em cima ali do Ramiscal, andava lá uma data de Montalegre, eu fui ter com eles, disse para se porem a andar e o caramba... chamei a GNR e ela veio, mas a GNR era do lado deles, e os gajos ainda me apontaram a arma, mas quantas vezes para me lixarem. E estava lá a GNR. E depois tivemos de ir a Montalegre... e a GNR, filha da mãe do cabo, ainda se pôs do lado deles. Depois disse “não, mas não era para matar ninguém! Ele não apontou arma nenhuma” e não sei quê... e não, ele apontou! Apontou a arma e eu estava a ver que ele me matava. E claro, eu fui lá e eles defenderam o gajo. Devia ser preso! E houve mais problemas depois para caçar também, tive de ir aos guardas de Tourém, aos de Pitões, aos caçadores

AL: teve de quê, desculpe?

MCov1: tive de me meter lá no meio deles. Eles andavam coiso e foram caçar para lá... e eu chamei a GNR e a GNR chegou tarde, quando eles já se tinham ido embora. E eu: “ah vêm agora?? Porque é que não vieram antes?”. “Ah, porque não pudemos”. “Então, agora o que vieram fazer, agora foram-se embora!! Andaram aqui a caçar”. “Ah, mas não pudemos vir, fomos não sei para donde, não sei quê...”. Não puderam... foram eles que não queriam vir... os guardas também eram caçadores.

Fafião: MF1

AL: estes pinheiros são plantados por vocês?

MF1: não, aqui o pinheiro nasce naturalmente

AL: ah, já é regeneração natural... e vocês fazem exploração?

MF1: sim, nós somos dos poucos conselhos directivos, não sei se há mais alguém, que estamos na alínea a), os outros estão na alínea b), estão em cogestão com o Parque, com o ICN... e nós fazemos, por exemplo, a madeira marcamos e vendemos, não precisamos que o parque venha marcar e que depois pagam ao ICN, e o ICN é que paga o dinheiro aos conselhos directivos, a nós não, é directamente, nós é que fazemos essa gestão...

AL: e sempre estiveram na modalidade a) ou entretanto mudaram?

MF1: eu acho que na modalidade a) foi só desde 80 e tal... e funciona muito bem!

AL: desde sempre que funcionou bem?

MF1: sim, sim. Podemos continuar, tem aí outras coisas que já fomos fazendo...

AL: sim... neste momento é a madeira que dá maior rendimento aqui ao baldio ou...

MF1: sim... nós, pronto, temos aí muito pinhal tentamos mantê-lo minimamente limpo por causa dos incêndios, quando arde é mau para todos. E temos também uma antena da MEO, é um pinheiro, não sei se viu lá atrás um pinheiro alto, muito mais alto do que os outros que é uma antena da MEO que nos dá uma renda mensal e que portanto também nos dá algum dinheiro. Mas isso é um valor pequeno. Depois vamos fazendo umas obras, vamos pedindo ajuda à câmara quando é para fazer alguma coisa assim mais... maior

AL: [...] e o baldio tem dado rendimento, as actividades que desenvolvem aqui que vos dão algum rendimento é suficiente para manter uma produção, reinvestir nalguma produção... sei lá, por exemplo, madeira ou...

MF1: sim, nós aqui a nível financeiro não posso dizer que estejamos mal porque não estamos, estaria a mentir. Temos muito pinhal e pronto, fazemos umas vendas de pinhal quando é necessário. Muitas vezes não é por causa do valor económico, é porque os pinheiros já estão muito grandes e não deixam crescer os outros então fazemos um desbaste sem fazer cortes rasos e o pinhal vai-se regenerando naturalmente. Sabemos de outros casos em que, por exemplo, as equipas de sapadores têm dificuldades, não recebem há 2 meses, aqui isso nunca acontece...

MF1: [...] Aqui nesta cerca fizemos um projecto de reflorestação com espécies autóctones...

AL: portanto, para lá também ainda é?

MF1: sim... eu penso que isto está aberto... nós fechamos isto por causa dos animais. Depois vamos fazer um bocadinho o trilho, vamos ver os pontos de água... pode deixar aberto... o problema quando fazemos reflorestação é... metemos carvalhos, metemos bétulas, metemos muitas árvores... se as deixamos sem estar protegidas, como tem aqui uma vezeira das cabras... muitas cabras, elas dão cabo das árvores com os cornos. Esgalham-nas e depois as árvores acabam por morrer. E então, ou temos de vedar para a coisa ficar bem feita, ou vedar tipo uma área destas ou então vedá-las à volta. Só que a vedação à volta dá muito trabalho.

AL: Pois, e deve ser caro não? Para todas as árvores...

MF1: é. O melhor é umas, tipo, um tripé em madeira e depois umas estacas a ligar esses 3 paus, só que isso fica muito caro... aqui temos um pinheiro, ali temos um carvalho, aquilo é um medronheiro

AL: e aqui o objectivo é produção, conservação...

MF1: não, é conservação, produção não estamos a plantar para cortar, os pinheiros sim, quando chegarem à medida, mas estas árvores não, porque era uma pena estarmos a cortar estes carvalhinhos

AL: sabe qual é a espécie?

MF1: este aqui é o americano, este aqui é o nacional. Na altura optaram por meter aí o carvalho americano, que eu não estou muito de acordo, mas agora também não o vou cortar. Porque esse carvalho não é originário daqui

AL: he lá, mas estes pinheiros já foram todos postos por vocês?

MF1: não, os pinheiros aparecem naturalmente. Isto aqui é um plátano dos que temos cá, o nome exacto não sei... Acer qualquer coisa

AL: tem vários... isto já foi feito há quanto tempo?

MF1: para aí há meia dúzia de anos, talvez 8. Exactamente já não sei, só que, como vê isto foi limpo há pouco só que o mato cresce muito depressa

AL: o ICNF ajuda aqui nisto? É do interesse do Parque também não?

MF1: é, é do interesse, eles, por exemplo aqui há umas semanas tivemos aqui uma escola de Esposende e precisei de umas árvores, no caso até foram umas sobreiras, e eles deram-me as sobreiras. Outras árvores como são mais difíceis, mais... agora por exemplo não dão castanheiros por causa da vespa asiática que está a matar... mas dão carvalhos, dão muita coisa

AL: e quando dão, dão quantas para aí?

MF1: dão, isso até dão bastantes, o problema é que quando nós fazemos uma coisa que estamos a plantar umas árvores já queremos umas árvores boas e eles assim grandes grandes não têm, então temos de arranjar noutro sítio. Porque aqui se metermos uma árvore pequena as cabras metem a cabeça e comem a árvore, nunca mais sai dali. Por isso preferimos meter umas árvores maiores que já se desenvolvem mais rapidamente

AL: e essa vezeira não havia forma de fazer com que ela não passasse nesta plantação, ou?

MF1: Nos tempos da floresta faziam isso, plantavam e depois não deixavam a vezeira passar lá, as cabras. Aqui tem duas vezadeiras, tem das vacas e das cabras, e no tempo da floresta faziam isso, mas agora é mais complicado (vento)

AL: pois, é isso que eu não sei, por isso é que estava a perguntar, não sei se da para virar um bocadinho à direita...

MF1: é complicado dar conta de 400 cabras, fogem para todo o lado e estas cabras aqui como são bravias, grande parte delas, querem é que lhe soltem a corda e que as deixem ir pelo monte acima

AL: e as vedações não são suficientes para as cabras, ou são?

MF1: não, aqui nas vedações elas nem entram

AL: então e do outro lado não há vedação é isso?

MF1: do outro lado também temos algumas vedações por causa, porque temos ali 40 hectares vedados, em cima, outra plantação também...

AL: epa, 40 hectares vedados é muita vedação...

MF1: pois é, lá temos muitas árvores

AL: também é de plantação então?

MF1: é, é... criação de pontos de água

AL: ah, então vocês andam aí a investir bastante em reflorestação

MF1: também temos porque quando começa a arder aí no alto da serra não há carros que vão lá. Entram os helicópteros em acção, colhem ali água no poço de água e atacam o incêndio na serra alta, não há hipótese, tem de ser mesmo de helicóptero.

AL: vocês têm usado o dinheiro como, ou seja, qual tem sido o vosso grande investimento... por exemplo, esse dinheiro... tenho lido que por vezes o dinheiro é investido em benfeitorias para a aldeia, por exemplo, construções...

MF1: sim... por exemplo nós comprámos a escola, as escolas aqui na freguesia deixaram todas de funcionar excepto em Cabril e a câmara optou por vender as escolas. Nós achámos que a escola aqui não devia ser para um particular, então optámos por, o conselho directivo chegou lá e pagou o valor da escola e comprámos a escola, ficou para a aldeia, e lá fazemos eventos, desde, temos aí uma associação, que é a associação Vezeira que faz... que é para o desenvolvimento daqui da aldeia e manter as tradições... fazemos a matança do porco, o trilha do medronheiro, plantação dos currais na serra, temos uma outra plantação aqui mais em baixo, temos muitas actividades, e fazemos lá esses eventos. Fazemos lá por exemplo o magusto aí para as pessoas, fazemos... aqui a festa roda pelas pessoas, e então uma coisa que se costuma aqui fazer para angariar fundos é jogos de cartas, sueca, de truque, que é outro jogo também aqui muito utilizado, também fazemos lá na escola. Ou seja, aqui toda a gente pode usufruir da escola. Imagine que você é daqui e chega aqui "oh Raul vou fazer anos e precisava da escola que em minha casa não cabem 20 pessoas, será que me podias emprestar a chave?", e eu empresto, as pessoas vão lá... ou jovens que, temos danças de salão, há aí concertinas, é para toda a gente, a escola é um sítio público aqui para a aldeia, toda a gente usufrui aí desse espaço e foi comprada com esse dinheiro

AL: e também há aulas para os miúdos?

MF1: não, não, não, a escola normal é em Cabril, e depois quando vão para o secundário é na Venda Nova, agora ali a escola já acabou, tinha poucas crianças, como em todo o lado, e acabou

AL: pois ali Cabril apanha com as crianças de todas as aldeias portanto deve estar mais ou menos cheia...

MF1: uuuh, não está muito, tem poucas crianças, porque aqui até no fim-de-semana se der aí uma volta pela aldeia vê muita malta jovem e muitas crianças, mas se calhar durante a semana estão em Braga ou estão assim noutros sítios, depois ao fim de semana é que o pessoal volta aqui. Mas pronto, as pessoas estão nos seus empregos e têm de ter os filhos à beira, não iam deixar aqui os filhos para manter a escola, não tinha lógica nenhuma

AL: claro. Está bem, esse é um investimento interessante de facto. E depois também usam assim... por exemplo estas plantações também devem ser financiadas pelo dinheiro que vão conseguindo ou...?

MF1: sim, algumas... quando é assim uma coisa muito grande normalmente faz-se um projecto de reflorestação, de limpeza, para fazer isso, para não estar também a gastar muito desse dinheiro. Mas vai-se fazendo de tudo, porque depois é preciso fazer um aqueduto aqui, é preciso fazer uma coisa qualquer ali, e vai-se fazendo esse trabalho. Porque depois isto é uma aldeia grande, tem muitas pessoas, depois um precisa disto, outro precisa daquilo, e uma pessoa tem de fazer as coisas sempre de maneira a que beneficie o maior número de pessoas. Porque eu não vou estar... chega uma pessoa qualquer “olha ali na minha porta precisava de um aqueduto”, isso não, calma! Temos de ver se isso é bom para a aldeia e se realmente vai beneficiar toda a gente. Se beneficiar então será feito de certeza, se for para um, isso aí as coisas já não são bem assim

AL: ah, fazem vocês aqui mel?

MF1: fazemos. Aqui temos várias pessoas, mas tudo pequenos produtores. Eu por exemplo até quero meter um projecto de jovem agricultor para as abelhas, estou a tratar disso, para o ano já estará tudo a andar

AL: e os compartes não gostavam de fazer isso?

MF1: é complicado, a malta nova... isto é que é um ponto de água, esta cerca é a dos 40 hectares, é o Azeveiro. Ali naquela zona temos as tais espécies autóctones. Aqui optou-se por meter um bocadinho de pinhal... vê ali colmeias? Se calhar não foi a melhor ideia porque há pessoas que não estão muito de acordo em trazer os pinheiros aqui para cima

AL: pois. E vocês, bom já percebi que têm os sapadores não é... mas que tipo de coisas é que fazem para a prevenção dos incêndios, aceiros, caminhos...

MF1: fazemos por exemplo, aquele que se vê ali, aquele que vai para Pinhô, que não existia aquele, tem ali dois pontos de água, um ali metido nesta zona lá em cima, e o outro aqui mais em baixo, não se vê daqui, tem ali uma barragenzinha, até vem dali água pública... pronto, vão-se fazendo uns caminhos, uns pontos de água que é necessário e vai-se tentando reforçar, embora que não é muito fácil reflorestar na serra porque depois no inverno é muito frio e muitas das árvores que se plantam acabam por morrer.

AL: pois... mas quando tu dizes na serra é mais alto do que isto?

MF1: é, tipo ali para cima para aqueles altos

AL: ah, ok, que é onde os incêndios costumam...

MF1: uuh, é onde os pastores costumam levar os animais

AL: mas por exemplo, já fizeste alguma vez a reflorestação de uma zona que incendiou ou...

MF1: agora temos ali uma zona que ardeu há dois anos que espero conseguir fazer lá um projecto de reflorestação, com árvores autóctones, não com pinheiros!

AL: e para isso tens de te candidatar a subsídios etc...

MF1: tenho de falar com um técnico, fazer um levantamento e tentar enquadrar essa reflorestação num projecto

AL: agora já não é PRODER não é, é PDR

MF1: sim, agora é o PDR. Mas ainda, penso que ainda não está aberto, mas assim que estiver nós vamos apresentar... não só para isso, também para limpezas. Mas essa zona aí ficou muito fustigada, desapareceu tudo e então era interessante meter lá umas árvores autóctones.

AL: então tu dirias que o que dá aqui mais rendimento ao baldio é a venda de madeira?

MF1: é. E as ITI's eram muito boas, eram muito boas para o baldio. Se não tivermos neste ano de 2015 essa receita, pronto, sabemos que alguma coisa normalmente será recebido... mas, se não tivermos essa receita, o balanço dos sapadores este ano que já não temos madeira para vender, porque acabou um corte do último que fizemos, já vai ser negativo e que se está assim 10 anos perdemos em 10 anos tipo 200 000 euros e assim é complicado. Essa diferença dos sapadores faz-nos falta.

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafão...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores (...) e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer virar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: e o que é que plantam?

MF1: é as autóctones

AL: e fazem isso todos os anos?

MF1: todos os anos

AL: a associação Vezeira?

MF1: exacto.

AL: a Vezeira existe há quanto tempo?

MF1: eu acho que é de 2009 ou 2010...

AL: e antes de haver a Vezeira não faziam essa plantação?

MF1: fazíamos essa plantação na mesma só que pronto não era uma coisa organizada e não trazia pessoas de fora... agora vem 100 pessoas...

AL: aí é? Para ajudar?

MF1: é! E pagam inscrição e comem e fazemos-lhes a cabra... o que se come aqui na festa é cabra...

MF1: na festa de julho?

MF1: sim, na festa de julho. É o nosso, o nosso prato forte é a cabra. Não é aquela cabra negra do Minho como se vê no outro lado. Depois fazemos também uma outra comida grelhada e depois ao fim damos um bocado de cabra. A cabra é maravilhosa. As pessoas que vem adoram a cabra. E fazemos a cabra num pote, como se fazia antigamente e as pessoas ficam deliciadas

Esta actividade é mesmo fora de série. De todas as que fazemos aqui eu pessoalmente é a de que mais gosto, porque eu gosto muito desta parte da serra, e é... é espectacular

AL: e que tipo de pessoas é que vem?

MF1: vem todos, vem todo o tipo de gente. Até há alguns que não conseguem saltar uma pedra, vem, ficam por ali num sítio que reconstruímos, que foi Pinhô, essa cabaninha que está lá toda engraçada, eu depois até lhe posso enviar umas fotografias, vamos lá nesse dia, é um sítio espectacular e o carro chega lá. E depois as pessoas dividem-se porque há vários currais e depois voltamos todos para ali, ficam ali uns a cozinhar, e depois quando chegarmos vai estar tudo pronto e o pessoal está ali na boa, tem água, tem sombra

AL: muito giro. E as pessoas vêm de longe ou vêm aqui de perto?

MF1: não, às vezes vêm alguns de lá de baixo, de lisboa, muitos do porto, de Famalicão, de braga, aqui de todo o lado. Aqui nas nossas actividades tem sempre muita gente. A matança do porco também tem muita gente

AL: ah, a matança do porco também e aberta às pessoas de fora?

MF1: é. Depois também temos o trilho do medronheiro, mas esse costuma vir menos gente porque é em altura sempre de novembro, muita chuva, este ano estava a chover torrencialmente e tivemos tipo 40 a 70 pessoas a fazer os trilhos a chover torrencialmente. Fizemos uma plantação em marco que é aqui aquela zona onde estivemos e mais lá em baixo noutro sítio que ardeu. Essas também tem menos gente, teve-se 70 pessoas, mas esta da, principalmente a matança do porco e aquela lá dos currais é a, são as mais concorridas.

AL: (...) mas não fazia ideia nenhuma que existia aqui uma associação a trabalhar... mas confunde-se um bocado com o baldio ou não?

MF1: sim. Há aí muito pessoal que acha que a associação é o baldio mas não tem nada a ver. Porque depois a malta nova é a que está numa coisa e noutra e eles, alguns dos velhotes, causa-lhes mais confusão... pronto, o pessoal vai explicando e eles gostam de ver que as coisas funcionam e gostam de ver aí gente. Esses velhotes gostam de falar com as pessoas e as pessoas que vêm aqui muitas vezes gostam é disso, de ver o velhote a falar de como é que fazia no tempo dele, como e que arranjou a namorada, como é que eles guardavam as cabras. Porque aqui antes tinha vezeira das ovelhas, tinha dos cabritos, tinha dos bois e agora só tem a das vacas e a das cabras, mas já teve aqui muitas e pronto, as coisas vão acabando, é complicado de se manter. Até gostava de arranjar forma de preservar as vezeiras, porque as pessoas estão a ficar velhas e a malta nova arranja o seu emprego e esquece isto completamente, e não podiam fazer de outra maneira. Mas havia de se arranjar uma forma de, não sei, ou de arranjar uma pessoa para ajudar ou criar um emprego, assim qualquer coisa para não deixar morrer as coisas. Porque a vezeira é uma coisa engraçadíssima. Vamos imaginar que as coisas, agora já não funcionam até bem assim, mas tipo, hoje estava eu na vezeira e ias me render, o dia que se trocava era agora a tarde. Eu tenho um dia mas o meu dia é de hoje a tarde até amanhã a tarde. E então, tu chegavas lá e eu tinha te feito a comida, e depois o que viesse a seguir a ti, tu também lhe tinhas feito a comida. Era espectacular!

AL: e lá havia forma de cozinhar? Ah, eles levavam a comida já...

MF1: sim, cada um leva as suas coisas e depois tinham que levar mantimentos para deixar para o que viesse a seguir.

AL: ah, ok. Estava a imaginar uma cozinha lá (RISOS)

MF1: não, lá é uma barraquinha de pedra e depois tem um pote que acompanha a vezeira e, pronto, e vai seguindo

AL: e acredito que fosse a forma de toda a gente conseguir pastar os seus animais e continuar a dedicar-se a outras coisas... no fundo é um trabalho partilhado

MF1: pois, é que assim não custa nada...

Outeiro: M01

AL: e diga-me uma coisa, vocês aqui têm floresta no baldio?

M01: tínhamos aqui um pinhal que depois ardeu, é mais zona de carvalhal não é... lá na serra temos aquelas corgas com carvalho, e é isso que nós hoje, com a equipa de sapadores limpa-se em volta e limpa-se dentro para não acabar com o que há, não é...

AL: e têm feito plantações também, ou não?

M01: plantações não, não fizemos projecto nenhum de plantação... não, porque o pessoal daqui tem muito gado e se se começa a investir em floresta o próprio pastor destrói então nós apostamos mais na regeneração natural, conservar não é... porque em zonas de pedra também o pinheiro que está lá a fazer? Não dá nada não é... agora nas zonas boas o pessoal faz-lhe falta para pastoreio, antes querem o pasto para os animais do que a floresta, porque ainda têm a ideia que antigamente houve plantação de floresta aqui, aquela coisa acolá da cerdeira era tudo pinhal

AL: mas aquilo já não é o vosso baldio ou é?

M01: não, não, acolá já é da outra aldeia... e depois os pastores faziam-lhe falta e havia a proibição, os guardas da floresta e tal, andavam em cima, até tinham de tirar licença para roçar, para os animais pastarem.. e o povo não estava habituado a essa pressão e defendia-se, destruíam tudo, acabaram por desistir...

AL: ai, acabaram por desistir?

M01: acabaram por... esse pinhal que existia aí, não foi o Estado que plantou isso, foram as aldeias que plantaram, mas depois se vinha o Parque levava 25% daquilo que existia, património não era... levavam 25% e o povo ficava com o restante, fizemos aí uma venda deles, pontes para a serra, caminhos, muros

AL: com a venda?

M01: com a venda desses recursos. E agora estamos a apostar nisso, temos umas posturas, ninguém pode cortar, só com autorização, algumas árvores que morrem ou que sequecem, isso é que a gente dá autorização, e a outra regeneração natural estamos a limpar e a prepará-la para ela ficar para o futuro e faz falta para a natureza, não é... as árvores...

AL: claro. Mas e o pinhal que têm é do Estado ainda que ele plantou ou?

M01: ainda, o parque ainda quando há um corte leva 25%

AL: ah, não, mas eu pergunto se foi o Estado que o plantou ou se foram vocês

M01: esse que existia, que agora foi vendido

AL: ah, foi o tal que ardeu e venderam...

M01: foi, foi, foi, o parque levou a percentagem dele e o restante ficou na freguesia

AL: ah

MO1: agora com a regeneração natural não sei mais tarde como será, eles também dão apoios às equipas

AL: quando é que isso ardeu, lembra-se?

MO1: isto já ardeu para aí há... não sei, 6 ou 7 anos, agora até aquilo criou giesta e... e o carvalhal deu carvalhas novas e este ano os sapadores até fizeram ali uma limpeza de para aí 3 ou 4 hectares e já há pinheiros novos que ficaram, já há carvalhal que se safaram no meio das giestas, já estão a seguir eles não é... e já temos uma parte ali que já temos carvalhal grandinho e em que o pinhal já foi embora. Portanto o terreno produz carvalhal não é e agora é apurado e é limpo e estão a seguir os carvalhos em vez do pinhal, e é a árvore mais adequada aqui à zona é o carvalho... o carvalho, o castanheiro. O pinhal dá-se mas... não entendo bem que o pinheiro [*? Não se entende*]... enquanto não entenderem que aquilo é só nosso conserva, onde todos querem meter a mão os gajos tentam ?? por aí abaixo em várias zonas vê-se arder pinhal, eu não gosto nada de ver, não gosto de ver queimar... eu gosto, às vezes quando têm que limpar para os animais antigamente faziam-se os fogos controlados, o parque agora faz isso mal, porque se houvesse esses fogos controlados na época própria, o povo via, que nós fizemos ainda há pouco tempo, fizemos através do Parque, fazíamos as limpezas com o lume e tal e eles iam e tal, queimava-se aquele bocado, depois queimava-se outro bocado e depois aquilo eram os corta-fogos um no outro. Quando há proibição total, depois ao criar muito mato, que há uma época mesmo seca, já não há quem o apague, que foi o que aconteceu aos espanhóis. A serra toda deles, da parte de trás, já era só matagais, deixaram de ter animais e um botou o lume ali em baixo de Tourém, veio até aqui ao Gerês, foi tudo limpinho, não ficou nada. Qualquer árvore que havia no meio daquele roço derreteu, queimou aquilo tudo, até os rios ficaram limpos, as lajes, a serra é boa, tornou a recuperar, para a pastagem, agora para os animais, não tem outra utilidade... mas se deixassem, plantações ali, aqui ou acolá, eles não têm animais, aliás o espanhol até anda a plantar, várias zonas já, das aldeias lá para cima, andam a aumentar os pinhais. Porque eles não têm animais, e eles lá tratam melhor a floresta que nós. Fazem corta-fogos na serra, com máquinas, fazem plantações e limpam, têm empresas, aquilo não é bem, é o Estado que entregou

AL: ai, já é privatizado aquilo?

MO1: é, aquilo agora é... há várias empresas ali e eles é que tratam daquilo, recebem subsídios e o pinhal aumenta. Mas aquilo é diferente da nossa zona, porque os habitantes aqui têm animais, precisam mais do pastoreio do que da floresta não é, e é essa a questão de ela não aumentar

MO1: cada baldio... mas aqui na nossa zona do Parque os baldios têm todos a mesma rentabilidade, Cabril tem mais uns pinheiritos mas isso também é de pouco rendimento

AL: estive em Pincães e eles têm imensa floresta

MO1: têm! Têm, agora já há mais conservação porque o povo vê que... já está a olhar para aquilo como seja deles não é... talvez, por essa maneira, talvez até o povo olhasse melhor e não queimasse tanto e houvesse outro regime não é... porque se viesse para aí o ICN ou qualquer outra instituição proibir certas zonas que interessam ao povo noutra exploração isso nada vai acima, porque o povo queima, o parque ou mete animais ou ... eu já conheço

isto, dantes quando tínhamos ali aquele pinhal que estava ainda novo, as próprias aldeias já não se entendiam aqui... uns queriam pastar, outros queriam que não fossem lá os animais, estavam mais certos não é... um núcleo qualquer, eu hoje até penso que fazer umas plantações era bem, numas zonas..., mesmo em zona boa a árvore plantada com certa distância dava pasto igual, dava alimento para os animais, os castanheiros, dava para o bravio e para o produtor, que não era má...

AL: mas?

MO1: mas a ser gerido pelas aldeias

AL: mas porque é que não fazem isso então?

MO1: ainda se não começou

AL: ah, mas têm esse projecto é isso?

MO1: mas podíamos fazer isso, então porque não? Para uma era a protecção aos animais não é, abrigo. Porque a nossa serra a não ser os carvalhais não tem outra protecção, e os animais procuram, havendo frio, procuram os abrigos não é... são esses carvalhais. O carvalho produz as landras, produz para o corço, para o javali, para os próprios animais

AL pois, pois

MO1: e temos carvalho, não se vê mas nós temos muito carvalho na serra nessas baixas escondidas temos muito carvalho e agora até estão a regenerar muito com as limpezas que estão lá a fazer. O carvalho em si só se protegia a ele próprio na linha de água, porque já ele tinha dominado a vegetação, com as limpezas que estão a fazer à volta já há lá muito carvalho, não é? Já há carvalho em regeneração, porque o mato ardia, o mato crescia tanto ou mais que o carvalho quando ia outro palhito tornava a queimá-lo e agora já está a alargar os carvalhais porque... com essas limpezas, se não houver fundos para fazer essas limpezas e ninguém limpe nunca temos nada.

AL: pois, pois, pois

MO1: por exemplo, este carvalho que você vê agora aqui, toda esta encosta por aqui afora até ao Rio Cávado, isto quando não havia tractores havia aí um carvalho por outro, alguém que não... era tudo roçado pelos agricultores para estrume dos animais e para as terras, mas hoje não, já há tractores, a gente tem estradas que até aqui não havia... vai aí acima até ao cruzamento de Pitões, não sei se você conhece, quem vira para Pitões e para Tourém, há ali um cruzamento, os nossos limites vão até ali, vem de toda a linha de água que vai ter à cascata, para cá o limite é nosso não é, a gente vai lá roça, vai à limpeza, já fiz lá limpezas nesse baldio também, no último ano, foi através da ADERE da Peneda-Gerês, um projecto que aí fizeram... e limpámos ali, ainda deu aí um subsídio para o pastor da rês e ainda nos deixou dinheiro para muitas coisas esse projecto

AL: da ADERE... eu não sabia que havia projectos da ADERE aqui também para limpeza

MO1: foi a ADERE, a ADERE é que trabalhou aí connosco, aí um projecto, fizemos aí umas limpezas, uns 15 ou 16 hectares

AL: isso foi em que ano, sabe? Mais ou menos?

MO1: já não ...

AL: mas há 10 anos? Há 20?

MO1: não, menos, aí há 6-7 anos

AL: pois... mas a vocês não vos interessa por exemplo começar a fazer render o pinheiro?
Já fiz esta pergunta mais ou menos, mas agora mais...

MO1: não! Não é que...

AL: no sentido de vos trazer receitas

MO1: nós temos aí zonas, até aquele pinhal ali que ardeu, era um núcleo que podia ser vedado, não é... se disséssemos assim, pronto, e se nós fizemos este projecto, o parque ou o ICNF eles aprovam-nos isso de certeza. Vedá-lo e plantá-lo e limpá-lo e trabalhá-lo para produzir, agora deitá-los à sorte e meter animais a pastar, a comê-los e a esmagá-los, não tem interesse nenhum

AL: pois, mas assim o pessoal da aldeia não está muito interessado não é? Preferem manter os pastos do que ...

MO1: ter do que viver não é...

AL: do que ter a floresta

MO1: há zonas e zonas não é, há zonas que, como tal, aquela aldeia ali de Paradela já não tem uma vaca, não têm pinheiro [*? Não se entende*] dão os lameiros a quem os limpa e pagam para limpar os terrenosinhos, porque as pessoas envelheceram, têm filhos que estão fora e já é uma zona que se calhar até antes quer isso, não é...

AL: o pinheiro?

MO1: ora, esta aldeia como é uma aldeia que vive do rendimento dos animais quer é pasto, não é...pasto que é fácil, deitar o gado e ele pastar e todo o lucro que vem é rentabilidade porque não se põe na pia, como nós chamamos não é, se eu for pôr hoje na pia rações ou qualquer produto, o animal não dá rentabilidade daquilo que come. E enquanto andam na serra meio ano é limpo. Eles botam para lá uma manada de novilhas ou vitelas, enquanto elas têm pasto elas vivem lá como vivem aqui a ser tratadas na manjedoura. Durante o inverno é frio, neva, chove, a gente tem de ter aqui os palheiros, como nós chamamos aqui, alimento, que é aquilo para que nós trabalhamos durante o ano é para as vacas

AL: na sua opinião qual é que é a importância do baldio actualmente aqui para a população de Outeiro?

MO1: a importância do baldio é continuar como está... mesmo que alguém do Estado esteja a gerir de acordo connosco, que nos não prejudique, agora se nos trouxerem iniciativas de sucesso, nós aceitamo-las, como estas plantações... eu não me importava de fazer gestão com eles, de dizer assim “bom, vamos aqui fazer esta plantação, vamo-la vedar, vamo-la trabalhar, há aqui técnicos apoiados por nós e por vocês e isto vai dar rentabilidade hoje e amanhã”. Estou de acordo com isso, pois se nós temos aí terrenos que se for preciso estão a ser queimados e podem ter uma plantação como essa

[passa uma senhora...

S: bom dia

AL: bom dia...

S: o dia está bom

MO1: está, está... o que faz falta é chuva...

AL: ehh, não diga isso, deixe só aguentar mais 2 dias ou 3

S: ai, fazia muita falta

AL: fazia?

MO1: ela vem, ela vem, tudo o que é desejado ainda há-de ser recebido...]

MO1: e é assim, isso não dava prejuízo nenhum, na nossa serra há hectares e hectares que produziam tudo

AL: pois, mas por exemplo se agora de repente deixassem de poder gerir o baldio como tem sido até agora, que é os povos a gerir ou as juntas, ou...

MO1: claro

AL: o que é que ia acontecer aqui à aldeia

MO1: oh, afectava aqui a população, era cortar-lhe as pernas e pô-los aí de cadeira de rodas. Nunca vai, porque isto ia dar revolução, nunca há ninguém que entre com estes povos serranos

AL: qual é a principal mais-valia do baldio para a aldeia actualmente?

MO1: é o pastoreio... e em si outros aproveitamentos, eu estou de acordo com isso, como estou a falar aqui dos nossos terrenos, se não são produtivos para a agricultura, plantação! Estou de acordo... mas depois limpar! E plantar para colher

Paredes do Rio: MP1

MP1: o Estado aqui nunca mandou

AL: nem o ICN nem o Parque?

MP1: bom, o ICN e o Parque sim, não deixam plantar o que a gente quer, por exemplo

AL: pois, pois... o que é que vocês gostariam de plantar que eles não deixam?

MP1: por exemplo, o eucalipto aqui não deixam plantar

AL: pois... vocês queriam plantar eucalipto?

MP1: era talvez a madeira que dava mais rendimento e que crescia mais... aqui assim o carvalho leva muitos anos a crescer

AL: sim... e vocês não podem cortar o carvalho pois não?

MP1: oh, pode, não se pode é cortar tudo a eito, não se pode arrancar a eito, aí já eles intervêm, o parque

AL: então vocês volta na volta cortam um ou outro carvalho e vendem

MP1: não, po lume, po lume da casa

AL: ah, po lume

MP1: há quem tenha vendido também mas de vez em quando andam aí à rasca, que eles andam em cima

AL: ah, não se pode mesmo pois. E pinheiro, vocês aqui?

MP1: aqui não há, nesta aldeia não há

AL: mas o Estado não entrou aqui com a floresta naqueles tempos?

MP1: antigamente já, mas já, ja foi antes de eu nascer, já tem 5 anos já... já tinha 5 anos, antigamente fizeram aí uma plantação, mas depois o lume

AL: o lume de quem? Dos pastores ou sem querer?

MP1: sei lá se é por querer se é sem querer

AL: (RISOS)

MP1: sei é que de vez em quando está uma a arder, lá vai o que lhe aparece à frente

AL: pois, e vocês nunca plantaram pinheiro?

MP1: não, não

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL:... tem passado muito fogo por aqui? Desculpe interromper...

MP1: desde que veio para aí o posto de vigia nem por isso... lá vem às vezes o lume assim fugido, às vezes no verão as pessoas chegam lá perto da barragem, não há quem o apague

AL: pois... também é só mato não é?

MP1: é

AL: não há assim muita floresta... quantos hectares de carvalhal vocês têm?

MP1: nós aqui? Nós aqui no baldio temos pouco... para aí 2 ou 3

AL: 2 ou 3 hectares

MP1: sim

AL: a maior parte é mato

MP1 é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1 não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaah

MP1 onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1 pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1 ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1 e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1 é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1 o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1 mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1 o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: sim... uma garrafa de coca-cola...

Isto no verão está aqui alguém sempre?

MP1 julho, agosto e setembro

AL: julho, agosto e setembro, é? São voluntários através do ICN ou não?

MP1 não são voluntários, eles têm de lhes pagar ordenado

AL: ah, pois, talvez. Eu sei que há uma acção de voluntariado, ou havia, na altura do verão, para estudantes e tal, dão-lhes alimentação e assim, mas se calhar aqui...

MP1 não, não é a mesma coisa

MP1: está a ver, estávamos há bocado a falar das florestas... tem acolá 3 ou 4 pinheiros, tinha sido o Estado que tinha plantado aquilo

AL: aqueles pequeninos... aqueles poucos?

MP1: sim, acolá em baixo... mas isso estava, fora na altura fora tudo plantado, que isto pertencia tudo a Paredes

AL: ai era?

MP1: era

AL: mas isto é Pitões ou não?

MP1: não!

AL: ai caramba que confusão!

MP1: é Paredes, mas para os subsídios é que nós tivemos de dar esta parte do alto para cá aos de Outeiro

AL: ok, ok... vou fingir que percebi (RISOS). Então isto era tudo Paredes, e aqueles restos de pinheiros ainda são do tempo do Estado

MP1: sim

AL: e depois, aconteceu...

MP1: e Paredes era daí de onde esses pinheiros para cima... metade da corga, passa o regato por aí abaixo é de Pitões, e dali para baixo pertencia aos de Outeiro e aos de Parada

AL: ah, ok. E então o que é que aconteceu ao resto dos pinheiros?

MP1: foi o lume que queimou tudo

AL: foi o lume... pois... e depois venderam a madeira queimada não?

MP1: não, não venderam nada... caiu tudo, ficou aí tudo

AL: e há quanto tempo é que foram esses incêndios?

MP1: já foi há muitos anos... eu já não me lembro

AL: e nunca mais houve pinheiro?

MP1: não, nunca mais plantaram nada

AL: na altura em que o Estado andou a pôr a floresta em todo o lado aqui – se já lhe tiver perguntado isto, passe à frente, não estou certa se perguntei... – aqui em Paredes puseram aqueles pinheiros que nós vimos, ou pôs muita mais?

MP1: pôs naquelas encostas todas em volta até ao alto, até lá acima no posto de vigia

AL: ah, sim, sim, sim. E houve muita oposição nesta aldeia?

MP1: não sei

Pincães: MPin1

MPin1: [...] sim, mas isso é às câmaras, agora o ICNF está a propor autogestão aos baldios, porque o ICNF já não funciona há muito tempo...

AL: ah, eles é que estão a propor

MPin1: agora estão porque a Lei após o pedido a Lei eram 20 anos, agora facilitam mais

AL: O que é que era 20 anos desculpe?

MPin1: o pedido de autogestão, a autorização tinha de passar 20 anos para fazer essa...

AL: Mas isso é já assim com uma crítica por detrás não? Ou estava mesmo escrito que eram 20 anos?

MPin1: sim, mas depois houve casos que, portanto o ICNF hoje não funciona, o Parque não funciona, e depois houve casos que foram levados para tribunal e o tribunal decidiu entregar a autogestão aos baldios, em certas zonas do país. E agora acho que está mais fácil, nós também já pedimos há um ano mas ainda não se pronunciaram e também acontece que a câmara de Montalegre estava-se a propor a substituir o ICNF, mas a câmara não tem gente à altura para... estava a propor-se... ela nunca... a contrapartida que queria nunca chegou a dizer, reuniu uma vez com os baldios e chegou a propor eles fazerem o pedido de autogestão e depois eles fazerem intervenções e... a câmara queria contrapartidas mas nunca chegaram a dizer bem a contrapartida que queriam, está a perceber? Não se sabe se era mais se era menos do que o ICNF.

MPin1: [...] eu sou florestal

AL: eu também!

MPin1: é? Também é engenheira florestal?

AL: tirei engenharia florestal no ISA, mas foi a licenciatura

MPin1: mas eu sou florestal, eu era mestre florestal. Agora já não sou mais... mas acontece que...

AL: mas trabalhava nos serviços florestais?

MPin1: sim, trabalhei. Mas agora nos últimos anos transferiram-nos para a GNR, para o SEPNA... um guarda-florestal não era só polícia, também era técnico... e agora não há ninguém. Se formos a ver... em legislação acho que ainda não há, alguém para a instituição florestal a substituir os guardas-florestais... acho que ainda não há! Oficialmente ahn... embora haja não é. Acho que oficialmente ainda não há ninguém...

AL: mas como, como? Que substitua os guardas-florestais?

MPin1: os guardas-florestais eram os únicos a fazerem autos de madeira... oficiais! Depois passaram a ser os jornaleiros, mas havia um guarda-florestal ou um mestre a acompanhá-los. Mas eu acho que ainda não há legislação nenhuma a autorizar ninguém a cortar madeira senão os guardas-florestais

AL: então os guardas-florestais faziam o quê? Faziam não só a monitorização dos usos mas também o quê? Que eu não percebi...

MPin1: faziam o auto de marcação de madeira. Eu acho que ainda não há legalmente, oficialmente acho que ainda não há ninguém a fazer esse serviço

AL: marcação de madeira?

MPin1: sim, a cubicar a madeira...

AL: o que é isso?

MPin1: como é que se chama isso, é densometria não é?

AL: sim... isso tem a ver com a densidade da madeira, é isso?

MPin1: não, com o volume... com o volume da madeira

AL: Ok. Mas vocês marcavam para quê? Para cortar?

MPin1: sim, para abate. Há os cortes culturais, há os finais e há os...

AL: e os guardas-florestais tinham a função de? Escolher as árvores para cortar é isso?

MPin1: sim. Era para seleccionar as árvores... é isso

AL: ok, consoante o quê? Consoante o tamanho...

MPin1: não! Você se é florestal...

AL: bom, mais ou menos, é que eu trabalhei sempre na investigação, não na produção

MPin1: pois, pois, mas aqui é que está o problema... escute, escute... há 3 tipos de cortes: há os extraordinários, que são aqueles por eventual necessidade não é... e depois há os outros, depois aquilo até tem uma rotação, de 5 em 5 anos, há uma [*? Não se entende*] florestal, pode ser de 5 em 5 anos

AL: estamos a falar de pinheiros?

MPin1: sim, de resinosas. E então acontece que... faz de conta que são estas 5 cadeiras, há um talhão aqui, outro acolá e todos os anos há uma passagem por cada um [*? Não se entende*]... depois há aqueles resinados, há aqueles bifurcados, há aqueles que já estão dominados... até aos 50 anos há sempre que tirar. E depois dos 50, 60 anos poderá ser feito um corte final, poderá deixar uns sementões que é para a regeneração natural, que agora já não se usa

AL: já não se usam sementões?

MPin1: não, não se usa regeneração natural, usam-se é plantações... mas acontece que podes deixar uns sementões ou poderás fazer o corte final como normalmente. E acontece que os cortes culturais é o que melhora o povoamento florestal porque tiras os dominados e ficam os dominantes não é...

AL: têm mais espaço...

MPin1: têm mais espaço e isso vai formar uma árvore com bom fuste e produção de madeira. Agora se se deixa à densidade que eles fazem não dão nada... começam à procura do sol, a fugir lá para cima, o fuste não engrossa, só puxam ao sol, uma copa muito pequenina, estão ali uns em cima dos outros, depois uns dominam os outros, os dominados começam a secar e aquilo não... conduzir um pinhal é como conduzir um campo de milho, se não há desbaste não há produção

AL: pois, pois. E os guardas-florestais é que faziam essa selecção?

MPin1: faziam essa selecção...

AL: ah... então e agora ninguém faz, será o ICNF ou não?

MPin1: é jornalheiros, mas os jornalheiros também mandaram-nos embora também... andam para aí com brigadas de sapadores que não percebem nada daquilo...

AL: não percebem nada daquilo os sapadores?

MPin1: não... então que formação é que eles têm? A formação que têm é para intervenção de incêndios que tiraram na Lousã... então, eu também lá estive, estive lá em vários cursos

AL: ah, na Lousã, também tirei lá um curso

MPin1: ah foi, na Lousã?

AL: fiz de Inventário Florestal... fazia parte da licenciatura

MPin1: agora aqui... pronto, eu acho que, eu até me disponibilizava a fazer parte de uma equipa dessas. Os baldios... agora ninguém sabe a Lei dos Baldios, ninguém sabe de nada, isto...

AL: ninguém quem? Ninguém aqui da aldeia ou...

MPin1: não, da aldeia sabem. Mas muitos baldios, há pessoas á frente dos baldios que não, que estão um bocado fora do contexto... e acontece que eu acho que e já falei com... portanto nós estamos aqui, nós somos sócios do secretariado de baldios de Trás-os-Montes e alto-douro

AL: sim, o SBTMAD, que é gerido pela Lúcia Jorge...

MPin1: não, ela é funcionária, quem gere aquilo é o ...

A: Armando Carvalho não é?

MPin1: é o Armando é!

AL: o mesmo da BALADI não é?

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: então e os próprios compartes não podem constituir uma equipa dessas e funcionar assim na sua floresta, nos seus baldios?

MPin1: nós aqui estamos salvaguardados... eu estou à frente dos baldios desde 1999 e as coisas até têm funcionado. Mas antes as coisas não funcionavam... era como os outros. E vê-se aí baldios que... em termos de desenvolvimento florestal vão na conversa daquelas empresas de estilhagem... de estilha... e tiram o bom e deixam o fraco e ... mais valia cortarem tudo e ao menos vinha um povoamento novo e ao menos não havia mais nada a ...

AL: mas essas empresas fomentam o corte das boas é isso?

MPin1: é. Porque aquilo é para produção de papel, pasta para papel, apanham uma coisa tiram aquilo que lhes apetece

AL: pois, depois as pessoas que estão à frente do baldio se calhar não percebem muito de floresta

MPin1: pois, por isso é que eu digo que devia de haver alguém que os incentivasse e ajudasse

AL: se não é o Estado, que normalmente seria o cogestor, não é...

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem.

Acho que até ajudava aí no governo da... o que é a ITI? Porque a ITI, até convém você depois... isto vai ser discutido... nós fizemos no outro dia um manifesto à ministra da agricultura, eu não sei o que é que ela vai fazer, nós estamos a pedir-lhe um... eu ainda há bocado recebi um *mail* do IFAP, a candidatura termina amanhã mas parece que ainda dão até ao dia 23 de Junho com penalização de 1% por dia. Eu recebi há um bocadinho um mail do IFAP que até ao 23 de Junho, as alterações podem ser feitas até ao dia 15, e as candidaturas podem entrar até ao 23 com penalizações de 1% por dia

AL: ah... isso para as ITI?

MPin1: não! Isso não se sabe, ainda não se sabe de nada... Estou a falar é de candidaturas que vão fora de prazo

AL: ah, mas candidaturas a quê?

MPin1: agro-ambientais e mesmo os particulares... porque terminam amanhã

AL: ah... mas agroambientais e silvoambientais não são ITI?

MPin1: também são ITI... mas para os baldios estamos estagnados

AL: ah, não é com o baldio

MPin1: o *mail* que me mandaram é em geral. Mas nós no baldio, eles fizeram-nos uma redução de 50% e depois de 50% ainda me retiraram a parte rochosa toda. Nós temos um corte para aí entre 80 e 90% das áreas elegíveis do baldio que nos deixa sem manobra de candidatura para a ITI. E agora não sei o que é que vai acontecer. Fizemos um manifesto ao nível dos 5 concelhos que fazem parte do PNPG, ao nível dos baldios dos 5 concelhos, associações e tudo e pronto. Vamos ver o que é que a ministra decide. Entrou lá ontem salvo erro, ou anteontem

AL: ah, só agora é que entrou

MPin1: pedimos o adiamento do prazo e que tenha em atenção aos baldios do PN porque tem certas restrições que não... enquanto os outros podem usar mini-hídricas e mini-eólicas...

AL: o que é que são mini-eólicas? É que eu estive a ler... acho que foi no plano de ordenamento do parque, é que eles dizem que

MPin1: parque eólico é aqueles que se vê aí para Cabreiro...

AL: só que eles falam de mini-eólicas ou de mini geradores eólicos

MPin1: portanto isso é quando funcionarem em moinhos de água, ou... em qualquer moinho de água pode funcionar... mas pronto, o Parque Nacional faz as suas coisas boas, agora a vantagem foram as ITI porque, e o mais importante é isto, é que nos dá maneira de fazer as limpezas de combustíveis e eu depois vou-lhe mostrar, e até convém que você quando passe veja e conta, e o mais importante é que é uma prevenção aos incêndios florestais, porque se não houver combustível não há incêndios, e mais vale estar a tirar o combustível que ele fica todo em estilha, não fica com... ao tirar o combustível automaticamente há prevenção dos incêndios. E isso funcionava muito bem e agora vamos ficar sem essa componente. Enfim... isto é reduzir às despesas, então o que nós pedimos lá no manifesto é que abram a excepção aos baldios do PN porque não temos outra... porque se só formos fazer trabalho com dinheiro só do pinhal abatido não vamos lá. Eu andei 4 anos a pôr dinheiro do meu bolso para as despesas do CD, não havia dinheiro...

AL: mesmo com as vendas das madeiras?

MPin1: não havia dinheiro, olhe, arderam-nos aqui à volta de 150 hectares aqui há coisa de 3 ou 4 anos. Na altura gastámos algum aqui, porque também veio algum para aqui, outros usamo-los de outra maneira mas...

AL: e vocês aqui, sobra-vos dinheiro das ITI para depois usarem em produção, seja do que for?

MPin1: algum que sobrou veio para aqui [para a sede dos compartes]... mas isto também era uma necessidade que tínhamos, nós reuníamos lá no meio da aldeia, um dia estava um vendaval, a chuva... e agora

AL: mas por exemplo conseguem investir na produção florestal?

MPin1: conseguimos

AL: mas a floresta neste momento pode dizer-se que está a dar frutos ou não?

MPin1: ainda agora fizemos uma plantação...

AL: de pinheiro?

MPin1: não, de folhosas

AL: ah, ok. Mas as folhosas, vocês não podem nada com elas, ou seja, entra é dinheiro das ITI para fazerem as florestas... não podem cortar, não podem vender...

MPin1: não...

AL: mas fazem também plantações de pinheiro?

MPin1: para já não [*? Não se entende*] se fossem projectos financiados a 80%, assim já podia haver fundo de maneo, agora com 60% não dá

AL: pois... isso é que o que eles investem é isso? E vocês têm de dar x dos rendimentos que obtenham na floresta não é? Com a madeira...

MPin1: é 20 e 40%

AL: 20 quando?

MPin1: 20 neste caso em que é regeneração natural e 40% quando a plantação é feita pelo Estado, isso foi em 1975 ou 1976...

AL: pois, isso deu problemas cá não deu?

MPin1: Naquela altura havia muito pastoreio no verão, bovinos não, mas pequenos ruminantes havia muitos, e a floresta, no período do verão não, mas quando fosse inverno tomou muito conta, e eles aqui tiveram de vender mais de metade dos animais, porque não havia pasto para os animais pastarem no inverno, no verão havia, mas no inverno não

AL: pois, na altura você era um menino não é... mas o seu pai e tal devem contar... tiveram luta aqui em Pincães?

MPin1: aqui não, mas ali tiveram

AL: aonde, em Fafião?

MPin1: não, em São Lourenço... em São Lourenço correram com eles

AL: aqui aceitaram o futuro florestal. Quando é que o senhor entra para os SF?

MPin1: primeiro estive na GNR, depois em 1987 concorri a guarda-florestal

AL: aqui?

MPin1: não, Vieira do Minho

AL: portanto a floresta que um dia foi um problema hoje acaba por ter uma função importante...

MPin1: oh, os agricultores hoje também não vêem nada a floresta com bons olhos

[relativamente ao carro onde vamos entrar]

AL: oh! Compraram vocês?

MPin1: comprámos!

AL: ah pois, vocês também não tiveram direito ao carro dos sapadores...

MPin1: pois não

AL: mas estava a dizer, que os agricultores não tinham...

MPin1: que os agricultores não veem a floresta com bons olhos... mas eu também, eu só comecei a dar valor à floresta desde que fui para guarda-florestal... porque eu via aquilo em casa dos meus avós e do meu pai... mas depois... há espaço para tudo, há espaço para tudo! E pode haver pastoreio, e pode haver floresta

AL: sim, também hoje há menos... acha que se houvesse o mesmo número de cabeças de gado que havia naquele tempo que era possível ter floresta também?

MPin1: hoje é capaz porque a floresta depois os animais também comem pasto por baixo, e pode até crescer mato... não é bem o caso aqui no nosso terreno, porque depois também depende dos terrenos, mas tem zonas que debaixo do pinheiro bravo havia ... é como um lameiro

AL: pois, o vosso terreno é super inclinado não é?

MPin1: é

AL: mas tem montes de pinheiros... estes por exemplo, estes pinheiros que eu vejo são regeneração natural dos tempos do Estado ou ...

MPin1: não... isto quando veio a floresta nós tínhamos uma parte, aquela encosta lá de acolá, já há muitos anos que havia pinheiros, e depois o vento começa a levar as sementes, e nós, esta parte daqui até à capela, e esta parte aqui, quando veio a floresta já havia pinheiros, quando a floresta chegou já isto estava povoado de pinheiros

AL: ai já?

MPin1: já!

AL: quando o Estado chegou já havia aqui pinheiros?

MPin1: já, aqui já havia pinheiros, nesta parte

AL: se calhar plantados localmente?

MPin1: não, não! Começaram a vir, regeneração natural, se nós formos a ver eles expandem-se

AL: pois é a tal coisa, a semente voa

MPin1: é, é... o pinheiro bravo normalmente ronda... acima dos 700 metros não da grande coisa, mas com o aquecimento do terreno, não é... nós já temos pinheiros aí perto dos 1000 metros

AL: portanto você nota uma diferença de temperatura desde há 50 anos

MPin1: tem havido um aumento de temperatura

AL: deixe-me só fazer-lhe uma pergunta, ali atrás aquilo era o quê? Carvalhos?

MPin1: são faias, são plátanos, o padreiro e bétulas

AL: como é que chamam ao plátano? Padreiro?

MPin1: há quem lhe chame padreiro, há vários tipos de Acer, mas aqui chamam-lhe o padreiro. Só botámos aqui plantas que foram autorizadas, e o castanheiro, também temos aqui o castanheiro [*diz qualquer coisa sobre o carvalho americano que não entendo, mas termina dizendo que o Parque o começou a introduzir*]

AL: e deram-lhes as árvores? O ICNF?

MPin1: deram... a 20 e tal Euros cada uma!

AL: aí pagaram? Eu vou dizer que o ICNF dava as plantas para florestação

MPin1: dão umas muito pequeninas e que para se desenvolver... aqui vêm grandinhas e vêm num vaso, olha...

AL: e compram onde?

MPin1: compramos num viveiro, existe um em Braga e um em Ponte de Lima

AL: e quantos pés é que puseram ali? Mais ou menos...

MPin1: à volta de 300 pés

AL: e metem daquelas vedações?

MPin1: sim, para os animais

AL: não está vedada essa área...

MPin1: não, não, individualmente

AL: e isso é tudo dinheiro das ITI...

MPin1: aquele que sobra, aquele que vai sobrando não é...

AL: mas as ITI, as silvoambientais não é para isto também?

MPin1: não, é só para limpezas de mato

AL: ah, eu achava que também era para plantações

MPin1: não, não, não

AL: Eu lembro-me que havia lá uma alínea que era para enriquecer matos estremos e outra que era para não sei quê...

MPin1: não, não, não, é só para limpeza de mato... agora o que eles fazem é... eles dão x e a gente tenta fazer mais barato e o que sobra ... se continuar nós vamos protegendo os baldios, vamos fazendo obras, vamos... se não continuar isto vai de caixão à cova. Havendo combustível sabe como é...

AL: pois... essa questão das ITI ainda me faz um bocado de confusão...

MPin1: as ITI era o melhor que nós tínhamos aqui para salvaguardar isto, está a perceber, porque isto é assim, não havendo projectos, não havendo nada, se não houver alguma maneira de se fazer limpezas de redução ao combustível, nós estamos feitos

AL: é que...

MPin1: é que isto é assim, eu trabalhei quase 20 anos na floresta e a experiência que tenho é esta... ou se aposta na prevenção porque no combate quase não vale a pena. Olhe, os bombeiros... isto é como tudo, ninguém, todos gostamos da nossa produção mas ninguém quer morrer. Eu quando andava a fiscalizar a caça andava na zona de Fafe, que é gente muito perigosa

AL: quem é que era muito perigosa?

MPin1: na zona de Fafe... pessoal de Fafe é muito perigoso

AL: ah, porquê?

MPin1: opa, é pessoal que é capaz de dar um tiro numa pessoa

AL: ah é? Não sabia que tinham essa fama, continue então...

MPin1: nunca ouviu dizer que a justiça de Fafe é com o povo.

AL: não! Estou sempre a aprender...

MPin1: não, mas há... “isto é como a justiça de Fafe!” a justiça de Fafe é feita por eles, antigamente devia ser assim. E acontece que... então... ninguém quer... vão para um incêndio mas morrem porque calha mas não é por [?]

AL: claro

MPin1: e um incêndio se for numa mata... olhe, isto é um medronheiro... sabe o que é um medronheiro?

AL: sei, sei. Este conheço eu bem, gosto muito do fruto

MPin1: nós temos aqui muito... acontece que se houver mato considerável, a 30 metros do incêndio já ninguém suporta o calor. Agora os GIPS têm lá aqueles fatos de água e não sei que mais que protegem. Mas...

AL: e têm todos isso?

MPin1: ah, os GIPS têm

AL: ah, os GIPS, sim, sim, sim

MPin1: está a ver, tudo até lá acima...

AL: foi limpinho aqui também?

MPin1: está limpinho tá. Assim não arde, mas se não ardia que isto tinha aqui um mato grande. Mas aqui limpámos tudo... e acontece que os meios aéreos, há 30 anos um helicóptero ganhava 14 contos por minuto, há 30 anos. Hoje não faço ideia...

AL: ou seja é caríssimo o combate, não é isso?

MPin1: é que no fundo arde, há o prejuízo do pinhal que arde e a despesa com o meio aéreo é 4 ou 5 vezes mais ao prejuízo do pinhal... mas ele há interesses nisso. Agora na minha óptica, o essencial é a prevenção, e a prevenção é isto, nem precisa de meios aéreos, nem é preciso um bombeiro morrer, nem nada... o essencial é isto... mas como há outros interesses deixa-se arder porque se sabe que as empresas que... estas empresas... estás a ver, já foi limpo e o feto já veio...

AL: o feto depois seca mas não chega a ser um combustível muito forte...

MPin1: não, não, não, depois seca mas já é no outono também... depois também já não há [condições perigosas de incêndio]

MPin1: e acontece que agora nós, o ideal é a prevenção, é mais barata, porque o combate fica caro, quem tiver condições para ir ao banco levantar dinheiro para comprar um helicóptero ou dois, ao fim da época de incêndios tem-no pago, e para o ano continua a ter o helicóptero... isto é tudo... porque no contrato já lhe garantem x horas. No contrato, mesmo que não levante uma vez já tem garantidas x horas de trabalho, está a perceber... por isso é que eles apostam mais no combate, o combate é quando começa a arder, depois o incêndio tem uma coisa, é muito importante chegar o mais rápido possível ao local,

porque quanto mais depressa lá chegarem, mais fácil é de dominar. Agora eles às vezes só chegam uma hora depois...

AL: mas era isso que eu estava a perguntar, então o ICNF como cogestor o que é que faz?

MPin1: não, não faz nada! Então, precisamos... Temos lá pinheiros em baixo que deviam ser desbastados há tanto tempo, e não foram porque eu não tenho pessoal para fazer os trabalhos...

AL: pois... então há mesmo nada... nas plantações não vos dão as plantas pelo que eu percebi...

MPin1: não, não dão não... e se derem é pequeninas, e depois os animais comem-nas e não vale a pena... olhe, isto era para ser limpo em 2015 mas não vai ser e olhe o combustível que aqui está, olhe para aquilo, as urzes altas. Isso era para ser limpo e não vai ser limpo, porque basta que em 2015 as ITI acabarem... não pode ser

AL: e este lado também é não?

MPin1: era, também era...

AL: pois está muito... ainda por cima está uma ventania que isto está mesmo próprio para fogos... agora até nem está muito, mas tem estado um vento

MPin1: agora, se estivessem realmente interessados na floresta aplicava-se na prevenção, gastava-se o dinheiro que fosse e chegava-se ao verão e não havia chamuscas...

AL: pois...

MPin1: desde o 25 de abril que a floresta nunca mais foi o que era antes... mas depois começaram a vir os projectos e tal, os projectos e as coisas foram-se fazendo, agora acabam-se com os projectos acabam com tudo... porque puseram projectos para plantações, outros para limpezas e não sei que mais e as coisas foram funcionando, porque antigamente o pastoreio, aquele excesso de cabras que havia também olhe que os agricultores queriam roçar mato para botar nas lojas dos animais e não tinham... e não havia porque as cabras comiam o mato quase todo, as cabras comem muito mato. Esta parte agora aqui de terras novas, o mato, elas comem tudo e já atrasa a planta, está a perceber, atrasa-a de crescer... e está tudo roído e não havia mato, e agora acabaram com o pastoreio o mato desenvolve-se muito mais... o mato desenvolve-se muito mais

AL: pois, pelo que eu percebi essa questão das ITI também era no sentido de manter o pastoreio e de alguma forma contribuir para...

MPin1: sim, sim, sim, até porque era em área forrageira não era em florestal

AL: pois, era no sentido de manter o mato controlado de alguma forma. Mas isso tem toda a razão, dantes as cabras preveniam os incêndios...

MPin1: preveniam! A quantidade de cabras que havia limpava este mato todo

AL: uma coisa que eu ainda não percebi muito bem... antes de haver intervenção da floresta, isto não tinha árvores nenhuma?

MPin1: não tinha não! Isso aí foi semeado, isso aí foi semeado e já ardeu e já está natural. Mas esta parte aqui para baixo foi toda semeada, em 60

AL: por vocês?

AL: uau que lindo!

MPin1: olhe nós, quando vieram esses agroflorestais compartimentámos isto tudo... fizemos também rede viária, esses caminhos foram todos abertos, fui eu que orientei isto tudo

AL: ah, sim?

MPin1: foi, puseram aqui rede viária... houve aqui um incêndio mas trancámo-lo lá no aceiro e trancámos aqui no estaleiro, e só ardeu aqui este bocado, e o outro ficou intacto, está a perceber?

AL: se não houvesse estas estradinhas...

MPin1: pois, se não houvesse isto ia tudo! Agora que isto é tudo regeneração natural já oriunda da plantação que foi feita em 1965... 65 ou 66...

AL: epa, isto está demais! É muito bonito mas o fogo não perdoa...

MPin1: devia ser tudo limpo... agora nós, se não tivéssemos parque, se não estivéssemos à espera do dinheiro do projecto, já tínhamos feito isto nós, mas como agora como também temos pouco dinheiro, estamos à espera de 45000 euros do investimento que fizemos lá em cima na casa do pastor

AL: imagine que vocês deixam o Estado, portanto passam para a modalidade a), em que é que isso melhoraria em termos de intervenção florestal?

MPin1: melhoraria porque faríamos o acompanhamento contínuo ao povoamento e as necessidades que ele tivesse íamos a fazê-las a tempo e horas, está a perceber... o desbaste que é o mais importante. Porque o mato é só para efeito dos incêndios, se não houver incendio o pinheiro domina bem no mato, até com a densidade... se houver muita densidade até o mata não é... agora para criar riqueza é fazer o desbaste do pinhal a tempo e horas porque ele se passa o tempo e não se desenvolve, depois de ser velho bem podes andar ali a desbastar que ele já não tem força para andar, ele já não vai a lado nenhum. Vi aqui pinheiros já a arder, tinham 15 cm de DAP e tinham 27 metros de altura! Você veja bem, eles foram sempre à procura do sol, com a densidade... foram sempre à procura do sol e nunca engrossaram porque...

AL: em termos de rendimento vale-vos muito mais ter árvores grossas não é?

MPin1: exactamente. Sabe, isto é assim, a madeira para construção é só a partir de 25 para cima é que é considerada, ponto final! Já se chegou a pagar a 75 euros a tonelada! E é pela

tabelinha, se não fosse a tabelinha pagava-se aí 25 a 60 euros, há um valor comercial muito grande

AL: ou seja, a ver se eu percebi, uma situação sem o ICNF, ou seja, em que vocês ficavam na modalidade a), no fundo em termos de ajudas do ICNF vocês já não têm nenhuma mesmo

MPin1: e depois ficávamos com a receita toda

AL: com a receita toda

MPin1: e aí já da para investir

AL: porque, de facto, apoio não têm neste momento, e continuariam a não ter, mas passavam a ter a receita maior... estou a perceber. E vocês conseguiriam investir na floresta...?

MPin1: olhe, isto vai ser feito por nós! Este desbaste aqui já vai ser feito por nós, eu não quero estar à frente do baldio e deixar isto... porque isto foi o que aconteceu e não quero que volte a acontecer, a densidade destes pinheiros... não foi este ano vai ter de ser para o ano, isto não se entende... oh, vão sair todos!

[não se ouve bem mas o Sr. MPin1 volta a falar da importância do desbaste para os pinheiros ganharem grossura]

AL: mas a ITI só previa a limpeza dos matos ou também...

MPin1: não! E os desbastes

AL: só a plantação é que não...

MPin1: a plantação já fica 2x2...

AL: não, mas a plantação não é participada pela ITI

MPin1: não, não! Agora isto precisa de uma intervenção... a limpeza tem de ser feita

AL: Pois, isto de facto está com uma grande densidade

MPin1: isto é tudo regeneração natural

AL: isto é tudo regeneração natural?

MPin1: é!

AL: há quanto tempo é que foi o incendio

MPin1: isto ardeu acho que foi para aí há 5 anos

AL: *he la*. Mas crescem muito rápido

MPin1: isto cresce bem, este cada ano... isto desenvolve bem

AL: e tem medronheiro lá para o meio, também é regeneração natural?

MPin1: tem algum

AL: vocês não têm aqui a procecionária?

MPin1: não há assim muita

AL: É mais o nemátode aqui?

MPin1: o nemátode também não tem muito. Olhe isto aqui, chegaram-lhe fogo aqui por baixo no rio, chegou lá em cima, ardeu aqui mais de 150 hectares...

AL: foi o tal que vocês conseguiram parar?

MPin1: não!

AL: ah, este é o tal que queimou o projecto?

MPin1: sim,...

AL: vocês têm aqui o baldio todo composto

MPin1: agora é preciso é trabalhar

AL: claro. Vocês têm jovens no CD, ou seja há malta nova nos órgãos de gestão?

MPin1: temos, fazemos isso para os incentivar também

AL: pois. Bem, você já está desde 1999... é muito tempo!! Sempre na presidência do CD?

MPin1: sim

AL: e antes de 1999 vocês já tinham há muito tempo, uuuh

MPin1: o meu pai formou o CD em 1976

AL: ah, foi logo...

MPin1: mas o meu pai era um agricultor que não percebia nada de floresta, como não percebem todos... se não fosse eu aqui, sabe como é... se não fosse eu aqui...

AL: e o problema é que nem em todos os baldios há quem perceba de gestão da floresta, aí era importante haver o tal papel do Estado como cogestor. A ideia era essa.

MPin1: Ou então arranjam uma empresa que faça e eles paguem e eles façam ou ao menos que lhes ensine a fazer não é...

AL: pois

MPin1: acabaram com os guardas florestais, acabaram com eles, porque os guardas-florestais passaram para a GNR, mas é uma carreira a vagar...

AL: uma carreira a vagar? O que é que quer dizer com isso?

MPin1: que acaba, vão para a reforma e não deixam entrar mais ninguém até acabar

AL: os GNR?

MPin1: não, a equipa de prevenção da floresta que é da GNR e do SEPNA, é uma carreira a vagar. Desde 2006 que transferiram o pessoal da carreira de guarda florestal para a GNR, e é uma carreira a vagar, quer dizer, não há mais concursos e depois ficam no SEPNA a ... quer -se dizer, agora trabalham em conjunto, não é, com fardas diferentes mas vão trabalhando em conjunto, olhe, isto também foi plantado pelo Estado, estes são carvalhos americanos, não nos quiseram deixar plantar lá em cima... isto é carvalho americano... e isto está assim porquê?

[sai do carro]

MPin1: portanto é uma carreira a vagar, por enquanto ainda há jovens, 30 e tal anos, mas quando passarem à reforma acaba...

AL: é o vento não é?

MPin1: é... tenho lá cordas...

AL: aqui não tem protecções para o gado

MPin1: não, já estão altas

AL: ah, claro

[toca o telefone do Sr. MPin1]

AL: o que é que eu lhe ia perguntar...ah, os guardas-florestais foram incluídos nos GNR ou os GNR é que passaram a tratar dos trabalhos que antes eram feitos pelos guardas florestais?

MPin1: portanto, eles queriam... como falámos há bocado, eles queriam [não percebo... a certa altura começa a falar da DGRF e a explicar como aquilo foi mudando de nome – DGF, DGRF, Instituto Florestal] em 1987 quando fui para lá era a DGF, depois veio o Instituto Florestal, depois veio a DGRF e agora passou para ICNF, acontece que eles pensavam que os guardas florestais eram contra aquilo que eles queriam fazer na floresta, e o que é que eles pensaram? Encostar os guarda florestais... e este... o António Costa que agora está à frente do PS, era o ministro da Administração Interna. E como viu que os guardas florestais iam ser encostados deitou-lhes a mão, deitou-lhes a mão e incluiu-os na GNR, mas... a intenção dele era boa mas a GNR nunca nos viu bem, com bons olhos, porque éramos civis, toda a gente pensava que nós íamos passar a ser militares como eles, porque um militar não nasce militar, um militar é uma cerimónia que se faz e passa a ser militar, é uma cerimónia, mais nada, é um juramento de bandeira ou o que é que eles chamam, é uma coisa qualquer. Portanto eles nunca nos viram com bons olhos e acontece que aquilo não funciona, mas que um guarda-florestal tem muita mais formação do que tem um GNR, isso ... para se ser guarda-florestal é preciso ter o 11º ano, para GNR hoje ainda estão para lá [?], está a perceber?

AL: mas os guardas florestais foram incluídos no corpo actual que se chama não sei quê florestal não é?

MPin1: sim... é. Equipa de prevenção da floresta... mas estão lá como civis, passaram por... foi um contrassenso. Puseram pessoal da guarda-florestal no quadro civil da GNR onde está o pessoal da limpeza

AL: epa, essa não deve ter sido fácil de engolir... e o senhor já estava reformado nessa altura?

MPin1: não, ainda lá estive desde 2006 até 2012, depois fiz uma operação no final de 2012, depois tive mais, depois quando fiz a operação já tinha pedido a aposentação e depois saí e vim embora

AL: o senhor tem que idade se não é...

MPin1: 60

AL: o que sai da limpeza, vocês usam? Os raminhos e assim...

MPin1: não! Olhe, já fui a reuniões com empresas de biomassa, ao fim da reunião nem fiquei a saber o que é que eles queriam dizer, tanta coisa, tanta coisa no fim o que eles queriam era, o que nós aqui queimamos nas lareiras, era o que lhes interessava a eles... mas queriam-no de graça. Para isso não...

AL: queriam-nos de graça?? Ah, mas eles faziam a limpeza...

MPin1: a limpeza, também, eles só fazem a limpeza também... eu tenho ido aqui para o alto de Boticas, para o lado de Chaves... há para ali uma fábrica e eles também só se queriam alargar da fábrica num raio de 24 km, não queriam alargar mais... a gente o mato dava-lhe de graça, a limpeza, não queríamos dinheiro pelo mato, agora medronheiro ou outras espécies que nos fazem falta para o lume não! Tanto nos faz falta a nós então não lhes damos a eles. Eh! Eu cheguei a ver, já estive em várias reuniões de limpeza e de biomassa e eles queriam era... o que nos interessa a nós é que eles queriam de graça, assim não...

AL: mas... só para eu perceber, essas empresas para além de ficarem com aquilo que vos interessa a vocês faziam a vossa limpeza?

MPin1: faziam a nossa limpeza mas também cortavam árvores que dá para vender. Ninguém dá nada a ninguém, sabe? Ninguém dá nada a ninguém!

AL: pois, por um lado era bom para vocês porque não tinham de pagar pela limpeza, não é? Mas depois perdiam... mas o que é que vocês fazem com os medronheiros?

MPin1: os medronheiros, está lá no regulamento do baldio, o medronheiro deve-se também desbastar. Desbastar mas os 2 ou 3 ramos mais desenvolvidos vão-nos buscar à...

AL: sim, eu li isso. Mas que dinheiro é que eles vos trazem

MPin1: não! É só para consumo de casa, das habitações

AL: ah

MPin1: é só para consumo de... para aquecimento

AL: ah, madeira

MPin1: é, para aquecimento das lareiras, no inverno, para aquecimento da casa

AL: mas cortam o medronheiro ou

MPin1: sim, faz-se um desbaste, uns ramos

AL: ah, já percebi, vocês usam esse material para se aquecerem e a empresa ia levar para fazer negócio

MPin1: pois

Pitões das Júnias: MPi1

AL: exacto... por exemplo, aqui a floresta não entrou quando o Estado florestou os baldios? Ou já foi tudo queimado ou...

MPi1: houve uma oposição, as pessoas não permitiram, porque efectivamente havia muito gado e não permitiram, a única zona que foi florestada, é engraçado é que eu disse assim, como é que, até... havia mesmo interesse do Estado Novo em implementar mesmo aqui a floresta, que isto aqui é um território magnifico para a floresta, obviamente, tanto que tem ali aquela casa florestal. Mas não vingou porquê? Porque as pessoas fizeram uma luta, resistiram não é, a isto, e não deixaram, a única zona que foi florestada foi aquela zona de limite entre Pitões e a freguesia de Outeiro e Covelães, mas... pouco tempo

AL: (RISOS) pois, acabou por arder tudo imagino... então vocês acabaram por não conseguir tirar grandes receitas dessa floresta?

MPi1: nada! O único que iremos tirar, não sei quando, é quando um dia cortarmos aqueles pinheiros em volta da casa, mas aquilo é uma zona de lazer (RISOS)

AL: isso é patacas

MPi1: é uma zona de lazer por isso não...

AL: ah, nem dá, pois...

MPi1: nada! Não, não, não...

AL: e vocês investirem em produção também no...

MPi1: em produção...

AL: seja do que for, estou a lembrar-me da floresta mas...

MPi1: exactamente, acho que vamos mudar essa modalidade, mas em Pitões vai ser um bocado, vai custar, porque ainda se está muito ligado ao passado e ao peso que esta área tinha em termos de pastoreio, mas as pessoas vão... ou seja, nestes próximos 10, 15 anos,

20... as pessoas vão ter que se mentalizar que efectivamente a área não está a ser utilizada, não é necessária toda e da perfeitamente para ter áreas de floresta

Sezelhe: MS1

AL: ... e vocês têm floresta de produção da qual possam vender madeira e ganhar algum dinheiro com isso?

MS1: tivemos, tivemos, esta parte que aqui há por cima, tivemos o tal problema também que nos surge, que também há meia dúzia de anos ardeu, meti um projecto para florestarmos o coiso do Estado, até hoje não há dinheiros para florestamento

AL: a sério? PRODER e tal?

MS1: ai, a sério! O PRODER e o coiso. Nós agora andamos a ver se conseguimos fazer, porque a nossa camara de Montalegre fez um protocolo, quer fazer um protocolo connosco, mas nos temos que nos desligar do sector das florestas não é, temos que nos desligar para de facto fazermos o protocolo com a câmara para florestarmos isto e o dinheiro que a floresta depois vem buscar, os 40%, será para a nossa câmara. Só que agora temos de nos andar, é preciso que eles nos autorizem a desligar lá das florestas e também do Parque...

AL: isso é muito complicado, como é que conseguem sair do Parque?

MS1: não, há certos limites que não conseguimos. Porque ainda mesmo agora o Parque proibiu-nos uma área que nós já lá vamos passar, onde nós caçávamos, portanto caçávamos a perdiz, caçávamos o corço, que não, essa área não era para reserva natural...

MS1: depois, nós não podemos... há árvores aqui que vingam muito mais rápido e o Parque diz que essas árvores não se podem aqui plantar, não são adequadas... se calhar para eles era melhor, o que eles queriam aqui por era ai umas, essas árvores que dão flores para turista ver que é essas coisas...

AL: (RISOS) mas o pinheiro sabe que pode ou que não pode?

MS1: não, o pinheiro pode, o carvalho, podemos, aquela área ali ardeu, já eu tinha para aí, naquela altura..., isto já andei ali a sacholar... já foram cortados...naqueles pinheiros...

AL: aqueles pinheiros são de regeneração natural?

MS1: são, são

AL: a floresta entrou aqui, nos anos 50, 60, 70 do seculo passado, ainda pela mão do Salazar... houve aqui intervenção neste baldio?

MS1: nesse tempo eu ainda não era nascido, eu nasci em 1954

AL: não, eu sei que nos anos 60 andaram aí a florestar em Fafião, Cabril...

MS1: não, e andaram aí a florestar, e aqui igual... que ainda contam, contam lá estas pessoas com 80 anos que ainda andaram na, na altura, na luta... porque depois também proibiam... que era a tal coisa, que depois antigamente havia muito gado, hoje já só há metade, e foi nesses sítios que florestaram e não deixaram pastar o gado, a população não tinha para onde levar o gado, eles proibiam-lhes depois de lá ir e depois faziam, muitas vezes faziam guerra com...

AL: e aqui também faziam?

MS1: sim. Chegaram a fazer... eu vou contar uma que é, que é... mas é verdade, depois tinham... chamavam-lhes rondistas, que eram tipo o guarda-fiscal que andava a rondar os montes onde estavam a florestar... aqui em cima ou ali em cima, houve um rondista, que andavam lá umas vacas lá na floresta, onde ela estava proibida, chegou ao pé do senhor “ah, vou ter de o multar” “opa, eu boto as vacas fora...” ... aquilo antigamente era assim, era a lei do coiso. Ele não coiso, vira-se o produtor dá-lhe uma malha, mas uma malha do caralho...

AL: quem é que deu malha a quem?

MS1: o agricultor deu a malha ao outro

(RISOS)

MS1: “epa pronto, bote-las lá de fora, se forem para aí bote-las lá de fora, deixa lá isso”. Ele estava a insistir que o queria multar e depois levou a malha, nem o multou nem nada

AL: (RISOS) ainda houve aí uma guerra contra a floresta na altura...

MS1: e hoje continua igual... porque se o baldio é comunitário, se o baldio é nosso, já dos nossos antepassados, eles, as pessoas, o Estado podiam ter outras alternativas ou outras coisas para poder nos beneficiar mais neste... porque somos nós que cuidamos deles, somos nós que os limpamos, somos nós que os produzimos, somos nós que...

AL: vocês aqui no baldio de Sezelhe alguma produção que vos dê algum rendimento?

MS1: não.

AL: é só as ITI?

MS1: é, é só as ITI

AL: podiam ter os pinheiros mas não... não é?

MS1: podíamos ter os pinheiros mas não temos dinheiro para fazermos, para podermos fazer essas plantações. Depois de fazer as plantações, é como lhe acabei de dizer... depois do, da batata ou do centeio estar na caixa no celeiro não falta quem o coma... mas já dizíamos, os nossos avós diziam, “uma pessoa para colher tem de semear”, e eles se não nos ajudam a semear também não vão, não podem colher... ao fim é que eles vêm buscar o coiso... nós agora, porque nós temos, como é que eu hei-de dizer, antigamente a freguesia de Sezelhe era duas aldeias, era Sezelhe e Travassos, nós temos limites nossos com os outros, mas entre nós fazemos melhor conta do que é um limite, isto aqui chamamos-lhe

nós um misto, que é das duas aldeias... e andamos agora a ver se conseguimos, este mês que ardeu, lá para Junho, se conseguimos fazer um projecto para plantarmos aqui pinheiros e outras coisas

AL: no misto?

MS1: no misto, a ver se a junta ou a câmara nos dão uma ajuda para podermos fazer essa plantação, porque senão não temos... se não há dinheiro não há, para podermos fazer plantações, não temos!

MS1: não, portanto, ela começa lá em baixo, ela ainda começa lá em baixo, mas é só esta mancha do caminho para lá, essa mancha toda e chega até lá em cima, só que isto a maior parte já se, ardeu e saíram, sei lá quantas, ... agora está tudo cheio de giestas, agora se passar lá é só giestas que existem, porque este pinheiro... há pinheiros que ao arder ao cair cai a semente e pode outra vez crescer... mas este pinheiro não é o pinheiro-bravo, não da semente, da pouca semente para regeneração. Porque se ele nascesse, em certos sítios que andou a arder, depois de ele estar nascido nós púnhamos lá os sapadores a limpar e a fazer a condução desse pinheiral, só que não, já não nasce... [discute-se que pinheiro é]

AL: se calhar também é por ser alto aqui não...

MS1: não...porque há... também deve ser, porque há certos pinheiros que também só se dão nos altos, não é cada pinheiro, nós temos o pinheiro manso, temos o pinheiro bravo, nós temos muitos pinheiros, há certas espécies de pinheiro, e cada pinheiro tem de ser adequado pa certos montes e pá certos coiso. Porque nós mesmo aqui se fizemos protocolo com a câmara tem de vir aqui engenheiros da universidade como você, fazer análises ao solo, qual é a área em que se pode plantar certas árvores, não é chegar aqui e fazer “vamos plantar pinheiro, vamos plantar aqui”, porque há certos sítios em que vamos plantar pinheiro e em que se calhar o pinheiro não se dá. Por exemplo há o choupo ou outra coisa que se da num sítio melhor, tem de ser aquele local para o choupo, tem de ser aquele local para o carvalho, e tem de ser aquele local para o castanheiro. Não é chegarmos aqui e estarmos a meter em qualquer sítio ou qualquer...

AL: mas vocês não têm já esse conhecimento? Se calhar não têm porque não é uma coisa que faz parte da vossa cultura, da vossa história...

MS1: exacto! Agora esse conhecimento nós teríamos de pedir a alguém para nos fazer esse...

AL: seria o vosso cogestor lá está...

MS1: pois, exacto!

MS1: Eu fiz um projecto, que até foi a Lúcia, um projecto, olhe, só me davam, só me subsidiavam em 20%, os 80% tinha de os pagar eu. E ao fim eles vinham buscar, eu levava 60 e eles vinham buscar 40%. Isso não! Eu sou daquelas pessoas que também não boto

milho a pitos, como se costuma dizer, têm de crescer para ir para a panela... não, isto não pode ser assim

AL: por acaso agora ate estou com curiosidade de ir ver bem a Lei, porque eu tenho a ideia que quando vocês investem o Estado não pode tirar tanto. Mas se calhar estou errada

MS1: mas a Lei que existia e que ainda existe é essa. Eu hoje, mesmo se quiser, se houver um corte de pinheiros eles só nos dão 60%, os 40 levam-no eles. Portanto, isto também todos os anos muda uma lei...

AL: sim, e vocês encontraram e criaram as vossas próprias regras, e agora vem lá alguém do governo dizer que afinal tem de ser de outra forma

MS1: exactamente, porque isto já era dos nossos antepassados, e como acabei de dizer, como falámos há bocado, a população quando decidia uma coisa decidia e tanto fazia se o Estado... florestaram mas eles metiam lá o gado, chegaram a um certo ponto tiveram que deixar coiso, porque era mais... porque a própria aldeia, os próprios lavradores fazia falta aquele terreno para o gado. E eles, se os proibiam de andar lá, como é que eles iam fazer? Depois tínhamos uma coisa que era... o gado, quando agora neste tempo e deixava-se só, e à noite ia-se buscar outra vez. Agora tinham de lá andar todos os dias, que era o tempo do trabalho e da sacha, depois, antigamente não havia maquinismo, não havia herbicida para botar e ainda bem, não havia certos... era tudo semeado ao sacho, tudo semeado com... hoje tractores, há máquinas para semear centeio, há máquinas para semear o milho, há máquinas... até ali não, era tudo com o gado e eles não tinham tempo para andar de volta do, a guardar o gado durante o dia. Chegavam lá deixavam o gado e à noite é que iam outra vez buscar o gado. E por isso é que faziam guerra com os guardas-florestais, com os rondistas como lhes chamavam e com essas coisas porque o Estado não via que só estava a olhar o interesse dele. E porque isto, e isto ainda foi há pouco tempo. Porque até ali cortavam, levavam e não pagavam nada.

AL: quem?

MS1: os florestais, com os pinheiros. Isto foi há quê? Se calhar há 20 anos, vinte e tal, é que começaram a dividir, porque antigamente cortavam, levavam e isto era tudo nosso. Agora, depois do 25 de abril é que começou a ser dividido. Eles ficarem com... ainda bem... não nos darem... mas eu acho que, mas aí não estou certo, mas eu acho que nós recebíamos 40 e eles recebiam 60. Mas eu depois acho que houve ali uma coisa que foi ao contrário que eles tinham de receber só 40 e nós 60...

AL: Vocês nunca pensaram em deixar... em assumir a gestão...

MS1: autogestão, autogestão... é isso que lhe disse há bocado, que ando a pensar nessa...

AL: deixar o Estado de parte...

MS1: deixar o Estado de parte... só que há aí uma coisa que ainda quero saber... é que nós, nós ao deixarmos o Estado de parte também não sabemos se nos vão cortar os subsídios que temos das ITIs...

AL: eu acho que não... porque pelo menos Fafião está na modalidade a)

MS1: mas esses estiveram quase sempre...

AL: sim, mas eles têm subsídio da ITI... isso tem a ver com estarem dentro do Parque, não tem a ver com estarem em cogestão...

MS1: pois, pois...

AL: acho eu. Se calhar só tinham a ganhar, porque não têm o apoio do Estado de qualquer forma e depois têm todas essas obrigações e limitações... não é? Não sei... mas isto quem sou eu não é... tudo o que eu sei é de ler, não sei como é que as coisas depois são na prática. Mas pelo que me vai dizendo não estão a ganhar nada pelo... só estão a perder...

MS1: exactamente, só estamos a perder por estarmos em cogestão. Porque se estivéssemos, era o que eu disse há bocado, é que era para fazermos uma parceria de florestarmos, mas temos de sair do Estado, fazer um protocolo com a câmara, quando ela plantava, só que quando fosse na colheita os 40% que dávamos ao Estado ficava para a câmara... o Estado agora está-nos a levar, fazemos a conta, esses pinheiros aí estão plantados, foram plantados pelo Estado, o Estado está a levar 40%, nós estamos a levar 60%, mas se fosse a camara que nos plantasse no lugar do Estado, se nós nos desvinculássemos do Estado, a camara plantava, ou mandava plantar, quando fosse no corte, os 40% que iriam para o Estado iam para a câmara... não é? Iam para a camara... e eu, era melhor que fosse para a camara, que eu preferia fazer essa parceria com a camara do que por no Estado... porque esses 40%, já não será na minha vida, mas preferia que esses 40% ficassem aqui na camara de Montalegre, se não fossem para Sezelhe podia ser para outra aldeia ao lado ou para fazer outros benefícios no concelho...

AL: pois, até porque a câmara avançava dinheiro para vocês...

MS1: a câmara plantava-nos...

AL: pois, que é coisa que o Estado não está a fazer

MS1: exactamente, só que temos de nos... eu já me estive a... já disse a um engenheiro para me mandar os documentos para ver o que eles diziam, ainda não me deu resposta. Assim que me der resposta isso é logo, porque assim, assim estamos... assim faça conta que estamos a produzir um concelho que está a produzir, e assim 40% vão para o Estado, sem, praticamente sem produzir nada

AL: em que é que eles estão agora a contribuir para o baldio? Estão a contribuir com dinheiro para os sapadores...

MS1: o Estado é com dinheiro para os sapadores e agora com as ITI que nos dão, de resto não estão a contribuir com mais nada

AL: em termos de floresta nada! Investimento da floresta zero

MS1: zero

AL: também não metem aqui malta a trabalhar na floresta, a custo zero, também não metem...

MS1: pois, não metem não

AL: a custo zero para os baldios...

MS1: pois, não metem, não metem... e mesmo... eu às vezes sou... às vezes se calhar peço por falar demais ou a verdade. Porque temos aqui, ainda anda o Estado... está a pagar o rendimento mínimo a muitas pessoas, sem fazerem nada. Mas isso para mim, fosse quem fosse... no lugar de trabalharem 8 horas, pá trabalhavam 4 horas. Davam uma volta pelo concelho, fosse onde fosse, dividiam aquilo por etapas... por etapas ou por equipas... "hoje ides, meio-dia, ides a Sezelhe limpar aquele caminho, limpar aquele bocado de coiso". Nem que fosse aqui, diziam "olhe, chegai aqueles carvalhos, cortai aquelas giestas que há ali giestas que é para o coiso...". Ganhavam dinheiro! E agora estão lhe a pagar ordenado mínimo e a fazer cursos e o coiso, não presta para nada...

AL: mas isso é malta que está desempregada, ou é malta que está velhota ou...

MS1: não, é malta que está desempregada, pagam o ordenado mínimo, malta que não arranja o

AL: ah, que lhes pagam o subsídio de desemprego

MS1: pagam-lhe o subsídio de desemprego, pagam-lhe o ordenado mínimo. Malta que não arranja emprego, vai-se inscrever ao fundo de desemprego, e depois já tem direito a esse coiso... mas havia, o Estado, se tomasse outras... se tivesse outra visão nesse aspecto. "sim, senhor, pagamos. Se não arranjaís emprego nós pagamos, mas ao menos tendes que trabalhar 8 horas, limpar floresta, ou limpar isto, ou limpar aquilo..." porque há muita gente que, eu digo-lhe sinceramente, há muita gente a receber esse ordenado mínimo e coiso... não é por não terem trabalho ou não coiso. Porque eles recebem 400, ou 450 euros de ordenado mínimo, e depois vão fazer uma biscatada ou coiso e depois muitas vezes dizem "oh, fogo, então aquele ali recebe 550 ou 600 euros e eu por 100 euros ou por 150 vou-me andar a por ali à chuva ou a levantar-me aquelas horas?!". O Estado também está a ver mal essas coisas...

AL: bom, são coisas diferentes... o subsídio de desemprego é dinheiro que as pessoas descontaram dos seus salários para depois se alguma vez acontecesse alguma coisa terem essa segurança. Depois há o rendimento mínimo, que eu não sei muito bem como é a atribuição desse dinheiro

MS1: não, o rendimento mínimo é isso que eu estou a dizer. Agora, esses estão piores... esses que descontaram e que vão agora para o fundo de desemprego e estão 1 ano, ou ano e meio, acho que eram dois anos e acho que agora é 1, chegam ao fim do coiso cortam-lho, e os outros continuam sempre a receber o ordenamento mínimo...

AL: pois, percebo o que está a dizer... há tanta coisa para fazer...

MS1: depois muitas vezes, florestas ou caminhos... às vezes ouve-se dizer “ardeu, ardeu o pinheiral porque estavam os caminhos todos sujos e não os bombeiros não conseguiram passar para apagarem o fogo, ou não tinham caminhos ou coiso... então, chegavam a essas pessoas e diziam “olha, estás a ver aquele caminho além no pinheiral, ides a ver aquele caminho...”. Era logo para todos os efeitos... mas a gestão de certas pessoas, não sei... é por isso... não andam no terreno, se andassem no terreno...

AL: Então e vocês costumam andar por aí andar pelo baldio a ver quem é que anda a usá-lo, quem é que não anda...

MS1: eu praticamente quase todos os domingos, todos não, mas um sim ou não, dou sempre uma volta por aqui...

AL: aí é? Então ainda bem que escolhemos o domingo, assim não atrapalho a sua vida...

MS1: não, eu gosto de dar... nós aqui andámos... aqui andámos a limpar isto, limpámos no ano passado... aqui há outras cruces...

[saímos do carro]

AL: quando vem ao domingo costuma vir de carro ou costuma vir a pé?

MS1: não, costumo vir de carro, a maior parte das vezes venho de carro, porque eu ando um bocado atrofiado do joelho

AL: E assim consegue dar a volta toda não é?

MS1: pois, era o que eu estava a acabar de lhe dizer... nós andámos no tal carvalho pequeno, porque isto também tinha ardido, e nós andámos a fazer limpeza neste carvalhal, só que a giesta agora... depois da limpeza que foi feita... o ano passado

AL: a limpeza?

MS1: sim. Porque isto ardeu e os secos, foram os sapadores que andaram aqui a limpar... tiraram os secos e só deixaram aqui os que vinham a crescer na...

AL: Mas o que é que quer dizer? É que os secos deixaram aqui cortadinhos no chão é isso?

MS1: no chão, sim. Deixámos os secos e deixámos estes que estavam a ...

AL: Ah sim, para aproveitar a regeneração

MS1: há certos sítios, agora por exemplo, agora ali aquela vaga durante o coiso, é uma vaga que está... que não tem tanta giesta e é mais húmida são zonas em que os carvalhos crescem mais rápido. E não largam tantos... este aqui cortaram-no aqui, sem autorização, e acolá e pagaram 400 euros cada...

AL: pagaram a vocês?

MS1: ah pois

AL: e não houve problema, eles pagaram?

MS1: ah, não, têm de pagar! O coiso está aí... primeiro têm de pedir, cortarem sem coiso, sem terem autorização são, pode vir de 200 a 500 ou 400... está ali no regulamento, temos essas coisas todas

AL: e quem cortou eram pessoas da aldeia?

MS1: da aldeia sim...

MS1: o regulamento é assim, nós fizemos o regulamento, afixamo-lo nos locais próprios, temos lá no coiso afixado para ler. E quando fizemos a assembleia e se juntaram os compartes explicamos o que é. O que é que há sempre uma pessoa ou outra que pensam que não conta... é por isso que aos domingos que eu vou sempre a...

AL: E depois como é que sabem quem é que cortou?

MS1: há sempre alguém que vê passar, e depois basta ver mais ou menos os troncos que coiso, e depois dessa coisa vê-se logo quem é que corta...

AL: é que bastava se calhar terem pedido autorização

MS1: não, era o que eu estava a dizer... eu se chegar aqui “epa, olha preciso de lenha portanto esta lenha que está aqui está proibida de cortar”, porque é assim, nós onde andamos a limpar com os sapadores não deixamos cortar a lenha, porquê... porque temos locais que não estão limpos e que têm lá lenha boa, melhor do que esta, e assim é uma coisa deles cortar e já deixar limpo também

Tourém: MT1

AL: pois... e lá no vosso baldio têm floresta, de produção por exemplo?

MT1: não... a floresta que temos é autóctone, é só com os carvalhos... agora pinheiro e essas coisadas disso não temos nada

AL: e nunca tiveram ou já não têm?

MT1: não, não

AL: o Estado não pôs lá o pinhal na altura do Salazar? Não chegou a entrar?

MT1: não... ficava muito longe

(RISOS)

AL: e a freguesia de Tourém tem outras aldeias?

MT1: ... (não)

AL: ah, é só Tourém?

MT1: só Tourém... é muito fácil de gerir. Não tem que... imagine, há freguesias que é como o caso de Cabril

AL: tem uma data de aldeias...

MT1: já foi lá não é?

AL: sim

MT1: Cabril, Fafião, aquela... Pincães... aquilo deve ser complicadíssimo...

AL: mas Pincães e Fafião.... Ah, pois, faz parte da mesma freguesia mas o baldio é que é diferente, agora já estava a confundir...

MT1: atenção, baldio cada um tem o seu

AL: exacto, exacto, agora estava a confundir tudo

MT1: não, não, freguesia é uma coisa, baldio é outra

AL: e mesmo só o baldio de Cabril são uma data de aldeias que a gerem, é aquelas aldeias mais pequeninas... não é? Só a de Pincães e de Fafião é que são à parte não é?

MT1:...

AL: aquilo são uma data de aldeias que formam a freguesia de Cabril, para além de Pincães e de Fafião... depois essas outras aldeias, para além destas duas, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: cada uma gere o seu

AL: não, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: uma um só?

AL: para além de Fafião e de Pincães que cada um tem o seu, depois o restante baldio é gerido por aquelas aldeias todas

MT1: mas aquelas aldeias ali já tiram muito rendimento do baldio

AL: têm floresta não é?

MT1: floresta exacto que aqui para cima nada...

AL: pois... mas aqui não há... mas também não há muita vontade de a plantar ou há?

MT1: nenhuma! Pura e simplesmente nenhuma...

AL: porquê?

MT1: porque é assim... num carvalhal os pastos crescem normalmente, no pinhal não... quando o pinhal é grande começa a ficar todo queimado por baixo e... o que é que acontece, andamos aqui... o gado anda no monte todo o ano, se fosse pinhal não poderia andar...

AL: pois... mas com a diminuição do gado, não começa a fazer sentido...

MT1: para já nenhum! Para já nenhum... até porque Tourém e Pitões são as aldeias com mais gado

AL: com mais gado, pois... quantas cabeças têm vocês?

MT1: temos 243

AL: de gado bovino?

MT1: sim, e Pitões tem 350 se não me engano

AL: sim, ela disse que eram perto de 400, portanto deve ser isso

MT1: é mais ou menos isso é

AL: e têm cabras?

MT1: não...

AL: ai não? Então não têm vezeiras?

MT1: ...? Toda a vida

AL: de cabras só, ou...

MT1: e de ovelhas

AL: e de ovelhas sim, mas nas vacas não é costume

MT1: as vacas vão sozinhas para o monte e toca a andar

AL: pois, pois, pois... e quais são os investimentos que vocês fazem lá no baldio que... pronto, já percebi que pagam para os sapadores, compraram um tractor... e que outro tipo de investimentos é que fazem com o dinheiro que conseguem poupar

MT1: preservação... é a limpeza do carvalhal... limpeza e condução do carvalhal... nós temos lá uma área muito grande que aqui há uns anos era... não era nada, ardia todos os anos e não crescia lá nada... e hoje temos lá um carvalhal que é um espectáculo, é um exemplo de carvalhal, aliás, o parque faz muito gosto em levar lá os visitantes para verem o trabalho que ali está feito, e realmente está ali um trabalho muito bem feito, repito, graças aos sapadores, são eles que fazem a condução e a limpeza desse carvalhal. Como deve compreender são tudo roças manuais, sai muito caro... para limpar, sei lá, 30 hectares ou talvez mais que lá temos, não se faz tudo nem sequer numa época, é limpeza manual e isso é muito dispendioso, é muito caro

AL: nos carvalhais é que é manual...?

MT1: nos carvalhais...

AL: pois

MT1: e nos outros sítios fazemos a roça com um tractor, aí sim já faz, já é mais rápido, já é mais.... Uuuuh, mas acaba por ser também muito dispendioso porque uma máquina a trabalhar todos os dias gasta muito combustível, gasta... tem muito desgaste, há avarias todos os dias, estamos a falar de uma máquina que anda no monte, na é? Não anda na estrada, e pronto, acho que... se continuarem com estes cortes o futuro do baldio está comprometidíssimo... e aí é que a gente se vai dar conta da falta que fazem os CD's e da falta que faz alguém que gira o baldio em condições, porque estou a referir-me a gerir em condições porque gerir daquela maneira qualquer um gere, nem é preciso virem cá, como neste caso faz o parque. Pode gerir de Braga, sentadinho lá na cadeira com o ar condicionado ligado, gerem que é uma maravilha

(RISOS)

AL: vocês têm comissão de fiscalização, CD...

MT1: somos nós próprios que fiscalizamos... se não formos nós próprios a fazermos este trabalho ninguém o faz por nós...

AL: claro, claro

MT1: ninguém o faz por nós porque não sabe, porque não vai, porque não sabe o que se está a fazer, somos nós próprios que lá estamos que temos de fazer esse trabalho

AL: mas no papel não tem de existir um CD formado por x pessoas, uma comissão de fiscalização formada por x pessoas

MT1: claro... não, mas isso está devidamente regularizado

AL: sim, sim, sim, mas depois na prática...

MT1: então, na prática é isso mesmo, somos nós, CD, que...

AL: ah, ok, ok

MT1: é isso que acontece, é precisamente isso que acontece, somos nós que fiscalizamos, nós CD

AL: são vocês CD...ok. É que eu tinha percebido que havia dois órgãos diferentes que era, bom, para além da mesa de assembleia de compartes... haver o CD e a comissão de fiscalização...

MT1: são três: é o conselho fiscal, é a assembleia de compartes e é o CD, é a direcção do CD...

AL: mas não sempre as mesmas pessoas em cada...corpo vá, em cada...

MT1: não, normalmente toca sempre ao mesmo, que é o presidente da direcção...

AL: pois...

MT1: que é a regra... é isso que acontece nas câmaras, é isso que acontece nas juntas, é sempre a mesma pessoa que faz isso, neste caso é o presidente do CD; ou o presidente da

Junta, ou... porque também quando são muitas pessoas a mandar também não da muto certo... é melhor... as decisões sim, têm que ser tomadas por todos em assembleia, juntamo-nos todos toma-se a decisão de limpar acolá, vai-se limpar acolá e toma-se a responsabilidade de limpar... de fazer uma queimada em tal sítio, sim senhor a decisão é tomada mas depois é executada, neste caso pelos sapadores e ou eu ou outro membro do CD vai lá

AL: sim, sim, sim

MT1: e é assim que funciona

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: e essas vacas pastoreiam apenas no baldio de Travassos ou fazem...

MTR1: mais ou menos

MTR2: estão limitadas ao baldio de Travassos, só que claro... não há fronteiras

AL: pois, pois, tanto para um lado como para o outro. Aqui também há... aliás, há de certeza que eu vi, há aquelas zonas mistas entre baldios limítrofes...

MTR2: sim, sim, sim. Nós temos mista com Sezelhe

AL: pronto, então eu vi essa zona, o senhor Bento mostrou-me

MTR2: sim, sim, sim, ali junto à casa da floresta, há ali uma capela, uma santa, junto à casa da floresta, está no misto... as casas da floresta tinham a particularidade que ficavam... punham-nos no misto

AL a casa da floresta está a falar da casa do guarda-florestal?

MTR2: sim, sim, sim

AL: o vosso baldio tem quanta área?

MTR1: de pastoreio tinha 330

AL: isso é aquela área das ITI...?

MTR1: esta é só a área de roça de mato e pastoreio... temos outros cento e tal hectares de carvalhal. Uma parte é a parte de carvalhal e outra parte é a parte que é pastagem de gado e de roça de mato

AL: ok... vocês não têm pinheiros... aqui não houve entrada da floresta pelo Estado?

MTR1: houve, houve

MTR2: temos aqui uma pequena parcela

MTR1: temos ali um bocadito

MTR2: com o Estado, mas está quase extinto

AL: a parceria?

MTR2: não, não, os pinheiros (RISOS)

MTR1: tínhamos uma área grande de pinheiros mas aquilo ardeu aqui há uns anos e depois secaram todos. Tiveram de se cortar

AL: e venderam a madeira queimada...

MTR1: sim. Agora temos ali um bocadito que tem lá muitos bons pinheiros

MTR2: mas é já uma mancha

AL: vocês não investem na plantação...

MTR1: para quê? Para quê?

MTR2: não... aquilo nem meio hectare não é...

MTR1: será mais do que meio hectare

AL: então floresta não é propriamente um recurso importante neste baldio ou é?

MTR2: é mais o carvalhal

MTR1: sim, o nosso carvalhal também é muito importante não é...

AL: mas o carvalhal é mais... não se pode cortar e assim, não dá dinheiro não é...

MTR2: temos restrições do Parque

AL: claro. Portanto o carvalhal vocês recebem é dinheiro para limpar não é?

MTR2: sim, é as ITI

MTR1: só que na área de carvalhal pagam-nos menos do que na área de roça e pastagem...

AL: aí é? Pois, ainda estou confusa no meio dessas medidas todas... então, as silvoambientais é o carvalhal não é?

MTR2: silvoambientais sim

AL: e as agroambientais é as pastagens. E pagam-lhe mais pelas pastagens?

MTR1: sim

AL: ok. Mas portanto a exploração dos pinheiros é que vocês não fazem...

MTR1: aqui... é que aqui também há uma coisa... por causa do gado não é, porque a plantação do pinheiro vai-nos proibir a pastagem do gado, e as pessoas não é... aí é que não...

AL: não acham muita piada...

MTR1: não querem a plantação. Não sei agora estamos a falar não é (passa a palavra ao MTR2)

MTR2: por acaso um dos últimos projectos que estamos a planear que é na tal zona mista, entre Sezelhe e Travassos, lá está outra colaboração que existe também, em termos da Junta e com a Câmara, está a tentar meter um projecto que una dois baldios, que é o baldio de Travassos e o baldio de Sezelhe, e isso passará pela reflorestação com pinheiro, carvalho

AL: na zona mista... só?

MTR2: sim, sim, sim. Poderá passar um bocadinho mais para fora da zona mista... estamos a pensar entre os 2 e os 3 hectares, uma coisa pequena mas para ser um projecto-piloto, algo de experimentação

AL: exacto. Quando diz juntar os dois baldios não estão propriamente a pensar criar um grupo de baldios pois não? Que sei que isso existe... que existe essa possibilidade de criar grupos de baldios...

MTR2: sim, mas não. Neste momento é só tipo os dois darem autorização para que seja implementado... porque é, se fosse só um baldio era só aquele baldio que tinha de dar a autorização, assim como são dois têm de ser os dois a dizer que “nós aceitamos que seja submetida esta...”

AL: e isso seria financiado com o dinheiro das ITI?

MTR2: não! Isso será financiado com a câmara

AL: ah, ok. E quando estava a falar de boa relação estava a falar entre a Junta e a Câmara ou entre a Junta e os baldios

MTR2: sim, entre os 4 organismos neste caso... entre o baldio de Sezelhe, o baldio de Travassos, a Junta e a Câmara

MTR1: é que aqui entre o baldio de Travassos e o de Sezelhe há uma área que pertence às duas aldeias. E a isso é que se chama “mistos”. Por exemplo a demarcação de Sezelhe está aqui, não é... e a de Travassos vem mais aqui, este espaço que está aqui é o tal que chamamos de uma “área mista”

AL: e que foi estabelecido pelas pessoas daqui não é?

MTR1: sim

MTR2: aquilo tinha uma finalidade que era o seguinte, quando antigamente as vacas iam para o, havia muitos agricultores e as vacas iam para o monte e dizia-se assim “o vosso chega aqui não é... mas se passarem para aqui não há problema”, como às deles... agora se passassem para o deles... porque havia aí os guardas-florestais e passavam aquelas multas de, se os animais fossem apanhados noutra território já tinham de pagar... e então ali era tipo uma... como é que lhe vou dizer... é a velocidade, se você for a 60 não paga, mas se for a 80 já, já...

AL: exacto! Uma tolerância não é...

MTR2: exactamente, exactamente... em termos de corte de madeira de carvalho e de tojo também, também havia ali umas restrições... que eu acho que não faz sentido nenhum haver essa zona mista. Eu acho que era de dividir a zona mista ao meio e só haver uma única cruz, portanto o baldio chega ali... parou. Não...

MTR1: quando foi para receber subsídios dos baldios, dividir esta parte que pertence aos dois foi dividida a meio, veio ca o engenheiro Carlos Pinto de Braga, que trabalha no Parque, e depois foram dois homens daqui e dois de Sezelhe e então dividiram esse misto a meio, ficou dividido a meio, portanto daqui para aqui é de Travassos, daqui para aqui é de Sezelhe, por causa de não ficar aquele [*? Não se entende*] vêm os dois, não é... e então dividiram a meio, lá puseram, cortaram lá no mapa, eles ficaram com a parte deles e nós...

AL: e não houve conflito nenhum nesse aspecto?

MTR1: não, por isso é que já foram dois homens daqui e outros dois de Sezelhe com o engenheiro, não é... portanto já acertaram todos, certinho para não haver confusões

AL: como é que foi aqui o impacto, lembra-se?

MTR1: quer dizer, as pessoas das aldeias eram contra, só que naquele tempo tinham de estar quietinhos...

MTR2: e o pagamento das jeiras, não era? Na altura também ...

AL: pagamento das jeiras ou eiras?

MTR1: era as jeiras ... e eu... fazia umas continhas à mãe, era tudo feito à mão

AL: têm de me dizer o que é que é isso

MTR2: é um pagamento por dia

MTR1: um pagamento por dia, aquilo, sei lá...

AL: ah, para trabalhar na floresta? Ahhhh

MTR1: paguei sete e quinhentos ou dez escudos por dia só, naquele tempo...

AL: então estive a trabalhar para a floresta?

MTR1: eu ainda era um catraio

MTR2: o impacto seria negativo, mas quando começaram a ver o valor, depois eles pagavam para plantar os pinheiros, quando começaram a ver... aí já foi um impacto mais positivo

AL: mas inicialmente houve alguma oposição física?

MTR1: não, naquele tempo não houve oposição, também...

MTR2: também não podiam (RISOS)

AL: não, sei que houve aldeias que bloqueavam um bocado o processo, ou queimavam as plantações ou arrancavam as árvores, enfim, mostravam de alguma forma que não estavam de acordo... aqui não houve isso?

MTR1: o nosso aqui ardeu várias vezes...

MTR2: e depois também foi feita a casa da floresta e havia um guarda-florestal

MTR1: pois porque naquele tempo eles montaram a casa da floresta, estava lá o guarda e o guarda era que inscrevia as pessoas que iam para lá trabalhar e tudo

AL: pois, e multava a malta que...

MTR2: exactamente (RISOS)

MTR1: depois mais tarde quando o gado fugia, não é, fugia... que ia lá pela floresta dentro, havia o guarda, chegava lá...

AL: e acha que na altura as pessoas ficaram, inicialmente quando começaram a fazer a florestação, as pessoas ficaram chateadas ou acharam que até era uma coisa boa ou...

MTR1: não, coisa boa não acharam, coisa boa eles não acharam, que eles depois foram proibidos de andar lá com o gado, não é... naquele tempo, agora aqui nesta aldeia não há cabras nem ovelhas

AL: aí é só gado bovino agora?

MTR1: é agora é só...

AL: e equino não? Cavalos?

MTR2: uuuh

MTR1: ainda há por lá alguns, ainda há... aqui aos havia muitos, agora há menos, mas ainda andam por lá alguns

AL: eles limitam muito os cavalos porquê? Eles dizem sempre "só pode haver 20% de equídeos"...

MTR1: nós aqui só podíamos ter, na nossa área só podiam andar 21 cavalos

AL: mas os cavalos são mais destrutivos? Qual é...

MTR2: porque aquilo também, aquilo chegou a um ponto que era uma epidemia

AL: (RISOS)

MTR2: é! As pessoas recebiam subsídio pelos cavalos e então... compravam, compravam, deitavam-nos para ali

AL: ok, já foi para curar um sintoma...

MTR1: eles andam lá todo o ano. Eles de inverno até... porque aqui em geral de inverno o gado não anda no monte, não é... e eles andam lá todo o ano, chuva, neve, eles andam lá... e até ainda limpam o monte que andam lá a comer e tudo e... mas também eram demais.

MTR2: depois iam aos lameiros também, então assaltavam os...

AL: pois, eles têm essa capacidade, não é... não há ca vedações, eles saltam aquilo não é...

AL: portanto o grande impacto na altura da floresta foi as pessoas não poderem pastar como faziam antes?

MTR1: foi, foi, foi, porque perturbou-os muito e como eu ia a dizer, naquele tempo ainda havia aquela vezeira de cabras e ovelhas não é... e aquilo andava tudo junto que é, toda a gente tinha cabras e ovelhas, mais ou menos, e então por exemplo, eu tinha 10 cabras e ia dois dias com o rebanho, aquele tinha 15 já ia 3 dias, e depois era sempre à roda, e andava sempre tudo junto. Ora bom, quando proibiram aquela área de florestação não é... aí já...

AL: e o que é que vocês fizeram? Venderam animais, foram-se embora da aldeia?

MTR1: sim, diminuiu, diminuiu, houve ali uns anos que ainda diminuiu bastante. Agora... também não há quem guarde, acabou... mas depois diminuíram bastante porque o sítio em que eles andavam com as cabras e com as ovelhas foi o que foi florestado

AL: ai sim? Foi mesmo assim?

MTR1: foi

AL: e houve um impacto grande na aldeia? Houve pessoas que emigraram nessa altura ou ? ficaram por cá na mesma...

MTR1: não, nessa altura ainda... emigraram foi já mais tarde, mais tarde é que emigraram. Naquela altura tiveram de se aguentar... só que diminuíram foi as cabeças...

AL: até hoje não é? Nunca voltaram a aumentar?

MTR1: pois

AL: e a floresta hoje em dia ainda é vista como uma coisa má? Aqui pela malta mais antiga ou ...

MTR1: não, até nem é vista como uma coisa má, só que agora eles destroem-na toda...

AL: eles? O fogo?

MTR1: com o fogo pois... os que chegam fogo

AL: quem chega o fogo é quem? Os pastores para terem erva boa?

MTR2: e para a renovação do pasto

MTR1: sim também

AL: mas depois descontrola-se e lá vai ele por ali acima...

MTR1: há sítios não é, porque aqui a nossa área bota muito disto, bota giesta, silva, feto e portanto aquilo às vezes há áreas de monte que ficam muito sujas, não rompe, então o gado não come. E é por isso que anda a arder o baldio

AL: e antes havia árvores, antes de haver a plantação por parte do Estado já havia alguma floresta aqui ou era tudo matos?

MTR1: não, nunca vi floresta nenhuma

AL: pelo menos não de pinheiros, mas devia haver carvalhos e assim...

MTR1: o carvalhal havia o mesmo que há hoje, o carvalhal... era o mesmo que há hoje... mas pinheiro não e nunca tinha havido pinheiro nenhum nem floresta, nada. Só foi plantada depois...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e por exemplo, agora o baldio que tipo de receitas é que traz?

ACm1: das madeiras que se vão vendendo

AL: vocês têm muita madeira no baldio?

ACm1: tínhamos... em 2006 ardeu quase tudo, quase tudo

AL: 2006

ACm1: 2005-2006, dois anos seguidos

AL: mas essa madeira que queimou foi vendida ou... alguma ainda está lá

ACm1: foi vendida... foi vendida a um preço relativamente baixo porque as empresas que compravam, a madeira tendo sido queimada valia menos

AL: claro. E vocês chegaram a reflorestar, ou a florestar novas áreas?

ACm1: não, não

AL: nunca investiram na plantação? Nem na regeneração natural

ACm1: nós não... fizemos limpezas, fizemos limpezas para favorecer o desenvolvimento de árvores que iam nascendo da, penso que foi de sementes que ficaram na altura dos incêndios, não sei... mas nunca fizemos plantações não

AL: ok... vocês têm equipa de sapadores?

ACm1: não

AL: não há equipa de sapadores...?

ACm1: não. Porque não tínhamos recursos para concorrer à criação de uma equipa de sapadores, na época em que isso aconteceu. Quando as freguesias se organizaram nós não tínhamos fundos

Cabreiro: AC1

AL: ... por exemplo, vocês têm floresta lá no baldio?

AC1: muito pouca, a floresta temos muito pouca porque infelizmente tem havido bastantes incêndios, portanto nunca houve plantação, que eu me lembre, nunca houve plantações, portanto tem sido o que nasce espontaneamente. O que temos feito nestes últimos anos é mesmo a limpeza de algumas áreas para proteger a pouca floresta que temos. Pronto, e de resto a gestão é feita comunitariamente, portanto nós respeitamos muitos os usos e costumes da freguesia

AL: Está bem, então vocês não têm floresta

AC1: nós temos aquela floresta que nasce espontaneamente e agora temos já bosques de floresta bem bons, bem bonitos ate porque temos uma brigada de sapadores a trabalhar e temos o cuidado de manter aquilo limpo, fazer aqueles cortes para não arder, e temos uma zona de floresta mais ou menos bonita, mas não temos nada de...

AL: e é floresta de quê?

AC1: o que nós temos mais é pinheiro, algum carvalho, vidoeiro e camecípare, é basicamente isso que temos

AL: esse último?

AC1: camecípare. Não é esse o nome correcto mas há um outro nome que

AL: e o que é que têm em mais quantidade, é o pinheiro não é?

AC1: é, é o pinheiro, em mais quantidade é o pinheiro bravo é

AL: e aquilo ainda sobra daquelas plantações que houve no Estado Novo?

AC1: sim, sim, ainda sobra algumas coisas, aliás foi isso que gerou para lá as sementes e vai ficando

AL: ah, ok, mas nunca houve uma gestão dos povoamentos, uma exploração...

AC1: não, não, nunca

AL: nunca venderam madeira...

AC1: não, já vendemos madeira, no meu tempo, agora, desde que eu estou a gerir, vendi madeira este ano, no anterior que era a Junta que estava a gerir, sim eles chegaram a vender madeira, posso precisar

AL: ah, antes era a Junta

AC1: era, a Junta

AL: e depois é que formaram o CD

AC1: uuh, a assembleia de compartes

AL: a assembleia de compartes ok. Mas a assembleia de compartes tem um CD ou não?

AC1: sim, sim

AL: ok, mas vocês estão inscritos como assembleia é isso?

AC1: estamos inscritos como assembleia de compartes.

AL: Isso é porquê? Tenho visto aqui alguns casos desses... eu achava que seriam todos CD, mas já vi que na inscrição, do quê? Deve ser das finanças

AC1: das finanças, da segurança social, estamos inscritos como assembleia de compartes

AL: é indiferente?

AC1: eu acho que sim, eu acho que as categorias, as coisas são todas as mesmas portanto não há aí grandes diferenças

AL: está bem, e estão em cogestão com o Estado?

AC1: estamos em cogestão com o Estado em algumas zonas, temos muito poucas zonas onde não temos cogestão

AL: ah... mas basicamente a gestão do vosso baldio é feita com a cooperação do Estado ou seja, porque há duas modalidades, há uma que é cogestão e outra que é autogestão, ou seja, os compartes gerem o seu baldio sozinhos sem qualquer participação do Estado

AC1: sim, sim, sim. em termos de madeira é que estamos em cogestão com o Estado, o resto é tudo gerido à nossa maneira respeitando os usos e costumes sempre

AL: ok, ok. Portanto a parte da madeira ainda é com o Estado

AC1: é, é com o Estado, o resto é nós é que fazemos a gestão do baldio conforme respeitamos os usos e costumes

AL: e como é que é essa relação com o Estado na gestão das florestas?

AC1: opa, não tem sido má, eu só não sou lá muito apologista de eles ficarem com 40% quando eles não fazem nada pelo nosso baldio e somos nós que estamos a fazer, mas prontos, se é a lei temos de cumprir

AL: eles não fazem nada é? Era aí que eu queria chegar precisamente

AC1: não, não

AL: não há uma acção frequente... acompanhada

AC1: não, não, não. Nada disso

AL: pois... nem na floresta?

AC1: não, quando queremos vender a floresta vem dali um funcionário deles para medir os pinheiros e para se por... é a única coisa que eles nos fazem é para por a concurso público para se poder vender, isso é o trabalho que eles fazem, mais nada

AL: não incentivam a plantação, não fazem qualquer espécie de... sei lá, estou eu a imaginar, *workshops* ou... outras iniciativas destas

AC1: não, não, nesta zona e também não tenho conhecimento que o tenham feito em algum sítio, pelo menos no meu não fazem

AL: sim, sim, sim, portanto não há qualquer tipo de acompanhamento ou de cogestão, no fundo, não é, do baldio...

AC1: é, é mesmo isso... não.

AL: então e vocês nunca consideraram ir para a autogestão, ou seja seguir a outra modalidade, porque vocês estão na modalidade b), segundo a lei não é... é a modalidade b) que é a modalidade de cogestão, nunca vos passou...

AC1: não. Nunca nos passou pela cabeça fazer isso

AL: ok

AC1: até porque também não temos tido grandes problemas e as coisas têm sempre funcionado respeitando sempre... nisto não se pode melindrar os compartes e portanto eles gostam da forma como está a ser gerido e é assim que temos de prevalecer não é...

AL: pois... e a perspectiva do baldio produtivo? Seja com floresta, seja com o que for, eu não sei o que é que é possível ali mas... eu não conheço o baldio

AC1: não, com floresta seria possível, é possível sim senhora, é o que eu lhe digo, era possível se... eu acho que o que era rentável florestar e por as casas florestais a funcionar com um guarda-florestal e com uma família a tomarem conta do baldio porque senão vamos ter sempre incêndios, portanto sempre a floresta destruída

AL: pois... o que é que ali dificulta a florestação?

AC1: as pastagens dos animais

AL: o pessoal não está muito virado para a floresta?

AC1: não... não está porque eles sabem que ao reflorestar cortam-lhes as áreas das pastagens, portanto se têm animais...

AL: pois, porque eles contam, o IFAP corta a área da floresta. Pois não estão a ajudar muito com esse tipo de cortes

AC1: não, com esse tipo de cortes não está a ajudar, porque as pessoas se têm animais, se utilizam o baldio é por causa enquanto tiverem subsídios para tirarem alguma rentabilidade daquilo, porque senão acabou

Gavieira: AGav1

AL: vocês não têm receitas do baldio tipo, não sei, venda de lenha

AGav1: não temos tido, temos aí bastantes pinheiros e estamos a pensar abater alguns

AL: vocês têm bastante floresta não têm

AGav1: a floresta repare, é uma coisa que eu disse à engenheira do parque, é que nós temos aqui um terreno muito acentuado e há muitos pinheiros que estão na berma da estrada e pinheiros com uma dimensão enorme e estão agarrados, pinheiros com uma dimensão enorme e estão agarrados por 10 cm de terra, isto torna-se muito perigoso, um pinheiro mata quem vai na estrada, carro... por acaso até falei com ela para ver se vamos fazer um corte mas um corte raso percebes, a 20 metros na berma da estrada para cima, isto pode evitar mortes [*continua a explorar esta questão, da dimensão dos pinheiros e de como não seria a primeira vez, e que ele tem muito medo que tal suceda...*]

AL: e o que é que ela disse?

AGav1: disse que concordava com isso. Primeiro ponto é assim, isto é evitar que aconteçam desgraças e assim vamos ver, eles concordaram, e também prontos, esse dinheiro também vai dar para alguma coisa não é

AL: e não investem na florestação e na produção da floresta

AGav1: nessa parte não, é como te digo, nós fazemos limpezas

AL: porque há outros projectos não é? De subsídios para produção florestal... não estou a dizer que é para pinheiros mas

AGav1: há mas nunca fizemos, aqui nunca fizemos. Aqui temos gerido assim a equipe para aquilo que decidimos fazer e que o dinheiro nos tem vindo

AL: mas estão interessados em vir a ter essa fonte de receita ou não? Tipo, não sei... eu estou a dizer isto porque pareceu-me que tinham bastante floresta...

AGav1: imagina, aqui no verão puseram fogo aqui em cima, não sei se viste, e pronto, estamos a pensar, se a gente ano vai vender eles vão queimar tudo

AL: pois, e quem são... já ouvi em alguns baldios “ah, isso é pastores, não tenho a mínima dúvida”

AGav1: pá, a gente aponta sempre os pastores, mas não sei já viste o que é, há às vezes gajos malandros, gajos bêbedos, aquela, não sei se viste, mas aquela portinha ali da segurança privada, está toda partida, foi um gajo bêbedo que passou aí de certeza e partiu aquilo, com a quantidade de pessoas que passam

AL: claro, é difícil de dizer

AGav1: a gente aponta sempre aos pastores, será um ponto principal, pronto, mas no meio disto tudo há muitos malandros, os madeireiros por exemplo, que repare, aquilo ardeu, mas a madeira se for retirada logo a seguir a madeira é a mesma praticamente, só ardeu por fora, senão aquilo perde 40% do valor, e aquilo safa depois o madeireiro. No caso de lisboa não sei, a única coisa que eu sei é que a gente vai por aí, a primeira coisa a apontar é os pastores, que é errado sabes, porque quando arde é quando é a vegetação, porque quando há um incendio na serra aquilo que vem a seguir é giesta

AL: que não é boa para o...

AGav1: é giesta, passado um ano aquilo é só giesta e, principalmente as vacas, não comem giesta

AL: são muito duras não?

AGav1: não, aquilo tem um sabor esquisito e acho que a vaca que não come giesta, a cabra comia, a cabra adorava a giesta. Eu tenho 50 anos e na altura quando eu era garoto quase não se via giesta aqui derivado da quantidade de cabras que havia

AL: ok... mas agora há mais vacas do que cabras é?

AGav1: agora é só, cabras agora não há...

AL: porquê? Devido aos subsídios?

AGav1: subsídios e andam sozinhas, repara... não é preciso acompanhá-las todos os dias

AL: as vacas...

AGav1: as vacas vão para a serra, se calhar o patrão vai lá uma vez num mês no verão ou... [? Não se entende] com a criação na serra porque se o lobo mata têm que conseguir topar alguma coisa para fazer o dito auto senão chega lá o guarda se está há um mês sem ir lá o corpo, mata, e ninguém vê nada, está a perceber?

AL: ah, então como é que é, como é que é? Como é que disse em primeiro lugar? O lobo mata e?

AGav1: o lobo mata, por exemplo, a cria... o vitelo à vaca, mas se tu não fores lá dentro de 2 dias nunca mais vês nada, vês a vaca

[fala de como os pastores, quando há cridas das vacas têm de estar à coca, devido ao lobo, porque se não houver cadáver o ICNF não paga a indemnização. Fala de como os abutres são um perigo para a manutenção do cadáver e de como se deve estar atento e em cima do acontecimento. De como o javali também destrói os cadáveres...]

AL: o javali também?

AGav1: o javali está em todas

AL: mas os cadáveres também?

AGav1: tudo, tudo. O lobo é que não, o lobo só mata aquilo que come, ou só come aquilo que ele mata, o lobo se vir um animal morto não o come... tem graça. Ele é muito desconfiado, o lobo só come aquilo que ele matar. O javali, esses comem tudo

AL: ah, eu não sabia que o javali comia carne...

AGav1: o javali... o javali até come gente, o javali é a coisa que mais se desenrasca... o javali, o lobo não, o lobo é daqueles animais que só mata aquilo que ele come... que só come aquilo que ele mata

AL: (RISOS)

AGav1: é um animal nesse aspecto muito inteligente. E isso obriga as pessoas a irem constantemente à serra

AL: assim só para ter uma ideia... no que toca a floresta não tem havido investimento para virem a obter maiores receitas da floresta...

AGav1: não, nem investimento nem receitas

AL: não têm feito cortes

AGav1: não temos feito cortes, não temos feito nada (...)

AL: diga, diga?

AGav1: se passares aí não vês em lado nenhum árvores cortadas

AL: não, vê-se muitas árvores

AGav1: muitas árvores... há pessoas que cortam para consumo, as pessoas querem carvalho, sabes, as pessoas querem carvalho. Cortam-no à fugida não é, se o guarda os vê. Mas repara, eles cortam e a gente por vezes não vê porque o carvalho é proibido cortar... mas cortam, a gente sabe que eles cortam, mas é para consumo próprio

AL: para aquecimento?

AGav1: para dar lenha... isto é muito frio no inverno!

AL: ah, pois, deve ser

AGav1: isto no inverno

AL: então mas não têm aquecimento central? (RISOS)

AGav1: mas é um frio seco sabes, ao fogo sentes-te bem, com a lareira acesa estás uma maravilha

AL: mas da limpeza do carvalhal podem levar pedaços ou uma árvore morta ou...

AGav1: isto há aqui uns dias estipulados para recolher a lenha

AL: ah, têm isso organizado...

AGav1: o pessoal é que não respeita muito, mas à 5ª feira tudo o que é lenha, e não se paga por isso, os baldios não recebem nada por isso, é para consumo próprio, para a indústria não. Imagine, uma pessoa que tem uma padaria, por acaso há aqui um individuo, aí não, aí é para vender, há aqui pessoas que vendem lenha, essas pessoas não têm direito a ir a lenha nesse dia, mas para consumo próprio de casa todas as pessoas têm direito à 5ª feira como é o caso de... prontos, normalmente há um guarda a acompanhar, para recolha de lenha caída, uma árvore que esteja seca pode ser recolhida, e o guarda

AL: o guarda quê? Florestal?

AGav1: um guarda-florestal... acho que é uma 5ª feira por mês

AL: ah, por mês!

AGav1: por mês, não é todas as 5as feiras, é uma 5ª feira por mês

AL: e isso até é bom, até para limpar um bocado o...

AGav1: para limpar, só que ... há baldios que levam um x para recolherem a lenha

AL: ah... mas é as pessoas que são compartes que vão lá, ou não?

AGav1: as pessoas da freguesia, às 5as feiras elas sabem que podem ir fazer recolha de lenha

AL: e cobram aos próprios compartes?

AGav1: não

AL: aaah. Vocês não, mas alguns baldios estava a contar...

AGav1: há alguns baldios que acho que lhes cobram. Nós não, nós é pessoas aqui da freguesia

AL: e quem vende vai buscá-la ao baldio ou vai busca-la à propriedade privada?

AGav1: não! É o que eu estou a dizer

AL: pois, eu há bocado não percebi bem

AGav1: essas pessoas vão se a gente se aperceber que eles vão, (...) eles podem dar uma fugidinha sem nos apercebermos disso mas eles sabem que não podem dar. Podem ir aquelas pessoas que é para consumo próprio, para as lareiras, para se aquecerem

AL: sim, sim, sim, eu estou a lembrar-me de um caso em que um senhor comparte tem um restaurante e usa forno a lenha, e portanto, faz dinheiro com aquilo, é o negócio da família, e ele vai buscar a lenha ao baldio

AGav1: mas não pode

AL: pois, faz-me um bocado de confusão

AGav1: isso não é legal, atenção, isso não é legal. O baldio, a lenha, paga-se uma taxa ao baldio de 1 euro ou 2 euros por cada porção que leve, agora... mas para consumo próprio, agora quem tem um restaurante, quem tem uma padaria, isso não, isso as pessoas não têm direito a ir ao baldio, aqui não têm. Podem ir, nós temos aqui uma padaria, podem ir a fugir, mas que ele vai com ordens não vai, pronto. O meu chefe da equipa de sapadores vende lenha, estás a perceber? Tem um tractor e vende lenha, mas ele pode levar alguma coisa sem eu ter conhecimento, mas ele não tem o direito de vir ao meu baldio, nem à 5^a feira, porque ele vendendo ganha com a lenha, então tem de a pagar. Se vende não tem, nem ele nem ninguém

AL: pois, também me surgiu como uma surpresa

AGav1: isso de ir buscar lenha ao baldio para vender... isso era... era como se costuma dizer, uma peluda, também não pode ser assim

AL: pois, olhe, vocês é que podiam organizar isso... bom, não sei, e ganharem dinheiro para o baldio

AGav1: não, mas isto é assim, isto as pessoas que vendem lenha não querem pinheiros, querem carvalho...

AL: pois, e o carvalho aqui não...

AGav1: e o carvalho faz muita falta

AL: o?

AGav1: o carvalho faz muita falta, para o oxigénio, para a nossa sobrevivência

AL: claro

AGav1: o carvalho é uma árvore que é muito lenta, um carvalho chega daqui a cem anos está um carvalho adulto

AL: pois é, se cortar demora muito tempo a crescer

AGav1: o pinheiro não, o pinheiro não interessa, mas o carvalho em si, e o carvalho na serra, cortas um carvalho hoje e se calhar estás 30 ou 40 anos sem veres um carvalho ali [? *Não se entende*] e as pessoas, quem vende isso, quer um carvalho, até para consumo só querem carvalho para queimar. Por ideia deles eles só cortavam carvalhos, eles não querem pinheiros. E os pinheiros são pinheiros secos, o pinheiro não é cortado pelo pé. Mesmo para a aldeia, às 5as feiras, é só lenha velha, os carvalhos podem ter os galhos, e o pinheiro, só se tira um pinheiro se estiver seco, e os carvalhos tiram-se aquelas galhas, e os rebentos que tem porque no ano a seguir tem novas ramas não é? Isto pode fazer, isto é autorizada a cortar aquelas galhas de 10 cm de diâmetro ou 12... estás a perceber? [? *Não se entende*] no ano a seguir rebenta tudo outra vez, pelo contrario, até cresce mais depressa [explica a mesma coisa através de um desenho]. [? *Não se entende*] essa parte aí não pode fazer, pronto, não é autorizado, só que se eles estiverem acompanhados por quem os fiscalize, eles estavam a cortar não era este aqui a seguir ao carvalho, eles estando

a ser acompanhados só cortam aquilo que está autorizado. Por isso é que há aqueles dias determinados às 5as feiras, acompanhados pelo guarda

AL: sim. Vocês nunca fizeram, pelo menos desde que o senhor está no CD; um corte em que tivessem de fazer essa repartição das despesas.... Das receitas! 60/40...? Ou seja, nunca tiveram de fazer um corte florestal em que o ICNF participasse ou...

AGav1: já fizemos. Uma coisa que foi feita foi aquele local a seguir aqui às Rouças, desde que eu estou à frente do CD dos baldios, foi o corte que fizemos, deu acho que 3000 euros, acho que foi na altura

AL: e qual foi o papel do ICNF aí? Teve algum papel?

AGav1: foi explicar, ajudaram a marcar, pronto, e depois eu fiz-lhes o pedido, foi aceite, inclusive aqui o guarda vigilante foi com a equipa de sapadores que trabalha comigo com uma suta, não é? E foram marcar, e pronto, e chamou-se ali um empreiteiro e foi a única...

AL: mas não investem, não investem, não têm um papel activo na floresta, vá...?

AGav1: não. O parque estava em conjunto com os baldios, quando os baldios precisam do parque consultam-nos, e eles consultam-nos quando nós também os consultamos, quer-se dizer, trabalhamos em conjunto... nem eles passam sem a ajuda dos baldios, nem a gente passava sem o ICNF

AL: ok

AGav1: aqui nada é feito sem chamadas de atenção e colaborar e decidirmos o que vamos fazer

AL: mas acha que é uma entidade presente e colaborativa ou acha que está um bocado ausente?

AGav1: sim, sim, depende, pronto, há coisas em que eles tinham de estar mais presentes

AL: por exemplo? Em que situações deviam estar mais presentes?

AGav1: por exemplo no abate de árvores, é uma das coisas em que eles deviam estar mais presentes

AL: aonde, aonde?

AGav1: no abate das árvores, e no lixo. Pronto, mas nós estamos aqui numa zona em só existem dois guardas, eles não estão em todo o lado

AGav1: em termos de fiscalização...

AGav1: eles não estão em todo o lado. Porque repara, se lhes calha... daqui ao cimo da serra sei lá quantos kms são, a pessoa que deita o lixo ele nunca sabe onde é que ele está, quem foi? Ninguém vai saber quem foi? O guarda vê o entulho, mas quem foi? Ele não estava ali, não conseguiu ver, e ninguém diz nada, é que ninguém diz nada. Pronto, e por isso é que

digo, em algumas situações eles deviam estar mais presentes, mas também não são suficientes não é? Aqui nesta zona temos dois guardas, um que é o meu vizinho, e outro que mora em Castro Laboreiro. Isto também é muito grande ... Castro Laboreiro, a Gavieira, o Soajo, isto é uma zona muito grande, a zona do Parque Nacional aqui é muito grande, e eu só conheço estes dois guardas aqui a trabalhar, os homens não têm mãos a medir, por muito que eles se esforcem e queiram fazer não têm hipótese. Eles ou estão num lado ou estão no outro [*? Não se entende*] devia estar mais presente mas também tinha que haver mais gente.

AL: sim, a culpa não é dos guardas

AGav1: não tenho queixa, trabalhamos em conjunto, nem eles fazem nada sem me consultar a mim, eles chegam aqui “vamos fazer isto” “não!”, mesmo para fazer este tipo de mosaicos e isso tudo eles consultam-me, vêm ter comigo e antes de fazer o mapa para o ano, o mapa de trabalho, eles vêm ter comigo

AL: isso é na questão das limpezas das ITI

AGav1: nas limpezas, não, mas não é das ITI, das ITI também

AL: ah, da questão dos sapadores

AGav1: isto é na questão dos sapadores, a equipa de sapadores é gerida por mim mas temos sempre o apoio do ICNF, temos sempre o apoio do parque

AL: na gestão do trabalho da equipa...

AGav1: mas é assim, nem eles fazem nada sem que consultarem a mim, eu até faço sem os consultar a eles, por exemplo, se eu tiver de limpar aí um caminho vou chamar o rapaz para limpar o caminho, mas agora por exemplo no caso da roça de mato eu digo-lhe a eles “olhe...”, e eles dizem logo “são x hectares”, e eu depois digo “é melhor aqui, é melhor aqui...”, eu estou na freguesia, e é a freguesia quem precisa do trabalho, essa parte eles aí respeitam e tinham que respeitar não é, essa parte aí eles respeitam... e pronto, depois coisas que vejo que tenho que... também respeito obviamente, respeito a eles também não é

AL: mas e esses 40% que eles recebem em cada corte, considera que isso é normal, acha justo ou acha que...

AGav1: eu justo não acho, mas na altura foi implementado por alguém não é... prontos, à freguesia ninguém quer dar dinheiro, ainda para mais é pouco, mas pronto, está assim. Isto também não é nenhuma fortuna, repara, faço um corte é 10 ou 15 mil euros, que nunca chega a... prontos, o que é isso?

Gondoriz: AGo1

AL: pois... e vocês não querem sei lá... florestar, ou plantar ou concorrer a...

AGo1: acha que plantar árvores lá em cima na montanha onde cai neve e em cima de rocha, não vale a pena. Primeiro os animais roem tudo, lá em cima existiam, e ainda

existem, alguns camecípare, existiam pinheiros que com os incêndios queimaram-se e nunca mais se viu nada

AL: pois... nunca chegaram a tirar dali rendimentos?

AGo1: não, não.

AL: e a floresta chegou a entrar aqui, na altura dos anos 1940', 1950'

AGo1: não... não, tinha lá uns pinheiros, plantaram lá, mais uns camecípare lá em cima, mas de resto não tem mais nada

AL: mas houve resistência aqui da população à entrada da floresta?

AGo1: não

AL: não houve resistência?

AGo1: não, nem... é um local que não produz, aquilo é rocha. Há lá pastoreio, pastoreio. Ou tem mais altura de terra ou não... o clima lá em cima é mais agreste do que aqui em baixo. E a questão das árvores, há árvores que não desenvolvem em altitude ou em condições climáticas diferentes, há outras que podem adaptar-se mas mantêm-se ali estagnadas, não... quer dizer, não há investimentos que compensem a... pronto, ali o... já noutra altura falaram que queriam, o meu filho queria fazer ali uma plantação de castanheiro "opa, tu tens muitos hectares" e eu "tenho [*Não se entende*] epa, lá para cima que aquilo só tem rocha"

Sistelo: ASi1

AL: e a venda de lenhas. Mas têm bastante floresta dentro do baldio?

ASi1: mal gerida mas temos, estamos em cogestão portanto está muito mal gerida

AL: e há alguma intervenção dos SF?

ASi1: não tem intervenção nenhuma, nem nas casas florestais nem nada, está tudo ao abandono, pode-se roubar mas não podem dar nem podem vender aos baldios, mas podem roubar.... Se chegar ali um gajo com um camião e levar as pedras, ninguém vai atrás deles. Se forem os baldios a irem lá tomar conta daquilo vem já alguém meter-se connosco, há já um problema

AL: pois... mas vocês têm feito algumas plantações, ou reflorestações?

ASi1: temos, mas é sempre um problema, trabalhar com esta gente é sempre problemático. Portanto para fazer uma plantação juntam-se várias entidades, uma dúzia de engenheiros e cada engenheiro opina à maneira dele. Chega-se ali cada um... cada um sabe de uma coisa, chega ali, não sei quê, não sei que mais, um é isto, outro é aquilo, depois chega a uma altura que tenho de me vir embora, porque eu não me entendo com esta gente. Não é possível com esta gente que temos, com esta maneira de gestão, fazermos alguma coisa pelas florestas. Não é possível... não é possível... com esta gente não é possível fazer nada

AL: pois, se calhar o melhor era mesmo tentarem destacar-se do Estado

ASi1: pois, mas o problema é esse, eu já tentei mas isso é muito complicado. Eles exigem muito dinheiro, querem fazer avaliações, querem receber... e depois somos nós que temos de [o ASi1 é chamado, estão a arranjar a motosserra dele]

Soajo: AS1

AL: o vosso baldio tem floresta?

AS1: tem!

AL: de produção, tipo pinheiros e assim?

AS1: uuuh, é assim, já tivemos mais, sabe que o Soajo ardeu praticamente a nossa floresta que é toda esta área que está aqui por trás de nós, ao sair pode ver, ardeu tudo em 2006, portanto foi mesmo...

AL: mas não é esta aqui atrás que tem aquelas árvores enormes, pseudotsuga acho eu...

AS1: pronto, isso está a falar de como quem vai para a Travanca? Perto do parque de campismo?

AL: estou a falar de quem vai para a Travanca

AS1: não, é a serra do outro lado, vê-se que está toda descoberta que estão alguns queimados que ainda estão de pé...

AS1: ah, sim, sim, sim, essa área ali era tudo pinhal, em 2005... ardeu-nos imenso, portanto... na altura eu não vivia cá mas fala-se de 400 mil euros, 500 mil euros de vendas de lenhas, portanto imagine o que ardeu, não é... e infelizmente desde então nunca mais se fez nenhum reflorestamento... todo esse dinheiro não sei para onde é que foi

AL: e foi para o baldio, à partida não é?

AS1: à partida foi para os cofres do baldio, só que é assim, não se fez nada, não se comprou máquinas, não se compraram... um tractor, ao menos, para limpar e ajudar a reflorestar, não se fez nada, rigorosamente nada, não se tratou de nada que é comum, não houve nascentes arrançadas... nada! Nada, nada, nada de nada! Portanto, está a ver, é urgente que as pessoas comecem a abrir os olhos e que se interessem um bocadinho pelos baldios e não só outros... nós este ano fizemos uma pequena reflorestação a ver se as pessoas aderiam e foi um sucesso... tanto que foram 500 árvores, estávamos nas comemorações dos 500 anos e... e aderiu-se, aderiu tanta gente que em meia hora estava feito

AL: ah, fizeram vocês mesmos?

AS1: sim

AL: ah, que giro! Mas era os 500 anos do quê? Da aldeia?

AS1: sim, do foral do Soajo

AL: aaah

AS1: é verdade, 2014, portanto nós... foi, foi no fim do ano mas ainda foi simbólico...

AL: plantaram o quê?

AS1: plantámos cerejeiras, nogueiras, carvalhos, medronheiros e alguns pinheiros

AL: e ali em torno da aldeia ou...

AS1: não, um bocadinho mais longe, ali ao pé da barragem do Lindoso, portanto na área do Soajo do lado de cá. Mas pronto, pena foi que no dia anterior já tentaram queimar aquela zona e depois perdemos ali cento e tal hectares de novo pinhal que estava a nascer... malvados. Políticas...

AS1: não... você quer saber o que é que estamos a fazer não é?

AL: sim, em termos de gestão do baldio

AS1: pronto, em termos de gestão do baldio, é assim... a gestão do baldio, temos aquele programa que devem ter todos, que é o programa ITI, que é o programa das limpezas para pastagem do gado, e isso pronto ... o objectivo seria que houvesse mais jovens a fazer aquelas candidaturas e a fazerem aqueles cursos e poderem-se fixar, e por mais gado que evitava que ardesse, não é... e agora, o que é que nós queríamos fazer... queríamos fazer, e a ver se conseguimos, que era reciclar toda esta madeira velha que temos, porque dos fogos de 2006 o nosso baldio está assim... se visse, está assim, como é que eu hei-de lhe dizer, é combustível por todo o lado

AL: pois, os restos que lá ficaram...

AS1: exactamente, portanto seria... o que seria bom era criar alguns postos de trabalho e reciclar, sei lá, em *pellets* ou alguma coisa do género, poder limpar e reflorestar, isso era o ideal... e arranjar verbas para comprar maquinarias não é, isso era muito bom, portanto estamos a fazer por isso, a ver se conseguimos...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: claro, claro. Portanto, actualmente o baldio de... Britelo, isto aqui é da freguesia de Britelo não é?

PB1: freguesia de Britelo

AL: os rendimentos do baldio de Britelo vêm sobretudo das ITI ou têm outra fonte de...

PB1: é as ITI, quanto a pinhal, pinhal nós não temos nenhum, o pinhal está abaixo de baratíssimo, nós temos agora um corte a fazer de 3000 pinheiros, e nesses 3000 pinheiros sei que a venda está proposta pelo Parque é de 30 000 euros... 3000 pinheiros... não, 3900 pinheiros, está quase nos 4000. Isto é uma miséria, é simplesmente uma miséria.

E uma coisa que eu acho também que está muito mal é não ter assim como as Juntas, ter um relatório de contas ou tribunal de contas

AL: acha que devia ter

PB1: eu acho que devia de ser, um relatório de contas ser entregue ao tribunal de contas, isso não há hipótese, porque se nós fazemos um corte de pinheiros de 1000 pinheiros, sabemos que íamos receber tanto, não é verdade? Sabemos que o IVA que é a 6%. Nós, as contas são feitas assim, mas quando fazemos um corte de pinheiros, por exemplo de 1000 pinheiros, a maior parte deles não vendem 1000, vendem 1500, mas os 500 foram para meter no bolso deles

AL: ele, quem está na gestão é isso?

PB1: quem está na gestão, está claro. Ora, já também falei no parque, que para quando houver um corte de pinheiros para estarem eles presentes, se é de 4000 ou 3000 ou 2000 pinheiros, são aqueles 2000 ou 3000 pinheiros e não há mais pinheiros a cortar. Se eles com um pinheiro botam abaixo outro têm que pagar o suplemento desse pinheiro, eles aí estiveram de acordo comigo. Dizem “é verdade”. Porque eles quando botam um pinheiro, está acolá aquele pinheiro que não está marcado, fazem com que o pinheiro caia em cima do outro e levam-no gratuito

AL: eles, a empresa?

PB1: a empresa. Ora, também eles dizem que vão acompanhar os cortes agora, de pinheiros, sobre esse caso acham justo que é normal que façam isso, o que aí é... é onde um presidente dos compartes se não for sério, é onde leva dinheiro.

AL: e a floresta, como é que vocês lidam com a floresta? Cortam pinheiros, já percebi, mas também têm florestado ou...

PB1: não, plantação fez-se uma vez aqui uma, que até nem deu resultado, fez-se uma plantação de sobreiros e de... o antigo presidente, uma plantação de... 3 hectares, parece-me que foi 3 hectares [procura nos registos]. Foram 3 hectares, 3 hectares de plantação de sobreiros e carvalhos, mas essa plantação eu sempre... ainda não era presidente e quando me disseram que iam fazer essa plantação aplaudi, claro, para a terra fazer uma plantação de 3 hectares, para nós é uma maravilha, está claro que é uma maravilha, não haja dúvidas, mas a seguir fiz-lhe uma pergunta, se esses 3 hectares eram vedados, e ele mostrou-me um documento e ele disse “talvez”, mas o talvez não é uma certeza, eu queria saber se faziam ou não faziam, porque na candidatura que se faz já se põe se é protegido ou não. E ele nunca deu explicação, quer-se dizer, aquilo nunca foi protegido, e na proximidade daquela plantação há um senhor que tem 50 e tal cabras, quer-se dizer, essa plantação, sabe como é, tem aqueles tubinhos não é verdade, mas quando o sobreiro ou o carvalho bota assim a cabeça de fora as cabras *fsst*

AL: acabou

PB1: acabou tudo. Quer-se dizer nos 4 hectares que o Estado gastou, parece que foram 60 000 euros, tem zero... tem zero! O que nós fazemos agora é diferente, cortamos os pinheiros e deixamos os carvalhos... mais nada. Há ali uma zona que fizemos um... quem via dizia que não havia carvalhos nenhuns, e ontem levei lá um engenheiro, o Jorge, e diz ele “está aqui um trabalho muito bem feito, mas vocês ainda têm aqui mais um bocadinho de trabalho”, e nós sabemos temos que o fazer, que temos muitos eucaliptos a cortar, e austrálias lá e alguns pinheiros... diz ele “você tem de deixar alguns carvalhos lá”, mas nós sabemos, mas não quisemos cortar tudo para não dar cabo dos carvalhos, agora é que temos de cortar tudo e deixar só os carvalhos, e é um hectare e tal de carvalhos, mas há carvalhos com 2 metros

AL: e tem pinheiros é isso?

PB1: tinha pinheiros mas cortamo-los todos, mandámos cortar e vamos vender aquilo para lenha... os pinheiros e limpamos alguns carvalhos, você sabe, há às vezes carvalhos que estão 4 ou 5, aquilo é chão e ele ganha corpo e há uns eucaliptos e umas austrálias que nós temos de cortar, é uma zona de carvalho e sobreiro muito bonita que ali está, e às vezes é melhor limpar em zonas em que os carvalhos já estão agarrados e grandes, em que já nem cabras nem vacas, nem nada, os comem, do que andar a fazer plantações

AL: pois claro, usar a regeneração natural...

PB1: e é isso que nós estamos a fazer

AL: e de pinheiro é que não voltam a...

PB1: não, não, de pinheiro acabou...

AL: mas depois também deixam de ter esse rendimento

PB1: isso é verdade, mas sabe que nos montes baldios há muito pinheiro que é escusado plantar porque ele semeia-se por ele próprio

AL: e aqui no vosso baldio tem acontecido isso?

PB1: tem... tem. Há muitas zonas... há... há muita zona de pinheiro

AL: e deixam a regeneração natural...

PB1: regeneração natural, exactamente, se eu a levar ali a um pinhalzinho que está ali à frente, um pinhal novo todo que ele... quando saiu em 2014, não, fins de 2013 que ele fez um corte de pinheiros que deus me livre, ele cortou, mas pinheiros, pinheiros... não é como nós que vamos cortar agora 3000 pinheiros, não é pinheiros, é uma monda, é mondar, não é cortar, mas ele cortou perto de 4000 pinheiros, ele diz que são tantas toneladas, nós dizemos que são outras, está claro... nós pedimos a relação dos pinheiros que foram vendidos ao parque e o parque confirmou o que ele diz, não haja dúvidas. Mas é o que nós dizemos sempre, que não havia ninguém a acompanhar, logo no lugar de cortar 2000 corou 3000 e dos 3000 meteu dinheiro ao bolso, infelizmente ainda há desta gente

AL: pois, pois há, e há-de haver sempre...

PB1: pois... mas aqui plantação de pinheiros, plantação de sementeiras, isso acabou tudo

AL: portanto o dinheiro que vos vem da madeira mais tarde ou mais cedo vai deixar de vir

PB1: vai deixar de vir, vai vir sempre algum que... sabe que o pinheiro aqui na nossa zona em sítios vem muito rápido, não é como nas zonas mais montanhosas lá em cima para a serra, aqui é... tem melhor terra, tem onde se agarrar e o pinheiro sai mais rápido

AL: em quantos anos é que já dá para cortar?

PB1: o pinheiro? 20 anos... 20. É como o eucalipto, ao fim de 20 anos também pode cortar

AL: acho que até antes não? Para a celulose e tal

PB1: antes... mas entre 15 e 20 anos pode cortar, isso não haja dúvidas. Aqui, não é muito pertinho aqui, no São João... fizeram uma plantação parece que foi de 7000 eucaliptos

AL: ai foi? Dentro do parque?

PB1: sim, sim, dentro do parque

AL: ai é?

PB1: 7000 eucaliptos

AL: em que aldeia é que isso foi?

PB1: aqui em baixo, ao ir para a Ponte da Barca, eles veem-se bem da estrada, ao passar Britelo, eles veem-se bem na costeira

AL: e deixaram? Eu achava que não se podia plantar eucalipto no Parque

PB1: mas foi, quer-se dizer, o presidente dos compartes decidiu que aquele terreno que não podia servir para outra coisa alugou o terreno por 20 anos

AL: ah, alugou o terreno

PB1: alugou o terreno, ao fim de 20 anos eles cortam tudo e deixam". E é o que eles pensaram, daqui a 20 anos eles cortam tudo mas não vão arrancar a raiz do eucalipto, e em 10 anos eles vão vender novamente os eucaliptos

AL: pois, rebenta de toíça

PB1: porque quando o eucalipto já está bem agarrado, o arrebento dele, se eles deixarem só um arrebento, que ele vai puxar uns 5 ou 6 arrebentos, mas se deixares só um em 10 anos já podem cortar uma venda de eucaliptos

AL: e isso é aonde? É o baldio de quê?

PB1: Touvedo-Salvador, é aqui já em baixo, ao passar, ao atravessar as pontes é logo em baixo

AL: e faz mesmo parte do parque? Estou na dúvida se fará

PB1: faz parte do parque... ai não faz não, não faz não! Porque o parque é das pontes para cima, não faz parte do parque não

E qual é que tem sido o papel do Estado, dos SF e assim na floresta aqui?

PB1: praticamente zero

AL: vocês estão em cogestão com eles não estão?

PB1: estamos. Quer-se dizer, nós quando fazemos por exemplo um corte de pinheiros que foi de sementeira, eles têm 40% e nós temos 60% da venda

AL: e o que é que eles fazem para merecerem esses 40?

PB1: foi sementeira que foi feita pela antiga floresta

AL: pois, exacto, é só isso? Eles não fazem nada para gerir, para ajudar no corte, não vêm marcar pinheiros

PB1: ah, isso vêm. Isso marcam, eles é que marcam. Se vierem por exemplo a um pinhal dizem “aqui vamos tirar 20% ou 30%”

AL: é só isso que eles fazem?

PB1: mais nada

AL: e fazem porque vocês os chamam...?

PB1: exactamente

AL: e quando há fogos... bom, aí têm mesmo que vir, nem que seja por uma questão nacional

PB1: mas isso a primeira coisa que nós chamamos é os bombeiros e depois eles é que fazem o resto

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: pois... e vocês como compartes já desenvolveram algum projecto de florestação ou...

PE1: vários, vários. Nós já desenvolvemos muitos, todos eles em parceria, verdade seja dita, com o ICN, todos eles, e aproveitando os fundos comunitários existentes, fizemos limpezas, temos concorrido a essas medidas todas das ITI, tudo isso, recuperação de algum património edificado, casas de abrigo, os troncos de maneio, limpeza de caminhos, abertura de alguns caminhos, tudo isso nós aderimos

AL: e a florestação tem sido mais à base do carvalho ou também exploram o pinheiro?

PE1: sim, tem sido, o pinheiro, não há plantações de pinheiro, o pinheiro é espontâneo, praticamente é espontâneo e o pinhal em termos de reprodução, digamos assim, de reflorestação espontânea é fácil, acontece facilmente e tem uma taxa de sucesso enorme,

por isso os projectos que existem são para outro tipo de arvores, carvalhos, outro tipo de plantas, eu nunca fiz plantação com pinhal

AL: mas tiram rendimento do pinhal, desse de regeneração?

PE1: sim, já fizemos, já fizemos, não é expressivo porque é como lhe digo, quer dizer, nas décadas anteriores foi tudo dizimado que, estarão agora, se não houver incidentes, daqui a dez anos estaremos aí a retirar uma receita considerável da regeneração natural

AL e faz-se alguma condução desses povoamentos ou não?

PE1: vai-se fazendo com... tenta-se fazer, embora é difícil [*? não se entende*] porque os custos são elevadíssimos não é

AL: e o ICN não entra nisso?

PE1: o ICN nos últimos anos tem tecnicamente ajudado na preparação das candidaturas e acompanha... efectivamente acredito que o ICN tem no processo um papel qualquer na decisão, de aprovação ou de não aprovação da majoração, deves ter, é um Parque Nacional, há-de haver um critério qualquer, de certeza que há critérios em que diga “está dentro do parque” “ não está dentro do parque”, para digamos assim priorizar candidaturas em termos de decisão. E depois nós vamos fazendo as nossas acções de limpeza e tentar que elas sejam feitas junto dos aglomerados florestais e tudo o mais, para ordenar de certa forma, agora, a limpeza e o ordenamento nestes espaços é extremamente dispendiosa, porquê? Porque tem regras, nós não podemos usar maquinaria pesada, fazer mosaicos como se faz em muitas zonas do país, mosaicos... é impossível limpar a área florestal toda, é impossível, isso inviabilizaria qualquer projecto do ponto de vista económico

AL: devido ao..

PE1: claro, é o declive do terreno, nós é tudo manual quase, poucas são as áreas em que se pode fazer intervenção com máquinas, tractores e... portanto, uma situação que já se vem contando era eventualmente fazer mosaicos com buldózers, máquinas super potentes e que fizessem aqueles quadrados não é, para separar as manchas florestais para se ardesse uma podemos combater ali, digamos assim, diminuir a abrangência por exemplo de um desastre em termos de incendio, mas isso é impossível, não se pode fazer, não podemos, estamos no Parque Nacional, não podemos fazer esse tipo de coisas

AL: ah, por isso?

PE1: é, nós estamos no Parque Nacional não podemos fazer acessos nem esse tipo de intervenções, limitamo-nos aos existentes e eventualmente a abertura de um ou outro mas isso é quase uma situação extrema ou radical. Nós tivemos um incendio aqui em Ponte da Barca que veio até Terras do Bouro que ardeu na Serra Amarela e foi... só não tivemos, depois de semanas de arder é que foi possível meter uma máquina lá e mesmo assim foi quase à bruta sem autorizações porque é muito complicado

AL: estou a lembrar-me de uma notícia que falava precisamente do facto de os autarcas da zona do parque estarem furiosos por não poderem intervir e fazer caminhos

PE1: sim, sim, há muitos registos de incidentes dessa natureza, se procurar na zona do Soajo, nós aqui por exemplo em Lindoso, Terras do Bouro, quer dizer, há muitos incidentes desse tipo, em que os autarcas que são quem está com responsabilidades nessa matéria resolveriam de outra forma se não fosse estarem numa área protegida mas não podem, quer dizer isto tem como é obvio péssima... quer dizer, há que perceber que estamos num Parque Nacional, e eu também entendo que há aqui muitas coisas que têm de se manter diferentes, não podemos tratar tudo igual, senão também não era Parque Nacional, mas há que arranjar um equilíbrio na balança, porque o prejuízo tem sido enormíssimo e eu acho que há mais prejuízo do que benefício fruto de serem tão extremistas nesta matéria, acho eu, mas isso

AL: por acaso agora, vinha por Espanha, vim de Montalegre e vim por Espanha, e até às tantas pensei “já estou em Portugal?... não!”, olhei para a floresta e vi “isto é Espanha!”, que eles têm uns estradões bem largos no meio da floresta

PE1: pois têm, é isso, é esse tipo de intervenção, e aí de facto

AL: não é a coisa mais estética mas

PE1: sim, mas o problema é que isso tem resultado em termos de salvar mais área florestal, é claro que não é agradável, a mim também não me agrada ver aqueles mosaicos ali só que é muito mais eficaz no combate

AL: e eu até me deu a ideia que eles mantêm aquilo a crescer, que eles mantêm diferentes idades, lá está, o tal mosaico, porque pareceu-me ver lá umas plantinhas, ou seja, pareceu-me que eram pequenos pinheiros e depois grandes pinheiros

PE1: é, sim, isso é uma técnica, aliás isso há informação, a técnica de mosaico não é, é uma tipologia que existe no ordenamento florestal

AL: mesmo para a conservação da fauna

PE1: as grandes explorações florestais utilizam isso porque é como digo, estar a fazer ou pensar que se consegue limpar hectares e hectares e hectares de floresta isso, é que é assim, não podemos esquecer que a actividade florestal é uma actividade económica, e como tal tem de ser, a questão dos lucros e das despesas e que mais, e estar a limpar tudo é impensável. Nós aqui então no nosso território, então aí é para esquecer, não é, isso era para custos enormíssimos, não dá

Germil: PG1

AL: pois, ok. Mas portanto, a vossa zona de baldio, nada daquela zona que eu vi faz parte do vosso baldio

PG1: aquela parte de pinheiro não, não faz parte

AL: ok. Aquilo faz parte do baldio de alguém?

PG1: de Entre-Ambos-os-Rios

AL: ok

PG1: foi mantido já, da plantação de pinheiros do tempo da floresta, foi ficando. Nós temos floresta na parte que nos ardeu tudo e neste momento, pronto daqui a uns anos já volta a vir mas também fruto da plantação natural não é, digamos assim, das sementes e do vento

AL: sim. E também é pinheiro

PG1: sim, mas também temos o carvalho, o castanheiro, mas o pinheiro está com mais abundância, é mais fácil ele... digamos, a sementeira é mais fácil, a própria semente voa com o vento e vai sempre mais longe enquanto o carvalho por exemplo, ou o castanheiro, já não lhes acontece isso

AL: pois, é um fruto mais pesado não é

PG1: é pesado e fica ali, o pinheiro não, ele vai avançando sempre

AL: pois. E a floresta também entrou aqui neste baldio...?

PG1: não.

AL: ai não? Vocês não deixaram?

PG1: na altura, não é do meu tempo

AL: eu sei, eu sei

PG1: mas não, não, não deixaram na altura

AL: houve um bloqueio aqui localmente?

PG1: houve... por aquilo que eu oiço não é, uma guerra, pronto...

PG1: o pinheiro que viu não está na nossa área, não sei se apercebeu de uma placa, se calhar não se apercebeu...

AL: o que é que dizia na placa?

PG1: a placa dizia "bem-vindo a Germil"

AL: sim, sim, uma placa de mármore?

PG1: sim, uma placa de granito

AL: granito, granito (RISOS)

PG1: e depois uma placa em PVC

AL: vi, vi, vi

PG1: viu? Pronto, a partir daí é o nosso, nós floresta é mais para este lado, portanto aqui é mais rochoso... floresta que vem naturalmente não é, agora nós, nós CD, tivemos um projecto que acabámos por ter de deixar cair agora há pouco tempo atrás

AL: deixar cair porquê?

PG1: porque não foi... foi um projecto feito em 2000 e... feito quer dizer, pensado, estudado, em 2010 se eu não estou em erro, ano em que por esta altura houve aqui um enorme incendio em que ardeu tudo. Quando foi feito o projecto os técnicos entenderam que, era um projecto de adensamento florestal, entenderam que pronto, porque havia bastante vegetação que agora [*? não se entende*], devido a esse grande incêndio, e depois a chuva, pronto, a erosão levaram as terras, e então eles previram uma determinada área que era na altura 40... se eu não estou em erro, 47 hectares de adensamento, só que depois na prática e porque isso obedece a regras a meu ver exigentes ao ponto de inviabilizarem a execução, que foi o caso, percebeu-se que não conseguíamos executar o projecto de acordo como ele estava feito, devido aos terrenos não havia possibilidade de plantação em determinados locais que se vê por aí alguns, junto à estrada, aquilo ficou tudo a rocha, ficou a rocha praticamente toda à vista, mas como tínhamos que executar, ou executávamos a 100% ou parcialmente não podia ser, tivemos que abandonar o projecto

AL: parcialmente não podia ser?

PG1: não podia ser, infelizmente não

AL: bolas... e o dinheiro que vinha do projecto?

PG1: olhe, não há execução não há dinheiro

AL: nunca chegou a entrar nenhum?

PG1: não, não. Ele só entra apos a execução. Os trabalhos primeiro fazem-se, executam-se e depois, se estiver de acordo com aquilo que é o projecto, não é... o caderno de encargos, digamos a memória descritiva do projecto então justifica-se o que já se pagou e o ministério da agricultura vai ao campo, os técnicos, e se estiver tudo de acordo aí sim, depois de pago, depois sim, depois pagam

AL: ou seja vocês têm de ter uma data de dinheiro em bolso

PG1: sim, se não houver dinheiro para fazer a obra não podemos fazer a obra

AL: pois

PG1: porque os pagamentos arrastam-se, e sabemos como é o nosso Estado, faz-se a obra e se calhar daí a 8 meses ou 10 meses ainda não se tem recebido, claro que quem faz a obra não está à espera. Então o CD tem de ter dinheiro em caixa para fazer a obra e depois recebe

AL: então vocês neste momento têm algum rendimento dentro do baldio? Algum dinheiro a entrar

PG1: nós o rendimento que temos são as ITI para o controlo dos matos, não é, as limpezas e etc. claro que conseguimos sempre fazer por menos dinheiro do que aquele que recebemos, e há sempre forma de fazermos pronto, com pessoal da terra, pronto, e daí

conseguimos por vezes ficar com qualquer coisa que depois nos vai ajudando para fazer algum dinheiro para as intervenções desses projectos, pronto, como foi o caso do fojo do lobo, projectos de melhoramento, desse projecto que tivemos que abandonar

AL: mas o dinheiro que sobra das ITI usam-no...

PG1: aos bocadinhos, vamos tirando um bocadinho num lado, um bocadinho do outro, porque é daí que nós

AL: ah exacto, para avançarem o dinheiro desses projectos

PG1: exactamente

AL: pois

PG1: e claro, nós tínhamos já uma mancha de plantas de pinheiro, e não de pinheiro grande, e não só de pinheiro, também tinha algum carvalho, castanheiro também, que depois ardeu, porque senão nós aí já iríamos, ou estávamos a pensar fazer uma receita para

AL: pois... o que ardeu ainda conseguiram vender alguma coisa?

PG1: não, já não conseguimos

AL: estava mesmo

PG1: ainda tentámos, contactámos empresas, madeireiros, claro, mas já não se interessaram, aquilo foi... sei lá, aquilo foi numa altura muito violenta e o lume destruiu mesmo quer dizer, aquilo foi...

AL: pois, pois, pois... e não veio às casas?

PG1: não...

AL: ok, ok. E vão tentar outra vez fazer esse projecto de florestação ou...

PG1: sim, esse talvez de uma forma diferente, pronto, mas vamos, não vamos parar, vamos continuar a lutar...

AL: pois, exacto... vocês, como a floresta entrou não estão sujeitos a regime florestal pois não?

PG1: não... não

AL: ainda não percebi muito bem como é que esta coisa funciona

PG1: é assim, isto depois, porque tem que se ver as coisas assim, acaba por no final vir dar ao mesmo, porque é assim, nós candidatamo-nos, um projecto é candidatado a um apoio de 100%, de 80% ou...

AL: sim

PG1: mas que é do Estado e que depois o Estado vai-se sentir também, digamos... também com algum direito digamos. Mas não foi, não conseguimos, pronto, o projecto que eu disse tivemos que abandonar. Eu já não falo do fojo do lobo, de pontos de abeberamento, que isso no fundo não é para vender, não é para, pronto... é para vender mas de outra forma. Portanto, agora, se tivéssemos conseguido levar esse projecto que tínhamos, que vamos tentar mudar, quando amanhã o governo for dizer, falarmos nisso, como é que vai ser? Certamente o ICNF vai aparecer e dizer “bem, nós, o Estado também participou, nós também ajudámos aqui e também...” não é? Possivelmente é isso que eu digo, não há regime florestal mas se calhar depois indirectamente vai depois acontecer a mesma coisa

AL: mas eles ajudam na implementação da floresta nesses projectos?

PG1: não, é assim, eles não ajudam... ajudam tecnicamente, certo? Põem um técnico, disponibilizam etc. mas depois há dinheiros que são do Estado não é? Que se recebem... como o ICNF que é... é Estado. E... isto sou eu que penso, particularmente, nem nunca comentei com ninguém... sou eu que penso. Mas eu penso que depois indirectamente vão-se tentar ligar

AL: ah, ao projecto? Pois...

PG1: no futuro, quando houver... há-de haver um corte de madeira, vamos assumir um número, 50000 euros, eles se calhar vão dizer “ah, mas o ICNF também... pois, que isto foi participado, porque não foi só dinheiro do baldio, também vai receber, ou pelo menos vai-se candidatar a receber tal e qual como naqueles casos em que estão sob regime florestal

AL: pois, pois... porque o que a Lei dizia era que o Estado recebia no caso dos povoamentos que foram plantados por eles

PG1: mas o caso é que nestes casos eles também participam e eu não sei até que ponto as coisas depois não se vão ligar. Isto é uma desconfiança, mas eu nem nunca comentei isso com ninguém, é a primeira vez que eu estou a... estou farto de pensar mas nunca comentei

AL: pois, eu também não me admiro, porque se realmente vêm técnicos, se vêm... não sei

PG1: porque eu acho que o Estado não dá nada a ninguém

AL: ninguém dá nada a ninguém, cada vez mais uma pessoa se apercebe disso

(RISOS)

PG1: portanto... mas posso eu estar enganado. Isto sou eu que penso, nunca comentei a ninguém sequer essa ideia, é a primeira vez que estou a... pronto, porque me colocou isso, e é aquilo que eu lhe digo, não [estamos sob o regime florestal] mas pode vir a estar ligado. Porque nós sabemos que, pronto, vamos lá a ver, as leis mudam sempre, as regras mudam sempre, e agora até digo assim mas amanhã vão ver que dá mais jeito se calhar receber também porque... mesmo aqueles que não estão sujeitos ao regime florestal, se há pressentimento que há receita, isso é fácil, é mais uma alínea ali não sei quê, que se muda e

pronto, e dá-se a volta à coisa. Pronto... e no tempo do Salazar, Salazar é que ouvia a pessoas e diziam que era ditador, mas agora não ouvem e dizem que não são ditadores

AL (RISOS) acha que o Salazar ouvia as pessoas?

PG1: ouvia

AL: ao nível das aldeias, aqui...?

PG1: sim

AL: entrou por aqui adentro com a floresta

PG1: ouça, mas chegou ao limite, por exemplo, estou a falar do exemplo de Germil, outros... e as pessoas impuseram-se e disseram que não, e o Salazar tinha todas as condições para fazer o que se faz agora, mandar para ali a polícia de choque, não sei quê não sei que mais e vamos embora, mas não o fez. Não querem... vamos respeitar, agora? Não respeitam! Agora não respeitam. Está a ver como é que são as coisas, portanto, Salazar respeitava mais as populações do que respeitam agora, e diz-se que era ditador. E era, mas agora são mais ditadores ainda

AL: sim, eu não digo que agora esteja muito bom. Mas...

PG1: eu não estou a falar de política. Não estou a dizer isto por ser de outro partido a) ou por ser do partido b), atenção, eu estou a falar dos governos, seja os que lá estão agora, os que lá estiveram antes, os que estiveram a seguir, etc. E pronto, e não escondo dizer que eles estão lá e eu votei por eles, arrependido, mas votei pronto, é por isso é que eu lhe digo, eu estou aqui a falar não é porque sou do outro partido ou sou dum... não é essa a questão, a questão é...

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: (...) Portanto em termos de floresta o que é que eles têm: fizeram um investimento em 5 ou 6 hectares de plantação de folhosas. Neste projecto o parque deu as árvores e os sapadores florestais foram quem fez o trabalho de plantação, fizeram as vedações para defender do gado e tudo o mais; e fizeram também adensamentos de folhosas em 5 ou 6 hectares mas aí recorreram a fundos comunitários. Eu perguntei, mas as folhosas não conseguem tirar rendimento nenhum delas pois não? E ele disse que, bom, não se podem cortar mas podem fazer-se desbastes, e essa madeira é usada tanto para o aquecimento no inverno com para fazer estacas, embora ele diga que isso já não se faz tanto, para as vinhas e para o feijão.

Depois questionei-o relativamente aos tempos da floresta... como é que foi a questão, se foi problemática, etc. Ele diz que foi extremamente inicialmente porque não houve qualquer diálogo com as populações, naquela zona pelo menos, houve apreensão do gado, caso os animais entrassem para a zona plantada, portanto aquilo não foi de todo compreendido pela população. Isto num altura inicial em que as pessoas não estavam ainda habituadas à

floresta, mas *a posteriori* houve bastante gente que acabou por se empregar na floresta que acabou por lhe trazer benefícios no sentido em que aqueles anos em que trabalharam na floresta contaram para as reformas, então hoje em dia se estão reformados e se recebem reforma também é devido ao facto de ali terem trabalhado, se calhar se assim não fosse não teriam reforma sequer não é, porque muitas destas pessoas não descontavam, ou não descontam. Ele diz que quem trabalhou na floresta foram sobretudo os pobres, ou seja, quem não tinha terra, quem não tinha terra acabava por ceder à posição na floresta, e nesse sentido a questão da reforma veio-lhes a beneficiar bastante. Os ricos, ou seja, as famílias mais dominantes – eu perguntei, então mas havia aí pessoas com muita terra? Ele disse “não, mas havia pessoas que... em relação à área e ao local havia famílias dominantes”, que dominavam sobre os restantes, que tinham pouca terra ou que não tinham nenhuma. E eu perguntei-lhe se ainda existia hoje algum antagonismo com a floresta e ele diz que não, mas depois eu percebi que ele percebeu que eu tinha perguntado problemas com as pessoas, com as entidades, que hoje não há qualquer tipo de antagonismo com essas instituições que estão por trás da floresta, com o ICNF, que se dão bem, e por aí.

Quando lhe pergunto porque é que não usam a floresta... porque ele diz que tem regeneração natural, que tem floresta em pé, e por aí, e então porque é que não investem mais na floresta no sentido de conseguir maiores dividendos para o baldio. Ele respondeu que no sentido de rentabilizarem o baldio eles têm por exemplo os trilhos (...)

Eles em termos de floresta andam mais a apostar nas folhosas. Eu perguntei ‘mas as folhosas não vos dão dinheiro, só vos dão mesmo os fundos que incentivam esse tipo de plantação e de manutenção’, e ele respondeu ‘sim, exacto’

O pinhal está sobretudo sob regeneração natural e andam a guardá-lo para um dia. Não fazem plantação mas ele regenera bastante bem e têm alguns povoamentos que vão guardar para um dia que possam ou que precisem desse dinheiro. Ele diz que o pinhal não faz sentido para ele estar a gastar dinheiro em plantá-lo porque arde muito facilmente e muito facilmente há um investimento que depois vai todo abaixo, e com as folhosas não é bem assim, portanto não estão muito virados para gastar fundos a plantar pinheiro.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

aliás, aí já se circunscreveu mais ao perímetro, foi... coincidiu em 1880 e poucos, em que a coroa se apropriou daqui de um conjunto de... de uma parcela grande de terreno, que é hoje a mata nacional... pronto, e aí começou a desenvolver uma política florestal no território. Mais tarde o Estado Novo, houve um grande incremento, eles fizeram muita actividade naquilo que já era terreno do Estado, mata nacional... e em relação aos particulares, estimulavam, davam apoio para a sementeira do pinheiro-bravo, e houve aqui grandes campanhas de sementeira nos terrenos particulares das pessoas

AL: e nos baldios?

TC1: e nos baldios também, nós fizemos... a minha avó contava essa história, que recebiam o pinhão e que depois iam semear o pinhão nos terrenos dos baldios, curiosamente esse pinhal está a ser convertido, ou reconvertido em floresta autóctone...

AL: pelo Estado não é?

TC1: não...

AL: não é pelo mesmo Estado, mas é pelo Estado

TC1: acaba por haver aí agora algum apoio, mas é interessante que antes de haver... nós só começámos a aproveitar os apoios do Estado para esta conversão neste último quadro, portanto 3 anos... 4 anos a esta parte, mais concretamente há 3 anos a esta parte é que tivemos apoio para fazer aí esta plantação, que temos... fizemos plantação de carvalhos, de vidoeiros e também uma experiência de sobreiro. Portanto, sobreiro é mesmo uma experiência resultado de um trabalho com a Quercus e com a Universidade de Trás-os-Montes... mas é interessante que... ainda aqui há tempos estávamos a fazer a plantação, há dois anos fazíamos a plantação... a primeira grande plantação com o apoio do Estado, porque antes desta fizemos uma outra com voluntariado, e temos tido uma dinâmica interessante... há hoje as escolas e grupos informais de pessoas que sentem a necessidade de contribuir para a natureza. E aqui como o Gerês é um sítio apetecível temos tido muitos convites ou pedidos destes grupos para fazerem acções de valorização ambiental ou de conservação, o que seja... e então temos canalizado para esse tipo de actividades, e a primeira fizemos uma grande plantação com o apoio da Universidade de Trás-os-Montes e com voluntariado, fizemos uma iniciativa castiça. Portanto, a partir daí é que começámos a fazer candidaturas e fizemos uma candidatura e tivemos apoio para fazer esta plantação há dois anos atrás.

AL: isso são mais ou menos que áreas... por exemplo na primeira plantação

TC1: na primeira fizemos em 7 hectares

AL: ah...

TC1: mas foi adensamento... e é curioso que poderei voltar atrás e depois fazer-lhe aqui... vermos a evolução do baldio ou tentar perceber como é que os terrenos vão evoluindo. E entretanto andámos aqui a fazer esta plantação e contámos aí com o Rui Reininho dos GNR que veio dinamizar... (RISOS) e até aproveitei para mostrar às pessoas que há uma regeneração espontânea de espécies autóctones muito interessante... que já se verifica para aí há uma dúzia de anos, só mais recentemente é que eu tenho prestado atenção, eu e outras pessoas que tenho alertado para isso... e então, estávamos ali e eu mostravas-lhe aqui este vale que há 20 anos atrás a mancha que se via, a cor que se via, o tom que se via, era do pinhal, do pinheiro... e hoje o que predomina já são as folhosas de cá, autóctones, é o vidoeiro e o carvalho. E isto há uma conversão até pelos próprios proprietários, pelas pessoas de cá, naturais que começaram a... naturalmente a desfazerem-se do pinheiro e a deixarem as espécies autóctones... de tal maneira que também a nível da associação de partes há uns tempos aqui não tinha pinheiros, aqui na influência do Parque. E... ah, e então, aqui há 15 anos começaram a nascer aqui pinheiros, e a ideia então era 'epa, estão a

nascer pinheiros ali, vai ser porreiro...' e tal... e agora é curioso que os pinheiros ali parecem mal (RISOS)

[RISOS]

TC1: Portanto, tem havido... houve de facto uma acção forte por parte do Estado que cortou espécies... dizimou florestas de carvalhos e plantou os camecípares, as sequóias, os abetos, e os pinheiros, o bravo e o silvestre... e essa dinâmica... e as mimosas também, as acácias, foi também o Estado que... e que curiosamente pronto, hoje ao fim de... e é interessante que as populações opuseram-se nessa altura. Nós aqui opusemo-nos à ocupação, à expropriação que fizeram, porque houve uma primeira linha em que a comunidade aceitou ceder aquele espaço lá perto do monte... mas o Estado, depois... o Estado Novo tentou vir buscar mais uma parcela de terreno, que é o Mourinho, e a população meteu uma acção contra o estado em 1920 e poucos, e ao fim de 6 anos ganhou... ganhou essa acção contra o Estado, e foi restituída a propriedade.

AL: a sério? Está bem...

TC1: mas aconteceu em mais sítios, não foi só cá...

AL: sim, sim, sim, acredito. Mas depois quando começou o plano florestal, pelo que eu li, que foi em 1938 em que houve a tal imposição da floresta, mas que a nível de Lei vá, foi mesmo implementada a partir desse ano, pelo menos é o que está escrito

TC1: para nós aqui está um pouco diluída...

AL: eles aí entraram por aí afora não foi?

TC1: hmmm, isso já foi...

AL: não foram pedidas permissões

TC1: sim, mas aqui foi antes, aqui está um pouco diluída, aliás aqui a oposição forte foi 1890, por aí... inclusive tiveram de mobilizar tropa para cá e, o grande embate ocorreu aí. Depois o que veio a seguir já ficou mais diluído porque para nós não é marcante, portanto o que se passa a seguir não é muito marcante... enquanto que noutros sítios sim, em que os pastores eram classificados como preguiçosos e por aí afora (RISOS). Mas esse impulso que aqui ocorreu, essa nova dinâmica ou investida, já se circunscreveu mais... ou melhor já aconteceu mais em colaboração com a actividade local. Já tinha havido o grande embate e depois aqui houve... digamos o envolvimento da comunidade local, até que eram recrutadas pessoas e aqui é recordado, pronto, face a uma primeira fase negativa de luta contra a oposição, depois essa segunda investida já acabou por ser interessante até para a comunidade local, porque criavam postos de trabalho ou pelo menos pagavam... mas as pessoas cá recordam, o meu pai recorda que as pessoas iam ganhar não sei quantos escudos por dia

AL: a trabalhar para a floresta?

TC1: a trabalhar para a floresta. Portanto aí já foi feito... já era numa outra perspectiva, enquanto que noutros sítios a invasão do Estado que ocorreu nessa altura e as marcas e aquilo que marcou é diferente.

AL: então mas depois, já no pos-25 de Abril, aqui a comunidade de Campo do Gerês nunca teve aquela vontade de investir nessa floresta que o Estado deixou ou de a manter...

TC1: Porque nós aqui sempre mantivemos, pois, outro detalhe... porque nós aqui nunca estivemos em cogestão... só dentro do Plano de Ordenamento do Parque Nacional, naquilo que o Estado exige que se dê conhecimento e condicione algumas práticas, é só nessa medida que consideramos que há cogestão, porque aqui nunca aceitámos a cogestão, a Lei dos Baldios permitia, tinha essa possibilidade, de os baldios serem cogeridos entre o Estado e as comunidades. Portanto aqui nunca aconteceu isso, até porque se afastou as actividades... o que é no nosso monte é nosso, o que é mata nacional é vosso, tendes o vosso terreno, entretenham-se por lá. Portanto a partir do... nunca houve aqui... até porque considerando as características, ou esta característica de que é um terreno aforado, foi tratado de forma autónoma sempre, portanto...

AL: ok, nunca chegaram a formar um CD naquela altura do pos-25 de abril ou...

TC1: não... não porque havia uma outra organização aqui comunitária que era a Junta, mas a Junta...

AL: não era a Junta?

TC1: não, não era a Junta, é o conselho da aldeia, em que havia um zelador que era designado todos os anos e havia mais 6 pessoas que colaboravam com ele, e eles planeavam o trabalho. Portanto, e era este conselho da aldeia que fazia a gestão e definia as actividades a realizar e pronto, e decidia se era preciso cortar ou plantar ou... normalmente a floresta nunca foi vista... nunca houve... só agora recentemente, até por causa de... pronto, e era isso que há pouco lhe dizia... vai havendo uma adaptação, uma reconversão porque há 100 anos atrás isto era tudo despedido, havia núcleos, bosques, bem definidos, mas o resto da montanha... não havia pinheiros, aliás não existiam pinheiros aqui não é... e havia uma actividade pastoril muito intensa em que os montes, aquilo que era comum na prática, era usado para o pastoreio ou para roça de matos para fertilizar as terras e... o que nós... o que tem entretanto vindo a ocorrer é que como a actividade pastoril é muito reduzida e inclusive hoje há uma outra forma de exploração através das explorações pecuárias, com as vacarias, fruto dos apoios comunitários. Porque aquele conjunto... a vezeira não é, aquele conjunto de animais pertencendo dois, três, quatro a cada família acabou, portanto não há...

Covide: TCo1

AL: e qual é que é a principal receita ali dos montes, é madeira? São as ITI?

TCo1: a principal receita dos montes é muito pouca, madeira pouca há, que me lembra fez-se ali um corte e fez-se agora ali outro que ardeu, nesta queimada que houve agora aqui no parque. Opa, principal é para os agricultores que eles vão lá buscar um subsídio para os animais

AL: usam a área do baldio?

TCo1: usam a área do monte

AL: [...] então o ICNF teve um papel no corte dessa mata que foi cortada por eles?

TCo1: teve, porque aquilo é de 60-40, penso que foi 60 para a freguesia e 40 para eles

AL: foram eles que efectuaram o corte e venderam e tal?

TCo1: não, não, eles não fizeram nada, eles só ajudaram na medição, mas ajudaram simplesmente, quem fez a venda foram os proprietários de Covide

AL: ai foi? Então eles só ajudaram a escolher as árvores, foi isso?

TCo1: sim, a marcá-las e a ver quanto daria

AL: então ainda houve uma parte da floresta que ficou, daquele tempo, antes de vocês contestarem a presença do Estado

TCo1: isso foi na outra ponta, isto foi aqui no monte de lamas e a outra parte que se contestou foi aqui no monte contrario, que já não é deles do parque. A parte que se contestou foi dali digamos, do lado direito de quem vem para cima, que é dentro do parque, e este é dentro do parque. Este outro é fora do parque, é do lado

AL: é fora do parque mas ainda é vosso, é do vosso monte

TCo1: é nosso. Porque o nosso monte, essa estrada que vem por aí acima, corta-o ao meio, um lado é para lá e do lado para cá também é nosso, portanto, desde lá debaixo de Rio Caldo, calhando vê lá logo uma placa que diz Covide, a partir dali para cima é nosso. Quem sobe do lado direito é parque, do lado esquerdo não há parque

AL: exacto, exacto. Sim, eu subi esse perímetro florestal com um sapador, o perímetro florestal da Abadia

TCo1: sim

AL: vocês também têm uma área aí?

TCo1: temos... já não temos, essa aí já a conseguimos tirar também, precisamente por essa questão

AL: aaaah, ok. Porque Rio Caldo tem lá uma parte ainda, não é?

TCo1: tem. Mas nos conseguimos tira-la agora, no PDM, foi agora, foi há pouco tempo. Precisamente por aquela questão, porque eles ainda consideram aquilo como... olhe, eu até fazia-lhe uma coisa mas você vai ter de depois me entregar, porque aqui temos vários documentos que a podem ajudar ainda mais, por exemplo, temos aqui um esclarecimento da freguesia por causa da venda dos pinheiros

AL: eu por mim tudo o que eu levar hoje trago-lhe hoje

TCo1: é porque este documento é um documento da Junta, e isto é um documento de uma reunião que fizemos cá, está a ver? Reunião dos moradores da freguesia, ficou aprovado por.... Mas isto são documentos originais, gostava que não os perdesse não é... eu nem sei,

eu acho que sim, isto foi uma reunião pública. Este foi o documento quando foi a Lamas, portanto no monte de Lamas

AL: e vocês agora se quiserem fazer um corte de madeira, fazem-no sozinhos ou chamam o parque, chamam o ICNF?

TCo1: não temos nada que chamar o parque, quer dizer, aquela parte que era deles já se cortou os pinheiros

AL: mas fazem sozinhos? Conseguem fazer isso sozinhos?

TCo1: fazemos

AL: e o PN já não tem nenhuma floresta plantada aqui, daqueles tempos

TCo1: não. Não. Porque aqueles tempos é esta parte que nós reclamámos. Mas isto já vem, esta floresta já vem desde que

AL: E a Câmara tem alguma intervenção ou alguma... há alguma relação com a Câmara na gestão aqui do vosso monte?

TCo1: não.

AL: não há qualquer tipo de

TCo1: não, então, isto é uma propriedade particular, é como qualquer propriedade, é como esta cadeira, é minha

AL: mas não há protocolos, sei lá, qualquer coisa que a Câmara lhe interessasse dali do monte e vos ajudasse também de alguma forma

TCo1: não, não, não há nada. O monte é como eu digo, é

AL: e vocês já alguma vez fizeram alguma plantação no monte ou pretendem fazer alguma plantação

TCo1: ora bem, houve ali uma altura em que o Parque fez ali uma plantaçãozinha ali em Lamas onde vai lá passar, mas aquilo não deu nada, não é

AL: e o pessoal que gere, neste caso a Junta, nunca tentou investir na floresta?

TCo1: não. Nós ainda há dias a Junta arranjou meia dúzia de pessoas e fomos a Lamas plantar. A Junta pagou as árvores, nos currais, em especial nos currais, para fazer sombra aos animais, a Junta passou as árvores e um número de moradores foram lá plantar. Mas isto estou-me a referir a meia dúzia, 10-20 árvores, não é, não é uma plantação...

Ermida: TE1

TE1: pois tire uma aqui encostada que é para eles verem que nós temos um veículo de apagar incêndios

AL: pois, estou a ver... porque já vi malta com jeeps mas não vi... dos baldios não é, mas não vi com equipamento para lutar contra os incêndios... podes é ficar tu, põe-te lá (RISOS) eu depois mando-te

TE1: vamos ali abaixo ver uma área que nós fizemos... de roça

AL: está bem. Eu quero tudo

TE1: ou vamos ali adiante, como quiser

AL: ai não, por mim pode ser como quiseres. Eu por mim é tudo bom. Vamos ver a roça vamos

TE1: uuuh, e depois, por exemplo, um dos problemas que nós temos, claro, é os incêndios. E quem são as pessoas? Não é aquilo que na comunicação social vê, quando chega aí maio e junho, todos os canais abrem às 8 horas, um incendio aqui, outro acolá, que as altas temperaturas fizeram com que o lume ardesse em tal área, isso é tudo mentira, portanto, quem são os causadores dos incêndios aqui na zona do parque são toso os pastores, todos, mesmo os da Ermida, eu conheço-os, eu sei quem são... e em Fafião também são, e lá por onde andaste, pela zona dos Arcos, também são, os causadores dos incêndios na área do parque, e nas outras áreas que não são do parque, zonas de montanha são tudo pastores ou gente ligada à caça ou sei lá... tem tudo a ver

AL: pois, pois

TE1: e pronto, é para que saibas que aquilo que eles dizem na comunicação social, que está muito quente, até podem estar 40º, mas isso é...

AL: não, e se calhar eles até aproveitam esses dias para atear não é

TE1: sim, pois, claro, porque é nessa época que o lume avança muito mais rápido, portanto

AL: mas é o quê? Para conseguirem erva melhor e assim?

TE1: exacto. Porque a maluqueira deles... eles dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros

AL: pois

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sitio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: (RISOS) pois... quem sabe... sim, já tenho ouvido também noutros baldios, que os incêndios estão associados a...

TE1: pois, portanto isto não é nenhuma catástrofe, os incêndios hoje... isto também é um negocio, um negocio dos diabos... e depois há meia dúzia de manos que andam aí com uns helicópteros a brincar, estás a perceber, eu não sei quanto é que eles gastaram este ano nos meios aéreos, mas se nos dessem a nós, aos da Ermida, 50 000 euros, nós conseguíamos roçar mato em 50 hectares

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber onde é que está a diferença? Mas o governo central não quer isso, quer dar o dinheiro a meia dúzia de manos, tás a entender, dar uns milhões valentes a meia dúzia de manos, e os outros não interessa, o que interessa é que poucos

AL: pois, exacto, e é sempre na cena do combate, não é tanto na prevenção

TE1: exactamente, o que interessa é que poucos ganhem muito dinheiro e que os muitos não ganhem coisa nenhuma. Nós não precisávamos dos helicópteros aí, se nos derem 60 mil euros ou 70 nós roçamos 70 hectares nas zonas mais problemáticas e os incêndios acabam

AL: claro... mas estas coisa das ITI acaba por vir um bocadinho de encontro a isso não é?

TE1: foi, ajudou bastante nessa parte, porque a gente fazíamos a área que eramos obrigados a fazer e ainda fazíamos muita mais por fora, com esse valor que vinha, estás a perceber, nós só o ano passado conseguimos roçar 20 e tal hectares, fora os 10 hectares que tínhamos de roçar obrigatoriamente com o contrato das ITI

AL: ah... ok. Mas vocês usam uma empresa ou têm um tractor ou...

TE1: contratamos

AL: contratam uma empresa, pois

TE1: nós, por exemplo, o mapazinho, imagina... *[vai buscar o mapa ao carro]* isto era mais ou menos... imagina aqui, isto tem medidas não é... a SA52 eram 2 hectares e 600 *[metros]*, imagina, não é... e esta foi aqui, estamos mesmo aqui em frente a ela, até se nota lá em baixo, anda lá agora o gado caprino, ainda se nota lá uma clareira, foi entre aquele rochedo e este por ali abaixo. Pronto, a gente mais ou menos consegue ver, pelas linhas de água,

chega-se aqui, traz-se os empreiteiros, não é, por ali, por ali, por ali... e eles têm de fazer esta área por x valor acordado

AL: pois, pois

TE1: estás aperceber? E a gente ao fim paga-lhe, é o que fizer mais barato

AL: pois, exacto... e estas áreas todas juntas, portanto, por ano é 10 000 é isso?

TE1: dava mais ou menos 10 hectares por ano a nós

AL: 10 000, sim, 10 hectares

TE1: 10 hectares... porque imagina esta que era 2 e... era mais ou menos 3 parcelas por ano, eram sete hectares e meio mais a do norte, a da serra alta. Porque esta aqui podia ser feita em fogo controlado ou roça de mato, mas eu optei sempre por roça de mato, e além de ficar mais caro, porque era muito mais fácil chegar lá com um fosforo, ou chamar os gajos do ICN “vamos queimar ali a parcela x”, mas nós temos opção

AL: hmm, ah mas também há opção de fazer fogo controlado?

TE1: sim, havia

AL: não sabia

TE1: é... já vês aqui

AL: por acaso tenho ouvido falar sempre de roça, nunca tenho ouvido falar de fogo controlado

TE1: mas só havia dois baldios que estavam, que eramos nós e os de Vilar da Veiga, que podíamos ter fogo controlado... estás a ver estas em rosa

AL: sim, sim, sim

TE1: roça de mato / fogo controlado

AL: ok

TE1: que são estas aqui da zona alta, onde tem pouco arvoredado

AL: mas para o fogo controlado tinham de chamar técnicos especializados não é?

TE1: vêm os tipos do ICN, acompanhados com a equipa, normalmente era do GIPS

AL: de jeeps?

TE1: do GIPS, dessas brigadas dessa guarda-florestal, dessas carrinhas verdes

AL: ok... não sabia que se chamavam GIPS

TE1: GIPS é G, P... pronto

AL: ok, não conheço

TE1: são essas que andam aí ligados à floresta, essa guarda que até têm uma farda igual a isto, castanha

AL: ok, tipo, o pessoal da GNR, ou não?

TE1: eles fazem

AL: que agora os serviços florestais passaram para a GNR não é isso?

TE1: é mais ou menos isso... é mais ou menos isso. E então a gente fazia o pedido não é, parte tudo da nossa parte, a gente fazia o pedido e... da minha parte eu nunca fiz o pedido para fazer fogo controlado, porque é assim, fogo controlado, mesmo que poucas árvores existam na serra alta vai matá-las também, estás a perceber

AL: epa, isto está-me a picar

TE1: aqui na serra a zona do gado é assim, tem muita mosca

AL: isto são moscas? Estão-me a picar!... sim...

TE1: pronto e era assim, mas como eu nunca fiz nunca me preocupei com essa parte

AL: mas o fogo controlado é pago?

TE1: não, não... a gente não paga nada

AL: mas a roça pagam...

TE1: sim, sim

AL: então se calhar até vos saía mais em conta

TE1: mas... mas portanto, na serra alta o fogo controlado deixa o solo muito desprotegido e depois as pessoas... mas as pessoas não querem saber disso para nada, os pastores só querem ver é lume não é, e eu lutei sempre por roça de mato

AL: ah, exacto

TE1: por exemplo, também fazíamos a limpeza de muitos trilhos, ainda há dias se fez este aqui, temos outro lá em baixo

AL: há quanto tempo é que és presidente do CD?

TE1: foi o primeiro mandato de dois anos, e depois como a Lei agora alterou as eleições são agora em março, agora em princípio vai ser quatro

AL: portanto, foram os primeiros dois anos e agora mais quatro, é isso?

TE1: sim

AL: foste reeleito entretanto

TE1: sim... isto é um dos tais trilhos que a gente de vez em quando vimos limpar, andamos a limpar por causa deles, para os pastores passarem para não meterem lume nisto, estás a perceber...

AL: claro. Está bem, pois, mantê-los felizes para não andarem a queimar não é (RISOS).
Fogo, o raio das moscas, uma pessoa fica com comichão

TE1: é, vindo para a serra é assim, é, onde que o gado anda e assim

AL: nunca me tinham picado... e antes de ti quem é que estava no CD, era assim uma pessoa mais velha?

TE1: antes de mim foi muito complicado, antes de mim estiveram 30 anos as mesmas famílias... e falando assim um português um bocado mau, não faziam ponta de um corno, estás a perceber? Nem faziam nem tinham queda para fazer, tinham o dinheiro mas não tinham queda para fazer as coisas. Andavam sempre com o dinheiro de volta das obras da igreja e das festas e do caneco e portanto... ardeu muita floresta e eles podiam ter comprado o carro já há muitos anos, nunca compraram. E depois era constituído por pastores, estás a ver a diferença, havia um incendio qualquer “ah, está a arder em tal lado... ah...”

AL: melhor (RISOS)

TE1: agora mudou um pouco isso. Agora... portanto, desde que eu entrei só houve um incendio que já vamos ver ali em baixo, arderam 3 hectares

AL: epa.... Pois. Foi em que ano?

TE1: 2013... e... vê bem, nós fizemos uma roça de mato a 20 metros, na lateral do caminho, o caminho todo, todo, todo, e eles foram meter lume na zona em que quase sabiam que a gente não chegava lá com o carro

AL: pois

TE1: andámos lá 48 horas seguidas, eu e mais um morador ou dois do lugar, mais, depois andou a equipa do GIPS, a dar-nos apoio durante o dia a fazer o rescaldo

AL: ah, andaram a ajudar

TE1: e pronto, também andaram lá os bombeiros, mas depois os bombeiros foram embora e nós durante o dia ficámos a tratar da área do rescaldo todo, na linha toda

AL: e vocês sabem manejar isto, portanto... também não deve ter muito que saber, mas meterem-se lá para o meio do fogo

TE1: sim... a gente não é lá para o meio não é, mas pronto...

TE1: Toda esta área que estás a ver era toda reflorestada como isto, quando chegarmos ali já vemos melhor... em 2007 deixaram arder isto tudo, os anteriores

AL: pois... e actualmente ainda há conflitos entre vocês e esses anteriores ou a coisa já está mais apaziguada?

TE1: menos, há um ou outro que de vez em quando dói-lhe os dentes mas menos

AL: (RISOS) isso é malta para quê? Para os seus 70's mais ou menos? De idade...

TE1: é... eles demora-lhe tempo mas já viram que nós fizemos... mas eles só vão dizer isso daqui por 30 ou 40 anos, que nós estamos a fazer um bom trabalho, estás a perceber, eu só, eles só vão chegar daqui por 30 ou 40 anos e vão dizer "não, eles tinham razão, eles fizeram as coisas certas".

AL: pois... vocês são quantas pessoas na ermida actualmente? Compartes na lista...

TE1: compartes são cento e oitenta e tal

AL: ok

TE1: mas alguns deles não moram cá

AL: portanto são compartes de acordo com a nova lei, é isso? Estão no caderno eleitoral

TE1: exacto... toda esta área que estás a ver, que parece que tem mato, ardeu em 2007, e ardeu porque lhes apeteceu, eles, os que estavam a à frente disto nem para aí vieram, estavam para aí os bombeiros à sorte, e pronto... podíamos ter aqui uma floresta

AL: era muito florestada antes?

TE1: era, portanto o que estás a ver era como estava para baixo, tudo cheio de pinheiros e cedros

Então e vocês agora, para além das ITI o dinheiro entra-vos de onde?

TE1: de alguma lenha que vamos vendendo

AL: ok, sim. Maioritariamente pinheiro não é?

TE1: sim.

AL: pois, o carvalho não se pode... pois, e ainda têm muita floresta, isso é muita bom não é? É uma boa forma de... se manterem

AL: Realmente... o pinheiro dá-se bem estou a ver

TE1: agora nós, se correr bem, dependentemente do apoio que tivermos das ITI vamos encaminhar algum dinheiro para roçar este mato todo, esta zona deste pinhal pequeno. Porque depois de cortar o mato a densidade é muito grande, depois já não vai crescer tanto mato, quase nenhum, porque as próprias fagulhas do pinheiro já não deixam crescer o mato, já fica tudo morto

AL: pois, há quem diga que debaixo do pinhal não há comida para cabras, mas há bastante, e de que maneira

TE1: há, há! É para veres...

AL: mesmo a malta de alguns baldios dizem isso “ah, não, debaixo do pinhal não há nada, mas debaixo do carvalhal há”, mas eu por acaso, do que eu conheço do pinhal é isto, há sempre muito mato

TE1: é... pronto, era outra coisa que lhe queria explicar... é uma confusão dos diabos que faz essa gente da europa também no que respeita às pastagens...

AL: sim... sim, sim, sim. Pois...

TE1: porque tu vais para a Áustria, Suíça, França, Alémanha e o que é pastagem para eles? Pastagens para eles é um campo onde metem as ovelhas, onde metem as cabras, mas aqui não é assim, para nós aqui as ITI devia ser considerado pastagem mesmo a área da floresta, porque o gado bovino anda aqui a pastar, estás a perceber

AL: sim, eu já vi... ali na zona de Travanca, ao pé da Porta do Mezio, eles andam lá, no meio das rochas

TE1: aqui assim, anda gado bovino aqui a pastar. Para esta gente da Alémanha, porque dizem que os culpados de haver cortes nas áreas de pastagem, que foi um fulano que veio aí da Comissão Europeia, depois que lhe foram mostrar um baldio não sei para onde, para ali, e o fulano só viu pedras e viu pinheiros, diz que não podia ser pastagem debaixo dos pinheiros... não pode ser na Alémanha, por isso é que os nossos gados autóctones daqui não são iguais aos da Alémanha, não é...

AL: é os usos e costumes lá está... quando não se tem as pastagens idílicas da Suíça, usa-se o que se tem

TE1: exactamente, mas sempre foi assim

AL: exacto, e come-se e elas estão gordas

TE1: isso é para tu veres que a informação que por vezes tu recolheste noutra baldio que não há de comer debaixo do pinhal é mentira, aqui pode pastar cabras... porque... qual é a pastagem da cabra? Não é a mesma do gado bovino... a cabra pasta nestes matos não é, o gado bovino é mais as ervas que estão assim... mas o gado bovino também acaba por comer este mato. Mas pronto, mas esta gente da Europa faz uma confusão dos diabos para eles a área de pastagem. A área de pastagem da serra do Gerês, não sei lá como é que são as outras, não tem nada a ver com a área de pastagem na Alémanha ou assim

TE1: [...] só vim aqui para te mostrar este pinhal, estás a ver isto, está tudo feito

AL: sim... foi antes das chuvas?

TE1: foi... quem está na frente disto, tem de saber que quando chegar o mês de setembro, tem de pagar a alguém para fazer este trabalho, não vai estar à espera que venha a chuva para estragar tudo, ao início de setembro já isto tem de estar organizado, já tem de ter as pessoas para fazer este trabalho, como uma protecção

AL: vocês contrataram pessoas também ou?

TE1: sim, sim, pagámos ao dia

AL: e é malta local que trabalha para vocês?

TE1: sim, sim

AL: da Ermida mesmo?

TE1: sim

AL: e também na...

TE1: passam recibos verdes

AL: e na questão das limpezas também é malta aqui da zona?

TE1: convidamos pessoas de fora e é a que fizer mais barato

AL: pois

TE1: é baseado em hectare, se temos aqui seis hectares para roçar, fazemos o documento, chamamo-los a todos, o que fizer mais barato... por vezes é os daqui, por vezes são os de fora... existe amizades nestes casos

AL: pois, exacto

TE1: para nós é bom, quanto mais barato melhor

AL: e vocês então têm conseguido fazer sobrar bastante dinheiro das ITI?

TE1: sim, porque [*? não se entende*]. Imagina, gastávamos 10 000 euros nos 10 hectares obrigados a fazer e depois com o resto fazíamos mais

AL: ok... e usavam em quê? Portanto, faziam mais limpezas, já percebi...

TE1: limpezas e caminhos, colocação de aquedutos

AL: era sobretudo usado no baldio...?

TE1: sim, tudo

AL: não era na aldeia como...

TE1: não, ultimamente connosco não... na aldeia as obras quem tem de as fazer normalmente é a Junta ou a câmara. Enquanto no baldo a gente vai... renovando os caminhos, roçando o mato

AL: compraram o carro também não foi?

TE1: sim

AL: pois... e esse tipo de utilizações *a posteriori* não são... isto é, não são fiscalizadas ou não há uma forma pré... prescrita para utilizar esse dinheiro que sobra das ITI, como é que isso é?

TE1: é assim, o plano de actividades é aprovado ou não conforme o que tem proposto e depois já fica mais ou menos... depois é baseado naquilo, se tivermos dinheiro, se não tivermos não se faz

AL: mas isso é para as limpezas que pré-definiram não é? Mas aquelas que depois fazem a mais... isso não está no plano pois não?

TE1: está

AL: ai também está?

TE1: está, está no plano de actividades... se houver valor monetário para isso, fica lá explicado, se houver possibilidades

AL: e se decidir usar na aldeia, sei lá, vamos inventar...

TE1: tem de estar no plano de actividades

AL: também está lá...

TE1: alguém tinha de se ter lembrado, senão faz-se uma assembleia de compartes para esse efeito

AL: ok, ok. Está bem, eu pensei que era tudo decidido depois de se fazerem as limpezas. Via-se o dinheiro que sobrava e usava-se o dinheiro, ok, tem de ser tudo pré...

TE1: se houver alguém que peça alguma coisa para a aldeia ou um grupo de pessoas, isso é colocado na assembleia de compartes, reúne-se a assembleia de compartes, e se houver valor monetário para fazer faz-se, ou não, dependendo da votação

AL: mas não é naquele plano de 5 anos pois não?

TE1: não

AL: é num outro que fazem anualmente...

TE1: não, esse plano de 5 anos é das ITI, isso é uma coisa à parte

AL: aaah, eu estava a falar das ITI, dos dinheiros das ITI, se sobrar do dinheiro das ITI... era nesse sentido que eu estava a perguntar, esses dinheiros que sobram, se são fiscalizados por quem os dá, portanto pelo Estado, onde é que é usado e onde é que não é usado

TE1: não. Aquele dinheiro é atribuído para fazer x tarefas, se a gente consegue fazer mais barato mais dinheiro sobra e mais a gente consegue aplicar noutro lado

AL: ok... mas lá está, essas aplicações com o dinheiro que sobra não têm de estar previstas nesse tal plano de 5 anos...?

TE1: não... no de 5 anos tem, de lá estar o que lá está escrito, aqueles x hectares que lá está mencionado

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: [...] só vou ver o que está aqui plantado...

TE1: este carvalho é americano também mas morreu

AL: pois, coitadito

TE1: porque eles nem nas pensam estás a perceber?

AL: pois, gastaram aí na vedação mas morreu na mesma

TE1: portanto, num baldio há uma série de usos e costumes que se vão mantendo, que não têm outra maneira de ser. A questão dos incêndios esse é um uso e costume que vai ter que acabar

AL: (RISOS) exacto

TE1: isso aí é um à parte

AL: mas antes os incêndios eram assim tao... isto é, fogo sempre houve não é, com o pastoreio, o fogo sempre foi usado...

TE1: não, não...

AL: não havia...

TE1: na época do outro governo não havia o primeiro (?) que andasse aí de isqueiro na mão. Ia havendo de vez em quando, mas não tem nada a ver com o que acontece hoje

AL: mas porque é que mudou assim?

TE1: porque mudou porque sabem que as autoridades não lhes fazem nada

AL: pois

TE1: estás a perceber... é o que mudou

AL: não sei o que é isto...

TE1: isto aqui é um escalheiro, mas cresceu naturalmente um azevinho dentro dele

AL: pois, estou a ver aí folha de azevinho (RISOS). Uau!

TE1: estás a ver... e as raízes do azevinho passam lá por dentro da árvore, sério, isto é um escalheiro, eu chamo-lhe um escalheiro, mas isto tem um nome científico qualquer, isto até se pode comer

AL: é? Não sei o que é que será o escalheiro...

TE1: nós localmente chamamos-lhe isso, mas isso tem um nome científico próprio...

AL: claro. Sim, mas esses nomes também são importantes

TE1: isto é, o escalheiro isto é uma árvore que a gente usa para enxertar, fazer enxertos de pereira ou macieira, que consegue pegar nisto, quando a árvore é novinha

AL: pois, porque ela tem uma folha parecida, acho eu, com a da pereira

TE1: exactamente, com a da pereira. Quando as árvores são assim novinhas, pequeninas, que a gente encontra, a gente faz o enxerto e cresce uma pereira

AL: será que é uma pereira selvagem? Não...

TE1: estás a ver o enorme azevinho que cresceu aqui dentro dela?

AL: é incrível... o tronco não se vê não é, deve ser por dentro...

TE1: sim, as raízes do azevinho passam todas por dentro

AL: (RISOS) ai que engraçado, o parasita

TE1: e é isto, fizemos esta zona de mato diria denso, está aqui um pinhal espectacular, está aqui também a ficar um sobreiral de regeneração natural espectacular... e a coisa mais útil que algum dia chegou foi as ITI, para nós aqui que aproveitamos o dinheiro na floresta, para os outros todos posso te dizer que não, mas cada um é que sabe, cada um é que depois... como tu ouves falar que os baldios já não fazem sentido, alguém em lisboa diz que os baldios já não fazem sentido

AL: a gestão comunitária e assim, sim

TE1: o que interessa é a gestão de cada um

AL: claro... cada baldio é um baldio não é...

TE1: agora não pagamos todos pelo mesmo, se há gente que não é competente para estar na frente daquilo, que não sabe o que está a fazer é uma coisa, agora nós fizemos a nossa parte

AL: estes sobreirinhos... desculpe interromper, são de regeneração natural?

TE1: são, são, mas temos muitos, vamos passar ali numa zona muito... olha a tal árvore grande que nós estávamos lá a ver é esta mesmo

AL: o tal... como é que lhe chamaste?

TE1: escalheiro, nós chamamos-lhe escalheiro localmente, isto é a árvore que dá para fazer enxertos

AL: ela cresce selvagem...?

TE1: sim, olha ali outra grande

[discutimos se uma árvore é sobreiro ou carvalho... é sobreiro, como dizia o Jorge]

TE1: isto aqui também é de regeneração natural, nunca ninguém aqui plantou isto, isto aqui... é assim, eu não sei muito, mas isto é uma árvore com uns 150 ou 200 anos, porque isto também são solos pobres aqui

AL: eles pelos vistos gostam... deste solo

[fala-se de como o caminho está barrado por uma pedra que caiu, e de como teria sido difícil passar com o carro]

AL: já viste, há ali fogo daquele lado ou é o quê?

TE1: possivelmente

AL: pois

TE1: este caminho não estava transitável então nós arranjámos umas pedras para se poder passar

AL: então ainda este ano passaste aqui com o carro?

TE1: sim

AL: aaah, pensei que era em tempos

TE1: e com uma retroescavadora

AL: (RISOS) vocês não adquiriram nenhum trator nem nada pois não? Vi isso em alguns baldios que fazem as suas próprias limpezas

TE1: não, a nossa floresta não dá para isso, não dá para uso de trator, aqui onde é que se usava um trator?

AL: não, lá é mais matos, pois, nestes sítios que eu estou a falar

TE1: isto é só pedras e...

AL: e olha lá, e este pinheiro aqui, por exemplo...

TE1: é regeneração natural também

AL: daquele que foi plantado pelo Estado... é regeneração natural desse ou não?

TE1: uuuh, aqui nesta área não foi plantado pelo Estado

AL: não?

TE1: não... não... onde foi plantado pelo Estado é as zonas que têm pinheiros-silvestres

AL: ah, o bravo não foi plantado pelo Estado

TE1: não... já havia alguns pés, eles sempre no momento, na época que estavam aqui a dominar isto não deixavam que ardesse, ora, ao não deixarem arder, não é, porque andava sempre um guarda por aqui e outro na Pedra Bela e outro na ermida, portanto, toda esta área andava um guarda por aqui, e é claro que as pessoas não sabiam... nem havia tantos isqueiros não é

AL: (RISOS) não era tao fácil

TE1: e então como durante os 40 anos do tal governo não houve grandes incêndios o pinho bravo expandiu-se. E eles faziam muito era a roça de mato na época

AL: curioso, eu achava que o... pronto, se calhar também depende das zonas, mas eu achava que o... que também tinham usado o pinheiro bravo... na floresta

TE1: não sei, não sei, pelo menos onde tenha pinho silvestre ou onde tenha camecípar, onde tenha cedros, agora poderá haver uma zona ou outra mas esta zona de fraguado aqui acho que não foi trazido nada por eles

AL: então se o baldio por acaso vamos dizer que por uma situação qualquer passava para... isto é, deixava de ser das comunidades locais, essas pessoas não... ou seja, há alguma dependência actual do baldio, é isso que eu quero perguntar...?

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: exacto, cada caso é um caso, de facto

TE1: mas... portanto, não tem outra maneira de ser senão desta maneira, não tem porque aquela gente da capital é toda um bando de incompetentes, a própria área do Estado, a própria área que é administrada pelo Estado, como a Albergaria, a Serra da Cabreira, que é da direcção geral das florestas ou lá o que é, aquilo é só mato e pedras, não tem lá nada ou quase nada, e é administrada directamente por eles

AL: a Albergaria também está má?

TE1: este ano fizeram lá umas intervenções boas mas esteve muitos anos que não fizeram lá nada, muitos anos, têm lá matagais muito piores do que o nosso aqui... não fizeram nada mesmo, anos e anos seguidos, sendo do Estado, também da invasão das acácias e tal... não fizeram nada. Ao lado do parque de campismo, aquele monte todo cheio de... a gente chama-lhes mimosas

AL: sim, eu reparei, as mimosas, as acácias sim

TE1: aquilo são centenas de hectares

AL: é, aquilo está uma tristeza, eu nunca imaginei, dentro do... não sei se aquilo já é dentro do parque... é?

TE1: é, é

AL: é? Dentro do Parque Nacional?

TE1: é, toda aquela área fora do parque de campismo é dentro do Parque Nacional, por lá acima, até lá acima, é o concelho de são João do campo

AL: é que não se vê outra espécie, só se vê mesmo as acácias

TE1: pois só... porque aquilo cresce tao rápido que depois mata tudo, imagina se aqui nascerem 10 ou 20 acácias à volta desta árvore, ou deste sobreiro ou deste pinheiro, aquilo cresce muito rápido, fecha, tapa o sol e depois isto morre

AL: sim, sim, sim, tenho essa experiencia lá no pinhal lá em baixo, é incrível, elas crescem tanto, de um ano para o outro, ficam logo assim de uma altura

TE1: nós também temos uma área problemática ali, os outros não fizeram nada e nós não conseguimos fazer tudo ao mesmo tempo, aquilo custa milhares de euros, fazer...

AL: mas para isso devem ter ajudas não? Para fazer o controlo das invasoras...

TE1: tivemos, foi feita uma candidatura no tempo dos anteriores mas falhou

AL: falhou a implementação?

TE1: falhou, falhou, porque cortaram-nas, fizeram o tratamento mas depois entretanto nasceram outras, entretanto aquilo eram 60 ou 70 hectares e entretanto já está quase igual, porque a candidatura havia de ter sido feita mais pequena, numa área mais pequena e conseguia-se controlar numa área mais pequena de cada vez, não era fazer logo 60 ou 70 hectares de cada vez

AL: pois... e vocês aqui ao nível da floresta que tipo de gestão é que ... ou seja, quem é que faz? Quem é que prevê a gestão da floresta... eu quando digo gestão da floresta estou a falar por exemplo dos cortes dos pinheiros, da plantação dos carvalhos, são vocês mesmos ou são aconselhados

TE1: somos nós... somos nós directamente, nós vamos vendo e se num lado ou noutro precisa de ser o mato roçado depois se tivermos poder monetário fazemos, ou se uma área ou outra precisa de mais árvores fazemo-lo também, a gente não precisamos de nenhum técnico que nos venha dizer, nós também temos olhos na cara para ver

AL: e para cortes também são vocês que decidem quando é que é os cortes...

TE1: sim

AL: a partir de que diâmetro ou qualquer coisa assim

TE1: imagina, numa zona que o pinhal está criado e que por exemplo estão pinheiros já criados a morrer, não é, porque acontece muito e depois aquilo passa de uns para os outros, a gente chega lá corta um pedaço, pronto, aquilo fica ali terminado e já não morre mais pinheiro nenhum... zonas de pinhal criado já não é...

AL: pois, e na plantação de carvalhos... eu lembro-me que perguntei isto ao início da conversa mas já não me recordo, eu perguntei se vocês tinham usado os subsídios para plantação...

TE1: foi, foi nessa plantação ao tratamento das acácias, onde foi plantado o carvalho e o sobreiro

AL: ah, ok, ok. E aí nesses casos já há um técnico a dar umas dicas ou não?

TE1: houve, houve quem elaborou o projecto, até estar concluído no terreno, mas depois aquilo cresceu tanto outra vez que já está outra vez incontrolável

AL: as acácias... e os carvalhos...

TE1: muitos morrem

AL: pois

TE1: portanto, são as tais coisas falhadas que foram aconselhadas pelos fulanos do ICN que lembraram-se de introduzir também carvalho numa zona que eu para mim não deveria ser. Normalmente o carvalho tem que se aproximar mais de uma linha de água, não é, mesmo que não seja mesmo na linha, a 20 metros da linha, por ali. E portanto eles sugeriram que fosse plantado numa área, em toda a área

AL: onde estavam as acácias?

TE1: sim. Porque depois o que é que acontece... o crescimento é lento, do carvalho, por causa da humidade em si, o carvalho gosta de alguma humidade, pronto, e depois o crescimento das acácias é muito rápido não há hipótese

AL: pois... e aquilo de criar povoamentos mistos, de incluir carvalhos no meio dos pinheiros, eu já vi aí alguns sítios onde havia

TE1: foi esse também... foi a mesma coisa, foi povoamento... como é que eles lhe chamam...

AL: mistos de folhosas com resinosas?

TE1: é povoamento, quando é povoamento, mas nós ali não foi povoamento que se chama, é... adensamentos... adensamentos!

AL: ah, sim

TE1: porque adensamentos é... num terreno enorme não é, como naquele caso, em zonas que não tem nada plantaram lá essas árvores, na outra zona a seguir já tem um bocado de pinhal fica, ou lá o que é, depois na outra zona mais em baixo, já... foi mais ou menos isso que foi utilizado, foi o sistema de adensamento, que é diferente de povoamento. Povoamento é as espécies que são espaçadas e com espaços entre elas e aquela treita toda

AL: é fazer tudo de novo não é?

TE1: é... e adensamento é diferente, adensamento é nas clareiras meter um x número de árvores, que foi aquilo que foi feito ali, mas falhou porquê? Porque fomos aconselhados por quem disse que seria bom fazer dessa maneira...

AL: Há um incentivo para haver essas equipas, acho que pagam tipo 10 000 euros por ano, ou algo assim.

TE1: e os baldios pagam o restante

AL: o restante que não é nada pouco, pelo que eu percebi

TE1: não sei, acho que é 30 000 euros por ano ou

AL: hmm, acho que é mais, porque depois têm de pagar a manutenção do carro, têm de pagar o combustível, têm de pagar tudo não é

TE1: olha para isto, ficou aqui espectacular, era um mato enorme, vês aqui estes sobreirinhos já todos fora. E se assim for durante 20 anos fica aqui uma mata de sobreiros espectacular

AL: pois é... o sobreiro dificilmente arderá não é?

TE1: é assim, o sobreiro arde, quando é um sobreiro já criado torna a... muitos, estás a ver, aqui há.... Ena pa⁴²!

AL: aaaaaah

TE1: nós íamos voltar ali mas pronto, se calhar vamos fazer marcha atrás e dar a volta. Aqui há 6 anos houve aqui um incêndio nesta parte, que veio aqui dar... estás a ver esse, ardeu todo e depois voltou a

AL: está todo verdinho

TE1: é, voltou, e como os outros estás a ver, mais pequenos, está tudo preto, eles arderam todos, só que

AL: pois, a cortiça acaba por

TE1: é, acaba por

AL: por os proteger

TE1: por os proteger

AL: mesmo depois de ter tirado as outras camadas de cortiça não é, continua a ficar protegido

TE1: aqui já não é retirada há muitos anos e a nossa opção agora foi não retirar também porque tivemos aí 2 ou 3 compradores que queriam e que como são árvores muito irregulares e muito antigas, depois ficam... há uma parte da cortiça que sai, outra que não, e isto ficava feíssimo, então nós...falámos entre nós da direcção e dissemos “não, não vale a pena porque a gente vai-se chatear porque depois o gajo que vem tirar quanta mais tirar melhor, depois vai estragar as árvores e depois eu não estou para andar aqui a passear todos os dias e a chatear-me com ele porque está a estragar as árvores, e então digo eu assim “fica assim nunca mais se tira cortiça, pelo menos enquanto nós estivermos na frente e acabou-se, não há chatice”. Porque isto é assim, se isto for mal descortçado a árvore pode morrer também, em poucos anos, em 2-3 anos a árvore pode morrer

AL: sim, sim, sim. Pois, eu nem me tinha lembrado disso, que a cortiça também pode ser uma entrada de receitas para vocês

TE1: mas as árvores, se tu vires são quase todas deformadas

AL: sim, a cortiça não sai direitinha, não é

⁴² Deparamo-nos com um obstáculo no caminho, uma árvore caída.

TE1: porque isto, exacto, isto não...

AL: aquele lá à frente é espectacular, está mesmo direitinho

TE1: é, este... é um por outro, mas de resto é tudo irregular e as coisas não iam funcionar e eu ia-me chatear com alguém e eu tenho mais que fazer do que andar-me a chatear, e por isso disse lá ao comprador que a gente nunca mais ia vender cortiça nenhuma

AL: mas chegaram a vender então?

TE1: a última vez foi em 2004 mas não foi connosco, vez está marcado aí nas árvores, 2004...

AL: ah, sim, não vi mas acredito

TE1: ainda houve aí um sarilho dos diabos com os do ICNF, porque eles estavam a tirar a cortiça com um ano a menos

AL: ah, pois

TE1: os da época era tudo gente maluca

AL: pois... e depois as contas estavam claras nessa altura... transparentes...

TE1: nem por isso

AL: nem eram apresentadas nas assembleias e não sei quê...

TE1: eram, isso eram, mas...

AL: aquilo está tudo queimadinho à volta

TE1: tudo, aquilo só tem pedras e mato

AL: é uma pena

[*entramos no carro*]

TE1: mas isto vai acontecer pelo país todo, não é só aqui, eu ia trabalhar numa comissão de 2 meses agora em Resende, andamos lá a fazer umas obra para a EDP lá num canal, foi a serra do Montemuro, não sei se...

AL: uuh, de nome, de nome, não conheço bem

TE1: pronto, a serra de Montemuro possivelmente é do tamanho da da Cabreira e eu subi várias vezes porque eu tinha de levar o lixo das obras para um centro de tratamento que há lá em Monteiras de Castro Daire e eu atravessava a serra várias vezes durante a obra, só tem pedras e mato, e era toda cheia de pinhal também, só tem pedras e mato... mas uma serra enorme do tamanho daquela

AL: pois. Sim, sim, os incêndios vão por todo o lado, este ano foi ali também na zona de Caminha, também ardeu imenso numa zona lá de montanha. Isto todos os anos vão uns quantos de hectares

TE1: e depois... por exemplo, uma coisa muito importante, quando arde um pinhal daquele tamanho aquilo tem muitas sementes, corta-se o pinhal e pronto, depois as sementes tornam a germinar e torna a nascer, quando arde um pinhal que tem 10 anos, do tamanho daquele, que ainda não tem sementes pronto, já se acabou, já não vem pinhal mais nenhum

AL: pois, faz sentido

TE1: estás a perceber? Com esta altura ainda há sementes ainda vem outra vez pinhal, mas quando o pinhal é pequeno, para aí com 7, 8, 10 anos, que não tem sementes, acabou... só vem mato e giestas, mais nada

AL: pois, faz sentido claro. O pinheiro-silvestre regenera bem?

TE1: não

AL: não, é mais o bravo?

TE1: sim. o pinheiro silvestre para regenerar tem que ser numa zona vedada onde a fazenda não tenha acesso, porque é uma espécie mais doce e a fazenda come aquilo muito facilmente

AL: a fazenda?

TE1: as cabras, ...

AL: chama-se fazenda?

TE1: fazenda é uma palavra que a gente usa para englobar todo o tipo de gados

AL: ah, não sabia

TE1: localmente, se aqui na Ermida se falar “ah, tenho a minha fazenda em tal lado”, fazenda por de ser gado caprino, bovino, tudo o que seja gado, e é por isso... agora se for plantado e que o gado não coma também cresce, agora não sendo vedados o gado come aquilo muito mais facilmente, é mais doce

AL: pois... mas a semente em si regenera, eles começam a crescer mas depois são comidos pelo gado

TE1: sim, sim, sim, exacto... isto é preciso conhecer um bocadinho, não sou técnico nenhum mas pronto, sei bem como é que se planta o pinheiro porque já os plantei, e sei bem onde se pode por um carvalho, onde deve ser colocado um carvalho...

AL: pois, pois, e isto aqui são choupos não são?

TE1: não, bétulas

AL: ah são bétulas!

TE1: um bosquezinho de bétulas

AL: e já cá estava ou foram vocês que

TE1: já.

AL: oh, que vergonha, pois... eu devia saber, mas os troncos pareciam-me de choupo. Pois isto é capaz de ter sido também naquela altura [da florestação]. Está ali um painel solar ou é o quê?

TE1: é

AL: ai é da tal casa do doutor... isto aqui ainda é zona de protecção parcial não é?

TE1: é zona de protecção ambiental tipo II

AL: ok, sim. Porque as pessoas andam por aqui à vontade, eu lembro-me que quando estive na Mata da Albergaria as pessoas não podiam andar lá assim

TE1: uuuh, não sei como é lá, mas sei que aqui só nós é que podemos circular de veículos motorizados, estava ali um fulano que estive para lhe perguntar porque é que ele estava aqui mas

AL: pois, estava ali um carro

TE1: mas como estão ali a fazer um trabalho... essa gente não tem nada que vir para aqui de carro, só nós. Aqui é uma zona de andar a pé. Isso está estabelecido no plano de ordenamento, todos os caminhos e estradas fora de asfalto não podem circular veículos de motorizadas excepto os residentes naturais, só que há um fulano ou outro que tem o rei na barriga

AL: e será que está explícito?

TE1: está, e tem um sinal lá em baixo, nós passámos

AL: mas quando vocês fazem os PUB ou PGF, ou como é que se chama agora, os planos de utilização do baldio... ou não fizeram?

TE1: isso ainda não fizemos, vamos fazer brevemente, o engenheiro já nos disse, quando abrir uma candidatura qualquer diz ele que se pode incluir na candidatura

AL: o PUB?

TE1: não, isso já acabou, o PGF, o plano de gestão florestal, o PUB acabou. O engenheiro disse-nos que a próxima candidatura que a gente faça vem incluído o plano de gestão florestal da área toda. Já temos valores e tudo é só... só estamos à espera que abra qualquer candidatura para fazer uma candidatura da roça de mato ou sei lá o que é que vai vir aí

AL: eu achava que para fazer uma candidatura já era necessário ter um PGF...

TE1: é, é... mas diz ele que se faz na mesma altura, porque senão já ele tinha feito, foi isto que ele nos disse, porque nós já estamos autorizados a fazer

AL: então se vocês tiveram as ITI e se não tinham PGF também...

TE1: não era necessário, agora para fazer candidaturas a INP's e assim vai ser necessário

AL: vocês ainda não usaram INP então...

TE1: já fizemos aí as INP mas ainda não era necessário, na época em que foi feita a candidatura às INP não era necessário PGF, agora é que já é, qualquer candidatura, género INP ou o que for, já é necessário ter PGF

AL: aprovado não é? Não é só ter feito, é aprovado

TE1: elaborado, elaborado e aprovado

AL: aprovado por eles, pois... e nesses casos vocês estão com a Atlântica não é? Eles ajudam-nos a fazer essas coisas...

TE1: sim, dão-nos o apoio necessário, por acaso não é com eles que vamos fazer o PGF, possivelmente, mas isso não inviabiliza de eles fazerem a candidatura e de o fazerem também, não era isso que estava programado e o futuro não se sabe

AL: então quem é que falou com vocês, foi o tal engenheiro do parque?

TE1: hmm, não, não, é outro engenheiro de uma empresa que já trabalhou para nós a roçar mato. E ele é que disse para esperar até que abram as candidaturas e que se fazia em conjunto e que a gente receberia algum apoio em vez de ter de pagar 3 ou 4 mil euros para o fazer. E eu disse que estava bem, melhor ainda se assim for, se pagarem metade melhor ainda, só pagamos 2 mil

AL: mas o que é que... esse engenheiro não tem nada... pelo que eu percebi não está inserido nos corpos do ICNF... mas tem conhecimento é isso?

TE1: não, não, não, é uma empresa privada

AL: de florestal?

TE1: sim, sim

AL: ah... portanto ele conhece bem os fulanos do ICNF em Braga, conhecem-se todos, ele trabalha com eles porque já trabalhou numa empresa dessas das carrinhas amarelas, tá a perceber, ele conhece essa gente toda... e pronto

AL: e esse o que propõe é que ele próprio... não... através de candidaturas...

TE1: através da candidatura

[somos interrompidos por turistas que pediram para lhes tirarmos uma fotografia]

TE1: portanto, foi essa a informação que ele me disse porque nós já lhe dissemos para avançar para o fazer e ele disse que não, disse para esperar para fazer a candidatura em conjunto, que teríamos algum apoio possivelmente, senão que nos diria

AL: pois, também não sei bem como é que essas coisas funcionam, mas teria de ser uma candidatura de mais coisas

TE1: exactamente, em conjunto. Ao fazer para uma limpeza de terreno fazer... fazer... ou em conjunto ou em separado mas fazer na mesma época

AL: pois, pois, pois. Vocês já ouviram falar das ZIF?

TE1: não, o que é?

AL: é as zonas de intervenção florestal, são, do que eu sei, são tipo zonas que incluem vários proprietários florestais, sejam baldios sejam privados...

TE1: ah, já estou a perceber, pode não ser esse o nome mas já me falaram disso, vários baldios em conjunto a fazer uma candidatura não é?

AL: acabam por fazer uma gestão florestal igual em toda essa área... igual, gerida pelo mesmo órgão de gestão, que normalmente é uma associação, pode ser por exemplo a Atlântica

TE1: ah mas isso nós não queremos

AL: pois, exacto, nem eu estou a dizer que é bom ou que é mau, até porque também não tenho conhecimento suficiente, mas eu sei é que aí

TE1: seja bom ou mau nós não queremos

AL: eu só me lembrei disto porque eu sei, falando com a Sandra soube, que nesses casos os tais PGF são feitos pela ZIF, os baldios não têm que pagar, só por isso é que eu me lembrei, e agora até achei que estavas a falar da mesma coisa

TE1: ah, já estou a perceber, já estou a perceber

AL: porque isso lá está, as ZIF é suposto incorporarem vários baldios, por exemplo, vários baldios e também podem ser privados

TE1: e fazer o plano de gestão florestal dessa área toda

AL: dessa área toda e de alguma forma o que eles beneficiam, para já o PGF não pagam, e depois há outras coisas que também trazem benefícios, depois também do ponto de vista da produção acaba por ser uma produção mais forte porque é feita em conjunto, por exemplo da madeira, e acaba por ter mais ... mais... força não é, porque estão todos juntos, é uma área maior

TE1: é uma área maior só que isso dava em sarilho

AL: pois, pelo que eu percebi o órgão de gestão seria uma associação que não tinha de ser o CD de nenhum dos baldios

TE1: eu já estou a perceber, já não faziam nada os gestores dos baldios, fazia a associação

AL: acho que sim

TE1: eles são muito espertos

AL: acho que basicamente acabava por ser assim

TE1: essa gente é toda muito esperta

AL: acho que vocês também participavam em reuniões e assim, mas

TE1: depois vendiam madeira, andava para aí engenheiro atrás de engenheiro a ver isto e aquilo, estouravam o dinheiro todo em coisas que não tinham significado nenhum como fazem as empresas estatais e pronto, não, isso para nós não...

AL: eu não sei como é que aquilo está a decorrer, sei que já há algumas e sei que vai haver uma ali para os lados de Sistelo...

TE1: eles entenderam-se?

AL: pois, pelo menos até agora, vamos ver como é que vai ser daqui para a frente e não, e até acredito que ainda venha a dar alguma conversa ainda e algum conflito

TE1: é assim, sendo baldios grandes, como é o nosso, como é o de Vilar da Veiga, como é o de Fafião, como é os outros, para que é que precisam de ser ainda maiores?

AL: pois, pois

TE1: não é? Aquilo só traz confusão para quem queira gerir aquilo, ou quem são essas pessoas, imagina uma associação qualquer de pessoas que vêm sabe-se lá de onde, não tenho nada contra essas pessoas, chegarem aqui não conhecem o terreno, não conhecem nada, começar a gerir uma área florestal de 3 ou 4 mil hectares

AL: claro... eu acho que isso só faz sentido em baldios que não tenham pessoas com vontade de gerir elas próprias, pronto

TE1: certamente

TE1: isto é assim, um povoamento florestal se conseguir, tendo ele 20 anos e que não arda, aquilo fecha as copas e roçando o mato nunca mais vem mato nenhum, vêm uns herbançositos baixinhos mas nunca mais vem mato assim grande, como aquele que nós passámos lá na frente de tudo não é. Nós é como te digo, nós não podemos fazer tudo, nós o ano passado fizemos 25 hectares, esses 25 hectares são quase 25 000 euros, estás a perceber, é muito dinheiro... quando se pode fazer fazemos nesses espaços mais... e então o mato morre todo e o pinhal fica... ou seja, não há perigo de incendio... mas isto é preciso ter queda para pensar nisso não é

AL: pois, não é de qualquer maneira

TE1: que eu aqui há muitos anos tirei um cursozito de 90 horas de... sobre os baldios, sobre povoamentos, e depois isto deu-me algumas ideias e depois com aquilo que eu sabia e com essa treta toda

AL: florestal? A nível de gestão florestal e de povoamentos?

TE1: sim, a nível de povoamentos, tivemos um... para aí de 90 horas, tirámos um curso na Junta, foi pago pela comunidade europeia, depois pronto, mas tive... alguns conhecimentos que ainda hoje uso daquilo, como medir o material lenhoso, os metros cúbicos

AL: sim, inventário florestal, biometria

TE1: exactamente... por exemplo, a gente vende madeira não é, vamos vender e ainda há tempos vendemos uns 500 pinheiros, é assim, a gente vai vender mas já tem que saber quando a gente vai vender quanto é que aquilo pode dar, isto no meu caso, um presidente dos baldios devia ter conhecimentos de saber quanto é que aquilo vai dar aproximadamente. Ora para saber quanto é que aquilo vai dar tem que saber quantos metros cúbicos é que estão lá no terreno, porque aquilo é feito assim, a gente vai marcar as árvores com uma suta e mede-as não é? Depois fazemos os mapas no computador, x árvores de 20, x de 25, x do que for... mas eu faço as contas, x árvores de 20, x metros de altura da x metros cúbicos de madeira

AL: sim, para ver o volume, exacto

TE1: as de 30 com x metros de altura dá x metros cúbicos... e quando chega a altura de vender a madeira eu também já sei qual é o mínimo que eles podem dar, ou o máximo, porque também sei qual é o valor que custa retirar a madeira que eles usam não é, normalmente por tonelada, não é, e sei qual é o metro cubico, quanto pesa também... de madeira verde um metro cubico de madeira verde quanto pesa, portanto, e depois, antes de vender eu já sei que aqueles x pinheiros vão dar entre x valor e x valor, senão não pode ser vendido

AL: também agora se calhar com as ITI também não precisam assim tanto não é?

TE1: não, é assim... as ITI para nós vai vir muito menos, o que vier... é aquilo que está decidido, mas nós só vamos fazer se tivermos dinheiro, se não tivermos não fazemos, paciência, vai-se vendendo um pinhalzito de vez em quando para ir fazendo uns caminhos, para ir mantendo os caminhos e pronto

AL: pois, pois

TE1: por exemplo aqui, desta estrada para cima, era tudo pinhal ali como aquele, aqui há 20 anos também ardeu tudo, tudo, tudo até lá acima, aquela ultima montanha que ainda lá vez pinheiros... ardeu tudo até lá. Eu lembro-me que era pequeno, estava daquele lado, tu vias tudo, tudo, tudo arborizado, aqui há 30 anos

AL: mas agora já tem umas arvorezitas outra vez

TE1: já, mas a maior parte são as acácias não sei das quantas, como é que tu chamas àquilo?

AL: as mimosas não é? Que estavas a dizer

TE1: não, não é, é outra da mesma família

AL: acácia? Não sei...

TE1: acácia não sei quê... nós chamamos-lhe Austrália...

AL: australis

TE1: mas já aí estavam

AL: ah pois, elas dispersam-se a uma velocidade louca

TE1: ainda são mais difíceis de matar do que as outras

AL: é que as sementes com o fogo despoletam, em vez de morrerem não, é bom para elas o fogo, basta haver sementes no solo que acabou

TE1: é, e depois é esse o problema mesmo que dizes, isto produz tanta semente, tanta semente uma coisa destas, e depois não há animal nenhum que coma aquilo, a não ser os ratos não é, a semente por exemplo do pinho, há dezenas de animais que comem aquilo, desde os esquilos, desde os pássaros, não é... mas nisto nem os animaizinhos as querem... isto produz tanta semente, tanta semente

AL: eu por acaso não estou a ver muitas mas se calhar estou a ver mal

TE1: todas essas árvores mais escuras que vês, por aquela montanha toda, com as copas mais largas, é tudo isso, australis, [...]. Também era uma coisa que nós tínhamos programado era acabar com elas nesta zona, porque depois o que é que acontece, estas sementes entram neste curso de água e depois estes terrenos todos próximos do curso de água já começam também a ganhar essa semente

AL: pois é

TE1: e já existem alguns pés por aí abaixo

AL: é muito difícil de controlar o raio das invasoras, principalmente estas que têm sementes à prova de tudo e mais alguma coisa. Trouxeram-mas por terem uma florzinha bonita, amarela, e depois também foi usada para agarrar as dunas no litoral, e tornou-se uma praga

TE1: pois, foi isso foi... aqui foi para segurar os taludes das estradas, quando as fizeram

AL: pois, estás a ver

TE1: introduziram essas, introduziram a outra, como é que chama-se a outra... a mimosa, introduziram essa... até o tojo introduziram nalguns taludes, existe um tojo grande aí por vezes na berma da nossa estrada, pouco, foi introduzido aí também por eles para segurar os taludes da estrada, porque não é o tojo comum aqui da nossa zona, o tojo aqui é desse pequenino que se vê por aí, e de vez em quando vê-se aqueles grandes, vê-se uns espetos grandes... e é isto, é isto que nós gerimos, desde 5 km de estrada daqui até lá adiante

aonde nós fomos, mais 2 ou 3 daquele caminho que nós andámos, mais 2 km ou 3 de outro caminho que vai por acolá, olha, nota-se lá que nós passámos o ano passado com a máquina lá no cimo, já era um caminho antigo mas demos um jeito para ser transitável a essa carrinha até lá à frente, ali por cima daquela montanha, conseguimos ir lá com esse carro... e muitos quantos temos por aí. Depois temos lá em baixo um miradouro onde se vê aquela área toda também, vamos lá dar um salto ainda

[Memória da parte em que fiquei sem o gravador]

- para o Jorge a gestão florestal nacional a partir de 1980 foi muito má, a partir daí acabou-se, que até aí a coisa até estava a ser bem feitinha, mas que a partir daí, ele dizia “é que eles nem conseguiram manter aquilo que o Estado Novo deixou, a floresta que foi deixada nem essa foi mantida sequer”. Depois perguntei porquê 1980 “então foi quando começaram a dar subsídios aos agricultores, foi quando a gente entrou para a União Europeia, começaram a dar subsídios ao desbarato”, portanto que a adesão à UE só veio piorar a gestão florestal.

Rio Caldo: TR1

AL: pois... e outro tipo de rendimentos que tenham no baldio, floresta...

TR1: floresta, temos floresta, participamos, somos... uma parte do baldio a cogestão é dos SF, o ICNF

AL: ah, estão em cogestão com os SF

TR1: sim, e outra parte não, é do baldio só, só nossa mesmo sem cogestão nenhuma, e temos com o ICNF outra parte

AL: e como é que separaram essas... porque é que foi feita essa separação? Ou com que base...

TR1: porque isto já vem de há muito tempo, que é o perímetro da Abadia

AL: o perímetro florestal...

TR1: da Abadia, que é englobado no nosso baldio, também que é desta parte, esta parte é PN, não temos a cogestão do Parque, é totalmente feito só da nossa parte

AL: e fazem gestões diferentes?

TR1: não, não fazemos coisa, porque nós por exemplo, quando é para vender lotes, quando temos madeira para vender, depois vem tudo para... vem tudo para a mesma conta não é

AL: mas têm de dar 40% ao Estado

TR1: temos que dar 40% ao Estado, claro

AL: mas se for daquele lado à partida não teriam que dar

TR1: não temos de dar nada

AL: e não dão, ou dão?

TR1: não, não, não

AL: está bem. E investem na reflorestação? Apos retirar

TR1: investimos, investimos, neste momento olhe, fizemos plantação de à volta de 10 000 árvores, fizemos uma plantação de carvalhos em colaboração com a Quercus, que estão muito bonitos, uma parte lá em cima no miradouro de São Bento... fizemos mais duas plantações, uma de também à volta de 4000 árvores, também carvalhos, cedros e... também com a Quercus, e depois nossa mesmo, foi com a ajuda do engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Tomás que nos arranhou aí bastantes árvores e fizemos outra plantação noutra parte, tudo à nossa custa, essa plantação

AL: não concorreram aos subsídios

TR1: não, nada. Estamos agora à espera que agora vai abrir essa... porque nós tivemos aqui em 2010 uma queimada muito grande e agora a reflorestação está a vir outra vez. Espero bem que agora neste novo Quadro que englobe esse processo para... porque nós não temos hipótese, sem financiamento... não é?

AL: pois, sim, sim, sim. Portanto as receitas actuais do baldio são a madeira

TR1: é, mas a madeira ultimamente também não se tem vendido, pronto, desde que houve a queimada

AL: então o dinheiro só sai, não entra?

TR1: só sai e não entra, para já

(RISOS)

TR1: a não ser os 8000 euros que recebíamos, e até agora acabaram com isso, espero bem que agora este Quadro e este projecto acho que vão dar mais alguma coisa mas ainda não sei... eu ainda não estou por dentro disso

AL: ok, ok. E a florestação que faz é basicamente toda de autóctones, de carvalhos, ou fizeram também

TR1: carvalhos, fizemos de pinheiros, também alguns, fizemos na outra parte dali. E agora estamos à espera que surja aí um... que nós queremos reflorestar tudo

AL: o pinheiro foi o pinheiro bravo? Foi muita área?

TR1: foi, foi... mas ardeu-nos muita área

AL: ardeu e depois reflorestaram essa área ardida, foi isso?

TR1: esta foi. O que reflorestámos foi

AL: quanta área para aí é que reflorestaram?

TR1: uuuh, sete... e quatro onze, onze para aí... doze hectares

AL: isso já foi há muito tempo?

TR1: um ainda foi este ano, acabou este ano. Aquele já tem dois anos, fizemos outro mais abaixo que já tem para aí 4 anos, mas esse como não vedámos... onde não se veda é complicado, vem o gado passa por lá e rebenta com aquilo tudo

AL: [...] portanto, da relação com a Câmara já falámos, do seu ponto de vista qual é que é a grande importância actualmente aqui no local, qual é a grande função vá... do baldio actualmente

TR1: é reflorestar tudo outra vez, porque como fomos castigados há 10 anos agora queremos reflorestar tudo, acho que é o que devemos fazer porque temos de pensar no futuro, porque se nos deixaram para nós temos de deixar para os outros, acho que é assim, começa por aí. E embora o pinhal e os carvalhos demorem muito tempo a vir, prontos, temos que deixar para o futuro, não podemos comer tudo de uma vez, temos também de deixar para os filhos

AL: sim, sim, sim, mas concretamente, por exemplo para a comunidade aqui da freguesia, no fundo, que são várias aldeias, ou vários lugares

TR1: lugares... mas já agora, quantos lugares temos [pergunta a um outro senhor da Junta que está presente]

S2: uma data deles.

TR1: Eu disse sete à toa, há bocado disse 12

S2: são 19 acho eu

AL: disse sete (RISOS)

S2: é um bom presidente da Junta não haja duvida

AL: sim, está a par

S2: não, e é capaz de ter razão porque há alguns que não estão registados, exacto, e depois há mais lugares que as pessoas dão nomes mas que não é um lugar

TR1: é só tem uma casa ou duas, é como Sá... e o Chamado é o quê? Também é um lugar?

S2: o Chamado não é... mas Sá é, Sá é 026, mas Chamado não é

TR1: e o Assento é tudo ali à beira, está a perceber? O Assento À beira da igreja engloba ali 4 ou 5 lugarzitos pequenitos

AL: mas cada um desses também tinha baldio antes?

TR1: não, os baldios aqui eram Monte da Igreja, porque eu conheço, Monte da Igreja, Monte de Paredes, Monte de Paredes não porque... quer-se dizer é Monte de Paredes só que é Monte aforado. Monte de Parada, Monte da Seara e da Corjeira, e da Granja talvez, não?

S2: espera...

AL: aqui é Rio Caldo...?

TR1: na freguesia, freguesia de Rio Caldo

S2: mas o que ela te perguntou há bocado, não foi isso que te perguntou, perguntou qual era a função do baldio para a comunidade, não era?

AL: sim, qual é a principal função do baldio actualmente

S2: o baldio actualmente serve para a comunidade por exemplo para irem buscar lenha, buscar mato para os animais não é... vão buscar pinhas, vão buscar

AL: no fundo continua a ter a mesma função que já tinha antes

S2: exactamente... a ideia continua a ser essa. Para a Junta pronto... constitui também uma fonte de receita, não é, porque nós recebemos... embora não recebemos a verba na totalidade porque é, porque está sob o regime florestal, mas pronto, se temos de vender, pronto, se há necessidade de vender as madeiras, constitui uma fonte de receita para a Junta. É óbvio que só o fazemos quando é estritamente necessário, não estamos aqui a destruir aquilo que, como ele disse muito bem, o que os nossos antecessores deixaram ficar não é, os nossos... quem na altura montou, fez as plantações e essas coisas todas e pronto, quer dizer, somos obrigados a cortar quando há os incêndios, agora nos incêndios somos obrigados a cortar porque depois, se não se cortar, vai-se estragar, e pronto, e... e depois quando há esses cortes ou quando há os incêndios há necessidade de fazer esses cortes e de fazer novamente a reflorestação. E pronto, temos feito aí alguns projectos nesse sentido para tentar repor aquilo que estava

AL: pois, eu hoje fui visitar à tarde algumas das plantações

S2: embora pronto, nós... é sempre um trabalho muito complicado porque aquilo fica em zonas remotas, estou a lembrar-me agora da, de umas plantações que fizemos, que vedámos aquilo tudo, colocámos vedação por causa dos animais não irem lá, foram lá e roubaram a vedação

AL: se calhar foi uma daquelas que fui ver, que o rapaz disse que aquilo tinha uma

TR1: já tinham aberto?

AL: não, não estava aberto, mas ele disse que as pessoas abriam e os animais entravam ou cortavam ou o que fosse

S2: ou roubaram no sentido de necessidade do material que lá estava ou então roubaram porque não aprovavam se calhar que tivessem aquilo vedado. Mas a vedação foi no sentido de proteger as árvores enquanto são pequeninas para que elas possam crescer não é? Senão os animais andam a pastar e destroem o trabalho que foi feito

AL: claro... imaginem que o baldio não estava numa zona de Parque Nacional ou na proximidade ou o que for, a função seria outra? Ou...?

TR1: era igual

AL: o que eu já ouvi em certos baldios que também estão dentro do parque é que para nós a função aqui é de manter, vá, a conservação da natureza e por aí, ou seja para ele era estritamente necessário definir a função do baldio, sendo um facto que está inserido num Parque Nacional... então, o que é que se pretende afinal do baldio? Pretende-se com o baldio promover a produção local, o desenvolvimento local, ou ao mesmo tempo a conservação, qual é que é a principal linha aqui?

S2: eu não falei no pastoreio mas claro, também têm essa função de pastoreio

TR1: nós temos que ter em conta as duas coisas que falou, que é a conservação da natureza e

S2: o facto de estar sob o regime florestal pronto é... causa aí alguns constrangimentos

TR1: como por exemplo, eles não fazem nada e recebem 40%

S2: é.... Não contribuem para proteger esses... essas manchas e no fundo vão buscar 40% das receitas, digamos assim, daquela

TR1: pronto, eles também fizeram a plantação e certas coisas também tem de vir o

S2: pois fizeram, só que agora zelar é zero

TR1: nós é que fazemos os caminhos, nós é que fazemos tudo. Até chegaram ao cúmulo de um funcionário em tempos quando começámos a trabalhar e quando nos elegeram para a Junta, diz que ainda tinha de pedir ordem À engenheira para arranjar os caminhos

AL: sim, já ouvi isso várias vezes em outros baldios, que não podiam fazer quaisquer caminhos e que às vezes faziam à revelia

TR1: não é fazer, atenção, não é fazer, é manter os caminhos bons, arranjar as valetas para encaminhar as águas, tinha de pedir à engenheira para o fazer, era a engenheira Moreira da Silva, só que eu nunca pedi nada, e arranjámos e para já ainda não... (RISOS). Acho que isso é um absurdo...

AL: pois é. Se é para manter, de facto é mesmo um absurdo

TR1: não é chegar... agora ainda há vários processos até, com várias pessoas, por abrir caminhos dentro do parque sem autorização, sem essas coisas todas, não é isso, é... arranjar os caminhos que estão feitos, tem de se fazer acessos para os bombeiros, se há um incendio que minimamente vão lá os carros, acho que é assim

Vilar da Veiga: TV1

AL: e essas... só um à partezinho, desculpe, e essa entrada da floresta foi violenta ou...

TV1: foi violenta, foi violenta, houve mortes e tudo, com muita força e com... teve... foi mesmo violenta, portanto... não tinha nada a ver com hoje, porque se fosse hoje levavam tudo na frente, portanto hoje, com o tipo de pessoas que existem hoje a violência era de tal forma que... a violência era de tal forma que não havia ninguém que lhe chegasse.

Portanto, isso era um exército na altura, um exército dos guardas todos armados que não havia forma nenhuma de lhe chegar. Valia-lhes a eles no entanto que as pessoas da altura

que eram também todas possantes e todas e que marchavam aí todos os dias a pé, se fosse preciso iam fazer segurança, montar seguranças e tudo, pessoas de [*? Não se entende*] e ter enfim, ter outras defesas e ser homens corpulentos e saber que estavam todos, aquilo bastava tocar o sino uma vez e já sabiam todos para que era, não era como hoje. Por exemplo não se comparava nada a hoje em o facto de cada um remar para o seu lado, isso não é nada comigo e se está aqui alguém a falar qualquer coisa da nossa terra, portanto, as pessoas passam... é como ver uma pessoa deitada no chão em alguns sítios e não querer saber delas, nas cidades por exemplo

AL: e não costuma fazer cortes de madeira boa?

TV1: Não, porque eles também... e também não há... quer dizer, não é não haver, não há assim muito aqui em baixo não há, e em [cima] também não, e o parque também quer dizer, é assim, não gosta muito de deixar vender... Por exemplo, nós estamos na alínea em que estamos em cogestão com o PN, e o PN é no fundo ainda é o que tem valido não é, porque é ter assim um bocado 'não posso hoje vou amanhã' e não sei quê, e entretanto passou aquele corte, e eles sabem que naquele ano que não vai, porque sabem que as pessoas também não têm necessidade de dinheiro. E a Ermida em contrapartida está noutra alínea, não sei muito bem como é que eles...

AL: é autogestão não é?

TV1: é autogestão mas quer dizer, é uma autogestão mas para todos os efeitos o parque... eles precisam sempre do parque. Prontos, foi uma opção que eles tomaram e levaram aquilo sempre um bocado assim à margem.... Estes novos agora prontos, tanto os do CD como os do Parque, pronto já estão assim... já têm melhores relações e não sei quê. Mas antigamente aquelas pessoas da Ermida era tudo a eito e quem se atravessasse na frente, qual parque qual carapuça. O que é certo é que fizeram muita asneira, levavam tudo a eito, cortes rasos, o que eles fizeram para ali, limpavam aquilo tudo a eito, e depois também fizeram aquilo... se fores lá abaixo, portanto àquela zona lá do... onde está lá aquela coisa, aquilo lá em baixo aquilo tem um palco para as festas todo em pedra, por cima, por baixo e pelos lados, só a telha é que não é em pedra, portanto, um palco todo em pedra, uma coisa... uma fortuna. Tem depois ao lado, no mesmo recinto, um bar, um bar sei lá... tem para aí uns 150 m de comprimento, são poucos lugares, todo em pedra, só para gozar uma vez por ano. Prontos, o dinheiro sobra e ... mas não se vê, também não há grandes coisas

AL: nem floresta?

TV1: não, não fazem, só vender, não...

AL: aqui, aqui

TV1: quer dizer, nós fizemos lá naquela zona que ardeu, fizemos... e que se vê, mas também são coisas que também não, são pouco produtivas que é as folhosas, que é carvalho, castanho, castanheiro

AL: e aí é que têm os tais subsídios para plantação, também usaram...

TV1: sim, usámos e fizemos essa plantação, uma plantação muito grande, uma coisa até ao rio, lá virados ao outro lado para Vieira do Minho, mas portanto, é... no fundo se calhar dá mais lucro estar agora só a plantá-los do que quando for a cortá-los não é, porque só agora aquilo tem um valor que, por exemplo, tinha um valor que eles pagavam pela árvore e pelo canudo e pelos... e pelos tutores e aquelas coisas todas eles pagavam por aquilo tudo e a gente... a gente ganhava para aí ali talvez dois euros em cada peça, portanto em cada peça que púnhamos ganhávamos para aí dois euros. Eu por exemplo ganhei, ganhei 2 euros, aquilo deu para ganhar muito dinheiro

AL: como?

TV1: porque tínhamos a equipa de sapadores, já tínhamos que lhes pagar já, portanto andavam eles a fazer as covas e a plantá-los e depois nessa altura também tinha feito... tinha metido um projecto para uma equipa dos IEFP

AL: IFP?

TV1: do desemprego, em que a gente pagava... era o quê? 160 euros por mês, 177 euros por mês, cinco homens mais os 5 sapadores, 10! Portanto nós tínhamos ali 10 pessoas a plantar, eles faziam sei lá, 600 covas num dia, e plantavam... nós já lhes tínhamos que pagar já, portanto eles estavam ali naquela plantação. Ora aquela plantação teve cerca de 25000 árvores, portanto o preço da árvore mais aquele canudo, mais aquelas duas varas duas... os tais tutores, que é aqueles pauzinhos assim para segurar aquilo... aquilo foi... prontos, quer dizer, o preço que aquilo ficou, não é... e depois com a mão-de-obra... a mão-de-obra, se estivéssemos a pagar a uma empresa para fazer aquilo ou a pagar às pessoas a 30, ou 40 ou a 50 euros por dia, portanto as coisas iam ser apertadas, assim àqueles a gente acabou por ter lucro, sei lá 2 euros e meio por cada peça, dois euros e meio, mas quer dizer...

AL: quando diz lucro está a dizer que não gastou naquilo é isso?

TV1: exactamente, portanto aquilo ficou por menos

AL: ah, então não houve dinheiro que ficou para vocês...

TV1: para nós não, para nós não, nós estamos a falar do baldio

AL: não, não, para vocês baldio, estou a falar do baldio

TV1: ah, sim...

AL: mas porquê? O dinheiro entrou e vocês é que usaram o dinheiro é isso? Vocês é que decidiram como é que usavam...

TV1: não, por exemplo. Exactamente, por exemplo, o projecto era por exemplo de 25000 euros, não é, e portanto a gente... 25000 euros para fazer aquilo, então a gente comprou as árvores e aquilo ficou tudo talvez por 18000 ou 16000... portanto, a gente só gastou 16000 e recebeu 25000, não é? Embora as facturas fossem passadas pelos 25 na mesma não é, mas prontos, a gente não gastou esse dinheiro. Digamos que esse dinheiro no fundo foi por exemplo para... por isso é que eu digo que nunca gastei um tostão com os sapadores, eu nunca tirei dinheiro do banco, do baldio, para pagar o trimestre aos sapadores. Foi

sempre, por exemplo, o dinheiro vinha... portanto, a plantação era feita, fazia-se por exemplo o pagamento em 3 *tranches* nessa plantação. Portanto, eu pagava... passava um cheque por exemplo à associação, à ADEFM⁴³, do serviço que estava feito, por exemplo, um terço do serviço, por exemplo sei lá, de 7000 euros. Eu passava um cheque à associação de 7000 euros, por exemplo para pagamento aos sapadores, e eles passavam a factura da plantação, por exemplo, daquele serviço prestado pelos sapadores. Portanto, os sapadores estiveram a fazer aquela plantação, e eu passava um cheque à associação para pagar aos sapadores, ao trimestre por exemplo, enfim, aos sapadores. E eles é claro que passavam-me uma factura dos serviços prestados pelos sapadores naquela plantação. Quer dizer, eu pagava os 7000 euros mas depois recebia-os outra vez da plantação. E fazia por exemplo isso 3 ou 4 vezes e pagava-lhe a eles e voltava a receber o dinheiro. O que quer dizer que chegava-se ao fim do ano, e o dinheiro que eu paguei à associação para os sapadores, depois de já estar a plantação feita e as árvores pagas e aquelas coisas todas, praticamente aquilo pagou aos sapadores. O lucro é no fundo ver como é que se pode gerir a equipa da melhor forma, não é... porque por exemplo, se não houvesse aqueles 5 homens dos IEPF ou se não se tivesse que se pagar aos sapadores, se fossemos mesmo chamar a equipa de sapadores dos vizinhos, a equipa de Rio Caldo por exemplo, já não dava não é. Agora como tínhamos os instrumentos todos... é aí que eu lhe digo

AL: claro... portanto em termos de receitas é isso, venda de madeira quando muito quando arde alguma vendem, não costumam fazer propriamente cortes

TV1: temos que vender... não! Não fazemos cortes não

AL: também não investem na floresta de produção, ou seja na floresta de pinhal

TV1: quer dizer, não porque também não há nada, quer dizer, não há porque repare, por exemplo, não há projectos para... nem subsídios nem projectos, para zonas ardidas, queimadas. Portanto, este caso aquela área de acolá, adonde estão aquelas mimosas, aquelas coisas todas, e eu estou sempre a batalhar naquilo, isso não há nada a fazer. E não haver nada a fazer é porquê? Porque há a regeneração natural, e só se não houver regeneração é que é aprovado então sei lá, uma florestação ou uns adensamentos. Um adensamento, vamos supor que ali se iria verificar que a regeneração natural não estava a corresponder e que não havia pinhal nenhum e não sei quê. Portanto, podia haver ali num daqueles locais onde não houvesse, portanto, naquelas manchas onde não há regeneração nenhuma, portanto fazer ali uns adensamentos para meter ali mais um pinhal pelo meio ou assim umas coisas. O que é certo é se... e eles até têm razão não é, porque a gente chega lá e aquilo é pinheiros que é como pelo de cão não é

AL: sim, já vi que a regeneração [de pinheiro] funciona muito bem

TV1: pois, claro. E portanto para aí não é... não há projectos nenhuns. E a gente tem de estar sempre a...

Vilarinho da Furna: TVf1

⁴³ Associação de Defesa da Floresta do Minho

AL: e diga-me uma coisa, já que está a falar em história, também está associado... quando o Plano de Povoamento Florestal foi implementado, em 1938, já a segunda ofensiva, entre aspas, da floresta houve ali algum impacto ali naquela zona de Vilarinho da Furna

TVf1: houve, houve. Ora bem, em Vilarinho só começaram a florestar em 1945, por acaso foi em agosto de 1945

AL: e foi conflituosa a entrada ali?

TVf1: foi, foi tão conflituosa que entrou-se logo com um processo em tribunal, a primeira coisa foi um processo em tribunal, embargou-se a obra. Nesta altura já nem sequer era foral, já estava remido o foro

AL: remido o foro... eu tenho visto isso escrito, o que é que isso quer dizer?

TVf1: remir quer dizer pagar tudo de uma vez... eu sou obrigado a pagar uma renda, pago tudo para todo o resto da vida

AL: ah, isso é remir? Ok

TVf1: sim, e o foro foi remido em 1936, só que o Estado pensou que aquilo era baldio, e então vai lá o doutor Catalão, foi lá, um advogado, embargou a obra, a obra quer dizer, a plantação, mas depois o processo em tribunal só entrou a 2 de janeiro de 1946, a correr daqui para acolá, andou lá 16 anos, porque... o Estado é notificado, não tem nada que dizer, pede adiamento

AL: e eles chegaram a plantar coisas lá?

TVf1: chegaram a abrir as primeiras covas mas foram logo embargadas... foi ali a seguir, quem vai a caminho da Albergaria mas do outro lado do rio, numa zona chamada Mamoas, está completamente delimitado, escrituras, e então a coisa foi... depois entra o processo

AL: ok. E diga-me uma coisa, sobre o que consegue da madeira o Estado não põe a mão, no vosso caso? Aquilo está sob o regime florestal ou não?

TVf1: não. Não está sob o regime florestal. Nós tirámos agora ali da barragem

AL: não tem de dar percentagem nenhum das receitas ao Estado...?

TVf1: temos lá adiante... temos uma zona que está no parque e por acaso até foi o engenheiro do Parque que me pediu para tirá-las de lá e a nós também nos da jeito... é ali a caminho da Albergaria, nós ainda temos uma faixa na serra do Gerês, que acompanha a estrada do Gerês, praticamente é da estrada do Gerês para o lado do rio (...) é numa zona da albergaria que tem ali uma grande concentração de marcos miliários, do lado de Pederedo, o também chamado Bico da Geira, e ali há um grande matagal que está sujeito a pegar fogo a qualquer hora, e aí já fizemos limpezas mas já está tudo outra vez, e ali temos uns pinheiros alguns velhos que alguns já estão podres, e até um engenheiro do parque nos pediu para os tirarmos de lá, mas tem que ser tirado assim de uma maneira muito discreta porque senão começam logo a dizer que andámos para lá a cortar coisas na mata

da Albergaria e isso dá logo grande confusão. De resto todas as árvores que tirámos foi fora do Parque

AL: pois... porque de facto o Estado cobra pelo aproveitamento dos povoamentos que foram plantados por eles, e no vosso caso não foram...

TVf1: não, não foram plantados por eles

AL: começaram mas

TVf1: ardeu tudo

AL: não, e sobretudo o Estado entrou mas vocês meteram-no em tribunal, não foi isso?

TVf1: ah, sim, sim, sim, o nosso é foral não tem nada que ver com isso

AL: exactamente, foi nessa altura

TVf1: não, eles têm direito naqueles que eles plantaram, mas nós não deixámos plantar, nos anos 1940 e tal, por aí fora

AL: exactamente, portanto, não, não estão sobre o regime florestal não senhor

TVf1: não, não têm nada direito. Aí teriam direito, como noutros baldios, como no Lindoso, na Serra da Peneda, na serra do Soajo, na Serra do Gerês. Tem em todo o lado em que chegou a entrar. Não entrou no Campo do Gerês, não entrou em Covide, não entrou em Vilarinho.

AL: Ermida também é monte foral

TVf1: na Ermida também não entrou, não deixaram entrar. Isso é com base lá numa coisa qualquer, de Dona Maria, eu tenho aqui a escritura deles. Eles também andaram em tribunal com o Estado português

AL: sim, nos baldios tenho visto que muitos contratam um contabilista para fazer isso, porque têm que apresentar contas por causa dos projectos etc. e

TVf1: claro... nós aqui fazemos tudo internamente, algumas coisas faço-as eu e depois mando para ele para fazer a declaração oficial. Os subsídios não contam para os impostos

AL: pois, mas depois os ganhos das madeiras e assim também entram não?

TVf1: ah, faz de conta que é um donativo

AL: [RISOS]

TVf1: não tem nada que rir porque até é verdade, estas últimas madeiras que vieram até eram mesmo um donativo, é daquelas que nós gerimos mas são da EDP

AL: como?

TVf1: aqueles bocados que a EDP nos deu para gerir, num contrato que vale até ao dia 31 de dezembro de 2052, eles só podiam dar como exploração, porque eles têm uma concessão, não têm a propriedade, por isso é que não podiam fazer um contrato de compra e venda. Quando acabar a concessão... [...] portanto no fundo é um donativo [RISOS]

AL: bom, não sei como é que essas coisas funcionam aí

TVf1: não, funcionam. Mas no fundo, estas... algumas destas madeiras, umas sim outras não... mas algumas destas madeiras tinham... olha, logo a seguir pegou-lhe o incêndio. A gente tirou as madeiras e pegou logo a seguir o incêndio, nem sequer me chatearam. Eu lá sou convocado como gestor lá daquela coisa toda, responsável por aquela área toda para ir prestar declarações à polícia, se eu conheço quem é que pôs fogo, quem é que lançou, como é que foi, quanto é que aquilo... foi aqui, a semana passada, fui ali à polícia. A guarda republicana é que toma da ocorrência ali em cima não é? É que presta as primeiras... o nosso guardião lá prestou as primeiras declarações, mas ele não representa a Furna, quem representa a Furna é o presidente, manda para mim, chata para mim, está lá o meu nome, vem-me sempre tudo parar à porta. lá me aparece o postal para ir prestar contas à polícia [...] “você nunca vai encontrar nada, você está em Lisboa, o que é que vai descobrir, nada”

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e em termos de exploração, que outros tipos de exploração são desenvolvidos lá no baldio, tipo floresta ou o que for...

MeC1: pois, nós queríamos lançar-nos um bocado por aí, estamos bastante condicionados por causa do plano de ordenamento do Parque Nacional, muito condicionados mesmo

AL: vocês queriam usar que tipo de espécies? Só para perceber que tipo de condições é que o parque vos coloca

MeC1: não, o parque é [*? Não se entende*]

AL: é não quê?

MeC1: e não nos deixar plantar nada na parte do planalto

AL: ah, na parte do planalto

MeC1: e nas zonas de protecção. O planalto por causa do megalitismo. Mas nós estávamos a ver, estávamos a trabalhar aí com uma empresa, estamos a pensar em folhosas ou então também em árvores de fruto... fruto seco

AL: ah, ok. Na ideia também de explorar comercialmente os frutos ou

MeC1: sim, a ideia é essa, castanha e outros frutos, outras espécies que tivessem viabilidade lá

AL: hmm, eu por acaso, pois, deve ser mesmo só por causa dessa questão do megalitismo porque eles até fomentam, pelo que eu tenho ouvido em outros baldios eles até veem com bons olhos florestação com as autóctones, não é, com as folhosas, os carvalhos, as castanhas e assim. Mas no baldio só têm o planalto? Não têm outra área grande onde também

MeC1: temos, mas o planalto é o maior não é. Mas temos ali outras zonas também só que são zonas de difícil acesso, depois isso para comercializar, tem de se andar com os frutos às costas não é, torna-se inviável

AL: isso vai ainda demorar um bom tempo a começar a dar fruto ou não? O castanheiro...

MeC1: é capaz, mas também é

AL: mas eu acho ótimo, atenção!

MeC1: mas também o baldio é o que damos para deixar aos nossos filhos não é

AL: pois... e é o que tem sido feito em Castro Laboreiro... pergunto. Ou seja, eu percebo que aquilo não tem muita floresta, que eu já estive lá em cima e não vi grande floresta

MeC1: não, aquilo a única fonte de financiamento é mesmo as ITI, senão aquilo o rendimento seria zero

AL: já teve floresta ou não?

MeC1: já, a parte do planalto já... e em baixo também, tem algumas zonas que tem

AL: queimou ou foi-se cortando?

MeC1: não, não, por exemplo, no ribeiro ainda há lá uma encosta. No planalto aquilo é bastante alto, pouca floresta singrou lá

AL: e acha que aquela que vocês viriam a pôr conseguiria

MeC1: mas ia ser em zonas muito... em áreas pequeninas, em zonas muito específicas, áreas de 2 a 3 hectares

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MeC1: não

AL: e não vai dar?

MeC1: vai!

(RISOS)

MeC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descobrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valorizá-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos por uma taxa nossa

AL: vocês como não têm feito gestão florestal, pelo que eu percebi, não podem dizer se há ou não colaboração nesse aspecto não é? Ou têm feito? Não...

MeC1: o que eu sei é que fizeram cortes de lenha

AL: e aí o ICNF intervém não é?

MeC1: intervém, tem que autorizar e leva uma parte das receitas, não sei quanto é que é

AL: 40%

MeC1: é 40?

AL: é o que me dizem pelo menos

MeC1: pois, não sei

AL: eu por acaso pelas leituras que fui fazendo achava que era 30, mas toda a gente diz 40, portanto deve ser 40. Todos os baldios, 40%

MeC1: pois nós esperamos bem que agora de futuro se colabore mais, porque também se não se colabora então... não tem muita logica estarmos em regime florestal, então pedimos para sair

AL: há alguns baldios que o estão a fazer

MeC1: se for para colaborar muito bem, há interesse de ambas as partes, e principalmente interesse do baldio não é, se for para colaborar vamos colaborar, se não então... não sei como é que vai ser para sair, porque isto foi-nos imposto por decreto pelo parque, é diferente dos outros baldios

AL: o que é que foi imposto por decreto? A cogestão?

MeC1: o regime florestal, sim. Quando foi criado o Parque Nacional

AL: ah, exacto, basta estar dentro do... é o regime parcial. Há o regime total que se aplica às matas do Estado e por aí, e depois há o parcial que basta que esteja inserido no...

MeC1: foi no próprio decreto da criação do parque, já estava, porque já havia áreas, esse decreto do regime é de 40 e tal, só que esse da criação do parque submete a regime florestal tudo, as casas

AL: o que é que é de 40 e tal? Peço desculpa, não percebi

MeC1: o regime florestal, o primeiro de... foi de 40 e tal

AL: ah, foi quando foi feita a plantação

MeC1: depois este da criação do parque veio a submeter a regime florestal tudo, casas, terrenos agrícolas, em Castro está tudo em regime florestal

AL: (RISOS)

MeC1: que é uma coisa... é surreal, e nunca quiseram corrigir isso não sei porquê, está tudo, não cabe na cabeça

AL: é, acho que as áreas protegidas estão todas sob regime florestal parcial, acho que é porque simplesmente, com agora até faz algum sentido porque o ICN está com a DGRF, e até acabam por estar a conservação e a floresta juntos, não é, agora antes acho que era mesmo só uma forma de terem poder sobre a floresta das áreas protegidas

MeC1: pois, agora existem uns planos de ordenamento, não se justifica... não é?

AL: mantiveram-se... pois, são coisas já muito antigas que se mantiveram, mas de facto não está... aliás, já me disseram até em alguns baldios, que eu fiquei surpreendida, isto por acaso foi só num baldio, não, não foi só num, mas não foi em todos, que o ICNF inclusive anda a fomentar, ou a incentivar, a autogestão em alguns baldios “sim, porque eles não têm pessoal” e não sei quê...

MeC1: não, anda, isso é verdade, e mesmo eles incentivam a criação de ZIF. Andam...

AL: portanto de alguma forma já andam a tentar passar para as vossas, e para as mãos das autarquias e

Castro Laboreiro: MeC2

AL: e depois quando lá, agora relativamente aqui mais aos baldios, houve a tal florestação dos baldios, não sei, pelos vistos aqui o impacto da floresta não foi tão grande assim...

MeC2: não me parece que tenha sido

AL: hoje em dia ainda há floresta neste baldio?

MeC2: olhe, aqueles pinheiros que estão acolá são os poucos que restam, aqueles pinheiros têm seguramente 60 a 70 anos

AL: são tão pouquinhos

MeC2: são os poucos que restam, há ali por baixo mais alguns. Esta zona aqui onde estamos, aqui é muito alto, é uma altitude de 1100 metros, isto é muito frio

AL: sim, exacto, o gado acaba por ter aqui um papel ecológico, não só a comer os matos mas também a deixar matéria orgânica

MeC2: não funciona um bocado com um certo... equilíbrio...

AL: e que já existe há séculos não é

MeC2: eu defendo... eu defendo não, mas já me questioneei... que não sei até que ponto uma boa parte do dinheiro que é gasto na prevenção e no combate aos incêndios, o que está destinado a essa, se não fosse distribuído de facto entre os agricultores, mas com algumas exigências não é. Não sei se não daria mais benefícios não era

AL: sim, sim, mesmo para prevenção dos incêndios

MeC2: exactamente. Nesta brincadeira toda, porque há uma... pronto, há uma relação, e isso está mais que estudado, que é uma relação entre o abandono das terras e a frequência dos incêndios não é

AL: sim, sim, sim, acumula-se combustível

MeC2: e por mais dinheiro que se gaste, e todos os anos, desde há não sei quantos anos para cá, todos os anos todos os governos têm aumentado a quantia de dinheiro para a prevenção e combate e, se houver um ano um verão mais quente a área ardida é sempre superior à anterior

AL: é, por acaso, nunca tinha pensado a fundo nisso do papel do gado na prevenção dos incêndios, até porque muita gente associa ainda pastores a fogo não é

MeC2: exactamente. Mas lá está, aí é que havia de dar o contributo aos pastores, ou aos agricultores, ou a lá quem fosse, mas também exigir-lhes determinadas coisas não é, determinadas práticas, não é só “toma lá e aguenta-te aí”, não. E aquele facto que há bocado ia dizer que muitos incêndios estavam associados aos pastores, se calhar teria a sua lógica, o mato cresce muito e depois o pasto que escasseia e depois se lhe pegar fogo renova... e apareceu então aí para contrariar um bocadinho essa situação, os chamados planos zonais, não sei se...

AL: sim, aqueles apoios... as ITI

MeC2: portanto esses baldios são ricos porque podem ter outras coisas, agora nós não, Castro Laboreiro, toda a área que tem está dentro da área do parque, não tem muita... o facto de estar dentro da área do parque condiciona muito as coisas. Não pode ter pedreiras, não pode ter uma serie de coisas, não é? Pronto, não tem receitas próprias

AL: é só mesmo as ITI?

MeC2: é só mesmo as ITI

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? Sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: ai é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a sério? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

AL: acho que antes tinham mais não é, hoje em dia a floresta está a desaparecer

MeC2: pois, é assim, e a madeira... pronto, é complicado porque quase que compensa mais importá-la do que...

AL: o que é ridículo, não é... então aqui que há regeneração natural aos potes, quer dizer, não aqui em Castro Laboreiro, de facto aqui não vejo, mas em alguns baldios é uma coisa impressionante, o pinheiro está sempre a crescer, queima, cresce, queima cresce

MeC2: sim, mas está sempre em sítios quase inacessíveis, e sai muito caro, e depois o que vale a madeira... a madeira neste momento o que tem mais valor é para a celulose e para a celulose as pessoas preferem o eucalipto que é muito mais rápido

AL: pois... e o eucalipto aqui não, não é? Mas no parque é mesmo limitada a plantação de eucalipto... quer dizer, eu vejo

MeC2: há alguns deles que há

AL: há, e normalmente é em privados, o que eu notei na zona de Terras do Bouro, no de Rio Caldo, é que havia várias bouças privadas, dentro dos baldios, que estavam plantadas com eucalipto, mas era fora do parque, era colado ao parque mas já era fora, não sei se dentro do parque também seria possível. Mas aquela zona está cheia de acácias... não é por nada, não tenho nada contra a acácia, mas aquilo cresce cá da uma forma que põe em causa tudo à volta... portanto sim, tenho isso contra a acácia

MeC2: e dizer que há 20 anos ali em Viana do Castelo havia a festa da mimosa, exactamente a mimosa era um chamariz turístico.

AL: ai era?

MeC2: e pronto, desde que começou a haver essa polémica com a... reuniu-se lá um fim-de-semana uma série de personalidades lá em Viana, uns congressistas e tal, e chegou-se à conclusão "a mimosa é uma infestante" e acabou-se ali a festa da mimosa (RISOS). Mas havia a festa da mimosa, o rali da mimosa

AL: que curioso, porque ela de facto tem o seu charme

MeC2: aquilo é bonito, e depois a mimosa floresce numa altura em que não havia assim muitas em flor

AL: aquilo lá na zona de Vilarinho das furnas e do Gerês é só mimosas na serra, eu fui fazer um percurso pedestre e aquilo... bolas, era incrível. Lá está, eu como sou de florestal e vim a apanhar com as invasoras ao longo do curso, acabei por guardar um pequeno odio a tudo o que é acácia, cada vez que vejo uma apetece-me arranca-la. Mas enfim, é uma questão um bocado discutível.

MeC2: terá o seu papel também, a madeira para lenha também é boa e as ovelhas gostam muito da flor

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

MeL1: porque tínhamos 1500 e tal, mas agora tiraram-nos, por exemplo 900 hectares são parte do PNPG, que é da estrada para lá, e da parte daqui eram 600 e qualquer coisa. Mas agora reduziram, que só vão aceitar para pastagem, tiraram os penedos, foram logo metade embora, mais de metade. Tiraram as árvores, só ficou o que é pastoreio não é... ficaram 379,14

AL: para pastagens. E ao todo, para além das pastagens, são os tais mil e tal?

MeL1: 1500 e tal, só que eu não me recordo bem

MeL2: com os do parque

AL: e vocês fazem separação da área que está no parque da área que está fora? Na gestão

MeL1: não, não, acho que não... a gestão eu não a fiz ainda

AL: não, tipo, se o tipo de receitas que... sei lá, por exemplo, a floresta. Se usam a floresta da mesma maneira dentro do parque e fora do parque

MeL2: praticamente a floresta que temos é dentro do Parque toda

MeL3: fora não há floresta

AL: fora é mais para pastagem é isso?

MeL1: só temos rosmaninho

MeL2: temos carvalho, temos o vidoeiro, o pinheiro não... sim, mas isto é tudo propriedades privadas

AL: deste lado do baldio?

MeL2: do baldio daqui da

AL: aí é propriedade privada? Foram cedidas partes do baldio às pessoas é isso?

MeL2: não, está tudo incluído no baldio, não é, quero eu dizer que a floresta que temos do lado daqui, carvalhos e vidoeiro, é tudo propriedades privadas, não tem nada a ver

AL: ah, ok. Não está na área do baldio, está nas áreas privadas. E lá é que tem o pinheiro, na zona do parque

MeL2: sim, desse lado é mais o pinheiro

AL: e ainda vem daqueles tempos da floresta em que o Estado plantou isto tudo ou foram vocês já que plantaram?

MeL1: não, não, isso foi já do tempo do Salazar

AL: e vocês reflorestam, ou aquilo nasce sozinho?

MeL1: não... para quê se daqui por 2 ou 3 anos queima tudo, olhe para aquela parte, tinha lá pinheiros grandes e não se vê lá nenhum sequer. Está para aí um ou dois que escaparam, não sei como tal

MeL2: mas eles vêm outra vez

AL: eles regeneram naturalmente não é

MeL1: em princípio sim

AL: pois... mas vocês conseguem tirar receitas da floresta? Cortar madeira, vender

MeL1: quando há venda do pinheiro, temos

MeL3: temos nós e o parque

AL: ah, eles também levam

MeL3: também leva uma percentagem o parque

MeL1: 40 euros e nós 60

AL: ah, vocês estão em cogestão com o parque não é?

MeL3: é, é, e quando se faz venda de pinheiros e essas coisas, é tudo em conjunto com o parque, e outras coisas... e outras coisas

AL: sim, mas quero dizer que estão em cogestão no sentido em que supostamente gerem o baldio em colaboração com o Estado não é... há outros baldios que não, que estão em autogestão, que gerem o baldio sozinhos

MeL2: mas esses são os baldios que não estão dentro do parque

AL: não, estão dentro do parque, mas quando se formaram os CD houve a opção de ficar em cogestão ou assumir a autogestão, então houve alguns baldios que decidiram ficar em autogestão

MeL2: aaah, não sabia

MeL1: mas é uma vantagem ou não?

AL: não têm de dar 40% ao Estado das receitas, por exemplo, mas têm que gerir tudo sozinhos

MeL1: mas não compreendo como é que eles fizeram isso, então mas para quê?

AL: está na lei

MeL1: está na lei?

AL: sim. Quando se organizaram os compartes, eles tiveram... eles e vocês, mas também vocês já só se formaram há pouco tempo, não foi? Mas mesmo a Junta antes, quando geria aqui o baldio de Lamas de Mouro, estava em cogestão com o Estado?

MeL1: não sei

AL: mas se calhar estava não é, para vocês terem assumido que ficariam em colaboração com o Estado é porque se calhar estavam. Pronto temos ali

MeL2: de certeza que estavam

AL: pronto, mas temos ali alguns ali em Montalegre, outros em Terras do Bouro, também em autogestão, não têm o apoio do Estado mas

MeL2: não recebem nada do Estado nas florestas?

AL: não, mas o que é que vocês recebem?

MeL2: nós temos as ITI

AL: ah, está bem, mas isso não é bem do Estado, isso é dinheiro da Europa [tento explicar a diferença do que eu quero dizer com apoio do Estado com as ITI]... desses 40% pressupõe-se que o Estado vos ajude na gestão da floresta, como? E é isso que eu estou a perguntar, se o Estado intervém na gestão da floresta no baldio de Lamas de Mouro, se ajuda, se dá apoio, sei lá, na reflorestação, nos cortes, na venda da madeira

MeL1: dá

AL: então qual é o apoio, era isso que queria saber

MeL1: dá, então, eles é que se ocupam disso

MeL2: assim, na plantação não vejo assim muito que se ocupem com isso

MeL1: ah, isso agora também não plantam nada

MeL2: isso agora não estão muito virados para esse lado. Mas quando há um corte de madeira eles ajudam, não é, a abater a madeira, e fazem a gestão deles não é, que é o parque

MeL1: é o parque é que contrata quem corta e quem não corta

MeL2: contacta os empresários

MeL1: faz o leilão, faz... divide por tanto, a vossa parte é tanto e a nossa é tanto

MeL1: tem feito isso, e é a Maria do Carmo não é?

AL: mas depois na reflorestação não, não têm tido

MeL1: não, porque isso já não é feito

A: nem de carvalhos nem nada

MeL1: nada. Não fazem nada

AL: e vocês?

MeL1: também não

AL: nunca fizeram plantações?

MeL1: depois começou a arder por aí com toda a valentia

AL: mas isso é os pinheiros

MeL1: depois foram os freixos

MeL2: fizemos uma pequenina plantação de freixos aqui, foi o ano passado não foi? Não é lá muito grande

MeL1: foi, foi o ano passado. Mas aquilo é pouco, aquilo é para os burros que aí andam, não deixam nada

AL: vocês não vedaram?

MeL1: vedámos com aquelas camisas, como é que se chama... com aquelas protecções

AL: não sei como é que se chama

MeL2: mas eles botam aquilo de fora, eles não deixam os cavalos come-los

AL: qual foi a área? De freixo que puseram?

MeL1: pouquinho, pouquinho, não chegou a meio hectare

MeL3: 100 pés

MeL2: ela queria dizer à área, ao hectare

AL: não, mas 100 pés já dá para ter uma ideia

MeL1: não, não deve chegar a meio hectare, não... não chega não

AL: e essa plantação foi para quê?

MeL1: foi freixos, foi árvores que deram, que ofereceu o parque

MeL2: e nós mandámos plantar

MeL1: foram os sapadores

MeL2: mas foi como falámos há bocadinho... os sapadores há que os pagar

AL: ah, sim, pois há

MeL1: e as camisas houve que as pagar, cento e quarenta e um euros e tal

MeL2: aquelas protecções que leva de pé não é?

AL: pois

MeL3: as mangas

[fala-se de como os nomes mudam regionalmente, localmente. Café/bica; mangas...]

AL: está bem, então plantações nada?

MeL1: nada. Daí por enquanto nada se tem feito já há muitos anos. A não ser agora, os freixos, esses que deram

AL: quando o Estado entrou com a floresta houve aqui muita resistência? Ou seja, houve muita luta contra a floresta?

MeL2: oh, a luta naquela altura não se podia fazer, devido ao regime que tínhamos

AL: pois... mas aquela luta “silenciosa” de pegarem fogo, mandarem as árvores abaixo

MeL3: não, nessa altura não. Isso foi mais depois do 25 de abril para cá, até ao 25 de abril

AL: então a floresta entrou à vontade aqui?

MeL3: entrou à vontade. Plantou onde quis, foi mais aí na zona do parque, neste lado daqui... ainda não existia parque, mas a floresta plantou-se

MeL1: o parque foi em 1971

MeL3: e quando eu nasci já havia floresta, a parte que pertence ao parque já estava tudo reflorestado desta parte para lá, daquela não tinha nada porque ali é só rocha, não podia plantar nada

AL: então mas as pessoas não ficaram

MeL3: claro que as pessoas estavam revoltadas porque naquela altura havia muitos animais

MeL2: e obrigaram-nos a reduzir os animais

MeL3: e em vez de ter 10 cabeças só poderíamos ter 2 ou 3

AL: e houve problemas nesse aspecto? Fomentou a emigração?

MeL3: nunca houve porque a gente tinha medo de falar, porque tínhamos aquele regime salazarista. Então a gente, como se diz, “comia e calava”

AL: pois

MeL1: ai não.... E mesmo assim

MeL2: era o tempo do Salazar. Ai de quem deixasse o animal tocar lá num pinheiro ou tocar numa árvore, ou comer uma folha de árvore. Muita malandrice que andava por aí na altura

AL: e houve pessoas que acabaram por trabalhar para a floresta? Pessoas da aldeia, ou das aldeias?

MeL2: aqui ainda houve, na zona onde é o parque, plantavam pinheiros pequeninos, ou carvalho, e quando fosse mais [*? não se entende*] mas das freguesias em volta até Melgaço, andavam para aí 100 pessoas aí a trabalhar para a floresta... era eu pequeno, eu nunca andei, mas os meus irmãos, eu era o mais novo, esses ainda andaram

MeL1: mas andaste na... a tirar a areia do rio e a plantar estes que eu também andei

AL: a fazer o quê?

MeL1: a plantar estas árvores que há à beira da estrada por aí acima, a fazer estes buracos para fazer plantação. Mas isto era nas estradas não era na floresta

AL: mas isso na altura da floresta?

MeL1: sim

AL: nos anos quê? 50-60?

MeL1: antes de 63, 57-63, foi por aí

AL: nessa altura andaram a plantar árvores ao longo das estradas

MeL2: é. Sobretudo nesta que passa aqui

MeL3: nas estradas nacionais. Na altura era com a JAE, agora é com a Câmara

AL: mas recebiam dinheiro?

MeL1: foi de 57 ate 60 e tal, foi quando saímos da escola primária, que são as habilitações que temos

MeL2: mas depois logo a seguir foi a invasão da emigração e pronto, foi quando eles arrancaram todos

AL: foi quando? Nos 60's?

MeL2: não, a emigração foi antes

MeL1: a emigração já foi nos 40 e tal, já antes da guerra, alguns, poucochinhos. A emigração foi de 1946 para a frente, foi quando a França estava toda destruída ou quase

AL: por causa da guerra

MeL1: o Hitler deu cabo de tudo e então toca a reconstruir, e então portugueses, italianos, espanhóis, foi tudo

AL: então e por causa da floresta houve muita gente a emigrar ou não?

MeL1: ah pois houve

MeL3: toda a gente, toda a gente. Só não emigravam os que eram já velhinhos

MeL1: ou aleijados

AL: mas foi por causa da floresta ou foi por outras razões?

MeL1: fez parte disso, a floresta fez parte disso

MeL3: a gente não tinha trabalhos aqui

AL: e com a floresta ainda menos, deixando de poder ter o gado... não é?

MeL3: se não houvesse a floresta haveria mais animais e o lavrador teria mais rendimento

a) SAPADORES FLORESTAIS

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: vamos passar já aqui por um trabalho que os sapadores andaram a fazer, porque os sapadores

AL: sim... isto já é baldio portanto...

MCa1: tudo, é a maior parte... fizemos aqui estas intervenções junto às aldeias para criar aqui um perímetro de segurança por causa dos incêndios... esta parte aqui é particular, não fizemos a limpeza porque é particular...

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: claro... vocês lá têm equipa de sapadores...

MCe1: nós não... agora ficou no nome de Outeiro

AL: ah...

MCe1: Cela e Sirvozelo não têm

AL: e não dividem?

MCe1: para já não... vamos ver, eles... para já têm estado só lá... porque...

AL: mas vocês não têm precisado ou há ali uma questão?

MCe1: não, aquilo é assim, porque na altura... vamos lá a ver, a equipa também não era... escusamos de estar aqui a coiso, mas não era, em termos de trabalho não era muito visível não é? E depois nós acabávamos com o dinheiro das ITI, o que íamos buscar em termos de trabalho não nos compensava com pouco... nós com pouco dinheiro fazíamos o mesmo trabalho. E depois isto é preciso manter a carrinha não é... agora com esta questão da redução não sei como é que vai ser isso

AL: mas acha que a redução também vai influenciar o “bolo” que vem das ITI?

MCe1: ah, vai! Então se nós não temos, não vamos ter... não sei, só se a regra mudou, se não temos tanto hectare para candidatar automaticamente... então nós ficamos sem hectares, agora não sei qual é a regra, se se pode passar para a outra parte dos não elegíveis... eu essa regra ainda não sei muito bem, eu acho eles estão a trabalhar nisso mas eu ainda não sei muito bem, onde é que isso vai terminar e como é que vai terminar

AL: pois, acho que ninguém sabe, pelo menos até agora ninguém me soube dizer...

MCe1: pois, ninguém sabe... é não se sabe, eles andam a trabalhar nisso mas ainda não se sabe muito bem onde é que isso irá terminar... se não for.... se for só dentro das outras ficamos sem área! Portanto não vale a pena candidatar nada, acabou aqui... o nosso, há outros que não

AL: ou seja, deixavam de receber subsídio para limpezas para

MCe1: ai, ficávamos a zero...

AL: se fosse por aí

MCe1: ficávamos a zero...

AL: e vocês actualmente quando fazem limpezas...

MCe1: calma, eu acho que ... eu quando falo nos subsídios há prioridade... a prioridade é sempre para os agricultores, as ITI se houver há, se não houver não há, não é... se houver... se houver...

AL: arde tudo?

MCe1: eh... o que é que se vai fazer? Mas os agricultores... quer dizer, primeiro...da maneira que está a vida... não é? Primeiro estão as pessoas e depois é que estão as coisas. Os caminhos lá se vão arranjando...

AL: e vocês aí recorrem a mão-de-obra da aldeia... e têm máquinas?

MCe1: para quê? Para a... para limpar?

AL: para as limpezas

MCe1: ai, não, não... tudo empresas

AL: ah, pagam a empresas?

MCe1: ai pagamos, não, não, não, não havia hipótese, para que é que vai limpar 10 hectares assim?

AL: não, sei lá, há uma aldeia que comprou um tractor e fazem eles...

MCe1: sim, lá está, mas é compram um tractor e depois fazem as tais coisas que vão limpar só no... se calhar têm os matos grandes todos a crescer e os pequenos já não... não é?

AL: pois, eu não sei como é que feita aquela gestão...por acaso esse baldio estava com bom aspecto, mas sei lá...

MCe1: a gestão é fácil de perceber... é assim: tenho aqui um sítio que vai ser limpo com um tractor, tudo bem, eles compraram o tractor, limpam aquilo com uma coisa barata e ficam com o dinheiro, pronto. Para a freguesia e para o... e para arranjar, agora se fossemos a olhar a área toda daquele baldio se calhar tinha mais... outras necessidades de limpar que não era ali não é

AL: pois, pois

MCe1: a única diferença é essa, agora é claro que eles estão a gerir bem, se for em termos de lucro estão a gerir bem, se olharmos ao lucro, não é? Estão a gerir bem

AL: sim, exactamente...

MCe1: eu como não tenho sitio para limpar com máquina, o preço é o mesmo, meto-os nos sítios mais difíceis... não é? Se calhar se tivesse um sítio para limpar com máquina também faria o mesmo

AL: pois... eles às vezes até acho que usam os sapadores, metem-nos na máquina...

MCe1: sim, o de Pitões por exemplo é sapador...

AL: é da equipa de sapadores?

MCe1: é ele que anda com o tractor

AL: é legítimo

MCe1: isso aí, então... têm os sapadores, faz parte do baldio, é um funcionário do baldio

AL: e do ICN não é?

MCe1: um sapador é um funcionário do baldio... eles têm a máquina... aí tudo faz sentido não é? Não, [o sapador não é do ICN], [o ICN] paga mas ele é funcionário do baldio, o ICN dá-lhe é um subsídio para as equipas mas isso é para contrapor o dinheiro que eles dão, é um protocolo que têm assinado... [mas] eles são, a entidade patronal é o CD, não é o ICN... o ICN tem um protocolo com o CD em que lhe dá x dinheiro, fornece-lhe o equipamento e tal para eles... agora os sapadores são funcionários do CD, se houver qualquer coisa o CD é que tem que despedir ou... Houve uma abertura [do lado do ICN, do Parque] e depois os daqui praticamente... foi no ano 2000, fomos lá abaixo a... onde tem aquela serra onde tem muita floresta... à Lousã... eles fizeram um bocadito de formação, estivemos lá dois dias"

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas, ainda há pouco tempo... ontem, tinha os sapadores hoje já pertencem a Paredes... amanhã que é 2^a feira vão para Paredes... para fazer limpezas...

AL: ah, dividem os sapadores, entre aspas...

MCov1: os sapadores pertencem a Covelães. Agora o ICN pôs Travassos, Sezelhe, Covelães e Paredes. Mas quem fica responsável aqui pelos sapadores é só aqui Covelães... alguma coisa que haja Covelães é o responsável

AL: porquê?

MCov1: porque estão mandados a Covelães...

AL: ah.

MCov1: mas a trabalhar estão também uma semana em Paredes, outra em Travassos e outra em Sezelhe...

AL: pois, isto é tudo coladinho não é...

MCov1: é... está aqui Paredes logo, que é freguesia. Nós agora até pertencemos à União de Freguesias, Sezelhe, Travassos e Paredes... é, União de Freguesias...

AL: e essa união de freguesias alterou em alguma coisa a quantidade de compartes por aldeia... ou seja, as pessoas que têm direito a usar o baldio de Covelães por exemplo... a partir do momento em que houve a união de freguesias, isso mudou?

MCov1: não, não mudou nada. Mudou, bem aqui tínhamos uma junta e havia outra em Sezelhe... por acaso até era em Travassos, e nós tínhamos aqui uma e em Travassos havia outra, ou Sezelhe. E agora a nossa desapareceu... só temos daqui um... um, quer dizer, um membro

AL: ah, que faz parte da Junta de Freguesia de Paredes...

MCov1: uuh, hmm, não. Paredes tem um, e Covelães tem outro membro

AL: ah, exacto... mas a Junta de Freguesia não é de Paredes, ou é de Travassos? Desculpe...

MCov1: não, é de Travassos...a junta pertence a Sezelhe, mas está em Travassos

AL: a sede...?

MCov1: sim, a sede está em Travassos. Em paredes é que está o [presidente da Junta]... ele está no conselho directivo... eu também estive 24 anos na Junta

AL: então e disse-me que o conselho directivo agora é em Travassos?

MCov1: conselho directivo não, a junta!

AL: ah, então houve aqui uma troca de informação...

MCov1: conselho directivo então há um...

AL: cada um tem o seu...

MCov1: pois!

AL: ok!

MCov1: Travassos tem um presidente e tem um conselho directivo. O presidente é um e o Serra, chamam-lhe o Serra, é o presidente do conselho directivo... nós mandamos no monte, o conselho directivo. A Junta não tem nada a ver com o monte, e, portanto, a junta só manda no povo. É assim que... nós já temos os sapadores mas depois ainda damos uma ajudazinha aqui ao povo. Um dia destes fomos ao monte, de vez em quando é preciso limpar uns regos, fazer uns poços, limpar umas poças e tal, e nós mandamos os sapadores

AL: e vocês pagam alguma coisa por essa equipa de sapadores ou é o ICN que paga?

MCov1: não, pagamos nós. Nós pagamos, pagamos cada um 2500 euros

AL: cada um?

MCov1: Travassos e...

AL: ok

MCov1: e Covelães e Paredes e Sezelhe

AL: isso por ano?

MCov1: 10 000... portanto nós os 4 temos de pagar 10000. A camara da 10000. E o... ainda agora estive a tratar lá com o ICN, mandei para lá a papelada... dá-nos 35000

AL: o ICN?

MCov1: sim, 35000. Só nos dá isso. O resto temos de o pôr nós e a câmara. Nós temos de ir pedir à Câmara para dar um auxílio, se não tínhamos de os mandar embora, não os podíamos aguentar. Ao princípio pagaram tudo. Era o Parque que pagava, o Parque, o ICN também mas o Parque era mais, dava uma verba e agora o Parque deixou de dar, diz que não tem dinheiro e acabou essa verba. E agora é a Câmara. Agora temos de pedir à Câmara para nos auxiliar, para nos dar apoio senão temos de mandar os sapadores embora. E são 5 empregos que vão ao ar, e nós não queríamos. Nós já assim já temos de por 10 000 e temos de fazer serviços no Parque. Um Parque tem incêndios... eles dizem ali na papelada

que eu até mandei para Lisboa, mandar uma fotocopia da papelada... têm 6 meses deles, que é para os incêndios, tem para o serviço público

AL: Pois, ontem estavam a fazer o serviço público em Fafião, os sapadores de Fafião...

MCov1: nós também fazemos, temos os sapadores, vai demorar, estamos a fazer desde a semana passada, e agora vão fazer o de Paredes, depois vão para Sezelhe, fazem lá e depois vão para Travassos. Às vezes lá se tira algum para dar uma ajuda ao presidente da Junta, a fazer um poço, a limpar um poço, dar uma ajudazinha... a limpar uns regos, que agora não há gente... agora nós temos meia dúzia de... tudo velho.

AL: qual é a área do baldio, sabe? Aqui de Covelães?

MCov1: ah, nós temos uma área para aí de 1800 hectares... e temos um carvalhal, temos aí um carvalhal que é o melhor carvalhal aqui talvez do rio, aqui do Parque Nacional

AL: mas não faz parte do baldio?

MCov1: uma parte tem dono, quer dizer, cada um tem as suas eiras, mas temos a outra parte que é do baldio... temo-lo entregue aos sapadores para o limparem e nós pagamos para as companhias ou firmas, nós vamos lá marcamos um pedaço de terreno com x hectares, eles fazem e nós pagamos... com o dinheiro que vem do ITI. Ainda agora andei lá a fazer em cima uma limpeza, seis hectares, tivemos de pagar, a um aqui de Travassos... tem uma empresa e pagámos-lhe, também para limpar o carvalhal, também o limpam... também lhe pagámos. E a outra é com os sapadores

AL: era isso que eu ia perguntar, porque é que não são os sapadores a fazer essa limpeza?

MCov1: porque os sapadores não conseguem fazer essa limpeza toda. Ah, nós temos muitos hectares. Num sítio que aquilo tenha muito mato, às vezes para fazerem um hectare vêm-se partidos... não é fácil. Mas lá vão fazendo aquilo que podem...

Aqui o povo não quer os sapadores. Mas para mandar os sapadores fora temos de pagar uma indemnização aos sapadores, eles já ca estão há 14 anos e nós... Covelães é que paga, Paredes não paga nada, nem Travassos nem Sezelhe. Somos nós que temos de pagar...

AL: a indemnização...

MCov1: e depois onde vamos buscar o dinheiro para pagar, aí é que é o problema

AL: mas eles pagam x para manter a equipa de sapadores, não pagam?

MCov1: pagam, 2500. Sai da ITI, sai também da ITI, sai tudo dessa via. Nós não temos lucro... nós não temos lucro para fazer

MCov1: tive de mandar a Acta, isto também da Acta, assim... para saber se está em ordem se não está. E tenho para aqui muita coisa. E depois aqui, aqui só dão 35, e depois dão um... este é do ano passado, 01 do 04 de 2014 a 30 do 04 de coiso dão 10500. Aqui do 01 a... a... 01 do 06 de 2014 a 30 do 06 de 2014, dão 12250. A 01 do 10 de 2014 a 31 do 10 de 2014 dão 10500. E depois vem este, este que está mal de 01 do 02 de 2015 a 29 do 02 de 2015, esse ainda não apareceu, do ano passado, esse não apareceu, vê lá! Esse dinheiro nunca mais, já se falou para lá... diz que não tem dinheiro, é o que eles dizem, não há dinheiro

MCov1: aquilo foi tudo à conta do... ali queimaram, ali para Parada... tudo por causa desta coisa de cortarem nos baldios. Cortaram a área toda, como lhes cortaram muita área eles agora chegaram-lhe fogo

AL: ah, esta questão das ITI's? O pessoal agora está a ficar enraivecido?

MCov1: ficaram todos maus, atiraram fogo a quase tudo. Em Pitões só se vê lume, ainda mandamos para lá os sapadores, estiveram para lá uns dois dias... ou três...

AL: para apagar o fogo?

MCov1: para apagar, foram os nossos sapadores, foram outros, foram os bombeiros, lá aquilo andava tudo a arder, tudo! A Lúcia também não gostou que lhe cortassem. Ah, pois... ela não queria, nem por nada

AL: pois claro, então, essa a forma de o pessoal ter...

MCov1: deixou queimar à vontade

AL: a sério?

MCov1: então! Não fez caso, eles olhe, queimaram-nos à vontade. Mandaram para lá os bombeiros, mandaram para lá o coiso, mas não adiantou nada, eles chegavam pelo outro lado. Ainda no outro dia andava tudo a arder outra vez. E acabaram no nosso ainda também...

AL: e vocês têm a certeza que foi por causa desses cortes de...

MCov1: foi, foi. O nosso também queimaram, mas esse foi para pastagem, porque esses têm uma parte nossa, eles passam o nosso todo lá por cima, nós temos o nosso monte, eles têm o deles, depois eles passam para o outro... temos lá um que é, chamam-lhe a Páscoa, e ele tem muito gado, e esse gado vem tudo para Covelães, vem para Covelães, passa o monte todo e ainda vem para o lado de Travassos. Eles em Travassos não têm gado nenhum, mas eles atravessam para o lado de Travassos, vêm pelo carvalhal abaixo e depois ainda vêm até Travassos. Os outros de Pitões é que nos cobrem o nosso monte, pois nós temos gado, é o que dizia a engenheira Lúcia "vocês também não têm gado para o baldio que têm...". Antes de vir esses cortes disse "vocês não têm gado para... portanto temos de meter o de Paredes, meter o de Tourém, ... no nosso monte. E depois eu não queria, até fiquei arreliado, ela até ficou zangada comigo.

AL: (risos)

MCov1: ah, mas não tem... também foi à conta de um carro dos sapadores...

AL: o quê?

MCov1: tirou-nos o carro dos sapadores...

AL: tirou? Porquê?

MCov1: quando vieram os carros distribuídos para os sapadores, mas eu como não tenho fax ou coiso, a contabilista é que recebe o ... a papelada que vem, vem para a contabilista, e depois eu vou lá e “olhe, mande para lá isto” e ela manda... é tudo pela contabilista. E o carro eu... sabia que havia para aí carros, houve uma aldeia aí que acho que era Outeiro que parece que não tinha direito ao carro mas ela deu à vontade,... e então aquilo veio para mim e mandou-me então... telefonou-me. A contabilista “olhe, tem aqui um coiso para um carro e tem de vir cá, tem de assinar isto... e eu fui. E eu fui lá mas faltava assinar por cima “conselho directivo do baldio de Covelães”. E o carro já vinha com a matrícula, já vinha com aquilo tudo e tal. E eu pego no... e a rapariga diz-me “olhe, eu não sei como é que eu vou preencher aqui por cima e você?”, disse ela. E eu disse “eu vou ali à engenheira”, tinha muita confiança... e tenho. Na engenheira Lúcia... “ eu vou ali e já resolvo o problema”. E fui lá... ao sair de lá apanhou-me logo o papel... “ah, isso fica aqui, e eu quando arranjar o de Pitões, arranjo o seu e depois já se manda para baixo e já se vai buscar os carros”. Mas afinal manda-me o Tomas, que é o engenheiro da floresta lá do Parque também...

AL: Tomás?

MCov1: sim, conhece?

AL: não...

MCov1: é de Cabril

AL: e é o quê? Vigilante da natureza?

MCov1: ele é engenheiro... e, e telefona-me para ir buscar o carro. E eu disse “olhe, e para fazer seguro”. “ E você agora têm de fazer o seguro já do carro para depois trazer o outro para baixo, já arranja... botar esse abaixo e faz o seguro até para chegar lá abaixo”. “está bem mas eu entreguei aquilo é engenheira Lúcia”. “Ah, mas vai ter de ir busca-lo”. Telefonei à engenheira Lúcia e ela não me respondeu... pronto, não me podia atender. E então não me atendeu e no outro dia vou para Montalegre eu vou a Montalegre, vou lá ao gabinete dela e estava lá no gabinete, estava no tempo de abrir e telefona-me ela. “então você ontem telefonou-me?”. “ah, vinha buscar o papel do carro porque já me telefonaram para fazer o seguro e ir buscar o carro”. “Ah, você não tem direito a carro nenhum”. E eu “caramba”. “olhe, mas tá maluca ou quê?! Então dei-lhe o papel e não tenho direito ao carro?”. “ah, não, não tem não! Não tem direito nenhum!”. Eu falo ao Tomás e o Tomás... “não senhor, o carro é de Covelães, o carro foi para Covelães, não foi para Outeiro”. E eu telefonei logo ao Carvalho para Vila Real, e o carvalho disse “não, os de Outeiro é que não tinham carro, Covelães tinha, e os outros também tinham, só Outeiro é que não tinha”. Pronto, mas ela depois quando falou para mim vinha já de falar com o Tomás “Oh Tomás não tinha! Covelães não tinha!”. “Tinha!”, nós ouvimos... “tinha! O carro era de Covelães, não era de Outeiro”. Eu disse “porra, então eu confiava nela e agora faz-

me uma partida destas?! Então isso tem algum jeito”. E agora “ah, não, você não tinha”. E agora... eu já tinha falado com os outros... mas ela deu a volta ao Tomás.... O Tomás até não, o Tomás até disse o mesmo, mas o outro de Vila Real, lá o Carvalho... esse depois... “ah, não, houve engano!”. Depois eu lembrei-me numa reunião que estava o presidente da camara... e depois ele disse assim “então você entregou à Lúcia, então você já sabia que ia ficar sem ele, porque os de Outeiro não tinham e ela dava-se lá muito bem com o de Outeiro e ela passou o carro para Outeiro” e agora você tem de esperar até que venha outro. E agora o conselho directivo daqui ficaram lixados comigo, o de Travassos era para a nossa equipa, era Travassos, de Covelães e de Sezelhe...

AL: mas quando os sapadores andam aí andam com carro ou não?

MCov1: têm carro mas é velho

AL: ah, queria um carro novo e este seria entregue?

MCov1: quando dão carro, os outros entregaram um carro e levaram o velho. E o carro também já está todo velho, já não presta... agora disse que vinha outro, disse que já vinham... agora não sei se vêm se não vêm...

AL: mas este carro ainda dá para andar, ainda dá para dar umas voltas?

MCov1: ainda, mas o carro está sempre na oficina e tem de se pagar, porque eles não pagam nada. Nós agora se formos meter pneus temos de pagar nós, se houver alguma coisa qualquer no motor ou coiso, temos de pagar nós... e agora está sempre a dar despesa. E um carro novo não dá tanta despesa... e agora nós estamos... ainda no outro dia o presidente da... também não faz parte do conselho directivo mas o outro deixou-lhe fazer parte... de Travassos. “ah, eu dou-me bem com o conselho directivo, eu faço tudo”. E ele disse, assim diante dos outros todos “se é na minha mão o carro não ia para onde foi”. E eu disse “então, o que é que eu lhe havia de fazer? Então eu tratei daquilo, ele é que fez...”. “ah, mas eu não deixava fazer isso, não deixava, o carro estava aqui, e você deixou fazer, se me vem ter à mão a mim a ver se ele vinha, se ele ia para outro lado...”. E foi assim, fiquei mal eu...

AL: mas o que eu quero dizer é: há uma parte do baldio que é limpa pelos sapadores

MCov1: oh, é um bocado só, não é bem da ITI... é público, é uma parte que lhes pertence a eles, público, e a outra é para os incêndios... a limpeza das ITI é feita pela companhia com a companhia, ou até podemos meter pessoal do povo, eu ainda no outro dia lhes falei, se quisessem... era cada um 750... se quisessem fazer a limpeza, em vez de pagar à companhia pagava-lhes a eles, eles agora têm máquinas... tractores, ...

AL: eles quem?

MCov1: aqui os de Covelães... têm algumas 4 ou 5 máquinas. Já roçam o mato, mas eles não querem, diz que não têm vagar... são lavradores. Não têm vagar. Eu também tenho... mas uma pessoa não tem vagar

AL: pois, o que eu queria dizer era do género... vocês têm uma parte do baldio que vocês pagam a uma companhia para fazer a limpeza com o dinheiro da ITI, não é... os sapadores fazem a limpeza de outra parte com esse dinheiro do FFP. Ou seja se vocês deixarem de ter os sapadores essa parte que é limpa por eles, vocês vão ter de usar dinheiro das ITI para a limpar... vão ter mais custos...

MCov1: mas podemos não limpar...

AL: podiam não limpar mas depois se houver incêndios...

MCov1: está bem, incêndios é um bocado coiso mas... eles não se importam, e por isso tenho andado... agora está o meu rapaz que é o tesoureiro...

AL: do quê? Do CD?

MCov1: do CD, ele está por conta dele... é por causa do rapaz não ir para a rua

AL: eu não percebo é porque é que as pessoas não gostam dos sapadores...

MCov1: oh, dizem que eles não fazem nada, que não trabalham, queriam que eles trabalhassem todos os dias no povo, mas eles não podem que eles têm de trabalhar no monte. E eles queriam que eles trabalhassem aqui todos os dias, que os entregassem à Junta, mas eles não podem ser entregues à Junta

AL: os sapadores trabalharem aqui no povo? A fazer o quê?

MCov1: a limparem, a fazer muros, a fazerem... limpar caminhos. Mas não, o Carvalho disse "você nem fale nisso, vamos lá a ver [*? Não se entende*], deixe-os coiso, mas vamos lá a ver [*? Não se entende*], porque se não cortam... depois vão-se embora logo... e o Tomás também disse "você não fale nisso, se eles fizerem um muro, se andarem lá um dia ou dois, você não diga... não diga senão eles botam-nos fora, depois não pagam nada, depois eles têm que ir para a rua". Mas eles querem que eles andem sempre, querem que controle o coiso, que eles não querem trabalhar...

AL: então as pessoas não estão muito interessadas no monte...

MCov1: não, não estão interessadas nos sapadores, não querem tomar conta deles, querem tomar... se fosse agora só no baldio não faltava quem quisesse ser presidente, e agora com os sapadores não querem, não querem porque os sapadores dão muito trabalho, eu ainda agora fui 3 vezes a Montalegre para tratar disso, da papelada que eles mandaram. Dias, e aquilo ainda são 10km e tal, e eles não querem... em principio era eu que fazia a escrita toda, não era preciso a contabilista, a contabilista era eu, mas depois chegou-se a um ponto que eu disse "não, eu agora vou arranjar uma contabilista, porque eu não vou fazer a papelada... deus me livre! E então arranjei uma contabilista e agora a contabilista é que trata lá de tudo. De tudo mas também tenho de lá ir, tenho de pagar a caixa, tenho de pagar a ela também, passar-lhe um cheque, tenho de... várias vezes ela chama-me lá porque tem de mandar essa papelada para Lisboa, depois estão-me a pedir, porque ao fim dos 3 meses tem de se mandar a papelada, tenho de pagar o número dos cheques que paguei aos sapadores, tenho tudo, as continhas todas certinhas! E tem de se fazer ali tudo por ela e

tem de se assinar e carimbar o carimbo, senão pronto... nada é feito. Mandar para lá sem assinar e carimbar não adianta... tenho de anotar... ela não vem aqui, tenho de lá ir eu...

AL: então mas as pessoas não consideram que o serviço que os sapadores fazem é importante?

MCov1: não! Alguns dizem “ah não fazem nada! Não prestam”... e se trabalham! Eles trabalham bruto!

AL: Pois, só que não é aqui ao pé das pessoas, trabalham lá no monte...

MCov1: dizem “ah, não fazem nada!” e tal... pois mas têm porque nós ainda temos... nós agora no monte baldio, depois do ITI, depois nós temos de pagar a gasolina... a gasolina não entra entre todos, porque Paredes paga lá no deles... porque Paredes não tem carvalhal nenhum, são beneficiados, só o dinheiro que vem é todo coiso, não gastam nenhum, têm o tractor, têm o coiso, não gastam nenhum... mas nós não, ainda agora paguei quase 20000 ou coiso... a Travassos, à companhia. A Travassos tive de lhe pagar o que ele fez... o roço, e agora aí adiante vêm fazer outra vez

AL: então e Paredes usa como o dinheiro da ITI?

MCov1: então em Paredes fazem com a máquina, têm lá o tractor...

AL: mas estava a dizer que eles não tinham carvalhal nenhum...

MCov1: não, não têm carvalhal nenhum... só fazem no monte, sei lá como é que eles fazem, não percebo como é isso olhe... então o de Paredes não tem carvalhal e recebe tanto como nós, não percebo nada! Nós temos de fazer 6 hectares, somos obrigados a fazê-los, e eles não têm carvalhal não fazem nada e recebem tanto como nós... e têm menos monte, têm menos, nem metade têm de nós... pois, nem metade têm de nós. Vêm-nos arrancar os matos, que eles andam sempre todos os dias a arrancar os matos, já arrancaram lá em cima no Poço das Rãs... para ver se apanham no nosso monte, eles não têm monte quase nenhum, têm pouco, porque eles estão metidos com os de Outeiro. Porque os de Outeiro vêm ter às nossas cruzeiras, os de Outeiro e eles, vêm ter às nossas cruzeiras, daqui é Covelães e dali para baixo é Paredes e Outeiro e Parada. Portanto eles arrancaram as cruzeiras para nos apanharem o misto, depois temos um misto... entre as nossas cruzeiras e a coiso há um misto que é de Paredes e deles, e eles arrancaram as cruzeiras para nos apanharem o misto... foi para nos ir buscar... os de Travassos também o fizeram

AL: o misto quer dizer que ambos podiam usar é isso?

MCov1: é. Um pode cortar e o outro pode roçar, um pode pastar e o outro cortar. Paredes nós, eles podem cortar e nós pastar, e eles dali é ao contrário... ali de Travassos... nós podemos cortar e eles pastar. Mas eles ali no carvalhal não cortam nada, somos nós que cortamos

MCov1: nós temos feito muitas coisas, o baldio... o ITI, nós há coisas que vamos fazendo... olhe, já me fez um centro social, que é uma casa que manda peso, é uma casa que está fechada agora, dá para as borgas, quando se fazem umas brincadeiras, vão para lá, vem o

presidente da câmara, vêm os outros da câmara também; já lhe arranjei a igreja, a igreja estava numa lástima

AL: aqui em Covelães...

MCov1: Covelães! Arranjei-lhe a igreja toda, botámos-lhe tudo por cima, estava tudo a cair. E arranjei-lhe a ... as coisas que nós fazemos ponho lá o povo a limpar e esse dinheiro resta depois para... fiz-lhe uma casa mortuária que me custou 30000, 35000, ainda passou, e agora ainda tenho de lhe dar mais mil por causa de umas coisas que ele lá fez demais, mais 1000 e tal euros, 1100, já tenho até o cheque para lhe dar, já temos feito aí muita coisa...

AL: e a Junta não faz nada dessas coisas? Ou a câmara, não sei bem a quem competem essas coisas...

MCov1: não faz nada!

AL: então se não fossem vocês isso estava tudo na mesma ainda?

MCov1: estava tudo na mesma, isto aqui estava na mesma como estava antigamente. Agora é que temos feito, tenho-lhe eu feito o coiso... o centro social que é uma casa boa que nós fizemos ali, mas a câmara também ajudou, também deu algum, nós demos 60000 para ajudar a fazer aquilo, a câmara deu... acho que nem 40000 deu. Mas a igreja fiz eu... foram 20000 que eu dei para a igreja para arranjar aquilo que estava toda já a cair, e agora fiz-lhe a coiso, foram 35190, não 35140, o homem até disse que tirava os 140 mas ainda quis os 140... o empreiteiro. E agora tinha lá umas coisas por baixo para arranjar levou mais 1100. Se não arranjássemos aquilo, se não fosse eu estava desgraçado isto. Depois ainda limpo as poças da rega, faço-lhe os regos para as propriedades, limpo-lhe as poças todas, tenho feito no monte também, algumas, algumas estão feitas no monte... tenho feito muita coisa, que eles aí até deviam ficar todos contentes, mas...

AL: a Junta é que devia ficar muito contente, é menos um peso

MCov1: temos feito muitas coisas, já fizemos, fizemos agora aqui uma casa, tivemos de fazer o muro, fomos..., os sapadores é que fizeram o muro, arranjaram-me um caminho lá adiante, também era contra a lei, disse o Carvalho, mas lá andaram 2 semanas, também o conselho directivo... temos feito muita coisa, só estão a beneficiar dos sapadores. Os sapadores têm feito muita, muita coisa e fazem em Travassos, e fizeram em Sezelhe, já lá fizeram muita coisa, e fizeram em Paredes, uma pocilga! Agora têm lá uma pocilga que manda peso! Em Paredes... os sapadores, foram eles que fizeram tudo! Aquilo diz-se que se pode ver, eu por acaso ainda lá não fui, mas aquilo pode-se ver, já lá tem uma data deles, uns 20...

AL: em Travassos?

MCov1: não, em Paredes!

AL: peço desculpa, eu ainda troco as aldeias todas, ainda não as conheço...

MCov1: em Paredes, Paredes, tem lá uma pocilga que manda peso! Já lá foi muita gente ver

AL: e foi tudo feito pela malta dos baldios?

MCov1: foram os sapadores que fizeram tudo

AL: pois, pagos pelo...

MCov1: ainda no outro dia estive lá o presidente da câmara, estive lá na câmara, o chefe da equipa... porque eles têm um chefe da equipa e disse-lhe “quem fez isto fomos tudo nós! Tudo nós! Está tudo feito por nós!”. E pronto, então se trabalham também recebem. Dei-lhe mais 5 mil euros para lhe aumentar, disse “vou-lhes dar mais 5 mil euros! Para vos aumentar, estais a ganhar pouco e têm de ganhar mais”. Já ganhavam, já botava 800 euros a cada um, e ainda dei os 500 euros... não...

AL: não, os 5000 a dividir por 5 não é?

MCov1: sim. Dá 1000, mais 1000 a cada um... é bom. Primeiro queriam-nos por fora... “que não trabalham” e tal. Depois disse “não, os que trabalham aqui no Parque Nacional são os nossos... então olha, já fizeram isto, isto, isto...” prontos. Pronto, então vou dar mais 5 mil

AL: ah, lá na câmara também diziam que eles não trabalhavam...

MCov1: sim, foram dizer lá, o presidente da Junta, que eles não trabalhavam, que havia alguns que era melhor mandá-los embora, e não sei que mais. Depois ao fim ainda lhe dão mais 5000

AL: oh senhor Manel, diga-me só uma coisa, há quanto tempo é que vocês têm os sapadores?

MCov1: há 14 anos, está a fazer 15, foi depois de 2000

AL: e já recebiam dinheiro do ICN para isso, nessa altura?

MCov1: ai já, eles é que pagavam tudo naquela altura, naquela altura pagavam tudo, o Parque e eles é que pagavam tudo. Agora deixaram de... há para aí 6 anos ou 7 é que deixaram de pagar. Antes pagavam tudo, não tinha problemas nenhuns com dinheiro não tinha nada, eram eles que pagavam tudo, deixaram de pagar agora andamos à rasca, é tirar dali um x, aquele tem de dar x, aquele tem de dar x, e assim, é sempre um problema, e depois um quer dar, o outro já não quer.

Fafião: MF1

AL: (...) eu estou a aprender, até agora tenho muita teoria... (RISOS)

MF1: pronto, aqui na zona do Parque eu não tenho a certeza mas eu devo ser o presidente mais novo, eu tenho 33 anos, os outros é... uns de 60 outros de 50, o Márcio também é novo... tem 35 anos, de resto é tudo pessoal mais velho, porque as pessoas ainda têm aquela ideia “ai, deixa-me confiar neste que é provavelmente filho de não sei quem e pronto... aqui é um bocadinho diferente, nós aqui entramos um bocadinho mais cedo aqui na liderança do baldio porque aqui não há muita gente entre os 40 e os 50, que seria talvez o pessoal que estaria melhor enquadrado para meter nessa fase... houve um grande

acidente aqui há 26 anos e o autocarro que ia com as crianças para a escola... morreram oito e ficaram 4 e então aqui da faixa etária dos 40 aos 50 não há muita gente, que pelas minhas contas seria mais ou menos o pessoal que nesta altura estaria à frente, o meu primo que era o anterior até estava, até era mais novo do que eu dois anos, e pronto, e fez um bom trabalho e os que estiveram antes, também outra que tem agora uns 36/37 anos, também fez um óptimo trabalho. E os que estiveram antes desse têm 50 e tal agora, têm 55 anos... vamos já parar aqui à beira deles, nós temos uma equipa de 5 sapadores, embora aqui só estejam 3, mas um não veio trabalhar, e o outro anda ali a fazer outro trabalho...

Nós agora, aqui este ano temos aqui de fazer uma limpeza que é a parte... nós temos uma verba que é da direcção geral de florestas para manter os sapadores, são 35000 euros, só que nós gastamos com eles muito mais que isso, 60 e tal, às vezes até 70... e esta parte que eles estão a fazer é o serviço público, o ICN manda aqui um técnico para marcar uma certa área, uns hectares, e nós temos que fazer essa limpeza. Esta parte é serviço público, tem a ver com o plano de gestão mas muda todos os anos. O outro plano que nós temos é um plano de 5 anos e nós sabemos perfeitamente o que é que vamos fazer e em que ano.

AL: ok, e aqui já faz parte do baldio?

MF1: faz, faz...

AL: é serviço público e por isso é que o ICNF vos dá dinheiro?

MF1: a Direcção Geral de Florestas, sim...

AL: ah, a Direcção Geral de Florestas (DGF)... julgava que já estava inserida no ICNF...

MF1: se calhar até já não é bem assim, isto vem do Fundo Florestal Permanente... pronto, inicialmente era da DGF

AL: pois, se calhar a divisão de serviços ainda existe na prática... do ICNB e da DGRF... portanto, isto é pago com esse dinheiro que vos é dado pela DGF, não é?

MF1: sim, eles dão-nos o dinheiro e nós temos de limpar aqui uma área. O técnico vem cá e diz, "olhem, vocês vão limpar aqui, estão de acordo connosco?" e nós "ah, está bom", e limpamos as áreas que eles marcam...

AL: e aqueles sapadores trabalham só para vocês ou têm outros trabalhos?

MF1: só, só, eles só são nossos

AL: então recebem um salário...

MF1: recebem, nós pagamos, até sou eu que faço esses pagamentos, pronto, dantes faziam por cheque, mas agora eu já faço tudo por transferência bancária, eu crio, a minha colega autoriza e pumba, está pago. E esses e muitos mais não é, porque depois temos as mais diversas despesas. Temos os gasóleos, temos os seguros, temos os jornais, porque recebemos jornais para saber se alguém fez uma escritura de algum terreno daqui, n coisas.

Depois tenho para ai despesas e coisas para pagar, muita coisa! Depois temos as percentagens lá para o secretariado das ITI's. Pronto, é muita coisa... e lá vamos andando

Outeiro: M01

M01: ... temos também uma equipa de sapadores florestais a trabalhar diariamente aí

AL: ai é pelas ITI que eles estão cá?

M01: não, eles estão por, quando se formaram os conselhos directivos aqui na zona do Parque, cinco equipas de sapadores, Cabril tem uma, Fafião outra, aqui Outeiro tem outra, Covelães e Sezelhe tem outra e trabalham aí trabalho inteiro. Agora estão de prevenção aos incêndios, fora os incêndios fazem a conservação do caminho para a serra que temos um caminho que agora vai lá acima à serra não é, que é preciso conservá-lo, meter manilhas, prepará-lo... e eles trabalham aí, agora estão de prevenção... quando não estão de prevenção fazem as limpezas nos carvalhais e roças de mato e aqueles hectares todos ...

AL: e vocês têm uma equipa só para esta aldeia?

M01: é para a freguesia... Outeiro, Cela e Sirvozelo, Outeiro, Parada, Cela e Sirvozelo

AL: ah, Parada também

M01: é, Parada e Cela e Sirvozelo

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

M01: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

M01: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

M01: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

M01: não?

AL: acho que não, porque ...

M01: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim "vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

AL: (RISOS) mas pronto, isso é o rendimento de cada produtor, mas eu digo assim o rendimento do baldio, portanto da gestão do próprio baldio, não necessariamente da sua família

MO1: não temos nada de recursos para ir buscar, dão-nos estes subsídios para limpar, e nós mantemos a equipa também através das florestas que nos dão 35000 euros por ano

AL: e vocês também têm de dar um bocadinho não é?

MO1: e nós também temos de dar, para o restante não é, eles ganham 600 euros, têm segurança social, têm seguro de acidentes de trabalho, têm isso tudo, agora até lhes deram um carro novo, foram levá-lo lá à Lousã para as equipas todas aqui, e eram 5....

Covelães não teve, não sei porque não teve, mas foram todos roubados pinheiro [*? Não se entende*] os carros já tinham 15 anos não é... os carros andam aí no monte e lá o ministro da agricultura... até fomos receber os carros, deram-nos um carro novo. Também o seguro de 1000 euros por ano e os 35000 euros não chegam não é... nós com estes subsídios das ITI dá para fazer as limpezas, eles pagam por hectare mais ou menos à volta de 1000 euros, a gente tenta negociar com as pessoas que limpam, é uma empresa que temos aqui que nos tem feito as limpezas, a AMBIFLORA

AL: a AMBIFLORA?

MO1: AMBIFLORA, são pessoas que chegam aí com as máquinas e com pessoal, põem tudo em dia, rápido! Os sapadores limpam a parte deles. Com esses subsídios a gente paga os ordenados à equipas e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro. Do outro lado não há, não é?

AL: vocês também podiam, pergunto eu, vocês também podiam ter concorrido aos subsídios todos juntos, tipo Cela, Sirvozelo, Outeiro e Parada

MO1: claro! Mas para isso havíamos de meter o baldio todo, que era para se receber 175 000 euros a nível da freguesia

AL: mas isso era mau?

MO1: era bom!

AL: ah! Então porque é que não se juntaram todos?

MO1: foi mau porque a população aqui... uns tinham os garranos na serra e isso e não... como é que é isso, fazem-me baixar os garranos e tal e eu não recebo, porque eles iam buscar por cada égua garrana 250 euros por cabeça

AL: ah, por causa dos subsídios dos garranos

MO1: por causa dos subsídios dos garranos, e se isso vai eles tinham de retirar os garranos e eles iam perder, então para se não estar a chatear deixou ficar

AL: mas depois acabaram por fazer na mesma...

MO1: depois acabámos por fazer, agora há dois anos, mas já perdemos quantos?... para aí há 15 anos...

AL: e tudo por causa dos garranos?

MO1: dos garranos

AL: mas uma coisa nem tem nada a ver com a outra pois não?

MO1: nem tem nada a ver, nem os animais afectam nada, lá andam, lá passam... lá a erva dá para todos, quando não há comem lá o que lá têm olhe...

AL: mas para fins de candidatura os garranos eram importantes?

MO1: era, era, tinha de ter 100 vacas e 20 garranos

AL: ah! Ok...

MO1: onde havia 200 garranos e 100 vacas (RISOS) era ao contrário...

AL: então foi por isso... e quantas pessoas é que tinham garranos? Era muita gente aqui da aldeia?

MO1: a maior parte... dos que não têm terreno, os que não têm terreno atiraram-se para o baldio com garranos, e estavam a tirar mais lucro eles do que os outros, foi isso que...

AL: aaaah, então foi por isso que o outro seguiu à frente com a candidatura e separaram-se nas candidaturas...?

MO1: foi

AL: ah, já percebi agora... Parada, Outeiro, e Cela e Sirvozelo. E antes era só um CD?

MO1: era

AL: quem é que era o presidente?

MO1: até foi ele...

AL: o Simão?

MO1: foi ele que iniciou... quando veio esta coisa do Parque, que nos podíamos candidatar a umas equipas para trabalhar dentro do Parque, fui eu e ele e outro rapaz aqui de outra aldeia, os três que iniciámos isso

AL: dos sapadores? Não...

MO1: dos sapadores!

AL: iniciaram como?

MO1: iniciámos... formou-se a equipa, veio o carro do Estado e com as verbas que eles nos davam manteve-se a equipa, era onde era acompanhada com o técnico... até ali era o Parque, agora é o ICNF

AL: sim, sim, sim. E vocês terem uma equipa por aldeia não dava ou dava?

MO1: agora temos o... lá eles não têm equipe...

AL: nem Cela e Sirvozelo?

MO1: não, eles só têm CD mas não têm equipa... a equipa é a nossa

AL: ah

MO1: é! Também fazia trabalhos lá, aqui e ali, nas duas aldeias

AL e faz?

MO1: e faz... agora não, agora para lá nem tem ido, porque ele recebeu o subsídio dele e nunca mais ligou à equipa

AL: dos sapadores?

MO1: sim, a equipa se não sou eu já não havia equipa

AL: ah, eles não estão a pagar para a equipa?

MO1: não!

AL: ah, deixaram de querer a equipa

MO1: deixaram de querer... e eu ainda disse ali ao Simão “pá, os sapadores estão em dificuldades, estão aos 2-3 meses sem receber e tu podias dar uma partezinha e eles faziam as limpezas que ele está a pagar a outros particulares...”. “Ah, eu não quero nada com essa gente, não me entendo com eles”. Lá tentou receber e administrar a parte dele e eu mantive a equipa, sempre, com dificuldade, mas mantive. O projecto da ADERE deixou-nos dinheiro, e depois eles esperavam por ele porque precisavam do emprego, esperavam aos 2-3 meses, e depois lá vinha outra verbazita, depois veio esta coisa e está aí...

AL: e só vocês é que estão a pagar? Vocês, o Parque...

MO1: é... o Parque dava, dava 10000 euros para a equipa, agora que chegou o projecto das ITI já não dá o Parque, dá o ICNF

AL: ah, dá o ICN, que dá mais não é? Dá 30 e tal mil...

MO1: 35000 euros

AL: e vocês estão a pagar quanto?

MO1: nós... nós... com estes subsídios pagamos tudo a mesma conta, o dinheiro cai na conta e dali sai para os sapadores, sai para as despesas e está a conta ainda com dinheiro

AL: mas portanto, só vocês é que estão a pagar os sapadores...?

MO1: é!

AL: vocês e o ICNF, mais nada?

MO1: é, mais nada

AL: he lá! Então vocês estão a gerir bem o dinheiro...

MO1: temos de gerir...

AL: porque vocês ainda devem estar a pagar para aí 40 e tal mil pelos sapadores...

MO1: ah, pois, os sapadores não têm... temos um contabilista

AL: ah, têm um contabilista?

MO1: temos! E também lhe pagamos mil euros por ano, a segurança social deles também é alta, eles andam hoje com 1000... 1000 e picos euros de segurança social... 5 sapadores... têm um seguro de acidentes de trabalho de mais de mil e tal euros por ano, seguro de carro... despesas todos os meses...

AL: e vocês acham que convém manter a equipa de sapadores?

MO1: opa, é uma mais-valia para aqui, é um emprego para eles e o dinheiro, se eles estiverem, se eles não estiverem não vem, e fazem trabalho. Agora a gente chega ao pé

deles, “olha, preciso de limpar estes tanques, preciso de limpar o regadio da aldeia, preciso de limpar a rua”... e eles andam um dia aí, se não ninguém limpa. E se há maneira de os podermos ter, são 5 empregos a aldeias, as pessoas são daqui, trabalham na vidinha deles e é uma mais-valia para eles e fazem os trabalhos

AL: quando é que isso ardeu, lembra-se?

MO1: isto já ardeu para aí há... não sei, 6 ou 7 anos, agora até aquilo criou giesta e... e o carvalhal deu carvalhas novas e este ano os sapadores até fizeram ali uma limpeza de para aí 3 ou 4 hectares e já há pinheiros novos que ficaram, já há carvalhal que se safaram no meio das giestas, já estão a seguir eles não é... e já temos uma parte ali que já temos carvalhal grandinho e em que o pinhal já foi embora. Portanto o terreno produz carvalhal não é e agora é apurado e é limpo e estão a seguir os carvalhos em vez do pinhal, e é a árvore mais adequada aqui à zona é o carvalho... o carvalho, o castanheiro.

Paredes do Rio: MP1

AL: vocês têm sapadores não é? Em partilha com Sezelhe... e com as outras...

MP1: é... das 4 aldeias

AL: e vocês acham bem os sapadores ou...

MP1: fazem muita falta

AL: fazem?... em quê?

MP1: em limpezas... para tudo, vá

AL: esta estrada parece nova...

MP1: fizeram-na há poucos anos para irem para o posto de vigia

AL: ah, ok... então os sapadores limpam aonde? Limpam no baldio ou no povo?

MP1: limpam em tudo... limpam as aldeias, que aquilo também se não fosse limpo de vez em quando o gado suja muito, depois começa a criar torrão, a criar erva

AL: ah, pois, imagino

MP1: onde são sítios de encosta aquilo escorre tudo, mas nas ruas planas... se não fosse isso

AL: pois, pois... vocês têm de pagar uma parte dos sapadores não é?

MP1: é

AL: e não há conflito na divisão dos sapadores entre as aldeias?

MP1: eh, há aí um indivíduo que é o que manda neles que anda sempre a arranjar problemas...

AL: (RISOS)

MP1: mas lá vai passando... ali o de Covelães é uma miséria

AL: (RISOS) pois, eu já ouvi dizer... mas ele arranja conflitos porquê? Quere-os para ele?

MP1: não. Ele faz tudo o que lhe dá na cabeça... agora temos de pôr lá... os outros até já puseram parece... 2500 euros para eles cada um, e eu tinha de os por também e ainda os não pus... anteontem tivemos uma reunião lá na nossa associação...

AL: sim

MP1: fui para lhe pagar mas disse-lhe para me passar o recibo, porque tem de se dar... a gente tira o dinheiro mas tem de ter provas de para onde foi

AL: claro

MP1: disse que não me passava o recibo e eu disse-lhe, então também lho não dou

AL: e porque é que ele não lhe passava o recibo?... mas era porquê? Era só por teimosia que ele não lho passava?

MP1: é, pois, é teimosia!

AL (RISOS) e acabou assim? Não lhe deu o dinheiro e ele não lhe deu o recibo?

MP1: disse-lhe para ele me dar o recibo senão também não lhe dou o cheque

AL: e aos outros, também não lhes dá recibo? Sabe?

MP1: os outros passaram-lhe o cheque e ele também não lhes deu o recibo, agora estavam no outro dia também. E ele estava a dizer que não dava a ninguém...

[MP2 é presidente da mesa da AC, e S2 é o seu filho]

AL: ... o senhor é aqui da aldeia e faz parte da assembleia...?

MP2: faço... eu não sei se ainda faço... (RISOS) mas os CD estão... opa. É muita difícil trabalhar aí com o pessoal

AL: é?

MP2: é... eu já os aturei 12 anos, agora que os ature ele que é muito complicado...

AL: ah, o senhor esteve antes no CD?

MP2: não, estive na Junta de Freguesia, e este CD foi criado por mim que não existia, e como o [?] *Não se entende*] extorquia o dinheiro todo, não chegava cá nada, eu um dia deu-me na cabeça e criei um CD, porque senão então ainda era pior do que está hoje

AL: então e este CD existe há quanto tempo?

MP2: pertencia a Covelães

AL: aaah, é aquilo que você [ZA) me disse...

MP2: é o mais novo de todos

MP1: para aí há 13 anos

MP2: é... não, nem tanto... eu estive na Junta 12...

MP1: foi de caminho...

MP2: não. 12... para aí há 10... tem 10 anos

AL: então você esteve na Junta com o Senhor Domingos também? De Outeiro, ai não, isso é Outeiro, é outra Junta... esqueça, esqueça, esqueça...

MP2: não, estive no mesmo tempo dele, ele lá em Outeiro e eu aqui

AL: pois, exacto, exacto, eu ainda troco as freguesias

MP2: pronto, mas aqui não havia CD porque estava junto ali com Covelães. O presidente que tinha é o mesmo que é hoje, e ele ainda fez parte da Junta também, e era muito complicado, e ainda continua a ser e então...

AL: pois... vocês decidiram separar...

MP2: criei um CD, não tivemos outra alternativa... e claro que isso criou um bocado de mal-estar e pronto, não sei se já fez ali com o de Covelães. É muito complicado...

AL: já fiz já... ele comigo foi simpático, deu para perceber que tinha ali...

MP2: não, ele é, o que é que pronto, às tantas começa a complicar e...

AL: não, ele percebe-se que tem ali umas ideias muito pré-definidas e não é flexível...

MP2: as coisas têm que ser, têm de se ir alterando conforme os tempos não é e é muito difícil... mas pronto...

AL: pois, pois...

MP2: e é muito complicado... ele chegou, pronto, eu comecei a por os sapadores a fazer trabalhos para a aldeia, porque não justifica, quer dizer... fiz sempre barulho contra... mais que barulho... o que é que os sapadores a partir de junho andam a vigiar a torre, têm um vigilante lá em cima... não sei se já viu o posto de vigia

AL: fomos lá

MP2: pronto. E o que é que os sapadores vão passear de carro para o monte para vigiar o quê? Então não está lá o vigia?! Quando houver alguma coisa comunicam e eles arrancam, a minha ideia sempre era pô-los a trabalhar, e eles onde estavam recebiam ordem, os bombeiros também não andam na rua a saber onde é que há incêndios

AL: exacto

MP2: pronto, mas não, mas pronto, e ele aí foi fazer queixa de mim, que eu que punha os homens a trabalhar nas obras

MP1: não queria que os puséssemos a trabalhar na aldeia

MP2: obras públicas isso aproveitei-os todos, todos e mais algum, porque eu acho que é um bem comum, não é? Tinha de se arranjar dinheiro, mas pronto, mas ele não estava para aí virado... ainda hoje continuam, o que é que os sapadores vão fazer para o monte? Vigiar! Vigiar?! Epa, para mim é ...

AL: ele se calhar está influenciado pelas ideias de ter trabalhado no Parque não? Ele trabalhou tantos anos no Parque...

MP2: mas não é só isso pá, depois também as directrizes também acompanham isso, não é? De Lisboa também dizem "não, entrámos de prevenção". Para mim a prevenção era estarem junto às aldeias, cada semana em sua, a trabalhar, e estão prontos a sair, e quando chamam saem... agora ir com o carro para o monte gastar gasóleo? Vão vigiar o que está no posto de vigia... não é?

AL: pois, pois, pois

MP2: mas pronto, o que é que gente vai fazer...

AL: pois. Percebo o que diz...

MP2: pois, quer dizer, não sei, não faz sentido nenhum, nenhum, nenhum, mas enfim. E continua, não é? São 3 meses ou 4 meses por ano, quer dizer, se não houver um incêndio todo o mês eles não trabalham para ninguém... e quem é que paga?! Por exemplo, os CD e a Junta de Freguesia têm de pagar para quê? Para eles andarem a passear o carro? Não é?

AL: pois... e antes do Sr. Zé Augusto ser presidente do CD...

MP2: não havia

S2: não, mas havia...

MP1: o Carreira...

MP2: ah, sim, o Carreira mas já com o CD formado, mas foi por pouco tempo, foi o quê? Um ano?

MP1: para aí 2 ou 3...

MP2: foi pouco tempo

AL: pois... esse Carreira é o tal que teve problemas de saúde e não sei quê não é?

MP2: era funcionário do Parque

AL: aaah

MP1: mas depois quando saiu foi à conta de depois ter ido para o hospital ser operado às pernas

MP2: foi operado e tal e depois passou para este

Pincães: MPin1

MPin1:... E acontece que os cortes culturais é o que melhora o povoamento florestal porque tiras os dominados e ficam os dominantes não é...

AL: têm mais espaço...

MPin1: têm mais espaço e isso vai formar uma árvore com bom fuste e produção de madeira. Agora se se deixa à densidade que eles fazem não dão nada... começam à procura do sol, a fugir lá para cima, o fuste não engrossa, só puxam ao sol, uma copa muito pequenina, estão ali uns em cima dos outros, depois uns dominam os outros, os dominados começam a secar e aquilo não... conduzir um pinhal é como conduzir um campo de milho, se não há desbaste não há produção

AL: pois, pois. E os guardas-florestais é que faziam essa selecção?

MPin1: faziam essa selecção...

AL: ah... então e agora ninguém faz, será o ICNF ou não?

MPin1: é, jornalheiros, mas os jornalheiros também mandaram-nos embora também... andam para aí com brigadas de sapadores que não percebem nada daquilo...

AL: não percebem nada daquilo os sapadores?

MPin1: não... então que formação é que eles têm? A formação que têm é para intervenção de incêndios que tiraram na Lousã... então, eu também lá estive, estive lá em vários cursos

AL: ah, na Lousã, também tirei lá um curso

MPin1: ah foi, na Lousã?

AL: fiz de Inventário Florestal... fazia parte da licenciatura

MPin1: agora aqui... pronto, eu acho que, eu até me disponibilizava a fazer parte de uma equipa dessas. Os baldios... agora ninguém sabe a Lei dos Baldios, ninguém sabe de nada, isto...

AL: ninguém quem? Ninguém aqui da aldeia ou...

MPin1: não, da aldeia sabem. Mas muitos baldios, há pessoas á frente dos baldios que não, que estão um bocado fora do contexto... e acontece que eu acho que e já falei com... portanto nós estamos aqui, nós somos sócios do secretariado de baldios de Trás-os-Montes e alto-douro

AL: sim, o SBTMAD, que é gerido pela Lúcia Jorge...

MPin1: não, ela é funcionária, quem gere aquilo é o ...

A: Armando Carvalho não é?

MPin1: é o Armando é!

AL: o mesmo da BALADI não é?

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: pois... mas então e o Fundo Florestal Permanente, é com ele que se paga às equipas de sapadores não é?

MPin1: o Fundo Florestal Permanente, sabe o que lhe aconteceu?

AL: uuuh, foi para as câmaras...

MPin1: pois...

AL: eu só sei porque estive a ler os vossos documentos...

MPin1: foi para as câmaras, ... e o dinheiro

AL: pois... e não para a floresta necessariamente...

MPin1: e não para a floresta

AL: pois... mas isso é mesmo assim?

MPin1: é... aquilo era 2% sobre o combustível que se comprava nas bombas e dava para o fundo. E aquele dinheiro era para compartilhar a parte que pertencia ao Estado, porque 80% vinha da EU não é... e os 20% vinham do FFP e no projecto eram contemplados... olhe, daqui vê-se bem, vê acolá tudo limpo? Na encosta do outro lado?

AL: sim

MPin1: oh, tudo limpo, lá adiante... tinha lá mato mais alto do que este pinheiro, agora se acolá continua este ano se calhar ia arder, agora se este ano fizerem já não arde, nem arde neste ano nem daqui a uns anos

AL: e isto foi feito com...

MPin1: este foi feito agora este ano... com as ITI

AL: ah, as ITI... vocês aqui também têm sapadores não é?

MPin1: não

AL: ai não têm...

MPin1: antes de entrar para o CD, em 1999, que eu sabia que ia haver sapadores, e eu disse ao presidente do CD para se candidatar

[o senhor MPin1 conta a história das equipas de sapadores, mas com os passos não se consegue perceber com pormenor o que vai dizendo...]

AL: que era quem já agora?

MPin1: era o [?]. E eles relaxaram-se, e na altura até era fácil, eram 60 equipas

AL: para o Parque?

MPin1: não para o país, era fácil Mas depois quando eu entrei quando fui tentar já não foi possível *[não se percebe nada, cães, passos, tudo ao mesmo tempo]*. E agora, acontece que, quando eu me fui candidatar, como a de Fafião era muito junta eles aqui já começaram sempre a...

AL: estes aqui começaram a... mas vocês não partilham dos sapadores de ...

MPin1: não! São baldios diferentes... eles têm... eles também recebem acho que à volta de 35000 euros

AL. Acho que sim, que é qualquer coisa desse género...

MPin1: mas agora com o dinheiro das ITI já dá para fazer isso e sobra dinheiro, porque eles aproveitam... nós contratamos uma empresa, e eles fazem com o pessoal deles e poupam dinheiro

AL: aaah, fazem o trabalho das ITI com os sapadores, é isso?

MPin1: e ficam com o dinheiro, e assim o dinheiro chega, sobra, ainda dá para pagar aos sapadores

AL: então e os sapadores foram uma mais-valia, não foram uma imposição...

MPin1: não! Só que é preciso dinheiro, e os baldios antes das ITI tinham que arranjar pelo menos 80 000 euros por ano para por em cima

AL: e vocês aqui, sobra-vos dinheiro das ITI para depois usarem em produção, seja do que for?

MPin1: algum que sobrou veio para aqui [para a sede dos compartes]... mas isto também era uma necessidade que tínhamos, nós reuníamos lá no meio da aldeia, um dia estava um vendaval, a chuva... e agora

AL: mas por exemplo conseguem investir na produção florestal?

MPin1: conseguimos

AL: mas a floresta neste momento pode dizer-se que está a dar frutos ou não?

MPin1: ainda agora fizemos uma plantação...

AL: de pinheiro?

MPin1: não, de folhosas

AL: ah, ok. Mas as folhosas, vocês não podem nada com elas, ou seja, entra é dinheiro das ITI para fazerem as florestas... não podem cortar, não podem vender...

MPin1: não...

AL: mas fazem também plantações de pinheiro?

MPin1: para já não [...] se fossem projectos financiados a 80%, assim já podia haver fundo de maneo, agora com 60% não dá

AL: pois... isso é que o que eles investem é isso? E vocês têm de dar x dos rendimentos que obtenham na floresta não é? Com a madeira...

MPin1: é 20 e 40%

AL: 20 quando?

MPin1: 20 neste caso em que é regeneração natural e 40% quando a plantação é feita pelo Estado, isso foi em 1975 ou 1976...

AL: pois, isso deu problemas cá não deu?

MPin1: Naquela altura havia muito pastoreio no verão, bovinos não, mas pequenos ruminantes havia muitos, e a floresta, no período do verão não, mas quando fosse inverno tomou muito conta, e eles aqui tiveram de vender mais de metade dos animais, porque não havia pasto para os animais pastarem no inverno, no verão havia, mas no inverno não

AL: pois, na altura você era um menino não é... mas o seu pai e tal devem contar... tiveram luta aqui em Pincães?

MPin1: aqui não, mas ali tiveram

AL: aonde, em Fafião?

MPin1: não, em São Lourenço... em São Lourenço correram com eles

AL: aqui aceitaram o futuro florestal. Quando é que o senhor entra para os SF?

MPin1: primeiro estive na GNR, depois em 1987 concorri a guarda-florestal

AL: aqui?

MPin1: não, Vieira do Minho

AL: portanto a floresta que um dia foi um problema hoje acaba por ter uma função importante...

MPin1: oh, os agricultores hoje também não vêem nada a floresta com bons olhos

[relativamente ao carro onde vamos entrar]

AL: oh! Compraram vocês?

MPin1: comprámos!

AL: ah pois, vocês também não tiveram direito ao carro dos sapadores...

MPin1: pois não

AL: mas estava a dizer, que os agricultores não tinham...

MPin1: que os agricultores não veem a floresta com bons olhos... mas eu também, eu só comecei a dar valor à floresta desde que fui para guarda-florestal... porque eu via aquilo em casa dos meus avós e do meu pai... mas depois... há espaço para tudo, há espaço para tudo! E pode haver pastoreio, e pode haver floresta

AL: ... vocês não têm sapadores portanto não têm aquele apoio

MPin1: não temos sapadores pois. O ICNF por ano... não têm pessoal, não têm, aqui na freguesia têm 2 jornaleiros antigos, que não fazem nada não é... nem lhes dão transporte para trabalhar como é que os podem obrigar a trabalhar...

AL: a sério?

MPin1: é verdade. Eles vão no carro deles até à vila de Cabril, tem lá um quartel da guarda-fiscal antigo, está entregue ao Parque, não têm transportes ficam lá, ao fim do dia vão para casa, se não há transporte para trabalharem eles não vão...

AL: o que é que era suposto eles fazerem?

MPin1: oh, limpezas aqui nestes caminhos...

AL: ah, jornaleiros é a mesma coisa que sapadores, é isso?

MPin1: é... mas eles para já ainda são cogestores do baldio... nós ainda não estamos em autogestão, estamos em cogestão...

Pitões das Júnias: MPi1

AL: actualmente, por exemplo aqui no baldio de Pitões... tenho feito a mesma pergunta nos outros baldios, o principal rendimento aqui em Pitões é qual?

MPi1: é as ITI! ITI... e nós também temos outro financiamento que é de apoio à equipa de sapadores, mas não chega, obviamente que são 35 000 euros, o resto do apoio tem sido dado pelos CD, tanto de Pitões como de Tourém, porque a nossa equipa tem área de intervenção Pitões e Tourém... foi uma forma de organização para melhor suportarmos a despesa da equipa, mas essencialmente a receita é 100% da medida agroambiental...

Sezelhe: MS1

AL: (...) mas sim, tem 5 sapadores...

MS1: que é a mesma que faz parte dos de Covelães, que era isto... quando se montou esta equipa de sapadores houve uma coligação entre os 3, entre 4 aldeias, que eram... 4 aldeias quer dizer, entre duas freguesias, que era Covelães e Sezelhe. Hoje já... hoje enguiçou mas é da freguesia de Sezelhe com a autorização de Covelães, antigamente eram as duas freguesias e então quando se montou essa equipa de sapadores eram duas freguesias e cada freguesia tinha... 2 aldeias, por isso isto anda assim. É uma semana em cada aldeia que ainda funciona... trabalha uma semana por exemplo aqui, outra semana em Travassos, outra semana em Covelães, outra em Paredes. Quando há fogo (01m18s – não se percebe nada)

AL: pois... e vocês concordam com a existência dos sapadores?

MS1: não, há uma certa importância só que hoje... hoje o Estado não nos dá dinheiro para podermos sobreviver os sapadores, temos uma média de 60 a 150 mil euros por ano num sapador. Os conselhos directivos não conseguem... não conseguimos arranjar dinheiro para pagar esses 50 e tal mil euros. Nós ainda damos uma certa quantia que é dada por cada conselho directivo, mas é preciso andarmos aí de volta de algumas instituições, se estiver a câmara de Montalegre, ou outras instituições para nos poderem ajudar para podermos sustentar essas pessoas. E mesmo lhe digo, a questão é que são 5 empregos, são 5 pessoas que andam a trabalhar, eles não andam só a trabalhar para a aldeia de Covelães e de Sezelhe como são 5 pessoas que andam a trabalhar e se estas 5 pessoas se um dia acabar que não haja dinheiro são logo 5 empregos que vão ao ar

AL: mas o ICN também não contribui?

MS1: não, o ICN contribui... só que... é os serviços florestais, contribui com uma parte, o Parque que contribuía agora acho que não está a contribuir e foi aí onde falhou essa pequena maquia para nos ajudar porque isto... e mesmo os serviços florestais, o ICN, também reduziu muito... e depois é assim, (...) é as gasolinas e todas essas coisas é muito... nós por exemplo, nós quando fazemos o subsídio, nós se calhar, não entrando este ano nós ficamos com a limpeza de 15 hectares de terreno e eu também, infelizmente depois vem o fogo atrás, ou felizmente, como eu costumo dizer, que sou menos contra essas coisas largam-lhe o fogo, como é que é? Olhe, começando nessa encosta... nessa encosta fizemos 15 hectares de limpeza de carvalho, o ano passado tínhamos feito aquela parte de acolá naquele monte, a parte de acolá. Este ano fizemos ali, só que é com o dinheiro que nós recebemos das agro-ambientais e dessas...

AL: das ITI

MS1: das ITI, exactamente... se não como é que no conselho directivo conseguíamos ter muitas das vezes o dinheiro para suportar as limpezas

AL: pois... os sapadores não fazem esse tipo de limpezas?

MS1: não, os sapadores fazem, só que isto é este... É claro que eu sou daquelas pessoas que digo “boa” aos sapadores. Só que os sapadores não me fazem, por exemplo, eu em 3 hectares de carvalhal paguei 1000 euros por hectare, fizeram isso, uma companhia fez isso em 2 meses. Os sapadores se calhar era preciso meio ano, meio ano, 1 ano ou 6 anos para fazer isso. Esses não nos fazem, digamos, não fazem mais do que 3 hectares de limpeza durante o ano... não fazem! Pronto, isto é assim, aqui o nosso clima é totalmente diferente do de todos os sítios, que de inverno chove, neva e coiso, não trabalham. Chega agora vem o mês de Julho, Agosto e Setembro, estão sempre de prevenção para os fogos, para os incêndios e para os fogos. E é essa coisa que nós muitas das vezes... é assim, eu prefiro se calhar pagar a uma companhia, que ao menos pago, não tenho essa preocupação de andar a semana que andam aqui em Sezelhe a fazer isso... “tendes de ir ali, tendes de ir acolá, fazer aquela coisa”. E depois é assim, costuma-se dizer, o rebanho sem pastor começa a saltar e... (RISOS) você está a perceber o que eu lhe estou a dizer

AL: sim, sim

MS1: nós nem temos economia, nós não somos pagos, nem se fôssemos pagos, nem eu estava à frente destas coisas, agora é que comecei

AL: mas se vocês deixassem ir os sapadores se calhar também perdiam aquele dinheiro não é?

MS1: não, isso é... os sapadores praticamente fazem parte do, fazem parte também do Estado na floresta, na floresta, porque eles quando vêm incêndios ou coiso deixam o que estão a fazer e vão apagar os incêndios seja lá para onde for, seja para Montalegre, seja para outra zona fora da zona do parque. Agora eu acho que o ICN, que, não sei se dão 20 ou 30 mil euros

AL: acho que é trinta e tal mil

MS1: 30 e tal mil euros... gastamos uma média com eles, uma média de 60 a 65 mil, isto já bem orientado, agora imagine agora onde é que nós vamos arranjar outros 30 e tal mil para conseguirmos sustentar essas pessoas. É carro, é gasóleo para o carro, é gasolina para motosserras, é

AL: pois, isso não está incluído não é?

MS1: isso não está incluído... é por isso que às vezes estas coisas não são fáceis de...

AL: pois, não estava a perceber bem porque é que as pessoas eram assim tão contra os sapadores, parecia-me um trabalho importante. Mas percebo essa questão...

MS1: pois... quanto ao trabalho, importante, importante... se nós disséssemos assim, temos um Estado que nos ajuda, tudo bem, nós da maneira que estamos, imagine, você sabe

muito bem quanto é que custa uma segurança social hoje para se pagar, quanto é que custa um seguro de um trabalhador, que são seguros totalmente diferentes de outro seguro qualquer, tem de ser um seguro... são pessoas que trabalham com motosserra, são pessoas que trabalham com máquinas e depois dão seguros de trabalho diferentes, não são um seguro qualquer que se possa diminuir. O seguro para esse pessoal são 400 e tal euros por mês, são seguros totalmente diferentes. Há uma roçadora que lixa-me uma perna, ou digamos, uma mão ou outra coisa qualquer, a seguradora, se não estiver lá isso tudo mencionado não há hipótese de ir buscar nada. Agora com os sapadores para mim são, portanto, são, como é que eu hei-de dizer... são uteis, só que eles também tinham um bocadinho de trabalhar mais e ter a gente mais um bocadinho de subsídio para nós podermos fazer certas coisas que não fazemos

AL: pois, porque acabam por estar a fazer serviço para o parque...

MS1: isto, nós se não limpamos cortam-nos logo os subsídios que nos davam, se limpamos temos de por dinheiro na mesma do nosso bolso, porque sabemos que são 15000 euros que damos, que pagamos aqui, 15000 euros é preciso que ele venha de algum lado...

AL: à tal empresa?

MS1: à tal empresa, para lhe podermos pagar, é preciso ter uma boa gestão, ou uma boa orientação nestas coisas, não é só dizer sim, isso é, é presidente do CD, ou é o tesoureiro, ou é o presidente da assembleia, não! Isto toda a gente... tem de haver uma boa gestão para chegar a um certo ponto de podermos fazer as coisas e de termos dinheiro para as podermos fazer. Porque senão não... aqui... eu tenho as minhas empresas mas é muito preocupante, eu ando aí a trabalhar mas eu passo se calhar 3 ou 4 horas do dia por conta do baldio, quando a mim se fosse... interessa-me alguma coisa, não vou perder o meu, não vou deixar os meus trabalhos para ir pagar o coiso. Mas isso são coisas que eu, quando se assumem gosto de as cumprir e levar a bom porto, mas...

AL: essa regeneração natural é pouquinha não é? É só esta mancha de pinheiro...

MS1: não, portanto, ela começa lá em baixo, ela ainda começa lá em baixo, mas é só esta mancha do caminho para lá, essa mancha toda e chega até lá em cima, só que isto a maior parte já se, ardeu e saíram, sei lá quantas, ... agora está tudo cheio de giestas, agora se passar lá é só giestas que existem, porque este pinheiro... há pinheiros que ao arder ao cair cai a semente e pode outra vez crescer... mas este pinheiro não é o pinheiro-bravo, não da semente, da pouca semente para regeneração. Porque se ele nascesse, em certos sítios que andou a arder, depois de ele estar nascido nós púnhamos lá os sapadores a limpar e a fazer a condução desse pinheiral, só que não, já não nasce...

AL: então e vocês não têm carro de sapadores?

MS1: não, temos, temos o carro de sapadores que é o que faz parte das 4 aldeias, que faz parte... até quem é o presidente lá dos sapadores é o Manuel... também esse já podia dar lugar...

AL: (RISOS) pois, ele já lá está a há imenso tempo

MS1: é, mas também já dá uma no cravo, outra na ferradura...

AL: acha que em Covelães haveria alguém para substituir o senhor Manel?

MS1: há, há

AL: há? Pessoas interessadas em ir para...

MS1: interessado não, porque isto é assim...

AL: dá muito trabalho?

MS1: dá muito trabalho não... não, é que o senhor Manuel é do tempo da ditadura...

AL: sim, trabalhou no Parque...

MS1: trabalhou no Parque e depois é assim... não quer deixar o poder. Já me confrontei muita vez com ele por causa dos sapadores, porque, eles já andaram para desaparecer e, e quanto ao entendimento que ele fazia...

[peço para por o radio do carro mais baixo]

MS1: e... e depois isto, foi assim, foi como eu acabei de dizer... eu gosto de estar, eu tento ser responsável com alguma coisa mas gosto que aquilo corra como deve ser e houve aí uma altura que o tio Manel não estava aí, ele pensava que aquilo que era ele que mandava, o dinheiro os outros tinham de por e havia certos dinheiros que ele dizia que não era para aquele efeito. E eu um dia disse assim “se eu continuar com o CD de Sezelhe, quanto aos sapadores eu não... conforme estão a fazer e estão a ser geridos eu faço mais serviço sem eles, pagando a empresas, do que com eles. E... depois tivemos uma reunião... e a malta depois passava por mim... porque os sapadores são do CD de Covelães, só que fizeram uma parceria com Sezelhe, Travassos e Covelães, e ele, chegou a uma altura e queria mandar os sapadores embora. Mas queria que o CD de Sezelhe e os outros CD, pagassem a indemnização aos sapadores também, mas ele está enganado, não está a perceber nada da poda. Um dia tivemos que transmitir isso à delegação das florestas e naquela reunião em Montalegre, também estava o presidente da Câmara, e chega lá com uns, quando nos apresentamos lá para a reunião, ele tinha lá dois advogados. Os advogados começaram a falar, comecei a falar, disse que não é isso, que é assim, assim, assim... “ah, mas isso não é nada do que você está a dizer”. E disse “não é nada, então vocês é que sabem. Então a partir daqui não me façam mais pergunta nenhuma porque eu não respondo.”. O novelo começou-se a desenrolar e depois vira-se para mim “Diz lá, oh senhor MS1...”. Eu disse “olhe, desculpe lá, mas já lhe disse, eu não lhe respondo, porque o que eu estava a dizer, agora vocês vêm ao encontro, agora quer que lhe explique o que eu estava a dizer, quer que lhe explique a realidade, agora querem que vá ao encontro do que eu estava a dizer, para eu lhe explicar...”. “ah e tal, porque lá o senhor Manuel disse-nos ao contrário, que era assim, que era assado...”. Eu disse “olhe, o que se passa é isto, e isto, e isto... e é o que vos tenho a dizer, e eu tenho mais que fazer e façam o que quiserem” e eu fui-me embora. Tinha uma máquina avariada e fui ali a Espanha com a peça... e ficaram lá. Eu nestas coisas

sou assim, quando vejo que as coisas não coiso... telefonam-me “olhe, passa-se isto e isto e isto”, ele queria... já não sei quanto era... “olha, passa-se isto e isto e isto...”. Eu disse-lhe “olha, eu só vou até ali, se não quiseses acabou, não vale a pena estares a teimar”. Lá conseguimos que o presidente da câmara nos desse uma verba para os sapadores

Tourém: MT1

AL: [...] portanto vocês são obrigados através das ITI a fazer limpezas e tal... vocês recorrem a limpezas ou compraram um tractor...

MT1: nós comprámos todo o equipamento,... nós comprámos.

AL: [...] então, compraram um tractor e tal e...

MT1: nós comprámos toda a maquinaria e agora vamos ter de comprar outro, porque aquele infelizmente ardeu...

AL: ai, eu acho que já ouvi falar desse acontecimento, não me lembro em que situação...

MT1: é...

AL: e de onde é que veio o fogo?

MT1: problema eléctrico provavelmente... é que seguros para isso já se sabe como é que é...

AL: bem, foi um investimento grande...

MT1: 90 000 euros! E agora claro que teremos que ver se arranjam outro. Temos de recorrer a uma empresa qualquer, alguém que nos faça o trabalho. Mas também como depois esse tractor não faz só a limpeza não é, é os arranjos dos caminhos, é... faz muito trabalho. E como nós temos a equipa de sapadores florestais compensam-nos ter a máquina...

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, os sapadores... e é só de Tourém?

MT1: não, Tourém e Pitões, fizemos um acordo, a equipa é a mesma, são cinco homens, mais um carro, que fazem um trabalho excepcional, trabalho que muitas vezes nós não... as pessoas à primeira vista não veem mas depois quando chega a altura da verdade... olhe, os incêndios reduziram 70 a 80%, fazem as limpezas, fazem mais ou menos a gestão dos sítios piores... se for preciso no período do inverno até fazem alguma... no período em que é permitido, fazem alguma queimada para depois no verão não termos esses incêndios que por aí se veem, e quando há um incendio, porque há sempre, actuam, são os primeiros a actuar, ou seja, em menos de meia hora ou uma hora no máximo, estão no local. E é muito mais fácil controlar um incendio no início do que quando está... então têm feito um trabalho excelente, temos a sorte de também termos pessoas excelentes lá na equipa e acho que foi das melhores coisinhas que... olhe, aí sim o parque trabalhou... na criação das equipas dos sapadores florestais o parque teve um papel importante

AL: pois, era isso que queria perguntar

MT1: muito importante! Muito bom... talvez se não fosse o parque não conseguíamos, ter as equipas de sapadores florestais

AL: antes disso vocês já tinham tentado ter ou... antes de...

MT1: não tínhamos porque ... são 5 salários, não havia hipótese... e agora... olhe, até e agora já só nos dão 30% do valor total, vemo-nos à rasca, se não fossem as ITI e não conseguíamos ter isso seguramente, neste momento não conseguíamos ter... parte do dinheiro da ITI é canalizado para os salários, para despesas, para máquinas, para manutenção e... isto para lhe dizer que fazem um trabalho excelente... lá na aldeia

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 euros... mas esses 2500 euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer À Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 euros, teria de dar 10000 euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porque? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: ok... vocês têm equipa de sapadores?

ACm1: não

AL: não há equipa de sapadores...?

ACm1: não. Porque não tínhamos recursos para concorrer à criação de uma equipa de sapadores, na época em que isso aconteceu. Quando as freguesias se organizaram nós não tínhamos fundos

AL: e vocês recorrem a empresas para fazer essas limpezas ou fazem vocês mesmos?

ACm1: normalmente... nos meus mandatos recorríamos sempre a empresa...

AL: uma empresa local?

ACm1: sim. Agora, o CD agora já teve um mandato em que teve algum pessoal, com apoio do centro de emprego e agora também tem uma equipa de 2 ou 3 homens

AL: ai é, tipo sapadores?

ACm1: sim, mais ou menos

AL: por acaso a ultima vez que falei com o Joaquim, que foi aqui há uns 2 meses talvez, ele estava precisamente no processo de comprar um carro

ACm1: já comprou

AL: pois, ele disse que nesse dia ia ver um carro. E é precisamente para essas pessoas poderem fazer

ACm1: deslocar-se, poderem deslocar-se

AL: e têm máquinas e tudo mais?

ACm1: têm máquinas para cortar mato, sim

AL: também do próprio baldio... aquisição do baldio?

ACm1: sim, sim

AL: isso também acaba por me levar a uma outra questão, que é

ACm1: e eles têm feito limpezas de caminhos, tem feito melhoramento de... o grande caminho de acesso ao interior do parque, que vai do Mezio para cima, que é o primeiro caminho florestal que ligava aqui o Mezio a Lamas de Mouro, perto da Peneda, perto de Castro Laboreiro também

AL: sim, eu conheço os sítios, eu estou a tentar perceber que caminho será esse, que aquilo parece-me tão longe

ACm1: é o grande caminho florestal que passa no parque de campismo e segue sempre pelo limite do parque e da área não florestada, vai ligar

AL: mas aquilo só mesmo com 4x4 não é? Se for o que eu estou a pensar

ACm1: sim, é um caminho florestal não é uma estrada

AL: passa o rio?

ACm1: ah, sim, o rio tem uma ponte boa, uma ponte de pedra muito boa

AL: ah, sim... não, eu já fui a pé, passei a zona do rio, fui por ali acima, é esse o caminho?

ACm1: não... não é esse, depois do parque de campismo ao chegar ao ribeiro seguiu à margem do ribeiro

AL: não... seguiu para a esquerda

ACm1: ou seguiu para a esquerda... ah,

AL: assim um caminho mau para os pés... que tem assim muitas pedras

ACm1: ah, bom, está bem, é o caminho florestal, esse é o caminho florestal que foi construído aquando da florestação, nos anos 50, 50-60, por aí, acho que ainda chegou ao

início dos anos 60. Mas esse caminho estava muito degradado porque há muitos anos que não era reparado. Agora teve um melhoramento

AL: da vossa parte? Ou do ICNF

ACm1: do actual CD

AL: vocês adquiriram tractor ou foi o carro só? Pergunto porque já vi acontecer noutros baldios

ACm1: o tractor acho que vai ser adquirido... eu não posso falar concretamente sobre isso porque não estou a par. O presidente falou na última assembleia de comparte que estavam a pensar adquirir um tractor, ainda não adquiriram mas

AL: acabam por ficar independentes para fazerem as suas

ACm1: sim, sim, sim, é mais fácil

Cabreiro: AC1

AL: Está bem, então vocês não têm floresta

AC1: nós temos aquela floresta que nasce espontaneamente e agora temos já bosques de floresta bem bons, bem bonitos ate porque temos uma brigada de sapadores a trabalhar e temos o cuidado de manter aquilo limpo, fazer aqueles cortes para não arder, e temos uma zona de floresta mais ou menos bonita, mas não temos nada de...

AL: e é floresta de quê?

AC1: o que nós temos mais é pinheiro, algum carvalho, vidoeiro e camecípare, é basicamente isso que temos

AL: quando vocês, assim só para ter uma ideia, quando vocês formaram o CD foi por que razão?

AC1: foi por causa dos sapadores florestais e para também... eu na altura também era presidente da Junta e também achava que o baldo deve ser um órgão autónomo, não tem que estar ligado à Junta, tem que ser coisas separadas, o baldio é uma coisa e a Junta é outra, foi mais a pensar em separar as águas

AL: nessa altura, na altura em que formaram o CD estava na presidência da Junta?

AC1: estava

AL: e chegou a haver... chegou a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AC1: cheguei a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AL: um bocado confuso ou não?

AC1: nunca, nunca, nunca senti que fosse confuso porque eu tive sempre as coisas separadas, portanto, uma coisa é o baldo outra coisa é a Junta, portanto as coisas foram sempre geridas separadamente

AL: e também é da opinião que há muita politiquice no meio dos baldios, no sentido que... isto agora até soou mal... eu não estou a dizer que é mau o presidente da Junta ser o presidente do CD, não é isso. O que eu tenho percebido em alguns baldios, pelo menos é o que se diz, é que o baldio ou

AC1: eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, e acho que é o termo correcto, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas criticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmara e vejo que as Juntas gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar.

Gavieira: AGav1

AL: e já tinham contabilidade há 8 anos atrás ou

AGav1: não, fazíamos nós aqui, mas depois, pronto, isto depois ultrapassa, isto tem valores... não, depois optámos por ter contabilidade organizada. Nós temos aqui 5 homens, que trabalham num carro todos os dias, num jeep, há muita despesa, há gasóleo, há gasolinas para nós, há máquinas, há manutenção de máquinas, isto requer muita manutenção, muito dinheiro. Muito dinheiro, o dinheiro não é muito mas prontos

AL: sim, mas envolve muito dinheiro sim

AGav1: mas envolve muito dinheiro de qualquer maneira. Depois temos de andar aqui a jogar, porque eles dão 35000 euros por ano

AL: sim, para a manutenção da equipa não é?

AGav1: sim, e temos aqui um protocolo com a Câmara que eu consegui, eu e todos os meus colegas que estão nos baldios, para manutenção das bermas da estrada, limpezas, 25000 euros por ano

AL: que também dão?

AGav1: que dão. De maneira que... nós temos 5 homens, quer dizer o dinheiro quase não chega. Não chega mesmo, nós temos de fazer ginástica... pode chegar nuns meses que sim, mas às vezes não chega, e pronto, vamo-nos organizando assim, a sorte é o protocolo com a Câmara, pode sobreviver

AL: mas vocês não têm ITI também?

AGav1: também, já íamos chegar aí. E depois temos ITI e por vezes o dinheiro, algum que fica, porque isto das ITI é uma vantagem senão também não chegava, repara, uma equipa

de 5 homens, nós temos uma média feita de contabilidade que fica a 75000 euros por ano, seguros, a manutenção do carro, este ano gastámos 4000 euros só com o carro, o carro já é velho, conclusão, podemos contar com 80000 euros só de dinheiro para os sapadores. Imagine, nós temos 35000, com 25000, 50000 não é

AL: uuuh, 60 não? 60000...

AGav1: 60000. Pronto, esses 60000 não chegavam. O que está a acontecer, e a safa de termos aquilo, é que nas ITI por vezes faz-se 20 hectares mas fazemos 40, fazemos 20 e fica algum dinheiro ali para suporte, senão não vai chegar, estás a perceber? E no ano seguinte em vez de se fazerem 20 fazemos 25, imaginemos, hectares, e vamos aí entre nós e engenheiros, controlando assim a situação, estás a ver?

AL: mas como é que fazem para poupar, não percebi muito bem, se têm 20 hectares para limpar

AGav1: imagina, nós agora fazemos 7 hectares de limpezas das ITI, mas eu depois como gestor dos baldios tenho que ver assim “não, 7 hectares vamos gastar x de euros, mas nós gastámos, temos de pensar que a equipa custa x, se gastarmos os 60000 euros dos baldios, das ITI não nos vai chegar o dinheiro para o resto do ano para manter a equipa”. O que é que eu penso, eu falo com a engenheira, com a responsável máxima “opa, nós não podemos fazer esses hectares todos” e prontos, o dinheiro vem para os 60000, as ITI pagam 40000 ou 45000, e fica ali uma margenzita para suportar, conforme pode acontecer atrás

AL: portanto, não fazem a limpeza toda dessa vez é isso?

AGav1: e no ano a seguir, imagina, há que fazer 40 hectares, nós agarramos no de trás, vamos fazer 45 ou 50, e se conseguires manter as duas coisas, conseguir fazer os dois trabalhos, ter isto bem controladinho, senão não conseguíamos, não tínhamos hipótese, imagina se uma equipa custa 80000 euros nós temos 60000... nós só em gasóleo pagamos uma média de 400 a 500 euros por mês... só de gasóleo para o carro... só de gasóleo, nós fizemos uma estimativa a rondar os 80000 euros por ano, só para a equipe, mas nós temos 65000 não é, como é que...? O que é que fazemos assim? Depois disso é outra coisa, por vezes há pessoas que chamam, querem limpar propriedades... falam comigo. E pronto, vamos limpar mas é x por pessoa, então esse dinheirinho também ajuda. Porque se eu for mandar limpar a minha bouça, tu falas comigo “olha, eu quero limpar esta bouça”, aquilo é x por dia, pode ser 50 euros por dia por cada pessoa. Pronto, esse dinheirinho ajuda para o gasto de gasóleo e de gasolina e de material, mas fica sempre algum. Porque se pedes 50 euros por pessoa, estou a contar gastar só pelo menos 20 de combustível não é, e discos, pronto, há que fazer contas a tudo, senão a gente não consegue manobrar isto, não é fácil, a gestão dos baldios não é muito fácil, a gestão dos baldios... atenção, e se formos a ver há muitos baldios com muitos problemas. Soajo aquilo está aos tombos, porque se eles não se controlarem muito bem, não podes misturar a Junta com os baldios, são entidades diferentes, e prontos, nós temos uma assembleia e a assembleia nem concorda com isso. É uma entidade separada, tem que se manter. A Junta... a Junta se não faz deixa por fazer não é... a Junta não tem problemas, mas nós nos baldios temos coisas a cumprir mesmo, esses 35000 euros que dão, nós temos de fazer uma certa área de roça e temos de manter os trilhos todos limpinhos, que é muitos trilhos, trilhos e... nós temos trilhos que saem daqui,

que é aquele que chamam “pertinho do céu”, que é um trilho que sai daqui, vai correr o topo da serra todo, que são kms de trilho, estás a perceber? Com os 35000 euros temos que manter, temos um mapa que ao fim do ano o ICN dá-me um mapa, temos aqueles trilhos todos a manter, certinhos, e temos que fazer (...) tínhamos que fazer imagina uns 20 hectares de limpeza. Não fazemos os 20 hectares porque não conseguimos, e é isto, a gente poupa um bocadinho no combustível não é, mas fazer 20 hectares... no caso do ICN, temos de manter tudo o que é trilhos limpinhos, há um trilho que sai aqui da Peneda que vai ao Soajo lá pelo pé da barragem, há muitos trilhos que temos de manter limpos, todo o ano, e depois temos de fazer também uma certa área de... sabes, os azulejos

AL: os socalcos?

AGav1: não, aquelas faixas de limpeza pra fazer...

AL: aaah, mosaicos

AGav1: mosaico, pronto, só que depois eu aqui também não vou muito na... falando assim, na treta deles, porque eu é que estou no terreno, eu é que tenho de gerir o meu dinheiro, o meu dinheiro entre aspas, o dinheiro que me vai vir, porque eles mandam fazer mas depois chega ao fim do ano e pode [*? Não se entende*] há sempre no fim do ano que conferir as contas, vou ter que ter tudo certinho. Se estamos com dívida não pode ser, por acaso nunca isso aconteceu, está tudo certinho, neste momento temos dinheiro, as coisas estão a correr bem... aqui há dias veio aqui um engenheiro, responsável do ICNF

AL: ah, como é que ela se chama?

AGav1: Maria do Carmo

AL: ok. Ela costuma estar aqui é?

AGav1: vem aqui constantemente

AL: mas ela está aonde? Desculpe estar a fazer tantas perguntas

AGav1: está em Braga. Não, pergunta o que quiseres, estás à vontade. Está em Braga, e depois há outro rapaz, chamado Marcos que está em Viana, esse é que é o responsável máximo

AL: do ICNF também?

AGav1: também

AL: ah, destes não tinha ainda ouvido falar

AGav1: e depois temos a representante também da câmara que está ligada à protecção civil, que também é uma engenheira, chamada Xana, não sei se conheces

AL: não... a Câmara Municipal de Arcos não é?

AGav1: Arcos. São pessoas com quem eu praticamente falo todos os dias durante o ano, todos os dias, quase todos os dias

AL: ela é que maneja a equipa de sapadores, não?

AGav1: não, a equipa de sapadores sou eu que dirijo. Eles propõem o que querem fazer, eu depois também, ou concordo ou não concordo não é? No outro dia chegou-me aqui a Maria do Carmo “vamos fazer tantos hectares” “não engenheira...” chega a altura de verão temos de preparar a vigilância, faz-se igual 8 horas de serviço mas não se está sempre a trabalhar, estão de vigilância, vão lá para cima têm de estar de vigília, à noite ou de dia, não interessa, fazem 8 horas mas não estão no terreno, apenas estão à espera que as coisas aconteçam

AL: isso durante esses meses todos é assim? Nunca fazem outros trabalhos?

AGav1: são 3 meses

AL: assim sempre de vigilância?

AGav1: são 3 meses que estão sempre de vigilância

AL: não depende do alerta amarelo ou cor-de-laranja ou assim?

AGav1: na altura crítica praticamente sempre, também há dias bons em setembro que também pode acontecer, mas agora já acabou a vigilância mas se continua assim de calor pode acontecer

AL: mas portanto, eles estão de vigilância mesmo que seja um dia de chuva? Não...

AGav1: não, num dia de chuva não

AL: mesmo naqueles meses do verão...

AGav1: fora isso os 3 meses de verão estão de vigilância, temos de cumprir os outros trabalhos. Estes hectares não fazemos, em vez de fazermos 20 fazemos 10, os 35000 vêm igual mas vamos reduzir um bocadinho nesses hectares e vamos jogando assim, a compor as coisas, e as coisas correm sempre bem, se calhar não fazemos 40 fazemos 30, mas no próximo ano vamos fazer 42 e conciliando sempre aquilo que eles querem, e conseguimos sempre fazer aquilo que eles pretendem estás a perceber? Agora isto tem de ser muito bem gerido

AL: nunca sobra dinheiro das ITI para investir noutras coisas? Tipo... não sei em quê mas...

AGav1: não... nem se deve fazer outras coisas, este dinheiro é só para limpezas, isto é só para limpezas e mesmo assim não chega, mas eu não posso meter este dinheiro no, para fazer um caminho, é para aquilo que é, é dinheiro que é destinado para este tipo de trabalho e não se deve misturar as coisas, percebes? Eu não misturo, nunca misturei, nunca misturei... este dinheiro é gasto para aquilo que é, que é limpezas de trilhos e limpezas de matos, é por isso que ele vem

AL: claro... vocês contratam uma empresa para fazer a limpeza?

AGav1: há uma empresa que vem, que dizer, os engenheiros informam-nos, vêm ter connosco aqui, chegamos a um acordo ao hectare. Mas é assim, eu nunca deixo fazer aquilo que eles querem que tu... imagina, eles querem fazer 100 hectares... não! E depois como é

que fazemos? A empresa no dia em que eu lhe entrego a factura quer o dinheiro, que é o que aconteceu em muitos baldios, é que não controlam... imagina, o individuo chega aqui “foram 100 hectares”, já aconteceu no Soajo, a empresa emite a factura, diz “no tal dia a factura vai entrar”, só que nenhuma das equipas vai a trabalhar, entregam a factura têm de pagar a factura, ficaram sem salário quase 5 ou 6 meses para os funcionários... por má gestão!

AL: mas era da Junta então?

AGav1: não, isto eram terrenos baldios

AL: Mas quais funcionários ficaram sem salário então?

AGav1: os sapadores, então o gajo emitiu a factura, os tais cento e tal hectares são 200000 euros, foram mil e tal euros mais IVA, um absurdo, emite a factura e claro, não há dinheiro para pagar, isto é complicado, isto há coisas que não têm em conta, não é chegar aqui e fazer e fazer e... não, depois há que todos pagar. A equipa de sapadores recebe todos os dias ao fim do mês, são 5 elementos, 700 euros cada um, não há hipótese, são 3000 e tal, mais 600 para gasóleo, há que contar sempre com uma média de 5000 e tal euros só para a equipa de sapadores, entre gasóleo, gasolina e salários, e depois ainda tens mais 1000 e tal de caixa... de segurança social

AL: ah, sim, sim, sim

AGav1: são mil e tal de segurança social para eles, quer dizer não chega a 5000 e tal mas quase 5000 euros só por mês para a equipa, quer dizer, há que fazer contas à vida

AL: e vocês já têm a equipa há muito tempo?

AGav1: eles estão cá desde 2004 já

AL: e como é que foi para a “adquirir”

AGav1: não fui eu, eu entrei em 2005 e eles iniciaram em 2004, um ano antes de eu entrar para a Junta

AL: mas sabe como é que foi? Se alguém propôs ou se foram vocês que tentaram obter a equipa

AGav1: isto deve ter sido tudo em conjunto na altura, o ICNF, o parque não é, a Junta da altura

AL: mas acha que é importante o trabalho deles no baldio?

AGav1: muito importante. Repara, se não fosse as equipas de sapadores as freguesias estava tudo ao abandono, eu nesses caminhos que andam por aí, porque ninguém limpa nada pa, repara, isto é tudo emigrantes, eles estão-se a ocupar de tudo, de tudo o que é estradas, até nas próprias povoações, se eu não mandar limpar ninguém limpa nada, os canos... ninguém limpa, nós fazemos tudo, fazemos limpeza de canos, das estradas

AL ou seja, através dos baldios acaba por haver aí um trabalho importante ao nível das aldeias e dos lugares

AGav1: muito importante, acho que foi uma boa opção que fizeram a este nível, porque é muito importante. É mais necessário uma equipa de sapadores numa freguesia do que propriamente uma Junta. Neste momento a equipa de sapadores trabalha todos os dias na freguesia, mas todos os dias, limpeza de matos, imaginemos se há um incêndio numa casa, num terreno, eles estão em todo o lado. Neste momento é assim, eu diria que é mais preciso uma equipa de sapadores do que propriamente uma junta de freguesia

AL: (RISOS)

AGav1: verdade. Eles estão em todo o lado. Há um incêndio estão ali, um problema com uma água estão ali, quer dizer, eles estão... e estão sempre disponíveis, claro, eles aqui estão sempre disponíveis, seja de dia, seja de noite

AL: pois, para além daqueles meses mais

AGav1: por vezes cai neve, estou farto de por pessoal a andar aí com o jeep para desatascar pessoas aí no santuário, a puxar carros, a arrancar carros da neve, a limpar neve, a botar sal, é muito importante, são muito importantes, os sapadores. Eles deviam era ter mais dinheiro, porque isto é assim, se não fosse alguns projectos como as ITI e o pouco da câmara para apoiar

AGav1: ... Pronto, e isto é assim, mas é assim, isto se não fosse as ITI e o protocolo que temos com a Câmara não havia hipótese... eles iniciaram as equipas, formaram as equipas, mas não viram a maneira como é que iam aguentar isto na altura, inicialmente quando eu vim para aqui a Junta acho que chegou aí a meter dinheiro mas depois disseram na assembleia que não concordavam

AL: a assembleia de freguesia...

AGav1: pronto, porque isto quando vim para aqui o presidente do CD era um rapaz que [*Não se entende*]. E eu na altura quando vim para aqui para presidente de junta, os baldios estavam separados, e hoje estão separados igual apenas eu faço parte das duas coisas, simplesmente sou presidente do CD mas cada macaco no seu galho, e na altura chegou a um ponto que o dinheiro findou

AL: o dinheiro de

AGav1: o dinheiro para os sapadores, o dinheiro dos baldios, esses 35000 euros. Que na altura tinham esses 35000 euros e o ICNF dava 8000, fazia 43000 não era. Só que esses 8000 euros o parque deixou de os dar, não sei qual foi a razão, deixou de os dar, ficaram só os 35000, prontos, o rapaz chegou a meio do ano e o dinheiro não chegava para a equipa. Pronto, e dirigiu-se à Junta, mandamos para a assembleia, se a assembleia concordar empresta-se o dinheiro, que na altura a gente ainda tinha dinheiro, hoje não tem, hoje é ao contrário. E pronto, fomos à assembleia e a assembleia concordou e depois devia repôr novamente o dinheiro à Junta. Ele ficou um bocado atrapalhado, chegou a uma altura que ele chegou a pôr dinheiro do dele, isso é um risco, pôr dinheiro da pessoa nas entidades, e depois? Depois quando terminar o mandato quem é que quer saber do dinheiro que ele pôs? se o puseste é porque o tinhas, senão não punhas, quem é que te mandou? Pronto,

mas na altura ele estava à frente, éramos amigos, passámos à assembleia, a assembleia concordou, a partir daí, depois começou a haver estes projectos das ITI e acresceu também o protocolo da camara, pronto, e as coisas conseguimos governar sem andar a bater à porta, senão não havia hipótese, se tivesse que andar a bater à porta abandonava, era assim “chega? Se não chega acabou!”. Mas tem pronto, tem-se orientado e tem chegado pronto, chegamos sempre ao fim do ano com dinheiro na conta para alguma coisa que acontecer não é? Não temos problemas

AGav1: já fizemos. Uma coisa que foi feita foi aquele local a seguir aqui às Rouças, desde que eu estou à frente do CD dos baldios, foi o corte que fizemos, deu acho que 3000 euros, acho que foi na altura

AL: e qual foi o papel do ICNF aí? Teve algum papel?

AGav1: foi explicar, ajudaram a marcar, pronto, e depois eu fiz-lhes o pedido, foi aceite, inclusive aqui o guarda vigilante foi com a equipa de sapadores que trabalha comigo com uma suta, não é? E foram marcar, e pronto, e chamou-se ali um empreiteiro e foi a única...

AL: mas não investem, não investem, não têm um papel activo na floresta, vá...?

AGav1: não. O parque estava em conjunto com os baldios, quando os baldios precisam do parque consultam-nos, e eles consultam-nos quando nós também os consultamos, quer-se dizer, trabalhamos em conjunto... nem eles passam sem a ajuda dos baldios, nem a gente passava sem o ICNF

AL: ok

AGav1: aqui nada é feito sem chamadas de atenção e colaborar e decidirmos o que vamos fazer

AL: mas acha que é uma entidade presente e colaborativa ou acha que está um bocado ausente?

AGav1: sim, sim, depende, pronto, há coisas em que eles tinham de estar mais presentes

AL: por exemplo? Em que situações deviam estar mais presentes?

AGav1: por exemplo no abate de árvores, é uma das coisas em que eles deviam estar mais presentes

AL: aonde, aonde?

AGav1: no abate das árvores, e no lixo. Pronto, mas nós estamos aqui numa zona em só existem dois guardas, eles não estão em todo o lado

AGav1: em termos de fiscalização...

AGav1: eles não estão em todo o lado. Porque repara, se lhes calha... daqui ao cimo da serra sei lá quantos kms são, a pessoa que deita o lixo ele nunca sabe onde é que ele está, quem foi? Ninguém vai saber quem foi? O guarda vê o entulho, mas quem foi? Ele não estava ali,

não conseguiu ver, e ninguém diz nada, é que ninguém diz nada. Pronto, e por isso é que digo, em algumas situações eles deviam estar mais presentes, mas também não são suficientes não é? Aqui nesta zona temos dois guardas, um que é o meu vizinho, e outro que mora em Castro Laboreiro. Isto também é muito grande ... Castro Laboreiro, a Gavieira, o Soajo, isto é uma zona muito grande, a zona do Parque Nacional aqui é muito grande, e eu só conheço estes dois guardas aqui a trabalhar, os homens não têm mãos a medir, por muito que eles se esforcem e queiram fazer não têm hipótese. Eles ou estão num lado ou estão no outro [*Não se entende*] devia estar mais presente mas também tinha que haver mais gente.

AL: sim, a culpa não é dos guardas

AGav1: não tenho queixa, trabalhamos em conjunto, nem eles fazem nada sem me consultar a mim, eles chegam aqui “vamos fazer isto” “não!”, mesmo para fazer este tipo de mosaicos e isso tudo eles consultam-me, vêm ter comigo e antes de fazer o mapa para o ano, o mapa de trabalho, eles vêm ter comigo

AL: isso é na questão das limpezas das ITI

AGav1: nas limpezas, não, mas não é das ITI, das ITI também

AL: ah, da questão dos sapadores

AGav1: isto é na questão dos sapadores, a equipa de sapadores é gerida por mim mas temos sempre o apoio do ICNF, temos sempre o apoio do parque

AL: ok... mas esse rapaz foi o primeiro aqui a gerir o CD na Gavieira...

AGav1: esse rapaz foi, José Costa

AL: mas o senhor Américo já cá estava nessa altura

AGav1: eu já cá estava quando isto foi formado mas só que não acompanhei foi muito

AL: não se lembra porque é que se lembraram de se formar...isto é, conheço alguns casos em que os compartos se decidem organizar por exemplo, por causa da equipa de sapadores

AGav1: foi um dos casos... foi um dos casos, acho que foi um dos casos foi para formar a equipa de sapadores que fazia falta à freguesia

AL: se calhar havia essa possibilidade na altura, facilitaram ...

AGav1: havia essa possibilidade, fizeram uma equipa para a freguesia do Parque Nacional e acho que esse foi o primeiro ponto. Porque depois foram fazer um estágio

AL: quem eles?

AGav1: sim, os sapadores.

Não foi fácil arranjar gente aqui, isto temos aqui uma equipa composta mas só há dois elementos que são da freguesia

AL: só há dois elementos que são aqui da freguesia?

AGav1: é um rapaz que é aqui de Rouças, e o encarregado, que vem de França, de resto o pessoal é todo do Soajo, aqui não há ninguém para trabalhar. Isto para formar a equipa não foi fácil, é um casal do Soajo, homem e mulher e cunhado, não é assim muita gente

AGav1: ah os sapadores são mesmo daqui do local... é mesmo para dar...

AL: dois são aqui da freguesia, os outros são do Soajo, que temos lá um casal que faz parte da equipa e outro rapaz que é cunhado, que é irmão do marido... ou seja, é irmão de um e cunhado de outra, são três familiares do Soajo, e são dois de cá, e era um outro rapaz que morreu que também era do Soajo

AL: mas não foi a trabalhar como sapador?

AGav1: não, não

AL: ah, ok

AGav1: pronto, e talvez a ideia tenha sido formar a equipa de sapadores. E foi bom, por acaso foi boa a iniciativa que tiveram, na altura houve essa oportunidade, mas não foi só aqui, foi aqui, foi no Soajo, foi em várias freguesias, acho que também tem Cabreiro, Cabreiro também tem

AL: sim, há muitos sítios que têm, agora não me lembro de cor mas... também já falei com Cabreiro

AGav1: Cabreiro também tem equipa de sapadores. E prontos, tem corrido tudo bem, foi uma boa opção, há freguesias em que se não fosse a equipa de sapadores havia pessoas que morriam afogadas em casa, os velhos... [fala da quantidade de pessoas idosas na freguesia] por exemplo aqui no meu lugar [*Não se entende*] sou eu e o guarda, temos 50 anos cada um, estás a perceber... durante o ano, aqui em Rouças há muita gente, aqui em Rouças há muita gente, temos ali muitos casais novos, 40 anos, 30 e tais, talvez seja dos lugares, das povoações, a que tenha mais efectivos... aqui o lugar de Rouças, derivado... pronto, a este tipo de trabalho que eles optaram, de criar animais

Gondoriz: AGo1

AL: (...) mas pode dizer, não é o primeiro baldio em que acontece haver privados no meio dos baldios

AGo1: o baldio de Gondoriz foi criado... está na comissão de partes para... quando nós ganhámos as eleições a primeira vez, para fazer uma candidatura aos sapadores florestais

AL: isso foi em que ano, só para ter uma ideia?

AGo1: 2006... acho eu, foi 2006 que tratámos disso. E então fizemos a comissão de baldios e tentámos criar a comissão de... fizemos a candidatura só que não conseguimos a

aprovação, porque depois começava a haver muita gente e já havia aqui muitas e não foram consentidas, a equipa de sapadores.

Sistelo: ASi1

ASi1: o baldio, as ITI, INP, agora vou-me candidatar lá para os...

AL: isso é o quê?

ASi1: é PRODER. Estou sempre a trabalhar, tenho um tractor, tenho uma carrinha, estamos equipados

AL: vocês não contratam uma empresa para limpezas

ASi1: fazemos algumas nós e outras contratamos, não podemos porque é muita coisa

AL: então são vocês, é os sapadores que fazem naqueles sítios

ASi1: os sapadores e é uma empresa que contratamos, por concurso público

AL: é aqui da zona a empresa?

ASi1: é de Braga

Soajo: AS1

AL: e agora... mas o dinheiro que entra é só das ITI?

AS1: ITI, protocolos com a Câmara e é só...

AL: ah, tem havido ajuda da câmara nesse aspecto?

AS1: é assim, não, temos protocolos porquê? Porque limpamos as bermas das estradas não é, e depois há aquelas zonas que são bastante perigosas onde é preciso fazer algumas limpezas perto das populações, mas sim, é insignificante, 25000 euros por ano, que é assim, quase nem cobre, porque é como digo, a nossa freguesia tem 5200 hectares, portanto partindo daqui até à Gavieira fazendo todas as bermas é muita gasolina, muita mão-de-obra, muito...

AL: e vocês limpam isso como? Se não têm máquinas... contratam?

AS1: não, são os sapadores que fazem isso mas já com aquelas máquinas... moto...

AL: manuais?

AS1: sim

AL: já os vi por aí...

AS1: moto-roçadoras

AL: e os sapadores é uma equipa que vocês têm ao vosso serviço...?

AS1: é, 5 homens, sapadores florestais, portanto têm um plano de actividades que é imposto pelo Parque Nacional também, porque nós estamos dentro do parque não é? Na qual também vem uma verba para eles, e... e prontos, e têm o plano deles e depois vão ajudando na manutenção, caminhos, trilhos...

AL: e eles vieram cá parar como? Vocês é que concorreram à equipa ou...

AS1: é assim, os sapadores, pelo que eu sei, que eu ainda não tenho nada em minha posse, portanto são... o antigo presidente tem toda a papelada, pelo que eu sei existem desde 2004, se não estou em erro e sim, foi uma candidatura feita na altura, não é, com o parque

AL: o parque andava a ...

AS1: exactamente...

AL: ok, ok

AS1: portanto temos uma equipa, uma brigada de 5 homens e que vão fazendo alguma manutenção...

AL: e fazem tudo à mão, pelos vistos, à mão, isto é, com aquelas máquinas mais manuais

AS1: sim, motosserra e moto-roçadeira não é... só. Por isso é que é muito urgente comprarmos um tractor, com todos os acessórios para poder limpar como deve ser...

AL: então e eles fazem a limpeza toda daqueles 5000 hectares com aquelas máquinas?

AS1: não... não se limpa 5000 hectares

AL: está bem, as aquelas limpezas maiores que vocês se comprometem a fazer todos os anos são também feitas com aquelas maquininhas?

AS1: é

AL: aaah...

AS1: toda a área que nós temos limpo é assim dessa forma, não há outra forma...

AL: nunca chegaram a contratar empresas ou assim?

AS1: contratamos sim senhora, quando são... nos programas das ITI em princípio contratamos sempre alguém, porque é assim, têm um prazo muito curto e eles não conseguem de maneira nenhuma, porque eles têm que limpar cerca de 30 hectares por ano, portanto com essas máquinas não é fácil, e então contratamos uma empresa para limpar outros 30-40 hectares... porque senão não conseguimos fazer tudo... nós em Soajo até precisávamos de duas brigadas de sapadores...

AL: pois... eu ouvi falar aí de uma diminuição da área forrageira que o IFADAP... o IFADAP?

AS1: o IFAP

AL: o IFAP... que o IFAP cortou e tal... aqui cortou muito?

AS1: cortou... é assim, a nós até nem cortou muito, não sei bem porquê mas, e ainda bem não é, mas... a área que arde normalmente, eles disseram que este ano iam cortar toda a área ardida, não é... tudo o que ardeu durante uns...

AL: não pode ser pastoreado é isso?

AS1: exactamente

AL: mas já deve haver ervinhas e assim não?

AS1: há, e até que a nossa vaca aqui é Cachena, e portanto a Cachena alimenta-se precisamente na serra, no meio das pedras, porque no meio das pedras vem aquela ervinha, e até porque é mais húmido e tem mais que comer... mas o IFAP faz as leis em Lisboa, não conhece a nossa realidade... eu acho que deviam de vir, olhe, como você está a fazer, deviam de vir ca ver como é que isto é, ver a realidade... as cabras, as cabras alimentam-se essencialmente nas zonas onde... onde há pedras, onde há pinheiros, que elas gostam daquilo...

AL: Sim, é o que me têm dito em todos os baldios, que foi um corte completamente...

AS1: ridículo... por acaso a nós nem foi muito mas é ridículo...

AL: claro, é mesmo falta de conhecimento

AS1: eles não sabem, não fazem ideia. Isto é como este ano atribuírem carros no Alentejo, pa, eu acho bem, só que um carro com 100 000 kms no Alentejo e um carro com 100 000 kms aqui nesta zona... o desgaste não é o mesmo

AL: claro

AS1: agora que os agricultores no Alentejo tomam outras proporções... sim, claro... os baldios no Alentejo pegam num tractor e fazem tudo o que querem, não é... nós não. Há muita área que não chega lá o tractor

AL: claro... mas houve isso? Deram carros lá no Alentejo foi?

AS1: no Alentejo deram...

AL: em que zona sabe?

AS1: não sei

AL: ok... é que eu também já ouvi isso mas... é que eu nem sei que baldios é que ainda existem lá...

AS1: também não sei, sei que nós por acaso quando fomos buscar o nosso material juntamente com os sapadores, foram 30 e tal carros que foram atribuídos este ano, só que para zonas onde os carros não têm desgaste

AL: pois...

AS1: não faz sentido... não faz. Os nossos sapadores, se há um fogo, têm que andar com o carro no meio do monte, eles têm que ir não é, têm que levar a cisterna cheia, têm que levar essas coisas todas... eles lá não andam no meio das pedras, não estão arranhados, não estão nada...

AL: claro, pois... é mesmo não ter a noção de como as coisas são aqui...

AS1: isto aqui é muito diferente de onde fazem as leis, infelizmente...

E vocês pretendem manter a cogestão perante essa situação ou...?

AS1: nós temos que a manter... foram eles que plantaram isto tudo

AL: mas acho que não... têm que manter?

AS1: eu acho que sim, não sei

AL: eu sei que há alguns baldios que estão a pedir a autogestão, precisamente por questões desse género, não sentem a presença do...

AS1: mas aqui perto?

AL: não, aqui perto não

AS1: eu sei que em Ponte de Lima, já houve ali um baldio em Ponte de Lima que conseguiu, se não estou em erro

AL: por exemplo o de Pitões das Júnias acho que está a pedir autogestão actualmente

AS1: é?

AL: sim

AS1: eu acho que não era pior... porque olhe, nós aqui é uma reserva mundial da biosfera, tudo muito bem, mas tem muitas regras que não fazem sentido. Por exemplo, vai-se para o Gerês e acha-se imensa piada, sim senhor, estas árvores todas à beira da estrada, é muito giro, é, sobretudo quando está assim muito calor é muito fresquinho...

AL: (RISOS)

AS1: mas imagine 5 homens a limpar 40 hectares no inverno aqui, o tempo que faz, e têm que às vezes perder 2 ou 3 semanas a limpar as estradas porque caem pinheiros, carvalhos, mais águas, mais daquilo e daqueloutro e... é assim, porque é que não se faz um corte de 2 metros a toda a volta e isso o parque não autoriza... eu acho que não faz sentido, a árvore é muito bonita... na floresta, à beira das estradas não faz sentido... dois metros! Não faz... e é assim, ia ajudar muita coisa, porque no inverno as estradas estavam transitáveis, dava-lhe o sol logo não há gelo, não há neve, não é? Mas, mas pronto, são coisinhas pequeninas mas que podem ajudar muito, porque não é fácil gerir isto... agora, há freguesias pequenininhas, há freguesias com 1000 hectares, outras se calhar nem tanto, é fácil, com 5 homens é fácil...

AL: é muito estranho de facto... pois. Ai, ai, não sei... então vocês agora o único dinheiro que têm para gerir é o das ITI?

AS1: ITI, do PNPG portanto...

AL: que é só para os sapadores não é?

AS1: exactamente, é para os sapadores, e não chega

AL: pois

AS1: é uma pequenina ajuda, não chega para nada, é só salários, cinco salários mensais, não é, despesas de gasóleo, manutenção do carro, máquinas, reparações de máquinas, seguranças sociais, IRS, nós gastamos cerca de 60 000 euros

AL: pois... por?

AS1: por ano

AL: ano, ok

AS1: portanto, não chega também... e olhe, tentamos assim... quero ver também se... mas é difícil porque o plano de actividades é muito grande, mas como a população é muito envelhecida, se conseguíssemos comprar um tractor e comprar aqueles utensílios todos que vão agarrados ao tractor

AL: (RISOS)

AS1: era engraçado... era engraçado não, havia uma possibilidade de trabalharmos para os privados, mediante um custo menos pesado do que pode haver aí certas empresas não é, para limpar bouças ou coisas do género

AL: sim, sim, era bem visto

AS1: exactamente, e já falei disso numa assembleia e as pessoas estão bastante interessadas, só que é o que eu digo, é preciso uma ajudinha financeira não é, ou da Câmara ou do ICNF, o ICNF não participa em nada connosco

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: claro... vocês também têm uma equipa de sapadores...?

PB1: não

AL: ai não?

PB1: não... nós não temos nada disso. Fomos os primeiros anunciados para criar uma equipa de sapadores e ficámos entalados por Lindoso e São Miguel de Entre os Rios

AL: e quê?

PB1: São Miguel... Lindoso tem, São Miguel tem, e a primeira proposta que veio, veio para aqui para a zona de Britelo e o presidente da Junta disse que não precisávamos aqui

AL: e não conseguem ter?

PB1: agora acabou

AL: e não partilham com outras equipas...

PB1: não, não, isso agora acabou, o que podemos fazer agora é chamá-los e eles virem-nos fazer um trabalho qualquer, mas... nós agora fámos ter com os sapadores de Lindoso e quando temos um trabalho de rouça fazer em tal parte, eles vêm fazer mas é 500 euros por dia... isso nem pensar, vamos a São Miguel “ah, são 500 euros por dia”

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: e quais são os principais rendimentos no baldio?

PE1: os nossos rendimentos, pronto, a floresta alguma coisa residual, e depois são as candidaturas que temos feito a ITI, neste momento, as candidaturas às equipas de sapadores florestais que vão, embora também com bastante dificuldade, porque também aí houve alteração de regras desde o início, o início em 2005 era uma coisa, depois até meio do ... do [*? não se entende*] mudaram as regras e agora as equipas são subsidiadas a 35000 euros. 35000 Euros que digamos assim, em termos globais dá para 50% do custo associado à manutenção de uma equipa dessas, nós temos que ganhar já o resto não é? O que não tem sido fácil, não é, não temos onde ir buscar recursos, tentámos fazer protocolos com outras entidades, com as camaras, as juntas e não sei que, a ver se conseguimos. Para já penso que consegui manter mas não sei até quando.

Germil: PG1

AL: não conseguiram, não tentaram? Eu sei que houve uma altura em que o parque fomentou isso não foi?

PG1: exactamente, e na altura falou-se, fazer, não fazer, e depois acharam que o melhor era fazer uma em Entre-Ambos-os-Rios para Ermida, Germil e Entre-Ambos-os-Rios... eu na altura, que ainda não era presidente do CD mas que já fazia parte, da minha parte eu achava que ter uma equipa para nós podia ser benéfico, uma equipa para três baldios que não era, não ia ser e não era, então nós não entrámos, digamos, nesse... na constituição da equipa e acho que foi bom, porque depois disso dá sempre alguns conflitos, queiramos ou não, por muito bem que a gente se entenda na altura, uma pessoa nunca sabe quem vem e depois... e até porque acho que não... eu acho que não fizemos mal

AL: mas agora para as limpezas têm de contratar

PG1: porque percebe-se... contratamos, mas percebe-se que as equipas de sapadores... porque repare, não digo que não servem de nada mas não servem os objectivos para aquilo que foram criadas, que se pensava

AL: para as limpezas... era para contrariar os incêndios não era? Sobretudo...

PG1: pois mas... Isto a meu ver, pela minha parte eu não estou arrependido que Germil não tenha constituído uma equipa de sapadores, porque é uma despesa certa que tem um... portanto já tínhamos um volume bastante alto, anual, e que depois se formos a ver fazemos mais trabalho, fazemos o dobro do trabalho com esse valor contratando empresas para o fazer

AL: acabam é por ter de fazer as limpezas para... pois, não interessa, vai dar ao mesmo, não é... têm que roçar basicamente não é?

PG1: sim, sim. Mas depois contratamos empresas, dá x ao metro, a partir daí... ou x por hectare, e fazem, pronto... os sapadores não quer dizer que não façam, nós sabemos que são trabalhos que não são de função pública... nós sabemos como isso funciona

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: A equipa de sapadores, que também têm uma equipa de sapadores que foi cedida então pelo parque que dá também uma parte do dinheiro. Eu agora percebi finalmente como é que é feita a separação dos pagamentos dos sapadores. Então é o seguinte: o ICNF garante o pagamento aos sapadores por completo durante os meses de Maio a Outubro, que é a época mais perigosa para os incêndios. Portanto de 15 de Maio a 15 de Outubro eles estão por conta do ICNF e os ordenados e etc. e tal é tudo pago pelo ICNF. Eles nesse período estão de prevenção aos fogos e tudo o mais, é o chamado serviço público. O resto do ano então estão nas mãos dos compartes dos baldios, e esses meses são pagos pelos compartes. Quando eu fui a Fafião por exemplo, era Maio, e eles estavam a fazer serviço público.

Em relação à floresta questioneei se produziam madeira ou se geriam a floresta de alguma forma, ele disse-me “bom, na nossa área é o seguinte, uma parte como já lhe disse são mil e tal hectares de ZPT onde não se pode fazer nada, a outra não é boa para a floresta por causa da altitude e do clima não cresce nada, conclusão a parte que sobra, até tem sido recuperada, segundo ele, têm conseguido que não haja muito incêndios e actualmente têm floresta em pé, de pinhal, e têm inclusive tem uma mancha de pinhal de 60 anos, ainda do tempo da velha senhora, como ele disse, que até merecia ser cortado, mas que dá-lhes pena e que ainda não cortaram. Ele chega a dizer que também é forma de garantirem o futuro, se alguma vez faltar têm ali madeira. Embora no meu ponto de vista isto seja questionável face aos fogos. Portanto em termos de floresta o que é que eles têm: fizeram um investimento em 5 ou 6 hectares de plantação de folhosas. Neste projecto o parque deu as árvores e os sapadores florestais foram quem fez o trabalho de plantação, fizeram as vedações para defender do gado e tudo o mais; e fizeram também adensamentos de folhosas em 5 ou 6 hectares mas aí recorreram a fundos comunitários. Eu perguntei, mas as folhosas não conseguem tirar rendimento nenhum delas pois não? E ele disse que, bom, não se podem cortar mas podem fazer-se desbastes, e essa madeira é usada tanto para o aquecimento no inverno com para fazer estacas, embora ele diga que isso já não se faz tanto, para as vinhas e para o feijão. Ao longo do tempo que ele foi falando eu fui percebendo que eles não estão propriamente com falta de dinheiro e fiz-lhe essa questão e ele respondeu “não, temos a situação controlada, agora claro que para o que é necessário fazer no baldio era preciso muito mais, por exemplo...

(...) e aí começou a falar dos bombeiros e do papel dos bombeiros e de como não percebe como é que é possível que numa zona de Parque Nacional se esteja dependente de bombeiros voluntários, com muito apreço pelo voluntariado, mas que não são pessoas que tenham formação para controlo de fogos florestais, são talvez pessoas que conseguem lidar com fogos urbanos, mas para fogos florestais não estão preparados. Ele diz que ali na zona de Ponte da Barca e de Arcos de Valdevez é tudo bombeiros voluntários, não há bombeiros profissionais e eu perguntei então qual seria a solução e ele respondeu que a solução seria haver mais equipas de sapadores, pelo menos naquela época ter mais equipas de sapadores, ter por exemplo duas equipas em Lindoso, duas em Britelo, duas não sei onde, porque à partida são pessoas que estarão mais formadas vá, para a luta contra os fogos florestais.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: ah, sim, sim. E esses dinheiros que entram, o que eu tenho verificado em alguns baldios é que conseguem gerir o dinheiro de forma a sobrar e a investir em ... onde for que considerarem relevante, ou no baldio ou na aldeia, depende do ponto de vista, há sempre um investimento, até agora... ou seja há sempre um investimento

TC1: nós ainda não o fizemos...

AL: ainda não... pois, ok, têm lá tudo no cofre... (RISOS)

TC1: está no banco. De facto, esse é um dos aspectos que é interessante, até é curioso porque aqui há dois anos... dois anos não, há quase há um ano... quando prenderam o Sócrates... (RISOS)

AL: ah, sim (RISOS) dá para situar bem no tempo

TC1: tinha sido naquela semana a seguir, houve um fórum sobre os baldios num sítio qualquer. E então, ah, discutia-se a revisão da Lei e por aí fora. E foi nesse âmbito que participei numa reunião e então a questão era essa, porque os baldios, há gente que se aproveita do dinheiro, assim e assado, contavam para lá má gestão, e por aí fora. E até porque estava à vontade para falar do meu baldio “se quiserem saber o que o baldio tem não temos problema nenhum”, mas isto não é nada de espanto porque até hoje o primeiro-ministro está a ser acusado, portanto isso... se vamos... isto para chegar onde... ali um dos fundamentos que apresentavam para a revisão da Lei é que havia má gestão, que havia gente que, que havia não sei quê, pronto

AL: ou falta de gestão sequer

TC1: pronto, nós de facto aqui o que conseguimos foi com o apoio que é dado, e ele não é generoso... o apoio não é generoso, aliás até no combate às acácias é manifestamente insuficiente, mas o que permitiu foi fazer uma gestão aqui a nível local, o que é que nós alterámos aqui... por exemplo, a Vilar de Veiga permitiu-lhes criar uma equipa de sapadores, e aliás o Alexandre irá testemunhar isso, porque eles têm uma área com muita floresta, Fafão também tem uma dinâmica muito interessante, nós aqui tínhamos esse convite e também desafio para criarmos uma equipa de sapadores, e entendemos que era

errado criar uma equipa de funcionários públicos e estimulámos o aparecimento de uma empresa, que foi criada aqui a nível local, que foi aqui um... ah, nós começámos primeiro por fazer por administração directa essas intervenções, o projecto de agro e silvoambientais, começámos por fazê-los contratando as pessoas e pagando ao dia, mas foi-lhes dito 'portanto, preparem-se porque vamos fazer isto só durante um ano e findo este ano ides perceber que isto é a base, é suficiente para que lancem ou para que criem uma empresa', até porque também, o que eu lhes dizia era 'eu não posso estar aqui todos os dias, ou quase todos os dias, a controlar o vosso trabalho' e criámos aí um mecanismo em que o trabalho era pago à peça, fizeram-se aí uns ensaios e... por exemplo a roça em determinado tipo de vegetação era paga a x ao hectare, noutro tipo era... dependendo da dificuldade, havia uma matriz e geríamos por aí, até que eles perceberam que... se trabalhassem mais e se trabalhassem com um ritmo diferente, podiam gerir melhor o tempo deles e... curiosamente essa equipa que trabalhava connosco e que trabalhou connosco, não queriam constituir a empresa e... então fizemos-lhes um ultimato 'epa, tem de ser senão não fazeis mais', então eles esticaram até que 'ah, não queremos porque assim...'. Entretanto aparece uma outra pessoa e criou a empresa (RISOS).

AL: ah pois...!

TC1: Depois foi caricato, porque o outro constituiu, o de fora que não tinha estado fora da experiência, mas percebeu que era uma mais-valia para ele, e contratou os outros para a [empresa] ... (RISOS).

AL: aaaah, olha, ficaram todos contentes! (RISOS)

TC1: E pronto, a empresa entretanto tem vindo a desenvolver-se, entretanto tem tido aí uma dinâmica castiça, criou um viveiro florestal, trabalha em ligação com a Quercus e com a UTAD também, no fundo ajudei-a, ajudámo-la, abrimos aí um conjunto de contactos e de portas e está a começar bem... primeiro resultado prático: conseguimos com o apoio, fizemos mais e melhor os trabalhos que qualquer outro, que qualquer outra entidade... porque os exemplos que temos aí são... resulta de uma valorização, claro, sem dúvida, é um trabalho de valorização do nosso território, e depois aqui ao nível da, para a economia local, aqui para os vizinhos, inicialmente quatro, neste momento são três que têm um rendimento, claro que agora também fazem outros trabalhos, estimulámos o aparecimento de uma empresa que...

AL: quatro, três... esta parte não percebi...

TC1: eram quatro trabalhadores, agora são três

AL: ah, ok, ok.

TC1: que estão com actividade, e agora até trabalham para fora, pronto, é uma empresa de prestação de serviços que até faz mais trabalho para fora aqui da aldeia do que propriamente na aldeia. E depois permitiu que ficássemos, que amealhássemos bastante, até porque algum deste trabalho foi feito com recurso a mão-de-obra voluntária, tivemos aí, fizemos aí plantações em que as pessoas vinham faziam o trabalho, comprámos um pote de 80 litros para fazer o caldo para lhes dar de comer no dia das plantações, e

tivemos aí acções com 150 pessoas a plantar, e portanto, isto permitiu-nos amealhar bastante dinheiro que temos pronto para agora investirmos nas pessoas

AL: nas pessoas?

TC1: sim

AL: como assim?

TC1: investir nas pessoas

AL: na aldeia?

TC1: nos vizinhos (A SORRIR)

AL: não percebo, quais vizinhos? (RISOS)

TC1: nos nossos vizinhos

TC1: porque até aqui a política foi esta 'ok, conseguimos amealhar dinheiro com o monte, e agora vamos cuidar das pessoas'.

AL: sim, sim. Faz sentido, está bem. Então e isso também promove, de alguma forma esse dinheiro que conseguem amealhar, pergunto eu não é, se acabam também por usar... por exemplo, eu já vi baldios em que acabam por... lá está, assegurarem-se que conseguem fazer o trabalho sozinhos sem recorrerem a... necessariamente aos sapadores ou a quem for, então por exemplo compraram um carro e eles próprios é que fazem a vigilância e tudo o mais, pronto, investiram de alguma forma numa gestão continuada, vá

TC1: Mas nós não vamos comprar [maquinaria e equipamento], não, nós não vamos comprar. A ideia aqui... até porque o exemplo que temos aqui da iniciativa privada, e aquilo que podemos fazer é dar algum apoio, dar algum estímulo, mas o privado tem de ir para casa a pensar que

AL: claro, é o trabalho deles, pronto, e não é o vosso

TC1: portanto, aquilo que sentimos e provavelmente vamos tratar é de um *kit* para primeira intervenção de combate a incêndios, porque temos tido aí... este ano, por exemplo este ano ocorreram aqui vários incêndios, mas o pessoal dá o alerta e as primeiras pessoas a irem para o terreno e que chegam lá, sou eu, os outros membros da direcção, e essa equipa

AL: a tal empresa?

TC1: não, chegamos rapidamente ao local e conseguimos extinguir

AL: mas que equipa é essa de que falou, é a tal empresa?

TC1: é sempre essa...

AL: sim, sim

TC1: e essa... e esta disponibilidade, este interesse... e pronto, e como já verificámos que precisávamos de um kit, ter ferramentas adequadas para sapador, para intervenção, depois a água e os carros, lá vêm, é sempre outra gente que ganha dinheiro com isso, nós não queremos

Covide: TCo1

AL: vocês receberam alguma vez a proposta de fazer uma equipa de sapadores? Agora recentemente... pelo parque

TCo1: hmm, não... Acho que não. Pelo menos que eu tenha conhecimento não.

AL: Não, é que há aqui outras freguesias que têm equipa de sapadores e o parque propôs, o parque, o ICNF, no sentido de terem uma equipa de sapadores que fazem os trabalhos de limpeza nas aldeias, nos caminhos florestais, etc. e dão x dinheiro para manter essa equipa, e depois vocês têm de pagar o resto. E eu agora estava a pensar se seria este dinheiro, mas não

TCo1: não, não, não. Este foi para limpeza, abertura de caminho, fizemos a abertura de um caminho e tal, mas eu desde que estou cá tenho poucos dados, esse foi só um papel que eu apanhei para ali com essas

Ermida: TE1

AL: tirar uma fotografia aqui, isto é espectacular

TE1: pois tire uma aqui encostada que é para eles verem que nós temos um veículo de apagar incêndios

AL: está bem, está bem... então e imagina que deixa de haver ITI... como é que vocês vão fazer?

TE1: nós não temos... não temos... dividas, estás a perceber? Se não temos dinheiro não fazemos as coisas, vamos tendo algum dinheiro para manter alguns caminhos e... que é o que nos interessa... não temos, não temos... como é que e diz... nada que pagar no final do mês, não temos nada, só gastamos se temos. Agora esses baldios que têm aquelas equipas, essas empresas, como é que se chama, aquelas carrinhas amarelas

AL: os sapadores

TE1: os sapadores, esses é que têm de pagar uma percentagem, e se lhes cortaram as ITI's e que o dinheiro não chega para pagar a percentagem, eles estão lixados, se não tiverem outro rendimento... nós não, nós temos... a carrinha é nossa, se está parada, não temos ninguém por nossa conta, não temos dividas no final do mês

AL: pois, pois, pois... isso era uma pergunta que eu ia fazer, se vocês tinham equipa de sapadores, mas não têm... Fafião tem não é?

TE1: tem... nós temos veículo pronto a sair a qualquer dia do ano, está pronto a carregar água a qualquer altura do ano e pronto a trabalhar, com os voluntários que estão no momento ali na aldeia

AL: hmmm, voluntários...

TE1: seja eu, seja... o meu irmão também pertence, há uma série de pessoas que sabem andar com isto

AL: mas na altura quando foi a distribuição da equipa de sapadores, vocês não quiseram?

TE1: nós não queremos, ainda há tempos o engenheiro, o engenheiro que pertence [*? não se entende*] “vocês têm uma área grande, porque é que vós não querendes uma equipe”, porque não queremos, porque envolve gastos e depois se as coisas derem para o torto nós depois não temos como pagar, estás a perceber...

AL: claro, todo o país perde se isto perder, e nesse sentido vocês acaba, por estar a fazer um serviço público, digamos assim... então vocês... está bem, eu achava que as equipas de sapadores interessava ao parque ter em todo o lado porque... lá está, porque parte é paga pelo ICN, no sentido precisamente desse serviço público

TE1: não, parte acho que é paga pelo Estado, mas acho que não é pelo ICN, acho eu... não sei

AL: mas pronto, é dinheiros do Estado

TE1: é

AL: não é? Há um incentivo para haver essas equipas, acho que pagam tipo 10 000 euros por ano, ou algo assim.

TE1: e os baldios pagam o restante

AL: o restante que não é nada pouco, pelo que eu percebi

TE1: não sei, acho que é 30 000 euros por ano ou

Rio Caldo: TR1

AL: e há quanto tempo é que já andam a recorrer às ITI?

TR1: nós temos uma equipa de sapadores, como temos uma equipa de sapadores a gente... como nos fica bastante caro, que é um orçamento entre 75 000 euros anuais, nós temos pronto, de arranjar ajudas onde as há, porque nós estamos inseridos numa associação onde 50% temos de suportar nós dos custos dessa equipa que é gente daqui

AL: pois

TR1: e temos de fazer umas certas manobras para o dinheiro, manobras... legalmente, não é, tipo projectos, limpezas para fora que temos que fazer para depois o dinheiro que vem

para podermos suportar que se não é impossível, que a nossa Junta recebe do FEF⁴⁴ 28000 euros anuais se pagamos 35 para os sapadores onde é que vamos buscar o dinheiro? Temos que andar aí sempre com uma mão à frente e outra atrás

AL: ok, e o dinheiro [das ITI] é sobretudo usado nisso não é? Na limpeza

TR1: é usado nos sapadores, como já lhe disse

AL: mas os sapadores são usados também para fazer as limpezas das ITI não é? Estava o senhor Severino a dizer-me

TR1: é, são usados nos vencimentos deles e no orçamento que temos com eles e com a associação... que nos fica bastante caro

AL: ok... espere... o que é que é usado nisso? O dinheiro das ITI? Não... sim.

TR1: o dinheiro que recebemos dessas ITI é para fazer a limpeza e depois o dinheiro das ITI não nos chega para lhes pagar, portanto temos que arranjar mais dinheiro dali e daí, do orçamento da Junta neste momento

AL: 8000 foi o que disse que recebiam das ITI?

TR1: por ano, recebíamos 8000 e depois pagávamos 30 e tal mil euros por ano para eles

AL: pois... eu só estou a fazer tanta pergunta para isto porque o que eu tenho reparado em outros baldios é que os sapadores nas aldeias têm um determinado propósito, que é fazer as limpezas por causa dos incêndios, por baixo das florestas de pinheiro e por aí, e depois

TR1: mas isso é serviço público

AL: exactamente

TR1: serviço público para a entidade do Estado, que é o Parque Nacional

AL: ok... mas eu tenho ideia que muitos baldios apesar de terem equipa de sapadores ainda pagam a uma empresa para fazerem as limpezas das ITI

TR1: como?

AL: para além de terem os sapadores

S2: nós não, nós geralmente é serviço

TR1: porque há baldios que não têm equipa de sapadores

AL: mas mesmo com equipa, estou-me a lembrar... de Fafião por exemplo

TR1: na Ermida quem as foi fazer [as limpezas das ITI] foi a nossa equipa...

⁴⁴ Fundo de equilíbrio financeiro

AL: das ITI... mas eles também pagam a uma empresa, que ele disse-me

TR1: mas agora, eles pagaram para lá... isso não foi, eles fizeram um negócio com a associação e depois é que foram lá, mas foi com um preço muito baixo e eu depois quando soube do preço disse depois que não valia a pena andar a gastar gasolina porque a Junta... eles depois fazem a conta a tudo, é o combustível, é os seguros é essas coisas todas, e depois a Junta aqui não pode andar a fabricar dinheiro, mas também não gosta de ser prejudicada. E ajustaram para lá o hectare não sei a que preço, a um preço muito baixo e eles foi por isso, aproveitaram e foram finos. Para isso não vale a pena porque era um preço bastante baixo e que vinha prejudicado eramos nós

AL: pois, pois. Mas eu estou a lembrar-me de alguns baldios que têm equipa de sapadores que tem determinadas funções e depois pagam a uma empresa com o dinheiro das ITI para fazerem as limpezas das ITI. Os sapadores pelo que eu percebi fazem sobretudo aquelas limpezas de segurança, de tudo não é, da aldeia e dos arredores, e depois essa tal empresa que eles pagam fazem aquelas que são prescritas, ou como poderemos dizer, pelas ITI. Não sei... mas pelos vistos é possível também manter...

S2: não sei se será por causa disso, pronto, os nossos sapadores florestais não estão sob a alçada da Junta, digamos assim, os nossos sapadores pertencem a uma associação. Pronto, a equipa está afectada aqui à nossa freguesia de facto, mas quem gere, digamos assim, a entidade patronal dessa equipa é essa associação

AL: a ADEFM⁴⁵ não é?

S2: é, a ADEFM, exactamente. Pode ser por causa disso

AL: pois, no fundo é a mesma coisa, vão buscar na mesma trabalho exterior

S2: exacto... no fundo a Junta não tem sapadores, temos é uma equipa que está afectada aqui à nossa freguesia e que trabalha na nossa freguesia, faz, eventualmente faz serviços também para fora da freguesia

AL: exacto. Faz, o senhor Severino estava a dizer que também faz.

S2: ela está aqui porque nós participamos com os 50% senão não estava, estava noutro lado

TR1: se o orçamento é de 70 mil euros ou de 70 e tal nós temos de pagar metade desse orçamento, a outra metade paga o Estado

AL: ok... pois exacto, o ICN que dá também uma parte

TR1: por isso é que eles têm de fazer o serviço público, eles têm um certo trabalho anual, chega-se a novembro, está assim acordado, faz o plano de actividades para o ano a seguir e é o serviço público tantas horas e têm que as fazer

⁴⁵ Associação de Defesa da Floresta do Minho

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] porque isto aqui era a coisa mais simples, se a gente fosse falar aqui, mesmo aqui na freguesia, na freguesia quer dizer, na meia freguesia onde há baldio e falar dos baldios toda a gente diz assim “iiih, ao tempo é que isso devia ter acabado”

AL: a sério?

TV1: sim, portanto isto é... os que estão comigo agora... pronto, desde 2010 sim, mas os que eram do outro lado estão assim “oh, há quanto tempo isso devia ter acabado”. Chegamos à Ermida, onde houve também eleições há... e depois houve também alguma promiscuidade, por exemplo houve alguns dirigentes que chegaram a estar aos 12 e 15 anos sem fazer eleições não é, estiveram assim tempo seguido sem fazer eleições e sem prestação de contas, sem nada, portanto isso...

AL: antes da nova lei, claro... claro, a nova lei só teve início o ano passado

TV1: desde sempre, já desde sempre, e portanto essas coisas também foi uma coisa que também não foi muito bem conseguida. Mas de qualquer maneira as pessoas ficam... se chegamos mesmo aqui onde existe baldio dizem “para que é o baldio, eu não quero o baldio, para que é o baldio, serve só para isto,...”, enfim... mas nós temos uma equipa de sapadores que trabalha aqui todos os dias, são 5 homens desde 2011 que trabalham e limpam e que fazem serviços particulares e essas coisas... mas depois há outros que não têm actividade nenhuma, e as pessoas depois ficam assim “eu não vou ao mato, não vou à lenha...” e depois há outra coisa que é, por exemplo, os baldios, portanto, os compartes, os que sejam mais pobres por exemplo ficam nesta situação, se a gente lhes quisesse dar ... se eles quisessem 3 tractores de lenha do baldio, eles era preferível não querer, porque eles não têm tractor para a ir buscar, eles não têm motosserra, eles não têm... eles não podem ir buscá-la, porque se fossem a pagar para a ir lá buscar era tudo mais caro que comprá-la.

AL: pois... vocês também se candidataram às ITI's?

TV1: candidatámo-nos mas já acabaram

AL: sim, mas nos outros anos têm recebido...

TV1: sim, sim, sim

AL: e têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI para depois usarem noutras coisas ou não?

TV1: prontos, isso foi... isso foi outro dos erros que foi cometido ao longo destes anos todos, portanto, a outra equipa que saiu antes de mim fez ainda, portanto, 4 anos. Portanto, recebeu 4 anos. E eu recebi também um deles e mais 4, talvez... e agora acabou. Mas não deixavam de ser 24000 euros, e portanto, a diferença que tinha, e eu, um dos anos que eu fiz... dois, dois anos que eu... um ainda pela candidatura deles, e depois outra feita por mim, creio que foi assim... ou foi um ou dois, eu chamei a equipa de sapadores de Rio Caldo, também é da ADEFM... chamei a equipa de sapadores de Rio Caldo, e portanto recebíamos na altura 24 000 euros, eu chamei a equipa de sapadores, e pelo serviço que

tinham de fazer... que fizeram, aquele conforme o plano, paguei 2200 Euros. 2200 Euros que paguei do serviço para fazerem aquela limpeza e o que quer dizer que fiquei com mais de 20 000 euros de lucro, não é? e portanto, o que é que eles fizeram durante aqueles 4 anos pelo menos, foi... aquilo ficaram com mais de 20000 euros de lucro, portanto dá 80 000 euros, só nesses 4 anos que eles, que a equipa que fez esse trabalho

AL: e usaram sempre a mesma equipa de sapadores cada ano...

TV1: portanto, eles faziam com essa equipa de sapadores também, de Rio Caldo. Portanto, s pagavam 2000 e qualquer coisa ficavam com 20 000 e ... de lucro, e portanto depois gastaram foi aí nessas coisas mal gastas. Entretanto eu fui realmente, um ano depois, não me recordo, e que teve realmente esse lucro, mas depois de seguida apareceu a equipa de sapadores de Vilar da Veiga, ou seja, o que é que nós temos? Nós temos que pagar por trimestre um valor à ADEFM pelos sapadores, e quer dizer que esse dinheiro das ITI é contabilizado no fundo para pagar aos sapadores. Ou seja, os sapadores tinham aquele plano ali para fazer das ITI, não é? Prontos, iam fazendo aquele plano, e depois iam trabalhando na mesma para o baldio, sem planos, na altura também não havia projectos, depois conseguimos um projecto também de 40 e qualquer coisa hectares. Mas quer dizer, a soma dos 20, por exemplo nestas

AL: um projecto para plantação...?

TV1: plantação e limpeza e tudo. Nós fazíamos parte... por exemplo, no plano de actividades, no plano de actividades quer dizer que por exemplo os sapadores custam aos baldios cerca de 37000 euros por ano, não é, são 9500 de 3 em 3 meses, e portanto lá está, por exemplo, no plano e orçamento da equipa de sapadores, que eu faço à parte do baldio, da gestão do baldio... desta equipa de sapadores que custa 37000 euros, a gente já previa os 22 000 das ITI, para pagar aos sapadores, não é... e depois mais os serviços particulares que eles façam calculados em não sei quanto, e os sapadores acabam por custar

AL: vocês recebem e eles só recebem salário... não é?

TV1: exactamente, ou seja, nós tínhamos de pagar à ADEFM 9500 de três em três meses, portanto o dinheiro das ITI que era por exemplo 24000 euros, não é... portanto, eles executavam aquela limpeza que estava programada e depois andavam a trabalhar para o baldio, portanto, desses 24 000 euros que nós recebíamos das ITI eles recebiam aquele e mais, andavam a trabalhar sempre para o baldio, portanto esse dinheiro dava para lhes pagar e dava para uma parte do orçamento. E depois, por exemplo, se eles fizessem uma coutada para um particular, que fizessem 1500 euros, depois mais mil, e mais... de serviços particulares, no final do ano... eu posso dizer que até este ano eu nunca paguei nada aos sapadores, ou seja, o baldio nunca teve despesa com os sapadores, foi sempre esse dinheiro que vinha das ITI... mas que era de trabalhos feitos, ou seja, o que é que eu quero dizer... se, no tempo dos antecessores recebiam os 20 000 euros das ITI, e se eles chamavam a equipa de Rio Caldo e pagavam 2000 para efectuar esse serviço... era a única coisa que faziam também, não faziam mais nada... portanto, esses 20 000 euros iam para outro lado mas não para a floresta não é? Vinham para a floresta mas não eram utilizados na floresta. Neste caso, o nosso... desde que temos a equipa de sapadores, é usado na floresta. Porque quer seja directa ou indirectamente, eles estão a trabalhar na floresta, não é? Portanto, eu não lhe vou pagar nada por ele estar a fazer aquele serviço ali para o

baldio, mas como tenho que pagar 9500 à associação de 3 em 3 meses, eles têm que estar a trabalhar para o baldio, por exemplo se estiver a chover, vão arranjar os caminhos, tratar dos caminhos do baldio e se não fossem eles tinha que arranjar alguém para tirar os [? *Não se entende*], por causa da chuva para não cortar os caminhos, e prontos, é esse dinheiro das ITI reflectia-se no orçamento dos sapadores

AL: e eram também os sapadores que faziam a limpeza das ITI

TV1: pois, faziam tudo

AL: então era, só usava esses 9500 por ano, basicamente

TV1: de 3 em 3 meses. São 37, e a associação recebe 35, portanto uma equipa de sapadores tem um orçamento na ordem dos 72 000, sendo que a associação recebe 35000 do Estado e 37 do baldio, portanto, para fazer os 72 000

AL: então vocês que recebem 20 e tal mil, gastavam 30 e tal mil

TV1: exactamente, nós... 24... 13... portanto, nós gastávamos 37, o nosso orçamento era 37 por ano, não é, para a equipa de sapadores. Se nós recebíamos 24....

AL: teriam, que gastar 13 000

TV1: 13, 13. Mas quer dizer, nunca gastávamos porque os trabalhos que os sapadores faziam para os particulares acabavam por... portanto, 1500 de roçar aquela coutada, mais mil para a outra

AL: não iam para a associação, iam para vocês... esses tais trabalhos que eles faziam para particulares...

TV1: se fosse para a associação nós ao fim descontávamos , porque para nós também não vinham, mas quer dizer, ao fim havia o controle do dinheiro que ia ter à associação e nós quando íamos para pagar já não pagávamos, porque eles já tinham recebido... não é, já tinham recebido desses serviços. Esses serviços, pronto, também algumas vezes havia, outras não havia, e depois também tínhamos um projecto com 40 e tal hectares que era naquela zona que ia para a Ermida, e portanto este ano é que realmente foi cortado tudo, foram as ITI's, foram cortadas as ITI's, foram cortados os projectos de limpezas, que nós fizemos um e depois aconselharam-nos a recandidatar-nos a continuação daquele projecto e ele não deixaram... portanto, foram cortados, não deixaram, este ano não...

AL: não vai haver? Já sabem?

TV1: vão abrir agora, mas para já, de momento ainda não há nada, ainda não há nada em concreto

AL: e essas candidaturas vocês faziam com a ajuda de quem?

TV1: da ADEFM, somos associados e pronto. Essas das ITI's era o Parque que as fazia, portanto o Carlos Pinto, o engenheiro Carlos Pinto é que fazia, é que faz, essas candidaturas, portanto ao nível dos baldios todos do parque, é ele que faz as candidaturas. Portanto, essas ITI e esses INP, são feitos pelo Carlos Pinto. Agora não sei, creio que vamos

saber cerca de 11 000 euros, ou coisa parecida, por causa das... é outro nome que eles chamam-lhe as... zonais

AL: os apoios zonais, sim... que é portanto aquela questão, antigamente na vezeira faziam-se as queimadas, não é? eram feitas as queimadas controladas que iam as equipas de sapadores, a nossa e a de Rio Caldo, íamos queimar aquilo, para a vezeira de Vilar da Veiga, para a de Rio Caldo, para todas, fazia-se assim. Agora como, visto que aquelas fotos que acabaram por tirar as áreas do pastoreio, portanto, está queimado, agora é proibido queimar e tem de ser roço, tem que se roçar... mas quer dizer, como é menos área calculo que nos vão tocar cerca de 10 000 ou 11 000 euros, coisa parecida

AL: quanto é que vai receber, pensa?

TV1: 11000... penso que 11000. Mas é para roçar umas áreas... portanto, aquilo está dividido em... aquilo são 6 currais, portanto, aquilo estão na zona dos currais, aquilo está dividido, são 6, umas são maiores e outras são mais pequenas, aquilo é também em 5 anos, portanto... quer dizer, a área é praticamente a mesma que era a das ITI's, da limpeza, o dinheiro é que é menos

AL: estou mesmo a terminar, queria só perceber, então neste momento o baldio que receitas é que dá? Já percebi que das ITI não sobra

TV1: das ITI não há, portanto, isso acabou

AL: ou não sobrava, pronto, até hoje

TV1: quer dizer, por questões de... não sobrava porque se trabalhava

AL: porque tinham os sapadores não é?

TV1: tínhamos a equipa de sapadores, é assim... se não tivéssemos a equipa de sapadores chamávamos as pessoas para limpar como faziam os outros e depois sobrava, não é? Só que nós optámos por ter a nossa equipa e portanto essa equipa acabou por fazer coisas que estão todas marcadas, não é, está tudo relatado... a questão de vários incêndios que não existiram por eles não é, primeiro porque estão de vigilância naquelas épocas de calor, enfim, o Estado já para isso paga e que foram detectados vários incêndios em vários pontos aqui destas... enfim, destas coutadas dos particulares e chamaram e acudiram a tempo. E depois o desmazelo das pessoas também que tiveram que os chamar porque assustaram-se e tiveram medo que houvesse incendio, antes de mais nada, que nós pusemos esses números também, para as pessoas... porque também era tudo contra os sapadores, não queriam que eles tivessem e não sei que mais. E portanto, acabaram por resolver muitas coisas, depois em rescaldos e... mas não quer dizer que não ardesse na mesma muita coisa.

AL: e também fizeram outras coisas não foi? Ao nível das aldeias...

TV1: sim, fazem, por exemplo um particular qualquer que não tem, que tem de fazer uma limpeza qualquer de volta da casa e que não consegue, não pode porque é idoso e não pode fazer e não tem dinheiro para pagar, vai fazer, pois claro... para todos os efeitos é

comparte, e não pode e eles vão fazer e limpar, pois claro, quer dizer, a gente tem de ser sempre ouvido nestas coisas e portanto não paga. É porque senão também toda a gente queria e também tem que haver critérios não é, ouviu dizer que foi roçar para aquele então também quero que venha roçar para mim, quer dizer. Há essas coisas todas, por outro lado eles têm a questão dos caminhos que, por exemplo... da maneira que isto é íngreme, e os caminhos assim acentuados de tal forma que se, por exemplo, se não houver aquela manutenção ou se por exemplo, se estiver a chover e se... basta uma pedra meter-se numa valeta para a água em vez de estar na valeta vir pelo caminho abaixo, leva o caminho todo, não é, portanto, isto... essas coisas também têm que se ver. O dinheiro que eles recebem... eles trabalham todo o ano. Portanto, digamos que o que acontece é que o dinheiro contabilizado para o orçamento deles é deste das ITI's. Agora eles faziam aquelas áreas que estavam marcadas para as ITI mas depois têm outras áreas do baldio limpas sem ser com dinheiros, não é, que não houve dinheiros de nenhum lado. E os dinheiros que realmente eu recebi foi dos baldios durante estes anos eles não... desde 2010, realmente foi... há um que eu recebi que não queria receber, que fui obrigado a receber, que foi o dos incêndios, uma ninharia

AL: ah, da madeira queimada

TV1: queimada... porque por exemplo, eu tinha me... havia aqui na zona de Ermida pinheiros enormíssimos, que já estavam há um monte de tempo mas que deviam ser vendidos, mas que eu recusei a venda porque tinha ardido esta parte aqui toda e eu disse "se está aquela parte toda queimada, para que é que eu vou estar a vender estes numa zona destas e depois de estarem aqueles todos queimados, o que é eu vou fazer, enquanto são vivos deixa-os estar", estão a dar semente e

AL: ah, não estavam mortos

TV1: não, não, quer dizer, eram grandes, estavam grossos, não iam crescer muito mais e não sei que mais, mas quer dizer, o dinheiro também não fazia falta, por isso não vendi. O que é certo é que passado um ano arderam todos. E aí foi um prejuízo muito grande. Mas pronto, foi o que se conseguiu fazer... 50 000 euros

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: sim, exacto. E até hoje tem estado presente no trabalho que se vai fazendo no baldio ou tem estado mais afastado... só para perceber assim... pelo que eu percebi são pessoas que foram contestadas, então seria para perceber melhor qual é que tem sido... por exemplo, esses outros tais que não têm residência lá e assim, têm vindo a estar associados ou relacionados com a gestão do baldio ao longo destes tempos, sei lá, com as reuniões de compartes, com...

MeC1: sim, sempre

AL: sempre a par da realidade

MeC1: sempre. Aliás, as coisas não aparecem do nada, há sempre uma história por trás e isto já vem de há uns anos. Depois também por causa da gestão dos sapadores também não concordamos, nem nós nem o pessoal que votou

AL: em ter equipa?

MeC1: não, nós queremos ter equipa, achamos é que está a ser mal gerida

AL: mas é gerida por quem? Não é por vocês?

MeC1: era pela anterior direcção. Aliás um dos motivos que nos levaram a avançar foi isso, foi a forma como a equipa estava a ser mal gerida, no nosso entender

AL: mas o que é que há que criticar, só para perceber... ou estou a pedir demais... (RISOS)

MeC1: por exemplo andar a limpar terrenos privados em vez do baldio, por exemplo isso

AL: ok... a equipa de sapadores é quem limpa por exemplo as áreas das ITI... ou... o que eu quero perguntar é, as ITI ou as limpezas... diga, diga

MeC1: não, são diferentes, as ITI têm de ser capinadas e melhoramento de pastagens e normalmente, pelo que eu sei, essas áreas ou foram limpezas ou agora recentemente adquiriu-se um tractor e tem-se feito com o tractor. Os sapadores têm um plano de actividades diferente, pode ser complementar numas coisas mas são coisas diferentes

AL: vocês estão a pagar o quê? Metade não é? Como noutros

MeC1: metade

AL: pois... então até aqui os sapadores acabavam por ser utilizados de uma forma que vocês consideravam que não era correcta e...

MeC1: principalmente essa de andar a limpar para privados e depois não receberem nada... porque os sapadores podem fazer isso, podem trabalhar para privados, até é uma forma de as equipas se autofinanciarem. Agora andarem a trabalhar de graça é que não nos parece correcto, ainda por cima andam nos terrenos até dos próprios dirigentes, não me parece ser a forma mais correcta de funcionar não é

Castro Laboreiro : MeC2

[toca o telefone e atende]

MeC2: é a chefe dos sapadores [a chamada foi abaixo, volta a ligar]

AL: os sapadores são... disse que era a chefe dos sapadores não foi?

MeC2: sim

AL: mas a chefe dos sapadores é quem, uma associação?

MeC2: não, a chefe da brigada, os sapadores são 5 pessoas não é? temos uma equipa de sapadores e cada equipa tem um chefe

AL: é uma senhora?

MeC2: é...

AL: uau! Também é sapadora?

MeC2: é

AL: diz-se sapadora ou diz-se sapador, não sei...

MeC2: sapador, sapador...

AL: sim, mas também não se dificultam... do ponto de vista turístico aqui há alguma, da parte do baldio, há algum investimento aqui que delineie os percursos pedestres...

MeC2: não, não, não. Nem o baldio tem condições para isso, o baldio colaborava era com a ADERE e colaborava com o Parque, e até foi com o próprio parque, eles é que marcaram alguns dos percursos pedestres e o baldio... os sapadores, o baldio através dos sapadores, fazia-lhe uma limpeza e a manutenção desses percursos

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: pois... e vocês têm equipa de sapadores?

MeL1: temos, temos

AL: ah, então têm de pagar também aos sapadores, por isso é que o dinheiro não chega

MeL1: ah, claro. E não é assim tão pouco ahn

Pastagem / produção animal /usos tradicionais (buscar mato, lenha, ITI, etc.)

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão, esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois..e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira??

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma discriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao baco acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque e...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nos temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

AL: considerando o baldio todo e a área forrageira toda do baldio...

MCa1: exactamente! A questão é a limitação e a dificuldade está mesmo aí, porque nós não podemos ceder mais do que 490 hectares para efeitos de candidatura dos agricultores para... com baldio. Isto pode ter um impacto muito superior, negativamente, para toda esta gente que vive da agricultura e da pastorícia... essa é que é a questão...

AL: então, a ver se eu percebi. Isso que me disse eu percebi. Sim. Agora vou-lhe dizer o que eu tinha percebido... pelo que eu percebi há um x dinheiro que entra no baldio anualmente como bolo para se gastar...

MCa1: certo, mas isso ao certo ainda ninguém sabe como vai ficar...

AL: aaah. Então não é aí que estão a mexer então... o que eles estão a mexer agora ao definirem áreas forrageiras...

MCa1: o que eles mexeram foi na área elegível para cedência aos agricultores. Agora em termos de ITI ainda ninguém sabe como é que isto vai ficar... digo eu! Eu pelo menos não sei... (RISOS) espero que pelo menos quem mande saiba o que anda a fazer, o que às vezes também me parece que não sabem... porque isto, quando os cortes são feitos dentro de um gabinete no terreiro do paço raramente correm bem porque dizer "ah esta área não presta, isto não presta para pastoreio", esquecem-se por exemplo que as cabras, que é uma parte importante aqui da agricultura. Dão-se muito bem e gostam desta zona de rocha, gostam da zona... basta que ver no nosso baldio existem cerca de 1000 cabras bravas, bravas, selvagens, que foi o próprio parque que as soltou... não é?! E depois a área que eles cortaram a 100% é a área em que elas se dão maravilhosamente bem e que estão a crescer de uma forma exponencial, ou seja há aqui um contrassenso muito grande, não é? Se não presta, se aquilo é deserto, se é só pedra, então elas crescem do quê? Será que comem pedra? Não é? E aqui na serra está o sistema de veraneio em que os animais sobem todos para a serra alta e que não vêm sequer cá abaixo, ficam lá 6 meses, que é ótimo para os agricultores porque fica a custo zero

AL: eles não ficam lá não é? Deixam-nas lá e depois hão-de ir lá buscá-las

MCa1: exactamente, vão lá amiúde, com muita frequência ver os animais, mas dormir lá não vão, não ficam lá ao pé delas, preferem vir dormir com a mulher, e eu também acho que é melhor

AL: (RISOS)

MCa1: (RISOS) eu também acho que é melhor, entre dormir com vacas e dormir com a mulher eu também acho que preferia dormir com a mulher (RISOS). Mas pronto... mas o

gado anda mais ou menos acompanhado porque andam todos os dias pastores na serra, e sabem, conhecem os animais de cada um, e quando algum tem algum problema eles ligam “olha, tens aqui a tua vaca, tem este problema, ou pariu, ou qualquer coisa assim”

AL: e esses pastores quando andam na serra vão e vêm ou...

MCa1: vão e vêm...

AL: as vezeiras já não existem aqui?

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sítio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: tou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: as vezeiras já não existem aqui?

MCa1: aqui já não existe vezeira há cerca de 40 anos, já há muito tempo...

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sitio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: tou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: [olhando para as fotografias] ah, tao grande, pensei que era uma coisa pequenina. Bom, isso não parece nada um iglô...

MCa1: não, ali aquela é que é a pequenina

AL: ah, parece, parece! Ok, estava a olhar para aquela

MCa1: pois. E esta foi a que fizemos de novo... tinha lá uma velha com placa de cimento e, estava muito mal... com uma aparência fraca e deitámos aquela abaixo e fizemos outra, fizemos este parquezinho aqui à volta, com mesas

AL: he lá isto assim até dá gosto ir pastar. Posso ver outra vez... mas pera lá, isto é uma casa ou é uma árvore? Agora já estou a ficar confusa...

MCa1: aquilo é a cabana, é a tal cabana. A casa de banho, metida no meio das pedras... passa bem despercebida, só tem mesmo a sanita, não tem mais nada, aqui fizemos uma churrasqueira, com sitio para cozinhar aqui, com água. Isto aqui é a parte do dormitório, para quem quiser lá ficar, para os turistas, para quem quiser, para quem andar por aí, quem quiser lá dormir...

AL: mas está a porta aberta?

MCa1: está a porta aberta, isto é tudo de porta aberta. Agora vou lhe mostrar a cabana, quando formos lá... a cabana foi mesmo arranjada por nós

AL: é uma só que está viável não é? Imagino que haja várias, das vezeiras e assim

MCa1: sim, há muitas, só ali em Lagoas do Marinho, que é esta zona

AL: é o nome da zona?

MCa1: é o nome da zona... tem para aí meia dúzia delas, quase em cada curral, curral são aquelas áreas vedadas que antes as pessoas semeavam lá centeio, no tempo da fome

AL: ai era? Semeavam lá centeio, mas isso não era onde as pessoas punham os animais?

MCa1: era, mas estava vedado. E como era pastoreado tudo avezeirado, andava lá um pastor todos os dias, ele guardava os animais.

AL: mas plantava-se centeio ao mesmo tempo?

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois põe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chão mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, ta bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

MCa1: as abelhas

AL: são de quem?

MCa1: cuidado que elas te podem te picar, não vás tanto para aí

AL: ah...

MCa1: assim está bom. Que elas agora andam entretidas a trabalhar

AL: mas isto é de uma pessoa ou é do baldio

MCa1: não! É do baldio claro

AL: ah, que não és tu!

MCa1: não, as minhas estão acondicionadas...

AL: mas tens várias... para além destas colmeias tens noutros sítios também?

MCa1: eu tenho 600 colmeias!

AL: foooogo! Ok, pronto, que ingenuidade minha

MCa1: olha vês é essa a água toda que vem... do regadio

AL: ah, do regadio. Pensei que era a do... mas também é a mesma do moinho não?

MCa1: é a mesma, antes de chegar aqui passa se quiserem pelo moinho

AL: se quiserem, pois está bem... e como é que se direcciona aí a água do moinho?

MCa1: tem umas torvas que se viram para um lado ou para o outro, de acordo com...

AL: Está bem, e neste momento estão viradas para o regadio

MCa1: sim, para os terrenos

[entramos no carro]

AL: então agora só mais uma pergunta assim parva...

MCa1: pergunta as que quiseres

AL: então, a água chega ali àquela espécie de piscina, não é, àquele tanque, e acumula-se lá não é? Que é a mesma água não é...

MCa1: exactamente!

AL: e esta água vem do tanque?

MCa1: vem, é a que cai dentro do tanque

AL: ah, ok.

MCa1: depois fora do tanque tem um sítio que nós chamamos de talheiros, um talheiro é onde se... põe-se aqui a tábua e a água vai para aqui, põe-se a tábua aqui e a água vai para a frente, percebe? É um cruzamento... em que viras a água de acordo com..., se vai para a frente vai para os terrenos de acolá, vai por cima, se vier para aqui vem para baixo, entendes?

AL: ah, ok. E neste momento vai para aqui porque alguém decidiu que dava jeito...

MCa1: não, porque é desse herdeiro, é desse senhor, a água é direccionada cada um para o seu terreno. E tens um numero de horas para cada terreno, percebes? É 12 horas, ou não sei quê para o terreno x e vira-la para lá... percebes?

AL: a água aqui não escasseia ou? Pelo menos agora ainda...

MCa1: não! E agora depois desta obra⁴⁶ não escasseia facilmente

AL: portanto essa questão das horas é mesmo porque não é possível não estar a água em muitos lados ao mesmo tempo, não é por uma questão de poupar ou ...

MCa1: não é por uma questão de poupar... não, não, não. Aquele terreno tem x horas de água, aquele outro tem x horas de água, tem a ver depois do tamanho do terreno, da necessidade de ele ter. isto já está partida, a água já está partida há muitos anos

AL: está partida... engraçado

MCa1: partida entre os herdeiros

AL: chamam-lhe herdeiros, herdeiros porquê?

MCa1: ainda são herdeiros porque a água é uma propriedade e os herdeiros daquela água... que são as pessoas que usam

AL: que é a malta da aldeia toda...

MCa1: pode não ser a malta da aldeia toda

AL: são as pessoas que precisam da água...

MCa1: que têm os terrenos para serem regados

AL: ok... os herdeiros... está bem. Enfim, tenho um manancial de perguntas na cabeça e quando preciso delas perco-as (RISOS)

MCa1: se te lembrares de alguma importante podes-me telefonar

AL: ah, sim! Não, e eu ainda quero voltar aí um dia qualquer

⁴⁶ É um tanque de recolha de água

MCa1: está bem. Vamos lá acima, noutro dia vamos lá acima...

AL: sim. Eu já percebi que tens a vida um bocadinho complicada em termos de... por isso se calhar mais vale dizeres tu um dia que te dê jeito. Eu agora desta vez estou cá até 5a aqui na zona. E depois tenho de ir a Lisboa, a minha mãe faz anos. Eu até queria ir àquela actividade que eles organizam em Fafão... de 4 a 6 de junho mas... mas isto para dizer que vou sempre voltando cá para cima, tanto pode ser até 5a desta vez ou numa próxima que volte, não sei o que é que tu... eu agora até 5a já tenho mais ou menos os dias cheios

MCa1: pronto, então vai-me ligando que eu também nunca sei o que é que eu vou fazer amanhã

AL: está bem. O que é aquilo?

MCa1: aquilo era uma barraquinha para o pastor se abrigar, das cabras, portanto quando andam aí com as cabras e metem-se ali...

AL: e foi ele que...

MCa1: escavaram aquilo na pedra...

AL: aí estão elas... pois andam aí à vontade

MCa1: isto é importantíssimo. A cabra come tojo, é aquele que pica, a cabra é o único animal que come o tojo

MCa1: Este velhote tem 80 e tal anos, é de São Lourenço:

MCa1: então patrão? A vida? Estás bom?

S: tem de ser assim

MCa1: quantas tens agora?

S: poucas, algumas 52, mas ainda são demais

MCa1: são demais?... também, diz que ou 100 ou sem elas

S: não, mas isso, não conta isso. Conta mas é os anos que já...

MCa1: os passos que tens de dar com 50 eras os mesmos que davas com 100

S: não, mas não, isso era se eu tivesse menos de 20 anos

MCa1: quantos anos tens? 86?

S: 84

MCa1: vê aqui um exemplar de homem que com esta idade ainda anda aí todos os dias para trás e para a frente

S: mas olha que parte desses podiam andar melhor do que eu, novos, há aí malta nova

MCa1: não, esses é que não mexem uma palha

S: não querem!

MCa1: pois, lá está, e um trabalho...

AL: tramado!

MCa1: nesta altura até é uma maravilha, até se podem bronzear, agora de inverno o dia todo debaixo de chuva

S: não é. Eu até gosto, a chuva nem é o que me perturba. Eu custa-me mais agora o verão. No inverno a gente anda pouco tempo no monte

MCa1: pois, agora é muito mais horas

S: é meio-dia, a gente bota, só até 4 horas da noite, e às vezes nem 4 horas é

MCa1: também és preguiçoso

S: não, não é até 4 horas porque está a chover e vai-se para casa

MCa1: pois é... e agora os dias como são muito maiores eles...

S: agora é custoso

MCa1: mas é uma maravilha, deitas-te aí numa sombra, aí debaixo de uma pedra

S: ah pois deito e depois os lobos comem-me os animais

MCa1: é pena é... se tivesses aí uma gaja nova ao pé de ti

S: olha, nem nova nem velha. O meu tempo já passou, ouviste ou não? E foi bem doce mas agora...

(RISOS)

MCa1: mas também quem comeu não ouga

S: não, isso é verdade!

MCa1: xau!

S: até logo!]

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: da muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos kgs?

MCa1: 5 kgs, o ideal, 5-6 kgs no máximo

AL: 60 euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 euros cada um

AL: Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: (...) a minha ideia é ir falar com todos os baldios do Parque e agora começo a perceber que se calhar é interessante ir também fora, porque já percebi que esta realidade é muito própria, enfim é muito comum entre baldio e muito diferente do resto do país... não sei se é do resto do país, lá está, se calhar também era interessante ir a outra área protegida

MCe1: tem a zona de Bragança...

AL: pois, já pensei também em ir a Montesinho, mas...

MCe1: Montesinho, mas também não sei se a realidade é a mesma coisa

AL: eu também não sei, por exemplo as ITI não sei até que ponto lá têm a mesma força

MCe1: o que tem também interesse era fazer também aqui com os nossos colegas, os espanhóis, que eles também têm ITI...

AL: isso então... pois, se a gente se entender... o meu espanhol está muito fraco

MCe1: é aqui, é quase igual, isto aqui é galego

AL: é galego pois... mas isso era giro também, é verdade

MCe1: eles aqui também têm os mesmos problemas que nós temos, aqui já aqui mesmo na raia, aqui nesta linha, se for aqui a Baltar já vê-se lá essa coisa das roças e ...

AL: Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo não, ainda não percebi muito bem esta questão...

MCe1: há uma aldeia Cela e a outra é Sirvozelo

AL: pois, mas em baldio estão juntas

MCe1: estão juntas. Agora a serra tem, tem... perdido muita qualidade de fauna e de coiso porque os incêndios são consecutivos, os pequenos ruminantes diminuíram, aumentaram os fogos porque os pequenos ruminantes até aí não deixavam crescer os matos. Agora começou a ... os matos crescem muito rapidamente e as pessoas a única hipótese que têm é não chegar fogo que é para...

AL: e acha que é por isso que eles inventaram agora, agora salvo seja, esta coisa das ITI?

MCe1: sim, em parte a ideia é boa, agora quer dizer, também se calhar a aplicação no terreno não está certa, parece-me que, pronto... acho que devia ser mais bem ... é que as pessoas também olham muito ao dinheiro... o dinheiro depois... quer dizer, quanto mais puderem... quanto mais sobrar é melhor para as populações para poderem usar noutros fins... que também têm utilidade não é, mas se calhar descarta-se um bocado a ideia de... o estudo de como é que se devia fazer, por exemplo, andar nos planaltos com os tractores a desbastar hectares e hectares e hectares em matos que têm 30 e 40 cm não tem muito sentido

AL: (RISOS) e é isso que acontece?

MCe1: é, é isso que acontece

AL: pois, e o que é que deveria acontecer? Por exemplo, do ponto de vista do ICN...

MCe1: as limpezas serem mais acompanhadas pelos técnicos, prontos, e coisas, se calhar áreas mais pequenas, a meu ver cortar por exemplo 10 hectares seguidos é prejudicial por exemplo para a fauna... nesta altura por exemplo, as aves estão a fazer ninhos, não é, é uma altura... e está-se a fazer limpezas

AL: pois, mas aí se calhar devia haver acompanhamento de um técnico do ICN

MCe1: aí devia haver várias coisas...

AL: pois, não tem a ver com falhas da população mas sim também da...

MCe1: não, não, não, a população prontos, a população se puder ficar com 10 não vai ficar com 5, certo? E então vai aplicá-lo, o próprio... as roças se forem num sítio difícil à mão é um preço, se for feita com uma máquina é muito mais barata para a limpeza... claro que eles vão desviar para as zonas que podem fazer com máquinas porque ficam com mais dinheiro... eles cumprem o projecto não é? Porque tecnicamente está cumprido, só que o objectivo deixa de... não é? O objectivo com que ele foi criado se calhar não era bem aquilo, não é fazer no planalto em que o mato só tem 30 cm

AL: pois, isso vai um bocado de encontro à ideia de que o ICN não tem estado presente no terreno na gestão dos baldios... ou não é verdade?

MCe1: estar está não é... mas também não vai contra... se calhar não quer ir contra a vontade das populações... está a entender... digo eu... não conheço bem a razão, mas... também não sou técnico disso, não sei, se calhar eles até têm razão em dizer que "sim senhor, o planalto é que deve ser...". eu por exemplo no nosso tenho limpado os sítios mais difíceis...

AL: aí é?

MCe1: é porque pronto, eu para já também não tenho área para limpar com máquinas, ao ter que limpar manualmente automaticamente meto os sítios mais difíceis, o preço praticamente é o mesmo. Porque... mas há CD que têm áreas de para fazer com a máquina

AL: pois... vocês têm quanta área no baldio? Mais ou menos...

MCe1: olhe, é assim, nós área, área temos muita, mas temos também muita área inacessível, não há caminhos, nós temos para aí 2000 hectares... o problema é que ali aquela zona da serra do Gerês é uma zona que não tem acessos, é aquela... é capaz de ser ao nível do país a maior zona sem um único acesso, porque dali das aldeias para cima só sobram para aí o quê... 2 ou 3 km

AL: é a zona de protecção total?

MCe1: não é só! Tem as 3 protecções, vai é diminuindo à... que é os Carris, aquela zona dos Carris

AL: e ninguém vai lá?... há pessoas que lá chegam, têm de ter um 4x4 ou qualquer coisa ou não?

MCe1: não, não, não, não.

AL: não dá mesmo?

MCe1: A única entrada para lá é por Leonte, pela zona do Gerês, pela Portela do Homem. Mas mesmo assim aquilo está condicionado, tem uma... está fechado, tem vigilantes, também o caminho deve estar mau, que é por aí que eles tinham a estrada pra ir para os Carris, não há outro acesso por lado nenhum, portanto é completamente... agora aqui há pouco tempo foram lá apanhados, apanhados ou filmados, motas, mas era mesmo a ?, aquilo não tem hipótese, aquilo é... aquilo nem carreiros nem há

AL: ok, achava que era acessível

MCe1: é daqueles mesmo que se metem e que com certeza depois... não sei se saíram bem se saíram mal...

AL: pois... mas lá há zonas por exemplo que ardam aí nessa zona, estou a pensar por exemplo como é que chegam lá os bombeiros se houver algum problema...

MCe1: há, há. Sim, mas se for um dia com boas condições para arder quando lá chegarem está tudo queimado, aquilo dura 3 ou 4 horas a chegar lá a pé...

AL: ah, têm de ir a pé, pois... isso está a fazer-me lembrar uma notícia que li que os bombeiros aqui da zona do PNPG requeriam estradas porque não tinham condições para se movimentarem para chegar aos incêndios

MCe1: não têm outra hipótese, agora, eu acho que ali que a solução era esta, vamos lá a ver... também não podemos pedir que não arda, porque repare uma coisa, se um concelho, ou uma freguesia, estiver 20 anos sem arder, ao fim de 20 anos os matos e o combustível é tão grande que o que é que vai acontecer...

AL: quando for vai ser...

MCe1: quando for vai tudo de uma vez... não é, é uma catástrofe. O que para mim aqui... portanto, as roças em tudo é impossível porque é uma coisa rara, é uma coisa que financeiramente é incomportável... não é? Para limpar 4000 hectares só na minha freguesia, só dois CD era preciso uma fortuna... qual era a solução? Na minha opinião, para

além dos pequenos ruminantes, que isso já tem de ser da vontade das pessoas quererem concorrer, era as queimadas controladas... mas como... não vale a pena fazerem queimadas controladas como até faziam até ali porque nós aqui há uns anos, com o ICN e com o Parque, fazíamos, pedíamos, fazíamos e pedíamos queimadas controladas, só que eles marcavam-nos no dia... marcavam-nos ao nosso CD num dia, depois para o outro CD outro dia e assim sucessivamente, só que chegava àquele dia e por exemplo estava a chov... estava vento, ou estava a chover... não se queimava. Conclusão, aquilo era passado. O outro ano acontecia a mesma coisa, as pessoas não estavam depois à espera que venha outra vez o dia bom, o dia certo, porque já não sabem se vão, quando é que vão queimar. O que é que acontece? As pessoas vão escolher um dia bom que arda bem e chegam ali e pronto...

AL: ah exacto, não estão cá à espera...

MCe1: não é? Ficam ali ... e é isso. Agora uma das soluções a meu ver era queimadas controladas mas acompanhadas... e serem os próprios bombeiros a irem ter com as populações... “olhem, onde é que querem queimar?”

AL: pois

MCe1: e serem eles... agora se forem queimadas feitas aí em Outubro ou Novembro ou... bem, tem de se escolher os meses ou... fevereiro, março, serão os ideais, e fazer por exemplo com tiras, que elas automaticamente também funcionam como controlo depois do fogo, porque depois já não passa, se forem feitas com cabeça acho que resolvem um bocado o problema e... agora tem é de ser uma coisa persistente, não é vir cá uma vez e depois...

AL: claro

MCe1: por aí acho que é uma solução

AL: isso falado com o ICNF se calhar a resposta vai ser “não temos pessoal” ou não?

MCe1: porque... principalmente essa questão das queimadas, pelos vistos só há 2 ou 3 do país que têm autorização para fazer queimadas controladas, eu não percebo isto, era o que eu ia dizer, é uma coisa assim...

AL: acho que agora há mais... eu trabalhei em Vila Real há uns bons anos, em 2005 ou assim, ...

MCe1: mas naquela altura era assim... aqui há 2 anos...?

AL: e havia pouquíssimos técnicos, estavam a começar a ser formados

MCe1: não tinham autorização para fazer isso

AL: nem formação, que aquilo não é assim... pelo que eu... eu não tive essa formação, mas a malta à minha volta tinha e ...

MCe1: sim, mas, quer dizer, isto também é mais do... às vezes é mais do... se escolherem os dias certos, não está muito vento, o grau de humidade é mais ou menos isto, ter bombeiros

ali perto e não chegar à beira de uma mata não é... tem de ser em sítios ... eu não me meto nesse assunto porque não é a minha...

AL: pois, exacto, exacto... então e o...

MCe1: sei que isso resolvia um bocado o problema das pessoas, e resolvia um bocado o problema dos incêndios... e conservava melhor isto... a paisagem, as serras e a vida selvagem...

AL: pois... está bem, eu não lhe vou tirar mais tempo, eu gostava de um dia, não sei se alguma vez vai ser possível, ir lá a Cela e Sirvozel, conhecer lá um bocadinho o baldio... não vai ser agora que eu agora vou a Lisboa e depois só volto depois de 20 de junho...

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barroselas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozel

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [?]

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disse deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falar muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [?] e olha para a montanha do [?], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [?], tem vários metros, havia de ser mais [?], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando foi das outras, havia lá um sitio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITL. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas, ainda há pouco tempo... ontem, tinha os sapadores hoje já pertencem a Paredes... amanhã que é 2ª feira vão para Paredes... para fazer limpezas...

AL: quantas pessoas há na aldeia?

MCov1: oh, temos para aí alguns quarenta... tudo velhos (RISOS). Há pessoas de setenta anos, de oitenta, setenta, de oitenta, setenta.

AL: pois, é complicado

MCov1: nós temos o gado agora também, há pessoas que têm gado que é isso que eu estou a dizer e o meu rapaz agora já, é organizado, já tem gado, depois já pega para o monte. Tem aqui os terrenos, agora tira o feno, sei lá como se chama lá para baixo, o feno é o pasto...

AL: feno, feno

MCov1: tem de se meter lá nos armazéns para depois no inverno... porque aqui há neve, e temos neve, chuva, muita, e depois o gado muitas vezes até não sai, fica nos currais... não pode sair. E temos de lhe dar de comer. E quando dá vai para a serra. Agora no mês de Maio já vão para a serra a maior parte

AL: há muito gado na aldeia?

MCov1: aqui só temos pouco, nós temos setenta e ... para aí setenta e quatro ou setenta e cinco; ovelhas é que temos mais para aí umas quarenta

AL: e os animais são das pessoas?

MCov1: são das pessoas pois, um tem dez, outro tem doze, outro tem vinte

AL: e fazem vezeiras ou não?

MCov1: não, cada um vai com as suas. Quando as vão lá deitar ao monte andam lá todas juntas... juntas com as de Pitões, com as de Travassos, vai tudo para o nosso monte

AL: ah, então as de Pitões e de Travassos também vai tudo para o vosso monte...

MCov1: vêm, comem tudo lá para o nosso monte, temos de andar sempre à guerra com eles

AL: ah é? Não há uma forma de se organizarem?

MCov1: no Verão até nem há grande coiso, mas de Inverno há. Mas mesmo de Inverno nós temos o... depois os de Pitões comem aquilo, porque nós aqui numa área, só pode ir até ali o gado, de inverno não pode ir lá para cima senão chega com o gado a Tourém...

AL: mas lá para cima não está tudo cheio de neve?

MCov1: não. Não está sempre neve...

AL: de inverno?

MCov1: não... o gado depois já não sobe acima, só vai aqui por cima do povo, é uma parte que até foi a engenheira Lúcia, estivemos a ver o terreno, como havia de ser e, em todas as aldeias. Por exemplo, só deve ir... de inverno, por exemplo, só chegam ali e depois de verão sobem para cima

AL: então e nessas pastagens há algum conflito com as aldeias ao lado para usarem o monte?

MCov1: há, há sempre problemas, que ninguém gosta que lhe venham depois ao mato. No mato, para roçarem ou vamos cortar o mato, nós não queremos que nos cortem o mato porque precisamos dele para nós, para os animais

AL: e eles não têm também o seu baldio?

MCov1: tá bem, mas muitos têm e não chega

AL: e vocês não conseguem criar aí um entendimento, tipo “a partir daqui...”, não sei... qualquer coisa para evitar conflitos

MCov1: não, não há assim conflitos nenhuns, vá...é mais “oh pá, não podes vir, aquilo é nosso” e tal, e eles depois lá retiram... não há multa não há nada... a gente aqui não faz multas

AL: vocês andam por aí a ver quem é que usa o baldio e quem é que não usa, não há uma espécie de fiscalização vossa?

MCov1: não, é o conselho directivo... o conselho directivo é que vê se... os que pertencem somos doze

AL: doze? Uau, mas isso é imenso. Não é cinco normalmente?

MCov1: agora parece que mudou para quatro até, e nós fizemos a acta já com doze. E alguém que está no monte vai dizer “olha, fulano andou lá” ... vêm-me dizer a mim, ao

presidente, “fulano andava em tal sitio”. E depois um homem tem de dizer “olha, não podes ir, aquilo que está ali é nosso”. E comesas a ver se passa se não se diz nada...

AL: não há nenhuma separação física pois não? Uma rede ou ...

MCov1: não, temos lá as marcas, temos as cruzes. Nós temos as... cada um tem as suas cruzes, nós partilhamo-las com Paredes, temos as cruzes, temos marcos, temos ?? tudo em volta, e de vez em quando, lá de anos em anos, vamos limpá-las

AL: o quê? Ah, a zona à volta da...

MCov1: dar uma limpeza à...não, depois de limpar as cruzes com um pico

AL: com um pico?

MCov1: as cruzes são feitas com um pico... depois elas enchem-se de musgo. Depois vêm os de Travassos, se é do lado de Travassos, vêm os de Travassos e os de Covelães limpar, limpam as cruzes para se verem; se vêm do lado de Paredes e de Pitões, e depois vamos ao de Tourém também, também temos com os de Tourém. Aqueles que lhes pertencem vão as duas aldeias limpá-las. Vamos a Travassos, vamos nós e os de Travassos; vamos a Tourém, vamos nós e os de Tourém, vamos a Paredes, vamos nós e os de Paredes

AL: quando diz picos é o quê?

MCov1: é um bico de ferro como os dos... aqueles que de ferro que servem para picar pedras e... depois aquilo está aguçado, afiado e depois fazem a cruz. Quer dizer, limpa-se uma e faz-se outra nova. Aquela limpa-se, aquela uma ou duas que estejam lá, limpam-se. Depois faz-se outra nova

AL: para quê?

MCov1: que é para dizer que limpámos naquele verão

AL: e há muitas assim? É de quanto em quanto espaço?

MCov1: aquilo às vezes tem 500 metros, 1500, 1000 metros, mais, às vezes tem mais... aquilo não calha em linha recta, é um penedo... e depois tem marcos, em mais sítios tem marcos

MCov1: oh, está a ver o mapa que manda a Lúcia... então, agora temos de roçar, mato... Covelães, está a ver aqui, silvicultura

AL: sim, isto faz parte do PUB não é?

MCov1: isto é do uso do... tem de se fazer isto...

AL: do plano de gestão não é?

MCov1: é, oh, mais o...

AL: isto é o que tem de roçar?

MCov1: pois... isto é do... acho que é do carvalhal. Agora aqui temos.... Mato

AL: isto é a roça do mato?

MCov1: olhe, isto já foi feito, mas já foi feito ainda no , ela ainda não me deu o resto...depois tem aqui o dinheiro...

AL: tem aqui o dinheiro, sim... ai, não, isto são os hectares

MCov1: já fizemos. Aquilo é os hectares que temos de fazer. Já fizemos um... ano de 2012/2013... 6 hectares, e depois temos aqui...

AL: isso é o roçar de mato para pastagem

MCov1: para pastagem. 2013/2014, também já fizemos, mais 6 hectares. E agora temos esse para fazer. Temos 2015... 2014 para 2015 e depois é em Novembro e Dezembro. Tem de ser em Novembro e Dezembro. Depois temos aqui em 2015 e 2016 mais 6 hectares, Novembro e Dezembro

AL: mas aqui ainda não fizeram, mas era pa ser em Novembro e Dezembro de 2014

MCov1: ainda temos de fazer

AL: já está atrasado não é?

MCov1: pois, já está atrasado, ainda vamos fazer agora

AL: porque não conseguem pagar aos sapadores?

MCov1: não é lá com o outro, lá com a ...

AL: ah, com a companhia...

MCov1: e vai até ao... até aqui, 2016 a 2017. Temos de fazer 36 hectares de rouça, rouça de mato, a máquina desfaz tudo, aquele é para desfazer. E o outro que fica por fazer, esse é para o gado, para as cortes dos animais

AL: que fazem vocês, não precisam de...

MCov1: é! Esse, foi, foi a Lúcia que me entregou isto e eu tenho de fazer isto tudo.

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1: quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1: uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1: contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1: não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1: foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às ? eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1: natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar... ainda por cima com os de Travassos que depois querem vir pastar para ali, este ano estiveram lá de noite, queimaram aquilo tudo, a parte lá de cima da serra, limparam aquilo tudo com o lume

AL: mas a zona de carvalhal?

MCov1: o carvalhal também... tudo!

AL: do vosso? De Covelães?

MCov1: sim, sim, porque eles vêm passar para o nosso

AL: mas quem é que queimou?

MCov1: os de Travassos... e os de Pitões... se não foram são os de Travassos são os de Pitões, eles são da mesma família, são genros, ou sogros ou genros e depois chegam fogo para irem lá pastar

AL: mas não queimou as árvores ou queimou?

MCov1: algumas queimaram

AL: então vocês ficaram chateados ou não?

MCov1: ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! Mas isto é... é uma malandragem do carambas! Por causa do gado! O Senhor Duro arranjou... ele estava na França, veio para aí, o tio é que lhe deu a mão...

AL: quem, quem? Desculpe?

MCov1: o Duro, de Travassos... e arranjou 70 ou 80 vacas, meteu agora para aí 80 ou uma coisa assim, têm-nas na corte e depois agora bota-as para o nosso monte... e depois queima o monte. Vai buscar um subsídio com a sombra (?), com as vacas, apanha o monte tinha cento e não sei quantos hectares de monte baldio, ia buscar uma fortuna, só ele do coiso tirava para cima de 20000, mais que 20000, para aí 80000 de subsídio lá de... do ITI, lá do monte e das vacas e coiso... tira uma fortuna... mas agora lixou-se, agora já não tem tanto terreno... agora as vacas andam no nosso, pois... se lá for agora elas andam elas lá em cima todas...

AL: e vocês não dizem nada?

MCov1: não... agora já não dizemos nada. Elas ficam lá... porque eles agora chegaram-lhe fogo e agora a erva vem e as vacas não saem de lá, nem os cavalos

AL: as deles...

MCov1: as deles, não saem de lá... e as de Pitões. Pitões vão para a zona do monte nosso até que chegam ao de Travassos. E os de Travassos chegam ao de Pitões. Mas para o de Pitões não passam, só andam é no nosso

AL: então mas se isso é contra a vossa vontade vocês não dizem nada?

MCov1: chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

AL: não, mas falar com eles directamente

MCov1: ah, isso dá para alguma coisa? Não querem saber... nada

AL: mas portanto, assim quando as vossas vacas forem já não há erva, ou há menos erva...

MCov1: sim, as nossas vacas agora de verão vão... algumas. Mas depois lá andam todas juntas

AL: com as deles?

MCov1: pois. Depois de inverno as nossas andam ca em baixo e as deles andam no nosso monte... em cima. De inverno o baldio de Pitões que fica perto do nosso monte, da nossa área, e eles vêm para o nosso... andam lá, quando os dias estão bons, quando não há neve, passam aquilo tudo, metem-se com o gado pelo monte

AL: e vocês não conseguem regradar isso?

MCov1: para quê? Não vale a pena... para quê? Chatear-nos e ao fim vamos para tribunal e ainda ficamos mal... deixam as vacas sozinhas... porque tem um sítio ali de Pitões que aquilo é tudo... deitam-nas sozinhas... as vacas fugiram para lá. Andavam para ali com elas, e se for preciso anda lá pessoal com elas e diz que fugiram... se fugiram não pagam nada. Por isso não vale a pena meter-nos com eles

AL: e há mais alguém a usar o baldio sem autorização?

MCov1: não, Travassos, Tourém também vem

[olha, o rapaz já vem com os restolhos, isto é o mato que vamos buscar nós, até vai sozinho, que eles às vezes trazem muito mato alto, ele vem sozinho, mas às vezes vão 2 ou 3 e trazem cada carga que assombra... ele só foi buscar agora para... no inverno é que se carrega mais, agora é só um pouquinho para arranjar as cortes, que andamos a fazer uma vacaria aí dentro]

MCov1: agora que estão a acabar as sementeiras está tudo no monte a carregar mato, é tudo! Os lavradores é tudo. Só se vê aí tractores a carregar mato

AL: ma porquê? Porque acabaram as sementeiras?

MCov1: vão acabar as sementeiras, vão fazer as sementeiras, e já vão para o monte buscar o mato para fazer a cama do gado

AL: ah, para depois meter nas terras]

MCov1: depois para o ano vai para tudo para as terras

AL: ah, é para o ano só, ainda demora um bocado

MCov1: pois, senão aquilo as terras não davam nada, se não deitam não dão nada

AL: pois, pensava é que era mais rápido o processo, este estrume é só para o ano...

MCov1: o outro já saiu todo, já está transformado já está todo... agora este que está a coiso é para o ano, para o ano é que sai para estrumar as terras todas, fica tudo, os tractores a escavar, fica tudo, os tractores já fazem tudo, agora já fazem tudo e, e é assim, se não fosse o estrume a terra não dava nada. Se viesse há mais tempo esta terra estava cheia de estrume

MCov1: [...] Apareça, apareça, que a partir de agora já vou ter mais vagar, depois lá para Agosto vai ter de se meter os fenos para o gado (...) para depois no inverno o gado ter que comer [...]

Fafião: MF1

AL: e no que é que investem mais? Já percebi que em madeira tem havido bastante investimento, pelo menos reflorestação, seja para produção ou conservação... mas noutras coisas, por exemplo o gado... já percebi que há a vezeira

MF1: já... temos vindo a arranjar as cabanas dos pastores, os trilhos, estão limpos, só que o problema é, eu limpo o trilho este ano, tem sítios, por exemplo, temos ali uma encosta que é a Lagarinho que limpa-se num ano, aquilo o terreno é muito húmido, no ano a seguir aquilo já tem [?], e o mato ali cresce muito depressa e se uma pessoa limpa e ninguém vê passado um ano uma pessoa passa e pensa “aqui ninguém limpou nada que isto já esta outra vez...”. Mas tem-se feito aí um bom trabalho, temos uma cabana aí que é muito conhecida, que é Pinhô, que está espectacular, e estamos a fazer outra agora aqui no Vidoal e as outras [? *Não se entende*], duas outras juntaram-se, meteu-se uma portinha, embora não se tenha mexido na estrutura delas, mas vai-se...

AL: e a malta usa?

MF1: usa, a vezeira aqui é guardada e muitas vezes ficam lá as pessoas de noite

AL: eu até achava que as vezeiras já não se faziam...

MF1: aqui existe a das vacas e a das cabras

AL: e há assim um grande número de cabeças?

MF1: as cabras serão umas 400 e tal... a vezeira tem vindo a reduzir mas o ano passado ainda teve alturas em que tinha 40 e muitos animais

AL: e vocês têm tido problemas... como é que aqui é estabelecido quem é que pode estar aqui, quem é que não pode usar o baldio, quem é que pode

MF1: normalmente aqui não aparece ninguém que não seja daqui. Até tínhamos aí uns senhores interessados em fazer aqui um projecto de cabras só que agora com a redução das áreas forrageiras deixou de se poder dar o baldio, deixou... reduziram muito e agora não temos hectares suficientes para dar, que isso em termos de RPU era muito favorável para quem se quisesse instalar e então...

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém

AL: ou seja, quando tu dizes que diminuiu a área forrageira, referes-te à área forrageira subsidiada, é isso? Ou seja, aquela que permite o acesso ao subsídio à produção...

MF1: sim, nós tínhamos... porque aí só nos interessa a forrageira, que é onde os animais pastam, e nós tínhamos penso que 590 hectares dessa área e passámos para 92...

AL: bolas!!

MF1: dizem que... o IFAP... dizem que foi imposição da comunidade europeia, já tivemos informações contraditórias, fizeram uma visualização fotográfica viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos, ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha onde eles dizem que ali não tem área forrageira, mantemos ali as cabras nessas zonas que eles dizem que não tem forrageira, mas pronto... está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui...

AL: mas é estranha essa forma de classificar o solo, faz mais sentido que as pessoas que o usam sejam consultadas... não sabia que isso tinha sido feito assim, através de fotografias aéreas...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pelas tais avaliações...

MF1: sim

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: fogo! Mas nesses 50% a ideia é diminuir a área de produção de gado e aumentar a área de conservação da natureza, é isso?

MF1: o que me parece que eles estão a tentar fazer é dar mais a quem tem terrenos próprios. Tipo, no Alentejo as pessoas têm muitos hectares, nós aqui não temos nada, nós não podemos estar a ser avaliados da mesma forma que eles que estão no Alentejo, porque eles têm área e área e área. E nós aqui ou é o baldio, porque por exemplo as pessoas de manhã até põem as vaquinhas a pastar no campo, depois ao meio dia, da parte da tarde soltam-nas para o monte e elas comem, estão no baldio, também ajudam a limpar, e pronto, a manutenção dos animais não é feita só com a área deles, e é isso que eles não estão a ver bem, e se calhar não sabem, se calhar o melhor era virem aqui ao terreno e verem como é que isto efectivamente funciona e pronto, que não podem estar a avaliar isto como se fosse o Alentejo

AL: portanto a malta toda da aldeia pode usar aqui o baldio

MF1: pode... pode vir aqui buscar mato, pode ir buscar lenha, sabem que não podem cortar carvalhos, sabem que não podem cortar sobreiros, podem levar os pinheiros que estiverem secos e os carvalhos que estiverem secos também os podem levar, e o mato, podem levar tudo, agora chegar aí e cortar à sorte, está ali um pinheiro grande verde com um tronco grande não chegam ali e cortam, porque isso ia-lhes trazer problemas, esse pinheiro é da aldeia, e o dinheiro que esse pinheiro der é para a aldeia, é para o baldio

AL: portanto não sentem que há muitas pessoas a usar o baldio e que não lhes diz respeito ou que não têm esse direito, que não contribuem para a gestão do baldio mas usam-no, enfim...

MF1: uuh, pronto, temos aí alguns casos que... por exemplo há aí pessoal que quer vir para aqui buscar pinha, é um exemplo, “olhe, podíamos ir buscar pinhas?” e vêm com uma carrinha de 3500 kilos! E eu... “ouça lá amigo...”. Não podem! Mas eu não me importo que levem 4 sacas de pinhas, agora para levar daqui as pinhas para as vender noutra sítio calma lá! Isso não é assim! E eles já aí ficam... pronto, lá compreendem o que é que se passa e... por exemplo a lenha também não se pode levar, é só para o pessoal daqui, e pronto...

... isto é uma cerca das cabras. Esta é a mais pequenina que nós temos

AL: então é para aqui que elas vêm passar a festa?

MF1: é... aqui não passam a festa, passam na outra. Aqui é até à festa

AL: e porque é que não ficam sempre na mesma nos dois dias da festa?

MF1: porque temos monte dos dois lados e é preciso, ora comem neste ora comem daquele

AL: ah, é longe a outra

MF1: é é, é do outro lado do rio!

AL: ah, ok! Quantos pastores são?

MF1: eu penso que neste momento há 17 herdeiros na vezeira

AL: 17... como é que lhes chamaste?

MF1: herdeiros...porque imagina que eu tenho 20 cabras, aqui um dia de cabras é de 18 a 22, mas há quem tenha 2 cabras e há quem tenha 30... ou seja, imagina que eu tenho 10 e tu tens 20. As nossas portas faz de conta que é este círculo. Eu tenho 10, quando chegar a minha vez, na primeira vez, eu vou com as cabras hoje. Passo-te a ti, tu tens 20, tu tens que ir todas as vezes vais tu. Quando chegar a outra vez, como eu fui a ultima vez e só tenho 10 desta vez já não vou, do anterior passa directamente para ti, estás a perceber, varia com o número de cabras... e pronto, depois nem toda a gente tem o mesmo número e vai variando conforme o número que eles têm. E as vacas funciona igual, duas vacas num dia, três vacas uma vez vais dois dias outra vez vais só um, se tivesses 5 uma vez ias duas outra vez ias 3

AL: e vai uma pessoa de cada vez, sozinha?

MF1: não, com as cabras vão duas, com as vacas pode ir só uma

AL: e vão e voltam? Ou seja, vêm dormir à aldeia...

MF1: os das cabras vêm sempre dormir à aldeia, os das vacas, imagina que têm 2 dias, estão lá no alto da serra, preferem ficar numa cabaninha do que vir e estar a cansar, porque ainda fica muito longe e preferem ficar

AL: e nesses pastores há pastores jovens também ou?

MF1: não. Às vezes até vêm. Por exemplo, o meu pai tem umas cabritas e o meu sogro, mas eu já não venho há muito tempo, não vou estar agora a mentir... às vezes vinha, mas as cabras não são minhas são do meu pai. Agora se há algum jovem que tenha as cabras em nome dele, pelo menos com menos de 50 anos não há ninguém. Claro que há um ou outro que, temos aí um caso, por exemplo o Dário que é um indivíduo que anda em Braga, que está a acabar o curso de electrotecnia e vai com a mãe não é, o pai dele não pode ir e toda as vezes que têm de ir as cabras tem de ir ele, ele tem 20 anos e tem de ir e ele vai, embora as cabras estejam em nome da mãe. Aquelas rochas brancas acolá são a outra cerca das cabras, onde as cabras urinarem o musgo não nasce, estão ali, tem aqui este roxinho, e a seguir ao roxo tem umas pedras que tem lá à frente, que até à direita tem uns pinheiros queimados, onde tem aquelas árvores mais verdes e as pedras brancas é a outra cerca das cabras

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa

barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

MF1: aqui temos cortiços para as abelhas

AL: ah, fazem vocês aqui mel?

MF1: fazemos. Aqui temos várias pessoas, mas tudo pequenos produtores. Eu por exemplo até quero meter um projecto de jovem agricultor para as abelhas, estou a tratar disso, para o ano já estará tudo a andar

AL: e os compartes não gostavam de fazer isso?

MF1: é complicado, a malta nova... isto é que é um ponto de água, esta cerca é a dos 40 hectares, é o Azeveiro. Ali naquela zona temos as tais espécies autóctones. Aqui optou-se por meter um bocadinho de pinhal... vê ali colmeias? Se calhar não foi a melhor ideia porque há pessoas que não estão muito de acordo em trazer os pinheiros aqui para cima

AL: ah, fazem vocês aqui mel?

MF1: fazemos. Aqui temos várias pessoas, mas tudo pequenos produtores. Eu por exemplo até quero meter um projecto de jovem agricultor para as abelhas, estou a tratar disso, para o ano já estará tudo a andar

AL: e os compartes não gostavam de fazer isso?

MF1: é complicado, a malta nova... isto é que é um ponto de água, esta cerca é a dos 40 hectares, é o Azeveiro. Ali naquela zona temos as tais espécies autóctones. Aqui optou-se por meter um bocadinho de pinhal... vê ali colmeias? Se calhar não foi a melhor ideia porque há pessoas que não estão muito de acordo em trazer os pinheiros aqui para cima

AL: ah, já as vi (às colmeias). Desculpa, o que é que não foi boa ideia?

MF1: estes pinheiros foram plantados, onde tem pinheiros está tudo vedado. Os pinheiros foram aqui plantados e houve pessoas que não acharam muito bem meter aqui os pinheiros. Embora os pinheiros é que dão a rentabilidade aqui ao projecto porque essas árvores autóctones não as vamos cortar para...

AL: e quem é que era contra, eram pessoas dos compartes?

MF1: sim, houve compartes. e eu se calhar também estou de acordo que não foi o melhor por aqui o pinheiro

AL: porquê? Não cresce bem?

MF1: porque já temos muito pinhal na aldeia e aqui em cima se calhar vamos encher isto aqui de pinheiros quando não os tinha. Tinha aqui se calhar um bom monte para os animais e agora, por baixo dos pinheiros depois acaba por não nascer nada. Para já os pinheiros ainda não estão muito grandes e ainda dá para tirar dali muita urze. Assim que eles fecharem ali por baixo já não tem nada. Embora que aqui nesta zona os animais não podem pastar, está vedada para eles não poderem pastar.

AL: Mesmo quando não havia pinheiros?

MF1: podiam, nessa altura nós não tínhamos vedação. Agora o que eu estou a pensar, as árvores agora já estão a ficar com algum porte, se metermos aqui as cabras elas nestas árvores com 7 ou 8 ou 10, elas ainda estragam, causam danos e matam algumas. Mas estou a pensar na altura de Inverno, mais ou menos de outubro até janeiro deixar meter aqui as vacas, porque as vacas acabam, por não fazer mal, comem a erva, até podem esgalhar uma árvore ou outra a coçar-se mas não vão causar um prejuízo muito grande. e as pessoas também ficam contentes porque temos aqui estes 40 hectares e “quando é que vocês abrem aquilo?”, porque isto já devia estar aberto, só que as árvores demoram a crescer e é complicado. Então assim acaba por ser... nem toda a gente tem vacas, por exemplo eu não tenho, mas acaba por ser um mal menor e as pessoas ficam contentes se se deixar aqui meter

AL: pois... isto já está fechado há quanto tempo?

MF1: está aí há uns 12 anos

AL: e aquela associação dos baldios do Gerês...

MF1: do Parque?

AL: sim, isso funciona?

MF1: é, também é a Lúcia que é a presidente e... funciona, funciona. Nós, aí com a Lúcia, penso que estamos muito bem servidos

AL: sim, acredito. Mas o que eu pergunto é se as funções que a associação e o secretariado dos baldios têm são completamente diferentes ou... isto é, eu não sabia que existia esta associação, só descobri agora há pouco tempo... mas não percebi o que é que a associação acrescenta em termos de trabalho aos baldios daqui desta zona uma vez que já se encontravam todos associados dentro do SBTMAD...

MF1: eu aí também, sou sincero, também não sei muito bem. Mas sei que quando é preciso aí nalgumas... tipo, quando é preciso aí um parecer ou um técnico, ou alguém que represente esta zona ou precisam que algum técnico seja chamado, é a Lúcia neste caso que representa a Associação de Baldios do Parque que é chamada

AL: e há alguma parte do baldio que é utilizada para agricultura?

MF1: não. Não temos. Temos (*muito vento*).

AL: nem há parcelas do baldio que são cedidas a compartes?

MF1: estamos a tentar fazer isso aí no polígono, a dar às pessoas que pretendem fazer um pavilhão para terem os animais na aldeia, se bem que esse terreno não seja dado para a pessoa, tem ali o pavilhão, faz o seu pavilhão, mas o terreno será sempre do baldio. Eles podem usar, os anos que quiserem, não vão pagar nenhum aluguer por isso, mas esse terreno é sempre do baldio. Cede-se o terreno, ou se alguém quiser meter um projecto de abelhas, cede-se o terreno onde eles vão meter as abelhas mas o terreno é sempre do baldio. Ou se houvesse algum jovem que precisasse de vedar um hectare numa zona onde efectivamente se pudesse, se não houvesse restrições da parte do ICNF, eu teria todo o gosto e sou a favor que as pessoas tentem e façam, desde que de uma forma organizada e não façam à toa, com algum planeamento, porque o problema das aldeias foi que muitas vezes se fez as coisas... cada um fazia o que lhe apetecia, se houver um planeamento as coisas ficam mais integradas e ficam mais engraçadas

AL: então tu dirias que o que dá aqui mais rendimento ao baldio é a venda de madeira?

MF1: é. E as ITI's eram muito boas, eram muito boas para o baldio. Se não tivermos neste ano de 2015 essa receita, pronto, sabemos que alguma coisa normalmente será recebido... mas, se não tivermos essa receita, o balanço dos sapadores este ano que já não temos madeira para vender, porque acabou um corte do último que fizemos, já vai ser negativo e que se está assim 10 anos perdemos em 10 anos tipo 200 000 euros e assim é complicado. Essa diferença dos sapadores faz-nos falta.

AL: as ITI's são no fundo uma compensação por vocês não poderem produzir naquelas zonas ou não?

MF1: uuuh. As ITI's só existem no Parque e são uma forma de... bem, eles no ICN dizem que é a nossa compensação por estarmos no Parque e não termos eólicas eram as ITI's. Agora se nos tiram as ITI's já não temos compensação nenhuma, não temos nada, é tudo mau

AL: e quando é que sabem qual é a área de ITI?

MF1: Acho que as candidaturas ainda não fecharam, estão a tentar prolongar o prazo e estão a tentar a ver se eles recuam nessa redução das áreas. E é o que temos andado a fazer com estas reuniões agora, com os presidentes das câmaras a puxarem também do nosso lado se calhar a coisa fica um bocadinho mais fácil

AL: e é só Fafião que está a sofrer com isso?

MF1: não, não, isso é todo o parque, todas as zonas que tem, todos os baldios que têm as ITI's estão a sofrer com isso. E neste caso serão... se não forem todos devem ser quase todos...

AL: não é aquele sítio onde tem as cabras...

MF1: em Rocalva tem cabras mas é das bravas

(VENTO)

MF1: [...] também há corças lá em cima, e há lobos...

AL: pois, os lobos

MF1: no início do inverno foi uma coisa brutal

AL: foi? A sério? Há muitos ataques?

MF1: [...] e é complicado as pessoas, porque isto é tudo muito bonito [...] quando temos umas cabritinhas lindas e tem um cabritinho e a cabra e a cabra é apanhado pelo lobo, e o cabritinho fica à fome [...] se essas pessoas estivessem no lugar destas pessoas se calhar já não... e depois tem de repor. E depois o ICN não paga a horas

AL: claro

MF1: [*não se ouve nada por causa do vento*] e pronto, depois as pessoas aí também ficam um bocado, depois não sei, não sei se mataram os lobos, se eles morreram, o que é que aconteceu. Embora eu ache... eles, estima-se aqui que eles tenham soltado os lobos, para começarem a aparecer lobos é muito estranho...

AL: isso foi em que altura?

MF1: foi [...]

AL: ah, foi recente

[VENTO] – 2:00:40

MF1: [...] mas às vezes aparece um ou outro morto à beira do rio [...] e depois lá vão os pequenos lá ver o lobo

AL: mas é morto a tiro ou...

MF1: na altura já não sei se foi morto a tiro ou se foi com veneno...

AL: ah, mas pronto, é morto pelas pessoas...

MF1: é

MF1: é

AL: no teu tempo de pequenino o fojo do lobo era usado?

MF1: não. O fojo já não é usado para o fim que é há muitos anos. Não sei bem há quantos, mas há muitos. Já não é do meu tempo

AL: é um buraco não é? Que as pessoas depois direcionam...

MF1: é. As pessoas depois direcionam os lobos para lá e depois caíam no buraco... aquilo tem 5 metros ou mais

AL: e o lobo ficava lá a morrer ou morria com a queda?

MF1: não, ficava lá e matavam-no

[fala-se da legitimidade disto e ...]

MF1: claro, porque isto é complicado... eu compreendo. Sou uma pessoa nova que saiu daqui e andou a estudar e vê as coisas de outra forma que as pessoas que estiveram sempre aqui e que viveram disso não vêem. Mas é muito complicado uma pessoa que tem os animais e que se calhar até gosta deles e pronto, não tem só ali uma fonte de rendimento, uma cabra se calhar, até se calhar tem ali mais qualquer coisa e gosta daqueles animais, é ver as coisas de uma hora para a outra todas derretidas por causa do lobo. É complicado...

AL: eu percebo que o ICNF precise de alguma prova, porque senão também estavam sempre a desembolsar não é...

MF1: e noutras alturas as coisas se calhar foram feitas as 3 pancadas e se calhar pagaram muitas que não tinham morrido ou coisas desse género. Ou pagaram-nas acima do valor que elas valiam, e depois claro, chega a uma altura em que as coisas andam para trás. E agora é complicado, percebo perfeitamente o lado das pessoas, mas também percebo em parte o ICNF não pagar a torto e a direito porque há muita gente que de certeza que alguém aldrabou aí a situação...

AL: exacto, mas realmente consegues ter o cadáver de todas

MF1: é impossível porque se há um ataque do lobo até pode ser tipo, meia dúzia delas mortas mas algumas nem sequer aparecem. Se ele matar muitas ainda vão aparecer uma ou duas, mas se ele matar só uma ou duas isso já não aparece nada. Arrasta-as, desaparece tudo. E se as deixarem estar que não as encontrem, nem que esteja num sítio mais ou menos escondido, em 2 ou 3 dias desaparece tudo

AL: pois é isso... nós ainda andámos bem ahn. A aldeia está longe...

MF1: sim. Vê ali umas colmeias? Aqui onde estão estas árvores secas, lá a frente, já quase perto daquele amarelo? Ali vê-se uma paredezinha, junto àquele amarelo, junto à estrada. Pronto, daqui não se vê, mas aquela parede vê, e tem ali uma chapa com uma pedra em cima, uma chapa ferrugenta, e depois aquilo faz um redondo, aquilo é um redondo em pedra... aquilo é uma cilha, onde ..., faziam as cilhas, dizem, por causa dos ursos não irem tirar o mel. Pronto, agora não há ursos, mas as colmeias sempre estão ali mais resguardadas dentro daquela cilha

AL: mas há colmeias lá dentro normais e depois tem aquilo por cima, é isso?

MF1: há! Não vi quantas é que tinha mas deve ter algumas, mas já todas em caixas normais, já não estão nos cortiços da sobreira. Cortavam o tronco direitinho, só de um lado, cortavam-no assim certinho. Depois, aquilo que levava uma chapela que acho que também era em cortiça em cima, e depois metiam-lhe, não sei se era uma tábua por baixo e elas entravam por baixo. Agora é uma caixa quadrada...

“eles tiravam aquilo certinho, aquele redondo, depois atavam-no, já não sei bem de que AL: mas o tronco estava oco não era?

MF1: pois estava, estava. Então á sobreira tiram-lhe a casca e a casca sai inteira... para as rolhas e isso assim...

AL: ah, a cortiça! Sim!

MF1: pronto, eles tiram aquilo certinho, aquele redondo, depois atavam-no, já não sei bem de que forma, deviam fazer uns buracos e metiam lá qualquer coisa a segurar e as abelhas estavam lá dentro e faziam lá o mel. Ainda há pouco tempo tínhamos aí um senhor que tinha e ainda lá estão os cortiços, só que acho que já não tem é nada... porque pronto, já não se utiliza, não é tão prático

[telefonema - a conversa é sobre colmeias, um enxame que fugiu]

AL: isso ouve-se tudo... eu ouvi tudo... é um enxame?

MF1: é, é um enxame.

AL: credo, mas isso é assim muito comum?

MF1: é, agora na altura do calor as abelhas enxameiam

AL: ah, e procuram o quê?

MF1: fogem, fogem do sítio onde estavam e criam um novo enxame

AL: ah, então o problema da senhora é o facto de serem as abelhas dela e fugirem ou é o facto de...

MF1: não, as abelhas ela não sabe de quem é que são...

AL: ah, ok. Então o problema dela é mesmo o perigo que elas podem...

MF1: não, elas assim não fazem mal. Pronto, mas se ela não apanhar o enxame vai apanhar outra pessoa

AL: ok

MF1: ou neste caso, se eu não apanhar o enxame vai apanhá-lo outra pessoa. O enxame acho que se está a preparar para pousar num sítio inacessível e depois não se consegue chegar...

AL: ah, ok. Eu estava só a pensar que era uma questão de perigo ou ... que depois não se podia usar a pereira ou ... não estava nada a perceber

MF1: não, não. Isso não há problema! Era a minha sogra. E ela estava a ver, pronto, se eu estivesse por perto para ir lá

AL: e ela queria aproveitar o enxame é isso?

MF1: sim

AL: ah! E as pessoas aqui usam aqueles fatos estranhos?

MF1: sim, tem que usar, senão vai-se às abelhas e são 500 mordidelas

AL: claro. Mas as vezes as pessoas quando estão muito habituadas já não se preocupam

MF1: sim, o meu pai por exemplo com as mãos não se preocupa. Mas eu... não gosto. Eu por acaso também andei a tirar um curso, porque eles aqui fazem as coisas de uma maneira, se calhar já não fazem tudo como se utiliza agora e então é necessário uma pessoa ir procurar esses conhecimentos a outros sítios. Eu no meu caso como estou a pensar em ter um projecto de abelhas é natural que uma pessoa tente ver como é que funcionam as coisas antes de a gente se meter nelas.

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafião...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores (...) e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vês muitas e há pouca sombra, e difícil fazer vingar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

AL: olha cabras...

MF1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafião ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pa, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este e a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsídio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porque?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo

T: até logo, obrigado!

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns câezitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar ai numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há varias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

MF1: sim, isso tinha de ser assim uma coisa mais diferente, porque no inverno depois cada um já anda com as suas vacas no campo, já não é preciso

AL: ah, as vezeiras é só nesta época...

MF1: as cabras são todo o ano, só que há uma época que ficam cá em baixo e outra que ficam lá em cima, mas é todo o ano. As vacas é de mais ou menos 10 de Maio, neste caso vai começar amanhã, começa amanhã e acaba em 29 de Setembro, estão na serra, as vacas...

AL: isso que tu disseste de as cabras ora ficarem cá em baixo ora lá em cima, tem a ver com aquela questão das brandas e das inverneiras?

MF1: não. Na altura do verão que elas não querem ir para baixo, que gostam de estar na serra, não tem cabritos e tal, ficam lá nas cercas, e não andam aqui a encher o lugar de pulgas. E no inverno como tem os cabritinhos e está mais frio elas gostam mais de ficar recolhidas

AL: recolhidas aqui nos currais

MF1: sim, porque elas ali, se vier no verão chuva, apanham com a chuva, algumas até têm lá onde se meter mas não tem para todas, e as cabras não têm problema nenhum com isso

AL: mas a palavra brandas, vocês aqui não usam essa expressão?

MF1: não. (eu explico o que entendo por brandas e de como existe esse conceito no Minho...) pois, aqui nunca abandonam as cabras, e as vacas da vezeira também não. Há outras que são... que as soltam numa zona, que é o gado que nós chamamos de “feirio”, que se soltam e deixam lá estar e vão ver tipo uma vez por semana. Só que esses depois têm mais problemas porque muitas vezes comem-nos os vitelos. Não estão guardadas, elas espalham-se e depois é mais... pronto, há mais problemas.

AL: feirio?

MF1: é... nós até, o termo que utilizamos é o gado *á suisse*

MF1: amanhã vamos subir a vezeira...

AL: como assim?

MF1: vão subir as vacas todas para a serra e depois espalhamo-nos uns para cada curral porque tem de se meter o mato no fundo das cabanas e tirar o que lá estava do ano passado e arranjar lá umas coisitas e é o dia de por a vezeira

AL: disseste por o que na cabana?

MF1: o mato. Para depois ser só chegar lá e por só uma ervazita, um saco-cama ou um cobertor ou uma coisa qualquer e dormem lá já bem. Aquelas paredes ali é o fojo, vamos ter de ir lá outra hora porque o fojo também é muito interessante.

AL: pois eu amanhã já tenho combinado lá em Covelães ou Sezelhe, acho que é Covelães... senão colava-me aí a vezeira (RISOS)

MF1: pois, é um dia engraçado

AL: e quem é que vai?

MF1: normalmente vai quem quiser, quem quiser ir ajudar pode ir, só que normalmente vão as pessoas que tem mesmo de ir. Eu por exemplo vou porque vou no lugar do meu sogro, já tem 75 anos e eu vou na vez dele, mas ele ainda podia ir porque ele está rijo. E pronto, e vai o pessoal que pelo menos tem que ir

AL: são para aí quantas pessoas?

MF1: ah, poucas! Eu acho que os da vezeira são 11, por isso vão 11 ou que vão mais 3 ou 4, ou um turista, acho que amanhã vem uns turistas de uma associação qualquer e também vão ajudar e é assim

AL: quantos currais são?

MF1: currais na vezeira são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ... há para aí uns 15, só que eles só utilizam para aí 10

Outeiro: M01

MO1: O pinhal dá-se mas... não entendo bem que o pinheiro pinheiro [*? Não se entende*]... enquanto não entenderem que aquilo é só nosso, conserva, onde todos querem meter a mão pinheiro [*? Não se entende*] por aí abaixo em várias zonas vê-se arder pinhal, eu não gosto nada de ver, não gosto de ver queimar... eu gosto, às vezes quando têm que limpar para os animais antigamente faziam-se os fogos controlados, o parque agora faz isso mal, porque se houvesse esses fogos controlados na época própria, o povo via, que nós fizemos ainda há pouco tempo, fizemos através do Parque, fazíamos as limpezas com o lume e tal e eles iam e tal, queimava-se aquele bocado, depois queimava-se outro bocado e depois aquilo eram os corta-fogos um no outro. Quando há proibição total, depois ao criar muito mato, que há uma época mesmo seca, já não há quem o apague, que foi o que aconteceu aos espanhóis. A serra toda deles, da parte de trás, já era só matagais, deixaram de ter animais e um botou o lume ali em baixo de Tourém, veio até aqui ao Gerês, foi tudo limpinho, não ficou nada. Qualquer árvore que havia no meio daquele roço derreteu, queimou aquilo tudo, até os rios ficaram limpos, as lajes, a serra é boa, tornou a recuperar, para a pastagem, agora para os animais, não tem outra utilidade... mas se deixassem, plantações ali, aqui ou acolá, eles não têm animais, aliás o espanhol até anda a plantar, várias zonas já, das aldeias lá para cima, andam a aumentar os pinhais. Porque eles não têm animais, e eles lá tratam melhor a floresta que nós. Fazem corta-fogos na serra, com máquinas, fazem plantações e limpam, têm empresas, aquilo não é bem, é o Estado que entregou

AL: ai, já é privatizado aquilo?

MO1: é, aquilo agora é... há várias empresas ali e eles é que tratam daquilo, recebem subsídios e o pinhal aumenta. Mas aquilo é diferente da nossa zona, porque os habitantes aqui têm animais, precisam mais do pastoreio do que da floresta não é, e é essa a questão de ela não aumentar

AL: quantas cabeças de gado é que vocês têm aqui na aldeia?

MO1: aqui há cerca de, ora, cada aldeia deve ter aí 200 e tal

AL: cada aldeia?

MO1: cada aldeia

AL: e de que aldeias é que está a falar? De Outeiro, ...

MO1: aqui de outeiro, de Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo têm menos gado, há menos gentes, estão mais idosos. Todas as pessoas têm 30, 20, 40,50, há aí quem tenha 100 vacas... a maior parte é o pastoreio no monte

AL: quantas pessoas é que têm aqui?

MO1: aqui não sei, mais ou menos, entre a aldeia de Outeiro, Parada e Cela e Sirvozelo deve ter aí alguns, os residentes, alguns 200 e tal eleitores aqui... há muita gente aqui

AL: ah, que vive...

MO1: que vivem aqui nas aldeias, pois... há muita gente

AL: pois, mas aqui em Outeiro quantas pessoas mais ou menos é que têm gado?

MO1: aqui devem ter sempre aí 12 ou 13 pessoas

E qual é que é o vosso maior rendimento aqui no badio?

MO1: o maior rendimento que temos aqui, o parque não deixa pôr eólicas, não deixa pôr essas coisas, não deixa abrir pedreiras, nós temos aí zonas que podíamos ... olhe, ali funciona... está fora do parque. Do lado de Boticas funciona, aqui dentro do nosso não. Então o maior lucro do baldio é o pastoreio, é os animais

AL: mas o pastoreio é privado não é? Ou seja, é uma actividade individual

MO1: não, o pastoreio é agora na serra bota-se para lá os animais e andam juntas... tem de se lá ir ver umas vezes de 8 em 8 dias. Vai um vizinho vê as minhas "olhe, eu vi as tuas em tal parte", a gente conhece os nomes "andavam ali acolá" e tal. Eu agora até para domingo que vem já vou botar a sair as que tenho aí, tenho aí vitelos

AL: vocês têm quantas? 20 não é?

MO1: é, eu tenho 20

AL: a sua esposa tinha dito.. como é que se chama a sua esposa?

MO1: Maria

AL: ok, é que eu já falei imenso ao telefone com ela mas não sabia o nome

MO1: até foi ela que a atendeu... e até que venha lá o tempo frio, lá para Outubro ou por aí, há pessoas que até abusam mais, o gado deitou-se ao monte é como o bicho-bravo, deixam-se lá andar e não tem mal, parem, trazem de lá os vitelinhos, agora têm mais medo aos lobos como eles andam lá...

AL: quem?

MO1: têm medo aos lobos, que eles comam os vitelos e trazem-nos, mas eu nunca as deixo parir lá, só por uma casualidade de não saber bem quando é que a vaca cerra o tempo, mas parem em... baixo-as para parir, depois têm cá os vitelos, estão cá durante o inverno, a gente arruma o feno para elas e nesta altura elas gostam de ir para lá, basta só chegar ao fundo da aldeia e elas alinham como vão para uma festa (RISOS)

AL: (RISOS) mas pronto, isso é o rendimento de cada produtor, mas eu digo assim o rendimento do baldio, portanto da gestão do próprio baldio, não necessariamente da sua família

MO1: não temos nada de recursos para ir buscar, dão-nos estes subsídios para limpar, e nós mantemos a equipa também através das florestas que nos dão 35000 euros por ano

AL: e vocês também têm de dar um bocadinho não é?

MO1: e nós também temos de dar, para o restante não é, eles ganham 600 euros, têm segurança social, têm seguro de acidentes de trabalho, têm isso tudo, agora até lhes deram um carro novo, foram levá-lo lá à Lousã para as equipas todas aqui, e eram 5.... Covelães não teve, não sei porque não teve, mas foram todos roubados pinheiro [*Não se entende*] os carros já tinham 15 anos não é... os carros andam aí no monte e lá o ministro da agricultura... até fomos receber os carros, deram-nos um carro novo. Também o seguro de 1000 euros por ano e os 35000 euros não chegam não é... nós com estes subsídios das ITI dá para fazer as limpezas, eles pagam por hectare mais ou menos à volta de 1000 euros, a gente tenta negociar com as pessoas que limpam, é uma empresa que temos aqui que nos tem feito as limpezas, a AMBIFLORA

AL: a AMBIFLORA?

MO1: AMBIFLORA, são pessoas que chegam aí com as máquinas e com pessoal, põem tudo em dia, rápido! Os sapadores limpam a parte deles. Com esses subsídios a gente paga os ordenados à equipas e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro. Do outro lado não há, não é?

AL: pois, pois. Vocês estão em cogestão com o Estado aqui não é? Não estão em autogestão...

MO1: é... era, agora andam a mudar, nós temos o Secretariado de Baldios, temos as reuniões e eles informam-nos, eles também levam o deles não é... é a engenheira Lúcia, nós pagamos pelo subsídio talvez quê... 5000 euros.

AL: ah, vocês pagam para ela fazer a candidatura...

MO1: dos projectos, depois eles têm o ordenado deles não é...

AL: ah, mas isso pagam anualmente?

MO1: do dinheiro que recebemos, conforme recebemos, recebeu-se a 1ª prestação é aquele x%, paga-se ao Secretariado de Baldios e na última tranche que vem outro...

AL: aaaah

MO1: desta aqui até tenho em mente que foi 861 euros que se pagaram, e da outra foi 3000 e não sei quantos, do dinheiro que recebemos ainda...

AL: pois... eles também têm um trabalhão não é...

MO1: têm... e é eles que fazem tudo não é... e já fomos fazer manifestações a Lisboa, a Braga, a reclamar os nossos direitos do baldio para se não perderem não é... mas o Estado tem aquilo... disse "oh pá isto já está feito"

AL: quem é que disse isso?

MO1: digo eu

AL: ah!

MO1: pela minha experiência, isto já está feito. Depois ainda fomos lá a uma reunião a Vila Pouca também, veio lá o do IFADAP “ah, nós vamos rectificar e tal, mas a vossa área é muita pedra, não é considerada elegível para subsídios e tal”, e agora tivemos que dividir os hectares que tínhamos pelos agricultores, x a cada um, para eles poderem fazer as candidaturas, agora vamos ver para o ano como isto vai dar, também havia aí muita coisa mal feita não é, também pessoas que não tinham animais e candidatavam-se ao baldio

AL: a sério?

MO1: e isto foi bem, foi bem, foi abaixo e agora começa de novo, agora dão subsídio a quem cá trabalhar... então pessoas reformadas que estão em França e que estão aqui a fazer subsídios dos terrenos e a alugá-los aos outros, porque os alugam por dinheiro, ainda vão buscar outro por fora, também não é correcto não é?

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

MO1: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

MO1: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

MO1: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

MO1: não?

AL: acho que não, porque ...

MO1: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim “vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da Câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

AL: pois... mas a vocês não vos interessa por exemplo começar a fazer render o pinheiro? Já fiz esta pergunta mais ou menos, mas agora mais...

MO1: não! Não é que...

AL: no sentido de vos trazer receitas

MO1: nós temos aí zonas, até aquele pinhal ali que ardeu, era um núcleo que podia ser vedado, não é... se disséssemos assim, pronto, e se nós fizermos este projecto, o parque ou o icnf eles aprovam-nos isso de certeza. Vedá-lo e plantá-lo e limpá-lo e trabalhá-lo para produzir, agora deitá-los à sorte e meter animais a pastar, a comê-los e a esmagá-los, não tem interesse nenhum

AL: pois, mas assim o pessoal da aldeia não está muito interessado não é? Preferem manter os pastos do que ...

MO1: ter do que viver não é...

AL: do que ter a floresta

MO1: há zonas e zonas não é, há zonas que, como tal, aquela aldeia ali de Paradela já não tem uma vaca, não têm pinheiro [*? Não se entende*] dão os lameiros a quem os limpa e pagam para limpar os terrenosinhos, porque as pessoas envelheceram, têm filhos que estão fora e já é uma zona que se calhar até antes quer isso, não é...

AL: o pinheiro?

MO1: ora, esta aldeia como é uma aldeia que vive do rendimento dos animais quer é pasto, não é...pasto que é fácil, deitar o gado e ele pastar e todo o lucro que vem é rentabilidade porque não se põe na pia, como nós chamamos não é, se eu for pôr hoje na pia rações ou qualquer produto, o animal não dá rentabilidade daquilo que come. E enquanto andam na serra meio ano é limpo. Eles botam para lá uma manada de novilhas ou vitelas, enquanto elas têm pasto elas vivem lá como vivem aqui a ser tratadas na manjedoura. Durante o inverno é frio, neva, chove, a gente tem de ter aqui os palheiros, como nós chamamos aqui, alimento, que é aquilo para que nós trabalhamos durante o ano é para as vacas

AL: pois, mesmo o que cultivam é para lhes dar...

MO1: eu este ano ainda não tive a oportunidade de vender a batata toda, ainda aí tenho alguns 4 ou 5 mil quilos de batatas de consumo, agora ela já se põe velha e agora vou a dá-la aos animais, mas se a vendo era mais lucro

AL: onde é que vende?

MO1: ainda as fui vender, tenho amigos por aí abaixo

AL: ah, vende aqui localmente, ao pessoal

MO1: vendo ao pessoal e levo-as por aí abaixo, a semente vendi-a toda em casa, há pessoas já ma compram... estas não as vendi porque não tive vagar de as ir vender, senão tinha-as vendido, agora já é um prejuízo, é que 3000 quilos de batata ainda podiam render aí mil e tal euros, este ano vendi a 30 cêntimos

MO1: ainda disse à minha mulher há bocado “opa, ...”. “ai não tenho vagar de estar agora a partir batatas para as vacas, elas agora não precisam de batatas”. Mas é melhor deitá-las aos animais do que deitá-las ao lixo, não é, porque a batata vindo daqui a um mês vem a nova e esta já não serve

AL: vocês antes tinham a cooperativa não era? De batata

MO1: pois, mas a cooperativa falhou, má gestão também, não é... como falha outra empresa qualquer, agora havia a câmara botar mão por isso e tornar, porque nós aqui, os nossos concelhos se a batata de semente desse podíamos produzir para a parte do nosso país por aí abaixo... vai-se comprar a estrangeira mas custa caro não é... e estamos a dar o dinheiro aos outros países, e nós podíamos ter aqui rentabilidade e dar emprego e dar sustento... eu tenho dois filhos na Inglaterra que podiam estar aqui, que eu tenho aí terrenos para produzir batatas e animais e tudo, mas pronto, lá encontraram que era melhor emigrar, vão atrás dos outros e lá estão...

AL: oh, isto aqui não está fácil

MO1: claro! E ando aí eu só e à patroa, já com uma idade bastante a sacrificar pela conservação dos terrenos, ainda faço aí muito terreno não é...

AL: pois, eu já percebi vocês trabalham aí que nem uns mouros

MO1: então, até ao domingo!

AL: é, eu ontem falei com a dona maria e ela estava mesmo...

MO1: a mim eu às vezes nem sei que é domingo, ninguém me obriga mas obriga-me a necessidade de ver as coisas zeladas não é. Agora semeei o milho, tenho que o... agora usa-se o herbicida que até não é grande merda, mas tem de se pôr, porque se não a erva vem e quem a sacha? Não há gente! Nem para pagar geiras, a agricultura não dá, não dá temos de fazer nós... depois agora vem o feno, é preciso cortar os fenos e enfardá-los para os animais no inverno, depois nos lameiros é preciso arranjar-lhe as bordas e botam silvas e essa vegetação que tem em volta, é preciso abrir regos, é preciso tapar águas, isso é trabalhoso não é... a agricultura hoje...

AL: e são só vocês os dois?

MO1: pois somos. É muito trabalho

AL: você alguma vez emigrou?

MO1: não.

AL: esteve sempre aqui?

MO1: só estive na tropa em Angola, ainda em 1975, de resto estive sempre aqui, era filho único, os meus pais tinham uns terrenitos, ainda compraram mais, eu também ainda continuei na mesma vida e agora os filhos mandaram-se. A filha vai vir embora agora qualquer dia

AL: vem para cá?

MO1: quando entra o mês de agosto, tem lá duas casinhas que comprou com as economias dela, na inglaterra, agora aluga-as, tem uma casa já bem preparadinha e com tudo

AL: aqui?

MO1: que era dos meus sogros. Ela quer ir aí para o lado, fazer umas casinhas para alugar para turismo

MO1: certos terrenos que nós agora aqui até estamos a fabricar, se lhe metesse castanheiros ou árvores assim daqui por uns anos outros que venham atrás têm futuro. O mal destas aldeias é... a população nova saiu, e as pessoas que têm mais idade que estão já estão a trabalhar um bocado com sacrifício para não ver as coisas abandonadas, não é pela rentabilidade que temos, entende? Dá para viver não é? Nos outros lados também se trabalha para viver, chega-se ao fim do mês gasta-se aquele ordenado tem de se ganhar outro... aqui é igual

AL: pois é. Então não há muitos jovens aqui em Outeiro?

MO1: há! Estão é fora!

AL: pois exacto... fora de Portugal ou fora da aldeia?

MO1: Lisboa, Montalegre, nos sítios mais desenvolvidos que é para onde tem fugido a população toda, é para onde há mais é para onde vão mais, e depois afectam uns aos outros. Até no trânsito! (RISOS)

AL: então mas aqui a viver e a dedicar-se à agricultura não...

MO1: é mais partes da minha idade

AL: é? Não há jovens aqui ...

MO1: agora há uns jovens aqui novos, porque a vida está má em todo o lado, a quem meteram uns projectozitos de... o pai a ceder-lhe e tal, mas com estes cortes de baldio já o pessoal está com medo, porque se lhe tiram o baldio as pessoas só no próprio que têm é que nenhum projecto podem fazer porque não têm áreas

MO1: claro! Nós aqui antigamente havia aqui 3 vezeiras de cabras aqui nesta aldeia, Cela e Sirvoselo tinha vezeira, vinham daqui acolá serra acima, Parada tinha outras 3 vezeiras, ovelhas e cabras, o pessoal estava cá fixado, tinha de sobreviver disso não é... havia aí, vinham aí pessoas que levavam camiões de cabritos, e de anhos, no são João para Braga. Havia um homenzito, já faleceu, chamavam-lhe o Rebenta Portugal, chegava aqui, botavam os cabritos para fora das lojas, ele comprava tudo pela mesma medida, "quanto é cada um" "é tanto!" e tal... levava tudo, tudo se varria, hoje... é bom comer cabrito mas guardar cabras não é fácil

AL: gradar cabras?

MO1: guardá-las

AL: ah, guardar, desculpe

MO1: guardá-las, o pastor andar com elas. Ah, agora ainda há aqui um rebanhozito delas mas como o dia é grande levam-nas a pastar de manhã e tornam-nas a botar de tarde, mas já está mal, já só andam de roda da aldeia, porque até ali, quando era a vezeira, ou iam dois pastores ou um, mas a rês saía de manhã, logo aí às oito da manhã ou nove horas, ia por essa serra fora e só vinha à noite, mas agora como o pessoal não quer andar todo o dia, porque tem um rebanhinho delas, leva aí de roda e tal, nos terrenos e tal... corte! Já não é aquela exploração como era antigamente

MO1: pois é, agora vou àquele terreno, corto-lhe a erva e elas comem acolá

AL: as vacas vão para lá?

MO1: vão para aquele terreno, vou arranjar um bocadinho de comida aqui deste lado, agora corto-lhe a erva, ponho-as acolá com o pastor e eu e ela já trabalhamos aqui, já o gado está guardado, senão exigia um pastor com ela já não se faz nada

AL: pois, pois, mas o que é que normalmente se faria? Era pô-las na serra?

MO1: mas estas têm crias, estão paridas, agora aparteí duas vitelas que tenho aqui nesta casa, tenho ali duas vitelas, que estão ali apartadas, e agora as mães vão perder o leite nestes 8 dias e depois vão para a serra... tenho mais um touro e 4 touras lá em cima num terreno vedado que estão a... estão novas, pu-las lá, já estão maduras, agora depois vão com os outros para a vida na serra até ao mês de Outubro

AL: aaah, e as outras estão lá agora? As que não estão paridas?

MO1: as outras estão lá e estas estão à espera, você vê aquela terra ali? Tem erva para comer, e aquelas acolá têm erva, tenho outras acolá mais ali para cima de pasteiro para estas que estão cá, que ficam cá, pastam isto, e as outras pastam na serra e depois ao fim pastam daquilo que eu lhes arrumo durante o ano

MO1: está a ver, esta água que aqui está? Trouxe-a eu a 3 km de um terreno meu, aproveitei quando andávamos aqui com o saneamento e tenho-a aqui a correr, está sempre a correr, esta água é minha, tenho ali um tanque por trás para aí para uns lameiros que dão... para aí com 3 ou 4 hectares, 900 fardos de feno... e andamos agora a fazer o milho, e esta água tenho-a aqui, dá para aqui para a casa, fecho-a aqui tenho-a ali onde é que lhe vou mostrar o gado, um armazém para o gado

AL: se fecha aqui ela vai para o outro é isso?

MO1: se fecho aqui ela vai para o outro, mas lá ainda não está acabado, ainda quero por lá dentro, uns bebedouros, e esta água trouxe-a eu para aqui, isto está sempre a... e ainda tem água que sobra lá

AL: mas vem de...

MO1: vem de um terreno meu

AL: ah, tem lá uma fontezinha é isso?

MO1: tem lá uma nascente, explorei-a e canalizei-a de lá até aqui

AL: ah... você tem aqui uma casa toda renovada

MO1: pois tenho, é para a minha filha, tem tudo aí dentro

AL: e vocês vivem aqui? Ai, não, esta é para a sua filha, que era dos seus sogros

MO1: nós vivemos acolá. E agora aquela dou ao meu filho mas ainda a vou restaurar eu, eu ainda a vou restaurar para ele ficar com ela, desde que ele a conserve não é

MO1: agora vou mostrar-lhe aqui o tanque... mas se você tem pressa não há problema

AL: eu? Se eu tenho pressa? Eu não tenho pressa nenhuma

MO1: tenho aqui um tractorzinho para recolher o estrume... ... e aqui debaixo disto está um tanque.

MO1: claro. E agora tenho aqui os animais... olhe que já tenho a madeira serrada para pôr os balaústres novos

AL: os.. ah, aqui...

MO1: a madeira nova, e hei-de lhe por uma cruz que o vento quebrou-a

AL: mas continua a usar isto

MO1: então, eu encho-o de milho, ainda tem milho aqui no carro, encho esse e o outro de espigas... quer ver a madeira? Já a serrei aqui... cortei dois castanheiros e serrei a madeira toda, está ali empilhadinha

AL: e tem máquinas para serrar?

MO1: há uma serração, fui a Montalegre...

AL: ahh

MO1: e esta madeira agora é toda metida onde está aquela antiga

AL: no espigueiro?

MO1: no espigueiro, por uma cruz e restaurá-lo, está a perceber ou não? Ainda aí está a grua que me fez aí o armazém, foi esta gente que mo fez. E esta garagem antiga, meto aqui o feno para o gado. E o que encho esta, aquela acolá que dei a minha filha é do mesmo tamanho como esta

AL: de quê, de feno?

MO1: de feno, encho-o de feno, meto aí 4 a 5 mil fardos de feno, eu e a patroa... já comprei outra enfardadeira da marca desta mais nova

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, como é que se fazem os fardos

MO1: é com esta enfardadeira e com o tractor, ela apanha o feno e enfarda-o. Têm-me sobrado sempre sempre 1000 fardos cada ano, este ano tenho mais gado... a lenhinha ponho-a aí ratchadinha para ela queimar quando vem ali na caldeira, e chega lá acima, eles quando vêm dão aí um assalto, e depois dizem eles “nós temos de ir com você à lenha, não só a queimamos ainda temos quem nos a faça e queima-a de borla”

AL: (RISOS) eles gostam de vir cá?

MO1: vêm cá no mês de agosto, agora vão vir ...

AL: agora o quê?

MO1: agora vão vir de vez... a água agora, se eu a fechasse acolá, vinha ter aqui. Não sei se a fechei se a abri

AL: fechou e depois acho que abriu

MO1: abri, ... vem aqui ter e agora calha-me de meter dentro do armazém. E agora fiz aqui um... para por aqui os animais

AL: e teve algum subsídio para fazer isto?

MO1: isto foi tudo a troco de graveto meu, e não houve projecto, não houve nada

MO1: estas vacas ainda há pouco, aquela, esta e esta, vendi os vitelos a 1000 euros cada um

AL: he lá!

MO1: e já tenho outros aí a mamar, está a perceber, para quando é preciso mais alguma coisinha... e para tratar bem da patroa para tratar dela

(RISOS)

M [esposa de MO1]: é a primeira vez que veio cá acima?

AL: é, a esta aldeia nunca tinha vindo

MO1: estas grades abrem aqui contra as paredes, entro aqui com o tractor com a forquilha, ponho-lhe o estrume para deitar nos terrenos

AL: ah, para deitar nos terrenos pois... e vocês também vão ainda buscar mato ao baldio para fazer aqui as camas?

MO1: então, é disso que vem, então... já tivemos que tirar licença para roçar aquilo que era nosso, por isso é que nós agora queremos que isto seja de quem pertenceu toda a vida

M [esposa de MO1]: o Domingos não apareceu, pensava que era só amanhã

MO1: outro dia que venha aqui...

AL: olha os porcos!

MO1: aquilo é para apartar os vitelos mas eu comprei-as a um amigo que têm-nas ao ar livre, está a perceber, tem-nas ao ar livre... e eu comprei estas duas que é para arranjar um macho e depois fazer criação delas que é para não andar a comprar aos outros. Se vou comprar aos outros, é muito dinheiro

AL: aí comprem para depois levar para a feira é?

MO1: é, já estão marcados. E estas é para eu fazer reprodução... porque ali é para apartar os vitelos das vacas, fiz este aproveitamento. Quer-se dizer, esse vitelinho agora vai passar mais um mês, quer comer, e abro as portas e meto-os ali e depois solto-os para mamar e para irem para ali e comem, assim estão sempre com as mães não comem, e isto é para eles. Mas eu quando comprei, comprei-as e meti-as aqui porque não tinha onde as meter, tenho de por aqui uma pedra e ajeitar aqui...

M [esposa de MO1]: temos de fazer uma corte ali por baixo para... não podem estar aqui

AL: não podem porquê?

M [esposa de M01]: os porcos ao pé da corte

AL: ah, não é bom?

M01: não podem mesmo. Eu agora tenho aqui os porcos mas depois vou pô-los noutro lado

AL mas vocês têm outros porcos é isso?

M [esposa de M01]: tenho, tenho

AL: à solta?

M [esposa de M01]: não, estão na corte, estão lá em cima noutra corte

AL: ah

M01: isto aqui, ligo-lhe aqui o moinho e estraço aqui o centeio e o milho para os animais

AL: mas isto é a electricidade?

M01: não, não, isto é a tractor, liga-se despeja-se acolá o milho, as espigas, mete-se o caroço, rala tudo!’

M [esposa de M01]: leva caroço e tudo

M01: fica só o que comer

M [esposa de M01]: tenho duas netinhas (SORRI)

AL: pois, assim as netinhas ficam mais perto de vocês

M [esposa de M01]: uma tem 6 anos e a outra tem 3

AL: conhece-las bem já?

M [esposa de M01]: conheço! Vêm ca todos os anos

M01: já lhe dei uma vitelina a cada uma. E essas porquinhas se calhar também vão para elas

M [esposa de M01]: vêm para aqui para a escola depois

M [esposa de M01]: o meu genro mora acolá, é daquela aldeia, aquela casa nova que está lá na coroa

AL: ah, eu o seu genro é de ca também

M [esposa de M01]: é, é

MO1: é do pai dele

AL: ah, eu pensei que ela tinha conhecido ele lá

M [esposa de MO1]: não, não. Foi acolá em Parada

MO1: não, foi cá! Ele tem 100 vacas aquele, no monte, escravo!

M [esposa de MO1]: tem 100 vacas, no monte, lá o sogro da minha filha

MO1: É escravinho de inverno, tem que as guardar, tem que andar sempre... naquela da Mourela, ali onde está aquele posto de vigia, naquele outeirinho... para baixo é o cruzamento de Pitões... essa área baldia é toda da freguesia aqui de Outeiro...

M [esposa de MO1]: a senhora engenheira já estou a ver, você trabalha neste projecto não é?

MO1: ela anda a fazer a vida dela

AL: não, não, não tenho a ver com isso, com o Estado, nem com nada...

M [esposa de MO1]: é que eu tenho um filho meu que está na Inglaterra e já lá está há 10-11 anos, e como a minha filha vem para cá eu também gostava de... ele também queria vir para cá, tem 34 anos, ainda está solteiro, ia a ver se arranjava, a meter um projectinho, um projecto...

AL: aaaah, um projecto de jovem agricultor ou... mas olhe que tem de ser rápido que agora é até aos 40 anos

MO1: mas o moço se quiser meter o projecto entrega-o à agricultura

AL: não, eu não sei muito. Eu por acaso até sei um bocadinho porque também andei à procura para mim e para o meu irmão porque também temos esse sonho de ter uma terrinha para a gente explorar, embora a gente não perceba nada do assunto, mas gostávamos, e então também andei a ler, mas sei que está agora aberto, estão agora abertas candidaturas para isso, para os jovens agricultores

MO1: é preciso ter é condições, há aqui jovens agricultoras que até são primas dela, e meteram e agora estão quase... uma já desistiu e a outra... porque não têm a que se agarrar, se não têm as áreas não é... nós temos ainda temos muitos hectares e com o baldio estamos bem, mas quem não tem, se lhe cortam no baldio e não tem subsídios a agricultura... para que é que o jovem agricultor se vai enterrar naquilo que não tem futuro? Gasta o dinheirinho que lhe dão num armazém ou numa máquina e depois é rentabilizado do dia-a-dia, para chegar ao fim do mês e dizer assim “paguei as minhas despesas e...” se ao menos lhe chegar tudo bem, equilibra

AL: pois, pois, claro

M [esposa de MO1]: queria que ele trabalhasse numa coisa que... também escusava de vir... ele está a trabalhar...

AL mas ele pode fazer isso através da internet acho eu, o seu filho acho que consegue fazer isso desde lá

MO1: ele também trabalha na cozinha, é cozinheiro e tal, ao fim da semana anda na borgia dele

M [esposa de MO1]: pois, mas queria ele...

MO1: quando quiser vir que faça como o pai, que se agarre... eu já paguei juros a 18%, porque a minha mãe comprou-me metade do que eu tenho em tribunal 7 anos e eu paguei juros a 18%, quando os tractores custavam 120 contos eu devia 1000. Eu não saí daqui da terra...

AL: pois, se calhar tem um gosto que ele não tem

MO1: ele trabalhou aqui comigo, ele sabe andar com tractores, sabe lavrar, sabe...comprei-lhe uma carrinha nova, tenho-a lá em cima parada

M [esposa de MO1]: naquela altura já ela custou 2500 contos, já foi para aí há quê?

MO1: há para aí 15 anos

M [esposa de MO1]: há 15 anos ou mais

MO1: mas o carro está novo, vai mudar óleos, vai preparar-se, aí se hoje lá entrar dentro está como se saísse do stand, perdeu valor comercial mas está bom. É chegar ali rodar a chave. Não tenho vagar de andar com ela, para ali está quieta. Também quero por um projecto de abelhas, mas isso, as abelhas não... se for para lá para aquele lado vê o monte cheio delas, produzem aí mel que é ...

AL pois, vocês não têm abelhas então?

M [esposa de MO1]: não

MO1: o meu pai tinha

M [esposa de MO1]: é vacas, é porcos, bezerros, temos 21 cabeças agora...

AL: e são aquelas vacas todas que estavam lá na...

M [esposa de MO1]: são 10, são 10

MO1: ainda está aqui outra

AL têm 10 aqui e 10 lá na serra?

M [esposa de MO1]: não, temos 10 aqui fora, e 4 lá em cima numa terrinha, são 3 e um touro

MO1: estão a endurecer para ir para a serra, estão a fazer a recruta

M [esposa de M01]: e andam 4 na serra, e agora tenho um touro na corte e mais estas duas, são 21!

M01: agora as outras estão a fazer a recruta

AL: o que é que isso quer dizer?

M01: estão a fazer a recruta agora, estavam habituadas a estar na corte agora estão lá a pastar a dormir fora, e depois há-dem ir com esta vaca e com mais duas que tenho ali, que lhe tirei as vitelas, e vão as 6

Paredes do Rio: MP1

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: RISOS

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

MP1: por exemplo, aqui a nossa área comem-na toda os outros, mas os de Pitões e ali de Parada é que comem tudo

AL: (RISOS) porquê? São muitos?

MP1: têm muita fazenda, têm muitas vacas. E por cá há poucas e é só quase dentro dos terrenos, não vão assim para longe

AL: pois... mas vocês têm conflitos acerca disso?

MP1: não! Já houve mais

AL: o que é que mudou para que já não haja?

MP1: antigamente havia muito gado, e quem tem gado não quer as dos outros na área deles não é?

AL: pois... pois, exacto. Vocês ainda fazem vezeiras aqui?

MP1: não

AL: há muito tempo que deixaram já?

MP1: aqui com as vacas nunca fizeram vezeira. Aqui o gado nesta aldeia ia sempre pastar para o monte e ia dormir a casa e ainda assim é hoje

AL: e porque é que é diferente, em relação aos sítios onde se faz vezeira?

MP1: porque as vezeiras normalmente é onde há serra, não há terrenos em volta

AL: aaah. Quando o pasto é bom mas longe não é? Onde ele é melhor é lá longe é isso?

MP1: botam-nas lá todo o verão para a serra e não andam lá mais atrás delas

AL: pois... mas tem a ver com o facto de a ervinha boa estar lá longe... ou não? Não tem nada a ver com isso?

MP1: não... o monte até é mais ?, aquilo é só pedras

AL: sim... mas eu percebi que disse que as aldeias que fazem vezeiras são aquelas que não têm pasto perto delas

MP1: também não tem, mas são áreas mais, quer dizer o terreno é mais ruim [*? Não se entende*], aqui se costuma ver isto é quase tudo, há água em todo o lado... e depende... este

ano até está o monte fraco porque [? *Não se entende*] e o frio queimou tudo, mas isto está tudo cheio de erva

AL: a mim já me parece bastante verde, não sei como é que costuma ser mas... em relação a outros que tenho visto

MP1: o de Pitões e lá aquela parte toda de Fafião para cima vai tudo acolá para aquela serra, aquilo é só planos, poucas lamas tem, é só, é quase só pedras e carquejas

AL: e eles vão para lá porquê? Porque não têm outro sítio se calhar não é?

MP1: pois não. Andam por aí algumas aqui pelo nosso mas são poucas. Porque aqui não podem estar sozinhas que elas vão para os terrenos e lá não tem terrenos

AL: aqui tem terrenos no baldio?

MP1: aqui tem terrenos espalhados

AL: ah, que são privados?

MP1: são privados

AL: ah. Mas é já muito antiga esta apropriação ou não?

MP1: já. Esta até, essa aldeia era onde é que [? *Não se entende*] semeavam ali erva para o boi, havia o boi do povo

AL: já não há?

MP1: que era um boi que era comunitário vá

AL: era o boi que andava a emprenhar as vacas todas, era um boi feliz (RISOS)

MP1: e então esta lama, isto aqui pertencia tudo aos outros. Antigamente daqui para cima semeavam aí tudo cheio de batatas, depois o gado não podia andar sozinho porque ia...

AL: aaah. E esse cultivo que era feito, era feito em zonas que eram sempre da mesma pessoa ou eram áreas que iam trocando de dono de ano para ano?

MP1: não, era sempre do mesmo

AL: ah! Então era mesmo de alguém

MP1: sim. Só que aqui... isto antigamente era baldio também e depois como isto era bom para batatas de semente, tinha de ser batatas de semente, vinham todo o ano comprar batatas à aldeia para a semente, e os de Covelães faziam o mesmo

AL: plantavam batata no baldio?

MP1: aí também era em... cada um tinha as suas eiras [? *Não se entende*]

AL: ali é já Covelães, é já o baldio de Covelães aqui?

MP1: é, daqui para lá. Onde nós estamos é a extrema

AL: ok, tem as cruzeiras e não sei quê?

MP1: é. Tem umas cruzeiras acolá naquela pedra sozinha, ali entre o poste e às outras. Para ali é de Covelães, para ali é de Paredes

AL. Está bem, e vocês têm zona mista com eles?

MP1: há, mas é estreito, são para aí 100 metros ou isso

AL: então essa zona foi toda dividida por pessoas... olha a turfeira, pois é, a turfeira da Mourela... uuuh, foi toda dividida por particulares vá...? para cultivar...

MP1: sim, depois cada um tinha a sua eirinha aí, semeavam, era tudo à enxada, porque aí tractores já é muito húmido, não...

AL: afundam?

MP1: antigamente também os não havia, vá...os tractores, mas enterravam-se aí, não dava para trabalhar

AL: pois... e então estas zonas que antes eram cultivadas agora como é que é? São ainda de alguém?

MP1: agora anda para aí o gado espalhado

AL: então já não são de ninguém agora? Já não são consideradas de ninguém... ou são?

MP1: são consideradas igual mas já não fazem campos

AL: e sabem de quem são?

MP1: sabem, sabem

AL: e há muita área do baldio que está assim dividida?

MP1: não

AL: é só aqui?

MP1: aqui é que pertencia ao baldio [*? Não se entende*]

AL: está bem... mas isto era porquê? Porque as pessoas não tinham terra?

MP1: era por o terreno ser bom para isso, para a batata de semente e foi por isso que o dividiram

AL: isso já foi há quanto tempo sabe? Mais ou menos... essa divisão, foi muito antes de si?

MP1: ui! Já mal me lembro de semear ali alguns...

AL: ah, ok.

MP1: eu depois ainda tenho ali... aquela sede [*? Não se entende*] que está ali é minha

AL: aquela que se vê ali

MP1: pois, que ainda cuido daquilo, mas dali para baixo está tudo

AL: Cuida como? O que é que faz?...

MP1: boto-lhe p'ali estrume, adubo...

AL: é este que parece um lameiro?

MP1: Sim, e serve-me o feno

AL: Ah, vai lá buscar o feno... aquilo é posto de vigia não? Do ICN...

MP1: é... vigia da Mourela

AL: Está bem, então e vocês continuam a vir aqui buscar matos para a cama das vacas

MP1: é! Aqui até dá, dá para umas poucas de aldeias, vêm aí todas

AL: ai sim? Com o vosso avale? Com a vossa autorização ou?

MP1: eu nunca lhes dei autorização... (RISOS) eles também não têm onde ir a ele...

AL: ah... vocês não se importam?

MP1: não... se eles não o limpam temos de limpar nós

(RISOS)

AL: pois, exacto, acaba por ser uma limpeza

MP1: acaba por ajudar

AL: a maior parte é mato

MP1: é tudo assim... aqui o monte é quase todo limpo, depois é plano... eles gostam muito de vir aqui porque não os querem botar à mão e assim com a força dos tractores bota-os para cima

AL: como assim, o que é praino?

MP1: não, o terreno é mais plano aqui, para se cortar e para se carregar... o mato

AL: aaah

MP1: onde for de encosta é difícil, têm de o carregar à mão, e aqui com as frontais dos tractores, apanham-nos e botam-nos acima do reboque

AL: aaah, isto estou a ver que este baldio é muito requerido

MP1: pois... (RISOS)

AL: vou só ver aqui a paisagem

MP1: ah, isso subimos lá acima

AL: ai é? Dá para subir?... pois, o vosso baldio é perfeito para pastoreio não é?

MP1: e para cortar o mato

AL: pois, exacto, mas é tudo para os animais

MP1: é

AL: o vosso gado não tem tendência a ir para os outros... pois não?

MP1: o gado quando está solto... não, mas aqui só foge para o de Covelães...

AL: logo para onde (RISOS)

MP1: mas é pouco

AL: pois, eu só perguntei isto porque eles têm aqui tanta comida... aos meus olhos...

MP1: o nosso baldio é quase... tem muita humidade, há muitas lamas

AL: [...] então e diga-me lá, ali já o baldio de outra aldeia? Ali aquela parte mais rochosa ou não?

MP1: é... passa... passa... nós, a nossa área até vai mais lá por trás, mas quando foi a divisão para os subsídios eles não se entendiam e depois tivemos de lhes dar uma parte do nosso para nos deixarem meter o resto senão não podíamos meter... e então passa ali por aqueles rochedos a divisão

AL: aaah... ali é o quê? É Outeiro?

MP1: é, para lá é de Outeiro... acolá é Outeiro

AL: aquela aldeia ali?

MP1: depois tem adiante Parada

AL: Parada é ali atrás desta encosta?

MP1: é mais ali... tem dois kms de distância, nem tanto

AL: sim, eu estive em Outeiro ontem... e houve algum conflito a separar na altura dos subsídios foi? Tipo "ah, isto é meu! Não, isto não é teu..."

MP1: pois, não se entendiam

AL: pois, eles também tiveram a mesma coisa... o baldio não era dividido e depois dividiram-no para o subsídio, não foi?

MP1: isto foi sempre dividido, tem umas cruzeiras feitas, eu vou-lhe mostrar, tem umas cruzeiras feitas, para ali é de um e para acolá é de outro, só que depois eles não puderam fazer com as cruzeiras para nos deixarem, não nos deixavam candidatar o nosso... eles na altura não quiseram candidatar à conta dos cavalos, traziam os cavalos na serra e não os queriam baixar, e eles exigiam que no inverno tinham de descer o... foi assim sempre, toda a vida, no verão botavam o gado para a serra e no inverno desciam para a aldeia, nós aqui já não, foi sempre todo o ano o gado a pastar no baldio

AL: ai é?

MP1: é

AL: no inverno também?

MP1: sim

AL: ah... ficam aqui ou vêm cá buscá-los todos os dias?

MP1: não, aqui foram sempre para a corte

AL: a corte é no meio do baldio?

MP1: não! Na aldeia, as cortes eram aquelas lojas que tinham debaixo de casa, antigamente era assim, debaixo de casa e ao lado, agora é que há os armazéns

AL: mas disse que era todo o ano no baldio

MP1: andam todo o ano no baldio mas dormem todo o ano em casa

AL: ok, ok... então eles não queriam tirar os cavalos e por isso não queriam aceder ao subsídio

MP1: pois, e por isso deixaram de receber da parte deles

AL: pois... em Paredes a maior parte tem gado ou a maior parte não tem gado?

MP1: não, a maior parte ainda tem

AL: e é gado que se não fosse o baldio não conseguia sobreviver não é?

MP1: não, o gado lá pouco vive do baldio até... porque tem poucas, cada um tem poucas e mantêm-nas... a não ser 2 ou 3... a não ser 2 ou 3 o resto mantêm-nas todas dentro dos terrenos

AL: mas quando concorrem a subsídio têm de ter as áreas do baldio não é?

MP1: sim

AL: [...] aquilo ali parece que está tudo delimitado não é? Parece uns quadrados na terra... ou não é? Não era delimitado ali?

MP1: não, mas... são eles que fazem suportes para o tractor para o gado passar. Oh, e eles [os animais] vão-se meter no meio das giestas para se não molharem (RISOS), às vezes as giestas estão todas molhadas e eles assim já...

Pincões: MPin1

MPin1: ... O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: então e os próprios compartes não podem constituir uma equipa dessas e funcionar assim na sua floresta, nos seus baldios?

MPin1: nós aqui estamos salvaguardados... eu estou à frente dos baldios desde 1999 e as coisas até têm funcionado. Mas antes as coisas não funcionavam... era como os outros. E vê-se aí baldios que... em termos de desenvolvimento florestal vão na conversa daquelas empresas de estilhagem... de estilha... e tiram o bom e deixam o fraco e ... mais valia cortarem tudo e ao menos vinha um povoamento novo e ao menos não havia mais nada a ...

AL: mas essas empresas fomentam o corte das boas é isso?

MPin1: é. Porque aquilo é para produção de papel, pasta para papel, apanham uma coisa tiram aquilo que lhes apetece

AL: pois, depois as pessoas que estão à frente do baldio se calhar não percebem muito de floresta

MPin1: pois, por isso é que eu digo que devia de haver alguém que os incentivasse e ajudasse

AL: se não é o Estado, que normalmente seria o cogestor, não é...

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem. Acho que até ajudava aí no governo da... o que é a ITI? Porque a ITI, até convém você depois... isto vai ser discutido... nós fizemos no outro dia um manifesto à ministra da agricultura, eu não sei o que é que ela vai fazer, nós estamos a pedir-lhe um... eu ainda há bocado recebi um *mail* do IFAP, a candidatura termina amanhã mas parece que ainda dão até ao dia 23 de Junho com penalização de 1% por dia. Eu recebi há um bocadinho um mail do IFAP que até ao 23 de Junho, as alterações podem ser feitas até ao dia 15, e as candidaturas podem entrar até ao 23 com penalizações de 1% por dia

AL: ah... isso para as ITI?

MPin1: não! Isso não se sabe, ainda não se sabe de nada... Estou a falar é de candidaturas que vão fora de prazo

AL: ah, mas candidaturas a quê?

MPin1: agro-ambientais e mesmo os particulares... porque terminam amanhã

AL: ah... mas agroambientais e silvoambientais não são ITI?

MPin1: também são ITI... mas para os baldios estamos estagnados

AL: ah, não é com o baldio

MPin1: o mail que me mandaram é em geral. Mas nós no baldio eles fizeram-nos uma redução de 50% e depois de 50% ainda me retiraram a parte rochosa toda. Nós temos um corte para aí entre 80 e 90% das áreas elegíveis do baldio que nos deixa sem manobra de candidatura para a ITI. E agora não sei o que é que vai acontecer. Fizemos um manifesto ao nível dos 5 concelhos que fazem parte do PNPG, ao nível dos baldios dos 5 concelhos, associações e tudo e pronto. Vamos ver o que é que a ministra decide. Entrou lá ontem salvo erro, ou anteontem

AL: ah, só agora é que entrou

MPin1: pedimos o adiamento do prazo e que tenha em atenção aos baldios do PN porque tem certas restrições que não... enquanto os outros podem usar mini-hídricas e mini-eólicas...

AL: o que é que são mini-eólicas? É que eu estive a ler... acho que foi no plano de ordenamento do parque, é que eles dizem que

MPin1: parque eólico é aqueles que se vê aí para Cabreiro...

AL: só que eles falam de mini-eólicas ou de mini geradores eólicos

MPin1: portanto isso é quando funcionarem em moinhos de água, ou... em qualquer moinho de água pode funcionar... mas pronto, o Parque Nacional faz as suas coisas boas, agora a vantagem foram as ITI porque, e o mais importante é isto, é que nos dá maneira de fazer as limpezas de combustíveis e eu depois vou-lhe mostrar, e até convém que você quando passe veja e conta, e o mais importante é que é uma prevenção aos incêndios florestais, porque se não houver combustível não há incêndios, e mais vale estar a tirar o combustível que ele fica todo em estilha, não fica com... ao tirar o combustível automaticamente há prevenção dos incêndios. E isso funcionava muito bem e agora vamos ficar sem essa componente. Enfim... isto é reduzir às despesas, então o que nós pedimos lá no manifesto é que abram a excepção aos baldios do PN porque não temos outra... porque se só formos fazer trabalho com dinheiro só do pinhal abatido não vamos lá. Eu andei 4 anos a pôr dinheiro do meu bolso para as despesas do CD, não havia dinheiro...

AL: mesmo com as vendas das madeiras?

MPin1: não havia dinheiro, olhe, arderam-nos aqui à volta de 150 hectares aqui há coisa de 3 ou 4 anos. Na altura gastámos algum aqui, porque também veio algum para aqui, outros usamo-los de outra maneira mas...

AL: ... Está bem... e qual é a maior fonte de receita actual?

MPin1: é as ITI... porque dá para fazer limpezas, fizemos dois agroflorestais em 2005, depois a 3ª candidatura já não entrou a tempo, também não havia dinheiro no quadro comunitário, esperámos pelo Quadro Comunitário e já não saiu, tinha sido aquilo a 100%. Depois saiu a 60%, mas 60% já não há fundo de maneio para tal, para investir 40% não dá, e depois vieram as ITI e foi a salvação. A ITI tem áreas forrageiras e tem silvoambientais, as silvoambientais é que dá para proteger a floresta. E vamos ver o terreno

AL: sim, bora. Pois... eu vi lá no vosso texto, naquele texto vocês põem em causa alguns pontos da avaliação daquela comissão de valorização para os territórios comunitários e vocês lá dizem isso, que antes este tipo de projectos era financiado na totalidade a fundo perdido... mas eram projectos de quê?

MPin1: eram agroflorestal

AL: antes de existirem as ITI?

MPin1: antes

AL: e eram só para zonas protegidas ou eram para todos os baldios?

MPin1: uhh, acho que era só para aqui

AL: ok, porque as ITI tenho ideia que é mais para as zonas protegidas

MPin1: as ITI vieram com outra função mas depois também vieram as silvoambientais, que também posso mostrar aqui...

AL: mas as silvoambientais também são das ITI ou não? Estou um bocado confusa com isto

MPin1: também. As ITI tem os investimentos não produtivos

AL: exactamente, faz parte da ITI não é? Era a ideia que eu tinha

MPin1: sim, recuperação de fojos e... ainda agora fizemos (?) pagam 50 000 euros... investimentos não produtivos, pagam 50 000 euros

AL: pois, com o dinheiro das ITI? Fazem as coisas com o dinheiro das ITI

MPin1: para já pagamos nós, este ano ainda não recebemos

AL: estão ali abelhas

MPin1: sim...

AL: e o pessoal quando reúnem aparecem muitos ou as pessoas estão muito interessadas?

MPin1: normalmente a gente faz a convocatória, tem de se fazer com 8 dias de antecedência, mas nós até fazemos com 15...e as pessoas vão votar. Os emigrantes não votam... nós aí, o caderno de recenseamento que tínhamos, nós tínhamos lá alguns emigrantes... porque os emigrantes são considerados... aquele é o local de trabalho dele, porque ele tem cá os bens dele. Por exemplo, agora a nova lei diz que quem não é comparte não pode ir ao baldio, nós não podemos impedir um emigrante que vem cá para o Natal de ir buscar lenha ao baldio para se aquecer. Se ele tem cá os bens dele como é que nós podemos proibir? Não pode!

AL: Mas isso também é uma coisa que eles não vão conseguir fiscalizar, quer dizer, acho que isso acaba por ser mais gerido localmente do que propriamente pela Lei, não é?

MPin1: eu, eu de toda a maneira... a assembleia a decidir... olhe, a parte ardida e a parte limpa...

AL: onde é que está a parte ardida?

MPin1: ali, é uma queimada. Do lado de lá...

AL: não consigo ver a parque queimada

MPin1: não, mas há, há. Mas como já nasceu alguma erva não se nota muito

AL: pois, só vejo ou verde ou roxo, mas pronto, o Sr. Também sabe perfeitamente onde foi queimado, eu não

MPin1: e de maneiras que é assim... agora

AL: ah, aqui vejo perfeitamente que foi queimado

MPin1: isto já foi este ano que ardeu

AL: e estes incêndios decorrem de quê? Vocês têm ideia?

MPin1: [?] eu não sou contra, mas os past... os projectos de... de gado, principalmente de pequenos ruminantes, cada pastor, cada projecto que aí está é um incendiário

AL: querem renovar as pastagens?

MPin1: eles pensam que renovam as pastagens só que, o nosso terreno, da forma que é, isto é só para degradar o terreno com a erosão. E isto fazia falta [não percebo nada... ele fala de escola, depois fala de baldios, os baldios passarem uma declaração na assembleia de compartes...?]. se for nesta chã tudo bem

AL: o quê? Desculpe...

MPin1: se for nesta chã tudo bem, porque aqui não há grande erosão do terreno, agora numa inclinação vêm as chuvas e vai tudo

AL: ah, para fazer as tais queimadas é isso?

MPin1: sim, sim, sim

AL: chamou-lhe chã não foi? O que é chã?

MPin1: é um terreno plano

AL: ah

MPin1: olhe, aqui, isto foi feito o ano passado

AL: esta plantação?

MPin1: sim

AL: e estes fetos... isto houve aqui algum fogo?

MPin1: não... é sazonal, portanto na fase do verão tanto cresce como depois no outono já morre tudo

AL: ah, associava-os ao fogo

MPin1: não, isso tem a ver com a acidez da terra... os fetos desenvolvem-se em solos muito ácidos

AL: e uma coisa que eu ainda não percebi... porque ora percebo uma coisa ora percebo outra, conforme as pessoas com quem falo. Diminuindo a área forrageira, porque no fundo é esse o problema das ITI actualmente não é... é que diminuiu fortemente a área forrageira de cada baldio... quem é que perde com isso, são os produtores de gado que concorreram em nome do baldio para...

MPin1: este ano isso é assim... eu já não concordava no primeiro ano, mas porque... um hectare de baldio não é o suficiente para uma cabeça normal se alimentar,...

AL: uma cabeça normal, estamos a falar de um animal é?

MPin1: um animal! Ora um hectare de baldio não dá

AL: para um ano?

MPin1: para um ano... eles agora o que é que disseram? Isto é assim, isto é tudo política... como é ano de eleições, eles fizeram a redução na mesma e puseram que cada animal podia candidatar-se com 2000 m², ora se um hectare já não chega como é que vão aceitar 2000 m²? E aceitaram a candidatura assim, aos particulares, nesses termos. Nós tínhamos 1900 hectares ficámos com 187, desses 187 tivemos de os dividir por os animais todos

AL: por uma data de cabeças, é isso...

MPin1: sim, e acontece que desde que tenham 0.2 hectares para cada animal nós vamos dar o subsídio, mas quer dizer, o baldio a área é a mesma, os animais mantêm-se lá e não sei que mais, no papel é que eles cortaram a área, porque isto é tudo política...

AL: vocês ainda fazem as vezeiras?

MPin1: havia vezeiras de pequenos ruminantes, mas agora já só há um produtor, começaram a vender os animais... tem 80 a 100 cabeças

AL: já não há vezeiras. 80 a 100 foi o que disse? Cabras?

MPin1: sim

AL: então as casinhas dos pastores estão abandonadas é isso?

MPin1: não, isso ainda temos, não sei se o Márcio mostrou, mas estivemos a recuperar

AL: ah, essa mostrou sim, mostrou em fotografias, não tivemos tempo de lá ir

MPin1: porque isto é assim, os usos e costumes mantêm-se, o pastoreio na serra alta mantêm-se em comum, de Fafião tem uma zona, de Pincães até Xelo e toda a área para cá até Pincães é tudo em comum, e nós também vamos compartilhar para a casa lá de cima, não é só ele, a casa também é nossa

AL: quando diz que é comum, como é que isso funciona?

MPin1: comum é em conjunto

AL: sim, mas em que baldio é que eles estão? Há o baldio de Cabril, há o baldio de Pincães, há o baldio de Fafião...

MPin1: aquilo é baldio de Cabril e de Pincães, temos de passar no mesmo terreno que é em comum lá em cima na serra

AL: ou seja, Cabril com aquelas aldeias todas não é...

MPin1: e nós dividimos a despesa da casa por todas as aldeias e nós vamos contribuir com a nossa parte

AL: ah, está bem. Então mas não havendo vezeira a casa é usada...

MPin1: não havendo vezeira vão vigiar o gado... ao fim-de-semana vão vigiar o gado

AL: ah, e ficam lá a dormir?

MPin1: sim. Oh, a casinha vai servir mais para o pessoal de fora do que para o pessoal daqui

Por aqui abaixo até lá adiante está tudo limpinho, esse aí como ardeu há pouco, deixámo-lo ficar

AL: falta limpar alguma coisa, para além daquele sítio que andam a limpar agora?

MPin1: ora bem, isto há... vamos limpar agora aqui, estava programado mais, mas os pagamentos estão atrasados... então também nos vamos atrasar na realização do trabalho

AL: pois, não é porque não queiram, mas porque não conseguem

MPin1: e acontece que agora, nós até 2014 vamos ter que realizar até 2014 tudo, e depois se não aceitarem as candidaturas

AL: até 2015...

MPin1: não, até 2014, realizar o programa

AL: ah, realizar o que estava programado até 2014

MPin1: em 2015/2016, há um contrato assinado, há tudo e eles vão falhar

MPin1: isto foi o projecto que fizemos

AL: vocês, os compartes? Ou vocês a associação?

MPin1: não, tivemos de fazer uma junta de agricultores, depois candidatámo-nos ao PRODER e também fizemos esta RDI⁴⁷

AL: ah, mas não é directamente pelo baldio, através dos compartes?

MPin1: não, não, não. Também fiz parte mas temos aí uns 35 a 50 000 euros

AL: é um tanque

MPin1: é um tanque e tem um caudal que vem lá de uma cascata, um dia que você passe aí com mais vagar, vamos lá à cascata. Mas se você for no *facebook*, põe lá MPin1, tenho umas fotos da cascata

Pitões das Júnias: MPi1

AL: sim, sim... e essa questão da diminuição das áreas forrageiras, do ponto de vista de quem fez a avaliação, e do ponto de vista das consequências que poderá vir a ter, acha que vai ter impacto sobre o valor que recebem através das ITI?

MPi1: sim, vai haver dois impactos que vão acontecer... ao nível particular... porque o agricultor candidatava os seus terrenos particulares, mas também candidatava área forrageira para os encabeçamentos... ninguém nos tira o baldio, o baldio está aí, só que a questão em termos de candidatura às ajudas comunitárias, ela deixou de ser elegível... pronto. Obviamente que as pessoas não vão ser obrigadas a vender as vacas, não, não vão ser obrigadas porque a área continua na mesma, mas a questão aqui é em termos de candidaturas, em termos de subsídios comunitários... obviamente que houve uma redução

⁴⁷ Não percebo, é a segunda vez que faz referência a algo que soa a isto. A primeira foi quando diz que foi o projecto que eles fizeram...

da área forrageira para mais de metade em determinados baldios houve de 90 e quase 100%... nós aqui tivemos uma redução de 40%, mas... ou seja, houve a necessidade de redistribuição das áreas forrageiras novamente por todos os compartes

AL: ficou muito menos, pois...

MPi1: pronto, Pitões conseguiu ter área suficiente para todos os agricultores, consegui manter as áreas que estavam afectas aos projectos de jovens agricultores, mas noutras freguesias não... tao simples quanto isso...

AL: pois

MPi1: e nós... em termos de baldio, obviamente que sim porque a área também reduziu, enquanto por exemplo eu antes candidatava o baldio com 2600 hectares, agora só candidatei com 1300... obviamente que isso vai ter...

AL: isso para receber os tais dinheiros para gerir as áreas forrageiras e por aí, não é?...

MPi1: exactamente

AL: pastagens

MPi1: exactamente, porque esse dinheiro era aplicado... porque o baldio tem um plano de gestão e anualmente compromete-se, estava comprometido a beneficiar x hectares de baldio, através do roço de mato. As áreas diferem de baldio para baldio, isto tem a ver com a própria dimensão do baldio, eu anualmente melhorava 20 hectares... perante um plano de gestão que nós, dada a carga... ao número de animais e de área que tenho e como consegui investir num tractor com destroçador, em media eu fazia roço de mato, beneficiação de pastagem, em cerca de 50 a 60 hectares...

AL: pois, é imenso

MPi1: tudo isto...o mato está mais curto... obviamente que é melhorado com o tractor do CD

AL: então acabam por não ter de recorrer a equipas internas...

MPi1: não, nós não recorremos a empresas, fazemos com o tractor, obviamente que tenho condições. Por exemplo pego num sapador e ele faz-me esse... ele utiliza o tractor, obviamente que tenho a despesa do gasóleo, tenho de o pagar não é...

AL: e tiveram que o comprar

MPi1: tivemos que o comprar, não é, investi nele, agora de que me adianta também ter um tractor se agora não tenho dinheiro para o combustível... não é?

AL: pois, pois

MPi1: isso vai trazer consequências, aumento de fogos por exemplo, nós conseguimos ter uma redução do número de incêndios, porquê? A esse melhoramento de pastagem anual não havia necessidade de queimar para renovação de pastagem. Obviamente que isso vai trazer todos esses problemas

MPi1: ... Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD não é...

AL: pois, é outra forma de poder, digamos...

MPi1: é, é... e é um bocado... isto aqui como há uma veiga de terrenos, e como o gado anda solto no monte, ninguém o guarda, as vacas... o pessoal põe isto que é para elas não virem para os terrenos

AL: mas já não há mesmo ninguém que vá lá guardar o gado... não digo vezeiras, mas...

MPi1: as vacas não, as vacas ninguém as guarda, as vacas é diferente... aqui, porque lá para baixo...

MPi1: aquelas áreas assim mais rapadas... foi o melhoramento deste ano. Estas aqui por exemplo foi do ano passado, todo o baldio está como que retalhado. Esta área ali do planalto, como faltou uma vezeira comunitária ali daquele lado, ou seja, o giestal está a ganhar terreno e então uma forma que nós temos de o combater não é... é através da... dos... com o destroçador de correntes ou de facas actuar, porque usando fogo piora a situação, porque a giesta... digamos que, a giesta é uma pioneira, pós-fogo ela é a primeira a ocupar o terreno e isso ainda piorava a situação, então a única forma que estamos a combater esta área do avanço do giestal é através do...

AL: com as máquinas não é?

MPi1: sim, sim

AL: quando disse que lhe faltou a vezeira quer dizer que ainda há pouco tempo se faziam vezeiras? Ou já deixou de se fazer há muito tempo...?

MPi1: há pouco tempo... esta aqui já há mais de se calhar 15 anos...

AL: que não é...

MPi1: sim

AL: pois... a partir do momento em que só um dos agricultores é que tem cabras não faz muito sentido... não é?

MPi1: exactamente... a vezeira é as pessoas juntarem os animais de todos, não é, de todos, depois consoante o número de animais assim vai o número de dias, por isso, eu tinha por exemplo 20 cabras..., por cada 10 um dia, portanto ia 2 dias, e era à roda, ia 2, o vizinho a seguir ia 3, até chegar novamente à minha porta. Isso é uma forma de economizar mão-de-obra, não é, e de haver interajuda, de certa maneira... o gado já não é assim, as vacas já não, nós aqui nunca utilizámos a vezeira das vacas. O nosso gado no verão e no inverno é acompanhado individualmente, a partir de abril até setembro o gado vai e volta, vai e vem todos os dias, o parido, mas ele, só basta ir de manhã, ele leva-as aqui ao monte, elas

sobem, pastoreiam, e depois ao fim do dia, como têm as crias na corte ela própria instintivamente vem, a que não está parida o que é que acontece? Permanece!

AL: ali o tempo todo, esses meses todos?

MPi1: exactamente... até que para, ou então até finais de setembro... porque depois no final de, a partir de setembro... agora cortam os feno, uma chuvita ou o lameiro que tem erva, deita erva, cresce uma erva, então é possível ao gado bovino fazer pastoreio de fim de verão

AL: ah, sim

MPi1: então, como também a produção no baldio já é mais escassa, porque passou-se um verão, há secura e já... e diminui, o gado então baixa e faz este pastoreio. Ao fim e ao cabo o feno é um elemento muito importante nesta economia local, porque quanto mais feno o agricultor individual conseguir arrecadar, mais animais tem e mais condições tem de o gado dele na época de inverno mais desfavorecida, ter alimento e conseguir sobreviver... porque no inverno, os invernos aqui são rigorosos!

AL: pois, devem ser

MPi1: e aqui os animais chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio, porque é chuva, é neve e não sei quê, então os agricultores têm de arrecadar feno para no inverno, que é a época mais desfavorável, o gado se alimentar... a cabra não, a cabra já é diferente, independentemente de nevar, de chover e de não sei quê, a cabra tem que sempre sair, pode ter o complemento de feno na corte mas ela necessita de sair, agora o gado, os bovinos chegam a estar 2 e 3 meses que não vão ao baldio no inverno.

AL: pois, é mesmo preciso ter o feno

MPi1: feno... silagens também, já se planta muito milho para silagens...

AL: pois, pois... qual é que é a área aqui do baldio? Se souber de cor, não vale a pena estar ... é só mais ou menos

MPi1: eu sei que é 2600 hectares, tenho 1300 da área de... da serra do Gerês e a restante é área de planalto. Por exemplo, agora já só há dois agricultores que levam as vacas para a serra...

Sezelhe: MS1

AL: você já ouviu falar que a gestão dos parques naturais em Portugal vai passar para as câmaras...

MS1: mas isso já andam a falar há muito tempo...

AL: Pois, mas desta vez já está a ser discutida, já houve uma proposta

MS1: isso está a ser discutido, isto eles agora anda em tudo em guerra nos baldios que cortaram 50%, aqui a nós cortaram 50% por exemplo e Pincães e por aí chegaram-lhe a cortar 80%

AL: do quê? Daquilo das ITI?

MS1: das áreas, das áreas do coiso. Porque eles vieram aqui, que é essas coisas que eu também não percebo dos senhores... vieram num helicóptero, num avião, tiraram fotografias aéreas ou outro nome assim qualquer... eles passam por aqui, têm aqui estes, tudo o que é penedos

AL: ortofotomapa

MS1: exactamente (RISOS). Tudo o que é penedos, tudo o que é caminhos, tudo o que é carvalhais, cortam tudo, por exemplo, eles passaram lá por cima, mas eles não viram que acolá por baixo há forragem para o gado comer, e eles consideram que por baixo do carvalhal não existe, não se pode pastar, não tem que comer para o gado. É que eles viessem como vem a Lúcia ou outras pessoas dar um passeiozinho a pé a ver a realidade, eles não faziam isso. Eles é só em Lisboa e sentados... e esses pormenores não é... agora eles haviam de vir dar um passeiozinho e ver que realmente em certos sítios não é como eles, como eles...

AL: como eles vêm do ar...

MS1: como eles vêm do ar, como é, ainda na 3ª feira estivemos nós nas portas do Parque da Peneda-Gerês, estive lá um representante da camara de Montalegre, de Terras do Bouro, de Arcos de Valdevez e a... estivemos alguns representantes dos CD, porque isto não pode, isto não é assim como eles dizem, agora a ver se eles, entre as camaras e os CD vamos fazer uma força a ver se conseguimos coiso, porque depois esses 50%... como é que pode ser, nós estamos a receber as ITI, 10000 euros por ano, se nos cortam 50% só vamos receber 5000. Como é que eles querem que depois nós vamos fazer limpezas do coiso

AL: pois, e depois em zona de Parque a produção está muito limitada não é...

MS1: depois, nós não podemos... há arvores aqui que vingam muito mais rápido e o Parque diz que essas árvores não se podem aqui plantar, não são adequadas... se calhar para eles era melhor, o que eles queriam aqui por era ai umas, essas árvores que dão flores para turista ver que é essas coisas...

AL: (RISOS) mas o pinheiro sabe que pode ou que não pode?

MS1: não, o pinheiro pode, o carvalho, podemos, aquela área ali ardeu, já eu tinha para aí, naquela altura..., isto já andei ali a sacholar... já foram cortados...naqueles pinheiros...

AL: isto que limpam são zonas onde depois podem ir com as cabras e com o gado não é?

MS1: é, é, depois pode-se ir com as cabras, pode pastar tudo, não há problemas nenhuns, o gado pode pastar as vacas, também andam aí, podem pastar todos, nós não proibimos as pastagens do gado. Só que há zonas, havia zonas que já vinham de antigamente, como por exemplo, havia zonas em que as cabras e as ovelhas antigamente não podiam lá andar, era só a vaca e a coiso que podiam lá andar...

AL: por causa da floresta?

MS1: não, era porque havia muito gado e a ovelha e a cabra onde entrassem derretia tudo. Porquê? Porque antigamente essas giestas e essas coisas não havia giesta nenhuma, que era a própria ovelha e a própria cabra que a comia e então havia outros locais onde não houvesse giesta, como aqui carvalhos ou coiso que era para onde é que ia o gado. Por exemplo, nós da parte lá da barragem temos também, ardeu-nos a maior parte, também ardeu lá naquele incendio espectacular... a rês só podia ir para lá um dia que nevasse, que se não nevasse não podia ir para lá...

AL: porquê?

MS1: porque estava reservado ao gado, que era o pastoreio do gado durante o inverno

AL: ok, então gado e rês é diferente?

MS1: era diferente (RISOS). Não, por exemplo as vacas, se estamos a falar de vacas, as vacas... a ovelha e a cabra tinham um monte já mais próprio para elas e a vaca tinha outro monte mais próprio para elas. Porque a vaca era nos locais onde houvesse mais erva... e a ovelha não, a ovelha já queria ir para um local onde houvesse mais carqueja, tojo, giesta, que era, é uma espécie de animal que come mais... coisas mais duras, que é como o cavalo e o coiso, é onde há tojo, giesta, carqueja, e esses locais...

AL: pois... e vocês continuam a fazer recolha do mato?

MS1: sim, continuamos a fazer recolha de mato... aquelas partes que acolá estão limpas, vê-se ali, aquilo é giesta, e é o tojo e o sargaço, que nós chamamos

AL: então vocês o que retiram actualmente do baldio é mato para as camas do gado, é local de pasto e...

MS1: é lenhas para nos aquecermos durante o inverno, que era o que existia já, embora hoje já haja aquecimento central a gásóleo, mas ao preço a que está o gásóleo, agora vem, como se costuma dizer, já há essas pelletes para aquecimentos de coiso, mas não é a mesma coisa... pessoas que não têm lenhas próprias, têm de vir cortar ao baldio. Só que há estas regras, mas é assim pronto, eu preciso de lenha, de um tractor de lenha, tenho de vir ter com o responsável do baldio e ele diz assim "olha, vais a tal sítio, vais à fraga, tal sítio, cortas lá", pumba, corta e já fica limpo aquele local onde se cortou, onde eles cortam, não podem cortar sem pedir autorização ao CD, ou seja do coiso, e só nos locais que estão definidos para cortar. Agora que é assim que a gente...

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: vocês agora estão a recolher os matos para as camas do gado ou não é agora?

MS1: é, é agora!

AL: vocês o que é que cultivam aí na aldeia?

MS1: menos centeio, de resto é batata. É milho, é feijão, é cebola, é couve...

AL: há alguma coisa que é vendida, alguma cooperativa ou assim?

MS1: não, praticamente vende-se pouco, praticamente é tudo para consumo da, das casas, e para os animais, porque antigamente havia aí uma cooperativa, nós aqui em Montalegre era a zona da batata. Antigamente a batata, quando era muita, não havia despensas, não havia coisas para as recolher, faziam-no, chamavam-lhe silo, metiam nesse silo e a batata ficava lá o mês de outubro, de setembro, até ao fim do ano quando a vinham buscar, vinham comprar. Então nesse silo estava tudo quanto era batata, era assim uma cova que depois era coberta com palha, chamavam-lhe aquilo de polmo que era o que saía do

centeio, nós com o centeio, aqui o centeio é alto, o trigo é mais baixo mas o centeio é muito mais alto, e depois... esta parte aqui de giestas era tudo pinheiral...

AL: ai era? Quando é que ardeu?

MS1: já ardeu para ai há uma dúzia de anos...

AL: e nunca voltou a crescer?

MS1: nunca voltou a crescer. Se voltassem a crescer era o que eu dizia, ardeu, cresceu a giesta... e depois estavam crescidos

AL: e esta giesta é para a cama dos animais?

MS1: sim, a mais pequena, quando assim está maior já é também para lenha, agora para a cama do animal é mais pequena que é esta para não ficar o animal tao... os tojos deita-se-lhe, deita-se-lhe um bocadinho de palha em cima, só custa deitar a primeira vez... (RISOS)

AL: ... Vocês aqui fazem vezeiras, agora mudando um bocadinho o assunto...

MS1: do gado

AL: ah, fazem...

MS1: agora antigamente quando havia muita ovelha e cabra e coiso, às vezes até era duas vezeiras, era muita e tinha de ir dividida que era para não andar..só que nós antigamente era assim, a vezeira andava à volta da... como é que hei-de dizer... das casas, andava à volta do povo, portanto...

AL: ah, passava de casa em casa...

MS1: passava de casa em casa, todos os dias, passava de casa a casa. E por exemplo, eram x dias por cada cabeça de cabra, ou de ovelha ou de coiso. Quem tivesse por exemplo 50, vinha 3 dias, quem tivesse 20 ou 20 e tal, ia 2, quem tivesse 15 ia um dia com elas. Então era, vinha sempre um pastor ou dois pastores e às vezes, como era muito gado, muita ovelha, muita cabra, às vezes era às 500 cabeças de coiso, então dividiam... [olhe, queimaram isto, isto era um carvalhal, isto daqui por meia dúzia de anos estava... está a ver, era um carvalhal, mas deitaram-lhe fogo queimaram-no todo"]

AL: e foi Travassos ou foi daqui?

MS1: é malta desse gado... e, está a ver, estes carvalhos aqui ainda se safaram mas os outros queimaram tudo, seca tudo.

AL: ah, estes que aqui estão em pé estão mortos...

MS1: estão mortos, aqui a maior parte estão mortos

AL: esta erva cresce sempre depois da passagem do fogo não é?

MS1: é é, deve ser. Não, mas a erva cresce, depois de largarem o fogo depois, mas quanto mais... quanto mais queima mais prejudica

AL: mas diga-me só, para acabar aquilo... antes faziam assim as vezeiras, e hoje?

MS1: hoje não... hoje não fazem porque não há, a maior parte das pessoas emigraram, deixaram de haver jovens para estas, para constituir certas vezeiras, agora não há... hoje se houver há meia dúzia que tem 4 ou 5 praticamente só numa propriedade, só para consumo, que antigamente vendiam os cabritos, vendia-se os anhos, vendia-se a lã da ovelha, que era para fazer as meias para calçar, que era para fazer os cobertores da cama, para fazer as capas de bordel, aquelas capas que não sei se está a ver qual é... a capa do coiso, era para se fazer... hoje já não há...

AL: então por exemplo, esta malta que tem este gado...

MS1: esta malta deste gado é assim, largam-nos agora, vêm-nos ver quando vêm, e depois descem-nos no mês de setembro, e depois ficam no curral até praticamente agora. No inverno não vêm, tem muita neve, muito frio, cai neve, praticamente às vezes fica alguns 15 dias fica tudo coberto

AL: então já não há aquelas cabaninhas onde os pastores ficavam...

MS1: é, aquilo é mesmo... não, ninguém as usa, ainda agora, não sei se se vê dali...

AL: há pouco vi uma casinha mas não sei se era isso

MS1: para donde?

AL: pfff, não sei, era ali onde a gente veio

MS1: ah, se calhar era uma cabana... olhe, acolá, olhe vê-se daqui... o telhado está a ver...

AL: sim, sim, sim. Mas já ninguém usa agora não é?

MS1: já não. Recuperou-se isso por existir, que isto de resto já não...

AL: foram vocês que recuperaram?

MS1: fomos nós que recuperámos...

AL: pois... por exemplo, lá em Fafião tentam manter a tradição mas... mais tarde ou mais cedo...

MS1: pois... passei lá ainda há pouco tempo, o Raul, conheço bem

AL: sim, ele também me disse que o conhecia... eu disse-lhe que vinha cá e ele "ah, o MS1"

MS1: e há essas tradições, mas isso também é como tudo, chegam lá quando levam o gado e depois deixam-no lá e vêm embora outra vez. Mas era isso que existia e essas... porque quando há muita população e há muito gado as pessoas são mesmo obrigadas a juntar-se e... nós quando era na época... eu emigrei em 70, antes quando era, só se via... agora se

fosse nesta época, só se via gado, só se via pastores, a comerem as merendas... quando era dia de entrudo ou dia de reis... toda a malta trazia as chouriças, o vinho e o pão, juntavam-se aí numa coisa, acendiam aí uma fogueira e toda a gente comia ali de volta da, do coiso... hoje não se vê... hoje mesmo para vir ver o gado, para vir ver o gado ou vem de mota ou vem... (RISOS) mas é verdade, é verdade...

AL: interessante ter esta vista para ver o que se passa no seu baldio...

MS1: (...) mas de vez em quando andávamos, púnhamo-nos aí, mas de vez em quando vínhamos ao alto, já conhecíamos qual era o nosso lado, para ver onde é que ele andava

AL: pois, é um bom ponto de monitorização, a ver o que é que se passa aí

E abelhas, vocês tem abelhas?

MS1: no nosso baldio temos

AL: mas é particulares não é?

MS1: é...

AL: está bem. Isto tem aqui mato bem bom para isso não é?

MS1: tem muita urze e giesteira, mas também há quem diga que a abelha... que o melhor mel é do carvalhal...

AL: bom, o carvalho também tem a sua florzita... não é uma flor destas (coloridas) mas... se calhar é por causa do mato que cresce por baixo não?

MS1: por causa dos componentes. Que a folha (flor) do carvalho tem outros componentes para o mel e para a abelha melhores do que a urze.

AL: pois, olhe, não faço ideia

MS1: pois, eu também não... o meu avô por acaso tinha... o meu avô paterno. Mas depois ele deixou aquilo, começaram a desaparecer, nunca mais as pusemos. Às vezes ia lá com ele, e ele ia às colmeias, não levava a máscara, não levava nada...

AL: pois, talvez, também não sei. Porque já me disseram que o javali tem crescido muito não é? O número de javalis...

MS1: ah, já cresceu mais também, porque isto é assim, antes fazíamos a batida, nós por exemplo agora faz-se 3 ou 4 batidas durante o ano, e eles também vão embora, também vão desaparecendo, às vezes caem aos 10 e 12.

AL: pois, eu também percebo que se limite, senão desaparece... mas...

MS1: porque é assim, o Parque também gosta de ter as coisas mas também não gosta dessas coisas que estamos a falar. Até ali o javali dava cabo da agricultura e dos coisos...

vinham, pagavam... hoje acabam com tudo e nem pagam. Logo, matavam um cabrito ou uma cabra ou ... pagavam. Hoje não pagam

AL: não pagam?

MS1: não pagam

AL: mas supostamente deviam pagar, a Lei diz isso

MS1: diz isso... então não se ouve no jornal lê no telejornal, lá de Bragança e lá para baixo para o Douro e coiso, que os lobos atacam os rebanhos e matam-nos e ...

AL: pois, o problema é que se tem de apresentar os cadáveres

MS1: ah, nem com cadáver...

AL: demoram a pagar...

MS1: demoram a pagar, nem demoram a pagar, não pagam. E depois às vezes, estão a proteger o lobo, e encontram-nos mortos...

AL: pois... e aquela questão de eles fornecerem os cães para acompanharem os rebanhos, vocês têm algum subsídio para os cães?

MS1: saiu agora este ano, portanto eles deram... têm de ser cães da serra, de raça... dão, não sei se são 200 euros ou 150... também não sei bem

AL: acho que pagam os cães não é?

MS1: para pagar os cães, dão um subsídio mas isso é lá da agricultura. Cada cão, por exemplo, quem tenha 10 vacas pode meter 2 cães nesse coiso, só a partir de 5 vacas é que pode ter direito a um cão, e ao passar de 15 vacas... portanto, o máximo são 2-3 cães...

AL: mas alguém aqui na aldeia fez isso?

MS1: fez, fez, temos ai quem tenha feito

AL: e tem havido ataques de lobos?

MS1: ataques de lobos aqui nós... andam por aí, de vez em quando lá se vê... mas o lobo ataca mais onde haja rebanhos, como por exemplo cavalos, o lobo também ataca muito o cavalo... por exemplo temos, este gado, às vezes há gado que para aí no monte, o pessoal não se apercebe que eles que param, e às vezes quando chegam aí... já foi.

AL: porque eles só comem os pequeninos das vacas, não comem as grandes... são grandes demais... mas a vaca consegue fugir do lobo?

MS1: a vaca consegue... os lobos só atacam os animais adultos, só se forem mais do que...

AL: ah, está bem, trabalham em equipa...

MS1: se não forem mais do que um não atacam, agora quando é um vitelo com 3 ou 4 dias...

AL: mas já não se ouve falar muito de ataques de lobo aqui então?

MS1: não, de vez em quando lá se ouve “olha, uma aqui”. Uma vaca quando pariu, quando chegou lá já tinha o lobo... agora como antigamente já não. Nós aqui não... agora aí para baixo para Cabril, terras do Bouro e coiso, que têm esses rebanhos de ovelhas e cabras às vezes...

AL: lá acontece...

MS1: acontece...

AL: pois... o que eu li nas notícias é que se não tiver o cadáver, prova do animal morto, eles não pagam...

MS1: exactamente, é preciso ter provas, também não vou dizer que trazia aqui 50 ovelhas que desapareceram num mês, não é? É preciso estar lá os vestígios para eles confirmarem que é...

AL: pois, o problema é que por vezes, segundo dizem os produtores, não é possível entregar o cadáver... porque depois o ICNF só vem ca durante a semana, se por acaso matam à 6ª feira têm de esperar até 2ª feira, e depois o cadáver desaparece...

MS1: têm de esperar pois, e depois também há...

AL: e depois o cadáver desaparece...

MS1: e depois também há ataque do lobo que o lobo pega na ovelha e desaparece com ela... quando havia gado e havia o coiso, às vezes havia muito lobo, às vezes encontrava-se as manadas deles, conforme era por exemplo, se calhar uma fêmea paria 4 ou 5 e andavam para aí um ano e tal todos juntos e era por isso que muitas das vezes atacavam todos em conjunto e matavam mais... mas era, havia mais adultos porque uns faziam frente de um lado outros faziam de outro e quando chegasse agarravam-se todos a eles e matavam, apanhavam-nos, agora que já diminuíram, porque o lobo começou a, os rebanhos começaram-lhe a falhar e depois também começaram a diminuir e o lobo, o parque cria-os em cativeiro e depois de vez em quando lá...

AL: é? Ai cria-os em cativeiro? Aqui no parque?

MS1: é! Agora o lobo de agora é totalmente diferente outro, isto é como um cão russo e um ?

AL: mas é diferente o comportamento?

MS1: é, é diferente em tudo é diferente, no comprimento, na orelha, no rabo...

AL: acha que já é fruto de cruzamentos com cães ou...

MS1: é, é, é... os lobos de antigamente é totalmente diferente, um nariz fino, uma boca mais rasgada, o rabo do lobo nunca anda descaído, andava sempre curvado...

Tourém: MT1

AL: lá no vosso, em Tourém houve cortes muito... o corte foi grande?

MT1: uuuh, foi, em relação ao 1º ano foi

AL: sabe mais ou menos quantos %, só para ter uma ideia... da área forrageira que foi cortada

MT1: foi cerca de 50%, mas espere aí, deixe-me pensar que eu consigo lhe dizer

AL: não, não é preciso

MT1: foi na área baldia passou de 1050 hectares para 700 se não me engano

AL: é quase 50%, não chega mas é quase... sim, sim, sim

MT1: portanto todos nós vamos sofrer com isso, claro que...

AL: pois, ainda não percebi muito bem as consequências... já percebi que os agricultores sim, vão ter... à partida vão ter algumas consequências na área que candidatam e tal, não é?

MT1: exactamente, nós em Tourém não temos esse problema

AL: ah, não têm gado?

MT1: infelizmente o número de agricultores diminuiu e a área que cortaram para eles poderem fazer a candidatura é mais que suficiente

AL: pronto, ok...

MT1: suponho que só há duas freguesias em que isso aconteceu... foi Tourém e Pitões... já foi a Pitões?

AL: fui anteontem... falar com a Lúcia

MT1: exactamente. Sim, nós não temos esse problema...

AL: ok

MT1: e ainda bem que assim foi. Agora o problema está nas novas instalações...

AL: nas construções?

MT1: nas novas... os jovens agricultores é que estão um bocadinho condicionados. Primeiro porque precisam de uma área mínima de 20 hectares... e a área que nos sobrou não é assim tanta que nos permita fazer isso

AL: que vos sobrou...

MT1: dos outros agricultores. O que é que nós estamos a fazer... portanto, imagine, que um agricultor precisava de 20 hectares, em vez de lhe dar os 20, se houver um jovem agricultor que necessite dessa área nós vamos retirar área a quem já estava, não podemos cortar as pernas a quem quer começar

AL: ah, sim, sim

MT1: e é por aí, a logica será essa, já está aprovada em assembleia, que isso será assim, se vier a acontecer. Se não vier a acontecer então não teremos grande problema

AL: mas podem construir? Essa parte é que eu não percebi

MT1: podem, podem construir na mesma os armazéns, só que precisam de uma área para os efectivos de 20 hectares... para reunir as condições necessárias e aí é que muitos CD vão ter problemas

AL: pois, pois

MT1: o grande problema vai estar aí

AL: para a instalação de jovens?

MT1: exactamente. Aí é que vai estar o grande problema. Agora quem já está... no meu caso não vai haver grande problema...

AL: você tem animais?

MT1: não

AL: ah, no seu caso, do baldio de Tourém...

MT1: o caso de Tourém

AL: mas um jovem para se instalar precisa necessariamente de fazer uma construção é isso?

MT1: porque... praticamente, ou se já tiverem...

AL: ok

MT1: agora, quem vai por, vai por gado... onde é que mete depois os animais?

AL: no inverno...

MT1: aqui os invernos são muito rigorosos... agora não, agora anda tudo não tem problema nenhum, mas no inverno é complicado

AL: sim, sim, sim... lá em Tourém há muitos jovens ainda ou...

MT1: uuuh, não... ate porque neste caso concreto que lhe falei temos apenas uma situação

Sei que vai acontecer outra, mas ainda não aconteceu, portanto neste momento temos apenas uma... agora, a população de Tourém que trabalha na agricultura é como em todo o lado, bastante idosa, mas só que nos tivemos a sorte de nos anos 90 houve muito pessoal que hoje já tem 40 e tal, já perto dos 50 anos, que é o meu caso, que estávamos fora e regressámos, então aí estão ali muitos agricultores que se vão manter por muitos anos

AL: e esses estão a dedicar-se à agricultura? Você já sei mas...

MT1: sim, sim, eles dedicam-se 100% à agricultura, não têm outra forma de vida

AL: boa... quantos habitantes é que agora existem lá em Tourém?

MT1: cerca de 120 pessoas... mais ou menos

AL: é uma aldeia mais para o grande ou mais para o pequena? Por exemplo é mais pequena que Pitões?

MT1: é mais ou menos igual

AL: ok, ainda é maiorzinha do que as outras...

MT1: até porque nos últimos censos havia uma diferença de 6 habitantes de Tourém para Pitões, 157... 151

AL: em Pitões é que era 157?

MT1: sim. Era... na altura dos censos, isso foi em 2011, portanto há 4 anos... uhh, havia uma diferença de... a

É porque houve aí uma situação, quando foi da junção das freguesias, tinham de ter um mínimo de 150 habitantes, e nós safámo-nos por 1...

AL: (RISOS) e não tiveram que juntar a freguesia foi? A vossa é a freguesia de quê?

MT1: de Tourém

AL: e em Pitões também é... ah, ok, a Lúcia já tinha dito...

MT1: Pitões também é freguesia...

AL: sim, sim, sim, senão juntavam-se a Pitões provavelmente

MT1: se estivesse mais próximo, porque não tinha nada a ver uma coisa com a outra, um do lado outro do outro, foi aquela coisa feita em cima do joelho

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: vocês aqui também têm bastante gado não é?

MTR2: sim, sim, sim

MTR1: há aqui uma média de 160 vacas

AL: e quantos pastores? Ou quantos produtores...

MTR2: 5 ou 6

AL: 5 ou 6 para cento e tal vacas...

MTR1: vá lá que ainda são todos

MTR2: todos e jovens

MTR1: por exemplo, o meu filho... o meu filho esteve ainda uns anos na Suíça, esteve lá para aí 13 ou 14 anos na Suíça... depois ele veio

AL: voltou para... com amor à terra

MTR2: e apostou na.... Hoje temos 5 produtores ainda bastante jovens e com bastante dimensão

MTR1: estão a trabalhar bem estão...

MTR2: com 60-70 vacas, outro com 40, depois temos 25 e depois dois com 15

AL: e essas vacas pastoreiam apenas no baldio de Travassos ou fazem...

MTR1: mais ou menos

MTR2: estão limitadas ao baldio de Travassos, só que claro... não há fronteiras

AL: pois, pois, tanto para um lado como para o outro. Aqui também há... aliás, há de certeza que eu vi, há aquelas zonas mistas entre baldios limítrofes...

MTR2: sim, sim, sim. Nós temos mista com Sezelhe

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 euros... mas esses 2500 euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer à Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 euros, teria de dar 10000 euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porque? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL: Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, aí isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: ai foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles têm de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tido, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

AL: vocês tiveram um grande corte de área forrageira?

MTR2: bastante! Foi de 300 e tal hectares passámos para 84...

AL: e vocês acham isso justo ou acham que não faz sentido?

MTR1: isto foi uma pancada até grande não é... para toda a gente

AL: e quais são as consequências disso que ainda não consegui perceber...

MTR1: porque as pessoas até tinham bastante área agora tivemos de lhes dar só um bocadinho que é para chegar para todos

AL: e como é que isso é na prática... imagine, antes tinham 300 hectares para 6 pastores, só assim para dar uma ideia, e agora passam a ter só metade, 150 hectares, cada pastor ou cada rebanho fica com menos área não é... mas como é que isso se fiscaliza?

MTR2: imagine, cada agricultor para se poder candidatar para os fundos comunitários tem de ter uma área... como é que um agricultor com 70 vacas justifica a sua própria área? Uma pessoa com 70 vacas precisava de ter 200 e tal hectares e ele não sua própria exploração não consegue ter essa área, então ele justifica dizendo que deita as suas vacas para o baldio. E então, qual é a forma de dizer que... o presidente dos baldios passa uma declaração a dizer “ nós cedemos 50 hectares de baldio a este agricultor”. Neste caso reduziu a área, enquanto um agricultor tinha 50 hectares neste momento teve de ficar com 19 ou... logo vai influenciar na apresentação da candidatura aos subsídios desse agricultor... uma coisa é ter... depois recebe-se x euros por cada hectare

MTR1: por exemplo até ali tinham um hectare e tal por cada vaca não era... quase hectare e meio, agora ficaram com meio hectare...

MTR2: 0.6... ficou

AL: e é permitido, por exemplo, há um limite estabelecido por quem dá o subsídio para a área por cabeça

MTR2: quanto mais melhor

AL: quanto mais melhor em termos de subsídio... ok, acho que começo a perceber, é que isto está a ser tudo novidade e confusão para mim

MTR2: o baldio é um mundo muito...

AL: sim, é complexo isto

MTR2: é

AL: eu antes de vir para aqui pouco tinha ouvido falar de ITI e... (RISOS)

MTR2: porque é uma medida própria do Parque

AL: pois, exacto... eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse tão importante, que fosse essa a fonte de rendimento dos baldios do Parque, nunca me passou isso pela cabeça. Porque eu leio muito sobre baldios mas a realidade dos baldios em geral e a realidade dos baldios dos parques, ou pelo menos do Parque Nacional, é completamente diferente

MTR2: sim, onde há pastoreio e onde não há pastoreio é completamente diferente

AL: exacto!

MTR2: tipo, um jovem agricultor que meta 60 hectares de baldio terá seguramente 16 a 17 mil euros por ano de subsídio só do baldio...

AL: e o baldio não recebe nada por isso?

MTR2: não... deveria receber, uma verba disso devia ir para o baldio

AL: até porque ele é comparte, à partida... esse pastor ou produtor...

MTR2: sim, mas imagine o baldio é de todos... e estão a usufruir 4 ou 5

MTR1: mas também se não fosse o baldio aqui eles não podiam ter estas vacas... nem a terça parte, porquê? Porque o gado agora, aqueles que têm os vitelos não é...que estão a dar leite, está bem, mas as outras que ficam lá até ao fim de setembro

AL: ficam lá quietinhas não é... já não há vezeiras aqui não é?

MTR1: não, mas é quase como que seja uma vezeira, andam todas juntas, bota tudo e larga tudo

MTR2: pois exacto, há uma particularidade aqui na aldeia que é a seguinte, as vacas dormem lá, as vacas dos agricultores, dos tais 5 ou 6, dormem lá. E normalmente, imagine, um vai ver, o outro chega "oh, então vistes as minhas ou..." ... não é organizado, não é uma coisa organizada mas há aquela... imagine, eu vejo o filho do Ti Manel que vem com a

carrinha, anda com a carrinha ou ... de lá cima do monte “olha vistas as minhas...”, ou seja não é organizado mas há essa...

AL: sim, exacto, há uma cooperação natural

MTR1: eles vão, vão... às vezes vão duas vezes por semana, outras vezes vão só uma vez por semana

AL: pois... e usam as casas dos pastores ou...

MTR2: hmm, não.

MTR1: ainda agora estamos a renovar uma... mas agora já não se usa, há muitos anos... há muitos anos que aquilo caiu abaixo, estava destruído

AL: pois, não é usada...

MTR2: que é uma medida que só é do Parque... por exemplo, se estiver fora do parque se se quiser candidatar a este fundo de maneio não pode, é específico para... lá está, são as nossas mini-eólicas

(RISOS)

AL: exacto

MTR1: mas essa casa lá do pastor noutros tempos, eu já não me lembra não é... mas... os mais antigos falavam que noutros tempos havia lá uns lameiros, cortavam a erva para o feno do gado e tudo, e quando iam para o ... que aquilo ainda fica longe, quase 5 km, quando iam para lá cortar o feno e fazer esses trabalhos, dormiam lá e cozinhavam lá, tinham lá um potinho para lá cozinhar...colmavam-na em palha, colmavam-na com esse mato depois... agora ficou renovadinha... tem as paredes, cobrimos em telha, tudo, tudo... agora está lá uma barraca muito bonita!

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e alguma vez houve conflitos entre os baldios no sentido de, sei lá, os pastores passarem para um lado

ACm1: não, com o pastoreio nunca houve problemas. Houve sim, há ainda retenção de valores de madeiras cortadas na zona de conflito. Há mais de uma dúzia de anos que existe dinheiro bloqueado por causa disso

AL: ah, bloqueado pelo Estado porque não se decidem quanto às fronteiras, é isso?

ACm1: não, não está bloqueado pelo Estado, só está bloqueado porque as partes nunca chegaram a acordo na divisão da percentagem não é? Da percentagem para cada freguesia. Portanto nós temos aqui um terreno que o Soajo diz que a delimitação é ali por aquela divisão, nós dizemos que a delimitação é aqui pela zona deste pilar. Portanto o Estado vendeu a madeira com o acordo das duas freguesias, porque nós tínhamos que assinar sempre a venda, a venda só era possível desde que as duas partes, as duas freguesias

assinassem. Agora, quando era para receber, se não chegávamos a acordo na % que cada um ia receber o dinheiro ficava retido, está retido

AL: e ainda está?

ACm1: ainda está

AL: e como é que está agora a questão da divisão, ou da delimitação do baldio?

ACm1: está na mesma situação

AL: mas por exemplo, agora com os PUB, que agora já são PGF, os planos de utilização dos baldios, que são obrigatórios não é, para concorrer a determinados subsídios, que acho que agora são

ACm1: ah, mas para os subsídios nunca se concorreu para essas zonas de conflito, portanto nunca houve problema nesse aspecto

AL: sim, mas o que eu digo é que, pelo que eu sei, para concorrerem a subsídios têm de ter um plano de utilização do baldio, agora de gestão florestal, e que é feito... nesse processo de fazer os PUB ou os PGF, que é feita uma delimitação dos baldios com o GPS, que fica feita não é, e que acaba por ser útil para várias coisas. Para além disso na nova lei vem que para os baldios não pagarem IMI têm de estar inscritos na matriz predial. Onde eu quero chegar é, perante estas novas necessidades e responsabilidades que o baldio tem que ter, se a delimitação do baldio não está mais clara hoje em dia, tanto com o GPS, como na matriz predial, como para as finanças, etc.

ACm1: para nós na zona de conflito não está, não está mais nem menos, está na mesma, não se chegou a acordo ainda até ao momento

AL: há pouco quando falou das brandas, o que é que é brandas aqui?

ACm1: as brandas no Soajo não são as nossas brandas, quer dizer as brandas no Soajo são pequenas aldeias, sabe, não é? As nossas brandas são áreas que têm aqueles barracos construídos em pedra onde os pastores dormiam para viajar precisamente na época, as brandas não foram construídas porque veio a florestação, mas serviram muito quando a florestação proibiu a entrada dos animais para pastar. Depois dormíamos nas brandas, tínhamos que... tiveram que se construir muros para impedir que os animais descessem dessa zona das brandas para o interior das áreas florestadas

AL: então brandas aí acaba por ser o curral, o que é chamado o curral noutros sítios, ou não? Que é onde está a cabana do pastor, tem um espacinho à volta onde os animais dormem

ACm1: não, a cabana do pastor e tem aquela vedação à volta onde se guardavam os animais de noite... porque é que se tinha essas vedações? Essas vedações tinham-se porque na branda havia sempre vacas leiteiras... tinham os vitelos

AL: ah, eles também iam...

ACm1: então havia as construções em pedra para guardar os vitelos e havia a área exterior vedada que era onde dormia a mãe do vitelo

AL: isso no monte?

ACm1: no monte. Então de manhã permitia-se que o vitelo fosse chupar um pouquinho de leite mas ia-se tirar uma grande parte do leite à vaca para se trazer para a aldeia, que era para as pessoas fazerem a refeição depois, ou se tomava de manhã ou fazerem a refeição da noite com as papas de leite, que era um prato tradicional e era um prato que servia de base de proteína durante séculos às populações destas zonas, que era o leite... usavam farinha de milho, depois com o leite, farinha de milho, água e leite. E aquilo fazia uma refeição hidroprotéica, portanto hidrato de carbono do cereal e a proteína do leite

AL: que engraçado, tenho ideia que noutros baldios as vacas leiteiras ficavam a dar de mamar aos vitelos na aldeia, que não subiam

ACm1: as nossas subiam, e todas as manhãs vinha alguém que trazia... usavam cabaças, sabe o que é uma cabaça? Não é a abobora... cabaça é um recipiente que serve

AL: exacto, mas é feito de quê?

ACm1: é feito de uma planta que é da família das aboboras mas é uma abobora não comestível

AL: ok, então sei o que é cabaça, sei, que era usada para por líquidos

ACm1: aquilo, era... ficava oca por dentro, e usava-se aquilo para trazer o leite, porque era melhor que as latas não é, havia quem usasse latas, mas a maior parte das pessoas usavam essas cabaças. Aquilo levava uma rolha de cortiça e o leite conservava-se melhor dentro daquilo do que dentro dos latões de alumínio

AL: mas é engraçado que aqui não há muito queijo não é, havia o leite mas não sei

ACm1: é, não se usava, não se fabricava queijo. Mas fabricava-se manteiga

AL: mas até seria uma boa forma de manter o leite mais tempo

ACm1: recordo-me da minha falecida mãe fabricar manteiga... fazia a manteiga em casa sempre. Mas queijo não... queijo não mas fazia-se leite fermentado, deixava-se fermentar o leite, tipo requeijão. Isso fazia-se

AL: e era só de vaca que se utilizava o leite?

ACm1: quem tinha cabras fazia de cabra, nós fazíamos só de vaca. A minha mãe fazia só de vaca... nos nunca... tivemos cabras algum tempo mas depois com a vinda da florestaço deixámos de ter, porque não havia possibilidade de manter

AL: e hoje há muitos produtores? De animais aqui na freguesia de Cabana Maior, que usem o baldio

ACm1: enquanto houver subsídios há, quando acabarem os subsídios já não vai haver, as pessoas só têm animais porque lhes dão subsídio, ao contrário não

AL: pois... mas isto não eram produtores que tinham vacas já nos tempos antes dos subsídios?

ACm1: sim, tinham, mas tinham menos, com os subsídios houve um investimento nessa área

AL: não seria rentável ter hoje em dia sem subsídios ter produções animais?

ACm1: eu penso que sim, eu penso que continuava a ser rentável, penso que continuava a ser... mas é muito mais rentável com subsídios

AL: pois, claro... há quantos produtores aqui na freguesia, tem uma ideia?

ACm1: nunca contabilizei, mas

AL: 10... 20...

ACm1: não, mais... mais de 20

AL: e cabeças de gado, tem alguma ideia?

ACm1: não... precisa disso?

AL: só para ter uma ideia de como é usado o baldio

ACm1: se precisar disso para o seu trabalho eu arranjo-lhe dados concretos. Se não precisa...

AL: assim, só para perceber quem é que utiliza o baldio

ACm1: há sempre mais de uma centena de cabeças de gado... há um produtor que só ele tem mais de 50 cabeças de gado

AL: pois, mas são mais produtores...?

ACm1: assim com grandes quantidades não, é tudo com menos quantidades, 4, 5... 8...2, 3...

AL: cabeças

ACm1: sim, não há assim... o único que tem assim várias dezenas é só um... o único claro que tem de ser só um [RISOS] não, eu ia dizer, o único que tem assim essa quantidade é um individuo que sofreu um acidente de automóvel, ia de motorizada, ia um individuo bêbedo, abalroou-o na estrada e deixou-o em estado de coma... horrível, mas pronto. São situações terríveis

AL: (...) e a área que vocês têm actualmente do baldio elegível para pastagem, é suficiente para os produtores que têm? Para eles acederem aos subsídios...

ACm1: é, para receber os subsídios é

AL: e ainda sobra área, ou não?

ACm1: ainda sobra área sim

AL: e há jovens agricultores, ou há jovens que estão interessados em fazer projectos de jovem agricultor ali ou

ACm1: não, não há... não se pode dizer que há vários jovens interessados não...

AL: há muitos jovens na freguesia, não?

ACm1: não. Muito poucos... a emigração leva os jovens todos

AL: claro. Então também não há muitos jovens na gestão do baldio, no CD, na AC... bom, o próprio Joaquim é bastante jovem, mas

ACm1: sim, há vários jovens... digamos, se quiser considerar... um jovem para si é de que idade?

AL: bom, dos seus 20's até aos seus 40's

ACm1: tem muito poucos, 3 ou 4

AL: pessoal que faz família aí, tem os seus filhos e

ACm1: há muito poucos jovens, muito poucos jovens

AL: portanto, entram receitas como resultado da venda de floresta não é, da venda de madeira... e mais nada? Por exemplo as ITI, acabam por sobrar

ACm1: pode, pode também se consegue, mas uma coisa insignificante a nível do pastoreio, nós não temos produtores locais que tenham animais suficientes para ocupar o baldio todo, então pode-se ter também acordos com pastores que queiram ali pastorear, nos nossos baldios

AL: pagam x é isso?

ACm1: é possível eu não lhe sei em números concretos o que é que isso dá, mas é possível, porque nós não temos número de animais suficiente para os hectares de baldio que temos

AL: claro... então quem é que são os reais utilizadores do baldio hoje em dia? Tipo, os produtores não é

ACm1: normalmente são os produtores locais e alguns do exterior que podem com um acordo com o CD utilizar os baldios também

AL: então são sobretudo usados para questões de pastagem

ACm1: sim

AL: à freguesia... e não se continua a fazer aquelas actividades tradicionais no baldio... tradicionais no sentido de serem antigas, não no sentido de atraírem visitantes... tipo apanharem lenha, recolherem mato

ACm1: sim, isso é uma tradição que continua a ser respeitada

AL: e continuam a ser necessários os matos? As pessoas continuam a utilizar esse tipo de fertilizante na terra?

ACm1: em parte sim, os poucos que ainda têm animais sim

AL: e isso é gerido, ou seja, quem... se calhar como são poucos já não é preciso, mas

ACm1: em tempos era assim, em tempos na minha adolescência havia muitos produtores agrícolas, e então faziam, uma vez por ano reuniam-se, faziam rifas, estipulavam uma determinada área onde iam roçar o mato para o resto das cortes, os animais, e depois tiravam rifa... depois punham as varas de salgueiro ou outras, com um número feito na própria vara, e as rifas depois tinham os números. Depois cada um que tirava a rifa com um número tal sabia que ia poder roçar o mato naquela área. Faziam esse tipo de divisão assim, era engraçado isso era. Agora não, agora não é necessário, porque agora há muito poucos a fazer e a explorar então cada um vai roçar onde quer, onde há...

AL: e lenha, continuam a

ACm1: as lenhas as pessoas podem recolher, tem é que... se é dentro da área florestada tem que ter uma autorização do CD ou da junta, se for no exterior do parque, tem de ter uma autorização para a recolha. Mas a qualquer comparte residente na freguesia é permitida a recolha de lenha

AL: sim, sim, sim. Eu agora quando estava a referir-me às questões de aproveitamento do turismo estava sempre a referir-me à vossa organização local, não estava pensar no ICNF, precisamente no sentido de criar condições para os vossos jovens se manterem na zona utilizando o baldio como meio.

ACm1: o pastoreio é interessante, o pastoreio enquanto houver subsídios dá muito dinheiro para os produtores. Para qualquer tipo de ... qualquer das raças de animais que a pessoa escolha

AL: esses são os principais beneficiários do baldio... os produtores

ACm1: sim, são... e o CD nunca taxou a utilização dos baldios e podia fazê-lo, mesmo para os locais

AL: para os outros que não beneficiam mas que têm iguais direitos

ACm1: exactamente. Mesmo aos locais podia faze-lo, porque os locais há uma pequena percentagem que usufrui, enquanto que outros não têm qualquer benefício, e esses que usufruem o CD podia ter tomado a decisão de propor à AC, falta saber se a AC aprovaria ou não. Normalmente aprovava porque havia mais dos que não exploravam do que dos que exploravam. E então podia-se conseguir dinheiro para melhoramento de caminhos, para outros benefícios da freguesia. Mas eu nunca enveredei por aí porque nunca surgiu um momento decisivo para fazer isso. Mas era uma possibilidade. E é justo. É justo porque estão uns a beneficiar com aquilo que é de todos

AL: sim... e ao contribuir-se para a AC com x estava-se de alguma forma a tornar isso mais justo não é? No sentido em que aquilo seria aplicado

ACm1: e era um investimento que iria surgir em benefício de todos... olhando aos fracos recursos locais e às dificuldades que se enfrentava sempre com as câmaras sempre a apertarem a corda por dinheiro

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês têm muitas cabeças de gado lá na aldeia?

AC1: temos cerca... eu assim com certeza não lhe posso dizer

AL: não, assim por alto, tipo centenas... dezenas...

AC1: queria ver se não tenho aqui esses dados, também não queria estar aqui a dar-lhe dados

AL: pois, bom, era só para ter uma ideia, se é ainda importante a produção animal ali na zona

AC1: é, a produção animal é importante na zona mesmo, tenho aqui dos bovinos, que é praticamente o... isto deve dizer aqui nalgum sítio

AL: mas são para aí quantos, centenas?

AC1: para lhe ser sincera agora não lhe queria mesmo estar a mentir. Mas eu achava que isto devia estar aqui

AL: ah, isso é a candidatura não é?

AC1: e eu acho que tinha de estar aqui na candidatura

AL: pois faz sentido que estivesse de facto. Deve ser naquela parte, ontem a Sandra mostrou-me, onde está cada produtor e o número de cabeças que tem

AC1: pois, mas aqui está que um tem 39, outro tem não sei quantas...

AL: não há um total? Ah, é isso tudo? Essas páginas são todas pessoas?

AC1: são todas números de contribuinte... mas são mais de cem. Só sei que são para aí cem equídeos

AL: ah, também tem cavalos pois

AC1: temos

AL: mas portanto a parte de pastoreio ainda é muito importante ali na

AC1: muito importante, e acabando essa parte de pastoreio...

AL: portanto o baldio actualmente o que é que representa para aquelas comunidades?

AC1: é um meio de subsistência deles

AL: é não é

AC1: é, importantíssimo

AL: sem baldio provavelmente não conseguiam os subsídios

AC1: não, não, não, sem baldio não tinham animais, era impossível

AL: pois

AC1: teriam que emigrar ou não sei o que é que seria feito de nós... é fundamental

AL: e agora com o envelhecimento da população e tudo o mais como é que vai ser isto com o futuro do baldio, tem alguma perspectiva? Há jovens a ficarem na zona ou nem por isso

AC1: poucos, gostaria que houvessem muito mais

AL: e acha que é possível de alguma forma... isto é, que tipo de solução consegue antever para os baldios e para estas zonas?

AC1: não sei...

AL: pois

AC1: não sei... gostaria de poder dizer assim, olha fica, investe aqui, faz um projecto, faz qualquer coisa que seja vantajoso, orienta-se para o turismo, isto aqui é tão bonito... mas é muito bonito de dizer-lo. Depois ser isto a nossa forma de subsistência eu não sei se será [possível]. Assusta-me, assusta-me porque eu vejo que não há dinheiro e viver do turismo o quê? Um mês de turismo? Dá para viver o ano inteiro?

AL: pois... e a perspectiva do baldio produtivo? Seja com floresta, seja com o que for, eu não sei o que é que é possível ali mas... eu não conheço o baldio

AC1: não, com floresta seria possível, é possível sim senhora, é o que eu lhe digo, era possível se... eu acho que o que era rentável florestar e por as casas florestais a funcionar com um guarda-florestal e com uma família a tomarem conta do baldio porque senão vamos ter sempre incêndios, portanto sempre a floresta destruída

AL: pois... o que é que ali dificulta a florestação?

AC1: as pastagens dos animais

AL: o pessoal não está muito virado para a floresta?

AC1: não... não está porque eles sabem que ao reflorestar cortam-lhes as áreas das pastagens, portanto se têm animais...

AL: pois, porque eles contam, o IFAP corta a área da floresta. Pois não estão a ajudar muito com esse tipo de cortes

AC1: não, com esse tipo de cortes não está a ajudar, porque as pessoas se têm animais, se utilizam o baldio é por causa enquanto tiverem subsídios para tirarem alguma rentabilidade daquilo, porque senão acabou

AL: e sem os subsídios eles não conseguiam produzir animais ou conseguiam?

AC1: ai não, acho que não. Isso é tudo tão barato, os animais, é tudo tão... não conseguiam, tinham muito menos

AL: cooperativas e assim... eu estou aqui a pensar alto não é

AC1: sim, e pensa muito bem, sim, está a pensar muito bem, sim, se nós tivéssemos uma mente de produzir quantidade e de as coisas serem pagas pelo justo valor, mas as coisas não é... não é a realidade que nós temos

AL: pois

AC1: a realidade é muito diferente

AL: sim

AC1: portanto um agricultor que esteja a pensar em viver para vender, só, que não tenha um subsídio, não consegue... não consegue, eles chegam a vender vitelos por cento e tal euros

AL: pois... isso é barato não é?

AC1: muito barato

Gavieira: AGav1

E agora pronto, esta vai ser a primeira abordagem do trabalho, porque a minha ideia é perceber qual é que a gestão actual dos baldios, principalmente aqui no PNPG, porque acaba por ter uma realidade bastante diferente aqui o Parque e cada vez mais me apercebo disso, pelo menos daquilo que eu tenho lido em teoria nos livros, a realidade aqui é muito diferente, aqui a pastorícia ainda tem importância, a agricultura ainda tem importância

AGav1: sim. A agricultura pronto, nem por isso, mas a pastorícia sim, porque aqui as pessoas praticamente vivem de uma parte do baldio, isto é assim mesmo, porque os animais andam quase sempre na serra, se reparar aqui, em certas zonas aqui, há muitos animais, só vão para a corte na altura de... talvez em meados de novembro

AL: no inverno não é? E no inverno não vão ao monte, ou vão?

AGav1: todos os dias!

AL: ah sim?

AGav1: os animais vão todos os dias ao monte

AL: mesmo no inverno?

AGav1: nós temos aqui pessoas que têm cento e tal cabeças de gado

AGav1: há pessoas aqui em rouças que têm cento e tal cabeças de gado

AL: rouças? É assim que... ah, o Lugar de Rouças não é?

AGav1: o lugar de Rouças. Isto a freguesia é da Gavieira, mas é composta por várias localidades, tem Peneda, que é um santuário que é um lugar da freguesia da Gavieira, tem um outro lugar aqui a seguir que é o Baleal, que quase nem se vê, que fica ali no fundo, há um cafezinho ali à margem da estrada, quando passa o santuário, mas na parte de baixo há uma povoação

AL: há o quê?

AGav1: há um lugarzito, chamado o Baleal

AL: eu vi só uma placazinha de cimento

AGav1: mas é um lugar

AL: sim, sim, imaginei que fosse

AGav1: há lá valentes casas em pedra, feitas nos anos 60 talvez... neste momento está tudo muito velho, muitos emigrantes, mas chegou a haver muito vinho, muita coisa, neste momento pronto, tem muita gente que só se dedica a animais, porque têm os subsídios, não é, devido às ajudas que têm. E o que acontece é que produzir assim, mesmo produção, é mais à base de pasto, de feno

AGav1: cada qual... mesmo nos campos dos vizinhos. Nas brandas havia um determinado espaço já, mesmo que fosse no do vizinho, onde é que eram postas as batatas, fazias o buraco, com um metro quadrado, de vez em quando também se metia o feno... feno seco [*? Não se entende*]

AL: e isso as pessoas só iam viver lá para cima no verão...?

AGav1: no verão... vou-lhe explicar... iam no mês de abril, acompanhavam as cabras, por causa do lobo, as vacas não, as vacas iam para a serra e pronto [*? Não se entende*]

AL: ai é? As vacas defendem-se melhor do lobo do que as cabras?

AGav1: sim, as cabras não têm hipótese, não têm defesa

AL: ok, mas a cabra não corre muito mais rápido do que a vaca

AGav1: não, não tem hipótese. As vacas sim, as vacas adultas, mas naquela altura não havia uma cria na serra, naquela altura o parque não existia, se querias defender o vitelo tinhas que guardá-lo, metia-lo na corte, a vaca ia à serra e vinha à noite dar o leite à cria, tirava-se

o leite que fazia falta para consumo, a cria não podia mamá-lo todo, ela tirava a parte dela, o resto fazia falta na casa

AL: (RISOS)

AGav1: atenção... era assim que funcionava. Pronto, e as cabras, as cabras iam para cima no mês de março e estavam lá até meados de outubro, porque depois começava a fazer frio e vinham para baixo as cabras e ficavam as vacas na branda, e as pessoas só viviam nas brandas do mês de abril a outubro. E depois iam todos os dias e vinham a pé, não havia gente gorda! A maior parte deles era como tu. Iam todos os dias lá acima, e faziam 4 vezes por dia, iam, vinham trabalhar e iam e vinham depois à noite [*? Não se entende*] faziam uma ginástica tremenda, para ir à serra ver os animais, [*? Não se entende*] corriam o planalto todo, estás a ver? A mim custou-me na altura, a carne também era pouca, o peixe, quase nem falávamos em peixe naquela altura que o peixe nem chegava, estás a ver? Pronto, isto antigamente era assim, depois pronto, depois emigrou-se, a emigração por um lado foi muito bom, mas por outro, desertificou muito isto

AL: sim, sim. Isso é outra coisa, aqui no baldio cedem área aos produtores para as pessoas conseguirem subsídios?

AGav1: sim, sim... até aqui repare, até aqui dávamos x hectares por pessoa, porque nós tínhamos muito baldio, mas houve uma redução neste ano, sabe dessa situação, que eles reduziram ao rochedo e ao arvoredado, por exemplo nós aqui... quase 70% foi à vida, isso foi mal feito porque... há um rochedo mas em cima do rochedo, a vegetação por vezes nasce aqui mas depois cobre o rochedo, imagina, a vegetação nasce e depois cobre e depois a parte da rocha já está coberta com vegetação, ali em baixo consegue ver bem. Mas pronto, decidiram assim e o que é que eu vou fazer? Nós dávamos meio hectare por cada vaca na altura, depois podia dar mais

AL: dava meio ou dava um?

AGav1: um, mas chegámos a dar 2 e meio, inicialmente, mas este ano com a quantidade de animais que temos, temos que optar por dar só dois... acho que é dois por 6, que assim nem chega a meio hectare por vaca, estás a perceber?

AL: e eles aceitaram?

AGav1: tiveram que aceitar, não tiveram outra hipótese

AL: eles assim recebem menos dinheiro não é? Cada produtor

AGav1: eles são um bocado penalizados, não pelos animais porque eles recebiam pelo baldio, estás a perceber, imagina, se tinham 20 hectares, se recebiam de 20 hectares recebiam [*? Não se entende*] mil euros, e agora só recebem 10 [*? Não se entende*] não tem nada a ver com os subsídios, os subsídios não tem nada a ver, a parte do baldio ter essa vida é que acho que foram um bocado prejudicados porque eles recebiam por baldio

AL: pois, são muitos? São para aí o quê? Cem?

AGav1: neste momento tínhamos para aí 3000 vacas, deve ser a freguesia do distrito de Viana, ou até diria... se calhar, sei lá... que mais animais tem, temos muitos animais... temos muitos animais

AL: e muitos produtores também?

AGav1: sim, muitos

AL: quantos é que são para aí?

AGav1: agora acho que anda para aí... não sei, eu podia saber ao pormenor, tenho tudo em casa, mas para aí uns 80

AL: 80 produtores, em todos os lugares não é? Tudo junto

AGav1: temos produtores com quantidade e produtores só com 3 e 4 também não é, temos aí pessoas que estão reformadas e têm 4 vaquinhas para se entreter, mas também têm direito ao baldio não é. Mas temos aqui pessoas com 150 cabeças de gado, um casal com 150 vacas

AL: e acha que é só para aproveitar os subsídios ou mantêm os animais e uma produção mesmo bem...

AGav1: não, vamos dizer, não mantêm a 100% mas vamos dizer que mantêm a 75% os animais. Pronto, a cachena, isto é produção do tipo biológico sabes, isto é uma carne que tem fama, a carne da cachena biológica é um balúrdio, e é [*? Não se entende*], não se come em todo o lado, até eu acho... que cá para cima nem se come carne de cachena porque a carne de cachena é caríssima. Eles podem por mas estão a enganar as pessoas, pronto, eles têm subsídios, têm produção, eles também têm que se encostar um bocadinho ao serviço porque eles têm muita produção e depois é assim, este ano também... têm o subsídio da vaca, mas se a vaca não produzir, que é isso que acontece, se a vaca não produzir naquele x tempo, acho que lhe cortam o subsídio. Pois se a vaca não andar minimamente tratada não consegue, não tem a cria, percebes? Andavam ai muitas ao abandono, mas agora com isto que eles fizeram agora se a vaca depois de 8 meses se a vaca não der produção, aquele animal vai à vida... o que é que acontece? Eles agora têm que, mesmo que não queiram eles têm que gastar com os animais, porque é assim, se a vaca não pare, imagina, a haver vacas que não parem eles cortam o subsídio, por isso eles agora vão ter de fazer as coisas com um bocado de cuidado. Estás a perceber? Há ai muitas pessoas com 4 vaquinhas, com 5... mas também temos muitas com 100. Neste lugar, no lugar do [*? Não se entende*] só há um, mas aqui neste lugar, no lugar de Rouças e na Peneda também tem muitas

AL: o Américo não tem? Ah, é construtor...

AGav1: eu por acaso não tenho, tenho muitos campos mas por acaso não tenho animais

AL: chegou a emigrar ou esteve sempre aqui?

AGav1: emigrei, emigrei

AL: ah, muito tempo?

AGav1: dos 18 anos até aos 28

AL: dez anos

AGav1: e depois vim para cá e prontos... eu gosto disto, eu gosto disto

AL: sim... e qual é que é assim a principal importância do baldio actualmente aqui para as comunidades, aqui para a comunidade local, para as aldeias

AGav1: o baldio neste momento nesta freguesia é coisa que mais interessa aos compartes, a gente está a viver praticamente do baldio e daquilo que produz não é

AL: por causa dos animais?

AGav1: por causa dos animais, mas o baldio é uma ajuda se calhar de 70% para os produtores aqui da Gavieira, neste momento os baldios é a parte mais interessante para os compartes, por isso convém ter uma boa gestão e pessoas que... repara que não ando aqui a tentar... como é que eu te hei-de explicar, ser um presidente do CD para toda a gente igual, estás a ver? Não haver preferências, não haver..., porque isto é assim, quando as coisas correrem bem correrem bem para toda a gente, tem de ser um presidente dos baldios, do CD, que diga assim: “não, eu quero que toda a gente [*? Não se entende*] percebes, que eu acho que é o que não acontece em muitos sítios... é mais “ah, eu sou amigo daquele, aquele leva 10 e aquele não leva nenhum”, isso não pode acontecer, e acho que é uma das coisas que por exemplo há muito tempo que ninguém lá chega estás a perceber? Há amizades, mas há que saber separar as amizades dos cargos que está a exercer, porque repara eu hoje sou teu amigo, chegas aqui, “eu quero 20 hectares” e chegas ali fora da porta e [*? Não se entende*]. E o baldio tem esse poder, o presidente do CD tem esse poder, mas não é justo, entendes? Mas não é justo... mas não é o caso repara, eu tento que toda a gente chegue ao fim do ano e que toda a gente seja bem servido. Claro que quem tem cinco não pode ter só tanto como quem tem uma ou duas, mas isso tens de separar as coisas, tem 50 vacas dás-lhe o suficiente para poder ter as 50 vacas, se tem 100 dás para 100 se tem duas dás para duas e eu até me lembro agora, há pessoas que não têm baldio, que não têm animais, chamam-lhe o RPU, que é o pagamento único, e essas pessoas, se levarem mais que meio hectare também podem receber um x estás a perceber?

AL: se quê desculpe?

AGav1: se levarem um hectare do baldio por exemplo, ou meio hectare

AL: mesmo sem animais?

AGav1: sem animais

AL: ai é? Pode?

AGav1: tu podes ter uma exploração sem animais, mas podes querer compra-lo amanhã. Imagina, não tens animais, mas podes ter o RPU, incluído com os terrenos, estás a perceber? Só pode pedir se tiver terrenos

AL: terrenos particulares...

AGav1: particulares

AL: ai não é com a área do baldio?

AGav1: se conseguires também alguma área do baldio vamos conseguir mais uns 500 ou 600 euros acima da base dos terrenos, entendes?

AL: aaaah.

AGav1: e se a pessoa puder fazer um acerto com toda a gente, ninguém é penalizado, entendes?

AL: eu estava a pensar precisamente isso, que quem tira benefício do baldio são sobretudo as pessoas com animais

AGav1: quem tem animais são 100% imaginemos, mas quem não tem animais, por exemplo há aqui pessoas na Gavieira que não têm animais mas têm uma exploração e têm o subsídio dos terrenos

AL: o tal RPU?

AGav1: o RPU. E se o CD lhe desse meio hectare, essas pessoas iam buscar 500 euros a mais acima do que teriam ganho com os terrenos, estás a perceber? [*? Não se entende*] não recebiam, mas meio hectare... a pessoa pode comprar um vitelo amanhã ou uma vaca, estás a perceber? Mas se não comprar é igual

AL: e para ter isso é preciso que tenha uma área mínima privada? Há um mínimo?

AGav1: sim, tens que ter campos, para RPU tens de ter campos. Agora há pessoas aqui da freguesia que não têm, que só têm a área do baldio, pessoas com cento e tal cabeças de gado e não têm nada deles, não têm nada deles, pronto, é tudo área baldia. Mas há pessoas que têm o subsídio dos terrenos e se tu conseguires dar nem que seja só meio hectare, vão buscar mais 500 eurinhos ao fim do ano. Percebes? E não falta nada aos outros. É um dinheiro que está ali como assim está ali

AL: e havendo área... mas se não houver área é que já afecta os outros, mas pronto, isso aí são todos compartes, têm todos direito

AGav1: não, são todos compartes mas mesmo assim temos de ceder área primeiro aos que têm animais não é

AL: claro

AGav1: quando muito fazemos as contas, diz assim "olha, tu se lebares 20 vives igual, se lebares 22 não vais ter vantagem nem sacrifício, ...". Estes hectares ficam para aquelas pessoas que não têm nenhum pa, isto tem que ser bem feito para que toda a gente viva

AL: aqui sobra área ou não sobra?

AGav1: sim, deixei 12 hectares para uma margem que podia haver... estás a perceber?

AL: mas todos os produtores têm área e há gente também com esta coisa do RPU também?

AGav1: muita gente

AL: ah, também há...

AGav1: são pessoas que já não têm animais, já com 70 e tal anos, compraram o seu vitelinho para depois o matar, estás a perceber? Teve ali 4 ou 5 meses na corte e depois... é para consumo, pronto e...

AL: também têm área do baldio agora

AGav1: mas tem de ser um acerto entre o CD e os compartes, estás a perceber?

AL: claro

AGav1: um presidente do CD tem de saber bem manobrar estas coisas em conjunto com... prontos, com a cooperativa, fazer ali um acerto para que toda a gente seja servida e ninguém seja penalizada

AL: cooperativa?

AGav1: sim, cooperativa agrícola...

AL: porque é que a cooperativa entra aí?

AGav1: os subsídios são feitos na cooperativa... eu dou em área e depois a cooperativa, os engenheiros da cooperativa

AL: é que ajudam a fazer a candidatura...?

AGav1: são quem faz a candidatura, é a cooperativa agrícola

AL: a cooperativa agrícola dos Arcos não é?

AGav1: com a de Ponte da Barca, em conjunto

AL: ah, não sabia, ainda bem que falou nisso

AGav1: essa parte depois é a cooperativa que faz

AL: (RISOS)... em termos de utilizadores do baldio, portanto já falámos, é as pessoas que têm animais, as pessoas aqui da aldeia, mas... por exemplo, ainda se vai buscar mato? Ainda há essas actividades tradicionais...?

AGav1: sim, ainda se vai buscar mato

AL: e utiliza-se para os animais e o baldio para recolher lenha...?

AGav1: aqui já há pessoas que têm explorações que têm-nas no chão e lavam, mas são duas ou três só. Aqui ainda fazem desta maneira, vão buscar o mato, espalham-no na corte não é, consoante quantos animais precisem, e depois tiram-no para fora para os campos,

depois levam tudo para os campos, aí essa parte ainda é feita assim. Acho que há aqui dois ou três que puseram lajes no chão e pronto, têm [*? Não se entende*] próprios, e no final do dia lavam e

AL: então não usam nas terras depois

AGav1: não usam nas terras, mas os animais preferem estar no estrume

AGav1: pois, pois, pois. As pessoas é que se calhar não preferem tê-las no estrume

AGav1: dá mais trabalho

AL: pois, dá mais trabalho

AGav1: têm de o meter lá para dentro mas depois têm que tirá-lo, não é, o estrume

AL: e depois usam-nas nas próprias terras ou vendem? Já ouvi falar de pessoal que depois vende o mato com o estrume, vende tipo fertilizante

AGav1: ah, usam só nos campos, aquele que ele tem é que é biológico, mas tenho aqui gente com produção biológica. Quando eles usam o estrume do coiso, eles têm vantagem por aí também, estás a perceber, porque eles estão a optar por fertilizante biológico, ração biológica, estão agora a ter aqui uma formação aqui na sede, aqui ao lado, um engenheiro de Lisboa também

AL: ai é?

AGav1: o Azeredo

AL: como é que é? Azeredo?

AGav1: sim, o engenheiro Azeredo. Que até está ali fora a explicar como se faz o estrume, que ele sabe bem isso, ele está ali fora tem assim dois montinhos, até vieram aqui os sapadores que trouxeram tojo, meteram-lhe tojo, meteram tudo debaixo dos animais, fizeram aqui o composto todo, prontos

AL: mas está a dar o curso a quem?

AGav1: ao pessoal que aqui está que aderiu à biológica, à produção biológica

AL: mas o pessoal aqui deve saber fazer...

AGav1: pois sabe, mas oh Luísa isto...

(RISOS)

AGav1: tem que haver alguém para tudo, prontos

AL: (RISOS) que maravilha, está bem, vem uma pessoa de Lisboa... está bem

AGav1: e eles aí vêm... esteve aqui a semana toda passada e acho que vai estar esta semana também

AL: que curioso... está bem... bom, é verdade que à medida que os velhotes vão morrendo há sabedoria que vai-se perdendo, mas ainda há aí muita gente, acho eu, que sabe fazer as camas dos animais, o fertilizante para a terra

AGav1: pois sabe

AL: não é preciso vir nenhum engenheiro de Lisboa

AGav1: oh Luísa, mas tudo é comércio! Tudo é comércio... e pronto, o senhor veio, está aí, está a dar aí explicações

AL: está a dar explicações... é como o ... está a dar a missa ao papa

(RISOS)

AGav1: e é assim

Gondoriz: AGo1

AL: e as pessoas continuam a ir ao baldio buscar mato, lenha... já não usam a lenha para aquecimento aqui

AGo1: não tem lenha, eu continuo a dizer que não tem lenha

AL: pois é, mas tem as urzes e essas coisas, também dão calor

AGo1: os camecípare, aquilo é pago

AL: não, o mato, o mato. Já ninguém corta? Já ninguém usa para as camas do gado?

AGo1: agora já não vai ninguém buscar mato ao, oh, isso agora usam-se o subsídio, as reformas

AL: mas disse-me que havia muita gente com animais, não usam aquilo para fazer a cama do gado no inverno?

AGo1: não, não, os animais andam no monte todo

AL: todo o ano?

AGo1: todo o ano

AL: e o lobo anda aí ou não?

AGo1: anda

AL: e como está a situação dos pagamentos

AGo1: acho que se não se queixam muito é porque deve estar a cair o dinheiro. Agora parece que está mais complicado, acho que eles estão a montar sistemas que

AL: mais fiscalização...

AGo1: é! Havia muitas vacas que eram comidas por lobos de duas pernas (RISOS). e a realidade dos baldios é isto, não vale a pena...

Sistelo: ASi1

AL: então mas e aqui os baldios correm bem ou não? A gestão...

ASi1: para já as coisas têm corrido bem. Aqui os baldios, é como disse há bocado, é os usos e costumes e a tradição, vamos lá a ver, nós não... o baldio da minha freguesia não é só da minha freguesia, como os baldios da freguesia vizinhas são só deles, portanto isso é... no monte isso é tudo os usos e costumes antigos, ancestrais, que já vêm de há muitos anos. Porque os nossos animais pastam nos terrenos dos outros e os dos outros pastam nos nossos terrenos

AL: e não há conflitos?

ASi1: não há conflitos não, e todos conhecem os animais portanto, isso é uma coisa logo que... como andam centenas de animais nos montes e todos conhecem os animais, centenas deles, e conhecem uns os animais dos outros, portanto isto é tudo uma comunidade

AL: e vocês aqui têm muitas cabeças de gado no baldio?

ASi1: muitos, muitos animais nos baldios, são... os baldios da nossa freguesia e de outras freguesias vizinhas são comunitários, todos usamos os baldios em harmonia uns com os outros, todas as pessoas... nós pastamos nos outros baldios, os outros baldios pastam no nosso, portanto isso é uma comunidade ancestral, já de há muitos anos, que todos se conhecem no monte, todos conhecem os animais uns dos outros, todos pastoreiam e assim vão convivendo uns com os outros

AL: e não há conflitos?

ASi1: não... não há conflitos. Para quê entrar em conflitos?

AL: não sei, devido às fronteiras e aos limites dos baldios e freguesias

ASi1: os limites das freguesias só têm interesse para os tribunais e os advogados. Nós convivemos com isso, não temos problemas, o que nos interessa, porque os baldios, os usos e os costumes já vêm de há muitos anos, mas toda a gente sabe quais é que são os limites, mas também queremos saber os limites para quê? O limite fica, os terrenos ficam, mas nós vamos embora. Nós estamos aqui... foram uns que geriram isto, agora somos nós, amanhã são outros, vamos todos

Soajo: AS1

AL: sim, em termos de gestão do baldio

AS1: pronto, em termos de gestão do baldio, é assim... a gestão do baldio, temos aquele programa que devem ter todos, que é o programa ITI, que é o programa das limpezas para pastagem do gado, e isso pronto ... o objectivo seria que houvesse mais jovens a fazer

aquelas candidaturas e a fazerem aqueles cursos e poderem-se fixar, e por mais gado que evitava que ardesse, não é...

AL: está bem, as aquelas limpezas maiores que vocês se comprometem a fazer todos os anos são também feitas com aquelas maquininhas?

AS1: é

AL: aaah...

AS1: toda a área que nós temos limpo é assim dessa forma, não há outra forma...

AL: nunca chegaram a contratar empresas ou assim?

AS1: contratamos sim senhora, quando são... nos programas das ITI em princípio contratamos sempre alguém, porque é assim, têm um prazo muito curto e eles não conseguem de maneira nenhuma, porque eles têm que limpar cerca de 30 hectares por ano, portanto com essas máquinas não é fácil, e então contratamos uma empresa para limpar outros 30-40 hectares... porque senão não conseguimos fazer tudo... nós em Soajo até precisávamos de duas brigadas de sapadores...

AL: 5000 e tal hectares, acredito...

AS1: prontos, não se limpa tudo, também temos muita área de pedra... prontos, [*Não se entende*], essa coisa toda, portanto é muita coisa...

AL: pois... eu ouvi falar aí de uma diminuição da área forrageira que o IFADAP... o IFADAP?

AS1: o IFAP

AL: o IFAP... que o IFAP cortou e tal... aqui cortou muito?

AS1: cortou... é assim, a nós até nem cortou muito, não sei bem porquê mas, e ainda bem não é, mas... a área que arde normalmente, eles disseram que este ano iam cortar toda a área ardida, não é... tudo o que ardeu durante uns...

AL: não pode ser pastoreado é isso?

AS1: exactamente

AL: mas já deve haver ervinhas e assim não?

AS1: há, e até que a nossa vaca aqui é Cachena, e portanto a Cachena alimenta-se precisamente na serra, no meio das pedras, porque no meio das pedras vem aquela ervinha, e até porque é mais húmido e tem mais que comer... mas o IFAP faz as leis em Lisboa, não conhece a nossa realidade... eu acho que deviam de vir, olhe, como você está a fazer, deviam de vir cá ver como é que isto é, ver a realidade... as cabras, as cabras alimentam-se essencialmente nas zonas onde... onde há pedras, onde há pinheiros, que elas gostam daquilo...

AL: Sim, é o que me têm dito em todos os baldios, que foi um corte completamente...

AS1: ridículo... por acaso a nós nem foi muito mas é ridículo...

AL: claro, é mesmo falta de conhecimento

AS1: eles não sabem, não fazem ideia. Isto é como este ano atribuírem carros no Alentejo, pa, eu acho bem, só que um carro com 100 000 kms no Alentejo e um carro com 100 000 kms aqui nesta zona... o desgaste não é o mesmo

AL: claro

AS1: agora que os agricultores no Alentejo tomam outras proporções... sim, claro... os baldios no Alentejo pegam num tractor e fazem tudo o que querem, não é... nós não. Há muita área que não chega lá o tractor

AL: claro... mas houve isso? Deram carros lá no Alentejo foi?

AS1: no Alentejo deram...

AL: em que zona sabe?

AS1: não sei

AL: ok... é que eu também já ouvi isso mas... é que eu nem sei que baldios é que ainda existem lá...

AS1: também não sei, sei que nós por acaso quando fomos buscar o nosso material juntamente com os sapadores, foram 30 e tal carros que foram atribuídos este ano, só que para zonas onde os carros não têm desgaste

AL: pois...

AS1: não faz sentido... não faz. Os nossos sapadores, se há um fogo, têm que andar com o carro no meio do monte, eles têm que ir não é, têm que levar a cisterna cheia, têm que levar essas coisas todas... eles lá não andam no meio das pedras, não estão arranhados, não estão nada...

AL: claro, pois... é mesmo não ter a noção de como as coisas são aqui...

AS1: isto aqui é muito diferente de onde fazem as leis, infelizmente...

AL: vocês fazem parte do Secretariado dos Baldios? Vocês não, não é?

AS1: nós não.

AL: e fazem parte de alguma associação aqui do Minho?

AS1: não...

AL: então fazem tudo sozinhos, fazem a candidatura sozinhos?

AS1: uuuh, é assim, nós trabalhamos com uma associação mas que não é dos baldios, vai trabalhando para os baldios, que é a associação Atlântica...

AL: aaah, com a Sandra?

AS1: exactamente. E ela está... pronto, faz-nos as candidaturas, ocupa-se de tudo o que é dos sapadores, portanto, para pedir as verbas ao Parque e essas coisas todas é ela que trata

AL: ok

AS1: agora não temos assim mais ajudas... eu acho que nós deveríamos, aqui todos os baldios, pelo menos do concelho, nos unirmos em associação, para podermos exigir mais um bocadinho, mas nem sempre é fácil...

AL: pois, exacto... vocês têm relações entre baldios? Ou seja...

AS1: eu tenho...

AL: tem?

AS1: eu tenho. Por acaso dou-me bem com praticamente eles todos, porque aí está, não misturo políticas, não misturo essas coisas todas. Havia diferenças com outros porque... opa, é como lhe digo, pronto... as políticas é que estragam isto tudo

AL: pois, pois, pois

AS1: agora claro que sim, nós ainda este ano fizemos uma reunião precisamente por causa da nova atribuição de baldios, tivemos de mudar todos os parcelários... e convidei...

AL: porquê? Mudar os parcelários...

AS1: este ano, ora bem, cada agricultor que tinha baldio já há x anos tinha tudo na mesma parcela, não é, portanto a Cristina tinha a parcela x e já há 4 ou 5 anos que tinha aquela parcela não é? Este ano veio tudo a zero, portanto tivemos que... eu fiz assim, não sei se os outros fizeram assim... mas eu fiz assim. Foi chamar todos os agricultores, um a um dizia qual era as cabeças de gado que tinham não é, e daí atribuímos uma nova área, portanto conseguimos também limpar um bocadinho dos cadernos, que já estavam desactualizados não é, também isso deu um grande... já havia pessoas mortas há 10 anos que ainda estavam a usufruir, não faz sentido!

AL: claro, claro...

AS1: e prontos, e atribuiu-se isso tudo não é...

AL: mas isso foi derivado dos cortes das áreas não é?

AS1: sim

AL: ah, já percebi... há muita cabeça de gado ali em Soajo?

AS1: aqui em Soajo temos, vacas, temos 750 e qualquer coisa, agora caprinos olhe, assim de cabeça não sei... caprinos e ovinos de cabeça não sei mas ainda há bastantes, umas 300 ou 400 ovelhas... e cavalos também há bastantes, há para aí 200 e qualquer coisa

AL: cavalos... ouvi, pareceu-me ouvir lá na Atlântica que os cavalos já não têm subsídio ou que é...

AS1: vão tendo, por acaso não sei quanto, não faço ideia, mas são cerca de 70 e tal euros por cabeça ou...

AL: ok, se calhar percebi mal, ou se calhar estou agora com uma ideia errada. Eu sei que antes vocês tinham de ter... menos, portanto de todo o efectivo apenas 20% podia ser de cavalos, gado equino ou... limitavam um bocado o número de cavalos, pelo que eu percebi...

AS1: isto é assim, quando o garrano estava em vias de extinção... isso é como tudo não é...

AL: aí foi incentivado

AS1: é como a Cachena e essa coisa toda...incentivaram... há aí pessoas que têm 60 cavalos

AL: pois, por acaso ainda agora passei por uma data deles

AS1: não é... só que é assim, não podem é por tudo no subsídio, porque é assim, até três dão 100, depois de 3 já dão 50, a partir dos 15 já só dão 20 euros por cada cavalo, portanto as pessoas estão a perder e deixam, e té acabam por não ter não é, não fazem candidaturas com eles... mas prontos, gostam deles, andam aí no monte, vão-se reproduzindo, e vão limpando o monte também que também é muito bom, dão comida ao lobo, isto olhe...

AL: aí eu adoro vê-los, mas isto pronto, é o meu olhar não é...

AS1: não, e também.. acho que sim, acho que faz bem. Desde que estejam bem tratados na mesma não é, que há assim alguns

AL: pois, isso é outra coisa que também já ouvi, é que às vezes é para o subsídio, é para o subsídio, mas depois...

AS1: essa é a parte feia da coisa... mas eu acho que, é assim, o que o IFAP está a fazer é mau, de uma certa forma... eu não tenho gado, é suspeito, mas eu acho que tem que haver regras também, não é...

AL: pois, isto se calhar já vem derivado de casos de não cumprimento e que acaba por influenciar toda a gente

AS1: exactamente

AL: basta um para lixar toda a gente

AS1: mas quem trata bem não tem problemas, não é... porque as pessoas que têm 100 cabeças de gado e que tratam delas e que têm... que vão buscar o gado à serra, que fazem tudo certinho, esses não têm... agora havia pessoas que tinham 20 vacas e que estavam a receber de 50, pronto... percebe? E isso é que não estava correcto. Há pessoas que as vacas

nunca foram à corte, nunca foram ao estábulo... entretanto andaram a abatê-las. Aqui em Soajo não foi.... Mas sei que acolá para cima, acho que foi Rio Frio ou que foi, andaram a abate-las com armas, porque eram bravas, escondiam-se das pessoas, não sabiam o que era gente, aí não sabe disso?

AL: ah, porque andavam lá no meio da serra e nunca voltavam à aldeia...

AS1: eram bravas mesmo

AL: tornaram-se o animal selvagem do Gerês...

AS1: é!

AL: por acaso passei por umas e até estava ao telefone e disse “epa, vêm aí duas vacas, vamos lá ver se isto corre bem” ... eu... metem-me algum respeito não é, eu não estou habituada

AS1: é, não, mas estas que andam aqui...

AL: mas pronto, imagino que não eram destas...

AS1: pois, não, são pequenininhas, as nossas vacas são super pequenas, são as mais pequenas do país...

AL: sim, são baixinhas... são tao engraçadas

AS1: é a nossa Cachena e a Barrosã

AL: é muito estranho de facto... pois. Ai, ai, não sei... então vocês agora o único dinheiro que têm para gerir é o das ITI?

AS1: ITI, do PNPG portanto...

AL: que é só para os sapadores não é?

AS1: exactamente, é para os sapadores, e não chega

AL: pois

AS1: é uma pequenina ajuda, não chega para nada, é só salários, cinco salários mensais, não é, despesas de gasóleo, manutenção do carro, máquinas, reparações de máquinas, seguranças sociais, IRS, nós gastamos cerca de 60 000 euros

AL: pois... por?

AS1: por ano

AL: ano, ok

AS1: portanto, não chega também... e olhe, tentamos assim... quero ver também se... mas é difícil porque o plano de actividades é muito grande, mas como a população é muito

envelhecida, se conseguíssemos comprar um tractor e comprar aqueles utensílios todos que vão agarrados ao tractor

AL: (RISOS)

AS1: era engraçado... era engraçado não, havia uma possibilidade de trabalharmos para os privados, mediante um custo menos pesado do que pode haver aí certas empresas não é, para limpar bouças ou coisas do género

AL: sim, sim, era bem visto

AS1: exactamente, e já falei disso numa assembleia e as pessoas estão bastante interessadas, só que é o que eu digo, é preciso uma ajudinha financeira não é, ou da Câmara ou do ICNF, o ICNF não participa em nada connosco

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: E a outra coisa também que eu falei é sobre as vacarias, que nós temos aqui vacarias que não são vacarias, são hotéis...

AL: recebem o subsídio para fazer vacarias...

PB1: e no fim de 5 anos... é deles. Isso é que não está nada correcto, eles recebem 60, parece-me que é 60% ou 70... para a vacaria, fazem vacarias em prédio, tudo em pedra, mas a pedra é toda em corte, eu posso a levar a duas vacarias, tu vais dizer “isto é impossível de ser uma vacaria, é impossível”, e ao fim de 5 anos eles fazem o que querem, a vacaria é deles, terminou, eles vendem o gado e ficam com uma casa num local onde não é permitido construir, isso é que eu estou contra, já disse tantas vezes, já fui à Câmara umas poucas vezes, queriam fazer uma vacaria ali ao pé da capelinha da Senhora da Penha e eu disse “isso fazer não fazem”

AL: aquela zona muito turística onde tem um restaurante?

PB1: não, não, ali na Pena, na Senhora da Penha

AL: pois, não é onde há um... um.... Um santuário?

PB1: não

AL: ah, Nossa Senhora da Peneda! (RISOS)

PB1: não, não, não. É a Senhora da Penha, é aqui à beira de...

AL: ok, ok

PB1: e queria lá fazer uma vacaria, e eu disse a esse senhor “olhe, escolha outro sítio, só se não puder eu vou botar a vacaria abaixo, mas olha que eu vou tentar”

AL: mas porquê? Porque é que ali não era bom?

PB1: porque é à beira de uma capelinha, à beira de um cemitério... vacaria? Por amor de deus! E eu disse a esse senhor “olha, o que eu te posso fazer é ir contigo ao Parque, escolhemos uma zona e tu fazes a vacaria, vou contigo à EDP para te meterem lá a electricidade, a água és tu a resolve-la, não sou eu nem é mais ninguém. E esse senhor teimou, teimou, teimou que queria fazer a vacaria, fez três vezes o processo e três vezes ele veio embora. Que eu fui junto dessa senhora, da Doutora Eulalia e disse-lhe, olhe, eu levo-a lá ao local e a senhora diz é impossível... mete as mãos na cabeça e diz que aquilo não é uma vacaria”. E quando ele diz vacaria... foi como eu disse à doutora “oh doutora isso não é uma vacaria, uma vacaria é uma casa que tem currais, isso é uma cavalaria então! Isto não é vacaria, é uma cava... os cavalos é que entram dentro da...e uma vacaria com uma chaminé?”. Diz ela “realmente...”. Três vezes que foi ao IFAP foi tudo eliminado

AL: e não chegou a ser construída?

PB1: não chegou a ser construída e nunca mais é... e nunca mais é. Agora, as vacarias aqui, uma vacaria eles fazem o projecto para 5 anos, depois fazem... como há aqui um senhor que diz que tem 180 vacas e quando íamos a contá-las tem 40 ou 50 e está a receber 180 euros por cada vaca e depois não é só isso, é o terreno pastorício que eles têm, por exemplo esse senhor quando eu entrei tinha 400 hectares, e nós, aqui na freguesia de Britelo tínhamos 980 hectares, só ele tinha metade da serra

AL: estamos a falar do baldio

PB1: dos baldios. E porque é que tinha metade dos baldios? É simples, porque cada hectare estava a 250 euros, e quantos mais hectares ele tinha, mais ele ganhava. E eu quando entrei achei aquilo um bocado estranho, quando fui à cooperativa a Braga, não, ao ministério da agricultura a Braga, pedir um levantamento dos hectares que havia distribuído a cada pessoa, e quando eu faço o cálculo aos hectares que tinha vi que ele tinha metade do terreno, do baldio, ele “não sei”, digo “mas é que eu vou-lhe cortar” e essa senhora que estava lá, uma senhora de idade, disse-me “faça cautela ao cortar desse senhor, você tem que rectificar se eles foram dados em assembleia de compartes”. Mas como eu tinha seguido os compartes nas reuniões todas, eu sabia que não tinha sido votada aquela lei e disse a essa senhora “não foi votada!”. “Oh senhor João, o melhor que faz é pega num livro de actas e rectifique as actas todas”, as actas aqui normalmente por Lei são duas

AL: duas reuniões anuais

PB1: é em Dezembro e é em Março a apresentação de contas. Eu já fiz mais, eu por ano com certeza fiz para aí umas 8

AL: (RISOS)

PB1: sim, sim

AL: reuniões extraordinárias?

PB1: faço as actas para dar a perceber às pessoas o que era antigamente e o que é agora

AL: mas faz actas de reuniões que existem

PB1: sim, existem! As reuniões existem todas, e então eles admiram-se, antigamente faziam-se duas e agora fazem-se tantas reuniões para quê?... para vocês estarem ao corrente do que se faz, que é para isso que nós estamos aqui, que é para darmos conhecimento do que fazemos e do que não podemos fazer. E então foi... eu vim-me embora, cheguei a casa peguei no livro de actas e fui verificar no livro de actas se havia alguma cedência de hectares... nada! No dia seguinte fui a Braga, levei o livro de actas comigo e disse-lhe “não há!”. Essa senhora disse “então você pode-lhe cortar tudo o que você quiser, se você quiser tirar-lhe todos, você pode tirar todos, porque não foram votados na assembleia”, foi ele como presidente que os meteu!

AL: mas ele era o próprio presidente?

PB1: ele era o próprio presidente

AL: do CD?

PB1: do CD. E como ele tinha a caneta, como nós dizemos, na mão, chegava ali a Braga e olha... aos Arcos, à cooperativa “olhe, meta mais 100 hectares em nome de fulano”, de um filho ou da esposa, meta-me mais 100, e meta-me mais 90 e naquele meta-me mais 80..., chegou-se ao fim o resultado é que ele tinham metade do pastorício, 400 e tal hectares e estavam a receber 180 000 por ano, que foi as contas que nós fizemos, 180 000 euros. E nós quando cortámos hectares fizemos uma reunião aqui

AL: foi aquela em que voaram cadeiras não? (RISOS)

PB1: não voaram, nessa não voaram muito, ficou tudo surpreendido de eu tomar essa decisão, porque era uma decisão um bocado forte e quando eu lhe disse, ele sentou-se aqui numa cadeira, digo “senhor Carlos Martins tem cento e tal... 160 vacas, mas tem metade da serra, tem 480 hectares...”. Todo o mundo deitou a mão à cabeça. Ora nesses 400 hectares, o senhor Carlos Martins recebe tanto por cada hectare e tanto por cada animal, que faz o total entre o hectare e o animal faz tanto. Quando multiplicamos por tantas vacas faz tanto ao fim do ano. Aí então... ele vivia aí que ele chegava a dizer “eu ganho mais que o ministro”, ah pois ganha, mais que 4 ministros até! 180 000 euros por ano os 4 ministros não os ganham, não ganham não. E foi quando eles... tentaram de botar abaixo, mas vamos ver, nós vamos vivendo

AL: [...] e há muitas cabeças de gado aqui em Britelo?

PB1: gente com gado nós temos.... Temos uma pessoa que era a que eu falei que era o presidente mas tem dois filhos e tem a esposa e tem, são 4 explorações, nessas 4 explorações parece-me que tem cento e tal vacas

AL: e são os únicos que têm vacas ou cabras?

PB1: não, depois há outro que está também lá a ver que também tem parece-me que são vinte e duas, há outro também no Lugar da Igreja que também tem parece-me que são vinte e duas ou vinte e três, mas esse é mais para fazer concursos de... não é bem para

vendas nem nada, esse é mais inteligente que vai para os concursos e ganha muito em concurso com os animais, mas os outros... e há alguns particulares que têm 5, 6 vacas

AL: então a área forrageira do baldio é distribuída por mais ou menos quantas pessoas?

PB1: dezoito

AL: dezoito pessoas... mas o único que tem muitos animais é o tal ex-presidente?

PB1: é. Quantos mais animais tiver mais hectares tem. A nova Lei agora diz que é meio hectare por cabeça, mas tem de ser um adulto, que tenha mais de 2 anos, de 2 anos para baixo não têm direito

AL: ai é?

PB1: é... esta nova lei deu-nos um bocado para trás

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

PB1: nós aqui chamamos-lhe as cabanas, nós aqui, os terrenos são todos muito próximo do lugar, Soajo não, Soajo tem terrenos do caneco, então saiam daqui no princípio da semana e passavam lá a semana. Nós aqui não, nós aqui era todos os dias entrávamos a casa, aí mais ou menos ao meio-dia tornávamos aí

AL: então as cabanas eram para quê?

PB1: as cabanas eram só para as pessoas que iam ver o gado à serra... se ele estava bem, se já tinham nascido crias ou não, e ficavam lá na cabana toda a noite. De dia procuravam o gado, não é verdade, e à noite regressavam à cabana e ficavam na cabana

AL: mas agora já não deixam o gado na serra?

PB1: sim, fica... e há muita gente que ainda vai para as cabanas e... mas não dorme, porque agora a serra, há muitas estradas florestais e a maior parte dessas pessoas que têm gado têm jeep, vão e vêm, vão e vêm. Não era como antigamente, antigamente não havia estradas, não havia nada, não havia caminhos, era tudo a pé, antigamente era tudo a pé

AL: pois, pois, por isso é que ficavam lá

PB1: sim. E antigamente havia mais gado do que agora. Nós agora podemos ter uma média de 200 vacas, antigamente havia uma média de 400 ou 500 vacas. E então ovelhas, isso então...

AL: e hoje em dia há ovelhas também?

PB1: as ovelhas não vão muito lá para cima para o monte, as ovelhas aqui

AL: mas há?

PB1: há algumas, há uma senhora aqui à beira da igreja que tem 50 e tal, e depois há aqui 6, 7, 5, 6, 7,...

AL: ao todo quantas cabeças de gado existem aqui em Britelo? Que vão ao baldio e assim...?

PB1: ao baldio para mim há uma média de 200, não há mais

AL: ok. São quase todas daquela família?

PB1: ...as 200 vacas... antigamente todo o lavrador tinha 2, 3 cabeças de gado, no mínimo

AL: pois... faziam-se as vezeiras nessa altura...

PB1: exactamente, isso agora não, agora acabou, (...) isso agora acabou tudo

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: vocês têm muitas cabeças de gado lá na... agora estou a falar do baldio, mas depois também pergunto para o foral

PE1: sim, baldio e foral, temos mais no foral do que no baldio, como é alto, vai de encontro àquilo que já tinha dito anteriormente e temos, nós tínhamos nesta última digamos assim,

contagem, tínhamos no foral penso que é 300 e tal cabeças, entre bovinos e caprinos, começa a ganhar mais expressão o bovino agora do que o caprino, e era ao contrário

AL: é porquê? Há subsídios para o bovino é?

PE1: tem a ver com os apoios é. Agora não sei porque isto, como levou aqui uma volta enorme em relação a essas questões, não sei em que é que isso vai resultar no futuro, a médio prazo

AL: vocês tiveram um grande corte?

PE1: nós da área, por exemplo, só para ter uma ideia não é, em termos de pastagem, que é a área que é considerada para essas candidaturas e tudo o mais, em termos de pastagem até aqui eram-nos considerados os 2400 hectares, isto no foral, e agora temos 420... é assim, eu percebo que nem toda a área será de pastagem, mas também não é como fizeram, porque os animais também fazem pasto no meio de pedras, embora eles digam que não, no meio de floresta, não em tudo, eu também percebo que 2400 hectares se calhar é exagero, mas o que se havia de fazer era uma, uma visão real da situação, e esse trabalho estava feito, esse trabalho existe, os técnicos do ICN fizeram isso ao longo dos anos, mas o modelo que foi definido foi o IFAP que fez o trabalho e não escolheu os [*? não se entende*] feitos pelo ICN, aliás os próprios membros do ICN estão em desacordo com isso e já manifestaram, embora até fossem de certa forma impedidos de se manifestarem muito assim com grande, afirmarem muito porque muitos sabem, mas não corresponde de todo à realidade, agora o que é que isso implicou? Implicou que nós tivemos de fazer uma redefinição de áreas não é, porque até aqui tínhamos 2400 hectares para distribuir, não havia problema porque a área chegava. Com a redução brutal que houve tivemos que fazer uma redistribuição e a área não foi possível dar aquela que todos necessitavam para os animais que tinham e isso vai resultar, não tenho duvida nenhuma, numa diminuição do efectivo pecuário

AL: pois

PE1: vai resultar nisso

AL: e a importância da ITI também vai diminuir?

PE1: no meu caso não, porque as áreas depois, entra a área de pastagem e as outras áreas que têm outras classificações não tive redução expressiva que implicasse redução, mas sei de baldios que tiveram reduções significativas dessa nova reclassificação da área. Nós por acaso não vai ser o caso

AL: e há muitos jovens...

PE1: não

AL: com "jovens agricultores"

PE1: ah, aparecem alguns, há alguns jovens, mas poucos, não são lá muitos, a por projectos, e vamos ver também se não... porque esses projectos muitos deles foram... entraram mas ainda não foram aprovados definitivamente... ainda não está decidido isso. Quando forem decididos, eu espero bem, a não ser que apareçam mais jovens a meterem candidaturas,

mas já para os que estão em candidatura ainda consigo meter área, mas se amanhã me aparecerem imagine, mais 3 ou 4 ou 5 posso correr o risco de “não posso porque não há área disponível”. Normalmente uma candidatura dessas, daquilo que eu sei, implicava a distribuição de 40 hectares de área de pastagem, é impossível não é, porque 40 hectares, se aparecessem 10... bastava 10 projectos desses, no nosso caso concreto 400 hectares... e o resto? Isso vai criar muitas limitações, eu não sei se eles vão mexer nisso ou não mas se não mexerem, na área do Parque Nacional vai limitar muito a actividade de pastorícia, vai limitar muito... há quem diga que pronto, que isso tem a ver com políticas de canalização de verbas para o Alentejo e outras coisas. Isso diz-se... é assim, tecnicamente eu não tenho fundamento para dizer isso, não é, o que é certo é que teoricamente e a gente olhando assim esses pormenores técnicos faz sentido, porque no Alentejo, naquelas zonas, lá é muito fácil conseguir áreas enormíssimas de pastagens, na montanha com os critérios que eles definiram realmente é difícil, se tirarem zonas de pedra, zonas de floresta... se tirarem isso então o que é que sobra? Quer dizer... mas os animais desde datas imemoriais que

AL: os cortes foram a nível nacional não é? Não foi só no Parque

PE1: aquilo tem a ver com uma imposição comunitária e que Portugal era obrigado a cumprir isso... tudo bem, não duvido que sim, mas há ali possibilidades de em alguns momentos de criar excepções. E depois também há mais uma questão, quer dizer, a verba desses números para Portugal está definida, já foi definida e o bolo é aquele. Depois a distribuição cá dentro também depende um pouco do Estado, estar a passar essa responsabilidade para a Europa, quer dizer isso soa-me um bocadinho estranho, mas também isso às vezes são coisas muito técnicas que às vezes nós não estamos a ver pormenores que eles poderão estar a ver. Teoricamente, e a primeira análise que faço é que é assim, na zona do Parque Nacional se mantiverem estas regras criou-se aqui um mecanismo e um fenómeno para diminuir efectivamente a pastorícia, disso não tenho dúvida nenhuma

AL que é a principal actividade

PE1: que é... pronto, claro que são os apoios que dão sentido a esta dinâmica... se eles vão à vida... não é? Por isso vamos ver... estamos cá expectantes

AL: qual foi a diminuição da área do baldio mesmo?

PE1: a do baldio, ora, o baldio era 600 e passou para 120, do baldio, mas aí como temos menos pastores, menos projectos, da forma é que passou de 2400 para 420

AL: que diferença. E no baldio conseguem ter área para todos?

PE1: sim, neste momento conseguimos assegurar

AL: tanto num como noutro

PE1: está em risco os projectos que eventualmente possam aparecer, que aí eu não sei como é que nós vamos resolver a questão, vamos ver. Este ano vai ser o ano zero nestes

moldes, para o ano vamos ver qual foi o impacto disto e qual vai se a aderência das pessoas a renovarem as candidaturas ou eventualmente a fazerem outras.

Germil: PG1

AL: quando muito vão buscar lenha não?

PG1: lenha, num caso ou outro, depois também há aqueles que também vão buscar a pedra

AL: ok... e quantos animais é que existem na aldeia, por aí...

PG1: há poucos, não sei agora... haverá para aí, não sei, para aí umas 15 ou 16 vacas, bovinos, cabras já não há que já acabaram há relativamente pouco tempo

AL: não há assim nenhum projecto de jovem agricultor

PG1: há alguns cavalos também, nem sei quantos, mas poucos, deverei estar a falar para aí de uma dezena ou assim

AL: então é mesmo pouquinho os animais...

PG1: é

AL: e não há... os jovens, ou mesmo os menos jovens, não têm utilizado a área do parque para meter projectos de produção animal?

PG1: é assim, há aí um projecto de uma pessoa que até nem é de cá mas que comprou cá uns terrenos, não animal mas pronto, para a produção de produtos agrícolas, mas à parte disso não...não, não.

AL: não há essa vontade de as pessoas ficarem aqui e fixarem-se aqui

PG1: as pessoas... até este momento ainda ninguém se virou para aí não é, não quer dizer que não venha a acontecer, mas até ao momento ainda ninguém se virou para nenhum projecto

AL: pois... aqui há ataques do lobo? Agora lembrei-me por causa das burocracias...

PG1: não... existe lobo, de vez em quando aparece um ou outro animal morto, mas não há assim aquele... um ambiente...

[toca o telefone de PG1, atende]

AL: e agora vocês também devem ter sofrido um corte de área forrageira no baldio

PG1: pois, por exemplo, lá está...

AL: foi muito aqui?

PG1: foi, só nos deixaram 83 hectares, 83, 82...qualquer coisa assim

AL de 600 e tal...

PG1: de 630

AL: e entretanto andaram aí a contestar e no que é que isso deu?

PG1: mandámos um *e-mail* para o IFAP, esses ainda não responderam, a dizer que não tinham nada a ver que era uma regra da EU, mandámos uma carta para a ministra, depois fizemos uma reunião ao nível dos baldios e Câmaras dentro do Parque Nacional, foi essa que eu disse que estive com a Lúcia e que foi no campo do Gerês, onde fizemos um... como é que se diz, pronto, um documento conjunto a contestar, enviámos à ministra... todos os CD e as 5 Câmaras Municipais do Parque Nacional, até hoje nada. Nós CD do baldio de Germil também já tínhamos antes disso enviado uma carta para lá... nada! Portanto, isto é que é ditadura, não era o Salazar. O Salazar ouviu as pessoas... epa, pronto, se calhar têm razão... agora não. Isto é que é ditadura

AL: o que é que eu lhe ia dizer dos cortes...

PG1: ia se calhar perguntar-me se não houve problemas com a distribuição de área...

AL: sim, e também do valor da ITI

PG1: sim, sim, o valor da ITI reduziu para aí, enfim, agora não tenho aqui o número, mas deve ter reduzido quase metade, aí quase metade não, metade

AL: e já sofreram isso? Ou seja, já tiveram de gerir esse dinheiro reduzido?

PG1: ainda não que isso ainda se vai reflectir agora neste ano, mas medidas deste ano

AL: mas também, se diminui a área forrageira diminui o número de limpezas que tem de fazer...?

PG1: mas lá está, mais um problema para o baldio

AL: pois, claro, não meto isso em questão. Mas, e na distribuição de área, como é que foi?

PG1: na distribuição de área, como há poucos animais não houve problema para já, mas é aquilo que eu disse, aliás que se colocou na carta, agora imagine que amanhã um dos jovens, até pode ser um filho meu, não é? Por exemplo... quer fazer um projecto, já não temos área, inviabiliza-se

AL: pois, isso não ajuda à fixação dos jovens

PG1: eles problematizam as coisas, põem as coisas de forma a que dizem que as pessoas podem fazer mas depois não podem. É aquilo que eu digo, são as dificuldades criadas pelo próprio sistema, pelo nosso próprio Estado. Eu neste momento se houver aqui um jovem que queira fazer um projecto, não vou ter baldio para lhe distribuir, e depois? Vamos dizer "olha, afinal não podes fazer", é complicado

AL: [Depois de desligar perguntei ao senhor João se existiam conflitos entre os baldios limítrofes por uso abusivo, passagem de animais etc., ele disse que não, que uma pessoa também tem de compreender que os animais passam e também passam para lá e passam para cá, quer dizer, há que evitar essas coisas uma vez que não é bom ter conflitos, mas que não há cá esses conflitos.]

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: A vezeira também, embora hoje em dia a vezeira já adquira alguns detalhes modernos, se está o gado no monte, vão por exemplo dois pastores lá ver, mas já vão de carro, e se calhar não vão às 5h da manhã vão às 10h, mas portanto, continua a fazer-se em comum.

Por outro lado ele vê na pastorícia uma possibilidade de manter os jovens no local, embora ele diga que tem sido muito difícil esta componente porque a malta quer é ir lá para fora e ganhar algum dinheiro porque aqui a coisa não está nada fácil. O que acontece é que muitas pessoas vão lá para fora e depois de lá estarem percebem que a coisa afinal não está assim tão fácil e então voltam. E esses é que são os potenciais jovens agricultores. Ele disse-me que nesta onda entraram 3 ou 4 agricultores que foram este ano candidatos a projecto jovem agricultor. Portanto ele vê na pastorícia uma possível forma de manter os jovens na zona, como ele disse 'só quando batem com a cabeça lá fora é que acabam por voltar'.

Ele diz que cabeças de gado que estejam a ser candidatas a subsídio na freguesia de Lindoso são 600 e tal. Há mais pessoas mas que não são candidatas às ajudas da EU. Eu estranhei 'não querem porquê?'. Depois percebi, são pessoas que têm outros trabalhos e que têm animais também, mas que não se querem dar ao trabalho de estar agora a por as ajudas, não precisam no sentido em que têm outra actividade, esta não é a sua actividade principal, e então não concorrem às ajudas. Portanto ainda há mais animais para além destes 600 e tal.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: já não se fazem vezeiras aqui?

TC1: sim, mas de uma outra forma... nós tínhamos por exemplo ali por cima da aldeia, ali era o celeiro de inverno, ou seja, havia ali uma parcela que... em que era proibido realizar-se o pastoreio e apenas era usado, era permitido fazer-se a... na altura da neve no inverno quando os animais não podiam sair... aquilo era uma reserva de urze que eram cortadas para alimentar... os animais que não podiam sair na altura da neve. Por exemplo esta actividade de definir que... em que dia, quem podia e o que podia cortar para alimentar os seus animais era feito pelo tal juiz, pelo tal conselho da aldeia. Portanto, esta gestão

manteve-se enquanto foi necessária à comunidade. Enquanto em Vilarinho se manteve ainda mais algum tempo, aqui foi-se diluindo. Mesmo depois do 25 de Abril continua a haver a realização da Junta, mas apenas para tarefas essenciais à vida comunitária.

AL: então lá está, quando houve o 25 de abril e deu-se o retorno dos baldios às populações e em que se apelava vá, às populações para se organizarem nos CD e assembleias de compartes...

TC1: aqui já estavam organizados

AL: já havia o conselho da aldeia portanto nunca formalizaram essa instituição

TC1: não, não. Aqui nunca tivemos CD, era o conselho da aldeia, e depois houve uma altura que se criou alguma confusão, logo a seguir ao 25 de Abril, e as Juntas... o poder estava no povo... e as Juntas... pronto, por uma questão de novidade e de revolução e tal a Junta passou a gerir durante ali algum tempo transitoriamente em que fazia... mas, digamos, a assembleia continuava a ser os compartes, enquanto que a assembleia de freguesia, tal como é hoje, a assembleia de freguesia trata dos assuntos que têm a ver com as atribuições da Junta, no caso naquilo que era terreno do baldio, era feita a Junta, o tal ajuntamento e participavam... participava toda a gente, participavam os compartes nessa Junta que não era a assembleia de freguesia.

AL: sim, sim, sim. Então e isso aconteceu assim até vocês terem criado a associação? Basicamente foi isso...

TC1: não, depois passou a haver outra vez o conselho da aldeia, voltou a instituir-se o conselho da aldeia, informal, ou melhor sem...

AL: papel

TC1: exacto, e há cerca de 15 anos criou-se a associação de compartes para... por causa de imposições do relacionamento com entidades externas.

AL: e chegaram a... desde há 15 anos que começaram a candidatar-se a subsídios?

TC1: não, só nos dois últimos quadros comunitários

AL: sim, lá está, é o subsídio... eu não sei qual é que seria, nem é o meu papel aqui agora, mas lá está, um subsídio que permita começar um negocio ou uma produção e depois largar-se o subsídio eventualmente, manter-se uma produção a longo prazo mas sem necessidade de se recorrer ao subsídio, e aí havia de alguma forma igualdade no acesso inicialmente... mas acho que depois o subsídio passou a ser dado conforme o número de cabeças de gado e a partir daí as pessoas começam a disparar no número de...

TC1: sim, porque o projecto só é rentável a partir de... com uma certa escala não é...tem de contratar um... ou dito de outra forma, o projecto que seja rentável, que garanta um posto de trabalho, um posto de trabalho tem de ter determinadas cabeças de gado

AL: pois... uma cooperativa (RISOS). Uma forma de os produtores se associarem e deixar de haver essas desigualdades... enfim, é complicado, imagino que seja

TC1: e de outra maneira... e porque não pedir um rácio, pedir índices diferentes, porque é que tem de ter aquela rentabilidade? Pode ser um projecto apoiado mesmo dando prejuízo... porque não?

AL: sim, se é para manter a paisagem em prol do parque

TC1: claro, se é necessário, portanto, se foi identificado que os animais é importante que pastoreiem para reduzir a camada de combustível

AL: manterem a matéria orgânica, blablabla

TC1: pronto. Se para... se as regras são as mesmas para a unidade de produção que noutro sitio qualquer, e aqui só é aprovada, como noutro sitio qualquer, se for rentável não é... claro que aqui o... apenas tenho dito, reflectam se é exagerado ter neste território explorações pecuárias com o efectivo como estamos a ver por aí. Depois ainda se dá outra situação caricata que é a de, olha-se para o gado e... no outro dia fui fazer um passeio com uns clientes e digo 'no meu tempo era vergonha ter-se uma vaca magra' e agora... porque aquilo era... o meu animal, até tinha um nome e... e agora é mais uma que dá o subsídio, portanto, é um objecto que permite subsídio.

AL: pois, já ouvi falar desse efeito

TC1: a forma como ... e vemos aí, no inverno na... isto é até degradante, é mau, e para os animais coitados que sofrem... basta vir aí uns dias de neve então levam um bocado de feno lá para... põem ali junto da estrada, e os animais magrinhos, coitados, cheios de frio, vêm lá comer. Epa aquilo não faz sentido nenhum...

AL: mas no inverno eles não recolhem aos currais?

TC1: não! Alguns não, alguns não, não têm condições... não têm condições de outra maneira, claro que eles têm de ter o estábulo, só que estando no estábulo têm que lhes dar de comer, e ao menos lá em cima sempre vão comendo qualquer coisa. E aquilo é assim... só gastei... cada fardo custa um euro ou lá o que é 'ainda só gastei 50 euros esta semana... esta semana não gastei nenhum, ele conseguiu aguentar-se'.

AL: não morreu...

TC1: pois! Porque aquilo o que interessa é manter o animal vivo por causa do apoio, não interessa mais nada. Ah, e depois os animais saem quando vão para abater, depois também está montado o esquema de, os fulanos comprar aquilo barato, levam para engorda e depois abatem e...

AL: pois, então aqui ao produtor acaba por não interessar muito sequer a venda não é...

TC1: o produtor só tem interesse no manter o efectivo, porque o objectivo... porque da forma como estão desenhados os apoios é 'preciso de ter este efectivo, então como é que eu reduzo os custos para manter este efectivo'.

AL: pois assim não...

TC1: E depois pronto, agora imagine-se o que se quiser imaginar à volta disto

AL: pois. E quantos produtores existem então aqui no Campo do Gerês?

TC1: temos três...

AL: só três produtores de animais...

TC1: mas eu estou a falar mais nem é por aqui, porque aqui ainda há gente que vai tendo alguma consciência... estou a olhar para acolá porque são os vizinhos mais próximos... (RISOS). E ali naquele, ali perto da Calcedónia, há ali uma confluência, e até há ali um sitio castiço, há ali uma situação castiça de... o fulano de Vilar da Veiga que vem pastorear para ali, com autorização dos de Covide, porque aquilo é de Covide, mas com a obrigação de guardar o outro gado, dos de Covide, então naquela zona de fronteira no inverno assiste-se ali a cenas degradantes, com os animais a precisarem de comer...

AL: são demasiados animais ali naquela...

TC1: não é questão de serem muitos, só que com neve precisavam de ser tratados de outra forma.

AL: pois... então são três produtores, e quantas pessoas é que são aqui? Compartes... não sei se vocês se gerem com a lei dos baldios

TC1: noventa e qualquer coisa

AL: noventa e tal compartes e três produtores de animais?

TC1: sim

AL: são pouquitos pois... e são apenas esses que tiram proveito do baldio directo, vá...? Benefícios extraídos directamente do baldio, e apicultores também se calhar... há muita gente?

J: apicultores há três...

AL: ok, e de resto o baldio é usado para quê? Já percebi que para buscar os matos, para pastorear o gado

TC1: os matos já ninguém os vai buscar lá

AL: não? Nem esses três produtores?

TC1: não, esses têm propriedades... e os estábulos hoje também são preparados de outra maneira não é... aquilo é limpo não é, só tem a cama mas é com os restos da comida, só naqueles... nos eidos⁴⁸ não é, é que junto... quando junta mais lama é que eles põem algum

⁴⁸ ei·do

(latim aditus, -us, entrada, acesso)
substantivo masculino

1. Terreno pequeno junto de uma casa ou edifício. = PÁTIO, QUINTAL
2. Pátio junto de uma casa para abrigar animais. = QUINTEIRO

mato, nem se faz... ou se tem campos para cultivar que tem interesse... senão não... para a sua exploração não precisa. Aliás até o pessoal ali das cabras da aldeia vizinha até têm extracto seco não é, aquilo não precisa de nada, se recolhem as fezes... aquilo é um gradeamento. As técnicas de hoje não precisam, portanto uma vacaria não precisa de ter mato não é...

AL: mas não utilizam depois na agricultura?

TC1: sim, há um deles particularmente que sim, tem lá uma parte fora onde os animais ficam na... junto do estábulo, e aí sim vão triturando e vão depositando fezes e claro, fazem o estrume.

AL: e a maior parte das pessoas tem a sua horta

TC1: sim

AL: tem a sua agricultura de subsistência

TC1: não direi de subsistência, não, é mais um.... É mais a despesa não é...

AL: si, exacto. E essas vacarias foram construídas no baldio?

TC1: não

AL: não houve cedência de terrenos...

TC1: não. É em terrenos deles

AL: e é só deles? Não há utilização por parte de outras pessoas que também tenham animais

TC1: não... explorações em terrenos individuais

Covide: TCo1

AL: e então actualmente como é que é afinal feita hoje a gestão, afinal é a Junta, ou são eles, hoje em dia mesmo?

TCo1: actualmente, hoje em dia é a Junta que continua a fazer a gestão

AL: continua a ser. Eles continuam a não estar legalizados para fazer a gestão?

TCo1: não, porque eles, ainda na última noite fizeram aqui uma reunião porque tentaram vender uns pinheiros para coisa, mas o pessoal disse todo que não, que se era para gastarem em tribunais, não valia a pena estarem a cortar pinheiros para gastar em tribunais. Portanto o pessoal está todo contra eles

AL: ai é...

3. Espaço que um objecto ou pessoa ocupa ou deve ocupar. = LUGAR, SÍTIO
(dicionário Priberam]

TCo1: portanto, quando acontece alguma coisa eu vou-lhe dizer, ainda há pouco tempo, e até ainda não saiu, nós fizemos um projecto para limpeza dos montes, a Junta

AL: a ITI?

TCo1: sim. Estamos à espera que ele saia, deve sair agora este mês ou o mês que vem

AL: ah, sim, e o ano passado também receberam desse projecto?

TCo1: e o ano passado também recebemos

AL: as Juntas recebem menos do que os CD não é?

TCo1: outro ano receberam, este ano já deram mais aberturas às juntas.

AL: hmm, ok. Mas ainda não têm a certeza se vão ter ou não

TCo1: não, porque ainda não foi... em princípio será aprovado mas ainda não foi aprovado. Mas por trás havia outro processo

AL: como assim?

TCo1: havia outro processo de limpeza dos montes, ou outro... que já estava a ser cumprido

AL: exacto, exacto. E houve um ou já houve dois? Quando é que começaram a fazer isso com as ITI?

TCo1: não sei se houve um se houve dois, também já não me recordo

AL: e os montes actualmente são usados para quê?

TCo1: é para pastagem

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Covide?

TCo1: há

AL: tipo o quê? Centenas, milhares?

TCo1: milhares não

AL: não falo só de bovinos

TCo1: cabras temos aqui dois que têm à volta de 300, temos dali em Freitas outros dois que também têm à volta de 300, ou três...

AL: cabras

TCo1: cabras. Vacas há menos, mas agora há para aí projectos de cachenas que eu ate nem sei quantos tem, mas vai algumas... se calhar 50, 100

AL: e há aí projectos de jovens agricultores, de pessoal que está a voltar para a terra ou que quer fixar-se aqui

TCo1: há, e estes projectos das cachenas das cabras é tudo projectos aqui de

AL: de jovens agricultores?

TCo1: é, de jovens agricultores

AL: há muitos jovens aqui?

TCo1: ora bem, não há muitos, há poucos, e muitos até nem fazem um projecto quer dizer, fazem um projecto jovem mas quem trata do assunto é o pai que...

AL: é só uma forma de o jovem ter um rendimento

TCo1: o subsídio

AL: exacto, exacto

TCo1: só para ter direito aos subsídios

AL: pois... mas acha que as pessoas aqui, não sei como é que é em Covide especialmente, mas assim em geral, andam a ir aos subsídios mas não estão muito interessados na produção em si?

TCo1: eu acho que não, eu acho que... e deve ser como em todos os lados, pelo menos aqui por cima

AL: pois... é mais pelo subsídio?

TCo1: é, acho que sim

AL: hmmm. O senhor tem animais?

TCo1: não

AL: e qual é que é a principal receita ali dos montes, é madeira? São as ITI?

TCo1: a principal receita dos montes é muito pouca, madeira pouca há, que me lembra fez-se ali um corte e fez-se agora ali outro que ardeu, nesta queimada que houve agora aqui no parque. Opa, principal é para os agricultores que eles vão lá buscar um subsídio para os animais

AL: usam a área do baldio?

TCo1: usam a área do monte

AL: e agora com o corte que houve na área isso trouxe grandes problemas aqui ou ainda há área suficiente para todos?

TCo1: ainda há área suficiente para todos, nós aqui ainda temos área suficiente. Também foi outro problema que nós tivemos agora aí, é que nós tivemos área suficiente e que eles, o Estado também diminuiu... a área, por exemplo, era x por cabeça e o Estado diminuiu

AL: ah, e depois acabou por tornar possível a distribuição

TCo1: tornar possível. E mesmo aqui tinha-se dado muitos, por exemplo há aqui pessoas que tinham 50 hectares de terreno e que não precisavam dele. Quer dizer, precisar precisavam, porque eles estavam a receber também um subsídio do terreno, quanto mais hectares mais recebiam, mas agora quando isto aconteceu só demos por cabeça de animal, x cabeças de animal, uma cabeça de animal precisa de um hectare, se tiver 10 dá-se 10 (hectares)

AL: ah, antes estava-se a dar a mais?

TCo1: dava-se a mais

AL: e ainda usam os currais?

TCo1: sim

AL: mas há vezeira ainda?

TCo1: vezeira não há. Quer dizer, vezeira há, porque eles andam lá todo o ano, só que não é guardada, a vezeira... mas a vezeira há

AL: eles ficam lá... não há qualquer tipo de

TCo1: não, ficam lá

AL: e não vão lá os pastores de vez em quando ver?

TCo1: há uns que vão lá todos os dias, mas outros que vão lá quando apetece, mas... por exemplo, nesta altura a maior parte do gado já desceu. Mas acho que ainda há bastante...

AL: e o lobo anda aí, ou não?

TCo1: (RISO) ainda há um bocado estivemos ali a falar, ainda apanhou lá umas cabras lá em cima, e acho que o viram até aqui no lugar

AL: e coitado, deve andar cheio de fome

TCo1: eu não sei aquilo é lobo se é, não faço ideia porque... os lobos nunca desceram cá abaixo não é, e ele nem precisa de descer porque há muita fazenda lá em cima

[fala-se sobre a palavra fazenda...]

TCo1: fazenda é os animais, que é as cabras, e se for lá ver é capaz de ver, não sei, elas não andam no meio da estrada não é, mas... às vezes vê-se

AL: então mas... as pessoas sabendo que há o lobo mesmo assim deixam o gado sozinho no monte

TCo1: porque o lobo às vacas e isso não ataca muito, nunca atacou, é mais às cabras

AL: mas aqui há muitas cabras

TCo1: pois há... mas as pessoas olhe, eu venho dali de um sítio onde estavam ali a fazer ali uma obrázita lá e ia o pastor a levar as cabras

AL: pois, ele vai lá?

TCo1: ele vai lá para cima, tem que [*? não se entende*] nelas, só que o lobo é esperto, apanha-o distraído, ou vai beber o café ou qualquer coisa, ou vai comer e pumba

AL: e eles não têm aqueles cães que o ICNF andou a dar subsídios para o pessoal ter cães

TCo1: não, mas isso também não da nada

AL: não é suficiente para

TCo1: não! Pois... enfim, é um conflito eterno, não é?

TCo1: é

AL: pastores e lobos

TCo1: ai isso é, aqui nem vale a pena falar nos lobos porque as pessoas...

Ermida: TE1

AL: e aqui na Ermida há muitos pastores?

TE1: temos, cerca de 400 cabeças de gado caprino, e algumas 80 de gado bovino, mais ou menos

AL: pois... e o número de pastores mais ou menos?

TE1: uuuh, isto é assim, os pastores... aquilo é uma vezeira

AL: ah, ainda há

TE1: o gado anda, o das cabras, anda tudo em conjunto. Não sei se já passaste por algum, se já te falaram de como era

AL: sim, falaram-me das vezadeiras agora não...

TE1: a vezadeira funciona assim, um pastor tem 40 cabras, por cada 20 cabras tem de guardar um dia, tem de vir um dia para a serra, se tem 40 cabras tem de guardar dois dias, outro só tem 20 tem de guardar um dia, outro tem 30...

AL: um dia e meio...

TE1: numa das rodas guarda um dia, depois passado duas rodas guarda dois

AL: ok, ok

TE1: portanto, isso sendo 20 pastores com 20 cabras cada um isso dá para aí 20 e tal dias, é como um relógio a contar, passado 20 dias torna o mesmo pastor a guardar as cabras aqueles dois dias

AL: ok... está bem, curioso

TE1: e o gado é a mesma coisa, cada duas cabeças é um dia não é, a pessoa tem duas vacas vem guardar um dia para a serra, a partir do mês de Maio, porque no inverno o gado está mais ou menos na zona baixa, na zona dos terrenos agrícolas. Mas chegando ao verão os terrenos são lavrados e o gado sobre para a serra alta e aí então é como funcionam os relógios, duas cabeças um dia, se tem 4 cabeças tem que guardar dois dias mas é lá em cima, tem que ir a pé duas, três ou quatro horas. Por exemplo, a vezeira da Ermida anda mais aqui nesta zona, mais baixa, mas a outra, que até alguns moradores pertencem, de Vilar da Veiga, anda na serra alta, na serra mais alta, e então demora 3 ou 4 horas a chegar lá

AL: anda na serra mais alta no... há um baldio lá que é de Vilar da Veiga não é

TE1: exactamente... portanto é mais na zona de Vilar da Veiga

AL: ok... mas não vêm para aqui para o de Ermida?

TE1: não

AL: pois, está bem. E pelo que eu percebi há pessoas daqui da Ermida que fazem parte da vezeira de Vilar da Veiga

TE1: fazem parte voluntariamente da vezeira de Vilar da Veiga

AL: ok

TE1: por exemplo aqui este abrigo é da vezeira do gado da Ermida

AL: ooooh, que fixe! Já tinha ouvido falar destes abrigos mas ainda não tinha visto nenhum

TE1: a gente dormia aqui, eu cheguei aqui a dormir, porque há 30 anos poucos carros havia na Ermida

AL: ah, claro, vocês agora vêm de carro até certo ponto e depois...

TE1: nos há 30 anos vínhamos a pé para aqui, não se via carros, não havia carros na Ermida

AL: pois é...

[saímos do carro para ver o abrigo]

TE1: isto aqui chama-se um curral... um curral é o quê? Quer dizer o quê? Aquela gente que escreve os livros para a tua zona não percebe patavina do que é um curral. Podes-lhes dizer mesmo que fui eu que disse, que foi o Jorge da Ermida que te disse, que eles não percebem patavina do que é que se passa no terreno... um curral é o quê? É onde tem o abrigo do pastor e aonde o pastor junta o gado normalmente à noite, portanto o gado mais ou menos à noite dormia por aqui... e dorme por aqui. As vacas, o gado bovino, neste caso estamos a falar do gado bovino. Estas árvores que estão aqui foram plantadas por nós voluntariamente há 15-20 anos

AL: pois, já em Fafião também me falaram que costumam arborizar a zona do curral [...] é mesmo lindo. Isso já tem anos e anos não?

TE1: já... já está assim dessa maneira, assim com essa remodelação que foi feita, já está ao menos há 30 anos

AL: e já não usam?

TE1: usam... agora menos, as pessoas hoje já... como todas têm carro, vêm de carro até aqui e depois vão dormir a casa

AL: claro. E o gado fica aqui de noite não é...

TE1: A palavra curral quer dizer isso, é a zona onde o pastor tem o abrigo e onde o gado pernoita durante a noite

AL: este sítio é lindo, eu se fosse pastor ficava aqui

TE1: é assim, agora já inventaram para aqui umas modernices, agora até já há um colchão, mas isto não existia, isto é uma modernice. Portanto, eles colhiam, os primeiros que cá chegavam, colhiam dessas ervas que aí estão e depois metia-se no chão, e trazia-se uns cobertores e a gente dormia assim no chão, de verão quase nunca chove não é

AL: e não faz tanto frio

TE1: a gente dormia com uns cobertores assim no chão, eu cheguei aqui a dormir há 30 anos atrás

AL: e vinha o pastor sozinho?

TE1: normalmente era, ou um ou dois

AL: fogo, este sítio é muito especial. E vocês agora recuperaram-no com as ajudas dos INP's?

TE1: é assim, para nós, a gente fez a candidatura mas depois eles davam pouco apoio, o mais próximo da estrada que temos é este e os outros são mais na serra, os que estão dentro da área da Ermida e só de helicóptero é que se conseguia levar para lá o material, porque às costas, a sério, era impossível. Os de Vilar da Veiga como tinham muito dinheiro levaram um helicóptero e levaram o material lá para cima

AL: ai foi?

TE1: mas nós não tínhamos dinheiro para andar a fazer isso, depois não fizemos contrato para a renovação porque logo o que eles davam era pouquíssimo

AL: pois, porque estar a contratar esses meios...

TE1: depois para nós, para nós ficarmos com essa despesa toda não, era um balúrdio

AL: e é mais por uma questão de turismo não é? Não iam usar ou iam?

TE1: não, agora com o carro

AL: isto é, esses apoios são mais naquele sentido da conservação do património e assim não é?

TE1: exacto

AL: está bem, então a vezeira hoje em dia é isso, vem cá o pastor está aí durante o dia e depois deixa as vacas

TE1: normalmente, exacto, normalmente agora fazem isso, ainda há um por outro que fica lá, que portanto as coisas andam na mesma, tem lá cobertores e tudo para quem quiser ficar, mas quase todos os dias vêm embora

TE1: e depois, por exemplo, um dos problemas que nós temos, claro, é os incêndios. E quem são as pessoas? Não é aquilo que na comunicação social vê, quando chega aí maio e junho, todos os canais abrem às 8 horas, um incêndio aqui, outro acolá, que as altas temperaturas fizeram com que o lume ardesse em tal área, isso é tudo mentira, portanto, quem são os causadores dos incêndios aqui na zona do parque são toso os pastores, todos, mesmo os da Ermida, eu conheço-os, eu sei quem são... e em Fafião também são, e lá por onde andaste, pela zona dos Arcos, também são, os causadores dos incêndios na área do parque, e nas outras áreas que não são do parque, zonas de montanha são tudo pastores ou gente ligada à caça ou sei lá... tem tudo a ver

AL: pois, pois

TE1: e pronto, é para que saibas que aquilo que eles dizem na comunicação social, que está muito quente, até podem estar 40º, mas isso é...

AL: não, e se calhar eles até aproveitam esses dias para atear não é

TE1: sim, pois, claro, porque é nessa época que o lume avança muito mais rápido, portanto

AL: mas é o quê? Para conseguirem erva melhor e assim?

TE1: exacto. Porque a maluqueira deles... eles dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros

AL: pois

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sitio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: mas estas coisa das ITI acaba por vir um bocadinho de encontro a isso não é?

TE1: foi, ajudou bastante nessa parte, porque a gente fazíamos a área que eramos obrigados a fazer e ainda fazíamos muita mais por fora, com esse valor que vinha, estás a perceber, nós só o ano passado conseguimos roçar 20 e tal hectares, fora os 10 hectares que tínhamos de roçar obrigatoriamente com o contrato das ITI

AL: ah... ok. Mas vocês usam uma empresa ou têm um tractor ou...

TE1: contratamos

AL: contratam uma empresa, pois

TE1: nós, por exemplo, o mapazinho, imagina... [*vai buscar o mapa ao carro*] isto era mais ou menos... imagina aqui, isto tem medidas não é... a SA52 eram 2 hectares e 600 [metros], imagina, não é... e esta foi aqui, estamos mesmo aqui em frente a ela, até se nota lá em baixo, anda lá agora o gado caprino, ainda se nota lá uma clareira, foi entre aquele rochedo e este por ali abaixo. Pronto, a gente mais ou menos consegue ver, pelas linhas de água, chega-se aqui, traz-se os empreiteiros, não é, por ali, por ali, por ali... e eles têm de fazer esta área por x valor acordado

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber? E a gente ao fim paga-lhe, é o que fazer mais barato

AL: pois, exacto... e estas áreas todas juntas, portanto, por ano é 10 000 é isso?

TE1: dava mais ou menos 10 hectares por ano a nós

AL: 10 000, sim, 10 hectares

TE1: 10 hectares... porque imagina esta que era 2 e... era mais ou menos 3 parcelas por ano, eram sete hectares e meio mais a do norte, a da serra alta. Porque esta aqui podia ser feita em fogo controlado ou roça de mato, mas eu optei sempre por roça de mato, e além de ficar mais caro, porque era muito mais fácil chegar lá com um fosforo, ou chamar os gajos do ICN "vamos queimar ali a parcela x", mas nós temos opção

AL: hmm, ah mas também há opção de fazer fogo controlado?

TE1: sim, havia

AL: não sabia

TE1: é... já vês aqui

AL: por acaso tenho ouvido falar sempre de roça, nunca tenho ouvido falar de fogo controlado

TE1: mas só havia dois baldios que estavam, que eramos nós e os de Vilar da Veiga, que podíamos ter fogo controlado... estás a ver estas em rosa

AL: sim, sim, sim

TE1: roça de mato / fogo controlado

AL: ok

TE1: que são estas aqui da zona alta, onde tem pouco arvoredor

AL: mas para o fogo controlado tinham de chamar técnicos especializados não é?

TE1: vêm os tipos do ICN, acompanhados com a equipa, normalmente era do GIPS

AL: de *jeeps*?

TE1: do GIPS, dessas brigadas dessa guarda-florestal, dessas carrinhas verdes

AL: ok... não sabia que se chamavam GIPS

TE1: GIPS é G, P... pronto

AL: ok, não conheço

TE1: são essas que andam aí ligados à floresta, essa guarda que até têm uma farda igual a isto, castanha

AL: ok, tipo, o pessoal da GNR, ou não?

TE1: eles fazem

AL: que agora os serviços florestais passaram para a GNR não é isso?

TE1: é mais ou menos isso... é mais ou menos isso. E então a gente fazia o pedido não é, parte tudo da nossa parte, a gente fazia o pedido e... da minha parte eu nunca fiz o pedido para fazer fogo controlado, porque é assim, fogo controlado, mesmo que poucas árvores existam na serra alta vai matá-las também, estás a perceber

TE1: pronto e era assim, mas como eu nunca fiz nunca me preocupei com essa parte

AL: mas o fogo controlado é pago?

TE1: não, não... a gente não paga nada

AL: mas a roça pagam...

TE1: sim, sim

AL: então se calhar até vos saía mais em conta

TE1: mas... mas portanto, na serra alta o fogo controlado deixa o solo muito desprotegido e depois as pessoas... mas as pessoas não querem saber disso para nada, os pastores só querem ver é lume não é, e eu lutei sempre por roça de mato

AL: ah, exacto

TE1: por exemplo, também fazíamos a limpeza de muitos trilhos, ainda há dias se fez este aqui, temos outro lá em baixo

AL: e aqui vocês têm muita questão com o lobo, como eu tenho ouvido noutros?

TE1: tem, os pastores aqui de vez em quando são bastante afectados, não tanto como nos outros lados, mas de vez em quando também temos

AL: e como é que tem sido a presença do ICN nesses casos?

TE1: é assim, eles dizem que pagam mas se encontrar a carcaça...

AL: pois

TE1: mas por vezes não é isso que acontece, não se encontra coisa nenhuma... quando se encontra é uma coisa, quando não se encontra...

AL: pois... mas não há assim muitas queixas dos pastores aqui na zona não é?

TE1: na Ermida propriamente não

AL: e como é que é aqui, nos limites com os outros baldios, há algum conflito na utilização...

TE1: já houve

AL: eu já ouvi falar de um com Fafião... (RISOS)

TE1: e com os de Vilar da Veiga

AL: ai com os de lá também...

TE1: já falaste com os de Vilar da Veiga?

AL: não, ainda não, é que eu não tenho o número de telefone dessas pessoas, já mandei para lá uma carta, porque arranjei a morada, até foi através da engenheira Sandra, mas ela ainda não os tem como sócios então não quis estar a abusar

TE1: ah, pois não, não trabalham não com a associação dela

AL: pois, ela entretanto foi fazer contactos e eu não sei como é que isso ficou, mas a verdade é que ela não se sentiu à vontade para me estar a dar números de telefone, e eu percebo perfeitamente, mas agora estou a ver se vou lá meter o bedelho, tentar ver quem é que é, não sei... mas ainda não falei com eles não, mandei-lhes a tal carta só. Mas sim, não

sabia desse conflito, soube... até já nem me lembro quem é que me contou sobre o conflito de Fafião e Ermida, mas não... que foi assim também muito longo, não foi? Uns anos... tribunal e...

TE1: foi, foi, foi, e...

Então e vocês agora, para além das ITI o dinheiro entra-vos de onde?

TE1: de alguma lenha que vamos vendendo

AL: ok, sim. Maioritariamente pinheiro não é?

TE1: sim.

AL: pois, o carvalho não se pode... pois, e ainda têm muita floresta, isso é muita bom não é? É uma boa forma de... se manterem

AL: pois, há quem diga que debaixo do pinhal não há comida para cabras, mas há bastante, e de que maneira

TE1: há, há! É para veres...

AL: mesmo a malta de alguns baldios dizem isso “ah, não, debaixo do pinhal não há nada, mas debaixo do carvalhal há”, mas eu por acaso, do que eu conheço do pinhal é isto, há sempre muito mato

TE1: é... pronto, era outra coisa que lhe queria explicar... é uma confusão dos diabos que faz essa gente da europa também no que respeita às pastagens...

AL: sim... sim, sim, sim. Pois...

TE1: porque tu vais para a Áustria, Suíça, França, Alémanha e o que é pastagem para eles? Pastagens para eles é um campo onde metem as ovelhas, onde metem as cabras, mas aqui não é assim, para nós aqui as ITI devia ser considerado pastagem mesmo a área da floresta, porque o gado bovino anda aqui a pastar, estás a perceber

AL: sim, eu já vi... ali na zona de Travanca, ao pé da Porta do Mezio, eles andam lá, no meio das rochas

TE1: aqui assim, anda gado bovino aqui a pastar. Para esta gente da Alémanha, porque dizem que os culpados de haver cortes nas áreas de pastagem, que foi um fulano que veio aí da Comissão Europeia, depois que lhe foram mostrar um baldio não sei para onde, para ali, e o fulano só viu pedras e viu pinheiros, diz que não podia ser pastagem debaixo dos pinheiros... não pode ser na Alémanha, por isso é que os nossos gados autóctones daqui não são iguais aos da Alémanha, não é...

AL: é os usos e costumes lá está... quando não se tem as pastagens idílicas da Suíça, usa-se o que se tem

TE1: exactamente, mas sempre foi assim

AL: exacto, e come-se e elas estão gordas

TE1: isso é para tu veres que a informação que por vezes tu recolheste noutra baldio que não há-de comer debaixo do pinhal é mentira, aqui pode pastar cabras... porque... qual é a pastagem da cabra? Não é a mesma do gado bovino... a cabra pasta nestes matos não é, o gado bovino é mais as ervas que estão assim... mas o gado bovino também acaba por comer este mato. Mas pronto, mas esta gente da Europa faz uma confusão dos diabos para eles a área de pastagem. A área de pastagem da serra do Gerês, não sei lá como é que são as outras, não tem nada a ver com a área de pastagem na Alémanha ou assim

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: já não é usado?

TE1: não, é a mesma coisa, eles vêm para aqui, ficam, vão à noite embora

AL: pois... ainda continuam com as vezeiras. Lá para os lados de Montalegre a maior parte das vezeiras acabaram, já não há gado suficiente, as pessoas estão cada umas por si, às vezes nem é não haver gado suficiente, há é 3 ou 4 pastores então não... aqui já vi que ainda se mantêm

TE1: e ainda há mais, esses fulanos, agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá

AL: passavam os animais com a barca?

TE1: sim, também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais

AL: fogo! E o gado ia comendo pelo caminho ou não?

TE1: isso, portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no maio ao vir para cá e depois em setembro ao ir

AL: pois, exacto, mas eles diariamente um pastor vinha sempre para aqui

AL: diariamente?

TE1: ou depende, daqueles dois dias...

AL: ah, lá está

TE1: se calhou ser dois dias ou três...

AL: exactamente... só vou ver o que está aqui plantado...

TE1: este carvalho é americano também mas morreu

AL: pois, coitadito

TE1: porque eles nem nas pensam estás a perceber?

AL: pois, gastaram aí na vedação mas morreu na mesma

TE1: portanto, num baldio há uma serie de usos e costumes que se vão mantendo, que não têm outra maneira de ser. A questão dos incêndios esse é um uso e costume que vai ter que acabar

AL: (RISOS) exacto

TE1: isso aí é um à parte

AL: mas antes os incêndios eram assim tao... isto é, fogo sempre houve não é, com o pastoreio, o fogo sempre foi usado...

TE1: não, não...

AL: não havia...

TE1: na época do outro governo não havia o primeiro [*? não se entende*] que andasse aí de isqueiro na mão. Ia havendo de vez em quando, mas não tem nada a ver com o que acontece hoje

AL: mas porque é que mudou assim?

TE1: porque mudou porque sabem que as autoridades não lhes fazem nada

AL: pois

TE1: estás a perceber... é o que mudou

AL: não sei o que é isto...

TE1: isto aqui é um escalheiro, mas cresceu naturalmente um azevinho dentro dele

AL: pois, estou a ver aí folha de azevinho (RISOS). Uau!

TE1: estás a ver... e as raízes do azevinho passam lá por dentro da árvore, sério, isto é um escalheiro, eu chamo-lhe um escalheiro, mas isto tem um nome científico qualquer, isto até se pode comer

AL: é? Não sei o que é que será o escalheiro...

TE1: nós localmente chamamos-lhe isso, mas isso tem um nome científico próprio...

AL: claro. Sim, mas esses nomes também são importantes

TE1: isto é, o escalheiro isto é uma árvore que a gente usa para enxertar, fazer enxertos de pereira ou macieira, que consegue pegar nisto, quando a árvore é novinha

AL: pois, porque ela tem uma folha parecida, acho eu, com a da pereira

TE1: exactamente, com a da pereira. Quando as árvores são assim novinhas, pequeninas, que a gente encontra, a gente faz o enxerto e cresce uma pereira

AL: será que é uma pereira selvagem? Não...

TE1: estás a ver o enorme azevinho que cresceu aqui dentro dela?

AL: é incrível... o tronco não se vê não é, deve ser por dentro...

TE1: sim, as raízes do azevinho passam todas por dentro

TE1: se algum dia te falarem do sobreiral da ermida é aqui, às vezes os do ICN, toda a gente diz... portanto o trilho PR14 chama-se o trilho do sobreiral da Ermida... mas depois ainda vamos passar mais aí para dentro... e aqui começava aquela parcela da ITI... havia uma parcela, depois ainda tínhamos esta opção, havia uma parcela perto daquele fraguado em que o mato era pequenino e então eu trouxe aqui o engenheiro, porque a gente através do engenheiro do parque lá do ICN, e eu disse-lhe “opa, aquele mato agora é pequenino e nós podíamos fazer aqui...” olha, estás a ver ali?

AL: sim, já é grandinho

TE1: e então trocámos, e ele disse que sim, desde que seja na zona baixa, porque as parcelas da zona alta só podem ser trocadas na zona alta, as parcelas da roça de mato na zona baixa só podem ser trocadas na zona baixa, e então nos fizemos esta limpeza aqui [*? não se entende*]

AL: pois, está bem, está bem... esse engenheiro é o Carlos

TE1: é o Carlos Pinto

AL: ah, está bem. Já falei por *mail* com ele para ver se vou lá falar com ele, tenho ouvido falar bastante dele

TE1: tinha mato daquele tamanho, olha para isto

AL: está espectacular

TE1: agora já vai... já vai... já vai demorar muito mais tempo a crescer

AL: isto foi quando esta limpeza?

TE1: foi janeiro, fevereiro deste ano

AL: tu tens gado?

TE1: não, não tenho tempo para isso

AL: pois, nem a tua família nem nada...

TE1: não, os meus irmãos têm, mas lá é a vida deles, e eu tenho o meu trabalho

AL: e o baldio actualmente é usado principalmente para...?

TE1: para fins de pastoreio... e de recolha de lenha

AL: e continuam a usar os matos para fertilizar...

TE1: e os matos que recolhem lá para os terrenos agrícolas, para levar para as cortes do gado e para essas coisas todas

AL: ok, ok. Pois, continua a haver assim essas actividades mais tradicionais associadas....

TE1: sim, sim, sim

AL: a agricultura é principalmente de subsistência ou...

TE1: é isso mesmo, é de subsistência, mas praticamente... é uma maneira de não deixar os terrenos não ganhar arvoredo, porque não é para eles... as pessoas têm os seus trabalhos quase todas e lá vão fazendo aquilo no final de semana, porque ninguém vive, aqui não há ninguém que viva praticamente da agricultura, ninguém...

AL: ai é? Mesmo os pastores?

TE1: os pastores a maior parte deles ou estão reformados ou têm o seu trabalhito alguns ou aqui ou ali ou acolá, mesmo os pastores também têm outros trabalhos adicionais que não os de pastoreio unicamente

AL: então se o baldio por acaso vamos dizer que por uma situação qualquer passava para... isto é, deixava de ser das comunidades locais, essas pessoas não... ou seja, há alguma dependência actual do baldio, é isso que eu quero perguntar...?

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: e a limpeza de trilhos também é ITI ou é outro subsídio?

TE1: não, não, isto aqui é um trabalho nosso

AL: ah, ok, ok

TE1: nós entendemos que devia ser feito, estás a perceber?

AL: ok, achava que havia um subsídio mesmo para limpeza de trilhos

TE1: não, agora só falta fazer este pedacinho daqui até lá ao cimo daquelas pedras lá adiante

AL: sim, opa isto aqui é mesmo bonito

TE1: já vamos lá, se queres descemos aqui só mais 20 metros

AL: descemos, descemos

TE1: e é isto, estás a ver as tais mariolas, que se chama, são muito pequeninas, mas pronto

AL: pois são

TE1: mas é mais ou menos isto que a gente usa aí pela serra toda

AL: aaah. Pois, eu já vi umas que tinham para aí umas 7 ou 8 pedras umas em cima das outras... depois a água constantemente a acompanhar-nos

TE1: agora, agora

AL: pois... ah, porque choveu agora não é?

TE1: aqui há um mês atrás não ouvias isso... mas é isso que nos motiva, pelo menos a mim, a nós, a direcção, é tentar segurar uma coisa que nos deixaram, que nos deram

AL: sim, que aprenderam a ligar sem... isto aqui também é considerado uma mariola? Não...

TE1: é considerado uma direcção... uma sinalização do trilho, não é considerado uma mariola, porque uma mariola são 3 ou 4 pedras, mas é considerado uma sinalização do trilho

AL: ok, ok... não é o 14 pois não? Este é outro...

TE1: não, não, o 14 é na estrada [*? não se entende*]. isto aqui é um trilho que os pastores utilizam para passar nesta área... estás a ver? ... as pessoas molhavam-se todas a passar aqui e assim não, a gente corta 5 metros de largura daqui a lá adiante e eles passam à vontade

Rio Caldo: TR1

AL: vocês tiveram uma grande alteração de área forrageira agora com o decréscimo que houve...?

TR1: tivemos, muito. Nós tínhamos 600 e não sei quantos hectares de pastoreio, ficámos com 300... não chegou, 280

AL: e isso que repercussões é que vai ter? Ou que está a ter no baldio...?

TR1: Não teve muito porque também diminuíram a área de... por cada cabeça

AL: já ouvi dizer isso também

TR1: não diminuiu muito. Por isso, tivemos aí um decréscimo qualquer mas não diminuiu muito assim por aí além, há freguesias muito piores

AL: mas houve pessoas que ficaram sem área, dos produtores?

TR1: não, não, não, ficou tudo com área

AL: e esse decréscimo

TR1: ainda nos sobrou alguma área

AL: sobrou? Ah... mas faz algum sentido decrescerem a área e depois decrescerem também a área requerida por cabeça? Acaba por ir dar à mesma situação? Ou não?

TR1: não, não chega muito bem, a nós pouca diferença nos fez, porque nós tínhamos à volta de 700, 680 para aí, e diminuíram para 280, tiraram-nos 400 hectares, é assim não é?

AL: sim

TR1: diminuíram o número de área por cada cabeça meio hectare. Fez ali uma diferença... mínima.

AL: pois, acaba por parecer que foram assim mudar a área por cabeça à última da hora só para não causar grande contestação, não sei, pelo menos é o que eu tenho percebido

TR1: isto, quem sofre mais com isso é as zonas onde há... a Ermida, Covide, porque tem muitas cabras e essas... como é que chama... tem muitas cabras e outros animais, as cabras é uma das coisas que requer muita área, está a perceber? E onde houver muita gente com

essa exploração, mais prejudica. Nós aqui só temos um que só tem cabras, se tiver uns 4 ou 5 como têm os da Ermida e os de Covide, não tínhamos área para todos

AL: pois, está bem. Os bovinos precisam de menos área...?

TR1: quer-se dizer, precisam de menos área mas são mais em quantidade

AL: são mais os bovinos? Ah, são mais os produtores

TR1: são mais os produtores, nós aqui só temos um

AL: de cabras

TR1: de cabras

AL: e quantas pessoas é que têm... quantos produtores é que há que tenham animais

TR1: aqui?

AL: só para ter uma ideia, basta que me diga assim.... Dezenas

TR1: não, dezenas não... são para aí uns... agricultores.... São para aí uns 15

AL: 15 dentro do número de habitantes que me disse há bocado...?

TR1: sim

AL: quantos é que eram?

TR1: somos à volta de 957

AL: E só há 15 produtores de animais?

TR1: 15 ou 16. Tem mais só que não procuram... têm áreas deles. Entende? Quem tiver área não precisa de

Vilar da Veiga: TV1

TV1: nós tínhamos 125 hectares e com 125 hectares tínhamos lugar para 125 bovinos, e ao passarmos para 82 portanto passámos para 164 bovinos. Mas para nós ainda foi uma coisa como o outro, porque nós temos realmente áreas limpas, nós temos muita área limpa, que aquilo é praticamente tudo vedado, são eles todos vedados e aquilo é mesmo área limpa, porque isto é assim, isto é uma zona que é baldia, a área é do baldio, o terreno todo, mas quer dizer, quem faz essa gestão é a vezeira, a vezeira de Vilar da Veiga, do gado

AL: a tal associação que eu já ouvi falar? Não...

TV1: não é associação, é a Vezeira, portanto associação não é, é Vezeira. Portanto são eles que reúnem, são eles que... se não comparecerem os associados, os sócios, se não comparecerem às reuniões, se não chegarem à hora certa, até podem não comparecer, mas se não chegarem à hora certa, até pode vir passado... se vier depois de ela começar já paga 50 euros de multa. Se há duas 2 ou 3 por ano em que são obrigados a estar nessa vezeira, têm que estar reunidos, são 3 delas que não são avisadas, já se sabe que naqueles dias há

essa reunião, é o tal chamado. Se não estiver no chamado ninguém precisam de avisar, se não estiver lá são 50 euros

AL: se não forem

TV1: se não forem. E naqueles que são avisados têm de ser avisados e se não aparecer também pagam 50 euros. E portanto têm as regras deles mas isto já desde 1920 ou 25, ou coisa parecida, que já são eles que usam, que fazem essa gestão daquela área toda lá de cima.

e o que nós vemos em relação aos baldios é isto que estávamos a falar, portanto as pessoas não têm interesse nenhum, as pessoas aquilo de que elas mais lhes interessava antigamente, do que elas mais necessitavam, hoje já não têm essa necessidade, a necessidade maior é realmente as áreas que no fundo é apenas para fazer as candidaturas porque também não vão para lá com os gados, também os pastores daqui... portanto, aquilo é uma vezeira que funciona

AL: mas é de quantas pessoas

TV1: a vezeira tem regras.... Quer dizer, as pessoas mantêm-se na mesma na vezeira, mas aquilo deve ter, sei lá, para aí... agora grande parte das pessoas são da Ermida, e depois aquilo também tem uma quota. Portanto, é também junto com a Ermida, depois as pessoas têm uma quota, depois têm... caso não aparecer são obrigados... se uma pessoa sabe que vai pagar uma multa e tal, mas é capaz de ter para aí 80 pessoas

AL: ainda fazem o pastoreio do gado em vezeira

TV1: sim, sim. Há muitos que já não têm gado mas continuam na mesma só e são obrigados a ir na mesma. Agora por exemplo, as pessoas que vão para lá com o gado, Às áreas que eu dei para fora para os animais, eu também já sabia que as pessoas não vinham para cá com o gado, aquilo é no fundo só dar a área para as pessoas poderem dizer que têm área para se candidatar, porque não... eu já sabia que as pessoas... porque senão as pessoas daqui, eu já sabia me apertavam o pescoço

AL: as pessoas que estão nessa vezeira têm também subsídios provavelmente...

TV1: sim, muitos fazem subsídios, outros não... outros não fazem, não porque é assim, também, eles não vivem destas coisas, são pessoas que são reformadas ou GNR's ou assim, pessoas que... quer dizer, já não são aquelas pessoas, os agricultores tradicionais que não tinham emprego e que o sustento deles era aquele, não é? Antigamente os agricultores tinham de ter esse sustento, tinham que arranjar maneira, porque o sustento deles era aquilo que produziam, mas agora não, agora os agricultores quer dizer, são agricultores, têm aquelas coisas mas têm todos um emprego. Por exemplo, a Câmara Municipal, esta Câmara Municipal tem na sua maioria, tem os trabalhadores, tem muitos nos quadros mas... portanto, trabalham dentro da Câmara mas a grande parte é tudo fora, cantoneiros ou jardineiros, aquelas coisas todas, e portanto todas essas pessoas são todos agricultores, mas quer dizer, preferiram abdicar... abdicar não, no fundo eles fazem na mesma o ? nos terrenos que têm, lá nas quintarolas que eles têm, recolhem na mesma o vinho, têm na mesma os porcos, têm o gado mas trabalham na Câmara. E assim para eles está sempre bem. Ou seja, eles vão fazer o trabalho deles, chega ao fim do mês têm o salário, têm os

descontos, quando chegarem à idade da reforma têm a reforma e vão fazendo ali as... durante o fim-de-semana e depois nos feriados da Câmara e depois quando vem o Verão a largar às 16h30 da tarde ainda têm tempo de trabalhar... trabalham na Câmara e ainda... ou seja, vão para a Câmara fazer o que têm de fazer não é, e depois às 16h30, ou às vezes até largam à 1 da tarde, para ir, e vão fazer esses trabalhos. Quer dizer, as pessoas vivem bem, porque têm um trabalho na Câmara e depois fazem os serviços na mesma na agricultura e prontos, e depois têm as duas, estão garantidos. Mas quando era mesmo só viver daquilo, era mais difícil e as pessoas aí tinham que se agarrar a tudo. Hoje mesmo os adubos, os estrumes e tal, em vez de andarem ao mato compram aqueles sacos azuis daquele estrume e nem é preciso cortá-lo com a enxada, antigamente eles tinham de roçar aquilo e faziam aquelas pilhas nas costas dos animais

AL: e já não vão buscar mato ao monte hoje em dia?

TV1: não... não, nem mesmo o deles, já ninguém vai ao mato, nem nas suas coutadas, tanto que o problema dos incêndios também tem muito a ver com isso

AL: as coutadas mantêm-se privadas portanto...

TV1: são privadas, mas mesmo eles nem ao mato deles vão, já ninguém vai ao mato para pôr nos animais

Vilarinho da Furna: TVf1

[conta a sua experiência na cabana, quando foi guardar o gado a primeira vez, com 5 anos. Conta um pouco de como era, que os pastores eram rendidos de manhã pelo próximo, que cozinhavam cá fora se não a cabana enchia-se de fumo; depois passa-se para a recuperação de uma das cabanas que se vê no livro. Diz que gastou 40 e tal mil euros, que o subsídio dava 30 e tal mil, só que depois o IVA tem de ser suportado por eles, nestas, nas não produtivas, o IVA é suportado pelo beneficiário... ou seja, a conta deles subir de 30 e tal mil euros para 40 e tal mil euros]

TVf1: [...] mais uma que não ganhámos nada, só nos fica caro

AL: pois, isso acaba por de alguma forma ser bom para o turismo

TVf1: só nos deu prejuízo, para nós não dá nada, e não há turismo nenhum, para nós não há turismo nenhum

AL: há um trilho não é?

TVf1: mas mesmo o trilho o que é que vai dar? Normalmente quem vai ao trilho é gente de pé rapado [RISOS] isso não é malta de *Rolls Royce* nem, é comer e andar, pegar numa sandes e levar as coisas às costas, qual turismo... em Vilarinho não fica lá nada... só nos estragam até

AL: ah, não estragam, estragam? Ah, pois, queimam portas... então e em termos de utilizadores dentro do monte são sobretudo as pessoas das outras aldeias

TVf1: depois há... podíamos tirar um dinheirito de umas árvores... mas aquilo que plantámos ainda não cresceu, outras arderam alguns [*? Não se entende*] mas às vezes há assim árvores mais antigas que temos que tirar, senão ficam no lugar e se pegam fogo

AL: e vocês conseguem controlar a utilização do baldio pelas outras aldeias?

TVf1: oh, eles têm mais que fazer

AL: não põem lá o gado?

TVf1: oh, algumas, mas se o deles vem para o nosso, o nosso também vai para o deles

AL: mas há vossos?

TVf1: nosso quer dizer, a gente a quem nós alugámos e pagam-nos para andar lá com o gado.

AL: Ah, ok, era aí que eu queria chegar, essas pessoas acabam por estar controladas porque é do interesse delas que a coisa esteja controlada

TVf1: sim, eles que andam lá que se arranjam com os vizinhos... nós dantes até fazíamos a... mas depois, aquilo é mais para turista, ou seja, é mais para a gente se encontrar e percorrer a nossa serra, e dar um sinal que muito pouca gente [*? Não se entende*]. Quando a gente sai de Vilarinho até que se forme a associação, aquilo estava abandonado... agora, eles sabem que aquilo está controladinho. E mais ainda, mesmo os das aldeias vizinhas, agora estão a sofrer as consequências, estou a lembrar-me de uma reunião que tivemos lá em cima em Arcos de Valdevez sobre essa história das áreas de pastagens, estava o Carlos Pinto, estava a Associação de Ponte da Barca, como é que se chama... a cooperativa de Ponte da Barca, dos baldios, e daquelas coisas todas, enfim... fazem parte do projecto

AL: sim, fazem parte da ELA, não é? Da Estrutura Local de Apoio

TVf1: e então estávamos assim, estavam os presidentes dos CD, um bocado até coincidia com o presidente da Junta, acho que até eram ali de Curtinhos [ou Portinhos?], freguesia de Brufe, que faz confluência também com Vilarinho, esses é que normalmente nos causavam mais problemas, andavam lá sempre com os gados... e então quando a gente sai de Vilarinho eles pensam que aquilo é tudo deles. Agora até nem há problemas porque as pessoas que andavam com os gados entretanto já morreram, já estão velhos, já não têm vida. Mas vi o presidente do CD dali a queixar-se da aldeia vizinha que andavam lá no terreno dele, que ele já tinha pouco... eu ri-me cá para dentro e disse para dentro “é para saberes como custa a vida aos outros”. Mas normalmente é pacífico. Mas isso controlam-se uns aos outros

AL: mas há muitas cabeças de gado a pastar neste momento no vosso baldio? No monte...

TVf1: teoricamente, teoricamente só lá devia haver duas pessoas, era o que devia haver, que aquilo o ano passado começou muito apertado. Então tem que se dar a marca do terreno, que tem de bater certo com o numero de cabeças de gado que as pessoas têm, e cada cabeça de gado ocupa tantos hectares, portanto não pode passar aquela área e

AL: mas isso é mais para os subsídios não é?

TVf1: em teoria, em teoria... e legalmente só duas pessoas é que lá podem andar. E só pode ter determinadas cabeças de gado. Nós alugámos 50, e ao outro acho que foi 10 [cabeças de gado]

AL: mas quanto é que tem de área elegível actualmente?

TVf1: área elegível temos a volta de... não chega a 100 hectares

AL: essa redução é incrível!

TVf1: sim, viram a fotografia do Google e viram “ah, isto está tudo ardido”, não tem lá pastagem nenhuma, pumba, fica sem nada, pois é... por isso é que nos reduziram para 40 e tal mil euros para 7 mil

AL: então e das ITI nunca conseguiram fazer sobrar dinheiro para poderem investir noutras coisas

TVf1: não

AL: porque aquilo é a fundo perdido, as comunidades ficam

TVf1: sim, mas não... nunca sabemos se no ano seguinte espetam uma área para limpeza maior. [...] ainda me passou pela cabeça distribuir aqui pelos associados, associados não, proprietários. Porque nós para além da associação temos também temos a reunião, quando é necessário, dos proprietários, os descendentes das pessoas que foram fazer a escritura

AL: no fundo são só que fizeram a procuração

TVf1: a procuração... mas por acaso, a mesa da assembleia dos proprietários é a mesma da Furna, está nos estatutos, o presidente do CD dos proprietários é o mesmo do presidente da Furna, quer dizer, os órgãos dos conselhos, ou seja, o órgãos de uns são os órgãos dos outros, para não haver cá confusões, e por sua vez os proprietários passaram procuração à Furna. Mas às vezes há necessidade de juntarmos os proprietários

AL: pois, tipo uma assembleia

TVf1: é mesmo uma assembleia de proprietários, aí não são sócios... só pode votar quem... ah, e quem nos der procuração, já aconteceu, vinham lá com tretas e não nos tinha passado a procuração, até nos tinha tirado a procuração. “faça favor de provar que é proprietário”, eu é que sei quem é proprietário e quem não é [RISOS] ora bem, isto só para dizer que estava a pensar fazer uma distribuiçãozinha, foi logo no primeiro ano, gastámos pouco dinheiro, foi os fogos controlados, não sei se gastámos para aí uns 10 mil euros, deve somar para aí uns 30 000 euros, ... só que no ano seguinte espetaram-nos com um projecto para limpeza de 60 mil. Ainda bem que não tínhamos distribuído, porque senão estávamos tramados

AL: ah, pois... mas vocês recebem também depois das quotas dos sócios não é?

TVf1: isso, não, isso é uma ninharia, isso é uma coisa simbólica, 6 euros por ano e a maior parte não paga, isso não dava para me pagar uma deslocação daqui ao norte. Normalmente também era eu que as pagava, do meu bolso

AL: então é basicamente só subsídios da união europeia que entram aí não é?

TVf1: basicamente. Depois temos madeira

AL: as madeiras exacto

TVf1: mas que às vezes até ardem. Temos feito plantações, só que as plantações depois pegam fogo... normalmente de quatro em quatro anos há lá fogo, de quatro em quatro... se não há limpezas há fogo

AL: e com quatro anos os pinheiros já dão algum dinheiro?

TVf1: oh, não dão nada

AL: e as plantações fazem-se com que subsídio? Ou não é com nenhum subsídio, fazem à vossa custa

TVf1: não, aqueles 60 mil euros nem foi para plantação, nem foi para limpeza. Para plantação tivemos depois outro, foi mais carvalhos que plantámos

AL: ah, carvalhos, aí não podem vender

TVf1: não. Isso é por gerações, só daqui a 100 anos é que

AL: ah sim, e supostamente não podem cortar, pelo menos dentro do parque

TVf1: e não nos interessa tirar lucro daquilo nem fazer rendimento daquilo, interessa sim conservar aquilo e manter aquilo minimamente apresentável

AL: sim, só digo porque para manter também é preciso dinheiro, por isso é que perguntei

TVf1: sim, precisamos de dinheiro

AL: enquanto houver subsídios a coisa ainda vai andando

TVf1: nós estamos habituados a viver sem subsídios, não havia subsídios nem para agricultura nem para nada e a gente sobreviveu durante séculos

AL: claro. Mas agora é diferente não é

TVf1: agora vive-se do subsídio. Agora vá lá, vá lá, que agora os subsídios que dão já obrigam a apanhar os girassóis, porque aqui... o subsídio era assim, era para plantar girassóis, mas era só para plantar, semeavam mas depois não tiravam porque dava trabalho. Ali no Alentejo, os girassóis ali tudo seco, ninguém apanha aquilo, porque o subsídio não era para apanhar

AL: pois, é como a produção animal também, não é. Dizem isso em relação aos garranos, dizem isso em relação a outros animais que são criados no Gerês. Eu não sei se é verdade

ou não, mas estas historias já as ouvi muito, recebem dinheiro para iniciar a produção e depois largam o

TVf1: não, o ano passado aquilo começou-se a fazer no papel muito seriamente. Eu sei disto porque eu tenho de ter uma guia porque, bom, primeiro tenho que estar registado, tenho de ter a marca, depois aquilo não coincidia a marca com o projecto, disseram-nos logo que aquilo não era candidatável, aquilo não coincidia, afinal aquilo tinha de ser daquela forma porque o sistema aqui em Lisboa não aceitava, uma treta qualquer, tinha de ser tudo direitinho. E só duas pessoas, duas mulheres, nem são os maridos delas, os animais estão no nome das mulheres, por acaso são cunhadas é que podem lá ter os seus gados, mas têm de ter uma guia para os levar, mas tem de ser agora em Abril, não podem levá-los em janeiro ou em março, é em abril e têm de sair de lá acho que é em princípios de outubro, e isso está sujeito ao controlo, se lá vai a tutela

AL: pois, e também ouvi um produtor de cachena, de vaca cachena, que agora já não é assim, ou seja, antes não se dava tanta atenção à parte da fiscalização à continuidade do projecto, ou seja à produtividade, mas agora já se dá... apos x meses tem de haver crias

TVf1: exactamente. E depois tem de ter um curral adaptado lá para o bem-estar animal, para estar aqueles meses de novembro até abril, não até fim de março

AL: sim, e tem de haver provas de que está a haver produção

TVf1: tem de haver. E controlar as cabeças de gado que tem. E depois... por exemplo, ali são só duas mulheres, e agora o marido de uma delas também tinha alguns animais, mas que não têm direito a andar lá na serra de Vilarinho, apesar de ele ser natural de Vilarinho, mas uma coisa é ter direito a andar lá com os gados para comer, e outra coisa é ter lá os animais para ir buscar subsídio, tem de pagar à Furna... se recebe subsídio... aquilo que ele [*Não se entende*] não é estabelecido por nós. Então ele telefonou-me aqui há dias a perguntar se eu lhe podia dar lá meio hectare, porque a nós sobraram-nos 5 ou 6 hectares, porque ele tem terreno suficiente lá nos campos e na aldeia, só que tem para lá uma vaca a mais ou não sei quê, e se vai lá a fiscalização ainda está sujeito a apanhar uma multa. E eu digo assim, “olha, eu agora já não sei ao certo quantos hectares é que tenho ainda lá, acho que são meia dúzia deles, mas um hectare pelo menos eu dou “também só preciso de meio hectare, e esse hectare não vai ficar em meu nome, fica em nome da minha mulher”, tudo bem, mas tem de [*Não se entende*], há período para submeter o projecto, há período para fazer a inscrição, por isso é que eu tenho de telefonar hoje ao engenheiro Carlos Pinto para saber como é que isso é, como é que eu tenho de fazer. E vai obrigar-me a ir lá acima várias vezes, depois é para assinar uma coisa, depois é para assinar outra e mais não sei o quê, das marcas e não sei o quê. Só isso, das reuniões já me gastava muito tempo. De maneira que eu disse “ah, mas tu para isso tens de pagar”, “ah, mas eu sou de Vilarinho” “pois, és de Vilarinho sim senhor, se não concorreres a subsídio tudo bem, estavas lá com o gado que quisesses em Vilarinho, mas concorrendo a subsídio tu vais buscar dinheiro, vais buscar 7500 euros, o ano passado tinhas-me dito que eventualmente davas 500 euros “ “não, mas ...” “não, não, foi quanto tu me disseste, vais dar 500 euros e eu dou-te meio hectare, dou-te um hectare, não tenho problema nenhum”. “ah, está bem”. E aquilo é por ano, foi feito foi por um ano, mas agora todos os anos tem de ser renovado, durante 5 anos. Mas não posso

dar a outros. Mesmo de Vilarinho, que até aqui andavam lá com os gados deles, mas que para subsídio já não tenho espaço. Chatearam-se todos comigo mas paciência, já não tenho espaço. Que eu depois é que sou o gestor, depois caem em cima de mim não é. é que mesmo que eu desse eles não aceitavam, não lhes aceitavam as candidaturas, aquilo está controladinho ao máximo

AL: tiveram aí um corte enorme... isso não volta atrás?

TVf1: não faço ideia

AL: porque depois eles voltaram atrás, de certa forma, e alteraram a área necessária por cada CN, voltando no fundo à situação quase inicial, não foi?

TVf1: não, não, não mudaram nada. Para já nós próprios aqui do parque também contestámos isso e as populações também se manifestaram. Também assinei lá um abaixo-assinado e essa coisa toda, e ali do Campo, o homem lá do parque do... o Zé Carlos, do parque de campismo, não sei se conhece

AL: ah, do campo do Gerês?

TVf1: sim. Ele é que encabeçou essa luta, eu subscrevi. Telefonei ao Carlos Pinto para saber mais ou menos “ah, acho que sim, nós também contestámos. 2015... não houve alterações. Não sei se em 2016 irá haver alterações

AL: porque eu tinha a ideia que entretanto alteraram, não o corte em si, o corte manteve-se, mas que tinham alterado a área necessária para se ter uma cabeça normal, que teria passado para um hectare, e que por isso

TVf1: não faço ideia. Tenho de telefonar agora, inclusive para saber quais são as démarches que terei de efectuar, e quais é que são as démarches que o interessado terá de efectuar, isso será lá por conta dele, para meter aqui mais um, tenho dois... mais outra pessoa com tantas cabeças de gado, ele é que me vai dizer, porque senão nem o sistema aceita. Ah, houve ali uma jogada de alguns, um que, quer dizer, um eu conheço, ate são dois, que julgo que até é de Vilarinho e que lá dentro... ficaram chateados, porque eu na altura não sabia quais é que eram as regras do jogo, mas isso foi o ano passado, porque até aqui era diferente. Até aí não havia nada, eu só tinha de dizer quantas cabeças de gado é que lá andavam, 20, 30, 40 50, e tinha de dar o nome deles só, aí sim, nós por cada cabeça de gado que metia para lá acho que paga-se não sei se são 20 euros, isso é o que paga lá o guardião, mas ele é lá de outras terras, isso que não seja para subsídio, não entra nesta contagem dos subsídios, anda para aí à volta dos 600 euros por ano, e depois alguns não pagam e tal. Lá o guardião lá manda avisar ao padre, começa-se uma guerra com aqueles que não pagam, mais ou menos, que aquilo é mais simbólico que outra coisa. Mas sei lá, se tem um rebanho de cabras, não pagava nada porque era natural de Vilarinho, quem for natural de Vilarinho da Furna pode lá ter as cabeças de gado que quiser, entendem-se lá uns com os outros, nós aí não interferimos e não paga nada, agora de for de fora ou se for para subsídio, aí é outra coisa, têm de se adequar às leis nacionais como é evidente. E então esse, que mora ali em Paredes, na freguesia de Carvalheira, tinha lá um rebanho de cabras, e depois tinha também vacas e não sei quê, só que agora para concorrer ao subsídio precisava também de hectares. Só que naquela altura como nos reduziram a área,

uma coisa é gerir, sei lá, tirando os pedregulhos, uns 1500 hectares, outra coisa é gerir 100, é muito diferente não é? E eu disse-lhe “eu nem sei quanta área tenho, e para já, para já, não posso dar a ninguém. Ficaram chateados comigo, eu também fui um bocado bruto, eu disse “não há nada para ninguém enquanto eu não souber as regras do jogo, como é evidente. Se é de Vilarinho pode ir para lá com os teus animais”, se é para subsídio [toca o telefone, é a esposa de TVF1]. Então fui lá acima a Braga [...] e disseram-me que, não, não, se você não tiver ninguém vocês não recebem nada, vocês têm de ter pelo menos duas pessoas. Ou seja, eu tinha o terreno, mas se não desse autorização a ninguém a entrar, dentro deste regime de subsídio, eu também não recebia

AL: ah, nas ITI

TVf1: nas ITI

AL: ok, ok

TVf1: então toca a telefonar à pressa a esse que eu tinha recusado, eu nem tinha o telefone dele, por acaso o Carlos Pinto tinha porque ele tinha sido antigo presidente da Junta, era o António, chama-se António e então... quase lhe pedi por favor para ele aceitar. Ele disse que sim, tudo bem, então pronto, já está. lá me deu o número de identificação lá da mulher, e quantas cabeças de gado é que ela tem e aquela coisa toda... e depois precisava de outro e telefonei para o nosso empreiteiro, que andava lá a fazer as cabanas, por acaso deu sorte de lhe apanhar a jeito “ah, sim, sim, eu também quero”, e lá me deu o nome da mulher, é que tinha de ser naquele dia, que era o ultimo dia, ia-nos ficar cara a brincadeira. É que ninguém sabia como é que era, o Carlos Pinto também não sabia lá muito bem

AL: isso foi a primeira vez que lidou com as ITI então

TVf1: foi, foi, nesse regime foi a primeira vez

AL: isso foi em que altura?

TVf1: foi o ano passado

AL: ah, foi a primeira vez que teve acesso às ITI? É que há outros baldios que já têm há mais tempo

TVf1: não, neste novo regime, antes era aquele regime mais antigo

AL: as ITI existem desde 2006 ou 2007

TVf1: sim, mas esse é o regime em que não era preciso aquilo tudo e tinha 2000 hectares para dar

AL: ah, sim, não tinha havido os cortes

TVf1: sim, os cortes, era outro regime. O problema é que mudaram as regras do jogo e eu também não sabia, soube naquele dia à última da hora

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: ok. E conseguiram candidatar-se este ano às antigas ITI

MeC1: não. Às ITI candidatámo-nos três, mas em princípio só este que nós, o que eu tomei posse é que tem condições de elegibilidade, vamos lá ver os outros... o que é que diz o IFAP. Mas vai haver aí muitas mais candidaturas aí no novo quadro comunitário

AL: sim, mas eu não percebi, o que é que não tem elegibilidade?

MeC1: se calhar os outros não têm, porque tem a ver com encabeçamento, com o número de cabeças de gado, as ITI, tem a ver com isso

AL: ah... mas não tem a ver com áreas para limpar? Não sabia que também metia cabeças de gado aí no meio

MeC1: sim, mete o encabeçamento também

AL: agora houve recentemente um corte nas áreas elegíveis não foi?

MeC1: foi

AL: mas isso é para os produtores

MeC1: sim

AL: o corte aqui foi grande? Aqui em Castro?

MeC1: ainda foi bastante mas nós temos uma área de seis mil e tal hectares então...

AL: pois... e não há muitos produtores ou há?

MeC1: há... há bastantes

AL: mais ou menos o quê? Uma parte considerável da população

MeC1: mas o número de cabeças ou o número de produtores?

AL: de produtores... as duas coisas já agora

MeC1: não tenho aqui agora, mas da freguesia toda? Talvez 100, não sei... sei lá, não são... têm meia dúzia de ovelhas não é?

AL: pois

MeC1: e depois temos para aí uns 8 ou 9, que esses não, têm 30 a 40 cabeças de vacas, só vacas. Há produtores que têm para aí 70

AL: pois... muito bem... e assim a nível de... produção, por exemplo, o baldio para produção animal, para a pecuária, para agricultura, agricultura bom, só se for através dos matos não é, mas bom, ainda tem um papel importante o baldio aqui?

MeC1: na pecuária é fundamental, se não houvesse o baldio não existia pecuária, porque nós estamos a falar de minifúndio, mesmo minifúndio nesta zona, terrenos com se calhar 1000 metros e pouco mais e o que vale é o baldio mesmo, sem baldio não existia pecuária

AL: muita gente diz que sem subsídios também não existia pecuária... acha que é verdade? Eu não sei

MeC1: mas isso é... se calhar é verdade, mas não podemos ver só Portugal... temos de ver a UE toda

X: [o terceiro rapaz que está presente na sala diz qualquer coisa]

AL: é produtor?

X: não, só que estou a par aí de algumas situações

AL: mas pode falar também (RISOS)

X: não

MeC1: porque os subsídios é para todos os produtores da EU, não é? Caso não houver subsídios para nenhum país se calhar o preço ia subir e tornava-se tudo rentável, por isso não podemos estar a pensar "sem subsídios"... porque não somos só nós não é? Se não houvesse se calhar o preço por kg subia e tornava-se... não é?

AL: sim, mas depois há aquelas línguas que dizem "ah, eles querem é o subsídio e depois deixam as vacas magras pelo planalto ou pela

MeC1: isso o subsídio é para preservar as espécies animais autóctones

X: eles já nem dão subsídios

MeC1: pois

X: há alguns que sim

MeC1: se é para preservar aquilo é um negócio bastante rentável pelos vistos. Tem gente que recebe muito dinheiro por ano

AL: pois, e depois há pessoas que dizem que o número é ditado precisamente pelo valor do subsídio

X: não, mas não é isso que está em causa, porque há subsídios para manter as raças autóctones, e isso não é focado para a produção, claro está, mas há outros que

AL: sim, já me disseram que agora foi implementada outra questão que foi também para garantir que há produção de facto, porque o que se diz que como o subsídio não é à produção mas sim aos números de cabeça as pessoas adquirem uma data de cabeças para terem o subsídio mas depois não lhes dão continuidade à produção, mas já me disseram também que tem que haver x cabritos... aí, os animais têm de ter x cabritos por ano e não sei quê, que é para garantir que há ali uma continuidade. Mas até hoje pelos vistos o que se tem visto, ou o que eu tenho ouvido, é que as pessoas adquirem os animais mas depois a

partir do momento em que têm o subsídio deixam... os cavalos, por exemplo, andam sempre por aí, assim, aqui não, mas mais lá para a zona de Terras do Bouro, andam para lá e nenhum tem dono, mas se vem a fiscalização cada um passa a ter 20 donos

MeC1: nalguns... eu sei de casos noutros baldios, mas no nosso felizmente... há com pessoas de fora... com pessoas de fora há, e com os espanhóis, mas de resto não... as pessoas que se dedicam mesmo a sério àquilo, dedicam-se mesmo a sério

AL: às suas produções

MeC1: sim, e aos animais de uma forma geral, estão bem tratados. Temos problemas é com os de fora, de freguesias vizinhas e de Espanha

AL: deixam lá os animais assim ou

MeC1: eles andam no monte, não são pastoreados e acabam por ir para lá... para Castro

AL: e não há assim conflitos directos entre... vocês também têm montes de espaço não é?

MeC1: há... não, o conflito é mais com os particulares, porque eles vão e dão cabo das propriedades, das paredes e dos cultivos das pessoas, é mais com particulares, porque a anterior direcção também nunca assumiu isso, nós agora temos a alínea para regular isso, só que a anterior direcção nunca se preocupou muito com isso

AL: e como é que vão regular?

MeC1: vamos ver, ainda estamos a... há varias possibilidades e ainda estamos a ver qual será o melhor. Até porque também isto tem de ser com outras entidades, não pode ser nós não é

AL: pois, exacto, era o que eu estava a pensar, aquilo é gigante, não vão andar lá a ver todas as fronteiras

MeC1: não, temos de colaborar com outras entidades

AL: e que receitas é que o baldio dá neste momento? Neste momento não está a dar grandes receitas não é? Para a Junta

MeC1: dava, com as ITI estava a dar

AL: ah, conseguiam fazer sobrar e

MeC1: faziam... sobrou... Nós lá em Castro deram a uma associação 220 000 Euros, que é muito dinheiro

AL: deram assim?

MeC1: sim

AL: a uma associação? Qual associação?

MeC1: Castro Solidário

AL: ah, não conheço

MeC1: um centro de dia

AL: ah, construíram qualquer coisa não foi?

MeC1: construíram o centro de dia, mas para dar 220 000 euros...

AL: foi sobrando bastante ao longo dos anos. Acho que aquilo são 20 e tal mil euros por ano, que dão... não é?

MeC1: quase 100 000 que davam

AL: ah, porque é gigante o baldio, pois

MeC1: nós estivemos a ver, não tenho bem a certeza mas deve ser perto de um milhão de euros que se recebeu desde 2009 ou 2010

AL: pois porque isso depende da área não é? O que recebem da ITI depende da área que tem de limpar não é?

MeC1: sim

AL: e vocês têm uma área muito grande

MeC1: por isso dinheiro dava aquilo

AL: e vocês concordavam com a forma como eram usadas essas sobras de dinheiro, entre aspas?

MeC1: aquilo as actas não reflectiam o que acontecia nas reuniões, só para ver, já estávamos em tribunal por causa desta brincadeira e já não me recordo, houve lá uma decisão qualquer, e houve votação de braço no ar e eu discordei, levantei-me e disse “desculpe lá mas eu... não foi essa noção com que eu fiquei...” isto disse ao presidente da mesa “fazer nova votação para contarmos isto tudo melhor”. Negou-se.

AL: ah

MeC1: foi com este tipo de... depois imagine, 30 a favor 12 contra, até podia ter posto 100 para 4, negou-se a fazer uma recontagem, isto parece-me um bocado... de braço no ar

AL: pois, exacto

MeC1: por isso é que avançámos com uma lista porque vimos que a única forma de mudar era ganharmos as eleições, porque por outro lado não valia a pena, de outra forma era...

AL: eles não estavam abertos

MeC1: há deliberações... em dezembro houve uma deliberação da assembleia a proibir mais transferências para o centro de dia, em março transferiram mais 70 000 euros. Quando chegamos a este ponto não há

AL: mas foram os compartes que decidiram que não iria haver mais transferências para o centro de dia

MeC1: e essa não conseguiram aldrabar a acta, está lá... estavam pouquinhos, só estavam para aí 20 pessoas (RISOS). E fizeram questão de ficar aquilo escrito, as pessoas quiseram ver a acta e ficou escrito. Não há mais transferências. E mesmo assim transferiram. Por isso

AL: mas vocês não concordavam então com essa questão do centro de dia?

MeC1: concordávamos mas uma coisa que fosse razoável, não orçamentar a obra a 300 e tal mil euros e já ia em 500 000, mais do que 500 mil.

AL: aaah, por culpa dos empreiteiros ou...

MeC1: isso o que se passa lá dentro... agora, dar um apoio, isso é uma coisa, agora não asfixiar os baldios por outra associação, isto é que não tem pés nem cabeça não é. Com esse dinheiro podia-se ter feito muita coisa e não se fez nada

X: já falaram sobre as brandas e sobre as inverneiras?

MeC1: ah, mas isso não tem nada a ver

X: acho que tem todo o interesse, penso eu. Que já não existe

AL: já não há essas mudanças de

X: já não. Mas existiu e os baldios têm precisamente a ver com isso

MeC1: mas nesta zona a noção que eu tenho... nós em Castro eu conheço a realidade, e o baldio é fundamental para a actividade das pessoas principalmente ao nível da pecuária. Se não houvesse o baldio não haveria pecuária. Era de todo impossível existir pecuária.

AL: sim, e isso é uma das coisas que se se vai a ler o que é escrito sobre os baldios actualmente, mesmo por pessoas que sabem do que estão a falar, ao generalizarem cortam uma parte da realidade dos baldios que é esta. Porque o que se diz muito é que a pecuária já não tem importância, que a tendência de hoje nos baldios é de ceder a exploração a empresas e a outros interessados externos e não sei que, e o que eu verifico aqui não tem nada a ver.

MeC1: esta nova lei vem um bocado contra isso, porque abriu muito mais a alienação, mas não tem nada a ver com o que se passa aqui, embora já tenhamos sido abordados várias vezes

[o terceiro elemento intervém e faz divergir o assunto para fora do âmbito. MeC1 pouco depois retorna ao assunto]

MeC1: do que estávamos a falar, eu não tenho... a nossa realidade aqui (...) várias pessoas queriam-nos arrendar

AL: várias pessoas queriam arrendar... mas tipo o quê? Tipo empresas ou pessoas particulares?

MeC1: as pessoas também que tinham animais. Para já estamos numa fase em que muitas pessoas estão a atravessar, faz falta para nós, para os compartes mesmo

X: e nas outras terras têm arrendado aos particulares, a essas empresas?

MeC1: há alguns sítios que arrendam

AL: no Gerês, isto é no PNPG, ate agora não vejo arrendamentos acontecerem, mas não, aliás, o que eu noto é que às vezes o gado das aldeias vizinhas até vai lá mas ninguém... quer dizer, pode haver até conflito de palavras, há outros sítios em que não, que aceitam, como têm muito espaço e não há gado suficiente na aldeia, aceitam que os outros entrem. Arrendamento a pastores não tenho visto, tenho visto é para os subsídios, um baldio que tenha área suficiente põe os da aldeia vizinha ou os do baldio vizinho só para os subsídios, não quer dizer que depois o gado venha para lá. Isso também vi, agora arrendamento propriamente a interesses externos que não sejam do baldio, não...

MeC1: aqui na nossa zona... não porque também as pessoas não concordam com isso

AL: pois não... eu ate agora não vejo isso

X: aqui há muito aquele sentido de propriedade, o nosso minifúndio, a parcelinha

MeC1: não mas ia haver sempre conflitos

AL: pois, pois... mas pronto, é um bocado isso, é que de facto o que se lê generalizadamente na lei... na lei, na literatura sobre baldios é que... é essa questão: cessão de exploração, pastorícia já quase igual a zero, agricultura também, e generalizando isto desta forma de facto acaba por se excluir pelo menos a realidade aqui do parque

MeC1: mas isso acontece e tem uma razão de ser, porque por trás disso há empresas que têm interesses, ... o caso das eólicas

AL: sim

MeC1: por isso interessa a muita gente que [*? Não se entende*] grandes interesses económicos...

AL: sim, sim, sim. Não, e é incrível, estive numa aldeia, num baldio que tem eólicas e o dinheiro que entra é incrível. E depois, por exemplo, notei nessa aldeia que... por exemplo a Junta ou a Câmara quando... se vai dar apoio a alguma aldeia não vai dar àquela “não vocês são ricos, vocês têm eólicas, não...” e realmente é bem diferente, não é, a realidade. Aqui em Lamas de Mouro não cheguei a perceber, porque eles nem chegaram a falar-me das eólicas, depois é que eu percebi que havia eólicas

MeC1: porque em Lamas metade é Parque e metade é fora e na parte que está fora do parque tem lá umas três eólicas, acho eu

AL: sim, mas já é mais do que outros não é

MeC1: ah, eles recebem bastante, não sei qual é o valor mas é bastante

AL: também não sei

MeC1: mas por isso que estavas a dizer, de a Câmara não o fazer, lá está porque há esta confusão... porque os baldios não têm nada a ver com a Câmara nem com a Junta, a Câmara tem obrigação de fazer nessas freguesias como faz noutras

AL: sim, sim, sim, mas não fazia naquelas por...

MeC1: mas não tem lógica, porque

AL: sim, na verdade nem me recordo bem se falou da Câmara ou da Junta. De qualquer forma creio que ele o tenha referido não por estar muito ofendido com a situação, mas apenas como um facto: se tiver de haver escolha sobre que aldeia apoiar, não vai ser naquela que tem eólicas, mas eu nem acho isso assim tão estranho

MeC1: mas isso é confundir, o baldio não tem nada a ver... o baldio é dos compartes, ponto. Não é da Junta nem é da Câmara

X: mas a discussão chegou a surgir aqui nas assembleias municipais de discutirem “ah, porque vocês... haviam de dar algum dinheiro das eólicas para freguesias aqui de baixo”. E eles disseram “ah, vocês têm o Alvarinho, nós temos as eólicas

(RISOS)

X: eu nem me estava a lembrar que vocês lá em cima em Castro Laboreiro tendes os baldios, também é uma fonte de rendimento os baldios não é?

MeC1: mas isso é misturar tudo, temos um limite das freguesias, nós

X: porque eles recebem pelos baldios, não sei se ele já lhe disse

MeC1: mas as ITI é diferente, mas...quem tem [*? Não se entende*] do limite, os compartes até podiam entender olha, o que vem da eólica não vão repartir connosco, eles no limite podiam fazer isso

AL: sim... acho que na outra lei não podiam, não sei como é que é agora mas... eu ainda não vi essa alínea exactamente, mas houve um professor que me disse

MeC1: não, porque isto é uma renda do ... de ter lá aquele espaço, não é o das ITI, não, isso está fora de questão, mas no caso deles, eles no limite

AL: mas acho que não pode ser dinheiro privado. Eu nunca li isso na lei directamente mas já me disseram que está lá, tenho de procurar melhor, na de 93, não digo esta, nesta aqui acho que esse aspecto estará mantido

MeC1: acho que agora esta clarifica. Mas isto para dizer que [*? Não se entende*] porque o baldio não tem nada a ver com a Junta ou com a Câmara

AL: sim, entendo o que está a querer dizer. E concordo...

MeC1: criou-se essa confusão... e essa confusão também não foi criada de forma inocente, porque a nível político depois é muito mais fácil de controlar depois as assembleias de compartes, tendo a Junta lá a pata. [*Não se entende*] o outro presidente da Junta fazia parte da outra lista

AL: o presidente da... ah, fazia parte da lista... não era da que estava...

MeC1: era da que estava, da lista que nós derrotámos, o presidente da Junta também lá estava

AL: sim, sim. Isso acontece em muitos sítios, inclusive o presidente do CD ser o presidente da Junta. Mas em muitos deles, por acaso do que eu tenho visto, principalmente os mais novos, vejo uma vontade real de separar as coisas, e muitos dizem “eu fui para lá para separar as coisas porque já estava instalada uma grande confusão”

MeC1: sim, nós também foi... nós fomos para lá para conseguir, porque na assembleia também não conseguíamos, então e não conseguimos de uma maneira vamos tentar de outra

X: já os baldios aqui de baixo ninguém quer saber disso, são as Juntas, porque não dá nada, ninguém quer saber, e nem as Juntas querem saber

MeC1: mas também há outros financiamentos, tens no quadro comunitário e já via net, há muitos financiamentos aí, as pessoas também não se importam, porque acções de florestação e desse género havia e vai continuar a haver

X: há um gabinete florestal na Câmara, devia ser a Câmara como reguladora...

MeC1: o baldio é dos compartes, não é da Câmara

X: mas há que falar com essa gente, porque quer queiras quer não, os baldios podem ser dos compartes mas fazem parte do território do concelho

AL: não, pode haver é protocolos lá está, como

MeC1: mas nós lá fazemos candidaturas ao que nos apetecer e não temos de pedir parecer nem à Câmara nem à Junta, temos de pedir ao Parque por causa

X: é aquilo que eu estava a falar, porque estais organizados, eles aqui não estão, nem querem saber

AL: pois, nas Juntas nota-se um pouco isso

X: e eu se calhar também sou culpado porque na minha freguesia temos lá um baldio e eu nem sei onde é que é... eu olho lá para cima para o monte, vejo muitos pinheiros mas

MeC1: o papel do baldio pela Junta, era o que eu estava a dizer, é só arborizado para virem verbas e para irem lá os pastores pedir lá as declarações, aí sim, dava-lhe o estatuto não é... mas não olhava para aquilo com olhos de ver

AL: pois, nem era explorada a floresta nem nada do género não é?

MeC1: era explorada para cortar (RISOS)

X: mas atenção que quando eu pertenci à Junta de Freguesia de Alvaredo, as pessoas iam lá para nós passarmos um papel da Junta por causa de irem receber os subsídios de... de quem tem rebanhos, de cabras e ovelhas e...

MeC1: isso era o que eu estava a dizer

X: porque era a Junta que era o encarregado do baldio, aqui debaixo é a Junta, porque ninguém quer saber

AL: os pastores querem, não é, tipo, para terem a área

X: oh, é só para receber o subsídio, porque... meia dúzia de ovelhas e cabras e mais nada

MeC1: não, aqui em baixo... pastoreio é mesmo na zona de montanha

X: olha, eu agora é que recebi uns subsídios, e também acho que era de gado... ovino

AL: pois, é capaz

MeC1: não, mas lá em cima não, lá em cima tem mesmo... e na zona do parque toda, tem lá mesmo muitos animais, não é brincadeira. Eu se aqui há 10 anos me dissessem que isto ia estar assim, ninguém acreditava, porque com esta crise isto deu uma volta. Nós temos lá pessoal que perdeu o emprego no estrangeiro e veio para cá, está-se a dedicar a sério, e isto tudo para dizer... aqui há meia dúzia de anos atrás era impensável, este regresso, e agora está a haver um regresso à terra. E nota-se mesmo.... E o número de animais é único, que se fez aos anos, não havia tantos animais. Agora há menos é... há muitos animais mas poucos pastores. Agora se calhar uma pessoa tem tantos animais como tinha o lugar todo quase... ter 70 vacas, antes se calhar cada casa tinha para aí 5 vacas

AL: e isso é fruto dos subsídios provavelmente não?

MeC1: não... não, tem que ter, senão não é viável viver disso, só é viável, é o que eles dizem... até aliás, acho que os projectos só são aprovados a partir daí, nos concursos para jovem agricultor acho que é 35 cabeças, em termos de bovinos, só a partir daí senão acho que nem financiam porque não é rentável

AL: eu ouvi dizer que é preciso ter x maquinaria para iniciar certas explorações

MeC1: não... vamos lá a ver

AL: isto era numa conversa em que essa pessoa defendia que é muito bonito pensar em produção e não sei quê, mas quando se está numa área de parque que não se pode pensar que se vai criar aqui agora grandes explorações com animais e tal, com maquinaria e com toda uma... pronto, para se tornar rentável, isso não faz sentido num Parque Nacional

MeC1: não, e não faz. E maquinaria, isto é assim... obrigatório no fundo é porque tem de ter as alfaías todas para cortar o feno e enfardar porque senão não tem feno para o inverno, quando há muita neve... basicamente é isso. E depois agora também há pessoal que, nunca se plantara em Castro trigo por exemplo e há pessoal que está a semear trigo, pastores...

depois enfardam a palha e o grão para depois dar aos animais também. Por isso, quem diz que não é rentável não vejo

AL: não, o que ele defendia era que, de facto sim, é bom o fomento à manutenção dessas actividades mas no sentido de conservação dos recursos mais do que no sentido de produção a longo prazo em que a pessoa se torna um verdadeiro produtor, com produção rentável para além dos subsídios, que isso não é possível no... no ponto de vista dele a produção pecuária é útil no sentido inclusivamente da prevenção de incêndios, da manutenção de

MeC1: isso é o teórico, porque... não está na realidade quem disse isso, isso é um teórico de gabinete, esse discurso

AL: ele não é bem de gabinete mas não está ligado à pecuária, isso é um facto, está ligado ao turismo, mas é uma pessoa do local, daquele baldio mas não está ligado à produção propriamente

MeC1: porque é o que eu digo, nós lá em Castro... todos nós tivemos animais e sabemos quais são as necessidades dos animais, maquinaria, há que ter

X: mas também é uma maquinaria básica não é

MeC1: mas ao todo gastas porque tens de ter um tractor forte, tens de ter uma enfardadeira, dinheiro para cortar, tens de ter um arado, estamos a falar de uma maquinaria normal para qualquer agricultor

X: por vezes é mesmo o sítio onde está o estábulo, onde estão os animais, que se calhar dois ou três silos de ração, ou assim qualquer coisa, isso é que será uma maquinaria que tem algum impacto

MeC1: não há rações, nós é feno basicamente

X: pois, exactamente, mas se calhar as pessoas podem-se referir a isso, porque isso é no fundo já uma exploração média não é

MeC1: mas isso não se utiliza, esses silos é de regime intensivo

X: pois, e é isso, não é nesta zona de facto

MeC1: não, nós é extensivo

AL: mas pode ser rentável em modo extensivo?

MeC1: é rentável... é o que eu estou a dizer, se calhar sem o subsídio neste momento não, mas nós estamos a competir com a Europa toda, e eles também são subsidiados. Foi o que eu disse, se deixasse de haver subsídios provavelmente o valor da carne subia. Não podemos ver isto

AL: pois. Se deixasse de haver subsídio deixava de haver na EU toda por isso ficava tudo ao mesmo nível

MeC1: e se calhar o valor da carne ia subir... todos os pastores recebem não somos só nós não é. Quem está num regime extensi... num regime intensivo não sei se recebem nem se não, mas o regime intensivo é completamente diferente

Castro Laboreiro: MeC2

AL: ah... também concorre àqueles subsídios para produtor agrícola... produtor de animais

MeC2: sim, sim, senão não tinha viabilidade nenhuma

AL: era? Isso é uma coisa que eu às vezes me pergunto...

MeC2: a minha carne, a carne que eu vendo, eu vendo carne DOP não é, e está mais barata do que estava há 20 anos, há 20 anos vendia-se o kg de carne DOP, vitela barrosã DOP a 1050 escudos, dá 5 Euros e 25 não é? E neste momento estamos a vende-la a 5 Euros, e o gasóleo se calhar quadruplicou (...) portanto se não houver subsídios

AL: mas porque é que a carne baixa tanto o preço? Porque há entrada no mercado global e não sei quê?

MeC2: [VENTO] de facto os agricultores recebem os subsídios, mas quem tira partido desses subsídios é o consumidor, está a entender?

AL: sim, não é preciso porém o preço tão alto

MeC2: porque se o agricultor, imagine [VENTO] ou teríamos que vender a carne 5 vezes mais cara, e então nesse caso só uma elite é que eventualmente podia comer um bife, e então o consumo diminuía e se o consumo diminuía a produção teria naturalmente que diminuir, e depois vinham os problemas... o abandono das terras seria maior não é, vinham os problemas ecológicos e os problemas ambientais aqui da zona não é. Se hoje está tudo já praticamente semiabandonado, se isso acontecesse provavelmente estaria pior, não lhe parece?

AL: sim, exacto, o gado acaba por ter aqui um papel ecológico, não só a comer os matos mas também a deixar matéria orgânica

MeC2: não funciona um bocado com um certo... equilíbrio...

AL: e que já existe há séculos não é

MeC2: eu defendo... eu defendo não, mas já me questioneei... que não sei até que ponto uma boa parte do dinheiro que é gasto na prevenção e no combate aos incêndios, o que está destinado a essa, se não fosse distribuído de facto entre os agricultores, mas com algumas exigências não é. Não sei se não daria mais benefícios não era

AL: sim, sim, mesmo para prevenção dos incêndios

MeC2: exactamente. Nesta brincadeira toda, porque há uma... pronto, há uma relação, e isso está mais que estudado, que é uma relação entre o abandono das terras e a frequência dos incêndios não é

AL: sim, sim, sim, acumula-se combustível

MeC2: e por mais dinheiro que se gaste, e todos os anos, desde há não sei quantos anos para cá, todos os anos todos os governos têm aumentado a quantia de dinheiro para a prevenção e combate e, se houver um ano um verão mais quente a área ardida é sempre superior à anterior

AL: é, por acaso, nunca tinha pensado a fundo nisso do papel do gado na prevenção dos incêndios, até porque muita gente associa ainda pastores a fogo não é

MeC2: exactamente. Mas lá está, aí é que havia de dar o contributo aos pastores, ou aos agricultores, ou a lá quem fosse, mas também exigir-lhes determinadas coisas não é, determinadas práticas, não é só “toma lá e aguenta-te aí”, não. E aquele facto que há bocado ia dizer que muitos incêndios estavam associados aos pastores, se calhar teria a sua lógica, o mato cresce muito e depois o pasto que escasseia e depois se lhe pegar fogo renova... e apareceu então aí para contrariar um bocadinho essa situação, os chamados planos zonais, não sei se...

AL: sim, aqueles apoios... as ITI

MeC2: os apoios zonais, exactamente, as tais ITI. Aqui onde nós estamos até foi uma zona que sofreu uma intervenção das ITI, porque senão o mato estava maior, isto podemos ver, ali à frente até vemos melhor, a zona que sofreu intervenção e a zona que não sofreu intervenção, a zona que não sofreu intervenção tem um combustível muito... muito maior. E esses apoios zonais se fossem mais implantados e mais... pronto, se calhar teria mais vantagem no combate aos incêndios e nessas coisas assim

AL: exacto. Sim, acho que houve mesmo, pelo menos do que as pessoas vão dizendo, e também a BALADI e assim, que desde que foram implementadas essas ITI que houve de facto uma redução dos incêndios

MeC2: mas podem ser consideravelmente melhoradas, podiam ser melhoradas

AL: a forma como são geridos, esses subsídios?

MeC2: exactamente... e mais implantadas, e mais

AL: ah, sim. Sim, porque eu acho que isto é só para as zonas protegidas por exemplo. Aliás, no ano passado, ou pelo menos no outro quadro comunitário, foi só aqui, na Serra da Estrela e não sei se em Montesinho também

MeC2: foi em todas as zonas protegidas, agora neste quadro comunitário nem todas, parece que não houve para todas, sei que há aqui na Peneda-Gerês, continua na mesma porque teve uma adesão bastante boa, na Serra da Estrela penso que continua⁴⁹

AL: sim, acho que lá não correu tão bem, segundo me disseram, mas talvez continue

⁴⁹ ITI (2007-2013): Douro Vinhateiro, Peneda-Gerês; Montesinho-Nogueira; Douro Internacional; Serra da Estrela; Tejo Internacional; Aire e Candeeiros; Castro Verde; SW Alentejano; Monchique. Apoios Zonais (20013-2020): socalcos e gestão do pastoreio PNPG; sotos Montesinho-Nogueira; rotação de sequeiro cereal-pousio Douro Internacional, Sabor, Maços e Vale do Côa; Castro Verde; outras áreas estepárias. Caiu Serra da Estrela, Tejo Internacional, Aire e Candeeiros, SW Alentejano. Mas com as características da medida aplicada ao PNPG, tinha-se apenas na Serra da Estrela.

MeC2: no Douro Vinhateiro penso que acabou

AL: a zona do Douro Internacional?

MeC2: sim

AL: ah

MeC2: penso que acabou

AL: Montesinho acho que mantém também

MeC2: houve sítios em que se mantem houve outros sítios em que acabou... que acabaram

AL: sim, estive a ler esta questão dos Apoios Zonais há pouco tempo e só me lembro de ver lá Serra da Estrela, Montesinho e Gerês. Mas era para coisas diferentes, na Serra da Estrela era para outra questão qualquer, já não me recordo

MeC2: claro... claro que é. Aqui a nossa função é a manutenção da superfície forrageira das áreas do baldio não é... e no Douro Vinhateiro por exemplo foi fortemente a reparação dos socalcos e essas coisas todas

AL: pois, pois, na zona das vinhas

MeC2: cada um foi mais feita pronto, para situações mais específicas e características da zona onde era implementado

AL: quantos produtores é que há que usam a área do baldio para subsídio?

MeC2: à volta de uns cento e qualquer coisa

AL: ai é? Tantos!

MeC2: mas que não vão ao baldio, os que vão ao baldio somos poucos, os que vão exclusivamente ao baldio somos para aí... podia dar-lhe esses números, até lhos podias dar todos certinhos, mas agora assim ainda são para aí 30 ou assim

AL: ai é?

MeC2: à volta disso

AL: mas vezeiras é que já não há

MeC2: já não

AL: mas até dava jeito não? 30 ainda dava para fazer uma boa vezeira, ou não?

MeC2: [*? Não se entende*]

AL: devem ser uns 1000 animais... não?

MeC2: 1000 animais?

AL: estou eu a dizer, imaginando que cada um tem os seus 60, não, os seus 40, mas não, não é? Nem toda a gente tem tanta cabeça de gado

MeC2: no total... no total aqui na nossa freguesia há à volta das 700 CN, sabe o que isso quer dizer?

AL: sim, depende do animal não é, se for uma vaca é uma vaca, se for uma cabra é para aí uma cabra e meia... é uma coisa assim não é?

MeC2: se forem cabras são 6 cabras e meia

AL: (RISOS) e se for uma ovelha...

MeC2: é igual, a ovelha e a cabra é igual, os pequenos ruminantes são iguais

AL. E o cavalo?

MeC2: o cavalo é que é o mesmo, o cavalo também dá uma CN

AL: isso depende do que comem ou do espaço que usam não é?

MeC2: não, isso foi definido... foi definido para, o conceito de CN antes era definido assim, tinha de ser um animal que comesse não sei quantas unidades forrageiras e que não sei quê e não sei que mais. E depois acabou-se com essa brincadeira toda e disse-se, uma CN é uma vaca que tenha mais de 2 anos, é uma CN, um cavalo com mais de 6 meses é uma CN, uma vaca que tenha entre seis meses e dois anos será 0.6 CN, uma vaca que tenha menos de seis meses será 0.4 CN, e uma ovelha com mais de um ano e uma cabra com mais de um ano é 0.15 CN. Definiu-se assim isso como escalão para efeitos de cálculo de encabeçamento e de subsídio. Decidiu-se assim agora, antes havia... com os pastores não se entendiam, usavam as coisas da maneira como

MeC2: portanto esses baldios são ricos porque podem ter outras coisas, agora nós não, Castro Laboreiro, toda a área que tem está dentro da área do parque, não tem muita... o facto de estar dentro da área do parque condiciona muito as coisas. Não pode ter pedreiras, não pode ter uma serie de coisas, não é? Pronto, não tem receitas próprias

AL: é só mesmo as ITI?

MeC2: é só mesmo as ITI

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? Sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: aí é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a sério? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

AL: acho que antes tinham mais não é, hoje em dia a floresta está a desaparecer

MeC2: pois, é assim, e a madeira... pronto, é complicado porque quase que compensa mais importá-la do que...

AL: o que é ridículo, não é... então aqui que há regeneração natural aos potes, quer dizer, não aqui em Castro Laboreiro, de facto aqui não vejo, mas em alguns baldios é uma coisa impressionante, o pinheiro está sempre a crescer, queima, cresce, queima cresce

MeC2: sim, mas está sempre em sítios quase inacessíveis, e sai muito caro, e depois o que vale a madeira... a madeira neste momento o que tem mais valor é para a celulose e para a celulose as pessoas preferem o eucalipto que é muito mais rápido

AL: pois... e o eucalipto aqui não, não é? Mas no parque é mesmo limitada a plantação de eucalipto... quer dizer, eu vejo

MeC2: há alguns deles que há

AL: há, e normalmente é em privados, o que eu notei na zona de Terras do Bouro, no de Rio Caldo, é que havia várias bouças privadas, dentro dos baldios, que estavam plantadas com eucalipto, mas era fora do parque, era colado ao parque mas já era fora, não sei se dentro do parque também seria possível. Mas aquela zona está cheia de acácias... não é por nada, não tenho nada contra a acácia, mas aquilo cresce cá da uma forma que põe em causa tudo à volta... portanto sim, tenho isso contra a acácia

MeC2: e dizer que há 20 anos ali em Viana do Castelo havia a festa da mimosa, exactamente a mimosa era um chamariz turístico.

AL: ai era?

MeC2: e pronto, desde que começou a haver essa polémica com a... reuniu-se lá um fim-de-semana uma série de personalidades lá em Viana, uns congressistas e tal, e chegou-se à conclusão “a mimosa é uma infestante” e acabou-se ali a festa da mimosa (RISOS). Mas havia a festa da mimosa, o rali da mimosa

AL: que curioso, porque ela de facto tem o seu charme

MeC2: aquilo é bonito, e depois a mimosa floresce numa altura em que não havia assim muitas em flor

AL: pois. Então e se lhe perguntassem, “ah, qual é que é a principal função do baldio de Castro Laboreiro actualmente?”

MeC2: a função que deveria ser, não é, era de facto gerir bem o dinheiro que recebe das ITI em prol da comunidade, não é

AL: sim. Mas por exemplo a função seria... do ponto de vista global, não é, aqui ... global não, aqui da zona, o baldio de Castro Laboreiro inserido no Parque Nacional, inserido no norte de Portugal Continental, e por aí, qual é que é a função deste baldio... real, não digo a potencial, mas a real, ou seja, se retirassem o baldio a esta comunidade, o que é que eles mais perderiam? Eles, vocês... é a questão dos pastos, é...

MeC2: por exemplo, o baldio neste momento aqui para nós é só para pastos, não tem mais nada de... como lhe digo, se não tivéssemos baldio, eu que tenho 70 vacas se calhar podia ter para aí 20 ou assim, ou 15... e essas não me permitiriam sobreviver. Depois não sou só eu... sou eu que tenho mais, mas há aí mais pessoas que têm 30; 40; 50.... E pronto, também teríamos de acabar com isso

AL: pois... e as pessoas ainda recolhem matos para as camas do gado e... você recolhe?

MeC2: eu recolho, eu recolho porque... porque eu... eu estabulo os meus animais à noite sempre, e nos períodos de maior rigor de inverno também os animais estão estabulados portanto preciso de lhes fazer as camas

AL: e depois usa para fertilizante?

MeC2: pouco... para mim pouco, dou, vendo

AL: ok... mas tem terras cultivadas?

MeC2: não, cultivadas não tenho, de pastagens só

AL: ah, e também se usa...

MeC2: pois, fertilização

AL: isso é que é um ciclo ahn

MeC2: fertilização orgânica que é melhor, em vez de ser a fertilização mineral fazemos essa fertilização orgânica

AL: mas tem pastagens particulares também então...?

MeC2: sim, sim, sim

AL: aqui?

MeC2: então, por exemplo, onde andam agora as minhas vacas aquilo é uma propriedade particular

AL: ai aquilo são elas?

MeC2: sim

AL: ah, mexeram-se rápido.... Ah pois, tem um muro. E depois planta as gramíneas para se comer ou

MeC2: ah, não, não, não. É natural, pastagens naturais, espontâneas

AL: é mesmo um ciclo isso não é? As fezes...

MeC2: é mesmo um ciclo, “na natureza nada se perde, tudo se transforma”, não era o que dizia lá o Lavoisier?

AL: sim... e vem para aqui todos os dias assim?

MeC2: [acena]

AL: boa vida (RISOS)

MeC2: (RISOS) isso é que era bom, se tivessem todos os dias como hoje e tal, e hoje eu estou aqui porque estou aqui consigo a conversar, senão estaria a fazer aí outra coisa qualquer

AL: o que é que estaria a fazer?

MeC2: olhe, provavelmente estaria lá no estábulo a fazer alguma coisa, a limpar os estábulos ou a fazer... ou a preparar o inverno ou ainda em alguma propriedade a fazer alguma melhoria. Ainda ontem estive a tirar camas, a esta hora estava eu a levar o estrume para as propriedades, para os campos

AL: tem muitos privados? Aquilo também é seu ali?

MeC2: tenho... tenho... eu tenho mais área de privados do que... que não são meus atenção, são das pessoas só que as pessoas permitem que eu pastoreie e que os utilize. Mas tenho mais área de privados do que área de baldio

A: ai é?

MeC2: eu... no meu caso, mas com essa condição não é

AL: dá-lhes os matos?

MeC2: não, não dou nada, as pessoas estão em Braga, estão em França, têm os terrenos abandonados e permitem que eu... aquele por acaso onde estão as vacas é meu mesmo, e estes aqui também são meus, mas há muitos outros lá perto da aldeia onde eu faço feno, onde eu faço a fenação que até não são meus, e no entanto as pessoas permitem-me que eu faça lá o feno e que até pastoreie lá aquilo

AL: para fazer o feno é que tem de plantar coisas ou não?

MeC2: não, faço com espontâneas, por isso é que o nosso produto é praticamente biológico

AL: pois, exacto, já podia ter a marca

MeC2: estou em conversão, há um ano, há um ano e meio, é preciso dois anos, três anos, parece que é, para depois poder dizer que é mesmo biológica

AL: pois, isto há aqui uns quantos terrenos privados dentro do baldio não é? Que foram entregues se calhar há muito muito tempo atrás

MeC2: ui, sabe-se lá

AL: isto hoje em dia já não se pode não é?

MeC2: não, não. A Lei permite que se alugue, que o baldio se alugue

AL: agora não é? Agora é mesmo arrendamento, antes era só cessão de exploração não era? Pelo menos é a ideia que eu tenho de ter lido a outra lei, mas agora pode-se mesmo, isso é uma das grandes polémicas

MeC2: é, mas olha que isso não vai... isso, epa, temos de cair na realidade, eu acho que isso que é bom, é bom, eu tenho de ver a coisa... as pessoas que estão à frente destas coisas epa, normalmente foram funcionários públicos, ou são funcionários públicos, epa e têm o ordenado deles ao fim do mês, estão porreirinhos da silva, e dedicam-se então ao fim de semana ou quando lá lhes interessar, para o que lhes interessar, que não sei o que é e nem me interessa saber, mas se vivessem aqui permanentemente como eu vivo do baldio, eu e outras pessoas não é, iriam ver como as coisas não serão assim tão líricas como eles pensam, e que já estamos... pronto, a sociedade evolui não é? Nós deixámos de ter uma agricultura de subsistência, não é, de autoconsumo para ser uma agricultura... eu tenho tanto direito a estar aqui agora e logo à noite ir ao cinema ou ir à ópera, ou devia ter o mesmo direito, e depois no verão ir à praia ou ir viajar não é, e para que isso possa ser feito eu tenho que ter dinheiro não é? E a minha actividade tem de ser rentável, e para ser rentável tenho que utilizar determinadas coisas, eu não posso manter-me a dizer "ah, o baldio é bonito, é bonito..." não é? São sempre coisas que são bonitas, mas é bonito de facto para quem já sabe que chega ao dia 23 ou dia 24 ou dia 20 do mês e tem lá o seu dinheirinho na conta não é? Para esses é bonito

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: pois... então e digam-me só, na vossa perspectiva qual é a importância do baldio actualmente para as comunidades locais?

MeL1: nos vivíamos dos baldios quando tínhamos rebanhos, agora desde que houve a emigração os rebanhos cansaram. Como agora há subsídios para aí com fartura há meia dúzia deles que têm muitos gados por aí

AL: aumentou o gado desde que há subsídios?

MeL1: é, mas menos pessoas, menos...

Z: anda a morrer de fome

MeL1: é, o gado anda a morrer de fome por aí

AL: o gado anda a morrer de fome?

MeL1: anda

Z: eles querem é subsídios

MeL1: andam por aí, não há muita fartura não

MeL2: há produtores que têm muitos animais, há produtores que têm aí 100 vacas ou cento e tais e... não é o nosso caso, nós na nossa freguesia não quisemos saber nada dessas coisas

MeL1: há um só, o Oliveira

MeL2: oh, mas

AL: e só há um produtor em Lamas de Mouro?

MeL2: oh mas é uma pequenina coisa, 2 ou 3 vacas, isso não é nada à beira dos outros. E então daí da parte da Peneda, Soajo, Gavieira, temos aqui um senhor também que não é daqui da freguesia que é daí de São Gregório, ouviste falar de São Gregório? Era a fronteira antiga, foi da emigração para a França. E então tem isto comido, cheio de animais e destroem isso tudo

AL: ai é? No vosso baldio?

MeL2: no nosso baldio e não há quem os tire daqui para fora

MeL1: ontem tirei eu de um campo meu 20... 20 vacas

MeL2: olhe, de um campo dele, de uma propriedade privada

AL: e não sabe de quem são

MeL1: ah, claro que sei, mas não há quem as apanhe

MeL2: sabemos mas

AL: isso não gera conflitos entre

MeL2: não, às vezes a gente avisa, dá-lhe um recado, avisa, mas eles não fazem caso, dali a 8 dias voltam ao mesmo... é assim a vida

AL: então o gado das aldeias em volta tem vindo para o baldio de Lamas de Mouro? E Lamas de Mouro não tem gado, tem só um senhor

MeL2: tem só um senhor que tem duas ou três vacas

MeL1: e tem meia dúzia de ovelhas, eu posso saber quantas tem porque fizemos a

MeL2: mas é pouca coisa

AL: fizeram a... para pedir o subsídio?

MeL1: é

AL: é a primeira vez que estou num baldio que tem só um produtor

MeL2: a gente daqui não está aqui

MeL1: os novos não estão cá, só estamos os cansados

AL: que já estiveram fora também

MeL2: sim, todos

MeL1: 50 anos e uma semana. Canadá... e tive um ano na Alémanha. Mas fui daqui o dia 29 de abril de 1963 até 7 de março de 2013, 50 anos e uma semana

AL: está acabadinho de chegar praticamente

MeL1: estou cá há 2 anos. Fez 2 anos e meio

AL: e o senhor também foi para fora?

MeL2: também, fui França e Canadá

AL: também para o Canadá. Aonde?

MeL2: Mont Real

MeL1: em Mont Real nós íamos trabalhar lá em cima

AL: fazer o quê?

MeL2: para a montanha. Eram grandes barragens, barragens para electricidade

AL: trabalhavam na construção?

MeL2: é, construção

MeL1: a 416 pés debaixo da terra, sabe quanto é que faz? 137 metros

MeL2: trabalho muito duro

MeL1: nós somos homens da serra, somos homens do diabo

MeL2: a gente daqui foi toda emigrante

MeL1: é, e é, continuam a ser. Só estamos cá os velhotes

AL: quantas pessoas vivem cá?

MeL1: 60 e tal. Estivemos a contar aqui a outra noite, são 60 e tal

MeL2: e contaste de Alcobaça?

MeL1: não, não, só daqui da

MeL2: [vai nomeando cada pessoa que lá vive... “ a minha sogra, um, ...”] 21

MeL1: esta é uma aldeia que é anexa a Lamas, não é de Lamas, é de outro lugar

[conta a história de como o presidente da Câmara Municipal de Alcobaça lá de baixo veio pôr a placa do nome da aldeia nesta Alcobaça]

AL: então não há jovens a viver cá?

MeL2: há jovens mas está tudo fora, estão para baixo, Lisboa, Porto, Algarve, andam a trabalhar para aí para baixo

MeL1: cismaram de dizer que isto que não era bonito

AL: bonito não podem dizer que não é

MeL1: pois, mas é, não há hipóteses. Trabalho não há, o que é que gente vai fazer?

MeL2: é como se fossem para França, ou emigrar para outro lado qualquer

AL: e como é que vocês veem o futuro aqui desta zona?

MeL1: o futuro agora vem de fora... as reformas

AL: ah, mas eu digo o futuro mesmo da comunidade

MeL1: como é que o vemos? Cada vez mais fraquinho. Há uma aldeia aqui em Castro Laboreiro, eu nunca pensei, é incrível, tem para aí 10 ou 12 casas em ruínas pa!

MeL2: ninguém quer saber disso

MeL1: e aqui já vamos a caminho, já há umas 3 ou 4 em ruínas. Faleceram os velhos, os novos estão noutra sítio não querem saber, abandonam, não querem saber

AL: e os vossos novos, da vossa família, não têm vontade de voltar?

MeL1: é uma grande dúvida que temos, falta saber. Quando a gente faltar.... Enquanto estamos cá eles vêm cá uma vez por ano como nós fizemos

AL: ah, não estão cá?

MeL1: não.

MeL2: por exemplo, o caso dele, tem 2 filhos, têm a vida formada lá [em França] estão lá, têm a vida formada lá, têm casas, têm tudo lá, os netos já nasceram lá, já têm lá raízes

MeL1: tenho um neto com 21 anos que já nasceu lá... nunca mais, nunca mais. Podem vir aqui 2 a 3 semanitas, alguns chegam cá e ao fim de uma semana “c’est pas beau” [RISOS]

[fala-se da cidade e do campo, do que cada um oferece e de como quem está habituado a uma e gosta tem dificuldade em adaptar-se a outra]

MeL1: venha cá no inverno e depois diga, vai ser se gosta tanto como gosta hoje

AL: eu não me dou nada bem com o inverno, seja onde for

MeL1: então já não gostava disto, o inverno aqui é... parece o fim do mundo. Começa a chover e chove 6 meses sem parar, quase sem parar

MeL2: e caem boas nevadas aqui também

AL: então e por exemplo não há jovens interessados em por projectos de jovem agricultor, utilizando o baldio?

MeL1: não. Apenas tivemos um pedido de um projecto para fazer *carting*, não sei se vai ser aprovado se não vai

AL: aqui dentro do baldio? Mas para fazer o quê? Um evento?

MeL1: sim... não, uma pista de *carting*, alcatroada, não em terra, com aqueles carritos pequeninos. Não sei se vai sair aprovado se não

AL: mas vocês votaram em assembleia e as pessoas disseram que sim?

MeL2: ainda está sem resolver, esse caso ainda não está resolvido

AL: mas vocês gostavam?

MeL1: nem por isso

MeL2: nós de momento que nos seja rentável, que nos entre dinheiro para melhorarmos aqui a nossa terra de certeza que não vamos em contra não é. Mas o povo... quem manda é o povo, não somos nós

AL: e o parque deixa por aí...

MeL2: está fora do parque

AL: aaaah

MeL1: não, não, não, dentro do parque nem pensar

MeL2: nem deixam lá tocar

AL: ah, estava a estranhar

MeL1: não, não, é fora, do outro lado. Se for aceite é do outro lado. Os rapazes falaram disso aqui no mês de agosto, eles são emigrantes, estão-se a preparar, não sei se vão

aceitar se não. Tem de ter autorização do ICNF por escrito, do ministério do ambiente por escrito, do clube da caça por escrito, da pastorícia, dos pastores também por escrito, eles são quatro, e depois o [? *não se entende*] do povo. São cinco coisas que têm de estar

[conta uma historia que não percebo bem, que tem a ver com a pista dos cavalos na Aveleira, onde tinham o acordo da Câmara e construíram uma torre mas ela caiu

MeL2: o ICNF aqui não aprova de certeza

MeL1: [? *não se entende*] porque nem eu nem os meus colegas vamos dizer “sim, sim, botai isso para a frente” e depois chamam-nos à hora “você, venham cá, isto não podia fazer-se, isto não está bem”

AL: [...] Senhor MeL3, qual é que é a grande importância do baldio actualmente aqui a nível local?

MeL3: os baldios são bons para... para ter os animais

AL: já soube que aqui em Lamas de Mouro não há muitos animais não é?

MeL3: não há muitos não

MeL1: eu posso ir ali buscar

AL: mas são só os que têm subsídio ou há mais pessoas sem subsídio mas que têm animais?

MeL1: não. Os que têm animais têm subsídio porque faz por ele, porque praticamente está decidido não é? Quem não tem subsídio é porque não tem animais

AL: não há ninguém aqui que tenha animais que não tenha subsídio?

MeL1: expecto a Almerinda... ela tem umas 10 ou 15 ovelhas

MeL2: eu acho que não. Eu não me lembro de fazer o baldio para ela

MeL1: eu também não vejo que ela receba. Não sei porquê

MeL3: o resto tudo o que tem animais tem subsídio

MeL1: têm-nos declarados claro

MeL2: nós aqui na nossa área, os animais que temos aqui são as freguesias que estão em volta que fazem vir para aqui os animais deles

AL: e vocês importam-se com isso?

MeL3: eu não me importo nada. Os baldios, desde sempre, da nossa infância, nós íamos pastar para os outros montes das outras freguesias, e nunca fizemos extremas nos baldios para as pastagens

AL: e já houve aqui muitos animais em tempos?

MeL3: sim, sim, muitos, toda a gente vivia dos animais

MeL2: e vezeira, grande

MeL1: antes da emigração, para França só abriu em 1946, por causa da guerra. Tem tantos anos como eu

Turismo

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: o pessoal vai lá bem... temos ali também outro dos investimentos que fizemos (vento) e marcámos...

AL: ah, sim. É para percursos pedestres?

MCa1: pedestres, sim

AL: e depois andaram a sinaliza-lo e assim?

MCa1: a sinalizá-lo com mariolas, mariolas são aquelas pedras que sinalizam de modo tradicional

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que ca vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois põe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chao mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, ta bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

MCa1: olha as cabras

AL: estas não estão sozinhas ou estão? Pelo menos estão para ali cães...

MCa1: não, vem lá o pastor

AL: vocês controlam quem é que ainda aí a pastar ou...

MCa1: sim, sim, sim, claro. Até porque as pessoas que vêm aqui está tudo registado, nós sabemos quantos animais é que existem no baldio, a pastorear no baldio, qualquer tipo de animal, cabra, cavalo, vaca, seja o que for, até porque agora para as declarações para os subsídios temos de saber quantos animais que cada pastor tem. Sabemos perfeitamente quantos... mas também podem chegar aí e descarregar uma vaca ou duas e eu não sei de quem é, não é... se é daqui ou não, não têm matrícula (RISOS).

AL: exacto!

MCa1: não sei bem se será daqui, se será do lado de lá, sei lá... não é...

AL: e se acontecer isso assim e tu perceberes que são de outro lado, há problema ou...

MCa1: têm de tirar os animais, porque os usos e costumes têm de ser mantidos... não é...

AL: pois, exacto... e essas pessoas à partida terão o seu baldio...

MCa1: exactamente, cada um tem a sua área para pastagem. Se bem que aqui os de Ruivães, os de Ferral, têm direitos de pastagem do nosso lado no verão... na altura da vezeira a nossa vezeira ia à frente e a deles ia atrás, a descer a deles descia à frente e a nossa descia atrás...

AL: aaah, vocês comiam o melhor que havia e eles vinham depois... pois, mas é isso, o baldio é daqui

MCa1: ah pois... para um comer a carne o outro tem de comer os ossos, não podem todos comer a carne

AL: mas eles também têm pastagens lá, não têm?

MCa1: têm, têm. Porque isto antes em termos administrativos Ruivães era sede de concelho e nós fazíamos parte de Ruivães, antes de existir a barragem. Muito antes... existia só um rio, o Rio Caldo que é um rio que praticamente traz pouquinha água

AL: ok, então esta barragem é sobre o rio Caldo...

MCa1: deste lado, encaixado na encosta Este, aí no fundo... e aqui é o rio Cabril

MCa1: estás a ver aquilo ali em cima?

AL: ah

MCa1: aquilo é um moinho de cubo vertical que nós também recuperámos

AL: de cubo vertical... isso tem a ver com o quê? Com o funcionamento do moinho?

MCa1: exactamente. Aquilo são argolas, a água vem de cima, cai, depois lá no fundo tem... vamos lá num instante senão assim também não dá para... vamos lá... a água... aquilo enche, no fundo forma-se um jacto de água [...] a pressão de água a bater no rodízio (?)

AL: e como é que fazes para que haja pressão

MCa1: a pressão é provocada pelo cair da água

AL: ok. Estão a recuperá-lo é?

MCa1: estamos

AL: e esta casa é para quê?

MCa1: esta casa é minha

AL: ai é?

MCa1: estou a preparar para criar aí um albergue

AL: para turistas?

MCa1: sim, sim

AL: ai que giro, mete-se a pedra por fora... sai mais barato do que meter tudo pedra não?

MCa1: não, não... [vento]

AL: olha, e o albergue fica a ser teu, é do baldio, como é que é?

MCa1: não, isto é meu há muito tempo

AL: então, mas isto é baldio

MCa1: não, isto é particular

AL: ai é particular?? O moinho é que já é do baldio?

MCa1: exactamente

AL: ah, então isto é da tua família esta parte?

MCa1: sim

AL: e o moinho está a funcionar?

MCa1: está a funcionar. Esta água vem dali e é esta água que alimenta o moinho

AL: e o moinho é usado?

MCa1: pouco

AL: é moinho mesmo para moer cereais e não sei quê não é?

MCa1: exactamente

AL: (RISOS) deixa-me lá fazer perguntas urbanas. Ok, então aquela água vem dali, é utilizada para alimentar o moinho mas depois é usada para regadio como? Através de...

MCa1: depois a partir dali cada um nos seus dias leva a água para o seu terreno

AL: está bem... bem esta casinha... ainda venho a ser cliente!

MCa1: ora então... a água cai lá de cima... nós depois vamos lá acima

AL: os cilindros são ali não é?

MCa1: os cilindros...

AL: (RISOS) como é que tu chamaste?

MCa1: as argolas... a água cai lá de cima e enche o, o, o...autoclismo

AL: ok

MCa1: certo? E depois sai ali só por aquele buraquinho

AL: Ah, por isso é que faz a pressão...

MCa1: bate nestas hélicezinhas e como sai com muita pressão faz com que a pedra amole, isto está ligado à mó, ao bater aqui a água a mó anda e mói

AL: e porque é que não está a cair água agora?

MCa1: porque não querem. Quando se quer torna-se para aqui, vira-se para aqui e ela...

AL: aaah. E isto é usado o quê? Uma vez por mês?

MCa1: fica ao critério das pessoas

AL: ok. Isto faz parte aqui só desta aldeia?

MCa1: exactamente. Isto é daqui de Xertelo

AL: isto estar tudo ferrugento não tem mal nenhum pois não?

MCa1: até é bonito assim (RISOS). Este é o velho, recuperámos o velho, esta madeira é nova, mas o rodízio é o antigo

AL: boa! Não, não tem mal nenhum, ali só passa água não é?

MCa1: claro. Isto já é outro

AL: outro moinho?

MCa1: moinho, que não foi recuperado. Estava muito mais degradado e era muito mais caro

AL: mais difícil pois... ah, era mais ou menos isto que eu estava a imaginar

MCa1: a água vem dali, passava por este, fazia moer este, a mesma água serve para... depois entra aqui, vem por aqui...

AL: ui, granda queda!

MCa1: isto aqui representa uns quilos enormes de água... isto está cheio, isto enche mesmo até aqui acima, depois sai só por aquele buraquinho, é por isso que quanto mais peso tem mais pressão é... certo?

AL: ah, não conhecia. E a água continua a passar por aquele?

MCa1: exactamente, continua! Aquele agora não mói mas continua a passar por ali na mesma.

AL: é engraçado que ainda usem...

MCa1: É claro que isto também vai de encontro áquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... opa, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente

AL: e achas que vai ser só através do turismo que a malta vai conseguir aqui ter...

MCa1: a meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro. O dinheiro neste momento, da maneira que ele é escasso tem de ser muito bem gasto e direccioná-lo para coisas que se sinta que é o futuro, não vamos estar a investir em coisas... que sei lá, à partida já sabemos que não são sustentáveis. E acho que basicamente são esses 3 pilares que temos que manter em bom estado. E se fizermos isso como deve ser acho que Cabril tem muito potencial, tem é de se fazer bem feito. Temos de trabalhar bem!

AL: pois, porque estavas a dizer há bocado que a floresta, e eu também acho, para além de dar algum tem de se investir muito nela, mas se calhar pode chegar a um ponto que, lá está, eu não sei, nunca tive floresta, mas pode chegar a um ponto em que o saldo é positivo e começa a tirar...

MCa1: ah, claro, sim, exactamente. A medio e a longo prazo, porque a floresta não é uma coisa imediata, que vou plantar hoje a amanhã posso estar a vender

Covelães: MCov1

AL: e em outro tipo de usos que não sejam o gado como empresas de turismo que trazem aqui pessoas para fazer percursos pedestres ou assim... não há nada disso? Que usem o baldio sem vos dizer nada...

MCov1: turismo aqui há muito turismo, Covelães também passam aqui, passam aqui no povo, e depois vão por aí fora pelo nosso monte, e depois vão ali até Paredes, vão ali para ... Outeiro. Outeiro, vão a Outeiro mas vão a Fiães

AL: e essas pessoas sabem que isto é baldio, que não é público ou...

MCov1: sabem, sabem

AL: e vêm com empresas ou vêm sozinhas...?

MCov1: vêm passear

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MCov1: não. No outro dia passaram aqui uns cavalos, estava aqui um ? “xii, tanto cavalo!”. Disse “então, vieram aqui montar?”. Então ele disse “ é que aqui não se vê nenhum sinal” o sinal do turismo, é ali atrás, disse-lhe eu, é ali atrás, tem de subir ali acima, lá para cima para a serra, “vamos embora então...” e lá foram.

AL: mas devem pensar que toda a gente pode ali entrar... e podem pelos vistos

MCov1: podem, podem, podem

AL: vocês não vos faz confusão nenhuma que as pessoas entrem no vosso baldio e que...

MCov1: não, não. Nem se cobra nada... que há muitos lá para baixo para o Geres é que cobram, cobram um x a cada um. Mas aqui não se cobra nada...

AL: mas o quê? Nos baldios ou no Parque?

MCov1: nos baldios... parque, os baldios são parque também...

AL: mas quem é que cobra, sabe?

MCov1: lá há guardas a cobrar

AL: ah, é pessoal do parque que cobra...

MCov1: aqui não... aqui passam, entram quando querem [...]

Fafião: MF1

AL: o que é uma mariola?

MF1: é para indicar se se está no sítio certo no trilho. Se estiveres a passar por aqui e vires uma mariola estás a ir bem

AL: o trilho da vezeira ou o trilho do quê?

MF1: não, isto é um trilho que se fez num ano, não é o trilho da vezeira. Temos aí o trilho da vezeira em colaboração com o Parque, tem-se feito aí um bom trabalho. Claro que os trilhos de poucos em poucos anos precisam de ser limpos e se calhar em vez de seis em seis precisavam de três em três, mas vai-se fazendo

AL: Mas é para as pessoas andarem por aí? Tipo os turistas ou as pessoas daqui?

MF1: é, para quem tem (?). Eu costumo dizer que em Fafião tem os sítios mais bonitos do Gerês, tem o poço da Cabriteira que é um sítio espectacular, um poço enorme, embora lá nesse sítio não seja permitido o *canyoning*

AL: mas é o quê? Tipo um lago?

MF1: então, aquilo quem vê de cima, como aquele senhor o tal suíço que dizia que aquilo não tinha água, mas se viermos pelo rio abaixo vai tendo poços, muita rocha e depois muitos poços.

AL: é grande?

MF1: esse é, esse da Cabriteira é enorme, é uma coisa do outro mundo. Só visto. Isso uma pessoa só estando lá dentro. Se vieses pelo rio abaixo até passas bem, se calhar com cordas, o *canyoning*, que não se pode fazer

AL: não se pode fazer porquê?

MF1: por causa do plano, naquela zona não se pode fazer

AL: mas afecta o quê? As margens?

MF1: não, não afecta nada, há zonas que são mais protegidas. Eu acho que aquela zona nem sequer está em zona de protecção, nem em PP1 nem PP2. Mas eles acham que por algum motivo que não se deve lá fazer e não se faz. Embora aquilo tenha as condições necessárias para o fazer.

[Muito vento, MF1 fala sobre a actividade canyoning, de como as pessoas que o fazem sabem o que estão a fazer e sabem o que devem fazer para ter segurança].

AL: Tu fazes?

MF1: faço.

AL: bem me parecia que essa conversa era de quem faz (RISOS)

MF1: faço, não sou nenhum *expert*, mas, por acaso até tenho medo das alturas mas sempre que fui fazer senti-me muito seguro

AL: é o quê? É só descer o rio?

MF1: imagina que chegas a uns sítios que não consegues saltar, ou porque é pedra em baixo ou porque se saltasses não te dá para saltar para a água, nesses sítios tens de descer com uma corda e ali tem, nessa zona do rio, aquilo faz tipo um ípsilon, o do Conho e o do que eles chamam Fafião, o Fafião tem uma queda de 30 metros, tens de descer com uma corda e aquilo quando estiveres lá em cima é impressionante. É impressionante... mas a coisa bem feita sentes-te seguríssimo, pronto, aquilo é uma altura, e a primeira vez é mais complicado, mas assim que desceres vais dizer “eu tenho que voltar”. Depois esse sítio da Cabriteira dá para saltar dos 12 metros para dentro de água. É uma coisa do outro mundo

AL: e o barco, como é que desce os 30 metros? O barco não está lá em cima também?

MF1: não, não há barco. Desces, levás as cordas num saco, tens uns mosquetões...

AL: Ah, ok, então andas sempre a pé ao longo do rio e ...

MF1: se não tiveres de tirar a corda do saco, montas, descas, montas e continuas. Não, para andar de barco tem muita água e as pedras vai haver alguns sítios em que não vais conseguir passar, em que não tens água, só tens pedras

AL: bem, já é um desporto radical esse!

MF1: é, é mas vale a pena experimentar [vento]. Às vezes estás lá no meio da serra, num dos pontos mais altos e mais longe daqui, que é Rocalva que é um sítio espectacular. Rocalva que eu penso que seja de “rocha branca”... não tenho a certeza. Eu penso que será daí, e é o ponto mais alto que temos aí na nossa serra e é um sítio espectacular. Esses caminheiros da serra toda a gente conhece. Está aqui a mariola...

AL: Não estamos perdidos (RISOS). Esses caminheiros, eles usam o baldio sem qualquer tipo de conhecimento... as pessoas não fazem ideia se se encontram numa área de baldio, se estão em terra ou floresta pública... não é?

MF1: Eu... quer dizer, grande parte deles acho que vai falando com as pessoas e vai sendo informada que está em terreno de uma aldeia, em terreno baldio. Quem vem aqui algumas vezes fala com as pessoas fica logo a saber. Mas isso também não é importante. Importante é que normalmente essas pessoas vêm e não deixam lixo, não fazem nada de mal, vêm e não perturbam nada, dão o passeio deles, ficam contentes e voltam a ir embora

AL: e nunca houve assim uma associação ou uma empresa que traz para aqui pessoal para caminhar ou a fazer uma actividade qualquer no baldio sem vos dizer nada?

MF1: não. Houve quem fizesse isso e houve quem fizesse o contrário. Tivemos aí uma empresa que era... agora não me estou a lembrar o nome. Estiveram (?) aí até num edificozinho ali que utilizamos para a festa, onde fazemos lá uma tasca para a festa, uma barraquinha de bebida. No inverno não fazia falta para nada e então alugava-se para eles meterem lá o material

AL: à tal empresa?

MF1: sim, sim. Pronto depois vê-se aí alguns a passar de uma serie de empresas que nem nos dizem nada, se calhar [*? não se entende*] o nosso caminho, mas nós também não podemos andar atrás de toda a gente

AL: pois, exacto. Vocês costumam fazer monitorização da utilização do baldio?

MF1: normalmente quando aparece assim alguma coisa fora do comum as pessoas, os próprios compartes tendem a dizer “olha, eu passei ali não sei onde e vi que cortaram lá uma árvore, ou partiram a cancela da cerca das Fontelas” ou qualquer coisa assim. E eu dou um toque aqui nos sapadores e eles vão lá ver o que é que se passa, ver se está tudo bem e se não estiver vêm aí. Mas normalmente sabe-se sempre se alguém fez alguma coisa de mal acaba por se saber sempre

MF1: não, agora podemos ir embora, até podemos ir ali a outro lado... podemos ir ver ali, o fojo dos lobos também foi recuperado

AL: por vocês?

MF1: sim, metemos um projecto

MF1: um dos pontos mais [VENTO] é nesta direcção para o rio, que é a Cabriteira

AL: o tal poço?

MF1: sim, o rio todo é espectacular. Só que esse da Cabriteira é... esse pessoal que conhece os rios todos e que faz *canyoning*, e os jeeps que andam aí por todo o lado que têm de fazer por vezes essas operações de salvamento, como aconteceu agora aqui nestes dias que um jovem faleceu... eles conhecem tudo ao nível do país, Madeira e os Açores, pronto eles correm tudo, e eles dizem, tenho pessoas que já me disseram que em Portugal não há outro sítio como este, e eu aí...

(RISOS)

AL: estão a fazer um tanque na fonte para a aldeia toda ou?

MF1: pronto, quem está a fazer a obra é o baldio. Foi com o apoio da câmara, eles deram-nos uma verba e entretanto as pessoas pediram para fazer o tanque, que aquilo deitava água para todos os lados, para fazer o tanque certinho, e estamos a fazer. Embora não seja bem para toda a gente, a fonte é de todos só que não regam todos dali. Então achei por bem que ali era uma obra pública e interessante e valia a pena e optei por gastar mais um bocadinho e deixar aquilo para muitos e muitos anos

MF1: também temos aqui um ecomuseu mas ainda não está a funcionar.

A: ah, vi isso escrito em Montalegre...

MF1: tem em Montalegre, tem em Salto, em Pitões, em Tourém, há aí uma rede de ecomuseus, e agora temos um aqui mas só que ainda só está a parte da obra em si feita, os conteúdos e essas coisas ainda não está nada feito

AL: e ecomuseu em si é o quê? Para se falar da biodiversidade e assim?

MF1: normalmente será sobre o que esta aldeia tem de diferente das outras que é as vezeiras, o azeite, porque lá para cima as oliveiras não existem ou não dão a azeitona para fazer o azeite...

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafão...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irmos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores [? *Não se entende*] e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer virar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

Outeiro: M01

M01: mas o retrato de Montalegre é as chegas dos bois, durante o mês de Agosto fazem-se aí todos os domingos

AL: eu vi os cartazes, vai haver em Penedones, agora em Junho

M01: vai, vai, vai, isto entra aí muita gente, no mês de Agosto isto entra para aí 5 mil pessoas para aí, emigrantes e pessoal daqui da zona

AL: e eles... algum morre ou...

M01: não... há alguns que se ferem uns aos outros, mas há sempre uns preparados para isso

AL: vocês aqui fazem?

M01: também se faz aqui na aldeia, quando é na festa, todas as aldeias aí quando têm uma festa, o padroeiro faz-se sempre uma chega de bois, ou rancho folclórico ou cantares ao desafio, é tradição daqui

AL: pois, não sabia das chegas de bois, só fiquei a saber agora, não sabia...

M01: há aí cassetes que dá para ver na televisão dali a meia hora... depois há um vencedor não é...

M01:... A filha vai vir embora agora qualquer dia

AL: vem para cá?

M01: quando entra o mês de agosto, tem lá duas casinhas que comprou com as economias dela, na Inglaterra, agora aluga-as, tem uma casa já bem preparadinha e com tudo

AL: aqui?

M01: que era dos meus sogros. Ela quer ir aí para o lado, fazer umas casinhas para alugar para turismo

AL: ah, boa. Isso dá dinheiro, então aqui no Parque... não sei como é que é mas pelo menos tem potencialidade

M01: é, tem, temos uma estalagem aqui que tem gente e muitas, é a Vista Bela

AL: ai é? Aqui... Como é que se chama?

M01: é aqui... Vista Bela, é aqui mesmo na voltinha, ao seguir a estrada para Montalegre já está ali. Até me comprou agora li um terreno que eu tinha pegado, tipo carvalhal, para parque, que ele tinha a estalagem em si mas não tinha parque, e agora quer lá por uns animais, uns cavalos e fazer uns roteiros lá no meio das árvores, anda a trabalhar nisso. E

eu até lhe cedi o terreno. Para mim era carvalhal, não tinha grande utilidade, vinha o fogo queimava... e ele andou de roda de mim e eu “opa, não te vou vender, não te vou vender” e tal. Depois falei com os filhos, “olha, o...” nós chamamos-lhe o Carneiro, “vamos a casa do Carneiro” (RISOS), “ele quer-me comprar o tapado, mas eu não o queria vender”. “Ah, venda-o, para que o quer? Você tem muito tapado, não o limpa, se vem um incêndio...”. Eu era obrigado a 50 metros em volta ter de limpar, ele está colado ao meu tapado... é ali a seguir àquele pinhal, logo para dentro, ali um hectare e tal de terreno, vendi-lhe aquilo... vendi-lhe aquilo e ele lá faz a vida dele não é, e eu emprego o dinheiro noutra coisa

MO1:... E agora dei este palheiro à filha, isto, é um palheiro grande, e agora ela quer restaurar isto, já tem um projecto e quer arranjar isto em baixo que é para pôr o carro, já lhe comprei este bocadinho que não era meu que é para ela depois aqui trabalhar

[fala-se do projecto do sr domingos para a casa que a filha vai querer explorar turisticamente]

MO1: [...] e ela quer então fazer aí uma recuperação desse palheiro está a perceber? Pô-lo alinhado para aqui, já tem o projecto disto, tirar isto tudo e fazer aí uma obra. Eu era para fazer aqui um armazém para o gado está a perceber? Mas como a rapariga tem ali a casa e tal, dei-lhe esta parte toda a ela, já lhe fiz documento e tudo, e ela agora vai trabalhar aqui, ao vir... agora já vem governadinha, não lhe correu nada mal, tem duas filhinhas, tem duas casas lá na Inglaterra pagas a render-lhe 1000 euros cada uma, com 400 contos por mês, 400 contos na moeda antiga, agora 2000 euros, por mês, vem para aqui, faz o que quer, também os terrenos são dela, e tudo depois é dali do...

AL: pois, e se está com essas ideias de...

MO1: pois estou!

AL: não, e ela, e ela, se ela está com ideias de...

MO1: eu também faço... olhe, e o tubo que sobrou da canalização? Este tubo sobrou quando trouxe a água, ainda aí está... havia tubo mais barato mas eu quis deste, que este resiste que nunca mais acaba... e ela quer recuperar... quer recuperar

AL: isto é tudo da família da sua esposa?

MO1: é, é... recuperar isto para alugar aquelas casinhas, cada uma com uma casinha de banho

AL: e ela lá também aluga a turistas ou aluga a pessoas normais...

MO1: ela lá também entrou para uma alugada, a pagar, ficou a pagar durante x tempo, ela e o homem a ganhar, pagaram, até agora têm pago e agora já acho que as que lá tem aluga-as e vem para aqui para a dela

M [esposa de MO1]: a minha filha tem aquela casa ali, vai fazer para os turistas dormirem, alugar quartos

MO1: vem para cá alguma coisa tem de fazer não é... o rapaz percebe de cozinheiro, é a arte dele, e ela andou lá a trabalhar nas limpezas também sabe fazer as camas e depois tiveram as pessoas aí, queriam comprar o fumeiro à minha mulher

M [esposa de MO1]: já lá está a 13 anos

AL: iihi, há 13?!

MO1: diz ela “quando a sua filha tiver isto a funcionar nós vimos aqui passar uma semana”

AL: quem é que disse isso?

MO1: umas pessoas que gastam fumeiro

M [esposa de MO1]: pessoas que vieram comprar fumeiro

MO1: “quando tiver isto aqui a funcionar nós no lugar de irmos para uma estalagem, e ele conhece a serra, leva-os a passear, leva aí 2 ou 3 cavalos, faz turismo

AL: então e vocês vendem fumeiro é?

M [esposa de MO1]: nós vendemos fumeiro quando é na altura

AL: mas é só na altura, é só em janeiro, agora já não têm nada?

MO1: é na época fria, de janeiro até a Abril, por aí adiante... esgota

M [esposa de MO1]: vendemos presunto, vendemos salpicão, vendemos alheiras...

AL: e é a senhora maria que faz?

M [esposa de MO1]: sou, sou

MO1: e depois a filha se quiser enveredar nisto, tem aqui água, tem aqui terreno para fazer, faz aí, põe, cria...

M [esposa de MO1]: chouriças, tudo de porco, cabeça de porco

MO1: e esta, a mãe galinha, tempera, e ela vende. Eu para mim agora vou-me reformar, que me dê na bucha trabalho para ele, para mim e para ele. Eu até agora trabalhei para mim e para eles, agora passo a trabalhar para eles

M [esposa de MO1]: eu já faço a feira de fumeiro de Montalegre há 10 anos, e ainda fui 2 anos para Boticas, não sei se já ouviu falar em Boticas

MO1: e depois a filha se quiser enveredar nisto, tem aqui água, tem aqui terreno para fazer, faz aí, põe, cria...

M [esposa de M01]: chouriças, tudo de porco, cabeça de porco

M01: e esta, a mãe galinha, tempera, e ela vende. Eu para mim agora vou-me reformar, que me dê na bucha trabalho para ele, para mim e para ele. Eu até agora trabalhei para mim e para eles, agora passo a trabalhar para eles

M [esposa de M01]: eu já faço a feira de fumeiro de Montalegre há 10 anos, e ainda fui 2 anos para Boticas, não sei se já ouviu falar em Boticas

AL: sim, sim, sim

M01: eu quando ela vai... eu agora vou a Santarém uns dias

M [esposa de M01]: é muito longe

M01: e ela vai na Feira do Fumeiro e eu trato das vacas

M [esposa de M01]: (RISOS)

AL: então tem de ser

M01: eu às vezes quero ir lá ir à noite e não tenho vagar... à feira. E ela está lá todo o dia, é as férias dela, e as minhas são agora

Paredes do Rio: MP1

AL: [...] por acaso achei a aldeia bem organizada, com bom aspecto... uma pessoa chega lá e sente-se bem

MP1: tem lá coisas bonitas

AL: tem, então não tem... e a associação...

MP1: de vez em quando vêm assim umas excursões de turismo. E depois é lá o presidente da associação... mas marcam, fazem uma visita guiada

AL: ai é?

MP1: é

AL: que giro. Quem é o presidente da associação?

MP1: é um rapaz que mora lá à beira da igreja, foi ele ou o pai que lhe responderam à carta

AL: ai é? É que eles assinaram em seu nome então não sei...

(RISOS)

AL: eles puseram lá “Zé Augusto”, e eu ok... mas depois encontrei-o a si quando estava com o senhor Bento e você disse que tinha estado em França e eu aí “ah, ok!”

MP1: deve ter sido o pai do tal...

AL: mas sim, foi muito simpático, muito prestável...

MP1: é o presidente da assembleia

AL: de compartes?

MP1: sim sim

AL: ... Mas pronto, a associação, pois, eu acho que isso dá... não sei, eu faço parte de algumas associações e isso é... acredito que seja bom para a aldeia não? Ter assim uma associação que dinamiza...

MP1: ai, claro que é, se não fosse assim acabava tudo

AL: pois... e há a ideia de que é bom preservar não é? As tradições e... qual é que você acha que é o futuro destas regiões? Em termos de actividades e de... sobrevivência, digamos...

MP1: é acabar tudo...

AL: mas assim, o pensamento mais positivo para o futuro baseia-se em quê? É no turismo...é na produção do gado, é na agricultura... onde é que você pode ver aí alguma esperança, vá...

MP1: talvez no turismo

[MP2 é presidente da mesa da AC, e S2 é o seu filho]

S2: soube hoje, sabes o que é que querem fazer aí? Estão a arranjar maneira de fazer passar aqui o rally de Portugal naquela zona do... do...do Lourico, e queriam meter a entrar dentro da Mourela, não sei se passará nalgum...

MP1: se quiserem vir por aí hão-de vir pelo estradão

S2: não mas...

MP2: onde é que vão passar?

S2: os de Montalegre já andam todos fodidos, que aquela estrada que vai para lá para o...

MP1: querem vir lá para as antenas, até lá à Mourela, naquela estrada em que nós estivemos

AL: sim

MP2: arranja aí umas tábuas com uns pregos para...

S2: eu para os moços não aconselho, sabes o que é que fazem lá, trancam a estrada, os gajos têm os terrenos, e gajos que querem ir andar a cavalo e o caralho, já não vai ninguém

MP2: mas é o rally de Portugal ou a prova da... da...

S2: é aqueles treinos que já tem havido, eu não sabia, o David há bocado estava a falar com ele, com o Vido, estava todo fodido porque lhe passavam à porta do armazém, que não os deixavam ir para os armazéns quando andavam lá em provas, e o caralho...

MP2: mas é prova de automóveis ou de bicicletas?

S2: de automóvel! Andam a acabar com tudo

MP1: jeeps

S2: de carros, é mesmo de carros agora...

MP1: se é com os carros então partem tudo

S2: partem tudo?

MP2: isso abre-se uma vala pá

MP1: nos estradões partem tudo

MP2: esse pega-lhe no tractor do CD e vai-lhe abrir uma vala lá acima

S2: não, estão a acabar com tudo os gajos... tudo

Pincães: MPin1

AL: estava-lhe a perguntar, aqueles usos lúdicos e desportivos do baldio, a vocês não vos confrange?

MPin1: não! Eles pedem autorização...

AL: eles pedem autorização normalmente?

MPin1: pedem autorização

AL: e também não lhes cobram nada?

MPin1: não! Oh, ainda lhes limpamos os trilhos para eles passarem.

E por exemplo virem a taxar esses usos desportivos e lúdicos cabe-vos na cabeça?

MPin1: ora bem, o organizador foi o Carlos Sá... ele é que foi o organizador e parece que pagaram] (...) aquilo só era para pagar as despesas, as deslocações, acontece que o objectivo nem seria [fazer lucro], era mais a pessoa vem, gosta, vê e depois vem cá passar férias, o nosso objectivo é esse (...) *[os passos fazem muito barulho, não se percebe tudo]*

Sezelhe: MS1

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma que o pessoal entre assim no baldio sem pedir autorização?

MS1: não, não, quanto a isso nós não proibimos, não proibimos. Só às vezes temos um bocadinho de coiso mas é que há muito pessoal que agarra nas moto4 e nas motas e metem-se aí pelos caminhos acima e às vezes andam para aí a fazer buracos, de resto não... há trilhos para isso, há trilhos marcados para essas coisas. Mas agora até queríamos fazer aí um, uns projectos, queríamos fazer aí um, como é que aquilo se chama, coiso para bicicletas...

AL: ah, de BTT?

MS1: isso, de BTT, de bicicletas, temos, até fomos ver ali, porque nós temos ali umas casas... nós fizemos aqui uma associação, em Sezelhe, temos uma associação, e depois temos ali uma casa que é, era a residência paroquial, só que nós depois... aquilo estava tudo em baixo e então sugerimos com o pároco, "opa, então ou vocês põem aquilo em cima ou então nós fazemos uma sugestão, nós fazemos uma... havia ali umas casas que estavam todas em baixo ao pé da igreja e então nós fazemos um quarto e um salão para o padre lá ficar e vos cedei-nos a coisa... porque a casa faz 120 m2 e tem de logradouro cerca de 150 m2 e então nós fomos ali a, ali para o lado de Tourem, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos isso, para fazermos uma parceria com Espanha e nós aqui nesta coisa. Só que

estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê...por acaso nós já tivemos com os agentes da ADRAT⁵⁰

AL: a ADRAT é o quê?

MS1: a ADRAT é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas. Nós ainda agora vínhamos do lado de Boticas, há pessoas que depois não cumprem com os projectos que pedem... nós chegamos lá... depois era uma porta de madeira está lá uma porta de ferro, eram estas coisas ali e depois estão lá outras. E depois chegamos a um ponto em que temos de parar com estas coisas e depois há pessoas que já têm que repor dinheiro, há ali uma pessoa ali do lado de Boticas que tem de repor, de devolver 150 mil euros. Depois dizem que é para isto, não é! Depois dizem que metem 4 ou 5 empregados, chega-se lá não há lá nenhum. E agora da maneira que isto está temos de (...) por agora não há, agora pode haver se houver uma parceria com câmaras ou... agora estamos a ver se conseguimos arranjar uma parceria com a câmara e nós a ver se conseguimos fazer esse coiso, nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve “as carrilheiras do rio”.

AL: isso é o quê?

MS1: é um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui

AL: quem é que organiza?

MS1: é a NaturBarroso

AL: isso é...

MS1: não conhece? É o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso

AL: então e eles fazem os passeios deles dentro do baldio?

MS1: fazem!

AL: e não falam com vocês?

MS1: falam... nós até mesmo a Junta, que eu agora actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 euro, mandas vir o que quiseres e depois nós... o pessoal que passar

AL: ok, mas a associação ganha dinheiro com estes passeios

MS1: ganha dinheiro mas também têm muito gasto, são comidas, dão de comer, dão... ali em baixo na barragem estiveram lá todo o dia a assar carne e... também tem os seus gastos

⁵⁰ Associação de desenvolvimento da região do Alto Tâmega – grupo de acção local. Sedeada em Chaves

AL: então o baldio não acha que deve cobrar pelos passeios...

MS1: ora bem, há coisas que muitas das vezes nós, costumava-se dizer “na nossa terra é bem-vindo quem passe”

AL: “quem vier por bem”

MS1: quem vier por bem, nós chegamos nos Reis, nós fazemos os Reis. Estão às vezes cento e tal pessoas ali de volta do coiso sem coiso...

AL: o que é que é os Reis?

MS1: não sabe o que é os Reis?

AL: é o Natal?

MS1: é no Janeiro

AL: ah, o dia de Reis... e o que é que vocês fazem?

MS1: nós aqui fazemos um convívio, até fazemos quase duas vezes por ano, um convívio para toda a gente, matamos um porco, curamos, fazemos as chouriças, com o pessoal todo, depois no dia de Reis vamos comer, as orelheiras, é a orelha do porco, os pés, depois mais algum que não coiso, depois junta-se a aldeia toda, o pessoal todo e pessoas que vêm, convidamos pessoas também de fora, e somos às cento e tal pessoas...

AL: e as pessoas pagam um x...

MS1: não pagam nada! Por isso é que nós estamos a acabar de dizer. É um convívio e depois essas pessoas, que vêm ca várias vezes durante o ano, porque essas pessoas vêm ca várias vezes durante o ano, depois nós ao fim dizemos “olha, no dia de Reis ou tal dia nós vamos aí fazer um coiso, passai por aí”. E é assim, depois juntamos a população, juntamos as pessoas, emigrantes que às vezes vêm de fora que vêm ca passar o natal...

AL: ah, não são pessoas que vocês não conhecem de lado nenhum...

MS1: não, podem vir pessoas... por exemplo uma pessoa chega ali, passou ali, fosse ou não fosse, opa nós convidamos. Ainda na festa de Natal, esteve aí o, como é que ele se chama, um famoso aqui de Portugal... esteve aí e já está, e para o ano volta aí, e já reservou a casa entre palheiros só para vir a esta festa

AL: ah pois, essas pessoas sabem o que é que é bom

MS1: é bom é, a carne dos chouriços, a carne tudo coiso... essas pessoas viram a primeira vez e já para o ano já reservou a casa entre palheiros, para vir aí ao... diz que os filhos que adoraram isto e que...

AL: e essa associação como é que se chama? A vossa associação...

MS1: chama-se associação... chamam-lhe a ACURAS, é a associação para a reabilitação da aldeia de Sezelhe...

AL: então devia ser ARAS...

MS1: pois, ainda estamos a construir ainda agora a casa

AL: então está mesmo a começar a associação

MS1: a associação já tem 4 anos, 3 anos... nós tínhamos uma... havia um boi do povo, que era aquele animal, portanto hoje as vacas para terem, para fazerem criação, são examinadas e levam aquela injeção... mas antigamente não, era mesmo o boi do povo que cobria as vacas

AL: era o felizardo! (RISOS)

MS1: era o felizardo! Mas depois como deixou de haver menos gado, e depois quem tem muito gado começou também a criar um boi... e nós ao pé das casas, dessas casas, desses palheiros, tínhamos uma casa que fazia... que estava junta, encostada com a casa do boi do povo, chamam-lhe a casa do boi do povo, e ainda hoje lá está "a casa do boi do povo". E então "se não cedeis aquilo...". "Epa, só se comprares uma casa mais ou menos do valor dessa e nós trocamos

AL: mas o que ele queria era a casa ou era o boi?

MS1: era a casa, o boi já não existe, há muito tempo! O boi já não existe, ele queria a casa, a casa, que era a corte, o curral do boi do povo. "Se nos arranjares uma casa mais ou menos equilibrada". "Nós temos pa...". Comprou uma casa agora ali, onde agora fizemos a associação, era uma casa velha e agora nós renovamo-la toda e acabou-se agora a cozinha, ainda está por terminar. Mas a associação já existia só que não tínhamos um local próprio, era para fazermos a tal casa do, na corte do boi, a associação. Mas como tava lá o João do coiso que depois nos arranjou uma lá, tanto faz fazer ali como fazermos aqui, e então arranjámos uma casa e estamos a acabar... acabou-se e estamos a mobilá-la e de resto está pronta para podermos lá fazer os convívios, juntarmo-nos, e vamos lá montar um cafezinho por baixo, no coiso, temos um salão por cima e ...

AL: quantas pessoas são na associação?

MS1: na associação somos, praticamente a aldeia faz parte toda, somos mais de cento e tal pessoas associados

AL: então mas há bocado disse-me que eram menos pessoas na aldeia ou não?

MS1: então, mas é toda a gente que está fora também... sócios é sócios!

AL: ah, ok

MS1: sócios... por exemplo, há pessoas que estão em França, ou estão na América ou estão noutro lado, mas fazem parte dela porque se associaram, isto é como seja um socio do Porto ou do Benfica, ou doutra...

AL: e qualquer pessoa pode ser sócia?

MS1: pode, quem quiser

AL: qual é a quota?

MS1: é 5 euros por ano

AL: pode ser que ainda arranjem aqui uma socia (RISOS). Mas essa associação tem papeis já? Já está tudo certinho?

MS1: está, está tudo legal, tudo legal

AL: e o que é que vocês têm organizado?

MS1: não, então, o que organizamos são as tais coisas que nós estamos a organizar. Nós temos, nós fazemos a ceia de Natal, fazemos os Reis, quando é no fim de Julho ou de Agosto, fazemos ali no centro da aldeia onde você tem o carro, fazemos ali um convívio para os emigrantes e... para organizar, para juntarmos as pessoas, e mesmo para as pessoas que vêm de fora sentirem que a aldeia ainda está ali e mostrar o que era antigamente.

AL: E o dinheiro que conseguirem com isso depois investem outra vez em outras actividades, ou querem investir na própria aldeia?

MS1: não, nós investimos nas necessidades que forem mais...

AL: E mesmo isso das BTT's já é uma boa coisa, vai trazer dinheiro...

MS1: vai trazer dinheiro! Mas isso são diferentes coisas do coiso, porque esse dinheiro praticamente, se for para o projecto vamos rever esse dinheiro. Porque nós metemos pela associação, metemos um projecto, opa, deu-nos, deram-nos... acho que foi 40 e tal % do investimento...

AL: qual foi o projecto?

MS1: para arranjarmos a casa da associação. Era uma casa antiga, metemos um projecto, a associação meteu um projecto para a recuperação da casa antiga, foi apresentado, o projecto deu-nos, conseguiram-nos o projecto e depois deram-nos... gastámos 60 e tal mil euros deram-nos 42 mil euros. É por isso que nós... agora se nos disser "vamos por o dinheiro do que pomos ao lado do...", não, isso não dá

AL: pois. E a ideia disso das BTT era também que as pessoas investissem, que quem usasse pagasse qualquer coisa...

MS1: exactamente. Porque depois estão ali as casas, porque depois... eles, depois é preciso lá por as bicicletas, é preciso lá por águas quentes, é preciso... eles tinham que pagar. Tinham para cada pessoa, simbólico sim, mas tinham de dar alguma...

AL: pois, já era uma entrada de dinheiro no baldio, no baldio não, na aldeia, pois, porque isso é da associação...

MS1: é da associação mas a associação é.... O dinheiro que nós temos é de tudo. Onde fizer falta é para onde o dinheiro vai, é... se fizer falta nos baldios vai para os baldios. Se calhar estes 15000 euros, nós... desde que faço parte do CD dos baldios... se calhar tinha meio milhão de euros. Mas se não fosse as limpezas, se fosse fazer plantações ou que fosse, isto

não podia estar feito e para nos dar temos de fazer estas limpezas, que é assim. Agora ainda pior com este corte que nos vão dar. Se nos cortarem 50% do coiso ainda pior. Nós recebíamos uma média de 18 mil euros por ano, eu gastei 15 mil aqui, sobram 3 mil. Tenho de dar destes 3000, no outro dia dei 2500 euros para os sapadores... sobraram-me 500 euros. É isso... muitas das vezes as contas tem que se... agora se no lugar de receber 18, se me dessem 36, já tinha uma margem de 15 ou 20 euros de lado... mas assim não, assim a nossa gestão tem de ser feita desta maneira, temos de andar muitas vezes aí anos e anos se calhar a recuperar 100 ou 200 euros ou 500 euros para por de lado para um dia pormos noutro sitio que nos faz falta. O que é que nós vamos fazer com 500 ou 600 euros, ou mesmo 1000 euros, para fazermos uma plantação... tínhamos de andar anos a anos a recuperar esses 500 ou mil euros para fazermos a plantação.

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: pois... e turismo? É feita alguma coisa

ACm1: oh, o turismo não nos traz propriamente

AL: não taxam também a presença dos turistas

ACm1: não taxamos

AL: nem ali as portas do parque taxam nada?

ACm1: não... a porta do parque taxa mas isso é tudo para o município

AL: ah, porque é a ADERE... não é? Porque a câmara faz parte da ADERE, não é? Não... como é que era...

ACm1: a ADERE é uma instituição criada um tanto ou quanto pelo município

AL: são várias empresas e o município não é? Que formam a ADERE

ACm1: sim, é assim uma família

AL: exacto, exacto... então mas não dá nada para o baldio...?

ACm1: nunca lhes foi exigido... ainda não lhes foi exigido

Cabreiro: AC1

AL: e acha que é possível de alguma forma... isto é, que tipo de solução consegue antever para os baldios e para estas zonas?

AC1: não sei...

AL: pois

AC1: não sei... gostaria de poder dizer assim, olha fica, investe aqui, faz um projecto, faz qualquer coisa que seja vantajoso, orienta-se para o turismo, isto aqui é tão bonito... mas é muito bonito de dizer-lo. Depois ser isto a nossa forma de subsistência eu não sei se será

[possível]. Assusta-me, assusta-me porque eu vejo que não há dinheiro e viver do turismo o quê? Um mês de turismo? Dá para viver o ano inteiro?

Gavieira: AGav1

AL: e há outros utilizadores do baldio, tipo turistas ou associativas de caça, de pesca, do que for...

AGav1: sim, aqui também há um clube de caça e pesca

AL: eles não pagam nada ao baldio? Para utilizar a área...

AGav1: não... a associativa de caça e pesca não, e também há muitas por aí que fazem trilhos e que andam aí constantemente e que também não pagam nada. Nunca optámos por isso, repara, eles têm uma forma que repara que os baldios também ganham por isso, e acho que se calhar afastávamos as pessoas, estás a perceber

AL: pois, e gostam de tê-las...

AGav1: alguém está a ganhar dinheiro, alguém está a ganhar dinheiro, mas prontos, nunca cobrámos nada a ninguém. O baldio nunca cobrou nada a ninguém, mantemos tudo limpinho, tudo o que é trilhos, tudo, e sei que andam aí pessoas a ganhar dinheiro, prontos, a fazer aí os guias, mas aqui o baldio

AL: e para vocês é bom que haja turistas e haja pessoas aí

AGav1: isto aqui, mesmo quando há neve no inverno, isto tem sempre gente todo o ano, mas 30-40 e 100 pessoas às vezes, mas o baldio nunca cobrou nada

AL: mas para a população é positivo que haja essas pessoas por aí?

AGav1: é lógico, são os cafés, para tudo, estás a ver... o que faz funcionar uma coisa faz funcionar a outra... as coisas encostadas funcionam, se não há encosto nada funciona. Passam lá investem, gastam nos cafés, dormem na Peneda muitas vezes, lá no hotel, prontos, e é assim

Soajo: AS1

AS1: vamos fazer, eu gostava de recuperar os moinhos, temos aqui... e os espigueiros todos, porque é assim, todos os espigueiros que temos aqui em Soajo, na sede da Freguesia, e temos em cada lugar... portanto temos núcleos de espigueiros lindíssimos e que nunca foram recuperados... era isso, as eiras, os caniços, que é aqueles espigueiros de varga, os espigueiros em pedra... as nascentes que estão no monte que são lindíssimas e que podiam aproveitar-se também e ...

AL: há fojo do lobo aqui?

AS1: há! Temos dois mas esses já foram recuperados num programa... temos várias casas de abrigo também, mas também já foram recuperadas, as lagoas, também era muito interessante se fizéssemos que dava para prevenção dos fogos, não é? A água... e pronto, são piscinas naturais que são lindíssimas...

AL: melhorar os acessos e assim não é?

AS1: exactamente! Fazer passadiços entre elas...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: Mas a nossa zona é um bocado complicada porque que nós temos a EDP aqui em cima de nós, e a EDP tem-nos mais de metade do lugar, e esses terrenos nunca foram pagos

AL: têm? Ah, as instalações deles e tal

PB1: bom, eles não têm nada legal, não têm nada legal que nós já fomos ver e verificámos mais do que uma vez e não têm nada legal, têm um terreno que é onde está a pousada que nós encontrámos que ela que está legal, mas mesmo os próprios advogados dizem que aquilo que não está legal. Eu sei é que mais antigamente, quando era a Electro do Lima, antes de vir a EDP, e antigamente aqui já sabe a miséria que era, numa aldeia antigamente, nos anos 40 e 50 a miséria que não era aqui, e como a Electro do Lima deu trabalho a muita gente, e sobretudo àqueles que estavam à frente do... na altura não havia junta de freguesia, chamavam-lhes eles os fiscais. E esses senhores para terem trabalho cediam, cediam, cediam, cediam... não havia reuniões, não havia nada como agora, eles chegavam lá e olha “nós precisamos de tantos hectares”, e eles iam por baixo assinavam, tantos hectares

AL: chamavam fiscais à...

PB1: antigamente era

AL: eram tipo, fiscais do poder central?

PB1: exactamente. E então essas pessoas cederam para aí terrenos que era uma coisa por demais, onde nós tínhamos... e a barragem, deu cabo do turismo todo, a barragem a nós destruiu-nos o turismo, nós tínhamos o Rio Lima, que era poço aqui, poço acolá, e era gente pelo rio acima que era uma coisa por demais, isso desistiu tudo. Agora o turismo, embora o presidente da Ponte da Barca diga que nós estamos a viver do turismo... é mentira! Isso é tudo mentira, eu já lhe disse a ele numa reunião “você estão a mentir, nós não temos turismo nenhum, a não ser os emigrantes quando vêm, mais nada, nós não temos turismo”. Quando nós fizemos o trilho e eu passei duas vezes no trilho eu encontrei, cada vez que lá passei, encontrei franceses, bom... e eles falaram-me em francês, bom dia, boa tarde, e eu então disse “olha, mais um francês, em francês!”. E eles disseram-me “ah, você fala francês?” “falo”. “ah, então vamo-nos sentar um bocadinho e vamos discutir um bocadinho deste trilho”. E sentámo-nos e um deles dizia que não havia sinalização nenhuma que arriscavam de se perder na serra. É verdade... é verdade... e então “quando for para fazer o trilho pergunte... porque um carreirinho que está roçado ninguém sabe que é um trilho, até se pensa que é um carreiro para andar a visitar os animais, vocês têm que por os pontos centrais – isto aqui é isto, isto aqui é aquilo, este caminho vai a tal sítio, dar as indicações certas e essa coisa toda – não pode ser assim que vocês assim não trazem nada, estão a gastar dinheiro e não fazem nada. E eles então dizem que para o ano querem fazer uma sinalização muito superior à que está feita. E eu depois também lhes disse

“você fazem tudo o que é normal, mas é contra a natureza, não se põe um pau espetado com uma placazinha a dizer isto é isto e depois se há um fogo desapareceu tudo”. Desapareceu, não há mais nada, fica tudo queimado. E eu digo “você façam isso com outra coisa, uma placa em inox, nem que o fogo passe fica sempre escrito, cum um tubozinho inox, fica tudo escrito para a vida”. E eles também estiveram de acordo com essa proposta, eles dizem que para o ano vão fazer isso tudo, vamos lá a ver se fazem ou não

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: ok, ok... bom, eu agora continuava mas tenho a certeza que tem outras coisas para fazer, mas pronto, só mais isto, a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a camara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a camara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que ? e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e

depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? Não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... não há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isto tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações (?), até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho

duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negocio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

Germil: PG1

AL: então qual é que é assim o grande papel do baldio aqui em Germil?

PG1: é assim...

AL: a importância...

PG1: a importância, a importância é sempre... é as limpezas, cuidar das limpezas para o controlo dos incêndios, o flagelo maior, limpar aquelas áreas onde está a proliferar a... o arvoredado, não é, o pinheiro, proteger... porque senão, o mato se vier ao mesmo tempo vai arder, portanto, limpar esses perímetros e protege-los da melhor forma. Não quer dizer

que quando é, quando é um fogo descontrolado como foi o de 2010 em que não há nada que escape, não é, mas... e pronto, cuidar dos acessos, dos caminhos, pontos, como disse, de alguns pontos de [?] *não se entende*], que também já recuperámos, o fojo do lobo, já recuperámos aquilo e queremos manter

AL: mas portanto, aqui há algum turismo, algum

PG1: sim, sim, sim, há bastante turismo. Também da limpeza dos caminhos que fazemos todos os anos

AL: o turismo traz algum dinheiro ao baldio?

PG1: ao baldio directamente não. Mas traz à aldeia não é

AL: pois, as pessoas vão ao café, fazem isto, fazem aquilo

PG1: as casas de turismo, essencialmente

AL: pois, pois. As casas de turismo são exploradas localmente, por pessoas

PG1: sim, são pessoas daqui que as recuperaram e que funcionam muito bem, o que é importante não é

AL: [E depois fiquei a saber também no decorrer da conversa que quem tem vindo a limpar e a preparar os trilhos no baldio para passeios pedestres e turismo e tal tem sido a associação de moradores de Germil que é uma associação muito nova que ainda não tem muita gente mas que vai mexendo aos poucos, que ainda não houve angariação de mais sócios que está no seu início mas que tem vindo a dinamizar essa questão da delimitação dos trilhos e a sua manutenção, em conjunto com a associação Pé de Rios que é a tal associação que tem um refugio para turistas em Germil que é uma associação criada por um rapaz do Porto que se apaixonou por isto e que decidiu aqui investir e que de alguma forma tem contribuído para o desenvolvimento local no sentido em que atrai turistas e tudo o mais. Cria esses percursos, tem a tal casa de refúgio, etc. Portanto estas duas associações têm vindo a dinamizar turisticamente aqui a região.]

AL: [A casa que a associação Pé de Rio usou para fazer o abrigo era a antiga escola, o rapaz terá comprado e fez então o tal abrigo. Portanto já não há escola em Germil, naturalmente.]

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Quando lhe pergunto porque é que não usam a floresta... porque ele diz que tem regeneração natural, que tem floresta em pé, e por aí, e então porque é que não investem mais na floresta no sentido de conseguir maiores dividendos para o baldio. Ele respondeu que no sentido de rentabilizarem o baldio eles têm por exemplo os trilhos, que andam a arranjar os trilhos para as pessoas fazerem turismo nesses trilhos, então andam a incentivar as pessoas, ou a obrigar, digamos assim, as pessoas a terem de se inscrever e depois pagam um euro para irem ao castelo, com uma visita guiada que é feita por dois funcionários da Câmara que estão ali na porta do Lindoso para fazer o acompanhamento da porta... a porta é um espaço que é explorado turisticamente, não é apenas uma porta, por exemplo a porta do Mezio é uma cena gigante, tem exposições, tem uma maquete de

uma aldeia feita para as pessoas visitarem e verem como é que as aldeias se estruturam, etc., tem uma piscina, portanto é todo um espaço que é gerido por... portanto no caso do Mezio é pela ARDAL, que é a tal do Pedro Teixeira, em conjunto com a Câmara, e aqui no Lindoso é gerida pela Câmara. Então a Câmara tem ali a porta e vende umas coisinhas e tal mas o dinheiro dos trilhos, da visita ao Castelo e aos Espigueiros vai para o baldio... porquê? Este território é nosso, disse o Secundino. “ah, o Castelo está no baldio?”, “está, isto é tudo área do baldio, isto é tudo nosso”. E nesse sentido o que o visitante paga vai para os baldios, portanto isso já é uma rentabilização das visitas turísticas. E eles estão a fomentar isso e a arranjar os trilhos cada vez melhor e tudo o mais. Por outro lado têm casas de turismo rural que foi um negócio incentivado pelo parque no sentido também de tirar partido do turismo. É gerido por particulares, não tem nada a ver com o baldio, não cai nenhum para o baldio, mas por outro lado incentiva as pessoas a ficar, as pessoas a irem visitar, as pessoas no fundo a gastar, no sentido também de dar algum ao baldio não é... se as pessoas ficam vão querer visitar, vão querer ver o castelo, os espigueiros, e aí entra algum para o baldio, portanto cativa a população.

Ele no futuro do baldio, o que é que ele vê, ele vê que, por exemplo, se deixarem de haver ITI, se deixarem de haver subsídios para limpeza e tudo o mais ele diz que tem de ser o parque a ajudar e a investir, que não faz sentido isto ser Parque Nacional só para inglês ver. E as pessoas vivem cá dentro, têm muitas limitações por estarem a viver num parque, então se deixa de haver fundos comunitários tem de passar a haver algum investimento da parte do parque novamente, como já houve. Para ele o futuro do baldio vai ter de passar necessariamente pelo turismo sazonal. E eu perguntei, turismo sazonal, então e como é que é no resto do ano? Ele responde: “... é que isto nas áreas classificadas, não estejamos para aqui com ilusões, em áreas classificadas não há volta a dar, então, não se pode fazer plantações, não se pode por eólicas, não se pode fazer produção, no que é que a gente se vai basear? No turismo, é que não há mesmo volta a dar. Claro que há sempre o pastoreio não é, mas mesmo no pastoreio andam a cortar em prol da conservação... ou em prol de poupar dinheiro, não sei.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: [...] ah, a questão dos turistas... as pessoas que usam o baldio para percursos pedestres e assim, mesmo, não sei se aqui no parque de campismo também promovem esse tipo de... e sendo o baldio da população de Campo do Gerês há algum tipo de contributo para o baldio ou da parte das agências ou das associações, vamos chamar-lhes assim, que usam o baldio para explorarem o turismo, ou não?

TC1: não... nós temos aqui 3 empresas de animação e aquilo que está instituído é que para as empresas de cá não há contrapartida nenhuma, para as de fora não tem havido também, ou seja não tem havido exigência de darem qualquer contra-prestação, até porque há aqui várias famílias ou, a maior parte das pessoas, têm rendimentos directamente relacionados com a actividade turística, portanto daí que...

AL: e como é que é aqui a afluência no inverno?

TC1: depende do tempo, se estiver tempo agradável... em regra temos sempre clientes mesmo no campismo, mesmo no campismo! Mas mesmo com mau tempo temos sempre. Os bungallows têm muita procura, principalmente ao fim de semana, durante a semana... esporadicamente, mas ao fim de semana normalmente estão sempre ocupados todos.

AL: pois, e são muito estrangeiros ou...

TC1: mais nacionais, 90% dos nossos clientes são nacionais.

AL: por acaso... andei pela zona de Montalegre, andei pela zona de Arcos de Valdevez, e eu nunca vi tantos turistas como neste concelho, é incrível!

TC1: o concelho de Terras do Bouro?

AL: sim!

TC1: sim, O concelho de Terras do Bouro tem mais procura e mais oferta do que os outros todos juntos”

Covide: TCo1

AL: em termos de utilizadores, por exemplo, os turistas podem entrar no vosso monte?

TCo1: podem

AL: não há esse tipo de controlo da vossa parte, embora seja

TCo1: não. Mas penso que podia haver, bastava que nós entendêssemos que sim

AL: e eles usam bastante ou... há bastante turismo aqui, que diz turismo diz outro tipo de actividades

TCo1: há. Aqui na zona de Lamas, que tem ali a fraga da Calcedónia, aquilo tem muito turismo

AL: ah, da Calcedónia, já ouvi falar... sei lá, e actividades desportivas, pessoal que no fundo organiza actividades no vosso baldio, oh, desculpe, no vosso monte, que usufrui, que tira algum dinheiro até, quando se trata de agencias turísticas, por exemplo, mas... portanto, entram à vontade, não pedem autorização, ou como é que

TCo1: não, não entram à vontade e nem podem entrar, tudo o que fazem por aí é clandestino, digamos, porque eles não têm autorização de ninguém, e ninguém tem autorização de entrar numa propriedade de outras pessoas, se não for autorizado, claro

AL: mas vocês não se importam, ou

TCo1: depende, quer dizer, se eles não derem muito... pronto, também não íamos estar aqui agora a proibir tudo, não é... por exemplo, há ai uns trilhos ai pelo meio do caminho, pelo meio do monte, há aqui o da Calcedónia, há aqui o do Castelo, e quero eu dizer que também não... mas esse trilho foi a Câmara que pediu autorização para... portanto, se as pessoas forem lá passar também não vamos proibi-las, não é? Agora, por exemplo, no monte em Lamas, já metemos lá umas pedras para os carros não irem para o meio, passam

na estrada, aqueles jeeps abusadores que vão para lá fazer... e motas. Já metemos... proibir mais ou menos, quer dizer, não é proibir, porque nos não temos lá ninguém a ver.

AL: mas controlam mais ou menos o monte?

TCo1: controlamos... controlamos, porque o monte anda todos os dias pelo menos lá moradores de Covide com a fazenda, todos os dias, se for por Lamas ali para o Gerês, vão encontrar por exemplo se calhar ali muitas vacas e...

Ermida: TE1

AL: mas na altura quando foi a distribuição da equipa de sapadores, vocês não quiseram?

TE1: nós não queremos, ainda há tempos o engenheiro, o engenheiro que pertence [*? não se entende*] “vocês têm uma área grande, porque é que vós não querendes uma equipe”, porque não queremos, porque envolve gastos e depois se as coisas derem para o torto nós depois não temos como pagar, estás a perceber... isto fomos nós que pusemos também

AL: ai sim?

TE1: sim

AL: a sinalização?

TE1: sim, nós demos a madeira e os do parque fizeram o feitiço, eles fizeram o feitiço, nós é que colocámos aquilo, tem aqui um trilhozinho...

AL: isto deve ser brutal fazer aqui uns passeios

TE1: isto é o PR14, é um percurso pedestre de 13 km onde nós estamos a andar

AL: eu tenho de vir para aqui de férias que isto de andar aqui só a...

TE1: lembras-te daquela gente toda que nós vimos a pé, estão a fazer o percurso PR 14

ALL: é engraçado, porque alguns eram bastante mais velhos

TE1: olha só para aquilo, que espectáculo...

AL: é brutal

TE1: e tu consegues lá passar a pé, na parte mais baixa, ao lado, e até na parte superior, consigo ir a pé ate na parte superior, mas isso tem que ser com tempo, tem trilhos ali próximo, depois ao vir para cá passamos por lá e vais ver também o trilho que nós mandámos fazer há pouco tempo

AL: sim

TE1: a seguir à zona da albergaria no Gerês a zona mais bonita do parque é esta aqui onde nós andámos hoje

TE1: se algum dia te falarem do sobreiral da ermida é aqui, às vezes os do ICN, toda a gente diz... portanto o trilho PR14 chama-se o trilho do sobreiral da Ermida... mas depois ainda vamos passar mais aí para dentro...

AL: [...] estavas a falar-me da associação, que associação é que é?

TE1: temos aqui uma associação ligada ao turismo, à promoção turística, uma associaçãozita

AL: ah, é mesmo só ligada à promoção turística?

TE1: sim

AL: não tem outros fins?

TE1: não

AL: como é que se chama?

TE1: ATASE

AL: ATASE? O que é que quer dizer? Associação...

TE1: associação turística não sei quê da Ermida, já nem sei, deixa-me pensar, a t a c e... associação turística...

AL: da aldeia...

TE1: da aldeia comunitária da Ermida, é mais ou menos isso

AL: ok

TE1: é que eu lido com tanto documento que até

AL: vocês têm contabilidade organizada?

TE1: temos

AL: têm uma pessoa de fora que faz a contabilidade

TE1: um contabilista

AL: está bem, e essa associação é antiga ou recente?

TE1: tem para aí 8 anos

AL: o que é que tem feito?

TE1: vai fazendo uns eventozitos, umas festazitas, participa naquelas corridas que vai havendo por aqui, do Carlos Sá e não sei quê

AL: já ouvi falar

TE1: participa na elaboração dos trilhos em colaboração connosco, por exemplo este PR 14 já foi feito no tempo dos outros, mas foi com o parecer dos outros, dos antigos, não é? Eles têm que nos perguntar se podem passar no percurso ou não, depois em colaboração, pronto, resolve-se. Vamos fazer outro trilho ali mais pequeno que este para 5 ou 6 horas, para 4 horas mais ou menos

AL: isso é outra coisa que vocês fazem, dá trabalho mas não ganham nada com isso?

TE1: não... eu não!

TE1: vou só aqui mostrar-te um trilho que nós fizemos

AL: bora, bora. Pois lá está, atraí pessoas, as pessoas gastam dinheiro nas coisas locais, como tu disseste

TE1: mas eu também não tenho negócio turístico nenhum

AL: pois, exacto, não é de ti não é, não é para ti directamente

[saímos do carro]

TE1: se for para a aldeia e alguém na aldeia ganhar dinheiro com isso e não precisar de ir embora para estar por aqui melhor ainda

AL: pois, claro, é isso, acaba por ser bom para todos, lá está... mas essa associação não é das mesmas pessoas, ou seja, tu não fazes parte por exemplo?

TE1: eu por exemplo não, mas há pessoas que fazem parte, dos baldios que fazem parte. Isto é o trilho dos pastores, que os pastores usam, tinha aqui um mato enorme e nós também mandámos... mandámos fazer, aí uns 6 metros de largura, mas daqui até lá abaixo já vamos andar um pedaço [...] mas isto dá, é assim, não fazes a mínima ideia, mas isto dá muito trabalho mesmo, e é preciso ser inteligente para se ter um trabalho, estar a trabalhar e depois gerir nos tempos livres esta parte, estás a perceber?

AL: claro que sim. E ter disponibilidade mental para isto

TE1: exactamente. Se fores uma pessoa que não se importe, estás, és o presidente, vou para o café, isto dá tudo em balburdia

AL: claro, sem dúvida. E aqui também chamaram a empresa que fez a limpeza e tal

[o vento não deixa perceber a resposta]

TE1: há agricultores aqui que estão colectados que depois trabalham para nós quando é preciso, como foi neste caso

AL: ok... e podem não é?

TE1: podem

AL: já ouvi falar que tinha de ser x empresas, que era difícil de contratar pessoas locais e isso não fazia sentido nenhum para essa pessoa que mo disse

TE1: nós trabalhamos desta maneira, quando é trabalhos pequenos como este nós temos aí 2 ou 3 pessoas no lugar que nos passam factura ou recibo ou recibo verde ou o que for, nós temos este trilho para limpar, nós já temos o preço estabelecido, que é 850 euros o hectare mais IVA, e pronto, e a gente chega aqui mede o comprimento, mede-se as médias todas, divide-se pelo número de vezes que se mediu e dá os metros quadrados e gente paga-lhe ao hectare

AL: está bem... e a limpeza de trilhos também é ITI ou é outro subsídio?

TE1: não, não, isto aqui é um trabalho nosso

AL: ah, ok, ok

TE1: nós entendemos que devia ser feito, estás a perceber?

AL: ok, achava que havia um subsídio mesmo para limpeza de trilhos

TE1: não, agora só falta fazer este pedacinho daqui até lá ao cimo daquelas pedras lá adiante

AL: sim, opa isto aqui é mesmo bonito

TE1: já vamos lá, se queres descemos aqui só mais 20 metros

AL: descemos, descemos

TE1: e é isto, estás a ver as tais mariolas, que se chama, são muito pequeninas, mas pronto

AL: pois são

TE1: mas é mais ou menos isto que a gente usa aí pela serra toda

AL: aaah. Pois, eu já vi umas que tinham para aí umas 7 ou 8 pedras umas em cima das outras... depois a água constantemente a acompanhar-nos

TE1: agora, agora

AL: pois... ah, porque choveu agora não é?

TE1: aqui há um mês atrás não ouvias isso... mas é isso que nos motiva, pelo menos a mim, a nós, a direcção, é tentar segurar uma coisa que nos deixaram, que nos deram

AL: sim, que aprenderam a ligar sem... isto aqui também é considerado uma mariola? Não...

TE1: é considerado uma direcção... uma sinalização do trilho, não é considerado uma mariola, porque uma mariola são 3 ou 4 pedras, mas é considerado uma sinalização do trilho

AL: ok, ok... não é o 14 pois não? Este é outro...

TE1: não, não, o 14 é na estrada [*? não se entende*]. Isto aqui é um trilho que os pastores utilizam para passar nesta área... estás a ver? ... as pessoas molhavam-se todas a passar aqui e assim não, a gente corta 5 metros de largura daqui a lá adiante e eles passam à vontade

AL: pois é, então o baldio acaba por ter um papel relevante para o desenvolvimento local aqui da zona

TE1: sim

AL: dir-se-ia central? Ou seja, a ausência de um recurso como este deixaria as populações um bocadinho...

TE1: as populações muito mais rapidamente abandonavam... para mim é assim, eu acho que é isto que traz aqui muita gente, isto é uma zona bonita, se não arder ainda é mais bonita, mais pessoas vêm para o Gerês, não quer dizer que venham para a Ermida mas se vierem para o Gerês já é bom, porque ao fim e ao cabo no Gerês trabalham 10 ou 15 pessoas da Ermida, não é, e trazem receitas para a Ermida, ao fim e ao cabo. Nós na Ermida propriamente poucas unidades temos, temos lá duas unidades que alugam quartos. Agora temos 10 ou 15 pessoas que trabalham no Gerês e isso já é bom

AL: aí é da tal casa do doutor... isto aqui ainda é zona de protecção parcial não é?

TE1: é zona de protecção ambiental tipo II

AL: ok, sim. Porque as pessoas andam por aqui à vontade, eu lembro-me que quando estive na Mata da Albergaria as pessoas não podiam andar lá assim

TE1: uuuh, não sei como é lá, mas sei que aqui só nós é que podemos circular de veículos motorizados, estava ali um fulano que estive para lhe perguntar porque é que ele estava aqui mas

AL: pois, estava ali um carro

TE1: mas como estão ali a fazer um trabalho... essa gente não tem nada que vir para aqui de carro, só nós. Aqui é uma zona de andar a pé. Isso está estabelecido no plano de ordenamento, todos os caminhos e estradas fora de asfalto não podem circular veículos de motorizadas excepto os residentes naturais, só que há um fulano ou outro que tem o rei na barriga

AL: e será que está explícito?

TE1: está, e tem um sinal lá em baixo, nós passámos

[conversa entre o Jorge e uma transeunte de carro numa zona onde a passagem de carros é proibida]

S: eu sei que não posso andar aqui

TE1: exactamente

S: só vou levar umas coisas a uns colegas que vão ficar na cabaninha de Penor, que vieram de Fafião, para não virem muito carregados e já vou para trás

TE1: está bem

S: está bem?

TE1: está bem...

S: obrigada

TE1: porque é assim, se passar por aí a patrulha do parque e do SEPNA eles vão-lhe entregar possivelmente um cheque de 300 euros

S: eu espero que eles não me façam isso

TE1: ah, mas pode ter a certeza, se eles passarem aqui você vai ser notificada]

TE1: vai levar as coisas aos colegas...

AL: ela diz que ficavam na cabaninha... qual cabaninha?

TE1: é o abrigo do pastor que está lá adiante na zona de Fafião

AL: ah, e podem lá ficar assim?

TE1: podem, se ninguém lhes disser nada podem, se não estiver a ser ocupada...

AL: curioso. Ah, era isto que estavas a dizer que ias fazer? Tipo isto?

TE1: é, é, mas lá naquele sitio...

AL: sim, sim.

Está bem, está bem... ela sabia...

TE1: sabe, sabe. De certeza que já para aí vieram...

Bem, isto há montes de gente a fazer aqui percursos

TE1: de verão, de verão às vezes é 50 a 100 pessoas aqui

AL: é que lá nas zonas de Montalegre por exemplo, eu via algumas mas não se compara, é impressionante

TE1: Montalegre é a mesma coisa, eles só pensam em cabras, vacas, burros, queimam tudo também.

AL: não, mas pro exemplo Fafião que é já aqui ao lado, que já é Montalegre, eu vi para aí um a passar, quando andávamos lá pelo meio do monte, não... aqui há muito turismo de facto, nesta zona

TE1: muito mesmo. Muito porque é uma zona bonita estás a perceber? É só pedregulho em cima de pedregulho, é disto que as pessoas gostam de ver. E depois a floresta em si em volta destes pedregulhos todos

AL: sim, dá sombra para as pessoas pararem um bocadinho e tem a sua beleza naturalmente. Depois também a proximidade às Caldas do Gerês... aquilo ainda tem termas?

TE1: tem, tem, e funcionam! De maio a outubro... até ainda estão a funcionar

[falo de como da outra vez que vim não estava ninguém no Gerês, vila abandonada]

TE1: sendo de inverno é mais ou menos isso, sendo naqueles dias mesmo chuvosos

AL: era um dia chuvoso e frio, mas não era inverno, era tipo... até acho que foi por esta altura

TE1: havia de ter mais qualquer coisa para as pessoas irem também no inverno, os invernos aqui não são tão rigorosos como é no norte da europa, essas pessoas do norte da europa devem ficar, acho eu... parece que falta qualquer coisa mais para [*? não se entende*] esta gente, os alemães, os dinamarqueses, os da Suécia...

[fala-se das possibilidades para o Gerês... digo que os percursos se calhar não é o melhor para fazer no inverno]

TE1: não, porque é feito numa estrada destas, não é de mau todo, assim de chuva...

AL: não, num dia de sol deve ser maravilhoso

TE1: claro, é um bocadinho fresco mas trazendo roupa

AL: a maior parte das pessoas que passam por aqui nem devem fazer ideia que estão num baldio não é...

TE1: pois não, chegam aqui e, é gente tão estúpida... “ah, isto é tudo Estado” “ai é meu amigo, isto é tudo Estado desde quando?

AL: mas acredito que é essa a ideia geral, essa é a ideia lá em baixo. Vamos lá a ver, eu agora comecei a aprofundar o meu conhecimento sobre os baldios mas quem não o fez não faz ideia. Eu às vezes a falar com as pessoas, mesmo nas apresentações que vou fazendo e tal, a maior parte das pessoas não faz ideia do que é que é um baldio

TE1: a maior parte das pessoas deve achar que é como está lá escrito na lei “um baldio é um terreno abandonado ou quase abandonado, que não é de ninguém, que é da Câmara, que é do Estado”, não é coisa nenhuma que se pareça...

AL: a ideia que me parece que as pessoas têm é que são zonas que são de alguma forma do Estado, seja das autarquias [ena, tanto carro!

TE1: porque é ali que eles param todos, porque tem ali um sinal de trânsito proibido, mas nem precisava de estar lá o sinal porque o plano de ordenamento já prevê que daqui para cima não tem de estar viatura autorizada ou não. E eles a cada passo passam aqui, a patrulha do parque

(...) agora estão acolá duas motas de 4 rodas, até me admira aqueles marmanjos não estarem já por aqui acima, eles também acham que têm o rei na barriga

AL: sim, eles normalmente andam por todo o lado não é... mesmo em outras áreas protegidas já os vi um pouco por todo o lado... isto aqui é o quê? Já percebi que é onde os carros param, mas estamos ao pé de alguma...

TE1: da cascata do Arado, não sei se já algum dia ouvistes falar

AL: por exemplo, esta empresa da Gerezmonte

TE1: é uma empresa de turismo do Gerês

AL: é, mas eles fazem as visitas aqui no vosso baldio

TE1: é, fazem, fazem como faz qualquer empresa

AL: e não pagam a ninguém o facto de usarem este espaço e recebem dinheiro à pala disto. Isto é lindo ahn

TE1: é... tem escadaria para lá para o miradouro, depois quando vieres com mais vagar vimos aí

AL: sim... este rio aqui é o rio...

TE1: rio Arado. Isto no mês de agosto e setembro tu não conseguias andar aqui que era uma confusão dos diabos de gente a pé e de carros

AL: também é demais não?

TE1: ui!

AL: pois

TE1: quando é em agosto, ui... toda a gente quer ir para a cascata, toda a gente quer água

[falo da minha experiência na portela do homem, de como estava cheio de gente e do turismo]

AL: mas por um lado até fico contente, não é um turismo típico de praia e tal, e acho ótimo que as pessoas conheçam o país que têm, e o Gerês vale a pena

TE1: mas também te digo, há aqui muita gente que não fazia aqui falta nenhuma

AL: ai, isso também acredito

TE1: é só deixar lixo por aí, gente tão porca, eu digo-te uma coisa, tanta escola, tanta universidade que a gente tem por aí abaixo e as pessoas cada vez estão a ficar mais estupidas, na maneira de utilizar o meio-ambiente, na maneira de fazer as coisas

AL: Portanto, vamos lá ver se eu entendo, o ICNF não tem qualquer tipo de trabalho de limpeza de caminhos

TE1: nada, nada. Tudo isto aqui verde, este pedaço, todo este pedaço até à cascata é a Junta que o compõe a cada passo, mas nós também, nós há dias mandámos aí duas pessoas a talhar, são estes cortezinhos na estrada, estás a perceber? Mas durante o verão foram eles que trataram disto. Então, a Câmara e a Junta é que ganham impostos com as pessoas que

vêm aqui para o Gerês não é, se as pessoas ficam em hotéis já são impostos que têm de pagar, pois que arranjem a estrada também, agora lá para cima é tudo connosco, tudo, tudo, tudo, aqui ninguém nos da nada, ninguém...

AL: percursos pedestres

TE1: tudo, tudo, tudo

TE1: isto é que é uma mariola

AL: bolas, uma mega-mariola. Costumam ser assim tão grandes

TE1: não, isto é uma espécie de exagero

AL: foram vocês, não?

TE1: não, isto foi as pessoas que aqui param, de certeza, um lá foi pondo uma pedra, outro outra e pronto, e ficaram...

AL: ah, ok

TE1: isto aqui é o acesso ao miradouro, mas ainda não está terminado estás a ver, que ainda não pusemos a indicação, estás a perceber... ainda falta por um resguardo e ter as placas prontas que isto foi feito por nós

AL: o que é que foi feito por vocês?

TE1: o miradouro, já vais ver

AL [falando dos turistas e dos carros] e maior parte são mesmo portugueses, vendo pelas matrículas pelo menos

TE1: são...

AL: foram, vocês também que talharam esta espécie de escadinha?

TE1: isto foi feito pelos escuteiros, há 30 anos ou por aí

AL: ah... os escuteiros da Ermida?

TE1: não, não sei de onde eram mas eles é que na altura andavam muito por aqui. Isto já existia, eles só deram um arranjo nessas pedras

AL: ok. E vocês limparam isto foi? Ou estão a limpar...

TE1: nós cortámos o mato há tempos

AL: vocês conhecem todos a malta dos GNR ou... dos GIPS

TE1: eu o condutor conheço, porque o condutor é da Ermida. Alguém cortou aqui alguma coisa, estava aqui uma árvore...

AL: ai foi?

TE1: é só para eu ter a noção, para saber, porque assim eu logo pergunto ao fulano que dá os documentos para a lenha se a pediram, estás a perceber, que é para ver se foi alguém da Ermida ou se veio aqui alguém roubar

AL: e se for alguém da Ermida é na boa? Ou tem de pedir antes?

TE1: tem de pedir tem. Tem de passar um documento onde ele pede, o local e as coordenadas do que quer cortar para lenha, geralmente é arvores secas apenas.

AL: pois, não podem cortar carvalhos...

TE1: não, nada nada. Só lenha seca e derrubada e têm que nos pedir, nós já sabemos onde é ou não e é-lhe passado um documento

AL: e vocês têm um regulamento do baldio daqui ou não?

TE1: temos

AL: para vocês, para os compartes...

TE1: sim

AL: dos usos e costumes

TE1: exacto

AL: eu já vi o de Pincães, o regulamento. Vocês têm algum *site*? Na internet

TE1: ainda não fizemos, apenas temos o correio. Porquê? Achas que era benéfico ter o *site*?

AL: para mim era, para mim era benéfico. Se tivessem lá os regulamentos e outra informação interessante para mim era óptimo (RISOS). Mas, quer dizer, eu acho que é sempre naquela visão de tornar esta realidade dos baldios do conhecimento do público em geral, e acho que a internet serve muito para isso

TE1: até foi uma boa ideia, se um dia fizermos o *site*, que é para aquela gente de lisboa ver não é

AL: sim, um baldio activo, até tem um *site*. Não, é que hoje em dia a internet é a forma mais democrática de se conseguir tudo não é, e toda a gente tem acesso àquilo e é uma forma de os baldios entrarem na boca do povo, das pessoas

TE1: isso é verdade. Que não conhecem, que não sabem da realidade

[fala-se da construção das barreiras de segurança e para suporte no caminho que sobe até lá acima ao miradouro. Foram eles, da ermida que pagaram para se fazer aquilo ao longo da subida que chega a ser bastante íngreme e perigosa]

TE1: (...) nós não temos nada a ganhar com a componente turística mas damos algum apoio naquilo que pudermos, estás a perceber?

AL: sim, e depois é como tu disseste, atrair pessoas aqui tem sempre um lado positivo para a população não é...

TE1: exacto, exacto, é só nessa vertente que a gente trabalha

AL: e agora estou aqui a pensar, mesmo as pessoas andarem pelo baldio acaba por ser vir também, sei lá, de forma de fiscalizar, por exemplo, questões de fogo, se houver alguém no baldio vai avisar não é

TE1: exacto, também...

E o que é que achas das limitações que o parque cria à utilização dos recursos e tudo mais, em termos de tudo não é, de plantações, de eólicas, de... enfim de tudo o que vocês não podem fazer por estarem dentro do PNPG

TE1: é assim, nas plantações... nós não temos plantações, pelo que eu saiba não há restrições em plantações, só não podemos plantar é as árvores que não são autóctones daqui. Agora nós queremos, podemos plantar pinho bravo, se for, isto é, se for tudo pago por nós, porque se for feita a candidatura eles já não deixam... já não é elaborado o parecer para o pinho bravo, eles só querem que plantem árvores folhosas, carvalho e sobreiro

AL: ok, já percebi... se for para vocês ao vosso custo... não há incentivos para a plantação de pinhal

TE1: se for ao nosso custo não há restrições mas se for através de candidaturas há... nas candidaturas eles querem participar e obrigar-nos a por as árvores que eles lhes interessem. Mas depois é assim, o que nos dá algum dinheiro para mantermos os 20 km de caminhos transitáveis como vistes alguns, é o dinheiro dos pinheiros algumas das vezes, não é dos carvalhos, porque nós os carvalhos não vendemos, nem se sabe se alguma vez vamos ter rendimento de carvalhos para vender, nem se vai poder vender, porque é uma árvore que a partir de 30 também não se pode cortar

AL: a partir dos 30...

TE1: 30 centímetros de espessura. Agora no que diz respeito às eólicas é assim, eu para mim acho bem isso, porque nós aqui ou temos de ter uma coisa ou outras, ou virados para o turismo, ou virados para as antenas, e não para lá ninguém isso é certo. É o que eu acho, é a minha opinião, não será a da maior parte deles mas a minha é esta porque eu tenho outra visão, nós ganhamos mais com o turismo e não tendo aqui as antenas do que se as meterem aqui, digo eu, até posso estar enganado

AL: sim, isso depende, se não estivermos só a pensar em questões monetárias e estivermos a pensar também em outro tipo de valores não é, sejam valores de beleza, de gostar de olhar para o seu baldio e de sentir que é seu não é, porque a partir do momento em que as eólicas entram aquela parte pelo menos é gerida por eles não é... acho que há muitas coisas a pesar para além do que se ganhar em termos de dinheiro e isso agora depende, já percebi que por exemplo que tu Jorge acabas por valorizar mais coisas para além do dinheiro... eu não faço ideia que dinheiro é que está envolvido em termos de utilização pelas eólicas mas já ouvi dizer que é bastante

TE1: eu acho que eles dão... não faço a mínima ideia, 3 ou 4 mil euros àquelas Juntas daquela serra por cada eólica lá colocada

AL: pois, é muito dinheiro

TE1: está bem, é muito dinheiro, se forem duas já são 6000 euros, mas o que é que eles vão fazer com aquele dinheiro, eles não fazem coisa nenhuma como acolá... estás a ver aquela serra com aquelas eólicas todas, estás a ver aquilo sem pinhal nenhum só vês algumas manchas verdes... aqui há 20 anos tudo aquilo que tu vês era tudo pinhal, mas pinhais densos, pinhais como aqueles grandes que acolá temos. Se ainda hoje lá fores tem lá pinhais com 30, 40, 50 anos, queimaram tudo nos últimos 20 anos, tudo

AL: pois... pois é isso, também ter dinheiro só para ter

TE1: é assim, para mim as coisas funcionam de outra maneira, eu penso de outra maneira, eu e não é só eu, há mais colegas meus, e pronto, eu julgo que aqui a serra do Gerês ganha muito mais se não tiver eólicas do que se as tiver

AL: pois, pois, não és a primeira pessoa a dizer-me isso

TE1: vêm aqui... Assim aqui à zona norte, aqui à zona do Gerês e do parque vêm aqui milhares de pessoas da Alemanha, da Dinamarca, sabe-se lá de onde, se espetarem com antenas porque não sei quê ninguém cá põe os pés porque fartos de ver antenas devem estar eles

AL: sim, é verdade, mas pronto, quem diz eólicas diz outros tipos de desenvolvimentos que aqui não podem ter aqui dentro do parque, vocês não veem isso com muito maus olhos...

TE1: eu não, eu não... eu pessoalmente não, até é como te digo, há coisas que eu concordo com isso... por exemplo a exploração de pedra, fazer uma pedreira aqui numa esquina qualquer ou duas ou três pedreiras, para mim isso era muito mal feito... é como te digo, ou uma coisa ou outra. Ou então espetam aí com pedreiras em todas as esquinas e acabou-se, ninguém cá vem por os pés e aí está

AL: houve essas tentativas? De fazer aqui pedreiras?

TE1: não, não, não. É assim, agora para consumo próprio da aldeia haveria umas pessoas que até gostariam de cortar aí umas pedras não é, mas também não podem, mas também é um mal menor, depois fica mais barato comprar a pedra do que andar aí a cortá-la a trazer o compressor e a pagar e... tas a perceber, isso é um mal menor... eu pessoalmente acho bem, não fazer pedreira nenhuma no meio do parque e pronto

AL: claro, claro... vocês não têm nenhuma antena aqui também a gerar dinheiro pois não?

TE1: não, não

AL: de telemóveis...

TE1: não porque

AL: isso podiam ou não?

TE1: possivelmente, nunca fomos questionados sobre essa parte... é porque não é necessário

AL: claro, sim, eu digo em termos do parque se é permitido

Rio Caldo: TR1

AL: e em termos de outros utilizadores do baldio, por exemplo, os turistas, ou outros que haja, não sei se há outros de outras freguesias que usam

TR1: os trilhos e essas coisas todas...

AL: sim, os trilhos, ou mesmo para pastar... quem são os outros utilizadores do baldio para além das pessoas aqui das aldeias? Se é que existem...

TR1: os caçadores... há a Câmara e uma empresa de turismo que fazem essas actividades de bicicleta, essas corridas de montanhas e a não ser isso não vejo mais actividades de desporto. Mas pede sempre ordem para passar, vai haver agora uma actividade de jeeps, vão pedir ao parque para... temos um pedido para deixar passar, para não haver problemas

AL: eles pedem para passar sempre, estava-me a dizer mas...

TR1: não, é naquela semana

AL: não, não, não, os outros todos também, os caçadores...

S2: a caça está sob uma associação, pronto, é uma associação de caça em que, pronto, a Junta autorizou essa associação a, digamos, a incluir aqueles terrenos na reserva de caça, pronto, e a Junta na altura já passou uma declaração a dizer que autoriza que esses terrenos, essas manchas, fossem incluídas na concessão deles, na zona de concessão da caça

AL: mas não há qualquer tipo de taxa que eles tenham de pagar ou

S&S2: não, não, não

AL: nem os outros todos, nem as agencias de turismo, ou, não sei como é que se chama, as associações

S&S2: taxas é só para o Parque Nacional, nós aqui não cobramos nada

AL: ok. Mas o parque cobra alguma coisa?

TR1: para ir lá para cima para fazer as caminhadas cobra

AL: ah sim?

TR1: é, para certas zonas

S2: naquelas zonas mais fechadas, nas zonas mais restritas

AL: na mata da Albergaria acho que sim não é?

S2: ali é uma taxa de acesso só, aquilo, eles dizem... aquilo no fundo não é uma taxa, aquilo é um... é para desincentivar a passagem de viaturas naquela

AL: de viaturas... pois, é mais a questão das viaturas

TR1: não, a pé!

S2: não, a pé não

TR1: para ir aos Carris

S2: não, estamos a falar ali, estávamos a falar nos postos não é?

AL: eu estava a ouvir só, para mim... isto é, o que é que se paga dentro do parque?

S2: quando vão daqui, por exemplo quando atravessam para ir para Espanha para a fronteira no verão, principalmente é sempre no verão, há uns postos ali, umas portagens, que as pessoas têm de pagar ali uma taxa para passar ali. Mas aí digamos que é um valor para desincentivar a utilização daquela

TR1: mas os residentes não pagam, como não pagam os naturais e residentes. Mas para fazer caminhadas em grupo e essas coisas todas tem que pedir ordem ao Parque e mediante a ordem tem na mesma que pagar uma taxa para ir

AL: hmm, para certos sítios

TR1: para certos sítios

AL: de protecção total ou qualquer coisa

TR1: é

AL: não sabia que se pagava. Achava que se pagava quanto muito à agência que os leva lá, à associação

S2: e mais, e mais curioso, eu não sei, sinceramente não ando muito por dentro disso, porque pronto, se fosse aqui na nossa zona andava de certeza, mas como não é a nossa área... por exemplo, você quer fazer uma caminhada ou organizar uma caminhada para ir a uma zona dessas restritas em que carece de autorização. Eu ouvi falar em 100 euros. Pronto, paga uma taxa de 100 euros só para o pedido ser apreciado, não quer dizer que o pedido vá ser autorizado. Portanto, eu ouvi falar em 100 euros mas eu não sei porque nunca pedi nenhum, mas corria o risco de pagar os 100 euros, o parecer é analisado e não é autorizado, e os 100 euros ficam lá

AL: e isso é de agora ou é daquela antiga direcção? Porque eu sei que a antiga direcção era mais...

S2: eu não sei isso ainda está em vigor, sei que está em vigor porque... eu sei que isso esteve em vigor porque eu conheço alguém que lhe aconteceu isso, portanto, pediu uma autorização para ir lá, pagou os 100 euros e não foi autorizado. Aquilo é uma taxa só para apreciar o pedido, mais nada

AL: é como pedir um orçamento (RISOS): paga-se e pronto, depois logo se vê. Pois, está bem, mas então a vocês não vos faz confusão nenhuma que haja associações de turismo etc que andem a utilizar o espaço do baldio, a fazer dinheiro com aquilo

TR1: não. Nós queremos é cá gente

S2: dentro de algumas limitações não é

S. porque se vêm para aí... faz movimento, e as pessoas fazem

S2: e trazem lixo e essas coisas todas

TR1: trazem lixo e dinheiro também, não é só lixo

(RISOS)

TR1: para a Junta só traz lixo, não trazem dinheiro porque nós depois temos de limpar o lixo à 2ª e à 6ª feira

(RISOS)

TR1: senão deixam aí como os mares de Albufeira. Mas queremos essa gente cá

AL: apesar do lixo

TR1: apesar do lixo

S2: apesar do lixo

Vilar da Veiga: TV1

AL: e as agências de turismo, sei lá, vou inventar, estava ali ao pé do vidoeiro.... A *gerez monte*, e não sei quê que devem usar com certeza os baldios e que ganham dinheiro com isso, vocês não cobram nada

TV1: não, não, não. Chamamos às vezes à atenção, já chamei várias vezes à atenção da Gerês Monte, porque eles lá nos *crossings* com a bicicleta que eles têm a gente nota às vezes que os caminhos estão todos escavacados, todos estragados, e aquilo é um bocado... e portanto, isso não faz grande, não tem grande mal, quer dizer, chamar-lhe à atenção que é o que a Lei prevê, eu também tenho um peso nesse sentido, embora assim no monte não fazemos muito, mas que tem que levar guia não é, um guia para ir pelos locais certos e não é para... por exemplo, os cavalos vão mas ninguém pega, os cavalos vão para onde lhes apetece, quer dizer vai ali um guia a marcar o passo, não é para quem souber andar de cavalo andar ali como lhe apeteça, é como o guia mandar e não vai ninguém a abusar do cavalo, as pessoas alugam-no mas não é para dar cabo do cavalo. Portanto, e eles ali às vezes vai lá um daqueles habilidosos que sabe andar e portanto eles não levam guia e eles escavam mesmo o terreno todo, o caminho todo, mas mesmo escavado. E às vezes eu chamo-lhes a atenção, neste caso o *Gerezmont*, o guia se vai andar também sabe que se tiver ali a escavar com o carro está a dar cabo daquilo não é, primeiro está a gastar mais gasolina, e depois está a dar cabo daquilo e portanto por vezes chamo-lhes a atenção pelo facto de levarem um guia e que essas coisas não são permitidas. O guia vai com o carro dele, sabe que se tiver ali a fazer peões ou coiso, sabe que está a estragar o caminho, está a

estragar material... não só o caminho, mas também a mota que ele leva e depois os outros também estragam as deles porque veem também a fazer, portanto aquilo é, no fundo é um passeio mas não é para andar ali com... às vezes sim, mas pagar...

AL: não... e eles pedem autorização? Não estou a falar só do Gerês monte, estou a falar do geral, caça, turismo, todo esse tipo de utilizações...

TVf1: não, normalmente não pedem... pedem quando sei lá, os jeeps, neste caso uma prova de todo o terreno, assim uma coisa em grande, isso pedem. Pedem autorização para passar no baldio, isso pede, mas já é uma coisa mais a sério, mas de resto... um jeep que vá por ali ou acolá, a caça... não...

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali. Mas moral da história, daqui para lá é Lindoso (...) e então como a Junta de Freguesia de Lindoso, agora já têm comissão de baldios mas naquela altura não tinham, passou-nos a procuração e nós fizemos o projecto. A mim não me interessava efectivamente para nada a plantação porque eu já sabia que ia arder, mas com base nessa plantação consegui fazer o caminho que vai da barragem junto até ali à aldeia de Vilarinho. Porque aquilo, a barragem fez aquilo mas não deixou nenhum caminho de acesso lá, àquela zona. E então como consegui fazer esse caminho foi porreiro porque começámos depois a desenvolver algumas actividadezinhas

AL: da barragem à antiga aldeia, foi o que disse?

TVf1: [explica a mesma coisa recorrendo a fotografia do livro] e com base nisso, isso concluímos em 2001, e com base nisso criamos o museu subaquático de Vilarinho da Furna, que é mais um museu que nós temos lá

AL: como é que é?

TVf1: o museu subaquático

AL: como é que eu nunca ouvi falar disso?

TVf1: nunca ouviu falar? É o primeiro museu subaquático do mundo. Por isso é que lhe digo, com base naquela ideia de criar o museu etnográfico, já temos 4 meses, temos o museu de Vilarinho, temos o museu das Portas do Parque, temos o museu da Geira, que está junto ao museu de Vilarinho, é subterrâneo, e depois temos o museu subaquático que

é... temos a aldeia, que é as casas, as pedras, tem uma ponte... é só levar o fato de mergulho e vai lá

AL: a sério?

TVf1: a sério, temos 2 mergulhadores lá

[fala-se sobre essa possibilidade pessoal]

TVf1: temos guias turísticos subaquáticos, que é uma associação de Viana do Castelo, que é “Os Caminhos do Mar” (?)

AL: não conhecia

TVf1: é o primeiro museu subaquático do mundo

AL: deve ser espectacular, mas há quanto tempo é que isto existe?

TVf1: desde 2001 [mostra nas fotos antigas da aldeia o que se pode ver debaixo de água] [...] então é o seguinte, com base nisso, a malta começou, malta de viana do Castelo, o Marco Leitão por exemplo, que na altura era o presidente de uma associação de mergulho, Os Amigos do Mar, e agora criou Os Cavaleiros do Mar, que é uma empresa mesmo, ele é de Ponte de Lima mas... olhe, ele até é farmacêutico de formação, mas é todo dedicado a estas coisas de mergulho e não sei quê [...] “nós podíamos... agora que tem um caminho nós podíamos ir lá mergulhar”, e mergulharam e fizemos um protocolo com eles, a Furna. E a coisa começou a funcionar... depois, um dia houve ali uma confusão qualquer, ah, mudou o director do Parque, e eu estava.... Tinha ido a Astorga, fica ali em Leon... porquê? Porque Vilarinho da Furna muito provavelmente a aldeia de Vilarinho terá começado quando fizeram a celebre estrada da Geira [aqui refere que a primeira vez que isso foi escrito foi no seu livro], uma estrada romana que ia de Braga até Astorga, e Geira só se chama a um troço que vai dali de Amares até ali à Portela do Homem, tem muitas curvas... ou melhor, é uma designação

AL: eu conheço, é aquela que passa pelo meio da mata da Albergaria?

TVf1: exactamente, que é a estrada romana do tempo Vespasiano, que em termos [? *Não se entende*] é a estrada nº 18 do itinerário de Adriano.... Uma espécie de Guia Michelin que dizia as estradas do império romano, século I, da nossa era, foi atribuído a Adriano, ninguém sabe muito bem quem era esse Adriano... se foi um imperador... e as estradas vêm numeradas e então aquela é a estrada Via Nova nº 18, e a 17 é aquela que também sai de Braga e vai por Chaves, que era mais antiga. E depois Astorga... e então Astorga estava-me um bocado atravessada, eu andava a falar de Astorga a todo o momento e nunca tinha ido a Astorga, até que um belo dia terminámos a nossa reunião a nossa reunião assembleia geral ali junto ao museu e depois meti-me no carro, foi em 2001, por aí e meti-me por aí afora e fui a Astorga. E depois já vinha no regresso

AL: e foi por essa estrada?

TVf1: a estrada... agora é a estrada nova, é alcatroada, nalguns sítios apanha troços antigos mas já está a desaparecer. A zona onde está mais conservada é ali precisamente na zona da Albergaria, concelho de Terras do Bouro, não é só na zona de albergaria, é no concelho

todo, porque um presidente da Câmara bateu-se por isso e comprou aquilo e tal e fez umas coisas interessantes, e até é património nacional

AL: pois, por isso é que eu estava a perguntar, cobrar portagens dentro do parque

TVf1: não tem problema nenhum, não. O próprio parque, por proposta minha, da Furna, começou... claro que eu lancei aquilo, mas foi um processo com a Câmara, com o parque e com essas coisas todas, com a Junta, montou ali as portagens na entrada da Mata de Albergaria no verão... agora no fim de maio vai começar isso. Pôs uma portaria, sai no diário da república e tal, mas foi iniciativa até das populações locais, porquê? Porque aquilo é para evitar o acesso à mata da Albergaria, que é um pandemónio. Só que depois funciona exactamente ao contrário, quanto mais gente for, mais dinheiro cai na bolsa não é, e então eles até punham anúncio para ir para lá mais gente, mais dinheiro recebiam ao fim do dia, o objectivo era por exactamente ao contrário, deixar entrar tanta gente e enquanto não sair um não entra outro, que é o que nós fazemos ali em Vilarinho, já foi proibido de entrar lá um vereador da Câmara de Terras do Bouro enquanto não saísse outro, e esse depois chateou-se e não foi mesmo, e era uma festa promovida pela Câmara lá dentro, eu disse “enquanto não sair um, não dá” “ah, mas eu sou vereador. [continuando a história do Diário do Minho...] [...] eu às tantas já me estava a chatear com aquilo e disse-lhe “vamos deixar de falar de conflitos com o parque, acho que não temos conflitos nenhuns, vamos falar sobre o museu subaquático de Vilarinho da Furna”. E o diário do Minho espeta lá com o museu subaquático. Na sequência disso o Público vai logo atrás da história do museu subaquático, manda logo repórteres a fotografar a malta a mergulhar e aquelas coisas todas. Claro que a televisão soube disso e convidou-me logo para ir fazer uma reportagem para a televisão. Então foi lá o Serra, o Alberto Serra, acho que eles já está aposentado, ainda fiz uma entrevista com ele mas acho que já está aposentado

AL: é quem?

TVf1: o Alberto Serra, que era jornalista da televisão, ali do Porto. E então convidaram-me para ir lá acima, queriam fazer uma reportagem em directo para o noticiário da uma [...] por acaso nessa altura a água estava um bocado baixa, e eu dei a entrevista mesmo no meio da aldeia

AL: portanto viam-se as casas?

TVf1: sim, sim, metade estava descoberta, e ali estivemos a conversar [fala do atraso que houve, e de como ele se enganou nas perguntas e tiveram de voltar atrás, portanto que aquilo demorou um bocado e que quando saíram de lá já devia passar do meio dia e qualquer coisa mas que ainda assim à uma da tarde estava a reportagem no ar] “museu subaquático, o primeiro da Europa... do mundo, não fazia a coisa por menos, nem sabia se havia outro, depois é que vim a confirmar que não havia outros. Ora bem a coisa pegou e a partir daí começou malta a querer ir a Vilarinho, cada vez mais... e já lá foram mergulhar associações de mergulho aqui de Lisboa, já foram lá do Algarve, da universidade do Algarve... que até, por exemplo, no Algarve, os estudantes de biologia marinha, mas eles têm de treinar a mergulhar, e em vez de irem treinar ao mar bravo foram treinar a Vilarinho... os bombeiros por exemplo já lá vieram mergulhar e treinar, os bombeiros da

Bélgica e da Holanda, e portugueses. O da Bélgica foi o seguinte, era para fazerem uns treinos ali, juntamente com os portugueses, ali em Esposende, então andaram lá com os bombeiros de Esposende, Barcelos, etc., só que o mar estava muito agitado naquele dia e não dava muito para mergulhar, e então como eu tinha um sobrinho que trabalha na Câmara lá de Barcelos, que até é o nosso tesoureiro, telefonou-me a perguntar se podiam ir mergulhar a Vilarinho “vá, pode sim senhor”. E lá foram treinar, claro que ficaram todos entusiasmados com aquilo não é, e depois passam a palavra uns aos outros. Mas esta história de ser o primeiro, tanto faz que seja o primeiro ou o ultimo, mas tem a sua piada, isso foi em 2001, dada a notícia na televisão portuguesa... em 2009 no noticiário da noite, está o José Rodrigues dos Santos “ah, e tal, primeiro museu subaquático do mundo em Israel”, disseram que descobriram para lá um porto do tempo dos romanos, então foi lá a malta mergulhar e tal, em 2009... o nosso tinha sido em 2001, só pode haver um! Aqui há tempos também, houve outra história, foi não sei onde, uma terra qualquer, também vinha lá, o primeiro museu subaquático do mundo “não, o primeiro é o nosso!”. [...] e temos tido malta que lá vai, pedem-nos autorização para ir, pagam um tanto

AL: isso já é agora os Apoios Zonais, que mudou agora com o novo PDR

TVf1: não sei se estes 7000 euros não são ainda do anterior, mas vá lá que ainda temos dinheiro para isso, vá lá, vá lá. Já recebi o orçamento e agora espero que me façam aquilo, tenho de fazer até meados de Abril por causa dos prazos. Mas esse até nos vai ser bastante útil. Porquê? Porque é... neste, aqui neste vale [mostra-me num mapa ou fotografia no livro] e eu pedi-lhes para em vez de entrar tanto por aqui, para manterem a mesma área mas puxam-me aqui para me limparem o rio, porque está cheio de, agora de verão está seco, mas de inverno..., mas no verão está seco, e tem aqui umas poças que são autenticas piscinas naturais que a malta chega ali e “epa, gostava de tomar banho” e tal. Só que precisa de estar limpo, porque senão não se chega lá, então se eu fizer limpeza nisto aqui, fica por aqui fora até esta área aqui. [...] Então, com essa limpeza nós ficávamos aqui com uma dezena de piscinas naturais, de água quentinha, até pode apanhar trutas ali e comelas na hora, aquilo está cheio de trutas e de escalos e de bogas, apanhei lá muita truta. [...] porque eu tinha a intenção de ser ali, mas por acaso o Carlos Pinto até me apontou para ali. E já telefonei lá para ele me tratar disso. Porque nós temos aqui um trilho pedestre, feito em colaboração com a Câmara Municipal de Terras do Bouro e de Ponte da Barca, que começa em Vilarinho e sobre a serra toda por aí fora, 34 km, e durante esse percurso aparecem depois as cabanas de pastores, nós recuperámos 8 cabanas, e se quiser lá pernoitar, leva um saco-cama e fica. Já lá dormi várias vezes a guardar o gado só com um simples retalho pelas costas, nós nem precisávamos de mantas nem nada, também era de verão

AL: e essas pessoas que andam por lá, para além dessa tal cancela, não é, ...

TVf1: se forem a pé não controlamos nada

AL: ok, não tiram qualquer tipo de benefício monetário da entrada dessas pessoas. Mas normalmente, ao menos que não estraguem, porque nós recuperámos essas cabanas e em duas pusemos umas portas, porque lá no projecto as cabanas não tinham portas, ficava a porta aberta, punha-se assim um molhe de lenha e de urzes à porta, que se queimava e no

dia seguinte ia-se buscar outro, portanto não tinha portas. Até porque algumas são tão baixinhas que até nem dá para por porta. Mas como o Carlos Pinto fez projectos lá de Montalegre, de Vilar da Veiga e do Gerês, onde as cabanas tinham porta, então espetou com portas em todas as cabanas. A gente nem reparou naquilo. Quando foram ver “eh, faltam aqui as portas”. “Oh diabo, realmente está aqui no projecto”, agora pediram outra vez a revisão do projecto, coisas do arco-da-velha, enfim, uma confusão. Fez-se portas em duas, que são duas cabanas, normalmente elas são assim [procura no livro]. São cobertas de terra, mas há duas que são cobertas de telha, e essas tivemos de fazer de raiz, porque tinham levado as telhas, tinham deitado as portas abaixo e não havia lá nada para ninguém. E então pôs duas portas. Passado 8 dias tinham queimado as portas! Já viu uma coisa destas? Queimaram as portas mesmo. Os bandidos... é suposto que uma pessoa quando vai para a serra, vai usufruir, não vai estragar aquilo que está feito para eles, eu não usufruo daquilo para nada, a gente está farta de andar lá pela serra, não vai lá pernoitar. Agora, a mata que vem de longe, fazer os 34 km num dia [...] Ou então fazem ao contrário, fazem a cama cá fora e fazem da cabana a casa de banho, com a serra toda por conta deles... fazem uma coisa destas

AL: por acaso tinha a ideia que ali haveria mais respeito

TVf1: não há respeito por nada, principalmente quando é feito pelos outros, aquilo é feito para benefício deles. Enfim, é o que temos

[... depois passa-se para a recuperação de uma das cabanas que se vê no livro. Diz que gastou 40 e tal mil euros, que o subsídio dava 30 e tal mil, só que depois o IVA tem de ser suportado por eles, nestas, nas não produtivas, o IVA é suportado pelo beneficiário... ou seja, a conta deles subir de 30 e tal mil euros para 40 e tal mil euros]

TVf1: [...] mais uma que não ganhámos nada, só nos fica caro

AL: pois, isso acaba por de alguma forma ser bom para o turismo

TVf1: só nos deu prejuízo, para nós não dá nada, e não há turismo nenhum, para nós não há turismo nenhum

AL: há um trilho não é?

TVf1: mas mesmo o trilho o que é que vai dar? Normalmente quem vai ao trilho é gente de pé rapado [RISOS] isso não é malta de *Rolls Royce* nem, é comer e andar, pegar numa sandes e levar as coisas às costas, qual turismo... em Vilarinho não fica lá nada... só nos estragam até

AL: ah, não estragam, estragam? Ah, pois, queimam portas... então e em termos de utilizadores dentro do monte são sobretudo as pessoas das outras aldeias

TVf1: depois há... podíamos tirar um dinheirito de umas árvores... mas aquilo que plantámos ainda não cresceu, outras arderam alguns (...), mas às vezes há assim árvores mais antigas que temos que tirar, senão ficam no lugar e se pegam fogo

[Refere como já houve lá um centro de artesanato só que depois eles construíram um edifício próprio em Covide, criaram uma associação para isso, um centro de artesanato ali nas Pedras Brancas, ali à saída de Covide, a caminho do Campo do Gerês, houve um senhor que quis montar lá o seu poiso para alugar cavalos e meter lá o seu cafezinho]

TVf1: Está a ver como levou ao desenvolvimento, nós temos contas do ano passado, só ao museu de Vilarinho foram 17 ou 18 mil pessoas, sem contar com as pessoas que não vão por lá, que vão para outro lado

AL: claro, e acabam por dinamizar ali a zona

TVf1: olhe, o Campo do Gerês, e inclusive lá na... agora não sei, mas quando começaram, na pousada do Stop, que hoje é a Residencial o Stop, então nos carimbos tinha lá, Vilarinho da Furna... está a ver, Vilarinho da Furna é marca, e como é marca leva gente lá. Ninguém iria ao campo do Gerês por causa do Campo do Gerês, ninguém sabe o que isso é. Mas se ouvirem falar de Vilarinho da furna, vai lá de certeza. O Gerês ainda vá que não vá, agora Vilarinho da Furna... é conhecido mundialmente. A marca leva gente... nem é Vilarinho, mas ali a área do Gerês é o 3º destino turístico do país. Alterna entre o algarve e a costa do sol, ali até ao cabo da roca, alterna entre um e outro, e o terceiro é sempre o Gerês, se não entrar aí em linha de conta com Fátima, mas Fátima nem é turismo, aquilo é mais comercialismo do que... aquilo não é turismo, um turista tem de estar 24 horas fora de casa, aquilo é mais excursionismo do que turismo, portanto o Gerês mantém-se em 3º lugar. E acho que Vilarinho tem contribuído um bocadinho para isso [...]

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MeC1: não

AL: e não vai dar?

MeC1: vai!

(RISOS)

MeC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descubrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valoriza-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos pôr uma taxa nossa

AL: por exemplo, os percursos pedestres são arrançados por quem?

MeC1: essa é uma das coisas que vamos querer conversar com o presidente

AL: ah. Até agora não era a Câmara Municipal então... alguns foi a Câmara, ainda agora o ... vai ser inaugurado o centro de BTT

AL: ah, sim, vi lá em baixo naquela revista que está ali em baixo [na sede da Câmara] e esse por exemplo é... a Câmara contratou uma empresa para fazer a limpeza de alguns trilhos, havia outros quer eram os sapadores, vamos tentar... aquilo também era um bocadinho confuso a gestão porque eram as mesmas pessoas que estavam... praticamente as mesmas que estavam na Junta estavam na assembleia de partes

AL: ah, sim, isso acontece em muitos baldios

MeC1: pois, acontece... então é preciso pensar muito bem se foi a Junta a fazer, se foram os baldios, se quem pagou foram uns ou foram outros

AL: pois, pois, e isso não era claro nas reuniões e nas apresentações de contas?

MeC1: não, nunca era muito claro. Agora, estávamos a ver agora para trás e nas contas, e realmente os baldios participaram em montes de coisas, só que na altura, também não convinha muito, se calhar convinha mais a quem era da Junta não é, para valorizar mais o papel da Junta

AL: e acha que o baldio... estou a pensar nisto por causa do centro social, que pode ter um papel importante do ponto de vista do desenvolvimento local ou

MeC1: em termos de turismo acho que pode

AL: trazer pessoas para cá e... e acha que é ao ponto de conseguir fixar jovens e assim aqui na região? Se contribui para isso

MeC1: acho que pode contribuir para criar poucos postos de trabalho, mas um ou dois que crie já é bom, não é? E temos os pastores que são postos de trabalho não é? E esses, só existe pastoreio por causa do baldio. Por outro lado, lá em Castro as únicas actividades que eu vejo assim a medio prazo são mesmo ou o pastoreio ou o turismo

AL: lá em Castro o turismo está organizado? Há lá alguma coisa? Eu ainda não tive muito tempo em Castro só lá passei

MeC1: não... aquilo também há uma empresa que está a exercer a actividade de animação turística da aldeia de Castro. E depois há várias que lá vão assim de forma esporádica, mas acho que não há nada nem nenhum órgão que os reúna. Aquilo está um bocadinho confuso

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: é... para os helicópteros... vê acolá os cavalos...

AL: ah, quem é que explora os cavalos?

MeC2: é um casal, é da sua terá, lá de Lisboa

AL: mas estão aqui? Ah... da minha terra (RISOS)

MeC2: não é? A sua terra

AL: sim, digamos que sim

[...]

AL: e estão em Castro Laboreiro eles? A fazerem essa...

MeC2: estão ali do outro lado, têm ali uma casa do outro lado onde nós estávamos, têm lá um centro equestre, como se chama, têm os cavalos

[Fala de como agora já se começa a ver portugueses a fazer as caminhadas mas que é recente e são poucos ainda, que 'lhes custou a entrar', que iam de carro antes, mas agora...]

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: vocês têm muitos turistas aqui no baldio? A fazer percursos pedestres e assim

MeL2: ah, há, muitos, muitos

MeL1: há aí um parque de campismo já aqui pertinho

AL: eu sei, eu sei

[...]

MeL2: aqui nas Portas do Parque passa muito turista

AL: e eles usam o vosso baldio também...

MeL2: diga?

AL: os turistas entram no baldio

MeL2: sim, sim, sim

MeL1: entram

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MeL1: não

AL: nem taxam essa entrada?

MeL2: não, não, não. Nem um cêntimo

AL: e como é que veem essas entradas? É uma coisa boa para a população, para a comunidade e para o baldio?

MeL1: não, não fazem diferença nenhuma

MeL2: eu acho que é, traz vida aqui para a terra não é

MeL1: agora o que há é o turismo, tem que se apostar nele ao máximo

AL: mas, por exemplo, há agências turísticas que levam as pessoas a passear ou fazem de guias

MeL1: há, há a Sylvie, há o do parque de campismo, há aquela empresa de Melgaço dos desportos radicais...

AL: e eles acabam por fazer dinheiro no baldio, não é... eles usam o baldio

MeL2: eles vão com monitores deles não é

AL: pois, mas vocês não cobram nada a essas agências?

MeL2: não

AL: nem têm... nem faz sentido para vocês? Ou faz?

MeL1: para quê?

MeL2: não, porque se a gente lhes fosse levar dinheiro eles iam embora, desistiam

AL: era?

MeL2: claro que sim, a maior parte

AL: e vocês gostam é que eles estejam cá não é?

MeL1: claro

AL: dinamizam aí a

MeL2: claro, trazem vida para a terra

MeL1: e está a haver cada vez mais, isto tem crescido, o turismo tem crescido

MeL2: se quer saber os turistas que passam por aqui é ir ali às Portas do Parque que eles têm lá tudo apontado e já lhe dizem

MeL1: ele também lá trabalha

AL: trabalha lá?

MeL2: trabalho lá. Sou guarda-nocturno

AL: ah, do parque?

MeL2: não, das Portas, das Portas. Mas nós trabalhamos é com a Câmara não é. A Câmara é que gere isto, ela e o Parque, ela e o Parque. Mas nós estamos como funcionários da Câmara ali a trabalhar

AL: e os turistas que entram na Porta pagam alguma coisa? Ou seja, que... pelo menos eu vi isso em Lindoso, que havia uma taxazinha, tipo um euro

MeL2: é, uma taxazinha. Para informação isso não paga nada, se quer ir... nós temos uma maquete ou como é que se chama, lá em cima, ora bom, aí já paga uma taxa de, é de uns 80 cêntimos, é assim uma coisa, pouca, uma coisa simbólica

AL: e esse dinheiro vai para quem?

MeL2: esse dinheiro vai para a Câmara e para o Parque, que é quem faz a manutenção das Portas, não é, de tudo aquilo, qualquer trabalho a fazer, eles fazem

AL: a Câmara não investe nos trilhos?

MeL2: que nós saibamos... não

AL: e vocês?

MeL1: não

AL: vocês também não? Então quem?

MeL2: é mais o parque

AL: é?

MeL2: o Parque Nacional é que trabalha mais aí nesses aspectos

MeL1: nós vemo-nos mal para limpar as nossas propriedades, estamos velhos

AL: ai não, estou a dizer pagar a alguém não é? À empresa, à AMBIFLORA ou que é

MeL2: já se sabe que há que pagar, e não há dinheiro. Se houvesse dinheiro com abundancia a gente até faria

AL: não, mas eu digo, os sapadores... vocês pagam aos sapadores

MeL1: eles fazem os caminhos fora do perímetro da aldeia, só caminhos até... até chegar ao baldio, no baldio não fazem. Aliás aqui, até há um tractor [*? não se entende*] vão com as máquinas, mas não vão para longe, não vão fazer os trilhos para as caminhadas

MeL2: os trilhos é mais o Parque Nacional

[...]

AL: pronto, então a grande importância hoje é ir mantendo umas coisas bonitas e tal

MeL1: para quem passa por cá, para quem vem de longe

AL: e do ponto de vista do desenvolvimento local, há alguma contribuição do baldio para o desenvolvimento local destas comunidades, destas aldeias ou

MeL1: se o que nos dão nos baldios der para limpar já é bom... é muito bonito mas... se chegar para isso já é bom

AL: vocês não investiram nada com aqueles subsídios que há que é para investimentos não produtivos? Que é para reabilitar o fojo do lobo, os moinhos, as cabanas dos pastores

MeL2: não há cabanas

MeL1: não temos cabanas. Do fojo dos lobos também não se fala disso já há muito muito ano. Os moinhos estão em ruínas

AL: é o que eu estou a dizer, há subsídios para recuperar

MeL1: não sei se há, não sei se há

AL: mas eu estou a dizer-lhe [RISOS]

MeL1: há? E para as levadas também há?

AL: provavelmente... no fundo são subsídios para conservar o património cultural, vá, que no fundo é também tendo em vista o turismo

MeL1: os moinhos era uma coisa boa se se pudessem recuperar também. Agora não vão trabalhar que agora não há grão para moer não é

AL: sim, mas lá está, fica com bom aspecto, os turistas gostam

MeL2: nós aqui tínhamos uns quantos moinhos

MeL1: quatro. Temos oito, mas quatro são da comunidade e quatro são de particulares

AL: ah, eu vejo muito disso em outros baldios, recuperação de moinhos, do fojo do lobo. Para quê? Para as pessoas que vão visitar, gostam de ver, aprendem, ...

MeL1: o fojo do lobo aqui já não existe há muitos anos

AL: eu já visitei alguns

MeL2: fojo do lobo não temos

AL: sim, só dei exemplos do que eu vi noutras aldeias... eu não sei como é que está este ano, agora mudou o quadro, mas eles candidataram-se noutros anos para fazer essas recuperações e tal, e têm aquilo tudo bonitinho

MeL2: mas era dentro do parque ou fora também?

AL: dentro do parque

MeL2: ah, mas nós dentro não temos nada

MeL1: não, está fora do parque

AL: pois, eu não sei se para esses casos também dá⁵¹

MeL2: é uma questão de nos informarmos

AL: pois, é isso, se tiverem interesse

MeL1: a quem nos devíamos dirigir para sabermos essas coisas?

AL: se calhar até o próprio Carlos Pinto vos sabe dizer. Vocês não têm nenhuma associação que vos ajude na candidatura à ITI ou aos AZ. Não?

MeL2: é o Carlos Pinto

AL: é o Carlos Pinto que vos ajuda... então ele há-de saber

MeL1: ou a Sandra, engenheira florestal

AL: ah, vocês são associados da Atlântica?

⁵¹ A medida faz parte das ITI / AZ, dirigidas a zonas protegidas e de Rede Natura.

MeL2: ainda não estamos associados, estivemos a conversar com ela e a organizar isso tudo para entrar aí nesse terreno, mas ainda não estamos associados. Mas de certeza que vai ficar, que vamos ficar associados a ela não é. Porque ela sempre vai, vai estar sempre mais ocupada que nós, dentro dos assuntos que vão saindo

Outros usos recreativos

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

AL: vocês têm caça dentro do baldio de Cabril?

MCa1: temos

AL: e é aqui dos povos da freguesia

MCa1: sim, é uma associativa de caça e só podem caçar cá os nativos

AL: ok

MCa1: não é aberta a qualquer um. Toda aquela zona de acolá e a partir do rio para lá já não se pode caçar, o parque também impôs algumas... alguns perímetros...

AL: é aquilo da protecção total, protecção parcial...? Ali é protecção total?

MCa1: não! Ali é parcial tipo I... tipo I ou II, isso agora... qual é que é a mais grave?

AL: a mais grave acho que é a tipo I

MCa1: é a I, então esta é tipo II. Do rio para cá é área de ambiente rural em que praticamente não há impedimento nenhum com nada, e de lá já há um bocadinho, mas pouco também. Depois lá em cima nas Lagoas do Maninho, onde fizemos o abrigo já é tipo I. e depois na zona dos Carris, já ouviste falar? Nas minas dos Carris, havia uma exploração mineira no tempo do volfrâmio... lá no topo da serra a 1500 metros de altitude em que a estrada de acesso era da Portela do Homem, do lado do Gerês para cá e vinha para ali. Os Carris é de Cabril, do lado de Cabril

AL: ah. E é tipo quê? Protecção...

MCa1: total!

Covelães: MCov1

AL: vocês têm aqui alguma associação de caça dentro do baldio?

MCov1: temos uma

AL: e eles pagam alguma coisa ao baldio?

MCov1: não pagam nada. Por acaso até fui eu que organizei essa associação. No princípio eu com um de Pitões andei a apanhar as assinaturas e coiso e conseguimos.

AL: também faz caça então?

MCov1: não, caçava. Agora já não, agora é mais o meu filho

E depois a caça, temos a caça... os de Montalegre, Aldeia Nova, andam toda a noite com os carros, por um lado, por o outro, dão cabo da caça toda. Depois não há ninguém do parque que venha aí olhar por isto. Nada! Podem chamar a guarda, podem chamar o coiso... não vem ninguém! Não querem saber disto. A guarda está tudo contra isto

AL: contra o quê?

MCov1: contra o parque, contra o parque.

AL: a guarda o quê? A GNR?

MCov1: pois, a GNR quer lá saber do parque...

AL: mas a GNR agora é que fiscaliza as florestas não é?

MCov1: sei lá, para aqui não fiscaliza nada, não querem saber de nada, não ligam nada

Fafião: MF1

MF1: é que tivemos o *trail* há 15 dias e agora temos o jantar...

AL: o *trail* é o quê?

MF1: o *trail* do Carlos Sá é correr no meio do monte

AL: Quem é o Carlos Sá

MF1: aquele que ganhou a maratona do deserto nos Estados Unidos...

AL: ah, não sabia. Se calhar devia saber não era...

MF1: essa era obrigatória

AL: RISOS. Ganhou quando?

MF1: ganhou já para aí há 4 anos ou 5. E ele agora organiza os *trails*, e foi a primeira vez que passou aqui foi há 15 dias. Começou nos Arcos no dia 26 de abril e acabou no dia 2 de maio, acabou aqui no Geres. E tivemos aqui uma parte que vinham do Xertelo, essa aldeia onde foi o acidente, que é quase lá na ponta, até ao Gerês. Vieram, passaram por Cabril, Pincães, pronto, Xertelo, Cabril, Pincães, passaram aqui em Fafião e depois foram até ao Gerês. E outros no mesmo dia vinham do Gerês ate Fafião e nos tínhamos aqui um posto de abastecimento e dávamos de comer nessa tal escola aos 150 que estavam a correr de lá para ca. Estes que passavam aqui só comiam uma fruta, uma marmelada e seguiam para o Gerês. E os outros paravam ali e depois o autocarro levava-os outra vez. E hoje e... este, como o

Lino não está, esse da marinha que é o presidente da Vezeira, não está disponível, encarregou este, só que este é construtor e rebentou-lhe não sei que no camião, e já não pode ir, e vou ter de ligar a um dos outros para ir...

AL: ao jantar?

MF1: sim

AL: e essa malta pagou-vos para...

MF1: não

AL: essa comida toda teve de vir dos vossos...

MF1: não, grande parte nós fizemos uma lista de compras e foi a câmara que pagou. Mas tivemos aí 15 pessoas a trabalhar... por exemplo, eu que estava ali no pórtico, que era onde eles se encontravam todos, que mandavam uns para um lado e outros para o outro, para eles não se cruzarem, cheguei, ainda não tinha acabado a prova, eu estava todo molhado e já não conseguia dobrar as mãos, estava já cheio de frio e todo molhado. Mas como eu, estiveram mais, veio aí o presidente da Junta também esteve lá num sítio em que o rio subiu muito e ele tinha de estar ajudar as pessoas, também se molhou todo e apanhou uma gripe. Pronto, nós aqui em Fafão éramos 15 e ali em Cabril deviam ser também uns 15 ou mais. Pronto, agora o que é mau é que nem toda a gente vai ao jantar, só vou eu em representação dos baldios e vai o outro que representa a associação e eles não nos pagaram nada e eu acho que aquilo não está a funcionar muito bem. Mas pronto, logo se verá... e se calhar também devia dar uma palavrinha por causa disso, porque as pessoas, é complicado... não era em todo o lado que conseguiam arranjar pessoas para fazer uma coisa dessas

AL: mas na tua opinião quem é que devia pagar, a câmara ou o...

MF1: não, devia pagar o Carlos Sá (*vento*). Mas pronto, também como foi a primeira vez as coisas não estavam tão organizadas

AL: é mesmo a primeira vez que fazem isso aqui então...

MF1: é. (...) Daqui deste lado nunca tinha passado...

AL: nunca tinha pensado em fazer maratona no meio do mato

MF1: é espectacular! Se os meus joelhos estivessem como antes era uma coisa mesmo interessante

AL: bom, deve ser super cansativo, mas sim

MF1: mas havia gajos de Singapura, de todo o lado!

AL: quantas pessoas eram para aí?

MF1: os que faziam o curto eram cento e cinquenta, os que faziam o longo que eram 50 km, eram 250. Depois é durante tipo 4 horas a passarem pessoas

AL: que engraçado. Não fazia ideia que se faziam maratonas nos vários ecossistemas (RISOS) deserto, floresta, montanha...

MF1: é espectacular, só que os melhores sítios o ICN não os deixa passar... que era Rocalva lá em cima que é o sítio mais engraçado que temos, de passagem aquilo é mesmo, temos uma paisagem que é uma coisa...

AL: por acaso é muito interessante, a forma como elas funcionam... e vocês aqui fazem alguma coisa a ver com o rio... pesca, aquicultura...?

MF1: não. Aqui o pessoal já não... dantes havia aqui um grande vício com a pesca, mas agora já não, o pessoal já não liga nada a isso. Porque também as trutas no rio foram desaparecendo e não sei, se calhar (vento) para conseguirem apanhar de alguma forma menos normal e foram desaparecendo. E agora há pouca e o pessoal não anda muito a pesca

AL: então em termos de produção é mesmo a madeira... pelo que tenho estado a ver... por exemplo, caça... existe aqui alguma associação...

MF1: caça...há as perdizes, as corças, os javalis... mas o pessoal já... hoje acho que isso é só para andar a passear a espingarda que já não matam nada

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia [VENTO] os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar"... juntam-se aqui as aldeias todas

AL: por isso é que aquela ideia de [os compartes] serem os votantes me faz muita confusão. Porque muitas vezes os votantes não têm nada a ver com o baldio... como aqui neste caso do baldio de Fafião...

MF1: o melhor é depois voltar cá, porque hoje vimos deste lado daqui, e para a próxima vamos ao lado de lá. E o melhor era vir cá à plantação do 7 de Junho... nos currais na serra, não sei se é 6 se é 7... é o primeiro fim-de-semana de Junho, o primeiro sábado. É uma actividade da associação que é espectacular, é a mais interessante se calhar que fazemos aqui. E era interessante se calhar vir nesse dia

AL: sim! Eu gostava, o problema é que a minha mãe faz anos dia 5... vou por isso na agenda. Mas explica-me lá melhor do que e que se trata essa actividade...

MF1: a plantação é irnos aí aos currais onde a vezeira das vacas passa e plantar arvores [? *Não se entende*] e nós levamos árvores, até grandes, e plantamos lá nesses locais. Depois há

vários currais ou malhadas, depende dos sítios, a gente chama currais estes aqui ao lado já chamam malhadas...

AL: mas as árvores são para que, para dar sombra aos animais?

MF1: sim, porque na serra as árvores não vêm muitas e há pouca sombra, e difícil fazer vingar lá as árvores, mas pronto, vão morrendo algumas mas algumas vão ficando.

Sezelhe: MS1

MS1: no tempo da caça venho por aqui acima... só que agora o parque, nós caçávamos por aqui, proibiu-nos esta parte toda, estes carvalhais todos, por aí abaixo, tem aqui uma zona de perdiz, javalis e o caraças e agora... quando foi este novo regulamento, como é que eles chamavam... que saiu aqui há meia dúzia de anos...

AL: sobre a caça?

MS1: Não, sobre o terreno todo

AL: ah, o plano de ordenamento do parque?

MS1: exactamente!

AL: deixaram de poder caçar?

MS1: (...) isto foi metido no plano de ordenamento do parque... agora não podemos caçar

AL: mas podem de certas maneiras não é? Tipo, como é que se chama...

MS1: nem batidas!

AL: batidas, era isso que eu queria dizer... há aqui alguma associação de caça dentro do baldio

MS1: temos nós aí... Sezelhe e Travassos, temos uma associação de caça

AL: ah, são vocês mesmos que fazem parte da associação

MS1: exactamente

AL: e caçam nos baldios?

MS1: sim, caçamos nos baldios

AL: e depois dividem... imagine que fazem muita caça...

MS1: não! Isto é assim

AL: desculpe interromper, está aí um marco não é?

MS1: isto é um marco militar...

AL: ah... para que é que serve?

MS1: aquilo eram pontos de referencias...

AL: é tipo a cota?

MS1: é tipo a cota e tipo referencias... por exemplo eles estão ali, se plantar qualquer coisa tem uma visagem alargada para todo o ...

AL: ah, ok. Mas interrompi-o...

MS1: isto aqui também ainda pertence-nos a nós, isto aqui... está a ver mais gado acola em baixo...

AL: ah, sim, sim sim. E agora também fica ali até ao final do...

MS1: fica, agora praticamente fica aí até ao final do ano... e então, portanto, a caça é assim... nós é por grupos, por exemplo, eu caço mais um colega, e posso dividir mais um colega, só que o fim da caça havia... havia uma altura que... não sei agora como é que se vai passar... havia uma batida, que nos chamávamos a batida do javali. E essa batida, que juntava... os caçadores faziam parte da associativa, vínhamos por aí acima a fazer a batida ao javali... fazíamos a merenda, dávamos uma volta de manhã, chegávamos ali em baixo, até estava lá uma placa... onde eu disse que aquele terreno era meu... deixávamos ali os carros e os jeeps, quando viéssemos acendíamos ali o lume, fazíamos ali uma churrascada...

AL: ui, o parque! Tudo contra o que eles querem (RISOS)

MS1: os javalis que matávamos, portanto depois fazíamos entre as duas aldeias, e os caçadores, fazíamos uma festa, cozinávamos e juntávamos a gente toda e comíamos tudo em conjunto...

MS1: quer ali ao marco... não?

AL: vale a pena?

MS1: é mais a vista...

MS1: é só mais a vista... nós temos aqui outro marco

AL: esse já é diferente, é entre Espanha e Portugal, não...

MS1: é, mas este marco puseram-no aí que está... está fora do sítio... por acaso está... que esses marcos foram postos há dois anos por militares, pelo exército. Que eu ainda ali para cima fizemos... ali na fábrica, mandaram-me lá fazer uns. Só que eles, estes puseram-nos fora do sítio... porque passa acolá, vê acolá outro...

AL: então, mas puseram-nos como se fossem aqueles...

MS1: mas esse puseram-no lá na carta que eles traziam, puseram lá no, puseram-no mal... porque o território português vai até ali, onde está aquele coiso... está acolá outro marco à frente. Para lá para baixo é Espanha, para aqui...donde estão aqueles, os galegos chamam-lhes o corta-fogo, aquela limpeza acolá... por ali afora, para lá é Espanha, para aqui é Portugal... onde estão aquelas eólicas já pertence aqui a Montalegre, é Sabuzedo, é a aldeia de Sabuzedo... aqui o nosso baldio acaba aqui em baixo

AL: e o marco faz parte do vosso baldio. A vista de lá é brutal ou...

MS1: é, é

AL: se calhar devia ter ido, mas pronto...

MS1: ah, mas nós voltamos para cima...

AL: ah, então pronto. E já foi ao parque do outro lado de Espanha... continua o parque lá não é?

MS1: não, o parque não. Há lá um sítio qualquer, mas o parque continua mais ali para os lados ali, debaixo do Gerês... como é que eles chamam...

AL: Xerez não?

MS1: sim, ponte de lima... ali é que continua para a Galiza...

AL: he lá, o que é aquilo, é uma águia?

MS1: aquilo é um falcão...

AL: então pronto, antes faziam isso na caça... e agora, como é que dividem, ou não dividem?

MS1: não, agora é assim... agora cortaram-nos as batidas de salto mas fazemos aí batidas normais. O que matamos depois... os animais que se abatem... são leiloados e depois aquilo reverte a favor das associativas, para nós termos... nós temos de pagar... o nosso limite chega aqui a este caminho. Depois é já daqui de Mourilhe. Pertence a Montalegre mas é outra aldeia

AL: e tem baldio

MS1: tem

AL: ah, mas está fora do Parque...

MS1: está fora do Parque... não, mas agora está dentro do parque porque agora alargou... porque este, Mourilhe, e aqui à frente Sabuzedo e alargaram isto até à fronteira, o Parque... do rio Cávado, porque o rio Cávado passa acolá em Montalegre ali pelo lado daquela encosta, daquela aldeia que está acolá. E tudo o que está do rio Cávado para cá é, pertence ao Parque... incluíram isto no Parque

AL: isso é que eu não sabia...

MS1: e isto pertence... cada aldeia tem o seu CD

AL: então agora já fazem parte do Parque, pronto...

MS1: é⁵²...

⁵² Na verdade o que aconteceu foi a delimitação da Rede Natura 2000, que de facto abrange o PNPG e também aquelas aldeias e baldios de Montalegre.

AL: bom, é possível... então e agora caçar, o que é que podem fazer de caça?

MS1: só não podemos caçar naquele sítio, de resto podemos caçar conforme os usos e costumes... antes vinha-se por aqui acima, agora neste tempo mesmo, daqui por mais um mesinho, vinha-se por aqui só se via aí a atravessar perdigotos, perdizes pequenas...

AL: pois, por acaso no outro dia em Fafião passou por nós uma perdiz e o Raul ficou espantadíssimo, como se fosse assim um tesouro raro...

MS1: nós tivemos, nós aqui na nossa zona tivemos quase a perdiz extinta, estava quase a desaparecer...

AL: mas era sobrecaça? Falta de habitat? Não sei...

MS1: não, não sei, aqui também era uma zona de perdiz e depois havia muito caçador também à perdiz, e depois havia mesmo isto, é assim... das outras associativas, quando, então por aqui quando não veem ninguém ou coiso, ou se vê alguma gente que não é caçador entram... as outras pessoas não sabem se pertencem à associativa ou se não pertencem e coiso... nós tivemos aí uma ocasião em que já era raro ver-se uma perdiz, tivemos que... fechámos... 2 anos fechámos à perdiz, não caçámos. Depois só abrimos meia época, portanto são 3 meses só abrimos mês e meio a caça à perdiz. Durante o outro tempo não se pôde... do mês de outubro ate meados de dezembro a perdiz está fechada, não se pode caçar a perdiz...

AL se calhar é quando eles se estão a reproduzir...

MS1: não, a criação é agora...

AL: então agora também não se devia caçar não é?

MS1: então, e agora não se caça... só se caça do mês de outubro ao mês de dezembro, só temos... a caça nacional é só esses 3 meses. E agora o que tivemos... e depois tínhamos aí já muita perdiz, só que o ano passado o tempo não correu bem, viam-se os casais sozinhos, sem crias...

AL: decidiram não caçar a seguir foi?

MS1: não, vamos ver este ano, vamos ver este ano qual é a produção delas, o ano passado acho que veio muito frio nos fins de maio e junho e elas não, a perdiz quer o tempo bom, tempo com calor que é para elas chocarem e criarem bem. Se vêm frios e chuva e coiso os ovos arrefecem e não conseguem já criar... isto é como uma galinha...

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: por exemplo, outras coisas que antes se faziam, recolha de matos, de madeira, apicultura, pesca, caça, esse tipo de usos fazem-se ainda hoje em dia?

ACm1: faz-se mas não são taxados, a caça não é taxada por exemplo, a caça... claro que os caçadores pagam a licença à freguesia, pagam uma licença à Junta... pagam uma licença pelos cães de caça, é o que pagam, mas não há uma exploração propriamente... há uma reserva de caça mas a freguesia o único benefício que tira da caça é as licenças dos canídeos

AL: pois, e vai mesmo para a Junta não é? Os compartes acabam por não tirar, benefício directo

ACm1: vai para a Junta. Porque isso transitou das camaras para as freguesias, a licença dos canídeos, o valor relativo à licença dos canídeos

Gavieira: AGav1

AL: e há outros utilizadores do baldio, tipo turistas ou associativas de caça, de pesca, do que for...

AGav1: sim, aqui também há um clube de caça e pesca

AL: eles não pagam nada ao baldio? Para utilizar a área...

AGav1: não... a associativa de caça e pesca não, e também há muitas por aí que fazem trilhos e que andam aí constantemente e que também não pagam nada. Nunca optámos por isso, repara, eles têm uma forma que repara que os baldios também ganham por isso, e acho que se calhar afastávamos as pessoas, estás a perceber

AL: pois, e gostam de tê-las...

AGav1: alguém está a ganhar dinheiro, alguém está a ganhar dinheiro, mas prontos, nunca cobrámos nada a ninguém. O baldio nunca cobrou nada a ninguém, mantemos tudo limpinho, tudo o que é trilhos, tudo, e sei que andam aí pessoas a ganhar dinheiro, prontos, a fazer aí os guias, mas aqui o baldio

AL: e para vocês é bom que haja turistas e haja pessoas aí

AGav1: isto aqui, mesmo quando há neve no inverno, isto tem sempre gente todo o ano, mas 30-40 e 100 pessoas às vezes, mas o baldio nunca cobrou nada

AL: mas para a população é positivo que haja essas pessoas por aí?

AGav1: é logico, são os cafés, para tudo, estás a ver... o que faz funcionar uma coisa faz funcionar a outra... as coisas encostadas funcionam, se não há encosto nada funciona. Passam lá investem, gastam nos cafés, dormem na Peneda muitas vezes, lá no hotel, prontos, e é assim

AL: e essa associativa é aqui da zona

AGav1: é daqui

AL: e é só os residentes e não sei quê? Como já vi noutras

AGav1: é residentes e naturais, há pessoas que são naturais daqui e também caçam

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: acabam por beneficiar também da presença dos turistas... e caça?

TC1: Caça há uma associação... há uma área de caça associativa

AL: e essa também não contribui para a gestão do...

TC1: não, é-lhes cedida [essa área] gratuitamente. Nós não cobramos nada a ninguém (RISOS). Não precisamos. Curiosamente esta semana ligou um fulano, um apicultor, que veio não sei de onde, de lá de baixo, da zona centro, que veio... casou aqui perto no concelho e queria trazer para cá umas colmeias e queria ver se nós lhe arrendávamos um espaço para colocar... eu disse 'não, não é política arrendarmos... não é'.

Ermida: TE1

AL: e vocês têm caça aqui dentro?

TE1: também há aí a associação de caça de... não sei como é que se chama, que usa esta área, mas nem toda, mas nem toda, porque há área que está fechada, não sei se é aquela estrada que a gente passou para norte que está fechada a qualquer tipo de caça... existe zonas

AL: aah. E eles pagam alguma coisa ao baldio?

TE1: não, não mas já foi uma coisa que eu me lembrei, que a gente podia ganhar com isso

AL: pois

TE1: já me lembrei desse pormenor

AL: (RISOS) eu agora perguntei porque, quer dizer, sendo uma área que é de alguém não é... ou que pelo menos é gerida por alguém, lembrei-me... lembrei-me, não fui eu que me lembrei, já li coisas sobre isso

TE1: até te digo mais, até nem acho piada nenhum a haver caça aqui dentro, porque eu nunca vi Parque Nacional nenhum no mundo onde houvesse caça

AL: pois

TE1: é só este. Estás a perceber?

AL: pois... a questão é que quando se introduzem espécies é difícil depois de gerir isso, acho que a caça acaba por servir como... como não há predadores, e a verdade é que o lobo já não é propriamente um predador muito presente, é difícil depois de controlar, sei lá, por exemplo, javalis, os corços não sei

TE1: não, aqui há bastante lobo e javalis, existem alguns problemazitos agora no início, que eles vão ao milho e tal, pronto, não vejo que isso seja uma ameaça, não vejo... e ainda

te digo mais, não existe espécie nenhum que esteja assim... portanto, resumindo, existe um número muito baixo em todas as espécies aqui do parque que pudessem ser usadas para caçar, todas elas para mim

AL: é? Não há muitas?

TE1: não

AL: pois

TE1: para mim, pelo que eu vejo, que eu ando quase todos os dias no terreno, tu vais aqui, passas a serra toda para veres duas ou três perdizes, quando há 30 anos vias...

AL: pois, a perdiz também ouvi dizer que está um pouco desaparecida

TE1: e depois é outro problema, eles saem para caçar... imagina, coelho, quando abre a caça ao coelho... eles atiram a tudo, não existe nenhum controlo de quem vai à caça, de quem não vai

AL: hoje não existe, mas já alguma vez existiu? Noutro tempo?

TE1: não, nunca foi, isto foi tudo sempre à toa, vão fazer uma caça ao porco-bravo, matam corços, matam veados, matam tudo

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de moto⁴, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: aí é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a canyoning ou escalada

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: essa zona dos Carris é o quê?

TE1: é a zona mais alta da serra e onde antigamente... há 50 anos funcionavam as minas de volfrâmio...

AL: ah, sim, sim

TE1: que abasteciam os nazis e os alemães... que era para o Salazar se dar bem com ambas as partes

AL: pois, para depois manter Portugal fora da guerra

TE1: foi o que ele fez melhor

AL: pois

TE1: e depois aquilo fechou, ficou tudo ao abandono, a estrada ninguém a reparou, que são 10 km de estrada de terra, só consegues ir lá a pé

AL: ninguém a reparou... e aquilo faz parte de vários baldios não?

TE1: uuuh, faz parte... há uma parte que é do Estado acho eu, e há outra parte que acho que faz parte dos baldios daqueles lados, não sei se será de Cabril, se será de Pitões, não faço a mínima ideia

AL: eu também não sei... eu diria talvez Cabril mas não tenho a certeza

TE1: e pronto, e depois é uma zona que tem a chamada cabra brava, a cabra montês, que é aqui da serra do Gerês, e pronto, tem algumas restrições para se visitar aquela área

AL: tu ouviste alguma coisa de introduzirem a cabra? Recentemente...

TE1: uuuh, a cabra não foi introduzida, foi mas não foi pelas entidades portuguesas

AL: ah, então?

TE1: os espanhóis, do outro lado, que é a mesma serra, a serra do Gerês não é só nossa é mais ou menos

AL: é o Xerez não é?

TE1: é mais ou menos nossa e deles, metade para cada lado... e eles tinham lá uma espécie de viveiro onde tinham esses... onde tinham esses animais presos para introduzir na área deles, e depois é o que se consta, aquilo que eu ouvi, alguns desses animais soltaram-nos lá na zona deles, e pronto, aquilo foi evoluindo o número de elementos por... não é, e depois estão aí na serra toda

AL: eles não têm fronteiras não é... dessas pelo menos

TE1: mas muitos mesmo agora

AL: muitos não é?

TE1: tem alturas que lá naqueles fraguados, lá na zona dos Carris, que se via a 50

AL: e lá está, elas comem no meio das rochas, as tais que não servem para pasto

TE1: a dita cabra da serra do Gerês, que tinha sido extinta na nossa zona, e não sei se foi também na zona espanhola, em 1800 e tal, na época em que começaram as reflorestações. Nessa altura foi quando mataram o último exemplar

Rio Caldo: TR1

AL: e em termos de outros utilizadores do baldio, por exemplo, os turistas, ou outros que haja, não sei se há outros de outras freguesias que usam

TR1: os trilhos e essas coisas todas...

AL: sim, os trilhos, ou mesmo para pastar... quem são os outros utilizadores do baldio para além das pessoas aqui das aldeias? Se é que existem...

TR1: os caçadores... há a Câmara e uma empresa de turismo que fazem essas actividades de bicicleta, essas corridas de montanhas e a não ser isso não vejo mais actividades de desporto. Mas pede sempre ordem para passar, vai haver agora uma actividade de jeeps, vão pedir ao parque para... temos um pedido para deixar passar, para não haver problemas

AL: eles pedem para passar sempre, estava-me a dizer mas...

TR1: não, é naquela semana

AL: não, não, não, os outros todos também, os caçadores...

S2: a caça está sob uma associação, pronto, é uma associação de caça em que, pronto, a Junta autorizou essa associação a, digamos, a incluir aqueles terrenos na reserva de caça, pronto, e a Junta na altura já passou uma declaração a dizer que autoriza que esses terrenos, essas manchas, fossem incluídas na concessão deles, na zona de concessão da caça

AL: mas não há qualquer tipo de taxa que eles tenham de pagar ou

S&S2: não, não, não

AL: nem os outros todos, nem as agencias de turismo, ou, não sei como é que se chama, as associações

S&S2: taxas é só para o Parque Nacional, nós aqui não cobramos nada

AL: ok. Mas o parque cobra alguma coisa?

TR1: para ir lá para cima para fazer as caminhadas cobra

AL: ah sim?

TR1: é, para certas zonas

S2: naquelas zonas mais fechadas, nas zonas mais restritas

AL: na mata da Albergaria acho que sim não é?

S2: ali é uma taxa de acesso só, aquilo, eles dizem... aquilo no fundo não é uma taxa, aquilo é um... é para desincentivar a passagem de viaturas naquela

AL: de viaturas... pois, é mais a questão das viaturas

TR1: não, a pé!

S2: não, a pé não

TR1: para ir aos Carris

S2: não, estamos a falar ali, estávamos a falar nos postos não é?

AL: eu estava a ouvir só, para mim... isto é, o que é que se paga dentro do parque?

S2: quando vão daqui, por exemplo quando atravessam para ir para Espanha para a fronteira no verão, principalmente é sempre no verão, há uns postos ali, umas portagens, que as pessoas têm de pagar ali uma taxa para passar ali. Mas aí digamos que é um valor para desincentivar a utilização daquela

TR1: mas os residentes não pagam, como não pagam os naturais e residentes. Mas para fazer caminhadas em grupo e essas coisas todas tem que pedir ordem ao Parque e mediante a ordem tem na mesma que pagar uma taxa para ir

AL: hmm, para certos sítios

TR1: para certos sítios

AL: de protecção total ou qualquer coisa

TR1: é

AL: não sabia que se pagava. Achava que se pagava quanto muito à agência que os leva lá, à associação

S2: e mais, e mais curioso, eu não sei, sinceramente não ando muito por dentro disso, porque pronto, se fosse aqui na nossa zona andava de certeza, mas como não é a nossa área... por exemplo, você quer fazer uma caminhada ou organizar uma caminhada para ir a uma zona dessas restritas em que carece de autorização. Eu ouvi falar em 100 euros. Pronto, paga uma taxa de 100 euros só para o pedido ser apreciado, não quer dizer que o pedido vá ser autorizado. Portanto, eu ouvi falar em 100 euros mas eu não sei porque nunca pedi nenhum, mas corria o risco de pagar os 100 euros, o parecer é analisado e não é autorizado, e os 100 euros ficam lá

AL: e isso é de agora ou é daquela antiga direcção? Porque eu sei que a antiga direcção era mais...

S2: eu não sei isso ainda está em vigor, sei que está em vigor porque... eu sei que isso esteve em vigor porque eu conheço alguém que lhe aconteceu isso, portanto, pediu uma autorização para ir lá, pagou os 100 euros e não foi autorizado. Aquilo é uma taxa só para apreciar o pedido, mais nada

AL: é como pedir um orçamento (RISOS): paga-se e pronto, depois logo se vê. Pois, está bem, mas então a vocês não vos faz confusão nenhuma que haja associações de turismo etc que andem a utilizar o espaço do baldio, a fazer dinheiro com aquilo

TR1: não. Nós queremos é cá gente

S2: dentro de algumas limitações não é

S. porque se vêm para aí... faz movimento, e as pessoas fazem

S2: e trazem lixo e essas coisas todas

TR1: trazem lixo e dinheiro também, não é só lixo

(RISOS)

TR1: para a Junta só traz lixo, não trazem dinheiro porque nós depois temos de limpar o lixo à 2ª e à 6ª feira

(RISOS)

TR1: senão deixam aí como os mares de Albufeira. Mas queremos essa gente cá

AL: apesar do lixo

TR1: apesar do lixo

S2: apesar do lixo

Vilar da Veiga: TV1

AL: e vocês não têm outro tipo, por exemplo, esta é mesmo a minha última pergunta... tipo associações de caça, associações que investem no turismo no baldio etc. não cobram a este tipo de utilizações do baldio...? Se é que existem

TV1: não, não... existem, existem, mas não. Não, ainda ajudamos. Mesmo por exemplo, nesta ultima vez, estivemos todos a trabalhar, embora.... Aquilo era só dia e meio que me pediram e depois acabaram por usar mais de ... a semana toda, que foi neste evento que houve há tempos que eu nem sequer sei como é que se chama, era o Carlos Sá, que... a gente acaba por não perceber muito bem estas coisas e se for preciso se calhar até nem era preciso colaborar. Mas pronto, vieram-nos pedir, a Câmara, as pessoas ligadas a esse evento através da Câmara, ver se era possível nós ali, aquilo tinha de ser feito de noite, naquela conduta ali na barragem, aquele tubo da água que vai pela montanha acima

AL: ah, sim, sei, vê-se daqui não é?

TV1: pronto, sim, naquela escadaria ali havia para ali uns pinheiros caídos, e pelo meio as escadas não estavam limpas e tal, e depois noutros sítios ao pé do parque de campismo ali por ali acima, era um sitio onde o pessoal da Junta não conseguia com as maquinas deles, não limpavam, a ver se a gente ajudava, com os sapadores, são mais potentes e estão mais habituados e tal, para ajudar a fazer esse trilho e tal. E a gente ajudou dentro do baldio. Agora da caça também Às vezes até tem zonas do baldio que até nos vêm pedir para deixar semear para as perdizes e essas coisas e pronto, não tem problema nenhum, depois se for preciso os sapadores também irem lá com o carro fazer uma rega de vez em quando, com o tudo deles, da água... e pronto, a gente ajuda mais do que estar a pedir dinheiro. Realmente o regulamento interno prevê estas coisas, e de arrendar assim por algum tempo, e quem quiser ir buscar isto ou buscar aquilo tem de pagar isto, não sei quantos escudos e tal... mas isso está ultrapassado e neste momento está-se mais para ajudar do que estar a cobrar para

AL: e as agências de turismo, sei lá, vou inventar, estava ali ao pé do vidoeiro.... *A gerez monte*, e não sei quê que devem usar com certeza os baldios e que ganham dinheiro com isso, vocês não cobram nada

TV1: não, não, não. Chamamos às vezes à atenção, já chamei várias vezes à atenção da Gerês Monte, porque eles lá nos *crossings* com a bicicleta que eles têm a gente nota às vezes que os caminhos estão todos escavacados, todos estragados, e aquilo é um bocado... e portanto, isso não faz grande, não tem grande mal, quer dizer, chamar-lhe à atenção que é o que a Lei prevê, eu também tenho um peso nesse sentido, embora assim no monte não fazemos muito, mas que tem que levar guia não é, um guia para ir pelos locais certos e não é para... por exemplo, os cavalos vão mas ninguém pega, os cavalos vão para onde lhes apetece, quer dizer vai ali um guia a marcar o passo, não é para quem souber andar de cavalo andar ali como lhe apeteça, é como o guia mandar e não vai ninguém a abusar do cavalo, as pessoas alugam-no mas não é para dar cabo do cavalo. Portanto, e eles ali às vezes vai lá um daqueles habilidosos que sabe andar e portanto eles não levam guia e eles escavam mesmo o terreno todo, o caminho todo, mas mesmo escavado. E às vezes eu chamo-lhes a atenção, neste caso o Gerês-Monte, o guia se vai andar também sabe que se tiver ali a escavar com o carro está a dar cabo daquilo não é, primeiro está a gastar mais gasolina, e depois está a dar cabo daquilo e portanto por vezes chamo-lhes a atenção pelo facto de levarem um guia e que essas coisas não são permitidas. O guia vai com o carro dele, sabe que se tiver ali a fazer peões ou coiso, sabe que está a estragar o caminho, está a estragar material... não só o caminho, mas também a mota que ele leva e depois os outros também estragam as deles porque veem também a fazer, portanto aquilo é, no fundo é um passeio mas não é para andar ali com... às vezes sim, mas pagar...

AL: não... e eles pedem autorização? Não estou a falar só do Gerês monte, estou a falar do geral, caça, turismo, todo esse tipo de utilizações...

TV1: não, normalmente não pedem... pedem quando sei lá, os jeeps, neste caso uma prova de todo o terreno, assim uma coisa em grande, isso pedem. Pedem autorização para passar no baldio, isso pede, mas já é uma coisa mais a sério, mas de resto... um jeep que vá por ali ou acolá, a caça... não...

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MeC1: não

AL: e não vai dar?

MeC1: vai!

(RISOS)

MeC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descubrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valoriza-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos pôr uma taxa nossa

AL: e a associativa de caça é de Castro também?

MeC1: é

AL: a associativa de caça também não dá nada ao baldio pois não?

MeC1: coitados de nós

(RISOS)

MeC1: nós só temos, o financiamento que temos é das quotas, não temos mais receita nenhuma

AL: pois

MeC1: nós é só mesmo as quotas. Mas pronto, os caçadores também são dos compartes porque a nossa associativa é só de naturais ou residentes. Depois alargámos a quem tivesse antepassados... até avô, também podia ser socio, por isso somos todos compartes também

AL: e o que é que se caça ali?

MeC1: caça menor temos coelho, perdizes, galinhola, pombo

AL: pois, é que realmente o que eu conheci do baldio é uma paisagem tão aberta que eu não imagino ali animais escondidos, mas deverão existir outras zonas menos abertas, eu estive mesmo no planalto então...

MeC1: no planalto é a perdiz e a lebre que há lá, depois as outras espécies é em zonas... é nos privados, zonas mais fechadas

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: portanto esses baldios são ricos porque podem ter outras coisas, agora nós não, Castro Laboreiro, toda a área que tem está dentro da área do parque, não tem muita... o facto de estar dentro da área do parque condiciona muito as coisas. Não pode ter pedreiras, não pode ter uma serie de coisas, não é? Pronto, não tem receitas próprias

AL: é só mesmo as ITI?

MeC2: é só mesmo as ITI

AL: e por exemplo outros utilizadores do baldio não... se quiser movimentar-se por causa das vacas diga, que eu estou a vê-las todas a ir para ali...

MeC2: não, deixa-as ir

AL: é normal? Sei lá, por exemplo, associativas de caça, de turismo, do que for, não pagam nada ao baldio ao utilizarem o terreno...?

MeC2: não

AL: e existem não existem?

MeC2: existe sim, uma associativa, uma ou duas, associativas de caça. Mas não pagam ao baldio, pagam aos tipos das florestas

AL: ao ICNF?

MeC2: é

AL: ai é? Ah... bom, eu neste momento já quase que tenho pena do ICNF, em termos de dinheiro não é? Acho que eles também estão à míngua

MeC2: não

AL: não?

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro

AL: a sério? Pelo menos tem pouca presença, não sei

MeC2: o ICNF tem muito dinheiro porque o ICNF cobra, acho que é 40% de toda a madeira dos baldios reverte a favor deles

AL: dos baldios que estão em colaboração com o ICNF, sim, nem todos estão, mas a maior parte está...

MeC2: eles têm dinheiro, os tipos das florestas sempre tiveram dinheiro, sempre, sempre tiveram muito dinheiro

AL: acho que antes tinham mais não é, hoje em dia a floresta está a desaparecer

MeC2: pois, é assim, e a madeira... pronto, é complicado porque quase que compensa mais importá-la do que...

AL: o que é ridículo, não é... então aqui que há regeneração natural aos potes, quer dizer, não aqui em Castro Laboreiro, de facto aqui não vejo, mas em alguns baldios é uma coisa impressionante, o pinheiro está sempre a crescer, queima, cresce, queima cresce

MeC2: sim, mas está sempre em sítios quase inacessíveis, e sai muito caro, e depois o que vale a madeira... a madeira neste momento o que tem mais valor é para a celulose e para a celulose as pessoas preferem o eucalipto que é muito mais rápido

AL: pois... e o eucalipto aqui não, não é? Mas no parque é mesmo limitada a plantação de eucalipto... quer dizer, eu vejo

MeC2: há alguns deles que há

AL: há, e normalmente é em privados, o que eu notei na zona de Terras do Bouro, no de Rio Caldo, é que havia várias bouças privadas, dentro dos baldios, que estavam plantadas com eucalipto, mas era fora do parque, era colado ao parque mas já era fora, não sei se dentro do parque também seria possível. Mas aquela zona está cheia de acácias... não é por nada, não tenho nada contra a acácia, mas aquilo cresce cá da uma forma que põe em causa tudo à volta... portanto sim, tenho isso contra a acácia

MeC2: e dizer que há 20 anos ali em Viana do Castelo havia a festa da mimosa, exactamente a mimosa era um chamariz turístico.

AL: ai era?

MeC2: e pronto, desde que começou a haver essa polémica com a... reuniu-se lá um fim-de-semana uma série de personalidades lá em Viana, uns congressistas e tal, e chegou-se à conclusão “a mimosa é uma infestante” e acabou-se ali a festa da mimosa. (RISOS) mas havia a festa da mimosa, o rali da mimosa

AL: que curioso, porque ela de facto tem o seu charme

MeC2: aquilo é bonito, e depois a mimosa floresce numa altura em que não havia assim muitas em flor

MeC2: é... para os helicópteros... vê acolá os cavalos...

AL: ah, quem é que explora os cavalos?

MeC2: é um casal, é da sua terá, lá de Lisboa

AL: mas estão aqui? Ah... da minha terra (RISOS)

MeC2: não é? A sua terra

AL: sim, digamos que sim

(...)

AL: e estão em Castro Laboreiro eles? A fazerem essa...

MeC2: estão ali do outro lado, têm ali uma casa do outro lado onde nós estávamos, têm lá um centro equestre, como se chama, têm os cavalos

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: então e por exemplo, vocês têm outro tipo de utilizadores do baldio? Tipo turistas, associativa de caça, de pesca, que utilizem o baldio

MeL1: há a associativa de caça há

MeL2: utiliza o baldio sim

MeL1: mas não pagam nada

AL: não pagam nada

MeL1: não, não. Nadinha... utilizam, que até têm aí um campo debaixo, como quem vai para o São Bento, do lado direito, tem um campo de treino, não sei quantos hectares que eles têm

MeL2: é, a tal associativa de caça

Z⁵³: 43 hectares

⁵³ Um senhor que apareceu como cliente que pelos vistos é caçador

AL: mas é do baldio que usam?

MeL1: não, não, do campo de treino

MeL2: é para treinar os cães

AL: ok. Então mas não contribuem em nada, sei lá, para limpezas do baldio?

MeL2: nada, nada, nada

AL: nem vos passa isso pela cabeça?

MeL1: quando faz falta limpar vem um de noite com um isqueiro, para o outro dia está tudo limpinho

AL: para a caça também fazem isso ou é para os pastores?

MeL1: não digo que o façam para isso, mas feito é. Este ano aqui, para o outro daquele lado, para o outro do outro lado, tudo em volta. Enquanto não chega dentro da aldeia

MeL2: estes malandros é assim. Infelizmente há por todo o país, mas

AL: então e por exemplo não há jovens interessados em por projectos de jovem agricultor, utilizando o baldio?

MeL1: não. Apenas tivemos um pedido de um projecto para fazer *carting*, não sei se vai ser aprovado se não vai

AL: aqui dentro do baldio? Mas para fazer o quê? Um evento?

MeL1: sim... não, uma pista de *carting*, alcatroada, não em terra, com aqueles carritos pequeninos. Não sei se vai sair aprovado se não

AL: mas vocês votaram em assembleia e as pessoas disseram que sim?

MeL2: ainda está sem resolver, esse caso ainda não está resolvido

AL: mas vocês gostavam?

MeL1: nem por isso

MeL2: nós de momento que nos seja rentável, que nos entre dinheiro para melhorarmos aqui a nossa terra de certeza que não vamos em contra não é. Mas o povo... quem manda é o povo, não somos nós

AL: e o parque deixa por aí...

MeL2: está fora do parque

AL: aaaah

MeL1: não, não, não, dentro do parque nem pensar

MeL2: nem deixam lá tocar

AL: ah, estava a estranhar

MeL1: não, não, é fora, do outro lado. Se for aceite é do outro lado. Os rapazes falaram disso aqui no mês de agosto, eles são emigrantes, estão-se a preparar, não sei se vão aceitar se não. Tem de ter autorização do ICNF por escrito, do ministério do ambiente por escrito, do clube da caça por escrito, da pastorícia, dos pastores também por escrito, eles são quatro, e depois o ? do povo. São cinco coisas que têm de estar

[conta uma história que não percebo bem, que tem a ver com a pista dos cavalos na Aveleira, onde tinham o acordo da Câmara e construíram uma torre mas ela caiu

MeL2: o ICNF aqui não aprova de certeza

MeL1: [...] porque nem eu nem os meus colegas vamos dizer “sim, sim, botai isso para a frente” e depois chamam-nos à hora “vocês, venham cá, isto não podia fazer-se, isto não está bem”

Outros usos (antenas, eólicas, pedreiras)

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

AL: estas propriedades particulares no baldio vêm de há tempos e tempos atrás não é?

MCa1: exactamente, sim, sim, sim. Isso chegou a uma altura em que houve necessidade de dinheiro, há muitos anos atrás, e foram vendendo propriedades a quem as queria comprar. Delimitavam um pedaço de terreno e vendiam. E as pessoas compravam...

AL: há muito tempo não é? Porque na lei de 1993 eles já dizem que não...

MCa1: não, não! Há muito, muito, há 80-100 anos

AL: pois, isto já vem dos teus avós

MCa1: muito lá para trás

AL: esta casinha... quando é que achas que isto vai estar pronto?

MCa1: epa, isso aí é uma pergunta...

AL: Há quanto tempo é que começaste a construir?

MCa1: há 4 anos

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1: não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

(falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...)

MCov1: pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1: já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1: trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: qual é a vossa relação com o Parque?

MCov1: é boa

AL: é boa?

MCov1: é, porque eu era do Parque... (RISOS). Em princípio é boa...

AL: mas tem havido mais obstáculos da parte do Parque para além das eólicas na gestão do baldio?

MCov1: não, não tem assim havido muito. Há o problema do javali que já dá muitos prejuízos

AL: o javali vivo... ou seja, há demasiado javali, é isso?

MCov1: há bastantes, dão cabo dos lameiros, dão cabo do pasto ao gado e aos milhos...

AL: mas eles não... não se pode caçar javali? Achava que sim...

MCov1: não, só batidas, em batidas pode... mas há uma batida vá lá, de 2 em 2 meses... uma coisa assim mas depois chegou a um certo ponto parou, no tempo da direcção já não há. E agora já não há, agora andam eles aí à vontade a dar cabo dos lameiros, e depois ao vir os milhos andam em cima dos milhos. Tem de andar o pessoal aí a guardá-los se não dão cabo de tudo

AL: por acaso achava que o javali era possível caçar... achava que era introduzido para isso mesmo, também...

MCov1: não, as batidas não deixam passar assim muito. Nem no tempo da caça, naqueles dias próprios para caçar... uuh podem matar algum, mas escondido, de resto não podem

Fafião: MF1

AL: sim... neste momento é a madeira que dá maior rendimento aqui ao baldio ou...

MF1: sim... nós, pronto, temos aí muito pinhal tentamos mantê-lo minimamente limpo por causa dos incêndios, quando arde é mau para todos. E temos também uma antena da MEO, é um pinheiro, não sei se viu lá atrás um pinheiro alto, muito mais alto do que os outros que é uma antena da MEO que nos dá uma renda mensal e que portanto também nos dá algum dinheiro. Mas isso é um valor pequeno. Depois vamos fazendo umas obras, vamos pedindo ajuda à câmara quando é para fazer alguma coisa assim mais... maior

Tourém: MT1

AL: pois, exactamente, eu não contei com eles porque estavam fora do Parque e a minha ideia é perceber estes que estão dentro do Parque, que entretanto começo a perceber que têm uma realidade completamente diferente dos restantes baldios não é?

MT1: completamente diferente isto é, os que estão junto ao Parque acabam por ter as mesmas, Sabuzedo, Padroso e Mourilhe é quase igual

AL: pois, também têm as ITI, exacto

MT1: têm, e com a vantagem de esses nos baldios podem ter eólicas

AL: ah, eles podem na Rede Natura? Aaaaah

MT1: e nós não! Eles têm lá...

AL: eles têm... eu achava que lá também não podiam

MT1: têm, têm, têm, eles recebem uma renda. Agora o problema das ITI foram os cortes que fizeram e aqueles que vão fazer no futuro, mesmo que a gente queira fazer alguma coisa vai ser muito complicado

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL. Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... mas isso frustra-vos ou ?

MTR2: não! Eu falo por mim. Claro que é bom saber que uma eólica rende x, imagina ao fim do ano tem 10 000 euros por eólica, isto é muito... mas foi agora, nós também não nos podemos esquecer que estamos a usufruir da medida das ITI há muitos anos e eles não tinham isso, isto é por nós estarmos no Parque, é uma vantagem... tivemos esta vantagem durante muitos anos, neste momento já não é uma vantagem, era mais a eólica do que as ITI

MTR1: já vai para aí há 5 anos teve aqui uma empresa de umas eólicas e nós fomos até lá acima para se debater, e então eles... é que o Parque não deixou, não é.... Dentro do parque a ninguém deixou por. Mas então eles faziam-nos um contrato, logo no acto de inscrição não é... tinha lá uma data em que dentro de 4 anos tinham de por as eólicas e portanto aí davam-nos 15 000 euros. No caso de não porem as eólicas dentro daqueles 4 anos tinham de renovar, davam-nos outros 15 000 e tinham de por nos próximos 4 anos. No caso de porem as eólicas quando começassem o trabalho tinham que nos dar 50 000 euros e depois cada eólica rendia 5000 euro por ano... cada uma! Eles vieram só ver mas depois é que iam trazer os técnicos para ver onde é que as punham e quantas punham... só que como o Parque não autorizou

AL: pois, no plano de ordenamento do Parque vi lá qualquer coisa sobre mini-eólicas, o que são mini-eólicas?

MTR2: é para consumo próprio. É uma eólica que é para uma casa, para um hotel, que é para produzir a própria energia, inclusive em Montalegre o hotel tem uma mini-eólica

AL: ai é?

MTR1: acolá naquele alto também já estava lá uma, também puseram lá uma, lá para...

AL: aonde?

MTR1: lá, nós chamamos-lhe ali a serra de acolá

AL: que já é Parque?

MTR2: não, ali não é

MTR1: chamamos de Piade, fica perto dos Pisões, não sei se passou na barragem

AL: passei, passei

MTR1: ali à esquerda, há lá umas já há uns anos também...

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, ai isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: e em termos de eucalipto, nunca houve essa vontade de... nunca foram abordados para plantar eucaliptos no baldio, embora isto seja zona de parque, mas na parte de fora do parque

ACm1: não, não, nunca houve nada

AL: e vocês têm eólicas ou qualquer tipo de... ou antenas

ACm1: não, é proibido

AL: na parte de fora do parque também é proibido? Não...

ACm1: na parte de fora não é mas nunca se pensou em tentar por aí, as partes mais altas estão dentro do parque e as eólicas normalmente produzem mais em zonas mais altas onde o vento faz trabalhar mais

Sistelo: ASi1

AL: o vosso baldio está metade dentro do parque e metade fora não é?

ASi1: não está bem metade, mas está uma parte dentro do parque

AL: e depois como é que fazem a gerir... cada um está submetido a regras diferentes não é?

ASi1: o do parque está submetido às regras do parque, e a outra não está

AL: na outra podem por eólicas por exemplo?

ASi1: podemos... podemos, tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário

AL: não houve acordo, portanto não chegaram a um acordo entre vocês

ASi1: não chegámos a acordo, portanto entre a Câmara, a empresa que... nós e a empresa que ia colocar as eólicas

AL: ah, a Câmara estava também no meio

ASi1: a Câmara é sempre parte, cheirando-lhe a dinheiro...

AL: e como é que é a vossa relação com a Câmara e com a Junta?

ASi1: ah, isso é boa, eu já fui presidente da Junta 24 anos, e fui o presidente dos baldios e sou o presidente dos baldios e por isso o meu relacionamento com a Câmara foi sempre bom, tanto com a nossa Câmara como com as Câmaras vizinhas, não tenho problemas

AL: mas sendo que há ali uma vontade de apropriação dos baldios...

ASi1: não, os baldios têm uma lei própria pela qual se regem, os baldios é dos compartes e daí estamos todos à vontade. Agora quanto ao licenciamento de eólicas, dessas coisas, tem de passar pelas freguesias e tem de passar pelos baldios. E não havendo acordo não se fez

AL: como é que está a questão da mini-hídrica?

ASi1: a mini-hídrica está parada, está no ICNF para licenciamento

AL: mas houve uma petição e pessoal a não querer

ASi1: o que eu vejo é que há uma grande falta de informação, e a falta de informação faz com que as pessoas se revoltam, e as pessoas revoltam-se porque são levadas às vezes pelo líder e levada... às vezes até contra a própria vontade, porque eles não sabem do que se trata, chegam lá pessoas a dizer “vão perder os direitos já, vão perder todos os direitos” e as pessoas revoltam-se. Mas se fosse bem explicado eu acho que as pessoas não se revoltavam porque a mini-hídrica não é prejudicial, apenas traziam benefícios para a freguesia

AL: traz benefícios para a freguesia?

ASi1: trazia benefícios para a freguesia. Tudo o que isto... as eólicas e... tem de trazer benefícios, se não trouxesse benefícios claramente que não se deixava construir a mini-hídrica, a mini-hídrica tinha que trazer benefícios e trazia. E os benefícios que eu negocieei, negocieei, não está lá escrito no papel, mas no tempo em que eu era presidente de Junta, presidente dos baldios, tinha negociado com grandes vantagens para a freguesia uma mini-hídrica. Só que depois não houve acordo entre a Câmara, o CD e a Junta e aquilo que eles se propunham a fazer, que era um embalse que era feito no concelho de Monção que nos desviava a água para o concelho de Monção e nós isso não queríamos

AL: e esta aqui dizem também que

ASi1: é esta!

AL: ah, está bem, que poderia reduzir o caudal e

ASi1: claro que há sempre, fazendo uma obra há sempre alterações. Por exemplo... nós temos a mania que somos contra tudo, portanto se há uma fábrica que se instala no nosso concelho, ou no concelho vizinho, somos contra ela, umas 300 pessoas. Depois de a fábrica estar feita, para outras 300 ou 400 pessoas a fábrica é muito boa, acontece isso com as eólicas, a mini-hídrica, as barragens, é-se contra tudo, as pessoas são levadas a ir contra tudo, mas é claro que as coisas fazem falta, e só assim é que funcionam, nós queremos aceder a luz, nós queremos água, nós queremos, então não se pode fazer uma captação de água, mas nós queremos água nas casas, como é que se faz. Queremos um caminho mas não queremos deixar alargar um caminho, como é que passa? Tudo o que é bases não é, tudo o que se faz, mexe com bases não é, claro que mexe, não vamos dizer que não se mexa, há sempre alterações, um caminho tem alterações, uma rede eléctrica traz alterações, uma mini-hídrica traz alterações, uma eólica traz alterações, tudo traz alterações, mas para estarmos num mundo desenvolvido temos que também sujeitar a certas regras

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: e hoje em dia ainda estão a sofrer disso e não conseguem fazer sobrar dinheiro das ITI ou ?

PB1: não, não, das ITI não...

AL: não sobra nada...?

PB1: nós temos uma renda todos os meses de 175 euros por mês

AL: uma renda de quê?

PB1: que é de uma antena da Vodafone, isso é que entra todos os meses, 175 euros, e é esse dinheiro que nós vamos deixando, vamos deixando, vamos deixando, de luz pagamos pouco, pagamos entre 6 e 7 euros por mês. E este dinheirinho é que vai montando, vão montando, que vale alguma coisa

AL: e também ouvi falar que houve aí um corte das áreas forrageiras dos baldios

PB1: também... nós ficámos, ainda agora estive a ver, nós ficámos de 900 ficámos com 300 hectares, mas eles fizeram uma rectificação do terreno novamente e dos 900 passaram para 700

AL: dos 300 passaram a 700 é isso?

PB1: a 700... quer dizer, tiraram-nos 200 hectares

AL: mas disse que tinham passado para 300 ou percebi mal?

PB1: sim, sim, a primeira veio-nos para 300

AL: isso foi quando a primeira?

PB1: foi no princípio do ano

AL: ah... ah já fizeram duas [avaliações] no mesmo ano?

PB1: sim, depois fizeram uma nova rectificação

AL: porquê? Porque vocês pediram?

PB1: não, foi o IFAP que não estava de acordo, nós fizemos diversas reuniões

AL: ah, ok, porque a primeira fizeram um corte grande não foi?

PB1: foi, enorme

AL: e o pessoal revoltou-se

PB1: foi enorme, por exemplo nós temos as linhas de alta tensão, quatro linhas que atravessam o monte baldio todo, nessas linhas eles tiram-nos o pastorício

AL: mas vocês recebem algum dinheiro por terem as linhas de alta tensão?

PB1: andamos a tratar disso, porque a primeira linha, sei que a primeira linha foi paga, e foi bem paga, porque segundo as nossas informações havia uma escola que era da EDP ali em baixo, que agora é o centro de dia dos velhotes, e essa escola foi avaliada em 22 000 euros, que aquilo não vale, eu não queria a escola nem por 20 000 euros, vai em 200 e tal mil euros, e eles receberam mais 17 000 euros, um cheque de 17 000 euros, e nós estávamos... e há 3 linhas que não foram pagas, nós agora andamos a tratar disso também

AL: mas espere, não percebi a ligação entre a casa e as linhas de alta tensão...

PB1: quer-se dizer, eles deram 17 000 e a casa

AL: ah, deram... a quem à aldeia?

PB1: claro, ao presidente da Junta, naquele tempo era ele que geria os baldios. E nesse caso nós agora andamos a tratar a ver se nos pagam as outras linhas, e as outras que passaram

que são de 30 000, aquelas são de 400 000 volts, e há as de 30 000, temos duas também, que passaram mas que não foram pagas.

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

Falo das diferenças entre os baldios de dentro e de fora do parque...

PE1: aliás, ali em Arcos já pôde ter essa perspectiva, há ali freguesias que estão dentro e outras que estão fora

AL: sim, e depois há outras que têm o baldio metade dentro, metade fora, então chegam a ter dois tipos de gestão dentro do próprio baldio

PE1: é, é um fenómeno que diferencia muito, o estar dentro ou fora diferencia muito o tipo de gestão

AL: pois... depois há uns que estão na Rede Natura na zona de Montalegre e neste lado também provavelmente, que têm o bom do Parque e o bom de estar fora do Parque, porque não estão no Parque... ou seja, têm as ITI e têm as eólicas, basicamente

PE1: pois... sabe que as eólicas foram, agora não sei qual é, digamos assim, como é que se separa, como é que esses processos, se a evolução foi positiva, muito positiva, ou se estagnou, mas na altura claro, isto diferenciou muito o investimento nos territórios, porque quem tinha acesso a esses contratos com produções eólicas teve o dinheiro para fazer muita coisa, e os outros acabou... mais tarde vieram as ITI e, pronto, era aquela questão que era anunciada de que aquilo ia de certa forma compensar os prejuízos por não terem a... mas aquilo visa a manutenção... o que é que dizem as ITI? As ITI é a manutenção de um conjunto de condições que permitem que isto tenha características para ser um Parque Nacional e tudo o mais, e então é isso, não é mais nada além disso, porquê? Porque isto é parque, para que se mantenha a pastorícia, porque isto é parque, para que se mantenha a floresta, porque isto é parque, para que se mantenham determinadas coisas, e as ITI visam que isso se mantenha minimamente, não é ?? mesmo nenhum que compense pelo não acesso a outro tipo de fontes de rendimento, pronto, vamos lá a ver... do mal o menos, quer dizer, eu do mal entendo que... agora não sei, por exemplo não se sabe o que é que vai ser feito das ITI daqui a...

AL: pois, se acabam as ITI

PE1: à partida, mas não se sabe, se isto se mantiver vai permitindo a manutenção de um conjunto interessante de actividades, se isto cair, por exemplo, se acabarem, não sei. E entretanto quem fez os contratos para a energia eólica vai manter, quem fez os contratos... quer dizer, percebe... vamos ver

Germil: PG1

AL: isto já está dentro do parque não é?

PG1: já, já

AL: portanto há algumas coisas que não podem fazer não é? Ou não? Tipo eólicas e...

PG1: exactamente, nós tínhamos um... digamos um projecto para um parque eólico e por estar numa zona protegida impediram-nos de realizar esse projecto que era uma fonte de rendimento, não é... não tem nada a ver com ITI não é, não tinha nada a ver com ITI

AL: pois, mesmo quando estava ainda na Junta se calhar já tinha havido essa...

PG1: sim, nessa altura já eu estava na Junta já, estamos a falar... na altura acho que era... foi antes da constituição do CD mas depois de já termos constituído o CD ainda se... ainda se, digamos, estava a tentar esse, a implementação desse projecto

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Eu perguntei como é que eles conseguiam manter o sistema de água, ou seja, onde é que eles iam buscar o dinheiro que tinham de investir, ao que ele respondeu que sim, que tem de haver de facto um investimento de manutenção das condutas, de manutenção da sanidade da água, e que aí o dinheiro que eles recebem do aluguer de terrenos do baldio à PT, à Renascença, etc., que têm lá instaladas no baldio antenas desde o tempo da ditadura, que mantêm, e para usufruírem do local de trabalho e para chegarem a esses locais pagam, pagam para usar o espaço e pagam pelo uso das servidões. Como ele disse, pagam uma portagem para passar o estradão do baldio e pagam um aluguer para usarem o território. E é com este dinheiro que eles conseguem gerir a água. Caso haja um ano em que este dinheiro não é suficiente para gerir a água eles recorrem aos bolsos de cada um, e aí por exemplo cada um dá 10 euros para manter a água.

É água que eles apanham aqui na serra e que canalizaram, vai ter à casa das pessoas e tal, mas não é água da rede, não têm qualquer tipo de contrato com outra empresa. Esta água já é utilizada há para aí meio século, segundo ele, só que actualmente vai ter mesmo a casa das pessoas. A água é utilizada metade para o regadio, metade para as casas. É efectuada a desinfecção dos depósitos, o arranjo das condutas, actualmente é obrigatório juntar cloro e eles fazem-no, portanto cloro à água que é de consumo humano, os tais 50% dessa água que é utilizada. Ao restante não porque é para regadio. E portanto quando as pessoas estão cá só uma vez por ano eles fecham os olhos e não cobram às pessoas. Eu perguntei como é que eles conseguiam manter o sistema de água, ou seja, onde é que eles iam buscar o dinheiro que tinham de investir, ao que ele respondeu que sim, que tem de haver de facto um investimento de manutenção das condutas, de manutenção da sanidade da água, e que aí o dinheiro que eles recebem do aluguer de terrenos do baldio à PT, à Renascença, etc., que têm lá instaladas no baldio antenas desde o tempo da ditadura, que mantêm, e para usufruírem do local de trabalho e para chegarem a esses locais pagam, pagam para usar o espaço e pagam pelo uso das servidões. Como ele disse pagam uma portagem para passar o estradão do baldio e pagam um aluguer para usarem o território. E é com este dinheiro que eles conseguem gerir a água. Caso haja um ano em que este dinheiro não é suficiente para gerir a água eles recorrem aos bolsos de cada um, e aí por exemplo cada um dá 10 euros para manter a água. E é assim, esta questão da água tem trazido muitos conflitos, uma vez que por exemplo a Câmara tem vindo a pressionar no sentido de a freguesia de Lindoso entregar a água. Assim como tem havido pressão das Câmaras para virem gerir os baldios, e o que eles querem, segundo o Sr. Secundino é precisamente a gestão das águas. Porque nestes baldios do parque não se pode ter eólicas, não podem produzir celulose etc. Mas contudo têm boa água e água ainda por cima já gerida e então a Câmara tem vindo a

pressionar nesse sentido e tem vindo a tentar também tomar controlo dos baldios. E também pelos fundos comunitários que se conseguem com estes baldios em áreas protegidas, que são ainda bastantes não é, pelo menos até agora têm sido. Portanto há um interesse da parte da Câmara para com os baldios e para com os recursos dos baldios. Como ele diz, as Câmaras estão falidas e portanto o baldio aparece-lhes como uma fonte de receitas bastante interessante. Portanto tem havido alguns conflitos com a CM nesta questão de eles gerirem a sua própria água, já vieram cá por em questão 'mas porque é que não aceitam a água da nossa rede' e eles respondem 'se provarem que a água da vossa rede é melhor do que a nossa... tudo bem, aí damos a mão à palmatória', respondeu o Sr. Secundino, presidente da Junta.

Por outro lado ele lamenta bastante que não se possam por eólicas no parque, para ele não faz sentido que dentro dos limites do parque não se possam por eólicas, mas naquela aldeia logo ali ao lado, colada à fronteira já se possa. Percebe que não se possa por na zona de protecção total, isso ele até percebe, agora na zona de protecção complementar não se haveria de poder pôr porquê? Logo ali ao lado está uma no vizinho. Para ele não faz sentido.

TERRAS DO BOURO

Covide: TCo1

AL: e chegam a arrendar partes do monte, a empresas ou assim?

TCo1: não

AL: nem cedência de exploração a interessados?

TCo1: houve esta questão que se tentou fazer, que é a tal saibreira que esteve

AL: ah sim, sim

TCo1: mas não foi avante

AL: e eólicas também não têm

TCo1: não

AL: portanto rendimentos é mesmo só a madeira quando a cortam?

TCo1: é

AL: e depois fazem regeneração natural, ou não? Aquilo cresce sozinho, os pinheiros

TCo1: faz, faz, é. Se for por aí pelo monte acima vai ver uma parte toda que ardeu

AL: este ano?

TCo1: não, aqui há 3 anos

AL: 2012

TCo1: e já vê a plantação toda nova a sair

[concordo e falo da minha experiência no perímetro florestal da Abadia e da capacidade de regeneração do pinheiro bravo que pude verificar]

TCo1: é, onde há fazenda cresce menos, onde não há fazenda cresce mais... mas pronto

Ermida: TE1

TE1: Agora no que diz respeito às eólicas é assim, eu para mim acho bem isso, porque nós aqui ou temos de ter uma coisa ou outras, ou virados para o turismo, ou virados para as antenas, e não para lá ninguém isso é certo. É o que eu acho, é a minha opinião, não será a da maior parte deles mas a minha é esta porque eu tenho outra visão, nós ganhamos mais com o turismo e não tendo aqui as antenas do que se as meterem aqui, digo eu, até posso estar enganado

AL: sim, isso depende, se não estivermos só a pensar em questões monetárias e estivermos a pensar também em outro tipo de valores não é, sejam valores de beleza, de gostar de olhar para o seu baldio e de sentir que é seu não é, porque a partir do momento em que as eólicas entram aquela parte pelo menos é gerida por eles não é... acho que há muitas coisas a pesar para além do que se ganhar em termos de dinheiro e isso agora depende, já percebi que por exemplo que tu Jorge acabas por valorizar mais coisas para além do dinheiro... eu não faço ideia que dinheiro é que está envolvido em termos de utilização pelas eólicas mas já ouvi dizer que é bastante

TE1: eu acho que eles dão... não faço a mínima ideia, 3 ou 4 mil euros àquelas Juntas daquela serra por cada eólica lá colocada

AL: pois, é muito dinheiro

TE1: está bem, é muito dinheiro, se forem duas já são 6000 euros, mas o que é que eles vão fazer com aquele dinheiro, eles não fazem coisa nenhuma como acolá... estás a ver aquela serra com aquelas eólicas todas, estás a ver aquilo sem pinhal nenhum só vês algumas manchas verdes... aqui há 20 anos tudo aquilo que tu vês era tudo pinhal, mas pinhais densos, pinhais como aqueles grandes que acolá temos. Se ainda hoje lá fores tem lá pinhais com 30, 40, 50 anos, queimaram tudo nos últimos 20 anos, tudo

AL: pois... pois é isso, também ter dinheiro só para ter

TE1: é assim, para mim as coisas funcionam de outra maneira, eu penso de outra maneira, eu e não é só eu, há mais colegas meus, e pronto, eu julgo que aqui a serra do Gerês ganha muito mais se não tiver eólicas do que se as tiver

AL: pois, pois, não és a primeira pessoa a dizer-me isso

TE1: vêm aqui... Assim aqui à zona norte, aqui à zona do Gerês e do parque vêm aqui milhares de pessoas da Alemanha, da Dinamarca, sabe-se lá de onde, se espetarem com antenas porque não sei quê ninguém cá põe os pés porque fartos de ver antenas devem estar eles

AL: sim, é verdade, mas pronto, quem diz eólicas diz outros tipos de desenvolvimentos que aqui não podem ter aqui dentro do parque, vocês não veem isso com muito maus olhos...

TE1: eu não, eu não... eu pessoalmente não, até é como te digo, há coisas que eu concordo com isso... por exemplo a exploração de pedra, fazer uma pedreira aqui numa esquina qualquer ou duas ou três pedreiras, para mim isso era muito mal feito... é como te digo, ou uma coisa ou outra. Ou então espetam aí com pedreiras em todas as esquinas e acabou-se, ninguém cá vem por os pés e aí está

AL: houve essas tentativas? De fazer aqui pedreiras?

TE1: não, não, não. É assim, agora para consumo próprio da aldeia haveria umas pessoas que até gostariam de cortar aí umas pedras não é, mas também não podem, mas também é um mal menor, depois fica mais barato comprar a pedra do que andar aí a cortá-la a trazer o compressor e a pagar e... tas a perceber, isso é um mal menor... eu pessoalmente acho bem, não fazer pedreira nenhuma no meio do parque e pronto

AL: claro, claro... vocês não têm nenhuma antena aqui também a gerar dinheiro pois não?

TE1: não, não

AL: de telemóveis...

TE1: não porque

AL: isso podiam ou não?

TE1: possivelmente, nunca fomos questionados sobre essa parte... é porque não é necessário

AL: claro, sim, eu digo em termos do parque se é permitido

TE1: é, porque lá em Fafião colocaram aquela não é, o tal pinheirinho que lá está. Mas também se aqui nunca foi feito o pedido é porque não... porque não é necessário, as que existem devem fazer a cobertura que eles pretendem

AL: sim, era só para perceber se teriam mais alguma entrada de receitas

TE1: por exemplo, da cortiça, nós acabámos por não vender a cortiça porquê... pela imagem que as árvores depois iam mostrar, como aquilo não sai na totalidade e aquilo ia ficar metade fora metade sem tirar e ficava um mau aspecto, aquilo é um per... o PR 14 é um percurso onde passa lá muita gente, que imagem é que aquilo dava para as fotos que as pessoas iam tirar. E pronto, e nem sequer sei quanto é que aquilo iria dar, ainda lá está uma proposta sem abrir, eu nem a vi, já nos entregaram há um ano e ainda lá está sem abrir que ainda não tive curiosidade de ir ver quanto é que eles davam por aquilo

Vilar da Veiga: TV1

AL: pesca desportiva também, provavelmente não?

TV1: não, também não temos nada, no baldio não tem muito a ver com a pesca

AL: está bem... eu só lhe perguntava agora... quando é que a barragem foi feita?

TV1: em [19]58

AL: ah, foi ainda antes da de Vilarinho

TV1: sim, a de Vilarinho foi em 1972

AL: sim, acho que foi lá para o fim dos anos 1960, início dos anos 1970

TV1: foi em 1972. Esta creio que encheu em 1959, portanto feita... eu já não me recorda já... recorda-me só dela cheia. Também nasci em 1959, mas parece-me que encheu em 1959, portanto terá sido feita mais cedo... não é que tivesse muita coisa para fazer porque isto só havia que fazer aquele paredão lá em baixo, que estão a fazer outra vez, estão a fazer uma saída de emergência, portanto um túnel de emergência ao lado da água...por causa da água não é, porque aquilo há uns anos esteve muito, portanto esteve numa situação difícil que ali a barragem não estava feita a esquadro, então houve um certo desmazelo...

AL: mas estava a subir a quota demasiado?

TV1: não estava a subir, subiu...

AL: subiu o quê? Transbordou?

TV1: para não transbordar foram camiões e camiões e camiões de TIR com sacas de cimento para porem na passagem em cima do...

AL: em cima do paredão? Iiiich

TV1: foi.. e aqui, eu por exemplo, estou aqui baixo [fala da experiência que teve ali há uns anos de como a água lhe trepou o restaurante]. Quando a barragem está no máximo fico muito resvés. E depois aqui atrás tem também um ribeiro que vem das águas do monte, mas isto já havia antes, eu já sabia, antes de fazer a casa já eu sabia que aquilo vinha. E a água em vez de entrar no aqueduto vinha para aqui. E eu depois cheguei “aquilo está entupido” e tal... quer dizer água por todo o lado

AL: e como é que fez? Desviou?

TV1: não fez nada... não fez nada. Depois quando cheguei ali à estrada tive de me chegar para trás porque a água estava a chegar à estrada, a água da barragem

AL: ah, e aquele...

TV1: não podia sair

AL: ah, está bem, mas este também lhe traz problemas mesmo quando a barragem não...

TV1: não, não, só trouxe naquele dia [continua um pouco mais nesta história]. A água [da barragem] subiu mais para aí... 20 metros. [...] quer dizer, não podia abrir mais do que aquilo... [as comportas, digo eu], quer dizer, até podia reduzir o efeito se abrisse mais só que Barcelos e coiso levavam com tudo

AL: Barcelos? Não disse Barcelos pois não?

TV1: Barcelos sim

AL: acha que a água chegava a ...

TV1: ai chega, levava tudo, depois vai para Esposende não é? Para Fão, esta barragem vai desaguar a Fão...

AL: ah, então lá também terá subido assim

TV1: pois, quer dizer, ela aqui não podia despejar mais do que isto por causa das outras povoações vizinhas, não podia... quer dizer, não podia abrir as comportas mais, senão aquilo era uma desgraça por aí abaixo. Por isso é que agora, as obras que estão a fazer, eu até pensei que fosse por causa do desaproveitamento da água que sai do paredão para fora, quando sai para depois produzir outra vez energia... porque esta parte aqui, por exemplo este túnel aqui, esta conduta aqui, portanto que era... só trazia água de Vilarinho para aqui, portanto só trazia água para aqui. E agora já pronto, depois daí fizeram-se obras e agora já leva e traz. Portanto, quando traz está a produzir energia, quando traz a água e quando leva a água... portanto eles fazem a trasfega de uma barragem para a outra, de água, quando não está, uma tem mais a outra tem menos, e ... portanto isto já existia para trazerem a água de lá para cá e agora já fizeram obras que traz para cá e leva para lá também a produzir, e eu pensei que ali fosse igual. Mas não, ali em baixo é, para o lado do paredão, portanto fora do paredão, fizeram portanto um túnel fora, para em caso de emergência abrir aquela... ou seja, não deixar chegar... porque as comportas estão lá no alto, não é? e portanto só quando a água estiver lá perto, só quando chegar lá é que começa a descarregar, e então ali estão a fazer mais fundo, porque se às vezes houver assim algum volte-face na meteorologia ou assim, abrir já pelo fundo para o lado, não deixar que... se for preciso, se se souber que vai vir muita chuva, é preciso deixar a água chegar àquele ponto para ela começar a descarregar, e depois se é muita aquele descarregar pode não chegar porque não podem abrir aquilo mais para não prejudicar as outras povoações, e assim neste caso, se por exemplo se prevê que vai haver muita água, eles começam já a tirá-la por um lado, não é, pelo túnel, [repete a ideia da construção que está a ocorrer]. [...] já vi duas vezes a barragem despejada...

AL: por falta de chuva?

TV1: não, para fazer [? *Não se entende*]

AL: vê-se ainda restos da aldeia por baixo?

TV1: tudo, tudo, tudo

AL: deve ser um momento altamente turístico

TV1: quer dizer agora no ultimo, a ultima também já não se via assim muito bem porque na primeira foi assim uma coisa que ninguém teve muito cuidado, porque esvaziaram e não deixaram... quer dizer, não deixaram nada não, não proibiram nada, foi tudo assim à [? *Não se entende*] e conforme foi [? *Não se entende*], olha era tudo a agarrar pedras com tractores, fizeram-se muros para aí com pedra

AL: para quê? Não percebi, desculpe

TV1: portanto, a barragem despejou, não é, e depois não houve nada que proibisse as pessoas de ir às pedras, porque lá em baixo ainda estavam as casas. As casas na altura, houve pessoas na altura, aquelas pessoas antigas que achavam que podiam com tudo não é, que nem saíram das casas, a água estava a entrar e eles não saiam. E portanto como não saíam as casas ficaram, não se mexeram sequer... intactas. Não lhe mexeram. E depois quando se despejou a primeira vez toda a gente aproveitou para ir... uns para negócio, começaram a escangalhar aquelas casas todas, a tirar com os tractores, e ainda os caminhos eram fracos, mas a tirar para os tractores, quer dizer, tiraram tudo

AL: isso foi há quanto tempo?

TV1: ah, isto já vai há muito tempo... para aí há mais de 20 anos. Vai, vai, vai, vai há 30 pelo menos, eu tenho isto já aqui há 20... vai, vai há 30 anos para aí. Quer dizer que foi, via-se o cemitério, a igreja, as casas, aquelas casas dos lavradores com aquelas pedras todas, pedras, mesas enormíssimas, e depois as pessoas, quer dizer, uns tinham tractores, montaram para lá umas gruas... e ainda não havia as máquinas que há hoje, porque então, se houvesse aquelas gruas de pegar então é que aquilo era uma... portanto, aquilo era tudo mais ao ferro, e tudo em cima, e traziam mais duas ou três carroças daquilo por dia, mas aquilo esteve para aí dois meses assim e danificaram tudo. E depois da 2ª vez já quiseram proibir, mesmo as areias e as pedras mas já estava tudo estragado, ninguém se precaveu para aquela... para aquele acidente, no fundo aquilo foi um acidente que ali aconteceu, porque desfazer ali casas para fazer muros ou para ter ali um tipo qualquer no monte para vender, foi mesmo, era uma coisa que não se devia ter feito, mas aconteceu

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: era plantação de quê? De pinheiro bravo?

TVf1: de pinheiro, de carvalhos, é conforme a zona, a área, da água

AL: e eram quantos hectares, tem alguma ideia? Só para ter uma ideia do que é que se fazia nessa altura

TVf1: o nosso terreno eram 1700 e tal hectares

AL: de plantação? Iam fazer a plantação na área toda?

TVf1: sim, claro... depois como ele não me queria deixar fazer isso nós pregámos-lhe uma partida, porque o Ribeiro das Furnas, que é aquele ribeiro que vai por aqui abaixo, esse é que faz o limite do Parque [descreve olhando para uma fotografia no livro dele, fala de como os limites do parque têm sido alterados ao longo do tempo, por exemplo, quando foi da Maria de Lurdes Pintassilgo passou a seguir a linha de água, etc.] [...] só que esta zona aqui fica fora do parque, eu fiz um projecto só para esta zona e já não tive que ter o parecer do parque, ah, aqui por trás disto ficam umas antenas, para a televisão e para a rádio

AL: tiraram?

TVf1: não, antes de as instalar lá, agora estão lá as antenas, mas não se veem

AL: mas vocês recebem dessas antenas...

TVf1: não recebemos nada porque aquilo pertence... pertence não... a gente de Vilarinho não quis que fosse no terreno de Vilarinho, portanto quem recebe disto é o Lindoso... e por acaso aquilo até fica em terreno de Vilarinho, só que... nós temos, aqui à volta disto temos uma muralha, não é a muralha da China mas é uma muralha, à volta de todo o terreno de Vilarinho, temos mesmo, um muro

AL: mas natural?

TVf1: não, fizemo-lo

A: a sério? Mas em que tempos?

TVf1: foi nos anos 30 e tal, 40

AL: mas porquê? Havia conflitos ali na fronteira entre baldios?

TVf1: não, é para os nossos gados andam no nosso os dos outros andam nos deles. Primeiro fizemos com Espanha, deste lado

AL: fizeram um murinho?

TVf1: fizemos, que não deixa passar os gados para o outro lado, claro que agora deitam as pedras abaixo e eles passam outra vez. E desde que criámos a Furna, de dois em dois anos íamos lá reparar a parede. E então essa parede, efectivamente puseram-na torta, puseram-na mais por baixo, era para ser pelo limite da serra, mas não, puseram-na cá por baixo de maneira que quem olhava para aquilo dizia “não, vocês de Vilarinho puseram aquilo ali então dali para baixo é que é vosso”, de maneira que puseram as antenas ali.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: não, acho que têm 5 eólicas eles

AL: ai é? Ah, pensei que era isto tudo

MeC2: não, não, isso aí depois já é outro baldio, ali já são mais baldios [...] o baldio deles era administrado pela Junta até há dois anos, e só quando há dois anos para cá houve então a agregação das freguesias, o presidente quis ser malandro, e para que as receitas das eólicas não revertissem para toda a freguesia fez a comissão de baldios para que revertissem só de facto para Lamas...

AL: aaah

[...]

MeC2: isto é tudo um jogo de interesses *pá*, e os baldios é muito bonito quando de facto há dinheiro envolvido nos baldios, se não houver dinheiro envolvido estão-se a borrifar tipicamente para os baldios não é

AL: há quem se queixe por exemplo de não poder tirar saibro para fazer caminhos

MeC2: uuh, não quer dizer que não se possa tirar, o que é que vamos ver, antes tirava-se saibro do sítio onde se queria, e punha-se lixo onde se queria, e punha-se entulho onde se queria, e agora... acho que isso é normal não é, dizer, pa, para não fazer as coisas assim não é, há locais próprios, para pôr e para tirar não é, só que, como disse, as pessoas aqui foram um bocadinho anarcas, porque viveram sempre... e essas coisas custa a...

AL: a encaixar. Mas acho que agora não podem mesmo, tirar saibro

MeC2: está restrito, não quer dizer que não se possa. Nós andámos a fazer o centro de dia e quando se fez as escavações pôs-se o problema de onde vamos pôr isto, chamou-se cá o parque e andámos à procura de pormos num sítio “ah, pomos aqui”, tapámos, ao fim depois acabaram, pôs-se um bocadinho de terra para isto ervar e acabou, e resolve-se o problema e não se nota nada, não há problema nenhum

(RISOS)

AL: contorna-se

MeC2: contorna-se a situação, é possível fazer isso, agora não pegamos nele e não atiramos com ele aí ao calhas, não é, escolheu-se um sítio próprio, que os há... olha, era uma antiga saibreira até, experimentou-se a antiga saibreira, vamos tapar isto, impecável

AL: (RISOS) mas pronto, completamente ilegal

MeC2: não foi ilegal, foi de acordo com eles

AL: aí foi de acordo com eles...

MeC2: foi, chamou-se cá os indivíduos do parque e... a arquitecta e mais quatro indivíduos e... mas está a ver? É uma coisa que é ilegal, mas conseguiu-se arranjar uma solução para aquilo

Contribuição para o desenvolvimento local

MONTALEGRE

Cabril: MCa1

MCa1: o meu pai é taxista e há uma pessoa que quer ir para a urgência e não está a conseguir falar com ele...

AL: mas a urgência é aonde? Em Montalegre?

MCa1: sim. Mas também pode ir para outro sítio... Braga... Fafão fica mais perto de Braga do que da sede do concelho, de Montalegre... está a 52 km de Montalegre e está a 40 e qualquer coisa de Braga... 42 de Braga... as pessoas aqui... vai-me perdoar o que eu vou dizer mas...

AL: ai, por mim pode falar à vontade

MCa1: as pessoas de Lisboa não têm a mínima noção do que é viver nestas condições. Lembra-me particularmente de uma manifestação a ver o mar, na Póvoa do Varzim ou Vila do Conde, em que iam fechar as... iam fechar o Centro de Saúde e eles “ai meu deus do céu que temos de nos deslocar 10 kms”. Isto é de gente que não tem a mínima noção do que é este país, do que é esta zona, da dificuldade que é viver aqui. Se tivessem as pessoas estavam caladinhas, tomáramos nós ter o centro de saúde a 10 kms! Quantos é que eram precisos fazer por aí acima? Era quase um por aldeia!

AL: pois. Sendo possível era o melhor que havia. Dava-se emprego aos enfermeiros e aos médicos

[vento]

MCa1: (...) a qualidade de vida que se tem num sítio destes ainda... eu tenho um escritório em Braga e vou lá duas a três vezes por semana

AL: ah, um escritório? De quê?

MCa1: de advogados

AL: ah continuas a trabalhar como advogado?! Caramba!

M epa e eu estou lá e estou à rasca, à rasquinha pra voltar para aqui (...), principalmente daqui para cima

[bom, está muito vento mas fala-se das coisas boas que há nestes lugares e das vontades de ambos de sair da cidade e de como apreciamos esta calma e paisagem]

MCa1: está muito na moda agora esses abrigos de montanha, sem condições nenhuma... que é para as pessoas também se sentirem que não é só conforto, que não é só sofás e tv cabos e playstations e essa merda toda

AL: então os miúdos...

MCa1: os miúdos... o que é que vai ser desta sociedade daqui por 20, 30 anos??!

[vento... continua a conversa neste tema]

MCa1: (...) ainda estou para perceber o que é que vai ser do interior daqui a 20, 30 anos

AL: pois lá está...

MCa1: eu gostava de perceber como é que isto será... para aqui não é dos sítios, claramente não é dos sítios piores, porque apesar de tudo se vêm alguns jovens com projectos virados para o turismo, que esta zona para esse fim é espectacular e dá para viver bem

AL: e têm resposta?

MCa1: sim... portanto, mas há aí sítios que não têm crianças, as escolas fecham todas, claro! Não há hipótese! Vão manter uma escola aberta com 2 ou 3 crianças?

AL: sim, isto está aqui um grande imbróglio. E por exemplo, achas que o baldio e a sua gestão poderão de alguma forma contribuir para melhorar aqui o desenvolvimento local?

MCa1: pa, este tipo de infra-estruturas são importantes para mostrar a nossa identidade, mostrar a nossa história, como é que esta gente vivia, e a partir daí pode-se sempre potenciar...

MCa1: estás a ver aquilo ali em cima?

AL: ah

MCa1: aquilo é um moinho de cubo vertical que nós também recuperámos

AL: de cubo vertical... isso tem a ver com o quê? Com o funcionamento do moinho?

MCa1: exactamente. Aquilo são argolas, a água vem de cima, cai, depois lá no fundo tem... vamos lá num instante senão assim também não dá para... vamos lá... a água... aquilo enche, no fundo forma-se um jacto de água [...] a pressão de água a bater no rodízio (?)

AL: e como é que fazes para que haja pressão

MCa1: a pressão é provocada pelo cair da água

AL: ok. Estão a recuperá-lo é?

MCa1: estamos

AL: e esta casa é para quê?

MCa1: esta casa é minha

AL: ai é?

MCa1: estou a preparar para criar aí um albergue

AL: para turistas?

MCa1: sim, sim

AL: ai que giro, mete-se a pedra por fora... sai mais barato do que meter tudo pedra não?

MCa1: não, não... [vento]

AL: olha, e o albergue fica a ser teu, é do baldio, como é que é?

MCa1: não, isto é meu há muito tempo

AL: então, mas isto é baldio

MCa1: não, isto é particular

AL: ai é particular?? O moinho é que já é do baldio?

MCa1: exactamente

AL: ah, então isto é da tua família esta parte?

MCa1: sim

AL: e o moinho está a funcionar?

MCa1: está a funcionar. Esta água vem dali e é esta água que alimenta o moinho

AL: e o moinho é usado?

MCa1: pouco

AL: é moinho mesmo para moer cereais e não sei quê não é?

MCa1: exactamente

AL: (RISOS) deixa-me lá fazer perguntas urbanas. Ok, então aquela água vem dali, é utilizada para alimentar o moinho mas depois é usada para regadio como? Através de...

MCa1: depois a partir dali cada um nos seus dias leva a água para o seu terreno

AL: está bem... bem esta casinha... ainda venho a ser cliente!

MCa1: ora então... a água cai lá de cima... nós depois vamos lá acima

AL: os cilindros são ali não é?

MCa1: os cilindros...

AL: (RISOS) como é que tu chamaste?

MCa1: as argolas... a água cai lá de cima e enche o, o, o...autoclismo

AL: ok

MCa1: certo? E depois sai ali só por aquele buraquinho

AL: Ah, por isso é que faz a pressão...

MCa1: bate nestas hélicezinhas e como sai com muita pressão faz com que a pedra amole, isto está ligado à mó, ao bater aqui a água a mó anda e mói

AL: e porque é que não está a cair água agora?

MCa1: porque não querem. Quando se quer torna-se para aqui, vira-se para aqui e ela...

AL: aaah. E isto é usado o quê? Uma vez por mês?

MCa1: fica ao critério das pessoas

AL: ok. Isto faz parte aqui só desta aldeia?

MCa1: exactamente. Isto é daqui de Xertelo

AL: isto estar tudo ferrugento não tem mal nenhum pois não?

MCa1: até é bonito assim (RISOS). Este é o velho, recuperámos o velho, esta madeira é nova, mas o rodízio é o antigo

AL: boa! Não, não tem mal nenhum, ali só passa água não é?

MCa1: claro. Isto já é outro

AL: outro moinho?

MCa1: moinho, que não foi recuperado. Estava muito mais degradado e era muito mais caro

AL: mais difícil pois... ah, era mais ou menos isto que eu estava a imaginar

MCa1: a água vem dali, passava por este, fazia moer este, a mesma água serve para... depois entra aqui, vem por aqui...

AL: ui, granda queda!

MCa1: isto aqui representa uns quilos enormes de água... isto está cheio, isto enche mesmo até aqui acima, depois sai só por aquele buraquinho, é por isso que quanto mais peso tem mais pressão é... certo?

AL: ah, não conhecia. E a água continua a passar por aquele?

MCa1: exactamente, continua! Aquele agora não mói mas continua a passar por ali na mesma.

AL: é engraçado que ainda usem...

MCa1: É claro que isto também vai de encontro àquilo que falávamos há bocado, recuperar isto no baldio, recuperar este tipo de infraestruturas... opa, potencia um bocado o turismo local não é? Se as pessoas o aproveitarem devidamente

AL: e achas que vai ser só através do turismo que a malta vai conseguir aqui ter...

MCa1: a meu ver Cabril só tem duas alternativas... três: o turismo é claramente a que tem mais potencial. A agricultura, a pastorícia essencialmente, e a floresta... de resto nem vale a pena, acho eu que nem vale a pena gastar dinheiro. O dinheiro neste momento, da maneira que ele é escasso tem de ser muito bem gasto e direccioná-lo para coisas que se sinta que é o futuro, não vamos estar a investir em coisas... que sei lá, à partida já sabemos que não são sustentáveis. E acho que basicamente são esses 3 pilares que temos que manter em bom estado. E se fizermos isso como deve ser acho que Cabril tem muito potencial, tem é de se fazer bem feito. Temos de trabalhar bem!

AL: pois, porque estavas a dizer há bocado que a floresta, e eu também acho, para além de dar algum tem de se investir muito nela, mas se calhar pode chegar a um ponto que, lá está, eu não sei, nunca tive floresta, mas pode chegar a um ponto em que o saldo é positivo e comesças a tirar...

MCa1: ah, claro, sim, exactamente. A médio e a longo prazo, porque a floresta não é uma coisa imediata, que vou plantar hoje a amanhã posso estar a vender

AL: mas tens várias... para além destas colmeias tens noutros sítios também?

MCa1: eu tenho 600 colmeias!

AL: foooogo! Ok, pronto, que ingenuidade minha

MCa1: olha vês é essa a água toda que vem... do regadio

AL: ah, do regadio. Pensei que era a do... mas também é a mesma do moinho não?

MCa1: é a mesma, antes de chegar aqui passa se quiserem pelo moinho

AL: se quiserem, pois está bem... e como é que se direcciona aí a água do moinho?

MCa1: tem umas torvas que se viram para um lado ou para o outro, de acordo com...

AL: Está bem, e neste momento estão viradas para o regadio

MCa1: sim, para os terrenos

[entramos no carro]

AL: então agora só mais uma pergunta assim parva...

MCa1: pergunta as que quiseres

AL: então, a água chega ali àquela espécie de piscina, não é, àquele tanque, e acumula-se lá não é? Que é a mesma água não é...

MCa1: exactamente!

AL: e esta água vem do tanque?

MCa1: vem, é a que cai dentro do tanque

AL: ah, ok.

MCa1: depois fora do tanque tem um sítio que nós chamamos de talheiros, um talheiro é onde se... põe-se aqui a tábua e a água vai para aqui, põe-se a tábua aqui e a água vai para a frente, percebe? É um cruzamento... em que viras a água de acordo com..., se vai para a frente vai para os terrenos de acolá, vai por cima, se vier para aqui vem para baixo, entendes?

AL: ah, ok. E neste momento vai para aqui porque alguém decidiu que dava jeito...

MCa1: não, porque é desse herdeiro, é desse senhor, a água é direccionada cada um para o seu terreno. E tens um número de horas para cada terreno, percebes? É 12 horas, ou não sei quê para o terreno x e vira-la para lá... percebes?

AL: a água aqui não escasseia ou? Pelo menos agora ainda...

MCa1: não! E agora depois desta obra não escasseia facilmente

AL: portanto essa questão das horas é mesmo porque não é possível não estar a água em muitos lados ao mesmo tempo, não é por uma questão de poupar ou ...

MCa1: não é por uma questão de poupar... não, não, não. Aquele terreno tem x horas de água, aquele outro tem x horas de água, tem a ver depois do tamanho do terreno, da necessidade de ele ter. Isto já está partida, a água já está partida há muitos anos

AL: está partida... engraçado

MCa1: partida entre os herdeiros

AL: chamam-lhe herdeiros, herdeiros porquê?

MCa1: ainda são herdeiros porque a água é uma propriedade e os herdeiros daquela água... que são as pessoas que usam

AL: que é a malta da aldeia toda...

MCa1: pode não ser a malta da aldeia toda

AL: são as pessoas que precisam da água...

MCa1: que têm os terrenos para serem regados

AL: ok... os herdeiros... está bem. Enfim, tenho um manancial de perguntas na cabeça e quando preciso delas perco-as (RISOS)

MCa1: se te lembrares de alguma importante podes-me telefonar

AL: ah, sim! Não, e eu ainda quero voltar aí um dia qualquer

MCa1: está bem. Vamos lá acima, noutro dia vamos lá acima...

AL: sim. Eu já percebi que tens a vida um bocadinho complicada em termos de... por isso se calhar mais vale dizeres tu um dia que te dê jeito. Eu agora desta vez estou ca até 5a aqui na zona. E depois tenho de ir a Lisboa, a minha mãe faz anos. Eu até queria ir àquela actividade que eles organizam em Fafião... de 4 a 6 de junho mas... mas isto para dizer que vou sempre voltando ca para cima, tanto pode ser até 5a desta vez ou numa próxima que volte, não sei o que é que tu... eu agora até 5a já tenho mais ou menos os dias cheios

MCa1: pronto, então vai-me ligando que eu também nunca sei o que é que eu vou fazer amanhã

AL: está bem. O que é aquilo?

MCa1: aquilo era uma barraquinha para o pastor se abrigar, das cabras, portanto quando andam aí com as cabras e metem-se ali...

AL: e foi ele que...

MCa1: escavaram aquilo na pedra...

AL: aí estão elas... pois andam aí à vontade

MCa1: isto é importantíssimo. A cabra come tojo, é aquele que pica, a cabra é o único animal que come o tojo

MCa1: Este velhote tem 80 e tal anos, é de São Lourenço:

MCa1: então patrão? A vida? Estás bom?

S: tem de ser assim

MCa1: quantas tens agora?

S: poucas, algumas 52, mas ainda são demais

MCa1: são demais?... também, diz que ou 100 ou sem elas

S: não, mas isso, não conta isso. Conta mas é os anos que já...

MCa1: os passos que tens de dar com 50 eras os mesmos que davas com 100

S: não, mas não, isso era se eu tivesse menos de 20 anos

MCa1: quantos anos tens? 86?

S: 84

MCa1: vê aqui um exemplar de homem que com esta idade ainda anda aí todos os dias para trás e para a frente

S: mas olha que parte desses podiam andar melhor do que eu, novos, há aí malta nova

MCa1: não, esses é que não mexem uma palha

S: não querem!

MCa1: pois, lá está, e um trabalho...

AL: tramado!

MCa1: nesta altura até é uma maravilha, até se podem bronzear, agora de inverno o dia todo debaixo de chuva

S: não é. Eu até gosto, a chuva nem é o que me perturba. Eu custa-me mais agora o verão. No inverno a gente anda pouco tempo no monte

MCa1: pois, agora é muito mais horas

S: é meio-dia, a gente bota, só até 4 horas da noite, e às vezes nem 4 horas é

MCa1: também és preguiçoso

S: não, não é até 4 horas porque está a chover e vai-se para casa

MCa1: pois é... e agora os dias como são muito maiores eles...

S: agora é custoso

MCa1: mas é uma maravilha, deitas-te aí numa sombra, aí debaixo de uma pedra

S: ah pois deito e depois os lobos comem-me os animais

MCa1: é pena é... se tivesses aí uma gaja nova ao pé de ti

S: olha, nem nova nem velha. O meu tempo já passou, ouviste ou não? E foi bem doce mas agora...

(RISOS)

MCa1: mas também quem comeu não ouga

S: não, isso é verdade!

MCa1: xau!

S: até logo!]

AL: No outro dia estava a ver um documentário que na Galiza acontece um bocado... acho que as coisas são parecidas não são?

MCa1: sim

AL: com aqui em termos de baldios... então eles estavam a dizer que, estavam a entrevistar precisamente um pastor e ele dizia “eu não quero que o meu filho seja pastor, isto é muito duro e não dá rendimento nenhum”

MCa1: mas isto até é uma actividade muito rentável... muito rentável.

AL: em termos de quem tem o gado não é? Mas às vezes as pessoas pastam o gado de outros não é?

MCa1: não, aqui normalmente têm o gado! São proprietários e é qualquer coisa, as cabras normalmente dão muito dinheiro. O problema é que é um trabalho muito duro. Quer dizer não é que seja puxado, em termos físicos não é andar a puxar pedras todo o dia, só que é passar o dia todo sozinho, que para mim era o ideal, eu acho que vou comprar um rebanho de cabras! (RISOS). E depois o inverno é sempre, e neste caso o verão também é fodido. Ele gosta menos do verão do que do inverno, é complicado

AL: pois, que é duro não tenho duvidas que seja. Agora que dão rendimento é que não tinha a ideia...

MCa1: dá muito, se forem cabras bravias têm um subsídio... porque é uma raça autóctone, têm um subsídio muito bom. Para além dos cabritos. O cabrito é um produto gourmet, hoje

em dia este cabrito não se encontra em praticamente lugar nenhum não é... e epa, é rentável, 12 euros o kg.

AL: pois... um cabrito chega a ter quantos kgs?

MCa1: 5 kgs, o ideal, 5-6 kgs no máximo

AL: 60 euros para aí um cabrito

MCa1: 60 a 70 euros cada um

AL. Mas isso já na venda directa, não estamos a falar de subsídios

MCa1: não, não, estamos a falar só da venda do animal, da descendência e depois mais a... o subsídio que também tem, o subsídio à produção

AL: ok. E aquelas cabras que estavas a dizer que foi o próprio parque que as meteu para lá...

MCa1: isso são as selvagens

AL: que estão ali só para existirem, ou seja, não são exploradas por ninguém...

MCa1: não, não, são difíceis de ver, são selvagens

AL: é aquelas que andam quase na vertical não é?

MCa1: exactamente! Cabra montês

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: pois... não, e esse tipo de cortes, isto agora é a minha opinião pessoal, esse tipo de cortes da área forrageira e tal que as pessoas depois não têm direito aos subsídios e assim, também não fomenta nada a vinda dos jovens de volta para as aldeias, não é... a partir do momento e que não conseguem fazer

MCe1: mas lá está, pronto...isto... os subsídios são muito bons e tudo o mais, mas nós também nos habituamos aqui a um sistema de subsidiodependência e isto não nos leva a lado nenhum, porquê? Porque uma empresa que nasce a pensar nisso... o problema é que as empresas nascem a pensar nisso, quando a empresa nasce a pensar nisso não tem sustentabilidade, porque amanhã termina, a empresa morreu... não é? Portanto, eu acho que devia ser por objectivos, por produção, os próprios subsídios... se produz, sim senhor... opa, produzes x quilos de carne, de boas qualidades, biológica ou não biológica, essas coisas... tudo bem, era um incentivo ao crescimento e à qualidade... agora dar subsídios por exemplo, como até ali... 40 hectares de terreno que se dava, porque nós tínhamos para ali hectares, iam buscar o subsídio, para aí de 10 000 euros, para o FPD ou lá como é que era...

AL: hmm, eu não vou lá com siglas (RISOS)

MCe1: é o coiso lá do... a alínea lá do subsídio, um jovem que tivesse 40 hectares ia logo buscar 10 000 euros... pronto... quer dizer... tudo bem, mas não incentiva a produção.

Portanto a meu ver os subsídios haviam de ser atribuídos à produção. E à qualidade, não é... não é só produzir, produzir e depois a qualidade do coiso... senão tornamo-nos aqui subsídio-dependentes, e eu acho que isso não é futuro para ninguém

AL: sim, isso é verdade, eu até perguntei às tantas lá... porque precisamente não percebo, não estou tao dentro da realidade e... então perguntei a um dos compartes com quem entretanto falei, se não houvesse subsídios se as pessoas conseguiam continuar a produzir...

MCe1: pára tudo

AL: ... animais, e ele deu a entender que não era rentável, que não ia ser atraente...

MCe1: pára tudo! Mas então o que estamos aqui a fazer? Se amanhã pararem morre tudo de uma vez... está mal... não é...

AL: pois... volta tudo aos períodos de subsistência, foi o que ele disse, então mas nesse caso votávamos todos para trás e voltávamos a viver sem electricidade, sem água canalizada (RISOS)

MCe1: não, mas o que devíamos... havíamos de nos organizar de outra maneira, até por exemplo, se calhar haver cooperativas, bem estruturadas, porque não é essa a ideia que temos, pelo menos aqui no concelho, de cooperativas, que aqui é tudo um desastre, vai tudo por água abaixo... a qualificarem o produto e a colocá-lo no mercado... e as pessoas saberem que tinham o produto vendido e saber mais ou menos o preço que... pronto, dentro daquela variação... ra por aí, porque nós temos sítio para fazer qualidade, melhor se calhar do que muitos outros lugares, agora, precisamos do quê? Alguém... precisamos de... para já as pessoas aqui não sao muito de fazer cooperativismo e de fazer essas coisas não é... mas se nos unirmos.. por exemplo nós temos aqui o cabrito... mas não está devidamente explorado. Uma cooperativa por exemplo podia ter, fazer essa questão por exemplo nas aldeias, “opa, vamos arranjar...” até se arranja um funcionário público... por exemplo, ter 100 cabras ou 200 cabras, é um problema grande para um jovem agricultor porque tem de lá estar amarrado todos os dias... não é? Não pode sair, não tem férias, não tem nada, pa, mas se se criasse aqui em determinadas aldeias... porque já havia antigamente, a questão da vezeira, mas se eles agora não se entendem, as próprias cooperativas se arranjam aqui um coiso, se calhar até criarem aqui no meio um funcionário ou dois, pá, e ser gerido assim, e a pessoa tem direito a um fim de semana... porque também... não é? Também concordo que um jovem estando amarrado ali toda a vida, nem férias, nem fim-de-semana, nem para nada, também desincentiva logo as pessoas a irem embora não é? Agora se tivesse, se isto fosse pensado ou gerido desta maneira... eu acho que...

AL: e como é que se podia...

MCe1: só para mim eu acho que é através de cooperativas, associações... apostar no marketing e na imagem do produto, diversificar o produto porque também não podemos viver só com um produto, pode aquele não dar... por exemplo, nós temos o mel, temos tantas coisas não é? E o ser retirado... criar a imagem para os produtos e depois eu acho que a qualidade está vendida... parece-me a mim

AL: sim, sim. Pois...

MCe1: eu sou produtor, comecei a produzir mel para aí há 3 ou 4 anos, e quer dizer, não há mel para... se tivesse 100 toneladas estavam vendidas... e tenho o mel biológico e... agora, portanto, eu acho que é o que falta aqui mas... qualquer coisa é as pessoas unirem-se e falta o cérebro, ou falta gente

AL: mais, mais... não falo de si mas em muitos baldios as pessoas que estão à frente são assim mais velhas, então às vezes se calhar falta também, isto estou eu a dizer, é a minha opinião pessoal, a falta de jovens nas aldeias também não contribui muito para isto, sei lá jovens que vão para fora e não voltam

MCe1: mas podiam as próprias instituições locais, por exemplo as câmaras... não é? Podiam dar uma mão, só que as câmaras, o que é que fazem? Só olham para a parte política também... não interessa nada.. epa, estão virados para os votos e para as festas e para as 6as feiras 13 e para isso tudo

Agora, esta questão, o produto só... a maneira de dar a volta a uma região destas é só a meu ver por aí, por exemplo, porque não criar uma coisa comunitária, por exemplo, o estábulo para as cabras, uma hipótese, você tinha lá por exemplo uma quota de por exemplo 20 cabras, ia lá dois dias ou três, ou quatro ou cinco ou seis, não é... eu tinha 50, o outro tinha 10, pá, mas aquilo estar perfeito, estar funcional, com pouco... o mínimo de trabalho possível para coiso, com as condições... as pessoas acabavam por aderir

AL: isso a nível municipal ou a nível do baldio?

MCe1: não pode ser muito pequeno, municipal também não, pode ser por exemplo...

AL: um grupo de baldios...

MCe1: uma aldeia grande, por exemplo, uma hipótese, Paredes... Paredes já... já comporta... quem diz Paredes, Covelães... Travassos... ou então reunirem-se duas, não é? Não sei... é um estudo que tinha de se fazer, os gastos e os..., também ver o potencial de cada aldeia, não adianta apostar por exemplo numa aldeia que já tem pessoas acima dos 70 anos

AL: pois, pois

MCe1: é o que pelo menos... até podia começar como uma experiência piloto, para ver-se as coisas... para mostrar, porque às vezes só vendo, o do lado, só vendo, nós aqui somos muito... não temos formação, não temos ao lado para ver o que é que está... e depois temos medo então seguimos sempre a rotina anterior, mas se houvesse um projecto piloto numa determinada aldeia neste sentido acho que as pessoas amanhã podiam. Pa, vamos copiar aquele... aquele.. penso que era uma solução... para a região, para a região, estou a falar agora para assegurar a região... porque isto vai acabar, isto vai acabar, eu tenho dois filhos e não vai cá ficar nenhum, um já está na Alémanha e o outro está para sair se calhar daqui a um ano, está a acabar engenharia civil e de certeza que depois vai embora, portanto...

AL: pois

MCe1: é assim, isto porquê? Porque vê-se que... eu não concordo, essa... eu tenho medo dos subsídios, os subsídios são um contributo, aquilo é a maravilha, cai ali, não dá trabalho nenhum, logo se acaba de repente... não é?

AL: pois.... sim, a mim também me faz um bocado de confusão esta dependência dos subsídios

MCe1: são bons, pronto, ajudam

AL: depois há cortes destes e as pessoas ficam “e agora?”, não é? E...

MCe1: mas eles podem acabar de um momento para o outro

AL: pois, exacto

MCe1: claro, as pessoas têm fé que não, não é... mas eu sei lá, nós conhecemos tanta coisa, a união europeia pode desmoronar... e depois quem é que dá os subsídios?

AL: não... e mesmo, é uma sensação de estarem constantemente dependentes, algo que não eram, até certa altura...

MCe1: e acaba por não ser um motor de desenvolvimento

AL: pois...pois. quer dizer, actualmente, lá está, pelo que eu tenho percebido, ou como já disse até o Simão, actualmente são entradas de dinheiro extremamente importantes para as comunidades locais, não é?

MCe1: são, fora de dúvida, mas podia ser à prod... em vez de ser assim directo ser à produção

AL: sim, sim, sim, sim, essa é uma das críticas...

MCe1: porque incentivava... por exemplo, eu sou produtor de vacas, o que é que eu estou a ver, eles pagam à cabeça os animais, o subsídio... ora, conclusão, o que é que interessa, o que interessa é ter número de cabeças

AL: sim

MCe1: se você tiver 50 cabeças... se calhar não tem condições para ter 10, os animais estão a morrer à fome há muito... só isso... não tem, aqui não tem, e depois era haver uma fiscalização muito mais... quer dizer, se as pessoas... e depois prendem-nos em cercas alguns e... sem condições, depois não querem, para ficarem com mais dinheiro dão-lhes pouco de comer, os animais depois ainda por cima, são raças autóctones que o... a produção da carne não lhe interessa, porque à partida aquilo já era, só lhes interessa o subsídio, porque ainda por cima é raça autóctone, é majorada com mais um subsídio, ainda vão buscar mais por cada cabeça 160 euros, quer dizer, se tiverem muitas cabeças, independentemente se estiverem gordas ou se...

AL: se estiverem gordas ou magras...

MCe1: é outra lacuna que... o IFAP até, que fiscaliza isso não está... havia de ver as condições dos animais, não é?

AL: pois, sim... e isso acontece?

MCe1: acontece, acontece... acontece! E o que se passará por aí por esse país, não sei...

AL: sim, por acaso uma das críticas que eu tenho lido às políticas da união europeia, uma delas é essa, que os subsídios são dados... mas nem era à cabeça, eles lá, o que eles criticavam... mas era à agricultura, na agricultura é a área, não tem a ver com a produção, tem a ver com a área...

MCe1: pois

AL: então as grandes propriedades ganham à grande e...

MCe1: mas isso... vamos lá a ver...isso também vamos...

AL: mas não têm que apresentar produção

MCe1: mas aí é que haviam de ter, que é a produção, mas aí tinham que apresentar... por exemplo, também não concordo que venham subsídios para os campos de golfe

AL: pois, não concordo também

MCe1: pois, mas dão, dão agroambientais para os campos de golfe, pelos vistos, eu também não tenho a certeza a 100% mas

AL: também não sabia, mas não concordo

MCe1: está errado

AL: também discordo plenamente

MCe1: vamos aqui por exemplo pôr... eu tenho aqui um campo de milho, candidatei-o ao subsídio, eu cheguei lá, lavei e plantei o milho, ele nasceu e depois não lhe ligo mais, nem vou sarchar o milho, nem lhe ponho herbicida, nem o rego nem lhe faço nada, eu não produzo nada, mas o subsídio é o mesmo

AL: pois...

MCe1: havia de ser ao contrário... “sim senhor, tens o milho, ora vamos lá ver ao fim, quanto é que produziste? Produzi 2 toneladas de milho”, prontos, está a perceber, então pagam-lhe 2 toneladas de milho... não é?

AL: sim

MCe1: devia ser por aí, agora se é... conclusão, não produziu nada, recebeu o subsídio e não se interessou pelo milho... que riqueza é que traz ao país? Não é? Nenhuma! Depois importamos milho...

AL: pois... sim, esses são os argumentos da CNA e da BALADI e mais não sei quê nas manifestações...

MCe1: é, é, é a guerra, pois... claro. Mas pro exemplo, aqui ao lado em Espanha acho que é diferente, eles é à produção, por isso é que depois vendem a batata a 5 cêntimos...

AL: há tanto produto espanhol aqui... no supermercado tenho de estar sempre com cuidado para não estar sempre a comprar espanhol, mas mesmo produtos feitos, tipo sabonetes, comida feita... mas pronto...

MCe1: eu também na minha opinião a região havia de ter mais formação, por exemplo, temos várias condições para o produto biológico, e isso também é uma mais valia

AL: sim, sim

MCe1: que é... as pessoas não têm formação, nem têm obrigação de... coitadas, nasceram aqui, foram educadas, não têm... depois as instituições locais também não ajudam, isto tem de se ir para o terreno, é preciso ter técnicos, é preciso gastar dinheiro... enfim, isto não é só fazer reuniões e depois...

AL: pois, assim instituições como o secretariado dos baldios e assim, são importantes nesse sentido ou não?

MCe1: são, isso são, acho que sim, que são e têm feito algum, têm feito um bom trabalho, pelo menos há mais informação, a secção ali do parque está muito mais bem organizada do que estão os outros de fora, não é...

AL: isso através da tal organização dos baldios da Peneda-Gerês?

MCe1: sim, sim, sim, aí acho que pronto essas coisas estão... pronto, agora pode ser discutido, mais isto ou menos aquilo, mas tem sempre andado... essa parte estando unidas, estando... tendo uma linha mais ou menos definida, pronto, ter alguém a coordenar eu acho que isso está... havia era de haver outras coisas, seguirem o caminho, o exemplo desses

AL: e agora, só para terminar, aquela ideia que se anda um bocado a espalhar, mesmo na introdução à proposta da nova Lei dos Baldios, que a relação dos povos com os baldios já não é a mesma de outros tempos e que hoje em dia a relação já não é de dependência, entre os povos e o baldio, isso é verdade? O que é que acha? A relação actual entre os povos e os baldios ainda é forte ou... se o baldio deixasse de existir como tal quais as consequências para as comunidades...

MCe1: que dizer, os baldios se lhes... vamos lá a ver, a minha zona em concreto, se lhes retirarem o baldio as pessoas não têm maneira de sobreviver, porque então, as pessoas o que é que têm? Têm... porque... isto é um minifúndio, as propriedades são muito pequenas e algumas e pobres, não produzem forragens nem coiso suficiente para alimentar os animais, portanto cada agricultor só poderia ter 3 ou 4 animais, alguns 3, outros 5, outros 6, outros 7, portanto tinha que... o baldio é o complemento da alimentação para os animais, e portanto está aqui mais de 50% da sobrevivência... portanto se lhes retirarem então é que acabam com tudo

AL: pois, mas o que se ouve por aí é que o pastoreio já não é importante, que as actividades tradicionais já não existem

MCe1: há pastoreio... não há é o sentido de pastoreio que havia antigamente que era a vezeira, agora cada um vai mais individualmente, agora pronto, se falarmos disso, isso já é os usos e costumes pronto, já não há, as pessoas já não são tao comunitárias, já não fazem os trabalhos...

AL: também há menos não é...

MCe1: também há menos... em havendo menos gado se calhar faz menos sentido ou menos produtores...

MCe1: não, não é por isso, não é só por isso, porque é assim, o que é que as pessoas... aquela questão de as pessoas serem mais, darem mais... serem mais comunitárias nos seus trabalhos é porquê? Porque foi a questão das máquinas, agora um agricultor que tenha as máquinas não necessita exactamente de uma... até ali era um grupo que ia fazer as segadas que eram vinte ou trinta, iam às batatas, 20 ou 30, iam ao feno, 20 ou 30... agora cada agricultor tem as máquinas para arrumar o feno, para arrumar a messe, o centeio, portanto não há a necessidade de os agricultores se juntarem tanto, é por causa disso, agora... o baldio não há hipótese, o baldio vai ter de ser sempre, porque então... se tem um rebanho... por exemplo quem tiver um rebanho de 100 cabras não há terrenos possíveis para os alimentar, se não for o baldio... e aliás o sitio predilecto para as cabras é o monte, as pedras, no meio das pedras, essas coisas, e mesmo... e o gado, por exemplo nós temos lá a serra do Gerês, embora, pronto, esta questão dos fogos está mais degradada, mas chegam aí a abrir, deitam-nas... as que não estão paridas vão para a serra e só vêm lá para Setembro, portanto são muitos meses o gado sem estar em casa, portanto só aí o complemento já é muito grande, não é... portanto, é uma fonte de rendimento muito forte

AL: pois, estava a pensar, sim.... agora perdi-me completamente, comecei a voar com o pensamento... pois é isso, muitos dos argumentos “contra” fundamentam-se sempre no facto de hoje em dia as pessoas já não estarem dependentes... de as suas economias individuais já não estarem dependentes dos baldios, mas o que eu venho a constatar aqui não é bem isso...

MCe1: na, na, aqui ainda estão completamente

AL: não é propriamente um espaço onde as pessoas... muitos dos livros que eu tenho vindo a ler sobre baldios o que dizem é que actualmente os baldios são geridos como se fosse um... vá, uma propriedade daquele grupo, e que é cedida para exploração de terceiros, eólicas, empresas florestais, isto e aquilo e que os compartes se limitam a receber as receitas que advêm dessas cedências, vá...

MCe1: directamente? Os compartes não, o CD... sim, nós por exemplo, a nossa realidade não é essa

AL: não é essa, pois...

MCe1: não é essa, a nossa aliás, nós não temos rendimento nenhum excepto o das ITI

AL: nem há arrendamentos de partes do baldio, nem nada do género, cessão de exploração...

MCe1: não, não temos nada. Portanto aqui na nossa zona, por exemplo nas zonas do parque não têm eólicas, empresas a explorar também não conheço nenhuma

AL: também não vi nada disso até agora

MCe1: não, não conheço nenhuma... a única maneira que eles exploram é a floresta, alguns mais floresta outros menos

AL: eles quem? Os próprios...

MCe1: os CD... portanto, são opções, alguns apostaram muito na floresta muito cedo, outros não querem floresta porque querem é aposta nos animais e querem que sejam... dão prioridade aos agricultores, à parte humana, à parte...portanto aqui na zona do parque isso não se verifica e está um bocado... agora continuo a frisar que o baldio é extremamente importante para a sobrevivência, senão não havia solução...sem o baldio

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1: não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

[falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...]

MCov1: pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1: já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1: trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: agora por vacaria, quais têm sido as contribuições do baldio, através do CD, aqui para o povo?

MCov1: nós temos feito muitas coisas, o baldio... o ITI, nós há coisas que vamos fazendo... olhe, já me fez um centro social, que é uma casa que manda peso, é uma casa que está fechada agora, dá para as borgas, quando se fazem umas brincadeiras, vão para lá, vem o presidente da câmara, vêm os outros da câmara também; já lhe arranjei a igreja, a igreja estava numa lástima

AL: aqui em Covelães...

MCov1: Covelães! Arranjei-lhe a igreja toda, botámos-lhe tudo por cima, estava tudo a cair. E arranjei-lhe a ... as coisas que nós fazemos ponho lá o povo a limpar e esse dinheiro resta depois para... fiz-lhe uma casa mortuária que me custou 30000, 35000, ainda passou, e agora ainda tenho de lhe dar mais mil por causa de umas coisas que ele lá fez demais, mais 1000 e tal euros, 1100, já tenho até o cheque para lhe dar, já temos feito aí muita coisa...

AL: e a Junta não faz nada dessas coisas? Ou a câmara, não sei bem a quem competem essas coisas...

MCov1: não faz nada!

AL: então se não fossem vocês isso estava tudo na mesma ainda?

MCov1: estava tudo na mesma, isto aqui estava na mesma como estava antigamente. Agora é que temos feito, tenho-lhe eu feito o coiso... o centro social que é uma casa boa que nós fizemos ali, mas a câmara também ajudou, também deu algum, nós demos 60000 para ajudar a fazer aquilo, a câmara deu... acho que nem 40000 deu. Mas a igreja fiz eu... foram 20000 que eu dei para a igreja para arranjar aquilo que estava toda já a cair, e agora fiz-lhe a coiso, foram 35190, não 35140, o homem até disse que tirava os 140 mas ainda quis os 140... o empreiteiro. E agora tinha lá umas coisas por baixo para arranjar levou mais 1100. Se não arranjassemos aquilo, se não fosse eu estava desgraçado isto. Depois ainda limpo as poças da rega, faço-lhe os regos para as propriedades, limpo-lhe as poças todas, tenho feito no monte também, algumas, algumas estão feitas no monte... tenho feito muita coisa, que eles aí até deviam ficar todos contentes, mas...

AL: a Junta é que devia ficar muito contente, é menos um peso

MCov1: temos feito muitas coisas, já fizemos, fizemos agora aqui uma casa, tivemos de fazer o muro, fomos..., os sapadores é que fizeram o muro, arranjaram-me um caminho lá adiante, também era contra a lei, disse o Carvalho, mas lá andaram 2 semanas, também o conselho directivo... temos feito muita coisa, só estão a beneficiar dos sapadores. Os sapadores têm feito muita, muita coisa e fazem em Travassos, e fizeram em Sezelhe, já lá fizeram muita coisa, e fizeram em Paredes, uma pocilga! Agora têm lá uma pocilga que manda peso! Em Paredes... os sapadores, foram eles que fizeram tudo! Aquilo diz-se que se pode ver, eu por acaso ainda lá não fui, mas aquilo pode-se ver, já lá tem uma data deles, uns 20...

AL: em Travassos?

MCov1: não, em Paredes!

AL: peço desculpa, eu ainda troco as aldeias todas, ainda não as conheço...

MCov1: em Paredes, Paredes, tem lá uma pocilga que manda peso! Já lá foi muita gente ver

AL: e foi tudo feito pela malta dos baldios?

MCov1: foram os sapadores que fizeram tudo

AL: pois, pagos pelo...

MCov1: ainda no outro dia estive lá o presidente da câmara, estive lá na câmara, o chefe da equipa... porque eles têm um chefe da equipa e disse-lhe “quem fez isto fomos tudo nós! Tudo nós! Está tudo feito por nós!”. E pronto, então se trabalham também recebem. Dei-lhe mais 5 mil euros para lhe aumentar, disse “vou-lhes dar mais 5 mil euros! Para vos aumentar, estais a ganhar pouco e têm de ganhar mais”. Já ganhavam, já botava 800 euros a cada um, e ainda dei os 500 euros... não...

AL: não, os 5000 a dividir por 5 não é?

MCov1: sim. Dá 1000, mais 1000 a cada um... é bom. Primeiro queriam-nos por fora... “que não trabalham” e tal. Depois disse “não, os que trabalham aqui no Parque Nacional são os nossos... então olha, já fizeram isto, isto, isto...” prontos. Pronto, então vou dar mais 5 mil

AL: ah, lá na câmara também diziam que eles não trabalhavam...

MCov1: sim, foram dizer lá, o presidente da Junta, que eles não trabalhavam, que havia alguns que era melhor mandá-los embora, e não sei que mais. Depois ao fim ainda lhe dão mais 5000

Fafião: MF1

AL: então e o baldio tem de alguma forma contribuído bastante para a... por exemplo estavas a dizer que há montes de jovens e estão super interessados em estar cá aos fins-de-semana e não sei o que... esse tipo de ligação à terra achas que também decorre de haver um bom funcionamento do baldio. Ou seja achas que o baldio está de alguma forma a contribuir para o desenvolvimento local?

MF1: sim. Por exemplo a lista... o baldio tem uma lista de 14 pessoas: 4 na assembleia, 5 no conselho fiscal e 5 no conselho directivo, tipo 12 têm abaixo de 40 anos. É importante também essas pessoas que se calhar até andaram a estudar e que, embora estejam em Braga, uns talvez já começam a estar um bocadinho mais desligados daqui, de vez em quando pegar e “olha, eu queria que tu viesses para o conselho directivo porque acho que eras um bom elemento para fazer isto, ou para fazer aquilo e ias dar um bom contributo... e isso também é a forma de as pessoas se sentirem mais integradas e de se sentirem mais obrigadas a virem cá, porque depois uma pessoa, por exemplo hoje estou eu e estou a fazer uma obra qualquer que está a beneficiar a aldeia... daqui por uns anos vão ver “isto aqui está assim, está bem e foi feito no meu tempo” e isso motiva as pessoas

AL: pois, acredito que esteja desactualizado, mas é interessante ver que existe um *site*, pelo menos aqui do Gerês não encontrei mais nenhum, não quer dizer que não haja outros, mas foi o único que encontrei. Fiquei impressionada com Fafião. Não deve ser fácil, não há aqui muito acesso à rede pelo menos...

MF1: acesso à rede até a bem dizer já toda a gente tem. Uma coisa que eu até me tinha lembrado de fazer era instalar a rede sem fios na aldeia. Entretanto ainda acabei por não... são muitas coisas. Parecendo que não temos muitos projectos em mão, temos muitas dores

de cabeça por vezes e é complicado porque as pessoas... eu agora estou semi desempregado mas os meus colegas não... e é complicado, hoje precisas de ir para aqui, amanhã precisas de ir para ali, tens de entregar os papéis daqui [muito vento] umas obras que estamos a fazer com o apoio da câmara e acaba por ser muita coisa e então algumas coisas vão ficando mais adormecidas mas entretanto alguém no espaço e no tempo tem mais tempo livre e vai tentando pôr tudo a andar para a frente. Embora que são muitas coisas, tenho aí muitos processos ao mesmo tempo e ...

AL: todos relativos ao baldio...

MF1: sim, sim, sim... estamos aí a tentar construir essa zona, esse polígono pecuário para tirar os animais, são duas zonas, isso é preciso muita coisa e o ICNF está a bloquear um bocadinho o processo. E temos mais coisas, estou a tentar fazer uma garagem para os sapadores meterem o carro, e também para porem os materiais que eles têm muita coisa. Estou também a tentar reabilitar o campo de futebol, estamos a fazer um alargamento também na aldeia com o apoio da câmara municipal

AL: alargamento da aldeia? No sentido de quê? De construir casas e assim?

MF1: de alagar numa casa e de fazê-la noutra sítio

AL: ah, eu vi ali qualquer coisa de loteamento e não sei quê...

MF1: ah, sim, também temos loteamento mas isso não é com o conselho directivo, é com a Junta

AL: é o quê isso?

MF1: um loteamento é um conjunto de casas

AL: mas é para quem? É para os moradores ou para fazer turismo?

MF1: é para quem quiser, nesta fase eles vendem a quem estiver interessado... inicialmente pensava-se que fosse só para aqui, mas demorou muitos anos o loteamento e havia pessoas que não acreditavam naquele projecto e as coisas foram sendo atrasadas. Agora uma casa já está a ser feita e eu acho que daqui vai alavancar e que daqui a meia dúzia de anos vão estar ali as casas todas feitas naquela zona do loteamento

AL: mas aquilo é importante para vocês haver esse loteamento, para as pessoas que vivem aqui em Fafão ou ...

MF1: há, e toda a gente que tem aqui alguma coisa tenta melhorar aquilo que herdou e tenta fazer uma coisa nova, e ali é o sítio ideal para fazer uma casa nova

AL: mas vão ser assim todas iguais tipo Lisboa?

MF1: não, não vão ser todas iguais mas [VENTO].

Outeiro: M01

AL: na sua opinião qual é que é a importância do baldio actualmente aqui para a população de Outeiro?

MO1: a importância do baldio é continuar como está... mesmo que alguém do Estado esteja a gerir de acordo connosco, que nos não prejudique, agora se nos trouxerem iniciativas de sucesso, nós aceitamo-las, como estas plantações... eu não me importava de fazer gestão com eles, de dizer assim “bom, vamos aqui fazer esta plantação, vamo-la vedar, vamo-la trabalhar, há aqui técnicos apoiados por nós e por vocês e isto vai dar rentabilidade hoje e amanhã”. Estou de acordo com isso, pois se nós temos aí terrenos que se for preciso estão a ser queimados e podem ter uma plantação como essa

[passa uma senhora...

S: bom dia

AL: bom dia...

S: o dia está bom

MO1: está, está... o que faz falta é chuva...

AL: ehh, não diga isso, deixe só aguentar mais 2 dias ou 3

S: ai, fazia muita falta

AL: fazia?

MO1: ela vem, ela vem, tudo o que é desejado ainda há-de ser recebido...]

MO1: e é assim, isso não dava prejuízo nenhum, na nossa serra há hectares e hectares que produziam tudo

AL: pois, mas por exemplo se agora de repente deixassem de poder gerir o baldio como tem sido até agora, que é os povos a gerir ou as juntas, ou...

MO1: claro

AL: o que é que ia acontecer aqui à aldeia

MO1: oh, afectava aqui a população, era cortar-lhe as pernas e pô-los aí de cadeira de rodas. Nunca vai, porque isto ia dar revolução, nunca há ninguém que entre com estes povos serranos

AL: qual é a principal mais-valia do baldio para a aldeia actualmente?

MO1: é o pastoreio... e em si outros aproveitamentos, eu estou de acordo com isso, como estou a falar aqui dos nossos terrenos, se não são produtivos para a agricultura, plantação! Estou de acordo... mas depois limpar! E plantar para colher. Agora ir plantar ou ir semear... eu semeio as minhas batatas mas sei onde as hei-de semear, não as vou deitar na terra do centeio... se chove ainda dá, mas se não chove não me dou ao trabalho, o que é que ando a fazer?! Tudo é rentável mas é sabendo aproveitar, mesmo as nossas serras podem dar esse rendimento... então não podem? Então a Serra da Estrela tem lá muitas coisas boas, tem ovelhas, tem leite, tem queijo, nós temos serra como a da Estrela ou melhor... você não lá conhece mas se quiser vir aí um dia de férias passar uma semana, que vá ver os animais por essa serra você vê o que aí vai, animais a pastarem mas tratadas

AL: eu já andei por aí com o Senhor Bento, andámos aí de carro...

MO1: na Mourela ou não?

AL: sim, no baldio dele não é... fomos às cruzeiras, ainda andámos por lá, depois fomos até Pitões pela serra... foi bom

MO1: claro, claro. É uma serra produtiva para animais aí, até não é...

MO1: é, eu agora tenho o gado, tenho aí 10 vacas à porta paridas não é, agora vou ali com a máquina das costas, corto ali num terreno erva, ponho lá o pastor, e eu estou ao lado já a fazer duas terrinhas mais que me faltam... onde andam a fazer os muros estes amigos que foram para baixo, estamos lá a acabar o muro no terreno e agora ainda vou sementá-lo, milho e certas coisas, e ainda me vão fazer outro por baixo... esses eram os mesmos que andam aqui a fazer a casa mortuária, já trabalham aqui para nós na Junta há vários anos, calcetas, estes murozinhos de pedra, várias coisas fazem eles, trabalham muito bem, são dali da Ermida mas são pessoas 100%, construíram-nos ali a sede da Junta, fizeram-na toda...

AL: a sede da Junta é aqui?

MO1: é, é, ali onde está aquele carro adiante... são pessoas que trabalham

AL: a Junta, desculpe interromper, a Junta é Cela, Sirvozelo, Outeiro e Paradela

MO1: e Parada

AL: Parada, Parada, desculpe, e Parada... é união de freguesias? Ou já era assim?

MO1: a nossa não foi, a nossa tinha população não foi mexida, ficou as mesmas aldeias com a população que tinha, nas outras aldeias que tinham menos é que houve... como tal acolá de Paradela e de Ponteira já foi buscar Fiães e Loios

AL: pois, pois, pois... e o facto de a sede ser daqui não tem a ver com o facto de o presidente ser daqui?

MO1: não, é rotativo

AL: podia ser o presidente dali e a sede era aqui?

MO1: já estive 30 anos em Sirvozelo

AL: mas há lá uma sede também ou a sede é sempre aqui?

MO1: não, a sede é aqui, aqui é... como se costuma dizer, a capital destas aldeias, aqui Outeiro (RISOS). Aqui a igreja, e aqui este muro já fomos tudo nós que fizemos, tudo, o cemitério, tudo

AL: tudo com o dinheiro dos compartes?

MO1: não, e ajudas da câmara e projectos daqui... metemos saneamento, está tudo feito, as aldeias está tudo pavimentado em paralelos, tudo por aí abaixo, águas, tudo

AL: pois. E os jovens? Não estão interessados em meter-se nesses cargos?

MO1: opa, à uma também não têm experiência não é... é preciso um bocadinho de conhecimento dentro disto e ler ou percorrer (?) não é, e as pessoas também não ... estão para lá... é como isto da Junta “ai, eu quero fazer tanto”, o rapaz não mediu aqui isto, é como se diz aqui no Barroso, voltamos à vaca fria, porque ele entrou e nomeou logo 7 ou 8 caminhos... e um rapaz que estava na Junta com ele disse “oh Paulo está calado porque tu já nomeaste para 8 anos, tu só estás candidato 4, já nomeaste caminhos, que ias fazer a este, àquele a ao outro para 8 anos, nós em Parada só queremos que nos faças um...”, e ainda não o conseguiu fazer, está a perceber o que eu digo

AL: pois

MO1: tivemos lá uma casa que estorvava o público, numa altura, que ainda lá está em Parada, e depois era para negociar com a outra mulher à frente que tinha outra casinha velha, para alargamento da rua da aldeia... agora o que se constrói de novo já se... mas nas aldeias uma casa que a família morre e que esteja a ocupar, tem de a comprá-la a Junta, ou a câmara, e tirá-la de lá, porque é um benefício público, do que ir para lá uma pessoa ocupar aquilo e ainda ocupar mais do que está... e nós retirámos essa casa através da câmara

AL: retiram as casas das pessoas que falecem?

MO1: sim, a pessoa morreu, não há quem vá à falência à casa não é, e a pessoa quer receber, o herdeiro, se calhar vende, e é melhor comprarmos nós e criar espaço do que meter lá uma pessoa que ainda vai ocupar mais, porque nunca vai mais para dentro, é sempre para fora, e se aquilo é apertado retiram-se... então nós retirámos a casa, mas depois quando nós saímos da Junta ficou por acabar, ficou por acabar ali uns trabalhecos... e só para fazerem aquilo ainda andaram lá um ano e só ainda só agora é que conseguiram lá fazer um bocadinho do muro de suporte e de outras coisas e ainda lá está o cascalho... é preciso é gente que...

AL: mas já viu... se os jovens não são incentivados no sentido de serem presidentes do CD e de estarem dentro da realidade do baldio e tal, vocês vão ficando cansados também e depois? Como é que vai ser?

MO1: ... vão apanhando experiência como nós apanhámos, mas é com o tempo, mas demora, não é? Você não anda a estudar há uma data de anos? E ainda anda a concluir o seu estudo... e daqui até quase ao fim anda sempre a aprender, é ou não é? E para isso é preciso ter amor à arte também para se ser agricultor, ou doutor ou engenheiro, é preciso ter amor à arte e estudar para aquilo, senão não ligam. Agora a pessoa até pode querer entrar para o CD e de lá estar, mas depois é preciso ir buscá-lo

AL: mas essas pessoas... por exemplo, quantos jovens é que há aqui na aldeia?

MO1: ah, ainda há

AL: mas quantos, tipo 20?

MO1: é capaz de haver...

AL: a viver cá, estou a dizer

MO1: a viver cá, estão à espera também... de projectos, como falámos há bocado. Mas se o baldio deixa de dar para essa gente não é... agora vamos dizer assim “não se bota animais à serra, não tal. Não se dá área baldia para as pessoas poderem pastar os animais” e isso, as pessoas vão desistindo não é... cada engenheiro faz uma candidatura porque se vier aprovado ele tirou x %, mas depois o jovem agricultor é preciso ver se está a enveredar numa coisa que lhe vai dar rentabilidade, se vai investir, dão-lhe os fundos a fundo perdido, instala-se e depois aquilo não lhe dá rentabilidade para viver, é mais um falhanço

AL: pois... mas, por exemplo, esses jovens fazem parte da assembleia de compartes?

MO1: não!

AL: não... nem de nada?

MO1: são pessoas que acabaram de estudar há pouco não é, têm os pais ainda aí, estão a viver à sombra dos pais, e abrem-se estes coisões, o projecto para jovem agricultor, que é aquilo que um pai aspira... como eu, os meus estão lá fora não é... mas também se estivessem aqui eu também vendo uma maneira de os meus terrenos com o baldio fixá-los, fixava-os, é o caso destes, este rapaz aqui do café tem uma filha que agora está solteira, trabalha ali na associação em Paredes e a outra casou-se agora ali para a Aldeia Nova e agora já lhe quis dar, ele tem umas 40 ou 50 vacas “ah, eu dou-te 15 vacas, dou-te um terreno ou dois...” e ela até fez o projecto, eu até lhe assinei a área baldia para a moça seguir. Se há um corte à frente a pessoa tem de arranjar um emprego ou trabalhar noutra coisa, não é...

AL: pois, pois, pois. Portanto, não vê os jovens actualmente ainda, pelo menos, assim muito envolvidos no baldio?

MO1: não nesta zona não, podem sobreviver ou falhar o pai, e entregar-lhe a agricultura que tem e continuar no mesmo ritmo... de outra maneira não tem...

AL: mas não estão muito interessados na gestão...

MO1: porque o pai aqui nestas aldeias é como eu, enquanto não está reformado não vai ceder a actividade a outro, se é filho trabalha para o pai até que o pai morra para tomar conta, sem lucro, não é... trabalha para a família. Hoje o jovem agricultor casa-se e quer já a vidinha dele à parte, a casinha, o terreninho, o animal dele, mas se está tudo, não pode sair dali, não tem...

AL: pois, mas não os vê assim muito interessados na gestão do baldio então? Para além de quererem lá por os animais, não é...

MO1: eh, se têm eles que orientar a coisa não estão interessados, estão bem esclarecidos todos... eles até ali davam de hectares por cada animal 1 hectare, depois já tivemos que lhe dar 4,5 hectares a quem tem 10 ou 12 vacas, cortaram, só aqueles aprovados é daqueles que eles vão receber alguns subsídios, que a outra área é pastoreio igual, ele não saiu de lá, era o que dizia lá o director do IFADAP, vocês o baldio têm-no lá todo, pois temos, mas temos menos para dar às pessoas, e não é que o baldio até dê grande subsídio para o agricultor mas dá para o encabeçamento dos animais, porque se não têm aquelas áreas, no encabeçamento dos animais já não vão buscar os subsídios

AL: e as pessoas sem subsídios não conseguem fazer produção?

MO1: pois não...

AL: pergunto, eu não sei, isto é, a venda de animais e não sei quê não serve para...

MO1: não, não dá, sabe que agora os terrenos para manter animais estão a produzir renovo, não é? Embora haja os lameiros do feno, e nesta época aqui não se podia ter os animais porque senão iam comer o alimento do inverno não é... eu tenho aí 10 mas tenho outras parcelas que já as como com elas, mas se elas andassem na serra aquelas parcelas acumulavam para o inverno para alimento, e todas as pessoas que têm animais em excesso é tudo à base do baldio, e no lugar de terem 30 só podem ter 5 ou 6 para manter o que é deles

AL: mas eles andam a fiscalizar onde é que andam as cabras e onde é que andam as vacas

MO1: sabem... essas associações sabem bem que os animais andam acolá e exigem que eles baixem para campanhas sanitárias, para tudo

AL: mas em termos de número de cabeças, por exemplo, eles inscrevem-se com, vamos dizer, 12 cabeças por 2 hectares, que é muito não é, são muitas cabeças por hectare

MO1: claro, isso era dado era um hectare por cada animal, eu agora parece que deram 3 animais por hectare, mas isso já é para... agora quem não tem hectares, quer dizer, agora...

AL: mas eu digo, se eles saírem dessa área que é supostamente a deles, ninguém está a ver ou seja, não sei se percebi bem, o ICNF ou lá quem está a determinar esses limites de cabeças e esses limites de áreas agora para os subsídios, isso aí só é importante para o dinheiro que recebem, não é importante para a área que eles podem usar realmente?

MO1: não sei... até aqui funcionou assim, até agora tínhamos a área toda livre e ninguém foi penalizado. Agora com estas novas leis que estão a impor, já não vamos saber como vai já ser o próprio subsídio... há o RPU, quem não tiver área baldia e isso e tenha muitos animais não tem RPU

AL: pois, exacto, e se eles baixam a área baldia elegível...

MO1: eu também recebia de RPU, 5000 euros, e já me deu as cartas com o corte, com bastante corte

AL: a RPU é o quê?

MO1: RPU... mas tem que ter área baldia para o RPU, um jovem agricultor para meter o projecto tem de ter baldio senão não tem área para fazer o projecto

AL: mas imagine que não sai esse dinheiro, imagine que um jovem agricultor não tem esse subsídio, através da venda dos animais, de de de... eu pergunto porque...

MO1: não, não tem rentabilidade

AL: não tem rentabilidade...

MO1: não, não tem nada, não tem, onde é que vai buscar dinheiro para as despesas? Mesmo aqui se cortarem os subsídios a gente terá de viver como vivia antigamente, mas não pode

AL: não, não... vão ter de deixar os animais porque não dá rendimento...

MO1: não, não dá, não dá, tem que emigrar ou tem de ir para outros lados, não vão viver só de meia dúzia de vacas um agricultor, não adianta, isso não dá para a água, para a luz e para o telefone

AL: e como é que vocês... isto agora é uma pergunta ingénua, porque não tenho a noção... nos tempos em que não havia subsídios como é que vocês tinham aquelas cabeças de gado todas?

MO1: tinha menos gado, havia menos gado, e lá viviam os lavradores, que iriam fazer? Isto era tudo de colmo, as casas... nem havia água canalizada, nem havia frigorífico, nem havia lareiras a dar aquecimento, nem havia nada... a minha filha hoje já tem lá uma casa em baixo com aquecimento a lenha, aquecimento a gasóleo, com todas as condições... porquê? Porque emigrou para a Inglaterra, restaurou aquela, eu ajudei também, mas restaurou aquela e agora tem 2 na Inglaterra a render 1000 euros cada uma

AL: portanto naqueles tempos também não havia tantos gastos, é isso?

MO1: claro! Não havia gastos, mas hoje gasta em todo o lado... vem com os papéis, vai a Montalegre à casa do povo, eu e a minha patroa já chegámos a pagar 200 euros

AL: ou seja, se as pessoas deixassem agora de ter subsídios, para manter o gado tinham de voltar a viver sem electricidade, sem água canalizada, ...

MO1: era à antigamente, claro

AL: tinham de andar para trás... exactamente, exactamente

MO1: tinham de voltar à estaca zero, que é isso que muita gente ainda pensa que... não irá para esse campo mas... nunca se sabe... antigamente cozinhava-se nos potes agora tenho-os lá encostados ao canto, é no fogão, mas a bilha do gás é preciso pô-la lá, o fogão, acaba-se aquele é preciso comprar outro e antigamente era o pote, era a lenhinha na lareira, era o aquecimento era aquele e mais nada... eu hoje mato uma vitela ou duas para meu consumo em minha casa, mato 10 ou 15 porcos, uns vendo-os outros gasto-os para mim

AL: tem porcos também?

MO1: tenho... porcos e têm de ser brincados e preparadinhos para irem para a feira do fumeiro com carimbo para não entrar lá à trapalhada, para as pessoas poderem se vêm comprar pagam... o quilo da chouriça a 20 euros, um quilo de presunto a 12 ou 13, o salpicão a 30 euros o quilo, as pessoas vêm comprar isto mas tem de se lhe levar qualidade. O porco é alimentado em casa com produtos de casa, embora compre aí algumas farinhas, mas é milho, é batatas, é erva dos terrenos, é aquela carne biológica

AL: claro... quando é que é a feira do fumeiro?

MO1: a feira do fumeiro é em janeiro

AL: ah, é quando é as matanças e assim

MO1: é... o produto vai para lá mas vai carimbado e certificado pelos veterinários, a criação de porcos até à matança, a matança é feita em casa mas é vigiada por um veterinário, o porco é inspeccionado, não é para li à balda, se fora à balda...

AL: e isso é tudo pago não?

MO1: não, a câmara oferece, e pagava-se a barraca, temos ali multiusos próprio para isso, que fez o presidente da câmara, o pessoal vai ali, tem a barraquinha, vende, não paga nada, é uma mais-valia que a câmara oferece. A câmara já não se paga a sanidade animal também, tinha de se pagar, quem tenha 40-50 vacas tinha que dar uma

AL: pois, exacto (RISOS)

MO1: tinha de dar uma, criar uma e dá-lá àquela gente e a câmara já... paga-nos a sanidade animal, para o agricultor ter mais um bocadinho de mais-valiás na carteira não é? É assim...

AL: pois... então sem subsídios olhe...

MO1: sem subsídios viola... está bem que o país estava um bocado em baixo, mas nós agora pagamos para tudo... imposto, o IVA

AL: pois, qualquer pessoa que forneça serviços ou produtos tem de pagar o IVA não é...

MO1: claro!

AL: aqui é mais baixo não é? 6%

MO1: 23%! Na agricultura é 6%

AL: na agricultura é 6%, mas nos animais?

MO1: os animais sim, também é 6%... eu vendo um vitelo, tenho contabilidade ali numa contabilista, pago-lhe 90 euros por mês, de contabilidade, e o que vendo e o que compro... está lá, todo o agricultor hoje está metido nisto

AL: 6% não é?

MO1: é... 23% é... como estes me andam a fazer, o Estado dá-me mas eu tenho de declarar para lá como eu paguei ao homem, o cheque e tudo, e agora pago com o meu e depois é que vem o outro

AL: e eles já cobram a pensar com o IVA...

MO1: com IVA. Mas ainda bem que ainda se restaura, porque senão não se restaura, esses terrenos mais inclinados, cai nas bordas pinheiro [*? Não se entende*], o pessoal não tem dinheiro, deixa ver agora... será aqui mais na zona do Parque que para ter isto mais limpo e mais ajeitadinho também... lá vem esse por fora, nós não nos afecta nada estar a viver dentro do parque, até acho bem, mas também eles também têm que trazer algumas mais valias para aqui

AL: sim, se vocês têm limites à produção tem de haver uma mais-valia de outra forma

MO1: claro! E mantemos a paisagem e mantemos tudo

[fala-se do projecto do sr domingos para a casa que a filha vai querer explorar turisticamente]

MO1: (...) e esta área toda, isto é inclinado mas em baixo tem uns lameiros grandes, onde estão aqueles eucaliptos e aqueles castanheiros, esta parte aqui toda é tudo nosso, onde é que eu plantei os castanheiros foi ali em baixo, olhe um... tenho ali uns 60 e tal castanheiros, o terreno todo dali até lá à borda da barragem até lá acima, isto é nosso, e agora como saiu essa candidatura eu aproveitei para fazer estes muros... sobrou terreno, eu ainda vou semear estes terrenos

MO1: estas vacas ainda há pouco, aquela, esta e esta, vendi os vitelos a 1000 euros cada um

M [esposa de MO1]: a senhora engenheira já estou a ver, você trabalha neste projecto não é?

MO1: ela anda a fazer a vida dela

AL: não, não, não tenho a ver com isso, com o Estado, nem com nada...

M [esposa de MO1]: é que eu tenho um filho meu que está na Inglaterra e já lá está há 10-11 anos, e como a minha filha vem para cá eu também gostava de... ele também queria vir para cá, tem 34 anos, ainda está solteiro, ia a ver se arranjava, a meter um projectinho, um projecto...

AL: aaaah, um projecto de jovem agricultor ou... mas olhe que tem de ser rápido que agora é até aos 40 anos

MO1: mas o moço se quiser meter o projecto entrega-o à agricultura

AL: não, eu não sei muito. Eu por acaso até sei um bocadinho porque também andei à procura para mim e para o meu irmão porque também temos esse sonho de ter uma terrinha para a gente explorar, embora a gente não perceba nada do assunto, mas gostávamos, e então também andei a ler, mas sei que está agora aberto, estão agora abertas candidaturas para isso, para os jovens agricultores

MO1: é preciso ter é condições, há aqui jovens agricultoras que até são primas dela, e meteram e agora estão quase... uma já desistiu e a outra... porque não têm a que se agarrar, se não têm as áreas não é... nós temos ainda temos muitos hectares e com o baldio estamos bem, mas quem não tem, se lhe cortam no baldio e não tem subsídios a agricultura... para que é que o jovem agricultor se vai enterrar naquilo que não tem futuro? Gasta o dinheirinho que lhe dão num armazém ou numa máquina e depois é rentabilizado do dia-a-dia, para chegar ao fim do mês e dizer assim “paguei as minhas despesas e...” se ao menos lhe chegar tudo bem, equilibra

AL: pois, pois, claro

M [esposa de MO1]: queria que ele trabalhasse numa coisa que... também escusava de vir... ele está a trabalhar...

AL mas ele pode fazer isso através da internet acho eu, o seu filho acho que consegue fazer isso desde lá

MO1: ele também trabalha na cozinha, é cozinheiro e tal, ao fim da semana anda na borgia dele

M [esposa de MO1]: pois, mas queria ele...

MO1: quando quiser vir que faça como o pai, que se agarre... eu já paguei juros a 18%, porque a minha mãe comprou-me metade do que eu tenho em tribunal 7 anos e eu paguei juros a 18%, quando os tractores custavam 120 contos eu devia 1000. Eu não saí daqui da terra...

AL: pois, se calhar tem um gosto que ele não tem

MO1: ele trabalhou aqui comigo, ele sabe andar com tractores, sabe lavrar, sabe...comprei-lhe uma carrinha nova, tenho-a lá em cima parada

M [esposa de MO1]: naquela altura já ela custou 2500 contos, já foi para aí há quê?

MO1: há para aí 15 anos

M [esposa de MO1]: há 15 anos ou mais

MO1: mas o carro está novo, vai mudar óleos, vai preparar-se, ai se hoje lá entrar dentro está como se saísse do stand, perdeu valor comercial mas está bom. É chegar ali rodar a chave. Não tenho vagar de andar com ela, para ali está quieta. Também quero por um projecto de abelhas, mas isso, as abelhas não... se for para lá para aquele lado vê o monte cheio delas, produzem ai mel que é ...

AL pois, vocês não têm abelhas então?

M [esposa de M01]: não

M01: o meu pai tinha

M [esposa de M01]: é vacas, é porcos, bezerros, temos 21 cabeças agora...

Pincães: **MPin1**

AL: isto [a sede dos compartes] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um compartes para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

AL: está bonito. Isto foi com a tal empresa?

MPin1: sim, sim. Já trabalhamos com eles há uns anos [*não se entende, está longe do gravador, mas entende-se a ideia central: sendo de perto fazem-lhes um preço especial, mas que a partir do momento em que alguma outra apresente um orçamento mais jeitoso que mudam*]

AL: são daqui da região?

MPin1: é, são daqui da região

AL: vocês têm muitas cabeças de gado aqui na aldeia?

MPin1: temos à volta de 100 animais na aldeia

AL: hmm, isso pertence para aí a quantas pessoas?

MPin1: 12 pessoas

AL: e vocês têm problemas das aldeias ao lado virem pastar aqui

MPin1: oh, nós não ligamos a isso, pronto, o baldio está mais ou menos delimitado mas

AL: delimitado com vedações?

MPin1: delimitado

AL: Ah, delimitado isto é, as pessoas sabem quais são os limites...

MPin1: exactamente, mas não ...

AL: não têm esse tipo de conflito...

MPin1: não!

AL: e costuma haver aqui desporto, ou caminhadas...

MPin1: aqui há dias veio aí uma prova de trailer não sei se já ouviu falar...

AL: ah, aquilo das corridas? Não, isso foi no inverno acho eu...

MPin1: não, passou acolá...

AL: o que é que é trailer?

MPin1: oh, eu também não sabia, é tipo uma corrida na montanha

AL: ah, então é isso que eu ouvi falar, que passou em Fafião, que passou...

MPin1: sim, sim, sim, Cabril, passou aqui por cima

MPin1: isto foi o projecto de regadio que fizemos

AL: vocês, os compartes? Ou vocês a associação?

MPin1: não, tivemos de fazer uma junta de agricultores, depois candidatámo-nos ao PRODER e também fizemos este regadio [*? Não se entende*]

AL: ah, mas não é directamente pelo baldio, através dos compartes?

MPin1: não, não, não. Também fiz parte mas temos aí um investimento de cerca de 150 000 euros

MPin1: é um tanque e tem um caudal que vem lá de uma cascata, um dia que você passe aí com mais vagar, vamos lá à cascata. Mas se você for no *facebook*, põe lá MP1, tenho umas fotos da cascata

Pitões das Júnias: MPi1

AL: portanto isto pode vir a ser um problema real para os baldios, estas reduções...

MPi1: vai, vai, e...

AL: para os baldios do parque, porque os outros acabam por não ter esse tipo de...

MPi1: pronto... estamos aqui, já passámos por vários núcleos de gado. Depois tudo isto, este dinheiro permitiu-nos fazer obras que estavam, olhe por exemplo ali, antes das vacas há ali uma parede, foi uma passagem, ali não se conseguia passar, já foi possível por exemplo investir ali, fazer essa passagem, e muitas outras obras de abeberamentos para o gado

AL: sim, sim. E no próprio povo, fazem alguns melhoramentos que conseguem fazer sobrar não é, de alguma forma?

MPi1: sim, sim, sim... o financiamento das Juntas é muito pequeno e então, ou as freguesias..

AL: pois, há bocado acabei por interromper, acabámos por nos interromper mutuamente, que eu estava a perguntar se também faziam então os tais investimentos no povo e estava a dizer-me que as Juntas têm orçamentos reduzidos

MPi1: ah, exactamente... sim... não, uma junta de freguesia não consegue fazer obras, só consegue fazer obra se efectivamente tiver bom relacionamento com as câmaras municipais, aí são possíveis transferências, ou até a própria câmara municipal pronto, candidata uma determinada obra a um financiamento, isso é possível... .. olhe, eu tenho de ir ver ali uma pastagem... uma passagem, vamos ir e conversamos

AL: sim, sim, sim

MPi1: e pronto, obviamente que nós como CD, o CD, sendo independente das pessoas, não é, porque às vezes também é preciso que as pessoas se entendam, e por vezes nestes meios acaba por haver rivalidades e ... estupidez porque ao fim e ao cabo perdemos todos não é... mas se se entenderem, e até em algumas situações as pessoas que estão no CD, são as mesmas que estão na Junta; outras não, isso não acontece, as que estão na Junta são diferentes das que estão no CD mas trabalham em conjunto, e se houver esse entendimento obviamente o CD auxilia a câmara... a junta em muita coisa

AL: e conseguem fazer sobrar... por enquanto não é, até agora têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI?

MPi1: exactamente [saímos do carro, ouve-se mal] (...) são de todos... é um único povo não é, e... e é benéfico... às vezes não se entendem, obviamente, porque o que é que acontece? É sempre uma questão de política, sabe? Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD não é...

AL: pois.. mas por exemplo, o baldio aqui ainda tem uma importância grande para as comunidades locais?

MPi1: muita, muita, muita, porque para além do pastoreio, existem para cima de 700 cabeças de gado, bovino! E temos um rebanho, só um, de 250 cabras. Não é suficiente, obviamente, quando aqui no passado já chegou... no passado havia 3 cabras vezeiras comunitárias e actualmente há um agricultor, não tem nada a ver. Mas ainda há, agora isto já não acontece nas outras freguesias. Aquela encosta por ausência de pequenos ruminantes estava-se a encher de giestal... nós fazemos ali uma gestão, ou seja, há áreas, não limpámos áreas muito grandes, deixámos certos núcleos, no sentido também de auxiliar a questão da caça e essas coisas todas, temos uma gestão já mais... ou seja, o que se pretende é uma paisagem retalhada, ou seja, com extractos de vegetação a várias alturas

AL: uma heterogeneidade da paisagem...

MPi1: exactamente. Depois também temos aqui, pelo número de vacas que há, as pessoas também roçam ainda muito para levar para as cortes, e isso também é um contributo de melhoramento da pastagem e de redução dos incêndios e essas coisas todas... e não só, ate em termos de fertilizante obviamente que tendo esterco, não é, porque o mato vai para a corte do animal, depois misturado com bosta e urina forma o esterco que depois é

utilizado nos campos agrícolas, para a produção de batata, de milho, os centeios, e mesmo alguns lameiros também levam, é uma forma também de os fortalecer, e isso evita obviamente a compra de fertilizantes

AL: claro... portanto as actividades tradicionais ainda são muito desenvolvidas aqui nesta zona do Gerês...

MPi1: permanente, estão actuais, continuamos a fazer, ou seja, uma gestão do baldio, de pastoreio, de roço do mato, autentico... uma das obras... o dinheiro que recebemos permitiu-nos por exemplo fazer este armazém para o CD, que não tinha

AL: que é usado?

MPi1: pronto, é usado para por aí a carrinha, temos aí os tractores, temos aí as máquinas, pronto, todo um armazém de ... que é para guardar material não é? Porque essas manilhas vai tudo para passagens, para fazer as passagens nas linhas de água, essas coisas todas, tudo isto é necessário...

AL: há muitos jovens aqui em Pitões?

MPi1: jovens, nós... por exemplo, projectos jovens... neste momento tenho 5...

AL: vá lá, não está mau

MPi1: e desde que, ou seja, desde que surgiu a comunidade europeia, basicamente a partir de 1996, Pitões foi a freguesia no concelho de Montalegre que mais jovens conseguiu fixar no activo, porque enquanto o que se passou nos outros lugares [cautela com isto aqui]

AL: [sim, sim]

MPi1: houve efectivamente jovens a meterem projectos mas foi para quê? Para irem buscar dinheiro para comprarem um carro e acabaram por emigrar... aqui não, aqui é que... os que meteram o projecto acabaram por [? *Não se entende*]

AL: pois, boa... e eles... (RISOS) desculpe interromper... ia perguntar se esses jovens também se envolvem na gestão do baldio ou se a MPi1 é única jovem na gestão do baldio aqui em Pitões...

MPi1: não, então... alguns, efectivamente às vezes eu digo isso "eu já vos substituo em tudo", isto também é demais. Já acaba, porque as pessoas depois... as pessoas agora estão muito acomodadas e já não há aquela participação mais plena... uma vez porque também já não têm se calhar tanta necessidade, porque antigamente ... o que era o comunitarismo? O comunitarismo era uma obrigação que as pessoas tinham de se organizar

AL: pois...

MPi1: para poderem sobreviver, para poderem todos usufruir e ter as mesmas condições, caso contrario não se justificava... agora como há menos gente não é, obviamente já não haverá tanto essa necessidade de organização e de viver mais em comunitarismo. Porque depois também têm máquinas não é? Não é? Individualmente, podendo fazer os seus

trabalhos e não sei quê. Mas... obviamente que isso me preocupa, preocupa-me e é um problema grave, mas já... também estamos... cabe-nos a nós, não é, a quem está à frente, de envolver e chamarmos as pessoas. Obviamente quando fazemos as listas não é, para os órgãos, já tentamos meter essa gente. Tem que ser... e é o que eu lhe digo... depois eu digo assim “epa, mas eu não tenho uma vaca, não tenho uma cabra...”

(RISOS)

Mas as pessoas estão muito acomodadas. As vezes eu digo assim “ah, vamos... aprovar as contas” “ah, mas...”; “hei, eu não aprovo contas, as contas são aprovadas em assembleia”. Ou então digo-lhes assim “olha, temos esta candidatura” e não sei quê... “oh MPi1, tu é que sabes”. “ai, não pode ser assim”. Tem que haver efectivamente uma participação

AL: claro... e antes de si quem era, era pessoal mais velho ou mais novo que estava no CD?

MPi1: era pessoal mais velho, olhe este senhor ali

AL: isto não é fácil de passar, parece um jogo quase...

MPi1: isto é para o gado não vir. Sim, era gente mais... mais local. Agora... sim, era mais gente daqui. Agora, mas com todas estas alterações e não sei quê... é necessário terem gente com formação e se calhar gente que nada tem... que nada vive ou que se calhar não tem nada a ver com esta... esta toda actividade destas coisas. Porquê? Porque somos nós que podemos representá-los e faze-los chegar onde têm de ir, às instituições e tudo, porque... estas gentes aqui, elas até podem ser muito boas aqui nesta gestão, mas se não vão, se não têm conhecimento, dos financiamentos e não sei que... morre!

AL: pois, pois, pois

MPi1: obrigatoriamente é isso

AL: pois, pois é

MPi1: a questão é isso, e obviamente que para nós que não dependemos disto e que não estamos aqui, que não temos esta luta toda, esta labuta toda, também nos faz falta esta gente, nós estamos a trabalhar, temos de ir de encontro também... obviamente temos de ter aqui dois pesos: temos que trabalhar para esta gente, ou seja, as nossas acções têm que se adequar ao tipo de actividade deles, eles têm que beneficiar delas porque senão também nada... e por outro lado, temos de ver uma visão mais para além disto, sei lá, educação ambiental, sensibilização, transmitir conhecimentos, ir angariar fundos numa outra vertente, trazer determinadas vertentes que se adequam perfeitamente aqui ao território, porque o território como no passado foi utilizado vai acabar por não ser, obviamente que não se vai... que não vai ser uma redução ou perda, sei lá, de 60%, mas é completamente diferente... há determinados usos e formas de gestão que no passado faziam todo o sentido mas que agora já não, já não faz... agora obviamente que temos de ter sempre consciência e adequar as nossas acções e os nossos projectos e as nossas intervenções a quem utiliza, não é... porque elas têm de estar direccionadas para alguém, só que não de todo esta gente só, que isto então morre com eles, nós temos é que preparar... temos de dar um passo para o futuro, ou seja, prepará-los, eles já não os mudamos, determinadas coisas eles vai continuar a fazer e a praticar e a agir disso, mas

pelo menos já nós darmos esse passo no sentido de quê? Pa, antigamente só se pastoreava e roçava, agora não, agora já se pode fazer uns percursos pedestres, já pode isto servir como observatório para aves, já pode servir isto como uma forma de estudo e de espécies e de conhecimento para uma universidade, inter... universidades internacionais... ver essa questão, e é como eles, por exemplo a agricultura, já ninguém vive, obviamente que eles vivem da agricultura, mas só por si já ninguém vive só da agricultura, porque se lhe tirassem os subsídios como é que era? Ou seja, é uma agricultura de sobrevivência, mas eles têm que, têm que por exemplo, têm que usufruir do espaço em si, *pá*, é muita área para quem pastoreia, é muita! Quem pastoreia já não ocupa esta área... então há que aceitar e inovar os modos de uso

AL: claro... sim, sim, sim

MPi1: e nós mesmos, nós mudamos, por exemplo, eu já não tenho nada a ver com as vacas ou não sei quê, eu já quero vir aqui, usufruir do meu baldio de outra maneira... e tenho todo o direito, sou comparte! Não é... ou seja, temos de adaptar o uso à sociedade

Sezelhe: MS1

AL: isto que limpam são zonas onde depois podem ir com as cabras e com o gado não é?

MS1: é, é, depois pode-se ir com as cabras, pode pastar tudo, não há problemas nenhuns, o gado pode pastar as vacas, também andam aí, podem pastar todos, nós não proibimos as pastagens do gado. Só que há zonas, havia zonas que já vinham de antigamente, como por exemplo, havia zonas em que as cabras e as ovelhas antigamente não podiam lá andar, era só a vaca e a coiso que podiam lá andar...

AL: por causa da floresta?

MS1: não, era porque havia muito gado e a ovelha e a cabra onde entrassem derretia tudo. Porquê? Porque antigamente essas giestas e essas coisas não havia giesta nenhuma, que era a própria ovelha e a própria cabra que a comia e então havia outros locais onde não houvesse giesta, como aqui carvalhos ou coiso que era para onde é que ia o gado. Por exemplo, nós da parte lá da barragem temos também, ardeu-nos a maior parte, também ardeu lá naquele incendio espectacular... a rês só podia ir para lá um dia que nevasse, que se não nevasse não podia ir para lá...

AL: porquê?

MS1: porque estava reservado ao gado, que era o pastoreio do gado durante o inverno

AL: ok, então gado e rês é diferente?

MS1: era diferente (RISOS). Não, por exemplo as vacas, se estamos a falar de vacas, as vacas... a ovelha e a cabra tinham um monte já mais próprio para elas e a vaca tinha outro monte mais próprio para elas. Porque a vaca era nos locais onde houvesse mais erva... e a ovelha não, a ovelha já queria ir para um local onde houvesse mais carqueja, tojo, giesta, que era, é uma espécie de animal que come mais... coisas mais duras, que é como o cavalo e o coiso, é onde há tojo, giesta, carqueja, e esses locais...

AL: pois... e vocês continuam a fazer recolha do mato?

MS1: sim, continuamos a fazer recolha de mato... aquelas partes que acolá estão limpas, vê-se ali, aquilo é giesta, e é o tojo e o sargaço, que nós chamamos

AL: então vocês o que retiram actualmente do baldio é mato para as camas do gado, é local de pasto e...

MS1: é lenhas para nos aquecermos durante o inverno, que era o que existia já, embora hoje já haja aquecimento central a gásóleo, mas ao preço a que está o gásóleo, agora vem, como se costuma dizer, já há essas pelletes para aquecimentos de coiso, mas não é a mesma coisa... pessoas que não têm lenhas próprias, têm de vir cortar ao baldio. Só que há estas regras, mas é assim pronto, eu preciso de lenha, de um tractor de lenha, tenho de vir ter com o responsável do baldio e ele diz assim “olha, vais a tal sítio, vais à fraga, tal sítio, cortas lá”, pumba, corta e já fica limpo aquele local onde se cortou, onde eles cortam, não podem cortar sem pedir autorização ao CD, ou seja do coiso, e só nos locais que estão definidos para cortar. Agora que é assim que a gente...

AL: e têm investido em quê, se não é indiscrição

MS1: temos investido na associação, temos investido na recuperação da tal casa que fizemos ao pé da igreja. Do que estamos a falar... repare, recuperar aquela casa que estava lá ao lado que era do coiso se não conseguirmos fazer um projecto temos de recuperar de outra maneira, se calhar com o dinheiro, algum dinheiro que gerimos dos baldios, com o que vamos juntando que as pessoas dão, é assim que temos de... nós se não conseguirmos fazer lá o centro de BTT estávamos com a ideia de fazer lá um salão tipo, como é que eu hei-de dizer, tipo para as pessoas idosas quando quisessem ir para lá, estarem lá, púnhamos lá uns sofás, durante o dia

AL: tipo um lar...

MS1: tipo um lar, tem lá uma televisão, tem lá uma coisa qualquer, se quiserem lá jogar às cartas ou coiso, terem ali um espaço para lá estarem as pessoas, não andarem aí muitas das vezes, há aí pessoas idosas que estão sozinhas em casa, não têm com quem falar, não têm as comodidades de aquecimento, tinham-nas ali, iam para lá durante o dia... é essa a coisa. Se não conseguirmos fazer esse projecto...

AL: e a junta não intervém nisso?

MS1: a Junta, a Junta não... temos ajudas, por exemplo da...às vezes pedimos uma ajuda à câmara e à junta, lá nos dão umas pequenas... mas isto dá tudo... tudo a migalhinhas não é...

AL: pois, porque vocês no fundo acabam por fazer trabalho que normalmente é associado à Junta. Também não sei se a Junta tem dinheiro...

MS1: não, hoje as juntas, sim hoje as juntas também não têm dinheiro. Se não há dinheiro para um lado também não há dinheiro para o outro, porque eles estão a cortar as juntas. Por exemplo a nossa Junta recebia, recebia só do, como é que aquilo se chama, do SEF... 15000 euros... que é que da 15000 euros para arranjar um caminho ou arranjar um ...

AL: por ano?

MS1: por ano!

AL: é o quê? O SEF?

MS1: chamam-lhe o SEF. Esse dinheiro que vem lá do Estado para as autarquias... o que é que se vai fazer com esse... e esse dinheiro depois é para pagar ao presidente da Junta, é para pagar ao tesoureiro, ao secretario, aos membros da assembleia, é para pagar a essas coisas todas, ao fim que é que vai sobrar, não sobra nada

AL: pois... porque esse dinheiro que vocês acabam por usar no povo, que eu acho que é legítimo, se aplicassem por exemplo na floresta aqui, se calhar conseguiam fazê-lo reproduzir-se, esse dinheiro, em madeira e quê. Mas também percebo perfeitamente que queiram investir no povo que está a precisar e que...

MS1: muitas das vezes há uma rua que é preciso lá fazer um bocado de calcete, ou é preciso manter um cano de água, porque nós, durante, do mês de São João, do mês que vem, até ao fim de Setembro, temos aqui este rio que aqui passa é o que vai regar estas propriedades todas, o milho, o centeio, o feijão e essas coisas todas, e normalmente a água andava ali por fora, nas valetas como se chamava ali na rua, nós agora já, conforme vamos tendo o dinheiro ali do coiso, vamos encanando essas coisas para não andarem ali no coiso. Hoje 15000 euros para duas aldeias não é nada não é, agora muito bem... que eu sou daquelas pessoas que, eu gosto de plantar e gosto de semear para colher, mas também quando não temos possibilidade não vale a pena deixar morrer, porque a plantação não é só dizer assim, bota-se para ali. Não é só chegarmos ali e dizer assim "bom, vamos fazer estes 3 ou 4 hectares ou 5 de pinheiros". Mas ao fazer isso, antes de começarem a nascer há que começar a limpar o mato, não é só dizer assim, que é só semear... não é só semear, não é só deitar a semente à terra, tem de se cuidar dela. Agora, é o que eu digo, eu ando mesmo brevemente para resolver aí uma plantação, o mínimo opera aí de 6 hectares. Aquela parte ali que ardeu até lá abaixo, até à Santa Luzia ali em baixo, andamos para fazer esse coiso. Quero ver se agora, este novo quadro comunitário a ver se abre mais umas portas para ver se conseguimos... porque eu em teimando numa coisa sou teimoso e é por isso que eu digo, esteja lá eu, ou esteja lá alguém a replaçar-me o meu esforço vai ser sempre mesmo para ajudar e para fazer estas coisas

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma que o pessoal entre assim no baldio sem pedir autorização?

MS1: não, não, quanto a isso nós não proibimos, não proibimos. Só às vezes temos um bocadinho de coiso mas é que há muito pessoal que agarra nas motos e nas motas e metem-se aí pelos caminhos acima e às vezes andam para aí a fazer buracos, de resto não... há trilhos para isso, há trilhos marcados para essas coisas. Mas agora até queríamos fazer aí um, uns projectos, queríamos fazer aí um, como é que aquilo se chama, coiso para bicicletas...

AL: ah, de BTT?

MS1: isso, de BTT, de bicicletas, temos, até fomos ver ali, porque nós temos ali umas casas... nós fizemos aqui uma associação, em Sezelhe, temos uma associação, e depois temos ali uma casa que é, era a residência paroquial, só que nós depois... aquilo estava tudo em baixo e então sugerimos com o pároco, “opa, então ou vocês põem aquilo em cima ou então nós fazemos uma sugestão, nós fazemos uma... havia ali umas casas que estavam todas em baixo ao pé da igreja e então nós fazemos um quarto e um salão para o padre lá ficar e vos cedei-nos a coisa... porque a casa faz 120 m2 e tem de logradouro cerca de 150 m2 e então nós fomos ali a, ali para o lado de Tourem, ali a uma aldeia espanhola que tem lá umas casas de BTT e nós também andávamos a ver se conseguíamos um projecto para fazermos isso, para fazermos uma parceria com Espanha e nós aqui nesta coisa. Só que estivemos a falar... há ideias, há projectos, só que infelizmente às vezes... porquê...por acaso nós já tivemos com os agentes da ADRAT⁵⁴

AL: a ADRAT é o quê?

MS1: a ADRAT é aqui uma instituição que faz esses projectos que são financiados pela ADRAT, faz parte também como digo, da agricultura e do desenvolvimento regional e dessas coisas... e então o que eles nos disseram “isto, para essas coisas, hoje praticamente está tudo... tudo o que é particulares praticamente está... a não ser que haja uma parceria com câmaras, tudo o resto não há subsídios para essas coisas. Nós ainda agora vínhamos do lado de Boticas, há pessoas que depois não cumprem com os projectos que pedem... nós chegamos lá... depois era uma porta de madeira está lá uma porta de ferro, eram estas coisas ali e depois estão lá outras. E depois chegamos a um ponto em que temos de parar com estas coisas e depois há pessoas que já têm que repor dinheiro, há ali uma pessoa ali do lado de Boticas que tem de repor, de devolver 150 mil euros. Depois dizem que é para isto, não é! Depois dizem que metem 4 ou 5 empregados, chega-se lá não há lá nenhum. E agora da maneira que isto está temos de (...) por agora não há, agora pode haver se houver uma parceria com câmaras ou... agora estamos a ver se conseguimos arranjar uma parceria com a câmara e nós a ver se conseguimos fazer esse coiso, nós aqui passa muita gente a pé, ainda no sábado houve “as carrilheiras do rio”.

AL: isso é o quê?

MS1: é um passeio a pé. Passaram para aí 200 pessoas, passaram aqui

AL: quem é que organiza?

MS1: é a NaturBarroso

AL: isso é...

MS1: não conhece? É o tal, são os tais da Casa Entre Palheiros. E depois têm uma parceria lá com o coiso

AL: então e eles fazem os passeios deles dentro do baldio?

⁵⁴ Associação de desenvolvimento da região do Alto Tâmega – grupo de acção local. Sedeada em Chaves

MS1: fazem!

AL: e não falam com vocês?

MS1: falam... nós até mesmo a Junta, que eu agora actualmente sou o presidente da Assembleia da Junta, mas nós ajudamos, damos um patrocínio, no café que passares até 1,5 euro, mandas vir o que quiseres e depois nós... o pessoal que passar

AL: ok, mas a associação ganha dinheiro com estes passeios

MS1: ganha dinheiro mas também têm muito gasto, são comidas, dão de comer, dão... ali em baixo na barragem estiveram lá todo o dia a assar carne e... também tem os seus gastos

AL: então o baldio não acha que deve cobrar pelos passeios...

MS1: ora bem, há coisas que muitas das vezes nós, costumava-se dizer “na nossa terra é bem-vindo quem passe”

AL: “quem vier por bem”

MS1: quem vier por bem, nós chegamos nos Reis, nós fazemos os Reis. Estão às vezes cento e tal pessoas ali de volta do coiso sem coiso...

AL: o que é que é os Reis?

MS1: não sabe o que é os Reis?

AL: é o Natal?

MS1: é no Janeiro

AL: ah, o dia de Reis... e o que é que vocês fazem?

MS1: nós aqui fazemos um convívio, até fazemos quase duas vezes por ano, um convívio para toda a gente, matamos um porco, curamos, fazemos as chouriças, com o pessoal todo, depois no dia de Reis vamos comer, as orelheiras, é a orelha do porco, os pés, depois mais algum que não coiso, depois junta-se a aldeia toda, o pessoal todo e pessoas que vêm, convidamos pessoas também de fora, e somos às cento e tal pessoas...

AL: e as pessoas pagam um x...

MS1: não pagam nada! Por isso é que nós estamos a acabar de dizer. É um convívio e depois essas pessoas, que vêm ca várias vezes durante o ano, porque essas pessoas vêm ca várias vezes durante o ano, depois nós ao fim dizemos “olha, no dia de Reis ou tal dia nós vamos aí fazer um coiso, passai por aí”. E é assim, depois juntamos a população, juntamos as pessoas, emigrantes que às vezes vêm de fora que vêm ca passar o natal...

AL: ah, não são pessoas que vocês não conhecem de lado nenhum...

MS1: não, podem vir pessoas... por exemplo uma pessoa chega ali, passou ali, fosse ou não fosse, opa nós convidamos. Ainda na festa de Natal, esteve aí o, como é que ele se chama, um famoso aqui de Portugal... esteve aí e já está, e para o ano volta aí, e já reservou a casa entre palheiros só para vir a esta festa

AL: ah pois, essas pessoas sabem o que é que é bom

MS1: é bom é, a carne dos chouriços, a carne tudo coiso... essas pessoas viram a primeira vez e já para o ano já reservou a casa entre palheiros, para vir aí ao... diz que os filhos que adoraram isto e que...

AL: e essa associação como é que se chama? A vossa associação...

MS1: chama-se associação... chamam-lhe a ACURAS, é a associação para a reabilitação da aldeia de Sezelhe...

AL: então devia ser ARAS...

MS1: pois, ainda estamos a construir ainda agora a casa

AL: então está mesmo a começar a associação

MS1: a associação já tem 4 anos, 3 anos... nós tínhamos uma... havia um boi do povo, que era aquele animal, portanto hoje as vacas para terem, para fazerem criação, são examinadas e levam aquela injeção... mas antigamente não, era mesmo o boi do povo que cobria as vacas

AL: era o felizardo! (RISOS)

MS1: era o felizardo! Mas depois como deixou de haver menos gado, e depois quem tem muito gado começou também a criar um boi... e nós ao pé das casas, dessas casas, desses palheiros, tínhamos uma casa que fazia... que estava junta, encostada com a casa do boi do povo, chamam-lhe a casa do boi do povo, e ainda hoje lá está "a casa do boi do povo". E então "se não cedeis aquilo...". "Epa, só se comprares uma casa mais ou menos do valor dessa e nós trocamos

AL: mas o que ele queria era a casa ou era o boi?

MS1: era a casa, o boi já não existe, há muito tempo! O boi já não existe, ele queria a casa, a casa, que era a corte, o curral do boi do povo. "Se nos arranjares uma casa mais ou menos equilibrada". "Nós temos pa...". Comprou uma casa agora ali, onde agora fizemos a associação, era uma casa velha e agora nós renovamo-la toda e acabou-se agora a cozinha, ainda está por terminar. Mas a associação já existia só que não tínhamos um local próprio, era para fazermos a tal casa do, na corte do boi, a associação. Mas como tava lá o João do coiso que depois nos arranjou uma la, tanto faz fazer ali como fazermos aqui, e então arranjámos uma casa e estamos a acabar... acabou-se e estamos a mobilá-la e de resto está pronta para podermos lá fazer os convívios, juntarmo-nos, e vamos lá montar um cafezinho por baixo, no coiso, temos um salão por cima e ...

AL: quantas pessoas são na associação?

MS1: na associação somos, praticamente a aldeia faz parte toda, somos mais de cento e tal pessoas associados

AL: então mas há bocado disse-me que eram menos pessoas na aldeia ou não?

MS1: então, mas é toda a gente que está fora também... sócios é sócios!

AL: ah, ok

MS1: sócios... por exemplo, há pessoas que estão em França, ou estão na América ou estão noutro lado, mas fazem parte dela porque se associaram, isto é como seja um socio do Porto ou do Benfica, ou doutra...

AL: e qualquer pessoa pode ser sócia?

MS1: pode, quem quiser

AL: qual é a quota?

MS1: é 5 euros por ano

AL: pode ser que ainda arranjem aqui uma socia (RISOS). Mas essa associação tem papeis já? Já está tudo certinho?

MS1: está, está tudo legal, tudo legal

AL: e o que é que vocês têm organizado?

MS1: não, então, o que organizamos são as tais coisas que nós estamos a organizar. Nós temos, nós fazemos a ceia de Natal, fazemos os Reis, quando é no fim de Julho ou de Agosto, fazemos ali no centro da aldeia onde você tem o carro, fazemos ali um convívio para os emigrantes e... para organizar, para juntarmos as pessoas, e mesmo para as pessoas que vêm de fora sentirem que a aldeia ainda está ali e mostrar o que era antigamente.

AL: E o dinheiro que conseguirem com isso depois investem outra vez em outras actividades, ou querem investir na própria aldeia?

MS1: não, nós investimos nas necessidades que forem mais...

AL: E mesmo isso das BTT's já é uma boa coisa, vai trazer dinheiro...

MS1: vai trazer dinheiro! Mas isso são diferentes coisas do coiso, porque esse dinheiro praticamente, se for para o projecto vamos rever esse dinheiro. Porque nós metemos pela associação, metemos um projecto, opa, deu-nos, deram-nos... acho que foi 40 e tal % do investimento...

AL: qual foi o projecto?

MS1: para arranjarmos a casa da associação. Era uma casa antiga, metemos um projecto, a associação meteu um projecto para a recuperação da casa antiga, foi apresentado, o projecto deu-nos, conseguiram-nos o projecto e depois deram-nos... gastámos 60 e tal mil euros deram-nos 42 mil euros. É por isso que nós... agora se nos disser "vamos por o dinheiro do que pomos ao lado do...", não, isso não dá

AL: pois. E a ideia disso das BTT era também que as pessoas investissem, que quem usasse pagasse qualquer coisa...

MS1: exactamente. Porque depois estão ali as casas, porque depois... eles, depois é preciso lá por as bicicletas, é preciso lá por águas quentes, é preciso... eles tinham que pagar. Tinha para cada pessoa, simbólico sim, mas tinham de dar alguma...

AL: pois, já era uma entrada de dinheiro no baldio, no baldio não, na aldeia, pois, porque isso é da associação...

MS1: é da associação mas a associação é.... O dinheiro que nós temos é de tudo. Onde fizer falta é para onde o dinheiro vai, é... se fizer falta nos baldios vai para os baldios. Se calhar estes 15000 euros, nós... desde que faço parte do CD dos baldios... se calhar tinha meio milhão de euros. Mas se não fosse as limpezas, se fosse fazer plantações ou que fosse, isto não podia estar feito e para nos dar temos de fazer estas limpezas, que é assim. Agora ainda pior com este corte que nos vão dar. Se nos cortarem 50% do coiso ainda pior. Nós recebíamos uma média de 18 mil euros por ano, eu gastei 15 mil aqui, sobram 3 mil. Tenho de dar destes 3000, no outro dia dei 2500 euros para os sapadores... sobraram-me 500 euros. É isso... muitas das vezes as contas tem que se... agora se no lugar de receber 18, se me dessem 36, já tinha uma margem de 15 ou 20 euros de lado... mas assim não, assim a nossa gestão tem de ser feita desta maneira, temos de andar muitas vezes aí anos e anos se calhar a recuperar 100 ou 200 euros ou 500 euros para por de lado para um dia pormos noutro sitio que nos faz falta. O que é que nós vamos fazer com 500 ou 600 euros, ou mesmo 1000 euros, para fazermos uma plantação... tínhamos de andar anos a anos a recuperar esses 500 ou mil euros para fazermos a plantação

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do SBTMAD, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

Tourém: MT1

AL: lá no vosso, em Tourém houve cortes muito... o corte foi grande?

MT1: uuuh, foi, em relação ao 1º ano foi

AL: sabe mais ou menos quantos %, só para ter uma ideia... da área forrageira que foi cortada

MT1: foi cerca de 50%, mas espere aí, deixe-me pensar que eu consigo lhe dizer

AL: não, não é preciso

MT1: foi na área baldia passou de 1050 hectares para 700 se não me engano

AL: é quase 50%, não chega mas é quase... sim, sim, sim

MT1: portanto todos nós vamos sofrer com isso, claro que...

AL: pois, ainda não percebi muito bem as consequências... já percebi que os agricultores sim, vão ter... à partida vão ter algumas consequências na área que candidatam e tal, não é?

MT1: exactamente, nós em Tourém não temos esse problema

AL: ah, não têm gado?

MT1: infelizmente o número de agricultores diminuiu e a área que cortaram para eles poderem fazer a candidatura é mais que suficiente

AL: pronto, ok...

MT1: suponho que só há duas freguesias em que isso aconteceu... foi Tourém e Pitões... já foi a Pitões?

AL: fui anteontem... falar com a Lúcia

MT1: exactamente. Sim, nós não temos esse problema...

AL: ok

MT1: e ainda bem que assim foi. Agora o problema está nas novas instalações...

AL: nas construções?

MT1: nas novas... os jovens agricultores é que estão um bocado condicionados. Primeiro porque precisam de uma área mínima de 20 hectares... e a área que nos sobrou não é assim tanta que nos permita fazer isso

AL: que vos sobrou...

MT1: dos outros agricultores. O que é que nós estamos a fazer... portanto, imagine, que um agricultor precisava de 20 hectares, em vez de lhe dar os 20, se houver um jovem agricultor que necessite dessa área nós vamos retirar área a quem já estava, não podemos cortar as pernas a quem quer começar

AL: ah, sim, sim

MT1: e é por aí, a lógica será essa, já está aprovada em assembleia, que isso será assim, se vier a acontecer. Se não vier a acontecer então não teremos grande problema

AL: mas podem construir? Essa parte é que eu não percebi

MT1: podem, podem construir na mesma os armazéns, só que precisam de uma área para os efectivos de 20 hectares... para reunir as condições necessárias e aí é que muitos CD vão ter problemas

AL: pois, pois

MT1: o grande problema vai estar aí

AL: para a instalação de jovens?

MT1: exactamente. Aí é que vai estar o grande problema. Agora quem já está... no meu caso não vai haver grande problema...

AL: você tem animais?

MT1: não

AL: ah, no seu caso, do baldio de Tourém...

MT1: o caso de Tourém

AL: mas um jovem para se instalar precisa necessariamente de fazer uma construção é isso?

MT1: porque... praticamente, ou se já tiverem...

AL: ok

MT1: agora, quem vai por, vai por gado... onde é que mete depois os animais?

AL: no inverno...

MT1: aqui os invernos são muito rigorosos... agora não, agora anda tudo não tem problema nenhum, mas no inverno é complicado

AL: sim, sim, sim... lá em Tourém há muitos jovens ainda ou...

MT1: uuuh, não... ate porque neste caso concreto que lhe falei temos apenas uma situação

Sei que vai acontecer outra, mas ainda não aconteceu, portanto neste momento temos apenas uma... agora, a população de Tourém que trabalha na agricultura é como em todo o lado, bastante idosa, mas só que nos tivemos a sorte de nos anos 90 houve muito pessoal que hoje já tem 40 e tal, já perto dos 50 anos, que é o meu caso, que estávamos fora e regressámos, então aí estão ali muitos agricultores que se vão manter por muitos anos

AL: e esses estão a dedicar-se à agricultura? Você, já sei, mas...

MT1: sim, sim, eles dedicam-se 100% à agricultura, não têm outra forma de vida

AL: boa... quantos habitantes é que agora existem lá em Tourém?

MT1: cerca de 120 pessoas... mais ou menos

AL: é uma aldeia mais para o grande ou mais para o pequena? Por exemplo é mais pequena que Pitões?

MT1: é mais ou menos igual

AL: ok, ainda é maiorzinha do que as outras...

MT1: até porque nos últimos censos havia uma diferença de 6 habitantes de Tourém para Pitões, 157... 151

AL: em Pitões é que era 157?

MT1: sim. Era... na altura dos censos, isso foi em 2011, portanto há 4 anos... uhh, havia uma diferença de... a

É porque houve aí uma situação, quando foi da junção das freguesias, tinham de ter um mínimo de 150 habitantes, e nós safámo-nos por 1...

AL: (RISOS) e não tiveram que juntar a freguesia foi? A vossa é a freguesia de quê?

MT1: de Tourém

AL: e em Pitões também é... ah, ok, a Lúcia já tinha dito...

MT1: Pitões também é freguesia...

AL: sim, sim, sim, senão juntavam-se a pitões provavelmente

MT1: se estivesse mais próximo, porque não tinha nada a ver uma coisa com a outra, um do lado outro do outro, foi aquela coisa feita em cima do joelho

AL: e daqueles dinheiros que sobram da ITI também investem no povo, na aldeia?

MT1: é todo no povo... é todo no povo

AL: ok, então também fazem beneficiação da aldeia...

MT1: isso, nós desde o início que não fomos muito nessas coisas, de tirar o dinheiro do baldio para recuperar a ... atenção, não sou contra, mas eu tenho tanto caminho, tanto baldio para preservar, como é que vou retirar esse dinheiro para o cimo da capela? Epá, isso têm a comissão fabriqueira, são eles que têm que a fazer... não é?

AL: comissão fabriqueira? É o quê? Faz parte da Junta?

MT1: não, comissão fabriqueira é digamos que a gestão de património da igreja

AL: ah, faz parte da paróquia?

MT1: é, comissão paroquial, eu não sei como é que se chama isso. O nome é comissão fabriqueira, isso eu sei... agora, temos tantos bebedouros para fazer, tanto caminho para abrir, tanto caminho para limpar, tanto carvalhal para preservar que acho que não faz sentido levar o dinheiro para dentro da aldeia, então está lá a Junta também, a Junta é que tem de fazer esse trabalho. Atenção que não sou contra, eu não sou contra, se alguma coisa é por necessidade e alguém tem dinheiro, epá que se aplique, eu nunca tive muito esse caso, essa situação, nem as procuro ter, nem as procuro ter... se tiver que as ter olha, lá me desenrascarei se eu puder... agora eu acho que o dinheiro das ITI é canalizado para o baldio é empregue nele. É assim que eu entendo as coisas, e é assim que até agora tem sido feito. E acho bem

Travassos do Rio: MT1 e MT2

AL: o que eu queria perguntar... vocês do dinheiro que recebem anualmente sobra algum? Conseguem gerir de forma a sobrar? E de que maneira é que ele é usado, ou seja, de é usado no povo, se é usado...

MTR2: isto é o seguinte, nós temos a tal ITI e temos uma verba... se nós conseguirmos fazer o trabalho com os sapadores é dinheiro que estamos a poupar, ou então tentar negociar com a empresa que for fazer, nós recebemos por exemplo 1000 euros por hectare para limpar, se nós conseguirmos ajustar por 700 temos ali 300 euros de... e esse dinheiro aplicamos no que é... ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajudar... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine...

AL: mas não foge a este [devo ter apontado para qualquer papel...] (RISOS)

MTR2: sim, sim, ou uma infraestrutura que seja necessária na aldeia, um... por exemplo, tínhamos aqui um , já aqui fora, um rego que estava a causar muitos problemas à aldeia e a junta e o baldio chegámos a acordo e fizemos a obra os dois... e é esse tipo de...

AL: pois, melhoraram um bocado a vida localmente, não é... facilitar a vida das pessoas

MTR2: sim, estamos com uma aqui também agora neste momento aqui com uma casa que queremos reconstruir que vai funcionar também tipo como sede dos baldios e ajudar também... queríamos que as partes de baixo destas instalações para uma casa mortuária da aldeia...

AL: pois... eu estive ontem em Pincães, e lá percebi que eles tiveram uma grande dificuldade em construir a sede, porque eles queriam uma sede para os compartes poderem reunir e acho que a Câmara, acho que foi a câmara, barrou ali um bocado a construção, e eles tiveram que criar uma associação para conseguirem legalizar aquilo e não sei quê... aqui também é assim, se quiserem construir uma sede...

MTR2: não, acho que não

AL: porque aquilo era construção no baldio, ou seja, fazia parte da área do baldio, e como no baldio há aquela questão toda da matriz predial e tal, e não está no comércio jurídico e tal então eles tiveram ali uma grande...

MTR2: não... eu aliás...

MTR1: não, portanto o CD não tem sede não é... mas temos a casa do povo, não é, dá para reunir

AL: ah têm uma casa do povo? Ou é o café?

MTR2: por cima do café, isso é tudo da Junta

MTR1: portanto temos essa casa se for preciso

MTR2: eu não acredito que a Câmara lhe tenha posto esse entrave

AL: eu não sei, se calhar também era porque não estavam inscritos na matriz predial...

MTR2: mas o baldio é comprador, pode comprar... se existir um artigo o baldio pode comprar, o baldio é uma pessoa colectiva, tem contribuinte, tem... pois, agora eles quiseram se calhar pegar num espaço que existia ilegal, isto é quiseram construir se calhar na casa do guarda

AL: não, não! Eles construíram de novo

MTR2: ah, não podem, claro que não podem

AL: pois, não podem construir de novo

MTR2: não podem! No baldio, para criar um artigo no baldio teria de se fazer um loteamento

AL: teria de se fazer uma alienação

MTR2: sim, por isso é que ano deixam... agora o baldio... uma casa aqui fora, não então... se a casa tem artigo, é só ir à reunião de baldio, a assembleia dá a autorização ao presidente para poder apresentar uma proposta e ele apresenta

AL: pois, tanto para comprar como para vender...

MTR2: sim... vender baldio não pode

AL: alienar... pode... pelo menos o que eu li foi... o que eu percebi, que isto às vezes as leis também são difíceis de entender, o que eu percebi foi, há um baldio, se esse baldio estiver

muito próximo da povoação e se houver vontade de alargar a povoação, vontade geral do povo e dos compartes, o baldio pode alienar uma parte da sua área para construção

MTR2: e como é que vai fazer o artigo

MTR1: também é um bocado difícil

MTR2: nós tivemos aqui esse problema, tivemos aqui vários emigrantes que queriam fazer casa mas não tinham terreno e nós deixámos fazer no baldio... não foi possível porque o baldio primeiro teria de fazer loteamento, criar um... esta aqui é a faixa onde nós queremos fazer as casas então vai ter x casas, vai ter de se lá por a água, por... senão não posso fazer artigo

AL: pois, eu não sei, eu sei que eles falam lá isso por interesse comprovado de que... por exemplo estou-me a lembrar, em certos baldios houve a construção de vacarias, houve aí uma... há um interesse geral que haja essa vacaria então há uma alienação da parte do baldio, lá está porque o baldio está colado à povoação, portanto há lá um recorte do baldio e aliena-se uma área para a construção daquela vacaria para o povo... isto já aconteceu porque eu verifiquei, agora como eles fazem do ponto de vista legal é que eu não faço ideia. Agora no caso dos emigrantes também não sei...

MTR2: sei que não é possível porque sei que neste momento...

MTR1: há aldeias que têm feito já...

AL: mas na Lei está escrito mesmo isto... não é...

MTR1: mas muitas são ilegais o problema é esse

AL: ah, se são ilegais ou não isso já não sei...

MTR1: eles fazem...

AL: mas pode, pelo menos a lei permite

MTR2: permite se for feito o loteamento, a delimitação do terreno. Por exemplo, vai a qualquer sítio... por exemplo, Montalegre, para lotearmos os [*Não se entende*] tem de fazer um loteamento... e é do interesse geral, também invocava o interesse geral

AL: exacto, é do interesse geral... as casas pessoais eu não sei se isso é possível, mas por exemplo uma vacaria para o povo acho que... já é do interesse geral não é...

MTR2: sim, sim. Mas também teria de ser...

AL: para certos compartes, é mais ou menos do interesse geral... (RISOS). Eu não sei, eu não domino a legislação de construção...

MTR1: por acaso há aqui umas vacarias mas foram feitas todas no terreno privado... e nós também aqui à volta da aldeia não temos área de baldio, é tudo privado, e a área de baldio já fica mais distante e às vezes as pessoas também não queriam ir lá para muito longe não é com a vacaria e depois pronto, andaram a ocupar terrenos

AL: pois... mas isto tudo porque disse que ia recuperar uma casa para ...

MTR2: sim, sim, sim, uma casa que está neste momento registada como sede do conselho directivo

AL: mas as ITI também dão para produção florestal? Ou dão só para manutenção das autóctones?

MTR2: sim, sim. Mas para ali para o carvalhal está a ajudar...

AL: eu só pergunto isto porque... a partir do momento em que vocês estão dependentes das ITI, porque estão não é, neste momento, em termos de rendimento, se aquilo opor acaso muda, por exemplo agora com esta alteração das áreas forrageiras, isso não vai alterar o valor que entra para o baldio?

MTR2: não.

AL: não?

MTR2: não, não, porque... mas é isso....

MTR1: ainda não sabemos bem, ainda não sabemos bem, estamos a contar que não, mas... ainda está assim meio...

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

MTR1: os piores foi os de, aqui de Fafião, tinham 9000 hectares de baldio ficaram com 80 e não sei quantos

MTR2: ali é uma questão de...

MTR1: isso é que foi um corte muito forte

MTR2: é uma questão de gestão, eu não sei muito bem até que ponto isto foi assim, como é que isto... não há ninguém que se lembre de vir cá e “vamos cortar isto tudo”. Alguém soube, o ministério da agricultura, depois as secções regionais, isto não apareceu do nada, alguém teve de assinar... alguém... mesmo quem está à frente dos baldios, isto é o... não digo que o secretariado, mas alguém...

AL: a BALADI?

MTR2: não, será mais a nível de... uma associação que represente a parte baldia a nível nacional teve que concordar porque não... não é com uma lei... imagine, ninguém fecha a repartição de finanças de Montalegre sem o presidente da câmara

AL: assinar por baixo...

MTR2: não é? Ou ninguém fecha um centro de saúde sem... ninguém fecha uma sede de Junta sem o presidente de Junta...

AL: pois, ter de aceitar...

MTR2: é isso que eu acho estranho, criou-se aqui um mito que foi um senhor que veio lá de fora por fotografia aérea que...

AL: sim, já ouvi esse mito em vários sítios

MTR2: não é? Isso é tudo mentira, dizem a quem queres mas a mim não porque não...

AL: pois... mas a avaliação não foi feita por fotografia aérea?

MTR2: não sei... pode vir aqui alguém ver o baldio que nós não sabemos se vieram passear se vieram... eu acho que se as reuniões que tivemos agora ultimamente, com os presidentes dos baldios, com os presidentes de junta, com os presidentes de câmara, tivessem acontecido antes, isto não acontecia... se alguém... mesmo que o senhor tivesse vindo lá da noruega ou não sei de onde é que é... se alguém de bom senso lhe explicasse que o baldio em Vila Real é diferente do baldio de Montalegre, eu tenho a certeza que ele em dois minutos percebia... não é? Se alguém lhe explicasse que... cortou as zonas rochosas... se alguém lhe dissesse que as cabras só querem pastorear no sector rochoso, ele percebia em dois minutos e já não cortava essa área, ou então ficava destinada a área rochosa só podia ser para... só se podiam candidatar a essa área agricultores que tivessem cabras. Agora dizer assim... carvalhal, toda a gente sabe que no verão a erva mantém-se nos carvalhais, a outra que não tem carvalhal seca e a que está na sombra é a única que se aguenta para mais tarde... se alguém explicasse isso ao senhor “olhe, não, olhe que as vacas pastoreiam nas corgas”, nós chamamos-lhe as corgas que são as zonas das ribeiras...

AL: e cortaram-nas não foi?

MTR2: sim! Se alguém lhe explicasse isso eu tenho a certeza que o senhor compreendia...

AL: pois, mas então como é que acha que isto aconteceu? Porque é que houve essa abordagem às...

MTR2: pensaram que era alguma ideia que não ia passar, e deixaram andar, deixaram andar, e quando deram conta estava...

AL: pois...

MTR2: para mim foi um erro

MTR1: eles lembraram-se que nos sítios rochosos não andavam lá nada... certamente não é...

AL: pois... mas como é que essas coisas não são confirmadas localmente? Ou como é que as pessoas nem sequer sabem de onde é que vem esta lei? De repente há um corte gigante

MTR2: pois... mas para o Algarve, Alentejo, não há baldio, é tudo herdades ou... por exemplo em Vila Real ou Bragança, o baldio é cedido aos agricultores para por castanheiros ou olivais...

AL: cedido privadamente?

MTR2: arrenda-se... por exemplo cada agricultor arrenda 50 hectares e depois planta lá por x anos, planta lá o que...

AL: e quem é que recebe esse dinheiro, é o órgão gestor do baldio?

MTR2: sim, sim

AL: que pode ser a Junta, pode ser...

MTR2: esqueceram-se que aqui nós temos a particularidade do pastoreio

MTR1: porque no Alentejo não cortaram nada...

MTR2: isto foi mesmo um esquecimento de alguém que foi chamado como representação dos baldios e que não cumpriu com o papel que lhe competia, que era alertar “não, o nosso baldio é específico, como é que podem cortar... a zona rochosa é onde os animais vão pastorear”, você se for à serra vê as vacas no meio das pedras a apanhar a...

AL: exacto!

MTR2: opa, se me dissessem “no meio dos pinheiros tem que se cortar essa área” ... porque realmente no meio dos pinheiros a erva não... é tipo, a agulha cai e não deixa que ... pá, se cortassem essa área por mim tudo bem, agora o carvalhal... as vacas nesta altura andam todas no topo, quando chega o mês de agosto setembro começam a sair mais nas corgas porque sabem que é aí que a erva se mantém verde

AL: pois, não faz sentido nenhum... e isto vai para a frente?

MTR2: já foi! Já não há hipótese nenhuma

AL: já foi para a frente? Ah, é que soube que houve aí uma manifestação ali ao pé de Braga ou que foi...

MTR2: isso foi para tapar a...

AL: é que a malta anda aí com esperança, ainda ontem estive a falar com um senhor que acha que ainda pode dar a volta...

MTR2: essa é a ideia que fazem passar...

MTR1: não sei se a ministra da agricultura ouviu... ela estava lá... (RISOS)

AL: se calhar ouviu, mas entrou-lhe por um ouvido e saiu pelo outro (RISOS)

MTR2: não... estamos a falar de uma área...

AL: isso é para acabar com o pastoreio, não é? No fundo é isso que vai acontecer...

MTR2: sim, e estes fundos... é por isso que eu não... eu por acaso estou também dentro da área das candidaturas e sei como é que isto funciona, a EU a verba que dava vai dar à mesma, isto trata-se de uma distribuição ao nível de Portugal, se tirarem 5 ou 6 milhões na região norte ele vai para outro lado qualquer, não é o tal da Noruega que se lembrou e ... não! Porque se não viesse para Portugal, aí sim, foi o gajo que se lembrou e “vamos agora tirar aqui esta verba a...”. Agora Portugal vai receber a mesma verba à mesma... agora localmente, a nível nacional, é que vai ser distribuído de forma diferente...

AL: mas por exemplo, aquela fatia que era dada aos produtores de animais, que é essa que vai ser cortada, ...

MTR2: vão beneficiar, por exemplo as herdades que há no Alentejo...

AL: pois... porque no fundo também interessa acabar com os baldios, de alguma forma, acabar aqui com esta...

MTR2: não, não é questão de acabar com os baldios...

AL: digo...

MTR2: com o pastoreio neste caso...

AL: pois, exacto. Mas no fundo não é qualquer pastoreio, é o pastoreio mais pequenino, vamos dizer assim, comparado com as herdades não é... ou seja, com tudo o que é pequenas produções, que é o que tem vindo a acontecer, acabar com a pequena agricultura de uma forma geral e criar aqui uns espaços gigantes apetecíveis para muita gente não é...

MTR2: eu fui à reunião, e “ah, foi o Governo, foi o Governo...”, na sub-região norte, Mirandela, fomos ali a Vila Pouca e a justificação foi... até mostraram lá sim senhora, aqui através de fotografia digital... mas isso era completamente uma parvoíce autêntica, porque se não, imagine, chega um fogo aquele abre essas pedras todas... se calha ser nessa época que o senhor viu a fotografia, claro, só viu pedra! Mas dali por um tempo está outra vez tudo verde, por isso é que eu não acredito nisso, não acredito

AL: sim, sim, mas que aquilo vai para a frente vai...

MTR2: já foi! Então este ano os projectos, já se candidataram com esta nova medida

AL: e tiveram muito menos...

MTR2: sim! Nós tivemos aqui agricultores que tinham 100 hectares de baldio e só lhes conseguimos dar 19...

MTR1: e havia os que tinham 5 e 6 hectares e que ficaram só com 1000 metros

AL: ou seja, o que vai acontecer é que a pouco e pouco eles não podem manter os animais... não é?

MTR2: sim... não conseguem é ter o rendimento que tinham antigamente, ou o subsídio que tinham

AL: pois... ou seja o único rendimento que vão ter daí vai ser da venda dos animais...

MTR2: e a própria área, a área deles próprios...

AL: pois... e por exemplo, aqui para vocês qual é que é a importância do baldio aqui para a comunidade local, qual é que é a função? O que é que para vocês parece... imagine, se dissessem que a partir de amanhã deixava de haver baldio era assustador? O que é isso significaria aqui para as comunidades?

MTR1: assustador um bocadinho

MTR2: no sentido de não poder ir buscar a ITI

AL: pois... porque no fundo o baldio tem uma presença importante na... isto é uma pergunta, no desenvolvimento local...?

MTR2: sem dúvida... neste momento o baldio está a tomar mais relevância do que a própria Junta, hoje em dia quase é melhor ser presidente de um baldio do que presidente de Junta...

AL: em termos de quê?

MTR2: em termos de verba

AL: ah

MTR2: há baldios que têm o dobro da verba da Junta

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1 (dr branco)

AL: e hoje há muitos produtores? De animais aqui na freguesia de Cabana Maior, que usem o baldio

ACm1: enquanto houver subsídios há, quando acabarem os subsídios já não vai haver, as pessoas só têm animais porque lhes dão subsídio, ao contrário não

AL: pois... mas isto não eram produtores que tinham vacas já nos tempos antes dos subsídios?

ACm1: sim, tinham, mas tinham menos, com os subsídios houve um investimento nessa área

AL: não seria rentável ter hoje em dia sem subsídios ter produções animais?

ACm1: eu penso que sim, eu penso que continuava a ser rentável, penso que continuava a ser... mas é muito mais rentável com subsídios

AL: pois, claro... há quantos produtores aqui na freguesia, tem uma ideia?

ACm1: nunca contabilizei, mas

AL: 10... 20...

ACm1: não, mais... mais de 20

AL: e cabeças de gado, tem alguma ideia?

ACm1: não... precisa disso?

AL: só para ter uma ideia de como é usado o baldio

ACm1: se precisar disso para o seu trabalho eu arranjo-lhe dados concretos. Se não precisa...

AL: assim, só para perceber quem é que utiliza o baldio

ACm1: há sempre mais de uma centena de cabeças de gado... há um produtor que só ele tem mais de 50 cabeças de gado

AL: pois, mas são mais produtores...?

ACm1: assim com grandes quantidades não, é tudo com menos quantidades, 4, 5... 8....2, 3...

AL: cabeças

ACm1: sim, não há assim... o único que tem assim várias dezenas é só um... o único claro que tem de ser só um [RISOS] não, eu ia dizer, o único que tem assim essa quantidade é um individuo que sofreu um acidente de automóvel, ia de motorizada, ia um individuo bêbedo, abalroou-o na estrada e deixou-o em estado de coma... horrível, mas pronto. São situações terríveis

AL: (...) e a área que vocês têm actualmente do baldio elegível para pastagem, é suficiente para os produtores que têm? Para eles acederem aos subsídios...

ACm1: é, para receber os subsídios é

AL: e ainda sobra área, ou não?

ACm1: ainda sobra área sim

AL: e há jovens agricultores, ou há jovens que estão interessados em fazer projectos de jovem agricultor ali ou

ACm1: não, não há... não se pode dizer que há vários jovens interessados não...

AL: há muitos jovens na freguesia, não?

ACm1: não. Muito poucos... a emigração leva os jovens todos

AL: claro. Então também não há muitos jovens na gestão do baldio, no CD, na AC... bom, o próprio Joaquim é bastante jovem, mas

ACm1: sim, há vários jovens... digamos, se quiser considerar... um jovem para si é de que idade?

AL: bom, dos seus 20's até aos seus 40's

ACm1: tem muito poucos, 3 ou 4

AL: pessoal que faz família aí, tem os seus filhos e

ACm1: há muito poucos jovens, muito poucos jovens

AL: pois, e acha que o baldio poderia vir a ter algum papel no desenvolvimento local, no sentido de melhorar as condições precisamente para essas gerações se fixarem aqui

ACm1: é assim, os baldios, sendo objecto de uma exploração adequada às características do terreno, poderiam ser uma boa fonte de rendimento

AL: do ponto de vista agrícola ou de outros pontos de vista também?

ACm1: turístico, agrícola, hoteleiro, se quisermos, sei lá, há varias hipóteses... nós vamos agora, vai agora ser construído um parque zoológico

AL: no baldio?

ACm1: no baldio

AL: de Cabana Maior

ACm1: anexo à Porta do Mezio, em Cabana Maior

AL: com que animais?

ACm1: vai ter vários, vai ter lobos, vai ter raposas, vai ter cabra-brava, vai ter javali

AL: mas qual vai ser a área disso? Para por presas e predadores todos juntos [RISOS]

ACm1: não sei... é um processo com interesse da câmara

AL: na fazia ideia nenhuma... num ano muita coisa muda

ACm1: 11 hectares mais ou menos

AL: e quem é que está por trás? É o ICNF, é a ADERE, é quem?

ACm1: é o município de Arcos de Valdevez. A freguesia cede por 20 anos essa área de terreno ao município

AL: a freguesia? Ou os compartes?

ACm1: os compartes

AL: [RISOS]

ACm1: os compartes, mas os compartes são a freguesia e a freguesia é dos compartes [RISOS]

AL: pois, sim, é só para esclarecer

ACm1: são os compartes dos baldios... a AC

AL: 20 anos... ao fim dos 20 anos os animais vão todos para o matadouro [RISOS]

ACm1: ao fim dos 20 anos normalmente renova-se

AL: e o que é que acha das ITI? Acha que têm tido um papel importante a nível local e da gestão do baldio

ACm1: tem, as ITI têm trazido dinheiro pelo menos para as limpezas

AL: e aquelas limpezas têm trazido alguns benefícios para

ACm1: trazem benefícios porque isso permite que as áreas limpas possam facilitar o pastoreio e em certas áreas em que há árvores em desenvolvimento, que elas possam crescer melhor, e isso. E no combate aos incêndios também, porque se o terreno não for limpo... se há um incendio naquela zona ninguém pode combater... estando limpo é possível, pode-se fazer corta-fogos, e é muito mais fácil de combater os incêndios. Portanto o grande benefício das limpezas é, em grande parte, é esse... é poder prevenir, por exemplo é combater mais eficazmente os incêndios

AL: e vocês recorrem a empresas para fazer essas limpezas ou fazem vocês mesmos?

ACm1: normalmente... nos meus mandatos recorríamos sempre a empresa...

AL: uma empresa local?

ACm1: sim. Agora, o CD agora já teve um mandato em que teve algum pessoal, com apoio do centro de emprego e agora também tem uma equipa de 2 ou 3 homens

AL: ai é, tipo sapadores?

ACm1: sim, mais ou menos

AL: por acaso a ultima vez que falei com o Joaquim, que foi aqui há uns 2 meses talvez, ele estava precisamente no processo de comprar um carro

ACm1: já comprou

AL: pois, ele disse que nesse dia ia ver um carro. E é precisamente para essas pessoas poderem fazer

ACm1: deslocar-se, poderem deslocar-se

AL: e têm máquinas e tudo mais?

ACm1: têm máquinas para cortar mato, sim

AL: também do próprio baldio... aquisição do baldio?

ACm1: sim, sim

AL: isso também acaba por me levar a uma outra questão, que é

ACm1: e eles têm feito limpezas de caminhos, tem feito melhoramento de... o grande caminho de acesso ao interior do parque, que vai do Mezio para cima, que é o primeiro caminho florestal que ligava aqui o Mezio a Lamas de Mouro, perto da Peneda, perto de Castro Laboreiro também

AL: sim, eu conheço os sítios, eu estou a tentar perceber que caminho será esse, que aquilo parece-me tão longe

ACm1: é o grande caminho florestal que passa no parque de campismo e segue sempre pelo limite do parque e da área não florestada, vai ligar

AL: mas aquilo só mesmo com 4x4 não é? Se for o que eu estou a pensar

ACm1: sim, é um caminho florestal não é uma estrada

AL: passa o rio?

ACm1: ah, sim, o rio tem uma ponte boa, uma ponte de pedra muito boa

AL: ah, sim... não, eu já fui a pé, passei a zona do rio, fui por ali acima, é esse o caminho?

ACm1: não... não é esse, depois do parque de campismo ao chegar ao ribeiro seguiu à margem do ribeiro

AL: não... segui para a esquerda

ACm1: ou seguiu para a esquerda... ah,

AL: assim um caminho mau para os pés... que tem assim muitas pedras

ACm1: ah, bom, está bem, é o caminho florestal, esse é o caminho florestal que foi construído aquando da florestação, nos anos 50, 50-60, por aí, acho que ainda chegou ao início dos anos 60. Mas esse caminho estava muito degradado porque há muitos anos que não era reparado. Agora teve um melhoramento

AL: da vossa parte? Ou do ICNF

ACm1: do actual CD

AL: vocês adquiriram tractor ou foi o carro só? Pergunto porque já vi acontecer noutros baldios

ACm1: o tractor acho que vai ser adquirido... eu não posso falar concretamente sobre isso porque não estou a par. O presidente falou na última assembleia de comparte que estavam a pensar adquirir um tractor, ainda não adquiriram mas

AL: acabam por ficar independentes para fazerem as suas

ACm1: sim, sim, sim, é mais fácil

AL: então têm conseguido gerir as ITI de forma a sobrar dinheiro...? Para poderem fazer essas aquisições, ou não?

ACm1: essas perguntas era melhor fazê-las ao Joaquim

AL: não, mas nos seus tempos... eu falo agora do seu tempo, ainda geriu umas quantas ITI

ACm1: no meu tempo nós pedimos mas nós não tínhamos carro, não tínhamos tractor, não tínhamos nada. Entregávamos tudo a empresas particulares

AL: pois... mas o dinheiro que recebiam para fazerem as limpezas, sobrava ou era apenas suficiente?

ACm1: o dinheiro que recebíamos não sobrava para outros benefícios, era usado para os fins a que estava destinado

AL: sim, claro, o que eu vejo em alguns baldios é que conseguem gerir o subsídio de forma a conseguirem fazer sobrar ao fim das limpezas e acabam por utilizar... é sempre no baldio, mas acabam por utiliza-lo

ACm1: sim, nós também usámos, usámos alguns valores em melhoramento, por exemplo nós conseguimos melhorar caminhos no interior de todas as aldeias da freguesia com dinheiro dos baldios, com dinheiro desses... conseguíamos economizar, quer dizer, conseguíamos arranjar forma de gerir esse valor fazendo as limpezas da candidatura, ou das candidaturas, e conseguir ainda fazer outros melhoramentos

AL: pois... e agora com esta alteração do PRODOR para o PDR, e ainda não se sabia ainda muito bem como é que iam ser, que agora iam ser os apoios zonais, não está a par de como é que isso está a ser implementado

ACm1: eu agora não estou a par

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês têm muitas cabeças de gado lá na aldeia?

AC1: temos cerca... eu assim com certeza não lhe posso dizer

AL: não, assim por alto, tipo centenas... dezenas...

AC1: queria ver se não tenho aqui esses dados, também não queria estar aqui a dar-lhe dados

AL: pois, bom, era só para ter uma ideia, se é ainda importante a produção animal ali na zona

AC1: é, a produção animal é importante na zona mesmo, tenho aqui dos bovinos, que é praticamente o... isto deve dizer aqui nalgum sítio

AL: mas são para aí quantos, centenas?

AC1: para lhe ser sincera agora não lhe queria mesmo estar a mentir. Mas eu achava que isto devia estar aqui

AL: ah, isso é a candidatura não é?

AC1: e eu acho que tinha de estar aqui na candidatura

AL: pois faz sentido que estivesse de facto. Deve ser naquela parte, ontem a Sandra mostrou-me, onde está cada produtor e o número de cabeças que tem

AC1: pois, mas aqui está que um tem 39, outro tem não sei quantas...

AL: não há um total? Ah, é isso tudo? Essas páginas são todas pessoas?

AC1: são todas números de contribuinte... mas são mais de cem. Só sei que são para aí cem equídeos

AL: ah, também tem cavalos pois

AC1: temos

AL: mas portanto a parte de pastoreio ainda é muito importante ali na

AC1: muito importante, e acabando essa parte de pastoreio...

AL: portanto o baldio actualmente o que é que representa para aquelas comunidades?

AC1: é um meio de subsistência deles

AL: é não é

AC1: é, importantíssimo

AL: sem baldio provavelmente não conseguiam os subsídios

AC1: não, não, não, sem baldio não tinham animais, era impossível

AL: pois

AC1: teriam que emigrar ou não sei o que é que seria feito de nós... é fundamental

AL: e agora com o envelhecimento da população e tudo o mais como é que vai ser isto com o futuro do baldio, tem alguma perspectiva? Há jovens a ficarem na zona ou nem por isso

AC1: poucos, gostaria que houvessem muito mais

AL: e acha que é possível de alguma forma... isto é, que tipo de solução consegue antever para os baldios e para estas zonas?

AC1: não sei...

AL: pois

AC1: não sei... gostaria de poder dizer assim, olha fica, investe aqui, faz um projecto, faz qualquer coisa que seja vantajoso, orienta-se para o turismo, isto aqui é tão bonito... mas é muito bonito de dize-lo. Depois ser isto a nossa forma de subsistência eu não sei se será [possível]. Assusta-me, assusta-me porque eu vejo que não há dinheiro e viver do turismo o quê? Um mês de turismo? Dá para viver o ano inteiro?

AL: pois... e a perspectiva do baldio produtivo? Seja com floresta, seja com o que for, eu não sei o que é que é possível ali mas... eu não conheço o baldio

AC1: não, com floresta seria possível, é possível sim senhora, é o que eu lhe digo, era possível se... eu acho que o que era rentável florestar e por as casas florestais a funcionar com um guarda-florestal e com uma família a tomarem conta do baldio porque senão vamos ter sempre incêndios, portanto sempre a floresta destruída

AL: pois... o que é que ali dificulta a florestação?

AC1: as pastagens dos animais

AL: o pessoal não está muito virado para a floresta?

AC1: não... não está porque eles sabem que ao reflorestar cortam-lhes as áreas das pastagens, portanto se têm animais...

AL: pois, porque eles contam, o IFAP corta a área da floresta. Pois não estão a ajudar muito com esse tipo de cortes

AC1: não, com esse tipo de cortes não está a ajudar, porque as pessoas se têm animais, se utilizam o baldio é por causa enquanto tiverem subsídios para tirarem alguma rentabilidade daquilo, porque senão acabou

AL: e sem os subsídios eles não conseguiam produzir animais ou conseguiam?

AC1: ai não, acho que não. Isso é tudo tão barato, os animais, é tudo tão... não conseguiam, tinham muito menos

AL: cooperativas e assim... eu estou aqui a pensar alto não é

AC1: sim, e pensa muito bem, sim, está a pensar muito bem, sim, se nós tivéssemos uma mente de produzir quantidade e de as coisas serem pagas pelo justo valor, mas as coisas não é... não é a realidade que nós temos

AL: pois

AC1: a realidade é muito diferente

AL: sim

AC1: portanto um agricultor que esteja a pensar em viver para vender, só, que não tenha um subsídio, não consegue... não consegue, eles chegam a vender vitelos por cento e tal euros

AL: pois... isso é barato não é?

AC1: muito barato

AL: e também é da opinião que há muita politiquice no meio dos baldios, no sentido que... isto agora até soou mal... eu não estou a dizer que é mau o presidente da Junta ser o presidente do CD, não é isso. O que eu tenho percebido em alguns baldios, pelo menos é o que se diz, é que o baldio ou

AC1: eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, e acho que é o termo correcto, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas criticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmaras e vejo que as Juntas gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar. Mas há que investir para os compartes, investir em coisas, em infraestruturas que sejam uteis para eles

AL: sim, sim, sim. Claro

AC1: há tanta coisa para fazer nos baldios. Arranjar os caminhos para as florestas por causa dos incêndios, fazer os pontos de água que é muito importante

AL: para os fogos e para os animais

AC1: para os fogos e para os animais, para as pessoas que lá passam poderem colher água para beber, tanta coisa bonita que se pode fazer. Fazer uns parquezitos para as pessoas poderem estar lá, poderem passar um fim-de-semana diferente, temos cabanas lindíssimas que as podemos recuperar para quem quiser pernoitar lá pernoitar, limpar os trilhos para os pastores, para as pessoas

AL: e agora com estes subsídios todos até conseguem não é

AC1: quer-se dizer, indo aos pouquinhos vai-se conseguindo, é lógico que não se consegue fazer tudo de uma vez, tem que ser devagarinho, vai-se conseguindo fazer

Gavieira: AGav1

AL: ah, está bem aqui. E o seu filho, aguenta-se aqui bem? A única criança, ou uma das duas únicas crianças

AGav1: bom, eles vão à escola a Melgaço, vão e vêm à noite

AL: ah, há um autocarro?

AGav1: a gente faz transporte daqui para Lamas de Mouro, a Junta, e de para lá a câmara assume o transporte, a câmara de Melgaço, para a vila, até ao 12º, depois têm de seguir outro caminho não é

AL: mas ele gosta daqui?

AGav1: ele gosta, sabes que onde se nasce gosta-se, é nascido e criado aqui, ele e a filha do [?] *Não se entende*], são quase da mesma idade

AL: o quê o quê? Ele e a filha o quê?

AGav1: do [?] *Não se entende*], o rapaz ?, o guarda...

AL: ah, Palhares

AGav1: do meu vizinho, Palhares

AL: ah, sim, sim, sim

AGav1: a filha dele anda na escola com ele. Mas depois também tem mais que vão aqui da Rouça, vão todos na carrinha, vão para Melgaço, mas depois vão aqui para os Arcos também alguns aqui das Rouças. Estás a perceber... só que isto foi, na altura

AL: ah, ainda há bastantes crianças, apesar de tudo

AGav1: ainda há... há um ?, uns 7 ou 8 aqui das Rouças, há 6 na Peneda, ainda há...

AL: vá lá, está muito melhor do que em outros sítios

AGav1: porque a escola era aqui, sabes que a escola, depois quando é que decidiram fechar as escolas das freguesias, pronto, por falta de alunos, foi decidido que as crianças que estavam nesta escola que iam [?] *Não se entende*] daquela altura. E as crianças na altura foram direccionadas a ir para ali até ao 4º ano. Mas a nossa camara nunca viu bem isso, porque era concelho diferente, mas as crianças... o meu e o do Palhares, outro rapaz que agora até emigrou, e alguns do Peneda como iam para ali não quiseram mudar ali para os Arcos, depois a câmara entendeu que era conselho diferente e não sei aceitaram. Ainda era na altura o Francisco Araújo e em 4 anos o gajo é que mudou para ali, mas depois tiraram lá o gajo da oposição e o gajo veio-me dizer que eu tinha que desistir, a oposição “não, não...”. Prontos, e agora, nós Junta, assumimos o transporte até Lamas e lá de baixo assume a camara com a parte das crianças, neste caso são 8 que vão para ali, temos que andar a assumir junta e pais também, e depois a câmara assume o resto e os que vão ali para os Arcos é a câmara que paga totalmente o transporte, até Rouças

AL: mas vocês preferiram mesmo Melgaço?

AGav1: eles começaram ali, sabes como é “ah, temos ali os nossos amigos”, isto também é complicado e as próprias pessoas, olha, nós damos algum, a junta também e depois a câmara assume o resto, ate ao 12º, se continuar...

AL: sim... e qual é que é assim a principal importância do baldio actualmente aqui para as comunidades, aqui para a comunidade local, para as aldeias

AGav1: o baldio neste momento nesta freguesia é coisa que mais interessa aos compartes, a gente está a viver praticamente do baldio e daquilo que produz não é

AL: por causa dos animais?

AGav1: por causa dos animais, mas o baldio é uma ajuda se calhar de 70% para os produtores aqui da Gavieira, neste momento os baldios é a parte mais interessante para os compartes, por isso convém ter uma boa gestão e pessoas que... repara que não ando aqui a tentar... como é que eu te hei-de explicar, ser um presidente do CD para toda a gente igual, estás a ver? Não haver preferências, não haver..., porque isto é assim, quando as coisas correrem bem correrem bem para toda a gente, tem de ser um presidente dos baldios, do CD, que diga assim: “não, eu quero que toda a gente [*Não se entende*] percebes, que eu acho que é o que não acontece em muitos sítios... é mais “ah, eu sou amigo daquele, aquele leva 10 e aquele não leva nenhum”, isso não pode acontecer, e acho que é uma das coisas que por exemplo há muito tempo que ninguém lá chega estás a perceber? Há amizades, mas há que saber separar as amizades dos cargos que está a exercer, porque repara eu hoje sou teu amigo, chegas aqui, “eu quero 20 hectares” e chegas ali fora da porta e ??? e o baldio tem esse poder, o presidente do CD tem esse poder, mas não é justo, entendes? Mas não é justo... mas não é o caso repara, eu tento que toda a gente chegue ao fim do ano e que toda a gente seja bem servido. Claro que quem tem cinco não pode ter só tanto como quem tem uma ou duas, mas isso tens de separar as coisas, tem 50 vacas dás-lhe o suficiente para poder ter as 50 vacas, se tem 100 dás para 100 se tem duas dás para duas e eu até me lembro agora, há pessoas que não têm baldio, que não têm animais, chamam-lhe o RPU, que é o pagamento único, e essas pessoas, se levarem mais que meio hectare também podem receber um x estás a perceber?

AL: se quê desculpe?

AGav1: se levarem um hectare do baldio por exemplo, ou meio hectare

AL: mesmo sem animais?

AGav1: sem animais

AL: ai é? Pode?

AGav1: tu podes ter uma exploração sem animais, mas podes querer comprá-lo amanhã. Imagina, não tens animais, mas podes ter o RPU, incluído com os terrenos, estás a perceber? Só pode pedir se tiver terrenos

AL: terrenos particulares...

AGav1: particulares

AL: ai não é com a área do baldio?

AGav1: se conseguires também alguma área do baldio vamos conseguir mais uns 500 ou 600 euros acima da base dos terrenos, entendes?

AL: aaaah.

AGav1: e se a pessoa puder fazer um acerto com toda a gente, ninguém é penalizado, entendes?

AL: eu estava a pensar precisamente isso, que quem tira benefício do baldio são sobretudo as pessoas com animais

AGav1: quem tem animais são 100% imaginemos, mas quem não tem animais, por exemplo há aqui pessoas na Gavieira que não têm animais mas têm uma exploração e têm o subsídio dos terrenos

AL: o tal RPU?

AGav1: o RPU. E se o CD lhe desse meio hectare, essas pessoas iam buscar 500 euros a mais acima do que teriam ganho com os terrenos, estás a perceber? [*? Não se entende*] não recebiam, mas meio hectare... a pessoa pode comprar um vitelo amanhã ou uma vaca, estás a perceber? Mas se não comprar é igual

AL: e para ter isso é preciso que tenha uma área mínima privada? Há um mínimo?

AGav1: sim, tens que ter campos, para RPU tens de ter campos. Agora há pessoas aqui da freguesia que não têm, que só têm a área do baldio, pessoas com cento e tal cabeças de gado e não têm nada deles, não têm nada deles, pronto, é tudo área baldia. Mas há pessoas que têm o subsídio dos terrenos e se tu conseguires dar nem que seja só meio hectare, vão buscar mais 500 eurinhos ao fim do ano. Percebes? E não falta nada aos outros. É um dinheiro que está ali como assim está ali

AL: e havendo área... mas se não houver área é que já afecta os outros, mas pronto, isso aí são todos compartes, têm todos direito

AGav1: não, são todos compartes mas mesmo assim temos de ceder área primeiro aos que têm animais não é

AL: claro

AGav1: quando muito fazemos as contas, diz assim “olha, tu se lebares 20 vives igual, se lebares 22 não vais ter vantagem nem sacrifício, ...”. Estes hectares ficam para aquelas pessoas que não têm nenhum pá, isto tem que ser bem feito para que toda a gente viva

AL: aqui sobra área ou não sobra?

AGav1: sim, deixei 12 hectares para uma margem que podia haver... estás a perceber?

AL: mas todos os produtores têm área e há gente também com esta coisa do RPU também?

AGav1: muita gente

AL: ah, também há...

AGav1: são pessoas que já não têm animais, já com 70 e tal anos, compraram o seu vitelinho para depois o matar, estás a perceber? Teve ali 4 ou 5 meses na corte e depois... é para consumo, pronto e...

AL: também têm área do baldio agora

AGav1: mas tem de ser um acerto entre o CD e os compartes, estás a perceber?

AL: claro

AGav1: um presidente do CD tem de saber bem manobrar estas coisas em conjunto com... prontos, com a cooperativa, fazer ali um acerto para que toda a gente seja servida e ninguém seja penalizada

AL: cooperativa?

AGav1: sim, cooperativa agrícola...

AL: porque é que a cooperativa entra aí?

AGav1: os subsídios são feitos na cooperativa... eu dou em área e depois a cooperativa, os engenheiros da cooperativa

AL: é que ajudam a fazer a candidatura...?

AGav1: são quem faz a candidatura, é a cooperativa agrícola

AL: a cooperativa agrícola dos Arcos não é?

AGav1: com a de Ponte da Barca, em conjunto

AL: ah, não sabia, ainda bem que falou nisso

AGav1: essa parte depois é a cooperativa que faz

AL: está bem... e agora só uma derradeira pergunta... o baldio também tem servido para fixar jovens aqui? Tipo, através de projectos de jovem agricultor, ou mesmo através de questões relativas ao turismo...

AGav1: temos aqui projectos de agricultores, temos 4

AL: de jovens?

AGav1: há 4 casais jovens, optaram por... pronto, tudo [*? Não se entende*], mas fizeram um projecto, o baldio cedeu-lhes o espaço

AL: portanto, o baldio acaba por ter um papel realmente importante a nível local...

AGav1: importante! Até é a única hipótese que nós temos para fixar aqui alguém neste momento, é o baldio... tem de se fazer uma boa divisão de baldios que não complique a vida a ninguém que tente ajudar, esta é a parte que temos... é o único que temos para fixar alguém, no caso das Rouças temos quatro

AL: jovens agricultores

AGav1: quatro produtores, e temos agora mais dois projectos em curso também, e acho que vai vir um outro terceiro... prontos, também é o que nos resta, porque outros trabalhos não há, e é assim, foi por aí, e acho que é a única parte que temos para poder fixar alguém

Gondoriz: AGo1

AL: e as pessoas participam na gestão do baldio, isto é, aparecem nas reuniões, é uma coisa assim assídua e participada?

AGo1: não, ninguém se importa porque isto não... a única coisa que rende agora é as candidaturas das ITI, mais nada

AL: então de alguma forma também permite que os jovens se mantenham aqui, ao permitir dar área para, sei lá, novos projectos agrícolas

AGo1: alguns, só que agora não temos baldio para atribuir aos projectos de jovens agricultores, não temos área

AL: e o que é que acha desse corte de área?

AGo1: acho que foi mau

AL: injusto ou?

AGo1: acho que foi, injusto porquê, porque há muitos jovens aqui que podiam meter a fazer projectos e não conseguem fazê-los

AL: pois... e houve aí um bocado de movimento para contestar isso... não deu em nada?

AGo1: houve mas não deu nada, houve uma certa renitência lá da parte dos políticos e não há volta a dar

Sistelo: ASi1

AL: o vosso baldio está metade dentro do parque e metade fora não é?

ASi1: não está bem metade, mas está uma parte dentro do parque

AL: e depois como é que fazem a gerir... cada um está submetido a regras diferentes não é?

ASi1: o do parque está submetido às regras do parque, e a outra não está

AL: na outra podem por eólicas por exemplo?

ASi1: podemos... podemos, tivemos eólicas aprovadas para aqui mas não houve acordo monetário

AL: não houve acordo, portanto não chegaram a um acordo entre vocês

ASi1: não chegámos a acordo, portanto entre a Câmara, a empresa que... nós e a empresa que ia colocar as eólicas

AL: ah, a Câmara estava também no meio

ASi1: a Câmara é sempre parte, cheirando-lhe a dinheiro...

AL: e como é que é a vossa relação com a Câmara e com a Juntas?

ASi1: ah, isso é boa, eu já fui presidente da Juntas 24 anos, e fui o presidente dos baldios e sou o presidente dos baldios e por isso o meu relacionamento com a Câmara foi sempre bom, tanto com a nossa Câmara como com as Câmaras vizinhas, não tenho problemas

AL: mas sendo que há ali uma vontade de apropriação dos baldios...

ASi1: não, os baldios têm uma lei própria pela qual se regem, os baldios é dos compartes e daí estamos todos à vontade. Agora quanto ao licenciamento de eólicas, dessas coisas, tem de passar pelas freguesias e tem de passar pelos baldios. E não havendo acordo não se fez

AL: como é que está a questão da mini-hídrica?

ASi1: a mini-hídrica está parada, está no ICNF para licenciamento

AL: mas houve uma petição e pessoal a não querer

ASi1: o que eu vejo é que há uma grande falta de informação, e a falta de informação faz com que as pessoas se revoltam, e as pessoas revoltam-se porque são levadas às vezes pelo líder e levada... às vezes até contra a própria vontade, porque eles não sabem do que se trata, chegam lá pessoas a dizer “vão perder os direitos já, vão perder todos os direitos” e as pessoas revoltam-se. Mas se fosse bem explicado eu acho que as pessoas não se revoltavam porque a mini-hídrica não é prejudicial, apenas traziam benefícios para a freguesia

AL: traz benefícios para a freguesia?

ASi1: trazia benefícios para a freguesia. Tudo o que isto... as eólicas e... tem de trazer benefícios, se não trouxesse benefícios claramente que não se deixava construir a mini-hídrica, a mini-hídrica tinha que trazer benefícios e trazia. E os benefícios que eu negocieei, negocieei, não está lá escrito no papel, mas no tempo em que eu era presidente de Junta, presidente dos baldios, tinha negociado com grandes vantagens para a freguesia uma mini-hídrica. Só que depois não houve acordo entre a Câmara, o CD e a Junta e aquilo que eles se propunham a fazer, que era um embalse que era feito no concelho de Monção que nos desviava a água para o concelho de Monção e nós isso não queríamos

AL: e esta aqui dizem também que

ASi1: é esta!

AL: ah, está bem, que poderia reduzir o caudal e

ASi1: claro que há sempre, fazendo uma obra há sempre alterações. Por exemplo... nós temos a mania que somos contra tudo, portanto se há uma fábrica que se instala no nosso concelho, ou no concelho vizinho, somos contra ela, umas 300 pessoas. Depois de a fábrica estar feita, para outras 300 ou 400 pessoas a fábrica é muito boa, acontece isso com as eólicas, a mini-hídrica, as barragens, é-se contra tudo, as pessoas são levadas a ir contra tudo, mas é claro que as coisas fazem falta, e só assim é que funcionam, nós queremos aceder a luz, nós queremos água, nós queremos, então não se pode fazer uma captação de água, mas nós queremos água nas casas, como é que se faz. Queremos um caminho mas não queremos deixar alargar um caminho, como é que passa? Tudo o que é bases não é, tudo o que se faz, mexe com bases não é, claro que mexe, não vamos dizer que não se

mexa, há sempre alterações, um caminho tem alterações, uma rede eléctrica traz alterações, uma mini-hídrica traz alterações, uma eólica traz alterações, tudo traz alterações, mas para estarmos num mundo desenvolvido temos que também sujeitar a certas regras

AL: pois... e o baldio para as pessoas agora, aqui... qual é a maior importância que assume para a população?

ASi1: os baldios são muito importantes para as pessoas da freguesia, é importante para a extracção de lenhas, de matos, de pedra, para os subsídios, sem eles não podiam candidatar-se aos subsídios. É uma grande fonte de riqueza para as pessoas...

AL: exacto... tem importância para o desenvolvimento local, destas comunidades, ...

ASi1: para o desenvolvimento, para as ITI, para as INP, e sobretudo para as pessoas terem aqui as suas explorações, porque senão não se podiam candidatar aos fundos comunitários, ou dificilmente conseguiam. Porque há pessoas que têm 60, 70, 80 animais, como é que se podiam candidatar? Não podiam... enquanto as leis estiverem assim ainda podem

AL: e essas pessoas não conseguem fazer “sobreviver” essas produções sem os subsídios?

ASi1: não podem, sem os subsídios não

AL: porquê?

ASi1: porque essas raças autóctones... nós aqui vivemos as nossas raças autóctones, que é a da cachena, a do garrano e dos rebanhos, portanto, a cachena é uma raça a preservar, é uma raça autóctone, e os garranos, se nós deixarmos de os produzir acaba esta raça, o que é muito importante. Portanto, depois a cachena, embora seja uma carne saborosa, é uma carne que a carcaça da pouco peso. Pronto, isso para o talho... embora seja uma carne muito boa, uma carne muito gostosa, suculenta, é muito ... rende muito pouco, muito pouco dinheiro, portanto... tem de ser apoiada. Que é para as pessoas que vivem aqui no meio da serra, portanto, nós estamos no PNPG, na dita Biosfera⁵⁵, que eu tenho dúvidas, mas pronto, na Biosfera, e que se nós queremos manter o parque temos de manter esta nossa raça, temos de manter a nossa gente, temos de manter gente no parque... porque o parque sem vida não é parque, tem que ter vida, tem que ter estas aldeias, tem que ter estas tradições, tem que ter os seus usos, eu repito, mas tem que ter estas coisas todas. E portanto há que investir... e um Parque Nacional, nós queremos ter um parque não podemos ter um parque só de nome “parque da Peneda-Gerês, um parque com não sei quantos hectares...” para quê? Só para dizer que temos? Ainda há pouco tempo fui aos Picos da Europa e vi aquilo espectacular, bem trabalhado, bem gerido, que era bem financiado, que era... aqui não, o nosso parque está a morrer, está a cair, a cair de podre... as casas florestais abandonam-se, os caminhos abandonam-se, os trilhos abandonam-se, as pessoas estão proibidas de tudo e de mais alguma coisa, não queria que se desse dinheiro

⁵⁵ Refere-se à classificação da região como Reserva da Biosfera pela International Union for the Conservation of Nature [IUCN]

às pessoas, queria que se criasse condições para as pessoas, criasse um melhor modo de vida, abastecimento de água, em que tivesse acessibilidades, para eles para as casas e para os campos, em que tivesse saneamento, em que tivesse luz eléctrica, em que tivesse... sei lá, um certo número de coisas em que não tivéssemos tantas restrições. Embora sabemos que numa área preservada, reservada, temos que nós também ceder, mas também queremos usufruir de algumas coisas. Porque nós também estamos aqui no meio do monte, queremos ir a um teatro de revista não temos, queremos ir para o aeroporto temos de andar quilómetros, queremos ir para uma autoestrada temos que pagar, queremos ver futebol temos que ir para o estádio que nos fizeram, portanto nós aqui não temos direito a nada. Nós somos portugueses, em relação a lisboa ou ao porto, somos portugueses de 5ª. Não temos direito a nada. Nós estamos a pagar para o metro, não temos metro. Estamos a pagar pelos autocarros da carris, não temos. Estamos a pagar para os aeroportos não temos. Estamos a pagar para o estádio de futebol, temos que nos deslocar quilómetros para ir ver o jogo, nós pagamos, temos de contribuir, mas não usufruímos. Nós em relação a lisboa estamos, eles estão em 70%, e nós estamos em 30 se calhar. Mas pagamos como eles, pagámos impostos como eles, pagámos como eles. Mas não estamos em pé de igualdade todas as pessoas. Nós vivemos aqui encravados no meio da serra, com dificuldades de tudo, longe de tudo e perto de nada. Ainda nos proíbem tudo, tudo é proibido. Até para tirarmos... quando era presidente de Junta precisámos de... porque as trovoadas, porque as cheias levaram-nos a estrada, tivemos que suportar a estrada e tirámos um bocado de saibro no monte e tivemos de pagar 4000 euros de multa, isso é um contrassenso, “ah, você tem de ir a outra freguesia buscar saibro”, quer dizer, tínhamos de andar com camiões 20 ou 30 kms para ir buscar saibro, quando temos aqui saibro. Portanto são coisas que não tem jeito nenhum de existir, mas pronto. Proíbe-se sim senhor, agora nada... nós não queremos dinheiro, queremos que nos deem melhores condições de vida. Porque é que da minha freguesia tenho de pagar um táxi para ir para os Arcos, e outros sítios tem metro, tem autocarro, tem comboio, tem tudo, nós não temos nada, somos os portugueses marginalizados, não temos praia, temos de andar kms

AL: bom, mas isso já é outra coisa, vocês têm outras coisas não é

ASi1: não temos nada, porque em troca dão-nos a serra, os rios, mas nós não temos nada, eles não pagam nada para vir cá

Soajo: AS1

AS1: não! Nós ficámos a ganhar, porque conseguimos eliminar 40 explorações para fazer essa nova reatribuição... eliminámos 40, portanto tivemos baldio de sobra, ainda consegui dar mais 3 hectares a cada agricultor, porque sobraram, e ainda ficámos com cerca de 700 hectares para novos agricultores que quiserem

AL: ai que bom!

AS1: é, por acaso este ano fizemos esse... agora já nos arderam muitos hectares, este ano já nos arderam perto de 200 hectares, já não sei agora, agora não sei...

AL: já não conta como área forrageira...

AS1: já não conta

AL: e conseguiram por muitos jovens agricultores agora por a candidatura?

AS1: por enquanto temos 3 que vão iniciar agora, temos 3... mas que não serão com baldio... mas já é bom

AL: ah, é sem baldio? E conseguem?

AS1: sim, sim, sim, porque é aquela história das galinhas, daquelas coisas, que já não pode ser com baldio, mas prontos, não temos assim muitos problemas com área...

AL: e com jovens (RISOS)?

AS1: não temos...

AL: pois, é isso... aí já têm alguns problemas não é...

AS1: é um problema, e eu gostava através dos baldios de poder ajudar e de fazer com que as pessoas viessem para cá, ainda tenho de encontrar aqui alguma ideia luminosa

AL: (RISOS) pois é, isso é o que mais... aliás, isso é uma das mais-valias do baldio, é poder criar de facto alguma, lá está, as tais ideias luminosas, que façam, que atraiam as pessoas a ficar aqui... agora não sei...

AS1: eu acho que é assim, eu acho que nós aqui precisamos de formação e eu já pensei atribuir uma verba, assim uma coisita, para os jovens poderem se formar, porque é assim, há pouco dinheiro, aqui não há trabalho nenhum e atribuir uma bolsazinha para irem, porque nós temos crianças aqui com 20 anos que não sabem ler

AL: ai sim?

AS1: falta de incentivo...sim! É triste... e eu gostava de poder mudar isso um bocadinho, criar assim, sei lá, uma bolsa ou uma coisa qualquer... não é, porque as pessoas aqui, como os pais têm poucos estudos as crianças, o que é que acontece, enquanto não há nada estão à espera dos 18 anos para emigrar... portanto, eu acho que o trabalho dos autarcas agora neste momento aqui na nossa freguesia seria quase de pegar neles pela mão, porque eles, não faltam ideia, não sabem como, às vezes é só trabalhar um bocadinho com eles e eles vão, mas agarrar neles e ajudá-los a criar uma microempresa, um projectozinho pequeno, iniciar e seria por aí... infelizmente não é assim... o senhor presidente da Junta, que compete mais a ele do que aos baldios não é... mas pronto, eu se puder através dos baldios vou fazê-lo porque ao menos enquanto lá estiver faz-se alguma coisa

AL: pois... então a ideia, a sua perspectiva de futuro para os baldios é baseada na floresta, pelo que eu percebi, não é?

AS1: floresta e em tudo o que é agricultura... é mesmo isso, é incentivar o mais possível os jovens a se candidatarem, não é, a essas coisas, a terem alguma formação

AL: é muito estranho de facto... pois. Ai, ai, não sei... então vocês agora o único dinheiro que têm para gerir é o das ITI?

AS1: ITI, do PNPG portanto...

AL: que é só para os sapadores não é?

AS1: exactamente, é para os sapadores, e não chega

AL: pois

AS1: é uma pequenina ajuda, não chega para nada, é só salários, cinco salários mensais, não é, despesas de gasóleo, manutenção do carro, máquinas, reparações de máquinas, seguranças sociais, IRS, nós gastamos cerca de 60 000 euros

AL: pois... por?

AS1: por ano

AL: ano, ok

AS1: portanto, não chega também... e olhe, tentamos assim... quero ver também se... mas é difícil porque o plano de actividades é muito grande, mas como a população é muito envelhecida, se conseguíssemos comprar um tractor e comprar aqueles utensílios todos que vão agarrados ao tractor

AL: (RISOS)

AS1: era engraçado... era engraçado não, havia uma possibilidade de trabalharmos para os privados, mediante um custo menos pesado do que pode haver aí certas empresas não é, para limpar bouças ou coisas do género

AL: sim, sim, era bem visto

AS1: exactamente, e já falei disso numa assembleia e as pessoas estão bastante interessadas, só que é o que eu digo, é preciso uma ajudinha financeira não é, ou da Câmara Municipal ou do ICNF, o ICNF não participa em nada connosco

AL: sim, acho que agora... agora esses jovens... é um jovem que está lá agora não é? O Márcio não é? Houve agora uma... não sei se é de agora mas pelo menos agora há bastantes, há algumas freguesias que têm jovens à frente dos baldios e que estão a tentar precisamente mudar um bocadinho, tal como a Cristina... mudar um bocadinho essa situação...

AS1: e tem de ser, tem de ser, porque se não, não se faz nada, opa eu se me apanho agora com 500 000 euros, eu dava aqui uma reviravolta nisto, comprava-se máquinas e fazia-se e plantações, não... porque na verdade ele foi para algum lado, não é... agora nós temos de garantir salários, temos de garantir tudo isso, opa temos de apertar um bocadinho mas eu espero que daqui até ao fim de janeiro consiga arranjar um tractor, mas claro que se ele é bem orientado, aí eu vou-lhe dizer, sabe quanto é que nós temos de custas de ... não de representação mas de... almoços e jantares este ano?

AL: para os sapadores?

AS1: não, não. Aquelas coisas que nós podemos ir jantar se vêm engenheiros ou, pronto, aquelas coisas normais...

AL: ah

AS1: 120 euros!

AL: de...

AS1: refeições...

AL: mas durante quanto tempo?

AS1: um ano!

AL: mas isso parece-me não muito...

AS1: pois, parece-lhe não muito porque nós quando almoçamos, almoçamos à nossa custa

AL: ah, ok... não estava a perceber

AS1: e sabe o que é que foi estes 120 euros? Foi a despesa do jantar de natal dos sapadores... antigamente havia 4000 euros de...

AL: Aaah, está bem...

AS1: a sério... claro que se a gente vai com a intenção de... não é? Tudo nosso... eu não ponho gasóleo no meu carro com o cartão dos baldios, porque parece-me completamente... é assim, ninguém me obrigou a ir para lá... está a perceber?

AL: pois, essa atitude tem que mudar dentro dos CD...

AS1: pois claro que tem de mudar e para isso tem de haver contabilidade, e devia de haver alguém que se lembrasse de vez em quando e dissesse assim, "olhe, vamos lá a ver a contabilidade dos baldios" ... não é? E as coisas resolviam-se...

AL: a comissão de fiscalização não tem feito esse papel?... Bom, antes não, de certeza não é...

AS1: oh... ouça lá, a fiscalização que nós temos nos baldios é uma lista que é feita connosco, que não deveria, não deveria...

AL: correndo bem até parece-me bem, não é...

AS1: claro, o que é que acontece por exemplo este ano na Junta de Freguesia do Soajo? Como é que as pessoas do mesmo partido estão a fazer oposição ao presidente da Junta... isso é um trabalho do conselho de fiscalização dos baldios, não é? Se nós pomos um presidente da Junta que é completamente estúpido e palerma e que está a estragar tudo, a assembleia tem a obrigação de não o ajudar... o conselho de fiscalização dos baldios tem exactamente isso que é "vamos lá a ver, o que é que foi feito? Mostra-me lá as facturas e vamos a ver..." ... não é? Por acaso nós temos a obrigação de fazer uma assembleia por ano... já fizemos cinco!

AL: ai sim?

AS1: exactamente, porque é normal que os compartes vão e que saibam o que é que se vai fazer e o que é que não se vai fazer e como é que vamos fazer e essas coisas todas... portanto, este ano e com esta história toda dos baldios é normal que eles saibam o que é que se está a passar, para não haver surpresas, não é? E o conselho de fiscalização sabe essas coisas porque nós fizemos muitas assembleias porque se não, ninguém diz, ninguém está para se chatear

AL: ninguém se lembra de... ok, pois, pois, pois

AS1: agora também é assim, nós por acaso temos bastante juventude agora que está interessada, as nossas assembleias são bastante concorridas, muita juventude, até a oposição, que são todos da CDU, e que questionam e que veem e que até acharam muito pouco 120 euros

AL: pois, pois... e é malta que vive nas aldeias, essa juventude?

AS1: uuuuh

AL: ou que pelo menos vêm frequentemente à aldeia...

AS1: vêm ao fim de semana, porque estão lá fora mas têm os pais, e depois alguns estão a estudar, assim, o meu filho e assim, mas que já estão interessados não é, e que estavam habituados a coisas malucas e agora...e nota-se e depois vê-se assim, realmente isto andava assim tudo um bocadinho...

AL: isso se calhar até pode incentivá-los a meterem-se também na gestão dos baldios...

AS1: o objectivo é esse não é, que ocupações já eu tenho bastantes não é? Agora era interessante que com 25-30 anos comesçassem a ter mais ideias, e até porque se trabalhassem bem podiam ter um salario não é, fazer disto uma forma de cooperativa e fazer 3 salários a tempo inteiro, pro exemplo, e trabalhar a sério, porque isto merece, não é? Não como nós que estamos aqui, não ganhamos nada, temos muito trabalho mas temos de trabalhar ao lado que isto é mesmo assim, temos de trabalhar em algum lado não é... e pronto, e eu acho bem, acho que seria por aí, porque senão isto vai-se tudo embora, é mesmo assim, como é que a gente pode dizer a um miúdo de 20 ou 25 anos “olha, fica aqui”. A fazer o quê? Não é possível... eu tenho um sobrinho a viver em Lisboa e acho que sim, que fez muito bem, agora o meu filho se calhar daqui por um ano ou dois também se vai embora porque aqui não faz nada... acaba de estudar e lá vai ele, não é?

AL: pois... vocês também têm feito instrumentos não produtivos? Aqueles para melhorar... acho que faz parte das ITI, para investir na recuperação do património cultural, vá...

AS1: vamos fazer, eu gostava de recuperar os moinhos, temos aqui... e os espigueiros todos, porque é assim, todos os espigueiros que temos aqui em Soajo, na sede da Freguesia, e temos em cada lugar... portanto temos núcleos de espigueiros lindíssimos e que nunca foram recuperados... era isso, as eiras, os caniços, que é aqueles espigueiros de varga, os espigueiros em pedra... as nascentes que estão no monte que são lindíssimas e que podiam aproveitar-se também e ...

AL: há fojo do lobo aqui?

AS1: há! Temos dois mas esses já foram recuperados num programa... temos várias casas de abrigo também, mas também já foram recuperadas, as lagoas, também era muito interessante se fizessemos que dava para prevenção dos fogos, não é? A água... e pronto, são piscinas naturais que são lindíssimas...

AL: melhorar os acessos e assim não é?

AS1: exactamente! Fazer passadiços entre elas...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: qual é o papel do baldio actualmente aqui para as comunidades, qual é a importância vá... que o senhor João vê, ou que as pessoas em geral veem no baldio?

PB1: a importância dos baldios aqui da população praticamente é zero

AL: é? As pessoas não dependem do baldio, não...

PB1: não... é zero, e eu digo isto zero porque as pessoas o que querem é caminhos limpos e terem a liberdade que tinham antigamente de ir buscar acolá um pau ou buscar uma coisa qualquer, mato já ninguém vai buscar, já ninguém o quer, não há animais acabou... agora para ir buscar um pau aqui ou um pau acolá é tudo. A população não se importa com nada disto

AL: mas se de repente o baldio fosse vendido, vamos imaginar

PB1: é impossível

AL: não, mas vamos imaginar que era entregue às... porque esta nova lei prepara um bocadinho o caminho para a entrega às autarquias

PB1: sim, mas depende das situações, que há compartes que têm os terrenos baldios registados, são deles, é isso que é a diferença

AL: como assim?

PB1: sim, há muita gente, há muitos casos em que o terreno é todo deles

AL: deles quem?

PB1: dos próprios compartes, está registado em nome deles próprios

AL: mas vocês também...

PB1: nós não...

AL: então?

PB1: nós temos o baldio mas o baldio não é nosso, o baldio é do parque, era da floresta, é do Estado

AL: mas a partir do momento em que vocês se organizam

PB1: mas o deles é deles próprios

AL: Mas pelo que eu percebi a partir do momento em que os compartes se organizam e reclamam, digamos assim, o baldio para si, passa a ser propriedade da assembleia de compartes

PB1: mas não podemos vender

AL: não, vender não, não é uma propriedade privada

PB1: mas eles têm-no registado, há muitos que têm os baldios registados

AL: mas acho que a nova lei agora obriga a registar na matriz predial o baldio

PB1: não

AL: está lá escrito, que têm que registar e que só assim é que se safam de pagar o IMI

PB1: não, porque os baldios não podemos registar uma coisa que não é nossa

AL: mas isso é que torna a nova lei um bocadinho discutível e polémica, porque trata o baldio como se estivesse incluído no comercio jurídico

PB1: se eu for registar, por exemplo, os 900 e tal hectares que temos, o Estado não tinha, nem parque nem nada, não tinham que meter aqui o nariz, nós botávamos o parque fora

AL: pronto, mas a verdade é que é isso, agora estamos a falar de um caso muito específico que é os baldios do parque, mas a lei é geral não é só para os baldios do parque, é para todos, e lá está escrito que são obrigados a registar o baldio na matriz predial e que só dessa forma é que passam a ser isentos de IMI, pelo menos é o que eu...

PB1: nós não pagamos IMI

AL: pois não, não pagam IMI, mas uma das alíneas, e é o que está lá escrito, pelo menos é assim que eu li, uma das alíneas diz precisamente que passam a não pagar IMI mas para isso têm de ter o baldio inscrito na matriz predial

PB1: não foi isso que eu compreendi

AL: é que esta nova lei é precisamente muito contestada e polémica por causa da forma como trata o baldio como sendo uma propriedade privada e não é, é uma propriedade comunitária...

PB1: eu acho que o problema, o que traz mais polémica para mim é o... foi aquela zona que eles tiraram, que disseram que nós por exemplo, que nós de 900 passamos a 300 hectares

AL: sim

PB1: bom, uma zona que era florestal, outra zona que era passagem de linhas, de ribeiros e penedos, quando nós vemos de 900 passar a duzentos e... a 300 vá hectares... isto é tudo maluco. Onde é que comem as cabras? No meio dos penedos, nos íamos à serra, eu vou à

serra, vejo uma camada de cavalos todos no meio das pedras da Peneda, não é como eles dizem, no meio das pedras há comida, no meio dos penedos há comida, e eles dizem que não, mas há, debaixo das linhas há comida

AL: das linhas de água?

PB1: não, das de alta tensão... nas corgas... para que é que serve uma corga? É para os animais beberem, não serve para outra coisa, já sabemos que onde passa a água não há comida caraças, então porque é que eles, se... um animal não come só, também bebe, então porque é que uma corga é tirada do pastorício?... foi isso que nos levou mais ao fundo da história, porque nós dissemos "entre os penedos há comida! Debaixo das colunas há comida! Os ribeiros não há onde passa a água... mas é um alimento igual como o pastorício, a água é um alimento, então porque é que eles nos tiram esses hectares? E ficou escrito que... que eles queriam fazer uma nova revisão e essa revisão já foi feita, porque nós agora só nos tiraram 100 hectares, nos já estamos nos 800 hectares outra vez, pela nova lei que me deram ontem

AL: então houve uma nova revisão em todos os baldios ou foi só aqui?

PB1: ah, em todos. Porque nós tivemos sorte porque sobre essa revisão que fizeram, nós temos muita giesta, e eles consideram a giesta como pastorício, e não é

AL: é mesmo falta de conhecimento do terreno

PB1: é claro. O nosso baldio está coberto de giesta e eles consideraram a giesta como pastorício, nós e a Soajo também, há para ali uma região da zona do Soajo que tem muita giesta também, que também lhe acrescentou muito, fomos nós e eles, ainda ontem estive a conversar com o engenheiro Carlos Pinto, olhe, foi Britelo e uma freguesia de Soajo que teve um aumento enorme

AL: pois, também não fui muito explícita... imagine que a partir de certa altura as pessoas aqui da comunidade deixavam de poder aceder ao baldio, recolher as suas lenhas, recolher os seus matos, pastar os seus animais e por aí fora, qual era a maior perda para estas pessoas?

PB1: não há perda nenhum porque isso não acontece e nem nunca vai acontecer

AL: sim, é só para eu perceber melhor qual é a importância do baldio para as pessoas nos nossos dias

PB1: aqui os baldios, a maior importância para a população é caminhos, que têm direito a eles todos, não haja dúvida

AL: para irem para a serra, para...

PB1: para irem seja lá para onde for que eles lhes interesse mais, e é ir buscar quatro paus aqui de giesta, um pinheiro que morreu ou uma coisa qualquer assim do género. O resto eles não se interessam nada. Mas agora se viesse uma lei, como diz a senhora, se viesse

uma lei... “ninguém tem direito a ir buscar nada” ... isso então eles não iam querer saber de nada disso, eles iam igual

AL: porque é muito importante esse tipo de recursos não é?

PB1: claro! E agora actualmente o que é que fazem? Já viu o preço do combustível do gasóleo? Antigamente não tinha aqui aquecimentos, era tudo a gasóleo, tudo deixou... passaram tudo a lenha. E agora tudo anda à lenha para se aquecerem no inverno

AL: mas as pessoas não participam muito na gestão do baldio

PB1: não, a gestão do baldio é que vêm ter com o presidente “eu precisava de um tractor de giesta, posso ir cortar?”. E nós íamos com essa pessoa “olhe, tenho aqui isto, é deixar isto bem cortadinho à terra e agarrando em tudo o que fica e deixar tudo num monte para nós virmos queimar depois em outubro, senão leva um ano e no outro ano já não leva... é assim

AL: mas é difícil arranjar pessoas para os órgãos de gestão? Imagine que agora o senhor não podia continuar, o senhor João

PB1: ai não, ai há, há sempre, há sempre. Embora não seja tão bem organizado, eu também não digo que sou... mas gosto das coisas direitas. E às vezes, eu tem-me acontecido, que vou para aí abaixo... infelizmente agora tenho de andar um bocado a pé, perder peso

AL: (RISOS)

PB1: é verdade, e então eu às vezes vou por aí abaixo e diz-me “olha que fulano disse isto assim e assim e assim”, ok, obrigado. Ao ter a oportunidade de falar com essa pessoa vou já falar com ela, vou falar com ela digo-lhe “ouvi dizer que disseste isto assim e assim, tu achas que o que disseste que é normal pá?” “opa, eu acho que isto assim que não está bem, aquilo, aqueloutro” e eu então explico da maneira, ou que temos a intenção de fazer ou como se vai fazer. E eles aí dizem já “ah, mas não foi o que me contaram”. Eu digo, a coisa mais importante que nós temos é o diálogo, é a primeira que está em todos os serviços, seja em associações, que seja em compartes, que seja na Junta, que seja na Câmara, que seja no que for, é o diálogo, para mim isso é o mais importante

AL: sim, sim, concordo, principalmente se se encontra a gerir recursos comuns, se não houver comunicação...

PB1: exactamente

AL: então e diga-me só, é a ultima coisa, e no fundo está relacionada, com esta falta de jovens e com as dificuldades que estas regiões cada vez mais enfrentam, como é que vê isto daqui a uns tempos? O que é que acha que aqui as pessoas podem agarrar para manter aqui as pessoas e os jovens se sentirem atraídos para ficar na região

PB1: é difícil, é muito difícil, porque nós estamos numa freguesia muito envelhecida, está a ver, eu tenho 70 anos, vou fazer 71

AL: olhe, está muito bem conservado

PB1: e a maior parte das pessoas aqui estão entre os 50 e os 70 anos

AL: e acha que o baldio podia servir como ferramenta para manter os jovens por cá

PB1: não

AL: através dos programas para jovens agricultores...

PB1: não, não, não. Os jovens na agricultura, a nossa agricultura não vale nada, aqui na zona não vale nada

AL: mas aqueles programas para criação de gado e...

PB1: só se for para criação de gado ou de outras coisas

AL: porque há programas para isso não há

PB1: há muitas coisas, podem fazer explorações de outras coisas, eu tenciono fazer uma para o meu filho, que está cá um, fazer uma plantação de castanheiros, tenho uma área que faz um hectare e meio, e já fiz isso e vou fazer uma candidatura

AL: pois, mas acha que o baldio não pode servir como ferramenta para isso, para manter cá os jovens, projectos agrícolas e não sei quê... quando eu digo agrícolas refiro-me também a produção animal... acha que não, mas porquê?

PB1: eu vou-lhe dizer, tudo isso dessas produções de animais eu às vezes até me dá vontade de rir, porque a produção dessa pessoa que tem a maior quantidade de gado, é da cachena, e tem graça que nós temos aqui muitos, na Ponte da Barca, muitos talhos. Nunca vi mercado num bocado de carne de cachena, portanto nós temos aqui a nossa zona é a cachena, porque é que nesses restaurantes... nesses talhos, não há carne especializada nossa cachena? A carne que nós temos às vezes aí nos restaurantes, cachena, é tudo do lado dos Arcos

AL: mas porque é que é isso assim, eles [os produtores locais] vão vender aos Arcos?

PB1: pois, dá impressão que eles ou comem-nas em casa ou não sei como é que eles podem fazer, porque 40 vacas têm de ter 40 crias, para onde é que passam as crias não sei

AL: mas pronto, isso é esse senhor não é

PB1: não, os outros que têm 4 ou 5 vacas que têm as crias vendem-nas, esses vendem-nas. Mas as pessoas para fora, ou para os talhos ou... o que a mim me admira é que, se a senhora entrar na Ponte da Barca há pelo menos seis talhos. Entra num talho "olhe queria um bocadinho de carne de cachena" "oh, não tenho"

AL: pois, de facto é estranho. Mas mais uma razão para os jovens formarem sistemas de produção e criarem esse tipo de oferta

PB1: não... não temos

AL: então como é que vê, a que é que os jovens se podem agarrar para haver uma... sei lá, um rejuvenescimento da população

PB1: os jovens aqui estão todos... a maior parte dos jovens emigraram para longe. Eu tenho quatro filhos, está cá um e os outros estão todos lá. Tenho oito netos e os netos estão todos fora

AL: então como é que vê o futuro aqui da...

PB1: muito mau, vou-lhe dizer, isto ao fim talvez dos últimos... dez anos isto é... um deserto

AL: e na sua opinião o que é que poderia salvar a situação, mantendo mais os jovens?

PB1: eu para mim para salvar esta região, para dar trabalhos... eram umas fábricas, para aí uma fabrica qualquer, como nós temos muita giesta, e sabe que a giesta tem... como é que lhe chamamos nós... dá dinheiro, quando ela é moída dá muito dinheiro

AL: biomassa e não sei quê?

PB1: exactamente. E temos outras, austrálias, essa coisa toda, era fazer uma fábrica para moer isso e mandar para fora, isso é bem pago, se não... a barragem temos aí a barragem é tudo comandado lá do quinto caneco, nunca tem duas pessoas ao serviço, a barragem destas, que produz electricidade para todo o lado, para o estrangeiro, para França, para Espanha, para todo o lado e o continente todo coberto de... para afinal, do que é que serve isso a nós?

AL: e a nível local não tem grande

PB1: não tem nada, não temos benefício nenhum, nada! A EDP desgraçou-nos, a EDP e o Parque

AL: turismo...

PB1: turismo, então, se for camara nem pensar, eles nem falam, "nós vivemos do turismo", já lhes tenho dito a eles, isso é tudo uma aldrabice o que eles dizem. E se a senhora ler os jornais aqui do concelho, o presidente só fala "apostamos no turismo"... não vejo nada de turismo. Eu o turismo que vejo aqui são os emigrantes que vêm no mês de agosto, não vejo mais nada. A senhora vem aqui no mês de dezembro e não vê aí ninguém fora da estrada, agora ainda vê aí uns carrinhos

AL: eu vim em maio e já vejo uma diferença enorme para agosto

PB1: mas isto... está um bocadinho complicado, está um bocadinho complicado...

AL: e acha que o baldio não vai ter um papel importante nesse aspecto...

PB1: não, porque não tem rendimentos suficientes para se fazer seja lá o que for

AL: nem é possível pô-lo a render?

PB1: depois temos uma coisa muito mal feita, imagine, eu queria fazer um estradão a comunicar um com o outro, são bens florestais, se há um incendio um camião passa de um lado para o outro. Pois mesmo nisso tenho de fazer umas demandas e ainda me dizem “e com certeza que não te vêm aprovadas”

AL: pois... e faz a quem, ao ICNF?

PB1: sim... isso já corta um bocado as pernas, porque antigamente quando se queria fazer um caminho fazia-se, não tínhamos que pedir a ninguém, agora não se pode fazer nada, não se pode, nem um buraco se pode fazer no chão, senão leva uma multa de 3000 a trinta e tal mil, porra! Não se pode cortar uma pedra no monte, a pedra só se pode trazer aquela que está solta

AL: tem de pedir licença, não é isso

PB1: oh, nós fizemos ali uns trilhos, uns caminhozitos lá para a Via Sacra ali, ali ao pé daquela casa, e a capelinha em cima, para fazermos a Via Sacra, houve uma pessoa que nos acusou que nós andávamos a remoer a terra, veio dali o engenheiro, tivemos de mandar logo um *e-mail*

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: qual é que é a principal importância do baldio a nível local? Para as comunidades, actualmente?

PE1: neste momento é o garante da actividade pastorícia, neste momento é, não tenho dúvidas nenhuma relativamente a isso. A floresta acredito que venha a ganhar mais predominância... quer dizer, tenha um peso mais significativo. Agora nós também nessa área estamos um pouco limitados, por exemplo, fomos e continuamos a ser um bocado abordados pelas celulosas, não é, para, que até apoiam, até fazem contratos de concessão de áreas para o eucalipto, para espécies de crescimento rápido, nós nesse aspecto acabou-se, quer dizer, é para esquecer. O pinhal... não sei, mas o pinhal é a única espécie de crescimento mais rápido que nós podemos explorar, o resto está fora de questão, também temos limitações nessa área. Não vamos fazer uma plantação de carvalhos para... nem de sobreiros nem nada, quer dizer, estávamos 60 anos à espera

AL: e quais são os principais rendimentos no baldio?

PE1: os nossos rendimentos, pronto, a floresta alguma coisa residual, e depois são as candidaturas que temos feito a ITI, neste momento, as candidaturas às equipas de sapadores florestais que vão, embora também com bastante dificuldade, porque também aí houve alteração de regras desde o início, o início em 2005 era uma coisa, depois até meio do ... do [*? não se entende*] mudaram as regras e agora as equipas são subsidiadas a 35000 euros. 35000 euros que digamos assim, em termos globais dá para 50% do custo associado à manutenção de uma equipa dessas, nós temos que ganhar já o resto não é? O que não tem sido fácil, não é, não temos onde ir buscar recursos, tentámos fazer protocolos com outras entidades, com as camaras, as juntas e não sei que, a ver se conseguimos. Para já penso que consegui manter mas não sei até quando. E depois fora isso, olhe, nós não podemos fazer contrato para a exploração de inertes, nós não podemos fazer contratos para a exploração de energia eólica, nós não podemos fazer contratos com

empresas de celulose e tudo o mais, que querem e estão interessados e pagam e não sei quê, também não podemos. Está a ver a nossa limitação na manutenção de todo o tipo de recursos não é? E essas limitações são do quê? São pelo facto de estarmos no Parque Nacional... não é? Pronto, aquilo que nos vêm dizendo, e eu acredito que sim, que nós temos sido privilegiados na questão das ITI e tudo o mais, que é uma medida que privilegia a zona do Parque Nacional e tudo o mais, mas elas não existem só para aqui. Ou seja, tudo bem que eu até acredito que sim, que pronto, que se tenha um benefício por aí, mas não acredito que seja suficiente, ou seja, há que limitar, eu sou da opinião que sim senhor, nós temos de ter estas limitações, mas isto tem de ser pago por alguém, por exemplo a energia eólica, agora já nem se fala tanto mas houve aí uma altura, houve aí um momento em que se nós, se aqui as entidades da zona do Parque pudéssemos aderir, porque até no anterior plano de ordenamento não era clara a limitação, mas no outro já foi, quer dizer, energia eólica dentro do território do parque... exclusão! No anterior plano não vinha lá isso mencionado, o que é certo é que eu sei que entraram n pedidos de autorização e eles andaram ali a enrolar mesmo naquilo, não sei que mais, até que aquilo deu em nada. E depois na revisão colocaram lá a limitação nessa área. Plano que foi aprovado com voto contra dos 5 municípios... penso que foram os 5, contra os 5 municípios da área do parque, por alguma coisa foi

AL: o plano não era aprovado pelos municípios e foi para a frente?

PE1: o plano de ordenamento é um instrumento [*? não se entende*], mas que colheu pareceres dos municípios que integravam o Parque Nacional e todos eles votaram contra à sua aprovação, mas pronto, não dependia, não era vinculativo ao...

AL: e os CD também tinham palavra...

PE1: sim, nós também fizemos, fizemos exposições na altura a contestar, questões que tinham a ver com a caça, com a pastorícia, com a exploração dos materiais, das lenhas, de não sei quê para uso próprio, fizemos várias reclamações, a caça também, mas pronto, algumas coisas mudaram em termos de... porque o documento inicial tratava quase de forma igual todas as pessoas, vivessem ou não vivessem dentro da área do parque e nalguns aspectos houve ali alguns melhoramentos não é, na não necessidade por exemplo de obtenção de pareceres para recolha de lenha para consumo próprio ou das populações, porque inicialmente isso vinha lá também, a exempção por exemplo de algumas coisas de pedidos de parecer dos residentes que também não estava prevista de início, pronto, há uma serie de coisas que melhorou, mas no essencial e nestas grandes limitações, não houve abertura nenhuma. E eu estou convencido quer dizer, que mesmo as camaras e as juntas e os CD dos baldios, seriam receptivas se vissem que estaria a ser criado um mecanismo de compensação por as limitações criadas pelo instrumento, mas isso não foi tratado, a única com que nos acenaram, digamos assim, foi com as ITI, só que pronto

AL: pois... sobra dinheiro das ITI?

PE1: as ITI dão para fazer uma gestão interessante. Uma das dificuldades que existe na gestão das ITI e mesmo destes projectos para a recuperação do património e tudo o mais, é que depois nós ao entrarmos numa logica de concursos públicos, empresas públicas e coiso, para organizar todos esses processos, não podemos fazer administração directa, e eu sei que, pronto, a administração directa há aqueles riscos disto, daquilo de fazer, mas a

experiencia que eu tenho ao longo dos anos é que resulta sempre num prejuízo, num gasto superior o facto de o facto de estarmos dependentes de dinheiros públicos, situação que impõe condições à gestão que por vezes não têm o melhor dos desfechos ... porquê? As empresas que podemos contratar têm que ser empresas preparadas para isso, são empresas que se preparam a sério para isso e que depois praticam um preço muito superior e exclui à partida empresas menores daqui da zona que podiam fazer o trabalho, é um custo menor mas que não tem os certificados de não sei quê, não tem aquilo que têm as outras grandes que se preparam e depois quem comanda os preços e quem dita os preços são as grandes empresas que se preparam para isto, que já sabem quanto é que as entidades recebem por área, por isto, por aquilo e pronto

AL: então e se vocês recorrerem uma das pequenas não estão conforme?

PE1: pois, porque as empresas têm que cumprir determinados pressupostos, desde já têm que estar registadas numa plataforma electrónica, não sei quê, não sei que mais... e os nossos pequenos empresários... porque é assim, estamos a falar de limpeza de mato, estamos a falar de... que até nós por administração directa poderíamos dar ali às pessoas e não sei quê, mas cada vez estamos mais limitados nessa...

AL: é que eu conheço alguns baldios que adquiriram um tractor e

PE1: pois, nos também temos, nós também temos tractor, e nós fazemos algum trabalho, ainda vamos fazendo, e as ITI ainda dão alguma margem para fazer esse tipo de gestão, mas depois quando partimos para projectos de reflorestação, projectos para recuperação de edificado e tudo o mais, aí já a coisa muda de figura, porquê? Porque somos obrigados a abrir um concurso público, a registar numa plataforma electrónica, as pessoas têm que concorrer por esse meio. Aliás tivemos aí algumas chatices nos procedimentos no início, porque as pessoas não estavam a contar com isso e depois foram levantadas questões pelo IFAP e pela Direcção Regional de Agricultura nesse sentido

AL: então as empresas acabam por vir se calhar das grandes cidades...

PE1: vêm de fora

AL: ai, essa não sabia

PE1: não sabias. Isto tem sido reclamado, não sei agora quais são as indicações que os serviços da direcção geral de florestas têm nesse sentido, nós tivemos, há coisas absurdas quer dizer, depois as entidades, estas entidades não têm sitio na internet, não têm pagina... depois como é que se vão registar numa plataforma electrónica que tem despesas associadas, nós aqui o que é que fizemos, a camara na altura também já tinha notado isso e como a entidade contratou, digamos assim, a plataforma electrónica para este fim, incluiu a autorização a alguma entidades para a usarem porque senão, quer dizer, cada entidade por si a ter que fazer esse procedimento... é assim a sensação que dá é que muitas destas coisas aparecem e criam um conjunto de pessoas à volta que se organizam para tirarem proveito daquilo, e isto não é controlado, e eu sei que por administração directa, por um lado chegava-se a dava-se oportunidade a pessoas de lá poderem ganhar algum dinheiro com isto com o seu trabalho e poupava-se recursos, mas pronto

AL: e era uma forma de criar emprego local

PE1: sim, e algum sustento para as pessoas não é

AL: matava-se uma data de coelhos de uma cajadada só

PE1: mas a filosofia que incrementou nisto não está com isso

Germil: PG1

AL: então qual é que é assim o grande papel do baldio aqui em Germil?

PG1: é assim...

AL: a importância...

PG1: a importância, a importância é sempre... é as limpezas, cuidar das limpezas para o controlo dos incêndios, o flagelo maior, limpar aquelas áreas onde está a proliferar a... o arvoredor, não é, o pinheiro, proteger... porque senão, o mato se vier ao mesmo tempo vai arder, portanto, limpar esses perímetros e protege-los da melhor forma. Não quer dizer que quando é, quando é um fogo descontrolado como foi o de 2010 em que não há nada que escape, não é, mas... e pronto, cuidar dos acessos, dos caminhos, pontos, como disse, de alguns pontos de [?] *não se entende*], que também já recuperámos, o fojo do lobo, já recuperámos aquilo e queremos manter

AL: mas portanto, aqui há algum turismo, algum

PG1: sim, sim, sim, há bastante turismo. Também da limpeza dos caminhos que fazemos todos os anos

AL: o turismo traz algum dinheiro ao baldio?

PG1: ao baldio directamente não. Mas traz à aldeia não é

AL: pois, as pessoas vão ao café, fazem isto, fazem aquilo

PG1: as casas de turismo, essencialmente

AL: pois, pois. As casas de turismo são exploradas localmente, por pessoas

PG1: sim, são pessoas daqui que as recuperaram e que funcionam muito bem, o que é importante não é

AL: ok, ok. Portanto o baldio neste momento, as pessoas já não desenvolvem aquelas actividades tradicionais que iam lá buscar mato...

PG1: não, mato não

AL: já não há quase animais...

PG1: não, não.

AL: quando muito vão buscar lenha não?

PG1: lenha, num caso ou outro, depois também há aqueles que também vão buscar a pedra

AL: pois, pois. Portanto, agora se calhar... o que é que o baldio traz de bom às comunidades? É sobretudo trazer...

PG1: é assim, o que traz de bom é... vamos lá a ver, no caso de Germil, é importante manter o baldio como controlo dos matos e fazer algumas faixas pronto, para que em casa de incendio se consiga controlar mais facilmente porque se assim não for, claro, há o descontrolo total e as populações correm também perigo, como no incendio de 2010 que o fogo aproximou-se das casas, o que não quer dizer que às vezes com as faixas que se cria se resolve, porque na altura tínhamos criado algumas que na altura com os ventos a 100 km/h não houve nada que se conseguisse... pronto, mas nem sempre é assim e noutros casos tem-se resolvido. Pronto, primeiro, depois também alguns trilhos que temos, mantemos limpos, etc., porque chama o turismo e pronto, o turismo, como digo, traz alguma receita à aldeia, por exemplo no caso do fojo do lobo etc. e depois também os caminhos que mantemos, os pontos como disse, etc., que mesmo as pessoas que querem fazer alguma coisa têm de passar por ali não é

AL: pois, portanto de facto actualmente

PG1: e depois pronto, aquela receita que se pretende vir a criar, como o projecto que tínhamos para o adensamento claro que se pretende que no futuro dê receita.

AL: claro

PG1: esperava-se, ou espera-se que... pronto, se houver receita possa ser aplicada até noutras coisas que não só o baldio, não é

AL: 10%, pois... e de que forma é que era possível manter estes jovens por cá? Para a aldeia um dia não desaparecer, porque se continua só com pessoas mais...

PG1: lá está, isso são trabalhos que...

AL: o que é que acha que os podia aguentar aqui?

PG1: seria... pronto, seria a criação de algumas facilidades na agricultura, que não tem acontecido ultimamente

AL: facilidades da parte de

PG1: do... é assim a agricultura é a única coisa que... é a única coisa que nós podemos aqui fazer, no local... não é? Só que de qualquer forma tem-se burocratizado um bocado nas formas de manter, pronto. A seguir a isso seria a criação, não em Germil, isso eu concordo, mas... dentro do concelho, se calhar em Ponte da Barca, criar mais alguns locais onde pudesse haver industria para os jovens ali trabalharem estando perto das suas casas não é. Porque se forem trabalhar para Braga ou Viana ou Porto já é complicado, digamos, já vão viver lá, então seria uma forma de se manter em Germil. Claro, o turismo por exemplo é uma das coisas em que se poderia apostar mas aí lá está, os jovens para apostar também precisam de ter com quê, não é? Dinheiro... e eu continuo a dizer, também é muito

burocrática a... estávamos há bocadinho a falar dos baldios e etc., as coisas são bastante burocráticas, para se conseguir uma coisa, para... recuperação de casas e etc., pa, muita burocracia muita coisa e as pessoas muitas vezes desistem porque aquilo é difícil, é... não é? E isso...

AL: pois, acredito que sim

PG1: não, porque... já aconteceu aqui no concelho, várias casas dessas para turismo, e outras que não foram para turismo mas para as pessoas e que houve um apoio de 50%, só que a forma que tinha de se fazer e as exigências e toda aquela burocracia houve pessoas que desistiram e que deixaram “opa, não vamos estar para isto, nunca mais chegamos lá”, mas pronto, com teimosia e com trabalho, enfim, isto é aquilo que eu estava a dizer, o baldio para fazer tem de ter dinheiro, e para o particular é a mesma coisa, se não tem dinheiro para pagar “ah, toma lá um apoio de comparticipação de 50%”, por exemplo, mas se a pessoa não tiver os 100% para fazer a obra não pode fazer

AL: pois, pois, tem de andar a pedir crédito e não sei quê

PG1: mas isso já sabemos como funciona, depois quando se chega no fim já é um descontrolo e é isso que o Estado devia... o Estado nem sabe que isto existe não é

AL: pois (RISOS)

PG1: e vocês aqui não têm nenhuma... sei lá, associação local ou de desenvolvimento local que vos ajude nessas candidaturas, porque eu imagino, sei lá, eu acho que não era capaz de atender a toda a burocracia

PG1: aí, portanto, na última recuperação que se fez aí foi a ADRIL

AL: a ADRIL...

PG1: de Ponte de Lima, que esteve envolvida.... Mas de qualquer forma, e isto claro que ajudou, também era difícil sem a ajuda de alguém... só que pronto, são aquelas coisas que ali poderiam ser mais facilitadas

AL: claro. E por exemplo, nas candidaturas às ITI; vocês fazem sozinhos ou também têm uma associação que dá apoio?

PG1: temos... é assim, acho que há outras pessoas, nós trabalhamos com a associação, com a Atlântica, e são eles que nos apoiam, tem que ser, porque senão é difícil

AL: imagino... eu estive lá com a Sandra, ela mostrou-me o *dossier*... a quantidade de papelada que aquilo tem, a quantidade de linhas para preencher

PG1: é, aquilo é muito trabalhoso, é o que eu digo, há burocracia a mais, se calhar há coisas que facilitam demais e outras que... que... é aquilo que eu digo, se as pessoas não forem corajosas, não forem determinadas às tantas desistem, “oh, que se lixe”, pronto

AL: sim, é isso, por isso é que eu acho que às vezes era bom que, já que a coisa está a este nível de complexidade, porque está, eu também acho que a burocracia é um exagero, então

era bom que pelo menos houvesse aqui associações locais que dessem esse apoio, embora isso também envolva dinheiro

PG1: e vai havendo, é o que eu digo, claro, só que para isso há custos

AL: pois, ou tem que se ser sócio ou tem de se pagar pelo serviço

PG1: tem de ser sócios e há serviços que têm de ser pagos, é natural, todos nós sabemos que nada pode ser com todas as facilidades, mas também há burocracias que podiam ser dispensadas

AL: e o que é que acha desta nova lei que mudou o ano passado...

PG1: do...

AL: dos baldios

PG1: acho que pronto, é mais uma machadada nos baldios, digam o que disserem

AL: pois... qual é que acha que é o ponto mais... mais ameaçador?

PG1: acho que o ponto mais ameaçador é quando dizem que os compartes que são... digamos, os recenseados no caderno eleitoral, eu não concordo!

AL: pois... como é que era aqui em Germil?

PG1: comparte é aquela pessoa que é natural ou que reside, não é, que tem residência, pronto... agora, pode haver uma pessoa que nem é daqui mas que sim, que até é, que está nos cadernos

AL: que não habita aqui, que não... nada

PG1: exacto, que não tem nada a ver com o baldio

AL: e depois há aquela questão também da actividade agroflorestal na região, não é, que também fazem parte... o comparte também para além de ser isso que disse também é qualquer pessoa que exerça uma actividade agroflorestal

PG1: exactamente, exactamente. Quer dizer, eu acho que isso que é mais uma forma de baralhar as coisas para... eu acho que isto na minha maneira de ver traz aquilo que falámos há bocadinho, é dificultar as coisas, ir dificultando para que... para deixar de haver gestão e depois venham “ah, não há gestão, o Estado tem que entrar”, porque isso é aquilo que se espera e aquilo que... porque eu acho que ... epa, se fizessem alguma coisa para melhor, eu até concordo, agora mexer nalgumas coisas, epa, eu acho que é... não sei, não sei...

AL: não vê aí grande vontade de melhoria...

PG1: não. Não, não, isto acho que só piora as coisas. Isto... eu volto ao mesmo, eu não estou a falar de política mas eu acho que isto é uma merda pa, eu votei por eles, eu acho isto uma merda, só faz asneira em cima de asneira, é nos baldios e em tudo pa... foi a lei dos baldios,

foi a classificação das áreas das pastagens, o que é que eles querem? Querem correr connosco daqui para fora? Foram chegar aos agricultores, àquelas pessoas que tinham duas vaquitas e tal “você tem que se colectar, tem que ter uma empresa” ... “eu? Como? Como é que eu faço isto? Olha, vou vender e acabou-se, quer dizer”. Isto é só machadadas na agricultura e no meio rural...

AL: sim... e depois o corte das escolas, o corte disto, o corte daquilo

PG1: tudo! Mas depois... indirectamente já lhe deram forte, mas depois foi também directamente! Eu não sei o que é que pensam, não sei

AL: pois... querem deixar. Bom não sei, isto também é a minha opinião não é

PG1: sim, mas não estamos aqui para falar de política

AL: não, não, também podia entrar agora aqui

PG1: isto é... já houve outros atrás que fizeram, mas estes não... primeiro não têm direito a nada se não se coletar, opa, nós sabemos, e quem conhece estes... para si pode ser novo mas, pa, uma pessoa tem 5 ou 6 cabras, por exemplo, ou tem duas vacas, como é que se vai colectar, como é que vai ter uma contabilidade... como é que paga? Como é que paga se ao fim do ano o rendimento, por exemplo, imagine, tem duas vacas, ao fim do ano vendeu dois vitelos, e o pessoal até tem aquilo para passar tempo e às vezes até já está reformada ou... pronto, vendeu dois vitelos por 500 euros ou 600 cada um, se for 600 são 1200 euros, e depois quanto é que paga ao contabilista, se for a pagar tudo não lhe sobrou nenhum, “mas então para que é que eu quero isto?”, então cada vez abandona-se mais a agricultura... não é? Mas o Estado não vê isso, não quer ver isso

AL: e isso é mesmo assim? Só com duas vaquinhas tinham de se colectar?

PG1: sim! Até com uma! Eu digo duas mas com uma. E as pessoas claro “eu não estou para me chatear, mas onde é que eu vou buscar o dinheiro, então e depois ao fim do ano não tenho, já não me paga o trabalho”, as pessoas trabalham às vezes pronto para ter uma ocupação e tal, agora assim? “então pronto, olha vendo”. Daí os animais começam a desaparecer. Depois foi essa... foi a lei dos baldios, e agora a das pastagens a mesma coisa, agora vieram atrás, vá, projectos novos que venham por exemplo, não é só... estou a falar do nosso baldio mas estou a falar de outros aqui vizinhos que estão com o mesmo problema “e se vier alguém para fazer um projecto não temos baldio”. Quer-se dizer, isso é cortar as pernas aos jovens agricultores que queiram, pronto... lançar-se por exemplo. Eu falo por nós, nós não temos baldio neste momento para se vier um jovem que queira fazer um projecto temos de o mandar para trás... não faz. E depois ouvimos dizer, mas há apoios, há candidaturas, os jovens... a ministra veio dizer “os jovens agricultores podem-se candidatar, pois podem, podem, não recebem é o dinheiro, mas eles podem

(RISOS)

PG1: podem, eles não estão impedidos, mas nada disto... só que depois não recebem

AL: pois... candidatam-se

PG1: não há problema nenhum, eles podem-se candidatar, mas depois não recebem

AL: de facto não percebo muito bem onde é que eles querem chegar, quer dizer, percebo mas é triste

PG1: sim, é triste

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Por outro lado ele vê na pastorícia uma possibilidade de manter os jovens no local, embora ele diga que tem sido muito difícil esta componente porque a malta quer é ir lá para fora e ganhar algum dinheiro porque aqui a coisa não está nada fácil. O que acontece é que muitas pessoas vão lá para fora e depois de lá estarem percebem que a coisa afinal não está assim tão fácil e então voltam. E esses é que são os potenciais jovens agricultores. Ele disse-me que nesta onda entraram 3 ou 4 agricultores que foram este ano candidatos a projecto jovem agricultor. Portanto ele vê na pastorícia uma possível forma de manter os jovens na zona, como ele disse 'só quando batem com a cabeça lá fora é que acabam por voltar'.

Diz que existem muito poucos jovens nas aldeias, que uns estão para França, outros estão para Lisboa, outros estão para o porto, e aqueles que cá estão ou é porque conseguiram um emprego na vila ou na EDP e pronto, que há os tais 3 ou 4 jovens que submeteram uma candidatura para jovens agricultores, mas que estes cortes na área forrageira claro que desmotiva, há muitos deles que já querem desistir, porque este corte não incentiva de todo a que se efectuem candidaturas e a que se tente começar aqui um negocio nesse sentido, porque se há cortes de ano para ano como é que vai ser, uma pessoa investe agora e daqui por um ano ou dois cortam-lhes a área, como é que vai ser?

Ele no futuro do baldio, o que é que ele vê, ele vê que, por exemplo, se deixarem de haver ITI, se deixarem de haver subsídios para limpeza e tudo o mais ele diz que tem de ser o parque a ajudar e a investir, que não faz sentido isto ser Parque Nacional só para inglês ver. E as pessoas vivem cá dentro, têm muitas limitações por estarem a viver num parque, então se deixa de haver fundos comunitários tem de passar a haver algum investimento da parte do parque novamente, como já houve. Para ele o futuro do baldio vai ter de passar necessariamente pelo turismo sazonal. E eu perguntei, turismo sazonal, então e como é que é no resto do ano? Ele responde: "... é que isto nas áreas classificadas, não estejamos para aqui com ilusões, em áreas classificadas não há volta a dar, então, não se pode fazer plantações, não se pode por eólicas, não se pode fazer produção, no que é que a gente se vai basear? No turismo, é que não há mesmo volta a dar. Claro que há sempre o pastoreio não é, mas mesmo no pastoreio andam a cortar em prol da conservação... ou em prol de poupar dinheiro, não sei.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

TC1: não... vamos ver, porque nós usufruímos isto... que rendimento é que isto nos dá, é apenas o sentimento de pertença...

AL: exacto, exacto... que é importante esse sentimento não é?

TC1: pronto e chega, e as pessoas satisfazem-se

AL: sim, sim. Não, porque eu as vezes pergunto-me o que é que move estas pessoas que andam aqui a ter um trabalhão à frente do CD, que não recebem nada por isso, o que é que os move, só têm é trabalho e chatices e às vezes conflitos, o que é que os move...

TC1: é o legado, é manter este legado, este é... é algo que foi conquistado não é, pertenceu toda a vida à comunidade, entretanto desenvolveu-se dessa forma e entendemos que devemos mantê-lo.

AL: não há qualquer tipo de dividendos para cada um dos

TC1: não, não, há agora aquilo que nós... até aqui nunca houve, nós temos neste momento um bom pé-de-meia, e o que temos previsto agora no próximo PDR, neste novo quadro... até porque participámos lá na definição da estratégia [municipal] para o desenvolvimento e a um conjunto de projectos que estão desenhados com o apoio da associação de compartes. Ainda há dias participei numa reunião no âmbito municipal para o desenvolvimento social do concelho, apenas um exemplo, e um dos temas que ali foi tratado foi dos idosos e de cuidar dos idosos e por aí fora, e eu referi... porque isto foi objecto já do nosso trabalho, referi que o, para além do... nós temos aqui na nossa comunidade vários idosos que estão a ser tratados mas de forma informal, ou seja em casa, com os familiares, e aquilo que detectamos é que estes cuidadores precisam de ser cuidados também. Há dias uma prima minha que está a cuidar da mãe veio para aqui e estivemos à conversa para aí uma hora ou meia hora, e ela disse 'ai, esta conversa soube-me tão bem'. É o alívio de... e aquilo é que deu o clique, que temos de arranjar algum esquema que... é isso, vamos agora virar-nos para as pessoas, aqui localmente uma das vertentes é esta, e então referi... queríamos desenhar uma forma de apoio para dar ajuda a estes cuidadores, por exemplo um dia de folga não é, a minha prima, a Conceição... 'Conceição à 3ª feira é teu o dia, podes ir passear, podes ir tratar de qualquer coisa, vais à Braga, vais onde te apetecer, e ter lá uma pessoa de substituição a cuidar da mãe com, eventualmente, se não for todos os dias ter dia sim, dia não, ter uma aula, ter uma sessão... ter o conforto de alguém que... às tantas não terá que ser necessariamente um psicólogo, mas de alguém que ajude a lidar e que ajude a superar este, é uma prisão e quando não deixam dormir, e permanentemente a lembrar o passado e a repetir e para além de ter de tratar.

AL: é pesado é,

TC1: E pronto, isto é apenas para lhe dar o exemplo de que há aqui áreas que temos já identificadas onde a associação vai intervir, e a forma de distribuirmos os dividendos vai ser com projectos concretos, podemos de facto fazer uma divisão do pecúlio, mas...

AL: (RISOS) isso acaba por ser muito importante, quer dizer, a presença do baldio e as receitas que daí advêm, acaba por ser bastante importante a nível local, não é, pelo que eu estou a perceber, mesmo para a própria comunidade. Acabam por fazer serviços que se calhar deviam vir de outras partes mas que vocês acabam por assumir não é? A nível social, a nível

TC1: sim, sim... neste caso sim, aliás aquilo que... claro, evidentemente que devia ser o Estado a apoiar, mas como o Estado deve ter outras preocupações...

AL: não, é que isto para mim é tudo... argumentos (RISOS). Quando há aqueles argumentos “ah, aquilo já não serve para nada, no estado actual da agricultura os baldios já não fazem sentido, pelo menos não da forma como estão a ser geridos...”, blablabla, acaba por haver muitos argumentos contra essa ideia... talvez sim, tem que haver uma adaptação, sim tem que haver... concordo

TC1: mas é preciso perceber a função do baldio não é, eu acredito, imagine, lá na região centro, em paisagens descaracterizadas e sem valor, ali perto do... não sei, Mondego ou o que seja, para além do recurso água que é importante ser preservado não sei o que é que haverá ali mais, mas aqui no nosso caso, quando o baldio tem outra função que é a de ser o garante de uma classificação do território como Parque Nacional, se calhar aqui a gestão tem de ser pensada de uma forma diversa, e provavelmente... é aquilo que eu lhe dizia há pouco, e a lógica dos apoios e... às comunidades locais será para cuidar, cuidar deste recurso, não daquela exploração como é desenhada.

AL: exploração e é o abandono não é, tem os dois lados

TC1: sim, sim

AL: e nesse sentido também é bom fomentar a população cá

TC1: não, porque aqui o perigo é... querendo agora encontrar novas formas de exploração ela tem de ser rentável e o ser rentável hoje não é subsistência não é... o ser rentável hoje é preciso ter dinheiro para um telemóvel, é preciso ter dinheiro para a internet, para a televisão por cabo, para o carro e... e enquanto que antigamente aquela ideia que se tinha do baldio, sustentável e não sei quê... sustentável... permitia criar o vitelo para vender para se comprar uns livros para o filho ou para se fazer uma despesa extraordinária, porque no dia a dia não havia dinheiro, não era... por isso não podemos estar presos a isso... hoje em dia o... para que uma família tire rendimento, para que tenha um nível de vida aceitável, tem de... e a população que está dentro do território, fazendo actividades silvopastoris, tem de ter uma actividade de tal maneira intensa que vai estragar o património... portanto, aquilo que era importante era modelar as... a função do baldio... ‘este baldio é para quê?’, é para integrar o Parque Nacional... ok, é para integrar a paisagem protegida do Corno de Bico e haver um plano macro depois integrado dos baldios que concorressem e que se adaptassem a isso. Por exemplo nós vimos aqui... eles vão fazendo isso só que o fazem de uma forma... uma chico-espertice, do tipo, tínhamos previsto realizar umas determinadas queimadas e entretanto como ocorreram incêndios o Parque Nacional ardeu mais área do que aquilo que era suposto, aliás nem sequer era suposto haver incêndio... ter ardido, então... deixaram de... ok, proibiram, não foi propriamente proibir, porque se quiséssemos forçar íamos queimar, mas não nos deixaram queimar porque tinha ardido muito no... olhando o parque como um todo faz sentido... mas é a tal história não é, com o mal dos outros... enquanto fomentarem isto funcionar assim... isto não está integrado, o que é que eu tenho a ver com os outros do outro lado? Não tenho nada... portanto, isso era preciso ter uma política e uma visão de conjunto pelo menos da área protegida, já não direi... é evidente que tinha de se integrar num sistema mas... e a questão dos baldios acho que... teria... tem de ser mais dinâmico, e

a lei não pode ser tão fechada. Atenção que a lei dos baldios serve em primeira linha uma estrutura que vive à custa dos agricultores. Há estruturas a nível nacional... há muita gente que vive em estruturas de apoio à agricultura e que estão muito... e que querem esse formato de baldios e do não se toca e não sei quê

AL: sim, sim, sim. Pois... aqui confunde-se um bocado talvez não? Aqui dentro do parque, a função...

TC1: não, eles funcionam fora [do PN], epa, refiro-me à BALADI por exemplo, e a mais do que uma federação nacional dos baldios, e depois as outras estruturas que eles têm a nível concelhio... a nível distrital e de região. Portanto eles têm um conjunto... eles têm uma estrutura que funciona dentro... muito dogmática de conceitos antigos de baldio e... e aquilo que era importante era adaptar, por exemplo, nós fizemos aqui há tempos uma exposição dos baldios do Parque Nacional, um manifesto por causa da redução das [*? não se entende*] Teve acesso a esse manifesto?

AL: da BALADI, aquele que saiu da BALADI, sobre... não

TC1: sobre a redução das áreas forrageiras, aqui no Parque Nacional...

AL: eu li um da BALADI

TC1: sim, mas nós fizemos aqui ao nível do Parque Nacional

AL: não li, não li... isso está onde? Dá para obter *online* ou não?

TC1: eu posso enviar-lhe... e então, a BALADI queria uma posição a nível nacional... está bem, ok, a nível nacional... mas o território do Parque Nacional tem importância suficiente para que se trate especificamente o Parque Nacional. E é um território diferenciado, que tem uma classificação diferenciada e que tem de ser tratado de forma diferente, não é ter favor, é diferente. Agora definam o que é que querem de cá, querem que os recursos se conservem, não querem... e o que é que querem de outros sítios, querem explorar eucalipto, querem explorar pinhal, querem... sei lá, fazer o que lhes apetece...

AL: pois, pois, pois... tem é de ser bem definida a função de cada baldio. Sim, isso é um ponto de vista interessante, sem dúvida... pois... um bocadinho associado a isso e um bocadinho associado à questão anterior, vocês aqui... jovens, há muitos aqui nesta zona?

TC1: os necessários (RISOS)

AL: é? Isso já é muito bom!

TC1: Há uma redução, como noutros sítios, há uma redução da população... curiosamente há o regresso de... nós aqui, em contraponto com outros sítios, isto tem de... tenho usado muito esta expressão, nós não temos jovens agricultores, temos novos agricultores

AL: ah, sim, eu acho que percebo o que quer dizer

TC1: e há muita gente que ainda espera uma grande longevidade e que tinham as suas actividades... nós temos aqui uma aldeia muito diferente de outros sítios, porque as pessoas não precisam, não dependem do baldio nem de... têm recursos que são obtidos

por outras fontes e... pronto, as pessoas estão bem. E temos bastantes pessoas que deixaram os seus empregos, por uma razão ou por outra, normalmente pela reforma ou pré-reforma, e vieram e retomaram... uns retomaram a actividade de crianças, de jovens não é, saíram com 18 anos e voltaram agora e é a agricultura... e há outros que nunca foram agricultores que começaram a trabalhar e a ter ovelhas e por aí fora, de tal maneira que ainda no outro dia passava ali por cima e olhei para a veiga e pensei 'olha, nunca vi isto tão cultivado como...' e comentei 'olha, está outra vez a voltar'. E não é de jovens, é de gente que está de novo, ou que voltou... de jovens... tivemos ontem aí um casamento de um jovem, aquilo estava cheio, nunca imaginei que tivéssemos tantos jovens cá

AL (RISOS)

TC1: mas não tenho esse senso, sei que temos aí muitos jovens.

AL: é? E que são activos, por exemplo não vão ter dificuldades em manter a associação *a posteriori*?

TC1: a associação vai ser tratada por velhos, os jovens vão-se embora, vão procurar emprego noutro sítio, aqui fixa-se pouca gente.

AL: pois, era mais nesse sentido, jovens fixos

TC1: não, não tenho... tem sido esta a dinâmica d[a aldeia]... eu trabalhei no Porto durante vários anos e eu ia e vinha todos os dias.

AL: pois, sim... mas de alguma forma manteve-se aqui, isso tem um lado, hoje em dia não é isso que acontece, as pessoas vão...? Mas isso ainda é muito longe não? 1h30?

TC1: é

AL: eu não teria paciência para fazer essa estrada todos os dias

TC1: mas a perspectiva é sempre a de irem trabalhar fora, os que ficam cá são sempre poucos. Eu creio que, sei lá, nem metade... tem aqui...consegue aqui trabalho, tem aqui emprego...

AL: pois... eu estava a perguntar isto no sentido de perceber qual será a continuidade da associação, mas... não está com grandes esperanças que os jovens venham a intervir nessa

TC1: a esperança passa por nós conseguirmos criar alguns postos de trabalho passando a fundação, e aí implementar uma lógica diferente de exploração dos recursos, porque eu não vou... eu acho que o baldio tem estrutura, tem... é um recurso que pode ser rentabilizado, podemos vender sequestro do carbono (RISOS), podemos vender ar do Gerês, ar puro, podemos vender silêncio, podemos vender muita coisa, e a paisagem pronto... mas isto implica ter pessoas remuneradas, nós na associação não temos ninguém remunerado, contratámos serviços, apenas... mas implicava que a associação tivesse uma estrutura com técnicos, e para isso às tantas vamos indo... se não tivesse havido aqueles... nós parámos porque surgiram um conjunto de notícias sobre as fundações e esquemas e, epa, não... aquilo que eu conheço das fundações, aliás e a nossa solução adequada é ser uma fundação, ao contrário isto é uma associação indevidamente... numa associação o património são as pessoas, uma associação vale pelas pessoas e uma fundação é pelo

património, e nós aqui o que nos une é o património, é o terreno, é... não são as pessoas, portanto a base, o objecto... e, mas se caminharmos para aí, para a fundação, creio que em meia dúzia de anos conseguimos criar essa estrutura.

AL: mas o CD não pode criar postos de trabalho? Pergunto...

TC1: a associação... também, a associação pode não é... sim, a associação também dá. Mas isto merece... mas implica depois outro tipo de compromissos

AL: sim, eu não estou a par, por isso pergunto

TC1: é... desde logo é preciso fazermos uma, um registo, fazer... há questões formais desde logo com a... que tem a ver com a propriedade que têm de ser feitos, e esses... porque por exemplo, neste momento nós não temos, enquanto que Vilarinho das Furnas fizeram a habilitação de herdeiros, portanto a associação A Furna tem uma procuração de todos os proprietários que a manda [*Não se entende*] poderes, nós aqui funcionamos... a associação vai funcionando mas de facto não há uma procuração dos proprietários

AL: no sentido de dar àquela associação...

TC1: poderes

AL: exacto, os poderes necessários

TC1: ok, funciona, as regras, a lei, permite que se crie... que alguém possa administrar, possa gerir o património comum, pronto, portanto, pode funcionar assim, mas a forma mais segura seria... porque isto, criar postos de trabalho implica uma melhor consolidação de algumas bases, e o criar postos de trabalho implica desde logo dar garantias às pessoas, é assim, e assumir compromissos que implicam ter uma base estável em que vamos... eu creio que o caminho que me parece mais natural seria criar a fundação e a partir daí criar uma estrutura que pudesse desenvolver trabalho para obter os recursos para garantir o funcionamento dessa estrutura. E aí sim, provavelmente iria pagar-se uma renda, eu por utilizar os trilhos, o... eu, por... portanto aí faz todo o sentido que depois se faça... porque passa a existir custos fixos, com uma estrutura que

AL: têm que ser pagos por alguém... pois

TC1: Depois devem estar identificadas claramente quais são as linhas de financiamento de onde se obtém receita para...

Ermida: TE1

AL: tu tens gado?

TE1: não, não tenho tempo para isso

AL: pois, nem a tua família nem nada...

TE1: não, os meus irmãos têm, mas lá é a vida deles, e eu tenho o meu trabalho

AL: e o baldio actualmente é usado principalmente para...?

TE1: para fins de pastoreio... e de recolha de lenha

AL: e continuam a usar os matos para fertilizar...

TE1: e os matos que recolhem lá para os terrenos agrícolas, para levar para as cortes do gado e para essas coisas todas

AL: ok, ok. Pois, continua a haver assim essas actividades mais tradicionais associadas....

TE1: sim, sim, sim

AL: a agricultura é principalmente de subsistência ou...

TE1: é isso mesmo, é de subsistência, mas praticamente... é uma maneira de não deixar os terrenos não ganhar arvoredo, porque não é para eles... as pessoas têm os seus trabalhos quase todas e lá vão fazendo aquilo no final de semana, porque ninguém vive, aqui não há ninguém que viva praticamente da agricultura, ninguém...

AL: ai é? Mesmo os pastores?

TE1: os pastores a maior parte deles ou estão reformados ou têm o seu trabalhito alguns ou aqui ou ali ou acolá, mesmo os pastores também têm outros trabalhos adicionais que não os de pastoreio unicamente

AL: então se o baldio por acaso vamos dizer que por uma situação qualquer passava para... isto é, deixava de ser das comunidades locais, essas pessoas não... ou seja, há alguma dependência actual do baldio, é isso que eu quero perguntar...?

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos

fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto". Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: estavas a falar-me da associação, que associação é que é?

TE1: temos aqui uma associação ligada ao turismo, à promoção turística, uma associaçãozita

AL: ah, é mesmo só ligada à promoção turística?

TE1: sim

AL: não tem outros fins?

TE1: não

AL: como é que se chama?

TE1: ATASE

AL: ATASE? O que é que quer dizer? Associação...

TE1: associação turística não sei quê da Ermida, já nem sei, deixa-me pensar, a t a c e... associação turística...

AL: da aldeia...

TE1: da aldeia comunitária da Ermida, é mais ou menos isso

AL: ok

TE1: é que eu lido com tanto documento que até

AL: vocês têm contabilidade organizada?

TE1: temos

AL: têm uma pessoa de fora que faz a contabilidade

TE1: um contabilista

AL: está bem, e essa associação é antiga ou recente?

TE1: tem para aí 8 anos

AL: o que é que tem feito?

TE1: vai fazendo uns eventozitos, umas festazitas, participa naquelas corridas que vai havendo por aqui, do Carlos Sá e não sei quê

AL: já ouvi falar

TE1: participa na elaboração dos trilhos em colaboração connosco, por exemplo este PR 14 já foi feito no tempo dos outros, mas foi com o parecer dos outros, dos antigos, não é? Eles têm que nos perguntar se podem passar no percurso ou não, depois em colaboração, pronto, resolve-se. Vamos fazer outro trilho ali mais pequeno que este para 5 ou 6 horas, para 4 horas mais ou menos

AL: isso é outra coisa que vocês fazem, dá trabalho mas não ganham nada com isso?

TE1: não... eu não! Eu olha...

AL: ah já está

TE1: vou só aqui mostrar-te um trilho que nós fizemos

AL: bora, bora. Pois lá está, atraí pessoas, as pessoas gastam dinheiro nas coisas locais, como tu disseste

TE1: mas eu também não tenho negócio turístico nenhum

AL: pois, exacto, não é de ti não é, não é para ti directamente

[saímos do carro]

TE1: se for para a aldeia e alguém na aldeia ganhar dinheiro com isso e não precisar de ir embora para estar por aqui melhor ainda

AL: pois, claro, é isso, acaba por ser bom para todos, lá está... mas essa associação não é das mesmas pessoas, ou seja, tu não fazes parte por exemplo?

TE1: eu por exemplo não, mas há pessoas que fazem parte, dos baldios que fazem parte.

. Isto é o trilho dos pastores, que os pastores usam, tinha aqui um mato enorme e nós também mandámos... mandámos fazer, aí uns 6 metros de largura, mas daqui até lá abaixo já vamos andar um pedaço

AL: sim, podemos continuar, estava só a ligar para o caso de

[espera para eu ligar o computador para tirar fotografias]

TE1: mas isto dá, é assim, não fazes a mínima ideia, mas isto dá muito trabalho mesmo, e é preciso ser inteligente para se ter um trabalho, estar a trabalhar e depois gerir nos tempos livres esta parte, estás a perceber?

AL: claro que sim. E ter disponibilidade mental para isto

TE1: exactamente. Se fores uma pessoa que não se importe, estás, és o presidente, vou para o café, isto dá tudo em balburdia

AL: claro, sem dúvida. E aqui também chamaram a empresa que fez a limpeza e tal

[o vento não deixa perceber a resposta]

TE1: há agricultores aqui que estão colectados que depois trabalham para nós quando é preciso, como foi neste caso

AL: ok... e podem não é?

TE1: podem

AL: já ouvi falar que tinha de ser x empresas, que era difícil de contratar pessoas locais e isso não fazia sentido nenhum para essa pessoa que mo disse

TE1: nós trabalhamos desta maneira, quando é trabalhos pequenos como este nós temos aí 2 ou 3 pessoas no lugar que nos passam factura ou recibo ou recibo verde ou o que for, nós temos este trilha para limpar, nós já temos o preço estabelecido, que é 850 euros o hectare mais IVA, e pronto, e a gente chega aqui mede o comprimento, mede-se as médias todas, divide-se pelo número de vezes que se mediu e dá os metros quadrados e gente paga-lhe ao hectare

AL: pois é, então o baldio acaba por ter um papel relevante para o desenvolvimento local aqui da zona

TE1: sim

AL: dir-se-ia central? Ou seja, a ausência de um recurso como este deixaria as populações um bocadinho...

TE1: as populações muito mais rapidamente abandonavam... para mim é assim, eu acho que é isto que traz aqui muita gente, isto é uma zona bonita, se não arder ainda é mais bonita, mais pessoas vêm para o Gerês, não quer dizer que venham para a Ermida mas se vierem para o Gerês já é bom, porque ao fim e ao cabo no Gerês trabalham 10 ou 15 pessoas da Ermida, não é, e trazem receitas para a Ermida, ao fim e ao cabo. Nós na Ermida propriamente poucas unidades temos, temos lá duas unidades que alugam quartos. Agora temos 10 ou 15 pessoas que trabalham no Gerês e isso já é bom

Vilar da Veiga: TV1

AL: e imagine que lhe perguntavam... se fizessem o tal referendo em que é que votava, em relação à existência do baldio no futuro... se lhe perguntassem acha que o baldio deve continuar a existir o que é que o senhor Alexandre dizia?

TV1: se eu... o que é que eu dizia? Ah, sim, sim, votarei sempre para que o baldio nunca acabe e contra as leis como estas que pode chegar uma pessoa qualquer e vender e comprar, portanto, sobre essas leis que não estão ainda... portanto, estão no tribunal constitucional ainda, que foram levantadas essas dúvidas todas, esta nova lei ainda não está garantida que seja...

AL: não, não, não, isso sim. Eu só queria perceber qual é a sua posição...

TV1: não, deve existir, pois claro. Então uma coisa que nos é dada nunca podemos deixar... isto é como a herança, nunca se pode deixar perder, até porque nós não sabemos o que é

que vai ser amanhã, quer dizer, nós não sabemos o que é que vai ser amanhã, nós podemos precisar, toda a gente pode precisar do baldio, o que é que isto é por fases, por exemplo, há fases em que as pessoas dizem assim “ah, não vou nada a lenha, isto fica mais caro ir busca-la do que comprá-la e não sei quê”, mas há outras alturas em que as pessoas vêm pedir para ir à lenha, não é, portanto é porque não a querem comprar, preferem ir busca-la do que ir comprar e portanto é sempre bom. Não, o baldio nunca, acabar nunca, de maneira nenhuma!

Vilarinho da Furna: TVf1

TVf1: [...] Aqui há tempos também, houve outra história, foi não sei onde, uma terra qualquer, também vinha lá, o primeiro museu subaquático do mundo “não, o primeiro é o nosso!”. (...) e temos tido malta que lá vai, pedem-nos autorização para ir, pagam um tanto

AL: e isso vai para a Furna ou vai para

TVf1: vai para a Furna, a Furna é que faz a gestão daquilo, alguns vão lá, levam a chave e não pagam nada, alguns são mais ou menos sérios e vão lá pagar. lá o guardião, agora desfazendo, diz-lhes para quando vierem voltarem a depositar a chave aqui

AL: vocês criaram alguns... já percebi que há um guardião, que é pago

TVf1: não é pago

AL: ai não?

TVf1: quer dizer, é pago sim, mas é pago mais pelas gorjetas da gente que lá vai e tal

AL: mas houve algum posto de trabalho que tenha sido criado devido à Furna ou à actividade de gestão do foral

TVf1: não, não, não tem ninguém que seja pago. Mas postos de trabalho sim, olhe, toda a malta que trabalha no museu etnográfico é graças à minha ideia, se não, não havia lá museu para ninguém, certo? E depois atrás desse já veio o museu da Geira, já veio o museu do coiso. E temos o guardião que também faz lá as cobranças, que lhe oferecem umas gorjetas, além da cobrança que é documentada por si, lá vai recebendo uma gorjetazita, lá se vai governando com isso... pelo menos nunca me apresentou nenhuma conta para pagar [RISOS]. Mas ele tem de pagar a outra... quando mete algum ajudante, tem que lhe pagar, aí sim, mas isso é daquelas coisas pontuais, eu digo pago porque agora está credenciado, tem um crachá passado pela Furna, pela direcção da Furna, e agora pediu-me para passar um para uma ajudante dele, que até é espanhola, casou com um dali do Campo do Gerês, e eu passei-lhe aqui há dias um crachá, para ela, para este ano. Não sei quanto é que ele lhe paga, mas isso é contas lá dele, lá das portagens

AL: e diga-me, o monte foral da forma como está a ser gerido, e tendo em conta o que provém aos seus utilizadores, contribui de alguma forma para o desenvolvimento daquela região, para o desenvolvimento local

TVf1: ai contribui, olha, por exemplo, os museus... porquê? Porque nós temos [...] porque até sou presidente do conselho fiscal para a nova museologia

AL: nova museologia...

TVf1: porque eu estava muito interessado na nova museologia, que fez o ano passado 30 anos, e a secção portuguesa fez o ano passado 20 anos, “pelos caminhos da museologia em Portugal”, foi um artigo que eu também escrevi, a revista chama-se Revista Ibero-Americana de Turismo, e o que é que tem a ver com o desenvolvimento, era um projecto museológico de turismo sustentável, acho que tem alguma coisa a ver com o desenvolvimento, mas no fundo é a mesma coisa que este, só que se lhe mudou o nome. Dei a volta um bocadinho ao texto, porque a revista é especializada em turismo. Só que resolveram em 2014 criar um número especial sobre museologia [...]

[conta uma história enorme, sobre esta questão de publicações, e de ter de ser em revistas internacionais, etc; tudo para contar porque é que escreveu aquele artigo, fala da nova museologia, uma museologia mais interventiva, feita pelas populações]

TVf1: [...] Vim depois a descobrir que aquilo que tínhamos começado a fazer aqui era nova museologia. E só vim a descobrir depois, na Guiné-Bissau, nos anos 1960.

[Andou a filmar, a fotografar as panelas, os potes, as agriculturas em Vilarinho. Na Guiné, foi para lá num projecto em 1988 até 1992, fazer um inquérito demográfico, um recenseamento após independência. Bom, no que se refere a Vilarinho, lá se passa da nova museologia para Vilarinho novamente, e para o museu de Vilarinho. Refere como já houve lá um centro de artesanato só que depois eles construíram um edifício próprio em Covide, criaram uma associação para isso, um centro de artesanato ali nas Pedras Brancas, ali à saída de Covide, a caminho do Campo do Gerês, houve um senhor que quis montar lá o seu poiso para alugar cavalos e meter lá o seu cafezinho]

TVf1: [...] Portanto, está a ver como levou ao desenvolvimento, nós temos contas do ano passado, só ao museu de Vilarinho foram 17 ou 18 mil pessoas, sem contar com as pessoas que não vão por lá, que vão para outro lado...

TVf1: olhe, o Campo do Gerês, e inclusive lá na... agora não sei, mas quando começaram, na pousada do Stop, que hoje é a Residencial o Stop, então nos carimbos tinha lá, Vilarinho da Furna... está a ver, Vilarinho da Furna é marca, e como é marca leva gente lá. Ninguém iria ao campo do Gerês por causa do Campo do Gerês, ninguém sabe o que isso é. Mas se ouvirem falar de Vilarinho da furna, vai lá de certeza. O Gerês ainda vá que não vá, agora Vilarinho da Furna... é conhecido mundialmente. A marca leva gente... nem é Vilarinho, mas ali a área do Gerês é o 3º destino turístico do país. Alterna entre o algarve e a costa do sol, ali até ao cabo da roca, alterna entre um e outro, e o terceiro é sempre o Gerês, se não entrar aí em linha de conta com Fátima, mas Fátima nem é turismo, aquilo é mais comercialismo do que... aquilo não é turismo, um turista tem de estar 24 horas fora de casa, aquilo é mais excursionismo do que turismo, portanto o Gerês mantém-se em 3º lugar. E acho que Vilarinho tem contribuído um bocadinho para isso [...] e fazemos a nossa festa.... A princípio quando fazíamos a nossa assembleia geral batia lá sempre a televisão, e jornais... olhe, o público ainda hoje sou amigo do Coentrão que na altura foi lá para Vilarinho para ver que história é essa que... ah, e às vezes também é por más notícias,

quando pegou um incêndio em Vilarinho, tem pegado todos os anos, mas enfim, mas aquilo foi em 2001, nós já tínhamos feito a plantação, exactamente, foi em 2001 por aí, ou 2002... bom, tinha feito a plantação e aquilo pegou fogo e foi toda a plantação que nós tínhamos feito

AL: era o quê? Pinheiro?

TVf1: era pinheiro e carvalho nalguns sítios, nas linhas de água dá-se mais o carvalho, bom... e aquilo foi em maio, 25 de maio por aí, senti-me constrangido [*? Não se entende*] e comecei a mandar coisas, mandei para o jornal, ainda não havia *mails*, mandei coisas por faxes, mandei também lá para o público, também conhecia mais ou menos, ainda não conhecia pessoalmente, lá para o público e para o diário de notícias, e saiu a reportagem, e o Coentrão mandou logo uma equipa para ver se havia incêndio ou não havia. E ele telefona para os bombeiros e dizem “não, não, não há incêndio nenhum” [...] “sim, senhor, está tudo a arder, não há-de haver incêndio” e o chefe dos bombeiros a dizer que não há incêndio nenhum... “é uma simples queimada”. E foi assim que puseram no relatório. Um incêndio em Portugal só podia existir a partir do dia 1 de julho de cada ano, porque está escrito num decreto que não incêndios em Portugal antes do 1 de julho

AL: o quê? Como se o fogo andasse dentro da lei [RISOS]

TVf1: e que não podia dizer para os jornais que havia incêndio, só podia dizer que havia queimadas. E no meio daquela coisa toda, aquilo não pagavam e os bombeiros não podiam lá ir, mais uma razão para eu dar um descasque, mesmo no IFAP, que me aprovaram o projecto mas depois não me deixaram fazer os caminhos por onde eu queria (...) e os bombeiros limitaram-se a estar assim do lado de cá, sobranceiro, ali na margem esquerda do rio homem, a ver as chamas a arder do outro lado... “mas chame um helicóptero” “não posso chamar um helicóptero, não há incêndio!”. E com a água toda ali

AL: isso foi há muito tempo?

TVf1: foi em 2002 por aí... só a partir de um julho é que podia haver incêndios por isso não se mandava vir o helicóptero. Agora já alteraram a lei [...] se um bombeiro falasse de incêndio não podia, era logo um processo disciplinar às costas

AL: e em termos agrícolas, acha que ali o monte ajuda em alguma coisa? Quando digo agrícolas refiro-me a produção animal

TVf1: animal sim, cada um tem lá o seu, andam lá centenas deles

AL: ainda é importante ali essa actividade

TVf1: ah, isso é. Se não houvesse subsídio não havia lá ninguém com animais, havendo subsídios lá vão tendo. Não havia animais porquê... porque para fazerem o trabalho já têm o tractor, não precisam do animal para nada, para... quanto muito de... em termos de produção, produção de quê? De carne... não sei se será muito rentável, é mais rentável ter assim uma vacaria, alimentar os animais com farinha, a farinha engorda em 8 dias mandam-nos para o matadouro

AL: sei lá, agora há aqueles subsídios, pergunto eu, para as raças autóctones não é?

TVf1: ah, tem a caxena e do lado de lá de Montalegre tem a barrosã, ali em Vilarinho é um bocado a mistura de umas coisas com outras, nunca se falou dessas definições

AL: mas há jovens a meter projectos de jovem agricultor naquela zona ou nem por isso?

TVf1: não sei, mas ali não da muito para jovem agricultor

AL: não, quando eu digo agricultura estou sempre a falar de produção animal

TVf1: há duas mulheres

AL: mas são jovens, mais velhas?

TVf1: não, são mães de filhos, têm 50 e tal anos as duas, mais ou menos

AL: portanto, não há uma tendência para a fixação de jovens à volta da produção de animais ali...?

TVf1: não

AL: porque há os projectos de jovem agricultor, que também abarcam essa componente de produção animal

TVf1: tínhamos um, mas esse acho que... ele é natural de lá, mas esse foi mesmo para o subsídio, então não é que... ele até tinha direito a andar lá com as vacas porque é natural de Vilarinho e até o deixámos entrar, no regime antigo, só o ano passado é que houve essa mudança. E então não é que ele vai buscar as vacas à Holanda e espeta-as lá no cimo da serra, morreram para lá todas, umas duas ou três aleijaram-se, uma coisa são as vacas leiteiras habituadas a estar num curral, outra coisa são as vacas habituadas a andar lá pelo monte, e o caso tem outra resistência

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: e que receitas é que o baldio dá neste momento? Neste momento não está a dar grandes receitas não é? Para a Junta

MeC1: dava, com as ITI estava a dar

AL: ah, conseguiam fazer sobrar e

MeC1: faziam... sobrou... Nós lá em Castro deram a uma associação 220 000 Euros, que é muito dinheiro

AL: deram assim?

MeC1: sim

AL: a uma associação? Qual associação?

MeC1: Castro Solidário

AL: ah, não conheço

MeC1: um centro de dia

AL: ah, construíram qualquer coisa não foi?

MeC1: construíram o centro de dia, mas para dar 220 000 Euros...

AL: foi sobrando bastante ao longo dos anos. Acho que aquilo são 20 e tal mil euros por ano, que dão... não é?

MeC1: quase 100 000 que davam

AL: ah, porque é gigante o baldio, pois

MeC1: nós tivemos a ver, não tenho bem a certeza mas deve ser perto de um milhão de euros que se recebeu desde 2009 ou 2010

AL: pois porque isso depende da área não é? O que recebem da ITI depende da área que tem de limpar não é?

MeC1: sim

AL: e vocês têm uma área muito grande

MeC1: por isso dinheiro dava aquilo

AL: e vocês concordavam com a forma como eram usadas essas sobras de dinheiro, entre aspas?

MeC1: aquilo as actas não reflectiam o que acontecia nas reuniões, só para ver, já estávamos em tribunal por causa desta brincadeira e já não me recordo, houve lá uma decisão qualquer, e houve votação de braço no ar e eu discordei, levantei-me e disse “desculpe lá mas eu... não foi essa noção com que eu fiquei...” isto disse ao presidente da mesa “fazer nova votação para contarmos isto tudo melhor”. Negou-se.

AL: ah

MeC1: foi com este tipo de... depois imagine, 30 a favor, 12 contra, até podia ter posto 100 para 4, negou-se a fazer uma recontagem, isto parece-me um bocado... de braço no ar

AL: pois, exacto

MeC1: por isso é que avançámos com uma lista porque vimos que a única forma de mudar era ganharmos as eleições, porque por outro lado não valia a pena, de outra forma era...

AL: eles não estavam abertos

MeC1: há deliberações... em dezembro houve uma deliberação da assembleia a proibir mais transferências para o centro de dia, em março transferiram mais 70 000 euros. Quando chegamos a este ponto não há

AL: mas foram os compartes que decidiram que não iria haver mais transferências para o centro de dia

MeC1: e essa não conseguiram aldrabar a acta, está lá... estavam pouquinhos, só estavam para aí 20 pessoas (RISOS). E fizeram questão de ficar aquilo escrito, as pessoas quiseram ver a acta e ficou escrito. Não há mais transferências. E mesmo assim transferiram. Por isso

AL: mas vocês não concordavam então com essa questão do centro de dia?

MeC1: concordávamos mas uma coisa que fosse razoável, não orçamentar a obra a 300 e tal mil euros e já ia em 500 000, mais do que 500 mil.

AL: aaah, por culpa dos empreiteiros ou...

MeC1: isso o que se passa lá dentro... agora, dar um apoio, isso é uma coisa, agora não asfixiar os baldios por outra associação, isto é que não tem pés nem cabeça não é. Com esse dinheiro podia-se ter feito muita coisa e não se fez nada

AL: e acha que o baldio... estou a pensar nisto por causa do centro social, que pode ter um papel importante do ponto de vista do desenvolvimento local ou

MeC1: em termos de turismo acho que pode

AL: trazer pessoas para cá e... e acha que é ao ponto de conseguir fixar jovens e assim aqui na região? Se contribui para isso

MeC1: acho que pode contribuir para criar poucos postos de trabalho, mas um ou dois que crie já é bom, não é? E temos os pastores que são postos de trabalho não é? E esses, só existe pastoreio por causa do baldio. Por outro lado, lá em Castro as únicas actividades que eu vejo assim a medio prazo são mesmo ou o pastoreio ou o turismo

AL: lá em Castro o turismo está organizado? Há lá alguma coisa? Eu ainda não tive muito tempo em Castro só lá passei

MeC1: não... aquilo também há uma empresa que está a exercer a actividade de animação turística da aldeia de Castro. E depois há várias que lá vão assim de forma esporádica, mas acho que não há nada nem nenhum órgão que os reúna. Aquilo está um bocadinho confuso

AL: e a associativa de caça é de Castro também?

MeC1: é

AL: a associativa de caça também não dá nada ao baldio pois não?

MeC1: coitados de nós

(RISOS)

MeC1: nós só temos, o financiamento que temos é das quotas, não temos mais receita nenhuma

AL: pois

MeC1: nós é só mesmo as quotas. Mas pronto, os caçadores também são dos compartes porque a nossa associativa é só de naturais ou residentes. Depois alargámos a quem tivesse antepassados... até avô, também podia ser socio, por isso somos todos compartes também

AL: e o que é que se caça ali?

MeC1: caça menor temos coelho, perdizes, galinhola, pombo

AL: pois, é que realmente o que eu conheci do baldio é uma paisagem tão aberta que eu não imagino ali animais escondidos, mas deverão existir outras zonas menos abertas, eu estive mesmo no planalto então...

MeC1: no planalto é a perdiz e a lebre que há lá, depois as outras espécies é em zonas... é nos privados, zonas mais fechadas

AL: tem animais?

MeC1: não. Quer dizer, tivemos, até aos meus 20 e tal anos tivemos

AL: pois, com os seus pais

MeC1: eram os meus avós que os meus pais não estavam cá, nós todos fomos todos educados da mesma forma, todos tivemos animais e depois... agora é que não, os meus pais estavam em França...

AL: não emigrou? É que até agora as pessoas com que falo quase todas emigraram nem que por um bocadinho

MeC1: não, eu não

X: emigrou para Coimbra

AL: emigrou para Coimbra...

MeC1: (RISOS) não, mas, os meus pais estavam lá e deixaram-me ficar com os meus avós, então eu fiquei por cá. Na minha lista temos... a vice-presidente trabalha aqui num banco, o presidente da mesa trabalha na farmácia, é o pessoal jovem que estamos aqui

AL: estamos aqui perto, estamos... (RISOS). Estamos todos aqui (RISOS)

X: não estamos não, que aqui já quase não há gente, há cada vez menos, então em Castro Laboreiro, um amigo nosso que tem uma farmácia aqui, abriu lá em Castro Laboreiro a farmácia para aí há 12 anos ou 13, e diz ele que já perdeu nestes anos metade dos clientes. Pessoas mais velhas que foram morrendo e tal. E aqui em baixo nem tanto, mas lá para cima, as aldeias de lá da montanha é pior. E mesmo aqui nestas aqui perto da ribeira, também é igual

AL: pois, lá está... a minha sensação é que Melgaço está cheia de gente nestes dias, mas se calhar é nestes dias

X: está hoje que é 6ª feira, e mesmo assim não há muita gente

AL: pois, eu não conhecia bem esta zona e... não sei, vejo tanta movimentação de carros e tanta oferta de serviços

X: não, carros tem, gente não

(RISOS)

AL: é uma pessoa por carro. Pois, mas eu de facto fiquei surpreendida pela positiva aqui com Melgaço, porque de facto já estamos a ir para o inverno e isto mantém-se com alguma actividade

MeC1: e lá em cima ao fim de semana, se fores lá ao fim de semana vais ver, principalmente ao domingo

X: tem mais um bocadinho

MeC1: tem ao fim de semana

AL: seja em que mês seja?

MeC1: praticamente sim

X: então se nevar então é que não se cabe lá

AL: porquê? Vão ver a neve?

X: vão ver a neve

AL: ai tem turismo ao longo do ano...

MeC1: durante a semana é só durante os meses de verão, mas ao fim de semana é o ano todo

X: e aqui na Vila de Melgaço e aqui nas termas que também é uma zona mais ou menos coisa, não se vê ninguém

MeC1: acho que é mais turismo de natureza

AL: ainda bem não é, desde que andem a estragar aquilo que querem visitar

MeC1: ah, mas não estragam

AL: eu não digo que sim, mas

X: de qualquer modo nós aqui cada vez somos menos, o pessoal chega aos 18 anos vai todo estudar para fora, outros emigram

AL: pois, eu nessa perspectiva às vezes penso que o baldio

X: e depois já não voltam

AL: pois

MeC1: que o baldio o quê?

AL: que o baldio pode ter um papel fundamental para isso, para o desenvolvimento local

MeC1: temos 5 sapadores, são 5 postos de trabalho

AL: exacto

X: não, o grande problema é que agora toda a malta estuda e no quadro superior não há um emprego, não há

AL: pois é... pois, acaba por ser um bocado o turismo e... os jovens agricultores não há assim muitos a quererem

MeC1: agora há

AL: há? Ali em Castro?

MeC1: temos 1, 2, 3, para aí um 4º se calhar

MeC1: mas nesta zona a noção que eu tenho... nós em Castro eu conheço a realidade, e o baldio é fundamental para a actividade das pessoas principalmente ao nível da pecuária. Se não houvesse o baldio não haveria pecuária. Era de todo impossível existir pecuária.

AL: sim, e isso é uma das coisas que se se vai a ler o que é escrito sobre os baldios actualmente, mesmo por pessoas que sabem do que estão a falar, ao generalizarem cortam uma parte da realidade dos baldios que é esta. Porque o que se diz muito é que a pecuária já não tem importância, que a tendência de hoje nos baldios é de ceder a exploração a empresas e a outros interessados externos e não sei que, e o que eu verifico aqui não tem nada a ver.

MeC1: esta nova lei vem um bocado contra isso, porque abriu muito mais a alienação, mas não tem nada a ver com o que se passa aqui, embora já tenhamos sido abordados várias vezes

X: também tem um bocado... os castrejos são muito de lá e de defender o que é deles, muito coiso... se calhar noutras terras não é assim tanto

[MeC1 ausenta-se um pouco]

X: eu ando sempre a dizer ao Albertino que sois fundamentalistas, que tudo que é de lá é que é bom, essencialmente bairrista, por norma aqui em Melgaço não somos bairristas, mas os castrejos são. E nós até costumamos pôr como termo de comparação com Monção, que é aqui o concelho vizinho, que são muito bairristas e nós não somos nada bairristas, mas os castrejos são, mas também não dizem que são de Melgaço, dizem que são de Castro Laboreiro

(RISOS)

X: porque o nome de Castro Laboreiro é muito conhecido por causa dos cães de Castro e eles andam um bocado à volta disso

AL: mas eu acho que é esse tipo de amor ou de relação próxima com os recursos que leva a que haja um baldio bem gerido, ou

X: aquilo já foi concelho, Castro Laboreiro já foi concelho

AL até quando mais ou menos?

X: isto... eu até fiz um trabalho para a escola também sobre isso mas já não me recorda

AL: mas é recente?

X: não, 1800 e qualquer coisa foi quando juntaram, porque havia [dirige-se ao mapa] porque se reparar isto parece um apêndice com o concelho de Melgaço. O concelho de Melgaço é isto aqui assim [...] havia aqui o concelho de Melgaço e o concelho de Valadares que apanhava aqui um bocado de Monção, mas depois veio uma reforma administrativa em 1800 e não sei quê e ficou tudo concelho de Melgaço e castro laboreiro deixou de ser concelho

AL: ok. Mas também era um concelho pequenino

X: era, era. Foi uma reforma administrativa bastante acentuada no território nacional. E foi a que permaneceu até hoje até esta reforma que houve há dois anos. E não mexeu no limite dos concelhos, só mexeu no limite das freguesias. Aqui houve cinco não foi? Cinco uniões aqui em Melgaço... [entretanto Sr. Albertino voltou]. Aliás houve a união da freguesia de Castro Laboreiro e de Lamas de Mouro, que era só uma freguesia, Castro Laboreiro

AL: e que levou a separar os baldios, por exemplo

X: e é muito conhecido o presunto de Castro Laboreiro, se reparar tem uma forma de presunto

(RISOS)

AL: as coincidências da natureza

MeC1: do que estávamos a falar, eu não tenho... a nossa realidade aqui [? *Não se entende*] várias pessoas queriam-nos arrendar

AL: várias pessoas queriam arrendar... mas tipo o quê? Tipo empresas ou pessoas particulares?

MeC1: as pessoas também que tinham animais. Para já estamos numa fase em que muitas pessoas estão a atravessar, faz falta para nós, para os compartes mesmo

X: e nas outras terras têm arrendado aos particulares, a essas empresas?

MeC1: há alguns sítios que arrendam

AL: no Gerês, isto é no PNPG, ate agora não vejo arrendamentos acontecerem, mas não, aliás, o que eu noto é que às vezes o gado das aldeias vizinhas até vai lá mas ninguém...

quer dizer, pode haver até conflito de palavras, há outros sítios em que não, que aceitam, como têm muito espaço e não há gado suficiente na aldeia, aceitam que os outros entrem. Arrendamento a pastores não tenho visto, tenho visto é para os subsídios, um baldio que tenha área suficiente põe os da aldeia vizinha ou os do baldio vizinho só para os subsídios, não quer dizer que depois o gado venha para lá. Isso também vi, agora arrendamento propriamente a interesses externos que não sejam do baldio, não...

MeC1: aqui na nossa zona... não porque também as pessoas não concordam com isso

AL: pois não... eu ate agora não vejo isso

X: aqui há muito aquele sentido de propriedade, o nosso minifúndio, a parcelinha

MeC1: não mas ia haver sempre conflitos

AL: pois, pois... mas pronto, é um bocado isso, é que de facto o que se lê generalizadamente na lei... na lei, na literatura sobre baldios é que... é essa questão: cessão de exploração, pastorícia já quase igual a zero, agricultura também, e generalizando isto desta forma de facto acaba por se excluir pelo menos a realidade aqui do parque

MeC1: mas isso acontece e tem uma razão de ser, porque por trás disso há empresas que têm interesses, ... o caso das eólicas

AL: sim

MeC1: por isso interessa a muita gente que [*Não se entende*] grandes interesses económicos...

AL: sim, sim, sim. Não, e é incrível, estive numa aldeia, num baldio que tem eólicas e o dinheiro que entra é incrível. E depois, por exemplo, notei nessa aldeia que... por exemplo a Junta ou a Câmara quando... se vai dar apoio a alguma aldeia não vai dar àquela “não vocês são ricos, vocês têm eólicas, não...” e realmente é bem diferente, não é, a realidade. Aqui em Lamas de Mouro não cheguei a perceber, porque eles nem chegaram a falar-me das eólicas, depois é que eu percebi que havia eólicas

MeC1: porque em Lamas metade é Parque e metade é fora e na parte que está fora do parque tem lá umas 3 eólicas, acho eu

AL: sim, mas já é mais do que outros não é

MeC1: ah, eles recebem bastante, não sei qual é o valor mas é bastante

AL: também não sei

MeC1: mas por isso que estavas a dizer, de a Câmara não o fazer, lá está porque há esta confusão... porque os baldios não têm nada a ver com a Câmara nem com a Junta, a Câmara tem obrigação de fazer nessas freguesias como faz noutras

AL: sim, sim, sim, mas não fazia naquelas por...

MeC1: mas não tem logica, porque

AL: sim, na verdade nem me recordo bem se falou da Câmara ou da Junta. De qualquer forma creio que ele o tenha referido não por estar muito ofendido com a situação, mas apenas como um facto: se tiver de haver escolha sobre que aldeia apoiar, não vai ser naquela que tem eólicas, mas eu nem acho isso assim tão estranho

MeC1: mas isso é confundir, o baldio não tem nada a ver... o baldio é dos compartes, ponto. Não é da Junta nem é da Câmara

AL: sim, claro, mas associam “ah, a tua aldeia é rica”, não é o baldio que é rico, é a aldeia, é aquela congregação humana que está ali

X: mas a discussão chegou a surgir aqui nas assembleias municipais de discutirem “ah, porque vocês... haviam de dar algum dinheiro das eólicas para freguesias aqui de baixo”. E eles disseram “ah, vocês têm o Alvarinho, nós temos as eólicas

(RISOS)

X: eu nem me estava a lembrar que vocês lá em cima em Castro Laboreiro tendes os baldios, também é uma fonte de rendimento os baldios não é?

MeC1: mas isso é misturar tudo, temos um limite das freguesias, nós

X: porque eles recebem pelos baldios, não sei se ele já lhe disse

MeC1: mas as ITI é diferente, mas...quem tem [*? Não se entende*] do limite, os compartes até podiam entender olha, o que vem da eólica não vão repartir connosco, eles no limite podiam fazer isso

AL: sim... acho que na outra lei não podiam, não sei como é que é agora mas... eu ainda não vi essa alínea exactamente, mas houve um professor que me disse

MeC1: não, porque isto é uma renda do ... de ter lá aquele espaço, não é o das ITI, não, isso está fora de questão, mas no caso deles, eles no limite

AL: mas acho que não pode ser dinheiro privado. Eu nunca li isso na lei directamente mas já me disseram que está lá, tenho de procurar melhor, na de 93, não digo esta, nesta aqui acho que esse aspecto estará mantido

MeC1: acho que agora esta clarifica. Mas isto para dizer que [*? Não se entende*] porque o baldio não tem nada a ver com a Junta ou com a Câmara

AL: sim, entendo o que está a querer dizer. E concordo...

MeC1: criou-se essa confusão... e essa confusão também não foi criada de forma inocente, porque a nível político depois é muito mais fácil de controlar depois a assembleias de compartes, tendo a Junta lá a pata. [...] o outro presidente da Junta fazia parte da outra lista

AL: o presidente da... ah, fazia parte da lista... não era da que estava...

MeC1: era da que estava, da lista que nós derrotámos, o presidente da Junta também lá estava

AL: sim, sim. Isso acontece em muitos sítios, inclusive o presidente do CD ser o presidente da Junta. Mas em muitos deles, por acaso do que eu tenho visto, principalmente os mais novos, vejo uma vontade real de separar as coisas, e muitos dizem “eu fui para lá para separar as coisas porque já estava instalada uma grande confusão”

MeC1: sim, nós também foi... nós fomos para lá para conseguir, porque na assembleia também não conseguíamos, então e não conseguimos de uma maneira vamos tentar de outra

X: já os baldios aqui de baixo ninguém quer saber disso, são as Juntas, porque não dá nada, ninguém quer saber, e nem as Juntas querem saber

MeC1: mas também há outros financiamentos, tens no quadro comunitário e já via net, há muitos financiamentos aí, as pessoas também não se importam, porque acções de florestação e desse género havia e vai continuar a haver

X: há um gabinete florestal na Câmara, devia ser a Câmara como reguladora...

MeC1: o baldio é dos compartes, não é da Câmara

X: mas há que falar com essa gente, porque quer queiras quer não, os baldios podem ser dos compartes mas fazem parte do território do concelho

AL: não, pode haver é protocolos lá está, como

MeC1: mas nós lá fazemos candidaturas ao que nos apetecer e não temos de pedir parecer nem à Câmara nem à Junta, temos de pedir ao Parque por causa

X: é aquilo que eu estava a falar, porque estais organizados, eles aqui não estão, nem querem saber

AL: pois, nas Juntas nota-se um pouco isso

X: e eu se calhar também sou culpado porque na minha freguesia temos lá um baldio e eu nem sei onde é que é... eu olho lá para cima para o monte, vejo muitos pinheiros mas

MeC1: o papel do baldio pela Junta, era o que eu estava a dizer, é só arborizado para virem verbas e para irem lá os pastores pedir lá as declarações, aí sim, dava-lhe o estatuto não é... mas não olhava para aquilo com olhos de ver

AL: pois, nem era explorada a floresta nem nada do género não é?

MeC1: era explorada para cortar (RISOS)

X: mas atenção que quando eu pertenci à Junta de Freguesia de Alvaredo, as pessoas iam lá para nós passarmos um papel da Junta de Freguesia por causa de irem receber os subsídios de... de quem tem rebanhos, de cabras e ovelhas e...

MeC1: isso era o que eu estava a dizer

X: porque era a Junta que era o encarregado do baldio, aqui debaixo é as Juntas, porque ninguém quer saber

AL: os pastores querem, não é, tipo, para terem a área

X: oh, é só para receber o subsídio, porque... meia dúzia de ovelhas e cabras e mais nada

MeC1: não, aqui em baixo... pastoreio é mesmo na zona de montanha

X: olha, eu agora é que recebi uns subsídios, e também acho que era de gado... ovino

AL: pois, é capaz

MeC1: não, mas lá em cima não, lá em cima tem mesmo... e na zona do parque toda, tem lá mesmo muitos animais, não é brincadeira. Eu se aqui há 10 anos me dissessem que isto ia estar assim, ninguém acreditava, porque com esta crise isto deu uma volta. Nós temos lá pessoal que perdeu o emprego no estrangeiro e veio para cá, está-se a dedicar a sério, e isto tudo para dizer... aqui há meia dúzia de anos atrás era impensável, este regresso, e agora está a haver um regresso à terra. E nota-se mesmo.... E o número de animais é único, que se fez aos anos, não havia tantos animais. Agora há menos é... há muitos animais mas poucos pastores. Agora se calhar uma pessoa tem tantos animais como tinha o lugar todo quase... ter 70 vacas, antes se calhar cada casa tinha para aí 5 vacas

AL: e isso é fruto dos subsídios provavelmente não?

MeC1: não... não, tem que ter, senão não é viável viver disso, só é viável, é o que eles dizem... até aliás, acho que os projectos só são aprovados a partir daí, nos concursos para jovem agricultor acho que é 35 cabeças, em termos de bovinos, só a partir daí senão acho que nem financiam porque não é rentável

AL: eu ouvi dizer que é preciso ter x maquinaria para iniciar certas explorações

MeC1: não... vamos lá a ver

AL: isto era numa conversa em que essa pessoa defendia que é muito bonito pensar em produção e não sei quê, mas quando se está numa área de parque que não se pode pensar que se vai criar aqui agora grandes explorações com animais e tal, com maquinaria e com toda uma... pronto, para se tornar rentável, isso não faz sentido num Parque Nacional

MeC1: não, e não faz. E maquinaria, isto é assim... obrigatório no fundo é porque tem de ter as alfaías todas para cortar o feno e enfardar porque senão não tem feno para o inverno, quando há muita neve... basicamente é isso. E depois agora também há pessoal que, nunca se plantara em Castro trigo por exemplo e há pessoal que está a semear trigo, pastores... depois enfardam a palha e o grão para depois dar aos animais também. Por isso, quem diz que não é rentável não vejo

AL: não, o que ele defendia era que, de facto sim, é bom o fomento à manutenção dessas actividades mas no sentido de conservação dos recursos mais do que no sentido de produção a longo prazo em que a pessoa se torna um verdadeiro produtor, com produção rentável para além dos subsídios, que isso não é possível no... no ponto de vista dele a produção pecuária é útil no sentido inclusivamente da prevenção de incêndios, da manutenção de

MeC1: isso é o teórico, porque... não está na realidade quem disse isso, isso é um teórico de gabinete, esse discurso

AL: ele não é bem de gabinete mas não está ligado à pecuária, isso é um facto, está ligado ao turismo, mas é uma pessoa do local, daquele baldio mas não está ligado à produção propriamente

MeC1: porque é o que eu digo, nós lá em Castro... todos nós tivemos animais e sabemos quais são as necessidades dos animais, maquinaria, há que ter

X: mas também é uma maquinaria básica não é

MeC1: mas ao todo gastas porque tens de ter um tractor forte, tens de ter uma enfardadeira, dinheiro para cortar, tens de ter um arado, estamos a falar de uma maquinaria normal para qualquer agricultor

X: por vezes é mesmo o sítio onde está o estábulo, onde estão os animais, que se calhar 2 ou 3 silos de ração, ou assim qualquer coisa, isso é que será uma maquinaria que tem algum impacto

MeC1: não há rações, nós é feno basicamente

X: pois, exactamente, mas se calhar as pessoas podem-se preferir a isso, porque isso é no fundo já uma exploração média não é

MeC1: mas isso não se utiliza, esses silos é de regime intensivo

X: pois, e é isso, não é nesta zona de facto

MeC1: não, nós é extensivo

AL: mas pode ser rentável em modo extensivo?

MeC1: é rentável... é o que eu estou a dizer, se calhar sem o subsídio neste momento não, mas nós estamos a competir com a Europa toda, e eles também são subsidiados. Foi o que eu disse, se deixasse de haver subsídios provavelmente o valor da carne subia. Não podemos ver isto

AL: pois. Se deixasse de haver subsídio deixava de haver na EU toda por isso ficava tudo ao mesmo nível

MeC1: e se calhar o valor da carne ia subir... todos os pastores recebem não somos só nós não é. Quem está num regime extensi... num regime intensivo não sei se recebem nem se não, mas o regime intensivo é completamente diferente

Castro Laboreiro: MeC2

MeC2: pois, os baldios, não sei bem como é que os baldios vão evoluir, porque os baldios foram muito importantes na altura própria, mas entretanto as coisas evoluíram não é, não sei, não sei

AL: mas qual é a importância do baldio actual aqui?

MeC2: opa, é importante, eu se não fosse o baldio não podia ter por exemplo as vacas que tenho não é, e muitas pessoas também não. Mas também penso assim, se me alugassem o baldio eu podia se calhar rentabilizá-lo muito mais, ou que fosse privatizado

AL: o que é que fazia ao baldio, só para perceber

MeC2: por exemplo, era uma questão mais... podia fazer melhoria de pastagens mais eficaz

AL: por ser uma área mais pequena?

MeC2: não, porque dizia-me só respeito a mim não é

AL: sim

MeC2: porque se me desses, imagina, se posso alugar uma área de baldio, nessa área... posso vedá-la e só eu é que tenho direito a

AL: pois, é isso, sendo uma área mais pequena é mais fácil de se calhar se apropriar dela

MeC2: apropriar entre aspas não é?

AL: não, apropriar no sentido de fazer o que quer lá dentro, pronto, nesse sentido

MeC2: enquanto que sendo assim, como é de todos não é, torna-se mais difícil fazer uma boa gestão e fazer uma série de operações que possam rentabilizar mais o baldio

AL: mas os produtores não se podiam juntar e fazer isso em conjunto? Se há vários...

MeC2: isso é o que se fez antigamente, o que se fazia quando as pessoas dependiam totalmente do baldio, é complicado...

AL: há muitos produtores aqui em Castro Laboreiro?

MeC2: não, para já ainda não há muitos

AL: mas quantos produtores é que estão

MeC2: sabe porque é que os produtores na generalidade não se preocupam muito com isso?

[toca o telefone do Sr. Enes, ele atende]

MeC2: as pessoas estão mais preocupadas com os subsídios do que propriamente com a produção, não é? Por isso é que não se preocupam muito com o melhoramento das pastagens. E eu disse há bocado que quase compensa não produzir

AL: mas a partir do momento em que se recebe subsídio?

MeC2: pois, quase não compensa, porque ao preço que se encontra a carne, e ao preço que se encontram os [VENTO] quase que sai mais barato não produzir e viver só praticamente do subsídio

AL: então seria tipo, adquirir os animais e depois... por acaso lá em baixo disseram-me isso, “ah, isso as vacas andam aí muito magras”

MeC2: pois, está a ver, embora agora as novas normas, para que o animal tenha direito aos subsídios mudaram ligeiramente, uma vaca tem de pelo menos parir de 18 em 18 meses, não é, senão perde direito ao prémio

AL: eu isso não acho mal, pelo menos o que li, a PAC é um mundo, para mim pelo menos que só agora é que comecei a entrar nela

MeC2: é complicadíssima

AL: pois, eu não sei, depois de todas as conversas que tenho tido começo a ficar algo confusa, mas ao mesmo tempo há coisas que começam a ficar claras para mim, uma delas é a manutenção do gado nem que seja como prevenção de incêndios, manutenção de uma certa dinâmica no monte, sendo um Parque Nacional, também do ponto de vista de manter a paisagem não é

MeC2: é que por definição Parque Nacional é a área, mas inclui também as pessoas e os usos e os costumes das próprias pessoas, e essa é a definição que distingue parque natural do Parque Nacional

AL: sim, e eu acho que é isso que atrai o turista, claro que estas paisagens brutais também atraem, mas eu acho que, de uma forma muito geral, claro que há-de haver aqueles que preferem não ter os animais e não ter as pessoas, mas eu acho que não, acho que a grande maioria do turista vem precisamente à procura de perceber como é que estas pessoas vivem ou viviam e assim. Portanto acaba por ser também um investimento manter um certo nível de produção pecuária e agrícola nestas zonas, e lá está, isso tem de ser através de subsídios... Mas não é um bocado assustador pensar que estão dependentes de subsídios que nunca se sabe se vão acabar amanhã?

MeC2: é verdade, é complicado isto

AL: pois, porque se acabam os subsídios...

MeC2: no nosso país, e não só no nosso país [VENTO]⁵⁶

AL: acha?

MeC2: não, poderão ser dados de uma outra forma, com mais ou menos exigências, mas não...

AL: sei lá

MeC2: não pode acabar, senão não sei o que seria

⁵⁶ Mas disse algo como “os subsídios não vão acabar”.

AL: oh, era o fim se calhar, da actividade agrícola... isto só do ponto de vista do gourmet, não é, da qualidade, é que pode vir a ser rentável, mas também não sei se é o suficiente para manter uma família

MeC2: não sei, é que há pouco mercado para isso. Eu estou agora em conversão para fazer carne biológica, só que... vou fazer carne biológica, mas só por causa do subsídio, porque eu sei que a não vou vender, eu não tenho mercado para carne biológica

AL: pois em Portugal não há muito esse mercado

MeC2: pois... não eu tenho mercado, mas como vou continuar na mesma a fazer carne DOP, embora biológica mas vai ter ser vendida como DOP porque não tenho ninguém que ma consuma como biológica, então porque é que eu a vou fazer, porque vai-me sair mais caro do que estou a fazer agora, mas lá está, lá vou ter o tal subsídio que me vai compensar e vou fazer isso. E como eu há aí. Neste momento nós se calhar perante Bruxelas, não é, lá a nossa ministra ou... vão dizer “ah, temos não sei quantas pessoas a fazer agricultura biológica”, pois... mas nós temos é não sei quantas pessoas a receber subsídios para isso, e produtos biológicos, nada!

AL: pois... será exportação ou como é que é?

MeC2: exportação podia ser, mas para se fazer exportação havia que ser [? VENTO]

AL: ou para vender em agosto (RISOS), que é quando vem cá toda a gente gastar dinheiro

MeC2: não, não vejo que de, o pessoal que vem cá em agosto não gasta dinheiro em produtos biológicos

AL: não?

MeC2: não, o produto biológico vende-se bem na Alemanha e nos países nórdicos

MeC2: sim, isto é biológico, mas para ser mesmo 100% biológico, certificado, não é... lá está, também é outra coisa que eu... outra... [? VENTO] também há concentrado biológico

AL: ah, não é suficiente

MeC2: não pode comer cereais geneticamente modificados e essas coisas todas

AL: mas elas comem isso todo o ano?

MeC2: o quê?

AL: as rações ou como é que chamou a isso (RISOS)

MeC2: os concentrados

AL: os concentrados

MeC2: [VENTO]

AL: mas os vitelos não mamam da vaca e comem do pasto também?

MeC2: não

AL: ai não? Estão lá quietinhos não é?

MeC2: [*? não se entende*] não, porque se estivessem aqui, o que é que ia arranjar? Ia arranjar carne, ia arranjar ossos

AL: por causa dos lobos?

MeC2: não... a carne não tem qualidade suficiente para ser consumida por

AL: ai é? Eu achava que teria mais, por estarem aqui livres, a comer das ervinhas do monte

MeC2: para produzir carne os vitelos têm de consumir alimentos concentrados, senão seria dar um bife a uma criança de um mês não é?

AL: ah, está bem, eles ainda não comem prado, ok... pensei que estava a dizer que este tipo de alimentação não seria bom para o crescimento do vitelo e para a produção de carne

MeC2: não, não, não. É só porque eles não digerem isto

AL: ah, está bem, mas e o leite da mãe não é suficiente?

MeC2: não é suficiente

AL: então e se estivessem a crescer sem *inputs* humanos, na natureza? Bom, diz isso no sentido da produção de carne, da qualidade da carne... está bem

MeC2: isso resulta até aos 2 meses, 3 meses... mas a partir daí tem de levar um concentrado senão ia-se criar ossos e não carne

AL: está bem...e concentrado é de quê?

MeC2: de cereais, só que lá está, tem de ser de cereais produzidos de forma biológica também

AL: e isso é até quando? Depois começam a vir para o prado ou não?

MeC2: não, eu faço até ao abate

AL: e o abate é com que idade?

MeC2: 6, 7, 8 meses, por aí

AL: meses?

MeC2: para ser de vitelo... senão depois passaria a ser vaca, ou novilho, e o valor da carne é inferior

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: [...] Senhor MeL3, qual é que é a grande importância do baldio actualmente aqui a nível local?

MeL3: os baldios são bons para... para ter os animais

AL: já soube que aqui em Lamas de Mouro não há muitos animais não é?

MeL3: não há muitos não

MeL1: eu posso ir ali buscar

AL: mas são só os que têm subsídio ou há mais pessoas sem subsídio mas que têm animais?

MeL1: não. Os que têm animais têm subsídio porque faz por ele, porque praticamente está decidido não é? Quem não tem subsídio é porque não tem animais

AL: não há ninguém aqui que tenha animais que não tenha subsídio?

MeL1: expecto a Almerinda... ela tem umas 10 ou 15 ovelhas

MeL2: eu acho que não. Eu não me lembro de fazer o baldio para ela

MeL1: eu também não vejo que ela receba. Não sei porquê

MeL3: o resto tudo o que tem animais tem subsídio

MeL1: têm-nos declarados claro

MeL2: nós aqui na nossa área, os animais que temos aqui são as freguesias que estão em volta que fazem vir para aqui os animais deles

AL: e vocês importam-se com isso?

MeL3: eu não me importo nada. Os baldios, desde sempre, da nossa infância, nós íamos pastar para os outros montes das outras freguesias, e nunca fizemos extremas nos baldios para as pastagens

AL: e já houve aqui muitos animais em tempos?

MeL3: sim, sim, muitos, toda a gente vivia dos animais

MeL2: e vezeira, grande

MeL1: antes da emigração, para França só abriu em 1946, por causa da guerra. Tem tantos anos como eu

AL: então e vocês que estão agora no CD e na assembleia e tal, o que é que vos move, porque é que se dão a esse trabalho? Não ganham nada não é?

Todos: nada

MeL1: porque alguém tinha de o fazer, então é melhor que seja alguém que seja voluntario

MeL2: nós mexemos um bocadinho com isto porque alguém tem de o fazer, e partir daí há uma outra grande razão que é o bem-estar do nosso povo, da nossa freguesia, e nós gostávamos de melhorar aquilo que temos aqui dentro da nossa freguesia, é isso que nos leva mais a estar à frente disto

AL: é de bom grado

MeL1: é de bom grado

AL: não há momentos em que vocês pensam “o que é que eu fui fazer?”

MeL2: não, não

MeL1: obrigado ninguém é, mas se ninguém quer saber, o que é que vai acontecer?

MeL2: é tudo para o bem da freguesia, e ao nós deixarmos de o fazer virão outros atrás de nós faze-lo não é?

AL: acham que não vai haver problema de arranjar substitutos? Vai haver sempre alguém? Vai manter-se uma continuidade?

MeL1: pensamos que isso ainda falta saber, porque, além de um bom comportamento que a gente faça para melhor, há sempre críticas. “Oh porque não deviam ter feito ali, deviam ter feito acolá”

MeL2: isto é tudo política, e sabe que a política não agrada a todos

AL: sim, sim, sim, claro que sim. Mas por exemplo, não havendo muitos jovens na zona, como é que vai ser essa continuidade?

MeL2: a ver se arranjam

MeL1: há sempre alguém... se houvesse dinheiro a ganhar não faltavam voluntários, havia muitos até, sobravam. Mas sem dinheiro a ganhar não há. Como é que se pode agarrar dinheiro donde não o haja?

AL: sim, mas eu nem falo de dinheiro, questiono é como é que vão conseguir uma continuidade sendo que os jovens ou estão noutros países, ou em Lisboa, ou no Porto

MeL2: também temos uns quantos jovens que trabalham aqui no país e ao fim de semana vêm. E claro, daqui por uns anos bons, serão eles que deverão tomar conta disto

AL: pois, não é uma preocupação ainda

MeL1: não... isto tem de continuar, tem de se manter. O meu falecido pai foi presidente da Junta, regedor, secretário, fazia tudo... e não ganhava nada, naquele tempo não se ganhava nada, mas fê-lo durante anos e anos e anos e anos

MeL2: fê-lo por amor à freguesia

MeL1: não havia mais ninguém, tinha de o fazer [conta a história de como o pai conseguiu construir a escola, e o acréscimo que era necessário, porque eram muitos alunos, sem dinheiro... mas que não ganhava nada. E ainda assim foi criticado, e de que maneira]

MeL2: oh, claro, não agradamos a todos

MeL1: (...) e nós temos de fazer igual

MeL2: não, a gente, volto a dizer-lo, estamos aqui pelo bem da freguesia, e fazemos o melhor possível, dentro das nossas capacidades, que nós soubermos

MeL1: quando não sabemos alguma coisa pedimos informação a quem nos ajude, porque há cláusulas que a gente

AL: não está a par... claro. E se deixasse de haver baldio, qual era a maior perda? Ou seja, voltamos ao mesmo, qual é a maior importância do baldio, que eu ainda não consegui perceber muito bem. Sendo que não há muito gado, pelo que vocês me disseram

MeL1: pois não

AL: então qual é a maior importância do baldio actualmente para as comunidades?

MeL1: [*? não se entende*], será isso só

AL: ok

MeL1: os pastores de gado não são de cá da aldeia, são de outro lado que vejam a vida deles de outra maneira. Nós falamos aqui pelo lado de Lamas de Mouro, a única coisa que se vê é a limpeza que se vai fazendo daqui até à Peneda, do outro lado a mesma coisa, para aqui igual, se sobra alguma coisa, melhorar um bocadinho, como houve ali uma pontezita que caiu, queríamos arranjar e a Câmara não tinha dinheiro, fomos nós que nos prontificámos para arranjar para se poder passar de um lado para o outro, só, mais nada

AL: ahan

MeL1: isto o benefício que traz é mais para os turistas que podem andar melhor nos trilhos. Os trilhos já era outra coisa que tínhamos de andar a limpar por todo o lado

AL: a Câmara não investe nos trilhos?

MeL2: que nós saibamos... não

AL: e vocês?

MeL1: não

AL: vocês também não? Então quem?

MeL2: é mais o parque

AL: é?

MeL2: o Parque Nacional é que trabalha mais aí nesses aspectos

MeL1: nós vemo-nos mal para limpar as nossas propriedades, estamos velhos

AL: ai não, estou a dizer pagar a alguém não é? À empresa, à AMBIFLORA ou que é

MeL2: já se sabe que há que pagar, e não há dinheiro. Se houvesse dinheiro com abundancia a gente até faria

AL: não, mas eu digo, os sapadores... vocês pagam aos sapadores

MeL1: eles fazem os caminhos fora do perímetro da aldeia, só caminhos até... até chegar ao baldio, no baldio não fazem. Aliás aqui, até há um tractor (...) vão com as máquinas, mas não vão para longe, não vão fazer os trilhos para as caminhadas

MeL2: os trilhos é mais o Parque Nacional

[...]

AL: pronto, então a grande importância hoje é ir mantendo umas coisas bonitas e tal

MeL1: para quem passa por cá, para quem vem de longe

AL: e do ponto de vista do desenvolvimento local, há alguma contribuição do baldio para o desenvolvimento local destas comunidades, destas aldeias ou

MeL1: se o que nos dão nos baldios der para limpar já é bom... é muito bonito mas... se chegar para isso já é bom

AL: vocês não investiram nada com aqueles subsídios que há que é para investimentos não produtivos? Que é para reabilitar o fojo do lobo, os moinhos, as cabanas dos pastores

MeL2: não há cabanas

MeL1: não temos cabanas. Do fojo dos lobos também não se fala disso já há muito muito ano. Os moinhos estão em ruínas

AL: é o que eu estou a dizer, há subsídios para recuperar

MeL1: não sei se há, não sei se há

AL: mas eu estou a dizer-lhe [RISOS]

MeL1: há? E para as levadas também há?

AL: provavelmente... no fundo são subsídios para conservar o património cultural, vá, que no fundo é também tendo em vista o turismo

MeL1: os moinhos era uma coisa boa se se pudessem recuperar também. Agora não vão trabalhar que agora não há grão para moer não é

AL: sim, mas lá está, fica com bom aspecto, os turistas gostam

MeL2: nós aqui tínhamos uns quantos moinhos

MeL1: quatro. Temos oito, mas quatro são da comunidade e quatro são de particulares

AL: ah, eu vejo muito disso em outros baldios, recuperação de moinhos, do fojo do lobo. Para quê? Para as pessoas que vão visitar, gostam de ver, aprendem, ...

MeL1: o fojo do lobo aqui já não existe há muitos anos

AL: eu já visitei alguns

MeL2: fojo do lobo não temos

AL: sim, só dei exemplos do que eu vi noutras aldeias... eu não sei como é que está este ano, agora mudou o quadro, mas eles candidataram-se noutros anos para fazer essas recuperações e tal, e têm aquilo tudo bonitinho

MeL2: mas era dentro do parque ou fora também?

AL: dentro do parque

MeL2: ah, mas nós dentro não temos nada

MeL1: não, está fora do parque

AL: pois, eu não sei se para esses casos também dá⁵⁷

MeL2: é uma questão de nos informarmos

AL: pois, é isso, se tiverem interesse

MeL1: a quem nos devíamos dirigir para sabermos essas coisas?

AL: se calhar até o próprio Carlos Pinto vos sabe dizer. Vocês não têm nenhuma associação que vos ajude na candidatura à ITI ou aos AZ. Não?

MeL2: é o Carlos Pinto

AL: é o Carlos Pinto que vos ajuda... então ele há-de saber

MeL1: ou a Sandra, engenheira florestal

AL: ah, vocês são associados da Atlântica?

MeL2: ainda não estamos associados, estivemos a conversar com ela e a organizar isso tudo para entrar aí nesse terreno, mas ainda não estamos associados. Mas de certeza que vai ficar, que vamos ficar associados a ela não é. Porque ela sempre vai, vai estar sempre mais ocupada que nós, dentro dos assuntos que vão saindo

Notas gerais sobre a gestão

(que não entram em nenhuma categoria em particular)

MONTALEGRE

Covelães: MCov1

⁵⁷ Faz parte das ITI / AZ, medidas dirigidas a zonas protegidas e de Rede Natura

AL: vocês aqui já têm o PUB, o plano de utilização dos baldios, ou o plano de gestão...

MCov1: de gestão?

AL: sim, se já fizeram aquele plano que agora é obrigatório, que é para 5 anos...

MCov1: sim, sim

AL: então já têm o baldio todo delimitado, vá...

MCov1: já, todo delimitado

AL: ok. Quem é que vos ajudou nesse processo, qual foi a associação?

MCov1: ora bem quem trata mais disso dos baldios, que é a que está coiso... é a engenheira Lúcia. Parece que também há um Paulo Tourém que também pertence aos baldios

AL: Paulo de Tourém ou Paulo Tourém?

MCov1: de Tourém

Fafião: MF1

AL: (falo do baldio de Vilarinho na Lousã como exemplo da importância que dão à inclusão das crianças no conceito e na importância do baldio e pergunto... o Raul não conhecia o o baldio de Vilarinho ou a sua história)

MF1: ah, não sei, por acaso nunca ouvi falar nada disso

AL: Estou a introduzir isto só para perguntar se vocês cá costumam, sei lá, as crianças das vossas famílias, das pessoas que estão relacionadas com o baldio, se sabem o que é o baldio, se se interessam ou se vocês se interessam em inseri-las nessa realidade...

MF1: eu acho que toda a gente que veja as coisas a funcionar começa a ter interesse em fazer parte de um projecto que funcione bem e que faça as coisas acontecer. As coisas, acho que vão surgindo de uma forma natural. Não estamos assim a, como disseste, não estamos a treiná-los...

AL: pois, não digo tanto. Pelo que percebi o objectivo ali é sensibilizar, vá, as crianças para a importância do baldio, não no sentido de ensinar os miúdos a fazer as coisas. Eles quando chegarem a jovens lá decidirão o que querem fazer. No fundo é integrar as pessoas da zona desde miúdos naquela realidade e na importância daquela realidade, desde miúdos. Agora, acredito que isso aconteça naturalmente, que é o que estás a dizer...

MF1: sim, aqui acho que toda a gente sabe o que é o baldio, assim quando são pequenos se calhar não lhes interessa muito, se calhar o que interessa mais é que comecem a dar valor à floresta e a saberem coisas como dantes se faziam, se calhar alguns ensinavam a queimar para os animais terem pasto e agora é importante que essa malta nova não vá fazendo isso, e não vai, já começam a ver aqui as coisas de outra maneira. Mas eu acho que essa integração vai acontecer e acontece de forma natural.

AL: encontrei o *site* do conselho directivo, esse encontrei... quer dizer do baldio

MF1: mas eu até acho que aquilo está desactualizado

AL: pois, acredito que esteja desactualizado, mas é interessante ver que existe um site, pelo menos aqui do Gerês não encontrei mais nenhum, não quer dizer que não haja outros, mas foi o único que encontrei. Fiquei impressionada com Fafião. Não deve ser fácil, não há aqui muito acesso à rede pelo menos...

MF1: acesso à rede até a bem dizer já toda a gente tem. Uma coisa que eu até me tinha lembrado de fazer era instalar a rede sem fios na aldeia. Entretanto ainda acabei por não... são muitas coisas. Parecendo que não temos muitos projectos em mão, temos muitas dores de cabeça por vezes e é complicado porque as pessoas... eu agora estou semi-desempregado mas os meus colegas não... e é complicado, hoje precisas de ir para aqui, amanhã precisas de ir para ali, tens de entregar os papéis daqui (*muito vento*) (...) umas obras que estamos a fazer com o apoio da câmara e acaba por ser muita coisa e então algumas coisas vão ficando mais adormecidas mas entretanto alguém no espaço e no tempo tem mais tempo livre e vai tentando pôr tudo a andar para a frente. Embora que são muitas coisas, tenho aí muitos processos ao mesmo tempo e ...

AL: vocês agora com esta leva que houve de PUB's, em que muitas associações foram contactadas para elaborarem os planos de utilização dos baldios, a BALADI, a FORESTIS, etc., aqui também foi feito nessa altura ou?

MF1: aqui foi feito quando... pronto, esses dados que são anteriores eu não sei bem, o plano de gestão, de utilização, foi feito em 2012 e é até 2017, eu até tenho lá o plano no carro e podemos ver...

AL: foi feito antes de tu...

MF1: sim. E agora tenho de dar seguimento porque as coisas são mesmo assim. Pronto, às vezes podia ter alguma coisa que as pessoas me dizem "ah, tu vais limpar ali" ou "vais fazer isto", e se calhar é melhor fazer noutra zona, e eu vejo com as pessoas, e se efectivamente for uma coisa que tem uma lógica e que as pessoas estejam de acordo, muda-se, porque as coisas também não são assim tão rectilíneas, dá para mudar

AL: claro. E esse plano foi feito por vocês ou com a associação?

MF1: com a associação, com a Lúcia

AL: com o Secretariado

MF1: esses pormenores técnicos a Lúcia é que sabe explicar tudo. Pronto, depois os baldios acabam por ter muitas... pronto, acabamos por ter muitas vertentes que tem muitos assuntos e não é fácil uma pessoa estar completamente especializada naquela área. É-me difícil, esses pormenores todos da gestão, como é que é, como é que não é, saber tudo ao pormenor, que não sei. Se eu dissesse que sabia estava a mentir. Há muita coisa ali que não

preciso de saber e então já não me preocupo com isso. Temos muita confiança na Lúcia, ela é espectacular. Nesse aspecto é mesmo do outro mundo

AL: vocês para fazerem parte da associação tem de pagar... cada baldio tem de pagar x para a associação se manter viva ou ...

MPin1: sim, nós temos de pagar. O que nós pagamos é uma percentagem de acordo com as ITI's. Porque eles fazem as candidaturas e tudo o mais e nós damos-lhes uma percentagem, uma coisa mínima.

Pincães: MPin1

MPin1: [...] sim, mas isso é às câmaras, agora o ICNF está a propor autogestão aos baldios, porque o ICNF já não funciona há muito tempo...

AL: ah, eles é que estão a propor

MPin1: agora estão porque a Lei após o pedido a Lei eram 20 anos, agora facilitam mais

AL: O que é que era 20 anos desculpe?

MPin1: o pedido de autogestão, a autorização tinha de passar 20 anos para fazer essa...

AL: Mas isso é já assim com uma crítica por detrás não? Ou estava mesmo escrito que eram 20 anos?

MPin1: sim, mas depois houve casos que, portanto o ICNF hoje não funciona, o Parque não funciona, e depois houve casos que foram levados para tribunal e o tribunal decidiu entregar a autogestão aos baldios, em certas zonas do país. E agora acho que está mais fácil, nós também já pedimos há um ano mas ainda não se pronunciaram e também acontece que a câmara de Montalegre estava-se a propor a substituir o ICNF, mas a câmara não tem gente à altura para... estava a propor-se... ela nunca... a contrapartida que queria nunca chegou a dizer, reuniu uma vez com os baldios e chegou a propor eles fazerem o pedido de autogestão e depois eles fazerem intervenções e... a câmara queria contrapartidas mas nunca chegaram a dizer bem a contrapartida que queriam, está a perceber? Não se sabe se era mais se era menos do que o ICNF. E pronto, os baldios andam aí com uns problemas, como deve saber, já vem desde que tentaram alterar a Lei e agora foi alterada, há alguns parágrafos, alguns pontos, alguns artigos que não são bem consensuais e acontece que está para o tribunal...

AL: era isso que eu ia perguntar, está ainda no tribunal constitucional mas e... ainda não se sabe de nada pois não?

MPin1: não porque o tribunal constitucional ainda não sabe a decisão. E agora temos problema com quem é comparte, quem não é comparte. Até aqui tínhamos visto, agora esta Lei já não deixa, que era o caderno de recenseamento da assembleia de compartes e depois agora isto não funciona, funciona desde 2014 com o caderno de recenseamento eleitoral ou que tenha uma exploração agroflorestal no baldio. Não sei o que é que vai acontecer no tribunal constitucional, nós temos eleições agora em Agosto, estamos à espera de alguma dica para sabermos como fazer... porque na minha opinião, nós aqui na zona, pronto, nós estamos a poucos kms de Braga e há muita gente que trabalha em Braga

e que passa aqui os fins-de-semana todos. Só que por eventualidade de certas questões comprou casa na cidade e por causa do IMI eles têm de estar, têm de ter residência lá e aquilo vai afectar sempre os cargos. São estas pessoas com outra formação do que os agricultores que davam uma mais-valia ao baldio e ao conselho directivo e que viam as coisas de outra maneira... é um problema que nós temos com isso porque sabemos que são pessoas mais habilitadas e com outra perspectiva...

AL: pois, para mim faz todo o sentido. Ainda ontem estive em Cabril e o presidente do CD também trabalha em Braga, não sei onde é que ele está registado, isso não faço ideia...

MPin1: não, ele está cá... eu tenho uma filha que o ano passado comprou casa em Braga, trabalha lá e assim perante a Lei já não podia ser comparte. São pessoas formadas que faz todo o sentido que fizessem parte da assembleia de compartes porque é sempre uma mais-valia... e agora estamos à espera a ver o que é que o tribunal decide sobre a reclamação que fizemos...

AL: não é que isto é mesmo de não estar na realidade do local, porque é natural que os jovens saiam durante a semana para trabalhar...

MPin1: não, não, porque... nós já sabemos que esta Lei traz alguma coisa por trás porque já se sabe que está a separar as águas e as povoações vão faltando e isto é o principio do fim, é o que eles pensam, mas o ultimo a rir... porque já sabemos que hoje nós atravessamos uma fase que temos muita gente formada e, felizmente por um lado e infelizmente por outro, porque muitos têm que emigrar porque não conseguem cá trabalho, mas pronto, a formação está com eles, não é... a formação está com eles. E essas pessoas são uma mais-valia para estas zonas rurais e para os baldios, que os baldios são terrenos comunitários que... pronto, é para benefício das aldeias e... também há quem entenda que só conhece dois tipos de terrenos que é o Estado e o privado, os terrenos comunitários não os conhecem. Mas para já eu acho que os baldios (?), já são de tempos imemoráveis

AL: já quê? Desculpe...

MPin1: já são de tempos imemoráveis não é...

AL: ah, sim, sim

MPin1: e agora esperamos o que é que vai sair

AL: isto [a sede do CD do baldio] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um compartes para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar...

AL: quantas pessoas estão aqui em Pincães?

MPin1: à volta de 50 pessoas

AL: 50 pessoas, e quantos jovens para aí?

MPin1: ao fim de semana há mais, mas diariamente há para aí 50 pessoas

AL: ao fim de semana é o quê, o dobro?

MPin1: não, para aí mais 20... mais 10. 10, 15

AL: Ao fim-de-semana vêm os jovens é?

MPin1: é, é. E as pessoas que trabalham fora e... Braga aqui para nós, nós somos transmontanos mas lidamos mais com o Minho do que com Trás-os-Montes. Nós estamos a 50 km de Braga e a 50 kms de Montalegre, e Braga tem condições de trabalho que não tem Montalegre, então nós temos mais vida com Minho do que com Trás-os-Montes e acontece que Braga é uma cidade que dá muito trabalho, dá muito trabalho. E então o que eu queria dizer... o pessoal mora na cidade, os que compraram casa há pouco tempo, para efeitos de benefício do IMI convém ter lá a residência, não é? E por norma já estão um bocado tremidos a ser compartes aqui, e essa gente faz-nos falta, faz-nos falta, os conhecimentos deles fazem-nos falta. Não é só saber de florestal, não é só ser isto e aquilo, uma pessoa que tem uma formação, pode ser um engenheiro, pode ser da construção, pode..., mas é sempre uma pessoa formada não é? Vê sempre as coisas de outra maneira que não vê um agricultor.

AL: sim, basta ser de outra geração que já vê as coisas de outra forma

MPin1: exactamente, basta a geração. Agora a actual lei dos baldios vai muito contra... e a gente apercebe-se que o objectivo deles é começar a fraquejar as populações do interior

pronto, e acabar com isto. Porque isto está agora a querer voltar ao tempo do Salazar, porque o Salazar era...

AL: e na altura ainda era o Estado que metia aqui as patas, agora serão só privados provavelmente...

MPin1: pois, agora é privados, isto é tudo interesses, isto agora é tudo grupos de interesses

AL: pois, esse é que é o maior perigo. Estão com problemas que isto seja só de uma aldeia ou duas mas depois se vão por nas mãos de uma companhia ou outra...

MPin1: já estiveram para entregar os baldios a várias empresas e o objectivo deles... eu uma vez estava na Lousã a tirar um curso e também lá estava no curso um desses indivíduos que estavam-se a preparar para... porque alguns eram chefões cá dentro, na altura chamavam-se circunscrições florestais, era no Porto uma, a do norte, depois era outra em Vila Real, eram umas poucas por aí... e acontece que era todo um esquema... e então eu estava lá no curso a tirar uma formação... os gajos eram lá de uma empresa que eu não me lembro que nome é que era, mas depois os baldios bateram o pé e as coisas não avançaram. Porque o objectivo deles era carecada deles todos, eles ficavam com o pinhal e entregavam as pedras ao... isto é assim, é só interesses, mais nada, porque um pinhal para ter um bom coiso tem de ter cerca de 50 anos no mínimo, 50-60 anos. E eles iam consumir o trabalho de 50 ou 60 anos e em 3 a 4 anos iam entregá-los ao... isto é só interesses. Mais nada... e agora os baldios eu sou da opinião que sejam entregues às pessoas mas a pessoas que tenham o mínimo de condições para gerir os baldios. Não é só pastoreio! Há lugar para pastoreio, há para floresta, há para tudo, o baldio chega para tudo! E a floresta é indispensável, porque se não houver baldios, ou se não houver eólicas, ou se não houver coiso, também não há rendimento, não há receitas.

Pitões das Júnias: MPi1

AL: actualmente, por exemplo aqui no baldio de Pitões... tenho feito a mesma pergunta nos outros baldios, o principal rendimento aqui em Pitões é qual?

MPi1: é as ITI! ITI... e nós também temos outro financiamento que é de apoio à equipa de sapadores, mas não chega, obviamente que são 35 000 euros, o resto do apoio tem sido dado pelos CD, tanto de Pitões como de Tourém, porque a nossa equipa tem área de intervenção Pitões e Tourém... foi uma forma de organização para melhor suportarmos a despesa da equipa, mas essencialmente a receita é 100% da medida agroambiental...

AL: pois, tira um bocado a vontade de acção, não é? Para quem não está por dentro...

MPi1: é... e nós técnicos temos que fazer isso tudo e não é fácil, e temos gente que facilmente desistem das coisas... conhecimentos, têm idade!

AL: claro, e não têm muita relação com a floresta por exemplo imagino...

MPi1: não! Quer dizer, para fazer isto temos de ter... olhe, eu até tenho dinheiro mas não quero saber... às vezes dizem isso "eu até tenho dinheiro mas não quero saber disso de papéis"...

AL: pois

MPi1: e eu não sei para quê tanto parecer ... é demais

AL: o que é que irá acontecer a esses baldios na sua perspectiva?

MPi1: esses baldios... vão-se agrupar... vão-se agrupar... aliás há um incentivo, até próprio do Secretariado, a solicitar que se agrupem e tenham uma gestão com uma visão mais comum... por exemplo, investimentos comuns... porque facilitam e é uma forma de economizar... quem não puder se agrupar obviamente que isso vai cair aonde? Ao Estado... não é isso que nós queremos, que nós no Secretariado sempre defendemos a propriedade comunitária, agora quando não há populações para a gerir... alguém tem de tomar conta dela não é?

AL: pois...

MPi1: nós disso já temos a noção por isso é que efectivamente aconteça o que... dê-se o passo que se dê, obviamente que esse passo depende das situações, mas que a natureza dessa propriedade que nunca deixe de ser baldio. Agora a gestão, obviamente na ausência dos compartes, terá que ser... também não somos adeptos que isso fique abandonado não é? Não pode ficar...

AL: claro, claro... pois, o Estado desapareceu não é, da gestão...?

MPi1: é, o Estado desapareceu e nós também queremos que desapareça, de certa maneira...

MPi1: foral é como que, é a propriedade baldia foi, está documentada e pertence àqueles compartes, ou seja ela é passada de família a família, e eles registaram o baldio, enquanto os outros baldios não estão registados... ou seja, é uma propriedade comunitária com direito privado, e eles gerem-se como se fosse uma associação... foral... ou seja o rei atribuiu aquele baldio àquela comunidade, está ali documentado como lhes foi mesmo doado não é... e eles acabaram por registá-lo e individualmente o baldio passa de família a família, descendente... como que tem dono.

AL: pois, pois, pois... não tem nada a ver com o facto de por exemplo... não... ia dizer se não tinha nada a ver com o facto de a aldeia

MPi1: está registado como seja um tipo de propriedade privada, pertence àquele comparte

AL: e não é o único foral, pois não, há outro foral qualquer...

MPi1: há mais, há mais, ali para a zona da Ermida

Tourém: MT1

AL: então neste momento no baldio de Tourém, quais são as receitas?

MT1: tem a ITI

AL: é só as ITI?

MT1: só, mais nada! E antes não tinha nada que ainda era pior

AL: antes não tinha nada... como é que vocês faziam isso?

MT1: olhe, de algumas candidaturas que já na altura, e estou me a recordar de quando entrei, porque nem sequer CD dos baldios existia

AL: há quanto tempo?

MT1: há 20 anos atrás

AL: as ITI já existem há quanto tempo?

MT1: não, não, a ITI é recente, a ITI tem 6 anos ou 8

AL: pois, era a ideia que eu tinha

MT1: e na altura era gerida, porque o baldio era gerido pela Junta

AL: ai era

MT1: o CD do baldio foi formado em 1990 e oito ou nove, e fomos dos primeiros, da zona foi

AL: da zona sim

MT1: na área do Parque fomos todos ao mesmo tempo, foram todos formados em 98 / 99, foi assim uma coisa, foi Tourém, Pitões, Cabril, Sezelhe, Outeiro, foram todos formados nessa altura, já para fazer a candidatura, mas antes, estava-lhe a dizer, antes ia-se fazendo umas candidaturazinhas assim daquele jeito para manutenção, para limpeza, para preservação da... o combate contra incêndios, então vinha vindo algum dinheirinho que nós utilizávamos para fazer a limpeza, para abrir uns caminhos, para fazer essas coisas. Na altura era... se hoje é complicado na altura ainda era mais, naquela altura ainda era mais complicado porque não havia meios

AL: e daqueles dinheiros que sobram da ITI também investem no povo, na aldeia?

MT1: é todo no povo... é todo no povo

AL: ok, então também fazem beneficiação da aldeia...

MT1: isso, nós desde o início que não fomos muito nessas coisas, de tirar o dinheiro do baldio para recuperar a ... atenção, não sou contra, mas eu tenho tanto caminho, tanto baldio para preservar, como é que vou retirar esse dinheiro para o cimo da capela? Epá, isso têm a comissão fabriqueira, são eles que têm que a fazer... não é?

AL: comissão fabriqueira? É o quê? Faz parte da Junta?

MT1: não, comissão fabriqueira é digamos que a gestão de património da igreja

AL: ah, faz parte da paróquia?

MT1: é, comissão paroquial, eu não sei como é que se chama isso. O nome é comissão fabriqueira, isso eu sei... agora, temos tantos bebedouros para fazer, tanto caminho para abrir, tanto caminho para limpar, tanto carvalhal para preservar que acho que não faz sentido levar o dinheiro para dentro da aldeia, então está lá a Junta também, a Junta é que tem de fazer esse trabalho. Atenção que não sou contra, eu não sou contra, se alguma coisa é por necessidade e alguém tem dinheiro, epá que se aplique, eu nunca tive muito esse caso, essa situação, nem as procuro ter, nem as procuro ter... se tiver que as ter olha, lá me desenrascarei se eu puder... agora eu acho que o dinheiro das ITI é canalizado para o baldio é empregue nele. É assim que eu entendo as coisas, e é assim que até agora tem sido feito. E acho bem

Travassos do Rio: MTR1 e MTR2

MTR2: há baldios que têm o dobro da verba da Junta

AL: para fundo de maneio de ambas as instituições...

MTR2: sim

AL: e há vontade de fundir as duas instituições. Ou de haver uma apropriação...?

MTR2: repare que isso depois já é um conflito de interesses... porque é que se criou o baldio, o baldio ou as comissões de compartes? Porque até ali eram praticamente todos geridos pela Junta, só que depois as Juntas eram de várias aldeias, por exemplo, a Junta era o núcleo de várias aldeias, só que depois as pessoas “ai pa, mas se eu puder ficar com o meu...”. E foi aí que se começou a criar baldios em cada lugar, tinham medo que o presidente de Junta gerasse o dinheiro... desse o dinheiro de uma aldeia para outra...

MTR1: há aqui duas aldeias não é... que o concelho ainda está em Cambezes, está numa aldeia, e isso...

AL: o CD? Ah, ok, e o baldio é partilhado pelas duas... e acha que há ali uma tendência na gestão?

MTR1: há uma aldeia que se pode dizer que não tem recebido nada...

AL: mas também há baldios que envolvem muitas aldeias, por exemplo a freguesia de Cabril... portanto aqui não há vontade da Junta se apropriar... estou a usar esta palavra, até parece mal, mas não é no sentido negativo...

MTR2: não, não, não, porque isto já existe há muitos anos, já... por exemplo aqui na zona do parque os baldios já existiam há muito tempo e a Junta sempre conviveu bem com isso

AL: e já existiam separados por aldeias?

MTR2: sim, sim, sim. Agora que...

AL: mas antes a Junta também eram menos aldeias juntas não era?

MTR2: sim, sim, sim. Era só Sezelhe e Travassos. Agora é Sezelhe, Travassos, Paredes e Covelães. Agora que, se não houver uma boa relação entre o presidente de Junta e o do baldio, quem fica a perder não é nem a Junta nem o baldio, quem fica a perder é a população. Por exemplo imagine, o que se verifica em muitos sítios é, o presidente... concorrem duas pessoas a presidente de Junta, o que perde tenta logo fazer lista contra para o baldio, há situações em que é, o presidente de Junta é de uma cor política e o presidente do CD é de outra cor política, e depois há ali a ver qual é o que faz a obra, tipo qual é o que... se um faz uma coisa o outro quer... e quem fica a perder é a aldeia... eu sou a favor de um modelo completamente diferente de gestão do baldio, é a minha opinião mas é pública

AL: qual é? Já agora, se é pública...

MTR2: seria a Junta a gerir em que cada representante da aldeia ser o porta-voz do baldio, o elemento que estivesse na Junta seria ele o porta-voz naquela aldeia

AL: o elemento que estivesse na Junta?

MTR2: sim, imagine, eu sou presidente de Junta da Freguesia, por exemplo o meu número 2 normalmente é de outra aldeia... era ele aí ser o... só há um problema, não é um problema, não é só o porta-voz na aldeia e ser o porta-voz da aldeia e do baldio

AL: o problema, digo eu, se o presidente da Junta é de uma aldeia, o numero 2 é de outra, depois não sei como é que seria o numero 3 e o número 4, não sei como é que isso se faz, há aí uma espécie de uma hierarquia não é, e que acaba por se calhar se reflectir, pelo menos na cabeça das pessoas, na importância de cada aldeia na gestão do baldio...

MTR2: não! Depois vai a votação, imagine que o presidente de Junta é tendencioso, faz mais obras numa aldeia, está sujeito a perder as eleições

AL: eleições do quê? Do CD ou da Junta?

MTR2: não, da Junta. Por exemplo, eu e o Ti Manel por acaso, já viu que temos uma boa relação. Imagine que ele tinha uma postura diferente, não conseguíamos fazer nada na aldeia...

AL: não isso eu entendo e concordo, acho que esta relação pacífica sem dúvida terá... agora não sei é até que ponto... isto é a minha opinião, não é, e é a primeira vez que estou a pensar nisto, não sei até que ponto se fosse a Junta, e como esses representantes da aldeia na Junta, não iria haver algum conflito, porque lá está... mesmo que haja eleições, as eleições a gente também já sabe que muitas vezes podem ser enviadas ou por amizades, ou por familiares, ou porque não sei quê... isto acontece em todo o lado, acontece em Alverca onde eu vivi sempre, também acontecerá aqui com certeza... ou seja, não sei até que ponto não existiria aqui também alguma disparidade, vá, de representação de cada aldeia...

MTR2: não, não percebeu...

AL: se calhar não...

MTR2: o limite do baldio seria o limite da freguesia, em vez de haver 4 baldios haveria um, não haveria baldio, tipo o limite da freguesia seria o limite da... a Junta geria o baldio, haveria só uma acta, que seria a acta da junta e da assembleia, e haveria só uma contabilidade, uma contabilidade organizada da Junta de Freguesia e passaria tudo pela Junta. Imagine, nós temos 4 aldeias, temos um presidente de Junta e 4 presidentes de baldios... vai chegar a um ponto em que vai haver aldeias que não vão ter representantes para fazer a lista de um baldio, ou então vão por a mãe, o pai, o filho

AL: pois, isso já é sintoma de ... da desertificação aqui destas zonas

MTR2: esta opinião é muito particular

AL: não, e está muito mais dentro da realidade aqui do que eu

MTR2: eu nesse aspecto estou bem, todos os presidentes dos baldios ou são representantes da Junta ou cooperam com ela...

AL: pois, já vi que há muito isso não é... até agora ainda não vi nenhuma má relação entre a Junta e ... também ainda não fui a todos... mas sim, confunde-se um bocado...

MTR2: pode ver por exemplo, a situação de Outeiro, não sei se já viu...

AL: vou amanhã acho eu...

MTR2: pois, em que você vai ver que o presidente de Junta não é presidente do baldio. Por exemplo, o de Tourém... em que o presidente de Junta não é o presidente do baldio

AL: ah, e há um baldio por freguesia é isso?

MTR2: sim, há um baldio por aldeia...

AL: ah, por aldeia ok... eu até agora só conheci um, na verdade, que coincide... para além de... bom, no seu caso também não coincide, não é... não é presidente do CD, até agora só conheci um que coincide, que é o Márcio, que é o presidente do CD e presidente da Junta

MTR2: sim, mas tem mais... tem outros baldios na freguesia, ele é presidente do CD de Cabril, Fafião, Pincães, isso são outros. Eu tenho a certeza que ele nos outros não faz nada, não faz nada, tipo, não tem

AL: sim, não tem mão...

MTR2: pois

AL: sim, sim, sim. Mas isso não tem de ser mau, ou tem? Se calhar não estou a perceber (RISOS)

MTR1: depende

MTR2: depende

AL: porque me parece que eles se dão bem, o Raúl com o Márcio dá-se bem...

MTR2: sim, sim, é por aí, têm só de se dar bem

AL: sim, se houver conflitos é mau...

MTR2: no meu caso, o presidente da assembleia é o Bento Moreira que é o presidente dos baldios de Sezelhe, o meu tesoureiro da Junta é o presidente dos baldios de Paredes, aqui o presidente dos baldios de Travassos, o Ti Manel, temos uma boa ... em Covelães é o Ti Manel que é... ele não é contra a Junta, nem nada, mas é a pessoas, é a mais complicada... por mentalidade não é por

AL: por função...

MTR2: sim, sim, sim. Se você reparar em todas as Juntas que a Junta e o Baldio é do mesmo presidente ou se dá bem, o desenvolvimento é totalmente diferente.

AL: sim, isso acredito bem que seja assim

MTR2: se o presidente do baldio for de uma cor política e o presidente de Junta for de outra cor política... (RISOS)

AL: pois, eu li não sei onde que precisamente está a acontecer isso, que a gestão dos baldios está-se a politizar muito. Está a haver muita questão política no meio e depois criam-se estas questões que extravasam completamente os interesses locais, não é... já não tem nada a ver com o interesse local das pessoas...

MTR2: por isso é que eu digo que nesse aspecto que se fosse uma lista da Junta...

AL: atenuavam-se pelo menos as possibilidades de haver conflitos

MTR2: sim, e há uma assembleia em que as pessoas poderiam dizer “não concordo com isto” ou “tem de ser esta...” ... é a minha opinião, já fiz... essa opinião já está escrita em assembleia de câmara, fiz questão de dizer, e não haveria estas guerras tão.. como existem. Porque isto é muito fácil ganhar um baldio

AL: em termos locais é isso?

MTR2: sim. Agora a Junta é mais complicado porque é uma...

A: está a falar por exemplo de uma família mais influente, que é fácil de...

MTR2: sim, exactamente. O que não quer dizer que seja o gestor do baldio...

AL: pois, exacto

MTR2: mas pronto, estou a defender a minha opinião (RISOS)

AL: não, são realidades locais que eu não estou a par, eu venho cheia de ideias...

MTR2: eu já dei essa minha opinião muitas vezes, já falei várias vezes com o Ti Manel

AL: e o Ti Manel concorda ou discorda?

MTR1: (RISOS) até aqui temos concordado

AL: é... e nesta questão da gestão pela Junta ou pelas... pelos CD. Concorda com...

MTR1: sim...

AL: sim

MTR2: não, as pessoas têm de ser... têm de...

MTR1: nós temos que nos abrir um para o outro não é... para as coisas correrem bem...

AL: não, isso sem dúvida, mas agora passar o CD para...

MTR2: eu sou presidente de Junta, tenho 4 aldeias, sou de Travassos, não quer dizer que depois faça tudo só em Travassos... percebe?

AL: sim

MTR2: é a mesma coisa que não... e garanto-lhe que a maior parte dos fundos comunitários e das verbas seria mais bem aproveitada... não haveria tantos litígios com... seria o limite da freguesia não haveria como fugir...

AL: pois exacto, diminuindo-se as fronteiras diminuir-se-iam os conflitos...

MTR2: pronto, era isso! Era isso... nós por acaso estamos bem por isso não há... não há...

[despedida, o senhor Ze Bento pergunta me que estudos são os que estou a fazer, se é mestrado... não, é doutoramento, em ecologia humana... como o baldio é um caso interessante, etc., da minha opinião sobre a situação dos baldios... e como acho importante que se mantenham, seja sob a gestão da Junta seja sob a gestão dos CD, desde que para as comunidades locais... AL: se esta estrutura acabar...]

MTR2: não, atenção, a esta estrutura não acaba. O baldio nunca irá acabar, ...

AL: mas se sair das mãos dos locais...

MTR2: a gestão é que... eu falei em questão de gestão, não falei em questão de ...

AL: ai não, quando eu agora disse "acabar" eu falei no sentido de se se tira a gestão das mãos dos locais, sejam eles freguesia sejam eles...

MTR2: ah, não, isso também nunca vai acontecer...

AL: esperemos bem que não, se vocês estiverem cá para mostrar que sabem fazer as coisas...

MTR2: não, ... no máximo passará, mas isso é já um cenário muito negro, a gestão do baldio passará para a câmara, no máximo! Mas isso nunca irá acontecer...

AL: pois, mas se isto passa para o património privado seja da câmara seja da Junta estamos tramados não é, porque a partir daí é alienação atrás de alienação opara interesses maiores, isto já tou eu a ver um cenário bastante negro

MTR2: não, o caminho que leva é o individualizar, tipo ser baldio a baldio, é o caminho que leva, não tem... já não tem forma de sair dali...

AL: não percebi, individualizar como assim? Privatizar?

MTR2: não, não, não, ser individual, tipo cada baldio ser de uma aldeia...

AL: ah, mas isso a mim nem me faz muita confusão, o que me faz confusão é privatizar-se, é entregar-se a companhias de celulose

MTR2: não, não, não

AL: é que a partir daí deixa-se de se fazer o... para mim esse seria o papel mais importante do baldio, que é o de promover o desenvolvimento local e de criar melhores condições para quem cá vive... a partir do momento em que isso se perde...

MTR2: não, mas a gestão do baldio há-de ser sempre local

AL: eu espero que sim, mas pro exemplo, a nova Lei dos Baldios poderá ter alguns efeitos negativos a esse nível

MTR2: já tem, já tem, já tem alguns impactos

AL: pois, mas é que se estas leis forem alteradas de x em x anos, cada vez mais a afunilar...

MTR2: mas também a lei dos baldios também não foi assim nada feito de propósito... isto também não... é como tudo

AL: mas a Lei, quer dizer, a Lei é a Lei, não tem que ser...

MTR2: a gestão dos hospitais... é a mesma coisa. Mas mal saia uma lei já sabemos que é tipo, para a tal empresa concorrer à gestão do...

AL: mas quer dizer, as leis não têm de ser assinadas pelos locais... se fosse assim era uma maravilha, era tudo muito mais justo

MTR2: mas têm de ser assinadas... têm que ir a concertação social, ninguém se lembra de... o governo diz vamos fazer 45 horas semanais ou 35, os patrões, ou as confederações dos patrões estão lá... se eles todos votarem contra não, a lei não passa...

AL: sim, está bem, mas pro exemplo a Lei dos Baldios...

MTR2: alguém...

AL: sim, alguém, mas não acredito que tenha sido alguém relacionado com os baldios actualmente, eu acredito que seja... o Secretário de Estado da Agricultura ou... mas isso são pessoas que não têm se calhar interesses locais

MTR2: mas alguém... este Secretário antes de decidir consultou os órgãos, tenho a certeza...

AL: eu gostava de acreditar nisso mas não... ou melhor, nesse caso até nem gostava porque isso metia em causa muita coisa não é... se as pessoas aqui a nível local estão de acordo com muitas das alíneas que estão na lei dos baldios...

MTR2: oh, não vamos... eu sou, tenho as minhas...

AL: diga tudo o que quiser... (RISOS)

MTR2: a moção das Juntas foi assinada pelas pessoas

AL: o quê, o quê? Não percebi...

MTR2: a redução das Juntas de Freguesia... houve tanta guerra...

AL: a redução do orçamento é isso?

MTR2: não, não, não...

AL: ah, a união

MTR2: sim. Diga-me... mas foi assinado. O PS e o PSD assinaram, por isso não foi o Estado, a União Europeia que se lembrou de reduzir as... lembrou-se mas os partidos, nós é que concordámos...

AL: sim, e também foi o PSD e o CDS que propuseram a lei dos baldios

MTR2: sim

AL: pronto, mas isso para mim eles estão de alguma forma a defender um certo ponto de vista

MTR2: o presidente da CAP pertence a uma cor política, o presidente da CNA pertence... eu digo isto porque estou à vontade, e tenho falado disto ao nível, com o presidente da câmara e com o... porque mais tarde se verificou que alguém sabia mesmo que do que se estava a... mas já é muito... para a frente

AL: já estamos a sair do...

[começamos a arrumar]

AL: eu não tenho dúvidas que haja sempre algum interesse de alguém ou de algum grupo atrás destas alterações

MTR2: mas eu não digo que haja interesse, eu digo que as pessoas não viu para o caminho que levava

AL: ah, não teve a noção das consequências...?

MTR2: não teve noção ou não se apercebeu que iria causar este impacto... por exemplo, a redução da... cortarem a área da... do carvalho e a rochosa... vila real acho que não... esqueceram-se foi deste cantinho...

AL: são decisões tomadas lá fora e que depois têm impactos a nível local que ninguém imagina

MTR2: não podem dizer que foi o senhor que veio lá de fora que decidiu cortar, que o homem deu a opinião dele, não... se alguém dissesse “não, ele está enganado”

AL: mas também teria de haver interesse em ir ouvir essas pessoas que podem dizer que está enganado, não é?

MTR2: sim, mas antes disso, quando souberam lá que... tenho a certeza que... e foi provado que sabiam...

AL: que sabiam? Agora perdi-me um bocado, desculpe...

MTR2: sim, que andava a ser esse trabalho feito

AL: a nível local, é isso? Das autoridades locais?

MTR2: sim, o ICNF sabia que andava aí esse senhor a ver o baldio...

AL: sim, mas tinha de haver interesse da parte da instituição que esse senhor que representa, não é... de saber a nível local o que é que significa a rocha, ou o que é que significa carvalhal, o que é que significa

MTR2: ou alguém que lhe explicasse não é...

Cabana Maior: ACm1

AL: e por exemplo, agora o baldio que tipo de receitas é que traz?

ACm1: das madeiras que se vão vendendo

AL: vocês têm muita madeira no baldio?

ACm1: tínhamos... em 2006 ardeu quase tudo, quase tudo

AL: 2006

ACm1: 2005-2006, dois anos seguidos

AL: mas essa madeira que queimou foi vendida ou... alguma ainda está lá

ACm1: foi vendida... foi vendida a um preço relativamente baixo porque as empresas que compravam, a madeira tendo sido queimada valia menos

AL: claro. E vocês chegaram a reflorestar, ou a florestar novas áreas?

ACm1: não, não

AL: nunca investiram na plantação? Nem na regeneração natural

ACm1: nós não... fizemos limpezas, fizemos limpezas para favorecer o desenvolvimento de árvores que iam nascendo da, penso que foi de sementes que ficaram na altura dos incêndios, não sei... mas nunca fizemos plantações não

Sistelo: ASi1

AL: então mas e aqui os baldios correm bem ou não? A gestão...

ASi1: para já as coisas têm corrido bem. Aqui os baldios, é como disse há bocado, é os usos e costumes e a tradição, vamos lá a ver, nós não... o baldio da minha freguesia não é só da minha freguesia, como os baldios da freguesia vizinhas são só deles, portanto isso é... no monte isso é tudo os usos e costumes antigos, ancestrais, que já vêm de há muitos anos. Porque os nossos animais pastam nos terrenos dos outros e os dos outros pastam nos nossos terrenos

AL: e não há conflitos?

ASi1: não há conflitos não, e todos conhecem os animais portanto, isso é uma coisa logo que... como andam centenas de animais nos montes e todos conhecem os animais, centenas deles, e conhecem uns os animais dos outros, portanto isto é tudo uma comunidade

Soajo: AS1

AL: claro, claro. Portanto, actualmente o baldio de... Britelo, isto aqui é da freguesia de Britelo não é?

PB1: freguesia de Britelo

AL: os rendimentos do baldio de Britelo vêm sobretudo das ITI ou têm outra fonte de...

PB1: é as ITI, quanto a pinhal, pinhal nós não temos nenhum, o pinhal está abaixo de baratíssimo, nós temos agora um corte a fazer de 3000 pinheiros, e nesses 3000 pinheiros sei que a venda está proposta pelo Parque é de 30 000 euros... 3000 pinheiros... não, 3900 pinheiros, está quase nos 4000. Isto é uma miséria, é simplesmente uma miséria. Agora quando eu aos meus colegas digo “estamos há ano e meio a recebermos 5500 euros do Estado, pagamos 4000 e tal e já fizemos trabalhos de 10 000 euros”... e fizemos esse trabalho de 10 000 euros, há muita gente que diz “eu não sei como é que tu fizeste. E perguntam, então tiveram 4000 euros... 5000 euros, pagaram 4000 euros por tal, o que é que fazem com 1000 euros? Nada! Não é? É simples, eu fiz um protocolo com a camara da Ponte da Barca para fazer o trilho Magrito dali de Britelo, e desse trilho Magrito deram-me 6600 euros. Eu no princípio disse-lhe que não aceitava, que não me dava para fazer aquilo. Mas teve uma reunião onde falei com esse rapaz, o João “olha, tenho um protocolo para assinar mas temos de fazer uma reunião para ver se assinamos ou não assinamos”. Fizemos a reunião, mas ele como é também um bocado espertalhão o que é que ele faz, telefona-me ao engenheiro que se ocupa dessa zona e disse-lhe “epa, por acaso tenho um trabalho a fazer, uma equipa de sapadores que tem de fazer 4 hectares, tu tens alguma coisa aí para fazer?” “ai que até nos calha tão bem que temos o trilho todo para roçar”. Quer-se dizer, fizemos esse trilho com esses sapadores, com uma ajuda do parque e com uma ajuda dos sapadores do Lindoso, que eu entendo-me muito bem também com o presidente de Lindoso e mandou-nos os sapadores fazer essa limpeza, de graça... quer-se dizer que esses 6600 euros foram limpos, não é verdade? Sem gastos. E há muita gente por aí “eu não sei como é que tu fazes o trabalho, tu dizes que não tens dinheiro e afinal deixaram-te o dinheiro”. Não, a apresentação de contas fizemos em março, ...?, todos vocês

que estiveram na reunião tiveram um documento de apresentação de contas, veem aí que nos pagamos muito dinheiro ainda das contas que ficaram por pagar, viram o dinheiro que entrou, mas agora falta saber é como é que eu trabalho, o trabalho é com amigos, é com diálogos, assim é que eu falo, é que eu faço o trabalho

AL: só uma pergunta para ver se percebi bem, esses 6600 euros vocês teriam que pagar ou era o que vos iria custar se fizessem o trilha?

PB1: ai, não nos chegava para fazer o trabalho... não nos chegava. De contrapartida fizemos um pedido se nós dávamos um jeito ao estradão. Chamei uma empresa para me fazer um orçamento áquilo

AL: mas em contrapartida do quê?

PB1: de eles fazerem o roço. Então esse caminho ficou-nos em 2700 euros, que tínhamos que tirar a esses 6600, no fim ficámos só com 4200 euros. Agora já fizemos, este mês já fizemos uma média de 7 hectares de roço, mas já não fui às pessoas que são profissionais desse trabalho, porque essas pessoas sabem perfeitamente quanto nós íamos buscar, quanto o Estado nos dá, por exemplo, por 4 hectares, e eles levam-no todo, não fica nada. Mas aí é que nós descobrimos, por exemplo a trabalhar ao dia, pedimos orçamentos, e tanto a eles como a empresas que são, que podem fazer esses trabalhos cá, quando nós íamos a ver a diferença, eles fazem 4 hectares e os outros fazem 7, com o mesmo dinheiro. Eu fiz uma média de 7 hectares e no outro dia telefonaram-me a dizer que eu tinha de pagar 3000 e tal euros, uma diferença enorme, se não tinha que pagar 14 000 euros, 2 vezes 7 catorze, está a ver a diferença. Agora se nós pensarmos assim, é verdade que quando um presidente entra ele vem cego, ele entra cego nesta sala, que não sabe por onde há-de pegar. Agora quando entrar o novo presidente que eu saia eu digo “amigo, tens aqui direcções, tens aqui isto, tens aqui isto, e segue este caminho não sigas outro porque senão tu vais-te esbarrar porque não tens dinheiro para fazer nada”. Agora eu quando entrei nem me deram documentos, nem facturas, nem absolutamente nada, eu vim cego para aqui para esta mesa. Se não tivesse quem me ajudasse eu estava com certeza... bom, tinha de me demissionar não? Quando não há dinheiro não há dinheiro, não é verdade? Ao fim do ano fazemos as contas. E uma coisa que eu acho também que está muito mal é não ter assim como as Juntas, ter um relatório de contas ou tribunal de contas

AL: acha que devia ter

PB1: eu acho que devia de ser, um relatório de contas ser entregue ao tribunal de contas, isso não há hipótese, porque se nós fazemos um corte de pinheiros de 1000 pinheiros, sabemos que íamos receber tanto, não é verdade? Sabemos que o IVA que é a 6%. Nós, as contas são feitas assim, mas quando fazemos um corte de pinheiros, por exemplo de 1000 pinheiros, a maior parte deles não vendem 1000, vendem 1500, mas os 500 foram para meter no bolso deles

AL: ele, quem está na gestão é isso?

PB1: quem está na gestão, está claro. Ora, já também falei no parque, que para quando houver um corte de pinheiros para estarem eles presentes, se é de 4000 ou 3000 ou 2000 pinheiros, são aqueles 2000 ou 3000 pinheiros e não há mais pinheiros a cortar. Se eles

com um pinheiro botam abaixo outro têm que pagar o suplemento desse pinheiro, eles aí estiveram de acordo comigo. Dizem “ é verdade”. Porque eles quando botam um pinheiro, está acolá aquele pinheiro que não está marcado, fazem com que o pinheiro caia em cima do outro e levam-no gratuito

AL: eles, a empresa?

PB1: a empresa. Ora, também eles dizem que vão acompanhar os cortes agora, de pinheiros, sobre esse caso acham justo que é normal que façam isso, o que aí é... é onde um presidente dos compartes se não for sério, é onde leva dinheiro.

PONTE DA BARCA

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

PE1: aquilo, digamos, em termos práticos e objectivos, é uma propriedade privada embora de gestão comum, ou seja, cruza em muitos aspectos com a filosofia de gestão do baldio, mas aquela área paga contribuição, paga IMI, tem os proprietários identificados, é indivisível na mesma não é, tal como... no baldio ninguém sabe onde tem baldio, é uma área que é comum e que é partilhada por todos, e esse espírito também incorpora aquela propriedade, só que o espírito da propriedade é privada. Ou seja, em termos visuais e de aspectos e de tudo é semelhante a uma área baldia

AL: é uma gestão de floresta também...

PE1: sim, de pastoreio, floresta, aliás, pronto, em termos de, digamos assim, de utilidade e de gestão e de... é o mesmo que uma área baldia, só que não é baldia

AL: ok... e qual é que funciona melhor em termos de gestão, o baldio ou o foral?

PE1: é assim, é mais complicada a gestão da Foral, digamos assim, de aceitação de algumas regras e de... pronto, é mais complicado na Foral, porquê? Porque lá está, é a questão privada que entra ali, eventualmente a possibilidade ou a ideia de poder daí resultar dividendos e tudo o mais, do que no baldio, no baldio essa parte está afastada, por isso vai... temos maior dificuldade na Foral. Também é uma área bastante maior, são 2400 hectares e no baldio são 1700

AL: aaah... está bem... e por exemplo, estando dentro do Parque... está não está?

PE1: sim, sim

AL: e o Foral também está

PE1: sim

AL: também têm direito às ITI na

PE1: sim, sim

AL: mesmo não sendo um baldio

PE1: sim, sim, tem

AL: qualquer privado tem?

PE1: sim, dependendo das medidas sim, os privados têm concorrido às ITI e agroambientais e tudo o mais, concorrem todos. Naquele caso concreto entra algumas medidas que são específicas para áreas baldias porque o espaço é em tudo semelhante na gestão e na actividade e no desenvolvimento de todas as actividades como o baldio e na altura foi também permitido que ele entrasse em todas as medidas em que entram os baldios

AL: está bem... e a população é interveniente na gestão? Vai às reuniões...

PE1: pouco interveniente, mais na Foral, pelos processos já, mesmo assim, pronto, quando toca, quando tivemos agora uma reunião em Junho... não, Maio, foi por causa dos problemas que apareceram agora com a redução das áreas de pastagem e que isso tinha implicações nas candidaturas relacionadas com a pastorícia e os efectivos e tudo o mais, e isso criou aí um alvoroço e alteraram aí as regras da afectação, digamos assim, da área comunitária para as candidaturas e pronto, tivemos de tomar alguma posição e tivemos uma reunião bastante participada na Foral, no baldio menos, muito menos, as pessoas estão um bocado desligadas, só se houver assim algum alarme... e também são menos, essas actividades no baldio têm menos expressão, porque já não é tão montanha, digamos assim, quanto mais nos aproximamos de zonas de montanha estas actividades são mais, verificam-se mais e são mais atractivas, o baldio já é mais próximo da zona mais urbana da freguesia não tem tanta utilidade, digamos assim, para esses fins

Germil: PG1

AL: então vocês neste momento têm algum rendimento dentro do baldio? Algum dinheiro a entrar

PG1: nós o rendimento que temos são as ITI para o controlo dos matos, não é, as limpezas e etc. claro que conseguimos sempre fazer por menos dinheiro do que aquele que recebemos, e há sempre forma de fazermos pronto, com pessoal da terra, pronto, e daí conseguimos por vezes ficar com qualquer coisa que depois nos vai ajudando para fazer algum dinheiro para as intervenções desses projectos, pronto, como foi o caso do fojo do lobo, projectos de melhoramento, desse projecto que tivemos que abandonar

AL: mas o dinheiro que sobra das ITI usam-no...

PG1: aos bocadinhos, vamos tirando um bocadinho num lado, um bocadinho do outro, porque é daí que nós

AL: ah exacto, para avançarem o dinheiro desses projectos

PG1: exactamente

AL: pois

PG1: e claro, nós tínhamos já uma mancha de plantas de pinheiro, e não de pinheiro grande, e não só de pinheiro, também tinha algum carvalho, castanheiro também, que depois ardeu, porque senão nós aí já iríamos, ou estávamos a pensar fazer uma receita para

AL: pois... o que ardeu ainda conseguiram vender alguma coisa?

PG1: não, já não conseguimos

AL: estava mesmo

PG1: ainda tentámos, contactámos empresas, madeireiros, claro, mas já não se interessaram, aquilo foi... sei lá, aquilo foi numa altura muito violenta e o lume destruiu mesmo quer dizer, aquilo foi...

AL: pois, pois, pois... e não veio às casas?

PG1: não...

AL: pois.... enfim. Em que tipo de coisas é que vocês têm usado o dinheiro que sobra das ITI? Também usam no melhoramento da aldeia ou...?

PG1: não... esse dinheiro para já só se aplica ao baldio, recuperação de pontões, não é, de pontões que existem, de ribeiros

AL: pontões é o quê?

PG1: pontes, pequenas pontes não é, para passar os animais, as pessoas a pé, nalgumas até passam tractores e os antigos carros de bois, porque a água todos os anos, os regueiros, no inverno danificam, então temos de os manter, às vezes os suportes de caminhos, a recuperação, melhoramentos próprios dos caminhos, pronto, usamos nessas coisas

AL: pois... e quer dizer, se não houvesse ITI...

PG1: não se podia fazer

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: As servidões do baldio, ou seja os caminhos que levam ao baldio, são caminhos que têm regras que dependem dos compartes, portanto não são caminhos públicos, são caminhos dos compartes, do baldio. Portanto têm regras, não é sempre que podem ser passados e não é por toda a gente.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: Referiu que há comunidades que estão a desaparecer então não vale a pena manter um baldio numa zona onde não há já comunidades. Eu até concordo em parte com isso, mas isso não irá contribuir precisamente para que essa comunidade desapareça, ou seja, não se está a pregar ainda outro prego nesse caixão que é o facto de as pessoas estarem a desaparecer

TC1: hmm, acho que não. Não... há um conjunto de factores que levam à desertificação, não é só cá, é em todo o mundo, havendo ou não havendo baldios não é...

AL: claro, mas um dos objectivos da PAC actualmente, da política agrícola comum, e do PRODER, do actual PDR e tal, é precisamente fomentar o desenvolvimento local, o povoamento destas áreas e tudo o mais, mas ao mesmo tempo retira-se...

TC1: mas isso não é verdade

AL: é o que está escrito

TC1: sim, mas isso não é verdade

AL: o que acontece eu não sei

TC1: isso vai servir

AL: é só balelas é?

TC1: vamos ver, ok, tudo muito bonito, tratando com a actividade em si mas... e os filhos vão estudar aonde? E o médico está onde?

AL: pois, mas isso para mim são outros pregos no mesmo caixão dessa tal vontade

TC1: mas o principal problema, ou melhor nós não podemos... ok, os baldios é o limite porque fruto de um conjunto de políticas e de dinâmicas sociais as pessoas, até em algumas cidades, há agora uma cadeira nova, uma disciplina nova que é o marketing territorial [*? não se entende*] o marketing, mas é interessante o marketing territorial, as cidades disputam pessoas, querem pessoas, querem atrair... pronto, se nós temos a cidade aqui a 40 kms a fazer o apelo à juventude para ir para baixo, se o Estado ajuda cortando num conjunto de infraestruturas básicas para que as pessoas pudessem viver cá... naturalmente que o baldio é uma consequência como há outras consequências, o próprio património de cada um as pessoas abandonam-no, não entendo porque é que Ok, é colectivo, podíamos eventualmente trata-lo de outra forma, mas se as pessoas abandonam o que é seu, se deixaram a casa onde nasceram, se deixaram a vida não é..., os sítios, as memórias e trocaram, porque é que... o que é que o baldio lhes diz? Não diz nada

AL: sim, mas ninguém paga... isto agora só para criar aqui um bocadinho de discussão, também ninguém pega na propriedade particular dessas pessoas e entrega à Junta, também não há essa legitimidade em relação à propriedade privada

TC1: ah, sim, ok, mas eu concordo que se entregue a alguém que possa gerir aquilo, aquele bem comum,

AL: sim, eu também

TC1: c até lhe digo mais, às tantas, essas pessoas abandonando, até pode perder para o vizinho, o vizinho pode apropriar-se daquilo, o nosso direito civil permite que ao fim de um dado tempo

AL: usucapião? Mas para isso tem de estar a usar... diga, diga, pensei que estava a falar do usucapião

TC1: sim, usucapião, dos privados não é, se abandona o que é seu e se entretanto o vizinho se apropria daquilo, aquilo passa a ser dele não é, ao fim de...

AL: mas tem de haver um acordo não tem? Entre os proprietários

TC1: não, não tem não

AL: pelo menos eu estive a ler sobre usucapião e

TC1: mas não faz sentido nós desenharmos, entramos agora noutros campos não é, o nosso direito privado já vem do tempo dos romanos não é? E agora os marcyanos provavelmente vão influenciar e criar um

AL: os marcyanos?

TC1: pois, então...

AL: (RISOS) os próximos...

TC1: tem de haver dinâmicas e esta mobilidade, eventualmente até os migrantes, não faço ideia, enquanto que antigamente ir daqui a Braga, havia barreiras, havia uma barreira grande à mobilidade, havia naturalmente uma tendência à fixação, ao sedentarismo, hoje a sociedade é nómada, não é... portanto, e há uma dinâmica grande... pronto, não entrando por aí... provavelmente há que repensar o direito da propriedade, mesmo individual não é, porque com que direito é que alguém que herdou, que nem quer saber, e vive não sei onde e que tem aquilo ao abandono, e outra pessoa até pode precisar daquilo, porque 'que não há-de poder usar aquilo? Portanto, a mim não me repugna nada que... e desde logo a questão é esta, será que a Junta de Freguesia tem interesse em tomar conta de algo

AL: o meu receio é... o meu receio pessoal, não é, à medida que vou lendo coisas e falando com as pessoas e não quê é precisamente, a Junta de Freguesia não tem interesse então o que é que ela faz? Entrega às empresas e as empresas vão dominar aqui o mundo rural, 2 ou 3 empresas

TC1: mas quem é, mas a Junta, espera, mas nós não confiamos no nosso governo, elegemos e o governo até vende a TAP e faz assim e faz assado, mas se a Junta... eu concordo que haja alguém, uma entidade pública, à falta da iniciativa da comunidade, que haja uma entidade pública a gerir esse bem comum

AL: pois, mas eu acho é que vai deixar de ser rapidamente essa entidade pública a gerir

TC1: faz uma PPP não é?

AL: entrega! Vem a celulose, “ai dava-me mesmo jeito esta areazinha”, arrenda ou vende, vende, pode expropriar, passa a ser património da freguesia, o baldio, pelo menos é o que diz na lei

TC1: mas quem escolhe a Junta não é a comunidade?

AL: e quem diz Junta diz Câmara... é, mas como disse, a gente também escolhe o governo e olhe lá o que é que...

TC1: pronto, e até nos enganam não é

AL: pois

TC1: mas ao fim de 4 anos volta outra vez

AL: mas entretanto já está nas mãos das celulosas (RISOS), o baldio, e aí já não há nada a fazer... se houver uma venda não é, e que passa a ser possível a partir do momento em que passa a fazer parte do património privado da Junta, acho eu, eu também não sei tanto assim, passa a ser possível a cedência de área

TC1: mas há mecanismos depois que... atenção que os projectos carecem de planos de utilização pelo menos, básico, não é, o PUB, e o PUB é aprovado pelo ICNF

AL: isto pressupondo que a Junta ia continuar a fazer o mesmo tipo de gestão

TC1: sim, mas portanto não há... a transformação do terreno não é, a transformação do baldio, da propriedade, eu não vejo assim tao fácil

AL: pois, eu também não sei, isto eu digo já num extremo

TC1: então mas isso, a ir por aí os deputados podem fazer uma lei como entenderem não é? Podem acabar com os baldios

AL: e eu acho que é isso que estão a fazer aos bocadinhos. Olhe o exemplo da tal alínea da definição de comparte, também define comparte como qualquer pessoa que esteja a, pessoa ou pessoas não é, que esteja a efectuar uma actividade agroflorestal na área da freguesia, passa a poder votar e a tirar partido do baldio como outro qualquer comparte, e isto para mim já é... não é? Não sei, pelo menos a mim sugere-me muita coisa.... Enfim, não sei, são receios

TC1: às tantas tem mais interesse essa pessoa do que o que é mero eleitor que nem sequer lá põe os pés

AL: pois, exacto, provavelmente sim, eu também...

TC1: se olharmos ali... se a ideia do baldio é para quem vive, explora, aquele território, o eleitor pode não explorar não é... a mim é-me mais simpático essa solução, agora claro, isto devia ser temperado sempre com os usos e costumes, e ser a comunidade local a dizer que é e quem não é

AL: exactamente, não era uma lei feita em Lisboa, é isto que me faz pensar onde é que isto vai parar

TC1: mas a Lei dos Baldios seguramente vai ser revista

AL: já houve uma revisão de alguns pontos agora mas, uma revisão isto é, tornaram mais claros alguns pontos. Por exemplo uma das questões era a extinção do baldio por decisão da Junta, sem ser necessário recurso a tribunal, portanto era a Junta que decidia “ok, isto está abandonado, vamos extinguir este baldio” para passar a ser património da Junta, é assim uma coisa. E agora neste decreto-lei já, lá está, temperaram um bocadinho esta alínea...

TC1: mas a lei anterior permitia que o baldio fosse extinto e passasse a património privativo da Junta, mas na lei anterior previa

AL: mas isso era decidido a nível local

TC1: decidido pela comunidade

AL: pela comunidade, e esta aqui pode ser decidido, tipo a Junta “hmm, acho que este baldio aqui está abandonado”, pelo que dizia lá, agora já veio a ser refinada essa alínea, não precisava de recorrer a qualquer instância... superior, vá, em termos de justiça e, está abandonado pronto. Agora já não, agora já vem especificado o tipo de provas que têm de ser dadas para decidir que aquilo está abandonado e assim, mas lá está, se não tivesse havido essa movimentação se calhar ficava assim, super falta de clareza associada e a Junta tinha quase toda a liberdade para decidir o que é que é abandonado e o que não é... enfim

TC1: eu não entendo porque é que se está a por agora o odioso na Junta (RISOS)

AL: não, não é na Junta, aliás muitos dos compartes são os presidentes da Junta

TC1: mas é isso que eu não entendo, eu participei em muitas discussões e sessões sobre a revisão da lei e por aí fora, e eu ficava espantado, mas está-se a falar de quem carago?!

AL: parece que se está a falar de um demónio (RISOS)

TC1: e depois ainda por cima temperado lá com aquela prisão na semana anterior do Sócrates... parece que estamos a... isto é a nossa realidade carago, estamos agora a por diabo, este, aquele não é...

AL: sim, sim, sim, sem dúvida, quando falo disto já estou a falar de um caso extremo que pode ser realmente... ou seja, abrem-se portas, é um facto, agora claro que depende de quem é que está na Junta, de quem é que está na Câmara, como é que a coisa é gerida, em quem é que a gente vota

TC1: e eu não creio que seja, aliás hoje há mecanismos, sempre houve mas pronto, mas hoje são mais fáceis de activar e ... porque as... não se interpõem providencias cautelares contra tudo e mais alguma coisa não é, o exemplo da TAP não é, alguém fora da empresa... da administração da empresa e do governo entendeu que devia interpor uma providencia cautelar para impedir que a TAP fosse vendida... mas na comunidade, se se sentir alguma ameaça a lei tem mecanismos, e não era preciso refinar porque a lei prevê mecanismos para que as pessoas defendam o interesse comum, então agora de facto o problema é “o que é o interesse comum”? Mas isso já é outra questão

Ermida: TE1

AL: Então e vocês agora, para além das ITI o dinheiro entra-vos de onde?

TE1: de alguma lenha que vamos vendendo

AL: ok, sim. Maioritariamente pinheiro não é?

TE1: sim.

AL: pois, o carvalho não se pode... pois, e ainda têm muita floresta, isso é muita bom não é?
É uma boa forma de... se manterem

AL: sim, ai, há pouco disseste qualquer coisa que pensei que tenho de perguntar... não sei.
Assim, cedência de exploração é que não há pois não? Tipo, uma parte do baldio decidem
dar a uma empresa qualquer para gerir a floresta...

TE1: não, não, não

AL: isso não há cá

TE1: não, aqui não há nada disso, nem queremos

AL: pois... querem manter vocês a gestão é isso?

TE1: exacto... aqui foram feitos dois hectares e meio

AL: ali, de limpeza?

TE1: sim, por aí adiante, onde nós vamos passar, só que esta parte da linha de água o
engenheiro disse que havia de ficar e ficou, por causa dos... por causa dos... das espécies
que aqui estão

AL: pois, da mata... como é que se chama... da mata ripícola... da galeria

TE1: eles disseram que as espécies que estão na linha de água era melhor ficar

AL: pois... deve ser para segurar as margens e não sei quê

TE1: hmm, não é por isso... é por causa das rãs, por todas as espécies que habitam a zona
da linha de água

AL: ah, os animais

TE1: os animais

AL: ok, ok

TE1: daqui para cima e até ali adiante fizemos dois hectares e meio... também pertencia às
ITI

AL: isso foi este ano?

TE1: foi... também em janeiro, fevereiro ou março. Ai, eu é assim, é como te digo, a única coisa de boa que até ao momento houve foi o apoio que veio das ITI para nós. Nós não precisamos de helicópteros, não precisamos aqui de nada, só precisamos de algum apoio para fazermos este trabalho

Vilar da Veiga: TV1

AL: e porque é que o da Ermida não pode ser o segundo ou o primeiro [candidato da lista para a Junta]?

TV1: é assim, porque tem menos população, estamos a falar em votos, estamos a falar em tradução de votos não é. E depois ao fazer essas coisas todas ali também era igual, porque repara, se por exemplo, aqui em baixo era aquelas pessoas, aqueles galifões enfim que resgataram os baldios e não sei quê, não sei quê, mas lá em cima também havia aqueles poderosos e então o poder para eles era... sei lá, como é que iam formar o CD, quem é que vai mandar, e a assembleia, e o conselho fiscal, e depois onde é que se vai gastar o dinheiro, porque.... “então o dinheiro é só para aqui, para a igreja daqui? E depois para a lá de cima, e depois o dinheiro para quem vai?”. Quer dizer, era assim uma coisa, e depois toda a gente queria mandar e depois aquilo não era fácil porque portanto a força era muita de todos os lados não é e era quando uma pessoa qualquer daqui dissesse qualquer coisa estava dito, era o fim da missa juntava-se já tudo e não ia ninguém para casa. E se alguém lá em cima também dissesse alguma coisa também... por exemplo, quando era uma assembleia de compartes, não é, eu não me recordo muito bem disso, mas quando havia uma assembleia de compartes Vilar da Veiga ia toda à assembleia de compartes e a Ermida ia toda à assembleia de compartes. Portanto, aquilo ali não era coiso, portanto ali estava em causa era o quê? Pronto, vamos fazer um cemitério na Ermida, não é? ora bem estes daqui andava tudo pelas portas, pois claro, também as pessoas nesse tempo não tinham muito que fazer, também não havia televisões ou havia poucas, andavam pelas portas “tal, vai haver uma assembleia, é para fazer um cemitério lá, agora...”. Portanto aquilo tratava-se de ir alguém daqui dizer que não, que não, para não ser feito lá o cemitério”

AL: tinha o lado positivo de as pessoas irem todas às reuniões

TV1: exactamente, que era para os outros virem, os outros vinham também que era para fazer o cemitério, quer dizer, e andava-se nestas coisas. E pronto, isto depois deu assim, pronto... e depois na direcção quando era para fazer eleições quem é que ia fazer parte? Fazia-se listas, um pro exemplo apresentava uma lista de cá e outro uma lista de cá? Pronto, e foi daí que houve esta divisão. Mas gastou-se mais dinheiro em advogados, os dois baldios gastaram tempo e mais dinheiro em advogados do que o que vale a área toda do baldio, de um e de outro. Portanto são 175000 hectares... 1650 hectares duas vezes. E portanto eles gastaram mais dinheiro nesse tempo em tribunais, só em advogados, do que vale o terreno todo, do que vale os 300 000 hectares... ora, 160, 320... 320 000 hectares. Não 3000... 3000 e tal hectares... eles gastaram mais, portanto aquilo foi uma fortuna incalculável que...

AL: foi ao longo de anos

TV1: sim... e os advogados encheram ali o saco, e garantiram o deles, sabiam bem que ali era só vender pinheiros e depois toda a gente que passe... toda a gente que não tenha

levado com as coisas a limpo, não é contas, é a escrita... não estamos a falar de contas nem de... aquelas coisas de dizer assim “outras despesas... não sei quantos mil euros, quer dizer, outras despesas, outras despesas, quer dizer, o facto de não estar descriminado, que eles achavam que isso que lhes traria alguns problemas, que havia de estar descriminado, o que foi gasto, foi gasto, o não estar descriminado é que descredibilizou as pessoas, e pronto, e foi um bocado isso. Hoje há este desinteresse, as pessoas dizem assim “ah, nós não precisamos de ser representados, somos representados nós, nós não precisamos de lá ninguém, estamos bem representados e tal...”, mas quer dizer, depois a gente chega lá e vira-se também chateado, quer dizer, também com tanta coisa é difícil, a gente não se vai por a pé para ir à missa porque é cedo, depois tem de se por para estar ao fim da missa por causa da assembleia, chega lá não está lá ninguém, também, para estar lá meia dúzia de gatos pingados, a gente também fica chateado, acha inglório, aquilo que a gente... se há qualquer coisa sobre a lei dos baldios, é em Vila Real, a gente vai a Vila Real, se for em Vila Pouca a gente vai a Vila Pouca, depois tem que ir à assembleia da república, vai à assembleia da república, depois anda para trás e anda para a frente e depois as pessoas, quer dizer, nem sei se as pessoas lhe dão apreço, se lhe dão apreço, mas é o que eu dizia, por exemplo, houve uma manifestação “ah, não arranja aí tempo, há uma manifestação”, disse “não consigo, não consigo porque eu se for ter com alguém diz-me “ah, ao tempo que isso devia ter acabado””. “olha amanhã é preciso participar numa manifestação pelos baldios”, “ao tempo que deviam ter tirado [os baldios]”. Quer dizer, eu se fosse falar às pessoas eu sabia que elas iam responder assim

AL: não se sente apoiado aí?

TV1: não, quer dizer, não é por ser eu, é porque as pessoas não ligam nenhuma. As pessoas estão... é assim, a necessidade que elas tinham, que mais tinham dos baldios era quando eles valiam menos, mas valia para elas, porque elas precisavam das lenhas, dos matos, dos frutos, e pronto e era dessas coisas que elas viviam e era isso que lhes fazia falta, que havia ali aquele intervalo de não terem que fazer para ir aos medronhos. Depois havia também aquelas alturas dos agricultores, não é agora aqui nesta... prontos, não é assim aqui... mas já quando os baldios pertenciam à freguesia, faziam parte da freguesia, não vamos dizer agora que precisam de ser geridos pelo CD, mas quer dizer, quando faziam parte da freguesia não é, ainda existia a aldeia lá debaixo da água, e portanto se hoje isto é assim, mas depois lá no fundo na barragem a 100 metros era plano, ou seja as agriculturas só não eram feitas por tractores porque não havia tractores na altura, porque hoje estas pequenas agriculturas, os tractores é que se adaptaram aos terrenos não é, não foi os terrenos aos tractores. Porque é assim, dantes havia tractores sim, mas quer dizer, agora mesmo nestes terrenos pequeninos aqui são lavrados com tractor, mas é o tractor que se adapta ao terreno, que é um tractor pequenino. Agora por exemplo, já antigamente lá em baixo antes da barragem, já era veigas e veigas e veigas, aquilo já dava para hoje andar lá de tractor dias e dias e dias a lavar aquelas terras porque lá em baixo é que era a agricultura e as casas e tudo em pedra, e os cemitérios e igreja e tudo, lá é que havia agricultura. Quando a água cobriu tudo as pessoas deixaram de precisar das coisas, porque naquela altura havia ali meses a fio, que as pessoas iam roçar mato, meses a fio, em que os agricultores e os [?] todos iam roçar mato, pediam mato... eles já eram donos de muitas propriedades, mas mesmo assim pediam matos aos pobres a quem lhe tocou aquelas coutadas, a quem lhe foram dadas aquelas coutadas, pediam aos pobres para lhes

deixarem ir lá buscar mato, portanto aquilo andava tudo a pedir para lhes deixarem ir buscar mato, como é que havia de haver incêndios nessa altura, porque é ver que os agricultores roçavam o mato deles e andavam sempre a ver quem deixava roçar também e andavam meses a fio a roçar e meses a fio a carrar para fazer tanto para os animais

AL: e não iam ao baldio também buscar mato?

TV1: pois, também iam ao baldio mas eles juntavam tudo não é. Mas portanto está a ver que os baldios, o baldio por exemplo é cá em cima e aquilo era lá no fundo não é, portanto era muito... mas mesmo assim o interesse que as pessoas tinham era muito naquilo, e aí ainda havia um certo interesse, a partir daqui toda a gente deixou de ter gado, e de precisar de lenhas e de precisar dessas coisas todas, os únicos que realmente hoje estão interessados são aqueles que precisam de fazer candidaturas e não têm terreno, de resto... na altura na subida do gado houve também aí uma altura em que o povo pareceu que estava assim a querer-se juntar e a querer-se unir portanto quando foi na altura do plano de ordenamento do Parque Nacional, sobre o novo plano, sobre a proibição e sobre muitas coisas entre as quais a pastorícia, o pastoreio por exemplo estava ameaçado

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: pois... epa, isto é complicada a questão dos baldios

MeC1: não... não é nada complicada

AL: não tem que ser não é, mas é, eu acho que pelo menos está um pouco actualmente... não sei, pelo menos... e depois de baldio para baldio as coisas diferem, e as relações entre as pessoas tornam-se mais... indefinidas

MeC1: o problema da gestão dos baldios é que as Juntas entendem que aquilo deve ser gerido pela Junta e que devem fazer o que a Junta entende. Eu acho que o único problema é esse. Quando... se o baldio tem receitas deve ser investido no próprio baldio, mas na maior parte dos casos que eu conheço o baldio é visto só como uma fonte de financiamento, nada mais do que isso, não se tenta fazer nada para se melhorar o baldio nem para o rentabilizar

Castro Laboreiro: MeC2

AL: [...] então e como é que estamos aqui em termos de jovens, há muitos há poucos?

MeC2: há quase nada

AL: eu digo jovens mas já estou aqui a incluir os novos jovens, 40's... 30's... já nem falo de crianças... foi tudo?

MeC2: a viver aqui em permanência? Eu sei lá, com menos de 50 anos haverá muito pouca gente, muitíssimo pouca

AL: estas pessoas que agora se meteram no CD têm cerca de que idades?

MeC2: trintas e tais... por aí

AL: ai sim? Bom, ao menos isso, ao menos, pronto, pode ser que os filhos se venham a fixar por aqui, por exemplo, e manter um bocado... não sei.

MeC2: é complicado viver no interior

AL: viveu sempre aqui?

MeC2: só quando estive a estudar é que não, de resto estive sempre aqui, vivi aqui em Melgaço, a minha família vive em Melgaço, a minha mulher e os meus filhos vivem em Melgaço, o meu filho agora está no Porto, o mais velho está no Porto, só tenho um em Melgaço, mas a minha mulher vive em Melgaço, eu é que vivo cá

AL: ah... eles não querem vir para aqui?

MeC2: então o que é que eles vêm cá fazer?

AL: olha para isto... isto é tão bonito, bom Melgaço também é bonito

MeC2: o meu filho é médico, está em medicina, e a outra está em electrotecnia e computação

AL: (RISOS) ok, essa talvez não vá encontrar muito para fazer por aqui, mas ele podia, também há doentes aqui. Pois... vai-se tudo embora. Pois, eu não sei... o que é que será feito disto sem...

MeC2: isto daqui a dez anos provavelmente não sei como será

INSTITUIÇÃO GESTORA

Instituição

MONTALEGRE

Cabril: Ca1

AL: [...] está bem, então na Junta há 2 anos e no baldio há um... e antes de si quem é que lá estava? Era uma pessoa mais velha ou...?

MCa1: era mais velho mas também não era muito...

AL: aqui no baldio...

MCa1: no baldio e na Junta!

AL: era a mesma pessoa?

MCa1: era

AL: mas o baldio é do povo, não é da freguesia aqui

MCa1: é independente, exactamente. A freguesia é composta por 3 conselhos directivos de baldios distintos: Fafião, Pincães e Cabril. Este é o maior

AL: Cabril é o maior?

MCa1: sim. Tem 5200 hectares de baldio e tem doze aldeias inseridas dentro do... Fafião é só uma aldeia, Pincães é só uma aldeia... e o resto tudo é mais um CD, nos somos 15 aldeias, são 13... eu tenho 13 aldeias como presidente do CD e 15 aldeias como presidente da Junta.

AL: epa tanta aldeia!

MCa1: pois é, muito dispersas

AL: e ainda faz parte do Parque?

MCa1: claro, toda a freguesia faz parte do Parque. A minha freguesia é a maior freguesia em área do Parque Nacional

AL: a freguesia de Cabril...

MCa1: sim. Tem 74 km²

AL: parece-me bastante

MCa1: é enorme

AL: Cabril está em modalidade b) ou modalidade a)? Ou seja, está com o Estado ou sem o Estado?

MCa1: com o Estado. Está em cogestão.

AL: [...] estiveste sempre cá directo ou foste para fora?

MCa1: não, fui para fora, estive a estudar na universidade do Porto, 6 anos

AL: a estudar o quê, se não é indiscrição?

MCa1: Direito... mas sempre muito ligado a isto, que eu sempre gostei muito disto... a única coisa que eu... os meus pais, sempre tivemos agricultura, e tínhamos vacas. Praticamente nunca tivemos outro tipo de animal, foi sempre só vacas. E eu a coisa que eu mais gostava era vir do porto aos fins-de-semana e ir com as vacas... (RISOS) com o código civil atras de mim e ia po monte. No monte... eu sempre gostei muito de estar sozinho, assim, afastado... não gosto de aturar pessoas...

AL. Ora então, vais para presidente da Junta... bem-vindo!

MCa1: epa, é um contrassenso muito grande, eu sei... opa, não tenho paciência... ligam-me e eu opa! Um dia destes ligou-me um velhote, ligou-me às 6h30 da manha! Epa! Mas então mas afinal o que é isto? As pessoas também depois perdem um bocado a noção das merdas... então? Calma! Eu não sou funcionário da Junta! Eu não sou funcionário... eu não ganho nada, recebo uma compensaçãozita de merda! Porque é mesmo assim! E gasto mais do meu dinheiro do que recebo da Junta, porque quem quiser ser um presidente presente é exigente, tem de andar sempre de um lado para o outro, tem de gastar dinheiro aqui, tem de gastar dinheiro ali, gasta o carro, depois é revisão e não é a Junta que vai pagar. Pa, então as pessoas também têm de ter a noção das merdas. Tenho o domingo de manha que é o dia de atendimento da Junta e quase que não aparece lá ninguém, e depois encontram-me no café e eu fico tolo! Quer dizer, está um gajo no café descansado como os outros, como os normais... não é? E vêm falar comigo de merdas que têm a ver com a Junta. Opa, vão lá ao domingo de manha e falamos, mas não... encontram-me numa festa, que eu estou ali para estar com o pessoal a conviver com os amigos, não! Vêm-me falar de merdas da Junta... Ah pa puta que o pariu (baixinho) (RISOS). Esta falta de tacto das pessoas é isso é que me revolta, que as pessoas não têm a noção pah, nós devemos ter acima de tudo bom senso

AL: sim, sim, se há um dia de atendimento, que até é ao domingo que já é um dia chato

MCa1: exactamente! Quer dizer, acabo por estar, de ter de me dedicar quase todos os dias um bocado à Junta...

AL: estas não estão sozinhas ou estão? Pelo menos estão para ali cães...

MCa1: não, vem lá o pastor

AL: vocês controlam quem é que ainda aí a pastar ou...

MCa1: sim, sim, sim, claro. Até porque as pessoas que vêm aqui está tudo registado, nós sabemos quantos animais é que existem no baldio, a pastorear no baldio, qualquer tipo de animal, cabra, cavalo, vaca, seja o que for, até porque agora para as declarações para os subsídios temos de saber quantos animais que cada pastor tem. Sabemos perfeitamente quantos... mas também podem chegar raí e descarregar uma vaca ou duas e eu não sei de quem é, não é... se é daqui ou não, não têm matrícula (RISOS).

AL: exacto!

MCa1: não sei bem se será daqui, se será do lado de lá, sei lá... não é...

AL: e se acontecer isso assim e tu perceberes que são de outro lado, há problema ou...

MCa1: têm de tirar os animais, porque os usos e costumes têm de ser mantidos... não é...

AL: pois, exacto... e essas pessoas à partida terão o seu baldio...

MCa1: exactamente, cada um tem a sua área para pastagem. Se bem que aqui os de Ruivães, os de Ferral, têm direitos de pastagem do nosso lado no verão... na altura da vezeira a nossa vezeira ia à frente e a deles ia atrás, a descer a deles descia à frente e a nossa descia atrás...

AL: aaah, vocês comiam o melhor que havia e eles vinham depois... pois, mas é isso, o baldio é daqui

MCa1: ah pois... para um comer a carne o outro tem de comer os ossos, não podem todos comer a carne

AL: mas eles também têm pastagens lá, não têm?

MCa1: têm, têm. Porque isto antes em termos administrativos Ruivães era sede de concelho e nós fazíamos parte de Ruivães, antes de existir a barragem. Muito antes... existia só um rio, o Rio Caldo que é um rio que praticamente traz pouquinha água

AL: ok, então esta barragem é sobre o rio Caldo...

MCa1: deste lado, encaixado na encosta Este, aí no fundo... e aqui é o rio Cabril, no outro dia não ouviste...

AL: do senhor que desapareceu?

MCa1: foi aqui por baixo, olha ali em baixo! Foi ali no fundo... deixou o carro ali, foi a pé, passado pouco tempo já estava fodido

AL: caraças, não sabia que tinha sido aqui... por acaso o Raúl contou-me essa história...

MCa1: ah não viu na televisão?

AL: tinha visto que alguém tinha desaparecido mas não sabia que tinha sido aqui tao perto...

MCa1: foi aqui, foi mesmo aqui... aliás eu dei uma entrevista ali naquele...para o canal ou para a CNTV ou o carai, dei ali outra em baixo para a SIC ali no meio das pedras

AL: foi? Mas a dizer o quê?

MCa1: expliquei essencialmente qual era o tipo de acessibilidade do sítio, como é que era o sítio

[cai uma garrafa de água de plástico]

MCa1: ai ai! Quer dizer ando eu com elas no carro para não as deitar fora e agora isto...

AL: não vale a pena pensar mais nisso... não há nada a fazer... pois, isso é tramado!

MCa1: pá, as pessoas também têm de ter noção das merdas não é...

AL: eu acho que ele tinha, ele queria era sentir a adrenalina por isso é que se meteu naquilo...

MCa1: ai e sentiu. Ai mais adrenalina do que a que ele sentiu não é fácil (RISOS)

AL: (RISOS) não, mas é, uma pessoa que se mete nesse tipo de desportos... que eu nem sabia que existia, foi o Raúl que me explicou como é que aquilo se faz... de facto só a descrição já mete respeito

MCa1: pá e depois toda a avaliação que devia ter sido feita por eles e que não foi feita... por que aquilo era uma altura em que o caudal era muito elevado e como isto é uma [? Vento] a água cai aqui e desce com muita velocidade lá em baixo, isto escorre com muita facilidade. Ou seja, tinha chovido há poucos dias, o caudal era enorme, num sítio daqueles em que uma queda de água de 50 metros de altura, aquela água ao bater lá em baixo aquilo faz ali, provoca ali um remoinho, que quem lá entrar na água nunca mais se safa... o gajo com aquele caudal nunca na vida se podia meter lá... nunca! arriscou fodeu-se!

AL: pois..ele estava com um amigo não estava?

MCa1: o amigo é que estava todo fodido... jesus! Coitado do gajo!

AL: estiveste aí com ele?

MCa1: estive...

AL: ai meu deus, o homem ficou traumatizado para o resto da vida de certeza...

MCa1: fogo! No momento em que ele se agarrou a mim a chorar... iih jesus! Então eu que sou um merdas!

AL: (RISOS), também começaste a chorar??

MCa1: eu sou um merdas (RISOS). É que eu meto-me na situação dele...

AL: fogo, é que perder assim um amigo...

MCa1: é que pelos vistos nem sequer eram grandes amigos

AL: ah, não?

MCa1: o que também é estranho para mim...

AL: pois, eu não me metia assim nas mãos de um qualquer...

MCa1: até porque o que ficou nem sequer tinha número nenhum da família do outro. Ou seja ele queria contactar alguém da família e não era capaz, ou seja é porque eles não eram assim grandes amigos...

AL: bom, seja como for é sempre um impacto grande...

MCa1: oh, já tinham feito isto várias vezes, e pronto, decidiram ir os dois lá de baixo para aqui

AL: eram lisboetas?

MCa1: não eram de... o que morreu era de São João da Madeira... distrito de Aveiro, a seguir a Santa Maria da Feira

AL: ok...

MCa1: e o outro era de Ermesinde, o que sobreviveu...

AL: ah, ok. Mora lá no Lugar da Vila?

MCa1: não, eu sou de São Ane.

AL: tu és muito novo não és?

MCa1: já não é muito, já fui mais

AL: trinta e poucos

MCa1: 35

AL: ah, a minha idade... não parece

MCa1: não parece, este é o ar

AL: é o ar da serra?!

Cela e Sirvozelo: MCe1

MCe1: ... porque eu não moro aqui, eu moro...

AL: ai não?

MCe1: não, eu moro a 25 km, ali Paradela do Rio, aquela zona

AL: ah, Cela não é?

MCe1: exacto

AL: Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo não, ainda não percebi muito bem esta questão...

MCe1: há uma aldeia Cela e a outra é Sirvozelo

AL: pois, mas em baldio estão juntas

AL: pois... o baldio lá em Cela e Sirvozelo está em autogestão ou está em gestão partilhada com o Estado?

MCe1: está em... partilhada

AL: e funciona bem essa cogestão?

MCe1: funciona bem, ah funciona bem... mais ou menos, eles atrasam-se muito e depois para fazer os pagamentos e depois cortam e depois quando é para pagar estão para aí um ano ou dois anos a dever... para por o dinheiro, para entregar o dinheiro...

AL: do quê? Das ITI, dos sapadores?

MCe1: não, as ITI funcionam bem, nem sequer passam pelo... pelo...

AL: pelo ICN, pois era a ideia que eu tinha...

MCe1: pelo ICN

AL: então qual é o dinheiro

MCe1: eu estava a falar dos cortes de pinheiros, quando é nas madeiras... que nós temos pouco, nós a única coisa que fizemos foi aqui um corte aqui há 4 ou 5 anos,

que foi por causa daquelas obras que fizeram lá à beira da barragem, de resto é completamente arbustivo... mas há alguns que têm

AL: vocês têm para aí quanta área de pinheiro?

MCe1: ai, muito pouco... nós temos para aí meia dúzia de hectares

AL: ok... e depois como é que é? O ICN chega lá faz o corte e depois dá-vos o dinheiro, é isso?

MCe1: é... eles recebem e depois dão-nos a nossa parte

AL: que é quanto? 60?

MCe1: é 60%

AL: 60% para vocês, 40 para eles?

MCe1: sim

AL: porque é o povoamento deles?

MCe1: foram eles que... pronto, são eles que cuidam, foram eles que tomaram a iniciativa de plantar, ou de cuidar... aquele até foi espontâneo, mas pronto

AL: ai foi de regeneração natural?

MCe1: foi, de certa maneira foi, foi da EDP, quando construíram a barragem, a EDP lançou para ali [*? Não se percebe*]

AL: e eles mesmo assim cobraram ...

MCe1: nós não temos quantidade suficiente para estarmos muito preocupados e assim também não temos a preocupação... por exemplo eles têm de ter a preocupação de gerir a questão da doença dos pinheiros, portanto isso não tem lucro não é... isso só dá prejuízo

AL: pois... e são eles que fazem?

MCe1: isso nesse caso são eles, fui eu que os avisei mas são eles que o estão a fazer, portanto acaba... quem tiver muita floresta compensa-lhe estar em autogestão, agora nós se calhar até não temos muito prejuízo, Fafião, Pincães... esses acho que compensa-lhes estar em autogestão. Mas nós também é simples, nós é só mandar para lá uma carta que ... fazer uma acta, mandar uma carta e...

AL: e mudar para autogestão?

MCe1: e desvinculamo-nos

AL: é? É assim fácil?

MCe1: é, agora é, porque agora a lei acho que alterou e facilitou isso

MCe1: não, Parada é o mesmo CD de Outeiro

AL: ok

MCe1: são as duas aldeias e nós as outras duas... é igual, os CD, isto também, os CD já não têm bem a mesma essência do que era antigamente. Porque antigamente o fito era mesmo para gerir... 90% dos CD que existem foi para... nasceram porquê? Foi porque as Juntas tinham um determinado peso e são eleitas politicamente e quando às vezes acontecia uma eleição ao contrário formava-se um CD com a outra facção

AL aaaah. Então é político...?

MCe1: acaba por ser, acaba por haver aqui uma mistura, porquê... porque depois a Junta gere o dinheiro do FE

AL: do? Desculpe?

MCe1: do FE... do Governo, que vem lá...

AL: fundo qualquer coisa...?

MCe1: é... e os CD acaba, por gerir as receitas dos baldios. Hoje há baldios que gerem muita mais receita do que gerem as Juntas, às vezes mais, e foi para haver aqui... portanto, já não é aquela ingenuidade... está a perceber? que havia antigamente quando eles foram formados. Há aqui uma evolução um bocado...

AL: pois, pois... então há baldios muito jovens? Baldios não, CD...

MCe1: a maior parte, 80% daqui tem 10 anos, como o nosso e outros

AL: são de 2000 e tal já...

MCe1: sim... portanto a existência deles já não é bem a mesma com que existiu aqui há 30 anos atrás

AL: pois, bom, é um acompanhar dos tempos (RISOS)

MCe1: é um acompanhar dos tempos, só que depois mistura-se aqui muitas coisas que [? *Não se percebe*], não é?

AL: pois, já percebi que sim, há uma grande confusão entre Junta e... pelo menos para mim há uma grande confusão, entre Junta e Assembleia de Compartes

MCe1: por acaso no nosso não há, no nosso o que é que fazemos? Ainda ontem passei um cheque para arranjar uma capela, pronto... mas há uma boa sintonia entre os membros da Junta e o CD, e complementam-se, nós se a Junta precisar para ali põe-se lá o dinheiro... mas conheço alguns que é uma rivalidade enorme

AL: ah, sim, quando há rivalidade então a confusão ainda é maior. Mas eu agora estava a dizer mesmo qual é o limite... qual é a fronteira entre Juntas e compartes...

MCe1: ah, isso aí pois... isso aí sim... não, freguesia e compartes não pode haver

AL: não, entre a instituição Junta e a instituição Assembleia de Compartes ou Conselho Directivo (CD)...

MCe1: ah, onde é que devem aplicar ou não devem aplicar...

AL: não, qual é a separação, porque muitas vezes... já me aconteceu estar a entrevistar o presidente do CD que também é presidente da Junta, ou o presidente da assembleia de compartes também é presidente da Junta, por exemplo... então às vezes para mim é um bocado “então vá, mas isto é daqui, aquilo é dali...” – RISOS

MCe1: a melhor coisa que... pronto, o ideal é Junta e CD estarem em sintonia e as receitas serem aplicadas em benefício do povo, tanto um como o outro o objectivo é esse, não é? Então, para que é que há... agora dizer “ai, vai gastar ali...” então, há receitas, vamos gastar no quê? A beneficiar o povo... e depois as prioridades, arranjar as prioridades...

AL: pois, pois

MCe1: é a melhor solução

AL: ali em Outeiro e não sei quê, eu também tinha percebido que o CD se tinha formado, portanto o segundo que entretanto foi formado, que eu agora não sei se foi primeiro o de Outeiro se foi primeiro o de Cela e Sirvozelo...

MCe1: foi primeiro o de Outeiro, até fui eu que o formei

AL em Outeiro? Aaaah, sim?

MCe1: foi em 2000... foi por causa

AL: das ITI, não?

MCe1: não era as ITI, por causa dos sapadores florestais

AL: aaaah

MCe1: daquelas equipas

AL: sim

MCe1: foi por causa disso que foram formados... fomos buscar o carro, aquela carrinha para eles andarem a fazer limpezas...

AL: então até aí era como? Até você ter formado o de Outeiro, até aí era como a gestão? Agora já estou confusa outra vez...

MCe1: até ali não havia nenhum, era a Junta não havia CD's na freguesia de Outeiro...

AL: então o baldio não se tinha ainda entregue às pessoas... não se tinham ainda organizado

MCe1: era... só que a diferença era, não havendo organização como CD era a Junta, é a mesma coisa... que gere o baldio

AL há tipo um acordo tácito a...

MCe1: é igual! É exactamente a mesma coisa, como há aqui neste momento, há Junta que não têm CD, por exemplo Viade de Baixo, é uma freguesia grande e quem está a gerir é a Junta... mas gere a mesma coisa como se fosse o CD, é igual, distribui o baldio, como é agora para as candidaturas, até é ela que faz os caminhos, é igual, as receitas se as houver vão para a Junta, que eu acabo por... às vezes até achar que isto havia de mudar, agora uma mudança maior nesta questão dos baldios

AL: acha que devia ser como?

MCe1: na constituição... acho que devia de mudar... acho que... quando está uma freguesia com 10 aldeias há 10 CD's...

AL: pois, não tinha de ser assim, mas é assim que acontece...

MCe1: não tinha de ser assim... havia de ser... está-se aqui a desvirtuar um bocado já...depois é para fazer guerra àquele porque senão aquele... depois é assim, as pessoas... o problema é que, no nosso caso porque é foi feito... constituído o CD? Éramos... somos 4 aldeias, nestas 4 aldeias geralmente o que é que se fazia? Quando era para candidatar à Junta metia-se um elemento de cada aldeia e mais ou menos estava representada... dessa vez não meteram ninguém de Cela e Sirvozelo

AL: aaaah

MCe1: e eu sabi... à partida sabíamos que não nos iam lá fazer nada, como nós tínhamos alguma receita, o que é que fizemos, procurámos constituir aqui o CD para salvaguardarmos algum, porque senão eles ainda por cima iam buscar a receita e ainda gastavam no lado deles

AL: pois...

MCe1: é o tal desvirtuamento do que é o CD...

AL: pois... eu tinha percebido que o de Cela e Sirvozelo se tinha criado... como é que era... Outeiro tinha cavalos... e então não queriam candidatar-se logo às ITI's... acho que era isto

MCe1: mas isso já existia... pronto, não foi bem por aí, isso foi mais tarde quando apareceram as ITI, mas quando as ITI apareceram o CD já existia...

AL: ai já existia...

MCe1: já! Depois aproveitamos foi essa situação, mas aí, prontos, aí era um problema interno porque em Outeiro havia pessoas que tinham muitos cavalos e eles mediante o encabeçamento que tinham de cavalos não podiam e era difícil fazer lá os agricultores desistirem dos cavalos, porque eles estavam a ganhar subsídios não é? Ora bem, como não puderam nós fizemos... isso foi uma parceria que nós fizemos

com os de Parada... que nós temos algumas... depois em termos de ITI não é para a divisão, mas em termos de ITI como nós precisávamos de encabeçamento de vacas nós fizemos uma parceria com os de Parada para eles, portanto inscreviam as vacas na nossa área e nós depois fazíamos ali um acordo, foi por aí, mas o CD já existia, o CD foi criado precisamente por causa de eles não terem metido elementos do nosso lado...

AL: e porque é que não meteram?

MCe1: oh, isto é rivalidades políticas, eles não meteram porquê... se calhar isso é fácil de entender, porque se sabiam que iam meter lá um elemento mas não tinham uma mais valia em termos de votos, portanto é as tais...

AL: é as tais politiquices que agora andam associadas ao baldio

MCe1: portanto, eu sinceramente... já criei dois mas acho que devia de haver aqui uma coisa mais bem pensada...

AL: tem alguma pista do que é que acha que era melhor?

MCe1: oh, não, tinha de ser explorado, não sei

AL: pois, pois, pois

S. tinha de ser... para já exigir no mínimo... sei lá... pelo menos o mínimo de compartes, porque senão também, isto entra... meia dúzia fazem um CD

AL: e às tantas até pode ser uma família só ou...

MCe1: pois... quer dizer... pode acontecer muita coisa... não é?

AL: sim, sim

MCe1: não sei... agora, não sei, tem que ser pensado bem os prós e os contras, porque... se não houver o mínimo de coiso, ser a Junta... opa, ou pensar isto também de outra maneira e serem as Juntas também a gerir se calhar... porque as Juntas, ao fim e ao cabo também são... não sei, tem de ser bem pensado.. mas isto acho que há aqui uma lacuna grande...

AL: o ideal era isto ter montes de gente outra vez, virem para cá montes de jovens, trabalhar na agricultura...

MCe1: era é trazer para aqui brasileiros e brasileiras (RISOS)

AL: já não digo nada...

MCe1: não sei, não está fácil, porque... é muito difícil gerir isto

MCe1: depois falamos aí um dia... o ideal era um dia fazer aí um colóquio ou fazer um... que estejam todos

AL: isso era maravilhoso. Eu gostava de criar aí uma situação em que não fosse só um de cada vez não é...

MCe1: era, haver intervenção

AL: sim, sim... eu não sei se tenho capacidade para organizar colóquios... eu sou uma mera estudante (RISOS)

MCe1: é uma questão de falar com a associação...

AL: pois exacto, ainda não conheci a Lúcia

MCe1: é uma questão de falar com ela e marquem, ao mesmo tempo que junte mais um... para chamar mais as pessoas, mais um objectivo para dar continuidade, você no meio disso também fazia a sua...

Covelães: MCov1

AL: é, é lá em cima na serra, para onde eles vão com a vezeira não é... acho que é...

MCov1: eu conheço aquilo... eu conheço porque eu era guarda-florestal... eu era guarda do Parque Nacional da Peneda-Gerês...

AL: desde quando?

MCov1: estive vinte... trinta e seis anos no parque, trinta e seis, trinta e sete...

AL: então está cá desde o início praticamente... então o parque está cá desde 1971...

MCov1: pois, foi isso mesmo... eu entrei logo no início... eu era guarda-florestal, depois vim aqui para Pitões, saí de Sintra vim para Pondres...

AL: Sintra? Não é Sintra, Sintra, lá de baixo...?

MCov1: Sintra, Lisboa...

AL: Ah, sim, estive em Sintra?

MCov1: sim, estive em Sintra...

AL: no Parque também?

MCov1: sim. Não, não era parque, estive lá na serra... aquilo não é parque, parque...

AL: ok, agora já é um parque, mas não é nacional, é natural...

MCov1: andei lá a fazer serviço nos rios, apreendi lá o pessoal que andava a pescar

AL: e foi para lá assim por vontade própria ou porque viu que aqui não dava para...

MCov1: não, foi porque me mandaram para lá... depois fui pedindo para vir para a minha terra. Fui pedindo, pedindo, até que cheguei aqui a Pitões

AL: mas a sua terra é aqui ou é Pitões?

MCov1: a minha terra é aqui, e eu vim para Pitões porque tinha lá uma casa florestal. Depois entrou o parque, disseram-me se eu queria ficar ou se queria sair para os serviços florestais. E eu não saí, disse “olha então vou ficar aqui”, prontos e cá fiquei no Parque Nacional. E fiquei então como vigilante da natureza. Até à última que me reformei.

AL: e foi quando que se reformou?

MCov1: já me reformei para lá há mais de 12 anos, para aí há 14...

AL: e ao início quando se juntou aos serviços florestais, foi em que ano, lembra-se?

MCov1: Eu fui em 1967, para os serviços florestais...

AL: então na altura...

MCov1: só que eu fui para África, estive em África...

AL: antes de...

MCov1: estive em Moçambique... antes de ser guarda. Depois aquilo deu para mal porque estava lá a guerra e eu tive de me vir embora. Vim-me embora e depois arranjei um emprego como guarda-florestal. Depois com a idade já não dava para a guarda-fiscal nem para a republicana, mas ainda podia entrar para a guarda-florestal, e então aproveitei... e depois vim ter aqui ao parque. Bem porque isto também é do Parque, agora estamos dentro do Parque

AL: ah, exacto... mas a Junta de Freguesia não é de Paredes, ou é de Travassos? Desculpe...

MCov1: não, é de Travassos...a junta pertence a Sezelhe, mas está em Travassos

AL: a sede...?

MCov1: sim, a sede está em Travassos. Em paredes é que está o [presidente da Junta]... ele está no conselho directivo... eu também estive 24 anos na Junta

AL: como presidente da Junta?

MCov1: estive presidente, estive secretário, estive tesoureiro, estive vinte anos. Antigamente, agora já não é assim, agora manda mais a junta. Antigamente um secretário de Paredes e Covelães, e o secretário..., de Paredes era o presidente vamos supor, e aqui era o secretário, quem mandava era o secretário aqui e o presidente lá. O presidente aqui quase não vinha dar ordens nenhuma. Depois tínhamos um contracto de quatro anos, lá o presidente, quatro anos, aqui... acabava os quatro anos tornava para Paredes, acabava em Paredes... depois houve um desentendimento, desentenderam-se e depois pronto, acabou. Agora é que veio a união e passou para Travassos. Mas amanhã pode estar aqui, agora nas novas

eleições pode ser o presidente daqui, conforme... pode ser Paredes, pode ser Travassos, como agora é Travassos, mas pertence a Sezelhe

MCov1: nós também fazemos, temos os sapadores, vai demorar, estamos a fazer desde a semana passada, e agora vão fazer o de Paredes, depois vão para Sezelhe, fazem lá e depois vão para Travassos. Às vezes lá se tira algum para dar uma ajuda ao presidente da Junta, a fazer um poço, a limpar um poço, dar uma ajudazinha... a limpar uns regos, que agora não há gente... agora nós temos meia dúzia de... tudo velho.

AL: ah, sim? Aqui?

MCov1: aqui não há quase gente nenhuma... aqui e em Paredes, e Covelães é o mesmo que Paredes. Mas... e Travassos também tem pouca, está tudo para o estrangeiro. Nós temos muita gente mas está tudo no estrangeiro

AL: pois... ah, estão mesmo no estrangeiro, nem sequer estão em Lisboa ou no Porto

MCov1: não. Eu por acaso tenho um filho em Lisboa, já tem dois filhos. É engenheiro e já tem dois filhos...

AL: e ficou em Lisboa...

MCov1: está em Lisboa

AL: não quer voltar?

MCov1: vem, vem, mas voltar para aqui já não volta... vem, vem em Agosto à festa, vem ao Natal, vem aqui muita vez, ainda esteve aqui há dias, vêm aqui todos, agora no primeiro de Agosto vêm para aqui todos...

AL: mas portanto não há jovens a viver aqui em Covelães?

MCov1: oh, não, o mais novo que cá está é um rapaz que também pertence ao conselho directivo, que tem para aí vinte e três anos. E depois é o meu rapaz que já tem quarenta e cinco

AL: que também está cá?

MCov1: também... também pertence ao conselho directivo. E depois há outro que até está com um sobrinho meu, mas esse já tem cinquenta. Esse está agora no hospital, deu-lhe para ali uma coisa, dizem que é vertigens, não sei o que é...

AL: foi parar a qual hospital? Qual é o hospital mais perto?

MCov1: foi parar ao hospital foi ontem ou que é... é de Chaves. Primeiro foi para Montalegre, e de Montalegre mandaram-no para Chaves...

AL: em Montalegre há hospital?

MCov1: não...

AL: é um centro de saúde... pois

MCov1: e depois temos... pouco mais temos. Agora temos aí uns rapazitos mas ainda são pequenitos, são filhos da francesa, têm para aí sete, oito ou nove anos

AL: pois... mas são filhos da terra?

MCov1: são, sim...

AL: percebi que eram franceses, mas não, é a forma como lhes chamam...?

MCov1: ela era francesa, casou com um rapaz aqui da terra

AL: quantas pessoas há na aldeia?

MCov1: oh, temos para aí alguns quarenta... tudo velhos (RISOS). Há pessoas de setenta anos, de oitenta, setenta, de oitenta, setenta.

AL: vocês andam por aí a ver quem é que usa o baldio e quem é que não usa, não há uma espécie de fiscalização vossa?

MCov1: não, é o conselho directivo... o conselho directivo é que vê se... os que pertencem somos doze

AL: doze... Uau, mas isso é imenso. Não é cinco normalmente?

MCov1: agora parece que mudou para quatro até, e nós fizemos a acta já com doze. E alguém que está no monte vai dizer "olha, fulano andou lá"... vêm-me dizer a mim, ao presidente, "fulano andava em tal sitio". E depois um homem tem de dizer "olha, não podes ir, aquilo que está ali é nosso". E comesas a ver se passa se não se diz nada...

AL: vocês aqui já têm o PUB, o plano de utilização dos baldios, ou o plano de gestão...

MCov1: de gestão?

AL: sim, se já fizeram aquele plano que agora é obrigatório, que é para 5 anos...

MCov1: sim, sim

AL: então já têm o baldio todo delimitado, vá...

MCov1: já, todo delimitado

AL: ok. Quem é que vos ajudou nesse processo, qual foi a associação?

MCov1: ora bem quem trata mais disso dos baldios, que é a que está coiso... é a engenheira Lúcia. Parece que também há um Paulo Tourém que também pertence aos baldios

AL: Paulo de Tourém ou Paulo Tourém?

MCov1: de Tourém

AL: ah ok

MCov1: já falou com esse?

AL: ainda não, mas está aqui também...

MCov1: estive na Junta muito tempo

AL: estava só a ver se o nome coincidia aqui na minha lista...

MCov1: não, é Paulo... é Paulo Grilo o nome...

AL: ah, tá aqui, Paulo Barroso

MCov1: Paulo Barroso, é, Paulo Barroso, mas o nome do pai é o Grilo, é nomeada... é como eu, eu chamo-me Manuel Gonçalves Braga e aqui chamo-me Manuel Gaspar

AL: porquê Gaspar?

MCov1: porque é nomeada da casa antiga, a casa dos meus pais era Gaspar. Gaspares... e depois há outros Sorradeira que não são Sorradeira mas que lhe chamam Sorradeira, há várias, aqui a do Albertinho que era do meu sogro, que também já morreu, que também chamam de Engenheiro Gusmão. Os Pedreira, Pedreira, que chamavam Pedreira mas não se assinavam Pedreira. Cada qual tem o seu apelido, mas não se assinam com esse apelido

AL: então o Paulo Barroso é Grilo... já o vou surpreender... (RISOS)

MCov1: ao pai dele chamavam-lhe o Grilo

AL: muito bem. Então é a Lúcia Jorge que vos trata da papelada e dos planos de gestão e tal...

MCov1: a papelada é aqui, que eu tenho uma contabilista

AL: ah, pois, isso é a papelada das contas. Mas por exemplo quando vocês querem candidatar-se a ...

MCov1: isso é a Lúcia...

AL: para se candidatarem a financiamentos...

MCov1: sim, é a Lúcia... mas é de quase todos, e acho que são todos. Travassos, Sezelhe, Paredes, ..., são todos, Outeiro...

AL: por causa do Secretariado dos Baldios não é?

MCov1: é...

AL: pois... então e diga-me lá, aqui na aldeia o pessoal é activo ou... vêm às reuniões da assembleia de compartes, ou são...

MCov1: vêm, os compartes...

AL: são quantos os compartes?

MCov1: ai, temos muitos

AL: corresponde a quê? À população da aldeia?

MCov1: Sim, da aldeia

AL: toda a população da aldeia...

MCov1: mas só são compartes aqueles que vivem cá, quem não tiver casa não é comparte

AL: e se tiver casa aqui mas viva em Lisboa?

MCov1: se tiver em Lisboa, o quando vier para cá é que tem direito

AL: imagine que há uma pessoa que só vem cá no verão... pode votar?

MCov1: não. Não pode, não. Estando inscrito pode. Mas não estando inscrito não pode. Tem de estar. Eu tenho aí o coiso... dos...

AL: o regulamento?

MCov1: sim. Quer ver?

AL: sim, pode ser...

[vai buscar documentos]

MCov1: ... eu tenho para aí papelada que deus me livre

AL: (RISOS) acredito

MCov1: porque os outros não fazem parte... mas agora dos sapadores sou eu que faço tudo. Pago... estão aqui, olhe [a lista dos compartes]... isto vai até ao 39... depois os que morrem isso é a Lúcia que faz, isto vai para a Lúcia, para a engenheira, e depois ela é que tira... esses já entraram, olhe está aqui um que já faleceu... este já faleceu, já vai ao cinquenta e ... e cinco, cinquenta e sete. Agora entraram esses e ele agora vai para a Lúcia, para a engenheira e ela depois é que lhe põe aqui números. Esses desaparecem, os números dos falecidos desaparecem e depois os outros que

eu meto aqui ela depois... eu agora escrevo-os, aqueles... estes agora vieram, estiveram na França... e vieram, já têm casa e já... vieram de vez, já podem ser compartes... estes já podem ser, porque vieram. Mas isto agora, isto é para entregar lá, um dia destes já lá vou entregar para ela depois... vem outro novo. E depois tem de se ir, e depois tem de ser rubricado pelo presidente da assembleia

AL: Aqui esta malta que nasceu em 2005 já é comparte?

MCov1: sim...

AL: Têm dez anos de idade...

MCov1: isso não pode ser... qual é?

AL: Ai não, faleceu... mas está aqui 2005... na data de nascimento. Se calhar morreu em 2005, será?

MCov1: ahh, então não sei, foi ele que escreveu isto mal

AL: e também está aqui este de 2006, que é o Domingos Gonçalves

MCov1: isto foi quando ela nasceu

Supostamente foi mas isto é de 2005, ela não nasceu em 2005 seguramente. E aqui está um de 2006... este só tinha 10 anos agora, que é o Domingos Gonçalves. Sabe quem é o Domingos?

MCov1: Domingos Gonçalves... ora bem, isto é o número do bilhete de identidade e esta é a data de nascimento...

AL: Aqui está tudo certinho, 60's, 70's, 80's, está tudo bem, mas ali do outro lado temos pessoal a nascer em 2006

MCov1: aí se calhar também houve engano... sei lá...eu é que pus isso talvez mal...tenho de falar com a engenheira

AL: O Domingos, que idade tem o Domingos agora? Domingos Gaspar Branco Rafael Gonçalves

MCov1: ah, esse já tem... esse é meu sobrinho. Este tem para aí... este já tem para aí 40, para aí 50 anos quase

AL: Veja lá... aqui está 2006

MCov1: pois, então fui eu que me enganei e ela também não viu

AL: pois... se calhar nem é muito importante mas agora estava a estranhar que houvesse crianças de 10 anos nos compartes

MCov1: já lhe vou explicar isso, já lhe vou falar a ela

AL: Então... isto é tudo pessoal aqui de Covelães?

MCov1: é! E há muitos que não estão. As minhas raparigas estão na França e não está cá nenhuma [na lista]. E podiam estar

AL: podiam? Então mas se não estão a viver aqui...

MCov1: pois, mas podem

AL: porquê?

MCov1: nós antigamente fizemos isso, até foi a engenheira Lúcia, e depois debatiam-se todos. Fulano tinha dois filhos metia os filhos..., quando eles tivessem 18 anos já se podiam meter também.

AL: mas se os filhos...

MCov1: foi ela que disse... e eu metia-os

AL: ok... mas o vosso regulamento diz que os compartes são aqueles que vivem aqui, não é?

MCov1: é...

AL: mas se a sua filha não vive aqui

MCov1: e também aí não está. Ela não está cá, também já não a meto. Se a metesse estava a faltar à regra...

AL: você esta há quanto tempo no CD?

MCov1: quase do princípio...

AL: ai é? Tem sido sempre o senhor Manuel o presidente?

MCov1: teve um ano que foi um sobrinho, esse que foi para o hospital... eu era a seguir. E depois ele deixou o lugar e depois fiquei sempre eu. Fiquei sempre eu... fazemos actas, votamos, juntamos o povo... fiquei sempre eu. Eu quero sair porque eu coiso... mas aqui ninguém gosta dos sapadores e eu tenho um filho que também é sapador

AL: porque é que eles não gostam dos sapadores?

MCov1: não os querem, o ITI não tem nada a ver com os sapadores... portanto o ITI é ficar só o monte baldio, o monte, monte, e aos sapadores mandá-los embora, é o que eles querem. E eu não os quero mandar embora porque tenho lá um filho e lá vai o ordenado, e lá vão os empregos

AL: mas se os sapadores se forem embora quem é que limpa o mato?

MCov1: é o ITI... é a empresa

Fafião: MF1

MF1: pronto, aqui na zona do Parque eu não tenho a certeza mas eu devo ser o presidente mais novo, eu tenho 33 anos, os outros é... uns de 60 outros de 50, o Márcio também é novo... tem 35 anos, de resto é tudo pessoal mais velho, porque as pessoas ainda têm aquela ideia "ai, deixa-me confiar neste que é provavelmente filho de não sei quem e pronto... aqui é um bocadinho diferente, nós aqui entramos um bocadinho mais cedo aqui na liderança do baldio porque aqui não há muita gente entre os 40 e os 50, que seria talvez o pessoal que estaria melhor enquadrado para meter nessa fase... houve um grande acidente aqui há 26 anos e o autocarro que ia com as crianças para a escola... morreram oito e ficaram 4 e então aqui da faixa etária dos 40 aos 50 não há muita gente, que pelas minhas contas seria mais ou menos o pessoal que nesta altura estaria à frente, o meu primo que era o anterior até estava, até era mais novo do que eu dois anos, e pronto, e fez um bom trabalho e os que estiveram antes, também outra que tem agora uns 36/37 anos, também fez um ótimo trabalho. E os que estiveram antes desse têm 50 e tal agora, têm 55 anos...

AL: ah, já é regeneração natural... e vocês fazem exploração?

MF1: sim, nós somos dos poucos conselhos directivos, não sei se há mais alguém, que estamos na alínea a), os outros estão na alínea b), estão em cogestão com o Parque, com o ICN... e nós fazemos, por exemplo, a madeira marcamos e vendemos, não precisamos que o parque venha marcar e que depois pagam ao ICN, e o ICN é que paga o dinheiro aos conselhos directivos, a nós não, é directamente, nós é que fazemos essa gestão...

AL: e tu neste momento trabalhas só nisto? Deve tirar-te bastante tempo...

MF1: tira muito tempo e não me dá lucro nenhum

AL: e como é que uma pessoa vive assim?

MF1: é complicado porque, pronto, eu sou engenheiro eletrotécnico, mas normalmente estou a trabalhar numa escola ou a dar formação e este ano por acaso não fiquei colocado em escola nenhuma, só tenho a formação mas em part-time, estou semi-desempregado e tenho algum tempo. Imagine que vamos a um sítio qualquer que tenha de ir a Montalegre, que tenha uma reunião, que tenha isto que tenho aquilo, eu vou no meu carro e eles pagam-me 36 centavos cada km. Isso não é quase nada, se faço 100 kms recebo 36 euros, desgaste do carro comer e essas coisas...

AL: pois exacto, até porque tanto quanto eu sei o baldio sempre foi um espaço que permitia às pessoas sem terra com dimensão pastarem o seu gado...

MF1: claro. O baldio é o terreno de todos, embora não seja de ninguém, é da comunidade da aldeia

AL: portanto os compartes aqui de Fafião correspondem a todas as pessoas que vivem aqui na freguesia de Fafião...

MF1: na aldeia de Fafião

AL: ah, na aldeia

MF1: na aldeia, isto aqui é uma aldeia, a freguesia é Cabril, só que Cabril tem várias aldeias e o conselho directivo deles tem várias aldeias porque a freguesia tem umas 14 aldeias e só Fafião e Pincães é que têm conselho directivo, Cabril engloba as outras todas

AL: ah, as outras não criaram os seus próprios conselhos directivos...

MF1: não... ou pela inércia das pessoas ou porque algumas não tinham área para o fazer, precisam de uma determinada área, não sei qual é que é exactamente e, ou tinham que se associar e depois às vezes isso traz conflitos e é complicado

MF1: sim... por exemplo nós comprámos a escola, as escolas aqui na freguesia deixaram todas de funcionar excepto em Cabril e a câmara optou por vender as escolas. Nós achámos que a escola aqui não devia ser para um particular, então optámos por, o conselho directivo chegou lá e pagou o valor da escola e comprámos a escola, ficou para a aldeia, e lá fazemos eventos, desde, temos aí uma associação, que é a associação Vezeira que faz... que é para o desenvolvimento daqui da aldeia e manter as tradições... fazemos a matança do porco, o trilho do medronheiro, plantação dos currais na serra, temos uma outra plantação aqui mais em baixo, temos muitas actividades, e fazemos lá esses eventos. Fazemos lá por exemplo o magusto aí para as pessoas, fazemos... aqui a festa roda pelas pessoas, e então uma coisa que se costuma aqui fazer para angariar fundos é jogos de cartas, sueca, de truque, que é outro jogo também aqui muito utilizado, também fazemos lá na escola. Ou seja, aqui toda a gente pode usufruir da escola. Imagine que você é daqui e chega aqui “oh Raul vou fazer anos e precisava da escola que em minha casa não cabem 20 pessoas, será que me podias emprestar a chave?”, e eu empresto, as pessoas vão lá... ou jovens que, temos danças de salão, há aí concertinas, é para toda a gente, a escola é um sitio público aqui para a aldeia, toda a gente usufrui aí desse espaço e foi comprada com esse dinheiro

AL: e também há aulas para os miúdos?

MF1: não, não, não, a escola normal é em Cabril, e depois quando vão para o secundário é na Venda Nova, agora ali a escola já acabou, tinha poucas crianças, como em todo o lado, e acabou

AL: pois ali Cabril apanha com as crianças de todas as aldeias portanto deve estar mais ou menos cheia...

MF1: uuuh, não está muito, tem poucas crianças, porque aqui até no fim-de-semana se der aí uma volta pela aldeia vê muita malta jovem e muitas crianças, mas se calhar durante a semana estão em Braga ou estão assim noutros sítios, depois ao fim de semana é que o pessoal volta aqui. Mas pronto, as pessoas estão nos seus empregos e têm de ter os filhos à beira, não iam deixar aqui os filhos para manter a escola, não tinha lógica nenhuma

AL: então e o baldio tem de alguma forma contribuído bastante para a... por exemplo estavas a dizer que há montes de jovens e estão super interessados em estar cá aos fins-de-semana e não sei o que... esse tipo de ligação à terra achas que também decorre de haver um bom funcionamento do baldio. Ou seja achas que o baldio está de alguma forma a contribuir para o desenvolvimento local?

MF1: sim. Por exemplo a lista... o baldio tem uma lista de 14 pessoas: 4 na assembleia, 5 no conselho fiscal e 5 no conselho directivo, tipo 12 têm abaixo de 40 anos. É importante também essas pessoas que se calhar até andaram a estudar e que, embora estejam em Braga, uns talvez já começam a estar um bocadinho mais desligados daqui, de vez em quando pegar e “olha, eu queria que tu viesses para o conselho directivo porque acho que eras um bom elemento para fazer isto, ou para fazer aquilo e ias dar um bom contributo... e isso também é a forma de as pessoas se sentirem mais integradas e de se sentirem mais obrigadas a virem cá, porque depois uma pessoa, por exemplo hoje estou eu e estou a fazer uma obra qualquer que está a beneficiar a aldeia... daqui por uns anos vão ver “isto aqui está assim, está bem e foi feito no meu tempo” e isso motiva as pessoas

AL: portanto o baldio há-de ter um papel importante aqui a nível local

MF1: está, aqui o conselho directivo funciona bem! Pronto, claro que depois isto, nem deus agradou a toda a gente, quanto mais nós (RISOS). Depois temos aí uns problemas, porque aí quando foram as novas regulações, creio que foi em 1996, houve uns problemas, que aqui há muita gente que tem árvores e que não... só tem as árvores, tipo uma carvalha no baldio... e quando fizeram essa análise deram-lhe terreno, e esses terrenos vieram causar um problema enorme. Toda a gente sabe que os terrenos não eram das pessoas... o carvalho estava no baldio e o carvalho era sim senhor da pessoa, só que não tinha terreno e aqui houve uma acção em tribunal, uma guerra entre aspas por causa dessas coisas... e continua a haver. E até agora já está a chegar-se a um consenso e as pessoas sabem efectivamente que ali só possuem as árvores mas isso também trouxe algum desconforto e algumas pessoas achavam que aquilo não devia ser assim, que tinham as árvores e que queriam ficar com o terreno... acabaram por não ficar, a sentença do tribunal foi favorável ao baldio e agora sabem perfeitamente que quem fizer isso e quem registar esses terrenos vai ter uma acção em tribunal...

AL: quantas pessoas vivem em Fafião?

MF1: durante a semana cento e poucas... embora tenha 172 eleitores durante a semana só vivem umas 120, por aí

AL: e dessas a maior parte é jovem, ou a maior parte é mais velho?

MF1: não, as que estão durante a semana a maior parte já tem alguma idade. Tem aí 25% ou 20% são até aos 40 anos, mesmo que sejam 30%, mas durante a semana tem pouca gente jovem. Tem aí uns 10 miúdos que andam na escola, mais ou menos

AL: em Cabril?

MF1: sim. Alguns também andam ali na Venda Nova... ao todo devem ser 12, por aí.

AL: claro. Estás há quanto tempo no CD?

MF1: estou desde Maio do ano passado

AL: do ano passado... agora são... 3?

MF1: são 2, à partida com a nova lei, quando acabar este mandato, depois são 4. Eram de dois, penso que já foram de 3 mais para trás, mas agora quando acabarem estes mandatos passam a ser 4.

1m28s – VENTO

MF1: (...) está essa jovem que trabalha em Braga, é licenciada, não conseguiu emprego na área dela, está a trabalhar na PARFOIS no Minho *Centre* e no Braga *Shopping*, mas pronto. Depois é complicado porque ela só tem um fim-de-semana, um domingo, neste caso, que é quando fazemos as reuniões, de folga e então temos de marcar sempre a reunião de forma a ir de encontro a esse domingo

AL: mas o resto das pessoas do CD moram aqui?

MF1: tipo, no conselho directivo há 5 membros, não é... eu, a Odete, o Quim, a Jeny e o Domingos. A Jeny está também a estagiar em Braga, o Quim trabalha numa empresa de construção, a Odete também está em Braga e mora em Braga, vem ao fim de semana. E o Domingos era emigrante, está lá e cá, vão lá uns dias durante a semana. Depois os mesmos da Assembleia são 4 elementos, que é a Paula, o Nuno, que é o marido até da Odete que também está em Braga, trabalha no Porto mas está em Braga, depois tem outro Nuno que está aqui e tem a Ivone que trabalha no Lar que também está aqui

AL: no lar aqui?

MF1: no lar de Cabril

AL: E tu quando estavas a trabalhar estavas aqui ou também estavas fora?

MF1: andava lá e cá. Por exemplo o ano passado estava numa escola em Chaves e dava formação em Braga, andava de um lado para o outro. Depois há coisas que têm

de ser feitas em cima da hora, se é preciso ir buscar alguma coisa não sei onde ou assim, e é preciso ter alguma disponibilidade e eu neste momento tenho, para bem do baldio, mas numa altura poderei não ter, ou vai um dos meus colegas ou não sei, se arranjasse um emprego das 9 às 5 se calhar tinha de pensar que se calhar chegou a minha hora de passar a pasta a outro. Efectivamente poderei não conseguir. E depois também é complicado, isto passado uns anos o desgaste que causa, porque um está a fazer queixa disto, o outro quer aquilo, uma pessoa vai fazendo e vai tentando fazer sempre melhor, e acima de tudo ser um bocado justo. Porque houve uma altura em que as pessoas aqui, e em todo o lado, não foram justas, ou faziam uma coisa mais para um amigo ou isto e depois isso revolta as pessoas. Eu aí, da minha parte, não estou preocupado se vou meter o meu tio, ou se vou meter o meu sogro em tribunal... se tiver que meter, se eles fizeram alguma ilegalidade, ou fizeram uma coisa dessas que não está bem, vão como os outros. E aí as pessoas começam a dizer “não, efectivamente ele é justo e é igual para todos”

AL: ah, é longe... então deixa estar. Ermida... pois Ermida é para estes lados também... eu amanhã vou, não sei se a Sezelhe se a Covelães... conheces a pessoa?

MF1: Sezelhe é o Bento

AL: exacto. E o outro acho que é o Manuel...

MF1: é! Talvez o Manel... mas esses pronto, esta malta nova é só eu e o Márcio... quando vamos às reuniões... e a Lúcia ainda tem 40 anos para aí... são novos. Os outros é tudo velhos.

MF1: aqui é a sede dos baldios. Aqui temos um palco que montamos para os conjuntos actuarem ali debaixo para os dias que chover. E por baixo é a sede dos baldios, tem uma sala, tem uma casa de banho, tem uma zona para os arquivos. Depois pronto, aqui a aldeia ainda tem aqui muita bosta porque os animais ainda estão aqui, agora vão começar a deixar de estar

AL: hahaha. A mim por acaso não me afecta nada

MF1: pois, mas para as pessoas que moram ali, não gostam muito!

AL: pois, exacto!

MF1: aqui este muro foi outra obra juntamente da câmara com os baldios, isto aqui era muito mais apertado e alargou-se aqui a rua, depois outro dia vamos ao fojo e vamos, e vamos...

MF1: não. Aqui vão ser feitos os polígonos pecuários, aqui nesta zona

AL: e como é que vão ultrapassar aquela questão do ICNF?

MF1: eles estão aí a trabalhar connosco, querem fazer disto um trabalho modelo e pronto, acho que também estão minimamente motivados para arranjar isso... olha, esta ali o camião... mas vamos, se eu chegar aqui a frente. Pronto, a casa que estamos a tirar... aqui onde esta a bomba, daí se calhar não consegue ver... (...) essa casa em cimento é a que estamos a tirar, e estamos a fazer-la... é este telhado cor-de-laranja que se vê ali mais novo... é aquela ali. E agora eles estão ali a betonar... o tanque que é uma das obras que estamos a fazer juntamente com a câmara. Eles deram-nos o apoio, mas entretanto o apoio já não vai chegar, mas pronto...

AL: e estas são as tais casas que vão por aí vender é isso?

MF1: não, esta é a tal casa que foi feita para substituir a outra que destruímos. (...) e aquela casa ali foi derrubada e foi feita esta, com o apoio da câmara

AL: e a outra vai abaixo

MF1: a outra vai abaixo, vai-se alagar, ali as casas são todas em pedra rústica e aquela não se enquadrava ali

E então achei por bem tirá-la. Claro que há pessoas que dizem que eu estou a fazer mal, outras que dizem que estou a fazer bem. E é assim... e agora isto está tudo em pantanas mas depois quando estiver tudo pronto, ali o Vítor que era o antigo presidente do conselho directivo e ele faz aí umas obras espectaculares

AL: o Vítor era antes de ti é isso?

MF1: era... ele é mais novo do que eu dois anos mas o pai dele sempre teve animais e essas coisas e não há nenhum rapaz da idade dele que conheça tão bem aqui Fafão como ele. Ele pode lhe dizer... “olha, sabes onde é que é a corga de não sei onde?” e ele sabe sempre tudo, mas isso ninguém sabe como ele. Ele nesse aspecto era fora de série. Só que pronto, tem a empresa e depois enquanto tem a empresa não era bom, muitas vezes, muitas vezes não que eu acho que ele nunca chegou a fazer nada, fazia os trabalhos e perdia por isso, e também já estava um bocado saturado das pessoas, chega a uma altura em que já se está um bocado saturado, então ele disse “meus amigos para mim já chega, tenho que me deixar disto, é muitos papeis, é muita coisa”, e depois ele tem também os da empresa, tem 6 trabalhadores, e é complicado lidar com tudo, e pronto, chegou a altura dele, outra pessoa entrou, e agora daqui por uns anos, não sei bem quantos, outra entrará a seguir a mim com a mesma vontade

AL: quanto tu disseste que ele não podia efectuar os trabalhos pela empresa era no sentido de as pessoas acharem que ele estava a beneficiar-se?

MF1: sim... temos de ver aí muitas coisas mas tem de ficar para outro dia porque os sapadores saem às 5h e eu não quero deixá-los lá a esperar

AL: claro. Não tem problema nenhum

MF1: amanhã vamos subir a vezeira...

AL: como assim?

MF1: vão subir as vacas todas para a serra e depois espalhamo-nos uns para cada curral porque tem de se meter o mato no fundo das cabanas e tirar o que lá estava do ano passado e arranjar lá umas coisitas e é o dia de por a vezeira

AL: disseste por o que na cabana?

MF1: o mato. Para depois ser só chegar lá e por só uma ervazita, um saco-cama ou um cobertor ou uma coisa qualquer e dormem lá já bem. Aquelas paredes ali é o fojo, vamos ter de ir lá outra hora porque o fojo também é muito interessante.

AL: pois eu amanhã já tenho combinado lá em Covelães ou Sezelhe, acho que é Covelães... senão colava-me aí a vezeira (RISOS)

MF1: pois, é um dia engraçado

AL: e quem é que vai?

MF1: normalmente vai quem quiser, quem quiser ir ajudar pode ir, só que normalmente vão as pessoas que tem mesmo de ir. Eu por exemplo vou porque vou no lugar do meu sogro, já tem 75 anos e eu vou na vez dele, mas ele ainda podia ir porque ele está rijo. E pronto, e vai o pessoal que pelo menos tem que ir

AL: são para aí quantas pessoas?

MF1: ah, poucas! Eu acho que os da vezeira são 11, por isso vão 11 ou que vão mais 3 ou 4, ou um turista, acho que amanhã vem uns turistas de uma associação qualquer e também vão ajudar e é assim

AL: quantos currais são?

MF1: currais na vezeira são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ... há para aí uns 15, só que eles só utilizam para aí 10

Outeiro: M01

AL: pois... e o senhor é o presidente do CD?

M01: é

AL: há quanto tempo?

M01: ah, já desde que começou o CD

AL: foi quando?

M01: foi, o primeiro foi o Simão, depois foi lá o tal rapaz que é meu primo, que está em Braga e agora até anda aqui até com obras, deixou o restaurante, como não dava, tem aqui o, chamam-lhe o... era o Falta de Ar

AL: Falta de Ar? Que nome tão fixe

MO1: o Falta de Ar, puseram-lhe o Falta de Ar porque ele era aflito “tu falta-te o ar, tu falta-te o ar e” e saiu o falta de ar

AL: Falta de Ar é o nome do restaurante agora?

MO1: é, é...

AL: é aonde?

MO1: é em Montalegre

AL: quantas cabeças de gado é que vocês têm aqui na aldeia?

MO1: aqui há cerca de, ora, cada aldeia deve ter aí 200 e tal

AL: cada aldeia?

MO1: cada aldeia

AL: e de que aldeias é que está a falar? De Outeiro, ...

MO1: aqui de outeiro, de Cela e Sirvozelo... Cela e Sirvozelo tem menos gado, há menos gentes, estão mais idosos. Todas as pessoas têm 30, 20, 40,50, há aí quem tenha 100 vacas... a maior parte é o pastoreio no monte

AL: quantas pessoas é que têm aqui?

MO1: aqui não sei, mais ou menos, entre a aldeia de Outeiro, Parada e Cela e Sirvozelo deve ter aí alguns, os residentes, alguns 200 e tal eleitores aqui... há muita gente aqui

AL: ah, que vive...

MO1: que vivem aqui nas aldeias, pois... há muita gente

AL: pois, mas aqui em Outeiro quantas pessoas mais ou menos é que têm gado?

MO1: aqui devem ter sempre aí 12 ou 13 pessoas

AL: mas uma coisa que eu não percebi... Parada e Outeiro partilham o baldio é isso?

MO1: é igual, comum. O limite é o mesmo... e Cela e Sirvozelo também

AL: Cela e Sirvozelo sabia, agora Parada com Outeiro é que eu não sabia

MO1: é... o monte é comum. Agora Cela e Sirvozelo, como fez o CD dos baldios, como aqui era para se fazer o CD da freguesia, nessa altura... como aqui não se entenderam, e estava em risco a candidatura, lá o rapaz candidatou... fez ele

AL: pois, pois, por Cela e Sirvozelo

MO1: por Cela e Sirvozelo e pronto. E têm ido buscar dinheiro, têm feito obras, têm feito regadios lá na terra dele e... tem restaurado aquilo, estava em degradação. E faz as limpezas que lhe compete, está marcado não é e gasta o dinheiro dele. Nós daqui só agora há 2 anos é que recebemos, fizemos a candidatura. E agora não sei, com estes cortes do baldio lá do IFADAP, não sei onde é que isto irá dar

AL: pois, ninguém sabe acho eu... então mas diga-me uma coisa, aqui o CD é composto por quantas pessoas?

MO1: ora, somos três, e depois temos a assembleia e um conselho de fiscalização... eu tenho isso, posso mostrar-lhe. Somos para aí 10...

AL: e as pessoas participam na gestão do baldio?

MO1: claro. Fazemos reuniões, mesmo agora para haver nova eleição, para fevereiro que vem

AL: fevereiro vai haver eleições?

MO1: vai haver nova eleição outra vez. Vamos ficar os mesmos, o povo é que vai decidir... ou entrarem outros novos, ou alguém que não queira estar entrega a outro. Agora é para 4 anos, agora não sei se...

AL: o de Outeiro e o de Cela?

MO1: sempre! Só estão agora para subsídio, mas continuam a ser... o pastoreio... nós podemos pastar de acolá, e eles pastam aqui, é igual, o pastoreio e o... é tudo comum! Agora para subsídio ele aproveitou aquilo porque aqui não quiseram..."ah, o parque vai vir e tal", deixou de se fazer, e ele fez e foi buscar esse dinheiro

AL: ok, então antes... antes não, para fins que não sejam do subsídio, Outeiro, Cela, Sirvozelo e Parada estão todos juntos?

MO1: é tudo igual

AL: no pastoreio?

MO1: no pastoreio, até ali, que o misto partimos com Paredes, ficou um documento lavrado quando isto... o roçar de mato, o pastar dos animais é igual. Não tem nada independente, não é partilhas definitivas, é um acordo mais nada, enquanto isto dá assim dá, não dá fica como era antigamente

AL: mas havia mais do que um CD? Ou havia um CD só para Cela, Sirvozelo, Outeiro?

MO1: houve, depois quando veio essa coisa dos subsídios das ITI é que tínhamos que fazer um só, mas como aqui não fizeram e a lei deu a duas aldeias fazerem, que eles também têm área baldia não é, eles marcaram ali uma área e faz aquela e agora nós fizemos com o restante que ficou

AL: mas vocês podiam ter... eu se calhar há bocado não tinha percebido logo, desculpe estar a repetir tudo, mas é que é só para eu perceber melhor...

MO1: não tem problema...

AL: vocês também podiam, pergunto eu, vocês também podiam ter concorrido aos subsídios todos juntos, tipo Cela, Sirvozelo, Outeiro e Parada

MO1: claro! Mas para isso havíamos de meter o baldio todo, que era para se receber 175 000 euros a nível da freguesia

AL: mas isso era mau?

MO1: era bom!

AL: ah! Então porque é que não se juntaram todos?

MO1: foi mau porque a população aqui... uns tinham os garranos na serra e isso e não... como é que é isso, fazem-me baixar os garranos e tal e eu não recebo, porque eles iam buscar por cada égua garrana 250 euros por cabeça

AL: ah, por causa dos subsídios dos garranos

MO1: por causa dos subsídios dos garranos, e se isso vai eles tinham de retirar os garranos e eles iam perder, então para se não estar a chatear deixou ficar

AL: mas depois acabaram por fazer na mesma...

MO1: depois acabámos por fazer, agora há dois anos, mas já perdemos quantos?... para aí há 15 anos...

AL: e tudo por causa dos garranos?

MO1: dos garranos

AL: mas uma coisa nem tem nada a ver com a outra pois não?

MO1: nem tem nada a ver, nem os animais afectam nada, lá andam, lá passam... lá a erva dá para todos, quando não há comem lá o que lá têm olhe...

AL: mas para fins de candidatura os garranos eram importantes?

MO1: era, era, tinha de ter 100 vacas e 20 garranos

AL: ah! Ok...

MO1: onde havia 200 garranos e 100 vacas (RISOS) era ao contrário...

AL: então foi por isso... e quantas pessoas é que tinham garranos? Era muita gente aqui da aldeia?

MO1: a maior parte... dos que não têm terreno, os que não têm terreno atiraram-se para o baldio com garranos, e estavam a tirar mais lucro eles do que os outros, foi isso que...

AL: aaaah, então foi por isso que o outro seguiu à frente com a candidatura e separaram-se nas candidaturas...?

MO1: foi

AL: ah, já percebi agora... Parada, Outeiro, e Cela e Sirvozelo. E antes era só um CD?

MO1: era

AL: quem é que era o presidente?

MO1: até foi ele...

AL: o Simão?

MO1: foi ele que iniciou... quando veio esta coisa do Parque, que nos podíamos candidatar a umas equipas para trabalhar dentro do Parque, fui eu e ele e outro rapaz aqui de outra aldeia, os três que iniciámos isso

AL: pois. E os jovens? Não estão interessados em meter-se nesses cargos?

MO1: opa, à uma também não têm experiência não é... é preciso um bocadinho de conhecimento dentro disto e ler ou percorrer [*? Não se entende*] não é, e as pessoas também não ... estão para lá... é como isto da Junta “ai, eu quero fazer tanto”, o rapaz não mediu aqui isto, é como se diz aqui no Barroso, voltamos à vaca fria, porque ele entrou e nomeou logo 7 ou 8 caminhos... e um rapaz que estava na Junta com ele disse “oh Paulo está calado porque tu já nomeaste para 8 anos, tu só estás candidato 4, já nomeaste caminhos, que ias fazer a este, àquele a ao outro para 8 anos, nós em Parada só queremos que nos faças um...”, e ainda não o conseguiu fazer, está a perceber o que eu digo

AL: pois

MO1: tivemos lá uma casa que estorvava o público, numa altura, que ainda lá está em Parada, e depois era para negociar com a outra mulher à frente que tinha outra casinha velha, para alargamento da rua da aldeia... agora o que se constrói de novo já se... mas nas aldeias uma casa que a família morre e que esteja a ocupar, tem de a comprá-la a Junta, ou a câmara, e tirá-la de lá, porque é um benefício público, do que ir para lá uma pessoa ocupar aquilo e ainda ocupar mais do que está... e nós retirámos essa casa através da câmara

AL: retiram as casas das pessoas que falecem?

MO1: sim, a pessoa morreu, não há quem vá à falência à casa não é, e a pessoa quer receber, o herdeiro, se calhar vende, e é melhor comprarmos nós e criar espaço do

que meter lá uma pessoa que ainda vai ocupar mais, porque nunca vai mais para dentro, é sempre para fora, e se aquilo é apertado retiram-se... então nós retirámos a casa, mas depois quando nós saímos da Junta ficou por acabar, ficou por acabar ali uns trabalhecos... e só para fazerem aquilo ainda andaram lá um ano e só ainda só agora é que conseguiram lá fazer um bocadinho do muro de suporte e de outras coisas e ainda lá está o cascalho... é preciso é gente que...

AL: mas já viu... se os jovens não são incentivados no sentido de serem presidentes do CD e de estarem dentro da realidade do baldio e tal, vocês vão ficando cansados também e depois? Como é que vai ser?

MO1: ... vão apanhando experiência como nós apanhámos, mas é com o tempo, mas demora, não é? Você não anda a estudar há uma data de anos? E ainda anda a concluir o seu estudo... e daqui até quase ao fim anda sempre a aprender, é ou não é? E para isso é preciso ter amor à arte também para se ser agricultor, ou doutor ou engenheiro, é preciso ter amor à arte e estudar para aquilo, senão não ligam. Agora a pessoa até pode querer entrar para o CD e de lá estar, mas depois é preciso ir buscá-lo

AL: mas essas pessoas... por exemplo, quantos jovens é que há aqui na aldeia?

MO1: ah, ainda há

AL: mas quantos, tipo 20?

MO1: é capaz de haver...

AL: a viver cá, estou a dizer

MO1: a viver cá, estão à espera também... de projectos, como falámos há bocado. Mas se o baldio deixa de dar para essa gente não é...

MO1: o meu colega [do CD] tem um carro, sábados e domingos está sempre aí disponível, tem aqui família

M: ele mora em Braga

AL: então mas ele está ca aos sábados e aos domingos...

MO1: vai connosco, levamos uma merenda, vê...

AL: eu quero!

M: a gente telefonava-lhe, ainda hoje ele vem ca para cima, ele hoje disse-me que gostava de estar, mas achava que era amanhã...

AL: ah foi? Oh, podíamos ter posto para amanhã se fosse esse o caso

M: pois, mas ele... e depois eu é que lhe telefonei há bocado que você vinha a chegar e ele disse “olha que eu até pensei que era amanhã”. Ele gostava, que ele trabalha nos Afonsos, mora em Braga, e também trabalha aqui em Montalegre

MO1: o pai é daquela aldeia, ele é meu primo carnal, e ele é daquela aldeia, e agora tem um negócio em Montalegre e ele trabalha na vida dele agora

AL: eu ate tenho o número de telefone dele aqui, se você quiser você liga

MO1: é, pode lhe telefonar, se estiver por Montalegre, que passe por ali, ele está

AL: sim, também podemos guardar para o dia em que formos à serra

M: sim, mas guarda o número

[troca de número]

AL: e aquela questão do livro antigo dos baldios e das cópias, falo com ele ou?

MO1: não, é igual, isso não...

[dona maria dá o número]

M: ele está aí, diz que vinha já pelo caminho mas que não contava vir hoje para aqui

AL: não, mas também não tem problema

M: ele estava a contar de vir amanhã, que ele agora trabalha noutras coisas

MO1: ele agora anda com obras

AL: pois... ele é daquela aldeia não é?

MO1: é de Parada, mas tem casa aqui também

M: está casado aqui com uma rapariga de Outeiro

MO1: tem um restaurante em Braga, ao pé da Universidade do Minho

Paredes do Rio: MP1

MP1: a lei têm todos a mesma...

AL: pois... sim, sim, a lei é a lei dos baldios não é..., é a nível nacional. Mas por exemplo, aqui em Paredes do Rio o baldio é gerido em autogestão ou em cogestão?

MP1: agora é que me fez uma pergunta que eu não sei responder

[MP1 sai do carro]

AL: está a precisar de alguma ajuda?

MP1: está aqui isto a fazer barulho

AL: sabe responder, sabe... então, se gerem vocês sozinhos ou se gerem em cogestão com o Estado

MP1: não... somos nós sós

AL: ai é... ok. Portanto deixaram o Estado de parte

MP1: o Estado aqui nunca mandou

AL: nem o ICN nem o Parque?

MP1: bom, o ICN e o Parque sim, não deixam plantar o que a gente quer, por exemplo

AL: pois, pois... o que é que vocês gostariam de plantar que eles não deixam?

MP1: por exemplo, o eucalipto aqui não deixam plantar

AL: vocês aqui a freguesia é Paredes, Travassos, Covelães e Sezelhe

MP1: ...e Sezelhe... antes eram duas, era uma de Covelães e outra de Sezelhe

AL: ah, exacto. E o presidente é de onde?

MP1: o presidente é de Travassos mas agora o nome da freguesia é Sezelhe

AL: ah pois é, o presidente da freguesia é de Travassos, o Zé Bento?

MP1: é

AL: ok. E diga-me lá, quem é que faz parte do seu CD? Você é o presidente não é? E depois? Há mais pessoas...

MP1: há! Tem de ser! São 3 à frente, é o presidente, é o secretário e o tesoureiro, e depois há a...

AL: a assembleia de compartes? E a mesa da assembleia... e vocês têm feito eleições recorrentes ou já são os mesmos há muito tempo?

MP1: somos os mesmos já há bastante tempo

AL: tipo o quê? 90's? 2000?

MP1: não! Nós aqui o CD... antes existiam só dois, que era um de Sezelhe e outro de Covelães, e eram as duas aldeias tanto de um lado como do outro juntas

AL: em termos de baldio?

MP1: com o mesmo CD? E depois quando veio isto destes subsídios é que fizemos cada um os seus

AL: ah... porquê?

MP1: porque nós éramos juntos ali com os de Covelães e eles quando recebiam o dinheiro metiam tudo à gaveta e não nos davam nada (RISOS) e depois tivemos de formar o CD à parte

AL: ok... então isso fez com que vocês separassem as candidaturas... e porque é que não se mantiveram por exemplo com Sezelhe? Já que o problema era com Covelães...

MP1: Sezelhe era outra, era outra freguesia e era outro CD, não era connosco

AL: está bem... então e o senhor está farto de estar no CD ou não? ou de ser presidente... é muita responsabilidade ou como é que é...

MP1: às vezes a gente chateia-se, aborrece-se... mas alguém tem de servir

AL: ainda não se cansou?

MP1: não!

AL: é muito trabalho ou não?

MP1: trabalho dá sempre

AL: sim

MP1: a gente perde sempre muito tempo com isto. Também nalgum lado tem de se passar

AL: e as pessoas que estão consigo também são as mesmas?

MP1: são.

AL: ninguém mais se candidata ao lugar?

MP1: porque ninguém quer

AL: pois... e um dia que o senhor se cansar como é que vai ser?

MP1: ai, nomeia-se outro

AL: mas se ninguém quer...

MP1: oh, há-de se arranjar... sempre se arranjou

AL: é? Oh, está lá você há não sei quanto tempo... sempre se arranjou... (RISOS)

MP1: desde que o formáramos só... mas eu já fazia parte também, mas era outro, depois fui eu. Depois ele começou a ter problemas de saúde “ah, eu não posso ir para as reuniões, não posso ir para li ou para acolá...”. lá saiu ele e entrei eu para à frente

AL: pois... vocês têm jovens aqui na aldeia ou foi tudo embora?

MP1: ainda há, mas poucos

AL: tipo o quê? Quantos? Só para ter uma ideia da proporção

MP1: novos para aí meia dúzia

AL: e eles estão ligados à agricultura ou...

MP1: sim, sim

AL: e eles não estão interessados em ir para os corpos gerentes do baldio

MP1: não!

AL: não se sentem próximos dessa...

MP1: há gente que só sabe destruir, não sabe adquirir nada

AL: então e vocês não lhes ensinam?

MP1: adianta muito

(RISOS)

AL: não há nenhum jovem na assembleia, ou na mesa da assembleia, ou no CD?

MP1: há

AL: é?... o senhor tem filhos?

MP1: eu não

AL: não tem filhos... não chegou a casar?

MP1: não

AL: é livre como o vento (RISOS)

MP1: é igual

AL: e há muitos jovens que foram embora da aldeia? Para estudar ou para trabalhar...

MP1: vai tudo

AL: e não voltam assim ao fim de semana nem...

MP1: há poucos, sai quase tudo para o estrangeiro

AL: ai é?

MP1: é!

AL: pois... quantas pessoas é que vivem agora em Paredes do Rio? Mais ou menos...

MP1: sei lá

AL: sabe, sabe, pense lá...

MP1: não sei não

(RISOS)

AL: então quantas pessoas estão no recenseamento dos compartes?

MP1: para aí algumas 70

MP1: nós agora íamos passar à porta do tal rapaz do pai que lhe responderam à carta... mas eles foram, não sei se para o Porto se para Lisboa buscar um defunto

AL: um defunto?

MP1: sim

AL: epa...

MP1: que vem do Canadá

AL: ah, para ser enterrado cá? Pois... isto houve muita emigração não houve? Aqui desta zona...

MP1: está tudo fora, tudo não, mas quase... no mês de Agosto não falta aí gente, mas depois o resto do ano não se encontra ninguém

AL: e essa gente tem cá casas?

MP1: têm quase todos

AL: na altura em que o Estado andou a pôr a floresta em todo o lado aqui – se já lhe tiver perguntado isto, passe à frente, não estou certa se perguntei... – aqui em Paredes puseram aqueles pinheiros que nós vimos, ou pôs muita mais?

MP1: pôs naquelas encostas todas em volta até ao alto, até lá acima no posto de vigia

AL: ah, sim, sim, sim. E houve muita oposição nesta aldeia?

MP1: não sei

AL: não sabe, pois... os seus pais ainda estão vivos ou...

MP1: não... a minha mãe faleceu no mês em que fazia 50 anos

AL: epa tão novinha... pois... o senhor tem irmãos?

MP1: somos 4

AL: estão todos aqui?

MP1: não, só estou eu

AL: os outros emigraram?

MP1: está o mais velho no brasil, a outra a seguir na França, eu estou aqui e a mais nova está em Santa Maria da Feira

AL: foi-se tudo embora... quando é que as pessoas emigraram mais? Se calhar não sem lembra não é, ainda é novo...

MP1: talvez na altura em que eu nasci

AL: exacto, nos anos 70 para aí não?

MP1: nos anos 60 e tal... é, eu nasci em 1969, 69-70, nesses anos... e ainda tinham que ir, para sair para fora, ia quase tudo para França na altura, ainda tinham que atravessar esses rios a pé, senão não os deixavam passar

AL: não deixavam o pessoal emigrar?

MP1: não

AL: o Salazar... pois é...

MP1: depois a partir daí, uns já nasceram lá já ficaram por lá, os outros foram uns atrás dos outros pronto, foi sempre

[MP2 é o presidente da mesa da AC e S2 é o seu filho]

MP1: oh, isto é a casa do tal...

AL: ah, eu passei por aqui, eu vi o senhor, um senhor de cabelo branco... não é esse? Se calhar não...

MP1: é... está aí

AL: Casa da Travessa...

MP2: bom dia!

AL: olá!

MP1: bom dia! Foi você que respondeu à carta aí à senhora? (RISOS)

MP2: e então, tu não me deste autorização?

(RISOS)

MP2: sou presidente da assembleia geral, ele ausentou-se, alguém tinha de lhe responder, senão você não chegava cá

AL: fez muito bem, eu agradeço... é que eu não tinha o vosso telefone na altura, só tinha a vossa morada então foi a única forma que eu tive

MP2: e então, está a fazer um bom trabalho?

AL: eu ou o senhor MP1?

(RISOS)

MP2: não, o dele já sei, o seu, o seu

AL: eu, se eu estou a fazer um bom trabalho? Bom, eu estou a trabalhar, vamos ver se é bom ou não...

MP2: se vai sair bem ou não... eu espero bem que sim

AL: andámos aí a conhecer o baldio...

MP2: eu espero bem que sim que isto aqui está muito complicado

AL: pois, estávamos a falar sobre isso agora

MP2: isto é muito complicado sabe...

MP1: mas ele não disse que era para ir buscar a Barcelos?

S2: e é

MP2: mas ainda não chegou, ainda está na América pa, Canadá... já fez os outros conselhos directivos?

AL: uuuh, vou fazendo, já fiz alguns sim, aqui em Montalegre ainda me falta Tourém, Pitões e Cela e Sirvozelo, mas Cela e Sirvozelo vai ser amanhã e depois só volto no fim de Junho, tenho lá umas coisas para fazer em Lisboa, e depois volto no fim de Junho e fico por Julho adentro

MP2: acho muito bem, ao menos apanha ar fresco

AL: ai, sim, nem que seja isso, é sempre benéfico... o senhor é aqui da aldeia e faz parte da assembleia...?

MP2: faço... eu não sei se ainda faço... (RISOS) mas os CD estão... opa. É muita difícil trabalhar aí com o pessoal

AL: é?

MP2: é... eu já os aturei 12 anos, agora que os ature ele que é muito complicado...

AL: ah, o senhor esteve antes no CD?

MP2: não, estive na Junta de Freguesia, e este CD foi criado por mim que não existia, e como o [? *Não se entende*] extorquia o dinheiro todo, não chegava cá nada, eu um dia deu-me na cabeça e criei um CD, porque senão então ainda era pior do que está hoje

AL: então e este CD existe há quanto tempo?

MP2: pertencia a Covelães

AL: aaah, é aquilo que você [MP1] me disse...

MP2: é o mais novo de todos

Então e você tem aqui o quê? É um negócio de artigos religiosos só ou...

MP2: sim senhora, artigos religiosos... no sábado fui à Figueira da Foz montar um aparelho

AL: um aparelho?

MP2: é mesmo de Lisboa?

AL: sim, nasci em Lisboa mas vivi muito tempo em Alverca, mas agora vivo em Lisboa

MP2: ah, não sei... vive em Lisboa? Conhece as igrejas do centro?

AL: epa, conheço muito mal, sei que elas existem só que entrei em poucas

MP2: não, não é preciso que tivesse lá entrado, em todas as igrejas do centro de Lisboa, aquelas máquinas de pôr moedinhas fui eu que as lá pus

AL: ai é? (RISOS)

MP2: fui eu que as lá meti, sim senhor

AL: estou a ver que tem aí um negócio próspero

MP2: pá, é difícil, está a ver que é ir de um extremo ao outro do país não é?

AL: pois

MP2: mas pronto, vamos trabalhando, vamos andando

AL: já existe há muito tempo o negócio?

MP2: já... já há uns anos

AL: sempre aqui sedeadado?

MP2: sempre aqui sedeadado, e bem sedeadado...

AL: mas é aqui desta aldeia?

MP2: sou, natural não, nasci em Braga mas vim para aqui quando o meu filho fez dias... pronto, é diferente

Pincães: MPin1

MPin1: [...] eu sou florestal

AL: eu também!

MPin1: é? Também é engenheira florestal?

AL: tirei engenharia florestal no ISA, mas foi a licenciatura

MPin1: mas eu sou florestal, eu era mestre florestal. Agora já não sou mais... mas acontece que...

AL: mas trabalhava nos serviços florestais?

MPin1: sim, trabalhei. Mas agora nos últimos anos transferiram-nos para a GNR, para o SEPNA... um guarda-florestal não era só polícia, também era técnico... e agora não há ninguém. Se formos a ver... em legislação acho que ainda não há, alguém para a instituição florestal a substituir os guardas-florestais... acho que ainda não há! Oficialmente ahn... embora haja não é. Acho que oficialmente ainda não há ninguém...

AL: mas como, como? Que substitua os guardas-florestais?

MPin1: os guardas-florestais eram os únicos a fazerem autos de madeira... oficiais! Depois passaram a ser os jornaleiros, mas havia um guarda-florestal ou um mestre a acompanhá-los. Mas eu acho que ainda não há legislação nenhuma a autorizar ninguém a cortar madeira senão os guardas-florestais

AL: então os guardas-florestais faziam o quê? Faziam não só a monitorização dos usos mas também o quê? Que eu não percebi...

MPin1: faziam o auto de marcação de madeira. Eu acho que ainda não há legalmente, oficialmente acho que ainda não há ninguém a fazer esse serviço

AL: marcação de madeira?

MPin1: sim, a cubicar a madeira...

AL: o que é isso?

MPin1: como é que se chama isso, é densometria não é?

AL: sim... isso tem a ver com a densidade da madeira, é isso?

MPin1: não, com o volume... com o volume da madeira

AL: Ok. Mas vocês marcavam para quê? Para cortar?

MPin1: sim, para abate. Há os cortes culturais, há os finais e há os...

AL: e os guardas-florestais tinham a função de? Escolher as árvores para cortar é isso?

MPin1: sim. Era para seleccionar as árvores... é isso

AL: ok, consoante o quê? Consoante o tamanho...

MPin1: não! Você se é florestal...

AL: bom, mais ou menos, é que eu trabalhei sempre na investigação, não na produção

MPin1: pois, pois, mas aqui é que está o problema... escute, escute... há 3 tipos de cortes: há os extraordinários, que são aqueles por eventual necessidade não é... e depois há os outros, depois aquilo até tem uma rotação, de 5 em 5 anos, há uma (?) florestal, pode ser de 5 em 5 anos

AL: estamos a falar de pinheiros?

MPin1: sim, de resinosas. E então acontece que... faz de conta que são estas 5 cadeiras, há um talhão aqui, outro acolá e todos os anos há uma passagem por cada um [*? Não se entende*]... depois há aqueles resinados, há aqueles bifurcados, há aqueles que já estão dominados... até aos 50 anos há sempre que tirar. E depois dos 50, 60 anos poderá ser feito um corte final, poderá deixar uns sementões que é para a regeneração natural, que agora já não se usa

AL: já não se usam sementões?

MPin1: não, não se usa regeneração natural, usam-se é plantações... mas acontece que podes deixar uns sementões ou poderás fazer o corte final como normalmente. E acontece que os cortes culturais é o que melhora o povoamento florestal porque tiras os dominados e ficam os dominantes não é...

AL: têm mais espaço...

MPin1: têm mais espaço e isso vai formar uma árvore com bom fuste e produção de madeira. Agora se se deixa à densidade que eles fazem não dão nada... começam à procura do sol, a fugir lá para cima, o fuste não engrossa, só puxam ao sol, uma copa muito pequenina, estão ali uns em cima dos outros, depois uns dominam os outros, os dominados começam a secar e aquilo não... conduzir um pinhal é como conduzir um campo de milho, se não há desbaste não há produção

AL: pois, pois. E os guardas-florestais é que faziam essa selecção?

MPin1: faziam essa selecção...

AL: ah... então e agora ninguém faz, será o ICNF ou não?

MPin1: é, jornaleiros, mas os jornaleiros também mandaram-nos embora também... andam para aí com brigadas de sapadores que não percebem nada daquilo...

AL: não percebem nada daquilo os sapadores?

MPin1: não... então que formação é que eles têm? A formação que têm é para intervenção de incêndios que tiraram na Lousã... então, eu também lá estive, estive lá em vários cursos

AL: ah, na Lousã, também tirei lá um curso

MPin1: ah foi, na Lousã?

AL: fiz de Inventário Florestal... fazia parte da licenciatura

MPin1: agora aqui... pronto, eu acho que, eu até me disponibilizava a fazer parte de uma equipa dessas. Os baldios... agora ninguém sabe a Lei dos Baldios, ninguém sabe de nada, isto...

AL: ninguém quem? Ninguém aqui da aldeia ou...

MPin1: não, da aldeia sabem. Mas muitos baldios, há pessoas á frente dos baldios que não, que estão um bocado fora do contexto... e acontece que eu acho que e já falei com... portanto nós estamos aqui, nós somos sócios do secretariado de baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro

AL: sim, o SBTMAD, que é gerido pela Lúcia Jorge...

MPin1: não, ela é funcionária, quem gere aquilo é o ...

A: Armando Carvalho não é?

MPin1: é o Armando é!

AL: o mesmo da BALADI não é?

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

MPin1: isso, da BALADI. E eu já falei com ele porque... muitos baldios estão... o Estado não funciona, não funciona, sabemos bem, e como não funciona, a autogestão dos baldios é boa mas também tem que alguém ajudar os baldios a produzir, porque se temos floresta para não produzir então não vale a pena termos floresta, ter uma carga de combustível no baldio só para ter aquele combustível e para ser um refúgio para os animais, isso não faz sentido. O baldio é para funcionar, quem não sabe, deve ser ensinado... eu não me importava de fazer parte de uma equipa, ainda me sinto capaz, e ainda mais dúzia de anos sou capaz

AL: então e os próprios compartes não podem constituir uma equipa dessas e funcionar assim na sua floresta, nos seus baldios?

MPin1: nós aqui estamos salvaguardados... eu estou à frente dos baldios desde 1999 e as coisas até têm funcionado. Mas antes as coisas não funcionavam... era como os outros. E vê-se aí baldios que... em termos de desenvolvimento florestal vão na conversa daquelas empresas de estilhagem... de estilha... e tiram o bom e deixam o fraco e ... mais valia cortarem tudo e ao menos vinha um povoamento novo e ao menos não havia mais nada a ...

AL: mas essas empresas fomentam o corte das boas é isso?

MPin1: é. Porque aquilo é para produção de papel, pasta para papel, apanham uma coisa tiram aquilo que lhes apetece

AL: pois, depois as pessoas que estão à frente do baldio se calhar não percebem muito de floresta

MPin1: pois, por isso é que eu digo que devia de haver alguém que os incentivasse e ajudasse

AL: se não é o Estado, que normalmente seria o cogestor, não é...

MPin1: eu já propus isso ao SBTMAD. Conforme nos dão apoio na condução dos processos dos projectos das candidaturas para as ITI, também se devia dar o apoio à conservação do património

AL: e o que é eles dizem perante isso?

MPin1: estou à espera de uma resposta também, um indivíduo vai para casa, mas depois também está habituado a um certo ritmo, sinceramente eu gostava de fazer parte de uma equipa dessas... de mostrar aquilo que me ensinaram a mim, que eu aprendi, que era para eles depois continuarem, que nós não somos eternos

AL: isso a nível de vários baldios, não era só necessariamente do seu?

MPin1: sim! Não, no nosso não, o nosso para já está bem.

AL: quantas pessoas estão aqui em Pincães?

MPin1: à volta de 50 pessoas

AL: 50 pessoas, e quantos jovens para aí?

MPin1: ao fim de semana há mais, mas diariamente há para aí 50 pessoas

AL: ao fim de semana é o quê, o dobro?

MPin1: não, para aí mais 20... mais 10. 10, 15

AL: Ao fim-de-semana vêm os jovens é?

MPin1: é, é. E as pessoas que trabalham fora e... Braga aqui para nós, nós somos transmontanos mas lidamos mais com o Minho do que com Trás-os-Montes. Nós estamos a 50 km de Braga e a 50 kms de Montalegre, e Braga tem condições de trabalho que não tem Montalegre, então nós temos mais vida com Minho do que com Trás-os-Montes e acontece que Braga é uma cidade que dá muito trabalho, dá muito trabalho. E então o que eu queria dizer... o pessoal mora na cidade, os que compraram casa há pouco tempo, para efeitos de benefício do IMI convém ter lá a residência, não é? E por norma já estão um bocadito tremidos a ser compartes aqui, e essa gente faz-nos falta, faz-nos falta, os conhecimentos deles fazem-nos falta. Não é só saber de florestal, não é só ser isto e aquilo, uma pessoa que tem uma formação, pode ser um engenheiro, pode ser da construção, pode..., mas é sempre uma pessoa formada não é? Vê sempre as coisas de outra maneira que não vê um agricultor.

AL: sim, basta ser de outra geração que já vê as coisas de outra forma

MPin1: exactamente, basta a geração. Agora a actual lei dos baldios vai muito contra... e a gente apercebe-se que o objectivo deles é começar a fraquejar as populações do interior pronto, e acabar com isto.

AL: [...] Quando é que o senhor entra para os SF?

MPin1: primeiro estive na GNR, depois em 1987 concorri a guarda-florestal

AL: aqui?

MPin1: não, Vieira do Minho

Pitões das Júnias: MPi1

AL: a MPi1 está há quanto tempo no CD?...

MPi1: ai, isso já é há muito tempo...

AL: ai é há muito tempo já...

MPi1: foi praticamente desde que entrei para a Junta... uuuh, 2012... não, não, 2002...

AL: e dois? Ok... é diferente de 12 de facto. E já está na Junta também há esse tempo todo?

MPi1: também, também já estou

AL: é presidente actualmente não é?

MPi1: actualmente sou

AL: e na altura também foi logo para a presidência ou não?

MPi1: não... era a segunda, secretária...

AL: e como é que consegue acumular tanta coisa?

MPi1: não sei... eu não sei... a questão é... a facilidade em parte dá-se a minha área de trabalho ser aqui e ser a mesma área de trabalho, porque senão não conseguia, não conseguia não...

AL: há muitos jovens aqui em Pitões?

MPi1: jovens, nós... por exemplo, projectos jovens... neste momento tenho 5...

AL: vá la, não está mau

MPi1: e desde que, ou seja, desde que surgiu a comunidade europeia, basicamente a partir de 1996, Pitões foi a freguesia no concelho de Montalegre que mais jovens conseguiu fixar no activo, porque enquanto o que se passou nos outros lugares [cautela com isto aqui]

AL: [sim, sim]

MPi1: houve efectivamente jovens a meterem projectos mas foi para quê? Para irem buscar dinheiro para comprarem um carro e acabaram por emigrar... aqui não, aqui é que... os que meteram o projecto acabaram por co(?)ar

AL: pois, boa... e eles... (RISOS) desculpe interromper... ia perguntar se esses jovens também se envolvem na gestão do baldio ou se a MPi1 é única jovem na gestão do baldio aqui em Pitões...

MPi1: não, então... alguns, efectivamente às vezes eu digo isso "eu já vos substituo em tudo", isto também é demais. Já acaba, porque as pessoas depois... as pessoas agora estão muito acomodadas e já não há aquela participação mais plena... uma vez porque também já não têm se calhar tanta necessidade, porque antigamente ... o que era o comunitarismo? O comunitarismo era uma obrigação que as pessoas tinham de se organizar

AL: pois...

MPi1: para poderem sobreviver, para poderem todos usufruir e ter as mesmas condições, caso contrario não se justificava... agora como há menos gente não é, obviamente já não haverá tanto essa necessidade de organização e de viver mais em comunitarismo. Porque depois também têm máquinas não é? Não é? Individualmente, podendo fazer os seus trabalhos e não sei quê. Mas... obviamente que isso me preocupa, preocupa-me e é um problema grave, mas já... também estamos... cabe-nos a nós, não é, a quem está à frente, de envolver e chamarmos as pessoas. Obviamente quando fazemos as listas não é, para os órgãos, já tentamos meter essa gente. Tem que ser... e é o que eu lhe digo... depois eu digo assim “epa, mas eu não tenho uma vaca, não tenho uma cabra...”

(RISOS)

Mas as pessoas estão muito acomodadas. As vezes eu digo assim “ah, vamos... aprovar as contas” “ah, mas...”; “hei, eu não aprovo contas, as contas são aprovadas em assembleia”. Ou então digo-lhes assim “olha, temos esta candidatura” e não sei quê... “oh MPi1, tu é que sabes”. “ ai, não pode ser assim”. Tem que haver efectivamente uma participação

AL: claro... e antes de si quem era, era pessoal mais velho ou mais novo que estava no CD?

MPi1: era pessoal mais velho, olhe este senhor ali

AL: isto não é fácil de passar, parece um jogo quase...

MPi1: isto é para o gado não vir. Sim, era gente mais... mais local. Agora... sim, era mais gente daqui. Agora, mas com todas estas alterações e não sei quê... é necessário terem gente com formação e se calhar gente que nada tem... que nada vive ou que se calhar não tem nada a ver com esta... esta toda actividade destas coisas. Porquê? Porque somos nós que podemos representá-los e faze-los chegar onde têm de ir, às instituições e tudo, porque... estas gentes aqui, elas até podem ser muito boas aqui nesta gestão, mas se não vão, se não têm conhecimento, dos financiamentos e não sei que... morre!

AL: pois, pois, pois

MPi1: obrigatoriamente é isso

AL: pois, pois é

MPi1: a questão é isso, e obviamente que para nós que não dependemos disto e que não estamos aqui, que não temos esta luta toda, esta labuta toda, também nos faz falta esta gente, nós estamos a trabalhar, temos de ir de encontro também... obviamente temos de ter aqui dois pesos: temos que trabalhar para esta gente, ou seja, as nossas acções têm que se adequar ao tipo de actividade deles, eles têm que beneficiar delas porque senão também nada... e por outro lado, temos de ver uma visão mais para além disto, sei lá, educação ambiental, sensibilização, transmitir conhecimentos, ir angariar fundos numa outra vertente, trazer determinadas vertentes que se adequam perfeitamente aqui ao território, porque o território como no passado foi utilizado vai acabar por não ser, obviamente que não se vai...

que não vai ser uma redução ou perda, sei lá, de 60%, mas é completamente diferente... há determinados usos e formas de gestão que no passado faziam todo o sentido mas que agora já não, já não faz... agora obviamente que temos de ter sempre consciência e adequar as nossas acções e os nossos projectos e as nossas intervenções a quem utiliza, não é... porque elas têm de estar direccionadas para alguém, só que não de todo esta gente só, que isto então morre com eles, nós temos é que preparar... temos de dar um passo para o futuro, ou seja, prepará-los, eles já não os mudamos, determinadas coisas eles vai continuar a fazer e a praticar e a agir disso, mas pelo menos já nós darmos esse passo no sentido de quê? Pa, antigamente só se pastoreava e roçava, agora não, agora já se pode fazer uns percursos pedestres, já pode isto servir como observatório para aves, já pode servir isto como uma forma de estudo e de espécies e de conhecimento para uma universidade, inter... universidades internacionais... ver essa questão, e é como eles, por exemplo a agricultura, já ninguém vive, obviamente que eles vivem da agricultura, mas só por si já ninguém vive só da agricultura, porque se lhe tirassem os subsídios como é que era? Ou seja, é uma agricultura de sobrevivência, mas eles têm que, têm que por exemplo, têm que usufruir do espaço em si, *pa*, é muita área para quem pastoreia, é muita! Quem pastoreia já não ocupa esta área... então há que aceitar e inovar os modos de uso

AL: claro... sim, sim, sim

MPi1: e nós mesmos, nós mudamos, por exemplo, eu já não tenho nada a ver com as vacas ou não sei quê, eu já quero vir aqui, usufruir do meu baldio de outra maneira... e tenho todo o direito, sou comparte! Não é... ou seja, temos de adaptar o uso à sociedade

MPi1: não! Quer dizer, para fazer isto temos de ter... olhe, eu até tenho dinheiro mas não quero saber... às vezes dizem isso "eu até tenho dinheiro mas não quero saber disso de papéis" ...

AL: pois

MPi1: e eu não sei para quê tanto parecer ... é demais

AL: o que é que irá acontecer a esses baldios na sua perspectiva?

MPi1: esses baldios... vão-se agrupar... vão-se agrupar... aliás há um incentivo, até próprio do Secretariado, a solicitar que se agrupem e tenham uma gestão com uma visão mais comum... por exemplo, investimentos comuns... porque facilitam e é uma forma de economizar... quem não puder se agrupar obviamente que isso vai cair aonde? Ao Estado... não é isso que nós queremos, que nós no Secretariado sempre defendemos a propriedade comunitária, agora quando não há populações para a gerir... alguém tem de tomar conta dela não é?

AL: pois...

MPi1: nós disso já temos a noção por isso é que efectivamente aconteça o que... dê-se o passo que se dê, obviamente que esse passo depende das situações, mas que a

natureza dessa propriedade que nunca deixe de ser baldio. Agora a gestão, obviamente na ausência dos compartes, terá que ser... também não somos adeptos que isso fique abandonado não é? Não pode ficar...

AL: claro, claro... pois, o Estado desapareceu não é, da gestão...?

MPi1: é, o Estado desapareceu e nós também queremos que desapareça, de certa maneira...

AL: aqui em Pitões estão na modalidade b) ou a) ou seja, autogestão ou cogestão?

MPi1: na b)

AL: ou seja, autogestão? Cogestão?

MPi1: não, não, não, cogestão...

AL: cogestão com o Estado

MPi1: se bem que já temos o pedido feito para... Ainda estamos em cogestão mas já temos o pedido feito para a autogestão... não temos outra hipótese não é... aliás eu não vejo aqui... os SF a mim nunca... não me dizem nada, aqui no território, dizem-me só no sentido da... de ter uma equipa de sapadores, obviamente... o Estado aqui é o Parque Nacional, é o Parque Nacional que tem um Plano de Ordenamento que... é necessário, é necessário, temos de ser conscientes, é necessário... só que às vezes haviam de actuar mais onde haviam de actuar e não implicarem com coisas tao fúteis...

AL: tem alguém que receba a pasta? Quando é que vai haver eleições agora aqui?

MPi1: nós... para o ano. É assim, nós não podemos estar sempre nos mesmos cargos... é muitos anos, chateia, tem que haver

AL: sim, claro. E ganham-se vícios se calhar também da malta que não está nos cargos...

MPi1: é tudo, é tudo... é necessário que isto passe, agora é assim, temos o dever de em quem está, temos de colaborar e ajudar e ... mas não podemos ficar eternamente nos cargos... cansa!

AL: aqui em Pitões os compartes são todas as pessoas da aldeia?

MPi1: sim. Nós é... definimos que compartes é todo o natural e residente permanente

MPi1: o Secundino, esse já é do meu tempo

AL: do seu tempo, como assim?

MPi1: quando eu trabalhava no Parque já ele lá estava

AL: é velhote?

MPi1: não, não, é novo, só que já está lá há bastante tempo também

AL: trabalhou no Parque pelo...

MPi1: eu até 2007, estava a trabalhar no Parque, estava à frente das equipas

AL: ah, por isso é que disse há bocado que estava à frente das equipas de sapadores...

MPi1: sim

AL: ah, eu na altura pensei que era através do Secretariado ou...

MPi1: não, não, não, eu no Parque Nacional eu era a responsável pelas equipas de sapadores... prestava apoio técnico, e constitui algumas, aliás fui eu que constitui as de Ponte da Barca, as dos Arcos e a de Castro Laboreiro, e constituí-as e depois, formei-as e depois fazia o acompanhamento técnico, o acompanhamento técnico era assegurado pelo Parque Nacional e então eu estava a fazer isso, daí a facilidade de criar a Associação dos Baldios e aquelas coisas todas ...

AL: pois, pois, pois

MPi1: o envolvimento... depois a partir de 2007 eu saí do Parque Nacional, foi quando se deu a junção do Parque Nacional com o departamento que se decretou... e eu saí, eu só estava no Parque até ao final do ano mas em Maio já saí porque tive o convite do Secretariado para ir trabalhar com eles e eu fui logo

MPi1: mando, mando. Estás a ver Ana Luísa, andas a pedir isto há tanto tempo (RISOS). Tem sido complicado, ou efectivamente as pessoas se aproximam e a gente pronto, agora... ou então isto passa...

AL: claro! Também já tinha pensado que mais valia ir...

MPi1: e foi muito mau, tivemos uma campanha péssima, e depois de seguida, tivemos uns problemas lá com os agricultores, que tínhamos de os associar à [? *Não se entende*] da exploração do baldio e de seguida abrem as candidaturas à rede primária, quer dizer, não há hipótese...

Sezelhe: MS1

AL: à tal empresa?

MS1: à tal empresa, para lhe podermos pagar, é preciso ter uma boa gestão, ou uma boa orientação nestas coisas, não é só dizer sim, isso é, é presidente do CD, ou é o tesoureiro, ou é o presidente da assembleia, não! Isto toda a gente... tem de haver

uma boa gestão para chegar a um certo ponto de podermos fazer as coisas e de termos dinheiro para as podermos fazer. Porque senão não... aqui... eu tenho as minhas empresas mas é muito preocupante, eu ando aí a trabalhar mas eu passo se calhar 3 ou 4 horas do dia por conta do baldio, quando a mim se fosse... interessa-me alguma coisa, não vou perder o meu, não vou deixar os meus trabalhos para ir pagar o coiso. Mas isso são coisas que eu, quando se assumem gosto de as cumprir e levar a bom porto, mas...

AL: claro... você estão no CD há quanto tempo?

MS1: uuuh, aí há 18 anos

AL: como presidente? Ganha sempre as eleições? (RISOS)

MS1: não, olhe, eu vou ser sincero, nem se opõem, no dia das coisas nem fazem listas nem...

AL: as pessoas confiam em si?

MS1: são coisas... eu tenho uma coisa comigo, eu já fui... também já fui secretário da Junta 8 anos ou 12, eu tenho uma coisa comigo que é que eu sou daqueles que ao fim do ano eu digo quanto se recebeu e digo quanto se gastou à frente das pessoas todas. Essas pessoas sabem bem, deve ser por isso que confiam...

AL: e você não se cansa? Com essa responsabilidade toda?

MS1: olhe, eu vou ser sincero, muitas das vezes fico cansado, fico cansado. E tenho alturas que fico cansado. Mas estamos a acabar de falar de entrar para lá alguém e ninguém quer assumir esta parte, ninguém quer assumir isto, é como eu costumo dizer, depois andam sempre de volta, como se costuma dizer, do mexilhão... é verdade. Também costuma-se dizer “quem corre por gosto não cansa

AL: então e o parque não quer que vocês plantem árvores é isso? Ou não tem dinheiro, mas permite?...

MS1: não, o parque não tem dinheiro para nos ajudar e depois, ou nós plantamos, fazemos essa plantação... nós se não nos desvincularmos dessas pessoas, dessas coisas, nós ao fim vamos pagar, vamos produzir e eles depois vêm-nos buscar os 40% de benefício e sem trabalho nenhum, que isso é o que o nosso país está a fazer, são os que menos fazem os que mais recebem, agora, eles deixam-nos fazer sim senhor, agora, nós vamos investir aí 150 ou 200 000 euros em pinheiros ou carvalho ou castanho ou essas coisas, eles deixam-nos fazer, só que ao fim dos cortes, quando as árvores estiverem para cortar ou coiso, os 40% são para eles

AL: Vocês estão em cogestão? Em modalidade b)?

MS1: exactamente, em cogestão!

AL: ah, e eles não fazem...

MS1: exactamente, é isso! Eles fazem... nós pedimos para florestar ou coiso “ah, sim, muito bem, mas só há x%, não há dinheiro, já me responderam a mim que não havia dinheiro nessa altura para florestarmos, mas se nós dissermos... “mas se vocês quiserem florestar podem florestar”, pois é mas ao fim de 30 ou 40 anos quando for dos cortes e nós não estejamos desvinculados deles eles os 40% a que têm direito vêm-nos buscar.

AL: eu por acaso tinha a ideia que eles só podiam cobrar essa fatia se fosse povoamentos que ainda vinham da floresta, daquela floresta que eles puseram ca ainda na altura do Salazar...

MS1: enquanto não nos desvincularmos desses eles cobram sempre, eles cobram sempre. Agora diga-me como... para se cobrar, para o Estado floresta nos cobrar, eu prefiro que ao fim dos 50 anos se cobrasse os 40% e que seja dinheiro que fique no nosso concelho e que ficava... e que revertia a favor da, fosse do que fosse...

AL: qual é a área do vosso baldio?

MS1: nós do baldio de Sezelhe tínhamos uma área de 450 hectares

AL: e qual é o número de cabeças de gado?

MS1: em Sezelhe temos uma média de para aí 90 cabeças de gado. Antigamente eram para aí 400... mas é assim... eu emigrei 20 anos

AL: ai sim? Para onde?

MS1: para a França. Emigrei 20 anos. Antes de emigrar na minha casa havia para aí 12 vacas e se calhar para aí 50 ovelhas e cabras. Hoje (RI-SE) hoje estão lá duas...

AL: mas é porquê? É por falta de jovens? É por falta de mercado?

MS1: é falta de jovens! Não, não há falta de mercado, porque nós vendemos bem o gado e vende-se bem. Mas é a falta de pessoas que é as pessoas jovens, os jovens vão todos embora, é o que está à vista, nós, os nossos maiores especialistas vão-se embora de Portugal... vão-se embora de Portugal. Nós temos médicos, nos temos enfermeiros, nos temos engenheiros, nos temos coiso. Nós vamos chegar a um tempo... eu tenho uma empresa de construção civil, nós vamos chegar a um tempo que nós não temos gente especializada para nós... está tudo lá fora... um engenheiro vai para França, vai para Inglaterra, vai para a Bélgica, vai para todo o lado do mundo, que o português, esse, ao arrancar de casa não sabe, sai de casa para um destino, o destino dele é quando lá chegar, é onde parar... estamos assim porque hoje nos vimos... aqui não temos trabalho para as pessoas que acabam os seus cursos... perdem anos na universidade, a gastar dinheiro, às vezes sabe deus coiso... para chegarem ao fim e dizerem “opa, vou-me embora daqui”, ou ficam ali ou coiso. Eu para aí há meio ano ouvi um reitor ali da universidade do Porto a dizer “nós daqui por meia dúzia de anos ano temos um arquitecto ou um engenheiro civil... porque há certas pessoas que já deixam de estudar... “vou estudar para quê? Vou gastar dinheiro, vou fazer... aos meus pais ou coiso se eu ao fim não tenho emprego para

conseguir...". A maior parte das pessoas já não vão estudar, emigram como emigrei eu e outras chegam acabam a escola obrigatória e vão saber de uma vida melhor, que aqui não...

AL: Aqui na aldeia tem jovens?

MS1: aqui na aldeia há para aí... tem uma dúzia deles de jovens

AL: pois... e quantas pessoa são ao todo?

MS1: nós ainda somos uma média de setenta, de sessenta e cinco mais ou menos, agora faleceram uns 3 ou 4, somos uma média de 65

AL: E desses só 12 é que são jovens...

MS1: e a maior parte, tirando esses jovens, é tudo para cima de 50 anos

AL: e esses jovens não têm vontade de participar aqui na gestão do baldio? Por exemplo...

MS1: não, mas toda a gente faz parte do...

AL: é comparte...

MS1: do baldio não é... mas o que é que eles vêm aqui fazer para os baldios? Como por exemplo, nós cedemos aos agricultores do gado x hectares dos baldios para pastoreio e para o gado. Mas hoje imagina-se, qual é o jovem que está aí com 20 ou 30 e poucos anos que vai fazer um projecto por exemplo para 20 ou 30 cabeças de gado? Ou de ovelhas ou de coiso... e se o Estado não der uma ajuda para ele fazer isso ele não vai ter possibilidade de o fazer. E o Estado muitas das vezes os projectos que fizeram era 5 anos, ao fim de 5 anos embora! Não mas isto devia ser "sim senhora, vou fazer um projecto, tens x ajudas mas tens de continuar x anos com o projecto. 12 ou 15 anos com o coiso. Assim as pessoas já começavam, depois os filhos vinham, já começavam a trabalhar com... a ver os pais, já incentivava ver os pais a trabalhar e a continuação. Hoje não, hoje é assim, toda a gente sai para fora do país, quem tem filhos nascem lá, fazem a escola coiso e depois já não voltam para cá... e é por isso que n's andamos nesta cepa torta

AL: como é que vê o futuro do baldio, se a coisa continuar assim?

MS1: o futuro do baldio olha, é tentarmos fazer o melhor até poder, quando não pudermos... agora enquanto pudermos vamos sempre tratar dele, cuidar dele, como pudermos fazer, como por exemplo nós, isto, estava aquela encosta ali e estava tudo cheio de giestas e coiso, estava tudo por limpar, é que nos já vimos lá de baixo carvalhais, esta encosta toda lá de baixo de quando entramos, é tudo baldio e já limpamos tudo por ai acima, e está previsto limpar naquela encosta também. Se houver um dia que nos falhe e que não tenhamos possibilidade para pagar para limpar...

AL: ainda não, mas vou. E diga-me uma coisa, quem é que é comparte aqui?

MS1: são todos os residentes

AL: todos os que vivem mesmo aqui? Quem tiver por exemplo a trabalhar em lisboa mas que seja daqui?

MS1: ora bem, isto saiu uma nova lei. Se estiver a trabalhar em Lisboa e tiver residência aqui é comparte como os outros

AL: e vocês vão ir de acordo a essa lei ou vão manter os vossos usos e costumes?

MS1: então, as pessoas que forem daqui e que estejam a trabalhar em lisboa estão praticamente, se decidirem voltar aqui é... eu estou de acordo. O que eu não estou de acordo é como esta nova lei que saiu ou... não sei se já está em prática ou se não está

AL: já está

MS1: já está em prática, agora a união de freguesias, houve união de freguesias e querem que toda a gente que faça parte da freguesia seja comparte e nós com isso não estamos de acordo..

AL: você tem filhos?

MS1: tenho

AL: estão aqui ou estão...

MS1: tenho dois nas empresas, que eu tenho duas empresas

AL: ah, tem duas aqui?

MS1: uma de construção e outra de serração de pedra... trabalhei muito e agora o Estado está-me a F* como o C*. (RISOS)

AL: com os impostos...

MS1: pois... tenho um que está em Lisboa... tenho dois rapazes e uma rapariga

AL: ah, então estão dois a trabalhar na sua empresa

MS1: estão todos. As empresas é de todos, é pais e filhos

AL: ah, pensei que esse que estava em Lisboa não tinha querido...

MS1: não, mas também faz parte da empresa

AL: faz parte da empresa mas não trabalha nela... e a sua filha?

MS1: a minha filha... eu é assim, quando chegaram à idade eu tinha 35 anos, vim embora de França... e montei aqui uma empresa de construção, montei uma empresa de construção há 24 anos. Quando os meus filhos chegaram à idade dos 30 anos eu disse-lhes: "meus filhos, com a vossa idade eu já tinha cabeça para orientar isto, agora vós tendes carros, bois e vacas, tendem-las aí, tu vais para acolá, tu vais para ali e eu fico no meio", portanto a rapariga está a tomar conta da, é menos produtiva, da fábrica da pedra e o rapaz está na construção, isto é assim, faça de conta que é, faz falta num lado, auxiliam-se um ao outro

Tourém: MT1

AL: e tem havido alteração dos órgãos de gestão, do tipo, a assembleia de compartes, o CD, a assembleia não, o CD, ou é o Paulo há muito tempo...

MT1: não, porque nem sequer candidatos há...

AL: pois... e isso pode ser um problema ou?

MT1: não, é um problema! Não é pode ser, é um problema! Tomara eu deixar aquilo de uma vez, e quem é que vai para lá?

AL: pois

MT1: ah, ele não tem vagar, outro não quer, outro não sabe, outro não pode, e a gente vai andando

AL: pois

MT1: mas é mau, é mau em tudo isso... porque eu estive 20 anos na Junta

AL: 20 anos na Junta? Eeeeh

MT1: e abençoada a hora em que saiu essa coisa da limitação de mandatos porque senão que remédio tinha se não continuar... embora na Junta seja diferente, há a oposição, mas também... se a gente não gosta ou vê que as pessoas que não são capazes ou qualquer coisa temos que avançar não é... mas olhe, desta vez pronto, puseram-me fora!

AL: (RISOS) lá na Junta qual era o seu papel?

MT1: ...

AL: aaah, esteve 20 anos na presidência da Junta?

MT1: seguidinhos.... É obra!

AL: fogo! Eu acho que não conheço outro caso assim... 20 anos é uma vida!

MT1: foi desde que cheguei a Tourém... e saí agora porque fui obrigado porque senão não saía, não saía porque... as pessoas que estiveram comigo desde o início na Câmara continuavam os mesmos, era óbvio que eu tinha de continuar, mas não era

por querer, só que também não podia dizer que não. Mas sempre ajudaram, sempre estivemos juntos, eu saía os outros ficavam, também não tinha jeito não é...

AL: pois, pois

MT1: para mim foi ótimo

AL: quem lá está agora... aqui as cores políticas importam ou não?

MT1: importam muito... bastante mesmo

AL: pois... é nacional essa questão...

MT1: é... e isto não foge à regra. Aquele rapaz que está lá estava na Junta no mandato antes de eu entrar, depois esteve comigo 8 anos, e agora voltar a estar lá

AL: pela mesma cor política sua?

P: não

AL: ah, ok... ok, ok

MT1: fez o seguimento

AL: e a freguesia de Tourém tem outras aldeias?

MT1: ... (não)

AL: ah, é só Tourém?

MT1: só Tourém... é muito fácil de gerir. Não tem que... imagine, há freguesias que é como o caso de Cabril

AL: tem uma data de aldeias...

MT1: já foi lá não é?

AL: sim

MT1: Cabril, Fafião, aquela... Pincães... aquilo deve ser complicadíssimo...

AL: mas Pincães e Fafião.... Ah, pois, faz parte da mesma freguesia mas o baldio é que é diferente, agora já estava a confundir...

MT1: atenção, baldio cada um tem o seu

AL: exacto, exacto, agora estava a confundir tudo

MT1: não, não, freguesia é uma coisa, baldio é outra

AL: e mesmo só o baldio de Cabril são uma data de aldeias que a gerem, é aquelas aldeias mais pequeninas... não é? Só a de Pincães e de Fafião é que são à parte não é?

MT1:...

AL: aquilo são uma data de aldeias que formam a freguesia de Cabril, para além de Pincães e de Fafião... depois essas outras aldeias, para além destas duas, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: cada uma gere o seu

AL: não, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: uma um só?

AL: para além de Fafião e de Pincães que cada um tem o seu, depois o restante baldio é gerido por aquelas aldeias todas

MT1: mas aquelas aldeias ali já tiram muito rendimento do baldio

AL: têm floresta não é?

MT1: floresta exacto que aqui para cima nada...

AL: pois... mas aqui não há... mas também não há muita vontade de a plantar ou há?

MT1: nenhuma! Pura e simplesmente nenhuma...

AL: porquê?

MT1: porque é assim... num carvalhal os pastos crescem normalmente, no pinhal não... quando o pinhal é grande começa a ficar todo queimado por baixo e... o que é que acontece, andamos aqui... o gado anda no monte todo o ano, se fosse pinhal não poderia andar...

AL: pois... mas com a diminuição do gado, não começa a fazer sentido...

MT1: para já nenhum! Para já nenhum... até porque Tourém e Pitões são as aldeias com mais gado

AL: com mais gado, pois... quantas cabeças têm vocês?

MT1: temos 243

AL: de gado bovino?

MT1: sim, e Pitões tem 350 se não me engano

AL: sim, ela disse que eram perto de 400, portanto deve ser isso

MT1: é mais ou menos isso é

AL: e têm cabras?

MT1: não...

AL: aí não? Então não têm vezeiras?

MT1: ...? Toda a vida

AL: de cabras só, ou...

MT1: e de ovelhas

AL: e de ovelhas sim, mas nas vacas não é costume

MT1: as vacas vão sozinhas para o monte e toca a andar

AL: e a freguesia de Tourém tem outras aldeias?

MT1: não

AL: ah, é só Tourém?

MT1: só Tourém... é muito fácil de gerir. Não tem que... imagine, há freguesias que é como o caso de Cabril

AL: tem uma data de aldeias...

MT1: já foi lá não é?

AL: sim

MT1: Cabril, Fafião, aquela... Pincães... aquilo deve ser complicadíssimo...

AL: mas Pincães e Fafião.... Ah, pois, faz parte da mesma freguesia mas o baldio é que é diferente, agora já estava a confundir...

MT1: atenção, baldio cada um tem o seu

AL: exacto, exacto, agora estava a confundir tudo

MT1: não, não, freguesia é uma coisa, baldio é outra

AL: e mesmo só o baldio de Cabril são uma data de aldeias que a gerem, é aquelas aldeias mais pequeninas... não é? Só a de Pincães e de Fafião é que são à parte não é?

MT1:...

AL: aquilo são uma data de aldeias que formam a freguesia de Cabril, para além de Pincães e de Fafião... depois essas outras aldeias, para além destas duas, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: cada uma gere o seu

AL: não, gerem todo o baldio de Cabril

MT1: uma um só?

AL: para além de Fafião e de Pincães que cada um tem o seu, depois o restante baldio é gerido por aquelas aldeias todas

MT1: mas aquelas aldeias ali já tiram muito rendimento do baldio

AL: têm floresta não é?

MT1: floresta exacto que aqui para cima nada...

AL: pois... mas aqui não há... mas também não há muita vontade de a plantar ou há?

MT1: nenhuma! Pura e simplesmente nenhuma...

AL: porquê?

MT1: porque é assim... num carvalhal os pastos crescem normalmente, no pinhal não... quando o pinhal é grande começa a ficar todo queimado por baixo e... o que é que acontece, andamos aqui... o gado anda no monte todo o ano, se fosse pinhal não poderia andar...

AL: pois... mas com a diminuição do gado, não começa a fazer sentido...

MT1: para já nenhum! Para já nenhum... até porque Tourém e Pitões são as aldeias com mais gado

AL: com mais gado, pois... quantas cabeças têm vocês?

MT1: temos 243

AL: de gado bovino?

MT1: sim, e Pitões tem 350 se não me engano

AL: sim, ela disse que eram perto de 400, portanto deve ser isso

MT1: é mais ou menos isso é

AL: e têm cabras?

MT1: não...

AL: ai não? Então não têm vezeiras?

MT1: ...? Toda a vida

AL: de cabras só, ou...

MT1: e de ovelhas

AL: e de ovelhas sim, mas nas vacas não é costume

MT1: as vacas vão sozinhas para o monte e toca a andar

Travassos do Rio: MT1 e MT2

Então e o senhor MTR1 é o presidente do Conselho Directivo?

MTR1: sim

AL: há quanto tempo? Há muito já?

MTR1: há para aí 11 anos

[entretanto toca o telefone do MTR2 – presidente também da Junta – união de freguesias Covelães, Travassos e Paredes do Rio, Sezelhe]

MTR1: e já era para ter saído mas aqui o nosso presidente é que não

AL: que não deixa...

MTR1: que não me deixa sair... agora tem de ficar, enquanto eu estiver já...

AL: gosta do seu trabalho... (RISOS)

MTR1: que eu também não tenho assim capacidade para estar neste lugar não é...

AL: para estar o quê?

MTR1: para estar neste lugar

AL: não tem capacidade?

MTR1: eu só tenho a 4ª classe não é...

AL: oh, isso não importa

MTR1: há a experiencia não é... há a experiencia, mas... desde que ele entrou “agora você só sai quando eu o deixar sair

(RISOS)

AL: então isso quer dizer que ele acha que você tem garra para a função

MTR1: oh, sim, temos de ter não é... eu trabalho mas, trabalho... não tenho ordenado nem nada mas trabalho por amor à minha terra não é... já nasci aqui, fui aqui criado e agora vou morrer aqui também

(RISOS)

AL: agora? Salvo seja não é...

MTR1: sim, e portanto vá... deixa-te estar

AL: o senhor chegou a emigrar ou assim?

MTR1: não!

AL: esteve sempre aqui...

MTR1: sim

AL: agricultor?

MTR1: sim, sempre agricultor... agora já há uns anos que eu não faço nada porque passei tudo ao meu filho... eu tenho um filho

AL: hmm, está aqui?

MTR1: sim, está. Ele agora deve estar aí com umas 40 e tal vacas não é. Mas também ainda que queira trabalhar não posso, ainda ontem andei a virar aqui um bocadinho aqui deste lado, andei lá a plantar umas couves... eu tenho 3 hérnias na coluna... tenho seguro. Quando cheguei à metade já tive de tomar um comprimido, deu-me a dor. Tenho 3 hérnias na coluna...

AL: pois, as vidas duras dá nisto não é? Começa a vir dores muito cedo

MTR1: agora o nosso conselho vai, em princípio está a correr tudo muito bem

AL: ao nível dos baldios ou em geral?

MTR1: não, em geral, em geral está tudo... está aqui o presidente...

AL: (RISOS) mas o presidente também faz parte dos corpos dos baldios ou não?

MTR1: sim, sim

AL: da assembleia ou do CD?

MTR2: sou da assembleia

AL: presidente da assembleia?

MTR2: não, não, não. Este é um baldio, nós agora tivemos uma reunião e juntámos os 4 baldios da freguesia... eu sou presidente da Junta e tentámos fazer uma... o que se reporta aqui e Travassos entre o presidente de Junta e o presidente dos baldios que é uma ligação bastante forte e só assim é que se consegue trabalhar bem para a comunidade, nós fazemos tudo em conjunto, não há... nós... não há a Junta e nem há os baldios, por isso é que vê-se o trabalho que está a ser feito em Travassos e que nós temos aí obras e temos aí limpezas que não se vê quase em nenhuma aldeia porque trabalhamos em conjunto

AL: pois... mas sendo o presidente da Junta também acaba por ser o presidente de Sezelhe, o presidente de Covelães...

MTR2: sim, sim

AL: e contudo não há esse tipo de relação próxima com eles...

MTR2: não, já não é tao fácil... também relativamente... das pessoas de lá vir alguém mandar no... não creio que... tem que haver é uma parceria, não mandar... nós, por exemplo, esta reunião que nós fazemos todos os meses com todos os presidentes dos 4 baldios e a Junta é para isso, não é mandar mas olha, vamos interagir, vamos tentar fazer isto esta semana, só que ainda há um bocadinho a mentalidade de que nós...

MTR1: o Manel de Covelães...

AL: (RISOS) já ouvi falar, aliás, já o conheci... o senhor de Covelães não é...

MTR1: é difícil ele acertar com o da Junta... e depois quando assim é cada um vai para o seu lado e as coisas já fogem não é

AL: pois, a cooperação é muito importante, imagino que sim

MTR1: e se nós não trabalhássemos em união não é... não tínhamos feito o que aqui está feito...

AL: pois... e o que é que têm feito, só por curiosidade

MTR2: temos neste momento uma das melhores cascatas do concelho, plataformas de acesso à cascata... estamos neste momento a fazer uma obra que vêm quase todos os dias as pessoas ver aí, que é um tronco de maneio para as vacas

AL: tronco de maneio? Para fazer o quê?

MTR2: para tirar o sangue, para ...

MTR1: o gado vai à inspecção...

AL: porque é que se chama tronco?

MTR2: porque as vacas ficam ali tipo presas

AL: ah, ok... a esse tronco?

MTR2: sim, sim, sim. E então estamos ali com uma obra mesmo...

AL: isso está onde?

MTR2: lá em cima da aldeia

AL: é para o lado da cascata?

MTR2: não, não, subindo aqui para cima

AL: ah, ok.

MTR1: depois pode ir lá ver se quiser

AL: ai, quero ver quero. Nunca vi um tronco de maneio, quero ver isso!

MTR2: a gente já tinha lá um velho

MTR1: só que aquilo agora apodreceu, a madeira apodreceu e já estava todo estragado

AL: consta de um tronco basicamente... não! Se é uma obra deve ter muito mais do que um tronco não é...

MTR2: não, tem um pátio que é para o gado entrar para aquele pátio e depois tem a manga em que a vaca depois entra para ali e não se pode mexer para lado nenhum

MTR1: fica presa...

MTR2: estamos aí com uma obra que... não conheço em nenhuma aldeia uma obra daquelas

AL: vocês aqui também têm bastante gado não é?

MTR2: sim, sim, sim

MTR1: há aqui uma média de 160 vacas

AL: e quantos pastores? Ou quantos produtores...

MTR2: 5 ou 6

AL: 5 ou 6 para cento e tal vacas...

MTR1: vá lá que ainda são todos

MTR2: todos e jovens

MTR1: por exemplo, o meu filho... o meu filho esteve ainda uns anos na Suíça, esteve lá para aí 13 ou 14 anos na Suíça... depois ele veio

AL: voltou para... com amor à terra

MTR2: e apostou na.... Hoje temos 5 produtores ainda bastante jovens e com bastante dimensão

MTR1: estão a trabalhar bem estão...

MTR2: com 60-70 vacas, outro com 40, depois temos 25 e depois dois com 15

AL: e essas vacas pastoreiam apenas no baldio de Travassos ou fazem...

MTR1: mais ou menos

MTR2: estão limitadas ao baldio de Travassos, só que claro... não há fronteiras

AL: pois, pois, tanto para um lado como para o outro. Aqui também há... aliás, há de certeza que eu vi, há aquelas zonas mistas entre baldios limítrofes...

MTR2: sim, sim, sim. Nós temos mista com Sezelhe

AL: pronto, então eu vi essa zona, o senhor Bento mostrou-me

MTR2: sim, sim, sim, ali junto à casa da floresta, há ali uma capela, uma santa, junto à casa da floresta, está no misto... as casas da floresta tinham a particularidade que ficavam... punham-nos no misto

AL a casa da floresta está a falar da casa do guarda-florestal?

MTR2: sim, sim, sim

AL: o vosso baldio tem quanta área?

MTR1: de pastoreio tinha 330

AL: isso é aquela área das ITI...?

MTR1: esta é só a área de roça de mato e pastoreio... temos outros cento e tal hectares de carvalhal. Uma parte é a parte de carvalhal e outra parte é a parte que é pastagem de gado e de roça de mato

AL: ok... vocês não têm pinheiros... aqui não houve entrada da floresta pelo Estado?

MTR1: houve, houve

MTR2: temos aqui uma pequena parcela

MTR1: temos ali um bocadito

MTR2: com o Estado, mas está quase extinto

AL: a parceria?

MTR2: não, não, os pinheiros (RISOS)

MTR1: tínhamos uma área grande de pinheiros mas aquilo ardeu aqui há uns anos e depois secaram todos. Tiveram de se cortar

AL: e venderam a madeira queimada...

MTR1: sim. Agora temos ali um bocadito que tem lá muitos bons pinheiros

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: [...] ⁵⁸ com a nova lei dos baldios, com a desertificação ou despovoamento que existe nesta zona, portanto há alguns problemas que estão a assolar estas áreas rurais de uma forma geral e também os baldios [explico porque escolhi o PNPG, qual o objectivo; explico como cheguei a ele] [...] você esteve ainda algum tempo à frente do CD ou não?

ACm1: eu estive 34 anos

AL: pois

ACm1: à frente da Junta de Freguesia, como presidente da Junta; e estive como presidente dos baldios mais que uma dúzia de anos

AL: ok, desde quando é que vocês se organizaram lá? Ou era através da Junta? Ou seja, o baldio era gerido pela Junta ou era gerido pela Assembleia de Compartes (AC)?

ACm1: enquanto não foi obrigatório para os baldios com fins de interesse de subsídios, durante vários anos foi a Junta que geriu. Mas a partir de um certo momento houve uma imposição que para podermos beneficiar de subsídios teria que existir o Conselho Directivo (CD). Então, a partir do momento em que se criou essa necessidade formámos o CD mas fui eu o presidente sempre

AL: e mudou alguma coisa na gestão, com essa alteração de instituição?

ACm1: em termos de subsídios conseguidos através de subsídios melhorou, a vantagem, foi essa, de resto não

AL: era as ITI's não era? Porque as Juntas não tinham direito às agroambientais

ACm1: não, não tinham. Mas agora, por outro lado, há vantagem também... nós temos duas gestões, temos a gestão dentro do parque pelo CD dos baldios, e temos a gestão do exterior do parque, que é feita pela Junta. há vantagens também em que o exterior do parque seja gerido pela Junta

AL: há vantagens? Quais são as vantagens?

ACm1: as vantagens relacionam-se também com questões de subsídios, com certo tipo de subsídios

AL: pode só dar-me um exemplo, para eu depois pesquisar...?

⁵⁸ O CD de Cabana Maior foi formado só em 2012, antes disso a gestão estava delegada na Junta e até aí nada era feito no baldio [Estas contribuições foram conseguidas sem combinação prévia no café do Mezio aquando da entrevista da Cristina. Nesse dia por acaso o presidente do CD de Cabana Maior estava ali a almoçar e conversámos uns minutos. Estavam também presentes o presidente da ARDAL e um funcionário da Junta. Contudo, apesar da disponibilidade demonstrada, até ao fim do trabalho de campo não foi possível efectuar uma entrevista a este compartimento depois de tentativas continuas].

ACm1: não lhe posso especificar, porque a vantagem que surgiu veio já depois da minha saída do CD. Eu estou totalmente fora agora da gestão dos baldios

AL: ok... e isso foi sua opção, deixou de querer estar naquela função ou...

ACm1: não foi uma questão de opção, foi uma questão de alteração, portanto eu saí da presidência da Junta por imposição de lei e também não quis depois candidatar, não quis depois fazer lista depois para a gestão dos baldios

AL: ok... e foi aí que entrou o Joaquim Campos?

ACm1: sim, sim, foi aí que entrou ele na gestão... ele organizou uma lista, uma lista única

AL: ah, foi única?

ACm1: é, e eu não quis concorrer contra ele

AL: [RISOS] ele também é presidente da Junta actualmente não é?

ACm1: é, é... ele veio por imposição da lei do limite dos mandatos para mim, não é? eu estava lá há 34 anos, já devia ter saído há muito. Perdi muito tempo

AL: acha que perdeu tempo?

ACm1: para mim sim, para a freguesia não. A gente não se apercebe que o tempo passa com uma rapidez extraordinária, passaram 34 anos

AL: mas esteve fora não esteve. O Joaquim estava a dizer-me que estava em França, quando me deu o seu número

ACm1: eu estou fora frequentemente

AL: ah, mas não chegou a emigrar mesmo para França?

ACm1: eu estive emigrado de 1968 a 1989, 21 anos, estive em França. Mas depois disso tenho tido ausências

AL: então... mas espere, esteve emigrado, então quando é começou aqui a ser presidente da Junta?

ACm1: [RISOS] eu já era presidente de Junta e ainda fazia estadias prolongadas em Paris. Eu comecei a ser presidente de Junta em 1979. Comecei a minha, a minha primeira candidatura foi em 1979, para a Junta, e ganhei. E nessa altura eu tinha terminado a minha formação em Paris, depois estava cá algum tempo, estava algum tempo lá. Até que... em 1985 eu perdi as eleições por entre 1979 e 1985 ter tido muitas ausências em Paris, então... foi o secretário que ganhou, que era o que estava mais próximo e mais disponível sempre. Depois de 1989 ganhei sempre as eleições... até 2013

[chega outra pessoa. Acho que é alguém que vem da parte do presidente da Junta o qual precisa de umas dicas do antigo presidente sobre questões burocráticas]

ACm1: bom... o presidente assinou um documento no sítio que não devia

AL: ai é?... O presidente do quê?

ACm1: o presidente da Junta de Freguesia

AL: estamos a falar do Joaquim então

ACm1: sim

AL: ele anda sempre a correr

ACm1: penso que é por descuido. Ou por não saber ler porque aquilo vem de França. Assinou no local onde devia assinar a própria pessoa. São provas de vida que têm de ser assinadas anualmente pela entidade representativa da área de residência [...] pois, não está habituado a fazer, por isso tem um secretário

AL: mas não é o secretário ou é?

ACm1: sou, sou o secretário da Junta sou

AL: claro. Então também não há muitos jovens na gestão do baldio, no CD, na AC... bom, o próprio Joaquim é bastante jovem, mas...

ACm1: sim, há vários jovens... digamos, se quiser considerar... um jovem para si é de que idade?

AL: bom, dos seus 20's até aos seus 40's

ACm1: tem muito poucos, 3 ou 4

AL: pessoal que faz família aí, tem os seus filhos e

ACm1: há muito poucos jovens, muito poucos jovens

Cabreiro: AC1

AL: já é presidente do CD há muito tempo?

AC1: desde 2004

AL: ah, já há bastante tempo, ok

AC1: 10 anos, foi nos finais de 2004, são 10 anos

AL: desde então tem havido eleições mas vai-se mantendo lá

AC1: sim

AL: aquilo o baldio é da freguesia não é? E envolve várias aldeias...?

AC1: é. É, é... tem vários compartes, portanto, envolve várias aldeias e aquilo é gerido.... Pronto, os animais andam lá vão comendo, as pessoas... quem precisa de mato vai roçando mato e é basicamente isso

AL: quantas aldeias é que estão inseridas nesse baldio?

AC1: neste baldio são 11

AL: ah... quantas pessoas são compartes?

AC1: muito poucas... já não é o que era. Temos cerca de 100 compartes, por aí...

AL: 100? Em 11 aldeias? Mas e é toda a gente que está como compartes?

AC1: não, nem toda a gente... é assim, nem toda a gente usa o baldio percebe, eu sei, mas se calhar no baldio estamos a usar para aí umas 80 pessoas... nem sequer

AL: ok, mas não estão inscritas como compartes então...

AC1: estão todas inscritas como compartes porque compartes agora se mudou a lei, desde que seja residente... o que acho que não está correcto, compartes deve ser aquela pessoa que usa e que faz alguma coisa no baldio, esses é que devem ser os compartes, mas agora é todos os naturais e residentes que estejam lá que são todos compartes

AL: e vocês seguem essa nova lei ou continuam a usar os usos e costumes nessa questão?

AC1: nós continuamos a preservar os usos e os costumes que acho que é o mais correcto

AL: então é compartes quem usa o baldio?

AC1: quem usa o baldio

AL: é assim na vossa aldeia

AC1: na nossa opinião, e acho que deveria ser assim. Mas está muito muito desertificada, nós estamos a perder gente... e temos... ainda temos quem use o baldio que é por causa dos subsídios, porque quando... se isso não existisse... eu tenho... fico com muita pena de estas zonas começarem a ficar completamente desertificadas

AL: pois... é comum a toda a região aqui, pelo menos aquela que eu tenho visitado

AC1: é

AL: há umas aldeias um bocadinho melhores, umas aldeias um bocadinho piores, mas em geral

AC1: para ter uma ideia nós crianças quase que nem temos

AL: pois... mas isso até em Lisboa (RISOS). As crianças andam a escassear no país inteiro mas sim, aqui é pior, claramente. Quando há menos pessoas ainda mais isso se nota

AC1: claro, e a população envelhecida... é assustador, começa a ser assustador, mas é a realidade que temos

AL: mas a nível de cadernos eleitorais quantas pessoas é que estão ali inscritas? Tem alguma ideia? Das 11 aldeias...

AC1: acho que são 300 e tal

AL: ah, também não são assim tantas pois...

AC1: não, não, não temos muita gente

AL: é bem diferente ali de... eu estive agora a falar com a Cristina, não sei se conhece, do Soajo...

AC1: conheço

AL: ela apontou-me 1000 e tal pessoas naquela freguesia, é bem diferente

AC1: não, mas também eu não sei se ela tem 1000 compartes

AL: não... tem se puser a nova lei em acção, é o que ela estava a dizer, se contarmos com todos os eleitores são mil e tal, isto é, aquilo é o número de pessoas que lá vivem

AC1: na realidade se atendermos ao que é um compartes, compartes deve ser aquela pessoa que usa o baldio e que faz dele

AL: exacto, ela terá menos nesse aspecto

AC1: temos muitos menos, se utilizarmos o caderno eleitoral, temos muitos mais, o que não está correcto ano é. No caderno eleitoral está muita gente inscrita que nem sequer está cá a viver, vive fora, só porque tirou o cartão de cidadão e ficou inscrita, deu ali uma morada, fica logo ali automaticamente inscrito

AL: exacto

AC1: não está é correcto, mas

AL: e também, e acho que a Lei também diz que qualquer pessoa que já...

AC1: a residir há mais de... acho que é 6 meses não é?

AL: eu essa nem sei assim ao pormenor, mas sei que se estiver a efectuar uma exploração agroflorestal, imagine que eu agora vinha para aqui desenvolver uma exploração agroflorestal passava a ser comparte

AC1: não faz sentido, não tem cabimento, mas prontos, se eles acham

AL: e há mais alguma coisa da lei que que ache que está...

AC1: não, eu, é basicamente isso, acho que isso é ridículo

AL: quando vocês, assim só para ter uma ideia, quando vocês formaram o CD foi por que razão?

AC1: foi por causa dos sapadores florestais e para também... eu na altura também era presidente da Junta e também achava que o baldo deve ser um órgão autónomo, não tem que estar ligado à Junta, tem que ser coisas separadas, o baldio é uma coisa e a Junta é outra, foi mais a pensar em separar as águas

AL: nessa altura, na altura em que formaram o CD estava na presidência da Junta?

AC1: estava

AL: e chegou a haver... chegou a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AC1: cheguei a estar nas duas coisas ao mesmo tempo

AL: um bocado confuso ou não?

AC1: nunca, nunca, nunca senti que fosse confuso porque eu tive sempre as coisas separadas, portanto, uma coisa é o baldo outra coisa é a Junta, portanto as coisas foram sempre geridas separadamente

AL: e também é da opinião que há muita politiquice no meio dos baldios, no sentido que... isto agora até soou mal... eu não estou a dizer que é mau o presidente da Junta ser o presidente do CD, não é isso. O que eu tenho percebido em alguns baldios, pelo menos é o que se diz, é que o baldio ou

AC1: eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, e acho que é o termo correcto, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas criticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmaras e vejo que as Juntas gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar

Gavieira: AGav1

AL: mas quantas pessoas é que vivem aqui durante o ano?

AGav1: uma média de 300 pessoas

AL: em todos os lugares juntamente?

AGav1: na freguesia

AL: ok. São quantos lugares ao todo?

AGav1: isto é assim, vou-te explicar, são 5 lugares na freguesia em baixo e depois há um espaço mais alto

AL: as brandas

AGav1: que são as brandas, que antigamente isso estava assim, aqui era só milho, na freguesia as pessoas produziam milho, e nas brandas era o centeio, e batatas

AL: sim, eu vi o espaço da aldeia, a aldeia não tem espaço nenhum, pelo menos a Gavieira, não tem muito espaço

AGav1: pronto, depois é assim, vais aqui ao lugar da igreja, tem lá duas brandas [? *Não se entende*] isto é composto por 10 povoações, isto é 3000 e tal hectares... isto é muito grande, parte com Lamas de Mouro, parte com Castro Laboreiro, parte com Soajo, com Cabreiro, Gave e Prado de Melgaço

AL: mas quando me disse que eram 3000 e tal hectares estava a falar do baldio ou

AGav1: do baldio... 3500

AL: é enorme

AGav1: isto é enorme...

AGav1: [...] Nós agora aqui durante o ano não vês ninguém. Tens aqui o santuário na Peneda, que é extremamente concorrido, tem sempre gente, se não isto era complicado. E no verão... é demais

AL: pois, é que isto vai de um extremo ao outro

AGav1: é que não há espaço para nada, porque toda a gente que é emigrante, vem para aqui mas não sai daqui, podem ir à vila ou à cidade mas... é complicado, só se eles não puderem mesmo regressar a casa. Tem aqui pessoas que têm apartamentos em Braga, Viana, no Porto. Mas não penses que eles dormem no apartamento, só se forem obrigados mesmo a ficar lá, senão nem que (...) eles estão aqui

AL: isso até é bom sinal

AGav1: e essas casinhas, tem aí casas com fortunas lá dentro, parecem [? *Não se entende*] mas tu não imaginas o que essas casas têm lá dentro. Não há uma casa sem aquecimento central

AL: uau!

AGav1: não há uma casa na Gavieira sem aquecimento central, há cozinhas, outras coisas também, mas cozinhas de 5 ou 6 mil contos. Não parece, atenção. E as pessoas gostam muito disto, gostam de viver na serra, gostam da zona

AL: oh, isto é espectacular

AGav1: o espaço... o espaço é que aqui é um bocado complicado

AL: o espaço é de facto, ali dentro da aldeia não há espaço para nada [*conto a história de como tive de desistir de entrar com o carro, que não entendo como é que as pessoas conseguem entrar*]

AGav1: pois, eu vou ter de rever a situação, nós temos aqui caminhos sem saída, quem não conhece...

AL: depois tem de se fazer tudo para trás

AGav1: [*conta como pode ser complicado, da necessidade de por um sinal a avisar que é um beco ou que as dimensões do veículo são limitadas. Conta a história de uma rapariga nova que se meteu no caminho e de como ficou sem conseguir sair, e de como foram os empregados do senhor Américo que a "safaram" e conclui que tem mesmo de por sinalização, porque a miúda veio ao engano*]

AGav1: de resto passas bem, o meu carro é um 3500 e ando por todo o lado, a ambulância... os caminhos foram feitos para a ambulância passar. Hoje, porque antigamente foi para os carros das vacas, mas batia nas paredes, passava mas esfolava

AL: ia abrindo caminho

AGav1: ia abrindo caminho... e é assim

AL: então e... estava a dizer-me que vivem cá 300 e tal pessoas

AGav1: é, é, durante o ano agora é

AL: mas portanto, são 4... como é que era...

AGav1: 5 povoações

AL: 5 povoações mais as brandas

AGav1: mais 4 brandas que é assim, (...) aqui o lugar de Tibo

AL: tio?

AGav1: Tibo, Tibo. É o nome, depois [*? Não se entende*] tem duas brandas, que é aqui o lugar ao pé, que tem o café, tem [*? Não se entende*] e Junqueira, sabes aqui acima,

ao chegar aqui ao cruzamento, há ali uma entrada [continua a explicar a localização das aldeias, das brandas, fala de Rouças, Sarmento do Campo [? *Não se entende*], fala da grande festa deste lugar, fala da despesa da festa mas da incrível receita, fala de 50 mil euros de esmolas ao fim de 9 dias

AGav1: [? *Não se entende*] aquelas obrinhas que estão lá feitas à volta do santuário e tudo, os próprios recintos são baldios e aquilo é quedo feito em pedra, tens condições, tens mais condições do que em qualquer outro santuário, balneários, tem casinhas para acolher os peregrinos

AL: isso é em... Rouças?

AGav1: é aqui em São Bento do Carmo [? *Não se entende*] ... tem uma branda do Lugar da Igreja

AL: e há quanto tempo é que o senhor Américo está no CD?

AGav1: do CD estou há 8, da Junta estou há 10...

AL: há 8 anos... e consegue separar os dois?

AGav1: sim, são contas separadas, são entidades diferentes, sou presidente dos dois órgãos mas são contas um bocado diferentes

AL: sim, claro

AGav1: é a contabilidade dos baldios e a contabilidade da Junta. A contabilidade dos baldios é uma contabilidade que é organizada, a contabilidade dos baldios és tu que a tens de organizar. Mas nos baldios gerimos mas tudo o que é contas praticamente nem passa por nós, nós pagamos, factura, cheque, recibo de cheque e vai para a contabilidade, no fim do ano faz-se o balanço de tudo e ela é que é responsável por tudo, nós também somos responsáveis neste caso mas... gerimos as coisas como deve ser não é, um cêntimo que seja pago tem de ser pago com cheque, um euro tem de ter um cheque, uma factura e um recibo, aqui nos baldios nós não usamos dinheiro para coisa nenhuma, para não haver problemas no final do ano, é muito mais fácil, um caderno que se pague paga-se com um cheque, factura, recibo, há sempre as 3 coisas, factura, recibo e factura do cheque, para agraphar-se para a contabilidade. Assim não temos problemas. Chega ao fim do ano ela faz o balanço

AL: e já tinham contabilidade há 8 anos atrás ou

AGav1: não, fazíamos nós aqui, mas depois, pronto, isto depois ultrapassa, isto tem valores... não, depois optámos por ter contabilidade organizada.

AL: e vocês já têm a equipa há muito tempo?

AGav1: eles estão cá desde 2004 já

AL: e como é que foi para a “adquirir”

AGav1: não fui eu, eu entrei em 2005 e eles iniciaram em 2004, um ano antes de eu entrar para a Junta

AL: mas sabe como é que foi? Se alguém propôs ou se foram vocês que tentaram obter a equipa

AGav1: isto deve ter sido tudo em conjunto na altura, o ICNF, o parque não é, a Junta de Freguesia da altura

AL: e quando fazem um corte... desculpe interromper, mas só para clarificar esta questão, vocês aqui estão em cogestão com o Estado na gestão do baldio ou estão em autogestão? Ou seja, têm de dar 40% dos cortes florestais ao Estado?

AGav1: é, 60/40... 40% é para o ICNF e os 60% é para os baldios

AL: sim, então estão em cogestão com eles

AGav1: em cogestão com eles. Estou a falar de pinheiros não é?

AL: sim, sim

AGav1: carvalho não é possível cortar, é só o pinheiro.

AL: pois.... Eu estou mesmo já nas últimas perguntas... ah, uma coisa que eu ainda não percebi, quando é que se formou a assembleia de compartes aqui?

AGav1: foi em 2004

AL: e foi para quê na altura? Porque é que se lembraram de fazer

AGav1: não foi na mesma altura que eu estava, eu vim tomar conta disto já em 2007

AL: sim, mas não tem a noção porque é que na altura se quis organizar a assembleia de compartes?

AGav1: talvez, talvez não, de certeza, isso foi derivado da limpeza de matos,

AL: das ITI

AGav1: as ITI vieram mais tarde, atenção, em 2007 entrei eu, acho que só começaram em 2009

AL: mas antes de 2004 estava na mão da Junta

AGav1: não estava na mão da Junta, estava na mão de uma gestão diferente

AL: estavam delegados na Junta ou não?

AGav1: não

AL: ah, não?

AGav1: não, era num rapaz que não tinha a ver com a Junta

AL: então quem é que geria antes de 2004?

AGav1: era um presidente do CD como eu sou, eu sou presidente da Junta por acaso não é, podia não ser presidente de Junta

AL: então mas quando é que se formou o CD..

AGav1: foi em 2004

AL: ah... então eu digo, antes de 2004, por exemplo em 2003, antes de se formar o primeiro CD quem é que geria o baldio?

AGav1: a Junta

AL: ah, ok

AGav1: era a Junta que geria, imagina se fores num caminho, numa localidade, é a Junta que tem que actuar, isto a Lei dos Baldios é muito complicada, imagina, o baldio a gente pronto, é o CD dos baldios não é? Mas se for um caminho, um caminho público da povoação, já é a Junta, já não é os baldios

AL: mas não é isso que acontece se calhar ou?

AGav1: acontece

AL: acontece?

AGav1: porque repare, se há uma história com um vizinho da aldeia, eu tenho que actuar como presidente da Junta e não como presidente do CD, é totalmente diferente, isto está sempre a mudar, estás a perceber, isto está sempre a mudar. Na altura em que formaram o CD foi possivelmente para este tipo de trabalhos, empresas, manutenção de... prontos

AL: não estava cá nessa altura? Não participou nessa reunião?

AGav1: não, eu só vim para agarrar nisto desde que vim para a Junta em 2005, e tomei conta dos baldios em 2007. Houve eleições, o povo entendeu que tinha de ser eu, não sei porquê, eu nem queria na altura porque era muito amigo do rapaz que aqui estava

AL: mas ele é que quis sair ou...

AGav1: não, houve eleições. Inclusive eu fazia parte da lista dele na altura, quando foi para ser formada eu já cá estava, como construtor, e eramos muito amigos, e eu fiz parte da lista com ele

AL: da lista dos baldios?

AGav1: dos baldios em 4º lugar, estava em 4º lugar com ele, depois decidiram que tinha de se fazer o CD dos baldios, que tinha de estar não misturados, mas a casa é que seria para as duas coisas, porque nós temos isto aqui para a Junta e há um escritório ali para os baldios, pronto, e foi por aí, vim para cá em 2007

AL: ok... mas esse rapaz foi o primeiro aqui a gerir o CD na Gavieira...

AGav1: esse rapaz foi, José Costa

AL: mas o senhor Américo já cá estava nessa altura

AGav1: eu já cá estava quando isto foi formado mas só que não acompanhei foi muito

AL: não se lembra porque é que se lembraram de se formar...isto é, conheço alguns casos em que os compartes se decidem organizar por exemplo, por causa da equipa de sapadores

AGav1: foi um dos casos... foi um dos casos, acho que foi um dos casos foi para formar a equipa de sapadores que fazia falta à freguesia

AL: se calhar havia essa possibilidade na altura, facilitaram ...

AGav1: havia essa possibilidade, fizeram uma equipa para a freguesia do Parque Nacional e acho que esse foi o primeiro ponto. Porque depois foram fazer um estágio

AL: quem eles?

AGav1: sim, os sapadores.

Não foi fácil arranjar gente aqui, isto temos aqui uma equipa composta mas só há dois elementos que são da freguesia

AL: só há dois elementos que são aqui da freguesia?

AGav1: é um rapaz que é aqui de Rouças, e o encarregado, que vem de França, de resto o pessoal é todo do Soajo, aqui não há ninguém para trabalhar. Isto para formar a equipa não foi fácil, é um casal do Soajo, homem e mulher e cunhado, não é assim muita gente

AGav1: ah os sapadores são mesmo daqui do local... é mesmo para dar...

AL: dois são aqui da freguesia, os outros são do Soajo, que temos lá um casal que faz parte da equipe e outro rapaz que é cunhado, que é irmão do marido... ou seja, é irmão de um e cunhado de outra, são três familiares do Soajo, e são dois de cá, e era um outro rapaz que morreu que também era do Soajo

AL: mas não foi a trabalhar como sapador?

AGav1: não, não

AL: ah, ok

AGav1: pronto, e talvez a ideia tenha sido formar a equipa de sapadores. E foi bom, por acaso foi boa a iniciativa que tiveram, na altura houve essa oportunidade, mas não foi só aqui, foi aqui, foi no Soajo, foi em várias freguesias, acho que também tem Cabreiro, Cabreiro também tem

AL: sim, há muitos sítios que têm, agora não me lembro de cor mas... também já falei com Cabreiro

AGav1: Cabreiro também tem equipa de sapadores. E prontos, tem corrido tudo bem, foi uma boa opção, há freguesias em que se não fosse a equipa de sapadores havia pessoas que morriam afogadas em casa, os velhos... [*fala da quantidade de pessoas idosas na freguesia*] por exemplo aqui no meu lugar [*? Não se entende*] sou eu e o guarda, temos 50 anos cada um, estás a perceber... durante o ano, aqui em Rouças há muita gente, aqui em Rouças há muita gente, temos ali muitos casais novos, 40 anos, 30 e tais, talvez seja dos lugares, das povoações, a que tenha mais efectivos... aqui o lugar de Rouças, derivado... pronto, a este tipo de trabalho que eles optaram, de criar animais

AL: ah, está bem aqui. E o seu filho, aguenta-se aqui bem? A única criança, ou uma das duas únicas crianças

AGav1: bom, eles vão à escola a Melgaço, vão e vêm à noite

AL: ah, há um autocarro?

AGav1: a gente faz transporte daqui para Lamas de Mouro, a Junta, e de para lá a câmara assume o transporte, a câmara de Melgaço, para a vila, até ao 12º, depois têm de seguir outro caminho não é

AL: mas ele gosta daqui?

AGav1: ele gosta, sabes que onde se nasce gosta-se, é nascido e criado aqui, ele e a filha do [*?*], são quase da mesma idade

AL: o quê o quê? Ele e a filha o quê?

AGav1: do [*? Não se entende*], o rapaz [*? Não se entende*], o guarda...

AL: ah, Palhares

AGav1: do meu vizinho, Palhares

AL: ah, sim, sim, sim

AGav1: a filha dele anda na escola com ele. Mas depois também tem mais que vão aqui da Rouça, vão todos na carrinha, vão para Melgaço, mas depois vão aqui para os Arcos também alguns aqui das Rouças. Estás a perceber... só que isto foi, na altura

AL: ah, ainda há bastantes crianças, apesar de tudo

AGav1: ainda há... há um [? *Não se entende*], uns 7 ou 8 aqui das Rouças, há 6 na Peneda, ainda há...

AL: vá lá, está muito melhor do que em outros sítios

AGav1: porque a escola era aqui, sabes que a escola, depois quando é que decidiram fechar as escolas das freguesias, pronto, por falta de alunos, foi decidido que as crianças que estavam nesta escola que iam [? *Não se entende*] daquela altura. E as crianças na altura foram direccionadas a ir para ali até ao 4º ano. Mas a nossa câmara nunca viu bem isso, porque era concelho diferente, mas as crianças... o meu e o do Palhares, outro rapaz que agora até emigrou, e alguns do Peneda como iam para ali não quiseram mudar ali para os Arcos, depois a câmara entendeu que era conselho diferente e não sei aceitaram. Ainda era na altura o Francisco Araújo e em 4 anos o gajo é que mudou para ali, mas depois tiraram lá o gajo da oposição e o gajo veio-me dizer que eu tinha que desistir, a oposição “não, não...”. Prontos, e agora, nós Junta, assumimos o transporte até Lamas e lá de baixo assume a câmara com a parte das crianças, neste caso são 8 que vão para ali, temos que andar a assumir junta e pais também, e depois a câmara assume o resto e os que vão ali para os Arcos é a câmara que paga totalmente o transporte, até Rouças

AL: mas vocês preferiram mesmo Melgaço?

AGav1: eles começaram ali, sabes como é “ah, temos ali os nossos amigos”, isto também é complicado e as próprias pessoas, olha, nós damos algum, a junta também e depois a câmara _____

AGav1: diga-me uma coisa, há pouco falou-me do Soajo, aquilo está com problemas, disse-me, ... está ou esteve? Porque aquilo mudou agora não é, a presidência do CD... agora está a Cristina

AGav1: aquilo... agora está a Cristina, eu não te sei explicar ao pormenor, sei que aquilo está um bocado...

AL: derivado da presidência

AGav1: houve eleições, mas acho que aquilo não foi muito, eu não percebo, repara...

AL: sim, eu percebi que há ali conflitos

AGav1: há ali conflitos, entre o que estava e a Cristina

AL: sim, sim

AGav1: agora não sei quem tem razão e quem não tem

AL: porque ele era da Junta não era?

AGav1: o anterior era presidente da Junta e do CD, e acho que por limitação de mandatos teve de sair da Junta, teve de sair da Junta, ...

AL: ah, sim, estou a lembrar-me

AGav1: só que ficou igual presidente do CD dos baldios, ele não era obrigado a sair

AL: claro, uma coisa não tem nada a ver com a outra

AGav1: pronto, só que depois entretanto a Junta tinha-o apoiado perdeu, o homem a quem ele apoiava, o ex-presidente perdeu, mas ele ficou igual no CD dos baldios. Só que depois a nova Junta, logo em conjunto na altura, disseram que tinham que ir a eleições que tinham de tomar conta dos baldios, e isso não é... não é obrigatório ter a Junta nos baldios. Ele estava lá, aquilo tinha que ir a eleições na altura certa, mas acho que entre o presidente actual e a Cristina, deram a volta às pessoas e ... acho que houve para ali umas eleições à martelada e conclusão, o homem teve que sair, foram a tribunal e... eu para ser franco nem sei se saiu ou se aquilo não anda ali ainda tudo aos tombos, mas conclusão

AL: ah, ainda anda tudo aos tombos, pois...

AGav1: mas conclusão, ficou a Cristina, mas entretanto zangou-se a Cristina com o presidente, a secretária e o presidente zangaram-se, depois a Cristina fez uma lista de oposição ao presidente [nos baldios], o presidente que pensava que ia ficar era o

AL: mas isso na Junta não é?

AGav1: na Junta, mas só que também a fazer lista como presidente do CD

AL: ok

AGav1: só que ela depois não, passou-o para trás e ficou ela à frente

(RISOS)

AGav1: uma grande confusão, conclusão, zangaram-se uns com os outros e agora não sei como é que está a situação, não sei

AL: pois, mas então a gestão ainda não mudou propriamente, ainda continua a ser... a gestão do CD

AGav1: neste momento quem está a gerir é ela

AL: pois, eu já falei com ela

AGav1: prontos, agora como aquilo está, não sei como aquilo está Luísa, é Luísa não é?

AL: é, é

AGav1: também não sei como aquilo está

AL: pois. Não, eu estava a perguntar porque tinha percebido que havia uma gestão difícil nos baldios do Soajo

AGav1: sim, acho que aqui há dias foram para tribunal

AL: pois, estou a ver

AGav1: não sei porquê, sinceramente. Só que é assim, eu acho que ali a maior culpa foi da Cristina, porque ela deixava terminar o tempo do homem e na altura certa que acabava o tempo do limite dele, e prontos, havia eleições, se ganhava ganhava, se perdia perdia, eles não, eles não tiveram espera nenhuma

AL: ah, mas não foi na altura certa...

AGav1: o outro perdeu a Junta, o que o apoiava, e ele perdeu os baldios também. Quer dizer, não é justo oh Luísa. Eu disse à Cristina, isto não é assim que funciona, ganhastes a Junta, sim senhora, o homem é presidente do CD, não tens que ser tu a

AL: e perdeu a Junta não é? E ela ganhou é isso? Ela ganhou, isto é, ela era secretária. O outro não perdeu, perdeu foi quem o apoiava, o que era actual presidente da Junta, o da altura teve de desistir não é, mas há uma pessoa a quem ele apoiou, o presidente da Junta

AL: ele o...

AGav1: o presidente da Junta

AL: ok, ele apoiou alguém no... CD? Não...

AGav1: não, como presidente de Junta

AL: apoiou alguém para quê?

AGav1: para os baldios

AL: ah

AGav1: para a Junta, para a Junta, só que perdeu

AL: ah, já percebi! Porque ele já excedia os mandatos e teve de sair, ok, já percebi

AGav1: e essa pessoa perdeu

AL: ok

AGav1: ora, os outros ganharam, a Cristina e os colegas ganharam a Junta

AL: ok...

AGav1: então é como eles dizem, ganhámos a Junta, queremos também os baldios

AL: ok, já percebi, já percebi

AGav1: e não é justo. Quer dizer, eu agora para o ano saio da Junta e o meu adversário também quer os baldios? Não... tu vais querer os baldios quando chegar a hora certa

e vamos a eleições. Eles inventaram acho que uma eleição de qualquer maneira, o povo sabes como é, o povo por vezes “bebe-a fria” não é?, foram a eleições, perdeu, ganhou, ganhou por tribunal, prontos, aquilo foi uma mistura, e aquilo ainda não está decidido hoje, e está tudo [*? Não se entende*] uma acção porque os mandaram embora e não podiam mandá-los embora... não percebo

AL: ena, não tinha ideia nenhuma, achava que pronto, tinha havido uma mudança mas pronto

AGav1: acho que está confuso aquilo, acho que está confuso, acho que está confuso aquilo, acho que está confuso. Epa, e ninguém ganha nada com isto, não sei qual é o interesse, isto apenas dá trabalho. Eu sou presidente de Junta, mas isto apenas dá trabalho, os baldios, mais nada, ninguém ganha nada com isto, não tem salário não tem nada

AL: claro. Isso era uma coisa que eu queria perguntar-lhe, o que é que o move? Para ser presidente do CD; sendo que é uma coisa que dá trabalho e que

AGav1: não, isto apenas dá trabalho Luísa, isto apenas dá trabalho

AL: e o que é o move para ficar nisto ao longo de mandatos, o que é que o leva a fazê-lo?

AGav1: é a sensação de olhar e ver que fiz um bom trabalho, de resto não ganhas nada, pelo contrário, perdes, no meu caso neste momento estás-me a ver aqui, mas eu volta e meia tenho de ir a reuniões, tenho empregados, ninguém me paga nada, eu deixo o meu pessoal, às vezes tenho de ir para Vila Pouca de aguiar, às vezes tenho de ir para Braga, já fui para o Gerês várias vezes, porque nós temos um pequeno salário de 270 euros da Junta, não dá para nada, mas nisto não recebemos nada, estás a perceber, não recebemos nada

AL: claro... então qual é a grande importância do baldio que leva a que pessoas, como o senhor Américo, se deem a este trabalho todo

AGav1: epa, talvez aquela vontade, aquela sensação de fiz o que eu pude, eu é que fiz, *pá*, deve ser isso, mais nada. Porque ninguém ganha dinheiro nenhum, estás a ver, ninguém ganha dinheiro, nem na Junta se ganha dinheiro. Agora há que ter brio naquilo que se faz e ter vontade, repara que fui para a Junta não havia uma estrada pavimentada nesta freguesia, apenas a que dava acesso à vila, não havia um lugar pavimentado, não havia um lugar que passasse um carro quase. Estás a perceber? Foi isso que mudou, eu estou a limpar terras da minha casa, a 100 metros e em 2005 fui para a Junta e para tirar o carro da garagem tinha de o puxar para sair para cima... *pá*, actualmente andam os carros, um bocado justos mas há espaço para passar um carro... e há que ter brio, para tudo não é só pensar em dinheiro, se uma pessoa pensar só em dinheiro então não pode ir para estes cargos... [*? Não se entende*] pelo contrário eu perco dinheiro com os baldios, está a perceber... eu todos os fins do mês tenho que ir aos Arcos, tratar de tudo o que é facturação e fazer os salários ao pessoal, comprar máquinas, o gasóleo que abastecem as máquinas, vou lá pagar... eu também tenho carros e não vou lá de propósito pagar o gasóleo, vou e... tenho que ir e faço isso, mas é assim, isto não dá dinheiro a ninguém, até não sei qual é o

interesse de ir para os baldios, eu estou aqui mas não me livro disto, sou-te franco, tomara ver-me livre disto, eu fui para os baldios porque as pessoas assim o entenderam, eu não disse “eu quero ser o presidente dos baldios”. Eles é que decidiram que tinha de ser eu, na altura, mas eu nunca disse que tinha de ser, não! Eles é que disseram que eu tinha de ser, eu estava envolvido nisto e pronto, eles queriam que eu fosse, mas na altura eu com o rapaz eramos amigos mesmo, mas amigos!

AL: pois, pois... ainda são ou não? Não houve conflito...

AGav1: eu sou amigo dele igual, eu não me zango com ninguém por causa dessas coisas. Eu fui... aquele senhor que está ali no café em rouças, que esteve aqui em tempos, pronto, nunca fez nada, pronto, fui adversário contra ele e não há um dia em que eu não entre no café dele, era amigo dele, na altura ficou um bocado coiso mas eu disse-lhe “epa, se tu ficas assim por causa desta merda tu não és meu amigo *pá!*”. Opa, achei que tinha de ser senão... e agora, prontos, a partir dali somos amigos, é o café que eu mais frequento todos os dias *ahn*, há muitos cafés aqui na freguesia, era amigo dele e não deixei de ser amigo dele, e ele reconheceu isso. Pu-lo fora da Junta e disse-lhe “tinha de ser *pá*, tu não fazias nada!” [RISOS]

AGav1: pronto, e é assim, quer dizer, agora

AL: e o anterior do CD foi posto fora porque fazia alguma coisa menos bem ou

AGav1: o rapaz foi assim, o rapaz quando viu que as pessoas começaram a dizer que ele não podia ser, nem aqui apareceu sequer

AL: mas ele fez alguma coisa errada, era contestado?

AGav1: não, fez tudo bem, pelo contrário, chegou a por dinheiro dele

AL: ah, exacto, é o tal

AGav1: só que, o problema é assim Luísa, se não “está aqui tudo, é aqui que vemos, tá tudo na Junta...”, não tinha nada que ser eu o presidente do CD, até porque repara, a papelada ainda vem quase toda com a direcção da casa dele praticamente, porque na altura o correio ia para a casa dele [*? Não se entende*]. Nunca me chatee com ninguém [*? Não se entende*]. Eu estou farto de dizer na câmara, isto a mim não me dá resultado nenhum, eu estou aqui mas não sou nenhum empregado de vocês, eu estou aqui e estou a ajudar-vos a vocês, eu já lhes disse várias vezes “vocês precisam do meu voto mas eu de vocês não preciso, você é que é o presidente portanto eu estou-me marimbando”, mas depois demo-nos bem, ele só se zangou comigo porque...”opa, é assim que funciona presidente, eu vim aqui pedir esmola, é para fazermos, simplesmente temos de fazer... É que eu não vivo disto, vocês vivem disto, vocês o presidente da câmara, os vereadores, toda a gente vive disto, mas eu não vivo disto, isto para mim é um estorvo na minha vida, isto para mim é um estorvo” ... mas também ninguém me obrigou, eu vim para aqui de vontade, tenho de fazer o meu papel, tenho de fazer o que sei e o que faço e o que posso dentro da freguesia, mas [*? Não se entende*] ... e pronto as coisas têm corrido sempre bem

AL: e a sua relação com a Câmara e com a Junta... e com a Junta, bom... (RISOS)

AGav1: sim, sempre bem

AL: corre bem, há colaboração pelos vistos

AGav1: tanto que eu nunca tive oposição... chegou a haver 4 listas, eu ganhei ao sujeito, no ano a seguir não tive oposição, o que nunca aconteceu, e agora neste último tive uma eleição de 30 pontos, eu tive 280 e eles tiveram 30, pronto, não houve oposição nenhuma

AL: e agora só pode ter três não é?

AGav1: é três...

AL: este é o último então...

AGav1: não, é, este é o último mandato, de 2 em 2 anos...

AL: e tem pena?

AGav1: não, *pá*... isto é assim, a gente depois apanha amor às coisas... tu convives com muita gente, conheces muita gente e crias muitas amizades quando a pessoa é educada e prontos, é a parte que, eu também acho que é a parte que se ganha que é essa, estás a perceber, crias amizades, crias... agora dinheiro não ganhas com isto, eu dantes andava... e a minha mulher dá-me cabo da cabeça “tu andas a gastar dinheiro do teu... mas agora...”, prontos, “eu fui para aqui, mas tu alguma vez tinhas espaço antes para estacionar o carro à porta de casa? Não tinhas!”

AL: o quê? O quê?

AGav1: ela podia ter o carro aqui à porta de casa, não tinha, eras tu nem os vizinhos. Pronto, e as coisas têm de se andar assim, tenho uma relação boa com toda a gente, com a Câmara, com toda a gente

AL: pois... se calhar vai-lhe custar um bocadinho quando acabar o mandato

AGav1: epa...

AL: (RISOS)

AGav1: não é o custar, que eu sei que tenho que ir, repara... mas a amizade mantém-se, quando a pessoa já tem amizade pelas pessoas, repara, as amizades que criei vou-as manter, toda a gente

AL: claro, exacto, claro que sim

AGav1: só o que eu quero dizer é que ninguém ganha com a Junta, pelo contrário, ganha-se amizade, ganha-se pessoas amigas, aumentares os progressos porque por vezes consegues chegar mais depressa às coisas quando tem conhecimentos, é isto

Gondoriz: AGo1

AL: [...] mas pode dizer, não é o primeiro baldio em que acontece haver privados no meio dos baldios

AGo1: o baldio de Gondoriz foi criado... está na comissão de compartes para... quando nós ganhámos as eleições a primeira vez, para fazer uma candidatura aos sapadores florestais

AL: isso foi em que ano, só para ter uma ideia?

AGo1: 2006... acho eu, foi 2006 que tratámos disso. E então fizemos a comissão de baldios e tentámos criar a comissão de... fizemos a candidatura só que não conseguimos a aprovação, porque depois começava a haver muita gente e já havia aqui muitas e não foram consentidas, a equipa de sapadores.

AL: então e alguma coisa mudou, antes de isto... os baldios estavam nas mãos da Junta e agora estão nas mãos dos compartes, alguma coisa mudou na gestão ou?

AGo1: é igual... o que é que vamos gerir, se não há nada... o baldio é as ITI

AL: e é o Armando que está lá desde que mudou para os compartes?

AGo1: sim

AL: e é a mesma equipa desde então?

AGo1: não, já trocámos de equipa aqui. E eu agora qualquer dia também vou ver se passou, a ver se me vejo livre disso também porque não me interessa nada. Já tive problemas nos baldios que me chegavam, só pessoas a reclamar, querem dinheiro fácil, e os baldios dão algum dinheiro não é, agora reduziram a área tive que reduzir a todos. E depois tem-se esses problemas, está tudo muito bem mas quando lhe mexem no bolso já está tudo mal, e os baldios aqui não interessam para nada. Talvez aqueles que têm madeiras interessem, mas este não

AL: pois... bom, interessa para os produtores, não é, as pessoas que têm os animais

AGo1: sim, sim, sim, mas é só para isso, mais nada, para eles terem os subsídios

AL: e quantos compartes é que existem?

AGo1: quantos compartes... normalmente as pessoas estão recenseadas na freguesia, são mil... mil e trezentos e sessenta acho eu

AL: e há muitos jovens aqui na freguesia ou está tudo a debandar?

AGo1: jovens há poucos

Sistelo: ASi1

ASi1: já foste falar com a Sandra, na Atlântica, a engenheira Sandra

AL: já...

ASi1: ela esteve aqui ontem

AL: aí esteve? Por acaso precisava de falar com ela, ela ficou de me dar uns contactos e ainda não me respondeu, eu vou ver se vou lá a Arcos na semana que vem

ASi1: na 2ª feira estou lá

AL: em Arcos? Ou na Atlântica?

ASi1: na Atlântica. Fui presidente da Atlântica e agora sou o tesoureiro, fui eu que fundei a atlântica, agora não sou o presidente porque não quis. Fui presidente para aí 8 anos ou 9, e depois passei para presidente da assembleia e agora passei para tesoureiro

M: e agora está como presidente dos baldios

ASi1: fui 24 anos presidente de Junta

AL: tudo seguido?

ASi1: e presidente dos baldios ainda sou. Tudo seguido. E só não fui mais porque a lei não deu, o despacho... e fui apresentador do rancho durante não sei quantos anos

AL: aí eu não sabia que os ranchos tinham apresentadores

ASi1: então não têm, um rancho folclórico?

AL: ah, eu não costumo ver muitos ranchos

ASi1: então, quando eles vão actuar têm de ter um apresentador das músicas

AL: ok, mas nunca pensei, achava que o apresentador fazia parte da festa e não do rancho

ASi1: eu faço parte do rancho, tenho de ser parte do grupo para saber...

AL: para saber apresentar

Menino: agora já não és

ASi1: não, não sou porque não quero já

S1: não há rancho que não tenha apresentador

ASi1: tem que sempre apresentar as musicas, de onde é que vêm, ...

AL: ok, eu achava era que o grupo chegava e dizia ao apresentador as informações

ASi1: não, então ele não sabe como é que o grupo nasceu, a história do rancho

S1: as características

ASi1: “olá boa tarde, nós somos o rancho da freguesia de Sistelo, representamos aquilo que é os nossos costumes, os nossos usos e as nossas tradições, ...” e tudo aquilo que envolve o grupo, o rancho, neste caso aqui é um grupo [*? Não se entende*]

ASi1: então era isso tudo que eu representava... fui presidente da Junta 24 anos, fui presidente dos baldios sempre, fui presidente da atlântica uns anos e depois passei para presidente da assembleia e agora sou tesoureiro, fui vice-presidente da banda arcoense, da música, durante 9 anos, fui membro da comissão política distrital do PSD durante 15 anos, fui da comissão política do partido dos Arcos de Valdevez durante 7 anos

AL: tantos anos cada coisa credo, isso é que é convicção

ASi1: ah, e sou da comissão fabriqueira da igreja também já não sei há quantos anos

AL: o que é que é uma comissão fabriqueira

ASi1: comissão fabriqueira portanto, é aquilo que representa a igreja na freguesia. Portanto, nós somos uma equipa de 4, liderada pelo padre, nós é que fazemos as obras, recebemos os dinheiros...

AL: as obras da igreja?

ASi1: da igreja, capelas

S1: tudo o que é relacionado com a igreja

ASi1: tudo o que é relacionado com a igreja. Determinamos as missas quando é que são, marcamos, às vezes marcamos nós, outras vezes marca o padre

AL: e escolhem o padre?

ASi1: não, o padre não, o padre é que nos escolhe...

AL: então, mas aqui [em Sistelo] não está delegado na Junta...

ASi1: não, aqui é a assembleia de compartes e quem gere os baldios é o CD

S1: e os rendimentos também é geridos por vós

ASi1: é uma gestão autónoma, se há o CD é o CD que faz a gestão

AL: mas estão em cogestão com o Estado ou não?

ASi1: sim, estamos, infelizmente estamos

AL: mas pode deixar de estar não pode?

ASi1: isso é muito complicado

AL: mas acho que eles agora simplificaram um bocado não foi?

ASi1: a simplificação é como eles fazem, é um assalto, é comunicar a partir de... olha diz que as casas florestais vão estar todas à venda, a partir de não sei quando

S1: não sei

ASi1: todas, quer dizer, não sei se é todas

AL: é bom que saiba antes não é

(RISOS)

S1: a minha não está de certeza

AL: Sistelo faz fronteira com que outros baldios?

ASi1: faz com Cabreiro, com Brufe, com Riba de Mouro de Monção, Gavieira, Gave de Melgaço e Loureda, Arcos de Valdevez.

AL: bolas, muitas fronteiras

ASi1: faz muitas fronteiras... e portanto todos pastam os animais nos baldios uns dos outros e não há conflitos entre as pessoas

S: Loureda e Anhões

ASi1: sim, e Anhões de Monção.

AL: muito bem... há quanto tempo é que está lá nos baldios oh senhor Durval?

ASi1: há mais de 20 anos

AL: foi sempre o presidente, nunca houve outro?

ASi1: não. Propriamente presidente sou há 16 anos

AL: antes esteve lá outra pessoa portanto

ASi1: dantes também estive eu porque havia a delegação na Junta

AL: e porque é que se decidiram organizar

ASi1: por causa das ITI, por causa das candidaturas

AL: as ITI já começaram há 16 anos?

ASi1: talvez não, houve ali uma fase que nós fizemos candidatura e depois não foi aprovado e depois houve aí uns problemas e tal e depois é que vieram aprovadas,

mas mesmo assim já estão há uns anos, é quantos... 10 anos... tenho nos livros, a nossa contabilidade está na atlântica

AL: então neste momento a principal fonte de rendimentos no baldio é as ITI?

ASi1: é as ITI e a venda de lenhas

AL: e há bastantes jovens aqui nesta freguesia?

ASi1: há bastantes, uns que já estão fixados há anos e outros que estão a vir, temos aí muitos jovens, casais temos um, que se fixaram há meia dúzia de anos temos por aí, temos 1, 2, 3... para aí uns 10 casais, que vieram de França e de fora e fixaram-se aqui. Temos outros também que já estão fixados, que já estão projectos feitos. Temos também outras pessoas com mais idade que já estavam cá que têm as suas explorações, têm os seus animais, somos uma freguesia que temos muitos animais

AL: consegue dizer mais ou menos por alto quantos mais ou menos?

ASi1: mais 1000 animais

AL: quantas aldeias? Quantos baldios?

ASi1: baldio só, o de Sistelo

AL: e quantas aldeias são?

ASi1: lugares? Somos 6 lugares

AL: pode dizer? O lugar da igreja

ASi1: o lugar da Estrica, Lugar da Quebrada, lugar da Portela do Alvite, lugar do Padrão e lugar da Pontecova

AL: ok, e quantos compartes são ao todo?

ASi1: compartes agora devem ser à volta de... que estão inseridos, que estão mais ou menos autorizados no baldio são à volta de 200

AL: 200... ok, mas esses são aqueles que estão na lista de

ASi1: na lista dos compartes. Autorizado, autorizado, autorizado, são menos

AL: então mas os compartes praticamente agora para vocês são todos os eleitores?

ASi1: não é para nós, é a lei que diz

AL: eu sei, mas

ASi1: não são todos os eleitores, o caderno dos compartes não é o mesmo que o caderno dos eleitores

AL: Mas acho que a nova lei agora diz que sim

ASi1: diz e não diz

AL: então diga lá...

ASi1: porque a nova lei... a lei diz que deve ser comparte todos os que estão recenseados não é? Nesse caso eram 300 e tal. Depois diz que uma pessoa qualquer de fora que tenha... que seja proprietário ou tenha uma actividade também pode, pois se uma pessoa está recenseada noutra freguesia não pode estar recenseado na minha, como é que é?

AL: é uma grande confusão, é o que é

ASi1: pois, é que quem faz as legislações só cria confusões.

AL: para mim essa legislação foi só para causar confusão e para as pessoas ficarem cada vez mais desmotivadas

ASi1: todas as pessoas que são da freguesia proprietárias são compartes, mas se a pessoa que não mora na freguesia mas tenha iniciado ali a sua actividade, é comparte. Então se ela está recenseada nos Arcos ou noutra sítio qualquer como é que pode estar recenseada em Sistelo? Portanto tem que abrir um caderno eleitoral que não seja o mesmo. E aliás, quem é que obriga a Junta a dar o caderno de compartes aos baldios? Sempre actualizado? Há uma lei para isso? Não há nenhuma lei que diga assim “o presidente do CD deve solicitar à Junta e a Junta deve dar o caderno aos compartes”. Portanto, se há litígio entre a freguesia, entre os compartes... se há litígio entre a assembleia de compartes e a Junta, a Junta não cede o caderno eleitoral, é tão fácil quanto isto. Porque quem pode, actualmente só a Junta é que pode extrair o caderno eleitoral, e sempre que há eleições tem sempre o caderno actualizado, portanto nós nunca temos o caderno actualizado, podemos pedi-lo à Junta e a Junta pode não facultar, porque não há nenhuma lei que obrigue a Junta a dar. Seria dizer assim “a Junta é obrigada a ceder o caderno de compartes aos baldios”... portanto eu não percebo bem esta lei, como é que é, quem são os compartes? São todos, só os da freguesia, só os que são residentes, só os que são naturais, ou aqueles de fora também são compartes... portanto um gajo tem aqui uma exploração... nós temos aqui muita gente que está fora daqui, que mora noutras freguesias, tem aqui exploração, tem aqui os seus terrenos, tem aqui animais... então são compartes ou não são compartes? E sendo compartes estão ou não estão no caderno?

AL: pois, pois... é uma grande confusão... Mas por exemplo, no vosso caso, disse-me que havia 200 e tal compartes e 300 e tal pessoas recenseadas... qual é que é essa diferença? Esses cento e tal são o quê?

ASi1: emigrantes.... São emigrantes. Ate são mais se calhar

AL: ok... esses não são considerados compartes aqui em Sistelo

ASi1: não, se vierem para aqui são considerados compartes, desde que venham para aqui e que utilizem os baldios são considerados compartes

Soajo: AS1

AS1: [...] mandou [uma carta], então deve ter sido lá o meu presidente, que nós estamos em desacordo

AL: porque eu cheguei a falar... ah, é? Ah, os compartes e ele ou a Cristina e ele?

AS1: a Cristina e ele

AL: ai, e trabalha com ele?

AS1: sim... o senhor, ... é complicado, ele não está com todas as suas faculdades mentais e gerir uma Junta não é fácil

AL: iihi. Quando é que são... pois, as eleições ainda falta um bocadinho

AS1: e o problema até que cedi-lhe o meu lugar

AL: ah, era presidente?

AS1: não era, era cabeça de lista, formámos um movimento e era cabeça de lista, como nunca tive assim pretensão de ser presidente da Junta cedi o meu lugar, prontos, sem problema nenhum e finalmente lá houve as eleições e o senhor começou a variar. Não faz ideia, um ditador de primeira, uma coisa assim... o senhor foi PIDE e ele está a viver a repressão ainda, ele nesta altura, eu diria olhe, e pode pensar que estou a brincar mas não, eu diria que ele pensa mesmo o Salazar, é mesmo por aí, “quem manda sou eu, não se pede autorizações de nada, não, o presidente da Junta é que manda”. Passo-lhe uma acta, se ele acha que não está bem, censura...! É assim uma coisa...

AL: completamente fora... epa... mas ele é velho? Se era PIDE não é...

AS1: 74...

AL: ah pois... pois...

AS1: não é fácil. E então como o senhor queria ser presidente dos baldios e eu achei que ele não estava apto, não é... fiz uma lista e ganhei à larga e então prontos... tudo o que é para os baldios ele deita ao lixo

AL: aaaah, então deve ter sido isso, porque eu lembro-me que eu tinha um número de telefone, um fixo que era da Junta, percebi depois, porque houve uma pessoa que me atendeu que me disse “ah, não, este é o número de telefone da Junta” e essa pessoa, que era uma rapariga simpática, é que me deu o seu número

AS1: é a Cidália... uma funcionária

AL: pois... não é fácil gerir os baldios e as pessoas e...

AS1: não, eu acho que é assim, isto nas pequenas localidades como a nossa funciona quando ninguém se sente ameaçado, e como os políticos sentem-se sempre ameaçados

AL: pois... mas neste momento... a sua lista, lista vá, o CD, a mesa da assembleia, etc, é composta por pessoas que já não têm nada a ver com a Junta ou?

AS1: não, somos. Como lhe disse eu sou secretária, os dois meus outros colegas não, e depois temos toda a assembleia que está contra a forma, porque fomos todos enganados, está contra a forma que o senhor presidente e o senhor tesoureiro estão a gerir a Junta, portanto, que se uniram e fizeram uma outra lista mas connosco... porque é impossível não é? Se não, não se faz nada em lado nenhum, não pode ser, perdido por perdido so se perde um lado... não é?

AL: claro... estava a dizer-me que está a viver cá há pouco tempo...

AS1: eu estou a viver cá desde 2007

AL: mas não é daqui do Soajo?

AS1: eu sou do Soajo, estive em França, portanto, nasci em França, estive em França até 2002 e depois estive a viver em Arcos de Valdevez e vim para aqui em 2007

AL: ok, para o Soajo mesmo?

AS1: para o Soajo... Paradela, Soajo, mas é num lugar a 8 quilómetros

AL: Paradela, sim, vi no mapa

AS1: perto da barragem do Lindoso

AL: completamente ausentes. E vocês pretendem manter a cogestão perante essa situação ou...?

AS1: nós temos que a manter... foram eles que plantaram isto tudo

AL: mas acho que não... têm que manter?

AS1: eu acho que sim, não sei

AL: eu sei que há alguns baldios que estão a pedir a autogestão, precisamente por questões desse género, não sentem a presença do...

AS1: mas aqui perto?

AL: não, aqui perto não

AS1: eu sei que em Ponte de Lima, já houve ali um baldio em Ponte de Lima que conseguiu, se não estou em erro

AL: por exemplo o de Pitões das Júnias acho que está a pedir autogestão actualmente

AS1: é?

AL: sim

AS1: eu acho que não era pior... porque olhe, nós aqui é uma reserva mundial da biosfera, tudo muito bem, mas tem muitas regras que não fazem sentido. Por exemplo, vai-se para o Gerês e acha-se imensa piada, sim senhor, estas árvores todas à beira da estrada, é muito giro, é, sobretudo quando está assim muito calor é muito fresquinho...

AL: (RISOS)

AS1: mas imagine 5 homens a limpar 40 hectares no inverno aqui, o tempo que faz, e têm que às vezes perder 2 ou 3 semanas a limpar as estradas porque caem pinheiros, carvalhos, mais águas, mais daquilo e daqueloutro e... é assim, porque é que não se faz um corte de 2 metros a toda a volta e isso o parque não autoriza... eu acho que não faz sentido, a árvore é muito bonita... na floresta, à beira das estradas não faz sentido... dois metros! Não faz... e é assim, ia ajudar muita coisa, porque no inverno as estradas estavam transitáveis, dava-lhe o sol logo não há gelo, não há neve, não é? Mas, mas pronto, são coisinhas pequeninas mas que podem ajudar muito, porque não é fácil gerir isto... agora, há freguesias pequenininhas, há freguesias com 1000 hectares, outras se calhar nem tanto, é fácil, com 5 homens é fácil...

AL: vocês são quantas aldeias na freguesia de Soajo?

AS1: somos sete

AL: e todas têm direito a esse baldio?

AS1: sim, sim, sim, portanto, nós o núcleo da população e o baldio é todo, portanto incluindo, portanto estamos a falar da área da freguesia

AL: ok, ok, ok, está bem, não tinha a ideia de que eram 7 aldeias...

AS1: é... tem a primeira aqui que é Vilar Soente, depois tem Vilarinho das Quartas, tem a Vila do Soajo que é a sede da freguesia, depois tem o lugar de Cunhas, o lugar de Paradela, o lugar da Várzea, e vindo lá por cima tem o lugar de Adrão... eu por acaso não tenho aqui mapa nenhum mas...

AL: eu tenho

AS1: tem?

AL: sim

AS1: mas é uma área bastante... bastante grande

AL: é o do parque...

AS1: isto é do Parque Nacional?

AL: é, deram-me lá na... deram-me não, venderam-me (RISOS)

AS1: venderam... vendem tudo, vendem tudo

AL: isto já ninguém dá nada a ninguém, foi lá em Montalegre

AS1: engraçado que aqui tem a serra do Soajo e vendem-nos isso como a Serra da Peneda... está a ver, Serra da Peneda, Serra do Soajo, e incluem isto tudo aqui junto com o Gerês, quer dizer que não faz assim... não é? Mas pronto, tudo bem...

AL: sim, sim, sim

[um rapaz que estava a cortar uma árvore a pedido da Cristina vem despedir-se...]

S: xau

AS1: então já vai? Já cortou a árvore?

S: já vou com 80 já chega

AS1: caramba, hoje não veio o chefe, aquele senhor que esteve aí com vocês, ele...

S: não, isso é o encarregado

AS1: é o encarregado? Mas é do ICNF não é? Do Parque Nacional?

S: ...

AS1: não, porque eu não percebi, ele estava a perguntar ao engenheiro Tavares...

S: ...

AS1: então mas quem é que manda, é o Tavares ou é o outro senhor?

S: o encarregado de nós é aquele senhor...

AS1: aquele que estava ali de óculos?

S: esse dos óculos é o *[discorre sobre os seus superiores]*

AS1: ai, tanta gente. Mas vocês são uma brigada mesmo do Parque Nacional, certo?

S: ...

AS1: vocês são de onde?

S: eu sou de Melgaço

AS1: ah, de Melgaço, ah... já cortaram aqui estes pinheiros todos?

S: não, fica para amanhã [...]

AS1: sim senhor. Vão para onde? Pois tem de ser não é?

S: porque aqui viemos desenrascar

AS1: ai mas muito obrigada ahn!

S: oh, de quê?

AS1: é que aquilo deu-nos ca um jeitão... é que aquilo estava assim. Aquilo deu jeito a toda a gente, é que aquilo estava muito feio, realmente estava muito feio, aquelas galhas secas estavam muito...

S: ...

AS1: não, mas está muito bem, ouça está muito bem. Não querem beber outra? Bebam outra que pago eu, sério, beba lá... oh Bruno traz aí duas cervejas aos senhores, duas Super, ou uma Sagres e uma Super]

AS1: ora bem, está a ver? Às vezes para cortar umas galhas de uma árvore é uma complicação

AL: ah, teve de ser com autorização?

AS1: é, eu aqui... veja só, isto é... por exemplo, o CD com 5 sapadores, para tirar só umas galhazinhas que estão aí por cima do bar tenho de mandar um ofício ao Parque Nacional, pedir autorização, eles vêm verificar o que é, depois mandam os sapadores deles, porque não confiam... o ano passado até veio um engenheiro com eles... e por acaso no outro dia estavam aqui estes senhores, e aqui atrás estava um pinheiro, estava todo seco, e estavam sempre a cair galhas grandes, portanto é perigoso, nós estamos bastante tempo ali fora, e tive sorte porque senão isto... um ano para cortar umas galhas... isso é a parte chata do parque

AL: e era mesmo só umas galhas, não era tirar uma árvore inteira?

AS1: não, não, não, pode ir ver daqui a bocado

AL: e teve de se proceder a isso tudo?

AS1: é assim um bocado...

AL: oh meu deus... ridículo não é

AS1: pois, mas aqui [no mapa] tem mas não tem a freguesia só, portanto já não é...

AL: não tem as aldeias não é... eu vi Paradela algures...

AS1: portanto Adrão, a Várzea está aqui, tem aqui, tem, tem, tem

AL: ah, era mais abaixo

AS1: Paradela, portanto, está a ver, já temos aqui... Soajo, nós estamos aqui... aqui tem Vilar Soente, mas Vilar Soente não aparece... ou eu estou a ver mal... acho que

não está, não tem, prontos, não tem as outras todas, tem Adão... que já não vejo outra vez... está a ver a distância das aldeias todas, umas das outras? A pensar que não pela estrada é enorme

AS1: 1525 eleitores

AL: portanto vocês consideram que todos eles são partes não é?

AS1: sim, todos os naturais do Soajo, não é, portanto muita emigração, nós aqui...

AL: e os emigrantes também votam? Pergunto...

AS1: sim, sim, sim

AL: mas só vêm cá uma vez por ano não é? Mais ou menos

AS1: só, mas só têm a residência em Soajo também, embora não seja permanente mas cá em Portugal é a única residência que têm, portanto são eleitores

AL: portanto podem votar nas questões do baldio...

AS1: e na freguesia...

AL: sim, isso sim

AS1: e eles sendo naturais... porque é assim, a outra lei diz o seguinte, não é, sendo filhos de naturais são automaticamente partes

AL: sim, a nova lei diz isso... o que é que acha desta nova lei dos baldios? Não sei se sabe tudo que diz, mas a ideia com que ficou em relação à anterior...

AS1: eu acho que ela até é mais segura, prontos, há ali várias coisinhas que talvez não estejam tao bem mas a nível de...de... da nossa... responsabilidade, eu acho muito bem

AL: responsabilizar mais o ...

AS1: eu acho muito bem, porque isto é assim, havia muitas também que não tinham contabilidade nenhuma, olhe... Cabril! Falaram-lhe em Cabril? Já lhe disseram?

AL: eu já lá fui a Cabril até...

AS1: já lá foi e não lhe disseram nada?

AL: por acaso não tenho... não me lembro, já foi há algum tempo que lá fui, tenho de ouvir as entrevistas outra vez, não me recordo...

AS1: aqui há pouco tempo que havia um problema também com Cabril, por causa da gestão, umas transferências de dinheiros, que os novos... o CD vieram-se a aperceber, que nós não sabemos, e o senhor presidente do CD acabou por me dizer

que a antiga direcção não fazia eleições, não havia assembleias, não havia apresentação de contas, não havia nada, nada!

AL: sim, acho que agora... agora esses jovens... é um jovem que está lá agora não é? O Márcio não é? Houve agora uma... não sei se é de agora mas pelo menos agora há bastantes, há algumas freguesias que têm jovens à frente dos baldios e que estão a tentar precisamente mudar um bocadinho, tal como a Cristina... mudar um bocadinho essa situação...

AS1: e tem de ser, tem de ser, porque se não, não se faz nada, opa eu se me apanho agora com 500 000 euros, eu dava aqui uma reviravolta nisto, comprava-se máquinas e fazia-se e plantações, não... porque na verdade ele foi para algum lado, não é... agora nós temos de garantir salários, temos de garantir tudo isso, opa temos de apertar um bocadinho mas eu espero que daqui até ao fim de janeiro consiga arranjar um tractor, mas claro que se ele é bem orientado, aí eu vou-lhe dizer, sabe quanto é que nós temos de custas de ... não de representação mas de... almoços e jantares este ano?

AL: para os sapadores?

AS1: não, não. Aquelas coisas que nós podemos ir jantar se vêm engenheiros ou, pronto, aquelas coisas normais...

AL: ah

AS1: 120 euros!

AL: de...

AS1: refeições...

AL: mas durante quanto tempo?

AS1: um ano!

AL: mas isso parece-me não muito...

AS1: pois, parece-lhe não muito porque nós quando almoçamos, almoçamos à nossa custa

AL: ah, ok... não estava a perceber

AS1: e sabe o que é que foi estes 120 euros? Foi a despesa do jantar de natal dos sapadores... antigamente havia 4000 euros de...

AL: Aaah, está bem...

AS1: a sério... claro que se a gente vai com a intenção de... não é? Tudo nosso... eu não ponho gásóleo no meu carro com o cartão dos baldios, porque parece-me completamente... é assim, ninguém me obrigou a ir para lá... está a perceber?

AL: pois, essa atitude tem que mudar dentro dos CD...

AS1: pois claro que tem de mudar e para isso tem de haver contabilidade, e devia de haver alguém que se lembrasse de vez em quando e dissesse assim, “olhe, vamos lá a ver a contabilidade dos baldios”... não é? E as coisas resolviam-se...

AL: a comissão de fiscalização não tem feito esse papel?... Bom, antes não, de certeza não é...

AS1: oh... ouça lá, a fiscalização que nós temos nos baldios é uma lista que é feita connosco, que não deveria, não deveria...

AL: correndo bem até parece-me bem, não é...

AS1: claro, o que é que acontece por exemplo este ano na Junta de Freguesia do Soajo? Como é que as pessoas do mesmo partido estão a fazer oposição ao presidente da Junta... isso é um trabalho do conselho de fiscalização dos baldios, não é? Se nós pomos um presidente da Junta que é completamente estúpido e palerma e que está a estragar tudo, a assembleia tem a obrigação de não o ajudar... o conselho de fiscalização dos baldios tem exactamente isso que é “vamos lá a ver, o que é que foi feito? Mostra-me lá as facturas e vamos a ver...”... não é? Por acaso nós temos a obrigação de fazer uma assembleia por ano... já fizemos cinco!

AL: ai sim?

AS1: exactamente, porque é normal que os compartes vão e que saibam o que é que se vai fazer e o que é que não se vai fazer e como é que vamos fazer e essas coisas todas... portanto, este ano e com esta história toda dos baldios é normal que eles saibam o que é que se está a passar, para não haver surpresas, não é? E o conselho de fiscalização sabe essas coisas porque nós fizemos muitas assembleias porque se não, ninguém diz, ninguém está para se chatear

AL: ninguém se lembra de... ok, pois, pois, pois

AS1: agora também é assim, nós por acaso temos bastante juventude agora que está interessada, as nossas assembleias são bastante concorridas, muita juventude, até a oposição, que são todos da CDU, e que questionam e que veem e que até acharam muito pouco 120 euros

AL: pois, pois... e é malta que vive nas aldeias, essa juventude?

AS1: uuuuh

AL: ou que pelo menos vêm frequentemente à aldeia...

AS1: vêm ao fim de semana, porque estão lá fora mas têm os pais, e depois alguns estão a estudar, assim, o meu filho e assim, mas que já estão interessados não é, e que estavam habituados a coisas malucas e agora...e nota-se e depois vê-se assim, realmente isto andava assim tudo um bocadinho...

AL: isso se calhar até pode incentivá-los a meterem-se também na gestão dos baldios...

AS1: o objectivo é esse não é, que ocupações já eu tenho bastantes não é? Agora era interessante que com 25-30 anos comessem a ter mais ideias, e até porque se trabalhassem bem podiam ter um salario não é, fazer disto uma forma de cooperativa e fazer 3 salários a tempo inteiro, pro exemplo, e trabalhar a sério, porque isto merece, não é? Não como nós que estamos aqui, não ganhamos nada, temos muito trabalho mas temos de trabalhar ao lado que isto é mesmo assim, temos de trabalhar em algum lado não é... e pronto, e eu acho bem, acho que seria por aí, porque senão isto vai-se tudo embora, é mesmo assim, como é que a gente pode dizer a um miúdo de 20 ou 25 anos “olha, fica aqui”. A fazer o quê? Não é possível... eu tenho um sobrinho a viver em lisboa e acho que sim, que fez muito bem, agora o meu filho se calhar daqui por um ano ou dois também se vai embora porque aqui não faz nada... acaba de estudar e lá vai ele, não é?

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: ... o senhor João está há quanto tempo à frente do CD?

PB1: ano e meio

AL: ah, é recente, está bem. E antes quem é que estava lá? Já estava há muito tempo ou...

PB1: era o... eles esteve dois mandatos, como o mandato ainda era de dois anos, este dois anos dois mandatos

AL: o outro senhor?

PB1: sim, o Carlos Martins

AL: e depois houve eleições e o senhor

PB1: bom, houve eleições e, você sabe que isto dos compartes é um bocado complicado. Quando nós vemos a Lei dos Compartes é muito complicada, e mesmo os próprios advogados e toda a coisa não sabem dar resposta a muita coisa, e eu quando entrei para os compartes a minha experiencia era pequena... era pequena porque eu estive 35 anos em França. Bom, e quando vim de França... eu sempre tive relações aqui em Parada do Monte e pediram-me para me apresentar em 2009 para a Junta de Freguesia, como presidente

AL: mas o senhor é de Parada do Monte?

PB1: eu sou natural daqui, mas como vinha cá sempre sabia tudo o que se passava não é, tenho família, que é uma família muito grande... no sábado passado fazemos todos os anos um convívio de todos, e fizemos ali na Senhora da Penha e eramos 68, a família, e não estavam todos, e fazíamos sempre... conversávamos sempre um bocado da terra, que era... e então eu vim em 2005 de França para cá, já estava cheio

da França, e então pediram-me para me apresentar à Junta. Eu, a minha experiência da Junta então também não era nenhuma mas tanto puxaram por mim, tanto puxaram por mim, que eu apresentei-me à Junta, isto em 2009. Perdi realmente por uma coisinha mínima, por 7 votos, é verdade, fui um fenómeno, diziam “olha, um estrangeiro que esteve tanto ano na França e por pouco era eleito. A seguir apresentei-me novamente mas como independente, que eu partido não tenho partido... não tenho partido, fiquei um bocado desiludido de política em França, que fiz participação lá em França quando entrou o François Mitterrand, é verdade que o François Mitterrand prometeu muita coisa e no primeiro ano ele cumpriu mas depois desgraçou-nos. E eu fiquei desiludido e nunca mais faço campanha por partido nenhum, para mim os partidos terminaram todos

AL: ah, chegou a fazer campanha lá, pelo François Mitterrand...

PB1: sim, e cheguei aqui então e apresentei-me pelo PSD e apresentei-me novamente pela segunda vez como independente, fiquei em 3º lugar como independente. Quando é um partido é diferente... é muito complicado. E a seguir apresentei-me aos compartes porque via que os compartes andavam muito mal orientados

AL: isso em que ano?

PB1: foi em 2014

AL: ah, ok

PB1: em março de 2014

AL: andavam mal orientados na sua opinião...

PB1: andavam muito mal orientados. A pessoa que fez, que estava antes de mim era um homem que só fazia benefício para ele, bom, e eu achei que aquilo que não estava bem e então apresentei-me e ganhei por uma margem muito grande. E no fim de ter ganho essas eleições verifiquei que não havia documentos, que não havia nada, não havia livro de cheques, não havia canhoto de cheques, não havia... as facturas eram todas feitas sem orçamentos, não havia recibos, aquilo estava tudo uma bandalhada terrível. E fomos dar com muitas coisas ilegais... temos feito reuniões e essas reuniões está claro que se sabe que são reuniões em que o senhor tinha alguma gente do lado dele, como sempre, embora ele seja mau mas tem alguma gente pelo lado dele sempre. E eu como não estava muito metido nisso ele mandava pelas portas [*? não se entende*] para virem às reuniões para nos botarem abaixo. E houve reuniões aqui bem crispadas que em agosto faz agora um ano que eu tive de chamar a guarda para acalmar isto, que isto andaram aqui essas cadeiras andavam no ar. E isto sabe que aqui a maior parte não são homens, são mulheres nas reuniões...

AL: ai é?

PB1: e é um perigo. E... uma mulher se vê uma cadeira no ar não sabe se defender, desculpe o termo, mas não se sabe defender. E isto esteve mau e eu na segunda reunião então chamei a guarda para acalmar as coisas, ela não entrou cá dentro, esteve aí fora, as coisas passaram-se melhor, e continuavam nesta rotina um bocado

desagradável, que quando se vem para uma reunião é tão fácil a gente se compreender, é tão fácil numa aldeia como a nossa que é tão pequenina. E quando se vem para uma reunião o que é que nós fazemos? O meu pensar é sempre este, é fazer trazer alguma coisa para a terra, não é desperdiçar como estão.

E eu sei que nesse, quando me apresentei, antes de me apresentar já tinha feito uma candidatura de 180 000 euros das ITI

AL: antes de ser presidente?

PB1: antes de ser presidente, consegui isso, consegui e quando foi que eles votaram nas eleições nós tínhamos que apresentar a candidatura até ao 31 de março, não, de abril, até ao 31 de abril, e eu tomei posse no dia 28, não 26, desculpe. No dia 26 é que nós tomámos posse, eu tinha uma margem muito pequenina para entregar esses documentos todos. Mas eu como tinha relações com bastante gente e conseguimos então fazer essa candidatura

AL: com a ajuda de alguma associação ou

PB1: não, não, não, não foi nenhuma associação, foi de um rapaz que faz também... de um homem que faz parte também, não é do CD, é do conselho de fiscalização, que trabalha no parque. E então por intermedio desse rapaz fomos buscar, falámos com os engenheiros, tivemos reuniões e falámos e falámos, e conseguimos essa candidatura. Quer-se dizer, quando tomámos posse que foi num sábado, na 2ª feira eu fui a Braga entregar a candidatura e safou-se. Mas é que essa candidatura logo a seguir foi botada abaixo, dizendo que a acta que não era legal

AL: quem é que disse isso?

PB1: o presidente antigo, que a acta que não era legal, e nós fizemos uma acta minuta, a acta minuta é legal

AL: eu não sei muito bem o que é uma acta minuta

PB1: uma acta minuta é de uma hora para a outra, nós estamos aqui, vamos votar, votam-se os pontos todos, são votados e a acta está preparada e só assinar o presidente da mesa e acabou-se. E então mandaram-nos dizer que a acta que não estava legal. Eu podia, como eles, escrever um correio a dizer que essa acta que não estava bem esclarecida, bem esclarecida não quer dizer que não é legal, para mim não é... bom, e que tinha de fazer uma nova assembleia para votar a acta, e eu escrevi que as actas que não são votadas, as actas são os pontos que são discutidos, não há votação de actas, os pontos são discutidos, os pontos são votados ou contra ou a favor. E eles queriam nesse caso que eu, ao fim da reunião, na próxima reunião que lesse a acta e votasse a acta, e eu disse-lhe "não! A lei não permite isso, os pontos são discutidos, são votados, a acta é lida na segunda reunião, mas está aprovada. E ali fez um bocado de confusão, como todos, todos faziam um bocadinho de confusão, isto os compartes são novos, eu sou o 3º presidente dos compartes... fazia um bocado de confusão a toda a gente e havia uma rapariga que é engenheira, que é a Ana Silva, não sei se já ouviu falar...

AL: não, mas ela está aonde?

PB1: ela está aqui na Ponte da Barca

AL: ok, engenheira florestal é isso?

PB1: é.... E nesse caso ela disse “porque é que vocês não fazem as actas minutas? E eu respondi a essa senhora que não vale a pena fazer actas minutas, os pontos são votados e a acta está aprovada”, não havia outra coisa a fazer... e a seguir começaram-se a fazer assim as coisas e as coisas começaram-se a acalmar mais, alguns pontos votaram contra e nós metemos na acta. Os pontos que eram aprovados metíamos na acta e a acta era lida consoante correu a reunião e terminou.

Mas quer-se dizer que nós no primeiro ano tínhamos 200 e tal mil de candidaturas e foi tudo ao ar

AL: no 1º ano que os compartes se organizaram ou no 1º ano que o senhor entrou?

PB1: que eu entrei. E quando entrei fui a ver que ele devia uma média de 30 000 euros... muito dinheiro

AL: a quem, a empresas...

PB1: a empresas, a advogados, ao Estado propriamente, e então eu pensei em entregar esses documentos todos a um advogado e está em tribunal, agora vamos lá a ver. Mas isso não interessa... isso não interessa, mas, quero dizer, os compartes aqui são um bocado complicados, a zona Parque é muito complicada, e a zona Parque a nós não nos favorece nada, porque isto nós temos de andar sempre em cima sobre as novas leis [...]

AL: há quanto tempo é que se formou aqui o CD e a assembleia?

PB1: isto aqui começou... o primeiro estive dois anos... 6, para aí há 7 anos

AL: e porque é que decidiram organizar-se? Estava cá nessa altura? Já estava cá não já?

PB1: eu já cá estava, desde o primeiro mandato que foi, que organizaram os compartes, já cá estava

AL: e o que é que impeliu as pessoas a organizarem-se na altura?

PB1: isto foi fácil, porque quem fez isto dos compartes era um presidente que era um presidente da Junta, e com isso dos compartes já existia a união dos lugares, ele decidiu então fazer a comissão de compartes

PB1: antes estava nas mãos da Junta era?

PB1: antigamente era na Junta, a gestão era da Junta, e esse presidente decidiu então de fazer essas duas divisões que houve, que foi uma parte complicada

o senhor João está a trabalhar ainda ou está...

PB1: não, eu já estou reformado há 10 anos. Quer dizer fui reformado em França, estava na pré-reforma e vim-me embora, e ainda estive 5 anos cá com a pré-reforma em França

AL: ok.

PB1: Estive de 2005 a 2010 na pré-reforma e em 2010 é que fui reformado completamente

AL: chegou quando a Portugal?

PB1: 2005

AL: então e aqui tem agricultura, ...?

PB1: tenho, tenho os terrenos dos meus falecidos pais

AL: e usa-os?

PB1: sim, tudo! Não, tenho ali um jardim enorme à volta da casa

AL: ok, não tem animais?

PB1: ai, não, não, tenho um gato!

AL: (RISOS) ok...

PB1: coitadito já deve estar, já tem mais de 20 anos

AL: 20?

[fala-se do gato]

PB1: [...] dos meus pais não, esses já morreram há 50 e tal anos, fiquei muito novo sem pais. O meu falecido pai quando faleceu, eu ainda nem 9 anos tinha, e a minha falecida mãe tinha eu 18 anos. Quer-se dizer que eu aos 18 anos já tinha uma empresa pela minha conta

AL: que veio dos seus pais é isso?

PB1: não, já tinha, fui eu que montei a empresa

AL: aqui?

PB1: aqui

AL: tem irmãos?

PB1: tenho 3 irmãs, mas não estão cá, uma está em França, a outra está na Alemanha, uma é que nunca saiu daqui

AL: e tinha uma empresa de quê?

PB1: aqui? De cortar pedra, pedreira... não havia outra coisa tinha de ser aquilo

AL: então e porque é que foi para França depois?

PB1: para França foi um bocado complicado, eu casei-me aos 21 ainda e aos 21 anos fui para a tropa, e aos 21 e pouco fui para África, estive 3 anos em África e eu vim de África e estive aqui um ano, na pedreira novamente

AL: ah, porque tinha deixado a empresa...

PB1: tinha. E ao fim de um ano a minha esposa tinha lá os irmãos todos em França disse “porque é que não vamos para França?” “oh mulher, não me diz nada!”. E depois chegámos a um acordo “está bem eu vou para França, vamos lá a ver”, diz ela “só que tu não vais só, vou eu também, já estive 3 anos sozinha, não, não, agora vou contigo”. E fomos para França e estivemos lá 35 anos.... 37!

AL: e a empresa aqui fechou?

PB1: fechou

AL: pois, pois... durou pouco tempo, um ano e tal

PB1: não, então durou dos 18 aos 21, depois estive 3 anos, faz 24, e depois dos 24 aos 25

AL: ah, manteve-se enquanto foi para a tropa?

PB1: abri outra vez e depois fui para França e estive lá 37 anos

AL: abriu lá uma empresa também não foi?

PB1: depois abri lá uma empresa e tive-a durante 20 anos

AL: era de quê? Curiosidade...

PB1: era de tudo, uma empresa geral

AL: e diga-me uma coisa, aqui em Britelo há muitos jovens, há poucos jovens...

PB1: há poucos, muito poucos jovens. Aqui no lugar da Igreja ainda há alguns mas aqui há muito poucos jovens

AL: no órgão gestor do baldio são sobretudo pessoas mais... mais... ou seja, há jovens no CD?

PB1: não vejo que... há jovens há

AL: nos órgãos de gestão?

PB1: sim... isto é tudo gente, raparigas são quê, tudo 27, 25, 27 anos, 35... no conselho fiscal, porque quem está no conselho fiscal tem de ter alguns conhecimentos de contabilidade

AL: sim, é só para eu perceber melhor qual é a importância do baldio para as pessoas nos nossos dias

PB1: aqui os baldios, a maior importância para a população é caminhos, que têm direito a eles todos, não haja dúvida

AL: para irem para a serra, para...

PB1: para irem seja lá para onde for que eles lhes interesse mais, e é ir buscar quatro paus aqui de giesta, um pinheiro que morreu ou uma coisa qualquer assim do género. O resto eles não se interessam nada. Mas agora se viesse uma lei, como diz a senhora, se viesse uma lei... “ninguém tem direito a ir buscar nada”... isso então eles não iam querer saber de nada disso, eles iam igual

AL: porque é muito importante esse tipo de recursos não é?

PB1: claro! E agora actualmente o que é que fazem? Já viu o preço do combustível do gasóleo? Antigamente não tinha aqui aquecimentos, era tudo a gasóleo, tudo deixou... passaram tudo a lenha. E agora tudo anda à lenha para se aquecerem no inverno

AL: mas as pessoas não participam muito na gestão do baldio

PB1: não, a gestão do baldio é que vêm ter com o presidente “eu precisava de um tractor de giesta, posso ir cortar?”. E nós íamos com essa pessoa “olhe, tenho aqui isto, é deixar isto bem cortadinho à terra e agarrando em tudo o que fica e deixar tudo num monte para nós virmos queimar depois em outubro, senão leva um ano e no outro ano já não leva... é assim

AL: mas é difícil arranjar pessoas para os órgãos de gestão? Imagine que agora o senhor não podia continuar, o senhor João

PB1: ai não, ai há, há sempre, há sempre. Embora não seja tão bem organizado, eu também não digo que sou... mas gosto das coisas direitas. E às vezes, eu tem-me acontecido, que vou para aí abaixo... infelizmente agora tenho de andar um bocado a pé, perder peso

AL: (RISOS)

PB1: é verdade, e então eu às vezes vou por aí abaixo e diz-me “olha que fulano disse isto assim e assim e assim”, ok, obrigado. Ao ter a oportunidade de falar com essa pessoa vou já falar com ela, vou falar com ela digo-lhe “ouvi dizer que disseste isto assim e assim, tu achas que o que disseste que é normal pa?” “opa, eu acho que isto

assim que não está bem, aquilo, aqueloutro” e eu então explico da maneira, ou que temos a intenção de fazer ou como se vai fazer. E eles aí dizem já “ah, mas não foi o que me contaram”. Eu digo, a coisa mais importante que nós temos é o diálogo, é a primeira que está em todos os serviços, seja em associações, que seja em compartes, que seja na Junta, que seja na Câmara, que seja no que for, é o diálogo, para mim isso é o mais importante

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: então, o senhor Inocêncio é presidente dos baldios não é?

PE1: sim, presidente dos baldios de Entre-Ambos-os-Rios e também de uma Associação de Proprietários, a Foral

AL: como é que se chama?

PE1: Foral

AL: ah, sim, é verdade, desculpe, agora estava completamente, pois que é Entre-Ambos-os-Rios, Froufe...

PE1: é, Entre-Ambos-os-Rios, Froufe e Ermida e Lourido

AL: ok, mas as áreas não se...

PE1: sobrepõem? Não, são áreas limítrofes, são vizinhas digamos assim, mas não, são áreas distintas

AL: e qual é a diferença... quer dizer, eu sei qual é a diferença na teoria, mas na prática, porque é um baldio é comunitário e o outro é particular

PE1: não, um é baldio e o outro não é baldio

AL: ai nunca foi baldio

PE1: não

AL: ah, ok

PE1: aquilo, digamos, em termos práticos e objectivos é uma propriedade privada embora de gestão comum, ou seja, cruza em muitos aspectos com a filosofia de gestão do baldio, mas aquela área paga contribuição, paga IMI, tem os proprietários identificados, é indivisível na mesma não é, tal como... no baldio ninguém sabe onde tem baldio, é uma área que é comum e que é partilhada por todos, e esse espírito também incorpora aquela propriedade, só que o espírito da propriedade é privada. Ou seja, em termos visuais e de aspectos e de tudo é semelhante a uma área baldia

AL: é uma gestão de floresta também...

PE1: sim, de pastoreio, floresta, aliás, pronto, em termos de, digamos assim, de utilidade e de gestão e de... é o mesmo que uma área baldia, só que não é baldia

AL: e quantas pessoas é que estão envolvidas [no foral]?

PE1: é assim, aquilo tinha, inicialmente havia 151 proprietários, isto tem a ver com um foral que segundo contam, não é, à data, que já lá vão muitos anos, foi uma propriedade que foi doada por Dona Maria à data de não sei quantos, às populações que existiam naquela altura. Depois houve, mais recentemente, penso que na década de 60, uma questão em tribunal com o Estado, em que os Serviços Florestais tinham na altura uma política de incremento florestal muito forte e andaram por aí com os serviços do Estado a florestar tudo o que era áreas disponíveis, e ali também tentaram, ou seja, ainda invadiram a zona e começaram a fazer plantações... na altura os residentes, as famílias residentes naqueles lugares meteram uma acção contra o Estado que decorreram vários anos e foi dada razão à população

AL: quanto? Quanto anos até ... mais ou menos, só para ter uma ideia

PE1: eu tenho esses dados todos

AL: não, mas deixe estar, foram dezenas de anos?

PE1: sim, foi para aí uma dezena de anos, eu tenho esse documento algures mas não tenho precisa essa data. Mas andaram muito tempo em tribunal, até houve pessoas que faleceram e depois foi necessário substituí-los pelos herdeiros. E porque é que só se fala à data de hoje em 151 originais? Porque na altura foi... fez falta juntar o povo não é e comunicar-lhes que havia esta questão de defesa da propriedade e perguntar-lhes quem é que estava disponível para avançar, e pronto, foram os tais 151 que avançaram com a questão e depois venceram e pronto desde essa altura depois

AL: terá sido antes do 25 de Abril? Que venceram...

PE1: foi, foi antes do 25 de Abril. Depois... mais tarde, bastante mais tarde, foi criada uma associação para a gestão, digamos assim, mais organizada do espaço, porque até então era uma gestão sem formato nenhum, sem uma organização, foi criada a tal Foral, feita a escritura, a constituição da Associação e que gere, digamos assim, o território

AL: e que passa de herdeiros para herdeiros ou?

PE1: é assim

AL: ou seja, o seu pai já era por exemplo?

PE1: em termos de proprietários actualmente serão... aliás, acho que nem há bem a noção do numero exacto, até porque aquilo passa por herança não é... então pronto, mas não é obrigatória a comunicação da herança, ou de quem é que... então isto é transmissível por herança e desde essa altura já faleceram muitos, muitos filhos, já faleceram filhos dos filhos, depois, sei lá, fala-se de 900, 700, não sabemos bem

AL: pois, porque depois se forem tipo 4 irmãos todos eles são

PE1: claro

AL: qual é a área?

PE1: 2400 hectares

AL: e já é há muito tempo presidente dos baldios?

PE1: do CD desde 2005, salvo erro, Foral desde 2009

AL: ok, e quando é que foi formado o CD?

PE1: o CD foi precisamente nessa altura, 2004, 2005, estive a ver, não havia realização estabelecida, embora a lei estipulasse que era obrigatória a constituição não sei quê... a gestão na altura era feita um pouco pela freguesia na ausência de entidade organizada para a gestão. Na altura foi um bocado por obrigação fruto da candidatura que foi na altura lançada para a constituição das equipas de sapadores florestais que possibilitava que, dentro do parque, as candidaturas que aparecessem eram automaticamente aprovadas. E eu na altura tinha entrado para a Junta em 2002, e pronto, o meu interesse também era... era... e então na altura decidimos organizar-nos e era... que é porque, agora não, mas à data não permitiam que Juntas concorressem mesmo que tivessem a responsabilidade de gestão de espaços baldios, não era permitida, e então houve necessidade de criar para aproveitar aquela, aquela candidatura, e pronto, foi a partir daí que entrou em funcionamento o...

[toca o telefone dele]

AL: ok, e só para perceber melhor como é que a passagem de mãos do foral, portanto, tem a ver com determinadas famílias, tem a ver com determinadas povoações...

PE1: são as famílias que residem naqueles lugares, Lourido, Froufe e Ermida

AL: ah, ok, todas?

PE1: pronto, as famílias, cuja, digamos assim, a matriz, a raiz inicial tem a ver com 150 nomes que existia na altura e agora é a herança

AL: ah, então imagine que vai para lá outra família viver

PE1: não tem

AL: não tem direito... ok

PE1: não tem direitos sobre a... tem a ver com os originários e a sucessão, digamos assim

Germil: PG1

AL: então, já sei que também é presidente da Junta não é?

PG1: fui. Agora sou da Junta mas sou da... fui durante 28 anos

AL: xiii, e depois teve de parar não?

PG1: pois... depois até se percebeu que na última, digamos, na recta final percebeu-se que até podia ser candidato, mas depois eu também já não queria ser mais candidato

AL: pois... é demais, 28 anos é uma vida. E havia outras listas e tal e continuava sempre?

PG1: sim, sim, não sei se foi no último acho que já não houve

AL: pois, pois... nem imagino o que é isso, 20 e tal anos na Junta...

PG1: é muito

AL: e a equipa era a mesma também?

PG1: não. A equipa mudou. Há sempre ajustes

AL: e aqui nos compartes também já está há muito tempo?

PG1: nos compartes já, também já fazia parte, não era o presidente, presidente sou há 2 anos

AL: e aqui já há muito tempo que foi delegado nos compartes a gestão ou...?

PG1: já foi em 2005

AL: foi consigo, aí não... quer dizer, não foi consigo como presidente mas já lá estava

PG1: sim, eu na altura já era o 3º da lista, já foi trabalho meu também, só que como era presidente da Junta acho que não era muito bom ser presidente dos baldios ao mesmo tempo não é...

AL: pois, pois

PG1: e então... 2005 exacto [após verificar em documentos que levou consigo]

AL: e decidiram passar para os compartes porquê?

PG1: achámos que.... e assim é, o tempo veio-nos dar razão porque tínhamos agora a [? *não se entende*] e não sei que mais e então entendemos que não devia ser só um órgão a gerir, havendo dois é uma questão de dar oportunidade a outras ideias não é, não se só as mesmas pessoas para tudo. E também dividir um bocado as tarefas e acho que... pronto

AL: foi para melhor...

PG1: muitos locais que eu conheço que na altura não tinham CD e diziam que não se justificava mas depois vieram a... quando apareceu a triste ideia da junção de freguesias, viram que realmente era importante

AL: e aqui há muitos jovens nesta zona?

PG1: sim, muitos não, é uma aldeia pequena e muitos estão fora não é, trabalham fora, emigram e pronto, outros ficam, não trabalham cá na aldeia porque aqui não há nenhuma empresa para dar emprego mas pronto, trabalham por perto, mas isto já são poucos não é

AL: quantas pessoas tem aqui

PG1: é assim, nesta altura tem mais, mas pronto, não falando nesta altura, permanente, não sei... para aí 60 a 70 pessoas, permanentemente, depois há aqueles que vêm de 15 em 15 dias, mas pronto, aqueles que todos os dias cá dormem, digamos assim

AL: sim, sim. E há jovens?

PG1: há alguns, é o que eu digo, mas há se calhar 10%

AL: o senhor trabalha? Para além disto...

PG1: trabalho (RISOS)

AL: claro, não, o tempo é que não deve ser muito não é?

PG1: pois, o meu é pouco é verdade, mas tenho lá a minha empresa e para além disso ainda faço em *part-time* alguns trabalhos

AL: a empresa é sua?

PG1: não, não, trabalho numa empresa e depois em *part-time* uns trabalhos para mim... para mim, para pessoas mas... pronto

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: O senhor PL1 está à frente do baldio há cerca de 10 anos, portanto desde que o CD foi formado, em 2004, Outubro de 2004. É também presidente da Junta actualmente. Antes desses 10 anos o baldio era gerido pela Junta com o consentimento dos compartes. A Junta realizava aquilo que ele chamou de *ajuntos*, que eram reuniões com os compartes, nas quais decidiam coisas sobre a gestão do baldio. Os *ajuntos* aconteciam pelo menos uma vez por ano.

Ele diz que desde que o CD foi formado em 2004... inclusivamente ele diz outra coisa, que entre 2000 e 2004 que o baldio ainda não estava formado, portanto ainda não havia oficialmente uma entrega da gestão aos compartes, contudo, ao contrário dos

anos anteriores a 2000, em que era a Junta que geria o baldio, entre 2000 e 2004 houve um grupo de pessoas que se juntaram e passaram a gerir o baldio, ainda não eram propriamente os designados na lei como compartes, mas foi o primeiro passo no sentido de tirar a gestão do baldio das mãos da Junta de Freguesia. Apenas em 2004 houve então a formalização da entrega do baldio à comunidade. E então, antes de ser formado o CD falava-se de 3 montes, ou seja havia 3 montes diferentes nesta freguesia de Lindoso, era o monte de Castelo, o monte de Parada e o monte de Cidadelhe, e havia uma separação de gestão de recursos entre estes três montes. Actualmente verifica-se que em certos pontos esta separação ainda existe, por exemplo para a recolha de matos, que ele diz que não é uma actividade que ainda tenha muita importância hoje em dia, mas havendo pastoreio acredito que tenha, mas pronto, nunca comparável com outros tempos, ou para a recolha de madeira/lenha, continua a haver a individualização dos três montes, no sentido em que as pessoas de Parada não vão buscar madeira ou matos ao monte de Castelo ou ao lugar de Cidadelhe e vice-versa. Mas o pastoreio, que anteriormente não era mas que actualmente é feito de uma forma corrida ou seja o gado pasta continuamente pelos três baldios afora, ou seja não há separação, não há fronteiras, e o baldio é gerido como um todo em termos de tudo, dinheiro, candidaturas, tudo.

Diz que existem muito poucos jovens nas aldeias, que uns estão para França, outros estão para Lisboa, outros estão para o porto, e aqueles que cá estão ou é porque conseguiram um emprego na vila ou na EDP e pronto, que há os tais 3 ou 4 jovens que submeteram uma candidatura para jovens agricultores, mas que estes cortes na área forrageira claro que desmotiva, há muitos deles que já querem desistir, porque este corte não incentiva de todo a que se efectuem candidaturas e a que se tente começar aqui um negocio nesse sentido, porque se há cortes de ano para ano como é que vai ser, uma pessoa investe agora e daqui por um ano ou dois cortam-lhes a área, como é que vai ser?

Enquanto falávamos PL1 recebeu um telefonema, era uma senhora da aldeia de Castelo que estava completamente desesperada porque a água da fonte da aldeia tinha secado. Segundo disse o PL1, é uma fonte que flui independentemente do caudal do rio, tem sempre água corrente, e a senhora tinha apanhado o susto da vida dela porque chegou lá e não estava a correr água. No final da nossa conversa fomos lá à fonte e de facto estava a correr um fiozinho de água só. Então ao que parece a água vem de uma nascente que vem de baixo. A água vem através do solo, infiltrada na terra e há uma zona em que cria uma nascente, e é essa nascente que alimenta aquela fonte. E o que acontece é que essa nascente deixou de estar ligada às pipas, não é, à zona de onde saem as “torneiras”, então está a água só a vir de baixo, forma assim um turbilhão naquela poça de água ali na fonte, então o que tem de se fazer é ligar a nascente aos tais “canos”, vá. E foi isto que aconteceu, a água continua lá, continua a ser fornecida continuamente, contudo não está ligada ao mecanismo que a levaria a sair pela “torneira” da fonte. Mas o engraçado no meio disto tudo foi o ajuntamento das pessoas, foi vindo, uma da esquerda, outra da direita, outra da frente, as pessoas foram-se juntando ali à volta da fonte e desta questão, e tornou-se uma questão enorme. A água de facto tem uma importância gigante para estas pessoas. E é à volta daquela fonte que muita coisa acontece: lavagem da roupa, conversas, buscar água para as casas, embora agora já tenham água que lhes vai dar às casas, mas em tempos não tinham portanto era um ponto fulcral da aldeia e é muito engraçado porque foi um tema completamente polémico, juntou-se ali toda a

gente, veio o presidente da Junta, não é, o PL1, elas ficaram super agradecidas, ele esteve lá e esteve a dar a importância devida à situação, assegurou-lhes que vem uma máquina nos próximos dias tratar-lhes da situação. E pronto, ele todo contente ali no meio daquilo tudo a demonstrar “isto são os usos e costumes, estás a ver?”. Houve pessoas que quase choravam, houve pessoas que ficaram completamente em pânico perante a possibilidade sequer de aquela fonte ter secado. Porque é uma fonte que acompanha a aldeia desde tempos imemoriais e que lhes dá vida não é? Aquilo até emociona, é impressionante. Havia lá uma senhora que cada vez que relembra o momento em que viu a fonte seca, caíam-lhe as lágrimas. Mas pronto, parece que foi apenas um susto e foi engraçado ver o presidente da Junta ali em acção. O presidente da Junta é de facto uma figura simbólica de proximidade e que tem mesmo de estar próximo das populações, e está, e apanha com tudo, é preciso ter estofo para aquele cargo, mas ele esteve ao nível (...). Não sei há quanto tempo ele está na Junta mas fiquei curiosa, acredito que será também há 10 anos. Mas pronto, é um rapaz não é, ele era um juvenzinho ali no meio, as outras eram tudo velhotas que estavam super assustadas porque não tinham água e estava lá o PL1, provavelmente da idade dos filhos delas...

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: então... o senhor agora é o presidente do CD?

TC1: da associação de compartes

AL: ah pois, vocês são uma associação... ainda não percebi qual é a diferença a nível... é só uma questão de nome ou...

TC1: há regimes diferentes

AL: ai associação, desculpe, agora estava a pensar em assembleia... é associação...

TC1: de compartes... porque o nosso terreno é um baldio... diferente, porque se trata de um terreno aforado, dentro do território do parque, como de outros, há dois regimes diferentes, dos terrenos aforados e do baldio, não sei se conhece a evolução do baldio...

AL: eu conheço, a história do baldio conheço, mas por exemplo, eu ontem estive na Ermida e lá pelos vistos também são aforados e eu não fazia ideia que eles tinham o baldio aforado, já li muitas coisas sobre esta zona mas nunca li sobre aforamentos dos baldios, àquele nível não é? Porque foi a área toda segundo me pareceu... no vosso caso não sei...

TC1: o... ok, portanto, circunscrevendo, em finais de 1800 o Estado e a igreja precisaram de dinheiro e privatizaram um conjunto de bens, desde paços, casas, até aos baldios. Aqui nesta região houve muitas comunidades que aproveitaram e adquiriram esses baldios ou à igreja ou ao Estado e que foi o nosso caso, e é por isso que... o regime é do aforamento, ocorreu depois em 1846 a remissão de foro, que foi o pagamento do... o Estado aí voltou a precisar de dinheiro e fez uma colecta, pediu a quem quisesse desonerar-se do pagamento anual da renda, arrecadava de uma vez

a receita, calculada para o futuro, para a eternidade e estas comunidades pagaram, daí que passaram a ser donas e senhoras, portanto passaram a ser donas e senhoras dos terrenos, portanto proprietárias dos terrenos...

AL: terrenos separadinhos não é?

TC1: não, são em comum, portanto, é justamente o mesmo terreno, só que a diferença está em, em vez de ser um terreno em regime cooperativo que são os baldios, portanto, o baldio é um terreno que pertence à comunidade, à comunidade que naquele momento viva, resida, seja comparte naquele local, ao contrario dos aforados, que são terrenos que foram adquiridos dentro do direito privado e que pertencem às pessoas, que neste momento não sendo vivas, aos herdeiros dessas pessoas. Portanto aquilo que sucede connosco, o terreno que antes eram vários baldios que foram adquiridos, criámos um terreno único que é regime de compropriedade, e que é gerido pela associação de compartes que manteve... a associação é uma figura recente, até foi criada mais por causa de poder candidatar-se a apoios comunitários, e até porque hoje, de acordo com as regras actuais até se pede factura para tudo, houve uma necessidade de criar uma entidade, justamente por causa da relação com o exterior ou com o Estado, com entidades externas, teve de se criar formalmente uma entidade, e daí que a figura foi a associação...

AL: é recente?

TC1: não, tem 15 anos, creio. E provavelmente o caminho será criarmos uma fundação.... Vamos depois esperar pelos resultados do seu trabalho... (RISOS)... temos dúvidas, já estamos há uns tempos a pensar no assunto porque, queríamos criar algo mais formal, mas mais seguro, e que garanta a homogeneidade do terreno e da propriedade, e provavelmente sera por via da criação de uma fundação, afectando este património à fundação, mas vamos ver...

AL: pois, eu não tenho ideia qual será a forma mais... que beneficie mais aqui a população, nem tenho ideia muito bem como é que funcionam as fundações não é...

TC1: a questão até é outra... as pessoas estão muito ligadas a... ao que generalizámos e chamámos de baldio não é, as pessoas são muito orgulhosas daquilo que têm... e nós vamos gerindo, não tem havido apropriação por particulares, isto costuma ser fonte de problemas em vários sítios, porque os particulares vão ocupando, temos inclusivamente um plano urbanístico em que está definido para onde é que a aldeia vai crescer, ou está a crescer, e com uma... um protótipo de implantação e até com um projecto com o apoio da Câmara conseguimos isso, e temos neste momento uma bolsa de terrenos, se algum vizinho, neste momento até tem acontecido com gente mais nova que precisa de espaço, de um terreno para construir, cedemos-lhe esse terreno que está previamente, não é um loteamento mas está minimamente ordenada esta parte e... é a única apropriação que vai acontecendo por parte aqui da comunidade

AL: sim, isso é quanta área mais ou menos, que está assim já prevista

TC1: uuuh, cada lote tem 750 m2, que é a área que é exigida aqui pela Câmara para permitir a construção de uma casa uniformizada, e aquilo que nós temos são... neste momento... cerca de 3 lotes disponíveis que devem dar para mais 6 anos ou 7...

AL: pois, esta bem. Então mas qual é a área do baldio actualmente?

TC1: 1200 hectares

AL: pois. E quantos produtores existem então aqui no Campo do Gerês?

TC1: temos três...

AL: só três produtores de animais...

TC1: mas eu estou a falar mais nem é por aqui, porque aqui ainda há gente que vai tendo alguma consciência... estou a olhar para acolá porque são os vizinhos mais próximos... (RISOS). E ali naquele, ali perto da Calcedónia, há ali uma confluência, e até há ali um sitio castiço, há ali uma situação castiça de... o fulano de Vilar da Veiga que vem pastorear para ali, com autorização dos de Covide, porque aquilo é de Covide, mas com a obrigação de guardar o outro gado, dos de Covide, então naquela zona de fronteira no inverno assiste-se ali a cenas degradantes, com os animais a precisarem de comer...

AL: são demasiados animais ali naquela...

TC1: não é questão de serem muitos só que com neve precisavam de ser tratados de outra forma

AL: pois... então são três produtores, e quantas pessoas é que são aqui? Compartes... não sei se vocês se gerem com a lei dos baldios

TC1: noventa e qualquer coisa

AL: noventa e tal compartes e três produtores de animais?

TC1: sim

AL: são pouquitos pois... e são apenas esses que tiram proveito do baldio directo, vá...? Benefícios extraídos directamente do baldio, e apicultores também se calhar... há muita gente?

TC1: apicultores há três...

AL: jovens, há muitos aqui nesta zona?

TC1: os necessários (RISOS)

AL: é? Isso já é muito bom!

TC1: há uma redução, como noutros sítios, há uma redução da população... curiosamente há o regresso de... nós aqui não... em contraponto com outros sítios, isto tem de... tenho usado muito esta expressão, nós não temos jovens agricultores, temos novos agricultores

AL: ah, sim, eu acho que percebo o que quer dizer

TC1: e há muita gente que ainda... espera uma... não há grande longevidade, e que tinham as suas actividades... nós temos aqui uma aldeia muito diferente de outros sítios, porque as pessoas não precisam, não dependem do baldio nem de... têm recursos que são obtidos por outras fontes e... pronto, as pessoas estão bem. E temos bastantes pessoas que deixaram os seus empregos, por uma razão ou por outra, normalmente a reforma ou pré-reforma, e vieram e retomaram... uns retomaram a actividade de crianças, de jovens não é, saíram com 18 anos e voltaram agora e é a agricultura... e há outros que nunca foram agricultores e que começaram a trabalhar e a ter ovelhas e por aí fora, de tal maneira que ainda no outro dia passava ali por cima e olhei para a veiga e pensei “olha, nunca vi isto tao cultivado como...” e comentei “olha, está outra vez a voltar”. E não é de jovens, é de gente que está de novo, ou que voltou... de jovens... tivemos ontem aí um casamento de um jovem, aquilo estava cheio, nunca imaginei que tivéssemos tantos jovens cá

AL (RISOS)

TC1: mas não tenho esse senso, sei que temos aí muitos jovens, sim

AL: é? E que são activos, por exemplo não vão ter dificuldades em manter a associação *a posteriori*?

TC1: a associação vai ser tratada por velhos, os jovens vão-se embora, vão procurar emprego noutro sítio, aqui fixa-se pouca gente

AL: pois, era mais nesse sentido, jovens fixos

TC1: não, não tenho... tem sido esta a dinâmica do... eu trabalhei no Porto durante vários anos e eu ia e vinha todos os dias

AL: pois, sim... mas de alguma forma manteve-se aqui, isso tem um lado, hoje em dia não é isso que acontece, as pessoas vão...? Mas isso ainda é muito longe não? 1h30?

TC1: é

AL: eu não teria paciência para fazer essa estrada todos os dias

TC1: mas a perspectiva é sempre a de irem trabalhar fora, os que ficam cá são sempre poucos. Eu creio que, sei lá, nem metade... tem aqui...consegue aqui trabalho, tem aqui emprego...

AL: pois... eu estava a perguntar isto no sentido de perceber qual será a continuidade da associação, mas... não está com grandes esperanças que os jovens venham a intervir nessa

TC1: a esperança passa por nós conseguirmos criar alguns postos de trabalho passando a fundação, e aí implementar uma lógica diferente de exploração dos recursos, porque eu não vou... eu acho que o baldio tem estrutura, tem... é um recurso que pode ser rentabilizado, podemos vender sequestro do carbono (RISOS), podemos vender ar do Gerês, ar puro

AL: (RISOS) em frasquinhos...

TC1: podemos vender silencio, podemos vender muita coisa, e a paisagem pronto... mas isto implica que ter pessoas remuneradas, nós na associação não temos ninguém remunerado, contratámos serviços, apenas... mas implicava que a associação tivesse uma estrutura com técnicos, e para isso às tantas vamos indo... se não tivesse havido aqueles... nós parámos porque surgiram um conjunto de notícias sobre as fundações e esquemas e, epa, não... aquilo que eu conheço das fundações, aliás e a nossa solução adequada é ser uma fundação, ao contrario isto é uma associação indevidamente... uma associação o património são as pessoas, uma associação vale pelas pessoas e uma fundação é pelo património, e nós aqui o que nos une é o património, é o terreno, é... não são as pessoas, portanto a base, o objecto... e, mas se caminharmos para aí, para a fundação, creio que em meia dúzia de anos conseguimos criar essa estrutura

AL: mas o CD não pode criar postos de trabalho? Pergunto...

TC1: a associação... também, a associação pode não é... sim, a associação também dá. Mas isto merece... mas implica depois outro tipo de compromissos

AL: sim, eu não estou a par, por isso pergunto

TC1: é... desde logo é preciso fazermos uma, um registo, fazer... há questões formais desde logo com a... que tem a ver com a propriedade que têm de ser feitos, e esses... porque por exemplo, neste momento nós não temos, enquanto que vilarinho das furnas fizeram a habilitação de herdeiros, portanto a associação A Furna tem uma procuração de todos os proprietários que a manda [*? Não se entende*] poderes, nós aqui funcionamos... a associação vai funcionando mas de facto não há uma procuração dos proprietários

AL: no sentido de dar àquela associação...

TC1: poderes

AL: exacto, os poderes necessários

TC1: ok, funciona, as regras, a lei, permite que se crie... que alguém possa administrar, possa gerir o património comum, pronto, portanto, pode funcionar assim, mas a forma mais segura seria... porque isto, criar postos de trabalho implica uma melhor consolidação de algumas bases, e o criar postos de trabalho implica desde logo dar garantias às pessoas, é assim, e assumir compromissos que implicam

ter uma base estável em que vamos... eu creio que o caminho que me parece mais natural seria criar a fundação e a partir daí criar uma estrutura que pudesse desenvolver trabalho para obter os recursos para garantir o funcionamento dessa estrutura. E aí sim, provavelmente iria pagar-se uma renda, eu por utilizar os trilhos, o... eu, por... portanto aí faz todo o sentido que depois se faça... porque passa a existir custos fixos, com uma estrutura que

AL: têm que ser pagos por alguém... pois

TC1: depois devem estar identificadas claramente quais são as linhas de financiamento de onde se obtém receita

AL: claro, e por exemplo, os parques de campismo, este e outros, estão inseridos também em baldios ou não?

TC1: não... este era privado

AL: foram adquiridos

TC1: este era privado, este foi feito em terrenos de família, era um terreno que a minha mãe herdou e outro terreno que o meu pai herdou, dois terrenos contíguos

AL: olha, correu bem (RISOS)

TC1: porque normalmente fazia-se assim, um emparcelamento na medida do possível, quando alguém, um casal novo, se um trazia... se houvesse bens de família das duas confinantes, procurava juntar-se

AL: ok, então foi o seu pai e a sua mãe que começaram isto... e vocês pronto

TC1: sim

AL: é grande?

TC1: sete hectares

AL: ai, é gigante, acho que aquele do Vidoeiro onde estou é muito pequenino, se chegar a um hectare, acho eu... 7 hectares é enorme, dá para montes de gente

TC1: temos muito espaço que... temos ali um prado que ninguém pode acampar lá...

AL: pois, exacto

TC1: tivemos lotação de 600 pessoas e estamos a ver se é possível reduzir mais, não queremos

AL: tanta gente, é difícil depois de gerir não? As infraestruturas e assim

TC1: é preferível dar espaço, cada vez mais as pessoas, apesar de serem mais individualistas, aliás, por serem mais individualistas... precisam de mais espaço

AL: e no fundo esta é a sua profissão... gerir aqui o parque?

TC1: sim

AL: qual é a Junta de Freguesia aqui? É Campo do Gerês ou?

TC1: é Campo do Gerês sim

AL: sozinha, é a única aldeia?

TC1: sim, sim. Vilarinho das Furnas fazia parte...

AL: quantos habitantes é que há em Campo do Gerês? Tem uma ideia? Assim da aldeia

TC1: para aí 200...

AL: e vocês têm uma boa relação com a Junta e com a Câmara

TC1: ah, sim, sim

AL: e não há cooperação?

TC1: há! Dia 22 vou ter uma reunião com o presidente da Câmara e um dos temas é a reparação aí de caminhos, e no próximo PDR vamos articular que, como os baldios se podem candidatar dentro do plano de protecção, de gestão e protecção da floresta contra incêndios, vamos ver que caminhos é que vamos requalificar para... termos um melhor acesso e isto vai ser articulado com a Junta e com a Câmara de maneira que, nós fazemos o trabalho de... esta intervenção mas depois vai carecer de manutenção, e eles vão ter de assumir

Covide: TCo1

AL: então o monte já foi aforado há muitos anos? Já é histórica essa questão?

TCo1: é... o monte foi aforado em... [procura documentos] a escritura é de 1841, mas o aforamento foi depois... e depois tem aqui umas questões que houve já com o tribunal e não sei quê

AL: desde então?

TCo1: desde então

AL: isto é todo o processo do aforamento...?

TCo1: é, é o processo... processo de aforamento do Monte de Freitas, porque aqui o monte, há uma parte do monte que é de Covide. Este aqui é...

E está a ver este documento foi pedido em 1851. Isto não é escritura, escritura

AL: "... para efeitos convenientes solicita-se a vossa excelência mandar passar-lhe a certidão do teor de escritura de emprazamento feito aos moradores dos montados dos baldios da referida freguesia, 6 de Julho de 1841, e bem assim se o respectivo foro foi remido...", não sei o que é que quer dizer remido

TCo1: porque isso na altura em que isso foi feito depois pagava-se uma décima não é, ou uma coisa do género, e depois nesta altura é que eles o remiram todo e é que ele passou directamente para a freguesia, para esses proprietários

Ora, aqui está tudo esclarecido, só que isto é muito difícil de ler

AL: isso é o quê? "processo de..."

TCo1: "...de inventário dos montes baldios dos limites da freguesia de Covide"

AL: ah, isso foi em 1951 também?

TCo1: "ano de nosso senhor jesus cristo de 1894". Portanto isto para dados... não sei como é que pode tirar estes dados...

AL: pois, só se tirasse copia mas aqui vai ser complicado

TCo1: isto aqui foi uma.... Isto foi um processo que os de Covide tiveram contra a... numa altura, em mil e não sei quanto [*lê o que tem na mão, não se percebe muito bem*] e numa altura a floresta... os SF vieram tomar conta e começaram a fazer plantações, não sei quê, e depois a freguesia meteu uma questão em tribunal

AL: contra o Estado?

TCo1: contra o Estado

AL: ah, e ganhou?

TCo1: ganhou, e eles foram obrigados a recuar. Porque na altura que eles vieram eles consideraram aquilo monte baldio

AL: e já não era?

TCo1: e já não era, porque aquilo já desde 1800 e tal que se tinha dado à freguesia. Como havia a escritura... e se vir aqui era...

AL: uau... então e depois a Floresta teve de recuar?

TCo1: recuou, saiu de lá. E já tinham muito serviço feito, uma equipa

AL: já tinham muito serviço feito, e tiveram que tirar as árvores? Não...

TCo1: já tinham trabalho... "para fazer uma ideia do prejuízo, mais não sei quê, tribunal... 16700 covas para plantação de árvores... mais de 15 hectares, portanto

eles já tinham isto... e noutra parte tinham... há outra questão que tinham já a cópia para a câmara

AL: e ainda tiveram que pagar alguma coisa a vocês ou não?

TCo1: não, acho que não, pelo menos aqui não vi aqui nada que pagasse

e hoje em dia como é que é feita a gestão desta área?

TCo1: hoje em dia temos para aí umas complicações grandes, porque isto até à data de hoje tem sido... olha vêes que foi pago o aforamento também... em 19(?)47 "...faz público... promoveu à remissão obrigatória dos forros de que é credora...", pronto e na altura pagaram-lhe... não sei

AL: mas portanto as pessoas é que tinham de pagar qualquer coisa para terem um foro não é? Para terem uma parte do baldio... ou não?

TCo1: digamos que isto, para ser rigoroso pronto, só vendo a escritura, mas este terreno foi dado à freguesia em 1800 e tal, só que se continuou a pagar o... é uma espécie de um imposto ou qualquer coisa do género, ou... como se paga agora os impostos, e só em 1946, não é? é que eles pagaram... "foi deliberado numa reunião de 06 de 1946". Que eles foram lá pagar, que eu até tenho aqui

AL: eles quem?

TCo1: os proprietários de cá

AL: não pagavam até aí?

TCo1: não, pagavam, mas ali pagaram o remir... quer dizer, pagaram tudo, acabaram de pagar tudo e a partir dali o monte passou a ser deles. Ele já era só que tinha de se lhes pagar um x por ano, mas eles nesta altura pagaram tudo e pronto, acabaram com a história e ficou automaticamente deles

AL: ok... como se tivessem comprado

TCo1: não, eles tinham-lhes dado, eles que pagar era uma décima do género, só que tinham de pagar toda a vida, então o remir, o... "à lista de [*? não se entende*] forros há remir". Quer dizer, pagaram tudo, pagaram tudo pronto, aquilo... e tenho aqui o nome das pessoas, dos proprietários da altura da freguesia... portanto o monte da freguesia neste momento é destes proprietários, porque há casos aqui que não tem no monte

AL: já é presidente da Junta há muito tempo?

TCo1: não, só há dois anos, um ano e tal

AL: e qual é que é a principal receita ali dos montes, é madeira? São as ITI?

TCo1: a principal receita dos montes é muito pouca, madeira pouca há, que me lembra fez-se ali um corte e fez-se agora ali outro que ardeu, nesta queimada que

houve agora aqui no parque. Opa, principal é para os agricultores que eles vão lá buscar um subsídio para os animais

AL: usam a área do baldio?

TCo1: usam a área do monte

AL: e agora com o corte que houve na área isso trouxe grandes problemas aqui ou ainda há área suficiente para todos?

TCo1: ainda há área suficiente para todos, nós aqui ainda temos área suficiente. Também foi outro problema que nós tivemos agora aí, é que nós tivemos área suficiente e que eles, o Estado também diminuiu... a área, por exemplo, era x por cabeça e o Estado diminuiu

AL: ah, e depois acabou por tornar possível a distribuição

TCo1: tornar possível. E mesmo aqui tinha-se dado muitos, por exemplo há aqui pessoas que tinham 50 hectares de terreno e que não precisavam dele. Quer dizer, precisar precisavam, porque eles estavam a receber também um subsídio do terreno, quanto mais hectares mais recebiam, mas agora quando isto aconteceu só demos por cabeça de animal, x cabeças de animal, uma cabeça de animal precisa de um hectare, se tiver 10 dá-se 10 [hectares]

AL: ah, antes estava-se a dar a mais?

TCo1: dava-se a mais

AL: e o senhor o que é que faz?

TCo1: estou reformado

AL: e o que é que fazia?

TCo1: trabalhava na Câmara, trabalhei muitos anos na Câmara

AL: qual era o... já está a pedir demais se calhar

TCo1: era encarregado dos transportes

Ermida: TE1

AL: pois... e Fafião é lá não?

TE1: é lá à frente...

AL: do outro lado?

TE1: aquelas casas que estás a ver

AL: ah, é já lá? Ah, é muita pertinho, está bem. Ah, eu lembro-me daquela antena... do pinheiro

TE1: é uma antena... isto aqui era a escola, fechou já aqui há 2 anos, a escola primária...

AL: pois, foi quando eles andaram a fechar serviços

TE1: a mais antiga era aquela, estás a ver acolá uma casa amarela... lá é a nossa sede agora, tem uma casa da parte de baixo que tem lá uma antena parabólica, aquela parte de cima era a antiga escola daqui

AL: ok... a antena parabólica é que não estou a ver

TE1: estás a ver este anexo agrícola aqui, olhando sempre em frente vêes uma casa com...

AL: ah, já vi... sim!

TE1: portanto, essa foi a primeira escola aqui da aldeia, portanto a construção em si tem para aí 70 ou 80 anos ou assim

AL: ah, quem diria... por acaso parece bastante recente

TE1: 1980 já foi quando eu... eu ainda fiz a primeira classe lá...

AL: a sério...

TE1: quando eu fui para o Gerês depois eles, havia muitas crianças aqui fizeram uma nova, porque as classes eram todas juntas, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª, e uma professora dava de manhã a primeira e a segunda, e a outra dava à tarde, 3ª e 4ª, depois fizeram ali aquela com duas salas separadas e passado 20 anos fechou

AL: e agora as crianças têm de ir para as Caldas do Gerês

TE1: vão de autocarro para Rio Caldo

AL: ah, para Rio Caldo... mas é mais perto do que a Vila do Gerês?

TE1: é... porque no Gerês também fechou, só tem ATL

AL: ah, eu passei por uma escola que parecia que estava aberta, tinha montes de coisas coladas na janela, pensei que era... é o ATL?

TE1: é, mesmo ao lado do posto da guarda

AL: é, talvez...

TE1: sim, aquilo agora foi transformado em ATL, foi lá que eu andei na chamada tele-escola, que a gente via as aulas pela televisão...

AL: ah sim?

TE1: sim

AL: ai era?

TE1: eu ainda sou desse época, chegava aquela hora emitia o sinal, mas dava em todas as televisões, quem tinha televisão via em casa, e a gente assistia às aulas por televisão, chamava-se tele-escola

AL: ai que engraçado... não tinha a mínima noção...

TE1: nós tínhamos que fazer os trabalhos, mas naquela hora era emitido para o país inteiro as aulas pela televisão

AL: que coisa... então e vocês iam para a escola para olhar para a televisão? Não havia professor lá...

TE1: não, havia... mas acho que era meia hora que a gente assistia à aula por televisão...

AL: uau, nunca tinha ouvido falar disso

TE1: não sei... mas foi assim que fiz

AL: tele-escola diz-me qualquer coisa, agora esse conceito de estar a ver na escola não tinha a noção

TE1: foi, foi, foi, foi assim que eu fiz lá... como é que se chamava, 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, depois era o 5^o e o 6^o, foi lá que eu fiz o 6^o ano, e víamos as aulas pela televisão, a chegar àquela hora marcada

AL: tu deves ter para aí a minha idade, que idade é que tens?

TE1: na área dos 40 [meio envergonhado]

AL: pois, eu tenho 36

TE1: é isso mais ou menos

AL: (RISOS)

TE1: e foi nessa época que também acabou as aulas pela televisão

AL: pois eu lá em baixo não tinha, eu também vivia numa terra mais ou menos pequena, pronto, não era uma aldeia, era um subúrbio de Lisboa, ainda é... mas não tive isso assim não...

TE1: mas era assim, a gente tínhamos os livros normais, não é, mas estávamos a ver a matéria naquela meia hora na televisão e depois a gente ia para os livros e fazia, e era dessa maneira

TE1: é isso mesmo, os terrenos foram cedidos pela Junta em 1920 em troca de impostos, deram à povoação da Ermida, a pedido dos moradores da Ermida, deram esta área, uma certa área que foi para dividir entre eles por glebas iguais, eu depois vou-te dar um livro quando viermos embora

AL: boa, boa

TE1: e os campos ficaram para uso comum, de pastagem e de outras coisas. É muito diferente daquilo que as pessoas falam nos outros baldios que tu conheces

AL: sim, de facto

TE1: porque fala-se dos baldios, quando se fala dos baldios dizem que o terreno que é do Estado não é? Nada, o nosso não é, nós pagámos impostos do terreno enquanto que os terrenos baldios neste momento ainda não pagam, eles já pedem, a Lei já os obrigou a registá-los nas Finanças e agora mais tarde ou mais cedo vão colocar o imposto, mas mesmo para os baldios, porque os baldios mesmo, como é o de Fafião e como há muitos mais, eles nunca pagaram imposto, nós pagámos, nós pagámos desde sempre

AL: eu não fazia ideia...

TE1: nós ainda o ano passada pagámos 600 euros

AL: mas isto não é daquele foram de Lourido e Froufe pois não? É outra coisa...

TE1: não, não, não, é outra coisa, mas praticamente é a mesma coisa, estás a perceber?

AL: não tinha ideia, achava que aqui o da Ermida era um baldio como os outros, tipo um baldio da comunidade, vá, da aldeia

TE1: sim, sim, é da aldeia, é só da aldeia, só que são os chamados terrenos aforados, estão a ser geridos pelo CD de baldios, porque ainda não... porque quem na altura constituiu os baldios não se lembrou desse pormenor, mas nós agora vamos modificar isso, nós, possivelmente, vamos criar uma associação diferente desta porque nós não temos de estar a ser regulados pela Lei dos Baldios de Lisboa. Nós vamos criar os próprios estatutos para nós, segundo os usos e costumes da área e portanto depois, depois não percebo, porque isto sempre foi diferente, isto não é considerado baldio, são terrenos aforados que foram cedidos à população em troca de impostos, a pedido da população em 1920 e depois a freguesia cedeu

AL: pois, não fazia mesmo ideia. Porque o que eu sei dos outros é que de facto passaram a pertencer às comunidades depois do 25 de Abril, quando foi...

TE1: a nós também nos aconteceu essa história, portanto na altura em 1900 e ... sei lá quarenta ou por aí... quando florestaram a serra do Gerês eles não reconheceram nada, entraram por aí, reflorestaram e pronto, e depois em 1977 devolveram outra vez às populações locais e a partir daí foi sendo gerido por nós

AL: mas na altura em que o Estado entrou para florestar aí não interessava se era foral se era... ia tudo à frente

TE1: exactamente, exactamente. Até os próprios terrenos privados o Estado reflorestou

AL: pois, exactamente, e os baldios e tudo o mais

TE1: foi tudo, foi a serra do Gerês toda

AL: e vocês nessa altura perderam qualquer tipo de direito sobre a terra

TE1: na altura, como era o Estado fascista ninguém se ia opor a nada

AL: (RISOS) exacto

TE1: não era...

AL: sim, exacto, exacto

TE1: nem ninguém ia nem ninguém tinha hipótese

AL: tu ou não eras nascido ou eras muito pequenino nessa altura

TE1: sim, sim... tinha 2 anos quando foi constituído o CD pelas pessoas da época

AL: foi logo a seguir ao 25 de Abril?

TE1: foi, a primeira acta que foi aprovada foi em 1977, portanto foi criado em 1977, já é gerido por nós há 40... há quase 40 anos

AL: aqui a floresta entrou com força não foi?

TE1: foi

AL: pois

TE1: sim, não foi mau de todo... passados 40 anos receber os terrenos reflorestados (RISOS)

AL: (RISOS) sim, nesse sentido é verdade

TE1: não é... só que muita gente à custa disso teve que emigrar também, um dos contras foi esse, as pessoas da aldeia nessa época também tiveram de emigrar

AL: pois... aqui na aldeia houve muita gente que emigrou depois de os baldios serem florestados?

TE1: não sei se foi consequência disso mas na mesma época foi, porque obrigou a acabar alguns rebanhos, as pessoas não podiam andar com os rebanhos, neste caso de gado, em áreas que eles reflorestavam, porque senão eles apreendiam os gados,

e possivelmente com algumas consequências muitas das pessoas abandonaram na época...

AL: pois, exacto... os seus pais e avós e etc. não têm histórias da altura?

TE1: [...]

AL: o que é que eu ia perguntar... ah, mas houve muita resistência na altura? Sabes?

TE1: não...

AL: em relação à entrada da floresta, não houve muita resistência?

TE1: não houve nenhuma... eles entraram e pronto

AL: ok, não, é que houve aldeias em que eles queimavam, mandavam abaixo a floresta que era plantada, a floresta quer dizer, as plantinhas... havia assim uma luta silenciosa, digamos... e em outros sítios menos silenciosa

TE1: aqui não, na época, por aquilo que eu sei, não houve... as pessoas mais idosas, pelo que nos vão dizendo, não... que até as próprias pessoas da Ermida que iam trabalhar para eles... na época todas estas serras estavam por aí a trabalhar

AL: pois, e estas arvorezinhas não existiam ponto final não é?

TE1: uuuh, muitas não.

AL: pois

TE1: algumas qualidades não, outras existiam, por exemplo, o pinho bravo existia

AL: já existia?

TE1: já, o pinho bravo já existia em grandes partes, este que aqui estás a ver é que não, esse pinho... como é que se chama? O pinho *sylvestris*... mas ele tem um nome...

AL: acho que é mesmo *sylvestris*, se for o silvestre acho que é o *pinus sylvestris*

TE1: é? É isso

AL: é este aqui não é? Que tem a casca vermelha

TE1: a gente localmente chamava-lhe camecípar

AL: há os camecípares sim, e depois há as pseudotsugas também, não sei se é esta, eu troco também um bocado... eu sou de florestal mas...

TE1: eu acho que este é o camecípar... a pseudotsuga tem uma folhagem que pica... acho eu

AL: ah, tens razão, és capaz de ter razão...

TE1: e foi isso... mais ou menos essa história...

AL: está bem... portanto a floresta aqui acabou por ter o seu lado positivo, pelo que eu percebo

TE1: eu acho que sim, não seria em tudo, mas eu acho que sim

AL: quando criaram o CD e a assembleia de compartes, fizeram-no em cogestão com o Estado ou autogestão?

TE1: não, na altura foi autogestão

AL: ah foi?

TE1: eles tinham essa opção, de ficar com o Estado ou não e na altura ficaram já em autogestão

AL: e ainda estão?

TE1: e ainda estamos

AL: ok

TE1: do Estado só pareceres do ICNF é que a gente pede

AL: para fazer...

TE1: caminhos ou reflorestações, a gente tem que ir dizer sempre “ah, nós precisamos deste caminho...”. Portanto... e outras pequenas obras que vamos fazendo, a gente tem de pedir parecer sempre

AL: claro, é o Parque não é...

TE1: é

AL: mas para gerir a floresta não contam com eles...?

TE1: não

AL: se calhar têm de pedir pareceres, lá está

TE1: temos que os informar, imagine que a gente vai vender... sei lá, meio hectare de pinhal... a gente informa-os, “pretendemos vender x pinhal em x zona”, ele vêm ver... como não são árvores que estão em... como o sobreiro, que estão em...

AL: protegidas?

TE1: exactamente

AL: pois, pois... então actualmente... acha que já houve uma altura em que o parque era mais activo, digamos assim... mais presente do que actualmente...? Eu estou a perguntar isto porque noutros baldios tenho ouvido certas coisas como “ah, não, hoje em dia o parque é como se não existisse, nunca ouvimos falar deles” e assim, não sei se aqui também é assim

TE1: é mais ou menos isso, é como se não existisse, é isso que eu lhe estou a dizer

AL: pois

TE1: a gente só precisa dos pareceres, no nosso caso, não é... ou às vezes outro tipo de apoios técnicos, como a elaboração de projectos, também tem que passar por eles na mesma, não é... a gente vem com eles ao local onde se pretende fazer uma plantação ou outra coisa qualquer e eles também vêm ver se... não é

AL: sim, sim

TE1: é mais a nível técnico...

AL: mas por exemplo, eles não ficam com uma percentagem das vossas receitas em floresta ou ficam?

TE1: não, o pinhal... nunca ficaram

AL: pois, se vocês estavam em autogestão

TE1: em autogestão desde o início... e nós é que tratámos da construção de todas as estradas florestais que estão dentro do que é... isto aqui era uma estrada florestal e a conservação disto é toda a nosso cargo, não é de... nós temos cerca de 20 km dentro da área de caminhos e... os dois troços de estrada florestal são mantidos por nossa conta... senão isto não se passava aqui hoje, isto ainda há dias na semana que passou, eram duas pessoas numa semana inteira a fazer estas...

AL: ah, para a água...

TE1: isto, estás a ver

AL: estas coisas são mesmo para a água sair para o lado⁵⁹

TE1: sim

AL: ah, boa, boa solução

TE1: é assim, não está muito bom, pois agora temos outro problema técnico que é não podemos escavar saibro para compor isto

AL: pois

TE1: e eu não sei como é que isto se vai resolver no futuro

AL: escavar saibro é por exemplo chegar a esta rocha e... não...

TE1: a rocha é... por exemplo, naquela clareira que vês lá em baixo é um solo tipo areoso, onde nós passámos, é onde nós, e mesmo em conjunto com eles, eles houve

⁵⁹ São cortes no terreno que obrigam a água a diminuir a velocidade a descer num caminho, limitando assim o efeito erosivo da estrada, ao mesmo tempo que direcciona a água para as bermas.

uma época que ainda davam algum apoio com o camião deles e pronto, para carregar o saibro... nós em conjunto com eles trazíamos lá de baixo... está lá uma clareirazita

AL: sim, sim

TE1: e portanto... compúnhamos a estrada com o saibro só que agora não é permitido fazer

AL: nem se pedirem autorização? Não dão?

TE1: não, é logo passado um parecer negativo

AL: que engraçado, eu estive a falar com um senhor que até já foi presidente do parque em tempos, director aliás, e ele disse que, pronto, escavar saibro é proibido em todo o lado e que tem de se pedir licenças, pronto, tem de ser fiscalizada assim. Mas eu fiquei convencida que aqui também, se pedisse licença poderia obtê-la... mas já não é a primeira pessoa que me diz que não

TE1: é assim... nestas zonas assim de ambiente natural, aqui mais a norte, isso já é impossível de fazer, é já dito o não... depois há uma zona lá mais a sul que possivelmente eles dão autorização, mas é assim... a gente faz o pedido à Câmara e os da Câmara enfim, para o parque, e eles dão autorização para tirar algum saibro, mas imagina, para 8 dias. Mas havia que ter vários pareceres, de várias entidades que a gente tinha que pedir, e só podíamos tirar o saibro durante 8 dias e depois nos outros dias a seguir tinha que se voltar a fazer o pedido... nós acabámos por desistir

AL: ok

TE1: sei lá até quando... não sei. Mas que a guerra pelo saibro vai... isto cada vez vai ficar pior, para além da gente, de alguns... os cortes de área não é? E é assim, depois não sei como é que se vai resolver um dia

TE1: uuuh, e depois, por exemplo, um dos problemas que nós temos, claro, é os incêndios. E quem são as pessoas? Não é aquilo que na comunicação social vê, quando chega aí maio e junho, todos os canais abrem às 8 horas, um incêndio aqui, outro acolá, que as altas temperaturas fizeram com que o lume ardesse em tal área, isso é tudo mentira, portanto, quem são os causadores dos incêndios aqui na zona do parque são toso os pastores, todos, mesmo os da Ermida, eu conheço-os, eu sei quem são... e em Fafião também são, e lá por onde andaste, pela zona dos Arcos, também são, os causadores dos incêndios na área do parque, e nas outras áreas que não são do parque, zonas de montanha são tudo pastores ou gente ligada à caça ou sei lá... tem tudo a ver

AL: pois, pois

TE1: e pronto, é para que saibas que aquilo que eles dizem na comunicação social, que está muito quente, até podem estar 40º, mas isso é...

AL: não, e se calhar eles até aproveitam esses dias para atear não é

TE1: sim, pois, claro, porque é nessa época que o lume avança muito mais rápido, portanto

AL: mas é o quê? Para conseguirem erva melhor e assim?

TE1: exacto. Porque a maluqueira deles... eles dizem que aqui nunca foi sítio de pinheiros

AL: pois

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sitio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: e antes de ti quem é que estava no CD, era assim uma pessoa mais velha?

TE1: antes de mim foi muito complicado, antes de mim estiveram 30 anos as mesmas famílias... e falando assim um português um bocado mau, não faziam ponta de um corno, estás a perceber? Nem faziam nem tinham queda para fazer, tinham o dinheiro mas não tinham queda para fazer as coisas. Andavam sempre com o dinheiro de volta das obras da igreja e das festas e do caneco e portanto... ardeu muita floresta e eles podiam ter comprado o carro já há muitos anos, nunca compraram. E depois era constituído por pastores, estás a ver a diferença, havia um incêndio qualquer “ah, está a arder em tal lado... ah...”

AL: melhor (RISOS)

TE1: agora mudou um pouco isso. Agora... portanto, desde que eu entrei só houve um incêndio que já vamos ver ali em baixo, arderam 3 hectares

AL: epa.... Pois. Foi em que ano?

TE1: 2013... e... vê bem, nós fizemos uma roça de mato a 20 metros, na lateral do caminho, o caminho todo, todo, todo, e eles foram meter lume na zona em que quase sabiam que a gente não chegava lá com o carro

AL: pois

TE1: andámos lá 48 horas seguidas, eu e mais um morador ou dois do lugar, mais, depois andou a equipa do GIPS, a dar-nos apoio durante o dia a fazer o rescaldo

AL: ah, andaram a ajudar

TE1: e pronto, também andaram lá os bombeiros, mas depois os bombeiros foram embora e nós durante o dia ficámos a tratar da área do rescaldo todo, na linha toda

AL: e vocês sabem manejar isto, portanto... também não deve ter muito que saber, mas meterem-se lá para o meio do fogo

TE1: sim... a gente não é lá para o meio não é, mas pronto... e é o que eu te digo, eles sempre tiveram dinheiro para comprar o carro, um carro qualquer, mas nunca o fizeram. Porquê? Porque isto estava nas mãos de pessoas já idosas... esta gente idosa sabe as coisas do tempo deles, portanto desde o tempo deles para hoje já mudou muita coisa e o que é hoje para mim já não vai ser daqui por 30 anos também, porque isto muda. E eles não, eles estavam agarrados àquilo e pronto, e depois trabalhavam directamente para os baldios, pelo menos durante os últimos 9 anos... 9 anos, 5-6 anos das ITI, tinham uma equipa de 4 pessoas a trabalhar diariamente para os baldios, que era uma equipa constituída não sei como... e pronto, e eles próprios trabalhavam, por isso dava-lhes interesse gastarem dinheiro para aí a fazerem uma coisa qualquer

AL: pois, mas trabalhavam... eles trabalhavam para os baldios e recebiam dinheiro dos baldios é isso?

TE1: exactamente

AL: aaah

TE1: por isso é que eles se aguentaram por lá muito tempo

AL: pois, estou a ver...

[entramos no carro]

TE1: e deram-nos um sarilho dos diabos, porque depois a gente não se conformou com isso, e ainda fizeram outra pior, porque eles tinham de marcar as eleições passado dois anos, e já iam no terceiro ano e não tinham marcado. Marcámo-las nós, através dos artigos que nos permitiam da lei dos baldios, juntámos as assinaturas necessárias, fizemos a assembleia de compartes e um dos pontos que depois teve de ser discutido também foi esse

AL: sim... bolas... então e antes... pronto, eles foram-se mantendo, mas vocês iam indo às reuniões e tudo o mais...?

TE1: íamos, íamos... mas na altura as pessoas também diziam que estava tudo bem, chegou a uma época que nós, meia dúzia deles, entendemos que não estava, vimos que tínhamos reunidas as famílias que nos davam o apoio necessário para ganhar, e ganhámos! Ui, mas os problemas que eles nos causaram depois no primeiro ano. Fizemos aí umas obrasitas de umas requalificações nuns caminhos, chamaram uns fulanos...

AL: os do ICNF?

TE1: os outros... os da GNR da protecção da natureza, alguns estávamos a fazer um alargamento na zona das... a meter uns aquedutos no caminho... é assim, eu tenho... para que saibas, eu não estou, neste momento na direcção todos nós temos emprego, ninguém está a trabalhar aqui para nada, eu faço estas coisas nos meus tempos livres, (...) terrenos que são roçados a tempo, em conjunto com os outros, ninguém está a ganhar nada com isto, porque nós, nós, não temos cá nada de ordenados a pagar a ninguém

AL: pois... qual é a tua profissão, só por curiosidade?

TE1: condutor-manobrador

AL: de máquinas

TE1: máquinas, assim retroescavadora ou assim do género

AL: aqui na zona...?

TE1: não, por exemplo há dias estavas-me a ligar e eu estava em Resende

AL: ah, isso já é Beira-Alta não é?

TE1: por isso é que às vezes eu não tinha rede e essas coisas todas

AL: ah, ok. Pois, onde for necessário lá vais

TE1: ganhámos lá... a nossa empresa ganhou lá uma brasita de 2 meses e meteu lá 2 meses, mais ou menos... normalmente trabalho sempre aqui perto, mas calhou, estive lá durante 2 meses, foi dos finais de julho até ontem, ontem terminámos e agora só vou lá buscar o resto da maquinaria na 2^a e 3^a feira

AL: ok... mas têm uma empresa, também fazes parte da empresa ou és trabalhador

TE1: não, não, não, sou trabalhador por conta de outrem... e pronto, e depois aconteceu essas coisas, deram-nos uns problemas dos diabos no primeiro ano

AL: eles... essas famílias estavam lá desde o início do CD?

TE1: ui...

AL: hmm, pois

TE1: foi os pais, a seguir eram os filhos

AL: pois, exacto

TE1: e depois é como te digo, eu sou uma pessoa que já comi o pão que o diabo amassou, já andei por muita terra, e o que faz as pessoas ganharem experiência é andar por muitos lados, estás a perceber... eu já trabalhei em França tinha 19 anos, na recolha dos pepinos lá nos campos, depois vim para cá trabalhei aqui dois ou três anos, depois trabalhei mais 3 anos na Madeira, depois vim para cá mais um ano, depois trabalhei, não, antes de ir para a Madeira trabalhei quase 4 anos na Suíça, também para um lavrador

AL: ah, já andaste por aí estou a ver

TE1: depois vim da Suíça estive aqui mais ou menos um ano ou... não, 3 anos a trabalhar numa empresa de um familiar, de construção, depois fui mais 3 anos para a Madeira, mas lá era mais numa quinta, trabalhava na manutenção de uma quintazinha

AL: como é que foste parar à Madeira?

TE1: porque fui trabalhar para as obras, depois não me adaptei lá muito bem, arranjei lá trabalho numa quinta, trabalhava lá numa quinta na manutenção do espaço e lá de uma zona que tinha fruteira... depois vim de lá estive aqui mais um ano [isto a chuva deu-nos cabo disto tudo, olha para isto, desta vez choveu torrencialmente

AL: quando? Agora recentemente?

TE1: sim, 3^a feira, ui

AL: ah, pois foi, a pequena tempestade que houve aí agora, pequena salvo seja]

TE1: e então depois vim da Madeira trabalhei mais um ano por aqui, em Braga à conta de um lavrador e fui para a Inglaterra mais 3 anos (RISOS)

AL: (RISOS) isto quem começa a viajar depois tem dificuldade em parar

TE1: e depois vim e já estou aqui há 4

AL: aaah, será que é desta que ficas? (RISOS)

TE1: e pronto, mas é como te digo, o que dá alguns conhecimentos às pessoas para além daquilo que já se sabe é também andar por outras terras... só estar aqui de volta da agriculturazita rudimentar que aqui se usa ou dos métodos rudimentares que usam, tem que se aprender coisas novas

AL: sim, sim, sim. Eu acho óptimo que uma geração mais recente tenha... eu acho, bom, não tenho nada a ver com o assunto, mas a mim parece-me bem que uma geração com outro tipo de vida tenha agora pegado no baldio

TE1: com outro tipo de visão

AL: as coisas mudam não é

TE1: somos mesmo tudo gente nova, o mais velho deles todos sou eu

AL: a sério?! Uau! Então quer dizer que há bastantes jovens aqui na Ermida ou ...?

TE1: há

AL: para aí quantos? Quer seja em número quer seja em % de habitantes

TE1: jovens não sei, queres considerar da minha idade para baixo?

AL: sim, até aos 40's... vá, entre os 20 e os 40, ou desde os 15 até aos 40

TE1: entre os 15 e os 40 há sempre alguns 30 ou 35 pessoas

AL: olha que bom, mesmo a viverem no lugar? Na Ermida...

TE1: sim, alguns estudam ainda longe, outros também trabalham assim mas estão ao fim de semana... tudo isto, olha, foi por nós há dias, é assim, é um bocado chato passar aqui nisto mas é a única maneira de segurarmos os caminhos é fazermos isto

AL: mas fizeram o quê, puseram...

TE1: enxadas

AL: ah, está bem, estou a ver, sim, sim, lá está, para parar um pouco a velocidade da água não é?

TE1: porque isto tira a água para fora não é, e depois isto mantém-se sempre. Toda esta área que estás a ver era toda reflorestada como isto, quando chegarmos ali já vemos melhor... em 2007 deixaram arder isto tudo, os anteriores

AL: pois... e actualmente ainda há conflitos entre vocês e esses anteriores ou a coisa já está mais apaziguada?

TE1: menos, há um ou outro que de vez em quando dói-lhe os dentes mas menos

AL: (RISOS) isso é malta para quê? Para os seus 70's mais ou menos? De idade...

TE1: é... eles demora-lhe tempo mas já viram que nós fizemos... mas eles só vão dizer isso daqui por 30 ou 40 anos, que nós estamos a fazer um bom trabalho, estás a perceber, eu só, eles só vão chegar daqui por 30 ou 40 anos e vão dizer "não, eles tinham razão, eles fizeram as coisas certas".

AL: pois... vocês são quantas pessoas na ermida actualmente? Compartes na lista...

TE1: compartes são cento e oitenta e tal

AL: ok

TE1: mas alguns deles não moram cá

AL: portanto são compartes de acordo com a nova lei, é isso? Estão no caderno eleitoral

TE1: exacto... toda esta área que estás a ver, que parece que tem mato, ardeu em 2007, e ardeu porque lhes apeteceu, eles, os que estavam a à frente disto nem para aí vieram, estavam para aí os bombeiros à sorte, e pronto... podíamos ter aqui uma floresta

AL: era muito florestada antes?

TE1: era, portanto o que estás a ver era como estava para baixo, tudo cheio de pinheiros e cedros

AL: está bem... essa questão do foral é que eu realmente não sabia... que a Ermida era foral

TE1: é...

AL: então... está bem... mas a lei estatal dos baldios também tem efeito sobre o vosso, sobre a vossa área... ou não?

TE1: tem, sim. Neste momento tem porque nós estamos constituídos como baldios, vamos usando a mesma lei... não é, mas um dia quando já estivermos com outro tipo de associação, com outro tipo de estatutos, já não vai ser, já não vamos querer saber dessa gente para nada

AL: ok... pois, vão assumir que é uma propriedade privada... vossa

TE1: da povoação da Ermida

AL: ok... da povoação da Ermida ou daquelas famílias a quem foi entregue o foral?

TE1: somos nós, somos a população toda

AL: é toda

TE1: os descendentes dessas famílias somos nós

AL: ok... sim, é que eu estive num outro foral, que é o foral de... que acho que é... que é o de Ermida, Louredo e Froufe, que é ali para os lados de Ponte da Barca

TE1: eu sei, na estrada que vai para o Lindoso

AL: sim

TE1: Entre-Ambos-os-Rios...

AL: exactamente. E ali aquilo pertence a algumas famílias, portanto, não corresponde à população inteira, não sei porquê, mas pronto, na altura foi doado àquelas três famílias ou quatro, não sei já

TE1: e os descendentes dessa família

AL: e aos descendentes sim, entretanto morrem uns, ficam outros

TE1: exactamente

AL: mas não...

TE1: por isso possivelmente é que é daquelas, quase daquelas pessoas todas

AL: provavelmente são quase todas, mas...

TE1: porque não foi ninguém para lá de fora, possivelmente

AL: Isto também é privado... o que é isto?

TE1: isso é uma casa de um médico do Porto que está feita aí há mais de 60 anos, na altura em que ainda andavam a florestar possivelmente algumas partes desta área, e então o medico fez aí a casa, fez como estás a ver, está conforme foi feito na época

AL: olha que bem

TE1: um médico de crianças

AL: mas ele aqui não dava consultas não é? Era só...

TE1: não, não, não, era só para onde ele vinha nas férias e nos fins-de-semana

AL: epa, que privilégio... na altura deve ter... não sei, comprou isto ao baldio? Como é que foi? Não sabe?

TE1: isto era um curral, igual àquele que tu viste, àquele pradozinho que está fechado em pedra, este também é...

AL: então já era...

TE1: comprou-o aos proprietários...

AL: pois, já era privado... ok, epa, é espectacular.

TE1: e depois o médico morreu para aí há 10 anos e agora tem aí as sobrinhas

AL: fogo, isto é um sonho. E qual é que é aqui a freguesia?

TE1: à qual pertencemos?

AL: sim

TE1: Vilar da Veiga

AL: e quantas aldeias são? É Vilar da Veiga...

TE1: somos três... Vilar da Veiga, Ermida e Gerês

AL: isto tem caminho?

TE1: tem!

AL: uuuuh

TE1: esta zona ardeu nem eu me lembra... esta aqui da frente

AL: sim, já tem

TE1: mas isto tem mais de... possivelmente 40 anos e não parece

AL: pois não...

TE1: só que o terreno é fraco de si ou não sei

AL: pois, porque eles até têm água pelos vistos aqui há aguinha no solo, fogo quase 40 anos... mas também é uma densidade incrível, isto é tudo regeneração natural?

TE1: foi, foi

AL: fogo! Realmente... o pinheiro dá-se bem estou a ver

TE1: agora nós, se correr bem, dependentemente do apoio que tivermos das ITI vamos encaminhar algum dinheiro para roçar este mato todo, esta zona deste pinhal pequeno. Porque depois de cortar o mato a densidade é muito grande, depois já não vai crescer tanto mato, quase nenhum, porque as próprias fagulhas do pinheiro já não deixam crescer o mato, já fica tudo morto

AL: pois, há quem diga que debaixo do pinhal não há comida para cabras, mas há bastante, e de que maneira

TE1: há, há! É para veres...

AL: mesmo a malta de alguns baldios dizem isso “ah, não, debaixo do pinhal não há nada, mas debaixo do carvalhal há”, mas eu por acaso, do que eu conheço do pinhal é isto, há sempre muito mato

TE1: é... pronto, era outra coisa que lhe queria explicar... é uma confusão dos diabos que faz essa gente da europa também no que respeita às pastagens...

AL: sim... sim, sim, sim. Pois...

TE1: porque tu vais para a Áustria, Suíça, França, Alemanha e o que é pastagem para eles? Pastagens para eles é um campo onde metem as ovelhas, onde metem as cabras, mas aqui não é assim, para nós aqui as ITI devia ser considerado pastagem mesmo a área da floresta, porque o gado bovino anda aqui a pastar, estás a perceber

AL: sim, eu já vi... ali na zona de Travanca, ao pé da Porta do Mezio, eles andam lá, no meio das rochas

TE1: aqui assim, anda gado bovino aqui a pastar. Para esta gente da Alémanha, porque dizem que os culpados de haver cortes nas áreas de pastagem, que foi um fulano que veio aí da Comissão Europeia, depois que lhe foram mostrar um baldio não sei para onde, para ali, e o fulano só viu pedras e viu pinheiros, diz que não podia ser pastagem debaixo dos pinheiros... não pode ser na Alémanha, por isso é que os nossos gados autóctones daqui não são iguais aos da Alémanha, não é...

AL: é os usos e costumes lá está... quando não se tem as pastagens idílicas da Suíça, usa-se o que se tem

TE1: exactamente, mas sempre foi assim

AL: exacto, e come-se e elas estão gordas

TE1: isso é para tu veres que a informação que por vezes tu recolheste noutra baldio que não há de comer debaixo do pinhal é mentira, aqui pode pastar cabras... porque... qual é a pastagem da cabra? Não é a mesma do gado bovino... a cabra pasta nestes matos não é, o gado bovino é mais as ervas que estão assim... mas o gado bovino também acaba por comer este mato. Mas pronto, mas esta gente da Europa faz uma confusão dos diabos para eles a área de pastagem. A área de pastagem da serra do Gerês, não sei lá como é que são as outras, não tem nada a ver com a área de pastagem na Alémanha ou assim

AL: pois... para aqui vêm cabras? Para esta zona especificamente...

TE1: vêm, vem a vezeira e... das cabras e dos gados

AL: vocês aqui não usam mariolas para...

TE1: nos trilhos, onde se vai para a serra alta

AL: as vacas é que aqui não é tao costume, ou é?

TE1: não, não, aqui também... como tu viste é o curralzinho lá dos outros fulanos e o gado deles anda por aqui

AL: há quanto tempo é que voltaste lá das tuas idas para fora?

TE1: para aí há 3 anos e meio, quando vim de Inglaterra

AL: ah, então praticamente logo meteste-te no baldio

TE1: passado meio ano (RISOS), vieram-me um dia a casa “não estamos a gostar muito disto, daquilo, daqueloutro, vamos fazer isto...” “vamos lá, então, porque não...”

AL: olha que bom

TE1: deu uma volta de 90 graus. É que chegava-se ao cúmulo de dizerem assim ao presidente da altura “opa, está a arder em tal lado” “ah, lá não tem pinheiros” “não tem pinheiros mas tem outras coisas” não é?

Rio Caldo: TR1

AL: [...] os baldios aqui estão sob a administração das Juntas não é?

TR1: é

AL: é tudo a mesma coisa, ou seja, não há uma separação entre CD e...

TR1: não temos CD

AL: e há quanto tempo é que o senhor está na presidência da Junta?

TR1: há quatro.... Seis e meio, não seis e meio... sete! Não... cinco e meio

AL: cinco e meio?

TR1: não, seis! Faltam dois anos para acabar o mandato, não é?

AL: não sei...

TR1: são quatro anos, estive quatro, uuuh, só daqui a dois anos é que há eleições outra vez... outubro. Falta dois anos e tal, portanto... seis anos

AL: já foi reeleito duas... uma vez?

TR1: é a segunda vez

AL: é a segunda vez, pois, agora ainda tem um mandato pela frente

TR1: é...

AL: ok... e o baldio que área é que tem aqui?

TR1: quer que lhe diga?... não sei muito bem

AL: mas vamos dizer, é 1000 e tal, ou 2000 e tal, ou menos de 1000...?

TR1: mil e tal hectares

AL: mil e tal hectares... está bem

S: ou mais. Eu tenho isso tudo na Junta, registo e essas coisas, nós temos tudo registado, o nosso baldio está todo registado, mas deve ser mais de... muito mais de dois mil hectares

AL: mais de dois mil hectares? Ok... está bem. E... ai, estou com uma branca, espere aí só um bocadinho (RISOS)

TR1: dormiu demais hoje

AL: (RISOS) se calhar sim, ou pelo menos estive demasiado tempo deitada, aquilo está tanto frio que estou sempre a acordar... não, mas dormi bem, dormi bem. Ora bem, deixe-me lá ver... que vergonha... ah, já sei, o número de pessoas que vive

TR1: 800 e... eleitores temos 957

AL: e são quantas aldeias que estão aqui na zona da freguesia?

TR1: lugares...? Lugares na freguesia?

AL: sim

TR1: temos vários, temos o lugar da Seara, o lugar de Parada, o lugar de Paredes, o lugar do Assento, o lugar de... muitos lugares...

AL: ao todo são mais ou menos quantos?

TR1: deixe-me ver... 1,2,3,4,5,6,7,8,9... tem umas 12

AL: 12 lugares... e todos esses são considerados compartes do baldio

TR1: sim, agora com a nova lei são todos os que estiverem recenseados

AL: exacto, e antes como é que vocês faziam isso?

TR1: dantes cada lugar tinha o seu baldio, não é... como, já não me lembra, como quando passou de CD, isso já vai há muitos anos, que a Junta já administra os baldios há mais de 30 anos talvez... desde que passaram o monte, desde que passaram os baldios para a freguesia passou tudo a comum, há pessoas que não têm, por exemplo aqui o lugar de Paredes tem o baldio fora daqui, lá para aquela serra de lá, dantes no baldio só podia ir de lá daquela parte, agora por exemplo se vêm pedir aqui lenha vão a todo o lado. Dantes era dividido por lugares agora ninguém liga a isso

AL: mas cada aldeia chegou a formar um CD?

TR1: não, não, não, era só uma

AL: hmm, qual?

TR1: era só um CD para todos

AL: ah

TR1: mas havia aquela divisão, você não podia ir buscar lenha ao baldio do lugar da Seara por exemplo.

AL: ok, ok

TR1: mas agora neste momento está tudo...

AL: mas havia só um órgão de gestão

TR1: só, só um órgão de gestão

AL: e mesmo, portanto, tinham-se mesmo organizado e...

TR1: sim, sim, sim

AL: isso logo a seguir ao 25 de abril ou...

TR1: sim, talvez

AL: e era mesmo o baldio de Rio Caldo

TR1: era o baldio de rio Caldo

AL: mas depois em termos de usos diferenciavam-se

TR1: diferenciavam-se

AL: ah, e depois acabaram por delegar a gestão na Junta foi isso?

TR1: sim, sim, sim

AL: não faz ideia em que ano é que isso foi?

TR1: eu tenho a acta lá, tenho a acta na Junta

AL: mas diz que já há mais de 30 anos que a Junta está à frente. A Lei saiu em 1976 não é, a primeira lei dos baldios que depois levou a que as pessoas se organizassem em CD e não sei quê

TR1: nós até podemos dar lá um saltinho certo?

AL: por mim tudo bem!

TR1: decerto até víamos melhor, você até podia levar uma fotocópia da acta

AL: pois... e outro tipo de rendimentos que tenham no baldio, floresta...

TR1: floresta, temos floresta, participamos, somos... uma parte do baldio a cogestão é dos SF, o ICNF

AL: ah, estão em cogestão com os SF

TR1: sim, e outra parte não, é do baldio só, só nossa mesmo sem cogestão nenhuma, e temos com o ICNF outra parte

AL: e como é que separaram essas... porque é que foi feita essa separação? Ou com que base...

TR1: porque isto já vem de há muito tempo, que é o perímetro da Abadia

AL: o perímetro florestal...

TR1: da Abadia, que é englobado no nosso baldio, também que é desta parte, esta parte é PN, não temos a cogestão do Parque, é totalmente feito só da nossa parte

AL: e fazem gestões diferentes?

TR1: não, não fazemos coisa, porque nós por exemplo, quando é para vender lotes, quando temos madeira para vender, depois vem tudo para... vem tudo para a mesma conta não é

AL: mas têm de dar 40% ao Estado

TR1: temos que dar 40% ao Estado, claro

AL: mas se for daquele lado à partida não teriam que dar

TR1: não temos de dar nada

AL: e não dão, ou dão?

TR1: não, não, não

AL: Está bem, então e como é que aqui esta freguesia está em termos de jovens? Que possam vir a continuar o que vai sendo iniciado ou... a gestão do baldio

TR1: os jovens... o presidente, o primeiro-ministro mandou-os para o estrangeiro e olhe, agora estamos só nós cá

AL: são muito bem-mandados

(RISOS)

AL: mesmo assim nesta sala não vejo muitos jovens... não vejo muitos jovens, desculpe, não vejo muitos velhos

(RISOS)

TR1: esta freguesia é como as outras, olhe, a o trabalho é precário, os empregos você vê que nas grandes cidades ainda vai vendo alguma coisa, agora por cá cada vez menos as empresas... vão fechando, e menos emprego, e as pessoas têm que procurar noutros lugares

AL: pois. Essas aldeias é maioritariamente velhotes?

TR1: é

AL: e os agricultores também são maioritariamente velhotes? Esses que têm os animais aqui subsidiados

TR1: há um ou outro que ... tem alguns novos também... a maior parte deles até são novos, têm meia dúzia deles já com uma certa idade, no resto é tudo gente de... de 60 para baixo, até aos 30

S3: e tinha alguns de 40

Vilar da Veiga: TV1

AL: pois... quando é que se formaram os compartes aqui? No pós-25 de abril...

TV1: uuuh, portanto, em 76 já começou a funcionar mas a sério a sério em 1978, em 1978 já tinha a delimitação e o registo dos montes e essas coisas, depois melhorou qualquer coisa, não quer dizer que os baldios tivessem tido nenhuma interferência nisso mas foi depois nas novas matrizes em 1989... portanto, enfim, em 1978 já a coisa estava organizada, em 70 já tinham retirado todos os haveres da Junta, que a Junta é que estava a tomar conta, já tinha sido tudo retirado à Junta. Em 1989, quando fizeram... quando foram as novas matrizes, quando se fizeram as novas matrizes, que as matrizes portanto custavam... sei lá, a matrícula 2000 e não sei quando... a matrícula, o número, a matriz numero 2...

AL: matrizes prediais é isso?

TV1: sim, dos terrenos rústicos, sei lá, se calhar sei lá, de 2000 e qualquer coisa passou se calhar sei lá, para o número 100 ou 150, porque é... foi tudo junto, quer dizer, tudo o que era de uma pessoa que tinha... por exemplo, uma pessoa tinha 4 ou 5 coisas todas separadas, cada uma tinha o seu artigo, foi tudo junto não é, portanto passou a ter só um artigo, portanto... e nessa altura todos os artigos do baldio foram metidos, e portanto as pessoas que andaram no seu monte e que andaram aqui nestas zonas com as pessoas das finanças, na altura, a tratar destas... destas, destas coisas, de conhecer o monte para atribuir os números uuuh... aí foi mais correcto porque fizeram já o registo, não é, inclusive pessoas que andaram nessa altura das novas matrizes também foram dos fundadores dos baldios portanto... o que já estava em nome do baldio já tinham feito em nome do baldio em 1978, e depois em 1989 nas novas matrizes, então aí reforçou mais... uuuh, portanto porque eram terrenos que se calhar na altura não tinham sido metidos e ali já ficaram em nome dos baldios, pronto. Portanto, podiam não estar naquela altura...

AL: ah, portanto, porque deixaram de ser dos...

TV1: ou seja, é assim, na altura se calhar havia terrenos que não... que em 1978 ainda não estavam, ainda não tinham sido submetidos em nome dos baldios e o pessoal naquela altura aproveitou para... prontos, para pôr... ao ter de dar um nome do dono daquele artigo pôs o baldio, que já era, mas que na altura, como era para fazer tudo de novo...

AL: aqui ao lado a Ermida foi aforado não é, hoje em dia é um monte aforado...

TV1: mas é baldio, é baldio

AL: sim, é baldio, é CD não é

TV1: metade era de Vilar da Veiga, portanto era todo, o baldio de Vilar da Veiga era de Vilar e de Ermida. Aforado é o campo do Gerês, o campo do Gerês é que é aforado

AL: ah, é que eu percebi que em 1920 o monte foi aforado por x famílias, não sei se se chama aforado, e pronto, depois chegou o Estado lá com a floresta e não sei quê e isso acabou, não é, porque eles entraram pelas propriedades adentro. Depois veio o 25 de abril criaram o CD do baldio. E portanto, actualmente é um baldio, não é?

TV1: é um baldio... é metade de um baldio. Portanto, o baldio na sua matriz é o baldio de Vilar da Veiga e depois em tribunal o resto da divisão entre os dois baldios, quer dizer e aí pode-se justificar desta maneira, o baldio era único e até no tribunal constitucional está mesmo a dizer, portanto eu tenho, este conheço bem, portanto o tribunal constitucional diz mesmo que é o baldio de Vilar da Veiga que começa ali e acaba ali, portanto, e sem direito a divisão nem empossamentos nem a coisas nenhumas, e portanto se não havia direito a divisão já na altura foi assim decretado pelo tribunal constitucional, portanto já nunca podia ser dividido, mesmo a metade que a Ermida tem já nunca podia ser dividido, mas

AL: isso foi em que altura desculpe?

TV1: isto foi, portanto essa divisão, a divisão seria em 85 para aí

AL: entre Vilar da Veiga e a Ermida

TV1: 85.... Sim, 85 por aí, 85, 87, mas andou anos em tribunal

AL: mas foi conflituoso?

TV1: foi, foi, muito conflituoso, gastou-se milhões de contos só nos tribunais...

AL: mas porque é que houve essa separação? Já havia conflitos...

TV1: a separação, os conflitos que havia era, portanto, os conflitos eram neste sentido, era o povo da Ermida e o povo de vilar, portanto havia os galos em Vilar da Veiga e havia os galos na Ermida, portanto aquelas pessoas antigas de coisa... e portanto repare, nós temos por exemplo sempre, há sempre o mesmo problema para os partidos políticos para formar uma lista e candidatura por exemplo nas autárquicas, que é... portanto, Vilar da Veiga, Ermida, Gerês, como é que vamos fazer, portanto agora o candidato vai ser de Vilar ou do Gerês? E depois o terceiro é sempre da Ermida, no máximo, não é, vai sempre buscar o terceiro nome à Ermida. Portanto mas é, ou o primeiro é daqui debaixo e o segundo é do Gerês e o terceiro da Ermida, ou então é, o primeiro do Gerês, o segundo daqui e o terceiro da Ermida, portanto é sempre assim que se tem de fazer aquele consenso

AL: e porque é que o da Ermida não pode ser o segundo ou o primeiro?

TV1: é assim, porque tem menos população, estamos a falar em votos, estamos a falar em tradução de votos não é. E depois ao fazer essas coisas todas ali também era igual, porque repara, se por exemplo, aqui em baixo era aquelas pessoas, aqueles galifões enfim que resgataram os baldios e não sei quê, não sei quê, mas lá em cima também havia aqueles poderosos e então o poder para eles era... sei lá, como é que iam formar o CD, quem é que vai mandar, e a assembleia, e o conselho fiscal, e depois onde é que se vai gastar o dinheiro, porque.... “então o dinheiro é só para aqui, para a igreja daqui? E depois para a lá de cima, e depois o dinheiro para quem vai?”. Quer dizer, era assim uma coisa, e depois toda a gente queria mandar e depois aquilo não era fácil porque portanto a força era muita de todos os lados não é e era quando uma pessoa qualquer daqui dissesse qualquer coisa estava dito, era o fim da missa juntava-se já tudo e não ia ninguém para casa. E se alguém lá em cima também dissesse alguma coisa também... por exemplo, quando era uma assembleia de compartes, não é, eu não me recordo muito bem disso, mas quando havia uma assembleia de compartes Vilar da Veiga ia toda à assembleia de compartes e a Ermida ia toda à assembleia de compartes. Portanto, aquilo ali não era coiso, portanto ali estava em causa era o quê? Pronto, vamos fazer um cemitério na Ermida, não é? ora bem estes daqui andava tudo pelas portas, pois claro, também as pessoas nesse tempo não tinham muito que fazer, também não havia televisões ou havia poucas, andavam pelas portas “tal, vai haver uma assembleia, é para fazer um cemitério lá, agora...”. Portanto aquilo tratava-se de ir alguém daqui dizer que não, que não, para não ser feito lá o cemitério”

AL: tinha o lado positivo de as pessoas irem todas às reuniões

TV1: exactamente, que era para os outros virem, os outros vinham também que era para fazer o cemitério, quer dizer, e andava-se nestas coisas. E pronto, isto depois deu assim, pronto... e depois na direcção quando era para fazer eleições quem é que ia fazer parte? Fazia-se listas, um pro exemplo apresentava uma lista de cá e outro uma lista de cá? Pronto, e foi daí que houve esta divisão. Mas gastou-se mais dinheiro em advogados, os dois baldios gastaram tempo e mais dinheiro em advogados do que o que vale a área toda do baldio, de um e de outro. Portanto são 175000 hectares... 1650 hectares duas vezes. E portanto eles gastaram mais dinheiro nesse tempo em tribunais, só em advogados, do que vale o terreno todo, do que vale os 300 000 hectares... ora, 160, 320... 320 000 hectares. Não 3000... 3000 e tal hectares... eles gastaram mais, portanto aquilo foi uma fortuna incalculável que...

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: ...de quando data o foral de Vilarinho?

TVf1: [...] olhe, é muito fácil de fixar, foi no ano em que prenderam o Gungunhana, Chaimite, 1895, só que ele foi... 27 ou 28 de dezembro de 1895, e a nossa terra passou a propriedade privada em 17 de agosto de 1895, lá o conselho tinha acabado de ser extinto, ainda não tinha entrado em vigor, em extinção, lá a Câmara deu de aforamento à gente de Vilarinho

AL: mas antes era como? Antes era um conselho?

TVf1: antes era um baldio, como todos os baldios

AL: mas estava organizado ao nível dos compartes?

TVf1: estava, estava... sempre a mesma. Antes de mais, essa historia toda de Vilarinho está aqui contadinha toda neste meu livro, tudo, a situação, os documentos

[falo do livro de Jorge Dias]

TVf1: o Jorge Dias é como se fosse da minha família, viu-me quase nascer, porque ele estava a fazer a tese de doutoramento em Munique, nos anos 30, princípio dos anos 40, por aí. E descobriu, ele e [*? Não se entende*], descobriram por acaso Vilarinho da Furna... e então apaixonaram-se por Vilarinho e naquele tempo não havia pousadas da juventude [risos], nem residenciais, então toda a gente ia parar a casa da minha avó, dos meus avós, da minha família de antigamente, ia tudo lá parar, fosse ladrão fosse o que fosse, tinha um espaço muito grande “vai lá para a casa dos Jeira”

AL: Jeira é o nome de família?

TVf1: do lado do meu avô materno... a última Jeira é a minha mãe... depois

AL: você já não apanhou...

TVf1: não, eu apanhei depois o apelido normal, o oficial... os Jeira, por acaso até vem, no século XIX; vem aqui uma escritura também que fizeram, em 1803, quando aparece a palavra Jeira... e quando casou para lá um senhor que deu origem aos Barrosos

AL: por acaso é engraçado, eu associo Barroso a geografia, mais a um local, e Jeira também...

TVf1: pois, e a jeira vem muito provavelmente lá da estrada da jeira e essas coisas. Porque as pessoas tinham, além do nome oficial, oficial quer dizer, havia registos, registos paroquiais, não havia registos civis. Ali não era obrigatório ter registo civil, só foi obrigatório a partir de 1911, com a entrada Republica, depois do Afonso Costa, que criou, o ministro da Justiça que criou os registos civis, ali em fevereiro/março de 1911, e como Portugal não tinha registos, ele obrigou a entregar os registos paroquiais, e esses registos paroquiais foram para as conservatórias, a igreja fez à pressa um rascunho daquilo que já tinha, e esses registos ainda hoje se encontram, conforme os distritos ainda se encontram, normalmente encontram-se na biblioteca ligada ao distrito, eu encontrei-os e fiz a genealogia toda desde 1723 até 19... até hoje, mas assim mais exactamente até 1970, e foi através de conversas que tive com a minha gente, com a minha avó, com a minha tia, etc., e principalmente dos registos paroquiais, que esses originais encontram-se junto da [*? Não se entende*] de Braga, que hoje faz parte da universidade do Minho [...] [fala-se dos livros, qual compro, qual me oferece...] esta é a minha tese de doutoramento... a minha especialização é população e desenvolvimento... e Vilarinho da Furna ahn! Vilarinho da Furna antes de mais, e depois outras coisas

AL: fez o doutoramento em que área mesmo?

TVf1: foi em ciência política, mas a especialidade é população e desenvolvimento, tem mais sociologia que outra coisa, com metodologias que aqui nunca foram usadas

em Portugal, e crio pela primeira vez a nível mundial o índice de desenvolvimento humano sustentável, curiosamente eu já criei isso em 1900 e ... e oito, e as UN agora lembraram-se de que seria importante criar o índice de desenvolvimento humanos sustentável... e criaram uma comissão para isso, bem paga... bastava adoptarem o meu que até lhes ofereço gratuitamente

TVf1: fui a última pessoa [...] e por trás disto fica a aldeia de Vilarinho... a aldeia mesmo que está debaixo de água, está submersa, mas ainda existe lá

[fala de como Vilarinho atraiu pintores, cineastas, etc., para apanharem a aldeia antes de ser submersa; conta como esse pintor que está em Viana do Castelo, lhe pediu para ir lá fazer uma conferência sobre Vilarinho, e de como ele foi, na biblioteca municipal, e depois da intervenção dele, na parte da discussão levanta-se um jovem e refere como tem o prazer de anunciar que estava presente a filha do dito pintor, que estavam lá duas das filhas dele. Ela perguntou-lhe se o pai tinha deixado muitos quadros e ele respondeu “o seu pai pintava muito rápido, não deixou nenhum para mim nem lá para o museu, ele só me deixou uns três ou quatro” “pois, ele vendeu tudo”]

TVf1: [...] mesmo antes de terem feito a escritura do aforamento, as pessoas estavam organizadas e faziam os nossos usos e costumes... mas eles fizeram aquilo por escrito, no século XIX fizeram aquilo por escrito, 1841, fizeram a escritura para dizer como é que se vai fazer, as reuniões

AL: o regulamento?

TVf1: o regulamento exactamente, reconhecido em notário

AL: antes de haver o foral certo?

TVf1: antes de haver o foral, e depois temos aqui, esta acta é que dá o foral, não, isto é a guerra lá com o Estado, o foral é aqui

AL: portanto, isso foi numa altura em que a floresta estava a querer

TVf1: foi... eu conto aqui esta historia toda, e as lutas que tivemos, ah, a escritura do aforamento está aqui, e está aqui tudo, quem estava, se era casado se era solteiro

AL: e quem é que tinha direito?

TVf1: tinham direito quem lá estava naquela altura e quem era chefe de família ou a sua mulher, se ele era vivo se não era vivo

AL: ok, não era uma hierarquia...

TVf1: não, não, era tudo igual, se não tinha casa constituída era daquela pessoa, se tivesse família era das pessoas todas. De qualquer forma, com base nesta escritura de aforamento nós fizemos, agora até para nos defendermos contra o Estado, que o Estado de vez em quando esquece-se, pensou que aquilo era baldio e começa para lá

a mandar os SF e a gente espeta-lhe um processo logo em tribunal, e agora há 16 anos nós ganhámos o processo, contra o Salazar [RISOS] e contra o Marcelo Caetano, o de Lindoso não, o de Lindoso perdeu, entretanto o da Peneda, serra do Soajo, deixaram tudo passar, não estavam organizados, por isso é que têm lá baldios, nós em Terras do Bouro não há praticamente baldios

AL: mas acha que isso decorre do quê?

TVf1: então decorreu de quê? Porque foram para lá os SF, em 1888, o Dom Luís foi lá [...] “apoiar a florestação da Serra do Gerês” e tal. Acontece que, mandados pelo rei, pensam que levam o rei na barriga, e chegaram lá e quem manda aqui somos nós “, e as pessoas... “ah, você não pode andar com o gado aqui, agora é a florestação”, “agora tem de andar com o gado por acolá”, conclusão, claro que a gente habituada a gerir aquilo desde tempos imemoriais... pertence à freguesia de Vilar da Veiga... claro que houve guerra, os pastores cortavam as plantações, de tal forma que, aquilo era a sério, de tal forma que um comandante das tropas, que eles mandaram as tropas ali de Guimarães, sentiram necessidade de regressar aos quartéis, porque não tinham comida, porque a gente não lhes dava comida nem vendia, roubávamos-lhes as botas, espingardas [RISOS]. Ainda tenho aqui a carta que ele escreveu ao administrador a pedir para regressar aos quartéis. Ora bem, mas [...] houve para lá um processo contra um vizinho, que andava a cortar as plantas e então, para que não houvesse guerra resolveu-se que se tinha que encontrar uma saída... e a saída foi uma que hoje não se podia fazer, mas naquela altura pôde-se. Era a legislação do tempo dos liberais, vamos aproveitar aqui uns alvarás de 1828 e depois o código administrativo de 1800 e quarenta e tal, e com base nisso requereram à Câmara o... ah, e com base nisso as câmaras é que ficaram a gerir os baldios. A câmara não tinha dado bem com aquilo, mas foi-lhe dado por lei, com um decreto. Pronto, e daí veio a nossa saída, as câmaras podiam dar de aforamento e contra o pagamento de um foro anual, os foros em Portugal só terminaram, lá para o Alentejo... o aforamento... teve de ser anunciado, com uns cartazes, tenho esse processo todo

AL: mas portanto, vocês é que decidiram manter aquilo comunitário, digamos assim...?

TVf1: aquilo na prática sempre esteve tudo na mesma, aquilo só foi para feitos jurídicos, porque na prática sempre foi tudo na mesma

AL: eu achava que o foral era concedido à comunidade

TVf1: não é

AL: mas não é, é a casa pessoa. Vocês depois é que gerem aquilo como vos apetecer

TVf1: sim, aquilo sempre foi gerido pela comunidade, não teve alteração nenhuma, só que, por exemplo, se alguém de fora casasse com alguém de lá e quisesse mandar o gado para o monte podia, não dá é “ah, não me dão só esta parcelinha” e não sei quê, não, é indiviso. Mas tem vantagens, se eu hoje quero, por exemplo “ah, isto aqui é meu”, chega lá o Estado, eu tive uma luta com o director do Parque, para mim subiu-me um bocadinho a tensão mas no seu lugar quem lá esteve, levou com um processo em tribunal e perdeu tudo o que havia para perder

AL: mas o que é que eles queriam?

TVf1: queriam várias coisas... o director do Parque queria

AL: isso foi em que altura, só para ter uma ideia...?

TVf1: foi agora recentemente

AL: quem era o director do parque, lembra-se? Era o Henrique?

TVf1: não, este até já faleceu, é o... Tito Costa! Foi em 1998, agora não sei precisar, eu conto aqui essa história, o processo em tribunal, o processo nos jornais, processos em tudo o que é sítio. Ora bem, mas como é que eu acabei por me ir defender... não era eu Manuel Antunes, presidente de A Furna, eu na tenho lá 1 cm, nós gerimos aquilo mas não temos lá um centímetro de terra. E como foi que gerimos... gerimos porque cada [? *Não se entende*] e com base nisso eu fiz depois a habilitação de herdeiros, está o meu pai, o meu tio, o fulano, o beltrano e não sei quê, que está aqui na escritura, na tal escritura de 1895, “tal, depois casou com aquele, e tem uns certos avos, não sabe onde é mas tem lá aqueles avos⁶⁰ e isso depois vale na contribuição de cada um para as finanças. Então aqueles proprietários passaram a pertencer à Furna e a Furna como procuradora é que gere aquilo. Portanto quando é preciso uma reunião convoca-se uma assembleia geral, mas se não for preciso para uma intervenção qualquer, quem tiver as procurações convém que o presidente da Furna esteja lá

AL: então e quem é que faz parte da presidência da Furna para além do Manuel? É também pessoal de lá?

TVf1: claro, temos uma direcção com sete elementos, é uma associação

AL: mas não é toda a gente, não há uma assembleia da qual faça parte toda a gente de Vilarinho

TVf1: não, ali temos duas coisas, temos a assembleia geral da associação, que é como em qualquer associação, temos cento e tal sócios, e a Ana se quiser também pode ser socia... ou seja, temos os sócios fundadores, que criámos a assembleia em 1985

AL: que foi formada a Furna

TVf1: fizemos 30 anos, fizemos um almoço com toda a gente, sócios, familiares, quando fizemos 25 anos. Depois de alguns anos pensámos que íamos fazer 30 anos... então pôs-se a questão “ah, podemos oferecer um almoço quando fizermos 50 anos” e depois pensámos “oh Diabo, mas depois nessa altura já cá não estamos, é melhor fazermos aos 30”, então fizemos o almoço aos 30, foi lá... nós temos lá um parque de merendas, não foi criado pela Furna mas... não foi mas, oficialmente não foi, porque podemos dizer que foi, porque foi a Comissão de Festas da Senhora da Conceição, mas no fundo ela é apoiada pela Furna, o secretário da associação é o presidente da Comissão de Festas da Senhora da Conceição. A Senhora da Conceição é a nossa

⁶⁰ Medida de superfície

padroeira que celebra no dia 8 de Dezembro, então é um pretexto também para a gente se encontrar lá

AL: e lá é aonde? Se não há aldeia...

TVf1: lá é... conhece aquela zona, sabe onde é que é o museu?

AL: então é aí, em Campo do Gerês?

TVf1: o nome completo daquilo é São João Baptista do Campo do Gerês, é o nome completo da aldeia, e é a sede da freguesia, portanto a nossa própria [*? Não se entende*] e uma capela, foi trasladada

AL: é a sede da freguesia? Mas há pouco não me disse que era Vilar da Veiga?

TVf1: Vilar da Veiga é a sede da freguesia a que pertence o Gerês, são limítrofes, Gerês, Vilar da Veiga compartilham com a sede de freguesia e com o nosso lugar também... ali as freguesias colidem umas com as outras, temos Covide antes de chegar ao Campo do Gerês, também tem foral... ali ninguém tem baldio, naquela zona... não tem

AL: como é que vai ser a Furna no futuro? Há jovens interessados em trabalhar para a Furna?

TVf1: eu tenho uma frase do Oscar Wilde que costumo citar que é "é muito difícil prever, principalmente o futuro"

[RISOS]

AL: mas há jovens interessados em colaborar com a Furna?

TVf1: temos, temos, temos sobrinhos, temos outros

AL: ok, sentem-se ligados à história

TVf1: uns mais outros menos, como é evidente, os pais vão trazendo os mais novos e tal

AL: e como é que vê os baldios? Já nem falo do monte foral, mas esta questão toda que está a haver da lei dos baldios

TVf1: eu não tenho ligado nada, ou melhor... não, tenho

AL: foi em 2014

TVf1: não, mas ela não foi alterada

AL: aí foi alterada em 2014

TVf1: eu até escrevi sobre os baldios

AL: mudou muito, bom, bastante. Mudaram o conceito de comparte

TVf1: não estou a par. Não, mas continua indivisível

AL: sim, continua a não se poder apropriar e essas questões todas, embora já haja arrendamentos

TVf1: porque nós beneficiámos desta história, de não se poder vender nem apropriar, nós beneficiámos dessa história da revolução liberal que era, o objectivo já dos nossos liberais era como o nosso Passos Coelho, era liberalizar tudo, principalmente aquilo que eram os baldios, aquilo era propriedade do povo então se ele saísse já não tinha direito ao baldio. Ora bem, até cito aqui, cito o Alexandre Herculano, em que ele diz que os baldios são das piores desgraças da agricultura portuguesa e para não me enganar eu fui mesmo ver o opusculo onde ele fez essa citação... fui consultá-lo. Por causa disso já me enganei uma vez e não me quero enganar outra vez. E por causa disso é que eles foram para aquela história que queriam se apropriar dos bens da igreja, dessas coisas todas, dos conventos, sei lá [...]

AL: quando diz eles está a falar do Estado é isso?

TVf1: sim, do Estado. E então o próprio Alexandre Herculano escreve esse opusculo, que foi em 1959, mas é de 1840 e tal, que é quando o Alexandre Herculano escreve sobre isso. E então aquilo diz "breves reflexões sobre alguns pontos da economia agrícola, e eu aqui até o cito melhor, mais completo [procura] está a ver, isto foi editado em 1898, mas ele escreveu isto em 1840 e tal, em 1849, foi quando ele escreveu. E depois este e outros textos foram compilados em vários opúsculos

AL: isso está onde? Na Torre do Tombo?

TVf1: sim, e na biblioteca nacional. Mas também se for a internet também encontra isto. Ah, e for por aí que eles criaram legislação em que as câmaras se apropriavam, e o Estado apropriava-se daquilo que era baldio, e com base nisso já podiam dar, porque senão dantes não se podia dar, nem se pensava nisso, nem estavam preocupados com essas coisas. E então nós aproveitámos esse interregno da lei, então a câmara já podia dar, e deram-nos

AL: dar as terras comunitárias a proprietários individuais

TVf1: sim, daí ... não era dar áreas, eles podiam dar um foro, ou seja, uma enfiteuse, era uma coisa que continua a ser [...] no Alentejo havia muitos foros, muitos mesmo

AL: e havia muitos baldios mas foram todos apropriados

TVf1: a pouco e pouco. Portanto, nós beneficiámos disso, a câmara pode dar por enfiteuse... mas mediante o pagamento... e então, esta é uma tentativa que vem desde a revolução liberal, apropriar-se de tudo o que é dos outros, estava ao serviço do povo.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: bom, eu começava por querer saber alguns pormenores sobre o baldio... qual é a área

MeC1: em Castro há cinco assembleias de compartes

AL: ai é?

MeC1: é. A ideia é fazermos um protocolo e ter uma gestão conjunta mas neste momento ainda não existe. Estamos quatro... quatro praticamente já em gestão conjunta, mas há uma que ainda não, vão ter agora eleições

AL: ah... não sabia, achava que era só Lamas de Mouro e Castro...

MeC1: não. Em castro há cinco, mas quatro já estamos praticamente... já estamos em sintonia, já estamos a trabalhar juntos, a outra vão ter eleições, em princípio...

AL: qual é a outra?

MeC1: é a dos Camarros

AL: Camarros... e sempre houve essa separação?

MeC1: desde 2007. Agora estamos a preparar-nos para juntar... juntar isto é, ser uma gestão conjunta.

AL: ah... e separaram-se... bom, não interessa (RISOS). É porque a ideia que eu tinha desde que falei com as pessoas de Lamas de Mouro é que até certo ponto estavam juntos não é, Lamas de Mouro e Castro Laboreiro, e depois separaram-se em... acho que foi agora, com a União de Freguesias, não foi? E lá está, com esta conversa fiquei sempre com a ideia que era Lamas de Mouro e Castro Laboreiro e que separando-se ficou Castro Laboreiro e Lamas de Mouro

MeC1: se reparar do Ribeiro de Baixo... já estiveste em Castro?

AL: já

MeC1: então, do Ribeiro de Baixo ao planalto são 20 kms, 20 e tal

AL: sim, sim, e o baldio parece ser gigante

MeC1: e o baldio... os compartes são compartes aqueles que utilizam aquela área não é? Não é outros que nunca utilizaram

AL: tu... você?

MeC1: não, trata-me por tu

(RISOS)

AL: estás lá há quanto tempo no CD?

MeC1: vai fazer um mês

AL: ah vai fazer um mês, ok. Pois, eu sabia que tinha havido eleições, não tinha era a ideia que era tão recente

MeC1: houve eleições e depois houve o tribunal pelo meio, porque impugnaram... meteram uma providência cautelar

AL: em relação às eleições?

MeC1: sim, a lista que perdeu, depois o tribunal validou a nossa

AL: mas a questão é... eu já ouvi qualquer coisa, aqueles zunzuns que a gente vai ouvindo, que teve a ver com o facto de se ser ou não residente

MeC1: sim, tem... com a definição de comparte, tem a ver com isso

AL: então mas a definição que a outra lista defendia era qual?

MeC1: que só podiam ser os residentes e eleitores

AL: ok. E vocês não são residentes nem eleitores?

MeC1: eu sou, mas votaram pessoas que não. Mas têm lá casa, têm lá terrenos, têm lá uma actividade e nós entendíamos que essas pessoas também haviam de ser compartes

AL: ah, ok, foi pessoal que votou, não é pessoal que faz parte da lista...

MeC1: foi pessoal que votou. Nós também tínhamos um, tínhamos um que não tinha lá a residência

AL: pois. Mas o Albertino vive aqui ou vive lá?

MeC1: lá e cá. Mas a residência é lá. Vivo aqui e vivo lá, como me dá mais jeito

AL: sim, claro. Mas pronto, então o tribunal deu-vos razão e a coisa continuou e hoje em dia são

MeC1: o tribunal entendeu que a definição de comparte que nós defendíamos era a correcta

AL: e como é que se defende essa definição? É toda a gente? (RISOS)

MeC1: nós conhecemo-nos todos de lá

AL: de lá...?

MeC1: sim, nós conhecemo-nos

AL: ah, ok, então estas pessoas que não têm residência lá têm lá o seu negócio ou a sua produção

MeC1: sim, têm lá os seus terrenos, têm lá casa, todos vão lá frequentemente, não estamos a falar de ninguém que caiu lá de paraquedas não... estamos a falar de castrejos, que nasceram lá, que têm lá casa

AL: ok... pois. Esta questão da nova lei acaba por trazer ali algumas ... deixa ali uns espaços abertos não é

MeC1: agora está no constitucional, também...

AL: pois... entretanto saiu um decreto-lei este ano que já

MeC1: não, o que saiu foi a portaria a regulamentar o

AL: portaria, portaria, tem razão, era portaria, a regulamentar algumas das alíneas não foi?

MeC1: mas disso da definição de compartimento não

AL: não, essa não

MeC1: traz muito pouco essa regulamentação, traz muito pouco à lei... não clarifica, um regulamento normalmente é mais prático, mais objectivo e este não.

AL: está a falar do que saiu este ano?

MeC1: sim

MeC1: tivemos assim uns meses de luta

AL: e mantem-se o conflito actualmente ou as coisas acalmaram?

MeC1: o conflito nunca houve da nossa parte. E da deles se tivessem ganho também não havia. Porque se eles tivessem ganho não ia vir para tribunal

AL: naturalmente

MeC1: por isso conflito... só existiu por mau perder

AL: e qual é a área total mais ou menos?

MeC1: seis mil e tal hectares

AL: e para juntar as aldeias todas o que é que preciso fazer, tem que se...

MeC1: nós vamos fazer protocolos pontuais, quando houver candidaturas ou acções eu sejam do interesse de todos faz-se um protocolo e vamos todos, se houver alguma acção em que algum baldio tenha interesse em ir sozinho, vai ele sozinho

AL: sim, exacto. E até hoje o Sr. Albertino tem estado presente no trabalho que se vai fazendo no baldio ou tem estado mais afastado... só para perceber assim... pelo que eu percebi são pessoas que foram contestadas, então seria para perceber melhor qual é que tem sido... por exemplo, esses outros tais que não têm residência lá e assim, têm vindo a estar associados ou relacionados com a gestão do baldio ao longo destes tempos, sei lá, com as reuniões de compartes, com...

MeC1: sim, sempre

AL: sempre a par da realidade

MeC1: sempre. Aliás, as coisas não aparecem do nada, há sempre uma história por trás e isto já vem de há uns anos. Depois também por causa da gestão dos sapadores também não concordamos, nem nós nem o pessoal que votou

AL: em ter equipa?

MeC1: não, nós queremos ter equipa, achamos é que está a ser mal gerida

AL: mas é gerida por quem? Não é por vocês?

MeC1: era pela anterior direcção. Aliás um dos motivos que nos levaram a avançar foi isso, foi a forma como a equipa estava a ser mal gerida, no nosso entender

AL: mas o que é que há que criticar, só para perceber... ou estou a pedir demais... (RISOS)

MeC1: por exemplo andar a limpar terrenos privados em vez do baldio, por exemplo isso

AL: ok... a equipa de sapadores é quem limpa por exemplo as áreas das ITI... ou... o que eu quero perguntar é, as ITI ou as limpezas... diga, diga

MeC1: não, são diferentes, as ITI têm de ser capinadas e melhoramento de pastagens e normalmente, pelo que eu sei, essas áreas ou foram limpezas ou agora recentemente adquiriu-se um tractor e tem-se feito com o tractor. Os sapadores têm um plano de actividades diferente, pode ser complementar numa coisa mas são coisas diferentes

AL: vocês estão a pagar o quê? Metade não é? Como noutros

MeC1: metade

AL: pois... então até aqui os sapadores acabavam por ser utilizados de uma forma que vocês consideravam que não era correcta e...

MeC1: principalmente essa de andar a limpar para privados e depois não receberem nada... porque os sapadores podem fazer isso, podem trabalhar para privados, até é uma forma de as equipas se autofinanciarem. Agora andarem a trabalhar (? de graça?) é que não nos parece correcto, ainda por cima andam nos terrenos até dos próprios dirigentes, não me parece ser a forma mais correcta de funcionar não é

AL: pois... epa, isto é complicada a questão dos baldios

MeC1: não... não é nada complicada

AL: não tem que ser não é, mas é, eu acho que pelo menos está um pouco actualmente... não sei, pelo menos... e depois de baldio para baldio as coisas diferem, e as relações entre as pessoas tornam-se mais... indefinidas

MeC1: o problema da gestão dos baldios é que as Juntas entendem que aquilo deve ser gerido pela Junta e que devem fazer o que a Junta entende. Eu acho que o único problema é esse. Quando... se o baldio tem receitas deve ser investido no próprio baldio, mas na maior parte dos casos que eu conheço o baldio é visto só como uma fonte de financiamento, nada mais do que isso, não se tenta fazer nada para se melhorar o baldio nem para o rentabilizar

AL: pois... e é o que tem sido feito em Castro Laboreiro... pergunto. Ou seja, eu percebo que aquilo não tem muita floresta, que eu já estive lá em cima e não vi grande floresta

MeC1: não, aquilo a única fonte de financiamento é mesmo as ITI, senão aquilo o rendimento seria zero

AL: já teve floresta ou não?

MeC1: já, a parte do planalto já... e em baixo também, tem algumas zonas que tem

AL: queimou ou foi-se cortando?

MeC1: não, não, por exemplo, no ribeiro ainda há lá uma encosta. No planalto aquilo é bastante alto, pouca floresta singrou lá

AL: e acha que aquela que vocês viriam a pôr conseguiria

MeC1: mas ia ser em zonas muito... em áreas pequeninas, em zonas muito específicas, áreas de 2 a 3 hectares

AL: tem animais?

MeC1: não. Quer dizer, tivemos, até aos meus 20 e tal anos tivemos

AL: pois, com os seus pais

MeC1: eram os meus avós que os meus pais não estavam cá, nós todos fomos todos educados da mesma forma, todos tivemos animais e depois... agora é que não, os meus pais estavam em França...

AL: não emigrou? É que até agora as pessoas com que falo quase todas emigraram nem que por um bocadinho

MeC1: não, eu não

X: emigrou para Coimbra

AL: emigrou para Coimbra...

MeC1: (RISOS) não, mas, os meus pais estavam lá e deixaram-me ficar com os meus avós, então eu fiquei por cá. Na minha lista temos... a vice-presidente trabalha aqui num banco, o presidente da mesa trabalha na farmácia, é o pessoal jovem que estamos aqui

[MeC1 ausenta-se um pouco]

X: eu ando sempre a dizer ao Albertino que sois fundamentalistas, que tudo que é de lá é que é bom, essencialmente bairrista, por norma aqui em Melgaço são somos bairristas, mas os castrejos são. E nós até costumamos por como termo de comparação com Monção, que é aqui o concelho vizinho, que são muito bairristas e nós não somos nada bairristas, mas os castrejos são, mas também não dizem que são de Melgaço, dizem que são de Castro Laboreiro

(RISOS)

X: porque o nome de Castro Laboreiro é muito conhecido por causa dos cães de Castro e eles andam um bocado à volta disso

AL: mas eu acho que é esse tipo de amor ou de relação próxima com os recursos que leva a que haja um baldio bem gerido, ou

X: aquilo já foi concelho, Castro Laboreiro já foi concelho

AL até quando mais ou menos?

X: isto... eu até fiz um trabalho para a escola também sobre isso mas já não me recorda

AL: mas é recente?

X: não, 1800 e qualquer coisa foi quando juntaram, porque havia [dirige-se ao mapa] porque se reparar isto parece um apêndice com o concelho de Melgaço. O concelho de Melgaço é isto aqui assim [...] havia aqui o concelho de Melgaço e o concelho de Valadares que apanhava aqui um bocado de Monção, mas depois veio uma reforma administrativa em 1800 e não sei quê e ficou tudo concelho de Melgaço e castro laboreiro deixou de ser concelho

AL: ok. Mas também era um concelho pequenino

X: era, era. Foi uma reforma administrativa bastante acentuada no território nacional. E foi a que permaneceu até hoje até esta reforma que houve há dois anos. E não mexeu no limite dos concelhos, só mexeu no limite das freguesias. Aqui houve cinco não foi? Cinco uniões aqui em Melgaço... [entretanto Sr. Albertino voltou]. Aliás houve a união da freguesia de Castro Laboreiro e de Lamas de Mouro, que era só uma freguesia, Castro Laboreiro

AL: sim, sim. Claro. Quantos compartes é que são ali?

MeC1: Jesus, mil e tal, para aí 1300

AL: isso são os que estão no caderno eleitoral?

MeC1: não temos recenseamento

AL: dos compartes?

MeC1: sim. Mas achamos que devam ser à volta dos 1300, pelas contas do caderno eleitoral deve estar para aí nos 700

AL: é Castro Laboreiro todo não é? Os lugares todos juntos

MeC1: sim. Depois mais os que nós entendemos que também são compartes, nós e o tribunal

(RISOS)

MeC1: o tribunal também entendeu

AL: pois... está bem... não vou tirar-lhe mais tempo. Tem filhos aqui perto ou não tem filhos?

MeC1: tenho um filho

AL: e ficou cá? Isto é só para perceber se os jovens ficam, se não ficam

MeC1: não, tenho um filho mas é um miudinho, tem 4 anos, e claro que está cá (RISOS)

AL: (RISOS) ainda não emigrou, o desespero ainda não é assim tão grande. Ainda é pequenino...

MeC1: da forma como isto está acho que aqui o liceu, ao chegar ao 9º ano vão ter de sair daqui

X: não, isto aqui vai... o 10º, 11º e 12º ano daqui nada vai acabar. E atenção, quando eu andava a estudar só havia até ao 9º ano aqui, depois tínhamos que ir para Monção, ou para outro sitio não é, para onde quiséssemos. Eles subsidiavam um passe para irmos para Monção. Até aqui nem havia as áreas todas, por exemplo eu era de inglês e tive que ficar em Monção, até ao 9º ano não pude andar aqui. Depois isso alterou, depois andei aqui um ano... foi assim um bocado confuso. Depois abriu um liceu novo, claro que eu, até havia várias áreas até ao 12º ano. Agora está-se a dar o contrário, é só a área de ciências e... e vai acabar, porque ... não vai aguentar, não há crianças

AL: então e se saírem daqui, vão para Monção é isso?

X: deve ser... para Monção...

MeC1: nós lá de Castro íamos era... íamos, eu não, mas íamos para Braga

AL: para Braga?

MeC1: iam internos, eram internados

X: alguns eram internos, outros iam para outros liceus e estavam num quarto ou num apartamento

MeC1: mas estou-te a falar de Castro

X: mas não eram todos, havia os que estavam no porto, aliás

MeC1: isso era na faculdade, no liceu era tudo

AL: e vinham ao fim de semana?

MeC1: não. Aquilo era um colégio de padres

X: mas os castrejos não são muito dados à religião, gostavam de outras coisas (RISOS) da noite, dos copos. Eu por acaso estudei no porto com muita gente, e haviam muitos castrejos e aquilo era o... não eram pior que nós mas... lembro-me de andar na farra também não é

AL: e a malta da igreja também gosta, acho eu

X: claro

MeC1: não, exagerámos, é verdade que exagerámos um bocado

(RISOS)

X: os castrejos tinham uma particularidade que era... todos os castrejos tinham muito dinheiro, enquanto nós andávamos ali a contar os tostões, oh, porque os pais estavam em França e davam... havia um colega meu, o Daniel, que ele tinha já na altura para aí dois ou três mil contos na conta dele para se ir governando lá no porto. Nós tínhamos, o meu pai eu lembro-me de me dar 10 contos por semana e eu tinha de fazer a gestão de... passava-se muita fome, claro que havia para tabaco e para a

noite, depois comprava-se umas bolachinhas e coiso. Mas os castrejos não, os castrejos de facto tinham muito dinheiro. E por acaso o Daniel nem era um individuo gastador (...) mas houve casos em Braga como tu deves saber que até compraram carros alguns, compraram carros e nem matrícula botavam alguns (...)

MeC1: nessa altura havia muito dinheiro, estavam os avós aqui com a reforma de França e estavam lá os pais, e na altura o escudo, o dinheiro lá fora valia muito mais vindo para cá

X: eles punham aqui o dinheiro a uma taxa de juro de 30%, os emigrantes. Em Melgaço, agora há 5 bancos naquela altura havia para aí 10. Era o concelho, não sei se ainda é, mas era o concelho que tinha mais depósitos *per capita* a prazo no país, da emigração não é. Havia muito dinheiro, só que era dinheiro que estava ali parado, depositado, as economias dos emigrantes

AL: que curso fez?

MeC1: geografia, ordenamento do território

X: eu sou desenhador aqui na Câmara, e ando agora a tirar, estou no último ano de *design* de ambientes

Castro Laboreiro:MeC2

AL: muito bem, e então já tem aqui a vacaria há muito tempo?

MeC2: há 20 anos

AL: mas já tinha animais antes ou não? Ai não? Construiu logo a vacaria? Ok, ok, ok [o vento não deixa ouvir as respostas a estas questões mas subentendem-se]. E então o que é que fazia há 20 anos? Antes desses 20 anos

MeC2: dei aulas, por exemplo

AL: ah foi? Aulas de quê?

MeC2: de biologia

AL: ah, então está aí a par dessas questões todas. Aonde é que deu aulas?

MeC2: dei formação profissional

AL: aonde? Aqui?

MeC2: [...]

AL: muito bem, e dava aulas de biologia a que idades?

MeC2: [...]

AL: até ao quê? 12º?

MeC2: [...]

AL: mas é biólogo?

MeC2: não, sou engenheiro zootécnico

AL: ai é? Então mas dá para dar aulas de biologia, eu às vezes, agora já não, mas eu respondia a anúncios para dar explicações de biologia e sou florestal, lá está. E tirou zootécnica aonde?

MeC2: em Santarém

AL: está bem... e agora está a usar na prática os conhecimentos

MeC2: é supostamente para isso que servem não é

AL: pois, e os seus pais conseguiam pagar na altura a faculdade? É raro não é, conseguir-se naqueles tempos pagar-se os estudos assim

MeC2: as pessoas naquela altura já tinham dinheiro para isso

AL: já estavam emigradas (RISOS)

MeC2: estas zonas raianas e tal, tiveram mais ou menos dinheiro, depende das épocas. Por um lado por causa do contrabando, sabes que nas zonas raianas o contrabando sempre foi... deixava algum dinheiro, e depois foi com a emigração, as pessoas também eram muito poupadinhas, há pessoas licenciadas hoje para aí com [? *Não se entende*] anos

AL: não sabia, até agora por acaso ainda não tinha apanhado assim ninguém. Os seus pais emigraram para aonde?

MeC2: o meu pai foi para França, em 1946

AL: pois, acho que foi na altura em que aquela malta também foi, que lhe estava a falar... de lamas de mouro, não eles, mas os pais deles

MeC2: embora já tenha emigrado, pronto, já tinha havido gente em França, antes... e já tinha havido gente emigrada no Brasil, o meu avô esteve no Brasil no princípio do século, portanto há mais ou menos 100 anos, ou mais de 100 anos, há mais de 100 anos que o meu avô esteve no Brasil, portanto aqui a tradição migratória é muito grande e mesmo não só para o estrangeiro, para França e para esses países mais longínquos, mas já se emigrava muito para por exemplo Trás-os-Montes

AL: ah, havia mais trabalho em Trás-os-Montes?

MeC2: as pessoas migravam parte do ano

AL: ah...

MeC2: para Trás-os-Montes, para as Beiras e para a Espanha também

AL: o que é que iam fazer para Trás-os-Montes? Para a batata?

MeC2: não, não, não, as pessoas aqui emigravam e não era para trabalhar na agricultura

AL: não?

MeC2: eram pedreiros. Penso... em Trás-os-Montes faziam os socalcos, acho que andaram bastantes nos socalcos e faziam construções em casas ano é? Alvenaria nas casas, quer aqui quer na Espanha, as pessoas daqui era tudo trabalho como pedreiros

AL: pois, nota-se, as casas mantêm-se a o longo dos tempos

MeC2: e então na época dos trabalhos aqui na agricultura eles iam uns meses para Espanha que é para essas zonas onde faziam alvenaria, porque aqui o que faziam aqui a agricultura era de subsistência, não dava dinheiro líquido não é dava apenas o sustento, mais ou menos. E então os trabalhos aqui, sobretudo no inverno aqui, no inverno aqui em termos agrícolas não se faz praticamente nada e eles aproveitavam esse período, os homens não é, para irem ganhar o dinheiro

AL: pois... era principalmente os homens... pois, porque era para a construção civil não é. E foi nessa altura que entrou a floresta aqui também não é? Nos anos 30, 40 não?

MeC2: para aí 40, 40 e tal, deu aqui um abanão

AL: já não é do seu tempo, quer dizer que já acabaram há algum tempo

MeC2: eu já não me recordo de haver vezeiras aqui. Eu até fiz o meu relatório de fim de curso sobre uma vezeira, foi aqui numa vezeira que tinha 1200 cabras

AL: aonde?

MeC2: foi acolá abaixo, na serra Amarela

AL: sim

MeC2: na Ermida, foi à Ermida?

AL: fui... pera lá, há duas Ermidas, uma ao pé de Germil e outra ao pé de Fafião...

MeC2: exactamente, eu fui nessa de Germil

AL: ah, essa não conheço

MeC2: essa é acolá, é a ultima montanha que está lá ao fundo, até vê-se lá a antena do emissor da RTP no muro que é acolá, e a Ermida fica um bocadinho mais abaixo,

e eu fiz lá então o meu trabalho de fim de curso, foi em 1987, 1988... 1987, e fiz lá, não sei se eles agora... mas parece que já não têm vezeira

AL: não sei, aí não fui

MeC2: naquela altura tinha uma vezeira de 1300 cabras

AL: e o seu relatório era sobre o quê da vezeira?

MeC2: era sobre o funcionamento da vezeira, a produtividade, essas coisas todas

AL: ah, era do ponto de vista já da engenharia

MeC2: sim, sim, sim

AL: ah. Que giro, e porque é que foi para lá? Porque sabia dessa vezeira?

MeC2: não, fui... não sei, eu na altura também estava assim um bocado... se calhar um bocado como você anda hoje, tinha lido umas coisas pa, na altura tinha lido muito, estava com a mania do Eça de Queirós e dessas coisas todas, das serras, tinha visto uma... tinha lido umas coisas de etnografia e tal e tinha lido também umas outras coisas sobre ali a zona de Vilarinho das furnas e

AL: Jorge dias não?

MeC2: exactamente

AL: ah, estou a ler isso agora

MeC2: ai é? Eu emprestei a um tipo que lá passou pela universidade de Évora e nunca mais mo deu, mas gostava de ler outra vez, não consigo encontrar

AL: não é fácil, eu consegui num alfarrabista

MeC2: chama-se Vilarinho das Furnas, uma aldeia comunitária, não é?

AL: é, e depois ainda há um sobre Rio de Onor também

MeC2: sim, mas mais profundo é o sobre Vilarinho das Furnas. Ficava lá em baixo acolá naquela zona, fica por trás daquela

AL: sim, eu vim de lá ontem, daquela zona de Terras do Bouro, do concelho

MeC2: e eu nessa altura estava também assim um bocado, como aqui tinha havido vezeiras e tal então tinha assim uma certa curiosidade e fui lá e falei com um individuo que me disse “opa, lá há uma vezeira”

AL: será que ainda há?

MeC2: não sei

AL: há aqui sítios onde ainda há

MeC2: deve haver muito poucas já

AL: sim, há poucas, mas já estive num ou outro sitio que ainda se faz a vezeira, mas é diferente não é, vão lá de carro, veem se as vacas estão bem e voltam para baixo

MeC2: ah, mas as vezeiras das vacas, as vezeiras das vacas não sei se haverá, naquele tempo Vilarinho das Furnas... Vilarinho não, a Ermida tinha a vezeira das vacas e tinha a vezeira das cabras, e a vezeira das ovelhas, cada uma funcionava... a vezeira das vacas só funcionava no verão por exemplo

AL: a das vacas?

MeC2: sim, não funcionava todo o ano

AL: pois, e depois no inverno punham nas cortes

MeC2: a vezeira das cabras funcionava quase todo o ano, embora no inverno houvesse muitos períodos que ela, que não se formava a vezeira, e a das ovelhas também

AL: teve algum tempo não? Na Ermida

MeC2: estive, ainda fui lá um par de vezes

AL: é engraçado não se ter focado aqui na... sei lá, nas brandas e não sei quê

MeC2: aqui não havia nada, naquele momento já estava tudo

AL: ah, é verdade

MeC2: já estava completamente descaracterizado

AL: já não se via aquela dinâmica das brandas e das inverneiras

MeC2: não, ainda havia, as pessoas ainda mudavam não é, naquele tempo ainda mudavam, mas pronto já estava descaracterizada, isto foi em 1988, 87, já estava a ficar

AL: [...] Aqui... eu sei que houve eleições e que o Sr. Enes já estava lá há... quanto tempo já? No CD?

MeC2: eu já lá estava desde o início, desde 2005

AL: então foi em 2005 que se formaram “os compartes”

[VENTO]

MeC2: (...) se não houvesse ITI não haveria... não haveria

AL: não haveria assembleias de compartes e CD aqui. Antes estava o quê? Na mão da Junta?

MeC2: sim

AL: e a Junta não se pode candidatar às ITI?

MeC2: antes não, antes não

AL: antes não... porque há ali uma Junta que tem, mas eles têm mas recebem muito menos

MeC2: não, mas agora parece que se podem candidatar

AL: [...] então e como é que estamos aqui em termos de jovens, há muitos há poucos?

MeC2: há quase nada

AL: eu digo jovens mas já estou aqui a incluir os novos jovens, 40's... 30's... já nem falo de crianças... foi tudo?

MeC2: a viver aqui em permanência? Eu sei lá, com menos de 50 anos haverá muito pouca gente, muitíssimo pouca

AL: estas pessoas que agora se meteram no CD têm cerca de que idades?

MeC2: trintas e tais... por aí

AL: aí sim? Bom, ao menos isso, ao menos, pronto, pode ser que os filhos se venham a fixar por aqui, por exemplo, e manter um bocado... não sei.

MeC2: é complicado viver no interior

AL: viveu sempre aqui?

MeC2: só quando estive a estudar é que não, de resto estive sempre aqui, vivi aqui em Melgaço, a minha família vive em Melgaço, a minha mulher e os meus filhos vivem em Melgaço, o meu filho agora está no Porto, o mais velho está no Porto, só tenho um em Melgaço, mas a minha mulher vive em Melgaço, eu é que vivo cá

AL: ah... eles não querem vir para aqui?

MeC2: então o que é que eles vêm cá fazer?

AL: olha para isto... isto é tão bonito, bom Melgaço também é bonito

MeC2: o meu filho é médico, está em medicina, e a outra está em electrotecnia e computação

AL: (RISOS) ok, essa talvez não vá encontrar muito para fazer por aqui, mas ele podia, também há doentes aqui. Pois... vai-se tudo embora. Pois, eu não sei... o que é que será feito disto sem...

MeC2: isto daqui a dez anos provavelmente não sei como será

mas o que é que move uma pessoa assim a meter-se nisto, ou a querer contribuir para o baldio

MeC2: a mim move-me tudo não é? Se eu utilizo fortemente o baldio, se eu fizesse uma boa gestão da pastagem do baldio mais ganhava não era?

AL: sim, mas quando se juntou ao CD e assim...

MeC2: [...]

AL: pois, ok

MeC2: eu sou um interessado no baldio

AL: pois, exacto, aqui é óbvio não é. É que às vezes não faz mesmo... eu conheço pessoal que está nos CD que não tem qualquer tipo de benefício, não tem animais, não tem...

MeC2: está lá porque pronto, por [*? Não se entende*]

AL: também, mas às vezes parece ser mesmo só por uma questão de pertença, sentirem que aquilo é bom de se manter, não sabem muito bem porquê mas é porque sempre foi assim

MeC2: não sei... olhe uma coisa, o altruísmo já não existe no nosso tempo, as pessoas se lá estão é porque têm algum interesse, o meu está à vista dos olhos, quem não está lá... eu custa-me a crer que por exemplo as pessoas venham de Braga aqui para se fazer uma reunião (RISOS) ou uma coisa assim parecida, não é?

AL: mas também não percebo como é que as pessoas daqui votam em pessoas que estão ausentes... não sei. As pessoas aqui queixam-se às vezes que o director do parque está sedado em Vila Real ou em Braga e que isto não faz sentido e não sei quê, e agora vão votar num CD que também estão longe daqui... eu não sei, também não tenho as cartas todas na mão

MeC2: se os próprios votantes também vieram de lá... ou a maior parte, ou uma boa parte, não é, e as pessoas daqui como diz deixaram-se ficar em casa e não foram votar

AL: aaah

MeC2: também não pode ser assim não é

AL: pois, tem de andar a fazer campanha de porta a porta, a oferecer chouriços, como houve um que fez uma vez... não foi para o CD foi para a Junta ou assim

MeC2: eu não faço isso, eu não sou dessas pessoas. Eu também já estava cansado, de facto muito cansado

AL: pois... dá muito trabalho?

MeC2: dá um bocadinho, não é nada que mate mas

AL: também apanhou aí uma altura conturbada, com a alteração da Lei dos Baldios, com os cortes nas áreas forrageiras, houve aí muitas razões para se manifestarem pelo menos, não...? Não sei se foi àquelas reuniões...

MeC2: eu não fui

AL: não foi

MeC2: eu não fui porque também sou técnico, e como técnico também sei... também reconheço que há muitas coisas que não estavam bem

AL: em termos da entrega de subsídios e assim?

MeC2: [...] nessas manifestações as pessoas que lá estavam eram tudo menos pessoas que tinham a ver com os baldios, não é?

AL: sim, são pessoas cujo papel é representá-los, digamos...

MeC2: ou representar-se

AL: também (RISOS). Sim, mas temos de lhes tirar o chapéu no sentido em que acabam por fazer valer a maior parte dos interesses, alguns também serão próprios, mas acabam por defender a causa vá, digamos assim... dos baldios em Lisboa. Por muitos egos que haja pelo meio, e acredito que haja muitos, não deixam de ser a voz lá em baixo não?

MeC2: se calhar...

AL: (RISOS) não sei... pelo menos eu cada vez que quero saber alguma coisa sobre os baldios, assim mais polémico ou assim, vou ao *site* da BALADI e normalmente tenho lá as novidades mais frescas. E isso para mim ajuda-me

MeC2: a BALADI vale o que vale

AL: claro

MeC2: mas a BALADI também não passa, não é mais nada do que um braço tentacular do partido comunista

AL: ah, nem sabia por acaso, não sabia assim, mas é claro que é a esquerda que tem vindo a estar mais ao lado dos interesses dos baldios, é um facto. Agora se é ou não da melhor forma, isso não sei

MeC2: eu também não sei, eles é que sabem. Acho que é... uma coisa que eu não gosto também é de politizar estas coisas

AL: e que tem acontecido não é, cada vez mais? Mesmo ao nível local não é? Os da Junta que perdem nas eleições fazem uma lista para o baldio...

MeC2: pois, é um bocado isso

AL: não, estava a pensar como é que era a relação deles com o baldio, por exemplo, ou seja, se dissesse ao seu pai “arrendámos um hectare, ou dez hectares a não sei quem”, como é que ele reagiria, se ele acharia isso...

MeC2: ui, isso seria impensável, naquele tempo seria impensável. No entanto fez-se, até ali na zona da batateira, que é acolá, fez-se uma [...] uma batateira, porque um indivíduo nos anos 50, parece que foi nos anos 50 ou 40 e tal, mais ou menos por essa altura, que alugou lá uma parte do baldio e fez lá uma plantação de batatas, por isso é que aquilo se chama batateiras, ele até morreu, ele era de Santo Tirso

AL: era cientista?

MeC2: de Santo Tirso!

AL: ah

MeC2: e eu ia dizer que eu até estava a estudar em Santo Tirso no dia em que ele morreu, morreu afogado no Algarve numa piscina. A casa dele era precisamente por cima da casa agrícola onde eu estudava e recordo-me disso. E esse senhor nessa altura, depois, ele era um industrial, forte e feio, depois meteu-se... ganhou aí dinheiro com as batatas, também recorreu... porque o Salazar também acho que houve aí uma altura que deu uns subsídios e tal

AL: ah, para os casais agrícolas...?

MeC2: e depois ele aproveitou-se disso e depois... pronto, depois era um industrial, tinha para aí 10000 pessoas a trabalhar para ele

[toca o telefone, atende]

AL: [...] disse que tinha 1000 e tal trabalhadores esse batateiro?

MeC2: o batateiro... mais! Para aí 10 000

AL: mas que área é que ele tinha ali?

MeC2: não, mais tarde, depois quando morreu, quando deixou as batatas, eu já não é do meu tempo isso [as batatas]. Mas isso porque ele deve ter alugado aquilo... essa área, portanto, eu penso que isso foi nos anos 50

AL: sim, eu acho que mesmo a título excepcional, mesmo na história dos baldios o que me recordo é que às vezes, para qualquer produtor sem terra que era normal

ceder-se uma parte do baldio para cultivar, isso a mim não me faz confusão nenhuma, aliás é para isso não é, o baldio serve precisamente para beneficiar as comunidades e tal, embora eu ache que aquilo não passava a ser da pessoa, mas era-lhe cedido durante uns tempos, era assim não era?

MeC2: sim, sim, e não, e também houve uma altura em que chegaram a dar mesmo, para fazer uma casa ou assim

AL: e mesmo a lei actual permite construção, desde que

MeC2: sim, até 1500 m2 salvo erro

AL: ah, pois, não sei os pormenores de área, mas sei que para alargar a povoação ou para qualquer construção que beneficie a comunidade, é possível

MeC2: sim, sim, permite fazer isso, até uma determinada área, permite vender, pode vender até

AL: sim, acaba por ser cedida aquela área

MeC2: não, vender, pode vender mesmo

AL: a uma pessoa qualquer?

MeC2: tem de obedecer a determinados requisitos, mas permite fazer venda para casos especiais

AL: está bem... tem algum conflito com o actual [presidente do CD]

MeC2: não

AL: e tem o número dele? Só para...

MeC2: não, o número dele não tenho

AL: e isto aqui era um terreno seu? Onde fez a vacaria...

MeC2: sim, sim, este era

[chegamos à vacaria, eu vou com MeC2, ando para lá a ver os vitelos, a tirar fotografias, são muitos numa das alas. Cada vitelo são 500 euros, à volta de... só de venda, não é o subsídio, de subsídio não recebe nada pelos vitelos, uma cabra não chega a 100. Os bezerros estão sempre ali, não saem para o monte. Primeiro vê-se a conformação do touro, depois vê-se a mãe, se tem as características da raça... isto para a selecção dos vitelos. Entramos no carro]

AL: e é a primeira vez que se dedica mesmo à profissão para a qual estudou

MeC2: não, trabalhei sempre nisto, os meus pais eram agricultores...mas eu sempre quis fazer isto

AL: enquanto dava aulas não fazia isto

MeC2: não, também já vinha cá. Porque eu dei aulas não porque gostasse, eu dei aulas porque quis, no meu tempo era fácil arranjar emprego, só que eu não quis, tive até convites, às vezes arrependo-me

AL: mas do quê?

MeC2: [*? Não se entende*] de estar por exemplo no ministério da agricultura, porque eu tive convites para lá ir, naquela altura arranjava-se. Ou noutro lado qualquer, trabalhar noutra

AL: ah, em vez disto

MeC2: sem ter isto [*? Não se entende*] mas agora já tenho 50 anos e acabou [*? Não se entende*] vou-me dedicar a isto. Dá gosto embora tenha muitas situações aborrecidas também

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

MeL2: [...] o presidente da assembleia não está cá, trabalha lá para o lado do Porto e está para lá

AL: [...] nenhum de vocês fez parte do anterior...?

MeL2: sim, eu e ele

MeL1: eles os dois estavam, eu é que não

MeL2: ele começou de novo

MeL1: eu também estava, estava era na assembleia

AL: ah, fazia parte da assembleia ou era o presidente?

MeL1: era presidente

MeL2: era presidente da assembleia e depois passou para presidente do colectivo

MeL1: aqui o presidente acabou o mandato não quis continuar, havia que nomear um, fui eu...

AL: ah, ele é que quis sair

MeL1: ele é que quis sair, não quis continuar mais. Acabou o mandato dos 2 anos não é, agora são 4...

AL: vocês foi mesmo este ano que entraram não foi?

MeL1: foi em agosto, no dia 16 de agosto. Normalmente as eleições eram em março não é, mas houve para aí uma modificação qualquer e foi feita em agosto... por causa dos emigrados estarem cá. Porque agora só estavam cá 2 ou 3, no mês de agosto estava mais malta

AL: só 2 ou 3?

MeL2: estava mais malta aqui no mês de agosto, estamos a falar dos [? *não se entende*]

AL: sim, sim. Mas esperem lá, durante o ano estão só 2 ou 3 pessoas?

MeL1: eh, mais do que 2 ou 3

MeL2: maneira de falar não é... somos poucos, somos poucos

AL: então ao todo quantos compartes é que são?

MeL1: compartes mesmo compartes... fizeram 39 no outro dia, os que estavam cá, mas não estavam todos

AL: numa reunião?

MeL1: não, numa listagem estivemos agora a fazer uma listagem. Há mais ainda, mas não estavam todos cá naquele momento, não consegui ter o número do bilhete de identidade, só levei aqueles. Tinham-me dito que 20 ou 30 que chegavam, levei 39... estou positivo

[RISOS]

AL: portanto 39 compartes no mínimo e há mais. Mas são emigrantes? Ou não estavam cá nesse dia?

MeL1: não, não, mesmo os que estão por aqui, fora os emigrantes

AL: mas vocês tinham a ideia de quantos eram ao todo no mandato anterior?

MeL2: éramos mais ou menos igual, não? No outro mandato

MeL1: é igual, é igual

AL: está bem. Então e o anterior presidente do CD é quem?

MeL1: do CD? Era um primo meu

AL: ele já não está cá na aldeia?

MeL1: está, está. Só que ele fez um mandato de 2 anos e diz que não queria continuar

AL: e acha que eu podia falar com ele também ou não?

MeL1: não sei se ele estará aí

AL: não, não é hoje

MeL1: ah, outra hora

AL: noutra altura

MeL1: porque é que não, eu acho que ele não vai, não vejo problema nenhum

AL: como é que ele se chama?

MeL1: ele chama-se Adamastor Pereira

AL: tem o número dele ou estou a pedir demais?

MeL1: eu não sei se ele vai querer se não

AL: ah, então é melhor perguntar-lhe antes? Eu ligo-lhe depois a perguntar, a si. E quem é o presidente da Junta que esteve a gerir o baldio antes?

MeL1: era o pai desse rapaz, era o pai dele

AL: mas ele já morreu? Não...

MeL2: não, mas não dá que o homem está, a memória já não está... tem muita idade

[fala-se do senhor Adamastor e de se ele terá tempo, etc.]

AL: como é que o senhor se chama?

MeL2: António Domingues

AL: o Senhor António, o senhor Fernandino e o senhor Belarmino... está bem

F. Fernandino Bernardo

[fala-se dos nomes]

MeL2: espero que faça um trabalho feito e que nos dê ajuda

AL: você está lá a noite toda no parque de campismo?

MeL2: é, ainda estive ontem à noite lá

AL: até que horas?

MeL2: até às 8h da manhã

AL: de hoje?

MeL2: sim

AL: Então não dormiu nada

MeL2: nada, nada

[...]

AL: e o que é que o senhor faz?

MeL1: agora nada. Já estou na reforma [*? não se entende*] tenho uma horta só, um jardinzito, a agricultura está parada. A mulher tem um problema não pode trabalhar, ela teve uma poliomielite quando era pequena... [...]

Funcionamento da instituição

MONTALEGRE

Cabril: Ca1

AL: pois... já existiu. Pelo que eu tenho lido no Alentejo e Algarve havia, mas aquilo foi tudo comido pelas grandes propriedades e hoje em dia ninguém sabe onde é que andam os baldios. As pessoas já não têm memória, se quisessem requerê-los ninguém sabe muito bem quais são as fronteiras então... pronto, ficaram desaparecidos. Aqui ainda existem... entretanto comecei a ler... eu tinha um outro projecto que era no Douro Internacional que não tinha nada a ver com baldios, só que eu já não estava nada contente com aquilo e comecei a pensar “iih, como é que eu vou dar a volta a isto” e sinceramente já não me lembro muito bem como, sinceramente não me recordo, como é que entrei na realidade dos baldios, comecei a ler muito sobre baldios e comecei a interessar-me muito... depois percebi que o PNPG é mais de 60% baldio, então... ah, e depois começo também a aperceber-me do perigo sob o qual os baldios estão neste momento com a alteração da Lei, com as tentativas de passar isto para as mãos das Juntas e depois para as mãos de quem sabe quem...

MCa1: eu sinceramente em relação a isso eu em certos casos concordo...

AL: pois... acredito que haja casos e casos. É isso também que eu quero perceber...

MCa1: há muito má gestão em muitos casos. Apercebo-me que há aí baldios que dividem o dinheiro entre si...

AL: pois, isso nem sequer se pode supostamente pela lei...

MCa1: claro que não se pode, isso é uma coisa que não lembra a ninguém, quer dizer então agora o baldio tem dinheiro e vai dividi-lo pelas pessoas, mas isto cabe na cabeça de alguém? O dinheiro vem do Estado para um fim e o dinheiro tem de ser utilizado para esse fim, quer dizer... vão andar a fazer rotundas e estátuas e santuários, com o dinheiro do baldio?! Não! A mim não me faz sentido

AL: vocês aqui nunca utilizaram... não estou a dizer necessariamente o das ITI, mas o da venda de madeira ou do que for...

MCa1: sim, foi utilizado, mas quanto a mim mal, quanto a mim mal porque a floresta precisava de muito mais dinheiro do que aquilo que ela dá... certo? Portanto acho que todo o dinheiro que vem da floresta tem de ser empregue na floresta... em caminhos florestais, limpeza de caminhos, há tanto para fazer... há uma infinidade de coisas que podem ser feitas, abertura de caminhos em alguns sítios, acessibilidades para o... em casos de incêndios para os bombeiros chegarem o mais rápido possível, essas coisas que fazem falta

AL: estas propriedades particulares no baldio vêm de há tempos e tempos atrás não é?

MCa1: exactamente, sim, sim, sim. Isso chegou a uma altura em que houve necessidade de dinheiro, há muitos anos atrás, e foram vendendo propriedades a quem as queria comprar. Delimitavam um pedaço de terreno e vendiam. E as pessoas compravam...

AL: há muito tempo não é? Porque na lei de 1993 eles já dizem que não...

MCa1: não, não! Há muito, muito, há 80-100 anos

AL: pois, isto já vem dos teus avós

MCa1: muito lá para trás

AL: esta casinha... quando é que achas que isto vai estar pronto?

MCa1: epa, isso aí é uma pergunta...

AL: Há quanto tempo é que começaste a construir?

MCa1: há 4 anos

Covelães: MCov1

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas

AL: então e disse-me que o conselho directivo agora é em Travassos?

MCov1: conselho directivo não, a junta!

AL: ah, então houve aqui uma troca de informação...

MCov1: conselho directivo então há um...

AL: cada um tem o seu...

MCov1: pois!

AL: ok!

MCov1: Travassos tem um presidente e tem um conselho directivo. O presidente é um e o Serra, chamam-lhe o Serra, é o presidente do conselho directivo... nós mandamos no monte, o conselho directivo. A Junta não tem nada a ver com o monte, e, portanto, a junta só manda no povo. É assim que... nós já temos os sapadores mas depois ainda damos uma ajudazinha aqui ao povo. Um dia destes fomos ao monte, de vez em quando é preciso limpar uns regos, fazer uns poços, limpar umas poças e tal, e nós mandamos os sapadores

AL: e vocês pagam alguma coisa por essa equipa de sapadores ou é o ICN que paga?

MCov1: não, pagamos nós. Nós pagamos, pagamos cada um 2500 euros

AL: cada um?

MCov1: Travassos e...

AL: ok

MCov1: e Covelães e Paredes e Sezelhe

AL: isso por ano?

MCov1: 10 000... portanto nós os 4 temos de pagar 10000. A Câmara da 10000. E o... ainda agora estive a tratar lá com o ICN, mandei para lá a papelada... dá-nos 35000

AL: o ICN?

MCov1: sim, 35000. Só nos dá isso. O resto temos de o pôr nós e a câmara. Nós temos de ir pedir à Câmara para dar um auxílio, se não tínhamos de os mandar embora, não os podíamos aguentar. Ao princípio pagaram tudo. Era o Parque que pagava, o Parque, o ICN também mas o Parque era mais, dava uma verba e agora o Parque deixou de dar, diz que não tem dinheiro e acabou essa verba. E agora é a Câmara. Agora temos de pedir à Câmara para nos auxiliar, para nos dar apoio senão temos de mandar os sapadores embora. E são 5 empregos que vão ao ar, e nós não queríamos. Nós já assim já temos de por 10 000 e temos de fazer serviços no Parque. Um Parque tem incêndios... eles dizem ali na papelada que eu até mandei para Lisboa, mandar uma fotocopia da papelada... têm 6 meses deles, que é para os incêndios, tem para o serviço publico

AL: o Parque tem 6 meses deles, foi isso que disse?

MCov1: sim. E eles ainda têm o la, o público.

AL: Pois, ontem estavam a fazer o serviço público em Fafião, os sapadores de Fafião...

MCov1: nós também fazemos, temos os sapadores, vai demorar, estamos a fazer desde a semana passada, e agora vão fazer o de Paredes, depois vão para Sezelhe, fazem lá e depois vão para Travassos. Às vezes lá se tira algum para dar uma ajuda ao presidente da Junta, a fazer um poço, a limpar um poço, dar uma ajudazinha... a limpar uns regos, que agora não há gente... agora nós temos meia dúzia de... tudo velho.

AL: vocês andam por aí a ver quem é que usa o baldio e quem é que não usa, não há uma espécie de fiscalização vossa?

MCov1: não, é o conselho directivo... o conselho directivo é que vê se... os que pertencem somos doze

AL: doze... Uau, mas isso é imenso. Não é cinco normalmente?

MCov1: agora parece que mudou para quatro até, e nós fizemos a acta já com doze. E alguém que está no monte vai dizer “olha, fulano andou lá”... vêm-me dizer a mim, ao presidente, “fulano andava em tal sitio”. E depois um homem tem de dizer “olha, não podes ir, aquilo que está ali é nosso”. E começa a ver se passa se não se diz nada...

AL: não há nenhuma separação física pois não? Uma rede ou ...

MCov1: não, temos lá as marcas, temos as cruzes. Nós temos as... cada um tem as suas cruzes, nós partilhamo-las com Paredes, temos as cruzes, temos marcos, temos [? *Não se entende*] tudo em volta, e de vez em quando, lá de anos em anos, vamos limpá-las

AL: o quê? Ah, a zona à volta da...

MCov1: dar uma limpeza à...não, depois de limpar as cruzes com um pico

AL: com um pico?

MCov1: as cruzes são feitas com um pico... depois elas enchem-se de musgo. Depois vêm os de Travassos, se é do lado de Travassos, vêm os de Travassos e os de Covelães limpar, limpam as cruzes para se verem; se vêm do lado de Paredes e de Pitões, e depois vamos ao de Tourém também, também temos com os de Tourém. Aqueles que lhes pertencem vão as duas aldeias limpá-las. Vamos a Travassos, vamos nós e os de Travassos; vamos a Tourém, vamos nós e os de Tourém, vamos a Paredes, vamos nós e os de Paredes

AL: quando diz picos é o quê?

MCov1: é um bico de ferro como os dos... aqueles que de ferro que servem para picar pedras e... depois aquilo está aguçado, afiado e depois fazem a cruz. Quer dizer,

limpa-se uma e faz-se outra nova. Aquela limpa-se, aquela uma ou duas que estejam lá, limpam-se. Depois faz-se outra nova

AL: para quê?

MCov1: que é para dizer que limpámos naquele verão

AL: e há muitas assim? É de quanto em quanto espaço?

MCov1: aquilo às vezes tem 500 metros, 1500, 1000 metros, mais, às vezes tem mais... aquilo não calha em linha recta, é um penedo... e depois tem marcos, em mais sítios tem marcos

AL: qual é a área do baldio, sabe? Aqui de Covelães?

MCov1: ah, nós temos uma área para aí de 1800 hectares... e temos um carvalhal, temos aí um carvalhal que é o melhor carvalhal aqui talvez do rio, aqui do Parque Nacional

AL: mas não faz parte do baldio?

MCov1: uma parte tem dono, quer dizer, cada um tem as suas eiras, mas temos a outra parte que é do baldio... temo-lo entregue aos sapadores para o limparem e nós pagamos para as companhias ou firmas, nós vamos lá marcamos um pedaço de terreno com x hectares, eles fazem e nós pagamos... com o dinheiro que vem do ITI. Ainda agora andei lá a fazer em cima uma limpeza, seis hectares, tivemos de pagar, a um aqui de Travassos... tem uma empresa e pagámos-lhe, também para limpar o carvalhal, também o limpavam... também lhe pagámos. E a outra é com os sapadores

AL: era isso que eu ia perguntar, porque é que não são os sapadores a fazer essa limpeza?

MCov1: porque os sapadores não conseguem fazer essa limpeza toda. Ah, nós temos muitos hectares. Num sítio que aquilo tenha muito mato, às vezes para fazerem um hectare vêm-se partidos... não é fácil. Mas lá vão fazendo aquilo que podem...

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1: do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos

de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

MCov1: ai, temos muitos

AL: corresponde a quê? À população da aldeia?

MCov1: Sim, da aldeia

AL: toda a população da aldeia...

MCov1: mas só são compartes aqueles que vivem cá, quem não tiver casa não é comparte

AL: e se tiver casa aqui mas viva em Lisboa?

MCov1: se tiver em Lisboa, o quando vier para cá é que tem direito

AL: imagine que há uma pessoa que só vem ca no verão... pode votar?

MCov1: não. Não pode, não. Estando inscrito pode. Mas não estando inscrito não pode. Tem de estar. Eu tenho aí o coiso... dos...

AL: o regulamento?

MCov1: sim. Quer ver?

AL: sim, pode ser...

[vai buscar documentos]

MCov1: ... eu tenho para aí papelada que deus me livre

AL: o carvalhal foi plantado por vocês ou já lá estava?

MCov1: quer dizer, o carvalhal existe há muito tempo. Esteve lá toda a vida. Para ali em Pitões, esses carvalhos não se dão aqui, que eu até pedi há uma série de anos... para aí cento e tal mil... mais, mais, primeiro fizeram setenta e tal mil e depois fizeram outro coiso... que eu andava lá...

AL: mil quê? Mil pés ou hectares?

MCov1: uma área para ser florestada...

AL: ah, eram hectares, não eram pés então? Quando disse setenta e tal mil eram mil quê?

MCov1: contos! Naquele tempo era contos... naquele tempo estava lá eu de guarda e era contos. E eram setenta e tal mil e depois pediram outros tantos e andava lá uma companhia, e nós andávamos lá com o carro, eu tinha uma carrinha do Estado, e andava lá, tinha o coiso para botar água, por causa dos incêndios também, e depois andava lá a regar aquilo todos os dias, foi do verão a regar, regava, regava, podia regar agora aquele hectare acolá adiante, andávamos aí todos os dias 3 a 4 horas. Ao fim... nem um escapou! Nem um... gastaram o dinheiro e ...

AL: o fogo?

MCov1: não foi o fogo! Morreram todos! Não deram nada, não deram nada! Foi dinheiro botado por água abaixo... o dinheiro que lá gastaram... foi todo!

AL: isso já foi há muito tempo...

MCov1: foi logo nos princípios, quando eu comecei a trabalhar no Parque... mas andei lá com eles, eles eram do Alentejo... eram, eram, a companhia que lá andava era do Alentejo, ainda me lembro... e depois... vá lá que ainda deixaram lá 3 poços feitos... de resto, nem o vidoal... fizeram pela estrada fora e depois trouxeram aqueles... puseram aquilo por cima, para as vacas não comerem. Foi tudo embora, já não há nada. Há um aqui, outro acolá, mas já não interessa para nada. O carvalhal, o carvalho... nem um ficou, nem um... e eu andava lá a regar todos os dias, lá com os homens, a regar, a regar aquilo todos os dias, todos os dias tínhamos de ir para lá a regar... ao fim não deu nada. Não dá! O carvalho tem de nascer aqui, é daqui! Vai às [*Não se entende*] eles nascem! Se não houver rês, cabras, que agora aqui não há, elas não vão lá para cima, já aparece ali uma ou outra, já são grandes, uma outra acolá, grandes! Já temos de as limpar... se fosse a rês não havia nada, a rês comia tudo por baixo, todos os anos não vinha para cima, por isso é que temos muito carvalhal

AL: de regeneração natural?

MCov1: natural, sim. Temos muito carvalhal, por limpar... ainda por cima com os de Travassos que depois querem vir pastar para ali, este ano estiveram lá de noite, queimaram aquilo tudo, a parte lá de cima da serra, limparam aquilo tudo com o lume

AL: mas a zona de carvalhal?

MCov1: o carvalhal também... tudo!

AL: do vosso? De Covelães?

MCov1: sim, sim, porque eles vêm passar para o nosso

AL: mas quem é que queimou?

MCov1: os de Travassos... e os de Pitões... se não foram são os de Travassos são os de Pitões, eles são da mesma família, são genros, ou sogros ou genros e depois chegam fogo para irem lá pastar

AL: mas não queimou as árvores ou queimou?

MCov1: algumas queimaram

AL: então vocês ficaram chateados ou não?

MCov1: ah pois ficámos! Ficámos e é por isso que não os queremos deixar passar para cá! Dão-nos cabo do carvalhal todo... se os deixarmos abusar todos os anos nos queimam, e depois ficamos lixados, sem carvalhal, não pode ser! Mas isto é... é uma malandragem do carambas! Por causa do gado! O Senhor Duro arranjou... ele estava na França, veio para aí, o tio é que lhe deu a mão...

AL: quem, quem? Desculpe?

MCov1: o Duro, de Travassos... e arranjou 70 ou 80 vacas, meteu agora para aí 80 ou uma coisa assim, têm-nas na corte e depois agora bota-as para o nosso monte... e depois queima o monte. Vai buscar um subsídio com a sombra [*? Não se entende*], com as vacas, apanha o monte tinha cento e não sei quantos hectares de monte baldio, ia buscar uma fortuna, só ele do coiso tirava para cima de 20000, mais que 20000, para aí 80000 de subsídio lá de... do ITI, lá do monte e das vacas e coiso... tira uma fortuna... mas agora lixou-se, agora já não tem tanto terreno... agora as vacas andam no nosso, pois... se lá for agora elas andam elas lá em cima todas...

AL: e vocês não dizem nada?

MCov1: não... agora já não dizemos nada. Elas ficam lá... porque eles agora chegaram-lhe fogo e agora a erva vem e as vacas não saem de lá, nem os cavalos

AL: as deles...

MCov1: as deles, não saem de lá... e as de Pitões. Pitões vão para a zona do monte nosso até que chegam ao de Travassos. E os de Travassos chegam ao de Pitões. Mas para o de Pitões não passam, só andam é no nosso

AL: então mas se isso é contra a vossa vontade vocês não dizem nada?

MCov1: chamo-lhe a guarda não adianta nada... a guarda não quer saber, o que é que vamos fazer?

AL: não, mas falar com eles directamente

MCov1: ah, isso dá para alguma coisa? Não querem saber... nada

AL: mas portanto, assim quando as vossas vacas forem já não há erva, ou há menos erva...

MCov1: sim, as nossas vacas agora de verão vão... algumas. Mas depois lá andam todas juntas

AL: com as deles?

MCov1: pois. Depois de inverno as nossas andam ca em baixo e as deles andam no nosso monte... em cima. De inverno o baldio de Pitões que fica perto do nosso monte, da nossa área, e eles vêm para o nosso... andam lá, quando os dias estão bons, quando não há neve, passam aquilo tudo, metem-se com o gado pelo monte

AL: e vocês não conseguem regar isso?

MCov1: para quê? Não vale a pena... para quê? Chatear-nos e ao fim vamos para tribunal e ainda ficamos mal... deixam as vacas sozinhas... porque tem um sítio ali de Pitões que aquilo é tudo... deitam-nas sozinhas... as vacas fugiram para lá. Andavam para ali com elas, e se for preciso anda lá pessoal com elas e diz que fugiram... se fugiram não pagam nada. Por isso não vale a pena meter-nos com eles

AL: e há mais alguém a usar o baldio sem autorização?

MCov1: não, Travassos, Tourém também vêm

AL: e em outro tipo de usos que não sejam o gado como “E depois a caça, temos a caça... os de Montalegre, Aldeia Nova, andam toda a noite com os carros, por um lado, por o outro, dão cabo da caça toda. Depois não há ninguém do parque que venha aí olhar por isto. Nada! Podem chamar a guarda, podem chamar o coiso... não vem ninguém! Não querem saber disto. A guarda está tudo contra isto (...) contra o parque, contra o parque (...) pois, a GNR quer lá saber do parque... sei lá [se são eles que agora estão a fazer o serviço florestal], para aqui não fiscaliza nada, não querem saber de nada, não ligam nada”

AL: e em outro tipo de usos que não sejam o gado como empresas de turismo que trazem aqui pessoas para fazer percursos pedestres ou assim... não há nada disso? Que usem o baldio sem vos dizer nada...

MCov1: turismo aqui há muito turismo, Covelães também passam aqui, passam aqui no povo, e depois vão por aí fora pelo nosso monte, e depois vão ali até Paredes, vão ali para ... Outeiro. Outeiro, vão a Outeiro mas vão a Fiães

AL: e essas pessoas sabem que isto é baldio, que não é público ou...

MCov1: sabem, sabem

AL: e vêm com empresas ou vêm sozinhas...?

MCov1: vêm passear

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MCov1: não. No outro dia passaram aqui uns cavalos, estava aqui um ? “xii, tanto cavalo!”. Disse “então, vieram aqui montar?”. Então ele disse “ é que aqui não se vê nenhum sinal” o sinal do turismo, é ali atrás, disse-lhe eu, é ali atrás, tem de subir ali acima, lá para cima para a serra, “vamos embora então...” e lá foram.

AL: mas devem pensar que toda a gente pode ali entrar... e podem pelos vistos

MCov1: podem, podem, podem

AL: vocês não vos faz confusão nenhuma que as pessoas entrem no vosso baldio e que...

MCov1: não, não. Nem se cobra nada... que há muitos lá para baixo para o Geres é que cobram, cobram um x a cada um. Mas aqui não se cobra nada...

AL: mas o quê? Nos baldios ou no Parque?

MCov1: nos baldios... parque, os baldios são parque também...

AL: mas quem é que cobra, sabe?

MCov1: lá há guardas a cobrar

AL: ah, é pessoal do parque que cobra...

MCov1: aqui não... aqui passam, entram quando querem.

AL: agora por vacaria, quais têm sido as contribuições do baldio, através do CD, aqui para o povo?

MCov1: nós temos feito muitas coisas, o baldio... o ITI, nós há coisas que vamos fazendo... olhe, já me fez um centro social, que é uma casa que manda peso, é uma casa que está fechada agora, dá para as borgas, quando se fazem umas brincadeiras, vão para lá, vem o presidente da câmara, vêm os outros da câmara também; já lhe arranjei a igreja, a igreja estava numa lástima

AL: aqui em Covelães...

MCov1: Covelães! Arranjei-lhe a igreja toda, botámos-lhe tudo por cima, estava tudo a cair. E arranjei-lhe a ... as coisas que nós fazemos ponho lá o povo a limpar e esse dinheiro resta depois para... fiz-lhe uma casa mortuária que me custou 30000, 35000, ainda passou, e agora ainda tenho de lhe dar mais mil por causa de umas coisas que ele lá fez demais, mais 1000 e tal euros, 1100, já tenho até o cheque para lhe dar, já temos feito aí muita coisa...

AL: e a Junta não faz nada dessas coisas? Ou a câmara, não sei bem a quem competem essas coisas...

MCov1: não faz nada!

AL: então se não fossem vocês isso estava tudo na mesma ainda?

MCov1: estava tudo na mesma, isto aqui estava na mesma como estava antigamente. Agora é que temos feito, tenho-lhe eu feito o coiso... o centro social que é uma casa boa que nós fizemos ali, mas a câmara também ajudou, também deu algum, nós

demos 60000 para ajudar a fazer aquilo, a câmara deu... acho que nem 40000 deu. Mas a igreja fiz eu... foram 20000 que eu dei para a igreja para arranjar aquilo que estava toda já a cair, e agora fiz-lhe a coiso, foram 35190, não 35140, o homem até disse que tirava os 140 mas ainda quis os 140... o empreiteiro. E agora tinha lá umas coisas por baixo para arranjar levou mais 1100. Se não arranjassemos aquilo, se não fosse eu estava desgraçado isto. Depois ainda limpo as poças da rega, faço-lhe os regos para as propriedades, limpo-lhe as poças todas, tenho feito no monte também, algumas, algumas estão feitas no monte... tenho feito muita coisa, que eles aí até deviam ficar todos contentes, mas...

AL: a Junta é que devia ficar muito contente, é menos um peso

MCov1: temos feito muitas coisas, já fizemos, fizemos agora aqui uma casa, tivemos de fazer o muro, fomos..., os sapadores é que fizeram o muro, arranjaram-me um caminho lá adiante, também era contra a lei, disse o Carvalho, mas lá andaram 2 semanas, também o conselho directivo... temos feito muita coisa, só estão a beneficiar dos sapadores. Os sapadores têm feito muita, muita coisa e fazem em Travassos, e fizeram em Sezelhe, já lá fizeram muita coisa, e fizeram em Paredes, uma pocilga! Agora têm lá uma pocilga que manda peso! Em Paredes... os sapadores, foram eles que fizeram tudo! Aquilo diz-se que se pode ver, eu por acaso ainda lá não fui, mas aquilo pode-se ver, já lá tem uma data deles, uns 20...

AL: em Travassos?

MCov1: não, em Paredes!

AL: peço desculpa, eu ainda troco as aldeias todas, ainda não as conheço...

MCov1: em Paredes, Paredes, tem lá uma pocilga que manda peso! Já lá foi muita gente ver

AL: e foi tudo feito pela malta dos baldios?

MCov1: foram os sapadores que fizeram tudo

AL: pois, pagos pelo...

MCov1: ainda no outro dia estive lá o presidente da câmara, estive lá na câmara, o chefe da equipa... porque eles têm um chefe da equipa e disse-lhe "quem fez isto fomos tudo nós! Tudo nós! Está tudo feito por nós!". E pronto, então se trabalham também recebem. Dei-lhe mais 5 mil euros para lhe aumentar, disse "vou-lhes dar mais 5 mil euros! Para vos aumentar, estais a ganhar pouco e têm de ganhar mais". Já ganhavam, já botava 800 euros a cada um, e ainda dei os 500 euros... não...

AL: não, os 5000 a dividir por 5 não é?

MCov1: sim. Dá 1000, mais 1000 a cada um... é bom. Primeiro queriam-nos por fora... "que não trabalham" e tal. Depois disse "não, os que trabalham aqui no Parque Nacional são os nossos... então olha, já fizeram isto, isto, isto..." prontos. Pronto, então vou dar mais 5 mil

AL: ah, lá na câmara também diziam que eles não trabalhavam...

MCov1: sim, foram dizer lá, o presidente da Junta, que eles não trabalhavam, que havia alguns que era melhor mandá-los embora, e não sei que mais. Depois ao fim ainda lhe dão mais 5000

Fafião: MF1

AL: e a questão da Lei dos Baldios. Aqui a malta está toda a par do que se está a passar, não... bom, tu estás de certeza, mas ...

MF1: sim, está, mais ou menos, sabemos mais ou menos como é que é, como é que vai funcionar. Por exemplo quanto... eles falam nas assembleias, falam em 30%, em 50%... e aqui não é muito fácil, por exemplo Fafião tem 172 compartes, vamos imaginar que eu precisava numa reunião, uma alienação de terrenos que serão 50% ou uma coisa assim perto disso, e eu nunca na vida consigo juntar esses compartes. E essas coisas aí não estão muito bem. E depois quem vai fica com a sensação “afinal o que é que vim fazer?”. Depois tem de ser marcada para passado 8 dias e as pessoas sentem que...

AL: não têm liberdade de acção não é?

MF1: pois, e é um bocadinho complicado as pessoas depois virem outra vez. Mas o pessoal ainda vai aparecendo. Muita gente que se interessa... e aqui tem uma coisa boa, que tem muitos jovens, durante a semana até nem estão cá quase nenhuns, mas ao fim de semana tem uns no Porto, tem outros em Lisboa, tem muitos em Braga, e ao fim de semana volta toda a gente para aqui. Aqui o pessoal, esta malta nova gosta disto, esta aldeia vai viver muitos anos

AL: ai, que maravilha! É raro ouvir esse tipo de discurso

MF1: pois é. Por exemplo, temos um em Lisboa na marinha que sempre que pode ao fim de semana vem cá, e não era qualquer pessoa que fazia isso... também já foi presidente do conselho directivo

AL: portanto a malta toda da aldeia pode usar aqui o baldio

MF1: pode... pode vir aqui buscar mato, pode ir buscar lenha, sabem que não podem cortar carvalhos, sabem que não podem cortar sobreiros, podem levar os pinheiros que estiverem secos e os carvalhos que estiverem secos também os podem levar, e o mato, podem levar tudo, agora chegar aí e cortar à sorte, está ali um pinheiro grande verde com um tronco grande não chegam ali e cortam, porque isso ia-lhes trazer problemas, esse pinheiro é da aldeia, e o dinheiro que esse pinheiro der é para a aldeia, é para o baldio

AL: vocês têm usado o dinheiro como, ou seja, qual tem sido o vosso grande investimento... por exemplo, esse dinheiro... tenho lido que por vezes o dinheiro é investido em benfeitorias para a aldeia, por exemplo, construções...

MF1: sim... por exemplo nós comprámos a escola, as escolas aqui na freguesia deixaram todas de funcionar excepto em Cabril e a câmara optou por vender as escolas. Nós achámos que a escola aqui não devia ser para um particular, então optámos por, o conselho directivo chegou lá e pagou o valor da escola e comprámos a escola, ficou para a aldeia, e lá fazemos eventos, desde, temos aí uma associação, que é a associação Vezeira que faz... que é para o desenvolvimento daqui da aldeia e manter as tradições... fazemos a matança do porco, o trilho do medronheiro, plantação dos currais na serra, temos uma outra plantação aqui mais em baixo, temos muitas actividades, e fazemos lá esses eventos. Fazemos lá por exemplo o magusto aí para as pessoas, fazemos... aqui a festa roda pelas pessoas, e então uma coisa que se costuma aqui fazer para angariar fundos é jogos de cartas, sueca, de truque, que é outro jogo também aqui muito utilizado, também fazemos lá na escola. Ou seja, aqui toda a gente pode usufruir da escola. Imagine que você é daqui e chega aqui “oh Raul vou fazer anos e precisava da escola que em minha casa não cabem 20 pessoas, será que me podias emprestar a chave?”, e eu empresto, as pessoas vão lá... ou jovens que, temos danças de salão, há aí concertinas, é para toda a gente, a escola é um sitio público aqui para a aldeia, toda a gente usufrui aí desse espaço e foi comprada com esse dinheiro

AL: [falo do baldio de Vilarinho como exemplo da importância que dão à inclusão das crianças no conceito e na importância do baldio e pergunto... o Raul não conhecia o o baldio de Vilarinho ou a sua história]

MF1: ah, não sei, por acaso nunca ouvi falar nada disso

AL. Estou a introduzir isto só para perguntar se vocês cá costumam, sei lá, as crianças das vossas famílias, das pessoas que estão relacionadas com o baldio, se sabem o que é o baldio, se se interessam ou se vocês se interessam em inseri-las nessa realidade...

MF1: eu acho que toda a gente que veja as coisas a funcionar começa a ter interesse em fazer parte de um projecto que funcione bem e que faça as coisas acontecer. As coisas, acho que vão surgindo de uma forma natural. Não estamos assim a, como disseste, não estamos a treiná-los...

AL: pois, não digo tanto. Pelo que percebi o objectivo ali é sensibilizar, vá, as crianças para a importância do baldio, não no sentido de ensinar os miúdos a fazer as coisas. Eles quando chegarem a jovens lá decidirão o que querem fazer. No fundo é integrar as pessoas da zona desde miúdos naquela realidade e na importância daquela realidade, desde miúdos. Agora, acredito que isso aconteça naturalmente, que é o que estás a dizer...

MF1: sim, aqui acho que toda a gente sabe o que é o baldio, assim quando são pequenos se calhar não lhes interessa muito, se calhar o que interessa mais é que

comecem a dar valor à floresta e a saberem coisas como dantes se faziam, se calhar alguns ensinavam a queimar para os animais terem pasto e agora é importante que essa malta nova não vá fazendo isso, e não vai, já começam a ver aqui as coisas de outra maneira. Mas eu acho que essa integração vai acontecer e acontece de forma natural.

AL: sim, já percebi que aqui as pessoas estão todas inseridas, que não são necessárias grandes formalidades...

MF1: sim, quando efectivamente veem as coisas a funcionar, e se calhar até hoje fazemos uma actividade, a associação aí também tem um papel importante de envolver toda a gente, as pessoas sentem-se integradas e sentem que efectivamente isto aqui tem muito valor e que...

AL: encontrei o *site* do conselho directivo, esse encontrei... quer dizer do baldio

MF1: mas eu até acho que aquilo está desactualizado

AL: pois, acredito que esteja desactualizado, mas é interessante ver que existe um *site*, pelo menos aqui do Gerês não encontrei mais nenhum, não quer dizer que não haja outros, mas foi o único que encontrei. Fiquei impressionada com Fafião. Não deve ser fácil, não há aqui muito acesso à rede pelo menos...

MF1: acesso à rede até a bem dizer já toda a gente tem. Uma coisa que eu até me tinha lembrado de fazer era instalar a rede sem fios na aldeia. Entretanto ainda acabei por não... são muitas coisas. Parecendo que não temos muitos projectos em mão, temos muitas dores de cabeça por vezes e é complicado porque as pessoas... eu agora estou semi desempregado mas os meus colegas não... e é complicado, hoje precisas de ir para aqui, amanhã precisas de ir para ali, tens de entregar os papéis daqui [muito vento] umas obras que estamos a fazer com o apoio da câmara e acaba por ser muita coisa e então algumas coisas vão ficando mais adormecidas mas entretanto alguém no espaço e no tempo tem mais tempo livre e vai tentando pôr tudo a andar para a frente. Embora que são muitas coisas, tenho aí muitos processos ao mesmo tempo e ...

AL: todos relativos ao baldio...

MF1: sim, sim, sim... estamos aí a tentar construir essa zona, esse polígono pecuário para tirar os animais, são duas zonas, isso é preciso muita coisa e o ICNF está a bloquear um bocadinho o processo. E temos mais coisas, estou a tentar fazer uma garagem para os sapadores meterem o carro, e também para porem os materiais que eles têm muita coisa. Estou também a tentar reabilitar o campo de futebol, estamos a fazer um alargamento também na aldeia com o apoio da câmara municipal

AL: alargamento da aldeia? No sentido de quê? De construir casas e assim?

MF1: de alagar numa casa e de fazê-la noutra sitio

AL: ah, eu vi ali qualquer coisa de loteamento e não sei quê...

MF1: ah, sim, também temos loteamento mas isso não é com o conselho directivo, é com a Junta

AL: é o quê isso?

MF1: um loteamento é um conjunto de casas

AL: mas é para quem? É para os moradores ou para fazer turismo?

MF1: é para quem quiser, nesta fase eles vendem a quem estiver interessado... inicialmente pensava-se que fosse só para aqui, mas demorou muitos anos o loteamento e havia pessoas que não acreditavam naquele projecto e as coisas foram sendo atrasadas. Agora uma casa já está a ser feita e eu acho que daqui vai alavancar e que daqui a meia dúzia de anos vão estar ali as casas todas feitas naquela zona do loteamento

AL: mas aquilo é importante para vocês haver esse loteamento, para as pessoas que vivem aqui em Fafião ou ...

MF1: há, e toda a gente que tem aqui alguma coisa tenta melhorar aquilo que herdou e tenta fazer uma coisa nova, e ali é o sítio ideal para fazer uma casa nova

AL: mas vão ser assim todas iguais tipo Lisboa?

MF1: não, não vão ser todas iguais mas [VENTO]

AL: ... Esses caminheiros, eles usam o baldio sem qualquer tipo de conhecimento... as pessoas não fazem ideia se se encontram numa área de baldio, se estão em terra ou floresta pública... não é?

MF1: Eu... quer dizer, grande parte deles acho que vai falando com as pessoas e vai sendo informada que está em terreno de uma aldeia, em terreno baldio. Quem vem aqui algumas vezes fala com as pessoas fica logo a saber. Mas isso também não é importante. Importante é que normalmente essas pessoas vêm e não deixam lixo, não fazem nada de mal, vêm e não perturbam nada, dão o passeio deles, ficam contentes e voltam a ir embora

AL: pois, exacto. Vocês costumam fazer monitorização da utilização do baldio?

MF1: normalmente quando aparece assim alguma coisa fora do comum as pessoas, os próprios compartes tendem a dizer “olha, eu passei ali não sei onde e vi que cortaram lá uma árvore, ou partiram a cancela da cerca das Fontelas” ou qualquer coisa assim. E eu dou um toque aqui nos sapadores e eles vão lá ver o que é que se passa, ver se está tudo bem e se não estiver vêm aí. Mas normalmente sabe-se sempre se alguém fez alguma coisa de mal acaba por se saber sempre

AL: portanto não sentem que há muitas pessoas a usar o baldio e que não lhes diz respeito ou que não têm esse direito, que não contribuem para a gestão do baldio mas usam-no, enfim...

MF1: uuh, pronto, temos aí alguns casos que... por exemplo há aí pessoal que quer vir para aqui buscar pinha, é um exemplo, “olhe, podíamos ir buscar pinhas?” e vêm com uma carrinha de 3500 kilos! E eu... “ouça lá amigo...”. Não podem! Mas eu não me importo que levem 4 sacas de pinhas, agora para levar daqui as pinhas para as vender noutro sítio calma lá! Isso não é assim! E eles já aí ficam... pronto, lá compreendem o que é que se passa e... por exemplo a lenha também não se pode levar, é só para o pessoal daqui, e pronto...

AL: e não há malta que não seja da aldeia a pastar aqui o gado?

MF1: há. Pronto, aqui os nossos vizinhos, a fronteira não tem uma rede para eles não poderem passar para cá, e também tem aí às vezes no nosso terreno os animais de Pincães, também os nossos podem passar para lá, o que não é o caso porque nós não deixamos aí os animais ao abandono. E daquele lado as populações da Ribeira têm direitos aqui no nosso baldio, ou seja, já antigamente, eles não tinham muito baldio, passam os animais numa barca, na barragem, e depois andam aqui nos nossos currais. Os nossos animais vão sempre à frente, por exemplo, agora amanhã vão ser postos em Salgueiro, eles para Salgueiro não podem ir, depois vão para Pinhô, para Pinhô já podem ir, só que só podem ir depois de nós lá passarmos. Têm direitos de andar, pronto, podem andar ali a pastar e ficam ali na nossa zona e na da Ermida, mas não têm nada, só têm direitos de pastagem. Vão sempre depois de nós

AL: e quem é que resolve os conflitos? Imagina que eles iam antes...

MF1: ah, não, eles sabem que não podem ir. Se fossem lá isso já ia dar uma confusão porque juntava-se aqui a vezeira e depois eles iam ter problemas

AL: mas quando existem conflitos, entre aldeias ou mesmo dentro da própria aldeia, são vocês que fazem assim uma espécie de tribunal local ou isso nunca acontece?

MF1: ah, pronto, às vezes se for assim um problema menor tenta-se conversar com as pessoas porque aqui as pessoas também são assim um bocado de, têm o sangue quente e são de guerra, são até muito boa gente aqui, este lugar vê-se os campos todos nesta altura lavrados e muita gente a trabalhar, são muito trabalhadores mas também são de guerra, quando for para guerra também são... cuidado com eles. Mas tenta-se chegar a um entendimento e é importante que as pessoas novas que vêm as coisas de uma forma diferente, os filhos ou alguém que seja que esteja próximo deles, que lhe tente fazer ver as coisas, porque às vezes à conta de uma coisa pequena cria-se um problema enorme.

AL: sim, sim. Mas não tem acontecido assim questões que são mesmo difíceis de superar que têm de chamar a justiça...

MF1: não, temos aí esses problemas das árvores mas aí não há nada a fazer porque eles não podem retirar os terrenos do registo, só com o tribunal, e é isso que nós vamos fazer... que estamos a fazer.

AL: e não ficaram conflitos com essas pessoas?

MF1: não, eu acho que as pessoas acabam por entender, porque depois essas pessoas até normalmente até têm filhos e os filhos dão-se... esta juventude dá-se toda bem, se calhar há um ou outro dos mais antigos que tem algum problema e que nunca vai ser superado porque... não sei, os traumas do passado, mas essa malta nova dá-se toda bem e acaba sempre depois por resolver os conflitos. Aqui há uns anos as coisas estavam muito piores, havia mais conflitos, depois as coisas se calhar também não foram feitas da melhor forma, mas agora os problemas vão sendo dissipados

AL: então tu dirias que o que dá aqui mais rendimento ao baldio é a venda de madeira?

MF1: é. E as ITI's eram muito boas, eram muito boas para o baldio. Se não tivermos neste ano de 2015 essa receita, pronto, sabemos que alguma coisa normalmente será recebido... mas, se não tivermos essa receita, o balanço dos sapadores este ano que já não temos madeira para vender, porque acabou um corte do último que fizemos, já vai ser negativo e que se está assim 10 anos perdemos em 10 anos tipo 200 000 euros e assim é complicado. Essa diferença dos sapadores faz-nos falta.

AL: o baldio tem vindo a perder alguma área, por alienação ou expropriação...?

MF1: nós já fizemos aí... expropriado nunca, mas já vendemos alguns terrenos... segundo a nova lei pode vender-se no caso de ser para construção, pode vender até 1500 m² para construção. Nós temos aí um caso que foi um desses que esteve em tribunal, em que as pessoas possuíam as árvores e não tinham o terreno, optámos por chegar a um... nós ganhámos, mas as pessoas tinham lá as árvores e até era uma zona de construção e optou-se por vender essas áreas a essas pessoas (... barulho) pronto, também não se ia vender o terreno a outras pessoas, ficavam ali com as árvores deles lá metidas no terreno. E aí vendeu-se. Vendeu-se também ao construtor para fazer ali uma zona de pavilhões da construção civil, tem uma empresa, e também se vendeu outros sítios onde já existiam edifícios, tipo uma corte ou uma garagem, um bocadinho de terreno para as pessoas lá poderem construir a sua habitação.

AL: ok... isso tudo junto dá para aí quanta área?

MF1: dá um hectare e meio, 1.8...

AL: tudo junto?

MF1: sim

AL: e quando vocês fazem isso tem de contactar o ICN?

MF1: não, não temos. Nós temos aqui uma regra, se tivermos na zona do PDM para construção, 5 euros... foi tratado isso na assembleia, com as pessoas lá, com os compartes necessários para fazer isso... vendemos a 5 euros por m2 dentro do PDM, e fora do PDM vendia-se a 2.5 embora que fora do PDM hoje já não se pode construir por isso também acaba também por não se poder vender

AL: vocês agora com esta leva que houve de PUB's, em que muitas associações foram contactadas para elaborarem os planos de utilização dos baldios, a BALADI, a FORESTIS, etc, aqui também foi feito nessa altura ou?

MF1: aqui foi feito quando... pronto, esses dados que são anteriores eu não sei bem, o plano de gestão, de utilização, foi feito em 2012 e é até 2017, eu até tenho lá o plano no carro e podemos ver...

AL: foi feito antes de tu...

MF1: sim. E agora tenho de dar seguimento porque as coisas são mesmo assim. Pronto, às vezes podia ter alguma coisa que as pessoas me dizem "ah, tu vais limpar ali" ou "vais fazer isto", e se calhar é melhor fazer noutra zona, e eu vejo com as pessoas, e se efectivamente for uma coisa que tem uma lógica e que as pessoas estejam de acordo, muda-se, porque as coisas também não são assim tão rectilíneas, dá para mudar

AL: claro. E esse plano foi feito por vocês ou com a associação?

MF1: com a associação, com a Lúcia

AL: com o Secretariado

MF1: esses pormenores técnicos a Lúcia é que sabe explicar tudo. Pronto, depois os baldios acabam por ter muitas... pronto, acabamos por ter muitas vertentes que tem muitos assuntos e não é fácil uma pessoa estar completamente especializada naquela área. É-me difícil, esses pormenores todos da gestão, como é que é, como é que não é, saber tudo ao pormenor, que não sei. Se eu dissesse que sabia estava a mentir. Há muita coisa ali que não preciso de saber e então já não me preocupo com isso. Temos muita confiança na Lúcia, ela é espectacular. Nesse aspecto é mesmo do outro mundo

AL: vocês para fazerem parte da associação tem de pagar... cada baldio tem de pagar x para a associação se manter viva ou ...

MF1: sim, nós temos de pagar. O que nós pagamos é uma percentagem de acordo com as ITI's. Porque eles fazem as candidaturas e tudo o mais e nós damos-lhes uma percentagem, uma coisa mínima.

AL: isso ao SBTMAD ou à associação dos baldios?

MF1: ao Secretariado

AL: na associação dos baldios não há propriamente um pagamento ou há?

MF1: não sei se há alguma quota, mas pelo menos desde que eu entrei ainda não paguei nada

AL: vocês têm reuniões periódicas

MF1: temos duas obrigatórias. Uma é a 31 de Março quando se apresentam as contas, e uma até 31 de Dezembro onde se faz o planeamento. O que tu esperas gastar e onde é que pensas investir, e coisas desse género

AL: e isso é guiado pelo PUB não é, esse planeamento?

MF1: é guiado... mais ou menos. O que está no plano de gestão, é da parte da floresta (VENTO), agora o que temos depois... é tipo, gastámos 2500 euros em gasolina com os sapadores a limpar os montes ou a fazer as limpezas, gastámos 2500 numa reparação do carro não sei o quê...

AL: ah, gastámos... tem a ver com o passado, ok! Pensei que...

MF1: sim, a das contas é... a do planeamento é do tipo, eu disse este ano que estava a pensar fazer uma garagem para o carro dos sapadores, que estava a pensar requalificar o campo de futebol, pronto, é o que eu tenho em mente, algumas das coisas vou fazendo, mas há outras que vou fazendo que nem sequer estão lá...as coisas também não são assim tão lineares

AL: então essa reunião de planeamento não tem a ver com o tal PGF...? Não tem a ver com as acções na floresta, tem a ver com...

MF1: tem. Só que, pronto, as pessoas aí [na reunião de planeamento] é que são informadas do que é que se vai fazer no ano, mas as coisas já estão delineadas. Tipo, nesta parte aqui vais limpar forrageira ou vai-se limpar um caminho não sei onde também se informa (...) poderá alterar-se, se for uma coisa que as pessoas achem que é melhor aqui do que ali, não sei quê. Mas [o PGF] é uma coisa construída para 5 anos, pelo menos

AL: pois, exacto. Nessa reunião de planeamento definem mais o que se vai fazer nesse ano

MF1: sim, em termos de obras, obras em termos de, ou uma plantação aqui, ou uma plantação ali caso seja necessário. Uma das coisas que eu queria era reflorestar aí uma zona de tipo 2 hectares. Vamos dizendo o que efectivamente se pretende fazer. Agora o plano claro que ... pelo menos ficam a saber o que vai sendo feito, nem toda a gente sabe

AL: e costumam aparecer assim bastantes compartes nas assembleias de compartes?

MF1: costumam. As vezes quando se trata de um assunto que não tenha nada a ver com eles, que não lhes interessa nada, que não lhe interesse directamente, muitos não aparecem. Se for uma coisa, tipo os subsídios, aparecem lá todos, nessa reunião não falta nenhum

AL: porque supostamente compartes são todos os da aldeia não é?

MF1: é... podem votar todos os que morarem aqui ou que tiverem, com a nova lei, aí uma actividade agrícola ou florestal

AL: imagina que estava aqui uma empresa qualquer a fazer produção de pinheiros ou o que fosse... essa empresa podia ...

MF1: tinha direito ao baldio. Só que aqui nos não vamos aceitar isso. Está na lei só que em assembleia nós... julgo que podemos deliberar sobre isso. Não tem logica absolutamente nenhuma, se alguém vem para aqui com um projecto de cabras, imagine que era uma aldeia pequena, vinham 10 com um projecto qualquer e eram logo mais do que os habitantes da aldeia, não tem absolutamente logica nenhuma. Mas isso aqui não vai ser fácil que o pessoal aqui não deixa as coisas para ninguém

AL: pois, isso era uma coisa que eu me questionava... se localmente a lei tem o impacto que se pretende que tenha

MF1: mas na lei nem tudo é mau, porque aí na aldeia ao lado quando foi das eleições da última vez apareceram para votar 500 pessoas e a aldeia tem cento e poucas. Lá toda a gente que tenha um bocado de terreno pode votar ... aqui não, só pode votar quem mora aqui, quem tenha aqui residência. Quem tem residência em Braga não. Ou tem aqui a residência ou então não pode votar. E aí não havia hipótese. Só votaram mesmo os que são daqui e os que moram aqui

AL: porque vocês decidiram assim

MF1: porque faz sentido assim. Não tem lógica, as pessoas que tem aqui coisas mas que não querem saber disto nem vem cá estarem a decidir o que... uma coisa que não lhes diz respeito. Agora imaginemos que era uma família enorme numa aldeia pequena, essa família que nem quer saber daquilo para nada ia lá e votavam e faziam daquilo o que quisessem

MF1: porque faz sentido assim. Não tem lógica, as pessoas que tem aqui coisas mas que não querem saber disto nem vem cá estarem a decidir o que... uma coisa que não lhes diz respeito. Agora imaginemos que era uma família enorme numa aldeia pequena, essa família que nem quer saber daquilo para nada ia lá e votavam e faziam daquilo o que quisessem

AL: pois, então de alguma forma concordas com a lei nesse sentido...

MF1: concordo

AL: mas imagina, pelo que percebo da nova lei, de repente todos os eleitores da freguesia passam a ter direito ao baldio. No caso de Fafião, todos os eleitores da freguesia de cabril, a luz da nova lei, passar a ter direito ao baldio de Fafião e podem votar aqui...

MF1: não, não, não.

AL: porque Fafião esta incluído na freguesia de cabril certo?

MF1: está na freguesia de cabril mas aqui só há um caderno de recenseamento eleitoral. Aqui há uma mesa, e aqui só votam os de Fafião, não vem aqui votar os de cabril. Nem os de Fafião vão votar a Cabril, nem os de cabril vem votar a Fafião

AL: e tu achas que a nova lei tem isso em conta?

MF1: tem. Aí não vai haver problema, nesse aspecto não há problema

AL: porque realmente se formos ler aquilo á letra eles dizem que compartes são os eleitores das freguesias onde o baldio estiver inseridos. Mas eles associam freguesias a locais eleitorais, portanto agora fico algo confusa...

MF1: pois, nem tinha a mínima lógica nem nós queremos...

AL: e aqueles sapadores trabalham só para vocês ou têm outros trabalhos?

MF1: só, só, eles só são nossos

AL: então recebem um salário...

MF1: recebem, nós pagamos, até sou eu que faço esses pagamentos, pronto, dantes faziam por cheque, mas agora eu já faço tudo por transferência bancária, eu crio, a minha colega autoriza e pumba, está pago. E esses e muitos mais não é, porque depois temos as mais diversas despesas. Temos os gasóleos, temos os seguros, temos os jornais, porque recebemos jornais para saber se alguém fez uma escritura de algum terreno daqui, n coisas. Depois tenho para ai despesas e coisas para pagar, muita coisa! Depois temos as percentagens lá para o secretariado das ITI's. Pronto, é muita coisa... e lá vamos andando

AL: e a vossa comissão de fiscalização também actua nessas coisas ou...

MF1: actua, mas pronto, quando são as obras normalmente eu é que vejo tudo e eu é que quase faço esse trabalho todo. Mas eles sabem perfeitamente como é que andam as coisas e pronto. Quando as pessoas não estão... é complicado de motivar 14 pessoas para andarem e se interessarem. Porque quem está a frente é que está mais preocupado com as coisas.

AL: e as pessoas devem ficar descansadas "ah, ele está lá, ele deve saber..."

MF1: sim, não há problema ele toma conta disso

AL: olha cabras...

MF1: estas não são da vezeira, estas são de uma rapariga que tem aí umas 70... 70 ou mais, deve ter para aí já 100 agora.

AL: É daqui de Fafião ela?

MF1: é. Se não fosse não podia andar aqui... olha, está ali... olha o cão, já tem um cão dos bons...

AL: ia pá, esses cornos! É um boi?

MF1: não, não, aquilo é uma fêmea, só que tem os cornos assim

MF1: olá dona Teresa! Como vão as cabritas?

T: cá andam

MF1: aquela anda manca, a dos cornos grandes... esses cães são de raça Teresa?

T: este é, este e a cadela é

MF1: mas deram-nos?

T: o meu pai

MF1: mas não te vais candidatar aquele subsidio do ...

T: este já estava só que eu não entro

MF1: e não entra porque?

T: diz que tenho de ter 2 hectares de terreno

MF1: teu?

T: sim

MF1: e não tens...

T: já meteram o baldio mas também diz que não conseguiram. Não sei, nós, este, este já estava chipado e tudo. E aquela depois também era para ser chipada, quando tivesse a idade

MF1: pois, porque eles têm de pesar não sei quanto não é? Está bem, mas tem de se ver isso... a ver se se põe...

T: eu não percebo, o meu pai diz que lá em cima que fez com a cabeça de gado

MF1: pois, acho que eles falam em 50 cabras num campo

T: aqui a nossa associação disse que não por causa... tinha de se ter 2 hectares do baldio, de terreno. Tentaram meter o baldio e também não entrou

MF1: *eu hei-de perguntar à Lúcia se dá para fazer alguma coisa... os subsídios também são só até ao fim do mês. Era até dia 15 mas foram adiados, então... a ver se se pode fazer alguma coisa. Sim senhor, até logo*

T: *até logo, obrigado!*

AL: uuuh. Subsídios para cães?

MF1: sim...

AL: por causa do lobo?

MF1: sim... estão a dar um subsídio, acho que é até 320 euros por mês, e dão os cães. Davam os 320 euros, tipo para manter o cão...e davam o cão que era muito bom. Porque nos aqui utilizamos uns câezitos pequenos para irem virar as cabras de longe mas não são eficazes contra o lobo. E se calhar aqueles também não vão ser, mas pelo menos experimentamos, já que estão a dar. Eu gostava muito de fazer isso e de experimentar ai numa vezeira meter meia dúzia de cães desses, porque esses cães andam sempre com os animais e pronto, defendem-nos melhor e andam, espalham-se mais, e podia ser que assim o lobo não atacasse

AL: e o que é que ela disse, que era preciso ter 2 hectares?

MF1: sim, mas eu não sei muito bem como é que isso funciona. Porque depois aqui as associações às vezes não funcionam muito bem, e então é preciso uma pessoa andar em cima deles e informar-se noutros lados para lhes dizer “não, isso não é assim, é desta forma e isto assim tem de funcionar que eu já vi e informaram-me que era assim que tinha de funcionar”. Porque há aqui associações que não funcionam assim muito bem

AL: aquela associação seria qual? A que ela falou?

MF1: não sei muito bem qual é que é o nome...

AL: mas é uma associação de quê? De produtores...

MF1: é... depois aqui há varias associações, há uma *agrimonte*... outra... o nome desta aqui não sei qual é que é. E depois as pessoas não estão todas na mesma associação, umas estão mais viradas para uma coisa, outras estão mais viradas para outra

AL: mas há-de ser uma associação de produtores de gado, ou de produtores agrícolas...

MF1: é, é

AL: pois essa questão dos 2 hectares...

MF1: não percebo. As cabras estão metidas no baldio, não é nos campos

AL: ela era novinha, a pastora...

MF1: ela deve ter aí uns 28 anos...

Outeiro: M01

AL: pois, pois. Vocês estão em cogestão com o Estado aqui não é? Não estão em autogestão...

M01: é... era, agora andam a mudar, nós temos o Secretariado de Baldios, temos as reuniões e eles informam-nos, eles também levam o deles não é... é a engenheira Lúcia, nós pagamos pelo subsídio talvez quê... 5000 euros.

AL: ah, vocês pagam para ela fazer a candidatura...

M01: dos projectos, depois eles têm o ordenado deles não é...

AL: ah, mas isso pagam anualmente?

M01: do dinheiro que recebemos, conforme recebemos, recebeu-se a 1ª prestação é aquele x%, paga-se ao Secretariado de Baldios e na última tranche que vem outro...

AL: aaaah

M01: desta aqui até tenho em mente que foi 861 euros que se pagaram, e da outra foi 3000 e não sei quantos, do dinheiro que recebemos ainda...

AL: pois... eles também têm um trabalhão não é...

M01: têm... e é eles que fazem tudo não é... e já fomos fazer manifestações a Lisboa, a Braga, a reclamar os nossos direitos do baldio para se não perderem não é... mas o Estado tem aquilo... disse "oh pá isto já está feito"

AL: quem é que disse isso?

M01: digo eu

AL: ah!

M01: pela minha experiência, isto já está feito. Depois ainda fomos lá a uma reunião a Vila Pouca também, veio lá o do IFADAP "ah, nós vamos rectificar e tal, mas a vossa área é muita pedra, não é considerada elegível para subsídios e tal", e agora tivemos que dividir os hectares que tínhamos pelos agricultores, x a cada um, para eles poderem fazer as candidaturas, agora vamos ver para o ano como isto vai dar, também havia aí muita coisa mal feita não é, também pessoas que não tinham animais e candidatavam-se ao baldio

AL: a sério?

M01: e isto foi bem, foi bem, foi abaixo e agora começa de novo, agora dão subsídio a quem cá trabalhar... então pessoas reformadas que estão em França e que estão aqui a fazer subsídios dos terrenos e a alugá-los aos outros, porque os alugam por dinheiro, ainda vão buscar outro por fora, também não é correcto não é?

AL: pois, pois... então mas estava a dizer-me que agora o Secretariado dos Baldios anda a incentivar a alterar para autogestão é isso?

MO1: eles falaram já nisso

AL: propuseram-vos, foi isso?

MO1: propuseram, numa reunião que tivemos, agora para outra vez...

AL: e vocês é que têm de decidir, o que é que o senhor acha?

MO1: ah, eu não sei, nós aqui para rendimento do nosso baldio, para essas coisas não é, para nós gerirmos isso só se houver outro subsídio, o subsídio que nos dá o Estado também manda não é...

AL: mas eu acho que esses subsídios vocês não os perdem se passarem a autogestão

MO1: não?

AL: acho que não, porque ...

MO1: ai, se não se perderem a gente com isso já pode funcionar, agora se disserem assim "vocês tomam conta do baldio, têm uma equipa de sapadores, têm que ter rentabilidade da floresta e disto para pagar e ter lucro, nós não... aqui a nossa parte não dá porque é uma coisa fraca não é... é mais pastoreio do que floresta

AL: pois, exacto, vocês sem os subsídios...

MO1: mesmo que se plantasse floresta para o futuro quando é que ela chega a dar o rendimento? Já vai o dinheiro nos empregados antes da floresta produzir, e é se ela não arder, não é, é um investimento de risco...

AL: ou seja, vocês sem os subsídios das ITI não conseguem...

MO1: não, não vai dar, não dá nada. Isso dá para ter aí a equipa de sapadores, são 5 empregos, trabalham em benefício do povo e da comunidade não é... tudo o que se faz é para benefício de todos

AL: eu acho que não perdem porque conheço um baldio ou outro que está em autogestão e eles continuam com as ITI. Eu acho que o que importa para as ITI é vocês estarem dentro do Parque... basta estarem dentro do Parque para também terem direito

MO1: pois, porque o Parque também tem de sustentar estas aldeias que estão cá dentro, porque se nos começam a penalizar, se cá existem poucos cada vez existem menos, fica isto para quem?

AL: exacto, para o turista

MO1: claro, mas o turista também quer chegar aqui ter um café, ter uma dormida

AL: e uma aldeia para ver não é...

MO1: e uma aldeia para ver, limpa, e um caminho para passar, agora para irmos para a serra tivemos de fazer a violência... o caminho, fui eu que plantei o caminho, fizemo-lo, falei com o presidente da câmara, que eu estive sempre ligado à Junta desde 1975

AL: pois, muito bem... olhe, aqui há alguns conflitos quando por exemplo... não, aqui não deve haver, vocês fazem fronteira com Cela e Sirvozelo e com Parada, mas depois também fazem com Pitões...

MO1: com Pitões... mas não, não, não

AL: não há conflitos de utilização...

MO1: não, não, não... os animais passarem dos limites uns dos outros foi toda a vida assim... eles vêm para o nosso, os nossos vão para o deles... é serra

AL: claro. E há alguns outros tipos de usos, tipo desportivo, recreativo, pessoal que anda para aí a fazer... sei lá, a aproveitar a serra para fazer desporto ou para fazer...

MO1: não, aqui só bicicletas, motas, vem por aí várias vezes gente, vem

AL: e vocês não vos faz confusão que andem por aí no baldio

MO1: não! Não faz... então a gente vai a serra gosta de ver... turistas acampados, e por aí, tem vários rios de água aí... este rio, que chamam-lhe Rio de Riódola, que vai aos Carris, tem peixe até lá à coroa, àquela serra, peixes naturais...

AL: vocês não pescam?

MO1: há quem pesque por aí, eu não, eu não tenho vagar

AL: vocês não são muito do peixe pois não?

MO1: não. A gente tem vagar é para andar nesta vida né... mas há muito peixe, há truta, carpa, há boga, há escaló, anda aí agora, aos sábados e aos domingos, aí em volta da barragem está tudo cheio

MO1: é, esse Raúl até trouxe o milho de Espanha para o pai dele semear

AL: com é que é?

MO1: trouxe-lhe o milho estrangeiro de Espanha para o pai semear em Fafião... ainda lá estive no outro dia em casa dele, o pai até apanhou com um pau na cabeça, a carregar uma lenha, o outro estava a mandar o pau, deu-lhe na cabeça, e eu digo "oh pá...", como é que chama-se... Manuel José, é o pai, tem a casinha à beira da

escada, até tem lá um batatal grande à porta e eu fui lá levar ao Alcides de Fafião e à área protegida abaixo, 50 sacos de batatas, que eles gastam

AL: de semente?

MO1: não! De consumo, de consumo

AL: ah, está bem, está bem, está bem

MO1: fui-las levar

AL: eles compram?

MO1: e estive lá, eu conheço essa gente toda por aí abaixo. A semente que eles produzem, quase todos por aí abaixo compram-ma a mim

AL: então, mas eles compram a sua batata é isso? Lá em Fafião?

MO1: compram... e não vendi toda porque não pude ir lá, não tive vagar, se não, não ficava com nenhuma

AL: então, mas eles compram a sua batata é isso? Lá em Fafião?

MO1: compram... e não vendi toda porque não pude ir lá, não tive vagar, se não, não ficava com nenhuma

[volta a conversa da confusão da Ermida, volta-se a falar de quais existem...]

MO1: há a Ermida do Lindoso, e há esta Ermida aqui que é de Terras do Bouro, eles até tiveram ali conflitos com pinhais, entre a Ermida e Fafião...

AL: com pinhais?

MO1: com pinhais no baldio...

AL: ah!!

MO1: uns dizem que a área que era para um lado, outros dizem que a área que era para o outro, e andaram em guerra muito tempo, com a justiça, com o tribunal, mas agora já está decidido

AL: ah foi?? Isso era entre quem? Fafião e?

MO1: era a Ermida e Fafião...

AL: ai era?... eu acho que já ouvi falar desses conflitos, mas já não me lembrava... e já acabou esse conflito então?

MO1: já, já. Já foi há meia dúzia de anos

AL: mas porquê? Não tinham os limites bem definidos?

MO1: pois, uns dizem que era para um lado, outros dizem que era para o outro, e depois entraram em conflito, e depois queimavam o monte, queimavam os pinhais, até que chegaram por se entender

AL: isso foi mais ou menos há quanto tempo?

MO1: há meia dúzia de anos. Quando começou estas coisas dos subsídios e disto, um queria mais um bocado e o outro queria mais outro bocado, tiveram que ir depois pelos testemunhos antigos não é... nós temos um registo do nosso baldio todo, o tombo do monte... tiramo-lo, todo o nosso baldio, por onde parte, cruzeiras marcadas, tudo!

AL: ai é? Mas em papel?

MO1: tenho um livro! Com a área toda que temos, os usos e costumes, quem podia cortar, quem podia pastar, quem podia...

AL: ai tem isso? Um dia eu gostava só de ver, se puder...

MO1: até lhe dou para tirar cópias, não tem problema nenhum

AL: onde é que aqui se pode tirar fotocópias? Só em Montalegre...

MO1: só em Montalegre

AL: então mas podia ir lá e trazer de volta...

MO1: claro

AL: ah, quando quiser eu por mim gostava muito, assim a nível histórico é interessante

MO1: até o meu colega, o Domingos, tira-lhe isso

AL: ai é? O Domingos? Mas o Senhor também é Domingos não é?

MO1: é

AL: ah, estava a ver que estava a chamar-lhe o nome errado

MO1: ele também é... ele até de certeza que ainda aparece por aí

AL: ah, é verdade, nós estávamos com aquela ideia que o colega ainda podia aparecer... ele é do quê? Da assembleia de compartes?

MO1: é

AL: é presidente da assembleia de compartes?

MO1: não, ele é elemento como eu, presidente, tesoureiro, secretário, temos 3

AL: ele vem de Braga não é?

MO1: não, ele está aí todos os dias, ele tem aqui em casa, a mulher é daqui, ele tem um irmão com o restaurante em sociedade agora em Montalegre, e a agora é o Girassol

AL: ah, o tal

MO1: o tal Girassol, até ali estavam a trabalhar o Falta de Ar e os Afonsos em Braga, restaurante, e ele agora dedicou-se mais, saiu da Junta, a obras públicas, através da câmara, estas pessoas trabalham quase diariamente para ele. E ele anda aí

Paredes do Rio: MP1

AL: ok, ok. Vocês têm regulamento de uso do baldio?

MP1: sim, dos usos e costumes!

AL: e têm o plano de uso, um plano de gestão florestal

MP1: sim, sim

AL: têm isso tudo... estão inscritos na matriz predial?

MP1: não

AL: ainda não? Mas agora é obrigatório ou não?

MP1: quer dizer, agora todos os CD têm de estar inscritos nas finanças, mas nas finanças estão inscritos mas não há registos, porque o baldio não tem registos

AL: pois, exacto, mas agora tem de registar não é? Por causa do IMI

MP1: não, enquanto pertencer assim à aldeia não... porque senão já aí o Estado mete, aí já o Estado pode meter a colher

AL: pois, não sei, porque o que eu li na nova lei foi que agora os baldios são obrigados a ter registo predial mas que estão isentos de IMI

MP1: mas os baldios não têm registos, não têm artigos, não estão registados

AL: então ainda não está registado aqui o baldio de Paredes?

MP1: não está nenhum aqui

AL: ai não?

MP1: ao estarem registados fazem-nos pagar imposto dele

MP1: foi uma obra que fizeram com o dinheiro do CD

AL: esta obra aqui?

MP1: sim

AL: a garagem para o tractor

[abre-se a porta da garagem]

AL: he la! Granda máquina! E esta lenha é de todos também?

MP1: a lenha é os sapadores também que a fazem ali para a associação

AL: ah, ok... boa. E este tanque?

MP1: é do gasóleo, para o tractor

AL: ah, ok, ok. Granda máquina que vocês têm aqui... isto é caríssimo não? Ou melhor, é muito dinheiro, caro não será a palavra

MP1: 50 000 euros

AL: mas depois poupam imenso em

MP1: claro

AL: é com cada roda!

MP1: ainda tem outra parte para acolá que fazem despensa para arrumar... para arrumação das ?, aquela parede também...

AL: ok. Então isto foi feito pelos compartes em benefício da associação?

MP1: e para meter o tractor

AL: exacto

MP1: aquela capela mortuária também a renovámos... também foi com esse dinheiro

AL: ai é?

MP1: é. Então temos outra ali acima que também a renovámos.

AL: e é usada para quê?

MP1: para fazer uma casa à moda antiga, chamamos-lhe a Casa do Cabaneiro

AL: ah... e é usada para quê? Para turismo? Não...

MP1: sim... não se faz lá nada mas... era para mostrar como é que vivia o... como é que vivia... cabaneiro era uma pessoa

[MP1: tia Teresa!

AL: olá, boa tarde]

MP1: era uma pessoa que... não tinha... as pessoas que não tinham fazenda, que não tinham nada, só tinha aquela barraquinha e pronto

AL: não tinham fazenda ou seja não tinham sítios para...

MP1: não tinham terrenos, não tinham nem vacas, nem... não tinham nada vá

AL: sim. Mas viviam nessa casa?

MP1: pois... nós comprámo-la para mostrar que era assim que se vivia, que era assim

AL: sim, sim, sim, mas naquele tempo o cabaneiro vivia lá? Ou eu não estou a perceber nada?

MP1: todos os cabaneiros, se não tinham nada, eram chamados de cabaneiros

AL: ah, ok... portanto era tipo uma casa de solidariedade? Ou não? Uma casa de caridade... oh senhor MP1 se eu não estiver a perceber nada diga-me

MP1: olhe aqui o moinho

AL: ia pá! Aquilo é uma teia de aranha?

MP1: é!

AL: bolas! São fortes!

MP1: porque é da farinha que fica aqui

AL: pois é, pois é... mas isto está a ser usado actualmente?

MP1: está!

AL: ai é? Quem é que usa?

MP1: ah, usa quem calha!

AL: mas é assim usado quantas vezes por.. tipo, uma vez por mês? Mais vezes por mês?

MP1: agora já é mais no inverno que usam, mas já se usa poucas vezes porque agora as pessoas já moem o grão nos armazéns que têm aqueles moinhos eléctricos, agora já pouco usam isto

AL: e disse que usam mais no inverno porquê? Porque há mais água?

MP1: sim! Porque no verão a água é para regar o renovo, é para regar a comida

AL: ah, ok, há prioridades não é? Está bem... e vocês também concorreram aquela coisa dos investimentos não produtivos? Para recuperar sei lá... o fojo do lobo, as casas dos pastores, ou não? Os socacos...

MP1: aqui fez-se pouco disso, só para fazer aí uns tanques de água para as vacas beberem

AL: sim... mas isso é dos investimentos não produtivos ou é das ITI?

MP1: não, foi um projecto dos tais da ADERE

AL: ah da ADERE

MP1: os tais da casa de Pitões

AL: ah, este é do LEADER

MP1: este também o compraram, também era particular...

AL: ai era particular?

MP1: era. Agora não, agora é do povo

AL: e há quanto tempo é que está na mão do povo? Ou seja é uma coisa recente ou é dos outros tempos?

MP1: olhe, vai para 2 ou 3 anos

AL: ai era particular... nunca foi usado comunitariamente?

MP1: este era o forno, era não, é

AL: exacto. E também é usado regularmente?

MP1: agora... era mais para cozerem o pão, agora já... mas ainda cozem aqui, ainda há quem coza

AL: cada casa vem aí fazer o seu pão é isso?

MP1: sim, antigamente era assim, mas agora já só há aí uma casa que faz pão aqui

AL: ai é? A maior parte das pessoas já compram o pão?

MP1: vem o padeiro à porta

AL: pois com certeza, dá menos trabalho, as pessoas já têm outras coisas para fazer

Então, antes de terem comprado isto a um privado não havia forno comunitário?

MP1: antigamente havia mas depois acabaram com aquilo, venderam... as coisas que havia destruíram-nas, nós é que depois começámos a...

AL: ah, começaram a reavivar as tradições?

MP1: pois, a recuperar

AL: aquela menina trabalha com vocês na... no baldio?

MP1: é a assistente da segurança social, é aí do [*Não se entende*, mas era da associação de paredes do rio]

AL: aah, mas estavam a falar de contas do baldio não estavam?

MP1: porque ela cuida-nos dos papéis ali no...

[MP2 é o presidente da mesa da AC; S2 é o seu filho]

MP2: sou presidente da assembleia geral, ele ausentou-se, alguém tinha de lhe responder, senão você não chegava cá

AL: fez muito bem, eu agradeço... é que eu não tinha o vosso telefone na altura, só tinha a vossa morada então foi a única forma que eu tive

MP2: e então, está a fazer um bom trabalho?

AL: eu ou o senhor MP1?

(RISOS)

MP2: não, o dele já sei, o seu, o seu

AL: eu, se eu estou a fazer um bom trabalho? Bom, eu estou a trabalhar, vamos ver se é bom ou não...

MP2: se vai sair bem ou não... eu espero bem que sim

AL: andámos aí a conhecer o baldio...

MP2: eu espero bem que sim que isto aqui está muito complicado

AL: pois, estávamos a falar sobre isso agora

MP2: isto é muito complicado sabe...

MP1: mas ele não disse que era para ir buscar a Barcelos?

S2: e é

MP2: mas ainda não chegou, ainda está na América pa, Canadá... já fez os outros conselhos directivos?

AL: uuuh, vou fazendo, já fiz alguns sim, aqui em Montalegre ainda me falta Tourém, Pitões e Cela e Sirvozelo, mas Cela e Sirvozelo vai ser amanhã e depois só volto no fim de Junho, tenho lá umas coisas para fazer em Lisboa, e depois volto no fim de Junho e fico por Julho adentro

MP2: acho muito bem, ao menos apanha ar fresco

AL: ai, sim, nem que seja isso, é sempre benéfico... o senhor é aqui da aldeia e faz parte da assembleia...?

MP2: faço... eu não sei se ainda faço... (RISOS) mas os CD estão.. opa. É muita difícil trabalhar aí com o pessoal

AL: é?

MP2: é... eu já os aturei 12 anos, agora que os ature ele que é muito complicado...

AL: ah, o senhor esteve antes no CD?

MP2: não, estive na Junta de Freguesia, e este CD foi criado por mim que não existia, e como o [*Não se entende*] extorquia o dinheiro todo, não chegava cá nada, eu um dia deu-me na cabeça e criei um CD, porque senão então ainda era pior do que está hoje

AL: então e este CD existe há quanto tempo?

MP2: pertencia a Covelães

AL: aaah, é aquilo que você [MP1] me disse...

MP2: é o mais novo de todos

MP1: para aí há 13 anos

MP2: é... não, nem tanto... eu estive na Junta 12...

MP1: foi de caminho...

MP2: não. 12... para aí há 10... tem 10 anos

AL: então você esteve na Junta com o Senhor Domingos também? De Outeiro, ai não, isso é Outeiro, é outra Junta... esqueça, esqueça, esqueça...

MP2: não, estive no mesmo tempo dele, ele lá em Outeiro e eu aqui

AL: pois, exacto, exacto, eu ainda troco as freguesias

MP2: pronto, mas aqui não havia CD porque estava junto ali com Covelães. O presidente que tinha é o mesmo que é hoje, e ele ainda fez parte da Junta também, e era muito complicado, e ainda continua a ser e então...

AL: pois... vocês decidiram separar...

MP2: criei um CD, não tivemos outra alternativa... e claro que isso criou um bocado de mal-estar e pronto, não sei se já fez ali com o de Covelães. É muito complicado...

AL: já fiz já... ele comigo foi simpático, deu para perceber que tinha ali...

MP2: não, ele é, o que é que pronto, às tantas começa a complicar e...

AL: não, ele percebe-se que tem ali umas ideias muito pré-definidas e não é flexível...

MP2: as coisas têm que ser, têm de se ir alterando conforme os tempos não é e é muito difícil... mas pronto...

Pincães: MPin1

AL: isto [a sede dos compartes] foi construído com dinheiro do baldio?

MPin1: sim, foi, foi. Então acontece que, abrimos uma associação para efeitos de delegação da obra mas o financiador era o baldio

AL: claro... como é que se chama a associação

MPin1: dinamizadora dos interesses dos compartes de Pincães

AL: ok. Sim está tudo escrito, não é preciso ficar a pensar... sim?

MPin1: e, e portanto, a associação foi para efeitos de legalizar a obra que o que é agora presidente da câmara, era o vice-presidente e era o que estava a tomar conta lá do urbanismo, e ele impediu sempre, sempre e nós pronto, começámos a pensar como é que havíamos de resolver... com uma associação. Porque ele tinha o problema de não haver registo na conservatória do terreno. O terreno, a assembleia de compartes cedeu-o à associação, emprestou-se o terreno, a conservatória não teve por onde se escapar

AL: pois... mas desculpe lá estar a interromper. O baldio, pelo menos agora, tem de estar inscrito na matriz predial...

MPin1: não está!

AL: ah, ok, mas agora é preciso, não é?

MPin1: é outro contrassenso, se está isento de IMI não sei para que é que está a...

AL: eles dizem lá na Lei que para estar isento de IMI tem de estar inscrito na matriz predial (RISOS)

MPin1: sim, sim, já me disseram que tem de ser participado até outubro

AL: ah, não sei, talvez...

MPin1: até 7 de outubro. Mas também estamos à espera da resposta do tribunal constitucional que pode também... porque o que eles estão a fazer com esta Lei de 2014 é que estão a pôr o baldio como um terreno privado praticamente, não é... ao obrigar a registar... mas então o que acontece é que apareceu lá terreno que tinha sido cedido a um compartes para construção, assim ele tinha participado à matriz, mas depois desistiu, e depois a assembleia de compartes cedeu à associação, registou, o processo da construção passou para a associação, foi lá e ele não teve por onde fugir, teve de pôr lá a assinatura

AL: e a Lei deixa, a Lei deixa alienar partes do baldio desde que estejam a confluir com a povoação

MPin1: ainda para já isto estava dentro do PDM, ainda por cima, ele não teve por onde fugir

AL: diz terreno para construção no PDM é?

MPin1: diz que estava dentro do PDM, ele não teve por onde fugir. E depois ainda pedimos a isenção da taxa da licença e ele também teve que aguentar

AL: (RISOS) com que base? Pergunto porque não percebo nada disso

MPin1: as associações estão isentas de taxa... depois para este bar funcionar... por acaso nem é a associação que está a explorar isto é a comissão de festas, temos uma festa agora a 15 de agosto...

AL: 15 de agosto, vou já escrever... é festa de que santo?

MPin1: da senhora da Abadia. Se quiser cá passar

AL: quero cá passar quero...

MPin1: eu não vou estar porque faleceu-me a minha mãe...

AL: como é que é? Desculpe...

MPin1: faleceu-me há dias a minha mãe e possivelmente não vou estar na festa porque

AL: ah, foi nesse dia que ela faleceu

MPin1: não, foi há dias...

AL: epa, os meus pêsames

MPin1: e então acontece que, pronto, não vou estar

AL: então não venho

MPin1: não, mas é bonito

AL: mas o senhor vai sair da aldeia nesse dia?

MPin1: não sei... se calhar até hei-de sair, porque estar a ouvir o barulho e tal, uma pessoa fica mais...

AL: claro, faz lembrar. O senhor tem irmãos?

MPin1: tenho

AL: estão cá?

MPin1: um mora em Fafião e os outros dois moram aqui. E é assim... agora que a festa cá é no dia 15 e é um dia muito bonito, o da festa

AL: está bem... logo vejo. E a festa portanto usa este bar?

MPin1: e então a comissão de festas está a explorar o bar para ... e o dinheiro que fizer é para a festa

AL: ah, ok. E a assembleia de compartes também não pode explorar... mas exploram isto o ano inteiro não? Para depois terem dinheiro para a festa no verão...

MPin1: sim... [?] e a festa é aqui

AL: mas durante o ano não fazem dinheiro aqui para conseguirem dinheiro para organizar

MPin1: não, é só pa festa

AL: ah, é só na festa?

MPin1: funciona o ano todo mas é para a festa

AL: pois, pois, a comissão de festas está aqui a explorar

MPin1: e eu também faço parte da comissão

AL: quantas pessoas estão aqui em Pincães?

MPin1: à volta de 50 pessoas

AL: 50 pessoas, e quantos jovens para aí?

MPin1: ao fim de semana há mais, mas diariamente há para aí 50 pessoas

AL: ao fim de semana é o quê, o dobro?

MPin1: não, para aí mais 20... mais 10. 10, 15

AL. Ao fim-de-semana vêm os jovens é?

MPin1: é, é. E as pessoas que trabalham fora e... Braga aqui para nós, nós somos transmontanos mas lidamos mais com o Minho do que com Trás-os-Montes. Nós estamos a 50 km de Braga e a 50 kms de Montalegre, e Braga tem condições de trabalho que não tem Montalegre, então nós temos mais vida com Minho do que com Trás-os-Montes e acontece que Braga é uma cidade que dá muito trabalho, dá muito trabalho. E então o que eu queria dizer... o pessoal mora na cidade, os que compraram casa há pouco tempo, para efeitos de benefício do IMI convém ter lá a residência, não é? E por norma já estão um bocado tremidos a ser compartes aqui, e essa gente faz-nos falta, faz-nos falta, os conhecimentos deles fazem-nos falta. Não é só saber de florestal, não é só ser isto e aquilo, uma pessoa que tem uma formação,

pode ser um engenheiro, pode ser da construção, pode..., mas é sempre uma pessoa formada não é? Vê sempre as coisas de outra maneira que não vê um agricultor.

AL: sim, basta ser de outra geração que já vê as coisas de outra forma

MPin1: exactamente, basta a geração. Agora a actual lei dos baldios vai muito contra... e a gente apercebe-se que o objectivo deles é começar a fraquejar as populações do interior pronto, e acabar com isto. Porque isto está agora a querer voltar ao tempo do Salazar, porque o Salazar era...

AL: e na altura ainda era o Estado que metia aqui as patas, agora serão só privados provavelmente...

MPin1: pois, agora é privados, isto é tudo interesses, isto agora é tudo grupos de interesses

AL: pois, esse é que é o maior perigo. Estão com problemas que isto seja só de uma aldeia ou duas mas depois se vão por nas mãos de uma companhia ou outra...

MPin1: já estiveram para entregar os baldios a várias empresas e o objectivo deles... eu uma vez estava na Lousã a tirar um curso e também lá estava no curso um desses indivíduos que estavam-se a preparar para... porque alguns eram chefões cá dentro, na altura chamavam-se circunscrições florestais, era no Porto uma, a do norte, depois era outra em Vila Real, eram umas poucas por aí... e acontece que era todo um esquema... e então eu estava lá no curso a tirar uma formação... os gajos eram lá de uma empresa que eu não me lembro que nome é que era, mas depois os baldios bateram o pé e as coisas não avançaram. Porque o objectivo deles era carecada deles todos, eles ficavam com o pinhal e entregavam as pedras ao... isto é assim, é só interesses, mais nada, porque um pinhal para ter um bom coiso tem de ter cerca de 50 anos no mínimo, 50-60 anos. E eles iam consumir o trabalho de 50 ou 60 anos e em 3 a 4 anos iam entregá-los ao... isto é só interesses. Mais nada... e agora os baldios eu sou da opinião que sejam entregues às pessoas mas a pessoas que tenham o mínimo de condições para gerir os baldios. Não é só pastoreio! Há lugar para pastoreio, há para floresta, há para tudo, o baldio chega para tudo! E a floresta é indispensável, porque se não houver baldios, ou se não houver eólicas, ou se não houver coiso, também não há rendimento, não há fontes de receita, não é, não há fontes de receita.

AL: mesmo assim não está mau, estive em alguns que não têm floresta. Está bem... e qual é a maior fonte de receita actual?

MPin1: é as ITI... porque dá para fazer limpezas, fizemos dois agroflorestais em 2005, depois a 3ª candidatura já não entrou a tempo, também não havia dinheiro no quadro comunitário, esperámos pelo Quadro Comunitário e já não saiu, tinha sido aquilo a 100%. Depois saiu a 60%, mas 60% já não há fundo de maneio para tal, para investir 40% não dá, e depois vieram as ITI e foi a salvação. A ITI tem áreas forrageiras e tem silvoambientais, as silvoambientais é que dá para proteger a floresta. E vamos ver o terreno

AL: sim, bora. Pois... eu vi lá no vosso texto, naquele texto vocês põem em causa alguns pontos da avaliação daquela comissão de valorização para os territórios comunitários e vocês lá dizem isso, que antes este tipo de projectos era financiado na totalidade a fundo perdido... mas eram projectos de quê?

MPin1: eram agroflorestal

AL: antes de existirem as ITI?

MPin1: antes

AL: e eram só para zonas protegidas ou eram para todos os baldios?

MPin1: uhh, acho que era só para aqui

AL: ok, porque as ITI tenho ideia que é mais para as zonas protegidas

MPin1: as ITI vieram com outra função mas depois também vieram as silvoambientais, que também posso mostrar aqui...

AL: mas as silvoambientais também são das ITI ou não? Estou um bocado confusa com isto

MPin1: também. As ITI tem os investimentos não produtivos

AL: exactamente, faz parte da ITI não é? Era a ideia que eu tinha

MPin1: sim, recuperação de fojos e... ainda agora fizemos aí por cima, gastámos 50 000 euros... investimentos não produtivos, pagam 50 000 euros

AL: pois, com o dinheiro das ITI? Fazem as coisas com o dinheiro das ITI

MPin1: para já pagamos nós, este ano ainda não recebemos

AL: só recebem no ano a seguir não é?

MPin1: primeiro pagamos 40%... A gente na primeira factura atrasámo-nos a pagar e depois já não dava, porque se tiver uma factura pendente não pagam na segunda, e então como não dava para... como o prazo terminava a 31 de março, como não dava para pedir a segunda antes de terminar o prazo metemos tudo na última, são 44000...

AL: pois... mas então e o Fundo Florestal Permanente, é com ele que se paga às equipas de sapadores não é?

MPin1: o Fundo Florestal Permanente, sabe o que lhe aconteceu?

AL: uuuh, foi para as câmaras...

MPin1: pois...

AL: eu só sei porque estive a ler os vossos documentos...

MPin1: foi para as câmaras, ... e o dinheiro

AL: pois... e não para a floresta necessariamente...

MPin1: e não para a floresta

AL: pois... mas isso é mesmo assim?

MPin1: é... aquilo era 2% sobre o combustível que se comprava nas bombas e dava para o fundo. E aquele dinheiro era para compartilhar a parte que pertencia ao Estado, porque 80% vinha da EU não é... e os 20% vinham do FFP e no projecto eram contemplados... olhe, daqui vê-se bem, vê acolá tudo limpo? Na encosta do outro lado?

AL: sim

MPin1: oh, tudo limpo, lá adiante... tinha lá mato mais alto do que este pinheiro, agora se acolá continua este ano se calhar ia arder, agora se este ano fizerem já não arde, nem arde neste ano nem daqui a uns anos

AL: e isto foi feito com...

MPin1: este foi feito agora este ano... com as ITI

AL: ah, as ITI... vocês aqui também têm sapadores não é?

MPin1: não

AL: ai não têm...

MPin1: antes de entrar para o CD, em 1999, que eu sabia que ia haver sapadores, e eu disse ao presidente do CD para se candidatar

[o senhor MPin1 conta a história das equipas de sapadores, mas com os passos não se consegue perceber com pormenor o que vai dizendo...]

AL: que era quem já agora?

MPin1: era o [?]. E eles relaxaram-se, e na altura até era fácil, eram 60 equipas

AL: para o Parque?

MPin1: não para o país, era fácil Mas depois quando eu entrei quando fui tentar já não foi possível *[não se percebe nada, cães, passos, tudo ao mesmo tempo]*. E agora, acontece que, quando eu me fui candidatar, como a de Fafião era muito junta eles aqui já começaram sempre a...

AL: estes aqui começaram a... mas vocês não partilham dos sapadores de ...

MPin1: não! São baldios diferentes... eles têm... eles também recebem acho que à volta de 35000 euros

AL: Acho que sim, que é qualquer coisa desse género...

MPin1: mas agora com o dinheiro das ITI já dá para fazer isso e sobra dinheiro, porque eles aproveitam... nós contratamos uma empresa, e eles fazem com o pessoal deles e poupam dinheiro

AL: aaah, fazem o trabalho das ITI com os sapadores, é isso?

MPin1: e ficam com o dinheiro, e assim o dinheiro chega, sobra, ainda dá para pagar aos sapadores

AL: então e os sapadores foram uma mais-valia, não foram uma imposição...

MPin1: não! Só que é preciso dinheiro, e os baldios antes das ITI tinham que arranjar pelo menos 80 000 euros por ano para por em cima

AL: e vocês aqui, sobra-vos dinheiro das ITI para depois usarem em produção, seja do que for?

MPin1: algum que sobrou veio para aqui [para a sede dos compartes]... mas isto também era uma necessidade que tínhamos, nós reuníamos lá no meio da aldeia, um dia estava um vendaval, a chuva... e agora

AL: mas por exemplo conseguem investir na produção florestal?

MPin1: conseguimos

AL: mas a floresta neste momento pode dizer-se que está a dar frutos ou não?

MPin1: ainda agora fizemos uma plantação...

AL: de pinheiro?

MPin1: não, de folhosas

AL: ah, ok. Mas as folhosas, vocês não podem nada com elas, ou seja, entra é dinheiro das ITI para fazerem as florestas... não podem cortar, não podem vender...

MPin1: não...

AL: mas fazem também plantações de pinheiro?

MPin1: para já não [*Não se entende*] se fossem projectos financiados a 80%, assim já podia haver fundo de maneo, agora com 60% não dá

AL: pois... isso é que o que eles investem é isso? E vocês têm de dar x dos rendimentos que obtenham na floresta não é? Com a madeira...

MPin1: é 20 e 40%

AL: 20 quando?

MPin1: 20 neste caso em que é regeneração natural e 40% quando a plantação é feita pelo Estado, isso foi em 1975 ou 1976...

AL: pois, isso deu problemas cá não deu?

MPin1: Naquela altura havia muito pastoreio no verão, bovinos não, mas pequenos ruminantes havia muitos, e a floresta, no período do verão não, mas quando fosse inverno tomou muito conta, e eles aqui tiveram de vender mais de metade dos animais, porque não havia pasto para os animais pastarem no inverno, no verão havia, mas no inverno não

AL: pois, na altura você era um menino não é... mas o seu pai e tal devem contar... tiveram luta aqui em Pincães?

MPin1: aqui não, mas ali tiveram

AL: aonde, em Fafião?

MPin1: não, em São Lourenço... em São Lourenço correram com eles

AL: aqui aceitaram o futuro florestal. Quando é que o senhor entra para os SF?

MPin1: primeiro estive na GNR, depois em 1987 concorri a guarda-florestal

AL: aqui?

MPin1: não, Vieira do Minho

AL: portanto a floresta que um dia foi um problema hoje acaba por ter uma função importante...

MPin1: oh, os agricultores hoje também não vêem nada a floresta com bons olhos

[relativamente ao carro onde vamos entrar]

AL: oh! Compraram vocês?

MPin1: comprámos!

AL: ah pois, vocês também não tiveram direito ao carro dos sapadores...

MPin1: pois não

AL: mas estava a dizer, que os agricultores não tinham...

MPin1: que os agricultores não veem a floresta com bons olhos... mas eu também, eu só comecei a dar valor à floresta desde que fui para guarda-florestal... porque eu via aquilo em casa dos meus avós e do meu pai... mas depois... há espaço para tudo, há espaço para tudo! E pode haver pastoreio, e pode haver floresta

MPin1: normalmente a gente faz a convocatória, tem de se fazer com 8 dias de antecedência, mas nós até fazemos com 15...e as pessoas vão votar. Os emigrantes não votam... nós aí, o caderno de recenseamento que tínhamos, nós tínhamos lá alguns emigrantes... porque os emigrantes são considerados... aquele é o local de trabalho dele, porque ele tem cá os bens dele. Por exemplo, agora a nova lei diz que quem não é comparte não pode ir ao baldio, nós não podemos impedir um emigrante que vem cá para o Natal de ir buscar lenha ao baldio para se aquecer. Se ele tem cá os bens dele como é que nós podemos proibir? Não pode!

AL: Mas isso também é uma coisa que eles não vão conseguir fiscalizar, quer dizer, acho que isso acaba por ser mais gerido localmente do que propriamente pela Lei, não é?

MPin1: eu, eu de toda a maneira... a assembleia a decidir... olhe, a parte ardida e a parte limpa...

AL: onde é que está a parte ardida?

MPin1: ali, é uma queimada. Do lado de lá...

AL: não consigo ver a parte queimada

MPin1: não, mas há, há. Mas como já nasceu alguma erva não se nota muito

AL: pois, só vejo ou verde ou roxo, mas pronto, o Sr. Também sabe perfeitamente onde foi queimado, eu não

MPin1: e de maneiras que é assim... agora

AL: ah, aqui vejo perfeitamente que foi queimado

MPin1: isto já foi este ano que ardeu

AL: e estes incêndios decorrem de quê? Vocês têm ideia?

MPin1: [*? Não se entende*] eu não sou contra, mas os past... os projectos de... de gado, principalmente de pequenos _____

AL: querem renovar as pastagens?

MPin1: eles pensam que renovam as pastagens só que, o nosso terreno, da forma que é, isto é só para degradar o terreno com a erosão. E isto fazia falta [não percebo nada... ele fala de escola, depois fala de baldios, os baldios passarem uma declaração na assembleia de compartes...?]. se for nesta chã tudo bem

AL: o quê? Desculpe...

MPin1: se for nesta chã tudo bem, porque aqui não há grande erosão do terreno, agora numa inclinação vêm as chuvas e vai tudo

AL: ah, para fazer as tais queimadas é isso?

MPin1: sim, sim, sim

AL: chamou-lhe chã não foi? O que é chã?

MPin1: é um terreno plano

AL: ah

MPin1: olhe, aqui, isto foi feito o ano passado

AL: esta plantação?

MPin1: sim

AL: e estes fetos... isto houve aqui algum fogo?

MPin1: não... é sazonal, portanto na fase do verão tanto cresce como depois no outono já morre tudo

AL: ah, associava-os ao fogo

MPin1: não, isso tem a ver com a acidez da terra... os fetos desenvolvem-se em solos muito ácidos

AL: claro. Vocês têm jovens no CD, ou seja há malta nova nos órgãos de gestão?

MPin1: temos, fazemos isso para os incentivar também

AL: pois. Bem, você já está desde 1999... é muito tempo! Sempre na presidência do CD?

MPin1: sim

AL: e antes de 1999 vocês já tinham há muito tempo, uuuh

MPin1: o meu pai formou o CD em 1976

AL: ah, foi logo...

MPin1: mas o meu pai era um agricultor que não percebia nada de floresta, como não percebem todos... se não fosse eu aqui, sabe como é... se não fosse eu aqui...

AL: e o problema é que nem em todos os baldios há quem perceba de gestão da floresta, aí era importante haver o tal papel do Estado como cogestor. A ideia era essa.

MPin1: Ou então arranjam uma empresa que faça e eles paguem e eles façam ou ao menos que lhes ensine a fazer não é...

AL: pois

MPin1: acabaram com os guardas florestais, acabaram com eles, porque os guardas florestais passaram para a GNR, mas é uma carreira a vagar...

AL: uma carreira a vagar? O que é que quer dizer com isso?

MPin1: que acaba, vão para a reforma e não deixam entrar mais ninguém até acabar

AL: os GNR?

MPin1: não, a equipa de prevenção da floresta que é da GNR e do SEPNA, é uma carreira a vagar. Desde 2006 que transferiram o pessoal da carreira de guarda-florestal para a GNR, e é uma carreira a vagar, quer dizer, não há mais concursos e depois ficam no SEPNA a ... quer -se dizer, agora trabalham em conjunto, não é, com fardas diferentes mas vão trabalhando em conjunto, olhe, isto também foi plantado pelo Estado, estes são carvalhos americanos, não nos quiseram deixar plantar lá em cima... isto é carvalho americano... e isto está assim porquê?

[sai do carro]

MPin1: portanto é uma carreira a vagar, por enquanto ainda há jovens, 30 e tal anos, mas quando passarem à reforma acaba...

AL: é o vento não é?

MPin1: é... tenho lá cordas...

AL: aqui não tem protecções para o gado

MPin1: não, já estão altas

AL: ah, claro

[toca o telefone do Sr. MPin1]

AL: o que é que eu lhe ia perguntar...ah, os guardas-florestais foram incluídos nos GNR ou os GNR é que passaram a tratar dos trabalhos que antes eram feitos pelos guardas florestais?

MPin1: portanto, eles queriam... como falámos há bocado, eles queriam [não percebo... a certa altura começa a falar da DGRF e a explicar como aquilo foi mudando de nome – DGF, DGRF, Instituto Florestal] em 1987 quando fui para lá era a DGF, depois veio o Instituto Florestal, depois veio a DGRF e agora passou para ICNF, acontece que eles pensavam que os guardas florestais eram contra aquilo que eles queriam fazer na floresta, e o que é que eles pensaram? Encostar os guarda florestais... e este... o António Costa que agora está à frente do PS, era o ministro da Administração Interna. E como viu que os guardas florestais iam ser encostados deitou-lhes a mão, deitou-lhes a mão e incluiu-os na GNR, mas... a intenção dele era boa mas a GNR nunca nos viu bem, com bons olhos, porque éramos civis, toda a gente pensava que nós íamos passar a ser militares como eles, porque um militar

não nasce militar, um militar é uma cerimónia que se faz e passa a ser militar, é uma cerimónia, mais nada, é um juramento de bandeira ou o que é que eles chamam, é uma coisa qualquer. Portanto eles nunca nos viram com bons olhos e acontece que aquilo não funciona, mas que um guarda-florestal tem muita mais formação do que tem um GNR, isso ... para se ser guarda-florestal é preciso ter o 11º ano, para GNR hoje ainda estão para lá [*? Não se entende*], está a perceber?

AL: mas os guardas florestais foram incluídos no corpo actual que se chama não sei quê florestal não é?

MPin1: sim... é. Equipa de prevenção da floresta... mas estão lá como civis, passaram por... foi um contrassenso. Puseram pessoal da guarda-florestal no quadro civil da GNR onde está o pessoal da limpeza

AL: epa, essa não deve ter sido fácil de engolir... e o senhor já estava reformado nessa altura?

MPin1: não, ainda lá estive desde 2006 até 2012, depois fiz uma operação no final de 2012, depois tive mais, depois quando fiz a operação já tinha pedido a aposentação e depois saí e vim embora

AL: o senhor tem que idade se não é...

MPin1: 60

AL: ah, ainda é novo, ainda tem muita vida para viver e muito que trabalhar aqui no baldio

MPin1: agora que, eu gostava de fazer parte de uma equipa que deixasse um historial. Eu queria fazer parte de uma equipa porque eu e colegas meus guardas-florestais, já sabem, nós já passámos por ela e já sabemos. E um baldio gerido por alguém florestal é diferente do que... vê-se, vê-se... porque eu sei, eu vou daqui a Boticas e vejo, há baldios bem geridos, há baldios mal geridos, para se fazer as limpezas tem de se fazer bem as coisas, mais nada. Isto é fácil, é questão de desbaste e limpeza, a limpeza é preciso dinheiro, o desbaste não é preciso... basta ir arranando dinheiro e vai-se melhorando o património...

AL: porque o desbaste auto-paga-se não é? A limpeza não.

MPin1: pois, o desbaste auto-paga-se, exactamente

AL: o que sai da limpeza, vocês usam? Os raminhos e assim...

MPin1: não! Olhe, já fui a reuniões com empresas de biomassa, ao fim da reunião nem fiquei a saber o que é que eles queriam dizer, tanta coisa, tanta coisa no fim o que eles queriam era, o que nós aqui queimamos nas lareiras, era o que lhes interessava a eles... mas queriam-no de graça. Para isso não...

AL: queriam-nos de graça? Ah, mas eles faziam a limpeza...

MPin1: a limpeza, também, eles só fazem a limpeza também... eu tenho ido aqui para o alto de Boticas, para o lado de Chaves... há para ali uma fábrica e eles também só se queriam alargar da fábrica num raio de 24 km, não queriam alargar mais... a gente o mato dava-lhe de graça, a limpeza, não queríamos dinheiro pelo mato, agora medronheiro ou outras espécies que nos fazem falta para o lume não! Tanto nos faz falta a nós então não lhes damos a eles. Eh! Eu cheguei a ver, já estive em várias reuniões de limpeza e de biomassa e eles queriam era... o que nos interessa a nós é que eles queriam de graça, assim não...

AL: mas... só para eu perceber, essas empresas para além de ficarem com aquilo que vos interessa a vocês faziam a vossa limpeza?

MPin1: faziam a nossa limpeza mas também cortavam árvores que dá para vender. Ninguém dá nada a ninguém, sabe? Ninguém dá nada a ninguém!

AL: pois, por um lado era bom para vocês porque não tinham de pagar pela limpeza, não é? Mas depois perdiam... mas o que é que vocês fazem com os medronheiros?

MPin1: os medronheiros, está lá no regulamento do baldio, o medronheiro deve-se também desbastar. Desbastar mas os 2 ou 3 ramos mais desenvolvidos vão-nos buscar à...

AL: sim, eu li isso. Mas que dinheiro é que eles vos trazem

MPin1: não! É só para consumo de casa, das habitações

AL: ah

MPin1: é só para consumo de... para aquecimento

AL: ah, madeira

MPin1: é, para aquecimento das lareiras, no inverno, para aquecimento da casa

AL: mas cortam o medronheiro ou

MPin1: sim, faz-se um desbaste, uns ramos

AL: ah, já percebi, vocês usam esse material para se aquecerem e a empresa ia levar para fazer negócio

MPin1: pois

Pitões das Júnias: MPi1

AL: claro... portanto as actividades tradicionais ainda são muito desenvolvidas aqui nesta zona do Gerês...

MPi1: permanente, estão actuais, continuamos a fazer, ou seja, uma gestão do baldio, de pastoreio, de roço do mato, autentico... uma das obras... o dinheiro que recebemos permitiu-nos por exemplo fazer este armazém para o CD, que não tinha

AL: que é usado?

MPi1: pronto, é usado para por aí a carrinha, temos aí os tractores, temos aí as máquinas, pronto, todo um armazém de ... que é para guardar material não é? Porque essas manilhas vai tudo para passagens, para fazer as passagens nas linhas de água, essas coisas todas, tudo isto é necessário...

AL: actualmente, por exemplo aqui no baldio de Pitões... tenho feito a mesma pergunta nos outros baldios, o principal rendimento aqui em Pitões é qual?

MPi1: é as ITI! ITI... e nós também temos outro financiamento que é de apoio à equipa de sapadores, mas não chega, obviamente que são 35 000 euros, o resto do apoio tem sido dado pelos CD, tanto de Pitões como de Tourém, porque a nossa equipa tem área de intervenção Pitões e Tourém... foi uma forma de organização para melhor suportarmos a despesa da equipa, mas essencialmente a receita é 100% da medida agroambiental...

AL: eu já tenho vindo desde... como lhe disse, tenho vindo cá, e aqui já falei com todos os baldios, e agora a minha ideia é ir mais para a zona... por isso é que eu estava a chateá-la tanto com os contactos mas agora já percebi as dificuldades... eu ainda não liguei à Sandra...

MPi1: eu já liguei à Sandra. Ultimamente eu disse assim ao Carlos Pinto "Oh Carlos Pinto, arranja-me lá os contactos", porque os baldios vão... iam a eleições não é, vão mudando de pessoas de 2 em 2 anos e obviamente que eu vou perdendo os contactos e até as moradas, porquê? Porque nem todos os CD têm uma sede, ou seja a morada acaba por estar ligada à pessoa e as coisas mudam, vão mudando. E eu disse-lhe e ele disse assim "ah, mas tenho de os contactar a ver se eles permitem, se não permitem...". "Oh, então, mas a senhora tem que fazer o trabalho"... e eu estou sempre neste impasse e o melhor de tudo foi, eu disse assim "bem, a questão aqui é ... eu até posso ligar a alguns que ainda, que mantem-se os mesmos e não sei quê, mas é completamente... digo assim "oh,...", por exemplo o de Lindoso, "oh Secundino, vai aí a Ana Luísa...", "Oh, está bem...", mas depois quando a Ana Luísa lá for ele já nem se lembra

Sezelhe: MS1

AL: isto que limpam são zonas onde depois podem ir com as cabras e com o gado não é?

MS1: é, é, depois pode-se ir com as cabras, pode pastar tudo, não há problemas nenhuns, o gado pode pastar as vacas, também andam aí, podem pastar todos, nós não proibimos as pastagens do gado. Só que há zonas, havia zonas que já vinham de antigamente, como por exemplo, havia zonas em que as cabras e as ovelhas antigamente não podiam lá andar, era só a vaca e a coiso que podiam lá andar...

AL: por causa da floresta?

MS1: não, era porque havia muito gado e a ovelha e a cabra onde entrassem derretia tudo. Porquê? Porque antigamente essas giestas e essas coisas não havia giesta nenhuma, que era a própria ovelha e a própria cabra que a comia e então havia outros locais onde não houvesse giesta, como aqui carvalhos ou coiso que era para onde é que ia o gado. Por exemplo, nós da parte lá da barragem temos também, ardeu-nos a maior parte, também ardeu lá naquele incêndio espectacular... a rês só podia ir para lá um dia que nevasse, que se não nevasse não podia ir para lá...

AL: porquê?

MS1: porque estava reservado ao gado, que era o pastoreio do gado durante o inverno

AL: ok, então gado e rês é diferente?

MS1: era diferente (RISOS). Não, por exemplo as vacas, se estamos a falar de vacas, as vacas... a ovelha e a cabra tinham um monte já mais próprio para elas e a vaca tinha outro monte mais próprio para elas. Porque a vaca era nos locais onde houvesse mais erva... e a ovelha não, a ovelha já queria ir para um local onde houvesse mais carqueja, tojo, giesta, que era, é uma espécie de animal que come mais... coisas mais duras, que é como o cavalo e o coiso, é onde há tojo, giesta, carqueja, e esses locais...

AL: pois... e vocês continuam a fazer recolha do mato?

MS1: sim, continuamos a fazer recolha de mato... aquelas partes que acolá estão limpas, vê-se ali, aquilo é giesta, e é o tojo e o sargaço, que nós chamamos

AL: então vocês o que retiram actualmente do baldio é mato para as camas do gado, é local de pasto e...

MS1: é lenhas para nos aquecermos durante o inverno, que era o que existia já, embora hoje já haja aquecimento central a gásóleo, mas ao preço a que está o gásóleo, agora vem, como se costuma dizer, já há essas pelletes para aquecimentos de coiso, mas não é a mesma coisa... pessoas que não têm lenhas próprias, têm de vir cortar ao baldio. Só que há estas regras, mas é assim pronto, eu preciso de lenha, de um tractor de lenha, tenho de vir ter com o responsável do baldio e ele diz assim "olha, vais a tal sítio, vais à fraga, tal sítio, cortas lá", pumba, corta e já fica limpo aquele local onde se cortou, onde eles cortam, não podem cortar sem pedir autorização ao CD, ou seja do coiso, e só nos locais que estão definidos para cortar. Agora que é assim que a gente...

AL: ok. E nas ITI... isto agora tem a ver mais com o baldio... quando... vocês gerem o dinheiro da ITI de forma a que sobre algum para poderem investir noutras coisas?

MS1: exactamente

AL: e têm investido em quê, se não é indiscrição

MS1: temos investido na associação, temos investido na recuperação da tal casa que fizemos ao pé da igreja. Do que estamos a falar... repare, recuperar aquela casa que estava lá ao lado que era do coiso se não conseguirmos fazer um projecto temos de recuperar de outra maneira, se calhar com o dinheiro, algum dinheiro que gerimos dos baldios, com o que vamos juntando que as pessoas dão, é assim que temos de... nós se não conseguirmos fazer lá o centro de BTT estávamos com a ideia de fazer lá um salão tipo, como é que eu hei-de dizer, tipo para as pessoas idosas quando quisessem ir para lá, estarem lá, púnhamos lá uns sofás, durante o dia

AL: tipo um lar...

MS1: tipo um lar, tem lá uma televisão, tem lá uma coisa qualquer, se quiserem lá jogar às cartas ou coiso, terem ali um espaço para lá estarem as pessoas, não andarem aí muitas das vezes, há aí pessoas idosas que estão sozinhas em casa, não têm com quem falar, não têm as comodidades de aquecimento, tinham-nas ali, iam para lá durante o dia... é essa a coisa. Se não conseguirmos fazer esse projecto...

AL: e a junta não intervém nisso?

MS1: a Junta, a Junta não... temos ajudas, por exemplo da...às vezes pedimos uma ajuda à câmara e à junta, lá nos dão umas pequenas... mas isto dá tudo... tudo a migalhinhas não é...

AL: pois, porque vocês no fundo acabam por fazer trabalho que normalmente é associado à Junta. Também não sei se a Junta tem dinheiro...

MS1: não, hoje as juntas, sim hoje as juntas também não têm dinheiro. Se não há dinheiro para um lado também não há dinheiro para o outro, porque eles estão a cortar as juntas. Por exemplo a nossa Junta recebia, recebia só do, como é que aquilo se chama, do SEF... 15000 euros... que é que da 15000 euros para arranjar um caminho ou arranjar um ...

AL: por ano?

MS1: por ano!

AL: é o quê? O SEF?

MS1: chamam-lhe o SEF. Esse dinheiro que vem lá do Estado para as autarquias... o que é que se vai fazer com esse... e esse dinheiro depois é para pagar ao presidente da Junta, é para pagar ao tesoureiro, ao secretario, aos membros da assembleia, é para pagar a essas coisas todas, ao fim que é que vai sobrar, não sobra nada

AL: pois... porque esse dinheiro que vocês acabam por usar no povo, que eu acho que é legítimo, se aplicassem por exemplo na floresta aqui, se calhar conseguiam faze-lo reproduzir-se, esse dinheiro, em madeira e quê. Mas também percebo perfeitamente que queiram investir no povo que está a precisar e que...

MS1: muitas das vezes há uma rua que é preciso lá fazer um bocado de calcete, ou é preciso manter um cano de água, porque nós, durante, do mês de São João, do mês que vem, ate ao fim de Setembro, temos aqui este rio que aqui passa é o que vai regar

estas propriedades todas, o milho, o centeio, o feijão e essas coisas todas, e normalmente a água andava ali por fora, nas valetas como se chamava ali na rua, nós agora já, conforme vamos tendo o dinheiro ali do coiso, vamos encanando essas coisas para não andarem ali no coiso. Hoje 15000 euros para duas aldeias não é nada não é, agora muito bem... que eu sou daquelas pessoas que, eu gosto de plantar e gosto de semear para colher, mas também quando não temos possibilidade não vale a pena deixar morrer, porque a plantação não é só dizer assim, bota-se para ali. Não é só chegarmos ali e dizer assim “bom, vamos fazer estes 3 ou 4 hectares ou 5 de pinheiros”. Mas ao fazer isso, antes de começarem a nascer há que começar a limpar o mato, não é só dizer assim, que é só semear... não é só semear, não é só deitar a semente à terra, tem de se cuidar dela. Agora, é o que eu digo, eu ando mesmo brevemente para resolver ai uma plantação, o mínimo opara aí de 6 hectares. Aquela parte ali que ardeu até lá abaixo, até à Santa Luzia ali em baixo, andamos para fazer esse coiso. Quero ver se agora, este novo quadro comunitário a ver se abre mais umas portas para ver se conseguimos... porque eu em teimando numa coisa sou teimoso e é por isso que eu digo, esteja lá eu, ou esteja lá alguém a replaçar-me o meu esforço vai ser sempre mesmo para ajudar e para fazer estas coisas

AL: E mesmo as pessoas que tenham aqui um negócio, imagine que uma pessoa que tenha aí uma exploração florestal ou de gado ou do que for e que esteja dentro da freguesia tem direito ao baldio

MS1: exacto, é por isso que nós não estamos de acordo com essa... agora uma pessoa que saiu daqui, que esteja em lisboa, é normal que faça parte do baldio. Agora uma pessoa por exemplo, até se nós antes de já ter saído essa lei, nós quer a freguesia, quer Sezelhe e Travassos, quer a freguesia, nós já dividimos o baldio, porque cada um faz parte. Por exemplo, nós temos aqui, todo o pinheiral que existiu e que foi cortado da nossa zona a aldeia vizinha não recebeu nada. O que foi cortado da parte dele nós também não recebemos nada. O que foi cortado no misto dos dois foi metade para cada aldeia. Agora imagine, agora vinham... foi Covelães e paredes... nós íamos para lá e eles vinham para aqui, isso não...

AL: vai contra os usos e costumes locais...

MS1: exactamente, cada um tem os seus... se nós temos aqui um costume e uns usos, lá podem ter outros usos, são coisas totalmente diferentes

AL: sim, e vocês encontraram e criaram as vossas próprias regras, e agora vem lá alguém do governo dizer que afinal tem de ser de outra forma

MS1: exactamente, porque isto já era dos nossos antepassados, e como acabei de dizer, como falámos há bocado, a população quando decidia uma coisa decidia e tanto fazia se o Estado... florestaram mas eles metiam lá o gado, chegaram a um certo ponto tiveram que deixar coiso, porque era mais... porque a própria aldeia, os próprios lavradores fazia falta aquele terreno para o gado. E eles, se os proibiam de andar lá, como é que eles iam fazer? Depois tínhamos uma coisa que era... o gado, quando agora neste tempo e deixava-se só, e à noite ia-se buscar outra vez. Agora tinham de lá andar todos os dias, que era o tempo do trabalho e da sacha, depois,

antigamente não havia maquinismo, não havia herbicida para botar e ainda bem, não havia certos... era tudo semeado ao sacho, tudo semeado com... hoje tractores, há máquinas para semear centeio, há máquinas para semear o milho, há máquinas... até ali não, era tudo com o gado e eles não tinham tempo para andar de volta do, a guardar o gado durante o dia. Chegavam lá deixavam o gado e à noite é que iam outra vez buscar o gado. E por isso é que faziam guerra com os guardas-florestais, com os rondistas como lhes chamavam e com essas coisas porque o Estado não via que só estava a olhar o interesse dele. E porque isto, e isto ainda foi há pouco tempo. Porque até ali cortavam, levavam e não pagavam nada.

AL: quem?

MS1: os florestais, com os pinheiros. Isto foi há quê? Se calhar há 20 anos, vinte e tal, é que começaram a dividir, porque antigamente cortavam, levavam e isto era tudo nosso. Agora, depois do 25 de abril é que começou a ser dividido. Eles ficarem com... ainda bem... não nos darem... mas eu acho que, mas aí não estou certo, mas eu acho que nós recebíamos 40 e eles recebiam 60. Mas eu depois acho que houve ali uma coisa que foi ao contrário que eles tinham de receber só 40 e nós 60...

AL: pois, eu não tenho agora as percentagens na cabeça, mas eu sei que é diferente a aldeia, ou o baldio, está em cogestão, por exemplo se for em modalidade a) o baldio tem de dar menos, agora não sei quanto. E sei que também era diferente consoante o povoamento fosse plantado pelo Estado, ou se fosse um povoamento vosso, de regeneração natural ou plantado por vocês... era diferente a %, agora não sei é as percentagens... mas eu vou ver e falamos outro dia. Mas sim, esta nova lei traz assim algumas novidades que podem trazer algumas consequências...

MS1: vão trazer consequências, vão trazer muita coisa

AL. Mas vocês como é que vão tratar essa coisa dos compartes? Vão manter os usos e costumes ou vão quê?

MS1: não, nós vamos manter os usos e costumes, conforme está. E estamos a trabalhar e vamos conseguir buscar o que nos tiraram. Da questão das ITI e da zona da pastagem para gados e para tudo. Agora digam-me, eles chegaram acolá e viram aquele morro ali, aquilo consideram como rochedo e pedras, mas há lá pastagem, há lá ervas, há lá carqueja, há lá sargaço, há... mas para eles não é considerada zona de pastagem... o mato não pode ter mais do que um metro de altura, para cima disso já não é considerado zona de pastagem

AL. E por exemplo, o carvalhal é considerado zona de pastagem para eles?

MS1: não!

AL: mas vocês metem lá o gado não é?

MS1: pois, mas é o que estávamos a falar há bocado, eles passaram, tiraram fotografias por cima, as copas das árvores e depois não deixaram ver o que estava por baixo. Mas por baixo existe pastagem, existe esses... agora tiraram caminhos, tiraram rios, tiraram barragens, tiraram essas coisas todas. Então agora não pode ter um caminho que faz um metro ou 2 metros de largo, não consideraram isso como

zona de pastagem... não é zona de pastagem mas é zona de passagem para o gado. Para andar não há caminhos para o gado andar...

AL: claro, faz parte do sistema de pastagem...

MS1: para mim isso faz parte do baldio

AL: Tal e qual como o rio

MS1: exactamente, tal e qual como o rio. Por exemplo, estas margens não sei quantos deste ribeiro cortam.

AL: Mas as cabras se calhar até andam lá

MS1: ai, as cabras andam lá. E outra coisa, por falar agora nas cabras, eles no Gerês cortaram-lhe não sei quanta... ali para Fafião e Gerês... mas lançaram-lhes para lá estas cabras bravias e coiso, lançaram para lá meia dúzia delas e agora reproduziram-se e andam lá centenas e centenas deles. Então não há pastagem como é que elas se aguentaram no alto do Geres, e como é que isso não é considerado? Se não houvesse pastagem como é que elas sobreviviam lá, esses animais. Não percebo essa avaliação dos senhores que estão lá em Lisboa e do que se passa aqui, eles estão a ver o Tejo e a passear lá os barcos, mas isto não (RISOS). Eu até fico, eu francamente... eles estão lá sentadinhos ao computador, depois por computador veem onde é que eles querem. Mas a realidade não é essa, a realidade é darem um passeio por aqui e ver, e bastava dar em meia dúzia de locais, escusavam de ir ao país todo. Diz “olha, distrito de Montalegre, de Vila Real, vamos a dois locais, distrito da Guarda... a dois; distrito de Braga também. Só para tirar uma ideia, depois chegavam lá... bastava ir a uma aldeia, a um concelho, a um conselho directivo, a Montalegre. Ou quem diz a Sezelhe diz a Tourém ou a outro lado qualquer, dar uma vista de olhos, passar, perder meio dia, como perdemos nós muitas vezes, aí sim, era ver a realidade, agora ... e costuma-se dizer que “só perde quem tem”

AL: isso é verdade

MS1: só perde quem tem, quem não tem nada não perde

AL: vocês aqui já têm um plano de gestão feito, o plano de gestão do baldio?

MS1: este ano já está quase feito

AL: ah, é aquele que é para 5 anos

MS1: não! O de 5 anos é o que fizemos

AL: ah, esse já fizeram. Ok, depois têm é de fazer um anual não é?

MS1: é anual!

AL: isso fazem porque querem ou porque é imposto pelo...

MS1: não, temos de fazer! Temos de fazer... temos de dar a relação dos animais, temos de dar, temos que reunir a assembleia, temos de ver os que fazem parte dos compartes, o recenseamento de compartes, todos os anos fazemos isso

AL: então vocês já têm isto tudo delimitadinho no papel?

MS1: já, já, já... nós no coiso temos parcelas por parcelas, sabemos quantas parcelas existem, parcela aqui, parcela acolá, temos essa... mesmo agora quando nos cortaram fomos ao coiso mostrar quais são as parcelas que nós [...] só nos vales e aos coisos e assim [VENTO]

AL: quem é que vos fez esse reconhecimento?

MS1: de quê, da ...?

AL: de andar a ver da, de fazer tipo um mapa do baldio, com o GPS...

MS1: ah, isso foi, quando fizemos a constituição do baldio fizemos, como é que eu hei-de dizer, fizemos com a carta militar

AL: o cadastro?

MS1: não... com a carta militar e trouxemos aqui o [?] para fazer o levantamento do...

AL: ahh, e quando é que o baldio foi constituído? Lembra-se?

MS1: *pa*, nessa altura... isso já foi... ele estava constituído em 89...89/90 foi mais ou menos nessa...

AL: foi quando vocês se organizaram para receber o baldio, foi isso? Quando criaram a assembleia de compartes e isso, foi nessa altura?

MS1: exacto, exacto, porque eu nessa altura portanto, eu ainda estava em França e, é por isso que eu digo havia... ainda andavam a trabalhar nele quando eu vim, eu vim em 89 portanto devia ser nessa altura que eles andavam a coisar, portanto, depois tiveram lá do coiso, ora eu faço 25 anos

AL: que está cá? Então chegou em 90 para aí

MS1: 89/90... 89. Depois, passado 3 anos [VENTO] (...) digo logo nas ventas das pessoas aquilo que sinto, coisas que digo logo à frente e depois há pessoas que não se dão bem com isso... demitiram-se e então depois passei eu para... elegeram-me a mim para presidente da, dos compartes. Outro senhor para presidente da assembleia

AL: e os outros estão contra vocês ou... aqueles que tiveram de sair, ou que decidiram sair...

MS1: eles viram que era a realidade e que era assim... as pessoas quando não são capazes de ocupar um lugar elas, têm de sair

AL: mas portanto não há conflito com eles nem nada do género?

MS1: não, não, não. Houve conflito quando a pessoa, passou porque eles depois nunca mais... porque é assim, eu já na Junta e nas coisas chega-se ao fim do ano, acabou-se o ano faço balanços. Não há... e os balanços têm de ser lidos por quem lhe diz respeito, tem de se apresentar contas a quem têm que ser apresentadas. Eles, não calhou, não apresentaram contas, eu se faço parte de uma coisa gosto de saber o que é que se passa e eu um dia tive de lhe dizer... não é? Tive de lhe dizer, *pa*, embora não gostassem, embora não coiso, tive de lhe dizer um dia, numa reunião um dia “hei, isto passa-se assim, todos os... seja empresas, seja juntas seja o que for tem de se fazer contas, o que se recebeu, o que se gastou, e ao que há, o que sobrou e o que não sobrou. Tens há 4 ou 5 anos nunca dizendes quanto se recebeu, nem quanto se pagou, nem quanto se gastou, e isso para mim não serve... pessoal como é? Está tudo de acordo? Para o fim do ano tem de ser lidas as contas...” ah, pois, porque isto tem de ser, porque eles sabem como é, na aldeia há pessoas que estão tímidas e que não gostam de falar mas se ouvem uma voz depois... toda... ah, a partir dali tem de ser assim, se não querendes lá estar ou se levais coiso deixais para lá ir outros, mas de resto tem de ser assim. Nós todos os anos acabam-se as coisas tem de se ler as contas... e é por isso que o pessoal muitas vezes diz “sim senhor”, porque fiz... por exemplo, fiz 15 hectares de limpeza “olha, fizemos 15 hectares de limpeza, cada hectare custa x, recebemos x, ficou x. Toda a gente não tem a reclamar. Eles ficam assim a olhar, levam as folhinhas do que se recebeu, que está tudo bem “olha, estão aqui” – recebeu-se aqui, x daqui, x de acolá e estão aqui os gastos portanto, e depois essas pessoas ao verem isso já sabem que não há falhas, não há nada e é por isso que... ainda agora, ainda agora tivemos uma reunião, no mês de abril, foi 6ª feira Santa “oh meninos, já estou cansado, e estou. Qual é o que quer ocupar o meu lugar?” “ah, para as próximas... vamos ver para as próximas”. Porque até ali era de 2 em dois anos as eleições, e agora é de quatro em quatro...

AL: com a nova lei?

MS1: com a nova lei!

AL: quanto é que falta para o seu terminar?

MS1: agora ainda faltam 4 anos [RISOS]. Houve em abril...

AL: ah, essa já era a das eleições...

MS1: acabava o mandato, mandei reunir a assembleia... estivemos todos reunidos...

AL: e o que é que acha, acha que era melhor de 2 em 2 ou de 4 em 4?

MS1: olhe, eu vou ser-lhe sincero, para pessoas que às vezes não são correctas seria melhor em dois

AL: pois... mas a assembleia pode destituir não pode?

MS1: pode, pode. Nós é que decidimos, nós mesmo certas regras que há nos baldios, se a maioria disser que é assim, é assim.

AL: e depois isso tem de vir em actas e tal não é?

MS1: ah, isto é tudo escrito em actas, depois nem havia reuniões, nem havia actas escritas...

AL: antes não havia... e eu têm que apresentar a alguém essas actas?

MS1: não, estas actas são para nós. Agora para fazer lá o subsídio do coiso é que temos de mandar uma acta a dizer o que é que se gastou, o que se não gastou, e essas coisas... e essas actas temos de mandar

AL: e vocês tiveram de registar o baldio nas finanças, no registo predial?

MS1: nas finanças, nós estamos registados nas finanças

AL: mas já estavam antes? Ou foi só agora com a nova lei?

MS1: não, não, já estávamos, já estávamos, temos mesmo o cartão de contribuinte do conselho directivo.

AL: e têm de pagar IMI ou não? Ainda não percebi muito bem. lá na lei diz que estão isentos desde que estejam inscritos na matriz predial

MS1: pronto. Nós declaramos, fazemos, e por causa dos IRS, e essas coisas, fazemos. Ainda o ano passado nos deram 600 e não sei quantos euros

AL: gastaram mais do que ganharam

MS1: não, temos as nossas contabilidades, e é por isso que existe esta confiança e a contabilidade existe entre a tesouraria, o presidente e o presidente da assembleia, existe essa realidade e existe essa verdade e existe essa transparência...

AL: pois, eu lembro-me que o IMI os baldios estavam isentos desde que fizessem os usos que é suposto serem desenvolvidos dentro dos baldios e desde que... aí, já não sei (RISOS). Mas sim, acho que vocês estão isentos

MS1: sim, sim, há, há, há, estamos isentos estamos. Sim, sim. (VENTO) eles agora, já há 2 anos querem que façamos contabilidade, e depois começamos, foi daí que começamos a fazer contabilidade e o ano passado mandaram-nos 600 e tal euros. Mas até aí não tínhamos contabilidade. Só agora a partir de 2 anos é que começámos a fazer a contabilidade...

AL: e acha bem ou?

MS1: oh, eu? Não discordo com isso... porque, porque há muitas, há muitos, não vou citar nem vou nomear, há muitos baldios que recebem e depois não fazem nada e o dinheiro desaparece. E eu acho que para esses efeitos só com a contabilidade é que se sabe onde é que foi o dinheiro, porque senão não se sabe para onde é que foi o dinheiro. Porque por exemplo, eu este ano levei uma factura de aqui de hectares às finanças...gastei. As finanças sabem o que eu recebi, automaticamente sabem o que foi gasto e que paguei... porque paguei o IVA, porque no baldio o IVA é 6%, não é 23%. E sabe que nós pagamos o IVA, que estamos a pagar ao Estado, que sabe que nós não estamos a tirar, e às vezes bem falta fazia, não é (RISOS). Mas é isso... eu

acho bem, e se toda a gente fosse a cumprir 50% do que lhe pertencia havia se calhar, não estávamos a pagar tanto dos outros que estão a pagar, porque a maior parte das pessoas que andam por aí são essas de tudo lucro para eles

AL: também é por isso que as ITI diminuem, é porque há alguns que não cumprem ou metem a mais ou ...

MS1: por exemplo, no nosso trabalho, seja em que trabalho for, se toda a gente pagasse os seus direitos, toda a gente pagávamos menos. Agora o Estado, ou as finanças, abrem o computador e só veem o nome dos que lá estão, os que lá não estão não pagam, só pagam os que lá estão, seja nos baldios, seja em empresas particulares, seja onde for... eles, os que não estão lá inscritos, esses não pagam. E muitas das vezes são esses os que metem tudo ao bolso

MS1:... olha, aqui a giesta está cortada....

AL: aaah, aqui já foi para tirar para as camas?

MS1: para a cama do gado, oh... olhe lá as manadas lá em baixo...

AL: e não faz ideia de quem são as vacas...

MS1: não, aquilo são da aldeia vizinha. Porque as nossas, está acolá aquela pedra... as nossas cruzes estão acolá, e as deles, até lhe vou mostrar aqui... quer ver, estão aqui umas... isto já... já são lá de séculos, dos nossos, sei lá, bisavós... há cruzes aí com 300 anos ou 400 anos

AL: então aquilo onde estão as vacas é misto é isso?

MS1: sim. Faziam estas cruzes, nas próprias pedras, está a ver...

AL: bolas, isto não é fácil de ver... é só para quem sabe

MS1: e a maior parte das pessoas não sabe delas, nas aldeias...

AL. Tá bem, porque o senhor Manel falou-me qualquer coisa que as cruzes eram feitas com picos... picos... mas o que são picos?! Ele disse que eram coisas de ferro

MS1: pois... isto antigamente devia ser...

AL: são imensas

MS1: são imensas que é para não haver dúvidas

AL: então e como é que vocês sabem que isto são as vossas, aquelas são as deles...

MS1: não, sabemos, estas...portanto, uuuh, a aldeia vizinha a partir daqui para cima já não lhe pertence nada. E nós, de onde estão as vacas para o outro lado à aldeia de Sezelhe já não nos pertence nada

AL: ah, porque lá estão as cruzes de Sezelhe?

MS1: exactamente. Estas são as cruzes de Travassos e do outro lado são as de Sezelhe

AL: e a área que é mista é grande ou...

MS1: a área que é mista, portanto, nós temos... estão estas cruzes aqui, estão ali à frente, estão acolá... são várias... ali ao pé daqueles pinheiros estão ali outras, as de Travassos, normalmente as cruzes estão sempre postas ao nascente, e de cruzes a cruces há sempre uma linha recta, como por exemplo, desta cruz acolá é uma linha recta, mais ou menos tem de ser uma linha recta, ao chegar lá pode desviar, mas da outra, daquela mesmo, esta está assim mas a outra está ali em baixo, mas dali ali o horizontal é sempre uma linha recta. E as cruces, se procurar as cruces, estão sempre postas ao nascente, porque se viermos aqui a parte de trás não tem nada, nesta pedra

MS1: as cruces estão todas feitas ao nascente... porque se houver cruces por trás do outro lado, para o poente, não são cruces

AL: então ali naquela pedra também hão-de estar para cá...

MS1: sim, as cruces estão ali...

AL: então os picos, fico sem perceber o que eram os picos...

MS1: o tio Manel às vezes explica-se mal...as cruces são abertas com picos. Sabe o que é um pico do prego não sabe? É tipo de um, de uma picareta... depois tem um bico de cada lado. Depois é com esse bico confirme se picam as pedras, essas pedras de casas e coiso eram picadas a pico ou então ...

AL: e por exemplo, quando vocês metem nos PUB's a área do baldio também contabilizam a área mista?

MS1: uuuh

AL: por exemplo, se o baldio é isto, e isto aqui é a área mista... por exemplo, isto é de Sezelhe, e aqui há uma área mista porque aqui estão as cruces de Travassos...

MS1: não, não metemos isso.

AL: no PUB não está? No PUB está toda a volta de Sezelhe...

MS1: exacto

AL: ah, pois, porque isso já é costumes locais...

MS1: pois, já é costumes locais. Como por exemplo, nós estávamos a dizer, para baixo há lá um imenso carvalhal... onde é só nosso nos podemos partir, como várias vezes chegamos a um certo ponto, reunimos a população e dividimos x, chamamos-lhes as leiras, terrenos para cortar essa lenha... nós não vendemos mas já chegaram a certa altura, precisa de lenha, eu preciso de lenha, os outros precisam de lenha... chamamos... em tal sítio há lá uma área que podemos fazer um corte... chegamos lá dividimos aquilo em... nós chamamos leiras...

AL: umas parcelas?

MS1: sim, em bocados... são x parcelas, faz-se x números, mas... que é para depois não haver complicações... mete-se coiso e tira cada um o seu numero... não é para depois um dizer assim “não, eu quero aqui”, o outro quer acolá... aquele é melhor... não. Assim há x parcelas, faz-se x números, faz-se um sorteio e mete-se conforme os tirarem assim tem que... onde é misto, portanto podemos... chegamos a acordo as duas partes, podemos vender aquilo a um madeireiro ou como podemos dividir estas, essa lenha

Então e vocês costumam andar por aí andar pelo baldio a ver quem é que anda a usalo, quem é que não anda...

MS1: eu praticamente quase todos os domingos, todos não, mas um sim ou não, dou sempre uma volta por aqui...

AL: ai é? Então ainda bem que escolhemos o domingo, assim não atrapalho a sua vida...

MS1: não, eu gosto de dar... nós aqui andámos... aqui andámos a limpar isto, limpámos no ano passado... aqui há outras cruces...

[saímos do carro]

AL: quando vem ao domingo costuma vir de carro ou costuma vir a pé?

MS1: não, costumo vir de carro, a maior parte das vezes venho de carro, porque eu ando um bocado atrofiado do joelho

AL. E assim consegue dar a volta toda não é?

MS1: pois, era o que eu estava a acabar de lhe dizer... nós andámos no tal carvalho pequeno, porque isto também tinha ardido, e nós andámos a fazer limpeza neste carvalhal, só que a giesta agora... depois da limpeza que foi feita... o ano passado

AL: a limpeza?

MS1: sim. Porque isto ardeu e os secos, foram os sapadores que andaram aqui a limpar... tiraram os secos e só deixaram aqui os que vinham a crescer na...

AL. Mas o que é que quer dizer? É que os secos deixaram aqui cortadinhos no chão é isso?

MS1: no chão, sim. Deixámos os secos e deixámos estes que estavam a ...

AL. Ah sim, para aproveitar a regeneração

MS1: há certos sítios, agora por exemplo, agora ali aquela vaga durante o coiso, é uma vaga que está... que não tem tanta giesta e é mais húmida são zonas em que os

carvalhos crescem mais rápido. E não largam tantos... este aqui cortaram-no aqui, sem autorização, e acolá e pagaram 400 euros cada...

AL: pagaram a vocês?

MS1: ah pois

AL: e não houve problema, eles pagaram?

MS1: ah, não, têm de pagar! O coiso está aí... primeiro têm de pedir, cortarem sem coiso, sem terem autorização são, pode vir de 200 a 500 ou 400... está ali no regulamento, temos essas coisas todas

AL: e quem cortou eram pessoas da aldeia?

MS1: da aldeia sim...

MS1: o regulamento é assim, nós fizemos o regulamento, afixamo-lo nos locais próprios, temos lá no coiso afixado para ler. E quando fizemos a assembleia e se juntaram os compartes explicamos o que é. O que é que há sempre uma pessoa ou outra que pensam que não conta... é por isso que aos domingos que eu vou sempre a...

AL: E depois como é que sabem quem é que cortou?

MS1: há sempre alguém que vê passar, e depois basta ver mais ou menos os troncos que coiso, e depois dessa coisa vê-se logo quem é que corta...

AL: é que bastava se calhar terem pedido autorização

MS1: não, era o que eu estava a dizer... eu se chegar aqui “epa, olha preciso de lenha portanto esta lenha que está aqui está proibida de cortar”, porque é assim, nós onde andamos a limpar com os sapadores não deixamos cortar a lenha, porquê... porque temos locais que não estão limpos e que têm lá lenha boa, melhor do que esta, e assim é uma coisa deles cortar e já deixar limpo também

MS1: está a ver aqui, isto tem aqui uma era...

AL: tem uma? Era?

MS1: mil trezentos... e dezanove, ou oitocentos e dezanove...

AL: é o quê isso?

MS1: isto é quando andaram a... ou quando vieram-nas ver ou quando as fizeram...

AL: 1819??

MS1: mil oitocentos e noventa e nove ou mil trezentos e noventa e novembro

[tentamos perceber]

MS1: é mil... mil oitocentos e noventa e nove, parece que foi isso...

AL: tem de por sempre o ano ou não?

MS1: não, nalgumas tem noutras não...

AL: e esta é a de... Sezelhe deste lado?

MS1: não, é a de Travassos deste lado. Portanto, o limite de Travassos chega até aqui e as nossas passam ali por trás, naquela vaga naqueles penedos que estão acolá, lá trás daqueles últimos que se vêm daqui... não são estes primeiros, são os outros que estão de lá...

AL: não são as mesmas que a gente viu há bocado pois não?

MS1: não, não, não, estão outras ao pé ali da vaga, depois estão ali outras... é como estar esta ali atrás e estas aqui...

AL: então isto é tudo misto?

MS1: isto... isto portanto, isto fazemos uma linha que é uma linha, uma linha das cruzes, para cada lado que as cruzes estão, entre o meio das duas cruzes é o misto e depois para cada lado, de lá é Travassos e daqui é Sezelhe

AL: isto são fronteiras antigas...

MS1: são fronteiras antigas, exactamente... então de 1899... há cento e ...

AL: sim, há 116 anos... aqui o baldio sempre foi desta aldeia, nunca foi de várias aldeias?

MS1: não, sempre foi da aldeia

AL: alguma vez houve conflitos, entre aldeias, ou dentro da aldeia, relativamente aos usos do baldio...

MS1: havia sempre um ou outro que havia sempre aquele conflito. Às vezes onde havia primeiro, onde havia conflitos era entre uma aldeia e outra. Porque depois uns diziam que as cruzes não eram aqui, porque muitas das vezes há pessoas que ainda hoje não sabem onde estão as cruzes. Depois as pessoas que não sabem onde estão as cruzes e os limites dizem “ai, não, porque as nossas vão em tal sítio, e as vossas são em tal sítio...” ... de resto não havia conflitos assim...

AL: é mais os limites

MS1: é. Há aquele respeito, só que é como estávamos a acabar de dizer, o gado e depois mesmo os da aldeia vizinha, se quiserem vir cortar mato para o lado aqui nós nunca nos interessamos por coiso...

AL: no seio dos vossos compartes, de Sezelhe, você normalmente concordam na forma de gerir o baldio ou há diferentes interesses

MS1: não, nós geralmente concordamos, toda a gente concorda na maneira que estamos a gerir o baldio

AL: não há qualquer coisa de uns quererem por exemplo isso do BTT; outros quererem outra coisa...

MS1: há sempre algumas opiniões diferentes, só que é como estamos a acabar de dizer, só que depois vamos sempre pela regra da maioria... o que é que há sempre, uns que concordam e outros que não concordam. Uns que se calhar estão mais de acordo concordam que está bem, outros que não estão “ah, ides gastar dinheiro naquilo que não coiso...” ...

AL: mas não é o suficiente para não...

MS1: para não fazermos? Não, não é

AL: acha que em Covelães haveria alguém para substituir o senhor Manel?

MS1: há, há

AL: há? Pessoas interessadas em ir para...

MS1: interessado não, porque isto é assim...

AL: dá muito trabalho?

MS1: dá muito trabalho não... não, é que o senhor Manuel é do tempo da ditadura...

AL: sim, trabalhou no Parque...

MS1: trabalhou no Parque e depois é assim... não quer deixar o poder. Já me confrontei muita vez com ele por causa dos sapadores, porque, eles já andaram para desaparecer e, e quanto ao entendimento que ele fazia...

[peço para por o radio do carro mais baixo]

MS1: e... e depois isto, foi assim, foi como eu acabei de dizer... eu gosto de estar, eu tento ser responsável com alguma coisa mas gosto que aquilo corra como deve ser e houve aí uma altura que o tio Manel não estava a, ele pensava que aquilo que era ele que mandava, o dinheiro os outros tinham de por e havia certos dinheiros que ele dizia que não era para aquele efeito. E eu um dia disse assim “se eu continuar com o CD de Sezelhe, quanto aos sapadores eu não... conforme estão a fazer e estão a ser geridos eu faço mais serviço sem eles, pagando a empresas, do que com eles. E... depois tivemos uma reunião... e a malta depois passava por mim... porque os sapadores são do CD de Covelães, só que fizeram uma parceria com Sezelhe, Travassos e Covelães, e ele, chegou a uma altura e queria mandar os sapadores embora. Mas queria que o CD de Sezelhe e os outros CD, pagassem a indemnização aos sapadores também, mas ele está enganado, não está a perceber nada da poda.

Um dia tivemos que transmitir isso à delegação das florestas e naquela reunião em Montalegre, também estava o presidente da Câmara, e chega lá com uns, quando nos apresentamos lá para a reunião, ele tinha lá dois advogados. Os advogados começaram a falar, comecei a falar, disse que não é isso, que é assim, assim, assim... “ah, mas isso não é nada do que você está a dizer”. E disse “não é nada, então vocês é que sabem. Então a partir daqui não me façam mais pergunta nenhuma porque eu não respondo.”. O novelo começou-se a desenrolar e depois vira-se para mim “Diz lá, oh senhor MS1...”. Eu disse “olhe, desculpe lá, mas já lhe disse, eu não lhe respondo, porque o que eu estava a dizer, agora vocês vêm ao encontro, agora quer que lhe explique o que eu estava a dizer, quer que lhe explique a realidade, agora querem que vá ao encontro do que eu estava a dizer, para eu lhe explicar...”. “ah e tal, porque lá o senhor Manuel disse-nos ao contrário, que era assim, que era assado...”. Eu disse “olhe, o que se passa é isto, e isto, e isto... e é o que vos tenho a dizer, e eu tenho mais que fazer e façam o que quiserem” e eu fui-me embora. Tinha uma máquina avariada e fui ali a Espanha com a peça... e ficaram lá. Eu nestas coisas sou assim, quando vejo que as coisas não coiso... telefonam-me “olhe, passa-se isto e isto e isto”, ele queria... já não sei quanto era... “olha, passa-se isto e isto e isto...”. Eu disse-lhe “olha, eu só vou até ali, se não quiseres acabou, não vale a pena estares a teimar”. Lá conseguimos que o presidente da câmara nos desse uma verba para os sapadores

MS1: e então... chegou à conclusão que nós tínhamos razão

[MS1: o gado, ... aí nesses carvalhais, foram limpos, podia estar aí um carvalhal que... só que tendo o gado largam o fogo que estas giestas depois, largam-lhe o fogo para... vai afectar os carvalhos]

MS1: e então o ti Manel sempre chegou para dizer que “pensei que era assim....”: Minimamente temos de saber as leis... e eu, sendo empresário, sei mais ou menos os direitos que eu tenho, e os direitos dos meus empregados... só que ele, às vezes há pagamentos que não vem ter com as pessoas para por os casos “precisamos se calhar de 1000 ou 2000 (...) aos sapadores, as 4 aldeias dão 10000 euros para pagar aos sapadores. Às vezes deixa andar, e os sapadores passam dois meses, um mês, dois meses, sem lhes pagar. Quando às vezes podia chegar e as coisas conversadas... ele faz... onde eu quero chegar é que ele faz tudo pela cabeça dele e não dialoga com as outras pessoas. É o que ele tem na cabeça é o que ele faz. É essa pessoa que eu digo que já não havia de lá estar. Nós ainda no domingo, para aí há 15 dias, tivemos uma reunião. Pois eles estiveram lá, o presidente da Junta e ele e o chefe dos sapadores, tiveram uma reunião na câmara e disseram lá certas coisas e ele já dizia o contrário, já não dizia que fora assim. Depois estava lá o presidente da Junta e “oh Ti Manel, não esteve lá connosco?”. “Estive!”. “E então não se falou isto”: “não, eu pensei que isto não era assim”. A pessoa que já tem uma certa idade, já começa a ... todos nós quando se chega a uma certa idade, já a memória nos começa a esquecer e também já temos, foi o que eu disse há bocado, chega a uma certa idade também temos de dar o poder às outras pessoas. Não podemos estar nós sempre a querer ser sempre os senhores das coisas. E depois ele tem aquela coisa que tem de ser ele a mandar, tem de ser ele o senhor que manda. É ele que faz... segundo o que ouço dizer ele não faz, não convoca uma reunião lá do CD, ele não faz eleições... ele não faz coiso...

depois começa lá, “porque eu levo o trabalho assim...”. Estava lá o cunhado dele, nesse dia que estiveram lá na reunião “que eu perco, eu trabalho, eu faço, vou a Montalegre não sei quê, meter uma casa, não sei quê, não levo dinheiro...”. E estava lá um cunhado e também começou-se a encher de coiso “epa, mas se tu vês que não estás bem, que levas muito trabalho, larga o... entrega a outro”. E ele... nem uma nem duas... primeiro quer ser do coiso, mas depois começa a dizer “porque eu faço porque não levo dinheiro, porque eu gastei assim, eu gastei desta maneira...”. E depois é... “se você não quer fazer isso e nem quer levar o trabalho...”. Ainda agora, foi para a reunião que era para pagarmos aos sapadores por conta bancária... porque ele passava-lhe o cheque e os sapadores perdiam meio-dia para ir depositar ao coiso... os meus empregados eu passou-lhe um cheque mas eles não pedem meio-dia para ir depositar o cheque... então não tem família para lhe ir depositar o cheque ou... então a melhor coisa é uma transferência bancária “porque não sei quê, porque não sei que mais...”. Eu disse olha “você chega lá assina-se as declarações que de cada um e você assina que quer fazer uma transferência e ...”. Mas... primeiro diz que sim mas depois volta outra vez à maneira dele... ele já não está em condições de...

AL: pois... o que eu percebi é que não há assim tanta gente a querer ir para o cargo...

MS1: diz ele!

Tourém: MT1

AL: pois... e lá no vosso baldio têm floresta, de produção por exemplo?

MT1: não... a floresta que temos é autóctone, é só com os carvalhos... agora pinheiro e essas coisadas disso não temos nada

AL: e nunca tiveram ou já não têm?

MT1: não, não

AL: o Estado não pôs lá o pinhal na altura do Salazar? Não chegou a entrar?

MT1: não... ficava muito longe

(RISOS)

MT1: ficava um bocado longe. E depois nós sempre tivemos um bocadinho de cuidado com o baldio, acho que as pessoas foram-se adaptando e chegaram à conclusão que realmente não vale a pena inventar muito, está tudo inventado, é preservar o que temos e se preservarmos já não fazemos pouco, e as pessoas foram-se consciencializando disso e vendo que isso realmente era verdade... e nós no baldio se quer que lhe diga nem sequer problemas temos. Há sempre aquela pequenas coisitas, que um quer abusar disto ou daquilo, mas pronto, coisas insignificantes, não temos... eu quando vejo aí freguesias com problemas gravíssimos de baldios que vão para tribunal eu até fico um bocado admirado como é que lá não existe, felizmente não existe, e oxalá nunca exista...

AL: mas esses que vão para tribunal normalmente é por fronteira do baldio com a aldeia ao lado e coisas do género, porque os animais foram para o outro lado...

MT1: ou mesmo privados que se querem apoderar do baldio para proveito próprio, vedando e fazendo...

AL: e lá não acontece nada disso?

MT1: até hoje não... há sempre aquele que gosta de abusar um bocadinho mas não... fala-se com ele... até hoje tem-se resolvido sem problema de maior

AL: pois, pois, pois... e quais são os investimentos que vocês fazem lá no baldio que... pronto, já percebi que pagam para os sapadores, compraram um tractor... e que outro tipo de investimentos é que fazem com o dinheiro que conseguem poupar

MT1: preservação... é a limpeza do carvalhal... limpeza e condução do carvalhal... nós temos lá uma área muito grande que aqui há uns anos era... não era nada, ardia todos os anos e não crescia lá nada... e hoje temos lá um carvalhal que é um espectáculo, é um exemplo de carvalhal, aliás, o parque faz muito gosto em levar lá os visitantes para verem o trabalho que ali está feito, e realmente está ali um trabalho muito bem feito, repito, graças aos sapadores, são eles que fazem a condução e a limpeza desse carvalhal.

AL: vocês têm comissão de fiscalização, CD...

MT1: somos nós próprios que fiscalizamos... se não formos nós próprios a fazermos este trabalho ninguém o faz por nós...

AL: claro, claro

MT1: ninguém o faz por nós porque não sabe, porque não vai, porque não sabe o que se está a fazer, somos nós próprios que lá estamos que temos de fazer esse trabalho

AL: mas no papel não tem de existir um CD formado por x pessoas, uma comissão de fiscalização formada por x pessoas

MT1: claro... não, mas isso está devidamente regularizado

AL: sim, sim, sim, mas depois na prática...

MT1: então, na prática é isso mesmo, somos nós, CD, que...

AL: ah, ok, ok

MT1: é isso que acontece, é precisamente isso que acontece, somos nós que fiscalizamos, nós CD

AL: são vocês CD...ok. É que eu tinha percebido que havia dois órgãos diferentes que era, bom, para além da mesa de assembleia de compartes... haver o CD e a comissão de fiscalização...

MT1: são três: é o conselho fiscal, é a assembleia de compartes e é o CD, é a direcção do CD...

AL: mas não sempre as mesmas pessoas em cada...corpo vá, em cada...

MT1: não, normalmente toca sempre ao mesmo, que é o presidente da direcção...

AL: pois...

MT1: que é a regra... é isso que acontece nas câmaras, é isso que acontece nas juntas, é sempre a mesma pessoa que faz isso, neste caso é o presidente do CD; ou o presidente da Junta, ou... porque também quando são muitas pessoas a mandar também não da muto certo... é melhor... as decisões sim, têm que ser tomadas por todos em assembleia, juntamo-nos todos toma-se a decisão de limpar acolá, vai-se limpar acolá e toma-se a responsabilidade de limpar... de fazer uma queimada em tal sítio, sim senhor a decisão é tomada mas depois é executada, neste caso pelos sapadores e ou eu ou outro membro do CD vai lá

AL: sim, sim, sim

MT1: e é assim que funciona

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: as pessoas não são assíduas nas reuniões e assembleias?

ACm1: não, não, não há. Aparecem duas ou três pessoas à primeira convocatória e aparecem 10 ou 11 à segunda convocatória

AL: quantos compartes é que estão no caderno eleitoral? No caderno eleitoral da assembleia, do baldio?

ACm1: o caderno tem 470 e poucos compartes, mas nós temos mais de 60% da população emigrada, portanto os emigrantes fazem parte da

AL: são considerados compartes e têm todos os direitos que os outros têm?

ACm1: são considerados compartes. Um emigrante, é assim, desde sempre que foi considerado... por mim, desde que comecei a gerir os baldios, os emigrantes estão recenseados, podem-se deslocar a votar em actos eleitorais como se podem deslocar para participar numa assembleia de compartes

AL: mas estamos a falar de pessoas que estão no estrangeiro?

ACm1: sim, que estão no estrangeiro, ou que estão em Lisboa, ou que estão no porto, ou que estão não sei onde, ou em Viana do Castelo. Os emigrantes não são pessoas que percam os seus direitos só porque estão ausentes, na questão dos baldios... porque eles têm a sua residência fixa, têm os seus bens na freguesia, têm toda a sua vida ali, eles de um momento para o outro podem ser obrigados a regressar e têm aqui a sua vida. Só não têm o trabalho que está lá do outro lado... por isso os

emigrantes se têm mantido e se manterão, penso eu, sempre nos cadernos, quer eleitorais quer para os baldios

AL: ok. O que já vi em outros baldios foi que sim, um emigrante mantém-se comparte no que diz respeito aos direitos sobre o uso dos recursos, quando cá está, mas no que diz respeito por exemplo a votações, não...

ACm1: se um emigrante... pois, pode haver... mas não é justo, porque imagine, eu posso viver em Paris e depois num fim-de-semana vir aqui, e vou participar num acto eleitoral. Aliás, um comparte dos baldios nem precisa de estar permanentemente inscrito no caderno, ele pode não estar inscrito no caderno, mas se ele chegar a meio de uma assembleia, numa reunião de compartes dos baldios ele vai ter direito a participar nos pontos que estiverem ainda por discutir. Agora, a qualquer momento ele entra e participa, portanto pode-se iniciar uma assembleia com 50 e pode-se terminar com 70 ou 80. As pessoas podem chegar a todo o momento, têm direito a participar

AL: e alguma vez houve conflitos entre os baldios no sentido de, sei lá, os pastores passarem para um lado

ACm1: não, com o pastoreio nunca houve problemas. Houve sim, há ainda retenção de valores de madeiras cortadas na zona de conflito. Há mais de uma dúzia de anos que existe dinheiro bloqueado por causa disso

AL: ah, bloqueado pelo Estado porque não se decidem quanto às fronteiras, é isso?

ACm1: não, não está bloqueado pelo Estado, só está bloqueado porque as partes nunca chegaram a acordo na divisão da percentagem não é? Da percentagem para cada freguesia. Portanto nós temos aqui um terreno que o Soajo diz que a delimitação é ali por aquela divisão, nós dizemos que a delimitação é aqui pela zona deste pilar. Portanto o Estado vendeu a madeira com o acordo das duas freguesias, porque nós tínhamos que assinar sempre a venda, a venda só era possível desde que as duas partes, as duas freguesias assinassem. Agora, quando era para receber, se não chegávamos a acordo na % que cada um ia receber o dinheiro ficava retido, está retido

AL: e ainda está?

ACm1: ainda está

AL: e como é que está agora a questão da divisão, ou da delimitação do baldio?

ACm1: está na mesma situação

ACm1: ah, mas para os subsídios nunca se concorreu para essas zonas de conflito, portanto nunca houve problema nesse aspecto

AL: sim, mas o que eu digo é que, pelo que eu sei, para concorrerem a subsídios têm de ter um plano de utilização do baldio, agora de gestão florestal, e que é feito... nesse processo de fazer os PUB ou os PGF, que é feita uma delimitação dos baldios com o GPS, que fica feita não é, e que acaba por ser útil para várias coisas. Para além disso na nova lei vem que para os baldios não pagarem IMI têm de estar inscritos na matriz predial. Onde eu quero chegar é, perante estas novas necessidades e responsabilidades que o baldio tem que ter, se a delimitação do baldio não está mais clara hoje em dia, tanto com o GPS, como na matriz predial, como para as finanças, etc.

ACm1: para nós na zona de conflito não está, não está mais nem menos, está na mesma, não se chegou a acordo ainda até ao momento

AL: (...) e o baldio de Cabana Maior já está inscrito na matriz predial?

ACm1: desde as últimas louvações está

AL: a nova lei dos baldios diz que os baldios estão isentos de pagar IMI desde que estejam inscritos na matriz predial

ACm1: os baldios sempre estiveram na matriz predial, o que acontece é que eles estavam na matriz predial mas não estavam em nome dos baldios, estavam em nome da freguesia... também não estavam em nome da junta de freguesia, porque a Junta não pode ter baldios em seu nome. Eram baldios da freguesia de Cabana Maior, ou baldios da freguesia do Soajo. Mas os baldios já estavam na matriz desde há mais de 50 anos

AL: mas na matriz não está delineado o limite do baldio? Eu não sei muito bem como é que isso funciona

ACm1: não, não está não.

AL: é só uma questão de posse, é isso? Não tem a área

ACm1: não, está o número de hectares por artigo. 150 hectares, 200 hectares, assim

Cabreiro: AC1

AL: pois... o pessoal é activo no baldio? Vai às assembleias, estão interessados...

AC1: não, não, não. Isso não é activo, nada, nada, nada, eles a única coisa que querem é as parcelinhas lá deles, a área para terem o baldio, os animais lá no baldio e poderem fazer as coisinhas deles respeitando os usos e costumes que é o mais importante para eles

AL: pois. É pessoal já envelhecido ou é malta nova também?

AC1: temos alguns novos, não muito novos, mas ainda temos algum ou outro mais novo

Gavieira: AGav1

AL: mas vocês não têm ITI também?

AGav1: também, já íamos chegar aí. E depois temos ITI e por vezes o dinheiro, algum que fica, porque isto das ITI é uma vantagem senão também não chegava, repara, uma equipa de 5 homens, nós temos uma média feita de contabilidade que fica a 75000 euros por ano, seguros, a manutenção do carro, este ano gastámos 4000 euros só com o carro, o carro já é velho, conclusão, podemos contar com 80000 euros só de dinheiro para os sapadores. Imagine, nós temos 35000, com 25000, 50000 não é

AL: uuuh, 60 não? 60000...

AGav1: 60000. Pronto, esses 60000 não chegavam. O que está a acontecer, e a safa de termos aquilo, é que nas ITI por vezes faz-se 20 hectares mas fazemos 40, fazemos 20 e fica algum dinheiro ali para suporte, senão não vai chegar, estás a perceber? E no ano seguinte em vez de se fazerem 20 fazemos 25, imaginemos, hectares, e vamos aí entre nós e engenheiros, controlando assim a situação, estás a ver?

AL: mas como é que fazem para poupar, não percebi muito bem, se têm 20 hectares para limpar

AGav1: imagina, nós agora fazemos 7 hectares de limpezas das ITI, mas eu depois como gestor dos baldios tenho que ver assim “não, 7 hectares vamos gastar x de euros, mas nós gastámos, temos de pensar que a equipa custa x, se gastarmos os 60000 euros dos baldios, das ITI não nos vai chegar o dinheiro para o resto do ano para manter a equipa”. O que é que eu penso, eu falo com a engenheira, com a responsável máxima “opa, nós não podemos fazer esses hectares todos” e prontos, o dinheiro vem para os 60000, as ITI pagam 40000 ou 45000, e fica ali uma margenzita para suportar, conforme pode acontecer atrás

AL: portanto, não fazem a limpeza toda dessa vez é isso?

AGav1: e no ano a seguir, imagina, há que fazer 40 hectares, nós agarramos no de trás, vamos fazer 45 ou 50, e se conseguires manter as duas coisas, conseguir fazer os dois trabalhos, ter isto bem controladinho, senão não conseguíamos, não tínhamos hipótese, imagina se uma equipa custa 80000 euros nós temos 60000... nós só em gasóleo pagamos uma média de 400 a 500 euros por mês... só de gasóleo para o carro... só de gasóleo, nós fizemos uma estimativa a rondar os 80000 euros por ano, só para a equipe, mas nós temos 65000 não é, como é que...? O que é que fazemos assim? Depois disso é outra coisa, por vezes há pessoas que chamam, querem limpar propriedades... falam comigo. E pronto, vamos limpar mas é x por pessoa, então esse dinheirinho também ajuda. Porque se eu for mandar limpar a minha bouça, tu falas comigo “olha, eu quero limpar esta bouça”, aquilo é x por dia, pode ser 50 euros por dia por cada pessoa. Pronto, esse dinheirinho ajuda para o gasto de gasóleo e de gasolina e de material, mas fica sempre algum. Porque se pedes 50 euros por pessoa, estou a contar gastar só pelo menos 20 de combustível não é, e discos, pronto, há que fazer contas a tudo, senão a gente não consegue manobrar

isto, não é fácil, a gestão dos baldios não é muito fácil, a gestão dos baldios... atenção, e se formos a ver há muitos baldios com muitos problemas. Soajo aquilo está aos tombos, porque se eles não se controlarem muito bem, não podes misturar a Junta com os baldios, são entidades diferentes, e prontos, nós temos uma assembleia e a assembleia nem concorda com isso. É uma entidade separada, tem que se manter. A Junta... a Junta se não faz deixa por fazer não é... a Junta não tem problemas, mas nós nos baldios temos coisas a cumprir mesmo, esses 35000 euros que dão, nós temos de fazer uma certa área de roça e temos de manter os trilhos todos limpinhos, que é muitos trilhos, trilhos e... nós temos trilhos que saem daqui, que é aquele que chamam "pertinho do céu", que é um trilho que sai daqui, vai correr o topo da serra todo, que são kms de trilho, estás a perceber? Com os 35000 euros temos que manter, temos um mapa que ao fim do ano o ICN dá-me um mapa, temos aqueles trilhos todos a manter, certinhos, e temos que fazer [*? Não se entende*] tínhamos que fazer imagina uns 20 hectares de limpeza. Não fazemos os 20 hectares porque não conseguimos, e é isto, a gente poupa um bocadinho no combustível não é, mas fazer 20 hectares... no caso do ICN, temos de manter tudo o que é trilhos limpinhos, há um trilho que sai aqui da Peneda que vai ao Soajo lá pelo pé da barragem, há muitos trilhos que temos de manter limpos, todo o ano, e depois temos de fazer também uma certa área de... sabes, os azulejos

AL: os socalcos?

AGav1: não, aquelas faixas de limpeza pra fazer...

AL: aaah, mosaicos

AGav1: mosaico, pronto, só que depois eu aqui também não vou muito na... falando assim, na treta deles, porque eu é que estou no terreno, eu é que tenho de gerir o meu dinheiro, o meu dinheiro entre aspas, o dinheiro que me vai vir, porque eles mandam fazer mas depois chega ao fim do ano e pode [*? Não se entende*] há sempre no fim do ano que conferir as contas, vou ter que ter tudo certinho. Se estamos com dívida não pode ser, por acaso nunca isso aconteceu, está tudo certinho, neste momento temos dinheiro, as coisas estão a correr bem... aqui há dias veio aqui um engenheiro, responsável do ICNF

AL: ah, como é que ela se chama?

AGav1: Maria do Carmo

AL: ok. Ela costuma estar aqui é?

AGav1: vem aqui constantemente

AL: mas ela está aonde? Desculpe estar a fazer tantas perguntas

AGav1: está em Braga. Não, pergunta o que quiseres, estás à vontade. Está em Braga, e depois há outro rapaz, chamado Marcos que está em Viana, esse é que é o responsável máximo

AL: do ICNF também?

AGav1: também

AL: ah, destes não tinha ainda ouvido falar

AGav1: e depois temos a representante também da câmara que está ligada à protecção civil, que também é uma engenheira, chamada Xana, não sei se conheces

AL: não... a Câmara Municipal de Arcos não é?

AGav1: Arcos. São pessoas com quem eu praticamente falo todos os dias durante o ano, todos os dias, quase todos os dias

AL: pois... aqui na região, pois... pronto, eu praticamente terminei, tinha só aqui uma curiosidade, há bastante frequência ou assiduidade nas reuniões ou nas assembleias por parte da população, as pessoas aparecem nas reuniões?

AGav1: não, às vezes aparecem mais na rua do que na reunião, se tiverem alguma coisa a falar comigo, toda a gente me conhece, e... ainda hoje houve aqui a assembleia da Junta estiveram 5 ou 6 pessoas, estive a assembleia e mais 4 pessoas... falam comigo na rua, no café, não importa aonde for

AL: já não é o primeiro presidente da Junta que me diz isso

AGav1: pronto e estão à vontade comigo, alguma coisa pedem-me no caminho, prontos, não... há aqui as assembleias, irem às reuniões? Não [*? Não se entende*] prontos, e é assim que funciona

AL: e nos baldios a mesma coisa?

AGav1: a mesma coisa

AL: mas não há nenhuma reunião que tenha assim mais aderência?

AGav1: não

AL: as eleições? Nada?

AGav1: não, a gente não, prontos, não... eu costumo dizer “a gente quando sabe o que quer nunca complica”, porque é assim, eu estou aqui não estou por estar aqui a aproximar-me de ninguém porque... estou aqui por vontade deles, foram eles que me puseram aqui

AL: portanto eles confiam em si e não se preocupam muito

AGav1: eles é que me puseram aqui e eu não posso sair, é o que eles dizem, a partir daí... prontos. [*repete a mesma ideia de que a negociação não acontece tanto nas reuniões mas sim pela rua, onde for, seja para a Junta seja para os baldios*]. As pessoas vêm aqui quando são chamadas

AL: pois, portanto às reuniões não vão para participar na gestão do baldio, para dar opinião, para falar sobre qualquer questão

AGav1: raramente... raramente. Falam comigo no caminho, na rua, não importa

AL: mas vocês têm de organizar as assembleias na mesma... mesmo que não apareça ninguém

AGav1: e organizamos e fazem-se. E aparecemos, aparecem sempre os mesmos

AL: são para aí quantos?

AGav1: uns 10, 11

AL: ok

AGav1: é a assembleia e um ou dois mais [*? Não se entende*] é como te digo, falam comigo onde me encontram, falam comigo onde me encontram. Mas faço tudo correctamente

AL: sim, sim, sim, o que acontece aqui acontece em quase todos os outros, as pessoas de facto não vão muito às reuniões

AGav1: é assim “então vais à assembleia, à reunião” “não, falo contigo depois, não preciso de nada hoje, depois quando precisar falo contigo”... e prontos, o que é que eu hei-de fazer... “então está bem, tu é que sabes”

AL: você lembra-se como era a gestão quando era feita pela Junta? A gestão do baldio, ainda antes do seu colega anterior, antes de 2004, lembra-se como é que era?

AGav1: devia ser igual, devia ser igual, deviam fazer as coisas como faço eu também, devia ser igual

AL: ai, não, nem meto isso em questão, mas em termos de gestão do baldio

AGav1: era a mesma coisa, a gestão era a mesma

AL: não havia era se calhar ITI, não havia subsídios

AGav1: as ITI vieram mais tarde depois. Acabei de lhe dizer que houve aí uma altura que ele andava à rasca, que não tinha dinheiro para pagar ao pessoal... foi na altura em que deixaram de vir esses 8000 Euros que dava o Parque Nacional

AL: mas isso foi quando era o seu colega que era seu amigo

AGav1: pois, foi nessa altura que deixaram de dar os 8000 euros. Esses 35000 deram logo que foi iniciada a equipa, estás a ver? Esses 35 000 euros, só havia 8000 do parque, e foi na altura em que deixaram de dar os 8000 que ele começou a ficar à rasca, o homem, foi quando ele sobreviveu a vir pedir à Junta... só que eu já cá estava nessa altura, foi em 2005

AL: e ele conseguiu pagar o que ficou

AGav1: pagou o que devia, acho que até, não sei, mas acho que ele ficou a perder dinheiro, mas ... depois entretanto as pessoas entenderam que tinha de ser eu, que não podia ser mais ninguém, “ah, não, tens de ser tu”, depois ele soube disso e ele nem apareceu, fui nomeado assim, fez-se uma assembleia, ele nem aqui apareceu, ele nem apareceu aqui sequer

Sistelo: ASi1

AL: Sistelo faz fronteira com que outros baldios?

ASi1: faz com Cabreiro, com Brufe, com Riba de Mouro de Monção, Gavieira, Gave de Melgaço e Loureda, Arcos de Valdevez.

AL: bolas, muitas fronteiras

ASi1: faz muitas fronteiras... e portanto todos pastam os animais nos baldios uns dos outros e não há conflitos entre as pessoas

S: Loureda e Anhões

ASi1: sim, e Anhões de Monção. Portanto isto é gerido pelo CD, nós fazemos as candidaturas, submetemos à apreciação da assembleia de compartes e normalmente são aprovadas as candidaturas

ASi1: nós vamos ter uma assembleia de compartes, não quer aparecer?

AL: eu quero... eu não estou a brincar

ASi1: venha à reunião de compartes no domingo

AL: mas eu posso vir?

ASi1: podes

AL: de certeza?

ASi1: as reuniões são públicas

ASi1: então e não queres vir à reunião?

AL: eu quero! Eu vou

ASi1: podes falar no fim

AL: não, eu fico caladinha

ASi1: podes falar no fim

AL: não posso gravar se calhar não é?

ASi1: podes gravar podes

AL: de certeza?

ASi1: podes

AL: eu não vou fazer mal nenhum, como imagina, é mesmo só para eu perceber melhor como é que a coisa funciona

ASi1: [...] não, só pode falar no fim [falando com um terceiro]. Esta reunião até nem se pode falar mas a gente não se importa, se quiser

AL: quem é que costuma aparecer, é só o pessoal do órgão de gestão ou aparece também malta da aldeia?

ASi1: ora, às vezes tem 40, outras vezes tem 30, outra vezes tem 20 outras vezes tem 10

[...]

AL: eu se puder ir à reunião já fico muito contente

ASi1: podes, podes, não tem problemas nenhuns, até faço gosto que apareças, apresento-te lá

AL: Então e as pessoas que estão consigo no baldio são as mesmas também? Ao longo destes anos todos? Nos órgãos de gestão... fazem eleições e são sempre a única lista ou...?

ASi1: se aparecer alguém que queira tomar conta que tome, para mim é igual

AL: mas aquilo dá-lhe muito trabalho ou?

ASi1: não recebemos dinheiro, eu faço candidaturas que ainda me estão a dever dinheiro... só que ninguém acredita, pensam que aquilo tem lá dinheiro, eu faço candidaturas de 100 000 euros, cento e tal mil euros

AL: candidaturas para?

ASi1: o baldio, as ITI, INP, agora vou-me candidatar lá para os...

AL: isso é o quê?

ASi1: é PRODER.

AL: pois... e a participação na gestão dos baldios por parte dos compartes, é grande?

AS1: Isso é complicado, qualquer assembleia, tanto a dos compartes, como as de freguesia como as assembleias municipais, só são concorridas se houver uma matéria de interesses, se não, não são. Portanto nós temos dificuldade... à primeira nunca... dificilmente uma freguesia consegue fazer uma reunião à primeira. Portanto a lei aí também... é uma lei que não se coaduna... não percebo estas leis, tem de ser 1/5 das pessoas a participar na coisa... portanto, depois à segunda vez vai com qualquer número de compartes. Portanto muitas vezes temos dificuldade em fazer reuniões. Ultimamente têm até sido bastante assíduas, com mais alguma gente, mas é difícil ter mais de 20 pessoas numa reunião. Só se o assunto for de muito interesse

Soajo: AS1

[a Cristina lê a carta...]

AL: se quiser também lhe posso dizer isso, escusa de estar a ler, fica só com a carta arquivada...

AS1: ... mas é mesmo isso, o problema é que a política é que estraga isto tudo

AL: o quê? O quê? A política? Pois, já ouvi dizer que há muita politiquice lá no meio

AS1: mas não devia sabe... o problema disto tudo é que todos os baldios praticamente estão entregues às Juntas de Freguesia, mas não devia

AL: estão entregues mesmo que não seja no papel não é... ou seja, podem ter um CD...

AS1: têm um CD que é um presidente da Junta, um secretário...

AL: pois

AS1: nós aqui era o caso... teve, teve sempre... prontos, era assim, faziam eleições mas eram eles, e acaba-se por ver isto de forma politica, angariar votos, e isso é nojento... é nojento

AL: então era, o próprio corpo da Junta era o... hmmm

AS1: e havia aqui assim umas coisas... sabe, eu estou a tomar conta dos baldios há muito pouco tempo e sinceramente... lamento que outras pessoas não façam o que eu fiz, porque realmente é urgente tirar isto das mãos da politica

AL: pois... há quanto tempo é que está lá no CD?

AS1: fez 1 ano agora... mas é um ano de tribunais

AL: he lá! Conflitos?

AS1: conflitos porque... não havia eleições há vários anos, e eu achei que isto não é assim, que isto é uma ditadura... a lei dos baldios é clara, não é? São 2 anos, são 2 anos e não se fica lá eternamente porque não se convocam eleições

AL: ei, nem se convocava...

AS1: não se convocava

AL: estavam mesmo irregulares

AS1: portanto, é assim, nós pedimos por quatro vezes, portanto 8 meses, pedimos eleições, com 385 assinaturas, e mesmo assim não se convocavam... convocámos nós... e por isso agora é assim um bocado, por isso é que eu digo, isto aqui é para mim... não sei... é [*? Não se entende*] tudo o que eu estou a dizer?

AL: não, não, não, atenção, isto não vai ser usado...

AS1: porque é bastante feio o que está a acontecer na nossa freguesia, infelizmente, uma freguesia tao grande e com tantos baldios

AL: tem muito baldio... qual é que é a área do baldio?

AS1: 5200 hectares...

AL: é dos maiores que já visitei até hoje

AS1: depois há a Gavieira que tem um bocadinho mais... perto de 6000

AL: ainda não fui lá, aliás do Minho é o primeiro com quem estou a falar, tenho estado em Montalegre e só tenho conhecido lá aquela realidade, também há uns melhores e outros piores, mas isso é em todo o lado... em termos de gestão... melhores isto é, mais activos. Enfim... mas aqui do Minho é a primeira pessoa com quem estou a falar.

AS1: muito bem, no meio disto tudo há coisas boas, como disse

AL: ah, tem de haver, só a própria existência do baldio é boa à partida...

AS1: ah, claro que sim

AL: o vosso baldio tem floresta?

AS1: tem!

AL: de produção, tipo pinheiros e assim?

AS1: uuuh, é assim, já tivemos mais, sabe que o Soajo ardeu praticamente a nossa floresta que é toda esta área que está aqui por trás de nós, ao sair pode ver, ardeu tudo em 2006, portanto foi mesmo...

AL: mas não é esta aqui atrás que tem aquelas árvores enormes, pseudotsuga acho eu...

AS1: pronto, isso está a falar de como quem vai para a Travanca? Perto do parque de campismo?

AL: estou a falar de quem vai para a Travanca

AS1: não, é a serra do outro lado, vê-se que está toda descoberta que estão alguns queimados que ainda estão de pé...

AS1: ah, sim, sim, sim, essa área ali era tudo pinhal, em 2005... ardeu-nos imenso, portanto... na altura eu não vivia cá mas fala-se de 400 mil euros, 500 mil euros de vendas de lenhas, portanto imagine o que ardeu, não é... e infelizmente desde então nunca mais se fez nenhum reflorestamento... todo esse dinheiro não sei para onde é que foi

AL: e foi para o baldio, à partida não é?

AS1: à partida foi para os cofres do baldio, só que é assim, não se fez nada, não se comprou máquinas, não se compraram... um tractor, ao menos, para limpar e ajudar a reflorestar, não se fez nada, rigorosamente nada, não se tratou de nada que é comum, não houve nascentes arrançadas... nada! Nada, nada, nada de nada! Portanto, está a ver, é urgente que as pessoas comecem a abrir os olhos e que se interessem um bocadinho pelos baldios e não só outros... nós este ano fizemos uma pequena reflorestação a ver se as pessoas aderiam e foi um sucesso... tanto que foram 500 árvores, estávamos nas comemorações dos 500 anos e... e aderiu-se, aderiu tanta gente que em meia hora estava feito

AL: ah, fizeram vocês mesmos?

AS1: sim

AL: ah, que giro! Mas era os 500 anos do quê? Da aldeia?

AS1: sim, do foral do Soajo

AL: aaaah

AS1: é verdade, 2014, portanto nós... foi, foi no fim do ano mas ainda foi simbólico...

AL: plantaram o quê?

AS1: plantámos cerejeiras, nogueiras, carvalhos, medronheiros e alguns pinheiros

AL: e ali em torno da aldeia ou...

AS1: não, um bocadinho mais longe, ali ao pé da barragem do Lindoso, portanto na área do Soajo do lado de cá. Mas pronto, pena foi que no dia anterior já tentaram queimar aquela zona e depois perdemos ali cento e tal hectares de novo pinhal que estava a nascer... malvados. Políticas...

AS1: não... você quer saber o que é que estamos a fazer não é?

AL: sim, em termos de gestão do baldio

AS1: pronto, em termos de gestão do baldio, é assim... a gestão do baldio, temos aquele programa que devem ter todos, que é o programa ITI, que é o programa das

limpezas para pastagem do gado, e isso pronto ... o objectivo seria que houvesse mais jovens a fazer aquelas candidaturas e a fazerem aqueles cursos e poderem-se fixar, e por mais gado que evitava que ardesse, não é... e agora, o que é que nós queríamos fazer... queríamos fazer, e a ver se conseguimos, que era reciclar toda esta madeira velha que temos, porque dos fogos de 2006 o nosso baldio está assim... se visse, está assim, como é que eu hei-de lhe dizer, é combustível por todo o lado

AL: pois, os restos que lá ficaram...

AS1: exactamente, portanto seria... o que seria bom era criar alguns postos de trabalho e reciclar, sei lá, em *pellets* ou alguma coisa do género, poder limpar e reflorestar, isso era o ideal... e arranjar verbas para comprar maquinarias não é, isso era muito bom, portanto estamos a fazer por isso, a ver se conseguimos...

AL: e agora... mas o dinheiro que entra é só das ITI?

AS1: ITI, protocolos com a Câmara e é só...

AL: ah, tem havido ajuda da câmara nesse aspecto?

AS1: é assim, não, temos protocolos porquê? Porque limpamos as bermas das estradas não é, e depois há aquelas zonas que são bastante perigosas onde é preciso fazer algumas limpezas perto das populações, mas sim, é insignificante, 25000 euros por ano, que é assim, quase nem cobre, porque é como digo, a nossa freguesia tem 5200 hectares, portanto partindo daqui até à Gavieira fazendo todas as bermas é muita gasolina, muita mão-de-obra, muito...

AL: e vocês limpam isso como? Se não têm máquinas... contratam?

AS1: não, são os sapadores que fazem isso mas já com aquelas máquinas... moto...

AL: manuais?

AS1: sim

AL: já os vi por aí...

AS1: moto-roçadoras

AL: e os sapadores é uma equipa que vocês têm ao vosso serviço...?

AS1: é, 5 homens, sapadores florestais, portanto têm um plano de actividades que é imposto pelo Parque Nacional também, porque nós estamos dentro do parque não é? Na qual também vem uma verba para eles, e... e prontos, e têm o plano deles e depois vão ajudando na manutenção, caminhos, trilhos...

AL: e eles vieram cá parar como? Vocês é que concorreram à equipa ou...

AS1: é assim, os sapadores, pelo que eu sei, que eu ainda não tenho nada em minha posse, portanto são... o antigo presidente tem toda a papelada, pelo que eu sei existem desde 2004, se não estou em erro e sim, foi uma candidatura feita na altura, não é, com o parque

AL: o parque andava a ...

AS1: exactamente...

AL: ok, ok

AS1: portanto temos uma equipa, uma brigada de 5 homens e que vão fazendo alguma manutenção...

AL: e fazem tudo à mão, pelos vistos, à mão, isto é, com aquelas máquinas mais manuais

AS1: sim, motosserra e moto-roçadeira não é... só. Por isso é que é muito urgente comprarmos um tractor, com todos os acessórios para poder limpar como deve ser...

AL: então e eles fazem a limpeza toda daqueles 5000 hectares com aquelas máquinas?

AS1: não... não se limpa 5000 hectares

AL: está bem, as aquelas limpezas maiores que vocês se comprometem a fazer todos os anos são também feitas com aquelas maquininhas?

AS1: é

AL: aaah...

AS1: toda a área que nós temos limpo é assim dessa forma, não há outra forma...

AL: nunca chegaram a contratar empresas ou assim?

AS1: contratamos sim senhora, quando são... nos programas das ITI em princípio contratamos sempre alguém, porque é assim, têm um prazo muito curto e eles não conseguem de maneira nenhuma, porque eles têm que limpar cerca de 30 hectares por ano, portanto com essas máquinas não é fácil, e então contratamos uma empresa para limpar outros 30-40 hectares... porque senão não conseguimos fazer tudo... nós em Soajo até precisávamos de duas brigadas de sapadores...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

PB1: Agora quando entrar o novo presidente que eu saia eu digo "amigo, tens aqui direcções, tens aqui isto, tens aqui isto, e segue este caminho não sigas outro porque senão tu vais-te esbarrar porque não tens dinheiro para fazer nada". Agora eu quando entrei nem me deram documentos, nem facturas, nem absolutamente nada, eu vim cego para aqui para esta mesa. Se não tivesse quem me ajudasse eu estava com certeza... bom, tinha de me demissionar não? Quando não há dinheiro não há dinheiro, não é verdade? Ao fim do ano fazemos as contas. E uma coisa que eu acho também que está muito mal é não ter assim como as Juntas, ter um relatório de contas ou tribunal de contas

AL: acha que devia ter

PB1: eu acho que devia de ser, um relatório de contas ser entregue ao tribunal de contas, isso não há hipótese, porque se nós fazemos um corte de pinheiros de 1000 pinheiros, sabemos que íamos receber tanto, não é verdade? Sabemos que o IVA que é a 6%. Nós as contas são feitas assim, mas quando fazemos um corte de pinheiros, por exemplo de 1000 pinheiros, a maior parte deles não vendem 1000, vendem 1500, mas os 500 foram para meter no bolso deles

AL: ele, quem está na gestão é isso?

PB1: quem está na gestão, está claro. Ora, já também falei no parque, que para quando houver um corte de pinheiros para estarem eles presentes, se é de 4000 ou 3000 ou 2000 pinheiros, são aqueles 2000 ou 3000 pinheiros e não há mais pinheiros a cortar. Se eles com um pinheiro botam abaixo outro têm que pagar o suplemento desse pinheiro, eles aí estiveram de acordo comigo. Dizem “é verdade”. Porque eles quando botam um pinheiro, está acolá aquele pinheiro que não está marcado, fazem com que o pinheiro caia em cima do outro e levam-no gratuito

AL: eles, a empresa?

PB1: a empresa. Ora, também eles dizem que vão acompanhar os cortes agora, de pinheiros, sobre esse caso acham justo que é normal que façam isso, o que aí é... é onde um presidente dos compartes se não for sério, é onde leva dinheiro.

AL: portanto aqui em Britelo, pelo que eu percebi, todos os habitantes da freguesia aqui de Britelo têm direito ao baldio...? São considerados compartes

PB1: são... sim... não têm direito, eles não têm direito

AL: direito ao uso... usufruto

PB1: usos e costumes, mas mesmo assim não é como querem. Por exemplo, nós temos ali 4 ou 5 eucaliptos, nós aqui nós cortámo-los, mas essa pessoa teve de vir pedir, tem de pedir ao presidente se pode cortar. O presidente pode dizer “sim, corta” ou “não corta”

AL: ao presidente isto é à assembleia de compartes...?

PB1: não, não, só o presidente, só o presidente... o presidente é que decide

AL: ah, não vai à assembleia esse tipo de coisas?

PB1: não, não, não vai à assembleia, não vai à assembleia esse tipo de coisas. Por exemplo, está aqui esta senhora “ah, está acolá um eucalipto ou um pinheiro, posso cortá-lo?” “pode sim senhora”. Ou “está em tal parte 4 giesteiras, posso cortar?” “pode sim senhora”

AL: isso no baldio?

PB1: é nos baldios, ninguém pode... esta senhora não pode ir cortar aquele eucalipto que está acolá, isso já é um furto, nós declaramos isso completamente, porque se nós não fizessemos assim todo o mundo cortava no baldio, todo o mundo cortava, e há muita coisa que não se pode cortar, não haja dúvidas, temos muitas árvores aqui que não podem ser cortadas, o sobreiro, o carvalho, o arbadeiro, o piorno, há muita, muita coisa

AL: qual é que disse antes?

PB1: o arbadeiro?

AL: sim o que é isso?

PB1: o arbadeiro é isso que dá umas frutas que se faz aguardente deles e tudo

AL: ah, o medronheiro?

PB1: sim, o medronheiro, nós aqui chamamos arbadeiro

AL: e o piorno

PB1: e o piorno, mas o piorno é mais lá para cima para a serra, e o azevinho também não pode ser cortado, nem pensar

AL: e em termos de trabalho, há cooperação...

PB1: em termos de trabalho, é muito trabalho... é uma coisa que está mal feita também. Eu não sei porque é que as Juntas têm um salário mensal, e porque é que um presidente do CD não tem a mesma coisa

AL: mas isso depende de como é que o baldio é gerido, se o baldio conseguir ter o seu próprio dinheiro se calhar consegue criar um salário não?

PB1: não, a lei não permite isso

AL: ok...

PB1: mesmo que sedes pagos pelos nossos deslocamentos para um sítio qualquer tem de ser muito claro e muito bem feito, a justificação... por exemplo cheguei a ir a... para lá um bocadinho de Chaves ainda... a reuniões, fui com o meu carro, e quem é que me pagou a gasolina, quem é que me pagou o tempo? Eu passo dias na serra, passo dias inteiros na serra, quem é que me paga?

AL: mas quer dizer, o baldio podia... lá está, eu acho que não há nada na lei que diga que o dinheiro que o baldio tiver não pode ser usado para pagar os gastos das pessoas que trabalham neles

PB1: mas a lei também não diz que o presidente da comissão de compartes pode ter um tanto por mês

AL: não, mas os gastos que tiver podem ser cobertos pelo baldio

PB1: quem é que me paga um dia por exemplo em que saio de manhã às 6h da manhã e vou para a serra, quem é que me paga? A senhora sabe o que é uma cabana?

AL: sim

PB1: sabe o que é... [procura qualquer coisa]

AL: não, eu já vi

PB1: nós todos os anos íamos fazer as cabanas, antigamente havia um projecto para as cabanas, para se refazer as cabanas para se lhe fazer o curro. E este ano nós fomos fazer uma cabana que estava praticamente toda no chão. Seis homens e não conseguimos acaba-la num dia

AL: e as cabanas são usadas?

PB1: são

AL: para as brandas?

PB1: não, não é para as brandas, as cabanas são usadas para os pastores

AL: sim, para os pastores, as brandas não é quando os pastores levam as vacas para o cimo da serra? Não se chama brandas?

PB1: brandas é mais do lado do Soajo

AL: ah, está bem, não sabia

PB1: ali naquela zona é que se chama mais brandas

PB1: nós aqui chamamos-lhe as cabanas, nós aqui, os terrenos são todos muito próximo do lugar, Soajo não, Soajo tem terrenos do caneco, então saiam daqui no princípio da semana e passavam lá a semana. Nós aqui não, nós aqui era todos os dias entrávamos a casa, aí mais ou menos ao meio-dia tornávamos aí

AL: então as cabanas eram para quê?

PB1: as cabanas eram só para as pessoas que iam ver o gado à serra... se ele estava bem, se já tinham nascido crias ou não, e ficavam lá na cabana toda a noite. De dia procuravam o gado, não é verdade, e à noite regressavam à cabana e ficavam na cabana

AL: mas agora já não deixam o gado na serra?

PB1: sim, fica... e há muita gente que ainda vai para as cabanas e... mas não dorme, porque agora a serra, há muitas estradas florestais e a maior parte dessas pessoas que têm gado têm jeep, vão e vêm, vão e vêm. Não era como antigamente, antigamente não havia estradas, não havia nada, não havia caminhos, era tudo a pé, antigamente era tudo a pé

AL: pois, pois, por isso é que ficavam lá

PB1: sim. E antigamente havia mais gado do que agora.

AL: mas pronto, quando o senhor vai lá para a serra arranjar as cabanas e tal ninguém lhe paga, era isso que estava a dizer...

PB1: não senhora. E nós é que temos de pagar às pessoas que vão para lá trabalhar

AL: no órgão gestor do baldio são sobretudo pessoas mais... mais... ou seja, há jovens no CD?

PB1: não vejo que... há jovens há

AL: nos órgãos de gestão?

PB1: sim... isto é tudo gente, raparigas são quê, tudo 27, 25, 27 anos, 35... no conselho fiscal, porque quem está no conselho fiscal tem de ter alguns conhecimentos de contabilidade. E não foi o que se passou com o antigo presidente, o antigo presidente infelizmente não sabia escrever o nome dele, e é complicado... eu quando entrei escolhi já aqueles rapazes que tinham algum conhecimento de contabilidade, mas ao mesmo tempo na primeira reunião que fiz com eles foi a minha primeira palavra e os nossos documentos entregámo-los todos a um contabilista. No dia de apresentar contas ela senta-se ali à mês e é que dá as contas, não sou eu, ele é que vai dizer as contas como é que estão tudo e depois no fim eu explico algumas coisas sobre as contas não é? Mais nada. Mas não quis cá andar-me a chatear. A não ser que eu não soubesse fazer as contas, na minha empresa quem fazia as contas era eu, nos 20 anos quem fazia as contas todas, na contabilidade só ajudava para assinar, como elas estavam correctas, ou se tivessem alguma falha eram corrigidas e eram assinadas e mais nada, para ir para a fiscalização, mas as minhas contas em 120 anos fui eu sempre que as fiz, perdi muita noite mas era eu que fazia tudo

AL: pois, é diferente, é um negócio seu, acaba por responder a si próprio, agora nos baldios...

PB1: mas... aqui disso já não, com esta gente daqui isso não pode ser, tens de entregar a um contabilista, ele faz as continhas dele, faz tudo correcto, como deve ser, e chega aqui apresenta as contas e tal, nós fazemos assim as contas, olhe, está a ver? E damos a toda a gente que está cá sentado na mesa, damos-lhes o documento das contas, é assim que nós trabalhamos

AL: e isso tem que ser entregue nas finanças ou assim ou é só para vocês?

PB1: ai não, é só para nos, para saberem como é que são as contas, o que entrou o que saiu, o que está, o que não está, assim, assim essa coisa toda... um relatório de contas ao fim e ao cabo

AL: e isto é anual? É em março...?

PB1: é anual, em março... é apresentado no dia 31 de março. Bom, as contas terminam em dezembro, mas são apresentadas em março

AL: mas portanto, os jovens aqui da aldeia têm uma relação próxima com o baldio, ou seja com a importância que o baldio tem actualmente, ou acabam por não ligar muito

PB1: não... os baldios nos primeiros três anos, não, nos primeiros cinco anos, que teve dois, dois e um... não, nos primeiros 6 anos aqui a sala se tivesse 5 pessoas era o máximo

AL: pois

PB1: desde qe eu entrei que não sei por que razão é, não sei, não sei, já estiveram 105 pessoas

AL: bolas

PB1: é verdade

AL: quantos compartes são ao todo?

PB1: nós actualmente devemos estar numa média de 500

AL: pois, porque são as 3 aldeias juntas...

PB1: mas, houve uma reunião em que estiveram cento e sete ou cento e oito compartes

AL: e qual era a reunião, já agora...?

PB1: a reunião era que... sobrou um terreno

AL: ah, era uma reunião extraordinária?

PB1: sobre um terreno que está em cima, que é... que nós sempre considerámos esse terreno como da santa, que é a Senhora da Penha, que se faz a Via Sacra lá e essa coisa toda, e nós sempre considerámos que o terreno que era da Senhora da Penha. Bom, o antigo presidente em 2011 o que é que ele faz? Poe-se lá o madeireiro para cortar os pinheiros todos, chegaram lá “calma, os pinheiros não são baldios, pertence à Santa”.

AL: mas é difícil arranjar pessoas para os órgãos de gestão? Imagine que agora o senhor não podia continuar, o senhor João

PB1: ai não, ai há, há sempre, há sempre. Embora não seja tão bem organizado, eu também não digo que sou... mas gosto das coisas direitas. E às vezes, eu tem-me

acontecido, que vou para aí abaixo... infelizmente agora tenho de andar um bocado a pé, perder peso

AL: (RISOS)

PB1: é verdade, e então eu às vezes vou por aí abaixo e diz-me “olha que fulano disse isto assim e assim e assim”, ok, obrigado. Ao ter a oportunidade de falar com essa pessoa vou já falar com ela, vou falar com ela digo-lhe “ouvi dizer que disseste isto assim e assim, tu achas que o que disseste que é normal pa?” “opa, eu acho que isto assim que não está bem, aquilo, aqueloutro” e eu então explico da maneira, ou que temos a intenção de fazer ou como se vai fazer. E eles aí dizem já “ah, mas não foi o que me contaram”. Eu digo, a coisa mais importante que nós temos é o diálogo, é a primeira que está em todos os serviços, seja em associações, que seja em compartes, que seja na Junta, que seja na Câmara, que seja no que for, é o diálogo, para mim isso é o mais importante

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: está bem... e a população é interveniente na gestão? Vai às reuniões...

PE1: pouco interveniente, mais na Foral, pelos processos já, mesmo assim, pronto, quando toca, quando tivemos agora uma reunião em Junho... não, Maio, foi por causa dos problemas que apareceram agora com a redução das áreas de pastagem e que isso tinha implicações nas candidaturas relacionadas com a pastorícia e os efectivos e tudo o mais, e isso criou aí um alvoroço e alteraram aí as regras da afectação, digamos assim, da área comunitária para as candidaturas e pronto, tivemos de tomar alguma posição e tivemos uma reunião bastante participada na Foral, no baldio menos, muito menos, as pessoas estão um bocado desligadas, só se houver assim algum alarme... e também são menos, essas actividades no baldio têm menos expressão, porque já não é tão montanha, digamos assim, quanto mais nos aproximamos de zonas de montanha estas actividades são mais, verificam-se mais e são mais atractivas, o baldio já é mais próximo da zona mais urbana da freguesia não tem tanta utilidade, digamos assim, para esses fins

Germil: PG1

AL: aqui assim, localmente, há muita participação... por exemplo, se marca uma reunião de compartes aparece muita gente ou...

PG1: sim, sim, as pessoas aparecem

AL: é? Tipo o quê? 20 pessoas?

PG1: não, aparecem mais, aparecem mais. É assim, também procuro sempre marcar assim para depois das missas, assim a uma hora quando as pessoas estão mais... pronto, já que estão ali pronto, tem mais participação, mas participam, aliás eu acho que a população aqui ainda é... como se costuma dizer, unida, mesmo quando se... porque às vezes fazemos assim essas plantações, e limpezas, com pessoal da aldeia “vamos limpar isto aqui”... aliás, ainda fizemos isso aqui há pouco mais de uma semana, e o pessoal aparece, aparece ali tudo

AL: boa. E os jovens também aparecem nas reuniões

PG1: sim, sim, sim. Os jovens vão. Não, mesmo até agora os que estão emigrantes aparecem logo... pronto, nisso quando se quer fazer qualquer coisa convidando aparecem

AL: boa... e virem às reuniões de compartes é bom. E dão opinião e entram nas decisões e tudo o mais...

PG1: é assim, por vezes nem se preocupam... eu às vezes até digo “não pode ser assim, não deve ser” “ah, mas se tu dissesse que estava assim, está ok, pronto”, mas não pode ser assim, é preciso que vocês... pronto. Às vezes até confiam demais. Alguns não é, outros colocam as questões, é para isso que servem, também senão não adianta fazer. Mas acho que pronto, eu penso que há sítios muito piores, por aquilo que eu vou ouvindo, que às vezes dizem que “ninguém aparece, que ninguém...” aqui pronto, pelo menos para já é aquilo que eu digo, acho que estas pessoas ainda... ainda... pronto, ainda dão valor ao baldio e preocupam-se com aquilo “temos que cuidar disto, temos que...” não é?

AL: sim, sim, sim

PG1: que é o que eu digo, por aquilo que vou ouvindo, às vezes falo com colegas que não... há colegas que me dizem “ah, falei com as pessoas para...”, às vezes para fazer aqueles trabalhos que paga-se para fazer e tem que ser, mas há aqueles às vezes que, por exemplo, nós fazemos sempre todos os anos no mês de Março, num sábado porque senão quem trabalha claro que não pode, mas pronto, um sábado não, são sempre dois ou três, depende, e vamos fazer um giro, distribui-se, dois aqui, três ali, quatro acolá, para ir... porque é depois do inverno, nos caminhos dar uma limpeza, há umas pedrinhas que às vezes caem e tal, claro, se houver um muro que cai aí já tem de ser o baldio a fazer aquelas coisas, mas são aquelas coisas, e o pessoal aparece e vem tudo e muitos dizem “ai, só se for para comer é que eles aparecem, se for para trabalhar ah...”, às vezes em conversas, conversamos

AL: pois, pois

PG1: aqui nisso o pessoal até... para já pelo menos

AL: e se por exemplo o Senhor João decidisse que já não quer mais estar nesse cargo ia haver bastante gente que poderia substituí-lo? Ou que quereria substituí-lo? Ou acha que as pessoas já estão mesmo habituadas a que seja o senhor, confiam em si e ninguém se chegaria à frente?

PG1: é assim, muitas pessoas, pronto, exactamente, as pessoas não querem trabalho não é “estás a fazer bem e tal...”, e eu também concordo com isso, é melhor ver fazer do que fazer não é, agora que podem, podem, agora se haveria vontade, sei lá, não sei

AL: acha que seria fácil arranjar alguém?

PG1: poderia não ser muito fácil, não é, não digo impossível, não é nada impossível, mas ...

AL: jovens, assim mais activos

PG1: é o que eu digo, os jovens... mas, não há assim aquele... eu não sei, acho que os jovens que ainda não estão... mas não é só no CD, até na política, acho que estão um bocado afastados da realidade, não se querem envolver muito... nas decisões quer dizer, os jovens é o que eu digo, quer dizer, participam, aparecem para fazer qualquer iniciativa, até aí tudo bem, mas em termos de cargos não sei pa, não sei... não sei

AL: (RISOS) a sua esposa estava a dizer que o seu filho também faz parte do baldio

PG1: sim, sim, sim, faz parte do CD, ele é do Conselho Fiscal... é bom ir envolvendo-os, não é

AL: ele tem que idade?

PG1: tem 20, ir envolvendo... já faz há dois anos, porque senão depois... não, e a minha filha também é, também tem uma associação... tem quer dizer, também está na associação de moradores, acho que é importante para eles irem tomando o gosto pelas coisas

AL: claro. Não, e para entrarem na realidade

PG1: e também há mais jovens que estão mas, assim, digamos, na rectaguarda, sem se preocuparem, não é... porque isto seja CD seja o que for é preciso algum trabalho, alguma dedicação, não é só dizer “eu sou” não é? E não se ganha nada, isto é a troco zero, pelo contrário gasta-se

AL: e os gastos não consegue que sejam cobertos a nível dos dinheiros do baldio?

PG1: não, é assim, eu não me sinto bem se agora... sei lá, tenho que ir a uma reunião... imaginemos... à Atlântica, pronto, ou... não sei, dizer “olha, fui lá...”, com o meu carro, logico não é? E depois vou dizer o quê, vou dizer “olha, quero dez euros para gasóleo, ou vou meter aqui 10 euros de despesa” ou alugo, ou telefona-se, mas agora vou tirar o meu cartão por... uma chamada é 50 cêntimos a outra é 1 euro, vou pedir uma factura de 1 euro?

AL: pois, exacto, às tantas vai-se deixando andar

PG1: portanto, isto não traz lucro nenhum, pelo contrário. Mas, deve-se fazer e acho que é cada vez mais importante cuidar, porque se se abandonar, das duas uma, o Estado toma conta e não faz nada, ou então é o abandono total

AL: ou vêm umas empresazinhas tratar disto não? Por isto a render para interesse próprio

PG1: pronto, isso, lá está, o Estado o que pode fazer é tomar conta e entregar a empresas não é, o que faria...

AL: pois... esse é o receio

PG1: não, isso nota-se que há um grande interesse em as câmaras, algumas câmaras, e até a nossa também já mostrou interesse há algum tempo atrás de tomarem conta dos baldios portanto

AL: ai foi?

PG1: foi

AL: e também me falaram das Comunidades Intermunicipais (CIM)

PG1: sim, sim, então... quem é que faz parte das CIM?

AL: são as câmaras, pois

PG1: são as câmaras, são elas que estão presentes

AL: e o que é que ia acontecer, o mais provável era acabarem privatizados os baldios não era...

PG1: claro, claro, claro! Claro que... As populações não aceitariam, eu pela minha parte não ia aceitar

AL: claro. E de que maneira é que a Câmara mostrou a sua vontade? Como é que foi? Propôs-vos qualquer coisa ou isso ou...

PG1: é assim, as Câmaras e a de Ponte da Barca também estava de acordo... através da CIM mostraram-se digamos, interessadas, se os baldios não tinham gestão gerir... a Câmara assumir essa gestão, que as Câmaras assumissem essa gestão. Já se sabe porquê não é. Segundo se ouve, e eu ouvi isto numa reunião que tivemos com a ACEB que já aqui vai há 3 anos atrás, até foi em Ponte de Lima

AL: a ACEB⁶¹... vocês são associados?

PG1: não somos... não somos porque... mais que uma vez lhes pedi para me enviarem uma fichinha para sermos sócios mas, ao Eugénio⁶² e essas coisas todas, mas ele por acaso não, opa, acho que ele... sei lá, acho que houve ali uma altura em que o homem andava um bocado, não sei porquê, um bocado confuso e passou-lhe e nunca chegou a acontecer, mas cheguei a solicitar-lhe isso, verbalmente certo, em conversa, mas nunca chegou a acontecer

AL: então e as vossas candidaturas com a ITI é com a ADRIL? Não...

PG1: não, é com a atlântica

AL: ai, desculpe, eu sabia que já tinha perguntado mas não me recordava da resposta

⁶¹ Associação para a Cooperação entre Baldios (ACEB); Viana do Castelo

⁶² Eugénio Vítor, presidente da ACEB

PG1: mas antes de... porque inicialmente uma engenheira que estava na ACEB, que trabalhava com eles, foi quem nos deu esse projecto que acabámos por ter de abandonar foi iniciado por uma engenheira que trabalhava na ACEB, só que ela depois saiu, foi-se embora, abandonou aquilo, houve ali uns problemas e então eu na altura propus, olhe vamos ser sócios, mas não chegou a se realizar. Entretanto depois viemos a trabalhar com a Atlântica, portanto tornámo-nos sócios etc. mas com a ACEB não.

AL: pois, mas entretanto interrompi-o, estava nessa reunião...

PG1: mas então nessa reunião foi-nos informado que as Câmaras pronto, tinham interesses nisso e que tinham já empresas para... aliás, eu penso que... não sei se é em Ponte de Lima, deixe-me cá ver, acho que é uma empresa... deixe-me ver se me lembro do nome, era para a plantação de eucaliptos, eu acho que até já tinham um terreno em Ponte de Lima, não sei se era um baldio que acho que tinha... mas depois eles acho que abordaram as Câmaras, para ser mais fácil não é, porque é mais difícil entenderem-se com 20 do que entenderem-se com a Câmara não é... e que essa empresa que estava a... estava a aliciar as Câmaras para as Câmaras pronto... e também me foi dito, não fui eu que ouvi, mas que aqui há poucos meses atrás, numa reunião da CIM o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima que desvalorizou completamente os presidentes dos CD dos baldios e não sei quê, enfim, pronto, que o que era bom era as Câmaras gerirem, e pronto, e que ainda continua com essa ideia

AL: e queria que essa empresa entrasse na gestão...

PG1: exactamente, eu agora estava a ver se me lembrava do nome pa...

AL: e era para plantação de eucaliptos...

PG1: sim, foi o que nos foi dito

AL: no parque?

PG1: dirigiu-se aos CD, porque ali não era só Parque Nacional. Não sei até que ponto dentro do parque iria depois ser ou não viável, não sei... do parque, da área protegida que agora não há parque

E agora falando disso e do PO, vocês estão na modalidade b) não é? Que é com a cogestão com o Estado ou não? Ou isso não existe já quando...

PG1: com o Estado não... com, sim... com o antigo PNPG, porque cogestão...

AL: ok, quando havia o parque... sim, quando digo com o Estado quero dizer com os SF, porque o que eu tenho vindo a perceber é que ao início quando começou o processo de entregar os baldios às comunidades no pós-25 de abril, na altura deu-se a possibilidade de as comunidades manterem uma cooperação com o Estado na gestão da floresta, porque as pessoas não estavam habituadas a gerir floresta não é, pelo menos daquela forma produtiva, ou manterem-se em autogestão. E a maior

parte preferiu a cogestão com o Estado precisamente por causa disso, e porque teriam apoio técnico na floresta. Mas isto foi inicialmente, mas entretanto mudaram as leis em 1993 e agora em 2014, e hoje eu não sei se ainda há esta possibilidade de se escolher autogestão ou não

PG1: não, de escolher...

AL: já não há?

PG1: não, o Estado assume-se como... (RISOS) pronto, o Estado neste caso que era... falando nós aqui do Parque Nacional, quando no ex-Parque Nacional era Parque Nacional, a figura que aparecia, não é, mas aparece sempre como cogestão, embora às vezes há aquela oposição das pessoas "ah, mas não tem de ser". Mas é uma verdade que é importante o apoio técnico não é, os baldios não têm condições para ter técnicos nem nada

AL: claro... mas o apoio existe?

PG1: vai existindo, algum

AL: tipo o quê? O que é que eles fazem?

PG1: é assim, na questão do... tipo, quando há candidaturas a projectos por exemplo e etc., isto... vão por trás, têm lá um técnico do parque que é o engenheiro Carlos Pinto

AL: já ouvi falar mas ainda não o conheci

PG1: pronto, quanto a mim é das pessoas mais educadas que eu já contactei aqui dentro, que eram do Parque Nacional, agora ... bom, mas a gente relaciona sempre com o Parque Nacional. Mas então é ele que nos dá o apoio, que nos informa, há esta possibilidade, pronto, ele está sempre, entra sempre em contacto quando nos ajuda, quando é das candidaturas, ou quando há atrasos de pagamento a gente fala com ele e ele tenta saber porquê, pronto, vai dando aí algum apoio, mesmo na realização de obras que se façam ele vai ao local ver se precisam de alguma ideia, técnica não é... quando é necessário vai ao local, pronto, é uma pessoa espectacular. Por isso eu digo, na má relação neste momento há uma ideia melhor do Parque Nacional, que não existe mas do ex-parque, da área protegida, porque pronto, pelo menos há uma pessoa que está, que colabora, que está sempre... ligar, se for preciso ligar a um domingo por uma duvida, ele atende, nunca... portanto, ele já é mais do que um simples funcionário, funcionário, pronto, de um técnico do ICNF, ele já é mais... é quase uma pessoa amiga que está ali e que ajuda não é, e isso é importante.

AL: claro, claro... eu sei que há alguns baldios que estão à procura de conseguir a autogestão, ou seja, que antes estavam em cogestão ou em cooperação com o Estado, e que agora por sentirem que... porque depois nos cortes de madeira o Estado fica com 40%

PG1: é, é...

AL: e então as pessoas que sentem que não estão a ser acompanhadas pelo Estado, as pessoas, isto é, os baldios, alguns estão a pensar que assim não vale a pena e estão a procurar pedir a autogestão, portanto deixar de estar vinculado ao Estado. Vocês aqui não sentem...

PG1: para já não, para já não. É o que eu digo, não temos floresta, pronto, e para além disso... agora... também já pensei nisso, hoje é um técnico que está aí que... ok, está sempre pronto para... mas, e depois? Ali já estamos a falar de uma vontade praticamente... para além de... da obrigação, não é, porque é um técnico que está ali que está ao serviço, tem vontade própria de colaborar, mas outra pessoa que venha a seguir se calhar não vai ser assim, a relação pode-se azedar, nunca sabemos

AL: pois, exacto... vocês, como a floresta entrou não estão sujeitos a regime florestal pois não?

PG1: não... não

AL: ainda não percebi muito bem como é que esta coisa funciona

PG1: é assim, isto depois, porque tem que se ver as coisas assim, acaba por no final vir dar ao mesmo, porque é assim, nós candidatamo-nos, um projecto é candidatado a um apoio de 100%, de 80% ou...

AL: sim

PG1: mas que é do Estado e que depois o Estado vai-se sentir também, digamos... também com algum direito digamos. Mas não foi, não conseguimos, pronto, o projecto que eu disse tivemos que abandonar. Eu já não falo do fojo do lobo, de pontos de abeberamento, que isso no fundo não é para vender, não é para, pronto... é para vender mas de outra forma. Portanto, agora, se tivéssemos conseguido levar esse projecto que tínhamos, que vamos tentar mudar, quando amanhã o governo for dizer, falarmos nisso, como é que vai ser? Certamente o ICNF vai aparecer e dizer "bem, nós, o Estado também participou, nós também ajudámos aqui e também..." não é? Possivelmente é isso que eu digo, não há regime florestal mas se calhar depois indirectamente vai depois acontecer a mesma coisa

AL: mas eles ajudam na implementação da floresta nesses projectos?

PG1: não, é assim, eles não ajudam... ajudam tecnicamente, certo? Poem um técnico, disponibilizam etc. mas depois há dinheiros que são do Estado não é? Que se recebem... como o ICNF que é... é Estado. E... isto sou eu que penso, particularmente, nem nunca comentei com ninguém... sou eu que penso. Mas eu penso que depois indirectamente vão-se tentar ligar

AL: ah, ao projecto? Pois...

PG1: no futuro, quando houver... há-de haver um corte de madeira, vamos assumir um número, 50000 euros, eles se calhar vão dizer "ah, mas o ICNF também... pois, que isto foi participado, porque não foi só dinheiro do baldio, também vai

receber, ou pelo menos vai-se candidatar a receber tal e qual como naqueles casos em que estão sob regime florestal

AL: pois, pois... porque o que a Lei dizia era que o Estado recebia no caso dos povoamentos que foram plantados por eles

PG1: mas o caso é que nestes casos eles também participam e eu não sei até que ponto as coisas depois não se vão ligar. Isto é uma desconfiança, mas eu nem nunca comentei isso com ninguém, é a primeira vez que eu estou a... estou farto de pensar mas nunca comentei

AL: pois, eu também não me admiro, porque se realmente vêm técnicos, se vêm... não sei

PG1: porque eu acho que o Estado não dá nada a ninguém

AL: ninguém dá nada a ninguém, cada vez mais uma pessoa se apercebe disso

(RISOS)

PG1: portanto... mas posso eu estar enganado. Isto sou eu que penso, nunca comentei a ninguém sequer essa ideia, é a primeira vez que estou a... pronto, porque me colocou isso, e é aquilo que eu lhe digo, não [estamos sob o regime florestal] mas pode vir a estar ligado. Porque nós sabemos que, pronto, vamos lá a ver, as leis mudam sempre, as regras mudam sempre, e agora até digo assim mas amanhã vão ver que dá mais jeito se calhar receber também porque... mesmo aqueles que não estão sujeitos ao regime florestal, se há pressentimento que há receita, isso é fácil, é mais uma alínea ali não sei quê, que se muda e pronto, e dá-se a volta à coisa. Pronto... e no tempo do Salazar, Salazar é que ouvia as pessoas e diziam que era ditador, mas agora não ouvem e dizem que não são ditadores

AL (RISOS) acha que o Salazar ouvia as pessoas?

PG1: ouvia

AL: ao nível das aldeias, aqui...?

PG1: sim

AL: entrou por aqui adentro com a floresta

PG1: ouça, mas chegou ao limite, por exemplo, estou a falar do exemplo de Germil, outros... e as pessoas impuseram-se e disseram que não, e o Salazar tinha todas as condições para fazer o que se faz agora, mandar para ali a polícia de choque, não sei quê não sei que mais e vamos embora, mas não o fez. Não querem... vamos respeitar, agora? Não respeitam! Agora não respeitam. Está a ver como é que são as coisas, portanto, Salazar respeitava mais as populações do que respeitam agora, e diz-se que era ditador. E era, mas agora são mais ditadores ainda

AL: sim, eu não digo que agora esteja muito bom. Mas...

PG1: eu não estou a falar de política. Não estou a dizer isto por ser de outro partido a) ou por ser do partido b), atenção, eu estou a falar dos governos, seja os que lá estão agora, os que lá estiveram antes, os que estiveram a seguir, etc. E pronto, e não escondo dizer que eles estão lá e eu votei por eles, arrependido, mas votei pronto, é por isso é que eu lhe digo, eu estou aqui a falar não é porque sou do outro partido ou sou dum... não é essa a questão, a questão é...

AL: e agora vocês também devem ter sofrido um corte de área forrageira no baldio

PG1: pois, por exemplo, lá está...

AL: foi muito aqui?

PG1: foi, só nos deixaram 83 hectares, 83, 82...qualquer coisa assim

AL de 600 e tal...

PG1: de 630

AL: e entretanto andaram aí a contestar e no que é que isso deu?

PG1: mandámos um *e-mail* para o IFAP, esses ainda não responderam, a dizer que não tinham nada a ver que era uma regra da EU, mandámos uma carta para a ministra, depois fizemos uma reunião ao nível dos baldios e Câmaras dentro do Parque Nacional, foi essa que eu disse que estive com a Lúcia e que foi no campo do Gerês, onde fizemos um... como é que se diz, pronto, um documento conjunto a contestar, enviámos à ministra... todos os CD e as 5 Câmaras do PN, até hoje nada. Nós CD do baldio de Germil também já tínhamos antes disso enviado uma carta para lá... nada! Portanto, isto é que é ditadura, não era o Salazar. O Salazar ouviu as pessoas... epa, pronto, se calhar têm razão... agora não. Isto é que é ditadura

AL: o que é que eu lhe ia dizer dos cortes...

PG1: ia se calhar perguntar-me se não houve problemas com a distribuição de área...

AL: sim, e também do valor da ITI

PG1: sim, sim, o valor da ITI reduziu para aí, enfim, agora não tenho aqui o número, mas deve ter reduzido quase metade, aí quase metade não, metade

AL: e já sofreram isso? Ou seja, já tiveram de gerir esse dinheiro reduzido?

PG1: ainda não que isso ainda se vai reflectir agora neste ano, mas medidas deste ano

AL: mas também, se diminui a área forrageira diminui o número de limpezas que tem de fazer...?

PG1: mas lá está, mais um problema para o baldio

AL: pois, claro, não meto isso em questão. Mas, e na distribuição de área, como é que foi?

PG1: na distribuição de área, como há poucos animais não houve problema para já, mas é aquilo que eu disse, aliás que se colocou na carta, agora imagine que amanhã um dos jovens, até pode ser um filho meu, não é? Por exemplo... quer fazer um projecto, já não temos área, inviabiliza-se

AL: pois, isso não ajuda à fixação dos jovens

PG1: eles problematizam as coisas, poem as coisas de forma a que dizem que as pessoas podem fazer mas depois não podem. É aquilo que eu digo, são as dificuldades criadas pelo próprio sistema, pelo nosso próprio Estado. Eu neste momento se houver aqui um jovem que queira fazer um projecto, não vou ter baldio para lhe distribuir, e depois? Vamos dizer “olha, afinal não podes fazer”, é complicado

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Actualmente verifica-se que ainda existem usos e costumes que são mantidos, mesmo na gestão das tarefas, como vi por exemplo acontecer em Rio de Onor. Por exemplo há um dia para determinada tarefa e quem não aparecer é lesado de alguma forma. Por exemplo, se houver um dia em que todos tinham combinado ir limpar uma nascente, se alguém falta fica a dever esse dia de trabalho. Trabalhos como regadio, recuperação de nascentes, regos, caminhos agrícolas, servidões do baldio, etc., são actividades que são feitas ainda em comunidade, todos participam.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: eu queria só agora perceber melhor aqui a questão do foral, portanto na altura os terrenos foram cedidos a um certo número de famílias não foi? Que correspondia às famílias todas ou só a algumas?

TC1: sim, a todas

AL: e actualmente já deve haver outras famílias entretanto ou não?

TC1: sim

AL: Essas têm direito ou

TC1: nós temos hoje aqui pela Lei dos Baldios

(RISOS)

TC1: pela lei dos baldios seriam compartes mas não são compartes porque não são herdeiros

AL: os tais, as tais novas famílias?

TC1: sim

AL: pois

TC1: portanto aquilo que para nós é definição de comparte é, são os herdeiros dos outorgantes da escritura de aforamento

AL: ok, então se eu por acaso me viesse a mudar para aqui não seria comparte, por exemplo

TC1: podia ser se casasse com alguém de cá

AL: (RISOS) ok

TC1: (RISOS) e herdasse... mas não bastava ser casada, teria de ser herdeira da quota dele

AL: tinha de ser bem-vinda na família (RISOS)

TC1: não, depende do regime de bens do casamento não é, porque há casamentos que não... há regimes que não permitem herdar da parte do outro cônjuge

AL: pois. E isso não gera conflitos ao nível da aldeia?

TC1: não.

AL: tipo “ah, eu queria, mas não posso”, não?

TC1: não... vamos ver, porque nós usufruímos isto... que rendimento é que isto nos dá, é apenas o sentimento de pertença...

AL: exacto, exacto... que é importante esse sentimento não é?

TC1: pronto e chega, e as pessoas satisfazem-se

AL: sim, sim. Não, porque eu as vezes pergunto-me o que é que move estas pessoas que andam aqui a ter um trabalhão à frente do CD, que não recebem nada por isso, o que é que os move, só têm é trabalho e chatices e às vezes conflitos, o que é que os move...

TC1: é o legado, é manter este legado, este é... é algo que foi conquistado não é, pertenceu toda a vida à comunidade, entretanto desenvolveu-se dessa forma e entendemos que devemos mante-lo

AL: não há qualquer tipo de dividendos para cada um dos

TC1: não, não, há agora aquilo que nós.... Até aqui nunca houve, nós temos neste momento um bom pé-de-meia, e o que temos previsto agora no próximo PDR, neste novo quadro... até porque participámos lá na definição da estratégia pra o desenvolvimento e a um conjunto de projectos que estão desenhados com o apoio da associação de compartes. Ainda há dias participei numa reunião no âmbito municipal para o desenvolvimento social do concelho, apenas um exemplo, e um dos

temas que ali foi tratado foi dos idosos e de cuidar dos idosos e por aí fora, e eu referi... porque isto foi objecto já do nosso trabalho, referi que o, para além do... nós temos aqui na nossa comunidade vários idosos que estão a ser tratados mas de forma informal, ou seja em casa, com os familiares, e aquilo que detectamos é que estes cuidadores precisam de ser cuidados também. Há dias uma prima minha que está a cuidar da mãe veio para aqui e estivemos à conversa para aí uma hora ou meia hora, e ela disse “ai, esta conversa soube-me tao bem”. É o alívio de... e aquilo é que deu o clique, que temos de arranjar algum esquema que... é isso, vamos agora virar-nos para as pessoas, aqui localmente uma das vertentes é esta, e então referi... queríamos desenhar uma forma de apoio para dar ajuda a estes cuidadores, por exemplo um dia de folga não é, a minha prima, a Conceição... “conceição à 3ª feira é teu o dia, podes ir passear, podes ir tratar de qualquer coisa, vais à Braga, vais onde te apetecer, e ter lá uma pessoa de substituição a cuidar da mãe com, eventualmente, se não for todos os dias ter dia sim, dia não, ter uma aula, ter uma sessão... ter o conforto de alguém que... às tantas não terá que ser necessariamente um psicólogo, mas de alguém que ajude a lidar e que ajude a superar este, é uma prisão e quando não deixam dormir, e permanentemente a lembrar o passado e a repetir e para além de ter de tratar

AL: é pesado é,

TC1: e pronto, isto é apenas para lhe dar o exemplo de que há aqui áreas que temos já identificadas onde a associação vai intervir, e a forma de distribuímos os dividendos vai ser com projectos concretos, podemos de facto fazer uma divisão do pecúlio, mas...

AL: (RISOS) isso acaba por ser muito importante, quer dizer, a presença do baldio e as receitas que daí advêm, acaba por ser bastante importante a nível local, não é, pelo que eu estou a perceber, mesmo para a própria comunidade. Acabam por fazer serviços que se calhar deviam vir de outras partes mas que vocês acabam por assumir não é? A nível social, a nível

TC1: sim, sim... neste caso sim, aliás aquilo que..., como eu creio que... claro, evidentemente que devia ser o Estado a apoiar, mas como o Estado deve ter outras preocupações...

AL: não, é que isto para mim é tudo... argumentos (RISOS). Quando há aqueles argumentos “ah, aquilo já não serve para nada, no estado actual da agricultura os baldios já não fazem sentido, pelo menos não da forma como estão a ser geridos...”, blablabla, acaba por haver muitos argumentos contra essa ideia... talvez sim, tem que haver uma adaptação, sim tem que haver... concordo

TC1: mas é preciso perceber a função do baldio não é, eu acredito, imagine, lá na região centro, em paisagens descaracterizadas e sem valor, ali perto do... não sei, mondego ou o que seja, para além do recurso água que é importante ser preservado não sei o que é que haverá ali mais, mas aqui no nosso caso, quando o baldio tem outra função que é a de ser o garante de uma classificação do território como Parque Nacional, se calhar aqui a gestão tem de ser pensada de uma forma diversa, e provavelmente... é aquilo que eu lhe dizia há pouco, e a logica dos apoios e... às

comunidades locais será para cuidar, cuidar deste recurso, não daquela exploração como é desenhada

AL: exploração e é o abandono não é, tem os dois lados

TC1: sim, sim

AL: e nesse sentido também é bom fomentar a população cá

TC1: não, porque, atenção que aqui o perigo é... querendo agora encontrar novas formas de exploração ela tem de ser rentável e o ser rentável hoje não é subsistência não é... o ser rentável hoje é... é preciso ter dinheiro para um telemóvel, é preciso ter dinheiro para a internet, para a televisão por cabo, para o carro e... e enquanto que antigamente '... aquela ideia que se tinha do baldio, insustentável e não sei que... insustentável... permitia criar o vitelo para vender para se comprar uns livros para o filho ou para se fazer uma despesa extraordinária, porque no dia a dia não havia dinheiro, não era... por isso não podemos estar presos a isso... hoje em dia o... para que uma família tire rendimento, para que tenha um nível de vida aceitável, tente... e a população que está dentro do território, fazendo actividades silvopastoris, tem de ter uma actividade de tal maneira intensa que vai estragar o património... portanto, aquilo que era importante era modelar as... a função do baldio... "este baldio é para quê?", é para integrar o Parque Nacional... ok, é para integrar a paisagem protegida do Corno de Bico e haver um plano macro depois integrado dos baldios que concorressem e que se adaptassem a isso. Por exemplo nós vimos aqui... eles vão fazendo isso só que o fazem de uma forma... uma chico-espertice, do tipo, tínhamos previsto realizar umas determinadas queimadas e entretanto como ocorreram incêndios o Parque Nacional ardeu mais área do que aquilo que era suposto, aliás nem sequer era suposto haver incendio... ter ardido, então... deixaram de... ok, proibiram, não foi propriamente proibir, porque se quiséssemos forçar íamos queimar, mas não nos deixaram queimar porque tinha ardido muito no... olhando o parque como um todo faz sentido... mas é a tal historia não é, com o mal dos outros... enquanto fomentarem isto funcionar assim... isto não está integrado, o que é eu tenho a ver com os outros do outro lado? Não tenho nada... portanto, isso era preciso ter uma politica e uma visão de conjunto pelo menos da área protegida, já não direi... é evidente que tinha de se integrar num sistema mas... e a questão dos baldios acho que... teria... tem de ser mais dinâmico, e a lei não pode ser tao fechada. Atenção que a lei dos baldios serve em primeira linha uma estrutura que vive à custa dos agricultores. Há estruturas a nível nacional... há muita gente que vive em estruturas de apoio à agricultura e que estão muito... e que querem esse formato de baldios e do não se toca e não sei quê

AL: sim, sim, sim. Pois... aqui confunde-se um bocado talvez não? Aqui dentro do parque, a função...

TC1: não, eles funcionam fora... não!... epa, refiro-me à BALADI por exemplo, e a mais do que uma federação nacional dos baldios, e depois as outras estruturas que eles têm a nível concelhio... a nível distrital e de região. Portanto eles têm um conjunto... eles têm uma estrutura que funciona dentro... muito dogmática de conceitos antigos de baldio e... e aquilo que era importante era adaptar, por exemplo, nós fizemos aqui

há tempos uma exposição dos baldios do Parque Nacional, um manifesto por causa da redução das... teve acesso a esse manifesto?

AL: da BALADI, aquele que saiu da BALADI, sobre... não

TC1: sobre a redução das áreas forrageiras, aqui no Parque Nacional...

AL: eu li um da BALADI

TC1: sim, mas nós fizemos aqui ao nível do Parque Nacional

AL: não li, não li... isso está onde? Dá para obter *online* ou não?

TC1: eu posso enviar-lhe... e então, a BALADI queria uma posição a nível nacional... está bem, ok, a nível nacional... mas o território do Parque Nacional tem importância suficiente para que se trate especificamente o Parque Nacional. E é um território diferenciado, que tem uma classificação diferenciada e que tem de ser tratado de forma diferente, não é ter favor, é diferente. Agora definam o que é que querem de cá, querem que os recursos se conservem, não querem... e o que é que querem de outros sítios, querem explorar eucalipto, querem explorar pinhal, querem... sei lá, fazer o que lhes apetece

Covide: TCo1

AL: a questão do conflito actual é o quê?

TCo1: o conflito actual é porque há aqui meia dúzia de moradores de Covide que se automearam uma comissão de consortes e pediram... e a Junta não reconheceu. Pronto, porque era a Junta que tratava desse assunto, não é... a Junta sempre com o povo não é, quando era para fazer alguma coisa fazia um anúncio público

AL: mas mesmo... só para eu perceber, mesmo depois de serem aforados a Junta continuou a gerir aquilo?

TCo1: continuou

AL: isso é que eu não percebo, mas aquilo não passou a ser particular, quase?

TCo1: e é particular, mas como não há comissão nenhuma para o gerir, foi a Junta que continuou a gerir, porque para gerir isto tem que haver uma comissão qualquer, porque senão quem é que o ia gerir, porque isto está tudo em comum

AL: hmm, ok. Então não percebo é para que é que serve o aforamento, se continua a ser feita em comum a gestão, para que é que serve a divisão da propriedade, ou a divisão do baldio em partes? Só para eu perceber melhor...

TCo1: mas nós não temos baldio

AL: ou a divisão do monte, nesse caso

TCo1: mas a divisão do monte não... aqui neste momento não está feita divisão nenhuma

AL: então o que é que são estas pessoas...

TCo1: estas pessoas são os proprietários daquela altura, portanto, são os proprietários do monte. Embora sejam proprietários, mas está tudo em comum

AL: ok (RISOS)

TCo1: porque por exemplo, isto é fácil de compreender, por exemplo estas pessoas eram os proprietários que estavam cá, digamos eram os residentes de cá... porque se agora... ao contrário do baldio, se vier uma pessoa que chegue aqui ao fim de 6 meses ou não sei quê, tem direito, o baldio é global, é para todos não é. Mas se chegar aqui uma pessoa que não seja, ou que não tivesse aqui um familiar qualquer que fizesse parte destas pessoas, não tem monte, não é proprietário.

AL: ok, então vamos dizer, o monte foi entregue a x famílias e essas famílias gerem o monte em comum, entre elas...

TCo1: entre elas

AL: ok

TCo1: e normalmente para gerir os montes em comum há uma comissão, como há uma comissão de baldios, uma comissão de consortes, e não sei quê. Só que em Covide nunca houve. Quando era qualquer problema, faz-se uma reunião pública, a Junta normalmente é quem faz uma reunião em público

AL: e as receitas vão para onde? Neste caso...

TCo1: as receitas antigamente iam... há uma parte, do que me lembro, por exemplo... há uma parte... por exemplo, aqui no monte, dos carvalhos, houve aqui umas pessoas que decidiram cortar e deram para um relógio para a torre. Outra parte que deram... que se vendeu, deu-se a essa dita comissão, porque há uma comissão que quando se formou... mas até é ilegal, porque não se pode fazer porque... Se o serviço é tratado pela Junta, a Junta tem direito, por exemplo se entrou um cheque, uma vez um de 2400 euros aqui, em 2005 ou qualquer coisa, de dinheiros que foi feita em público... mas a Junta da altura entregou a essa comissão porque eles dizem que a comissão tinha feito aqui há uns anos, que era para vender um saibro, tentou-se aí vender um saibro e depois não se conseguiu, e essa comissão pronto, dizem que tem esse direito. Ultimamente fez-se aqui uma venda de pinheiros, uns que arderam, outros que era ali um corte, que arderam todos, no monte de Lamas, e essa comissão ficou muito zangada porque a Junta não entregou o dinheiro, porque a Junta não pode. Porque a Junta é uma entidade do Estado, todo o dinheiro que entra lá não o pode dar a um particular, tem de ter uma saída, que é uma edificação não é. E eles meteram a Junta em tribunal e depois queriam esse dinheiro, que era sete mil e qualquer coisa euros. E a Junta disse que não dava dinheiro a particulares porque não podia, e portanto logo que eles se legalisassem entregavam o dinheiro à comissão. Eles... a questão está em tribunal e ainda está, eles dizem que estão legalizados, mas o tribunal diz que não. O tribunal só lhe dá razão em que eles podem pedir as contas, porque as contas qualquer pessoa pode pedir não é. Portanto a Junta neste momento foi condenada a apresentar-lhes as contas

AL: da venda?

TCo1: da venda e de tudo, porque a Junta não pode ter duas contas. Uma representação do Estado não pode ter duas contas. Uma Junta ou uma Câmara não pode ter sacos azuis etc., isso ia dar muita chatice. Apresentaram as contas da Junta todas onde está incluída essa receita e essas despesas. Só que eles dizem que querem aquilo mais explicado, só querem saber... o tribunal diz que só quer saber daquilo que diz respeito ao monte. Mas pronto... todas as contas da Junta estão neste processo, nós não podemos... agora podemos é ir lá explicar onde é que elas estão, agora não podemos fazer contas à parte, porque isso a Junta não pode ter sacos azuis, não pode, nem nenhuma Junta não é

AL: então o processo está agora que a tal comissão de compartes, ou comissão de consortes

TCo1: sim, mas ela foi eleita mas ela nunca foi eleita na freguesia, por isso é que nós... por isso é que a Junta não lhe deu andamento, sendo que ela nunca foi eleita

AL: mas vai ser, é isso? Eles estão a tratar disso?

TCo1: eles já trataram e agora eles dizem que estão, mas a questão foi que o tribunal, mas não chegou sequer a

AL: ainda não saiu o veredicto

TCo1: não, a questão em tribunal já saiu, houve um processo em tribunal em que eles

AL: perderam?

TCo1: não, o tribunal condenou-os a dar-lhes as contas

AL: ah

TCo1: mas o tribunal [*levanta-se e vai buscar qualquer documento de que se lembrou*]

AL: e essa comissão é formada pelas famílias que receberam os aforamentos, é isso?

TCo1: é, era, algumas, é meia dúzia, mas ali são centenas delas, e aí eram centenas delas, hoje são... se ali eram 30 e tal hoje são 50 e tal ou cento e tal, porque cada familiar depois... porque se os meus pais têm um terreno depois é dividido pelos irmãos

AL: claro, claro, claro, e pelas famílias deles que entretanto se formam

TCo1: e pelas famílias deles, portanto hoje em Covide há muita gente que tem, todas aquelas famílias... está a ver a coisa que eles fizeram... que era a comissão era isto, eles fizeram essa comissão em 2000 e tal, olhe isto não está legal por várias razões não é, porquê... por várias razões que eles não podiam

AL: ah, aquela questão da saibreira

TCo1: pois, essa questão... foi quando eles dizem que a comissão estava eleita nessa altura, mas mesmo nessa altura ela não foi eleita, foi meia dúzia que se juntaram e pronto, passou

AL: mas o que é que é esta questão, quem é o José Augusto Ribeiro, que é o segundo outorgante, e o José Augusto Soares?

TCo1: isso é a quem esses moradores de Covide venderam, a uns empreiteiros quaisquer, a uma empresa qualquer. Isto foi uma venda, os moradores de Covide venderam, só que depois a venda não chegou a concretizar-se

AL: por causa dessa questão de não estarem legais, é isso?

TCo1: não, não, não, porque na altura isso ainda não se punha porque a Câmara não autorizava, não passou licenças, para fazer uma saibreira aqui nos montes e o Ministério do Ambiente

AL: pois, e dentro do parque

TCo1: era fora do Parque, por acaso era fora do Parque

AL: era.... Mas mesmo assim não...

TCo1: não, porque uma saibreira não se pode fazer assim, uma saibreira...

AL: pois, isto é essa questão [*referindo-me a um papel que estou a ler*]. São os tais industriais que querem um reembolso

TCo1: pois, porque eles tinham dado um dinheiro já antes, quando fizeram o negócio deram dinheiro, e depois meteram nesse ofício a pedirem o reembolso

AL: ok... bem, isto é só questões aqui em Covide (RISOS)

TCo1: os que fizeram aquilo foram... 2, 4, ...

AL: são os tais aqui de Covide, os tais coproprietários ou compartes ou consortes

TCo1: mas são muitos. Mas compartes como estes são, são aqueles familiares daqueles todos que ali estão portanto, cada familiar daqueles se calhar agora tem 5 ou 10 ou 20 ou não sei, alguns já não devem ter nenhum e a família acabou

AL: pois... e a sua família não faz parte?

TCo1: eu também tenho numa

AL: ok... e então actualmente como é que é afinal feita hoje a gestão, afinal é a Junta, ou são eles, hoje em dia mesmo?

TCo1: actualmente, hoje em dia é a Junta que continua a fazer a gestão

AL: continua a ser. Eles continuam a não estar legalizados para fazer a gestão?

TCo1: não, porque eles, ainda na última noite fizeram aqui uma reunião porque tentaram vender uns pinheiros para coisa, mas o pessoal disse todo que não, que se era para gastarem em tribunais, não valia a pena estarem a cortar pinheiros para gastar em tribunais. Portanto o pessoal está todo contra eles

AL: ai é...

TCo1: portanto, quando acontece alguma coisa eu vou-lhe dizer, ainda há pouco tempo, e até ainda não saiu, nós fizemos um projecto para limpeza dos montes, a Junta

AL: a ITI?

TCo1: sim. Estamos à espera que ele saia, deve sair agora este mês ou o mês que vem

AL: ah, sim, e o ano passado também receberam desse projecto?

TCo1: e o ano passado também recebemos

AL: as Juntas recebem menos do que os CD não é?

TCo1: outro ano receberam, este ano já deram mais aberturas às juntas.

AL: hmm, ok. Mas ainda não têm a certeza se vão ter ou não

TCo1: não, porque ainda não foi... em princípio será aprovado mas ainda não foi aprovado. Mas por trás havia outro processo

AL: como assim?

TCo1: havia outro processo de limpeza dos montes, ou outro... que já estava a ser cumprido

AL: exacto, exacto. E houve um ou já houve dois? Quando é que começaram a fazer isso com as ITI?

TCo1: não sei se houve um se houve dois, também já não me recordo

AL: e os montes actualmente são usados para quê?

TCo1: é para pastagem

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Covide?

TCo1: há

AL: tipo o quê? Centenas, milhares?

TCo1: milhares não

AL: não falo só de bovinos

TCo1: cabras temos aqui dois que têm à volta de 300, temos dali em Freitas outros dois que também têm à volta de 300, ou três...

AL: cabras

TCo1: cabras. Vacas há menos, mas agora há para aí projectos de caxenas que eu ate nem sei quantos tem, mas vai algumas... se calhar 50, 100

AL: e há aí projectos de jovens agricultores, de pessoal que está a voltar para a terra ou que quer fixar-se aqui

TCo1: há, e estes projectos das caxenas das cabras é tudo projectos aqui de

AL: de jovens agricultores?

TCo1: é, de jovens agricultores

AL: há muitos jovens aqui?

TCo1: ora bem, não há muitos, há poucos, e muitos até nem fazem um projecto quer dizer, fazem um projecto jovem mas quem trata do assunto é o pai que...

AL: é só uma forma de o jovem ter um rendimento

TCo1: o subsídio

AL: exacto, exacto

TCo1: só para ter direito aos subsídios

AL: pois... mas acha que as pessoas aqui, não sei como é que é em Covide especialmente, mas assim em geral, andam a ir aos subsídios mas não estão muito interessados na produção em si?

TCo1: eu acho que não, eu acho que... e deve ser como em todos os lados, pelo menos aqui por cima

AL: pois... é mais pelo subsídio?

TCo1: é, acho que sim

AL: hmmm. O senhor tem animais?

TCo1: não

AL: e o que é que a Junta ganha por estar delegado em si os poderes?

TCo1: não ganha nada, só ganha chatices

AL: o dinheiro que sai das receitas, por exemplo, da floresta, às vezes também é aplicado na aldeia, e nesse aspecto a Junta também ganha um bocadinho

TCo1: eu vou-lhe dar um exemplo, que foi os últimos 7000 euros que passou comigo desde que estou na Junta, 7600 que foi o resultado da venda dos pinheiros de Lamas, nós já tivemos uma questão em tribunal com um morador de Santa Isabel, que também queria ser herdeiro do monte de Covide, porque botava para lá a fazenda há muitos anos e depois pensava que... portanto, aquilo foi a tribunal e perdeu-se, foi a tribunal e perdeu a questão... olha, a questão que eu lhe estava a dizer era isto [*mostra-me uns documentos*] está a ver, a questão do particular

AL: ah, sim

TCo1: e esse morador de Santa Isabel que é de outra freguesia aqui ao lado, queria dizer que tinha, que era proprietário do monte, só porque há muitos anos que pastava lá e não sei quê. Pronto, e ele veio à freguesia de Covide e a freguesia de Covide no princípio passou-lhe uma declaração que passava anual, para as pastagens, para os agricultores terem direito aos subsídios. E ao 2º ano ele veio de lá, começou a dar um bocado com a língua nos dentes e veio à Junta e a Junta não lhe passou “não lhe passo nada, tu não és de Covide”, e ele meteu a freguesia de Covide em tribunal, aqueles moradores que mandaram uma carta a dizer para ele não vir pastar no monte de Covide, e ele meteu-os em tribunal, que ele que era herdeiro e que portanto podia vir. Claro que foi para tribunal e perdeu porque ele não era herdeiro, o nome dele não estava aqui na escritura... não podia ser herdeiro não é. Se fosse monte baldio, e ele se morasse cá tinha os mesmos direitos também, mas como isto é... o monte de Covide é uma propriedade daquelas pessoas e agora se aquelas pessoas morrerem são os herdeiros que veem aí por adiante. Enquanto não o partir, todos têm em comum. Portanto não é uma propriedade de toda a gente não é, nem do parque, nem da floresta, nem... os nossos vizinhos do lado, não tem nada no monte Covide. É uma propriedade, como eu digo desta cadeira

AL: E esses moradores recebem algum para o seu bolso? Ou seja, quando há um corte de madeira dividem pelos vários...

TCo1: não, não, nunca foi dividido. Aquele corte de madeira foi para meter aquele relógio na torre, houve o segundo que foi... porque paga-se uma décima desse monte, que eles, a tal comissão disse que era para pagar a décima, e eu este terceiro corte que é os sete mil e tal, que eu agora estava a ver, olhe já pagámos nessa questão do porrão, pagámos já 5 mil e tal de despesas do advogado. Portanto o dinheiro, daquele, dos pinheiros, vai pagar a despesa do monte não é. Portanto a despesa do monte, foi para o tribunal para defender o monte, para não ter mais um herdeiro no monte não é. Portanto, em princípio há... há quase sempre consenso, ou gasta-se aqui ou acolá

AL: o que é que é isso da décima? Desculpe interromper agora... tem de pagar x... mas quem é que paga a quem?

TCo1: paga, porque desde sempre pagou aí meia dúzia de moradores e é eles que têm de pagar, paga às finanças, você não paga a décima das suas casas?

AL: ah, é um imposto?

TCo1: é um imposto... pronto, é um imposto

AL: não é?

TCo1: você não tem casa? Os seus pais não têm casa?

AL: eu não tenho, os meus pais pagam o IMI, imposto sobre... o imobiliário... individual...?

TCo1: pois... mas antigamente aqui pagava-se das terras e de tudo, e dos terrenos também. É a história é a mesma coisa não é, é um imposto que tem de se pagar ao Estado, como o imposto do selo do carro ou

AL: pois, deve ser o IMI... ai como é que era.... Ah, já sei, imposto municipal imobiliário..., que é sobre as propriedades, tipo casas, deve ser também sobre os terrenos. E pagam à Câmara?

TCo1: não, é ao Estado, é nas finanças, é tudo nas finanças. E depois parece que há uma parte que é para as autarquias, mas isso já é outra coisa

AL: pois, porque é imposto municipal... não sei se isto é exactamente aquilo a que se refere como a décima, mas parece

TCo1: sim, é a décima, aqui primeiro era conhecido pela décima

AL: pois, pois, e isso é tudo pago com as receitas que tiram do monte, pois

TCo1: claro

AL: pois. E têm sempre dinheiro? Quando não há cortes de madeira...

TCo1: não, por exemplo, desses 2 mil e tal contos isso dá para pagar a décima para aí de 50 anos se for preciso

AL: e chegam a arrendar partes do monte, a empresas ou assim?

TCo1: não

AL: nem cedência de exploração a interessados?

TCo1: houve esta questão que se tentou fazer, que é a tal saibreira que esteve

AL: ah sim, sim

TCo1: mas não foi avante

AL: e eólicas também não têm

TCo1: não

AL: portanto rendimentos é mesmo só a madeira quando a cortam?

TCo1: é

AL: e depois fazem regeneração natural, ou não? Aquilo cresce sozinho, os pinheiros

TCo1: faz, faz, é. Se for por aí pelo monte acima vai ver uma parte toda que ardeu

AL: este ano?

TCo1: não, aqui há 3 anos

AL: 2012

TCo1: e já vê a plantação toda nova a sair

[concordo e falo da minha experiência no perímetro florestal da abadia e da capacidade de regeneração do pinheiro bravo que pude verificar]

TCo1: é, onde há fazenda cresce menos, onde não há fazenda cresce mais... mas pronto

TCo1: [...] isto foi uma coisa que acrescentei aqui ao lado que foram as pessoas mais ou menos que estiveram ali, porque é uma coisa que a gente aqui não tem feito e que tem feito mal, porque estas pessoas podiam ter feito uma assinatura no final, porque elas amanhã podem dizer que não estiveram na reunião

AL: sim, normalmente passa uma folha que as pessoas assinam

TCo1: assinam. Olhe, tenho aqui outra que é meio particular, mas que também é. a comissão pediu-nos as contas e eu mandei-lhe para lá este

AL: quem é que pediu?

TCo1: o tribunal. E eu mandei para lá esta cópia... no ano de 1984 a freguesia recebeu este... 1985... 2000, desde... e agora desde que eu estou, Abel Fernandes sou eu, recebemos 17000 do IFAP...

AL: é a tal ITI. Mesmo ainda assim ainda é bastante, eu pensava que era menos... deve depender da área não é

TCo1: depende da área

AL: eu pensava que era... houve uma Junta que me disse que recebeu 8000... não me lembro qual foi

TCo1: nós aqui recebíamos à volta de 10000 por ano, só que isto eram dinheiros que estavam atrasados, está a perceber? O projecto dava à volta de 8 a 10 mil por ano. Embora o que tenhamos agora em principio vai-nos dar 30000 euros

AL: ah, vai dar mais. Ah, pois, é a tal questão, agora vão beneficiar as Juntas...

TCo1: porque temos mais área, quer dizer, podemos, aqui tínhamos de fazer uma limpeza, penso que era à volta dos 6 hectares, e para o ano já podemos limpar 10... e como aumenta a área da limpeza aumenta o... este é o processo daquele... a tal

questão do particular, e é uma factura de advogados “declarar a parcela baldio com uma área inferior a 1000 metros...”

AL: “... declarar terreno baldio a parcela com área não inferior a 1000 metros que o réu ? e efectuou escavações e movimentações de terra e iniciou a construção...”

TCo1: ora, isto aqui é mentira, porque o terreno baldio não foi, mas pronto, foi a tribunal, ela foi mais esperta. Olhe, está a ver “no termo do artigo de 4 de dezembro baldios são montes geridos....” Como ela diz, como são comunitariamente geridos não pode ser arrendados, que os baldios...?

AL: e toda a gente sabe que aquilo não é baldio (RISOS)

TCo1: e ela sabe que não é baldio também. Mas as questões em tribunal nem sempre ganha quem tem razão

AL: é que essa foi mesmo do género “se eu não construo tu também não constróis” ... é feio

TCo1: é feio. E além disso, não foi só isso, quer dizer, foi... a própria advogada sabia que o terreno não é baldio. Mas houve alguns moradores de aqui de Covide que também sabiam e foram lá dizer que sim senhor, quer dizer, foram as testemunhas que sim, apanhou e disse não 2as testemunhas de lá dizem que é”. Aquilo... e o juiz pronto, se é baldio não pode, não pode construir

AL: pois... epa, estes conflitos estragam tudo, não é?

TCo1: é... este não sei se vale a pena levar, e este também pode levar, é só para ter uma ideia. Isto é tudo só para ter uma ideia, porque eu gostava que estas coisas ... por exemplo, isto aqui, as contas, que não fosse para público não é

AL: não, isto não sai daqui, nem tem interesse nenhum

TCo1: elas estão públicas, eu penso que até há aí uma delas que estão na internet

AL: sim, se já envolve a Junta à partida é público. Sim, mas é esquisito não é, andar para aí a falar das contas daqui

TCo1: é, não convém... eu só tenho a dizer

[...]

AL: quer dizer, isso faz parte de dinheiros públicos, que dão a todos os baldios no fundo, que se candidatam, isto não é nada que seja propriamente segredo não é, mas

TCo1: não, mas eu acho que para si só chega dizer “ a Junta ou a freguesia de Covide nos anos tal tem recebido dinheiro do IFAP, ou dinheiro de não sei quê

AL: no fundo a mim interessa-me só o que está relacionado com os montes, qual é o dinheiro não me interessa, é mesmo só para perceber melhor como é que eles são geridos

TCo1: e era isso que eu queria dizer, não interessa estar a por quantidades

AL: não, nada

TCo1: [...] [lê] “juntamente com a maioria dos moradores da freguesia vendeu à companhia dos pedreiros do Porto diversos penedos no lugar de Paranhos pela quantia de x”

AL: isso era as tais para fazer pedreiras?

TCo1: não, a saibreira é muito depois, isto foi em 1984, a saibreira foi aqui há

AL: isto é dentro do parque?

TCo1: não, é fora do parque

AL: e podia-se fazer recolha de pedra neste local?

TCo1: isso na altura ainda se fez

AL: ok. E ainda hoje estão vendidas não é? Portanto, ainda hoje são dos proprietários que adquiriram

TCo1: não, não, pronto, eles tiraram o que tiraram e pronto, já acabou, isso já acabou há muito ano. Eles só se, venderam-se aqueles penedos, mas venderam-se para eles cortarem e

AL: ah, exacto, os penedos acabaram e acabou

Ermida: TE1

TE1: pois tire uma aqui encostada que é para eles verem que nós temos um veículo de apagar incêndios

AL: e o pessoal vem muito às reuniões de compartes? É assíduo ou...?

TE1: vem, os presentes vão...

AL: os quê?

TE1: os que estão mais presentes na aldeia, agora aqueles que estão mais por fora e que às vezes não têm tempo...

AL: e são para aí quantas pessoas que vão a uma assembleia geral, daquelas que há todos anos... vamos dizer... bom, se calhar comecemos por saber, quantas pessoas vivem actualmente na aldeia? Já sei que são cento e tal os compartes...

TE1: somos cento e tal, alguns são emigrantes, depois há aí um desentendimento, que uns dizem que os emigrantes não deviam ser compartes, outros dizem que

deviam, porque estão com a força maior fora, pronto, há esse... têm os terrenos e as casas aqui, moram aqui quando vêm de férias, depois há esse pormenor

AL: eles estão inscritos aqui no caderno eleitoral ou não?

TE1: estão

AL: pois, é isso... é que isso vem a alterar um bocadinho... como é que era antes da nova lei?

TE1: sempre foi assim

AL: o quê? Eles faziam parte ou não?

TE1: sim, sempre foi assim

AL: pois, eu já vi de tudo, nos baldios que tenho andado já vi de tudo. Sei lá, pessoal que acha que os emigrantes quando cá estão, claro, podem ter o seu dizer e que ... quer dizer, votar não, mas podem tirar usufruto etc. etc., se calhar dar umas opiniões...

TE1: a própria lei também não está definida e nós esses pequenos problemas, não é problemas, essas pequenas questões resolvemos em assembleia de compartes, se eles acham, como foi feito... se eles acham que os compartes, que os emigrantes devem ser compartes anuais, pois ficam como compartes anuais e pronto. Mas se for assim decidido em assembleia

AL: pois... o que é que é compartes anuais?

TE1: compartes efectivo... não como aquilo que ouves outros dizerem que têm os direitos só quando cá vêm

AL: sim, sim, sim

TE1: não...

AL: e foi isso que ficou decidido aqui?

TE1: foi!

AL: pois... e por exemplo, os emigrantes podem votar para o CD? Para as eleições? Sendo que não estão cá durante o ano

TE1: da última vez não, não fizeram isso

AL: não votaram? É em que mês as eleições?

TE1: foi em março...

AL: esta lei dos baldios, o que é que achas... pronto, não sei se... se a malta andou aí a lê-la...

TE1: sim, sim, já, é uma estupidez autêntica, não é só um bocadinho, é uma estupidez autêntica aquilo que eles lá escreveram

AL: estás a falar daquela da diminuição das áreas ou mesmo da lei dos baldios

TE1: mesmo da lei dos baldios. Eu agora já nem me lembra mas há um artigo que até é polémico

AL: sim, há muitos (RISOS)

TE1: sim, mas um deles, é assim uma estupidez tamanha... na questão do comparte, podia ser comparte um votante de uma freguesia, a maior estupidez que eu algum dia vi. Então, na nossa freguesia tem 3 lugares, cada um tem o seu baldio, então quer-se dizer, o fulano da Ermida ia poder votar no de vilar da Veiga

AL: exacto

TE1: aquela gente da capital é do piorio que eu algum dia vi, estás a perceber, e eu estou-me a lembrar agora só desse, que estava lá escrito... é assim, eu depois nem sei, que aquilo entrou em vigor em janeiro, porque depois ainda foi...

AL: ainda foi ao tribunal constitucional

TE1: exacto

AL: e agora saiu um decreto-lei que

TE1: que ainda não o tenho definido, tenho aquelas linhas que eles apresentaram, mas um dos artigos lembro-me bem que era esse, quem é o votante, quem é o da freguesia, é gente estúpida que não sabe que os baldios são de uma povoação local, podia ir votar nos de Vilar da Veiga, e os de Vilar da Veiga vinham votar aos da Ermida, e era para aí uma sardinhada dos diabos

AL: pois, não, isto para mim, ao que venho lendo e ao que parece, isto estão a preparar o caminho para entregar isto às freguesias... às freguesias ou às autarquias

TE1: para depois as autarquias as entregarem às empresas para andarem aí a fuçar

AL: exactamente... este é o meu receio, e também por isso é que me interessa estudar estas coisas e andar aqui a ver como é que estas coisas estão a decorrer no campo, porque... perceber qual é o impacto por exemplo da lei a nível local, perceber o que é que irá acontecer... isso já deu problemas, há um baldio que está com problemas nas eleições porque houve pessoas que não é suposto votar e votaram e depois o resultado das eleições foi exactamente o oposto àquele que era esperado e agora o... enfim, isto para dizer que pode vir a dar problemas não é, e conflitos a nível local e desincentiva as pessoas não é, ninguém quer chatear-se não é, ninguém quer andar aí à porrada com o vizinho, isto é desincentivador

TE1: foi essa a maior estupidez que eu logo vi, mas de longe, e ainda mais, quem estava registado na freguesia podia votar num baldio e no outro, não é, porque é votante da freguesia, podiam vir pedir lenha à Ermida, e os da Ermida a Vilar da Veiga, quer dizer, nós andámos 10 anos em tribunal para cada lado a tentar resolver as coisas e agora voltava tudo ao mesmo

AL: (RISOS) exacto. Não, a mim dá-me a sensação que é mesmo...

TE1: eles nem sabem

AL: há assim várias, e essa questão diz que não só são os eleitores da freguesia mas também a quem tenha uma actividade agroflorestal na zona

TE1: exactamente, imagina

AL: isto é mesmo para entregar às empresas, devagarinho, passinho a passinho

TE1: exactamente, a ratoeira que aí está, quer-se dizer, vinha um apicultor, neste caso não temos nenhum apicultor de fora da aldeia aqui, mas vinha um apicultor, instalava-se aqui... não é? De fora... davam-lhe autorização para se instalar de fora “não, meus amigos, eu também tenho direito a isto... isto é tudo gente que não...

AL: e mesmo se for uma exploração florestal, desde que estejam dentro da freguesia passavam a ter direito (RISOS) epa, é que isto até dá vontade de rir, é tao parvo e tao fora da realidade... mas sim, há assim umas quantas alíneas que são um bocado polemicas

TE1: eu também fui a Lisboa nessa altura, eu e mais uns quantos daí, mas eu não ia só para lá para bater palminhas como fui, que a minha intenção não era essa, eu não sou uma pessoa violenta mas a minha intenção era ir lá partir já aquilo tudo que era para eles recuarem já, estás a perceber?

AL: pois... e que impactos é que achas que vai ter, a nível local...?

TE1: vai dar problemas, isto um dia vai dar problemas para alguém, para nós não, nós vamos trocar

AL: pois, vocês querem mudar...

TE1: mais tarde ou mais cedo nós vamos mandar lixar essa parte, temos o livro de 1920 “oh meus amigos aqui vós não mandais, aqui quem manda somos nós”

AL: vocês pagavam impostos...

TE1: pagavam e pagamos

AL: porque eu nunca vi... mas tu vais emprestar-me um livro não é (RISOS)?

TE1: eu não te empresto, dou

AL: é? Eu não me importo de pagar ahn!? Isso interessa-me portanto eu não me importo de comprar o livro

TE1: é a história do nosso monte.... Foi requerido por 9 moradores da Ermida da época a cedência desta área toda e foi aceite pela Junta, as pessoas pagaram impostos já nessa época, aquilo... pronto... e nós continuámos a pagar desde 1977 e pronto

AL: pois

TE1: os outros não, os outros ninguém paga, a não ser os do foral, os do foral devem pagar

AL: sim, sim. o foral é como se fosse uma propriedade privada, eu de Vilarinho ainda não consegui falar com eles, porque há um foral que é de Vilarinho, há o de Vilarinho e há aquele tal de Ermida, Lourido e Froufe, lá de Entre-Ambos-os-Rios... o de Entre-Ambos-os-Rios sei que sim, que é isso, é gerido como se fosse uma propriedade privada de x pessoas, de um grupo

TE1: exactamente

AL: e é assim que é gerida, no fundo acho que é um bocado como vocês quando assumirem isso... agora isso tem outras questões associadas que é a questão de haver dinheiro envolvido para cada pessoa não é, e isso às vezes pode-se tornar mais complicado de gerir

TE1: dinheiro envolvido como?

AL: ou seja, por exemplo, naquele caso... pelo que eu sei os forais, sendo propriedades privadas, cada uma das pessoas que faz parte do foral, tem direito a receber das receitas não é e aí passa a haver dinheiros individuais e isso às vezes traz problemas, pronto, já se sabe, a partir do momento em que há interesses pessoais

TE1: no nosso caso nunca houve isso e julgo que nunca vai haver, divisão de dinheiros

AL: pois, exacto, aí já está a ser gerido como uma propriedade comunitária

TE1: exactamente, uma propriedade onde as receitas revertem aplicadas a favor da comunidade local, seja neste sítio ou naquele

AL: pois, se mantiver assim talvez evitem esses problemas, mas a partir do momento em que é gerido como se fosse uma propriedade privada tem esses problemas associados, podem não ser problemas, depende das pessoas e da forma como gerem os seus interesses, mas eu sou céptica nesses casos (RISOS)

TE1: resumindo, aquela gente de lisboa é toda completamente marada, aquela que está lá naqueles gabinetes, estás a perceber

AL: (RISOS)

TE1: não há nada do Estado, que seja do Estado, que funcione, nem das câmaras, não há nada que funcione. Se alguma coisa vai funcionando são os assuntos relacionados

com as comunidades locais onde a comunidade vai fazendo... nalguns lados, porque eu desconfio que também noutros lados aquilo não funciona coisa nenhuma, que aquilo é tudo um bando de baratas tontas

AL: eu acho que eles... pelo menos o que até agora eu tenho percebido é que pelo menos os mínimos têm que ser feitos porque senão ficam sem o dinheiro, acho eu, não sei como é que a coisa é feita, mas...

TE1: sim, sim, sim, na questão dessa...

AL: portanto, quem tem ITI tem que limpar e acabou

TE1: sim, sim, essa parte não há cá trifulhice nenhuma

AL: exacto, isso é bom para todos... agora o resto... claro que não me dizem tudo não é...

TE1: como estás a ver nós aqui é completamente diferente daquilo por onde passaste, de certeza

AL: sim, sim, sim vê-se que é um baldio bem gerido, e que há vontade e gosto e dinâmica e tal

TE1: exactamente

AL: o resto das pessoas também são assim activas?

TE1: as que pertencem à direcção?

AL: sim, todas, todas

TE1: sim, umas mais, outras menos, outras que está tudo bem de qualquer maneira, mas desde que pelo menos não nos criem problemas aos da direcção, para a gente fazer aquilo que deve ser feito já é bom

AL: sim, sim, sim... o que é que vos move? Isto é, sabendo eu que não há propriamente salários, não é

TE1: não, não há

AL: o que é que move as pessoas que estão...

TE1: é gostar disto, é não querer ver isto tudo preto, tudo chamuscado

AL: claro... imagino que seja mesmo preciso isso, para o trabalho que dá

TE1: eu a sorte é que não tenho família, senão estava lixado

AL: pois é isso

TE1: tem dias que está a chover a cântaros, não é, mas isto sou eu, e eu venho aqui, porque há aqui caminhos que são problemáticos que juntam muita água, que nos

custaram alguns 1000 e dois mil e tal euros para os recompor, eu venho aqui, às vezes 7, 8 horas da noite, ver se os aquedutos não estão entupidos, achas que em algum baldio que tu passaste saía de casa às 8 horas da noite e andar 5 ou 6 km e vir a um sítio ver se as coisas estavam a funcionar?

AL: pois... não, de facto não é a coisa mais comum não...

TE1: porque isto custou dinheiro, é assim, como sou o presidente dos baldios giro isto como se fosse a minha carteira, estás a entender, porque tudo o que eu tenho tive de trabalhar para o ter, ninguém me deu nada, o carro [*? não se entende*] tive de o comprar com o meu dinheiro

AL: claro, claro, pois, essa noção é boa quando se está a utilizar os baldios

TE1: isto é que é saber gerir a coisa comum, não é um fulano qualquer, que doutorou-se não sei das quantas com as fitas coloridas que não percebe como é que se planta um pinheiro, não sabe quando é que se pode esgalhar um pinheiro, não sabe onde se pode... sei lá, onde se pode fazer uma roça de mato, não sabe ver se está bem feito ou não se mandar algum fazer-lo, é preciso saber ver se está ou não feito e para saber ver se está feito a pessoa já deve ter feito aquilo, porque senão também não sabe

TE1: aqui também fizemos olha, daqui até ali à frente fizemos 2 hectares e meio, mas não tem nada a ver com as ITI, isto foi um trabalho que nós fizemos por nossa conta, tinha aqui um matagal com um metro e meio de altura

AL: e agora tem muitos pinheirinhos, se calhar estavam a ser obstruídos não?

TE1: também foi feito neste inverno, até março, também foi feito este pedaço todo, mas longe, que ainda vais ver o resto até chegar lá adiante ao miradouro, olha, como é o matagal lá para cima assim era aqui em baixo

AL: se calhar lá em cima já é mais complicado com as máquinas, ou as pessoas fazem aquilo de cima para baixo?

TE1: não, as pessoas que fazem esse trabalho já estão habituadas estás a perceber, eles trabalham diariamente nisso

TE1: isto é que é uma mariola

AL: bolas, uma mega-mariola. Costumam ser assim tão grandes

TE1: não, isto é uma espécie de exagero

AL: foram vocês, não?

TE1: não, isto foi as pessoas que aqui param, de certeza, um lá foi pondo uma pedra, outro outra e pronto, e ficaram...

AL: ah, ok

TE1: isto aqui é o acesso ao miradouro, mas ainda não está terminado estás a ver, que ainda não pusemos a indicação, estás a perceber... ainda falta por um resguardo e ter as placas prontas que isto foi feito por nós

AL: o que é que foi feito por vocês?

TE1: o miradouro, já vais ver

AL [falando dos turistas e dos carros] e maior parte são mesmo portugueses, vendo pelas matrículas pelo menos

TE1: são...

AL: foram, vocês também que talharam esta espécie de escadinha?

TE1: isto foi feito pelos escuteiros, há 30 anos ou por aí

AL: ah... os escuteiros da Ermida?

TE1: não, não sei de onde eram mas eles é que na altura andavam muito por aqui. Isto já existia, eles só deram um arranjo nessas pedras

AL: ok. E vocês limparam isto foi? Ou estão a limpar...

TE1: nós cortámos o mato há tempos

AL: vocês conhecem todos a malta dos GNR ou... dos GIPS

TE1: eu o condutor conheço, porque o condutor é da Ermida. Alguém cortou aqui alguma coisa, estava aqui uma árvore...

AL: ai foi?

TE1: é só para eu ter a noção, para saber, porque assim eu logo pergunto ao fulano que dá os documentos para a lenha se a pediram, estás a perceber, que é para ver se foi alguém da Ermida ou se veio aqui alguém roubar

AL: e se for alguém da Ermida é na boa? Ou tem de pedir antes?

TE1: tem de pedir tem. Tem de passar um documento onde ele pede, o local e as coordenadas do que quer cortar para lenha, geralmente é arvores secas apenas.

AL: pois, não podem cortar carvalhos...

TE1: não, nada nada. Só lenha seca e derrubada e têm que nos pedir, nós já sabemos onde é ou não e é-lhe passado um documento

AL: e vocês têm um regulamento do baldio daqui ou não?

TE1: temos

AL: para vocês, para os compartes...

TE1: sim

AL: dos usos e costumes

TE1: exacto

AL: eu já vi o de Pincães, o regulamento. Vocês têm algum *site*? Na internet

TE1: ainda não fizemos, apenas temos o correio. Porquê? Achas que era benéfico ter o *site*?

AL: para mim era, para mim era benéfico. Se tivessem lá os regulamentos e outra informação interessante para mim era óptimo (RISOS). Mas, quer dizer, eu acho que é sempre naquela visão de tornar esta realidade dos baldios do conhecimento do público em geral, e acho que a internet serve muito para isso

TE1: até foi uma boa ideia, se um dia fizermos o *site*, que é para aquela gente de lisboa ver não é

AL: sim, um baldio activo, até tem um *site*. Não, é que hoje em dia a internet é a forma mais democrática de se conseguir tudo não é, e toda a gente tem acesso àquilo e é uma forma de os baldios entrarem na boca do povo, das pessoas

TE1: isso é verdade. Que não conhecem, que não sabem da realidade

[fala-se da construção das barreiras de segurança e para suporte no caminho que sobe até lá acima ao miradouro. Foram eles, da ermida que pagaram para se fazer aquilo ao longo da subida que chega a ser bastante íngreme e perigosa]

TE1: [...] nós não temos nada a ganhar com a componente turística mas damos algum apoio naquilo que pudermos, estás a perceber?

AL: sim, e depois é como tu disseste, atrair pessoas aqui tem sempre um lado positivo para a população não é...

TE1: exacto, exacto, é só nessa vertente que a gente trabalha

AL: e agora estou aqui a pensar, mesmo as pessoas andarem pelo baldio acaba por ser vir também, sei lá, de forma de fiscalizar, por exemplo, questões de fogo, se houver alguém no baldio vai avisar não é

TE1: exacto, também...

AL: já compraram o carro há muito tempo?

TE1: quando entrámos, no ano em que entrámos, nós andámos aí numa azáfama dos diabos

AL: (RISOS) mesmo para acabar com aquela gestão defeituosa

TE1: não, tivemos porque nós não tínhamos caminhos, tínhamos tanta área, não tínhamos nada, os bombeiros demoram uma hora a chegar chegam aqui não fazem a ponta de um corno, falando portuguesmente, porque aquilo que tu ouves na televisão é tudo mentira, 300 homens envolvidos num incêndio na serra não sei da onde é tudo mentira, não estão envolvidos em coisa nenhuma, estão lá na beira da estrada à espera que o lume lá chegue

AL: (RISOS)

TE1: é, podes escrever isso, e podes dizer que fui eu que disse

AL: bom, houve mortos...

TE1: aí está outro problema, essas pessoas que morreram estão preparadas para incêndios urbanos, como estão todos os bombeiros, os bombeiros só estão preparados para incêndios urbanos, não estão preparados para incêndios florestais

AL: aí são mais os sapadores não é?

TE1: e depois há aquela arrogância, eles chegam aqui e “nós qé que sabemos”. Então mas eles não conhecem a condição geográfica do terreno quem é que sabe, são eles ou somos nós? É outra coisa que tu não sabes mas ficas a saber, por exemplo, essas equipas das empresas que são os carros amarelos, os sapadores, acontece um incêndio no Vilar da Veiga, eles têm uma carrinha... e eles não podem fazer nada, chegam os bombeiros e já ficam aos comandos dos bombeiros, eles não podem fazer nada já, se os gajos dos bombeiros “opa, vós encostai-vos aí, fiquem aí”, eles têm de se encostar, nós não! Em nós ninguém manda!

AL: mas a lei, ou a forma como a coisa é suposto ser gerida, supunha que vocês também estivessem quietos?

TE1: não, nós não, nós o carro é nosso, nós vamos para onde nos apetecer, ninguém manda em nós

AL: ah, aquela carrinha não é deles? Essa parte perdi-a

TE1: pois não, aquelas carrinhas amarelas das empresas florestais não são deles, são do Estado

AL: ah, dos sapadores, sim, sim, sim

TE1: é ou não é? É o Estado que as dá e depois a empresa é que gere aquilo... acho eu que é, também é uma confusão dos diabos, nunca percebi aquilo

AL: não, acho que os carros são dos sapadores

TE1: porque o carro não foi os baldios que compraram, o carro foi dado pelo Estado

AL: não, sim, esses carros fazem parte das equipas, acho eu

TE1: pronto, ao fim e ao cabo aquilo é um carro do Estado, não é?

AL: acho que sim... eu sei que houve alguns que receberam um carro novo, mas eu acho que é para a equipa, mas não tenho a certeza. Por acaso olha, hei-de tentar perceber isso melhor

TE1: bem, é... eu também ainda não conseguir perceber essa parte, o que eu sei é isso, é que essas equipas dos sapadores quando há um incêndio na área deles eles têm que estar quietos, não fazem nada, eles mandam-nos estar quietos. E depois chegam os da GIPS e é a mesma coisa, isto é tudo gente que não se dá uma com a outra, também é uma coisa que possivelmente desconheces, estás a entender... os gajos da GIPS normalmente são os primeiros a chegar não é... é outra estupidez também a GNR a apagar incêndios

AL: (RISOS)

TE1: quer-se dizer, eles são GNR, podem multar um carro sem seguro, podem multar um gajo sem capacete, e também apagam incêndios...

AL: (RISOS) são polivalentes

TE1: não sei... mas pronto, menos mal, que eles às vezes ainda fazem alguma coisa, são os primeiros a chegar e tal, pronto, mas é uma estupidez ao fim e ao cabo, porque um GNR preparado para apagar incêndios, nem a profissão que têm de exercer exercem

AL: (RISOS)

TE1: é assim...

AL: pois... acaba por ser uma grande confusão de competências

TE1: depois chegam, os bombeiros não gostam muito dessa gente porque eles são os primeiros a chegar e o lume às vezes já está apagado, outras vezes nem por isso, mas pronto, eles não se dão muito bem uns com os outros... mas connosco não acontece isso, nós... ainda bem que não tem acontecido, só aconteceu uma vez, mas no nosso carro ninguém manda, no nosso carro manda quem estiver com ele e nós vamos para onde nos apetecer, eles chegam lá “vamos aqui, vamos acolá” e depois junto com os do Parque, e eu digo-lhes assim “opa, nós vamos fazer logo o melhor que se possa, não vamos estar aqui a perder tempo e se vós querendes mandar e mandai e mandai bem, para mim é-me igual, nós ou carregamos água ou pomos o nosso carro a atirar com água é como quiserdes” ... é logo assim

AL: pois, porque de facto o que está em causa é apagar o incêndio, não faz sentido estar naquela altura com problemas de egos, porque no fundo é um bocado isso não é. Tinha de haver aí cooperação mais do que outra coisa

TE1: claro que tinha. E depois eles chegam ao terreno, a [*? não se entende*] dos bombeiros, vêm pelos rádios ou pelo telefone a perguntar “epa, onde é que vamos virar, epa, neste cruzamento, encontras lá uma pedra enorme, ou um carvalho,

encontras ali...” isto já se viu nalgum país do mundo, eles não têm um GPS, não metem as coordenadas, não é

AL: (RISOS) pois...

TE1: eu nunca vi isso em lado nenhum já te digo, só aqui, e todos os anos a mesma coisa. É que as equipas dos bombeiros funcionarem dessa maneira, eles não têm que funcionar por nomes, têm que funcionar é por coordenadas. Há um elemento, o primeiro carro chegou ao local, eles estão nas coordenadas x, eles têm que marcar, têm que ter um GPS ou sei lá, se não têm deviam-no ter, e o GPS tem que o levar ao sítio, agora estar com o radio “ah, viras em tal lado depois tem um carvalho” “ah, mas já passei isso”, opa isto é tudo uma treta dos diabos

AL: não faz sentido de facto, com tanta tecnologia disponível

TE1: mas eu estou-te a dizer isto porque eu ouvi, eu estava ali no tal incêndio e vi como é que as coisas são, e quem está fora em casa não sabe o que é que se passa

AL: pois, enfim, nada como estar nos locais para se saber o que é que se passa

TE1: claro... depois ainda mais, nós fomos os primeiros a chegar não é, nós temos sempre um adiantamento de 40 minutos dos bombeiros, quando foi o incêndio lá [*? não se entende*] mas a nossa água acabou... acabou e uma das frentes ainda continuava a arder... às tantas chegou o carro do Parque e às tantas chegou também uma equipa dos bombeiros de Sal, e depois tivemos de fazer o resto à mão, porque já não tínhamos mangueiras que chegassem, porque já ia a uma altura dos diabos. E pronto, começámos lhe a dar por ali acima e apagámos o lume à enxada e lá com o apoio todo da equipa de Sal

AL: Sal?

TE1: Salto... é uma equipa de prevenção que costuma estar ali na zona entre Cabril e Fafião... e então pronto, estava já o lume todo apagado mas há sempre aquelas fogueirinhas, sendo de verão a gente tem de estar ali atentos a noite toda, mas os bombeiros não querem saber disso para nada, às tantas vêm corporações de Famalicão, vêm de Santo Tirso para ali, vêm não sei de onde, e eu a vê-los chegar e a ouvir a conversa pela radio. E eu com tudo desligado, já eram duas da manhã, com tudo desligado, eu estava lá sentado em cima de uma pedra e tinha outro elementos daqui dos baldios lá em baixo na zona sul, e lá se me adivinhou estar a ouvi-los a falar pelos rádios mas eles não sabiam que eu estava lá, e então, eu a ouvir a conversa pelo radio “epa, espalhai-vos por aí e tal, um dos comandantes de Terras do Bouro na faixa do lado direito, não sei quê, não sei que mais” e os gajos a meterem-se lá debaixo de um carvalho a encostarem-se... estás a ver como é que as coisas são?

AL: (RISOS)

TE1: não sei... vieram cansados não é, chegaram ali encostaram-se lá debaixo de um carvalho, duas corporações, eram para aí 14 gajos. Telefonei lá para baixo para o outro “epa, controla aí esses gajos, vê o que é que essa gente anda a fazer porque eles aqui estão todos aqui debaixo de um carvalho”. Às tantas desço mais um bocado, apanho um comandante que é aquele de Terras do Bouro que estava a comandar a

coisa digo “como é? Aquela gente está ali toda encostada é mandá-los espalhar por aí abaixo...”. E foi aí que alguns desceram, mas...

AL: (RISOS)

TE1: o lume estava a apagar-se, era preciso era controlar o rescaldo, estás a perceber, qualquer fogueirinha que reacendesse...

AL: que coisa mais estranha

TE1: mas isto é em todos os lados, não é nada daquilo que tu ouves na comunicação social, ouves lá os gajos quando a Câmara da RTP chega lá ali a esticar mangueiras no meio da estrada só para dizer que estão a fazer alguma coisa mas não estão a fazer coisa nenhuma

AL: (RISOS)

TE1: não, tu estás-te a rir mas é assim, eles só estão a fazer o filme para aquilo parecer bem na televisão... eles todos apressados, quando estiveres a ver um incêndio vê se eles não estão todos apressados a puxar mangueiras em frente ao gajo da Câmara

AL: pois... essa distribuição de equipas de sapadores agora pela zona do parque que houve não é, não sei se pode chamar distribuição, mas os baldios podiam candidatar-se a ter uma equipa de sapadores

TE1: nós também podíamos

AL: exacto

TE1: nós não quisemos

AL: mas pronto, também é uma forma de lutar contra a situação dos incêndios não é, porque eles fazem serviço publico, ficam lá e por aí afora, isto porquê? Isto porque eu estou aqui precisamente a pensar porque é que não se investe mais na formação de sapadores e de pessoal que saiba fazer essas coisas, fogo controlado, contrafogo, pronto, essas técnicas não é

TE1: eu não vou, não me leves a mal, claro, cada um tem o seu pensamento, eu não vou por aí... nós não precisamos de mais equipas de sapadores, nós não precisamos de mais bombeiros, não precisamos de mais equipamentos, nem de aviões, nem de helicópteros, nós precisamos é de apoio monetário para limpeza do terreno, mais nada

AL: pois, mas vocês aqui têm mão-de-obra, isto é, têm pessoal dedicado, agora nem todos os baldios têm e aí a equipa de sapadores é bem-vinda. E quando eu falo da equipa de sapadores não falo só do ataque ao incêndio, mas também da prevenção...

[saímos do carro e eu esqueço-me do gravador no carro]

(...)

AL: e os teus irmãos mantiveram-se por cá?

TE1: não, a minha irmã está em Andorra, estamos um em cada lado, houve uma época em que estava a minha irmã em Andorra, eu em Inglaterra, um dos meus irmãos em Espanha e o outro aqui

AL: pois... olha um eucalipto, isto é privado pois, nota-se logo

TE1: mas é assim, tive trabalhos praticamente difíceis, mas não me meteram medo, eram trabalhos pesados ao fim ao cabo, mas consegui aprender coisas novas e coisas que os outros usam nesses países mais desenvolvidos que o nosso. Eu vou te dar só um exemplo, aqui usa-se muito, ou usava-se, os desbastes no pinhal... na Alemanha e na Áustria eles não fazem desbastes, eles cortam para aí 100 m², ou 200 ou 300, mas cortam tudo porque já são árvores crescidas e plantam logo tudo, ao final de cortar, queimam aquela lenha e plantam outra vez novas plantas... são aqueles pinheiros nórdicos, lá a floresta é toda de pinheiro nórdico

AL: mas queimam qual madeira, não percebi

TE1: queimam a lenha... a lenha, as ramas...

AL: ah, e deixam no chão não é...

TE1: queimam e depois planta-se já, num dia de inverno mete-se já as plantas

AL: por acaso, bom, eu tirei lá o curso de engenharia florestal

TE1: aonde?

AL: lá em lisboa, no ISA, foi antes de me dedicar a estes temas mais sociais, ainda trabalhei na área mas foi em investigação, nunca trabalhei em produção ou em empresas, mas isto para dizer que o que nos passavam era que cortes rasos não eram bem-vindos porque deixam o solo desprotegido

TE1: e era os teus professores que te diziam isso?

AL: e há livros, há bíblias sobre isso, mas isso também me faz confusão, isso provoca a erosão do solo que fica ao sabor das intempéries, perde qualidades

TE1: depende de onde for

AL: e depende do tempo que fica sem vegetação não é...

TE1: exacto... porque é assim, se tu cortares este pinhal todo o solo tem na mesma a vegetação rasteira que não deixa fugir nada, a questão é tu quereres plantar outra vez sendo necessário. Estás a ver, essa gente da universidade, os professores, não conhecem isto, não conhecem o terreno... aqui tens pinheiros pequenos, se fossem grandes, pinheiros adultos, 40 a 50, tu tinhas aí a mesma vegetação, esse mato rasteiro não é? Tu cortas os pinheiros, queimas a lenha, plantas outros e o mato continua ali, e não existe erosão nenhuma

AL: o que eles também diziam era manter árvores maiores, que lhes chamavam os sementões, que eram no fundo aquelas que garantiam a regeneração, a fertilidade, e manter o solo o mais protegido possível para evitar a erosão

TE1: é assim, não foi isso que eu vi, eu trabalhei para um agricultor e eu vi eles a fazer isso e via o que os outros faziam na floresta e não faziam nada disso. Eles chegam cortam 200, 300 ou meio hectare de madeira, porque são árvores adultas e criadas cortam tudo, queimam a lenha e a seguir plantam outra vez, fica ali uma mancha, mas não interessa, mas dali por 3 a 4 anos já as árvores têm 3 ou 4 metros outra vez e já eles cortam noutro lado, e é assim. E se eles fazem isso lá é porque resulta e porque tem de ser. O que é que acontece se tu fazes um desbaste? Para cortar um pinheiro daquele tamanho vais partir uns quantos dos pequenos que estejam no chão, vai ou não vai... e depois vais arrastá-lo com um tractor, não é? O trabalho é feito dessa maneira. Ao arrastar o pinheiro ele vai tocar noutro qualquer que vai ficar e vai arrancar a casca, aquele pinheiro vai ficar ali já com aquela mancha para sempre

AL: pois, mas mesmo que faças o corte raso isso também acontece não é? Tipo, os primeiros que cortares...

TE1: eu agora, quando a gente pode aqui a gente não faz desbaste... primeiro pelo motivo de ter de arrumar a lenha, nós temos que queimar a lenha... como é que tu vais fazer um desbaste e depois queimar a lenha no meio dos outros pinheiros? Estás a perceber? As contradições que essa gente das universidades arranja?

AL: isso de ter de queimar a lenha é que também acho estranho, para mim faz-me mais sentido aproveitar a lenha noutro sítio qualquer do que estar a queimá-la aqui

TE1: não, nós temos de queimar os sobrantes do pinhal, é outra estupidez autentica, obrigar-nos a queimar os sobrantes, e já nem digo do pinhal verde... quando acontece uma queimada não é, o lume queimou tudo, vegetação rasteira e tudo, e obrigam-nos a queimar a lenha do pinheiro não é... mas a lenha do pinheiro se ficar no chão, eles dizem que vai pegar doença a outros pinheiros que fiquem, mas já não vai ficar nada, porque ardeu tudo é para cortar tudo, a lenha já não vai pegar doença a coisa nenhuma... e o quê? E não deixa que aconteça a erosão essa lenha que fica, estás a ver o filme

AL: sim, sim, fica a cobrir o solo

TE1: essa lenha ajuda a travar a erosão. Agora se foi uma queimada, cortou-se os pinheiros e tem de se queimar o que lá está o solo ainda mais desprotegido fica, porque toda essa lenha, seja grossa ou seja fina, fica a travar essa água. Nós hoje é que não temos tempo, uma zona que ali ardeu, nós íamos entrar lá e tu ias ver... com todos esses galhos, alguns que ficaram, porque na época ainda não era obrigatório queimar a lenha ficaram e ficaram a travar a água e tu se vieres às vezes têm um troncozinho assim aí com meio metro e tem ali tudo cheio de terra até à altura dele, porque se não estivesse aquilo ali a terra já tinha ido, até que a vegetação torne a cobrir aquilo

AL: lá está, manter o solo coberto, seja de que maneira for

TE1: eles dizem que por causa do nematode tem de se eliminar os sobranes, ora sendo uma queimada já não há nematode nenhum, já tem que se tirar tudo, já não vai haver nematode nenhum, já não vai pegar doença nenhuma

AL: acerca do nematode não estou muito informada, não sei até que ponto mantendo-se ali a lenha infectada, até que ponto os que vierem ali a crescer naquela zona... não faço ideia

TE1: quer-se dizer, se é que há... o nemátode, dizem que do rio Douro para cima que não há

AL: pois não sei

TE1: foi aquilo que sempre ouvi dizer, que a norte do rio Douro que não há

AL: não sei, mas realmente queimar no local mete em causa muitas árvores, também me parece logico isso que disseste

TE1: é assim, nós no momento não estamos a usar desbaste, nós escolhemos um local e se tivermos com pinhal adulto cortamos ali 200 ou 300 metros e pronto, e fazemos

AL: pois, outra coisa era, imagina que tens assim um povoamento, cortas aqui, cortas ali, mas deixando sempre uma parte tapada não é

TE1: exacto, porque depois as sementes que caem do pinhal ao lado, com o vento caem para o mesmo sítio... vai para o mesmo local que tem o pinhal cortado

AL: sim, mas isso acho que é adequado, mesmo segundo os livros, digamos, porque lá está, porque as sementes dos povoamentos ao lado servem para povoar esse espaço aberto, e por outro lado dão protecção as árvores à volta e cria-se um ambiente diverso também para a fauna

TE1: é assim, mas no que diz respeito a vós no curso, é assim quando lá estás vocês têm de responder aquilo que eles querem, não é? Mas tecnicamente se o teu trabalho for no campo, não é, tu tens de aplicar qualquer coisa que sirva, também não és obrigada a aplicar a um... aquilo que lá está escrito, e mesmo estando a ouvir os professores, não sei se se pode ou não, dizer-lhes “não, possivelmente essa técnica já não está adequada aos dias de hoje” não é... é o que está aí nos livros, eu sei lá quem é que fez isso

AL: para mim um aluno que meta em causa o conhecimento clássico e que é aceite desde tempos imemoriais, e lá está, desde que seja bem fundamentado, se eu fosse professor eu ia achar que esse aluno... era um bom aluno porque não está só a comer aquilo que lhe deram e está a pensar, sem dúvida, para mim si, agora depende do professor que tens à frente e também depende da forma como o aluno defende a sua ideia não é...

TE1: tem que ter conhecimento, para defender aquilo já tem que ter conhecimento do terreno e de campo, não pode falar aquilo à toda não é

AL: claro

TE1: por isso é que aqui assim há muito... é assim, também és, tiraste a tua coisa na área da gestão florestal, há para aí muito engenheiro, mas vós devíeis ir para o campo trabalhar algum tempo no campo, seguir, nem que fosse, sei lá, há tantas empresas, a fazer plantações, não sei que tipo de apoio tendes, ir, acompanhar a fazer uma plantação disto, uma plantação daquilo, não é? Se seguides esse ramo, não é, para a técnica florestal, elaboração de projectos... “tu sabes? Não, vais fazer assim porque eu sei”... não é?

TE1: fomos nós também que fizemos essas indicações...

AL: aah... o que é que é cilhas?

TE1: cilhas é o nome do local, onde tem um miradouro... o que são cilhas, uma cilha é um colmeal, só que o nome aqui local chama-se cilha, uma cilha é um pequeno murado, não é, para aí desta altura que era onde as pessoas tinham as abelhas antigamente quando havia os animais que as comiam

AL: aah, para os ursos não é? Pois é... já me falaram disso

TE1: mas é, o erro maior dos engenheiros florestais é terem pouco trabalho de campo, seguirem as empresas, há tanta empresa... da para fazer plantações de pinheiros, não é? Já sabes, são intensivas, não interessa, haverá outras que não serão, haverá adensamentos... as pessoas que estão a tirar os cursos de floresta deveriam sair para o campo o mais tempo possível

[repito a ideia que muito do conhecimento prático acaba por se ganhar quando com a mão na massa já]

TE1: eu é como te digo, às vezes vejo com cada asneira, formado em área florestal

AL: pois mas muitas vezes é isso, têm a teoria toda

[Chegamos à sede dos baldios da Ermida... o Jorge vai buscar o livro que conta a história da posse dos montes forais da Ermida]

AL: muito bem, esta casa foi renovada por vocês ou já era assim?

TE1: já era assim, precisa de ser renovada, estamos a ver se arranjamós aí um apoio para fazer a remodelação

AL: era de quem a casa? Ah, era a tal escola não era?

TE1: era a tal escola mas foi feita pelos moradores daqui da época, que depois quando isto deixou de ser a escola tomámos conta outra vez disto

AL: já não é a primeira aldeia em que acontece a antiga escola ser a actual sede dos baldios... por um lado é bom, mas por outro lado é uma tristeza não é... já não haver escola

TE1: portanto, isto é uma tradução, foi feito em computador... e isto é a história do nosso monte

AL: ah, isto é o livro que é para mim?

TE1: sim

AL: ah, eu já ia começar a ler rapidamente, ai que bom! Muito obrigada!

TE1: isto é a história do nosso monte, que não é baldio, está a ser gerido por um conselho dos baldios mas não é baldio [...] e portanto isto aqui tem todas as glebas que foram feitas na época, com quem parte, o tamanho... é assim, existe aí muitos erros, portanto isto foi transcrito conforme estava no livro velho, mas isto tem muitos erros às vezes de palavras, mas pronto, é o que está

AL: às vezes são palavras antigas. Que bom! Obrigada! Isto para mim é uma relíquia

TE1: a divisão do monte, está tudo aí

[agradeço o tempo gasto comigo]

TE1: não, e foi bom um dia aparecer alguém que se interesse por isto, porque normalmente não aparece ninguém, pelo menos eu até fiquei contente de alguém mandar um *mail* a dizer que tinha interesse sobre isto, normalmente são só aqueles técnicos dos canudos lá de lisboa que dizem só para lá asneira, mas ainda bem que foi assim, e estou ao dispor para qualquer esclarecimento que seja preciso no futuro, seja para ti ou quem quer que seja, que tudo isso que essa gente fala lá em Lisboa está tudo errado, sobre o que acontece no local... eu falo pela Ermida

TE1: (...) depois existem as águas e a distribuição de levadas, porque também não é à toa, não é, isto não é tudo olhado do satélite “ah, isto aqui é só pinheiros”, não, isto tem levadas de água, onde as pessoas têm os seus dias para regar, que foi outra coisa que não falámos, que não é muito connosco, que a água vem da zona dos rios, e a água é distribuída pelos agricultores já há dezenas de anos, meio dia de água para um, um dia para outro, 2 horas para outro, isto tem muito que se lhe diga, não é só...

AL: e tem de haver gestão de conflitos, capacidade de gerir

TE1: exactamente, quer dizer não existe, nessa área não existe conflitos porque aquilo já está delimitado, sempre foi assim e tem que ser assim, não tem outra maneira de ser

AL: eu vi muitos canos distribuídos pela serra abaixo

TE1: onde

AL: nestes caminhos que a gente fez e assim pela serra abaixo

TE1: foi outra... portanto, isto é assim, foi outra estupidez que aconteceu aqui no local... nós só temos estrada para aqui para aí há 40 anos não é, portanto nem estrada tínhamos, só se ia para a Junta a pé... pronto, isto é a questão da estrada, e das águas é assim, a Câmara nunca se interessou em colocar água às pessoas aqui. Tínhamos aí dois fontanários públicos dentro da aldeia, que já foi do tempo do Salazar, que mandou colocar dois fontanários e a partir daí mais nada, o que é que aconteceu, a partir de 1900 para aí e 75, as pessoas começaram a trazer água dessas propriedades, de nascentes que existem nas propriedades

AL: a trazer para onde?

TE1: para a povoação...

AL: ah, com os tais caninhos?

TE1: sim... e cada cano que tu viste corresponde a um proprietário que trouxe a água da sua propriedade

AL: (RISOS) mas para consumo de casa?

TE1: consumo de casa, porque não havia distribuição de água

AL: e agora já há?

TE1: nem agora, praticamente, há para aí uma distribuição de água aldrabada

AL: ah, aldrabada pelos locais ou por

TE1: pela Câmara que nunca se interessou por essa parte. Não têm contadores, há meia dúzia de pessoas aí a gastar água mas andam para aí a regar plantas e tudo e depois quando chega ao verão a água é pouca e eles continuam para aí a regar plantas e não sei quê não sei que mais e a Câmara nunca se interessou sequer de meter os contadores para obrigar aqueles que gastam mais pagar nem nada, portanto a distribuição de água aqui está assim meio aldrabada, e os tais tubos, é cada tubo que tu viste é de um proprietário que trouxe água para casa, não tem, não tinha outra solução de como ser

AL: mas a água da Câmara chega aqui, pelo que eu percebi

TE1: chega... chega, mas foi explorada também por nós e fomos nós que a colocámos aqui e fomos nós e os anteriores que a distribuímos pelas pessoas, antes da Câmara...

AL: ah, então o que é que a Câmara fez?

TE1: ficou depois com a gestão disso

AL: ah... e cobra?

TE1: no momento não, mas era melhor que cobrasse para haver regra no gasto da água. Depois como não havia distribuição de água já há muitos anos, há 30 anos, os baldios exploraram um sítio e trouxeram a água para aqui e fizeram um depósito que passava aí por aquelas ruas abaixo e tudo, e depois aqui há 10 ou 15 anos a

Câmara é que tomou conta disso, meteu uma rede nova e tal mas acabou por não funcionar na mesma

AL: mas continua a usar aqueles da Câmara

[somos interrompidos por uma menina que quer indicações]

TE1: e é isso, portanto, depois obrigou as pessoas que não tinham fornecimento de águas, as pessoas eram quase todas emigrantes começaram a explorar o seu nascentezinho na sua propriedade, trouxeram-no, e agora tu vêes aqueles tubos todos

AL: mas ainda são usados hoje em dia?

TE1: ainda

AL: portanto têm água da Câmara e têm essa água

TE1: muitas não têm água da Câmara, muitos têm estes tubos, outros fizeram perfurações, existem aqui alguns 30 proprietários com perfurações, mas isso custa muito dinheiro, era muito melhor ter a água distribuída, custa 5000 euros, 6000 euros

AL: fazer um furo?

TE1: sim... estás a perceber, portanto, nós estamos ao fim e ao cabo distantes de tudo... não é? Inclusive eu que tive que fazer uma perfuração para mim, e tenho água também de uma nascente que o meu pai trouxe para casa há muitos anos, que é de nós todos dos irmãos, mas também tenho uma perfuração que fiz, custou-me 5000 euros, há 10 anos

AL: mas pronto, ao menos não vais pagar água por mais uns quantos

TE1: pois, mas era muito melhor se houvesse distribuição, não havia transtorno para as pessoas andarem a procurar outras maneiras de ter o fornecimento. Existem 30 furos, se a Câmara fizesse 2 ou 3 furos e fornecesse água a esta gente toda não era preciso a gente andar com estes transtornos todos

AL: claro, como aconteceu noutros locais... e a luz? A luz já veio há muito tempo

TE1: a luz veio ainda era eu (passa um carro, não se ouve nada) já há 35 anos, eu lembro-me de montarem os postes de alta tensão que tu vêes por ali abaixo, eu lembro-me de andarem a carregar os ferros com os tractores

AL: bom, mas ao menos a tua vida toda foi passada com luz

TE1: alguma, já tarde. Nem televisão havia, ainda me lembro de a gente ir para casa do vizinho ver se havia uma ou duas com televisão há 30 anos. Isto de estarmos longe de uma cidade, ao fim e ao cabo eu estou bem prefiro estar aqui do que estar numa cidade, mas falta-nos às vezes certas coisas

AL: claro... hospital onde é que vão?

TE1: tinha aqui um em Vieira do Minho agora fechou, agora é para Braga, 45 km

AL: urgências?

TE1: só em Braga

AL: grande urgência... 45 km!

TE1: é uma hora quase...

AL: é pela nacional não é?

TE1: sim. Temos o posto medico ali em rio Caldo que é para esta área toda, mas

AL: mas também há serviços que não devem ter não é?

TE1: pronto, aquilo é um [*? não se entende*] dos diabos, os médicos estão super-lotados, lá com os utentes, dizem eles, eu não sei se é se não é, já não vou à consulta há quase 2 anos

AL: mas isso é um pouco por todo o país, acho

TE1: aqui há tempos quis marcar uma consulta só para daqui a 2 meses, mas o que é isto?

AL: o moinho comunitário ainda se usa?

TE1: sim, existe moinhos comunitários de moer o grão

AL: e o forno?

TE1: forno não, aqui nunca foi usual ter forno, cada um tinha o seu, mas moinho de moer o grão e o centeio, o moinho sempre foi de várias pessoas

AL: mas já não se usa o moinho ou usa?

TE1: não... não, mas ainda existe aí um ou dois a funcionar, por exemplo o lagar de azeite, ainda temos o lagar a funcionar, mas como é tudo antiquíssimo, que nem te passa pela cabeça como é que se faz o azeite aqui

AL: tenho de vir cá um dia visitar a aldeia mesmo

TE1: um dia que tenhas... na altura do inverno, quando é janeiro, fevereiro... por vezes fazemos a azeitona, quando há muita, quando não há... possivelmente. Mas normalmente quase todos os anos alguém faz azeite, mas é uma coisa que tu nunca viste e também é uma coisa comunitária da Ermida e onde tem regras de uso, isto não é tudo...

AL: vocês usaram algum dos dinheiros para fazer recuperação dessas coisas?

TE1: os moinhos são de pessoas privadas, isso aí não se gastou dinheiro nenhum, a única coisa que gastaram no lagar foi a meter o telhado, de dinheiro dos baldios, não foi dinheiro comunitário, foi dinheiro dos baldios

Rio Caldo: TR1

AL: Mas pronto, por mim pode ser hoje porque assim já fica...

TR1: resolvido. Já lá vai ter uma acta da tomada de posse da Junta, que foi a votação, 200 e tal votos

AL: foi a tomada de posse do baldio

TR1: aquilo foi lá, houve 2 ou 3 reuniões, nessa acta diz

AL: mas você acha que a gestão é melhor através do povo ou através da Junta?

TR1: eu acho que nem, eu acho que isto havia de estar tudo na mão da Junta, ano tem jeito nenhum

AL: já está não é?

TR1: isto a maior parte não é, a maior parte dos baldios não são organizados. Eu não digo aqui... na Junta a gente tem de apresentar contas. Onde se engloba tudo, onde as contas vão para o tribunal de contas, que tem de estar tudo legal não é, não podemos andar aí a... eu sou apologista de que só prejudica, há divisões nos lugares, por exemplo Vilar da Veiga é... as pessoas nunca estão contentes, que eu veja ali aquela divisão é tudo a mesma freguesia, embora sempre foi assim. Vilar da Veiga, é uma freguesia enorme onde engloba o Lugar da Ermida, onde tem o baldio e as partes do Gerês não ficaram prejudicadas porque não têm baldio

AL: não têm não é

TR1: não, já reparou? A freguesia é toda a mesma, uns têm umas coisas e outros não têm nada. Na adega do Ramalho para baixo não há baldio, para cima não há baldio

AL: mas está na mão de Vilar da Veiga ou não há simplesmente?

TR1: não há, os da Vila do Gerês não têm baldio

AL: nunca tiveram?

TR1: nunca tiveram

AL: ok... onde é que eles iam pastorear?

TR1: iam pastorear lá para as serras lá para cima que é um baldio que só tem direito a pastoreio, é como nós aqui, também temos área lá. Nós temos área lá, que o gado vai daqui em Maio, que temos a subida da vezeira em Maio, dia 15, este ano foi ao dia 17, é uma coisa muito bonita também

AL: pois, acredito... de maio?

TR1: de maio. Fazem aqui a festa ao cimo da subida, eles até são bastante [? *Não se entende*], que é a associação Lírrio do Gerês, que junta depois o gado vêm aqui a Rio Caldo, combinam com as pessoas e fazem a subida

AL: como é que se chama a associação?

TR1: o Lírrio do Gerês. Quem era o presidente era o Miguel que trabalha na Câmara, agora já nem sei como é que está isso, e fazem uma festa ali da subida da vezeira muito engraçada e muito bonita aqui para a região, vai o gado por ali fora, pela estrada fora

AL: e vai gado o quê? Desta região toda?

TR1: de Rio Caldo e de Vilar da Veiga. São sempre cento e tal cabeças de gado

AL: e do Gerês também não?

TR1: do Gerês há pouco

AL: mas também vai nessa...

TR1: vai, vai tudo junto. Aqueles que... há pessoas que não... há vezeiros, porque aquilo é uma associação de vezeiros, que aderem a isso, outros não, outros levam eles

AL: o Lírrio do Gerês

TR1: sim, a associação

AL: que é uma associação de vezeiros

TR1: não é uma associação de vezeiros, é uma associação desportiva que faz esse evento

AL: então mas tinha dito que era uma associação de vezeiros

TR1: a associação de vezeiros... são duas associações... nós temos uma aqui em Rio Caldo que é a associação de vezeiros e outra em Vilar da Veiga, que eles têm os prados lá que se juntam e depois guardam o gado o ano todo lá, todo o ano... de maio a outubro, em outubro o gado desce, está a perceber? Nesta altura de maio a outubro, o gado agora em outubro, agora no final do mês desce para baixo

AL: descem para os currais da

TR1: não, descem para cá para casa

AL: pois, eu chamei curral mas não é curral... vêm para as cortes não é?

TR1: eles agora estão nos currais

AL: pois. Está bem uma associação de vezeiros, não tinha ouvido falar

TR1: há duas associações, uma é de Vilar da Veiga outra é de Rio Caldo

AL: está bem... e faz parte de alguma? Não...

TR1: não, não. Eu não preciso, não tenho gado... mas há pessoas que são vezeiros e que não têm gado. Gostam de ir e vão para guardar, ou vão para limpar os caminhos quando é na altura em Abril, tira-se sempre um fim-de-semana em que vão limpar os caminhos para passar o gado e para passar as pessoas

AL: estava só a dizer que a relação da gestão com a Câmara, disse-me que eles não colaboram muito

TR1: opa eles gostam... chega-se a... quando se faz o plano dos incêndios lá com a protecção civil e essas coisas todas é tudo uma maravilha, só que depois em termos concretos não é nada o que se fala lá porque... embora a nossa freguesia não tem com que se queixar porque tem... os bombeiros vão e muitos dos lados, de muitas freguesias, não fazem nada disso, nem limpam caminhos, nem a Câmara havia de se intrometer nisso, se o baldio não faz eles é que haviam de fazer porque quando não há condições aparece aí o incendio que começa de coiso, se começa e não há meios e se os caminhos não estão em condições de as pessoas irem lá apagar, como é que podem apagar um incendio daqueles? Não podem. Poem-se na estrada a vê-lo a arder. Não vão por em risco a segurança do pessoal por causa dessas coisas. Havia de ser mais activa. Por exemplo a protecção civil havia de em termos de... fiscalizar quando está um caminho impraticável de se passar tem de se arranjar. Se o baldio não tiver possibilidades a Câmara que o faça, porque senão nós daqui a pouco ardenos tudo. Nós aqui temos tudo controlado graças a deus, temos a equipa de sapadores, temos uma máquina retroescavadora que a comprámos logo no primeiro mandato que tivemos e que nos vai fazendo as coisas, porque se fosse a apagar deus me livre.

AL: e quem é que faz? Quem é que maneja a máquina?

TR1: temos um dos sapadores.

AL: e por exemplo, agora estou aqui a pensar, vocês recebem bastante menos em termos de ITI só por serem Junta. Só por isso não valeria a pena serem CD em vez de Junta?

TR1: já pensámos nisso, mas depois há ali uma confusão tamanha... isto... não sei, não faço ideia. Já pensámos nisso, até já pensámos fazer englobado entre assembleia da Junta e a coisa mas isto agora também houve alteração, vamos ver

AL: ah, por causa dos apoios

TR1: dos apoios, vamos ver se vale a pena se não vale. Até aqui ainda não nos metemos nisso porque isso dá uma trabalhadeira enorme, as Junta já dão muito trabalho, os baldios então, deus me livre

AL: pois, pois. Por outro lado até era bom nesse aspecto, estou eu a dizer que não percebo nada do assunto

TR1: em termos financeiros

AL: em termos financeiros e se calhar em termos de gestão porque ao menos eram dois corpos diferentes e geriam, bom, não sei, estava há bocado a dizer que acha que era melhor ser gerido pela Junta não é?

TR1: acho, acho porque as coisas tornam-se mais transparentes, que eu não digo que nos baldios não seja, aqueles que são organizados. Mas em tempos não estavam nada organizados, agora não sei, em tempos era uma miséria autentica... era uma miséria autentica e... coisas muito graves que... sabe que o dinheiro, o dinheiro transforma as pessoas e o dinheiro fácil e... e às vezes, há CDs que só trabalha uma pessoa de resto só estão para ali a encher... nem reuniões, nada. Então o d Ermida nem... o da Ermida só agora é que tem, porque nem reuniões faziam, nem reuniões faziam... isso é grave, devemos estar dentro da Lei, o máximo dentro da Lei porque isto não está nada, porque da maneira que as pessoas apertam, da maneira que isto está... e acho bem que as pessoas sejam responsabilizadas pelos actos que cometem

AL: claro, claro. Vocês como é que fazem, as reuniões são só de compartes ou... ou seja, as reuniões de freguesia são reuniões de baldio, são reuniões de quê?

TR1: fazemos tudo, quando é reunião de algum problema do baldio vem toda a gente, quando é Junta e assembleia

AL: sim, mas chama-se o quê? Assembleia de freguesia? Assembleia de compartes? Por exemplo, quando fazem o edital...

TR1: faço Assembleia de Compartes da freguesia, não faço do lugar, faço da freguesia inteira

AL: ok... e há alguma assiduidade da parte das pessoas?

TR1: ninguém aparece

AL: pois

TR1: ninguém aparece. Um ou outro ou por vezes para resolver algum problema de alguma agua ou de algum fulano que está a explorar uma água sem coiso, se pusermos não há quem...por isso é que lhe digo, não há quem se mexa, aqui é uma freguesia que não é muito... como é que lhe digo, não é muito unida, está a perceber? Nós temos um problema grave nos baldios porque cada um é ... não é só aqui nesta freguesia é em todos os baldios, onde estiver um proprietário que tenha um terreno encostado ao baldio dificilmente não roubam terreno ao baldio, isto acontece em Vilar da Veiga acontece em todo o lado do mundo. Se a gente... nós ultimamente aí com alguns compartes que têm terrenos à beira, e alguns que lhes foi cedido terreno para construir, que agora não é possível que agora não há legislação não há lei que.... Nós se quisermos dar um terreno a um pobre para fazer uma casa não há lei para isso, não podemos dar

AL: mas acho que é só se for construções que interessem a toda a comunidade

TR1: só se fizermos um...

AL: se tiver colada ao baldio essa zona

TR1: não, não é possível, o terreno baldio não pode ser dado, não pode ser registado como usucapião, não pode ser nada. Você não tem terreno legal, a única coisa que pode fazer é um projecto onde... mas também não vejo lei que, segundo isso, é uma lei que não está ali ainda bem explícita

AL: mas há lá uma alínea que permite fazer construções em terrenos contíguos ao baldio, caso haja consenso a nível dos compartes e caso seja, ou para expansão da área urbana ou para construções que interessem à gestão

TR1: mas agora para resolver um problema, porque as pessoas é assim, porque as pessoas vão por aí fora e onde puderem apanhar apanham. Nós agora em certas zonas já fizemos um caminho em toda a volta com a máquina, dali para cima já não passam, porque onde não há um caminho as pessoas [? Não se entende], é só fazer...

AL: pois

TR1: porque ninguém se quis chatear em tempos e agora vou-me eu chatear porque, as pessoas já estão ali há 15-20 anos, essas coisas, e agora o que é que eu vou fazer? Andar em desacato com as pessoas se as outras pessoas não fizeram o dever delas? Agora não sou eu... agora remedeio em partes. Fizemos marcos, falámos com as pessoas “até onde é seu? É até aqui?” Fizemos uma divisória para parar por ali senão deus me livre

AL: isso em todas as povoações fizeram isso?

TR1: em algumas... em algumas que estavam mais em zonas críticas

AL: nesse aspecto, vou pensando À medida que vai falando, não era interessante nesse aspecto ter um CD em cada povoação no sentido em que há essa proximidade e

TR1: as pessoas aqui não se interessam muito por isto

AL: pelo baldio?

TR1: pelo baldio. Aqui se não fosse a Junta estava tudo abandonado por aí, está a perceber? Porque as pessoas aqui na freguesia não são muito... deixam andar, são pessoas muito pacatas que não se interessam

AL: mas usam-no... ou não?

TR1: usam aqueles que usam. Aqueles que mais usam são aqueles que moram lá à beira, ou vão buscar lenha ali ou acolá, pessoas daqui de baixo, nem se interessam por isso. Antigamente interessavam-se porquê? Porque não havia mais nada, está a

perceber? E havia muito gado, muitas coisas, e então você ia e você não via uma vegetação, estava tudo comido por aí fora, agora desde que veio este...

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] Essas áreas, portanto, esta questão do baldio, enfim, as várias tentativas que têm feito para mudar a lei, portanto, quem pretende mudar a lei, é no fundo para tirar os baldios às pessoas e pretendem que haja alguém a tomar conta delas também, não é para ficar, que o Estado não quer nada. Ou seja, o Estado hoje dispensa tudo, assim como nestas áreas florestais e enfim, tomara eles que ponham alguém a tomar conta destas coisas todas só para não ser... dizer que está a cair e que a culpa é do Estado. Tanto que as pessoas... por exemplo, entregar isto a privados... o que se teme aqui... o que eu por exemplo temo, com algum conhecimento disto o que eu temo aqui é o seguinte, é que o que leva realmente a... sem ser por lei, a acabar com os baldios é o desinteresse que as pessoas mostram em relação aos baldios, porque, por exemplo, nós sentimos hoje que, por exemplo, os jovens nem sabem o que isso é... não sabem o que é uma assembleia, não sabem o que é nada, não sabem o que é uma assembleia, não sabem o que é absolutamente nada. E portanto isso é realmente o maior perigo para os baldios acabarem. Sabe que por exemplo as grandes lutas dos povos na altura pelos baldios era a necessidade, eram as necessidades que eles tinham. E essas necessidades hoje não existem, e as necessidades eram os matos para as cortes, não é, para os gados, e era as lenhas, e era portanto os frutos, como... sei lá, como hoje são proibidos na zona florestal, nos baldios não, mas por exemplo aqueles, os medronhos, não é... portanto, quando... os agricultores que não tinham trabalho, portanto só tinham aquelas épocas de trabalho quando havia trabalho, das lavouras, mas tinham aquelas épocas em que não tinham que fazer, não tinham onde ganhar dinheiro e por exemplo iam apanhar medronhos e depois faziam aguardente do medronho para vender e depois iam àqueles frutos, também que são frutos silvestres, não era, aquelas peras bravas e aqueles frutos que existiam e portanto era isso... e lenhas também, e era isso que realmente os compartes tiravam algum benefício e tinham algum interesse. Hoje como se sabe ninguém precisa de matos, não é, ninguém quer matos para nada aqui, ninguém tem animais, matos ninguém quer, portanto é assim, os jovens também não sabem muito bem o que isso é, depois houve outras alturas em que, mesmo depois de se deixar de utilizar esses, esses... minérios, que eram o mato e os frutos e isso, portanto apareceu depois outra coisa que era as madeiras. Apareceram as madeiras, as madeiras começaram a valer dinheiro, coisa que antigamente não valiam nada, repare que por exemplo nós temos aqui em Vilar da Veiga por exemplo, em 1920 foram... o monte era tanto e tanto valor, e daí é que nascem os baldios... portanto tinham tanto valor que foram distribuídas quatro coutadas por cada habitante

AL: coutadas é tipo o quê? Propriedade particular?

TV1: é tipo uma.... tipo um monte, um terreno, uma... uma montanha, uma... uma coutada, portanto digamos que é uma área de terreno, um monte onde hoje tem pinheiros e eucaliptos e o que de lá vier, mas antigamente estava tudo não havia nada, portanto teve de ser tudo plantado, não havia nada. Portanto aqui não havia nada. Depois com os ventos e tal lá vieram as sementes e lá acabaram por semear noutros lados. Mas nesta zona não havia floresta nenhuma, e quem começou a plantar e a semear foi depois os SF é que fizeram essa coisa. Mas quer dizer, quando

distribuíram essas áreas pelas pessoas foram distribuídas 4 glebas de terreno a cada [? *Não se entende*] na ordem dos 7500 m² cada uma delas, cada uma, portanto eram 4

AL: distribuíram a 4 pessoas? Quatro famílias

TV1: não, 4 coutadas por pessoa, por famílias... portanto, são cerca de 30000m² por família. Mas o que é certo é que aquilo não servia para nada, não havia lá nada. A única coisa que hoje podemos dizer que, aqui e nas outras zonas do país, quem tem essas coutadas todas são os “negocieiros”

AL: os?

TV1: os merceeiros, as pessoas que tinham as mercearias. E portanto as pessoas iam lá buscar 100 gramas de arroz, mais 100 gramas de açúcar, mais 50 gramas de café, mais não sei quê, não sei quê, e tal, e depois era a fome, não havia dinheiro, portanto estamos a falar em 1925 ou 30 ou por aí, não havia dinheiro, não havia nada, portanto e as pessoas iam, portanto, naquelas medidas as pessoas iam nessas mercearias, na altura havia aqui 4 ou 5 mercearias e hoje esses 5 merceeiros, hoje são os maiores detentores desses terrenos todos

AL: mas eles pagaram pelas coutadas?

TV1: eles pagaram com aquilo que lhe deram. Portanto as pessoas não tinham dinheiro para ir buscar as coisas à mercearia, e depois iam buscar as coisas mas também... não tinham dinheiro para ir buscar, a coutada também não valia nada porque não tinha pinheiros para vender, não havia lá nada e depois ainda era longe, não era... não havia nada. E portanto as pessoas iam às mercearias, iam fazer as suas compras das necessidades que tinham, embora fosse tudo às colherzinhas, às medidinhas, não havia... e portanto e era para apontar no livro, porque é assim, queixam-se muitas pessoas que realmente se apontou demais, não é, que se apontou vezes demais, mas também o que é certo é que também foram eles que mataram a fome às pessoas porque senão de outra forma não conseguiam. E depois aquilo também era simples, é que por exemplo, as coutadas tinham... no final do ano tinham 5 cêntimos, não 5 centavos, que isso hoje, 5 centavos que já nem sei quanto é que é 5 centavos... de contribuição. Se porventura não pagassem esses 5 centavos no final do ano, é como ir às finanças pagar o IMI por exemplo, se não o pagar hoje aparece-lhe multa e não sei que mais e tem de pagar. Na altura se não pagasse esses 5 centavos de imposto essa coutada era logo rematada, ou seja ia ser vendida em hasta pública. Quem não pagou, por exemplo se aquele dinheiro é para pagar por 3, não tem quem paga pela 4^a, portanto aquilo ia logo a leilão e portanto, e hoje vê-se no livro da Junta, da Junta e... há vários, eu tenho também no dos baldios, e portanto e vê-se lá, o senhor Manuel ou António tinham 4 coutadas, hoje só têm duas, mas vai-se ver nas duas que foram rematadas, estava lá escarrapachado, o senhor não teve dinheiro para pagar os 5 centavos e portanto aquilo foi rematado e depois passou para outro, e portanto foram realmente as mercearias que ficaram com essas coutadas

AL: tipo dívidas à mercearia então recebiam as coutadas

TV1: é assim. E pagavam... pagavam a despesa, pagavam o que tinham que pagar, não é? os tais 5 centavos e ficavam com aquilo, ou então diziam assim: “olha lá, tu já tens aqui uma conta, a coisa já é grande portanto olha como é que queremos” prontos e lá faziam um papel para ficar com as coisas, e foi por aí. Porque não tinham, as coutadas não tinham valor nenhum, porque não tinham lenhas, não tinham... não serviam de nada, era só monte quer dizer... o que é certo é que elas foram divididas, portanto 4 glebas por cada pessoa. E na altura havia 3 pessoas no Gerês que também elas foram divididas, só havia 3 habitantes na altura no Gerês, daí que a parte do Gerês não tinha ninguém para reivindicar e o presidente da Junta de Freguesia daqui de Vilar da Veiga que andou portanto desde 1920 até 1948 em tribunal, e o Estado sempre a... enfim, a, sempre a contestar, ele ganhava sempre mas depois o Estado era fácil de impor-se e apelar novamente por..., mas no tribunal constitucional é que foi realmente decidido. Mas ele também só lhe interessou também esta parte, estes terrenos aqui foram aqueles que eles resgataram para eles

AL: e os do Gerês não?

TV1: e o Gerês não tem nenhum, quer dizer o Gerês a única coisa que tem é por exemplo, lenhas e essas coisas todas tem de pedir aos SF. Ou seja, por exemplo, se o baldio, se as pessoas dos compartes dos baldios daqui de Vilar da Veiga se quiser lenha, tractores de lenha ou quê, vêm ter com o presidente e pedem o que querem e dizem em que sitio é e vão ver e portanto, passam uma requisição para eles poderem ir buscar aquela lenha

AL: os compartes do próprio baldio não é?

TV1: do baldio! Nós passamos aos nossos, os da Ermida passam aos deles, para poderem ir buscar a lenha, e portanto é nesse sentido. De resto o que se está a salientar aqui mais é que quando houve realmente portanto o baldio da Ermida, não, de Vilar da Veiga, e depois da ermida também quando se impuseram e legalizaram esta parte toda, passaram a trabalhar depois, neste caso nós, os de Vilar da Veiga trabalha em cogestão com o Parque Nacional, ou seja, ou seja, nós somos o baldio, eles são o Parque e portanto eles têm 40% das vendas, neste caso dos lucros, e das despesas – devia ser, mas não é – portanto é só para os lucros. Mas portanto aqui eles fazem a fiscalização, têm os vigilantes fazem a fiscalização, deviam arranjar os caminhos mas também não arranjam assim muito bem. Deviam com participar os projectos que nós fazemos muitas vezes em florestação e em limpezas, mas também não fazem nada disso. E portanto essa cogestão é mais dizer assim “pronto, se nos não tivéssemos o parque como cogestor tínhamos de ter uma equipa de fiscalização, tínhamos que, por exemplo, se quiséssemos fazer um corte de madeira também não era de qualquer maneira, tinha que se ter um técnico, tínhamos que avaliar quantos pinheiros iam sair daquela zona, o que é que ia sair, como é que se fazia, é simples... nós quando queremos fazer um corte de madeira tem que se pedir realmente ao Parque, ao IC... neste caso, já não é Parque é ICNF, para dizer que queremos fazer, e depois eles têm técnicos para ir marcar e ver de onde é que deve sair, pronto, para ter a coisa mais controlada. E na questão da fiscalização também. Mas esta parte foi a que gerou muitas das confusões por isto: porque os baldios foi uma coisa que prontos, foi formada a partir de 1976, e prontos, mas foi muito as pessoas da altura, de idade, que prontos, que conheciam os montes e que sabiam disto tudo mas que... havia um problema com eles, é que pronto, eram pessoas de idade que tinham todas

as influências, por exemplo da igreja, tinham todas essas influências, e as influências é que, e aí é que se estragou muito dinheiro, é que por exemplo é que tinham... portanto, as assembleias ainda hoje não conseguimos fazer nenhum sem ser ao fim da missa, se quisermos marcar uma para a tarde ou para a noite não aparece ninguém, têm que ser todas no final da missa. Depois têm que ser todas muito rápidas e mesmo que haja um problema grave para resolver nas assembleias tem que ser tudo muito a correr porque portanto... praticamente vão só mulheres, e depois têm que ir a correr para ir fazer o almoço e depois não sei quê, e tem esse problema todo. Ora estas coisas todas deu azo realmente a estas desconfianças e a estas obrigatoriedades de apresentar contas, quer dizer, de haver uma contabilidade, as pessoas usavam os cargos sem saber bem portanto, naquela... em rigor da lei o que é a assembleia, o que é o CD, o que é o conselho fiscal, quais são os poderes de cada, portanto não... entendem aquilo à maneira deles só, e depois foi como lhe disse, foi a diferença de se fazer por exemplo... de abater por abater, na altura não havia incêndios, mas abater árvores para arranjar dinheiro para as obras da igreja. Portanto tudo foi gasto nos adros da igreja, portanto um padre vinha fazer assim, o outro vinha e queria fazer diferente, depois queriam o dinheiro e depois andavam sempre naquelas coisas todas, e as pessoas eram sempre aquelas depois ao por em assembleia as pessoas da igreja, o padre aconselhava as pessoas a irem à assembleia e porque era preciso dinheiro para isto, ou seja, sei lá, nós temos aqui o exemplo em Vilar da Veiga que os últimos 4 padres que vieram para aqui alteraram todos a residência, portanto um quis a residência em madeira e o outro, ela era em pedra, um quis em madeira...

AL: ah, a residência casa! Pensava que era morada

TV1: a residência casa! A casa deles. Quer dizer, tinham uma adega, porque antigamente os direitos paroquiais eram pagos com géneros não é, portanto o lavrador tinha de dar um cântaro de vinho, dois cântaros de vinho e mais assim uma rasa de milho, essas coisas, o centeio ou não sei quê... e o padre tinha de ter uma adega para guardar essas coisas, porque ele não podia vender, porque as pessoas iam lá levar-lhe essas coisas, depois deixaram de... prontos, deixou de se ter milho, deixou de se ter cereais e vinhos e então passaram a dar um dia de trabalho, pagar um dia de trabalho. Pagar um dia de trabalho então davam-lhe em dinheiro aquilo que eles ganhavam. Quer dizer que havia a adega mas o padre por exemplo tinha lá a adega com os barris que era de por o vinho e aquelas coisas todas, quis por tudo para fora e portanto quis por tudo, era tudo em pedram, quis por tudo em madeira. Depois veio o outro a seguir tirou tudo para fora e quis tudo outra vez em pedra, depois veio outro e quis em madeira

AL: e quem é que paga isso?

TV1: eram os baldios. Depois eles só dizem que é para fazer, depois propõe-se, o povo é que levanta o dinheiro “sim senhor, sim senhor”, e portanto gastaram-se milhares e milhares e milhares de contos em obras... imagina que era logo naquela igreja ali e que era assim, depois no fim diz que a obra não ficou bem-feita é preciso fazer outra vez, prontos, e agora houve realmente essa coisa em que houve desconfiança, dos pinheiros, que foram gastos e que não foram justificados, quer dizer não foram justificados porque não houve... não há nada escrito aquilo que apareceu e tal. E daí a esta parte, eu já tinha experiência em outras coisas quando

em 2010 tomei posse, mas quer dizer, havia realmente esta diferença, é que as pessoas gastavam por gastar e era o que lhes mandassem gastar, quer dizer, não havia ali... quer dizer, fizeram coisas, no meio do monte um parque desportivo, por exemplo, aqui no meio do monte do baldio, gastou ali 30 000 contros num polidesportivo que hoje não... nem as cabras lá passam, quer dizer, enfim, tudo coisas assim muito mal-arranjadas. Todas estas encruzilhadas que se fazem em relação a tentar mudar a lei, como é evidente olhe, aqui fácil seria acabar com os baldios, não é? Aqui nestas áreas... porque, como está a ver aqui nesta freguesia nós temos o Gerês, a Ermida e Vilar da Veiga, se houvesse aqui um referendo por exemplo dos baldios, por exemplo, quando há qualquer coisa sobre a lei dos baldios que é preciso contestar e protestar e tudo, portanto, eu nem digo nada, e às vezes as pessoas até do partido que eu represento ficam todas zangadas porque é que eu não faço, porque é que eu não vou e porque é que eu não arranjo e não me vou manifestar e não arranjo pessoas para a manifestação e não sei que mais... porque isto aqui era a coisa mais simples, se a gente fosse falar aqui, mesmo aqui na freguesia, na freguesia quer dizer, na meia freguesia onde há baldio e falar dos baldios toda a gente diz assim “iiih, ao tempo é que isso devia ter acabado”

AL: a sério?

TV1: sim, portanto isto é... os que estão comigo agora... pronto, desde 2010 sim, mas os que eram do outro lado estão assim “oh, há quanto tempo isso devia ter acabado”. Chegamos à Ermida, onde houve também eleições há... e depois houve também alguma promiscuidade, por exemplo houve alguns dirigentes que chegaram a estar aos 12 e 15 anos sem fazer eleições não é, estiveram assim tempo seguido sem fazer eleições e sem prestação de contas, sem nada, portanto isso...

AL: antes da nova lei, claro... claro, a nova lei só teve início o ano passado

TV1: desde sempre, já desde sempre, e portanto essas coisas também foi uma coisa que também não foi muito bem conseguida. [...]

TV1: [...] No concreto é como lhe digo, a juventude não está preparada... portanto, esta juventude não foi metida, já há muitos anos, pelas pessoas antigas que criaram os baldios, que muitas delas não são vivas, mas criaram-no assim de uma forma sem se aperfeiçoarem, sem ver enfim, mais além não é, ver assim mais longe, porque ainda hoje o que está em causa é aquele que está a tomar conta daquele bocado e que devia e que é preciso tirá-lo e que fazia e que não sei quê, e portanto hoje a lei permite mesmo que se alugue ou que se dê, esses bancos de terras, mesmo a nova lei prevê essas coisas, portanto aqui ninguém veria com bons olhos deixar fazer este aquilo ou alugar para fazer e não sei quê, e depois as águas e não sei quê, que é uma coisa muito confusa para quem não entrou neste ritmo, que eles têm. E depois os CD também nunca souberam muito ver esta composição da lista, saber como é que ela funciona, quem é que faz parte, quem é que tem os poderes e quem é que os utiliza, e portanto aqui é sempre... o que se vê sempre nisto é que na lei o que aparece logo no primeiro plano é que o presidente da assembleia é o órgão máximo e não sei quê e desde sempre que aqui, mal visto, mas portanto achou-se sempre que o presidente da assembleia é quem manda mesmo, é mesmo o órgão máximo, quando ele é o que

manda menos. Porque é assim, já neste último, era ele que abria e fechava as assembleias, abria e fechava... mas quer dizer, a dada altura disse-lhe, então, mas afinal você estava lá e quer dizer, quando devia ser... o nosso representante dos compartes é que devia estar para defender os compartes e afinal o senhor é que está aqui a dizer... quer dizer, o conselho directivo, o presidente do CD, que tem o nome com ele não é, o gestor do baldio é o CD, é ele que manda, é ele que poe e dispõe, é ele que passa cheques, é ele que paga, é ele que faz... ele, com as assinaturas, mas enfim, confirme as deliberações dos compartes, mas o CD é para todos os efeitos ele que tem a maior responsabilidade, é ele que tem de gerir o baldio, depois há o conselho de fiscalização realmente para fiscalizar, muitas coisas pode ser no monte, mas também pode ser para fiscalizar o que está, enfim, o que é que está a fazer o presidente do CD, a ver se ficou na assembleia combinado ou marcado que o caminho era para ali e ver que o presidente não esteja a fazer para acolá, quer dizer, nesse sentido o conselho fiscal fiscaliza e vê o que é que o CD está a fazer. Isto depois de tomadas as decisões na assembleia munici... na assembleia de compartes, pois se ficou deliberado que é assim, pois é assim. Se é para fazer um corte de madeira em tal lado é para fazer lá. Se não ficou marcado que se vai fazer nenhum corte, não se vai fazer nenhum corte, é para isso que eles fazem, que eles são esse conselho de fiscalização. O presidente da assembleia é no fundo, o presidente da assembleia tem um nome, é como qualquer outro presidente de uma associação, quer dizer, é presidente daquela instituição quando ela estiver reunida, ou seja, era o que mais faltava, mas também pode ser qualquer outro, também pode ser um dia um, no outro dia outro, era o que mais faltava por exemplo numa assembleia de compartes, entrasse para o meio da sala sem saber quem é o órgão máximo ali dentro, o órgão máximo é efectivamente o presidente da assembleia e é o que está na lei, mas eles tomam aquilo por "é o órgão máximo, é ele que manda nos baldios", mas não manda nada, só manda naquela hora, naquele local adonde estiver a decorrer a reunião, por isso é que ele dirige os trabalhos, não é, dirige os trabalhos como qualquer presidente da assembleia, só... só faz isso, portanto quando a sala, quando se der por encerrada a assembleia, portanto, o presidente já não tem poderes nenhuns. Os poderes que ele tem é depois passado, por qualquer motivo, aparecem 5% dos compartes a pedir ao presidente da assembleia de compartes a pedir uma assembleia extraordinária alegando várias e com os 5% das assinaturas, alegando que o presidente do CD fez isto ou aquilo ou... enfim, para chamar.... Assim como o conselho fiscal, também pode fazer isso, para chamar, convocar uma assembleia, para chamar no dia x às x horas o presidente do CD para tomar essa, enfim, para esclarecimentos, para prestar esclarecimentos. E essas são as coisas que eles não encabeçam isto, de tal forma que nunca viram isso. Acham sempre... pronto, na Ermida, como lhe digo, eu ... agora há 2 anos é o Jorge, mas por exemplo, os outros durante 12 anos a assembleia é que fazia tudo, é que mandava, que pagava, que assinava os cheques, é que fazia tudo. E não pode, não é assim... e criaram esses problemas todos, e são todos ladroes, roubam tudo, e depois dizem que todos os acusam de roubar, e depois vão todos abrir caminhos para aqueles sítios só porque tinham lá as coutadas deles, e depois querem... quer dizer, é sempre essas confusões que nós não... que não são bem entendidas. É claro que

AL: mas isso é em qual baldio? É em todos, ou no seu, ou em qual... ou no da Ermida

TV1: isto aconteceu, isto aconteceu, isto aconteceu aqui, acontece no da Ermida... e acontece ainda hoje em muitos, eu não... comigo nunca aconteceu porque já desde o início... eu já tinha também outra preparação para estas coisas

TV1: [...] Hoje há este desinteresse, as pessoas dizem assim “ah, nós não precisamos de ser representados, somos representados nós, nós não precisamos de lá ninguém, estamos bem representados e tal...”, mas quer dizer, depois a gente chega lá e vira-se também chateado, quer dizer, também com tanta coisa é difícil, a gente não se vai por a pé para ir à missa porque é cedo, depois tem de se por para estar ao fim da missa por causa da assembleia, chega lá não está lá ninguém, também, para estar lá meia dúzia de gatos pingados, a gente também fica chateado, acha inglório, aquilo que a gente... se há qualquer coisa sobre a lei dos baldios, é em Vila Real, a gente vai a Vila Real, se for em Vila Pouca a gente vai a Vila Pouca, depois tem que ir à assembleia da república, vai à assembleia da república, depois anda para trás e anda para a frente e depois as pessoas, quer dizer, nem sei se as pessoas lhe dão apreço, se lhe dão apreço, mas é o que eu dizia, por exemplo, houve uma manifestação “ah, não arranja aí tempo, há uma manifestação”, disse “não consigo, não consigo porque eu se for ter com alguém diz-me “ah, ao tempo que isso devia ter acabado””. “olha amanhã é preciso participar numa manifestação pelos baldios”, “ao tempo que deviam ter tirado [os baldios]”. Quer dizer, eu se fosse falar às pessoas eu sabia que elas iam responder assim

AL: não se sente apoiado aí?

TV1: não, quer dizer, não é por ser eu, é porque as pessoas não ligam nenhuma. As pessoas estão... é assim, a necessidade que elas tinham, que mais tinham dos baldios era quando eles valiam menos, mas valia para elas, porque elas precisavam das lenhas, dos matos, dos frutos, e pronto e era dessas coisas que elas viviam e era isso que lhes fazia falta, que havia ali aquele intervalo de não terem que fazer para ir aos medronhos. Depois havia também aquelas alturas dos agricultores, não é agora aqui nesta... prontos, não é assim aqui... mas já quando os baldios pertenciam à freguesia, faziam parte da freguesia, não vamos dizer agora que precisam de ser geridos pelo CD, mas quer dizer, quando faziam parte da freguesia não é, ainda existia a aldeia lá debaixo da água, e portanto se hoje isto é assim, mas depois lá no fundo na barragem a 100 metros era plano, ou seja as agriculturas só não eram feitas por tractores porque não havia tractores na altura, porque hoje estas pequenas agriculturas, os tractores é que se adaptaram aos terrenos não é, não foi os terrenos aos tractores. Porque é assim, dantes havia tractores sim, mas quer dizer, agora mesmo nestes terrenos pequeninos aqui são lavrados com tractor, mas é o tractor que se adapta ao terreno, que é um tractor pequenino. Agora por exemplo, já antigamente lá em baixo antes da barragem, já era veigas e veigas e veigas, aquilo já dava para hoje andar lá de tractor dias e dias e dias a lavar aquelas terras porque lá em baixo é que era a agricultura e as casas e tudo em pedra, e os cemitérios e igreja e tudo, lá é que havia agricultura. Quando a água cobriu tudo as pessoas deixaram de precisar das coisas, porque naquela altura havia ali meses a fio, que as pessoas iam roçar mato, meses a fio, em que os agricultores e os ?? todos iam roçar mato, pediam mato... eles já eram

donos de muitas propriedades, mas mesmo assim pediam matos aos pobres a quem lhe tocou aquelas coutadas, a quem lhe foram dadas aquelas coutadas, pediam aos pobres para lhes deixarem ir lá buscar mato, portanto aquilo andava tudo a pedir para lhes deixarem ir buscar mato, como é que havia de haver incêndios nessa altura, porque é ver que os agricultores roçavam o mato deles e andavam sempre a ver quem deixava roçar também e andavam meses a fio a roçar e meses a fio a carrar para fazer tanto para os animais

AL: e não iam ao baldio também buscar mato?

TV1: pois, também iam ao baldio mas eles juntavam tudo não é. Mas portanto está a ver que os baldios, o baldio por exemplo é cá em cima e aquilo era lá no fundo não é, portanto era muito... mas mesmo assim o interesse que as pessoas tinham era muito naquilo, e aí ainda havia um certo interesse, a partir daqui toda a gente deixou de ter gado, e de precisar de lenhas e de precisar dessas coisas todas, os únicos que realmente hoje estão interessados são aqueles que precisam de fazer candidaturas e não têm terreno, de resto... na altura na subida do gado houve também aí uma altura em que o povo pareceu que estava assim a querer-se juntar e a querer-se unir portanto quando foi na altura do plano de ordenamento do Parque Nacional, sobre o novo plano, sobre a proibição e sobre muitas coisas entre as quais a pastorícia, o pastoreio por exemplo estava ameaçado [...]

AL: então mas perante esta situação o que é que move pessoas como o senhor Alexandre a meterem-se na gestão dos baldios? O que é que o leva a dar o corpo ao manifesto?

TV1: bem, olhe, o que é que me leva a isto é no fundo saber que, digamos... as direcções costumam estar por volta de 10 anos, e até aos 10 anos vai tudo bem e junta-se sempre aquela... aqueles apoiantes, aquelas coisas, e depois, 10 anos, começa toda a gente a dizer mal, são muitos anos e começa tudo... e depois a gente é chamada às vezes, portanto participando nalgumas assembleias, e depois também é mal tratado, porque as pessoas também não sabem muito bem, se se lhes faz uma pergunta já estão a pensar quer dizer, não estão preparados para responder à pergunta, e depois querem fazer as coisas assim, e depois às vezes a gente sente-se sentido, assim por uma resposta que nos é dada, como comparte, quando às vezes ponho alguma questão e vinha o presidente da assembleia dar a resposta e o presidente da assembleia é que está preparado para responder a tudo, e eu disse "bem, isto não pode ser, porque isto não é interpretado... de tal forma a lei que... por exemplo, eu estou aqui a fazer uma pergunta e eu estou a fazer a pergunta e estou a fazê-la ao presidente do CD, se o presidente do CD não me responde correctamente ou se eu não estou devidamente informado, enfim se não estou convencido ou se ele não me convenceu da resposta, se não interpretei bem a resposta que o CD me deu, o presidente da assembleia por sua vez, será por sua vez o garante de que eu vou ter de ser esclarecido, ou seja, deve certamente, pronto, dizer ao presidente do CD que me responda outra vez ou que... mas não, como era ele a responder não é, já não havia mais ninguém que o obrigasse a ele a... sei lá, a dar-me alguma resposta sobre alguma coisa". Isto era por exemplo sobre umas limpezas que ele, olhe primeiro começou já por aqui, por exemplo nós temos realmente uma equipa de sapadores

que somos protocolados mas realmente é da ADEFM⁶³ essa equipa e que realmente na altura os baldios podiam se candidatar a essa equipa, portanto e eram eles que faziam candidaturas, e a candidatura podia ser do baldio como podia ser da ADEFM, e portanto quer dizer que a ADEFM recebe 8750 euros de 3 em 3 meses pela equipa, não é, portanto esse dinheiro podia vir dinheiro para o baldio, claro que dava mais trabalho, dava mais trabalho a quem está nisto, ter de fazer a gestão destes dinheiros que vêm, portanto, e para eles era mais simples não fazer nada, era só mandar fazer um caminho e uma máquina e estava feito e arrumado, para eles era mais fácil, mais simples, essa... e pronto, quando às vezes eu questionava de certa forma a gestão que eles estavam a fazer e depois nenhum sabia o que estava a fazer nem o lugar que ocupava, pronto, e dali houve realmente uma...

AL: na altura ainda do outro CD...

TV1: da outra direcção, sim. Quanto mais assim, a tentar... porque toda a gente diz “opa, aquilo não pode ser...” “então, mas eles é assim, olha, passa pela sorte deles, pela do irmão, do primo, passa por ali...”, depois, quer dizer, a gente não está dentro do assunto e quer dizer, depois começam uns daqui “epa, mas então não fazeis nada” “epa, não sabemos, não sabemos como é que havemos de fazer...” então... às vezes a gente é levada assim a ver o que é que se passa não é, a ir ver o que se passa, mas quando vai ver o que se passa já eles sabem que a gente vai, não é, já eles estão informados que vai lá fulano, que vai perguntar, que vai fazer...” [...] alguém que estivesse habituado assim a manter o dialogo, a questioná-los, até a provocá-los, não têm essas coisas, não tinham essa bagagem. E prontos, e depois dali quer dizer, a coisa começou ali a... a assembleia... eles também não faziam assembleias nenhuma, (...) ... e depois houve uma altura que... prontos, eu propus até na altura a substituição do presidente da assembleia porque não representava os compartes, enfim não olhava pelos compartes, porque se nós queríamos saber ninguém nos respondia, nem ele obrigava ou deixava que nos respondessem, em vez de obrigar a que as respostas nos fossem dadas era ele que respondia, enfim, eram aquelas coisas todas, e depois chegada a dada altura eu também acabei por ser um bocado incomodo porque estava ali constantemente a perguntar-lhes o que eles não sabiam responder e pronto, eles agarraram e saíram todos pela sala, vieram-se todos embora, portanto, saíram todos, eu depois pedi a substituição, portanto disse “isto é como... o presidente da assembleia de compartes é como estar numa reunião qualquer, e decidirmos entre nós na mesa quem é que vai moderar, quem é que vai ser o moderador, portanto é a única coisa que o presidente da mesa da assembleia aqui faz, portanto como é assim, portanto eu também vou propor que neste grupo que estamos aqui de compartes, propor a alteração do presidente da assembleia, e portanto vou propor a substituição do senhor fulano pelo senhor fulano, portanto e vamos a votação. Vou propor que uma vez que estamos assim nesta situação em que o senhor presidente da assembleia não nos esclarece, não nos sabe esclarecer, portanto nós estamos aqui, isto é como o grupo ter... escolher entre si, que é moderador, e portanto é aquilo que eu vou propor, vou propor que o moderador neste caso seja substituído, nesta assembleia, seja substituído por outra pessoa, e na próxima vamos ver como é a próxima... e eu depois disse-lhe “ah, é para ir embora, então vamos todos”, mas nem disseram sequer

⁶³ Associação de Defesa da Floresta do Minho

AL: os compartes?

TV1: são os da mesa, o pessoal todo da mesa, que eles faziam questão de estar todos na mesa, são 3, 5 ou 7 do CD, mas eu nem sei muito bem, iam lá todos só pela questão de estarem lá todos, desta vez, desta vez comigo, quer dizer, eles não são precisos, só é preciso a assembleia e o presidente do CD, não tem que estar mais ninguém, mas eles gostavam de ir para lá todos e pronto, são... o CD é para ser composto por três, cinco ou sete, e depois a assembleia é a presidente, vice-presidente e dois secretários, e o CD são cinco... o conselho fiscal... conselho fiscal é cinco, sendo que presidente não há nenhum, é entre eles os cinco que depois se escolhe o presidente, mas na mesa numa assembleia quem deve estar representado é a assembleia e o CD. O CD porque vai dar respostas a quem as pedir não é, e a mesa é que deve estar para redigir a acta, fazer e tal... portanto é só... e portanto eu ao dizer que os substituir, e portanto, pedir a votação, trocar este por aquele, eles nem sequer... é evidente que se houvesse votação, é evidente que eles ganhavam, só as pessoas que estavam na mesa, mas eles nem sequer deixaram que houvesse a votação "ai, que este gajo vai embora... não, vamos todos!". E portanto as pessoas que estavam na mesa [...] começaram todos a sair pela mesa fora e foram-se embora e prontos. Depois, passado uns tempos como é que é "então, eles saíram, não saíram, demitiram-se, não se demitiram...", e não sei quê... e depois quando se começou a fazer perguntas, quando marcaram outra assembleia, chegaram lá e estavam lá eles outra vez todos... "então mas afinal os senhores demitiram-se, não se demitiram..." "nós? Não... nós, nós não fizemos a cartinha, nós não fizemos o pedido de demissão". E pronto, e depois dali foi... também estava assim no final, estava no final também do mandato, e então eles convocaram as eleições, convocaram porque era já também... convocaram, só que foi só com duas declarações só a pedir as respostas a dizer que "tal, tal, as eleições estavam marcadas para a data tal..." e prontos, assim ficou, pronto, depois havia assim uma coisita qualquer portanto eu fui para a lista... eh, não é que eu quisesse fazer parte que eu não estava muito interessado. Vi que realmente entretanto que havia uma certa movimentação, as pessoas que tinham andado a falar comigo para ver como é que eles andavam a não sei quê, deixaram de me contactar, entretanto o tempo ia passando e eu disse assim "não me digas que não vai aparecer nenhuma lista, que ninguém vai apresentar uma lista... depois quando se começou assim a sondar já havia lista, já havia uma lista feita de alguns... alguns, o vice-presidente do CD neste caso é que ia ser o candidato a presidente do CD

AL: contra o outro?

TV1: contra o outro... não, o outro não concorreu, os outros não concorriam, e depois quer dizer, começámos a ficar assim, "então eu ando-me a meter nestas coisas e agora fiquei de fora, vou agora fazer uma figura... um papel de parvo", quer dizer, já eles tinham todos uma lista feita e eu fiquei assim "possa", depois claro comecei-me a mexer, a andar, a andar, a andar e fiz uma lista, e foi uma lista que pronto, eu ganhei sim, mas teve uma votação muito forte, que a outra lista era muito forte também, com pessoas de fora e outras de... mas houve...

AL: de fora do quê?

TV1: dos que já estavam, dos que já faziam parte, e de outras pessoas que não lhes passava pela cabeça fazer parte mas que lhe foram pedir, inclusive o presidente da Junta de Freguesia actual, assim muito partidário, foi muito de partidos a eleição. E depois andámos, quer dizer, houve ali 500... 500 votos naquela eleição, foi uma loucura, eu ganhei por 60 votos ou coisa parecida, mas houve ali uma coisa... prontos, depois claro, aquilo passado uma ou duas assembleias, claro que eu estava preparadíssimo para aquelas coisas, depois toda a gente percebeu que não valia a pena. O que é certo é que com essa teimosia e com essas coisas, pronto, hoje vemo-nos na eminência de não ter quem, de não haver realmente ninguém que me venha a substituir, isso é que eu fico um bocado... sinto que ninguém liga nenhuma, as pessoas dizem “ah, está bem, deixa-te estar”, ainda agora na candidatura à Junta por exemplo, que eu fui candidato, não devia ser candidato de coisa nenhuma, que eu tenho tanto que fazer, mas prontos, mas o partido obriga-nos e prontos, e eu também achava que era... que estaria mais descuidados [*? Não se entende*], e pronto, e tudo volta e perdi contra o partido socialista por 32 votos, mas prontos, mete-se nestas coisas... mas depois mesmo assim é muita coisa, porque é a assembleia municipal, depois é a assembleia de freguesia, depois é o baldio, e depois é aqui o meu negocio, depois é... é muitas coisas, e a gente tem de começar a desviar... e esta preocupação que eu tenho agora é realmente as pessoas, os jovens, nunca vão a lado nenhum, não sabes por donde se pega, se a gente fizer uma lista daqueles que já passaram nunca ninguém quer, porque acham que só dá chatices e que não vale a pena, e que se formos a outros é a mesma coisa que dizer que sou eu sozinho, se eu fosse convidar outros para fazer parte, era saber que eu era sozinho

AL: as pessoas não são intervenientes é isso?

TV1: não vão fazer, não fazem, não querem saber disso para nada, por exemplo já hoje, mesmo hoje, já sou eu que tenho de dizer que tem de haver uma assembleia, que têm de por os pontos de ordem, que têm de fazer um edital, que têm depois com a secretária da assembleia fazer a acta para depois mostrar ao presidente para o presidente da assembleia ler para assinar, tem que ir coloca-las à pauta, tem de ir fazer aquelas coisas que... portanto as pessoas não são capazes de saber o que têm de fazer. Porque no fundo é como a direcção de futebol, que era esse rapaz que estava agora aqui por causa do futebol, é muita gente para uma direcção e era preferível não ser, porque é assim se fossem 3 já sabiam que era com aqueles 3, o problema é que é tanta gente para cada órgão que depois nenhum deles faz nada, e depois têm sempre o direito de sendo os outros a fazer “ah, ele é que faz tudo, ele nunca diz nada, ele é que faz, ele não diz nada a ninguém”, mas se algum dia for dizer alguma coisa não pode, olhe, veja-se este caso do baldio, se fosse para tratar a grande maioria das pessoas só tem tempo livre ao sábado e ao domingo, não é? Ora ao sábado e o domingo está tudo fechado, portanto não se vai a gabinete nenhum, não se vai ao Parque porque eles não estão lá ao sábado e ao domingo, não é, não se vai tratar de nada de lá de gabinete nenhum, nem ao IFAP, nem à ADRAP [*?*] nem coisa nenhuma, ninguém vai tratar de nenhum durante o fim-de-semana. Durante a semana eles estão todos a trabalhar e ainda hoje, fazem agora, agora mais que nunca, fazem questão de o dinheiro que vão perder, do dia que vão perder, porque o dinheiro faz-lhes tanta falta. Como é que alguém, se fosse por aí fazer qualquer coisa, por exemplo, se fosse para ir a Braga ao Parque Nacional, como é que alguém ia se não fosse eu? Eu também tenho uma casa em Braga, um apartamento, é fácil de ir lá dormir e depois de manhã tratar das coisas e de manhã quando venho para casa já

tenho tudo tratado não é, senão tinha de sair daqui de manhã, chegar lá, e depois não está e assim, é como... e não é que me custe muito fazer este serviço, agora quer dizer, não ando é ao sabor dos ventos, não é? e pronto, e custa-me muito saber que quando as pessoas precisam... não é? Quando as pessoas precisam a gente mexe-se.

AL: ok... só para eu perceber... e ultima coisa, quantos compartes é que existem aqui?

TV1: 550

AL: compartes segundo a nova lei ou segundo a “vossa” lei?

TV1: segundo a Lei

AL: segundo a actual Lei dos Baldios...

TV1: não, não, segundo a Lei só, esta não... é assim, a Lei não está muito bem, a lei não está... a lei portanto, continua a dizer que são compartes todos aqueles que estão recenseados nos cadernos eleitorais da freguesia referente ao correspondente baldio, portanto, daquele local referente ao correspondente baldio. Portanto é assim, a única coisa que nós vamos usar na mesma, embora esta lei o tivesse retirado, é o caderno eleitoral, porque o baldio tem um caderno eleitoral dos compartes, e portanto o que esta lei quer dizer qualquer coisa é que as pessoas estejam recenseadas na freguesia. Portanto o que quer dizer é que, nas primeiras interpretações o Gerês podia votar em Vilar da Veiga e também podia votar na Ermida, não é? Porque o caderno eleitoral é da freguesia, e se fosse assim o Gerês vinha votar... também era parte do baldio de Vilar da Veiga e da Ermida. Mas quer dizer, depois dando o... prontos, mais uns retoques, vemos que aquilo é que estejam recenseados na localidade do correspondente baldio

AL: pois, temos é que lhe dar esses retoques

TV1: o que no fundo é dizer... portanto, nós para todos os efeitos aprovámos logo no início uma assembleia de compartes em que o baldio se iria manter, ou se iria reger pelas regras de... enfim, pelas regras, que sempre...

AL: dos usos e costumes

TV1: dos usos e costumes, portanto e os usos e costumes eram naquele ponto não é, portanto os editais continuam a ser naqueles pontos, continuam a ser realizados na missa, depois as pessoas... nas eleições há o caderno eleitoral, e portanto as pessoas são recenseadas em cada... em todos os anos em novembro tem de ser feito o recenseamento eleitoral e portanto é só dessa parte, portanto agora a gente vai... porque lá realmente falava, na lei de 93, falava realmente que tinha de ser revisto todos os anos, até novembro e não sei quê, e agora o caderno desistiu nesta lei, não há caderno eleitoral, o caderno eleitoral é o recenseamento. Mas é certo que... eles se calhar também não estão a ver, que numa freguesia com 3 lugares duas têm baldio e uma não tem baldio, e que as duas que têm, têm baldios separados, diferentes

AL: pois é, não têm a noção da realidade local

TV1: pois, é... é isso. Portanto agora se vier uma pessoa que tenha aqui um terreno qualquer, se vier aqui votar e não sei quê.... Quer dizer, não... a gente vai-se fazer na mesma pelas... nós vamos ter eleições em... só se for em Maio, porque não houve quem se candidatasse, mas o normal era que fosse em dezembro, mas como se tem que cumprir o mandato, será até Maio, mas já tenho que apresentar o plano de actividades e o orçamento até dezembro e depois as contas em março de 2015, portanto das contas referentes a 2015, mas quer dizer, o plano e o orçamento de 2016, mesmo havendo eleições de seguida, já tem que ser... ainda tenho que ser eu a apresenta-lo, e depois a outra equipa quando entrar vai-se reger certamente por aquele que eu apresentei ou então...

AL: e não se vai recandidatar?

TV1: é assim, quer dizer, eu... vou, vou, pois claro, certamente que sim, vou porque não... quer dizer, se houvesse gente capaz mais depressa me recandidatava, não é? Porque isto dá tudo assim aquela vontade mas tem de se.... Se não isto perde-se realmente o ânimo, podem dizer que não mas perde-se, se a gente anda aqui para tras e para a frente, ninguém diz nada, e “está tudo bem” e “está tudo bem”, a gente perde a vontade de fazer coisas. No princípio houve aquela construção toda lá da... da vezeira, estão com 6 casas, seis, as cabanas e o trilho

AL: isso foi com subsídios?

TV1: foi, foi, foi

AL: dos INP's ou que é?

TV1: sim, investimentos não produtivos, portanto fizemos... fez-se essas coisas todas, fez-se os trilhos, aquelas mariolas, fizemos aquelas coisas todas, portanto... e depois também estive a equipa dos IFP's, depois, portanto, a equipa de sapadores já tinha vindo e depois fizemos para aí muitas coisas, mas quer dizer há sempre coisas que estão, quer dizer, tudo a ser falado e e dizer “oh, e depois onde é que vai buscar o dinheiro” e não sei quê e “essas coisas depois vão ser bonitas” e não sei quê, quer dizer, aquilo dá mais animo para a gente andar, agora... recandidatar, é evidente que se se perfilasse aí gente para se candidatar, pois claro que isso me dava mais força para... mas quer dizer, não me chateava nada se viesse alguém não é, mas o problema todo é não se ver ninguém

AL: mas quando diz que lhe dava mais vontade de se recandidatar se houvesse outras pessoas, era se houvesse outra lista ou se houvesse mais pessoas para ir consigo?

TV1: se houvesse outra lista, outra lista, outra lista... se houvesse outra lista era capaz de me tirar fora daqui e de ter que ir falar com o fulano dali, falar-lhe e perguntar se queria fazer parte da lista comigo, e mesmo se ele dissesse que não ir tratar e insistir... mas não se vê, não acho que vá haver

Vilarinho da Furna: TVf1

AL: vocês agora, não tem nada a ver mas... na Furna vocês têm eleições...?

TVf1: de dois em dois anos, conforme está nos estatutos

AL: e os estatutos são da associação, não tem nada a ver com a lei dos baldios ou

TVf1: não... nós temos regulamento do foral, dos proprietários... dos proprietários do terreno de Vilarinho da Furna, e esse regulamento leva a que... é aprovado em assembleia geral de proprietários

AL: no fundo segue o regulamento das associações em geral não?

TVf1: de todas as associações... aquilo é gerido por uma associação... que é a furna. E somos controlados, se não está tudo certinho não nos pagam, pronto, é o melhor controlo a fazer [RISOS] [...] oficialmente estamos dispensados de seguirmos o plano oficial [*Não se entende*] de contas e também estamos dispensados de fazer contabilidade. Claro que para declararmos que temos tudo a zero, as quotas não contam, para esse efeito temos de ter um contabilista encartado como técnico oficial de contas, para prestar contas a partir de maio, para o IRC. Muito bem, por causa de recebermos o subsídio lá a chefe dessas coisas achou que, quem nos trata dessas coisas é a associação florestal do Cávado, que quem mandar as contas da Furna

AL: mas é a associação florestal do Cávado que vos faz as candidaturas?

TVf1: é ela e o Carlos Pinto e também quando temos que fazer também nos fazem as declarações de numero de cabeças, mas cismou que nós tínhamos que apresentar o relatório de contas e eu aí mandei-lhe o relatório de contas que apresentei na assembleia, não, era... o registo... o registo de movimentos de contas. E eu mandei-lhe o que apresentámos na assembleia, as contas, receitas, os gastos “ah, não é isso, é os movimentos de contas, o movimento contabilístico”. Eu já não sabia como havia de despachar a senhora, lá do IFAP, e então pedi lá ao nosso TOC, por acaso temos sorte ele faz-nos aquilo de borla, normalmente paga-se bem, mas ele como é descendente de um individuo que nasceu em Vilarinho... por acaso ele já é neto... e ele lá ficou um bocado chateado comigo mas lá resolveu o problema eu vi mais ou menos como é que ele fez aquilo, e por acaso, como eu até sou administrador do condomínio, adaptei aquilo à Furna, oh, agora já não há problema nenhum, já sei as manias

AL: sim, nos baldios tenho visto que muitos contratam um contabilista para fazer isso, porque têm que apresentar contas por causa dos projectos etc., e

TVf1: claro... nós aqui fazemos tudo internamente, algumas coisas faço-as eu e depois mando para ele para fazer a declaração oficial. Os subsídios não contam para os impostos

AL: pois, mas depois os ganhos das madeiras e assim também entram não?

TVf1: ah, faz de conta que é um donativo

AL: [RISOS]

TVf1: não tem nada que rir porque até é verdade, estas últimas madeiras que vieram até eram mesmo um donativo, é daquelas que nós gerimos mas são da EDP

AL: como?

TVf1: aqueles bocados que a EDP nos deu para gerir, num contrato que vale até ao dia 31 de dezembro de 2052, eles só podiam dar como exploração, porque eles têm uma concessão, não têm a propriedade, por isso é que não podiam fazer um contrato de compra e venda. Quando acabar a concessão... [...] portanto no fundo é um donativo [RISOS]

AL: bom, não sei como é que essas coisas funcionam aí

TVf1: não, funcionam. Mas no fundo, estas... algumas destas madeiras, umas sim outras não... mas algumas destas madeiras tinham... olha, logo a seguir pegou-lhe o incêndio. A gente tirou as madeiras e pegou logo a seguir o incêndio, nem sequer me chatearam. Eu lá sou convocado como gestor lá daquela coisa toda, responsável por aquela área toda para ir prestar declarações à polícia, se eu conheço quem é que pôs fogo, quem é que lançou, como é que foi, quanto é que aquilo... foi aqui, a semana passada, fui ali à polícia. A guarda republicana é que toma da ocorrência ali em cima não é? É que presta as primeiras... o nosso guardião lá prestou as primeiras declarações, mas ele não representa a Furna, quem representa a Furna é o presidente, manda para mim, chata para mim, está lá o meu nome, vem-me sempre tudo parar à porta. lá me aparece o postal para ir prestar contas à polícia [...] “você nunca vai encontrar nada, vocês está em Lisboa, o que é que vai descobrir, nada”

AL: você não tem lá casa já?

TVf1: eu não, nunca lá tive casa sequer

AL: do seu pai, da sua mãe...

TVf1: os meus pais vieram recambiados para Barcelos

AL: na altura da

TVf1: claro. Concelho de Barcelos, não é a vila de Barcelos. Compraram uma quintarolazita

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1

AL: a Junta durante muito tempo geriu estes baldios não foi? Até 2000 e qualquer coisa ou não?

MeC1: é uma coisa que... é uma grande dúvida que nós temos aí, quando foi a criação da primeira assembleia de compartes, há pessoas que nos dizem que foi em 90 e tal estiveram presentes

AL: em 90 e tal, já? Ah, eu achava que era de 2000 e tal

MeC1: os documentos que nos foram entregues também eram de 2000 e tal mas há outras pessoas que nos dizem que em 90 e tal estiveram numa reunião para constituir a assembleia de compartes

AL: e os velhotes não se lembram?

MeC1: é isso, o pessoal mais velho é que nos diz que em 90 e tal estiveram numa reunião e que lhes disseram que era para constituir uma assembleia de compartes, porque em 90 e tal também, eu ainda era...

AL: não tinha muita noção

MeC1: por isso foi esse pessoal mais velho

AL: pois, mas não há registo não é?

MeC1: não.

AL: e não se lembra de ter sito em 2000 e tal, aí já se poderia lembrar (RISOS)

MeC1: sim, sim, nessa altura, em 2005 ou 2006. Mas isso é o que as pessoas mais velhas nos dizem, porque não temos documentos nenhuns

AL: pois, se calhar houve uma tentativa mas não foi para a frente, não sei. Portanto até ali foi a Junta, até 2000 e tal, ou eventualmente 90 e tal, foi a Junta

MeC1: foi

AL: e actualmente... deu a entender que a Junta, as Juntas de uma forma geral, têm vontade de ter ali um certo poderio sobre

MeC1: claro

AL: aqui verifica-se isso também?

MeC1: por um lado é uma fonte de rendimento, o baldio, e por outro lado dá-lhe mais poder, se o pastor vier pedir aquele direito para pastorear no... ir pedir ao presidente da Junta é mais

AL: e vocês concordavam com a forma como eram usadas essas sobras de dinheiro, entre aspas?

MeC1: aquilo as actas não reflectiam o que acontecia nas reuniões, só para ver, já estávamos em tribunal por causa desta brincadeira e já não me recordo, houve lá uma decisão qualquer, e houve votação de braço no ar e eu discordei, levantei-me e disse “desculpe lá mas eu... não foi essa noção com que eu fiquei...” isto disse ao presidente da mesa “fazer nova votação para contarmos isto tudo melhor”. Negou-se.

AL: ah

MeC1: foi com este tipo de... depois imagine, 30 a favor 12 contra, até podia ter posto 100 para 4, negou-se a fazer uma recontagem, isto parece-me um bocado... de braço no ar

AL: pois, exacto

MeC1: por isso é que avançámos com uma lista porque vimos que a única forma de mudar era ganharmos as eleições, porque por outro lado não valia a pena, de outra forma era...

AL: eles não estavam abertos

MeC1: há deliberações... em dezembro houve uma deliberação da assembleia a proibir mais transferências para o centro de dia, em março transferiram mais 70 000 euros. Quando chegamos a este ponto não há

AL: mas foram os compartes que decidiram que não iria haver mais transferências para o centro de dia

MeC1: e essa não conseguiram aldrabar a acta, está lá... estavam pouquinhos, só estavam para aí 20 pessoas (RISOS). E fizeram questão de ficar aquilo escrito, as pessoas quiseram ver a acta e ficou escrito. Não há mais transferências. E mesmo assim transferiram. Por isso

AL: mas vocês não concordavam então com essa questão do centro de dia?

MeC1: concordávamos mas uma coisa que fosse razoável, não orçamentar a obra a 300 e tal mil euros e já ia em 500 000, mais do que 500 mil.

AL: aaah, por culpa dos empreiteiros ou...

MeC1: isso o que se passa lá dentro... agora, dar um apoio, isso é uma coisa, agora não asfixiar os baldios por outra associação, isto é que não tem pés nem cabeça não é. Com esse dinheiro podia-se ter feito muita coisa e não se fez nada

AL: estão apoiados... e as pessoas vão às reuniões e são assíduas e há um interesse geral ou como é?

MeC1: nas eleições eramos 197, votaram 197 compartes

AL: em 1000...

MeC1: mas também é preciso ver que... mas esses fora

X: quando está em conflito é que as pessoas aparecem mais

MeC1: mas estamos a falar de emigrantes que com morada em Castro, com casa, mas que não estão lá

AL: e isso corresponde se calhar a quê? A 50% desses mil?

MeC1: ah, à vontade

AL: ok, então activos, ou seja, presentes, são mais ou menos quantos?

MeC1: aí 400, mas pronto estamos a ser... porque há pessoas de idade que já não vão lá

AL: mas pronto, sendo 400... 197 não é nada mau

MeC1: não, foi muito representativo do... as eleições

AL: é muita gente, nem imagino onde é que cabe ali tanta gente em Castro

MeC1: foi no centro cívico [explica onde é]. Aquilo tem para aí o quê? 300 metros quadrados...

X: por aí... aquilo é grande, é mesmo para esse tipo de reuniões

MeC1: dos compartes que estão bem a... estavam para aí 70%

AL: pois, pois. Mas nas outras reuniões não é muito costume aparecer muita gente...?

MeC1: oh... não. Lá está, há aqui actas que dizem que estiveram 50... aquilo andava à volta para aí de 15 pessoas

X: quando não era só a direcção não é

MeC1: e temos aí actas de 17. Porque depois também, as pessoas também... vem um bocado de como é feita a gestão, se a gestão ano é participada as pessoas também afastam-se “o que raio vou lá fazer eu? A minha opinião não conta para nada, não me quero chatear agora, eu não vou”. Também tem um bocado a ver com isso. Agora se a gestão é participada, uma pessoa faz uma sugestão e até é aceite aí sente que a opinião dela que é importante e vem participar mais. E com esta direcção era muito fechado, o que a assembleia decidia não valia nada

AL: eles tiveram lá quanto tempo? Dois não foi?

MeC1: não, desde... as mesmas pessoas mas variaram de cargos, eles estão lá desde 2005, são sempre os mesmos, o que é que mudaram, passaram para os cargos e depois para outros, mas eram sempre os mesmos

AL: mas o presidente do CD antigo só estava lá há menos tempo não é?

MeC1: só estive... um mandato, não, um mandato lá como presidente, mas como vice-presidente estive... desde sempre acho eu. Lá a equipa foi sempre a mesma. Só que se um comparte vai lá e ninguém lhe liga... não me vou chatear mais. Prontos, houve meia dúzia de resistentes que continuámos a ir (RISOS) e a resistir

AL: iam às reuniões e tal

MeC1: tínhamos, era meia dúzia, não, uma dúzia! Não íamos todos juntos mas algumas... até para não deixar que houvesse um descontrolo completo, pelo menos

tínhamos lá sempre alguém testemunha, iam dois ou três para alguém assistir para depois não virem actas como as havia... completamente... que não se passava nada daquilo lá na reunião

Castro Laboreiro: MeC2

AL: Mas é isso, é quem está no caderno eleitoral da freguesia e quem tem... e lá está, eles têm também lá uma alínea que também diz que quem tem uma exploração agroflorestal na freguesia, ou no baldio

MeC2: no baldio

AL: no baldio, também pode

MeC2: é no baldio, ou quem exerce alguma actividade agroflorestal ou silvopastoril no baldio

AL: mas é o caso deles?

MeC2: não

AL: então o que é que eles têm cá afinal?

MeC2: alguns têm terrenos outros nada. Alguns têm terrenos abandonados, como esses que estão aí, e outros nada

AL: pois... não percebo. Então lá formaram uma lista e conseguiram juntar o número de pessoas suficiente para votarem neles... quantos compartes é que há aqui?

MeC2: sendo assim não sei...

AL: exacto

(RISOS)

MeC2: não é? Dessa forma pode aparecer sempre mais um, assim não se sabe

AL: e antes? Quando a coisa estava melhor definida?

MeC2: são os eleitores

AL: eram quantos para aí?

MeC2: somos 400 e tal, não, são mais, são 600 e tal

AL: só de Castro Laboreiro, sem Lamas de Mouro não é?

MeC2: sim, só. Como era uma freguesia à parte não interessa como... embora agora seja uma união de freguesias eles mantêm o baldio deles e a sua secção de voto e a sua

AL: e são 400 e tal pessoas que de facto intervêm no baldio?

MeC2: não

AL: nas reuniões qual é o máximo de pessoas que já teve? Na sua história de CD...

MeC2: não, poucas, houve só uma que teve ali umas cento e tal, mas de resto... 30, 40... às vezes não aparece ninguém. As pessoas são muito pouco dadas, não são muito dadas, antes aparecessem, às vezes dava jeito que aparecessem mas não

AL: a Junta geria bem o baldio, acha que os recursos estavam bem entregues na altura?

MeC2: eh, isto não tinha qualquer gestão... os baldios nunca foram geridos

AL: aqui... mesmo ao nível da floresta, não chegaram a vender a madeira que o Estado deixou nem nada?

MeC2: chegou a vender-se alguma lá de baixo, mas pouca coisa

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: quando é que vocês formaram o CD pela primeira vez? Quando é que se organizaram os compartes, têm uma noção...?

MeL1: foi em 2013... já existiam mas estavam em conjunto com a Junta

AL: ah, antes estavam com a Junta

MeL1: é, agora como tivemos união [interrompidos pelo levantar da chávena de café ainda cheia]

MeL2: na altura era a Junta que fazia a gestão toda. Fazia a gestão dos baldios e da Junta claro, ela é que fazia tudo

AL: mas era vosso na mesma

[o senhor MeL1 interrompe para me mostrar a quantidade de área elegível, de como tinha falhado por pouco]

AL: portanto, a Junta é que geria, mas os baldios continuavam a ser usados pelo povo, segundo os usos e costumes e assim?

MeL1: era, era. A Junta geria o capital, o dinheiro

AL: aha. A Junta já se candidatava às ITI?

MeL2: já, já

AL: já havia essa candidatura

MeL2: já, já

MeL1: as ITI fazem-se em conjunto com Castro

MeL2: sim, mas o Pereira já tinha feito... já se fazia, já, a Junta já fazia

AL: mas vocês fazem as candidaturas em conjunto com Castro Laboreiro?

MeL2: tínhamos feito, agora não

AL: correu mal? [RISOS]

MeL1: não... a gente não, eles uns com os outros um bocadinho, eles lá... uns com os outros, eles desentenderam-se um bocado mas nós já tínhamos feito a candidatura à parte, não foi por causa disso

MeL2: não, porque eles andaram aí em tribunal uns com os outros, aquela história toda, e nós então preferimos candidatar-nos sozinhos que é mais calmo e mais seguro seria não é

MeL1: mas nós já nos tínhamos separado. Para já estamos à espera

MeL2: estamos à espera

AL: pois, ainda não se sabe como é que vai ser este ano não é?

MeL1: não sabemos e vão dar alguma coisa, se não dar nada, e vão dar pouquinho, de vão dar muito... muito não, isso de certeza que não, essa é...

AL: [RISOS] essa é a parte certa... e como é que vai ser se não houver subsídios?

MeL1: ai, não, subsídios para os animais têm dado, eles estão a receber, agora para limpezas, que era o que estávamos a tratar, não sei se não der a gente não limpa. De qualquer maneira enquanto não houver dinheiro não se poe lá gente para limpar

MeL2: enquanto não houver dinheiro a gente não pode fazer

AL: e o dinheiro só vem das ITI? O dinheiro que entra no baldio, para os cofres, digamos assim, do baldio, só vem das ITI?

MeL1: não sei de onde vem...

AL: [RISOS] não é isso, o que eu quero perguntar é se têm receitas de outros recursos

MeL2: não, não, é só daí

AL: mas vendem madeira também às vezes...

MeL2: e da madeira

MeL1: da madeira é pouca, é quando calha de arder... queima na primeira e depois é que vendem [RISOS]

AL: e então e porque é que não gerem isso

MeL1: não, não há grandes madeiras, já ardeu tudo, já ardeu tudo

AL: não há muita área de floresta?

MeL1: não, já ardeu tudo. Havia, agora não há

AL: então neste momento o baldio e a gestão do baldio está dependente da ITI?

MeL1: não sei se é a ITI que paga, não sei... será?

AL: [RISOS] a ITI é aquele dinheiro que vem do Estado para vocês fazerem as limpezas

MeL1: prontos, eu não sei

MeL2: eram 10 hectares que nós fazíamos aqui na nossa

MeL3: como é que é

AL: ITI, agora chamam-se Apoios Zonais

MeL1: vale mais um pequeno lapso do que uma grande memória

[fala-se desta questão, eles fazem perguntas das designações de ITI, AZ, etc.]

MeL2: sim, sim, todos os anos tínhamos que limpar... quando é que tínhamos de fazer de limpeza Fernando?

MeL3: dez hectares

MeL2: dez hectares

MeL3: agora o Carlos Pinto é que nos disse que podíamos

MeL1: o Carlos Pinto, conhece?

AL: hei-de conhecer, já ouvi falar dele, já falei com ele ao telefone, hei-de lá ir

MeL2: ele trabalha em Braga

MeL3: este ano é que nos disse que ficava 9 hectares, porque como reduziram os hectares...

AL: ai é, podem limpar menos?

MeL1: menos um bocadito, não é muito, de 10 para 9... não baixa muito não

MeL3: quando vai limpar não vai reparar

MeL1: o pior é que já devem de estar a contar que reduziram o Money, com certeza

AL: pois é isso, porque se eles cortam a área de pastagem para os produtores, se eles dizem que aquilo não é pastagem então também não é preciso limpar, é nesse sentido que vocês podem limpar menos

MeL1: vamos lá a ver olhe, “se eles tiraram ao bico, a gente tira-lhes ao pico”, como dizia o pedreiro [RISOS]

MeL3: agora vamos lá ver se pagam se não pagam

AL: quando é que vão saber?

MeL2: vamos saber quando eles mandarem o dinheiro, ou o mandam ou não mandam, não é

AL: e não sabem quando é que vai haver essa

MeL1: eu acho que era em outubro

MeL3: há 2 anos quando nós estivemos com Castro, nós recebíamos uma quantia no mês de Setembro e a outra no princípio de fevereiro

MeL2: era porque pagavam por duas etapas

AL: eram 10 hectares não era?

MeL2: sim

AL: e faziam sempre isso e acabavam sempre os trabalhos e tal?

MeL2: sim, sim, sim, sempre se fez

AL: e recorriam a uma empresa para fazer limpeza ou como é que faziam?

MeL2: sim

MeL1: uma vez foi à AMBIFLORA

AL: são de onde?

MeL1: se quiser saber vou ali ao carro... tenho ali as coisas do antigo... Eu acho que eles estão em Palmeira, Braga, se não estou em erro acho que é lá

MeL3: eu acho que eles estão ali na freguesia da Gavieira

AL: ai também fazem trabalho ali na Gavieira

MeL3: é, porque ali o terreno é muito inclinado e tem de ser com as máquinas às costas

[o senhor Belarmino lembra-se de pedir para diminuir o volume da TV, para não ficar “uma baralhada” na gravação. Depois perguntam-me se não quero ver se gravou bem, e eu paro a gravação para ver]

AL: portanto vocês pagam à tal empresa para fazerem as limpezas não é? e têm conseguido fazer sobrar dinheiro dessas ITI? Eu estou a perguntar isto porque em alguns baldios vi que

MeL1: que não chega... ou que sobra?

AL: que sobra, que sobra

MeL1: que sobra? Hmm, não sei se será verdade. Isto é assim, se se pode limpar com uma máquina, é mais fácil, mas se tem de ser feito com a máquina das costas

MeL2: leva muito mais tempo

MeL1: já o preço não é o mesmo

AL: pois, depende do terreno, se for muito inclinado se calhar gastam mais dinheiro

MeL3: e também esse dinheiro não é só para fazer limpeza no monte, os acessos aos montes também são

AL: pois... vocês acabam por usar aquele dinheiro todo, não só naqueles 10 hectares mas também

MeL3: nos acessos

MeL1: nem fica para tomar um cafezinho à vontade, nem sequer... também não queremos ahn

MeL3: a fazer caminhos

AL: e nunca utilizaram aquele dinheirinho por exemplo, sei lá, em benfeitorias no povo, ou

MeL3: é só tudo o que diz [respeito] aos baldios, acessos aos baldios

AL: ok

MeL1: se eles nos pagassem muito até daria para fazer mais alguma coisa não é? [RISOS]. o problema está aí. Vamos lá a ver se com a sua ajuda...

AL: a minha ajuda [RISOS]

MeL1: [RISOS] não então...

MeL2: faça aí uma forcinha [RISOS]

[...]

AL: mas é uma quantidade considerável de dinheiro não é?

MeL1: claro que é

AL: quanto é que eles entregam aqui? 20 e tal mil?

MeL1: vinte e... quatro não? Acho que era 24 000. Agora como estamos sozinhos [sem Castro Laboreiro] não sei se vai dar para mais, se para menos

MeL2: como fizemos a candidatura independente dos de Castro

AL: claro... hoje em dia... os subsídios agrícolas para a produção animal, vocês cedem área do vosso baldio para produtores de outras aldeias?

MeL1: não, não. Porque disseram-nos bem para não o fazer

AL: ai não. Mas sobra-vos área ou não? Para dar aos produtores

MeL1: chega e sobra

MeL2: mas nós pa fora não damos nada a ninguém

MeL1: não, não. Foi-nos dito para não o fazermos, que depois podemos apanhar uma coça

MeL3: o povo manda não é

AL: ah foi o povo que decidiu não fazer isso

MeL3: claro. O povo é os compartes e os compartes é o povo todo, e eles disseram que não

AL: ok. E eles aparecem muito nas reuniões?

MeL1: quando é uma reunião importante vai, agora quando é uma reuniãozita assim pequena, vamos só nos e os da assembleia

MeL2: está bem que eles confiam na gerência não é? Confiam em nós

AL: mas o que é que é uma reunião pequena?

MeL1: quando decidimos fazer alguns trabalhos por exemplo, a gente fala e eles já sabem “eu por mim não vale a pena lá ir amanhã”

MeL2: a gente não faz nada sem lhes falar primeiro com eles

MeL1: claro, aqui ninguém faz nada sem conversarmos uns com os outros

AL: e o que é que é considerado uma reunião grande?

MeL1: quando é por votos, como foi a de 16 de agosto. Eramos 26... pronto, podia haver mais, mas nem todo o mundo quer ir, então 26 já chega

AL: e no meio desses 26 há jovens

MeL1: no mês de agosto há alguns, e são emigrantes

AL: ah, e eles podem votar? Quando estão cá...

MeL1: podem, eles têm direito, não vivem cá mas são compartes à mesma

AL: podem votar no baldio, mesmo que ano estejam cá durante o ano

MeL1: pelo menos nós fizemos. Antes pelo contrário, escolhemos fazer estas coisas assim quando eles cá estão, que é para que todo o mundo saiba e que depois não diga “ah, eu não sabia de nada, eu se lá estivesse tinha dito, tinha feito”... se estavam cá não podem dizer

MeL2: um dos meses mais importantes é o mês de agosto, que é quando temos cá a nossa gente toda

MeL1: por isso é que em vez de ser em março, a reunião da coisa de, dos votos, podia ser em março, a dos compartes é em março, até dia 31 de março não é? Nós passámo-la para o mês de agosto para que eles cá estivessem

AL: está bem. E as mulheres participam?

MeL1: algumas, nem todas vão

MeL3: participam

MeL1: elas mandam tanto como os homens, é igual. Às vezes até mandam mais

AL: então e vocês que estão agora no CD e na assembleia e tal, o que é que vos move, porque é que se dão a esse trabalho? Não ganham nada não é?

TODOS: nada

MeL1: porque alguém tinha de o fazer, então é melhor que seja alguém que seja voluntario

MeL2: nós mexemos um bocadinho com isto porque alguém tem de o fazer, e partir daí há uma outra grande razão que é o bem-estar do nosso povo, da nossa freguesia, e nós gostávamos de melhorar aquilo que temos aqui dentro da nossa freguesia, é isso que nos leva mais a estar à frente disto

AL: é de bom grado

MeL1: é de bom grado

AL: não há momentos em que vocês pensam “o que é que eu fui fazer?”

MeL2: não, não

MeL1: obrigado ninguém é, mas se ninguém quer saber, o que é que vai acontecer?

MeL2: é tudo para o bem da freguesia, e ao nós deixarmos de o fazer virão outros atrás de nós faze-lo não é?

AL: acham que não vai haver problema de arranjar substitutos? Vai haver sempre alguém? Vai manter-se uma continuidade?

MeL1: pensamos que isso ainda falta saber, porque, além de um bom comportamento que a gente faça para melhor, há sempre críticas. “Oh porque não deviam ter feito ali, deviam ter feito acolá”

MeL2: isto é tudo política, e sabe que a política não agrada a todos

AL: sim, sim, sim, claro que sim. Mas por exemplo, não havendo muitos jovens na zona, como é que vai ser essa continuidade?

MeL2: a ver se arranjam

MeL1: há sempre alguém... se houvesse dinheiro a ganhar não faltavam voluntários, havia muitos até, sobravam. Mas sem dinheiro a ganhar não há. Como é que se pode agarrar dinheiro donde não o haja?

AL: sim, mas eu nem falo de dinheiro, questiono é como é que vão conseguir uma continuidade sendo que os jovens ou estão noutros países, ou em Lisboa, ou no Porto

MeL2: também temos uns quantos jovens que trabalham aqui no país e ao fim de semana vêm. E claro, daqui por uns anos bons, serão eles que deverão tomar conta disto

AL: pois, não é uma preocupação ainda

MeL1: não... isto tem de continuar, tem de se manter. O meu falecido pai foi presidente da Junta, regedor, secretário, fazia tudo... e não ganhava nada, naquele tempo não se ganhava nada, mas fê-lo durante anos e anos e anos e anos

MeL2: fê-lo por amor à freguesia

MeL1: não havia mais ninguém, tinha de o fazer [conta a história de como o pai conseguiu construir a escola, e o acrescento que era necessário, porque eram muitos alunos, sem dinheiro... mas que não ganhava nada. E ainda assim foi criticado, e de que maneira]

MeL2: oh, claro, não agradamos a todos

MeL1: [...] e nós temos de fazer igual

MeL2: não, a gente, volto a dizê-lo, estamos aqui pelo bem da freguesia, e fazemos o melhor possível, dentro das nossas capacidades, que nós soubermos

MeL1: quando não sabemos alguma coisa pedimos informação a quem nos ajude, porque há cláusulas que a gente

Relação com outras instituições intervenientes

MONTALEGRE

Cabril: Ca1

MCa1: (...) aqui para esta zona que é o fojo do lobo. Isto aqui já é a zona do fojo, e foi recuperado agora, foi uma obra que nós recuperámos há 2 meses sensivelmente

AL: essas recuperações são feitas com dinheiro das ITI?

MCa1: não, neste caso foi um projecto financiado pelo PRODER. As ITI é outra coisa

AL: é que ontem estava a ler sobre as ITI e percebi que também era para estas questões de recuperação, sei lá, do património, ligado às actividades, tipo pastoreio...

MCa1: sim, pastoreio sim. Este é um projecto denominado INP, investimentos não produtivos.

AL: eu pensava que isso fazia parte das ITI

MCa1: não, não, não, isso são programas (segundos de vento) quadro comunitário

MCa1: exactamente! Este ano vamos limpar cerca de 30 hectares de floresta com a equipa de sapadores, e as ITI já limpámos mas na serra, melhoramento de pastagens, já fizemos 44 hectares, já limpámos este ano 44 hectares, portanto no cômputo geral limparemos cerca de 75 hectares...

AL: num ano?

MCa1: num ano

AL: pois, é muito. O que é que é limpar pastagens? É cortar as giestas ou quê?

MCa1: o mato que tiver mais de 50 cm tritura-se com aqueles discos que têm uns dentes assim, com as máquinas tritura-se. Fica lá, é estrume, digamos assim, aquela manta que fica ali para preservar o solo e para fertilizar o solo, e depois ela rebenta... as plantas rebentam naturalmente. Aquilo é quase como uma poda, corta-se e ela regenera só por si, e vem a erva para os animais, e essas coisas todas, vem um mato viçoso que é o que elas gostam, as vacas essencialmente.

AL: e fazem todos os anos num local? Fazem nesse local todos os anos essa limpeza?

MCa1: não. Vamos variando para alargar o mais possível para impedir que os pastores tenham a tentação de chegar fogo. Essencialmente é isso porque, nas encostas muito íngremes, quando se chega fogo, o que segura a terra são as raízes das plantas. A partir do momento em que arde tudo, se for numa altura do verão,

esta encosta por exemplo, se arder no mês de agosto, quando vier a chover a parte fértil do terreno, do solo, vem parar tudo ao rio, ou seja, cada vez se veem mais pedras a reluzir porque a terra desaparece, vai desaparecendo. Enquanto que se o mato for triturado vai melhorando o solo, fica ali, fica preso, fica ali a fertilizar, melhora, provoca um melhoramento do solo, também é isso que interessa não é...

AL: pois... e vocês agora também não tiveram, pelo menos nos outros baldios tenho ouvido isso, um decréscimo brutal na área forrageira

MCa1: sim, sim, sim. Tivemos... nós tínhamos 5200 hectares, e continuamos a tê-los, não é...

AL: considerados como área forrageira?

MCa1: sim, sim. O que também acho que era demais, sinceramente... porque de facto, olhando para ali vê-se que muita... aquela mancha rochosa, que os animais não comem em toda a...

AL: mas é muito difícil dizer “ah, aqui não comem, aqui comem” não é?

MCa1: pois, exactamente. E eles fizeram esse corte de 5200 hectares... e aí também acho que exageraram, viemos para 490! Ou seja, um decréscimo de cerca de 92%!

AL: bem aqui ainda foi maior do que em outros sítios. Mas como é que é possível?

MCa1: lá está, eles extraíram os caminhos, as estradas, as barragens, aí tudo nem, ...

AL: claro, elas não comem barragens! (RISOS)

MCa1: extraíram as partes de floresta

AL: e isso por exemplo está errado ou não? Na vossa opinião?

MCa1: depende, por exemplo no meio daquele pinhal, do tal pinhal, não comem rigorosamente nada

AL: não há nada a crescer?

MCa1: não há nada! Porque aquilo cria ali aquela manta que nada floresce no meio daquilo, só se vê caruma, mais nada. Enquanto que no meio de um carvalhal já há muita erva, mas no pinhal não existe nada...

AL: mas os carvalhais também foram retirados?

MCa1: também foram... eu acredito e admito que pudesse ser retirada uma área, uma percentagem, porque de facto se chegamos ao meio daquele carvalhal tem muito menos pastagem do que aqui, por exemplo. Acho que se tirassem... no cômputo geral se tirassem 50% acho que era razoável. Para efeitos de ... mas de 50 a 92 vai uma grande diferença e não sei bem como é que vai ficar essa parte das ITI, e essa parte é que... as ITI é que são a sustentabilidade de tudo, do baldio... senão é completamente incomportável, não há hipótese...

AL: exacto! Porque vocês aqui estão um bocado limitados em termos de produção não é? Por serem do Parque...?

MCa1: exactamente! Por exemplo, vou olhando para ali, vê-se as eólicas não é? Que dão muito dinheiro aquelas freguesias, muito dinheiro! Algumas nem sabem o que é que lhe hão-de fazer. Aqui dentro do Parque é proibido e quanto a mim muito bem! No Parque Nacional para mim não faz sentido ter eólicas, porque destroem as terras todas, eles depois de chegar lá vêm estradas enormes, despedaçam tudo. Mas acho que deve haver uma descriminação positiva e é isso que está a acontecer. Ao fim e ao baco acaba por ser um meio de financiamento e de sustentabilidade dos baldios e das terras das aldeias que fazem parte do mesmo, para compensar o facto de não podermos ter aquilo que os outros têm. E sinceramente também não acredito que alguém tenha coragem de acabar com elas. Porque aí era matar completamente esta parte do interior não é?!

AL: e o próprio parque! O parque é também gerido pelo Estado, é bom que seja gerido, vocês estão a geri-lo...

MCa1: sim, e o parque, nós precisamos do parque e o parque precisa de nós, porque nós somos parte integrante do parque...

AL: não, e no fundo com as ITI estão a fazer um serviço de gestão do parque

MCa1: exactamente! As ITI é um programa feito por várias entidades, entre as quais o PN, o PN participou activamente na criação dessa medida

AL: pois... e de facto parece-me até uma medida realista e tal...

MCa1: interessante, e interessante! Muito interessante!

AL: agora estar a cortar assim... é que vocês ficam com... menos 90% do...

MCa1: menos 92% sensivelmente

AL: do orçamento que teriam...?

MCa1: não!

AL: não é assim directo?

MCa1: não! Estamos a falar em termos de área... a área, nos temos a mesma área, só que nós cedíamos... isto irá prejudicar... vendo as coisas da maneira como elas têm sido colocadas, essencialmente os agricultores... porquê? Os agricultores candidatam-se com baldio aos subsídios, com baldio, com área do baldio, porque de facto os animais pastoreiam no baldio e metem hectares, candidatam-se com x hectares de baldio

AL: considerando o baldio todo e a área forrageira toda do baldio...

MCa1: exactamente! A questão e a limitação e a dificuldade está mesmo aí, porque nós não podemos ceder mais do que 490 hectares para efeitos de candidatura dos

agricultores para... com baldio. Isto pode ter um impacto muito superior, negativamente, para toda esta gente que vive da agricultura e da pastorícia... essa é que é a questão...

AL: então, a ver se eu percebi. Isso que me disse eu percebi. Sim. Agora vou-lhe dizer o que eu tinha percebido... pelo que eu percebi há um x dinheiro que entra no baldio anualmente como bolo para se gastar...

MCa1: certo, mas isso ao certo ainda ninguém sabe como vai ficar...

AL: aaah. Então não é aí que estão a mexer então... o que eles estão a mexer agora ao definirem áreas forrageiras...

MCa1: o que eles mexeram foi na área elegível para cedência aos agricultores. Agora em termos de ITI ainda ninguém sabe como é que isto vai ficar... digo eu! Eu pelo menos não sei... (RISOS) espero que pelo menos quem mande saiba o que anda a fazer, o que às vezes também me parece que não sabem... porque isto, quando os cortes são feitos dentro de um gabinete no terreiro do paço raramente correm bem porque dizer "ah esta área não presta, isto não presta para pastoreio", esquecem-se por exemplo que as cabras, que é uma parte importante aqui da agricultura. Dão-se muito bem e gostam desta zona de rocha, gostam da zona... basta que ver no nosso baldio existem cerca de 1000 cabras bravas, bravas, selvagens, que foi o próprio parque que as soltou... não é?! E depois a área que eles cortaram a 100% é a área em que elas se dão maravilhosamente bem e que estão a crescer de uma forma exponencial, ou seja há aqui um contrassenso muito grande, não é? Se não presta, se aquilo é deserto, se é só pedra, então elas crescem do quê? Será que comem pedra? Não é? E aqui na serra está o sistema de veraneio em que os animais sobem todos para a serra alta e que não vêm sequer cá abaixo, ficam lá 6 meses, que é ótimo para os agricultores porque fica a custo zero

AL: eles não ficam lá não é? Deixam-nas lá e depois hão-de ir lá buscá-las

MCa1: exactamente, vão lá amiúde, com muita frequência ver os animais, mas dormir lá não vão, não ficam lá ao pé delas, preferem vir dormir com a mulher, e eu também acho que é melhor

AL: (RISOS)

MCa1: (RISOS) eu também acho que é melhor, entre dormir com vacas e dormir com a mulher eu também acho que preferia dormir com a mulher (RISOS). Mas pronto... mas o gado anda mais ou menos acompanhado porque andam todos os dias pastores na serra, e sabem, conhecem os animais de cada um, e quando algum tem algum problema eles ligam "olha, tens aqui a tua vaca, tem este problema, ou pariu, ou qualquer coisa assim"

AL: e esses pastores quando andam na serra vão e vêm ou...

MCa1: vão e vêm...

AL: as vezeiras já não existem aqui?

MCa1: aqui já não existe vezeira há cerca de 40 anos, já há muito tempo...

A: e aquelas casinhas que vi que também andavam a dar subsídios para recuperar as casinhas...

MCa1: isso, da próxima vez que cá vier eu faço questão de a levar a um sítio que recuperámos agora também, um abrigo de pastor lá em cima na serra, mesmo lá no alto... recuperámos uma cabaninha, uma cabana antiga, aquela oval com torrões por cima, que parece aquelas dos esquimós e recuperámos uma casa-abrigo que está uma coisa espectacular

AL: e é usada? Ou vai ser usada?

MCa1: é usada, é usada... aquilo vai ter um parquezinho em que as pessoas vão à procura do gado, deixam lá os merendeiros, deixam lá a merenda e depois quando chegam têm ali um sitio para estar. Têm lá água, têm casa de banho...

AL: he lá. Têm casa de banho e tudo...

MCa1: deixe ver, eu posso mostrar-lhe umas fotos

AL: tou a ver que isso foi uma grande obra... e tudo isso vocês fazem com esses dinheiros que vão entrando através desses programas?

MCa1: esse também foi dos INP...

AL: ah, sim. Então aqui o Estado tem vindo a ser um bom cogestor?

MCa1: sim, sim, sim

AL: [olhando para as fotografias] ah, tao grande, pensei que era uma coisa pequenina. Bom, isso não parece nada um iglô...

MCa1: não, ali aquela é que é a pequenina

AL: ah, parece, parece! Ok, estava a olhar para aquela

MCa1: pois. E esta foi a que fizemos de novo... tinha lá uma velha com placa de cimento e, estava muito mal... com uma aparência fraca e deitámos aquela abaixo e fizemos outra, fizemos este parquezinho aqui à volta, com mesas

AL: he lá isto assim até dá gosto ir pastar. Posso ver outra vez... mas pera lá, isto é uma casa ou é uma árvore? Agora já estou a ficar confusa...

MCa1: aquilo é a cabana, é a tal cabana. A casa de banho, metida no meio das pedras... passa bem despercebida, só tem mesmo a sanita, não tem mais nada, aqui fizemos uma churrasqueira, com sítio para cozinhar aqui, com água. Isto aqui é a parte do dormitório, para quem quiser lá ficar, para os turistas, para quem quiser, para quem andar por aí, quem quiser lá dormir...

AL: mas está a porta aberta?

MCa1: está a porta aberta, isto é tudo de porta aberta. Agora vou lhe mostrar a cabana, quando formos lá... a cabana foi mesmo arranjada por nós

AL: é uma só que está viável não é? Imagino que haja várias, das vezeiras e assim

MCa1: sim, há muitas, só ali em Lagoas do Marinho, que é esta zona

AL: é o nome da zona?

MCa1: é o nome da zona... tem para aí meia dúzia delas, quase em cada curral, curral são aquelas áreas vedadas que antes as pessoas semeavam lá centeio, no tempo da fome

AL: ai era? Semeavam lá centeio, mas isso não era onde as pessoas punham os animais?

MCa1: era, mas estava vedado. E como era pastoreado tudo avezeirado, andava lá um pastor todos os dias, ele guardava os animais.

AL: mas plantava-se centeio ao mesmo tempo?

MCa1: sim, sim, sim, sim. As pessoas iam daqui, iam até lá... aqui da para ver como é que aquilo está... tem esta parte da churrasqueira e depois tem a outra parte, tem uma lareira interior lá para aquecer o pessoal e tem outra churrasqueira aqui fora...

AL: e então qualquer pessoa que chegue aí pode abrir a porta e entrar e dormir? Não tem ninguém a receber ou...

MCa1: claro que em caso de opção, as pessoas daqui têm preferência... esta é aquela cabaninha que recuperámos...

AL: está cheia de musgo não é?

MCa1: torrões! Corta-se os torrões ao contrario, cortam-se normalmente e depois poe-se ao contrario que é para a água escorrer por cima, vir de cima para baixo...

AL: o que é que são torrões?

MCa1: torrões é... a terra, é a parte de cima com a erva, aquela parte de cima, cava-se assim redondo e coloca-se outro, vai por cima, tipo telha

AL: aaaah, não sabia...

MCa1: está a perceber? Esta é que é a cabaninha que está ao lado da outra

AL: é como se fosse chao mas no telhado

MCa1: exactamente... e depois começa a vir a erva, por cima e tal... parece uma pomba em cima do ninho... isto é uma cabana, tem os torrões...

AL: e também está utilizável agora?

MCa1: está... também está... aqui é que é a entrada, é uma entrada muito pequenina

AL: ainda é grande, é alto isso

MCa1: é, ainda é um bocado, ainda tem para aí 3 metros de altura ou mais...

AL: pois, aquela pessoa ali ao lado parece pequenina...

MCa1: pois... fizemos a recuperação. Com o pessoal... falei com o pessoal um dia, para ajudar, cada um ajudou...

AL: ah, foram mesmo... mas o quê? A própria casa?

MCa1: não, a recuperação da cabana

AL: ah, que engraçado, ta bem! Quando são essas coisas vão pessoas de que aldeia?

MCa1: das aldeias daqui do baldio... deste baldio. Exceptuando Fafião e Pincães

Cela e Sirvozelo: MCe1

AL: como é que você vê agora esta nova lei? Dos baldios... a lei dos baldios que veio aí com umas alterações...

MCe1: com aquela questão de comparte não é?

AL: também, sim, sim, sim.

MCe1: também, o que é um comparte, definição de comparte...

AL: sim, por exemplo, essa aí é bastante polémica

MCe1: aquela questão por exemplo do eleitor, que basta estar recenseado não é...

AL: sim

MCe1: eu acho que... é um bocado... foram longe demais, porque eu acho que... fica-se naquele, se quiser estar em Lisboa, vem cá uma vez por ano e está ali inscrito e ao mesmo tempo pode ger... pode ser interveniente na gestão. Portanto, e eu não concordo muito, acho que aí que quem devia gerir é quem cá vive, porque os interesses são completamente diferentes não é... quem cá vive é que sofre, é que tem... é que sabe que... é que tem os animais... e havia de ser quem está directamente na área a produzir... senão entramos aqui em coisas que... em interesses diferentes não é, entra-se aqui numa área... quer-se dizer, quem está em Lisboa não percebe muito bem o que é gerir para animais não é? As pessoas têm que sobreviver aqui. Pronto, e eu para mim o conceito de baldio era para viver... essa parte eu acho que não concordo muito, o resto também das alterações (? Não consigo perceber)

AL: não, há lá algumas que a olho nú passam, mas depois quando... estive a ler a opinião de um advogado sobre aquilo e ele começa a chamar pontos que eu nem

pensaria sozinha... mas pronto, nem vou entrar agora por aí, mas por exemplo nessa questão dos compartes, uuuh, é que para além de eles dizerem isso dos recenseados, dizem também que, e esta parte era interessante saber qual é a sua opinião, dizem também que qualquer pessoa que tenha lá um negócio agroflorestal

MCe1: de silvicultura, sim... também é compartes... lá está, é a mesma coisa que o que está, qu eo votante porque basta ter um terreno pequenino e andar lá a limpar ou... eu acho que devia ser mais quem está directamente a exercer e a ocupar e... porque é isso que faz o baldio... porque senão... você, repare uma coisa, se pegarmos e forem só compartes que estejam em Lisboa ou que estejam a fazer silvicultura, aquilo acaba por ficar desvalorizado, aquele baldio, porque não tem uma gestão, não tem animais, não tem nada não é?

AL: claro... perde o significado

MCe1: a prioridade era para isso, senão... acho que de hoje a amanhã acaba por... vai haver aldeias que vão morrer não é...

AL: esperemos que não, mas acredito que sim

MCe1: então, já há aldeias com 4-5 pessoas não é

AL: por exemplo?

MCe1: Sirvozelo!

AL: é?

MCe1: Sirvozelo neste momento a morar lá estão... ora, 3 e 2 é 5, 6, 7, 8 pessoas.

AL: ainda não lá fui, não sabia...

MCe1: E há mais, e há mais aldeias com 5 pessoas, 6 pessoas... não é só contar aldeias

AL: pois.. eu por acaso as aldeias a que tenho ido têm todas até bastante gente

MCe1: aí esta parte aqui de cima, de Covelães, Paredes, ainda tem, Pitões... aquela parte de baixo ali de Cabril, tem aldeias com ...

AL: ah, pois são muitas aldeias naquela freguesia

MCe1: muitas aldeias e ... temos Fontaínhos, Bostochão, aquilo tem... 6, meia dúzia de pessoas, agora vêm... se por exemplo lá estiverem 10 votantes, são as que mandam, são as que gerem... não é? Acaba por

AL: mas o que me faz confusão nesses casos é por exemplo, se houver uma empresa de florestas, ou do que for que chegue ali e se implante lá na zona da freguesia, passa a ter direito ao baldio, mesmo que venha de Lisboa

MCe1: exactamente... é, é! Conforme está! Portanto essa parte eu não concordo com isso

AL: rapidamente nessas aldeias que têm 4 pessoas aquilo passa a ser gerido pela... Portucel

MCe1: pronto, eu acho que essa questão devia ser gerida e devia ser os que... quem mora, quem usufrui, portanto, que era o que era antigamente, nesse aspecto eu acho que não... não concordo com isso

AL: pois, pois, essa é a mais polémica

MCe1: não sei se a maioria também concorda comigo mas...

AL: ermm... eu concordo! (RISOS)

MCe1: não, eu digo os outros CD

AL: sim, sim, sim, não, foi... enfim há pessoas que

MCe1: não têm opinião bem formada?

AL: não, há pessoas que até acham que é mais valia... por exemplo, jovens que vão estudar à semana para o Porto ou para Braga ou não sei quê... que vêm ao fim de semana, continuam relacionados com a aldeia, são uma mais valia para a aldeia, pois...

MCe1: mas esses acho que, à partida, são compartes

AL: exacto, e são, e eles querem continuar

MCe1: esses já eram

AL: mas imagine, são pessoas que se calhar, este foi o exemplo que me deram, para viverem por exemplo no Porto querem comprar lá uma casa, acabam por ter de passar para lá a residência, deixam de estar inscritos...

MCe1: não, mas a assembleia de compartes tem poderes para dizer se é compartes ou não, depende de como se insere na própria sociedade e na... agora uma coisa é a lei, e outra coisa é... não, é a lei

AL: eu também não acho que se vá lá ver... mas no fundo. Vocês têm de entregar o caderno de recenseamento todos os anos não é?

MCe1: é, é, mas pode ser aprovado... a assembleia de compartes também tem alguns poderes não é, a assembleia também pode... mas pode... por exemplo, há determinados direitos dos compartes, vamos ver... agora quando foi na distribuição dos baldios, portanto, isto podia tornar-se também num negócio, então quem estava em Lisboa também tinha direito aos hectares, então sei... é que agora houve uma redução muito grande nos hectares

AL: da área forrageira, é isso?

MCe1: exacto! Agora repare que metade dos compartes estavam no Porto e em Lisboa, ou Braga, e não tinham por exemplo animais... iam ter o mesmo direito na

distribuição do baldio. Conclusão, quem tem animais e morava ali não tinha terreno, e os outros tinham tanto como eles

AL: claro, claro

MCe1: também não tinha lógica... então a assembleia aqui vai ter poderes, não, faz a assembleia “ora, quem é que vai ter direito ao... à distrib... ao baldio?”... vai ser quem tem os animais

AL: claro, e aí o...

MCe1: e aí o... até pode ser comparte mas já não vai, na lei não é, até pode ser comparte mas se assembleia decidir que não é assim, não é... pode... pode... aliás, as assembleias são soberanas, embora a lei não tira o direito de ser comparte, sim senhor, mas dentro do comparte pode... a assembleia pode

AL: há negociações locais não é? Digamos assim...

MCe1: não. E a própria assembleia é soberana para decidir o que é que um comparte que está com determinadas condições tem e outros não... também tinha de ser assim

AL: e isso também em relação à dita eventual actividade agroflorestal ou silvícola

MCe1: as assembleias têm poder, se aquilo vai ser prejudicial para o baldio e se numa assembleia eles decidirem... eu acho que ninguém... ninguém, nem o tribunal nem nada, também se vai por contra uma população não é... isso vai prejudicar, isso não tem interesse, anda uma pessoa sozinha... sim senhor, é comparte, está bem

AL: até porque a lei diz que os usos e costumes locais têm de ser respeitados

MCe1: pronto, mas tudo bem, ele não deixa de ser comparte, só que nem sempre... está tudo bem, ele é comparte mas depois as regras são definidas... não é... nós vimos lá alguns casos desses de pessoas nessa questão para a distribuição do baldio, eu já estava a pensar no... porque os agricultores vão ser muito prejudicados... ainda ninguém sabe vá, ainda ninguém sabe do prejuízo, agora quando se for a receber o subsídio é que se vai saber

AL: pois... alterou muito a área [forrageira] lá [no baldio de Cela e Sirvozelo]?

MCe1: ui! Nós somos montanha e alta montanha, temos muita rocha, floresta não foi o que prejudicou mais, temos muita rocha e... pronto, foi por aí, foi o que nos cortaram, através da fotointerpretação, uma fotografia a 500 metros de altitude, aquilo parece tudo cinzento, tudo rocha, basta olharmos para o *google*, o que é que se vê? Vê-se rochas. Claro, eles não vieram ao terreno, eu sou topógrafo, mais ou menos entendo disto, e não vieram para o terreno, claro... e há aqui uma contradição deles, então eles cortaram 100% do alto da serra do Gerês, a 100% praticamente... e quando se corta a 100% é a mesma coisa que dizer, bom, isto é um deserto, nada vive aqui, mas o próprio governo entrou numa contradição, foi lá que ele foi colocar as cabras (?), e por consequência elas desenvolveram-se a um ritmo alucinante, já

vão mais de 1000 cabras, ora conclusão, aquilo tem algum valor, mas para o governo sim senhor... aquilo é bom e era o único sítio, podiam-nas por no Alentejo, era o único sítio, foi o melhor sítio para as colocar, mas para os agricultores aqui dão zero

AL: exactamente

MCe1: quer dizer, eu acho que aqui que... agora, eu também compreendo que isto às vezes há erros, agora, se vierem sentar-se à mesa, vir para o terreno, fazer uma equipa, com a associação dos baldios e as câmaras, arranjam técnicos profissionais de fotointerpretação, para poderem se sentar e falarem a mesma linguagem, não é? E irem ao terreno e verem, porque todos sabemos que a alta montanha tem muita... se calhar é o melhor sítio por exemplo para pequenos ruminantes e para outras coisas, agora cortarem aquilo também assim a zeros parece-me que foi forçado, mas...

AL: pois... isso foi um investimento da parte de quem? Essa iniciativa veio de quem?

MCe1: do IFAP... foram os técnicos de IFAP que... não, bom, acho que a medida vem da comunidade europeia, vem de fora, tinha de haver uma redução... é evidente que eu concordo com essa redução, porque há sítios, por exemplo, onde estavam metidas até as barragens, noutros estavam os penedos, tudo bem... agora cortarem até 90% é demais... o que é que se havia? Havia de se ajustar essa parte para o terreno, quer dizer... esse exemplo que eu dou, cortaram 100% e vivem lá 1000 animais ou... portanto, não podia ser 100% à partida não é? Senão também morriam lá

AL: pois, claro... e quantos... vocês têm muito gado lá na vossa aldeia?

MCe1: temos... ora bem, nós agora o que fizemos... na freguesia havia dois CD, como havia dois CD o nosso foi o menos penalizado, ficou com 150 hectares, e o de Outeiro e Parada portanto, ficaram com 50... eu quando vi aquela realidade... e depois é assim, a realidade deles... eles tinham 400 vacas e nós temos 100, como hipótese, conclusão, eles tinham 50 hectares e 400 vacas e nós tínhamos 150 hectares e 100 vacas, ou 100 animais, ora, o que é que acontece, peguei, fui ter com eles "olha, a melhor coisa que fazemos é: juntamos o bolo todo e distribuímos como depois a assembleia decidir"

AL: então, só para eu perceber... os animais foram a candidatura... os animais não! Os agricultores, foram a candidatura (RISOS) com o seu número de animais para a área dos dois baldios?

MCe1: sim, ficámos com a área dos dois baldios...

AL: Cela e Sirvozelo?

MCe1: Cela e... não! Cela e Sirvozelo e Outeiro... porque na freguesia há dois CD

AL: ok, Cela e Sirvozelo e Outeiro

MCe1: há... essa freguesia tem, tinha, tem à volta de 4000 hectares, é assim, cada CD tem à volta de 2000, houve uma redução de 80, num de 80, noutro de 90... pronto, por aí. O CD de Cela e Sirvozelo ficou com 150 hectares e o de Outeiro ficou com 50,

só que o concelho (CD) de Outeiro tem 3 ou 4 vezes mais vacas do que Cela e Sirvozelo, e nós tínhamos mais hectares, não fazia sentido não é? Com mais terreno e com menos gado... então o que é que eu fiz? Fui ter com eles e disse-lhes “olha, a melhor coisa é juntarmos o bolo, os hectares, e distribuir para não haver ... senão entrávamos aqui num choque grande”, porque eles não têm... assim pronto, isso pelo menos ...

AL: então a candidatura foi em nome dos hectares de todos juntos... hmm, isto não está bem dito... eu sei

MCe1: não é bem a candidatura, eles depois vão fazer as candidaturas, e nós, o que é que fizemos, juntámos o bolo dos hectares todos e atribuímos a todos igual

AL: ah, está bem, sim

MCe1: portanto, os de Cela e Sirvozelo ficaram com os mesmos de Outeiro e Parada, cada agricultor... pronto, foi por aí

AL: pois... não, e esse tipo de cortes , isto agora é a minha opinião pessoal, esse tipo de cortes da área forrageira e tal que as pessoas depois não têm direito aos subsídios e assim, também não fomenta nada a vinda dos jovens de volta para as aldeias, não é... a partir do momento e que não conseguem fazer

MCe1: mas lá está, pronto...isto... os subsídios são muito bons e tudo o mais, mas nós também nos habituamos aqui a um sistema de subsidiodependência e isto não nos leva a lado nenhum, porquê? Porque uma empresa que nasce a pensar nisso... o problema é que as empresas nascem a pensar nisso, quando a empresa nasce a pensar nisso não tem sustentabilidade, porque amanhã termina, a empresa morreu... não é? Portanto, eu acho que devia ser por objectivos, por produção, os próprios subsídios... se produz, sim senhor... opa, produzes x quilos de carne, de boas qualidades, biológica ou não biológica, essas coisas... tudo bem, era um incentivo ao crescimento e à qualidade... agora dar subsídios por exemplo, como até ali... 40 hectares de terreno que se dava, porque nós tínhamos para ali hectares, iam buscar o subsídio, para aí de 10 000 euros, para o FPD ou lá como é que era...

AL: hmm, eu não vou lá com siglas (RISOS)

MCe1: é o coiso lá do... a alínea lá do subsídio, um jovem que tivesse 40 hectares ia logo buscar 10 000 euros... pronto... quer dizer... tudo bem, mas não incentiva a produção. Portanto a meu ver os subsídios haviam de ser atribuídos à produção. E à qualidade, não é... não é só produzir, produzir e depois a qualidade do coiso... senão tornamo-nos aqui subsídio-dependentes, e eu acho que isso não é futuro para ninguém

AL: sim, isso é verdade, eu até perguntei às tantas lá... porque precisamente não percebo, não estou tao dentro da realidade e... então perguntei a um dos compartes com quem entretanto falei, se não houvesse subsídios se as pessoas conseguiam continuar a produzir...

MCe1: pára tudo

AL: ... animais, e ele deu a entender que não era rentável, que não ia ser atraente...

MCe1: pára tudo! Mas então o que estamos aqui a fazer? Se amanhã pararem morre tudo de uma vez... está mal... não é...

AL: pois... volta tudo aos períodos de subsistência, foi o que ele disse, então mas nesse caso votávamos todos para trás e voltávamos a viver sem electricidade, sem água canalizada (RISOS)

MCe1: não, mas o que devíamos... havíamos de nos organizar de outra maneira, até por exemplo, se calhar haver cooperativas, bem estruturadas, porque não é essa a ideia que temos, pelo menos aqui no concelho, de cooperativas, que aqui é tudo um desastre, vai tudo por água abaixo... a qualificarem o produto e a colocá-lo no mercado... e as pessoas saberem que tinham o produto vendido e saber mais ou menos o preço que... pronto, dentro daquela variação... ra por aí, porque nós temos sítio para fazer qualidade, melhor se calhar do que muitos outros lugares, agora, precisamos do quê? Alguém... precisamos de... para já as pessoas aqui não são muito de fazer cooperativismo e de fazer essas coisas não é... mas se nos unirmos.. por exemplo nós temos aqui o cabrito... mas não está devidamente explorado. Uma cooperativa por exemplo podia ter, fazer essa questão por exemplo nas aldeias, “opa, vamos arranjar...” até se arranja um funcionário público... por exemplo, ter 100 cabras ou 200 cabras, é um problema grande para um jovem agricultor porque tem de lá estar amarrado todos os dias... não é? Não pode sair, não tem férias, não tem nada, pa, mas se se criasse aqui em determinadas aldeias... porque já havia antigamente, a questão da vezeira, mas se eles agora não se entendem, as próprias cooperativas se arranjam aqui um coiso, se calhar até criarem aqui no meio um funcionário ou dois, pa, e ser gerido assim, e a pessoa tem direito a um fim de semana... porque também... não é? Também concordo que um jovem estando amarrado ali toda a vida, nem férias, nem fim de semana, nem para nada, também desincentiva logo as pessoas a irem embora não é? Agora se tivesse, se isto fosse pensado ou gerido desta maneira... eu acho que...

AL: e como é que se podia...

MCe1: só para mim eu acho que é através de cooperativas, associações... apostar no marketing e na imagem do produto, diversificar o produto porque também não podemos viver só com um produto, pode aquele não dar... por exemplo, nós temos o mel, temos tantas coisas não é? E o ser retirado... criar a imagem para os produtos e depois eu acho que a qualidade está vendida... parece-me a mim

AL: sim, sim. Pois...

MCe1: eu sou produtor, comecei a produzir mel para aí há 3 ou 4 anos, e quer dizer, não há mel para... se tivesse 100 toneladas estavam vendidas... e tenho o mel biológico e... agora, portanto, eu acho que é o que falta aqui mas... qualquer coisa é as pessoas unirem-se e falta o cérebro, ou falta gente

AL: mais, mais... não falo de si mas em muitos baldios as pessoas que estão à frente são assim mais velhas, então às vezes se calhar falta também, isto estou eu a dizer, é

a minha opinião pessoal, a falta de jovens nas aldeias também não contribui muito para isto, sei lá jovens que vão para fora e não voltam

MCe1: mas podiam as próprias instituições locais, por exemplo as câmaras... não é? Podiam dar uma mão, só que as câmaras, o que é que fazem? Só olham para a parte política também... não interessa nada.. epa, estão virados para os votos e para as festas e para as 6as feiras 13 e para isso tudo

Agora, esta questão, o produto só... a maneira de dar a volta a uma região destas é só a meu ver por aí, por exemplo, porque não criar uma coisa comunitária, por exemplo, o estábulo para as cabras, uma hipótese, você tinha lá por exemplo uma quota de por exemplo 20 cabras, ia lá dois dias ou três, ou quatro ou cinco ou seis, não é... eu tinha 50, o outro tinha 10, pa, mas aquilo estar perfeito, estar funcional, com pouco... o mínimo de trabalho possível para coiso, com as condições... as pessoas acabavam por aderir

AL: isso a nível municipal ou a nível do baldio?

MCe1: não pode ser muito pequeno, municipal também não, pode ser por exemplo...

AL: um grupo de baldios...

MCe1: uma aldeia grande, por exemplo, uma hipótese, Paredes... Paredes já... já comporta... quem diz Paredes, Covelães... Travassos... ou então reunirem-se duas, não é? Não sei... é um estudo que tinha de se fazer, os gastos e os..., também ver o potencial de cada aldeia, não adianta apostar por exemplo numa aldeia que já tem pessoas acima dos 70 anos

AL: pois, pois

MCe1: é o que pelo menos... até podia começar como uma experiência piloto, para ver-se as coisas... para mostrar, porque às vezes só vendo, o do lado, só vendo, nós aqui somos muito... não temos formação, não temos ao lado para ver o que é que está... e depois temos medo então seguimos sempre a rotina anterior, mas se houvesse um projecto piloto numa determinada aldeia neste sentido acho que as pessoas amanhã podiam. Pa, vamos copiar aquele... aquele.. penso que era uma solução... para a região, para a região, estou a falar agora para assegurar a região... porque isto vai acabar, isto vai acabar, eu tenho dois filhos e não vai cá ficar nenhum, um já está na Alémanha e o outro está para sair se calhar daqui a um ano, está a acabar engenharia civil e de certeza que depois vai embora, portanto...

AL: pois

MCe1: é assim, isto porquê? Porque vê-se que... eu não concordo, essa... eu tenho medo dos subsídios, os subsídios são um contributo, aquilo é a maravilha, cai ali, não dá trabalho nenhum, logo se acaba de repente... não é?

AL: pois.... sim, a mim também me faz um bocado de confusão esta dependência dos subsídios

MCe1: são bons, pronto, ajudam

AL: depois há cortes destes e as pessoas ficam “e agora?”, não é? E...

MCe1: mas eles podem acabar de um momento para o outro

AL: pois, exacto

MCe1: claro, as pessoas têm fé que não, não é... mas eu sei lá, nós conhecemos tanta coisa, a união europeia pode desmoronar... e depois quem é que dá os subsídios?

AL: não... e mesmo, é uma sensação de estarem constantemente dependentes, algo que não eram, até certa altura...

MCe1: e acaba por não ser um motor de desenvolvimento

AL: pois...pois. quer dizer, actualmente, lá está, pelo que eu tenho percebido, ou como já disse até o Simão, actualmente são entradas de dinheiro extremamente importantes para as comunidades locais, não é?

MCe1: são, fora de dúvida, mas podia ser à prod... em vez de ser assim directo ser à produção

AL: sim, sim, sim, sim, essa é uma das críticas...

MCe1: porque incentivava... por exemplo, eu sou produtor de vacas, o que é que eu estou a ver, eles pagam à cabeça os animais, o subsídio... ora, conclusão, o que é que interessa, o que interessa é ter número de cabeças

AL: sim

MCe1: se você tiver 50 cabeças... se calhar não tem condições para ter 10, os animais estão a morrer à fome há muito... só isso... não tem, aqui não tem, e depois era haver uma fiscalização muito mais... quer dizer, se as pessoas... e depois prendem-nos em cercas alguns e... sem condições, depois não querem, para ficarem com mais dinheiro dão-lhes pouco de comer, os animais depois ainda por cima, são raças autóctones que o... a produção da carne não lhe interessa, porque à partida aquilo já era, só lhes interessa o subsídio, porque ainda por cima é raça autóctone, é majorada com mais um subsídio, ainda vão buscar mais por cada cabeça 160 euros, quer dizer, se tiverem muitas cabeças, independentemente se estiverem gordas ou se...

AL: se estiverem gordas ou magras...

MCe1: é outra lacuna que... o IFAP até, que fiscaliza isso não está... havia de ver as condições dos animais, não é?

AL: pois, sim... e isso acontece?

MCe1: acontece, acontece... acontece! E o que se passará por aí por esse país, não sei...

AL: sim, por acaso uma das críticas que eu tenho lido às políticas da união europeia, uma delas é essa, que os subsídios são dados... mas nem era à cabeça, eles lá, o que

eles criticavam... mas era à agricultura, na agricultura é a área, não tem a ver com a produção, tem a ver com a área...

MCe1: pois

AL: então as grandes propriedades ganham à grande e...

MCe1: mas isso... vamos lá a ver...isso também vamos...

AL: mas não têm que apresentar produção

MCe1: mas aí é que haviam de ter, que é a produção, mas aí tinham que apresentar... por exemplo, também não concordo que venham subsídios para os campos de golfe

AL: pois, não concordo também

MCe1: pois, mas dão, dão agroambientais para os campos de golfe, pelos vistos, eu também não tenho a certeza a 100% mas

AL: também não sabia, mas não concordo

MCe1: está errado

AL: também discordo plenamente

MCe1: vamos aqui por exemplo pôr... eu tenho aqui um campo de milho, candidatei-o ao subsídio, eu cheguei lá, lavei e plantei o milho, ele nasceu e depois não lhe ligo mais, nem vou sarchar o milho, nem lhe ponho herbicida, nem o rego nem lhe faço nada, eu não produzo nada, mas o subsídio é o mesmo

AL: pois...

MCe1: havia de ser ao contrário... "sim senhor, tens o milho, ora vamos lá ver ao fim, quanto é que produziste? Produzi 2 toneladas de milho", prontos, está a perceber, então pagam-lhe 2 toneladas de milho... não é?

AL: sim

MCe1: devia ser por aí, agora se é... conclusão, não produziu nada, recebeu o subsídio e não se interessou pelo milho... que riqueza é que traz ao país? Não é? Nenhuma! Depois importamos milho...

AL: pois... sim, esses são os argumentos da CNA e da BALADI e mais não sei quê nas manifestações...

MCe1: é, é, é a guerra, pois... claro. Mas pro exemplo, aqui ao lado em Espanha acho que é diferente, eles é à produção, por isso é que depois vendem a batata a 5 cêntimos...

AL: há tanto produto espanhol aqui... no supermercado tenho de estar sempre com cuidado para não estar sempre a comprar espanhol, mas mesmo produtos feitos, tipo sabonetes, comida feita... mas pronto...

MCe1: eu também na minha opinião a região havia de ter mais formação, por exemplo, temos várias condições para o produto biológico, e isso também é uma mais-valia

AL: sim, sim

MCe1: que é... as pessoas não têm formação, nem têm obrigação de... coitadas, nasceram aqui, foram educadas, não têm... depois as instituições locais também não ajudam, isto tem de se ir para o terreno, é preciso ter técnicos, é preciso gastar dinheiro... enfim, isto não é só fazer reuniões e depois...

AL: pois, assim instituições como o secretariado dos baldios e assim, são importantes nesse sentido ou não?

MCe1: são, isso são, acho que sim, que são e têm feito algum, têm feito um bom trabalho, pelo menos há mais informação, a secção ali do parque está muito mais bem organizada do que estão os outros de fora, não é...

AL: isso através da tal organização dos baldios da Peneda-Gerês?

MCe1: sim, sim, sim, aí acho que pronto essas coisas estão... pronto, agora pode ser discutido, mais isto ou menos aquilo, mas tem sempre andado... essa parte estando unidas, estando... tendo uma linha mais ou menos definida, pronto, ter alguém a coordenar eu acho que isso está... havia era de haver outras coisas, seguirem o caminho, o exemplo desses

AL: qual é a diferença... isto é, qual é o papel da associação dos baldios do Parque Nacional da Peneda-Gerês e do secretariado dos baldios do Trás-os-Montes e Alto-Douro? Ou seja, fundem-se ou têm funções diferentes?

MCe1: não! Agora, a única... a que está a gerir a associação é a vice-presidente do Secretariado, portanto, dá a sensação pronto, que as coisas... por um lado também pode... para a associação também é bom para o coiso porque está a acompanhar... está mais de perto, está lá dentro e acaba por ter mais informação e tudo mais directo e tudo mais, pronto mas cada coisa é uma coisa...

AL: pronto

MCe1: agora a pessoa é que está nos dois lugares e depois acaba por...

AL: mas qual é o papel da associação dos baldios do PNPG?

MCe1: informar, portanto, estamos sempre informados do que se está a passar, o que é que é preciso, ela faz-nos as candidaturas, embora, prontos, os CD paguem em função do que recebem. Mas pronto, facilita a vida aos presidentes dos CD, porque acaba por a informação mais ou menos ser tratada... depois trabalham mais ou menos todos uniformemente, não é? Nós estamos unidos, em vez de ser um é de uma maneira, outro é de outra, outro é de outra, portanto, e assim acho que isto...

AL: e isso é através da associação dos baldios ou através do secretariado?

MCe1: através da associação. Depois o secretariado é que... pronto, nós também somos sócios lá do secretariado e aquilo depois acaba por... a pessoa é a mesma

AL: sim, acaba por não haver grande...

MCe1: não haver... estamos ligados também muito de perto com o secretariado...

_____ -

AL: que é... no caso do baldio de Cela e Sirvozelo, vocês... como é que é feita a gestão do dinheiro? Ou seja, sobra dinheiro das ITI, ele vai ser empregue... aonde? Há uma utilização...

MCe1: é... é como lhe dizia há bocado... nós em termos de Junta temos um membro da Junta lá, eu também já estive na Junta, o que é que acontece? O dinheiro que sobra... por exemplo, há uma obra que é preciso para fazer... ainda agora tínhamos uma obra dentro da aldeia que eu, que ainda estava na altura na Junta comprei aí uma corte que foi demolida... portanto, a Junta comprou a corte, depois acabou por demolir a corte, mas depois não havia dinheiro para continuar, e agora fizemos lá... ah, e tinha lá um tanque de lavar e coiso...

AL: a corte é curral?

MCe1: é, onde é que se metiam os animais...

AL: ok

MCe1: era uma coisa que estava já em... estava destruída, já há muitos anos que não... e então eu na altura, eu quando estava na Junta, comprámos a corte, lá o local, demolimos um tanque que estava todo partido, agora entrou outro membro lá, que é meu vizinho, veio para a Junta, eu saí, e foi ele próprio a dizer-me “epa, faz tu essa parte do tanque”, que agora íamos fazer a obra... podia ser a Junta podia ser... até competia mais à Junta porque está dentro da aldeia, e ele disse-me “epa, faz-me isso, tás mais habituado a gerir essa obra, faz tu isso que...”, pronto, gastámos lá 10 ou 12 mil euros, mas como... pronto, sou topógrafo fiz lá o desenho o boneco e tal e... tá feito... portanto, não há aqui... portanto, se fizer falta ali vai para ali, se fizer falta... não há aqui, o CD não tem limite, onde é que termina, onde é que... podem... os dinheiros podem-se juntar, ainda agora para a capela... portanto, não há, é pacífico, connosco é pacífico, sei que há CD que têm esse problema, e juntam-se, mas nós ali naquele caso não... o ano passado fizemos, pusemos dinheiro para as ruas em Sirvozelo... no mandato em que eu lá estava... e temos lá algum dinheiro e quando fizer falta é aplicado, e o da Junta, se fizer falta nos caminhos do baldio também é aplicado não é... portanto aí não há, aí não há... não temos guerra

AL: ok, ok. E no baldio que tipo de investimentos é que são feitos? Mesmo no baldio, espaço baldio...

MCe1: epa, o maior é os caminhos... o arranjo de caminhos.

AL: caminhos para quê? Para combater o fogo?

MCe1: não, os agrícolas... para acessos aos terrenos... e temos de cumprir os projectos das limpezas... isso tem de ser não é? Senão não recebemos o dinheiro, e depois temos bebedouros... essa questão dos bebedouros, para os animais beberem... águas, para trazer, às vezes canalizações de águas para o regadio... é essencialmente a coisa dos caminhos, agora neste momento, temos o... o grosso do investimento é nos caminhos

AL: pois... está bem, eu não lhe vou tirar mais tempo, eu gostava de um dia, não sei se alguma vez vai ser possível, ir lá a Cela e Sirvozelo, conhecer lá um bocadinho o baldio... não vai ser agora que eu agora vou a Lisboa e depois só volto depois de 20 de junho...

MCe1: nós agora até andamos lá a fazer uma limpeza, do lado de lá, portanto eu aqui estou a fazer uma coisa mais ou menos inédita... tínhamos lá para aí 5 hectares para roçar, você se passar por lá agora já vê... aquela zona é muito bonita

AL: eu estive em Outeiro mas não fui a Cela, estive em Paradela também, mas...

MCe1: pronto, mas Paradela, se seguir, atravessa a barragem para o outro lado e vai por ali, portanto está ali a 5 km de Cela. Se for pelo outro lado, você vai para onde, para Braga?

AL: vou por Braga, vou pela N103, sim... mas não vou para Braga, agora vou para Barrocelas

MCe1: mas se for por dentro, pela zona do Parque... passa por Cela e Sirvozelo

AL: ah

MCe1: pronto, e vai passar numa zona, ao passar Cela vai passar numa zona onde eu estou a fazer uma limpeza, eu estou a fazer agora uma coisa diferente do que fazia, até aí fazíamos os 5 hectares todos seguidos e agora não, estou a fazer, por exemplo, um hectare, deixo uma tira de mato, faço outro hectare, deixo outra tira, para quê? O que é que... para não ser tudo junto e os animais, a vida selvagem, para se abrigar ou para... não é... e de hoje a amanhã, é pena não haver continuidade de hoje a amanhã, porque de hoje a amanhã roçava-se aquele que estava, que ficou agora e fazia-se e depois ia-se alternando, portanto... isto é que havia de ser aqui mais bem gerido, porque limpar áreas muito grandes... eu acho que isto é...

AL: é um custo...

MCe1: não é só o custo... havia de ser um bocado aqui, outro ali, e outro acolá e isto daqui a dez anos os montes não precisavam de ser queimados, tava mato velho, mato renovado, mato isto, mato aquilo...

AL: pois, pois

MCe1: e a fauna e a flora estava... tudo crescia com [?]

AL: pois isso dos mosaicos, eu lembro-me quando estava a estudar, eu tirei florestal, engenharia florestal, eu lembro-me quando estava a

MCe1: então você disse deve perceber...

AL: oh, eu acabei por não aplicar muito, portanto é só teoria na minha cabeça, mas lembro-me de falar muito dos mosaicos, que manter mosaicos na paisagem que facilitava... que é benéfico para a fauna

MCe1: por acaso aqui em Espanha estão a fazer isso, se você se deslocar ao lado de lá tem essa noção, aqui já passa a fronteira, desce ali a [? *Não se percebe*] e olha para a montanha do [? *Não se percebe*], para a encosta... estão a fazer exactamente isso, parece-me que está a ser muito bem feito

AL: pois, e sendo num parque, faria sentido não é...

MCe1: pois, eu acho ... da maneira como é... havendo verbas como há... não é? Mais sentido havia...

AL: pois, eu acho que aí falta, lá está, falta o tal acompanhamento dos profissionais do ICN, porque aqui as pessoas não estão propriamente habituadas a gerir certo tipo de ecossistemas, florestas e não sei quê... não é? Digo eu... ou pelo menos historicamente a floresta não faz parte da vida aqui...

MCe1: sim, mas também... vamos lá a ver, não sou eu que marco, não fui eu que marquei aquilo... eu agora é que disse ao... à empresa “olha, faz-me assim”, depois falei com a presidente dos baldios, da associação... e disse-lhe “eu vou fazer assim”... porque aquilo é uma equipa, quem faz o projecto é a ELA... a ELA são várias entidades que é o Parque, é a Associação de Baldios, é o Ministério da Agricultura, são várias... e depois eles é que fazem a cartografia para cada candidatura... pronto, aí é que se calhar havia de se... nessa altura das candidaturas é que se havia de planear melhor

AL: claro, aí é que havia de haver intervenção

MCe1: em vez de ser... porque é que são 10 hectares seguidos? Eu o ano passado fiz 10 hectares seguidos

AL: bolas! É imenso...

MCe1: não me parecia assim muito bem essa parte de se fazer 10 hectares seguidos, acho que havia de ser mais pormenorizado no terreno o que é que havia de ser feito, mas nós também queríamos era o dinheiro, não íamos dizer que não...

AL: ah, pois é essa a ideia às tantas “ah querem que a gente faça, a gente faz...”

MCe1: agora por acaso fiz... mandei fazer assim, mas mesmo assim as tiras ainda estão um bocado [? *Não se percebe*], tem vários metros, havia de ser mais [? *Não se percebe*], mas foi para testar e numa próxima, se houver, vou aproveitar melhor essa ideia... vamos lá a ver... mas por acaso temos lá sítios até que já limpámos, quando

foi das outras, havia lá um sitio que se calhar nunca foi limpo e tinha lá árvores que aquilo era um espectáculo... teixos e

AL: vi... tinha para aí um panfleto que tirei ali do parque, que é sobre um projecto LIFE, ou o que é, que é precisamente para a plantação de teixos, não sei se está aqui a ser aplicado ou não...

MCe1: já ouvi falar, já...

AL: não li nada ainda, só vi o panfleto

MCe1: mas não havia de se fazer plantações sem primeiro estabilizar a situação... depois os fogos... quer dizer, limpam tudo não é

Covelães: MCov1

AL: pois é, esta zona já é do Parque. Por acaso, aquelas eólicas que se vêem quando a gente está a chegar, estão dentro do Parque?

MCov1: não... não, porque as eólicas... nós aqui.... Nós fizemos um contrato com umas eólicas, com uma companhia, que o nosso monte dava para trinta e seis... e o Parque... já tínhamos aquilo tudo assinado, foi para baixo mas não deixaram fazer. O parque assim está a prejudicar-nos

(falo de como esta é a minha primeira abordagem aos baldios, mas que tenho lido muito e que de facto o que verifiquei nessas leituras é que as eólicas são uma das grandes fontes de rendimento dos baldios em geral e de como vinha toda pronta para perguntar se tinham eólicas nos baldios mas deparo-me com essa situação...)

MCov1: pois, já tinha, tinha... vieram aqui os 4 engenheiros, nós reunimos o conselho directivo todo e assinámos o contrato com eles e afinal depois o parque depois não deixou ir para a frente

AL: isso foi há muito tempo?

MCov1: já vai há uns anos...

AL: disse-me 36 eólicas... é muito

MCov1: trinta e seis! É o que eles... foram lá em cima no monte, andaram lá a ver e dava para trinta e seis. E aquilo dava muito dinheiro para nós e a nossa aldeia podia estar melhor do que o que está... e o Parque agora já não dá nada...

AL: qual é a vossa relação com o Parque?

MCov1: é boa

AL: é boa?

MCov1: é, porque eu era do Parque... (RISOS). Em princípio é boa...

AL: mas tem havido mais obstáculos da parte do Parque para além das eólicas na gestão do baldio?

MCov1: não, não tem assim havido muito. Há o problema do javali que já dá muitos prejuízos

AL: o javali vivo... ou seja, há demasiado javali, é isso?

MCov1: há bastantes, dão cabo dos lameiros, dão cabo do pasto ao gado e aos milhos...

AL: mas eles não... não se pode caçar javali? Achava que sim...

MCov1: não, só batidas, em batidas pode... mas há uma batida vá lá, de 2 em 2 meses... uma coisa assim mas depois chegou a um certo ponto parou, no tempo da direcção já não há. E agora já não há, agora andam eles aí à vontade a dar cabo dos lameiros, e depois ao vir os milhos andam em cima dos milhos. Tem de andar o pessoal aí a guardá-los se não dão cabo de tudo

AL: por acaso achava que o javali era possível caçar... achava que era introduzido para isso mesmo, também...

MCov1: não, as batidas não deixam passar assim muito. Nem no tempo da caça, naqueles dias próprios para caçar... uuh podem matar algum, mas escondido, de resto não podem

AL: ok... eu pensava que quando existiam associações de caça nos baldios que haveria uma espécie de concessão ou que havia algum benefício para o baldio, fosse ele qual fosse. Sei lá, podia ser limpeza de mato, fosse o que fosse...

MCov1: não... nós agora o que temos é o que nos dá a ITI. (...) para fazer uma roça de mato, fazemos o carvalhal, limpamos, fazemos limpezas, ainda há pouco tempo... ontem, tinha os sapadores hoje já pertencem a Paredes... amanhã que é 2ª feira vão para Paredes... para fazer limpezas...

AL: ah, dividem os sapadores, entre aspas...

MCov1: os sapadores pertencem a Covelães. Agora o ICN pôs Travassos, Sezelhe, Covelães e Paredes. Mas quem fica responsável aqui pelos sapadores é só aqui Covelães... alguma coisa que haja Covelães é o responsável

AL: porquê?

MCov1: porque estão mandados a Covelães...

AL: ah.

MCov1: mas a trabalhar estão também uma semana em Paredes, outra em Travassos e outra em Sezelhe...

AL: pois, isto é tudo coladinho não é...

MCov1: é... está aqui Paredes logo, que é freguesia. Nós agora até pertencemos à União de Freguesias, Sezelhe, Travassos e Paredes... é, União de Freguesias...

AL: e essa união de freguesias alterou em alguma coisa a quantidade de compartes por aldeia... ou seja, as pessoas que têm direito a usar o baldio de Covelães por exemplo... a partir do momento em que houve a união de freguesias, isso mudou?

MCov1: não, não mudou nada. Mudou, bem aqui tínhamos uma junta e havia outra em Sezelhe... por acaso até era em Travassos, e nós tínhamos aqui uma e em Travassos havia outra, ou Sezelhe. E agora a nossa desapareceu... só temos daqui um... um, quer dizer, um membro

AL: ah, que faz parte da Junta de Freguesia de Paredes...

MCov1: uuh, hmm, não. Paredes tem um, e Covelães tem outro membro

AL: ah, exacto... mas a Junta de Freguesia não é de Paredes, ou é de Travassos? Desculpe...

MCov1: não, é de Travassos...a junta pertence a Sezelhe, mas está em Travassos

AL: a sede...?

MCov1: sim, a sede está em Travassos. Em paredes é que está o [presidente da Junta]... ele está no conselho directivo... eu também estive 24 anos na Junta

AL: como presidente da Junta?

MCov1: estive presidente, estive secretário, estive tesoureiro, estive vinte anos. Antigamente, agora já não é assim, agora manda mais a junta. Antigamente um secretário de Paredes e Covelães, e o secretário..., de Paredes era o presidente vamos supor, e aqui era o secretário, quem mandava era o secretário aqui e o presidente lá. O presidente aqui quase não vinha dar ordens nenhuma. Depois tínhamos um contracto de quatro anos, lá o presidente, quatro anos, aqui... acabava os quatro anos tornava para Paredes, acabava em Paredes... depois houve um desentendimento, desentenderam-se e depois pronto, acabou. Agora é que veio a união e passou para Travassos. Mas amanhã pode estar aqui, agora nas novas eleições pode ser o presidente daqui, conforme... pode ser Paredes, pode ser Travassos, como agora é Travassos, mas pertence a Sezelhe

AL: vocês aqui já têm o PUB, o plano de utilização dos baldios, ou o plano de gestão...

MCov1: de gestão?

AL: sim, se já fizeram aquele plano que agora é obrigatório, que é para 5 anos...

MCov1: sim, sim

AL: então já têm o baldio todo delimitado, vá...

MCov1: já, todo delimitado

AL: ok. Quem é que vos ajudou nesse processo, qual foi a associação?

MCov1: ora bem quem trata mais disso dos baldios, que é a que está coiso... é a engenheira Lúcia. Parece que também há um Paulo Tourém que também pertence aos baldios

AL: Paulo de Tourém ou Paulo Tourém?

MCov1: de Tourém

AL: ah ok

MCov1: já falou com esse?

AL: ainda não, mas está aqui também...

MCov1: estive na Junta muito tempo

AL: estava só a ver se o nome coincidia aqui na minha lista...

MCov1: não, é Paulo... é Paulo Grilo o nome...

AL: ah, tá aqui, Paulo Barroso

MCov1: Paulo Barroso, é, Paulo Barroso, mas o nome do pai é o Grilo, é nomeada... é como eu, eu chamo-me Manuel Gonçalves Braga e aqui chamo-me Manuel Gaspar

AL: porquê Gaspar?

MCov1: porque é nomeada da casa antiga, a casa dos meus pais era Gaspar. Gaspares... e depois há outros Sorradeira que não são Sorradeira mas que lhe chamam Sorradeira, há várias, aqui a do Albertinho que era do meu sogro, que também já morreu, que também chamam de Engenheiro Gusmão. Os Pedreira, Pedreira, que chamavam Pedreira mas não se assinavam Pedreira. Cada qual tem o seu apelido, mas não se assinam com esse apelido

AL: então o Paulo Barroso é Grilo... já o vou surpreender... (RISOS)

MCov1: ao pai dele chamavam-lhe o Grilo

AL: muito bem. Então é a Lúcia Jorge que vos trata da papelada e dos planos de gestão e tal...

MCov1: a papelada é aqui, que eu tenho uma contabilista

AL: ah, pois, isso é a papelada das contas. Mas por exemplo quando vocês querem candidatar-se a ...

MCov1: isso é a Lúcia...

AL: para se candidatarem a financiamentos...

MCov1: sim, é a Lúcia... mas é de quase todos, e acho que são todos. Travassos, Sezelhe, Paredes, ..., são todos, Outeiro...

AL: por causa do Secretariado dos Baldios não é?

MCov1: é...

AL: e o baldio de Covelães está a ser gerido em cogestão com o Estado ou autonomamente? Ou seja, é a modalidade a) ou a modalidade b)?

MCov1: acho que é a b)...

AL: a b) é com o Estado... em cogestão com o Estado, não é?

MCov1: ele estava... até, o nosso carvalhal estava destinado a ser uma reserva de caça, de caça, mas é caça de Parque Nacional... já nos marcaram isso, mas não sei como é que as coisas andam, as coisas parece que não andam bem e não sei quê. Eles querem é que aquela parte seja deles e que botem para ali a bicharia que eles querem. E agora em princípio não têm deitado, mas já deitam para aí muitas merdices. Já deitam o lobo, já deitam o javali, deitam para aí tudo

AL: o lobo?

MCov1: o lobo, então, e muito! Então, aparecem vacas mortas, mortas quer dizer, são os lobos que as matam, depois vêm os guardas do parque, que era como eu, que era vigilante, que íamos fazer essa... íamos lá ver depois fazíamos o auto de avaliação, dávamos-lhe um x, aquilo ia para baixo e depois lá vinha o dinheiro

AL: ah já nessa altura faziam isso...

MCov1: já! Fiz muitos serviços desses, muitos

AL: e como é que isso corre agora aqui? Há muitas queixas das pessoas?

MCov1: há, há queixas...há sempre, porque há muitos lobos e... mas é mais o javali, o javali é que, o povo está é mais contra o javali

AL: mas esse estraga mais é as plantações...

MCov1: não, no gado não fazem nada, mas vão-se, vão-se às terras dos milhos e devoram tudo, têm que andar os lavradores de noite para os defenderem. Às vezes já estão a vedá-los [aos campos] com redes... já há aí alguns, até aqui em Covelães, há aqui um por cima já que vedaram tudo lá

AL: pois... e não pedem dinheiro ao ICN para fazer essas vedações?

MCov1: não... eles não dão nada, que faz interesse em pedir. Se for por pedir pedia-se mas eles não dão, eles não têm dinheiro. O parque agora está na falência... porque antigamente havia muita fiscalização. Eu quando estava no serviço eu ia fiscalizar para Cabril, Fafião, às vezes ia para o Geres, fiscalizava esta área toda. Às vezes juntava-me com outros colegas e vínhamos aqui para cima também fiscalizar. Agora não se vê ninguém. Agora só se vê algum javali... não fazem nada, é uma pouca vergonha

AL: então e quando vocês querem falar com o ICN como é que fazem?

MCov1: nós nunca falamos com eles. Falamos com a engenheira Lucia e ela é que trata de tudo. É ela que trata de tudo

AL: ah, ok. Mas portanto o ICN não anda aí? Ou os Serviços Florestais ou o que for...

MCov1: os SF tem mas os SF andam mas é no rio

AL: Ai é?

MCov1: às multas... agora não andam... isso andam para aí à caça de noite, fazem trinta por uma linha e não se vê ninguém

AL: e não se vê ninguém do ICN...

MCov1: não, não se vê ninguém a fazer fiscalização nenhuma

AL: e como é que... bom, se vocês estão na modalidade b) então o Estado deveriam participar na gestão da floresta não é... como é que isso

MCov1: isso agora é o ICNF

AL: pois, agora é o ICNF, agora juntaram-se não é... as florestas com a conservação da natureza

MCov1: pois, e agora também dizem que é o b)... já não percebo nada. Modificam...

AL: pois, agora fica um bocadinho diferente.

MCov1: Porque dantes tínhamos o parque e tínhamos a floresta. Agora está tudo junto.

AL: Mas há alguma intervenção... por exemplo, pelo que eu sei quando as terras foram devolvidas às populações deu-se a alternativa de os conselhos directivos serem compostos também por um membro do Estado (SF) estabelecendo-se assim uma relação de cooperação na gestão da floresta. Aqui em Covelães existe algum membro do Estado no CD?

MCov1: aqui não... estão lá no Gerês e em Braga, eles de vez em quando vêm aqui

AL: mas no vosso CD aqui de Covelães não há ninguém dos SF?

MCov1: não! Nem nos outros... não há ninguém dos SF. Vêm e lá vão fazer a intervenção ao rio, mas aqui não...

AL: então eles não intervêm em nada na gestão da floresta do baldio? Não dão apoio técnico nem logístico...

MCov1: não. Mas nós aqui só temos carvalhal. Não temos pinheiros. Se tivéssemos pinheiros ah isso não faltava, mas o nosso carvalhal é para o lavrador, aquele que não tem lenha, vai tirando. Tira-se um agora se ele está muito basto, tira-se um fica um de dois em dois metros, ou de três em três metros, e aos outros tiram e trazem-nas para o gado... para o povo! Então como é que eles iam de inverno se aquecer? Há muita gente que não tem aquecimento, não tem gásóleo, o gásóleo também está caro, e mesmo que tenham aquecimento é precisa a lenha. Eu também tenho a lenha, a lenha e a gásóleo mas em princípio é a lenha porque senão gastava muito, não chegava o ordenado

AL: pois... e qual é que é a área do carvalhal... já me disse se calhar mas já não me lembro...

MCov1: do carvalhal... são para aí uns 400... mas não é todo, depois temos muito mato

AL: e o mato também dá para aquecer não é...

MCov1: não. Essa lenha é que é para aquecer, a outra é para as cortes. Nós temos uma parte do monte que é para roçar e fazemos roçadas e guardamos para o gado, que paga o, é o ITI. Nós gastamos com uma companhia, ou com uma firma para nos fazer lá uns x hectares. Nós temos de fazer, no regulamento é 2 hectares, ora... 6, 12... 12 hectares por ano. Agora com esse coiso temos de fazer seis hectares, e temos de ter para aí, e temos para aí uns 8 de carvalhal e temos de fazer esse carvalhal todo! Temos de pagar com esse dinheiro que vem da...

AL: isso por causa das ITI's?

MCov1: pois. Esse dinheiro vai para ali, tem que ir para fazer esse...

AL: o dinheiro que recebem das ITI's têm que investir nessa...

MCov1: é para o monte baldio. Limpeza de caminhos...

AL: e podem usar a madeira? O que sai das limpezas, em geral, podem usar...?

MCov1: pois... vai para o gado que depois aquelas máquinas desfazem tudo, depois só fica a erva que é para o gado comer, porque aquilo... a máquina desfaz, aquilo é para desfazer, mas nós contratamos uma companhia...

AL: essa companhia é de onde?

MCov1: é de Travassos... é do irmão do presidente da Junta, ele é que vem fazer aqui. Mas há outras que vêm de Braga, mas esses aqui nunca trabalharam. Mas

trabalharam em Travassos já... trabalharam em Sezelhe, trabalharam em Sabuzedo, que ainda é longe, trabalham em muitos sítios. Trabalham em Outeiro

AL: está a falar daquela de Braga. Ou da do irmão do presidente?

MCov1: da de Braga. A do irmão também faz aqui, é aqui... e às vezes lá vem a ... porque aqui Paredes têm tractor, e esse tractor foi comprado com o dinheiro da ITI. Isso é o que nós fizemos mal, não termos comprado, não estávamos agora a pagar. Mas a engenheira Lúcia disse “ah, a vocês não vos compensa, a vocês não vos compensa, não comprem”. E nós não comprámos, fizemos mal, agora nós fazíamos as coisas e o dinheiro ficava, ficava quer dizer, tínhamos depois o gasóleo, mas ele já se gastara, era da ITI, pronto gastou-se aquele dinheiro, depois agora o que vinha era todo bem-vindo...

AL: com o tractor conseguia fazer essa limpeza toda?

MCov1: limpezas várias

AL: ah, pensava que era uma máquina especial que triturava

MCov1: e há outros que têm... Pitões também fazem. O de Pitões não é preciso alugar assim as coisas porque têm lá um tractor...

AL: compraram com dinheiro da ITI também?

MCov1: foi. E os de Tourém também, compraram um também, e grande, queimaram-no. Quer dizer, não se lá que foi, se foi malandrice, se foi ele que teve um curto-circuito e que se incendiou. Sei é que ardeu todo

AL: não tinha seguro não tinha nada?

MCov1: era um tractor muito grande e esse foi ao ar. E nós aqui se o tivéssemos escusávamos de estar a pagar. Mas a Lúcia lá disse “não, que a vocês não vos compensa, porque coiso”. Porque eles tinham muito mais área... porque eles tinham muito mais área do que nós

AL: e vocês não podem o tractor do lado?

MCov1: dá mas temos de pagar

AL: pois, mas se calhar pagam menos do que pagam se pagarem a uma empresa

MCov1: ah, é quase igual. Depois temos esse tractor dessa companhia, lá a de Travassos, tem um tractor que tem lagartas... aquilo vai por cima de urzes grandes, aquilo dá para tudo. Os outros às tantas os pneus rebentam. Depois se estão sempre a rebentar aquilo nunca anda mas o de Travassos não, aquilo é sempre a andar

AL: quanto é que custa um tractor mais ou menos?

MCov1: noventa e tal mil... o de Tourém foi, noventa e tal mil. Esse de Travassos não sei, nunca perguntei, mas custou também para aí oitenta mil...

AL: e o dinheiro das ITI dava para comprar isso? Um ano das ITI dava para comprar um tractor?

MCov1: pois logo ao princípio quando esse dinheiro veio era para comprar um tractor, calha depois meter lá pessoal a limpar e coiso compraram o tractor. E agora então esse dinheiro está...

AL: está a entrar

MCov1: está a entrar para eles. Em vez de ir parar a outro lado vai para eles. Eles fazem x hectares como nós durante o ano

AL: é doze ao todo não é

MCov1: nós por cada hectare estamos a dar 750 euros

AL: à companhia?

MCov1: sim. E depois ainda tem o IVA, ainda temos de lhe pagar o IVA. Vá lá que aquilo é só 6%

AL: ai é, 6%?

MCov1: sim, no baldio é. Agora temos a parte que vamos roçar e vamos lá com essa máquina... com essa companhia. Mas nós temos terreno que é para trazermos mato para o gado, porque nós, as cortes, se não puséssemos ficava cheia de porcaria, temos de carregar, como o meu rapaz agora foi buscar, um pouco porque o gado já está na... e essa parte é para... já não lhe mexemos... ali é o povo só, a aldeia é que tira...

AL: o mato?

MCov1: mato, mato, trazem-no para casa... o outro que é mais coiso, não dá... o maior é para as maquinas... que é depois para ficar limpo para o gado comer, aquilo é para pasto do gado. Isto o dinheiro que vem é para nós fazermos a limpeza para o gado pastar, porque eles querem que o gado paste e que seja aquilo limpo para o gado ter que comer...

AL: mas esse dinheiro também não é para fomentar a conservação da natureza e tal? As ITI's... são as intervenções territoriais integradas ou que é né? E eu achava que estavam mais associadas à protecção da natureza do que à produção... não? Não sei, tenho de ler mais sobre isso...

MCov1: não, o parque não deixou pôr aí as eólicas que nos davam mais dinheiro escusávamos de andar com isso... tínhamos mais dinheiro, dava empregos, empregavam aí pessoas para guardar as eólicas e coiso, tínhamos o dinheiro, esse dinheiro aplicávamos aqui no povo em melhoramentos...

AL: pois... mas se calhar por isso é que vocês têm as ITI's não é?

MCov1: a parte de acolá está melhor que nós... ali não é Parque, do rio para lá já não é parque, já têm as eólicas por ali abaixo, as aldeias... recebe a câmara e recebem as aldeias e as aldeias agora estão com o que querem, já têm dinheiro para as despesas, para fazerem melhoramentos, para... antigamente não faziam nada...

AL: isso é uma coisa que queria perguntar... aqui, pelo que percebi, vocês não têm floresta nenhuma, ou seja não ganham nada com a venda de madeira...

MCov1: não

AL: então o que é que vos traz algum rendimento aqui no baldio

MCov1: é o ITI...

AL: é só as ITI's...

MCov1: e agora cortaram... A nós cortaram-nos, só nos deixaram para o gado... 181 hectares

AL: e o resto?

MCov1: o resto sei lá para onde foi...

AL: e o resto fica para quê?

MCov1: sei lá para quê... agora andam a fazer barulho para aí, já fizeram para aí umas reuniões. Eu até era para ir ali ao Gerês... lá para fazer, vinha lá um deputado do PSD, e depois vinha lá um ministro e não sei que para fazerem barulho a ver se tornavam ao mesmo, a ver se davam. Nós tínhamos... aqui nós temos pouco gado e portanto o monte chega. Mas se for falar em... alguns tinham 40 hectares. O de Outeiro... e agora tiveram de dar só 4 hectares ao lavrador... quatro... se tem 20 vacas levou quatro, o que tem 50 levou quatro... não tem mais para lhe dar. Tiveram de dividir cada hectare. Ficaram só com 50 hectares... eles tinham para aí 2000 ou 3000 hectares... e depois vieram aí e diz que aquilo eram pedras, que não era pasto. Que era pedras, não sei quê, e que não era pasto. E depois cortaram-lhes, agora é...

AL: então se era pedras qual é o problema deles que as pessoas continuem a andar por lá... não faz sentido *[achava eu por esta altura que este corte se devia à conservação da natureza...]*

MCov1: lá na serra... aquilo, realmente nalguns sítios é mesmo pedra. Há muitas pedras em que o gado não pasta e aquilo está marcado e as pessoas iam receber dinheiro do fundo, do baldio... o baldio da dinheiro... o baldio da dinheiro! Eles vão buscar dinheiro ao baldio...

AL: quem?

MCov1: os lavradores. Os lavradores e tiverem 10 hectares recebem x, se tiverem 20 recebem mais, se tiverem 40 recebem mais...

AL: mas recebem de quem? Do baldio? Das ITI's?

MCov1: vão fazer os subsídios e vão receber essa importância... toca a cada hectare x

AL: mas isso não tem nada a ver com o baldio, ou tem? Ou seja, disse-me que o baldio dá dinheiro... percebi bem ou percebi mal?

MCov1: o baldio dá dinheiro que vem da ITI

AL: ah, já percebi. Então o baldio recebe x da ITI, e depois conforme o número de hectares de cada produtor, assim recebe dessa ITI

MCov1: depois dividimos aqueles que eles deixaram só aquele terreno para dividir pelos animais que têm

AL: pelo número de cabeças...

MCov1: cabeças de gado

AL: ok

MCov1: mas isso depois cada um... se tiver 10 hectares já recebe mais que ...

AL: então não é só o número de cabeças, é também a área...

MCov1: é a área é... as cabeças recebem por uma parte, lá o subsídio... e depois vão tirar também lá do baldio

AL: o ITI?

MCov1: sim...

AL: ah. E aí é que entram os hectares...

MCov1: é...

AL. Ou seja, se eles contassem com zonas rochosas, mesmo que o gado não lá fosse, estavam a receber mais dinheiro

MCov1: estavam a receber mais

AL: por isso é que eles estão a cortar

MCov1: em Travassos... aqui tinha só um que tinha cento e não sei quantos hectares e outro tinha quase igual... e os outros pequenos tinham pouquinho. E eles aproveitavam, era uma porrada de dinheiro que entrava para eles e os outros nada. E aqui não, recebem quase todos o mesmo

AL. E quem é que decide os hectares de cada um?

MCov1: é o conselho directivo. Eu dividi por Covelães... em Paredes foi o, lá o.... Presidente do conselho directivo. Em Travassos foi o conselho directivo, todos...cada vaca x, dois hectares. Dividir dois hectares por cada vaca. Mas se não

chegasse, o meu terreno não desse, se me tinham cortado mais área em que eu ficasse só com 30 a 40 hectares, só podia dar para aí meio hectare a cada um, o que aconteceu em Outeiro. O de Outeiro, agora só ficaram para aí com 50 hectares quando eles tinham para aí 3000, e agora eles têm bastante gado e agora sobra só um bocadinho a cada um

AL: igual para todos ou consoante o número de cabeças?

MCov1: a mim foi tudo igual, e às vezes dava mais um bocadinho a um, mais um bocado a outro, mas ... não sei se isso estará bem

AL: pois... eu não sei mas isso parece-me que estão a tentar corrigir abusos de alguns no passado. Com certeza houve muitos que abusaram dos subsídios e agora... para cortar isso cortam até nos que não merecem o corte...

MCov1: é! Porque agora há muitos a queixarem-se porque recebiam cento e tal hectares e agora só dão 5 ou 6 ou 7 hectares a cada e eles agora estão revoltados, lutam para que se volte aos mesmos hectares...

AL: então mas...

MCov1: cortaram muitos hectares! Nós temos... nós até tínhamos assim, segundo a engenheira Lúcia tínhamos 600 e tal e eles só nos deixaram 181. E agora temos de dividir esses... agora repararam que aquilo era só rochas e não sei que mais e só lhes deixaram 50 hectares

AL: aonde?

MCov1: o de Outeiro, Parada... 50 hectares não dá para depois o gado andar bem

AL: Então e agora como é que...

MCov1: agora em vez de terem 40 hectares ou 50, têm só meio hectare. O CD teve de dividir aquilo. Agora vamos ver se aquilo vai ficar ainda em águas de bacalhau, não sabemos porque ainda andam a tratar disso

AL: e você chegou a ir ao tal encontro no Geres onde estava o tal deputado?

MCov1: não. Não fui

AL: mas foi lá...

MCov1: fui chamado mas não fui

AL: alguém foi?

MCov1: foi, foram outros. Ia lá o presidente da câmara aqui do coiso, iam os lá de baixo, iam lá cinco presidentes da câmara e iam os conselhos directivos. Quem me telefonou foi o de Fafião... que era para irmos ao Gerês. Eu disse " eu que vou lá fazer, eu estou bem, eu não me interessa"

AL: têm que se unir (RISOS)

MCov1: para o meu gado chega, porque nós só tínhamos... a nós dava... se eu tinha 5 vacas, ou sete, eu só tinha 5 hectares mas agora fiquei com 20, ainda fiquei com mais. E agora aquele que tinha 10 hectares passou a ter 20. Quando tivemos o nosso terreno dá para o gado, nós temos pouco gado. Agora se tivéssemos 500 vacas aqui, como tivemos antigamente isto já não dava nada e assim dá, temos menos gado temos mais hectares.

AL: mas se diminui a sua área de ITI vai receber menos dinheiro

MCov1: o CD é que vai receber menos

AL: pois, por isso se calhar devia ter ido ao Geres (RISOS). Deviam juntar-se todos nessa luta...

MCov1: oh, sei lá, isso ao fim se calhar não deve dar nada. Não dá nada porque já estão a dividir, já têm tudo dividido

AL. Então imagine que aqui em Covelães as ITI's baixam a um ponto tal que entra mesmo muito pouco dinheiro, como é que vocês... vocês não têm mais nenhuma fonte de rendimento ou têm...

MCov1: não, mas se não houver não fazemos o serviço, no lugar de ser limpo não é, nos temos de ter...o CD tem de ter dinheiro para limpar o monte, se não tem dinheiro não se limpa, fica... agora vem depois o lume e limpa tudo. Depois é incêndios...

AL: mas vocês aqui não têm mais nenhuma forma de rendimento para além da ITI?

MCov1: não...

AL: o carvalhal também não vos dá dinheiro pois não?

MCov1: não, o carvalhal é só para o pessoal, embora que não podem cortar tudo, aquilo dá agora o que é é cada um cortar mas deixar o carvalho, os carvalhos... porque o Parque não quer...

AL: você há pouco disse-me que eram 400 e tal m2 era isso? O carvalhal?

MCov1: 400 metros como?

AL: qual é a área do carvalhal?

MCov1: não, o carvalhal... quer dizer, ao limpar fica quatro metros de planta para planta

AL. Ah, ok. Mas qual é assim a área toda do carvalhal?

MCov1: uns 400 hectares...

AL. Ah, hectares, pronto, foi aí, é que há bocado disse 400 mas depois não disse mais nada e eu fiquei a achar que seriam m2

MCov1: 400 hectares... que tem de carvalhal! 400 hectares. E o outro é que é só para pastar o gado e para roçar e para limpar com as máquinas para ficar o pasto para o gado. Temos uma parte que é carvalhal, para li já não é carvalhal, para ali é carvalhal, esta parte, temos uma parte para roçar, vai a companhia lá coiso e roça aquilo e desfaz o mato. E temos outra parte que é para a povoação trazer o tojo, o mato para as cortes, para os animais

AL: e a maior parte do vosso baldio é o quê?

MCov1: ...

AL: ou seja, o vosso baldo tem mil e tal hectares...

MCov1: mil e tal?...

AL: então não foi o que me disse há bocado, era quanto?

MCov1: ah, mil e tal, sim, sim, tem 1800 e tal, mas sim, com o de Paredes devemos ter mil e tal

AL: ah, 1800, tem quase 2000. Mas pronto, isso é o baldio...

MCov1: é, mas é com o carvalhal e tudo

AL: sim, então, de 1000 e tal hectares, mais não é..., 400 hectares é o carvalhal não é... e o resto é...

MCov1: já recebemos antigamente pelo carvalhal...

AL: já receberam?

MCov1: vieram aí mediram, não sei se eram do Parque, e depois deram 400 hectares de carvalhal. E depois davam-nos x

AL: Ai davam-vos dinheiro para manter o carvalhal?

MCov1: sim.

AL: e já não dão?

MCov1: agora deu a ITI e pronto, passou tudo... não sei é o mesmo se não é, devia ser... agora o ITI é que tomou conta...

AL: e o resto da área do baldio, que é mato para as pessoas irem lá buscar e que é mato para fazer a pastagem, é quanto?

MCov1: ai agora por hectares?

AL: sim... a maior parte é o quê? A maior parte é matos para as pessoas ou é matos para pastar?

MCov1: para pastar é quase metade do baldio fora do carvalhal. Se é 1000, são 500 para roçar e para limpar e são outros 500 para trazer o mato para o gado, para a cama dos animais. Agora tenho aí os animais, tenho ali em cima... agora são todos já na lama, como é que se diz aqui... estão sujos. Lama no mato, o rapaz foi buscar o mato, já o trouxe um bocado... depois faz as camas, bota-lhe um bocadinho de palha por cima, pronto, e lá estão enxutas

AL: vocês também têm aqui agricultura na aldeia?

MCov1: agricultura?

AL: sim, qualquer produção agrícola...

MCov1: todos têm lavoura

AL: mas não é no baldio, é fora?

MCov1: fora! Eu no baldio não deixo. O baldio não se pode vender e não se pode dar a ninguém. Não se pode, o conselho directivo não pode vender, nem arrendar nem nada, não pode tocar no baldio. Pode fazer... coisas de...tirar o mato, lenha, tudo, de resto não se pode tirar... saibro, é proibido tirar saibro

AL: por ser no Parque?

MCov1: sim. E várias coisas que não deixam... pedra, não tiram pedra assim de qualquer maneira. Se não vêm cá amanhã os fiscais... eles vêm poucas vezes mas se vierem podem ... no de Tourém, no outro dia andavam a tirar saibro, foi lá a fiscalização e multou-os

AL: foi?

MCov1: Tourém... já foram multados.

AL: isso é tudo por ser no Parque?

MCov1: dentro do Parque, fora do Parque não... é por isso que nós devíamos ser beneficiados do Parque... o Parque antigamente dava para os sapadores x e agora não dá nada

AL: aí não dá 35000?

MCov1: 35000 é o ICN...

A: ah, ok. Sim, sim, sim

MCov1: o Parque havia de ajudar, não ajuda nada, diz que não tem dinheiro, que não há dinheiro... o Parque não... no outro dia dizia o engenheiro lá do ICN de Vila Real, "o Parque não contes muito com ele que o Parque não tem dinheiro"

AL: sabe qual é o nome desse engenheiro?

MCov1: era Carvalho... Carvalho...

AL: qualquer coisa Carvalho?

MCov1: é... Eduardo Carvalho!

AL: do ICN de Vila Real?

MCov1: sim

AL: aaah. Ele veio cá fazer o quê?

MCov1: por causa dos sapadores, tivemos um problema com os sapadores, por causa do dinheiro, o dinheiro não dava então veio aí para ver se a câmara dava dinheiro porque senão os sapadores tinham de se ir embora... depois a câmara deu...

AL: e ele aí fez questão de dizer que eles não têm dinheiro e que não podem...

MCov1: não, o Parque não, o Parque, que não esperasse alguma coisa porque o Parque não tinha dinheiro e acabaram por dar os 35000, vocês dão os 2500, a câmara dá 10000, e pronto, as coisas já se vão compor... e foi assim que nós resolvemos

AL: pois

MCov1: e por esta altura os sapadores ainda estão por receber 3 meses e esse que vem 4...

AL: estão por receber?

MCov1: pois... ainda agora mandei para lá a papelada... só ma mandaram agora ultimamente só que já deviam ter mandado no principio do ano. E agora mandaram um coiso para se reconhecerem as assinaturas, para... pronto, ainda só foi ontem que lá chegou. E agora pronto, claro que já deviam ter mandado, esse dinheiro já podia estar aqui algum. Dão-se 10000. Agora vêm entregar 10000. Depois em Julho dão 12000. E depois logo a seguir lá para o fim de Outubro/ Novembro, No dão outros 10500. É às prestações.

MCov1: oh, está a ver o mapa que manda a Lúcia... então, agora temos de roçar, mato... Covelães, está a ver aqui, silvicultura

AL: sim, isto faz parte do PUB não é?

MCov1: isto é do uso do... tem de se fazer isto...

AL: do plano de gestão não é?

MCov1: é, oh, mais o...

AL: isto é o que tem de roçar?

MCov1: pois... isto é do... acho que é do carvalhal. Agora aqui temos.... Mato

AL: isto é a roça do mato?

MCov1: olhe, isto já foi feito, mas já foi feito ainda no , ela ainda não me deu o resto...depois tem aqui o dinheiro...

AL: tem aqui o dinheiro, sim... ai, não, isto são os hectares

MCov1: já fizemos. Aquilo é os hectares que temos de fazer. Já fizemos um... ano de 2012/2013... 6 hectares, e depois temos aqui...

AL: isso é o roçar de mato para pastagem

MCov1: para pastagem. 2013/2014, também já fizemos, mais 6 hectares. E agora temos esse para fazer. Temos 2015... 2014 para 2015 e depois é em Novembro e Dezembro. Tem de ser em Novembro e Dezembro. Depois temos aqui em 2015 e 2016 mais 6 hectares, Novembro e Dezembro

AL: mas aqui ainda não fizeram, mas era pa ser em Novembro e Dezembro de 2014

MCov1: ainda temos de fazer

AL: já está atrasado não é?

MCov1: pois, já está atrasado, ainda vamos fazer agora

AL: porque não conseguem pagar aos sapadores?

MCov1: não é lá com o outro, lá com a ...

AL: ah, com a companhia...

MCov1: e vai até ao... até aqui, 2016 a 2017. Temos de fazer 36 hectares de rouça, rouça de mato, a máquina desfaz tudo, aquele é para desfazer. E o outro que fica por fazer, esse é para o gado, para as cortes dos animais

AL: que fazem vocês, não precisam de...

MCov1: é! Esse, foi, foi a Lúcia que me entregou isto e eu tenho de fazer isto tudo.

AL: “no âmbito do fundo florestal permanente”... “contrato de atribuição de apoio financeiro no âmbito do FFP...”. Hmm, eu acho que este dinheiro não tem nada a ver com as ITI's, pois não? Ou será que tem?

MCov1: não!

AL: ah, não tem!

MCov1: este não! Este é do ICN... este é do ICNF, ICNF... era onde eu pertencia...

AL: portanto este dinheiro é para os sapadores, ok, eu estava a trocar...

MCov1: este é para os sapadores

AL: e depois a ITI dá dinheiro que vocês usam com a companhia não é?

MCov1: esse é para a limpeza dos montes, limpeza de carvalhal, limpeza de mato

AL: ok, já percebi

MCov1: este é o que eles dão lá do ICN. Agora não sei se esse ICN pertence ao Parque ou não pertence...

AL: eu acho que sim, porque veja, o ICNF agora é o instituto de conservação da natureza, que é o Parque, e das florestas, que é os serviços florestais, eles uniram-se. Agora em termos práticos não sei o que é que isso significa...

MCov1: pois, mas além desse, no antigamente, ainda davam por fora x davam 10000... eu tenho aí o protocolo

AL: portanto, os serviços florestais davam x e o parque ainda dava mais?

MCov1: dava, o Parque dava mais

AL: há quanto tempo é que isso deixou de acontecer?

MCov1: ai já vai para aí há uns 6 anos, 5, 6 anos... quando isto começa a mudar de presidência, lá do coiso de primeiro-ministro e o caramba aquilo começa logo tudo a manobrar... fica tudo estragado

Fafião: MF1

“AL: ah, então a Câmara também financia um bocado aqui dos vossos trabalhos...

MF1: sim, algumas coisas [que fazemos a câmara também financia]. Eles conhecem perfeitamente o nosso trabalho, sabem como é que nós funcionamos, as coisas não vêm aqui ter por acaso, vêm porque nós fazemos pressão e trabalhamos por elas, porque se estamos à espera que nos entreguem alguma coisa é esquecer, assim nunca chega cá nada, estamos aqui muito longe da... estamos na fronteira, estamos (...) Terras do Bouro e (...), e já estamos muito longe de Montalegre, estamos a 46 km pela estrada interior, se formos pela nacional são 57... e pronto, estamos muito longe, estamos mais perto de Braga do que de Montalegre, e pronto, se não formos lá de vez em quando pedir alguma coisa aqui não vem ter nada

AL: ok... então parece-me a mim, pelo que vai dizendo, que há uma relação bastante pacífica com a malta do parque...

MF1: sim, sim. Nós temos uma boa relação, só que o problema é que muitas vezes o Parque cria-nos entraves quando queremos fazer alguma coisa. Vou dar-lhe um exemplo... aqui nesta aldeia até nem há muito desses projectos para jovem agricultor, esses jovens precisavam de uns pavilhões para meter animais, tipo 20 vacas, um pavilhão de 200 m2. As restrições a nível nacional... imagine, se está no

Alentejo, para fazer uma coisa dessas há 50 metros à volta do pavilhão em que o campo tem de ser seu, em todos os lados do pavilhão. Isso aqui na nossa zona é impensável, porque os terrenos são pequenos, tem poucos terrenos já sequear com 1 ha, aqui em Fafião, não sei, se houver..., mas julgo que não há nenhum e é complicado fazer isso. E eles nesta situação não facilitam e depois as pessoas ficam um bocado revoltadas porque não podem fazer... as regras são gerais mas aqui nestes sítios mais... únicos, diferentes, não se enquadra e o pessoal fica um bocado revoltado

AL: e nunca conseguem dar a volta a esse tipo de regras...

MF1: não, só conseguem fazer uns cobertos e depois, não é a mesma coisa, os animais ficam ao frio, porque depois aquilo não tem paredes e é mau. E são esse tipo de coisas que revolta as pessoas

AL: mas só por curiosidade, para que é que é esse espaço à volta?

MF1: é a legislação, não sei...

AL: ah... ok. Pois entendo a revolta. Ainda no outro dia estava a ler um documento, até acho que era de Pincães, em que eles diziam que os baldios são um bocado, à luz da Lei e dos governantes, vá, do poder central... os baldios são considerados muito como se fossem áreas homogéneas entre elas, como se fossem todos iguais, o que não é verdade. Não são iguais nem a nível físico nem a nível institucional, quando se está dentro de um Parque Nacional não é a mesma coisa que um baldio, sei lá, de Viseu ou outro qualquer...

MF1: pois, pois.

AL: E esses conflitos não levam a que a relação se deteriore entre as duas instituições, ou seja, entre os compartes e o Parque...

MF1: Uuuuh. Eu vou dar-lhe um exemplo... aqui estamos a tentar tirar os animais da aldeia, estamos a criar um polígono pecuário, só que o problema é que as coisas demoram muito tempo, aqui no Parque demoram muito tempo e o pessoal começa a ficar um bocadinho farto. E aí é um bocado complicado depois de... depois as pessoas viram-se um bocado para quem está à frente, neste caso que sou eu e tipo andam sempre a perguntar “isto nunca mais está”. E é complicado estar a dizer “bem, eu fiz a minha parte e agora estou à espera que o ICN faça a parte deles”. E eles demoram um bocado o processo. E é por aí, essa parte é a menos boa. No entanto se precisamos às vezes de alguma coisa, eu vou dar-lhe um exemplo, uma coisa que não me agrada nada no Parque é ver tudo cheio de mimosas, das infestantes, e o que é que eu, por exemplo, aqui com os sapadores... estou a fazer um combate às mimosas e até pedi um líquido que lhe deitam para as matar, porque elas, se não lhes aplicar nada rebrotam, e então eles até me deram o líquido para fazer esse combate... há coisas boas, há outras que são menos boas, é como tudo

Aqui nesta cerca fizemos um projecto de reflorestação com espécies autóctones...

AL: portanto, para lá também ainda é?

MF1: sim... eu penso que isto está aberto... nós fechamos isto por causa dos animais. Depois vamos fazer um bocadinho o trilho, vamos ver os pontos de água... pode deixar aberto... o problema quando fazemos reflorestação é... metemos carvalhos, metemos bétulas, metemos muitas árvores... se as deixamos sem estar protegidas, como tem aqui uma vezeira das cabras... muitas cabras, elas dão cabo das árvores com os cornos. Esgalham-nas e depois as árvores acabam por morrer. E então, ou temos de vedar para a coisa ficar bem feita, ou vedar tipo uma área destas ou então vedá-las à volta. Só que a vedação à volta dá muito trabalho.

AL: Pois, e deve ser caro não? Para todas as árvores...

MF1: é. O melhor é umas, tipo, um tripé em madeira e depois umas estacas a ligar esses 3 paus, só que isso fica muito caro... aqui temos um pinheiro, ali temos um carvalho, aquilo é um medronheiro

AL: e aqui o objectivo é produção, conservação...

MF1: não, é conservação, produção, não estamos a plantar para cortar, os pinheiros sim, quando chegarem à medida, mas estas árvores não, porque era uma pena estarmos a cortar estes carvalhinhos

AL: sabe qual é a espécie?

MF1: este aqui é o americano, este aqui é o nacional. Na altura optaram por meter aí o carvalho americano, que eu não estou muito de acordo, mas agora também não o vou cortar. Porque esse carvalho não é originário daqui

AL: he lá, mas estes pinheiros já foram todos postos por vocês?

MF1: não, os pinheiros aparecem naturalmente. Isto aqui é um plátano dos que temos cá, o nome exacto não sei... Acer qualquer coisa

AL: tem vários... isto já foi feito há quanto tempo?

MF1: para aí há meia dúzia de anos, talvez 8. Exactamente já não sei, só que, como vê isto foi limpo há pouco só que o mato cresce muito depressa

AL: o ICNF ajuda aqui nisto? É do interesse do Parque também não?

MF1: é, é do interesse, eles, por exemplo aqui há umas semanas tivemos aqui uma escola de Esposende e precisei de umas árvores, no caso até foram umas sobreiras, e eles deram-me as sobreiras. Outras árvores como são mais difíceis, mais... agora por exemplo não dão castanheiros por causa da vespa asiática que está a matar... mas dão carvalhos, dão muita coisa

AL: e quando dão, dão quantas para aí?

MF1: dão, isso até dão bastantes, o problema é que quando nós fazemos uma coisa que estamos a plantar umas árvores já queremos umas árvores boas e eles assim grandes grandes não têm, então temos de arranjar noutro sítio. Porque aqui se metermos uma árvore pequena as cabras metem a cabeça e comem a árvore, nunca

mais sai dali. Por isso preferimos meter umas árvores maiores que já se desenvolvem mais rapidamente

AL: o que é RPU?

MF1: é o regime de pagamento único. Tipo um jovem agricultor tinha uma declaração de 40 hectares de terreno baldio para andar com os seus animais e recebia 10 000 euros por ano e isso agora, a nós sobraram-nos 7 hectares. Dando o mínimo para o encabeçamento, é que demos mesmo o mínimo, meio hectare por cabeça normal, só nos sobraram 7 hectares, ou seja não vale para ninguém...

AL: ou seja, quando tu dizes que diminuiu a área forrageira, referes-te à área forrageira subsidiada, é isso? Ou seja, aquela que permite o acesso ao subsídio à produção...

MF1: sim, nós tínhamos... porque aí só nos interessa a forrageira, que é onde os animais pastam, e nós tínhamos penso que 590 hectares dessa área e passámos para 92...

AL: bolas!

MF1: dizem que... o IFAP... dizem que foi imposição da comunidade europeia, já tivemos informações contraditórias, fizeram uma visualização fotográfica viram como é que era o terreno e reduziram as zonas de albufeiras, os caminhos, os afloramentos rochosos, ou seja se olharmos de cima aqui na nossa serra só se vê rocha, embora nós tenhamos as cabras lá todo o ano nessa rocha onde eles dizem que ali não tem área forrageira, mantemos ali as cabras nessas zonas que eles dizem que não tem forrageira, mas pronto... está-se a tentar mudar isso, andamos aí na luta porque precisávamos mesmo desses hectares para fixar as pessoas aqui...

AL: mas é estranha essa forma de classificar o solo, faz mais sentido que as pessoas que o usam sejam consultadas... não sabia que isso tinha sido feito assim, através de fotografias aéreas...

MF1: dizem que foi um polaco... vamos caminhar por aqui um bocadinho. Está-se a tentar pelo menos nesta zona do parque, que eles façam alguma alteração, que não diminuam tanto, porque nós já somos prejudicados aqui... por exemplo daquele lado tem ali Zebral, tem ali... vários sítios têm eólicas, as eólicas dão um rendimento brutal e nós aqui não podemos ter nada e depois se nos estão a cortar essas áreas... nós por exemplo não nos podemos candidatar às ITI's porque ficamos com pouca área, eu até tenho depois ali os documentos para lhe mostrar, do plano de gestão... as ITI's são intervenções territoriais integradas, que só existem aqui na zona do parque, que nos dão muito... dão-nos, como é que eu hei-de dizer... dão-nos oxigénio suficiente por exemplo para manter os sapadores... fazemos umas limpezas e fazemos com os sapadores, e a verba que vem fica para assegurar a equipa de sapadores um ano, dois anos...

AL: essas ITI's têm a ver com a conservação da natureza não é?

MF1: é para fazermos limpeza na área forrageira e na área florestal e pronto... e agora vamos deixar de nos poder candidatar porque a nossa área foi muito reduzida

AL: pelas tais avaliações...

MF1: sim

AL: pois... mas esse polaco trabalha para quem?

MF1: deve trabalhar para o IFAP, não sei, não faço ideia, para o ministério da agricultura ou assim qualquer coisa. Agora andamos aí na luta... estamos a tentar, ainda estivemos esta semana e a semana passada ... no Parque há 5 câmaras: arcos, ponte da barca, terras do Bouro, Montalegre e Melgaço. E estamos a tentar que os presidentes de câmara nos ajudem no sentido de eles retrocederem e tentarem dar-nos mais área forrageira, ou não cortarem tanto, porque eles aplicaram uma redução, dizem eles, de 50%, depois de ser feita essa leitura aplicaram uma redução de 50% à área forrageira, só que no nosso caso foi muito mais que isso, no Parque temos alguns que tiveram mais que 90% de corte da área forrageira

AL: ok... estavas a dizer que veio cá uma escola ontem...

MF1: não, há uma semana...

AL: ah, sim. Mas eles vieram para visitar o baldio ou o Gerês?

MF1: para visitar o Geres... vieram plantar umas sobreiras, foram essas as sobreiras que me deu o ICNF e pronto, e vieram dar um passeio

AL: e nunca houve assim uma associação ou uma empresa que traz para aqui pessoal para caminhar ou a fazer uma actividade qualquer no baldio sem vos dizer nada?

MF1: não. Houve quem fizesse isso e houve quem fizesse o contrário. Tivemos aí uma empresa que era... agora não me estou a lembrar o nome. Estiveram (?) aí até num edifíciozinho ali que utilizamos para a festa, onde fazemos lá uma tasca para a festa, uma barraquinha de bebida. No inverno não fazia falta para nada e então alugava-se para eles meterem lá o material

AL: e a vossa relação com as autarquias, com a junta de freguesia, com a Câmara municipal?

MF1: é boa!

AL: Não há vontade da freguesia de se apropriar do baldio, ou a Câmara...

MF1: não, isso... eles dizem que os baldios que não estiverem, com a nova lei, que não estiverem a ser bem geridos que vão ser entregues às autarquias, mas aqui no

nosso caso isso não se aplica, e aliás se eles quisessem por algum motivo ficar com o nosso baldio isso ia dar uma guerra enorme porque nós nunca na vida íamos permitir uma coisa dessas porque aqui a nossa aldeia até está muito desenvolvida por causa do conselho directivo que efectivamente faz um bom trabalho e vai andando, vai dando os seus próprios passos

AL: pois, de alguma forma até eles folgam um bocado, a freguesia

MF1: pois, porque eles já têm muita área e é complicado estar a gerir assim umas áreas enormes

AL: pois... o presidente da Junta é o tal...

MF1: Márcio

AL: Márcio. E portanto há uma boa relação entre o baldio de Fafião e o...

MF1: ai há! Para além de sermos amigos, já éramos amigos antes de eu ser o presidente do baldio e de ele ser o presidente da Junta, temos um elemento de Fafião na Junta, o número 2, a Suzete, pronto, Fafião é a maior aldeia da freguesia de Cabril, e esperávamos ter lá uma pessoa, se não fosse presidente que fosse um dos 3 membros principais

AL: e a câmara nunca meteu aqui o bedelho sem dever?

MF1: às vezes eles fazem umas coisas menos bem mas... o que interessa salientar é que nós pedimos ajuda para as mais diversas obras e eles normalmente vão sempre ajudando, dão apoio financeiro e outras vezes em meios, quer seja com uma máquina, quer seja com paralelo, coisas desse género. E eles na câmara reconhecem que Fafião é um conselho directivo que efectivamente funciona. Há uns sítios em que não funciona tão bem então eles ficam com uma ideia errada dos conselhos directivos mas aqui no nosso caso funciona muito bem

AL: mas quando existem conflitos, entre aldeias ou mesmo dentro da própria aldeia, são vocês que fazem assim uma espécie de tribunal local ou isso nunca acontece?

MF1: ah, pronto, às vezes se for assim um problema menor tenta-se conversar com as pessoas porque aqui as pessoas também são assim um bocado de, têm o sangue quente e são de guerra, são até muito boa gente aqui, este lugar vê-se os campos todos nesta altura lavrados e muita gente a trabalhar, são muito trabalhadores mas também são de guerra, quando for para guerra também são... cuidado com eles. Mas tenta-se chegar a um entendimento e é importante que as pessoas novas que vêm as coisas de uma forma diferente, os filhos ou alguém que seja que esteja próximo deles, que lhe tente fazer ver as coisas, porque às vezes à conta de uma coisa pequena cria-se um problema enorme.

AL: sim, sim. Mas não tem acontecido assim questões que são mesmo difíceis de superar que têm de chamar a justiça...

MF1: não, temos aí esses problemas das árvores mas aí não há nada a fazer porque eles não podem retirar os terrenos do registo, só com o tribunal, e é isso que nós vamos fazer... que estamos a fazer.

AL: e não ficaram conflitos com essas pessoas?

MF1: não, eu acho que as pessoas acabam por entender, porque depois essas pessoas até normalmente até têm filhos e os filhos dão-se... esta juventude dá-se toda bem, se calhar há um ou outro dos mais antigos que tem algum problema e que nunca vai ser superado porque... não sei, os traumas do passado, mas essa malta nova dá-se toda bem e acaba sempre depois por resolver os conflitos. Aqui há uns anos as coisas estavam muito piores, havia mais conflitos, depois as coisas se calhar também não foram feitas da melhor forma, mas agora os problemas vão sendo dissipados

AL: pois... no outro dia estava a falar com a Lúcia Jorge [do SBTMAD], conheces não é...

MF1: muito bem.

AL: pois, ela estava cheia de trabalho por causa dos subsídios agrícolas. Vocês aqui não tiveram de fazer isso ou é a associação que faz...?

MF1: toda a gente tem de fazer, toda a gente que tenha animais, e mesmo alguns que não têm fazem, tem que fazer os subsídios e pronto, a Lúcia faz aí os subsídios de grande parte das pessoas e nesta altura é complicado para ela ter tempo para fazer outra coisa qualquer (*... conto a historia da Lúcia ao telefone, do stress apresentado etc.*). Pois, isto tem estado complicado para ela, por acaso no outro dia estivemos aí numa reunião, na 3ª feira, e ela nesta altura está cheia de trabalho. A Lúcia é uma pessoa que faz parte do secretariado e é o nosso braço direito, quando precisamos de alguma coisa, quando não sabemos, é logo à Lúcia que...

AL: o secretariado dos baldios de Trás-os-Montes?

MF1: Sim

AL: e aquela associação dos baldios do Gerês...

MF1: do Parque?

AL: sim, isso funciona?

MF1: é, também é a Lúcia que é a presidente e... funciona, funciona. Nós, aí com a Lúcia, penso que estamos muito bem servidos

AL: sim, acredito. Mas o que eu pergunto é se as funções que a associação e o secretariado dos baldios têm são completamente diferentes ou... isto é, eu não sabia

que existia esta associação, só descobri agora há pouco tempo... mas não percebi o que é que a associação acrescenta em termos de trabalho aos baldios daqui desta zona uma vez que já se encontravam todos associados dentro do SBTMAD...

MF1: eu aí também, sou sincero, também não sei muito bem. Mas sei que quando é preciso aí nalgumas... tipo, quando é preciso aí um parecer ou um técnico, ou alguém que represente esta zona ou precisam que algum técnico seja chamado, é a Lúcia neste caso que representa a Associação de Baldios do Parque que é chamada

AL: pois, e até faz sentido, porque são os baldios do PN, que têm umas condições completamente diferentes dos outros baldios que se calhar também são associados do Secretariado dos Baldios não é... portanto se calhar é isso não é... é isso que os une, estarem no único PN do país... está bem, é que não consegui obter muita informação por isso é que estava a perguntar...

MF1: mas isso a melhor pessoa é mesmo a Lúcia...

AL: pois, quando ela tiver tempo (RISOS)

MF1: para a outra semana talvez, porque os subsídios entretanto também foram alargados até ao fim do mês e não sei se ela já conseguiu fazer tudo

AL: não, ela disse para não a contactar por favor antes de 31 de Maio... mas isto por causa dos subsídios agrícolas, se são vocês que fazem, se é a associação dos baldios que faz...

MF1: não, não, não, isso cada pessoa tem de fazer os seus, nós aqui somos responsáveis no baldio pela distribuição da área forrageira, até fizemos uma reunião em abril por causa da distribuição, com essa redução então teve de ser recalculada a área para distribuir para toda a gente, e então fizemos isso, foram criados os polígonos, que neste caso é até a Lúcia que cria no Secretariado e pronto, depois as pessoas vão lá e já têm o polígono delas, com a área que lhes foi dada. E numa associação qualquer fazem as fotografias sem problemas

AL: e quando é que sabem qual é a área de ITI?

MF1: Acho que as candidaturas ainda não fecharam, estão a tentar prolongar o prazo e estão a tentar a ver se eles recuam nessa redução das áreas. E é o que temos andado a fazer com estas reuniões agora, com os presidentes das câmaras a puxarem também do nosso lado se calhar a coisa fica um bocadinho mais fácil

AL: estão a fazer um tanque na fonte para a aldeia toda ou?

MF1: pronto, quem está a fazer a obra é o baldio. Foi com o apoio da câmara, eles deram-nos uma verba e entretanto as pessoas pediram para fazer o tanque, que

aquilo deitava água para todos os lados, para fazer o tanque certinho, e estamos a fazer. Embora não seja bem para toda a gente, a fonte é de todos só que não regam todos dali. Então achei por bem que ali era uma obra pública e interessante e valia a pena e optei por gastar mais um bocadinho e deixar aquilo para muitos e muitos anos

AL: então em termos de produção é mesmo a madeira... pelo que tenho estado a ver... por exemplo, caça... existe aqui alguma associação...

MF1: caça...há as perdizes, as corças, os javalis... mas o pessoal já... hoje acho que isso é só para andar a passear a espingarda que já não matam nada

AL: não há nenhuma associação de caça a funcionar aqui dentro do baldio

MF1: há uma que é de Cabril, de Fafião, Pincães, não sei quê, que é as aldeias todas da freguesia (...) os caçadores não pagam nada ao baldio, eles só têm as quotas dos sócios, é complicado... ainda pedem para ajudar, mas eu já lhes disse que para esse peditório não podia dar"

AL: (...) mas não fazia ideia nenhuma que existia aqui uma associação a trabalhar... mas confunde-se um bocado com o baldio ou não?

MF1: sim. Há aí muito pessoal que acha que a associação é o baldio mas não tem nada a ver. Porque depois a malta nova é a que está numa coisa e noutra e eles, alguns dos velhotes, causa-lhes mais confusão... pronto, o pessoal vai explicando e eles gostam de ver que as coisas funcionam e gostam de ver aí gente. Esses velhotes gostam de falar com as pessoas e as pessoas que vêm aqui muitas vezes gostam é disso, de ver o velhote a falar de como é que fazia no tempo dele, como e que arranjou a namorada, como é que eles guardavam as cabras. Porque aqui antes tinha vezeira das ovelhas, tinha dos cabritos, tinha dos bois e agora só tem a das vacas e a das cabras, mas já teve aqui muitas e pronto, as coisas vão acabando, é complicado de se manter. Até gostava de arranjar forma de preservar as vezeiras, porque as pessoas estão a ficar velhas e a malta nova arranja o seu emprego e esquece isto completamente, e não podiam fazer de outra maneira. Mas havia de se arranjar uma forma de, não sei, ou de arranjar uma pessoa para ajudar ou criar um emprego, assim qualquer coisa para não deixar morrer as coisas. Porque a vezeira é uma coisa engraçadíssima. Vamos imaginar que as coisas, agora já não funcionam até bem assim, mas tipo, hoje estava eu na vezeira e ias me render, o dia que se trocava era agora a tarde. Eu tenho um dia mas o meu dia é de hoje a tarde até amanhã a tarde. E então, tu chegavas lá e eu tinha te feito a comida, e depois o que viesse a seguir a ti, tu também lhe tinhas feito a comida. Era espectacular!

AL: e lá havia forma de cozinhar? Ah, eles levavam a comida já...

MF1: sim, cada um leva as suas coisas e depois tinham que levar mantimentos para deixar para o que viesse a seguir.

AL: ah, ok. Estava a imaginar uma cozinha lá (RISOS)

MF1: não, lá é uma barraquinha de pedra e depois tem um pote que acompanha a vezeira e, pronto, e vai seguindo

AL: e acredito que fosse a forma de toda a gente conseguir pastar os seus animais e continuar a dedicar-se a outras coisas... no fundo é um trabalho partilhado

MF1: pois, é que assim não custa nada...

Outeiro: M01

AL: (RISOS) mas pronto, isso é o rendimento de cada produtor, mas eu digo assim o rendimento do baldio, portanto da gestão do próprio baldio, não necessariamente da sua família

MO1: não temos nada de recursos para ir buscar, dão-nos estes subsídios para limpar, e nós mantemos a equipa também através das florestas que nos dão 35000 euros por ano

AL: e vocês também têm de dar um bocadinho não é?

MO1: e nós também temos de dar, para o restante não é, eles ganham 600 euros, têm segurança social, têm seguro de acidentes de trabalho, têm isso tudo, agora até lhes deram um carro novo, foram levá-lo lá à Lousã para as equipas todas aqui, e eram 5.... Covelães não teve, não sei porque não teve, mas foram todos roubados [?] *Não se entende* os carros já tinham 15 anos não é... os carros andam aí no monte e lá o ministro da agricultura... até fomos receber os carros, deram-nos um carro novo. Também o seguro de 1000 euros por ano e os 35000 euros não chegam não é... nós com estes subsídios das ITI dá para fazer as limpezas, eles pagam por hectare mais ou menos à volta de 1000 euros, a gente tenta negociar com as pessoas que limpam, é uma empresa que temos aqui que nos tem feito as limpezas, a AMBIFLORA

AL: a AMBIFLORA?

MO1: AMBIFLORA, são pessoas que chegam aí com as máquinas e com pessoal, põem tudo em dia, rápido! Os sapadores limpam a parte deles. Com esses subsídios a gente paga os ordenados à equipas e o restante vai sobrando para fazermos uns melhoramentos, estamos aqui a fazer uma casa mortuária com esse dinheiro. Do outro lado não há, não é?

MO1: não, nunca fui presidente, mas estive sempre tesoureiro ou secretário sempre com as outras pessoas, e tentámos um caminho para lá, que já existia antigamente, havia currais que, nas aldeias antigamente havia muita gente e iam para os currais e trabalhavam-no, iam lá buscar o centeio e pronto, era a vida daquele tempo

AL: os currais onde levavam as vacas também plantavam lá centeio é isso?

MO1: pois. Os currais! As vacas pastam em tudo mas aquelas partes melhoraram eram cultivadas, aqui a parte da Mourela já produziu batata de semente no tempo que aqui se tinha, se vendia... havia aqui lamas que eram lavradas e sementadas e saía dali muito dinheiro

AL: mas a que é que chamam currais?

MO1: currais é aqueles currais que estão delimitados, que é tipo estes terrenos não é...

AL: ah, não tem que ter lá animais dentro para ser curral?

MO1: não, tem paredes antigas, agora estão abertas, e o gado entra e pasta, mas há currais que têm ainda dono, está registado, tem dono... ali na nossa serra. E portanto já havia aquele caminho antigo de carro de bois, com dificuldade... nós por esse trilho exigimos, mas o parque não queria que nós fizéssemos um acesso à serra e eu pedi à câmara

AL: porquê?

MO1: porque diz que ia para lá muita gente, que aquilo que era uma zona protegida, queriam que as pessoas só pastassem um certo ponto, aquelas regras, eles queriam pôr para lá os Pan Parks ali pela serra adiante, com animais e tal, para o turista ir ver e pagar e o próprio agricultor vivia aqui perdendo o seu direito, está a perceber, e nós exigimos, pedi uma máquina ao presidente da câmara e metemos lá violência, e depois foi-nos trancado aquilo pelo Parque, pelo director do parque... fui lá com o director do Parque, fomos ver, por acaso houve sítios em que foi mal o caminho, mas depois mudou-se... e depois eu mandei para lá um rapaz, o rapaz, havia lá umas casas que tinham interesse e puxaram o caminho para o lado das casas, mas o caminho era para seguir para o centro da serra, e depois eu fui lá, fui lá 5 ou 6 dias, voluntário, com o rapaz “tu metes-te atrás de mim que eu vou adiante e digo-te por onde é que vai o caminho”, e fizemos o caminho. Aí já eu fui depois de o Parque nos travar o caminho. Depois falei com o director, juntámo-nos aqui, fomos a Montalegre ao presidente da câmara e eu disse ao presidente da câmara “travaram-nos o caminho”. “Não tenhas problema, eles vêm até mim, eu digo-lhes que fostes vós que mandaste, se eles forem a vós dizes-lhes que fui eu que mandei... amanhã a máquina já volta para lá”. Voltou e nós metemos o caminho. Hoje já está um caminho que vai lá um jeep, um carro... e agora a pessoa pode ir a pé, já viu o que é ir daqui à serra sem um trilho, a pessoa a pé, ir e vir, há um animal que pare, há uma vaca que tem uma dificuldade numa perna é preciso ir buscá-la, já se lá foi buscar às costas, em burros e cavalos, a carne de animais. Agora já temos este acesso, foi feito à violência, o parque não o queria, e depois o director do parque chegou aqui ao pé de mim “então vocês andam a fazer estas coisas?”. “Não, nós pedimos, vocês fizeram um projecto para nós fazermos um caminho, aquilo nunca mais saiu, nós tentámos, nós precisamos. E depois fomos lá ver o caminho. Eu disse ao director “olhe que isto tem sítios que não está muito bem, mas daqui para cima (...)” que eu andei lá uma semana com o rapaz “olhe que daqui para cima você não tinha por onde o tirar, tinha que ir por onde está”. E ele agarrou-me meteu-me assim o braço debaixo “também é o único sítio que está bem feito”, porque eu alinhei o caminho como nenhum

engenheiro alinhava, agora está direitinho e lá vai à serra. Estes conflitos houve sempre não é...

AL ali é protecção total, lá em cima?

MO1: não, é zona protegida

AL: é que eles têm diferentes níveis de protecção. Há uma zona muito protegida, que é a zona de protecção total, depois tem a zona de protecção parcial e depois tem a zona complementar, não sei se lá será a maior...

MO1: temos aqui esta zona aqui do rio que vai ter a Pitões que é mais carvalhal e é essa zona que eles lhe dão esse primeiro nome, não é... e depois há as outras

MO1: por exemplo, este carvalhal que você vê agora aqui, toda esta encosta por aqui afora até ao Rio Cávado, isto quando não havia tractores havia aí um carvalho por outro, alguém que não... era tudo roçado pelos agricultores para estrume dos animais e para as terras, mas hoje não, já há tractores, a gente tem estradas que até aqui não havia... vai aí acima até ao cruzamento de Pitões, não sei se você conhece, quem vira para Pitões e para Tourém, há ali um cruzamento, os nossos limites vão até ali, vem de toda a linha de água que vai ter à cascata, para cá o limite é nosso não é, a gente vai lá roça, vai à limpeza, já fiz lá limpezas nesse baldio também, no último ano, foi através da ADERE da Peneda-Gerês, um projecto que aí fizeram... e limpámos ali, ainda deu aí um subsídio para o pastor da rês e ainda nos deixou dinheiro para muitas coisas esse projecto

AL: da ADERE... eu não sabia que havia projectos da ADERE aqui também para limpeza

MO1: foi a ADERE, a ADERE é que trabalhou aí connosco, aí um projecto, fizemos aí umas limpezas, uns 15 ou 16 hectares

AL: isso foi em que ano, sabe? Mais ou menos?

MO1: já não ...

AL: mas há 10 anos? Há 20?

MO1: não, menos, aí há 6-7 anos

AL: ok

MO1: e é isto, é assim que tem corrido isto...

AL: você fala muito do Simão, quem é o Simão?

MO1: o Simão é o presidente do CD de Cela e Sirvozelo

AL: de Cela e Sirvozelo, ok... eu falei com ele mas ele diz que, já não me lembrava do nome dele porque ainda não o conheci, ele tem uma empresa não é...

MO1: ele trabalha em Montalegre, é tipógrafo, e a mulher também... ele trabalha para a câmara em Montalegre, se quiser estar com ele e for a Montalegre

AL: ah, sim, eu se calhar vou lhe ligar quando sair daqui e vou ver o que é que ele pode

MO1: ele está lá em Montalegre, tem o escritório dele, a mulher trabalha lá, e ele trabalha na câmara... já esteve comigo na Junta, e o outro rapaz que eu estou a falar, que está lá agora

AL: quem é que está lá agora?

MO1: estivemos na Junta, agora ele está de presidente da assembleia de freguesia ainda...

AL: você fala muito do Simão, quem é o Simão?

MO1: o Simão é o presidente do CD de Cela e Sirvozelo

AL: de Cela e Sirvozelo, ok... eu falei com ele mas ele diz que, já não me lembrava do nome dele porque ainda não o conheci, ele tem uma empresa não é...

MO1: ele trabalha em Montalegre, é tipógrafo, e a mulher também... ele trabalha para a câmara em Montalegre, se quiser estar com ele e for a Montalegre

AL: ah, sim, eu se calhar vou lhe ligar quando sair daqui e vou ver o que é que ele pode

MO1: ele está lá em Montalegre, tem o escritório dele, a mulher trabalha lá, e ele trabalha na câmara... já esteve comigo na Junta, e o outro rapaz que eu estou a falar, que está lá agora

AL: quem é que está lá agora?

MO1: estivemos na Junta, agora ele está de presidente da assembleia de freguesia ainda...

AL: quem, o Simão?

MO1: sim. É a tal política, nós até ali fizemos a Junta... portanto, cada aldeia apresentava o seu elemento e era... não havia votação, depois eles como são mais políticos queriam agora que ganhasse o PSD e nós não nos candidatámos lá por partidos, candidatamo-nos por uma lista independente

AL: mas isso aonde? No baldio?

MO1: aqui, na freguesia, no baldio não. Para a Junta, a eleição para a Junta. E ele candidatou-se, e depois arranjou para aí pessoas que tinham muita população e quiseram ir para lá e agora estão lá eles até que os renovem, não é...

AL: eles? Mas quem é o presidente da Junta agora?

MO1: o presidente da Junta é daqui e ele é presidente da assembleia e nós estamos na assembleia de Junta, os derrotados que só perdemos por 4 votos, estamos na assembleia, os 3 elementos que nos candidatámos

AL: pois, pois... e a vossa relação com a Junta actualmente é boa?

MO1: igual

AL: a Junta também dá dinheiro para os sapadores ou não?

MO1: não, não. A Junta ainda quer é dinheiro, que nós lhes demos do nosso para eles

AL: pois... mas a vocês não vos interessa por exemplo começar a fazer render o pinheiro? Já fiz esta pergunta mais ou menos, mas agora mais...

MO1: não! Não é que...

AL: no sentido de vos trazer receitas

MO1: nós temos aí zonas, até aquele pinhal ali que ardeu, era um núcleo que podia ser vedado, não é... se disséssemos assim, pronto, e se nós fizemos este projecto, o parque ou o icnf eles aprovam-nos isso de certeza. Vedá-lo e plantá-lo e limpá-lo e trabalhá-lo para produzir, agora deitá-los à sorte e meter animais a pastar, a comê-los e a esmagá-los, não tem interesse nenhum

AL: pois, mas assim o pessoal da aldeia não está muito interessado não é? Preferem manter os pastos do que ...

MO1: ter do que viver não é...

AL: do que ter a floresta

MO1: há zonas e zonas não é, há zonas que, como tal, aquela aldeia ali de Paradela já não tem uma vaca, não têm [*? Não se entende*], dão os lameiros a quem os limpa e pagam para limpar os terrenosinhos, porque as pessoas envelheceram, têm filhos que estão fora e já é uma zona que se calhar até antes quer isso, não é...

AL: o pinheiro?

MO1: ora, esta aldeia como é uma aldeia que vive do rendimento dos animais quer é pasto, não é...pasto que é fácil, deitar o gado e ele pastar e todo o lucro que vem é rentabilidade porque não se põe na pia, como nós chamamos não é, se eu for pôr hoje na pia rações ou qualquer produto, o animal não dá rentabilidade daquilo que come. E enquanto andam na serra meio ano é limpo. Eles botam para lá uma manada de novilhas ou vitelas, enquanto elas têm pasto elas vivem lá como vivem aqui a ser tratadas na manjedoura. Durante o inverno é frio, neva, chove, a gente tem de ter aqui os palheiros, como nós chamamos aqui, alimento, que é aquilo para que nós trabalhamos durante o ano é para as vacas

MO1: ainda disse à minha mulher há bocado “opa, ...”. “ai não tenho vagar de estar agora a partir batatas para as vacas, elas agora não precisam de batatas”. Mas é melhor deitá-las aos animais do que deitá-las ao lixo, não é, porque a batata vindo daqui a um mês vem a nova e esta já não serve

AL: vocês antes tinham a cooperativa não era? De batata

MO1: pois, mas a cooperativa falhou, má gestão também, não é... como falha outra empresa qualquer, agora havia a câmara botar mão por isso e tornar, porque nós aqui, os nossos concelhos se a batata de semente desse podíamos produzir para a parte do nosso país por aí abaixo... vai-se comprar a estrangeira mas custa caro não é... e estamos a dar o dinheiro aos outros países, e nós podíamos ter aqui rentabilidade e dar emprego e dar sustento... eu tenho dois filhos na Inglaterra que podiam estar aqui, que eu tenho aí terrenos para produzir batatas e animais e tudo, mas pronto, lá encontraram que era melhor emigrar, vão atrás dos outros e lá estão...

AL: oh, isto aqui não está fácil

MO1: claro! E ando aí eu só e à patroa, já com uma idade bastante a sacrificar pela conservação dos terrenos, ainda faço aí muito terreno não é...

AL: pois, eu já percebi vocês trabalham aí que nem uns mouros

MO1: então, até ao domingo!

AL: é, eu ontem falei com a dona maria e ela estava mesmo...

MO1: a mim eu às vezes nem sei que é domingo, ninguém me obriga mas obriga-me a necessidade de ver as coisas zeladas não é. Agora semeei o milho, tenho que o... agora usa-se o herbicida que até não é grande merda, mas tem de se pôr, porque se não a erva vem e quem a sacha? Não há gente! Nem para pagar jeiras, a agricultura não dá, não dá temos de fazer nós... depois agora vem o feno, é preciso cortar os fenos e enfardá-los para os animais no inverno, depois nos lameiros é preciso arranjar-lhe as bordas e botam silvas e essa vegetação que tem em volta, é preciso abrir regos, é preciso tapar águas, isso é trabalhoso não é... a agricultura hoje...

AL: e são só vocês os dois?

MO1: pois somos. É muito trabalho

AL: você alguma vez emigrou?

MO1: não.

AL: esteve sempre aqui?

MO1: só estive na tropa em Angola, ainda em 1975, de resto estive sempre aqui, era filho único, os meus pais tinham uns terrenitos, ainda compraram mais, eu também

ainda continuei na mesma vida e agora os filhos mandaram-se. A filha vai vir embora agora qualquer dia

AL: vem para cá?

MO1: quando entra o mês de agosto, tem lá duas casinhas que comprou com as economias dela, na Inglaterra, agora aluga-as, tem uma casa já bem preparadinha e com tudo

AL: aqui?

MO1: que era dos meus sogros. Ela quer ir aí para o lado, fazer umas casinhas para alugar para turismo

AL: ah, já percebi agora... Parada, Outeiro, e Cela e Sirvozelo. E antes era só um CD?

MO1: era

AL: quem é que era o presidente?

MO1: até foi ele...

AL: o Simão?

MO1: foi ele que iniciou... quando veio esta coisa do Parque, que nos podíamos candidatar a umas equipas para trabalhar dentro do Parque, fui eu e ele e outro rapaz aqui de outra aldeia, os três que iniciámos isso

AL: dos sapadores? Não...

MO1: dos sapadores!

AL: iniciaram como?

MO1: iniciámos... formou-se a equipa, veio o carro do Estado e com as verbas que eles nos davam manteve-se a equipa, era onde era acompanhada com o técnico... até ali era o Parque, agora é o ICNF

AL: sim, sim, sim. E vocês terem uma equipa por aldeia não dava ou dava?

MO1: agora temos o... lá eles não têm equipe...

AL: nem Cela e Sirvozelo?

MO1: não, eles só têm CD mas não têm equipa... a equipa é a nossa

AL: ah

MO1: é! Também fazia trabalhos lá, aqui e ali, nas duas aldeias

AL e faz?

MO1: e faz... agora não, agora para lá nem tem ido, porque ele recebeu o subsídio dele e nunca mais ligou à equipa

AL: dos sapadores?

MO1: sim, a equipa se não sou eu já não havia equipa

AL: ah, eles não estão a pagar para a equipa?

MO1: não!

AL: ah, deixaram de querer a equipa

MO1: deixaram de querer... e eu ainda disse ali ao Simão “pa, os sapadores estão em dificuldades, estão aos 2-3 meses sem receber e tu podias dar uma partezinha e eles faziam as limpezas que ele está a pagar a outros particulares...”. “Ah, eu não quero nada com essa gente, não me entendo com eles”. Lá tentou receber e administrar a parte dele e eu mantive a equipa, sempre, com dificuldade, mas mantive. O projecto da ADERE deixou-nos dinheiro, e depois eles esperavam por ele porque precisavam do emprego, esperavam aos 2-3 meses, e depois lá vinha outra verbazita, depois veio esta coisa e está aí...

AL: e só vocês é que estão a pagar? Vocês, o Parque...

MO1: é... o Parque dava, dava 10000 euros para a equipa, agora que chegou o projecto das ITI já não dá o Parque, dá o ICNF

AL: ah, dá o ICN, que dá mais não é? Dá 30 e tal mil...

MO1: 35000 euros

AL: e vocês estão a pagar quanto?

MO1: nós... nós... com estes subsídios pagamos tudo a mesma conta, o dinheiro cai na conta e dali sai para os sapadores, sai para as despesas e está a conta ainda com dinheiro

AL: mas portanto, só vocês é que estão a pagar os sapadores...?

MO1: é!

AL: vocês e o ICNF, mais nada?

MO1: é, mais nada

AL: he lá! Então vocês estão a gerir bem o dinheiro...

MO1: temos de gerir...

AL: porque vocês ainda devem estar a pagar para aí 40 e tal mil pelos sapadores...

MO1: ah, pois, os sapadores não têm... temos um contabilista

AL: ah, têm um contabilista?

MO1: temos! E também lhe pagamos mil euros por ano, a segurança social deles também é alta, eles andam hoje com 1000... 1000 e picos euros de segurança social... 5 sapadores... têm um seguro de acidentes de trabalho de mais de mil e tal euros por ano, seguro de carro... despesas todos os meses...

AL: e vocês acham que convém manter a equipa de sapadores?

MO1: opa, é uma mais-valia para aqui, é um emprego para eles e o dinheiro, se eles estiverem, se eles não estiverem não vem, e fazem trabalho. Agora a gente chega ao pé deles, “olha, preciso de limpar estes tanques, preciso de limpar o regadio da aldeia, preciso de limpar a rua”... e eles andam um dia aí, se não ninguém limpa. E se há maneira de os podermos ter, são 5 empregos a aldeias, as pessoas são daqui, trabalham na vidinha deles e é uma mais-valia para eles e fazem os trabalhos

MO1: nós já fomos a uma manifestação ali ao lado de Soutosa da Serra, lá para o lado da... o Aquilino Ribeiro foi um defensor dos baldios

AL: eu sei, já li o romance dele, “Quando os Lobos Uivam”

MO1: é isso é...

AL: sim, acho que ele ao início até era pro-floresta, mas depois começou a perceber como é que as coisas estavam a ser feitas e não achou muita piada

MO1: claro

AL: ele era dos baldios da zona de Viseu, se não me engano

MO1: era isso, era

AL: não era? Era na serra de... agora não me lembro do nome da serra

MO1: era Soutosa da Serra⁶⁴

AL: onde vocês foram?

MO1: é, é lá uma... fizeram lá uma homenagem e tem lá um... o espólio dele, do trabalho dele, livros

AL: sim, sim. E vocês têm uma associação... a associação é de quê?

⁶⁴ Aquilino Ribeiro nasce a 13 de Setembro de 1885 em Carregal de Tabosa, concelho de Sernancelhe. Aos dez anos, vai residir com os pais para Soutosa, onde faz a instrução primária (...) [http://escola-freixinho.planetaclix.pt/aquilino_ribeiro.htm]

MO1: a associação é de... pusemos-lhe o nome de Associação do Castanheiro, tem uma gerência como tem a Junta, faz ali dinheiro, paga ali a um empregado durante o Verão para estar ali para atender o pessoal, porque isto tem muito emigrante aqui

AL: lá no café, é isso?

MO1: sim, fazem aqui uma grande festa, no mês de agosto... há chega de bois, há fogo, há rancho folclórico, as aldeias que podem fazer isso não é... e eles tratam disso, e agora a câmara deu a escola à associação

AL: para fazerem a festa

MO1: é

AL: mas portanto a associação serve sobretudo para fazer a festa ou não?

MO1: é, trabalha para esses fins e agora vamos desenvolver para outros fins

AL: ah, para a questão dos eventos do chouriço e não sei quê?

MO1: é, é através da associação

AL: o senhor faz parte?

MO1: não, não faço, sou sócio... temos vários sócios, lá de Lisboa e de todo o lado, habitantes não é... até o presidente da câmara é sócio

AL: e quem é que está à frente da associação então?

MO1: está isto a cair

AL: o que é que disse?

MO1: está este muro a cair e agora quem vai construí-lo? Vai ser o CD, em conjunto com o outro

AL: com a outra?

MO1: com a casa mortuária

AL: ah, sim, sim, sim

MO1: [ele vai a minha frente e não se ouve nada... mas vai descrevendo a casa mortuária]... tem lá as casas de banho e aqui agora vamos fazer a capelinha porque a igreja está aqui, isto vai ser tirado, vai ser tudo pavimentado, o pateozinho ali dentro vai ser todo ??, aqui que era a antiga garagem do padre, vamo-la restaurar para se chover acolá está a família e o morto e o pessoal que vem visitar e quer estar, está ali, entende? Isto já foi tudo restaurado por nós aqui dentro, estes muros, foi tudo restaurado, agora o padre não está cá... o padre se for preciso está em Montalegre e vem rezar missa só ao domingo, mas antigamente tínhamos aqui um padre permanente

AL: ah, e era assim em todas as aldeias?

MO1: era, em todas as aldeias tinha um padre, e este passal, tem terreno, tem água, tem...

AL: passal era a casa do padre?

MO1: era a casa do padre, agora isto também... para deixar cair. Agora já vai aqui a capelinha, depois há outros subsídiosinhos, vai-se restaurando as casas, isto até dá para pôr aí quartos e lugar... entende? Andamos em guerra também com eles

AL: com quem?

MO1: com os da diocese, a gente só investe e isto é deles... eles na câmara eclesiástica, em Vila Real, têm lá um documento em como isto é do...

AL: isto o quê? O terreno

MO1: isto é deles! É da igreja, da... mas para investir aí é sempre a Junta com coisas que faz, o padre não põe aqui nenhum, só leva... eu sou católico, não praticante, mas... mas ele só é bota pra cá, quem tem de conservar é o povo porque isto é nosso, é nosso no sentido que está aqui, agora se cair este muro a diocese não vem aqui levantá-lo, temos de levantar nós

AL: pois... mas o padre vem aos domingos ou não?

MO1: vem sempre um padre, a igreja já a restaurei, toda por dentro, toda em pinturas, tudo, está aí uma igreja em condições

AL: e se calhar já foi também com o dinheiro dos baldios ou não?

MO1: tudo, demos para aí 10 000 euros... do pinhal que ardeu, foi o que nos tocou, fizemos pontes, fizemos pontes de madeira na serra, um dia que venha por aí com vagar você comunique, eu vou ali ao meu colega, consigo dar aí uma voltinha com você, a serra parece assim mas é fácil... vai o carro até lá ao meio e depois tem trilhos, tem... tem um trilho para passear

MO1: olhe, em cima daqueles 3 cabecinhos que lá estão, o meu gado anda lá agora, lá e por trás... é que você não vê tanta serra que está escondida naquele vale como a que vê aqui de frente, aqui de frente vê esta paisagem mas entre esta serra e a outra serra dos Carris, que é onde é que foi explorado o volfrâmio, aquela bacia toda por ali fora, até ao rio, tem planícies onde o gado pasta todo o ano, e andam os garranos, tem muito visitante aí a pé, às vezes passam aí... estou lá a ver o gado e às vezes passam aos 15 e 20 pessoas, como você, com as suas tendas, acampam, dormem

AL: aí é? Mas pode-se acampar no parque?

MO1: pode

AL: hmm, supostamente não pode, mas as pessoas acampam na mesma

MO1: ali não há problema nenhum, o ano passado estive aqui em certas zonas de Pitões, à procura de uma vaca que não dava com ela... vê aquele caminho que nós metemos, olhe ali...

AL: ah, é aquele!

MO1: é aquele caminho, aquele caminho vai aqui a Parada, vai ao fojo do lobo, temos aí um fojo do lobo já restaurado também

AL: já restauraram?

MO1: nós! Restaurámos nós! E vai abaixo tem pontes que nós fizemos já no rio, eram antigas, de paus de madeira, restaurámos, com os pinheiros do pinhal, pusemos-lhes emparos, fizemos outras coisas, vamos até lá à capel..., àquele morro alto que lá está, aquela bacia que também fizemos lá o ano passado 40 hectares de limpeza e temos lá as barracas, as cavernas feitas à moda antiga

AL: as cavernas do quê?

MO1: aquelas cavernas antigas que era a caverna do pastor, foi isso que nós concorremos a um projecto de investimentos não produtivos, ainda tive de tirar uma licença na câmara, e fiz aquilo, e é por isso que agora aqui a Junta mudou mas o povo agora diz assim “ai, se nós sabemos...”. Alguém que se absteve, outros não, viram, andaram para aí agarrados às pessoas, nós não ligámos, já lá estávamos há um tempo “deixa para lá isso”, mas agora o povo diz “não, para as próximas eleições estes têm que ir à vida, têm de para lá ir os outros”

AL: ai é? Mas pode-se acampar no parque?

MO1: pode

AL: hmm, supostamente não pode, mas as pessoas acampam na mesma

MO1: ali não há problema nenhum, o ano passado estive aqui em certas zonas de Pitões, à procura de uma vaca que não dava com ela... vê aquele caminho que nós metemos, olhe ali...

AL: ah, é aquele!

MO1: é aquele caminho, aquele caminho vai aqui a Parada, vai ao fojo do lobo, temos aí um fojo do lobo já restaurado também

AL: já restauraram?

MO1: nós! Restaurámos nós! E vai abaixo tem pontes que nós fizemos já no rio, eram antigas, de paus de madeira, restaurámos, com os pinheiros do pinhal, pusemos-lhes emparos, fizemos outras coisas, vamos até lá à capel..., àquele morro alto que lá está, aquela bacia que também fizemos lá o ano passado 40 hectares de limpeza e temos lá as barracas, as cavernas feitas à moda antiga

AL: as cavernas do quê?

MO1: aquelas cavernas antigas que era a caverna do pastor, foi isso que nós concorremos a um projecto de investimentos não produtivos, ainda tive de tirar uma licença na câmara, e fiz aquilo, e é por isso que agora aqui a Junta mudou mas o povo agora diz assim “ai, se nós sabemos...”. Alguém que se absteve, outros não, viram, andaram para aí agarrados às pessoas, nós não ligámos, já lá estávamos há um tempo “deixa para lá isso”, mas agora o povo diz “não, para as próximas eleições estes têm que ir à vida, têm de para lá ir os outros”

AL: ah, gostaram do vosso trabalho

MO1: porque agora não veem nada, você vira-se para todo o lado, aqui junto das aldeias, se for a Parada vê ali uma cruz restaurada, vê ali naquela capelinha outro monumento, em todo o lado, vai por esta rua abaixo vê... não há-de dizer, é tudo obras da Junta... não é a gente estar a gabar-se mas eu gosto daquilo que faço... e depois trabalhei com boa gente, ainda trabalhamos igual. ??? vê obras... nós não tínhamos saneamento, nós não tínhamos calçada, nós não tínhamos aqui nada, está tudo restaurado. E agora para lhe dizer assim o que é verdade, é que ainda no outro dia fomos à câmara e pedimos-lhes 30 e tal mil euros para uma ponte mais e para um alargamento de caminhos, que é da Junta... mas a Junta não faz... puseram as cruces ao contrário... as pessoas não devem ser políticos mas devem ver quem é que está à frente e quem vai dar algum rendimento não é, eles quiseram mudar, e agora o rapaz até pode ter boas ideias, mas não tem com quê, vai lá, bate lá à porta, fecham-lhe a porta! Você telefonou-me estou aqui a atendê-la com todo o gosto, eu se for a Montalegre a qualquer hora, o presidente da câmara se passar aí na estrada pára para falar comigo, porque já é aquele conhecimento de há anos, e nós chegamos ao pé um do outro e... agora é o Orlando até ali era o Fernando “olhe, nós precisamos disto” “opa, caralho, eu não tenho”, desculpe eu falar assim “não, não tenho mas...” “anda lá!” “atão como é que eu vou dar o dinheiro para não passar pela Junta?” “põe-no no CD e nós fazemos a obra”... e a obra é da Junta... a obra devia ser feita pela Junta, porque é aqui, aqui a seguir à aldeia, para o alargamento de um caminho para o baldio e para terrenos agrícolas... um terreno agrícola hoje se não tem condições para lá ir não dá nada, não é... uma pessoa a trabalhar num terreno se não vai uma máquina. E ele... “então vamos-o pôr ao CD”. Já no outro dia fui levar uma declaração da Segurança Social de uma dívida, outra do Parque, essas coisas que me pediram, à câmara para... o dinheiro já lá está na conta certinho, amanhã já começa esta gente e outra a fazer a obra. Temos 3 projectos de 3 empreiteiros, o que concorreu mais barato vai fazer a obra. Amanhã precisamos de outro, vamos lá e ele dá-nos

AL: e vocês, quando tiverem que apresentar as contas do baldio essa entrada de dinheiro não vai...

MO1: ai agora vai... conforme entra no baldio há-de sair

AL: mas vocês têm de prestar essas contas...

MO1: ai, facturamos! Tudo é facturado!

AL: mas porque é que não quiseram que passasse pela Junta? Essa parte não percebi...

MO1: porque para a Junta ele não dava

AL: ele, o presidente, aaah... porque há ali tensão?

MO1: por causa das cruzes que lhe falei, ele agora castigava eles não é

AL: mas o presidente da Junta é daqui não é?

MO1: é, é. É daqui mas que procure, que peça, pelos meios dele que puxe obras, que ele anunciou fazer “que é caminho, vou pôr isto, vou pôr aquilo”, ainda não mexeu uma pedra já vai ano e meio, daqui nada dois... então como é? Ai é? Agora aprendeis, agora aprendeis a voltar ao mesmo restaurante que tinhas porque o outro leva caro (RISOS). Mas nós aqui quando tomávamos conta da Junta aqui havia, nós podíamos andar com a máquina lá no caminho e pagávamos com o dinheiro da Junta, mas depois a câmara dava e tornava a cair na Junta, entende? Quando não havia do baldio gastávamos do da Junta, depois dizia “ah, Outeiro gastou muito dinheiro”, e eu até na reunião disse “eu até gostei, porque vós dizíeis, aqui alguns de Outeiro, que se gastava mais dinheiro na aldeia de Parada do que em Outeiro, e agora Outeiro gastou mais... alcatroámos um caminho que vai dali daquela aldeia para baixo, fizemo-lo de novo e a câmara pagou, e “ah, Outeiro gastou muito mais dinheiro”, e ainda bem que o gostei, vós dizíeis que se gastava mais em Parada e agora no último das contas disse que Outeiro... “mas deixou aqui um buraco”, “o buraco que deixamos uns tapamos os outros”, reconstruímos-lhe a sede da Junta toda de novo, que estava em piso podre, pôs-se-lhe pavimento, Pôs-se-lhe aquecimento, tem casas de banho... tem tudo feito

AL: e isso já foi feito com dinheiro do baldio?

MO1: e eu disse-lhe assim “mas nós fizemos uns buracos mas tapamos outros” e eles calaram, porque quando entravam lá, numa reunião ou... batiam com o pé e diziam “epa, isto está podre, o pinheiro, pode ser um bicho que comeu”, agora entraram lá está o buraco tapado, e depois... 600 contos, 3000 euros, a câmara dava-mo a mim, se eu fosse lá, “Oh Orlando, deixe estar o dinheiro aqui no baldio”, e ele pagava-nos para nós... não, dei-o à Junta porque nós tínhamos gasto o da Junta no caminho do baldio e agora o dinheiro deu para já taparmos o buraco, já se tapou o buraco, tem estas manobras, está a perceber?

AL: sim, sim, sim

MO1: e por isso isto tem rolado mais ou menos, e vai continuar e atrás de nós virão outros

AL: acha que vai ter jovens para ocupar os vossos lugares no CD?

MO1: tem! No CD não vejo grandes clientes porque não há verba para ninguém, ninguém ganha nada... na Junta já há porque agora já há ... porque eu estive na Junta durante 6 ou 7 anos lá com um elemento de Sirvozelo e já tínhamos direito e nós não recebíamos... o pouco que nos davam, dizia mesmo o presidente da Junta, que o

homem já está no fim de vida, mas esteve 28 anos... porquê? Porque não ganhava e ainda iam lá fazer ???, se calhar ainda gastava uma pinha de vinho com os vizinhos, podia ter o lucro de um dia quando fosse para ajudar a trabalhar, havia lá pessoas que reconheciam os favores, e o homem nunca ganhou e esteve 28 anos na Junta, foi ele que me ajudou a por aqui a escola, porque havia birra ali com Parada que queria a escola lá, Outeiro queria a escola aqui que já cá existia, e Cela e Sirvozelo também tinha alunos... e então dizia “ não pá, então a escola, se é para ir vai para a volta dos calheiros, chamamos-lhe nós, ali a partir do Rio Cávado, faço a escola ali, temos de dividir... e eu disse lá ao Zé “olha Zé, olhe que a escola é bem posta aqui” “bota para a frente que vai para Outeiro a escola”, e veio para lá... (RISOS). É aquela rivalidade mas puxou-se aqui e está aqui, e agora já houve candidatos porque já ganham, não é... tiram para aí 250 euros ou assim, tira o presidente ou que é

AL: pois... então e acha que aqui não vai haver muita gente para ir para o CD ou ...

MO1: não... se nós entregamos, não sei mesmo... só sendo que haja verbas e digam assim “há verbas e queremos fazer melhor que os outros”, mas não sei se conseguirão... deus queira que sim

AL: eu não estou a dizer que o senhor tem de sair, mas imagino que um dia há-de querer sair...

MO1: claro, já estou lá agora mais por um capricho... está a perceber? Porque nós estávamos na Junta e isto tudo tem este fim e disseram-nos “ah, isto já estão há tempo a mais, têm que mudar”, e mudaram... nós não obrigamos, nem éramos para nos candidatar-mos tampouco, mas ultimamente o presidente da câmara “não, tendes que fazer uma lista”, nós não fizemos partido nenhum, fizemos a que estava a continuar, a lista independente, e eles fizeram pelo PSD, o PSD aqui tem muita população, é tudo! Votaram pelo partido não votaram pelas pessoas, mas agora dizem “ah, os partidos não nos dão nada”, dão-nos é as pessoas que estão à frente que sabem aproveitar os recursos quando eles vêm e que se mostram... e que se mostram, é o dinheiro mas mostrou-se, não ... e há contas a toda a gente. Ainda há tempos, foi para o projecto da ??, que foi aqui com o tal amigo meu o tal Domingos que já falámos, e ele foi-me buscar, eu até vinha de Espanha e fomos acolá pelo lado de Ponte da Barca, para o Lindoso, para aprovação desse projecto que agora temos, das ITI... e fui gastar, e fui reconhecer uma assinatura ali a um advogado a Braga e paguei 15 euros... 15 euros, e comemos do nosso bolso e desse dinheiro ele ainda disse “tens de tirar algum”, “opa, eu cago nessa merda dos 15 euros, deixa lá essa porcaria” e nunca cobrámos nada... somos voluntários, gostamos do serviço. E agora fiquei mais nisto, que eu até disse à Lúcia... “Oh Lúcia vou sair do baldio, quero que essa merda se foda, eu tenho a minha vida, não tenho vagar”. “Se você sai do baldio oh Domingos, eu não faço trabalho nenhum”. E cá estou eu...

AL: não tem ninguém que consiga imaginar que possa ir para o seu lugar se algum dia quiser deixar...

MO1: ai, há muita gente que... trabalhar com gosto, não é...

AL: mas existem pessoas aqui que possam trabalhar com gosto?

MO1: existe! Existem aí várias pessoas

AL: e que querem?

MO1: não vejo para já grande interesse, mas se quiserem eu dou-lhes o lugar à disposição, e ainda lhes pago o almoço

AL: mas por exemplo, quando há eleições, alguém se candidata?

MO1: não, não se tem candidatado ninguém, são sempre os mesmos

AL: também devem gostar do vosso trabalho não é

MO1: ah, não sei, veem como dá prejuízo, não é...

AL: ahn?

MO1: veem como dá prejuízo, porque hoje tenho de ir a uma reunião aqui, amanhã ali, ou acolá, ou ali...

AL: ah, quem está no cargo é que tem prejuízo

MO1: quem está no cargo é que perde o dia e ainda paga, às vezes...

AL: então e, agora pergunto, não sei como é que isso é gerido, as receitas do próprio baldio que vocês usam aqui na aldeia e assim, não sobra um bocadinho para vos cobrir as despesas?

MO1: pode sobrar, mas nós nunca utilizamos... ao menos uma pessoa passa e não dizem assim “este anda a passear à custa do...”, ah, isto não me afecta a mim também, até agora...

AL: mas essas pessoas... por exemplo, quantos jovens é que há aqui na aldeia?

MO1: ah, ainda há

AL: mas quantos, tipo 20?

MO1: é capaz de haver...

AL: a viver cá, estou a dizer

MO1: a viver cá, estão à espera também... de projectos, como falámos há bocado. Mas se o baldio deixa de dar para essa gente não é... agora vamos dizer assim “não se bota animais à serra, não tal. Não se dá área baldia para as pessoas poderem pastar os animais” e isso, as pessoas vão desistindo não é... cada engenheiro faz uma candidatura porque se vier aprovado ele tirou x %, mas depois o jovem agricultor é preciso ver se está a enveredar numa coisa que lhe vai dar rentabilidade, se vai investir, dão-lhe os fundos a fundo perdido, instala-se e depois aquilo não lhe dá rentabilidade para viver, é mais um falhanço

AL: pois... mas, por exemplo, esses jovens fazem parte da assembleia de compartes?

MO1: não!

AL: não... nem de nada?

MO1: são pessoas que acabaram de estudar há pouco não é, têm os pais ainda aí, estão a viver à sombra dos pais, e abrem-se estes coisos, o projecto para jovem agricultor, que é aquilo que um pai aspira... como eu, os meus estão lá fora não é... mas também se estivessem aqui eu também vendo uma maneira de os meus terrenos com o baldio fixá-los, fixava-os, é o caso destes, este rapaz aqui do café tem uma filha que agora está solteira, trabalha ali na associação em Paredes e a outra casou-se agora ali para a Aldeia Nova e agora já lhe quis dar, ele tem umas 40 ou 50 vacas “ah, eu dou-te 15 vacas, dou-te um terreno ou dois...” e ela até fez o projecto, eu até lhe assinei a área baldia para a moça seguir. Se há um corte à frente a pessoa tem de arranjar um emprego ou trabalhar noutra coisa, não é...

AL: pois, pois, pois. Portanto, não vê os jovens actualmente ainda, pelo menos, assim muito envolvidos no baldio?

MO1: não nesta zona não, podem sobreviver ou falhar o pai, e entregar-lhe a agricultura que tem e continuar no mesmo ritmo... de outra maneira não tem...

AL: mas não estão muito interessados na gestão...

MO1: porque o pai aqui nestas aldeias é como eu, enquanto não está reformado não vai ceder a actividade a outro, se é filho trabalha para o pai até que o pai morra para tomar conta, sem lucro, não é... trabalha para a família. Hoje o jovem agricultor casa-se e quer já a vidinha dele à parte, a casinha, o terreninho, o animal dele, mas se está tudo, não pode sair dali, não tem...

AL: pois, mas não os vê assim muito interessados na gestão do baldio então? Para além de quererem lá por os animais, não é...

MO1: eh, se têm eles que orientar a coisa não estão interessados, estão bem esclarecidos todos... eles até ali davam de hectares por cada animal 1 hectare, depois já tivemos que lhe dar 4,5 hectares a quem tem 10 ou 12 vacas, cortaram, só aqueles aprovados é daqueles que eles vão receber alguns subsídios, que a outra área é pastoreio igual, ele não saiu de lá, era o que dizia lá o director do IFADAP, vocês o baldio têm-no lá todo, pois temos, mas temos menos para dar às pessoas, e não é que o baldio até dê grande subsídio para o agricultor mas dá para o encabeçamento dos animais, porque se não têm aquelas áreas, no encabeçamento dos animais já não vão buscar os subsídios

AL: e as pessoas sem subsídios não conseguem fazer produção?

MO1: pois não...

AL: pergunto, eu não sei, isto é, a venda de animais e não sei quê não serve para...

MO1: não, não dá, sabe que agora os terrenos para manter animais estão a produzir renovo, não é? Embora haja os lameiros do feno, e nesta época aqui não se podia ter os animais porque senão iam comer o alimento do inverno não é... eu tenho aí 10 mas tenho outras parcelas que já as como com elas, mas se elas andassem na serra aquelas parcelas acumulavam para o inverno para alimento, e todas as pessoas que têm animais em excesso é tudo à base do baldio, e no lugar de terem 30 só podem ter 5 ou 6 para manter o que é deles

AL: mas eles andam a fiscalizar onde é que andam as cabras e onde é que andam as vacas

MO1: sabem... essas associações sabem bem que os animais andam acolá e exigem que eles baixem para campanhas sanitárias, para tudo

AL: mas em termos de número de cabeças, por exemplo, eles inscrevem-se com, vamos dizer, 12 cabeças por 2 hectares, que é muito não é, são muitas cabeças por hectare

MO1: claro, isso era dado era um hectare por cada animal, eu agora parece que deram 3 animais por hectare, mas isso já é para... agora quem não tem hectares, quer dizer, agora...

AL: mas eu digo, se eles saírem dessa área que é supostamente a deles, ninguém está a ver ou seja, não sei se percebi bem, o ICNF ou lá quem está a determinar esses limites de cabeças e esses limites de áreas agora para os subsídios, isso aí só é importante para o dinheiro que recebem, não é importante para a área que eles podem usar realmente?

MO1: não sei... até aqui funcionou assim, até agora tínhamos a área toda livre e ninguém foi penalizado. Agora com estas novas leis que estão a impôr, já não vamos saber como vai já ser o próprio subsídio... há o RPU, quem não tiver área baldia e isso e tenha muitos animais não tem RPU

AL: pois, exacto, e se eles baixam a área baldia elegível...

MO1: eu também recebia de RPU, 5000 euros, e já me deu as cartas com o corte, com bastante corte

AL: a RPU é o quê?

MO1: RPU... mas tem que ter área baldia para o RPU, um jovem agricultor para meter o projecto tem de ter baldio senão não tem área para fazer o projecto

AL: mas imagine que não sai esse dinheiro, imagine que um jovem agricultor não tem esse subsídio, através da venda dos animais, de de de... eu pergunto porque...

MO1: não, não tem rentabilidade

AL: não tem rentabilidade...

MO1: não, não tem nada, não tem, onde é que vai buscar dinheiro para as despesas? Mesmo aqui se cortarem os subsídios a gente terá de viver como vivia antigamente, mas não pode

AL: não, não... vão ter de deixar os animais porque não dá rendimento...

MO1: não, não dá, não dá, tem que emigrar ou tem de ir para outros lados, não vão viver só de meia dúzia de vacas um agricultor, não adianta, isso não dá para a água, para a luz e para o telefone

AL: e como é que vocês... isto agora é uma pergunta ingénua, porque não tenho a noção... nos tempos em que não havia subsídios como é que vocês tinham aquelas cabeças de gado todas?

MO1: tinha menos gado, havia menos gado, e lá viviam os lavradores, que iriam fazer? Isto era tudo de colmo, as casas... nem havia água canalizada, nem havia frigorífico, nem havia lareiras a dar aquecimento, nem havia nada... a minha filha hoje já tem lá uma casa em baixo com aquecimento a lenha, aquecimento a gásóleo, com todas as condições... porquê? Porque emigrou para a Inglaterra, restaurou aquela, eu ajudei também, mas restaurou aquela e agora tem 2 na Inglaterra a render 1000 euros cada uma

AL: portanto naqueles tempos também não havia tantos gastos, é isso?

MO1: claro! Não havia gastos, mas hoje gasta em todo o lado... vem com os papéis, vai a Montalegre à casa do povo, eu e a minha patroa já chegámos a pagar 200 euros

AL: ou seja, se as pessoas deixassem agora de ter subsídios, para manter o gado tinham de voltar a viver sem electricidade, sem água canalizada, ...

MO1: era à antigamente, claro

AL: tinham de andar para trás... exactamente, exactamente

MO1: tinham de voltar à estaca zero, que é isso que muita gente ainda pensa que... não irá para esse campo mas... nunca se sabe... antigamente cozinhava-se nos potes agora tenho-os lá encostados ao canto, é no fogão, mas a bilha do gás é preciso pô-la lá, o fogão, acaba-se aquele é preciso comprar outro e antigamente era o pote, era a lenhinha na lareira, era o aquecimento era aquele e mais nada... eu hoje mato uma vitela ou duas para meu consumo em minha casa, mato 10 ou 15 porcos, uns vendo-os outros gasto-os para mim

AL: tem porcos também?

MO1: tenho... porcos e têm de ser brincados e preparadinhos para irem para a feira do fumeiro com carimbo para não entrar lá à trapalhada, para as pessoas poderem se vêm comprar pagam... o quilo da chouriça a 20 euros, um quilo de presunto a 12 ou 13, o salpicão a 30 euros o quilo, as pessoas vêm comprar isto mas tem de se levar qualidade. O porco é alimentado em casa com produtos de casa, embora compre aí algumas farinhas, mas é milho, é batatas, é erva dos terrenos, é aquela carne biológica

AL: claro... quando é que é a feira do fumeiro?

MO1: a feira do fumeiro é em janeiro

AL: ah, é quando é as matanças e assim

MO1: é... o produto vai para lá mas vai carimbado e certificado pelos veterinários, a criação de porcos até à matança, a matança é feita em casa mas é vigiada por um veterinário, o porco é inspeccionado, não é para li à balda, se fora à balda...

AL: e isso é tudo pago não?

MO1: não, a câmara oferece, e pagava-se a barraca, temos ali multiusos próprio para isso, que fez o presidente da câmara, o pessoal vai ali, tem a barraquinha, vende, não paga nada, é uma mais-valia que a câmara oferece. A câmara já não se paga a sanidade animal também, tinha de se pagar, quem tenha 40-50 vacas tinha que dar uma

AL: pois, exacto (RISOS)

MO1: tinha de dar uma, criar uma e dá-la àquela gente e a câmara já... paga-nos a sanidade animal, para o agricultor ter mais um bocadinho de mais-valiás na carteira não é? É assim...

AL: pois... então sem subsídios olhe...

MO1: sem subsídios viola... está bem que o país estava um bocado em baixo, mas nós agora pagamos para tudo... imposto, o IVA

AL: pois, qualquer pessoa que forneça serviços ou produtos tem de pagar o IVA não é...

MO1: claro!

AL: aqui é mais baixo não é? 6%

MO1: 23%! Na agricultura é 6%

AL: na agricultura é 6%, mas nos animais?

MO1: os animais sim, também é 6%... eu vendo um vitelo, tenho contabilidade ali numa contabilista, pago-lhe 90 euros por mês, de contabilidade, e o que vendo e o que compro... está lá, todo o agricultor hoje está metido nisto

AL: 6% não é?

MO1: é... 23% é... como estes me andam a fazer, o Estado dá-me mas eu tenho de declarar para lá como eu paguei ao homem, o cheque e tudo, e agora pago com o meu e depois é que vem o outro

AL: e eles já cobram a pensar com o IVA...

MO1: com IVA. Mas ainda bem que ainda se restaura, porque senão não se restaura, esses terrenos mais inclinados, cai nas bordas [*? Não se entende*], o pessoal não tem dinheiro, deixa ver agora... será aqui mais na zona do Parque que para ter isto mais limpo e mais ajeitadinho também... lá vem esse por fora, nós não nos afecta nada estar a viver dentro do parque, até acho bem, mas também eles também têm que trazer algumas mais-valias para aqui

AL: sim, se vocês têm limites à produção tem de haver uma mais-valia de outra forma

MO1: claro! E mantemos a paisagem e mantemos tudo

MO1: a tal sede da Junta é esta

AL: aaah

MO1: a sede da junta de freguesia

AL: e é usada diariamente?

MO1: uuuh, para reuniões... e agora é para o presidente lá ter a reunião com os elementos dele

AL: (RISOS)

MO1: mas está aí, alguém aí a pôs, é aquilo que eu lhe estou a dizer... está ali a escola, alguém a puxou para aqui, estão aqui saneamentos feitos, está as ruas tudo pavimentado, alguém lutou por isto que isto era calcetas, buracos, chuvas por aí abaixo, isto era uma aldeia... uma aldeia fantasma

AL: vocês estiveram quanto tempo na Junta?

MO1: eu estive de 1975 estive sempre ligado à Junta, ao CD, estas coisas, eu como outras pessoas, e nunca tivemos oposição, foi agora vá, porque as pessoas entendiam que...

AL: bom, mudar não é mau, nem que seja para as pessoas perceberem que agora está pior

MO1: claro, isso eu estou a perceber agora... isto já foi feito, alargamento aqui

AL: o vosso presidente era de onde?

MO1: o nosso presidente desde que entramos era daqui, antes destes 28 anos foi outro homenzito de Sirvozelo, que era quando não havia o conquinte

AL: quando não havia o quê?

MO1: era quando não havia o com quê, que era o graveto, ninguém queria ir para lá. Olhe este tanque, estava aqui no meio da aldeia, foi encostado para acolá por nós,

águas que tem aqui a correr sempre diária fomos a buscá-la ao baldio talvez a 5 ou 6 hect.. quilómetros de longe... está aí a correr

AL ai é? Mas canalizaram-na?

MO1: vem, vem tudo, temos depósitos lá, ao pé de Paredes, aquela água de acolá é a água antiga que havia que temos aqui de uma mina, pusemo-la à parte para o pessoal beber da natural. E esta é da canalizada que também é boa água, vem da serra, mas está sempre a correr, temos aí depósitos para enchermos

AL: quando diz a de acolá está a falar de uma boca e de outra boca?

MO1: a boca de acolá é a torneira que é a água boa, o pessoal chega aqui bebe, chega aqui e bebe a água própria, e aquela água é o abastecimento mas que até ali só existia neste tanque, noutro ao pé da minha casa, eram os bebedouros que tinham uns tubos e a água servia com o caneco para levar para casa, para cozinhar e para tudo. E agora já temos um posto de abastecimento para a aldeia, toda a gente tem água em casa e sobra

AL: e quê?

MO1: até sobra... [*? Não se entende*] esse rego de água

AL: vem de onde?

MO1: vem lá de ao pé de Paredes

AL: o tal... mas é de uma fonte ou é de um tanque?

MO1: fonte que foi explorada

AL: então e não há água da companhia das águas?

MO1: depois aquela é da câmara, aquela foi a câmara, instalaram contadores, é a água que toda a gente tem... e aquela é pública

AL: bem, a vossa aldeia é mesmo a descer e a subir

MO1: é

AL: vocês às vezes até devem pensar “ epa, ...”

MO1: isto antigamente era tudo barro e buracos...

AL: pois, imagino que sim

MO1: já foi tudo recuperado por nós... através da Câmara

MO1: este tanque já fizemos nós quando estávamos na Junta, para regarem, mas regavam com... era em terra, vertia, e foram essas pessoas que andam a fazer-me o muro... fizemos este tanque, mudámos aquele que estava assim assim, pusemos aquelas escadas e agora a água que vem lá de cima vem parar aqui e daqui vai para os terrenos

AL: e depois direccionam-nos para os terrenos. Mas direccionam-nos com o quê? Com mangueiras?

MO1: agora sobre as casas alagadas... vê esta casa? As pessoas estão em Lisboa ou já faleceram, aquele espigueiro é nosso e eu falei ao Orlando para tirar isto tudo daqui, porque vinha o carro do lixo por este caminho de baixo que tem alcatrão em volta até lá acima, vinha aqui, criava-se aqui um espaço à volta e vinha recolher aqui o lixo da aldeia e nós só tínhamos de o levar onde nós estávamos, vinha aqui.... Eu fiz isto “uouuououo⁶⁵”, nem indemnizou as pessoas e nem isto está aqui assim abandonado em derrocada

AL: e conhecem as pessoas?

MO1: conhecemos, e as pessoas queriam era ver algum... e tirava-se isto e criava-se aqui um espaço, está a perceber?

AL: pois

MO1: porque não custa nada, as pessoas recebiam o dinheiro, oh, aquela já caiu, e esta está a cair, vê? Criava-se aqui um espaço, eu mudava o espigueiro e criava-se aqui um espaço. Epa, este emigrante construiu esta casa mas está [*? Não se entende*] aqui para o caminho, que é o mesmo que se agora constrói ali outro mais apertada e depois um homem quer passar e não passa, é por isso que estas coisas têm que...

AL: são seus? Os cães são seus?

MO1: não... o meu é aquele ali pequenino... [*?*] espaçado, que já fomos nós que pedimos às pessoas e recuámos a parede, é para meu benefício também que tenho aí habitação mas isso tem caminho para baixo, público

AL: mas ouça, a câmara ao pagar uma casa e depois mandá-la abaixo depois é só despesa para a câmara não é?

MO1: mas ela faz isso... se nós estivéssemos na Junta ela já ali não estava...

AL: (RISOS)

MO1: ai já não estava, e as pessoas já tinham o dinheirinho na mão... entende ou não? Era uma mais-valia para eles que não vendem a ninguém

⁶⁵ Sons no sentido de ter sido criticado, como se fosse alguém a resmungar pelo que ele fez. As pessoas a que se refere é aos donos das casas

MO1: agora já fizemos este alargamento nós quando estávamos na Junta, este alargamento do caminho por aqui abaixo até lá abaixo, que isto era acanhadinho, levei aqui este bocado para trás, metemos aqui um muro até lá abaixo, agora... já estava com o paralelo, se nos estivéssemos na Junta isto já tinha paralelo, mas ainda não tem, nem vai ter, ainda vai ter de esperar 4 anos

AL: (RISOS) e aquele muro é o tal dos socalcos não é?

MO1: não, este muro foi um alargamento que nós fizemos ao caminho... está a ver, alargamos esse muro para dar continuação a esse caminho até à... até lá abaixo que dá acesso para a barragem, está a perceber?

AL: estou

MO1: agora as pessoas têm que... as pessoas agora têm que copiar e seguir com as obras, mas prometem mas não fazem.

Paredes do Rio: MP1

MP1: a lei têm todos a mesma...

AL: pois... sim, sim, a lei é a lei dos baldios não é..., é a nível nacional. Mas por exemplo, aqui em Paredes do Rio o baldio é gerido em autogestão ou em cogestão?

MP1: agora é que me fez uma pergunta que eu não sei responder

[MP1 sai do carro]

AL: está a precisar de alguma ajuda?

MP1: está aqui isto a fazer barulho

AL: sabe responder, sabe... então, se gerem vocês sozinhos ou se gerem em cogestão com o Estado

MP1: não... somos nós sós

AL: aí é... ok. Portanto deixaram o Estado de parte

MP1: o Estado aqui nunca mandou

AL: nem o ICN nem o Parque?

MP1: bom, o ICN e o Parque sim, não deixam plantar o que a gente quer, por exemplo

AL: pois, pois... o que é que vocês gostariam de plantar que eles não deixam?

MP1: por exemplo, o eucalipto aqui não deixam plantar

AL: pois... vocês queriam plantar eucalipto?

MP1: era talvez a madeira que dava mais rendimento e que crescia mais... aqui assim o carvalho leva muitos anos a crescer

AL: sim... e vocês não podem cortar o carvalho pois não?

MP1: oh, pode, não se pode é cortar tudo a eito, não se pode arrancar a eito, aí já eles intervêm, o parque

AL: então vocês volta na volta cortam um ou outro carvalho e vendem

MP1: não, po lume, po lume da casa

AL: ah, po lume

MP1: há quem tenha vendido também mas de vez em quando andam aí à rasca, que eles andam em cima

AL: ah, não se pode mesmo pois. E pinheiro, vocês aqui?

MP1: aqui não há, nesta aldeia não há

AL: mas o Estado não entrou aqui com a floresta naqueles tempos?

MP1: antigamente já, mas já, já foi antes de eu nascer, já tem 5 anos já... já tinha 5 anos, antigamente fizeram aí uma plantação, mas depois o lume

AL: o lume de quem? Dos pastores ou sem querer?

MP1: sei lá se é por querer se é sem querer

AL: (RISOS)

MP1: sei é que de vez em quando está uma a arder, lá vai o que lhe aparece à frente

AL: pois, e vocês nunca plantaram pinheiro?

MP1: não, não

AL: nem têm interesse

MP1: por acaso eu já pensei em fazer aqui uma plantação mas para fazer a plantação não posso distribuir o baldio pelos agricultores, porque eles metem os hectares de baldio, cada um mete os seus hectares

AL: pois, e se puser o pinheiro eles já não consideram essa área elegível...

MP1: se puser o pinheiro a área já não pode ser usada para isso

AL: pois, então não é muito bem aceite essa ideia do pinheiro aqui na aldeia...

MP1: nem o pinheiro nem outra coisa. Se se plantasse essa área... ainda se fará alguma coisa, mas se plantar essa área depois já não pode entrar naquela que a gente põe para os subsídios

AL: há muitas cabeças de gado aqui em Paredes?

MP1: aqui há... há umas 100 vacas, há 140 cabras, não sei se são 140 ou 150, acho que são 150... e 140 ovelhas

AL e isso tudo pertence a quantas pessoas para aí?

MP1: as cabras são minhas, as ovelhas são de outro e as vacas é que são de uns quantos

AL: hmmm. Mas nem toda a gente tem cabeças de gado pois não?

MP1: não, não

AL: e agora cortaram-vos muito a área

MP1: cortaram!

AL: quanto...

MP1: estavam a candidatar do baldio... já me esqueci...

AL: mas antes tinham a área toda do baldio, ou não?

MP1: estávamos a candidatar 314 hectares e agora só deixou 188

AL: pois, cortaram rochas... não foi?

MP1: aqui a nossa área até nem tem muitas rochas

AL: então cortaram o quê?

MP1: mas há sempre não é, há sempre algumas

AL: então, o maior rendimento que o baldio está agora a dar a vocês é qual?

MP1: para nós para a aldeia é o subsídio, depois os agricultores cada um tem, conforme os hectares que mete... acho que eles estão a dar 250 euros por hectare

AL: pois... mas agora com este corte como é que isso vai ser?

MP1: ai, tem que se diminuir, agora dividimos... antes estavam a meter baldio quase toda a gente, os que tinham gado e os que não tinham, e agora dividíramos pelos animais

AL: mas espere, então antes as pessoas mesmo que não tivessem gado também concorriam?

MP1: também... também concorriam

AL: (RISOS)

MP1: e agora só estão a meter, desses que estavam a concorrer só estão a meter meio hectare cada um, e o resto é dividido pelos animais que há

AL: então, mas essas pessoas que não têm gado concorrem para... (RISOS)

MP1: porque já tiveram e depois continuaram a meter

AL: então e quais são as cabeças de gado que eles metem lá no papel? Imagino que tenham de por lá o efectivo que têm não é... como é que isso se faz? Inventam?

MP1: não...

AL: então não estou a perceber

MP1: não podem inventar, o gado está todo registado, conforme o registo que tem assim o metem

AL: mas se não têm gado...

MP1: os que não têm já não metem baldio, já só metem meio hectare agora, e para o ano já não vão meter nenhum baldio

MP1: olhe, está a ver, este está roçado, todas...alguns somos nós que o destroçamos para nós... mas é tudo de Outeiro, Parada, Pitões... roçam isso

AL: a sério? Mas eles não têm tanto mato lá na... ou não é tão fácil?

MP1: Pitões tem muito mas também há muito gado, já não chega... e depois chegam aqui... agora acolá os de Outeiro e os de Parada não têm onde é que roçar nada... só pedras

AL: pois... então vêm aqui... eles ainda têm algumas cabeças de gado, não é...

MP1: aí têm bastante

AL: cento e tal ou o que é que é, ou mais

MP1: ou mais

AL: já não me lembro, ele ontem disse-me mas já não me lembro... pois, mas vocês dão-se bem entre vocês apesar de haver essas entradas para mato?

MP1: damos!

AL: não há conflito nesse aspecto?

MP1: há sempre quem não goste mas...

AL: pois, e os CD colaboram entre si ou como é?

MP1: ah, os CD cada um trabalha para si

MP1: oh, faz parte a aldeia toda

AL: ai é?

MP1: é

AL: e já é antiga a associação?

MP1: não, aquilo... agora não lhe sei dizer os anos que aquilo tem mas não são muitos

AL: e nasceu porquê? Qual é que era o objectivo?

MP1: o objectivo era, já era objectivo de fazer e estão a fazer, de dar de comer às pessoas, de ajudar, e para haver assim coisas comunitárias, fazer aquelas festas, aquelas coisas, para se não deixar perder as tradições

AL: ok, ok

MP1: e agora as outras aldeias já começaram a aderir a fazer connosco

AL: fazem associações também e juntam-se a vocês?

MP1: estavam a deixar perder tudo... nós ainda fazemos ali a chegada do centeio à moda antiga, a cortar o centeio ao badalho e a malhar ao malho

AL: (RISOS) mas fazem para chamar pessoas, turistas e não sei quê?

MP1: também, também. É para não deixar perder

AL: Ou fazem porque... porque sempre fizeram... ok, ok. Quando é que é essa actividade?

MP1: é no mês de Agosto... a malhada é no mês de Agosto. Este ano não sei a que dia toca o fim de semana, mas é aí por volta do dia 10 mais ou menos, para trás ou para diante

AL: o que é que disse?

MP1: um dia para trás ou para diante

AL: aaaah, pensei que estava a falar daqui, não percebi, desculpe... sim, sim, sim. Mas isso é como? Deixam as pessoas inscrever-se e também participam, ou como é que é?

MP1: sim

AL: se eu quisesse vir, por exemplo, como é que isso se fazia?

MP1: quem... por exemplo, quem eles convidam que são convidados, já vêm e não pagam nada. Quem não é inscreve-se e vem e participa e come e bebe e pronto

AL: ah... mas não, não faz a malhada também?

MP1: sim, também, se quiser...

AL: isto está muita bem conservado, bom o outro também, mas este está cheio de etiquetas

MP1: puseram as etiquetas para as pessoas virem e saberem como é que se chamavam as coisas (RISOS)

AL: isto aqui foi reabilitado por quem?

MP1: pelo Parque

AL: ah, este foi mesmo pelo Parque, pois... só aqui ver esta... aleviadoiro... abana. E é usado este?

MP1: quer dizer, se fizer falta, mas eles já usam...

AL: em homenagem ao homem que imaginou e concretizou este complexo hidráulico... então quem é que era o Adelino, diga lá...

MP1: Adelino Gil

AL: já morreu?

MP1: já!

AL: mas conheceu-o?

MP1: eu não... o tal não, mas o filho sim. Geravam a luz aqui e ia ali para aquela casa

AL: ah, é o tal sítio! Aquela ali que está atrás da... ena bem! A sério?

MP1: como é que eles faziam?

MP1: com a água, a água é que fazia tudo

AL: ok... fazia electricidade?... brutal...

MP1: o que gerava a luz era este coiso aqui... esta peça, ali em cima tem ali o coiso que girava a água para o que queriam, e depois ali em baixo tem ali um... tem ali um rodiço onde a água batia e tocava estas peças

AL: e gerava electricidade...?

MP1: sim. Aqui era uma serra para serra madeira. Tudo tocada a água

AL: a sério??! Ah!!

MP1: era a água que tocava isto tudo

AL: epa, isto é muito complexo

MP1: e depois a água batia num rodiço que aqui tem e depois isto andava para baixo e para cima... já ouviu falar nos bureles

AL: burel?

MP1: sim

AL: acho que não

MP1: o burel.. fiavam a lã das ovelhas e depois era tecido no tear e depois vinha para aqui, aqueciam a água nesta caldeira, e depois era aqui batido que era para ficar prensado para não entrar a água nem o frio, faziam as capas para a chuva e para o frio... que era isto. Isto era tocado com a água que ia acolá atrás e depois batia aqui, nesses malhos, oh, a água tocava isto e fazia assim

AL: mas isto está muita bem pensado! Este Adelino Gil, cuidado! Era para quê este balde?

MP1: para aquecer a água... acendiam aí um lume, aí por baixo, e aqueciam aí a água, que era para molharem o pano

AL: epa, grande senhor

MP1: para molhar o tecido

AL: onde é que o senhor vai?

MP1: olhe aqui... este era o que tocava a serra

AL: ah, sim, sim, sim

MP1: e a serra ia para baixo e para cima

AL: opa, que brutal! Ia, oh senhor MP1, isto é espectacular!

MP1: e a água depois vinha cá para baixo, vinha e vem, se eu botar a água isto anda tudo

AL: bem, esse homem era um engenheiro!

MP1: e este... este era o que tocava o da luz... vinha a água também aqui, por aquele cano abaixo, e toca isto

AL: [RISOS], esse está mesmo burro, não? Ai não!

MP1: faz luz ainda!

AL: a sério??

MP1: sim, se o puserem a andar!

AL: é?

MP1: é...

AL: faz luz lá na casa?

MP1: para aqui

AL: para aqui?

MP1: sim! Olhe aqui as lâmpadas, se botar a água faz luz para aqui

AL: a sério? Uau! Xiii, brutal! Como é que chamam a isto?

MP1: aqui chamam-lhe... o nome que dão a isto é o pisão. Mas isto era um conjunto de...

AL: isto era uma indústria! Bolas!! Então a luz dava para aqui e dava para a casa? Dava para os dois lados?

MP1: sim! E as lá de cima com um cabo que tinham de acolá para aqui, quando a queriam desligar puxavam o cabo lá para desviar a água, para tirar a água e para a luz parar

AL: opa! Que fixe! Já valeu conhecer um sítio assim!! Isto não há disto em lado nenhum, pois não?!

MP1: ah pois não!

AL: eu nunca tinha ouvido falar!

MP1: pisão há! Mas era só o pisão... assim o conjunto de tudo não!

AL: o pisão é o das ovelhas?

MP1: sim

AL: uau!! E você chegou a ver isto a trabalhar?

MP1: a gente põe isto a trabalhar de vez em quando, quando vêm os turistas

AL: não, mas assim a trabalhar mesmo!

MP1: não!

AL: não é do seu tempo

MP1: não! Ainda não havia aqui energia

AL: pois, pois

MP1: então para si também é um mito! Para si também é uma coisa que não faz parte da sua realidade, não é só para mim (RISOS)

MP1: pois!

AL: muito bom! Brutal mesmo!

MP1: botavam-lhe a água para fazerem trabalhar as peças que queriam

AL: aonde?

MP1: aí! Vinha por aqui, passa acolá e vinha por aqui, e depois aqui... esta vai para o moinho, esta vai para o coiso de gerar a luz,

AL: ah, e barra e não barra

MP1: e a outra é do pisão, e a outra é da serra...

AL: o moinho... ah, pois, o moinho está na outra sala anterior... que fixe! Muito bom!

Agora não há água aqui porquê? Está barrada?

MP1: vem por ali, olhe, vem ali por fora... vem ali por fora e quando querem por isso a trabalhar é que ela a põem para aqui

AL: uau!

MP1: aqui é para a rega, tapam ali umas comportas, e depois vem aqui, está cheia, abrem para regar os campos...

AL: aaah, só quando está cheia é que... e os campos estão onde? Estão lá em baixo?

MP1: estão lá em baixo, espalhados...

AL: então e se estiver assim aberta não dá para regar os campos também?

MP1: mas depois a água que vem por fora... é só a que nasce aqui... a que vem por fora vai por esses lados... para outros campos. Já não é para [*? Não se entende*] na aldeia, para regar outros, tem um tanque grande lá em cima que dá para aí 4 ou 5 destes, nas ruas da aldeia... e regam aqui

AL: eu só não percebi porque é que tem de acumular aqui a água...

MP1: porque se for pouquinha não dá para regar nada... não anda

AL: ok, ok, ok, para fazer pressão... está bem. Isto são tudo perguntas de quem não percebe nada disto oh senhor MP1... desculpe lá...

MP1: pois... porque depois aquela que vai acolá ao moinho não vem, é só a que nasce aqui. Mas ainda nasce aqui bastante!

AL: esta vem lá de cima?

MP1: é daí, nasce aí!

AL: ah!...

O senhor gosta disto não gosta?

MP1: eu gosto!

[MP2 é o presidente da mesa da AC; S2 é o seu filho]

AL: então e este CD existe há quanto tempo?

MP2: pertencia a Covelães

AL: aaah, é aquilo que você [MP1] me disse...

MP2: é o mais novo de todos

MP1: para aí há 13 anos

MP2: é... não, nem tanto... eu estive na Junta 12...

MP1: foi de caminho...

MP2: não. 12... para aí há 10... tem 10 anos

AL: então você esteve na Junta com o Senhor Domingos também? De Outeiro, ai não, isso é Outeiro, é outra Junta... esqueça, esqueça, esqueça...

MP2: não, estive no mesmo tempo dele, ele lá em Outeiro e eu aqui

AL: pois, exacto, exacto, eu ainda troco as freguesias

MP2: pronto, mas aqui não havia CD porque estava junto ali com Covelães. O presidente que tinha é o mesmo que é hoje, e ele ainda fez parte da Junta também, e era muito complicado, e ainda continua a ser e então...

AL: pois... vocês decidiram separar...

MP2: criei um CD, não tivemos outra alternativa... e claro que isso criou um bocado de mal-estar e pronto, não sei se já fez ali com o de Covelães. É muito complicado...

AL: já fiz já... ele comigo foi simpático, deu para perceber que tinha ali...

MP2: não, ele é, o que é que pronto, às tantas começa a complicar e...

AL: não, ele percebe-se que tem ali umas ideias muito pré-definidas e não é flexível...

MP2: as coisas têm que ser, têm de se ir alterando conforme os tempos não é e é muito difícil... mas pronto...

AL: pois, pois...

MP2: e é muito complicado... ele chegou, pronto, eu comecei a por os sapadores a fazer trabalhos para a aldeia, porque não justifica, quer dizer... fiz sempre barulho contra... mais que barulho... o que é que os sapadores a partir de junho andam a vigiar a torre, têm um vigilante lá em cima... não sei se já viu o posto de vigia

AL: fomos lá

MP2: pronto. E o que é que os sapadores vão passear de carro para o monte para vigiar o quê? Então não está lá o vigia?! Quando houver alguma coisa comunicam e eles arrancam, a minha ideia sempre era pô-los a trabalhar, e eles onde estavam recebiam ordem, os bombeiros também não andam na rua a saber onde é que há incêndios

AL: exacto

MP2: pronto, mas não, mas pronto, e ele aí foi fazer queixa de mim, que eu que punha os homens a trabalhar nas obras

MP1: não queria que os puséssemos a trabalhar na aldeia

MP2: obras públicas isso aproveitei-os todos, todos e mais algum, porque eu acho que é um bem comum, não é? Tinha de se arranjar dinheiro, mas pronto, mas ele não estava para aí virado... ainda hoje continuam, o que é que os sapadores vão fazer para o monte?? Vigiar! Vigiar?! Epa, para mim é ...

AL: ele se calhar está influenciado pelas ideias de ter trabalhado no Parque não? Ele trabalhou tantos anos no Parque...

MP2: mas não é só isso pá, depois também as directrizes também acompanham isso, não é? De Lisboa também dizem “não, entrámos de prevenção”. Para mim a prevenção era estarem junto às aldeias, cada semana em sua, a trabalhar, e estão prontos a sair, e quando chamam saem... agora ir com o carro para o monte gastar gasóleo? Vão vigiar o que está no posto de vigia... não é?

AL: pois, pois, pois

MP2: mas pronto, o que é que gente vai fazer...

AL: pois. Percebo o que diz...

MP2: pois, quer dizer, não sei, não faz sentido nenhum, nenhum, nenhum, mas enfim. E continua, não é? São 3 meses ou 4 meses por ano, quer dizer, se não houver um incêndio todo o mês eles não trabalham para ninguém... e quem é que paga?! Por exemplo, os CD e a Junta têm de pagar para quê? Para eles andarem a passear o carro? Não é?

AL: pois, pois, pois

MP2: mas pronto, o que é que gente vai fazer...

AL: pois. Percebo o que diz...

MP2: pois, quer dizer, não sei, não faz sentido nenhum, nenhum, nenhum, mas enfim. E continua, não é? São 3 meses ou 4 meses por ano, quer dizer, se não houver um incêndio todo o mês eles não trabalham para ninguém... e quem é que paga?! Por exemplo, os CD e a Junta têm de pagar para quê? Para eles andarem a passear o carro? Não é?

AL: sim, sim, sim... quer dizer que esse é o principal conflito não é, a questão dos sapadores...

MP2: não é só isso, não é só isso mas pronto, essa é uma delas, era uma delas, agora não sei, no meu tempo que eles não queriam, não queriam, não queriam... pronto, que eles andassem a trabalhar na aldeia, que eles fizessem obras, não nada

AL: pois... e antes do senhor MP1 ser presidente do CD...

MP2: não havia

S2: não, mas havia...

MP1: o Carreira...

MP2: ah, sim, o Carreira mas já com o CD formado, mas foi por pouco tempo, foi o quê? Um ano?

MP1: para aí 2 ou 3...

MP2: foi pouco tempo

AL: pois... esse Carreira é o tal que teve problemas de saúde e não sei quê não é?

MP2: era funcionário do Parque

AL: aaaah

MP1: mas depois quando saiu foi à conta de depois ter ido para o hospital ser operado às pernas

MP2: foi operado e tal e depois passou para este

Pincães: MPin1

AL: e uma coisa que eu ainda não percebi... porque ora percebo uma coisa ora percebo outra, conforme as pessoas com quem falo. Diminuindo a área forrageira, porque no fundo é esse o problema das ITI actualmente não é... é que diminui fortemente a área forrageira de cada baldio... quem é que perde com isso, são os produtores de gado que concorreram em nome do baldio para...

MPin1: este ano isso é assim... eu já não concordava no primeiro ano, mas porque... um hectare de baldio não é o suficiente para uma cabeça normal se alimentar,...

AL: uma cabeça normal, estamos a falar de um animal é?

MPin1: um animal! Ora um hectare de baldio não dá

AL: para um ano?

MPin1: para um ano... eles agora o oque é que disseram? Isto é assim, isto é tudo política... como é ano de eleições, eles fizeram a redução na mesma e puseram que cada animal podia candidatar-se com 2000m², ora se um hectare já não chega como é que vão aceitar 2000m²? E aceitaram a candidatura assim, aos particulares, nesses termos. Nós tínhamos 1900 hectares ficámos com 187, desses 187 tivemos de os dividir por os animais todos

AL: por uma data de cabeças, é isso...

MPin1: sim, e acontece que desde que tenham 0.2 hectares para cada animal nós vamos dar o subsídio, mas quer dizer, o baldio a área é a mesma, os animais mantêm-se lá e não sei que mais, no papel é que eles cortaram a área, porque isto é tudo política...

AL: ou seja, no papel passaram a dizer que a área forrageira é x, muito menos do que era, mas mantêm o número de cabeças...

MPin1: e ainda para mais, vou-lhe explicar, a ITI tinha uma equipa de técnicos, chamavam-lhe a ELA, a estrutura local de apoio, e essas pessoas fizeram um levantamento ao terreno, e as candidaturas foram feitas por essa estrutura, e o trabalho que eles fizeram puseram-no de lado, e agora vieram os senhores do IFAP com uma [*? Não se entende*] ou foram ao globo, porque não foram ao terreno, eles próprios disseram que não tinham meios humanos para vir ao terreno, fizeram... foram ao globo, viram aquilo... porque eu trabalhei na serra da cabreira e sei... sabe onde é, daquele lado, a serra da cabreira... quem vê aqui isto do alto da serra da cabreira diz que é só pedra, e chegas aqui não é só pedra, há planícies, há tudo, mas de lá para cá não se vê, e quem vai ao globo também só vê pedra e eles em vez de virem ao terreno, puseram de lado o trabalho que os outros técnicos do Estado fizeram, porque também são funcionários do Estado, como eles... e agora para tapar os olhos às pessoas, pode dizer-se assim, admitiram que 0,2 hectares por cada CN que dava... uma CN tem de ter mais de 24 [*? Não se entende*]. Uma CN é uma égua ou um cavalo, ou 6 cabras adultas, isso faz uma CN, ou 6 ovelhas... também faz uma CN

AL: ah, pensava que uma cabeça normal era uma cabeça

MPin1: não, não. Se for vaca ou garrano, é um; e se for cabra tem de ser 6, e se for ovelha também tem de ser 6. E tem de ter mais de... a cabra tem de ter mais de um ano e os cavalos têm de ter mais de 24 meses, isto é que é considerado uma CN. E o que é que acontece é que eles dão 0,2 hectares por cada... por amor de deus! Um hectare não chegava já, mas 0,2 hectares! Mas é tudo doido!

AL: mas depois também não vêm fiscalizar se o animal está ou não na área forrageira

MPin1: mas cortaram! Eles não proíbem de lá andar mas cortaram na candidatura

AL: ah, por causa do dinheiro

MPin1: cortam o dinheiro! E para o ano vai ser pior! Que eles este ano... para o ano acho que vai ser pior... 0,2 para o pessoal não fazer muito barulho e votar neles, porque isto é tudo muita política, mais nada! O que se consta é que o ministério da agricultura tinha de devolver dinheiro à União Europeia, é o que se consta... e eu ouvi uma entrevista à ministra da agricultura e ela... eram 142 milhões de euros mais... e ela vai arranjar agora o que retirou... agora vai arranjar para pagar...

AL: para pagar o quê?

MPin1: para pagar as multas à EU e o dinheiro que têm a devolver. Porque houve para aí dinheiro mal... houve candidaturas de pessoas que nunca tiveram uma vaca, nunca houve umas paredes ao alto e nunca houve um coberto. Houve muitas candidaturas no princípio, houve muitos construtores civis que metiam projectos agrícolas que nunca os fizeram e andavam a construir prédios para fazer apartamentos a toda a gente com dinheiro da agricultura... e agora estamos a pagar isso tudo!

AL: pois... essa questão das ITI ainda me faz um bocado de confusão...

MPin1: as ITI era o melhor que nós tínhamos aqui para salvaguardar isto, está a perceber, porque isto é assim, não havendo projectos, não havendo nada, se não houver alguma maneira de se fazer limpezas de redução ao combustível, nós estamos feitos

AL: é que...

MPin1: é que isto é assim, eu trabalhei quase 20 anos na floresta e a experiência que tenho é esta... ou se aposta na prevenção porque no combate quase não vale a pena. Olhe, os bombeiros... isto é como tudo, ninguém, todos gostamos da nossa produção mas ninguém quer morrer. Eu quando andava a fiscalizar a caça andava na zona de Fafe, que é gente muito perigosa

AL: quem é que era muito perigosa?

MPin1: na zona de Fafe... pessoal de Fafe é muito perigoso

AL: ah, porquê?

MPin1: opa, é pessoal que é capaz de dar um tiro numa pessoa

AL: ah é? Não sabia que tinham essa fama, continue então...

MPin1: nunca ouviu dizer que a justiça de Fafe é com o povo.

AL: não! Estou sempre a aprender...

MPin1: não, mas há... "isto é como a justiça de Fafe!" a justiça de Fafe é feita por eles, antigamente devia ser assim. E acontece que... então... ninguém quer... vão para um incêndio mas morrem porque calha mas não é por [?]

AL: claro

MPin1: e um incêndio se for numa mata... olhe, isto é um medronheiro... sabe o que é um medronheiro?

AL: sei, sei. Este conheço eu bem, gosto muito do fruto

MPin1: nós temos aqui muito... acontece que se houver mato considerável, a 30 metros do incêndio já ninguém suporta o calor. Agora os GIPS têm lá aqueles fatos de água e não sei que mais que protegem. Mas...

AL: e têm todos isso?

MPin1: ah, os GIPS têm

AL: ah, os GIPS, sim, sim, sim

MPin1: está a ver, tudo até lá acima...

AL: foi limpinho aqui também?

MPin1: está limpinho tá. Assim não arde, mas se não ardia que isto tinha aqui um mato grande. Mas aqui limpámos tudo... e acontece que os meios aéreos há 30 anos um helicóptero ganhava 14 contos por minuto, há 30 anos. Hoje não faço ideia...

AL: ou seja é caríssimo o combate, não é isso?

MPin1: é que no fundo arde, há o prejuízo do pinhal que arde e a despesa com o meio aéreo é 4 ou 5 vezes mais ao prejuízo do pinhal... mas ele há interesses nisso. Agora na minha óptica, o essencial é a prevenção, e a prevenção é isto, nem precisa de meios aéreos, nem é preciso um bombeiro morrer, nem nada... o essencial é isto... mas como há outros interesses deixa-se arder porque se sabe que as empresas que... estas empresas... estás a ver, já foi limpo e o feto já veio...

AL: o feto depois seca mas não chega a ser um combustível muito forte...

MPin1: não, não, não, depois seca mas já é no outono também... depois também já não há...

AL: está bonito. Isto foi com a tal empresa?

MPin1: sim, sim. Já trabalhamos com eles há uns anos [*não se entende, está longe do gravador, mas entende-se a ideia central: sendo de perto fazem-lhes um preço especial, mas que a partir do momento em que alguma outra apresente um orçamento mais jeitoso que mudam*]

AL: são daqui da região?

MPin1: é, são daqui da região

AL: vocês têm muitas cabeças de gado aqui na aldeia?

MPin1: temos à volta de 100 animais na aldeia

AL: hmm, isso pertence para aí a quantas pessoas?

MPin1: 12 pessoas

AL: e vocês têm problemas das aldeias ao lado virem pastar aqui

MPin1: oh, nós não ligamos a isso, pronto, o baldio está mais ou menos delimitado mas

AL: delimitado com vedações?

MPin1: delimitado

AL: Ah, delimitado isto é, as pessoas sabem quais são os limites...

MPin1: exactamente, mas não ...

AL: não têm esse tipo de conflito...

MPin1: não!

AL: e costuma haver aqui desporto, ou caminhadas...

MPin1: aqui há dias veio aí uma prova de trailer não sei se já ouviu falar...

AL: ah, aquilo das corridas? Não, isso foi no inverno acho eu...

MPin1: não, passou acolá...

AL: o que é que é trailer?

MPin1: oh, eu também não sabia, é tipo uma corrida na montanha

AL: ah, então é isso que eu ouvi falar, que passou em Fafião, que passou...

MPin1: sim, sim, sim, Cabril, passou aqui por cima

MPin1: Nós tínhamos aqui um projecto feito há pouco tempo, este foi com estilha, mas os outros projectos não envolviam estilha, era só roça... e depois tocaram-no ali, ardeu para 1 hectare, os bombeiros abafaram aquilo, depois descuidaram-se um pouco, um dia lá para as 11 horas arrancou e ardeu o projecto todo, por causa daquela manta morta...

AL: mas o projecto era de quê?

MPin1: o projecto foi um agroflorestal que tínhamos feito. Estava feito, estava aquela camada toda cortada...

AL: ah, ok... diga-me lá a diferença entre estilha e roça...

MPin1: a estilha fica assim, fica estilhado, mesmo que pegue... agora a roça o mato fica inteiro, sabe como é...

AL: ah, a estilha é triturada não é

MPin1: é! A roça não...

AL: e quando fala de projecto agroambiental está sempre a falar de limpeza de matos?

MPin1: sim

AL: por baixo do copado...

MPin1: agora, a ITI obriga a estilha

AL: ah, está bem... arde menos a estilha?

MPin1: arde, porque em pouco tempo ele desaparece todo

AL: estava-lhe a perguntar, aqueles usos lúdicos e desportivos do baldio, a vocês não vos confrange?

MPin1: não! Eles pedem autorização...

AL: eles pedem autorização normalmente?

MPin1: pedem autorização

AL: e também não lhes cobram nada?

MPin1: não! Oh, ainda lhes limpamos os trilhos para eles passarem. Havia aí muito mato e aquilo desapareceu todo

AL: está bonito sim senhor. Havia mato, não era uma zona rochosa, não é, devia ser lá mais para cima

MPin1: o mato era como este, assim grande, ou mais alto só que depois... estas coisas secas ainda foi de quando a gente passou aqui

AL: ah, sim, sim, do tal projecto que foi ao ar?

MPin1: sim. Agora a ITI obriga a usar a estilha e a estilha já é diferente, já não arde

AL: vocês ainda fazem as vezeiras?

MPin1: havia vezeiras de pequenos ruminantes, mas agora já só há um produtor, começaram a vender os animais... tem 80 a 100 cabeças

AL: já não há vezeiras. 80 a 100 foi o que disse? Cabras?

MPin1: sim

AL: então as casinhas dos pastores estão abandonadas é isso?

MPin1: não, isso ainda temos, não sei se o Márcio mostrou, mas estivemos a recuperar

AL: ah, essa mostrou sim, mostrou em fotografias, não tivemos tempo de lá ir

MPin1: porque isto é assim, os usos e costumes mantêm-se, o pastoreio na serra alta mantêm-se em comum, de Fafião tem uma zona, de Pincães até Xelo e toda a área para cá até Pincães é tudo em comum, e nós também vamos participar para a casa lá de cima, não é só ele, a casa também é nossa

AL: quando diz que é comum, como é que isso funciona?

MPin1: comum é em conjunto

AL: sim, mas em que baldio é que eles estão? Há o baldio de Cabril, há o baldio de Pincães, há o baldio de Fafião...

MPin1: aquilo é baldio de Cabril e de Pincães, temos de passar no mesmo terreno que é em comum lá em cima na serra

AL: ou seja, Cabril com aquelas aldeias todas não é...

MPin1: e nós dividimos a despesa da casa por todas as aldeias e nós vamos contribuir com a nossa parte

AL: ah, está bem. Então mas não havendo vezeira a casa é usada...

MPin1: não havendo vezeira vão vigiar o gado... ao fim-de-semana vão vigiar o gado

AL: ah, e ficam lá a dormir?

MPin1: sim. Oh, a casinha vai servir mais para o pessoal de fora do que para o pessoal daqui

AL: pois, o Márcio também disse isso. Pois, a casa está assim muito pomposa. E por exemplo virem a taxar esses usos desportivos e lúdicos cabe-vos na cabeça?

MPin1: ora bem, o organizador foi o Carlos Sá... ele é que foi o organizador e parece que pagaram] (...) aquilo só era para pagar as despesas, as deslocações, acontece que o objectivo nem seria [fazer lucro], era mais a pessoa vem, gosta, vê e depois vem cá passar férias, o nosso objectivo é esse (...). Por aqui abaixo até lá adiante está tudo limpinho, esse aí como ardeu há pouco, deixámo-lo ficar

AL: falta limpar alguma coisa, para além daquele sítio que andam a limpar agora?

MPin1: ora bem, isto há... vamos limpar agora aqui, estava programado mais, mas os pagamentos estão atrasados... então também nos vamos atrasar na realização do trabalho

AL: pois, não é porque não queiram, mas porque não conseguem

MPin1: e acontece que agora, nós até 2014 vamos ter que realizar até 2014 tudo, e depois se não aceitarem as candidaturas

AL: até 2015...

MPin1: não, até 2014, realizar o programa

AL: ah, realizar o que estava programado até 2014

MPin1: em 2015/2016, há um contrato assinado, há tudo e eles vão falhar

AL: qual é a vossa relação com o ICNF?

MPin1: olhe, o ICNF aqui já não funciona desde 1971, passou a Parque Natural, passou a ter director. Agora o parque natural é da responsabilidade do ICNF, já não tem directores, agora já é director das áreas classificadas do norte, metia a Beira Litoral, metia o Montesinho, metia o Alvão...

AL: ai metia a Beira Litoral?

MPin1: metia a Beira Litoral

AL: e o Douro Internacional também não é...

MPin1: sim. E agora, acontece que é o ICNF que é responsável por tudo [*passos e barulho, não se percebe nada*]. Agora se o ICNF passou para o ministério do ambiente isso é que eu não sei

AL: eu acho que o ICNF agora tem a AFN e o ICN, está tudo junto, e logo o Parque também

MPin1: sim, isso está, mas agora não sei se é a Agricultura... a floresta pertencia à agricultura, e agora não sei se ainda ficou ou se mudou para o Ambiente. Acho que passou para o ministério do ambiente

[fala-se do que se vê na paisagem, as manchas de plantação e limpeza pelas quais passámos]

AL: isto está bonito está... tem de vir cá o ICNF ver que vocês até trabalham, que não é só conversa

MPin1: deviam ver onde é que é aplicado o dinheiro

AL: pois... mas vocês têm uma boa relação com o ICNF? Ou seja, que tipo de apoios é que eles vos dão?

MPin1: não dá nenhum, olhe, precisava de um auto de marca, temos aí um auto de marca.... Até lhe vou mostrar...

AL: o que é que é um auto de marca [baixinho]

MPin1: um auto de marca é marcar os pinheiros que devem sair... é que o parque, o ICNF, mas o Parque [*Não se entende*] portanto tem de mandar pessoal embora, e é pessoal que é qualificado, pedem poucas habilitações mas têm a parte prática, não têm a teoria, e acontece que essas pessoas mandaram-nas embora evitar despesas e agora nem têm pessoal nem nada, é por isso que é melhor a autogestão dos baldios e depois cada um gere como sabe ou procura alguém que os ajude, porque os engenheiros florestais também estão cá para ajudar as pessoas e pronto, o ICNF não está a fazer de graça, nós pagamos para nos fazerem o coiso das candidaturas, mas pronto, mas colabora connosco

AL: quais candidaturas?

MPin1: as candidaturas das ITI, medem o terreno, o que está livre...

AL: isso é o ICNF que faz?

MPin1: não! É o secretariado dos baldios

AL: ah, percebo que falou aí de ICNF pelo meio

MPin1: não, o Secretariado dos Baldios... vêm cá com o GPS e tudo

AL: porque eu percebi que o senhor disse "ah, o ICNF faz isto das candidaturas mas a gente paga-lhes

MPin1: não, não, não. Somos sócios e depois pagamos o trabalho por fora

AL: mas pagam um x por ser sócios também ou não?

MPin1: mas depois a quota já fica metida naquilo que lhes pagamos. Agora, daqui para baixo isto também vai ser limpo agora, e se não for limpo vai arder, mas isto é o último que temos programado até 2014, porque depois para a frente já fica por aqui. Olha, daqui para a frente vai ficar

AL: vai ficar?

MPin1: já vai ficar por limpar

AL: a sério?

MPin1: se nos cortarem a coisa para aqui já não vai ser

AL: ah, pois, se vos cortarem... o dinheiro na teoria chegava quando?

MPin1: eles costumam pagar duas vezes por ano... olhe, isto aqui, há um caminho aqui por aqui abaixo é que vai dividir, isto para aqui vai ser limpo, para ali não vai ser limpo. Isto estava para ser limpo mas não vai ser porque não... os tais dois anos, 2015/2016, se não houver candidatura não vai ser limpo, e depois você vê, vai incendiar tudo

... vocês não têm sapadores portanto não têm aquele apoio

MPin1: não temos sapadores pois. O ICNF por não... não têm pessoal, não têm, aqui na freguesia têm 2 jornaleiros antigos, que não fazem nada não é... nem lhes dão transporte para trabalhar como é que os podem obrigar a trabalhar...

AL: a sério?

MPin1: é verdade. Eles vão no carro deles até à vila de Cabril, tem lá um quartel da guarda-fiscal antigo, está entregue ao Parque, não têm transportes ficam lá, ao fim do dia vão para casa, se não há transporte para trabalharem eles não vão...

AL: o que é que era suposto eles fazerem?

MPin1: oh, limpezas aqui nestes caminhos...

AL: ah, jornaleiros é a mesma coisa que sapadores, é isso?

MPin1: é... mas eles para já ainda são cogestores do baldio... nós ainda não estamos em autogestão, estamos em cogestão...

AL: ... vocês aqui também têm vendido madeira sem ser queimada ou ...

MPin1: devia ter sido feito, acho eu... precisávamos de ter feito um corte cultural, mas só que eu não tenho pessoal e não se faz e depois eles querem 40% e pronto... eles não fazem nem deixam fazer...

AL: epa, isto está demais! É muito bonito mas o fogo não perdoa...

MPin1: devia ser tudo limpo... agora nós, se não tivéssemos parque, se não estivéssemos à espera do dinheiro do projecto, já tínhamos feito isto nós, mas como agora como também temos pouco dinheiro, estamos à espera de 45000 euros do investimento que fizemos lá em cima na casa do pastor

AL: imagine que vocês deixam o Estado, portanto passam para a modalidade a), em que é que isso melhoraria em termos de intervenção florestal?

MPin1: melhoraria porque faríamos o acompanhamento contínuo ao povoamento e as necessidades que ele tivesse íamos a fazê-las a tempo e horas, está a perceber... o desbaste que é o mais importante. Porque o mato é só para efeito dos incêndios, se

não houver incendio o pinheiro domina bem no mato, até com a densidade... se houver muita densidade até o mata não é... agora para criar riqueza é fazer o desbaste do pinhal a tempo e horas porque ele se passa o tempo e não se desenvolve, depois de ser velho bem podes andar ali a desbastar que ele já não tem força para andar, ele já não vai a lado nenhum. Vi aqui pinheiros já a arder, tinham 15 cm de DAP e tinham 27 metros de altura! Você veja bem, eles foram sempre à procura do sol, com a densidade... foram sempre à procura do sol e nunca engrossaram porque...

AL: em termos de rendimento vale-vos muito mais ter árvores grossas não é?

MPin1: exactamente. Sabe, isto é assim, a madeira para construção é só a partir de 25 para cima é que é considerada, ponto final! Já se chegou a pagar a 75 euros a tonelada! E é pela tabelinha, se não fosse a tabelinha pagava-se aí 25 a 60 euros, há um valor comercial muito grande

AL: ou seja, a ver se eu percebi, uma situação sem o ICNF, ou seja, em que vocês ficavam na modalidade a), no fundo em termos de ajudas do ICNF vocês já não têm nenhuma mesmo

MPin1: e depois ficávamos com a receita toda

AL: com a receita toda

MPin1: e aí já dá para investir

MPin1: olhe, isto vai ser feito por nós! Este desbaste aqui já vai ser feito por nós, eu não quero estar à frente do baldio e deixar isto... porque isto foi o que aconteceu e não quero que volte a acontecer, a densidade destes pinheiros... não foi este ano vai ter de ser para o ano, isto não se entende... oh, vão sair todos!

[não se ouve bem mas o Sr. MPin1 volta a falar da importância do desbaste para os pinheiros ganharem grossura]

AL: mas a ITI só previa a limpeza dos matos ou também...

MPin1: não! E os desbastes

AL: só a plantação é que não...

MPin1: a plantação já fica 2x2...

AL: não, mas a plantação não é comparticipada pela ITI

MPin1: não, não! Agora isto precisa de uma intervenção... a limpeza tem de ser feita

AL: Pois, isto de facto está com uma grande densidade

MPin1: isto é tudo regeneração natural

AL: isto é tudo regeneração natural?

MPin1: é!

AL: há quanto tempo é que foi o incêndio

MPin1: isto ardeu acho que foi para aí há 5 anos

AL: *he la*. Mas crescem muito rápido

MPin1: isto cresce bem, este cada ano... isto desenvolve bem

AL: e tem medronheiro lá para o meio, também é regeneração natural?

MPin1: tem algum

AL: vocês não têm aqui a processionária?

MPin1: não há assim muita

AL: É mais o nemátode aqui?

MPin1: o nemátode também não tem muito. Olhe isto aqui, chegaram-lhe fogo aqui por baixo no rio, chegou lá em cima, ardeu aqui mais de 150 hectares...

AL: foi o tal que vocês conseguiram parar?

MPin1: não!

AL: ah, este é o tal que queimou o projecto?

MPin1: sim,...

AL: vocês têm aqui o baldio todo composto

MPin1: agora é preciso é trabalhar

Pitões das Júnias: MPi1

MPi1: pronto, Pitões conseguiu ter área suficiente para todos os agricultores, consegui manter as áreas que estavam afectas aos projectos de jovens agricultores, mas noutras freguesias não... tao simples quanto isso...

AL: pois

MPi1: e nós... em termos de baldio, obviamente que sim porque a área também reduziu, enquanto por exemplo eu antes candidatava o baldio com 2600 hectares, agora só candidatei com 1300... obviamente que isso vai ter...

AL: isso para receber os tais dinheiros para gerir as áreas forrageiras e por aí, não é?...

MPi1: exactamente

AL: pastagens

MPi1: exactamente, porque esse dinheiro era aplicado... porque o baldio tem um plano de gestão e anualmente compromete-se, estava comprometido a beneficiar x hectares de baldio, através do roço de mato. As áreas diferem de baldio para baldio, isto tem a ver com a própria dimensão do baldio, eu anualmente melhorava 20 hectares... perante um plano de gestão que nós, dada a carga... ao número de animais e de área que tenho e como consegui investir num tractor com destroçador, em media eu fazia roço de mato, beneficiação de pastagem, em cerca de 50 a 60 hectares...

AL: pois, é imenso

MPi1: tudo isto...o mato está mais curto... obviamente que é melhorado com o tractor do CD

AL: então acabam por não ter de recorrer a equipas internas...

MPi1: não, nós não recorremos a empresas, fazemos com o tractor, obviamente que tenho condições. Por exemplo pego num sapador e ele faz-me esse... ele utiliza o tractor, obviamente que tenho a despesa do gasóleo, tenho de o pagar não é...

AL: e tiveram que o comprar

MPi1: tivemos que o comprar, não é, investi nele, agora de que me adianta também ter um tractor se agora não tenho dinheiro para o combustível... não é?

AL: pois, pois

MPi1: isso vai trazer consequências, aumento de fogos por exemplo, nós conseguimos ter uma redução do número de incêndios, porquê? A esse melhoramento de pastagem anual não havia necessidade de queimar para renovação de pastagem. Obviamente que isso vai trazer todos esses problemas

AL: portanto isto pode vir a ser um problema real para os baldios, estas reduções...

MPi1: vai, vai, e...

AL: para os baldios do parque, porque os outros acabam por não ter esse tipo de...

MPi1: pronto... estamos aqui, já passámos por varios núcleos de gado. Depois tudo isto, este dinheiro permitiu-nos fazer obras que estavam, olhe por exemplo ali, antes das vacas há ali uma parede, foi uma passagem, ali não se conseguia passar, já foi possível por exemplo investir ali, fazer essa passagem, e muitas outras obras de abeberamentos para o gado

AL: sim, sim. E no próprio povo, fazem alguns melhoramentos que conseguem fazer sobrar não é, de alguma forma?

MPi1: sim, sim, sim... o financiamento das Juntas é muito pequeno e então, ou as freguesias...

AL: pois, há bocado acabei por interromper, acabámos por nos interromper mutuamente, que eu estava a perguntar se também faziam então os tais investimentos no povo e estava a dizer-me que as Juntas têm orçamentos reduzidos

MPi1: ah, exactamente... sim... não, uma junta de freguesia não consegue fazer obras, só consegue fazer obra se efectivamente tiver bom relacionamento com as câmaras municipais, aí são possíveis transferências, ou até a própria câmara municipal pronto, candidata uma determinada obra a um financiamento, isso é possível... olhe, eu tenho de ir ver ali uma pastagem... uma passagem, vamos ir e conversamos

AL: sim, sim, sim

MPi1: e pronto, obviamente que nós como CD, o CD, sendo independente das pessoas, não é, porque às vezes também é preciso que as pessoas se entendam, e por vezes nestes meios acaba por haver rivalidades e ... estupidez porque ao fim e ao cabo perdemos todos não é... mas se se entenderem, e até em algumas situações as pessoas que estão no CD, são as mesmas que estão na Junta; outras não, isso não acontece, as que estão na Junta são diferentes das que estão no CD mas trabalham em conjunto, e se houver esse entendimento obviamente o CD auxilia a câmara... a junta em muita coisa

AL: e conseguem fazer sobrar... por enquanto não é, até agora têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI?

MPi1: exactamente [saímos do carro, ouve-se mal] (...) são de todos... é um único povo não é, e... e é benéfico... às vezes não se entendem, obviamente, porque o que é que acontece? É sempre uma questão de política, sabe? Porque por exemplo, um presidente de Junta perde a Junta, vai e forma logo um CD não é...

AL: pois, é outra forma de poder, digamos...

MPi1: é, é... e é um bocado...

AL: aqui em Pitões estão na modalidade b) ou a) ou seja, autogestão ou cogestão?

MPi1: na b)

AL: ou seja, autogestão? Cogestão?

MPi1: não, não, não, cogestão...

AL: cogestão com o Estado

MPi1: se bem que já temos o pedido feito para... Ainda estamos em cogestão mas já temos o pedido feito para a autogestão... não temos outra hipótese não é... aliás eu

não vejo aqui... os SF a mim nunca... não me dizem nada, aqui no território, dizem-me só no sentido da... de ter uma equipa de sapadores, obviamente... o Estado aqui é o Parque Nacional, é o Parque Nacional que tem um Plano de Ordenamento que... é necessário, é necessário, temos de ser conscientes, é necessário... só que às vezes haviam de actuar mais onde haviam de actuar e não implicarem com coisas tao fúteis...

AL: pois, pois... complicam

MPi1: eu incomoda-me uma pessoa que acha que conservação da natureza é não tocar

AL: pois!

MPi1: que acha que conservação da natureza é ausência de populações, a mim isso incomoda-me porque eu não vejo conservação da natureza ausente da intervenção humana, não vejo, e muito menos neste nosso... neste nosso Parque Nacional

AL: pois, que está carregado de gente não é? Ou já esteve mais...

MPi1: que tem... já teve mais, obviamente... mas que tem ainda gente cá

AL: e cuja paisagem foi no fundo...

MPi1: e que a paisagem foi moldada e é moldada e é mantida pela acção do homem e que a conservação da natureza requer essa participação, esse envolvimento das duas partes. Eu muito simplesmente digo assim, eu se não tocar neste baldio, nesta área, ela... as espécies umas dominam as outras e evolui para uma uniformização, ou seja, uma única espécie ocupa o espaço, e eu digo, isso é conservação da natureza? Para mim isso é destruição... porque ela aniquilou as outras espécies, eu acho que todas são precisas e acho que as várias acções e intervenções permitem com que as espécies ocupem o seu lugar e se desenvolvam, eu ao roçar obviamente que isso dou a oportunidade a determinadas gramíneas e a outras espécies de florescer... essa é a história como do fogo. "ah, o fogo destrói...". Sim senhora, o fogo destrói... em quê? Em períodos de verão, em picos muito altos de temperatura, com ausência de humidade no solo e tudo. Mas em condições propícias o fogo é oportunidade de espécies, se um fogo por exemplo de inverno, numa situação, ele passa só na vegetação de superfície, não entra no solo e passado um mês só se vê as espécies todas a florir e não sei quê... eu acho que isso dá oportunidade a espécies... agora a forma como utilizamos e as épocas em que por vezes nós o utilizamos é que não é de todo aconselhável, isso concordo. Olhe imagine aqui, se aqui não houvesse gente este caminho não se passava aqui, e quê? Que me interessa aqui? Tinha aqui um javali? O lobo tenho? Não sei se tenho... se eu não tiver, continuar a ter vacas, ovelhas e cabras, tenho o lobo? Acho que não!

AL: pois... sim, sim, eu também acho isso, e isto é a minha opinião pessoal, também é que, quer dizer, as pessoas já ca estão há... não há memória, não é... as pessoas estão ca desde que existe memória basicamente, ou seja, se houve alguma intervenção humana essa já vem de há muito tempo atras, então o equilíbrio, se existe algum equilíbrio, baseia-se precisamente na presença das pessoas e não na

ausência, portanto retirar as pessoas ou retirar as suas actividades, à partida é contribuir para o “desequilíbrio” e não para uma tendência...

MPi1: é um desequilíbrio a todos os níveis... a todos os níveis!

AL: pois... eu tenho ideia, mas não tenho a certeza, é pelo que venho lendo dos planos de ordenamento e da forma como o discurso, pelo menos, tem vindo a ser feito da parte das entidades que gerem os parques e o ICNF e não sei quê, têm vindo a falar cada vez mais da integração das populações e da importância das populações na gestão do parque e tal e tal. Isto concretiza-se na prática ou é mais discurso...

MPi1: não, de todo! E posso dizer que desde há 15 anos para cá houve uma quebra, porque tivemos gente à frente das áreas protegidas que era contra as populações, onde diziam que a conservação só era possível se não houver populações e então houve uma quebra total na ligação entre eles, as áreas protegidas, e as populações, no passado era completamente diferente, havia um envolvimento, havia parcerias, havia dinâmica, nós por exemplo para fazer isto eu não recorria se calhar à câmara... ou nem ao CD, tinha recorrido ao Parque Nacional, àquelas brigadas. De há 15 anos para cá perdeu-se completamente porque quem ficou à frente das áreas protegidas é gente que entende que a conservação da natureza é não tocar! Porque [*? Não se entende*] desses biólogos há gente de tudo, gente doente, uma coisa qualquer...

AL: oh, é gente que nunca viveu aqui

MPi1: ui é um crime à humanidade

AL: é malta que olha a natureza por um microscópio, que estão lá nos laboratórios e tal, pois isto estou eu a dizer, também é a minha opinião muito pessoal, não é... não importa agora a minha opinião mas estou a dizer-la...

MPi1: é que às vezes até vejo assim por exemplo, património, conservar ou manter um património, pronto, qualquer coisa... quando se mexe qualquer coisa as coisas nunca ficam iguais... “ui, perdeu aquele património! Aquele monumento, aquele não sei quê, não sei que mais...”. Há alturas em que... mas por outro lado ao intervir naquele património... obviamente que tem de haver, tem que ser feito com cabeça e não... isto não se aplica a todas as situações que houve já efectivamente situações gravíssimas... mas ao mexer houve envolvimento da população, houve ali movimento, mexeu na economia local, houve ali envolvimento, houve ali trabalho...

AL: não se perdeu só não é?

MPi1: houve... há muita coisa que se ganha

AL: claro...

MPi1: há muita coisa que se ganha... eu ainda me lembro, o fojo, o fojo de Pitões era uma ruína autêntica, eu sabia... “ah, o fojo...”. O fojo, eu sabia do fojo pelo nome em si, não pela estrutura. A gente já chamava àquele sitio o fojo... o fojo... mas eu nunca associava aquilo à estrutura. Depois fui lá... só havia para aí 20 metros de parede mais ou menos intacta... tudo outro, e ruínas, soterrada... e eu “opa, temos esta candidatura, se não candidatarmos agora quando é que vamos candidatar? Isto

aplica-se perfeitamente aqui, então porque é que não o recupera? Vamos lá!”. Agora chego lá... penso assim “fogo, tenho 40 anos, 44 anos, nunca imaginei isto, esta obra...

AL: curioso isso. Não fazia ideia...

MPi1: e eu digo assim “isto é uma obra”... resultado, fluxos de gente a ir ver, gente local aqui a valorizar o que tem... “epa, nós até temos um fojo”. Ou seja, foi criada uma dinâmica e há uma outra atitude localmente por causa disso, que nos passava completamente ao lado... agora é assim, essa gente “ah, não se pode tocar no património”. O que é que interessa ter aquele património completamente enterrado? Não interessa nada! Envolveu as pessoas... o património, as acções, têm que envolver as pessoas

AL: claro. É engraçado isso, eu não imaginava, por exemplo eu imaginava que toda a agente aqui na aldeia soubesse o que é o fojo, mas afinal não... já é uma memória mesmo...

MPi1: não... eu falo por mim

AL: pois, pois, pois

MPi1: o fojo era o local “ah, aquele sítio é o fojo”. Mas a estrutura em si não me dizia absolutamente nada. Lembro-me de o meu pai dizer “hoje dormi no fojo”

AL: (riso)

MPi1: mas o meu pai não se lembra daquilo ser utilizado

AL: pois, então já é mesmo uma memória antiga, se calhar seria mais o avô, por exemplo...

MPi1: era mais uma coisa que estava lá e agora que a gente olha para aquilo “epa, é o fojo do lobo, olha, e como era? Isto era...”. Já houve... até nem que seja por motivo de conversa local...

AL: sim, sim, sim. Historias que vêm ao de cima...

MPi1: não é? E no entanto... “ah, não se pode tocar, isso é património...”. Oh... por amor de deus...

AL: (RISOS) pois... eu não tinha a noção que as coisas tinham vindo a separar-se cada vez mais das populações em termos de gestão dos parques e ...

MPi1: muito, muito, muito, completamente. E então, esta ausência de uma autogestão do Parque Nacional foi crucial... quando foi criado o departamento das áreas protegidas do norte, um director para todas as áreas protegidas... quer dizer, as pessoas... “então e o director do parque?”... até mesmo nos eventos locais ao nível do concelho... a feira do fumeiro, a abertura, tinha sempre lá um representante do

parque... e agora nada! Uma coisa... ausência... ausente... uma ausência total, de intervenção no terreno

AL: e agora também, relacionado com isto tudo, a alteração da lei dos baldios, como é que vê isso?

MPi1: a alteração da lei dos baldios está muito complicada, no sentido em que não ... veio ainda gerar mais confusão. Agora se efectivamente nós antes já tínhamos dificuldade quanto à natureza jurídica... sempre houve dificuldade de entendê-la, mas de a aceitar de determinada maneira, porque ela existiu, é uma questão de a aceitar porque ela está na constituição da república, a comunidade proprietária⁶⁶ está lá, a natureza jurídica é aquela, acabou! E então temos é que... estas medidas, tudo, ser pensado também para um tipo de propriedade que é a comunitária, pronto... agora, quanto ao comparte que já na anterior era motivo de discórdia, muito localmente, isto piorou... quanto a esta questão da ausência de gestão, e esta passagem que está nitidamente lá espelhada para as Câmaras municipais, já é... é evidente. Ou seja, este foi o passo para passar isto tudo para as autarquias

AL: pois, eu também tenho essa sensação...

MPi1: a questão por exemplo de ela ser possível a venda

AL: o arrendamento

MPi1: o arrendamento... ou seja, já nos estão a meter no mesmo saco que a propriedade privada, temos perfeitamente... esta nova lei, para onde nos está a encaminhar...

AL: estava a dizer que antes havia discórdia quanto ao conceito de comparte...

MPi1: sim porque a própria lei não era clara, permitia ser-se comparte em vários sítios... agora é pior... o que é que isto tem a ver o ser comparte com o ser eleitor? Não tem nada a ver, não tem nada a ver

AL: são leis que vêm lá de baixo...

MPi1: não tem nada a ver

AL: e como é que isso se irá repercutir aqui na realidade dos compartes? Ou não vai? Ou seja, vai mudar alguma coisa?

MPi1: em determinados sítios já há problemas não é? Se bem que estamos a ver a parte final como é que isto sai, ainda há a questão... ainda está

AL: no tribunal constitucional não é?

MPi1: é, ainda está... determinados documentos a serem trabalhados, entidades a darem opiniões em determinados artigos e não sei quê... mas acho que isso foi, é

⁶⁶ Troca de palavras. Seria “propriedade comunitária”

gravíssimo, vai ser uma confusão tao grande, tao grande, a questão do quórum, da percentagem...

AL: é de quem não tem a noção da realidade não é?

MPi1: é, é.

AL: e aquela questão, por exemplo, de quem tiver, não é um negócio, mas quem tiver aqui actividade agroflorestal na zona pode ser comparte também, isso é assustador não é?

MPi1: isso é uma borgia! Então não é... isso é uma borgia, se bem que depois mais à frente é comparte quem a assembleia de compartes assim o deliberar... ou seja, isto obriga-nos a mais, nós internamente temos isso no regulamento bem lá espelhado, mas isso não nos livra de andar em tribunais, não é? "Não, a lei diz que desde que eu tenha uma actividade agroflorestal eu posso ser comparte"... e depois vamos nós, "não, mas nós em assembleia de compartes temos um regulamento que isto e isto e isto"

AL: pois, exactamente, e depois andam aí à luta em vez de andarem a trabalhar naquilo que importa. Pois, isto está a passar-se aqui uma fase um bocado...

MPi1: não, isto não está bem

AL: pois, eu... ou seja, o que eu vejo é... o despovoamento das zonas rurais é óbvio não é? E está a ser gradualmente acentuado... e este tipo de atitudes o que me parece é que andam a tentar continuar e que esse despovoamento seja ainda mais acelerado para conseguirem ter o controlo do território

MPi1: é, porque... veja, nós os presidentes dos CD... não ganhamos nada! Nada, absolutamente! A gente chega a ter chatices com determinados compartes localmente... e depois eu digo "mas eu venho aqui, agora venho de Chaves aqui por causa... eu tenho alguma coisa? Eu podia estar com a minha família e estou aqui... não é?

AL: vive em Chaves?

MPi1: durante a semana vou lá dormir a Chaves, não é, só ao fim de semana é que estou aqui, com a questão das escolas, dos miúdos e não sei quê. Agora eu digo assim, eu nem tenho animais, agora vou-me chatear com a, b ou c...? Isto leva a que as pessoas... eles criam-nos os conflitos, e depois nós localmente é que temos de os gerir... e não é fácil! E depois, determinada gente que até podia, porque têm potencial e que podia ser uma mais-valia e não sei quê, mas que também não está para aturar a, b ou c, por causa de um fulano iluminado que entendeu que isto tinha de ser assim... depois é assim, eu acho que é indecente gente que nada tem a ver com isto, não têm conhecimento desta realidade e como se atreve a dar opinião e fazer lei

AL: vocês ali no secretariado de baldios lidam com todos os baldios da região de Trás-os-Montes?

MPi1: exactamente

AL: que se tenham inscrito não é?

MPi1: sim, que sejam associados, é assim, e independentemente até de serem associados, jamais o secretariado deixou de apoiar um baldio pelo facto de não ser associado, muito pelo contrário, nós sempre ajudamos, o que lhe pedimos é que pague a sua quota no mínimo não é? Mas não, sim... ao nível de Trás-os-Montes... eu estou mais afecta ao concelho de Montalegre e Boticas, se bem que tenho uma participação muito maior na questão da ITI dada a necessidade com a candidatura, a presença técnica, pronto, e depois houve um protocolo entre os baldios da ITI e o secretariado onde o secretariado teve um técnico a tempo inteiro para esses baldios

AL: e a associação dos baldios do PNPG, como é que se insere no meio destas associações todas?

MPi1: foi... foi fácil, isto foi mesmo pela questão da ITI, para nos conseguirmos representar na Estrutura Local de Apoio tivemos de criar a associação para termos um assento na ELA. Pronto, e foi isso. Depois a associação... eu fiquei à frente da associação, eu formei a associação com os baldios ainda era técnica do Parque Nacional mas foi pela questão mesmo da candidatura da ITI, que não era ITI antes, era plano zonal em 2005...pronto, e então houve a necessidade foi mesmo uma questão de termos assento

AL: ok... mas como instituição a associação funciona actualmente de alguma forma? Ou foi mais mesmo pela questão das candidaturas?

MPi1: funciona, e por exemplo, em questões de representação dos baldios, e depois nós estamos associados a associação também ao secretariado, ou seja, a associação dos baldios e o secretariado... é mais nisso. Mas localmente ao nível do território nacional foi mais por uma questão de termos um assento porque o que é que acontecia... os concelhos estão todos divididos por associações florestais, por exemplo... associações florestais que nada têm a ver com a dinâmica do próprio baldio, e depois como na altura eu estava à frente das equipas de sapadores no território do Parque, ou seja tinha aqui 5, tinha 2 em Ponte da Barca, tinha 3 nos Arcos de Valdevez e tinha uma em Melgaço. Eu conseguia trabalhar com um universo grande de baldio, e então era urgente que nós tivéssemos assento nesses... nessas situações de decisão relativamente à área baldia, e foi nesse sentido. Obviamente que depois as coisas mudaram, entretanto... depois era impossível não é, um técnico para esta área toda, mas depois como houve... como o Parque Nacional manteve sempre um técnico a dar apoio, eu como que fiquei mais para o concelho de Montalegre e o Parque Nacional mais para o outro lado, e depois o Parque Nacional, juntou-se mais a associação Atlântica também, que também está a dar apoio, que passou a dar alguma apoio na ITI, mas que também é associada da BALADI, ou seja, temos a estrutura montada, tem de ser! Porque para fazer face... as associações florestais, as celuloses, essas coisas, têm outros interesses que não é de todo o zelo e a defesa da propriedade comunitária... foi mais nesse sentido

AL: pois, eu quando vi que havia uma data de associações florestais por trás dos baldios fiquei um bocado confusa

MPi1: foi mesmo para afastar essas associações florestais do território...

AL: e a Atlântica é uma associação florestal?

MPi1: é, é mas agora já é associada da BALADI

AL: ah, está bem, é verdade

MPi1: tudo tem um porquê não é? Depois as pessoas “ah, mas...” ... representa sim senhora, se bem que a sede é no concelho de Montalegre... como podia ser... é no concelho de Montalegre porque eu sou de cá e inicialmente foi mais fácil constituir a associação com os baldios daqui não é, um é dali, outro de acolá, outro de acolá, mas... agora todas estas questões de, estas alterações e não sei o quê, são feitas sessões de esclarecimento, vamos lá, não sei quê, e ligam-nos, estamos em contacto permanente, agora, mas por exemplo o serviço técnico obviamente que é totalmente diferente o que é prestado aqui no concelho de Montalegre do que é prestado noutro lado, está sempre, a nossa intenção é que ele seja sempre prestado por uma associação ligada ao movimento dos baldios, vá lá, no secretariado é isso que nos interessa

AL: pois... aquelas, tipo a ADEFM ou como se chama, a associação de defesa da floresta do Minho

MPi1: também, também são mas não de todo. A AFL que é uma de Ponte de lima, não, não é de todo, tem uma visão muito de floresta de particular não é, trabalha com muitos produtores particulares florestais

AL: mas estas aqui... se não me engano, se calhar já estou confusa, mas fazem parte também da BALADI ou não?

MPi1: quem?

AL: a ADEFM...

MPi1: uma é, uma é, por exemplo a associação florestal do Lima não, por exemplo

AL: pois, essa de facto não conhecia

MPi1: essas estão associadas à FORESTIS

AL: e como é que se chama aqui a associação de Pitões, mudando agora um bocadinho o assunto

MPi1: associação de Pitões como...

AL: falou-me que havia uma associação aqui na aldeia, não tem nada a ver com estas sim...

MPi1: não, não tem nada a ver, essa é para o desenvolvimento local

AL: sim, exacto, essa. Chama-se associação para o desenvolvimento local de Pitões?

MPi1: sim, é de gente local, formámos para... porquê? Também pela necessidade de quê? As Juntas não se podem candidatar a determinados fundos, mais de carácter social e não sei quê, e então houve a necessidade de criar essa associação.... Já havia uma, que é a associação Fiadeiro que tinha integrado um grupo de gaiteiros...

AL: ai é? Nunca tinha ouvido falar... curioso

MPi1: é, Fiadeiro, temos um grupo de gaiteiros e pronto, mas essa associação nunca conseguiu envolver a população, praticamente não saía ali da actividade dos gaiteiros, ou seja parecia que era uma associação dos gaiteiros. Depois... pá, depois há aqui determinados desentendimentos, porque eu sou gaiteira, porque tu não és, porque não sei quê... e então a associação durante alguns anos esteve um bocado parada, só que nós agora com este novo quadro comunitário e como reparámos que no outro quadro comunitário perdemos muitas oportunidades, que efectivamente tínhamos de ter uma associação local a trabalhar connosco, tivemos que formar uma, pronto, e temos mais... é mais nesse sentido, para quê? Com a visão de ir buscar novos fundos e conseguir manter determinadas actividades, por exemplo a questão do Fiadeiro de Contos, o Fiadeiro de Contos se eu for pedir apoio aqui à Associação de Desenvolvimento Turístico do Alto Tâmega não me dão, para as Juntas não, tem de ser através de uma associação...

AL: ah, isso porquê? É por uma questão...

MPi1: não é legal, não é permitido, por exemplo, é mais a área social, centros de dia e não sei quê, a Junta de Freguesia não se pode candidatar por exemplo a esses fundos, já tem de ser através de uma associação...

AL: e a assembleia de compartes, pode?

MPi1: há associações de compartes que têm essa, que estão a prestar esse serviço. Nomeadamente temos o baldio de Ermelo que tem centro de dia e tudo ali a funcionar

AL: pois... eu ainda não fui à zona do Minho, ainda só estive aqui em Montalegre

MPi1: não, Ermelo, é Vila... é Amarante... Vila Real...

AL: ah, fora do parque... está bem, estava a trocar com certeza com algum... sim, sim

MPi1: isso, essa questão de criarem certas coisas às vezes é para combater, para conseguir chegar a determinados ...

Sezelhe: MS1

AL: vocês aqui no baldio de Sezelhe alguma produção que vos dê algum rendimento?

MS1: não.

AL: é só as ITI?

MS1: é, é só as ITI

AL: podiam ter os pinheiros mas não... não é?

MS1: podíamos ter os pinheiros mas não temos dinheiro para fazermos, para podermos fazer essas plantações. Depois de fazer as plantações, é como lhe acabei de dizer... depois do, da batata ou do centeio estar na caixa no celeiro não falta quem o coma... mas já dizíamos, os nossos avós diziam, “uma pessoa para colher tem de semear”, e eles se não nos ajudam a semear também não vão, não podem colher... ao fim é que eles vêm buscar o coiso... nós agora, porque nós temos, como é que eu hei-de dizer, antigamente a freguesia de Sezelhe era duas aldeias, era Sezelhe e Travassos, nós temos limites nossos com os outros, mas entre nós fazemos melhor conta do que é um limite, isto aqui chamamos-lhe nós um misto, que é das duas aldeias... e andamos agora a ver se conseguimos, este mês que ardeu, lá para Junho, se conseguimos fazer um projecto para plantarmos aqui pinheiros e outras coisas

AL: no misto?

MS1: no misto, a ver se a junta ou a câmara nos dão uma ajuda para podermos fazer essa plantação, porque senão não temos... se não há dinheiro não há, para podermos fazer plantações, não temos!

AL: pois, e aí seria a Junta porque é uma zona mista e que fazem ambas as aldeias parte da mesma junta...

MS1: pois repare, isto faz parte da mesma junta, e o misto era da Junta e eram divididas pelas duas aldeias

AL: essa regeneração natural é pouquinha não é? É só esta mancha de pinheiro...

MS1: não, portanto, ela começa lá em baixo, ela ainda começa lá em baixo, mas é só esta mancha do caminho para lá, essa mancha toda e chega até lá em cima, só que isto a maior parte já se, ardeu e saíram, sei lá quantas, ... agora está tudo cheio de giestas, agora se passar lá é só giestas que existem, porque este pinheiro... há pinheiros que ao arder ao cair cai a semente e pode outra vez crescer... mas este pinheiro não é o pinheiro-bravo, não da semente, da pouca semente para regeneração. Porque se ele nascesse, em certos sítios que andou a arder, depois de ele estar nascido nós púnhamos lá os sapadores a limpar e a fazer a condução desse pinheiral, só que não, já não nasce... [discute-se que pinheiro é]

AL: se calhar também é por ser alto aqui não...

MS1: não...porque há... também deve ser, porque há certos pinheiros que também só se dão nos altos, não é cada pinheiro, nós temos o pinheiro manso, temos o pinheiro bravo, nós temos muitos pinheiros, há certas espécies de pinheiro, e cada pinheiro tem de ser adequado pa certos montes e pa certos coiso. Porque nós mesmo aqui se fizemos protocolo com a câmara tem de vir aqui engenheiros da

universidade como você, fazer análises ao solo, qual é a área em que se pode plantar certas árvores, não é chegar aqui e fazer “vamos plantar pinheiro, vamos plantar aqui”, porque há certos sítios em que vamos plantar pinheiro e em que se calhar o pinheiro não se dá. Por exemplo há o choupo ou outra coisa que se dá num sítio melhor, tem de ser aquele local para o choupo, tem de ser aquele local para o carvalho, e tem de ser aquele local para o castanheiro. Não é chegarmos aqui e estarmos a meter em qualquer sítio ou qualquer...

AL: mas vocês não têm já esse conhecimento? Se calhar não têm porque não é uma coisa que faz parte da vossa cultura, da vossa história...

MS1: exacto! Agora esse conhecimento nós teríamos de pedir a alguém para nos fazer esse...

AL: seria o vosso cogestor lá está...

MS1: pois, exacto!

AL: mas o que é que acha da nova lei dos baldios?

MS1: se isto continuar vai piorar. Se continuar assim vai piorar. Se não houver outras leis isto vai continuar, vai piorar... isto... isto já ia ardendo, se não fizerem outras leis vai arder mais. É verdade...! E todas as reuniões que temos com pessoas, que nos somos sócios do Secretariado dos Baldios, epa e os nossos engenheiros é o que dizem, e as reuniões seja com quem for... epa, há que tomar providência destas coisas porque senão, se isto começa a arder, e incêndios é o que está à vista, e se não tomam outras providências, cada vez vai haver mais incêndios... porque as pessoas se não houver dinheiro para limpar não limpam e depois chegam aqui um dia, querem botar o gado, está tudo sujo... largam fogo, que é para depois o gado ter as ervas para comer, agora se tiver limpo, como por exemplo, veja, este aqui foi acidente, não foi largado criminosamente, acenderam aí uma fogueira no mês de março e descuidaram-se, isso estava coiso e ...

AL: e até estava limpo não era?

MS1: isto estava limpo. Isto não é considerado uma ... agora, como está limpo, começa a vir a erva e depois o gado come igual não é? Mas se estiver todo sujo, como está... não há nada de comer por baixo e o gado não rompe e depois muitas vezes a malta mete o fogo para o pastoreio para o gado. Ali em cima no planalto andam para aí mais de 1000 cabeças de gado, lá em cima... e depois eles é...

AL: mas não é só gado daqui pois não?

MS1: não, é gado da freguesia

AL: vêm para aqui para este baldio também

MS1: não, nós não nos, as pessoas quando se dão bem umas com as outras não... só que eu, lá em cima largam fogo e eu às vezes dou-lhes umas chicotadas, nós ate

mesmo, este ano não, mas antes de cortar nós cedíamos o baldio aqui à aldeia vizinha, eles tinham mais gado do que nós, e cedíamos lhes baldios. Mas desde que cortaram 50% já não podemos ceder porque fazia falta para os nossos.

AL: Vocês nunca pensaram em deixar... em assumir a gestão...

MS1: autogestão, autogestão... é isso que lhe disse há bocado, que ando a pensar nessa...

AL: deixar o Estado de parte...

MS1: deixar o Estado de parte... só que há aí uma coisa que ainda quero saber... é que nós, nós ao deixarmos o Estado de parte também não sabemos se nos vão cortar os subsídios que temos das ITIs...

AL: eu acho que não... porque pelo menos Fafião está na modalidade a)

MS1: mas esses estiveram quase sempre...

AL: sim, mas eles têm subsídio da ITI... isso tem a ver com estarem dentro do Parque, não tem a ver com estarem em cogestão...

MS1: pois, pois...

AL: acho eu. Se calhar só tinham a ganhar, porque não têm o apoio do Estado de qualquer forma e depois têm todas essas obrigações e limitações... não é? Não sei... mas isto quem sou eu não é... tudo o que eu sei é de ler, não sei como é que as coisas depois são na prática. Mas pelo que me vai dizendo não estão a ganhar nada pelo... só estão a perder...

MS1: exactamente, só estamos a perder por estarmos em cogestão. Porque se estivéssemos, era o que eu disse há bocado, é que era para fazermos uma parceria de florestarmos, mas temos de sair do Estado, fazer um protocolo com a câmara, quando ela plantava, só que quando fosse na colheita os 40% que dávamos ao Estado ficava para a câmara... o Estado agora está-nos a levar, fazemos a conta, esses pinheiros aí estão plantados, foram plantados pelo Estado, o Estado está a levar 40%, nós estamos a levar 60%, mas se fosse a Câmara que nos plantasse no lugar do Estado, se nós nos desvinculássemos do Estado, a Câmara plantava, ou mandava plantar, quando fosse no corte, os 40% que iriam para o Estado iam para a câmara... não é? Iam para a Câmara... e eu, era melhor que fosse para a Câmara, que eu preferia fazer essa parceria com a Câmara do que por no Estado... porque esses 40%, já não será na minha vida, mas preferia que esses 40% ficassem aqui na Câmara de Montalegre, se não fossem para Sezelhe podia ser para outra aldeia ao lado ou para fazer outros benefícios no concelho...

AL: pois, até porque a câmara avançava dinheiro para vocês...

MS1: a câmara plantava-nos...

AL: pois, que é coisa que o Estado não está a fazer

MS1: exactamente, só que temos de nos... eu já me estive a... já disse a um engenheiro para me mandar os documentos para ver o que eles diziam, ainda não me deu resposta. Assim que me der resposta isso é logo, porque assim, assim estamos... assim faça conta que estamos a produzir um concelho que está a produzir, e assim 40% vão para o Estado, sem, praticamente sem produzir nada

AL: em que é que eles estão agora a contribuir para o baldio? Estão a contribuir com dinheiro para os sapadores...

MS1: o Estado é com dinheiro para os sapadores e agora com as ITI que nos dão, de resto não estão a contribuir com mais nada

AL: em termos de floresta nada! Investimento da floresta zero

MS1: zero

AL: também não metem aqui malta a trabalhar na floresta, a custo zero, também não metem...

MS1: pois, não metem não

AL: a custo zero para os baldios...

MS1: pois, não metem, não metem... e mesmo... eu às vezes sou... às vezes se calhar peço por falar demais ou a verdade. Porque temos aqui, ainda anda o Estado... está a pagar o rendimento mínimo a muitas pessoas, sem fazerem nada. Mas isso para mim, fosse quem fosse... no lugar de trabalharem 8 horas, pa trabalhavam 4 horas. Davam uma volta pelo concelho, fosse onde fosse, dividiam aquilo por etapas... por etapas ou por equipes... “hoje ides, meio dia, ides a Sezelhe limpar aquele caminho, limpar aquele bocado de coiso”. Nem que fosse aqui, diziam “olhe, chegais aqueles carvalhos, cortai aquelas giestas que há ali giestas que é para o coiso...”. Ganhavam dinheiro! E agora estão lhe a pagar ordenado mínimo e a fazer cursos e o coiso, não presta para nada...

AL: mas isso é malta que está desempregada, ou é malta que está velhota ou...

MS1: não, é malta que está desempregada, , pagam o ordenado mínimo, malta que não arranja o

AL: ah, que lhes pagam o subsídio de desemprego

MS1: pagam-lhe o subsídio de desemprego, pagam-lhe o ordenado mínimo. Malta que não arranja emprego, vai-se inscrever ao fundo de desemprego, e depois já tem direito a esse coiso... mas havia, o Estado, se tomasse outras... se tivesse outra visão nesse aspecto. “sim, senhor, pagamos. Se não arranjaís emprego nós pagamos, mas ao menos tendes que trabalhar 8 horas, limpar floresta, ou limpar isto, ou limpar aquilo...” porque há muita gente que, eu digo-lhe sinceramente, há muita gente a receber esse ordenado mínimo e coiso... não é por não terem trabalho ou não coiso. Porque eles recebem 400, ou 450 euros de ordenado mínimo, e depois vão fazer uma

biscatada ou coiso e depois muitas vezes dizem “oh, fogo, então aquele ali recebe 550 ou 600 euros e eu por 100 euros ou por 150 vou-me andar a por ali à chuva ou a levantar-me aquelas horas?!”. O Estado também está a ver mal essas coisas...

AL: bom, são coisas diferentes... o subsídio de desemprego é dinheiro que as pessoas descontaram dos seus salários para depois se alguma vez acontecesse alguma coisa terem essa segurança. Depois há o rendimento mínimo, que eu não sei muito bem como é a atribuição desse dinheiro

MS1: não, o rendimento mínimo é isso que eu estou a dizer. Agora, esses estão piores... esses que descontaram e que vão agora para o fundo de desemprego e estão 1 ano, ou ano e meio, acho que eram dois anos e acho que agora é 1, chegam ao fim do coiso cortam-lho, e os outros continuam sempre a receber o ordenamento mínimo...

AL: pois, percebo o que está a dizer... há tanta coisa para fazer...

MS1: depois muitas vezes, florestas ou caminhos... às vezes ouve-se dizer “ardeu, ardeu o pinheiral porque estavam os caminhos todos sujos e não os bombeiros não conseguiram passar para apagarem o fogo, ou não tinham caminhos ou coiso... então, chegavam a essas pessoas e diziam “olha, estás a ver aquele caminho além no pinheiral, ides a ver aquele caminho...”. Era logo para todos os efeitos... mas a gestão de certas pessoas, não sei... é por isso... não andam no terreno, se andassem no terreno...

MS1: e então... chegou à conclusão que nós tínhamos razão

[MS1: o gado, ... aí nesses carvalhais, foram limpos, podia estar aí um carvalhal que... só que tendo o gado largam o fogo que estas giestas depois, largam-lhe o fogo para... vai afectar os carvalhos]

MS1: e então o ti Manel sempre chegou para dizer que “pensei que era assim....”: Minimamente temos de saber as leis... e eu, sendo empresário, sei mais ou menos os direitos que eu tenho, e os direitos dos meus empregados... só que ele, às vezes há pagamentos que não vem ter com as pessoas para por os casos “precisamos se calhar de 1000 ou 2000 (...) aos sapadores, as 4 aldeias dão 10000 euros para pagar aos sapadores. Às vezes deixa andar, e os sapadores passam dois meses, um mês, dois meses, sem lhes pagar. Quando às vezes podia chegar e as coisas conversadas... ele faz... onde eu quero chegar é que ele faz tudo pela cabeça dele e não dialoga com as outras pessoas. É o que ele tem na cabeça é o que ele faz. É essa pessoa que eu digo que já não havia de lá estar. Nós ainda no domingo, para aí há 15 dias, tivemos uma reunião. Pois eles estiveram lá, o presidente da Junta e ele e o chefe dos sapadores, tiveram uma reunião na câmara e disseram lá certas coisas e ele já dizia o contrário, já não dizia que fora assim. Depois estava lá o presidente da Junta e “oh Ti Manel, não esteve lá connosco?”. “Estive!”. “E então não se falou isto”: “não, eu pensei que isto não era assim”. A pessoa que já tem uma certa idade, já começa a ... todos nós quando se chega a uma certa idade, já a memória nos começa a esquecer e também já temos, foi o que eu disse há bocado, chega a uma certa idade também temos de

dar o poder às outras pessoas. Não podemos estar nós sempre a querer ser sempre os senhores das coisas. E depois ele tem aquela coisa que tem de ser ele a mandar, tem de ser ele o senhor que manda. É ele que faz... segundo o que ouço dizer ele não faz, não convoca uma reunião lá do CD, ele não faz eleições... ele não faz coiso... depois começa lá, “porque eu levo o trabalho assim...”. Estava lá o cunhado dele, nesse dia que estiveram lá na reunião “que eu perco, eu trabalho, eu faço, vou a Montalegre não sei quê, meter uma casa, não sei quê, não levo dinheiro...”. E estava lá um cunhado e também começou-se a encher de coiso “epa, mas se tu vês que não estás bem, que levas muito trabalho, larga o... entrega a outro”. E ele... nem uma nem duas... primeiro quer ser do coiso, mas depois começa a dizer “porque eu faço porque não levo dinheiro, porque eu gastei assim, eu gastei desta maneira...”. E depois é... “se você não quer fazer isso e nem quer levar o trabalho...”. Ainda agora, foi para a reunião que era para pagarmos aos sapadores por conta bancária... porque ele passava-lhe o cheque e os sapadores perdiam meio-dia para ir depositar ao coiso... os meus empregados eu passou-lhe um cheque mas eles não pedem meio-dia para ir depositar o cheque... então não tem família para lhe ir depositar o cheque ou... então a melhor coisa é uma transferência bancária “porque não sei quê, porque não sei que mais...”. Eu disse olha “você chega lá assina-se as declarações que de cada um e você assina que quer fazer uma transferência e ...”. Mas... primeiro diz que sim mas depois volta outra vez à maneira dele... ele já não está em condições de...

AL: pois... o que eu percebi é que não há assim tanta gente a querer ir para o cargo...

MS1: diz ele!

AL: diz que “dantes havia mas que agora como está toda a gente contra os sapadores...”

MS1: se os sapadores...repare, imagine, nunca chegava o dinheiro e eles tiveram aquela reunião do coiso... e o ano passado já houve um saldo de 1500 euros...

AL: não percebi desculpe...

MS1: o dinheiro não chegava e havia esse problema com os sapadores o problema que havia com os sapadores é que não havia dinheiro para lhes pagar. E nós tivemos essa reunião lá na câmara e o ano passado já sobrou dinheiro... porquê? Porque havia uma má gerência ali. Só depois que toda a malta se começou a passar é que ele começou a entrar mais nos eixos. E agora já tornámos a ter outra reunião e já é dinheiro da, que vai sobrar dos sapadores... temos de estar todos reunidos, falarmos e vermos como são as coisas, mas ele é uma pessoa que não... que só se o levarem à força é que vai para essas coisas. Porque ele não é uma pessoa que está... tem ordenados em atraso com os sapadores, não é capaz de falar com as outras pessoas, prefere ter aquilo escondido e não dizer nada. É aquela... e depois diz “não há dinheiro para pagar a Segurança Social”, e depois tem de ir pagar o seguro dos Sapadores, tem de ir pagar a Chaves. Porque há-de ir a Chaves se tem uma agência aqui? Então, se há uma agência em Montalegre dos seguros onde eles estão, é preciso ir a Chaves de propósito para pagar o seguro lá? Não! Tanto faz pagar lá como aqui... é uma pessoa antiga... não, mas as pessoas antigas são assim. Antigamente havia

muitas, havia pessoas que só ao morrer é que os filhos sabiam da carteira e sabiam e é que sabiam do resto. E ele também está nessas condições

Tourém: MT1

AL: então neste momento no baldio de Tourém, quais são as receitas?

MT1: tem a ITI

AL: é só as ITI?

MT1: só, mais nada! E antes não tinha nada que ainda era pior

AL: antes não tinha nada... como é que vocês faziam isso?

MT1: olhe, de algumas candidaturas que já na altura, e estou me a recordar de quando entrei, porque nem sequer CD dos baldios existia

AL: há quanto tempo?

MT1: há 20 anos atrás

AL: as ITI já existem há quanto tempo?

MT1: não, não, a ITI é recente, a ITI tem 6 anos ou 8

AL: pois, era a ideia que eu tinha

MT1: e na altura era gerida, porque o baldio era gerido pela Junta de Freguesia

AL: ai era

MT1: o CD do baldio foi formado em 1990 e oito ou nove, e fomos dos primeiros, da zona foi

AL: da zona sim

MT1: na área do Parque fomos todos ao mesmo tempo, foram todos formados em 98 / 99, foi assim uma coisa, foi Tourém, Pitões, Cabril, Sezelhe, Outeiro, foram todos formados nessa altura, já para fazer a candidatura, mas antes, estava-lhe a dizer, antes ia-se fazendo umas candidaturazinhas assim daquele jeito para manutenção, para limpeza, para preservação da... o combate contra incêndios, então vinha vindo algum dinheirinho que nós utilizávamos para fazer a limpeza, para abrir uns caminhos, para fazer essas coisas. Na altura era... se hoje é complicado na altura ainda era mais, naquela altura ainda era mais complicado porque não havia meios

AL: não havia dinheiros, pois...

MT1: nessa altura tínhamos o grande apoio do parque, do Parque Nacional, que infelizmente hoje não existe

AL: pois... que tipo de apoio é que o Parque dava?

MT1: dava apoio financeiro, bastante, e com meios humanos. Portanto tinha equipas que nos ajudavam lá nos trabalhos que era preciso fazer... hoje não tem nada, nem tem dinheiro nem tem... não sei, eu hoje tenho uma imagem negra do parque... eu que sempre fui um defensor acérrimo do parque hoje estou muito desiludido

AL: mas é pela ausência ou é mesmo por algumas opções...

MT1: principalmente pela ausência. Eu ontem estive a falar com o presidente da junta, à noite, está lá há 2 anos e ainda não foi contactado uma vez pelo parque... quer dizer, ando todos a brincar não é

AL: mas o parque em termos de gestão está sedado em vila real não é?

MT1: não, está em Braga

AL: ou em Braga... ok, achava que era em Vila Real mas se calhar é em Braga... e que está responsável por mais uns quantos parques aqui do norte não é?

MT1: pois, também houve a junção...

AL: eu não estou a dizer que isto é bom ahn

MT1: sim, desde que houve a junção dos parques a situação virou. Não houve um acompanhamento tão perto então aí virou, aí não houve... mas pronto, mesmo... mas repare, neste momento o parque... acho que só está para prejudicar, não está para... quer dizer, não nos apoia nada, não nos dá apoios de espécie alguma, e ainda está preocupado em quando se faz uma obra, ir lá fiscalizar e aplicar as multas. Eu acho que todos devemos ter regras, e não estarmos aqui, isto não é nosso, devemos todos respeitar. Mas devemos saber aquilo que andamos a fazer. Se nós fizermos uma obra que é bem feita, que é para beneficiar a população, que é para beneficiar toda a gente e a seguir vai o Parque a por entraves e...é um empecilho neste momento, aí não posso estar de acordo, de maneira nenhuma, só lhe quero falar agora do caso concreto de Tourém que tem agora um problema em mãos em que o parque em vez de ajudar está a complicar tudo

AL: uuuh, de construção? Tem a ver com construções?

MT1: foi o alargamento de um caminho, de um caminho agrícola, e em vez de se preocuparem em nos ajudar estão é preocupados a multar. Quer dizer, não pode ser, está aqui qualquer coisa que não funciona não é...

AL: e não há qualquer tipo de apoio para além desses obstáculos vá... actualmente nada

MT1: não, nenhum, nada, liga-se para lá nem caso fazem

AL: pois...

MT1: claro que isso há qualquer coisa que não está bem. Para por restrições e para por leis isso andam eles finos, para ajudar...

AL: pois... e quando é que acha que isso se alterou, foi so mesmo com a evolução dos parques ou foi antes ainda? Que o parque passou a ter outro tipo de apoio ou zero apoio ou...

MT1: olhe, a partir de 2005, 2006, 2007, descambou completamente

AL: pois isso acho que foi precisamente quando houve uma reestruturação dentro do ICN

MT1: foi, foi... reestruturação essa imposta, imposta se calhar por quem não percebia nada do que é a realidade da vida dentro de um Parque Nacional

AL: pois

MT1: e pronto, mandaram para ali o director do parque que acabou por destruir tudo aquilo que já tinham pensado fazer, ele veio para ali, quanto a mim já veio encomendado, e pronto, conseguiu fazer aquilo que queria, conseguiu impor ali uma data de restrições sem fundamento nenhum, esquecendo sempre, que essa gente nunca se lembrou, que o parque existia com gente... quando eles lá chegaram havia o triplo da gente que há hoje e aquilo funcionava e era bom, hoje querem-nos... praticamente querem-nos expulsar, há aí zonas da serra em que está proibido passar...

AL: as de protecção total?

MT1: são as ZPT, é protecção total... portanto, eles nunca tiveram em conta isso, nunca tiveram em conta de que há 30 ou 40 anos ou mais, antes de eles virem, que existia muito lobo com as populações, hoje que não temos populações e nem sequer o lobo existe, que eles apregoam tanto que são eles que o protegem, não são nada, nem nunca foram! Não é, quem os sustenta são os agricultores, o parque não sustenta nada, o agricultor é que cria os animais para eles comerem, quer dizer

AL: SF... para a DGRF na altura... está bem... e como é que vocês fazem a... portanto, vocês são obrigados através das ITI a fazer limpezas e tal... vocês recorrem a limpezas ou compraram um tractor...

MT1: nós comprámos todo o equipamento,... nós comprámos.

AL: então, compraram um tractor e tal e...

MT1: nós comprámos toda a maquinaria e agora vamos ter de comprar outro, porque aquele infelizmente ardeu...

AL: ai, eu acho que já ouvi falar desse acontecimento, não me lembro em que situação...

MT1: é...

AL: e de onde é que veio o fogo?

MT1: problema eléctrico provavelmente... é que seguros para isso já se sabe como é que é...

AL: bem, foi um investimento grande...

MT1: 90 000 euros! E agora claro que teremos que ver se arranjam os outros. Temos de recorrer a uma empresa qualquer, alguém que nos faça o trabalho. Mas também como depois esse tractor não faz só a limpeza não é, é os arranjos dos caminhos, é... faz muito trabalho. E como nós temos a equipa de sapadores florestais compensam-nos ter a máquina...

AL: ah, era isso que eu ia perguntar, os sapadores... e é só de Tourém?

MT1: não, Tourém e Pitões, fizemos um acordo, a equipa é a mesma, são cinco homens, mais um carro, que fazem um trabalho excepcional, trabalho que muitas vezes nós não... as pessoas à primeira vista não veem mas depois quando chega a altura da verdade... olhe, os incêndios reduziram 70 a 80%, fazem as limpezas, fazem mais ou menos a gestão dos sítios piores... se for preciso no período do inverno até fazem alguma... no período em que é permitido, fazem alguma queimada para depois no verão não termos esses incêndios que por aí se veem, e quando há um incêndio, porque há sempre, actuam, são os primeiros a actuar, ou seja, em menos de meia hora ou uma hora no máximo, estão no local. E é muito mais fácil controlar um incêndio no início do que quando está... então têm feito um trabalho excelente, temos a sorte de também termos pessoas excelentes lá na equipa e acho que foi das melhores coisinhas que... olhe, aí sim o parque trabalhou... na criação das equipas dos sapadores florestais o parque teve um papel importante

AL: pois, era isso que queria perguntar

MT1: muito importante! Muito bom... talvez se não fosse o parque não conseguíamos, ter as equipas de sapadores florestais

AL: antes disso vocês já tinham tentado ter ou... antes de...

MT1: não tínhamos porque ... são 5 salários, não havia hipótese... e agora... olhe, até e agora já só nos dão 30% do valor total, vemo-nos à rasca, se não fossem as ITI e pa não conseguíamos ter isso seguramente, neste momento não conseguíamos ter... parte do dinheiro da ITI é canalizado para os salários, para despesas, para máquinas, para manutenção e... isto para lhe dizer que fazem um trabalho excelente... lá na aldeia

AL: e qual é que é a relação com a Câmara e com a Junta...

MT1: é ótima, mal seria se assim não fosse

AL: pois, não é fácil se for de outra forma não é...

MT1: mal seria se assim não fosse, até porque eu sou daqueles que defendo que... os presidentes da Junta deviam fazer parte da direcção do CD, obrigatoriamente, porque há serviços que ficam... há trabalhos que têm de ser feitos com as duas entidades. Ora bem, imagina que o CD se dá bastante mal com a Junta, a figura de presidente... não faziam nada, andavam sempre às cabeçadas e cada um puxa para seu lado e entretanto o tempo passa, as coisas acontecem e nada feito

AL: pois... mas imagine, quando há uma freguesia que tem mais do que um baldio e a sede de freguesia está instalada numa aldeia... por exemplo

MT1: não pode haver conflito porque esse CD tem a sua gestão

AL: sim

MT1: portanto não, a junta de freguesia, atenção, a junta de freguesia não tem de intervir no CD, é uma parceria...

AL: não, não, estava a dizer naquele caso

MT1: é uma parceria, que é muito diferente... cada macaco no seu galho. Agora como há... há... terreno que é dos dois, digamos assim... pa, eu acho que havendo um bom relacionamento que as coisas são facilitadas, se não houver bom relacionamento, cada um puxa para o seu lado, as coisas complicam-se obrigatoriamente... não é? Agora, é claro que o CD tem de ser gerido pelo CD dos baldios, a Junta nem sequer tem de interferir. Agora, o caso concreto de Tourém, na altura até há dois anos atrás eu era o presidente do CD e o presidente da Junta. Mas acontecia isso em mais sítios, em Pitões acontecia o mesmo caso, em Covelães parece-me que não, em cabril acontecia a mesma coisa... e as coisas funcionavam, as coisas funcionavam muito bem. E com isto estou a dizer que não sabíamos onde é que trabalhava nem um nem o outro, não sabíamos... o que sabíamos é que tínhamos de parar aqui e seguir ali. Cuidado, são coisas muito diferentes! Porque há quem diga "ah, é o mesmo, ele faz o que ele quer e sobra-lhe tempo"... não é assim! Não é nada disso... não é nada disso. Agora claro que sendo a mesma pessoa, epá a pessoa sabe o que tem de fazer, sabe que tem de encaminhar as coisas de maneira diferente. Neste caso... neste momento dou-me, pronto, é uma pessoa que trabalhou comigo muitos anos, o presidente da junta e eu temos uma relação óptima em que... o caso de ontem à noite, juntámo-nos para definir o que é que tinha de ser feito e onde é que tinha de ser feito, nada de...

MT1: vamos ver até onde é que nos deixam ir...

AL: e com a Câmara?

MT1: uma relação óptima e esses 5 ajudam muito

AL: pois...

MT1: quando é as limpezas mais rigorosas dos caminhos em que precisam de uma máquina pesada ou qualquer coisa há uma articulação... há uma articulação [*Não se entende*]... ou com a participação no gasóleo ou um dia mandam-nos a máquina

para lá, outras vezes alugam-nos equipamento e mandam-nos para lá, é ótima, a relação é ótima!

AL: e sempre foi?

MT1: comigo sempre foi, eu não me posso queixar porque ajudaram-me muito e eu também faço por os ajudar a eles, ou fazia, há coisas que eles também precisam que... e nós tudo o que posso... aqui há 2 anos, 1 ano e meio, eles precisaram de fazer uma área de corte de mato mecânico e pediram-me se eu lhes fazia isso, e claro que sim, gratuitamente, porque sei que eles a seguir também nos fazem outras a nós... e é isso que eu estava a referir há bocado, uma boa relação digamos, com o vizinho, com as outras entidades, é espectacular, é a melhor coisa que pode acontecer, um faz uma coisa, outro faz outra, o outro ajuda naquilo que pode, entretida é a melhor coisa que há

AL: e vocês agora estão em autogestão ou estão em cogestão com o Estado?

MT1: não, nós temos a nossa gestão própria

AL: ah, estão em autogestão?

MT1: sim, sim, sim

AL: ah então estão em modalidade a)...

MT1: pois, não sei que modalidade é que é

AL: mas uuuh, actualmente é assumido...

MT1: mas nós fazemos cogestão com o parque, atenção!

AL: ah, ok... então ainda tem coges...

MT1: estamos a falar de uma área protegida, portanto a área protegida...

AL: sim, aí é inevitável, claro. Mas eu sei que há baldios, por exemplo, Fafão... está em autogestão, no sentido em que não tem uma cogestão com o Estado. Ou seja, por exemplo, para quem tem floresta isso é importante, porque senão o Estado leva uma percentagem das receitas e tal. No vosso caso não faz tanta diferença

MT1: nós não temos esse problema. Nós até gostaríamos de ter e teríamos todo o interesse em ter parceiros, como o parque, como a câmara, alguém que ajude a desenvolver, isso seria ótimo, não vejo qual é o problema, embora isso meta aí confusão a muita gente eu não vejo qual é o problema. Uma parceria sendo bem feita é sempre vantajosa

MT1: não tem problema nenhum

AL: lei dos baldios, esta alteração, qual é que acha que vai ser assim o impacto, não sei se está muito a par ou não...

MT1: olhe, a lei dos baldios está agora, esteve agora em estudo e está agora a...

AL: sim, aquilo foi aprovado mas acho que agora está no tribunal constitucional...

MT1: tem, tem, tem, ainda não está, ainda não está a 100%. Eu posso lhe dizer que em termos gerais que não tem assim...

AL: não vai grande impacto na prática, é isso?

MT1: não vai ter grande impacto nem ... pois, precisamente, eu acho que não é nada fora do normal, que se for cumprida que até se adequa à nossa realidade e à nossa situação. Pronto, a nossa opinião também contou, a opinião dos baldios também contou

AL: também foi tida em conta na altura

MT1: foi tida em conta, e por isso...

AL: foram auscultados, digamos assim?

MT1: sim, sim, sim, fomos. Vamos ver, vamos ver o que é que, da maneira como é que é aplicada, porque isso também depende muito de quem a vai aplicar e a ideia com que a vai aplicar

AL: mas por exemplo aquelas alterações que mudam o conceito de comparte, que tornam obrigatório que esteja x% das pessoas, acho que é 30%, para fazer determinadas decisões no baldio, 30% das pessoas que estão inscritas como compartes

MT1: isso sempre existiu... isso sempre existiu, agora acho que não tem nada que nós podemos dizer "não, isto não pode ser assim, somos contra"... não! No global acho que se aceita, no global aceita-se e o global é o que conta. Uma vez que foi discutido pontualmente acho que não... agora a única coisa aonde falha é realmente naquelas restrições, as ZPT e essa coisada toda que eu aí... eu não tenho essa situação lá, mas também não concordo com ela

AL: não têm áreas de protecção total?

MT1: total, não, só temos lá um biquinho lá na coroa que ninguém lá vai por isso... uma faixa muito pequena, portanto também não estou muito preocupado com isso... não concordo, repito, não concordo porque antigamente toda a gente ia a todo o lado e havia o dobro das peças que há hoje. Hoje com uma população três vezes menos porque é que não se pode ir lá? Não faz sentido, não, há coisas que não faz sentido. Mas pronto, isso tem de ser discutido por quem tem essas zonas, não por mim

AL: quem tem animais é isso?

MT1: quem tem animais e quem anda nessas zonas de protecção total e que sabe que não pode ir lá

AL: ah, os baldios que têm

MT1: claro, que é o caso de Pitões, Outeiro, Cabril Fafião e não sei se Pincães tem, acho que não... não me recordo, é aquela zona toda dos Carris

AL: ZPT acho que não, eles têm tanta floresta em Pincães

MT1: é aquela zona dos Carris, é para essa zona

AL: pois, pois, pois

MT1: porque é que a gente não pode ir dar um passeio à serra, mas porquê? Por que motivo?

AL: no fundo é o vosso quintal não é?

MT1: porque é que a gente tem de pagar a mata da Albergaria?

AL: os compartes também têm? Os compartes isto é as pessoas das aldeias...

MT1: olhe, eu faço parte do parque e já paguei, cada vez que passo lá que remedio tenho senão pagar

AL: eu até entendo que se tire dos turistas, agora que se tire das pessoas que ca vivem não entendo. Dou-lhe um exemplo, por exemplo em Lisboa, o castelo de São Jorge, passou a ser pago também, há um castelo lá que passou a ser pago entrar la

MT1: não, não, mas quem queira visitar tudo bem

AL: exacto, agora os locais não pagam

MT1: não, mas repare, é passagem, a passagem não tem de ser paga, se eu quiser ir visitar acho bem, até acho muito bem que se pague, para ir visitar, para ir aqui, para ir acolá. Para passar, há pessoas aqui que passaram lá uma vez na vida... ouça, eu tenho casos de pessoas de Lisboa e dali da zona que ficaram chocadas com o que aconteceu, mas o que faz eu passar aqui ou passar ali? Eu passei lá porque há uma estrada, a estrada não tem de ser paga, não foram eles que a fizeram...

Travassos do Rio: MT1 e MT2

MTR2: o concelho de Montalegre tem 135 aldeias, de certeza que dessas 135 aldeias se 30 aldeias tiverem os seus limites estabelecidos, bem, é o máximo, porque tenho a certeza, e vê-se não é, agora com as eólicas, que agora anda tudo em conflito

AL: porquê? Uns querem outros...

MTR2: não, porque os pontos são fixos, são fáceis de alterar. Se for ali, vai-se a outra pedra e faz uma cruz e dizem que é ali, e depois não há nada que prove que...

AL: eu tinha ficado com a ideia, mas se calhar estou a inventar, mas eu tinha ficado com a ideia que quando se ia marcar as cruzes iam pessoas de ambos os baldios

MTR1: sim. Mas isso já foi há muitos anos

MTR2: sim, só que entretanto vão aparecendo cruzeiros novas, e alguém as ...(RISOS)

AL: pois

MTR1: e outras desaparecem

MTR2: por isso é que a situação ideal era com pontos de GPS

AL: e o Secretariado dos Baldios não anda a fazer isso?

MTR2: não! Por acaso foi proposto isso mas não...

AL: vocês também são associados do Secretariado?

MTR2: sim

AL: e o PUB ou PGF é feito por eles ou?

MTR2: não, já existia antes, já existia há muito tempo

AL: Há quanto tempo é que já existia? Só para eu ter uma ideia

MTR2: as ITI, nós estamos a receber ITI para aí há 15 anos

AL: as ITI já têm assim tanto tempo? A partir de 2000...

MTR1: talvez... quando eu vim para presidente já existiam

AL: pois o senhor disse-me que já cá está há 12 não é? Então se calhar até antes de 2000

MTR2: sim, sim, sim, não tenho noção, já..., eu sempre me lembro de existirem ITI

AL: e para existirem ITI havia os PUB já?

MTR2: sim

AL: tinham de os ter não era, os tais planos... mas PUB é a mesma coisa que o plano plurianual?

MTR2: não, não, é outra coisa... o plano plurianual é tipo o resumo do que se faz no ano, por exemplo, para as ITI tem de se ter várias competências para se candidatar às ITI, uma é a de fazer a limpeza do mato, outra é a limpeza do carvalhal, temos x hectares de limpeza por ano, isto dão dinheiro mas temos de fazer trabalho, e então uma é fazer a limpeza do roço, por exemplo 4 hectares, temos de fazer por exemplo 3 de limpeza de carvalhal e depois também temos de dizer quantos animais é que estão a pastorear o baldio

AL: porque há um limite não é?

MTR2: não, é mesmo só parar dizer que o baldio é utilizado, por isso é que é o plano do ano para o baldio, é tipo um relatório

AL: ok, faz-se no fim do ano ou no início?

MTR2: faz-se na altura dos subsídios que é esta altura no mês de Abril, em que se diz por exemplo “olhe, em Travassos por exemplo estão 170 vacas a utilizar o baldio, nós fornecemos para o encabeçamento x hectares de baldio a esta pessoa e x hectares de baldio a esta pessoa, olhe nós fizemos este ano os 6 hectares de limpeza”

AL: ok, tipo um relatório... esse é o plurianual?

MTR2: sim

MTR1: eles depois também nos põem o que a gente tem de limpar “olhe, tem de limpar tanto na roça de mato, no pastoreio, e tanto no carvalhal... ainda há dois anos limpámos para aí 4 hectares de carvalhal, que esse é o que é mais difícil de limpar não é, porque o carvalhal tem giesta e depois [*Não se entende*], é mais difícil. No outro é mais fácil...

AL: no outro que é... as pastagens

MTR1: é. Ainda agora acabámos de limpar ali para aí 2 hectares

AL: e aí quem é que limpa? São os sapadores ou ...

MTR1: os sapadores limpam-nos para aí ao hectare de carvalhal, mas também não podem ir...

MTR2: os sapadores florestais pertencem a 4 aldeias e andam uma semana em cada aldeia e às vezes não é possível eles fazerem o trabalho e então temos de recorrer a empresas privadas

AL e o dinheiro das ITI é usado para pagar a essas empresas privadas

MTR2: não é utilizado para as empresas privadas, é utilizado para fazer essas limpezas...

AL: claro, claro, o que eu queria dizer era que o dinheiro é usado para pagar esse trabalho, porque pelo que eu percebi há também, como é que é, os sapadores são pagos pelas 4 aldeias e pelo ICNF também não é...

MTR2: sim, só que não chega, uma equipa de sapadores fica mais ou menos em 68-70000 euros, o ICNF dá 30 e... 34 mil euros

MTR1: 34 e tal, quase 35

MTR2: está a ver que ainda falta metade e então aí é que entram os baldios com uma percentagem, e a Junta neste caso

MTR1: ainda agora entrámos, cada aldeia 2500 euros

MTR2: e é aí que andam os sapadores, vão fazendo esses trabalhos nos baldios

AL: mas como não é suficiente têm de recorrer a...

MTR1: não conseguem fazer tudo

[confusão de vozes]

AL: ah, têm de recorrer a... e o dinheiro da ITI não cobre isso? Se calhar não percebi... disse que tiveram de recorrer à Junta...

MTR2: para ajudar a pagar a equipa de sapadores

AL: mas o dinheiro da ITI não pode cobrir também a...

MTR2: poderia, só que em vez de dar 2500 euros... mas esses 2500 euros vêm da ITI

AL: ah

MTR2: a ITI no fundo ajuda a pagar a equipa de sapadores

AL: mas quando diz que tiveram de recorrer à Junta é porque não havia dinheiro...

MTR2: sim

AL: então o dinheiro das ITI não está a sobrar... desculpe, não estou a conseguir acompanhar... (RISOS)

MTR2: não... é que o baldio diz assim “ nós para ajudar a manter a equipa de sapadores não podemos dar mais do que 2500 euros senão entramos em prejuízo”. Imagine, a Junta está a dar neste momento 25000 euros à equipa de sapadores. Se fosse para distribuir isso pelos 4 baldios daria uma média de 7500 euros... cada baldio teria de pagar mais 7500 euros, teria de dar 10000 euros por ano para a equipa de sapadores, 10000 euros por ano os sapadores não conseguem justificar esse trabalho... não sei se...

AL: mais ou menos... (RISOS). Porque pelo que eu percebi... vamos lá a ver, há uma equipa de sapadores que é dividida por 4 aldeias

MTR2: sim

AL: cada aldeia dá 2500 euros por esta equipa e o ICNF dá 35000...

MTR1: mas também tem outra coisa, é que se chegamos ao fim do ano se não chegar ainda temos que por mais, se calhar para aí 1000 euros ou aquilo que for

AL: aqui para pagar aos sapadores não é?

MTR1: sim

AL: mas depois esses 10000 e a Junta e não sei quê é que eu não percebi... isto já está pago não é

MTR2: mas isso não chega para os 68000

AL: quais 68000?

MTR2: que a equipa de sapadores custa. Os sapadores ao fim do ano tem de se pagar 68000 euros

AL: então isto cobre o quê... 2500, dá 10000 não é... 45000. Ah...

MTR2: percebeu? E a Junta com os 25000 euros que dá, se a Junta não desse tinham de ser os baldios a dá-lo... imagine, cada baldio tinha de dar 10000 euros, imagine, os sapadores teriam de fazer no mínimo 10 hectares de limpeza... só que eles não conseguem

AL: porquê? São poucos? Não dá? É impossível? (RISOS)

MTR2: sim... mas é possível

AL: eu pensava que aquilo que o ICNF dá e o dinheiro que cada um dá, pagavam tudo da equipa

MTR2: não! E depois o ICNF também nos tira os sapadores, imagine, para trabalhos comunitários, para vigia, por exemplo todo o verão eles estão lá de vigia aos incêndios, logo não estão a fazer...

AL: o vosso trabalho, pois ... então se não fosse a Junta cada baldio teria de dar 10000 pois...

MTR2: neste caso acabaria a equipa de sapadores

AL. Pois... está bem, não tinha percebido isto, ok... e no caso do dinheiro que vem das ITI... que isto se calhar já é dinheiro das ITI, não é... estes 2500

MTR1: sim

MTR2: sim, o baldio não tem outra fonte de rendimento, a única fonte de rendimento do baldio é a ITI

AL: ok, pois. Porque vocês não têm a exploração da madeira... não é? Então é mesmo só da ITI...

MTR2: nem as eólicas (RISOS)

AL: pois... mas isso frustra-vos ou ?

MTR2: não! Eu falo por mim. Claro que é bom saber que uma eólica rende x, imagina ao fim do ano tem 10 000 euros por eólica, isto é muito... mas foi agora, nós também não nos podemos esquecer que estamos a usufruir da medida das ITI há muitos anos e eles não tinham isso, isto é por nós estarmos no Parque, é uma vantagem... tivemos esta vantagem durante muitos anos, neste momento já não é uma vantagem, era mais a eólica do que as ITI

MTR1: já vai para aí há 5 anos teve aqui uma empresa de umas eólicas e nós fomos até lá acima para se debater, e então eles... é que o Parque não deixou, não é....

Dentro do parque a ninguém deixou pôr. Mas então eles faziam-nos um contrato, logo no acto de inscrição não é... tinha lá uma data em que dentro de 4 anos tinham de por as eólicas e portanto aí davam-nos 15 000 euros. No caso de não porem as eólicas dentro daqueles 4 anos tinham de renovar, davam-nos outros 15 000 e tinham de por nos próximos 4 anos. No caso de porem as eólicas quando comesçassem o trabalho tinham que nos dar 50 000 euros e depois cada eólica rendia 5000 euro por ano... cada uma! Eles vieram só ver mas depois é que iam trazer os técnicos para ver onde é que as punham e quantas punham... só que como o Parque não autorizou

AL: pois, no plano de ordenamento do Parque vi lá qualquer coisa sobre mini-eólicas, o que são mini-eólicas?

MTR2: é para consumo próprio. É uma eólica que é para uma casa, para um hotel, que é para produzir a própria energia, inclusive em Montalegre o hotel tem uma mini-eólica

AL: ai é?

MTR1: acolá naquele alto também já estava lá uma, também puseram lá uma, lá para...

AL: aonde?

MTR1: lá, nós chamamos-lhe ali a serra de acolá

AL: que já é Parque?

MTR2: não, ali não é

MTR1: chamamos de Piade, fica perto dos Pisões, não sei se passou na barragem

AL: passei, passei

MTR1: ali à esquerda, há lá umas já há uns anos também...

AL: pois... e vocês a vê-las... (RISOS)

MTR2: é verdade, é verdade... eu pelo menos não fico com pena

MTR1: não

MTR2: porque acho que as aldeias do Parque não ficam em nada atrás...

AL: com as ITI não é?

MTR2: sim, e com a gestão que está a ser feita tenho a certeza... e se reparar acho que as aldeias mais bem dotadas para tudo são as aldeias do Parque, em termos de ordenamento, em termos de infraestruturas, em termos de...

AL: ai é? Por acaso estava precisamente a pensar ir fora do Parque para perceber as diferenças...

MTR2: eu por acaso tenho corrido o concelho todo, há aldeias aí que é uma desordem total, uma casa aqui de um lado, uma casa... vão-se a ver os núcleos do Parque são todos mais... há mais restrições para construções de casas, há mais restrições para... ou seja, você aqui não vê uma casa que não seja de pedra, ou um armazém, ou um... claro que... eu acho que é...

AL: a mim também, a mim dá-me muito mais prazer ver as aldeias assim, muito mais do que quando estão todas desfiguradas, com casarões brancos que não têm nada a ver com a construção local, com aquelas casas que a gente chama as casas de emigrantes, que são aquelas casas que as pessoas vêm com sonhos de grandeza... pessoalmente concordo...

MTR1: mesmo já ouvi lamentar que os sítios que põem as eólicas não é... eles abrem ali grandes estradões... e já estragam...

AL: ah, sim, sim, e a nível do parque faz um bocado de confusão...

MTR1: e a nível do Parque ia estragar igual não é...

AL: é que não é só a torre estar lá depois, é tudo o que levou a que ela lá estivesse, há toda uma perturbação ali localmente

MTR1: exactamente, aí isso é. Nós gostávamos bem de por aqui umas eólicas

AL: pois, há esse lado...

MTR2: a questão é... o bom do Parque e o bom da ITI é que dão dinheiro e aplicam no que é mesmo a floresta, agora por exemplo em termos de eólicas, é aplicado no baldio, no monte, e depois o dinheiro não é aplicado em limpezas ou para... podem fazer o que querem

AL: e o que é que tem acontecido, sabe? Em que tipo de usos é que se tem aplicado essas receitas?

MTR2: acho que aqui não, aqui por exemplo, dão mas tem de se fazer a limpeza, não dão 15000 euros por ano e o baldio que faça o que quiser com eles, não! Tem de ser feito o trabalho

MTR1: eles às vezes vêm ver, vêm os fiscais não é...

AL: vêm? Era isso também que eu queria saber... há uma fiscalização é isso?

MTR1: também... faz agora 3 anos para Setembro que vieram aqui...

AL: e vocês devem ter que apresentar contas e assim não é...

MTR1: vieram aqui fiscais, tive de ir com eles aqui à raia de Espanha, veem tudo

AL: aí foi, teve de ir com eles?

MTR1: foi! Mas eles têm de, precisava de dizer aonde é que fiz limpezas, onde não fiz, porque eles fazem um mapa, eles com o mapa já sabiam tido, já viram se nós tínhamos feito limpezas se não tínhamos

AL: vocês tiveram um grande corte de área forrageira?

MTR2: bastante! Foi de 300 e tal hectares passámos para 84...

AL: e vocês acham isso justo ou acham que não faz sentido?

MTR1: isto foi uma pancada até grande não é... para toda a gente

AL: e quais são as consequências disso que ainda não consegui perceber...

MTR1: porque as pessoas até tinham bastante área agora tivemos de lhes dar só um bocadinho que é para chegar para todos

AL: e como é que isso é na prática... imagine, antes tinham 300 hectares para 6 pastores, só assim para dar uma ideia, e agora passam a ter só metade, 150 hectares, cada pastor ou cada rebanho fica com menos área não é... mas como é que isso se fiscaliza?

MTR2: imagine, cada agricultor para se poder candidatar para os fundos comunitários tem de ter uma área... como é que um agricultor com 70 vacas justifica a sua própria área? Uma pessoa com 70 vacas precisava de ter 200 e tal hectares e ele não sua própria exploração não consegue ter essa área, então ele justifica dizendo que deita as suas vacas para o baldio. E então, qual é a forma de dizer que... o presidente dos baldios passa uma declaração a dizer " nós cedemos 50 hectares de baldio a este agricultor". Neste caso reduziu a área, enquanto um agricultor tinha 50 hectares neste momento teve de ficar com 19 ou... logo vai influenciar na apresentação da candidatura aos subsídios desse agricultor... uma coisa é ter... depois recebe-se x euros por cada hectare

MTR1: por exemplo até ali tinham um hectare e tal por cada vaca não era... quase hectare e meio, agora ficaram com meio hectare...

MTR2: 0.6... ficou

AL: e é permitido, por exemplo, há um limite estabelecido por quem dá o subsídio para a área por cabeça

MTR2: quanto mais melhor

AL: quanto mais melhor em termos de subsídio... ok, acho que começo a perceber, é que isto está a ser tudo novidade e confusão para mim

MTR2: o baldio é um mundo muito...

AL: sim, é complexo isto

MTR2: é

AL: eu antes de vir para aqui pouco tinha ouvido falar de ITI e... (RISOS)

MTR2: porque é uma medida própria do Parque

AL: pois, exacto... eu já tinha ouvido falar mas nunca pensei que fosse tão importante, que fosse essa a fonte de rendimento dos baldios do Parque, nunca me passou isso pela cabeça. Porque eu leio muito sobre baldios mas a realidade dos baldios em geral e a realidade dos baldios dos parques, ou pelo menos do Parque Nacional, é completamente diferente

MTR2: sim, onde há pastoreio e onde não há pastoreio é completamente diferente

AL: exacto!

MTR2: tipo, um jovem agricultor que meta 60 hectares de baldio terá seguramente 16 a 17 mil euros por ano de subsídio só do baldio...

AL: e o baldio não recebe nada por isso?

MTR2: não... deveria receber, uma verba disso devia ir para o baldio

AL: até porque ele é comparte, à partida... esse pastor ou produtor...

MTR2: sim, mas imagine o baldio é de todos... e estão a usufruir 4 ou 5

MTR1: mas também se não fosse o baldio aqui eles não podiam ter estas vacas... nem a terça parte, porquê? Porque o gado agora, aqueles que têm os vitelos não é...que estão a dar leite, está bem, mas as outras que ficam lá até ao fim de setembro

AL: o que eu queria perguntar... vocês do dinheiro que recebem anualmente sobra algum? Conseguem gerir de forma a sobrar? E de que maneira é que ele é usado, ou seja, de é usado no povo, se é usado...

MTR2: isto é o seguinte, nós temos a tal ITI e temos uma verba... se nós conseguirmos fazer o trabalho com os sapadores é dinheiro que estamos a poupar, ou então tentar negociar com a empresa que for fazer, nós recebemos por exemplo 1000 euros por hectare para limpar, se nós conseguirmos ajustar por 700 temos ali 300 euros de... e esse dinheiro aplicamos no que é... ou limpeza de estradões, ou recuperação dos tanques dos pontos de água para as vacas beberem, imagine, se há um telhado de uma igreja que está a precisar que lhe demos ajudar... foge um bocadinho ao âmbito do que é a ITI e não é muito correcto, ou mesmo imagine...

AL: mas não foge a este [devo ter apontado para qualquer papel...] (RISOS)

MTR2: sim, sim, ou uma infraestrutura que seja necessária na aldeia, um... por exemplo, tínhamos aqui um , já aqui fora, um rego que estava a causar muitos problemas à aldeia e a junta e o baldio chegámos a acordo e fizemos a obra os dois... e é esse tipo de...

AL: pois, melhoraram um bocado a vida localmente, não é... facilitar a vida das pessoas

MTR2: sim, estamos com uma aqui também agora neste momento aqui com uma casa que queremos reconstruir que vai funcionar também tipo como sede dos baldios e ajudar também... queríamos que as partes de baixo destas instalações para uma casa mortuária da aldeia...

AL: portanto o CD não tem sede não é... mas temos a casa do povo, não é, dá para reunir

AL: ah têm uma casa do povo? Ou é o café?

MTR2: por cima do café, isso é tudo da Junta

MTR1: portanto temos essa casa se for preciso

MTR2: eu não acredito que a Câmara lhe tenha posto esse entrave

AL: eu não sei, se calhar também era porque não estavam inscritos na matriz predial...

MTR2: mas o baldio é comprador, pode comprar... se existir um artigo o baldio pode comprar, o baldio é uma pessoa colectiva, tem contribuinte, tem... pois, agora eles quiseram se calhar pegar num espaço que existia ilegal, isto é quiseram construir se calhar na casa do guarda

AL: não, não! Eles construíram de novo

MTR2: ah, não podem, claro que não podem

AL: pois, não podem construir de novo

MTR2: não podem! No baldio, para criar um artigo no baldio teria de se fazer um loteamento

AL: teria de se fazer uma alienação

MTR2: sim, por isso é que não deixam... agora o baldio... uma casa aqui fora, não então... se a casa tem artigo, é só ir à reunião de baldio, a assembleia dá a autorização ao presidente para poder apresentar uma proposta e ele apresenta

AL: pois, tanto para comprar como para vender...

MTR2: sim... vender baldio não pode

AL: alienar... pode... pelo menos o que eu li foi... o que eu percebi, que isto às vezes as leis também são difíceis de entender, o que eu percebi foi, há um baldio, se esse baldio estiver muito próximo da povoação e se houver vontade de alargar a

povoação, vontade geral do povo e dos compartes, o baldio pode alienar uma parte da sua área para construção

MTR2: e como é que vai fazer o artigo

MTR1: também é um bocado difícil

MTR2: nós tivemos aqui esse problema, tivemos aqui vários emigrantes que queriam fazer casa mas não tinham terreno e nós deixámos fazer no baldio... não foi possível porque o baldio primeiro teria de fazer loteamento, criar um... esta aqui é a faixa onde nós queremos fazer as casas então vai ter x casas, vai ter de se lá por a água, por... senão não posso fazer artigo

AL: pois, eu não sei, eu sei que eles falam lá isso por interesse comprovado de que... por exemplo estou-me a lembrar, em certos baldios houve a construção de vacarias, houve aí uma... há um interesse geral que haja essa vacaria então há uma alienação da parte do baldio, lá está porque o baldio está colado à povoação, portanto há lá um recorte do baldio e aliena-se uma área para a construção daquela vacaria para o povo... isto já aconteceu porque eu verifiquei, agora como eles fazem do ponto de vista legal é que eu não faço ideia. Agora no caso dos emigrantes também não sei...

MTR2: sei que não é possível porque sei que neste momento...

MTR1: há aldeias que têm feito já...

AL: mas na Lei está escrito mesmo isto... não é...

MTR1: mas muitas são ilegais o problema é esse

AL: ah, se são ilegais ou não isso já não sei...

MTR1: eles fazem...

AL: mas pode, pelo menos a lei permite

MTR2: permite se for feito o loteamento, a delimitação do terreno. Por exemplo, vai a qualquer sítio... por exemplo, Montalegre, para lotearmos os [? *Não se entende*] tem de fazer um loteamento... e é do interesse geral, também invocava o interesse geral

AL: exacto, é do interesse geral... as casas pessoais eu não sei se isso é possível, mas por exemplo uma vacaria para o povo acho que... já é do interesse geral não é...

MTR2: sim, sim. Mas também teria de ser...

AL: para certos compartes, é mais ou menos do interesse geral... (RISOS). Eu não sei, eu não domino a legislação de construção...

MTR1: por acaso há aqui umas vacarias mas foram feitas todas no terreno privado... e nós também aqui à volta da aldeia não temos área de baldio, é tudo privado, e a área de baldio já fica mais distante e às vezes as pessoas também não queriam ir lá para muito longe não é com a vacaria e depois pronto, andaram a ocupar terrenos

AL: pois... mas isto tudo porque disse que ia recuperar uma casa para ...

MTR2: sim, sim, sim, uma casa que está neste momento registada como sede do conselho directivo

AL: ok, ok... e vocês neste momento estão com que modelo de gestão? Estão em cogestão com o Estado?

MTR2: sim, sim

AL: e como é que corre essa cogestão?

MTR2: já foi muito boa, neste momento quase não... posso arriscar que quase não existe, não existe no sentido... existe através disto... quando é que existia, por exemplo, quando o Estado plantou os pinheiros, não é...

AL: nos tempos do Salazar ainda...

MTR2: e nós temos 40% do... temos 60% desse...

MTR1: 40-60%...

AL: acho que é 40-60 quando é plantado por eles...

MTR2: sim, sim, sim. Aí é bom, é uma parceria boa (RISOS)

AL: mas seria boa se eles gerissem a floresta não?

MTR2: sim, mas neste momento... toda a gente sabe que o sector Estado está a... está tudo a passar para os privados, neste momento não há... nós beneficiamos de muitas medidas ao longo destes anos todos, por exemplo o javali vinha ao milho, vinha um técnico e dava um valor para compensar esse milho, hoje não existe isso... um lobo atacava um animal, vinha logo um técnico, hoje já... vem mas já é mais...

AL: moroso?

MTR2: sim... agora ainda existe essa parceria com o Estado... esses pinheiros que estão aqui, se nós vendermos terá de ser em parceria com o Estado

AL: têm de lhes dar os 40%

MTR2: os 40%

AL: mas alguma vez sentiram, sentiram ou existiu, um apoio logístico e técnico da parte do ICNF na gestão da floresta, no sentido da produção florestal....

MTR2: a equipa dos sapadores no fundo é para isso... eles ajudam também para limpar essas áreas

AL: sim, a limpar... mas no sentido de... de manter a floresta viva ou seja de plantações, de recuperação de regeneração natural, sei lá, no fundo fazendo com que haja dinheiro sempre a sair da floresta

MTR2: as ITI é... também empregadas pelo... neste momento quem está a dirigir o parque é o ICNF, é uma dessas...

AL: mas as ITI também dão para produção florestal? Ou dão só para manutenção das autóctones?

MTR2: sim, sim. Mas para ali para o carvalhal está a ajudar...

AL: eu só pergunto isto porque... a partir do momento em que vocês estão dependentes das ITI, porque estão não é, neste momento, em termos de rendimento, se aquilo opor acaso muda, por exemplo agora com esta alteração das áreas forrageiras, isso não vai alterar o valor que entra para o baldio?

MTR2: não.

AL: não?

MTR2: não, não, porque... mas é isso....

MTR1: ainda não sabemos bem, ainda não sabemos bem, estamos a contar que não, mas... ainda está assim meio...

AL: eu pensei que dependia da área de...

MTR2: não, porque ali foi... perdemos área de encabeçamento, área de pastagem, mas ganhamos área de carvalhal, nós se não conseguirmos entrar pela agroambiental entramos pela silvoambiental, está a perceber? Ali, não é aí que...

AL: mas as agro dão mais não é? (RISOS)

MTR2: mas mesmo assim os hectares dá para... ali o problema todo foi no encabeçamento do gado para os agricultores

AL: e uma coisa... vocês têm algum interesse em... em alguns baldios vi que existe a vontade de deixar o Estado, ou seja, de passar para a modalidade a), já que não obtêm apoio do Estado deixa de fazer sentido manter essa modalidade... vocês aqui consideram isso ou...

MTR2: passar a autogestão?

AL: sim, exactamente, passar a autogestão

MTR2: essa é uma questão que foi introduzida, imagine... a câmara apoia a reflorestação, mas quer assumir o papel do Estado, imagine... o contrato que se fazia antigamente dos baldios com o Estado, a câmara quer fazer agora, por exemplo vai investir dinheiro num baldio mas ao fim de uns anos quer ter 40% ou ter... e só se pode fazer esse contrato com a câmara se se sair do contrato com o Estado... só por isso é que se fala disso senão... porque no fundo não vai ter autogestão... sai da cogestão com o Estado e vai passar para cogestão com a câmara...

AL: mas isso com a câmara é por opção não é...

MTR2: sim, mas tenho a certeza de que se não for para isso ninguém sai da cogestão com o Estado... nós por exemplo para podermos fazer aquele projecto com a câmara temos de optar pela autogestão

AL: ai é? Não podem manter-se em cogestão com o Estado e fazer isso na mesma?

MTR2: não! Porque se não depois o Estado poderia vir buscar 40% de...

AL: ah, exactamente...

MTR2: é só por aí... senão... eu falo por nós... nós não sairíamos da cogestão com o Estado porque o prejuízo também não é... o benefício não é...

AL: mas qual é o benefício de estar agora com o Estado, só para eu perceber melhor...

MTR2: por exemplo na venda daqueles pinheiros poder ir buscar os 40%

AL: o Estado... isso é o benefício deles, mas o vosso? É que vocês têm 60%...

MTR2: sim, mas também temos esse benefício

AL: mas teriam sempre, ou não? A floresta é vossa

MTR2: a floresta e aquilo que lá está...

AL: como é que isso seria?

MTR2: pois (RISOS)... está a perceber?

AL: era melhor, está no baldio, o baldio é vosso

MTR2: sim, mas foi...

AL: eu nem nunca pensei nisso, eu achei que a partir do momento em que, na minha visão. Se retirava o Estado, já que o Estado não está a fazer o seu papel, pronto, lá pelas razões que lá terão, não importa agora, que passariam a obter os 100%

MTR2: mesmo que o baldio de Travassos passasse a autogestão, os projectos que meter a partir daí o Estado não tem direito a nada, é tudo 100%... agora os que houve para trás tem, mesmo que passe a autogestão a venda dos pinheiros o Estado vem buscar os 40%

AL: e acha que se passar para o modelo a), autogestão, o baldio não continua a ter esse direito a x% desses pinheiros?

MTR2: tem, tem, tem, sim, sim, sim, tem

AL: aaah, mesmo que esteja na modalidade a)

MTR2: uuuuh

AL: eu estou a perguntar porque não sei...

MTR2: existe, existe, que de hoje a amanhã, imagine que através dos investimentos não produtivos o Estado diz assim MTR1: vamos apoiar a floresta. Se estiver em autogestão já não tem nada com ...

AL: pois, não sei...

MTR2: eu directamente, neste momento é só por causa do projecto com... senão, era cogestão, e se pudermos ficar com cogestão vamos ficar com cogestão

AL: ok, ok... eu ainda não percebi muito bem foi quais são os benefícios... são eventuais benefícios de futuro é isso?

MTR2: sim, nós temos, por estarmos com o Parque nós temos acesso a fundos comunitários que em mais nenhum sítio...

AL: mas continuariam a ter, mesmo que estivessem em autogestão...

MTR2: sim... mas não sei até que ponto eles ao sair... imagine...

AL: eu estou a perceber, podia haver algumas...

MTR2: sim...é normal...

AL: eu sei lá, Fafião está em autogestão e tem ITI

MTR2: qual foi a vantagem que eles tiveram em ..

AL: não sei, eles já estão em autogestão há anos... basicamente passam eles a gerir tudo e a receber tudo o que...

MTR2: não

AL: não?

MTR2: passam nos projectos que eles meterem sozinhos, o que está para trás, o que existe para trás eles têm que dar os 60%, os 40% desculpe...

AL: acho que não... pelo menos a Lei diz que é menos, acho que é tipo 20% nos casos em autogestão...

MTR2: não... imagine, se nós fazemos um contrato os dois, depois você devolve o contrato depois assim sem mais nem menos

AL: não, mas o que diz a Lei, mas lá está, isto é a teoria não é, o que se faz na prática vocês é que sabem, mas o que está na teoria é autogestão, mesmo que o povoamento seja do Estado, tem de dar x, sim, se for daqueles povoamentos plantados pelo Estado em tempos, tem que dar x, mas é menos, acho que é 20% nos casos em autogestão, e se for em povoamentos que não são do Estado não têm de dar nada... mas vocês têm de dar na mesma, mesmo nos povoamentos que plantam

MTR2: sim, sim, sim

[toca o telefone do MTR1]

MTR2: não, nós não... nós temos 40-60

AL: em tudo?

MTR2: sim

AL: pois, não sei, olhe...

MTR2: agora imagine, nós temos técnicos do ICNF a, por exemplo, quando o pinheiro seca eles vêm ver porque é que seca, temos, pouco agora, mas temos algum acompanhamento

AL: pois, é isso que eu quero saber, que mais-valiás existem ainda numa cogestão...

MTR2: sim, há sítios em que são os técnicos que vão marcar quais são os pinheiros a abater, existe ali uma...

AL: e por exemplo, se calhar perdiam os sapadores caso...

MTR2: não, não, não, não vejo isso por aí

AL: portanto, a vossa relação com o ICNF é pacífica ou há ali alguma constrição de interesses ou de formas de trabalhar, ou...

MTR2: não, porque agora já praticamente não existe...

AL: pois, mesmo através do Parque, porque agora o Parque é o ICNF não é...

[toca o telefone do senhor Zé]

MTR2: então, imagine, vinham pedir uma montaria ao javali, eles vinham verificar se havia caça, eles andavam sempre, na época da caça eles andavam sempre de vigia ao monte, neste momento não existe

AL: nem do lado bom nem do lado mau...

MTR2: também não se podia dizer que andavam sempre aí, mas também marcavam a sua presença... pá, é uma relação...

AL: ausente

MTR2: ausente (RISOS)

ARCOS DE VALDEVEZ

Cabana Maior: ACm1

AL: ⁶⁷ e então, já que entrámos nesse assunto, a sua opinião relativamente à presença do ICNF na área do parque...

ACm1: o ICNF só está em cogestão com os baldios, porque as populações querem, não tem que estar. Só está porque as AC aceitam, portanto. Se as AC quiserem que eles não estejam, eles não estão... são corridos, vão-se embora, vão para os gabinetes

AL: isso é aquela coisa da cogestão ou autogestão não é? Que as AC podem assumir a autogestão do baldio

ACm1: podem, podem

AL: entretanto saiu, e que entretanto também já foi revogada... isto agora com a mudança de governo estão n iniciativas a voltar para trás, uns dizem que ainda bem, outros dizem que ainda mal... mas tinha havido a regulamentação da lei dos baldios, não é, tinha saído um decreto-lei, ou uma portaria, nunca sei muito bem, que regulamentava a lei dos baldios que entretanto acho que foi revogada

ACm1: um decreto-lei faz lei, uma portaria só surge depois de um decreto-lei... uma portaria é ministerial, um decreto-lei tem que sair da assembleia da republica (AR)... ou do conselho de ministros e passar pela assembleia para obter o passaporte, o passaporte de lei, que se impõe, e a portaria depois é... com base no decreto-lei, ou na lei que sai da AR, a portaria é fabricada no ministério, normalmente são os secretários de Estado que cozinham as portarias

AL: ah, então neste caso deveria ser uma portaria não, se está a regulamentar uma lei que já foi aprovada. Portanto, neste caso a lei dos baldios já foi publicada, e entretanto saiu uma regulamentação da lei que não sei se se chama decreto-lei ou portaria

ACm1: normalmente depois é portaria

AL: e a portaria saiu para regulamentar também essas coisas de como passar a autogestão, e de alguma forma dificultava essa passagem porque impunha o pagamento de x ao Estado de compensação, e depois tinham de pedir n documentos, já não me lembro bem quais... que entretanto foi revogada

ACm1: mas foi revogada agora? Por este governo?

AL: com este governo, sim. Portanto, essa regulamentação. Pronto, e regulamentava essa questão da passagem para a autogestão, e de facto não era tão fácil assim, ou seja... se fosse como eles propunham nessa portaria as coisas não seriam assim tão

⁶⁷ Seja como for, para o presidente do CD, com quem conseguimos apenas uma breve conversa fortuita no café do Mezio enquanto entrevistávamos outro comparte, tem de haver uma conformidade entre o trabalho do CD e o trabalho da Junta, se isto corre mal está tudo tramado, e isto é mesmo assim, segundo ele, são poderes que se disputam e se as coisas não correm no mesmo sentido, o resultado vai correr mal. Segundo ele até inclusivamente devia ser a Junta a gerir os baldios. Em Cabana Maior o conceito de comparte envolve todas as pessoas que fazem parte da freguesia (como dita a nova Lei), ou seja os eleitores. Portanto, ele sublinhou bastante que se a JF não está de acordo é muito difícil que as coisas corram bem, ou vice-versa.

simples, era preciso ter algum dinheiro para pagar ao Estado, era preciso alguma burocracia não fácil

ACm1: pois, possivelmente queriam que lhes pagássemos as sementeiras que fizeram há 100 anos atrás [RISOS]

AL: sim, do género. Teria que haver um inventário de quais os recursos que estão no baldio que são do Estado e avaliar-se quanto é que valeriam... ou seja, não é uma coisa assim tão simples e eu acredito que a maior parte dos compartes poderá pensar “epa, deixa lá, dá-se-lhes 40% da madeira, eles fazem... acabam por se calhar descansar...

ACm1: é muito dinheiro, é muito dinheiro, eu nunca levei os compartes, se eu o quisesse fazer tinha conseguido... nunca incentivei os compartes a cessarmos a cogestão com eles, mas no caso de ter havido... no tempo em que eu era presidente do CD dos baldios, se tivesse surgido isso eu tinha-me oposto a que houvesse alteração

AL: para autogestão?

ACm1: sim... não, eu tinha-me oposto àquilo que me está a dizer, que era de deixar de existir a liberdade de opção de cogestão ou não cogestão. Porque aquilo que me disse é que foi uma alteração à legislação anterior em que os compartes é que decidiam se queriam continuar em cogestão ou não

AL: e continuam a poder. Isso não mudou, aliás, nada mudou. Simplesmente agora... agora tornou-se claro, com essa tal portaria, como é que esse processo... ou seja, o que me parece é que o Estado chegou à conclusão que tem tido um papel ausente na gestão das florestas, e como está sobrecarregado, e como há uma crise, e como há isto e aquilo, está a dispor esse lugar, mas não sem pedir uma data de dinheiro em troca, não é... ou seja, as AC continuam a ter

ACm1: se não houve alteração de lei, o Estado não pode impor nada. O Estado... eu ainda no ultimo acto eleitoral que houve, para o CD de Cabana Maior, foi-me pedido para especificarmos bem no ultimo ponto se queríamos continuar em cogestão ou não

AL: mas isso continua a ser igual, simplesmente agora está mais claro, não sei se por haver mais baldios a pedir a autogestão, sei que actualmente está clarificada a forma, que não estaria clara antes, como essa passagem é feita, quais são os pré-requisitos

ACm1: não há pré-requisitos, é decidir, não queremos cogestão e acabou

AL: sim, mas tem de compensar o Estado de alguma forma

ACm1: não tem nada, a única coisa que poderia ter de se entrar em acordo era sobre os edifícios implantados nos terrenos baldios

AL: sim, tem a ver com as casas florestais, tem a ver com as florestações, tem a ver com os postos de vigia

ACm1: tinha a ver com edifícios. Nós tivemos um problema... eu levei um processo... conheceu o parque de campismo que temos lá em cima em Cabana Maior? Não foi a Travanca?

AL: sim, estive lá a dormir

ACm1: ok, aquele parque de campismo foi construído violentamente pelo parque. A casa foi construída na altura da florestação, nos anos 50. Agora, quando a direcção do PN decidiu construir aquele parque de campismo, ou transformar aquilo num parque de campismo, argumentava que aquilo era terreno do Estado. E eu levei-os até à Direcção Geral de Património do Estado para lhes provar que o terreno não é do Estado, o terreno é baldio. O próprio terreno onde estão construídos os edifícios... os edifícios foram construídos pelo Estado, mas foram construídos em terreno baldio, que nunca perdeu o estatuto de baldio

AL: aquele baldio é de Cabana Maior ali?

ACm1: sim é

AL: ah, pensava que era do Soajo...

ACm1: disseram-lhe que era do Soajo?

AL: não, não me disseram, eu é que achei

ACm1: e porque é que achou?

AL: porque está perto do Soajo e Cabana Maior dá-me ideia que é lá em baixo, já aqui perto de Arcos de Valdevez

ACm1: [RISOS] o Mezio é Cabana Maior

AL: mas Cabana Maior é o nome de uma freguesia só ou também o nome de uma aldeia?

ACm1: Cabana Maior é o nome da freguesia. De uma freguesia que tem 6 aldeias

AL: quais são as aldeias?

ACm1: Igreja, Portela, [*? Não se entende*], Bustelinhos, [*? Não se entende*], o Soajo está ainda a cerca de 10 km do início da freguesia de Cabana Maior. O Soajo é, a partir do momento em que começamos a descer para o Soajo... é Soajo

AL: então mas estava a contar, desculpe, quando é que eles fizeram lá o parque de campismo?

ACm1: foi nos anos 80 e... 90, por aí. E eu fui obrigado a enviar o processo para a direcção geral do património do Estado para clarificar a...

AL: e depois o que é que aconteceu? Eles fizeram na mesma o parque e

ACm1: aconteceu que a DGPE emitiu o parecer dizendo que o Estado não era o proprietário do terreno baldio

AL: e agora o Estado paga uma

ACm1: não, não paga, nunca os obrigámos a pagar nada, nós quisemos foi clarificar a situação

AL: eles não pagam uma renda aos compartes?

ACm1: não

AL: nem vocês recebem nada da presença dos turistas lá?

ACm1: também não. Não porque aquilo não dá para pagar os salários ao pessoal. Chegou-se à conclusão que não era justo... ou tinha que o parque deixar de funcionar, ou tínhamos que deixar o parque funcionar e ter a possibilidade de conseguir um posto de trabalho ou dois, temporário, para alguém da freguesia. Era dada prioridade para pessoal de freguesia para os postos de trabalho que ali funcionassem enquanto estivesse aberto

AL: está aberto agora, no inverno?

ACm1: não

AL: pois, quando eu lá estive eles iam fechar em setembro, é verdade

ACm1: pode ocasionalmente acontecer que se há um volume de turistas, ou de escolas, ou de estudantes, que queiram alugar aquilo à semana, já chegou a acontecer, recrutam pessoal e

AL: pois. Então onde está o café do Mezio também é do baldio de Cabana Maior?

ACm1: não

AL: é do Soajo?

ACm1: o limite do viveiro, o muro do viveiro, a vedação que limita o espaço... onde está o café já é do Soajo, porque ali é a limitação entre as duas freguesias. A delimitação fica no alinhamento do muro, mais para norte, vai apanhar o ângulo direito da casa, da casa do guarda (...) que agora foi adaptada para venda dos produtos locais, etc.

AL: Então está dentro da vedação da porta do parque

ACm1: e está dentro do terreno de Cabana Maior. Mas há um ângulo da casa que é o limite entre as duas freguesias, o ângulo direito da casa, quando olhamos de sul para norte, é a delimitação entre as duas freguesias, e o café fica mais para a direita, já é do Soajo

AL: e o que é que acha das ITI? Acha que têm tido um papel importante a nível local e da gestão do baldio

ACm1: tem, as ITI têm trazido dinheiro pelo menos para as limpezas

AL: e aquelas limpezas têm trazido alguns benefícios para

ACm1: trazem benefícios porque isso permite que as áreas limpas possam facilitar o pastoreio e em certas áreas em que há árvores em desenvolvimento, que elas possam crescer melhor, e isso. E no combate aos incêndios também, porque se o terreno não for limpo... se há um incendio naquela zona ninguém pode combater... estando limpo é possível, pode-se fazer corta-fogos, e é muito mais fácil de combater os incêndios. Portanto o grande benefício das limpezas é, em grande parte, é esse... é poder prevenir, por exemplo é combater mais eficazmente os incêndios

AL: e vocês recorrem a empresas para fazer essas limpezas ou fazem vocês mesmos?

ACm1: normalmente... nos meus mandatos recorríamos sempre a empresa...

AL: uma empresa local?

ACm1: sim. Agora, o CD agora já teve um mandato em que teve algum pessoal, com apoio do centro de emprego e agora também tem uma equipa de 2 ou 3 homens

AL: ai é, tipo sapadores?

ACm1: sim, mais ou menos

AL: por acaso a ultima vez que falei com o Joaquim, que foi aqui há uns 2 meses talvez, ele estava precisamente no processo de comprar um carro

ACm1: já comprou

AL: pois, ele disse que nesse dia ia ver um carro. E é precisamente para essas pessoas poderem fazer

ACm1: deslocar-se, poderem deslocar-se

AL: e têm máquinas e tudo mais?

ACm1: têm máquinas para cortar mato, sim

AL: também do próprio baldio... aquisição do baldio?

ACm1: sim, sim

AL: isso também acaba por me levar a uma outra questão, que é

ACm1: e eles têm feito limpezas de caminhos, tem feito melhoramento de... o grande caminho de acesso ao interior do parque, que vai do Mezio para cima, que é o primeiro caminho florestal que ligava aqui o Mezio a Lamas de Mouro, perto da Peneda, perto de Castro Laboreiro também

AL: sim, eu conheço os sítios, eu estou a tentar perceber que caminho será esse, que aquilo parece-me tão longe

ACm1: é o grande caminho florestal que passa no parque de campismo e segue sempre pelo limite do parque e da área não florestada, vai ligar

AL: mas aquilo só mesmo com 4x4 não é? Se for o que eu estou a pensar

ACm1: sim, é um caminho florestal não é uma estrada

AL: passa o rio?

ACm1: ah, sim, o rio tem uma ponte boa, uma ponte de pedra muito boa

AL: ah, sim... não, eu já fui a pé, passei a zona do rio, fui por ali acima, é esse o caminho?

ACm1: não... não é esse, depois do parque de campismo ao chegar ao ribeiro seguiu à margem do ribeiro

AL: não... segui para a esquerda

ACm1: ou seguiu para a esquerda... ah,

AL: assim um caminho mau para os pés... que tem assim muitas pedras

ACm1: ah, bom, está bem, é o caminho florestal, esse é o caminho florestal que foi construído aquando da florestação, nos anos 50, 50-60, por aí, acho que ainda chegou ao início dos anos 60. Mas esse caminho estava muito degradado porque há muitos anos que não era reparado. Agora teve um melhoramento

AL: da vossa parte? Ou do ICNF

ACm1: do actual CD

AL: vocês adquiriram tractor ou foi o carro só? Pergunto porque já vi acontecer noutros baldios

ACm1: o tractor acho que vai ser adquirido... eu não posso falar concretamente sobre isso porque não estou a par. O presidente falou na última assembleia de comparte que estavam a pensar adquirir um tractor, ainda não adquiriram mas

AL: acabam por ficar independentes para fazerem as suas

ACm1: sim, sim, sim, é mais fácil

ACm1: no meu tempo nós pedimos mas nós não tínhamos carro, não tínhamos tractor, não tínhamos nada. Entregávamos tudo a empresas particulares

AL: pois... mas o dinheiro que recebiam para fazerem as limpezas, sobrava ou era apenas suficiente?

ACm1: o dinheiro que recebíamos não sobrava para outros benefícios, era usado para os fins a que estava destinado

AL: sim, claro, o que eu vejo em alguns baldios é que conseguem gerir o subsídio de forma a conseguirem fazer sobrar ao fim das limpezas e acabam por utilizar... é sempre no baldio, mas acabam por utiliza-lo

ACm1: sim, nós também usámos, usámos alguns valores em melhoramento, por exemplo nós conseguimos melhorar caminhos no interior de todas as aldeias da freguesia com dinheiro dos baldios, com dinheiro desses... conseguíamos economizar, quer dizer, conseguíamos arranjar forma de gerir esse valor fazendo as limpezas da candidatura, ou das candidaturas, e conseguir ainda fazer outros melhoramentos

AL: pois... e agora com esta alteração do PRODER para o PDR, e ainda não se sabia ainda muito bem como é que iam ser, que agora iam ser os apoios zonais, não está a par de como é que isso está a ser implementado

ACm1: eu agora não estou a par

AL: como é que vê os baldios no futuro? Ou seja, com esta coisa toda de alterações de leis, de corte de áreas elegíveis para pastagem, com o despovoamento que está a ser um bocado fomentado através das leis que o Estado vai fazendo sair relativamente às zonas rurais, como é que vê isto tudo?

ACm1: eu em termos de previsões eu vejo um futuro... é muito difícil de fazer uma previsão, mas por aquilo que eu tenho observado é assim, os nossos políticos a nível da assembleia da república, eles dificilmente vão conseguir respeitar as populações, melhor do que aquilo que têm feito até agora... a tendência é para piorar, na minha opinião. O jogo dos interesses vai pesar sempre, cada vez mais, cada vez mais, no sentido de as empresas que turisticamente querem explorar estas zonas, e para eles satisfazerem essa clientela as populações vão ficar cada vez mais limitadas no que quer que seja. Eu não vejo... ou tinham que as populações ter um comportamento ao nível geral nacional um comportamento muito solido em termos de posição conjunta, geral, ou então é sempre muito mais complicado, porque eles lá em cima na assembleia acabam sempre por cozinhar tudo à conveniência e impõem. Não estamos em ditadura mas estamos em ditadura

AL: agora com esta alteração do governo tenho alguma esperança, porque realmente há coisas que se têm verificado que têm vindo a melhorar

ACm1: mas neste governo também sabemos que quando há jogo de interesses em causa poe-se todos de acordo também.

AL: pois isso no sentido de estarmos a falar do futuro dos baldios e do meio rural

ACm1: sim, sim, e aqui vai acontecer, aqui e noutros sectores vai acontecer o mesmo, quer dizer... os partidos poem-se todos de acordo quando há interesses em jogo não é. Agora sabemos que há um grande interesse na exploração destas áreas turisticamente, e isso interessa a certas empresas e essas empresas têm lá os decisores bem colocados para os favorecer

AL: e em termos de eucalipto, nunca houve essa vontade de... nunca foram abordados para plantar eucaliptos no baldio, embora isto seja zona de parque, mas na parte de fora do parque

ACm1: não, não, nunca houve nada

AL: e vocês têm eólicas ou qualquer tipo de... ou antenas

ACm1: não, é proibido

AL: na parte de fora do parque também é proibido? Não...

ACm1: na parte de fora não é mas nunca se pensou em tentar por aí, as partes mais altas estão dentro do parque e as eólicas normalmente produzem mais em zonas mais altas onde o vento faz trabalhar mais

AL: claro... então na parte de fora do parque não estão a fazer nenhuma exploração que não pudessem fazer dentro? A não ser a tal questão dos subsídios que agora não... pois... e não verifica que há um retorno de jovens, só verifica que continua a emigração e.. não há qualquer tipo de sinal positivo vá, em termos populacionais

ACm1: não há retorno porque não há condições... não se verificam condições que convidem os jovens a poder instalar-se e a poder desenvolver uma actividade e por aí fora.

AL: pois... mas será que se houvesse... agora estou só aqui a pensar, esta questão de não taxarem isto e aquilo, em termos usos do baldio, será que se fosse por aí, aproveitar o tipo de actividades que já são feitas não é, mas que são feitas de uma forma livre, tipo o turismo, a caça, etc., isso de alguma forma poderia contribuir para a fixação de jovens...

ACm1: eu penso que sim, que poderia contribuir para a criação de alguns postos de trabalho, penso que sim

AL: mas nunca houve essa vontade ou

ACm1: não, nunca se... nunca se pensou concretamente nisso, nunca se decidiu tentar avançar. Pensar... quer dizer, pensar eu pensei, cheguei a falar várias vezes, até falei com mais do que um director do parque, eles concordavam também, mas é evidente que a gestão dependia dos CD, não dependia tanto do parque... o parque só... a cogestão só existia, hoje, não estou a ver agora se houve alteração ou não houve, mas enquanto eu sei que não havia direito... ou melhor, a lei não dava ao ICNF, ou ao Estado, qualquer direito de decisão sobre estar em cogestão ou não

estar... a cogestão dependia da nossa vontade. E perdemos muito dinheiro com isso. Em 2005/2006 nós perdemos... venderam-se mais de 300 000 euros de madeiras, nós perdemos aí qualquer coisa como cento e tal mil euros para o Estado...

AL: pois... é os 40%

ACm1: é os 40%, exactamente, podíamos não ter perdido, esse dinheiro dava-nos um jeitão muito grande, mas nunca tomámos a iniciativa de

AL: porque o Estado, isto é, o ICNF, não está a ter nenhum papel na florestação, na gestão da floresta

ACm1: não, nunca teve, desde a florestação nunca mais teve, nunca mais participou absolutamente com nada. Agora o considerarem-se no direito de tirar o benefício porque plantaram e não sei quantos, não sei seria bem assim, porque cada vez que havia um acto eleitoral eles pediam sempre para nós deliberarmos se queríamos continuar em cogestão. Portanto não estavam com direito assegurado de poderem retirar um benefício, e só estavam ali porque nós queríamos

AL: sim, sim, sim. Eu agora quando estava a referir-me às questões de aproveitamento do turismo estava sempre a referir-me à vossa organização local, não estava pensar no ICNF, precisamente no sentido de criar condições para os vossos jovens se manterem na zona utilizando o baldio como meio.

ACm1: o pastoreio é interessante, o pastoreio enquanto houver subsídios dá muito dinheiro para os produtores. Para qualquer tipo de ... qualquer das raças de animais que a pessoa escolha

AL: esses são os principais beneficiários do baldio... os produtores

ACm1: sim, são... e o CD nunca taxou a utilização dos baldios e podia fazê-lo, mesmo para os locais

AL: para os outros que não beneficiam mas que têm iguais direitos

ACm1: exactamente. Mesmo aos locais podia fazê-lo, porque os locais há uma pequena percentagem que usufrui, enquanto que outros não têm qualquer benefício, e esses que usufruem o CD podia ter tomado a decisão de propor à AC, falta saber se a AC aprovaria ou não. Normalmente aprovava porque havia mais dos que não exploravam do que dos que exploravam. E então podia-se conseguir dinheiro para melhoramento de caminhos, para outros benefícios da freguesia. Mas eu nunca enveredei por aí porque nunca surgiu um momento decisivo para fazer isso. Mas era uma possibilidade. E é justo. É justo porque estão uns a beneficiar com aquilo que é de todos

AL: sim... e ao contribuir-se para a AC com x estava-se de alguma forma a tornar isso mais justo não é? No sentido em que aquilo seria aplicado

ACm1: e era um investimento que iria surgir em benefício de todos... olhando aos fracos recursos locais e às dificuldades que se enfrentava sempre com as câmaras sempre a apertarem a corda por dinheiro

Cabreiro: AC1

AL: ok... e vocês também têm aquela questão das ITI...?

AC1: temos, também temos a questão das ITI, das limpezas que se foram fazendo, também tivemos aqueles que... que a Sandra se calhar também já lhe falou sobre isso

AL: dos não produtivos?

AC1: dos não produtivos, de... recuperámos o fojo do lobo, recuperámos lá umas cabaninhas, muito comum aos outros baldios, se calhar com a Cristina que já falou, é tudo comum à Cristina e a todos por aí fora

AL: quando diz comum, houve mesmo um trabalho comum ou é paralelo?

AC1: paralelo

AL: ok, ok. E desses dinheiros das ITI conseguem fazer sobrar para depois investirem noutras coisas ou...

AC1: sim, sim. Eu já... desse dinheiro das ITI dinheiro já consegui que me sobrasse para arranjar a estrada e para fazer outras coisas, outras melhorias que precisamos lá no baldio

AL: ah, a estrada do baldio, no povo em si não têm trabalhado com o dinheiro das ITI...?

AC1: não. No povo em si não, estamos a fazer o melhoramento das estradas do baldio e já estamos a fazer melhoramento para o povo

AL: para toda a gente, sim. Quando eu disse povo estava a referir-me às aldeias

AC1: não, no interior da aldeia não acho que tenha de ser essa a nossa preocupação, isso tem de ser a preocupação da Junta e da Câmara, não temos de ser nós

AL: claro. Não, mas verifica-se em alguns baldios que acabam por fazê-lo ou porque a Junta não está presente ou porque... já me disseram que a Junta não tem dinheiro ou qualquer coisa que não está a permitir o investimento devido

[entra a tia da Armanda, cumprimentam-se]

AL: e as limpezas vocês fazem como, contratam uma empresa

AC1: uma empresa

AL: ah, contratam uma empresa, não chegaram a investir num tractor ou assim

AC1: não...

AL: pergunto só porque já vi isso noutros baldios

AC1: não, nós não investimos em nada disso, a única coisa que temos, como já falei, é a brigada de sapadores e portanto, e algum dinheiro também que nos sobra das ITI também nos faz falta para os sapadores, porque o que recebemos dos SF não chega, portanto é mesmo isso, como são áreas grandes quando nos candidatamos às ITI, candidatamo-nos a vários hectares para nos fazerem as limpezas, não podemos fazer com os sapadores e temos de ter máquinas próprias para fazer isso então contratamos uma empresa para fazer esse tipo de serviço

AL: ok, ok. E os sapadores fazem que parte desse serviço...?

AC1: para as ITI os sapadores não fazem nada

AL: ah!

AC1: os ITI fazem a outra limpeza que nós já tínhamos protocolado com outras entidades para fazer

AL: ok, ok

AC1: portanto, os sapadores fazem só a limpeza de alguma área florestal, fazem a limpeza de caminhos e fazem também algumas limpezas em algumas áreas nos baldios, mas tudo o que é ITI contratamos uma empresa para o fazer

AL: e os sapadores como é que conseguiram ter essa equipa?

AC1: através de apoios do ICNF

AL: ok, foram eles que vos propuseram ter uma equipa ou... ou foram vocês que procuraram

AC1: não, não, até foi o Parque Nacional da Peneda-Gerês

AL: ah.

AC1: foi através do parque, ouvi falar das candidaturas, dirigi-me lá e eles apoiaram, apoiaram-me na candidatura, foram eles que elaboraram e foram eles que me deram o apoio

AL: ok... e aquela questão, que tenho ouvido falar, que houve um corte na área forrageira pelo IFAP recentemente

AC1: olhe, nós nessa área não fomos quase nada prejudicados, portanto continua tudo bem, há áreas aí que foram muito prejudicadas com a área forrageira, no meu baldio não me aconteceu

AL: porque não havia se calhar as tais áreas que eles andaram a cortar, acho que eles consideram improdutivo as zonas de rocha, as zonas de floresta, não foi

AC1: foi, as zonas de rocha, as zonas de floresta, eu também tenho algumas zonas de rocha, portanto eles, alguma zona tiraram mas aquilo é mesmo rocha portanto considero que também não seja área forrageira. Em relação à área florestal não cortaram grande coisa portanto acho que não fui nada prejudicada

AL: e também é da opinião que há muita politiquice no meio dos baldios, no sentido que... isto agora até soou mal... eu não estou a dizer que é mau o presidente da Junta ser o presidente do CD, não é isso. O que eu tenho percebido em alguns baldios, pelo menos é o que se diz, é que o baldio ou

AC1: eu acho que ultimamente tem havido alguma politiquice, e acho que é o termo correcto, porque... sabe que onde cheira a dinheiro é sempre complicado e há sempre aquelas criticas e há sempre aquelas coisas e aí eu vejo que as Câmaras e vejo que as Juntas gostariam de ter esse poder com elas, mas eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, as coisas têm que ser geridas separadamente. Se o baldio tem dinheiro e pode ajudar num caminho rural que ajude! Mas que sejam os compartes a dizer que pode-se ajudar. Mas há que investir para os compartes, investir em coisas, em infraestruturas que sejam uteis para eles

AL: sim, sim, sim. Claro

AC1: há tanta coisa para fazer nos baldios. Arranjar os caminhos para as florestas por causa dos incêndios, fazer os pontos de água que é muito importante

AL: para os fogos e para os animais

AC1: para os fogos e para os animais, para as pessoas que lá passam poderem colher água para beber, tanta coisa bonita que se pode fazer. Fazer uns parquezitos para as pessoas poderem estar lá, poderem passar um fim-de-semana diferente, temos cabanas lindíssimas que as podemos recuperar para quem quiser pernoitar lá pernoitar, limpar os trilhos para os pastores, para as pessoas

AL: e agora com estes subsídios todos até conseguem não é

AC1: quer-se dizer, indo aos pouquinhos vai-se conseguindo, é logico que não se consegue fazer tudo de uma vez, tem que ser devagarinho, vai-se conseguindo fazer

AL: como é que era antes das ITI?

AC1: não havia, não se fazia nada

AL: não se fazia nada no baldio?

AC1: não, nada

AL: a sério? Nada de nada?

AC1: a sério. Nada de nada, os pastores iam queimando as zonas de pastoreio que queriam que ardesse... ainda hoje fazem isso que eu acho que fazem mal e têm que ter mais cuidado com isso, iam queimando para poderem pastorear os animais

AL: e era a única actividade

AC1: os caminhos iam eles limpando para poderem passar e ir levar os animais ao monte

AL: a floresta...

AC1: agora não, agora os caminhos estão limpos, está tudo diferente, vai-se melhorando aos poucos, não se pode fazer tudo de uma vez só, e pronto

AL: pois, e a floresta não era explorada... mesmo com o Estado que supostamente é cogestor

AC1: não... não era explorada

AL: também ia queimando

AC1: isso ainda vai queimando agora, isso, os incêndios... é preocupante mesmo

Gavieira: AGav1

AL: e o anterior do CD foi posto fora porque fazia alguma coisa menos bem ou

AGav1: o rapaz foi assim, o rapaz quando viu que as pessoas começaram a dizer que ele não podia ser, nem aqui apareceu sequer

AL: mas ele fez alguma coisa errada, era contestado?

AGav1: não, fez tudo bem, pelo contrário, chegou a por dinheiro dele

AL: ah, exacto, é o tal

AGav1: só que, o problema é assim Luísa, se não “está aqui tudo, é aqui que vemos, tá tudo na Junta...”, não tinha nada que ser eu o presidente do CD, até porque repara, a papelada ainda vem quase toda com a direcção da casa dele praticamente, porque na altura o correio ia para a casa dele [*? Não se entende*]. Nunca me chatee com ninguém [*? Não se entende*]. Eu estou farto de dizer na câmara, isto a mim não me dá resultado nenhum, eu estou aqui mas não sou nenhum empregado de vocês, eu estou aqui e estou a ajudar-vos a vocês, eu já lhes disse várias vezes “vocês precisam do meu voto mas eu de vocês não preciso, você é que é o presidente portanto eu estou-me marimbando”, mas depois demo-nos bem, ele só se zangou comigo porque...”opa, é assim que funciona presidente, eu vim aqui pedir esmola, é para fazermos, simplesmente temos de fazer... É que eu não vivo disto, vocês vivem disto, vocês o presidente da câmara, os vereadores, toda a gente vive disto, mas eu não vivo disto, isto para mim é um estorvo na minha vida, isto para mim é um estorvo”... mas também ninguém me obrigou, eu vim para aqui de vontade, tenho de fazer o meu papel, tenho de fazer o que sei e o que faço e o que posso dentro da freguesia, mas [*? Não se entende*] ... e pronto as coisas têm corrido sempre bem

AL: e a sua relação com a Câmara e com a Junta... e com a Junta, bom... [RISOS]

AGav1: sim, sempre bem

AL: corre bem, há colaboração pelos vistos

AGav1: tanto que eu nunca tive oposição... chegou a haver 4 listas, eu ganhei ao sujeito, no ano a seguir não tive oposição, o que nunca aconteceu, e agora neste

ultimo tive uma eleição de 30 pontos, eu tive 280 e eles tiveram 30, pronto, não houve oposição nenhuma

AL: e agora só pode ter três não é?

AGav1: é três...

AL: este é o último então...

AGav1: não, é, este é o último mandato, de 2 em 2 anos...

AL: e tem pena?

AGav1: não, *pá*... isto é assim, a gente depois apanha amor às coisas... tu convives com muita gente, conheces muita gente e crias muitas amizades quando a pessoa é educada e prontos, é a parte que, eu também acho que é a parte que se ganha que é essa, estás a perceber, crias amizades, crias... agora dinheiro não ganhas com isto, eu dantes andava... e a minha mulher dá-me cabo da cabeça “tu andas a gastar dinheiro do teu... mas agora...”, prontos, “eu fui para aqui, mas tu alguma vez tinhas espaço antes para estacionar o carro à porta de casa? Não tinhas!”

AL: o quê? O quê?

AGav1: ela podia ter o carro aqui à porta de casa, não tinha, eras tu nem os vizinhos. Pronto, e as coisas têm de se andar assim, tenho uma relação boa com toda a gente, com a Câmara, com toda a gente

AL: pois... se calhar vai-lhe custar um bocadinho quando acabar o mandato

AGav1: epa...

AL: [RISOS]

AGav1: não é o custar, que eu sei que tenho que ir, repara... mas a amizade mantém-se, quando a pessoa já tem amizade pelas pessoas, repara, as amizades que criei vou-as manter, toda a gente

AL: claro, exacto, claro que sim

AGav1: só o que eu quero dizer é que ninguém ganha com a Junta, pelo contrário, ganha-se amizade, ganha-se pessoas amigas, aumentares os progressos porque por vezes consegues chegar mais depressa às coisas quando tem conhecimentos, é isto

AL: pois, exactamente, mesmo para a empresa se calhar, não? Conhece mais pessoas

AGav1: porque depois há coisas que se calhar podia fazer num mês e faço em 4 ou 5, porque não tenho [*? Não se entende*] relativamente às coisas [*? Não se entende*] tens mais hipóteses de chegar às pessoas, a partir daí não há... qualquer pessoa que vá para a Junta para ganhar dinheiro, não ganha, e aquele que não tá a ganhar só faz as [*? Não se entende*] e acaba por desistir logo no início, que é o que acontece a muitos, sabes que há muitos presidentes de junta que 2 ou 3 anos depois foram postos na rua porque só estavam a fazer asneiras. Sabes que houve uma altura que havia

dinheiro e houve muita gente que se perdia, “isto não pode ir para os outros”, ao fim de dois anos estavam na rua, isso aconteceu a muita gente, eu conheço muita gente dessa que eram presidentes de junta e foram 2 anos, porque isto é assim, tem de ser gente séria... quer-se gente séria. É que agora é tudo computadores, mas houve uma altura em que era tudo feito nas casas deles, nem havia cheques sequer, era tudo pago com dinheiro para... agora não, agora tem de haver facturação, tem que haver... chegas ao fim e tem de haver contas certas, seja na Junta que seja nos baldios, as contas têm que estar correctamente certas

AL: na sua opinião acha que os baldios devem ser geridos pelas Juntas ou pelos compartes?

AGav1: pelos compartes, eu acho que são entidades totalmente diferentes, totalmente diferentes... eu acho que os baldios nunca devem ser entregues à Junta, porque repara... acho que são coisas diferentes, baldio é baldio, e Junta é Junta, cada macaco no seu galho, estás a perceber? Porque eu acho que os baldios, por exemplo a Junta é uma entidade que está aqui, mas os compartes por vezes nem sempre precisam de vir à Junta, para compor um caminho para ali... é diferente! É diferente... estás a perceber? É diferente, eu acho que é diferente

AGav1: o baldio neste momento nesta freguesia é coisa que mais interessa aos compartes, a gente está a viver praticamente do baldio e daquilo que produz não é

AL: por causa dos animais?

AGav1: por causa dos animais, mas o baldio é uma ajuda se calhar de 70% para os produtores aqui da Gavieira, neste momento os baldios é a parte mais interessante para os compartes, por isso convém ter uma boa gestão e pessoas que... repara que não ando aqui a tentar... como é que eu te hei-de explicar, ser um presidente do CD para toda a gente igual, estás a ver? Não haver preferências, não haver..., porque isto é assim, quando as coisas correrem bem correrem bem para toda a gente, tem de ser um presidente dos baldios, do CD, que diga assim: “não, eu quero que toda a gente [? *Não se entende*]” percebes, que eu acho que é o que não acontece em muitos sítios... é mais “ah, eu sou amigo daquele, aquele leva 10 e aquele não leva nenhum”, isso não pode acontecer, e acho que é uma das coisas que por exemplo há muito tempo que ninguém lá chega estás a perceber? Há amizades, mas há que saber separar as amizades dos cargos que está a exercer, porque repara eu hoje sou teu amigo, chegas aqui, “eu quero 20 hectares” e chegas ali fora da porta e [? *Não se entende*]. E o baldio tem esse poder, o presidente do CD tem esse poder, mas não é justo, entendes? Mas não é justo... mas não é o caso repara, eu tento que toda a gente chegue ao fim do ano e que toda a gente seja bem servido. Claro que quem tem cinco não pode ter só tanto como quem tem uma ou duas, mas isso tens de separar as coisas, tem 50 vacas dás-lhe o suficiente para poder ter as 50 vacas, se tem 100 dás para 100 se tem duas dás para duas e eu até me lembro agora, há pessoas que não têm baldio, que não têm animais, chamam-lhe o RPU, que é o pagamento único, e essas pessoas, se levarem mais que meio hectare também podem receber um x estás a perceber?

AL: se quê desculpe?

AGav1: se levarem um hectare do baldio por exemplo, ou meio hectare

AL: mesmo sem animais?

AGav1: sem animais

AL: ai é? Pode?

AGav1: tu podes ter uma exploração sem animais, mas podes querer compra-lo amanhã. Imagina, não tens animais, mas podes ter o RPU, incluído com os terrenos, estás a perceber? Só pode pedir se tiver terrenos

AL: terrenos particulares...

AGav1: particulares

AL: ai não é com a área do baldio?

AGav1: se conseguires também alguma área do baldio vamos conseguir mais uns 500 ou 600 euros acima da base dos terrenos, entendes?

AL: aaaah.

AGav1: e se a pessoa puder fazer um acerto com toda a gente, ninguém é penalizado, entendes?

AL: eu estava a pensar precisamente isso, que quem tira beneficio do baldio são sobretudo as pessoas com animais

AGav1: quem tem animais são 100% imaginemos, mas quem não tem animais, por exemplo há aqui pessoas na Gavieira que não têm animais mas têm uma exploração e têm o subsidio dos terrenos

AL: o tal RPU?

AGav1: o RPU. E se o CD lhe desse meio hectare, essas pessoas iam buscar 500 euros a mais acima do que teriam ganho com os terrenos, estás a perceber? [*? Não se entende*] não recebiam, mas meio hectare... a pessoa pode comprar um vitelo amanha ou uma vaca, estás a perceber? Mas se não comprar é igual

AL: e para ter isso é preciso que tenha uma área mínima privada? Há um mínimo?

AGav1: sim, tens que ter campos, para RPU tens de ter campos. Agora há pessoas aqui da freguesia que não têm, que só têm a área do baldio, pessoas com cento e tal cabeças de gado e não têm nada deles, não têm nada deles, pronto, é tudo área baldia. Mas há pessoas que têm o subsídio dos terrenos e se tu conseguires dar nem que seja só meio hectare, vão buscar mais 500 eurinhos ao fim do ano. Percebes? E não falta nada aos outros. É um dinheiro que está ali como assim está ali

AL: e havendo área... mas se não houver área é que já afecta os outros, mas pronto, isso aí são todos compartes, têm todos direito

AGav1: não, são todos compartes mas mesmo assim temos de ceder área primeiro aos que têm animais não é

AL: claro

AGav1: quando muito fazemos as contas, diz assim “olha, tu se lewares 20 vives igual, se lewares 22 não vais ter vantagem nem sacrifício, ...”. Estes hectares ficam para aquelas pessoas que não têm nenhum pá, isto tem que ser bem feito para que toda a gente viva

AL: aqui sobra área ou não sobra?

AGav1: sim, deixei 12 hectares para uma margem que podia haver... estás a perceber?

AL: mas todos os produtores têm área e há gente também com esta coisa do RPU também?

AGav1: muita gente

AL: ah, também há...

AGav1: são pessoas que já não têm animais, já com 70 e tal anos, compraram o seu vitelinho para depois o matar, estás a perceber? Teve ali 4 ou 5 meses na corte e depois... é para consumo, pronto e...

AL: também têm área do baldio agora

AGav1: mas tem de ser um acerto entre o CD e os compartes, estás a perceber?

AL: claro

AGav1: um presidente do CD tem de saber bem manobrar estas coisas em conjunto com... prontos, com a cooperativa, fazer ali um acerto para que toda a gente seja servida e ninguém seja penalizado

AL: cooperativa?

AGav1: sim, cooperativa agrícola...

AL: porque é que a cooperativa entra aí?

AGav1: os subsídios são feitos na cooperativa... eu dou em área e depois a cooperativa, os engenheiros da cooperativa

AL: é que ajudam a fazer a candidatura...?

AGav1: são quem faz a candidatura, é a cooperativa agrícola

AL: a cooperativa agrícola dos Arcos não é?

AGav1: com a de Ponte da Barca, em conjunto

AL: ah, não sabia, ainda bem que falou nisso

AGav1: essa parte depois é a cooperativa que faz

Gondoriz: AGo1

AGo1:... Acontece que o nosso baldio só tem pedra, não tem mais nada, não tem árvores, não tem qualquer rentabilidade... e esteve assim durante muito tempo... passávamos os... as fichas para os agricultores meterem lá o pasto. Depois apareceu uma, umas candidaturas que se puderam fazer que foram as ITI, que era limpezas, que foi quando nós fizemos as candidaturas, e era aí que nós buscávamos verbas

AL: e isso foi em que ano, só para me situar...

AGo1: foi para aí em 2008 se calhar, não lhe posso precisar. Pronto, fizemos essas candidaturas e o baldio resume-se a isso

AL: resume-se às ITI e à gestão do dinheiro das ITI

AGo1: mais nada. Não temos pinheiros, tínhamos 900 e tal hectares, passámos para 360 e tal, e pronto, o baldio foi atribuído às pessoas tendo em conta o número de cabeças de gado que tinham, contando já com ???, senão não tínhamos baldio para contemplar todos os agricultores que têm animais

AL: há muitos então?

AGo1: há muitos há

AL: para aí quantas cabeças?

AGo1: para aí 700 e tal cabeças, mas se quiser saber dados correctos, conhece a Engenheira Beatriz

AL: não

AGo1: se falar com ela, ela dá-lhe logo

AL: como é que ela...

AGo1: engenheira Beatriz

AL: qual é a Cooperativa?

AGo1: Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez. Se quiser pormenores sobre os baldios, número de cabeças e assim, ela tem lá o sistema informático que tem acesso à base de dados e fornece-lhe isso. E o nosso baldio resume-se a isso

AL: e as pessoas participam na gestão do baldio, isto é, aparecem nas reuniões, é uma coisa assim assídua e participada?

AGo1: não, ninguém se importa porque isto não... a única coisa que rende agora é as candidaturas das ITI, mais nada

AL: então de alguma forma também permite que os jovens se mantenham aqui, ao permitir dar área para, sei lá, novos projectos agrícolas

AGo1: alguns, só que agora não temos baldio para atribuir aos projectos de jovens agricultores, não temos área

AL: e o que é que acha desse corte de área?

AGo1: acho que foi mau

AL: injusto ou?

AGo1: acho que foi, injusto porquê, porque há muitos jovens aqui que podiam meter a fazer projectos e não conseguem fazê-los

AL: pois... e houve aí um bocado de movimento para contestar isso... não deu em nada?

AGo1: houve mas não deu nada, houve uma certa renitência lá da parte dos políticos e não há volta a dar

AL: pois... e vocês não querem sei lá... florestar, ou plantar ou concorrer a...

AGo1: acha que plantar árvores lá em cima na montanha onde cai neve e em cima de rocha, não vale a pena. Primeiro os animais roem tudo, lá em cima existiam, e ainda existem, alguns camecípare, existiam pinheiros que com os incêndios queimaram-se e nunca mais se viu nada

AL: pois... nunca chegaram a tirar dali rendimentos?

AGo1: não, não.

AL: e a floresta chegou a entrar aqui, na altura dos anos 1940', 1950'

AGo1: não... não, tinha lá uns pinheiros, plantaram lá, mais uns camecípare lá em cima, mas de resto não tem mais nada

AL: mas houve resistência aqui da população à entrada da floresta?

AGo1: não

AL: não houve resistência?

AGo1: não, nem... é um local que não produz, aquilo é rocha. Há lá pastoreio, pastoreio. Ou tem mais altura de terra ou não... o clima lá em cima é mais agreste do que aqui em baixo. E a questão das árvores, há árvores que não desenvolvem em altitude ou em condições climáticas diferentes, há outras que podem adaptar-se mas mantêm-se ali estagnadas, não... quer dizer, não há investimentos que compensem a... pronto, ali o... já noutra altura falaram que queriam, o meu filho queria fazer ali uma plantação de castanheiro “opa, tu tens muitos hectares” e eu “tenho [? *Não se entende*] epa, lá para cima que aquilo só tem rocha”

AL: e há aqueles investimentos não produtivos, também não têm usado? Tipo para... não sei vocês aqui têm, mas para revitalizar as cabanas

AGo1: é, fizemos lá a reconstrução de umas cabanas, a reconstrução do fojo, mas isso também não me interessa porque é muito trabalhoso e não deixa rendimento nenhum

AL: pois, é mais a pensar no turismo, acho

AGo1: não é para o turismo, aquilo é para quem faz ganhar dinheiro

Sistelo: ASi1

[conversa com um senhor dali da zona- Bouças de Merufe, Monção -, amigo de ASi1 guarda-florestal, da GNR]

AL: ah, é mesmo guarda-florestal

S1: sou, sou polícia florestal

AL: mas trabalha para o ICNF?

S1: não, não...

AL: ah, é a GNR

S1: trabalho como parte da GNR

M: agora acabou a floresta

AL: pois acabou, eu digo o mesmo

S1: infelizmente sim. Quem viu a floresta como eu a vi quando entrei e quem a vê agora conforme está, acabou mesmo, não tenha dúvida

[chega o tal presidente da Atlântica e estão a conversar sobre coisas que lhes dizem respeito]

ASi1: esta moça veio ter connosco aqui à atlântica e aos baldios, anda a fazer um mestrado em baldios. Oh Ana Luísa, é um mestrado em baldios, não é?

AL: estou a fazer um doutoramento em ... sim, sim

ASi1: Ana Luísa amanhã vais connosco à abertura da fábrica das chouriças

AL: aonde?

ASi1: nos Arcos

AL: olhe, brinque, brinque, que ainda lá apareço. Eu de manhã vou a Britelo

(...)

AL: mas como é que se chama ali?

S1: Bouças de Merufe, Monção

AL: o que é que faz lá na

S1: no meu serviço?

AL: sim

S1: tudo

AL: mas está lá sozinho?

S1: não, nós trabalhamos em equipa, é caça, é pesca, é arvoredos, é todo o tipo que diga respeito à floresta, é furtos de árvores, é poluição ou despejo de lixo no interior das matas, tem tudo a ver connosco, nós somos o ambiente, ligados ao ambiente

M: fogos

S1: incêndios, que essa parte é toda connosco, desde o auto de notícia, à avaliação dos prejuízos, a causa que provocou o incêndio, até aos hectares, é tudo

ASi1: morreu um gajo ontem ali em Trancoso

M: novo

S1: e morreu um bombeiro em Lisboa

ASi1: em Lisboa não sabem

S1: não, mas não foi num incêndio, foi num acidente e o outro está em Estado grave

AL: então também acaba por andar aí pelos baldios e assim, e acaba por ter relação com essa malta toda

S1: sim, está tudo ligado. Mesmo a extracção de matéria-prima do saibro, de terra... areais, é sempre connosco, é proibido, existe legislação para isso, a exploração de águas, extrair barro, ou inertes

AL: isso é ilegal não é?

S1: é ilegal, exactamente, tem de se pedir autorização. A entidade competente, se for terreno submetido ao regime florestal, será o ministério da agricultura, se for outro, é a Câmara. O terreno embora esteja a ser administrado pelo Ministério da Agricultura, o terreno pertence sempre à autarquia local, à Junta e à respectiva Câmara

AL: ou aos compartes não é?

S1: os compartes que no fundo é a autarquia, a Junta e a Câmara

AL: mas há compartes que geram sozinhos a sua área, sem estarem ligados à Junta

S1: não, faz sempre parte da Junta, o que são é métodos diferentes. Quem gere aquilo é... não é a comissão de compartes, é o... CD, que é isso que você acaba de dizer. E outra coisa é a Junta

AL: exactamente, outra coisa é a Junta

S1: cada um deles tem as suas funções

AL: pois, mas o baldio pertence aos compartes

S1: é gerido pelos compartes

AL: e pertence aos compartes, não pertence à Junta

S1: pertence à Junta de Freguesia!

[entram outros participantes na conversa, nomeadamente o ASi1 e o actual presidente da Atlântica]

ASi1: não senhor! Compartes... o baldio é dos compartes e tem a assembleia de compartes eleita. O CD que elegeram os compartes, a Junta só pode gerir os compartes se a assembleia dos compartes delegar a competência na Junta. Como no nosso caso nós não podemos delegar, porque estamos candidatos às INP's e tudo o mais, não podemos delegar na Junta, temos de ter a assembleia de compartes a funcionar, não podemos delegar na Junta

S1: e esse terreno pertence a quem

S: o terreno é dos compartes da freguesia

AL: é da aldeia

ASi1: da freguesia são os terrenos enclavados [*? Não se entende*], a Junta não manda, até agora com a nova lei diz que nós temos de registar os compartes, os terrenos, temos que... está em nome da Junta, agora temos que

S1: aaaah, agora com a nova lei

AL: porque acho que ao longo do tempo algumas Juntas começaram a apropriar-se, ao longo do tempo

S4 (presidente da Atlântica): em muitas freguesias há uma delegação de poderes na Junta, porque não pode haver duplicação de poderes não é

AL: sim, sim, sim, claro

ASi1: por causa das ITI nós não podemos delegar

S4: na minha freguesia aqui é o que acontece

AL: aonde?

S4: em Brufe, aqui já estamos em Brufe

AL: fazem com a associação atlântica ou fazem vocês?

ASi1: nós fazemos em colaboração com a Atlântica, e fazemos também a ASCLI, com a associação do lobo ibérico. A ASCLI, em que nós temos um contrato com eles, temos um protocolo de colaboração por causa da defesa do lobo, em que temos uma determinada área em que... e dão-nos outros benefícios para o baldio. Ele vai fazer também um protocolo, temos um protocolo com eles ao nível da caça, temos um protocolo também com as cercas para animais, damos uma determinada área para o lobo ibérico, para o lobo, e nós proibimos a zona de caça e eles ficam com aquela para protecção ao lobo e nós ficamos com a outra parte. Agora vamos ter também um protocolo para a gestão de 15 hectares do baldio em que eles se comprometem a limpar o monte, a desmatar as árvores, a podar as árvores, a fazer plantações, sob o nosso controlo

AL: a ASCLI

ASi1: a ASCLI sob o nosso controlo. Sob o controlo do CD

AL: e isso não pode trazer conflitos com a malta que tem gado e não sei quê?

ASi1: não porque a pastagem fica livre na mesma. E é tudo também aprovado em sede de assembleia de compartes não é

AL: mas se o lobo aumentar... mas tem vedações não é

ASi1: não tem vedações, não precisa de vedações, aquilo para as limpezas, para melhorar os bosques, os bosquetes não precisam de vedar

AL: não, não, não, eu imagino que eles queiram introduzir o lobo, ou reproduzir ou...

S1: ele por si reproduz-se

ASi1: tem muitas alcateias aí

AL: sim, exacto, mas ao criar uma zona em que não há caça, em que não conflitos com o gado

ASi1: não, naquela zona há caça, não há caça numa determinada zona, é uma troca, damos-lhes uma determinada zona para protecção do lobo, e eles dão-nos outras benesses na outra parte, melhoram-nos as pastagens, melhoram os

AL: sim, eu digo é, se o lobo é protegido o número tenderá a aumentar e logo

S1: não é não haver caça, é uma zona que não é para caçar. Se não é para caçar o homem, há mais abundancia de alimento para o lobo. Você não tendeu mal, se reservam uma determinada zona que chamam de protecção para o lobo, ali não é para caçar o ser humano

AL: ok, ok, percebi, percebi, há mais alimento para o lobo e ele não tenderá tanto a ir para o gado

ASi1: aquilo também é para não andarem lá naquela zona aos tiros para não perturbarem o lobo

S1: afugentam-no dali, está a compreender, e assim ele está concentrado ali, se não há ali coisas anormais, ruídos e

AL: à partida o lobo tenderá a ficar por ali

ASi1: temos também melhorado, ali na zona das brandas as cabanas

AL: com os INP?

ASi1: com os não produtivos, temos recuperado alguns cortelhos, por porta, janelas

AL: isso é o quê?

ASi1: cortelhos de pedra, antigos, que há no meio do monte, nas brandas

AL: isso servia para quê?

ASi1: antigamente aquilo era o abrigo das pessoas, antigamente as pessoas iam para as brandas para lá dormirem, lá ficarem

AL: e a venda de lenhas. Mas têm bastante floresta dentro do baldio?

ASi1: mal gerida mas temos, estamos em cogestão portanto está muito mal gerida

AL: e há alguma intervenção dos SF?

ASi1: não tem intervenção nenhuma, nem nas casas florestais nem nada, está tudo ao abandono, pode-se roubar mas não podem dar nem podem vender aos baldios, mas podem roubar.... Se chegar ali um gajo com um camião e levar as pedras, ninguém vai atrás deles. Se forem os baldios a irem lá tomar conta daquilo vem já alguém meter-se connosco, há já um problema

AL: pois... mas vocês têm feito algumas plantações, ou reflorestações?

ASi1: temos, mas é sempre um problema, trabalhar com esta gente é sempre problemático. Portanto para fazer uma plantação juntam-se várias entidades, uma dúzia de engenheiros e cada engenheiro opina à maneira dele. Chega-se ali cada um... cada um sabe de uma coisa, chega ali, não sei quê, não sei que mais, um é isto, outro é aquilo, depois chega a uma altura que tenho de me vir embora, porque eu não me entendo com esta gente. Não é possível com esta gente que temos, com esta maneira de gestão, fazermos alguma coisa pelas florestas. Não é possível... não é possível... com esta gente não é possível fazer nada

AL: pois, se calhar o melhor era mesmo tentarem destacar-se do Estado

ASi1: pois, mas o problema é esse, eu já tentei mas isso é muito complicado. Eles exigem muito dinheiro, querem fazer avaliações, querem receber... e depois somos nós que temos de *[o ASi1 é chamado, estão a arranjar a motosserra dele]*

Então e as pessoas que estão consigo no baldio são as mesmas também? Ao longo destes anos todos? Nos órgãos de gestão... fazem eleições e são sempre a única lista ou...?

ASi1: se aparecer alguém que queira tomar conta que tome, para mim é igual

AL: mas aquilo dá-lhe muito trabalho ou?

ASi1: não recebemos dinheiro, eu faço candidaturas que ainda me estão a dever dinheiro... só que ninguém acredita, pensam que aquilo tem lá dinheiro, eu faço candidaturas de 100 000 euros, cento e tal mil euros

AL: candidaturas para?

ASi1: o baldio, as ITI, INP, agora vou-me candidatar lá para os...

AL: isso é o quê?

ASi1: é PRODER. Estou sempre a trabalhar, tenho um tractor, tenho uma carrinha, estamos equipados

AL: vocês não contratam uma empresa para limpezas

ASi1: fazemos algumas nós e outras contratamos, não podemos porque é muita coisa

AL: então são vocês, é os sapadores que fazem naqueles sítios

ASi1: os sapadores e é uma empresa que contratamos, por concurso público

AL: é aqui da zona a empresa?

ASi1: é de Braga

AL: ah... e sobra dinheiro das ITI? Conseguem fazer sobrar?

ASi1: bem gerido sobra, das INP não, mas das ITI sobra, se for bem gerido não é, senão não chega

AL: têm conseguido fazer sobrar

ASi1: sim, consegui comprar um tractor, consegui comprar mais umas coisas, equipamentos

AL: e fazem algum... sei lá... esse dinheiro também é usado na aldeia, para fazerem alguns trabalhos ou não

ASi1: uns caminhos, acesso a baldios, tudo que diga respeito a baldios, ainda agora fizemos uma obra de 10 000 euros, de 12000 euros, que foi para beneficiar os baldios

AL: obra de quê?

ASi1: obra de acesso aos montes, lá em cima, serve as brandas, serve a população e serve os baldios

AL: e as brandas ainda se fazem?

ASi1: ainda

AL: ai sim. Eles mudam-se mesmo não é? Para uma aldeia em cima

ASi1: agora não, porque agora têm os jeeps e têm os tractores, mas antigamente mudavam-se mas agora como têm os meios de comunicação, têm as máquinas, mas há brandas são trabalhadas

AL: portanto chegam lá, deixam lá o gado...

ASi1: deixam lá o gado, têm lá os fenos, tem batata, em alguns lados, em todos já não, têm as casinhas arrançadas e estão lá

AL: e estão lá?

ASi1: comem lá, cozinham lá ao meio-dia muitas vezes

AL: e dormem lá?

ASi1: não, dormir lá já não

AL: ai já não

ASi1:: é difícil

AL: e é no baldio a branda?

ASi1: é. São todas as brandas, são todas nos baldios

AL: e há caminho até lá?

ASi1: [? *Não se entende*] noutras que não tem vão até um certo ponto e depois vão a pé e depois metem-se no jeep, ou agora têm as moto4, agora as moto4 vão a todo o lado

AL: ah, eles têm moto4?

ASi1: têm moto4

AL: curioso... e há muito gado aqui em Sistelo?

ASi1: umas centenas deles

AL: pois... como é que foi a entrada da floresta aqui? Tem alguma noção?

ASi1: a floresta naquele tempo foi imposta, isso foi imposto não é e... estava bem estruturada, em termos de floresta era muito bonita, nasci e fui criado aqui na floresta e vi a floresta crescer e gosto muito da floresta, mas depois foi toda delapidada, foi tudo incendiado, tudo... e depois entrou naquela altura o fomento e que estragou tudo o que era património cultural, todo o património construído que havia, os regos de água, as levadas de água, os tanques dos guardas-florestais, estava tudo em pedra, foi tudo estragado, foi tudo roubado

AL: por quem?

ASi1: por quem, foi naquele tempo... as máquinas do fundo de fomento estragaram muita coisa. Agora... temos casas florestais, as casas florestais estão abandonadas no meio do monte, qualquer gajo chega lá, pega numa pedra e rouba, não se vai atrás de ninguém. Mas se for uma entidade ou uma freguesia a tomar conta daquilo já há problemas. Pronto, sou a favor que isso... que não fosse vendido ao desbarato, portanto, o terreno que existe à volta das casas florestais é da freguesia

AL: é do baldio... não é?

ASi1: é do baldio, é da freguesia, dos compartes. O terreno da casa é dos compartes, eles só têm as pedras. A Direcção Geral do Património só tem as pedras, podia negociar com a Junta, negociar com os CD em ceder aquilo por um preço simbólico. Teima em não querer saber nada, estamos neste impasse. E há casas de muito valor, há umas mal situadas mas há casas bem situadas que podiam estar a ser

rentabilizadas e neste momento não estão. Como... fazer para combater os incêndios, fazer represas de água, ou uns tanques, pá, é proibido tudo, neste país é tudo proibido. É tudo proibido, não se pode fazer nada e depois para se fazer é preciso contactar várias entidades, nós estamos a falar de uma coisa que temos que recorrer a 3 ou 4 entidades, e que uns não se entendem com os outros. São todos... são antagónicos, não se complementam uns aos outros, em vez de ajudar não, só complicam, neste país só existe para complicar. Lembro-me aqui há uns anos atrás, para aí há uns 8 ou 10 anos fiz uma plantação de 400 hectares, 300 a 400 hectares de plantação. Depois de ter para aí 5 *dossiers* e devido a várias entidades que não se entendiam uns com os outros, porque um não queria isto, o outro não queria aquilo, o outro era melhor isto, era melhor aquilo... portanto, havia várias entidades e ninguém se entendia uns com os outros para fazer nada, até que eu cheguei a uma certa altura, carreguei aqueles papéis todos e aqueles *dossiers* todos e vim-me embora, até disse para a engenheira que estava comigo “vamos embora que isto é impossível”. Porque é que nós temos na floresta 3 ou 4, ou 5 entidades a mandar? Bastava uma, uma entidade que mande bem chega uma

AL: era tipo o quê? A Câmara; o ICNF...

ASi1: a Câmara, o ICNF, o IFAP, o... sei lá quantas entidades eram, eram os gajos da água, os gajos da... sei lá, é uma complicação, é uma complicação... é uma complicação para se fazer alguma coisa. Uma pessoa apresenta um projecto... por exemplo, agora vêm-nos dar árvores para a gente plantar nos baldios, muito bem, sim senhora. Só que essas árvores vêm no verão, e quando conseguem dar com a papelada toda quando as árvores chegam aqui já chegam secas. No outro dia deram-me 5000 árvores estavam secas, “não é possível plantar isso, isso não é para plantar em maio ou junho, não pode ser, têm de nos dar no inverno para plantar no inverno, as árvores no verão estão secas”.

AL: mas deram-vos isso por que carga de água, as 5000 árvores, isso foi inserido em que projecto?

ASi1: não sei o nome do projecto, mas é o parque que nos fornece as árvores mas quando chegam cá, chegam muito tarde

AL: e vocês aqui conseguem gerir as ITI de forma a conseguirem fazer sobrar dinheiro?

ASi1: quer dizer, nós estamos em zonas difíceis, geograficamente a nossa freguesia é muito mal situada e através de concursos, através de se espremer muito conseguimos ter algum retorno mas muito pouco, muito pouco porque o hectare de limpeza fica-nos muito caro. Nós temos sítios em que... portanto, isso é delineado por eles lá nos escritórios, não é, como sempre foi, e depois temos de fazer em partes em que temos de andar presos por umas cordas para conseguirem cortar o mato não é e isso acarreta-nos muita mais despesa. Há freguesias, por exemplo, nós temos zonas em que nós até fazemos com um tractor com a limpeza não é, fazemos com um tractor, e há zonas que é manual não é

AL: e compraram um tractor?

ASi1: temos tractor, temos carrinha

AL: conseguiram comprar isso com o dinheiro das ITI?

ASi1: conseguimos economizar e conseguimos comprar, e temos também uma carrinha equipada com um kit de incêndios, leva 500 litros de água, uma 4x4, uma que nos foi cedida pela EDP, fizemos o pedido à EDP eles deram-nos uma carrinha e temos um tractor e temos esta brigada de sapadores que nos dá apoio, senão não podíamos ter não é?

AL: então assim se calhar não têm que pagar a empresas, ou têm de pagar a empresas na mesma?

ASi1: mesmo assim temos de pagar a empresas porque os sapadores não conseguem, nós conseguimos com o tractor e com os sapadores... por isso é que nós conseguimos economizar dinheiro, com o nosso tractor e com o pessoal nosso

AL: os tais sapadores que são da Atlântica?

ASi1: da Atlântica. Conseguimos fazer com menos dinheiro, porque... mas nas outras zonas que têm mais declive, mais acentuadas, nós não conseguimos limpar porque torna-se muito caro, não temos máquinas para isso, isso só com uma empresa especializada

AL: ok... então o dinheiro que entra actualmente no baldio é sobretudo o dinheiro das ITI e o dinheiro da venda de madeira?

ASi1: e a venda de madeira, sim

AL: que têm de dar 40% ao Estado?

ASi1: 40% ao Estado

AL: quer seja dentro do parque, quer seja fora, não é?

ASi1: 60-40. E depois ainda temos, mas muito pouco, de pinhal [*? Não se entende*], portanto aquelas zonas que ficaram de fora do perímetro florestal, pouco, muito pouco

AL: e investir vocês na floresta é que não têm investido

ASi1: nós temos investido... nós temos investido com as ITI e com alguns projectos que fazemos, portanto temos projectos da recuperação dos cortelhos, das mariolas, de pontos de água para os animais, para bebedouros, e plantações, conseguimos ainda... eu fiz um projecto de 85000 euros

AL: isso para plantação?

ASi1: não

AL: foi para as INP não foi

ASi1: para os não produtivos, sim, conseguimos fazer isso. Mas o dinheiro chega muito tarde, nós temos de ir ao banco buscar dinheiro, porque nós não temos dinheiro próprio depois pagar imposto e depois temos de esticar o dinheiro para pagarmos os juros e pagarmos ao empreiteiro, isso acarreta-nos muita despesa. De resto não temos rendimentos para o baldio. Portanto não temos, não temos... podemos fazer caminhos, abrir caminhos para incêndios, para chegar mais fácil aos locais mas não conseguimos, não temos dinheiro, mas também derivada à situação geográfica do terreno, nós temos numa zona muito acentuada, é muito difícil de andar, porque tem muita rocha, tem muitas ribanceiras que é preciso limpar, e muitas coisas para lá chegar

Soajo: AS1

AS1: [...] mandou [uma carta], então deve ter sido lá o meu presidente, que nós estamos em desacordo

AL: porque eu cheguei a falar... ah, é? Ah, os compartes e ele ou a Cristina e ele?

AS1: a Cristina e ele

AL: ai, e trabalha com ele?

AS1: sim... o senhor ... é complicado, ele não está com todas as suas faculdades mentais e gerir uma Junta não é fácil

AL: iihi. Quando é que são... pois, as eleições ainda falta um bocadinho

AS1: e o problema até que cedi-lhe o meu lugar

AL: ah, era presidente?

AS1: não era, era cabeça de lista, formámos um movimento e era cabeça de lista, como nunca tive assim pretensão de ser presidente da Junta cedi o meu lugar, prontos, sem problema nenhum e finalmente lá houve as eleições e o senhor começou a variar. Não faz ideia, um ditador de primeira, uma coisa assim... o senhor foi PIDE e ele está a viver a repressão ainda, ele nesta altura, eu diria olhe, e pode pensar que estou a brincar mas não, eu diria que ele pensa mesmo o Salazar, é mesmo por aí, "quem manda sou eu, não se pede autorizações de nada, não, o presidente da Junta é que manda". Passo-lhe uma acta, se ele acha que não está bem, censura...! É assim uma coisa...

AL: completamente fora... epa... mas ele é velho? Se era PIDE não é...

AS1: 74...

AL: ah pois... pois...

AS1: não é fácil. E então como o senhor queria ser presidente dos baldios e eu achei que ele não estava apto, não é... fiz uma lista e ganhei à larga e então prontos... tudo o que é para os baldios ele deita ao lixo

AL: aaaah, então deve ter sido isso, porque eu lembro-me que eu tinha um número de telefone, um fixo que era da Junta, percebi depois, porque houve uma pessoa que me atendeu que me disse “ah, não, este é o número de telefone da Junta” e essa pessoa, que era uma rapariga simpática, é que me deu o seu número

AS1: é a Cidália... uma funcionária

AL: pois... não é fácil gerir os baldios e as pessoas e...

AS1: não, eu acho que é assim, isto nas pequenas localidades como a nossa funciona quando ninguém se sente ameaçado, e como os políticos sentem-se sempre ameaçados

AL: pois... mas neste momento... a sua lista, lista vá, o CD, a mesa da assembleia, etc., é composta por pessoas que já não têm nada a ver com a Junta ou?

AS1: não, somos. Como lhe disse eu sou secretária, os dois meus outros colegas não, e depois temos toda a assembleia que está contra a forma, porque fomos todos enganados, está contra a forma que o senhor presidente e o senhor tesoureiro estão a gerir a Junta, portanto, que se uniram e fizeram uma outra lista mas connosco... porque é impossível não é? Se não, não se faz nada em lado nenhum, não pode ser, perdido por perdido só se perde um lado... não é?

AL: claro... estava a dizer-me que está a viver cá há pouco tempo...

AS1: eu estou a viver cá desde 2007

AL: mas não é daqui do Soajo?

AS1: eu sou do Soajo, estive em França, portanto, nasci em França, estive em França até 2002 e depois estive a viver em Arcos de Valdevez e vim para aqui em 2007

AL: ok, para o Soajo mesmo?

AS1: para o Soajo... Paradela, Soajo, mas é num lugar a 8 quilómetros

AL: Paradela, sim, vi no mapa

AS1: perto da barragem do Lindoso

AL: se quiser também lhe posso dizer isso, escusa de estar a ler, fica só com a carta arquivada...

AS1: ... mas é mesmo isso, o problema é que a política é que estraga isto tudo

AL: o quê? O quê? A política? Pois, já ouvi dizer que há muita politiquice lá no meio

AS1: mas não devia, sabe... o problema disto tudo é que todos os baldios praticamente estão entregues às Juntas de Freguesia, mas não devia

AL: estão entregues mesmo que não seja no papel não é... ou seja, podem ter um CD...

AS1: têm um CD que é um presidente da Junta, um secretário...

AL: pois

AS1: nós aqui era o caso... teve, teve sempre... prontos, era assim, faziam eleições mas eram eles, e acaba-se por ver isto de forma politica, angariar votos, e isso é nojento... é nojento

AL: então era, o próprio corpo da Junta era o... hmmm

AS1: e havia aqui assim umas coisas... sabe, eu estou a tomar conta dos baldios há muito pouco tempo e sinceramente... lamento que outras pessoas não façam o que eu fiz, porque realmente é urgente tirar isto das mãos da politica

AL: pois... há quanto tempo é que está lá no CD?

AS1: fez 1 ano agora... mas é um ano de tribunais

AL: he lá! Conflitos?

AS1: conflitos porque... não havia eleições há vários anos, e eu achei que isto não é assim, que isto é uma ditadura... a lei dos baldios é clara, não é? São 2 anos, são 2 anos e não se fica lá eternamente porque não se convocam eleições

AL: ei, nem se convocava...

AS1: não se convocava

AL: estavam mesmo irregulares

AS1: portanto, é assim, nós pedimos por quatro vezes, portanto 8 meses, pedimos eleições, com 385 assinaturas, e mesmo assim não se convocavam... convocámos nós... e por isso agora é assim um bocado, por isso é que eu digo, isto aqui é para mim... não sei... é ? tudo o que eu estou a dizer?

AL: não, não, não, atenção, isto não vai ser usado...

AS1: porque é bastante feio o que está a acontecer na nossa freguesia, infelizmente, uma freguesia tao grande e com tantos baldios

AL: tem muito baldio... qual é que é a área do baldio?

AS1: 5200 hectares...

AL: é dos maiores que já visitei até hoje

AS1: depois há a Gavieira que tem um bocadinho mais... perto de 6000

AL: ainda não fui lá, aliás do Minho é o primeiro com quem estou a falar, tenho estado em Montalegre e só tenho conhecido lá aquela realidade, também há uns melhores e outros piores, mas isso é em todo o lado... em termos de gestão... melhores isto é, mais activos. Enfim... mas aqui do Minho é a primeira pessoa com quem estou a falar.

AS1: muito bem, no meio disto tudo há coisas boas, como disse

AL: ah, tem de haver, só a própria existência do baldio é boa à partida...

AS1: ah, claro que sim

AL: ... e então e vocês quando fizeram essa nova distribuição os produtores perderam com estes cortes ou...

AS1: não! Nós ficámos a ganhar, porque conseguimos eliminar 40 explorações para fazer essa nova reatribuição... eliminámos 40, portanto tivemos baldio de sobra, ainda consegui dar mais 3 hectares a cada agricultor, porque sobraram, e ainda ficámos com cerca de 700 hectares para novos agricultores que quiserem

AL: ai que bom!

AS1: é, por acaso este ano fizemos esse... agora já nos arderam muitos hectares, este ano já nos arderam perto de 200 hectares, já não sei agora, agora não sei...

AL: já não conta como área forrageira...

AS1: já não conta

AL: e conseguiram por muitos jovens agricultores agora por a candidatura?

AS1: por enquanto temos 3 que vão iniciar agora, temos 3... mas que não serão com baldio... mas já é bom

AL: ah, é sem baldio? E conseguem?

AS1: sim, sim, sim, porque é aquela história das galinhas, daquelas coisas, que já não pode ser com baldio, mas prontos, não temos assim muitos problemas com área...

AL: e com jovens (RISOS)?

AS1: não temos...

AL: pois, é isso... aí já têm alguns problemas não é...

AS1: é um problema, e eu gostava através dos baldios de poder ajudar e de fazer com que as pessoas viessem para cá, ainda tenho de encontrar aqui alguma ideia luminosa

AL: (RISOS) pois é, isso é o que mais... aliás, isso é uma das mais-valias do baldio, é poder criar de facto alguma, lá está, as tais ideias luminosas, que façam, que atraiam as pessoas a ficar aqui... agora não sei...

AS1: eu acho que é assim, eu acho que nós aqui precisamos de formação e eu já pensei atribuir uma verba, assim uma coisita, para os jovens poderem se formar, porque é assim, há pouco dinheiro, aqui não há trabalho nenhum e atribuir uma bolsazinha para irem, porque nós temos crianças aqui com 20 anos que não sabem ler

AL: aí sim?

AS1: falta de incentivo...sim! É triste... e eu gostava de poder mudar isso um bocadinho, criar assim, sei lá, uma bolsa ou uma coisa qualquer... não é, porque as pessoas aqui, como os pais têm poucos estudos as crianças, o que é que acontece, enquanto não há nada estão à espera dos 18 anos para emigrar... portanto, eu acho que o trabalho dos autarcas agora neste momento aqui na nossa freguesia seria quase de pegar neles pela mão, porque eles, não faltam ideia, não sabem como, às vezes é só trabalhar um bocadinho com eles e eles vão, mas agarrar neles e ajudá-los a criar uma microempresa, um projectozinho pequeno, iniciar e seria por aí... infelizmente não é assim... o senhor presidente da Junta, que compete mais a ele do que aos baldios não é... mas pronto, eu se puder através dos baldios vou fazê-lo porque ao menos enquanto lá estiver faz-se alguma coisa

AL: e qual tem sido assim a presença do parque e do ICNF aqui na gestão dos baldios, mesmo que... pronto, se calhar antes não tem a noção porque não estava cá, mas desde que está lá, ou daquilo que ouve falar aos mais velhos, não sei...

AS1: [faz uma expressão que me provoca um riso cúmplice] ... um bocado complicado, bom, é assim, o ICNF... o ICNF é um bocado complicado, um bocadinho complicado porque é assim, eles têm as regras deles que eu acho bem estar, as pessoas por norma não gostam muito, eu acho que há coisas que até estão bem, portanto, a nível de construções, dessas coisas todas acho bem, num sitio lindíssimo tem de haver regras não é verdade, e para mais nós com a emigração, vem tudo por aí, começam a fazer assim um bocado tudo maluco e acho bem... a nível de florestas há uma desistência muito grande, eu acho... nós estamos em cogestão com o Parque Nacional... e é assim, cogestão... se falamos numa venda de pinheiros no valor que eu disse há bocadito, sabendo que 40% vai para o ICNF, é assim, o ICNF se calhar, já que toda a gente resmunga com eles, eu diria que devia ter dito “amigos, vamos lá ver isso, nós pomos aqui uma quantia, vá de 50% e vocês ponham outra quantia de 50%, e vamos reflorestar a área” não é... digo eu... mas não, não se fez... e eu hoje tenho um prolema que é assim, esta madeira, prontos já há aí árvores doentes, há pessoas... que nós temos o direito de ir cortar lenha para nós para casa, qualquer comparte não é, como já deve saber, mediante uma autorização do CD, podemos ir

cortar lenha seca e levar para casa. Pronto, o que é que acontece? Acontece que há aí malandros que andam a cortar lenha verde e vai tudo aí a oito e levam e acabou-se, uns para vender, outros para isto, prontos, o ICNF aí sai fora... sai fora e... é assim, sai fora... se houver uma acusação, tudo bem... agora, acho que os vigilantes deviam estar mais presentes, isso acho...

AL: e estão alguma coisa presente sequer? Pergunto...

AS1: nós aqui?

AL: pergunto porque eu não os vejo por aí...

AS1: eu também nunca os vejo praticamente, uuh, e quando... e quando... é assim, deve de andar aí um vigilante todos os dias a rondar e a ver e a verificar, deve de haver porque é lenha, é saibro... o saibro está completamente proibido na nossa freguesia de recolher saibro. O que é que acontece? Há sempre alguém... e nós, o CD, não podemos... nós, é assim, temos de trabalhar não é, nós não temos remuneração, portanto não vamos andar aí todos os dias a ver quem é que anda a fazer isso... por isso o parque tem os vigilantes e não... não fazem nada. Nós tínhamos ali muitas austrálias este ano praticamente todas foram roubadas e ninguém se importa não é...

AL: o que é que foi roubado?

AS1: austrálias, é uma árvore muito grande, é assim parecido com a mimosa so que é... é... pronto, dá uma florzinha amarela também..., que é uma lenha bastante procurada pelos madeireiros

AL: ahhh. Mas são exóticas não são? Não são daqui...

AS1: são, não são de cá... o que é que acontece? É que nós ali perdemos... perdemos ali uma venda, mas o ICNF também perdeu, portanto, se nós as cortamos não podemos, não podemos fazer um corte, quando queremos fazer um corte tem que vir o ICNF marcar as árvores, está a perceber? Agora se a gente "epa, mas vamos marcar, estão caídas..." não sei, não aparecem, ou então não sei se é só connosco em Soajo mas eu tenho tido chatices porque realmente...

AL: pois, pois, não há presença dos SF

AS1: não.... E ouça, estão muito longe... já viu? Estão em Braga, eles deviam estar aqui, há aqui uma casa que era para a sede do Parque... mas... eu até posso entender, como é que os engenheiros de Braga querem vir para aqui para o meio do monte?

AL: pois, mas à partida se são vigilantes de natureza é suposto gostarem de estar no monte não é

AS1: não, eles gostam, estão cá meio dia e põem-se logo a andar, porque é preciso chegar cedo a Braga não é...

AL: pois (RISOS)

AS1: não, isso é a queixa que eu tenho, é assim por acaso trabalho com uma engenheira que é muito simpática e essa coisa toda...

AL: que engenheira é?

AS1: é a engenheira Maria do Carmo

AL: daqui do parque?

AS1: do ICNF

AL: ICNF

AS1: prontos, e com o engenheiro Carlos Pinto... só que a verdade é que eles estão longe... estão longe...

AL: esses dois estão em Braga?

AS1: estão...

AL: o Carlos Pinto é de Montalegre ou não?

AS1: não, Braga...

AL: ah ok

AS1: ele está sempre em Braga, agora se é de lá...

AL: não, ok, não deve ser, eu ouvi falar dele em Montalegre, por isso é que eu achei que ele era de lá

AS1: mas é assim, ele se calhar... é ele que faz os programas todos das ITI, portanto se calhar abrange aquela área toda não é... Montalegre a braga é pertinho

AL: pelo menos eu sei que a tal Lúcia Jorge, conhece não conhece?

AS1: não

AL: é do Secretariado dos Baldios

AS1: de Montalegre?

AL: sim, de Trás-os-Montes e Alto-Douro

AS1: não, ainda não tive, ainda não tive oportunidade de ir para aqueles lados

AL: ok, ok. Não, ela é que podia ter vindo ca por qualquer razão... mas pronto, foi através que eu ouvi falar do Carlos Pinto, é natural que ela o conheça mesmo que ele não esteja em Montalegre não é, eu é que fiquei com a ideia que ele estava lá, ninguém me disse...

AS1: sim, sim, sim, não, está em Braga. E pronto, são pessoas porreirinhas mas...

PONTE DA BARCA

Britelo: PB1

AL: mas o dinheiro das ITI não vos chega para fazer isso tudo?

PB1: o dinheiro das ITI é um bocado complicado... ele não é complicado, quando sabemos que fazemos as candidaturas das ITI é por 5 anos e dá uma média parece-me que este ano de 30 e... ano passado era 37 000 e agora parece-me que passou para 27 000 por ano. Mas quer dizer, essas candidaturas são feitas como? Fazemos a candidatura, ela é aprovada, mas nessa candidatura temos um roço de 5 hectares por ano para fazer, no pastorício, tudo o que é pastorício, se nós fazemos... a senhora faz a conta, 5 hectares a 2000 euros, lá vão 10000 e tal euros embora, o que é que nos fica? Ora se vai fazer as limpezas todas às casas, nós estamos desgraçados, nós temos de ir para tribunal. E eu disse muitas vezes, “você vão para tribunal”, eu lá estou para responder aos actos, se não há dinheiro o que é que eu vou fazer? Para a prisão não me levam que eu levo uma letra⁶⁸ comigo, nesse caso demissiono-me já, deixo a carta no tribunal, de demissão. E depois vocês vão-me fazer como fizeram vocês, quem é que o faz? É o Estado que tem de o fazer, não sou eu. Enquanto se passam as leis, e as eleições, e se fazem novas eleições e fazem tudo... e as eleições eu posso-me apresentar, posso ganhar outra vez, posso embaralhar as coisas outra vez e estamos num sarilho. E quer-se dizer que é um bocado complicado para nós, os compartes aqui vivem... praticamente não têm nada

AL: há quanto tempo é que se formou aqui o CD e a assembleia?

PB1: isto aqui começou... o primeiro estive dois anos... 6, para aí há 7 anos

AL: e porque é que decidiram organizar-se? Estava cá nessa altura? Já estava cá não já?

PB1: eu já cá estava, desde o primeiro mandato que foi, que organizaram os compartes, já cá estava

AL: e o que é que impeliu as pessoas a organizarem-se na altura?

PB1: isto foi fácil, porque quem fez isto dos compartes era um presidente que era um presidente da Junta, e com isso dos compartes já existia a união dos lugares, ele decidiu então fazer a comissão de compartes

PB1: antes estava nas mãos da Junta era?

PB1: antigamente era na Junta, a gestão era da Junta, e esse presidente decidiu então de fazer essas duas divisões que houve, que foi uma parte complicada

AL: e ele era presidente da Junta, essa pessoa?

⁶⁸ Do francês “lettre”, provavelmente.

PB1: ele era presidente da Junta. E eu acho que isso é que... achei um bocado mal feito porque não há... não há [*? não se entende*] para as duas coisas

AL: não há quê? Desculpe, não percebi

PB1: não há dinheiro para termos as duas coisas, não há condições para ter as duas... a Junta fica em o poder, que a Junta podia fazer mais alguma coisa, se há um corte de pinheiros podia dizer assim “não, é [*? não se entende*] aí, mas ele hoje precisa, por exemplo, de 20 000 euros, faz um corte de 30000 euros e não precisa de fazer esse trabalho como tirou aqui, e mais tarde vem a verba e eu meto aqui novamente, o dinheiro não se pode misturar. Entre a Junta e os compartes são duas contas diferentes, mas pode jogar é com o dinheiro da Junta e pode jogar com o dinheiro dos compartes, esse presidente, que faz as duas coisas, que é como em Lindoso por exemplo, agora se não me engano Entre-Ambos-os-Rios parece-me que se retirou da Junta, não se podia candidatar mais, parece-me que se retirou, mas era... as duas freguesias estavam metidas, e Soajo também parece-me que era... não, parece-me que aquilo lá no Soajo anda um bocado embaralhado

AL: sim, pelo menos a presidente do CD não está na... quer dizer, trabalha na Junta mas não é a presidente

PB1: pois, mas houve ali uma embaralhação de cartas ali muito grande que... eu conheço o antigo presidente

AL: do CD? Ou da Junta?

PB1: o antigo do CD, aquilo até nem é CD é Associação, não é? Soajo é associação

AL: não sei, agora estou na dúvida.

PB1: Soajo parece-me que é associação... e Lindoso também é associação

AL: tinha para aqui isso escrito... Soajo... não diz...

PB1: eu penso que é associação

AL: pois não sei. Mas que é uma associação, isto é... o que é que...?

PB1: a associação é como um CD, pode fazer as duas coisas. Quer dizer, as duas coisas não, ou tem de ser CD ou tem de ser a Associação de Compartes, que era o que nós tínhamos aqui... aqui o primeiro presidente do principio fez uma associação e o CD, e o segundo ficou com a Associação e o CD, ficou porque a associação com o CD, pelo seguinte motivo, o motivo é o seguinte, é que, para fazer as candidaturas tens que fazer as candidaturas em nome de uma associação. Mas essa associação nunca existiu. Nunca existiu essa associação. E quando eu cheguei fui verificar se essa associação estava [*? não se entende*]. Queria ao menos ver... havia dois números de contribuinte, não pode ser uma entidade com dois números de contribuinte, está aqui, ou é uma coisa ou é outra, e eu fui a rectificar a associação e nunca foi legal. Mas eles continuaram com ela por que motivo? É que eles faziam as candidaturas em nome da associação

AL: e porque é que não faziam em nome do CD?

PB1: foi um bocado complicado porque a mim também me complicou a vida, para botar a associação abaixo e botar o CD. Porque por exemplo quando nós temos candidaturas que são feitas em nome da associação o dinheiro não vem para o CD, fica

AL: aonde?

PB1: no Estado

AL: porque a associação não existe

PB1: ou o CD. Ora o que eles fizeram, ou o que este ultimo presidente fez, eu não digo que ele foi... foi fino, estava à espera de uma candidatura e ele tinha feito como eu, fui ao banco pus CD, número de contribuinte numero tal e tal e tal. E o dinheiro vinha no nome da associação mas com outro número de contribuinte. E eu fui ao banco, digo "como é que é possível vocês a receberem o dinheiro com um número de contribuinte e metem outro número de contribuinte?". Eles explicaram "pode-se fazer, isso é como as empresas que têm duas identidades". E eu como havia ainda uma candidatura, duas candidaturas, feitas pelo antigo presidente, é que eu tinha botado a associação abaixo e teve de a por outra vez de pé, para receber esse dinheiro. E para recebe esse dinheiro porquê? Porque o antigo presidente, essa candidatura feita, ele fez os trabalhos, se ele não tivesse feito os trabalhos estava-me lixando, mas é que ele fez os trabalhos, pagou os trabalhos e não recebeu o dinheiro, não mandou aquele documento para receber o dinheiro. E nós fomos à pessoa que lhe fazia, que fazia essa documentação, todos esses documentos de candidaturas, que é a Vale do Lima, não sei se conhece

AL: ah, é a Atlântica, não é? É o mesmo

PB1: não é a atlântica, a atlântica é à parte, é a Vale do Lima. Como a atlântica também trabalha um bocadinho com a Vale do Lima, que a atlântica é uma coisa mais pequenina e não está ao fundo de tudo, que é a Sandra. E então eu fui falar mais um sobrinho meu que é... é dos grandes, e ele foi lá e fez-lhes umas perguntas e eles caíram na patetice de dizer que tinham recebido o dinheiro todo, que tinham feito o trabalho mas que tinham sido pagos

AL: quem é que disse isso?

PB1: a Vale do Lima. E nós dissemos "então dêem-nos provas como vocês realmente foram pagos e fizeram o trabalho". E eles deram-nas. E nós a seguir, fui ao IFAP a Braga por causa desse dinheiro, e só me disseram uma coisa "tem de meter a associação outra vez, senão não recebe". Quer dizer tive que botar a associação abaixo, o CD abaixo... para por a associação para receber esse dinheiro. Senão perdia... não, perdia o dinheiro que ele pagou que foram 10000 euros, e perdia o dinheiro da candidatura de 10 000 euros, perdia 20000 euros. E nós fizemos aqui uma reunião, só a direcção, e... porque eu quando resolvo uma coisa não a resolvo sozinho, resolvemo-la todos, ou estamos todos de acordo ou não estamos todos de acordo. Depois há quem venha a dizer "ai, o senhor presidente é que fez isto sozinho, não passou o cartão a ninguém e ele é que fez e mandou...", não! Fazemos uma

reunião, escrevemos uma acta e decidimos a seguir. E então o que é que eu fiz, fui ali à Cooperativa dos Arcos, botei a Engenheira Beatriz... também não conhece? É muito boa pessoa, uma boa senhora, e contei-lhe o resultado, mas ela não estava conforme, havia ali uma frase que ela não compreendia, e então telefonou ao engenheiro Carlos Pinto e o Carlos Pinto explicou-lhe “não, é por este motivo, este, este, este, e este, e ao fim disto ele pode mandar a associação novamente abaixo e fica o CD para fazer as novas candidaturas”. E foi assim que nós fizemos, botámos novamente a associação abaixo e ficou o CD, mas há muita gente que trabalha com associações

AL: eu só não percebo qual é a diferença em termos legais, tipo... porque é que é melhor ter uma associação ou um CD?

PB1: igual!

AL: ok, é só uma questão de nome?

PB1: é uma questão de nome. Mas se formos ver os regulamentos do conselho dos compartes é CD mas também tem associação, pode ser as duas coisas. Ou faz uma ou faz outra

AL: pois, porque depois há o CD, há a assembleia de compartes, há a mesa da assembleia, o conselho de fiscalização, uma associação também acaba por ter não é, a mesa da assembleia...

PB1: exactamente, tem tudo isso, tem todos esses órgãos. Agora para mim, não acho, uma associação tem um nome correcto, uma associação tem que ter sócios... e nós aqui isto não é uma coisa de sócios. Os baldios não é uma coisa de sócios, é das pessoas todas que habitam na freguesia, *don que* eu decidi que não isto não é uma associação, isto é um CD. E passámos ao CD; e está no CD; agora está registado, está tudo e terminou, acabou-se a associação

AL: a Beatriz é da Cooperativa do quê?

PB1: ah, não, a engenheira faz parte da Associação do Vale do Lima

AL: ah, eu escrevi cooperativa

PB1: e é cooperativa, é igual, eles têm uma cooperativa também

AL: e o Carlos Pinto? Eu já ouvi este nome várias vezes

PB1: esse é o engenheiro do Parque, muito boa pessoa, é uma belíssima pessoa

AL: que está em Braga ou assim não é?

PB1: está em Braga está. Uma belíssima pessoa

AL: pois, do CP tenho ouvido muito falar

PB1: e o Carlos Jorge também é uma belíssima pessoa, ainda ontem esteve... ao fim de me telefonar tinha sido ele que tinha

AL: Carlos Jorge... quem é?

PB1: é também, faz parte dos serviços... dos antigos serviços florestais, que acabaram

AL: ah, é um que está em Montalegre?

PB1: não, não, ele está também em Braga. Também é uma belíssima pessoa, mais ou menos os engenheiros que... a Doutora Eulália, também me entendo muito bem ela, é do IFAP, também é uma belíssima pessoa

AL: o Carlos Jorge era dos SF e agora está aonde?

PB1: é o parque, faz parte do Parque. São umas belíssimas pessoas, tenho umas boas relações sempre com eles. E é por isso mesmo que eu tenho conseguido muita coisa porque, foi o que eu sempre disse, o diálogo é tudo, se não há diálogo não há nada, está tudo estragado. Eu lembro-me de em França de ter uma empresa durante 20 anos e os meus colegas não havia dia nenhum que eu não telefonasse aos meus colegas para ver como tudo andava, e isso conta muito. Não havendo diálogo, não há nada, em diálogo não há nada. E é como nós estarmos agora aqui, se eu dissesse à senhora “olhe, isso a mim não me interessa nada” ... e a senhora não ficava a saber nada do que se passa aqui

AL: sim, sim, eu vi. E aqui os órgãos gestores do baldio, que tipo de relações é que têm com as outras instituições, tipo com as autarquias, com o ICNF, há uma relação próxima ou há conflitos na gestão...?

PB1: foi aquilo que eu acabei de lhe dizer há bocadinho, isto quando há diálogo há tudo. Bom, eu com o presidente da Câmara não tenho problemas nenhuns, nenhuns, absolutamente nenhuns, nem com vereadores nem com ninguém que está na Câmara

AL: e têm apoio? Já percebi que há algumas parcerias

PB1: há, há... quanto ao IFAP também não tenho problemas nenhuns, quanto a aqui na zona, já se sabe, todo o mundo conhece as aldeias, há contras e a favores não é verdade? Nós não podemos agradar a toda a gente, embora que façamos o melhor que possamos nunca vamos agradar a toda a gente e às vezes está claro que não ficam contentes mas a lei é a lei, como eu lhes digo, a lei foi feita para alguma coisa e é a lei, se vocês não a têm eu posso vos dar um documento da Lei e vocês leem a lei e já veem. Mas não tenho grandes problemas, tenho problemas aí com o antigo presidente do CD e com a presidente da assembleia antiga que é uma senhora cujo marido chegou a ser coronel da protecção civil e por ser coronel da protecção civil a mim não me cala, não me cala não... sou uma pessoa que gosto de falar mas também não gosto que passem por cima de mim, isso é que não admito, que passem por cima de mim não admito, seja lá quem for, aí sou direito. Sobre a lei... sobre a lei... era é

verdade que nós quando olhamos para a lei e lemos o artigo 12, ou o artigo 5 ou o artigo 7, pomo-nos assim “o que é que quer dizer isto?”. Porque a lei não foi feita para as aldeias, isso podem-me dizer o que disserem, eu lá li a lei mais do que 50 vezes, já, já... mas esta lei que está feita não é para as aldeias, esta lei está feita é para as cidades, não pode ser para nós

AL: em termos de discurso ou...

PB1: não é de discurso, de gerência, não é, não pode ser... viver numa vila não é viver aqui, os costumes não são os mesmos, são totalmente diferentes, numa cidade o que é que a senhora tem que os compartes tenham? Não tem nada. Numa vila, o que é que tem? Tem os arredores, mas os arredores já têm as Juntas e já têm os compartes. Ora, nisto dou umas passadas às outras, por exemplo, não foi há muito tempo que fiz este protocolo com a Câmara, o senhor presidente teve... vou falar assim de um modo especial, teve a lata de me dizer “se tu não fazes faço eu!”. E aquilo pôs-me já a 200 à hora

AL: mas o quê? Se não fazes o quê?

PB1: o trilho. Aquilo que ele disse já me revirou todo cá dentro e virei-me para ele e disse-lhe: “senhor presidente aqui na Câmara o senhor é o presidente da Câmara, aqui dentro... lá fora é um homem como eu, mas nos montes baldios eu sou um homem como o senhor mas o senhor não mete lá os pés, quem manda lá sou eu, e só vai ao monte baldio quem eu quero. O senhor pode organizar um autocarro para ir ver as gravuras, eu chego lá não deixo ir ninguém ver as gravuras, sou eu é que decido”. E ele disse assim “mas não estás bom da cabeça” “é como eu digo, vá ler no regulamento, os montes baldios têm um presidente que é o presidente dos compartes, mais nada e ponto final!” E mais tarde ele veio-me dizer... “quem é que te ensinou isso tudo?”. “ninguém... ninguém, eu quando não sei as coisas tento saber ou vou procurar alguém que as conheça e faço o meu melhor, ora no monte baldio você não manda nada, desculpe lá, lá sou eu que mando”. E agora somos uns grandes amigalhões

AL (RISOS)

PB1: é verdade... já temos comido juntos e essa coisa toda, não, mas as minhas relações são boas com toda a gente

AL: então talvez por isso é que o dinheiro das ITI vai todo... vocês não conseguem fazer sobrar dinheiro da ITI? Ao fim de um ano conseguem fazer sobrar algum?

PB1: não... isto quando as gerências são mal feitas são mal feitas de... começam mal, para a por direitas é um problema. Se se abre uma empresa, se se abriu mal, para a endireitar é um problema, abre um restaurante, começou mal, aquele restaurante não tem mais gente, isto dos compartes foi a mesma coisa. Eu quando entrei... porque no mês de Dezembro, na reunião eles fizeram a apresentação de contas em dezembro, que não é em Dezembro, é em Março, mas eles fizeram a apresentação de contas em dezembro e ninguém disse nada. A 30 de dezembro havia 42000 euros, no dia 22 de março havia 14000 euros... no dia 26 de abril, que eu tomei posse, a

conta era negativa em 35000... diga-me como é que se pode fazer isto? Em 4 meses 70000 euros. Ora o que nós fizemos, estes 30000 fizemo-lo tanto, 30000 aqui fizemo-lo botar fora, tínhamos outra de 1250, fomos obrigados a pagar, tínhamos outra de 1200 fomos obrigados também a pagar

AL: e esta o que é que aconteceu? A de botar fora...

PB1: isto foi uma multa que ele apanhou de fazer um estradão

AL: os 30 e tal mil euros?

PB1: sim

AL: e depois como é que pagaram isto?

PB1: não pagámos porque fizemos... depois acalmámos aquilo tudo, de modo que conseguimos acalmar, deixámos para... bom, fecharam o processo, senão estávamos arrasados, e Lindoso ainda estão a pagar um processo destes

AL: fizeram um estradão sem pedir licença?

PB1: exactamente, sem licença, sem projecto, sem nada. E aí o do SEPS, do Estado, chegam lá, mandam para o Parque Nacional, o Parque Nacional não tem, não há nada a fazer "tanto a pagar, tem tantos dias para pagar". Nós fomos lá e dissemos "não, é a ver se, conseguir a ver se vocês abafam isso, à uma não temos dinheiro, levamos o advogado connosco, levamos as contas bancarias, o que é que você quer que nós façamos? Vamos vender o terreno? Nós podemos, se vocês dizem vendam o terreno baldio nós vendemo-lo, vendemos uma parcela de 10 ou 15 hectares... só isso...". E aquilo depois nunca mais veio. Quando estive com o engenheiro... "afinal sempre foi abafado..." "opa, se há um ano e meio que tu lá estás não veio... penso que aquilo que foi abafado". Foi posto de lado, senão como é que nós íamos fazer? Ora vê lá, é as tais coisas como digo, quando vi a 30 de dezembro 42000 euros o gajo é capaz ainda de estourar entre os 20 e os 25000, foram as minhas contas, entre 20 e 25 mil ainda estoura, fica a 15000, já tínhamos feitos os nossos cálculos do que íamos fazer, íamos comprar um tractor destruidor para fazer os roços, no lugar de pagar em 4 anos... Em 5 anos a 10000, são 50000 não é verdade... esses 50 000 euros, o tractor não custava 50000 euros, custava 27000 euros. Nós nos 5 anos pagávamos o tractor e ainda nos sobrava dinheiro. Agora... agora há muita gente que dizia "e quem é que vai conduzir o tractor?". É fácil, há empresas aí que têm gente que trabalha com tractores e máquinas, chegávamos à beira dele "queríamos o teu homem por 20 ou 30 dias". Só o homem, o homem tinha o seguro dele, nós tínhamos o seguro da máquina e ganhávamos um dinheirinho

AL: e até podiam pedir a um sapador ou assim não?

PB1: também, também podíamos, uma pessoa qualquer, uma pessoa que estivesse ligada a uma empresa que tivesse um homem que soubesse trabalhar com o tractor, podíamos fazer isso...

AL: pois... conclusão

PB1: nem tivemos tractor nem tivemos dinheiro (RISOS)

AL: esta escola é vossa agora? Compraram ou não?

PB1: esta escola não é nossa, esta escola é um bocado complicado. Esta escola foi feita pelo povo, e é como lhe digo outra vez, e quando houve aí um senhor, o que é que ele fez, foi às finanças, ele e mais outro, e deram a escola às Finanças... quer dizer, a escola foi feita pelo povo e eles entregaram-na às Finanças, quando...., não fui eu foi o presidente anterior foi às Finanças ver como é que estavam as coisas, ora a escola tinha sido dada por fulano, fulano e fulano e a assinatura lá, então que a escola é da Câmara, embora esteja aí uma placa a dizer compartes, mas a escola não é dos compartes pertence à Câmara Municipal de Ponte da Barca

AL: e eles entregaram às Finanças mas receberam algum ou?

PB1: não, não, entregaram a escola

AL: por que carga de água?

PB1: entregaram a escola, sei lá porquê... se foi o povo que construiu a escola, com uma pequena ajuda da Electro do Lima, ficaram sem a escola. E é uma coisa que eu já estive a dizer ao presidente para nos fazer uma declaração, para que nos vendam isto

AL: ao presidente da Câmara?

PB1: claro que não vai ser pelo valor que ele vai querer, mas digo... 1000 euros por exemplo, que nos venda a escola por 1000 euros, nós os 1000 euros arranjam, mas fica dos compartes, definitivo. Eles dizem "ah, vou pensar, vou pensar..." mas com este presidente penso que não há nada a fazer, não vende... vamos lá a ver o próximo quem é, quem será...

AL: quantos compartes são ao todo?

PB1: nós actualmente devemos estar numa média de 500

AL: pois, porque são as 3 aldeias juntas...

PB1: mas, houve uma reunião em que estiveram cento e sete ou cento e oito compartes

AL: e qual era a reunião, já agora...?

PB1: a reunião era que... sobrou um terreno

AL: ah, era uma reunião extraordinária?

PB1: sobre um terreno que está em cima, que é... que nós sempre considerámos esse terreno como da santa, que é a Senhora da Penha, que se faz a Via Sacra lá e essa coisa toda, e nós sempre considerámos que o terreno que era da Senhora da Penha. Bom, o antigo presidente em 2011 o que é que ele faz? Poe-se lá o madeireiro para cortar os pinheiros todos, chegaram lá “calma, os pinheiros não são baldios, pertence à Santa”. Dali começou já ali o sarilho todo, aquilo foi para tribunal, andou em tribunal, de 2011 a 2014, três anos em tribunal. E então, é verdade que eles ali no tribunal da Ponte da Barca eles ganharam o processo, não sei como mas ganharam, uma juíza que diz que o próprio terreno da Penha à porta da capela que é baldio, é preciso também ter lata para o dizer

AL: risos

PB1: é... uma juíza que diz isso é como este bocado de terreno que está aqui dizer que é baldio. Falei com o padre, eu era um dos principais cabecilhas, e eu disse ao padre “isto não para aqui” “como é que eu vou fazer? Não há dinheiro” “não se importe com o dinheiro, vamos mandar isto para a relação do tribunal de Guimarães... e foi... passa algum tempo veio um documento a dizer ainda pior... ainda pior porque aquilo é feito por 4 juízes diferentes, um daqui, outro dacolá... outro não sei de onde não é? Veio diferente, que aquilo nem pertencia ao baldio nem à capela, e eu “pertence a quem então?” ... é uma coisa que é preciso pensar-se, se não é baldio, não é da capela, é de quem? Bom, entretanto eu perdi as eleições e fui ver esse dito advogado e disse-lhe a ele “nós temos que ganhar isto” ... “o que é que você quer fazer?” “é fácil, eu vou pedir... vou fazer uma reunião e vamos retirar a acção do tribunal” “ai se você consegue isso...” “ai vou conseguir vou”. No edital, ou na convocatória, como queiramos dizer, expliquei tudo para o que era a reunião e não sei quê, esse dia havia aqui umas 80 e tal pessoas, nessas 80 pessoas estavam 40 a favor de uma retirada do tribunal e 22 contra, mas nessa acta não ficaram os pontos todos esclarecidos nem todos votados, isto foi no dia 3 de agosto. No dia 30 de agosto faço uma nova reunião para a aprovação da acta, que os pontos não estavam votados, tinha de fazer uma acta para aprovação da acta... faço uma nova reunião e a acta foi aprovada... foi aprovada e pedi ao advogado para me fazer logo um documentozinho que era preciso entregar para a relação de Guimarães, um processo qualquer, ele fez-me o processo, eu agarro no processo, agarro na acta, meto tudo dentro de um envelope, a convocatória, a acta e o documentozinho do tribunal, meto tudo e mando para a relação de Guimarães. Passado o quê? Uma semana... está definido, é da igreja! O padre a seguir foi fazer a escritura, eles agora andam a fazer novamente um processo em tribunal

AL: mas há uma parte que não percebi, aquele processo que o João levou para a frente teve como objectivo “tirar a acção do tribunal”? Essa parte não percebi...

PB1: essa acção era a igreja e os compartes. Os compartes diziam que o terreno era baldio, os compartes não, o antigo presidente dizia que aquilo que era baldio e a igreja dizia que aquilo pertencia à igreja, se tinha lá as cruzes porque é que não era da igreja? Não é verdade? E eu fui dos principais logo que embargámos aquilo e fomos ver um advogado e aquilo foi para tribunal, fui um dos primeiros eu, disse logo “isto vai para tribunal, isto não pode ser assim, é da capela, é da capela, os santos não falam nem se sabem defender, nós temos de os defender nós”, foi logo. E o padre chegou-me a dizer “e as custas do tribunal?” “deixe as custas do tribunal, ao fim

depois vemos”... nós conseguimos arranjar dinheiro... e então isso foi para tribunal e esteve em tribunal. Sabe que um presidente quando entra pode-se retirar desse processo, sendo votado na assembleia... está a compreender?

AL: sim

PB1: e então eu fiz uma reunião para me retirar desse processo do tribunal

AL: mas já era presidente dos baldios quando começou essa...

PB1: não

AL: ok, ok, mas já era presidente depois, sim

PB1: não era presidente dos baldios não... o outro era presidente dos baldios e fez o processo à igreja, e eu sempre disse, mesmo nas reuniões e aqui que era ridículo entrar em processo em tribunal com a igreja, que afinal o terreno fica lá igual, ninguém lo leva, meu deus... o terreno está lá igual e ninguém lo levou ainda nem ninguém lo leva. Dizem “ah, isso é para a diocese” “não é da diocese, é da senhora da Penha o terreno, metam na cabeça...”. A diocese para que é que quer aquilo? Porque há uma capela, que nós temos ali uma capela que é como uma igreja, que é da EDP e a EDP ofereceu à diocese e a diocese disse “nós já temos capelas a mais” e não quis aquela e ia querer aquela? Que aquilo é uma capelinha que faz o quê? 25 m²? Ou 30...

AL: mas tem muitos pinheiros? Para haver essa luta toda...

PB1: não, aquilo não tem muitos pinheiros, mas eles queriam-nos cortar todos, nós decidimos que os pinheiros não os haviam de cortar, e lá estão os pinheiros

AL: mas são o quê? 20?

PB1: não, são mais de 20, são para aí cento e tal pinheiros, mas não os cortaram

AL: bem grande confusão...

PB1: uff, confusão e guerra. Mas aquilo fica sempre, sempre assim esteve e fica... só por dizer que o presidente dos compartes não pode dizer assim “vou fazer um corte acolá” sem pedir por exemplo à comissão da igreja. Eles têm de dizer assim “não, vamos falar com o padre e o padre tem uma comissão da igreja, tem um presidente, um secretário e essa coisa toda, vamos reunir e vamos conversar e depois...

AL: ah, agora estava a tentar lembrar-me de onde é que vinha este tema... já me lembrei, foi a tal reunião que havia cento e tal compartes

PB1: exactamente... e votaram 40 nessa reunião, mas depois eles não ficaram contentes e andaram para aí com as cadeiras no ar, não ficaram contentes quer dizer, votaram a favor 40 e tal

AL: aí foi nessa que as cadeiras voaram

PB1: eles achavam impossível... mas bom, nós também fomos finos, andámos pelas portas “tendes que estar na reunião, não é?”, uma pessoa também de ter um

bocadinho de olho aberto não é verdade. Passámos pelas portas e depois fizemos para aí uns papeis e começámos a botar, a espalhá-los por aí, começámos a espalhá-los por aí, que havia a reunião e que a reunião era da Senhora da Penha, que tinham de vir votar, ou a favor ou contra, nós não pedíamos para votar a favor, mas que tinham de vir votar, ou a favor ou contra e ao final a maior parte votou a favor daquele terreno. Eles meteram o processo em tribunal e eu tive uma conversa com o antigo presidente e o antigo presidente disse “de toda a maneira vocês já vão ficar sem o terreno porque nós já temos 100 assinaturas que dizem que aquilo que é baldio. Mas aquilo também não caiu na orelha de um surdo não é, não caiu não... eu fui ao advogado e então fizemos um cabeçalho a dizer que sobre aquele terreno há tantos anos que sempre se conheceu como sendo da Senhora da Penha e para votar ou sim ou não, e fizemos uma lista de assinaturas entre os compartes e já íamos em 160, dos próprios compartes de cá, que dizem que aquilo que é da Penha e emigrantes já temos cento e tal, que alguns são compartes, têm um número de eleitor, outros não têm, e já íamos a uma conta enorme...

Entre-Ambos-os-Rios: PE1

AL: quantas pessoas é que são compartes?

PE1: compartes é o eleitorado não é, são cerca de 600. É o eleitorado, mas que em termos de, quer dizer, há aqui um desfasamento enorme, e a lei agora veio, digamos assim, desvirtuar um bocadinho o espírito de... eu acho e sou da opinião, que o espírito anterior da lei era muito mais correcto, era mais correcto, porquê?

AL: adequado à realidade não é?

PE1: porque era dos que estivessem efectivamente a residir e que utilizassem a área baldia, e agora com a nova lei é do universo eleitoral, ou seja temos agora aqui emigrantes, isso ainda é como... mas pronto, mas segundo a lei agora é o universo eleitoral

AL: sim, e aquela questão também de que quem tem uma actividade agroflorestal na área da freguesia também passa a ser comparte

PE1: sim, pronto, embora estas questões presumo que vão ainda dar muito que falar e pode inclusivamente dar origem a alguns processos complicados

AL: eu acho que vai dar alguns processos, conheço um baldio em que já está a haver conflitos porque foi as eleições e depois votaram emigrantes e aquilo deu tudo ao contrário do que se esperava

PE1: pois, não favoreceu nada e não torna, digamos assim, real, não dá, porquê? Se o baldio é para uso e fruição de quem reside, porque faz sentido não é, porque as pessoas estão lá, precisam, aquilo a filosofia é para ajudar, digamos assim, a vida agrícola, um meio de subsistência também, não faz sentido estar a integrar aqui os emigrantes que não têm qualquer relação durante 11 meses do ano com a terra, mas pronto

AL: pois... por acaso, até soube pelos compartes, nestes dias que tenho estado por cá, que saiu um novo decreto-lei agora, e eu estive a lê-lo ontem, e eu até pensei que tocasse essa questão mas não toca, toca varias importantes mas essa não

PE1: eu acho que há aqui mesmo o interesse de fraquejar, de tornar mais fraca esta questão de, do baldio, e deste espirito que as pessoas têm relativamente ao baldio, e alargando digamos assim o grupo de pessoas que podem interferir no processo, pessoas que não têm necessidade que tem quem vive na comunidade, pessoas com outras visões e perspectivas em termos de mesmo de negócios e não sei quê, fraqueja um bocado isto, fragiliza... e pronto, eu acho que essa é a intenção, uma vez que se mantivessem o núcleo, digamos assim, de utilizadores e de possuidores do baldio, era difícil convence-los do contrário. Eu penso que isto tem a ver um pouco com isso. E já se fala de... acabar com os baldios, de... e esta questão de alargar o número de compartes assim desta forma tem a ver um pouco com isso

AL: pois... e vocês como compartes já desenvolveram algum projecto de florestação ou...

PE1: vários, vários. Nós já desenvolvemos muitos, todos eles em parceria, verdade seja dita, com o ICN, todos eles, e aproveitando os fundos comunitários existentes, fizemos limpezas, temos concorrido a essas medidas todas das ITI, tudo isso, recuperação de algum património edificado, casas de abrigo, os troncos de maneio, limpeza de caminhos, abertura de alguns caminhos, tudo isso nós aderimos

AL: e a florestação tem sido mais à base do carvalho ou também exploram o pinheiro?

PE1: sim, tem sido, o pinheiro, não há plantações de pinheiro, o pinheiro é espontâneo, praticamente é espontâneo e o pinhal em termos de reprodução, digamos assim, de reflorestação espontânea é fácil, acontece facilmente e tem uma taxa de sucesso enorme, por isso os projectos que existem são para outro tipo de árvores, carvalhos, outro tipo de plantas, eu nunca fiz plantação com pinhal

AL: mas tiram rendimento do pinhal, desse de regeneração?

PE1: sim, já fizemos, já fizemos, não é expressivo porque é como lhe digo, quer dizer, nas décadas anteriores foi tudo dizimado que, estarão agora, se não houver incidentes, daqui a dez anos estaremos aí a retirar uma receita considerável da regeneração natural

AL e faz-se alguma condução desses povoamentos ou não?

PE1: vai-se fazendo com... tenta-se fazer, embora é difícil [*? não se entende*] porque os custos são elevadíssimos não é

AL: e o ICN não entra nisso?

PE1: o ICN nos últimos anos tem tecnicamente ajudado na preparação das candidaturas e acompanha... efectivamente acredito que o ICN tem no processo um

papel qualquer na decisão, de aprovação ou de não aprovação da majoração, deves ter, é um Parque Nacional, há-de haver um critério qualquer, de certeza que há critérios em que diga “está dentro do parque” “ não está dentro do parque”, para digamos assim priorizar candidaturas em termos de decisão. E depois nós vamos fazendo as nossas acções de limpeza e tentar que elas sejam feitas junto dos aglomerados florestais e tudo o mais, para ordenar de certa forma, agora, a limpeza e o ordenamento nestes espaços é extremamente dispendiosa, porquê? Porque tem regras, nós não podemos usar maquinaria pesada, fazer mosaicos como se faz em muitas zonas do país, mosaicos... é impossível limpar a área florestal toda, é impossível, isso inviabilizaria qualquer projecto do ponto de vista económico

AL: devido ao..

PE1: claro, é o declive do terreno, nós é tudo manual quase, poucas são as áreas em que se pode fazer intervenção com máquinas, tractores e... portanto, uma situação que já se vem contando era eventualmente fazer mosaicos com buldózers, máquinas super potentes e que fizessem aqueles quadrados não é, para separar as manchas florestais para se ardesse uma podemos combater ali, digamos assim, diminuir a abrangência por exemplo de um desastre em termos de incêndio, mas isso é impossível, não se pode fazer, não podemos, estamos no Parque Nacional, não podemos fazer esse tipo de coisas

AL: ah, por isso?

PE1: é, nós estamos no Parque Nacional não podemos fazer acessos nem esse tipo de intervenções, limitamo-nos aos existentes e eventualmente a abertura de um ou outro mas isso é quase uma situação extrema ou radical. Nós tivemos um incêndio aqui em Ponte da Barca que veio até Terras do Bouro que ardeu na Serra Amarela e foi... só não tivemos, depois de semanas de arder é que foi possível meter uma máquina lá e mesmo assim foi quase à bruta sem autorizações porque é muito complicado

AL: estou a lembrar-me de uma notícia que falava precisamente do facto de os autarcas da zona do parque estarem furiosos por não poderem intervir e fazer caminhos

PE1: sim, sim, há muitos registos de incidentes dessa natureza, se procurar na zona do Soajo, nós aqui por exemplo em Lindoso, Terras do Bouro, quer dizer, há muitos incidentes desse tipo, em que os autarcas que são quem está com responsabilidades nessa matéria resolveriam de outra forma se não fosse estarem numa área protegida mas não podem, quer dizer isto tem como é obvio péssima... quer dizer, há que perceber que estamos num Parque Nacional, e eu também entendo que há aqui muitas coisas que têm de se manter diferentes, não podemos tratar tudo igual, senão também não era Parque Nacional, mas há que arranjar um equilíbrio na balança, porque o prejuízo tem sido enormíssimo e eu acho que há mais prejuízo do que benefício fruto de serem tão extremistas nesta matéria, acho eu, mas isso

AL: por acaso agora, vinha por Espanha, vim de Montalegre e vim por Espanha, e até às tantas pensei “já estou em Portugal?... não!”, olhei para a floresta e vi “isto é Espanha!”, que eles têm uns estradões bem largos no meio da floresta

PE1: pois têm, é isso, é esse tipo de intervenção, e aí de facto

AL: não é a coisa mais estética mas

PE1: sim, mas o problema é que isso tem resultado em termos de salvar mais área florestal, é claro que não é agradável, a mim também não me agrada ver aqueles mosaicos ali só que é muito mais eficaz no combate

AL: e eu até me deu a ideia que eles mantêm aquilo a crescer, que eles mantêm diferentes idades, lá está, o tal mosaico, porque pareceu-me ver lá umas plantinhas, ou seja, pareceu-me que eram pequenos pinheiros e depois grandes pinheiros

PE1: é, sim, isso é uma técnica, aliás isso há informação, a técnica de mosaico não é, é uma tipologia que existe no ordenamento florestal

AL: mesmo para a conservação da fauna

PE1: as grandes explorações florestais utilizam isso porque é como digo, estar a fazer ou pensar que se consegue limpar hectares e hectares e hectares de floresta isso, é que é assim, não podemos esquecer que a actividade florestal é uma actividade económica, e como tal tem de ser, a questão dos lucros e das despesas e que mais, e estar a limpar tudo é impensável. Nós aqui então no nosso território, então aí é para esquecer, não é, isso era para custos enormíssimos, não dá

AL: vocês têm muitas cabeças de gado lá na... agora estou a falar do baldio, mas depois também pergunto para o foral

PE1: sim, baldio e foral, temos mais no foral do que no baldio, como é alto, vai de encontro àquilo que já tinha dito anteriormente e temos, nós tínhamos nesta última digamos assim, contagem, tínhamos no foral penso que é 300 e tal cabeças, entre bovinos e caprinos, começa a ganhar mais expressão o bovino agora do que o caprino, e era ao contrário

AL: é porquê? Há subsídios para o bovino é?

PE1: tem a ver com os apoios é. Agora não sei porque isto, como levou aqui uma volta enorme em relação a essas questões, não sei em que é que isso vai resultar no futuro, a médio prazo

AL: vocês tiveram um grande corte?

PE1: nós da área, por exemplo, só para ter uma ideia não é, em termos de pastagem, que é a área que é considerada para essas candidaturas e tudo o mais, em termos de pastagem até aqui eram-nos considerados os 2400 hectares, isto no foral, e agora temos 420... é assim, eu percebo que nem toda a área será de pastagem, mas também não é como fizeram, porque os animais também fazem pasto no meio de pedras, embora eles digam que não, no meio de floresta, não em tudo, eu também percebo que 2400 hectares se calhar é exagero, mas o que se havia de fazer era uma, uma visão real da situação, e esse trabalho estava feito, esse trabalho existe, os técnicos

do ICN fizeram isso ao longo dos anos, mas o modelo que foi definido foi o IFAP que fez o trabalho e não escolheu os [? *não se entende*] feitos pelo ICN, aliás os próprios membros do ICN estão em desacordo com isso e já manifestaram, embora até fossem de certa forma impedidos de se manifestarem muito assim com grande, afirmarem muito porque muitos sabem, mas não corresponde de todo à realidade, agora o que é que isso implicou? Implicou que nós tivemos de fazer uma redefinição de áreas não é, porque até aqui tínhamos 2400 hectares para distribuir, não havia problema porque a área chegava. Com a redução brutal que houve tivemos que fazer uma redistribuição e a área não foi possível dar aquela que todos necessitavam para os animais que tinham e isso vai resultar, não tenho duvida nenhuma, numa diminuição do efectivo pecuário

AL: pois

PE1: vai resultar nisso

AL: e a importância da ITI também vai diminuir?

PE1: no meu caso não, porque as áreas depois, entra a área de pastagem e as outras áreas que têm outras classificações não tive redução expressiva que implicasse redução, mas sei de baldios que tiveram reduções significativas dessa nova reclassificação da área. Nós por acaso não vai ser o caso

AL: e há muitos jovens...

PE1: não

AL: com “jovens agricultores”

PE1: ah, aparecem alguns, há alguns jovens, mas poucos, não são lá muitos, a por projectos, e vamos ver também se não... porque esses projectos muitos deles foram... entraram mas ainda não foram aprovados definitivamente... ainda não está decidido isso. Quando forem decididos, eu espero bem, a não ser que apareçam mais jovens a meterem candidaturas, mas já para os que estão em candidatura ainda consigo meter área, mas se amanhã me aparecerem imagine, mais 3 ou 4 ou 5 posso correr o risco de “não posso porque não há área disponível”. Normalmente uma candidatura dessas, daquilo que eu sei, implicava a distribuição de 40 hectares de área de pastagem, é impossível não é, porque 40 hectares, se aparecessem 10... bastava 10 projectos desses, no nosso caso concreto 400 hectares... e o resto? Isso vai criar muitas limitações, eu não sei se eles vão mexer nisso ou não mas se não mexerem, na área do Parque Nacional vai limitar muito a actividade de pastorícia, vai limitar muito... há quem diga que pronto, que isso tem a ver com políticas de canalização de verbas para o Alentejo e outras coisas. Isso diz-se... é assim, tecnicamente eu não tenho fundamento para dizer isso, não é, o que é certo é que teoricamente e a gente olhando assim esses pormenores técnicos faz sentido, porque no Alentejo, naquelas zonas, lá é muito fácil conseguir áreas enormíssimas de pastagens, na montanha com os critérios que eles definiram realmente é difícil, se tirarem zonas de pedra, zonas de floresta... se tirarem isso então o que é que sobra? Quer dizer... mas os animais desde datas imemoriais que

AL: os cortes foram a nível nacional não é? Não foi só no Parque

PE1: aquilo tem a ver com uma imposição comunitária e que Portugal era obrigado a cumprir isso... tudo bem, não duvido que sim, mas há ali possibilidades de em alguns momentos de criar excepções. E depois também há mais uma questão, quer dizer, a verba desses números para Portugal está definida, já foi definida e o bolo é aquele. Depois a distribuição cá dentro também depende um pouco do Estado, estar a passar essa responsabilidade para a Europa, quer dizer isso soa-me um bocadinho estranho, mas também isso às vezes são coisas muito técnicas que às vezes nós não estamos a ver pormenores que eles poderão estar a ver. Teoricamente, e a primeira análise que faço é que é assim, na zona do Parque Nacional se mantiverem estar regras criou-se aqui um mecanismo e um fenómeno para diminuir efectivamente a pastorícia, disso não tenho dúvida nenhuma

AL que é a principal actividade

PE1: que é... pronto, claro que são os apoios que dão sentido a esta dinâmica... se eles vão à vida... não é? Por isso vamos ver... estamos cá expectantes

a relação entre o CD e outras instituições como o ICNF, a Junta, a Câmara, é uma relação de cooperação, uma relação conflituosa

PE1: sim, no meu tempo de responsabilidade da gestão tem sido de parceria, depois há umas *nuances*, há assim umas discrepâncias pronto, o baldio, percebo, há muitos anos, há muita gente que não percebe, fala-se mas não percebe o que é o baldio, e isso cria algumas resistências relativamente a alguns assuntos. Dou-lhe um exemplo, uma das coisas que nós ultimamente temos discordado nalgum sentido é por exemplo os trilhos, os trilhos que se fazem, que se promovem e tudo o mais, e depois a responsabilidade de quem tem que manter, como e a que recursos se recorre para isso, e depois esquece-se essa parte, e há aqui uma falta de articulação embora, no nosso caso, a Câmara já fez protocolos com os CD dos baldios no sentido de assegurar e custear a manutenção dos trilhos, mas ainda há algo a fazer nessa matéria. Eu acho que por exemplo, a criação de um trilho nesse território, nos territórios devia ser acompanhado desde a ideia pelas duas entidades, não é, por exemplo... e depois também não havia de ser possível que se promovesse ou se candidatasse um trilho sem ouvir, digamos assim, quem está à frente da gestão do território daquele espaço, porque pode haver aqui algumas limitações, mas isso é possível, quer dizer, a Câmara ou o ICNF, promoviam a candidatura a um trilho para ligar por exemplo Ponte da Barca a Lindoso, e pronto, faziam, era provado, tudo bem. Mas quando ia para a implementação começava a esbarrar em tudo quanto é lado não é, nas populações, nas entidades gestoras, depois como é que se deve manter isto, de quem é a responsabilidade, de quem não é a responsabilidade, pode passar por aqui, não pode passar por... e isto não é, não é... e aí, como isto agora é uma actividade muito procurada, os trilhos, acho que vai haver aqui um espaço em que vai haver algumas resistências e dialogo, trabalho a fazer

AL: há mito turismo aqui pelos baldios?

PE1: sim, há

AL: e não há aproveitamento desse turismo pelos baldios?

PE1: exacto, outra das questões que nós temos que encontrar algumas filosofias, algumas técnicas de que efectivamente fique algum recurso cá, por exemplo nos trilhos, não há ainda estrutura organizada a não ser só, por exemplo, se for uma empresa que [*? não se entende*] e que promova essas actividades pelo simples facto de ter que ter uma licença, um alvará, um licenciamento, pronto, já teve que pagar alguma coisa, mas pagou ao ICN ou à entidade, aqui não deixou nada quer dizer, para as entidades gestoras no terreno não fica nada, e depois vêm empresas promover essas actividades, vendem, é um produto que vendem, e depois aparecem “epa, mas aquilo cada dia está mais limpo, a manutenção não é feita como deve ser” não sei o quê. Eu já dei aqui uma sugestão que se havia de reunir com esses operadores, não é, porque eles vendem um produto, e legislar [*? não se entende*] de alguma forma a manutenção daquelas estruturas... não há nada que os obrigue, porque eles com o licenciamento que têm estão autorizados, digamos assim, ao exercício da actividade, o que é certo é que isso em termos da manutenção das estruturas que eles vendem não é, que é o produto que eles vendem, eles não assumem responsabilidade nenhuma. E eu acho que era interessante eles terem aqui algum compromisso de assumirem custos relativamente... é quase como eu ter uma casa, eu tenho que a manter para a explorar... e eles, o que é que vendem? Vendem os trilhos, vendem as lagoas, vendem isto tudo, eu não sei se é suficiente considerar como suficiente o licenciamento como garante de ter isso tudo à disposição

AL: mas eles pagam x à câmara, uma taxa?

PE1: não, aqui não pagam nada, pagam ao ICN, eu não sei será suficiente considerar isso como garante de ter à disposição estas estruturas todas para explorarem, para mim parece-me pouco... mas o que é que estas empresas usam, claro que eu como dirigente, quero sempre ter aquilo tudo muito bem apresentado, o presidente da câmara também lhe interessa ter aquilo muito bem apresentado, interessa-lhes ter turismo na região, eles sabem disso e então intitulam-se como umas pessoas muito preocupadas e muito atentas e muito não sei quê “e aquilo está assim, e devíamos fazer assim”, claro, por trás, a ideia é ótima, é excelente, entra, agrada, mas por trás disso está que eles querem é ter condições para explorar, para venderem o produto deles, e aqui, eu acho que neste campo ainda falta tratar isto e que isso resulte efectivamente, que fique algum para as entidades gestoras, quer dizer, que algo fique lá, que não fique só, pronto, na entidade central, parece que pode estar a ser um bocadinho absurda esta ideia, mas não é porque depois por exemplo eu sei que às vezes, por exemplo se estivermos numa situação de rotura, e depois podemos dizer assim “oh, a Câmara até nem faz protocolo nenhum com a entidade de lá, vai contratar uma empresa fora e manda limpar aquilo”, mas o território não é deles, e depois acabamos num processo em que não se percebe como é que estas entidades, muitas delas entram em choque e em rotura, entram por isto. Porque efectivamente se pagarem, eu acho que se deve sempre pagar a quem está lá, e ajudar quem está lá. Mas às vezes quando se entra em rotura depois faz-se este tipo de coisas, que não resultam bem... que não resultam bem porque, e acaba-se até por gastar mais dinheiro, mas não resultam bem porquê, tudo bem vai lá uma empresa, mas nós é que estamos cá, nós é que estamos a gerir isto, e como é que isto vai ser? Depois entra-se nesta discussão “mas isto é nosso, não é vosso”, e tem sido isto que criou este espírito de revolta muitas vezes no ICN, no Parque e na população. Mas

genericamente, e eu tenho que reconhecer isto, no global tem sido positiva, atendendo a estes constrangimentos todos, a acção e a articulação entre o Parque, ou o ICNF, e as populações (?), até acho que era pior há uns anos atrás, os técnicos são disponíveis, bem formados, conhecem o território como ninguém, têm tido, na minha opinião, falta de recursos para dar resposta a tudo isto, pronto. É uma estrutura muito burocrática, muito pesada em termos de actuação. Por outro lado também presume-se, presume-se não, não tem grande autonomia financeira, ou seja o ICN, não é o ICN que tem que fazer o orçamento para gerir, e isso limita porque entendo que, tecnicamente, eu não tenho duvida nenhuma que está muito bem dotado o parque, de técnicos conhecedores do terreno como ninguém, bem intencionados e muito capazes, falta aqui capacidade de resposta para a dimensão que se quer dar a um parque ou a um Parque Nacional. Aí falta, aí falha, e... mas pronto, agora de resto tem sido positivo

AL: e esse tipo de questões, dos percursos e do mais que tem sido referido, também se reflectem no foral?

PE1: sim, sim... aliás temos vários percursos de pedestrianismo e não sei quê, uns que começam no baldio, acabam no foral, passam por outros baldios, passam por, aliás Terras do Bouro que liga a Lindoso, pronto, temos muitos não é, embora é o que eu digo, quer dizer, esta falta de articulação pode resultar um dia que eles comecem a ficar degradados e não estarem tratados e pronto, isso é que eu acho que era interessante articular aqui uma estratégia de parceria com esta gente toda, chamar aqui a este processo os operadores para eles se vincularem de alguma forma também a isto e pronto

AL: pois

PE1: não, mas sabe que é assim, eu já estive esta experiencia com operadores até que estão lá e até os de fora, pessoas que chegaram lá, compraram uma casa e depois começaram a dinamizar este tipo de actividades, não é, de vender produtos, pacotes, trilhos e não sei quê, e a abordagem era sempre esta, de uma pessoa muito preocupada com a natureza, de uma pessoa atenta, muito zelosa e tal “podíamos fazer isto, ficava bem assim e tudo o mais”. É claro que tudo é uma conversa, este tipo de discurso é aceite em qualquer lado e muito mais para quem é por exemplo Câmara, ou para quem é não sei quê, que quer promover o turismo na zona do Parque Nacional, só que, quer dizer, nunca falavam nisto na óptica comercial, quando o que eles faziam, com este reconhecimento todo que eu lhes dou agora, componente ambiental e este interesse todo, era um negocio daquilo

AL: claro

PE1: não é? Como tal acho que a disponibilidade deles devia ser outra, e o compromisso para com o território e para com as infraestruturas instaladas devia ser outro, que as envolvesse mais, não só de reclamar por melhores condições

AL: pois, se calhar tem mesmo de partir mesmo daqui...

PE1: é, não sei, tem de se ver como é que se pode lá chegar

AL: está bem... já me disse quantas pessoas estão no Foral? Já...

PE1: no foral

AL: ah, são cento e tal famílias

PE1: é assim, os cento e tal são os herdeiros originais

AL: exacto, agora é que já deve estar nos 900 e tal, pois, pois, pois

PE1: eu acho que o ultimo registo que fizeram, não sei bem com que critérios, aproximado ia nos 800 ou assim, mas não chegaram a concluir, precisamente pela dificuldade de chegar aos herdeiros, e os que estão emigrados e não sei quê... e também por aí é que depois é a associação que paga as contribuições e tudo, porque era impossível estar a fazer a divisão pelos herdeiros não é? Eu como herdeiro posso reclamar digamos assim a sucessão por herança da quota-parte que me pertence, não é, dos 2400 hectares, só que isso é quase impossível, e então assumiu a associação no seu todo a responsabilidade de pagar essas questões

AL: com os dinheiros também dos sócios não é? Há uma quota com certeza

PE1: é assim, tiveram na altura da constituição mas não há obrigatoriedade de pagamento de quota, não é... porque é assim, se não fosse... porque isso é uma questão de gestão, porque ninguém perde o direito por não pagar quota, porque aquilo é hereditário, não é, é uma herança, e ninguém pode ficar impedido de aceder à sua herança só porque não pagou uma quota numa determinada associação não é. Aquilo é uma questão voluntária e de gestão. O objectivo da associação foi garantir que se criariam mecanismos de angariação de receitas para fazer face às despesas que existem e que vão existindo, para não acontecer por exemplo aquilo que aconteceu à data dos tais 150, que tinham a questão contra o Estado a resolver, e se calhar até houve aqui uma coisa interessante que é, foram se calhar excluídas famílias na altura que não tinham recursos e que então não puderam ir à defesa da propriedade, se calhar isso também não é muito correcto, não é, as pessoas já moravam lá na altura, eram de lá, mas como não se chegaram à frente, como se costuma dizer, para a defesa, eles, o povo, que lá estava decidiu "pronto, atenção que os direitos desta propriedade ficam para quem sustentar e pagar". Para evitar um pouco isso não é, foi criada a associação, e a associação representa um universo de...

AL: acaba por ser formada se calhar na altura das ITI não?

PE1: uuuh, a associação não, foi mais cedo, a associação não sei se foi em 1995, foi na década de 90 que a associação foi formada

AL: no foral não há nada dividido pois não? Nem para agricultura nem nada, para quem usa

PE1: dividido como?

AL: com muros, tipo privatizado

PE1: existem propriedades privadas

AL: de pessoas que têm direito ao foral não é?

PE1: sim, também

AL: ok... ou arrendam?

PE1: tem propriedades privadas, que tem floresta, que tem pastagem pelo meio, e têm como herdeiros também direito à propriedade comunitária, chamemos-lhe assim

AL: ah, nem toda a área dos 2000 e tal hectares é comunitária... ou não percebi?

PE1: não, esses 2000 e tal hectares são comunitários, além disso também há área privada não é

AL: ah, que já não faz parte do foral ou faz?

PE1: sim, está dentro da... digamos assim da delimitação da foral, foral o que é que é? É um perímetro pelo exterior e depois dentro aí há propriedades privadas, mas a área comunitária são 2400 hectares

AL: pois, exacto. Aquilo [o foral] não está vedado pois não?

PE1: não

AL: e aqui, tal como é o caso do senhor Inocêncio...

PE1: tem marcos

AL: aí são marcos, não é as cruzeiras nas pedras como já vi em Montalegre

PE1: sim, tem algumas cruzeiras, tem marcos, tem cruzeiras, tem... aliás há um documento em que fala disso tudo, o marco tal, o marco não sei quê onde estão várias cruzeiras, mas pronto, tem assim uma...

AL: e já tem levantamento topográfico...?

PE1: sim, sim, isso foi feito depois pelos técnicos do parque, fizemos um levantamento com o GPS, a delimitação toda da área

AL: há casos de... portanto, uma pessoa que faça parte do foral também tem direito ao baldio da sua... ou da sua freguesia ou da sua aldeia, depende

PE1: hmm, não... isto já tem, isso já tem tanta história que as pessoas já percebem que, as pessoas de Lourido, Froufe e Ermida é na Foral que têm... e os outros, os de Lugar de Igreja, Sobreiro (Severedo?) e Tamente é área baldia

AL: qual é essa freguesia?

PE1: agora é assim, agora também implicou a questão, agora isso também não foi pensado porque isso ainda não foi sentido no terreno, face à Lei, se o universo de compartes é o universo eleitoral, parte-se do princípio que sim, mas lá está a prova de que não faz sentido

AL: mas nos usos e costumes já não

PE1: já está a questão que a lei não faz muito sentido, porque nem as próprias pessoas sentem esse direito, elas estão disciplinadas naquele espirito e não reclamam ainda esse direito, não sei se amanhã, o oportunismo e tal...

AL: as outras gerações

PE1: não sei quê, outras gerações, não poderão vir reclamá-lo, mas lá está que a Lei não é coincidente com o uso e costume em prática no território, os Louridos, da Foral, não costumam nem vêm reivindicar direitos de baldio. Porque isso estava disciplinado, desde os nossos antepassados, eles já sabiam, para pastagem os dali podiam usar aquelas áreas e os outros aquelas, e não há história de utilização diferente dessa, agora com a alteração da Lei a verdade é que se um dia me aparecer um problema desses eu vou ter dificuldade em decidir, e se calhar vamos entrar aqui num diferendo, mas não sei, vamos lá a ver

AL: as próprias aldeias fazem parte do foral? Essas aldeias foram formadas devido a esse foral...? Lourido, Froufe e Ermida...

PE1: se calhar já existiam, não sei, se calhar existiam as aldeias mas existe povoação no interior não é, são 3 lugares, o próprio foral, Foral dos Montes de Ermida, Lourido e Froufe, ou Froufe, Lourido e Ermida, não sei qual é a ordem

AL: pois eu perguntei isto mais por causa daquela questão dos terrenos particulares que estão dentro do Foral, que já devem existir também há muito não é, se calhar já nem há memória, mas são destas aldeias não é?

PE1: sim, são de pessoas dessas aldeias

AL: está bem... já me disse quantas pessoas estão no Foral? Já...

PE1: no foral

AL: ah, são cento e tal famílias

PE1: é assim, os cento e tal são os herdeiros originais

AL: exacto, agora é que já deve estar nos 900 e tal, pois, pois, pois

PE1: eu acho que o último registo que fizeram, não sei bem com que critérios, aproximado ia nos 800 ou assim, mas não chegaram a concluir, precisamente pela dificuldade de chegar aos herdeiros, e os que estão emigrados e não sei quê... e também por aí é que depois é a associação que paga as contribuições e tudo, porque era impossível estar a fazer a divisão pelos herdeiros não é? Eu como herdeiro posso reclamar digamos assim a sucessão por herança da quota-parte que me pertence,

não é, dos 2400 hectares, só que isso é quase impossível, e então assumiu a associação no seu todo a responsabilidade de pagar essas questões

AL: com os dinheiros também dos sócios não é? Há uma quota com certeza

PE1: é assim, tiveram na altura da constituição mas não há obrigatoriedade de pagamento de quota, não é... porque é assim, se não fosse... porque isso é uma questão de gestão, porque ninguém perde o direito por não pagar quota, porque aquilo é hereditário, não é, é uma herança, e ninguém pode ficar impedido de aceder à sua herança só porque não pagou uma quota numa determinada associação não é. Aquilo é uma questão voluntária e de gestão. O objectivo da associação foi garantir que se criariam mecanismos de angariação de receitas para fazer face às despesas que existem e que vão existindo, para não acontecer por exemplo aquilo que aconteceu à data dos tais 150, que tinham a questão contra o Estado a resolver, e se calhar até houve aqui uma coisa interessante que é, foram se calhar excluídas famílias na altura que não tinham recursos e que então não puderam ir à defesa da propriedade, se calhar isso também não é muito correcto, não é, as pessoas já moravam lá na altura, eram de lá, mas como não se chegaram à frente, como se costuma dizer, para a defesa, eles, o povo, que lá estava decidiu “pronto, atenção que os direitos desta propriedade ficam para quem sustentar e pagar”. Para evitar um pouco isso não é, foi criada a associação, e a associação representa um universo de...

AL: acaba por ser formada se calhar na altura das ITI não?

PE1: uuuh, a associação não, foi mais cedo, a associação não sei se foi em 1995, foi na década de 90 que a associação foi formada

Germil: PG1

AL: pois.... enfim. Em que tipo de coisas é que vocês têm usado o dinheiro que sobra das ITI? Também usam no melhoramento da aldeia ou...?

PG1: não... esse dinheiro para já só se aplica ao baldio, recuperação de pontos, não é, de pontos que existem, de ribeiros

AL: pontos é o quê?

PG1: pontes, pequenas pontes não é, para passar os animais, as pessoas a pé, nalgumas até passam tractores e os antigos carros de bois, porque a água todos os anos, os regueiros, no inverno danificam, então temos de os manter, às vezes os suportes de caminhos, a recuperação, melhoramentos próprios dos caminhos, pronto, usamos nessas coisas

AL: pois... e quer dizer, se não houvesse ITI...

PG1: não se podia fazer

AL: isto já está dentro do parque não é?

PG1: já, já

AL: portanto há algumas coisas que não podem fazer não é? Ou não? Tipo eólicas e...

PG1: exactamente, nós tínhamos um... digamos um projecto para um parque eólico e por estar numa zona protegida impediram-nos de realizar esse projecto que era uma fonte de rendimento, não é... não tem nada a ver com ITI não é, não tinha nada a ver com ITI

AL: pois, mesmo quando estava ainda na Junta se calhar já tinha havido essa...

PG1: sim, nessa altura já eu estava na Junta já, estamos a falar... na altura acho que era... foi antes da constituição do CD mas depois de já termos constituído o CD ainda se... ainda se, digamos, estava a tentar esse, a implementação desse projecto

AL: pois, qual é que é a... desculpe interromper, qual é a relação que vocês têm com o parque ou com o ICNF, como compartes e como...

PG1: é assim... o parque, o ICNF agora, mas antigo parque embora toda a gente

AL: continua com o parque, parque...

PG1: a relação já foi assim-assim, foi menos boa, ou má, nessa altura em que quisemos levantar os parques eólicos... neste momento não há parque, não há director, digamos, parque enfim... somos nós que dizemos. A relação com alguns técnicos, e essencialmente com os técnicos que andam mais por aqui, neste momento é boa porque também se percebe que o parque, aquilo que nós... aquela...sei lá, aquela imagem que tínhamos do parque neste momento percebeu-se que o parque nada mais era do que um órgão que recebe, que é subordinado, digamos, subordinado, portanto as ordens vêm do nosso governo. E eles até agora, para nós percebermos melhor isso, não há director do parque, não há... não há nada não é

AL: pois, agora é assumido que assim é, é assumido que vem lá tudo de Lisboa

PG1: portanto mais uma vez se percebeu que são os nossos governos que assim querem e... havia aquela ideia "é o parque" e não sei quê... vamos lá a ver, o parque... é, é mais um subordinado do governo

AL: pois

PG1: do ministério da...

AL: e essa mudança para deixar de haver um director do parque e passar a haver um director das florestas do norte, não é? E das áreas protegidas do norte, foi pior ou...?

PG1: foi, foi pior. Nós pelo menos tínhamos a possibilidade, embora... e nós percebemos isso ainda com o ultimo director... o ultimo não é, não houve mais

AL: o Lagildo

PG1: sim, o Lagildo. Percebemos isso, que eles pouco podiam fazer... pouco podiam fazer, não sei se faziam se... nós até às vezes achávamos que não... era levar as nossas

pretensões a Lisboa, não sei se o faziam. Se calhar alguns não faziam, outros fariam. Mas em Lisboa, elas se lá chegavam digamos... morriam ali na gaveta, se lá não chegavam... também não chegavam, mas de qualquer forma, mesmo se chegassem não me cheira

AL: então acha que estar dentro do parque acaba por ser uma coisa não muito positiva para vocês...?

PG1: não... de momento... é assim, quando a nós, Germil, não temos nada positivo. Agora vem-me dizer “ah, vocês podem se candidatar às ITI, fazer melhoramento das pastagens e...” sim, mas se não estivéssemos dentro do parque tínhamos uma fonte de rendimento ainda maior, dentro de uma área protegida... voltamos sempre ao parque, tínhamos o poder, ou tínhamos possibilidade de ter outras fontes de rendimento, mais fiáveis, porque isto depende sempre do político não é? Hoje há, amanhã não há, nós sabemos como isto funciona. Portanto... enfim, não temos nenhum benefício, digamos, por isso

AL: pois... a floresta aqui não será muito bem vista, ou será? Imagine que agora de repente o baldio agora decidia, o baldio isto é, os compartes decidiam... decidiam não, propunham uma florestação, aqui a população acha que ia estar de acordo, ou...

PG1: é assim, feita pelo baldio sim, agora se falasses que o ICNF ou pelos SF vir cá fazer.... Não. Isso as pessoas continuam mesmo assim a ver isto como um património que lhes pertence e que deve ser gerido por elas, por nós, não é, por nós... compartes e não pelo... digamos por nenhum órgão exterior

AL: pois. E o facto de a floresta tirar área de pasto não seria...

PG1: não, até porque já não há muitos animais e como já não há muitos animais... claro, que se quiseses cobrir tudo, aí pronto, se calhar é natural que as pessoas queiram continuar mesmo assim, aquelas que podem e que querem ter os seus animais. Mas, mesmo o projecto que fizemos e que foi dado a conhecer e não houve oposição nenhuma...

AL: o que é que acha que os podia aguentar aqui [aos jovens]?

PG1: seria... pronto, seria a criação de algumas facilidades na agricultura, que não tem acontecido ultimamente

AL: facilidades da parte de

PG1: do... é assim a agricultura é a única coisa que... é a única coisa que nós podemos aqui fazer, no local... não é? Só que de qualquer forma tem-se burocratizado um bocado nas formas de manter, pronto. A seguir a isso seria a criação, não em Germil, isso eu concordo, mas... dentro do concelho, se calhar em Ponte da Barca, criar mais alguns locais onde pudesse haver indústria para os jovens ali trabalharem estando perto das suas casas não é. Porque se forem trabalhar para Braga ou Viana ou Porto já é complicado, digamos, já vão viver lá, então seria uma forma de se manter em Germil. Claro, o turismo por exemplo é uma das coisas em que se poderia apostar

mas aí lá está, os jovens para apostar também precisam de ter com quê, não é? Dinheiro... e eu continuo a dizer, também é muito burocrática a... estávamos há bocadinho a falar dos baldios e etc., as coisas são bastante burocráticas, para se conseguir uma coisa, para... recuperação de casas e etc., pa, muita burocracia muita coisa e as pessoas muitas vezes desistem porque aquilo é difícil, é... não é? E isso...

AL: pois, acredito que sim

PG1: não, porque... já aconteceu aqui no concelho, várias casas dessas para turismo, e outras que não foram para turismo mas para as pessoas e que houve um apoio de 50%, só que a forma que tinha de se fazer e as exigências e toda aquela burocracia houve pessoas que desistiram e que deixaram “opa, não vamos estar para isto, nunca mais chegamos lá”, mas pronto, com teimosia e com trabalho, enfim, isto é aquilo que eu estava a dizer, o baldio para fazer tem de ter dinheiro, e para o particular é a mesma coisa, se não tem dinheiro para pagar “ah, toma lá um apoio de participação de 50%”, por exemplo, mas se a pessoa não tiver os 100% para fazer a obra não pode fazer

AL: pois, pois, tem de andar a pedir crédito e não sei quê

PG1: mas isso já sabemos como funciona, depois quando se chega no fim já é um descontrolo e é isso que o Estado devia... o Estado nem sabe que isto existe não é

AL: pois (RISOS)

PG1: e vocês aqui não têm nenhuma... sei lá, associação local ou de desenvolvimento local que vos ajude nessas candidaturas, porque eu imagino, sei lá, eu acho que não era capaz de atender a toda a burocracia

PG1: aí, portanto, na última recuperação que se fez aí foi a ADRIL

AL: a ADRIL...

PG1: de Ponte de Lima, que esteve envolvida.... Mas de qualquer forma, e isto claro que ajudou, também era difícil sem a ajuda de alguém... só que pronto, são aquelas coisas que ali poderiam ser mais facilitadas

AL: claro. E por exemplo, nas candidaturas às ITI; vocês fazem sozinhos ou também têm uma associação que dá apoio?

PG1: temos... é assim, acho que há outras pessoas, nós trabalhamos com a associação, com a Atlântica, e são eles que nos apoiam, tem que ser, porque senão é difícil

AL: imagino... eu estive lá com a Sandra, ela mostrou-me o *dossier*... a quantidade de papelada que aquilo tem, a quantidade de linhas para preencher

PG1: é, aquilo é muito trabalhoso, é o que eu digo, há burocracia a mais, se calhar há coisas que facilitam demais e outras que... que... é aquilo que eu digo, se as pessoas não forem corajosas, não forem determinadas às tantas desistem, “oh, que se lixe”, pronto

AL: sim, é isso, por isso é que eu acho que às vezes era bom que, já que a coisa está a este nível de complexidade, porque está, eu também acho que a burocracia é um exagero, então era bom que pelo menos houvesse aqui associações locais que dessem esse apoio, embora isso também envolva dinheiro

PG1: e vai havendo, é o que eu digo, claro, só que para isso há custos

AL: pois, ou tem que se ser socio ou tem de se pagar pelo serviço

PG1: tem de ser sócios e há serviços que têm de ser pagos, é natural, todos nós sabemos que nada pode ser com todas as facilidades, mas também há burocracias que podiam ser dispensadas

AL: pois... então a vossa relação com as outras instituições, tipo com a Junta, Câmara, em termos de gestão do baldio é...

PG1: sim, não há conflito, digamos... não há conflito

AL: mas também não há cooperação ou qualquer tipo de protocolos...

PG1: não, não, não...

AL: pois... nem com a Junta?

PG1: nem com a Junta

AL: e existe alguma outra associação aqui na aldeia? Já vi em outras aldeias que existe uma associação de desenvolvimento cultural ou social, mesmo dos próprios habitantes...

PG1: não, só a associação de moradores

AL: e esta associação pretende o quê? Defender...

PG1: exactamente, digamos, ...

AL: junto da Junta não? E da Câmara

PG1: e não só propriamente da Junta, e da Câmara e não só, foi criada com essa, com esse propósito não é

AL: e já existe há muito tempo?

PG1: não... talvez dois anos acho eu

AL: sentiram alguma necessidade disso...

PG1: sim, com a extinção das freguesias, a saída das Juntas e etc. achámos que devia haver alguém que defendesse os interesses das pessoas, pronto

AL: a Junta actualmente é qual, a freguesia... é Germil ou...?

PG1: não, a freguesia agora é união de freguesias

AL: que é com quem?

PG1: Entre-Ambos-os-Rios, Ermida e Germil

Lindoso: PL1 [recusou gravação]

PL1: Uma coisa que ele disse que eu estranhei um bocado foi que é o Parque quem gere as candidaturas aos fundos comunitários, portanto às ITI. Que é o parque na pessoa do Carlos Pinto. Eu falei-lhe da Atlântica, do SBTMAD, e ele disse 'então mas o Carlos Pinto também trabalha na Atlântica'. E eu até acredito, aliás eu lembro-me de qualquer coisa que a Sandra disse que a Atlântica é especial nesse sentido, trabalha com o parque, ou uma coisa do género. Trabalha com o parque, portanto se calhar hoje em dia tem outros tipos de trabalho mas se calhar inicialmente surgiu para dar apoio nestas questões das candidaturas que são principalmente relativas a zonas protegidas e ao PNPG. E portanto ele diz que oficialmente é o parque que faz as candidaturas. E inclusivamente em tempos o parque entrava com dinheiro, mas em tempos o parque foi bastante interventivo e geria dinheiro em prol das comunidades locais e da gestão do território do parque. Isto até está conforme o que tenho ouvido em outros baldios.

Como rendimentos do baldio verifica-se que aqui no baldio da freguesia de Lindoso se faz o aluguer de partes do baldio às tais empresas, portanto à PT, à Renascença, à EDP, por aí, portanto entra dinheiro a partir daí. Por outro lado há os projectos comunitários, como as ITI e outros incentivos comunitários. A equipa de sapadores, que também têm uma equipa de sapadores que foi cedida então pelo parque que dá também uma parte do dinheiro.

TERRAS DO BOURO

Campo do Gerês: TC1

AL: e chegaram a... desde há 15 anos que começaram a candidatar-se a subsídios?

TC1: não, só nos dois últimos quadros comunitários

AL: mesmo... ok... e têm também, também usufruíram das ITI?

TC1: sim, foi através de... aliás, foram as ITI que nos vieram desafiar, ate porque havia uma certa relutância em aceitar fosse o que fosse do Parque Nacional, aqui criou-se uma aversão grande a tudo o que era administração ou gestão do Parque Nacional. Mas com as ITI foi criada a estrutura local de apoio (ELA) que fez um bom papel e era importante que continuasse, é pena que tenham mudado da forma radical como mudaram, mas esta primeira... há dois... no quadro anterior, não, no penúltimo... houve uma aproximação, fizeram-se aqui umas intervenções mínimas, dirigidas... no fundo o que se passou foi... foi essa ELA definiu o que é que era

importante fazermos e veio propor a realização dessas actividades com a garantia que não havia custos e o benefício era obvio

AL: quando está a falar de actividades está a falar de limpezas, e... plantações se calhar...

TC1: sim, no âmbito das medidas silvoambientais e ali era para protecção de núcleos, tanto de pinhal como de carvalhal, foi uma primeira intervenção

AL: ai também de pinhal?

TC1: sim, foi uma primeira intervenção... no último quadro é que... até porque essa primeira experiencia correu bem, eu sou só presidente da associação há 4 anos, e então como a anterior direcção me explicou que havia... que tinha corrido... da forma como tinha corrido essa primeira experiencia, avançámos para uma segunda, e nesta segunda fomos nós que conduzimos o plano de... a realização do plano de gestão

AL: ah, sem qualquer ajuda da ELA ou foi com uma associação?

TC1: não, com a ajuda deles mas nós contratámos o serviço de uma associação loc... distrital de produtores, que é a ADEFM, a associação de defesa da floresta do Minho, e a quem expusemos... porque entretanto veio uma proposta de plano de gestão que foi registado, porque entretanto havia ali algumas actividades com as quais não concordávamos, aquilo foi a nível nacional, se não era chapa 5 era quase e... havia ali algumas coisas com as quais não concordámos e outras que pretendíamos e que não estavam lá contempladas, então rejeitámos esse plano que foi feito e fizemos a revisão de acordo com o que era nosso interesse e com base nisto fizemos nas ultimas ITI... o plano foi elaborado por nós, ao contrário do primeiro em que a ELA apresentou “era bom que fizessem isto...”

AL: ah, eu achava que tinha de ser sempre assim, pois

TC1: pronto, aqui fomos nós que fizemos ao contrário... “queremos fazer isto”, e apresentámos, fizemos o plano e foi aprovado... até porque estava de acordo com o plano e entretanto envolvemos também o engenheiro do Parque Nacional que está também nessa estrutura

AL: o Carlos Pinto?

TC1: o Carlos Pinto, e ele também, claro, foi dando o apoio, aliás eu lembro-me, quando estávamos a fazer a candidatura para os investimentos não produtivos (RISOS) é um episódio castiço em que pela primeira vez me sentei, eu contava ao resto ..., sentei-me ao lado do inimigo, eu dizia-lhe “quero isto” e o inimigo “sim senhor”

AL: (RISOS)

TC1: (RISOS) estar sentado na secretária, na mesma secretária... então estávamos lá na plataforma a fazer aquilo online, e ele estava a marcar onde é que se ia fazer a limpeza de trilhos, a recuperação dos abrigos e bebedouros e dos currais, e então “vamos fazer isto assim...” e tal... e então ele... eu é que lhe expliquei, porque

tínhamos feito uma reunião previamente e tínhamos já as coisas definidas e... mas foi, foi castiço essa... enquanto que até aqui temos andado... “nós queremos ver isto...” (RISOS)

AL: exacto, houve uma mudança de papéis

TC1: e foi... neste último projecto, tivemos um... aliás, tivemos dois projectos, um INP e outro no âmbito das medidas agro e silvoambientais... nas agroambientais fizemos a valorização de pastagens e nas silvoambientais fizemos limpeza e adensamento e noutros sítios fizemos a plantação em áreas que já tinham ardido há uns anos atrás e aí fizemos... uma delas, essa tal experiencia que lhe contei dos sobreiros

AL: sim, sim. E no meio disso tudo, da questão dos incêndios e tudo o mais, qual é que tem sido o papel do ICNF? Ou seja, é uma instituição com a qual colaboram e é presente, coopera, ou só proíbe?

TC1: nós queríamos

AL: como é que isso tem sido?

TC1: ultimamente tem havido uma certa aproximação, ela é recíproca claro, tanto de nós como do ICNF, até porque agora há uma maniação, agora até os baldios vão ter de prestar contas ao ICNF, não é? De acordo com...

AL: sim, a, Lei...

TC1: antigamente o Estado era mais directo, mais frontal, agora usa subterfúgios... mas, mas pronto, foram cirando um sem número de teias que obrigam... mesmo alguém que queira cortar um carvalho fora da área do Parque Nacional tem de pedir autorização ao ICNF, portanto esta excessiva dependência do ICNF, eu ainda não percebi onde é que eles querem chegar nem sei se vão ter estrutura para dar resposta, a não ser que arranjem aplicações para o telemóvel e que deem telemóveis aí às pessoas... hoje toda a gente tem telemóvel.... Mas há uma aproximação, há hoje um melhor relacionamento e, curiosamente, às tantas talvez fruto disso, quando o ICNF tem menos recursos aqui localmente, dentro do Parque Nacional, quer em termos de vigilância, quer até em termos de apoio, há uma maior abertura, há uma maior colaboração, claro que dependendo... mas têm uma outra visão, uma outra atitude perante as co... neste caso a nossa comunidade

AL: isso é recente, essa alteração de posição?

TC1: tem vindo, sei lá 3 anos a esta parte

AL: ok, ok. Estava a pensar se teria a ver com a mudança mesmo na própria... o director mudou não é, recentemente

TC1: ah, claro que tem a ver com as modificações que ocorreram na organização dos serviços, claro que depois também foi para uma situação muito extrema porque até

aqui... antes o Parque Nacional era o ICNB, apenas queria cuidar da conservação, não é... e com esta inclusão da parte da exploração e do fomento com a conservação, o F, não é? Com as florestas. E o actual director tem uma logica, tem uma visão diferente na área da exploração florestal não é? E que de facto foi isto que foi faltando ao longo dos tempos, porque é bom que se evidencie que do território do parque dos 700 km², 93% é terreno privado o gerido pelos privados, portanto, apenas 7%, sete virgula pouco por cento é terreno do Estado... e isto não é um, contrariamente ao que defendia o Henrique Miguel Pereira que foi o último conservador dentro do Parque Nacional, que defendia que isto era um terreno que devia, um território que devia ser pristinado não é...

AL: ah, pristinado (RISO)

TC1: o tal *wilderness* área e que, intocado pelo homem e... natural, intocado... não, isto não, isto é um terreno, um território... é um terreno que foi moldado pelo homem ancestralmente, portanto, isto tem ocupação humana e foi esta falta de flexibilidade na... que ocorreu ao longo dos tempos, porque o Parque Nacional muito fechado, muito conservador, levou a que as pessoas também se afastassem, e depois havia quase o jogo do gato e do rato, enquanto as coisas devem ser vistas de uma forma integrada, exploração com conservação. E aquilo que hoje acontece mesmo no nível das comunidades locais, temos em todo o lado gente nova, digamos é uma evolução natural na sociedade, até no clima, em tudo não é... temos aí emigrantes por aí acima também que às tantas vão querer plantar outras coisas, mas as dinâmicas são outras e era bom que quem gere ou quem tem a responsab... a obrigação de fazer uma gestão integrada do território enquanto unidade Parque Nacional o pudesse fazer, mas estão a deixar muito na mão dos particulares também, não sei...

AL: pois, acabam por ser vocês que fazem a gestão do parque... embora com ajudas

TC1: claro, mas eu creio que a solução vai para aí

AL: sim, também não me parece mal

TC1: mas eu creio que teremos todos vantagem que seja assim, mas era importante que da parte do ICNF houvesse uma maior presença, um maior acompanhamento, porque quando dermos conta... por exemplo, a situação flagrante com as queimadas... é um calvário para fazer uma queimada

AL: em termos burocráticos?

TC1: desde o pedido inicial até depois ao dia da queimada, isto é terrível

AL: sim, se calhar se houvesse maior proximidade talvez se evitasse tantas burocracias não é? Ou não?

TC1: o que sucede, o que acaba por suceder é... nós temos vindo a divergir mas não sei se tem a parte que lhe interessa em termos de entrevista ou...

AL: não, não, não, tá...

TC1: ok.... Porque o que acontece é que... para mim o aspecto negativo é que... como há um conjunto de entraves e em que as pessoas não estão predispostas a isso, e por falta dessa proximidade e de apoio e de facilitação do processo, o que leva é que... os últimos incêndios que tivemos aí no final da primavera acabaram por ser queimadas mas queimadas clandestinas em que uma delas, até aqui muito próximo, degenerou e até fez dano que escusava de fazer. O que é que as pessoas fizeram? Foi ao fim da tarde foram queimar.... Quando accionaram os meios, quando vieram era de manhã, claro que já tinha ardido imenso. E as pessoas foram obrigadas a fazer ou fazem estas queimadas furtivas por causa da falta de apoio, da falta de proximidade. É apenas um exemplo, mas são inúmeros, portanto, era importante, é excelente que se siga essa máxima ou esse princípio de que... o tal princípio de subsidiariedade, o Estado deve vir, ou deve intervir, se nós localmente não conseguirmos fazer não é, mas dando-nos ferramentas, dando-nos apoio, envolvendo as pessoas que são os proprietários, é a forma adequada, agora o que era importante era que o Estado por via, por intermedio desses técnicos, estivesse mais presente e desse efectivamente mais apoio

AL: pois, que estivesse mais próximo não é...

TC1: até por dizer que está, que passou, que viu, que... não é importante? Até mesmo, quantas vezes... falo por mim, quando ia... estava a equipa a... passava la, ia lá ver o trabalho, ir ter com a equipa quando estávamos a fazer trabalho de forma... eles eram pagos ao hectare, mas ir lá e dar lhes estímulo, apoio “epa, porreiro, estás a fazer bem”, é completamente diferente. E neste processo de reeducação ou de devolução de uma gestão responsável, no fundo... e há depois aqui outro detalhe que acho importante mencioná-lo que é... nós estamos, ultimamente temos vindo a tocar nesta tecla que é... na externalidade negativa que é imposta aqui às comunidades, portanto, quem usufrui da nossa paisagem... eu estou a construir uma casa mas eu não posso tirar pedra daqui, portanto eu fui pagar, mandei vir a pedra de Ponte de Lima quando podia ter extraído... esta preservação deste ambiente, como de não permitir a instalação de indústrias poluidoras... poluentes... por exemplo, a água que se capta aqui nas albufeiras, quem a consome, quem a beneficia directamente... metermos aqui um ecossistema que garanta que, neste caso este recurso, a água, ou até o ar ou... possa ser utilizado por outras pessoas, implica que a gestão deste ecossistema seja feita de uma forma que eu dizia há pouco responsável não é... e o responsável não é apenas para meu benefício directo enquanto proprietário mas visto integralmente na nossa sociedade não é. Isto implica necessariamente uma intervenção directa do Estado, o Estado devia ter uma intervenção directa, e com o apoio do Estado, portanto, a logica de funcionamento tem de ser uma logica diferente. Aqui há tempos alguém... mostrávamos ali em cima a um, mostrava ali a umas pessoas a plantação e então eles perguntavam “e isto agora para explorar... quando é que vão tirar rendimento daquilo?”, mas isto não é para tirar rendimento, isto não é para recortar, isto é que para vocês possam beneficiar

AL: isso quase que já não faz sentido hoje em dia não é, se não é explorar então é para quê...

TC1: mas as nossas intervenções... eu apenas queria chegar a este ponto, ou evidenciar isto, ou remarcar isto que é, a logica que deve presidir dentro da área protegida Parque Nacional na gestão dos 1200 hectares, tem de ser uma logica de

conservação... claro que temos uma comunidade, claro que temos gente que vive cá, e agora este equilíbrio entre... pronto, no fundo é a tal sustentabilidade que tem as 3 vertentes, mas tem de ser vista assim

AL: a questão dos turistas... as pessoas que usam o baldio para percursos pedestres e assim, mesmo, não sei se aqui no parque de campismo também promovem esse tipo de... e sendo o baldio da população de Campo do Gerês há algum tipo de contributo para o baldio ou da parte das agências ou das associações, vamos chamar-lhes assim, que usam o baldio para explorarem o turismo, ou não?

TC1: não... nós temos aqui 3 empresas de animação e aquilo que está instituído é que para as empresas de cá não há contrapartida nenhuma, para as de fora não tem havido também, ou seja não tem havido exigência de darem qualquer contra-prestação, até porque há aqui várias famílias ou, a maior parte das pessoas, têm rendimentos directamente relacionados com a actividade turística, portanto daí que...

AL: acabam por beneficiar também da presença dos turistas... e caça?

TC1: caça há uma associação... há uma área de caça associativa

AL: e essa também não contribui para a gestão do...

TC1: não, é-lhes cedida... gratuitamente. Nós não cobramos nada a ninguém (RISOS). Não precisamos. Curiosamente esta semana ligou um fulano, um apicultor, que veio não sei de onde, de lá de baixo, da zona centro, que veio... casou aqui perto no concelho e queria trazer para cá umas colmeias e queria ver se nós lhe arrendávamos um espaço para colocar... eu disse "não, não é política arrendarmos... não é...

AL: Referiu que há comunidades que estão a desaparecer então não vale a pena manter um baldio numa zona onde não há já comunidades. Eu até concordo em parte com isso, mas isso não irá contribuir precisamente para que essa comunidade desapareça, ou seja, não se está a pregar ainda outro prego nesse caixão que é o facto de as pessoas estarem a desaparecer

TC1: hmm, acho que não. Não... há um conjunto de factores que levam à desertificação, não é só cá, é em todo o mundo, havendo ou não havendo baldios não é...

AL: claro, mas um dos objectivos da PAC actualmente, da política agrícola comum, e do PRODER, do actual PDR e tal, é precisamente fomentar o desenvolvimento local, o povoamento destas áreas e tudo o mais, mas ao mesmo tempo retira-se...

TC1: mas isso não é verdade

AL: é o que está escrito

TC1: sim, mas isso não é verdade

AL: o que acontece eu não sei

TC1: isso vai servir

AL: é só balelas é?

TC1: vamos ver, ok, tudo muito bonito, tratando com a actividade em si mas... e os filhos vão estudar aonde? E o médico está onde?

AL: pois, mas isso para mim são outros pregos no mesmo caixão dessa tal vontade

TC1: mas o principal problema, ou melhor nós não podemos... ok, os baldios é o limite porque fruto de um conjunto de políticas e de dinâmicas sociais as pessoas, até em algumas cidades, há agora uma cadeira nova, uma disciplina nova que é o marketing territorial

AL: eu odeio marketing, desculpe-me se tem algum filho em marketing (RISOS), mas o próprio conceito a mim mete-me medo

TC1: o marketing, mas é interessante o marketing territorial, as cidades disputam pessoas, querem pessoas, querem atrair... pronto, se nós temos a cidade aqui a 40 kms a fazer o apelo à juventude para ir para baixo, se o Estado ajuda cortando num conjunto de infraestruturas básicas para que as pessoas pudessem viver cá... naturalmente que o baldio é uma consequência como há outras consequências, o próprio património de cada um as pessoas abandonam-no, não entendo porque é que Ok, é colectivo, podíamos eventualmente trata-lo de outra forma, mas se as pessoas abandonam o que é seu, se deixaram a casa onde nasceram, se deixaram a vida não é..., os sítios, as memórias e trocaram, porque é que... o que é que o baldio lhes diz? Não diz nada

AL: sim, mas ninguém paga... isto agora só para criar aqui um bocadinho de discussão, também ninguém pega na propriedade particular dessas pessoas e entrega à Junta, também não há essa legitimidade em relação à propriedade privada

TC1: ah, sim, ok, mas eu concordo que se entregue a alguém que possa gerir aquilo, aquele bem comum,

AL: sim, eu também

TC1: até lhe digo mais, às tantas, essas pessoas abandonando, até pode perder para o vizinho, o vizinho pode apropriar-se daquilo, o nosso direito civil permite que ao fim de um dado tempo

AL: usucapião? Mas para isso tem de estar a usar... diga, diga, pensei que estava a falar do usucapião

TC1: sim, usucapião, dos privados não é, se abandona o que é seu e se entretanto o vizinho se apropria daquilo, aquilo passa a ser dele não é, ao fim de...

AL: mas tem de haver um acordo não tem? Entre os proprietários

TC1: não, não tem não

AL: pelo menos eu estive a ler sobre usucapião e

TC1: mas não faz sentido nós desenharmos, entramos agora noutros campos não é, o nosso direito privado já vem do tempo dos romanos não é? E agora os marcianos provavelmente vão influenciar e criar um

AL: os marcianos?

TC1: pois, então...

AL: (RISOS) os próximos...

TC1: tem de haver dinâmicas e esta mobilidade, eventualmente até os migrantes, não faço ideia, enquanto que antigamente ir daqui a Braga, havia barreiras, havia uma barreira grande à mobilidade, havia naturalmente uma tendência à fixação, ao sedentarismo, hoje a sociedade é nómada, não é... portanto, e há uma dinâmica grande... pronto, não entrando por aí... provavelmente há que repensar o direito da propriedade, mesmo individual não é, porque com que direito é que alguém que herdou, que nem quer saber, e vive não sei onde e que tem aquilo ao abandono, e outra pessoa até pode precisar daquilo, porque 'que não há-de poder usar aquilo? Portanto, a mim não me repugna nada que... e desde logo a questão é esta, será que a Junta tem interesse em tomar conta de algo

AL: o meu receio é... o meu receio pessoal, não é, à medida que vou lendo coisas e falando com as pessoas e não quê é precisamente, a Junta não tem interesse então o que é que ela faz? Entrega às empresas e as empresas vão dominar aqui o mundo rural, 2 ou 3 empresas

TC1: mas quem é, mas a Junta, espera, mas nós não confiamos no nosso governo, elegemos e o governo até vende a TAP e faz assim e faz assado, mas se a Junta... eu concordo que haja alguém, uma entidade pública, à falta da iniciativa da comunidade, que haja uma entidade pública a gerir esse bem comum

AL: pois, mas eu acho é que vai deixar de ser rapidamente essa entidade pública a gerir

TC1: faz uma PPP não é?

AL: entrega! Vem a celulose, "ai dava-me mesmo jeito esta areazinha", arrenda ou vende, vende, pode expropriar, passa a ser património da freguesia, o baldio, pelo menos é o que diz na lei

TC1: mas quem escolhe a Junta não é a comunidade?

AL: e quem diz Junta diz Câmara... é, mas como disse, a gente também escolhe o governo e olhe lá o que é que...

TC1: pronto, e até nos enganam não é

AL: pois

TC1: mas ao fim de 4 anos volta outra vez

AL: mas entretanto já está nas mãos das celulosas (RISOS), o baldio, e aí já não há nada a fazer... se houver uma venda não é, e que passa a ser possível a partir do momento em que passa a fazer parte do património privado da Junta, acho eu, eu também não sei tanto assim, passa a ser possível a cedência de área

TC1: mas há mecanismos depois que... atenção que os projectos carecem de planos de utilização pelo menos, básico, não é, o PUB, e o PUB é aprovado pelo ICNF

AL: isto pressupondo que a Junta ia continuar a fazer o mesmo tipo de gestão

TC1: sim, mas portanto não há... a transformação do terreno não é, a transformação do baldio, da propriedade, eu não vejo assim tao fácil

AL: pois, eu também não sei, isto eu digo já num extremo

TC1: então mas isso, a ir por aí os deputados podem fazer uma lei como entenderem não é? Podem acabar com os baldios

AL: e eu acho que é isso que estão a fazer aos bocadinhos. Olhe o exemplo da tal alínea da definição de comparte, também define comparte como qualquer pessoa que esteja a, pessoa ou pessoas não é, que esteja a efectuar uma actividade agroflorestal na área da freguesia, passa a poder votar e a tirar partido do baldio como outro qualquer comparte, e isto para mim já é... não é? Não sei, pelo menos a mim sugere-me muita coisa.... Enfim, não sei, são receios

TC1: às tantas tem mais interesse essa pessoa do que o que é mero eleitor que nem sequer lá põe os pés

AL: pois, exacto, provavelmente sim, eu também...

TC1: se olharmos ali... se a ideia do baldio é para quem vive, explora, aquele território, o eleitor pode não explorar não é... a mim é-me mais simpático essa solução, agora claro, isto devia ser temperado sempre com os usos e costumes, e ser a comunidade local a dizer que é e quem não é

AL: exactamente, não era uma lei feita em Lisboa, é isto que me faz pensar onde é que isto vai parar

TC1: mas a Lei dos Baldios seguramente vai ser revista

AL: já houve uma revisão de alguns pontos agora mas, uma revisão isto é, tornaram mais claros alguns pontos. Por exemplo uma das questões era a extinção do baldio por decisão da Junta, sem ser necessário recurso a tribunal, portanto era a Junta que decidia "ok, isto está abandonado, vamos extinguir este baldio" para passar a ser

património da Junta, é assim uma coisa. E agora neste decreto-lei já, lá está, temperaram um bocadinho esta alínea...

TC1: mas a lei anterior permitia que o baldio fosse extinto e passasse a património privativo da Junta, mas na lei anterior previa

AL: mas isso era decidido a nível local

TC1: decidido pela comunidade

AL: pela comunidade, e esta aqui pode ser decidido, tipo a Junta “hmm, acho que este baldio aqui está abandonado”, pelo que dizia lá, agora já veio a ser refinada essa alínea, não precisava de recorrer a qualquer instância... superior, vá, em termos de justiça e, está abandonado pronto. Agora já não, agora já vem especificado o tipo de provas que têm de ser dadas para decidir que aquilo está abandonado e assim, mas lá está, se não tivesse havido essa movimentação se calhar ficava assim, super falta de clareza associada e a Junta tinha quase toda a liberdade para decidir o que é que é abandonado e o que não é... enfim

TC1: eu não entendo porque é que se está a por agora o odioso na Junta (RISOS)

AL: não, não é na Junta, aliás muitos dos compartes são os presidentes da Junta

TC1: mas é isso que eu não entendo, eu participei em muitas discussões e sessões sobre a revisão da lei e por aí fora, e eu ficava espantado, mas está-se a falar de quem carago?!

AL: parece que se está a falar de um demónio (RISOS)

TC1: e depois ainda por cima temperado lá com aquela prisão na semana anterior do Sócrates... parece que estamos a... isto é a nossa realidade carago, estamos agora a por diabo, este, aquele não é...

AL: sim, sim, sim, sem dúvida, quando falo disto já estou a falar de um caso extremo que pode ser realmente... ou seja, abrem-se portas, é um facto, agora claro que depende de quem é que está na Junta, de quem é que está na Câmara, como é que a coisa é gerida, em quem é que a gente vota

TC1: e eu não creio que seja, aliás hoje há mecanismos, sempre houve mas pronto, mas hoje são mais fáceis de activar e ... porque as... não se interpõem providências cautelares contra tudo e mais alguma coisa não é, o exemplo da TAP não é, alguém fora da empresa... da administração da empresa e do governo entendeu que devia interpor uma providência cautelar para impedir que a TAP fosse vendida... mas na comunidade, se se sentir alguma ameaça a lei tem mecanismos, e não era preciso refinar porque a lei prevê mecanismos para que as pessoas defendam o interesse comum, então agora de facto o problema é “o que é o interesse comum”? Mas isso já é outra questão

Covide: TCo1

AL: e vocês agora se quiserem fazer um corte de madeira, fazem-no sozinhos ou chamam o parque, chamam o ICNF?

TCo1: não temos nada que chamar o parque, quer dizer, aquela parte que era deles já se cortou os pinheiros

AL: mas fazem sozinhos? Conseguem fazer isso sozinhos?

TCo1: fazemos

AL: e o PN já não tem nenhuma floresta plantada aqui, daqueles tempos

TCo1: não. Não. Porque aqueles tempos é esta parte que nós reclamámos. Mas isto já vem, esta floresta já vem desde que

AL: E a Câmara tem alguma intervenção ou alguma... há alguma relação com a Câmara na gestão aqui do vosso monte?

TCo1: não.

AL: não há qualquer tipo de

TCo1: não, então, isto é uma propriedade particular, é como qualquer propriedade, é como esta cadeira, é minha

AL: mas não há protocolos, sei lá, qualquer coisa que a Câmara lhe interessasse dali do monte e vos ajudasse também de alguma forma

TCo1: não, não, não há nada. O monte é como eu digo, é

Ermida: TE1

TE1: há gente estúpida aqui na nossa terra que dizem que aqui nunca foi sitio de pinheiros, porquê, porque as cabras comem na mesma debaixo dos pinheiros, mas eles têm aquela maluqueira antiga que... pronto

AL: pois, pois... e não querem cá a floresta

TE1: exactamente

AL: e vocês quando têm de fazer resoluções para o baldio, imagino que muitas dessas pessoas também façam parte dos compartes não?

TE1: sim, são todos compartes, mas a maioria vence, se, por exemplo no meu caso, nós temos uma equipa de pessoas que pensa de outra maneira, pois nós estamos em maioria, mal é quando se chegar ao ponto em que a outra parte ruim, que pensa dessa maneira, esteja em maioria

AL: pois... eles basicamente querem mandar a floresta toda abaixo

TE1: basicamente é isso, e são pastores, podes escrever lá, se algum dia fizeres algum livro, podes escrever

AL: (RISOS) pois... quem sabe... sim, já tenho ouvido também noutros baldios, que os incêndios estão associados a...

TE1: pois, portanto isto não é nenhuma catástrofe, os incêndios hoje... isto também é um negocio, um negocio dos diabos... e depois há meia dúzia de manos que andam aí com uns helicópteros a brincar, estás a perceber, eu não sei quanto é que eles gastaram este ano nos meios aéreos, mas se nos dessem a nós, aos da Ermida, 50 000 euros, nós conseguíamos roçar mato em 50 hectares

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber onde é que está a diferença? Mas o governo central não quer isso, quer dar o dinheiro a meia dúzia de manos, tás a entender, dar uns milhões valentes a meia dúzia de manos, e os outros não interessa, o que interessa é que poucos

AL: pois, exacto, e é sempre na cena do combate, não é tanto na prevenção

TE1: exactamente, o que interessa é que poucos ganhem muito dinheiro e que os muitos não ganhem coisa nenhuma. Nós não precisávamos dos helicópteros aí, se nos derem 60 mil euros ou 70 nós roçamos 70 hectares nas zonas mais problemáticas e os incêndios acabam

AL: claro... mas estas coisa das ITI acaba por vir um bocadinho de encontro a isso não é?

TE1: foi, ajudou bastante nessa parte, porque a gente fazíamos a área que eramos obrigados a fazer e ainda fazíamos muita mais por fora, com esse valor que vinha, estás a perceber, nós só o ano passado conseguimos roçar 20 e tal hectares, fora os 10 hectares que tínhamos de roçar obrigatoriamente com o contrato das ITI

AL: ah... ok. Mas vocês usam uma empresa ou têm um tractor ou...

TE1: contratamos

AL: contratam uma empresa, pois

TE1: nós, por exemplo, o mapazinho, imagina... [vai buscar o mapa ao carro] isto era mais ou menos... imagina aqui, isto tem medidas não é... a SA52 eram 2 hectares e 600 (metros), imagina, não é... e esta foi aqui, estamos mesmo aqui em frente a ela, até se nota lá em baixo, anda lá agora o gado caprino, ainda se nota lá uma clareira, foi entre aquele rochedo e este por ali abaixo. Pronto, a gente mais ou menos consegue ver, pelas linhas de água, chega-se aqui, traz-se os empreiteiros, não é, por ali, por ali, por ali... e eles têm de fazer esta área por x valor acordado

AL: pois, pois

TE1: estás a perceber? E a gente ao fim paga-lhe, é o que fizer mais barato

AL: pois, exacto... e estas áreas todas juntas, portanto, por ano é 10 000 é isso?

TE1: dava mais ou menos 10 hectares por ano a nós

AL: 10 000, sim, 10 hectares

TE1: 10 hectares... porque imagina esta que era 2 e... era mais ou menos 3 parcelas por ano, eram sete hectares e meio mais a do norte, a da serra alta. Porque esta aqui podia ser feita em fogo controlado ou roça de mato, mas eu optei sempre por roça de mato, e além de ficar mais caro, porque era muito mais fácil chegar lá com um fosforo, ou chamar os gajos do ICN “vamos queimar ali a parcela x”, mas nós temos opção

AL: hmm, ah mas também há opção de fazer fogo controlado?

TE1: sim, havia

AL: não sabia

TE1: é... já vês aqui

AL: por acaso tenho ouvido falar sempre de roça, nunca tenho ouvido falar de fogo controlado

TE1: mas só havia dois baldios que estavam, que eramos nós e os de Vilar da Veiga, que podíamos ter fogo controlado... estás a ver estas em rosa

AL: sim, sim, sim

TE1: roça de mato / fogo controlado

AL: ok

TE1: que são estas aqui da zona alta, onde tem pouco arvoredor

AL: mas para o fogo controlado tinham de chamar técnicos especializados não é?

TE1: vêm os tipos do ICN, acompanhados com a equipa, normalmente era do GIPS

AL: de jeeps?

TE1: do GIPS, dessas brigadas dessa guarda-florestal, dessas carrinhas verdes

AL: ok... não sabia que se chamavam GIPS

TE1: GIPS é G, P... pronto

AL: ok, não conheço

TE1: são essas que andam aí ligados à floresta, essa guarda que até têm uma farda igual a isto, castanha

AL: ok, tipo, o pessoal da GNR, ou não?

TE1: eles fazem

AL: que agora os serviços florestais passaram para a GNR não é isso?

TE1: é mais ou menos isso... é mais ou menos isso. E então a gente fazia o pedido não é, parte tudo da nossa parte, a gente fazia o pedido e... da minha parte eu nunca fiz o pedido para fazer fogo controlado, porque é assim, fogo controlado, mesmo que poucas árvores existam na serra alta vai matá-las também, estás a perceber

AL: epa, isto está-me a picar

TE1: aqui na serra a zona do gado é assim, tem muita mosca

AL: isto são moscas? Estão-me a picar!... sim...

TE1: pronto e era assim, mas como eu nunca fiz nunca me preocupei com essa parte

AL: mas o fogo controlado é pago?

TE1: não, não... a gente não paga nada

AL: mas a roça pagam...

TE1: sim, sim

AL: então se calhar até vos saía mais em conta

TE1: mas... mas portanto, na serra alta o fogo controlado deixa o solo muito desprotegido e depois as pessoas... mas as pessoas não querem saber disso para nada, os pastores só querem ver é lume não é, e eu lutei sempre por roça de mato

AL: ah, exacto

TE1: por exemplo, também fazíamos a limpeza de muitos trilhos, ainda há dias se fez este aqui, temos outro lá em baixo

AL: e agora com estes cortes das áreas acha que a ITI também vai diminuir o valor ou... já se sabe como é que isso vai ser?

TE1: vai, vai, muito mesmo, para nós muito

AL: pois, é que eu falei com um senhor que me disse, de um baldio... que me disse "ah, isso ainda não está definido como é que vai ser, a questão das ITI..."

TE1: é assim, aquilo que a engenheira Sandra me disse, que a gente trabalha com ela nas candidaturas e nessas coisas todas, foi que... que vamos, nós no nosso caso vamos sofrer um corte mas um corte enormíssimo. Agora os outros baldios não foram tao afectados

AL: sim, há uns que são menos afectados... e conseguiram ainda assim ainda ter área para todos os pastores ou não?

TE1: conseguimos porque aquela gente de Lisboa foi manhosa, antigamente a gente precisava de um hectare ou dois hectares... agora não me lembro, eu tenho nos documentos, sei que agora por cada bovino adulto é preciso meio hectare, e antigamente acho que era um hectare. Ora, eles diminuíram a área, aquela gente de Lisboa é toda muita esperta, diminuíram a área, mas para não levarem com os pastores todos em cima nas direcções regionais de agricultura, diminuíram também a área da candidatura, que sendo assim meio hectare, ora meio hectare já dá, mas foi assim mesmo na ultima da hora, houve uma reunião em Vila Real, porque havia aí uma confusão dos diabos e chegaram lá atiraram com aquilo para os pastores se calarem todos e pronto, ficou tudo assim

AL: esta casota é de quê?

[sai do carro]

TE1: é a mesma coisa, é um abrigo de pastor

AL: é?

TE1: mas não é da nossa vezeira, é da vezeira do outro lado do rio, da barragem, porque eles têm direito a vir para aqui com o gado, chama-se Louredo da Ribeira (?), do outro lado da barragem, não pertence ao parque nem nada, e este é o espaço deles

AL: ai, vocês deixam-nos é isso?

TE1: não, não, isto já é antiquíssimo, isto sempre foi assim

AL: ok, ok, é tipo

TE1: isto é a área de pastagem durante o verão, desde o 15 de maio ao dia 8 de setembro. Eles têm os currais, os chamados currais deles delimitados também, delimitados geograficamente, têm um sítio para eles dormirem, o gado deles também normalmente fica aqui e dorme aqui, não tem nada a ver com a Ermida, além de ser a mesma área de pastagem não é, quando eles estão lá... eles até podem estar aqui ambos juntos mas um dorme aqui e o outro dorme lá

AL: lá, naquele onde nós estivemos...?

TE1: sim, e este é deles, da vezeira deles

AL: mas isto ainda é baldio da Ermida aqui?

TE1: sim, sim, sim

AL: está bem. E estas plantações de árvores foram vocês?

TE1: não, não, isso foram eles

AL: também eles. Aaaaah. Como é que se chama a aldeia, é Louredo...

TE1: são três aldeias do outro lado à beira da barragem, uma é Louredo, a outra é Castro, a outra é São João da Cova, e têm direito única e simplesmente à pastagem aqui durante os 3 meses, mais nada

AL: bem o vosso baldio...

TE1: foi onde nós passámos agora foi ali, só vim aqui para te mostrar este pinhal, estás a ver isto, está tudo feito

AL: sim... foi antes das chuvas?

TE1: foi... quem está na frente disto, tem de saber que quando chegar o mês de setembro, tem de pagar a alguém para fazer este trabalho, não vai estar à espera que venha a chuva para estragar tudo, ao início de setembro já isto tem de estar organizado, já tem de ter as pessoas para fazer este trabalho, como uma protecção

AL: vocês contrataram pessoas também ou?

TE1: sim, sim, pagámos ao dia

AL: e é malta local que trabalha para vocês?

TE1: sim, sim

AL: da Ermida mesmo?

TE1: sim

AL: e também na...

TE1: passam recibos verdes

AL: e na questão das limpezas também é malta aqui da zona?

TE1: convidamos pessoas de fora e é a que fizer mais barato

AL: pois

TE1: é baseado em hectare, se temos aqui seis hectares para roçar, fazemos o documento, chamamo-los a todos, o que fizer mais barato... por vezes é os daqui, por vezes são os de fora... existe amizade nestes casos

AL: pois, exacto

TE1: para nós é bom, quanto mais barato melhor

AL: e vocês então têm conseguido fazer sobrar bastante dinheiro das ITI?

TE1: sim, porque [*? não se entende*]. Imagina, gastávamos 10 000 euros nos 10 hectares obrigados a fazer e depois com o resto fazíamos mais

AL: ok... e usavam em quê? Portanto, faziam mais limpezas, já percebi...

TE1: limpezas e caminhos, colocação de aquedutos

AL: era sobretudo usado no baldio...?

TE1: sim, tudo

AL: não era na aldeia como...

TE1: não, ultimamente connosco não... na aldeia as obras quem tem de as fazer normalmente é a Junta ou a câmara. Enquanto no baldo a gente vai... renovando os caminhos, roçando o mato

AL: compraram o carro também não foi?

TE1: sim

AL: pois... e esse tipo de utilizações *a posteriori* não são... isto é, não são fiscalizadas ou não há uma forma pré... prescrita para utilizar esse dinheiro que sobra das ITI, como é que isso é?

TE1: é assim, o plano de actividades é aprovado ou não conforme o que tem proposto e depois já fica mais ou menos... depois é baseado naquilo, se tivermos dinheiro, se não tivermos não se faz

AL: mas isso é para as limpezas que pré-definiram não é? Mas aquelas que depois fazem a mais... isso não está no plano pois não?

TE1: está

AL: ai também está?

TE1: está, está no plano de actividades... se houver valor monetário para isso, fica lá explicado, se houver possibilidades

AL: e se decidir usar na aldeia, sei lá, vamos inventar...

TE1: tem de estar no plano de actividades

AL: também está lá...

TE1: alguém tinha de se ter lembrado, senão faz-se uma assembleia de compartes para esse efeito

AL: ok, ok. Está bem, eu pensei que era tudo decidido depois de se fazerem as limpezas. Via-se o dinheiro que sobrava e usava-se o dinheiro, ok, tem de ser tudo pré...

TE1: se houver alguém que peça alguma coisa para a aldeia ou um grupo de pessoas, isso é colocado na assembleia de compartes, reúne-se a assembleia de compartes, e se houver valor monetário para fazer faz-se, ou não, dependendo da votação

AL: mas não é naquele plano de 5 anos pois não?

TE1: não

AL: é num outro que fazem anualmente...

TE1: não, esse plano de 5 anos é das ITI, isso é uma coisa à parte

AL: aaah, eu estava a falar das ITI, dos dinheiros das ITI, se sobrar do dinheiro das ITI... era nesse sentido que eu estava a perguntar, esses dinheiros que sobram, se são fiscalizados por quem os da, portanto pelo Estado, onde é que é usado e onde é que não é usado

TE1: não. Aquele dinheiro é atribuído para fazer x tarefas, se a gente consegue fazer mais barato mais dinheiro sobra e mais a gente consegue aplicar noutro lado

AL: ok... mas lá está, essas aplicações com o dinheiro que sobra não têm de estar previstas nesse tal plano de 5 anos...?

TE1: não... no de 5 anos tem, de lá estar o que lá está escrito, aqueles x hectares que lá está mencionado

AL: exacto... pois é, vocês têm aqui os caminhos todos transitáveis...

TE1: isto aqui... isto aqui vamos fazer uma calçada brevemente, este pedaço

AL: uma calçada calçada?

TE1: sim

AL: a sério? Mas quantos metros?

TE1: até lá ali ao cimo, são 100 metros de comprido, isto é uma zona muito inclinada e obriga a aplicar a manutenção necessária, porque nós não podemos escavar saibro nós vamos fazendo algumas calçadas, quantas mais calçadas nós tivermos nas zonas mais inclinadas menos manutenção precisamos

AL: ah, boa, boa

TE1: fazemos o trabalho por uma vez... já se sabe que é mais caro mas fica para muitos anos

AL: e o pessoal que vive ali na ermida... diga, diga...

TE1: vamos ali vamos ver outro abrigo de pastores, da tal vezzeira dos fulanos do outro lado da barragem

AL: ah, já estou a ver

TE1: espectacular

AL: é aquele que tem torrões ou que é... não...

TE1: é isso mesmo, nunca viste.

AL: esses dos torrões nunca vi, só ouvi falar

[saímos do carro]

AL: curral das cortes...

TE1: tudo o que se chame curral quer dizer a mesma coisa, quer dizer que tem um abrigo do pastor, ou dois, e quer dizer que é onde o gado pernoita

AL: sim... portanto, este é usado pela malta de lá de fora do parque não é, do outro lado da barragem

TE1: sim

AL: têm dois então? Este e o outro

TE1: têm... têm um aqui que é dos do outro lado, e têm outro ali à frente naquelas pedras que era dos da Ermida, que é ...

AL: e aquele que a gente viu há bocado ali ao pé daquele lameiro?

TE1: também é dos outros do outro lado

AL: também é pois...

TE1: era aqui que eles dormiam há 40 anos

AL: que coisa... e este foi renovado? Não...

TE1: não, não, este está assim já há muitos anos

AL: olha, isto é um medronheiro?

TE1: é

AL: é antigo, não?

TE1: sim, deve ter vários anos deve, pelo aspecto dele, algumas centenas

AL: está bem e também fazem aqui... lá está, aquelas árvores é naquela ideia de dar sombra ao gado não é? Para isso é que elas são plantadas...

TE1: é

AL: já não é usado?

TE1: não, é a mesma coisa, eles vêm para aqui, ficam, vão à noite embora

AL: pois... ainda continuam com as vezeiras. Lá para os lados de Montalegre a maior parte das vezeiras acabaram, já não há gado suficiente, as pessoas estão cada umas

por si, às vezes nem é não haver gado suficiente, há é 3 ou 4 pastores então não... aqui já vi que ainda se mantêm

TE1: e ainda há mais, esses fulanos, agora já vêm de carro, mas aqui há 30 anos a maior parte deles vinha a pé... tinham que descer da aldeia lá deles para a barragem, havia lá uma barca, passavam para cá

AL: passavam os animais com a barca?

TE1: sim, também! Também tem a barca para passar lá os animais... e depois subiam a pé para aqui, de lá da barragem aqui demora para aí 3 horas a pé... ou mais

AL: fogo! E o gado ia comendo pelo caminho ou não?

TE1: isso, portanto, a questão de o gado passar na barca era só uma vez, duas vezes que era no maio ao vir para cá e depois em setembro ao ir

AL: pois, exacto, mas eles diariamente um pastor vinha sempre para aqui

AL: diariamente?

TE1: ou depende, daqueles dois dias...

AL: ah, lá está

TE1: se calhou ser dois dias ou três...

AL: então e imagina que deixa de haver ITI... como é que vocês vão fazer?

TE1: nós não temos... não temos... dividas, estás a perceber? Se não temos dinheiro não fazemos as coisas, vamos tendo algum dinheiro para manter alguns caminhos e... que é o que nos interessa... não temos, não temos... como é que e diz... nada que pagar no final do mês, não temos nada, só gastamos se temos. Agora esses baldios que têm aquelas equipas, essas empresas, como é que se chama, aquelas carrinhas amarelas

AL: os sapadores

TE1: os sapadores, esses é que têm de pagar uma percentagem, e se lhes cortaram as ITI's e que o dinheiro não chega para pagar a percentagem, eles estão lixados, se não tiverem outro rendimento... nós não, nós temos... a carrinha é nossa, se está parada, não temos ninguém por nossa conta, não temos dividas no final do mês

AL: pois, pois, pois... isso era uma pergunta que eu ia fazer, se vocês tinham equipa de sapadores, mas não têm... Fafião tem não é?

TE1: tem... nós temos veículo pronto a sair a qualquer dia do ano, está pronto a carregar água a qualquer altura do ano e pronto a trabalhar, com os voluntários que estão no momento ali na aldeia

AL: hmm, voluntários...

TE1: seja eu, seja... o meu irmão também pertence, há uma serie de pessoas que sabem andar com isto

AL: mas na altura quando foi a distribuição da equipa de sapadores, vocês não quiseram?

TE1: nós não queremos, ainda há tempos o engenheiro, o engenheiro que pertence (... não se percebe...) “vocês têm uma área grande, porque é que vós não querendes uma equipe”, porque não queremos, porque envolve gastos e depois se as coisas derem para o torto nós depois não temos como pagar, estás a perceber...

TE1: isto fomos nós que pusemos também

AL: ai sim?

TE1: sim

AL: a sinalização?

TE1: sim, nós demos a madeira e os do parque fizeram o feitio, eles fizeram o feitio, nós é que colocámos aquilo, tem aqui um trilhozinho...

AL: isto deve ser brutal fazer aqui uns passeios

TE1: isto é o PR14, é um percurso pedestre de 13 km onde nós estamos a andar

AL: eu tenho de vir para aqui de férias que isto de andar aqui só a...

TE1: lembras-te daquela gente toda que nós vimos a pé, estão a fazer o percurso PR 14

ALL: é engraçado, porque alguns eram bastante mais velhos

TE1: olha só para aquilo, que espectáculo...

AL: é brutal

TE1: e tu consegues lá passar a pé, na parte mais baixa, ao lado, e até na parte superior, consigo ir a pé ate na parte superior, mas isso tem que ser com tempo, tem trilhos ali próximo, depois ao vir para cá passamos por lá e vais ver também o trilho que nós mandámos fazer há pouco tempo

AL: sim

TE1: a seguir à zona da Albergaria no Gerês a zona mais bonita do parque é esta aqui onde nós andámos hoje

TE1: a maior parte dos presidentes dos baldios, desculpa estar a interromper-te, a maior parte dos presidentes dos baldios não conhecem o monte

AL: pois, já conheci alguns que não conhecem não

TE1: estás a perceber? Eu não, eu se estou em casa e alguém me telefona, “olha, x aqueduto em tal lado está entupido”, depois ou vou lá eu ou arranjo alguém que lá vá, estás a perceber, é assim que as coisas são

AL: pois... sim, já conheci pessoal também assim, e já vi pessoal que de facto não costuma lá ir, acabam por gerir mais ali...

TE1: é a maior parte, a maior parte está por interesse, mesmo neste momento, na frente dos baldios, a maior parte está por interesse

AL: hmm, mas interesse do tipo... questões de poder ou...

TE1: não sei... ou monetárias ou não sei, ou traulhices, posso te garantir que é assim

AL: pelo menos foi essa a experiencia que tiveste aqui, com os anteriores

TE1: porque eu sei... sim, e pelo que eu vejo quando às vezes vou a algumas reuniões com alguns, estás a perceber?

AL: pois... há alguma interacção entre a malta dos vários baldios ou? Tipo cooperação para qualquer coisa

TE1: não, nem por isso, a gente vai às reuniões defender os interesses como as das ITI e do lobo e ... pronto, o resto no que diz respeito a trabalho de campo, cada um faz aquilo que sabe

AL: exacto... e os tais conflitos de limites já não existem, embora já tenham existido

TE1: neste momento não, já há dez anos... houve um acordo para se resolver as coisas, e pronto, assim ficou

AL: ainda antes da tua...

TE1: sim, sim, muito antes... aqui foi 4 hectares de mato que nós roçámos ainda este inverno

TE1: se algum dia te falarem do sobreiral da ermida é aqui, às vezes os do ICN, toda a gente diz... portanto o trilho PR14 chama-se o trilho do sobreiral da Ermida... mas depois ainda vamos passar mais aí para dentro... e aqui começava aquela parcela da ITI... havia uma parcela, depois ainda tínhamos esta opção, havia uma parcela perto daquele fragedo em que o mato era pequenino e então eu trouxe aqui o engenheiro, porque a gente através do engenheiro do parque lá do ICN, e eu disse-lhe “opa, aquele mato agora é pequenino e nós podíamos fazer aqui...” olha, estás a ver ali?

AL: sim, já é grande

TE1: e então trocámos, e ele disse que sim, desde que seja na zona baixa, porque as parcelas da zona alta só podem ser trocadas na zona alta, as parcelas da roça de mato na zona baixa só podem ser trocadas na zona baixa, e então nos fizemos esta limpeza aqui (... *não se percebe*...)

AL: pois, está bem, está bem... esse engenheiro é o Carlos

TE1: é o Carlos Pinto

AL: ah, está bem. Já falei por *mail* com ele para ver se vou lá falar com ele, tenho ouvido falar bastante dele

TE1: tinha mato daquele tamanho, olha para isto

AL: está espectacular

TE1: agora já vai... já vai... já vai demorar muito mais tempo a crescer

AL: isto foi quando esta limpeza?

TE1: foi janeiro, fevereiro deste ano

TE1: e é isto, fizemos esta zona de mato diria denso, está aqui um pinhal espectacular, está aqui também a ficar um sobreiral de regeneração natural espectacular... e a coisa mais útil que algum dia chegou foi as ITI, para nós aqui que aproveitamos o dinheiro na floresta, para os outros todos posso te dizer que não, mas cada um é que sabe, cada um é que depois... como tu ouves falar que os baldios já não fazem sentido, alguém em lisboa diz que os baldios já não fazem sentido

AL: a gestão comunitária e assim, sim

TE1: o que interessa é a gestão de cada um

AL: claro... cada baldio é um baldio não é...

TE1: agora não pagamos todos pelo mesmo, se há gente que não é competente para estar na frente daquilo, que não sabe o que está a fazer é uma coisa, agora nós fizemos a nossa parte

AL: estes sobreirinhos... desculpe interromper, são de regeneração natural?

TE1: são, são, mas temos muitos, vamos passar ali numa zona muito... olha a tal árvore grande que nós estávamos lá a ver é esta mesmo

AL: o tal... como é que lhe chamaste?

TE1: escalheiro, nós chamamos-lhe escalheiro localmente, isto é a árvore que da para fazer enxertos

AL: ela cresce selvagem...?

TE1: sim, olha ali outra grande

[discutimos se uma árvore é sobreiro ou carvalho... é sobreiro, como dizia o Jorge]

TE1: isto aqui também é de regeneração natural, nunca ninguém aqui plantou isto, isto aqui... é assim, eu não sei muito, mas isto é uma árvore com uns 150 ou 200 anos, porque isto também são solos pobres aqui

AL: eles pelos vistos gostam... deste solo

[fala-se de como o caminho está barrado por uma pedra que caiu, e de como teria sido difícil passar com o carro]

AL: já viste, há ali fogo daquele lado ou é o quê?

TE1: possivelmente

AL: pois

TE1: este caminho não estava transitável então nós arranjámos umas pedras para se poder passar

AL: então ainda este ano passaste aqui com o carro?

TE1: sim

AL: aaah, pensei que era em tempos

TE1: e com uma retroescavadora

AL: (RISOS) vocês não adquiriram nenhum tractor nem nada pois não? Vi isso em alguns baldios que fazem as suas próprias limpezas

TE1: não, a nossa floresta não dá para isso, não dá para uso de tractor, aqui onde é que se usava um tractor?

AL: não, lá é mais matos, pois, nestes sítios que eu estou a falar

TE1: isto é só pedras e...

AL: até lá é o vosso?

TE1: sim, sim. Portanto ali é a zona agrícola, ali existem vários terrenos privados, a zona que tem eucaliptos é quase toda privada, agora de um caminho que lá está na frente para cima é tudo baldio, estás a ver lá na frente?

A: estou, estou

TE1: lá para cima é tudo baldio... até... há umas árvores lá na frente perto daquele alto que parece carvalhos... para aqui existe ali uns poucos de terrenos privados, para ali... portanto, tem várias parcelas que é de terrenos privados

AL: e lá está, esses terrenos privados já remetem a... eram baldio...

TE1: sim, desde 1920 que já são dessas famílias, mas estão registados estão tudo, são deles, não há cá duvida nenhuma

AL: sim, sim. Estava só a tentar perceber se era recente essa cedência...

TE1: não, não, não, aquilo foi tudo feito, foi tudo feito, foi tudo escrito num livro, e está conforme está escrito no livro, tamanhos e tudo

AL: curioso, e foi ao mesmo tempo que passaram para vocês... para a comunidade o foral...

TE1: exactamente, foi na mesma época

AL: e olha lá, e este pinheiro aqui, por exemplo...

TE1: é regeneração natural também

AL: daquele que foi plantado pelo Estado... é regeneração natural desse ou não?

TE1: uuuh, aqui nesta área não foi plantado pelo Estado

AL: não?

TE1: não... não... onde foi plantado pelo Estado é as zonas que têm pinheiros-silvestres

AL: ah, o bravo não foi plantado pelo Estado

TE1: não... já havia alguns pés, eles sempre no momento, na época que estavam aqui a dominar isto não deixavam que ardesse, ora, ao não deixarem arder, não é, porque andava sempre um guarda por aqui e outro na Pedra Bela e outro na ermida, portanto, toda esta área andava um guarda por aqui, e é claro que as pessoas não sabiam... nem havia tantos isqueiros não é

AL: (RISOS) não era tao fácil

TE1: e então como durante os 40 anos do tal governo não houve grandes incêndios o pinho bravo expandiu-se. E eles faziam muito era a roça de mato na época

AL: curioso, eu achava que o... pronto, se calhar também depende das zonas, mas eu achava que o... que também tinham usado o pinheiro bravo... na floresta

TE1: não sei, não sei, pelo menos onde tenha pinho silvestre ou onde tenha camecípar, onde tenha cedros, agora poderá haver uma zona ou outra mas esta zona de fraguado aqui acho que não foi trazido nada por eles

AL: pois, estou a ver... e vocês têm actividades tipo apicultura também...?

TE1: também há pessoas que se dedicam a isso

AL: isso acaba por ser que cada um tem as suas colmeias, não faz parte do baldio...

TE1: não, não, não, cada um tem os seus apiários, as suas colmeias

TE1: isso há, há a dependência logo directa do pastoreio, da recolha de lenha, isso... do regadio, da condução da água do regadio

AL: ok, portanto mesmo que as pessoas tenham outros trabalhos esta é uma componente ainda forte da... dos rendimentos

TE1: exactamente, porque ajuda a complementar os rendimentos de cada um

AL: claro... está bem, pois

TE1: agora se um dia alguém se lembrar de... de entregar isto a quem... isto dá aí um sarilho dos diabos

AL: pois

TE1: mas um sarilho dos diabos, e não é só com os da Ermida, isso levanta-se aí um polvorinho dos diabos mas é aqui na zona norte toda que é onde tem mais baldios, zona norte, Vila Real provavelmente...

AL: sim, na zona do Alvão também acho que há muitos

TE1: que nunca pensem... eles o que podem pensar é dar apoios aos baldios, ou aos aforados, ou como é que seja, aos aforamentos... “opa, vós tendes aqui x”, depois passado meia dúzia de anos, até devia ser assim, “opa, o que é fizestes ao dinheiro, o que vos fizesteis aqui? Continua a arder tudo, então? Vós sois incompetentes vós já não podeis é gerir isto”. Sendo assim é uma coisa não é? Agora julgar todos pelo mesmo isso não

AL: exacto, cada caso é um caso, de facto

TE1: mas... portanto, não tem outra maneira de ser senão desta maneira, não tem porque aquela gente da capital é toda um bando de incompetentes, a própria área do Estado, a própria área que é administrada pelo Estado, como a Albergaria, a Serra da Cabreira, que é da direcção geral das florestas ou lá o que é, aquilo é só mato e pedras, não tem lá nada ou quase nada, e é administrada directamente por eles

AL: a Albergaria também está má?

TE1: este ano fizeram lá umas intervenções boas mas esteve muitos anos que não fizeram lá nada, muitos anos, têm lá matagais muito piores do que o nosso aqui... não fizeram nada mesmo, anos e anos seguidos, sendo do Estado, também da invasão das acácias e tal... não fizeram nada. Ao lado do parque de campismo, aquele monte todo cheio de... a gente chama-lhes mimosas

AL: sim, eu reparei, as mimosas, as acácias sim

TE1: aquilo são centenas de hectares

AL: é, aquilo está uma tristeza, eu nunca imaginei, dentro do... não sei se aquilo já é dentro do parque... é?

TE1: é, é

AL: é? Dentro do Parque Nacional?

TE1: é, toda aquela área fora do parque de campismo é dentro do Parque Nacional, por lá acima, até lá acima, é o concelho de são João do campo

AL: é que não se vê outra espécie, só se vê mesmo as acácias

TE1: pois só... porque aquilo cresce tao rápido que depois mata tudo, imagina se aqui nascerem 10 ou 20 acácias à volta desta árvore, ou deste sobreiro ou deste pinheiro, aquilo cresce muito rápido, fecha, tapa o sol e depois isto morre

AL: sim, sim, sim, tenho essa experiencia lá no pinhal lá em baixo, é incrível, elas crescem tanto, de um ano para o outro, ficam logo assim de uma altura

TE1: nós também temos uma área problemática ali, os outros não fizeram nada e nós não conseguimos fazer tudo ao mesmo tempo, aquilo custa milhares de euros, fazer...

AL: mas para isso devem ter ajudas não? Para fazer o controlo das invasoras...

TE1: tivemos, foi feita uma candidatura no tempo dos anteriores mas falhou

AL: falhou a implementação?

TE1: falhou, falhou, porque cortaram-nas, fizeram o tratamento mas depois entretanto nasceram outras, entretanto aquilo eram 60 ou 70 hectares e entretanto já está quase igual, porque a candidatura havia de ter sido feita mais pequena, numa área mais pequena e conseguia-se controlar numa área mais pequena de cada vez, não era fazer logo 60 ou 70 hectares de cada vez

AL: pois... e vocês aqui ao nível da floresta que tipo de gestão é que ... ou seja, quem é que faz? Quem é que prevê a gestão da floresta... eu quando digo gestão da floresta estou a falar por exemplo dos cortes dos pinheiros, da plantação dos carvalhos, são vocês mesmos ou são aconselhados

TE1: somos nós... somos nós directamente, nós vamos vendo e se num lado ou noutro precisa de ser o mato roçado depois se tivermos poder monetário fazemos, ou se uma área ou outra precisa de mais árvores fazemo-lo também, a gente não precisamos de nenhum técnico que nos venha dizer, nós também temos olhos na cara para ver

AL: e para cortes também são vocês que decidem quando é que é os cortes...

TE1: sim

AL: a partir de que diâmetro ou qualquer coisa assim

TE1: imagina, numa zona que o pinhal está criado e que por exemplo estão pinheiros já criados a morrer, não é, porque acontece muito e depois aquilo passa de uns para os outros, a gente chega lá corta um pedaço, pronto, aquilo fica ali terminado e já não morre mais pinheiro nenhum... zonas de pinhal criado já não é...

AL: pois, e na plantação de carvalhos... eu lembro-me que perguntei isto ao início da conversa mas já não me recordo, eu perguntei se vocês tinham usado os subsídios para plantação...

TE1: foi, foi nessa plantação ao tratamento das acácias, onde foi plantado o carvalho e o sobreiro

AL: ah, ok, ok. E aí nesses casos já há um técnico a dar umas dicas ou não?

TE1: houve, houve quem elaborou o projecto, até estar concluído no terreno, mas depois aquilo cresceu tanto outra vez que já está outra vez incontrolável

AL: as acácias... e os carvalhos...

TE1: muitos morrem

AL: pois

TE1: portanto, são as tais coisas falhadas que foram aconselhadas pelos fulanos do ICN que lembraram-se de introduzir também carvalho numa zona que eu para mim não deveria ser. Normalmente o carvalho tem que se aproximar mais de uma linha de água, não é, mesmo que não seja mesmo na linha, a 20 metros da linha, por ali. E portanto eles sugeriram que fosse plantado numa área, em toda a área

AL: onde estavam as acácias?

TE1: sim. Porque depois o que é que acontece... o crescimento é lento, do carvalho, por causa da humidade em si, o carvalho gosta de alguma humidade, pronto, e depois o crescimento das acácias é muito rápido não há hipótese

AL: pois... e aquilo de criar povoamentos mistos, de incluir carvalhos no meio dos pinheiros, eu já vi aí alguns sítios onde havia

TE1: foi esse também... foi a mesma coisa, foi povoamento... como é que eles lhe chamam...

AL: mistos de folhosas com resinosas?

TE1: é povoamento, quando é povoamento, mas nós ali não foi povoamento que se chama, é... adensamentos... adensamentos!

AL: ah, sim

TE1: porque adensamentos é... num terreno enorme não é, como naquele caso, em zonas que não tem nada plantaram lá essas árvores, na outra zona a seguir já tem

um bocado de pinhal fica, ou lá o que é, depois na outra zona mais em baixo, já... foi mais ou menos isso que foi utilizado, foi o sistema de adensamento, que é diferente de povoamento. Povoamento é as espécies que são espaçadas e com espaços entre elas e aquela treita toda

AL: é fazer tudo de novo não é?

TE1: é... e adensamento é diferente, adensamento é nas clareiras meter um x número de árvores, que foi aquilo que foi feito ali, mas falhou porquê? Porque fomos aconselhados por quem disse que seria bom fazer dessa maneira...

... e por exemplo, o turismo... como a gente já percebeu há para aí muitos turistas a fazer percursos pedestres e não sei quê... aqui há algum controlo disso da vossa parte? Quem é que usa o baldio quem é que não usa...

TE1: não, a gente colabora na elaboração dos trilhos, a gente vai limpando alguns também, e é isso que é feito, não existe entrave nenhum a quem queira andar aqui a pé, não é andar por aí de moto⁴, isso já é diferente

AL: claro, claro. E de bicicleta por exemplo?

TE1: isso é a mesma coisa

AL: como andar? Pois... portanto para vocês isso não é visto como algo mau?

TE1: não

AL: mas também não vos passa pela cabeça cobrar ou o que for? As entradas...

TE1: não, porque isso ao fim e ao cabo é benéfico para as populações locais, há quem alugue quartos, há quem... há quem faça percursos pedestres como guia, portanto...

AL: ai é? Há pessoal aí da zona que faz de guia?

TE1: sim

AL: mas através do ICNF ou não?

TE1: não... eles só precisam de pareceres quando levam um x número de pessoas... se vamos para a serra alta, não sei agora qual é o número de pessoas que podes levar, mas se for mais que... não sei se é 10 pessoas, tem zonas onde já não podes ir... podemos ir até 10, lá para a zona dos Carris e não sei quê, sendo mais que essas, grupos grandes, já não se pode ir... em grupos, grupos enormes, pode-se ir é em grupos pequenos

AL: e podem... ok, têm só de pedir um parecer ao ICNF e podem ser guias turísticos...?

TE1: têm que se constituir para isso primeiro não é, têm que ter a empresa

AL: ok

TE1: se vão usar a zona alta não é, porque aqui em baixo...

AL: a zona alta é a que tem mais protecção?

TE1: exacto... aqui em baixo acho que não é necessário, quem quiser... aqui até podiam andar 50 pessoas que aqui é diferente

AL: pois, exacto... e os percursos, lá está, é o ICNF com a vossa cooperação

TE1: somos nós que pedimos

AL: para sinalizar os percursos?

TE1: pedimos... por acaso até foi a associação local que temos aí

AL: há uma associação...?

TE1: que elaborou este, com o apoio da câmara, mas funciona tudo através de pareceres com o ICNF, não é... tem de se lhe mandar o mapa, que pretendemos fazer o percurso aqui, aqui e ali e assim, eles depois dizem que sim e pronto, faz-se a marcação, é feito um mapa

AL: aaaah, eu achava que isso era responsabilidade do ICNF, fazer os percursos

TE1: é da câmara, e eles dão o parecer deles

AL: hmm, ok

TE1: é assim, qualquer actividade aqui dentro tem de ter um parecer do ICNF, actividade que diga respeito à montanha em si, que diga respeito a *canyoning* ou escalada

AL: sim... parece ser muito engraçado, mas também muito perigoso

TE1: essas actividades é que carecem de licença, ou anualmente ou... não sei como é porque eu não faço isso

AL: sim, pelo que eu percebi há sítios onde não se pode fazer, porque é muito perigoso

TE1: exacto, também há sítios onde não se pode fazer mesmo porque é proibido, e um dos sítios que era proibido foi onde esse fulano morreu

AL: pois, em Cabril, não foi?

TE1: foi

AL: e por exemplo, vocês às vezes usam área do baldio para construir qualquer coisa que seja importante para a aldeia, sei lá, vi num, por exemplo, construção de uma vacaria, foi cedido parte do terreno

TE1: pode ser feito com contratos, pode ser contratado em aluguer uma área para introdução... isto está lá nos estatutos não é. Mas tem acontecido, já há muito tempo foi autorizado a dois moradores fazerem lá os seus estábulos. Mas não é uma coisa muito frequente isso

AL: sim, ai, há pouco disseste qualquer coisa que pensei que tenho de perguntar... não sei. Assim, cedência de exploração é que não há pois não? Tipo, uma parte do baldio decidem dar a uma empresa qualquer para gerir a floresta...

TE1: não, não, não

AL: isso não há cá

TE1: não, aqui não há nada disso, nem queremos

AL: pois... querem manter vocês a gestão é isso?

TE1: exacto... aqui foram feitos dois hectares e meio

AL: ali, de limpeza?

TE1: sim, por aí adiante, onde nós vamos passar, só que esta parte da linha de água o engenheiro disse que havia de ficar e ficou, por causa dos... por causa dos... das espécies que aqui estão

AL: pois, da mata... como é que se chama... da mata ripícola... da galeria

TE1: eles disseram que as espécies que estão na linha de água era melhor ficar

AL: pois... deve ser para segurar as margens e não sei quê

TE1: hmmm, não é por isso... é por causa das rãs, por todas as espécies que habitam a zona da linha de água

AL: ah, os animais

TE1: os animais

AL: ok, ok

TE1: daqui para cima e até ali adiante fizemos dois hectares e meio... também pertencia às ITI

AL: isso foi este ano?

TE1: foi... também em janeiro, fevereiro ou março. Ai, eu é assim, é como te digo, a única coisa de boa que até ao momento houve foi o apoio que veio das ITI para nós.

Nós não precisamos de helicópteros, não precisamos aqui de nada, só precisamos de algum apoio para fazermos este trabalho

AL: não, e acaba por ser um trabalho que interessa ao país inteiro, não é, no sentido em que mantêm-se estas áreas, olha os turistas virem para aqui e isto estar tudo queimado, por exemplo não é

TE1: que imagem é que isso tinha?

tu estavas-me a falar, já sei o que é que eu queria perguntar, estavas a falar-me da associação, que associação é que é?

TE1: temos aqui uma associação ligada ao turismo, à promoção turística, uma associaçãozita

AL: ah, é mesmo só ligada à promoção turística?

TE1: sim

AL: não tem outros fins?

TE1: não

AL: como é que se chama?

TE1: ATACE

AL: ATACE? O que é que quer dizer? Associação...

TE1: associação turística não sei quê da Ermida, já nem sei, deixa-me pensar, a t a c e... associação turística...

AL: da aldeia...

TE1: da aldeia comunitária da Ermida, é mais ou menos isso

AL: ok

TE1: é que eu lido com tanto documento que até

AL: vocês têm contabilidade organizada?

TE1: temos

AL: têm uma pessoa de fora que faz a contabilidade

TE1: um contabilista

AL: está bem, e essa associação é antiga ou recente?

TE1: tem para aí 8 anos

AL: o que é que tem feito?

TE1: vai fazendo uns eventozitos, umas festazitas, participa naquelas corridas que vai havendo por aqui, do Carlos Sá e não sei quê

AL: já ouvi falar

TE1: participa na elaboração dos trilhos em colaboração connosco, por exemplo este PR 14 já foi feito no tempo dos outros, mas foi com o parecer dos outros, dos antigos, não é? Eles têm que nos perguntar se podem passar no percurso ou não, depois em colaboração, pronto, resolve-se. Vamos fazer outro trilho ali mais pequeno que este para 5 ou 6 horas, para 4 horas mais ou menos

AL: isso é outra coisa que vocês fazem, dá trabalho mas não ganham nada com isso?

TE1: não... eu não! Eu olha...

AL: ah já está

TE1: vou só aqui mostrar-te um trilho que nós fizemos

AL: bora, bora. Pois lá está, atrai pessoas, as pessoas gastam dinheiro nas coisas locais, como tu disseste

TE1: mas eu também não tenho negócio turístico nenhum

AL: pois, exacto, não é de ti não é, não é para ti directamente

[saímos do carro]

TE1: se for para a aldeia e alguém na aldeia ganhar dinheiro com isso e não precisar de ir embora para estar por aqui melhor ainda

AL: pois, claro, é isso, acaba por ser bom para todos, lá está... mas essa associação não é das mesmas pessoas, ou seja, tu não fazes parte por exemplo?

TE1: eu por exemplo não, mas há pessoas que fazem parte, dos baldios que fazem parte.

TE1: . Isto é o trilho dos pastores, que os pastores usam, tinha aqui um mato enorme e nós também mandámos... mandámos fazer, aí uns 6 metros de largura, mas daqui até lá abaixo já vamos andar um pedaço

AL: sim, podemos continuar, estava só a ligar para o caso de

[espera para eu ligar o computador para tirar fotografias]

TE1: mas isto dá, é assim, não fazes a mínima ideia, mas isto dá muito trabalho mesmo, e é preciso ser inteligente para se ter um trabalho, estar a trabalhar e depois gerir nos tempos livres esta parte, estás a perceber?

AL: claro que sim. E ter disponibilidade mental para isto

TE1: exactamente. Se fores uma pessoa que não se importe, estás, és o presidente, vou para o café, isto dá tudo em balburdia

AL: claro, sem dúvida. E aqui também chamaram a empresa que fez a limpeza e tal

[o vento não deixa perceber a resposta]

TE1: há agricultores aqui que estão colectados que depois trabalham para nós quando é preciso, como foi neste caso

AL: ok... e podem não é?

TE1: podem

AL: já ouvi falar que tinha de ser x empresas, que era difícil de contratar pessoas locais e isso não fazia sentido nenhum para essa pessoa que mo disse

TE1: nós trabalhamos desta maneira, quando é trabalhos pequenos como este nós temos aí 2 ou 3 pessoas no lugar que nos passam factura ou recibo ou recibo verde ou o que for, nós temos este trilho para limpar, nós já temos o preço estabelecido, que é 850 euros o hectare mais IVA, e pronto, e a gente chega aqui mede o comprimento, mede-se as médias todas, divide-se pelo número de vezes que se mediu e dá os metros quadrados e gente paga-lhe ao hectare

AL: está bem... e a limpeza de trilhos também é ITI ou é outro subsídio?

TE1: não, não, isto aqui é um trabalho nosso

AL: ah, ok, ok

TE1: nós entendemos que devia ser feito, estás a perceber?

AL: ok, achava que havia um subsídio mesmo para limpeza de trilhos

TE1: não, agora só falta fazer este pedacinho daqui até lá ao cimo daquelas pedras lá adiante

AL: sim, opa isto aqui é mesmo bonito

TE1: já vamos lá, se queres descemos aqui só mais 20 metros

AL: descemos, descemos

TE1: e é isto, estás a ver as tais mariolas, que se chama, são muito pequeninas, mas pronto

AL: pois são

TE1: mas é mais ou menos isto que a gente usa aí pela serra toda

AL: aaah. Pois, eu já vi umas que tinham para aí umas 7 ou 8 pedras umas em cima das outras... depois a água constantemente a acompanhar-nos

TE1: agora, agora

AL: pois... ah, porque choveu agora não é?

TE1: aqui há um mês atrás não ouvias isso... mas é isso que nos motiva, pelo menos a mim, a nós, a direcção, é tentar segurar uma coisa que nos deixaram, que nos deram

AL: sim, que aprenderam a ligar sem... isto aqui também é considerado uma mariola? Não...

TE1: é considerado uma direcção... uma sinalização do trilho, não é considerado uma mariola, porque uma mariola são 3 ou 4 pedras, mas é considerado uma sinalização do trilho

AL: ok, ok... não é o 14 pois não? Este é outro...

TE1: não, não, o 14 é na estrada [*? não se entende*], isto aqui é um trilho que os pastores utilizam para passar nesta área... estás a ver? ... as pessoas molhavam-se todas a passar aqui e assim não, a gente corta 5 metros de largura daqui a lá adiante e eles passam à vontade

AL: é outra coisa claro... por acaso ainda não vi nenhum gado neste dia. Tu há bocado falaste de um mas eu não vi

TE1: estava ali em baixo...

Aí há 15 dias veio-me um morador da Ermida dizer-me “opa, andam a roubar lenha de pinheiros lá em baixo na berma da barragem, e são os fulanos do outro lado”... veio-me dizer, naquele domingo já não tive tempo de ir lá, no sábado a seguir eram 8 da manhã já eu estava lá no fundo da barragem, pedi a alguém que me levasse lá com o carro, e fiz a pé a berma da barragem toda, 3 km, para ver o que é que se passava, estás a perceber? É a gente sair quando for preciso

AL: claro... e estavam mesmo?

TE1: estavam

AL: mas era malta quê? Do outro lado da barragem?

TE1: sim, do outro lado

AL: e depois houve algum problema ou?

TE1: ah, eu... já estão identificados já vão levar com um processo em tribunal

AL: ai, ai... eles têm baldio não têm?

TE1: têm, mas [*? não se entende*], é assim...

AL: vocês aqui também têm os baldios delimitados com cruzeiros e não sei quê?

TE1: não é com cruzeiros, é com marcos e está no livro escrito os nomes dos locais

AL: esse livro é um livro antigo não é?

TE1: é a cópia do antigo, o livro antigo ainda está na casa do fulano anterior que perdeu as eleições e que ainda não nos deu

AL: e como é que conseguiram a cópia?

TE1: porque as cópias já foram feitas há 15 anos atrás

AL: ah, ok

TE1: não é bem uma cópia, é feito... portanto o dos antigos é escrito à mão e depois foi traduzido e foram feitos livros no computador mas com a tradução que lá estava nos livros

AL: quem é que fez esse trabalho?

TE1: a tradução? Não sei, foi feito lá por um fulano para aí há dez anos atrás [*? não se entende*]

AL: mas a iniciativa foi daqui ou foi do ICNF?

TE1: não, não, não tem nada a ver com o ICNF

AL: está bem... e esse tipo de conflitos depois reflecte-se na aldeia? Tipo, por exemplo, o conflito com o antigo órgão de gestão do baldio, entre vocês e eles, isso depois cria mal-estar na aldeia ou...

TE1: para mim não, vivo bem sem eles, ele é que deixou de falar para mim [*? não se entende*] deixou de falar [...]

AL: e é só contigo ou é também com os outros?

TE1: também com alguns dos outros, mas poucos, é mais comigo

AL: o presidente

TE1: há lá uma senhora que devia estar à volta dos tachos e não está, porque o trabalho dela seria melhor à volta dos tachos, até disse que eu nem devia ter vindo da Inglaterra “saiu da Inglaterra veio lixar isto tudo”

AL: (RISOS) veio lixar isto tudo... do ponto de vista dela é verdade

TE1: porque o marido dela também trabalhava diariamente aqui

AL: e se calhar recebia um quinhão

TE1: recebia o ordenado, 600 e tal euros por mês

AL: e como é que é a vossa relação com a Câmara municipal

TE1: ah, nem é boa nem é fraca, nós só precisamos de uns pareceres de vez em quando, quando precisamos de fazer alguma coisa que temos que lhes pedir e mais nada

AL: não há nenhuma cooperação...?

TE1: não, a não ser nos trilhos também, nós estamos em conjunto, mas os trilhos, só temos isso que foi trabalhado em conjunto com eles. Vamos fazer outro ali em baixo também, está a ser tratado connosco, com a associação e com eles, e pronto, é só isso. Eles dinheiro não nos dão porque não têm, ainda há tempos fui lá pedir umas manilhas para fazer uns aquedutos e ele começou a dizer “temos aí umas candidaturas próximo e tal, vamos fazer umas candidaturas para essas coisas”, não vão fazer coisa nenhuma, foi só... e ainda que faça as candidaturas depois o dinheiro vai para outros lados, estás a perceber?

AL: sim. e não há vontade da Câmara de começar a gerir isto aqui?

TE1: vontade até haveria não é, mas nós... isto aqui quem manda aqui somos nós

AL: mas nunca demonstraram isso, essa vontade?

TE1: não, não, ou até nem haverá, não sei... não faço a mínima ideia, isso nunca foi posto em causa

AL: e a Junta também não há esse tipo de...

TE1: não, também não há esse tipo de interesse, pelo menos pelas conversas que tenho tido

AL: pois... mas então estávamos a falar da Junta, a vossa relação com a Junta também é pacífica...?

TE1: é... eles também coitados também não têm dinheiro, não têm nada para nos dar

AL: pois... e vocês alguma vez colaboram com a Junta ou fazem qualquer coisa...

TE1: já aconteceu, fizemos uma... uma brita, uma calçada, e eles deram a pedra, nós pagámos a mão-de-obra

AL: na Ermida?

TE1: sim... isto ao fim e ao cabo esteve nas mãos destas pessoas 30 anos, mas isto, durante 30 anos fizeram-se aí muitos caminhos, que se tivessem de ser feitos hoje deus me livre, era... não é? Esses caminhos se fossem feitos hoje era um balúrdio

AL: sim... mas foram feitos pelos CD? Pelo CD...

TE1: sim, sim, e isso tudo pronto, está visível hoje, uns bem feitos, uns mal feitos, mas quem fez mais fomos até nós já...

AL: pois. Portanto a Junta nunca chegou propriamente a gerir isto, se em 1920 entregou

TE1: não, não, não. Aqui a Junta nunca nos disse nada, nem ninguém

AL: e desde o ano em que se deu o foral, ou como se diz

TE1: é... foi entregue às populações

AL: pronto, a partir daí nunca mais se deu aqui...

TE1: não, não, com a Junta e com a Câmara nada...

[fala-se do que se vê lá de cima, o rio Arado, a ponte, descreve os limites do baldio da ermida. Falo-lhe da rocha onde estive em Fafião que se via tudo aquilo que estamos a ver mas de outra perspectiva, identificada pela presença daquela antena pinheiro]

TE1: depois aqui há aqui uma serie de terrenos privados aqui nesta zona

AL: aqui em baixo?

TE1: sim

AL: lá está, que já vêm desde há...

TE1: sim, desde a mesma época

AL: e as propriedades privadas que estavas a falar são aqui?

TE1: sim, não é tudo, vai para aí desde uma distância de 100 metros da estrada até metade da encosta, daqui para lá é privado, até lá adiante àqueles carvalhos, depois é tudo baldio (... continua a descrição...)

AL: pois... os privados pelos vistos também não fazem grande coisa disto

TE1: não, vão cortando mato

AL: mas não está murado pois não?

TE1: não, mas está delimitado com cruces, eles sabem bem onde é

AL: pois, então também usam o método das cruces aqui

TE1: é, para delimitar as propriedades... ou cruces ou muros, mas muros usa-se pouco aqui

AL: e vocês têm levantamento cadastral, com GPS, aqui do baldio todo, ou não?

TE1: ainda não. O levantamento da área total, conforme viste no mapa, acho que foi feita com GPS, aquela que está mencionado no mapa das ITI. Mas é aquilo que está

dado na direcção regional de agricultura e às vezes não condiz com o que está no terreno, por exemplo houve ali uma esquina em que eles vieram até para cima de uma propriedade privada, do outro lado desta montanha, porque quando se está na direcção regional a dizer “é por aqui, é por aqui”, tem de se conhecer muito bem geograficamente o terreno, estás a perceber, a gente estar em frente a um computador não é a mesma coisa que estar no chão. Há uma diferença para aí de 50 metros, mas isso também não faz diferença nenhuma

AL: mas quando andam com o GPS deve ser com pessoal local também não é?

TE1: não sei, foram os anteriores que fizeram, porque os limites até se fazem no computador, nem é preciso ir ao terreno, eles agarram no computador, pegam lá no ratozito, é por aqui, é por aqui, já está

AL: mas quando vocês fazem os PUB ou PGF, ou como é que se chama agora, os planos de utilização do baldio... ou não fizeram?

TE1: isso ainda não fizemos, vamos fazer brevemente, o engenheiro já nos disse, quando abrir uma candidatura qualquer diz ele que se pode incluir na candidatura

AL: o PUB?

TE1: não, isso já acabou, o PGF, o plano de gestão florestal, o PUB acabou. O engenheiro disse-nos que a próxima candidatura que a gente faça vem incluído o plano de gestão florestal da área toda. Já temos valores e tudo é só... só estamos à espera que abra qualquer candidatura para fazer uma candidatura da roça de mato ou sei lá o que é que vai vir aí

AL: eu achava que para fazer uma candidatura já era necessário ter um PGF...

TE1: é, é... mas diz ele que se faz na mesma altura, porque senão já ele tinha feito, foi isto que ele nos disse, porque nós já estamos autorizados a fazer

AL: então se vocês tiveram as ITI e se não tinham PGF também...

TE1: não era necessário, agora para fazer candidaturas a INP's e assim vai ser necessário

AL: vocês ainda não usaram INP então...

TE1: já fizemos aí as INP mas ainda não era necessário, na época em que foi feita a candidatura às INP não era necessário PGF, agora é que já é, qualquer candidatura, género INP ou o que for, já é necessário ter PGF

AL: aprovado não é? Não é só ter feito, é aprovado

TE1: elaborado, elaborado e aprovado

AL: aprovado por eles, pois... e nesses casos vocês estão com a Atlântica não é? Eles ajudam-nos a fazer essas coisas...

TE1: sim, dão-nos o apoio necessário, por acaso não é com eles que vamos fazer o PGF, possivelmente, mas isso não inviabiliza de eles fazerem a candidatura e de o fazerem também, não era isso que estava programado e o futuro não se sabe

AL: então quem é que falou com vocês, foi o tal engenheiro do parque?

TE1: hmm, não, não, é outro engenheiro de uma empresa que já trabalhou para nós a roçar mato. E ele é que disse para esperar até que abram as candidaturas e que se fazia em conjunto e que a gente receberia algum apoio em vez de ter de pagar 3 ou 4 mil euros para o fazer. E eu disse que estava bem, melhor ainda se assim for, se pagarem metade melhor ainda, só pagamos 2 mil

AL: mas o que é que... esse engenheiro não tem nada... pelo que eu percebi não está inserido nos corpos do ICNF... mas tem conhecimento é isso?

TE1: não, não, não, é uma empresa privada

AL: de florestal?

TE1: sim, sim

AL: ah... portanto ele conhece bem os fulanos do ICNF em Braga, conhecem-se todos, ele trabalha com eles porque já trabalhou numa empresa dessas das carrinhas amarelas, tás a perceber, ele conhece essa gente toda... e pronto

AL: e esse o que propõe é que ele próprio... não... através de candidaturas...

TE1: através da candidatura

[somos interrompidos por turistas que pediram para lhes tirarmos uma fotografia]

TE1: portanto, foi essa a informação que ele me disse porque nós já lhe dissemos para avançar para o fazer e ele disse que não, disse para esperar para fazer a candidatura em conjunto, que teríamos algum apoio possivelmente, senão que nos diria

AL: pois, também não sei bem como é que essas coisas funcionam, mas teria de ser uma candidatura de mais coisas

TE1: exactamente, em conjunto. Ao fazer para uma limpeza de terreno fazer... fazer... ou em conjunto ou em separado mas fazer na mesma época

AL: pois, pois, pois. Vocês já ouviram falar das ZIF?

TE1: não, o que é?

AL: é as zonas de intervenção florestal, são, do que eu sei, são tipo zonas que incluem vários proprietários florestais, sejam baldios sejam privados...

TE1: ah, já estou a perceber, pode não ser esse o nome mas já me falaram disso, vários baldios em conjunto a fazer uma candidatura não é?

AL: acabam por fazer uma gestão florestal igual em toda essa área... igual, gerida pelo mesmo órgão de gestão, que normalmente é uma associação, pode ser por exemplo a atlântica

TE1: ah mas isso nós não queremos

AL: pois, exacto, nem eu estou a dizer que é bom ou que é mau, até porque também não tenho conhecimento suficiente, mas eu sei é que aí

TE1: seja bom ou mau nós não queremos

AL: eu só me lembrei disto porque eu sei, falando com a Sandra soube, que nesses casos os tais PGF são feitos pela ZIF, os baldios não têm que pagar, só por isso é que eu me lembrei, e agora até achei que estavas a falar da mesma coisa

TE1: ah, já estou a perceber, já estou a perceber

AL: porque isso lá está, as ZIF é suposto incorporarem vários baldios, por exemplo, vários baldios e também podem ser privados

TE1: e fazer o plano de gestão florestal dessa área toda

AL: dessa área toda e de alguma forma o que eles beneficiam, para já o PGF não pagam, e depois há outras coisas que também trazem benefícios, depois também do ponto de vista da produção acaba por ser uma produção mais forte porque é feita em conjunto, por exemplo da madeira, e acaba por ter mais ... mais... força não é, porque estão todos juntos, é uma área maior

TE1: é uma área maior só que isso dava em sarilho

AL: pois, pelo que eu percebi o órgão de gestão seria uma associação que não tinha de ser o CD de nenhum dos baldios

TE1: eu já estou a perceber, já não faziam nada os gestores dos baldios, fazia a associação

AL: acho que sim

TE1: eles são muito espertos

AL: acho que basicamente acabava por ser assim

TE1: essa gente é toda muito esperta

AL: acho que vocês também participavam em reuniões e assim, mas

TE1: depois vendiam madeira, andava para aí engenheiro atrás de engenheiro a ver isto e aquilo, estouravam o dinheiro todo em coisas que não tinham significado nenhum como fazem as empresas estatais e pronto, não, isso para nós não...

AL: eu não sei como é que aquilo está a decorrer, sei que já há algumas e sei que vai haver uma ali para os lados de Sistelo...

TE1: eles entenderam-se?

AL: pois, pelo menos até agora, vamos ver como é que vai ser daqui para a frente e não, e até acredito que ainda venha a dar alguma conversa ainda e algum conflito

TE1: é assim, sendo baldios grandes, como é o nosso, como é o de Vilar da Veiga, como é o de Fafião, como é os outros, para que é que precisam de ser ainda maiores?

AL: pois, pois

TE1: não é? Aquilo só traz confusão para quem queira gerir aquilo, ou quem são essas pessoas, imagina uma associação qualquer de pessoas que vêm sabe-se lá de onde, não tenho nada contra essas pessoas, chegarem aqui não conhecem o terreno, não conhecem nada, começar a gerir uma área florestal de 3 ou 4 mil hectares

AL: claro... eu acho que isso só faz sentido em baldios que não tenham pessoas com vontade de gerir elas próprias, pronto

TE1: certamente

TE1: foi para aí em dezembro do ano passado, fizemos aquela área toda, estás a ver, desde o parque dos carros até lá acima [continua a descrição]. Portanto foram dois hectares e meio da parte mais alta da cascata para lá e dois e meio para cá, e ainda fizemos mais um trilho na parte superior daquele monte, que daqui não se consegue ver, de 20 metros de largura, [...] um trilho só de pastores que fizemos com 20 metros de largura, porque isto é uma zona de muito mato e muito inclinada e qualquer fosforo está já lá no cimo da montanha, para termos acesso ali pela

AL: e aquele mato ali ao pé do rio achas que também arde fácil ou...

TE1: qual?

AL: portanto esta zona aqui de linha de água

TE1: aquele que nós fizemos?

AL: não, esta zona aqui, vocês fizeram uma parte de limpeza, dali ate lá acima, mas depois dali para baixo tem bastante, está ligado ao rio, essa aí não há-de arder não é

TE1: não ali, essa ali ninguém lá vai fazer nada

AL: e deve ser muito húmida aquela zona não é...

TE1: já é... aquilo já é mais urze já enorme já está... já só tem a planta, aquela erva por baixo, não tem aquelas fagulhas, quando a própria urze cresce não é, fica só uma árvore, um arbusto, e o que está por baixo também morre tudo, então fica só aquilo no ar, estando aquilo no ar já é muito mais difícil para o incêndio, agora quando é mato contínuo, mato baixo e assim todo contínuo é que é complicado, é complicado porque é sempre a arder. Agora quando, por exemplo, onde está este camecípá todo já não tem mato, isto aqui nunca há perigo de incêndio aqui nesta zona

AL: não?

TE1: não tem mato, agora não temos tempo que já é um bocadinho tarde mas se formos por ali abaixo não vês mato em lado nenhum, debaixo dessas árvores

AL: é mesmo pelo próprio povoamento, não é por haver limpezas?

TE1: sim, sim, sim. Aquilo aqui há 4 anos houve um desbaste e já não tinha mato, mas não tem mato nenhum, porque fechada... isto é uma árvore que fecha a copa uma com a outra, depois tudo o que estiver por baixo morre, porque o sol não entra a vegetação não cresce

AL: pois, sim, vê-se que é escuro por baixo

TE1: isto é assim, um povoamento florestal se conseguir, tendo ele 20 anos e que não arda, aquilo fecha as copas e roçando o mato nunca mais vem mato nenhum, vêm uns herbançozitos baixinhos mas nunca mais vem mato assim grande, como aquele que nós passámos lá na frente de tudo não é. Nós é como te digo, nós não podemos fazer tudo, nós o ano passado fizemos 25 hectares, esses 25 hectares são quase 25 000 euros, estás a perceber, é muito dinheiro... quando se pode fazer fazemos nesses espaços mais... e então o mato morre todo e o pinhal fica... ou seja, não há perigo de incêndio... mas isto é preciso ter queda para pensar nisso não é

AL: pois, não é de qualquer maneira

TE1: que eu aqui há muitos anos tirei um cursozito de 90 horas de... sobre os baldios, sobre povoamentos, e depois isto deu-me algumas ideias e depois com aquilo que eu sabia e com essa treta toda

AL: florestal? A nível de gestão florestal e de povoamentos?

TE1: sim, a nível de povoamentos, tivemos um... para aí de 90 horas, tirámos um curso na Junta, foi pago pela comunidade europeia, depois pronto, mas tive... alguns conhecimentos que ainda hoje uso daquilo, como medir o material lenhoso, os metros cúbicos

AL: sim, inventário florestal, biometria

TE1: exactamente... por exemplo, a gente vende madeira não é, vamos vender e ainda há tempos vendemos uns 500 pinheiros, é assim, a gente vai vender mas já tem que saber quando a gente vai vender quanto é que aquilo pode dar, isto no meu caso, um presidente dos baldios devia ter conhecimentos de saber quanto é que aquilo vai dar aproximadamente. Ora para saber quanto é que aquilo vai dar tem que saber quantos metros cúbicos é que estão lá no terreno, porque aquilo é feito assim, a gente vai marcar as árvores com uma suta e mede-as não é? Depois fazemos os mapas no computador, x árvores de 20, x de 25, x do que for... mas eu faço as contas, x árvores de 20, x metros de altura dá x metros cúbicos de madeira

AL: sim, para ver o volume, exacto

TE1: as de 30 com x metros de altura dá x metros cúbicos... e quando chega a altura de vender a madeira eu também já sei qual é o mínimo que eles podem dar, ou o máximo, porque também sei qual é o valor que custa retirar a madeira que eles usam não é, normalmente por tonelada, não é, e sei qual é o metro cubico, quanto pesa também... de madeira verde um metro cubico de madeira verde quanto pesa, portanto, e depois, antes de vender eu já sei que aqueles x pinheiros vão dar entre x valor e x valor, senão não pode ser vendido

E o que é que achas das limitações que o parque cria à utilização dos recursos e tudo mais, em termos de tudo não é, de plantações, de eólicas, de... enfim de tudo o que vocês não podem fazer por estarem dentro do PNPG

TE1: é assim, nas plantações... nós não temos plantações, pelo que eu saiba não há restrições em plantações, só não podemos plantar é as arvores que não são autóctones daqui. Agora nós queremos, podemos plantar pinho bravo, se for, isto é, se for tudo pago por nós, porque se for feita a candidatura eles já não deixam... já não é elaborado o parecer para o pinho bravo, eles só querem que plantem árvores folhosas, carvalho e sobreiro

AL: ok, já percebi... se for para vocês ao vosso custo... não há incentivos para a plantação de pinhal

TE1: se for ao nosso custo não há restrições mas se for através de candidaturas há... nas candidaturas eles querem participar e obrigar-nos a por as árvores que eles lhes interessem. Mas depois é assim, o que nos dá algum dinheiro para mantermos os 20 km de caminhos transitáveis como vistes alguns, é o dinheiro dos pinheiros algumas das vezes, não é dos carvalhos, porque nós os carvalhos não vendemos, nem se sabe se alguma vez vamos ter rendimento de carvalhos para vender, nem se vai poder vender, porque é uma árvore que a partir de 30 também não se pode cortar

AL: a partir dos 30...

TE1: 30 centímetros de espessura. Agora no que diz respeito às eólicas é assim, eu para mim acho bem isso, porque nós aqui ou temos de ter uma coisa ou outras, ou virados para o turismo, ou virados para as antenas, e não para lá ninguém isso é certo. É o que eu acho, é a minha opinião, não será a da maior parte deles mas a minha é esta porque eu tenho outra visão, nós ganhamos mais com o turismo e não tendo aqui as antenas do que se as meterem aqui, digo eu, até posso estar enganado

AL: sim, isso depende, se não estivermos só a pensar em questões monetárias e estivermos a pensar também em outro tipo de valores não é, sejam valores de beleza, de gostar de olhar para o seu baldio e de sentir que é seu não é, porque a partir do momento em que as eólicas entram aquela parte pelo menos é gerida por eles não é... acho que há muitas coisas a pesar para além do que se ganhar em termos de dinheiro e isso agora depende, já percebi que por exemplo que tu Jorge acabas por valorizar mais coisas para além do dinheiro... eu não faço ideia que dinheiro é que está envolvido em termos de utilização pelas eólicas mas já ouvi dizer que é bastante

TE1: eu acho que eles dão... não faço a mínima ideia, 3 ou 4 mil euros àquelas Juntas daquela serra por cada eólica lá colocada

AL: pois, é muito dinheiro

TE1: está bem, é muito dinheiro, se forem duas já são 6000 euros, mas o que é que eles vão fazer com aquele dinheiro, eles não fazem coisa nenhuma como acolá... estás a ver aquela serra com aquelas eólicas todas, estás a ver aquilo sem pinhal nenhum só vês algumas manchas verdes... aqui há 20 anos tudo aquilo que tu vês era tudo pinhal, mas pinhais densos, pinhais como aqueles grandes que acolá temos. Se ainda hoje lá fores tem lá pinhais com 30, 40, 50 anos, queimaram tudo nos últimos 20 anos, tudo

AL: pois... pois é isso, também ter dinheiro só para ter

TE1: é assim, para mim as coisas funcionam de outra maneira, eu penso de outra maneira, eu e não é só eu, há mais colegas meus, e pronto, eu julgo que aqui a serra do Gerês ganha muito mais se não tiver eólicas do que se as tiver

AL: pois, pois, não és a primeira pessoa a dizer-me isso

TE1: vêm aqui... Assim aqui à zona norte, aqui à zona do Gerês e do parque vêm aqui milhares de pessoas da Alémanha, da Dinamarca, sabe-se lá de onde, se espetarem com antenas porque não sei quê ninguém cá poe os pés porque fartos de ver antenas devem estar eles

AL: sim, é verdade, mas pronto, quem diz eólicas diz outros tipos de desenvolvimentos que aqui não podem ter aqui dentro do parque, vocês não veem isso com muito maus olhos...

TE1: eu não, eu não... eu pessoalmente não, até é como te digo, há coisas que eu concordo com isso... por exemplo a exploração de pedra, fazer uma pedreira aqui numa esquina qualquer ou duas ou três pedreiras, para mim isso era muito mal feito... é como te digo, ou uma coisa ou outra. Ou então espetam aí com pedreiras em todas as esquinas e acabou-se, ninguém cá vem por os pés e aí está

AL: houve essas tentativas? De fazer aqui pedreiras?

TE1: não, não, não. É assim, agora para consumo próprio da aldeia haveria umas pessoas que até gostariam de cortar aí umas pedras não é, mas também não podem, mas também é um mal menor, depois fica mais barato comprar a pedra do que andar aí a cortá-la a trazer o compressor e a pagar e... tas a perceber, isso é um mal menor... eu pessoalmente acho bem, não fazer pedreira nenhuma no meio do parque e pronto

AL: claro, claro... vocês não têm nenhuma antena aqui também a gerar dinheiro pois não?

TE1: não, não

AL: de telemóveis...

TE1: não porque

AL: isso podiam ou não?

TE1: possivelmente, nunca fomos questionados sobre essa parte... é porque não é necessário

AL: claro, sim, eu digo em termos do parque se é permitido

TE1: é, porque lá em Fafião colocaram aquela não é, o tal pinheirinho que lá está. Mas também se aqui nunca foi feito o pedido é porque não... porque não é necessário, as que existem devem fazer a cobertura que eles pretendem

AL: sim, era só para perceber se teriam mais alguma entrada de receitas

TE1: por exemplo, da cortiça, nós acabámos por não vender a cortiça porquê... pela imagem que as árvores depois iam mostrar, como aquilo não sai na totalidade e aquilo ia ficar metade fora metade sem tirar e ficava um mau aspecto, aquilo é um per... o PR 14 é um percurso onde passa lá muita gente, que imagem é que aquilo dava para as fotos que as pessoas iam tirar. E pronto, e nem sequer sei quanto é que aquilo iria dar, ainda lá está uma proposta sem abrir, eu nem a vi, já nos entregaram há um ano e ainda lá está sem abrir que ainda não tive curiosidade de ir ver quanto é que eles davam por aquilo

AL: pois, estou a ver que está aqui tudo controlado

TE1: é assim, connosco está... se fores acolá à zona do Soajo de certeza que eles não têm assim os caminhos transitáveis, um sequer

AL: não fui... aquilo mudou agora, mudou de CD

TE1: eles tiveram lá problemas com as eleições, não sei quem foram... porque era a Junta que geria aquilo (...) eles lá não tinham floresta nenhuma, só tinham giesta, e eu passei lá muitas vezes, porque a gente vai trabalhar para a barragem do Lindoso por vezes, e a gente quando vem na estrada de cá vê-se a zona do Soajo toda, que é Vilarinho das Quartas e Lindoso e aquela zona toda, e aquilo vê-se aquela montanha toda cheia de giestas e mato mas não sei

Rio Caldo: TR1

AL: está bem. E investem na reflorestação? Após retirar

S: investimos, investimos, neste momento olhe, fizemos plantação de à volta de 10 000 árvores, fizemos uma plantação de carvalhos em colaboração com a Quercus, que estão muito bonitos, uma parte lá em cima no miradouro de São Bento... fizemos mais duas plantações, uma de também à volta de 4000 árvores, também carvalhos, cedros e... também com a Quercus, e depois nossa mesmo, foi com a ajuda do engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Carlos Pinto, com o engenheiro Tomás

que nos arranjou aí bastantes árvores e fizemos outra plantação noutra parte, tudo à nossa custa, essa plantação

AL: não concorreram aos subsídios

S: não, nada. Estamos agora à espera que agora vai abrir essa... porque nós tivemos aqui em 2010 uma queimada muito grande e agora a reflorestação está a vir outra vez. Espero bem que agora neste novo Quadro que englobe esse processo para... porque nós não temos hipótese, sem financiamento... não é?

AL: pois, sim, sim, sim. Portanto as receitas actuais do baldio são a madeira

S: é, mas a madeira ultimamente também não se tem vendido, pronto, desde que houve a queimada

AL: então o dinheiro só sai, não entra?

S: só sai e não entra, para já

(RISOS)

S: a não ser os 8000 euros que recebíamos, e até agora acabaram com isso, espero bem que agora este Quadro e este projecto acho que vão dar mais alguma coisa mas ainda não sei... eu ainda não estou por dentro disso

Vilar da Veiga: TV1

TV1: [...] E depois também é assim, quer dizer, as pessoas também vêm e portanto eu também sempre vi com bons olhos o facto de por exemplo, dizer que... dizer não, não basta dizer, por exemplo, a direcção dos baldios diz assim “aqui a igreja está a precisa de obras, está a meter água por aqui e por acolá... isto precisa de obras”. Nós temos um orçamento... pedimos um orçamento, o orçamento é para isto, é para ficar assim, ou para ficar assado, isto é para ficar assim”. Ora bem, eu também sou dos que acho que os baldios devem participar, porquê? Porque se não participarem os baldios eles vão pedir dinheiro às pessoas, aos compartes... não é? Porque ou fazem, dizer assim “prontos, dá 20 euros a casa ...

AL: a freguesia? Não tem que entrar aí?

TV1: não, a freguesia quer dizer, a freguesia, repare... a freguesia já tem que limpar, andar a fazer limpezas na estrada. Não, quer dizer, a diferença é assim, se os compartes são compartes, portanto, e se o baldio pagar pelos compartes, os compartes estão a ter benefício, ou seja... há uma assembleia de compartes, aparece alguém da igreja, ligado à igreja com um projecto a dizer que há necessidade daquele trabalho feito, que mete água, que faz assim, que não sei que mais... e se aparece depois ali também um grupo de compartes, de cidadãos a dizer “olha, nós fazemos parte da comissão fabriqueira e tal, e aquilo precisa mesmo das obras...”, ora bem, em vez de estarmos a lançar 10 ou 15 ou 20 euros por casa comparte para custear aquelas obras, se o baldio pagar pelos compartes, os compartes já estão a ter algum benefício com os baldios, porque nem todos têm o mesmo benefício, porque por exemplo, se eu por exemplo tenho uma carrinha e tenho uma motosserra e se peço

uns tractores de lenha ao baldio, e se o baldio me dá lenha, eu pego na carrinha e na motosserra e vou ao monte à lenha e vou, mas para uma pessoa que não tenha carrinha nem tenha motosserra já não pode ir, então fica-lhe mais caro, e portanto, e por aí assim. Mas antigamente não era dessa forma. Antigamente era fazer as obras, chegar ao fim e apresentar as contas ao baldio. Mas aquilo foi milhares de contos. Olhe de 2009... não, de 1999, não de 2000 a 2010, esta direcção que passou por lá de 2000 a... aliás, de 1999.... De 2000, vamos dizer, de 2000 a 2009 gastou aquela comissão 120 000 contos. Gastou 60000 contos que deixou o presidente em 1999, 2000. 60 000 contos... e depois o dinheiro que eles fizeram em madeiras ultrapassou 120 000 contos. Agora que gastaram como? A força que tinham por exemplo os homens que tinham as máquinas, as ?, essas coisas todas de fazer caminhos... por exemplo para tirar um corte de madeira em que eles no final do corte da madeira tirado, o dinheiro não chegou para o caminho, vendiam as madeiras e o dinheiro não chegava para o caminho... e fizeram assim coisas do arco da velha. E pronto, é assim muito... quando se mexem para fazerem qualquer coisa há sempre uma segunda intenção. E aí é que muitas vezes são descredibilizados e as pessoas acham que não é bom e depois que querem roubar os baldios, tirar os baldios, fazer e acontecer, e prontos, ninguém liga muitos, só mesmo quando as pessoas precisam é que dizem assim “prontos, fomos roubados, não há ninguém, ninguém ligou por isto, ninguém quis saber, ninguém se entendeu”. Porque esta questão de gerir o baldio, quer dizer, não tem ganho certo, também não ganha nada, nós não somos por coisa nenhuma, portanto a gente também não tem que andar na serra, nem em de conhecer os montes e os limites e tudo, tem de pegar no mapa e também consegue ver não é

AL: e têm conseguido fazer sobrar dinheiro das ITI para depois usarem noutras coisas ou não?

TV1: prontos, isso foi... isso foi outro dos erros que foi cometido ao longo destes anos todos, portanto, a outra equipa que saiu antes de mim fez ainda, portanto, 4 anos. Portanto, recebeu 4 anos. E eu recebi também um deles e mais 4, talvez... e agora acabou. Mas não deixavam de ser 24000 euros, e portanto, a diferença que tinha, e eu, um dos anos que eu fiz... dois, dois anos que eu... um ainda pela candidatura deles, e depois outra feita por mim, creio que foi assim... ou foi um ou dois, eu chamei a equipa de sapadores de Rio Caldo, também é da ADEFM... chamei a equipa de sapadores de Rio Caldo, e portanto recebíamos na altura 24 000 euros, eu chamei a equipa de sapadores, e pelo serviço que tinham de fazer... que fizeram, aquele conforme o plano, paguei 2200 Euros. 2200 Euros que paguei do serviço para fazerem aquela limpeza e o que quer dizer que fiquei com mais de 20 000 euros de lucro, não é? e portanto, o que é que eles fizeram durante aqueles 4 anos pelo menos, foi... aquilo ficaram com mais de 20000 Euros de lucro, portanto dá 80 000 euros, só nesses 4 anos que eles, que a equipa que fez esse trabalho

AL: e usaram sempre a mesma equipa de sapadores cada ano...

TV1: portanto, eles faziam com essa equipa de sapadores também, de Rio Caldo. Portanto, s pagavam 2000 e qualquer coisa ficavam com 20 000 e ... de lucro, e portanto depois gastaram foi aí nessas coisas mal gastas. Entretanto eu fui

realmente, um ano depois, não me recordo, e que teve realmente esse lucro, mas depois de seguida apareceu a equipa de sapadores de Vilar da Veiga, ou seja, o que é que nós temos? Nós temos que pagar por trimestre um valor à ADEFM⁶⁹ pelos sapadores, e quer dizer que esse dinheiro das ITI é contabilizado no fundo para pagar aos sapadores. Ou seja, os sapadores tinham aquele plano ali para fazer das ITI, não é? Prontos, iam fazendo aquele plano, e depois iam trabalhando na mesma para o baldio, sem planos, na altura também não havia projectos, depois conseguimos um projecto também de 40 e qualquer coisa hectares. Mas quer dizer, a soma dos 20, por exemplo nestas

AL: um projecto para plantação...?

TV1: plantação e limpeza e tudo. Nós fazíamos parte... por exemplo, no plano de actividades, no plano de actividades quer dizer que por exemplo os sapadores custam aos baldios cerca de 37000 euros por ano, não é, são 9500 de 3 em 3 meses, e portanto lá está, por exemplo, no plano e orçamento da equipa de sapadores, que eu faço à parte do baldio, da gestão do baldio... desta equipa de sapadores que custa 37000 euros, a gente já previa os 22 000 das ITI, para pagar aos sapadores, não é... e depois mais os serviços particulares que eles façam calculados em não sei quanto, e os sapadores acabam por custar

AL: vocês recebem e eles só recebem salário... não é?

TV1: exactamente, ou seja, nós tínhamos de pagar à ADEFM 9500 de três em três meses, portanto o dinheiro das ITI que era por exemplo 24000 euros, não é... portanto, eles executavam aquela limpeza que estava programada e depois andavam a trabalhar para o baldio, portanto, desses 24 000 euros que nós recebíamos das ITI eles recebiam aquele e mais, andavam a trabalhar sempre para o baldio, portanto esse dinheiro dava para lhes pagar e dava para uma parte do orçamento. E depois, por exemplo, se eles fizessem uma coutada para um particular, que fizessem 1500 euros, depois mais mil, e mais... de serviços particulares, no final do ano... eu posso dizer que até este ano eu nunca paguei nada aos sapadores, ou seja, o baldio nunca teve despesa com os sapadores, foi sempre esse dinheiro que vinha das ITI... mas que era de trabalhos feitos, ou seja, o que é que eu quero dizer... se, no tempo dos antecessores recebiam os 20 000 euros das ITI, e se eles chamavam a equipa de Rio Caldo e pagavam 2000 para efectuar esse serviço... era a única coisa que faziam também, não faziam mais nada... portanto, esses 20 000 euros iam para outro lado mas não para a floresta não é? Vinham para a floresta mas não eram utilizados na floresta. Neste caso, o nosso... desde que temos a equipa de sapadores, é usado na floresta. Porque quer seja directa ou indirectamente, eles estão a trabalhar na floresta, não é? Portanto, eu não lhe vou pagar nada por ele estar a fazer aquele serviço ali para o baldio, mas como tenho que pagar 9500 à associação de 3 em 3 meses, eles têm que estar a trabalhar para o baldio, por exemplo se estiver a chover, vão arranjar os caminhos, tratar dos caminhos do baldio e se não fossem eles tinha que arranjar alguém para tirar os [? *Não se entende*], por causa da chuva para não cortar os caminhos, e prontos, é esse dinheiro das ITI reflectia-se no orçamento dos sapadores

⁶⁹ Associação de Defesa da Floresta do Minho

AL: e eram também os sapadores que faziam a limpeza das ITI

TV1: pois, faziam tudo

AL: então era, só usava esses 9500 por ano, basicamente

TV1: de 3 em 3 meses. São 37, e a associação recebe 35, portanto uma equipa de sapadores tem um orçamento na ordem dos 72 000, sendo que a associação recebe 35000 do Estado e 37 do baldio, portanto, para fazer os 72 000

AL: então vocês que recebem 20 e tal mil, gastavam 30 e tal mil

TV1: exactamente, nós... 24... 13... portanto, nós gastávamos 37, o nosso orçamento era 37 por ano, não é, para a equipa de sapadores. Se nós recebíamos 24....

AL: teriam, que gastar 13 000

TV1: 13, 13. Mas quer dizer, nunca gastávamos porque os trabalhos que os sapadores faziam para os particulares acabavam por... portanto, 1500 de roçar aquela coutada, mais mil para a outra

AL: não iam para a associação, iam para vocês... esses tais trabalhos que eles faziam para particulares...

TV1: se fosse para a associação nós ao fim descontávamos, porque para nós também não vinham, mas quer dizer, ao fim havia o controlo do dinheiro que ia ter à associação e nós quando íamos para pagar já não pagávamos, porque eles já tinham recebido... não é, já tinham recebido desses serviços. Esses serviços, pronto, também algumas vezes havia, outras não havia, e depois também tínhamos um projecto com 40 e tal hectares que era naquela zona que ia para a Ermida, e portanto este ano é que realmente foi cortado tudo, foram as ITI, foram cortadas as ITI, foram cortados os projectos de limpezas, que nós fizemos um e depois aconselharam-nos a recandidatar-nos a continuação daquele projecto e ele não deixaram... portanto, foram cortados, não deixaram, este ano não...

AL: não vai haver? Já sabem?

TV1: vão abrir agora, mas para já, de momento ainda não há nada, ainda não há nada em concreto

AL: e essas candidaturas vocês faziam com a ajuda de quem?

TV1: da ADEFM, somos associados e pronto. Essas das ITI era o Parque que as fazia, portanto o Carlos Pinto, o engenheiro Carlos Pinto é que fazia, é que faz, essas candidaturas, portanto ao nível dos baldios todos do parque, é ele que faz as candidaturas. Portanto, essas ITI e esses INP, são feitos pelo Carlos Pinto. Agora não sei, creio que vamos saber cerca de 11 000 euros, ou coisa parecida, por causa das... é outro nome que eles chamam-lhe as... zonais

AL: os apoios zonais, sim... que é portanto aquela questão, antigamente na vezeira faziam-se as queimadas, não é? Eram feitas as queimadas controladas que iam as

equipas de sapadores, a nossa e a de Rio Caldo, íamos queimar aquilo, para a vezreira de Vilar da Veiga, para a de Rio Caldo, para todas, fazia-se assim. Agora como, visto que aquelas fotos que acabaram por tirar as áreas do pastoreio, portanto, está queimado, agora é proibido queimar e tem de ser roço, tem que se roçar... mas quer dizer, como é menos área calculo que nos vão tocar cerca de 10 000 ou 11 000 euros, coisa parecida

AL: quanto é que vai receber, pensa?

TV1: 11000... penso que 11000. Mas é para roçar umas áreas... portanto, aquilo está dividido em... aquilo são 6 currais, portanto, aquilo estão na zona dos currais, aquilo está dividido, são 6, umas são maiores e outras são mais pequenas, aquilo é também em 5 anos, portanto... quer dizer, a área é praticamente a mesma que era a das ITI's, da limpeza, o dinheiro é que é menos

AL: todos os baldios recebem igual das ITI ou depende da área que têm para limpar?

TV1: os que não estiverem no parque não recebem

AL: sim, mas não depende da área do baldio o valor?

TV1: da limpeza, não... é da limpeza

AL: ah, da área da limpeza.

TV1: por exemplo, nós temos, nos 5 anos que temos para fazer, podemos optar por fazer esta ou optar por começar uma outra, mas portanto aquilo são x hectares

AL: que têm que limpar todos os anos não é? Eles é que dizem quantos hectares?

TV1: sim, eles é que marcam nas cartas os hectares

AL: estou mesmo a terminar, queria só perceber, então neste momento o baldio que receitas é que dá? Já percebi que das ITI não sobra

TV1: das ITI não há, portanto, isso acabou

AL: ou não sobrava, pronto, até hoje

TV1: quer dizer, por questões de... não sobrava porque se trabalhava

AL: porque tinham os sapadores não é?

TV1: tínhamos a equipa de sapadores, é assim... se não tivéssemos a equipa de sapadores chamávamos as pessoas para limpar como faziam os outros e depois sobrava, não é? Só que nós optámos por ter a nossa equipa e portanto essa equipa acabou por fazer coisas que estão todas marcadas, não é, está tudo relatado... a questão de vários incêndios que não existiram por eles não é, primeiro porque estão de vigilância naquelas épocas de calor, enfim, o Estado já para isso paga e que foram detectados vários incêndios em vários pontos aqui destas... enfim, destas coutadas dos particulares e chamaram e acudiram a tempo. E depois o desmazelo das pessoas também que tiveram que os chamar porque assustaram-se e tiveram medo que

houvesse incendio, antes de mais nada, que nós pusemos esses números também, para as pessoas... porque também era tudo contra os sapadores, não queriam que eles tivessem e não sei que mais. E portanto, acabaram por resolver muitas coisas, depois em rescaldos e... mas não quer dizer que não ardesse na mesma muita coisa.

AL: e também fizeram outras coisas não foi? Ao nível das aldeias...

TV1: sim, fazem, por exemplo um particular qualquer que não tem, que tem de fazer uma limpeza qualquer de volta da casa e que não consegue, não pode porque é idoso e não pode fazer e não tem dinheiro para pagar, vai fazer, pois claro... para todos os efeitos é comparte, e não pode e eles vão fazer e limpar, pois claro, quer dizer, a gente tem de ser sempre ouvido nestas coisas e portanto não paga. É porque senão também toda a gente queria e também tem que haver critérios não é, ouviu dizer que foi roçar para aquele então também quero que venha roçar para mim, quer dizer. Há essas coisas todas, por outro lado eles têm a questão dos caminhos que, por exemplo... da maneira que isto é ingreme, e os caminhos assim acentuados de tal forma que se, por exemplo, se não houver aquela manutenção ou se por exemplo, se estiver a chover e se... basta uma pedra meter-se numa valeta para a água em vez de estar na valeta vir pelo caminho abaixo, leva o caminho todo, não é, portanto, isto... essas coisas também têm que se ver. O dinheiro que eles recebem... eles trabalham todo o ano. Portanto, digamos que o que acontece é que o dinheiro contabilizado para o orçamento deles é deste das ITI. Agora eles faziam aquelas áreas que estavam marcadas para as ITI mas depois têm outras áreas do baldio limpas sem ser com dinheiros, não é, que não houve dinheiros de nenhum lado. E os dinheiros que realmente eu recebi foi dos baldios durante estes anos eles não... desde 2010, realmente foi... há um que eu recebi que não queria receber, que fui obrigado a receber, que foi o dos incêndios, uma ninharia

AL: ah, da madeira queimada

TV1: queimada... porque por exemplo, eu tinha me... havia aqui na zona de Ermida pinheiros enormíssimos, que já estavam há um monte de tempo mas que deviam ser vendidos, mas que eu recusei a venda porque tinha ardido esta parte aqui toda e eu disse “se está aquela parte toda queimada, para que é que eu vou estar a vender estes numa zona destas e depois de estarem aqueles todos queimados, o que é eu vou fazer, enquanto são vivos deixa-os estar”, estão a dar semente e

AL: ah, não estavam mortos

TV1: não, não, quer dizer, eram grandes, estavam grossos, não iam crescer muito mais e não sei que mais, mas quer dizer, o dinheiro também não fazia falta, por isso não vendi. O que é certo é que passado um ano arderam todos. E aí foi um prejuízo muito grande. Mas pronto, foi o que se conseguiu fazer... 50 000 euros

[Fala-se de como o senhor Alexandre provavelmente vai ter outro mandato pela frente. Ele diz que não se vai negar se se entrar naquela coisa de não haver ninguém... que não se vai entregar à Junta, que quando uma pessoa se mete nestas coisas tem de aceitar que seja assim]

TV1: isso, olhe, essa é que podia ser uma das boas soluções, se dissesse assim “ora bem não vai haver ninguém, isto passa para a Junta”, não faltava já gente aí a correr... para a Junta é que não

AL: era?

TV1: ui, isso era a coisa que

AL: pois, esqueci-me de perguntar isso, qual é que é a relação com a Junta

TV1: não, é assim, com a Junta nós é assim, n’ós não temos nada. Mas já viu o que era, se fosse para a Junta, os baldios eram da freguesia, não era, e agora como é que os compartes de Vilar da Veiga, sabendo que o Gerês ia usufruir de dinheiros dos baldios de Vilar da Veiga, isso até os comiam todos vivos, ano se podem ver, Vilar da Veiga e o Gerês não se podem ver, é como Terras do Bouro, daqui e dacolá, é as coisas, portanto ... há pessoas daqui que vão a Terras do Bouro, têm que ir às Finanças e as Finanças é ali, eles param aqui o carro, vão às finanças, viram-se para cá vêm para o carro e directos a casa, nem olham para o lado, eles nem sabem que têm o *Intermarché*, não sabem que em Terras do Bouro que há um *Intermarché*, que há bombas de gasolina

AL: mas isso já é o quê? É transmitido de pais para filhos?

TV1: é... e então se fosse assim, agora o Gerês é comparte dos baldios de Vilar e da Ermida, ui... no caso de não haver uma gestão, neste caso do baldio, se não houver entendimento, a lei prevê que a Junta venha a tomar conta, e se assim fosse

AL: Rio Caldo é, não é...

TV1: sim, sim, sim. Mas lá está, também há outras coisas, por exemplo, Rio Caldo tem os terrenos do baldio, está a usar na freguesia toda, porque esses baldios são também... se fossem geridos por compartes, pelo CD, também não era a freguesia toda, era só de um determinado lugar, de lugares. E aquilo a Junta gere aquilo e as receitas... é como por exemplo, o baldio de Vilar da Veiga é só de... pronto, é dinheiros à parte, faz por exemplo um corte de madeiras, tem esse dinheiro que está na conta do baldio, quando o baldio gastar dinheiro só o gasta dentro da área do baldio para fazer qualquer coisa, mas por exemplo, se fosse para a Junta, se gastasse... por exemplo, fazia um corte de 50 ou de 100 mil euros, não ia estar a discriminar, “ora bem Vilar da Veiga vai ter de ser gasto porque é dos baldios...” quer dizer, ele pegava naqueles 100 mil euros e era para gastar na freguesia toda, não ia estar a discriminar se tinha... ou gastava dinheiro dos baldios só em Vilar da Veiga, e dos dinheiros que vêm da Câmara, do FEF⁷⁰ e não sei quê não gastava nada no Vilar porque Vilar tinha dinheiro que chegasse dos baldios, e era para aí uma confusão. E se dissessem pronto “já não há direcção nenhuma, a Junta vai...” se se falasse nisso, aí isto não faltava já aí as pessoas para tomar conta, isso era...

Vilarinho da Furna: TVf1

⁷⁰ Fundo de Equilíbrio Financeiro

AL: e lá é aonde? Se não há aldeia...

TVf1: lá é... conhece aquela zona, sabe onde é que é o museu?

AL: então é aí, em Campo do Gerês?

TVf1: o nome completo daquilo é São João Baptista do Campo do Gerês, é o nome completo da aldeia, e é a sede da freguesia, portanto a nossa própria [? *Não se entende*] e uma capela, foi trasladada

AL: é a sede da freguesia? Mas há pouco não me disse que era Vilar da Veiga?

TVf1: Vilar da Veiga é a sede da freguesia a que pertence o Gerês, são limítrofes, Gerês, Vilar da Veiga compartilham com a sede de freguesia e com o nosso lugar também... ali as freguesias colidem umas com as outras, temos Covide antes de chegar ao Campo do Gerês, também tem foral... ali ninguém tem baldio, naquela zona... não tem

AL: mas a que é que se deve que Terras do Bouro seja diferente dos outros concelhos

TVf1: porque foi para onde foram os SF para a Serra do Gerês, em 1888, mandados pelo rei, e então a gente para se ver livre deles

AL: no final do século XIX

TVf1: foi, foram para lá em 1888, foi quando o Eça de Queiroz escreveu Os Maias... e depois houve para lá aquelas guerras todas e tal [...] e então resolveu-se pôr forais, e, o foral de Vilarinho foi em 1895, 17 de agosto de 1895, essa é a tal escritura de aforamento. Depois a gente ficou com a obrigação por altura de São Miguel... São Miguel era quando se fazia a recolha de... as colheitas, do milho e dessas coisas todas, em setembro, finais de setembro, e depois oferecia-se tanto à Câmara [...] estava lá dito quanto é que era para pagar anualmente. Em 1936 decidimos pagar o foro todo de uma vez, para toda a vida, e então com base nisso, até deixou de ser foral e passou a ser um aforamento privado [...]

AL: então e diga-me uma coisa, a Furna entra em acção em 1900 e troca o passo não é?

TVf1: em 1985

AL: e aí o foral era gerido... ou não era gerido sequer?

TVf1: aí havia uma comissão, que não geriam nada, estava mais ou menos abandonado, eu andava sozinho essencialmente preocupado com a criação do museu, e assim consegui... olha, com 1000 escudos que me deram fiz o museu, sou um bom gestor e ainda tenho cinco Euros, nesses 1000 escudos nunca lhes toquei. Aqui há tempos apareceu-me uma coisa para a gestão da conta, que tinha de pagar a gestão da conta

AL: da Furna?

TVf1: não, da comissão organizadora do Museu, nós criámos uma conta

AL: ah, é separado

TVf1: sim, não tem nada a ver, a Furna nem existia nessa altura, criámos uma associação por causa do museu [...] e no fundo no fundo, com base nisso, agora já estão criados quatro museus, temos o museu etnográfico de Vilarinho da Furna, no 1º andar, depois temos, agora está ocupado, a parte de baixo, pelas Portas do Parque, também já foi só museu, foi contra a minha vontade mas agora até reconheço que enfeita aquilo um bocadinho, até dá jeito. Tem uma exposição sobre a geologia...

AL: aquela parte onde tem livros à venda, do Tude de Sousa, faz parte das Portas do Parque?

TVf1: não, isso faz parte do Museu, da Câmara e tudo, aquilo é da Câmara. As Portas do Parque eu não me poderia opor totalmente porque... quis opor-me a que criassem ali as portas do parque, mas não podia opor-me totalmente, porque no fundo, no fundo, quando lançámos a ideia de criar um museu com o acervo de Vilarinho da Furna, tive também o apoio do primeiro director do Parque, que era o engenheiro Lagrifa Mendes e a ideia inicial, e foi com base nisso que eu - [a partir daqui entra num discurso que não entendo bem que mete um arquitecto que fez uma tese em Belas Artes, e que acaba por ser primo dele, casou-se com a prima dele, suponho que tenha sido quem fez o projecto do museu...] - Então lá criámos essa [*Não se entende*] nessa altura, claro que aceitei o dinheiro, eu era menor nessa altura, ninguém me ligava nenhuma

AL: era menor? Mas isso foi quando?

TVf1: eu comecei a pensar no museu nos anos 60, e depois quando fui maior comecei a escrever cartas para o governo civil de Braga, para a coisa do turismo, para a Gulbenkian, enfim, a ver se alguém me dava dinheiro. O governador civil de Braga deu-me mil escudos para fazer o museu. Sabe que aquilo na vinha em nome de Manuel Antunes, vinha em nome de uma comissão organizadora, nem tínhamos comissão nenhuma! [RISOS] “oh diabo, temos de arranjar uma comissão para levantar o dinheiro”. Então lá criámos uma comissão, o presidente da Câmara Municipal de Terras do Bouro, já o tinha também alertado para isso, ah, e ele aderiu logo.... Também já faleceu. E foi também lá um padre, um cônego de Braga, foi lá pregar e ficou tudo entusiasta com as coisas antigas e não sei quê, e eu convenci-o a fazer parte da comissão. E fizemos a comissão. E a comissão depois faz uma conta na CGD e depositámos logo os 1000 escudos, só que um está para cada canto, entretanto faleceu o cônego, depois eu estava em Lisboa, quer dizer, nunca nos juntámos para assinar um cheque

AL: então agora estão lá 5 euros [RISOS] ...

TVf1: estão lá 5 Euros. Depois a junta distrital de Braga – eu conto esta história aqui [no livro] - de que o cônego era vice-presidente, também deu-nos 10 contos e pronto

AL: mas a casa e tudo o mais foi feita também por vocês ou foi reaproveitada ou...?

TVf1: ora bem, eu sou um bom gestor ou não sou um bom gestor? [...] Claro que levou 20 e tal anos para começar a mexer a primeira pedra

AL: mas aquilo já envolve subsídios da UE?

TVf1: na altura nem sequer havia

AL: não, na altura não haveria, mas agora recentemente houve alguma reconstrução...? Porque aquilo tem muito bom aspecto

TVf1: não, tem... em Portugal fizeram muitas barragens, mas as únicas em que se fez um museu foi em Vilarinho e agora foi na Aldeia da Luz. Mas na aldeia da Luz foi feito assim de raíz e tal, mas ali foi feito com as pedras trazidas da própria aldeia, não... aquelas escadas que lá estão vieram de Vilarinho, cada pedra daquela ocupava exactamente aquele lugar, foram numeradas e depois puseram-se exactamente no mesmo sítio

AL: e esta casa era qual já agora?

TVf1: eram duas casas. Só que foram juntas. E como eu dei apoio lá ao Rosado Correia, ele deu-me apoio também, fez lá o projecto do museu, e conseguimos atrasar o tapamento da barragem durante 6 meses para me trazer as pedrinhas todinhas numeradinhas, isto em pleno fascismo, e contra um director lá da obra, consegui correr com ele dali para fora, ele veio para lá todo simpático, depois “ah, isso não dá nada”... até que conseguimos um despacho aqui do ministro das obras públicas que despachou que pudesse trazer as pedras todas cá para cima e trouxeram-nas e... ah, e na sequência disso é que trouxemos também a ponte, portanto eles vieram por cima da ponte, e depois de terem vindo as pedras todas para o museu veio também a ponte. Isto para dizer que, eu na altura até estava em Moçambique, vim cá de férias e então criámos uma associação porque eu sozinho também não dava para nada, isso foi em 1985

AL: e entretanto os baldios estavam um bocadinho...

TVf1: e entretanto criámos a associação, uma das condições foi também que as pessoas comessem a passar as procurações à associação, e com base nisso temos as coisas organizadas. Fiz a habilitação [ou aplicação?] de herdeiros, daquela gente toda

AL: eu não sei muito bem o que é isso

TVf1: por exemplo, tem os seus pais não é, os seus pais com certeza habilitaram-se a ser herdeiros dos seus avós, quando eles morreram teve de provar que para ficar com a casa, para ficar com o quintal, para ficar

AL: pensei que quem fazia isso eram os próprios avós

TVf1: não, os avós para durante a vida dar, mas [...] sei lá, para coisas com o banco, para ser herdeiro dele [...] Entregámos o processo no tribunal de Vilarinho, porquê? Porque há gente que não está aqui certa, havia menores, quando há menores ou dementes ou em parte incerta, tem que se fazer um inventário obrigatoriamente,

quando não faz-se um inventário facultativo, ou então as pessoas organizam-se e vão ao notário e reconhecem

AL: e têm de descrever a parte que me

TVf1: sim, parte que me toca naquela herança

AL: isso está definido então...

TVf1: está definido. Por exemplo, eu agora, infelizmente já sou herdeiro porque o meu pai faleceu há dois anos. Mas se não fosse isso eu, apesar de ser presidente da associação, não tinha lá nem 1 cêntimo. Infelizmente já sou herdeiro, mas ainda nem me habilitei como herdeiro, nem posso provar que sou herdeiro, nem eu nem as minhas irmãs, eu tenho lá uma percentagem, eu a e minha mãe, ... olhe e por exemplo, ali na serra de Arga, Viana do Castelo também tiveram problemas com os SF e também tentaram fazer o aforamento, fizeram o aforamento mas depois não registaram aquilo, porque aquilo também tem de ser registado, não é só a Câmara dar, depois tem de ser registado, tem de fazer consulta ao registo predial, sem tem uma coisa qualquer tem de ir ao registo predial não é? Aqui é a mesma coisa, uma bouça, uma casa

AL: pois, pagam IMI e essas coisas todas

TVf1: tudo. Foi em 1922 que foi registado o registo predial, primeira vez na minha vida, nunca tinha registado essas coisas, e depois foi registado nas finanças, em 1940 e tal e, eu conto essa historia toda aí, e então, depois disso tudo agora nós é que gerimos aquilo, e gerimos de acordo com.... Claro que nas escrituras está que deve ser gerido de acordo com a vontade da maioria, portanto eu nem preciso de ter as procurações de toda a gente, vai pela vontade da maioria.... E é assim que a gente gere aquilo

AL: e quantos são agora?

TVf1: agora devemos ser aí uns, eu tinha lá a lista, devem ser uns cento e tal herdeiros já, mas quando morre um, passa para os netos e para os filhos e por aí fora

AL: e desses cento e tal fazem parte por exemplo 4 netos?

TVf1: divide-se por eles

AL: e fazem parte, isto é, o número de herdeiros conta com o número de crianças...?

TVf1: tudo, se morreu o pai, se o filho era pequeno, olha...

AL: e como é que... uma pergunta, agora com a alteração da lei dos baldios e tudo o mais

TVf1: ah, mas a nossa não é baldio, aí não vou pegar

AL: era aí que eu queria chegar, a lei não vos toca?

TVf1: não, não, de modo nenhum, nem deixamos tocar, aquele é privado, por enquanto ainda não houve... ainda não houve digamos espoliação das propriedades privadas, quando houver espoliação deste edifício também pode espoliar o nosso, mas até lá não

AL: e... já agora, falando de leis

TVf1: ainda mais, é que não somos apenas proprietários do baldio, mas a própria barragem de Vilarinho da Furna, está em nome da Furna, e pago IMI; olhe pago IMI agora no mês de Abril, é verdade... a EDP não paga IMI por nada, [...] e a Furna paga IMI pela barragem de Vilarinho

AL: isso não faz sentido nenhum, a EDP não vos paga em seguida?

TVf1: nada, nada, nada [RISOS]

AL: mas vocês ganham alguma coisa com a...

TVf1: não ganhamos nada, só temos prejuízos. É verdade, mas tem toda a razão de ser, eu vou contar, é uma coisa mirabolante, eu costumo dizer que neste negócio enganei os chineses, não foi bem mas quase [RISOS]. Então foi assim, nós tínhamos esse problema pendente porque a aldeia de Vilarinho ficou aqui pelo meio, mas como podemos ver aqui pela fotografia da barragem...ora bem, o que era lá do meu pai, da minha mãe, e daqueles vizinhos todos, as parcelas, as hortas, os campos, as casas, pagaram meio escudo por cada metro quadrado, imagine só, deram pela aldeia toda 21 000 contos. Mas, debaixo disto não estão só terrenos particulares, está parte desse dito baldio que é o foral, e onde está a barragem era, era e vai ser, terreno de Vilarinho da Furna, o tal foral, que nunca nos foi pago, se não foi pago, quando nos espetaram aqui com o, quando fui lá ver a avaliação daquilo, espetaram com a barragem no nosso nome, porque está mesmo em terreno de Vilarinho e ponto final. E é nossa. Só que, disse eu meio a brincar meio a falar a sério, nós até pagámos é nossa. Só que a central está do lado do Gerês, portanto aquilo de Vilarinho não produz nada, então ficámos a ver navios... mas o terreno é mesmo nosso, e está registado nas finanças no nosso nome

AL: mas continua a não me fazer sentido que seja a EDP que paga

TVf1: porque a EDP estava isenta de pagar essas coisas, como aquilo está em terreno de Vilarinho da Furna, nós pagamos... na altura a própria EDP quando se pôs o problema, quando se fez a barragem, a malta estava um bocado chateada com aquilo tudo e queria vender inclusive a serra, o dito foral, os tais 1800 hectares, a malta queria vender aquilo, não queriam mais pensar naquilo e pronto, está o assunto arrumado

AL: esses 1800 hectares estão fora de água...?

TVf1: estão fora de água. Ora bem, e então, como queriam vender aquilo tudo, a EDP disse “está bem, não precisamos disso para nada mas está bem, olhem, nós damos 3500 contos por essa propriedade, nem mais nem menos”. E a gente “bom, está bem...”, porque é uma terra que metade fica debaixo de água e outra parte fica fora... o meu pai vendeu tudo, e quem diz ele diz mais gente, como aquilo ficava fora da

água, olha vendemos também tudo. Só que depois não se entenderam na partilha do dinheiro, dos 3500 contos quanto é que iria dar a cada um e como é que se vão receber. Se fosse com base na escritura do aforamento, ou então se vou receber com base no registo matricial, na matriz... não se entenderam e então a EDP disse “bom, então quando vocês se entenderem digam que temos lá guardado o dinheiro para vocês”. E assim foi... entretanto até fizemos a associação, criou-se ali uma comissão, constituiu-se um advogado para negociar com a companhia da electricidade como é que íamos fazer isso. E na altura o advogado convenceu-os de que estes 3500 contos, em vez de ser para pagar aqueles 1000 e tal hectares, seria um bocado para pagar uma compensação para a gente que saiu de Vilarinho para não dar, saíram de Vilarinho um bocado forçados, não lhes deram nada, ao menos davam-lhes estes 3500 contos

AL: quem é que defendia isso? O advogado?

TVf1: o advogado, e consegui convencê-los... e eu já ganhei desse convencimento. Quando fizemos a associação eu estava em moçambique, vim cá depois em 1986, nas minhas férias, e aproveitei para ir ao porto, eles têm a sede no Porto... não sei onde é que eles têm sede agora, acho que ainda é no porto, e fui lá falar da [? *Não se entende*] e tal, ficaram muito admirados que eu fosse á pôr um problema daqueles “ah, mas é que esse problema está resolvido não é”. Ah, tem toda a razão, não está nada resolvido pois não... e o problema é que eu vou-me aposentar agora e queria... “então vamos tentar resolver isso”. Lá nomeou a comissão para trabalhar naquilo... ah, e eu nessa altura levei já a listinha toda dos herdeiros de Vilarinho, que aí era os proprietários actuais. Já tínhamos identificado aquilo, já tínhamos a habilitação de herdeiros, eles ficaram até muito admirados... “nós vamos fazer o seguinte, vocês dão-nos estes 3500 contos pela saída da gente de Vilarinho, relativamente aos outros há aqui terrenos que vocês ainda não pagaram, nomeadamente o sítio onde fizeram a barragem, mas em contrapartida há terrenos que vocês compraram e que a nós nos dão muito jeito, que é por exemplo onde nós temos agora o parque de merendas, e outros... “está bem, vamos fazer isso”. lá se puseram a fazer aquilo, identificaram os terrenos e tal, depois a coisa foi-se atrasando, nunca mais ligaram áquilo, mas eu todos os anos, porque eu já sabia que me iam perguntar isso na assembleia geral, eu 2 ou 3 dias antes mandava uma carta para a EDP, já tinha perdido o número de cartas, eles não respondiam, e eu mandava sempre a mesma coisa. De tal forma que comecei a por assim “enésima carta mais não sei quantas” [RISOS]. Até que o engenheiro achou piada aquilo, “oh diabo, nós nunca respondemos a este homem”. E eu recebo um telefonema do José Franco, um engenheiro lá do Porto “acho muito bem resolvermos isso”, e só aqui há 3 ou 4 anos é que resolvemos o assunto. E ele lá pôs também o grupo de técnicos que estavam a fazer o levantamento daquilo, as parcelas todas, com os mapas, aquelas coisas todas, as fotografias, aquilo tudo identificadinho, e chegámos à conclusão que eles tinham incluído o sítio onde tinha sido feita a barragem, os 25 hectares de terrenos cobertos, e mais ou menos também aquilo que eles tinham comprado fora... na orla da albufeira. Fizemos a permuta... a permuta, nós não podíamos fazer permutas em termos de compra e venda, mas podíamos fazer um contrato de comodato, que é o chamado “contrato de usufruto”, ou seja, eles ficam com o usufruto, e em contrapartida nós ficávamos com o usufruto e gestão do que eles tinham fora de água, e deram-nos os 3500 contos, que agora dava 17 500 euros. Entretanto subiram para 25000 euros [RISOS]. Porque a primeira conversa que eu tive no porto, nos

anos de 1980 e tal, eu levava as continhas feitas, atendendo à inflação e tal, esses 3500 contos davam na altura uns 80 e tal mil contos. Diz-me lá o advogado deles “bem, o senhor tem toda a razão, só que se esquece de um pormenor, é que não foi a EDP que não pagou naquela altura, foram vocês que não estavam organizados para receber, portanto a culpa não é nossa, são os 3500 contos”. E tinha razão... e então combinámos... eu tive um congresso no Porto e aproveitei e fui lá negociar com a EDP... eles davam-nos 3500 contos por toda a serra não é... nós conseguimos ficar com a serra mas íamos receber os 3500 contos pela saída de Vilarinho da Furna, 25000 euros neste caso, somos 250 pessoas mais ou menos, fiz as contas assim por alto e dá 100 euros a cada um, por cabeça, quer seja pequeno, quer seja grande, se o pai já morreu, tinha era que ter-se mudado de Vilarinho por causa da barragem. Aconteceu 1000 euros por cabeça... 13000 euros

AL: 13000 euros...?

TVf1: 13000 euros... eu recebi 25000 euros para distribuir pelas pessoas que tinham saído de Vilarinho por causa da barragem, certo?

AL: sim.

TVf1: Então, a associação ficou com esses 3500 contos, subiu já para 25000 euros, moeda actual, mas com a condição de distribuir pelas pessoas não é, não é cá por herdeiro não é por nada, é só porque saiu de Vilarinho, se já nasceu fora já não tem direito. Fiquei com 3500. E ficámos com a serra, certo? E ficámos ainda com tudo o que eles tinham comprado à volta da barragem, foi bom ou não foi o negócio?

[RISOS]

AL: então eles ficaram só com o que estava submerso?

TVf1: é... foi bom negócio ou não foi? [...] Então ainda tive lá uns 13000 euros para distribuir. Quando era para receberem o dinheiro tinham que passar uma procuração à Furna, porque foi com base nas procurações dos outros que tínhamos que nós conseguimos resgatar esse dinheiro todo e gerir aquilo. Portanto, aqueles que receberam 100 euros passa uma procuração à Furna a dizer que tem aquele terreno que passará a ser gerido pela Furna, vai ao notário, reconhece a coisa e

AL: ah, as pessoas que recebem os tais 100 euros por serem parte mas a Furna continua

TVf1: “ah, mas não sei quê”. “Pois mas se o teu pai morrer és tu o herdeiro, portanto passa uma procuraçãozinha...” que é a maneira de nós termos as procurações [RISOS]. já tínhamos, já tínhamos bastantes, só que entretanto as pessoas vão morrendo e tal, e se morrer já não conta, mas agora já tenho quase todos, e quem não passou procuração não recebe dinheiro [RISOS]... é que isto deu muito trabalho

AL: e essas pessoas onde é que andam agora?

TVf1: ah, estão todas dispersas, na altura foram dispersas

AL: e houve muita luta anti-barragem ou não?

TVf1: não, olha, contra os serviços florestais a gente lutou ao máximo e conseguimos ganhar tudo, contra a barragem... conformamo-nos, uns com os outros e com a situação... não há nada a fazer, olha, o que não há nada a fazer está feito [?] *Não se entende*] ... porque nem sequer nos fizeram um caminho para a gente trazer as nossas coisas... eu tenho aqui uma fotografia, que está também lá no museu, nós a fazermos o próprio caminho para sair de Vilarinho, para irem lá os camiões pela primeira vez... ninguém o fez... ainda fizeram o primeiro troço e depois embirraram... “se não fazem vocês fazemos nós”... e fizemos. Eu tirei fotografias, e também trabalhei... trabalhei lá

AL: incrível... quantas pessoas lá viviam?

TVf1: éramos à volta de 250 pessoas, digo à volta porquê, porque havia quem estivesse em Lisboa e depois ia lá de férias, e havia muitos emigrantes para aí e tal

AL: ainda eram bastantes

TVf1: é... eu passo para aqui [para o livro] as coisinhas todas, quem é que lá estava em permanência, quem era emigrante, quem não era, e como é que lá iam, e essas coisas todas

AL: mas portanto, as pessoas agora dispersaram-se por aí

TVf1: estava aqui à procura exactamente do mapa de dispersão, dispersaram-se assim num raio de 50 quilómetros mais ou menos em torno da barragem. Alguns foram para Barcelos, outros foram para Viana do Castelo, outros foram para Ponte de Lima, outros vieram para... olhe, as capelas de Vilarinho

AL: ah, que vieram

TVf1: esta por acaso não foi, mas depois acabou por ser trazida, mas depois já foi para as fundações do museu, mas isto deu uma guerra do arco-da-velha... nós fomos amaldiçoados pelo Estado, que nos deu cabo da terra, e fomos ameaçados de excomunhão pelo padre lá da terra, por causa desta capela

AL: então mas se ia ficar debaixo de água...

TVf1: pois, ia... só que a companhia dava 190 contos pela... também já tinha trazido a outra capelinha para a nossa Senhora da Conceição, lá no Campo do Gerês estava já a igreja paroquial, não justificava trazer mais outra capela, que é maior que a igreja paroquial. Eu só trouxe o torreão e trouxe o sino, o sino o raio do padre deu para outro sítio qualquer, mas o torreão manteve-se de Vilarinho [...]. Mas [?] *Não se entende*] 190 contos... só que o padre lá da terra um dia diz “ah, agora vou de férias e tal, a companhia quer dar aquele dinheiro por causa da capela que fica debaixo de água, e então eu comecei a fazer umas obras lá na igreja paroquial, acho que o melhor será o dinheiro ficar por minha conta e lá da comissão fabriqueira, para nós gerirmos”. Ah, a malta ficou logo chateada e disse mesmo isso, claro que quando disse que decidia uma coisa assim sem conversar com o pessoal, lhe disse logo que não “se tivesse conversado a gente até dizia que sim”. Pronto, eu cheguei lá de férias,

em agosto, e disseram-me que tinham que escrever uma carta para o senhor arcebispo, na altura foi... foi exactamente a 24 de agosto de 1969... e lá foi o zelador, que era o juiz, e mais um grupo. O senhor arcebispo na altura até era o Dom António Ribeiro, que depois veio a ser cardeal de Lisboa, que era o auxiliar [...] chega lá o padre fica todo danado, e é curioso que, até aparece depois num filme, eu nesse dia não estava lá, mas criámos um filme que depois feito pelo António Campos, e o António Campos apanha o padre mesmo à

AL: fez um filme?

TVf1: tenho vários filmes, se for a ver Vilarinho nessa altura tem

AL: eu vi um muito antigo

TVf1: esse é de 1971, do António Campos, eu até depois mando-lhe o *link* para ver na internet

AL: eu vi um que tem imagens muito antigas

TVf1: pois tem, foi filmado em 1968-1969, depois foi mostrado pela primeira vez em 1971

AL: vou ver se é este

TVf1: ah, deve ser, chama-se... Vilarinho da Furna e não Vilarinho das Furnas, eu até explico aí porque é que é da Furna e não das Furnas, já que nos roubaram a terra deixem-nos ficar o nome, Vilarinho da Furna... eu justifico porque é que é assim, é assim que está nos documentos oficiais, foi assim... nós criámos uma fábrica de vidros em Vilarinho...

AL: já ouvi dizer

TVf1: eu tenho aqui até a fotografia da fábrica. E então, inclusive o rei, que na altura ainda era príncipe regente, que veio a ser D. João VI, antes de ir para o Brasil assinou o alvará da fábrica de vidros de Vilarinho da Furna, e ele também lá foi, o próprio rei sabia que era Vilarinho da Furna. Quando é que vai para lá a EDP e essa coisa toda é que começa a chamar as Furnas. Só que nós temos um local lá no cimo da serra que chamamos de Furnas porque são várias covas, é mesmo no plural. Ora bem, só que a aldeia ficava numa furna, feita pela Serra Amarela e pela Serra do Gerês, e é só uma, é a Furna. E é assim... o Jorge Dias chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Torga chamava-lhe Vilarinho da Furna, o Jaime Cortesão fala de Vilarinho da Furna. [...] Até a minha família às vezes já começa a chamar das Furnas, já me confundem

TVf1: a estrada... agora é a estrada nova, é alcatroada, nalguns sítios apanha troços antigos mas já está a desaparecer. A zona onde está mais conservada é ali precisamente na zona da Albergaria, concelho de Terras do Bouro, não é só na zona de albergaria, é no concelho todo, porque um presidente da Câmara bateu-se por isso e comprou aquilo e tal e fez umas coisas interessantes, e até é património nacional

AL: e fazendo parte do Parque, até que ponto não é

TVf1: o Parque foi um estorvo, até agora, sempre foi um estorvo, para toda a gente lá da terra, só prejudicam todo o desenvolvimento... [...] [conta a história de como e quando foi publicado o livro dele, que foi no mesmo dia em que ele te comparecer em tribunal em Braga devido ao processo com o director do parque que ele já referiu, do qual não foi acusado no fim. Em seguida foi para Lisboa para apresentar o livro. Conta isto porque fala de como este conflito com o parque está descrito no livro – 7 de dezembro de 1994. Fala de como estava presente o Ramalho Eanes e a família no lançamento do livro e de como fez com ele uma piada “já tentámos pôr o Estado na cadeia mas ainda não conseguimos”]. E então, voltando à história, tinha mudado o director do parque, já tínhamos outro, e já era o terceiro... olha, este edifício aqui, o monumental, tem a ver com o encerramento dos processos entre o parque e a fuma

AL: então? Teve aqui uma reunião?

TVf1: foi mesmo. Então, o Tio Costa sai e é substituído pelo Paulo Castro [...] e então, ele telefona-me, nem eu o conhecia nem ele a mim, tal como como nós estamos hoje. “Vou aí a Lisboa, vi que há aqui uns problemas entre a Fuma e o Parque, a ver se a gente acaba aqui com isto”, “está bem”, e marcámos um encontro aqui no Monumental [...] descemos para a cave e há ali uma escada rolante, começámos a falar de Vilarinho, a meio da escada rolante já tínhamos resolvido todos os problemas de Vilarinho... foi de uma simplicidade de resolução, sem andarmos cá com tribunais, é que resolvemos os problemas todos antes de sairmos da escada rolante, nem chegámos a tomar café, e ficámos com a situação de Vilarinho resolvida para toda a vida

AL: como é que é possível?

TVf1: é assim, ele era uma pessoa séria, ele também viu que eu era mais ou menos... ah, e ele depois vinha connosco à serra para ver os projectos, para ver os caminhos, se havia caminhos, se não havia caminhos “ah, por aqui é melhor” “pronto, meta lá um técnico à disposição”, e foi connosco à serra mesmo

AL: isso faz toda a diferença

TVf1: faz toda a diferença, outra coisa é assim, outra coisa é, por exemplo, quando foi o tempo do Tito Costa, quando ele escrevia uma carta, normalmente a gente termina, com respeitosos cumprimentos, eu punha “sem cumprimentos, uma vez que o presidente do Parque se recusou a cumprimentar o presidente desta associação, TVf1” [RISOS]. Normalmente ele mandava a carta para o tribunal o avisar a ele ou mandava... e não mandava em nome dele, mandava em nome da direcção do PNPG

AL: era mesmo conflituosa a vossa relação então...

TVf1: aquilo foi coisa do arco-da-velha. Eu tenho aqui um artigo em que eu também o arraso... coitado, aí tenho pena, todo este processo, ele tem a tensão um bocadinho mais elevada [...] mas ele foi parar ao manicómio, foi mesmo parar ao manicómio, e depois infelizmente disseram-me que já tinha falecido

AL: mas ao manicómio ou uma questão depressiva?

TVf1: depressiva, pois. Ah, e depois pôs um processo contra o director dos Parques, pôs processo contra a ministra dele, que era a Elisa Ferreira, pôs processo contra o presidente de Terras do Bouro, contra o presidente da Câmara Municipal de Montalegre, quer dizer, o homem arreia com tudo

AL: pois... e devia ter muito dinheiro para pagar a advogados

TVf1: oh, era o Estado que pagava, quando somos nós temos que pagar nós, quando é ele é o Estado, não paga nada. E até nos conhecíamos, de congressos do ambiente e tal, nomeadamente do Parque... não era amigo, mas era conhecido

AL: e acha que a relação com o ICNF tem vindo a piorar ou a melhorar? Com os novos directores

TVf1: eu agora nem sei quem são

AL: já não há propriamente um director do Parque não é

TVf1: não, agora é da região

AL: sim

TVf1: eu nem conheço, e acho que já mudou agora recentemente

AL: mudou, mudou

TVf1: nem tenho mantido contactos, mantenho contactos ali com a delegação de Braga

AL: Carlos Pinto?

TVf1: o engenheiro Carlos Pinto... até tenho que lhe telefonar hoje, porquê, porque temos... já que já vamos falar dessas coisas, temos lá... reduziram-nos a área de pastoreio, mas não foi a nós, a alguns tiraram tudo, ali ao Campo do Gerês tiraram tudo, só houve um ou dois que aumentaram, não sei porquê

AL: que aumentaram? Ah...

TVf1: sim, acho que fica ali para a zona do Soajo

AL: eu acho que não é tanto aumentar, acho é que quando depois quiseram limpar a imagem disseram que eram só precisos x hectares por CN, aí é que aumentou, digamos assim, a área para alguns

TVf1: isso entrou em vigor o ano passado. Que nessas coisas, o engenheiro Carlos Pinto diz-me “ah venha cá acima para assinar”, eu venho e assino, confio nele... é uma equipa porreira, eu dou-me bem com os técnicos do parque, mas não

AL: o Carlos Pinto é muito bem falado

TVf1: mas com esse director do parque foi um dos meus maiores problemas. A gente falava, não quer dizer que esteja de acordo, por isso é que a gente discute não é, e conversa-se e explica-se uma coisa, quer dizer, e sai a coisa melhor do que só um a pensar.

AL: então o dinheiro que lhes davam das ITI não era suficiente para fazerem as limpezas?

TVf1: fica mais ou menos ela por ela

AL: não sobra?

TVf1: sobra nuns anos mas falta noutros, então nós gastámos 70000, logo já não chegou. Quando gastámos 10000 ou 20000 é conforme. O Carlos Pinto é que nos escolhe as áreas e nós temos de fazer

AL: e vocês fazem com uma empresa a quem pagam?

TVf1: sim, claro. É a associação florestal do cavado, trabalho bem com eles. Ainda agora mandou-me o orçamento para fazer limpezas lá de uma área que fica por aí por uns 12 mil e tal euros, e ainda não recebemos nada disso. Se é pelo que recebemos este ano, só nos depositaram 7000 euros

AL: isso já é agora os Apoios Zonais, que mudou agora com o novo PDR

TVf1: não sei se estes 7000 euros não são ainda do anterior, mas vá lá que ainda temos dinheiro para isso, vá lá, vá lá. Já recebi o orçamento e agora espero que me façam aquilo, tenho de fazer até meados de Abril por causa dos prazos.

AL: tiveram aí um corte enorme... isso não volta atrás?

TVf1: não faço ideia

AL: porque depois eles voltaram atrás, de certa forma, e alteraram a área necessária por cada CN, voltando no fundo à situação quase inicial, não foi?

TVf1: não, não, não mudaram nada. Para já nós próprios aqui do parque também contestámos isso e as populações também se manifestaram. Também assinei lá um abaixo-assinado e essa coisa toda, e ali do Campo, o homem lá do parque do... o Zé Carlos, do parque de campismo, não sei se conhece

AL: ah, do campo do Gerês?

TVf1: sim. Ele é que encabeçou essa luta, eu subscrevi. Telefonei ao Carlos Pinto para saber mais ou menos "ah, acho que sim, nós também contestámos. 2015... não houve alterações. Não sei se em 2016 irá haver alterações

AL: porque eu tinha a ideia que entretanto alteraram, não o corte em si, o corte manteve-se, mas que tinham alterado a área necessária para se ter uma cabeça normal, que teria passado para um hectare, e que por isso

TVf1: não faço ideia. Tenho de telefonar agora, inclusive para saber quais são as démarches que terei de efectuar, e quais é que são as démarches que o interessado terá de efectuar, isso será lá por conta dele, para meter aqui mais um, tenho dois... mais outra pessoa com tantas cabeças de gado, ele é que me vai dizer, porque senão nem o sistema aceita.

MELGAÇO

Castro Laboreiro: MeC1, MeC2

AL: ok. E conseguiram candidatar-se este ano às antigas ITI

MeC1: não. Às ITI candidatámo-nos três, mas em princípio só este que nós, o que eu tomei posse é que tem condições de elegibilidade, vamos lá ver os outros... o que é que diz o IFAP. Mas vai haver aí muitas mais candidaturas aí no novo quadro comunitário

AL: sim, mas eu não percebi, o que é que não tem elegibilidade?

MeC1: se calhar os outros não têm, porque tem a ver com encabeçamento, com o número de cabeças de gado, as ITI, tem a ver com isso

AL: ah... mas não tem a ver com áreas para limpar? Não sabia que também metia cabeças de gado aí no meio

MeC1: sim, mete o encabeçamento também

AL: agora houve recentemente um corte nas áreas elegíveis não foi?

MeC1: foi

AL: mas isso é para os produtores

MeC1: sim

AL: o corte aqui foi grande? Aqui em Castro?

MeC1: ainda foi bastante mas nós temos uma área de seis mil e tal hectares então...

AL: pois... e não há muitos produtores ou há?

MeC1: há... há bastantes

AL: mais ou menos o quê? Uma parte considerável da população

MeC1: mas o número de cabeças ou o número de produtores?

AL: de produtores... as duas coisas já agora

MeC1: não tenho aqui agora, mas da freguesia toda? Talvez 100, não sei... sei lá, não são... têm meia dúzia de ovelhas não é?

AL: pois

MeC1: e depois temos para aí uns 8 ou 9, que esses não, têm 30 a 40 cabeças de vacas, só vacas. Há produtores que têm para aí 70

AL: e com o ICNF não está mesmo a dar?

MeC1: não

AL: e não vai dar?

MeC1: vai!

(RISOS)

MeC1: ainda não descobriram isso mas se não quiserem descobrir de uma forma descubrem por outra

AL: então e no seu ponto de vista... por exemplo, o que é que o moveu, para além da questão dos sapadores... bom, o que eu quero perceber aqui é, qual é, na sua opinião, a actual importância do baldio aqui nestas comunidades?

MeC1: oh, cada vez mais, até porque há montes de actividades que lá se praticam no baldio... passeios, BTT, trilhos, caça, pesca, cada vez mais o turismo de natureza

AL: mas o turismo recebe alguma coisa com essas actividades?

MeC1: pois, pelos vistos não recebe nada (RISOS)

AL: pois... mas há o intuito de vir a entrar nesse meio, digamos, turístico?

MeC1: rentabilizar aquilo que temos e que é nosso. E valoriza-lo... normalmente se não se paga nada pelas coisas não se dá valor a elas

AL: pois, infelizmente é assim não é?

MeC1: não é? E quando se paga, nem que seja pouco, o pessoal valoriza mais

AL: e acham que é possível isso, por exemplo, se calhar o ICNF ou o Parque, que já não existe, não existe como instituição, continua a existir, porque ouvi dizer em alguns baldios que há uma taxa paga de facto mas é ao ICNF, não é aos baldios, eu não sei se isto é verdade ou se às tantas as pessoas às vezes também estão um bocado confusas

MeC1: não, mas há, para certas actividades é preciso um licenciamento junto do ICNF

AL: é preciso...?

MeC1: há certas actividades em que é preciso obter licenciamento junto do ICNF

AL: tipo o quê, BTT com grande número de pessoas...?

MeC1: passeios, sim, e mesmo passeios em certas zonas também, trilhos pedestres às vezes é preciso também licenciar

AL: e paga-se uma taxa é isso?

MeC1: sim

AL: ah. Então o ICNF podia ser um obstáculo para que vocês comessem a receber

MeC1: não, se eles quiserem receber que recebam, isso não podemos impedir isso, mas nós também podemos pôr uma taxa nossa

Castro Laboreiro: MeC2

AL: Aqui... eu sei que houve eleições e que o Sr. Enes já estava lá há... quanto tempo já? No CD?

MeC2: eu já lá estava desde o início, desde 2005

AL: então foi em 2005 que se formaram “os compartes”

[VENTO]

MeC2: [...] se não houvesse ITI não haveria... não haveria

AL: não haveria assembleias de compartes e CD aqui. Antes estava o quê? Na mão da Junta?

MeC2: sim

AL: e a Junta não se pode candidatar às ITI?

MeC2: antes não, antes não

AL: antes não... porque há ali uma Junta que tem, mas eles têm mas recebem muito menos

MeC2: não, mas agora parece que se podem candidatar

MeC2: o problema que tinha acontecido aqui com os baldios não era?

AL: ah, sim, houve eleições, saiu...

MeC2: houve um vencedor, interpretámos que são compartes só os eleitores e que são cá residentes, no entanto quem não interpretou assim dizia que compartes era

quem era proprietário e então apareceram aí uma serie de pessoas que não moram cá mas que têm cá propriedades e ganharam... ganharam as eleições

AL: ah... eles apareceram cá como lista...

MeC2: sim

AL: e não moram cá?

MeC2: e não moram cá

AL: então pera, são CD e não moram cá?

MeC2: sim, aliás a maior parte das pessoas que fazem parte do CD não mora cá

AL: moram aonde?

MeC2: sei lá, olha, alguns moram em Braga, outros moram noutros sítios, em Melgaço, outros assim

AL: então porque é que eles quiseram ser...

MeC2: lá está, como lhe digo, os baldios agora servem para muitas coisas não é, há essas ITI, essas coisas todas, que servem também para promoções sociais e promoções políticas e para fazer uma série de coisas, menos para... no fundo, no fundo, menos para quem vive deles

AL: ai... pois, a lei de facto agora diz que basta que esteja inscrito no caderno eleitoral e

MeC2: não, a lei é complicada, muito complicada

AL: é muito vaga

MeC2: é, depois vai aos usos e costumes, é muito complicada...

AL: é muito vaga

MeC2: é, depois vai aos usos e costumes, é muito complicada...

AL: sim... o que eu noto é que a maior parte das pessoas estão a manter os usos e costumes e acabou, na questão do que é que é comparte e do que é que não é comparte

MeC2: não sei se sabem

AL: o que eu vejo é, as pessoas sabem o que é que a lei diz e no papel seguem mas na prática continuam a... pronto, há baldios que acham que as pessoas que vivem no Porto e em Braga e assim, como vêm cá aos fins-de-semana, podem votar sim senhora e podem manter-se como compartes. A maior parte é isto que diz, até porque é como eles dizem "para nós é uma mais-valia ter pessoas que foram estudar e que têm outros pontos de vista e não sei quê, é uma mais-valia ter aqui esses

pontos de vista no baldio". E portanto mantêm. E muitas vezes estas pessoas acabam por ter de se inscrever no caderno eleitoral do local para onde foram, ou porque pagam impostos lá, ou porque não sei o quê, enfim, eu não estou muito a par das burocracias mas é o que me dizem... portanto eu acho que no fundo o que domina é a lei local. Agora no papel as coisas têm que seguir a lei, pronto. Mas é isso, é quem está no caderno eleitoral da freguesia e quem tem... e lá está, eles têm também lá uma alínea que também diz que quem tem uma exploração agroflorestal na freguesia, ou no baldio

MeC2: no baldio

AL: no baldio, também pode

MeC2: é no baldio, ou quem exerce alguma actividade agroflorestal ou silvopastoril no baldio

AL: mas é o caso deles?

MeC2: não

AL: então o que é que eles têm cá afinal?

MeC2: alguns têm terrenos outros nada. Alguns têm terrenos abandonados, como esses que estão aí, e outros nada

AL: pois... não percebo. Então lá formaram uma lista e conseguiram juntar o número de pessoas suficiente para votarem neles... quantos compartes é que há aqui?

MeC2: sendo assim não sei...

AL: exacto

(RISOS)

MeC2: não é? Dessa forma pode aparecer sempre mais um, assim não se sabe

AL: e antes? Quando a coisa estava melhor definida?

MeC2: são os eleitores

AL: eram quantos para aí?

MeC2: somos 400 e tal, não, são mais, são 600 e tal

AL: só de Castro Laboreiro, sem Lamas de Mouro não é?

MeC2: sim, só. Como era uma freguesia à parte não interessa como... embora agora seja uma união de freguesias eles mantêm o baldio deles e a sua secção de voto e a sua

AL: e são 400 e tal pessoas que de facto intervêm no baldio?

MeC2: não

AL: nas reuniões qual é o máximo de pessoas que já teve? Na sua história de CD...

MeC2: não, poucas, houve só uma que teve ali umas cento e tal, mas de resto... 30, 40... às vezes não aparece ninguém. As pessoas são muito pouco dadas, não são muito dadas, antes aparecessem, às vezes dava jeito que aparecessem mas não

AL: pois... então e agora como é que é feita a gestão? É lá desde Braga?

MeC2: agora não sei

AL: tinha-se recandidatado? a sua equipa...

MeC2: sim, tínhamos

AL: mas os conflitos mantêm-se agora ou...

MeC2: epa, isto está calmo, não sei se se mantêm ou não, eu entreguei a tomada de posse há 3 semanas

AL: mas teve pena?

MeC2: eu? Estava cansado... já estava cansado. Tive pena foi de entregar lá aquelas pessoas não é? Se fossem outras pessoas se calhar...

AL: pois... foi um mandato de 2 ou de 4?

MeC2: de 2...

AL: qual é que é a relação aqui com a Junta na questão do baldio? As coisas estão muito separadas ou...

MeC2: acho que aqui a nossa situação, aliás, o nosso baldio seria... embora, pronto... seria, penso que era o único baldio que estava completamente independente da Junta, penso eu. Nesta zona do parque penso que será o único, se não é o único é dos poucos

AL: no papel há outros, agora na prática isso agora é que eu não sei

MeC2: nas primeiras reuniões a que eu ia eu era o único que pertencia à Junta, embora tivesse alguns elementos da Junta na minha lista mas... embora algumas vezes colaborássemos em algumas coisas mas... uma coisa era a Junta outra coisa era os baldios

AL: mas havia uma boa relação?

MeC2: tínhamos uma boa relação sim

AL: em alguns baldios disseram-me que “ah, se o baldio não se dá bem com a Junta está tudo tramado” (RISOS)

MeC2: opa, e eu acho que sim, que se têm de dar bem não é, eu acho que se devem dar bem, porque no final de contas nós estamos aqui no fim do mundo, isolados, com poucos recursos, se as pessoas começam a guerrear então pior ainda não é

AL: claro, claro... e com a Câmara?

MeC2: também

AL: e cooperam em alguma coisa agora?

MeC2: pouco mas... colabora-se um bocadito

AL: sim, mas também não se dificultam... do ponto de vista turístico aqui há alguma, da parte do baldio, há algum investimento aqui que delineie os percursos pedestres...

MeC2: não, não, não. Nem o baldio tem condições para isso, o baldio colaborava era com a ADERE e colaborava com o Parque, e até foi com o próprio parque, eles é que marcaram alguns dos percursos pedestres e o baldio... os sapadores, o baldio através dos sapadores, fazia-lhe uma limpeza e a manutenção desses percursos

Lamas de Mouro: MeL1, MeL2, MeL3

AL: quando é que vocês formaram o CD pela primeira vez? Quando é que se organizaram os compartes, têm uma noção...?

MeL1: foi em 2013... já existiam mas estavam em conjunto com a Junta

AL: ah, antes estavam com a Junta

MeL1: é, agora como tivemos união [interrompidos pelo levantar da chávena de café ainda cheia]

MeL2: na altura era a Junta que fazia a gestão toda. Fazia a gestão dos baldios e da Junta claro, ela é que fazia tudo

AL: mas era vosso na mesma

[o senhor B interrompe para me mostrar a quantidade de área elegível, de como tinha falhado por pouco]

AL: portanto, a Junta é que geria, mas os baldios continuavam a ser usados pelo povo, segundo os usos e costumes e assim?

MeL1: era, era. A Junta geria o capital, o dinheiro

AL: aha. A Junta já se candidatava às ITI?

MeL2: já, já

AL: já havia essa candidatura

MeL2: já, já

MeL1: as ITI fazem-se em conjunto com Castro

MeL2: sim, mas o Pereira já tinha feito... já se fazia, já, a Junta já fazia

AL: mas vocês fazem as candidaturas em conjunto com Castro Laboreiro?

MeL2: tínhamos feito, agora não

AL: correu mal? [RISOS]

MeL1: não... a gente não, eles uns com os outros um bocadinho, eles lá... uns com os outros, eles desentenderam-se um bocado mas nós já tínhamos feito a candidatura à parte, não foi por causa disso

MeL2: não, porque eles andaram aí em tribunal uns com os outros, aquela história toda, e nós então preferimos candidatar-nos sozinhos que é mais calmo e mais seguro seria não é

MeL1: mas nós já nos tínhamos separado. Para já estamos à espera

MeL2: estamos à espera

AL: pois, ainda não se sabe como é que vai ser este ano não é?

MeL1: não sabemos e vão dar alguma coisa, se não dar nada, e vão dar pouquinho, de vão dar muito... muito não, isso de certeza que não, essa é...

AL: [RISOS] essa é a parte certa... e como é que vai ser se não houver subsídios?

MeL1: ai, não, subsídios para os animais têm dado, eles estão a receber, agora para limpezas, que era o que estávamos a tratar, não sei se não der a gente não limpa. De qualquer maneira enquanto não houver dinheiro não se põe lá gente para limpar

MeL2: enquanto não houver dinheiro a gente não pode fazer

AL: e o dinheiro só vem das ITI? O dinheiro que entra no baldio, para os cofres, digamos assim, do baldio, só vem das ITI?

MeL1: não sei de onde vem...

AL: [RISOS] não é isso, o que eu quero perguntar é se têm receitas de outros recursos

MeL2: não, não, é só daí

AL: mas vendem madeira também às vezes...

MeL2: e da madeira

MeL1: da madeira é pouca, é quando calha de arder... queima na primeira e depois é que vendem [RISOS]

AL: e então e porque é que não gerem isso

MeL1: não, não há grandes madeiras, já ardeu tudo, já ardeu tudo

AL: não há muita área de floresta?

MeL1: não, já ardeu tudo. Havia, agora não há

AL: então neste momento o baldio e a gestão do baldio está dependente da ITI?

MeL1: não sei se é a ITI que paga, não sei... será?

AL: [RISOS] a ITI é aquele dinheiro que vem do Estado para vocês fazerem as limpezas

MeL1: prontos, eu não sei

MeL2: eram 10 hectares que nós fazíamos aqui na nossa

MeL3: como é que é

AL: ITI, agora chamam-se Apoios Zonais

MeL1: vale mais um pequeno lapso do que uma grande memória

[fala-se desta questão, eles fazem perguntas das designações de ITI, AZ, etc.]

MeL2: sim, sim, todos os anos tínhamos que limpar... quando é que tínhamos de fazer de limpeza Fernando?

MeL3: 10 hectares

MeL2: 10 hectares

MeL3: agora o Carlos Pinto é que nos disse que podíamos

MeL1: o Carlos Pinto, conhece?

AL: hei-de conhecer, já ouvi falar dele, já falei com ele ao telefone, hei-de lá ir

MeL2: ele trabalha em Braga

MeL3: este ano é que nos disse que ficava 9 hectares, porque como reduziram os hectares...

AL: aí é, podem limpar menos?

MeL1: menos um bocadito, não é muito, de 10 para 9... não baixa muito não

MeL3: quando vai limpar não vai reparar

MeL1: o pior é que já devem de estar a contar que reduziram o Money, com certeza

AL: pois é isso, porque se eles cortam a área de pastagem para os produtores, se eles dizem que aquilo não é pastagem então também não é preciso limpar, é nesse sentido que vocês podem limpar menos

MeL1: vamos lá a ver olhe, “se eles tiraram ao bico, a gente tira-lhes ao pico”, como dizia o pedreiro [RISOS]

MeL3: agora vamos lá ver se pagam se não pagam

AL: quando é que vão saber?

MeL2: vamos saber quando eles mandarem o dinheiro, ou o mandam ou não mandam, não é

AL: e não sabem quando é que vai haver essa

MeL1: eu acho que era em outubro

MeL3: há 2 anos quando nós estivemos com Castro, nós recebíamos uma quantia no mês de Setembro e a outra no princípio de fevereiro

MeL2: era porque pagavam por duas etapas

AL: eram 10 hectares não era?

MeL2: sim

AL: e faziam sempre isso e acabavam sempre os trabalhos e tal?

MeL2: sim, sim, sim, sempre se fez

AL: e recorriam a uma empresa para fazer limpeza ou como é que faziam?

MeL2: sim

MeL1: uma vez foi à AMBIFLORA

AL: são de onde?

MeL1: se quiser saber vou ali ao carro... tenho ali as coisas do antigo... Eu acho que eles estão em Palmeira, Braga, se não estou em erro acho que é lá

MeL3: eu acho que eles estão ali na freguesia da Gavieira

AL: aí também fazem trabalho ali na Gavieira

MeL3: é, porque ali o terreno é muito inclinado e tem de ser com as máquinas às costas

[o senhor Belarmino lembra-se de pedir para diminuir o volume da TV, para não ficar “uma baralhada” na gravação. Depois perguntam-me se não quero ver se gravou bem, e eu paro a gravação para ver]

AL: portanto vocês pagam à tal empresa para fazerem as limpezas não é? e têm conseguido fazer sobrar dinheiro dessas ITI? Eu estou a perguntar isto porque em alguns baldios vi que

MeL1: que não chega... ou que sobra?

AL: que sobra, que sobra

MeL1: que sobra? Hmm, não sei se será verdade. Isto é assim, se se pode limpar com uma máquina, é mais fácil, mas se tem de ser feito com a máquina das costas

MeL2: leva muito mais tempo

MeL1: já o preço não é o mesmo

AL: pois, depende do terreno, se for muito inclinado se calhar gastam mais dinheiro

MeL3: e também esse dinheiro não é só para fazer limpeza no monte, os acessos aos montes também são

AL: pois... vocês acabam por usar aquele dinheiro todo, não só naqueles 10 hectares mas também

MeL3: nos acessos

MeL1: nem fica para tomar um cafezinho à vontade, nem sequer... também não queremos ahn

MeL3 a fazer caminhos

AL: e nunca utilizaram aquele dinheirinho por exemplo, sei lá, em benfeitorias no povo, ou

MeL3: é só tudo o que diz [respeito] aos baldios, acessos aos baldios

AL: ok

MeL1: se eles nos pagassem muito até daria para fazer mais alguma coisa não é? [RISOS]. o problema está aí. Vamos lá a ver se com a sua ajuda...

AL: a minha ajuda [RISOS]

MeL1: [RISOS] não então...

MeL2: faça aí uma forcinha [RISOS]

[...]

AL: mas é uma quantidade considerável de dinheiro não é?

MeL1: claro que é

AL: quanto é que eles entregam aqui? 20 e tal mil?

MeL1: vinte e... quatro não? Acho que era 24 000. Agora como estamos sozinhos [sem Castro Laboreiro] não sei se vai dar para mais, se para menos

MeL2: como fizemos a candidatura independente dos de Castro

AL: então e por exemplo não há jovens interessados em pôr projectos de jovem agricultor, utilizando o baldio?

MeL1: não. Apenas tivemos um pedido de um projecto para fazer *carting*, não sei se vai ser aprovado se não vai

AL: aqui dentro do baldio? Mas para fazer o quê? Um evento?

MeL1: sim... não, uma pista de *carting*, alcatroada, não em terra, com aqueles carritos pequeninos. Não sei se vai sair aprovado se não

AL: mas vocês votaram em assembleia e as pessoas disseram que sim?

MeL2: ainda está sem resolver, esse caso ainda não está resolvido

AL: mas vocês gostavam?

MeL1: nem por isso

MeL2: nós de momento que nos seja rentável, que nos entre dinheiro para melhorarmos aqui a nossa terra de certeza que não vamos em contra não é. Mas o povo... quem manda é o povo, não somos nós

AL: e o parque deixa por aí...

MeL2: está fora do parque

AL: aaaah

MeL1: não, não, não, dentro do parque nem pensar

MeL2: nem deixam lá tocar

AL: ah, estava a estranhar

MeL1: não, não, é fora, do outro lado. Se for aceite é do outro lado. Os rapazes falaram disso aqui no mês de agosto, eles são emigrantes, estão-se a preparar, não sei se vão aceitar se não. Tem de ter autorização do ICNF por escrito, do ministério do ambiente por escrito, do clube da caça por escrito, da pastorícia, dos pastores

também por escrito, eles são quatro, e depois o [*? não se entende*] do povo. São 5 coisas que têm de estar

[conta uma história que não percebo bem, que tem a ver com a pista dos cavalos na Aveleira, onde tinham o acordo da Câmara e construíram uma torre mas ela caiu

MeL2: o ICNF aqui não aprova de certeza

MeL1: [...] porque nem eu nem os meus colegas vamos dizer “sim, sim, botai isso para a frente” e depois chamam-nos à hora “vocês, venham cá, isto não podia fazer-se, isto não está bem”

AL: e por exemplo, com a Junta de Freguesia vocês vão de acordo?

MeL1: sim, sim

MeL2: sim, não há problemas

MeL1: ele já nos avisou que com dinheiro não contemos que não há, que não vale a pena ir amealhar à porta que não têm nada para dar

MeL2: as Câmaras não têm dinheiro

MeL1: não têm, aquilo está tudo seco. Não têm, dizem que não têm, eu sei lá

AL: na altura em que se organizaram os compartes foi porquê? Porque é que decidiram em 2013 organizar-se?

MeL1: foi porque íamos ter união de freguesias, que estávamos a ser geridos por Castro Laboreiro, praticamente. Então, pusemo-nos à parte, já ainda antes de

MeL2: antes de haver eleições para a união de freguesias

MeL1: já para evitar conflitos, que até foi bom dado o que está a acontecer lá em cima. Se é para andar em tribunal vale mais

MeL2: eles agora andam lá em conflitos uns com os outros porque tendo as outras associativas de compartes dos baldios, eles não se entendem

[MeL1 conta uma história de França de como onde ele trabalhava se tiveram que rebelar, fazer greve e de como ele se viu sozinho no final na frente da batalha. Mas acabaram por ganhar o caso]

MeL1: [...] desde aquela vez que estive em tribunal, não gosto disso. Oxalá nunca mais tenha de lá voltar

AL: e agora a Junta de Freguesia é Castro Laboreiro, Lamas de Mouro e ?

MeL1: união... Lamas e Castro. O Fernandino é secretário, tesoureiro, tesoureiro...

AL: e foi a partir de 2013 que passaram a fazer as ITI separadas de Castro Laboreiro?

MeL2: foi o ano passado só [2014]

MeL1: não, já foi este ano

AL: quando é que se separam as ITI

MeL2: foi este ano

AL: foi nesta candidatura?

MeL2: foi nesta candidatura. Foi em março, ou em maio, ou abril, foi assim na... por aí

AL: mas a Junta geria bem o baldio?

MeL2: sim, na nossa opinião acho que não havia problemas

AL: vocês só queriam era ter a certeza que não ia haver conflitos e por isso é que separaram

AL: e com a Câmara também há uma boa relação?

MeL2: sim, sim, não há problemas, quanto a isso não há problemas

AL: e há cooperação também? Colaboram?

MeL2: sim, quando a gente fizer alguma coisa eles colaboram, dentro daquilo que podem, voltamos ao mesmo, que não há dinheiros, mas colaboram

AL: vocês têm muitos turistas aqui no baldio? A fazer percursos pedestres e assim

MeL2: ah, há, muitos, muitos

MeL1: há aí um parque de campismo já aqui pertinho

AL: eu sei, eu sei

[...]

MeL2: aqui nas Portas do Parque passa muito turista

AL: e eles usam o vosso baldio também...

MeL2: diga?

AL: os turistas entram no baldio

MeL2: sim, sim, sim

MeL1: entram

AL: e a vocês não vos faz confusão nenhuma?

MeL1: não

AL: nem taxam essa entrada?

MeL2: não, não, não. Nem um centimo

AL: e como é que veem essas entradas? É uma coisa boa para a população, para a comunidade e para o baldio?

MeL1: não, não fazem diferença nenhuma

MeL2: eu acho que é, traz vida aqui para a terra não é

MeL1: agora o que há é o turismo, tem que se apostar nele ao máximo

AL: mas, por exemplo, há agências turísticas que levam as pessoas a passear ou fazem de guias

MeL1: há, há a Sylvie, há o do parque de campismo, há aquela empresa de Melgaço dos desportos radicais...

AL: e eles acabam por fazer dinheiro no baldio, não é... eles usam o baldio

MeL2: eles vão com monitores deles não é

AL: pois, mas vocês não cobram nada a essas agencias?

MeL2: não

AL: nem têm... nem faz sentido para vocês? Ou faz?

MeL1: para quê?

MeL2: não, porque se a gente lhes fosse levar dinheiro eles iam embora, desistiam

AL: era?

MeL2: claro que sim, a maior parte

AL: e vocês gostam é que eles estejam cá não é?

MeL1: claro

AL: dinamizam aí a

MeL2: claro, trazem vida para a terra

MeL1: e está a haver cada vez mais, isto tem crescido, o turismo tem crescido

MeL2: se quer saber os turistas que passam por aqui é ir ali às Portas do Parque que eles têm lá tudo apontado e já lhe dizem

MeL1: ele também lá trabalha

AL: trabalha lá?

MeL2: trabalho lá. Sou guarda-nocturno

AL: ah, do parque?

MeL2: não, das Portas, das Portas. Mas nós trabalhamos é com a Câmara não é. A Câmara é que gere isto, ela e o Parque, ela e o Parque. Mas nós estamos como funcionários da Câmara ali a trabalhar

AL: e os turistas que entram na Porta pagam alguma coisa? Ou seja, que... pelo menos eu vi isso em Lindoso, que havia uma taxazinha, tipo um euro

MeL2: é, uma taxazinha. Para informação isso não paga nada, se quer ir... nós temos uma maquete ou como é que se chama, lá em cima, ora bom, aí já paga uma taxa de, é de uns 80 cêntimos, é assim uma coisa, pouca, uma coisa simbólica

AL: e esse dinheiro vai para quem?

MeL2: esse dinheiro vai para a Câmara e para o Parque, que é quem faz a manutenção das Portas, não é, de tudo aquilo, qualquer trabalho a fazer, eles fazem

AL: e vocês estão a par que mudou a lei dos baldios o ano passado?

MeL1: como disse?

AL: a lei dos baldios mudou o ano passado, vocês estão a par disso?

MeL1: eu tenho ali o regulamento

MeL2: sim, alguma informação temos, mas não teremos tudo não é, não sei se...

AL: mas houve alguém que vos veio dizer isso, vocês sabiam

MeL1: nós procurámos saber o regulamento e deram-nos... é a lei 72, de 2014 não é?

AL: exactamente [RISOS] tem mesmo memória para os números

[...]

AL: mas pro exemplo, o Parque veio informar-vos, houve sessões de informação

MeL2: sim, os engenheiros do Parque iam-nos dando informações

AL: e o que é que vocês acham... Estão por dentro da nova lei? O que é que mudou, o que é que não mudou... vocês também só há pouco tempo é que se reformaram não é?

MeL1: o antigo regulamento eu não sei o número, é o...

MeL2: mas nós temos lá o antigo regulamento, temos todos, e a gente vai vendo por ali

MeL3: devíamos estar por dentro disto e não estamos

MeL1: ignoramos totalmente quase tudo

AL: mas por exemplo, como é que vocês consideram o que é um comparte? Como é que vocês definem comparte?

MeL1: comparte é todo o morador daqui da aldeia

AL: morador

MeL1: morador... e que tem cartão de eleitor

AL: então e se tiver cartão de eleitor mas não morar aqui?

MeL1: já não pode... ah, não, pode, pode ser, acho que pode

AL: segundo vocês, eu não estou a dizer segundo a lei, segundo os vossos usos e costumes

MeL1: o problema de Castro Laboreiro vem por causa disso. Pessoas que moram em Braga

MeL2: que não têm residência cá em Castro e vieram votar... o mais importante acho que é a residência

MeL1: mas hoje em dia temos direito a ter duas residências, uma primária e outra secundária

MeL2: ai é?

MeL1: é... como existem aquelas duas nacionalidades [...] como os moradores acho que podem ter segunda residência. Mas o direito de voto, que é só um, não pode haver dois, esse é o que consideram o verdadeiro, a moradia dele

AL: mas por exemplo, quando estava cá a Junta a gerir o baldio, como é que se definia os compartes, como é que se definia os utilizadores... não sabem. Bom, você esteve montes de tempo fora... e você?

MeL3: eu também estive

AL: ah, você também esteve fora?

MeL1: estivemos todos

MeL3: estive no Canadá, estive nos EUA, na França

AL: mas vocês daqui dispersaram-se pelo mundo

MeL1: aqui toda a gente emigrou porque tinha de ser

MeL2: a emigração começou aqui

AL: do Canadá só ouvi falar aqui, até agora. De resto é França, Suíça...

MeL1: ah é? Mas teve muita gente no Canadá

MeL3: os nossos pais não tinham capacidade para nos sustentar, então o remédio foi emigrar aos 16, 17 anos

AL: estas aldeias devem ter ficado vazias nessa altura... havia era mais gente não é

MeL1: ah, pois havia, antes tinha-se 4-5 filhos, agora têm um e nada

MeL3: e muitos deles saíam daqui a pé e chegavam a França a pé, essa dá que pensar não dá?

MeL2: era fugir às autoridades que prendiam a gente

MeL1: eu não andei a pé, mas fui dentro de uma destas cisternas oh, eu e mais 16

MeL1: cisterna do gasóleo, estava...

AL: vazia espero eu [RISOS]

MeL1: ah, pois claro. Desde aqui, já do outro lado da fronteira até à fronteira francesa

AL: com que idade?

MeL1: 16 anos e meio

MeL2: a história é uma história muito grande

MeL1: 11 dias para lá chegar (...) havia uma fotografia que era cortada a meio, metade levava-a eu, outra metade ficava com o passador, quando eu lá chegasse ele dava ordens de juntar as fotografias para pagar. Dez mil escudos e sessenta e três, que era uma fortuna

AL: ah, pois, mesmo hoje não é pouco

MeL2: a história da emigração é muito grande

MeL1: emigração toda a vida existiu

MeL2: existiu e existe

MeL1: quem olhar para os livros vê que toda a vida existiu a emigração

MeL2: você não vê esta gente que quer entrar para a europa, que quer entrar para os EUA, aqueles sul-americanos todos... morrem à fome

[fala-se de Castro, do senhor MeC2, do problema que lá houve, do número de MeC1]

AL: mas o MeC1 e MeC2 ficaram em conflito?

MeL2: não

AL: ah, então ele deve ter o número

MeL3: quase de certeza que tem mas se não tiver diga-me que eu lho dou

AL: está bem está bem, muito obrigada

MeL3: pois, nós.... [*? não se entende*] mas quando vimos que ele ia sair [*? não se entende*] não tínhamos tanta confiança, e foi quando decidimos apartar os nossos baldios

AL: ah, foi porque o Senhor Enes saiu

MeL3: se o Enes continuasse a ... deixaríamos estar como estava

AL: ai era? Confiavam na...

MeL1: sim, plenamente. A gente é que viu que o tempo começava a escurecer um bocadinho, antes que chovesse... [RISOS]. e não nos enganámos

AL: mas este... não confiam nele é isso?

MeL1: não é não confiar, a gente não sabe. Até porque ele é um homem sabido, trabalha na Câmara, é engenheiro, tem as suas habilitações, não tem nada com que se enganar

[fala-se da Gavieira, de como AGav1 é também presidente da Junta, de como eu tinha estado lá pra combinar para o sábado seguinte]

MeL1: nós também eramos para ir para a sede da Junta, mas como ele está de serviço aqui foi por isso que fizemos aqui no

AL: mas vocês fazem parte da Junta?

MeL1: ele faz

MeL3: eu, agora da União

MeL1: nós temos uma sede ali, está de porta fechada, não está lá ninguém

AL: ah porque há outra em Castro Laboreiro e usam mais aquela é isso?

MeL1: não, porque nós aqui tínhamos a Junta de cá, há 2 anos é que temos a união

AL: ah, pois, e têm uma sede para os compartes ou não?

MeL1: é tudo lá

MeL3: e temos uma casa boa, aí a 200 metros, do lado esquerdo, é a ultima

AL: você há bocado disse que têm um tractor...?

MeL1: nós temos

AL: o baldio?

MeL1: junto com castro laboreiro

MeL3: o baldio foi [*? não se entende*] pela Junta e dos baldios... o tractor está na mão da Junta de Freguesia

AL: ah, está em nome da Junta. Foi comprado por vocês e com a Junta é isso?

MeL3: e com a Câmara, participámos todos

AL: há quanto tempo? Já depois de...

MeL3: há um ano mais ou menos

MeL1: ano e meio

AL: e usam-no nas limpezas também?

MeL1: onde esteja direito sim

AL: e quem é que conduz?

MeL1: é um dos sapadores. E há outros, eles são dois

ANEXO IX – Entrevistas aos compartes [2ª fase de campo - Fafião]

Gouveia

Local: café da aldeia

AL: (...) sei que foi presidente do CD não foi?

Vários anos, fui presidente salvo erro em 1991 a 1993, depois saí porque na altura não se podia fazer mais do que mandato, os CD só podiam fazer um mandato e depois tinham que entrar outros, e na altura era 3 anos. Depois acho que foi em 1993 que, salvo erro, que mudou a lei e mudou os mandatos de 3 anos para 2 e as pessoas podiam se recandidatar. E depois eu nessa altura saí, em 1993 e salvo erro voltei a entrar em 1997, e depois estive até 2004

AL: como presidente do CD?

É assim, estava eu e estava o meu primo Bruno, nós alternávamos, um mandato fazia eu como presidente, no outro mandato fazia eu, para não sobrecarregar sempre o mesmo, fazíamos um mandato fazia eu e o outro mandato fazia ele, e estivemos assim até 2004. Depois em 2004 saímos por opção própria, não nos quisemos recandidatar, candidataram-se os da assembleia que estavam a seguir a nós, faziam parte da nossa equipa. Ganharam igual. Nós por acaso estivemos aqueles anos todos porque tínhamos uns projectos em curso e também os queríamos ver terminados. Fizemos vários projectos de florestação, de limpezas, fizemos, praticamente limpámos a área do baldio toda e fizemos plantação de para aí de 50 e tal hectares de área que florestámos, e estão as árvores a vingar bem, portanto, estão bem de saúde

AL: ainda estão cá essas?

Estão, essa plantação ainda existe. E naquela altura fizemos uma candidatura a uma brigada de sapadores florestais... também foi nos nossos mandatos

AL: Na altura em que o ICNF andava a promover essas equipas?

Sim, sim, claro, nós candidatámo-nos a uma brigada de sapadores, para mim muito bom porque essa brigada de sapadores, para além de fazer algumas limpezas, preserva os caminhos e os estradões, porque sempre que há um incêndio, é mais fácil de atacar se houver um caminho limpo do que se não houver nada. E para mim acho que é uma boa brigada, além de dar emprego às pessoas da terra, acho que vale a pena. E sei que nessa altura, nós nesses mandatos que lá estivemos nós conseguimos limpar a área toda dos baldios, tivemos salvo erro para aí 10 anos que não houve aqui uma fogueira de fogo aqui em Fafião, nós conseguimos fazer a limpeza, através de projectos, a todo o baldio

AL: esses projectos eram... o objectivo era fazer limpezas?

Fazer limpezas e florestações. Fazer plantações novas, e nós fizemos

AL: essas plantações que fizeram foi de quê? Pinheiro?

Não, fizemos de tudo, fizemos de pinheiro, fizemos de carvalho, fizemos freixo, pinheiro, fizemos de muitas espécies, quase todas as espécies que se davam aqui. Nós fizemos uma plantação, como é que hei-de dizer, fizemos mista

AL: na altura em que vocês entraram, já estavam pessoas num CD?

Já, já, o CD já existe há muitos anos, não sei bem, não posso precisar, mas já existe CD desde 1970's e tais

AL: pois, logo ali a seguir ao 25 de Abril se calhar

Pois, não faço bem ideia mas o CD já existe há muitos anos

AL: e eram sempre as mesmas pessoas que lá estavam?

Não, não. Tinham que mudar porque antigamente a lei não permitia que os órgãos fizessem mais do que uma candidatura. Portanto, ao fim de 3 anos tinham que sair e deixar entrar outros. Isto salvo erro até 1993. Em 1993 é que mudou a lei, reduziu os anos de candidatura, eram 3 anos e reduziu para dois e aí já se podiam recandidatar. Como agora passou para quatro [anos], agora o mandato do CD passou de 2 a 4 [anos]

AL: e o que é que parece a si, é melhor que cada mandato seja longo ou

É assim, eu sou apologista que haja renovação, porque há muita gente que se calhar não sabe bem a finalidade de um CD, e se todas as pessoas fizessem parte de um CD se calhar percebiam melhor o que era um CD, porque assim há muita gente que critica e não sabe bem o que é um CD e se passassem por lá provavelmente sabiam que aquilo que pensavam se calhar não é bem aquilo que é, porque o CD, portanto, não tem... é sem fins lucrativos, não tem vencimento e tem muito trabalho, para quem quiser trabalhar, tem muito trabalho. Porque os baldios se não forem bem geridos, isto, praticamente ficam abandonados, os baldios têm de ser geridos e para gerir dá muito trabalho... há que ter sempre uma pessoa à frente e é uma pessoa que não tem, sem fins lucrativos, não é remunerada em nada, e se toda a gente passasse por lá se calhar percebia um bocadinho... O CD faz falta, pelo menos para manter as áreas limpas, algumas que possa... os caminhos. Porque antigamente o povo unia-se para ir fazer limpezas de caminhos, mas agora não, o povo já não vai fazer limpezas nenhuma. Se não houver um CD que trate disso, o que é que acaba por acontecer? É um deserto, e depois vem o fogo e dá cabo de tudo, dá cabo dos baldios todos e isso é... acho que é prejudicial

AL: já não há aquela coisa de se fazer trabalhos comunitários para um bem comum, vá

Não, isso agora acabou tudo, agora é cada, cada um é para si, cada um quer os seus empregos e não, trabalhos comunitários... se for uma borga, um convívio, vão. Mas fora daí nada, ninguém faz trabalhos comunitários

AL: mesmo por exemplo, nos trabalhos agrícolas, não há aquela prática de “eu hoje vou por ti, tu amanhã vens por mim”?

Uuuh, agora já há muito pouco, agora lá vai um ou outro que ajuda mas já não é como era antigamente, antigamente juntavam-se todos e iam trabalhar para si ou para mim ou outra pessoa qualquer, agora não, agora já é mais individual, já é mais cada um para si. Porque também o pessoal tem o emprego, praticamente só tem os fins-de-semana, vem ao fim de semana tenta fazer o trabalho deles e já não há aquela

AL: Pois... mas o baldio continua a ter importância para a comunidade?

Sim, eu acho que sim. Eu acho que o baldio, e os órgãos que representam o baldio, continuam com muita importância para a população local, porque se não for isso o baldio fica abandonado de tal forma que, prontos, é o que eu digo, sendo abandonado vem um incêndio ou outra coisa qualquer destrói tudo, e se o baldio estiver a ser gerido, seja por quem for, há sempre aquela hipótese de se fazer limpeza aos caminhos, de fazer manutenção aqui ou ali ou acolá, e limpar nas zonas que estejam mais perigosas aos incêndios, e há sempre outra forma de ajudar, de fazer com que os baldios estejam mais protegidos

AL: sim... mas quem tira realmente partido do baldio hoje em dia são sobretudo as pessoas que têm animais, não é?

É assim, uns mais outros menos, mas toda a gente tira partido dos baldios, porque os baldios não são só pastagens, os baldios além das pastagens também dão lenhas, e as pessoas podem não ter animais mas têm lareiras e vão à lenha ao baldio. Agora se o baldio for totalmente desprezado que seja todo combatido por chamuscas é lógico que depois não dá lenha nem pastagens, não dá nada. E as pessoas que não têm animais, mas têm sempre... vão buscar lenhas secas ao monte, aos baldios, e estão sempre... como os outros, há uns... é como eu digo, uns mais do que outros, mas toda a gente tem a ver com os baldios, e toda a gente tem possibilidades de usufruir deles

AL: hoje em dia entra algum dinheiro não é, por causa dos financiamentos da UE, eu não sei como está a situação actual das ITI, que pelo que tenho ouvido às pessoas é uma entrada importante de dinheiro, não é... e sei que em alguns baldios, e creio que aqui também, conseguem por vezes fazer sobrar dinheiro das ITI e depois usá-lo ou no baldio ou no que for...

É assim, quem tem uma brigada de sapadores se calhar consegue fazer alguns trabalhos com a brigada de sapadores, como nós aqui, e provavelmente, se sobrar algum dinheiro depois se calhar fazem um bebedouro de água, porque também é importante num sítio onde haja água que se esteja a perder, se calhar fazem um bebedouro de água porque é bom para os animais, é bom para os incêndios, porque se houver ali um depósito de água, se houver ali água a colher, não se vão deslocar a outro sítio qualquer não é... e esse dinheiro que sobra normalmente é aplicado no baldio... ou fazem mais um bocado de limpeza, eu tenho conhecimentos que às vezes estão projectados por exemplo 20 hectares de limpeza, se lhes sobrou dinheiro fazem 25... ou fazem 30... aproveitam o dinheiro para benefício do baldio

AL: essas áreas que vocês têm que limpar, são definidas por vocês ou pelo ICNF?

Não, as áreas são definidas pelo ICNF, depois se sobra alguma verba é que são definidas pelo CD dos baldios aplicar onde veja que há mais perigo de incêndio, ou até num caminho que esteja mais desprotegido que se calhar não escapa se houver um incêndio ou por ali numas zonas onde virem que é mais favorável, embora que... deus também não agradou a todos... se calhar eu pensava que era melhor aplica-lo noutro sítio, mas ele é sempre bem aplicado, quem manda é o CD e acho muito bem, acho que muito bem que sejam eles a definir

AL: mas depois também há uma assembleia de compartes, e se as pessoas...

Sim, há uma assembleia de compartes, mas normalmente eles estão sempre em sintonia uns com os outros, porque não vão dizer uns para um lado e outros para o outro. Eles reúnem e entre eles todos vêem onde é que é a melhor parte. É lógico que há sempre um ou outro que diz “se calhar é melhor tal sítio”, mas a maioria é que manda não é

AL: as pessoas participam nas assembleias? Em geral na aldeia?

Sim, sim, sim. Não, o baldio aqui tem funcionado muito bem... tem funcionado muito bem, fazem reuniões sempre que é necessário e põem os editais sempre que é necessário, os baldios aqui para mim tem funcionado muito bem

AL: claro que ouvem-se sempre críticas, eu tenho ouvido aí umas quantas

Claro, é normal. Mas por isso é que eu digo que toda a gente devia passar pelos baldios que era para saberem que às vezes nem tudo o que dizem é a realidade. Porque se toda a gente fizesse parte de um mandato do CD se calhar tinha outra imaginação que não tem assim. Porque assim parece-lhe... sei lá, parece-lhe mares e fundos, e as coisas não são bem assim como muita gente pensa. Nós aqui na nossa casa por vezes também fazemos coisas de que nos arrependemos e que não devíamos... não é? Mas já está feito. E nos baldios também concordo que às vezes se façam às vezes coisas, mas é sem maldade, às vezes coisas que se calhar se fossem feitas de outra maneira ficavam melhor, mas acontece comigo em minha casa,

acontece consigo, acontece com tanta gente que... por vezes fazemos certas coisas e depois “não havia de ser assim, havia de ser ao contrário”, mas já feito, não há volta a dar. E se toda a gente passasse por lá, que eu defendo que toda a gente devia passar por lá que era para ver como é que se gerem os baldios, se calhar não faziam críticas, se calhar percebiam que realmente estavam errados

AL: vocês até podiam, não sei, pergunto-me, se por exemplo uma aldeia como a de Fafião poderia estipular essa regra...? Tipo, cada vez que há uma eleição tinham de ser pessoas diferentes, como acontece com os festeiros não é, que aquilo vai andando assim a trocar, pela rua afora...

É assim, o baldio tem uma lei própria e a lei tem que se cumprir. Agora sempre que há eleições põem-se editais para haver eleições. Há sempre duas listas a concorrer, há uma que ganha. É lógico que a que ganha se calhar é em quem as pessoas têm mais confiança. Porque as pessoas têm sempre mais confiança numa pessoa que noutra, e prontos, aí as pessoas votam, se calhar têm mais confiança naquela pessoa que se calhar vai fazer um melhor trabalho... porque isto é como tudo, nós somos todos humanos, mas uns têm mais visão para fazer as coisas do que outros. E uns conseguem ser mais activos, conseguem fazer muito mais trabalho do que outros. Se calhar com 500 Euros uns vão conseguir roçar se calhar 5 hectares, uma hipótese, e outros às tantas como o dinheiro não é deles, às tantas roçava um. É normal, tudo depende da gestão que cada pessoa tenha. E eu estou de acordo que, embora o dinheiro não seja nosso, que é dos baldios, mas que tem de ser gerido como nosso, porque se assim não for também não há gerência possível. Porque as pessoas que lá estão têm que gerir o dinheiro como que seja deles. E é para mostrar um bom trabalho, porque eu não acredito que as pessoas vão para lá e que não gostem de mostrar um bom trabalho. Toda a gente que participa numa entidade qualquer, provavelmente gosta de ser elogiada e gosta de apresentar um bom trabalho. Toda a gente, penso eu... penso eu e é verdade, não há nenhum que vá para lá e que não goste de apresentar um bom trabalho e que não saia no fim do mandato de cabeça levantada e que a gente goste do trabalho que ele fez

AL: claro... como é que vocês encontraram os baldios quando pegaram pela primeira vez com a vossa lista?

É assim, nós quando pegámos pela primeira vez isto estava um bocado desprezado porque também, as pessoas também tinham poucos conhecimentos, depois também não havia grandes apoios, as pessoas na altura estavam aqui a gerir os baldios mas era daquela maneira, também não havia dinheiros, também não havia nada, estavam a gerir os baldios... sei lá

AL: o parque não intervinha? O parque, quer dizer, o ICN

O parque na altura era o parque que intervinha, mesmo nos cortes de madeira, na altura era o parque intervinha. E depois a partir daí, quando eu entrei é que

passámos à alínea a), que na altura era a alínea b), passámos à alínea a), e é que passámos a ser nós os gestores completos

AL: e porque é que vocês escolheram ir por aí?

Escolhemos ir por aí porque o Parque nunca funcionou, nem funciona. Nós se formos a ver temos mais plantação nova, só aqui na área de Fafião, do que tem o Parque na área toda que eles estão a gerir. Nós houve aí uma altura, umas candidaturas de um projecto do Carbono Zero, em que nós conseguíamos ter árvores novas com capacidade de dar 4000 e não sei quantas toneladas de carbono zero, e o Parque zero, o Parque não tinha... por isso o Parque nunca funcionou nem funciona, porque o Parque se tivesse pessoal no terreno a trabalhar, mas o Parque não tem pessoal no terreno a trabalhar, mas para isso há que ter pessoal a trabalhar, porque isto, as árvores...além de fazer-se a plantação, também é preciso manutenção... porque é muito simples chegar ali acima e plantar uma árvore, mas se não for lá durante o verão regá-la ela acaba por morrer, e não havendo manutenção não vale a pena andar a plantar. Que eu sei que o Parque nalgumas áreas fez algumas plantações, mas se lá passar não tem uma árvore viva... plantou e morreu, ao contrário que nós... então para saber, se der a volta ali aos projectos, aos projectos que estão vedados, tem árvores com uma altura de 3 e 4 metros

AL: tenho ouvido malta dizer que aquilo já não devia estar vedado...

Pois, essa também é outra... mas se não tiver rede ainda há algumas árvores que os animais conseguem destruir, e se se conseguiu viver até aqui sem aquela parte, também agora é pena deixar destruir aquilo que custou tanto estes anos todos. Mais vale aguardar mais meia dúzia de anos até que as árvores acabem de se pôr mais resistentes aos animais

AL: aqui... pronto, eu noto uma grande diferença entre Fafião e outras aldeias, e às vezes tento perceber porquê, estou a dizer isto no sentido positivo, porque há uma grande dinâmica, os jovens ficam muito por aqui, se calhar também porque estão perto de Braga, é fácil eles irem e vir, não sei... mas também tenho ideia, também por ter conversado com o seu primo, o Bruno, que houve ali alguma preocupação em sair do CD mas em ir integrando antes a malta mais nova

A gente mais jovem, a gente mais jovem porque... prontos, a gente mais jovem é mais dinâmica, e depois também ... têm o orgulho, têm o orgulho de... como ainda são novos, de fazer a confiança neles, as pessoas novas de se fazer a confiança neles, e têm orgulho de estar presente. Porque senão o que é que acontece, se não lhes damos tarefa nenhuma fazem como os outros, abandonam e vão para outro lado qualquer. Mas tendo cá uma tarefa eles obrigam-se a estar por cá e tentam fazer a vida cá. E nós gostamos que a aldeia de Fafião cresça assim, que as pessoas tentem governar-se sem que seja necessário ir para o estrangeiro, ir para longe, e que se mantenham aqui

AL: claro... e os vossos pais já faziam isso com vocês?

Com certeza

AL: não, sei lá... eu às vezes falo com a malta e rapidamente aos 11, 12 anos foram para Lisboa servir ou... por exemplo, em Pincães há muitos casos desses

Nós por acaso aqui em Fafião não, em Fafião a malta tem ficado por aqui e vivem como quem aqui vive, não buscam para outro lado qualquer. A questão é... é lógico que não se pode star a dormir na cama, tem de se trabalhar, mas trabalhando qualquer trabalho dá dinheiro, tem é de se trabalhar, é normal. Eles se forem para o estrangeiro também trabalham, não cai das telhas, tem de se trabalhar

AL: ainda se lembra da altura da florestação? Quando estive aí o Estado a...

Qual... não. Essa florestação devia ser nos anos 60, por aí, e nessa altura, em 60, foi quando eu nasci

(RISOS)

AL: mas não ouve contar aos seus pais e assim?

Contaram... ainda me lembra de o monte estar proibido, por isso é que eu às vezes digo, na altura da floresta tinham o monte proibido, não podiam pôr lá os animais e porque é que agora aquela fachada que está vedada não pode estar mais vedada 3 ou 4 anos? Ainda me lembra do monte estar proibido e de que elas não podiam entrar naquelas parcelas, ainda me lembra disso. E até acho que algumas dessas parcelas só foi mesmo depois do 25 de abril que as abriram, mas estiveram fechadas até ao 25 de abril, que não se podia lá meter os animais. Agora eu estou de acordo, eu mesmo agora sou de acordo que haja logística. Mas eu sou a favor das plantações, e no sítio das plantações sou a favor da proibição, agora com regra, não se vai proibir os baldios todos porque se vai plantar os baldios todos, não... em áreas, em lotes... o nosso baldio é grande e os animais não são assim tantos. Se vedássemos 10% do baldio de x em x anos, não vinha prejudicar nada os animais e conseguia-se florestar uma boa área. E eu sou a favor que se faça esse tipo de florestação... com árvores folhosas, porque pinheiro não faz falta, o pinheiro ele vai...

AL: cresce sozinho

É... agora as folhosas faz falta, porque nem os incêndios pegam tanto nas árvores folhosas, e pronto são umas árvores bonitas e também combatem os fogos. Porque tendo parcelas de árvores folhosas o fogo não passa

AL: o que move as pessoas a trabalhar assim nos baldios a troco de nada, não é, para além de algum gosto em ver as coisas a acontecer, é sobretudo o quê?

É o gosto que temos pela aldeia, é o gosto de termos um baldio gerido se calhar melhor do que outras aldeias, porque eu vejo que muitas aldeias têm inveja da nossa porque temos um baldio bem gerido, que é o que eu acabo por dizer, nós nos mandatos que eu lá estive estivemos 10 anos que não houve aqui um fogo, que não houve aqui uma fogueira... e isso é muito bom, atravessar uma década sem haver um fogo nos baldios de Fafião é muito bom. Nós estávamos muito bem medidos mesmo a nível nacional. Depois pronto, acabaram os apoios, é lógico que a gente... não pode fazer nada, acabaram os apoios, começaram outras vez os matos a crescer e agora já vai ardendo. Mas mesmo assim, à vista de outros sítios, isto não é nada, ainda este ano aqui arderam duas manchazitas pequeníssimas, se calhar não arderam 2000 metros quadrados

AL: onde é que ardeu?

Ali ao pé do poço da água, ardeu um bocadito, mas pouquito, acho que foi ali os dois, mas não ardeu em mais lado nenhum... acho que é muito bom. O ano como foi e nós aqui em Fafião conseguir que só ardessem... se calhar não chegou a 2000 metros quadrados, eu acho que é positivo

AL: claro que sim. Houve agora aí uma iniciativa de se criar uma equipa de trabalhadores rurais aqui em Fafião, se calhar já não está tão por dentro por não fazer parte dos órgãos, mas estava ali o anúncio

Sim... mas... não sei.... Não sei bem até que ponto essa equipa ia ser sustentável porque o baldio também não é assim tão grande, porque essa equipa... nós a equipa de sapadores que temos é financiado a 50% pelo Estado, mas a outra não ia ser financiada, eu não sei mas isto se calhar tinha de ser temporária, não podia ser definitiva, porque os baldios não têm rendimentos para conseguir pagar a uma equipa o ano inteiro e... ou anos seguidos, não tem, os baldios não têm rendimentos para isso, os únicos rendimentos que tem é para pagar os outros 50% da outra brigada, mesmo assim a outra brigada fica a uma média de 70 e tal mil Euros, eles recebem acho que é 35000 do Estado e os outros 35000 ou são mais, é fruto do baldio, porque ninguém da dinheiro do bolso para pagar aos sapadores, é tudo do baldio e prontos, até aqui tem dado, mas não acredito que o baldio tenha lucros para ter outra brigada

AL: pois. E neste momento o lucro é sobretudo da madeira se calhar não?

Madeiras e prontos, e algum que vai sobrando destes projectos que se vão fazendo com os próprios sapadores, que sempre vai dando para pagar a eles, não há outra receita...

AL: e todos os anos se corta madeira?

Mais ou menos, eu quando foi no meu tempo eu fiz um plano de ordenamento do baldio em que dava para fazer de 10 em 10 anos uma... cortar uma mancha para

manter a brigada dos sapadores, só que não tem sido utilizado. Tínhamos tudo arrumado mas nunca chegou a ser utilizado

AL: não há um plano... quando for preciso corta-se

É quando calha e quando a madeira já estiver criada, que se veja que realmente já não cresce mais, tira-se. Não se tira por acaso, para destruir, para destruir não. Só se tira no caso de arder ou se realmente estiver a estorvar de se fazer outras crescenças, que aquelas grandes já não crescem mais mas estão outros à volta que querem crescer, aí é que se faz o abate daquelas árvores para que as outras mais novas cresçam

AL: e não era possível, isto só mais para terminar, aumentar o leque de receitas do baldio, do género, por exemplo, aqui é uma zona muito turística, não sei até que ponto... porque dá-me ideia que o baldio não ganha nada com estas entradas das pessoas não é? Embora estas pessoas estejam a usar os baldios, muitas das vezes sem saberem, para passear, para tomar banho e tudo isso, e eu vejo, e ainda bem, que não há qualquer tipo de controlo, vá, dessa utilização por parte dos turistas e por parte das agências turísticas... nunca houve aquela ideia de “epa, esta malta entra toda por aqui adentro, podíamos se calhar estar a ganhar alguma coisa com isto em vez de serem as agências

Não sei se a lei prevê que os CD dos baldios façam algum lucro com o turismo

AL: se calhar não de uma forma tão directa, mas

Não sei até que ponto é que isso seja legal, porque o Parque acho que quer tirar ou tira, se forem grupos autorizados pelo Parque acho que ele leva um x, e é lógico que eles não fazem manutenção nenhuma aos trilhos

AL: aí é que está

Eu sou de acordo que as pessoas levem alguma coisa mas desde o momento em que tenham as coisas em condições. Era fácil o Parque levar um x por um turista que fosse passear para a serra mas que chegasse lá e tivesse os trilhos bem marcados, e eles não fazem isso, eles só querem é dinheiro, dinheiro sim, mas os trilhos não limpam. Na nossa área quem limpa os trilhos somos nós, o CD. Os trilhos estão limpos, estão marcados, mas é o CD que os limpa e que os marca. Agora não sei até que ponto é que seria possível o CD levar

AL: não... eu estou a imaginar, tinha de ser de uma forma legalizada e organizada, ou seja, qualquer grupo de pessoas pode-se organizar no sentido de criar uma empresa ou

Mas aí não sei se deveria ser o CD, porque o CD tem uma definição própria, ele são só baldios

AL: sim, eu digo os compartes, como... e atenção, isto não é propriamente uma proposta é mais para perceber como é que as pessoas vêem, eu também não sei como é que as coisas se fariam, mas eu acho que se calhar tal e qual como o Valter e os amigos podem ter um projecto na cabeça com os amigos e organizarem-se para começarem a fazer visitas, sei lá, ao poço verde, também os compartes podem fazer isso, não necessariamente em nome do CD mas o dinheiro que viesse daí seria parte para o CD, estou a pensar que seria um recurso a explorar

Não sei até que ponto é que isso seria possível, porque não... empresas, pronto, isso é legal porque as empresas pagam os seus impostos e é legal. O CD não sei até que ponto é que teria, é que poderia fazer, não sei

AL: pois... mas essa questão do, deles depois não trabalharem nos trilhos, para mim faz todo o sentido, se se usufrui depois deve cuidar-se

Exactamente, então se se tem uma receita tem que se manter pelo menos os trilhos limpos para que os turistas

[explico porque é que falo nisto, na forma como os baldios são perspectivados na literatura como podendo ter um impacto positivo no desenvolvimento local, embora aqui Fafião nem seja um caso muito problemático, mas em outras aldeias abandonadas, com poucos jovens, o baldio pode ter um papel na criação de condições aprazíveis para os jovens quererem ficar, e os estudiosos questionam-se como é que o baldio pode contribuir para isso]

[fala-se do restaurante, porque chega o rapaz do café, que vende, e de como eles têm tido muito trabalho, estão agora 15 dias de férias, diz que até no inverno a coisa corre bem, porque há muita gente que trabalhando aqui perto, obras e tal, vai ali comer]

AL: mas pronto, era um bocado isso, perceber até que ponto o baldio poderia ter esse papel dinamizador a nível local, não só através da madeira que isso é redutor, se há um incêndio ou assim, mas também a...

Nós temos aí uma associação, a Vezeira, e a associação é que está a definir esse papel que, prontos, trabalha muito em conjunto com o CD, muitos ate são os mesmos e a nossa associação, que é legal, é que está mais nesse desenvolvimento, para não misturar as coisas, porque, é como digo, o papel do CD é gerir os baldios, é fazer manutenção de trilhos, aberturas de caminhos, limpezas florestais, plantação, e tudo isso. Quando se fala de turismo aí já é mais a associação

AL: a associação é mais de jovens ou é de toda a gente?

A associação é de toda a gente, quem quiser fazer parte, se quiser fazer parte também é autorizada

AL: sim, claro. Mas foi uma iniciativa dos jovens aqui da aldeia não foi?

Foi, foi.

AL: já tem muito tempo?

A associação tem para aí 4 anos

AL: ok. Mas a associação e o CD têm meio de gestão separados, certo?

Está separada, não tem nada a ver

[fala-se do filme que passa no ecomuseu. Diz que não foi feito pelo ICNF. Diz que o objectivo inicial era fazer umas cassetes e CD's e vender. Mais ainda não aconteceu, não sei como é que está. Já foi filmado há muitos anos.]

AL: só uma última pergunta, já ouviu falar da ADERE? Eu achava que eles tinham mais acção lá mais para a zona do Minho, mas não, é no Parque todo

É no Parque todo é

AL: qual é que é a sua percepção do trabalho deles? Eu não faço ideia... basicamente o que eles estão a fazer é gerir o turismo dentro do parque ou não?

Eu o que eu conheço da ADERE é só o nome, porque do resto não se vê nada, têm nome, e não sei se têm algum gabinete, eu acho que eles tinham gabinete no Soajo, eu acho que tinham, que até havia lá outra associação que até se chamava ADERE Soajo. A ADERE Soajo geria todas as casas de aluguer para turismo, e depois se a casa fosse alugada através da ADERE eles ficavam com 5 ou 10%

AL: tipo uma agência

Exactamente. E portanto, eles tentavam angariar clientes com empresas para ter as casas alugadas. Se chegasse alguém à beira do proprietário da casa que ele alugasse directamente, tinha de ligar para a ADERE "olha vou ter a minha casa alugada nos tais dias" e aí a ADERE sabia que não podia contar com aquela casa, que estava alugada pelo proprietário. Se não recebesse de lado nenhum um comunicado aí sim a ADERE sabia que a casa estava livre e aí alugava. E na minha maneira de ver acho que estava a funcionar bem porque estava a tentar trazer turismo ali para o Soajo, e trazia. Tinha ligações com empresas estrangeiras e faziam. Essa sei que era a ADERE Soajo e sei que estava a trabalhar relativamente bem, é o que nós queremos fazer aqui com a associação de Fafião, também queremos então olhar às casas de turismo rural e também queremos fazer um bocado disso, através do ecomuseu queremos fazer um bocado disso, tentar trazer clientes, e se formos nós com a associação a por clientes na casa recebemos uma percentagem para o desgaste da... tem de avisar a associação que a casa vai estar alugada de x a x e a associação já não conta com essa casa para alugar. Fora daí, não recebendo nenhum aviso é lógico que a associação pode estar a contar com aquela casa, a pessoas que queiram, estrangeiros, fazer ligações com empresas estrangeiras, e a ADERE Soajo fazia isso, não sei se ainda

existe mas por acaso estava a trabalhar lindamente. A ADERE Peneda-Gerês sinceramente conheço que existe mas sinceramente não vejo nada que eles tenham feito. E se fazem é mais lá para os Arcos, lá para aqueles lados, para aqui não... para mim é mais gabinete de emprego do que outra coisa

AL: sim, eu sei que eles têm uns projectos mas ainda não percebi muito bem a concretização deles, se são concretizados ou não, com que sucesso, sei lá, sei que eles têm um projecto qualquer no planalto da Mourela e que era o objectivo, com outras instituições também, recuperar aquela zona, acho que ganharam até financiamento para aquilo, pronto, vou sabendo assim de algumas coisas, mas também ainda não percebi muito bem

Por vezes eles pensam que estão a recuperar e estão a destruir. É verdade, porque eles... há pessoas, e depois têm os engenheiros e não sei quê, não sei que mais, e eles não vão ao terreno, porque eu sei que há coisas que se têm feito que eles em vez de proteger estão a acabar por destruir as coisas. Eu sei que por exemplo no lago marinho, em Lagoa, havia umas plantas que acho que eram só daquela zona. E eles como viram o gado a entrar pela água dentro e a perturbar as plantas pensaram protege-las, fizeram uma protecção em toda a volta. O que é que acontece? Não protegeram, mataram-nas. Porque as plantas só se davam naquele envolvimento do gado a mexer a própria terra. Elas existiam lá, nunca tinham sido protegidas por ninguém mas existiam. Eles, como eram plantas raras, vamos proteger. Ao proteger mataram-nas, porque faltou-lhes o envolvimento dos animais a mexer a terra, porque a terra se não for mexida fica dura. Era um lago, tinha água, e à volta tem aquela lama que o gado vai, mas calca daqui, calca dali, e está sempre aquela parte mole do gado andar, pisa de um lado mas levanta do outro. Parando os animais de lá ir aquela terra fica dura, ao a terra ficar dura as plantas não se dão, as plantas davam-se naquele movimento que os animais faziam. Ao os animais pararem de fazer os movimentos as plantas não conseguem sobreviver porque a terra fica dura, fica apertada. Por isso é que há muitas coisas que pensam que estão mal e que vão proteger, e não protegem nada, só matam, porque falta-lhes... estudaram no papel, mas falta-lhes o terreno.

AL: claro. Neste caso eles dizem que envolveram as pessoas das aldeias precisamente para recorrerem ao conhecimento local. Se calhar já foi como resultado de casos que correram mal que agora já integram o conhecimento das pessoas. Esse lago é onde?

Lagoa [perto das 7 Lagoas, não tem nascente nem nada, mas tem um lago no meio que nunca seca a água. No verão quando não há água noutros lados o gado vai ali beber. Mas no verão o lago baixa e o gado entra por ali adentro e é quando transforma aquela coisa em mole, porque se enterra, e era aí que existiam essas plantas raras]

AL: pois, isto da ADERE não sei muito bem, sei que eles são compostos por uma data de entidades, desde as autarquias locais, associações...

Pois, isto é como tudo, onde houver muitos gabinetes, é mais emprego do que trabalho, porque trabalho vê-se muito pouco. É o mesmo que estarmos a falar do Parque Nacional, que trabalho é que o Parque Nacional faz actualmente? Zero! É que é mesmo zero. Eu às vezes costumo dizer “se lhes dessem os salários para estar em casa ganhava-se dinheiro”, porque pelo menos não se gastava gasóleo e não se fazia o desgaste dos carros. Porque se trabalhassem, se eu visse fazer fiscalização aos incêndios, porque não é assim tão difícil caçar um incendiário, o pessoal se anda no terreno tem de conhecer os cortes, se sabe que se anda a tocar fogo tem que os esperar, tem que esperar as pessoas que andam a tocar fogo, não é muito difícil caçar um incendiário se eles trabalhassem, só que prontos, isto está gerido de tal forma que não

AL: eles alegam ter falta de pessoal, falta de dinheiro. E sei que realmente desde a florestação, em que havia montes de dinheiro para o sector florestal, para os serviços florestais, as coisas foram realmente diminuindo em termos de investimento nessa área e acredito que o parque de facto não esteja propriamente abonado

Não, o parque não está a funcionar, o parque nunca funcionou. O parque... eu gostava que o parque mostrasse nas fotografias aéreas quando tomou conta em 1972 ou 1973 e que mostrasse fotografias aéreas de agora, a ver o que o parque evoluiu, porque o parque não evoluiu nada, o parque só deixou destruir. Nós havia ali uma zona que chamamos a Pedra Bela por cima da Ermida, que aquilo era um jardim, hoje se lá formos é um deserto, quer-se dizer, o que é que o parque protegeu? Zero! Não protegeu nada, só deixou destruir. Se protegesse, se fizesse limpezas, se fizesse florestações, tudo bem, eu era a favor, eu sou a favor de quem trabalha, agora a favor de quem só proíbe, só proíbe, só proíbe, e não fazem nada... aí não. Não é só com proibições que se está a preservar a natureza

AL: aliás, o caso do lago marinho ilustra isso bem

Pois...

AL: eles agora estão cheios de ideias para o PN, querem tornar aqui o parque um modelo de gestão florestal e...

Mas para isso é preciso pessoal no terreno, não é só nos gabinetes, é pessoal no terreno e mão-de-obra. Porque pessoal nos gabinetes e carros a passear na estrada não se faz nada, é preciso pessoal no terreno e mão-de-obra. Porque... só para dizer que estão... as coisas não aparecem feitas se não se fizerem

AL: e o que é que acha daquilo que a ministra propôs de entregar a gestão das terras privadas abandonadas às comunidades, nomeadamente às autarquias

É assim, eu achava positivo se isso, se estiver ao abandono, e eles fossem recuperar. Só que o que eu acho é que eles vão-nas tirar de um dono abandonadas para irem para outro dono abandonadas igual, da mesma forma. Porque se nós formos a ver tudo o que é do Estado é o que está mais abandonado, não é o dos particulares. Tudo o que é do Estado é o que está mais abandonado. Agora vão a você uma bouça por estar abandonada e vão entregar aos SF. E o que é que os SF vão fazer? Vão deixar estar igual conforme está, só mudou de nome, não mudou nadinha

AL: e for às autarquias, como é que vê isso?

Isso é a mesma coisa, isso é tudo igual. Isso se não entregarem às entidades locais, locais mesmo, não adianta. Porque isso é a mesma coisa que eu tenho uma bouça, tenho-a suja, sou notificado para a limpar, não a limpo pago uma multa, mas com o dinheiro da multa não vão limpar a bouça, a bouça fica igual suja, e porquê? Então paguei a multa para quê? Para a bouça ficar igual suja? Isso não faz sentido, o que fazia sentido era, sim senhor, você vai pagar a multa, então nós usamos a multa para limpar a... já que você não limpou vamo-la limpar nós. E em vez de ser 100 fosse 200, para obrigar a pessoa a limpar, ao menos limpavam, ao menos via-se que tinham investido, pelo menos parte do dinheiro, assim não. Para onde é que vai o dinheiro da multa ou das multas que os proprietários pagam por não terem limpo as bouças? Para onde é que ele vai? Não faz sentido, pagar a multa para ficar igual. Eu estou de acordo que haja regras e que se faça justiça, mas é faze-la e cumpri-la, não é fazer justiça para mim, meter o dinheiro na CM ou para o Estado, e desapareceu, foi não sei para onde, foi para os ordenados dos escritórios, dos que estão lá sentadinhos e não se faz nada no terreno. Essa ideia de estar a pagar para se estar sentado e não se estar no terreno, está errado. Tem de se pagar e tem que se estar no terreno, e senão for assim não vale a pena criarem verbas e darem mares e fundos, porque criar verbas, dar mares e fundos e não trabalhar no terreno não adianta.

AL: claro. Vamos lá a ver o que é que eles vão fazer

Não, isso era bom, mas isso a melhor maneira que eu penso é apoiar as entidades locais, sim senhor, os CD, com projectos, financiar esses projectos e depois fiscalizá-los. Porque não é só financiar, tem de se fiscalizá-los. E só assim é que isso pode ir para a frente, fazer financiamento. Depois se os CD submeterem um projecto de limpezas e florestação, sim senhor, acho muito bem que se apoie, e depois, mediante a facturação, fiscalizar-se se os trabalhos estão a ser feitos ou não. E assim concordo que as coisas vão para a frente. Se não... se só derem verbas para as CM, isso é a mesma coisa que estarem quietos, ou para o parque... dar verbas para o Parque Nacional é a mesma coisa que estar quietos, porque não chega nenhum, nenhum, nenhum ao terreno, fica todo nos gabinetes, e não chega... gastam o dinheiro em papéis e não chega cá nenhum.

[os pais do senhor Gouveia já morreram; tem dois filhos, o Pedro, e um outro que está na GNR, em Fátima].

711_0042

[empresas do senhor Gouveia]

(...) em 2004, por aí

A: quando deixou o CD

Quando deixei o CD, aliás eu deixei o CD precisamente por causa de montar uma empresa para limpezas, porque não era justo eu ter uma empresa de limpezas e estar a gerir o CD, e então deixei o CD e montei a empresa de limpezas

AL: pois, na sua cabeça era incompatível...

Pois, não fazia sentido nenhum eu estar a fazer umas candidaturas a financiamento e depois estar a fazer o serviço, não fazia sentido. Então...

AL: e hoje ainda existe essa empresa ou acabou mesmo?

É assim, a empresa existe, só que agora não tenho é funcionários, mas a empresa existe igual porque eu associei, tenho dois CAI's mas está ligado tudo à mesma empresa, tenho o CAI da construção e o CAI da silvicultura

AL: o que é que é CAI?

O CAI é o número do artigo do alvará, tem o número do alvará, tem um CAI que é um artigo que é o artigo da construção e outro artigo da silvicultura. Ao não apresentar serviços da parte da silvicultura, mas apresento serviços da parte da construção, mas a empresa é a mesma, só não tenho é funcionários para aquele serviço

[...]

AL: ou seja, a qualquer momento pode reactivar esse serviço e

Quando quiser, eu não fechei. Eu mandei o pessoal para o desemprego, mas tenho a empresa igual, a facturação, mesmo a... posso facturar a 23 e a 6%, porque as limpezas são a 6%. Mesmo agora, se me apareceu uma limpeza, eu posso meter os da construção a fazer aquela limpeza. Se for uma coisa pequena que veja que não me compensa meter pessoal para o serviço, eu chego lá pego nos homens da construção, faço aquela limpeza e facturo igual a 6%

AL: agora baixou não é, o financiamento este ano, pelo que eu soube, com a mudança do quadro da UE, agora começaram os AZ que iam ser menores por causa daquele corte das áreas elegíveis... não era? Entretanto não sei como é que isso ficou, sei que baixou mas não sei quanto, nem as consequências...

Baixou, baixou muito porque há zonas onde nem sequer é atribuído nenhum financiamento, porque às áreas que eles cortaram, que eles dizem que é deserto, o restante das áreas têm-nos aplicado os agricultores com os projectos agrícolas. Essas áreas não podem ser financiadas pelo Estado [para limpeza], se estão dadas a um agricultor, o agricultor é que tem de fazer a manutenção delas, porque... como é que eu hei-de explicar

AL: mas estamos a falar da área do baldio?

Em baldios

AL: ah, ok, mas é aquela área que é dada para o subsídio dos produtores

Exactamente. Ou seja, se você tem 10 vacas, que lhes está a ser dado 10 hectares... o CD não pode fazer uma candidatura a limpeza desses 10 hectares, porque se os 10 hectares lhes estão dados a si, você é que tem de fazer a manutenção deles, porque senão, então como é? Damos-lhe 10 hectares para pastar os animais e nós é que ainda vamos pagar a manutenção? Também não faz sentido... e por isso há muitos CD que já não têm hipótese de fazer candidaturas porque eles, à área que cortaram deram muita área como deserto, e isso não é verdade... porque por exemplo uma serra, por exemplo nós estamos a ver estas áreas ali, estas áreas é tudo deserto, mas tem natureza, tem árvores, tem isto, tem aquilo, mas eles deram tudo como deserto, mas se vier o fogo as árvores ardem, e não há qualquer hipótese de fazer manutenção dessas árvores porque eles deram tudo como deserto... deram como deserto que é para não pagar

AL: claro. Mas essa questão das áreas que são dadas aos produtores... até agora todo o baldio tem sido distribuído praticamente não é?

Não é todo... é assim, cada... depende do número dos animais que têm, cada número de animais tem direito a x parcela do baldio não é, não quer dizer que seja o baldio todo, pode pastar no baldio todo

[explico melhor a minha dúvida]

AL: [...] não sobrando nenhum hectare, ou sobra?

Sobra... aqui ainda sobra... porque nós temos uma média de 2020 hectares de baldio, eu sei porque nós medimos na altura em que fizemos o plano de gestão, temos 2020 hectares de baldio. Eles dados aos produtores só têm 200 e tal hectares, portanto ainda sobram mil e... 1800 e tal hectares, só que eles esses 1800 e tal hectares têm-nos dado como deserto, ao serem dados como deserto não podem... para eles não existe pastagem nenhuma, para eles existe só pedras, porque eles acham que isto é só pedras, que não existe pastagem nenhuma, mas existe, mas na cabeça deles não, eles não vêm ao terreno... e não existem pastagens nenhuma, estão dadas como deserto, é por isso que

AL: mas essa área nem sequer recebe financiamento para limpeza de pastagens porque não são pastagens

Porque não são pastagens, na ideia deles, eles não recebem porque não são pastagens

AL: e as limpezas também não podem ser feitas os outros 200 e tal hectares porque estão cedidas aos agricultores

Porque estão cedidas aos agricultores

AL: então não recebem nada para limpezas praticamente

Não sei se as ITI que é linhas de água, não sei quê, não sei que mais, se recebem alguma coisa, porque nas linhas de água não tem nada a ver com... há as ITI, há as agroambientais e não sei quê, já não sei muito bem

AL: pois, agora mudou, também já não sei muito bem

Porque há uma medida, não sei se é as ITI, que é junto às linhas de água, e essas mantêm-se em vigor

[discute-se o que são ITI...]

AL: então, vocês para limpeza de pastagens provavelmente não vão receber nada

Não faço ideia, mas se receberem é tudo uma coisa pouca porque, a não ser que essa parte que esteja dada ao pastoreio, que possa ser submetida a limpezas, a recuperação de pastagens, mas não sei... agora como já não faço parte também já não sei como é que é que os subsídios

AL: claro... é uma boa questão, na verdade nunca tinha pensado nisso dessa forma

Eu digo isso porquê... porque quando está cedido ao agricultor automaticamente o agricultor está a receber o subsídio dessa limpeza, porque é a mesma coisa que estarmos a receber dos nossos terrenos. Nós estamos a receber o subsídio para limpeza dos nossos terrenos, nós estamos a receber o subsídio, que é os tais... deixa-me ver se me lembro qual é a medida, acho que é os RPU... estamos a receber o dinheiro do RPU que é desse baldio que por norma também é para fazer a limpeza a essa área, que é para isso é que se recebe, o próprio agricultor está a receber dinheiro europeu para essa área. Ao receber o agricultor é lógico que não, acho eu, não sei, não pode ser submetido a uma candidatura ao CD, acho eu, porque não se pode receber pelo mesmo terreno dois subsídios

AL: bom, embora o outro seja para o baldio, mas sim, entendo o que está a dizer

Mas se fosse limpo, tinha de ser limpo ou pelo baldio ou pelo agricultor, não é? O agricultor também não pode ter só benefícios, também tem que ter trabalho, porque só benefícios também... valha-me deus

[falo dos conflitos entre as pessoas que não têm animais e as que têm, e o uso do baldio]

Eu acho que essas pessoas não têm grande razão porque as pessoas... ninguém proíbe ninguém de ter animais, toda a gente que quer... só que os animais dão trabalho... agora nós queremos ter frutos sem trabalho... não pode ser, eu não posso chegar ali e tirar dinheiro da gaveta [da registradora] se não trabalhei. Agora as pessoas se não têm animais e querem ter o mesmo direito nos baldios, tem o mesmo direito, tem matos, tem lenhas, tem os mesmos direitos, agora subsídios, quem anda com os animais é quem os tem, quando está a chover que vão de guarda-sol, de galochas e de oleado, são os que têm os animais, não são os outros, eles é que saem, isso eu acho que o trabalho tem de ser compensado de alguma forma

AL: sim, eu também vejo as coisas assim, o baldio sempre foi de quem o usa, se não o usa não pode estar à espera que lhe caia dinheiro em cima

Exactamente

AL: mas lá está eu acho que isto muitas vezes é falta de conhecimento de como as coisas funcionam

Nós todos usamos o baldio... eu também não tenho animais, não tenho europeus não tenho nada, mas uso o baldio como outra pessoa qualquer, então se me fizer falta um tractor de lenha, onde é que o vou buscar? Não vou busca-lo ao baldio? Estou a usar, estou a usar o baldio como outra pessoa qualquer. Se me faz falta um tractor de lenha, onde é que o vou buscar? Não o vou buscar ao baldio? Estou a usar o baldio como as outras pessoas, não o uso tanto porque não me faz falta, parabéns! Também não posso estar a criticar os outros por estarem a usar mais do que eu

AL: pois, falta de conhecimento, ouvem dizer que o vizinho fez uma candidatura

Isso é como tudo, é como diz o ditado “é criticado por ter cão e por não ter cão”, por isso as pessoas que querem falar falam de toda a forma e feitio

[leio na neR: RPU, regime de pagamento único, um regime de apoio aos produtores que tem como princípio básico o desligamento total ou parcial da produção...acho que o RPU é um dinheiro que se dá a quem já não tem animais, que tiveram mas que por qualquer razão deixaram de ter]

A quem não tem não, acho que é a quem tem

[continuo a ler... “este regime substitui total ou parcialmente os apoios directos anteriormente concedidos aos regimes de ajuda...”]

É assim, há uma, eu não percebo muito disso porque eu não trabalho muito com isso, mas acho que há um tempo de espera em que se houver um agricultor que tenha tido animais e de momento não pôde ter, pode ter uns animais, uns pequenos ruminantes, umas cabras ou outra coisa qualquer, e manter o RPU uns x anos até que volte novamente a poder ter, mas já tinha que ter tido, portanto, teve que ter um projecto de animais, de momento não pôde ter, mas tem que ter uns pequenos ruminantes, umas cabras, umas ovelhas, uma coisa qualquer para manter o RPU e uns x anos, que depois possa vir novamente a ter, se não vier novamente a ter durante aqueles x anos, acho que lhe é cortado, acho eu... deve ser mais ou menos isso. Só que eu como não tenho animais não percebo muito disso, escuso de falar

AL: nunca teve?

Não, já tive, eu já tive, se calhar há 20 anos atrás, mas ainda não havia estes incentivos

AL: não havia nenhuns?

Epa, haveria, só que se calhar nós até desconhecíamos porque isto é como tudo, se as pessoas não forem informadas não...

AL: claro. Mas conseguiam manter os animais sem subsídios?

Conseguíamos... conseguíamos manter os animais sem subsídios

AL: e dava para viver e ...

É assim, para viver não dava, antigamente o pessoal aqui vivia dos animais e da agricultura, mas vivia-se muito mal, ia dando mas não dava para viver... se desse para viver bem ainda hoje haveria muitos animais, e não há... porque as coisas não dão tanto assim. Hoje só dá mesmo as pessoas que metem um projecto que tem aquelas ajudas do Estado, que é os tais, a tal ajuda do RPU que dão esse subsídio das áreas em que os animais pastam, que é o que dá para as pessoas conseguirem ter os animais, porque senão não tinham. Só os animais em si ao nível de vida que estamos não dá

AL: também foi isso que mudou não é, o nível de vida, se calhar o nível de vida que antes as pessoas tinham hoje em dia não é aceitável, não é, ninguém está para viver como se vivia antes em que eram escravos autênticos do trabalho

Exactamente. Antigamente dava porquê? Não havia luz para pagar, não havia água para pagar, não havia gás para pagar, não havia gasóleo, não havia nada, eles era mesmo só para comer, colhiam os produtos do campo, dava para comer, não tinham despesas. Mas agora não, há muitas despesas e têm de ser pagas. E se não houver dinheiro... não há luz, não há telefone, não há água, não há nada, não dá para sobreviver. Agora antigamente, eu quando me criei o meu pai não tinha despesas. Também não havia dinheiro mas também não havia despesas, chegavam ao fim do

mês e não havia despesas para pagar. As únicas despesas que eles tinham para pagar, antigamente era a Finta que agora é o IMI... “ah, temos que vender um cabrito para pagar a Finta...”, a Finta das Finanças, chamavam-lhe... como era das Finanças, penso eu, se calhar lá vinha o nome da Finta, Finta... Finanças, era o IMI, o imposto. Era as únicas despesas que tinham, não tinham mais coisas nenhuma. O calçado, a maior parte dele, eles fabricavam, era artesanal, faziam-no eles, aqueles socos, nós chamávamos-lhes as Chancas, eram fechadas, como umas botas, fechadas, mas igual em pau por baixo. A roupita, pronto, lá iam comprando alguma roupita mas tudo pouca coisa, a cobertura arranjavam de juncos, as croças de juncos, a despesa era muito pouca, mas era uma escravidão.

AL: e havia assim famílias que se destacassem, por serem mais ricas ou

Havia, havia essas famílias ricas que pessoas que não tinham nada iam trabalhar para eles por sopa. Por isso é que faziam grandes casas, tinham muita agricultura, a agricultura dava bem para a alimentação deles e as pessoas iam trabalhar para lá só pelo comer. Eles tinham-nos lá a trabalhar, tinham grandes casas, faziam vedações para cultivo igual, muros, essas famílias ricas, estavam sempre a destacar-se dos outros. E agora são os mais pobres... mas não é só aqui, é no geral. Porque essas famílias agarraram-se aos terrenos, os terrenos agora começaram a não dar, os pobres agora começaram a sair, começaram a ganhar dinheiro, e eles começaram a ficar... depois já não tinham quem trabalhasse para eles

AL: sim, os tempos mudaram muito em pouco tempo. Ainda bem não é

Ainda bem!

Notas:

Uma parte que não gravei da entrevista

O senhor Gouveia às tantas começou a dizer, em conversa com outro senhor, que já foi calceteiro, que já trabalhou na madeira, etc. depois de terminar a conversa eu perguntei-lhe se actualmente tinha só o restaurante ou se exercia outra actividade, ele lá disse que tem uma empresa de construção civil, e que também tinha tido uma de serviços florestais. O objectivo desta empresa era precisamente fornecer serviços de limpeza florestal aos baldios, inclusivamente ao baldio de Fafião. E ele diz que até saiu do CD porque não achava que era eticamente aceitável que ele estivesse na presidência do CD e ao mesmo tempo a providenciar esse tipo de serviços com a sua empresa. Entretanto lembrei-me que quando falei com o Miguel ele me falou que também o Xavier, que tem uma empresa de construção civil, tinha tido esse dilema e eventualmente tinha saído do CD para poder exercer o trabalho sem problemas de consciência. O Gouveia disse-me inclusivamente que a empresa dele fazia serviços florestais, não só para o baldio de Fafião, mas também para outros como o baldio de

Cabril, de outeiro, de Pincães. Foi formada em 2004, chegou a ter 12 empregados, hoje em dia, embora continue a existir ele teve de despedir os empregados porque hoje em dia, segundo ele, já não há incentivos para as limpezas. E pronto, se os baldios não têm dinheiro para fazer as limpezas também não têm dinheiro para pagar os serviços destas empresas. Portanto, ele mantém a empresa aberta mas o serviço não tem trabalhadores, diz que poderá fazer uma coisa ou outra quando for uma coisa simples e possa usar os trabalhadores da construção civil para... é como se fosse uma mesma empresa que está dividida em duas áreas de acção. Quando os trabalhadores da construção civil puderem ser usados nos trabalhos florestais, ou seja quando estes trabalhos forem uma coisa simples, ele faz algum serviço ainda de florestal, e cobra a 6% o IVA, porque as limpezas florestais são cobradas a 6%. Portanto, é isso, mantém a empresa a trabalhar, embora sem trabalhadores.

Ou seja, criou-se uma empresa para as limpezas, a nível local. E é interessante que seja quem está no CD que se lembra de a fazer... é a proximidade à informação, estar por dentro do que está a acontecer, de quais as necessidades do mercado, digamos assim. Lembro-me de o presidente da JF da Gavieira, e também do CD, ter dito que a maior mais-valia de estar nestes cargos é precisamente a rede de conhecimentos que se vão criando e que são tão úteis para, por exemplo, a gestão destas empresas (ele também tem uma empresa de construção civil).

Bruno (antigo presidente do CD)

Local: carro, viagem a Chaves

[conta a história de como ele e o Gouveia, abriram um restaurante em 1989... casaram ao mesmo tempo, o outro com a prima dele, ali continuaram até o outro, não me lembro do nome, abrir em Fafião o Fojo dos Lobos]

E depois “epa, vamos candidatar-nos ao CD”, entretanto já tínhamos reuniões, aquilo

AL: ah, porque na altura eram os tais velhotes...

Exactamente, e as coisas também não estavam muito organizadas, fazia-se muito dinheiro mas depois... estragava-se, como se costuma dizer, não sabiam aplicá-lo estás a perceber?

AL: sim... sim... fazia-se dinheiro com a madeira...?

Exactamente. E como a gente na altura, nós conseguimos a carrinha dos sapadores, que está ali, e uma equipa de sapadores

AL: portanto ganharam logo?

Sim, sim, sim. e a partir daí fomos metendo sempre malta nova, o Júlio, não sei se conheces o Júlio também, depois esteve o Xavier, ...

AL: o Júlio não sei quem é, o Xavier acho que o Miguel chegou a dizer-me quem é

Eles são primos também. O Júlio é o marido daquela moça que tem a roulotte lá no rio, não sei se sabes

AL: ah, sim, já vi a moça, já a vi a passar, mas não a conheço

Ele também está aí pouco tempo porque ele está na marinha não é

AL: mas aqui em Fafião esteve-se sempre em autogestão ou não? Ou seja, sem a colaboração do Estado na gestão da floresta...?

Hmmm, portanto, nós pelo contrário, nós ainda damos uma percentagem ao Parque

AL: ai dão?... Eu pensava que vocês estavam em autogestão...

Não, não. É assim, primeiro eram eles que faziam a gestão do baldio e davam 30%, salvo erro, davam-nos 30% e eles ficavam com o resto. Depois nós, logo que entramos candidatamo-nos à alínea a)

AL: sim... ah, foi a partir dessa altura é que passaram à alínea a)

Exactamente

AL: isso foi para aí nos finais dos anos 90...?

Eles não queriam e não sei que mais, mas nós não... eles queriam depois fazer aí outras coisas mas nós nunca aprovámos enquanto eles não nos passassem para a alínea a), e agora damos nós, acho que é 20%, e ficamos com 80%

AL: ah, está bem, é diferente, porque os outros pagam 40% ao Estado

Nós é só 20 porque fazemos nós a gestão. Não sei se conheces Pinhô, Rucalva, por aí fora

AL: o Miguel levou-me lá o ano passado, vim cá falar com ele

711_0123

[...] isto agora não é nada porque antigamente... antigamente, há dez anos atrás, guardávamos o gado de noite e de dia na serra

AL: pois, isso agora já não é assim não é?

Agora já só vamos de manhã e depois à noite o pessoal vem dormir a casa, nunca fica lá... e o que gostava eu de ficar na serra, íamos carregados de comida lá para cima, cheguei a estar lá 3 dias, sem ir a casa

AL: a sério? Mas com que idade?

Olha, isto no tempo de... quando eu fui criado, preferia ir para a serra do que ir para uma festa, e então aquilo eu comecei a ir com menos idade, eu cheguei a ir, até o meu pai ainda me chegava a levar ao colo porque era obrigatório irem duas pessoas na altura, um maior do que 18 anos e outro maior do que 12, um tinha que ter no mínimo 18 anos, e o mais pequeno tinha de ter no mínimo 12 anos, sabes porquê? Porque pronto, antigamente não havia nada, não havia telemóveis... e se alguma vaca caísse, porque nós, se caísse alguma vaca depois matávamo-la lá, tirávamos-lhe a pele, o pessoal ia lá, trazia-se a carne e depois dividia-se, e então o de 18 anos ficava lá a guardar o gado e o de 12 vinha cá abaixo avisar o pessoal para no dia seguinte de manhã cedo ir para cima para... e então como é que funcionava? Aquilo rendíamo-nos sempre uns aos outros, portanto, quem tinha 2 vacas guardava um dia, mesmo que só tivesse uma era obrigatório que guardasse um dia, quem tivesse por exemplo 3 vacas, a primeira roda, que chamamos, guardava 2 dias e depois a seguir... a primeira roda guardava 3 dias, e depois a seguir guardava dois, e depois a seguir... aí, não... peço desculpa... portanto, quem tinha por exemplo duas juntas de gado, chamamos nós, que aquilo é um par, são duas vacas e duas são 4 vacas, e havia pessoas que só tinham 3, como nós chegámos a ter muitas vezes só 3 vacas, porque queríamos não é, só queríamos ter 3, e então a primeira roda tínhamos que guardar sempre 2 dias, e depois na próxima que voltasse a passar à porta já só guardávamos

um, e depois a seguir outra vez dois, e depois um. Quem tinha 4 guardava sempre 2... ou quem tivesse 5, quem tivesse 5 guardava 3 e depois 2, depois 3...

AL: e era 3 dias seguidos?

Não, por exemplo, é assim, aquilo funcionava desta maneira, por exemplo, cada um que tivesse gado, cada casa que tivesse gado, aquilo andava à roda, portanto, era uma linha, pelas ruas, estás a ver? Por exemplo, começava eu, eu tinha duas vacas guardava um dia, a seguir tu tinhas outras duas ias tu a seguir, e ias-me render sempre à noite, ficavas lá aquela noite, eu se quisesse lá ficar ficava também, mas no outro dia de manhã vinha embora, ou naquele dia à noite. E o que é que eu tinha que fazer? Portanto, quem lá estava tinha que fazer o comer para quem subia, e quem subia tinha de por o vinho para a ceia, chamávamos nós, na altura não era o jantar era a ceia, quem ia para cima levava o vinho, e quem estava lá tinha de ter a comida pronta para quando eles chegassem, comer, estás a perceber? E assim sucessivamente, o outro a seguir fazia a mesma coisa. Tu depois tinhas que fazer o comer para quem subia e o que subia levava o vinho para... porque a gente lá tínhamos de beber, tínhamos de ficar era sempre com comida para quem subia, agora o vinho, e o mais que fosse, bebíamos sempre tudo no caminho, era vinho para baixo

AL: (RISOS) até os rapazes de 12 anos?

Bebiam, até os rapazes de 12 anos bebíamos, vinho e bagaço e tudo

AL: e quer fosse inverno quer fosse verão estavam lá?

Não, não, aquilo normalmente subia em maio sempre. Subia em maio e desce no dia 30 de setembro... ainda hoje, sobe, normalmente sobe sempre em maio, às vezes pode subir uma semana mais tarde, pelo tempo de chuva, estás a ver, a gente quando pomos a vezeira, chamamos nós a vezeira, vamos levar os animais e vamos dar um arranjo nos trilhos, e substitui-los, porque aquilo dentro das cabanas metemos uns arbustozinhos que é para a gente depois se quiser lá dormir poder dormir, depois é só cortar umas ervas e meter as ervas por cima, aquilo torna-se engraçado

AL: mas ainda fazem isso, das cabanas e assim?

Ainda, ainda, o pessoal ainda dorme lá, sim, há pastores que têm dois dias então quando é longe lá para cima, para não virem cá abaixo ainda ficam lá

AL: ah, ok, então quando têm 2 dias fazem-nos seguidos?

Tem que ser, de qualquer maneira faziam-nos seguidos, agora têm é autorização para virem cá abaixo. Mas antigamente não, era mesmo obrigatório ficar lá

AL: durante a noite, enquanto eles vêm a casa, o lobo pode atacar não é...

Pode, mas dificilmente

AL: eles não atacam muito de noite? Ou não tem nada a ver?

Eles atacam, só que o problema é que se os animais estiverem todos no curral, chamamos-lhe nós o curral, porque eles à noite juntam-se no... no curral, chamamos-lhe o curral porque é a zona onde tem a cabana, o gado chega-se à noite e acurrala, vem parar ali à beira da cabana e pernoita ali. Ora, não há lobo que entre e que vá ao rebanho, mas tanto que às vezes nascem lá vitelos, e quando nascem de dia que depois a mãe fica com o vitelito de fora, não consegue levá-lo até ao curral, aí é que por vezes o lobo ataca e normalmente nunca mata a vaca, mas o vitelo muitas vezes acaba por matar porque os vitelitos não se conseguem defender, a vaca, às vezes são mais do que um, enquanto ela vai... pronto, vai se aproximando um e o outro ataca o vitelozito. Mas no curral dificilmente. A não ser que algum vitelo tenha medo, porque aquilo, cheguei... chegou-me a acontecer isso, estarmos a dormir e acordar com um barulho do gado, com aquele cheiro do lobo, ficam tolas, aquilo deus me livre, aquilo parece que, malham umas nas outras, aquilo é um reboliço lá. Elas sentem o lobo, e ele não se consegue aproximar, porque elas deus me livre! E ainda fazemos também a vezeira das cabras

AL: então actualmente há a vezeira das cabras e a das vacas actualmente...?

Exactamente. Agora, pronto, há... nos anos que estivemos lá no CD fizemos uma cerca na serra para durante o verão, porque as cabras vinham todos os dias, vinham para a aldeia e saiam de manhã. Mas agora no verão, havia muito pó, sabes, nós chegamos a ter para aí 1000 cabras, e era 400 a 500 metros de rua tudo cheio de cabras, apertadinhas, e depois aquilo levantava-se um monte de poeira, prontos, aquele pó dava um bocado cabo deles e então nós pensámos no verão em... também sobem em maio ou junho, normalmente as cabras agora só começam a subir em junho porque ainda nascem alguns cabritinhos, e os cabritos a raposa e tudo dá cabo deles, e então subimos só em junho, mas desce tudo a 30 de setembro, então de junho para setembro guardamo-las lá na serra, temos aquelas cercas à noite, metemo-las dentro da cerca, espetamos-lhes umas rochas em volta, não sei se já viste...

AL: mas portanto, hoje em dia as cabras não vão e vêm todos os dias, é isso? Ficam lá na cerca

Ficam lá... logo de manhã cedo, logo de manhã, o pessoal sai daqui às 6 e tal da manhã, 7 horas já têm de estar a sair, pela fresca, voltam, mas andam com elas todo o dia, dão-lhe a volta, por onde elas quiserem andar e depois à noite voltam a metelas dentro da cerca, fecham a cancela e ficam lá, para não estar a apanhar o pó no caminho

AL: ok. E agora a 30 de setembro hão-de voltar para baixo e ficam aonde? Nas cortes?

Exactamente, nas cortes, que ainda temos algumas cortes fora, mas temos outras cortes que ainda estão por baixo das casas, por cima é casa de habitação e por baixo é as cortes, ainda há disso, vacas, normalmente as cabras estão... porque além da vezeira tem outro pessoal que tem vacas sem estar na vezeira

AL: pois, já percebi, só não percebi foi porquê... já me disseram que é porque a vezeira vai todos os dias e eles querem ir só de semana a semana, não sei, se haverá algum conflito

Sim... aquilo é, prontos, há sempre aquela pessoa que não se entende com aquele e não sei quê mais, e quis sair por na altura, aquilo a maior parte deles até saiu da vezeira por não querer respeitar as regras, estás a ver, aquilo havia regras, as pessoas têm que ir render o outro, tinha que ir substituir a outra pessoa que estava lá, mais ou menos dentro de uma hora... por exemplo, se os vitelos nascem lá, se um vitelo, uma hipótese, se um vitelo de outro qualquer comesse a mamar na outra vaca, o dono do vitelo era obrigado a desce-lo para baixo, a mãe e o vitelo. E eles por vezes não queriam saber e depois, havia regras que... eram multados, e eles depois não queriam pagar a multa, tinham que sair, e muitos por não respeitarem as regras que existiam

AL: então mas imagina, se o dono do vitelo não for aquele que está a levar a vaca, imagina que sou eu e o vitelo é teu

Não, mas não interessa, não interessa quem esteja lá, o vitelo tem dono e o dono é obrigado a... porque eu digo, “olha, afinal tens um vitelo que anda a mamar na vaca de fulano”, tás a ver? Eu que estou lá, eu por exemplo hoje estou a guardar o gado, amanhã vais tu, e eu apercebo-me que o vitelo de... porque quem sobe para cima conhece os animais todos não é... então “olha, afinal o teu vitelo está a mamar em tal vaca, então aí é claro que o dono da outra vaca que o vitelo está lhe a tirar o leite se calhar ao outro filhote, não quer, e nesse caso o dono do vitelo que está a roubar é obrigado a desce-lo para baixo.

Muitos foi assim que aconteceu, outros, por falta de tempo ou o caneco não, chegava-se à porta deles, eles ou tinham que ir ou tinham de pagar a alguém que fosse no lugar deles, e desistiram. E assim botam o gado à Suíça, chamamos-lhes nós à Suíça, que é, abandonam os animais na serra... e depois vão de 8 em 8 dias vê-lo, claro... mas podem chegar lá e não dar com ele, estar escanhotado, estás a ver... uma vaca se cair dificilmente... por exemplo, uma vaca se partir uma perna acabou, não sara... aquilo é mesmo para abater. E então pronto, se for guardado a gente vamos num dia vemos que o animal que caiu anda lá a mancar e não sei quê, antes de ganhar febre, a gente vamos e abatemos o animal, participamos ao veterinário... primeiro ele não fazia nada disso, ele vinha tirar o... ver se o animal está em condições para consumo, e abatia-se. Agora por exemplo o animal que lhe acontece uma situação dessas numa 2ª ou numa 3ª, quando lá chegarem no domingo agora no verão o animal está... e é por isso, correm esses riscos, mas lá está, também vão... mas não pensam bem,

porque eles mesmo assim estão lá de 8 em 8 dias, e se fossem todos, imagina que nós chegamos a guardar uma vez por mês, isso não é nada estás a entender, nas cabras são muitos, vão para aí de 15 em 15 dias. É melhor do que ter que ir todos os dias com elas, há uns que têm, o Marcelo, a mulher é que coitada anda com as cabras, estás a ver, era melhor tê-las na vezeira porque assim ia só lá de tempos a tempos, ela assim tem que ir todos os dias, deus me livre, é uma trabalhadeira.

AL: pois, foi com ela que eu soube que havia pessoas que não estavam na vezeira, mas por exemplo, ela também me referiu que há raças de cabras que são diferentes e que isso pode... se a dela é mansa

Sim, sim, sim. As cabras dela não andam tanto como as nossas, as bravias, que são umas cabras que são capazes de fazer 30 ou 40 km durante um dia a andar, andam muito

AL: e a malta anda atrás delas?

Anda, por exemplo, estamos a ir aqui por este vale fora, sabemos que elas que vão sair do outro lado num sítio que normalmente é o corte delas e a gente vamos por aqui e vamos esperá-las do lado de lá, não vamos atrás delas estás a ver, podemos ir, pode ir um pastor atrás delas, à conta do lobo e tal, mas sabemos os cortes e vamos na frente, pelos atalhos, elas vai aí às voltas mas nós atalhamos aí

AL: sim. Por acaso ouvi dizer que houve aí uma iniciativa do ICNF ou as ITI e tal, que deram dinheiro para retomar as vezeiras, para estimular as vezeiras, no início das ITI e que estimulavam, ou seja, que havia dois vezeiros que eram pagos por esses subsídio para manter os animais, e que estavam sempre eles no monte, não havia esta coisa de andarem a mudar, não sei se em Fafião também chegou a ser assim

Chegou a acontecer, Fafião pronto, nós como tivemos sempre as vezeiras não

AL: nunca pararam de ter vocês?

Não. Mas por exemplo em Cabril, na freguesia, chegaram a pagar a um vezeiro para estar lá a guardar o gado mensalmente. Mas aquilo, acho que aquilo...

AL: não correu lá muito bem não é

Isto não há como fazer uma vezeira comunitária e cada um vai guardando no seu dia

AL: pois, e serem os próprios produtores a fazê-lo, têm um interesse muito mais directo

Exactamente. Mas por acaso aconteceu, eu, na altura que estivemos à frente do CD chegámos a por essa proposta em algumas reuniões a ver se realmente poderíamos ter algumas ajudas e depois tivemos até para reparação dos trilhos e de cabanas e assim, e tivemos aí algumas ajudas. Mas pronto, cheguei mesmo a falar nisso em

reuniões, se conseguíamos uma verba para incentivar as pessoas, para aqueles que realmente ainda não estão na vezeira e alguns que saíram a voltar a entrar, para aí uma pequena ajuda, sei lá... mas pronto, isso depois

AL: mas tipo, pagar às pessoas era isso?

Exactamente, quer dizer, não era a questão de pagar, ajudar por exemplo, epa no caso de duas pessoas se ao final houvesse alguma verba para cobrir alguma parte dos dias que o pessoal deita na serra, estás a ver? Mas prontos, depois a gente nunca... é assim, a gente não estamos lá sempre, uns acham que a ideia que é boa, outros depois não querem saber, e sabes como é, a gente depois ao estar de fora não pode... que é como diz o ditado “quem está de fora racha lenha”. Há pessoas que... mas pronto, eu acho que as vezeiras, a nossa é das únicas aldeias do concelho que faz vezeira, a Ermida por exemplo também faz, Terras do Bouro, também ainda fazem a vezeira também, fá-la igual como nós, a vezeira das vacas

AL: sim, a Ermida também me parece bastante mexida

E são as duas únicas aldeias que mantêm as duas vezeiras

AL: Pincães actualmente não tem?

Pincães só de cabras, de cabras ainda mantêm também. E também assim, comunitária, portanto andam à roda como... e a gente pronto, é uma das coisas que eu gostava que se mantivesse, a serra sem animais para mim não... agora a gente antigamente, depois, tinha moças e tudo, nós às vezes juntávamo-nos com moças e rapazes, da Ermida, de Vilar da Veiga, porque antigamente havia muitos mais animais na serra, todas as aldeias deitavam os animais para a serra e guardavam-nos, e a gente às vezes íamos e juntávamo-nos com eles e aquilo era uma alegria, um berrava de um lado, ouvia-se do outro lado, logo que um desse um berro, outro berrava também e oh caneco, e depois a gente procurávamos juntar-nos aí, pronto, convivíamos... é como digo, eu gostava de... se me dissessem “olha, vais para o são João para Braga ou vais para a serra”, eu antes queria ir para a serra. E então quando a gente se encontrava lá com... opa, principalmente com meninas, então é que

(RISOS)

Chegou a acontecer, era raro mas chegou a acontecer. Elas também iam guardar, os pais às vezes não podiam e mandavam duas moças, também como, uma com mais de 18 e outra... por exemplo, nós na nossa aldeia não, tinha que ser sempre um homem a guardar, agora podia levar uma filha, o mais pequenino podia ser uma menina, mas o maior tinha de ser um homem. Mas na parte dos da Ermida chegou a acontecer que... nem que fossem viúvas ou o caneco, toleravam, davam tolerância às viúvas poderem guardar sem ter de pagar a um homem, estás a ver, e isso chegou a acontecer, eu cheguei a encontrar-me lá com umas moças, isso então é que era uma festa

AL: pois, mas hoje com os subsídios também há muitos animais não é... ou seja, acha que sem subsídios haveria tantos animais?

Ora bom, é assim, quem... nós por exemplo, nas vezeiras, o pessoal que está na vezeira já tinha animais antes dos subsídios e isso acho que a vezeira que se ia manter. Agora, o problema é que depois... agora esses que criaram aí essas vacarias que praticamente têm-nos presos, isso já não tem nada a ver com o nosso tipo de animais que andam à solta, a carne é outra, não tem nada a ver, a qualidade da carne é outra... agora criaram aí essas vacarias, prontos, alguns têm-nos soltos mas estão muito magrinhos, até havia de haver mais fiscalização nesse sentido porque há gente que recebe os subsídios e não trata os animais como deve ser

AL: e isso acontece em Fafião?

Não, ali não, mas temos por exemplo a aldeia vizinha ao lado, Pincães, que chegou a acontecer isso, às vezes os animais até vinham ter ali à nossa aldeia e depois até entravam para dentro dos campos, que eles passavam por qualquer sítio, andavam cheinhos de fome

AL: mas portanto eles criam as vacarias e quê? Têm de as alimentar e não alimentam é isso?

Porque aquilo depois, quando metem o projecto, aquilo tem de ter um x de animais entendes, e depois se calhar têm capacidade para ter 4, tinham 10 ou 15 e depois claro que os animais andavam ali a passar fome. Andavam praticamente de verão e inverno no monte, e nós mantemos no inverno mantemos os animais nos campos, soltamo-los de manhã, vamos todos os dias com eles, soltamos de manhã nos campos, eles andam nos campos, e depois podemos largar assim para o monte para eles comerem assim outro tipo de arbustos não é, o mato e assim, pronto, que é saudável para a alimentação, porque elas comem todo o tipo de arbustos, é como as cabras

AL: comem tojo?

Comem, comem, aquela parte de cima tenrinha quando está a rebentar, eles comem, comem tojo comem, comem, comem

AL: as vacas? Estamos a falar de vacas

As vacas! Ou mesmo o cavalo também come tojo, as cabras... quanto está a crescer, a rebentar, tu se vires o tojo quando está a... parte da frente há certas alturas que se corta bem, aquilo é macio. E os animais gostam disso

AL: Está bem. E ainda continuam a ir buscar mato ao baldio?

Sim, sim, sim. Não é tanto como antigamente, antigamente pronto as pessoas viviam mesmo do que o campo dava e... era da pastorícia e do cultivo dos campos que as

peessoas viviam... embora que, por exemplo o meu pai, lembra-me sempre de o meu pai trabalhar mas vinha ao sábado e nós ficávamos em casa e íamos fazendo, a minha mãe, e nós os irmãos mais velhos, íamos fazendo... e ainda hoje fazemos, mas só para casa, porque gostamos de ter batata, gostamos de ter milho. Mas praticamente o milho é só para dar para os animais. Ainda cozemos, mas pouco, se fosse antigamente... antigamente cozia-se no mínimo uma vez por semana. Ainda se coze, mas já não é tanto, se calhar por vezes passa-se 15 dias que não cozemos, outras vezes até um mês. Agora os padeiros vêm...

AL: não havia forno comunitário pois não?

Não, na nossa aldeia não, nunca houve, mas toda a gente tinha forno, toda a gente em casa tinha forno. Era raro, só algumas casas que eram mais pobres, mas pediam ao vizinho para cozer, os fornos só se botava a cozer de 8 em 8 dias e então as pessoas pediam para fazer o pão

AL: pois, ninguém deixava de ter pão por não haver forno comunitário

Mas quase todos, em 20 casas podia haver uma ou duas que não tivesse forno, mas os outros tinham todos

AL: pois... as ITI ainda são do teu tempo no CD, ou não?

As?

AL: as ITI; aqueles dinheiros que vieram para a limpeza das pastagens, para a recuperação das mariolas e assim

Ah, sim, sim, sim. Isso fomos nós que começámos a meter esses projectos

AL: ah, isso foi em que ano, sabes?

Olha, estive lá a partir de 1990, a partir de 1990 começámos a candidatar-nos a certos

AL: ah, ok... mas este se calhar é outro, este que tenho conhecimento, que ainda hoje em dia as pessoas recebem, nos baldios, a que eles chamam de Intervenções Territoriais Integradas, acho que começou só em 2000 e ... já não estou certa se em 2004 ou 2007

Pronto, nós tivemos sempre algum projecto de limpezas e de trilhos e... fomos metendo sempre, o que é que depois, por exemplo, havia anos em que deixava de haver uns projectos e candidatávamo-nos a outros, começava a haver outro tipo de candidaturas. Depois sei que nós nos candidatávamos a uma, tínhamos que fazer por exemplo uma limpeza e recebíamos um x para uma limpeza na zona verde, que chamamos, zona mesmo protegida, começámos a receber também uma verba por isso, mas tínhamos que limpar uns 3 hectares ou qualquer coisa assim

AL: ok, então é a mesma coisa. Vocês saíram quando do CD?

Dois mil e tal, só vendo mesmo os documentos

AL: e saíram porquê? Estavam fartos ou?

É, chegamos a pontos de... porque aquilo, pronto, a gente trabalhava e perdia, normalmente era o presidente que andava para aí de um lado para o outro, em reuniões e não sei quê. Mas eu perdi muito tempo, perdia muito tempo, e depois... tudo satura, sabes que nós trabalhávamos a custo zero? Unicamente tínhamos a ajuda do combustível quando nos deslocávamos para algum lado e assim, e o almoço, pagavam o almoço, pagamos, prontos, a gente é que

AL: vocês é que geriam o dinheiro não é

Exactamente. E pronto, sim, perdia muito do meu tempo para... e então começámos a ir metendo outro pessoal connosco e depois fomos saindo nós e fomos deixando a eles

AL: mas tem sido sempre a mesma lista mais ou menos a ganhar?

Sim... agora ultimamente até já nem tem havido mais listas, é uma única lista a concorrer. Nós por acaso concorremos sempre com outros adversários, mas por acaso ganhámos sempre. Prontos, era uma equipa, fizemos... desenvolvemos um bocado a aldeia, chegámos a meter projectos para a restauração das casas e foi aprovado, fachadas e coberturas, esquadria

AL: através do baldio?

Não, mas prontos, como estávamos no baldio estávamos dentro dos assuntos, havia essas candidaturas aí e a gente candidatávamo-nos, lá está, por acaso fui eu que consegui essa candidatura, e foi aprovada

AL: e vocês também estavam na JF ou

Não, não, não.

AL: a JF também é mais lá para o lado de Cabril não é, o baldio é outro

Agora claro que tivemos gente da nossa aldeia à frente da JF, não é o caso agora, agora não está, ah está, a mulher do Miguel está na JF. Ela está só mais ao fim de semana também, porque ela trabalha no porto, na caixa geral de depósitos

AL: ainda é um bocadinho

Ah, ela está a morar em Braga, como eu também estou a morar em Braga, por isso é que a gente

AL: ai é? Então não moram cá?

Não, trabalhamos cá, somos daqui da aldeia, mas a maior parte do tempo estamos lá em Braga

[conta a história do casamento e das casas que tem na aldeia, de estar uma na mão da mulher com as filhas, e ele tem outra para si, e um apartamento em Braga; tem duas filhas, uma engenheira florestal, está a tirar o mestrado em Vila Real, fala-se de como a engenharia florestal pode ser agora um sector importante e com saída. Durante a semana passa o tempo na aldeia porque trabalha nesta zona, na construção civil, tem uma empresa]

711_0124

AL: Cada vez que estou ali no café, ou muitas vezes, ouço sempre falar do baldio, e normalmente é críticas, há ali malta que... bom, não sei, mas onde eu quero chegar é, as pessoas participam nas assembleias ou são mais daquelas que não fazem nada mas vão criticando?

Hmm, temos um bocado de tudo, temos aquelas que vão e que gostam de dar as suas opiniões e assim, mas temos aqueles que não vão e não querem saber e depois gostam de falar é nos cafés, dar ali as piadinhas deles e assim, e acho que é em reuniões que temos que dizer aquilo que realmente achamos, partilhar ideias e assim e ir vendo o que é que

AL: no vosso tempo, que estiveram uma data de anos à frente daquilo, tiveram muitas críticas, ou a malta...

Houve sempre, a gente prontos, quando começamos a mudar um bocado isto, a ... agora claro que a maior parte do pessoal sempre nos apoiou, tanto que nós sempre ganhámos as eleições porque claro que tínhamos o pessoal do nosso lado, agora claro que há sempre aquele que, como é que hei-de dizer, que não faz nem quer que se faça, nem ajuda e ainda estorva. Não são muitos mas há sempre um ou outro ainda que

AL: pois... um Henrique, é quem?

É um desses

AL: é que eu hoje ouvi falar dele, como sendo uma pessoa com quem eu poderia conversar, porque pelos vistos teve alguns problemas com a malta... bom, eu não sei, ainda não falei com ele

Esse é um guerrilheiro do caneco, esse é cunhado do, daquele rapaz que até é um tipo porreiro, o Sérgio, o que há bocado nos pagou o café, recordas-te? Ele é cunhado dele, e claro, é cunhado, não pode dizer mal do cunhado mas ele é, ninguém gosta desse gajo porque ele é mesmo um barril de pólvora. Agora se tu conversares com ele e não sei quê mais, para pessoal que... como é que eu hei-de dizer, quem o não conhecer pensa que aquilo que é um deus do céu estás a ver? Mas aquilo é mesmo

do piorio. Tanto que ele comigo, pronto, ele tenta fazer-me a vida cara, isto é, coisas que nunca lhe adiantam nada porque eu fiz sempre tudo da dentro da... mas a nível pessoal estás a ver, ele tentou fazer-me a vida cara porquê? Porque ele queria apanhar na altura lá no baldio 4000 metros de terreno, pá, e eu revoltei-me contra isso, tanto que andámos em tribunal e ganhámos não é. Pois, aí é que está, o gajo queria era caçar... na altura, não sei se te recordas das novas louvações que houve, prontos, quem tinha terrenos e depois... tinha terrenos e grande parte dos terrenos ainda só estavam aqui nas finanças, portanto quiseram por essa brincadeira direitinho para irem buscar dinheiro, para toda a gente pagar e não sei que mais, e houve pessoas que nesses anos aproveitaram-se de meter mais um x de metros de terreno

AL: ou seja, usarem o baldio como se fosse propriedade privada

Exactamente, por em tempos terem lá árvores, ou terem carvalhos, e eu na altura fui ver aos livros antigos, corri os livros todos e havia era árvores no baldio e não de terreno, as pessoas tinham as árvores no baldio e aproveitaram-se da área... e eu não, comigo não... uma coisa é ser de todos, outra coisa é alguém se aproveitar do baldio

AL: pois, eu não sei como é que é possível viver-se numa comunidade pequena e entrar em conflito com ela... acaba por se separar... eu não sei como é que é... eu não sei se me estou a fazer entender... a partir do momento em que se

Ele, os únicos que... porque lá está, também há lá mais um ou dois que é da mesma qualidade e são os únicos que estão ali que é que vivem... encostados ali, sozinhos, percebes... a esses dois ou três, que um até é o meu ex-sogro, agora prontos, eu estou-me a abrir contigo, sei... também são da família, estás a ver, lá, a mulher do meu sogro... a mãe do tais era tia dela, portanto, eles são primos direitos, então há ali aquela convivenciazita que... é esse e outro, mais nada, são os três que... são do contra, como se costuma dizer, o resto da malta...

AL: ok... pois, esse Sérgio que pagou o café parece-me ser um fixe, mas

Ele é um tipo porreiro, só que, pronto, ele bebe bastante e depois é o grande problema dele é esse, ele bebe muito e depois com os copos é um bocado guerrilheiro, como se costuma dizer, começa a falar. Mas ele fora disso é mesmo um tipo porreiro, um gajo mesmo muito porreiro. O gajo agora com os copos, cum caraças, aquilo

AL: mas ele chega a não estar com os copos... ? (RISOS)

Exactamente, já notaste isso, só de manhã é que está assim...

AL: mas sinceramente, eu nunca o notei bêbedo, porque sempre o conheci falador e tal. Sempre o conheci... ontem foi a primeira vez que falei com ele, eu nem digo isso,

eu digo é que vejo-o sempre a pedir álcool, é só nesse sentido, nunca o vi bêbedo, nem nada do género

Não, mas ele bebe muito

AL: vi foi ele de manhã a pedir bebida

É, é logo

(...)

711-0125

O meu pai ainda se lembra de caçarem lá três lobos. Mesmo hoje ainda temos para ali muito lobo, nós... ainda há pouco um colega viu quatro, pequeninos

AL: há pouco? Como assim...

Há coisa de um mês. Há aí muito lobo ainda... há e ainda bem que há. Claro que a gente não gostamos que eles nos ataquem os rebanhos e não sei quê, mas o lobo também precisa de viver não é

AL: pois com certeza... está aí há tanto tempo também... como vocês

Exacto, nós, a serra não é só dos nossos animais, eles também já existiam aí e têm que de viver não é

AL: claro... essa questão do conflito por causa do lobo, também é natural que exista, se o lobo anda a comer os animais das pessoas é natural que as pessoas também se sintam

Claro, a gente fica um bocado revoltado, mas a vida é mesmo assim, nós já sabemos que... para isso é que acompanhamos os animais durante o dia para evitar que... e ele durante o dia dificilmente... mas eles já têm ahn, já têm vindo assim nos dias em que está assim mais nevoeiro, isto mais no inverno não é, o lobo ataca mais os animais. Mas agora no verão e não sei quê mais é quase sempre de noite, eles ficam, encostam-se, às vezes à sombra elas vão a passar, por exemplo, encontram uma rochazita elas ficam ali à sombra e depois esquecem, deixam ir as outras, e depois o lobo vem de noite, elas ficam por ali e ele... tau! Acaba por...

AL: eles agora o ICNF paga, não é, se apresentarem os cadáveres

Eu lembra-me sempre de eles pagarem mas

AL: ai era?

Era, eles pagavam sempre, só que pagavam muito tarde, se calhar pagavam um animal passado... e ainda hoje, passado 5 anos, e... mas o grande problema que nós temos na nossa serra, é que, para além de ser uma serra bonita, prontos, é montanha

não é, mas às vezes o lobo... o problema de... o lobo, o grande defeito que tem o lobo é que ele chega ao rebanho, enquanto não ouvir barulho, enquanto o pastor não aparece, ele se for preciso ele é capaz de matar 10, 15, 20 cabras... enquanto ele não sentir barulho ou alguém que coiso, ele mata sempre. Enquanto por exemplo, já o leão, o tigre e assim, matam um animal e comem-no, não é como... os outros já podem passar à beira que eles não querem saber, mas o lobo não

AL: mas guarda os animais ou?

Não, o lobo mata e não come na hora, vai-se embora, vem comer depois de noite. O lobo não come na hora, só se for de noite, em que ele mata e come. Mas lá está, se dá com uma dúzia de cabras e se ele puder, ele mata-as todas. É, o lobo é mais raivoso. Porque se ele matasse um animal e ficasse a comer, ou que o não comesse e vinha depois come-lo de noite... mas não, o lobo se puder ele mata o rebanho todo

AL: mas quando aparece um animal morto normalmente é só um ou são muitos?

Pois, o grande problema é esse, é que por vezes o lobo dá nos animais, e depois mata aqui um, eles tentam fugir não é, e ele vai matando, e parte deles depois não se descobrem, desaparecem... nós por exemplo, aparece uma morta, ou duas ou três, e as outras 3 ou 4 nunca mais aparecem, porque ele mata-as em sítios que não são de passagem, e não se da com elas

AL: eu achava que eles antes não pagavam pelos animais

Não, eu lembro-me... quer-se dizer, epa, sei lá... mas desde que eu estive no CD e já antes para trás, lembro-me de eles virem levavam os animais e pagavam

AL: e quando vão com a vezeira, os animais, vão com cães ou

Sim, sim, levamos normalmente levamos sempre o cão do pastor que da muito jeito, sendo bons dão muito jeito, porque a gente manda-os e eles lá iam, tiravam os animais, depois chamávamos e ele vinha... há outros que um gajo fartava-se de chamar e o gajo nunca mais viravam, não estavam bem ensinados e... agora quando... porque às vezes as cabras também ouvem falar mas não querem saber, agora com os cães já respeitam mais, respeitam mais o cão do que o pastor. Elas ouvindo ladrar o cão têm medo e viram logo, e o pastor, um gajo farta-se de berrar, só se for mesmo lá com o pau e o caneco é que elas às vezes

AL: e é um cão que é da vezeira ou é de alguém?

Normalmente cada um tem o seu cão

AL: quem for leva o seu...

Exacto... nós já pensamos em... porque há esses cães de rebanhos que costumam ficar com os rebanhos e tudo e que depois nem deixam chegar o lobo nem nada, há

cães já próprios para isso. Já se pensou nisso só que como nós temos as vezeiras e não vai todos os dias a mesma pessoa com... temos medo que o animal não se adapte, porque todos os dias está a conhecer uma pessoa não é. [...] Cada um tem o seu cão, e às vezes estão bem ensinados, outras vezes não, às vezes aparecem cabras mordidas e são eles que as mordem. Normalmente quando aparecem mordidas atrás nas pernas são eles que as mordem

AL: e nunca houve o caso de matarem mesmo?

Já, já, temos tido situações que, quando se juntam dois cães às vezes agarram-nas muito

711_0126

[...] são cinco para o conselho fiscal e cinco para a assembleia

AL: ah, exacto, mas acho que é 3 a 5 não é? Podem ser 3, 4 ou 5

Exactamente, mas prontos, a média é 5, mas se não conseguirem, prontos, vai 4... eu agora já não estou, pronto, isso já vai há... isso na altura sabia-se, agora a gente já está um bocado desactualizada não é

AL: mas ainda apanhaste, ao longe ou ao perto, a alteração da lei agora...? Em 2014... ou não estás a par?

Não, não, não... 2014, alterou muito a lei do baldio?

AL: Alterou um bocadito sim, alteraram coisas importantes, que acabam por alterar um bocadinho a autonomia das comunidades a gerir o baldio. tipo, alteraram o conceito de comparte, a partir daquele momento toda a gente que estivesse inscrita no caderno eleitoral das freguesias, ou que tivesse uma actividade agroflorestal na freguesia... havia esta, havia umas quantas...

Sim, sim, sim

AL: Que são um bocado polemicas, e que de alguma forma acabam por...

E depois também só, em termos de eleições, só quem tivesse presenciado e não sei quê, essas coisas

AL: ah, isso não sabia

Se não tivesse recenseado, e essas coisas

AL: ah, na freguesia? Pois, isso é capaz, não estando no caderno eleitoral não é comparte. Mas essa lei agora está em revisão, porque este governo e a BALADI e não sei quê, mexeram-se nesse sentido, mas aquilo houve assim várias questões que desmotivavam a gestão pelas comunidades, agora não vale a pena entrar em pormenores mas mudaram algumas coisas, mas sim, entretanto, agora

recentemente, foi para revisão, mas foi uma questão muito polémica e que tem dado muito que falar. E depois foram os cortes das áreas elegíveis também, não sei se soubeste, portanto, para pagamento aos produtores, aquela questão dos produtores usarem as áreas do baldio para fazerem candidaturas aos subsídios

Ah, sim, sim, sim. e nós em termos de área de pastoreio, nós cortaram-nos muita área à conta de... epa, nos mapas, lá está, nós temos muita área de pastoreio e eles cortaram-nos porque, parece-lhes rocha estás a perceber? E na verdade não é, só que lá está, estão sentadinhos em Lisboa, põem-se a olhar para os mapas e... melhor que fizessem como tu e viessem ao terreno fazer o levantamento das coisas

AL: pois, isso realmente é o que dizem, que foi assim feito, que fizeram tudo baseado em cartas e em fotografias aéreas e não sei quê

Ah, porque tu olhas para a nossa zona, lá por cima da ponte e não sei quê mais, aquilo realmente, olhando para aquilo, aquilo parece só rocha, mas conforme vais caminhando vais vendo que de facto que aquilo, temos muita rocha, temos muita vegetação, e até a vegetação é melhor, porque está mais, torna-se mais fresca à conta das próprias rochas, estás a ver

AL: sim, e eu quando andei por aí vi as vacas a comerem no meio da rocha

Elas gostam daquilo, torna-se a erva mais... porque a rocha resguarda mais a humidade

AL: mas assim, o CD de Pincães e o CD de Fafião, não há qualquer tipo de relação... ou há?

Não, temos assim só... não, a gente dá-se bem, só que... prontos, não só Pincães mas também Cabril e por ai fora, eles estiveram sempre um bocado de coisa connosco, porque... e pensam que... que a CM só trabalha na aldeia de Fafião, que a JF só trabalha na aldeia de Fafião, e isso não é a realidade. Agora, claro que é o que eu digo, pá, isto quem não chora não mama, vós tendes que apresentar as vossas, os vossos trabalhos, pa, mas apresentar trabalhos que sejam viáveis, não vais apresentar um trabalho que não seja comunitário, que é o que eles fazem por vezes “opa, vai lá um e tal, precisava que fizesses isto...”, e não comunitário, estás a ver... tanto que eles na nossa aldeia... temos várias situações lá de expropriações, alargamentos, obras e muros, essas coisas, e eles querem que seja a malta de lá a fazer, mas ninguém tem gosto nenhum em por aquilo

[...]

AL: lá em Pincães há quem fale que a malta que está nos baldios é a malta mais influente, vá

Há ali uma grande rivalidade entre... como são poucos os que estão à frente dos baldios, as famílias maiores e os outros coitados, porque senão eles já lá não estavam

estás a perceber, só que nem adianta estarem-se a candidatar porque não vão conseguir outros tantos para formar lista percebes... depois a família dos outros é maior e tal, e há ali aquela, por isso é que eles estão lá

AL: pois, há ali uma dominância... e acho que o pessoal já não está muito activo, ou são aqueles ou não é mais ninguém... ou seja, a ideia com que eu fiquei com algumas pessoas é que não há ali, para além de quem está a trabalhar nos órgãos de gestão, o resto da malta já não liga muito, porque são sempre os meus, e acabam por deixar aquilo continuar

Claro, e depois não fazem nada este ano, não fazem nada para o ano, e por aí adiante

AL: de quê? De gestão do baldio?

Claro

AL: não fazem nada?

Quer-se dizer, não fazem nada, é em termos de gestão do baldio, prontos, nós o dinheiro que vamos fazendo na gestão dos baldios vamo-los aplicando na aldeia, não só no baldio, vamos fazendo algumas melhorias que achamos que devem ser feitas na aldeia

AL: sim, dá-me ideia que as pessoas estão mais afastadas dessa realidade ali, pelo menos as pessoas com quem eu tenho falado, o baldio é para quem tem animais e o resto não importa, dá-me ideia que é um bocadinho assim que a coisa é vista

[...]

AL: dentro do Parque é que não dá para ter pedreiras não é?

Há coisas que ainda bem que estamos dentro do parque e que não deixam fazer esse tipo de coisas, como essas eólicas que se vêem nas outras serras em frente, a serra da Cabreira, não gosto nada de ver aquela brincadeira ali, e aquilo visto à beira, aquilo faz um basqueiraço

AL: sim, acredito que sim. Não, mas aquilo dá é muito dinheiro para o baldio que a tiver

Pois dá! Aquilo dá dinheiro para as pessoas onde realmente estão... onde estão colocadas

AL: exacto, tipo nos baldios que têm eólicas

Mas que eu gosto de ver aquilo, não! Ainda bem que na nossa serra não deixam pôr aquilo, porque eles... não gosto daquilo, mas que é uma fonte de rendimento é

AL: sim, e não deixa de ter um papel importante como gerador de energia renovável e tal, mas por vezes não sei se aquilo gera assim tanta energia, porque quantas vezes as vejo paradas

Mas também por estarem paradas...

AL: não quer dizer que [... enganou-se no caminho]

[...]

711_0127

Sei que houve várias pessoas a fazer esse trabalho e acontece que os filhos a partir dali vingavam, estás a perceber [conta a história da Ponte da Misarela]

Luís

Local: casa dele em Fafião

[faço uma introdução ao estado do trabalho e aos objectivos]

AL: [...] para si o baldio, começou há pouco tempo, não foi, o CD?

Sim, eu já tinha lá estado há uns anos e pronto, também andava assim um bocado distanciado devido a estar na marinha, então pouco tempo cá estava, mas fui... e sei perfeitamente o que se passa por dentro e por fora disso, a minha opinião sobre isso

é que é uma mais-valia cá para a aldeia. Se não houvesse CD como era antes... antes de existir, aí nunca se fazia nada, primeiro que a JF cá chegasse e fizesse alguma coisa, ou as CM, era muito difícil

AL: antes era assim? Havia muita dificuldade?

Havia muita dificuldade, havia dificuldades em tudo, não havia... pronto, a gente pedia qualquer coisa mas era muito difícil. Agora não, agora temos aí, temos uma mais-valia também que são os sapadores que ajudam aqui muito a comunidade, criada pelo CD também, e ajudado, e outras coisas, quando a gente precisa de qualquer coisa é ao CD que nos deslocamos e que pedimos qualquer coisa e tudo tem sido aceite. Há uns que gerem melhor que outros, a parte da gerência é que é um bocadinho assim, pronto, devia talvez ser mais lúcida. Mas há pessoas também que não sabem e falam sem razão de causa porque também não vão às reuniões, não andam a par da situação. Dão as bocas mas não querem aprofundar o assunto, nem perguntar se é assim, se não é

AL: há muita gente assim não é, com essa pose

Há... há uma parte, é uma divisão que há, é tipo, isto é uma política praticamente, depois as pessoas dividem-se para um lado e para o outro, até podem saber que está bem mas só que criticam por criticar porque na realidade há uns que funcionam melhor e há outros que funcionam pior, mas na realidade todos beneficiamos com isso, hoje beneficia um, o problema de muitos é assim, que alguém beneficia mais, mas é engano, porque hoje beneficia um, pronto, como eu agora vou beneficiar talvez um bocadinho da obra aqui feita pelo CD e ali daquela em cima. Mas há outros que já beneficiaram também, hoje é uns, amanhã são outros, e assim sucessivamente, acho que em geral toda a gente tem beneficiado com isso

AL: pois... eu noto que os argumentos de crítica se repetem de pessoa para pessoa, como se fosse uma cassette. Dá a sensação que há uma passagem de ideias entre algumas pessoas

É, é isso. Mas isso é de não saber perder porque há outros que se candidatam. E há outros que criticam e não se candidatam, não fazem uma lista, podiam fazer uma lista para saberem e para irem lá, e para ver o que é... eu por exemplo, é das tais coisas que para mim só me dá prejuízo isso. E assim como para quem lá está porque em princípio, os princípios que há é a gente não se cobra de nada, vai a uma reunião não vai cobrar-se de umas horas que está na reunião, vai fazer uma viagem aqui a isto e aquilo e não se cobra disso. E eu até sou contra muito isso, eu acho que a pessoa que perde o seu tempo devia ser remunerada não era? Eu se me dessem um incentivozinho qualquer, se eu perder um dia e se me pagarem o dia, acho que é assim é que devia ser, porque nós de resto não precisamos de trabalhar uns para os outros, não é? Bem basta as obrigações que um gajo tem e a responsabilidade de ter aquele cargo e dinheiros na conta e... na conta não, na gerência, e acho que devia ser

assim, acho que as pessoas qualquer coisa que fizessem deviam ser pagas pelo trabalho que têm. E pronto, e quem quisesse ir fazer listas, em vez de haver só uma lista de vez em quando, haver duas, ou três ou quatro ou cinco, não está proibido de fazer listas a quem quer que seja

AL: pois, eu às vezes contraponho esse argumento só para ver como é que eles reagem e

São sempre os mesmos “eles ganham sempre

AL: é “não tem como, porque eles dominam, compram, fazem, acontecem”, eu não acredito sinceramente no que me dizem, mas

Isto é complicado estar à frente de um cargo destes, foi por isto que eu não queria ir, foi por insistirem muito, porque saiu um, também chateado com o CD e então o Miguel pediu-me para eu... “epa, vê lá, precisamos de ti”, epa e eu tanto não queria ir mas ele tanto me convenceu, tanto que insisti que me convenceu a aceitar. Mas também qualquer pessoa que me diga que eu que fico com dinheiro daqui ou dacolá tem que me, tem que me justificar com provas de que eu roubei isto ou aquilo, como eles dizem que muitos fazem. Porque se um individuo que está no CD compra um carro, pronto foi para lá, já está, se faz uma casa melhor... pronto, é este sistema assim

AL: é assustador, a mim assusta-me um bocado porque as pessoas convencem-se mesmo... eu estou a dizer isto, eu não faço ideia do que se passa dentro do CD, mas já conheço algumas pessoas que lá estão e não me parece minimamente que seja esse caso. Claro que isto é a avaliação de quem não tem nada a ver com a comunidade. Mas as pessoas convencem-se de facto que há, que a malta está a singrar na vida porque está a meter o dinheiro ao bolso

É, é, a ideia de muita gente é isso. Pronto, eu sei que, e sei porque também não sou burro, mas isso não quer dizer que seja corrupção, porque não é, porque há pessoas, por exemplo, eu posso dar um exemplo que o CD é capaz de aceitar e no entanto não prejudicou nada ao povo, por exemplo, sai um corte de pinhal aí a um madeireiro. O madeireiro até pode achar que ganhou muito dinheiro, aquilo vai a concurso não é, tudo vai a concursos, está tudo escrito... por exemplo, aquele pinhal deu 50000 Euros, mas o madeireiro no final pode pensar em gratificar o CD, até pode dizer “olham, fica lá com cem Euros, toma lá cem Euros do meu bolso”, mas isso não é... é uma dádiva, é uma coisa... pode aparecer um caso desses, e isso não há nenhuma, isso houve sempre não é, porque ninguém está, como é que eu hei-de dizer, ninguém é obrigado a não aceitar isso. Isso não é corrupção, porque aquilo foi a concurso público, saiu-lhe, a pessoa que quer agradecer, acho que... se acontecer um caso desses acho que... mas para muita gente isso já é corrupção e não sei quê. Corrupção é fazer as coisas pelas costas, não haver concursos públicos

AL: que é uma das alegações aí de algumas pessoas (RISOS)

Pois, pois

AL: que é sempre o mesmo, que é sempre o mesmo

São sempre os mesmos, isso não, isso não pode ser, isso tem que haver concurso, mas é a tal coisa, se houver concursos públicos que só respondam um, que é que querem que se faça? Que se repit... Acho que se tem de repetir outra vez, acho que tem que ir a concurso novamente, se só responder o mesmo é entregue a obra. Eu acho bem, tem que ser assim não é, senão passávamos a vida à espera que aparecessem dois concorrentes. E basicamente acho que é isso... há sempre aquelas coisas que podiam ser melhor feitas, que podiam ser melhoradas, mas as pessoas também não dizem nada, podiam ir às reuniões e dizer “opa, oh Miguel, olha”, por causa de ser presidente, “não seria melhor fazer aqui isto?”. Nós de vez em quando agora reunimos e tiramos ideias e conclusões uns com os outros e dizemos “olha, o trabalho que agora devia primeiro ser feito devia ser isto”. Há para aí vários projectos que não passa pela cabeça de quase ninguém aqui na aldeia, a tentar fazer, em parceria com outras entidades, sei lá, com turismo, com o ecomuseu e com essas coisas todas, e com o Parque e com a CM, com a JF, com tudo, porque isto... o interessante disto é estar tudo interligado, é o... isto aqui tem ganho muito com isso porque temos tido sempre boa camaradagem, boa... como é que eu hei-de dizer, temos estado sempre em sintonia com a JF e com CM e com tudo, e com Parque, e isso ajuda muito, temos tudo do nosso lado, e isso é bom. Se todos participarem um bocadinho

AL: há pouco estava a dizer que “ninguém tem ideia” [dos projectos que estão em processo], mas ninguém tem ideia porquê? Porque não aparecem, porque não querem saber, ou porque não há esse tipo de

Eu para mim, eu acho que para mim a maior parte disso é o analfabetismo, eu acho que isso parte mais das pessoas serem rudes, e depois de não querer saber e de ter aquela ideia de dizer que não, são do contra pronto, esteja bem ou esteja mal para eles são do contra. E eu... posso gostar de uma pessoa que lá esteja, posso até nem lhe falar, mas não vou criticá-lo só por criticar, por não gostar dele por outros motivos, e eles juntam tudo, eles misturam tudo. Há aqui pessoas que dizem que o CD devia fazer era a festa... isso é mesmo de parvinhos porque não sabem que o CD não pode investir o dinheiro nas festas. As festas é da comunidade, o CD é dos baldios, para gerir baldios, não é... mesmo alguma coisinha não se pode dizer que seja bem legal, porque isto é do baldio.

AL: só acontece porque as autarquias não conseguem

Pois, exactamente, porque as outras não fazem. E isto é tudo em parceria com as autarquias, como esta ajuda aqui em cima também, contribuíram com alguma coisa, o CD, mas isto praticamente é camuflado, porque é... pronto, se outras entidades soubessem que foi aqui investido algum dinheiro do CD claro que não iam gostar,

porque o CD é para gerir baldios. Embora isto seja baldio, isto aqui, pronto, é baldio. Mas os baldios é mais referente às florestas e fora da aldeia

AL: se calhar até era mais interessante, mas isso também se calhar não é explicado, ou não há esse tipo de informação, porque... estou aqui a pensar, ok, é baldio, mas há toda uma comunidade que tem o direito de tirar proveito desse baldio. E já que hoje em dia outro tipo de usos já não fazem tanto sentido como antigamente, não é, quando toda a gente dependia dos animais, e não sei quê

Pois, e cada vez menos

AL: mas se calhar se se arranjasse um emprego ou outro associado ao baldio em que se conseguisse pagar com essas... por exemplo não é... estou a lembrar-me de um baldio na Lousã que tem uma engenheira florestal em prego que pagam com o dinheiro das madeiras, têm também a própria equipa de sapadores, mas isso se calhar também têm ajuda do Estado, como aqui [...] não sei se concorda mas às vezes dá-me a sensação de que há um bocado de falta de comunicação entre os órgãos de gestão e o resto da comunidade...?

Sim, há comunicação, mas eu acho que a maior... há pouca comunicação mas depende mais do restante pessoal, não depende praticamente do CD, porque sempre que queiram falar com o CD sempre está disponível para falar com eles

AL: e o CD andar atrás das pessoas não faz sentido?

Não, não faz sentido, porque o CD não vive disso, têm que ter empregos, têm que trabalhar. Bem bastam as chatices que têm no verão com os incêndios e isto e aquilo, até já eu tive alguns e não sou dos que estão mais afincados no assunto. Porque quando se vê um fumo acolá o... um elemento do CD vai logo ver onde é que é, comunicar aos sapadores, comunicar aos bombeiros, a isto e aquilo, são tudo coisinhas pequeninas não é, mas dão trabalho não é, é preciso estar bem atento

AL: dão, dão trabalho e preocupações e cria inimigos

Cria muitas inimizades, e sem necessidade nenhuma, porque... pronto, é o que eu digo, as pessoas não percebem e misturam as coisas, misturam as coisas, isto é tipo uma política, é tipo um grupinho, vai para ali, outro grupinho vai para acolá e pronto, depois vai dizer mal deste e daquele

AL: e já alguma vez houve de facto outra lista, ou seja, uma lista que não esteja relacionada de todo com esta malta que tem passado pelos baldios? Estou a lembrar-me que houve o tempo do senhor Gouveia e do Bruno e não sei quê, e depois a partir de certa altura começou a passar sempre para esta malta não é?

Quase sempre os mesmos, é, isso é verdade, foi para o Júlio, foi para o Miguel, foi para o outro lá de baixo. É assim, passou porque pronto, eles trabalharam, independentemente de tudo, mesmo já também o Bruno, o Gouveia fizeram muito

na altura, isto também vai evoluindo não é, e talvez recebam mais agora do que recebiam na altura, e antes já lá tinham estado outros velhotes. Simplesmente há algumas listas que se apresentam que não têm pé por onde se lhe peguem, porque são listas mesmo de tacanhos, de analfabetos, aquilo sabíamos que ia parar tudo, sabíamos que... e por exemplo eu até nem tenho votado nas listas cá, agora já vou começar a votar porque eu nem estava recenseado cá antes de... mas há aí listas que se por acaso para lá entrassem, e às vezes tem sido mesmo à tangente, eu acho que aquilo ia parar tudo, ninguém os conhece, não têm conhecimento nenhum, não sabem onde fica o director do Parque, não sabem quem é este ou aquele, nem têm relação nenhuma com a CM ou com a JF, não têm amizades com ninguém, isto ia ser muito mau, íamos perder todos

AL: pois, de facto estava a pensar, gerir um baldio hoje em dia não tem nada a ver com gerir um baldio antigamente em que se calhar estavam muito mais sozinhos, digamos assim, hoje em dia com o Parque, com o ICNF...

Era, era independente, antes era independente. Eu sei que estive lá com o Vasco e com o David [?] lá em baixo

AL: ah, o Vasco com quem eu estive a falar ontem não é?

Sim, sim, esse. E pronto, mas não fizemos nadinha, quer dizer, eu sei que estive lá a encher pneus, eu tenho a noção plena, porque eu na altura também estava ainda no serviço, também não era fácil, mas eu ainda cheguei a dizer “oh Vasco vamos vender pinheiros, fazer alguma coisa” “opa, deixa estar os pinheiros que os pinheiros vão crescendo” “vão crescendo não, nós temos que desenvolver e mostrar alguma coisa”. E tivemos lá, julgo que não fizemos, não me lembro de coisa nenhuma que tivéssemos feito. É um mau exemplo não é... por isso eu acho que, pouco fiz eu também, não mandava praticamente nada, normalmente é o presidente e o vice... e pronto, simplesmente também não havia reuniões nenhuma, a gente era, ele também estava na EDP ainda e não sei quê, aquilo pronto, era “opa, vamos aguentar estes 4 anos e pronto, saímos e pronto”. Até a mulher do Vasco dizia “ah, deixa estar lá os pinheiros que os outros que vierem os vendem” [?] e os pinheiros agora cortam-se uns e, que isso até é uma praga que nós cá temos, acho eu

AL: pois, está-se a tornar um bocadinho não é?

É, isso é demais

AL: mas quando é que, eu também não percebo, não é a primeira vez que me dizem isso, mas o pinheiro não é sobretudo uma riqueza? Cortar, vender... já que cresce. Só que às vezes são pequeninos ainda não é?

Não, o que eu acho que se torna numa praga é porque isto cresce em todo o lado. Eu sou de acordo e acho que temos que resolver este problema aqui em volta da aldeia não ter pinheiros para não abafar tanto isto, porque às tantas estamos aqui

sufocados, não vemos para lado nenhum, porque isto os pinheiros estão aqui mesmo encostados à minha casa, além dos incêndios que é perigoso não é, isto passa de uns para os outros... o pinheiro. Se houver um incêndio acolá naquele monte de baixo, esta aldeia vai ter muitos problemas, embora que o fogo não chegue aqui mas o próprio fumo vai pôr isto escuro, vai pôr isto tudo de noite. Porque... é que o pinheiro, se for num dia de vento, ele passa de uns para os outros, aquilo passa daqui para metros de distância, vai as fagulhas pelo ar, pegam naquele, a resina atrai mesmo. E eu até sou de acordo que aqui à volta do lugar num raio sei lá de 50, 100 metros a toda à volta não há... outras árvores sim, sei lá, carvalho, as sobreiras, todos, agora pinheiros estou farto deles e temos aí muito baldio para ter pinheiros., mesmo nas coutadas dos particulares sou contra, havia de ser tudo... haviam de cortar. Pronto, mas também já não digo, um carvalhinho aqui, outro acolá, ficam bem

AL: pois, e no fundo são árvores em que tem mais dificuldade que o fogo deflagre, pelo menos assim se diz

Sim, as resinosas, isso e os cedros, são perigosos, e os eucaliptos também são um bocado. Os eucaliptos também é uma árvore que para propagar fogo são das piores, aquelas cascas deles saltam de um lado para o outro e depois caem mais uns metros, o eucalipto até é muito perigoso também

AL: sim, realmente pinheiro tem essa questão, mas se aqui dá jeito em termos de receitas

Sim, pois dá, porque Fafião se não fosse os pinheiros não tínhamos metade das coisas que cá temos. A gente temos aí projectos em vista que pronto, derivado dos pinheiros. E nós, mesmo o CD também contribui bastante para os sapadores, mensalmente ou anualmente. E isso é uma mais-valia que cá temos. Os sapadores, enquanto antigamente quem fazia esses caminhos todos aí por esses montes acima eram as pessoas, juntavam-se, ainda havia aquela união não é. “Hoje vai ser o dia de fazer aquele caminho do touro; amanhã vai ser o da rega, amanhã vai ser o das cancelas”, agora não, agora a gente está... diz assim, “ah, o CD faz”, o CD faz e as pessoas vão-se habituando assim e pronto, não fazem mais nada. E isso para o povo é uma mais-valia. Embora há alguns que é a tal coisa, que estão contra porque descansam muito, porque trabalham pouco, porque têm sempre que dizer.

AL: pois. O CD devia, e isso é geral, o CD devia tratar da capela... (RISOS)

Pois, isso é que é... Como é que o CD tem alguma coisa a ver com a capela? Eu também gostava que o CD fizesse uma casa para mim ou até aqui um muro por aqui abaixo

(RISOS)

AL: mas essa é geral, toda a gente diz a mesma coisa

A da capela...

AL: se calhar mais vale arranjar o raio da porta de uma vez por todas (RISOS)

Mas é que a capela, mas há uma comissão fabriqueira que tem dinheiro, que tem dinheiro... e não apresentam contas, esses não apresentam contas porque aquele dinheiro que para lá vai e que para lá ia no final das festas muitos anos, agora já não é assim, mas esse dinheiro alguém o tem, e esse dinheiro é que devia aparecer e quando esse não chegasse, sim senhor, se o CD tivesse um saquinho azul que pudesse contribuir com um bocadinho assim, pela calada. Agora o CD não se pode dar ao luxo de dizer que reconstruiu, ou que fez obras numa capela ou numa igreja, porque aquilo, o CD é dos baldios, eles estão todos enganados, o CD é para os baldios

AL: sim... eu pessoalmente não vejo mal em se houver dinheiro

Se houver dinheiro

AL: contribuir para que as pessoas estejam contentes, porque se trata de uma comunidade e convém que estejam confortáveis a viver onde vivem

Sim, isso sim

AL: e que o baldio possa contribuir para isso, a mim não me confrange nada

Claro, isso acho muito bem

AL: agora, achar que é

Obrigação

AL: exactamente

Por obrigação não pode ser, eles sabem que não pode ser, assim como para a festa, se puder dar uma ajuda que as pessoas andem mais, se sintam mais à-vontade, tudo bem, até era bom que se tivessem muito dinheiro que distribuíssem por aí pela aldeia, por cada habitante aí 1000 Euros ou 2000 Euros, até era porreiro, estava tudo melhor, tudo contente com eles [CD]. Agora é assim, deve é dar-se ideias para limpezas, está-se a pensar limpar agora aqui este lagar em baixo, coisas que são bonitas para a aldeia, estes passeiozinhos, esta rua aqui é das pirosinhas de Fafião, esta que vai até à casa do Marcelo, estes barracos e tudo, aquilo devia ser tudo dali para fora, tem lá os porcos e tal da Lídia, mas aquilo não tem jeito nenhum, esta zona aqui é a zona mais feia, e ainda por cima uma zona que é a do miradouro, que vai ser a parte que vai estar lá nesse miradouro

AL: já ouvi falar desse miradouro, sempre vai para a frente?

Sim, está-se a pensar nisso, vai, já está o caminho e vai-se continuar brevemente

AL: e sempre vai ser em parceria com a tal [Oporto Adventure Tours]

Sim, talvez, acho que sim. Há dias até estivemos a falar mais ou menos, e eu até estive a expor mais ou menos, mas acho que é isso, acho que é, que seria com isso

AL: isso é giro

É, pronto e é uma zona que devia, disse “epa, devíamos incentivar ali as pessoas a tirar dali as barraquinhas ou a gente mudá-las para outro sítio, faze-las noutra sítio se puder, porque

AL: (RISO) isso vai dar conflito aposto

É “olha, já mudaram aquilo para ela, pronto, e para mim não fazem nada”, pronto, mas o que é que se há-de fazer, outra vez será para eles

AL: pois... eu estou mesmo a ver o que é que vem daí, eu acho que venho cá para o ano só para saber o que é que isso deu (RISOS)

Ai sim, isso é guerra, isso já se sabe que é sempre guerra, cada vez que se faz uma obra à beira de uma casa “ah pronto, aquela é”

AL: ah pois, este largo foi para si (RISOS)

Sim, foi por eu estar agora no CD, porque antes não se tinha feito, foi por eu cá estar. Esquecem-se que a minha casa fica para aí a 50 metros do largo onde estão outras encostadinhas, de dois emigrantes não é, aquela

AL: não, também falaram dos outros, não foi só de si

Ah. É que eu pelo menos ainda trabalho aqui para a comunidade, ainda faço aí muita... ainda colaboro aqui muito, porque há pessoas que são muito... dizem assim “ah, não se faz nada por Fafião”. Eu acho que quem faz mais por Fafião é quem trabalha e quem tem animais e quem preserva essas coisas. Porque eu, por acaso a minha reformazita até dava para eu viver sem andar com estas coisas, porque eu para além de gostar e de ter algum rendimento, também vou mantendo isto vivo, porque fosse todos como alguns desses, muitos dos que falam, que não têm nada, não têm uma cabra, não têm uma vaca, não têm nada, esses é que... se fossemos todos como eles a aldeia estava morta não é, nem precisava de haver CD. As pessoas não estavam cá, não faziam nada, não usavam os baldios, não faziam nada, acho que esses é que estão mesmo mortos, não precisam, não fazem nada, não é? E também se diz que há aí emigrantes que não querem saber, mas no entanto fazem-lhe as obras na mesma à porta como se faz a outro qualquer. Hoje calhou a este, amanhã calha àquele. Até têm feito aí muros mesmo só para particulares, muros particulares para uma pessoa. Agora está aqui este bocado que vai ser calcetado, tenho a certezinha que... porque isto não é meu, isto é público, passa aqui quem quer, e é meu, é dali da outra [...] esta estrada que passa aqui por baixo, que vai ter lá abaixo aos alambiques e assim

AL: ah, eu ia jurar que ia entrar numa propriedade qualquer se fosse por ali

Não, mas tem ali um carreirozinho que vai arranjar também. E então quando se fizer isso já e sabe que é o Luís, por lá estar [no CD]. Mas eu também... mas a mim não me dizem, se me disserem a mim já ouvem algumas, mas pronto, podem dizer nas costas

AL: isso aqui acho que é um bocadinho inevitável não é, quando a malta, sei lá, em pequenas comunidades às vezes o pessoal passa um bom tempo a falar uns dos outros não é, pelo menos já estive noutras que me pareceu ser assim

É, conversas criativas não há, é só destrutivas. Eu tenho um tio meu que ainda há dias me disse “para mim nunca fizeram nada”, e eu dei-lhes assim um exemplo a dizer... “nunca lhe fizeram nada, você deve estar a ver mal, você deve precisar de óculos, veja lá. Então ainda agora lhe tiraram a casa que estava encostada a uma sua corte lá em baixo”, à beira do ecomuseu, é aquela casinha, não sei se sabe, à beira da capela mesmo

AL: tiraram de lá uma casa

E fizeram aquela casa encostada à capela mais abaixo, em parceria também com o CD

AL: tiraram porque estava a tapar o caminho ou que é, não era?

O caminho, exacto, o caminho era estreitinho e não passava lá um tractor nem carros, não passava nada. E então a obra dele, a casa dele, ficou ampla, ficou livre, ficou com vistas, arrancaram-lhe aquilo, porque ela estava a fazer parede com a outra, então aquilo não era... e depois já disse “ai, eu não os mandei”. “Mas você não ganhou com aquilo? A sua casa agora vale o triplo homem!”. Aquilo a obra agora... se ele quisesse vender até a compravam para fazer um forno comunitário e assim, é o que se está a pensar, já me disseram “tu dás-te bem com ele a ver se ele nos vende aquilo

AL: isso é a vezeira ou é o CD? Que faria o forno comunitário

Epa, é tudo, a associação vezeira, é como lhe digo, aqui as obras são todas feitas em parceria, nunca se pode dizer que são do CD ou exclusivamente da CM ou da JF, tudo contribui um bocadinho. Há reuniões entre todos e depois um colabora um bocadinho, outro colabora outro, agora um dá 1000 Euros, outro 2000 outro 5000, e assim se vão fazendo as coisas. Agora o ecomuseu também está, também acho que esse núcleo também está a funcionar bem, e também talvez com isso

AL: mas o ecomuseu, esse é mesmo gerido pela associação Vezeira, ou não?

Esse é a associação vezeira

E CM

E sim, CM e tudo. Agora o CD acho que com o ecomuseu não tem a ver nada mesmo, acho que esse não tem. Não tem, mas se puder ajudar um bocadinho, se pudermos entrar em acordo em certas coisas, aliás tem de ser mesmo, porque como lhe digo eles não podem fazer nada sem dar a saber ao CD, e o CD também por sua vez

AL: o ecomuseu não pode fazer nada sem dar a conhecer ao CD? Não percebi

Não, por exemplo, de quiser fazer aqui obras ou alterações aqui na estética aqui disto, eu acho que o CD tem de saber para saber se está de acordo, porque isto, eu acho que o primeiro órgão, o órgão principal aqui da aldeia é o CD e depois sobe por aí acima, vai as JF CM e etc.

AL: mas o ecomuseu tem esses projectos de fazer coisas fabricadas?

Eu não sei bem, no ecomuseu não estou bem dentro do assunto, sinceramente não estou, estou um bocado a leste do assunto do ecomuseu. Sei que se fala porque... porque a Lúcia também acho que faz parte do ecomuseu e que às vezes em reunião que nós temos do CD vai-se falando também dessas coisas. Sei que estamos agora a tentar tirar estes fios todos de cima da aldeia, acho que era uma coisa boa

AL: da electricidade?

Sim, sim, da electricidade, telefones e tudo, era uma boa ideia

AL: como é que fazem depois? Por baixo?

Meter subterrâneos, acho que já é uma boa ideia, é uma das coisas que se está a pensar e agente pode tentar, não se perde nada. A aldeia ganha porque fica mais livre, mais bonita não é... tentar incentivar as pessoas a fazer mais jardins, a pôr mais flores à porta e... é tudo bonito para uma aldeia para começarmos a atrair cada vez mais pessoas, não é, nas varandinhas como era antigamente, aquelas rosinhas, aquelas sardinheiras e não sei quê, pôr aquelas coisas assim para isto ser uma aldeia comunitária e típica. O que vai ser difícil porque já há aqui muita coisa mal feita desde o principio não é, não acredito muito que isto venha a ser um dia uma aldeia como muitas que se vêem na televisão, aquelas de xisto e assim, que aquilo para mim é que é o mais bonito, esta já tem... tem coisas bonitas mas tem outras que já saem fora do

AL: mas é porque vive cá gente. As aldeias de xisto às vezes estão abandonadas, são museus (RISO)

Essas estão, mas essas é que eu acho graça, todas iguaizinhas

AL: têm graça mas são museus, é que aqui respira-se gente, e isso é bom

Pois são

AL: e há gente com mau gosto como em todo o lado (RISOS)

Isso temos aqui gente, já foi pior e pode ser que isto

AL: mas eu sinceramente prefiro visitar uma aldeia assim, que tem uma casa feia ou não sei quê, mas em que há pessoas e há vida, do que ir a uma aldeia de xisto, que é muito bonita, mas que é uma maquete

Pois, isto infelizmente as políticas governamentais é que não têm ajudado nada, porque nós temos aqui em Trás-os-Montes aldeias espectaculares, talvez mais antigas que esta, tudo em granito e não sei quê, só que é como diz, está lá uma pessoa ou duas, três, meia dúzia no máximo. Velhos, tudo velhos

AL: [...] pois, o que faz as aldeias são as pessoas, por isso é que eu estava a dizer, claro que era perfeito haver pessoas e ser bonita a aldeia, mas eu dou mais valor a uma aldeia assim cheia de gente, porque Fafião apesar de tudo tem bastante gente em comparação com outras

Tem bastante gente e em fins-de-semana e festas e assim isto está... pronto, não se pode dizer que esteja parado, há aí um grande sentido... uma das coisas mais importantes que cá temos, se formos a ver, são os animais. Uma aldeia sem animais não é aldeia, acho eu, não é. Porque esta coisinha de a gente todas as manhãs ir deitar as cabrinhas à corte “oh, estou à espera das cabras, vou deitar as cabras” isto mantém e... e é da maneira que a gente às vezes fala um bocadinho com aquele vizinho, porque senão nem o vê, passa-se dias e dias que nem o vê. Quando aquela pessoa que deita ali as cabras perto de mim morrer ou desaparecer eu chego ali já estou sozinho, já não falo com ninguém “ah, aconteceu isto ou aquilo”, há sempre aquele motivo de conversa

AL: pois é

É que quando isto desaparecer, quando muito esses velhotes venderem as cabras, e quem diz as cabras diz as vacas e outras coisas, deixa-se de conviver, pronto. Porque eles não vão para os cafés, os velhotes não vão para o café, e então os novos já falam de outras coisas, já não falam daquilo e pronto, vai-se perdendo aí o sentido da aldeia

AL: pois, aí o CD poderia ter algum papel, não sei como

Apoiar, há bocado falar em meter uma engenheira ou não sei quê, mas quem diz isso diz por exemplo um homem aí a ajudar a guardar as cabras pago pelo CD, era bom porque há muitas pessoas, como este velhote, o Ti João, o pai do Luís, não sei se conhece, aquele velhote que caiu. Pronto, esse homenzinho de certezinha que nunca mais vai com as cabras e o filho é assim, a mulher é assim, está tudo desgraçado, pronto, está ali uma casinha fechada, pronto, está ali um exemplo mau para a aldeia. Esse tenho quase plena... tem uma vaquita na serra, a gente vai guardando-a para ele... tem duas, mas uma tem-na na corte. Mas um caso como esses, se o CD conseguisse arranjar uma maneira de, de vez em quando a um homem para ele lhe

manter meia dúzia de cabras lá na corte, era porreiro, eu não ia contra isso! Não era nada contra isso, porque hoje era ele e amanhã seria eu

AL: mas há muita gente que iria contra isso (RISOS)

Mas eu sou da ideia de, o homem não pode ir com as cabras mas enquanto ele for vivo a gente vai-lhe guardando as cabras, faz de conta que ele não existe, e as cabras são guardadas na mesma e pronto

AL: pois... essas ideias são boas, e é bom que a malta vá discutindo de que forma é que pode manter isto... a aldeia viva, não é, porque realmente... e vá lá que aqui os jovens têm um apego grande aqui à aldeia, parece-me

Tem para puxar muitas coisas, agora para animais já... há aí 2 ou 3... para puxar outras coisas e para brincadeiras e para farras e assim, isso temos aí muita gente boa que gosta de andar, e de se mostrar e de aparecer e de... pronto. Agora dizer assim “vamos apoiar as cabras” ou “vamos com as cabras um dia”... eu acho piada, por exemplo, se for por exemplo, se aparecer um pessoal aí de fora que queira fazer um piquenique aí e ir lá acima à serra a juventude de Fafião vai toda com eles, mas podiam-se lembrar assim “epa, hoje vamos todos fazer um piquenique a Rucalva e vamos guardar as vacas estes dias, estamos lá dois dias e aquelas pessoas já escusam de lá ir, estamos nós, guardamos nós”, isso era porreiro não era? Juntavam-se aí em sítios, até emigrantes que vêm doo estrangeiro no verão, e dizem eles “opa, hoje não vais tu para a serra, vou eu por ti, vou lá comer uma merenda e já te guardo as vacas por ti e já escusas de lá ir”, é um incentivo e uma folgazinha que se dá. Mas não, para isso já não querem ir, mas se for para ir de carro até Pinhô e plantação de árvores, comer bem e beber, mas pronto, mesmo assim ainda puxam alguma coisa. Também não é só críticas não é

AL: não, eu agora estava aqui a pensar, bom, mas também as pessoas já estão a ficar velhas, estava a pensar, se calhar fazer actividades para quem vem de fora fazer actividades para a própria aldeia, promover convívios

Pois... mas isso também fazem, mas é a tal coisa, eu também sou um dos que participo pouco, também, eu também sou assim um bocadinho torto, se não gostar de alguém que esteja naquele convívio também para mim já não estou bem e já lá não vou

AL: mas é um bocado difícil gostar de toda a gente num convívio não...

Pois, é, é quase impossível, mas há pessoas que toleram, e são assim, deixam-se ir e para eles está tudo bem. Eu já sou diferente, gosto de estar aí a conversar com as pessoas todas, se estiver lá uma que eu já esteja a olhar para ela de lado já não me sabe bem a brincadeira. E pronto, mas isso é um defeito, isso é um defeito porque não devia ser assim, uns não têm culpa dos outros, eu juntar-me a um grupinho de um lado e do outro

AL: eu percebo, mas às vezes é um bocado difícil nestes ambientes

Custa, e pronto, e há casos e casos não é, há casos em que a gente tolera mas há outros que sente-se mais e vai-se sentir sempre até morrer. Mas de um modo geral está tudo bem

AL: e em termos de futuro... pois, é essas ideias que vai-se vendo não é, o que é que se pretende. Porque estava aqui a pensar, como é que isto vai ser se desaparecem de facto só animais, se os jovens não estão virados para os animais de facto, etc. isto vai ser se calhar complicado de manter essa serra viva e

Sim, vai. Isso é o que se está a prever para muito breve, é isso mesmo, é que vão acabar as cabras, projectos não há, ninguém que se meta num projecto de cabras, ninguém se mete num projecto de vacas, agora há aí um rapaz que sim, que está a tratar disso, está a começar com as vaquitas

AL: é aquele que quer pôr uma vacaria perto do cemitério?

É, é, essa também está boa, também sou um bocadinho do contra porque acho que... pronto, acho que temos aí muitos sítios melhores para isso do que à beira do cemitério

AL: pois, o pessoal está super revoltado

É, eu aí também não sou assim muito de acordo, sou de acordo que ele faça, que tem direito a ter barracões e faça o que ele... agora naquele sítio também não acho grande piada

AL: mas sempre vai para a frente?

Não sei, acho que aquilo está um bocado parado, acho que a engenheira que... não sei, acho que há aí qualquer coisa mas também não estou muito dentro do assunto. Agora isso é que é mau, é essa coisa, porque as cabras, mesmo para quem as não tem são importantíssimas para a aldeia, vão limpando as ervas, vão limpando o monte, mesmo aqui na própria aldeia elas vão comendo as ervas aí para... se não houver cabras, esta aldeia fica cheia de ervas até às portas, porque as pessoas não conseguem, isto aqui é de uma maneira para crescerem as árvores e as ervas e tudo, ninguém... se não forem os animais a cortarem um bocado, cavalos, vacas, cabras e tudo faz falta, ovelhas. Mas pronto, os incentivos são poucos, e também ninguém pode viver só disto. é complicado um jovem dedicar-se a isto e ver que isto não dá rendimento quase nenhum. Se não houver uns apoios não se

AL: sabe como é que está a questão dos apoios zonais, que eram as antigas ITI? Se baixou muito esse valor para as limpezas das pastagens e assim, com a diminuição das áreas elegíveis

Sim, sim, sim, isso baixou um bocado, eu também recebo alguma coisa, e sei que baixou

AL: isso para cada produtor não é?

A cada produtor

AL: e os outros que davam para suportar a limpeza do monte

Sim, sim, eu também fiz um projecto desses numa altura, limpei umas coutadas minhas, mas já não dão, cortaram isso e cortaram muita coisa, mesmo nessas, que eu tenho já limpas mas que estejam a mato já não dão subsídio nenhum. Não, nesse caso têm cortado bastante, nessa questão das limpezas a matas... a matas particulares

AL: e mesmo aquele dinheiro que davam ao baldio para limpar a serra? Que acho que lhe chamavam ITI

Eu acho que isso ainda continuam a andar, reduziram foi muito a área, reduziram muito. E tanto reduziram que nos obrigaram a diminuir o número de animais porque conforme a área assim tem que se ter os animais e nós como reduziram muito a área teve que se fazer aí um controlo de animais, porque eu tanto vale ter, não posso ter mais 40 ou 50 cabras, porque se ultrapassar isso a minha área já não condiz com os animais que tenho

AL: sim, em termos de subsídio não é? Em termos de monte

Em termos de subsídio. Podes ter 50 ou 100, mas só que esse subsídio dessa agrosilvo...ambientais, ou é assim uma coisa, essas deixam de, ter 50 ou ter 40, até àquele numero recebo, a partir daí posso ter as que tiver mas já não recebo mais nada

AL: em termos de relação com outras instituições, tipo Parque, ICNF, ...

Não, isso está bom, já percebi que fazem coisas em comum, mas qual é a sua percepção da presença do Parque aqui?

Não, eu isso não gosto muito, acho que não tem feito nada, praticamente, quer dizer, já fizeram muito, cá o Parque, há uns anos atrás, foram eles que incentivaram aqui muita coisa e fizeram aqui muita coisa. Actualmente o Parque está degradado. Eu acho que só nos está a destruir e que só tem pessoas no... que pouco justificam estar lá, porque não se vê o Parque a fazer nada, nada, nada, nada, nesta aldeia. Vêm-se a andar aí de *jeep*, a passar, e depois vêm jantar, vêm almoçar, e pronto, não têm feito nada, eu vejo... pelo menos podiam aí zelar por essa limpeza aí dos rios, desse lixo que aí deixa muita gente que vem para aí, e pelo menos pôr ali um homem a fiscalizar ou um homem a dizer "olhe, isto é uma zona de Parque, queremos isto limpo, nada! Passam de *jeep*, bebem uma cerveja, são capazes também de mandar a garrafa para

o chão, e aí tenho muito má impressão deles porque só incentivam... e depois além de outras coisas que também não gosto... apoiam muito o lobo, eu também não tenho nada contra o lobo mas que deviam auxiliar mais as pessoas que têm os animais, porque esse é outro drama que cá temos, que é o lobo que mata tudo e nós vamos ficando sem os animais

AL: e tem havido muitos ataques?

Este ano tem melhorado um bocado, o ano passado foi terrível, o ano passado foi... eu só da minha parte foram para aí 12 cabeças! Em poucos meses... e não apareceu uma, essa é outra coisa que devia ser revista. Eu não tenho nada contra o lobo mas deviam se criar aí umas reservas para eles para que a gente fizesse vingar aí os animais, senão assim não dá

AL: e tem a certeza que foi o lobo?

Absoluta, isso absoluta! Isso tenho a certeza absoluta porque não

AL: não aparecendo não se recebe nada?

Não, não se recebe nada. E poucas aparecem, porque o nosso monte é como se sabe, é muito acidentado, é muito ingreme e então uma pessoa primeiro que encontre um bicho, ele arrasta-os lá pelas rochas abaixo e pronto, e lá come e... e pronto. É muito difícil, aparecem 2 a 3% [da rês morta]

AL: e fala-se também muito dos ataques de javali aos campos

Ai, esse é outro. Então a mim deram-me um prejuízo incalculável. No maior campo que tenho, lá em baixo, não trouxe de lá uma espiga, costumava trazer, sei lá, 7 ou 8 tractores de milho e este ano não trouxe de lá um, roeu aquilo tudo

AL: e não se pode caçar não é? Tem de ser por montaria

Pois, montaria, mas acho que está proibida, não é zona de caça nesta área e pronto. Mais outra, esse é outro, o javali e o porco-bravo, não, o javali e o lobo vão acabar por desanimar as pessoas e destruir tudo

AL: às vezes o ICNF alega que os pastores se queixam do lobo mas que também se recusam a usar os cães de gado que o Estado lhes facilita adquirir. Que eles promoveram, ou que eles facilitaram, dando dinheiro para os adquirir e mante-los...

Sim, eles falaram nisso. Eu aí também sou capaz de lhes dar um bocadinho de razão porque eu estava de acordo com esses cães. Mas é assim, é a tal coisa das mentalidades. Há mentalidades aqui que esse cão é pior que o lobo

AL: ah, que come os animais

É, há pessoas aqui que “ah, esse cão, isso para nós aqui nunca dava”. Eu acho que sim, que isso era uma boa ideia, porque se andassem dois cães permanentes com o rebanho, o lobo de certeza que se assustava com eles e afugentava-se. Agora eu sou de acordo com isso, que esses cães para mim era o ideal. A questão depois de os alimentar era combinar entre todos, ou... não sei, porque eles tinham que conhecer vários donos, o problema também é esse não é, também não é fácil por causa disso. Porque existem esses cães no Alentejo porque é só um pastor, é sempre o mesmo, e conhece o pastor, o modo do pastor. Agora nós aqui é diferente, um guarda desta maneira, o outro... não sei se isso iria dar, mas que eu tenho a certeza que cães desses que iam resultar um bocado e que iam afastar um bocado o lobo, aí isso tenho quase a certeza.

AL: ou então cada produtor ter um cão e depois levava o seu no seu dia de guardar

Mas também só um não deve ser suficiente

AL: Ou dois, eu não sei, sei que tem a ver com o número de cabeças de gado

Sim, eu sei, eu sei. Mas também alimentar um bicho desses também não é fácil. Depois é assim, nós também temos cães, também precisamos destes, porque estes não fazem o que estes fazem, estes são pastores. Os outros juntam o rebanho e, só que por exemplo, entram umas cabras aqui num terreno particular de uma pessoa qualquer a comer umas couves ou assim. E eu mando lá os meus e eles mandam-nas fora, e aquele cão não faz isso. Aquele cão é um cão só de estar atento a bichos que aparecem, e de controlar o rebanho. Os pequenos são bons é para se “olha vai lá acima e traz-me aquelas cabras”, o gajo vai. Há dias morreu-me um ali com veneno, eu gostava muito dele

AL: já tenho ouvido falar muito desses venenos

É, apareceram aqui uns 3 ou 4 mortos. O meu foi um deles, tive uma pena. E estava com chip, estava autorizado, tinha licença de... enfim

AL: mas isso é o quê? É caçadores?

Não sei, eu para mim desconfio que é caçadores, porque agora é a altura da caça e eles não querem que estes vão para o monte, aos coelhos ou assim, têm medo que vão comer alguma caça, digo eu, tem de ser, para mim desconfio que sejam caçadores. Só que também é outro grande problema

AL: pois, olhe, não sei. A mim pareceu-me bem essa questão dos cães, mas de facto para a vezeira torna-se um pouco mais complicado

É porque não é só uma pessoa que anda com ela, e o cão habitua-se a uma pessoa e depois amanhã já vai outro, eu falo de uma maneira, aquele fala de outra, o cão é capaz de não ganhar aquela autoconfiança de... e aquilo pode não resultar. Mas tenho a certeza que esses cães, que o lobo com dois cães desses que não se

aproximava tanto do rebanho, não, com cães assim desses, mesmo próprios para guardar o rebanho. E além disso eles mantinha sempre o rebanho mais ou menos controlado. Eu via, que o Marcelo tinha um, não sei se ainda o tem, que ele vinha a casa comer e o cão ficava lá em cima com as cabras, que andavam, ali em cima às vezes. Eu cheguei a encontrar esse cão e uma cadelita mais pequena e via que o cão estava ali deitado à beira das cabras, e mesmo a cadelita também lá ficava com elas

AL: acho que a cadela mataram-na

Ai sim, também?

AL: mas o cão ainda existe. E foi através desse programa que eles obtiveram aquele cão

Sim? Pois... mas esse cão, esse cão eu via-o, porque eu cheguei muitas vezes a passar pelas cabras dele e nem o via a ele nem à mulher, e via lá o cão deitado à beira das cabras, por isso eu acho que um cão desses tem valor

[dou por terminada a sessão de perguntas. O Luís refere como de qualquer forma aquilo que ele me disse ali já devia ter sido dito por todos os outros. Eu discordo e digo que cada um tem a sua visão, claro que há factos que são repetidos, mas a forma de ver as coisas de cada um é pessoal. Dou o exemplo de como tendo falado só com o Miguel, a ideia que me tinha ficado da relação das pessoas com os baldios e com o CD era diferente daquela com que fiquei depois de falar com mais pessoas da aldeia. Completa-se uma ideia ao averiguar os vários pontos de vista. Agora, questiono eu, se isto põe em causa a ideia de os baldios, ou o baldio de Fafião, serem geridos pela comunidade, ou a própria dinâmica da aldeia... pessoalmente acho que não...]

Não, isto tem de se manter sempre o CD à frente. O que eu digo é assim, uma pessoa para estar à frente desse cargo, como é agora o caso do Miguel, tem que ter um grande estofo para aguentar muita coisa. Aí tem que ser, porque, pronto, nem toda a gente, nem todas as pessoas dizem assim uma coisa “ah, tu és assim, tu és assado” e sem te provar, eu já não sou assim, eu por mim... eu disse-lhe “eu vou para lá mas que ninguém me diga que roubo ou assim ou assado, porque senão então

AL: vai haver

Aí tem de me justificar, porque senão vai haver porrada (RISOS). Porque infelizmente as pessoas são assim, têm dito muitas vezes para mim “mas você, é corrupção? Então ponha aí isso, investigue, você ponha isso em processo, ponha em tribunal, faça aí uma queixa ao ministério público, logo que acha que há corrupção. Tem que apresentar é provas, mas depois desenrasque-se. Mas se tem dúvidas disso, eu acho muito bem, se tem dúvidas... toda a gente pode ter dúvidas, mas você faça uma queixa ao Ministério Público e investigue, e depois aguarde-se com as consequências “opa, isto está tudo combinado!”, até já o Ministério Público está combinado com o CD

AL: ai isso é... sim, sim, os CD são tão poderosos que conseguem dominar os tribunais, já ouvi tudo e mais alguma coisa

Ai, não, mas agora está muito melhor, porque há uns anos atrás era cartas anônimas, ui, mas isso era anônimas, contra mim também. Na altura em que estive lá, na altura que estava, cartas anónimas para a Câmara; e queixas para o Ministério Público mesmo, só que tudo anónimas, e o nome de uma pessoa que não existia, era o José Francisco Xavier, não havia aqui nenhum José Francisco Xavier em Fafião, e aquilo foi um nome que veio à cabeça daquele gajo, pronto, depois toda a gente começou-se a gozar, mais ou menos sabia-se quem era, e sabem. Começou a gente a descobrir quem era o, e começou a gente também a apertá-lo, a fazer queixas dele. Uma pessoa que fazia tantas queixas de coisas mal feitas na aldeia, quando ele tinha uma fossa a céu aberto, quando ele tinha barracos feitos por todo o lado sem licenças nenhuma, onde tinha vedado terrenos que nunca foram dele e agora está a usufruir deles... começou a gente a fazer assim queixas e então ele começou a acalmar-se e acabaram-se as queixinhas, mas foi precisa muita coisa, e acusações então, comigo também, ele fartou-se aí de me acusar. Por acaso nunca paguei multa nenhuma, mesmo quando fiz ali a garagem em baixo, este murozinho que aqui fiz, que tem aqui este jardimzinho, que foi pago por mim, e até nem devia ser porque isto [?] era baldio, que não, que eu já me estava a querer apoderar de um bocado de terreno, que está um terreno, está jardim, está para toda a gente ver, não estou a lucrar nada com aquilo, mas pronto, coisinhas destas assim. Só que depois também foi confrontado com casos que... porque ele dizia “como é que se pode”, sobre aquele pavilhão do Gouveia lá em cima “fazer um pavilhão junto de um monumento que é o fojo dos lobos?”, quando essa pessoa tinha aqui barracos próximo do fojo dos lobos em zinco e não sei quê, tinha acabado de os construir. Vai-se queixar do pavilhão lá em cima, quando ele estava a fazer ainda pior. E depois começou assim a ser contrariado com essas coisinhas, e a coisa acalmou-se e agora já está tudo melhor

AL: mas há aí algumas pessoas que se queixam que o CD, não são muitas, mas algumas, que se queixam que o CD, creio que no tempo do Gouveia, que se apropriou de terrenos dos privados em prol do baldio, porque alegavam que aquilo era terreno baldio, mas aquilo era das famílias deles

Isso é tão fácil, é tão simples, como apresentar o documento, não é? A gente quando diz que uma coisa que é nossa, temos que apresentar o documento, não é por dizer. Não é dizer “ah, o meu avô deixou-me um terreno acolá, é um hectare”, só tem que apresentar alguma coisa

AL: segundo me disseram aquilo andou no tribunal montes de tempo

Pois andou, e agora chegaram à conclusão, e ainda bem, que o CD paga, e eu por acaso também tenho lá uma percentagenzinha a pagar. Mas eu desistia daquilo, se aquilo, se não tinha documentos que aquilo que era dos meus antepassados, pronto, se calhar calhou, se... toda a gente dizia “ah, mas eu toda a vida lá fui roçar mato e

apanhar as pinhas e a caruma”, pronto, mas... se não há documentos, que é que se vai dizer, não é? A gente para dizer que isto que é nossa temos que ter alguma prova não é?

AL: pois

E pronto, as pessoas não se convencem que... e depois, é que é assim, metem-se mesmo irmãos contra irmãos e tios a desmentirem os sobrinhos, os sobrinhos a desmentir os tios, e isso prova logo que não há...

AL: pois, aí já é outra coisa... [...] só mais uma questão, percebi entretanto que há duas vezeiras... das vacas, que umas estão em feirio e outras estão

Sim, umas guardadas e as outras é ao feirio, andam à Suíça, andam sem ser guardadas, vão vigiá-las lá de vez em quando. Pronto, é outro problema que se devia resolver aqui na aldeia. Um grande problema, esse é outro grande problema, que podíamos estar todos unidos, que o monte chegava para todos, guardávamos todos, ganhávamos porque íamos lá menos vezes, todos os dias. Enquanto eu assim tenho de lá ir de 12 em 12 dias, se tivéssemos todos ia de 24 ou de 25, em 25 dias ia lá uma vez por mês, e era bom para todos. E não sei por que guerrinhas é que isto assim anda e não entendo, porque é que tantas coisas se resolvem, e mais difíceis, e porque é que essa não se resolve. E era bom para eles, para todos, para os outros

AL: e o monte está mesmo dividido não é?

Sim, há ali um acordo feito entre as duas partes, tipo uns portelos que a gente fez, umas paredes, e então eles estão daquele lado e nós estamos neste. Mas nós, se resolvêssemos isso, era uma ideia porreira, era, ia o gado por um lado para sair pelo outro. Ia por exemplo pelo lado por onde andam agora eles e depois subia à nossa margem e estava tudo resolvido, e ganhávamos todos. Essa primeiro resolvia-se, eu sou sócio na vezeira, na vezeira que é guardada todos os dias, mas se todos esses que andam aí ao feirio quisessem reunir-se por mim resolvia-se o problema, ainda por cima agora estou, sou do Acordo mesmo da vezeira

AL: ah, eu não sabia que havia esse Acordo da vezeira, soube há pouco tempo

Isso há um acordo todo, antes era o meu tio, este da Laje, esteve lá muitos anos. Agora o ano passado disse “eu já estou farto de lá estar, estou lá há muito tempo, agora é altura de ir outros”. Eu disse “então temos que ser dois daqui para a frente”. Portanto sou eu e o meu tio, outro meu tio. Em princípio irá agora ser cada ano um, mudar. Vamos a ver, há quem diga que não, que nos deixemos estar, não sei, mas eu também não... é das tais coisas, são responsabilidades e...

AL: qual é a responsabilidade de quem está à frente do Acordo?

Ai, ainda tem muitas coisas. Temos que fazer uma reunião sempre que haja uma anomalia qualquer, por exemplo, quando a gente pensa em vender o boi, ou o boi

está com uma pata... temos de resolver nós o problema, é o Acordo que faz isso. Quando se põe a vezeira marcada no primeiro domingo de maio, faz-se a reunião anual, e depois dizer “a vezeira vai subir dia tantos”, se estiver a chover sobe para aquele dia, se estiver... é o Acordo que manda. Quando a vezeira está neste curral, neste da Malhada, que é como a gente lhe chama, é que se diz assim “olha, tu amanhã vais guardar? Então vais mudar a tua vezeira para o de cima”, eles não podem mexer no gado sem dar a saber ao Acordo... todas as coisas

AL: tudo o que tenha a ver com o funcionamento

Tudo o que tenha a ver com o funcionamento, não podem fazer nada sem o Acordo, sem o pessoal que está à frente saber. E algum dinheiro que haja e, porque entra um, sai outro, o boi também recebe um subsídio, esse dinheiro é acumulado e depois tem que se apresentar contas. Agora faz falta comprar uma enxada para a serra, lá fica escrito, temos um livro, lá fica escrito

AL: mas há um dinheiro comum?

Há, esse dinheiro é da vezeira. Ainda este ano entrou um indivíduo, cada entrada são cem Euros, então esse dinheiro fica acumulado. Mas entretanto já fizemos obras, já gastámos lá dinheiro para umas chapas que tivemos de comprar para uma cabana que estava fraca, que estava a meter água. Resolvemos, tivemos de comprar as chapas. Vai-se abater aquele e para o ano, no primeiro domingo de Maio fazemos as contas, apresentamos as contas, é certinho. É ali, apresentamos as contas, comprámos um alvião, comprámos uma foicinha, comprámos um... e pronto

AL: eu ouvi falar de um subsídio para, acho que havia antes, acho que era para pagar a vezeiros

Ah, falou-se nisso, isso acho que foi através da JF, mas isso saiu furado, nunca se concretizou nada, era bom era, que pagassem a um vezeiro. Mas acho que em Cabril ainda chegaram a fazer isso, pagaram a um e esteve lá, não sei o que é que isso... acho que isso deu barraca. Acho que isso não estava ainda legal, ou não foi aprovado, ou não sei quê, e acho que a JF aí que ainda teve...

AL: acha que ia resultar melhor do que irem os próprios produtores? Só pergunto porque imagino que quando as pessoas têm uma ligação aos animais terão mais cuidado

Sim, mas quem quisesse ir lá ia lá na mesma, embora lá estivesse o homem a guardar, eu acho que ajudava muito, porque estava lá aquela pessoa, a gente sabia que estava guardado o gado. Quem tivesse saudades dos animais, porque realmente havia, antigamente quando a gente guardava só uma vez por mês, eu tinha saudades de ir para a serra, e quando lá chegava, achava as vacas... agora não, estou quase sempre a vê-las, quase todos os dias na mesma, não tenho...

AL: mas porquê? Vai mais vezes?

Vou muitas mais vezes

AL: são menos produtores é isso?

Agora são 30 e tal, 40 vacas. Na altura eram cento e tal, 80, 90, cento e tal, é diferente

AL: está bem. Então só para perceber, os únicos rendimentos que esse Acordo tem são o tal subsídio ao boi, é isso

Sim, são cem Euros por mês, ou isso. O fixo é esse, o rendimento que isso tem é esse

AL: e é boi de vezeira, é estritamente para isso

É boi da sociedade, exacto. Exactamente é...

AL: digo eu, esse subsídio é para esse tipo de casos? Pergunto porque nunca tinha ouvido falar desse subsídio

Não, esse subsídio é para o boi barroso, para o boi de cobrição. Como é o boi de cobrição eles recebem esse subsídio. Assim como as vacas recebem um subsídio o boi recebe também, por ser um boi comunitário, não é, um boi da vezeira, só por isso

AL: ah, exacto, era aí que eu queria chegar. Ok. Mas as outras vacas cada produtor recebe o seu subsídio e isso é para si

Exacto, é para cada um deles

AL: e esses cem Euros que a pessoa paga quando entra na vezeira, só paga uma vez, quando entra? Não é todos os anos

É só quando entra. Não, pode sair quando quiser, ao entrar é que tem de pagar cem Euros. Por exemplo agora entra hoje, mas se sair amanhã já fica sem os cem Euros, e sem... a saída é livre, a entrada é que tem de pagar. E pela teoria, a entrada é assim, tanto paga quando tiver 8 vacas, como 10, como duas, como uma, a entrada é a mesma coisa. Guardar depois é que é diferente, se tiver duas guarda um dia, se tiver quatro guarda dois, se tiver três guarda uma vez num e noutra vez [guarda] dois

AL: pois... pois realmente se isso acabar muita coisa vai acabar também não é

Pois vai, o problema é esse. Vai acabar muita coisa, vai deixar de haver aquele aspecto de camaradagem que há, que ainda há, por pouco que seja, ainda se consegue a gente... porque isto antes era muito mais bonito, dormia-se lá e depois tinha-se uma tradição, os que lá estavam faziam a comida para os que iam e eram rendidos sempre à noite, dormia-se lá e os que lá estavam eram sempre dois, nunca era só um, agora já, por ser pouca gente teve que se guardar em só um, mas iam dois, chegavam lá aí por volta das sete horas. O que ia dava vinho se os outros quisessem beber e os outros deixavam lá a comidinha no pote prontinha. E pronto, aí é que eu

acho que ainda era mais, a gente aí sabia que a comida... sabia o estilo de cozinhar de quase toda a gente, eu já sabia quando fosse render aquela pessoa a comida que lá tinha, era automático, era massa de bacalhau, massa com feijões e bacalhau, bacalhau desfiado lá pelo meio. E pronto, às vezes era com chouriças, eu sabia sempre, era praticamente era sempre a mesma coisa. Mas até achava bem. E nós se fôssemos muitos até podíamos continuar a lá dormir, só lá dormíamos uma vez ou assim por mês, não custava tanto. Agora assim de 8 em 8 dias quase a dormir lá não

AL: pois é... há quanto tempo é que voltou lá da sua emigração, não foi emigração mas é como se fosse

Há um ano e pouco, fez em julho um ano, eu estou na reserva ainda, ainda me podem chamar outra vez

AL: mas manteve-se ligado aqui à aldeia durante esse tempo?

Sempre, sempre, sempre

AL: ah, ok

Quando a minha mãe faleceu eu é que passei tudo para o meu nome, os subsídios, as cabras, e por isso é que eu nunca acabei, vi-me aí enrascado mas fiz das tripas coração para aguentar isto, porque não era fácil ter aí as cabras e as vacas, o meu irmão ainda ia ajudando, mas depois está na GNR em Braga, também está... e com o apoio de algumas pessoas e assim, mas.... Não foi fácil mas

AL: estava onde na marinha? Era aqui perto?

Não, estive em vários sítios e agora ultimamente estava em Lisboa, nos Jerónimos, ali em cima no...naquele edifício rosa, lá mais em cima na avenida, tipo uma ferradura, mesmo ao estádio do Restelo [...] foi ali onde eu acabei

AL: de Lisboa aqui...

Ainda é um bocado, mas eu vinha cá sempre que podia, depois ia lá dois dias, estava cá 5, 6, pronto, e ia fazendo

AL: mas não tinha animais...

Tinha, tinha, galinhas e assim, eu tive sempre tudo, depois havia pessoas aí a tratar

Orlando

Local: Café da Área Protegida

Encontrei o Orlando no café “Paisagem Protegida”, quando referi que um dia gostava de falar com ele sobre os baldios, começou logo ali uma conversa. Mas sem gravação.

“Então, os baldios... são para o pasto e para ir buscar madeira não é, é de todos, e é isto”. Insisti que ainda assim gostava de um dia trocar umas impressões com ele sobre o tema. E a conversa desenrolou. A sensação com que fiquei é que ele não queria começar a falar sobre o tema porque o teor da conversa ia alterar-se, uma vez que é um assunto que o irrita. Então lá se deu início àquele discurso já ouvido noutras bocas. Que os baldios agora são geridos como eles querem, que eles fazem

o que querem sem dar cavaco a ninguém. Que antes, no tempo dos velhos, é que as coisas corriam bem, faziam orçamentos quando havia corte de pinheiros para fazer, o madeireiro que desse o melhor orçamento era o escolhido para fazer o trabalho, agora não, agora fazem o que querem, ninguém sabe onde vai parar o dinheiro, não há apresentação de contas, nada! Antes não, os velhos faziam os orçamentos, decidiam qual é que era aquele a ser usado que era o que dava mais dinheiro, olhe, até no tempo do marido da senhora Maria que você conhece, o marido da senhora Maria também já fez parte nessa altura. E depois apresentavam a quantia à população, decidia-se em conjunto com a população o que é que se ia fazer com aquele dinheiro, em que é que se ia investir. Agora não. Eu já não vou às reuniões, eu não me quero chatear com ninguém, já nem meto lá os pés, já nem quero saber, já me estou marimbando. E depois vêm-me dizer que o meu primo... o meu primo é o António das Lajes, trabalha no PN, e portanto vigia as questões relativas ao território do parque e vêm-me dizer que ele é um malandro, porque ele anda a vigiar e aponta aquelas questões que estão mal feitas, nomeadamente no que diz respeito à abertura de estradões, etc., porque o estradões não são só para servir o madeireiro e depois duram só o tempo necessário, não os estradões são para ficar. Agora tem algum jeito, fica ali o caminho com a terra fresca e adiante. Quer dizer, o madeireiro satisfaz-se e fica ali o caminho com a terra fresca e adiante para a frente. E o parque vem implicando com essas situações, e depois dizem que o meu primo é malandro, eu digo não, o meu primo está a fazer o trabalho dele tal como você está a fazer o seu. Os estradões não são só para agradar ao madeireiro, são supostamente estradas que ficam que são feitas para aceder à floresta, não são só para sacar madeira e acabou.

Entretanto eu interpus e referi como estávamos a alterar um bocadinho o teor da conversa, não estávamos a falar do CD dos baldios? Como é a questão dos estradões se relaciona? Responde ele, então o madeireiro tem que ter a autorização de alguém, e é do CD, são eles que lhe dão autorização e fazem as coisas como eles querem. E repete a ideia que desde que saíram os velhos – considero que o primeiro CD que falhou na sua opinião foi o do Gouveia e do Bruno, antes era bom – que as coisas mudaram. Agora eles é que decidem onde é que vão gastar o dinheiro, já não perguntam nada à população, fazem tudo como querem, a mim já me quiseram lá, já fiz parte lá de um CD, mas depois quando vi como é que aquilo funcionava não quis voltar. Diz que esteve lá um mandato, não como presidente, mas fazendo parte da equipa, e diz que não gostou da forma como aquilo estava a funcionar e que lhe perguntaram até se no próximo mandato ele não queria ser presidente e ele disse que não, nem pensar. Estava lá também o filho do Santos que dizia “eu sei onde é que eles gastam o dinheiro, é nesses chulos que andam aí num carro de bombeiros”, referindo-se aos sapadores. E aí o Orlando concordou “ah, esses, esses também comem bastante dinheiro, e agora são 6... “são 6, não são 5”, e o outro também disse “não, são 5!”. Diz o Orlando “não, não, agora o outro também faz parte, agora são 6”.

Mas o Orlando não se mostrou com grande vontade de continuar a dissertar sobre os sapadores, passou à frente no assunto.

O Orlando refere como o CD anda de uns para os outros, na família, que eles até chegaram a ir, na altura da candidatura do Júlio, que chegaram a ir buscar pessoas ao Porto para votar. “É assim, andam aí, vão pequenos, vão grandes, andam aí a chamar toda a gente da família para votar, nós não podemos nada, mas eles não sabem a lei, porque se eles soubessem a lei sabiam que só com 20 compartes conseguimos mandar uma lista abaixo. Contrapus “então mas se sabe isso, porque é que não o faz?”. “Ah, eu já não quero saber de nada, já nem vou às reuniões [...] e mesmo que a gente vá às reuniões eles só enrolam, não dizem nada”.

Diz que houve uma altura em que também tentaram pôr o filho dele no CD – repare-se na forma como as coisas são postas, uma pessoa é convidada para a lista, algo que é encarado como terem “tentado pôr no CD”, como se tivesse sido com uma pistola apontada à cabeça de alguém – e que lhe disse “tu não te metas nisso, tu não vais ver nada do que se passa, vão pôr-te à parte e vão ser 3 ou 4 que fazem tudo e que decidem tudo, tu nem vás! Vais para lá a achar uma coisa, perdes tempo, não vás, aquilo é só para fazer número, só querem é que tu componhas a lista e depois não querem saber, são 3 ou 4 que fazem e acabou. E ele não foi.

Para o senhor Orlando os baldios deviam estar entregues ao PN ou ao Estado, que isto assim como está ninguém sabe o que acontece, porque é que acontece, quanto se ganha, quanto se gasta, ninguém sabe de nada, pronto. A certa altura começou a relatar um caso específico, que também já foi referido por outras pessoas, que é a questão das carvalhas, contada pela senhora Maria, propriedades que tinham dono, segundo ele não foi caso único, e que o CD andou a “regularizar a situação” – palavras minhas – diz ele “a mamar dos velhos”, que andaram a apropriar-se da propriedade daquelas pessoas que desde que ele se lembra sempre foram os proprietários. Pessoalmente entendo a revolta, estas coisas devem ser feitas com uma certa sensibilidade, e eu não sei como é que foram feitas, seja como for “esses marmanjos que andaram para aí a mexer na propriedade que é dos outros, que sempre foi dos outros desde que me lembro, eu só disse ao Júlio, tu aí de ti se vieres à minha, aí de ti se vieres àquilo que é meu, devias ter vergonha de andar aí a mexer na propriedade dos outros, usurpadores!”. E depois foram para tribunal mas “eles enquanto estavam em tribunal estavam a gastar o dinheiro do baldio, mas as pessoas estavam a gastar o dinheiro dos seus bolsos... é uma vergonha, não posso com estas pessoas, uma vergonha!”.

Referindo-se à autogestão e cogestão, dizia ele “pois, isto agora andam para aí a mudar de letra, uns estão numa letra, outros estão noutra, eu não sei, não percebo nada disso nem quero perceber, cada um tem a sua letra”. Ele no fundo sabia que mudar de letra – para a a) – queria dizer que o PN teria menos poder de acção no baldio. Diz o senhor Orlando “a PJ já caçou uns tantos na CM de Montalegre, agora se

viesses aqui saíam daqui com uma carrinha cheia”. Dirigindo-se ao filho do Santos “sabes o que é? vêm aqui buscar projectozinhos, da vezeira das vacas, que é suposto ser também para os de feirio, andam para aí a chorar, a chorar o dinheiro da vezeira, e depois andam também a chorar o dinheiro da antenna...” então, parece que a antenna que antes estava posta ao pé do café do Gouveia agora, entretanto houve lá umas obras que precisavam de espaço para colocar umas estruturas giratórias, então tiraram de lá a antenna e puseram o pinheiro antenna num outro local. Seja como for, o dinheiro da antenna ia para os festeiros, ia para a festa de Santiago, e eles, o CD, andaram a chorar esse dinheiro. Então o dinheiro agora vai para o CD e o Orlando não concorda com isso. Refere várias vezes um dito projecto que dá dinheiro para manter a vezeira, que também já ouvi falar disso por outras pessoas, mas ouvi dizer também que já terminou, mas ele diz que continua e que é dinheiro que entra para manter a vezeira, ou seja para pagar a duas pessoas que são empregadas da vezeira e que mantêm a vigilância do gado, como se fosse um trabalho, estariam lá todos os dias e pagas por esse projecto. E que contudo o que acontece é que esse dinheiro vai para a associação Vezeira... não, ele diz que esse dinheiro que é suposto ir para as pessoas que acompanham a vezeira, que vai mas é para a conta do CD, e onde é que está o seu dinheiro? Ele não sabe. Este seria o dinheiro que ele refere como sendo destinado não só à vezeira mas também para o feirio, embora isso não aconteça.

Conta a situação de um rapaz, o Domingos, que tem 50 e tal anos, que esteve também no CD uns tempos e que logo a seguir quis sair, porque viu como é que aquilo funcionava e não quis mais. Diz ele “eles só não fazem exactamente aquilo que lhes apetece porque o PN não deixa, porque “se não houvesse PN eu queria ver, por isso é que muitos deles não gramam o meu primo”. “Nesses tempos dos velhos de cerne, aí é que a aldeia andava bem orientada, agora? É uma vergonha”.

Disse como o Júlio é casado com uma parente dele, a mãe do Miguel é segunda prima do pai dele – Orlando. Para o Orlando não é contudo só o baldio de Fafião que está nesta vergonha, são vários os baldios que estão a funcionar mal, que não apresentam contas e dá a entender que hoje em dia, ao contrário de existirem vários orçamentos diferentes efectuados por diversas entidades facilitadoras de serviços, é o mesmo madeireiro que está há anos a fazer o trabalho de corte para Fafião. Estava revoltado com uma situação específica, porque parece que andaram a cortar pinheiros ali numa zona, naquele caminho que vai dar ao cemitério, saindo da povoação, e que durante o processo caiu material para dentro de uma mina de água dele e que aquilo tem tendência a vir a entupir, influenciando a qualidade da água e tudo o mais, e ele pergunta-se quem é que vai tratar dessa situação, e que iria ter com o Miguel para resolver a situação. Eu retorqui que o Miguel não tem propriamente culpa do que faz o madeireiro “mas ele tem de saber, e chamar a atenção do madeireiro”. Ok, disse eu, pode informá-lo, o rapaz não vai adivinhar que aquilo está assim, não há necessidade de entrar numa onda de culpabilização”. “Mas eles têm de saber, e têm de isto e aquilo”. Demonstra aqui uma tendência de carregar o CD com todas as espias possíveis.

No geral é isto, é a culpabilização do CD por tudo o que corre mal, sobretudo aqui parece-me que há uma aversão enorme, por terem, o CD em geral, desde que começaram a seguir aos velhos, mete todos os CD que se lhes seguiram no mesmo cesto, que são todos da mesma família, e que por muito que eles queiram não conseguem arranjar poder suficiente para fazer cair essa família. Diz ele que de há uns 20 anos para cá que a democracia, digamos assim, no CD deixou de existir. O Bruno tinha-me falado que entraram para o CD salvo erro em 1994, bate certo. Que desde então as coisas vêm piorando, deixou de se ter em conta a população, fez-se o tal assalto às propriedades privadas, que, pelo fervor da forma como se expressa, é a principal razão de crítica aos CD, que para ele é uma falta de respeito pelos velhos e pelos proprietários, que é de uma fraqueza enorme o CD andar para aí a pedinchar essas coisas, a renda da antena, o financiamento para a vezeira, e que eles querem meter tudo ao bolso e que se atiram para todo o lado nesse sentido. Defende que é o Estado que tem de liderar isto tudo, que assim não tem ponta por onde se lhe pegue, que o parque é que ainda mantém aqui a coisa mais ou menos equilibrada porque senão aí é que eles pegavam nas rédeas. Dá o exemplo de um “pinheiral” ali como quem vai para o poço verde, em que o ano passado andaram lá a limpar aquilo, que depois queimaram o material, e pelo que ele diz isto é algo que nunca teria acontecido se não fosse o tal primo dele do PN a chatear, e que já vinha chateando há algum tempo mas finalmente o fizeram o ano passado.

O Orlando tem um rebanho de cabras que a dona Aida, esposa, costuma andar a pastar ao fim da tarde. Já teve vacas, já não tem, diz que dão muito trabalho.

Ele refere, tal como o senhor Francisco, a questão de andarem a pôr portas nas cabanas do pastor “andam a por portas nos olhos das pessoas, é o que é”. Isto porque a crítica é ao facto de o terem feito sem terem dado cavaco à vezeira, que é quem usa as estruturas.

Quando ele começou a falar do tal dinheiro que vem para a vezeira e que eles andam atrás dele, eu achei que ele se referia às ITI então contrapus-lhe essa noção dizendo que por vezes as pessoas falam sem ter conhecimento de causa e disse o que sabia sobre as ITI. “Ah, então porque é que eles não roçam?”. “Eles roçam, são obrigados a roçar x hectares por ano!”. “Roçam um bocadinho e depois param...”. Ou seja, isto é tudo um diz que disse, ele não faz ideia nenhuma se eles roçam ou não. De qualquer forma mais para a frente na conversa ele esclareceu que não se referia a esse financiamento, mas sim a um que era dirigido especificamente à vezeira.

Perante esta conversa achei que ele podia estar a misturar “Associação Vezeira” e “CD do baldio”. E sublinhei como se trata de coisas diferentes. “São coisas diferentes, são coisas diferentes, mas o dinheiro para a vezeira está é a ir para as contas do CD”. Segundo ele foi o Júlio, e o CD de quando ele estava, que andou a expropriar a malta.

Diz o filho do Santos: “até pode haver duas listas, mas eles dividem-se pelas duas, se não estão na A estão na B”. Se não está a família representada na lista A está na B...

Francisco

Local: sua casa em Fafião

[...] fomos a uma entrevista mas depois foi aqui no campo é que uma engenheira é que disse que nos arranjava cães, mas eu depois disse-lhe, não sei se aprovaria na nossa situação, aqui de Ermida e de Fafião, porque nós deixamos a rês na cerca não é, entra para lá à noite e só sai de manhã, e o cão tem que dormir com a rês não é, tem que dormir... mas nós aqui como é à roda, demora 12 ou 13 ou 15 dias. E eu disse “oh senhora engenheira, não sei se o cão nos aceitaria deixar-nos entrar, de 15 em 15 dias...”. Se é todos os dias, por exemplo o Marcelo chegou a ter o rebanho dele todos os dias, claro, está a lidar com o animal, agora nós de 15 em 15 dias ele podia não aceitar não é. Eu chego ali à porta de um vizinho à beira de um cão e ele é capaz de não aceitar. Ela disse que se adaptam bem e até acredito que se adaptem não é, mas depois, até saiu disparada, ali um tipo de Pincães começou para lá a estourear, também tem para aí gado, começou a estourear, e ela não tem mais nada, pegou na bolsa, tinha lá assim uma soleira, uma janela “até à próxima”. Ficou chateada porque eles começaram para lá a estourear

AL: porquê? Por causa dessa questão?

Por causa dos animais, por causa do lobo. Ia lá por causa dos animais e eles atiram-se ao ar, eles não querem dar solução ao lobo, não querem que se mate, pronto

AL: mas foi uma reunião em Lamas de Mouro com o ICNF foi isso?

Foi uma reunião com o PN, com a CM, com as Juntas, ali no Campo, o pessoal disponível que tenha rebanho, para irmos lá. Mas lá está, praticamente não se chegou a acordo nenhum. Tinha ido a Lamas de Mouro também já antes, eramos à volta de 30 pessoas, estiveram para lá também a fazer um estudo, a nossa sorte foi calhar os dois veterinários, à minha parte e um do PN, e um aqui de Cabril, senão não percebíamos nada daquilo, que aquilo eles tinham um português à moda do caracas, só eles é que percebiam daquilo. E nós é que tivemos uma grande sorte, é que calhou-nos um veterinário daqui de Vieira do Minho e um rapaz também lá da zona, um rapaz novo ainda, puseram por grupos, 6 grupos, de 5-6 pessoas, e depois cada um dava a sua opinião, ao fim juntaram tudo, qual é que está mais certa, esta, não sei quê, não sei que mais, começaram a fazer uma conjugação de coisas, esta é que vai... para ir para a Assembleia da República, nunca mais vi sair nada. Isto por causa do lobo, o Parque anda a empatar, a empatar, quer é que as pessoas se desfaçam disto. Eles querem é que isto passe a uma selva

AL: a uma reserva, pois

É, uma reserva. E isto é uma reserva, mas lá está, nós já cá estávamos, quando o Parque chegou nós já cá estávamos. Por isso não estamos muito bem não é, isto é um triste remedeio. O que é que as pessoas são cá nascias e criadas e claro, custaria abandonar isto porque isto não dá nada. Mas o que podemos, fazer? A vida está aqui, escolhemos este local agora tem de ser assim

AL: então e no que diz respeito ao baldio, você por exemplo já fez parte do CD?

Não. Nunca fiz

AL: quando digo CD refiro-me também à AC...

Não, nunca fiz porque, repare, isto são uma entidade que realmente está a trabalhar mas que [interrompo-o para o informar que estou a gravar e perguntar se se importa, caso em que desligaria, mas diz não se importar. Ele perde o fio à meada e começa de novo a expor a ideia] O CD... nunca quis, o pai do meu genro chegou-me a falar para ir para o CD mas eu não tenho paciência para o CD. O CD é uma entidade que está aqui, mas quer-se dizer, aparecem os problemas e o tempo... e eu não estou adaptado a isso. Eu faço o serviço ou não faço o serviço, acabou. Portanto eu não vou para lá porque não me vou chatear. Tenho 26 anos ao serviço do Estado, portanto ou fazia ou deixava por fazer o serviço. Agora aqui um individuo vai para o tribunal, leva um tempo imenso para trás, para a frente, nunca mais isto se despacha. São baldios toda a gente tem o mesmo direito não é, e por isso mesmo nunca quis fazer parte disso.

AL: mas quando diz “fazer serviço” está a falar de que serviço? Não percebi bem, desculpe

Ora bem, serviço porque eu gostava de fazer o serviço, portanto “há uma infracção, há isto aqui”, e o serviço fazia-se não é. Agora aqui não, aparece um problema qualquer, tribunal! Tem que andar aí de um lado para o outro a tentar negociar com eles, não! Está mal, está mal, a lei não permite, não faz, não faz, acabou! O pessoal agora quer diálogo, só quer dialogo, com dialogo tudo se resolver não é, só que há certas coisas que se se deixar isto abandalhar é um problema. Eu acho que é, é, não é, não é. Toma-se uma decisão. Depois os tribunais, sabe como é, demoram. Uma coisa mínima, uma coisa que às vezes em 2 minutos arranja-se, é anos, não se justifica. Está resolvida pronto, ouviram-se as pessoas, pronto, vamos embora. Vamos fazer o julgamento e acabou. Mas demora anos, é para cima e para baixo, adia, marca, desmarca... isto não está a funcionar bem, para mim não funciona, é uma coisa que

AL: e nunca funcionou bem?

Não! Isto geralmente sabe como é, porque o povo... quem lida com o povo é um problema sabe? É sempre um bocado lixado, as pessoas cada um quer fazer aquilo que quer e lhe apetece mas há uma lei que nos domina não é, portanto nós temos que cumprir. Temos o nosso direito mas também temos os nossos deveres, e há pessoas que às vezes só vêem para um lado e não vêem para o outro, temos de ter isso tudo em atenção. E o povo é um bocado chato

(RISOS)

Nas aldeias é um bocado chato porque cada um só tenta procurar realmente puxar a sardinha para ele, é um bocado chato não é. Depois há chatices não é, porque uns aceitam e outros não aceitam

AL: idealmente deviam passar todos por lá não é, pelo CD...

Isto... não. Mas essas coisas, mas repare, há muita gente como eu que não quer ir para lá. Não dá, não temos paciência para isto, fomos criados num certo regime que... fazemos, fazemos, não fazemos, não fazemos, por isso não...

AL: mas vai às assembleias?

Já fui., agora deixei de ir às assembleias

AL: agora como quem diz o quê?

Para aí há 2 anos. Começaram a chatear-me por causa do baldio, de um terreno que andei testemunha do CD, andámos com um problema no CD, andámos aí uma série de anos em que as pessoas têm direito às árvores não têm direito ao terreno. Depois eu tinha ali umas carvalhas, mas já tinham um artigo antigo, já era um artigo antigo, nós nem conhecíamos o... nem a minha mãe que tem 93 anos conhecia esses senhores

AL: esses senhores? Quais?

Os senhores que... esses terrenos estavam em nome deles, nas finanças, portanto, os terrenos estavam em nome deles, e a minha mãe não chegou a conhecer, que eram famílias da mãe dela. E claro, tocaram-me a mim nessa altura, e depois começaram... aquilo tem carvalhos, e tem paredes, e quer-se dizer, as paredes não tem... não tem... e nas finanças não está, só está nas finanças não está na conservatória. Mas prontos, eles para aí andaram a dizer que as árvores... as pessoas toda a vida tiveram direito às árvores e que sempre nunca ninguém se foi meter debaixo das árvores, a roçar mato, a isto, a aquilo. Era aquilo que eram os usos e costumes, foi aquilo que eu fui dizer. O advogado da senhora para mim não sei quê que eu também tinha, eu digo "tenho, mas oh senhor doutor o meu problema não está no tribunal, o tribunal não está cá neste momento. Quando cá chegar nós falamos, agora assim não. Só estou a dizer o que eram os usos e costumes, o que é que as pessoas já estão a abusar um pouco, agora já se metem aí para próximo das árvores a apanhar folhas e a tentar apanhar... mas agora já facilitam mais, desde que começou assim a andar o tribunal, mas vejo isso que saiu, aqueles dali de cima negociaram, aquele pinhal que acolá se vê, negociaram, os herdeiros compraram

AL: negociaram com quem? Com o CD?

Com o CD, ia lá, o tribunal... cederam aquela parte, e eles lá pagaram um x ao metro e eles lá ficaram

AL: são quem aqueles?

Ora a Adosinda, era um senhor lá em baixo a que chamam o Mário, e era ali a família do Gouveia, eram aí uns 3 ou 4. E pronto, lá resolveram o problema, que foi o CD que lhes disse “olha, vocês”, quando puseram o assunto no tribunal “eu acho que vocês o melhor era tentar dividir aquilo, porque o problema que ali se colocava era que só um elemento, que era o pai da sogra do Gouveia é que tinha lá o artigo. Onde agora a minha prima e o Mário, e os dali, não tinham lá artigo. Só os meteram agora na nova louvação, foram metidos na nova louvação e então claro, não estavam, antigamente não estavam lá. E é que eles queriam... mas agora o senhor que tinha lá o artigo antigo não tinha lá nada, ou porque o tivesse dispensado ou vendido ou qualquer coisa, quer-se dizer, os outros é que possuíam as árvores, os carvalhos, e ele não tinha lá árvore nenhuma, só tinha o artigo. E então tentaram, eu disse “opa, o melhor é tentar dividir isto para os quatro, ele também tem as paredes, mais valia chegardes a um acordo, já toda a gente praticamente está a usufruir de baldio, por acaso o meu terreno também, mas foi em troca, isto este terreno era tudo baldio. Foi dado foi em troca de um terreno que nos deitaram abaixo com a estrada, e a CM e a JF não tinham dinheiro para pagar, então deram este terreno ao meu pai em troca

AL: na altura era a JF que estava a gerir o baldio?

Era a JF, isto não havia CD, eram as JF, as JF é que geriam isto, esta parte, esta costa aí para baixo, vendeu para fora e agora é de um proprietário, mas ele já morreu, chamavam-lhe o Mota Campos que era ali de Ruivães, que era um advogado. E então ele fez este cambalacho de compra com a JF. Ele fazia parte da AR na altura e tentou apanhar isto não é. e então como passou a estrada em baixo deitaram-me abaixo o terreno disseram quem quisesse escolher um bocado do baldio em troca, aceitámos. Os outros não aceitaram, mas o meu pai aceitou, aceitou porque lhe deram 1700 m², onde está este quintal e onde construí a minha casa. E então eu disse “era melhor toda a gente já usufrui de terrenos baldios, se dividirem isso para os 4, tentarem chegar a um acordo, dividir para os 4, um tem artigo, os outros não têm artigo, mas uns agora possuem as árvores, outros não possuem, chegarem a uma conclusão, de realmente evitarmos os tribunais. E estivemos com isso quase a acertar, mas há um que estranhou, e não era nada com ele, era um irmão, estranhou, queria tudo. Deixaram-no ir para o tribunal... tem direito às árvores não tem direito a mais nada. Agora eu também tinha a mesma situação, e tenho com os carvalhos. Só que quando fiz escritura dos meus pais, dos meus pais e dos meus irmãos, meti à conservatória, e até agora... não podem tocar. Pelo menos até agora...

AL: mas para este terreno?

Não, é outro mais lá à frente. E claro quando houve partilhas as carvalhas eram minhas

Mas só as carvalhas ou o terreno à volta

O terreno também, então o artigo marca área. O problema é que antigamente os artigos não tinham área, só constavam artigos e mesmo os terrenos não tinham área. Foi-lhe dada área agora nesta nova louvação, por isso é que a lei dizia que não tínhamos direito ao terreno, porque só constavam árvores no artigo

AL: e também não tem a ver com o facto de os baldios não pertencerem a ninguém mas pertencerem a todos [da comunidade]

Pertencem a todos, é claro, mas se a árvore... se a pessoa é que põe lá a árvore não se podem plantar outras. Enquanto as árvores existirem no terreno quem vai usufruir do terreno? Somente o proprietário das árvores não é? Por isso, é uma das coisas que me leva a não querer fazer parte disso, andava para aí o pessoal todo bastante chateado porque metia bastante gente não é? O meu genro esse tratou logo da situação, mal chegou a tribunal, também tinha, tinha andado para aí [...], de maneira que chegou ao tribunal “ora quantos metros são? São x”... pagou e acabou. E ficou com a área do terreno que tinha. Aquela área que estava em litígio com o CD, aquilo foi x ao metro, pagaram e pronto

AL: quem é o seu genro?

É o Nuno... e isso resolveu logo o problema, ficou logo afastado do tribunal. Eles fizeram um documento no tribunal e ele pagou ao CD o que tinha a pagar. Agora estes acabaram por também comprar. Foram para o tribunal, perderam

AL: foram gastar dinheiro no tribunal e agora na compra

Este é o nosso maior problema, e por vezes não se consegue chegar a um entendimento e é um problema. Por isso é que eu não...

AL: isso já foi há muito tempo?

Isto... o CD já está há uns anos

AL: não, eu digo esse tipo de litígios

O litígio... este litígio agora já acabou, mas tivemos um que andámos 20 anos. Mas isto era com o concelho vizinho, com o concelho de Terras do Bouro, com esse aí é que andámos cerca de 20 anos em tribunal

AL: por causa dos limites dos baldios...

Dos limites dos baldios... a linha de água, o mapa é militar, a carta é militar e o mapa é militar não é, então vai por ali fora, ali pelo rio Toco fora

AL: mas o que é que vai, a freguesia?

O limite do concelho de Terras do Bouro. O alinhamento. Só que nós temos um tombo de freguesia que entra naquela parte, o tombo da freguesia são mais velhos

do que a carta militar não é? Andaram, andaram, andaram até que tiveram que entrar num acordo. Demos-lhe ali, o CD deram-lhe ali, e as CM e as JF, deram-lhe então ali uma tirazita por ali fora por onde eram as cruzeiras antigas que já existiam cruzeiras antigas

AL: que davam razão a vocês ou não?

Que era por onde realmente nós queríamos não é, que era por ali, mas não, queriam-se cingir à linha de água. Até que chegaram à conclusão que realmente não, que era melhor tentarem acertar porque senão... nós não cedíamos porque tínhamos o tombo de freguesia não é, que estava na Torre do Tombo, e a freguesia de Vilar da Veiga nem Tombo tinha

AL: mas vocês até faziam, segundo me disseram, em tempos, os animais andavam juntos não é? Com os da Ermida

Andavam. Nós tínhamos até a sociedade de vezeira de vacas que ainda hoje existe, andávamos juntos. E nessa altura que isso aconteceu, até era um cunhado meu que fazia parte do Acordo da vezeira de vacas, e acabaram por mandar as pessoas embora. Venderam o boi, a parte que pertencia, o que traz em pé é um boi, é o boi de cobrição, que é o boi do povo, chamam não é. E então ele chateou o pessoal e começaram a mandá-los embora, eu ainda cheguei a dizer ao meu cunhado “não faças isso”

AL: mas mandar embora quem? Aos da Ermida?

Sim

AL: mas isso foi antes de haver o conflito dos limites

Era precisamente no momento do conflito do litígio do monte baldio. e então os da vezeira das vacas vão já... e lá foi. Eu acho que uma coisa não tem nada a ver com outra, é uma tradição, as pessoas estão cá com a gente

AL: mas fazia parte do Acordo?

Eu não fazia. Só fiz mais tarde, só comecei, entrei para o Acordo em 2001

AL: e já tinha animais?

Sim, porque eu sempre, eu fiquei com os animais do meu pai, o meu pai já morreu há 34 anos e fiquei com... fiquei eu a tomar conta dos animais que existiam na casa, e então só agora em 2001 desde que me aposentei é que realmente fiz parte do Acordo da vezeira, como chamamos nós

AL: mas só uma coisa, tenho duas perguntas, uma quero perceber o que é que é o Acordo e a outra é, se a Ermida e Fafião andavam juntos no monte o que é que interessava os limites entre os dois?

Naquela altura não se discutia limites, as pessoas andavam, andávamos juntos, a vezeira era maior, demorava mais tempo, agora demora muito menos, agora máximo 12, 13, 14 dias ela está à porta, nessa altura era, demorava um mês e tal, chegavam a ser 80 e 90 animais na serra não é

AL: então s enão havia limites porque é que começou a haver essas

Porque, repare, aquilo... porque, acharam que, pronto, eles queriam uma coisa que não lhes pertencia porque estava dentro da área do tombo da nossa freguesia, acharam que deviam começar a afastá-los e então começou logo pela vezeira de vacas. E afastaram-nos, parece que eram 7, para aí uns 4 ainda eram da família da minha mulher, por isso meu amigo, foram, tiveram que ir

AL: sete produtores lá da Ermida?

Sim. Sete produtores eram de lá. Na altura só eram para aí sete já, e eram para aí uns 3 ou 4 da família da minha mulher

AL: isso já foi há uns 20 anos?

Ora bem, isto não vai há... ai, já vai há mais de 20, porque há 15 já estou eu reformado, e isso foi muito antes, ainda eu estava ao serviço do Estado. E então as pessoas pronto, venderam o boi, fizeram as contas, eram x herdeiros, toca x a cada herdeiro e entregaram-lhe o dinheiro. E mandaram entregar o dinheiro às pessoas que lá foram, lá ficaram afastadas disto

AL: e passaram a ter um Acordo só em Fafião?

Sim, agora actualmente só somos nós, agora só aqui em Fafião é que estamos nessa situação de vezeira. Somos poucos, só somos dez, mas na altura era muita gente

AL: é cabras? Ou também vacas?

É cabras e vacas

AL: são os mesmos que estão nas duas?

Ora bem, uns têm e outros não têm. Uns têm cabras e vacas, outros só têm cabras, outros só têm vacas, depende

AL: e do que é que consta o Acordo, é uma coisa escrita ou

O Acordo é, são duas pessoas que geralmente ali estão que estão a gerir, portanto, é que fazem as reuniões, é que destinam que se vai fazer isto ou que se vai fazer aquilo. É só dá trabalho, aquilo é só trabalho que a gente tem, lucro não há nenhum. O que é que e sempre, eu estive lá 15 anos e eles não queriam que eu saísse, mas

AL: mas aquilo havia eleições anualmente ou

Não, não havia, geralmente procuravam pôr pessoas que tivessem vontade de realmente trabalhar, e zelar, porque aquilo tem de haver zelo, porque se começarem a deixar abandalhar, que é o caso agora ultimamente, estão a querer deixar abandalhar e eu vou-me embora, não quero tomar conta daquilo. Estão a querer arruinar a vezeira, acabar com ela, e eu não estou muito de acordo, enquanto existe existir e mantermos tradição, mas agora as pessoas às vezes dizem, ai não sei quê temos de falar para as pessoas, como eu estou a falar para si agora “ah, temos a vezeira na nossa aldeia, temos a vezeira de cabras e a vezeira de vacas e não sei que mais”. E já este ano lhe disse no chamado, temos o chamado todo o primeiro domingo de Maio e vocês às vezes estão-se a lamentar para as pessoas e não sei quê, não sei que mais, dizendo que é isto que é aquilo, mas vocês, vocês estão um bocado [?], estão a dizer que existe o quê? Existe porque ainda andamos aqui meia dúzia deles a querer aguentar isto porque senão isto já tinha acabado. Nós antigamente ia-se render, subia-se à noite, e o pastor que lá estava só se vinha para o outro dia de manhã embora, e eram dois pastores que tinham de estar, um de 18 e outro de 12. Agora não, agora já só vai um

AL: só vai um?

Só vai um de manhã, vem à noite, eu por exemplo, tenho dois dias, vou de manhã mas só venho para o outro dia da frente à noite, tenho de dormir lá à noite. Não venho dormir a casa porque é muita distância

AL: ah, por serem dois dias

Sim, somos uns 4 que nos acontece isso, portanto ficamos lá uma noite, não dormimos cá abaixo. Alguns ainda vêm mas

AL: mas vai sozinho? Não...

Sim

AL: E fica lá sozinho?

Sim

AL: ai é? Ai não vão dois a dois, achava que era obrigatório...

Sim, antigamente era dois a dois, agora é que há coisa de... desde 2010 para cá, foi quando houve aí um desentendimento na Sociedade é que acabaram por ir só um elemento. Mas eu queria que fossem os dois não é, gostava que fossem os dois porque é sempre, agora dizem “ah, não é aconselhável ir uma pessoa só”, já sabemos que não é, pode ser uma pessoa de idade, pode ser nova, ela hoje não vem... claro, bate porta, não sabemos, não escolhe idades não é, e, mas eles não. Eu por mim já estou como diz o outro, a gente chegando a hora tem que ir, não há que ter medo [...] estamos sujeitos. Mas eu não venho a casa, eu fico lá sempre, mesmo aqui, que esteja aqui nestes currais aqui Pinhô, ou aqui Salgueiro, mesmo que esteja aí eu não venho

a casa, não, a gente está lá tão sossegadinho à beira do gado, meia hora para casa, a gastar gasóleo, aos trambolhões, porque isto se é estrada é rápido, mas em caminhos de talheiros, a saltar... não! É muito difícil... e isto agora está assim, nós antigamente havia, agora já só existe a vezeira de vacas e de cabras, antigamente havia de cabritos e de [?]. Até os próprios cabritos que estavam na corte deitavam-se, as cabras iam para o monte e os cabritos andavam à roda também e soltavam-nos para fora e iam por aí adiante, para eles abrirem os olhos para quando chegar a altura de se ir atrás das cabras estarem já preparados para andar. Tudo isso acabou, o pessoal agora... antigamente não tinham, as pessoas estavam muito desempregadas, agora está quase tudo empregado, ninguém quer perder tempo. Alguns fomos aguentando isto porque, claro, estávamos aqui perto, e a gente ia fazendo, calculando as folgas e tal, guardando as folgas para guardar as vezeiras e fomos aguentando. Mas agora não, esta gente de agora tem os empregos, e longe não é, uma pessoa ir para Braga todos os dias, ir e vir, é um bocado chato não é. e nós vamos aguentando, é o meu caso, reformei-me há 15 anos e continuo a trabalhar na mesma mas é porque quero também, não é, e acho que me faz bem, então... e gosto não é, senão... também tenho pena de ver ficar isto abandonado, porque sei o que custou ao meu pai, que uma parte dos terrenos comprou-os, e agora vê-los ficar assim a mato está-me a custar um bocado, mas vai ter que ser não é, elas não podem, não podem

AL: acha que as suas filhas...

Não, estão fora, só vêm ao fim-de-semana, e por isso mesmo... os empregos agora é um problema e mesmo assim ainda vão aguentando

AL: mas agora há alguém à frente do Acordo da vezeira? Se você saiu...

Está, agora está o Luís, foi o Luís que entrou, e o tio dele. Eu queria pôr à roda, eu disse “opa, vou entregar, ninguém quer”, ninguém quer, ninguém assumia, porque ninguém quer ter chatices, só querem corpo presente e não querem responsabilidade. Mas isto dá muita responsabilidade, um homem tem de estar atento, tem que andar a mudar a vezeira para aqui, para ali e para acolá, tem que estar sempre atento, tem de estar não sei quantos dias neste da Malhada, depois está mais 7 ou 8 noutra. E é preciso controlar a muda dos animais, os animais quando começam a fazer o pasto é preciso movimentá-lo não é, um homem tem que estar atento. Eu este ano não tive problema nenhum “olhe, a vezeira está em tal parte”, não custa nada... não é? Era o que faziam para trás, portanto agora faço eu o mesmo. É à roda, anda à roda, dois a dois, anda à roda, e depois... que é para toda a gente passar por lá, que é para toda a gente saber o que custa

AL: estar à frente do Acordo?

Do acordo...

AL: e vai ser assim? Vai andar à roda agora?

Eu queria que fosse assim, agora vamos ver se eles este ano já vão entregar, mas este ano, já ouvi falar, quase de certeza que já vão entregar, já não estão a gostar

AL: e acha que podia ser assim também no CD, andar à roda? Acha que era melhor?

Isso, o CD, nem toda a gente tem realmente expediente para estas coisas. É preciso estar sempre alguém à frente, depois sabe que isto hoje está mais evoluído e tem uns que... não podem andar lá pessoas que, prontos, ao menos o que está à frente tem de ter formação não é, porque senão... porque é preciso enfrentar determinadas pessoas em que... Parque e Câmaras, e é preciso alguém que realmente saiba responder às pessoas. Nem toda a gente quer ir, e depois acho também que tem muita gente, aquilo é muita gente realmente para o CD, e a assembleia e não sei quê, não sei que mais, isso tem para aí gente, e eles não estão... não sei. A minha agora faz, já é o segunda vez que faz parte do CD, mas não... eu já lhe disse “deita-se disso de fora que isto só dá chatices, o CD só da para se chatear”

AL: e agora é 4 anos

Pois, agora aumentou, pelos vistos aumentou, 4 anos

AL: sim, pelo menos é o que diz a lei, mas também a lei está a ser revista, não sei como é que isto vai acabar, mas acho que esse ponto nem sequer foi muito posto em causa

Eles passam à frente, não lhes interessa muito isso

AL: mas como é que vê o trabalho destes jovens? Porque agora a maior parte são jovens não é, que fazem parte do CD...?

Sim, eles procuram realmente que isto ande da melhor forma não é, administrar isso, mas pronto, a gente não pode... às vezes há coisas que a gente queria que fosse feita de uma forma e eles dizem que não. Por exemplo, as limpezas, eu digo “cuidado, tenham cuidado com essas limpezas, vocês andam aqui a mandar limpar às vezes em sítios em que a fazenda ainda pasta, podem pastar, zonas que o mato é da altura dos pastores as fazendas não pastam e depois podem vir a surgir os incêndios. “ah, vocês falam bem mas quem manda... não é que mandemos, os engenheiros é que mandam”. Está bem, se acontecer que aparecem os incêndios não se admirem, porque isto está... este que começa já aqui em baixo, aqui nesta zona, tem esta linha de água, aqui por baixo adiante, vir ter aqui outra vez a esta, aqui a estas pontes, está um barril de pólvora por baixo, é um matagal da altura de um homem, se lhe pega onde é que isto vai? Vem parar aqui próximo do lugar, só pára aqui à beira do lugar. Mas eles prontos, não querem

AL: não, de facto há áreas que são eles que marcam, eles os engenheiros

Sim, há uns que marcam

AL: depende da disponibilidade de dinheiro e não sei quê não é

Pois, precisamente, o dinheiro por vezes também não é muito e eles, os sapadores também parece que só são... são 5, e são poucos. Mas isto, acho que se eles procurassem isto meter uma, não há para aí muita gente disponível mas, mas podia ser que ainda aparecessem alguns, e meter umas pessoas de fora, encostados aos sapadores para tentar, como fazia antigamente os SF

AL: mas eles tentaram não foi? Formar uma equipa de trabalhadores florestais. Eu estou a dizer isto porque vi na paragem de autocarro o edital

Olhe, eu não cheguei a vê-lo

AL: ah, está lá, acho que era até Abril...

Está lá? Eu nem tenho ido às reuniões como digo, há 2 anos que não vou às reuniões, elas, as minhas filhas vão lá

AL: pois, realmente, assim com as filhas em casa rapidamente sabe de tudo

Mas eu às vezes falo, como estou aqui a falar, e elas dizem “ah, você não vai lá”. Falou-me sobre o problema dos engenheiros que não coiso, e digo assim “você não vai lá”. E eu digo assim “então e os engenheiros do Parque vêm às reuniões dos compartes?”. “Não”. “Então, o que é que eu vou lá fazer?”. Se lá estivesse o engenheiro sim, ia pôr o problema, o engenheiro não está lá, és tu que tens de expor o problema, não sou eu”, o presidente do CD é que tem de expor o problema aos engenheiros “olhe, isto vocês querem assim, mas isto assim não rala bem porque os agricultores não estão satisfeitos com isto. Podíamos ir para aqui, há estas zonas que também têm necessidade e têm prioridade porque senão vai tudo, se pega o fosforo vai tudo

AL: não, é importante se calhar nessa assembleia dizerem ao CD que era bom o CD dizer isso ao Parque

Isso eles vão, há pessoal que debate isso, que é que eles... eles dizem que não são eles que mandam, que não eles que mandam. Então deixa estar. Assim que pegar um incêndio que comece numa aldeia e acabe na outra, depois o problema fica resolvido

AL: e tenho ouvido malta que se mostra chateada porque lhes cortaram...

As verbas

AL: não, isso também, mas digo, fizeram limpezas onde não deviam, onde lá está, onde os animais ainda podiam ir e agora já não têm mato e...

Pois fizeram, eu sei que eles ainda agora fizeram aqui uma limpeza, até compraram, não sei como se chama, uma trilhadora de mato

AL: para o CD?

Têm o tractor, o CD comprou um tractor e tem esse, essa máquina que mete atrás e que destrói o mato todo, fica tudo estilhaçado. Tudo bem. Que é que eles fizeram, meteram-no em cima numa zona que tem árvores, foi plantação, não querem que a plantação arda, também tudo bem. Só que agora, eu também já lhes disse, não tem jeito nenhum, mato que não tem pedra, que a gente roçava para meter nas cortes dos animais, meteram-lhe o tractor, no meio das pedras, vamos nós lá agora com as máquinas?! Dar cabo dos discos nas pedras? Onde não tem pedras foi que meteram o tractor, agora nós, onde é que se vai roçar o mato, no meio das pedras? Há certas coisas que não... e eu já lhes recomendei, e outro vizinho “cuidado que lá em cima onde está a plantação onde as pessoas conseguem roçar o mato, deixem-no ficar”, pá, só porque os agricultores vão lá por ele não é? Por aí abaixo... o monte é muito acidentado não é, ali não, ali parte é chão, parte do terreno não tem pedra, e faz-se bem com as máquinas manuais, destruíram tudo. Aqui há dias, o rebanho estava daquele lado, estive a ver, está tudo derretido, meteram a máquina derreteram aquilo tudo. O que é que um homem vai fazer? Bater-lhes não?

(RISOS)

AL: mas aquilo que alguns dizem que “o melhor é entregar isto ao Estado” ou entregarem às autarquias, ou o que for, como é que vê isso?

Ora bem, eu acho que isto em princípio, eu acho que o que havia de haver era uma boa gerência, gerir isto como deve ser, mas que isto devia estar entregue às localidades porque senão vai tudo embora, que era como ia antigamente. Há uns anos atrás esse presidente da JF que esteve, isto talvez há 50 anos, vendeu aí esse terreno a um particular de fora, nem de cá era. Os de cá alguns ainda compraram, mas esse terreno a maior parte foi vendido para fora não é. Naquele tempo a JF estava empenhada e toca a vender. E vendeu o terreno e agora os herdeiros temos este encravamento, é muita área e não dá para fechar isso, não é, nem devem poder fechar. Se lhe desse para fechar já era um problema, para depois estar a fazer barulho, ui... e se isso voltasse a acontecer... as JF por vezes só puxam para a zona deles não é, e assim está distribuída, portanto, cada localidade, realmente a aldeia de Fafião é das aldeias da freguesia que realmente tem mais rendimento no pinhal, nem que seja não é, mas meu amigo, não temos culpa não é? Uns têm mais, outros têm menos e também é uma aldeia maior do que as outras e acho que isto que se devia manter. Que se devia manter mas acho que, até acho que os dinheiros deviam de ser mais investidos. Temos por aí caminhos que precisavam de ser restaurados que anda-se a dar cabo de máquinas e o dinheiro está parado porquê? Temos a capela, estou farto de dizer “rapazes arranjai a capela que é uma vergonha ela estar assim... para um que é o padre, outro que é este, outro que é aquele, não conseguem entrar, fazer as coisas, há para aí dinheiro parado, dinheiro parado não adianta nada não é? se está a fazer falta deviam fazer-se as coisas e... é para o que ele existe não é, não é para outra coisa...

AL: pois, isso é outra questão, o dinheiro, há muita gente que aponta que não há transparência nas contas, que as pessoas não mostram as contas e tal. O que eu sei é que é obrigatório haver uma reunião pelo menos uma vez cada ano, uma assembleia, para mostrar as contas

Sim, e é isso que eles fazem, é o que eles fazem e eu tenho-me às vezes apercebido que há elementos que não vão lá e andam por fora sempre a criticar. E eu já disse que “não pa, eu acho que não é assim, um individuo deve falar... se acha que deve falar fala, mas não é andar por trás das costas a falar das pessoas, é na frente e se vê que está em falha pede uma lista de contas não é, comunica à entidade reguladora, e eles fazem o que devem para ver o que é que se está a passar nas contas, se houver erro paga, mas se não... agora andarem sempre por fora “nhanhanha nhanhanha”, eu não tenho feitio para isso

AL: e há muito isso não há?

Há muita gente aí que só “não sei quê, não sei que mais, dão cabo do dinheiro todo, eles gastam o dinheiro todo”. E isto agora é um problema não é, porque os dinheiros agora entram, tem que entrar todo, tudo o que fazem tem que ser por factura e recibo não é, eles agora têm que realmente apresentar contas, pronto, [é natural que] às vezes não haja porque há determinadas despesas, mas as despesas têm que constar não é. Eles têm que apresentar as despesas porque ninguém anda de graça não é, e eu acho muito bem. Eu estou farto de dizer “acho muito bem, as contas estão para ser apresentadas, porque ninguém anda aqui para trabalhar uns para os outros, nós andamos aqui a olhar pela nossa vida e eles é que têm de se deslocar para aqui, para acolá e que estão... não vão gastar do deles não é? e é o que eles fazem não é? o que é que há pessoas que acham que eles que

AL: que metem ao bolso e que não sei quê...

Sim, há muita crítica nessa situação. Mas eu sou uma pessoa que digo, eu nessas coisas não me meto, só digo é que deve haver realmente cuidado. As contas, já numa altura falei com este presidente da JF que entrou, que está agora actualmente, que estava para ser eleito, e eu disse-lhe “sabes uma coisa que te peço, cuidado é com as contas, porque olhe, a dívida do país começa na JF, vai ao concelho, vai ao distrito, quando chega à cúpula está pelo pescoço, por isso é que nós assim estamos, por isso tende cuidado, há, há, não há, não há, não se faz, meu amigo nós não estamos aqui a... vamos fazer, vejo o presidente da JF, fazem, viram tudo de baixo para cima. Ao fim vão-se embora e o que vem atrás, quer-se dizer, não faz nada, tem de pagar é a dívida que o outro deixou, e isso é que eu acho que está mal, as pessoas haviam de ter mais cuidado nisso, não têm não fazem! Agora um faz “ai eu vou fazer, eu fiz obra, eu fiz obra”, deixou obra, deixou a dívida, não pagou a dívida, e isso é que eu acho que está mal, é o que está a acontecer no nosso país, é fazer as coisas e não se pagam, não há dinheiro para pagar e depois o que vem atrás que se desenrasque. Eu acho que não! Nós temos que... as pessoas que sabem gerir a casa deles, as nossas casas

têm de ser geridas, se não forem geridas é um problema, também quer-se dizer, se esbanjar [?] e por isso nós temos que ter cuidado, e as pessoas que estão à frente destas instituições têm de saber o que estão a fazer não é, não se pode gastar o que não há. As pessoas dizem “ah, eu quero fazer isto, quero fazer aquilo e vou tentar fazer”. Às vezes é, vamos ver o gajo que realmente se porta melhor vai fazer... nada, nada, toda a gente diz que vai fazer e é um problema depois não é, o dinheiro tem de vir de algum lado, se não houver como é que se vai fazer? Se tem faz, se não tem

AL: claro. Isso agora faz-me lembrar um edital que está ali na paragem de camioneta, foi de uma assembleia de freguesia em que ele fala dos pontos que vão ser discutidos na assembleia e um dos pontos é a cooperação vá, entre a JF e o CD do baldio de Cabril. Não sabe nada disso, isso é porquê? Porque houve falta de dinheiro na Junta ou

Não, por que ele... aí eu acho que a freguesia, parece-me que o CD que é a própria JF que está a fazer também a gestão do

AL: quer dizer, o Márcio é presidente das duas coisas, mas há um CD

Sim, mas não sei se abrange todos os outros

AL: ah, abrange sim, excepto Fafião e Pincães e acho que Lapela agora também saiu

Pois, Pincães tem a própria deles, nós aqui somos dos CD mais antigos, e nós até pertencemos à letra a), os outros são a letra b). Nos outros se existirem parece-me que é a letra a), nós é a letra a)

AL: sabe quando se formou o CD?

Eu já não me lembra bem, mas já vai há muitos anos

AL: foi ainda nos anos 1970 não foi?

Não sei bem, não sei bem, não posso... sei que já é há uns anos largos que temos o CD. O meu cunhado já morreu há uns anos e ele fazia parte na altura do CD. Já quando mandaram calcetar e fazer umas obras aqui na aldeia, ele já morreu em 1988 ou 1989... e ele já antes tinha feito parte do CD

AL: pois, a mim disseram-me que foi para aí em 1976...

1976... talvez. Em 1976 também não... pronto, eu saí em 1974

AL: foi para fora?

Em 1974 fui para a Guarda Republicana, e depois estive dois anos em Lisboa, e sei que existia, nessa altura já existia o CD, só que não exigiam era o que estão a exigir agora não é, eram nomeados aqueles 5 elementos e aí estavam, dois ou três ou quatro, acho que nessa altura que eram só 2 anos, o que é que às vezes ficavam, nós

já temos há muitos anos, este CD já existe há muitos anos, agora a data certa não posso afirmar

AL: lembra-se do tempo da florestação? Quando o Estado andou aí a plantar os pinheiros

Ora bem, sim, quando veio este... nós aqui existiam poucos pinheiros, havia aí meia dúzia deles nos coutados particulares que talvez as pessoas no tempo que andavam nas plantações lá trouxeram umas sementes e deitariam, mas eu já os conheci grandes, já não eram... já, alguns já davam madeira

AL: antes do Estado

Sim, sim, antes do Estado. Porque depois eu quando fiz aqui a minha casa em 1988, não foi em 1978, foi em 1978 que eu fiz a minha casa, deitei 3 abaixo ali numa coutada do meu pai, o meu pai tinha comprado esse campo e tinha um bocado de coutada ali e tinha lá 3 pinheiros e eu deitei-os abaixo para a confrage, que é tudo à base de madeira, e então já eram

AL: o que é que é confrage?

O emparedamento para o betão, chamamos nós a confrage. Antigamente a madeira fazia-se umas ripas com a altura que querias e pronto. Agora é tudo à base de taipais e ferro [?] e então, eu por acaso ainda andei nessa sementeira, na floresta, andei ali por cima de São Ane, em Cabril, ali naquela parte de trás não andei, e ali também foi tudo semeado, andei aqui nesta parte, chamamos-lhe a Ladeira, aqui, começou aqui no Fojo dos Lobos e foi até lá

A: tinha que idade?

Eu devia ter 14, 15 anos, isto portanto vai há 50... deve ir há 51, 52 anos que ele andou aqui, portanto talvez 15 anos, e depois fui uns 2 anos aqui na Pedra Bela, andei ali no desbaste e limpeza do pinhal, e depois fui para a, em 1977, depois fui em 1977, em 1977 não, em 1967, já fui eu para a barragem em Vilarinho das Furnas, saí daqui da floresta e fui para a barragem de Vilarinho das Furnas, trabalhei lá então 3 anos até ir para a tropa, até janeiro de 1971, em março de 1977 é que depois fui

AL: foi para a tropa e depois ficou logo na GNR?

Estive 3 anos menos 10 dias ao serviço do Estado no exercito, estive 26 meses e meio lá fora, em Moçambique, e depois vim e fui integrado na GNR, vim em dezembro de 1973 e fui integrado na GNR em 1974, em julho de 1974

AL: ah, já se tinha dado o 25 de Abril

O 25 de Abril deu-se quando eu tinha vindo da tropa e entrei em março para a firma [?], quando me fui embora pedi conta, eles passaram-me uma carta de trabalho para

quando viesse ser integrado no serviço outra vez na firma, eles passaram-me então lá um documento mas depois quando vim fui, vim em dezembro mas só entrei em março para a firma. Fui ao Porto, à Maia, andámos lá a trabalhar, depois o chefe, que era conhecido aqui no rio Homem veio para a Varosa, que passa por Lamego, entre a Régua e Lamego. Fizeram lá uma barragem e eu fui para lá, fui para lá trabalhar em Março e passado um mês deu-se o 25 de Abril [?] foi um bocado chato que aquilo na altura andava mal

AL: o que é que andava mal? A firma?

O MPLA, lá o... havia para ali um partido

AL: o... MF

O MFA

AL: o Movimento das Forças Armadas, sim

É, tiveram um movimento [?] depois eles estavam a querer, também queriam mandar na Guarda mas lá numa altura, numa diligência em Alcoentre, tivemos um problema que, houve uma comunicação, o comandante geral ligou, ligou ao comandante da força lá, que alguém tinha furtado um cofre [... conta a história]

[...]

AL: para si a florestação foi uma coisa positiva aqui para a região ou foi negativa?

Ora bem, a florestação, eu sou da opinião que realmente isto florestado, mas não com esta árvore. Esta árvore desenvolve muito rápido mas é muito prejudicial. Nós... você está a ver, os animais não comem nada por baixo daquilo, a caruma, o mato às tantas abafa, e agora como eles fazem, roçam, aquilo cai e nunca mais deixa vir pasto, porque já é muito basto, a caruma cai e abafa o mato, nunca mais o deixa nascer, crescer. E depois é uma árvore que é muito resinosa e isto quando pega é pólvora, mas é pólvora autêntica. Ainda há dias estive a ver uma entrevista, aí a falarem, em que estão a procurar... nós é que chamamos a bétula, que é uma árvore que de facto não... vejo-a aqui na zona da Pedra Bela, que foi plantação, em que debaixo dela praticamente não há nada, se houver é erva, mas de resto não há mais nada, mato não há nada debaixo dela, portanto não dá origem a que realmente o fogo espalhe por ela fora, porque é alta, a rama começa já lá muito acima, e não é tão perigosa para incêndio como o pinheiro. O pinheiro é uma coisa que aquilo, está o mato seco por baixo, porque a caruma acaba por matá-lo, abafá-lo, ele começa a secar por baixo, quando vem ele entra por ele fora e no pinheiro ele vai até à ponta, arde até à ponta, tendo mata grande ele arde até à ponta. E acho que isto está a prejudicar muito o pinhal, se fosse outras árvores não nos prejudicava tanto

AL: pois, e nessa altura a floresta teve um impacto positivo ou negativo. Sei que houve pessoas que trabalharam para a floresta, como o senhor Francisco

Sim, mas na altura o pessoal não aceitou muito bem, não aceitou e, e esta parte de baixo hoje está na mesma com pinhal. Parece que foi também sementeira mas não foi, a sementeira nesta parte ali foi, e aqui nesta encosta, chamamos nós a Ladeira foi, aí andei eu, e eles queriam passar para baixo só que esse meu falecido cunhado e mais uns senhores de idade, até nem sei se quem escreveu a carta foi o meu cunhado, que ele era o pai do Luís, e esse arranjava-se bem a escrever e escreveu, escreveram uma carta, ao Governo e depois para os SF e depois para baixo e disse “nós não podemos aguentar mais sementeira porque estamos a prejudicar os animais, nós aqui vivíamos dos animais não é. Aquela parte de acolá estava fechada, onde se tinha feito a plantação, a minha mãe que tem 93 anos andou na plantação das árvores, que já estão praticamente [?] mas pronto, essas árvores foram plantadas que, mas não plantavam desses pinheiros, eram pinheiros mansos e silvestres e bétulas e carvalhos e pronto, era disso que eles plantavam

AL: naquele tempo da florestação?

No tempo em que a minha mãe esteve era plantação, era. Quando fizeram esta plantação nossa também aqui em cima, aquilo na Pedra Bela e mesmo lá em baixo no Vidoeiro, no Gerês, tinham sementeira de árvores e depois eles arrancavam-nas e plantavam-nas no monte, que foi nessa altura que isto foi florestado e depois não deixaram entrar

AL: achava que tinha sido só pinheiros nessa altura

Não, aqui esta parte tem muito pinheiro mas é à base de pinheiro-silvestre, tipo, em Pinhô, não sei se já foi a Pinhô, vê-se muito pinheiro mas a maior parte é silvestre, não há de outro pinheiro. E o pinheiro-silvestre também já não é tão perigoso como este, já não arde tanto, este é mais perigoso. E então, claro, eles nesse tempo fecharam, fecharam aquela área e depois tivemos que pedir para abrir, e mesmo assim as cabras quando entraram, imagine que tinha uma rama abaixo quando chegaram limpavam tudo as cabras, mas já não faziam mal às pontas deles, já estavam altas. Na altura eu comecei a ver, eles dizem que não gostavam que isso abrisse, porque a cabra... se fosse o gado, disse que com o gado não se importavam muito, porque o gado já não tocava nas árvores, as cabras é que... começámos a ficar mal por aquilo. Eles também não queriam que se pastasse nessa parte que foi semeada, não queriam que a rês pastasse porque eles mal vinham a nascer as cabras comiam-nos, e proibiram. Por isso é que o meu pai teve umas chatices aí com um guarda e com um rondista que não queria deixar passar a rês e o meu pai disse “não senhora, quando veio para aqui a sementeira, o corte da rês é este, era o corte dela, nós tínhamos que a passar para a serra de lá, não aqui para baixo, porque aqui nesta parte contra a Ermida era a tal plantação, para cima é que não tinha sido plantado e deixavam, tínhamos que caminhar, caminhar, mas andava-se todos os dias a levar a rês lá para longe para não andar aqui próximo das sementeiras. Acolá estava proibido, aqui tinham feito sementeira, então falaram para que... e pararam com a

sementeira. Esta parte de baixo está também cheia de pinhal mas lá foi os pássaros, até parece que está tudo da mesma altura, da mesma época de sementeira, porque eles estão quase do mesmo tamanho como estes aqui, mas aqui já foram feitos cortes [?] mas ele é uma coisa que sai rápido, tendo terreno bom ele sai rápido

AL: tem esse lado bom não é, de fazer entrar algum rendimento na

Sim, não sei o dinheiro que eles têm, mas sim isto dá para fazer muito, eles agora tiram bastante, não está muito cara a madeira de pinheiro... mas não sei lá como é que eles estão a pagar isso, nem estou preocupado. Se eles lá estão que trabalhem lá eles que eu descanso

AL: e acha que o baldio é importante aqui para a comunidade? O baldio é uma boa gestão

Eu acho que sim. Com uma boa gestão, para mim. É do que as pessoas vivem, na nossa aldeia sempre se vivia disto não é, se lhes tirarem os animais o que é que vai ser? Os terrenos, se não houver um estrumito para deitar nos terrenos eles não dão nada, a terra não é fértil, a terra é muito preta, não tem, se não for estrumada não dá nada, não vale a pena andarmos a trabalhar, andamos a trabalhar, como diz o outro, para aquecer

Dona Maria

Local: casa dela em Fafião

(...)

Portanto, os baldios é de nós todos, não é

AL: sim... e sempre foi não é?

Até aqui... antigamente era da floresta, agora é Parque

AL: sim... lembra-se dessa altura da floresta?

Lembro-me muito bem, até eu andei lá a roçar [?] na floresta, e a plantar pinheiros

AL: foi aí que aprendeu a roçar (RISOS)

Não, eu já sabia, já sabia que o meu pai sabia-me dizer (RISOS)

AL: que idade é que tinha?

Eu? Quando fui roçar? Eu ia roçar pequenina. Ai quando andei lá na floresta a plantar pinheiros já tinha uns 18 anos, eu já namorava... até namorei mais cedo do que isso (RISOS)

AL: (RISOS) a dona Maria começou a namorar antes dos 18

Não, não, comecei a namorar aos 13!

(RISOS)

Era o que a gente sabia fazer

AL: mas com o seu marido?

Com o meu marido! Mas ódepois ainda deu voltas e tornou a voltar, ir e voltar

AL: ir e voltar, como assim?

Quero dizer, já tinha ido embora, já o tinha mandado, mas ele depois voltou e...

AL: ai foi? Tinha-o mandado para onde?

Tinha-o mandado para a outra

AL: aaah, a sério? A história foi assim? Ele chegou a ir ter com outra?

Não, eu é que o mandei, mas tornou a vir, tornei-o a aceitar. Mas eu andava lá na floresta, e ele por acaso também andava, mas o meu pai... tá quieta!

AL: ah, porque o seu pai não queria que se casasse com ele não era?

O meu pai, não era por ali que ele gostava. Mas eu também não sei o que é que ele gostava... não sei, queria um rico que tivesse muitos campos... mas eu já estava cheia de campos também. Acabei por ter campos, acabei por ir para um lavrador não é, mas o meu marido teve de ir trabalhar para a EDP que a coisa estava... era um emprego certinho

AL: ah, o seu marido também estava na EDP...

Ele estava longe mas eu cá andava com a vida... com a vida e com os filhos. Eles iam para a escola e eu vira, vira aí no campo

AL: e ele estava na EDP aonde?

Ele estava na Caniçada. Sabe onde é a Caniçada? Central de Caniçada, estava no Alto Rabagão, só vinha no fim-de-semana, ia à segunda-feira e vinha à sexta-feira à noite. Eu cá vigilava, punha tudo a andar, a canalha na escola, e eu lá andava no duro no campo

AL: são quantos, cinco os seus filhos?

Quatro... são dois casais. E a vida compôs-se, porque o meu pai e a minha mãe, mas a minha mãe ainda melhor, tiraram-me a lama das unhas quando eu ainda era pequena

AL: (RISOS) o que é que isso quererá dizer... deixe-me lá pensar... é o quê?

Quer dizer que ensinaram-me a trabalhar e a desenrascar, a desenrascar... portanto não precisava de ninguém. Quem me dera nesse tempo, virava meio mundo assim de baixo para cima, mas agora, pronto, já cá estão os anos e muito trabalho também.

AL: oh, está ótima!

Mas já cá estão muitos janeiros, e eu então era... e depois o meu marido era assim “ah eu tenho de ir para casa”, “tens de vir para casa fazer o quê?”, “é que há muita azeitona para apanhar”, “ah, pois, e à conta da azeitona deixavas o emprego não?!”. E diz ele “mas tu não podes apanhar a azeitona” “apanho a que puder e a outra fica sem apanhar”. Dá mais resultado o dinheiro ao fim do mês do que a azeitona. Eu, apanhava-se azeitona e ainda se vendia azeite, e se ele viesse para casa era pior, algumas mulheres, há uma aí, que também o marido dela estava lá também com o meu mas “ai, tenho de me ir embora para ajudar na azeitona à mulher que ela sozinha não a apanha”. Mas foi mau para ele e mau para os filhos. Veio para casa e os filhos... porque estudaram os filhos? Porque o pai estava naquela empresa, porque estava na empresa da EDP, senão como haviam de estudar os filhos?! Não é? Eles fora de casa gastam, e ele então resolvia ajudar os filhos dessa maneira. Digo “vou fazer o trabalho em casa para tu ganhares para os filhos estudarem”, está a ver? Uma pessoa tem de pensar a vida

AL: foi bom poder dar-lhes essa oportunidade

Claro, agora não precisam, precisar precisam sempre, precisam sempre do pai e da mãe, mas se não estudassem era pior. Aqui na terra não

AL: bom, estavam nos campos provavelmente

Estavam nos campos mas os campos não davam para eles viverem consoante vivem, conforme vivem desafogadamente, não é? E então eu matava o corpo com o trabalho, mas eu não me custava o trabalho

AL: ainda bem! A minha avó sempre disse “pobres aqueles que não gostam de trabalhar porque vão ter de trabalhar sempre”

Tem de trabalhar, de uma maneira ou de outra, mas por exemplo, mas agora... o que foi para a marinha ainda passou um bocado porque não estava bem nos barcos, vomitava [... a dona Maria embarca a contar a história dos filhos...] ele quis ir para a marinha com medo de ir para a Angola, ele foi com 17 anos, foi voluntário. (...). Nós o nosso telefone foi o primeiro que entrou nesta aldeia, o telefone fixo. Era o público e o nosso. Na altura que pediram o público para a aldeia, diz o meu marido, vou pedir

já um telefone, que é da maneira que mo põem cá, como vem o público, digo assim “vais gastar dinheiro no telefone?” “e não faz falta para os filhos telefonarem?!” [...]

AL: o seu marido morreu há muito tempo?

Já faz 14 anos, foi em 2002. O cancro não perdoa. Gastar dinheiro nem se gastou muito porque ele tinha boa assistência médica não é, a EDP tem bons médicos, mas andámos aí... o cancro é uma doença excomungada

[...]

711_0145 [continuação]

AL: lembro-me que da outra vez estava a dizer que havia alguns conflitos, por exemplo, que havia pessoas que achavam que o baldio, que até me contou que houve uma senhora que foi para Montalegre, para a Joana queixar-se que também tinha direito ao baldio, mas que não tinha animais...

Ah, isso era uma senhora de Outeiro, que “não tinha animais mas que tinha direito ao baldio, que era comparte, comparte no baldio”... e nós aqui também é a mesma coisa, somos todos compartes do baldio, mas a nossa comissão de baldios não quer saber disso

AL: do quê

De que nós sejamos compartes, eles é que mandam... eles é que mandam e nem escutam o que a gente diz

AL: mas vocês dizem?

Ah, eu nem vou agora às reuniões, para me chatear? Mas ia e falava e era “você não tem razão nenhuma”, era a conversa deles

AL: mas quem eles? Estes que estão agora?

Não, antes era outro, mas este não é melhor

AL: mas alguma vez foi às assembleias, agora com estes?

Fui, fui, mas não torno a lá ir, porque eles tratam mal as pessoas

AL: porquê?

Se eu lhe contar, e esta também é boa que vá para a televisão

AL: ah (RISOS) atenção, eu não sou da comunicação social! Esta gravação não vai daqui para lado nenhum, isto é

Mas até devia de ir... o meu filho, o engenheiro, foi lá, a uma reunião, ele veio aqui dar, num domingo, e eu digo assim “olha, vamos comer que eu tenho de ir a uma

reunião”, “que reunião é minha mãe?”, “não sei, uma reunião dos baldios, tenho de lá ir”. Diz ele “eu também vou”. E ele foi. E depois eles falaram que arranjam, renovaram, o lagar do azeite, o lagar é ali em baixo no rio, e ele disse assim, o meu filho “vocês renovaram o lagar do azeite?” diz ele “renovámos”, diz “e falaram com os herdeiros?”, diz ele “não, não falámos com os herdeiros porque o lagar é do povo”. “Não, que eu saiba o lagar é de herdeiros e eu também sou herdeiro, sou herdeiro da parte do meu avô da parte da minha mãe e da parte do meu pai, sou herdeiro lá”... diz assim o senhor Júlio “Oh senhor Agostinho você estava bem era lá fora”... quer-se dizer, a gente não se pode queixar do que é da gente. Então se o meu filho é herdeiro no lagar, falou bem, não falou? “Vocês falaram com os herdeiros para renovar o lagar?”. “Não, que o lagar é do povo todo”, a conversa do Júlio... diz o meu filho “não, que eu saiba não é do povo todo, o lagar é de herdeiros, eu também sou herdeiro”. “Oh senhor Agostinho você estava bem era lá fora”. Portanto o meu filho para se não chatear saiu, e depois falei eu, fiquei eu falei “olha que o meu filho tem aqui mais que tu, ouviste oh Júlio, o meu filho tem aqui mais que tu, porque esta casa foi feita com dinheiro do pai dele, não foi feita com o teu”

AL: qual casa? A sede?

A sede. “Esta casa foi feita com o dinheiro do pai dele e com o meu, não foi com o teu, que tu eras da Ermida, estavas lá, e estavas bem era na Ermida, quando passaste para cá foi mau”.

AL: ena bem, tanto conflito!

E ele, foi o meu filho, o marinheiro, que o meteu na marinha... a Catarina estava lá, não gostou de ouvir “olhe que ele está aqui e não anda a pedir nada a ninguém”. “Agora não, mas já pediu, para estar na marinha teve de pedir, senão não estava lá”. Quando tenho de falar falo, e falei a verdade. E ninguém me disse o contrário. Porque o meu homem disse assim, ele andava aqui a pedir para ir para a marinha, e o meu filho já lá estava há muito e depois o pai disse “olha se metes este rapaz”, porque ele estava a estudar mas depois não tinha mais dinheiro para estudar e quis ir para a marinha

AL: mas oh dona Maria, isso são questões pessoais, isso não tem nada a ver com o baldio não é?

Mas para que é que ele chegou ao ponto de mandar o meu filho para fora?

AL: não estou a dizer que isso foi bem feito

Ah, depois ouviu-as todas

AL: pois, pois

Chegou ao ponto de ouvir aquilo que não quis. Quem diz o que quer ouve o que não quer

AL: e como é que ficou a questão do lagar?

A questão do lagar, o lagar está lá, é de herdeiros, se nós quisermos ir fazer a nossa azeitona... mas já ninguém apanha. E eu ia fazer azeitona como se fosse os meus filhos, agora ainda era eu, a seguir são eles

AL: mas... só para eu entender, o lagar era usado por quem? Só por herdeiros ou pela aldeia inteira?

Não, não, o lagar é os herdeiros que vão fazer azeitona, eles não podem mandar fazer azeitona a mais ninguém da aldeia, é os herdeiros

AL: mas o lagar quando era... agora não sei se ainda funciona, funciona?

Ele parece que agora não funciona, porque ninguém apanha

AL: mas quando funcionava era de quem?

Era dos herdeiros. Agora chegava aqui “olhe, tome conta do lagar se quer fazer a azeitona, está à sua porta, se não quer passe para a frente, passe ao vizinho da frente”

AL: que também é herdeiro...

Que também é herdeiro

AL: então o que é que é os herdeiros? Tem a ver com a família?

Ai, todos os filhos que houver, todos são herdeiros, nós deixamos o que temos

AL: não, isso eu sei, mas eu digo é, as únicas pessoas que são herdeiras são familiares, é isso?

São familiares! Os familiares é que ficam de herdeiros, não são os de fora. E então ele teve a lata de dizer, foi como se o mandasse para fora da reunião, foi a mesma coisa, e eu não me calei. Não falei diante do filho para que não houvesse zaragata. Ele saiu, mas depois falei eu

AL: pois... mas há muito essas coisinhas não há? Do pessoal que...

O pessoal chega ali aquele que tiver de... tem de falar, não é? É para isso que são as reuniões feitas, é para cada um dizer aquilo que entende

AL: claro

E eles não aceitam, quando não é a vontade deles eles não aceitam, reviram-se. Por isso é que eu já não lá vou

AL: quando diz eles está a falar de todos?

Estou a falar dos da comissão de baldios

AL: pois, pois, mas já foram várias não é, desde que a dona Maria

Já foram várias mas não era assim, agora isto é novidade, porque os velhos toda a gente escutava. Porque... o meu homem esteve lá na comissão de baldios, esteve ali o pai da Maria da Cancela, esteve o meu irmão, esteve o tio Manuel da Fonte, não havia isso

AL: isso o quê?

Essas zangações! Escutavam as pessoas. Eles, olha, faziam as reuniões “olhe nós pensamos em fazer isto e aquilo”, e o que achava que estava bem feito, falava “está bem feito”. Estes agora é assim só, eles é só para a família deles e para eles. Ainda viu agora, acho que já viu, fizeram ali um, ali à beira do cemitério, para fazer vacarias. Fizeram uma reunião para fazer as vacarias, eu não fui lá mas, sei que o Oliveira disse “oh rapazes, vós tendes muito terreno para fazer as vacarias, eu não acho bem ali à beira do cemitério”, mas os outros calaram-se, já com medo, não disseram nada. Mas eles teimaram, e foram lá fazer um

AL: mas medo de quê? É isso que eu não percebo, porque é que as pessoas têm medo de falar?

Porque... porque depois há barulho lá dentro, revoltam-se, eles revoltam-se. As pessoas falam, e eles revoltam-se quando não é a vontade deles, e depois é uma guerra lá dentro. E então, eles foram para lá clandestinos, fazer a rota para fazer... mas agora olha, o Parque não deixou

AL: fazer as vacarias?

R: mas eu acho que eles vão andar com isso para a frente

Ahn?

R: acho que eles vão andar com isso para a frente

É capaz

R: Diz que já foram medir

Mas o Parque foi o que se meteu

R [estava presente a Raquel que ajuda a Dona Maria em casa]: pois, mas o Parque se assinou um projecto agora é obrigado a dar o terreno

Ai, se assinou, mas não sei se assinou

R: diz que assinou, o contrato já está quase acabado

Não sei, eu não sei se ele assinou, na altura...

R: ao menos é o que eles dizem, a gente não sabe

AL: mas são vacarias para um produtor ou para a aldeia toda?

Não, não, é para particulares, é o Nuno e... são mais não é?

R: mas esses estão sem projecto, esse é mesmo projecto. O do Nuno já saiu e já está quase a acabar, agora tem de ter os animais e também não tem onde os meter, é obrigado a ter o barracão

Ah, pois. Ele teve de tomar conta dos animais, ah isso teve. Mas é assim, o mal é eles não escutarem, se é uma reunião é para ouvir-se o que se diz não é?

AL: mas se as pessoas não estão contentes com o que se faz, porque é que não criam uma lista ou porque é que não... há formas não é? Quando a gente não gosta do governo não vota nele, vota no outro, coisas assim que a democracia nos permite

Pois, mas a maioria é que vence não é?

AL: sim... há pouco estavam a dizer que isto é uma coisa de famílias, mas não é só uma família que está lá pois não?

São todos da família

AL: Conselho Directivo, Assembleia de Compartes?

Tudo da família. Primos, irmãos e sobrinhos, é tudo da família que lá estão. E são da minha família, ainda por cima

AL: então, devia estar a...

(RISOS)

Não, isso não, mas são da minha família

AL: eu assim de repente sei que há um que é o Luís, sei que há um que é...

Mas isso é agora que entrou este ano

AL: eu estava a falar deste ano pois...

Não, os que estavam de trás também ainda lá estão e eram da minha família. O Luís não é nada. Mas o Miguel é filho de um primo meu, portanto é da família não é? Eles que façam o que eles entenderem, só dentro deste campo é que não vai, para ali não vai

AL: então mas estava a dizer que antes era diferente, antes com os velhotes

Era porque os velhotes sabiam fazer as coisas e eram ouvidos e escutavam, e ninguém se revirava porque eles não andavam com interesses de ninguém. O povo dizia, propunham-lhes o caso, o povo dizia que está muito bem, pronto

AL: mas também eram outros tempos não eram? As pessoas estavam mais relacionadas com o baldio

Eram outros tempos, mas também era gente de respeito

AL: não, eu digo é, hoje em dia o baldio não é central, como já foi em outros tempos, pelo menos do que eu venho a ler e a falar com as pessoas. Antes o baldio era central na vida das pessoas

Antes o baldio era a floresta que mandava

AL: não, mas antes da floresta já havia vida no baldio

Antes da floresta era baldio, mas depois a floresta andou a fazer, fazia as sementeiras, e ninguém se meteu à frente, houve uma altura em que se meteram, e venceram, os vizinhos

AL: ah, então? Contra o Estado?

Pois, porque queriam semear mesmo à porta de casa onde a fazenda ia, e depois eles proibiam a fazenda, eles depois não queriam que a fazenda passasse na sementeira não é, proibiam a fazenda de cabras e de gado e tudo, e ovelhas. E perto da aldeia não deixaram semear, foi uma carta para o Salazar, parou a sementeira. Por isso o Salazar ainda fazia falta, para algumas coisas não, mas para outras

AL: oh, mas foi ele que mandou por as sementes também, não mandou só parar

Oh, mas a população queixou-se e ele ouviu o que a população disse. Pronto, agora não vale a pena queixar-se, pronto, agora não vale a pena queixar-se, eu lembro-me dessas coisas todas... agora mandam eles, pronto

AL: que outras coisas é que discorda?

Agora é o Parque e o CD. Antes o Parque cortava os pinheiros e dava a parte ao CD, agora é o CD que tem de dar ao Parque

AL: pois, mas a verdade é que a percentagem aumentou, antes tinham de dar 40% ao Parque e agora só têm de dar 20%

Não, antes era comissão de baldios, agora é conselho directivo

AL: sim, o que eu estou a dizer é que antes era... o CD estava em colaboração com o Estado na gestão da floresta, e eles decidiram acabar com isso

Mas quem cortava, eu sei porque o meu homem pedia autorização para cortar o pinheiral, se fazia falta fazer dinheiro para obras

AL: sim, o Estado cortava mas ficava com 40%

Ficava com mais do que agora

AL: ficava com mais

Agora eles andaram para aí a saber de leis e hoje é o conselho directivo. Conselho directivo, até se percebe, é directivo, portanto...

AL: ai, ai, ai, isso não é bem assim dona Maria

É directivo, é directivo! Eles agora, o Parque tem uma parte e o CD tem duas

AL: hmm, bom, o que eu sei é assim: antes já era CD, mas estava em colaboração com o Estado, já se chamava CD

Não chamava, era

AL: eu estou a dizer antes, mas já depois do 25 de Abril

Era comissão de baldios, comissão de baldios, comissão de baldios. Agora é que passou a CD

AL: segundo sei passou a CD depois do 25 de Abril, que foi em 1974

Aqui em Fafião não mudou já isso

AL: o que mudou foi: antes era em colaboração com o Estado, a gestão florestal, portanto, era isso que está a dizer, portanto, o Estado é que fazia os cortes, vendia a madeira

E dava a parte ao CD

AL: e dava uma parte ao CD, mas ficava com 40%, que é muito ahn, o Estado não fazia rigorosamente nada, a única coisa que fazia era mandar vir os cortes e ficava com 40%. Então, o que eles fizeram aqui foi, cortaram com o Estado e passaram a responsabilizar-se pelos cortes, mas agora só têm que dar 20% ao Estado, ou seja, dão menos, ganha-se mais, a aldeia ganha mais

A aldeia ganha mais, mas estraga mais

AL: estraga porquê?

Estraga porque não fazem as coisas como devem fazer, andam a estragar dinheiro

AL: mas porque é que diz isso?

Ainda agora fizeram lá em cima um largo, para quem?

AL: aonde? Eu não sei, pergunto-lhe porque não sei, estou a informar-me

Ali logo à beira do Luís, não fizeram lá um largo agora?

AL: mas foi o CD dos baldios?

Pois claro que foi! O dinheiro dos baldios

AL: não foi a JF?

Não, ali é o CD que anda. Fez um largo para quê? E sem consultar o povo

AL: pronto, isso eu acho mal, se não houve consulta anterior acho mal

Sem consultar os compartes

AL: e tem a certeza que foi sem consulta?

Que eu não vi reunião nenhuma ali, ali é o sítio das reuniões

AL: eu sei, eu sei. Mas a dona Maria também me falou que já não vai às reuniões...

Não vou mas vejo daqui da varanda, vejo-os a sair e a entrar, e eu conto bem as pessoas que entram e as que saem, que eles às vezes nem têm percentagem para aprovar as coisas e deixam para a outra vez

AL: não vão muitas pessoas é isso?

... não vão e têm de ter a percentagem de pessoas para poder aprovar, não aparecendo... mas aquilo já a família é muita, bastando aí três de cada casa, vão 3 ou 4 de cada casa e já vale. E depois também, porque eu... a mim não vieram, mas sei pelas pessoas que eles têm ido, não aparecem ali as pessoas e eles vão com um papel buscar as assinaturas de noite. Percebe? Isso lá é direito... quem queria ia lá

AL: pois... mas a mim faz-me um bocado de confusão quando as pessoas, não estou a falar da dona Maria nem de ninguém que esteja aqui presente, nem a falar em ninguém em especial. Mas faz-me confusão quando as pessoas criticam mas depois quando chega a altura de aparecer nas assembleias não aparecem

Ai eu não vou lá!

AL: pronto, mas isso para mim não faz sentido

Não vou porque já lá fui maltratada e depois

AL: mas a própria dona Maria foi quem disse que agora já são outros...

Mas aprenderam a mesma coisa, sabem todos a mesma...

AL: como é que sabe?

Sei

R: muitos ainda lá estão, não estão no princípio mas estão no fim

Claro, eles nunca saem todos, entram aí mas ficam lá os outros. Um vai... a música é assim, a música é esta: um é sou empreiteiro de obras mas não posso fazer obras para a comissão mas se sair faço, está encostado ao que está lá, portanto a música é essa

AL: já ouvi essa também

Ai já ouviu? Então não estou a mentir

AL: não, não. Mas sinceramente, é verdade que ele estará encostado a quem lá está, isso permite-lhe fazer as obras, mas eu até acho que é justo

E se tivesse presidente da comissão não podia

AL: não, mas aí era estranho, eu percebo isso

Ah, pois, mas assim fica lá dentro com o rabo na mesma, só muda

AL: mas sabe porque é que fica com o rabo? Porque as pessoas votam

R: é sempre a mesma lista

AL: sim, mas vocês se quiserem podem fazer uma lista

R: já a fizemos

Já fizeram mas eles andaram a dar 50 Euros às pessoas, coitadinhas, que são assim atrasadinhas, para votar por eles, percebeu? O mal é esse, o dinheiro está na mão deles, eles dão... então eu não sei, foram para lá para o cemitério, foram para lá para o Domingos

R: quando o meu fez a lista, o meu fez uma lista

AL: e o que é que aconteceu?

R: oh, o que é que aconteceu, andaram a comprar o pessoal todo

Andaram a comprar o pessoal, há pessoas embrulhadinhas que não sabem nada, olha à minha porta não vieram. Eles também sabem que eu que não preciso do dinheiro, mas de qualquer maneira mando nele, é meu também

AL: mas eu não percebo porque é que é assim tão interessante ser parte do CD dos baldios, aquilo é trabalho, voluntário, não pago, porque é que é assim tão importante para as pessoas lutarem dessa forma para... por um cargo assim?

Porque as pessoas que estão lá fazem para eles tudo quanto querem, os outros é que não podem, está bem?

AL: acha que eles metem ao bolso, é isso que está a dizer?

E não é só isso, é assim, tu queres ali um bocado, metes para dentro, mas aquele outro não pode meter. Isto está à vista, acolá em baixo o Camilo meteu um pedaço de terra para dentro, mas os outros não podem fazer nada. Era o pai do presidente, é meu primo, mas é pai do presidente, está bem? E isso, deve ser para todos, não deve ser só para uns.

AL: claro, mas por exemplo, quando o Marcelo fez a lista, houve eleições e tal, e perdeu, foi isso?

Perdeu porque andaram aí de volta... depois também há

R: perdeu acho que por 5 ou por 6 votos

AL: foi há muito tempo já?

R: 3 anos... 3 ou 4 anos

Foi no outro mandato atrás

AL: quando o Miguel ganhou a primeira vez?

Não, não, foi quando ganhou o Xavier

AL: ah, então já foi há mais tempo não? 4 anos talvez

Eles andaram... o Orlando também deu ao lamiré, eles andavam feitos com ele a saber as pessoas que estavam a votar por estes. Pronto, eles apanharam aí. Depois foram àquela porta, e àquela porta “dou-te tanto se fores votar por nós, olha que não te vai faltar nada” e tal

AL: mas isso soube como? Como é que as pessoas souberam disso?

R: ah, as pessoas comentam

As pessoas dizem, aqueles atrasadinhos que lhes deram o dinheiro, eles “ah, eu votei, votei, ele diz que me fazia isto, que me fazia a calceta, que me dava tanto dinheiro” e eles... os atrasados, porque se fossem finos não diziam, calavam-se, por cima é vergonha. Não é? Olhe a mim não me vieram chamar, eles sabem que eu que não preciso

AL: mas, por exemplo, o que é que era assim tão diferente no tempo do seu marido?

Toda a gente sabe, não é só eu que sei, toda a gente sabe, fartam-se de dizer “ai, no tempo em que os velhos, que já morreram, estavam na comissão estava tudo

direitinho, agora não há respeito”. Pois não. Nunca se ouviu barulho dentro da reunião, porque agora faltam ao respeito às pessoas velhas, eu não encarrilo com esta gente

AL: e antes de eles fazerem parte do CD dava-se bem com eles?

Eu dava-me bem, “boa tarde” “bom dia”, agora, numa altura, aqui este largo tinha aqui umas oliveiras, ainda para saber mais vai saber esta, tínhamos aqui umas oliveiras que já eram centenárias, e eles tentaram, que queriam fazer o largo, tirar as oliveiras do largo, e... tinha um artigo, tenho um artigo nas Finanças, ainda lá está, para pagar a finta às Finanças não é, e eles tentaram que haviam de tirar as oliveiras, e porque não tiraram aquelas ali em baixo e aquelas ali por cima? Haviam de ter o mesmo direito. Teimaram com o meu homem, que ainda foi mais depressa para debaixo da terra porque cismavam com ele, para tirar as oliveiras. E eles até tiveram a lata de dizer assim para o meu homem: “oh senhor António, você havia de pôr as suas oliveiras no nome da comissão de baldios”. E ele como era assim uma pessoa sossegada, calou-se, nem a mim mo disse, mas foi dizer em casa do meu irmão e a minha cunhada disse-mo. Digo assim “quê? Eles estão malucos! Eles não sabem que o meu homem nem é viúvo, nem é solteiro, nem é divorciado?! Tem mulher!”, não podia fazer tudo por ele. Acha ou não?

AL: ah, já percebi!

Ah! Eu sou velha mas não sou tola! Pronto, ele calou-se e as oliveiras ali ficaram. Numa altura lembraram-se de noite as vir cortar, com raízes e tudo, já o meu homem tinha morrido. Eles lembraram-se de fazer aquilo, mas era trabalho que eles fizessem sem... nós não tínhamos direito àquilo que é nosso, aquilo não era monte baldio, aquilo era com a Câmara ou com a Junta, não era com a comissão de baldios, portanto eu acho que tenho razão para estar revoltada, e revolto-me, e aquelas pessoas não falam mais para mim! E também eram da família

AL: portanto, quando fala “daquelas pessoas”, está a falar de todas aquelas famílias é isso?

Aquelas famílias que são minhas, são minhas as famílias até. Portanto... depois ficaram ali umas pedras onde estavam as oliveiras, fugiram com as oliveiras de noite porque não estava aqui ninguém... estava eu mas estava na cama a dormir. Quem vai roubar vai roubar de noite não é? De dia não foram para ali. Depois vieram para tirar as pedras e não tiraram pedra nenhuma “saia daí senão dou-lhe dois pontapés que a arrebento!” ... Percebeu? Acha que eu devo estar de bem com essa gente? O Xavier meteu-se ali à minha frente... Eu disse-lhe “olha, sai-me lá para trás olha que senão assino-te”. Para tirar as pedras mandaram vir a GNR, a GNR prendeu-me, nem assim! Nem assim ficaram sem levar umas pedradas, eu meti-me à frente da GNR. A GNR não tinha nada que ir proteger ladroes! Acha bem? Acha que a GNR devia impor respeito, ou segurar o dono das oliveiras para eles roubarem? [...] e depois a Câmara

ainda teve o bom-senso de pagar as oliveiras, mas não pagou mais nada, e eles roubaram as oliveiras, levaram-nas e fizeram o que eles quiseram, percebe? E ainda mandaram vir a GNR. O meu filho ainda foi saber a Montalegre quais foram os guardas que vieram para aqui segurar a mãe para ele roubar. E eles disseram “não, não foi de Montalegre, foram de Vila Real”. Portanto, a gente tendo razão não há quem lha tire! Podem vir, mas eu não assino nada para eles, nada, nem pouco nem muito! Porque antes não acontecia isso, já se viu? Então as oliveiras, já o meu homem as herdou da mãe dele e do pai dele, já a minha sogra tinha herdado do pai dela, aquilo eram centenárias! E nunca estorvaram para nada e agora estorvavam? Isso era a bem, não era a mal

[continua a mesma conversa... diz também que se ela tivesse acordada quando eles vieram que os matava a todos à pedrada!]

AL: e isso foi a comissão de baldios?

Então os que vieram tirar as pedras eram da comissão de baldios diante de mim, quem faz uma faz um cento. Se eles foram... foram eles que chamaram a guarda e vieram tirar ali as pedras, foram os que fizeram, e os canhotos que ainda estavam ali. Quem fez essa foi quem cortou as oliveiras. Vieram-nas roubar, não foi outra coisa. A Câmara não foi que as roubou, a Câmara pagou-as porque o meu filho andou de volta da Câmara, porque era a Câmara que tinha de expropriar, não era os baldios, os baldios é lá fora da aldeia, não é dentro da aldeia

AL: pois, por isso é que eu acho estranho que sejam os baldios

Ah, mas são eles, que se metem em tudo. São eles que se metem naquilo que não devem, por isso, eu, o que tenho a dizer, a verdade é sempre para a frente. Malandros! São uns malandros que aí andam!

AL: pois, olhe, não sei. Não sei como as coisas aconteceram. Mas às vezes ser a mesma pessoa não quer dizer que seja a instituição baldio que esteja por trás, pode estar a trabalhar para a Câmara, pode estar a trabalhar para a Junta, não sei. Lá porque era o Xavier não quer dizer que seja a Assembleia de Compartes que está ali representada

Porque o Xavier era o presidente da comissão de baldios

AL: sim, sim, mas isso não quer dizer que quando ele está ali a fazer isso esteja ali como presidente do CD dos baldios, pode estar como outra coisa qualquer

Não, então como é que... tinha de mostrar um alvará carago. O meu marido esteve na comissão de baldios, esteve cabo de ordem, que ainda não havia comissões, era cabo de ordem comandados pela JF, mas tinha alvará, que eu ainda o tenho ali. Tinha um alvará para fazer trabalhos. Não estava a fazer trabalhos pela cabeça dele

[repete as mesmas ideias]

AL: quantas eram as oliveiras?

As oliveiras eram 7. Já tinham ali dado 3 cântaros de azeite, aquelas oliveiras. E depois também tinham vides, vinho... então, eles não tinham que mexer naquilo que não lhes era dado. Se era o presidente da Câmara que vinha ali falar com a gente, agora a comissão de baldios? Que eu saiba a comissão de baldios manda lá fora, não manda cá dentro da aldeia

AL: manda lá fora aonde?

No baldio, no terreno baldio. Aqui dentro da aldeia é o... público

AL: é a Junta

É público! Queriam fazer um largo para a festa... a festa foi sempre feita ali, toda a vida, ainda eu era menina solteira, foi feita sempre nesse largo, e as oliveiras nunca estorvaram. O meu homem já as herdou, ele não as plantou, a mãe dele já as tinha herdado. Por isso, para mim aquela gente está banida para toda a vida, e para o meu filho na mesma, porque ele, já tínhamos dividido, já era do meu engenheiro as oliveiras. Eles são umas merdas, coitadinhos, são para aí umas merdas que aí andam. Se eles tivessem o poder que os meus filhos têm ninguém cabia por eles. Mas eles sabem viver, os meus filhos sabem viver

AL: mas por exemplo, quando lá estava o Gouveia, o Bruno, e assim

Pois, esses é que disseram ao meu homem para pôr as oliveiras em nome deles, já vem daí, em nome da comissão de baldios. Já queriam fazer zangar aqui o meu homem mais eu, porque eu não autorizava não é? Já se sabe que ele não era sozinho que mandava. Isto aqui era uma gente atrevida, porque eles já sabiam que em casa deles também não queriam fazer negócios as mulheres deles sem eles, não é? Portanto... esse Bruno... esse Bruno é um melro! Foi sempre um melro... falas mansinhas, mas não lhe adiantou porque eu conheci-lhe a treta dele. Depois trouxe os outros novos, para os outros lugares.

AL: para os outros quê?

Para os novos... porque depois entraram os outros novos, eles saíram. E eles é que andaram a acossar os outros por causa das oliveiras, porque para eles darem voltas aí ao rabo, porque eles sabem que não cabiam, não cabiam com as oliveiras. E eu só vendia se queria, porque eu não precisava do dinheiro, não era obrigada a vender, não é? Porque eles, não era o terreno deles senão também não queriam vender não é? Olhe, para mim aquela gentinha varreu-se, varreu para sempre! Mas a mim fizeram-me essa à revelia, mas às outras pessoas não fizeram e eles também não vão à reunião! Eles traem as pessoas todas, andam para aí a fazer o que querem, porque “aquele tapa, mas aquele não... fui eu que lho dei”, eles têm autoridade de dar o baldio?! Eles não têm autoridade de dar o baldio a ninguém

AL: mas quem é que deu o baldio? Agora não percebi...

Dizem eles, os da comissão, dizem eles “ah, eu é que dei”, eles podem dar o baldio a alguém?

AL: ah, bom, acho que já estou a perceber o que está a dizer, isso tem a ver com aquela área para cada produtor?

Claro.

AL: isso não é dar, o que eles fazem é atribuir um número x de hectares a cada produtor para poderem aceder aos subsídios, mas isso fazem em todos os baldios, não é só aqui... mas isso é bom

Mas eles estão a pôr os baldios para dentro, e fazem campos deles

AL: não...

Então não está aqui à beira do cemitério?!

AL: não, mas o que eu estou a dizer não é isso. O que eu estou a dizer é outra coisa, é aquela questão de uma pessoa que não tem terreno suficiente para ter animais, pode usar a área do baldio, mas é teórico, eles não vão mesmo pôr uma vacaria no baldio ou o que for, não, o que acontece é que para preencher os papéis para se candidatarem aos subsídios

Mas não foi a Joana que fez, a Joana não foi quem lhe deu isso

AL: a quem?

Os hectares, não foi ela. Eles fizeram o projecto ali para Salto, com outra

AL: mas quem?

Não, os que têm os projectos para o baldio, para as vacarias, não foi feito na Joana

AL: ah, eu estou a falar de outra coisa então. Não sei...

Não, não foi feito na Joana

AL: mas de que é que está a falar, o que é isso das vacarias de Salto?

Foi um engenheiro de Salto que lhe assinou o projecto

AL: mas a quem?

O Cristiano [o que tem o projecto das vacarias ao pé do cemitério]

AL: ah... e está a dizer que deram o baldio?

Claro, pois aquilo é baldio, não é deles, é de nós todos

AL: onde é que é baldio, ali ao pé do cemitério?

Sim, e em todo o lado fora da aldeia, é tudo baldio, e é de nós todos

Sim, mas vocês importam-se que alguém faça vacaria ali?

Ali não é sítio de se fazer vacarias, adonde estão os nossos mortos?!

AL: por ser o cemitério

Pois claro. Então, se lhe disseram que fossem mais para diante, mas eles respondem assim “ai, a gente não vai agora lá mais para longe, agora que vimos para velhos, para ir levar de comer ao gado...” e então?! Tem estrada... então, querem é à beira de casa. Mas têm lá os pais deles também dentro do cemitério, não têm vergonha... olha que realmente ali à beira do cemitério, gado a ruidar, gado a cheirar mal, vem um funeral grande, gente de fora, é uma vergonha não é? Eu acho que está à vista

AL: mas essas coisas... vocês disseram que não concordavam e agora já não vai ser lá não é?

Não sei, estão a pedir para assinar, não sei. Eu não assino, para lá pôr a vacaria adonde tenho o meu pai, a minha mãe e os meus avós... eu não assino!

AL: pois... e na altura da florestação como é que era? A relação com o baldio

Na altura... a floresta nunca fez assim, a floresta semeava, plantava, mas não era aqui, aqui estava tudo arborizado já, não aqui, de volta do cemitério, até lá abaixo, não andou floresta! Já estava o terreno arborizado pela natureza não é

AL: os pinheiros?

Os pinheiros estavam... os pinheiros, que a gente, andava-se a fazer os caminhos do povo, que o meu homem avisava “nós amanhã vamos fazer o caminho para ali para o monte”, para se ir buscar mato, lenha, assim

AL: mas os pinheiros vieram só com a floresta não foi?

Não, não, aqueles pinheirinhos já ali estavam. E depois o meu homem dizia assim “vocês não cortam pinheiros, não cortem pinheirinhos, deixem-nos ficar, aos pinheiros, e rocem mato para botar o caminho, para botar terra por cima” que eram os caminhos do monte. E a gente poupou-os, não é, e depois de uns nasceram os outros, a semente ia pelo ar, não é, não havia pinheiros que a floresta plantasse aqui para baixo, para baixo da aldeia, era só para cima

AL: então como é que aqueles pinheiros foram ali parar?

Era por semente que caía da pinha, pegavam, e a gente poupava-os, não os cortava, a roçar. Andava-se a roçar no monte, o meu homem até dizia assim “cuidado, pode

estar aí um pinheirinho novo, deixa-o ficar”. Não se cortavam, poupavam-se. Depois uns ajudaram os outros

AL: eu tinha a ideia que não havia cá pinheiro antes de haver a floresta

Havia, havia, os pinheiros deste lado já os havia. Aqui por exemplo, para o lado do cemitério, aqui de fora da quelha, chamamos nós a quelha, aqui, por aí abaixo os pinheiros não foram semeados, foi a natureza. A floresta foi para ali, para cima, e lá para diante, quem vai para Pincães, por baixo, isso foi semeado. Mas para aqui não, aqui já havia. Eu só me lembra de um pinheirinho, acolá por cima da estrada, de quem vai para Pincães, lá em cima no alto, lembro-me lá de um pinheirinho, veja lá, que se via de longe aquele pinheiro sozinho. Depois aquele pinheiro levou a semente, o vento levou a semente, nasceram mais, mesmo aqui, logo aqui já do lugar para diante, por cima da estrada, foi a natureza pronto. Agora para baixo, quem vai para diante, lá para Pincães, mesmo além, onde tem os carvalhais, esses já foram semeados

AL: e na altura houve problemas não? As pessoas não gostaram muito

Mas não era lá! Não foi para esse lado que houve problemas. Para escrever ao Salazar o problema foi aqui, aqui à beira do Fojo do Lobo, por aí adiante. Aquele por cima da ponte, todo aquele monte por cima da ponte

AL: qual ponte? Ah, a ponte do Rio Toco?

Sim... por cima, esses é que foram semeados. E nessa altura pararam, mas depois tornaram... o Salazar morreu. Depois de dar os pinhões, o Salazar morreu, senão não... eu sou desse tempo todo, lembro-me disso tudo

AL: mas houve muita contestação?

Não foi preciso muita! Não foi preciso muita, juntaram-se aí uns poucos “epa, eles vêm botar os pinhões aqui mesmo aqui, fora da aldeia já, que a gente vai a sair com as cabras e elas vão logo comer os pinheiros e apanhamos multa! Temos de escrever ao Salazar. Mas foi em segredo, arranjou-se aí uma bote, naquele tempo os velhos não sabiam ler, o meu homem não sabia uma letra, os outros também eram iguais, mas tinha aí um primo meu que era da guarda-fiscal, que era um tipo bom para escrever, e eles juntaram-se uns 3 ou 4, chamaram o meu primo e ele é que fez a carta. E eles disseram o que queriam, diziam-lhe o que queriam, e ele pôs na carta aquilo que eles mandaram. E depois ainda me chamaram a mim para a levar para o correio geral em Vieira do Minho, eu também não sabia se aquilo ia dar fraco resultado não é? Levei a carta...

AL: e a dona Maria tinha o quê? 18 anos na altura?

Não, já era casada. Já tinha uma filha, já tinha a mais velha. E o meu homem disse assim “Vais, amanhã vais a Vieira, levas esta carta e registas esta carta no correio

geral, e pedes um recibo de recepção”. E eu cheguei lá e disse assim “olhe, faz favor, eu vinha para registar esta carta”, mas em nome do Salazar não é... “eu vinha para registar esta carta, com aviso de recepção”. “Você sabe no que se está a meter?”. “Eu não, mas não tem mal nenhum!”. “Parece-lhe... parece-lhe...”. Digo “então porquê?”. Diz “você tem de arranjar quem assine essa carta, esse recibo, tem de arranjar quem assine”. “Então eu não posso assinar?” “Não, você não pode assinar”. “Pode assinar o senhor” diz ele assim “não, eu não me meto nessa!”. E eu “grande coisa!”. “Então você não sabe que essa carta é para o Salazar?”. “E que tem isso?”. Diz ele “ah, não, eu não me meto nisso, arranje lá quem você quiser para assinar aqui o recibo”. Digo assim “está bem, eu vou arranjar”. Saí, fui ali a um sítio que tinha lá um senhor que eu sabia que estava lá numa loja que já tinha comido e bebido aqui em minha casa e eu conhecia-o. Disse “olhe você não me faz um favor” “diga minha senhora, só se não puder” “não me assina ali uma carta no correio, para assinar o recibo?”. Diz ele assim “vou já”. Veio, chegou lá diz ele assim “então onde é que está o recibo para assinar que é por causa desta senhora meter uma carta no correio?”. Diz o do correio “tu sabes o que vais fazer? É que a carta vai para o Salazar”. “Vá para o caralho até”, diz ele, “eu assino o recibo à mulher e tu não tens nada com isso”

AL: (RISOS) e não podia ser a dona Maria a assinar?

Não, não quis que fosse eu. E o homem assinou

AL: ele é que não quis?

O homem do correio não quis

AL: porquê?

Não sei...”Então eu arranjo já” ... pensou ele que eu que não arranjava, que tinha de vir a Fafião buscar gente, não saí de Vieira! [repete a história]

[...]

Ao outro dia já cá estava o aviso de recepção. “O seu pedido está em estudo”. Mas os pinhões não foram para a terra, ficaram aí no lagar... Portanto ele proibiu logo. Porque ele falou para a presidência não é...

AL: e não havia aqui um guarda-florestal?

Havia guarda-florestal, mas o guarda-florestal não tinha... o guarda-florestal metia-se era a semear pinhões. O guarda-florestal e o pessoal, precisava era de andar a ganhar dinheiro

AL: ele... vocês davam-se bem com ele ou

Não, nós dávamo-nos bem

AL: era? Ele tinha uma boa relação com a comunidade?

Não, dava-se muito bem. Ele apenas foi avisado para não semear os pinhões... parou. Eles sabem lá quem levou a carta?! Eles não sabem quem levou a carta, a carta apareceu lá, o recibo ainda aí anda, ainda aí está, sei que era um recibinho cor-de-rosa

AL: sabe em que ano é que isso foi?

Ai, aos anos que vai... aos anos que vai, eu já estou casada aqui, nesta casa, há 63 anos, eu tinha a minha filha pequena, a mais velha, isso já vai para aí há 59 ou mais

AL: pois... então isso quer dizer que...

Valeu! Quer dizer que valeu!

AL: Foi nos anos 60.... Ou fim dos 50's, 1957... por aí

Talvez, sei que adiantou, valeu. E os pinhões ficaram aí, só depois mais tarde é que, pronto, o Salazar já tinha morrido, e eles semearam-nos. Mas também esses pinheiros já foram todos, até pelo lume já foram.

AL: mas portanto, não havia uma grande conflito entre a população e...

Não, ninguém soube da... juntaram-se aqueles 3 ou 4, fizeram a carta para o Salazar e valeu

AL: pois... mas eu digo mesmo conflito, por exemplo, quando a floresta entrou e disseram "olhem, agora vocês vão ter de parar de pastar os animais, agora as coisas vão ser diferentes..."

Ai houve, houve, ainda houve, porque ainda foi muita gente multada, os animais... e taparam o caminho... taparam o caminho, quer-se dizer, depois de ser o primeiro multado já não metiam a fazenda por lá, passavam ali acima da ponte naquele morro do penedo, chamamos-lhe nós o Teto. Pronto, era por onde a rês subia, a vezeira da rês ia por ali, mas eles, pondo os pinheiros logo acima do morro de penedos, oh, claro, não se podia passar com a rês para cima para o monte.... Tivemos de fazer uma ponte, os vizinhos, acolá em cima, quem vai ali pelo outro lado, que chamam o poço verde, fizeram a passagem por lá para a rês passar... fora da floresta, porque alguns foram multados

AL: e as pessoas não se revoltavam, como é que era?

Coitados, eles tinham de pagar a multa ali não havia como fugir. Houve um senhor que foi... tínhamos a vezeira da serra, a vezeira do monte, do gado... lá em cima no monte não é, ela sobe em maio e só vai descer, quando quiser descer, senão deixam-na lá ficar... guardado só anda até ao dia 29, até quinta-feira... guardado só anda até ao dia 29 [de setembro], e subiu em maio. Agora se o quiserem lá deixar, deixam-no à suíça não é. e então, houve um senhor que era mesmo vizinho aqui nosso, era ali

daquela casa, e o outro vizinho estava do lado de lá, e coitado, estava na vezeira a guardar o gado e o gado fugiu para a floresta. E a floresta, os guardas multaram-no, e ele não queria pagar a multa. Que o gado que não era dele e que não pagava a multa

AL: e não era dele mesmo?

Não, era de todos

AL: ah, era a vezeira...? Sim, sim

Mas ele é que estava a guardar o gado, e depois nós tínhamos a vezeira junta do gado mais os da Ermida... era, o boi das vacas ia para lá quando era a vezeira deles, mesmo no inverno e tudo, vinha para os campos comer aqui e ia comer à Ermida, e iam fazer uma reunião ali para perto do Taiti, do lado de cá, é onde é a extrema do monte, em Terras do Bouro, pronto. Os da Ermida vinham para ali e nós íamos para lá, e eles mandavam uma resposta que havia uma reunião

AL: mas portanto, a vezeira era junta entre a Ermida e Fafião...

Sim, agora acabou porque eles também andaram aí a pegar-se uns com os outros no tribunal à conta do monte e desavieram-se. E então eu era casada há pouco tempo aqui, estava casada há pouco tempo, tinha a mocita pequena, e a minha sogra, eu estava a viver com a minha sogra, e avisaram a minha sogra para ir lá, que era um domingo a reunião. E diz ela assim “olha vais lá tu Maria, à reunião?”. “E porque é que não vai o seu filho?”. Diz ela assim “ah, porque ele tem de ir a Cabril” não sei quê, não sei que mais. “Porra, mas é de homens ou de mulheres a reunião? Eu acho que é dos homens! Que é da vezeira”. E diz ela “oh, mas vai lá tu, vai lá tu que ele tem de ir a Cabril”. Pronto, fui eu, era nova podia andar bem, a gente ia a pé. E fui eu... e esse senhor, que estava... e há um livro, há um livro de actas, uma acta, com as coisas que cada um tem de assumir, da vezeira, o livro é da vezeira... e chegaram lá... e o outro também foi ouvir a reunião, foi ele que fez o delito não é, e que não queria pagar a multa. E depois o da Ermida era assim “ah, é preciso ler o livro que é para se saber o que está aí, está aí o que há direito e o que não há direito”... e estava o meu irmão também, estava na casa do meu pai, eu casei e saí, o meu irmão também tinha lá gado na vezeira e foi também à reunião. E dizem assim os da Ermida “então quem é que lê o livro?”. Diz assim o [?] “está aqui o meu irmão, vocês não lêem”... os da Ermida não sabiam ler, eram todos velhos. Diz assim o meu irmão “ah, eu sei pouco, eu sei pouco ler”. Diz assim uma senhora que estava, era uma mulher que era viúva e tinha também lá as vacas, diz assim “oh Maria, lê tu o livro”. Digo eu assim “eu não leio porque há homens, se não houvesse homens lia, assim estão aqui homens, também eu sozinha de mulher e sou eu que vou ler o livro”. Tinha medo que o homem também ficasse a mal comigo sabe

AL: qual homem?

O da vezeira, o que estava agarrado

AL: ah, sim, sentia que a culpa era sua ou assim

Claro. E diz assim a mulher “até era bonito leres tu o livro e os homens não saberem ler, até era bonito”. Digo assim “pronto, teimais comigo eu leio o livro. Eu vou ler o que aqui está, vocês estejam atentos que eu vou ler”. Eu li o livro. E dizia ele “o delito que estiver na vezeira pela mão daquele senhor, é ele que tem de pagar o prejuízo”, era o que o livro dizia. Portanto, os que estão em casa não podem estar a guardar o gado, o que está lá é que tem de guardar o gado não é? É que está bom de ver, se ele concordasse também não era preciso ler o livro, não é? Porque realmente os que estão a trabalhar nos campos não estão a guardar a vezeira na serra, e ele era o que estava a guardar a vezeira e era o que deixou ir o gado à floresta... tinha de assumir. Mas não queria assumir, e no livro estava marcado que no dia que está lá [a guardar o gado na vezeira] o vezeireiro é que tem de assumir os prejuízos. Pronto, eu li o que estava no livro, não pus lá nada

AL: e depois como é que foi?

Eu digo assim “olha, contentes que não estejam, eu só li o que estava no livro”. E eles todos a bater as palmas “leste muito bem, é assim como é”

AL: claro, eles não queriam era pagar, o único que não bateu palmas foi ele

“Todos sabem, todos sabem, agora calhou a este mas pode calhar a outro, que tem de assumir o que o gado fizer, porque os que estão em casa não somos os que estamos a guardar o gado”. Pronto... e eu olhe, fiquei bem vista, só li o que lá está

AL: e o homem teve que pagar?

E o homem teve que pagar a multa da floresta. E o gado não comeu nada, só comeu a pontinha de um pinheiro, não comeu nada, mas pronto, os guardas estavam a fazer o trabalho deles, os guardas da floresta. E então... eu lembro-me destas coisas todas, mas eu não queria ler porque achava que no meio daqueles homens todos, ir ler o livro e os homens ficarem de lado, eu achava isso... eu só tenho a terceira classe, mas desenrasquei, eu só li o que lá estava. E é assim olhe, a floresta atacava aqui o pessoal, com tantas cabras como havia, e gado e ovelhas e cabritos e tudo, até era uma prisão, floresta mesmo à beirinha da porta de casa

AL: pois, e as coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas, ou

Não, agora, claro, plantaram os pinheiros, semearam-nos, que eles foram semeados. E eles nasceram bem, e medraram e já foram queimados e já brotou no meu tempo, e eu já tenho 83... os pinheiros medraram, mas agora já foi o lume e já foram embora

AL: e nunca houve esse tipo de luta, tipo a malta daqui revoltar-se e queimar a floresta, estragar as sementeiras

Não se sabe quem faz o mal

AL: sim, eu digo mesmo no tempo da floresta

No tempo da floresta faziam trinta por uma linha, o meu homem andou a semear, porque era ele que estava encarregue pelo povo, e eles cortavam os pinheiros assim por cima e deixavam-nos ficar no chão, mesmo a fazer pouco, ali nos caminhos

AL: porque estavam contra a floresta, é isso?

Estavam contra a floresta, mas quem é que os via? Ninguém os via fazer aquele trabalho

AL: e o seu marido era responsável pelo quê?

O meu marido, chegava aqui o [?] “oh senhor António, vocês foram fazer um caminho, estão pinheiros cortados assim e assim, e você é que sabe quem os cortou”. E ele “não, à minha frente ninguém cortou pinheiros”. E diz ele “olhe, mas eu vou dar parte de você” “olhe, não adianta que eu não vi, o que eu não vi não sei”. Disse ele “mas diga-me que é que foi que os cortou, você não é castigado”, o meu homem também era teso, “diga quem os cortou que nós metemo-los a eles”. “Vocês podem meter quem vocês quiserem, que eu lhes diga o nome deles não, que eu não sei quem foi”. E eles então, ele safou-se sempre, e nem sabia não é, eles também [?] por ele. Cortavam os pinheiros e deixavam-nos assim, os guardas também sabiam “então você diz que eles estavam a cortar” e ele dizia assim “traz cá um garfo para enxertar”, à minha frente não foi isso, dizia o meu homem “à minha frente não disseram isso”. E lá se safou, porque se calhar até ouviu isso não é, mas diz “À minha frente não se passa isso, não senhor guarda, isso não. Eu não os prendo de noite, eles andam aí às soltas”

AL: mas qual era a função do seu marido?

Naquela altura era cabo de ordens, quando mandava arranjar os caminhos, era só para zelar os caminhos e

AL: da floresta?

Naquela altura era a Junta de Freguesia que o metia, que era para zelar a aldeia, a JF estava em Cabril

AL: ah, portanto não tem nada a ver com a floresta isso do cabo de ordens

Não, não tinha nada a ver com a floresta. Depois quando foi já da comissão, então já era a floresta

AL: espere, quando era comissão de baldios já era floresta, foi isso que disse?

Já era floresta, já era floresta na comissão de baldios. Era a floresta e depois veio o Parque, mas primeiro era a floresta. Nós até queríamos fazer um furo no monte, lá para um campo que temos lá adiante, e não nos queriam deixar

AL: quem?

Os herdeiros de umas poças, entendiam que aquela água que ia para as poças. Mas aquilo estava tão feio que nunca foi para as poças. Para cima de umas poças eles estavam na serra, mas aquilo tinha tantos tojos, tantas silvas, ninguém lá ia dentro daquilo, e o meu homem sabia que havia lá um nascentezito e tínhamos lá uma terra que fechámos lá no baldio, com a comissão fabriqueira, comprámos à comissão fabriqueira que era em Cabril, foi um terreno que deram para a igreja

AL: que deram para a igreja?

Terreno que a Junta deu para recuperar a igreja, a igreja também é nossa não é, e eles pronto, venderam aquele terreno e puseram em hasta pública um arremate

AL: ah, ok, com o dinheiro é que iam recuperar a igreja, é isso?

Pois, foi para recuperar a igreja, e avisaram a freguesia toda e o meu homem também foi lá e comprou 3000 metros, e depois mais tarde tornou a comprar mais 2000 metros, temos lá 5000 metros

AL: e isso era baldio, mas a JF estava a vender partes do baldio

Era baldio, mas foi a JF que tirou terrenos para vender para a igreja, qualquer aldeia não é, calhou aqui em Fafião também, e o meu homem comprou aquele terreno. Mas depois aquele terreno era no monte e não tinha água. Mas depois estava lá um nascente que era um nascente que estava no meio de tojos e de silvas, e a gente sabia e meteu um requerimento à floresta para minar aquele sítio, e depois as pessoas invejosas, porque aquilo não estava a regar, não estava a regar nada, pessoas invejosas não nos queriam deixar tirar de lá água. E depois um rondista da floresta, era ali de Pincães, era o que andava a rondar o monte, e eles foram lá um dia de noite e queimaram. Mas nós já lá tínhamos levado um advogado para ver aquele sítio que não estava explorado, e o advogado disse “não, vocês têm direito, ou vocês ou o primeiro que viesse, têm direito que isto não está explorado”, mas fomos nós que metemos o requerimento, e depois eles davam-nos razão, um tal Rodrigues de Montalegre que era o regente da floresta, dava-nos razão. Os dos campos não, que não tínhamos razão. Não tínhamos razão e queriam para lá ir, mas como não entravam, com as silvas nem com os tojos, tocaram fogo, para poderem ir. Então o tal rondista da floresta trabalhava de noite e de dia, para nós, que era para ver se os apanhava lá, porque sabia que aquilo não tinha razão de ser, e ele sempre olhou pelo terreno, que não fosse lá ninguém minar porque estava, o requerimento estava legal já, já tínhamos o requerimento na mão para podermos fazer o trabalho, mas eles, os dos campos, não deixavam. O meu homem obrigou-se a ir para lá guardar aquilo, metemos a mangueira, e mais o meu primo, que era para nós e para ele, que também tinha o campo à beira, de noite com a caçadeira para lá guardar. Porquê? Porque eles iam-nos cortar a mangueira, e que não mandavam na floresta... eles não mandavam, ninguém mandava, quem mandava era o... a floresta, o regente, e os rondistas e os

guardas, nós tínhamos o requerimento na mão passado por eles, se eles viam que nós não tínhamos razão não nos passavam, é uma gente invejosa. E depois metemos água, para agora não estar lá ninguém a trabalhar aquilo, mas está lá, mas está lá... e veja lá o que a gente passava. Porque o meu homem era daquele, era cabo de ordens, e naquela altura já era da comissão de baldios. Mas não podia fazer nada sem as pessoas autorizarem, sem ser autorizado. Mas agora pode não ser autorizado mas eles fazem, fazem trinta por uma linha. E é por isso que... é muito bonito o respeito. Havendo respeito há tudo, não havendo respeito não há nada

AL: pois... não sei. Mas antes de haver essa questão das oliveiras que deu conflito, antes disso já havia algum conflito entre vocês ou

Não, a gente, com estes novos não havia nada. Os outros é que, andavam de roda a ver se tiravam as oliveiras. E o meu homem não ia de acordo de tirar as oliveiras, porque se eles as herdou, tinha-as herdado não as plantou. E depois eles saíram, passaram para outros para se [?] nos outros, mandaram os outros tirar as oliveiras. Eles andavam de roda, um foi até a casa do meu filho. Davam 50 contos só para sair um, era só para sair uma... era só para sair uma, para passar estrada por um lado e pelo outro. E eu assim “o que eles querem é tirar só uma António, já depois tens que tirar as outras todas, porque ficam a fazer ali feio no meio”. Porque aquilo era todo em rodo, eram um retiro que nós tínhamos ali dentro... era um retiro, que aquilo era antigo. Até se lá punha mato para se fazer estrume para as terras, antigamente. Antes da festa limpava-se o mato para se fazer a festa, o estrume. Mas eles cismaram, pronto. Mas eu nunca me passou pela cabeça que eles fossem cortar as oliveiras sem ordem, mas foram, num sábado... em vésperas da festa, estavam as oliveiras todas de manhã de pernas ao ar. Fomos para a guarda para a Venda Nova, só que não vimos quem foi. A gente não pode dizer quem é que não viu não é? Só agora mais tarde é que vi que foram os mesmos que cortaram as oliveiras foram os que vieram tirar o raizeiro das oliveiras, e na minha frente. Mas não os deixei tirar

AL: o que é raizeiros?

É a raiz das oliveiras, os trepos, que aquilo é canhotos, grandes canhotos. E depois eu digo assim “não tocais!”. Eu estava lá, eu estava ali, veio o tal filho do Camilo, o Xavier com a maquineta de arrastar, para meter por baixo das pedras para tirar as pedras, e depois tirar os canhotos. “Onde é que tu vais?”. “Você saia daí que eu dou-lhe dois pontapés que a arrebento”. “Então tens de dar, então tens de dar, que não saís daqui com o que é meu, tu que não tens aqui nada, vai lá para o fundo do lugar, vai para a beira da capela, é a tua casa, não tens aqui nada”. E ele “não sai hoje sai amanhã”. Você acha que eu havia de gostar daquela gente? Ao outro dia também estava ali, vieram os guardas, vieram eles primeiro “não venhas que não tireis!”, digo “daqui não sai nada sem ser pago e bem pago”. E vêm os guardas, a conversar comigo “olhe, os senhores ponham-se a andar faz favor, ponham-se a andar que eu não os quero ver cá, ou vocês vêm para ajudar a roubar também?

AL: e já tinham cortado nessa altura?

As oliveiras já tinham ido, só estavam ali os troncos do chão. Mas eles não se alteraram comigo, eu disse-lhes tudo quanto quis, tudo quanto me veio à cabeça, disse-lhes tudo, eu sentia a razão em mim. E eles diziam assim “deixe lá, eles pagam isso”. “Pagarem é antes de cortar, não era agora, agora que eles não sabem o que lhes vou levar. Então? Não se vê as árvores, agora não se vê as árvores! E vocês vêm para ajudar a roubar também? Olhe que eu outra nunca vi, os guardas a ajudar a roubar os ladrões!”. Disse-lhes tudo. Vem um com a motosserra ainda para acabar de cortar um tronco, até deves conhecer se calhar, é o pai de uma da comissão, da Lúcia

AL: como se chama?

É o Francisco. E ele vinha com a motosserra digo assim, os guardas descuidaram-se um bocadinho, eu vou falando, e ela “pras” “oh, a senhora diz que me quer matar”. “Eu quero-te matar! Eu não te quero assinar, eu quero-te matar!” Disse eu assim virada para ele. Os guardas prenderam-me logo a mão e eu... passei-lhe os dentes, passei-lhe os dentes, ele não tinha nada que me prender, naquilo que é meu

AL: e ia para o Francisco como? Com uma...

Com a motosserra para cortar os trepos que estavam das oliveiras

AL: mas a dona Maria queria matá-lo como?

Com a banguela!

AL: o que é isso?

A minha banguela de andar

AL: ah, a bengala. E eu fui logo com ela para lhe dar na cabeça, e ele assim “oh minha senhora, cuidado!”. E eu assim “eu só te quero matar, não te quero assinar, quero-te matar mesmo!”. Portanto, puseram-me de uma maneira que meu amigo! Enquanto eu for Maria há-de me lembrar. Porque ele é o sogro do tal Xavier, ele não está casado mas anda com a filha, o filho do Camilo que é o namorado da filha do Francisco

AL: portanto, o Xavier é namorado da Lúcia, será?

Não, não, a Lúcia já é casada. É a outra, a Ana, e ali andavam, claro, o sogro e o genro, feitos um para o outro. E eu só queria atirar, e atirava, se não fossem os guardas eles ficavam assinados, ai ficavam, ficavam. Por isso é que uma pessoa não obedece, porque eles fazem as coisas à valentia, já viu? E que não era com eles, que o presidente da Câmara é que tinha de vir falar com a gente, expropriação no meio da aldeia

AL: mas aí a culpa também é da CM não é?

A Câmara não veio. Mas a Câmara viu que não podia ser

AL: viu que o que é que não podia ser?

Porque cada um manda naquilo que tem

AL: mas acha que foi só... isso eu acho estranho, que tenha sido só o CD ou a comissão de baldios a fazer isso tudo

Se não foi a Câmara não deu a cara

AL: oh, mas eu acho que aí é que está o problema, se calhar

A Câmara não deu a cara, eles não tinham que se meter. A Câmara é que tinha de falar com a gente. Foi o que depois eu disse ao meu filho “oh Agostinho, olha que se a Câmara te paga o que estragaram aqui estes ladrões”. E ele falou com o presidente da Câmara e ele pagou, portanto os outros não tinham nada que vir oferecer dinheiro, porque eles não mandavam, quem mandava era a Câmara

[...] eles é que tinham de dizer “nós não nos metemos nisso isso é da Câmara”

AL: pois, isso no fundo foi uma expropriação não é, porque não foi uma venda não é, uma venda normalmente é voluntária

Pois, mas eles não vieram falar, quer-se dizer, não ofereceram dinheiro de venda, eles limparam as oliveiras, roubaram-nas, pronto. E é por isso que eu estou danada.

AL: pois, eu só acho que o que está por trás dessa história pode ser um bocadinho diferente, vá

Pode, e eu não digo que não seja, mas eles é que não tinham que se meter, mandavam o presidente da Câmara, o meu filho não é nenhum bicho do buraco, e o presidente da JF não é, não é só o presidente da Câmara. Porque eles botaram as oliveiras para baixo, por exemplo a festa era na 5ª e eles botaram as oliveiras abaixo esta noite passada. E eu pus-me ali e não deixei tirar as oliveiras. Eles vinham para as tirar que era para ficar o terreno [?]. e eles vieram ali, ali uns rapazes mandados pela JF, eu acho que eles até trabalham para a Câmara, um de Vila Nova. E digo eu “vocês que vão fazer?” “nós vimos tirar estas oliveiras” e eu “O quê? Quem manda nas oliveiras sou eu, não são vocês, as oliveiras não estão pagas para vocês poderem fazer isso”. Sentei-me em cima delas e foram-se embora! [?] alguma vez iam tirar de lá as oliveiras sem pagar? Tiraram, tiraram, levaram-nas de noite. Mas foi dali a um ano ainda, foi dali a um ano

AL: nessa altura era a JF que estava aí a querer, é isso?

Não era a Junta, eles eram uns senhores que trabalham para a Câmara, estão na Junta não é, mas trabalham para a Câmara

AL: então se calhar foi tudo a Câmara

Mas eu não só deixei tirar que o dinheiro ainda não tinha vindo

AL: mas se calhar depois, quando veio o Xavier e não sei quê, também era a mesma coisa não é, também era a Câmara e não os baldios

Era a mesma dor de barriga pois, só que também chegou ali pensando, como trazia uma máquina pensou “metemos-lhe a máquina”... não, mas as oliveiras já tinham ido, de noite, mas só foi dali a um ano [repete a história]

AL: bom, mas então, perante isso, quando a dona Maria diz que odeia aquelas pessoas eu consigo compreender isso. Mas uma coisa é o CD dos baldios, que é um cargo não é

Ah, mas esse também era

AL: sim, mas eu só acho é que é um grande salto dizer mal do CD dos baldios e dizer mal de uma pessoa ou outra não é, são coisas separadas

Mas ele está lá

Sim, está bem, mas não quer dizer, lá porque

Não me esqueceu aquilo que ele me fez

AL: mas ele não é o CD dos baldios, faz parte, mas não é

Mas ele está à beira do presidente, ele é o mais chegado ao presidente. Portanto só virou a folha e tocou o mesmo, foi para ele poder fazer justos para a comissão, porque senão não podia

AL: mas é nessas coisas que a dona Maria se baseia para dizer mal do trabalho do CD?

Não, o CD faz maus trabalhos porque dá terreno para uns e não dá para os outros, porque houve pessoas, como esse Lúcio, tapou ali num bocadinho, à beira do campo dele, um bocadinho para ter umas cabras presas não é, no baldio. E eles foram lá tirar mandar tirar as cabras, escangalhar aquilo para tirar as cabras, não queriam aquilo tapado. E o pai do presidente dos baldios pôde tapar acolá em baixo, logo abaixo do cemitério, um terreno para dentro à beira de um campo. Isso está bem?

AL: não, isso não me parece estar bem

Pois claro que não está, ou é bem que é para todos, ou não é para ninguém. Porque eles não são donos do baldio, somos todos.

AL: claro. Idealmente o que se faz no baldio é decidido pelos compartes todos

Pois, mas se eles não aceitam, se a gente lá vai e diz “não está bem, isso não está bem, como foi das vacarias, eu não fui mas sei quem foi que lhe disse assim “não, isso não está bem, fazê-las à beira do cemitério não está bem, vós tendes muito monte para o fazer, até lá para trás para o campo da bola, sim porque o campo da bola é mais lá atrás, já está velho não é, já não jogam lá, então fazia-se lá mais para trás, agora em frente ao cemitério não está bem”. E eles responderam assim meio disfarçados, o pai do Xavier, que por jeitos... ele é meu primo, que lhe disse assim “ah, a gente está velho para ir lá para longe, assim sempre fica mais perto do lugar”. Ele tem o pai dele e a mãe, e os avós no cemitério, não devia ter um bocadinho de juízo? E depois, a terra que saiu de lá, toda, foi para um caminho que estava ali fora de um terreno dele a entupir o caminho, já meteu uma rede, já tapou para dentro, está a ver? É que para aí pode ser, estão na comissão fazem o que querem para eles, e isso não está bem, porque nós somos todos... é como eu disse, eu sou comparte dos baldios, como a outra disse lá em cima, a outra disse à Joana, porque a Joana só assinava que era para eles receberem o subsídio dos baldios, porque a comissão de baldios recebe um subsídio dos hectares

AL: bom, mais ou menos, há os produtores, há um subsídio para os produtores, subsídio à produção, e usam a área do baldio para poderem ter a área necessária para se candidatarem, pronto, isso é uma, e depois a outra, há um subsídio para a comissão dos baldios, que serve para

Que os agricultores têm de assinar

AL: não sei, é um subsídio que serve para fazer a limpeza das pastagens, e tem de ter um certo número de gado, que é para ser considerado pastagem não é, senão não era considerado pastagem. Agora não sei se tem de haver assinaturas dos produtores, isso não sei

Não, eles recebem subsídio dos baldios, porque, é por causa do pastoreio, da vezeira, há um subsídio para o pastoreio, são eles que tiram esse subsídio por jeitos, que eu não tenho lá nada

AL: bom, que eu saiba não [volto a falar da questão das ITI e dos subsídios ao produtor]

Pois, mas as pastagens quem as limpa é o lume, não há limpeza nenhuma!

AL: não, tem que haver, isso há porque é obrigatório, porque senão não recebiam o dinheiro

Não, andam aí os sapadores que vão

AL: sim, os sapadores e uma equipa a quem pagam, uma empresa

Só se for agora

AL: as ITI começaram em 2007/2008

Não tem andado equipa nenhuma, é os sapadores

AL: os sapadores também, mas há uma equipa que é paga, aliás chegou a ser uma equipa aqui de Fafão que era... não é uma equipa, é uma empresa, que era a empresa do Gouveia que chegou a fazer para aqui para

Ah, mas esse é um projecto, fez limpeza por um projecto

AL: não, mas o que eu estou a dizer é, o baldio contrata uma empresa, neste caso a do Gouveia, noutro caso outra qualquer, para fazer as limpezas que são obrigatórias, eles têm mesmo de limpar porque senão não recebem o dinheiro, isto é mesmo assim

Ele, o Gouveia andou a limpar, e também andou aqui um senhor por baixo do penedo, mas era para um projecto

AL: pronto, eu estou-lhe a dizer como é, isto é certo. Ou melhor, como era, porque agora as coisas mudaram desde 2014, quando entrou o novo quadro comunitário europeu. Seja como for, os baldios que se candidatarem a este subsídio para limpeza de pastagem, são obrigados a limpar x hectares por ano, e esses x hectares são estipulados pelo ICNF não é pelos baldios. E cada ano eles são obrigados a limpar esses hectares. E normalmente o que acontece é uma parte é limpa recorrendo aos sapadores, e outra parte é limpa, porque os sapadores não conseguem fazer tudo, são muitos hectares, outra parte é limpa por uma empresa que o baldio paga para virem fazer essas limpezas. E isto é o único dinheiro que eu saiba, que entra para o baldio para questões relativas à pastagem e ao pastoreio

O dinheiro do pastoreio dizem os vizinhos, que eu não vi isso, que é eles que recebem, os da comissão de baldios

AL: mas não, não recebem, o que eles recebem é isto, e é com um fim muito definido, que é a limpeza de pastagens. Eles recebem para fazer um trabalho e esse trabalho tem de ficar feito. Se sobrar podem usá-los em investimentos no baldio, na comunidade e por aí. Mas sobretudo esse dinheiro é para fazer essa limpeza, e essa limpeza serve para quê? Para já para acalmar o fogo, para impedir que o fogo alastre, e também para manter uma certa paisagem. Pronto, isto já são ideias que vêm lá de fora, que vêm no fundo das pessoas que lhes dão o dinheiro. Neste caso é a UE que passa para a mão do Estado, e o Estado passa para as mãos deles

O dinheiro para esse projecto vem de fora vem

AL: vem da UE sim. Mas não, vem tudo, no fundo vem tudo do mesmo sítio, vem do mesmo sítio que vem o dinheiro para o produtor. É tudo incentivos à agricultura que vêm, porque hoje Portugal não está sozinho, não é, hoje em dia Portugal está inserido na UE

Ah pois, não manda só, não manda só

AL: já não manda só, está inserido na Europa, e tudo o que tem a ver com agricultura e não sei quê está centralizado na UE.

Eu sei que estava lá, estava lá em cima, um senhor da comissão de baldios, para fazer esse subsídio, era de Outeiro, um velhote já. Mas tinha lá estado uma senhora virada a ela, você não faz projecto do meu, quer-se dizer, eu sou comparte nos baldios, não vai fazer dos meus hectares que me pertencem. Diz ela, não tenho cabras nem vacas, mas tenho direito àquilo que é meu

AL: mas o que é que ela queria? Dinheiro?

Não, ela não queria era que eles pusessem os hectares, que dessem muitos hectares àquele e depois não havia para outros

AL: pronto, depois a forma como é distribuído pode ser contestável

Pronto. E foi o que ela disse, e diz “não quero que você de os meus hectares a ninguém para ocupar os meus hectares, porque eu sou comparte nos baldios, porque senão você vai sofrer. E ele chegou lá, o homenzinho, ainda eu lá estava, nem sei quem ele é

AL: é o Agostinho, não é, de Outeiro

Ele é um homenzinho velhote

AL: é, acho que é o presidente do CD

E depois ela diz “olhe senhor, você vá lá à sua terra e junte os seus compartes e faça uma reunião com eles para dividir os hectares, porque eu não posso aqui fazer nada. Você traz as coisinhas feitas com a reunião que fizer lá, depois já falamos aqui” e o homem foi-se embora. Porque a mulher estourou lá de

AL: mas é que essa conversa da senhora, segundo estou a perceber é um bocado falta de informação, porque na verdade, como a dona Maria disse desde o início, o baldio é de todos, não é de ninguém, é de todos, ninguém põe redes a separar o baldio. Portanto isso que ela está a dizer não é bem verdade, porque se ela não tem animais porque é que tem de estar a limitar que outros que têm animais possam aceder a subsídios? Não faz sentido

Ela apresentou lá essa conversa. E aqui está a mesma coisa, diz que deram 11 hectares a este moço, ao Cristiano, deram-lhe os hectares. Mas não há 11 hectares para os outros do baldio, para a outra gente toda

AL: tem que haver

Não há

AL: não, então, o baldio tem 2000 e tal hectares

Se for para mais alguém para tirar outro tanto, e tirar outro tanto, quer-se dizer

AL: mas isso vocês também têm de confiar um bocado que as pessoas que estão à frente daquilo não... porque se vocês forem pedir a papelada ao CD eles têm de ter lá a papelada toda e se vocês estão a desconfiar que eles dão só a um ou a outro vão lá e peçam a papelada. Porque isso às vezes é só pessoal que fala, que gosta de falar, porque não sabem das coisas

Eu já vi uma coisa, fomos a Cabril, houve uma coisa que ali não estavam bem uns com os outros, e à conta do... por exemplo, eu tenho umas carvalhas no monte baldio, não posso dizer que aquilo é meu

AL: as carvalhas são suas, o terreno não é

As carvalhas são minhas, e eu estou a pagar a finta às Finanças, a contribuição

AL: sobre o quê?

Sobre as carvalhas

AL: sobre as carvalhas, não é sobre o terreno

Mas eu não autorizo que ninguém me vá roçar o mato e apanhar a folha por baixo das minhas carvalhas

AL: isso é complicado, porque lá está, o terreno não é seu

Pronto, mas a copa da carvalha está ali a botar para o chão.

AL: a partir do momento em que está no chão passa a ser solo, passa a ser terra (RISOS)

Pronto, mas nunca foi assim

AL: eu não sei, eu estou a pensar consigo.

E eles meteram as pessoas no tribunal, e o juiz não deu solução

AL: mas qual era o problema aí?

Que nós que não queríamos que ninguém nos fosse roçar por baixo das carvalhas, não é, nem apanhar a folha. E o juiz não pôde dar solução

AL: pois, eu se fosse juiz também não saberia

Não, não, não deu. Afinal de contas eles puseram-nos no tribunal, fizeram-nos gastar dinheiro, a mim e a muitos

AL: ai a dona Maria também estava metida

Também, também. E depois ao fim diz que nós perdemos. Mas não nos deu custa nenhuma do tribunal para pagar. Acha bem?

AL: não quê?

Não deu custas nenhuma do tribunal para a gente pagar

AL: não tiveram custas

Não, então como é que perdemos se não tínhamos custas a pagar?! Foram eles, tiveram de pagar, puseram no tribunal, e depois tiveram que pagar ao juiz, as custas do tribunal, porque o juiz não decidia, não podia decidir nos baldios, não podia decidir nada

AL: mas quem é que disse isso? O

Não, eu não preciso que ninguém me dissesse nada, porque se não me vieram custas para pagar do tribunal, o juiz não perdia, nem o tribunal, não perdiam o tempo que se lá andou. Portanto a comissão de baldios, que foi que meteu lá as pessoas no tribunal, foram os que tiveram que pagar

AL: bom, eu não sei, a única coisa que eu sei é, as pessoas não têm posse sobre o terreno baldio. Se têm lá árvores, porque já vêm de outros tempos essas posses, as árvores são suas, ou seja, se alguma vez quiser cortar ou vender a madeira, são suas, não são do baldio. Mas o terreno

Mas se uma pessoa tira aquela pode plantar outra, no mesmo sítio

AL: pois, não sei. Mas o terreno não é do proprietário da árvore

Porque o meu falecido pai comprou umas carvalhas e depois também tinha uma quinta e também tinha aquelas carvalhas. E depois já faz 63 anos que ele cortou aquelas carvalhas e plantou outras no mesmo sítio. E depois tem uma parede a toda a volta, tem uma parede de pedras antigas, não foi feita agora

AL: mas qual é o problema de se roçar por baixo?

Então, se a gente conta com mato para roçar, vai lá outro roçar quando há no baldio tanto mato

AL: ah, roçar para depois usar para os animais, é isso?

Claro, pois. Por isso é que não pode haver essa lei de eles poderem ir roçar por baixo das carvalhas, se eles têm tanto mato no baldio, não é?

AL: mas quem é que vai roçar?

Qualquer um ia, antigamente respeitava-se, toda a vida se respeitou

AL: olhe, eu não sei, eu não sou das leis, mas eu percebo que percam esse... porque lá está, vocês são donos das carvalhas, não são donos do mato que cresce debaixo delas

Pronto, mas eles também têm tanto mato fora. Por exemplo, se você... até fizeram lá a parede não é, o muro

AL: mas se calhar na altura té foi privado o terreno todo, mas a partir do momento em que o baldio passou a ser gerido outra vez pela comunidade e assim, acabou-se a propriedade privada

O mal foi deixar entrar a fazenda outra vez para lá não é, mas já não é do meu tempo, já o herdei assim. Portanto, aquilo devia ter sido tapado antigamente devia, pois, para ter essas paredes... esses muros, era porque era particular

AL: o que eu sei é, houve antigamente de facto partes do baldio que foram vendidas, coisa que hoje a lei não permite

Foram, porque nós também comprámos aquela terra

AL: pronto, exactamente, agora, houve baldios que após o 25 de Abril, quando eles retornaram os baldios às populações, deixaram de estar na mão do Estado, houve muitos baldios que regularizaram essa situação, ou seja, as propriedades que se formaram privadas dentro do baldio deixaram de ser privadas. Isto aconteceu em muitos baldios, dependeu do que o povo quis. Por exemplo, eu andei ali na zona de Sezelhe e não sei o quê, já não me lembro qual era o baldio, mas havia lá zonas que ainda eram privadas, pequenas parcelas que foram cedidas a pessoas mais pobres, ou que não tinham terra, ou não sei quê, e quando os baldios foram entregues às populações não se preocuparam com isso, decidiram que ficava nas mãos das pessoas. Outros baldios não, outros regularizaram, o que era privado passou a ser baldio, se calhar até deram uma indemnização qualquer à pessoa, não sei bem essa parte, e pronto, portanto... mas o que era normal era que não houvesse qualquer propriedade privada dentro do baldio. Agora aí nessa questão, as árvores são vossas mas o solo pelos vistos não é

Mas eu tenho lá aquela quinta, que foi comprado o terreno à comissão fabriqueira para a igreja, mas foi escriturado

AL: sim, foi tudo legalizado não é?

Foi escriturado, veio aí um doutor de Montalegre a fazer a escritura a toda a gente

AL: sim, estas também, estas também.

Estas estão escrituradas

AL: mas só que quando [repito a questão do pós-25 de Abril, e da devolução dos baldios aos povos, e da “comunização” das zonas privatizadas no baldio]

Olhe, mas aqui têm feito muitas, trinta por uma linha! Aqui atrás, indo para o Fojo do Lobo, lá pelo Gouveia, está ali uma chamboa, deixaram tapar a um homenzito que era o que estava com a tia Elizabete

AL: não sei quem é o homem

O homem já morreu. Deixaram-no tapar porque não tinha nada

AL: o que é que é uma chamboa?

É um terreno. E quer-se dizer, não tinham nada, ele lá fez aquilo e cultivavam-no. Agora acabou ela por o vender, o que era de nós todos, acabou por vender para guiar a casa

AL: para guiar?

Para fazer obras na casa. Acabou por vender, aquilo que era de todos

AL: ah, portanto, aquilo era baldio ali

Claro que era baldio

AL: e cederam-lhe

E foi a floresta que cedeu a terra ao homenzito para enquanto ele fosse vivo, pronto. Mas agora já não era deles, agora já era do baldio. Mas depois ele lá vendeu o terreno e recuperou a casa com o dinheiro do terreno. É por isso que as coisas não estão direitas

AL: pois, mas às vezes não são propriamente as pessoas que estão agora a dar cara pelo baldio que são as culpadas desses problemas todos, esses problemas já vêm de trás

Alguns são, alguns são, que eles [os membros da direcção do baldio] não saíram todos, alguns ainda são. Um é o Luís, foi ele que já queria comprar, queria comprar ele mas a filha da, um neto não deixou, comprou-o ele, teve de dar dinheiro à velha, à avó para ficar com o terreno. Foram mil... foram mil contos, não foi brincadeira. E quer-se dizer, se nós fossemos todos assim a fazer quem é que tinha baldio? Não havia baldio para ninguém

AL: mas quem é que comprou afinal o terreno da senhora

Foi um filho do... neto dali da tia Elizabete, porque o pai desse moço já morreu, o rapaz achou que não deixava ir aquilo para fora, porque já estava lá o Luís a querer meter o bico não é. e isto de qualquer maneira foi falso, porque o terreno era baldio, era só para se governar, porque não tinha nada de terrenos. E foi a floresta que deu

e os vizinhos deixaram-no tapar. Só que agora não era dela para vender. Isto assim não está bem, uns podem fazer tudo e outros não podem fazer nada. Se fosse a gente a vender assim o terreno, eles diziam logo “hei, esse terreno não pode vender”, era do baldio, era do baldio, pronto

AL: mas porque é que acha que a dona Elizabete foi beneficiada? Acha que é

Ai, pois não foi

AL: não, mas porque é que acha? Acha que há uma relação entre as pessoas do CD do baldio e a dona Elizabete?

Eu sei lá se há ou se não há, sei é que ela quis que lhe pagassem o terreno e os do baldio calaram-se, a comissão de baldios calou-se. Era a que havia de falar não era?

AL: pois, mas lá está, essas coisas para mim tinham que passar por uma assembleia de compartes

Pois, mas eles não convocaram ninguém para isso

AL: tem a certeza?

Tenho a certeza porque eu nunca ouvi falar a ninguém que fosse lá à reunião e que falassem nisso. Porque eles vão para a reunião mas depois falam cá fora.

AL: pois, não sei. Eu para mim todas as questões que são relativas a decisões sobre o baldio têm de ser tomadas em assembleia de compartes

Sempre assim ouvi, só que aqui não é usado. Eu já sei que houve ali uma reunião que discutiram um com o outro e houve um homem que chamou nomes à mulher e depois foi para Montalegre e foram para o tribunal, foi o que deu

AL: mas discutiram o quê? Um com o outro?

Sim, sim, um porque lhe disse “filha da puta”

AL: mas marido e mulher?

Não, fora. E porquê? Porque não há respeito. E depois foram para o tribunal e andaram no tribunal a gastar dinheiro, é por isso que não há respeito ali, e eu já nem lá vou, porque às vezes também não se me coze bem os feijões

AL: (RISOS)

E depois uma pessoa que está dorida está sempre de pé atrás, tá dorida... mas olhe que acontece em mais lados. Na Ermida também diz que andavam aí a por armações com as outras comissões, agora entraram outros, foram dar com falcatruas de dinheiros, e de famílias de pais e filhos

AL: mas mudou agora o CD?

Mudou, mudou

AL: este ano?

Não, já foi o ano passado, se não foi o ano passado até já seria há dois anos

AL: eu conheci o Jorge, que estava à frente do baldio

Eu agora aquela gente nova não sei, mas agora sei que foram outros... por isso até, nós daqui temos aqui muita gentinha que o terreno também é deles, velhos. Não há aqui um centro de dia para os velhos, pois o dinheiro chegava, isto é uma coutada muita grande

AL: o baldio?

Sim, e está arborizado

AL: mas não sei se é assim tão fácil, um lar de idosos ainda é muito dinheiro não?

Não era um lar, era um centro de dia, o lar está em Cabril

AL: sim, mas eu digo... é dinheiro

Mas os da Ermida têm muito menos terreno baldio do que nós... porque na Ermida aquilo é sorteado. Aquele terreno do monte é sortes, antigamente... e fizeram isso lá, um centro de dia, fizeram uma casa mortuária, com o dinheiro da comissão de baldios. Mas aqui não, aqui não se vê, aqui não se vê nada. E os pinheiros dão dinheiro... eles têm saído, ainda aqui um dia destes, não sei que dia foi, passou aqui um camião com três atrelados de pinheiros

AL: a cena é, supostamente o dinheiro que sai dos baldios é para ser investido nos baldios

Pois havia de ser

Nos baldios! Não é na comunidade, para isso está lá a JF, não é, supostamente é assim

Ai, a JF não tem nada

AL: pronto, aí é que está, mas isso é outra questão que vai para além dos baldios. Supostamente o dinheiro dos baldios, e isso é o que eu sei que se tem feito em Fafião, tem sido investido no baldio. Como? Adquirindo material, pretendeu-se construir uma equipa para trabalhar na floresta... no fundo investir no baldio em si, recuperando as cabanas dos pastores e isto e aquilo e sobretudo trabalhando na gestão florestal. Eu não sei o que é que eles comp... não sei se compraram um tractor

Foi, foi. Compraram um tractor para quê?

AL: lá está, para trabalhar na floresta

Diz que andam aí a fazer uma merda, eu não sei, para mim não faz falta, mas que andam a fazer uma merda, que havia tanto matinho lá para roçar para as pessoas trazerem para as cortes para as cortes dos animais, e eles dizem que andam a ralar o mato lá e deixam o mato ralado, não dá para as pessoas

AL: eu já ouvi isso também, mas o que eu estava a dizer

Eu ouço, não vou ver

AL: o que eu, lá está, há limpezas que são feitas e que são obrigatórias, são as tais que dão direito àquele financiamento. E não são definidas pelo CD, ou seja, os locais que são limpos não são definidos pelo CD, são definidos pelo ICNF, pelo Estado

Não, mas o CD foi quem comprou o tractor

AL: não estou a falar do tractor, estou a dizer é que o sítio onde esse mato foi ralado não quer dizer que tenha sido decisão aqui deles, pode ter vindo de outro sítio essa decisão. Porque o ICNF apresenta-lhes um mapa ao início de cada ano e diz-lhes “olha, vocês vão ter de limpar estas áreas aqui, e eles só têm que fazer aquilo que lhes dizem.

Mas aquela área até tinham tapado, aquilo já estava tapado, que era para umas árvores que lá plantaram, que era para a fazenda não as comer não é, para os animais não os comerem. Mas isso era para ser para aí 5 anos, mas já vai há mais de 10! Agora, eles coitados já iam o ano passado lá buscar o mato porque é um sítio de mato bom, mato que não é erva. E iam lá buscar o mato, quem tem tractores bons iam lá buscar mato. Mas agora já não tem, já diz que andam a ralá-lo

AL: mas isso também é por causa dos incêndios e não sei quê não é?

Não, mas naquele sítio não há incêndios, então aquilo está tapado. Aquilo é umas chãs boas, boas, boas. Também eu fui lá muita vez ao mato, mas era com o gado, não havia tractores naquele tempo, e agora coitados

AL: pois, eu acho que o grande problema nestas coisas, e eu agora não vou defender o trabalho de uns ou de outros, não é por aí, porque críticas há sempre, seja quem for que lá esteja, agora eu acho que a falta de comunicação e a falta de participação da população nas assembleias e assim, é que gera estes conflitos. Porque se as pessoas comunicassem umas com as outras, e dissessem “olha, aquilo foi ralado ali por causa disto e daquilo”, aí as pessoas já saberiam. Tinha de haver mais comunicação

Eu ouço queixar, que eu não fui lá para ver, eu até disse à Raquel “olha, se não tendes mato ides lá adiante à minha coutada, roçai lá que eu até gosto da coutada limpa, não

é, tendes lá muito mato na minha. “Lá não vamos porque está tudo ralado, e estamos revoltados não é”

AL: claro, mas se calhar há uma razão qualquer por trás

Mas haviam de falar para eles

AL: claro!

Eu não vou lá

AL: mas é isso mesmo, faz-me confusão quando as pessoas, porque depois as pessoas tomam as suas próprias conclusões, mas sem perguntarem antes. Se calhar há uma razão qualquer

Tinham era de dizer “então porque é que vocês andam a dar cabo do mato que era para os lavradores?!”

AL: pronto, em vez de estarem a tirar conclusões sozinhos

[fala-se da sua situação, como não tem animais não precisa e tem a sua própria coutada]

E tenho ali adiante outro filho adonde eles implicavam à conta das carvalhas, também tem um muro de pedra. Também tem mato e eu deixo-a lá ir roçar, se ela quiser

[fala-se da localização do sítio das carvalhas no baldio]

Já disse ao meu filho, aquilo é dele, é dele porque eu parti não é “vende os pinheiros, estás à espera do lume”. Deve ter lá mais de 30 pinheiros para vender, prontos a sair. Agora pequenos também tem muitos, mas tem lá alguns pinheiros grossos

AL: aqui o pinheiro dá que é uma coisa

Dá, dá. Mas aquele campo ali, onde estão os pinheiros, já deu centeio que eu me lembro. Agora pronto, já deu pinheiros, já houve um corte lá, de pinheiros, e já tem outros

AL: e quem é que pôs lá os pinheiros

Foi o meu marido que vendeu e cortou-os... mandou-os cortar, vendeu-os e depois deu o dinheiro ao filho

AL: não, mas antes de haver pinheiro havia centeio, foi o que disse. Eu tou a perguntar, então quem é que pôs o pinheiro?

O pinheiro nasceu ele também, é a tal coisa, vem pelo ar e nasce, e lá ficaram, pronto, agora ajudam-se uns aos outros. Primeiro se calhar só nasceu um ou dois, agora já

tem uma abasteza. Não foi preciso plantá-los. E é o que acontece aqui às nossas terras se ficarem sem trabalhar, os pinheiros tomam conta, eles estão a toda a roda

AL: pois é, e as sementes voam

As sementes voam e... a gente anda lá a roçar e vê tantos pinheirinhos novos no meio do mato, da caruma [?]. O pinheiro agarra-se logo. Ele dantes dava muito dinheiro, agora não sei. Dizem que dá pouco dinheiro mas algum sempre dá, senão não os cortavam, não os vendiam. Os camiões passam aí com eles

AL: bom, dão sempre mais do que nada, e como não dão muito trabalho

É só cortar

AL: Pois, é só cortar, lá está... devia haver mais gestão da floresta para os incêndios não entrarem por aí adentro como entram, mas... ou seja, devia haver mais investimento

Ali tenho um bocado de medo que vá... quando foi da festa pegou aqui, pegou ali naqueles pinheiros, estoiraram o fogo ali mesmo à beira, estava tudo seco. E eu tenho medo à minha coutada também, porque também está perto do lugar, vou limpando, vou roçando, como eu puder, quando eu não estiver não sei

AL: e roça para

Eu tinha porcos e usava [o mato] ali na corte para fazer estrume. Agora eles nem querem que eu tenha porcos, mas aquele mato é muita caruma podre, e o fento [feto], que tem muitos fentos, e o matinho mais miúdo, aquilo indo aqui para dentro da terra apodrece todo o inverno, e tem a água, meto-lhe a água por cima que fica em estrume. Eu vejo o meu genro lá em Braga, corta a relva à beira da piscina e mete-a lá num canto, e depois aquilo é estrume feito. Ele planta lá tomates, planta lá feijão e dá

AL: e mesmo os restos de comida

Lá os restos de comida ela também bota, a minha filha, mas eu não vou levar os restos de comida, tenho aqui as galinhas

AL: isto agora não tem nada a ver, mas em relação à vezeira... a dona Maria já teve os seus animais na vezeira, não foi? Quando era mais nova

Já tive, e já quando tinha o meu marido tivemos, as vacas estavam na vezeira de verão. Mas não havia isto ainda, não havia estas ajudas para as cabanas nem nada. As cabanas quem as ia arranjar eram os herdeiros do gado, os donos do gado é que iam fazer as cabanas, quando o gado subia, juntavam-se, iam com merendeiro para lá e faziam as cabanas e já ficava o gado lá, já ficava lá um a guardar o gado

AL: pois. Mas por exemplo, eu sei que há pessoas que não estão dentro da vezeira, têm animais mas não vão dentro da vezeira

Há alguns que não estão na vezeira porque não se dão uns com os outros, estão fora, fizeram outra vezeira

AL: é conflitos?

Pois, isto é assim, os que estão na vezeira querem mandar. Olhe, por exemplo, o Xavier namora com a filha do Francisco, não é, e os dois velhos não se dão, os dois pais não se dão, porque foi à conta da vezeira, zangaram-se, um queria mandar e o outro também queria. [?] Chatearam-se à conta da vezeira e apartaram o gado. O Camilo tirou o gado da vezeira porque não o deixaram mandar. O outro quer mandar, ele também quer. Porque há um acordo na vezeira, há sempre um acordo para mandar, para

AL: regular...

Para regular as coisas, pois. E eles falaram lá para o chamado para a reunião e não se deram bem um com o outro, e estão sem falar um ao outro, e os filhos a namorar, depois há sempre chegadas, há sempre chegadas para os filhos

AL: mas os pais sabem que

Sim, a rapariga até vai ajudar a fazer o trabalho lá abaixo quando há tiradas de estrume e roçadas para fazer. Vamos a ver se ela tem sorte, não sei

AL: mas portanto é isso não é, são conflitos, que levam a que se separe

É... mas anda assim tudo... tudo dobrado, pronto

AL: e não era assim antes?

Não, antes não era assim. Dantes não era assim, estou-lhe a dizer, eram os da Ermida e os nossos de cá, tinham... tinham na serra, os currais são aqui perto, juntos um com os outros não é, e os da Ermida já tinham posse, eu sempre me lembro de os da Ermida andarem com a vezeira junta com os de cá, eu já tinha esta ideia, sempre me lembro, aborreceram-se à conta do monte, os daqui, não botam mais a vezeira junta com a nossa para a serra, querem o monte todo! O que é que foram para lá as duas Juntas, a de Vilar da Veiga e a nossa, e é que resolveram o assunto, eles enturraram-se [?] uns com os outros, aqui os vezeiros, que não mandavam nada... quem manda são as juntas

AL: não, no baldio mandam os vizinhos não é

Mandam os vizinhos mas aquilo na Ermida têm o monte sorteado

AL: sim, mas eles também têm CD

Sim, pois têm, para os bocados que não têm o monte sorteado, que eles também têm baldios, mas o monte da aldeia para baixo está todo sorteado, da aldeia da Ermida para baixo, para a beira da barragem, está todo sorteado, é só para cima, e eles vinham cortar os pinheiros aqui, o madeireiro que havia na Ermida vinha cortar os pinheiros, onde está aquela rocha alta, chamamos-lhe nós o Talefe, e ali é que estava o marco, e por ali em baixo está tudo cheio de marcos e de cruzeiros antigos, e eles queriam vir para cá, olhe, tiveram de o deixar vir, só não deixam cortar os pinheiros mas a fazenda tem de vir para cá

AL: e vem?

E vem, e quem é que tem mão nela? Ela anda no monte, não tem sarna. E ficaram virados uns contra os outros, que já mandaram tirar o gado da vezeira aos da Ermida. Eles tiraram porque quiseram, porque os da Ermida já tinham posse, isso toda a vida

AL: posse do quê?

Das vezeiras juntas... o pote era de todos, os garfos eram de todos, o pote em que cozinham lá na serra, os pratos eram de todos, tudo era de todos, e eles botaram os da Ermida fora, e agora já não se dão bem uns com os outros. É o diabo não é? Quer dizer, não se deram com os da Ermida que eram de fora da aldeia e agora uns com os outros também não se dão

AL: mas porque é que acha que isto está a mudar tanto?

Eu não percebo. Então agora, quer-se dizer, também já não se dão uns com os outros, tinham o gado na vezeira e também já não se deram uns com os outros, já têm outra vezeira. Isto é diabo, isto é o diabo que se mete entre eles, porque parece mal, dizer assim “não se deram com os da Ermida e não se dão uns com os outros agora também”. Os da Ermida não fazem isso

AL: mas não havia conflitos antes também na gestão comum das coisas?

Não, porque avisava-se para o chamado, mandavam posta para a Ermida... o chamado era uma reunião não é, para fazer para... por causa de pôr a vezeira, o dia que se havia de pôr a vezeira, e quem havia de ir para a vezeira e assim. Ia-se para o lado direito da extrema, o daqui e o de lá, e tudo estava bem. Depois foi à conta do madeireiro vir cortar do lado de cá das extremas, das cruzeiros... o madeireiro, e o meu homem estava no trabalho, estava lá em baixo, e vieram para ali cortar madeira, o madeireiro lá da Ermida, veio cortar a madeira e já tinha os camiões carregados, e foi tudo para fora, com os raios que os parta. Era um dia de sol, até havia de ser nestas marés, e o meu homem estava no trabalho dele, e ele à espera ali dele quando ele chegasse. Ficou um para o meu ir lá para cima, porque era da comissão de baldios “Oh António tens de ir lá para cima para os Portos que andam lá os da Ermida a carregar madeira, cortaram de dia e vão carregar a madeira, já lá está um monte de

gente que não deixa levar”. “Oh rapaz, eu ainda agora venho do trabalho e vós estais-me a chatear?”. Diz ele assim “ah, mas tens de ir porque tu és da comissão de baldios”. E aí vai ele por aí fora, e quando chegou lá as pessoas estavam contra ele, e o meu homem não gostava nada destas coisas. E depois ele assim “oh António”, o da Ermida era António... “Oh António, olha, eu vim do meu trabalho, ainda agora vim e nem cheguei a entrar em casa, e já vou outra vez embora, tu descarregas a madeira, tu vai-te embora que a confusão está a ser muita, e não quero barulho. Vá, descarrega a madeira e vai-te embora”. E ele fez-lhe a vontade. Ele descarregou a madeira e foi-se embora. E os outros dizem assim “raios ta partam, que vieste tarde e ainda vieste dar umas ordens da merda”. Diz ele assim “então? Não podia dizer outra coisa, descarrega a madeira e vai-te embora”, pronto, eu acho que ele que até fez bem. Porque já estavam lá com as espingardas armadas para dar fogo, e eu ainda fui atrás dele, também por aí fora, sem poder andar, ainda fui por aí fora. E depois ele descarregou a madeira sim senhor, e eles, o meu homem tinha dito a um madeireiro, telefonou-lhe, que viesse ali buscar a madeira, pronto, que estava cortada toda junta. E eles disseram assim “não, não vale a pena, amanhã”. De noite os da Ermida tornaram lá a carregar a madeira e levaram-na embora... foi bem feito! Então tinham-na descarregado, o meu homem tinha chamado o madeireiro para ir lá buscar a madeira, e eles dizem que não vale a pena ser naquele dia que era ao outro dia, e de noite eles foram lá buscar a madeira outra vez. E pegaram, andaram sempre pegados à conta da madeira. O madeireiro é que arranjava aquilo. E depois os burros, sabiam que não mandavam no monte, nem no de lá, nem no de cá, nós não se mandava no monte, não é, o monte é de todos, para que é que eles andavam a fazer barulho? E podia haver mortes. Pronto, o meu homem disse que para esse lado não caminhava, e disse-lhe o que tinha a dizer e antes de vir para cima telefonou ao madeireiro para ir buscar a madeira, e o madeireiro veio buscar a madeira, porque é que eles foram dizer que ficava para outro dia “agora não vamos estar à espera do madeireiro que vem para buscar a madeira” (...).

AL: mas está a ver, isso já foi bastante antes do tempo destes jovens

Pois, foi, foi, e ficaram renhidos uns com os outros. Agora já vêm à festa, porque dantes os daqui não iam lá à festa, nem os de lá, não vinham... agora já. Mas está muita gente misturada, há muitas raparigas que casaram daqui para lá, algumas, muitas não são, outras vieram de lá para aqui, andava tudo de esquerda uns com os outros, já os maridos e as mulheres e tudo. A minha cunhada também é de lá, e não queria que o meu irmão fosse e o meu irmão ia. Se não era o presidente da Junta de lá, eles gastaram um dinheiro na justiça e o raio que os parta, se não era o presidente da Junta de Vilar da Veiga e de Cabril, eles não chegavam a acordo.

AL: pois, mas quer dizer, esse presidente da Junta se calhar também é de uma das aldeias não?

O presidente da Junta de Freguesia de Cabril era nascido e criado aqui

AL: pois, e o outro se calhar era de...

E o outro se calhar era a mesma coisa, não sei. Mas o presidente da Junta, coitado, não queria, via que não havia solução de outra maneira, levou-os ao acordo, mais para ali que também não vale a pena estar a... os da Ermida teimavam para vir mais para cá, os de cá, também teimosos, mas também viam lá umas cruzeiras antigas também não queriam recuar para trás, mas ele depois, o presidente da Junta... “também se mandares os da Ermida para ali também não tem mal, ficais arrumados, ficais arrumados”, pronto, e ficaram... que eles andavam aí teimosos uns com os outros

AL: isso foi em que altura?

Ai, já não sei quando foi, mas já foi há muito tempo, então o meu homem ainda era vivo. Mas já não estava na comissão naquela maré até, e ele tinha estado na comissão quando cortaram a madeira

De maneiras que é assim [?] eu até acho que é uma vergonha, não se deram com os da Ermida, e agora também não se dão entre eles. Agora os que têm a vez mais pequena têm uns sítios que não podem andar os outros.

AL: ai é? O monte não é usado igual por todos

Não, e os outros têm o gado nas antigas não é... quem saiu tinha de ir para onde os outros não estavam. E é assim, depois também dá confusão aos namorados

AL: (RISOS) isso vai ter impacto no crescimento da população

É uma merda

AL: porque assim os namorados não dão filhos

Não dão não, se eles não casam, não sei porquê, não é pela idade. Ficam velhos e depois os filhos já não vêm

AL: complicado isto

Ah pois é, as coisas não são bem pensadas

Senhor Santos e Dona Laura

Casa do senhor Santos e da Dona Laura

[Inicialmente o gravador desligou-se sem reparar... o senhor Santos não ouve bem, percebe-se isso na falta de complementaridade por vezes entre a pergunta e a resposta.]

AL: [...] está bem, então já andou emigrado...

Já, foi onde eu passei o meu [não tenho a certeza se diz “o melhor tempo” ou o “meu tempo] tempo foi lá, o tempo que cá trabalhei foi sempre na filha da puta da terra [?] a fuçar terra como as toupeiras. Naquele meio não havia competência para estudar, quando abriu aqui a escola já eu tinha 12 anos, nem havia escola primária nem nada, depois havia cabras e vacas para guardar. Depois o que aprendi a ler foi por fora, como os cabritos. Mas lá aprendi

AL: e o que é que fazia no Luxemburgo?

Trabalhava nas vinhas

AL: estive lá muito tempo?

Seis épocas, seis anos. Ia e vinha. A primeira vez estive lá 16 meses sem cá vir. Depois ia em Março e vinha em Setembro, em Dezembro. Mas é que lá é muita frio, ui Jesus

AL: e antes o monte era gerido pela comunidade?

É... há divisões, nós com os da Ermida, os de Pincães, cada um tem a sua área para as pastagens da fazenda

AL: sim, mas aqui em Fafião vocês tinham trabalhos comuns a todos no baldio, geriam aquilo pela comunidade toda ou era cada um por si?

Era o povo todo. Quer-se dizer, cada povo tem a sua divisão, na serra e no monte, e depois cada um, olha, por exemplo, nós aqui estamos a partir com os de Pincães e com os da Ermida, aqui pertence a Montalegre e a Ermida já pertence a Terras do Bouro, e nós guardávamos sempre a fazenda juntos e tal, mas havia sempre essa divisão.

AL: é que havia duas vezeiras, não era senhor Santos?

Havia quatro, havia de ovelhas, cabras, bois e vacas. Agora há duas e ainda vão acabar, está quase. Agora o povo não quer trabalhar

L [a esposa do senhor Santos, Laura, estava presente]: olhe, a das cabras de caminho vão acabar

AL: acha que vai acabar?

Vai. É assim a vida

L: vai porque o meu homem já não está com idade de ir para a serra, o meu filho já desta vez passada não quis ir com elas, tivemos de chamar um pastor. E os animais não dão rendimentos. Temos de acabar com elas. E nós ainda... há quem fizesse uma contrata de seis anos de não se poder vender em antes, mas nós não fizemos, nós podemos vender. Nós só temos 12 cabras e um chibo

AL: e o senhor Santos ainda vai com a vezeira?

Vou, vou

L: ainda vai, mas já não tem idade

Só há dois homens mais velhos cá no lugar do que eu

AL: quais são os mais velhos? É o senhor Álvaro?

O Álvaro? Não, é mais novo

AL: então quais são?

O mais velho é aquele que mora acolá, de quem vai para a Ermida, o Domingos António Gonçalves, só é mais velho de junho a janeiro

L: é Domingos da Quelha, pelo apelido

E o outro, esse é mais velho do que eu 2 anos, mas não está cá, está em Braga

AL: ah, esse está em Braga, e o outro está cá?

Está está, trabalhou na EDP e agora também está reformado. É assim a vida

AL: então e diga-me lá uma coisa, naqueles tempos, quando você era mais novo, já havia esta comissão de baldios?

Já havia. Não, esta comissão de baldios é de agora há pouco, para aí de há 20 anos

AL: mas antes como é que era?

Havia um, chamavam-lhe o zelador, fazia-se os caminhos, não havia estrada, não havia nada... a estrada é, há 40 anos que temos cá estradas só, há 40 anos, mais nada, mais ou menos, 40 anos. Não havia estrada, não havia nada, isto aqui era uma ilha, sabe o que é uma ilha?

AL: sei pois, estavam isolados

Isolados... quando vazasse aqui o rio Cávado passávamos de barca para lá, pagava-se, quando vazasse o rio Cávado tínhamos acolá, conhece a Peneda-Gerês? Acolá a Peneda

AL: sim, conheço

Conhece o Rio Caldo?

AL: conheço

Só passávamos lá, era uma ilha desgraçada, agora já... agora já é barragem há cinquenta, foi inaugurada em 1953, é a segunda barragem do Cávado. Primeiro fizeram a de... 1950, a do Cambedo, a barragem da Venda Nova, e a seguir à da Venda Nova foi esta, a seguir a esta foi a de Caniçada, e tem [?] aqui ao nosso monte, depois da caniçada foi a de Parada de Outeiro, não a de... Cambedo, a da Venda Nova. Primeiro foi a Venda Nova, depois foi a de Salamonde, depois foi a da Caniçada e depois foi a de Paradela. E é assim a vida. Depois já fizeram outra num afluente do Rio Cávado, no Rio Homem, esse vem desaguar ali entre... como é que se chama na serra do Gerês? Como é que se chama, nos Carris, e vai desaguar ali mais para ali, perto, ao rio Cávado. O rio Cávado é grande, o rio nasce em Pitões e vai desaguar em Esposende... é grande, é muito grande. E é assim a vida

AL: então e o parque não trouxe nada de bom?

O parque foi uma porcaria que aí apareceu. Não se pode matar um bicho, eles vão morrendo

AL: vão morrendo na mesma... (RISOS). E lembra-se do tempo que entrou a floresta?

Ui, lembro-me muito bem disso, isso foi há... 40 anos. Já andam a cortar pinheiros que a floresta semeou. Primeiro foi a floresta, depois apareceu o Parque, depois agora, vamos andando, com o tempo

AL: e como é que foi essa coisa da florestação, vocês estavam contra ou...

Semeavam pinheiros, plantavam-se pinheiros, era

L: ganhava-se

AL: quem ganhava, ganhava, não era?

Era uma miséria

AL: mas vocês ficaram contentes ou tristes com a floresta?

Mas agora tem dado bem, agora passou ao Parque, o Parque agora dá mais... dá mais largueza, pronto

AL: pois... mas na altura em que eles começaram a florestar, como é que ficou a comunidade? Ficou contente?

Não, porque havia muita proibidade para a fazenda, você tinha que... mandavam nas cabras, mandavam na floresta, agora não, agora que a floresta passou ao Parque pronto

AL: e o que é que você acha destas comissões de baldios que agora há?

É para o interesse da povoação

AL: mas gosta, como é que vê esta forma de organizar o trabalho?

Agora andam os sapadores, são os que andam aí a fazer o trabalho. Nem se faz caminhos nem nada, agora já temos estradas por todo o lado, por todo o lado temos estradas. Fazem o roçadio, o trabalho de roçar, fazer limpeza, é isso

AL: mas está a favor do que eles fazem? O CD, a AC

Fazem, e de tempos em tempos são mudados, lá anda, mas eu já lá estive e agora não quero

AL: já lá estive?

Já, já

AL: quando? Em que ano?

Isso agora já não sei, mas já lá estive, eu não estou para aturar povo

AL: (RISOS) não é fácil aturar povo... as pessoas criticam muito não é?

É...

L: mas eles portam-se bem, o pessoal tem de se portar bem

Pois é

[mostra-me uma fotografia muito bonita do senhor Santos. Pergunto quem tirou, diz que não sabe, que lhe tiraram quando ele ia pela estrada adiante e que depois a meteram em Montalegre, depois eu fui a Montalegre e mostraram-me

L: puseram-na nos castelos

AL: ai sim? Andaram a usar a sua imagem

Já viste? Com a capa às costas, com a enxada, com a barba sem fazer... está bonito não está? Com a barba grande! (RISOS) mas tenho mais, num festejo do Parque, tiraram-me lá uma com chapéu de velho.

[...]

L: tenho uma filha já com 40 anos, em Coimbra, e uma neta

Eu casei-me com 40 anos, é mais nova do que eu 18 anos [a dona Laura] e está mais velha! (RISOS), é, é, eu nasci em 1930 e ela nasceu em 1948

AL: ah, é da idade da minha mãe, ela também é de 1948

É de janeiro

AL: a minha mãe é de junho

Esta é de janeiro, eu nasci a 22 de janeiro, e ela nasceu a 24, é mais nova do que eu 18 anos com 2 dias. E casei-me com 40 anos, 41 anos

AL: o que é que andou a fazer até aos 40?

A trabalhar na lavoura, sempre na lavoura, sempre na lavoura, sempre, sempre, sempre, depois casei-me e fui para o Parque durante 2 anos como vigilante, rondista, a vigiar o monte. Não dava, fui para o Luxemburgo, fiz uma compra ao meu irmão com cento e tal contos, e depois cá não dava, fui para o Luxemburgo, e depois foi sempre isto

AL: não gosta do Parque e andou a trabalhar para o Parque (RISOS)

É a vida

AL: pois é, é a vida

[...]

O meu pai Vítor, a minha mãe era Sara. Eu sou Santos e ela é Laura

AL: casaram bem

Graças a deus, já estamos casados há 46 anos, casámos em 1971, faça-lhe as contas

AL: pois, foi quando começou o Parque também.

[...]

AL: quando você esteve no CD, era o quê? Presidente?

Não, não, era membro da comissão

AL: mas não quis mais?

Não quis mais, não estou para aturar povo

AL: (RISOS) é difícil de aturar o povo?

Ui! Deus também não agradou a todos! Então pronto...

[fala-se de mim, de onde sou...]

Eu a Lisboa fui lá levantar o passaporte para ir ao Luxemburgo. Conheço Coimbra, o Porto, conheço Bragança, mas Lisboa só lá estive uma vez. Algarve e Alentejo nunca estive. Aqui por cima conheço esta zona toda, já estive em Santiago de Compostela, já tenho corrido para aí um bocado [...]

AL: mas portanto, quando estava lá no Luxemburgo ia para lá 6 meses e vinha-se embora, fazer as vindimas

Trabalhava, em março estava lá 6 meses, vinha e depois estava cá 3 e 9 lá. Assim passei o tempo. Quem viu Fafião há 50 anos e vê agora, não conhece

[oferecem comida, vinho, a dona Laura insiste. O senhor Santos continua vaidoso a olhar para a fotografia dele]

AL: vocês têm que ir com as vacas não é?

As vacas, uma está na serra a outra está na corte

Uma veio aleijada do útero, tivemos que a descer da serra, e a outra acaba o tempo para parir agora neste mês que entra, nós estamos desgraçados nesta vida com tanto trabalho. E as cabras e tudo... põe-te a pé Santos!

AL: mas vocês vão sair agora com as vacas a seguir?

Não, as vacas, uma está na corte para já, a outra está na serra

AL: ah, não vão com ela ao campo, ok.

As cabras vou com elas [?]

AL: mas as vacas estão na vezeira, vezeira, ou estão em feirio?

Andam à suíça

AL: andam com as do Marcelo e da Raquel?

Não, não, estão na serra ainda

AL: mas estão com as vacas do Filipe e não sei quê?

Não, não, as nossas são as, quer-se dizer, na vezeira só somos parece que 7 herdeiros, 7 ou 9. E agora aquele gado ainda lá anda, anda à suíça, anda para aí tudo ao deus dará

AL: e o seu está à suíça?

Também agora está, mas aquela é guardada. Agora andámos a fazer o São Miguel, a recolher as uvas, e... quer provar as uvas de cá?

[o senhor Santos foi apanhar uvas]

AL: oh dona Laura, as vossas vacas estão na vezeira ou estão à suíça? Essa parte não percebi

L: uma está na vezeira e uma tinha um vitelo e a mãe dela estava aleijada do útero e tivemos de trazer os dois para baixo, estão na corte

AL: ah, mas não estavam à suíça então, estavam mesmo na vezeira

L: Estavam na vezeira! Agora é que ficaram, acabou agora a vezeira

AL: das cabras?... Estou a perguntar isto porque as vacas ainda lá estão não é? Ficaram lá mais um mês

L: ainda lá estão mas... ah, ali vem o meu homem!

[...]

L: e já foi visitar ali o ecomuseu?

AL: por acaso já lá fui

L: já? Gostou daquilo?

AL: gostei, gostei do filme

De quem?

AL: O filme, vocês já viram o filme que eles têm ali no ecomuseu?

L: nós não

AL: eles têm um filme sobre Fafião

L: Ah, aí da vezeira? Eu também lá estou, eu e mais

AL: está lá quase toda a gente não? Estão lá muitas pessoas, as pessoas que têm cabras e assim, se calhar está lá o senhor Santos também

Naquele largo onde você está, na casa, é o largo da festa

AL: eu sei, eu sei

[fala-se de como a casa da esquina também aluga quartos, e de como foi a dona Maria que me deu o contacto do Marcelo]

Fazem uma festa boa [...] foi sábado, domingo e segunda-feira

L: também estive aqui connosco a Maria, mas ela é “laréu, laréu, laréu”, ai Jesus!

AL: ela fala bastante sim, gosta de conversar

L: gosta, nós estávamos aqui para comer e ela nunca mais dava

L: mas aqui há muitos que alugam casas [...] olhe, onde se vai ali para Pincães, Cabril, diz assim, “aluga-se casa, quartos” e depois há outro que diz assim “aluga-se casa e quartos”. E depois...

AL: há muitas há, o próprio fojo do lobo

L: Exactamente, o fojo do lobo

Já conhece o fojo dos lobos?

AL: conheço, passo lá muitas vezes

Passa?

AL: às vezes quando vou lá tomar café vou pelo Fojo para casa

L: mas aquilo é fixe

AL: é bonito. Quer dizer, era onde se matavam animais, mas (RISOS)

Já me lembra de caírem lá 3 lobos, já me lembra a mim... 3 lobos! Um senhor que morreu vinha da pesca e esbarrou-se com eles, já vinha de noite. [...] fizeram uma batida, uma montaria, vá, caíram lá 3! 3 lobos. Aquilo agora estava [...] com urze, mato, e aqueles canalhos catrapumba, e já lá estão

AL: e depois matavam-nos, não é? Com um tiro, se não tivessem morrido

Sim, matavam-nos a tiro. Mataram-nos ali a tiro 3 lobos

L: e depois faziam isso. Portanto eles caíam vivos, depois ao chegar lá abaixo carregavam outra vez as caçadeiras e matavam-nos. E depois pegavam numa escada ou numas cordas, e depois prendiam-nas e iam-nos buscar e depois faziam uma festa. Naquele tempo

AL: ai era? Faziam uma festa?

L: uma festa, com umas latas, ou o caralho, qualquer coisa. E depois um dava chouriças, outro dava ovos, outro dava vinho, outro punha um pote

Que diz às uvas?

AL: são boas

L: e depois faziam assim uma festa, uns cantavam, outros dançavam, era assim a vida.

AL: tinham acabado com o lobo, estavam todos contentes

L: exactamente, e depois os animais andavam mais sossegados

É como hoje, se acontecer alguma coisa

AL: mas hoje não podem matá-los não é?

Não!

AL: bom, supostamente

L: entre aspas, mas isto que não saia daqui

AL: oh, eu acredito que seja assim

L: se uma pessoa puser por aí alguma coisa assim... contra-ataque aí vai disto

[interessam-se pelo teor do meu projecto, achavam que eu era do Parque. O senhor Santos demonstra um conhecimento da área do parque, referindo-se a Arcos de Valdevez, a Pitões das Júnias... explico o projecto e os objectivos e o Santos no fim diz "sim, sim, estou a perceber, é um relatório para tudo". "Sim, tipo isso". Diz o Artur "isto é estágio". Explico que é um trabalho individual, um projecto meu, que não está associado a outras entidades directamente como o PN, ICNF, etc.]

AL: vai agora para o campo senhor Santos?

[?] cama

AL: ai é? Já vai para a cama?

Às 20h e tal já vou para a cama.

AL: Pois acorda cedo também

Já tenho muita idade, depois trabalho de dia à noite quero é ir para a cama

AL: a que horas é que acorda?

É consoante. Eu acordo muitas vezes de noite, tenho incontinência urinária. E assim passamos o tempo, o resto da vida...

L: olhe que ainda ontem tínhamos aqui umas espigas ao sol, em vez de me ajudarem a colher, tive de deitar de comer à vaca lá em cima, de deitar de comer ao touro, e não foram capazes de me ajudar, eu tenho uns homens do caralho

AL: mas ajudaram ou não?

L: o Artur ajudou-me a pôr as espigas no canastro, e eu depois tive de deitar de comer à vaca, ao touro e agora... eu assim, não fiz de comer, tinha o comer feito do meio-dia, também digo assim, mas eu tenho dois homens em casa, deito de comer à vaca, meto a rês, meto as espigas ao canastro, e não me ajudais... "Santos, é preciso trabalhar, bora!" [grita para o Santos]

AL: eu também tenho de ir andando

L: mas eu não a estou a mandar embora... peço-lhe desculpa

AL: não, mas eu tenho de ir

[fala agora da filha, a dona Laura, e a casa, e a mudança para a casa que a filha fez obras, e como o Santos não quer ir para lá]

AL: você não quer sair daqui está a dona Laura a dizer [grito para o Santos]

Eu fui nascido e criado aqui. Gostava de viver à beira de uma cidade, numa cidade não, mas à beira, hoje aqui não falta nada, olhe é carne às 3as, frango às 4^{as}, é tudo pelas portas. Ontem fui a Vieira trouxe para aí uma trapalhada do caraças barata. Agora para 5^a feira vou a Montalegre buscar dinheiro da minha reforma, já é a feira anual. Aqui não falta nada agora. Aqui é uma terra montanhosa, daqui para cima só Espanha. Mas aqui colhe-se de tudo, pêssegos, maçãs, é vinho, azeite, tudo, diospiro, kiwis, se já for aí para o Barroso, é o que se vê, é flor de tojo e já está, não há produção de uvas, não há... Pitões, conhece Pitões?

AL: conheço

Não há nada! Não há [?] nenhuma

AL: não há o quê?

Frutas nenhuma! Maçã, pera, figo, cereja, nós aqui é tudo, colhe-se aí tudo, só não se colhe a banana porque é...

AL: a banana não há cá, só na Madeira

Na Madeira já há

[...]

A nossa casa é das casas mais antigas de Fafião

AL: já sei... que eu tive a honra de conhecer

(RISOS)

Vasco

Local: campo dele à entrada da aldeia

[...] passam por ali e tenho de ir lá buscá-las porque também tenho umas cabritas

AL: lá na vezeira?

Na vezeira, vêm por ali abaixo e depois eu tenho que as meter, moram lá no fundo do lugar

AL: ah sim, tem lá a corte lá em baixo

Tenho lá a corte lá em baixo [...] mais perto da capela

AL: está bem, e você, disse-me a sua esposa, que já foi do CD não é?

Sim, fui, quando houve a lei dos baldios, aí em 1976 [...] fui eu que formei o primeiro CD, eu com os membros, eu completava, quer dizer, eu era o presidente e depois havia os outros membros, que na altura nós fazíamos aquela associação, optámos pela alínea b) que era em associação com o Parque e a alínea a) era os baldios só os CD sem associação com o Parque. E depois estive ali o primeiro mandato, e aquilo na altura só se podia estar um mandato, no fim tinha que se, não podia estar a recandidatar, em especial o presidente, o presidente tinha que ficar, ou tinha que passar para trás, para a outra linha, para trás ou tinha que... e eu então fiz o primeiro mandato e depois fiz para aí o quarto. E depois no quinto, estive lá por 3 vezes.

AL: nessa altura era 3 anos?

3 anos, foi sempre 3 anos, e depois é que passou para dois mas já se podiam candidatar sempre

AL: a última vez que lá estive foi quando?

Foi em 1993, por aí assim

AL: ok. Foi quando mudou a lei por aí?

Foi quando... depois a lei a seguir mudou

AL: também não mudou muito acho eu

Não mudou muito, alterou-se um bocadinho de cada vez mas nunca foi assim muito radical, foi alterando, alterando, alterando umas coisas, e ao fim e ao cabo está quase na mesma outra vez. Agora é que passaram para 4 anos, agora há pouco

AL: e alteraram o conceito de comparte...

Aquilo os membros são os mesmos, quer dizer, são as mesmas coisas, só alteraram, o que eu acho que alteraram, que eu já não estava dentro, estava no limite mas o que alteraram foi, passaram para 4 anos e depois pensaram, parece que é necessário que se cumprissem, se eles cumprissem investir mais nos baldios, em vez de fazer arruamentos e não sei que mais. E não tem nada a ver com arruamentos, arruamentos é com a JF e com a Câmara não é?

AL: é contra isso o senhor Vasco...

Sou contra isso claro, porque se eles, porque se é para o baldio devia ser investido no baldio para melhoramentos, melhoramento de caminhos, pastagens, que isto dava algum lucro aos lavradores, se limpassem os montes para não arderem os animais comiam, pastavam melhor e não queimavam. Assim como não limpam aquilo que é necessário

AL: acha que não está a haver essas limpezas?

Não está nada, não fazem nada, só limpam onde não devem, onde não é preciso. Andaram agora ali em cima a fazer uma limpeza, estragaram o pasto todo... o pasto não, o produto que nós haveríamos de trazer

AL: mato?

Mato e... mas mato bom, fazíamos as camas aos animais e dava muita produção, mas naquele sítio andaram lá a fazer aquilo e aonde não se passa, temos aqui o monte baixo que não se passa, estão à espera que toquem fogo de certeza, porque não fazem a limpeza. Depois dizem eles “ah é dos de Lisboa, que não aprovam os projectos para aquele lado” ... aprovam! Eles é que não pedem porque não lhes interessa quer dizer, interessa-lhes é onde não dá trabalho nenhum e em que há assim uma área boa para fazer... fizeram de conta que fizeram limpeza mas não fizeram nada, é só para cortar fetos e coisas que não dá para... quer-se dizer, não dá lucro nenhum e que nem tem árvores, por exemplo, no caso agora andaram dentro de uma plantação que já foi feita pelo CD, mas andaram antes uns 2 ou 3 anos ali a limpar uns fetos que não era necessário, nem as cabras... já nem tinha mato para as cabras comerem e eles aquele pequeno mato que ainda tinha ainda o cortaram também

AL: pois... então os sítios onde eles cortam não é decidido em assembleia de compartes?

Não, eles é que fazem o que querem

AL: você continua a ir às assembleias?

Ultimamente não tenho ido, às últimas, agora, pronto, eles tomaram posse em abril para aí. Fizeram para aí talvez uma ou duas, mas não fui porque não pude ir. Mas também não interessa ir porque eles fazem o que querem, eles têm lá uma claqué, e depois não cumprem a lei, porque a lei diz que tem de estar pelo menos 30% das pessoas, eles dizem que 10% que já chega, 10% vão os do CD, vão os familiares, vão não sei quê e já aprovam aquilo que eles querem, portanto não cumprem a lei, e por isso não vale a pena lá ir porque eles depois fazem o que querem. Põem para aí um papel para dizer qualquer coisa mas depois chega-se lá e não cumprem aquilo que escreveram. Se lhe pedir uma cópia do... eu já lhes cheguei a pedir uma cópia da convocatória porque queria saber o que é que constava “ah estava lá uma exposta”. Está lá exposta mas eles põem uma convocatória mas depois lá na assembleia fazem outras coisas que não tem nada a ver

AL: mas acha que isso acontece com este último grupo ou já vem de

Não, não, já vem da outra, são primos

AL: ah, já vem do tempo do Xavier?

Do Xavier, faz-se uma coisa e escrevem outra. Quer-se dizer, diz-se lá uma coisa mas depois fazem... foi lá aprovado contra a minha vontade ir com umas pessoas que

tinham para aí uns terrenos para tribunal, aprovaram que iam com eles para tribunal, mas não disseram mais nada, quer dizer, porque era família, família chegada, quer dizer, são... a vice-presidente, que é a Lúcia, o pai dela é que tinha cometido essa asneira. E o pessoal “ah, mas o meu pai também vai para tribunal” e não sei quê... eu agora qualquer dia vou saber lá às finanças, às finanças não, à [?] se chegaram a fazer alguma coisa, mas não fizeram nada porque sendo famílias eles não fazem nada, não vão contra eles. E aos outros que tinham os terrenos deles levaram-nos a tribunal e tiraram-lhos, que nem a floresta fez isso, a floresta quando lá esteve respeitou aquelas propriedades, e eles agora não respeitaram. Foi o pai deste Miguel e o Xavier, e tinha outros, mas esses é que eram o presidente e o vice-presidente [?] o pai do Miguel foi vice-presidente durante muitos anos, enquanto andou essa injustiça andou sempre, quer dizer, ele sabia que as propriedades que eram das pessoas e então foi isso, pô-los em tribunal e retiraram-lhas, claro, custa dinheiro, as pessoas não têm dinheiro para os contestar perderam. E ainda outra, havia aqui a senhora Fernanda, um terreno que tinha sido cedido no tempo que eu tinha estado no CD para quintal e fazer a casa, fez a casa, fez o quintal e ficou. Ficou e aquilo tinha lá uma sobreirita, uma sobreirita que na altura era pequena mas que agora já é grande. E depois o pai do Miguel rematou “ah, e até lá deixou lá dentro uma sobreira”. Mas agora com este que lá está, que é este que é sobrinho, ali em baixo de quem vai para o cemitério, tapou duas sobreiras, mas duas sobreiras enormes como estas que aqui estão dentro. Quer dizer, aquela não podia tapar, foi-lhe cedido o terreno, não foi por causa de tapar a sobreira, foi porque tapou aquilo mas tinha lá a sobreira lá dentro e eles “ainda para mais tem lá uma sobreira dentro”. E eu até lhe disse na altura “olha, é melhor estar lá dentro a sobreira porque lá dentro não a vão matar e se cá estiver fora se calhar algum desses que se fazem protectores vão matar a sobreira. E então o que fez, por acaso foi ontem, passei ali junto, de quem vai para o cemitério, à esquerda, fazerem uma vedação agora, para aí há um mês, uma vedação nova, quem lá passar vê e tem lá duas grandes sobreiras dentro e já são do tio do Miguel, que é o presidente, e é irmão do pai do Miguel, essas já não é proibido vedá-las lá dentro. Ainda não as mataram mas de qualquer maneira

AL: porque à partida as pessoas são donas das árvores, não são donas do terreno é isso?

Isso foi o que eles argumentaram, mas aqueles terrenos eram terrenos que estavam, que estavam ainda, e ainda estão hoje, quer dizer, por exemplo, um era da minha família, que era dos meus irmãos, de um irmão meu, que estava no nome da minha avó nas finanças... está bem que aquilo dizia “carvalhos no baldio”, mas aquilo tinha uma parede que toda a vida foi respeitada, nem a floresta, nem o engenheiro da floresta, que era o engenheiro Afonso, que foi o presidente da assembleia da câmara de Montalegre durante muitos anos, chegou lá e respeitou, disse “aqui ninguém toca, isto aqui é” e ele ainda era floresta, ainda na floresta, e depois o Parque continuou, “isto aqui é desta gente, porque tem paredes, está roçado, foi limpo”, os pinheiros foram propriamente semeados na altura por um irmão meu que estava no

Luxemburgo, já tem agora 75 anos, e eles em tribunal... e ao fim e ao cabo eles fizeram assim, fizeram aquilo e acabaram por não cortar os pinheiros, que eles não os cortam... ou têm medo ou pesa-lhes na consciência, que não os cortaram, tem aqui uma, chama-se a Portela do Monte

AL: essa questão foi lá na Portela?

Foi. Mas se aquilo é baldio porque é que não cortaram os pinheiros? “Oh, bem, foi dado por baldio em tribunal, mas...”. Quer dizer, têm receio de quê? Ou lhes pesa a consciência, ficaram com problemas de consciência, porque aquilo era das pessoas, e agora continua a dizer, pronto, então mas não podem fazer escritura. Não podem fazer escritura mas continuam, o terreno continua a ser respeitado por, continuam a ser as pessoas a utilizá-lo. Vejam lá, quer dizer, gastaram dinheiro, e ao fim e ao cabo o terreno... as pessoas que lá foram testemunhar dizem, agora até dizem assim “eu nunca mais vou testemunhar pelo CD porque afinal eles foram ao tribunal, o tribunal deu como baldio e eles afinal não lho tiram... é uma canalhada. Ele é meu afilhado, esse presidente, mas é uma canalhada que aí anda (RISOS)

AL: não concorda com nada do que eles fazem?

Nada, nada

AL: então e porque é que não fazem uma lista?

Eh, fiz uma lista agora aqui há 2 anos, há 3 anos, isto já vai agora 4, portanto já vai, andaram aí, agora alguns que andaram aí já me vieram pedir, olhe, andava aqui a cortar uma lenha neste carvalho “oh Vasco nós temos que escangalhar aquilo carai”, um que fazia parte da lista, que andou aí a pedir votos pela família, veio aqui agora pedir-me, agora que já foi escorraçado de lá (RISOS), pedir-me para eu ir lá porque sempre teria mais respeito e tal, a ver se arranjava outra, e eu digo “agora? Agora não que agora até esta ministra que saiu, essa Assunção Crista, agora até fez uma lei para lhes dar mais tempo para eles poderem fazer aquilo que querem à vontade. Quer dizer, era 2 anos, se calhar na altura até me podia candidatar, já tenho 72 anos, teria 73 e tal. Agora daqui por 4 anos já tenho 77, que é que eu vou fazer para lá, já sou velho (RISOS) já não vou fazer... quer dizer, é tudo contra. De maneira que isto é tudo comprado, olhe, um senhor que passou agora aqui com um tractor, disse-lhe ali na cara numa reunião ainda para o Xavier, estavam lá eles, “olha lá...” eles queriam fazer uma passagem e ele disse “lá não passa ninguém, porque aquilo toda a vida foi dos meus pais”

AL: isso quem?

Esse que agora anda aí com um tractor dos baldios. Disse-lhe assim “e olha que tu”, para o Xavier, “tu tens engordado muito mas não é só pelo que tu ganhas no Gouveia”. Caladinho... se fosse eu e não tivesse culpas no cartório eu “então vais-me provar, está aqui esta gente toda, vais-me provar em tribunal se eu ando a medrar à

custa do CD”, porque ele disse-lhe assim. Agora é que para o calarem deram-lhe emprego no CD, a esse, anda aí a trabalhar com um tractor, agora até já

AL: esse é quem?

[...] Mora ali naquela casinha lá em cima. Quer dizer, eles para o calarem, quer dizer, é como que os comprem quer dizer, porque ele disse-lhe aquilo na cara, aquilo tudo muito zangado, mas “para te calares agora damos-te emprego no CD e até te damos um tractor para a mão para tu andares aí todo contente, passou agora aqui com ele. Por isso o CD não... passou agora aqui. Portanto, este CD não... mas eu sou suspeito porque eu candidatei-me e perdi as eleições, portanto... perdi, eles ganharam, pronto

AL: fazia parte da lista do Marcelo?

Não

AL: e do Filipe

Sim, o Filipe estava comigo. Portanto, perdemos

AL: democracia!

Democracia é assim, e... agora é que

AL: e acha que antes resultava melhor, antes destes entrarem? No outro tempo

Antes destes entrarem, claro, resultava melhor porque se respeitavam sempre as pessoas e faziam alguma coisa, arranjava-se a capela, faziam-se umas coisas, agora não se faz nada, agora tem... devem estar para aí cheios de dinheiro.

AL: então mas há uma coisa que eu aí não entendo, se não é bom usar o dinheiro dos baldios a arranjar muros e ruas e assim, mas arranjar a capela pode ser?

A capela pode ser, porque a capela, não há um... não há, quer dizer, não há dinheiro, porque senão as pessoas teriam que ir ao bolso, mas as pessoas são pobres, como o dinheiro é de todos, se investissem na capela, alguma coisa... mas é que eles nem investem na capela, eles não investem em nada. Em que é que investem? Fizeram uma casa lá em baixo no fundo do lugar, à beira da capela, a tirar valor à capela que é uma coisa antiga, para tirar uma casa porque há lá uns indivíduos, uns senhores que querem estacionar à vontade, que fazem parte do CD, que é o André, eu falo no nome deles porque

AL: não sei quem é o André por acaso

É, mas faz parte do CD. Querem lá um largo bom para eles darem lá a volta com os camiões, é o Xavier, e aquela família, família que pertence também ao CD, que o pai trabalha nos sapadores, quer dizer, querem tudo à maneira deles, fazem o que

querem. Chegam acolá, tínhamos acolá um, aquilo foi mandado pelo Gouveia e pelo Bruno, muito bem feito, em Pinhô, fizeram lá uma casinha e puseram a vedação, através de um projecto, pronto, mas fizeram aquilo, só lá ficaram os pinheiros dentro, muito bonitos. Agora foi lá este senhor Miguel mais o senhor Camilo e cortaram-nos, ficou aquilo tudo lá sem sombras, quer dizer, os pinheiros antigos que foram plantados no tempo da floresta, ainda eu era... tinha para aí 14 anos quando andei a plantá-los e assim, agora tenho 72 já lá vão uns anos. E eles agora cortaram os pinheiros... não sei porquê! Mas cortaram-nos sem aproveitamento nenhum

AL: no curral?

À beira do curral, sim, em Pinhô [...] ainda há pouco lá estavam umas touradas lá no chão, e outras trouxe-as o senhor Camilo, trouxe um tractor delas. E cortaram não sei para quê, quer dizer, só para destruir o que é antigo, porque aquilo era dos que ficaram lá, os outros arderam todos. Os que não arderam eles venderam-nos também e lá os destruíram. Mas muitos não arderam, aquilo ardeu tudo mas aquele pinheiro silvestre aguenta muito, e ficaram. Mas eles depois, como aquilo é uma madeira muito boa venderam aquilo à socapa ao empreiteiro, ou lhes deram ou, sei lá o negócio que eles fizeram, quer dizer eles foram cortados todos, ficaram apenas aqueles dentro do curral junto da cabana. Agora cortaram-nos, só lá ficaram dois tortos, dois que não prestam para nada. Mas os próprios sapadores estavam contra, o Tiago que também faz parte, estava contra. Mas o senhor Camilo é que é o comandante, o sobrinho é o presidente, e pronto, lá cortaram os pinheiros sem lucro nenhum, só para destruir o que é antigo

AL: o Camilo é irmão dos pais do Miguel é isso?

É, do pai. É o tal que vedou lá em baixo agora, que tem lá duas grandes sobreiras dentro que aquilo visto por uma fotografia é uma vergonha, quer dizer, e ele disse-me para mim que aquela sobreira que tinha de ficar de fora, e lá está de fora, quer dizer, chegaram a acordo depois em tribunal, e ele as outras acolá tapou-as, agora para aí há um mês ou dois. Como é deles, é tio do Miguel... é irmão do pai do Miguel... é essa família toda, para eles é tudo, para os outros nada. É um CD que para mim não

AL: mas o senhor Camilo não faz parte do CD pois não? É através do Miguel... só para perceber

É o tio do Miguel, o Miguel faz o que ele manda, ele faz o que manda o Miguel ou o Miguel faz o que ele manda. Foram lá então ver os pinheiros acima, por acaso andava com as cabras, se me perguntassem “vamos aqui ver estes pinheiros para os cortar” eu dizia “opa vocês não façam isto porque isto aqui é um crime, esses pinheiros fazem aqui falta para as mesas, já lá estiveram 5 deputados da Assembleia da República, estiveram lá, ficaram encantados com aquilo, andámos lá, foi deputados do PS, do PSD, o comunista, só não esteve o Bloco de Esquerda, eles até disseram

“não está aqui o Bloco de Esquerda, não estavam disponíveis para vir” e tal, toda a gente ali

AL: o que é que eles vieram fazer?

Vieram fazer uma visita às plantações, que eles tinham feito esse projecto, um projecto muito bom, este aqui em cima, no Azeveiro, vieram ver aquilo ali, e foram lá também ver, aquilo também foi um projecto, aquela casita que lá fizeram, e aquela vedação e aqueles caminhos que abriram

AL: isso aonde? Lá sempre

Ali também em Pinhô, e fomos almoçar, almoçámos em Pinhô, nessas mesas que lá estão, com aquela sombrinha toda, e agora se lá viessem os mesmos “então e agora já destruíram isto? Foi só para nos mostrar a sombra que isto fazia, que agora cortaram-nos

AL: e nesses momentos nunca lá vai perguntar à malta “então mas porque é que cortaram”? Que às vezes pode haver uma razão qualquer não?

Não, não tem razão nenhuma, quer dizer, eles falaram “estavam aqui...” têm lá dentro plantado um carvalhito, que até é americano, até devia ser proibido plantar aqui, eu sei que até o parque é contra isso, e pronto, tem lá um carvalhito americano, diz que era para o carvalhito poder medrar, e um freixo. Freixos há muitos no rio por aí afora, que nascem pelo meio da água

AL: ah cortaram para as outras árvores poderem crescer

Disseram isso, mas aquilo não é nada, que aquilo é um carvalhito que não presta para nada. Se ele estivesse em cima do carvalho até... mas eles estavam longe. Mas eles deram essa desculpa, se calhar precisavam da madeira para eles para fazer umas coisas. Porque aquela madeira é boa, não é como estes que por aqui há

AL: ah, a do silvestre, a madeira é mais dura não é

Portanto não tem aproveitamento... é que não fazem nada de jeito, é que não vejo... agora fizeram aqui um... dizem que foi o CD, não sei se foi, mas deve ter sido, aqui um largo que aquilo está uma vergonha, uma coisa, ainda lá passei hoje, aquilo é uma vergonha, quer dizer, nem está... aquilo era plano, como esta terra, está aos altos e aos baixos, e cimentaram aquilo, passam lá mangueiras do povo, eles quando houver... quando for preciso rebentar aquilo só uma máquina é que rebenta aquilo e depois nunca mais fica igual. Se fosse o paralelo posto em saibro, tudo bem, depois no dia em que houvesse uma avaria numa mangueira tirava-se as pedras. Assim não, cimentaram aquilo tudo

AL: por cima das mangueiras?

Por cima das mangueiras. Aquilo um dia que, passam mangueiras que vêm para aqui para este tanque, é um tanque de rega desta terra, destas propriedades todas por aqui abaixo, e lá para baixo para o fundo do lugar. Quando aquilo rebentar, aquilo uma máquina tem de se rebentar tudo e nunca mais fica igual. Depois a água é de herdeiros, aquilo é público, tem de se rebentar aquilo, as mangueiras já lá passavam. Se ao menos deixassem um canal por baixo para um dia que aquilo rebentasse e meter outro. Só fazem trabalhos sem pensar, a cabeça deles não... e são engenheiros, este Miguel, dizem que é engenheiro, mas o que é que é um engenheiro de obras feitas

AL: mas nada disso é discutido em assembleia?

Nada! Ninguém sabe de nada

AL: mas será que é porque não vão às assembleias ou é porque não é discutido?

Não, quando se vai às assembleias fala-se de uma maneira, dizem uma coisa e depois lá fazem outra, já se passa por cima daquilo porque eu lá nunca ouvi falar nisso, nunca ouvi falar neste largo, nunca ninguém falou, até pergunto “será a Câmara? Será não sei quem?”

AL: ah ok, pode não ter sido o CD

Pois, mas eles... eu por exemplo sei que a Câmara que não foi [?] porque eu tenho um irmão que é vereador da Câmara e eu sei que a Câmara que não foi, só a Junta, mas a Junta também não tem dinheiro. É o que lhe estou a dizer, porque ali é uma rede, sabe quem é o Luís, o Luís mora ali, e queria aquilo bem arranjadinho, o senhor Francisco, o senhor Tiago, também é tio do Miguel, cunhado ali do pai do Miguel. Quer dizer, fizeram ali aquele larguinho muito bonito porque, ora ali para cima mora o senhor Francisco, o senhor Tiago tem aquela casa ali em frente muito bonita, o Luís também mora ali, disse que nunca mais ia para o CD, disse-me para mim

AL: quem?

O Luís... agora faz parte. Faz parte quer um larguinho arranjadinho, aquilo está uma vergonha quer dizer, aquilo nem está arranjado, se lá passar, é só altos e baixos [...] mas está mal feito, e deviam lá ter gasto um grande dinheirão e não perguntaram nada a ninguém, aquilo é feito só à maneira dos que beneficiam daquilo, beneficiam que não beneficiam nada, aquilo está feito, é tudo cimento, se fossem em paralelo, em saibro, ficava muito mais bonito, como fizeram aqui, aqui foi tudo em saibro, lá não, cimentaram que é para nunca mais nascer ali erva. A erva não faz mal nenhum. Mas pronto, é só a minha crítica, mas eu não vejo nenhuma coisa que eles façam bem... fazem os caminhos, vão fazendo os caminhos

AL: na serra? Ou os caminhos aqui da

Na serra, isso está bem, é trabalho... são os sapadores, quem paga é o Estado, não é o CD

AL: paga metade não é?

Não, nem metade, pelo menos do que eles diziam

AL: paga, paga

O que eles me diziam a mim, disseram quando estava lá o Xavier, pagam o comer, o subsídio de almoço, a caixa e o seguro, de resto

AL: acho que o Estado dá 30 e tal mil e eles têm de dar o resto que é o dobro, o dobro não... eu estou a dizer aqui mas não é só aqui, é em todos os baldios que têm sapadores

Pois, mas isso era assim, também isto vai sempre sendo alterado, mas na altura o que o Xavier disse foi que o Estado que dava, portanto, eles que tinham que pagar o subsídio de almoço, o seguro, que era muito caro, os sapadores têm que ter um seguro mais... devido ao trabalho que fazem, e isso tudo. Agora se foi alterado não sei. Também o parque antigamente levava 25% das receitas e agora é tudo para eles esse dinheiro. Isso é um dinheiro que também podem investir nos sapadores não sei

AL: não, esse dinheiro... pelo que eu sei na modalidade b) o Estado leva 40%, na modalidade a) leva 20%, ainda leva 20%, não é tudo para eles. É assim que está na lei pelo menos

Mas parece que o Estado que não leva nada

AL: leva, leva... só se fugirem, não sei, porque supostamente são 20%. Dos povoamentos que foram plantados pelo Estado no passado, ou que sejam regeneração de, é o que diz a lei

Mas não

AL: não sei... vocês davam?

Nós dávamos porque nós era, quer dizer, o Estado é que recebia e depois é que nos dava

AL: ah, isso na modalidade b) não é? Mas depois mudaram para a a) não foi?

Depois na a), na a) só fiz dois anos, não, três anos. Mas aí eles ainda eram, quer dizer, eles é que ainda eram que faziam os autos de marca e aquelas coisas todas

AL: ah, não mudou logo?

Não, quer dizer, foi só, eu acho que um mandato que ainda foi assim porque já havia pinheiros auto-marcados e não sei quê e o Parque ainda foi que nos emprestou o

dinheiro, então nunca... nunca... no meu mandato não, esse aí ainda foi pelo Parque. Eu confiava muito no Parque, o Parque trabalhava pela Lei e com seriedade, depois desde que mudou para isto, esta cambada de, fazem tudo o que querem, não sei. Nem acredito que dêem nada ao Estado, porque eu vejo-os a cortar pinheiros em todo o lado, por aqui, por acolá, não vejo... mesmo sem... aqui andaram a... aquilo parece que era o CD à frente a mandar tocar fogo e eles atrás a... andava o madeireiro atrás a cortar hoje e amanhã já havia à frente, quer dizer, os pinheiros melhores que havia em Fafião. Eu digo assim “mas quem é que anda aqui a...” mas não foram tocar fogo onde as cabras pastam, foi aqui nos melhores pinheiros que havia

AL: mas tocaram fogo, quer dizer, não foi o CD, houve um incêndio...

Quer dizer, havia um incêndio aqui, chamavam logo um madeireiro para levar os pinheiros. Dali por 2 ou 3 dias ainda estavam ali os tractores e os pinheiros, já ardeu à frente, quer dizer, não percebo quais eram... aquilo são negócios muito complicados, que eu não os entendo. Porque eles, chegavam ali, deixavam estar os pinheiros... arderam, vamos investigar quem é que... não, quer dizer, o empreiteiro já não tirou de lá o tractor, já foi cortar para a frente. Mas havia de ser inventariado aquilo pela GNR, a ver se havia crime, se não havia crime, quer dizer. O madeireiro atrás a cortar, não dá tempo a que... algum dia dão alguma coisa ao Parque disso, é tudo negócio. E é que eles nem passam pela conta do CD, os cheques, aquilo deve ser dinheiro vivo do empreiteiro ao CD. Não quer dizer que eles depois não vão depositar, mas se passasse tudo por ali, aquilo havia lá milhares de movimentos de cheques, de certeza

AL: de certeza? Não pode ter a certeza

Não é de certeza, é quase. Porque uma coisa assim eles nem têm tempo de pensar

AL: mas, digo eu, essas questões, não seria interessante vocês irem às assembleias de compartes e contraporem as pessoas e confrontarem

Já propus [não se ouve bem porque há um tractor que parou ligado perto, mas o senhor Vasco fala de como já os questionaram e de como lhe disseram não sei quê do dinheiro e do empreiteiro...]

Mas depois não se sabe nada, ele não disse mais nada, quer dizer, depois não se sabe o que é que se passou. Uma vez até lhe pedi, para minha... para saber das contas, pedi-lhe uma cópia do extracto do banco... que é proibido dar, dar-me a mim o extracto do banco, para eu ver o movimento que eles faziam, porque eu depois era capaz de ver lá “epa, mas então aqueles pinheiros foram cortados agora aqui e não passaram aqui na conta”. Eles não deram, diz que não podiam dar, que é proibido

AL: mas há uma reunião que é de apresentação de contas, que é em março ou que é

Sim

AL: e tem ido?

Tenho, até já lhe pedi as contas uma vez. Só que não batiam certas, não voltei lá senão tinha que fazer participação porque aquilo para mim não bateu certo. O que saiu antes diz que deixou lá 148 mil Euros. E depois o outro diz que iniciou a actividade no mesmo ano com 83 mil. Uma diferença de 65 mil Euros “deus me livre, eu não posso ir para a frente com isto porque senão isto vai tudo para a gaiola, não pode ser”. E então olhe, nem de contas quero saber. Por acaso deram-me aquilo

AL: as contas?

Deram-me as contas, e eu vi aquilo escrito digo assim, o que saiu não apresentou nenhum papel, só disse, mas há aí testemunhas “ui Jesus, este homem deixou tudo cheio de dinheiro, 148 mil Euros. E depois este quando eu lhe pedi as contas a seguir, perdi as eleições pedi as contas logo no ano a seguir “iniciou com 83 mil”. Ora se ele apresentou as contas em abril, que deixou lá 148 mil Euros, de boca, não vi papéis. Depois eu pedi ao outro para ver se aquilo batia certo... diz que eram 83 mil. Aquilo ali... eu depois até me calei, eu assim, não vale a pena, até tenho lá os papeis, mas o que o outro que saiu disse, foi o Xavier, 148 mil Euros [...] podiam se ter enganado... mas a verdade é que ele disse aquilo, tenho testemunhas, também ouviram, as pessoas até ficaram “ui, isto é que é dinheiro”. Depois o outro apresenta-me por escrito, assinado por ele e lá pelo contabilista, que iniciou a actividade... ora se em Março apresentasse contas era referente até dezembro, depois o outro disse que iniciou em janeiro com...

AL: e como é que vê o futuro dos baldios?

Os baldios eu vejo que isto devia voltar outra vez para a floresta, que era gente mais séria, havia outra gente à frente, ou para a Câmara ou para as Juntas

AL: acha que era melhor?

Era melhor, que esta gente não sabe de nada. Eu não vejo nada, quer dizer, nada de jeito, se visse, se dissessem assim “vamos fazer isto, vamos fazer esta obra aqui...”. É dinheiro que mete medo, é camiões por aqui abaixo que às vezes até é uns atrás dos outros, portanto aquilo dá dinheiro, não se vê. Eles meteram no banco, eu não digo que eles que o estragaram, mas também no banco não

AL: mas você próprio diz que houve tempos em que o CD funcionou, porque é que fala logo da Câmara; ou da Junta ou do Estado?

Porque antigamente, antigamente... a gente foi para o CD porque, era logo a seguir ao 25 de abril, e depois começaram para aí todos a cortar pinheiros e não sei que mais, ali naquela revolução, muito próximo

AL: quem é que começou a cortar pinheiros? As comunidades?

Não, a Junta de Freguesia, diz que era a Junta mas era uma Junta assim sem ser eleita, nomeava assim de qualquer maneira e tal. E depois

AL: mas não era a JF?

Era a JF. Depois veio a lei dos baldios, aquilo começou, começou-se a fazer aquilo, nós tivemos aí um problema com a justiça, com Vilar da Veiga e Ermida e tal. E depois aquilo foi-se tentando travar o corte de pinheiros, porque uns cortavam de acolá, outros cortavam dali, e então é que se criou o CD, com a boa intenção, arranjou-se a capela, fez-se umas coisas, lá em baixo aquele largo da capela foi feito com pelo CD junto da capela e tal, fizeram aqui uma casa para os bombeiros, que vinham para aqui passar o verão combater os incêndios e

AL: ai é? Ainda existe essa casa?

A casa existe ainda, e foi gasto... foi lá feita com dinheiro do CD e uma pequena ajuda da Câmara. Mas agora com tanto dinheiro e agora não se vê para onde é que vai o dinheiro, agora a única coisa que fizeram foi levar as pessoas ao tribunal para lhes levar aquilo que lhes pertencia, até a floresta os respeitou. E agora não se vê investir, não se vê investir em coisas que dê lucro, não vejo nada, quer dizer, a não ser a Junta, a Câmara fez aqui estas avenidazitas, ainda há pouco alcatroou isto, fez aqui umas obras, o CD nada de útil! Os caminhos é a única coisa, mas isso são os sapadores. Onde não há sapadores também vejo os caminhos conservados, ali em Pincães há mais baldio roçado do que o que nós temos, mais limpo, em Pincães onde não há CD e até vejo daqui, no outro dia estive a ver daqui, mais terreno limpo do que nós

AL: mas há CD lá

Há CD mas não há sapadores. Nós aqui temos sapadores, portanto, a pouca limpeza que está feita são os sapadores, porque eles não investem em outro, em empresas, na limpeza podiam

AL: mas não há também? Eles também não recorrem a empresas de limpeza?

Não, já há muito que não, já no tempo do Xavier já só tinham o Gouveia em bocaditos pequenos, de resto eram os projectos através do Estado para limpeza. Agora como o Estado financia isso eles também não investem dos próprios recursos

AL: o Estado ainda está a dar, é menos mas acho que ainda está a dar. Pelo menos antes havia as ITI que foi até 2013

Sim

AL: depois agora com o novo quadro de financiamento da UE é que acho que diminuíram com aquela questão das áreas elegíveis, que as áreas para os produtores também diminuíram, e parece que aconteceu o mesmo com as ITI

Pois, pois. Quer dizer, diminuíram mas aí também tinham razão para falar. Quer dizer, tinham atribuído, como também tinha umas fazenditas, 26 cabeças de fazenda [gado, cabras e ovelhas]. E então, quando veio essa, quando diminuíram as áreas de pastoreio ou não sei que mais, tiraram, mas tiraram-me a mim para darem a outros, para darem aos familiares deles. Porque, se não havia, eu tinha 4 hectares, correspondia-me a 20 e tal cabras, 27, 28, à volta de 7 cabras ou 7 ovelhas por hectare, e como eu tinha 27 ou 28 cabras, pronto. Depois tiraram-me dois mas entretanto arranjam para um projecto, que era de um familiar deles, é primo do Miguel, e foi-lhe dado 10 hectares, quer dizer, mas tiraram-mos a mim. Porque se não havia para mim como é que foi ele ter direito a 10? Primeiro era para aqueles que já tinham gado, e depois é que haviam de dar àquele que ainda os ia adquirir. Não, tiraram-me a mim e tiraram a outros, mas de certeza que não tirou ao pai dele, nem tirou ao... depois pode fazer-lhe a pergunta

AL: a quem?

Ao Luís “oh Luís”, antes de ele ser do CD, “hás-de ver lá se também não te tiraram a ti”, mas como ele tem as cabras em sociedade com o pai do Miguel e com o Miguel, de certeza que não tiraram. Depois ele diz “hei-de ir lá ver”. Nunca mais disse nada é porque não tiraram, só tiraram àqueles que... mais pobres, era como o meu caso, tiraram-me ali então 2 hectares e foram dar ao Cristiano que é o tal do projecto que é primo do Miguel. Tirar a uns para dar a outros não é democracia. Esse eu já tinha, é assim, tu como vens de novo em vez de levas 10 levas 3 ou 4, ou levas... pronto, ou compras o gado conforme o terreno que te podemos dar, mas não vamos tirar a uns para dar a outros. Agora tiraram-me dois a mim, tiraram dois ali à senhora, tiraram dois a cada um, já podiam dar dois ao familiar. Isto também conta ali para o comportamento do CD

AL: eu aí o que acho mal, imagine, eles aí até podiam estar a querer beneficiar um jovem para que ele fixasse aqui. Mas na minha opinião, que só interessa mesmo para esta conversa, o que eu acho mal aí é não haver uma discussão generalizada sobre essa divisão, mas

Lá como eles fizeram eu não sei, quer dizer, a mim sei que me tiraram, depois sei que também tiraram a outros, que entretanto venderam a fazenda, mas aos familiares deles não tiraram porque eles... um foi aquele, aquele arranhou um projecto, eles dizem que lhe deram 10 hectares, eu até acho pouco, se calhar até lhe deram mais porque ele tem para aí umas poucas de vacas dessas que andam aí pela serra a pastar sem... as cachenas

AL: ah, ele tem cachenas aqui?

Tem, tem, arranhou umas cachenas para pastar aí

AL: pensava que era mais para o Soajo as cachenas

É, mas aqui também há. E... tirar a uns para ao outro não! Porque se fosse àquele que é rico, mas eles não tiraram, tenho a certeza que não tiraram aos familiares deles, porque eles tiram a quem não gostam. Aquele está à vista, àquele deram-lhe. Depois ainda andaram a fazer lá um desaterro, lá próximo do cemitério que é para ele fazer uma vacaria, com dinheiro também do CD. Também disse lá que eu que era contra isso, queriam uma vacaria faziam-na eles “ah e tal mas é porque é para ordenar, para ser ordenado, nós fazemos mas depois ele paga um Euro por cada metro”, depois pararam de fazer aquilo, não sei se está embargado, [...] é uma pouca-vergonha também aquilo, aqueles materiais todos, são do senhor Xavier, já falei nas reuniões umas poucas de vezes que é uma vergonha lá estar, já falei na Junta, que aquilo devia ter um sítio, uma vedação, faziam uma vedação que era para separar do cemitério, mas não, aquilo é cimento aqui, é... toda a obra, porque é tudo aos familiares deles, aquilo não tem jeito nenhum, é uma vergonha aquilo que ali está, é uma vergonha à volta do cemitério. É cimento, é pedras, é...

AL: mas aquelas vacarias eram para quem? Eram para pessoas que não têm nada a ver com o CD...

Não, era para o... não, é feito pelo CD para esse senhor, esse... para o primo do Miguel que é o Cristiano. E disseram que iam fazer... eu disse não, cada um devia fazer, se querem o projecto, ou o dinheiro é financiado lá pelo IFAP ou isso, ou se não é financiado pelo IFAP o CD não tem nada que dar dinheiro para o individuo, porque ele é que vai tirar o lucro, o CD não vai lá buscar dinheiro nenhum

AL: o que eu percebi dessa situação é que o CD tinha cedido a área do baldio mas que o rapaz tinha um projecto com o IFAP

Tinha um projecto com o IFAP e eles cedem o terreno e fazem-lhe o barracão?!

AL: mas é o CD que está a fazer?

Foi. Quem pagou aquilo foi o CD, quem pagou o desaterro da máquina, das máquinas lá... foi o CD, eles disseram lá mesmo... isso devia ser pago era pela pessoa, se não tem... se o IFAP financia, financia, se não financia ele é que vai tirar o lucro, tem algum cabimento?

AL: se calhar emprestou, estou agora aqui a pensar, como o IFAP não dá o dinheiro logo não é, a pessoa tem de adiantar e o IFAP só dá o dinheiro depois de haver investimento, então se calhar o que o CD fez, isto sem certezas, foi emprestar, pagar adiante

Mas não podia, não devia

AL: não devia sem perguntar aos compartes

Não, mas isso é contra a lei, porque eu também, houve aqui um projecto para recuperação de casas que eu também tinha, mas tive que o pagar, se não tinha

dinheiro tinha que o pedia emprestado para fazer até vir o outro subsídio, quer dizer, tive primeiro que fazer para aquilo ser aprovado e depois o dinheiro lá veio, lá me puseram na conta, deram-me 50% do que gastei. Mas fui eu, não pedi dinheiro ao CD

AL: ele se calhar não tem... não sei, estou mesmo a falar sem saber, não sei qual foi a situação

Pois, exactamente

AL: Estou só a pensar naquilo que sei sobre a lei e tentar perceber o que pode ter acontecido... eu acho é que as coisas têm de ser explicadas e tem que haver comunicação

Pois, mas eles não explicaram, foram fazer para lá sem pedir autorização a ninguém, sem consultar ninguém, porque era toda a gente contra que fossem para aquele sítio, próximo do cemitério, e agora diz que está embargado, não sei se está embargado se não está, não dizem nada... mas aquilo já está há muito tempo parado, dá-me impressão que aquilo houve qualquer...

AL: você tem que ir buscar as cabras não é?

Elas já passaram ali

AL: já passaram (RISOS). E agora elas vão sozinhas lá ter à corte?

Não, eu tenho lá a minha vizinha que é capaz de as meter se eu lá não chegar a tempo

AL: ok... só mais uma questãozinha, quando você me fala da florestação, naquele tempo do Estado Novo, aquilo foi positivo ou negativo para a comunidade?

Aquilo foi tudo positivo, foi tudo positivo porque ia trabalhar quem queria, que era o que haviam de fazer agora, que haviam de fazer agora para estas coisas, chamar essas pessoas que não têm emprego e pô-las aí a fazer caminhos, com esse dinheiro dos pinheiros, caminhos e plantações, porque agora não fazem nada, plantam um carvalho e não fazem nada, e só vão comer umas merendas de vez em quando, dizem que vão plantar árvores, até põem na internet, trazem para aí toda a gente e não sei quê, mas não plantam árvores nenhuma. Levam para ali uns salgueiritos, estão ali plantados, assim deste tamanho, plantam-nos por aqui, plantam-nos por acolá, aquilo até é agradável, eu gosto de ver, nem sou contra isso

AL: mas isso é a vezeira não é? A associação...

É, a associação Vezeira. Mas fazem isso, a única que faz alguma coisa é essa, é a associação vezeira, ainda apareceu por aí o ecomuseu e isso, os outros, os do CD não fazem nada, não prestam para nada, só arrebanham o dinheiro dos baldios, mas só que depois, ele até é capaz de estar lá no banco, para um dia em que o investirem,

mas não sei em quê... que eles não fazem, não adiantam projecto nenhum, nunca apresentaram um projecto... eles ainda falaram, de uma coisa de reflorestação, até o presidente da Câmara disse que ajudava, que ia ajudar a reflorestar carvalhos e não sei que mais, ele só era contra os eucaliptos, mas depois disse-me lá uma vez, também já lhes disse a eles lá numa reunião também, ao CD, o presidente da Câmara disse que está há um ano à espera que os CD do concelho de Montalegre lhe apresentem projectos para ele... para ver se ele pode aprovar e subsidiar, diz que ainda lá não apareceu nenhum e não fazem nada... se é o presidente da Câmara a oferecer e a pôr no jornal, chamou-os lá todos, foram lá todos, os CD

AL: isso foi quando?

Aqui para aí há uns 2 anos, logo que o Miguel entrou, chamou-os todos a Montalegre [...] que ele queria cooperar com os CD e com a Junta para reflorestar os terrenos que fosse necessário, e depois chamou-os lá a todos e depois junto à festa de Natal disse lá “até hoje”, já aí há um ano, “ainda não apareceu cá nenhum CD com nenhum projecto para ver se podia ser viável”. E eu disse isto ao Miguel “ah, ele diz isso mas” não sei quê, não sei quê, desculpou-se e... mas foi verdade que disse lá numa reunião [não se ouve nada por causa de tractor que passa] se eles se oferecem para subsidiar e para ajudar esses projectos e eles não vão lá... não vão lá porque têm de andar a passear

AL: mas por exemplo, é só mais esta questãozinha, no tempo da florestação também houve aquela questão das multas para quem usava as zonas florestadas, isso não teve grande impacto aqui?

Não, houve alguma, quer dizer, houve uma cabra ou outra, não sei quê, que até as pessoas diziam que a multa que era mais cara do que valia a cabra, a cabra valia na altura cem escudos e eles queriam 200 e não sei quê, e tal, mas por aqui... isto eu ouvia falar ali para o lado da Ermida e para lá, nós aqui em Fafião nunca tivemos esse problema

AL: em geral as pessoas gostaram que viesse a floresta, é isso?

Ai gostámos, ia toda a gente para a floresta, eu com 14 anos... naquele tempo havia muita gente e não havia outros empregos, aquilo era uma maravilha lá

AL: você também trabalhou na floresta... muito tempo?

Até aos 18 anos [...] naquelas plantações ali por Pinhô, que agora já não existe nada a não ser para lá umas camecíparas e umas coisas do meu tempo. Ui, naquela ocasião era gente para lá que eu sei lá, a canalhada... a canalha que saía da escola aos 12 anos, ninguém ia estudar, não havia meios e íamos todos para lá, e isso era bom. Agora também podia ser bom porque há aí alguns que precisavam de trabalhar, mas tem a brigada dos sapadores e não metem mais ninguém... sempre ganhavam um dinheirito

AL: pois... e durante esse tempo não houve cá comissões de baldios não houve cá nada, era o Estado

Aí era o Estado

AL: e antes da florestação?

Antes da florestação... eu aí

AL: não se lembra não é

A florestação veio mais ou menos quando eu tinha os meus... tenho uma irmã que foi para lá com 10 anos e ela leva-me 5 a mim, portanto eu com 5 anos não me (RISOS)

AL: ah, quando eles chegaram... ok, quando falou dos seus 14 percebi que teria chegado quando você tinha 14...

Não, não, já vinha antes [a floresta], os que têm agora 80 anos é que começaram mais ou menos nessa floresta, que veio aqui logo, aqui ao rio, ainda há uns pinheiros grandes ali por aquele ? fora, foi ali por onde começou a floresta por ali fora, isto vai há quê, se eu tinha 5 isto vai há para aí 65 anos que veio a floresta

AL: então quando você fala que melhor mesmo era entregar ao Estado, mas considera que o baldio continua a ser importante aqui para a população?

O baldio é importante mas só que eu acho que anda é mal gerido, porque, não sei... começou esta juventude a tomar conta de uma coisa que não têm... pronto, não têm gosto por isto, eles fazem as coisas sem... pronto, pensam que isto que é tudo cor-de-rosa, mas isto quando um dia voltar a virar depois vai ser mais duro, porque eles haviam de preservar isto melhor, onde é preciso plantar carvalhos, plantava-se carvalhos, os pinheiros... já são pinheiros a mais porque antigamente não havia nenhum, tínhamos abelhas, tínhamos caça, tínhamos tudo, e agora aqui não há... as abelhas morrem todas, caça não há nenhuma, só lá para cima para onde não há pinheiros, e estes pinheiros vieram dar cabo de tudo. Está bem que eles nasceram quase por eles, isto veio essa semente que a floresta semeou algumas, e depois cresceu isto tudo, porque isto antigamente dava para pastar, agora nem para pastar nem para nada, agora da maneira que está queima... lá vão queimando porque as pessoas vão queimando quando... mas não o deviam fazer, queimar é a coisa pior que se pode fazer, mas como eles não limpam, as pessoas começam a tentar destruir, porque ao fim e ao cabo só destrói, não faz bem a nada, queimam, foge a terra, fogem as pedras, depois sobem tojos

AL: mas os tojos não são bons para as cabras? Ah, está a falar por causa da floresta não é?

Sim, sim. os tojos, as cabras comem tojos mas os tojos, só os tojos não [não se ouve, tractor a passar] a vegetação melhor não volta, só vem o que não presta, é os tojos e depois o renascimento dos pinheiros, portanto, não dá pastagem nenhuma. Eles dizem que dá pastagem mas eu não acredito muito que dá pastagem, porque ao arder a terra arde, e depois foge, só vêm os tojos e ficam as pedras à vista, portanto só dá prejuízo

AL: pois... você, isto não tem nada a ver, você emigrou?

Não, não

AL: esteve sempre aqui?

Estive sempre aqui

AL: ok... e ao menos a vezeira corre bem, ou não?

A vezeira corre

AL: está bem gerida

Bem, a vezeira, está bem gerida, quer dizer, ela agora está já muito fraquinha, porque tem poucos animais, e depois as pessoas também se desavieram e em vez de uma fizeram duas

AL: pois, houve aí uma separação não é?

É, uma separação e pronto, mas vai funcionando, assim como a das cabras também, vai funcionando. A das cabras continua, mas já muito pequenina, e as pessoas estão velhas, os novos não podem, uns não podem, outros não querem, e os velhotes, às tantas não podemos ir com elas

AL: pois... e porque é que a vezeira das vacas se separou?

A vezeira das vacas, começaram, quer dizer, as pessoas não tinham vagar de ir para a vezeira, começaram a ter empregos, e começaram a deitá-las à sorte por aí fora. E depois, o gado não andando apastorado vai procurar o pasto aonde o há, e começaram a ir para o sítio onde havia as vezeiras. Os das vezeiras, os que guardavam, não queriam lá o gado que não era guardado e daí começaram com essa via e tiveram que se separar

AL: e agora têm monte separado também?

Sim, tem, tem mais ou menos definido. Eles fizeram um acordo lá no tribunal

AL: aí foram a tribunal e tudo?!

Foram, foram a tribunal. E depois não houve julgamento mas acordaram, os que não querem a vezeira, que não querem guardar, vão para ali, os que querem guardar vão para acolá, e está mais ou menos definido

[despedidas]

Agora vou regar um bocado que ainda não tinha acabado, agora também fechei a água para encher, tenho um depósito lá em cima, ao fechá-la aqui ela acumula e agora tem mais pressão porque eu andava ali a regar mas ela não tinha quase pressão

AL: pronto, eu também vou andando, se calhar já vai ser tarde para ir ter com o Luís, não sabia que ele tinha ido com as cabras

Sim, eu acho que ele foi com as cabras porque ele disse me de manhã que ia

AL: e essas questões não se metem entre vocês pois não? Quer dizer, se não concorda com o Miguel, ou com este ou com aquele, continuam na mesma a dar-se, é mesmo só uma questão de...

Ah, sim, é, é mesmo só uma questão de quase má política, mas continuamos a dar-nos na mesma, não tenho nada contra, só tenho... há sempre aquelas coisas que se fizeram mal [?] que é que uma pessoa tem sempre de respeitar, fui sempre respeitado por toda a gente, estes agora fizeram aquilo... esse senhor Camilo, que é o tio do Miguel como eu lhe estou a dizer, aquilo está à vista, eu digo-lhe aqui o que eu digo pode ser dito ali adiante [volta a referir-se à questão das sobreiras tapadas quando antes defenderam que a outra senhora não podia ter a sobreira na propriedade dela], isso pode-se dizer, o que eu lhe digo aqui digo-lhes a eles na cara, quer dizer, eles nem se zangam porque aquilo está à vista, as sobreiras estão lá vedadas com uma rede. Fizeram aquilo... eu quando fui “o senhor Camilo diz que ia ali em baixo comprar um bocado, lá ninguém te pode vender, porque segundo a lei não se pode vender terreno baldio fora do perímetro de construção. Podem é dar-to”, mas eu nem sabia que tinha lá sobreiras dentro. Mas ele podia dizer assim “mas tem lá duas sobreiras e então” “ah, então deixe-as de fora porque também vieram a não deixar a senhora Fernanda”... quando se foi dito, que isso também não faz mal a ninguém, que pode ser para cultivar aquilo, agora se estão lá as sobreiras, então aquelas não podiam estar lá dentro mas agora estas já podem?

AL: mas as sobreiras eram dela... e as sobreiras eram deste também...?

As sobreiras são do baldio

AL: ah

Ele vedou e as sobreiras ficaram lá dentro, deixava as sobreiras de fora...

[volta a explicar melhor a situação, que eu não tinha percebido ainda bem]

Quer dizer, até aqui não se podia mas agora já se pode, que é para o senhor Camilo, que é pai do Xavier e tio do Miguel, estou a dizer isto mas isto pode ser dito por aí abaixo, porque está à vista e não é justo, não há para todos igual, é só para alguns. Mas continuamos a ser amigos na mesma, bom dia, boa tarde, mas é a tal coisa, fala-se mas é tipo hipócrita, não se gosta das acções que eles fazem, a gente quando diz uma coisa, coisas que não estão bem. Porque aquela está mal, por acaso passei lá ontem e vi a sobreira [repete a história da outra sobreira] e agora o irmão dele, que é o chefe dos sapadores, tio do Miguel, pai do Xavier, que foi presidente há pouco tempo, tapa lá duas sobreiras, mas grandes, que aquilo... e agora saiu para fora [o Xavier], ficou lá o coiso [Miguel], ele falou lá, tapem lá aquilo, mas com a sobreira lá dentro é que não tem graça nenhuma porque mandou-as tirar à outra, à Fernanda esta moça que aqui está doente, coitada, a do café, e a ela fizeram-lhe a vida tão cara por causa de uma sobreira e coiso, e agora este tapa duas... por isso funciona mal o CD, senão... “ali não pode ser porque tem lá duas sobreiras e aquelas sobreiras não... pronto, não podem ser vedadas”, porque agora, daqui a amanhã ele corta-as e... e pronto, não está bem

[despedida]

Senhor Jorge e Dona Mariana

Local: Casa deles em Fafão

M: [...] e a mim prejudicaram-me muito, até o que o meu pai me deixou eles queriam assaltar, e assaltaram, foram-me à carteira, e o meu marido com 2 filhos, sabe deus da vida deles, que não tenho aqui nenhum, ainda hoje me falaram dois, e o outro até está doente, nunca mais trabalhou, teve um acidente, sabe lá a vida de um pai e de uma mãe, que vive toda a vida sem os filhos, que já lá estão há uns poucos de anos

AL: claro... estão lá emigrados?

M: já há muitos, então o mais velho tem 43 anos, e eles podiam também estar aqui no país, mas pronto, disso aí ninguém tem culpa, quer-se dizer, enquanto ele devia andar a trabalhar para os filhos anda lá no tribunal, por isso é que eu não quero que grave estas coisas, porque se se vai a dizer isto ele fica muito mal e pode levar uma complicação muito grande

[entendo e explico o que pretendo com a gravação, ressaltando que posso não gravar, claramente]

J: não, pode gravar, olhe sabe... agora vou falar eu, sabe uma coisa menina, os nossos governantes dão poder

[começam a discutir por causa da gravação, ele diz que pode gravar e até agradece, ela tem medo que ele se ponha em maus lençóis. A dona Mariana acaba por preferir ir lá para fora para não se enervar]

J: isto é assim, olhe, o nosso Governo dá poderes, olhe, deu a letra a) à comissão de baldios, foi o que eles quiseram, ele diz assim “eu quero, mando e posso”... não está bonito, não há fiscalização, ele faz tudo o que lhe apetece, o resto... quem manda? São 4 ou 5 e mais nada, são só eles, eu quero, mando e posso, eles vendem, compram, e fazem aquilo que querem e lhes apetece e o governo, e nós estamos na miséria que estamos, e o nosso baldio em vez de ser repartido por aquelas pessoas que precisam é só por 2 ou 3, oh, por amor de deus. Isto não faz sentido. Aqui em Fafião, [?] do PNPG, foi a maior vergonha de todos os tempos e não há fiscalização nenhuma, nenhuma, nenhuma. Isto, se eu falasse para o senhor Primeiro-Ministro, dizia assim “olhe, vocês dão poder a quem não deviam de dar, tudo o que vocês dão, eles têm o quero mando e posso, e depois? Só fazem pouco das pessoas que não gostam, só fazem pouco das pessoas que são miseráveis [?] e depois são... “eu escuso de ir para o estrangeiro, porque tenho tudo o que quero e me apetece, eu ganho mais do que os emigrantes”... aonde? Onde foi buscá-lo? Não há fiscalização nenhuma, já disse à engenheira de Montalegre, “senhora engenheira, isto é uma vergonha, uma vergonha, não há fiscalização nenhuma, cada um manda, quer e pode. É por isso que o nosso país está assim, ninguém verifica. Nós aqui em Fafião tínhamos uma riqueza fabulosa só em pinhal, saem daqui camiões e camiões e camiões, eu digo-lhe, se vier aqui a judicária e o tribunal de contas, pelo amor de deus oh menina, isto é uma vergonha, uma tristeza

AL: mas o quê?

J: isto, saem camiões e camiões e camiões, não dão conhecimento a ninguém, não fazem nada... para onde é que vai esse dinheiro todo? Não é assim, eu sou autónomo, mas o povo também manda, também vê ou é cego? Não! Eles limpam o que querem, olhe, o senhor da comissão de baldios, o chefe da comissão de baldios... dessa comissão que temos aí, todos eles em pouco tempo ficaram os senhores absolutos disto tudo. Olhe, eu digo sinceramente, isto desde que entrou a comissão de baldios em Fafião, foi a maior vergonha de todos os tempos, mas bem para eles e mal para o país, que não se importam o país estão como estamos, e não verificam, não há fiscalização nenhuma, não há, isto não pode ser assim! O nosso Governo tem de ter fiscais mas correctos, não é “dá cá” e depois

AL: mas... vamos lá a ver, há assembleias todos os anos, com apresentação do relatório de contas

J: há assembleias? Oh minha menina, pelo amor de deus, aonde?

AL: aqui em Fafião, ali por baixo do palco

J: aonde?

M: oh Jorge tu vais arranjar

[começa novamente a discussão, ela quer que ele pare, ou que pare de gravar, e ele quer continuar porque está tão certo de si e não tem problemas com se mais alguém ouvir]

J: [...] olhe, isto é assim, nós tínhamos aqui uma floresta que era um colosso, aqui nesta povoação saem camiões e camiões e camiões de madeira que não dão conhecimento a ninguém

AL: só uma pergunta, costuma ir às assembleias?

J: eu? Nunca mais lá vou. Porque esse senhor, chama-se Miguel, quer, manda e pode, eu enervo-me, já não vou mais

AL: só mais outra coisa, essas pessoas estão lá porque foi votado para que lá estivessem

J: ninguém vota! Eles são sempre os mesmos

AL: mas há listas

J: não há listas, a lista que é, é uma família muito grande, eles andam de porta em porta, a comprar este, a comprar aquele, porque o dinheiro dessa coisa toda dá para comprar este e aquele, é assim

AL: há alguma coisa específica que queira... está a dizer isso de uma forma muito geral não é, tem alguma coisa específica que me queira dizer sobre a gestão dos baldios? Porque está a falar assim muito em geral

J: em geral, em geral são as comissões que quero, mando e posso, vendem, não dizem nada a ninguém

AL: mas já tentou saber? Essas coisas que não sabe

M: toda a gente sabe

AL: não, não, se já tentou ver as contas

J: não, nem vou lá mais, porque alguns estão lá dentro, honestos e põem-se a mexer

M: olhe, pergunte ao filho da minha irmã, [...] pergunte-lhe “você porque é que saiu?”

J: [...] porque ele faz aquilo que lhe apetece, e não quer lá aqueles que são honestos, ele só quer aqueles que são da mesma cor dele, como eu. Porque é que eu não fui lá?

M: nem os meus filhos

J: Porque se eu vejo uma vírgula fora do sítio, eu vou ali e vai para o sítio

AL: mas você pode criar uma lista

J: para quê? Para que é que eu vou criar uma lista se não tenho gente competente. Minha senhora, andam de volta em volta, é como os governos, andam de porta em porta a pedir os votos. Aqui é a mesma coisa! Eles, ao fim de 2 anos... agora são de 4 anos, mas eles ao fim de 2 anos andavam de porta em porta “toma tu, toma tu”

M: sabes lá se eles davam dinheiro, tu cuidado com o que dizes, oh Jorge

J: que é? Não é que davam dinheiro, mas andavam de porta em porta, a pedir

AL: pois, não sei o que eles andavam a fazer às portas... podia ser campanha

J: eu digo-lhe isto, no nosso país, no PNPG não há fiscalização

M: não é no Parque Jorge, é na comissão dos baldios

J: mas pertence ao PNPG

M: o Parque não tem nada a ver

J: mas tem! Então a GNR

M: por amor de deus! Nem tem lucros daí

J: mas não importa, mas anda aí a brigada, anda ou não anda?

AL: o quê? Desculpe, agora não percebi?

J: a GNR anda aí ou não anda, no PNPG?

M: mas não são os do Parque que estão na comissão de baldios, são os da aldeia

J: isto está mal porque deram a letra a) à comissão de baldios, que é “eu quero, mando e posso, ninguém mais tem nada a ver com isso”. E isso está mal feito! Eu só gostava que uma altura me dissessem assim, que viesse aqui a comissão... o tribunal de contas, a judicária, porque não é só o Sócrates que está em questão de ser ladrão, não é? Há tantos e tantos em Portugal que é uma coisa bárbara

AL: mas porque é que vocês têm tanta coisa de mal a dizer? Ainda não percebi muito bem, vocês têm aí uma questão qualquer que tiveram que não correu bem

M: nós? Há muito

J: não, não há questão nenhuma, estou a falar das comissões. Não, isso passou, só que

M: ai não passou não

J: só que

AL: mas o que é que se passou? Ainda não percebi, foi uma expropriação?

J: não, é que antigamente, havia terrenos que a pobreza não dava para pôr na Conservatória, mas os terrenos estavam marcados, tinham muros tinham tudo. E eles lembraram-se... lembraram-se nada, alguém

M: os meus estavam na Conservatória, se não estivesse, isso bem eles mereciam

AL: mas os terrenos eram no baldio é isso?

M: não, os terrenos eram do meu pai, e foi ele e a minha mãe que os deixou, e como a mim me aconteceu, aconteceu a mais. Andaram já, comigo foram 3 anos, mas há pessoas que andaram mais de 8 anos, com outros vizinhos, depois de mim, porque aquilo era uma coisa que dava resultado, não é, eram outros antes destes que estavam

J: todos iguais!

M: não foi estes! Foram os outros de trás, enquanto andavam com as pessoas por aí fora a passear, comia-se e bebia-se o dia caía e as coisas era assim. Quando foram a apresentar contas de táxis, por nós, que não apareceu lá um sequer, eram 300 contos, estou a falar em contos, da moeda antiga, 300 contos só dos táxis

AL: mas despesas do CD é isso?

M: sim senhora

J: sem apanharem um táxi!

M: um táxi nunca lá apareceu. E eu quando pensava em ir apanhei uma depressão para toda a minha vida

AL: em ir... para onde?

M: eu que nunca andei por tribunais senão chamados por estes meninos

AL: eu não percebi muito bem a história, peço desculpa, então eles

M: eles queriam ganhar o dia fosse como fosse e apresentar contas fosse como fosse e resolveram andar com as pessoas assim no tribunal, depois a pessoa ganhasse ou perdesse... se tivesse os documentos não perdia, se não tivesse documentos, que às vezes os antigos coitadinhos só punham aquilo lá na... não punham na conservatória, punham talvez só na, como é que se diz, nas finanças, e as finanças é uma coisa que não é muito certa, as finanças têm ali, têm por exemplo terrenos de cultivo, têm terrenos de mata, coutados como nós lhes chamamos, aquelas carvalhas... andaram 8 anos com essa gente toda lá, até que o senhor juiz chegou a vir, até foi com aquela mocinha ali de baixo, que está com cancro coitadinha. E nunca se sabe se não

disparou essa doença com estas coisas que eles pregaram na cabeça, muitas chatices... volta e meia tinha que se ir a Montalegre, Montalegre são 50 e tal quilómetros, para cada lado. E a gente quando pensava em ir a cabeça dava logo uma volta, ficava logo sei lá... por isso é que a gente está cansada

AL: mas portanto, eles é que puseram... vamos lá a ver se eu percebi, vocês tinham terrenos

M: nós e mais, eram para aí 10 pessoas. Primeiro foi comigo e depois saltaram aos outros. Como lhes soube bem aquilo que fizeram connosco, que nós ganhamos, ganhamos porque eu tinha aquilo na matriz, na conservatória. Os meus pais deram-nos o que tinham, logo antes de morrer fizeram o testamento e ali aquilo ninguém pôde tocar. Mas enquanto não se sabia e sabia, e andavam naquela, vai e vem, vai e vem, ia-se comendo e bebendo e ia-se andando

AL: mas portanto, eram terrenos que já foram baldio mas que entretanto

M: não, não, não

J: não, não, era particular, portanto, tinham os terrenos antigos, portanto vedavam tudo, semeavam tudo

M: mas desde toda a vida, desde toda a vida

J: mas como agora, prontos, os antigos morreram e ficaram aqueles terrenos para os vindouros

M para os herdeiros

J: para os herdeiros exacto, e eles foram a Montalegre, um senhor doutor que é muito experiente, automaticamente ferraram-se com ele “vos tendes muito dinheiro” e tatata, e enfiaram lá todo o povo que tinha a miséria deles, aquilo foi herdado pelos pais, pelos avós, pelos bisavós, e fizeram agora a questão “isto não é vosso, isto é do Estado. Mas os deles também estavam nas mesmas circunstâncias. Esses bandidos foram registar esses terrenos que também tinham iguais, registaram e os outros, desgraçados, tiveram que ir para a frente, como eu, eu não, eu paguei porque pronto

M: mas era antes destes que estão agora

J: agora vou-lhe dizer uma coisa, todos esses excepto os da comissão de baldios, são todos governantes, diga-me uma coisa, para ser empresário tem de ter uma conta bancária ou senão um fiador, tem ou não tem? Oh menina diga lá [?] para se ser empresário, para ter maquinaria, para ter tudo o que é preciso para uma... é preciso muito dinheiro. Onde é que se vai buscar tanto dinheiro para se ser empresário? Olhe, um, dois, três, quatro, cinco, chefes da comissão de baldios, todos em Fafião com empresas

M: olha que vais arranjar problemas

J: eu até me convém ir agora para a cadeia

AL: o Miguel não é empresário

J: não, o Miguel entrou agora. A menina conhece bem o Miguel?

AL: bem não

J: olhe, ele agora é o último, o primo entregou a ele

AL: entregou é como quem diz, fez uma lista

J: não, não, entregou, aqui é assim menina, nós

AL: há eleições, há duas listas

J: é a mesma, ninguém mais se mete porque não era capaz, não era capaz! [?] depois saiu um entrou outro, saem uns entram outros, saem uns entram outros, da mesma

M: Oh Jorge, está tudo gravado Jorge!

J: isto é assim, eu só gostava que viesse aqui um individuo da judiciária, já vieram aqui três à minha porta ali em baixo, que viessem aqui à minha beira a dizer assim “vai [?] tintim por tintim, que eu explicava. Eu só dizia assim “olhe, eu vou falar para vós tal e qual como deve ser, mas quero que vós também me digais assim, isto vai ser escrito tal e qual como eu lhe digo, porque desde que entrou a, b, c, d e h, mais os seus compinchas, Fafião desdobrou de uma maneira que nunca mais, a riqueza que nós tínhamos em Fafião desapareceu

AL: mas quando é que isto esteve bem então? Isto está assim mal há quanto tempo?

J: antes, antes

M: [...] olhe, era melhor que fosse a floresta, como eu andei lá, semeámos estes pinhais todos, esses pinhais é tudo dessa floresta que andámos a semear, essas aldeias todas, tudo vinha para aqui trabalhar para a freguesia de Cabril, e aquilo foi uma coisa que toda a gente ganhou o seu dinheirinho não é, mas foi o Estado que fez aquilo

AL: mas portanto acha que foi bom a floresta ter vindo?

J: a floresta deu muito rendimento, deu, deu muito rendimento, mas agora alguém está a explorá-lo, menos eu, nem o Estado

AL: mas também quando a floresta veio houve muitos problemas para a população

M: não senhora

J: não

AL: para os pastores que ficaram sem espaço de pastagem

M: a floresta era só para baixo, lá para cima não faltava pasto

J: olhe, desculpe, há aqui coisas que é lamentável e digo-lhe sinceramente, há uns projectos que eu digo-lhe sinceramente, digo à menina, e digo aos engenheiros e digo a toda a gente, olhe, sabe o que andam agora a fazer na serra? Em vez de os animais comerem o matinho, anda uma máquina a derrubar o mato todo, onde é que os animais vão comer? Porquê? Alguém se está a governar com este projectinho e que não tem fundamento nenhum, e no sítio onde havia de ser roçado não é

M: oh Jorge deixa lá isso!

J: e numa chã que não tem mato nenhum, em vez de os animais comerem, deixam aquilo limpinho, limpinho, não tem problemas. Isto admite-se? E depois esse projecto vem para onde? Para onde é que vem esse projecto? Aonde tanta gente precisava e que não têm porque não lhe dão! Por amor de deus, há ou não há fiscalização no nosso país? Não há! Uma engenheira tomou a mal eu dizer isto, mas se fosse humana e honesta dizia assim “realmente isto é verdade”, porque não há fiscalização, nunca vi aqui nenhum engenheiro a dizer assim “isto está mal!”. Agora segundo dizem há aí uma senhora engenheira que está a ser muito rigorosa, acho bem. Se eu estiver com ela hei-de dizer assim “oh senhora engenheira por favor talhe de cima a baixo, e está correcto, e verifique bem o passado, que está muito mal, agora a senhora engenheira corte bem”, não digo mais nada. É uma pouca-vergonha! [...]

M: a menina não bateu a boa porta

AL: (RISOS) não, já sabia

M: temos muita queixa aqui. Havia de ir bater à porta do meu sobrinho, ele saiu agora de lá para fora, havia de falar com ele, porque é que ele saiu? Essas pessoas é que deviam falar, é novo e devia falar. Tu estás com 72 anos. Isto que estás aqui a passar pode-se se saber já hoje em toda a parte do mundo

AL: não, ora essa...

[conta a história de como a filha do sobrinho lhe tirou uma fotografia uma vez que estava descontraidamente sentada no quintal, e de como essa fotografia de repente estava publicada em vários sítios e podia ver-se em tanto lado]

J: [...] porque se houvesse fiscalização, em todas as povoações, em todas as freguesias, em todos os concelhos, o nosso país já não estava assim como está

M: não, mas aqui é... em Pincães já não há nada disto

J: [repete as ideias]

AL: pronto, tenha calma, já está aí

M: ele tem razões para estar assim

J: sabe porque é que eu estou assim? É horror a este país, é horror. Depois “és um nabo, és um inútil”, até para os pais já, já chamam tudo, olha-se para a TV todos os dias matam uma mulher, todos os dias há uma desgraça

AL: isso também acontece noutros países, oh senhor Jorge, vamos lá não confundir as coisas. Assassínatos há em todos os países, há países muito mais violentos do que o nosso, eu acho que estamos a confundir muito as coisas senhor Jorge, calma

J: já não há respeito por ninguém

AL: estamos a falar dos baldios você já está a falar das mulheres que são assassinadas

J: porque não há respeito por ninguém

AL: eu preferia falar do que é que se passa aqui em Fafião do que generalizar tanto as coisas, porque senão às tantas eu já não estou a perceber nada

[volta-se a falar da gravação, a dona M pede para parar a gravação, o senhor Jorge diz que está preparado para responder pelo que disse, eu insisto que não vai servir para isso a gravação]

AL: eu estou aqui só para perceber como é que as coisas funcionam, quais são os conflitos que acontecem e por que razão, para eu perceber

M: o senhor doutor juiz veio aqui e só disse assim, uma leirinha, que era daquela mocinha que tem essa doença ruim, viu aquele quintalzinho ao pé da casa, só aquela leirinha e disse “olhem lá, mas para que é que vocês querem isto? Aquele povo todo, convidados para irem verificar o que o doutor juiz dizia “vocês para que é que querem isto?”. O próprio juiz a criticar a inveja de ter uma hortinha

AL: mas eles conseguiram em algum caso

M: no meu não, porque o meu pai nos tinha posto aquilo nos nossos nomes, porque senão bem nós víamos aquilo por um canudo. E aqui o meu filho foi estacado aqui à entrada da aldeia, quem vem da barragem para cima, os fiscais já estavam tão cheios, tão cheios de vir ali, que por fim disse “olhem, se isto fosse comigo isto já tinha dado que falar, mas vamos para cima, vamos falar com o senhor presidente da Câmara e vamos propor-lhe as coisas e vamos falar”. Olhe, nunca mais cá voltaram. Disseram “nunca mais cá vimos por vocês”. Eles por onde iam pegar? Eles, era assim, sempre a mandar os fiscais, que iam para cima da estrada, que era isto, que era aquilo, sempre a implicar, um dia vieram aqui a uma reunião, esse senhor presidente, que o presidente da Câmara agora é o senhor Orlando, para trás era o senhor Rodrigues,

que também era bom homem, eles é que andavam a consumi-lo. Ele só chegou ao pé de mim, pôs-me assim o braço por cima do pescoço, diante deles, desses cobardes “agora minha senhora, agora é que eu sei quem falava verdade e quem mentia”. Que eu um dia cheguei lá a chorar e digo assim “eu devia ter partido as minhas pernas quando vim para aqui para a minha aldeia, que eu andei com o meu homem por esse mundo abaixo, corri de um extremo ao outro esse país com ele, e eu podia lá estar, mas quis voltar para a minha terra, sempre, porque eu gostava da minha terra, os meus pais, os meus irmãos, e eu nunca ...”. Tenha calma, tenha calma. “Mas agora é que eu sei quem é que falava verdade e quem mentia”, depois chegavam os fiscais e não sabiam onde pegar, como é que pode ser isto? “Que vocês já estavam por cima da estrada, que já estavam com a obra em cima da estrada, um caminho público para os terrenos, que vocês já estavam no caminho, que já não se podia passar para os terrenos”. Olhe menina, só trapalhões a todo o pano!

J: por falar nisso [?] a Montalegre, e diz assim esse senhor “o senhor tapou um caminho público, agora os senhores vão arranjar um quinto...”

AL: mas quem é que tinha tapado o caminho público?

M: eramos nós, os herdeiros já não passavam para os campos.

AL: era o que eles diziam, era isso?

M: era o que eles diziam

J: portanto vocês agora vão arranjar um kit para passar por cima [não percebi esta história]

M: mas não foram estes rapazes que estão agora

J: e disse assim “oh senhor e o que é que isso quer dizer?”. Quer dizer aquilo que vocês estão a ouvir

M: olhe, não vá mais longe, vá perguntar ao nosso sobrinho, ao Júlio, pergunte-lhe “tens um tio que está um bocado ofendido com o CD, no tempo em que tu lá estiveste tu [?] ele é padrinho dele e tudo, e eu sou madrinha também, tu... você, deia-lhe isto, deia-lhe isto, que era um bocado que estava do lado de cima de onde a casinha foi feita, porque a minha terra, quer-se dizer, ficou um bocado para baixo e outro bocado para cima, a estrada entrou, eu dei-lhe um caminho para todo o mundo passar, o que ficou pertencia-me. A Câmara não tinha dinheiro para pagar, nunca pagou nada que prestou, como disse o senhor presidente Rodrigues. Diz ele assim “eu nem tenho nada que...” fomos para tribunal, ele foi lá o presidente Rodrigues. E diz ele “oh senhor doutor juiz, diz que o senhor pagou tudo, eu nem tinha dinheiro para pagar o que levávamos e havia de pagar o que ficava, não senhor isto é mentira!”. Apanhavam-nos sempre em mentira aqueles cobardes, sempre! Mas é por isso que agora têm bons prédios por aí fora, e os calos são menos do que os meus, e

a vida rolou, pois, a vida rolou, e a desgraçada que ficou com doença para toda a vida, ele desgraçado sempre a aturar-me, anda sempre a cada passo comigo nos médicos, eu estou assim nesta figura mas eu... eu estou doente, estou que não tenho forças e fiquei com uma depressão para toda a minha vida, quando me enervo fica para a tarde inteira

J: olhe, vai me desculpar, que eu tenho que ir buscar as uvas, mas portanto, a menina pode ter a certeza que a primeira coisa e a ultima que eu lhe digo é que o nosso país havia de ter mais fiscalização, nas Câmaras, nas freguesias [a conversa repete-se, a pobreza do país deriva de que uns têm tudo e os desgraçados que não têm nada e ficam a ver. Volta a conversa dos camiões de madeira] [...] chamavam o povo todo para uma reunião “vendemos um lote de madeira por x, vendemos outro lote por x [...]” mas aqui nada. Aqui ardeu uns tantos lotes aqui há dias, em pouco tempo o senhor madeireiro chegou aqui *tras tras tras* oh, pronto... a menina soube de alguma coisa? Não soube, nem eu! Quanto é que isso custou? É triste. É ou não é? [?] há fiscalização? Não há! Acabou

M: era melhor a floresta, quanto estava

J: eu quero e posso, ah claro que pode. Quem foi que deu a letra a) aos baldios? Quem foi? Foi o Estado, foi o Governo

[o senhor enerva-se: “eu até posso ir para a cadeia mas eu digo este é este, este é este, este é este” “eles comem tudo e não deixam nada”. Acaba a falar do Hernâni de Carvalho, que fala da televisão, num daqueles programas da manhã e das coisas que ele diz]

J: [...] eles porque é que não me chamam a mim para lá? Porque é que não chamam as pessoas honestas para lá? Porquê? Olhe, chamaram o meu cunhado, “lá fora, aqui não serves”. Chamaram o meu sobrinho [bate com as mãos]

M: esse é que disse que não quero [...] foi, agora, saiu. Ele saiu quando estes, estes ficaram ainda mais um ano, ele ainda andou com eles aquele ano, mas estes ainda lá estão há pouco tempo, já vai em 3 anos que estes agora estão, mas o meu sobrinho entrou quando eles entraram. E ele disse “madrinha, pode ser que seja a salvação do... porque não podemos ser todos da mesma cor. Então pronto, ele foi, e o rapaz sentia-se tão... não se sentia bem, porquê? Eram poucas reuniões, e as poucas que havia não apareciam as pessoas, algum mal ali existe. Quando as pessoas, e avisam, “olhe tal dia há uma reunião”, eu acho que as pessoas é para comparecer não é, não se sabe para quê “olhe, é para isto ou aquilo”, outras vezes não. Pronto, mas as pessoas não aparecem. E isto... porque não estão para se dispor mal. E ele começou a notar que não lhe estava a agradar aquilo, o que é que ele fez “eu quero sair para fora”. “E tu porque queres sair? Temos de fazer uma reunião”. E ele na reunião disse “eu nunca vi contas em cima da mesa”. E eles depois vão pagar por aquilo que se está a passar? Não!

J: no outro dia apresentaram uma conta, e diz assim um individuo aqui de Fafião: “e o outro?”. A comissão de baldios apresentou uma conta e vira-se um individuo “e o outro?”

M: era o sogro do Júlio, não é segredo

J: mas mais e mais e muito mais

AL: mas e o outro quê?

M: as outras contas que estavam para trás que nunca foram apresentadas. Até porque esse senhor engenheiro que andava aqui, que era lá dos lados de Amares ou não sei quê, diz ele assim “oh senhor Vasco”, isto contou-me a mulher dele que é muito minha amiga, fomos sempre desde pequeninas, “oh senhor Vasco vou pedir-lhe um favor”. Diz ele assim “diga lá senhor engenheiro, diga lá” que é muito boa pessoa até, este senhor, “olhe, eu queria que o senhor fosse a mais reuniões e desse mais um bocadinho de atenção a este rapaz que está um bocadinho novo e porque o senhor já tem uma certa idade e assim”. A mulher ouviu aquilo “o meu homem falou, já falou” e ele não tinha falado nada “O que falou nas reuniões já falou. Agora não quero o meu homem mais lá que vem para casa nervoso, fica doente e ainda me põe também a mim, acabou!”. E ela foi a que rasgou o véu. Não, não, conforme dividiram o povo assim o têm para toda a vida, e é verdade

AL: como é que se chama o sogro do Júlio.

M: É o senhor Vasco, é muito boa pessoa, sério e honesto 100%, ele queria-o para lá, o engenheiro

J: oh menina, ouça uma coisa, a menina não confie em todas as palavras, nem nas minhas tão pouco, mas não confie nas palavras que algumas pessoas dizem, porque as palavras são ditas por vezes... eu não sou santo, nem milagroso, e digo-lhe sinceramente, nós temos gente só para quê? Só para uma coisa, o que eu quero vem para mim, e com os outros não se importam

[...]

M: olhe, quer ouvir menina, ele tem de resumir isso, tens que resumir isso, ele pediu mais fiscalização, mais nada. E não há mais nada, acabou!

AL: (RISOS)

J: [fala outra vez dos pobres que não têm nada, dos sugadores que têm tudo e que só querem saber de si. E conversa termina no filho do Júlio que está doente no hospital, não se sabe o que tem. O senhor Jorge vai embora, fica a dona Mariana]

M: [...] o Júlio é sobrinho do meu homem, então é meu também. É filho de uma irmã do meu marido. Foi o meu homem que botou a mão a este menino e a... foi ele que

os pôs nos estados em que eles estão, e a minha irmã tomou conta [...] a mãe morreu, o pai morreu a seguir, do Júlio, e então o meu marido foi quem puxou sempre por eles, arranjou uma sobrevivência porque a do pai não chegava, porque eles eram 4, as duas meninas morreram... esta é uma história muito... você tem, se fosse a escutar, deus me livre. Porque as meninas quando a mãe morreu, o pai não era suficiente para tomar conta das meninas, e a mãe morreu e as meninas foram para as madrinhas, que eram de Louredo, e os meninos nós trouxemos com nós, já no dia em que a mãe foi para o cemitério, e então tomámos conta dos meninos. Ele foi à segurança social [...] e então a assistente veio aqui e arranjou uma sobrevivência para os meninos, eles todos 4. E depois as meninas tocaram fogo, mexeram no fogão, ou lá o que fizeram, e arderam as duas pequeninas, 3-4 aninhos, com diferença pouca uma da outra, e queimaram a mãe do meu marido também que estava na cama, que não podia sair da cama. O fogão estava aceso, o meu sogro deixou o fogão [a lenha] aceso [...] foram todas no mesmo caixão. Veja bem, são coisas que deus me livre. E depois então estes dois ficaram, ficaram connosco. E depois ele não tinha direito a essa sobrevivência, porque éramos família chegada, éramos padrinhos, então a assistente disse “você não podem ficar a tomar conta dos meninos, senão a sobrevivência vai ao ar, não arranjam aí uma pessoa idónea?”. Olhe, ficaram sempre na casa da minha irmã até esta data. Ela já podia receber aquilo e eu não [...]. O meu marido foi pai deles. E agora, como se meteu com esses vagabundos lá [o Júlio], ele é muito bom rapaz, mas meteu-se com eles. O meu marido ainda lhe disse “tu desvia-te dessa seita, olha que eles não são quem tu pensas, pronto”. E afinal ele queria sair e eles nunca o deixaram sair, até que passou pelo mesmo, pelas mesmas tendas que os outros faziam. Ele só nos avisava “ai padrinho, vocês vão gastar muito dinheiro, vocês deem a parte de cima a ver se eles se calam” “oh Júlio, tu estás maluco? Eu tenho 3 filhos e vou dar o que é da minha mulher, o que os pais lhe deixaram, nem penses nisso”

AL: mas o Júlio estava no CD nessa altura?

M: estava, estava, porque alguém o avisou que não podia estar nisso porque podia correr-lhe mal a vida, e depois o meu marido até pediu para o meterem na marinha, lá foi, e graças a deus e tem estado lá e muito bem, e a gente tem de respeitar as pessoas, também pegaram com a mãe deste sargento, e o meu marido também não gostava. Ele não era dos da frente, mas estava lá com eles [...] eu houve uma coisa que me mexeu muito no coração, ele já tinha saído mas ainda foi a essa reunião, e pediram muito para ir lá a essa reunião, eu nunca mais lá voltei. E sabe que o meu sobrinho disse lá, eles queriam, porque este rapaz aqui entrou, que ele é daqui, o Miguel “ah, e tal, há coisas nos baldios que também não estão bem e não sei quê”, vocês que dizem, vamos com isto para a frente?”. Diz assim o... ele levantou-se, esse nosso sobrinho [o Júlio], mas rasavam-lhe os olhos de água, ele tinha um pesadelo com ele por ter de falar, e disse assim “eu já não estou no CD, ajudo no que puder para o bem, para o mal nunca mais me puxeis, e peço-vos hoje aqui que não mandes com mais ninguém da nossa aldeia para tribunal, porque isto eu tenho um pesadelo

a cada dia que passa”. Porque ele não era dos piores mas estava lá metido, eram todos... não é? Se ele estava lá metido eram todos iguais. E então este rapaz disse “então mas vocês querem ou não querem?”. “Mas querem o quê? Continuar a pôr as pessoas no tribunal por aquilo que é deles?” Até os tios dele, também, que nem para eles olha sequer, o homem coitadinho, foi o primeiro a ir para o Luxemburgo aqui da aldeia de Fafião, inscreveu-se no jornal, vêm aqui no verão. E podiam estar aqui, mas também têm lá 3 filhos, é desavença, entre famílias, desavindas umas com as outras, eles não vêm um palmo à frente dos olhos. E então o meu sobrinho disse ali “rapazes peço-vos muito o favor que não mandes mais ninguém para tribunal, vós vedes que não somos capazes de nos unir outra vez no nosso povo, tende cuidado”. Porque o rapaz avisava-nos, também era o que faltava se ele fosse contra o padrinho, ele é que foi praticamente o pai dele. E então ele diz assim “vós não andeis com isto”, até que ele saiu. Saiu mas em muitas coisas eles ainda fazem perguntas, porque ele esteve lá muito tempo, com aquele senhor do café de cima que era um tal melro, e outro, um senhor empresário, que ele agora até saiu daí, é ex-marido de uma minha sobrinha também esse, foram os que andaram a lutar comigo e com o meu homem. E depois o meu sobrinho só dizia “oh padrinho, você vai gastar tanto dinheiro”, foram anos e anos na justiça já viu? Eu não deixava o que o meu pai me deixou e a minha mãe, não deixava! Como não deixei. E agora viram, e é por isso que eu... eu não posso olhar para eles, que me perdoem, mas não consigo [...] fizeram-me mal para quê? Eu nunca lhes fiz mal? Para quê? Para eles andarem a ganhar o dia bem ganho mas sem trabalho, era o que eles faziam. Eu antes andar a trabalhar e a esforçar-me do que antes fazer mal ao próximo! Mas eles não. E é isto menina, olhe que é muito triste, viver assim

AL: e agora, retornando um bocadinho atrás, quando chegou a floresta você lembra-se

M: andei lá, e raparigas de Salamonde, e rapazes de Cabril, acolá de Ruivães, daquelas aldeias de lá, de Frades, Vila Nova, tudo, olhe era tamanhã a trincheira de gente, depois os meus pais só me tinham a mim, porque os meus irmãos eram mais velhos e casaram, saíram, a minha irmã foi para a casa do marido, o outro meu irmão que morreu também foi para a casinha dele ali na aldeia, o outro emigrou e assim, e eu fiquei sozinha, os meus pais não queriam que eu fosse, mas aquilo era uma festa para mim

AL: tinha quantos anos quando foi?

M: para aí alguns 14 ou 15 anos, aquilo era sem idade, eu até acho que nunca descontei nada nem nada, não... aquilo era assim, era assim. Eu também já fiz 70 anos em janeiro. E depois eu então gostava daquilo, muito, ui, aquela trincheira de gente nós não víamos o princípio nem víamos o fim, era tanta gente, tanta gente, e depois semeavam aquelas sementes, foi o Estado que pagou a semente do pinheiro e semeavam, olhe, semearam tanta coisa. Agora nem é preciso semear, são grandes,

caem as pinhas, deixam a semente, é uns atrás dos outros, e é esse o veneno que está na nossa terra. Porque olhe, é o que o meu marido diz e é verdade, eu se não me metesse com as pessoas eles não falavam, mas eles fizeram-nos tão mal, tão mal, esse dinheirinho junto, se o tivesse juntinho para o dar aos meus filhos eles ficavam todos contentes. Olhe que os meus filhos não vão ao café de cima, só vão ao de baixo, desse melrinho...

AL: os seus filhos não estão cá não é? Estão todos fora

M: não está nenhum

[mostra-me as fotos de família]

[...]

AL: durou quanto tempo esse processo?

M: estivemos 3 anos, nós, porque os outros foi para aí 8

AL: esses são os tais das carvalhas?

M: sim, sim, esses foram os das carvalhas, e nós era do terreno, onde fiz a casa do meu filho [...] que eles que não tinham pago tudo, e depois foi lá o presidente dizer a verdade

AL: que não tinham pago o quê?

M: o resto que ficou foi onde foi feita a casa e tinha uma hortinha na parte de cima, outro bocadinho, e que aquilo que não era nosso, que aquilo que ficou para o povo, e disse o presidente “não senhor, nós não tínhamos dinheiro para pagar o que levávamos, muito menos o que ficava, o que ficou é do dono”. Foram ver à matriz e lá estava, só mentirosos, mentirosos. Pensavam que aquilo que era verdade e agora chegaram à conclusão que esse senhor, olhe, o vereador, que é irmão aqui do senhor Vasco, deste sogro do Júlio, disse para mim “Mariana, dentro daquele café, nunca mais lá entro! Aquele trapalhão [?] contigo, com toda a gente, com os meus irmãos”

[conta também que as meninas do outro café também sofreram do mesmo, em tribunal. Dá a entender que ela ficou com uma doença – cancro – por causa do nervoso que a situação lhe criou]

M: e então é por isso que o povo nunca mais se dá bem [...] e agora ainda há a história com o padre

[conta a história da porta da capela “enquanto não houver acordo não há obra”]

AL: acordo? Com o quê?

M: pois, faltou no acordo que tinham de fazer com ele. Porque isto já foi para aí há 3 anos, repare a maldade, [...] nós fizemos a festa e sobrou x, está nos livros, o meu

marido “cresceu este dinheiro e eu vou entregar ao padre que na capela chove de cima para baixo, está tudo cheio de coisas boas que a gente ajudou a comprar, e agora pode estragar-se tudo, e vou entregar este dinheiro ao padre, pelo prazo de 5 anos, pelo menos, 5 anos”. E chegou ao pé dele e disse, eu estava lá dentro também e ouvi muito bem a conversa [...] entregou-lhe 2000 Euros e não sei quê, diz assim “e este dinheiro quero que o senhor avise aqui no altar o quanto lhe sobrou mas que seja para a construção da capela, na nossa casa também não nos chove em cima nem nos entram os animais pela porta dentro. Diz ele, chega ao altar “recebi do senhor Jorge este dinheiro assim assim e ele pede para que se dê um jeito na capela. Quando chove bastante as raparigas, a zeleira lá do altar têm de andar de lá para fora com uns baldes aquela água ao pé do altar, isto eu já vi com os meus olhos. E disse “e se houver alguns dinheiros mais que sobraram dos santos a ver se nos reunimos e depois a ver se falamos com um empreiteiro, escolhemos o mais barato, porque isto vai entrar em bastante despesa. Eles lá souberam daquilo

AL: eles?

M: os que estão à frente de... como é que se diz, uma comissão

AL: fabriqueira?

M: não, eles botaram-se afora. Ficaram mais ou menos a tratar da capela, mas eles não mandam nada na capela

AL: mas eles quem? Os mesmos do CD?

M: sim, sim, mas eles não mandam nada disso. E disseram eles assim, depois foram lá, ele mostrou o papelinho, já tinham tudo feito. E diz ele assim “mas isto não foi o que nós tratámos, nós tratámos de reunir o dinheiro que temos, o que nos for mais barato é o mais amigo, quer dizer, eu então praticamente não estou aqui a fazer nada, o meu irmão ouviu tudo na sacristia. E vão eles “ah, mas já está justo e tal”. “Não, não é bem assim, porque aqui, quem é aqui o “ como é que ele disse... a dizer que quem mandava ali era ele [o padre], era o primeiro, e depois os outros eram a seguir. Isto porque tenho de comunicar ao bispo por quanto é que fizemos a obra, quanto é que cresceu, quanto temos, e essas coisas, comigo funciona assim”. E eles nunca mais apareceram. Agora passaram para aí 2 anos desde que foi isso. No outro dia... como toda a gente estava sempre a dizer “a porta assim, a porta assado” que o meu homem pregou lá uma tabua [...] O padre disse “olhe, eu [?]” ... duas mulheres, eu não ia lá, eu no caso delas não ia lá, foram lá e o que é que apresentaram ao padre “oh senhor padre, nós vimos aqui a ver se o senhor nos deixa fazer a obra”. E ele só disse assim “sim senhor, a capela precisa sim senhor, ninguém tem mais necessidade disto feito do que eu, que eu quero isto preparado e você não se aflija que o dinheiro aparece”. E ele só disse assim “o dinheiro é só de donativos”. “Ah, mas há de pinheiros, há disto, há daquilo”. “Isso só dão se quiserem, para aqui para esta casa são donativos e se dão é se querem mas para aqui são donativos. Pois olhe, enquanto não houver

acordo não há obras. Mandai-os cá que não sois vós que estais à frente disto”. Elas não tinham nada que lá ir. Elas até hoje tornaram-se a calar. No outro dia quando o meu marido e o irmão [?] foram lá pôr a tábuia por cima da porta ele disse “olha, não pensem em passar por cima de mim, porque quem manda aqui na diocese, eu estou à frente da diocese e eu tenho que informar por quanto é que se justou a capela, por quanto é que se justou a igreja, tudo isso, isto tem de funcionar assim”. Agora, nós uma para a outra, o que é que você percebe aqui? Há qualquer coisa a que não estão acostumados, não é? Não estão acostumados a que as pessoas saibam como é que as coisas funcionam. Mas com o Miguel não funciona assim. E agora? E agora dizem, o povo, a língua, que o culpado é o padre, não deixa construir a capela. É o padre que tem a culpa?

AL: eu ainda não percebi muito bem o que é que se está a passar sinceramente, ou seja, não percebi, o dinheiro foi posto de parte vindo de uma festa

M: e para se juntar ao que há mais dos outros anos, que já há, e falarem uns com os outros, com esses da comissão que querem também mandar, e falarem para apresentarem ao povo, quando é que foi o justo e quanto é a despesa, e quanto é essas coisas todas, é o que ele quer

AL: mas qual é a relação entre isto e o CD dos baldios? Isso é que eu não percebi muito bem, é as pessoas?

M: eles querem fazer tudo à maneira deles, percebe? E não dizer quanto foi, já tinham o justo. Olha, falarem com o padre e resolverem as coisas como devia ser, e eles agora já tinham o justo, o papel, e assim não. Olhe, “isto não foi falado comigo, mas quem é que gere aqui estas coisas?”. Para perceber que quem manda aqui é a diocese, não somos nós... nós damos cada um o que pode para não deixar as coisas ir abaixo, não é assim, não é fazer a coisa à calada, eu faço, eu justei e acabou-se, e ninguém sabe quanto foi ou quanto não foi

AL: mas porque é que o acordo não sai?

M: porque eles não se chegam para o padre [...] a dizer para lhes deixarem arranjar a capela e o padre ficar a ver navios, é isso? Se você está à frente de uma coisa, seja aquilo que for tem que prestar contas, tem que se saber quanto é que foi, o bispo tem de saber quanto é que foi, porque isto são donativos, são sacrifícios que a gente faz e que quer oferecer, está bom de ver, todos também temos o direito de saber. Não acha? Não acha que temos o direito de saber para onde é que vão as nossas esmolas?

AL: mas acha que essas pessoas não queriam que fosse feito às claras?

M: não, pois agora ele apanhou-os, apanhou essa música, ele agora “não, enquanto não houver acordo não há obras”. “Nós temos de conversar”, eles têm que ir falar. E porque é que não falam? Mas diga-me porquê?

AL: eu não sei... não sei. Ainda não percebi que comissão é essa

M: até nem tinha nada para a capela, isso dos baldios não tinha nada que pôr para a capela, mas prontos, eles querem ter o nariz em tudo, que resolvam, que ande lá, agora o padre não é nenhum [?]

AL: porque eu estou aqui a imaginar, o dinheiro dos baldios não é suposto ser usado na capela

M: é só se quiser

AL: mas a questão é como é que eles podem, se calhar é aí que está o problema, como é que eles podem ajudar a igreja, mesmo que a população toda queira, aí os baldios têm de ceder

M: e querem porque a gente também tem pouco dinheiro

AL: sim, mas a questão é que o dinheiro que vem dos projectos para limpeza da pastagem etc., supostamente não é para ser usado nas capelas

M: não, não, não

AL: pronto, mas se a população quer que eles usem esse dinheiro numa igreja, e se eles conseguirem fazer isso, vai ser difícil eles justificarem a quem lhes dá o dinheiro, que é a UE, através do Estado, que o dinheiro que era para as pastagens e que sobrou, vai ser usado na recuperação da igreja, não sei até que ponto isso pode ser

M: não, não, não, os pinheiros dá o que sobra e tornam a sobrar, isso é outras coisas. Para a capela o povo tem lucros e mais lucros suficientes para fazer uma capela ali bonitinha. Está ali aquele sino, que eu só queria era que ele se escangalhasse, porque olhe, temos ali um sino que ajudámos a pagar, que escusávamos de ajudar, que daqui foram 5 contos, ainda estou a falar em contos, em Cabril dei outro tanto para a igreja, no mesmo ano, é o padre Curralejo, que esteve aqui uns poucos anos, que até casou o irmão com uma rapariga de cá, o padre lá pediu se podíamos ajudar para comprar um sino, está lá um sino maravilhoso, é automático, mas que se lhe queimou uma peça. Essa peça custa 900 Euros. Nunca mais apareceu o dinheiro, olhe aos anos que eu saí daqui nunca mais apareceu o dinheiro, esses 900 Euros para pôr lá a peça, está à espera a ver se a gente lha paga, para o sino tocar [...] [conta a história de como o irmão é que tem tocado o sino nos funerais, e que aquilo custa e ele é doente, e que não tem jeito

AL: mas qual? Não é o daqui não é, o daqui é automático...

M: nós temos um sino automático, esse relógio foi um emigrante que o lá pôs, o sino é outra coisa, é para tocar nas festividades, para a missa. Ajudamos-o a pagar, ajudámos a pagar o sino, afinal o sino não toca, nunca mais tocou. As coisas também avariavam. E então, aquilo punha-se outra peça... mas não há dinheiro para a peça. A

ver se o povo dava dinheiro para a peça... acha justo? E é isto. [...] o rapaz agora entrou de novo, ele passou 2 anos agora e continuou [refere-se ao Miguel, suponho], e vai ele... eu digo assim “Oh Graça, vamos pelo lado aqui da fonte”, na fonte velha nós íamos à água, que a minha casa era lá em baixo, a dos meus pais. E depois passámos lá e digo assim “tu vês como está esta porta? [...]” [...] o dinheiro é o diabo, entende? É para as nossas necessidades sim senhor, mas não aquela evolução do dinheiro, o dinheiro é o diabo. E põe os outros também na mesma... [...] aquelas que não andam bem não podem deixar estar os outros bem. Estes rapazes agora não, como eu digo, os meus sobrinhos “não mandes mais ninguém para tribunal”, porque se fosse por vontade deles se calhar até iam “não mandes mais ninguém para tribunal, que eu tenho um pesadelo para toda a minha vida”. E eles respeitaram aquilo que ele disse [...]. Mas está aqui um povo que podia dar-se tão bem, ser amigos... se pudesse conversar com o meu sobrinho

AL: ele dá-me ideia que está sempre ocupado

M: oh, é com a caça, isto é que também tem uma toleira na cabeça, ainda hoje lá foi [...]

AL: diga-me só uma coisa, há bocado quando estávamos a falar sobre a floresta, disse-me que gostou muito de trabalhar para a floresta e como tinha sido importante para aqui

M: eu estive lá pouco tempo, não me deixavam, eu ficava triste

AL: mas não houve também um impacto negativo, há pouco disse-me que não, mas tenho ouvido falar que as pessoas ficaram um bocado chateadas com a vinda da floresta porque depois não podiam estar com os animais na serra, tinham de pagar multas. Não tem a noção que tenha havido este impacto também

M: naquela altura não, porque eles semearam muita coisa foi na parte de baixo, é, para cima até nem, acho que para cima até nem se semeou

AL: então na sua percepção não houve grande problema para a população?

M: não, aquilo era uma coisa que até dava um dinheirinho a ganhar a alguém, e eu achava que a floresta não fazia mal a ninguém, a mim nunca me fez mal. O que havia era alguns ranhetas, e isso é verdade, mas isso já havia no tempo dos meus pais. Diziam os meus pais que haviam uns ranhosos que coutavam os montes, sei lá porquê, não sei se eram mandados pela Junta, se era mandado não sei por quem, que eram cabos de polícias, diziam que eram cabos de polícias, você não ouviu falar nisto?

AL: ouvi sim

M: que ficavam com uma pistolica, algum que teria ter uma pistola “ah, o tal cabo de polícia já quer ter uma pistola. E depois eram ranhosos, eu ainda os conheci e deram-

nos alguns problemas e depois a minha mãe dizia que [?] que eles andavam, esses indivíduos, sempre à volta dos portelos, apenas saíam. O [?] é que era fraco, não eram os senhores da floresta, não era nada disso. Ele andava a perseguir os animais fora dos portelos, soltavam-se para fora, os animais comiam aqui, ali, umas ervinhas acolá, e não faziam mal a ninguém, e multavam essa gente, multaram muita vez a minha mãe. Tinha os filhos na escola, mais velhos, e ele, que era o tal cabo de polícia que tinha a aldeia

AL: mas esse era dos SF não é?

M: esse cabo de polícia, ele nem sequer se apresentava ao serviço, esse borrego. E depois a minha mãe, levou testemunhas, a minha mãe saiu com o gado, e out, e outas pessoas também, saíam com o gado, lá está, aquele dinheiro dava jeito para ir para as feiras, lá para Vieira do Minho. Era o que a minha mãe dizia. E depois havia um senhor lá em Cabril, muito bom [...], mas a minha mãe era muito amiga dele, e o meu pai. E depois esse homem, que era uma tristeza, sempre tantas multas, tantas multas, e ele salvava-os sempre. O meu pai não tinha dinheiro, ninguém tinha dinheiro. E depois ele multava-os, eles coitadinhos, lá iam eles “oh senhor Zé Maria”, ele estava na Junta. Porque ele depois entregava aquilo à Junta [ele o cabo de polícia] [...]. “Olhe, eu estou farto disto” o homem assim, que era tão bom, “eu já lhes vali a muitas, mas eu esta não sou capaz, não saio da porta, tenho que levar o dinheiro” (dizia o cabo) [porque das outras vezes ele fugia dali cada vez que era confrontado pelo Zé Maria, mas desta fincou pé que tinha de sair dali com o dinheiro, segundo a dona M]. E a quem havia de calhar? Ao sogro do meu irmão (RISOS) raios o partam o homem, a moça não tem culpa, a minha cunhada não tem culpa no que o pai era, mas se ele fosse um bom homem também se podia estar a falar agora que ele que era bom, mas era fraco. Porque depois a minha mãe também se tinha queixado ao pai dele, porque ela dava-se muito bem com o pai “Oh senhor Zé o seu filho tem o diabo comigo”, “é contigo e com outras pessoas”. “Os irmãos damos-lhe aqui cada debate em casa mas não vamos a lado nenhum, é viciado por dinheiro” e depois não tinha dinheiro e ia buscar às multinhas. Mas o santo homem lá em Cabril tirava-lhe as multas, e ele ficava danado. Houve uma vez que este senhor disse para o meu pai “tens que vir aqui e se não pagas tu pago eu, que eu já estou tão cheio dele que isto vai parar mal. E depois o meu pai foi lá “que eu já lhe dei tanto trabalho”. “Não és tu, é aquele, que ele há-de pagá-las”. Ai que podre ele era, por ser cabo de polícia. Porque ele queria ir para as feiras, e depois gostava das garinas, e é isso

AL: mas olhe que acho que esse cabo de polícia trabalhava para os SF

M: pois olhe, mas era com a Junta que ele trabalhava, ele ia era ter com a Junta

AL: pois, mas tinha tudo a ver com, pelo que eu sei não é, ele não era guarda-florestal pois não?

M: não, os guardas florestais eram bons, muito boas pessoas. Olhe se quer que eu lhe diga, o avô do Júlio também era desses morrinhosos que andava sempre a multar a bicharada, o avô do Júlio, nosso sobrinho. E depois um dia, nós tínhamos campos da parte de lá do rio, e o meu pai ia para lá, está bem. Mas lá já era participado pelo tal da Ermida que era o avô do meu sobrinho. E depois ele dizia assim, para a minha mãe “o gado vai para o Gerês”, era o tal rondista dos SF, não prestava para nada. E então ele que se punha assim “tem que ir para o Gerês?”, e punha-se a minha mãe “ai Jesus”, tinha do outro lado o meu pai, também lá estava mais o meu falecido irmão, o meu pai andava mais devagar mas o meu falecido irmão era novo “e o nosso gado vai por lá por aquele caminho atrás” era caminho, não era estrada “será aquele camelo da Ermida que nos leva o gado?”, passou o rio num instante “tu não deixes... deixe ir o gado! Deixe ir o gado que tem de ir para o Gerês”. “Não, não vai você faça lá a fita que quiser mas o gado para o Gerês não vai “o gado não é seu, é nosso, vá, vá com deus”. “Ai que tu vais ser a minha perdição hoje!”. “Eu não vou ser nada, o gado é que não vai!”. E virou para trás”.

AL: queriam apreender o gado

M: pois queriam, mas ele só o prendia se ele o levasse lá ao Gerês, você já viu o que é ir de Fafião à Ermida, ao Gerês com o gado? Depois o [?] depois para o meu pai “vocês é que foram tesos, eu ainda me apetecia dar-lhe dois pontapés no cu, olhe que vocês se viram lá com ele” [...] a minha mulher é que era só chorar, e nós é que viemos ajudá-la a defender daquilo, que ele já ia com o gado lá pela estrada pelo caminho adiante. Olhe você veja o que a gente passou com aqueles marotos, gente má, com maus instintos. A minha mãe era assim “oh senhor”... não sei como é que ele se chamava “olhe, agora ninguém nos vê...” “ah, vêm-te, da parte de acolá”. Da parte de acolá veio o meu irmão e se ele refilava ele dava-lhe um pontapé, porque isto é mesmo assim. A minha mãe a pedir por quantas alminhas do céu “deixe-me o gado, olhe que o meu homem está da parte de acolá” “eu bem os vejo” ele bem os via da parte de cá “mas o gado tem de ir, porque é um trabalho que eu tenho de fazer

AL: mas qual era a diferença do trabalho do rondista e do guarda-florestal?

M: oh, o rondista era aquele que andava sempre à caça das multas, é o que andava à caça. E o guarda era uma pessoa calma, era uma pessoa que não andava sempre metido nisso [...]

AL: então a floresta não foi só boa, teve este lado...

M: a floresta não fazia mal a ninguém! Bons guardas, boas pessoas

AL: mas os rondistas faziam parte da florestação

M: os rondistas é que eram fracos, é o que estamos agora a falar. Eles são fracos e depois exageram nos serviços que fazem. Percebeu?

[fala do problema do tal cabo de policia que era sogro do irmão dela e de como isso trazia algum conflito para o irmão, que não podia com ele]

AL: e o que é que você acha do Parque Nacional?

M: para mim é uma maravilha

AL: é? Em que sentido?

M: em que sentido, olhe, pessoa que não cause nenhum prejudicado, que não ofenda, é boa para mim, é o marido de uma moça que deixa aqui o pão, deixa aqui o pão à porta [...] e ele coitadinho é o Carlos, oh que santo moço, diz que às vezes se põe a dizer para alguns aqui destes, destes ciscas, vós acabais com os velhos, já o tenho ouvido

AL: é o Carlos Pinto, que está em Braga?

M: é um rapaz aqui de são Lourenço. Vós acabais com esses livros antigos que esses livros já devem ter acabado há muito, o povo não se pode sacrificar assim como vós pensais, é para termos todos respeito uns pelos outros, não é assim

AL: mas ele trabalha para o Parque?

M: trabalha, anda aí com o Chico, sempre para trás e para diante, não se mete com ninguém, coisa nenhuma

AL: mas o Parque em si acha que veio por bem para aqui para a região ou

M: eu acho que não fez mal nenhum, até favoreceu muitas coisas, puxou muitas coisas e tudo, coisas que antes não havia, vieram caminhos, não pôs alcatrão isso não, porque eles queriam caminhos assim mais para turismo e essas coisas, e fizeram muitos caminhos, muitas coisas, o parque a mim acho que até embelezou, acho que sim, olhe. E a floresta para mim foi melhor, e isto não. Eles são autónomos e isso é que é o mal

AL: pois, olhe, eu não sei o que dizer em relação a isso porque acham que não vão lá fazer nada

M: para não se chatearem [...] o Vasco ia lá, é o sogro do Júlio [...] é um bom homem, olhe, pergunte-lhe se estamos contentes com os baldios que ele diz-lhe já [...] ele, tal como o meu sobrinho, esteve lá muito tempo e esteve lá no meio desta malta, para fazerem fracas cenas. Ele coitado agora também tem a filha casada com ele, se for preciso até podem discutir um com o outro à conta destas merdas. Porque ele era que se interessava lá com eles, do que eles faziam. Só que agora a mulher, diz que ele chegava a casa sempre muito nervoso

AL: ele já fez parte do CD então

M: ah, fez! Esse é uma prenda, este senhor... quando tivemos aqui este conflito, porque isto foi tapado, no tempo da JF, foi a Junta que nos deu, um pagámos, o outro deram-nos, olhe o que eles aqui pintaram... eu nem lhe vou contar mais nada!

AL: no tempo da Junta... antes do 25 de abril ou mais recente?

M: 25 de abril foi em que ano

AL: 1974

M: ah, não, já o meu filho mais velho era nascido, nasceu em 1972. Foi nessa altura, que eu tinha os miúdos pequerruchinhos, que eram pertinho um do outro. Foi a Junta que nos vendeu uma parte de terreno e a outra deram-nos, a comissão aqui. O senhor era da comissão, um senhor que já morreu, e estavam na obra o senhor Joaquim da Cancela, era o senhor António o pai desse rapaz que meteu o meu sobrinho lá na marinha, o senhor António e o Cela

AL: esses é que estavam na comissão de baldios?

M: era! Que puxaram isso para cá, mas uns santos homens, que não se metiam com ninguém, que davam um bocadinho de terreno para se fazer uma casa e não levavam dinheiro, porque era a miséria, e era assim mesmo, e éramos todos da mesma terra. Agora já começaram a levar, já pagamos, casa, muro, isso também eram direitos que a gente tinha, não levavam dinheiro, pronto. E então eles chegaram aqui e disse assim “oh senhor António” e para o Joaquim “eu queria, nós temos lá uma batatinha, precisava aí de um bocadinho atrás da casa”. “Deixe lá que eu vou falar com o meu padrinho” que era o tal Joaquim da Cancela “oh padrinho, vamos lá falar”. Depois chegaram aqui “semeai o que vós quiserdes”. Falámos com a Junta, diz a Junta assim “vós só pagais x”, pagámos 1000 e tal Euros por este terreno. Digo eu assim “mas olhe, mas vocês” foi tudo escriturado “mas vocês agora tapem o que puderem tapar para não estarem sempre a tapar. Ui, quando viram tapado, ai jesus! Não havia quem os aturasse. Mas depois lá se acomodaram, depois começaram a fazer uns e outros e assim, e depois lá se acomodaram

AL: mas quem é que se chateou com vocês taparem?

M: muitos aqui, uns ranhosos, que também queriam, e depois pediam, e eles depois também lhes davam a eles, eles ainda taparam uns quantos primeiros na serra. E eles ficavam danados. Mas depois começaram a precisar também começaram a fazer, já se calaram. Isto era a JF, e uma boa Junta que olhava pelos pobres. E a gente pagou o que tínhamos que pagar e foi-nos exigido, e pronto

AL: mas por exemplo, quando vocês pediam ao CD uma parte do baldio, isso não é discutido em assembleia

M: não, era a JF, era a JF que resolvia

AL: então não era baldio

M: era. Só depois é que veio esta coisa dos baldios e eles lá vieram, mas aquilo era muito recente e a JF é que, eles não faziam nada sem a JF, eram uns homens educados. Isto olhe, nem vale a pena irmos mais à frente, havia cá um antigo, muito bom homem, que ele disse assim “oh senhor Zé, você devia ir à reunião” chamavam-lhe os ajuntamentos, a gente tinha ali no meio da aldeia, agora tem ali um casebre. E dizia ele assim “oh rapaz, o que tenho para vos dizer é que enquanto mandaram lá os homens, era uma coisa, começaram a mandar os rapazes, está tudo dito, e não me falem para eu lá ir”. Esse homenzinho já morreu, há para aí uns 10 anos ou mais

AL: esse fez parte do 1º CD?

M: não, não fez, mas chamavam-no para conselheiro para muitas coisas, e era um bom homem, um santo homem. E então estes que puxaram para cá esta comissão dos baldios, talvez para fazer face a alguma coisa da floresta, ou assim, foi pior, é melhor deixar estar na Junta, deixar lá para a floresta, deixar para o Estado, porque o Estado é que andou aqui a gastar dinheiro

AL: o Estado ainda recebe

M: não, diz que é uma coisa mínima

AL: 20%, ainda é um bocadinho. Cada renda leva 20% e não faz nada

M: e do Estado é que nos vem tudo... não acha?

AL: uh, já foi assim talvez mas

M: do Estado é que nos vem o nosso sustento

[digo o que sei sobre a actuação do Estado no tempo da floresta. Fala-se dos cabos de polícia novamente, eu envolvo-os no esquema da floresta, a dona M pergunta então para que é que a JF estava envolvida nesse processo de multas, eu respondo que haviam de estar envolvidas também, no fundo são também parte do Estado, ela concorda. A evolução dos SF no pós 25 de abril, a formação dos CD, a culpa do estado da floresta ser associada aos CD. A forma como os SF enfraqueceram ate ao que se vê hoje, ausência]

M: [...] é só gente a passear de carro, percebeu, e as matas estão em volta das aldeias

AL: [...] por isso é que muitos baldios preferiram assumir a tal letra a), como o seu marido estava a dizer, porque o Estado estava a mamar muito dos frutos da floresta mas não estava a fazer quase nada, então alguns baldios disseram “epa, já chega de Estado! Para isso fazemos nós e só temos que dar 20%, e foi isso que aconteceu aqui, e na minha maneira de ver, ainda bem. Agora claro que é impossível agradar a toda a gente... [...]

[a forma como a critica é necessária, mas que tem de ser feita em sede própria, entre aspas]

M: eles são muito arrapazados, o que devem explicar às pessoas não explicam. Embora que as pessoas tenham pouca cultura, que tenhamos pouca cultura, mas graças a deus ainda temos a cabecinha em cima dos ombros para poder verificar que há uma malícia deste ou daquele

[...] não há nenhuma transparência

AL: eu sei que eles fazem assembleias, isso eu sei que fazem

M: mas é para eles

AL: não, é para o povo, até estava ali um edital na paragem de autocarro

M: isso não vale a pena

AL: portanto eu sei que eles fazem, até porque eles são obrigados a fazer, a lei dos baldios obriga a fazer duas assembleias gerais por ano

M: se eles [os velhos que iniciaram o CD na aldeia] sabiam onde é que isso vinha parar, nunca puxavam para cá isso, nunca!

Acácio

Local: no café do Fojo do Lobo

AL: [faço uma introdução ao que ando ali a fazer, qual o âmbito do projecto etc.]

Ora muito bem, uma vez que até vamos falar sobre isso, eu sou uma pessoa que se recorda dos SF, e depois veio o PN. Não há dúvida nenhuma que o PN não serve para cuidar dos SF. Eu recordo que por exemplo no meu tempo, tinha para aí 14 ou 15 anos mas já trabalhava nos SF, e então dava gosto ir ao Gerês. E porquê? Olhe, em princípio havia aí um senhor engenheiro Melo, de nome engenheiro Melo, que era um silvicultor mas, portanto tinha a formação de silvicultor, mas além disto tinha muito gosto naquilo que fazia. Você chegava ali ao Gerês, aonde lhe chamam a vacaria, tinha ali corças, javalis, lobos, raposas, tudo ali. E dava gosto olhar para aquilo porque além disso fora tinha viveiros, e esses viveiros tinham um guarda-florestal a olhar por aquilo, eu até ainda o conheci, olhava por aquilo, ele não trabalhava mas administrava o trabalho. Você chegava lá, se levasse uma dor de cabeça desaparecia-lhe, olhe, árvores pequeninas plantadas todas assim a fio, você olhava daqui para acolá, tudo direitinho, que eram plantadas com um fio. Mas se

olhava dali para ali era precisamente a mesma coisa, percebeu, e nem uma folha acolá pousava das outras árvores, que tinha sempre pessoal as folhas a caírem das outras árvores, a apanhar aquilo. Tinha um sistema de rega feito em cimento, tapavam a água por aquilo adiante, faz de conta que isto é o canal, chegava aqui tinha uma quebrazinha, está a perceber... punham dali um farrapo, a água regava para ali, tapavam-no aqui, chegavam à frente abriam outro, regavam outro bocado. E daí, como aquilo estava com um aspecto bestial, um zelo de valor incalculável, e vinha muita gente ao Gerês, houve alguém que se interessou por aquilo e lembraram-se de passar para PN... percebeu? Ah, e ainda outra, e tinha viveiros de trutas na Albergaria. E era engraçado, porque tinha... agora já não sei já quantos eram, se eram 3 ou 4, viveiros, a água deste caía naquele, e deste passava para outro, e as trutas estavam por selecção, aqui as maiores, médias a seguir, e pequenas a seguir, está a compreender, aquilo não faltava gente a olhar para aquilo, tanto para as trutas, como para os javalis, lobos, raposas, corças, só se via, especialmente na altura da caça, aqueles passeios escolares, está a compreender, com crianças enganchadas naquelas redes a admirar aqueles animais. E esse engenheiro Melo tinha um homem, só um homem, a tratar daqueles animais, que não fazia mais nada

AL: mas o engenheiro Melo era dos SF

Dos SF... eu ainda conheci o senhor que tratava esses animais, que era o Armindo Grilo, e depois aquilo parece que foi em 1972, é que passou para o PN. Começaram bem, não há dúvida, começaram até por reparar casas a pessoas que viviam dentro do Parque, por fazer estradões, da Ermida para cá foram eles que abriram a estrada. Só em terra batida que depois o alcatrão já foi com as CM. E ajudavam as pessoas em qualquer coisa que fizesse falta muitas das vezes. Olhe, por exemplo, a nós ajudaram-nos a fazer género de um escaleirado para entrar para a entrada da nossa capela. E ajudavam, por exemplo, se vissem uma pessoa enaufragada numa coisa qualquer não se importavam que os funcionários do Parque ajudassem. Mas depois as coisas foram-se deteriorando e hoje o Parque está de rastos com esta gente, o Parque não pode, o pessoal não o pode ver... então olhe, começaram, o engenheiro Melo tinha lobos lá em cativeiro, toda a gente os admirava, eles vieram puseram-nos em liberdade. Os javalis também, acho que também os puseram em liberdade, as trutas venderam-nas para as pensões

AL: para as pensões? Como assim? Para pagar as pensões... (RISOS)

Não, para as pensões, para os hotéis

(RISOS)

E pronto, tinham... começaram com uma brigada de pessoal, o meu pai trabalhava lá, e mais gente, nas limpezas dos montes, por exemplo, roçavam o mato andavam todo o ano a roçar, quando viesse chuva queimavam o mato, quando viesse chuva!!

AL: o Parque?

O Parque... estava aí tudo limpinho... e pronto, isso acabou tudo. Deram-se ao luxo de reformar os que trabalhavam e os que não fazem nada alguns ainda hoje lá estão. Portanto não se pode aceitar uma gerência desta natureza. E pronto, e o pessoal todo grita “os lobos soltaram-nos, nós agora é que pagamos nos rebanhos”. E ainda outra, e fazem repovoamentos, eles dizem que não, mas fazem-nos. Porque os lobos que andam aí na serra, eles dizem que andam à volta de 300 lobos, sabe porquê? Porque têm chip, e o lobo ibérico, tá bom, aceita o chip, nem pensar! Portanto, estas coisas assim... repare, eu já tive uma cena comigo que isto dá para a gente se enervar. Comeram-me uma cabra os lobos, foram lá os funcionários do Parque, lobo na cabra, e depois recebo uma carta a dizer que me não era paga pelo facto de estar adiantada numa decomposição muito forte

AL: ah... isso não faz sentido nenhum

Pois, e eu fiquei assim. Nenhum... e ainda digo-lhe mais, e no tempo do engenheiro Melo ele tinha também um viveiro, chamam-lhe a Pedra Bela, eu também lá trabalhei, portanto eu estou à vontade para falar assim, venha lá ele quem vier que eu não me chateia nada disso. Também tinha árvores também plantadas com o mesmo rigor como na vacaria, e esse engenheiro Melo trazia todo o ano, todo o ano cortes de madeira na serra do Gerês e você não notava a falta de uma árvore, sabe porquê? Era árvore cortada, árvore plantada, arrancava-a no viveiro para plantar onde a cortou. Ele até tinha um guincho dos próprios SF de tirar a madeira, que eu até conheci o senhor que trabalhava com o guincho, era o Rui da Machada. E portanto as pessoas hoje olham mal para o Parque... olhe, tínhamos aqui este rio de Fafião de que falávamos há momento, era um rio de trutas que era um espectáculo, ele não era um rio era um viveiro. Depois começaram para aí fiscalizações com aparelhos para ver o que elas cresciam de um ano para o outro, não sei quê, não sei que mais, vai lá agora não tem nenhuma

AL: mas porquê?

Opa, não sabemos, quanto mais fiscalização tem, pior. Se você lá for não vê uma truta

AL: pois... mas o que é que acha que mudou aí pelo meio?

Acho que mudou o seguinte: há quem diga que é os incêndios, e depois quando chove a água vem para o rio e traz a cinza, e essa cinza que se mete nas guelras dos peixes e que os mata. Há quem diga que foram eles com máquinas que as andaram a pifar para as levar para outros lados, não tenho a certeza desta situação

AL: e mesmo em relação ao PN, o que é que acha que se alterou para que as coisas se tenham alterado para pior?

Para pior... privações, olhe, por exemplo, vê esta casa aqui em construção? É para ser em pedra, agora vai levar pedra por fora, não podemos comprar uma pedra porque temos que a ir comprar, e nós temos pedra por aí fora em excesso. Veja só

isto, os caminhos, antigamente arranjavam eles os caminhos, agora não aparece lá ninguém. Quer dizer, eles estão cá a quê? Eles podem ir embora quando quiserem, não fazem cá falta nenhuma. Então se nós temos uma coisa temos que ir comprá-la fora por alma de quem? Porque não se pode aceitar... olhe, eu, imagine que eu casava-me para Lisboa, sabe qual era a minha preocupação quando lá chegar? Era chegar ao presidente da JF e dizer assim “oh senhor presidente, eu casei-me para aqui e vou viver aqui, não venha habituado a estes usos e costumes, portanto o senhor, se me vir em alguma falta agradeço que me chame a atenção. Não é vergonha nenhuma isto. Agora nomearem-me um director de Lisboa para vir chefiar a serra do Gerês? Nem pensar! E ainda outra, o coração do Parque Nacional é no Gerês, e foram pôr a sede em Braga... o coração do Parque é no Gerês, na vacaria, onde eu lhe disse há momentos que tinham os javalis, as corças e não sei que mais

AL: isso é ao pé do vidoeiro

É exactamente

AL: onde está a sede do ICNF

É lá é que é a sede, lá é que dizem que é o coração do Parque. Como vegetação o coração do Parque é lá em cima na Albergaria, de quem vai para Espanha

AL: isso já é Mata Nacional

Exactamente, e foram pôr a sede em Braga. Olhe, havia um engenheiro em Montalegre que a gente ia lá, que é a sede do nosso concelho, e muitas das vezes, lá isso eram simpáticos, resolviam ali os problemas que as pessoas aí tinham

AL: seria o Carlos Pinto?

Era! E, acontece... levaram-no para Braga também, e pronto, isto é assim

AL: e actualmente nem sequer há director do Parque não é...

Nomearem um director de Lisboa para vir chefiar o Gerês, isso é andar para trás... não quer dizer que a pessoa não seja competente, o que é que ele não conhece nada... não conhece nada. Eu garanto-lhe uma coisa, houve aí directores no PN, que estiveram a chefiar o PN e nunca conheceram o PN a 100%

AL: e você foi trabalhar nos SF com que idade?

Para aí com 14 anos, eles não olhavam à idade das pessoas, o que é que conforme era o físico da pessoa assim era o vencimento, está a perceber [?] em termos de idade

AL: e foi fazer o quê com 14 anos?

Semear pinheiros, estes pinheiros aqui à volta ajudei-os a semear

AL: e diga-me uma coisa, isto para mim já começa a ser um mito, há quem diga que já havia pinheiros antes da florestação, há quem diga que não

Havia pinheiros mas uma coisa muito insignificante

AL: e quem é que os plantava, eram vocês?

Esses primitivos nasceram espontaneamente. Depois é que vieram os SF e semearam tudo aqui por baixo e por ali à volta e até ali acima. Mas isso foi os SF, depois até houve aí um equívoco qualquer que escreveram uma carta ao Salazar

AL: já ouvi essa história pois

Já? E resultou que ele mandou parar a sementeira dos pinheiros, porque aquilo andava a ser feita sem organização também como deve ser, nem respeitavam terrenos particulares nem nada, aquilo era tudo deles. E depois arranjam, semearam os pinheiros e não deixavam os animais pastarem onde tinham semeado os pinheiros. E por essa razão juntaram-se aí numa noite uns 5 ou 6 homens, notaram na carta, e fizeram a carta e mandaram-na ao Salazar, e só semearam pinheiros enquanto a carta não chegou a Lisboa, que ao chegar a Lisboa mandou logo acabar com... mandou logo parar

AL: isso é incrível, como é que um homem como o Salazar cede perante uma carta?

Repare, isto agora fugindo um bocadinho à questão, o Salazar não tinha culpa de muitas coisas que se passavam, porque não sabia, está a perceber? Eu é que por exemplo não gostava de si e fazia uma acusa para você ser chateada pela PIDE, não sei quê, não sei que mais

AL: sim, os chibos

Pois, era... essa gente que nem é gente nem é nada. Vingavam-se dessa maneira, porque daquilo que eu me apercebo, ele se tivesse a certeza das coisas ele resolvia os problemas... não é estar a defender políticos, que politica e bola, $3 \times 9 = 27$

(RISOS)

AL: não, mas é verdade que as coisas não se passaram da mesma maneira em cada baldio, em cada aldeia, logo daí vê-se que não

Exactamente. E repare mais, e o Parque de primeira, o CD dos baldios de Fafião estava na letra b), e o Parque levava uma valente percentagem nas madeiras que se vendiam. E depois, é claro, mudou-se para a letra a) e eles mesmo assim na letra a), que a letra a) não dá esse direito, ainda tentaram levar a mesma percentagem, só que é claro, começaram a não dar e eles agora acabam por os baldios geridos aqui em Fafião pela aldeia de Fafião através do CD

AL: tem a noção quando é que se formou o CD pela primeira vez? Sei que foi nos anos 70 mas não sei

Olhe, sei lhe dizer que foi depois do 25 de Abril, mas o ano exacto não

AL: ok... devem ter estado muito pouco tempo na letra b), não?

Ainda estiveram bastante, depois é que alguém alertou as pessoas e as pessoas mudaram, e mudaram para bem, pronto

AL: você tem feito parte dos CD?

Já fiz... como presidente não, mas como segundo na lista cheguei a estar e pronto, e agora, o meu Miguel tomou conta, é mais novo, tem mais vagar. E eu tenho de descansar a memória um pouquinho

(RISOS)

AL: e o que é que acha, acha que isto está a resultar aqui em termos de gestão do baldio

Sim, é evidente que há sempre gente que gosta e gente que não gosta, mas até se tem feito aí umas obras bonitas e tal, em consonância com a Câmara e a Junta e o Conselho Directivo, olhe foi este largo agora aqui, não sei se a menina já aqui passou

AL: aqui em cima?

Sim. E houve ali em baixo, por causa de alargar, ou melhor, de fazer um largo maior, a demolição de uma casa, mas também foi a Câmara Municipal de Montalegre, a Junta de Freguesia de Cabril, o Conselho Directivo, e tal, tiraram

AL: onde?

Ao pé da capela, tiraram a casa à pessoa mas fizeram outra ao lado. E pronto, e faz-se assim umas obras. Também temos uma equipa de sapadores, que o Estado dá-nos, parece que é 35000 Euros, para a equipa de sapadores e depois o Conselho Directivo põe o resto... e é assim

AL: e esteve lá só um mandato?

Não, estive pelo menos dois, mas era um mandato só com 2 anos, agora são de 4. E é isso. Se quiser fazer qualquer pergunta que eu não me tenha recordado de relatar, esteja totalmente à vontade

AL: não, da minha parte é um bocado esta curiosidade de saber como é que as pessoas se relacionam com o baldio, como é que as coisas mudaram em relação aos tempos antigos. Porque basicamente um dos pontos do trabalho que ando a fazer é perceber até que ponto o baldio pode ser uma alavanca para o desenvolvimento local das comunidades, e se sim como

Sim, pois. Ora bem, posso-lhe adiantar que é as vendas de madeira, e depois os dinheiros geridos em obras que se relacionem com o baldio e com a aldeia. Porque repare, às vezes temos tido aí problemas com as grandes chuvas nas épocas invernosas, há caminhos que são alagados, e claro, há que pagar a uma máquina para ir lá e resolver aquilo, porque a serra também se não tiver acessos também é muito mau, porque repare, há incêndios, há isto e aquilo, os bombeiros não vão pegar nos autotanques às costas para... portanto tem que haver passagem. E volto a realçar aqui outra situação do parque incorrecta, na minha maneira de pensar, que é não deixar abrir mais caminhos para combater os incêndios, porque repare, há um incêndio numa encosta, ardem por exemplo 15 hectares, mas se estivesse acesso se calhar só ardiam 2 ou 3, mas eles não querem, os senhores... está a perceber. Eles até deviam ter orgulho que a maior mancha de sobreiras são no monte de Fafião e da Ermida, que tem o PN. Haviam de ter cuidado, porque eu já lá andei com uns engenheiros, um até era de Lisboa, eu até tenho lá um cartão que ele deixou lá em casa. Sabe como é que eles classificavam certas sobreiras e certos carvalhos? Árvores notáveis... está a compreender, porque às vezes a gente diz assim “ah, aquela árvore grande” não sei quê, não sei que mais, não são bem essas as árvores notáveis, são as árvores que têm vários feitios derivado ao lugar aonde estão e como é que elas ali se reproduziram. Porque eu até por exemplo posso lhe adiantar que aqui bem perto um pinheiro rachou um grande penedo, quase impossível mas é verdade. O pinheiro nasceu numa frincha que o pinheiro tinha e desenvolveu-se, entretanto a raiz a fazer pressão e um bocadinho de vento a fazer força, o penedo lá está rachado e o pinheiro está no caminho também. (RISOS) Portanto são essas as árvores notáveis e sobreiras vê-se muito disso, porque o fruto da sobreira os ratos comem-no, e por vezes, mas o rato não come o fruto onde o encontra, procura levá-lo para um esconderijo, especialmente para a frincha de um que tenha uma pedra. Mas o rato deixou o fruto e não voltou lá mais e esse fruto deu origem a uma árvore, claro que a árvore foi crescendo com mil dificuldades e tal. E são essas as tais árvores notáveis que eles consideram. Portanto, e eles, se a maior mancha de sobreiras que existe no PN, está no monte de Fafião e da Ermida, porque é que eles não têm assim um bocadinho de brio em limpar aquilo de modo a que se vier um incêndio as sobreiras não sejam queimadas

AL: sim... bom, eles agora estão cheias de ideias de tornar o PN um projecto-piloto de gestão florestal e de fogo controlado e por aí

Eles não controlam o fogo... eles se fossem inteligentes a grande parte dos incêndios se não davam, porque nas alturas que se pode queimar deviam deixar queimar, porque já deixaram, tiveram uma fase que deixaram e agora não deixam. Porque veja, eu ainda hoje andei à caça em sítios que devem ter 5 metros de altura de mato. As pessoas não passam. Claro, aquela pessoa que tiver menos consciência, olhe, chega-lhe fogo, pronto

AL: e ouvi dizer que eles além de deixarem até acompanhavam o processo

Sim, um técnico, era verdade

AL: isso acabou quando?

Opa, não posso precisar. Olhe, o meu Miguel é capaz de saber, mas não tenho, agora datas certas não tenho

AL: pois... e outra coisa que também ouvi dizer mas que não encontrei nada na minha pesquisa, foi que havia dinheiros a vir para a vezeira, dinheiros para manter a vezeira, para pagar a pastores e assim

Sim, houve um ano que isso foi prometido esse dinheiro e depois não veio. E até houve aí um presidente da JF que se viu bem enrascado com essa brincadeira, foi o engenheiro Pedro de Cabril. Prometeram que vinha o dinheiro, arranjou pessoas para ir guardar a vezeira, e depois o dinheiro não veio

AL: pois, então não houve nada disso de

Não, quer dizer, houve a promessa mas não chegou a vir

AL: pois... você esteve sempre cá ou chegou a emigrar, mudando completamente de assunto?

Não, nunca emigrei, eu estive sempre em Portugal

AL: e sempre em Fafião?

Sim, quer dizer, não trabalhava aqui mas, e vinha aos fins-de-semana e quando podia andava sempre por aqui. Estive em Lisboa

AL: ah... mas já não era para o Parque, aí já era para outra coisa

Não, não. Depois vim para Guimarães, depois de Guimarães vim para Braga

AL: e o que é que fazia?

Eu digo-lhe, sim, e depois de Braga fui para o Gerês, só no Gerês estive quase 22 anos, por isso é que eu lhe falo com os pés bem assentes (RISOS) eu era guarda-republicano (RISOS)

AL ai era? Ah... e agora os guardas-republicanos é que andam aí não é, são os guardas-florestais actuais

Exactamente, antigamente eram mesmo guardas-florestais, e tinham muito mais rentabilidade no desempenho das matas, digamos assim, do que estes da GNR. Não é porque eles não sejam competentes para fazer o serviço, não sei quê, não sei que mais, mas olhe, os guardas-florestais tinham casas no meio do monte, e chamavam-lhe a eles cantões, por exemplo, eu estava na malhadora e tinha um cantão limitado. Havia o guarda da Ermida e tinha outro cantão limitado, e havia o guarda da Pedra

Bela e tinha outro cantão limitado. Mas havia muitos mais guardas, e viviam naquelas casas florestais e acontecia o seguinte, eles estavam limitados mas também não tinham sítio para onde ir. Olhe, hoje podiam ir aqui para cima amanhã ali para baixo, quer dizer, o pessoal tinha medo especialmente no atear fogo porque podiam estar ao pé do guarda-florestal e não o estar a ver

(RISOS)

AL: exactamente, sim, sim, a proximidade

Claro, está a perceber. E ainda outra, informações a turistas era uma maravilha, não é, essas pessoas que fazem essas caminhadas. Agora já nem tanto porque já vai havendo GPS e não sei quê, já dá para as pessoas se orientarem melhor. Eu devo-lhe dizer, a serra do Gerês é bonita, mas no inverno é perigosa. E porquê? Porque se necessário for sai de manhã, tudo estrelado, o sol maravilhoso, ao meio dia começa-lhe a assapar o nevoeiro, tem certos sítios que de dia é de noite, e aqui... e você veja que já tem vindo helicópteros desencravar as pessoas que as pessoas estão totalmente encravadas, é com isso e com a neve. Se cair uma nevada e a seguir vier sol, qualquer pessoa se desorienta na neve, aquele brilhar da neve e depois aquele branco muito forte, para muita gente acabou, acabou porque passa a desorientar-se. A gente vê tudo branco, não tem hipótese de se orientar. Claro que as pessoas que conhecem lá se desenrascam. Eu vou-lhe dizer uma coisa, se um dia tiver uma situação dessas procure sempre a margem de um rio

AL: é segui-lo até chegar a uma povoação

Exactamente! Ou então se lhe aparecer um abrigo dos pastores, aproveite e pega no telemóvel e ligue para alguém para os ir socorrer, porque ali tem a vantagem de estarem abrigados

AL: e como é que... há aqui uma coisa que noto nesta aldeia que não vejo noutras que é, a malta fica cá, não é, grande parte dos jovens ficam cá, ou mesmo que vão para Braga como o Miguel

Sim, era como no meu caso, ao fim de semana, logo que posso dar uma fugidinha cá acima, lá vem o povo

AL: mas como é que é isto, porque é que isto não acontece noutras aldeias? O que é que acontece aqui? Ou seja, há algum incentivo geracional quase

Não, sabe, olhe, temos outro problema com o PN, por exemplo, imagine a menina que queria aqui montar uma fábrica, fosse do que fosse, olhe uma serração, uma fábrica de pneus, tecidos, lacticínios, uma coisa qualquer, o senhor PN não deixa, e daí que dá origem a que as pessoas tenham de

AL: sim, sim, eu entendo porque é que saem, não entendo é porque é que ficam

Porque se deixassem se calhar havia muita gente a empregar-se por aqui e ia ficando. Porque o nosso monte, não nos custava nada ceder monte baldio para montar uma fábrica com a condição de empregar as pessoas cá da freguesia, não era? Mas não, os senhores não querem, eles estão bem instalados lá onde eles querem e lhes apetece

AL: mas porque é que aqui em Fafião há ainda assim uma dinâmica assim grande de... bom, esta resposta é impossível de se dar não é, mas eu noto aqui uma diferença grande nesta aldeia para outras onde estive, em que não há jovens praticamente já, apesar de muitos até trabalharem noutros sítios eles voltam ao fim de semana

Aqui há... olhe, eu vou ser-lhe muito franco, nós agora vamos tendo uma juventude, mas nós tivemos aqui uma fase que era uma escuridão nesse aspecto.

AL: com aquele acidente...

Com aquele acidente pá, aquilo foi um desastre que nem ao diabo lembra, e ali depois houve uns anos que se notava a falta daquela gente

AL: claro, nem quero imaginar

Então, só daqui desta aldeia foram oito... andavam a levantar os cadáveres pelas portas como sei lá... olhe, foi uma aqui desta casa, era a Beatriz, uma moça linda como um cravo caralho, parece que ainda a estou a ver; o Xavier, ali daquela casa de cima; aqui à frente desta obra era outra rapariga já

AL: fogo, que drama

Opa... e isso notou-se ali uns anos, hoje aquela gente eram todos já chefes de família. E portanto ao serem chefes de família ainda tínhamos mais juventude do que a que temos nesta altura, mas, meu amigo, é a lei da vida e nós...e um acidente tão estúpido que ainda hoje, olhe que eu tomei conta de muitos acidentes, e ainda hoje não sou capaz de o compreender. É uma ponte e tanto à entrada da ponte como à saída, são duas curvas mesmo fechadas. E o homem entrou bem na ponte e ao meio da ponte foi da ponte abaixo. Porque se é na entrada, o homem fez mal a curva, dá para perceber. Mas não senhor...

AL: pois, só se tivesse alguma coisa que escorregasse

Não, não podia ter nada que escorregasse porque a ponte é plana e daí portanto eu não vejo essa situação. Há quem diga que à conta da política foram dois alunos que se pegaram dentro. Mas a certeza ninguém a tem. Há quem diga que o homem que bebia muito, também não me acredito porque nunca se constou que aquele homem tivesse nenhum acidente. Quer-se dizer, está ali uma incógnita que eu não consigo compreender aquilo. Se fosse um pneu que rebentasse, eu vi a carrinha debaixo de água com as rodas para o ar e não tinha nenhum pneu rebentado. Eu não consigo explicação nenhuma para aquilo

AL: só alterando um bocadinho o assunto, até porque acredito que queira ir para casa (RISOS)

Esteja à vontade

AL: eu tenho falado com as pessoas da aldeia, já ando aqui há algum tempo e já vou percebendo algumas coisas, e vejo que há alguns conflitos, que há formas diferentes de ver as coisas, o que um dia que é espectacular o outro diz que é péssimo, e agora estou a falar dos baldios especificamente, então eu pergunto-me se esses conflitos chegam a um ponto de isto acabar um dia, e quando digo acabar digo a gestão dos baldios pelos CD

Olhe, eu penso que não, eu penso que não porque, realmente é verdade que isso existe, mas eu penso que não porque normalmente... ou melhor, a juventude é que está um bocado virada para esse lado e são amigos uns dos outros, não olham a opções políticas, botam isso para trás das costas e julgo que a juventude que vai segurar isto tudo. Mas temos aí uns 3 ou 4 melros que só estão a tentar fazer mal e a dizer mal e não sei quê não sei que mais

AL: pois, tenho ouvido muita crítica. Mas dá-me ideia que quem quer que lá estivesse iria receber as mesmas críticas

Isso é sempre a mesma coisa, porque repare, porque faz-se uma obra desinteressadamente, é para os compartes que passam lá todos os dias, por exemplo, aqui este largo deu uma bronca do caraças, não sei se a menina se chegou a aperceber

AL: não...

Porque não sei quê, não sei que mais, é para os compartes, é para isto é para aquilo, portanto repare, isso, essas coisas, sou da sua opinião, essas críticas...

AL: não acha que alguma vez vão... sabotar, sei lá, essas coisas da

Já tentaram, embora que não fosse relacionado com os baldios mas já houve aí coisas duras e até das quais fui eu a vítima. Porque eu fui aí presidente de um regadio, está a perceber e um melro que fazia parte da direcção comigo, eu fui operado a duas hérnias que tinha e depois não podia conduzir, e tinha a necessidade de levar um papel a Montalegre para entregar ao engenheiro que estava com os projectos do regadio, e disse ao, a um sujeito que fazia parte da direcção para ver se me lá levava o papel. Ele deu-me como resposta que não saía com o carro dele para lado nenhum, mas saiu com o carro dele para ir lá para depositar o dinheiro todo do regadio na conta dele que eram 30 mil contos. Está a ver, o papel não pôde lá levar, mas no dia que eu lhe pedi para ir lá levar ele o papel foi lá para depositar o dinheiro todo na conta dele, que eram 30 mil contos

AL: mas e depois fez o quê? Fugiu? Como é que alguém pode conseguir viver aqui depois de fazer uma coisa dessas?

Não, porque ele não conseguiu. Esta coisa do dinheiro do Estado, menina, eles trabalham aquilo com muita perfeição, aquilo não dá como muita gente julga

AL: ai era dinheiro de financiamento?

Era, dinheiro de financiamento. Aquilo é assim, aquilo faz-se o projecto, vai para o Ministério da Agricultura, eles aprovam ou não aprovam, se o aprovarem passa por cima, para eles lhe dar o dinheiro tem que você pagar primeiro. Foi o CD que nos emprestou, está a perceber? E depois vai a factura do empreiteiro, vai o recibo, vai a fotocópia do cheque ou a transferência bancária, aquele papelinho que dão lá na caixa, e o extracto da conta, para verem que a gente que já pagou, está a perceber? E não pode falhar um tostão, ou seja, um cêntimo. Imagine que são 10 mil contos que tem de pagar ao empreiteiro, o dinheiro das facturas, do recibo, extracto bancário, e fotocópia do cheque, não pode passar dos 10 mil contos, tem de ser os 10 mil contos exactos. Eu por exemplo, vou ali pagar uma coisa qualquer e faltam-me 5 cêntimos, e você diz-me assim “oh Manel, deixa lá os 5 cêntimos” (RISOS)

AL: por um lado ainda bem, quer dizer que há alguma fiscalização

Exactamente, e depois periodicamente vêm os engenheiros responsáveis ver o trabalho. Está a perceber? Eles não pagam sem vir os engenheiros e esses papelinhos todos, é factura e recibo pagos, extracto bancário, fotocópia do cheque ou o papel da transferência bancária, que você tanto pode pagar por cheque como fazer uma transferência bancária, isso é a mesma coisa. E depois aquilo vai para baixo, lá para onde estão eles, depois então é que eles depositam o dinheiro na caixa (RISOS)

Portanto é assim

AL: pois... e o outro tentou mas não conseguiu...

Pois, não conseguiu, mas é tão burro, tão estúpido que ele sabia que não coisa, mas ele foi lá para ver se conseguia isso

AL: essas águas acabam por ser privadas não? Não sendo parte do baldio à partida são privadas ou...

Sim, olhe, essas águas são de herdeiros. Repare, eu tenho uma terra, a menina tem outra, o seu pai tem outra, os seus irmãos têm lá cada um a sua, e depois chama-se a água de herdeiros, hoje rego eu de manhã, amanhã rega a menina, amanhã de manhã já rega outro, está a perceber?

AL: mas portanto, são todos da mesma família esses herdeiros

Não, podem não ser, podem não ser

AL: ah, basta que tenham as terras perto umas das outras

Exactamente. E com direito à água

AL: e quem é que tem direito e quem é que não tem?

Os direitos consideram-se direitos aquelas pessoas que já regam há muitos anos aqueles terrenos com aquela água. Imagine, se a menina quiser cultivar um bocado do monte e que não tenha um nascente para levar para lá, não tem direito a essa água, está a perceber, porque é uma coisa nova

AL: ok, é uma questão de prática, vá, ancestral, digamos

Exacto.

AL: [...] vocês têm os vossos animais na vezeira, não é?

Sim

AL: e eu entretanto apercebi-me que há uma vezeira paralela, ou seja que há pessoas que não metem os seus animais na vezeira

Sim!

AL: isso também é fruto de conflitos ou...?

Não... hmm, é como... tem um cheirinho, mas... as pessoas que andam com o gado fora da vezeira antiga, são gente que não pode ir guardar para a vezeira, porque trabalham e por vezes calha ali em dias que eles não podem perder ao meio da semana e muitos desses resulta desse sentido de não estarem na vezeira

AL: ok. E depois tinham de pagar a alguém

Exactamente, e depois se alguém vai e mas o gado não é deles se for preciso nem olha por ele como deve ser, está para lá todo o dia a dormir. Menina, falo assim que é para você entender (RISOS) e pronto. Porque eu até sei que já se pagou cá a alguém para olhar para a vezeira, e ele em vez de ir para lá veio para aqui para o arraial da festa

AL: ah, para tratar dos animais todos, não foi a nível particular

Pois, por exemplo a vezeira era sua e pagou àquele individuo para... e ele apanhou-lhe o dinheiro e ele esteve aqui foi na festa, no arraial da festa de Santiago.

AL: mas pronto, entretanto soube que houve um grupo que se organizou à parte para fazer a vezeira de outra forma digamos assim

Sim, sim, sim. Só vão lá ver de 8 em 8 dias, enquanto que a vezeira antiga estava lá sempre gente. Mas aquilo também chegavam a ser às 80 e 90 vacas, era muito gado,

e então estava lá sempre gente a acompanhar aquilo. Noite e dia. Que é que não eram sempre os mesmos. Hoje ia eu, estava lá, amanhã ia a menina, amanhã ia o seu pai

AL: como agora não é? Agora também não são sempre os mesmos

Não são sempre os mesmos mas não ficam lá de noite, mas naquele tempo ficavam nos abrigos

AL: ah, está bem, que há uma data de regras não é, um traz o vinho, o outro cozinha...

Exacto, exacto, exacto

AL: vocês têm muitas?

Eu vacas não tenho nenhuma, tenho é cabras, são estas que estão aqui em frente [na casa de tijolo em frente ao café do Fojo do Lobo]

AL: aí são estas

São minhas e de outro rapaz

AL: são muitas?

Temos ali à volta de ... 12... para aí umas 36, 37

AL: ah, ainda é um bocadinho. E tem financiamento para elas e essas coisas todas?

Sim, aquilo temos o financiamento da... dão-nos para ali um prémio, o Ministério da Agricultura

AL: o subsídio?

Sim, são controladas clinicamente. E pronto, ainda bem que são controladas não é

AL: claro

Nesse aspecto, se a gente quiser matar uma para comer mata e...

AL: claro, não está a pensar se...

Não, não. E eles não dizem nada, a gente guarda o brinco “olhe, esta matei-a para comer”, pronto, entrega-lhe o brinco, dá-lhe o nome, eles abatem-na e pronto. Abatem-na lá nas fichas deles

AL: ah (RISOS)

Devo-lhe dizer que a vezeira das vacas não tem dia certo para subir, é feita uma reunião no primeiro domingo de maio, e nessa reunião é que determinam o dia que ela tem de subir

AL: ok, a das cabras não é assim?

A das cabras é diferente. E termina, esse é que é fatal, é dia 29 de setembro acabou!
A das cabras, esse é mais recente

AL: mas as vacas ficaram lá, não foi? Agora...

Mas agora já não é considerado vezeira, já não vão guardar, essas só vão ver lá de 8 em 8 dias, que é ao sábado ou ao domingo, percebeu? Porque as pessoas não lhes deu jeito trazê-las para baixo pelo facto de que têm outros trabalhos para fazer e elas roubam assim um bocado de tempo, e assim lá andam à vontade e não chateiam ninguém, e as pessoas aqui fazem os trabalhos e... agora as cabras, sobem o dia 1 de junho, e depois no dia 29 de setembro também acaba

AL: pois, essas vêm para cá fazer estrume, não é?

Sim, as vacas normalmente entre 10 e 15 de Maio já vão, que é quando se lavram os terrenos e depois já elas não podem pastar nos terrenos e então...

AL: ah, ok, é sempre uma dinâmica entre os campos e o que dá jeito e o que não dá jeito

Exactamente!

AL: e também já há comida na serra entretanto não é?

Sim, sim, sim, em maio a serra já está a deitar muita erva e não sei que mais. A erva da serra anda com a primavera, à medida que a primavera vai subindo o pasto vai aparecendo [disponibiliza-se a manter-se em contacto através do telefone, caso me tenha esquecido de fazer alguma pergunta]

Dona Luísa e Senhor Armindo

Local: Casa deles em Fafião

L: [...] os baldios, a gente anda, não se pode cortar árvores para estragar, tudo se tenta aproveitar, e pronto, se há um bocado do baldio que tem árvores que podem ser vendidas para arranjar dinheiro para a população é o CD, nós, se houver pinheiros mortos podemos cortar para nosso consumo, fora daí, verdes, não... que é para dar dinheiro para qualquer coisa de reparação nas aldeias, como há por aí estes gradeamentos em sítios altos e assim, é com esses dinheiros, e coisas feitas. Há ali o palco da festa, há outro palco mais acima, que é com dinheiro dos baldios.

AL: e vocês acham que isso é bem feito?

L: achamos, porque ficamos com os benefícios. Tanto que temos uma fonte ali em baixo que era muito antiga, aquela fonte até é pedra trabalhada, e então os baldios arranjaram-na... arranjaram-na para nós regarmos o campo, e quem quiser ir lavar pode lá ir lavar também, tem assim uns lavadouros em pedra, é uma poça grande, e vai lá muita gente lavar, até os cobertores no verão e tudo. Quando é da festa limpa-se limpinho, antes, uns 8 dias ou 15... e quem quiser ir lá passar os cobertores por água pode, porque tem lá [?], e até para beber é uma água boa, foi explorada. Ali já havia água antiga, mas como agora há tudo, saneamentos e tudo, com medo que essa água puxasse alguma coisa, encanaram-na para o fundo da poça, sai para a poça para lavar, e a que sai na biqueira é água explorada ali numa rocha

AL: portanto, é tratada é isso?

L: não é tratada, não precisa de ser tratada

AL: ah, é diferente da de lavagem, é isso?

L: sim, exploraram-na ali num sítio que aparecia uma lagrimazinha e exploraram, e encanaram-na para a fonte, e agora a que cai de alto é que a gente pode beber que é saudável, vieram-na analisar e tudo, e a que sai em baixo não é própria para beber, vai para regar e para lavar

A: isso é ali ao pé do palco?

M & A: não, é ali ao pé da capela

[fala-se da localização específica da fonte]

L: a água é muito boa, vai lá muita gente buscar água para beber [...] tem um tanque grande e com este dinheiro dos baldios, vendem pinhais e fazem assim estas coisas, até andam a ver se arranjam aí uma casa para cozer o pão

AL: ah... para cozer o pão, quem?

L: andam a ver se descobrem aí uma casa antiga

AL: mas quem é que ia cozer o pão?

L: quem quisesse

AL: mas as pessoas não têm os seus fornos? [perguntei porque já me tinham dito que sim, que em Fafião não havia o costume do forno comunitário porque praticamente todos tinham forno em casa e quem não tinha cozia no do vizinho ou familiar]

L: têm

AL: ou era na ideia de vender?

L: mas... não era para ir vender, é que tem fornos mas é destes fornos que se comprem em tijolo, e se arranjam a casa como eles querem, é para pôr forno antigo, de pedra

A: para o convívio, é para o convívio como o museu

L: não é nada, é... pronto, é um forno comunitário, para toda a gente que queira cozer o pão, e secar o fumeiro e assim essas coisas. Há sempre em muitos lados casas comunitárias para fazer essas coisas, e cá também pedem para gerir isso. E têm feito aí muitos benefícios na aldeia

AL: têm feito?

L: tem

AL: vocês acham que tem sido bem gerido esta questão do CD

L: eu acho que sim, nós aqui as ruas era água que eu sei lá e agora têm encanado tudo e está a ficar a aldeia seca, no inverno era aí uma lama que metia medo, e assim já não, já corre... eu digo, até no concelho vejo poucas aldeias, porque eu vou muito para Montalegre, porque é lá onde a gente tem de ir resolver os nossos problemas, e não vejo aldeia como a nossa, porque nós aqui têm puxado muito, antigamente eram só os velhos e o que eles queriam era enfiar o dinheiro e não servia para nada, e agora dizem que eles que gastam, mas eu não vejo que eles gastem muito para eles, porque as obras aparecem feitas, vê-se coisas muito mais modernas cá do que antigamente

AL: você acha que

L: eu acho que sim, se eu for chamada a qualquer lado... eles não me dão nada a mim nem eu lhes dou a eles, mas vejo que eles puxam muito pela aldeia, e temos a nossa aldeia... acho que está, na medida que eu vejo para outros lados, é graças a deus, porque está bem

AL: e acha que isso está relacionado com o CD dos baldios?

L: sim, sim, o CD dos baldios estão à frente das coisas e puxam essas coisas

AL: vocês costumam ir às assembleias?

L: eu costumo, eu vou sempre

AL: é... e o seu homem [que se ausentou uns minutos]

L: vai mais para os cafés [diz baixinho], vai beber... mas eu gosto de ir, porque a gente ouve e vê o que se passa, e fica a gente a saber

AL: aquela associação, a Vezeira, qual é que é a sua percepção? Sabe o que é?

L: aí está um mistério... porque a associação a vezeira pronto, estão lá as pessoas, a gente para entrar para a vezeira paga

AL: aí é?

L: e depois fazem para aí umas quantas borgas e coiso, é para fazer dinheiro e não vejo... não sei. O que seria coiso, é que dá jeito para nós termos lá os animais arrumados no verão, que ainda se descansa um pouco, que assim

AL: lá naquela cerca?

L: sim, mas pronto

AL: mas acha que é... porque eu já ouvi dizer que há uma coisa que é o Acordo da Vezeira e há outra coisa que é a Associação Vezeira

L: mas isso é tudo a mesma coisa

AL: ah

L: porque agora não dizem para aquela coisa acordos, é associações...

AL: ah...

L: e eu acho que isso é tudo a mesma coisa

AL: então vocês quando entram na vezeira com os vossos animais têm de pagar um x?

L: temos

AL: para quê?

L: para ficar para despesas que apareçam, porque não havia águas nas cabanas, que lhe chamamos, e têm encanado águas para a beira das cabanas para ter água para cozinhar, e as barracas eram fracas e conservaram-nas com o dinheiro dessas coisas. Agora aqui há coisa de dois anos ou isso é que o CD começou a ajudar, porque eram só os que tinham a vezeira que tinham essas coisas, ficava pesado mas pronto, a gente fazia. E eles depois começaram a dizer que não, que ajudavam... você está a olhar para o meu companheiro [um gato]

L: e então depois começaram a dizer que o CD tinha por obrigação de ajudar nessas coisas, e então agora fazem eles, nas barracas, e arranjam os carreiros. Mas quando sobe a vezeira vai um homem de cada casa, dos que têm o gado e têm esse direito, e naquele dia vão arranjar as barracas, tirar o lixo, pode ter lixo, e tiram aquilo tudo para fora e fazem camas novas, e vão assim arranjar essas coisas, arranjar o que esteja estragado

AL: mas isso é os vezeiros não é?

L: sim, os vezeiros vão, no dia em que sobe o gado, só vão homens, não vão mulheres, e depois vão dois para um lado, dois para o outro, e depois assim

AL: ai nunca vão mulheres nas vezeiras?

L: não, para a entrada, para arranjar as barracas não. No dia que a vezeira sobe vão só homens e dão um jeitinho aos carreiros, e arranjam as camas nas barracas

A: come-se a merenda

AL: come-se a merenda, bebe-se um copinho, uma taça

A: ai uma taça, aha

AL: uma como quem diz não é

A: hehe, antigamente é que se fazia tudo como ela está a dizer, agora vão por ai fora, antigamente eramos 20, 30 pessoas que iam por ai fora, agora vamos 7. Como é que se pode fazer a coisa como se fossem os 30??

L: olha, fazem como podem! Naquele dia é uma merenda como se fosse um casamento

AL: no primeiro dia não é?

L: sim... é ver quem leva a merenda melhor

AL: mas na primeira vez vão várias pessoas não é?

L: na primeira vez vai um de cada casa

A: mas só os que têm lugar na vezeira, só somos 8. Se por exemplo um falhar, por exemplo você, se tiver a rês à sua porta, já não vai, já está dispensada, só vamos 7

AL: se tiver a rês à minha porta?

L: as cabras, se for você com as cabras não pode ir para o [?]

A: a vezeira é assim, há uma vezeira de cabras e há uma vezeira de vacas, e a vezeira do gado dos currais da serra somos 9

AL: isso é das vacas ou das cabras?

A: das vacas, eu não tenho cabras

AL: ah, é verdade

A: tenho ovelhas e vacas, de maneira que nesse dia somos 9. Mas se calhar um colega meu ter as cabras naquele dia nós somos 8, só vamos 8 naquele dia para cima, pa despachar para aqui e para acolá, vamos dar a volta às cabanas, mas antigamente éramos 18 ou 20 ou 30, que era a aldeia toda... hoje só somos 8, 8 herdeiros da vezeira. Ora aí está, se calhar faltar algum das vacas só somos 7. Na vezeira às vezes está dispensado. Ora o que é que nós vamos fazer? Vamos por aqui, chegamos ali a uma certa zona, sentamo-nos ali, almoçamos alguma coisa, se nos despacharmos pelos currais todos, são 7 currais, alguns são a 8,5 km. E se nos despacharmos, chegamos lá limpamos as cabaninhas. Até ali cortávamos os carreirinhos todos com as sacholas, limpávamos tudo para os lados, ficava tudo num campo. Agora não se pode. Chegamos à cabana, limpamos tudo o que lá está dentro, chegamos-lhe o fogo, metemos mato novo lá para dentro, em todas. E vimos por aí abaixo, podíamos apanhar um sargaço ou um tojo, mas já não se faz nada, nadinha, come-se a merenda e bebe-se umas pingas e vimos por aí abaixo a conversar uns com os outros, mais nada!

AL: mas não limpam os caminhos agora?

A: os caminhos, quem é que pode limpar? Seis ou sete pessoas, quem é que pode limpar

L: limpam-nos os sapadores

AL: através do CD?

L: é

A: sim. Não se pode, não podemos, somos muito pouquinhos, quando éramos muitos, coiso, agora não se pode

AL: pois. Os sapadores não sobem com vocês

A: não, não, não. Esses andam mais de “canta a galinha”

AL: o quê?

A: andam mais de “canta a galinha”, por baixo, não é por cima. Eu ainda no outro dia bati 19 km na serra

L: cala-te homem! Os sapadores vão quando os do CD lhes dizem “vocês é que vão fazer este trabalho”... e eles vão. Aí está, agora andam a fazer um caminho na serra, que diz que vai haver uma caminhada

A: é dia 7...

AL: ah, já ouvi dizer. Com muita gente não é?

A: são 500 e tal pessoas, já está o caminho “varrido” para virem de volta

L: arranjaram o caminho para eles virem de volta. E no dia 29 deste mês também diz que passa aí uma corrida

A: já passou ontem

L: era no dia 29

A: já passou ontem, que até se enganaram, vinham do lado de Pincães foram

L: é uns que andam em provas homem, cala-te!

AL: isso eram uns de bicicleta não era?

A: eram, enganaram-se, vinham do alto de Pincães e meteram à várzea para baixo

L: o dia 29 não foi ontem

A: pois, mas ontem vieram 300 e tal também

L: fosse quem fosse. Mas a outra diz que é a nível internacional, que vem gente do Brasil e da América e de todo o lado

AL: pois, já ouvi dizer, acho que são umas pessoas que costumam vir aí todos os anos e então organizaram isso

L: diz que organizaram e que é a nível internacional, que é gente de todo o mundo, e vêm a passar o dia 29

AL: ah, eu estava a falar da outra de 6 de outubro, ou 7 de outubro, ou que é

A: a 7 de outubro são 400 e tal quase 500 pessoas, que vêm comer todos à Maria ali em cima, ali ao Fojo do Lobo

AL: pois, é uma coisa assim

L: não sei, o que sei é que estes vão passar aí. Não passam aqui, diz que vão pela serra, andam os sapadores a arranjar o caminho

AL: no tempo ainda antes, portanto, antes do 25 de abril, houve a florestação e assim, não é, em que a floresta entrou aqui pela mão do Estado que andou aí a plantar estes pinheiros todos não é... antes do Estado chegar, ou dos SF chegarem, o baldio já era organizado como agora?

A: não, não

L: cala-te!

AL: não era como agora, mas não havia nenhuma organização?

L: olha cala-te que tu não sabes!

AL: havia alguma organização...

L: havia, havia, até lhe chamavam o regedor, havia um senhor que estava encarregado dessas coisas todas, até lhe chamavam o regedor. Outros era o cabo de polícia. Chamavam... punham assim esses nomes àquelas pessoas, e aquela pessoa chamava, avisava às portas, ou tocava uma buzina, e as pessoas juntavam-se, reuniam-se, e ele dizia o que fazia falta, ou o que tinha acontecido, e depois iam fazer o que aquela pessoa determinasse. Depois veio a floresta... veio a floresta e coutaram-nos o monte, que semearam os pinheiros e não nos deixavam ir para lá os animais, e depois estávamos mal

AL: isso foi mau?

L: foi. Depois estava no monte, uma parte que era para lá do rio, de arvoredado já grande, e não deixavam ir para lá os animais, e depois semearam esta parte do lado daqui

AL: também com árvores?

L: sim, ali ao café da Dulce do Gouveia, depois para cima, andavam a semear isso tudo, depois ficávamos de jeito, até pagávamos multas pelo gado, pelas vacas irem aos pinheiros, por se ir lá buscar um molhe de lenha, estávamos muito isolados. Depois juntou-se esse tal cabo de polícia, ou regedor, e mais 3 ou 4 homens que ele viu que tinha possibilidade, e escreveu uma carta para o doutor Salazar, e essa carta foi feita em minha casa

AL: a sério?

L: onde eu fui criada. E então esse homem respondeu e mandou já parar tudo, e pararam de semear pinheiros, e deu-nos autorização a andar com os animais do lado de lá. Aqui passou com as sementeiras, e daquele lado respondeu e disse para irem ao Gerês falar com o engenheiro que lá estava. E os homens foram, e falaram com

esse engenheiro, ele mandou-lhe o nome e tudo, e foram falar com esse homem, e esse homem comunicou com os guardas, que havia guardas em todo o lado, para deixar andar as cabras e os animais, e então depois ficou tudo em liberdade.

AL: sem nenhuma cerca? Nenhuma?

L: sim... temos cerca, fizemo-la... uma fez o pessoal, a outra já foi os do baldio que a fizeram

AL: mas isso é para as cabras não é?

L: para as cabras dormir, para não ir lá o lobo

AL: sim, sim, sim, eu digo é se já não havia, a partir do momento em que escreveram essa carta e em que foi aceite, e em que falaram com o engenheiro

L: acabou-se as cercas

AL: acabou-se a limitação

L: sim, ficou os animais a andar por todo o lado. Agora, desde que o CD foi modificado, falaram com os vizinhos e formaram umas cercas para plantar árvores de frutos. Esta aqui em cima, chamamos-lhe o Azeveiro, acima do sítio está lá uma barragenzinha pequenina, está vedado, porque tem lá árvores a crescer, de fruto, que se crescerem dá jeito para toda a gente.... E aí é que foi com autorização do povo da aldeia. E temos outra daquele lado, que chamamos o Tourotrigo, que também tem uma cerca, mas lá há um malandro que a vai alagar

AL: que a vai quê?

L: alagar, já a alagou por várias vezes

AL: como assim, abre a água?

L: corta a rede

AL: ah! Mas o que é que é alagar?

L: alagar é cortar a rede com os animais todos a destruir o que está

AL: ah, eu pensei que alagar era com água

L: não. Porque põem paus tratados e uma rede à volta para se proteger as árvores, e vai aquele malandro e está sempre a cortar a rede

AL: e vocês sabem quem é? Eu não estou a pedir para me dizer, estou só a

L: a gente tem uma pequena ideia, mas não vemos, não podemos justificar, a gente... como quem diz, "o que faz uma faz outra". E é isso, agora pinheiros, pararam de os semear e nem faz falta semeá-los que nós aqui eles nascem e semeiam uns aos

outros. Mas não nos deixavam andar com os animais e as pessoas viram... ainda o Salazar era vivo

AL: sim, sim

A: ainda havia de cá vir

L: é

AL: queriam que o Salazar viesse cá?

L: para te levar a ti para ele

A: para os malandros trabalharem

L: ai

AL: quais malandros?

A: os que por aí andam nesse monte

AL: e acha que era preciso vir o Salazar para isso?

L: o Salazar que deus o tenha lá e que lhe dê um lugarzinho consoante ele merecer, e para nós que no-lo arranje também. A gente... bem, a verdade lhe digo, para nós foi boa pessoa, porque estávamos a ficar muito isolados. Olhe que uma vez ia a minha avó com as ovelhas e um atirou com uns pinhões, andava-os a semear. E ela disse “olha, bota-os no rego do cu”, desculpe o meu termo, e ele respondeu “e você bote-os em tal coisa”, falou ainda mais mal, e disse “vós estais capazes de meter pela casa dentro às pessoas” “ai, então não acha que está bem?”, andavam com uma coisa... olhe, pararam já naqueles dias! Ele era da aldeia, esteve sempre na aldeia e organizou isso e depois foi ouvida

AL: aaah. Então houve pessoas da aldeia que acabaram por ir trabalhar a plantar pinheiros

L: pois, andavam a ganhar o deles, e aí está bem. O que é que andavam a isolar-se a eles mesmos também. E depois olhe, dois ou três juntaram-se, escreveram ao homem. Aquilo naquele tempo, e para uma pessoa assim ainda fazia falta saber e educação, mas ele escutou-os e parou logo com as sementeiras

AL: isso é que é incrível... segundo quem por cá andava ele era um ditador, e essa história

L: pois dizem

AL: dizem e era né

L: e era, que a gente via. Mas olhe que nessa história pode confiar em mim e até pode procurar a mais pessoas

AL: não, eu já ouvi essa história de outras pessoas, sim, sim

L: ai ouviu? Então está a ver

AL: mas é incrível

L: é incrível e a gente não contava, pronto, mas agarraram-se ao que podia ser. É como agora, às vezes vê-se uma pessoa muito reles, a gente diz “aquele há-de ser mau”, e se a gente lhe foi tirar, procurar uma ideia qualquer ou pedir um jeito, e se for preciso a pessoa até ajuda. E ele aconteceu-nos igual

[tiro fotografias do senhor Armindo com o gato, e da dona Luísa]

[fala-se um pouco do meu tempo e de como se quiserem podem ir trabalhar que eu saio na hora. Fala-se do gato. De como o senhor Zé se levanta ainda de noite, 6h, para ir pastar os animais, não vai para a serra “tinha-as na serra mas agora já as tires da serra” “não, mas quando vai pastar com elas é aqui perto?” “é, é já aqui em baixo, tenho ali uns barracões em baixo, ali perto do cemitério, tenho ali uns barracões, agora até vou botar de comer, tenho lá 2 bezerros e 5 vacas e um boi, e tenho uma aqui em cima” “uma...” “uma tourinha...”]

L: pois é, olhe temos de ir embora

AL: claro. E o vosso filho não ajuda nestas coisas ou ajuda?

L: ajuda! E o netinho também. Ai o neto quando coiso ele ajuda muito

AL: o neto é filho desse rapaz?

L: é

AL: vocês têm muitos filhos?

L: temos dois, uma rapariga e um rapaz

AL: e a rapariga também está cá?

A: não. Está em Santo Tirso

L: foi trabalhar para Vila das Aves e conheceu lá um moço, e então acabou por querer casar com ele

[...]

711_0156 – Considerações sobre uma parte da conversa com a dona Luísa que aconteceu antes de pôr a gravar

“(...) a dona L tem 30 e tal ovelhas, tem 1 ou 2 vacas na vezeira das vacas, e depois tem mais 4 que não são da mesma raça e sendo assim não podem ir na vezeira, porque pelos vistos a vezeira só leva um tipo de qualidade de animal, porque senão eles enrolam-se ali, por causa do touro, porque o boi vai para lá também, um só que é suposto cobrir as vacas, e se ele cobre uma vaca que não é da mesma qualidade, eles têm prejuízo porque a vaca deixa de ser de um tipo, pura. As que vão na vezeira são barrosãs e as que ela tem são galegas, também chamadas minhotas, para além daquela barrosã que ela tem que essa sim vai na vezeira. E se o boi da vezeira, que é barrosão, cobrir a vaca minhota ou galega, eles perdem o subsídio para as barrosãs, ou melhor, perdem o subsídio das minhotas, porque elas têm de ser de um tipo, não podem ser mistura. Depois têm as tais ovelhas que estão na corte, num cercado, ali ao pé do cemitério e também têm um boi, que também acho que é minhoto, que é para cobrir as suas vacas. Depois, ela falou-me de uma associação... ah, e disse também que não tinha cabras porque não tinha pessoas suficientes para trabalhar para poder ter cabras, porque vai um com as vacas, outro com as ovelhas, quem é que vai tratar das cabras? E eu aí perguntei se a vezeira não podia resolver essa questão, permitindo que se dedicassem a outras coisas enquanto não fossem eles. Mas a verdade é que mesmo não sendo preciso sempre, é preciso que vão com as cabras de vez em quando. Dependendo do número de cabras eles tinham de ir à vezeira na mesma e não têm pessoas para isso, ainda tinham de pagar a alguém, não seria viável. Eles têm um filho que trabalha na construção civil, com o Marcelo, na mesma empresa, do Xavier, e como ele tem esse emprego só pode ajudar ao fim de semana, e por isso é que eles também não podem ter cabras. Pronto, e às tantas ela diz “mas há aí uma associação que tem o mesmo tipo de vacas que nós, tínhamos de dar 200 contos para entrar nessa associação, mas só que dizem que não têm largueza para mais animais, e eu acho que isso até é maldade da parte deles, porque o monte é de todos, e eles assim não me estão a incluir, mas isto com certeza que as pessoas vão ter de falar”, basicamente dizem que não há mais espaço para mais animais. E depois contou a história da irmã dela, que pelos vistos é a Aldina, mulher do Gabriel, que tinha 4 vacas, e depois teve mais outra, portanto 5 nessa associação, e que teve de ir buscar uma entretanto porque eles só podiam suportar 4, e já não aceitaram as da dona Luísa. Conclusão, no final o que eu percebo é que isto não é uma associação, isto aqui é a tal vezeira à parte do feirio, da qual faz parte o Marcelo, a Raquel, o Filipe, o Eduardo, e que definiram que não pode haver mais animais em feirio. “Apropriaram-se de uma parte do monte, e agora dizem que não pode ir para lá mais ninguém, mas isto não pode ser, o monte é de todos, e isto não pode ser assim”.

Senhor Álvaro e Dona Margarida

Local: Quintal de sua casa

[apresento o meu trabalho, o que pretendo]

AL: [...] se havia conflitos, se não havia...

A: Ai, também havia

M: Ainda agora há poucos hoje

AL: ah pois, hoje também deve haver

A: ainda há pouco tempo olhe, naquele tempo tapava-se os baldios, cada um fazia o que queria no baldio, se lhe agradava um bocado do monte assim para cultivar, tapava-o e cultivava, mas agora já não é assim, agora já esse tempo acabou

AL: mas nesse tempo também tinham que pedir autorização ou era só assim?

M: cada um tapava onde queria

A: tapava o que queria

AL: ai não tinham de se juntar e tomar uma decisão todos sobre isso?

A: não, não, outros por exemplo, se não lhes agradava que eu fizesse uma tapada, alagavam¹-no, outros lavradores

AL: alagavam-no?

A: não gostavam que tapasse, compreende?

M: tinham raiva

A: e agora não, agora os baldios é outro regime

M: agora não se pode tapar nada

A: não se pode tapar. Nos baldios agora não se tapa, não se tapa porque claro, é outro regime, daquela maneira cada um tapava onde queria, quando eu era pequeno e lembro-me do meu pai tapar ali em baixo uma quinta, agora essa caniçada que ali está para descarregar² foi o meu sogro que tapou também aquele bocado de monte, tinha lá umas carvalhas, e à solta das carvalhas tapou aquele bocado de monte, alargou-se, alargou-se assim para os lados e tapou aquele bocado de monte, ainda eu era pequeno, e esta [sua esposa, dona Margarida] também era pequerricha, também, só tem menos 3 anos que eu, e naquele tempo era assim, mas agora já não é, isso acabou

AL: mas nesse tempo havia uma organização, tipo o CD, uma organização vossa que geria aquele espaço, tipo, que organizava a vezeira, que organizava a recolha do mato, a recolha das lenhas, ou isso não havia?

A: não

M: naquele tempo cada um cortava, mas depois veio

A: se precisasse de lenha, ia ao monte, cortava lenha, de azereiro, ou do que calhasse, até carvalhos, naquele tempo ahh

M: mas depois chegamos a tempo que andavam

A: desde que chegámos a um tempo, desde que veio a floresta

M: andavam a, com o nosso povo a cortar

A: muito tempo vivemos sem haver aqui a floresta, compreende, era tudo baldio, cada um fazia o que queria, depois chegou a floresta e já começou a... já não deixar cortar

¹ Deitavam-no abaixo

² Tinham um tractor à porta cheio de palha de milho e não me recordo bem se maçarocas também para pôr no canastro

M: deixavam cortar azereiros mas

A: deixavam cortar azereiros mas era só em desbaste, compreende? Deixava-se aqui uma galha, aqui outra, acolá outra, e no nosso princípio chegava-se a, ou eu cheguei a fazê-lo bastantes vezes, chegava assim a uma encosta, ou montanha, [?] pedaço de lenha, era vira, vira, vira, limpava-se tudo a eito, ninguém dizia nada... naquele tempo né, já vai há muito ano... era, no princípio era assim

AL: mas eu achava que os trabalhos eram organizados pela comunidade, ou seja que não havia só trabalho individual, que havia trabalhos, por exemplo a vezeira

A: havia, havia sim senhor, havia vezeira, mas olhe, por exemplo a vezeira de vacas, o meu pai tinha umas vacas e uns touros ou bois, e eram duas vezeiras, a vezeira das vacas só lá metiam um boi, que era o boi de cobrição, e os que tinham bois, capados, era outra vezeira, naquele tempo usava-se muito os bois

M: e a vezeira de cabritos, a vezeira de ovelhas, a de cabras

A: só vendia o que era dos campos, vendia-se os animais para... ficava com o dinheiro, vendiam os animais grandes, comprava-se outros pequenicos para ficar... eu lembra-me de o meu pai comprar uma junta de bois por 13 notas de cem que fez aí o Maio com eles, carregou o estrume para os campos, era tudo em carros de bois, carregou o estrume para os campos, e lavrou os terrenos, e comprou-os por 13 notas de cem (RISOS) eu lembra-me bem desse tempo, eu sou desse tempo. Vendia-se aí um cabrito, a gente tinha cabras, eu tive cabras ainda na idade de 9 anos, vendíamos cabritos... cabritos que agora se vendem, têm-se aí vendido cabritos a 23 contos, da moda antiga claro, que naquele tempo era

M: ele não gosta de falar em Euros

A: 40 escudos, que naquele tempo até diziam 40 mil reis

AL: a moeda era outra também

A: quarenta mil reis, eu sou desse tempo, e ela também vá [referindo-se à dona Margarida], somos desse tempo, que era assim aquela coisa

M: e se quer que lhe diga nem gostei nada da moeda do euro

A: nem eu

AL: ficou tudo mais caro também

A: e complicado para nós para... bom, ela ainda sabe alguma coisa a ler, eu não sei nada, não andei na escola, não sei nada

M: eu também não andei na escola que naquela altura as pessoas diziam “porque é que as raparigas hão-de ir para a escola?”, não vão para a tropa porque é que hão-de ir para a escola

AL: não iam para a escola as raparigas

A: não havia aqui escola

AL: não havia?

M: havia escola sim senhor

A: houve aí um certo tempo que não havia

M: no meu tempo já havia

A: eu sou só mais velho do que tu 3 anos

M: tu és mais velho do que eu 3 anos mas já havia lá uma professora que até tu chegaste a andar

A: a professora que para aqui veio que eu conheci, a primeira professora era uma tal Eulália que até malhava muito nas crianças

M: mas seja como for

A: que as crianças já não iam para a escola, tinham medo, já não iam para a escola

M: eu, era eu e o meu irmão, eramos os dois mais velhos, temos dois mais novos, o meu irmão que era mais velho do que eu um ano

A: eu posso atalhar já, eles ainda foram aprender, à uma eram mais novos 3 anos do que eu, depois tinha outra coisa, é que o pai delas não era daqui da povoação e sabia ler bem, e o meu pai e a minha já não conheciam uma letra também, cheguei ouvir muitas vezes à minha mãe “eu toda a minha vida me governei e ao meu homem e não sabia ler”, eu ouvi isso muitas vezes

M: mas eu já não era assim

AL: mas quando é que a escola veio para cá?

M: a escola veio para cá... ora bem, eu sou de 1935, veio em 1931, 1932, uma coisa assim

AL: a escola?

M: sim

AL: então havia escola quando vocês estavam

M: pois havia, só que ele... os pais deles não lhe deixavam ir, só tinham este e não o deixavam ir que era preciso ele ir com as cabras, era preciso ele ir com as vacas, eu era a mesma, era preciso guardar as cabras, era preciso guardar os meninos, porque depois vieram dois meus irmãos a seguir a mim, eu também tinha que os guardar que era para o meu pai e a minha mãe trabalharem, e eu que não ia para a tropa não fazia falta que

A: aquele tempo era muito diferente de agora compreende? Muito muito diferente

M: o meu irmão não ia, a minha irmã não ia... não era obriga[tório] e depois eu tinha uma paixão, tinha uma paixão para aprender... foi o meu pai que me começou a ensinar as primeiras letras e depois comecei-as a juntar, mas eu ainda me enganava muito, até a escrever e a ler, o c e o h não lia.. O L H A, pronto, aquela palavra não era capaz de a ler, e C H E G A também

A: era um tempo muito diferente de agora

M: aprendi com a vontade que eu tinha, o meu pai ensinou-me as primeiras letras e depois eu comecei a magicar, e fiz uma carta e li outra. Esta Ana... chamam-lhe a Arrabalde, da Idalina, era eu que escrevia as cartas a ela

A: mas olhe que essas pessoas da minha idade, ela só é mais nova 3 anos, como eu lhe estou a dizer, e essas pessoas da minha idade ninguém sabe ler, não sabem nada, e algum que saiba alguma coisa eram os pais que vieram de outros lados, que casaram para aqui e lá iam aprendendo com eles. Eu também agora, pessoas mais velhas do que eu poucas as há (RISOS), olhe, até lhe digo já, homens só há quatro, e o mais velho é quatro anos só mais velho do que eu

AL: quem é?

A: esse até está em Braga, também já está assim fraquico

M: quem?

A: um tal Abel, é mas esse, o mais velho é quatro anos, é o homem mais velho que há no lugar, a seguir é outro, é três, é ali o Ribas, não sei se conhece

M: e o senhor do Arrabalde é mais velho que a ti

A: outro é um tal de Alberto, dois, e o outro é aqui o Santos, é só... o mais velho é quatro, três, e os outros são dois, e depois sou eu, e não sabem ler, desses que eu agora nomeei todos, que são mais velhos do que eu, nenhum sabe ler, nada

M: o Santos sabe

A: o Santos sabe porque... o pai dele também não sabia, mas havia ali uma coisa, o pai dele era um bom lavrador e estava aqui o posto da guarda-fiscal, aqui nesta casa aqui, e daí os guardas iam para lá ensiná-lo à noite, iam lá para casa, compreende,

esse é mais velho dois anos do que eu, esse já aprendeu alguma coisica, mas pouco, lá escrevia o nome dele tem morrido aqui muito homem sem saber ler, homem e mulher, homens e mulheres. E os que eram mais novos, como lhe digo, passaram 3 anos e já começou a escola a encarrear, veio a escola para aqui. Estou a falar a sério

AL: pois. Naquela altura toda a gente tinha animais, que iam para a serra

A: tudo! Era cabras, era vacas, era bois, era vezeira de cabras, era vezeira de ovelhas, era a vezeira de cabritos, era... a vezeira de vacas, era duro, era sim senhor, era um tempo muito escravo

AL: que idade é que vocês tinham quando chegou a floresta?

M: só iam de 14 anos para cima, não é? Só iam de 14 anos para cima para a floresta

A: era

AL: mas vocês, que idade tinham quando eles começaram a florestar?

A: quando eu fui para a floresta... mas ela já aí andava há um tempico, tinha para aí 16 anos

AL: quando eles começaram aqui a plantar?

A: sim senhora. Começaram ali, lembra-me tão bem, ali na ponte, de quem vai para a Ermida, naquela ponte, começaram ali... eu lembro-me muito bem de ir para a floresta. Até ali não havia floresta nem nada, e a floresta começou aí com umas bravuras e tal, veja bem... e começaram os lavradores “e lá vai o monte todo, para onde é que nós havemos de levar as cabras, para onde é que havemos de levar as vezeiras” e tal, e fizeram um requerimento, juntaram-se todos, um baixo-assinado para... para o Salazar, tinha de ser para o Salazar, naturalmente. Oh, parou ali a ronda, é o que eu digo, terminou, um baixo-assinado com tantas assinaturas que foram daqui, paralisou a floresta, daí não se começou a alargar muito mais, não

AL: mas ainda alargou um bocado?

A: antes de fazerem isso, antes de fazerem esse baixo-assinado alargou, mas eles lá viam que estavam a levar tudo a eito, então quando começou a tapar-se dali foi a primeira, desde que veio a floresta de Montalegre para baixo, começaram de lá de Cabril para cá, era tudo a eito, por ali, pela barragem, daí pararam ali, passaram aqui à ladeira, do lado de cá da ponte, isto a floresta de Montalegre... foi quando então houve aquele abaixo-assinado para.... Parou, parou

M: olha, só havia era agora de haver um abaixo-assinado para matar esses porcos todos

A: ah, isso é que estamos desgraçados com isso... o javali

AL: ai é?

M: comem tudo, tudo de toda a gente

A: ai Jesus, se eles veem um campo de milho em duas ou três noites limpam-no todo. Está a ver aquele vizinho daquela casa grande que ali está? O Augusto, tem um campo de milho que diz que tem dado 50 cestas de espigas, em duas ou três noites que lá foi destruíram-lhe o milho todo

M: não tem nadinha

A: e de primeiro ainda pagavam, agora não pagam

M: na terra onde temos andado a desfolhar esta carrada de espigas, comeu-nos mais de 5 cestos de espigas

A: só numa noite

M: só numa noite

A: eu antes queria que lá entrasse uma junta de vacas pelo milho abaixo do que o ladrão do porco [?] isso tem-nos dado um prejuízo, às tantas ninguém pode lavar nada

M: [?]

A: é o porco-bravo e o lobo, os lobos também destroem tudo, mas pronto, é as burras, é a criação das burras

M: mas esses pagam, do lobo pagam

A: do lobo ainda vão pagando

AL: mas quando é que eles deixaram de pagar por causa dos porcos?

A: o pão deixaram, deixaram de pagar, se está aí um campo de milho, e não roubam nada, não pagam nada

AL: há quanto tempo é que deixaram de pagar?

A: ainda há pouco, ainda há pouco, eu cheguei a semear milho, ou que fosse o porco, eu dessa vez até desconfio que fosse o texugo, que há um texugo bravo do monte que vem que também come, mas nada se compara com o porco, o porco é que é um animal destemperado, come e bota abaixo e deixa, estraga e deixa. O porco é o bicho mais desgraçado, eu sou capaz de dizer isso ao... tanto digo ao Costa, ao Primeiro-Ministro, como a outro qualquer, é um bicho que não se pode aguentar de maneira nenhuma, mas... ainda há pessoal que tem grandes reformas e vivem bem e que vão vivendo, compreende, mas há outros que vivem coitados, ganham pouquinho e têm que trabalhar. Se deixam de trabalhar, os campos, os campinhos, o dinheiro é pouco,

não chega. Isto que eu lhe digo é sagrado, é autêntico, são dois bichos que não se... o lobo e o porco, não se pode aguentar, destroem tudo o que o lavrador tem. Os lobos é os animais, e os porcos é os terrenos, o milho... e fenos, o feno, ele chega aqui, se sente vir algum bicho, alguma toupeira ou assim, mete o focinho e vira, vira, vira, eu só queria apresentar esta conversa ao Primeiro-Ministro, a ver o que é que ele fazia disto, é o que eu lhe digo

M: mas quem talvez pudesse informar desses prejuízos era a Junta não era?

AL: eu não sei, eu acho que talvez o melhor é mesmo falar com o Parque

A: o Parque foi quem os passou para cá. Eu também trabalhei no parque, entrei em 1972 para o Parque

AL: ah, o senhor trabalhou no Parque? Não sabia

A: trabalhei sim senhora, trabalhei 18 anos, daí reformei-me, ora bem, aquele pessoal foi tudo embora, acabou. E neste tempo ainda estão para aí uns... sapadores, uns 4 ou 5 sapadores, e nós, aquele grupo de pessoal, de homens, foi tudo reformado, mas é uma reformazita pequena, eu trabalhei lá 18 ou 19 anos, e fui reformado para aí com 18 ou 19 contos. O que tivesse mais tempo já recebia mais, compreende? O tempo que tinha de floresta contava também para a reforma, e é assim

AL: o que é que fazia lá no parque?

A: roçar mato, esgalhar árvores, e plantar também, caminhos, fazer os caminhos bem feitos, olhe esse estradão que vai para Pincães foi dos que o Parque deu, que se alargou, que se fez, que era só um caminho de vacas. Nós quando casámos em 1960 não havia aquela estrada, nem para o Gerês havia estrada, só foi daí para cá. Mas ainda foi dali a muito tempo. Mas olhe, vim em 1972, olha, começou logo, vim em 1972 e entrei para o parque, fui com 35 anos de idade para o Luxemburgo, estive lá cinco, vim com 40 anos para cá. Tinha 40 anos quando começou aqui a estrada para Cabril, e para a Ermida, sim, só para a Ermida, os da Ermida para o Gerês já tinham.

AL: ah, ainda esteve emigrado

A: sim, mas foi só 5 anos. Cada verão fazia lá 8 meses, saía aí pelo Março, Fevereiro e vinha sempre pelo Natal, vinha pelo Natal e passava aí 3 ou 4 meses. Mas eu não gostava daquilo, de estar no estrangeiro, não gostava daquele andamento

M: ele é que não sabia ler

A: à uma não sabia ler e custava-me mais aprender aquela língua. Eu aprendi, estive lá 5 anos, mas também não gostava daquele andamento, daquele sítio. E então vim de lá, em 1972 entrei para aqui, para o Parque, trabalhei 18 anos para o Parque. Depois tivemos todos de vir para casa, acabou

AL: o que é que acabou?

A: o Parque

AL: o Parque não acabou

M: o trabalho

A: o parque não acabou, mas para nós... o trabalho, era uma brigada que aí andava, de São Lourenço, e acabou, para todos

AL: tipo sapadores não?

A: era mais ou menos como eles andam agora, mais ou menos, apagavam incêndios, andávamos nos incêndios, roçar mato por essas ladeiras, cortava-se o mato e deixava-se as árvores

M: a esgalhar pinheiros

A: a limpar o monte

AL: e no tempo da floresta também chegou a trabalhar para a floresta?

A: cheguei sim senhora, também cheguei a andar na floresta, era o mesmo trabalho. O trabalho que o Parque andou a fazer assim era a floresta também: roçar mato, semear, esses pinhais foi tudo semeado pela floresta

AL: não havia cá pinheiros antes?

A: havia, mas poucos

M: pinheiros houve sempre

AL: houve sempre?

A: pouco, sempre. Também queimavam muito mais do que agora

M: houve sempre vagabundos

A: os pinheiros verdadeiramente foram tudo coisas que começaram com a floresta, semeava... semeava essas [?] com pinhal, e depois o parque é que veio tomar conta do que a floresta fez

AL: exacto, o parque veio em 1971 não foi?

A: em 1971 ou 1972. Olhe, eu entrei em 1972 e acho que foi quando ele começou.

AL: sim, na prática deve ter começado em 1972

A: sim, eu foi. Vim no natal e se não entrei no natal entrei já no janeiro... vim em 1972 e comecei a trabalhar em 1973 não é

AL: e quando trabalhava no parque continuava aqui com os animais e

A: tudo! Cabras, vacas, tudo

AL: e não havia conflitos com a população por você trabalhar no parque?

A: não, não senhor, nada

M: ia trabalhar quem queria

A: quem queria, estávamos muitos jovens aqui da povoação, aqui éramos muitos, mas já morreu quase tudo, aqueles velhos

M: daqui e da Ermida

A: então o pessoal mais assim de idade já morreu tudo, eu é que era novo, com 40 anos não é, que eu lhe estou a dizer que vim do Luxemburgo, com idade de 40 anos, ainda cá estou, mas aqueles que já tinham mais idade já foi tudo. O homem mais velho que aí há do que eu só é quatro anos

AL: e como é que vocês veem a floresta? Acham que foi uma coisa boa ou menos, aqui para a população?

A: foi sim senhor, a floresta foi boa porque

M: deu ganho, dava ganho a muitas pessoas

A: dava ganhos a quem precisasse de ganhar, a quem pudesse aproveitar, ganha-se pouquinho mas ia-se vivendo

M: era o que aparecia

A: e não ganhar se ganhar nenhum, não se vive

AL: e o impacto que a florestação teve sobre a produção de animais não foi grande também?

A: isso não, porque a largueza do monte era muita, compreende? A largueza do monte era muita... e quando estava a floresta, por exemplo, apanhava um certo monte, uma certa quantidade de monte, mas andavam os animais para o outro

M: porque eles tapavam quando faziam plantação, e iam os animais para outros lados, não comiam ali

A: era, se estava ali aquele monte proibido, mas eles andavam do outro lado, nunca viram andar assim tudo junto. Agora apanharam por exemplo uma parte e ficava outra para os animais

M: depois aquela parte enquanto as árvores não cresciam comiam os animais

A: mas foi tudo, foi bom a floresta

AL: mas não havia conflitos com a população?

M: não senhora

A: ora, há aí muitos que não gostaram

M: os que não podiam andar, mas quem precisava gostava bem

A: mesmo do parque houve muitos que não gostaram, mas eles lá iam andando e o que podia ir ganhava e o que não podia via andar os outros

AL: mas quando pediram para a floresta parar foi porquê?

A: porque já apanhava o monte todo a oito, um já estava [?], está a compreender? E da maneira que... era gente da Ribeira, era gente de Salamonde, era uma trincheira ali... sabe onde é a capela lá em baixo? Era como daqui para a capela

AL: então havia mesmo muita gente contra a floresta...

A: havia, naquele tempo havia muita gente contra a floresta

AL: então não foi só uma coisa boa não é?

A: claro, uns não gostavam, outros gostavam, é sempre assim

M: só não gostava quem não podia ir para lá para ganhar, toda a gente gostava que ela começasse

A: ora bem, os que não podiam ir para aí ganhar era... só se fosse algum velhico, dos mais velhos, os mais novos lá iam

M: mas alguns lavradores tinham terra para os outros lá andarem, para os pobres lá ganharem

A: foi boa a floresta, vê-se o resultado, nesse monte todo, e tem-se para aí feito dinheiro agora em pinhal que mete medo, e foi bom o parque, e foi bom tudo. O parque agora onde nos desgraçou é com essa bicharada, os malditos dos porcos e do lobo, são as duas bicharadas que descontrolam o lavrador, de resto tudo bom. Essas duas bicharadas, compreenda bem, o lobo é matar os animais ao lavrador, o lobo, é claro, tem... o lavrador que é lavrador tem de ter cabras, vacas e tudo o mais, porque andar a lavar campos e não estrumar, mais vale estar a dormir, é ou não é? E é assim, lavrador que é lavrador tem cabras e tem vacas

M: e tem de ter gente também

A: e gente, para estrumar os campos, para estrumá-los e lavrá-los e reparar pelos lobos, se não, não dá nada, não dá nada

M: agora vêm estes animais comer aquilo que a gente trabalhou, como é que pode ser?

A: olhe, eu, um dia andávamos no parque a trabalhar, e chegou lá o capataz e disse “oh fulanos, tudo aqui”, mas nós não sabíamos, chegámos lá era um engenheiro. O primeiro a ser chamado fui eu. “Álvaro Pereira venha cá”... sim senhor, lá fui. Vira-se o engenheiro para mim “olhe, oh senhor Álvaro, o senhor acha bem que o parque foi um bom benefício cá para a povoação?”. Eu digo “acho sim senhor, senhor engenheiro”. “E então está contente com tudo do parque”. “Estou, só não estou contente com o lobo”, porque naquele tempo os porcos ainda não cá tinham chegado, os porcos foi mais tarde

AL: porque é que não havia porcos na altura?

A: estavam lá para a serra, lá para longe e não vinham aos campos. Diz ele “então e os lobos o que é que lhe fazem”. Eu disse “olha, os lobos o que me fazem... matam-nos as cabras, tenho um rebanho de cabras, matam-nos as cabras, matam-nos as vacas, matam os vitelos das vacas que apanham no monte, só nos destroem tudo”. Diz ele assim, o engenheiro para mim, “oh senhor Álvaro, mas nós pagamos”. E eu assim “pagam senhor engenheiro – já pagavam – mas olhe, sendo preciso o lobo mata 20 e os senhores só pagam 4 ou 5”. E diz ele assim “e por que razão senhor Álvaro, nós se pagamos 4 ou 5 também pagamos as 20”, o homem assim. Digo assim “pois pagam, mas olhe, vou-lhe dizer a verdade como é: o monte é muito sujo, tem muito mato, muito buraco, muita corça, o rebanho de cabras é muito grande, é uma vezeira – compreende, era uma vezeira de cabras, grande – ainda hoje anda na serra, essa vezeira, mas agora é muito mais pequena, ui - os lobos saem, matam, 4 ou 5 sendo preciso num dia, e só aparece uma, o pastor só vê uma”. “Mas nós nisso não temos culpa”, o homem a dizer assim “pois não senhor engenheiro, o senhor engenheiro não tem culpa, eu sei que não tem culpa, mas também nós perdemos e estamos a perder, e se aquele bicho não existisse nós já não perdíamos. E ele “mas olhe, diga-me uma coisa, mas os lobos [?] não havia lobos antes de o parque vir” “havia sim senhor, havia lobos, mas não eram tantos como agora, e olhe senhor engenheiro, havia mas fazia-se-lhe batidas e matavam-se, uns matavam-se a tiro, outros metiam-se ali num buraco no fojo”. O homem pronto, viu que eu estava a falar verdade, ficou-se calado, lá viemos embora e diz-me assim o capataz, o capataz estava casado com uma parente da minha mãe, vá, e também meu cá, e diz ele “então oh parente, tu fizeste ali uma proposta para o engenheiro e ele podia mandar-te ir embora para casa. E digo eu “olhe Artur – ele chama-se Artur – eu só lhe disse a verdade daquilo que conhecia e se me mandasse embora para casa era por dizer a verdade que eu não disse mentiras nenhuma. Cheguei a ver 3 lobos dentro [do fojo]. Olhe os lobos, a rês agora no inverno vira para baixo, aqui para estes montes de baixo. Enquanto a rês ia para cima eles não vinham abaixo, apanhavam as cabras lá para cima não vinham abaixo. A rês virava abaixo e vinham os filhos da puta dos lobos de noite pelo monte abaixo à procura das cabras. O pessoal como subia para

os campos, para tapar águas para os campos ou para os moinhos, que também eram, o grão era todo moído nos rios, nos moinhos do rio, e o rasto já ali à saída do lugar, deles... e é com cada pegada que parece cavalos “ai, que os lobos passaram esse monte abaixo”, aí vinha já o cabo de polícia avisar “amanhã de manhã vai-se fazer uma batida ao lobo, passou ao monte de baixo, os lobos passaram ao monte de baixo antes da rês sair, ainda as cabras estavam na corte”. Vai-se ao monte de baixo, eu cheguei a ir muitas vezes, olhe, uns entravam por aqui abaixo direitos à barragem, ao rio, direitos ao rio, a tocar, outros andavam ali pela banda ali da Ermida, pela parte dali, também a gritar e a tocar buzinas, para ele fazer o caminho que tinha levado, compreende? Os caçadores e outros homens assim de mais idade estavam na frente para acercar para o fojo, só naquela maré.... Três que se meteram ao fojo, mas nunca mais se meteu lá mais nenhum. E então, eram quatro, um ainda arranjou-se a fugir, antes de entrar para as paredes, contra o rio de Fafião, fugiu, e os outros três vieram mais para cima e já foram apanhar as paredes de frente e o pessoal foi encarrilhando

AL: em que ano se fez a última batida ao lobo?

A: ai, isso agora já não sei, anos não sei, eu era novo...

AL: se calhar foi quando o parque começou é que pararam as batidas...

A: não... ainda não tinha vindo o parque, ainda não tinha vindo o parque, porque eu para o parque já entrei com quase 14 anos, e para as caçadas ia para aí com 12, 13, isso aí foi antes

AL: então o que é que o Parque trouxe de bom para vocês no final?

A: o que trouxe de bom para nós foi ganhar

M: dava ganho a muitas pessoas

A: e dava ganho a muitas pessoas, e faziam-nos os caminhos, mas aí parou, primeiro começou a fazer os caminhos mas aí abrandou... e o parque... o parque só foi bom. E agora... trabalhei lá 18 anos como estou a dizer e ficámos com uma pequena mas ficámos... não nos mandaram para a rua com a reforma. Entrámos para o quadro, mas claro o vencimento foi sempre pequeno, mas de médicos e assim temos uma assistência boa, como a guarda... é uma assistência do Estado não é. Se quisermos botar

M: as operações

A: uma operação ou isso, olhe, eu fui operado à anca e só já paguei uma bagatela, uma parte, e o parque pagou três. Se me achar doente, que tenha que ir para o hospital também o parque também, tenho lá aquela assistência com o cartão ali, e já também, o parque paga três quartos e eu uma... o parque foi bom, foi sim senhora, o parque foi bom

AL: e o que é que acha do parque hoje, do papel do parque hoje, nos nossos dias... ou seja, recentemente, desde esses tempos, acha que continua a ser bom...

A: acho sim senhor

M: ainda vai dando algum ganhinho a algumas pessoas

A: já não somos nós, mas agora também não podia lá andar, eu agora também não andava no parque, já não tinha forças para andar no parque, por esse monte... quando era novo não me custava nada, mas agora com a idade que tenho, deus me livre!

AL: mas para além dos trabalhos e dos empregos que o parque pelos vistos cria, que hoje são muitos? Hoje não são assim tantos, ou são?

A: o quê?

AL: não há assim muita gente hoje a trabalhar para o parque...pessoal aqui das aldeias?

A: é os sapadores só, mas esses só são 5 ou 6

M: e há alguns guardicas também, em Pincães

A: e há uns guardicas também no parque

AL: pois... mas para além dos trabalhos eu digo o parque como instituição, o que eles têm feito, o que é que isso tem significado aqui para as aldeias, se tem sido bom

A: tem sim senhor

AL: porque há essa questão da protecção dos animais, como o lobo, que tem

A: é, só isso é que não, mas de resto só dão tudo garantias. Esses animais é que nos desgraçam, só são esses dois animais, é os porcos e os lobos. As corças olhe, elas andam aí no monte, eu por acaso ainda não vi, mas já tenho ouvido àquele rapazito, e ao meu filho, que andou aí um rebanho de corças, eu ainda não vi nenhuma. Corças e cabras bravas é uma bicharada que não dá prejuízo nenhum. O javali é que é, ainda é pior do que o lobo. Porque o lobo dá muito prejuízo, se você não encontra os animais. Mas não encontrando os animais passa pelos campos adiante e não dá prejuízo nenhum. O lobo só dá prejuízo nos animais, e o ladrão do javali é que é no trabalho que o pobre do lavrador faz. Mas as queixas são muitas! Os lavradores estão a deixar campos e campos sem trabalhar, a deixa-los encher de mato à conta do javali, e isso é que é

M: isso é que está muito mal

A: e não pagam nada. Se louvassem, de primeiro ainda começaram a louvar, agora não... para o javali não há paga, e é o que dá mais prejuízo. Esse homem ali, se você

visse o prejuízo que ele tem ali num campo... deus me livre, em duas noites ou três que o homem não pôde ir ao campo, chegou lá tinha o milho no chão, todo destruído. Essa bicharada dá um prejuízo que não lhe digo

[Boa tarde! (em coro) – passa um sapador

AL: então o alerta amarelo?

(RISOS)

S: agora está vermelho!

(RISOS)]

A: é o que dá... mas de resto o parque foi bom, trouxe coisas boas

AL: e há bocado, quando começámos a conversar, disse-me que chegou a haver bastantes conflitos nos baldios não é...

A: de primeiro não é, muitos não gostaram que o parque viesse

[explico melhor de que conflitos falo]

AL: [...] e você disse “oh, conflitos há sempre”

A: pois há!

AL: podia contar-me assim alguns só para perceber melhor

A: ora bem, conflitos que tenham...

AL: em relação com o baldio ou com a sua utilização

A: ao baldio... muitos não gostam agora deste tratamento que está... de primeira cada um tapava o que queria e agora não pode. Olhe, um conflito deste, é meu cunhado, você não vá falar com ele que ele vai-lhe dizer, você vai ouvir dele... porque é assim, ele casou da Ribeira [de Pena?] para aqui, ele não era daqui, casou com a minha cunhada, a irmã da minha mulher, e esse chegou aí e estendeu-se por onde ele quis, está a entender, pelo monte baldio, tapou quanto quis

M: toda a gente podia tapar

A: toda a gente podia tapar, agora proibiram-no e ele não pode ver, jesus, não pode ver os baldios

AL: ah, por isso é que ele começou com aquela conversa

A: pois, você não o procure

M: ele só fala contra isso... ele queria açambarcar mais, queria

A: ainda se queria estender mais

AL: pois. Mas já não se pode há muito tempo não é?

M: já...

A: há muito tempo

AL: o baldio é comunitário, não é de cada um

A: olhe tanto que... houve aqui uma injustiça grande com os baldios e ele também foi testemunha e eu fui também. E eu apresentei o meu juro, e depois atrás de mim também foi ele. Ele falou, falou, falou, e era assim o doutor juiz "oh senhor Júlio, o senhor há quantos anos está na aldeia de Fafião? 37... Está bem senhor Júlio, pois olhe, o senhor está lá há pouco tempo, então sente-se lá no banco porque você se está há pouco tempo em Fafião não sabe os usos da aldeia, arrematou logo o homem

AL: quem é que disse isso?

A: o juiz, o juiz que estava a dar a sentença. E a mim... eu já tinha jurado à frente do meu cunhado, e a mim, sabe a saudação que ele me deu? "Senhor Álvaro levante-se e sente-se aí para trás num banco, que foi a testemunha mais séria que aqui me entrou no tribunal"

M: não é... ele... eu não gosto que digas isso. Hão-de dizer que estás-te a gabar

A: eu não me estou a gabar, eu... foi apresentado diante de todos

M: mas ouviu toda a gente lá estava, toda a gente que lá estava ouviu o que ele estava a dizer

A: oh meu deus do céu, pois então no tribunal estava toda a gente... e a Maria também lá estava, você já conhece bem a velha

AL: sim, sim

A: essa também foi das que ouviu a charrofada, porque essa também se queria estender senhora, à conta de umas carvalhas, tinha umas carvalhas no baldio

M: queria meter também monte

A: e ela

M: queria meter pinheiros também

A: e ela à sombra das carvalhas e de terem ali aquele oliveiro queriam apanhar hectares e hectares, o que é que... a povoação, mas a povoação agora não se pode, mas no tempo que, no princípio... cada um alargava-se por onde queria, mas agora não pode fazer isso, agora nos baldios não se pode fazer isso... e ela tinha então as

carvalhas no monte, chamamos-lhe a Cova, e o pai dela comprou as carva... comprou a quinta e as carvalhas eram desse individuo da quinta. E então depois o pai dela vendeu essas carvalhas, e claro eram carvalhas muito grandes, mais forte ainda do que esse oliveiro.... Vendeu-as e plantou outras no mesmo sítio, eram uns carvoeiros que por ai andavam, arrancavam aqueles troncos, e o pai dela plantou outros carvalhos novos no mesmo sítio. Os carvalhos ficaram com os mesmos direitos das que tinham saído. Pronto, e ela à saúde dos carvalhos novos que estavam queria Jesus

M: queria monte baldio de volta

A: e aquilo era muito pinhal, aquilo é cheio de pinheiros, e a ela agradava-lhe, a ela e aos filhos, agradava-lhe aquele pinhal que estava por ali à volta, então queria acercar tudo, terreno que mete medo

M: hectares, hectares

A: ora bem, e só iam para lá com mentiras, diziam aquilo que entendiam. Daí fui eu e apresentei

[Boa tarde – passa o senhor Moreira, pergunta pelo filho da dona Margarida enquanto fala, passa um transeunte de carro que pergunta pelo Gerês, algo muito comum em Fafão]

Mo: oh Ana Luísa, esse senhor é que te pode explicar bem como é que é essa história dos baldios

AL: sim, sim, já cá estou, já cá estamos a falar sobre isso

Mo: este senhor é que sabe de tudo

M: olhe, o que ele sabe, sabe-o toda a gente, sabe a sua sogra

Mo: ele é mais velho sabe mais

M: não, mas o que ele sabe... eu disse sempre, eu não gostava que ele fosse a Montalegre dizer o que sabia

A: ai, isso eu digo em qualquer sítio

M: mas o que ele foi dizer aqui toda a gente sabia

A: só que eles são novos, Margarida

M: a sogra deste é mais velha que a ti, o Ribas também é mais velho que a ti, e não quiseram ir. E tu só arranjaste inimigos

A: eu não quero saber disso para nada, os inimigos não me fazem falta nenhuma. Eu não faço falta a eles e eles a mim também não. Então se eu conheço a verdade ia para lá mentir compadre?

Mo: não, isso não, mentir não... mentir até podia ir preso

A: até podia ir preso, não senhor

M: não, mas olhe

AL: mas foram assim tantos inimigos

M: mas arranjou inimigos

AL: eram as pessoas que queriam alargar-se?

A: aquilo que eu estava a contar da senhora Maria, não me fala à conta de eu dizer a verdade, mas eu só lhe estou a dizer tudo consoante era

M: porque ela queria que ele dissesse até o advogado e tudo, que ele dissesse que também tinha lá pinheiros de volta das carvalhas

A: se o pai dela arrancou as carvalhas que comprou, não tinha lá pinheiro nenhum, ela nunca teve, como é que ela havia de lá ter os pinheiros compadre? Ela nunca lá teve pinheiros... queria que eu dissesse que aquele pinhal de volta que era dela [...] foi aí que ela ficou zangada comigo. E diz-me assim o advogado dela “oh senhor Álvaro, e a senhora Maria o que é que trazia da Cova?”. Digo “olhe, o que trazia da Cova, no tempo de cair a folha ao chão, se a quisesse trazer para casa para os animais, perguntando se as carvalhas abrangiam a rama...ninguém lhe tocava

M: ninguém o roçava

A: o ato que nascesse ninguém o roçava ahn... pois não, para baixo da carvalha ninguém ia. No tempo de cair as landras ao chão, até às 9 horas da manhã ninguém tocava nas landras. Das 9 horas para cima, se o proprietário das carvalhas estiver ninguém lhes toca, o proprietário não está... apanha-as quem chegar e quiser, se não vão as cabras e as vacas e alevantam-nas

AL: e se o proprietário não estiver às 8h da manhã pode-se apanhar as landras?

A: às 9h

AL: sim, mas se forem 8h

A: não, não, não, antes das 9h não

AL: antes das 9h não podem apanhar

A: antes das 9h não se podia apanhar

M: é do dono

AL: depois das nove se o dono não estiver

A: só das 9h para cima

Mo: é como as castanhas

A: as castanhas é igual, é verdade. E se o lavrador precisava de vender uma carvalha dessas, fazer dinheiro, vender uma carvalha dessas, tinha... plantava outra, vendia aquela e depois plantava outra no mesmo sítio... ficava com os mesmos usos e direitos que a que saiu. E diz assim o advogado “oh senhor Álvaro escute bem”, era o Branco compadre [para o Moreira], porque ele já me tinha ouvido falar com o meu cunhado, esse que estava aí na sala, “oh Senhor Álvaro as suas falas para mim têm muito valor, são muito importantes, a senhora Maria nesse lugar da Cova não tem lá também um bom pinhal?”. Eu digo “oh senhor doutor”, o juiz riu-se, “oh senhor doutor a senhora Maria no local da Cova só tem as carvalhas e não tem lá mais nada, há lá muito bom pinhal mas é tudo no terreno baldio”. Ah mulher, foi como quem lhe desse um tiro, nunca mais me falou. Isto que eu apresentei agora aqui para vocês um dia apresento diante dela

M: o juiz também já tinha visto, o juiz veio cá ver isso tudo

A: virou-se para o seu sogro, um velho, é mais velho 2 anos do que eu esse homem, tem lá também uma sobreira, tudo ali perto dessa

Mo: é aquela sobreira mais lá, quem sobe para cima, tem assim uma subidita

AL: mas quem é o senhor Horácio, está cá ainda?

Mo: está, é o pai da minha mulher, o que fez um favor à minha sogra

A: é mais velho do que eu dois anos. “oh senhor Horácio, você não tem também um sobreiro no local da Cova?” “Tenho sim senhor, senhor doutor juiz” “olhe, e você tem terreno ou só tem o sobreiro?” “Oh senhor doutor eu para lhe dizer a verdade nem sei” “ai não sabe?! O senhor com a idade que tem não sabe se lá tem terreno ou se só tem o sobreiro

M: olhe, sabe o que é, os velhinhos, esgalhavam-no

A: sabe como era, esgalhavam-no, não deixavam criar mais mato de volta e ficava o carvalho dele, eu sou desse tempo. E a mulher, enquanto falei sobre as carvalhas que eram do... que as arrancou, que o pai dela que as vendeu e plantou outras para ficar com os mesmos direitos e com os mesmos usos, até sorri, dava-lhe riso. Assim que o advogado dela me disse “oh senhor Álvaro e a senhora Maria não tem também lá um bom pinhal nesse local da Cova?”, eu digo “oh senhor doutor a senhora Maria no

local da Cova o que tem é carvalhas, não tem mais nada, há lá muitos pinheiros mas é no terreno baldio”, e menti compadre? Não menti

Mo: não, não mentiu

A: a mulher foi como se levasse um tiro, nunca mais me falou

AL: mas aquelas carvalhas que eram da dona Maria, eles compraram ou plantaram?

A: plantaram-nas! Plantaram-nas mas plantaram-nas nas covas que tinham arrancado as velhas que estavam

Mo: já são centenárias essas carvalhas

A: são umas carvalhas boas. Um homem tem de dizer aquilo que conhece

[fala-se da antiguidade das carvalhas]

A: (...) parece que é aqui do Augusto, do meu cunhado, outra é do Francisco, e as tais que o tio Clemente vendeu eram do tempo dessas

AL: e hoje em dia as carvalhas estão lá e são dessas pessoas?

M: são, são das pessoas

Mo: os carvalhos é, enquanto lá estiver a árvore, se cortar acabou

A: e não plantarem outra

AL: ah, mas o terreno por baixo é considerado deles, o terreno e o mato que crescer

Mo: o terreno e o mato tendo lá a carvalha é considerado deles

A: tínhamos dois carvalhos graúdos ali na Lamel ahn, ali por cima daquelas charritas [?] do Ribas... a minha mãe quando morreu o meu pai tivemos um inventário, naquele tempo havia inventários, e precisou do dinheiro não é, e vendeu as carvalhas.... E eu era novo, muito pequeno, não plantei outras... acabou, nunca mais ninguém me ouviu falar que o terreno que era meu, ficou baldio... naquele tempo era assim. E agora é a mesma, acho que deve ser o mesmo caso, se vender é igual, pode plantar outra no mesmo sítio

Mo: é igual, agora é igual. Pode

AL: e isso foi há quanto tempo, com a dona Eva e com as outras pessoas, foi há muito tempo?

A: isto foi há três anos, eu tinha 79 anos e agora tenho 85, ainda não fiz, ando neles... nos 85, e naquela época tinha 79

AL: então, há 6 anos

A: e o senhor doutor juiz a dizer “o Álvaro que está com 80 anos... mas isto foi ali para o presidente da Junta, para o Araújo, para o irmão deste... que eu com 79 anos, que estava logo com 80 anos, que fui dizer a verdade, e ele que era professor, que ele tinha a profissão, que ele foi professor 14 anos, não, que era professor e que foi presidente da Junta 14 anos

Mo: e trabalhou na EDP também

AL: quem?

Mo: esse tal Araújo que é irmão desta senhora, este agora é o terceiro na CM de Montalegre, o terceiro membro da CM de Montalegre

AL: mas o Araújo entra nessa história? Nessa história do tribunal

A: entrou daquela maneira, ia defender o irmão

A: ia defender o irmão

AL: ah

A: ia defender o irmão, mas depois só a mentir, a mentir, o doutor juiz apanhou-o e a resposta que lhe deu “oh senhor António, isso não era para a sua categoria o que o senhor aqui veio apresentar, tenha vergonha nessa cara, o Álvaro está logo com 80 anos e só veio dizer a verdade, só veio dizer as coisas como elas são e você só veio mentir, isso não era para a sua categoria, tenha vergonha nessa cara”, repetiu ali mais que cinco vezes “tenha vergonha nessa cara, olhe levante-se e sente-se lá num banco. E ele foi presidente da Junta 14 anos e era professor naquela altura e levou aquela xaropada. E um velho que não conhece uma letra, ele elogiou

Mo: esse homem estudou para padre, e ainda dá missa de vez em quando em Cabril. Ele estudou para padre e já foi tarde e mal para Angola

AL: o tal que andou a mentir?

Mo: o tal que andou a mentir. E estudou para padre e depois padre, lá porque o serviço militar, enquanto estivesse de padre não iam para a tropa. Mas depois eu estava também na tropa em Cabinda, e ele estava lá num canto

[a dona Margarida insiste com o senhor Álvaro para parar de falar nestas coisas. O senhor Álvaro responde “oh meu deus do céu, conto, então não conto, é alguma mentira?]

Mo: porque nós já tínhamos ordem para irmos embora, deu-se lá o 25 de abril em Cabinda, e eu estava assim lá num canto, e a nossa borga toda, a companhia a entrar toda por aquele bar dentro, o homem ficou lá naquele canto meio assustado, e topou-me, eu a ele não o topei mas ele topou-me. E quando eu andava aqui a namorar a

minha mulher o individuo veio aqui meter bichas, por aquilo que nós lá fizemos, ele não tinha nada que andar aqui a por na cabeça às pessoas

[chega o filho do senhor Álvaro e da dona Margarida. Eles esperavam-no para recolher as espigas de milho. Fala-se de como os caçadores têm até ao fim do ano para registar as armas. O senhor Álvaro e a dona Margarida vão recolher as espigas para a corte, eu fico com o Moreira]

711_0148

M: o homem já foi lá umas quantas vezes e ainda não ganhou nada

AL: mas disse a verdade

M: oh, disse a verdade e só ficou mal. É assim a vida

Mo: é, mesmo dizendo a verdade só ficou mal com as pessoas, as pessoas queriam que dissesse ámen com eles, mas não pode ser

AL: mas eu acho que ele fez a diferença porque realmente se as pessoas andarem só aqui a fazer de amiguinhos e de famílias

Mo: é, e fazer apanhados aos terrenos e não sei que mais, escriturar terrenos nos baldios, vão lá acima às Finanças que lhes... e escrituram terrenos nos baldios, e assim outras coisas mais

[AL: dona Margarida obrigada e até logo!]

Mo: depois temos aí um CD com um rapazinho que nasceu no bairro da EDP que eu o vi nascer, é o primeiro da cabeça, vi nascer esse moço, já quer mandar nos dos cabelos brancos. Quer mandar mas não manda, mas quer mandar

AL: como é que ele quer mandar

Mo: quer mandar... chega-se aqui à reunião a dona, a cabeleireira que corta o cabelo, chega ali não apresentam contas, quem fala são as mulheres deles, que também pertencem ao CD, põem-se para lá a ladrar, a gente... eu já lá não vou para não me chatear. E portanto eles nunca apresentam contas. Essa cabeleireira pagou o mês à mãe desse moço, que é uma tal Graça que ainda trabalha na EDP, que vem aí o tal Zé trazê-la todos os dias e vem buscá-la, e essa cabeleireira pagou à mãe. Quando ele soube que pagou à mãe o gajo pôs-se no ar, ora para que é que ele queria o dinheiro? Para o meter ao bolso

AL: mas pagou à mãe para quê?

Mo: pagou à mãe mas queria que lhe pagasse a ele, é para não dar nas vistas estás a ver, é para não dar nas vistas. Vêm aqui os escuteiros, dormem na escola, também pagam e nunca se vê dinheiro. Ele mete-o ao

AL: mas não é para o CD dos baldios?

Mo: é, e ele é um membro do CD, porque depois não há contas, depois vêm para aqui e não há contas

AL: isso é que é mau, devia haver as contas para se mostrar

Mo: claro, devia ser assim, estar lá “venderam-se tantos pinheiros, está aqui tanto, gastou-se outro x, está aqui x, está pumba, a acta, fazer umas actas, mas não há nada disso. Se for à presidência da república a Lisboa, que há aí um individuo que está informado e vai lá chegar, vai começar pelo contabilista em Montalegre, deles, que eles têm um contabilista em Montalegre, e depois atrás dessa contabilista vem aqui, procuram as contas, e ver de onde é que eles estoiram esse dinheiro, que esse dinheiro é estoirado

AL: mas portanto eles têm uma contabilista

Mo: têm, em Montalegre

AL: então como é que não apresentam contas?

Mo: não apresentam contas porque não convém, e isto anda assim, a querer tapar os olhos a toda a gente

AL: mas ouve eleições agora, recentemente

Mo: pois houve, mas ficou outra vez o mesmo

AL: como? Se vocês não gostam o que é que

Mo: não, mas não interessa, a família... a família dele vota tudo nele, nós só somos um terço e a família dele é o resto e vota tudo nele. Aquele que mora aqui, olha, é genro daquela senhora que acolá vem agora... e aquilo não há mais nada, é isso

AL: pois, olhe, não sei

Mo: vai para cima ou vai para baixo?

AL: vou para baixo

Mo: e também devem estar a chegar as cabras hoje

AL: pois, é verdade, chegam hoje à noite não é?

Mo: chegam hoje, e já devem estar a entrar aí na aldeia

AL: mas é de noite de noite sem luz?

Mo: não, devem entrar de dia, o pastor de hoje deve vir um bocado atrasado

S [juntou-se uma senhora da aldeia à conversa]: não, não vem, ele gosta de vir cedo

Mo: o Tiago?

S: se foi o Tiago também foi o Luís, o Luís gosta de vir cedo

Mo: mas foi o Tiago também

S: então um puxa para vir tarde, outro puxa para vir cedo, não vêm a boa hora

Mo: pois mas o outro... no outro dia, quando fomos por as armas lá em Chaves, por causa da inspecção, tem de ser novos livretes e tudo daqui até ao fim do ano também os caçadores

S: ah, mas o meu não sabe disso

Mo: é, mas que se informe bem, até ao fim do ano mesmo os caçadores, e os que têm as armas em licença de detenção já vão andando

S: o meu não sabe disso

Mo: fomos lá os quatro, eu, o Acácio, o Gabriel e o [?]

S: então fostes avisados para lá ir?

Mo: fomos avisados, quer dizer o Acácio soube através do sogro do Manuel do Bento, é até ao fim do ano, até ao fim do ano tem que apresentar

S: eu por mim deviam-nas arrumar todas

Mo: eu a minha tenho pena dela, até é automática,

S: mas é assim Moreira, as armas não deviam de existir

Mo: agora nem podemos ter cartuchos em casa nem nada, não podemos ter nem cartuchos nem nada

S: mas quem tem as armas sabe que as tem, já sabes que temos essa porcaria em casa

Mo: pois tem, é preciso ter cadeado, levar o cadeado também nos canos, no gatilho da arma para trancar a arma. O Mendes emprestou-me um mas eu amanhã já vou comprar um em Vieira

S: pois, mas isto, os caçadores que andam aí pelos caminhos têm de a partir

Mo: têm que aprender, têm que a levar partida e não só e sem cartuchos

S: isto olha, é assim, o meu também tem, pistola e espingarda, mas tomara eu que ele arrumasse isto

[continua a conversa das armas]

AL: pois é, e as cabras chegam hoje...

S: não vão demorar muito

AL: e ela vêm o quê? A correr? Uma pessoa tem de se desviar?

S: não

Mo: não, elas hoje vêm bravas porque têm estado no monte desde Maio

S: desde o dia 1 de Junho

Mo: ai, 1 de Junho. Estiveram numa cerca aqui primeiro, depois no dia do Santiago aqui da festa

AL: ai foi no próprio dia que foram para cima

Mo: não, no Santiago mudaram-nas desta cerca para outra cerca, e depois no dia de Santiago elas ficam ali noutra cerca e comem lá nesse dia e não saem de lá

S: porque como é a festa ninguém quer ir com elas e então nesse dia ficam, mudamo-las no dia 24 para acolá, no dia 25 ficam lá, e só no dia 26 é que

AL: porque têm mais erva lá, é isso?

Mo: sim, porque lá tem erva, aquilo é uma cerca muito grande

S: sim, num dia ficam, têm água, comem

AL: e no dia seguinte vai tudo com ressaca pôr as cabras

S: agora é que vêm todos os dias para a corte, ao dia 29 descemo-las e agora vêm todos os dias

AL: mas já não vão para a serra alta agora?

S: agora não, vão de manhã e vêm à noite

AL: mas não vão lá para o alto de tudo não é?

S: há dias que ainda vão

Mo: há dias que se forem por exemplo por aqui chegam lá para a Cabriteira

S: a menina não sabe onde é a Cabriteira

Mo: é a 5 km, aqui a 5 km

AL: então porque é que as trazem para baixo se têm que ir na mesma até à serra alta a seguir?

Mo: é para fazer o estrume depois para as terras

S: e para depois aproveitarmos os cabritos, que elas agora começam a ter os cabritinhos e então para os aproveitarmos, depois se virmos que elas parem naquele dia deixamo-los na corte, para aproveitar os cabritinhos, senão o lobo comia tudo

Mo: e as raposas

AL: mas elas não têm cabritos antes também?

S: não, só aí para dezembro é que elas

Mo: esta cabra brava só pare uma vez por ano

S: não, alguns pariram em Maio, algumas parem duas vezes, mas normalmente é só ou em dezembro ou em março

AL: e é sempre na mesma altura é isso? Que fazem criação

Mo: é... e elas hoje como vêm um bocadinho estranhas, mas elas não turram nem nada

S: não, elas não fazem mal à gente

Mo: elas vão vir por aí fora é assim meias espantadas

S: assim que vierem uns diazinhos já vai cada uma para a sua corte

Mo: hoje são capazes de irem todas bater ali à frente, à corte do Luís ao pé do café dos Fojo dos Lobos, àquela cerca que ali há

AL: e porque é que vão para ali?

Mo: é a última corte

S: e depois se alguém não as deixa fugir, porque se não depois passavam outra vez para onde estavam

AL: então isto hoje ainda vai dar luta...

Mo: sim, dois, três dias vai ser

S: sim, hoje não vão todas para os sítios delas, vão ficar muitas tresmalhadas

Mo: vão muitas para a corte daqui da cancela, como lhe chamavam antigamente, que é aqui esta corte aqui pelo lado de baixo, que é aqui da Maria, e outras a maior parte vai aí para cima

AL: e as cortes não são necessariamente sítios fechados pois não?

Mo: é fechada é

S: não, ninguém fecha a chave

AL: não, mas corte quer sempre dizer um espaço com tecto

S: sim, tem de estar porque se chover para não estarem à chuva, mas se tiverem um cerco elas antes querem dormir no cerco cá fora do que estar debaixo de um

AL: pois, elas não devem estar nada habituadas a estar dentro de uma

Mo: pois não, não, a cabra gosta muito do ar

S: tem um bocado coberto, com telhado, mas tem um bocado ao ar livre, e elas preferem ficar cá fora, só se chover, se não ficam cá fora

AL: são muitas as suas?

S: as minhas são poucas, na minha corte estão para aí umas 23 minhas e umas 14 ou uma coisa assim do meu genro, minhas e do meu genro são quase 40, são poucas, mas por todas são para aí umas 500, o bandinho são para aí 500

Mo: mas o lobo já matou muitas este verão

AL: matou?

S: foi! Matou e mata

Mo: mata muitas

AL: este ano já houve muitas mortas?

S: e há sempre

AL: Também nas suas?

S: sim, sim

AL: e pôs para serem pagas pelo parque?

S: não que o parque só paga se as encontrarem

AL: e não as encontrou?

S: o lobo é capaz de matar um cento e não se ver nenhuma. Eles têm de fotografar para pagar, se não tem, se não aparecer nada para fotografar já não pagam. Nós, foram uma série delas e não nos pagaram nenhuma

AL: e como é que isso é na vezeira? A vezeira é todo um conjunto, imagine que morre uma sua ou uma da outra senhora, quando se encontra o cadáver, bom, conseguem reconhecer não é

S: sim, pelas orelhas, porque nós temo-las marcadas nas orelhas

AL: estava a pensar como saberiam qual teria sido encontrada e qual era o produtor que iria receber

Mo: pelos brincos vê-se, é minha ou é do fulano

S: sabe-se, ainda há dias andava aqui um boi e uma vaca, não sabiam de quem era, pensavam que era da freguesia, foram, ligaram para a ADS para Montalegre, e olha era de Covide, e eles descobriram que era de Covide

AL: mas Covide faz fronteira com o vosso baldio? É longe não é?

S: não faz, é longe

Mo: Covide já é Minho

AL: eu sei, mas podia, sei lá, o da Ermida é Minho e toca no vosso

S: pois, mas elas vieram pela serra e vieram, o meu homem até botou um boi fora do milho do Santos, e depois andava para aí que era do Dário, que era do Dário, diz que não era dele, deram-lhe o número para a ADS, para Montalegre, eles foram ao computador, disseram a dona dele de quem era, e era de Covide

Mo: Terras do Bouro

AL: fartou-se de andar

S: é verdade

Mo: veja lá

S: mas elas lá vieram pela serra e arranjaram de vir por este lado. Mas eles agora na ADS já sabem

AL: mas a ADS é o quê?

S: a ADS é onde nós fazemos os subsídios

AL: ah, é uma associação?

S: é uma associação, pois é. E então eles têm lá os nossos números todos, tanto das vacas como das cabras. E nós se não soubermos chegamos lá... olha, Moreira, afinal a rês já aí vem

[ouvem-se os badalos]

Mo: a Maria diz que são 500 mas elas devem ser para aí 600 ou mais, porque agora elas começam a aparecer, até aqui dizem “ai que o lobo já me comeu uma, ai que já me comeu outra”, mas agora depois na corte às vezes há quem as vá contar

AL: como assim?

Mo: por exemplo, se há um mais curioso, o fulano passou-lhe as cabras, vamos contá-las. Chegam lá e têm duas ou três a mais, mas dele, só que não estão é na corte, fazem-se esquecidos

AL: mas para quê?

Mo: para passar o dia, depois de dar um dia no monte têm que ir dois homens, depois um tem que pagar ao outro para ir com ele e têm que ir sempre dois

AL: aaah, ou seja, quantas menos eles tiverem

Mo: quanto menos tiverem menos vezes vão

AL: aaah, então se eles disserem que morreram não sei quantas

Mo: se morrerem morreram, e não morreram nada

AL: então vai ter que ir menos dias é isso?

Mo: é, mafiosos. Mas a Maria diz que são 500, elas são é de 600 para cima

AL: são lindas

Mo: isto é uma cabra muito gostosa, é a cabra mais gostosa da serra do Gerês que temos, é esta

AL: não foi desta que a gente comeu na chanfana?

Mo: não, não, não

AL: ah, esta é a bravia

Mo: esta é bravia mesmo, esta é a cabra bravia que temos uma cooperativa em Vila Pouca de Aguiar e à cabra bravia que é que dá mais subsídio

AL: ah, por ser uma espécie daqui

Mo: esta cabra assim amarelada, é a que dá mais subsídio, estas brancas já não, aquelas sarapintadas também não

AL: então a vezeira não é só uma variedade, tem várias raças

Mo: é, tem várias cabras, várias cores [...] vão por aí fora desnorteadas, param lá em cima ao pé daquele café do Fojo dos Lobos ali numa corte que ali há, é deste homem

AL: o Luís. Ele para além de ter os animais tem um trabalho não tem?

Mo: ele foi marinheiro, já está reformado

AL: ah, sim, ele contou-me, é verdade

Mo: reformam-se novos está a ver?

AL: pois é, mas acho que a marinha é diferente

Mo: mesmo a GNR e tudo reformam-se com 50 e poucos anos, os indivíduos da GNR que eu conheço já estão reformados com 50 e poucos anos

[fala-se e discute-se a reforma dos GNR e afins. Depois o senhor Moreira conta como se reformou devido a uma meningite, de como esteve perto do fim. Quando a conversa volta ao baldio o gravador desliga-se]

AL: [...] então diz que há aí muito conflito

Mo: sim, há conflitos, por todo o lado

711_0149 (notas ao que o senhor Moreira terá falado)

AL: isto cortou exactamente na parte interessante. A conversa com o senhor Moreira continuou e entrou na parte dos baldios e voltou à carga com as questões relacionadas com o CD e de como não fazem nada de bom. Mas houve coisas ainda assim interessantes pela novidade que significam. que a aldeia se encontra dividida em 3 grupos, uns dão-se bem, outros dão-se mais ou menos e os outros não se dão sequer. Disse que há de facto bastantes conflitos no que diz respeito ao baldio, referindo como os que estão agora no CD querem ensinar os velhos, que fazem o que querem e não consultam a restante população. Refere igualmente como não há apresentação de contas, dá como exemplo o pagamento do aluguer de um espaço, que coincide com a sede do CD para cabeleireiro, no valor de 100 Euros, uma cabeleireira de Cabril. Ao que parece a senhora pagou directamente à sogra do Miguel, presidente do CD, e ele não terá gostado “porque queria meter ao bolso”, claro que nem água. Esta é uma conversa que vigora na aldeia, a maneira como os membros do CD põem ao bolso, principalmente o Miguel, e de como singram à pala do baldio, vão passar férias ao estrangeiro, compram relógios de ouro, como terá a mulher do Miguel. Existe também a percepção de que há passagem do cargo entre famílias [como se o cargo fosse entregue ao próximo, não houvesse eleições democráticas etc.]; o primo passou ao primo, não sem antes enriquecer à custa do baldio [o Xavier], a carrinha, os materiais de construção, por aí, nada poderá alguma vez vir do mérito da pessoa, tudo é roubado ao baldio.

Apontou o estado da aldeia como indicador de como não se faz nada, eles não fazem nada pela aldeia [como se a responsabilidade das obras da aldeia fosse toda e completa responsabilidade do CD]. Diz que já não vai às reuniões para não se chatear, que ia mas que fica nervoso e que desistiu, que chega lá e “até são as mulheres que falam por eles, põe-se para lá a ladrar, a ladrar”... só mandar, é tudo o que eles querem.

O senhor Moreira diz que “mas isto vai acabar, isto dos baldios, vai acabar porque um primo meu [ou amigo] que leu a lei dos baldios percebeu que isto vai acabar”, “e ainda bem, que isto assim não dá”. “Esta é uma aldeia em que podíamos estar todos bem, e que já nos demos todos bem e que agora já não é assim” “então mas porquê?” “para mim foi desde que começaram os baldios”. Eu repliquei “oh senhor Moreira mas os baldios sempre houve” “sim, sim, mas desde que estes estão lá” “então mas se estes estão lá é porque votam neles” “ah, isso é porque é a família que vota, nós somos só um terço, a família é quase a aldeia toda, a gente este ano já nem sequer fez lista que ele andou lá a impor-se [diz que a pagar para que votassem nele, diz que...].

Às tantas quis confrontá-lo com uma opinião diferente e disse-lhe que não acreditava que eles andassem a meter dinheiro ao bolso, que para mim não faz sentido nenhum, que eles não têm necessidade disso e que hoje em dia os tempos são outros, é difícil pôr ao bolso, que é preciso contornar as finanças e tal, e ele perguntou-me como é que então eu explicava que eles dificultem a entrada de outros, outras listas, ao que perguntei como é que eles conseguiam efectuar esse bloqueio, respondeu ele que “não deixam”. Mas como não deixam? É um processo democrático, as pessoas votam, se houver mais listas são mais listas para se votar, se houver só uma é natural que aquelas pessoas fiquem lá.

Enfim, verifica-se a existência de uma conversa em alguns membros da comunidade sobretudo destrutiva, normalmente é pessoal que já fez parte, ou que foi parte de uma lista perdedora. O senhor Moreira pelo que percebi não é nada disto, mas entendi também que tem uma relação muito próxima com o Filipe, feroz crítico do actual CD, até porque fez parte de uma equipa que ganhou à sua lista. Por outro lado já estive no CD há uns bons anos atrás, antes de ir para Inglaterra ainda [o Filipe]. O senhor Moreira contudo é alguém não muito ligado à causa, não tem animais, foi taxista muitos anos até sofrer a meningite, desde então nada foi o mesmo. De qualquer forma verifica-se algum afastamento da questão e uma repetição de ideias tipo chapa 4. O senhor Moreira era da Ermida.

Lá para o fim eu falei da obrigatoriedade das reuniões e da apresentação de contas e de como as pessoas que estão no CD têm a perfeita noção de que assim é, e questionei porque se iriam eles submeter a um processo de ilegalidade.

Há uma percepção do CD como se de um partido político se tratasse. A aldeia parece-me estar dividida entre os que apoiam a lista actual e os que não apoiam [porque queriam lá estar ou por amizade ou tradição]. E como os que apoiam esta lista são mais em número, eles estão lá e se a gente vai entrevistar pessoas que estão de acordo com eles parece que corre tudo às mil maravilhas, salvaguardando-se sempre que há coisas que correm menos bem. Para o resto das pessoas [as que não apoiam] o CD e a AC é tudo uma cambada de incompetentes que só pensam em si e nos seus e que “andam a roubar o dinheiro do povo”. À ideia de que “eles bloqueiam

a entrada de outros nos órgãos do baldio”, de que eles “põem ao bolso”, de que é óbvio que é assim “ele agora já passa as férias no estrangeiro”, eu contraponho argumentos como “eles trabalham muitíssimo, não recebem nada, ganham inimigos, preocupações, porque é que acha que as pessoas se iam debater a esse ponto para estar nestes cargos?”. Ao que me respondem [o senhor Moreira neste caso] “então, como é que você explica que eles queiram lá estar?”. E depois [o senhor Moreira], quando passou o Miguel ele lá disse “um rapaz que eu vi crescer no bairro da EDP e agora anda aqui a sobrepor-se aos velhos, a querer ensiná-los?”.

711_0150

No que diz respeito à vezeira, hoje chegaram as cabras, hoje 29 de setembro chegaram as cabras, quem ia hoje com as cabras era o Luís e o Tiago, chegaram às 18h e tal, e o que acontece é, a partir de agora, agora as cabras já foram todas para as suas cortes, ao início estavam meio perdidas depois de meses no monte, mas lá foram sendo direccionadas pelos respectivos donos. Amanhã, o responsável pelas cabras pega nelas às 7h da manhã e leva-as para a serra. Perguntei se, sendo que é para continuar a levá-las para a serra, por que razão as trouxeram do monte? Ao que me responderam que as cabras nas cortes têm um papel que é fazer o estrume. Por outro lado, desta forma conseguem controlar os cabritos, porque nascendo estes no monte o lobo facilmente os leva. Assim conseguem manter o controlo dos cabritos e ao mesmo tempo fazem o estrume, essencial para a produtividade da terra que naturalmente não é muito rica. Eles agora tiram o milho e depois hão-de botar o centeio, e se calhar querem por o estrume antes [encontrei os sapadores]

711_0151

Encontrei ali os sapadores, estavam já mesmo no fim do serviço, terminam às 20h (por estarem em serviço público, ou melhor em prevenção devido às condições meteorológicas), eram o senhor Camilo e o senhor Jeremias, e então parece que o senhor Camilo é que vai amanhã com as cabras, diz que lá para as 7h30 tocam o corno, as pessoas abrem os cancelos, e lá vão elas. Diz que o curral a que vão não é longe e que ao fim do dia já cá estão. Que as deixam bastante tempo a pastar, que andam sempre com elas, não levam cães, e então andam sempre com elas por causa do lobo, não as podem deixar sozinhas, se não fosse isso nem se davam ao trabalho de as acompanhar “para isso deixávamo-las lá”. E lá ficam o dia inteiro para virem com o bucho cheio. Aquilo é uma diversão, levam comida, vinho, caminham pelo monte. Então amanhã lá vão eles, o Camilo e o Manuel. O Manuel como não tem campos onde trabalhar, nem animais, que lhe tirem tempo, quando as pessoas precisam que vão por elas ou assim, chamam o Manuel e pagam-lhe, então é isso que está a acontecer neste caso também, há-de ser uma pessoa a quem lhe tocava ir com o Camilo, mas como tem campos para trabalhar e não tem tempo paga ao Manuel para ir por ela, e o Camilo vai cobrir a sua própria vez.

Amanhã os sapadores já não vão estar de prevenção. O Camilo amanhã não trabalha como sapador. Quando perguntei “então mas vocês não são cinco?”, responderam “sim, mas nós não tiramos as férias todas ao mesmo tempo, então ficam três, vão dois, e como normalmente não usamos propriamente as férias para ir para a praia, usamos as férias para fazermos os trabalhos dos campos”. O Camilo amanhã é isso que vai fazer, tira um dia de férias para conseguir ir trabalhar nos seus campos. Como o Marcelo também, tirou um dia de férias para fazer a sua vindima, embora ali não seja sapadores mas sim construção. O Jeremias, outro dos membros dos sapadores, é de São Ane, uma aldeia entre Pincães e Cabril.

As cabras da vezeira são da raça bravia, por isso também a Raquel não as quis pôr na vezeira, porque as dela não são e teriam mais dificuldade em se adaptar aos caminhos e outras questões da vezeira, e só se reproduzem uma vez por ano e sempre na mesma altura, que é nesta altura, em outubro, e algumas também se reproduzem em março.

Henrique e Carla

Local: Porta de sua casa em Fafião

[...] Nada funciona, não imagina aquilo que eu tenho dito à justiça por escrito sobre isso de... é abusos de toda a ordem, é discriminações, a lei não interessa, em certos casos não interessa, é tudo e mais alguma coisa a belo prazer de uma claqué qualquer e o resto fica de lado, denuncia-se, denuncia-se, eu é só cartas, é processos arquivados, isto não funciona! E depois, a riqueza que nós tínhamos por aí em floresta, não é fácil porque hoje está tudo destruído dos incêndios por aí, mas antes, isto não é fácil de imaginar, nem se sabe quantos cortes se têm feito, sucessivos, nem

por quanto nem quantos, e anda o nosso Estado quando é dos incêndios, que eu aí louvo o Estado, a atacar e a ter despesas, e depois o fruto é tratado de qualquer maneira e feitio. Tivemos uma comissão de baldios aqui, em dois anos, que eu tenho isso escrito aí, e eu provo aquilo que digo... só em 2 anos, numa aldeia destas, tiveram receitas de mais de 500 mil Euros, só em 2 anos... os outros têm sido mais ou menos isto, e é ver o que é que se faz... nada, zero! Isto anda tudo perdido, depois denuncia-se à justiça, a justiça põe de lado, põe de lado, põe de lado, e acabou-se, e andamos nisto, isto não funciona, é um país que não funciona, olhe, eu tenho já 50 e tal anos, estou aqui, porque eu se tivesse menos tinha de fugir deste país para fora, pode crer, tinha de fugir deste país para fora. Eu já passei por uma comissão de baldios, vi como aquilo funcionava e demiti-me, demiti-me! Porque aquilo não dá, é só para uma meia dúzia deles e funciona... nós temos aqui uns quantos empresários e todos eles passaram pela comissão de baldios, isto é assim, presidentes, por aí adiante. E não funciona e a justiça não trabalha e acabou-se... tivemos aqui um regadio, isto recente, foi uma vergonha, foi um escândalo, eles deturpam tudo... o... aquele, aquele esquema inicial que é um projecto mas que tem uma arquitectura feita em papel, foi tudo deturpado, foi alterado, porque eu reclamei, eles discriminaram-se, foi alterado... em 244 metros em vez de um canal de cimento e ferro, alterado para um tubo, isto por ordem dos senhores engenheiros de Chaves que comandavam aqui isto, para depois rectificarem uma discriminação que me estavam a fazer. Então nessa distância puseram apenas um tubo e para o meu lado não puseram nada. Ora, o projecto tinha um orçamento, tudo feito, prontos, já antes com o plano, alterou-se para menor despesa, e muito, e assim ficou. Eu reclamo à justiça, pra todo o lado, mas... arquivado, tudo posto de lado, é um país que não funciona, pode crer, isto é lamentável, não funciona... isto está tudo à... eu lembre-me, eu sou do tempo de haver umas administrações florestais, via-se por aí a floresta tudo tratado como devia, era lindo de se ver, lindo de se ver, e funcionava. Hoje não funciona porque entregaram isto a máfias. Mas eu trabalhei, eu trabalhei numa força policial durante quase 30 anos, faltou-me poucos dias para 30 anos, e conheci n problemas com os baldios, tudo a mesma coisa. Porque o amigo pode fazer tudo, o que não é amigo não pode fazer nada, passou-se aqui... e processos para aqui, processos para acolá, coisas do pior que eu nunca vi, isto num país que se diz democrático é inaceitável. E os baldios para mim é uma coisa que devia ter acabado há muito tempo, estas organizações de baldios deviam ter sido afastadas do poder há muito tempo, deviam era deixar de existir, porque isto não funciona, não funciona! E digam-me o que quiserem, e chamem-me que eu tenho muitos dados para apresentar. Eu já escrevi para o senhor presidente da República, eu já escrevi... só que como não era competência do senhor presidente, processos judiciais e não sei quê, sim senhor. O ministro da agricultura, todos põem de lado, todos põem de lado, e acabou-se e máfias, máfias, máfias. Pode crer, isto não funciona, é um país que não funciona! Actualmente, por aqui pelo menos, não há educação, não há segurança, não há assistência médica... ainda há dias, eu e mais a minha mulher, tivemos um problema, não sei o que se passou, a vomitar, que nos deu qualquer

coisa, a vomitar, até que um vizinho viu-nos assim, pegou em nós e levou-nos ao médico. Chegámos a Vieira do Minho, é onde há urgências “ah o médico está doente não veio”. “Então não há outro?” “Ai não. E olhem, vão depressa a Póvoa do Lanhoso senão têm de pagar tudo”. Que país é este? Fomos à farmácia, expus o caso ao senhor da farmácia, e ele disse que já lá tinham passado mais casos e medicou-nos consoante os outros casos. Porque isto não funciona! Nós estamos aqui numa aldeiazeca destas, depois à noite não há urgências, aqui em 50 km de raio não há urgências por aí. E estamos assim, isto não funciona, olhe, para nos cobrarem impostos temos país, de resto zero! Não funciona! A nossa, esta república está esgotada, tem que haver uma república nova, e a senhora se está a estudar, olhe que esta mentalidade tem de aparecer, tem que haver uma república nova, começar do zero e criar um país diferente. Ainda há dias vi na televisão, num jornal, uma coisa leva à outra, porque é uma vergonha este país, um jornal que é o correio da manhã, ali na televisão de manhã dá as notícias, aquelas manchetes. Um senhor que já ganhava 40 000 Euros de pensão de reforma, o Estado ia-lhe dar mais 1000 e tal, e a outros não lhes dá o suficiente para tomarem os seus remédios e a sua necessidade, portanto isto é um país que não funciona. Eu tenho dois filhos, estão fora deste país e ainda bem, ainda bem! E os baldios, é lamentável, foi como as associações de caça, foi igual, não funcionam em lado nenhum. O Estado entrega as coisas e depois é tudo corrupção, desleixo, deixa andar e não funciona nada e acabou. Olhe, isto não funciona! Digam-me o que quiserem. Eles aqui dizem que têm isto... têm porque olhe, têm... olhe, têm aí coisas que são pagas pela Câmara e pela Junta e por eles. Eu não sei quem é que paga, uns dizem que são uns, outros dizem que são outros, e depois querem puxar para si estes louros, mas isto é complicado, isto não tem transparência nenhuma, nenhuma, nenhuma

AL: não tem transparência?

Nenhuma! Ninguém sabe por quanto se vende um corte de pinhal, nem quantos, porque são sucessivos, é há um incêndio vem um corte, há um incêndio vem um corte, mas nós tínhamos aqui uma floresta de milhões de valor, está tudo destruído, tudo, e você se anda por aí vê, de certeza! Tudo destruído, isto não funciona e digam-me o que quiserem, que para mim isto não é verdade.

AL: mas alguma vez funcionou, o baldio?

Nunca, nunca!

AL: no tempo dos velhotes...

Nunca, isto foi sempre um sítio de corrupção, por negligência, por ignorância, por várias coisas foi sempre, foi sempre um *offshore*, está a perceber? Pode crer, pode crer, a realidade é esta, e depois há uma claqué que saem uns, metem-se outros. Quando é das eleições aqui parece uma guerra de vida e de morte, isto é um meio pequeno, se aparece uma lista nem calcula a guerra que dá, a luta, porque não

querem largar, têm medo, olhe... uma vez pedi para consultar uma acta, que isto está na lei, para se consultar, o senhor presidente estava lá, consentiu-me, mas só ele a ver assim com o livro, assim como eu estou com as minhas mãos, e não me deixou passar o livro para as minhas mãos para eu ler a acta, tal a vergonha que lá está não é, pois é... e então, isto é uma vergonha, isto é inadmissível, isto não devia existir há muitos anos

AL: essa questão da acta foi recentemente ou foi há mais tempo?

Já foi há uns anos, eu fiz por escrito, um pedido por escrito. Depois disso apareceu uma coisa em tribunal, copiando a minha assinatura, para mim foi ali que a copiaram, que me arranjou uns problemas sérios, porque eu queria consultar uma acta, e qualquer dia vou consultar outras, vou, ainda vou que eu não morri ainda! E então foi assim, copiaram-me a assinatura, foram contestar umas coisas lá para tribunal com o meu nome e só visto, só visto, só visto. Aqui, quase todas as pessoas das famílias de Fafião, e se houver dúvidas isto hoje é público, está o processo numero 20-2003 em tribunal que o documenta... quase todas as famílias de Fafião possuem aí terrenos, sempre pertença das famílias embora que alguns só constavam na matriz e então houve aí um problema que, eles depois dessas pessoas todas, quase todos tinham igual, terrenos para aí registados na matriz que eram deles, não sei quantos. Em 2004, ou até 2003, não tenho dúvidas já, em 2004 meteram o processo 181 a tribunal contra cinco famílias daqui, discriminando-as, porque senão tinham que meter os outros todos que tinham metido na outra denúncia atrás, mas não, só foram buscar esses cinco. Depois foram buscar alguns dos outros que tinham terrenos igual para testemunhas, e aquele processo chegou ao fim, e o senhor juiz foi uma pessoa sem carácter nenhum, que eu contestei a decisão dele para o conselho superior da magistratura, e levaram a... onde eles queriam, esse processo, tiraram aí terrenos a 4 ou 5 pessoas, mas depois daí até dão terrenos a quem eles querem, quando lá dizem que o terreno baldio, nesse processo, é insusceptível de aquisição privada, por aí adiante, valendo-se da lei. Mas depois já não conta, fora esse processo já não conta. Os outros ficaram de lado, muitos, e daí para a frente até dão terreno a quem eles querem, e um deles foi sentenciado no tribunal de Chaves em 1993, que ele realmente tinha sido usurpado de uns quantos aí, e eles até alguns têm doado terreno desse que foi processado, portanto, isto não funciona, não funciona, não funciona. E como aqui é em Pincães, que eu conheço casos lá, que eu tenho lá família, como aqui é por aí por Amares, por Terras do Bouro, por algures, por aí, infelizmente é tudo a mesma coisa. Gerem como eles querem e não há problema nenhum, porque a justiça não funciona, porque não funciona... e é assim, estamos num país assim.

AL: mas quer dizer há... há processos democráticos para tirar as pessoas de lá não é, tipo

Pois há, mas aqui não é fácil não é, e eu digo-lhe porquê... já lhe falei nas eleições, é assim, há aqui uma equipa de sapadores, 5 pessoas, correspondem a 5 famílias, não, isto a terra não tem muita gente hoje, não tem muita gente, cento e tal pessoas sensivelmente. Depois tem 5 sapadores que é um de cada família, tem a família dos membros da comissão de baldios, à véspera de eleições dão trabalho a um empresário ou outro, esse cativa mais meia dúzia sensivelmente deles, e aí está, não sai dali para fora de onde eles querem. Quando foi das eleições para 2009 nas eleições para a JF, houve uma reunião, e isso está a gravar ainda bem, dos candidatos à Junta de uma claques desses candidatos aí num café de Fafião, e um dos donos do café, o dono do café disse isto “eu saí da comissão de baldios há dez anos mas ainda lá tenho os meus homens”, e é verdade, que ele tem feito o que ele quer, em proveito dele, e penalizado quem eles não gostam. Bom, isto é lamentável, e a justiça sabe disto, têm processos lá, ainda há dias mandaram-me uma carta “arquivar processos”, que é só a porem de lado, não querem agir, não querem agir, não funciona, isto não funciona e acabou. Ainda há processos que ainda não estão parados, mas não vai lá porque isto está aqui um sistema que alguém consegue aqui dominar as coisas, e portanto isto não funciona! Uma aldeia que podia ser rica, podia-se viver aqui bem, isto aqui está um bocado dividido, há duas claques, e assim está e vai andando e acabou. Eles conseguem fazer as coisas que entendem, embora fora da lei, não tenho dúvidas, e eu provo-o, e andamos assim, pronto.

AL: mas a outra claques alguma vez esteve no CD?

A outra claques é assim, são pessoas assim, não se preocupam nem estão para se chatear, alguns. Outros são puxados e abstêm-se e deixam andar, e isto assim está, porque ir às reuniões é um perigo. Ir às reuniões ali é um perigo, porque, ou se vai ali bater na tecla que eles querem, ou então é um conflito, portanto isto não dá. Não dá porque é como eu digo, gente há que não está para se preocupar, outros deixam andar, outros... essa gente que tem lá os sapadores a trabalhar, são puxados, são arrastados, são alienados, e assim andam as coisas, há anos, e continuará porque, alguns já têm desistido, e eu acabarei por desistir também porque isto não dá. Ainda há três anos [?] para eu ir meter um advogado, num assunto que é público, um assunto que eu acho lamentável, nós temos aqui uma escritura que é uma corrupção de alto esquema, só envolve 92000 metros de baldio, 92000 metros! Quatro malfeitores fizeram uma escritura aí de uma coisa que não existe que é: não existia a propriedade, não se sabe quem era o doador, e eles foram testemunhar que alguém, isto em 2001, que alguém doou, em 1900, há cento e tal anos, tinha doado à Junta um terreno em Fafião, assim e assim, que só envolve 92000 metros quadrados, para depois negociarem, para fazer isto. E venceram, e eu contestei a escritura e ninguém quer saber, e então notificaram-me ainda há pouco tempo para eu meter um advogado, para eu me constituir assistente. Mas o meu dinheiro é preciso para a minha vida. E acho que num caso destes que é ridículo, que eu debati-me lá com o senhor procurador até a ponto de me chatear, como estou agora, porque eu, quando falo nisto eu ferver, ferver, com o senhor procurador em Montalegre, e então ele

mandou-me uma carta para eu me constituir assistente. E eu não me constitui porque eu não estou para andar a gastar dinheiro, porque um advogado hoje, para queimar 5 ou 6 mil Euros num processo à gente é a brincar. E eu pus-me de lado. Mas é lamentável, então inventarem uma situação de que alguém doou um terreno à Junta, é mentira, porque a escritura ao ler-se vê-se logo que aquilo é um acto inventado, um acto corrupto como eu lhe chamo, e chamarei, e ninguém quer saber. E eles agora vendem os terrenos que eles querem. Diz o senhor procurador “ah, mas é que isto é uma forma de estar a combater a desertificação”. “Oh senhor procurador, há uns anos atrás doavam terrenos às pessoas para construir, agora vendem-nas a 20 mil Euros, isto é que é combater a desertificação, terreno que não é deles, terreno que é do povo??!”. E pronto, assim estamos, não funciona! Não funciona este país, acredite!

AL: mas isso estava a ser vendido pelo CD dos baldios?

Não, porque passaram-no para a JF, embora indevidamente porque aquilo é um acto falso, um acto inventado, que não existe. E dizia lá mesmo, que a pessoa que não tinha documentos, não tinha nada, pois não, ele não existe! O terreno está a ser tratado ainda hoje pelos baldios, que é aqui a norte da aldeia, ali à saída da aldeia, de quem vai para o lado de Pincães, há um ribeirão por ali acima... o limite do lado Este a esse ribeirão até lá em cima que tem uma cabana, não sei se você já foi lá para cima

AL: lá para cima a pé ainda não fui não

Mas podia-se ir até de bicicleta ou de carro, tem uma estrada de terra depois para cima, tem ali um campinho de futebol, à volta circunda ali aquilo tudo, e então inventaram aquela para, mas depois é engraçado outra, que eu disse ao senhor procurador... eles nem sequer estão a vender dentro da área prevista na escritura, eles vendem fora, noutros lados, a coberto de um acto ilegal destes, olhe, isto não dá, isto, isto, isto só visto, só visto, só visto. E eu espero que a justiça, isto um dia tem que virar porque eu não me calo, e quando as coisas me apertam bem eu escrevo, eu até espero, eu falo com as verdades, eu não ando a inventar nada, infelizmente, era melhor não ter nada para dizer disto, mas tenho porque eu vejo que isto é injusto o que se está a passar aqui, para uns vale tudo, para outros não vale nada e isso não pode ser

AL: quando fez parte da comissão de baldios a

Já vai há muitos anos, foi em 1988 ou em 1989. Eu demiti-me que eu vi que havia ali muitas injustiças e demiti-me, afastei-me, que aquilo não pode ser. Alguém que lá esteve poder beneficiar de terrenos aqui e além, por onde quer e lhe apetece, não há problema nenhum. Um desses, um dia numa reunião aqui, propôs que esses lotes que eles depois iam fazer dessa escritura, fossem para 50000 Euros, veja bem, para 50000. Eu não sei para onde é que vai esse dinheiro, como o outro, eu não sei para

onde é que vai o dinheiro, era ver, isto era digno que houvesse uma auditoria, porque são muitos milhares de Euros que andam por aí.

C: tu já pedistes

Han?

C: tu já pediste uma auditoria

Eles não o fazem

C: eles não fizeram

Como digo, só um mandato, eu tenho as contas ali, que eles me cederam até, por acaso, um mandato de 2 anos teve mais de 500 000 Euros, nesta terra cuidado! Mais de 500 000 Euros de receitas, é ver isto. O Estado investe aqui, por vias da Europa, disto e daquilo, investe aqui muito, em projectos de limpeza, daqui e dacolá. Sabe-se há muito tempo que nunca é limpa a área que vem prevista. E eu soube a primeira vez por quem? Um senhor que concorreu a um projecto, Paulo Morais, e me disse ali em baixo que ficaram mais de 10 hectares por limpar num projecto que ele também tinha concorrido e não foi lá. Pronto. Mas depois daí para a frente eu sei, e sei por quem tem trabalhado para empresas dessas, limpa-se por metade ou por aí, e já está, e o dinheiro cai no bolso das pessoas. E depois há incêndios, pois há, eles não limpam, o Estado ou esses organismos pagam, e depois não limpam. Está a ver? Limpam metade ou menos, só para o inglês, como nós aqui usamos, para inglês ver, é uma expressão nossa... e pronto, e assim anda isto. E alguns crescem aí quanto baste, num tempo destes, de crise... eu trabalho... eu já estou no segundo emprego, eu, a trabalhar legalmente, e a minha vida, olhe, não sobe nada, alguns sobem muito, não sei porquê... nesta fase, em Fafião, há gente a crescer mas cuidado, por isso, é lamentável isto, só porque a justiça, não funciona a justiça em Portugal! E pode gravar à vontade

AL: isto é só para mim ahn

Não, mas se for para a frente não me interessa, a justiça não funciona, não funciona. E eu tenho dados, que eu ouço muito a televisão, muito o rádio, até o senhor presidente da Confederação do Comércio Português ainda há pouco tempo teve essa expressão. As empresas evitam investir em Portugal porque a justiça é o que se vê, portanto é assim

AL: esse Paulo Morais não é daqui de Fafião...?

Não. Era de uma empresa de limpezas, lá do outro lado, de Vieira do Minho algures. E pronto, isto é assim, isto é velho, isto é velho, isto é o que se passa, e assim estamos

AL: e já agora, já que estamos a conversar, o que é que acha da intervenção do Parque e do Estado aqui na

O Parque hoje só está a arranjar problemas e a complicar a vida às pessoas aqui, porquê? Eu moro deste lado, tenho as leis da Câmara que envolvem, por exemplo, se eu quiser construir, tenho as leis da Câmara, que vão implicar com a Câmara, e tenho as do Parque, um daquele lado só tem as da Câmara. O Parque aqui só complica a vida às pessoas, eu não vejo nada de positivo no Parque, nada! Olhe, e mais, e vejo aí funcionários que eu não sei o que é que eles andam aí a fazer, diariamente aí e eu não sei o que é que andam a fazer. Param o carro aqui e além, nas horas de trabalho, eu vejo os carros deles aí parados pela estrada, eu não sei o que andam a fazer. E depois a quem quer fazer alguma coisa, melhorar-se na vida, só complicam a vida, isto é o que é. E o Parque é uma instituição que acho que está assim um bocado apagada, digamos. Mas para ler a Lei e para travar as pessoas têm-se chegado bastante, têm-se chegado muito. Porque quando há uma medida que penalize devia haver qualquer coisa a compensar, mas eu não vejo nada, como digo um residente em Vieira do Minho tem que, qualquer coisa que queira fazer, perante a Câmara pôr as coisas em ordem. E aqui é a Câmara, e depois é o Parque ainda é pior, ainda é mais aquela agravante com o Parque. E pronto, é o que eu tenho do Parque, acho que é um... é retrógrada já, está ultrapassado e não faz nem deixa fazer, como se diz. Isto está o meio um bocado a ficar atrasado, um bocado porque o parque complica as coisas às pessoas

AL: pois... há pouco quando disse que os baldios deviam acabar, estes órgãos gestores, o que é que propõe em alternativa?

Administrações florestais, seria... porquê? Mesmo que houvesse alguém a abusar alguma coisa, se calhar no distrito, um ou dois. Aqui não, em cada aldeia há um grupo. Isto... a lei diz que eles não podem investir actualmente, e já está a ser alterado outra vez, não sei onde é que vai parar, mas o que está em vigor, na parte urbana, fora da área deles não podem investir, não sei quantos. Eles estão a fazê-lo aqui, investem para aí, ninguém sabe como nem... mas sei que investem actualmente dentro do urbano, quando isso é da Câmara e da Junta e eles andam para aí a investir porquê? Portanto, a lei até diz no artigo 11º que isso que é nulo, é nulo, mesmo que a assembleia aprovasse, está lá, mas eles fazem-no e sempre fizeram o que quiseram e acabou-se, e não há hipótese. Isto era acabado e era administrações florestais, porque nós precisamos da floresta, precisamos de natureza, mas pessoas que saibam o que estão a fazer porque estes não conhecem nada de sistemas de natureza, nada! E pessoas que soubessem o que andavam a fazer, e tivemos uma floresta muito linda, é verdade que o regime era outro, no regime ainda de Salazar, teria coisas negativas, que tinha, mas essa era uma pessoa digna, que tinha aí tudo um jardim. Hoje... está aí tudo queimado, tudo destruído, e o fruto que tem havido ninguém sabe dele, ou senão que venham mostrar o que é que têm feito ao de Fafião. Milhares ou centenas de milhares de Euros, eu não sei deles, eu não sei onde é que eles andam. Tínhamos aqui nós uma área florestal enorme, valores que eu nem... milhões! Não vejo nada

AL: aqui acha que a floresta veio por bem? Ou foi mau na altura?

O senhor doutor Salazar foi um homem para Portugal, foi ele que criou o sistema florestal, foi uma pessoa que merece ainda hoje todo o respeito. Desde aí não se vê nada

AL: mas na altura também houve muitas coisas que deixaram de se poder fazer não foi?

Havia a pastagem temporária, havia, houve... isso é lógico, semeavam o pinhal, dali a uns anos não se podia pastar, é lógico. Mas agora também temos aí umas vedações feitas há mais de 10, 12, 13 anos que estão para aí, fora isso já... nem a lei contempla isso, mas estão para aí, também não se pode pastar, e são áreas enormes, plantaram aí árvores

C: e pastaram, pastaram

Oh, só este ano, abusivamente. Mas é assim, na altura não se podia, mas era uns x anos ali e depois lá se pastava igual, como digo, em termos de floresta, quem nos dera alguém com a mentalidade do seu doutor Oliveira Salazar, que pusesse isto como estava, porque essas serras que você vê daqui, que se vislumbram, todas elas estavam plantadas de árvores, tinham equipas de pessoas que trabalhavam na floresta, limpavam, tratavam, e estava tudo como devia ser. Tinha casas da floresta aqui e além habitadas, e controlavam as coisas, hoje está tudo abandonado, está... olha, foi tudo entregue ao diabo, como se diz na gíria, isto não funciona! O que dá é para um grupo restrito para fazerem o que eles querem. E têm feito, e estão a fazer, e vamos ver para o futuro, mas a justiça não funciona, o que é que se espera daqui? Quando a justiça não funciona, só temos é que nos juntar a eles e acabou-se. É lamentável mas é isto. Porque eu, quem quiser que vá ver, que os processos são públicos, as denúncias que eu tenho em tribunal, nada... mas também ninguém me chamou à responsabilidade, é porque não são tão descabidas... mas nada funciona, não funciona, não funciona, é lamentável

AL: e há mais pessoas que pensam como o senhor cá?

Tem que haver, tem que haver, podem é não querer falar, podem ter receio de falar, mas não faltam aí pessoas que... até se calhar até ouves uma linguagem mais grosseira do que eu, só que têm medo e daí, apesar de ser verdade... mas eu tenho ali na mão, olhe que só num dia um presidente que ali esteve meteu mais de 700 Euros de despesas para ele... num dia! Eu tenho as contas aí, meteu duas verbas, uma de 400 e outra de 300 e tal, era fotocópias, certidões, não sei quantos, por ali abaixo, venha para cá, só num dia. E depois saíam todos os dias, alegadamente, saíam todos os dias e facturar, facturar, facturar, eles não são, não têm um vencimento específico, mas eles se calhar arranjam-no, arranjam, não há dúvidas! Olhe isto, eu não sei, se é só um processo universitário, epa... queríamos administrações florestais, sim, comissões de baldios já deviam ter acabado há muito, há muito, e se não venham a

Fafião e façam uma auditoria, desde a primeira até agora e vejam os milhões que há para aí, assim esbanjados. Fafião é um exemplo, porque é das mais ricas que eu conheço em termos de floresta, que tem cativado para aí processos de investimento que é uma loucura, tem... para as cabanas da serra, lembra-me de uma altura, para o pastor, o abrigo do pastor na serra, vieram para aí umas verbas que eram 300 Euros para cada abrigo. Há um presidente aqui ao lado, diz assim “ah, 100 Euros chegam, o resto fica para outras coisas”... esse presidente disse para mim numa altura, que veio um projecto para ele limpar aí um terreno no monte, um espaço, que tinha, junto com dois empresários, pôs menos 10000 Euros do que vinham lá da fonte, o outro fica para outra coisa... outra coisa o quê? É para já, há um artigo qualquer, é o 349 se calhar do código penal, eu acho que não estou errado, mas se estiver errado é... há um artigo no código penal que diz que o dinheiro que vem tem que ser investido no sítio para onde vinha indicado, senão aquilo é chamado peculato. E ele dizia-me que justou pelo menos 10 000 Euros e que ficavam para outra coisa, portanto, veja como isto funciona

C: olha que ele hoje se calhar já não diz isso

Não sei, isto é sagrado, isto é ridículo, isto, nós estamos no século XXI mas aqui não parece

C: ai, que eu esta gente, fogo!

Então pois, eu quando vejo entrar no poder, primeiro, esse presidente antes de ir para lá criticava quem lá estava, é numa terra aqui ao lado de nós, é na terra do Dário precisamente, criticava quem lá estava, não sei quantos, entrou lá... ele não quer largar aquilo nem por nada, eu não sei o que é que se passa, porque

C: tem mel

Eu estive lá, eu passei lá um mandato, foi, nos baldios, embora não era assim um lugar de destaque mas estava lá dentro, comecei a ver como aquilo funcionava, meti logo um pedido de demissão e afastei-me... mesmo que eu estivesse na frente, que eu não queria estar lá para me aproveitar de nada, faria um mandato ou dois e vinha-me embora, mas não, alguma gente lá não quer é largar mais, porquê? Porquê, porquê? A gente sabe bem porquê, mas pronto. É casas em Braga alguns, casas em Lisboa, casas aqui, vão de férias para aqui e para além, mas os ordenados em Portugal hoje não dão para isso, os ordenados não dão mas alguns fazem-no, porquê? Porque têm dinheiro quanto querem à frente e fazem o que lhes apetece, e é facturas para aqui e para acolá, e ninguém quer saber e a justiça não funciona, digolhe eu, é ridículo, podíamos viver aqui num oásis, aqui não... isto, olhe eu... há festas e eu não vou às festas, ponho-me de parte porque eu, certas pessoas pra mim é... e então ponho-me à distancia porque vejo que há gente que abusa muito e de que maneira, e pisa os outros quanto quer e tudo está bem. Tivemos aqui o caso de uma construção que eu contestei, no baldio. E foi num sítio que é expressamente proibido

construir. E eu contestei isso e foi parar ao tribunal administrativo de Mirandela. O sujeito foi obrigado a demolir, mas nem Câmara, nem ninguém, nem os baldios aqui queriam saber, porque ele é um membro, já foi um membro do CD e continua a dar apoio, está ao lado deles, daí nada funcionou, mas depois teve de demolir. A Câmara Municipal de Montalegre deu-lhe um prazo para ele demolir com calma e entretanto arranjar outro espaço para isso, e arranjou, ali no cimo, não sei se tem ido para o cimo da aldeia, ali, ao café do Fojo dos Lobos para cima, há lá uma vivendazinha que está lá revestida em pedra, a última, de quem sai da aldeia, do lado esquerdo. Foi construído aquilo, para si é uma vivenda ou não?

[...]

Foi construída, é o processo 51-2012 na CM de Montalegre, do alvará de construção, foi construído com uma licença para um armazém agrícola, aquilo... eu contestei, que eu soube, e contestei, que eles têm-me lixado, eu lixo, quando posso ataco... andou, andou, andou, andou, sabe o que é que aconteceu? Eu tenho ali uma carta, que o disse, o senhor presidente da Câmara de Montalegre, informou o tribunal administrativo de Mirandela que a construção foi inteiramente demolida e ela está lá em pé. O tribunal pegou, arquivou. Disse-me assim, olhe, o presidente da Câmara de Montalegre informou que isto foi demolido, esta construção assim, assim, inteiramente demolida, portanto não faz sentido o seguimento do processo, e ela está ali. Você veja como isto anda

[repete tudo porque eu perguntei para confirmar se se tratava ainda da mesma casa que ele falava]

Se houvesse alguém, e era bom que houvesse alguém, que fosse ao tribunal de Montalegre ver as denúncias que eu tenho feito e ver as saídas que elas têm tido, porque eu ainda vou escrever para o tribunal europeu, eu não paro, eu já disse ao procurador que eu vou trazer a televisão, e vou trazer isto e vou trazer aquilo, porque realmente isto não encaixa, porque a lei é para uns e não é para os outros, e isto é ridículo, é ridículo!

AL: pois... mas quando diz que eles o têm lixado, de que maneira?

Ui! Têm-me perseguido, desde que eu me demiti deles nessa altura, foi logo... comecei logo a ser, eu tenho tido... foi no regadio, foi no... há n coisas que eu se calhar agora já nem me recordo agora todas. Eu tenho sido prejudicado fortemente porque não alinho com a claque. Eu não alinho naquele sistema, porque isto é só corrupção, mas de que maneira, e quem quiser que vá ver essa contabilidade e que vá ver o que se passa aí, para ver, porque isto não funciona

AL: mas antes de haver esta questão dos baldios, já havia conflitos entre essas pessoas ou já havia esses grupos, vá...? Ou formaram-se desde que começou a haver os baldios organizados assim...

É assim, isto funcionou uns anos, mal, muito mal, mas não havia resistência porque não havia prejudicados. Quem trabalhou, um desses primeiros que eu sei, não tenha dúvida que ele abusou bastante nessa contabilidade, pelo menos não andou a prejudicar ninguém directamente, nem a atacar ninguém, e as coisas iam andando. Agora estes abusaram para eles e para os deles, para quem eles querem e atacam outros, porque um terreno que foi assinado no processo 181-2004, onde eles dizem que é baldio, havia famílias deles a dizer que tinham lá uma peça de terreno, que tinham lá uma propriedade. E havia famílias depois a contestar a acção, você veja se isto faz algum sentido, e eles a atacar, também era lá no cimo da aldeia, do lado direito, da parte de baixo dessa vivenda que eu lhe indiquei, um pinhal que está ali em pé, que foi accionado como baldio, e não era baldio nada, e esses que o accionaram, a família deles, os pais deles reclamavam lá uma peça deles, como deles. Portanto isto não faz sentido nenhum... agora, houve o processo, correu os seus trâmites, o senhor juiz não foi correcto, não foi... porque via o vício que estava ali naquele processo, aquele processo devia ser nulo e ele não levou para esse lado, estão a vender às pessoas por um preço simbólico para tudo ficar como antes, isto faz algum sentido? Se não pode vender, que diz lá na parte do processo onde eles acusam, diz assim “o terreno baldio é insusceptível de aquisição privada não sei quantos a qualquer título”. Afinal foi só para ali, porque eles agora estão a cedê-lo por 3 Euros e meio o metro, para calar as coisas, e isto não faz sentido nenhum, mas anda-se assim, andamos assim

AL: mas aquilo não era baldio?

Não era! Se for lá ver, vê muros, vê socalcos, não sei se estes nomes lhe dizem alguma coisa, há lá vestígios de muros, de socalcos, que aquilo foi das primeiras propriedades que houve em Fafião de certeza absoluta, só que depois não estavam devidamente registados, e é verdade, e eles aproveitaram-se... mas havia muita coisa aí, como disse, houve um processo em antes em que eles atacaram de facto muita gente na mesma situação. Depois tudo estava na mesma, só tiraram aqueles para me atacar a mim e a mais um ou dois e assim foi, e o processo foi avante e lá passou e seguiu, mas no fundo estão a vir cá outra vez, estão-nos a entregar as coisas, pagando um preço simbólico, isso faz algum sentido? Isto é um país de terceiro mundo, parece que estamos num país de terceiro mundo. Houve uma altura em que fiz uma escrita à ex-presidente da mesa da assembleia sobre isso, e disse que pretendia que não estivéssemos sempre a considerar que estávamos num país do terceiro mundo e tal, ela saiu, não me deu resposta, mas saiu, já deixou o cargo. Mas isto é um país... parece uma Síria, ou uma... Turquia, ou um Iraque ou uma coisa assim. Porque aqui é assim, se eu estivesse ligado a alguns que aí há, uns desses grupos, isso fazia-se tudo e mais alguma coisa como se tem feito, mas não estou, não estou, e há mais quem não esteja, e também têm sido atacados, não fui só eu. E então é isto, penalizam onde podem e quando podem, não faz sentido. Mas agora pondo isto de parte eu digo uma coisa, os baldios não funcionam, não funcionam, em termos de floresta não funcionam. Só o que é pena é que a política também está um bocado conturbada e não há ninguém à

altura para avaliar coisas destas, digo-lhe já, na política mesmo, porque isto era tomar uma medida a sério, arrumar com estas coisas todas, administrações florestais, casas florestais a funcionar, e isto é que era, é que era agir, mas não vejo que isto vá para esse lado também, não vejo... é pena, mas não, isto não funciona. Você já está cá há muito tempo?

AL: [...]

Já me tinham falado de si, embora não a tinha visto [...] este país, isto vai muito mal

C: olha, eu vou-me embora

Eu já vou. Isto é pena mas não vai lá, o que temos é gastar o que há e o resto fica... porque os cortes florestais são feitos de uma forma fora da lei, é só corte raso, isso é proibido tanto quanto eu sei. Mas, no outro ano fizeram aqui um corte ao lado do fojo dos lobos, corte raso, eu denunciei o corte, tiveram problemas, chatearam-se mas não deu nada, portanto as coisas não funcionam. Eu denunciei para a Direcção Geral das Florestas, eu fui buscar a lei, ao encontro dela, e denunciei, soube que tiveram chatice tal, nada, não houve penalização, não houve nada, olhe, isso não... prontos, e é o que eles querem. Não funciona, este país não funciona. É lamentável, e pessoas formadas têm que se andar para outros lados, é o que eu tenho visto e constatado porque aqui não têm hipótese, porque isto está, isto está encravado, um sistema encravado e assim não vai lá, o país nunca mais tem hipótese, desta forma não. Veio para aí dinheiro para um regadio, foram 148 mil Euros e tal, fizeram uma aldrabice de todo o tamanho, olhe que a água em certos canais salta para fora, quer dizer, foram feitos, mal trabalhados, a água perde-se aqui e além. Deixaram poças que nem seguram água nenhuma. Deixaram troços sem fazer que estavam no projecto para ser feito, fizeram como eles entenderam, reclamou-se para todo o lado, para o tribunal para todo o lado, ninguém age, até parece que isto já é legal fazer do dinheiro público... tratá-lo de qualquer maneira, porque não houve... há sítios em que o cimento que puseram está-se já a desfazer, que aquilo não tem qualidade nenhuma. Eu tive alguém que me disse que o ferro que devia estar lá incluído, metido nas massas, que era ferro de 100 milímetros, meteram lá tipo isto, olhe

C: ainda mais fino!

Tudo aldrabado, e vêm fiscalizações, vêm para todo o lado. Portanto, isto não funciona, isto é um país de bananas, não é? É um país de bananas, porque aquilo vinha para melhorar as coisas, opa... eu chamo poças, não sei se sabe o que é, aqueles sítios antigos onde nós encurralávamos a água para depois regar, juntar a água, e eles trataram aquilo com cimento mas não aparam água nenhuma, não seguram a água

C: ainda está pior do que o que estava

Não falta quem diga mas depois reclamações assim como deve ser não as vejo, mas não falta quem diga que estava melhor antes do que agora

C: ai sou eu uma a dizer

Mas tanta gente outra que diz que estava melhor antes do que agora. Comeram esse dinheiro e acabou-se e não funciona

C: no que é meu não entram mais

AL: mas tipo o quê?

C: eu não os quero lá, eu não os quero lá [?] é que eu até ali regava e agora não rego nada, e então no que é meu não entram mais, venham os projectos que vierem

AL: no que é que eles entraram?

C: a fazer os regadios, eu antes quero que esteja como está, o antigo, do que me fazerem o que fizeram lá pela veiga abaixo. Não, no que é meu não entram mais

AL: mas funcionava melhor antes

C: antes! Eu regava o dobro do que rego agora, aquelas poças não seguram a água, a água foge toda, a gente chega lá para abrir a poça e a poça está vazia. Não... podem fazer os projectos que quiserem, quando chegarem ao que é meu eu digo “aqui ninguém mexe!”, e acabou, que eu ainda sou herdeira

AL: e dizem isso a eles, que não está a funcionar?

Ui...

C: já lhes dissemos

Houve reuniões aí, e depois é engraçado, é que nas reuniões eles dão razão às pessoas

C: o senhor fulano tem razão, o senhor fulano tem razão, mas as coisas ficam alagadas igual

Eu se vier, suponha, eu já tive uma advogada ligada a isto mas eu digo já, não estou a gostar do trabalho dela porque eu não vejo nada, uma advogada de Braga. E eu suponho que tenha ficado uma verba, uma percentagem qualquer, para depois da obra feita, durante 5 anos, os problemas que aparecerem sejam reparados. Eu acho que nas obras do Estado, quando há dinheiro do Estado, que devia ser assim, e aqui tem sido assim. Aqui não ficaram, dizem eles, que não ficaram com nada, e depois dão razão às pessoas que vão ali reclamar, mas não passam disto

C: e a gente fica com as coisas estragadas

Para alguns é um oásis, para outros é um inferno

[...]

[repetem-se as ideias, de como eles engordam, e que não há-de ser de trabalho, porque ele já vai no segundo emprego, que foi GNR não sei quanto tempo, agora reformou-se trabalha agora como segurança privado, e não é por isso que tem uma vida desafogada como eles]

Olhe isto aqui, isto foi feito pelo presidente, isto algum dia podia ser? [refere-se ao palco e à sede] quem fez isto foi o presidente do CD da altura

AL: há muitos anos?

Já há uns anos, foi ele que fez, porque ao fim as contas são eles é que sabem

AL: mas não está bem feito?

Eu acho é que não devia ser ele a fazer, eles trabalham com as coisas porque, enfim...

AL: mas então acha mal que se intervenha na comunidade com dinheiros que venham para o baldio é isso?

Aqui dentro sim, a lei não o permite, vai ver o artigo 11º da lei dos baldios, ou o 11ºA, diz lá bem claro, e até diz que é nulo, qualquer decisão, mesmo que seja da assembleia, mas eles fazem o que eles querem. E isto vai continuar, e eu também acabarei por desistir, infelizmente, ninguém me ouve, mas pelo menos há-de chegar a muitos lados, já tem chegado, a minha voz

C: não te vale de nada

Não interessa, mas...

AL: mas não acha bem que o baldio também tenha algum papel na melhoria da vida das pessoas da comunidade?

Não tem nada...

AL: por exemplo, aquela construção ali

Esta? Isto foi lá para a direcção, para as reuniões, lá para a direcção

AL: a parte de baixo

Foi só para isso, podia ter e devia ter, mas não, tem é para alguns apenas, agora para o global não, eles usam o dinheiro como eles querem. São capazes de fazer coisas onde não deviam, isso é verdade, e onde deviam ficam-se por... não, não, olhe, administrações florestais era o que devia haver, como havia antigamente, e um Salazar aparecer de algum lado para meter ordem nisto, porque actualmente, pode

ser ridículo por um lado, porque eu sei que há coisas que eu também condeno nesse regime, mas há outras que não tinha nada a ver com isto

AL: em termos de gestão florestal

Pode crer

AL: Mas sabe que também grande parte da culpa do Estado em que está a floresta também é um bocado do Estado que abandonou um bocado a coisa, não falo especificamente do Salazar ou de quem foi, mas a verdade é que prometeram um grande apoio e depois debandaram, e depois as pessoas também, sozinhas não puderam muito

Desta maneira é que não vai lá

Senhor Oliveira

Local: à porta da sua adega (sem gravação)

O senhor Oliveira não quis que gravasse, teve receio que isso o pusesse de más relações com os restantes habitantes de Fafião. Demonstrou ser uma pessoa que se preocupa de facto com o que os restantes pensam dele e que preza as suas relações sociais e de amizade na aldeia. Foi emigrante muito tempo e voltou há relativamente pouco tempo. Tem alguns campos na aldeia, com vinha e tudo o mais. Mas como estávamos na altura das vindimas quando conversámos foi a vinha que sobressaiu. A conversa não foi gravada e o que vem a seguir é o que consegui reter.

Começou por dizer que eles bem que o quiseram no CD mas ele não quis, porque não concorda com algumas coisas, nomeadamente não concordou sobretudo com a questão do terreno ao pé do cemitério ser com objectivo de se fazer ali umas vacarias ao pé do cemitério, que não tem jeito nenhum, quer dizer, está ali o padre a

dar a missa ou estão as pessoas a ir aos funerais ou não sei quê, e estão ali as vacas a mugir ao lado, para ele não tem sentido nenhum e ele discorda em absoluto e isso fez com que ele não concordasse com a forma como eles trabalham. De facto eu passei ao lado desse terreno, que é mesmo em frente ao cemitério e o terreno está todo já trabalhadinho, ele estava a dizer “pois vieram para aí umas máquinas trabalhar naquele terreno, só esse trabalho deve ter sido uns 6000 Euros, eu não sei sequer de onde é que vem este dinheiro”.

Segundo ele trata-se de vacarias para 4 ou 5 pessoas e que para ele não faz sentido que seja ali, quando lhe vieram perguntar ele disse que não concordava. Os outros alegaram que “estavam a ficar velhinhos e não nos convém construir as vacarias muito longe de nossa casa”, ao que ele respondeu “bolas, se podes vir até aqui também podes ir até um bocadinho mais à frente, isto não tem sentido nenhum”. A verdade é que aquilo está tudo trabalhado, tem lá material de construção ao lado e tudo indica que a coisa está a ir para a frente. E pelo que eu percebi foi uma área que o CD cedeu para a construção dessas vacarias.

A coisa mais positiva que ele tem a apontar é o trabalho que eles fizeram nas calcetas da aldeia, que aí tinha sido feito um bom trabalho. Diz que quando voltou da Alemanha que notou bem a diferença, que as coisas estão muito melhores em termos de caminhos na aldeia. Diz que antigamente as coisas eram muito melhor geridas, que havia os cabos de polícia, que eram pessoas entre os seus 50 e os seus 60 anos, homens, eram escolhidos na aldeia e pela aldeia, eram normalmente escolhidos entre os mais velhos. Tinham como responsabilidade marcar os caminhos e gerir a elaboração desses caminhos. Ele diz que isto existia tinha ele para aí 30 anos, ora ele hoje tem 70 e tal, foi há 40 e tal anos, portanto início dos anos 70, final dos anos 60. Perguntei várias vezes se estes cabos de polícia não estavam relacionados com a acção do Estado na florestação, ele disse sempre que não. Ele disse que nessa altura eles faziam um bom trabalho, por exemplo, estabeleciam que abaixo de 14 anos ninguém trabalhava nos caminhos. Porque também às famílias davas-lhe jeito ter os jovens em casa a trabalhar. Segundo ele nessa altura as vendas de madeira de pinheiro eram muito mais transparentes: chamava-se o madeireiro, ele propunha um preço, havia uma reunião, discutia-se qual era o destino da madeira, portanto, era tudo discutido com o povo nesses tempos. Agora não é assim. Disse que nesses tempos com pouco dinheiro fazia-se muita coisa, e que actualmente saem camiões de madeira e que ninguém sabe para onde é que vão, porque é que foi escolhido aquele madeireiro. Diz que se vendem milhares de pinheiros, que são aqueles pinheiros que ardem, vendem-se e contudo não se dá cavaco a ninguém, das contas, das decisões à volta desta questão da venda de madeira do pinhal dos baldios.

Um dos cabos de polícia era o pai da Dona Maria, que trabalhavam lindamente.

Diz que não vai às assembleias porque não quer discutir com eles, que chegou a ir a três ou quatro assembleias inicialmente, e que chegou até a não concordar com uma

questão, diz ele “fui lá e uma coisa que eu fiz bem foi, eu falei e não discuti”. Passou um abaixo-assinado, ou uma folha de votação sobre aquele terreno e ele não concordou com o fim que queriam dar àquele terreno, por exemplo. Diz ele “as pessoas votam e nem leem o que é que estão a assinar, assinam por baixo e nem sequer veem o que é que estão a fazer. Eu li, não concordei e não assinei. As pessoas depois perguntaram-me “então porque é que não assinou?”. “Olhe, porque não concordo”.

Ele esteve 33 anos na Alemanha, chegou há 8 anos. Não é uma pessoa que tenha estado cá sempre, não tem animais, não gosta de se sentir preso, gosta de andar de um lado para o outro a visitar os filhos e assim.

Como disse, ele foi incentivado a ir para o CD, não só ele, mas ele não quis, por essa mesma questão do cemitério, não concordou mesmo nada com isso. Diz também que a capela está uma vergonha, que a primeira coisa onde eles deviam investir era na capela. Eu aí perguntei “então mas acha que isso tem de ser dinheiro do CD?”, ele respondeu “ah, pode até não ser dinheiro do CD, mas podiam organizar um peditório, podiam qualquer coisa, porque a capela é o centro, as pessoas preocupam-se, as pessoas andam à volta e é um dos pontos fulcrais que tem de estar bem tratado. Mas pronto, lá disse “há uma coisa boa aqui”, que é a tal questão das calcetas e das estradas e assim.

Contou que o sítio onde ele construiu a casa dele, foi um velhote daqueles que geriam a aldeia na altura, do CD, que lhe disse “não...”, dizia ele “ah, mas eu gostava de estar mais perto da estrada”, e o tal senhor disse “mas olhe, não seja tolo, ponha aí a casa, tem aqui muito espaço para andar com o tractor e acredito que daqui a uns 5 anos vai haver aqui uma estrada. E veio uma estrada, o fim foi permitir a circulação das ambulâncias para o cemitério, e depois também outra estrada que vinha da igreja até ao cemitério para que haja os velórios. Portanto, actualmente aquela zona da sua casa está bem provida de estradas, e destaca o tal homem como um visionário.

Quando eu falei da igreja, então mas porque é que havia de ser o CD a pagar as questões da igreja, ele disse a tal solução do peditório e acrescentou “mas as pessoas já não dão, o problema é esse, é que as pessoas não dão porque acham que eles têm lá dinheiro guardado escondido. Eles, o CD. E por outro lado o padre não deixa. O padre diz que sem a licença dele não se fazem obras na igreja, portanto o padre quer é ter o dinheiro na mão, e isso também não está certo, ele quer ter o dinheiro na mão e fazer ele, e isso também não está certo.

Diz o senhor Oliveira, se eu alguma vez agora entrasse para um CD ia fazer como os velhotes, naquela altura cada vez que havia necessidade de se discutir alguma coisa soava uma buzina, o pessoal juntava-se, não havia cá sede, não havia nada, era na rua, fazia-se um ajuntamento, e este “é um sistema que eu sempre gostei e que acho que resulta, e eu iria pelo mesmo sistema.

No que se refere à florestação, diz que a florestação veio por bem, que deu dinheiro a muita gente, deu trabalho a muita gente, assim as pessoas conseguiam algum dinheirinho, coisa que não tinham “recebiam 11 escudos ao dia, veja só”. Claro que teve coisas boas e que teve coisas más, as coisas más é que no tempo das sementeiras do pinhal as pessoas não podiam entrar com os animais, e depois havia as multas e assim. E o Parque também, não tem nada contra, que deu muito trabalho a muitas pessoas aqui da zona. “Não tenho nada a dizer”, contribui também com dinheiro para os sapadores, se não fossem eles não havia cá sapadores “isso é tudo o Parque, é tudo importante, portanto, para mim não tenho nada a dizer mal do Parque”.

Diz também que nos tempos das proibições eles não podiam cortar pinheiro nenhum e hoje em dia podem, se um pinheiro está seco ou com um ar que obviamente o madeireiro não vai querer, eles podem cortar. Não podem cortar a eito, mas podem cortar.

No fundo é isto, o senhor Oliveira parece ser um homem razoável, mas não gostou nada da actuação do CD no que diz respeito ao terreno perto do cemitério. Por outro lado também tem a ideia de que o CD não informa acerca do que faz nem põe à discussão. Refere a falta de experiencia desta equipa de jovens que está no CD. Que insistiram com ele para ir para o CD, que não quis. Eu referi como seria interessante ter um CD composto por pessoas com diferentes pontos de vista e ele diz que não se ia aguentar lá, que não ia conseguir. Aí deu o exemplo do filho da dona Margarida que entrou e saiu logo a seguir porque não concordava, diz que não apresentam contas “isto não pode ser assim”.

Diz que é amigo de toda a gente e que não se chateia com ninguém e que mesmo que vá lá não discute, diz o que pensa, todos sabem o que ele pensa, mas não cria inimigos. Mas se não concorda não concorda, não ia para lá fingir que concorda quando não concorda com a forma como eles fazem as coisas. Que antigamente é que era, que as pessoas eram mais transparentes na forma como trabalhavam e as pessoas sentiam-se mais integradas.

Júlio

Local: Café do Fojo dos Lobos

J: [...] sim, sim, agora estou no Porto, vim há 15 dias para ali. Agora estou a adaptar-me ali ao serviço

AL: pois, és militar não é

J: sou. Mas agora estou ali numa parte mais administrativa e... não é muito a minha...

AL: não é?

J: não, não

AL: mas antes eras mesmo militar no activo?

J: sim, sim. Dava formação... mas eu sou militar de marinha, meios navais. E a primeira fase foi andar aí nos navios fora

AL: ah sim... e gostavas?

J: muito. Depois veio a família, os filhos... é complicado. Então depois fui para a parte da formação, comecei a dar formação

AL: a dar aulas?

J: sim, sim. E depois vim para aqui também para estar mais próximo da família. Vou ter que fazer aqui um *reset*. A nossa mente associa-se sempre àquilo que tu fazes, àquilo a que estás habituada... para cortarmos é complicado. Mas eu adapto-me bem às coisas

AL: [...] está bem... mas nunca largaste Fafião basicamente...

J: ui, nunca, nunca. Adoro isto pá... é uma paixão. E eu não nasci cá, não era de cá. Eu era ali da Ermida. Mas nós aqui, como já deu para reparares, ou seja, as duas aldeias viviam muito em comunidade, muito...

AL: sim, faziam o pastoreio em conjunto não era?

J: sim, tudo. Nós... aqui é o limite de concelho, limite de distrito, de província, ali divide tudo, Trás-os-Montes com o Minho é dividido aqui. E... para perceber que vivíamos mais em comunidade estas duas aldeias do que com o resto da freguesia... nós com o resto da freguesia nunca se viveu muito em comunidade, porque o que fazias aqui é muito igual ao que fazias ali na Ermida... o pastoreio, a maneira como cultivas, a maneira... muito mais próximo do que com a freguesia

AL: há-de ser também por causa de proximidade geográfica...?

J: proximidade, sim. Depois também as uniões das famílias, houve muitas famílias que vieram de lá para cá e então houve aqui uma junção de factores que obrigaram a que assim fosse... pronto, e como já sabes também, havia muito comunitarismo nesse aspecto... o boi era o mesmo, o boi do povo... entre as duas aldeias. Agora há um cá, mas antes quando se vivia em comunidade o boi fazia aqui a volta não é, à vez, e quando terminava passava para a Ermida, levavam-no à Ermida, e depois lá andava lá nas vacas da Ermida. As vacas da Ermida que precisavam do boi tinham de cá vir, as de cá precisavam quando o boi estava lá, iam de cá lá, e havia muito esta junção. E é isso... e muitos casamentos entre as duas aldeias, entre estas duas aldeias é que houve mais casamentos

AL: mas também foi com quem houve mais conflitos no baldio não foi? (RISOS)

J: pois... isso foi depois... mas entretanto não. Entretanto vivíamos muito em comunidade. Com Cabril não, com o resto da freguesia não. Havia aqui uma separação muito grande, muito, muito grande. Porque depois também para ali não havia nada, as pessoas a necessidade que havia era a de ires para baixo comprar alguma coisa, as poucas trocas que havia era para baixo, porque já tínhamos a estrada daquele lado, para aqui não havia estradas, e então havia a necessidade e as passagens eram todas por este lado, e então a afinidade, claro, com os tempos vai-se

ganhando não é. As famílias também, muitas famílias daquele lado casaram cá e de cá casaram para aquele lado, a ligação é toda mais para baixo do que para cima propriamente. E pronto... e depois claro... este é o caso de uma família que se gostava muito, não é, estas duas aldeias, depois a família chateou-se, percebe-se... e é assim

AL: a questão dos baldios [do conflito] já foi pós-1974 ou...?

J: já, já foi pós-1974, foi, foi. Isso porque nessa altura do 1974, e depois a seguir ao 1974 veio a floresta, chamavam-lhe a floresta, que geria o que era área florestal, o que era baldio. Depois veio o Parque Nacional, com a criação do Parque Nacional houve ali a possibilidade de haver a gerência dessas áreas baldias pelas localidades, pelas populações, e a partir daí é que começou a haver os problemas, porque depois há os interesses de cada aldeia, e aqui aconteceu isso. Nós... houve uma divisão entre as duas aldeias, uma divisão lógica da coisa para que nenhuma aldeia ficasse a perder, isto é como tudo... eu comparo muito este caso, nosso com a Ermida, a uma família... os pais querem que os filhos fiquem todos bem, não é, e fazem a divisão, muitos deles em vida, para que depois os filhos não se chateiem e não haja problemas, mas mais tarde depois os filhos reivindicam e chateiam-se à conta de partilhas, à conta de heranças... e aqui foi muito isso. Entre quando amigos fizemos a divisão, de que não há memória, não há memória de se fazer essa divisão aí, já eu desde pequenino

AL: mas diz-me só uma coisa, antes de haver só conflitos não havia qualquer tipo de separação entre baldios [de Fafião e Ermida]?

J: havia

AL: ah, já havia, só que era “utilizada” dessa forma comum

J: até houve a tal separação dos locais, uma divisão física lá nos... a divisão é pelas pedrinhas com as cruces, e isso foi feito que não há memória, ninguém... as pessoas mais antigas das aldeias não se lembram de ter feito aquilo. E se formos a ver há uma divisão lógica, que é a meio das duas aldeias, não é uma divisão geográfica como está... porque se nós formos ver a divisão geográfica ela vem para aqui para o rio. Então eles fizeram como faz uma boa família e dividiram as coisas a meio para que ninguém fique a perder, e então fizeram-na entre as duas aldeias mais ou menos, e ficou... depois quando começou a haver os tais conflitos, os tais interesses, de quando veio a questão de, a Ermida constituiu os baldios, Fafião constituiu os baldios, e depois, claro, depois há dividendos a tirar aí e começou a haver a questão da venda de madeira, e aí começou a haver aqueles problemas todos. Entretanto já tinha terminado a questão da vezeira, a vezeira separou-se [entre as duas aldeias], mas isso também não foi tanto por estarem zangados na altura mas pelo facto de não haver pessoas e de não conseguirem manter essa

AL: tradição...

J: tradição... que não era tradição, na altura era uma necessidade

AL: exactamente, não é a palavra correcta

J: exactamente, e as coisas foram-se separando e eles começaram a usar os currais deles, que eram usados pelas duas aldeias, mas que depois sabia-se que aqueles currais eram só deles, eles usaram só os deles, e nós usámos só os nossos, que eles também usavam mas, quando houve a separação deixou de se usar. Aqui o grande

problema foi na questão da divisão do monte onde havia realmente valor, onde havia, onde se podia ir buscar dali valor

AL: sim... madeira, o mato...

J: valor monetário... exactamente... a questão das madeiras, a questão dos matos. Isso do mato nem tanto, que as pessoas iam mais buscar mato mais próximo das aldeias, para não terem de andar a deslocar-se muito, e os locais próprios para o mato eram mais junto à aldeia. Aí a questão foi mesmo a madeira. E depois quando aqui a aldeia fez uma venda muito grande de madeira, porque ardeu e depois houve a necessidade de vender, e aí foi quando começou a despoletar o desentendimento entre as aldeias

AL: tu já estavas deste lado?

J: eu já cá estava, era criança... tinha... quando começou isso eu tinha para aí 5 anos. Vim para cá aos três anos

AL: ah, ok. És mesmo daqui...

J: sim, sim. E então, pronto, cresceste sempre a ouvir esse problema não é. Entretanto, depois, porque depois aqui também houve... quem geria as aldeias, nesse aspecto dos baldios, eram as gerações mais velhas, não é, porque queriam que as coisas se mantivessem conforme estavam. E depois vêm os mais novos com outra mentalidade, a tentar resolver o problema, mas entretanto já havia litígios em tribunal, foi um litígio de 25 anos. E entretanto também já havia aí casamentos. Essas pessoas que estavam em litígio já... faziam parte por exemplo, dos baldios de Fafião ou da Ermida, já estavam casados também entre... e houve ali um problema... percebes... nós aqui, por exemplo, como foi o caso do senhor Tiago que casou para lá e fazia parte dos baldios e depois foi contra a aldeia da mulher, o pai da mulher também não gostou... havia aí muitas histórias, o senhor Francisco também, havia assim muitas histórias aí que não era muito aprazível de serem vividas entre famílias, não é, porque depois há o problema das famílias e... ires passar um dia a casa de um familiar que ele não gosta de ti por causa de um problema que é de todos, não é, que é o baldio. Mas pronto, mas isto para te dizer que as pessoas viviam muito isto não é, porque é nosso e ninguém nos tira, e os da Ermida diziam o mesmo, a nós também ninguém nos tira, nós temos de ir para outro lado. Bom, e foi bom porque depois a geração que veio a seguir esqueceu um bocadinho isso e... porque depois o... quem estava no baldio lá também era pessoal novo, geração nova, e quando falo geração nova, isto há 20 anos atrás, que agora já tem 50 e tal anos ou 60, também... o Gouveia na altura, o Tiago, o Bruno... esse pessoal

AL: quem é o Tiago, não estou a ver quem é

J: trabalha nos sapadores, também é muito carismático...

AL: ah, não é o pai do Xavier, não...

J: não, esse é o Camilo...

AL: pois... não estou a ver quem é o Tiago, mas pronto, hei-de saber

J: e foi essa geração que... e do outro lado também havia, também o pessoal que estava nos baldios também era pessoal dessa idade, opa e fez-se ali um acordo, eles exigiam que queriam vir para o rio, mas nós queríamos manter a divisão normal

AL: então isso já foi mesmo recente, achava que tinha sido mais lá atrás

J: já, não, o acordo foi recente. E então acordou-se ali, dividiu-se, opa e a partir daí... porque havia corte completo, eles não passavam para cá e nós não passávamos para lá, a estrada... não havia. Houve a questão das pontes, que se queimaram as pontes, porque as pontes eram em madeira, para o pessoal não passar... houve aí grandes conflitos, mas era de cortar mesmo. E o pessoal da Ermida que vinha ali cortar lenha, o pessoal apareceu lá e atirou-lhe as motosserras e agressões... por exemplo, eles vieram reparar a estrada, porque a estrada na altura era em terra, e eu aí lembro-me, porque eu também para lá fui depois e aqui a aldeia... eles foram para lá de manhã e aqui a aldeia tocou o sino de arrebate ao meio-dia e o pessoal foi para lá todo, e aí o senhor Tiago... eu falo desse senhor Tiago porque ficou uma figura carismática, porque ele depois bateu ao sogro lá, o sogro também vinha ajudar a reparar a estrada [RISOS], e o Tiago “ai é, não gostas de mim, então já levas”. Na altura ficou na história do... o Tiago bateu no sogro

AL: [...] mas eu estava aqui a pensar que acaba por ser engraçado, porque hoje em dia ainda, ambas as aldeias são bastante aguerridas com os seus baldios

J: somos, ui, muito. Eles gostam muito do baldio deles mas agora respeitamos o que foi feito, o que foi feito no tribunal há 25, o que foi feito que o tribunal não resolveu... porque é difícil de alguém resolver uma questão que era da Junta, e agora chegar ali separar... é complicado, mexe-se com muita coisa não é, mexe-se com muita tradição, mexe-se com muita comunidade que havia aí, e então nunca nenhum tribunal tomou partido de decidir, porque... provisões cautelares, mais um recurso, mais um recurso, mais um recurso... e andou-se aí nesse jogo até ao acordo, o acordo teve de ser feito senão não...

[fomos interrompidos por uns ciclistas amigos do Júlio, e ele explica que “aquilo é pessoal da Ermida, estás a ver, tu não vias disto aqui nessa altura”]

J: e então, quer-se dizer, fez-se esse acordo e a partir daí epa, claro que com alguns receios, e esta rapaziada está toda bem, mas o pessoal de idade ainda olha... eles eram ainda muito mais aguerridos do que nós nesse aspecto. Eles agarraram e ficaram mesmo, ficavam muito chateados mesmo

AL: pois, também tinham outra relação com o baldio não é...

J: exactamente

AL: e como é que os SF se metiam aí no meio? Não se metiam?

J: não, não se metiam, não tomavam parte, nunca se meteram

AL: não houve qualquer tipo de implicação

J: não, não, eles nunca se meteram nisso. Os municípios evitaram também, por exemplo aqui o nosso evitou também meter-se... pá, pronto, e depois as coisas foram-se fazendo... por exemplo, a estrada, veio a abertura da estrada porque a estrada era em terra muitos anos, muitos anos também por causa disso, porque depois o pessoal não se entendia quem é que reparava, quem é que fazia a estrada e quem é que não fazia, porque depois aqui havia um problema... geograficamente a nossa divisão é só aqui no rio, mas nós entre acordo da aldeia é até meio, até meio dos dois rios. E depois se o nosso município fosse arranjar a estrada só até ao rio, nós ficávamos chateados, nós dizíamos aqui aos presidentes, “opa não, se é para isso não queremos a estrada arranjada”. Então entre as Câmaras juntaram-se, eles juntaram-se e fizeram a estrada em conjunto, entre os dois municípios, entre

Montalegre e Terras do Bouro juntaram-se, e já não foram as localidades que interferiram e então entre eles...

AL: eles conseguiram organizar-se melhor do que a malta aqui (RISOS)

J: exactamente

AL: não é fácil, são políticos

J: e fizeram a estrada... e a partir daí as coisas começaram a ... desde o acordo que fizemos, ok, tem de ser dividido, tem de ser dividido, porque senão depois as gerações que vierem a seguir... e agora sim, o pessoal está aí todo amigo novamente

AL: pois, até estava a pensar que isso acabou talvez por contribuir para que... porque eu noto que há uma diferença... e na Ermida também, eu não estive muito tempo na Ermida, mas cheguei a falar lá com o presidente do CD e noto que há uma proximidade maior entre as novas gerações e os baldios [de cada uma destas duas aldeias relativamente a outras]. Claro que já não é naquele sentido da produção animal, mas não deixa de haver uma ligação, mais do que noutras aldeias. E se calhar esse conflito acabou por levar a isso também

J: ah, foi... não isto deve-se mesmo à geração nova porque senão, as pessoas dessa idade que viveram a parte, a tal parte boa, e depois se chatearam, quando são as mesmas pessoas a fazer essas duas partes, o ódio está muito ali junto ao amor e depois a conciliação, esquece, não consegues... então teve de vir alguém, que foi a geração nova e tentou pegar “ok, isto está mau...”

AL: e achas que foi por isso que a geração nova se aproximou dos baldios ou achas que ia acontecer na mesma?

J: não, acho que ia acontecer na mesma, acho que não foi por aí, não, não, não. Talvez, fruto de sermos muito agarradinhos a esta questão que houve estes conflitos e agora não queremos deixar perder, sim, também, acredito... porque ouvimos os nossos pais, lembramo-nos também do que se passou, então decerto agora também queremos muito que as coisas se mantenham. É por isso que quem está à frente dos baldios são pessoas mais novas e... tem muito também a ver com isso. Porque claro que se fossem gerações de mais idade, não havia a dinâmica que há, percebes

AL: pois, pois. Não, e isso é uma coisa que também se destaca aqui, tanto aqui como na Ermida, menos em Pincães, que as gerações mais novas estão bastante activas nos CD

J: é... porque tem que ser. Porque senão não... pá, porque os baldios, vamos lá a ver, os baldios não vão... [?] da palavra é para gerir baldio, percebes, o baldio é a área que tu tens, que não é de todos mas é de todos, que podemos usar dentro das regras que estão cá instituídas, locais, usar o baldio para teu bel prazer, não é... a recolha de lenhas, a recolha de matos, não pedes a ninguém não é, eu posso fazê-lo livremente dentro das regras. Os matos... podes limpar os matos que quiseses, mas por exemplo, as lenhas têm que ser lenhas secas, lenhas que não estejam prontas para ser vendidas, e nós aqui temos muita lenha para isso, usar os caminhos para teres acesso à montanha, por exemplo o transporte das águas nascentes, todos os locais têm um nascente próprio que foi buscar à montanha e nisso o baldio...

AL: é impagável

J: não é? Os nossos baldios... e é por isso que há aqui uma ligação muito grande aos baldios, porque os baldios proporcionam isso não é

AL: claro... mas eu não vejo isso noutras aldeias... ou então

J: pois... porque há muita usurpação, o que há nas outras aldeias é que houve muita usurpação dos baldios, que é uma coisa muito fácil de ser usurpada, percebes, de ser adquirida. Aqui também o tivemos... eu quando fui para os baldios, esse foi um grande trabalho que eu tive, e um grande trabalho também de criar aí algumas inimizades, percebes. Sou uma pessoa muito pacífica e gosto... a minha vida, primo por tentar dar-me bem com toda a gente, o que às vezes é impossível, não é, mas tentar... porque a vida já me ensinou que

AL: é só uma

J: que é só uma e não quero andar aqui zangado com a vida. E muito menos andar zangado aí com os meus vizinhos. E por isso essa altura foi uma altura muito má, foi na altura que aí tentaram fazer a usurpação de terrenos, de muitos terrenos. E depois claro, problemas, tribunais! Só o tribunal é que pode decidir, e aí crias os tais problemas que são inevitáveis. Porque tu metes um caso em tribunal, esse senhor ou essa senhora tem familiares que são teus amigos e por tendência chateias-te aí com várias pessoas. Mas até isso tentamos os acordos, mas é sempre complicado. E depois tu és novo, eu vim para os baldios tinha 20 e tal anos, és novo, “o que é que vem para aqui agora este fazer”, percebes, e só o tempo é que te dá razão, e só com o tempo é que se chega ao ponto de “pronto, resolveu-se “. E vieram outros a seguir que seguiram esse caminho também

AL: mas foi no sentido de acabar com as privatizações do baldio?

J: claro, claro, epa isso não pode ser usurpado então... uma coisa que nos deixaram, toda a vida quem passou fome não usurpou e agora nós só porque temos ali um terreno para amanhã venderes

AL: às vezes são coisas muito antigas não é?

J: exactamente, nós aqui havia a concessão de poderes vedar ou para construir, quando já veio depois a fase da construção, na altura a aldeia, no tempo da floresta ninguém construía não é, só o nicho da aldeia, e depois veio os anos 1970 e já veio a emigração e já houve mais dinheiro, e já veio também pessoal com outra ideia para fazer as construções e essas construções novas que estão por aí já são desse tempo, e claro que o pessoal também acha necessidade de alargar e esses terrenos foram todos dados para construção. E eram dados para construção e eram dados também para cultivo, quem quisesse cultivar o baldio dava. Porque já era também uma ligação que vinha da floresta, anterior, antes do 25 de Abril, quem quisesse cultivar, dava-se terreno para as pessoas cultivarem. Deixas de cultivar perdes o direito ao baldio, esquece... as pessoas que vieram a seguir, os herdeiros que vieram a seguir já não quiseram trabalhar, mas quiseram ficar com eles

AL: pois... ou seja, até lá às vedações não eram propriamente permitidas

J: não eram permitidas. E a partir daí o pessoal quis usurpar isso tudo, opa, e eu no auge dos meus 20 e tal anos, claro epa, “não pode ser, não pode ser, não pode ser”, e pronto, claro, dá-se esses problemas todos, também não pensas bem depois o problema que pode vir a seguir daí, epa mas são coisas que tinham de ser feitas porque senão...

AL: pois, exacto, depois as excepções que se criam “então mas aquele pode e eu não posso...”

J: isso, depois há isso, opa, é evidente, houve muitas chatices nesse aspecto depois. E depois o pessoal associou...”bolas agora que resolvemos o problema com a Ermida, e agora estamos a zangar-nos cá nós?”. Pronto, mas depois as pessoas... mas isto também foi bom para metermos um travão. E hoje, felizmente, ao fim destes anos, já não temos ninguém aí a tentar fazer esse tipo de malabarismo... porque depois as pessoas queriam os melhores sítios percebes. Esses melhores sítios, sabes qual é a intenção, é amanhã vender, ou fazer o que quiser. Opa, e ganhar dinheiro com uma coisa que é de todos, da comunidade, de alguém que preservou durante anos e anos no tempo da fome, que não saíam daqui para fora. E isso também está um bocado no nosso orgulho não é... para não deixarmos fazer isso. Pronto, e neste momento as coisas estão mais ou menos controladas. Há aí uns pequenos problemazitos mas é só de ajustes

AL: ainda em relação a essa questão...?

J: sim. Já aconteceu por exemplo, aqui numa zona, chegou-se a um acordo que o baldio [interrompidos por alguém que chega] e agora estamos aí assim. Chegou-se à conclusão aí também em reuniões e [?] aí da aldeia que, ok, as pessoas, gastou-se muito, etc., também foi um erro levar esses [?] a tribunal, porque depois isto claro, tu tens a tua mentalidade, e depois as pessoas que se acham donas também têm a mentalidade delas, e isto choca

AL: sim, e depois habituam-se de tal maneira que se esquecem que houve um tempo em que

J: exactamente. E então ok, para tentar compensar aí essas questões deu-se a oportunidade às pessoas de ficarem com esses terrenos, mas em troca têm de deixar... têm de comprar, não podem usurpar aquilo, têm de deixar para ficar dinheiro para a comunidade para fazer os trabalhos que forem precisos

AL: depois fica o dinheiro no CD...

J: fica o dinheiro na aldeia... é, é. E é esses pequenos ajustes que estão a ser feitos agora aí, não sei como é que isso está

AL: tu agora não estás no CD, de maneira nenhuma...

J: não, não, não. Gosto de ter a minha responsabilidade naquilo que eu acho que deve ser feito e que não deve ser feito, faço questão de estar em todas as assembleias, faço questão de viver um bocado aqui a vida da aldeia porque sinto-me fafioto, e se as pessoas não vão, as pessoas não partilham as suas ideias, não dás a tua opinião para que as coisas se façam, então depois também não podes ter

AL: não pode estar a criticar não é

J: a criticar ou deixar de... “ah, porque assim, porque assado”... opa, não. Eu acho que a vida não tem de ser assim, temos de ter uma voz activa naquilo que... no que for, não é, na tua vida, a trabalhar, na tua vida social

AL: e cá acontece muito haver malta que critica e que não vai às reuniões não é?

J: exacto, é, muito, muito. Mas isso os meios pequenos também são muito assim não é. Mas é mais porque depois nós somos pequeninos, as pessoas não vão às assembleias, mas depois toda a gente sabe o que é que lá se passou e depois sabem

às vezes de maneiras distorcidas não é... “ah, não pode ser assim”. Pois não, mas essas pessoas não podem falar porque não foram. Eu estou sempre a dizer às pessoas “você têm que lá ir”, “têm que criticar criticam lá, não é depois. Porque fora da assembleia não se resolve nada, o que se resolve é chatices, é problemas, percebes, o que se resolve na assembleia é o que vai ser feito, as coisas não podem ser feitas sem passar pela assembleia. Agora se me perguntas se o baldio é essencial para a vida da aldeia, é essencial para a vida da aldeia, esquece isto estar entregue por exemplo às Juntas de Freguesia ou à... nós aqui que somos muito separados, muito distantes, percebes, nós não temos muita ligação a Cabril, ao resto da freguesia, imagina o que é, esta é a maior fatia de rendimento que o baldio pode ter, a freguesia, nós aqui em Fafião, imagina isto a ir para a freguesia... esquece! Percebes, e aí faz falta teres aqui o baldio, gerires aquilo que é teu, conservares os teus caminhos, a Junta não gasta aqui um Euro na conservação dos caminhos, na conservação dos trilhos, é tudo a aldeia percebes. E depois claro que há pessoas que criticam “ah pois, gasta-se aí o dinheiro todo nos caminhos, nos sapadores” ... não se gasta

AL: os sapadores são um alvo muito fácil

J: é um alvo muito fácil... porque os sapadores estão a dar trabalho a cinco famílias na aldeia, eu imagino essas cinco famílias fora daqui... a aldeia ficava sem ninguém

AL: pois... mas às vezes ouve-se, “não fazem nada, andam para aí no carrinho”

J: pois, é isso. Mas isso é fácil criticar. Mas se isso termina, e isso claro, leva uma grande fatia do orçamento dos baldios, mas se isso termina... esquece. Vai haver mais incêndios, vai arder muito mais o pinhal, vai arder... depois não tens o dividendo da venda da madeira, os caminhos são intransponíveis, os trilhos são intransponíveis, piora... e o trabalho dos baldios é esse, o dinheiro dos baldios propriamente dito, é esse, é teres uma equipa que trabalha para o baldio, que trabalhe para a tua natureza, para a tua floresta. Esse é que é o trabalho do baldio. Porque as pessoas depois confundem muito, que o baldio tem que gerir é isto. Isto não, isto quem tem de gerir isto é a freguesia e os municípios, o bem-estar das populações a nível de equipamentos básicos são eles. O baldio é isso, é gerir a tua floresta, a tua mancha, e aqui tem bastante, nessa questão de caminhos, de conservações, e esse dinheiro gasta-se aí. E depois gasta-se aí e não é só isso, porque depois nós fazemos tudo o que se faz aqui na aldeia, é as autarquias que ajudam mas nós também damos uma parte. É por isso que aqui a nossa aldeia está muito diferente a nível de aprazível do que muitas aldeias que nós temos na freguesia, porquê? “Nós queremos que vocês façam mas nós ajudamos”, e por isso a freguesia obrigam-se também a ajudar, porque nós também ajudamos, percebes, uma coisa custa 10000, metade ou parte somos nós que suportamos, porque isso é a parte também do baldio. Está bem, ok, o dinheiro não é só para gastar também no baldio, se houver também é para o bem-estar dos locais, porque nós... havendo é... e às vezes aí as pessoas também... é a tal situação, as mentalidades são diferentes, não é... eu olho agora de uma maneira diferente a aldeia do que aquele que viviam os meus passados, os meus passados viviam as vacas, os animais, o pastoreio... não podes, hoje não posso pensar assim senão estamos a enganar-nos a nós próprios. Eu não posso pensar que Fafião tem que ter um rebanho de 1000 cabras e que tem de ter um rebanho de 100 ou 200 vacas, não posso... é impossível, não tens pessoas para fazer isso, porque as pessoas têm que ir à procura de um emprego, deslocam-se, e ao se deslocarem não podem continuar a manter as tradições que havia. Por

isso nós temos de manter a mentalidade aberta para pesar isso tudo. E quando tens a mentalidade aberta vais chocar com outras mentalidades que são um bocadinho fechadas, não é. Mas tens que tentar também perceber isso, quem está à frente de uma aldeia, e eu estou à frente da associação neste momento, e sinto isso um bocado percebes. Tens de ter a mentalidade para jogar com isso tudo. “Ok, eu tenho esta mentalidade, eu penso assim, mas também sei que aquela pessoa tem o direito de pensar diferente de mim e temos de tentar arranjar aqui uma solução

AL: pois, eu penso que a diversidade é sempre interessante, para chegar a determinadas conclusões é imprescindível

J: é... mas uma coisa é tu estares tu, na tua, tens a tua voz activa, sim senhor, a tua opinião, mas depois decidir e... depois quem está aqui à frente é sempre o alvo “ah, é o Júlio, ah é aquele... ah é aquele”. Só falam das pessoas que estão à frente, é o mais fácil... para o bem e para o mal. Às vezes também ouço “ah Júlio és uma máquina”... epa não, não sou uma máquina, não sou só eu, somos todos, porque também quando dizem mal não sou só eu, somos todos. Tu não decides as coisas sozinho nem...

AL: mas isso é curioso também, porque de facto é isso. Eu quando andava aqui ouvia várias menções ao Miguel, e ouve-se, e as pessoas sofrem um bocadinho essa pressão

J: é, é, ouve-se muito

AL: as pessoas, todas elas que passam pelo CD. E às vezes pergunto-me que tu, ao saberes que vais comprar uma data de inimizades ao assumires esse papel, assumes na mesma, ou seja, o que é que vos leva a ser tão activos no CD ou na Assembleia, ou no que for?

J: é o tal gosto que tu tens, porque sabes, e eu consigo separar, não somos todos iguais, e o Miguel é meu amigo e... aliás, sou amigo de toda a gente na aldeia, e fosse quem fosse que estivesse no baldio, eu tinha a minha responsabilidade na aldeia, era a mesma. Eu o que ajudo o Miguel, ajudo qualquer um que lá estivesse, com as ideias, se é preciso ir para o terreno vamos, se é preciso irmos aqui vamos, isso é igual. Eu percebo que nem todos têm a mesma maneira de estar com a aldeia, com as pessoas, que tenho eu, ou que tenha outro, a, b, x ou d. E depois as pessoas é a tal situação, é muito fácil de dizer “ah, este é muito mais, é muito boa pessoa, aquele é muito menos...”, mas isso é normal que seja assim. Depois esses termos de comparação também não me agradam muito porque “ah, o Júlio dava voz a toda a gente, ouvia toda a gente”... o Miguel falam muito por causa, pronto, do feitio dele, mas está a fazer um belo trabalho, está a manter a preocupação que não haja usurpação, tomou bem o testemunho dos que têm vindo de trás, não é, esse foi um trabalho terrível aqui na aldeia e chateei-me aí com muita gente, que agora dou-me bem outra vez, mas foi mau para mim, sofri muito com isso porque a minha ideia dizia-me que não podiam fazer usurpação, mas depois também pensava “pá, mas eles pensam à maneira deles, eles acham que aquilo que realmente é deles, que é um bem adquirido, mas como é que é um bem adquirido...”, percebes, punha-me um bocado também na pele deles. Mas tentei seguir o melhor caminho sem levar ali grandes, pronto. Mas consegui apaziguar, também comigo mesmo, não é, e dar-me bem com as pessoas. O Miguel já não é assim, sei lá, não é de tão fácil abertura, não... mas isso para dizer que nós agarramo-nos a isto porque gostamos percebes. Então como é que eu agarro a vir todos os fins-de-semana de Lisboa para aqui... estava tão bem lá em baixo, levava para lá a família... digo eu, que estava tão bem que não estava

[RISOS]. Tanto estava que não estou não é, mas era mais fácil para viveres do que vires para aqui, tenho aqui a minha vida toda

AL: não, mas mesmo estando aqui a viver, uma pessoa não tem de se entregar dessa maneira a um cargo desses não é

J: não, não, e há pessoas que não se entregam assim. Mas, mas é por isso, e depois também há aquela questão aqui... por exemplo, eu quando lá estive, eu fui para lá aos vinte e tal anos. Quem esteve antes começou a pôr a aldeia a mexer. Foi o tal pessoal novo, foi na altura o Gouveia, o Bruno, o Manel, o Tiago, rapaziada também com 20 e tal, 30 anos, há 20 e tal anos atrás... opa e depois esses quando começaram a dizer que têm que se começar a mexer, porque de dois em dois anos era eleições, agora já são 4 anos, na altura era de dois em dois anos, e começaram a meter sempre alguém que tu achasses, que tu visses que podia tomar conta. E eu entrei nessa fase. Porque eu sempre muito activo, a arranjar actividades para fazer, para nos entretermos aqui ao fim de semana, porque se não tens nada que te agarre também... se não gostas... isto é como o amor, se gostas, gostas, se não gostas desligas não é... vais para outra. E aqui é igual, também se vens aqui e não tens nada que te agarre, que tu gostes, disto ou daquilo. E pronto, fiquei na altura, já estava na marinha

AL: ah, já estavas fora parte do tempo

J: já... e é difícil conseguires conjugar isso tudo. Depois também arranjei uma equipa à minha maneira de pessoas que estavam cá. No primeiro mandato ainda foi com eles, porque é a tal passagem... foi com eles [com os anteriores, mais velhos], eu estava em segundo lugar e ia tomando conta do que era preciso, porque há aqui muita coisa por trás, percebes... negócios com as autarquias, com os parques, isto é uma gestão muito grande para estar... foi na altura que houve muitos projectos, metemos muitos projectos florestais, de limpeza da floresta... e isso dá muito trabalho por trás, o tal trabalho que não se vê, só passando por lá é que se sabe. E depois quando fui para a frente fui, mas tinha que ser com uma equipa minha, porque se eu não estou tenho de passar a responsabilidade a alguém, tens que ter uma responsabilidade, tenho que ter alguém que seja... e de facto agora com o Miguel não está a acontecer muito isso por isso, percebes. E é só o Miguel, só o Miguel, e isso é muito mau, as pessoas... e depois o Miguel como não é muito aberto, as pessoas criticam muito à conta disso. E é mau, é mau... mas isso... pronto, eu na altura fiz a equipa à minha maneira, foi na altura que depois entrou o Xavier, fui buscar o Xavier, também já tinha 20 e tal anos

AL: entrou contigo ou

J: não, depois, a seguir. Depois eu disse-lhe “tens de ficar tu que eu vou sair” “ah, não, és tu”... “não, vais, vais tu”. Pa, fez um trabalho maravilhoso, ele também tem visão para a coisa, gosta da aldeia, estava cá todos os dias, é mais fácil porque, se vem alguém do Parque está cá presente, e eu tinha que ter alguém que fizesse esse trabalho percebes. Na organização seria eu a gerir e não sei quê, mas depois no terreno preciso de alguém que dê a cara e que fala a tua voz. E ele fez isso muito bem e gostei muito de trabalhar com ele. Gosta muito de falar com o povo também, gosta muito de... é boa onda

AL: por acaso não falei com ele ainda

J: é, é, muito boa onda. E pronto, depois eu saí, ele ficou. A partir daí também ele começou a arranjar a equipa dele. Pronto, ele depois saiu ficou o Miguel, que também já vinha de trás, assim

AL: pois, há aí críticas, que é como se houvesse aí uma frente que vai dando o lugar aos seus discípulos

J: é, é isso, é isso, mas também muito por causa disso percebes. Porque depois, claro, tu queres a tua equipa, tu não vais... e depois ao criares a tua equipa quem é que tu chamas “mas aquele não vai vir, porque senão...”, percebes, e há ali assim

AL: ah, existe isso

J: existe isso

AL: pois. Mas há eleições abertas, se as pessoas não se candidatam também

J: pois, não podem criticar. Mas eu percebo, eu consigo perceber, mas é a essas pessoas que eu digo “epa, tendes que lá ir à assembleia, fazeis uma lista”. “Fazer uma lista para quê, se vamos perder”

AL: depois é famílias, e a família é grande...

J: pois, e junta com ele, e junta com este, pois, é isso, é isso mesmo. Mas eu percebo isso perfeitamente. Agora assim, imagina um dia em que me meta outra vez nisso, que não vai ser difícil

[RISOS]

J: quero que sejam outros a entrar para passarem por lá também... porque passando por lá é que dão razão à coisa percebes, é que vêem o trabalho que isto dá e também te agarras a isso de outra maneira. Claro, a aldeia tem muita gente que possa fazer isso. Mas um dia que por obra do espírito santo que isso acontecesse, claro que eu ia tentar fazer essa junção, para que não fosse... porque eu sei que as pessoas criticam isso. E há muitos bons valores aí que não estão a ser aproveitados

AL: e por exemplo, na questão da vezeira, que eu acabo por identificar as mesmas pessoas nuns sítios e nos outros, nestes dois tipos de conflito, digamos. A vezeira por exemplo, eu notei que a vezeira foi separada agora

J: nas vacas...?

AJ: sim, sim, das vacas

J: tem muito a ver com isso percebes, dos tais litigiozinhos. Mas é a tal situação, quem está na vezeira que guarda, é aquele pessoal que já passou pelos baldios e que dá algum valor, e que dá valor à tradição e quer mantê-la, percebes... a outra parte não, a outra parte só lá vão de vez em quando... mas isso, as pessoas são livres de fazer isso, e mantém-se a regra, porque há regras... umas não podem ir por um lado, as outras não podem ir pelo outro

AJ: pois, separaram um bocado o baldio não foi

J: mas isso sempre foi assim, percebes, isso sempre foi assim. Sempre houve a tal questão do feirio, feirio são as vacas que andam à solta, mas sempre houve isso

AJ: sempre houve feirio?

J: sempre houve feirio, as pessoas que não queriam ir para a vezeira também tinham direito a que as suas vacas pastassem. Qual é a questão da vezeira, a questão da

vezeira é que os animais são guardados, e se houvesse um prejuízo, uma vaca que morresse, ou que partisse uma perna, a associação, aquela vezeira, ajudavam-se entre eles. Os outros não... a responsabilidade era toda deles e não havia interajuda, não havia nada. E isso sempre existiu

AJ: ah, eu achava que antes estavam todas na vezeira

J: não, não. O baldio é isto tudo, esta zona era da vezeira, e depois havia uma pequena parte, separada não é, pela parte física da montanha e depois com algumas divisões que se criavam em pedra, para os animais não passarem para a vezeira e quem quer andar com as vacas à solta, é ali

AL: ah... então esta questão não é novidade...

J: não, aqui a novidade foi, houve muita gente agora a sair para essa parte, a deixá-las andar... porquê? Não querem ter a responsabilidade de as guardar, e depois não se identificam com as pessoas que lá estão e houve também essa separação. Mas essa... a questão da vezeira e a questão dos animais que andam à solta sempre existiu. Porque eu, se não tinha possibilidade de as meter na vezeira, porque a vezeira obriga-te a estar, se eu não tenho essa possibilidade, tenho possibilidade de ter animais, mas andam no baldio que é de todos não é... têm direito. Não têm é depois a interajuda de todos

AL: não usufruem do comunitarismo... para o bem e para o mal...

J: exactamente... para o bem e para o mal. E sempre existiu... claro que a vezeira era muito maior, havia muita mais gente, as pessoas com essa necessidade de se acontecesse alguma coisa ao animal saberem que os vizinhos iam ajudar... havia essa necessidade, e o comunitarismo existia pela necessidade, não era pelo bonito. O comunitarismo era pela necessidade que nós tínhamos, e então aí sentiam que era necessário estarmos ali todos e se acontecer alguma coisa qualquer, eles ajudam-me. As pessoas obrigaram-se a isso durante muitos anos, e ainda hoje ainda fazem isso, mas hoje já se faz mais até por carolice...

AL: (RISOS)

J: é, é... por carolice...

AL: mas aqui ainda assim ainda há alguns animais...

J: há... mas isso também há pessoas que saíram da vezeira para a parte livre por causa de não se identificarem, de não gostar das pessoas que lá estão... porque isto aqui é fácil chatearmo-nos por qualquer coisa

AL: oh caramba, não é fácil viver-se em comunidade

J: os meios pequenos são complicados à conta disso, porque nós sabemos que o vizinho, ou aquele vizinho, disse mal de mim... num sítio grande, tu dizes mal de toda a gente e não se leva a mal. Eu aqui não... andam a dizer mal de mim porquê... eu vou tentar saber, mas as outras pessoas zangam-se logo

AL: não é fácil... é uma pressão constante

J: é, e aqui vive-se com muita pressão por causa disso. Há muita dinâmica, e depois vêem uns a fazer, outros a crescerem mais, outros a viverem melhor, e porquê? Porque é que vivem melhor, esses gajos que passaram pelo baldio... e o que eu costumo dizer sobre isso é fácil, a única coisa que o baldio nos dá, é a quem quer,

é tentares usar o que aprendes ali. Quem está no baldio e que luta muito no baldio, conhece com muita frequência quem está nas câmaras, quem está nas Juntas, quem está nos parques, tens uma abertura muito maior. Para depois conseguires alguma coisa, conseguires... não é conseguires, ser fácil, imagina... tu queres fazer o teu próprio negócio, é fácil tu saberes que... porque sabes...

AL: sim, já estás dentro do meio institucional abrangente

J: exactamente, para criar uma empresa é assim, o que é que acha que eu devo criar... é mais fácil do que para as pessoas que não... e é essa estaleca que nós ganhamos

AL: que depois às vezes se reflecte na realidade não é

J: claro. E depois não era só isso, e depois foi a tal situação de serem pessoas novas a irem para o baldio, porque as pessoas velhas já não iam fazer negócio nenhum... as pessoas que estavam nos baldios, ou que estavam noutro lado qualquer, mas isto fala-se em todo o lado, nas Juntas de Freguesia, em instituições... as pessoas que vão para lá com idade, o que é que vão dar depois? Não vão pegar em empresas, não vão fazer o próprio negócio... aqui toda a gente faz o próprio negócio porque eram novos... nós estamos a falar do Gouveia por exemplo, foi para os baldios com 30 anos, estava a começar a vida dele. Claro que ele tem de fazer, ou era sempre empregado toda a vida ou... não é? E aí abriu a mente... porque depois sai daqui para fora, vê nos outros lugares pessoas da idade dele também que pegaram na empresa de construção, depois também na altura toda a gente fez de construção. Porque iam para Montalegre, e os amigos que também iam às reuniões também eram construtores, então... a tal abertura que há, o tal diálogo que há, porque nós depois falamos uns com os outros, e direcciona-os muito para aí. Agora é evidente... pode haver desvios? Ah, pode haver, mas isso há em todo o lado. Agora, ou gostas ou não gostas... se gostares levas a coisa como achares que deves levar, com regras, porque tem de haver regras, porque agora já há muitas regras nesse aspecto. Antes não havia contabilidades, ninguém te pedia contas... mas opa, acredito que pudesse haver aí, mas é complicado numa... num grupo que tem 5 pessoas, o CD por exemplo, que tem 5 pessoas. Aliás, são 12, mas quem está a gerir são 5, são mandatados para... e é muito complicado... e os dinheiros que funcionam é tudo por conta, não há dinheiro vivo... percebes, é muito difícil... mas agora, percebo perfeitamente que as pessoas associem isso. "Ah, passou, olha, tem um restaurante, o outro tem uma empresa, o outro tem máquinas, o outro...". O Marco foi alvo disso também... o senhor Marco... também esteve nos baldios, e foi criticado por... porque depois ele também fez a empresa... ele já tinha a empresa, trabalhava aos dias. Mas depois, quando saiu dos baldios, ao fim de alguns anos, criou a própria empresa, melhorou, comprou uma máquina, começou também toda a gente a falar que foi por estar nos baldios. E isso é fácil... e quem tem a mente aberta percebe que é fácil ser criticado por causa disso, mas não podes fazer nada, tens que viver com isso. O que é que vais fazer? O que é que vais dizer? Mesmo que já tivesses alguma coisa, isso já não conta, nem que já tivesses património, que já tivesses a empresa, isso não conta... conta é o que se faz depois a seguir... ou porque trocou o carro, ou porque fez casa

AL: uma pessoa que não saiba nada do assunto e ouça o que se ouve, fica com uma versão...!

J: é... e depois se não tiveres abertura para ir perceber o que é que é verdade e o que não é ficas sempre com aquilo na cabeça, que é assim... que é mesmo verdade

AL: não te quero tirar muito tempo, sei que já é tarde

J: estamos à vontade, hoje é domingo

AL: é? Hoje ainda vais para o Porto?

J: não, para o porto só vou amanhã... mas hoje já vamos para Braga, que nós à semana vivemos em Braga, que os meus sogros têm casa lá e foi por isso que eu vim para o Porto. Faço todos os dias, é pertinho

AL: então, uma coisa que ainda queria aqui, era perceber uma coisa... sei que vocês estão em autogestão, não é... já não têm os SF a intervir na vossa floresta, mas há alguma intervenção da parte deles, por exemplo na... sei lá, aconselhamento, o que for, na parte da gestão da floresta...? Ou é mesmo só vocês e vocês, e as empresas que venham a contratar

J: quase que é assim, não devia ser, mas quase que é mesmo autogestão, nós fazemos as coisas por nossa auto-criatividade, aquilo que achamos que deve ser feito

AL: mas por exemplo, o Parque Nacional tem alguma coisa a dizer, por exemplo, sobre os vossos cortes de pinheiros, ou não?

J: hmm, não tem... bom, essa questão dos cortes, o parque queria era que não houvesse pinheiros, percebes, a gestão é essa. Por um lado percebe-se, mas por outro lado não se percebe. Claro que eu antes queria também ter aqui uma mancha só de folhosas, de carvalho, de... mas também tens que perceber que tens de viver também da rentabilidade do que para ali há

AL: e os pinheiros vieram cá parar pela mão do Estado e agora é o Estado que quer acabar com eles

J: percebes... e tu tens a parte de que o pinheiro é mau, mau para os incêndios, mau... pá, não te dá mais nada, só te dá mesmo a madeira. Mas também, a partir daí nunca mais faltou lenha às pessoas, não havia... as pessoas tinham de andar quilómetros para ir buscar a lenha. Isso depois começou a ficar muito arvoredo em pinhal, já começou a haver muita lenha também para as pessoas se aquecerem. Porque antigamente era complicado, os meus tios contam-me que antigamente tinham que ir com os carros dos bois buscar lenha muito longe. Hoje é inimaginável lá ir, percebes... lá em baixo, ao rio Toco, ninguém lá vai hoje buscar lenha, porque temos aqui o pinheiro que é muito fértil cá, não é. Essa é a parte boa, porque veio dar lenha para as pessoas viverem, as pessoas usam, e levam para as suas casas sem terem que pedir nada a ninguém não é... desde que esteja seco, é a tal... ardeu, morreram, pode-se trazer. E é a tal parte vendável, que pode-se fazer negócio, de vez em quando pode-se vender para que tenha dinheiro aí na aldeia para manter o que se tem de manter, os caminhos, fazer algumas obras também, que estava a falar, em parceria com as autarquias, melhorar o dia-a-dia das pessoas... isto aqui há 30 anos atrás eram ruas intragáveis, percebes... não eram ruas cuidadas. Tinhas de andar de botas de água, tinhas de andar... tudo cheio de detritos dos animais por todo o lado. E a mentalidade das pessoas também era muito nesse aspecto. As sanitas era para a rua. Esse trabalho teve que ser feito. E esse trabalho também foi feito muito com a ajuda também dos baldios, da área florestal, do que foi criado. Nós não tínhamos água pública, a água pública não chegava a um quarto da população. Foi metida aqui, as autarquias, e nós como tínhamos... eu quando falo nós, nós Fafião, que eu ainda não

tinha intervenção nisso não é... tínhamos verbas e dissemos à autarquia, chegámos lá “ah, nós ajudamos numa parte”, e os baldios ajudaram

AL: ainda nesse tempo, dos velhos, digamos assim

J: nesse tempo. Para tu perceberes a importância que há de seres tu a gerir, de ser a aldeia a gerir os teus recursos porque sabe realmente o que é que tu precisas. E então, essa parte do pinhal, é bom para isso... porque se fosse só folhosas, nós aqui folhosas nunca se vendeu carvalho para rentabilizar. Nós aqui preservamos os carvalhos, uma coisa intocável no baldio. Só se morrer e assim as pessoas vão buscar, se não... o baldio nunca fez um corte de carvalho. Pronto, e nessa gestão o Parque queria era que o pinhal saísse todo não é. O parque, parque... queria porque, claro, os incêndios tem muito... dá-se muito onde são os pinheiros. E muitos dos incêndios que há no pinhal também é feito por causa desses atritos que há do pessoal... “ah, deixa queimar, porque senão vão vender os pinheiros e depois metem o dinheiro ao bolso”... e é isto. E há muitos incêndios por causa disso também. Eu sei ver isso, e quando há essas quezílias, e quando as pessoas que estão à frente a gerir os baldios forem assim também pessoas que não sejam muito abertas não é, há pessoas que se vingam nisso

AL: pois... essa falta de abertura acaba por criar muito campo para a imaginação não é...

J: e houve aqui e ali umas pequenas quezílias em que isso aconteceu muito. Quando houver aí... eu quase que me dizem, quando há anos de eleições, há sempre incêndios, porque é o tal ano de conflito para tentar queimar quem está a gerir, que o governo está a gerir mal, que as autarquias estão a gerir mal, que as autarquias não limpam... nessa altura há sempre incêndios, muitos... se fizeres... é, nos anos de eleições é sempre assim. E aqui também, já reparei, quando houve aí quezílias com este ou com aquele, que são pessoas que são más e que vão depois tocar fogo, porque isso aí é como quem mata, acho eu, é nessas alturas que temos aí quezílias, que mais incêndios acontecem. Pronto, mas a questão da gestão... é evidente, se tu queres fazer um projecto que tu aches, por exemplo essa questão da abertura dos caminhos na serra, foram abertos, foram criadas novas plantações, por exemplo, não sei se chegaste a ir lá acima ao Azeveiro, temos lá uma vedação muito grande com uma plantação muito grande de 30 hectares

AL: sim, o Miguel levou-me lá

J: pronto, aí foi no meu tempo, fizemos pontos de água para combate aos incêndios... é evidente, esse projecto foi elaborado por nós, foi tudo feito por nós, mas aí tivemos de ter o parecer do Parque a ver se dava aval ou não, um parecer deles a dizer se sim, se não. E claro, o parque disse-nos o que é que havíamos de plantar, as árvores que devíamos plantar, ou as que não devíamos plantar, pronto. E na questão da recuperação dos abrigos, também, como é que devíamos de fazer, como é que não havíamos de fazer, isso sim. Mas no dia-a-dia não tens, o parque não te dá

AL: nem na gestão do pinheiro?

J: não, e o Parque também não te dá o acompanhamento que te devia dar, porque tu fazes muito a teu bel-prazer. Se não fores uma organização que esteja à frente, que tenha uma abertura para ver, ir à procura, pesquisar, para ver o que é que não deve ser feito, o que é que deve ser feito, o que é que vamos fazer, o Parque não tem essa abertura. E... eu no meu tempo... é isso que eu digo, é aquilo que nós aprendemos e

que ganhamos disto é a abertura que tu consegues ter com essas pessoas. Eu por exemplo, eu estava sempre no Parque, sempre, com os técnicos, com os engenheiros, com os que estavam no local ou que estavam no terreno, que vinham para o terreno. Estava lá sempre, sempre, sempre. E qualquer coisa que eu aqui fazia eles estavam cá sempre, eles vinham cá sempre... mas isso vai de ti. Porque ninguém te dá um curso para ires para a frente dos baldios, então tem de ser de ti... mas eu sou assim para tudo, tento estar sempre com quem... com quem tenho que me envolver, não ... com os agentes no terreno. E eu no Parque na altura, lembro-me que... conheci o Parque na altura, porque o Parque para mim também era uma coisa... não sei aquilo que é o Parque, percebes? Quem gere o Parque, e quem está atrás do Parque e, como é que aquilo se mexe lá dentro e não sabia... e é o que as pessoas pensam, é que é o Parque, quem é que está à frente do Parque, o que é que o Parque faz, o parque não faz nada, o Parque não vem ao terreno. E eu percebi um bocado os meandros daquele lado, de lá, do Parque. Tens que lá ir e sacá-los para o terreno, e irem contigo, “eu quero fazer isto”. Percebes? Porque se tu pedes, e a carta vai para lá com um pedido do que tu queres fazer, aquilo vai lá estar encostado um mês, percebes, 40 dias até ser chegado a uma decisão, e essa decisão pode ser chumbada porque estão lá, não estão no terreno, não estão a ver as dificuldades das pessoas. Não é... e quando eu digo que deve fazer um caminho de Fafião a atravessar a montanha toda para atravessar para fazer a ligação para a Ermida e para o Gerês “ah, mas porque é que queres fazer isso?”. Se eles vêem um projecto a entrar no Parque assim, vai sair a cruz e vão-to chumbar, e não há necessidade nenhuma disso, se os trazes ao terreno e justificas porque é que queres fazer assim, eles aprovam-to. Nós fizemos isso e isso correu tudo muito bem. Opa, há ajustes que claro que têm de ser feitos no terreno, mas por isso sempre fiz tudo, os projectos que eu meti na cabeça que tinha de fazer, fi-los. Claro que tive de mudar algumas ideias que tinha, não é, mas fi-los. Mas se fores só de boca... carta para o Parque, carta para a Câmara, não fazes nada. Tens que vir ter com as pessoas e as pessoas têm que vir ter contigo. E esse trabalho fi-lo bem e aprendi muito com isso, porque eu... e essa foi uma passagem que o Bruno me fez, e o Gouveia, eles também, todas as reuniões que havia, havia reuniões mensais para... na zona do Parque e aqui na zona de Montalegre, que se fazia, e eles iam lá sempre. E conseguiu-se fazer aí um...

AL: com o pessoal do Parque (as reuniões)

J: com o pessoal do Parque, com o pessoal da autarquia, com o pessoal que gere... e iam lá sempre... hoje não acontece isso, percebes. E depois as coisas não se fazem, ou deixam de se fazer... também as coisas são diferentes. Digo eu, não sei... mas nessa altura foi uma lição que eu aprendi de quem me passou depois, o Gouveia e o Bruno, estive com eles dois anos... e eu não ia a essas reuniões, não é, estava para baixo e também não tinha tempo. Mas depois quando assumi “epa, tenho de ser eu a fazê-lo, tenho de ser eu a ir...”. E despendi muito tempo do meu trabalho, e longe, e vir e vai... e é por isso que depois eu também tentei envolver o Xavier, porque o Xavier tinha mais disponibilidade, estive comigo dois anos. Depois “eh Xavier, vais ter que tomar conta tu”. “Epa, não quero, tenho agora a minha construção”. “Pa, tens que entrar tu, tu tens...”. Então ele já apanhava e seguiam, percebes, as coisas seguiam. O Miguel agora não está a ser muito isso, não sei se também a abertura da parte da autarquia, da parte do Parque... não sei. Mas sei que, havendo envolvimento dos agentes, é sempre muito mais fácil de tu tentares levar para a frente os teus projectos para o teu baldio. E é por isso é que quando me perguntas se há uma

grande intervenção do Parque, pá, não há, não a há... porque nós também não a temos. Tu tens que ir à procura porque senão eles não vêm. Porque o Parque, o que é que tu vês do Parque? Tu que estás fora, o que é para ti o Parque... o Parque é isto, o físico, as pessoas. Só o facto de estar distante de ti, em Braga, e agora gerido por um ICNF, que é de Lisboa. Isso é uma distância muito grande das localidades

AL: sim, sem dúvida, o Parque acaba por estar presente a cobrar a portagem na Mata da Albergaria e está presente nas Portas, a fazer dinheiro também

J: e está presente quando vem aqui também dar multas e não sei quê, não sei que mais, esta é a parte má do Parque. O que estamos hoje a ver do Parque é a parte má, que é a parte que ninguém gosta, que é a parte de pagar, e é isso... por isso é que eu estava a perguntar, o que é que tu achas do Parque, é isso que tu disseste mesmo, é quando vamos pagar... é mesmo isso, essa é a parte má, que ninguém gosta. A parte boa temos que ir nós lá buscá-la. E isso não é para todos não é...

AL: isso também alterou-se um bocado não foi, desde que acabaram com o director do Parque

J: é, acabou, acabou... porque nós tínhamos a tal situação, as coisas não estavam centralizadas em Lisboa. O Parque tinha um director próprio. E isso é muito importante, fosse ele em Lisboa, percebes, porque normalmente o director nunca era de cá da zona, era sempre alguém direccionado pela DGF e era posto cá. Claro que as visões são diferentes, não é. Mas também é bom que seja assim, porque se fosse também um local decerto o Parque não estaria também conforme está, está bem? As pessoas têm sempre mais tendência, querendo fazer muita coisa também se destrói, percebes. E é bom que também seja alguém que faça ali o meio termo. Mas agora sem ninguém ali, as decisões são todas feitas para baixo. Se pedes alguma coisa, vão para Lisboa. Claro que os técnicos aqui dão o parecer, mas é a tal situação, se não tivermos a tal ligação da aldeia com os técnicos que estão ali na sede física em Braga, vai para baixo e quando vier não vem nada daquilo que tu queres, daquilo que idealizaste... aquilo que tu idealizas às vezes não é o melhor, mas se houver um apoio dos técnicos que vêm ao terreno e ver que é assim, consegues fazer uma coisinha melhor. E isso era o que acontecia, agora pá, não está a acontecer... opa, não sei, desligou-se muito mais, nós não estamos nada ligados à entidade que é o Parque

AL: pois, pois... e pelos vistos também não à parte da gestão florestal... do ICNF não é

J: nada, nada, nada... eles não metem, é o que eu digo, eles não fazem... não interferem muito na gestão florestal, nada, nada, nada. Tem de ser a nosso bel-prazer

AL: eu sei por exemplo, que os que estão em cogestão, em que também intervém o Parque, também intervém pouquíssimo, mas intervém por exemplo na marcação dos pinheiros, na venda, são eles que fazem esse intermédio. Mas acho que também é só

J: mas isso aí não... mas tu olhas, a cogestão da floresta, por exemplo, tens a Ermida e tens Pincães, tu olhas para a Ermida, Fafião, Pincães, é igual, nem percebes... por isso o que é que adianta estar em cogestão

AL: acho que a Ermida está em autogestão

J: não sei se é auto, se é

AL: Pincães é que está em cogestão mas estão a querer mudar

J: é...

AL: não sei como é que isso está por acaso, acho que entretanto já tiveram o parecer positivo para alterar, pelo menos a última vez que falei com o Rui ele disse que sim. A Ermida, acho que era autogestão, é o Paulo não é, que está à frente...

J: é, é o Paulo

AL: que também é assim todo aguerrido [RISOS] e eu acho que está em autogestão, que ele até tinha bastante orgulho disso. Mas pronto, agora só relacionando um bocado com esta questão de Parque, baldios, e também Vezeira, acaba por estar aí no meio, a questão da gestão do turismo, que acaba por ser um bocado a actividade mais importante do ponto de vista da afluência. Não estou a falar do que traz de dinheiros para as comunidades, isso aí é a própria questão que eu acho que pode ser um problema. Ou seja, o que eu venho verificando, bom, por uma noto que há cada vez mais agentes turísticos aqui dentro. Quando vivi aqui em Fafião, passavam n carros de “não sei quê Tours”, “não sei quê adventure”, pronto, já vi que... a Oporto já sei que é um bocadinho diferente das restantes, também já falei com eles. E mesmo falando aqui com o pessoal de Fafião percebi que há uma boa relação

J: é...

AL: mas há muitas mais, não é. E a ideia que eu tenho é que uma boa parte do turismo, não estou a falar da vezeira, claro, é gerido por pessoas que não vivem cá. Que acabam por de alguma forma tirar partido do que é o Gerês, do que lá para fora é o Gerês, que é as cascatas, o Gerês portanto o PN... mas que são pessoas que nem sequer estão cá dentro. E sabendo nós que estamos numa fase de transição no que diz respeito, por exemplo, aos usos do baldio, como tu disseste, já não há tanta gente a dedicar-se ao pastoreio, os matos deixam de ser tão necessários, todos aqueles usos do baldio que fazem menos sentido hoje em dia. Mas não deixam de ser terras comunitárias geridas para o bem da comunidade. E até que ponto o turismo se poderia inserir aí e pelas mãos dos próprios compartes... de alguma forma gerirem as pessoas que entram no baldio, que tiram partido... se isso é possível sequer, se faz sentido, e se não seria uma boa mais-valia para o CD, ou para o baldio como instituição...

J: sim, nós estamos... nem sei como é que o Miguel tem essa situação. Nós temos aí um... é o que eu digo, nós temos de ter um bocadinho a mente aberta para pensar que Fafião de há 30 anos atrás não vai ser o nosso futuro. Não vai não é, isso é impensável, e quem pensar assim está-se a enganar a ele próprio, não há hipótese... porque não vai ser o meu filho que vai com 20 vacas para a serra, não é o meu filho que vai com o rebanho ou que vai limpar os trilhos... não vai... porque a realidade é esta não é... e temos que pensar nisso assim. Porque senão estás-te a bloquear muito. Claro que o turismo... e nós esse turismo barato, esse turismo folclórico, não o queremos aqui ... percebes... esse turismo aberto a toda a gente. Esse turismo aberto a que venha um agente turístico e que nem “olá” diz ao local... esquece! Esse não o queremos cá. Mas como é que tu consegues controlar isso?

AL: pois... como é que o controlas...

J: nós, a associação agora quando... pronto, e depois isto passa tudo muito por mim, porque o Júlio é que tem de ser, o Júlio é que tem de estar à frente

AL: [RISOS]... estás há muito tempo à frente da Vezeira?

J: fui eu que a criei... nessa visão de que Fafião não pode ser o baldio, Fafião não pode ser as tradições só, e tentar mantê-las, porque não... tentar manter sim, mas não te podes matar a pensar nisso. E então a associação foi criada muito nesse aspecto de fazeres o tal turismo sustentável para a tua aldeia, de trazeres vida à tua aldeia, sustentável... o tal turismo bonito que as pessoas gostam de ver, o tal Porto aventuras que vêm para aqui com as pessoas e falam com as pessoas, e é um turismo diferente, é um turismo estrangeiro, nórdico, têm uma visão completamente diferente da nossa, e perdem tempo a falar com os teus velhinhos, e perdem tempo a visitar a tua aldeia, e perdem tempo a fazer isso tudo, e esse é o turismo que nós queremos, e isso tu controlas. Nós quando... quando criei a associação, depois fiz todo o esforço lá em baixo para reabilitar o ecomuseu para ser também um ponto de passagem obrigatório no centro da aldeia... “ah, porque é que fizeste lá em baixo e não fizeste à beira da estrada?” ... não é igual, percebes... os velhotes pensavam que era melhor aqui [à entrada da aldeia], mas não é igual. Mas também não posso dizer aos velhotes “tu és tolinho, não percebes nada” ... não! Disse “foi o sítio que se arranjou”, “também queríamos ter um sítio junto de vocês” ... porque tinha ser muito à beira da estrada... pois tinha, mas não. Para mim não. Tu tens de levar as pessoas a irem lá ao centro da aldeia, ver como é que as pessoas viviam, com as casinhas pequeninas, os animais, as galinhas ali de volta... esse é que é o ecomuseu vivo de que eu falo. E foi nesse âmbito que foi criado lá em baixo o ecomuseu. Foi criado na tal dinâmica, a tal vantagem que eu tive, eu e quem esteve nos baldios, de conseguires conhecer o pessoal do Parque e o pessoal da Câmara. Se tu não tens o conhecimento com a Câmara nunca trazes o ecomuseu para aqui. O ecomuseu a vir tinha de ser para o centro da freguesia, para Cabril, não era para a aldeia mais distante. Tem de ser uma coisa centrada, e aqui não está centrada. E eu consegui trazê-lo para aqui por causa disso, pelas ligações, pela dinâmica... a autarquia, “epa, não, nós temos de apoiar aquela associação porque os gajos são terríveis” ... e fizeram-nos aqui o ecomuseu. E é isso que nós ganhamos... “ah, o que é que ganhaste?”, é isso... percebes. Se fosse outra pessoa qualquer não conseguia fazer isso. E conseguimos e é nisso que se ganha. Porque eu ganhar, não estou a dizer ganhar eu. Eu para mim a minha aldeia ganhar, para mim o meu foco de vida é este. Gosto muito da minha aldeia, gosto muito de mim de quem gosta de mim, gosto muito das pessoas que gostam de mim e que são minhas amigas. Neste momento quem é minha amiga, não é só, claro, mas Fafião é meu amigo. Então é por aqui que eu luto e luto muito da minha família, luto muito da minha vida particular em prol disto... mas dá-me gozo. Isto para te dizer que, a associação foi criada nesse aspecto. Porque o baldio não o pode fazer acho eu... ou não se deve meter nisso

AL: pois, eu tenho dúvidas nisso

J: é, não se deve meter. Porque... o baldio é de todos. É das pessoas que viveram o baldio no tempo da floresta, como os meus tios que têm 80 e tal anos, é das pessoas que viveram a passagem, é das pessoas que lutaram com esta guerra com os da Ermida, e é da juventude nova que não apanhou nada disso e agora está a apanhar só esta parte em que sabemos que temos de viver do turismo, se quisermos... ligado completamente à vida do campo, o que é bonito, porque isso o pessoal gosta é disso, e isso não se pode perder. E essa passagem tem de ser lentamente, gradualmente... veio o ecomuseu, o posto de trabalho, as pessoas a virem, a Oporto aventura quando veio para cá, tive pessoas da minha idade a dizerem-me “epa, esses gajos vêm para cá, é mais uma empresa que vem para cá”. E eu antes fui conhecer, e vi que o carisma

é diferente. São pessoas que vêm, que querem estar no sítio sossegado deles, não querem aglomerados, sítios com aglomerados não vão, não vai a cascatas onde esteja muita gente, não vão... deixaram de ir quando teve afluência, então procuram os nichozinhos pequeninos deles, e esse é o povo que nós queremos cá. E lembro isto para perceberes, o ano passado, o ecomuseu é aberto a toda a gente, ninguém paga nada, mas é uma despesa enorme. Nós temos ali um posto aberto, quem fez a obra foi a autarquia, mas até agora quem gere somos nós

AL: e o nós é a associação ou é o baldio?

J: a associação. E isso é caríssimo. E na altura o mais fácil foi “epa, temos de pôr as entradas a pagar”... e eu “opa, não! Não podemos fazer isso também porque... opa, não pode”. Sou contra isso. Mas os agentes que estão no terreno, esses agentes que ninguém os conhece, que nós conhecemos por trás porque lemos as coisas escritas no jeep e sabemos que andam, que são empresas, têm a obrigação de ajudar os locais, porque eles estão a ganhar com isso. É evidente que eles estão a fazer o trabalho deles

AL: e estão de alguma forma a ganhar com a paisagem que é por vocês mantida

J: afirmativo. Sabemos que eles têm um esforço enorme, portanto eles também têm de fazer um esforço enorme para trazerem as pessoas para aqui, não é ir buscá-las ali... percebes? Eles têm o trabalho de conseguires que as pessoas venham todos os dias do Porto para aqui, elas vêm da Suécia, elas vêm do norte da Europa todo, já tivemos aí pessoas do Japão, e é essa empresa que as traz, não somos nós, nós não conseguimos trazer. Então essa ligação que nós temos de ter com essas empresas é mesmo assim, uma parceria completa, a dona da empresa sinto que nos adora não é, sinto que o trabalho que está cá a fazer é excelente. E o ano passado disseram-me logo “opa, eles têm que pagar”. E eu “deixa-me ver como é que eles trabalham, não vamos...” não é, vamos obrigá-los a pagar para quê? Com que base?

E entretanto durante o ano tive todo o cuidado de explicar à Carla, a dona da empresa, como é que isto acontece, nós temos ali um funcionário, nós temos de ganhar para lhe pagar, como é que nós ganhamos para lhe pagar? Ele tem que vir de algum lado... e ela já me disse “Júlio percebo completamente isso, mas para perceberes, os meus turistas não lhes faz falta nenhuma ir ao ecomuseu, não lhes faz falta nenhuma, os meus turistas gostam é de ver o dia-a-dia da aldeia, ver as vaquinhas, ver as cabrinhas, ver a velhota a tratar das galinhas...”, e eu “pois, mas isso é o museu da aldeia percebes, esse é que é o museu da aldeia, e para ti não te faz falta isso, o edifício museu, mas para a aldeia faz falta, porque além de ser museu é, vão lá as pessoas pagar as facturas delas, antes tinham de ir a Vieira do Minho ou tinham de ir a Montalegre. Agora vão lá, se precisam de escrever uma carta a funcionária faz-lhes, percebes, é a tal ajuda que nós criamos aqui também para as pessoas da aldeia. E isso nós temos que manter, por isso tu também tens de nos ajudar”. E ela, cinco estrelas, e portanto cada pessoa que cá traz à aldeia deixa-nos um Euro por cada pessoa. E esse é um trabalho que nós temos de ter, é um trabalho de uma empresa que para nós é excelente, o turista dela é excelente, ela é excelente, é uma pessoa que diz o “bom dia” e o “olá” ao velhote que é isso que querem, e que param para falar, os guias são exímios, a escolha dos guias... acho que já deu para perceberes isso se já falaste com eles

AL: eu falei sobretudo com ela, e foi ao telefone, não nos conseguimos encontrar

J: ah, com a Carla

AL: sim, sim

J: os guias dela são exímios, são uma coisa impecável, esforçam-se por interagir com os locais e é isso que nós queremos. Esses *jeeps* que andam aí de um lado para o outro, este ano já tivemos aí uma ideia, que tem de ser o Miguel a gerir isso, mas é como te digo pá, decerto não perde o tempo que devia perder, não é... esse pessoal tem de ser limitado, como é que tu limitas esse pessoal?

AL: a Oporto? Ou o resto do pessoal

J: não, a Oporto não

AL: ah, desculpa, pensei que estavas ainda a falar da Oporto, desculpa.

J: não, a Oporto por exemplo quer ajudar o baldio na questão da manutenção dos caminhos, dos caminhos florestais, e depois durante o inverno, depois durante o inverno os baldios têm que se conservar. Mas isso é uma obrigação [nossa] porque é nosso, mas se andam lá os jeeps todo o dia para trás e para a frente aquilo vai-se destruindo mais. Então a Oporto aventura acha que deve ajudar a pagar essa conservação e então criou-se aqui, tivemos reuniões sobre isso, eu disse ao Miguel, nesta questão

[passa um grupinho liderado por um rapaz que eu aponto como sendo dos “tais turistas”, tinha um escrito na camisola de publicidade...]

J: ah, pois, deve ser, esta é a tal situação de não lidar com os locais, vem cá, vem, passear, ok, sim senhora, mas não lidam com os locais. A Carla teve esse cuidado, veio cá perguntar, falar e tal...

J: e disse ao Miguel “oh Miguel, nós temos de ver pá, porque não vai ser sustentável... dizemos o que temos, para as pessoas usarem o que é baldios, as pessoas vão-se chatear, os agricultores vão-se chatear, querem passar aí e está tudo cheio de jeeps, está tudo... chateiam-se, e tu não tens as coisas estruturadas para fazer as coisas de outra maneira, nós temos de proibir as pessoas de andarem por exemplo nos caminhos florestais, porque limitas logo... quanto mais gente houver mais possibilidades há de haver incêndios, de haver destruição, de haver lixo e... e opa, aquilo é nosso”. E então proibiu-se, não sei se já viste, tem essas plaquinhas em madeira, como temos aí

AL: sabes que já ouvi falar delas mas ainda não as vi

J: é, tem... até ali no largo da festa, quem vem com o GPS o GPS aponta o caminho pelo meio da aldeia, opa, e eu gosto que as pessoas passem pelo meio da aldeia, mas essas pessoas passam pelo meio da aldeia de carro, passam para seguir e não param. E imagina tu o que é, as pessoas andam aí no dia-a-dia, com os tractores, com os animais, e os carros sempre a passar

AL: ah, então espera, as placas de que falas são aquelas a direccionar as pessoas, é isso?

J: sim, e também está proibido, há ali umas

AL: ah, essas ainda não vi

J: é, também são de madeira como essas aí, como esta aqui... só para perceberes como é que são as placas que nós colocámos aí no monte. E aí, o GPS manda as

peessoas por ali porque é o caminho mais próximo, então interferiam no dia-a-dia das pessoas da aldeia, opa e não queremos isso. Então têm de passar na estrada principal que é esta aqui só, mas já não vão para o meio da aldeia, as pessoas se quiserem ir para o meio da aldeia, param os carros e vão visitar, tens de ter essa sensibilidade, percebes... então também se proibiu a passagem dos carros para a zona de caminhos em terra, até lá para o Marcelo, tu se foste à vindima, não viste lá, à beira da sobreira uma placa...

AL: está lá uma placa? Não, não vi

J: proibida a passagem, só locais e residentes

AL: não reparei não, ia noutra

J: tem, umas pequeninas de madeira, e as pessoas respeitam. Mas as empresas, depois ele disse “epa, as empresas têm que ganhar porque também lhes faz falta”. “Pa, tens que as chamar, responsabilizá-las, pá, querem passar têm que ajudar a conservar isto”. E ele fez essa reunião mas acho que não chegou a bom porto

AL: não?

J: não fez mais nada... percebes, as pessoas continuaram a passar, e não fez mais nada

AL: e ainda são umas quantas não são?

J: pois são... responsabilizá-las, falar... e colocá-las a respirar o mesmo ar que nós respiramos. “Nós gostamos de vocês aqui, mas nós gostamos desta interacção das pessoas, gostamos...”. E isso é só mesmo para quem tem a mentalidade aberta, porque senão... a Carla tem, a Carla claro que ganha o dinheiro para ela, porque ela tem que o ganhar, porque é a empresa não é, mas também percebem esta nossa sensibilidade. Eu falo do caso da Carla porque fui eu que o tratei, percebes

AL: sim... ah, ainda foi no teu tempo de...

J: não, tratei eu agora, por isso é que eu digo que os baldios não se devem meter muito nisso. Porque não se coaduna, percebes, não se podem misturar as coisas. O baldio é gestão do baldio, o que é que o turismo tem a ver nisso agora? Tem, porque temos os carros a passar aí, temos as pessoas a ir inadvertidamente para a montanha, aí tem que se criar

AL: ou mesmo tirar partido dessas entradas, era mais nesse sentido

J: claro. Tens que criar

AL: felizmente este baldio tem muita madeira e acaba por poder ser auto-sustentado, mas há outros que não

J: pois não, exactamente. Aí epa, é como te digo, é nesta questão de tentar as empresas que vêm cá a deixar cá alguma coisa. “Ah, não podemos tirar tudo às empresas”, claro que não podemos tirar, porque nós sabemos os custos que tem uma empresa, sabemos que têm esses custos porque os carros andam aí... pá, mas a sensibilização, a questão do lixo, a questão... percebes? A questão de deixar alguma coisa à aldeia, faz muita falta. Imagina, a Oporto aventura este ano por exemplo, trouxe cá 400 pessoas, em média, pá são 400 Euros. 400 Euros que não lhe custa nada, é um Euro por pessoa, opa e a nós dá-nos muita jeito, 400 Euros é quase um

ordenado. E se fossemos a multiplicar isso pelas várias empresas que há aí, era mais fácil de conseguires ter a gestão dali daquele espaço e teres alguém ali a trabalhar

AL: e a Oporto, não se sente um bocadinho constrangida por ser a única, talvez não façam ideia, mas

J: não, fazem! Ela sabe disso perfeitamente, mas ela também se sente, conforme eu estou a explicar como é que isto funciona não é, “toda a gente diz – epa como é que tu consegues ter aquele espaço aberto aqui na aldeia, pagar a um funcionário...”, é com estes jogos pá. Ajuda daqui, ajuda dali, à câmara, tenho que chorar à câmara, porque é um posto de trabalho que tenho ali, é um espaço aberto para as pessoas... o baldio também nos ajuda, dá-nos uma percentagem todos os anos, porque é um espaço que está aberto para servir a aldeia... e assim vamos conseguindo. Se tu não tiveres essa abertura, se fores só “hrrrrmmm”... não consegues nada, não consegues... mas esta questão do baldio gerir essa parte do turismo, poderá fazê-lo, aqui não há essa necessidade porque a associação tem que fazer essa parte e assim separamos um bocadinho também, também não se mistura muito a questão do baldio, porque aqui ainda há muito intrinsecamente que o baldio é a gestão da floresta, é a gestão da aldeia, não sei quê, não sei que mais... opa e isto do turismo mexe com a rapaziada que tem dinâmica, tentar criar aí parcerias, vêm grupos para... ainda ontem veio o tal grupo que nos convidou para os acompanharmos aí... a associação tem que ganhar com isso não é. Por exemplo, ontem, deu quase para mais um ordenado percebes... e isso é... claro que nós perdemos o nosso tempo, eu, a minha esposa... ontem foi nisto, quando podia estar em casa, depois durante a semana não estás cá... opa, mas é a tal situação que nos dá... isto é a minha vida, eu não consigo desligar disto percebes, eu respiro isto, por isso também gosto... mas isso envolve muita gente, tive de chatear a cabeça a mais sócios para irem, e a um sábado, aos sábados é complicado porque as pessoas têm os trabalhos delas

AL: pois, e agora é altura de vindima

J: é, é altura de vindima. Pronto, e esse trabalho terá que ser feito, claro na tal parceria, nós por exemplo temos aí uma ideia, a associação tem uma ideia de criar o passaporte do caminhante... obrigar as pessoas a ir ao ecomuseu, ao ir lá já conhecem a nossa realidade, a ideia de deixar uma ajuda, percebes, e saber que aquele grupo de caminhantes foi para x sítio... estás a perceber a ideia? “Olha, vamos aos currais, sabemos que foi um grupo de dez pessoas que foi para aquele...”. E aí tu já consegues direccionar, consegues dizer às pessoas “olhe, não vá por esse lado porque já tem aí muita gente, ou para aquele”. Se está o tempo mau, avisar as pessoas que o tempo está mau, estás a ver? Ter aqui um elo maior... tu sabes que eles estão cá na tua zona, sabes que estão cá 50 pessoas este fim-de-semana, e sabes se houve um problema qualquer aquele grupo disse que ia para ali ou para acolá... porque não tens ainda condições para teres alguém que o acompanhe, porque a direcção é essa, que haja aqui um posto de alguém que os acompanhe

AL: e como é que é o primeiro contacto com o caminhante... imagina, eu chegava aqui à aldeia

J: pois, a questão é essa. Pa, as pessoas normalmente param nos cafezinhos, lá nos cafezinhos temos de ter esta ligação com... que direccionem as pessoas para o ecomuseu, que vão directo à funcionária que os vai direccionar... depois ao começar-se a saber, que há uma aldeiazinha lá em cima no Gerês que temos que, vamos ao ecomuseu para fazer o passaporte, até tem graça percebes. Fui a Santiago, “opa, tu

não te esqueças de levantar o passaporte em Santiago ahn... da caminhada... e eu fui logo à procura do passaporte da caminhada. E não sei se dei 2 Euros por aquilo, uma coisa que custa 50 cêntimos, uma ajuda para a associação. E aí também já tens um ponto de ligação, o que é que há aqui, o que é que não há, o que é que eu posso ver, o que é que eu não posso ver ... e estamos nesse passo também. Mas claro... tudo... e isso é o que podemos fazer nós na aldeia percebes. O baldio... pá, proibir, proibir... tem que ser com norma. E não podemos também... se proíbes... ficas mal também

AL: não, era mais gerir. Mas isto estou a perguntar e a pensar em voz alta

J: não vejo os órgãos que estão, ou que possam estar ou que possam vir a estar, com capacidade e com... estão muito ligados, baldio é gestão florestal... e não só vejo com abertura para isto, não os vejo com a abertura que eu tive do passaporte, não os vejo com a abertura que eu tive de chamar as empresas... agora claro que há localidades que não têm isso não é

AL: pois, é isso... era isso que eu estava a ver, aquilo que eu estava a falar, que era no fundo controlar e gerir o turismo em prol da comunidade, está a acontecer... não interessa se é pela mão do baldio, se é pela mão da vezeira, o objectivo é o mesmo

J: sim... tem de ser alguém... o importante é sensibilizar... sensibilizar... porque grandes grupos a vir só por vir, sou contra isso, completamente. Não traz nada, só traz o pior, que é o desconforto aos locais, carros a passar por todo o lado, pessoas que não respeitam as nossas normas, que são pessoas [as da aldeia] que se tem de ter uma sensibilidade muito grande com elas, sabes disso, já deu para perceberes... nós somos muito frontais e se for para dizer alguma coisa dizemos. E temos de ter essa sensibilidade para lidar com as pessoas, e vir um grupo e... pá, não pode ser. E esse pessoal tem de perceber que aqui é assim. Agora se me dizes “vais ter continuidade para isso?” ... epa não sei

AL: pois, essa é outra questão...

J: não sei... mas também a nossa continuidade neste mundo também não sabemos como é que é

AL: pois, é isso, a próxima geração qual será, ficará por aqui

J: sim, mas em tudo na vida. Eu sou assim, mas eu sinto as coisas, e comparo as coisas como se fosse eu, não é. Porque eu vivo muito isto, vivo isto como se fosse meu. E só sendo assim é que tens sucesso e que gostas e que amas e te arrepias... muitas vezes eu paro e penso, porque é que eu estou assim aqui, porque é que eu tenho este grupo comigo, se amanhã paro, isto vai parar tudo, penso muito nisso, mas então... sei que amanhã também vou morrer, vou parar hoje? Não... até que aconteça esse dia. Lutas para viver... mas sim, é uma preocupação muito grande

AL: mas felizmente aqui vê-se muito esse apego dos jovens à aldeia

J: sim, sim. Agora claro, devíamos ter uma... porque isto depois, falo “ah, não queremos massas” ... claro que não queremos massas, porque senão é tudo igual e nós queremos diferenciar um bocadinho as coisas. Claro que toda a gente tem que viver, claro. Mas não é viver selvajaria, a viver só por viver. Estar com 20 jeeps na serra, isso não é viver. De modo que aquilo é nosso, aquilo é das pessoas que lá andam, é das pessoas que vão ver os animais e querem sossego,... e isso não é viver

AL: mas portanto, esse controlo que tentaram fazer dessas outras empresas, acabaram por não conseguir

J: pá, porque aí quem tem que gerir isso é o baldio, e aí o Miguel... o Miguel não tem muito tempo, sei lá, e eu isso sei que ia ser um passo muito importante, responsabilizava as empresas

AL: nos caminhos...

J: tudo... porque o alcatrão está ali, mas todos nós é que pagamos tudo, mas quem gere é a Câmara, o baldio não se preocupa com nada disto [do alcatrão, etc.]. E os *jeeps* que passem, é público. Mas isto não, isto é dos locais. Daqui para cima tudo o que é... é dos locais, os locais é que gerem. Durante o inverno depois quem anda a gastar a arranjar os caminhos é quem... é a aldeia.

AL: então estás a dizer que, nessa parte da gestão [do turismo] teria que ser o baldio

J: não, tem de ser o baldio a gerir

AL: as entradas

J: claro, a questão de proibir ou não proibir... nós não nos vamos meter nisso, podemos é dar a nossa ideia, essa ideia foi dada por mim, percebes, pela associação... dissemos “opa oh Miguel tens que proibir isso, e as pessoas, tens que obrigar as empresas a deixar-te um tanto para ao final do ano tentar recuperar isso

AL: e as empresas não reagiram muito bem...

J: a Oporto... reagiram, não, reagiram. Das empresas que aí vieram disseram “sim, vamos ver”. Ainda há pouco tempo uma empresa aqui da Ermida, a que tem um parque de campismo, também tem um *jeep* e fazem queimadas, está farto de dizer “Júlio, tens que dizer quanto é que eu tenho que pagar” e eu disse “opa, isso não é comigo, isso não é com a associação, é com os baldios. Eu dei-lhe lá o contacto, não sei como é que está. Percebes? Mas isso responsabiliza muito, ele já está na obrigação de ajudar, porque ouviu dizer que houve uma reunião e que queríamos fazer isso. Porque na Ermida eles querem proibir as empresas de ir para o

AL: sim, na Ermida vê-se muito, a sinalização

J: mas nós também as temos

AL: mas é recente não é

J: sim, metemo-las agora. Mas depois, proibiste mas chamaste... chamamos as empresas de ganhar dinheiro, as empresas de *jeeps*, chamou-se aí numa reunião, o Miguel chamou-os aí, o tal, a ideia que eu te falei, demos a ideia, nós não podemos fazer, mas demos a ideia ao Miguel, ele chamou-os, e os que vieram “sim, sim”. E o baldio da Ermida também esteve. Ah, quisemos abranger também outras aldeias aqui, chamámos o baldio da Ermida, o baldio de Pincães, para tentar também entre todos fazer “ah, Fafião é de uma maneira e os outros são de outra”... mas tentar haver aqui uma uniformização, e o da Ermida disse logo “ah, não, não, essas empresas não podem andar nos nossos caminhos”

AL: fim!

J: fim... pá, não pode ser... não pode ser... então? Queres ficar aqui sozinho? Não podes. Tu tens negócios, tens pessoas a viver disto todo o ano, têm que estar cá, senão vamos todos embora, como eu fui, como toda a gente vai, se não tens aqui com que viver... tens que ir embora. É o tal sustentável. Tens que gerir, claro. Pa, e essa é uma maneira de obrigar, sentem-se responsabilizados, passam sim senhor, e até

passam e podem sentir até já que foram convidados para isso e podem passar, pá mas depois no final se puderem ajudar... excelente. O que é que custa à Oporto aventura dar um Euro por cada pessoa que cá vem para manter o ecomuseu aberto? Não custa nada. E fica bem perante a aldeia

AL: não, e acabam se calhar por ganhar alguma simpatia vossa, se calhar acesso a alguma informação ou conhecimento que outras não têm

J: completamente, completamente. É o que eu digo... passou o jeep, passou... nem bom dia disse a ninguém. Os turistas gostam disso também? Esses turistas da Oporto aventura dizem-me maravilhas disto, porque param à beira da velhota, a velhota ri-se... não se percebem, claro que não, mas o símbolo, o sorriso, a simplicidade. Esse Oporto aventura, sei lá... falo... eles o ano passado, e agora este ano também, deixa aqui na aldeia cerca de 10 000 Euros. Isso as pessoas não vêem isso

AL: estás a falar já com outro tipo de utilizações, ou só de forma directa...?

J: não, de forma directa

AL: estás a falar também da utilização do café

J: claro, tudo. Isso é o importante para a associação, a associação quer que toda a gente ganhe. O tal dinamismo da aldeia é esse... mas nas refeições, almoçam cá, há aí uma senhora que faz pão, eles vão lá fazer o pão... a essas duas famílias, deixam aqui 10 000 Euros. Esses 10 000 Euros ficam na aldeia, e é esses nichos que tens de criar, de maneira a que as pessoas fiquem cá e que gostem... e dizem maravilhas. A Carla já me disse, “ah, nós temos que acabar com o pão que é uma despesa grande... mas os meus guias dizem que não querem, os meus guias dizem que faz falta, que as pessoas é o que gostam mais... mexer na massa, e depois levam o pãozinho que fizeram. São coisas top! Estes grupinhos não agradam, percebes. Claro, fazem a vidinha deles, na abertura que também têm da coisa não é

AL: claro, têm lá os seus objectivos

J: claro... virem aqui tomar um café ao café, “bom dia”... eu obrigo-me a vir ao café percebes...

AL: pois, acaba por ser aqui um ponto social

J: claro... quando deixares de ter vais-te lembrar dele

AL por acaso não tinha ideia que tinha havido já esse tipo de iniciativas para controlar aqui o turismo

J: já, já, este ano... e as empresas até foram muito abertas a isso pa. Agora o passo tem de ser dado por nós

AL: eu cheguei a falar com uma do Gerês, Gerezmont... será?

J: eles andam aír muito... andam.... Mas zero que fica cá. Que me interessa a mim que passem aqui 100 carros por dia

Primo do Júlio: a Gerezmont costuma muito é ir para

J: para as sete lagoas... para as sete lagoas e vem, atravessa logo aqui o Gerês todo, sem deixar zero, nem um bom dia deixam, percebes...isso não importa. Temos de ser frios a dizer isto, mas é assim!

AL: não, e é legítimo, porque de facto são vocês que mantêm as paisagens

J: o que é que importa que passem aqui 100 carros a atrapalhar o dia-a-dia das pessoas que moram cá.... Que têm medo para sair à estrada. Percebes porque é que metemos lá aquelas placazinhas? Para as pessoas não irem lá pelo meio da aldeia, mas também pusemos lá uma placa a dizer para as pessoas irem visitar o museu, deixam o carro ali e vão a pé, conhecem a aldeia, o dia-a-dia. E é assim que tem de ser vista a coisa, percebes... porque a realidade é esta. Não podes criar aqui coisas megalómanas, a pensar... não!

AL: isto não tem nada a ver, mas agora lembrei-me por causa daquela questão de estarmos a falar das mudanças, não é, que estão a decorrer na utilização do baldio e tal, mas também há os fogos e a questão da floresta e assim, e estava a pensar, porque já vi isso acontecer noutros sítios, o próprio baldio ter um rebanho, porque o rebanho acaba por ter um papel importante no controlo da vegetação

J: muito, muito

AL: e que sempre existiu, por isso é que se calhar antes não havia tantos fogos, para além das queimadas e dos fogos controlados. E sei que isso acontece noutros baldios aqui do Parque Nacional, em que o próprio baldio adquiriu um rebanho e é o, pronto, provavelmente através dos pastores, não sei como é que a coisa está a ser gerida, mas que o objectivo é precisamente no sentido da prevenção dos fogos, por um lado, por outro lado também do turismo, porque acaba por ser interessante, grupos a acompanhar o pastor, essas coisas assim e... mas pronto, para isso é preciso haver pastores com disponibilidade

J: isso aqui passou-se também aqui este ano, a vezeira das cabras, a tal tradição deve estar para acabar, ou está para acabar, as pessoas mostram interesse em acabar porque já têm muita idade, nós não queremos e não temos disponibilidade para ir com elas, mas achamos bonito, e acaba... e isso pôs-se no início do ano, a associação comprar um rebanho de cabras, e depois pôs-se... e quem é que vai com elas? Quem é que vai... porque isto de ter cabras e de ir com as cabras, não é fácil, não é só comprar um rebanho de cabras... tens de estar todos os dias, isto são como filhos, levá-las a comer, trazê-las, as crias nascem, tens de estar de volta delas... muito trabalho! E quem é que vai fazer isso? Não é? Até se calhar até tínhamos ajuda para comprar o rebanho, e quem é que vai fazer isso depois? Sou eu que estou em Lisboa que me vou preocupar? Não posso, dava cabo da minha cabeça. Surgiu a possibilidade de um que sempre gostou de cabras, de querer, e de uma outra que também é sócia da associação que também mostrou interesse que também queria, numa primeira fase o Hugo podia ser nosso empregado e guardar o rebanho, mas o Hugo queria era as cabras dele... porque é diferente, por isso é que eu digo, isto tem de ser tudo em parceria, mas como nosso próprio negócio... se for meu, giro-o de outra maneira. Agora pode ser é apoiado, percebes, incentivado... e como é que se resolveu a situação? O Hugo, o Hélder, a mãe, compraram o rebanho, mas não tinham onde as meter. E rapidamente, o que é que teve de ser, o baldio teve de arranjar um terreno para ele fazer o armazém... e é nesse tipo de interajuda que se pode ajudar

AL: é aquele armazém que também já é muito polémico, lá ao pé do cemitério?

J: à beira do cemitério? Não, não é esse, é aqui em cima. E tem que se agilizar, epa, e o rapaz tem estado aí com o rebanho, é o dia-a-dia dele, adora, e criou-se, instalou-se aí, de uma ideia que a associação podia criar um rebanho, mas chegou-se à conclusão que não pode, porque tem de ter pessoas disponíveis para isso. Tem que ter o pessoal empregado... tem que estar só para aquilo, e não podia não é, e o Hugo

claro... “opa, eu queria, mas queria que fossem minhas”, e a mãe comprou-lhe as cabras... e com essa dinâmica [que se criou à volta do eventual rebanho da associação] conseguiu-se fazer com que ele se instalasse aí, e está aí todo contente. Agora, propriamente [o rebanho pertencer à associação], não... porque estás a fazer... é complicado, estás a enriquecer... imagina que o baldio mete um rebanho de cabras... os cabritos é tudo para o pessoal dos baldios, toda a gente vai comer cabritos, é o que se vai dizer, percebes

[RISOS]

J: se a associação tem aí um rebanho, na associação estão todos a engordar com os cabritos da associação... e não. As pessoas têm é que... o Hugo quis o rebanho, tem de ser ele a fazê-lo, porque se não... não dá. As coisas são incompatíveis, percebes. É como... “o que é que faz falta na aldeia, um barzinho? Um barzinho!”, a associação vai gerir o barzinho. Claro que a associação pode gerir o barzinho, mas se for um particular é muito melhor, o lucro é para esse particular, e é com isso que a associação se tem de preocupar, percebes? Não é para a associação, é para aquelas pessoas que vai para ali

AL: não, o que aí seria bom era que mantinha a associação e se calhar dava emprego, não só à Liliana, mas também a outra pessoa qualquer

J: ah, tem de se arranjar outras maneiras... percebes? Tem de se arranjar actividades, como houve ontem, olha, um grupinho que convidou para vir cá, porque sabe que somos carismáticos, fazer o comerzinho no pote, não sei quê, estarmos ali com eles, ... aí já dá, claro que obriga-te mais, precisas de perder dias, e precisas de ter várias pessoas a fazê-lo, mas é este carisma, é por isso que as pessoas gostam de vir cá, e é por aí que temos de tentar. Que me importa a mim ter um bar, ok, vamos fazer um bar, e as pessoas depois vão para o bar da associação, e este fecha, o outro fecha, o outro fecha... adianta-te? E depois vais pensar, epa fogo, olha o que eu fiz... tens de pensar nisso tudo, claro que as pessoas que estão de fora nem se apercebem dessas coisas todas, disso, não é... porque não têm de se aperceber, no dia a dia, mas isso tem que ser pensado muito bem, sempre, sempre, sempre... que cada um faça o seu negócio... pá, excelente! E dinamizar isso, e tentar dar ideias para que as pessoas o façam, excelente. Olha, o Miguel lançou-se numa empresa de turismo

AL: ah sim? Não sabia

J: Aí há 5 anos, mas zero...

AL: ah... não deu nada

J: opa, mas tem que dar, então, se os outros estão a ganhar dinheiro. Porque é que ele não pode ganhar dinheiro na terra dele? Vêm os outros de fora

AL: pois, essa era a minha questão, porque é que as receitas do turismo acabam por ficar lá fora

J: pois... mas ele tem uma empresa, há para aí 5 anos!

AL: como é que se chama?

J: Rocalva, A Rocalva... mas tu propriamente no terreno não o vês, percebes... vês a chegar aí 5 ou 6 empresas não? Que andam para aí...

Primo do Júlio: para aí mais ou menos

J: duas da Ermida, para aí três do Gerês, a Oporto aventura, do Porto são duas... por isso, porque é que nós não podemos fazer? A associação também não o pode fazer, também não quero que seja a associação a fazê-lo... chateámos-lhe a cabeça para ele se lançar

AL: e mesmo a tua esposa, a Catarina, tem lá aquele espacinho em baixo

J: tem o bar lá em baixo

AL: já fechou não, nesta altura

J: já, já. E é isso que vale, cada um ter a sua ideiazinha, ter a sua... essa do bar da Catarina, toda a gente “epa, lá em baixo é que fazia lá falta um bar”... mas isso sempre se falou... e depois a Catarina, ela andou aí num curso de empreendedor, e aí é que surgiu a ideia do que é que poderia ser, os tais nichozinhos, o que é que podia dar em Fafião, e não sei quê, e ela perguntou-me... e eu disse-lhe “opa, não sei, olha vê aquilo lá em baixo do rio, um barzinho no rio, tu tens jeito para isso, para falar para as pessoas, e assim foi

AL: e é um sucesso, não é, no verão

J: é, e faz falta, é um ponto de apoio para as pessoas que ali estão, e não é só isso, o problema não é só esse, o problema é depois a obrigatoriedade que ela tem, ela tem a obrigatoriedade, que isso sempre fui eu que lhe exigi, que é manter aquela área toda limpa, vais ali ao nosso rio, vais ali ao da Ermida, e vês a diferença... o tal turismo sustentável, está ali uma pessoa que ganha dinheiro, mas também é uma pessoa que tem aquilo tudo limpo. Porque ninguém pense que os locais conseguem fazer isso tudo, esquece. Ou é uma coisa muito dinâmica, uma associação ou não sei quê, e isso até somos, mas, por exemplo, o lixo... as pessoas vêm em grupos e quem é que o limpa? Ninguém se sente na obrigação de o limpar, ninguém! E nós também somos assim muito, a nossa mentalidade, do português, é fazer lixo, e alguém vai limpar... mas quem é que vai limpar? Ninguém vai limpar! E então, a Catarina não paga nada para estar lá, o trabalho dela é esse, o que tem de dar à comunidade, para ela, para ela se sentir bem também, e também para todos. E é nessa base que têm de se criar estes nichozinhos de mercado, que fazem falta não é, as pessoas precisam de viver

[fala-se de como toda a gente tem direito a conhecer o mundo, claro, mas que a forma que o turismo está a ganhar, torna tudo igual, que já não importa aprofundar cada local, o que importa é mostrar que se esteve]

J: e depois isto é a tal situação, as pessoas vêm cá um dia, mas depois isto tem mais 364, e nos restantes 364 como é que é? Nós não nos podemos esquecer disso, o lixo que aqui fica, fica para nós. “Ah, na cidade vocês também vão sujar à cidade e vão sujar às praias”. Claro que vão, mas lá têm muito mais estrutura para fazer esse tipo de trabalhos. Esse trabalho, toda a gente paga... e aqui não, aqui é inconcebível ter alguém a limpar isto todos os dias, não posso... as pessoas têm de perceber que isto é diferente. Eu aqui também, paro o carro num sítio qualquer, vou ao ecomuseu, e não tenho que pagar, se vou a Lisboa... tenho de pagar. Então, mas não somos um país? Pois somos, mas é diferente. Já sabes que lá é assim. Já sabes que aqui é assim. Aqui não há ninguém que limpe o lixo, cada um tem que ter a sua preocupação. O que é que isso demora, a sensibilização, esse tipo de trabalho, olha, a Catarina lá a apanhar o lixo, e as pessoas vêem que ela está a apanhar o lixo... isso ensina as pessoas. Com o Filipe, quando ela deixou de trabalhar, andámos lá a apanhar um

saco de lixo só encostado à estrada, um saco daqueles pretos, à beira da fonte. Diz o Filipe³ “as pessoas são pocas”... pois são amor! E depois as pessoas passavam nos carros, viam, e de certeza que essas pessoas já não iam deitar nada ao chão... porque viram que andava ali uma família a apanhar o lixo

AL: claro, e o Filipe também há-de levar esse ensinamento para o resto da vida, e para os dele, e tudo o mais

J: é isso... e a tua passagem por aqui é assim...

[aqui não percebi muito bem se o Júlio se referia a mim ou se estava a fazer uma finalização em nome de todos... a verdade é que acabei por aproveitar para dar a entender melhor o contexto daquela conversa, do que ando a fazer, etc.]

[...]

J: sim [acerca de ter lá ficado 2 meses para perceber melhor as dinâmicas], é preciso viver em comunidade para perceberes isso tudo, senão levavas um postal... e o resto?

[...]

[fala-se da importância de abrirmos os horizontes das nossas realidades, que é absolutamente essencial, tanto do meu lado, indo para ali, como do lado dele, ou deles, de ir para Lisboa, ou outro sítio qualquer... de como isso se nota na forma como se pensa e como se olha o mundo]

J: as pessoas também o fazem, os feitios de cada um fazem-no, mas a vida que tu tiveste, e o que tu aprendes, e os horizontes que tu consegues abrir, tem a ver com as vivências, senão esquece

[despedidas e últimas conversas]

J: olha ontem a reunião [em Cabril] era já a trabalhar com os novos membros da Junta...

AL: ontem?

J: sim, sim

AL: os membros, mas ainda não houve eleições...

J: pois, mas já sabemos

[RISOS]

J: é a única lista

AL: a sério?

J: têm novos elementos, então já sabemos...

AL: e o presidente é o mesmo? O Márcio?

J: é, mas vai meter elementos novos e já tem que se ter uma visão para a coisa, não é... para perceberem que nós... é evidente que mais nenhuma aldeia teve esta reunião com eles... mas nós tivemos, tem de ser assim. Para sentirem... o que é que queremos, o que é que não queremos, o que é que deve ser feito. Isto, nós querer

³ Filipe é o filho de 3-4 anos do Júlio

queremos muita coisa, mas temos de ter os pés assentes na terra e ver a realidade da coisa

AL: e tu foste em nome de...

J: em nome da aldeia, da associação, em meu nome... eu sou muito, gosto de estar sempre na tomada de decisões do que pode vir para a aldeia [...] mas tem de ser assim, têm de ser os locais a preocuparem-se, não é concebível, quem está em Montalegre, por exemplo, a 50 km daqui, preocupar-se e não saber as preocupações que tu tens, não há hipótese... por isso é que muitas das aldeias leva ao êxodo completo, porque não há dinâmica, a idade... [somos interrompidos por um passante com um turista]

J: ele é da Oporto...

AL: ah... mas sim, tem de ser a malta a mexer-se

J: sim, não há hipótese. E se não forem os locais, se vêm para aqui com ideias de fora, vai chocar “ai agora vamos fazer...” ... “pá, está bem, mas agora vens mexer na nossa casa”

AL: pois partiu de vocês ir lá...

J: tem de ser. E eu acho que assim é que tem de ser bem, claro que eles não gostam muito

AL: não?

J: claro que não... achas... se lá fossem as 14 aldeias da freguesia

[RISOS]

AL: mas se eles tivessem de fazer campanha a sério, se calhar vinham

J: certo... eram eles que vinham. E eu percebi que isso não vai acontecer... tens de estar sempre presente... sempre

AL: opa, enquanto houver gente que consiga isso, Fafião está safo. Pois, de facto destacam-se um bocado. Claro que eu nunca estive dois meses noutra aldeia, dois meses e meio, devia... porque por exemplo, mesmo Fafião, quando falei com o Miguel ele transmitiu-me uma certa realidade que eu acabo por aceitar e generalizá-la ao resto da aldeia... mas a verdade é que as pessoas não pensam todas da mesma maneira... e depois de estar cá algum tempo percebes que o Miguel é só um e ... ok, é presidente do CD mas há montes de outras visões

J: e tu tens de perceber que existem essas visões e que essas visões têm razão para existir... agora, chegar a todos é complicado, mas tens que perceber que se as pessoas reagem assim, têm esta ideia, é natural que seja assim, isto não é carregar num botão

AL: claro. Mas estás a ver, eu saí daqui, tal e qual como saí de outras aldeias, que acaba por ser o modo de ver as coisas de uma pessoa, não interessa se é presidente, se é o dono do café, não importa, e que não retrata a realidade da aldeia. Isto para dizer que saí com uma ideia que se tratava de uma aldeia activa, dinâmica, com muitos jovens presentes, etc., e isso revelou-se tudo verdade... mas não é consensual, há muita diversidade de pontos de vista, e muitos conflitos, o que é normal no fundo numa comunidade [...]

ANEXO X – Entrevistas a outras entidades intervenientes na gestão

- ICNF (2 entrevistas)
- BALADI (1 entrevista)

Engenheiro Tiago Miranda – ICNF

Local: Vila do Gerês, sede do ICNF

AL: [...] pronto, lá está, não conhecia a sua personagem

T: claro

AL: então não lhe enviei, mas depois posso enviar. Mas eu estou a fazer um projecto de doutoramento em ecologia humana, mas a tese foi focar precisamente a questão dos baldios, nomeadamente a gestão dos baldios do PNPG. E o que eu ando a tentar perceber nesta primeira fase do trabalho é que tipo de gestão é efectuada, quem é que gere... no fundo é para perceber quais são os baldios que conseguem autogerir-se bem, autogerir-se... em cogestão ou em autogestão, não interessa, mas que conseguem gerir bem o seu baldio, seja através das JF, seja através dos compartes, seja através de que instituição for, e quais é que não, e o que é que os diferencia, no sentido de tentar perceber melhor qual será o futuro dos baldios não é... e pronto, e escolhi o Parque Nacional da Peneda-Gerês porque achei que... pronto, tinha de delimitar uma amostra não é e percebi que aqui o Gerês tinha muito baldio e o facto de ser uma área protegida torna a sua gestão particular

T: pois sim, tem vários tem...

AL: agora também percebo agora que tem muitos baldios mas a situação aqui no parque é bastante diferente lá de fora não é, tem as ITI, tem uma data de coisas que lá fora não há, deixa de ter outras coisas que lá fora há, tipo, sei lá, por exemplo, certas limitações às eólicas e não sei quê que lá fora não há...

T: pois, essas limitações lá fora não há, aqui há, aqui é proibido implementar qualquer projecto desse género

AL: claro, o que torna a situação destes baldios bastante diferente da de lá de fora. E isso é interessante por um lado, porque eu tenho lido...

T: e diferencia

AL: sim, sim, sim, exactamente, acabam por ter uma função se calhar diferente do que lá fora

T: claro, porque nós trabalhamos mais em termos de conservação

AL: sim, claro, dentro do parque

T: pronto, e daí não queremos cá grandes estradas nos montes porque isso já sabemos que vem estragar tudo. Até no próprio maneio de usos e costumes, relativamente a vezeiras animais, se implementássemos lá grandes redes viárias,

como é o caso de onde existem as torres eólicas, isso ia ser muito complicado para os próprios proprietários de animais

AL: pois

T: e até para os próprios animais selvagens, alterava completamente o [?]

AL: pois, sim, sim, sim, não tenho dúvidas, disso não tenho dúvidas. Por acaso no outro dia estava a ler aquele livrinho que agora saiu sobre o lobo ibérico, que saiu este ano, e ele fala lá de como as estradas e de como isso é lesivo para o lobo e para outros animais

T: para tudo

AL: até para os gatinhos, o que mais há é gatos mortos nas estradas. Para todos

T: para todos

AL: mas pronto, esta questão de os baldios do parque acabarem por ter uma gestão bastante diferente tem sido interessante porque aquilo que eu tenho lido sobre os baldios acaba por ilustrar a realidade que constato aqui dentro do parque, sei lá, desde... já não há pastorícia por isso já não tem sentido manter-se os baldios comunitários, desde que a agricultura já não é o que era por isso já não se justifica... claro que isto é tudo verdade, as coisas mudaram, mas as coisas como são descritas não se adequam aqui aos baldios do Gerês...

T: pois, essas mudanças entristecem um bocado porque é pela... à uma os jovens saem muito... para melhores vidas, e à outra, cada vez temos menos pessoas idosas a trabalhar na agricultura... o mosaico que anteriormente se via agora deixa de existir. E isso é muito complicado, em termos de incêndios nomeadamente isso reflecte-se muito porque aqui há uns anos atrás todos os bocados de terreno existentes no meio dos montes era tudo cultivado, isso era ali um entrave à passagem de incêndios, que facilitava muito no combate. Agora isso não acontece, porque esses terrenos estão abandonados, parte deles, e os incêndios percorrem tudo como que não sejam terrenos e isso aí é muito mau, cada vez temos incêndios maiores com grandes dimensões e isso é... é terrível

AL: e os próprios rebanhos tinham um papel importante nos incêndios, não era?

T: também... porque no decorrer dos anos tem diminuído imenso a quantidade de animais que pastoreiam os baldios, o que quer dizer que os matos crescem muito. Por si só esta zona... chove muito, tem muito calor e os matos crescem, se não houver nada a comê-los, digamos... pá, não...

AL: vem o fogo comê-los

T: é a parte pior que os come... a regeneração natural não progride como deve, e mesmo árvores adultas acabam por morrer... é terrível, é terrível. Os incêndios é a pior coisa que pode entrar numa área. E pronto, e estamos neste impasse e cada vez é pior, embora ultimamente penso que há pessoas jovens a dedicarem-se bastante à agricultura, mais projectos nessa área... é uma saída

AL: claro

T: e cada um toma a saída que entende melhor, ou pode tê-la...

AL: agora também com a introdução, agora, quer dizer, já não é de agora, mas a questão das ITI e tudo o mais, tem ajudado no combate aos fogos?

T: isso tem ajudado muito, porque tem havido aí bastantes hectares limpos e isso reduz o combustível e os incêndios aí não progridem e é muito mais fácil matar. Há sempre ali uma faixa em que as pessoas se podem apoiar para fazerem o combate aos incêndios

AL: e notou da parte...

T: e em termos financeiros também, as ITI vieram dar uma grande vantagem, digamos, à gestão dos baldios, porque entram bastantes dinheiros, há muitos projectos, dão trabalhos a empresas e favorece muita gente digamos

AL: claro

T: é sempre bom

AL: qual é que é o papel do ICNF aí no meio? Tipo, eu já... lá está, eu ouvi falar de si muitas vezes em relação a...

T: é cogestor

AL: e o que é que faz, tipo... uuuh

T: nós apoiamos tecnicamente as equipas, ou seja, fazemos o plano anual

AL: das ITI?

T: dos sap...

AL: ah, dos sapadores...

T: e das ITI também, nomeadamente o engenheiro Célio Silva que é o que trabalha com isso, com as ITI, esse é que é o responsável. Eu é mais, como sou técnico de acompanhamento das equipas, nomeadamente da de Fafião, Cabril, Outeiro e Covelães

AL: das equipas de sapadores...

T: estes pertencentes ao concelho de Montalegre. Sou responsável pelo plano anual e pronto, e acompanho

AL: do trabalho dos sapadores?

T: do trabalho dos sapadores

AL: e essas equipas de sapadores como é que foram formadas

T: foram formadas já há bastantes anos, elas têm já uns 12 anos, por aí. E pronto, na altura saiu essa lei e o pessoal aproveitou

AL: ok. Mas eram pess... por exemplo, eu agora aqui nesta zona percebi que as equipas de sapadores existentes aqui nestas freguesias foi do género, aqui e na zona de Melgaço, foi do género, eram pessoas escolhidas localmente

T: sim, sim

AL: que depois iam fazer um curso na Lousã, no COTF

T: sim. Não, mas isso foi igual em todo o lado, isso foi igual, isso foi transversal a todas as zonas

AL: aaah, ok

T: embora pense que a selecção dos elementos não fosse a melhor

AL: pois... era baseada em quê? Estarem desempregados?

T: era uma maneira de fazer uma equipa ali e não pensaram no futuro, no trabalho que realmente eles têm capacidade para fazer, aí foi um bocadinho... mas também temos de considerar que nas aldeias não temos muita escolha

AL: pois, é isso, ainda agora estive a falar com o senhor da Gavieira e ele disse-me que mais de metade dos sapadores da equipa dele tiveram de vir de fora da Gavieira

T: pronto, isso é a realidade que temos, quando há hipótese de escolher bons elementos, epa, porque isto convém ser pessoas jovens, porque a actividade exige muito deles, e como tal isso nem sempre é possível. Temos algumas equipas bastante boas, outras...

AL: e a única formação que tiveram foi o tal curso no COTF

T: sim, sim

AL: foi há quanto tempo? Há uns mesitos ou?

T: não, mas eles todos os anos têm uma formaçãozinha, um dia ou dois por ano, mas aquele curso que fizeram na Lousã, esse é que é o, digamos, o principal

AL: eles assim durante o ano, qual é que é o papel dos sapadores aqui no parque

T: fazem várias coisas, actuam em vigilância, combate e combate a incêndios... fazem limpezas de matos, quando é previamente determinado e fazem melhoramentos de rede viária florestal e fazem plantações, e pronto, basicamente é isso

AL: e estão entregues a baldios?

T: exactamente, pertencem aos baldios, os baldios é quem os comanda, quem manda neles

AL: e aqui a nível institucional acha que houve diferença, já trabalha aqui há muito tempo não é? Aqui, para o ICNF, não tem de ser aqui no Gerês

T: sim, para o ICNF... eu nesta profissão estou desde 2009

AL: aaah, ok

T: antes trabalhei noutras... noutras funções digamos

AL: no ICNF?

T: sim, sempre cá

AL: e notou diferença...

T: eu comecei como sapador

AL: ai sim? Mas não foi nessa leva, ou foi nessa leva?

T: não... sapador dos serviços. Faz os mesmos serviços que fazem eles só que pertence ao ICNF. Nós temos aqui uma equipa no Gerês, aqui mesmo, a qual eu estou a comandar, também, pronto, faz os mesmos serviços, só que pertence ao ICNF. Trabalha aqui na Mata Nacional

AL: aaah... na Albergaria?

T: sim. Caminhos, limpezas, limpezas de trilhos, o que... pronto, o que aparecer. No inverno com temporal temos aí bastantes quedas de material lenhoso e o pessoal vai limpar, faz o que aparece

AL: pois, faz sentido, uma parte da área está coberta pelos baldios, não é, e depois há a Mata Nacional e ... qual é a outra área que não é baldio? Ou seja, aqui dentro do parque temos os baldios que ocupam mais de 60% da área, pelo menos foi o que eu li

T: já é mais de 80...

AL: ai já é mais de 80... ok. Lá dizia mais de 60, tipo 62...

T: e depois temos a Mata Nacional... e privados

AL: e os privados que são pouquinhos não é?

T: exactamente

AL: então e desde que trabalha cá, notou diferença por exemplo quando a instituição mudou de ICNB para ICNF? Houve grande alteração na forma de actuar?

T: não... fizemos sempre a mesma coisa... isto faz sentido porque eram dois organismos separados e em que eles se enquadram juntos perfeitamente, não vejo qualquer...

AL: nem para melhoria nem para o contrário...?

T: não, manteve. Trabalhámos sempre com floresta, aqui a nossa parte é mais de, pronto, de manutenção e de gestão digamos, e pronto, temos mais atenção com biodiversidades e pronto, por ser áreas protegidas, mas no fundo também fazemos gestão florestal, e acho que as duas podem trabalhar em conjunto, a produção e a conservação... não vejo qualquer inconveniente relativamente a isso

AL: sim, sim, sim. A minha ideia era mesmo perceber se houve melhoria, porque sei lá, eu também posso ter a minha opinião e também acho que faz sentido, mas a minha questão ia mais para se teria havido melhorias por exemplo do ponto de vista burocrático, ou de haver maior actuação em certas áreas da parte do ICN

T: pronto, eu acho que actualmente para as pessoas em si, para o público em geral, estão um bocadinho mais distantes das chefias do ICNF. Porque antes quando havia aquela figura de delegado no parque, aqui havia um delegado

AL: é o director? Não... outra coisa

T: não, o delegado, abaixo de director

AL: que estava cá não era?

T: que estava cá e que tratava de muitas coisas. Aquelas coisas mais básicas ele respondia pelo director, quase que na hora. E depois essa figura deixou de existir e agora é... pá, para resolver problemas as coisas estão mais longe, as pessoas que realmente decidem estão mais longe das pessoas. Só por isso...

AL: pois, pois. Mas isso já é desde que foi a reforma do ICN não é? 2006 ou assim

T: sim, sim, quando começaram a meter estas coisas, este conjunto de...

[toca o telefone]

T: Célio, olha é o Célio, não posso atender

AL: se quiser atenda, eu até posso sair da sala

T: não, eu depois ligo-lhe

AL: então e na sua perspectiva o papel dos compartes é positivo... ou seja, a gestão dos baldios tem vindo a ser feita de uma forma que aos olhos do ICNF, ou aos seus olhos, que acaba por ter aí duas perspectivas não é... tem aquela proximidade com Cabril e tem

T: exactamente, é que eu sou comparte e [?]

AL: exacto, exacto, na sua opinião acha que a coisa tem sido... ou seja, faz sentido manter as aldeias a gerir ou não...

T: faz, eu acho que faz todo o sentido, devia de haver mais jovens a trabalhar nisso, as equipas...

AL: mais jovens?

T: sim, não as próprias equipas deviam ser mais, porque são áreas muito grandes para 5 elementos e alguns dos quais já têm uma certa idade e pronto, estão um bocado mais limitados, mas fazia todo o sentido porque realmente são áreas muito extensas para pouca gente

AL: e depois também há quem recorra a empresas não é, também, para fazer limpezas

T: sim, sim, a projectos. Nomeadamente nas ITI recorrem a empresas exteriores, porque senão não havia capacidade de limpar essas áreas, e pronto, também é forma de ajudar essas empresas a sobreviver

AL: sim, sim. Mas por exemplo há quem diga por aí afora que isto já não faz sentido os baldios manterem-se uma propriedade comunitária, porque já não há pessoas, porque já não há actividade local, assim... qual é a sua perspectiva face a isso?

T: eu acho que faz sentido havê-los, e dado a essa conversa cada vez mais. Quer dizer, se não há pessoas tem que haver outras pessoas a colmatar os problemas, porque é assim, é preciso arranjar caminhos... nós somos uma zona muito chuvosa em que cada vez que chove muito é preciso fazer uma repassagem para recompor esses danos causados nos caminhos... e é preciso limpezas de matos, é preciso... e também apoiam a população, nomeadamente... é pontualmente, é óbvio, mas pronto, dá sempre uma ajuda por exemplo na beneficiação das levadas de água para a rega, normalmente ajudam e pronto, e as pessoas acabam por usar esses caminhos que são arrançados por eles, por isso acho que faz sentido, quando havia muita gente é que se calhar não faria tanto sentido

AL: tanto sentido ter essas equipas

T: porque antigamente, voltando um bocadinho atrás e referindo-me à agricultura, as pessoas iam para o monte roçavam tudo, andavam quilómetros para ir buscar um bocado de mato... agora as explorações alteraram-se completamente... as pessoas idosas não têm animais, os jovens já optaram por outros sistemas, e há aqui um desfasamento muito grande relativamente ao passado

AL: sim... mas acha que o baldio continua a ter uma presença importante nas vidas destas pessoas?

T: sim, sim. Sim, claro, ao beneficiar essas servidões públicas as pessoas estão a usufruir disso

AL: como por exemplo essas limpezas de que está a falar?

T: limpezas, arranjos de caminhos, porque as pessoas passam lá com tractores, com veículos de todo o terreno

AL: claro, claro. Mas eu digo mesmo do ponto de vista... por exemplo, para as pessoas de Cabril ou de onde for, se o baldio continua a ter um papel importante, ou seja, continua a ser importante para as vidas destas pessoas, elas continuam a usá-lo, continua a ser...

T: sim, sim, à uma são 5 empregos ali num sítio, 5 empregos numa aldeia já é muito, devia ser mais mas já é considerável, e à outra as pessoas usam o que eles fazem.

AL: mas continuam a usar o baldio para levar o gado, para ir buscar mato...?

T: sim, sim, por exemplo, há certas limpezas, pronto, não são todas porque os acessos não o permitem, mas quando eles andam por exemplo a roçar matos as pessoas, quando está perto de caminhos, as pessoas vão lá e carregam esses matos... para benefício próprio. Em vez de o roçar ganham-no... e até para os sapadores é bom porque se não teriam de queimá-lo, era tempo desperdiçado e assim é uma mais-valia para ambas as partes.

AL: claro. E tem havido alguns conflitos entre o ICNF e os compartes?

T: não...

AL: ou se há, bom eu vou pressupor que há porque há sempre não é, seja em que trabalho for não é

T: há sempre um bocadinho mas eu acho que as pessoas actualmente não evidenciam muito esse aspecto

AL: mas há uma boa colaboração entre

T: exactamente, por haver uma boa colaboração entre as partes

AL: sim, o que eu noto é que as pessoas de uma forma geral têm uma tendência para dizer mal da instituição, mas têm dito em geral bem dos engenheiros que andam no campo, que são poucos, também referem, mas que se esforçam muito para que as coisas sejam feitas de uma forma

T: pois, facilitar o mais possível

AL: exacto, mas que a instituição em si está um pouco ausente e

T: pronto, é isso que eu lhe falei

AL: pois, exacto

T: porque as chefias agora estão um pouco mais distantes

AL: pois, pois, pois. E no papel de cogestor da floresta também às vezes refere-se que “bom, vêm cá buscar 40% mas não fazem muito” (RISOS)

T: pois... não, e têm alguma razão, porque antes faziam-se grandes sementeiras, grandes plantações e agora

AL: ainda apanhou esse tempo das plantações e das sementeiras

T: não, não... esse tempo já foi há muitos anos

AL: e lembra... não se lembra com certeza, mas se calhar os seus pais ainda se lembram de quando a floresta entrou em Cabril ou...

T: ah, sim, sim

AL: e foi violento ou...? Ou seja

T: teve que haver aí algumas alterações ao comportamento das pessoas, ou seja, nessas áreas de plantação ou sementeira, os animais não podiam andar

AL: claro

T: e eram multados... e hoje isso devia de existir quanto a mim

AL: (RISOS) a sério?

T: as pessoas abusam muito. Eu lembro-me de casos que fizeram a plantação, vedaram inclusivamente com rede e postes de madeira, e havia pessoas que iam lá, abriam a rede, metiam lá dentro os animais e fechavam-nos lá dentro

AL: (RISOS)

T: para estarem lá guardados

AL: a comer as plantinhas

T: veja bem ao cúmulo que isto chega

AL: isso aconteceu ali também não foi?

T: acontece em vários sítios

AL: Pelo menos foi o que me contou o senhor de... ai, já não sei, dali, de Rio Caldo!

T: pois, também estragaram lá a vedação para meterem lá os animais

AL: sim. Mas naquela altura também foi um bocadinho... não sei, pelo menos do que leio, não é, da história... quando entrou a floresta foi um bocado autoritário não é, encheu aquilo de floresta quando

T: é sempre complicado... há pessoas que só se dão bem com esse sistema, outros se calhar são mais moldáveis

AL: o sistema de pastor... não, está a falar do sistema autoritário...

T: exactamente, só assim é que funciona

AL: pois

T: porque já viu o que é, as pessoas terem o investimento de vedar uma área e a seguir ir pôr lá animais dentro? Isso é... é o cúmulo

AL: pois, pois, pois. Sim, claro, mas foi uma área enorme na altura a que foi intervencionada pelo Estado... as pessoas ficaram sem capacidade não é, de pastar os seus animais e

T: sim, não, houve zonas que se ressentiram mais, onde foi implementado esse sistema, outras menos... mas pronto. Mas eu acredito que houve pessoas que tiveram de alterar muito os seus comportamentos e hábitos, porque há zonas que entraram nesse sistema muitos e muitos hectares, e tiveram de alterar os usos porque quem pastoreava aquela zona teve de retirar os animais dali para outros lados.

AL: pois... mas no seu ponto de vista a floresta é importante

T: outra coisa que eu achava que devia ser implementada era relativamente a áreas queimadas. Quando arde uma determinada área os animais não haviam de pastorear ali num mínimo de 5 anos

AL: por causa da regeneração

T: eles assim já não queimavam

AL: ah... pois. Pensei que era o caso da regeneração natural

T: não, isso é outro assunto

AL: mas considera que muitos dos fogos são ainda provenientes dos pastores e

T: sim. Mas se [?]

AL: há quem fale dos madeireiros que também gostam muito de queimar

T: isso acho que não é tanto, depende das zonas que estejamos a falar. Fogos postos no meio de pinhais, ou carvalhais ou... aí poderá fazer algum sentido ser madeireiros. Agora em zonas mistas onde há pastoreio, penso que serão mais os pastores

AL: pois. Mas depois é difícil também chegar ao culpado, digamos assim

T: pois, isto é tudo difícil, se virmos apanham tantos e depois ninguém é condenado. Não é fácil...

AL: pois, e agora só mudando um bocadinho mas ainda dentro do mesmo tema, quais é que foram os critérios para formação das equipas de sapadores, porque já percebi que nem todos os baldios têm equipas de sapadores. Isso tem a ver com uma escolha do próprio baldio ou ...

T: não, isso tem a ver com o Estado

AL: mas então porque é que uns tiveram e outros não? Ou quais é que tiveram e quais é que não tiveram?

T: isto é assim, eles agora têm em conta a proximidade de equipas, ou seja dá uma equipa, consideram que ela pode abranger mais área e pronto, tentam distribuir mais equipas a nível nacional. Agora aqui no parque como houve, como foi o parque e daí haver mais

AL: ah, aqui há mais do que noutras

T: sim, são mais juntas. Pronto, o parque aí teve uma interferência bastante forte. Foram técnicos que adiantaram-se logo e não sei quantos, porque acharam que era uma mais-valia, e daí serem favorecidas nesse campo

AL: ok, então há zonas em que pela proximidade ou pela área ou o que for, há uma equipa para várias aldeias é isso?

T: sim, sim, sim

AL: e isso às vezes causa alguns... alguns conflitos pelo que eu tenho percebido

T: sim, porque isto é assim, a equipa pertence a determinado baldio, isso aí não há dúvidas, e é aí que ela tem de actuar mais, ou deve. Aliás, só saem para fora da área de actuação deles quando é para incêndios, de resto não...

AL: mas por exemplo ali a zona de Covide... não é nada Covide, a zona de Sezelhe, Covelães, ... e ainda há outro não há... ou Paredes e Travassos, já não sei muito bem qual é

T: essa equipa pertence a Covelães e faz Travassos, Sezelhe e Paredes do Rio

AL: é isso

T: a mesma equipa, porque chegaram entre eles, chegaram a um acordo de... pronto, eles é que suportam a despesa da equipa

AL: eles todos juntos?

T: todos juntos... e pronto, a equipa trabalha nos 4

AL: trabalha nos 4, não é de Covelães

T: não... é! É de... teoricamente é... está a ver?

AL: ok

T: foi Covelães é que criou a equipa

AL: são pessoas de Covelães os sapadores?

T: depois como não... penso eu que não conseguiam mantê-la... só eles, porque não há, prontos não há meios, falta verbas, juntaram-se todos para manter a equipa, e a equipa está destinada a trabalhar nos 4. E pronto, é assim que actualmente se tem mantido a situação

AL: e ao início o parque dava algum também não?

T: dava, dava, ele chegou a dar salvo erro 8000 Euros

AL: exactamente, é isso que me têm falado. E deixou de dar...

T: depois deixou de dar

AL: só porque sim ou porque deixou de existir o parque ou ...

T: não, foi pela junção da AFN e do ICNB

AL: ah... ok

T: porque é assim, a AFN dá... 35000 Euros, dava, a ex-AFN que agora estamos todos juntos, e nós dávamos 8000. Depois houve a junção dos dois organismos, aliás deixou de existir o ICNB, não fazia sentido dar, não é, podia-se era ter chegado a um acordo e aumentar o valor a dar à equipa

AL: sim

T: mas não, manteve-se

AL: manteve-se os 35000 e cortou-se os 8

T: exactamente, foi isso mesmo

AL: quando as pessoas falam o parque, o parque, estão-se sempre a referir ao ICNB não é? Não houve nunca a instituição Parque pois não? Ou era o ICNB?

T: sim, era o ICNB na altura e, quer dizer, isto sempre dependeu assim sendo o Parque Nacional, depende agora do ICNF directamente, por que isto parque agora quase que não existe não é, é ICNF, juntaram as equipas todas, porque antes havia um director para este parque só, como para os outros parques e agora isso deixou de existir, há um director para todos

AL: do norte, não é? Para todos os do norte

T: sim, para todos os do norte, e no centro é igual...

AL. Pois, pois, pois, isso foi pior não é?

T: claro, eu acho que isso foi pior

AL: pois... está bem... pronto, eu não lhe quero tirar mais tempo, eu queria mais ter uma ideia de qual é que é o papel do ICNF aqui no meio, uuuh

T: mais de cogestor

AL: pois. Mas já foi mais não já? Interveniente...

T: não

AL: na floresta, como disse há bocado e tal

T: quando se fazia plantações sim, mas isso já foi há muitos anos, já não me lembra desse tempo, já vão para aí alguns 40 ou 50 anos

AL: pois, sim, claro, claro. Mas manteve-se como cogestor no papel

T: sim, isso sim

AL: e o que é que acha da autogestão dos baldios? Só para ter uma... acha que era melhor, qual é a perspectiva do ICN face a isso?

T: eles têm essa hipótese, todas as equipas ou todos os baldios têm hipótese de optar por isso

AL: é muito complicada a questão burocrática?

T: é mais complicada

AL: sim... houve um senhor que me disse que o ICNF anda inclusivamente a incentivar ou a fomentar a autogestão dos baldios... é verdade isto ou...? Já ouviu isto também?

T: já ouvi isso mas não me parece que isso seja verdade

AL: não anda propriamente a incentivar?

T: não... eles é que têm de decidir o que querem

AL: claro

T: ou fazem eles a gestão toda ou não

AL: por exemplo para Cabril o que é que achava melhor?

T: acho melhor assim

AL: em cogestão?

T: sim, acho que se adapta melhor...

AL: por estar no parque?

T: sim, acho que sim. Mas isso... depois cada CD é que tem de decidir o que será melhor para eles

AL: pois... pois eu acho que o único argumento a favor até agora da autogestão, daquilo que eu tenho ouvido, é o facto de terem de dar x das receitas sem terem muito apoio

T: pois...

AL: e aí deixavam de ter de dar as receitas, pronto, acho que é só esse o argumento

T: porque isto é... aliás, se tivesse havido sempre aquele seguimento de como era antes, a plantação, o Estado a fazer, fazia todo o sentido isso, mas chegou a certo ponto que essa corrente cortou-se e os tais 60/40, pronto, eu acho que nalguns casos é um bocadinho demais, o Estado se calhar não... dado que não intervém muito... embora tenhamos que contar também com os recursos humanos que são usados também naquilo, também nem toda a gente contabiliza isso

AL: pois, pois

T: como é o caso dos técnicos

AL: quando vão lá fazer o auto de marca e assim?

T: autos de marca, acompanhamentos das equipas, marcações de áreas e medições de áreas de todo o tipo, aconselhamentos técnicos, seja do que for, isso também custa dinheiro e eles isso não contabilizam

AL: pois.

T: E daí os tais 40%?

AL: pois... mas é um bocadinho não é?

T: é um bocadinho (RISOS) mas são coisas estabelecidas por lei

AL: sim, sim, sim

T: até não mudarem isso temos que nos reger pela actual

AL: pois, exacto... isto é pessoal que acha que consegue fazer isso sem o apoio do ICNF e que por isso

T: pois, mas se calhar depois não é tanto assim, se calhar depois têm de recorrer a outros serviços que assim que pagarem sentem depois a falta, só damos valor às coisas quando as não temos, e isso...

AL: pois... e da parte do ICNF não há aquela perspectiva de vir a intervir mais para a floresta, contribuir mais para as plantações ou para a gestão...

T: isso poderá vir a acontecer, poderá vir... aliás, neste quadro comunitário isso está previsto

AL: que o ICNF intervenha mais na prática?

T: sim, sim, sim, está previsto, vamos ver como é que as coisas vão acontecer

AL: os Apoios Zonais vão acontecer ou não? Aqueles apoios que vêm substituir as ITI

T: não sei, ainda não se sabe muito bem

[despedidas, agradecimentos]

Engenheiro Célio Silva

Local: Braga, ICNF

C: [...] sabe, é que a gente não pode dar entrevistas se não formos autorizados...

AL: ah, não, mas isto é mesmo para mim, é só para em vez de estar a escrever...

C: sim, sim, sim

AL: sim, sim, não, eu tenho a noção, nem pensar. Pronto, e entretanto estava a falar com as pessoas, lá está, como o senhor Gonçalo, tenho andado assim de baldio em baldio a falar com os órgãos de gestão dos baldios e tal... a minha ideia...

C: já fez a zona toda? Não...

AL: já, só me falta Cabana Maior que... o senhor Lauro é muito difícil de apanhar

C: ah, o Lauro Mendes?

AL: sim, é complicadíssimo, ora não atende o telefone, ora está sem rede ora... ontem andei atrás dele, literalmente, a fazer de espiã, fui a casa, fui à fábrica, fui a todo o lado... ele tem uma vida, pronto, já percebi que é geral, porque eu falo com as pessoas "ai, não, ele é muito difícil de encontrar"... ah, ok, então não é comigo

C: mas então com quem é que falou já...

AL: com todos, basicamente, desde Montalegre a Terras do Bouro a Arcos de Valdevez a Melgaço, falei com todos os baldios que estão dentro do Parque, eu agora lembrar-me do nomes das pessoas todas vai ser complicado, mas

C: Gondoriz e Sistelo

AL: diga?

C: Gondoriz e Sistelo

AL: também, Gondoriz que é o presidente da JF que não me lembro do nome, e Sistelo que é o Nuno...

C: o senhor David

AL: como é que se chama?

C: David...

AL: David... há uns que por uma razão ou por outra agora não me lembro do nome, mas a maior parte ficou... mas pronto, comecei pela zona de Montalegre depois passei para estas zonas e enfim, terminei agora, estive agora cá duas semanas e falta-

me mesmo só Cabana Maior... mas pronto, e ao longo deste tempo o seu nome vem ao de cima várias vezes, eu até vir para cá desconhecia (RISOS) mas ali o Engenheiro Célio Silva, de vez em quando lá se fala do engenheiro Célio Silva e entoa... já tinha obviamente como objectivo falar com o ICNF, não sabia muito bem ainda a quem me dirigir, entretanto também já falei lá com o Engenheiro Tiago de

C: Terras do Bouro

AL: de Terras do Bouro.

C: Que por acaso é irmão agora de um gestor do baldio

AL: é, do Daniel não é... sim, presidente da Junta...

C: e presidente dos baldios

AL: exacto, sim, sim, sim, esse foi um dos primeiros com quem falei em Montalegre, foi o Miguel de Fafião, foi o Daniel... e por aí afora... o Tiago, etc. pronto, então, esta primeira abordagem é mas naquela ideia de caracterizar a utilização e gestão do baldio, quem faz, que instituição é essa, há participação, o que é que fazem, quais são as receitas, blablabla. E pronto, foi aí que eu me deparei com a importância enorme das ITI, que eu não fazia... nunca pensei, já tinha lido sobre as ITI mas nunca pensei que fosse a principal receita dos baldios, não tinha a noção... e pronto, e entretanto surgiu o seu nome. E então, podia só assim dar-me uma ideia de qual é que o seu papel nesta questão toda, os conflitos que possam existir, ...

C: eu nesta altura o apoio que dou é essencialmente na medida que agora se chama Apoios Zonais e que antigamente era para a floresta e para a pastagem e que agora só está para a pastagem, neste novo quadro só ficou para a pastagem... e pronto, e daí fui sempre do ICN, quando começaram estas medidas, como também foram propostas pelo próprio ICN na altura ao ITT [?]

AL: hmm?

C: ITT, gabinete de planeamento de Lisboa, é o que faz as medidas normalmente, elabora, não é o IFAP, o IFAP são... controlam

AL: ah, eles falam sempre do IFAP... IGP?

C: GPP... gabinete de planeamento, ai caneco, esqueço-me sempre da última palavra, do P, não, mas é fácil, se for ao *site* ele aparece lá... pronto, fizeram essas medidas muito específicas e a ideia que me foi dada, nós aqui em baixo no Parque, na altura montámos [?] à parte, na altura quando isto começou éramos só Parque, tinha um gestor próprio e foi definido que íamos dar o apoio todo já que era uma medida que interessava também que funcionasse, dar o apoio todo aos baldios, para mais são medidas muito específicas...

AL: isto começou quando?

C: em 2007... já começou em 2005 mas na altura, o ministro da altura cancelou as medidas, os pagamentos às novas medidas, veio a mudança do quadro não quis... e depois em 2007 começaram mesmo de raiz... e como é uma medida muito específica, a maior parte das entidades que fazem candidaturas não estão muito interessadas, porque são muito laboriosas, dá muito trabalho porque o baldio... tem de se inserir todos os animais que precisam do baldio e tudo, pronto, são dezenas nalguns sítios ou centenas noutros sítios, e em dois ou três casos até são milhares de animais. Pronto, então as entidades não quiseram então na altura o director na altura pediu-me para dar apoio nesta parte e eu juntamente com a Direcção Regional de Agricultura, aqui em baixo na secção do Cávado, montámos um movimento de apoio em que nas candidaturas nós dávamos o apoio todo, os presidentes só davam os dados e isso tudo, e a gente, os presidentes dos baldios, e a gente é que...

AL: e os baldios tinham de pagar alguma coisa por esse serviço?

C: ao ICN não... só pagavam a candidatura normal, na Direcção Regional de Agricultura, na altura eram 20 Euros ou assim, de resto o ICN dava apoio técnico. Depois também havia uma entidade que foi formada na altura, na própria portaria isso está muito bem definido... a Estrutura Local de Apoio, que era o que verificava, fazia a divulgação da medida e isso tudo, nessa ELA estávamos nós, ICN, estava a AFN na altura, que agora estamos juntos, estava a Direcção Regional de Agricultura, estava a Associação dos Baldios, com a Lúcia, estava a ACEB, estavam também a AMIBA que é a das raças autóctones e estavam as cooperativas dos Arcos de Valdevez e de Montalegre, a de Montalegre saiu logo, na altura já não estava...

AL: mas tudo isto fazia parte da ELA...

C: toda a gente fazia parte da ELA... esses o que é que faziam? Tinham que aprovar os planos de gestão, porque o baldio quando se candidatava a esta medidas das ITI tinha que apresentar um plano de gestão para 5 anos, dizer o que é que ia fazer com o dinheiro não é... com a descrição das parcelas e tudo e depois dizer o que é que ia fazer com o dinheiro, e nessa parte nós também demos apoio, isso foi mais o ICN que na altura deu apoio na elaboração desses planos de gestão e pronto e depois demos aquela... depois era feito as... quem fazia a gestão do pessoal e tudo eram os baldios, [?] com eles, nós só vínhamos verificar se o trabalho estava bem feito ou mal feito

AL: e fazem isso ainda não fazem? Essa fiscalização...

C: fazemos... ainda agora está a começar lá... na Gavieira está a começar já um trabalho a gente já vai passar lá para ver como está a decorrer... para não haver... é preferível quando começar dar logo o apoio de início porque é mais fácil a gente... depois no final estar tudo bem feito, do que estar a voltar atrás e a dizer que não está. Estando assim no campo com eles consegue-se muito melhores resultados... basta ver que até agora tem corrido muito bem, com raras excepções...

AL: sim... muitos deles acham que não vai haver este ano essa medida... e estão naquela expectativa, fala-se do corte das ITI, embora tenham concorrido sentem que terá sido em vão... há esta conversa um bocado derrotista...

C: não, porque é assim, no início o IFAP, e agora continua a haver confusões... como é uma medida nova o IFAP durante dois anos não pagava, dizia que havia problemas e... e foi com muito esforço nosso, neste caso do ICN, que fomos a Lisboa, reunir com o próprio IFAP dizer que não podia ser, que a medida estava correctíssima, porque o IFAP a maior parte do controlo é muito esquisito, em algumas situações é capaz de pagar tudo e depois a seguir dizer que tem de devolver e naquele caso o que acontecia era que não pagava e depois durante 2007 e 2008 não houve pagamentos nenhuns, em 2009 é que começaram, e foi a partir daí...

AL: mas pagou com retroactivos ou ?

C: pagou, pagou... pagou. Mas pagou sempre... mesmo agora, por exemplo, na medida há uma falha, mas não é do próprio baldio... porque há muitas bases de dados a... os nossos serviços têm uma coisa boa... os nossos serviços... estatais, que é há uma base de dados para isto, há uma base de dados para aquilo, e se as bases de dados nesta altura não batem certo eles dão logo pelo problema e avisam logo, por exemplo os baldios andam a receber cartas a dizer que as pessoas não estão inscritas no SNIRA, que é a base de...

AL: ah, eu falei ontem com a Atlântica e falaram-me dessa questão...

C: é, e estamos a tentar resolver, pronto, mas temos de ser nós porque o IFAP nem se preocupa saber se as pessoas vão resolver ou não é, eu pago e mais nada... e são os baldios todos, não é... mas da primeira vez, da primeira vez que houve as candidaturas era mais grave porque eram os próprios baldios e todos os agricultores que não recebiam... diziam que havia sobreposição da área... porque o baldio dá certas áreas aos agricultores para meterem nas suas candidaturas, então o IFAP dizia que havia duplicação de área, que o baldio concorria com uma área que era a mesma que era dada ao agricultor e ... mas o baldio só é gestor, o baldio não utiliza aquela área para mais nada, só está a gerir para depois dá-la ao agricultor, por isso não há incompatibilidades de medidas. Que eles no início a dúvida que tinham era que tinha incompatibilidades, mas depois no final aceitaram. E agora é mais por causa da base de dados, que agora já está resolvido, até foi a engenheira que esteve a tratar disso com a Atlântica e já resolveu tudo mas agora ainda vamos ter de mandar para Lisboa a dizer que já está tudo resolvido, vamos lá a ver...

AL: ah, então por isso é que eles andam com a sensação que se calhar não vai acontecer

C: porque eles já estão habituados... quem já está nisto há muitos anos já sabe como é que acontece, há um ano ou outro que vem ... neste caso, este ano até já aumentámos os baldios, já vamos em quarenta e tal

AL: dentro do Parque?

C: não, porque a ITI, o Apoio Zonal actual não se cinge só sobre a área do parque, cinge-se à área da Rede Natura Peneda-Gerês, por exemplo [?] entra quase todo, e se for o parque o parque só tem 1... 5... 4... 5, é a Furna, Campo do Gerês, Covide, Rio Caldo e Vilar da Veiga que se divide em dois, Vilar da Veiga e Ermida.

AL: ah, sim, sim, sim, fui aos dois

C: sim, pronto, mas agora há muitos baldios fora, que já entraram...

AL: que são da Rede Natura...

C: sim, que é o caso de Brufe, Assento...

AL: ah pois, que...

C: são mais pequenos

AL: foi os que me falaram na Atlântica... pois, eu não fui a esses... Brufe, Vergaço, são muitos?

C: a Sandra não lhe deu a lista?

AL: uuuh, Valdreu, faz parte dessa lista?

C: Valdreu é...

AL: então eu já tenho mais ou menos sim

C: Valdreu e Vila Verde, é o único que é Vila Verde...

AL: pois, eu não era que eram da Rede Natura... por acaso, isto é uma questão que me surgiu... os baldios que estão na Rede Natura para além de terem acesso às ITI também podem ter eólicas não é?

C: não. É assim, enquanto que no Parque está estritamente proibido no plano de ordenamento a existência de eólicas, na Rede Natura não, a Rede Natura cinge-se à legislação da Rede Natura, tem que ter o nosso parecer só. E o ICN pode dizer que não ou sim

AL: há ali uns que têm não é? Mourilhe ou Sabuzedo ou Padroso, é uma delas

C: sim, sim, sim, têm e pronto, essas ainda estão a trabalhar, essas foram as primeiras mesmo. Mas há outros sítios que já não, por exemplo Sistelo, na altura em que foi feito o pedido já não foi aprovado...

AL: ah, sim, já ouvi falar desse caso. Eu achava que Sistelo era considerado dentro do Parque, porque eles têm uma parte dentro do Parque não têm?

C: muito pouco mas têm...

AL: têm um bocadito

C: têm um bocadito sim. Mas a gente considera sempre, a gente trabalha sempre com eles como se fossem do parque. E mesmo na altura houve uma proposta de os englobar na área do parque, porque é assim se formos a ver uma parte deles tem tantas restrições por estarem dentro da Rede Natura como estando dentro do Parque. Por isso não perdiam nada por estarem dentro do parque, até ganhavam mais do que [?]

AL: sim. Pois, eu é que fiquei com a sensação que estar na Rede Natura é o *ex libris*

C: agora temos situações caricatas como de baldios que estão fora que até perguntam como é que podem entrar porque veem que os outros recebem bastante dinheiro, fazem muito trabalho e até perguntam por causa disso como é que podiam entrar, só que...

AL: como é que podiam entrar no parque?

C: sim

AL: (RISOS)

C: isso quando há verbas o pessoal está sempre interessado não é... é que eles investem, veem o investimento que é feito. Porque as pessoas se se põem a ver, eles, muitos dizem “ah, muitas restrições, nós somos contra o parque” mas depois por trás até estão muito a favor porque ganham muito mais que os outros

AL: mas é mais agora com as ITI não é?

C: sim, sim, sim

AL. Antes era mais...

C: mas havia muitos projectos que eram feitos nas aldeias que eram feitos dentro do parque, por exemplo, no caso dos sapadores florestais nós temos a maior concentração do país em termos de equipas

AL: ali no parque não é?

C: são 12, 13 equipas ali todas, isso não se vê em mais nenhum lado do país uma situação destas

AL: essa iniciativa foi nacional não foi?

C: não...

AL: a criação das equipas...

C: é nacional, mas depois o gestor é que decidia e nós na altura demos apoio para eles se formarem, comecei em Montalegre, montei 5, na altura estava em Montalegre, montámos cinco e depois os outros foram abertos, e fomos nós é que demos apoio técnico, e agora actualmente estamos a dar apoio técnico

AL: quando falou de gestor, gestor de quê?

C: gestor do baldio... quando falamos de gestores, falamos sempre de gestores de baldios

AL: ok... ah, então pera lá, mas a iniciativa dos sapadores não teve necessariamente a ver com baldios ou teve? A nível nacional...

C: no caso do parque foi...

AL: ah, no caso do parque, sim, sim

C: há dois casos, temos duas equipas que são de associações, como a da Sandra, mas o resto são tudo baldios que estão a gerir, por exemplo, este meu colega que trabalha aqui está a dar apoio a duas... ele é que dá o apoio, damos a parte técnica toda

AL: sim... e porque é que uns têm e outros não? É por uma questão de proximidade?

C: teve a ver... por exemplo, Montalegre todos eles, fora Pincães que não tem equipa porque na altura não quis, os outros têm porque se juntaram, alguns estão juntos, os baldios como eram pequenos juntaram-se

AL: sim... Sezelhe, Covelães... por exemplo

C: sim, são quatro. Pitões e Tourém... e depois sozinhos está Outeiro, que agora é Outeiro e Cela, antigamente só havia Outeiro, Cabril e Fafião. Cada um tem a sua equipa... mas na altura foram eles próprios que pediram, como tinham [?]

AL: e o carro é da equipa, ou como é que é?

C: o carro há um contrato com o Estado... se um dia a equipa terminar o carro volta para o Estado

AL: aaah, ok, todos eles têm o carro assim

C: têm a noção que oficialmente é um contrato renovado. Quando há[?] Estado verifica o que é que se passa, ou acidentes, carros que ardem já aconteceu com um da Sandra, foi substituído foi o Estado que lhe pôs outro. E agora os de Montalegre, repare que eles têm todos carros novos porque foram substituídos, foi o Estado que o fez... e se há algum que desiste e diz que não quer mais a equipa de sapadores o carro e o material voltam para o Estado...

AL: hmmm. E as ITI inicialmente não foram implementadas só no Parque Nacional pois não?

C: não, sempre foi... sempre teve Rede Natura

AL: ah... não teve outros parques naturais?

C: não... teve! Teve a Serra da Estrela que tinha umas medidas muito parecidas com as nossas, que era a única... mas lá não funcionou, eles próprios até nos chamaram para ir lá porque não estavam a perceber porque é que lá não funcionava. Lá é um bocadinho diferente, primeiro não têm o nível de pecuária que tem aqui

AL: não têm?

C: não, nem de perto nem de longe

AL: achava que com o queijo e tudo, que seria...

C: não, o queijo é tudo... parte do leite vem de Espanha, toda a gente sabe isso, os rebanhos que lá existem são poucos, tanto que é para o turismo, depois a situação que se passa é que... têm essa realidade diferente e depois o ... lá não estão organizados como estão aqui...

AL: os baldios?

C: sim, sim, sim. E depois não tinham o apoio que tinham aqui, praticamente a gente brincava não é, a gente brincava não é, a gente andava praticamente com eles na mão, a gente dizia o que é que eles tinham de fazer lá no, portanto ...

AL: os baldios aqui antes de haver as ITI já havia uma organização intrínseca?

C: sim, sim, sim. Alguns misturavam um bocadinho, ainda misturam agora um bocado com a Junta, com alguns que são presidentes num lado e no outro, mas já havia um bocado disso... Montalegre já estava muito bem definido o que era do baldio e o que era... pode é calhar ser a mesma pessoa que na maior parte dos casos acontece, ser a mesma pessoa de um lado e do outro. Mas normalmente eles agora têm muito bem separadas as coisas para não haver confusões...

AL: e sem ITI os baldios ficam assim um bocado...

C: mas eles sempre tiveram projectos, um ou outro baldio sempre se manteve... na altura a gente dava-lhes apoio nos sapadores, além do montante que recebiam do Estado nós também, nós também lhes fornecíamos algumas verbas, havia sempre trabalhos que eles faziam que nos projectos a gente contratava-os, e eles mais ou menos se mantinham. Agora se acabarem este tipo de apoios, ah, aí vão ficar sempre à rasca, não há... a floresta praticamente... quem tem floresta vai sobrevivendo alguma coisa, mas os outros não...

AL: mas são poucos mesmo não é... ali a zona de Fafião, Cabril, Pincães...

C: sim, Vilar da Veiga, Ermida

AL: sim, exacto...

C: mas depois vai-se para os Arcos praticamente é só a Gavieira, o Soajo, o resto pouca floresta tem... Sistelo pouco tem, Gondoriz nem se fala disso, praticamente... e Cabreiro tem alguma parte também, mas principalmente fora do Parque, Cabreiro tem muita fora do Parque...

AL: eu a Cabreiro não fui, falei com ela mas na cidade

C: Cabreiro tem muita fora do Parque... mas é uma situação que eles conseguem sobreviver disso, mas se não houver este tipo de apoios acabou

AL: pois, e o papel do ICNF como cogestor, qual é a sua percepção? É presente...?

C: sim, no caso do parque nós sempre trabalhamos muito bem com eles, não é bem a minha parte não é... eu só estou na parte de apoio a estas medidas, essa parte depois é com os gestores, cada gestor tem a sua área e aí é que funciona, normalmente...

AL: estamos outra vez a falar dos gestores dos baldios?

C: ahn?

AL: gestores... de baldio?

C: de baldio, sim, de perímetros, chamados os gestores de perímetros, que funcionam com os gestores dos baldios

AL: aaah. Ainda se tem atenção aos limites dos perímetros?

C: tem sim senhora... por exemplo este meu colega que está aqui gere a Mata Nacional e gere o perímetro todo da Serra Amarela, ali de Ponte da Barca... depois tem outra colega minha que gere o perímetro dos Arcos de Valdevez e Melgaço, e é assim que funciona. E depois é o apoio que se dá normalmente na parte da floresta... se é preciso algum auto de marca, isso tudo, a quem faz as vendas e tudo, conforme a alínea, por exemplo há dois baldios que estão numa alínea diferente, estão na alínea b), que não tem... a)! Peço desculpa

AL: a) Fafião e Ermida

C: e Ermida. Então quem gere são eles. Nós só vamos vendo, mas quem faz autos de marca e tudo... com a nossa autorização, temos de ver se está bem feito ou não... o resto é tudo feito por...

AL: e recebem 40%, o ICNF...?

C: não, quando é no a) não...

AL: não, no b), no b)...

C: no b) sim

AL: no a) não recebe nada não é?

C: não, recebe, recebe, ainda vai buscar... se ainda for plantação que foi feita por nós ainda...

AL: ah... pois. Eu até achava que era menos do que 40%, eu tinha ideia que era 30% no máximo, já não me lembro onde é que li... mas não... é 40

C: não, é 40

AL: e se depois se não for... se ainda for plantado pelo Estado mas se for modalidade a) já é diferente não é?

C: sim, é os tais 20%

AL: e se for regeneração natural ou plantado por eles já...

C: é 20% também...

AL: ah, regeneração natural é 20%... plantado por eles não...

C: sim, mas há uma... quando é na b) há uma prática do ICN, que foi um bocado dos colegas florestais, que dizem que como há outro tipo de investimentos lá, nós temos de pensar que os sapadores os 35% são pagos... os 35000 Euros são pagos pelo ICN, por isso têm sempre apoio por isso podem dizer, pronto e há a teoria que é 40% sempre... na b)

AL: ah, sempre? Mesmo quando é plantado por eles?

C: sim, sim

AL: aaaah. Está bem, não sabia

C: podemos estar de acordo ou não, mas é assim que está

AL: pois... às vezes ouve-se muito a distância que existe do ICNF, a ausência, a presença só para limitar, ouve-se um bocado isto assim à boca pequena

C: isso acredito

AL: e, concorda, acha que já foi diferente, que podia ser melhor...

C: não, é sempre difícil, são áreas muito grandes e o pessoal diminui

AL: o pessoal diminui pois...

C: mas em termos técnicos por acaso até nem estamos muito mal

AL: não, eles em relação aos técnicos que especificamente lá têm andado eles dizem bem, agora...

C: agora o pessoal que está mais... o pessoal do terreno, que dizer, os trabalhadores, agora isso é que praticamente não temos... temos uma equipa em Ponte da Barca, por exemplo nos Arcos já não há praticamente trabalhadores...

AL: mas tipo quê, vigilantes e...

C: não, vigilantes existem, mas estou a dizer trabalhadores que antigamente... o pessoal estava muito...

AL: os guardas?

C: não, não é os guardas

AL: (RISOS) então quais trabalhadores...?

C: trabalhadores rurais, antigamente havia várias equipas e agora não há...

AL: mas o que é que faziam?

C: faziam de tudo, quando fosse preciso arranjar uma coisa na aldeia eles iam dar apoio, quando era preciso um auto de marca eles faziam, se na floresta era preciso limpar em algum lado, que é o que eles fazem lá na Serra Amarela, eles fazem muita área de limpeza na própria serra, juntamente com as equipas de sapadores

AL: eles quem? Os tais trabalhadores rurais?

C: sim, sim, as equipas de apoio

AL: aaaah. Por acaso sim, o engenheiro Tiago falou de...

C: eles têm vários...

AL: uma equipa do próprio parque da qual ele fez parte não foi? Quando entrou para o ICNF

C: sim, sim, sim

AL: e ainda existe essa equipa então...

C: existe... não

AL: só numa determinada parte do parque

C: no Gerês tem vários trabalhadores, ainda têm essa equipa, a Serra Amarela também tem na Ponte da Barca e Montalegre também tem. Só os Arcos é que praticamente não têm

AL: porquê?

C: não, aquilo... as pessoas reformaram-se, os mais antigos...

AL: aaah, então isso é mesmo verdade não é, que já não vai entrar mais gente, que vão saindo até acabar

C: é, a última vez que entraram foram os chamados 81A, de que fazemos parte todos não é... os mais novos, foi aí que entrou tudo, de resto não entrou ninguém...

AL: pois... por acaso agora abriu uma data de lugares para o ICNF, mas é lá para os escritórios de Lisboa não é?

C: não, é para todo o lado, mas esses lugares deve ser para pessoal que já lá está

AL: pois

C: deve ser pessoal que estava a recibo verde e que agora querem-nos pôr

AL: ah, é capaz, sim... tenho uma amiga nessa situação, sim

C: eles têm lá muito bem definido, muito bem escrito o que é que precisam de fazer por isso deve ser essa situação

AL: hmm, pois, pois, pois... e a nível de... qual é a sua percepção da gestão pelos compartes? Ou da JF? Ou... enfim... como é que vê os baldios actualmente em termos de gestão...

C: é assim, eles já compreenderam que têm de ser eles próprios que têm de gerir alguma coisa, não pode ser só esperar que o Estado lhes gira o que é deles não é...

AL: as ITI beneficiaram nesse aspecto

C: sim, sim, eles já notam, são eles próprios que fazem o trabalho todo, nós... eles falam com as empresas, falam com o pessoal deles "opa, temos que fazer", e lá resolvem as coisas, só têm de saber quanto é que vão receber e qual é os passos que têm para acabar o trabalho e eles lá...

AL: e se eles conseguirem gerir o dinheiro e ainda lhes sobrar, é válido eles usarem o dinheiro que sobra noutras coisas, no que diz respeito à ITI

C: é, porque a ITI é assim, a ITI é um subsídio, um projecto não... sendo um subsídio é assim, eles só têm de ter o trabalho pronto, se o trabalho, se chegarem lá e está 5 estrelas, a partir daí se sobrar, como gerem o dinheiro, isso é com eles

AL: ok... sim, é o que eu verifico, mas quis só perceber qual é ...

C: e pronto, mas depois também, para além das ITI, dentro das ITI tínhamos também os chamados INP, que eram projectos, pronto, que se recuperou lá muita coisa...

AL: não produtivos, não é?

C: sim... que é o caso dos fojos, temos agora muita coisa recuperada, eles fizeram muito trabalho... plantações, até correu muito bem

AL: e nota-se que há uns baldios que parece que funcionam melhor que outros não é?

C: há de tudo

AL: mas consegue associar a alguma coisa?

C: tem a ver com as pessoas, é como quase com as Câmaras ou com as Juntas não é, uns são melhores, mexem-se melhor, outros mexem-se pior...

AL: pois

C: há de tudo, há de tudo. Há muitas situações

AL: sim, sem dúvida... isso é o que tenho verificado, vai de um extremo ao outro em termos de actuação e dinâmica e de organização, perspectiva sobre a floresta, perspectiva sobre uma data de coisas

C: claro, se falar com alguns a floresta não interessa para nada, mas esqueceram-se que aquilo lhes dá bastante dinheiro, para outros não é bem assim

AL: para outros é o central

C: tem muita coisa

AL: e quando pensa num baldio faz-lhe sentido que exista como propriedade comunitária para a aldeia...

C: completamente! Para mim é das melhores gestões que coiso... tem de ser muito bem definido na parte do baldio a situação que se passa actualmente com a nova lei... um bocado confuso, quem fez a lei vê-se logo que não percebe o que é que é uma coisa que não... e na parte do comparte, o que é que é um comparte está muito confuso

AL: sim, e já deu problemas não é...

C: é, já... problemas vai continuar a dar porque aquilo está muito... ao não obrigar a ter uma listagem de compartes, o que é engraçado porque o Apoio Zonal obriga... o Apoio Zonal obriga que eles apresentem um... porque isso foi uma regra que nós sempre achámos que está um bocadinho... quem é comparte...

AL: sim

C: é uma situação, porque isto pode dar azo a que haja aproveitamento, nós temos que ver, há ali um par de situações que nesta altura, se formos a ver os baldios gerem muito dinheiro, e há outros interesses por trás que não gostam muito, que foi quase

como as eólicas, não é... havendo muito dinheiro há sempre confusão, se não há dinheiro ninguém quer, mas quando começa a haver dinheiro há muita... e tem de se ter muito cuidado. Porque há freguesias que o pessoal está muito interessado no baldio, mas a maior parte delas o pessoal está-se marimbando ahn... nas reuniões que se fazem sobre os baldios aparecem, se aparecer 10% dos compartes já é muito bom! E então o pessoal tem... foi sempre, o pessoal sempre considerou que o que é meu é meu, o que é baldio é baldio, não tenho que me importar muito, ele está lá, desde que o meu gado possa ir para lá, eu ganho o meu dinheirinho... E eu... agora dessa percepção nota-se muitas vezes o que se passa, depois há das outras que tomam conta do baldio, quer dizer... quem tem muita pastorícia e tudo, se formos a ver parte das aldeias são dois ou três que estão lá e acabou e o resto está-se marimbando

AL: E depois é engraçado perceber o que é que move essas pessoas não é... porque dá trabalho, dá preocupações, dá conflitos se calhar

C: não, eu estou a dizer quanto aos utilizadores, há certos sítios que têm dois ou três utilizadores, não é gestores

AL: ahhh, sim, sim, sim. Com uma data de cabeças de gado

C: sim, sim, com muito gado e tudo e às vezes não cumprem as regras e houve ali algumas situações, por exemplo no caso de Pincães, logo no início quando foi... o Apoio Zonal obrigava... a ITI na altura, obrigava que os animais estivessem mais cá em baixo e havia produtores que não aceitavam “vou levar o meu gado à serra e acabou” e eles tiveram mesmo que pôr aquilo a funcionar porque senão...

AL: ah, existe esse pré-requisito?

C: tem... existe um requisito que... e agora mesmo a própria DGV já lhe diga que os animais quando andam na serra não podem andar sempre todo o ano ali a passar fome

AL: ah, está bem, porque lá em cima não há tanto alimento, é isso?

C: então havia a regra de a zona de inverno e a zona de verão. Porque eles próprios antigamente já faziam isso, isto era mais ou menos tentar que as pessoas voltassem a utilizar as regras antigas e regras que ainda existem em alguns baldios, por exemplo, o caso de Fafião, ainda segue muito à risca aquilo da vezeira

AL: pois é... pois é

C: e sempre se tentou que houvesse uma racionalização da utilização do baldio. Nalguns casos funcionou, noutros não está a funcionar tão bem porque a quantidade de gado é tanta que o pessoal... alguns têm 2000 e tal cabeças de gado não é...

AL: sim... nas mãos de poucos, isso é outra questão que às vezes se levanta nas conversas... o baldio está a beneficiar 10% da população da aldeia, então já se fala às vezes de haver um contributo por parte dos utilizadores, isto a nível local não é...

C: sim, isso é verdade, e há baldios que já pensam nisso, que as pessoas que ganhem dinheiro do baldio pagam...

AL: dão uma x parte do subsídio...

C: sim, ou pagam aluguer

[toca o telefone, atende...]

AL: sim, há quem fale nisso já... “porque pronto, compartes são... vamos dizer 100, estão 3 ou 4 a tirar benefício pessoal dele, temos de pensar isto de outra forma...”

C: são quase todos, mas há casos mais... por exemplo Soajo, em Soajo são muito poucos os que tiram rendimentos de lá e há muita gente que não concebe que o baldio seja muito importante, mas se eles pensassem bem, cuidado... eles têm ali uma área que muito bem gerida pode dar muita receita para a freguesia, para o baldio, para aquela instituição...

AL: sim, há ali muitos aspectos que nota-se que se pensassem de outra forma poderiam...

C: não, e o caso da Gavieira é um caso muito... há muita gente que diz que não é compatível a floresta com a pastagem e a Gavieira é o caso singelo que praticamente não tem incêndios e que tem o maior encabeçamento que existe se calhar na zona norte ou em termos de país, não sei se não será em termos de país, e tem as duas coisas, tem as duas vertentes e há um caso ou outro em que acontece um incêndio mas não se compara com outros lados

AL: aliás, o gado até contribui para contrariar os incêndios...

C: não, porque [?] da floresta... o problema aqui é que muita gente considera que a floresta compromete a pastagem

AL: sim, sim, sim, mesmo a nível dos subsídios não é

C: mas enfim, só que eles, se pensassem bem, eles podem ter as duas vertentes não é... é que a floresta dá rendimentos porque é receita que eles depois vão investir na... muitas vezes para arranjar caminhos e tudo, por isso dá resultado a toda a gente, não dá só aos produtores pecuários não é... a floresta se calhar é das mais abrangentes que existem... como é o caso de alguns baldios que eles depois investiram na própria aldeia, o caso de Fafião, o largo da capela e tudo, o caso de Castro Laboreiro, o centro de dia, Cabril o centro de dia foi pago muito dinheiro do baldio, é isso que as pessoas têm de compreender. As ITI nesta altura dá para a

pastagem, também dá para isso, mas essencialmente isso é dinheiro da floresta. Porque a pastagem praticamente só agora com estes projectos é que começou a dar alguma verba, antes não dava...

AL: os projectos de agricultores a nível individual já existem há muito tempo? Em que se pode pôr a área do baldio... antes das ITI ainda?

C: já... antes... mas muito antes, mas isso é em todo o lado, não é só aqui na área do parque...

AL: sim, sim, sim, é desde da PAC...

C: porque foi considerado como um... até foi na altura a Comunidade Europeia, que a particularidade do norte, principalmente do norte e centro, que o baldio serve como base de alimentação ao gado da... não é os próprios terrenos das pessoas, é o baldio... se não houver aquilo as pessoas não têm nada para dar aos animais

AL: sim... então propôs-se essa questão de as pessoas poderem usar o baldio nos subsídios...

C: sim

AL: eu ouvi falar de uma coisa... eu nunca mais chego a um ponto que quero ir a seguir mas lembro-me sempre de outra coisa... que é... agora, até foi na Gavieira, que há um subsídio, ou uma modalidade do mesmo subsidio que é entregue igualmente uma verba a quem tem área mas não tem animais

C: isso é chamado o regime de pagamento único

AL: RPU! Aaaaah, ele dizia RPU e eu percebia RP1... ok! Isso já ouvi falar sim...

C: pronto, isso veio de trás, isso foi a Comunidade Europeia, para aquelas pessoas sempre tiveram o histórico de ter animais, depois não podiam ter, continuavam a receber o subsídio que é para depois quando quiserem... é uma tanga, ninguém vai voltar... agora passou a chamar-se RPB... regime de pagamento base, pronto, e isso que as pessoas recebem tinham sempre aquela verba... e há muita gente que ainda recebe uma boa verba por causa disso, mas acho que isso agora vai levar um grande corte, porquê? Porque eles próprios tinham de ter a área... e os próprios baldios não aceitam muito isso, porque é uma área que está presa para eles e que não é utilizada...

AL: ah, pois, o exemplo que este deu, o ... não me lembro...

C: o da...

AL: o da Gavieira... Sérgio!

C: sim

AL: o exemplo que ele deu foi até à laia da conversa de “só quem tem gado é que ganha com o baldio”. Ele aí disse “não, quando sobra a área dos produtores também há esta possibilidade...” e foi aí que ele falou do RPU. E eu por acaso nunca tinha ouvido noutros baldios o uso dessa...

C: não, mas há em todos

AL: pois, exacto, se calhar não veio à baila mas...

C: agora com o corte das verbas não sei se vai... das áreas de pastagem, não sei se vai acontecer isso, isso aí é que vai ser mais complicado, se eles cortarem mesmo às pessoas com animais não dá... se houver menos área é para as pessoas que têm animais para já...

AL: sim, sim, sim, ele disse que dá sempre prioridade a quem tem animais

C: sim. A Gavieira foi dos casos que ficou mais à rasca por causa desta situação

AL: pois, têm muito gado não é?

C: têm muito gado e teve uma redução considerável de pastagem...

AL: era aí que eu queria chegar precisamente... esta redução faz sentido para si?

C: não. [?] com a cooperativa dos Arcos estivemos a ver aquilo e aquilo não tem nexo nenhum... o IFAP fez aquilo completamente à...

AL: foi a nível nacional

C: foi

AL: é que eu sei que houve uma tentativa de regradar, mesmo a nível da União Europeia, que eu estive lá a ler aquele decreto

C: sim, dizem que foi a EU que obrigou, nós temos áreas uma ao lado da outra, uma está como produtiva e a outra está como não produtiva... e são exactamente iguais... o próprio IFAP já reconhece que não...

AL: que foi mal feito... pois, é que de facto fui lá ler o tal decreto e

C: por exemplo, houve uma situação que foi grave, quando vieram ver, dar as explicações aqui ao norte, a técnica do IFAP veio cá explicar o que é que tinham feito, e engraçado, foram pegar em exemplos dentro da área do parque, quando nós conhecíamos... porque nós fomos os primeiros, quando fizemos estes programas da ITI, tinham uma coisa boa, é que nós já definimos, no baldio já... a ocupação cultural, já dizíamos o que era floresta, o que era improdutivo... o IFAP nunca fez isso. Por isso nas candidaturas que estavam feitas às ITI, eles já sabiam o que era improdutivo e o que não era e... bastava utilizar a nossa base

AL: sim

C: e na altura não quiseram... e depois deram um exemplo engraçado de Outeiro, que foi dos que teve maior redução, e dizem “então agora este baldio até a barragem entrava como pastagem...”. E na altura a engenheira Sandra não podia porque não estava lá, um técnico não se podia estar a meter... eu disse “não, não, desculpe, deve haver aí um engano porque isso nunca entrou como pastagem na vida porque nós demos por ela, que isso estava...”, porque o baldio é formado por um limite exterior, isso estava como improdutivo

AL: improdutivo?

C: improdutivo! Esse baldio tem 4000 hectares, só tinha de pastagem 2000, e pouca floresta tem, pouca floresta tem e o baldio de Outeiro, por isso... tinha a parte da rocha que foi descontada e agora ficou com cento e poucos hectares

AL: a rocha foi descontada agora ou já estava?

C: nós já tínhamos feito isso, só que eles fizeram... opa, não... não percebo

AL: então dentro de... mesmo entre instituições do Estado não há concórdia...

C: não, não... isso o IFAP, o IFAP nisso... é muito fechado, tem as suas próprias regras e...

AL: e eles deram um passo atrás não foi? Depois na altura diminuíram a área necessária para cada animal ou coisa assim não foi?

C: sim, sim

AL: isso foi mesmo só para atirar areia para os olhos ou qualquer coisa do género

C: não sei, vamos ver. Eles agora pediram que quem quisesse, que cada baldio podia reclamar e mandar para lá a sua própria base para eles verificarem, vamos a ver, estamos à espera

AL: ahh. Ao diminuírem a área por animal, diminuem também a área por produtor, e isso dá menos dinheiro de qualquer forma não é?

C: não, eles dizem que não, porque é assim, o produtor sabe quanto é que vai receber, porque ... desde que mantenha os animais ele tem sempre aquela verba que sabe que vai receber não é...

AL: por número de animais... mas por área?

C: ele tem os direitos, os chamados direitos... ele tem um histórico e esse histórico ele vai recebê-lo sempre, mesmo que diminua a área...

AL: aí é? Mesmo agora com esses cortes e não sei quê?

C: sim, é como lhe digo, isso é para este ano, para o ano vamos lá a ver o que é que eles vão decidir não é? Isso não está muito correcto...

AL: Pois, pois... enfim. Está bem... e aquela Associação de Baldios do Parque Nacional, foi formada precisamente para conseguir...

C: ela já era mais antiga que os Apoios Zonais... que as ITI neste caso

AL: mas aquilo é mesmo uma associação? (RISOS) ... porque é que eu pergunto isto, para já não há grande informação na internet, bem que procurei e foi difícil, por acaso apanhei associado à ELA, foi aí que eu apanhei a sua existência... depois também falando com a Joana apercebi-me que aquilo foi formado com um objectivo qualquer, agora já não me lembro se foi... acho que foi a questão dos sapadores, não foi... das equipas de sapadores

C: para haver uma gestão conjunta, para eles darem apoio uns aos outros quando for necessário... na altura, eu estava em Montalegre quando essa associação foi formada e isso foi feito mais ou menos para eles se dinamizarem um bocado e conseguirem que funcionem juntos... eles até podiam ser do mesmo concelho e não se conheciam, porque eram zonas muito... e agora conhecem-se todos e...

AL: ah, sim, sim, sim

C: as associações mais ou menos é para reivindicar, para terem poder, mais do que estar um a falar... se eles estiverem juntos...

AL: sim. Mas isso por vezes é contestado, já me aconteceu num baldio... não me lembro qual foi, em que falava... foi na altura da revisão do plano de ordenamento do Parque, eles sentiram que a voz deles estava a ser usada em nome dessa tal associação quando eles nunca tinham dado opinião...

C: não, é assim... eu sei quem foi, não me admiro, deve ter sido o senhor do Campo do Gerês...

AL: eu já não me lembro quem foi sinceramente... aí mas não, foi mais antigo, com o Campo do Gerês falei agora, foi antes disso, foi outra pessoa qualquer, não me lembro...

C: o problema que se passa é assim, na altura quando foi feito o plano de ordenamento tínhamos de convidar entidades para coiso, é assim, ele, a Associação de Baldios representa os baldios de Montalegre

AL: só os de Montalegre?

C: só os de Montalegre... agora a Atlântica também representa os daqui...

AL: ah, então mas espere, estamos a falar do Secretariado dos Baldios...

C: não, não... aí é o Secretariado, aí o Secretariado não sei...

AL: não, não, eu estava a falar da Associação dos Baldios do PNPG

C: sim, sim. Mas ela essencialmente está sedeadada para os baldios de Montalegre

AL: ah... mas representa, quando vai para fora, representa todos os baldios do Parque...

C: sim, mas não pode, os associados representam uma área não é... os outros não estão ligados, agora é a Atlântica mais ou menos que serve de base, porque já estão lá todos associados e fazem lá todas as reclamações, com o IFAP e tudo têm lá esse apoio...mas de resto, uma associação mesmo porque são conceitos muito diferentes em termos de coiso... depois há sempre aqueles que o pessoal não gosta muito de se misturar com esses, é muito para a política, o pessoal não quer

AL: entre concelhos verifica-se muito essa diferença? Uns que viram muito para a política nos baldios e outros não?

C: sim, sim

AL: aaah

C: e quando foi, não sei qual é o problema do plano de ordenamento, na altura as pessoas podiam fazer, na altura quem podia fazer mais barulho no caso... os baldios até foram pouco afectados

AL: não, não isto foi só um exemplo, foi um momento de discussão, e às tantas alguém, agora não me lembro mesmo quem foi, não é por não querer dizer, não me lembro mesmo... foi alguém (RISOS), eu agora se me concentrasse lembrava-me mas... o que ele sentiu foi que se estava a associar à voz de cada um dos CD algumas afirmações que estavam a ser proferidas pela Associação dos Baldios do PNPG, quando eles nem sequer tinham sido consultados “espera lá, espera lá, estão a falar por mim? Eu nem dei a minha opinião...”, e foi nesse sentido

C: mas se esses baldios tivessem alguma coisa a dizer tiveram a discussão pública para falar

AL: sim, depois disseram, exacto, ele depois avançou... o que ele sentiu foi que “mas quem é esta associação, o que é que é isso?”. Pronto, sentiu-se um bocado ultrapassado

C: sim, sim

AL: e eu percebo também não é...

C: não...

AL: se há uma associação que é suposto representar os 30 baldios do parque, eles não terem conhecimento...

C: não, mas ela nunca disse que representava os 30 baldios do parque, se falar com a Joana que é a presidente, ela nunca disse que representava os baldios todos do parque, dá apoio e tudo se for necessário, mas nunca disse isso

AL: então eu acho que há aqui uma confusão, pelo menos para mim, entre o tal Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro, que aí de facto é mais os de Montalegre e a Associação dos Baldios do Parque Nacional...

C: a Associação é sócia do Secretariado. É assim, há associações, isto funciona quase como uma árvore, tem vários ramos e depois há a cúpula em cima, e a cúpula normalmente... há uma associação que tem lá muitos associados, e há associações mais pequenas, sei lá, a Atlântica há pouco tempo também se associou à BALADI, isso tem a ver com cada um... mas ela representa só os seus associados... a Sandra se falar só pode falar dos que são associados dela, não pode falar dos outros

AL: sim, mas como aquilo é mesmo Associação dos Baldios do Parque Nacional

C: mas isso foi ela que pôs o nome na altura e se eles quiserem tentar entrar também podem entrar, agora têm de...

AL: eu achava que entraram, está a ver... que engraçado.

C: não, não, não...

AL: Está bem, está bem, isso esclarece-me

C: agora a Joana trabalha muito com a Sandra, elas praticamente cobrem o Parque todo, salvo raras excepções, trabalham com eles todos

AL: sim, há umas que são da cooperativa agrícola de Arcos de Valdevez não é?

C: não, da Atlântica, a Atlântica agora é que tem a... são todos associados da Atlântica

AL: houve um agora que me falou que eram associados da Cooperativa... ah, foi o próprio da Gavieira... Cooperativa Agrícola de Arcos, acho eu

C: são sócios também, podem ser sócios, mas não é a Cooperativa que os representa

AL: ah, que os representa não sei, mas é quem lhes trata das candidaturas, foi o que eu percebi...

C: foi, foi, foi

AL: ah, ok

C: isso a entidade agora foi a Cooperativa, a Direcção Regional não podia, têm quase 70% das candidaturas

AL: a Cooperativa Agrícola na zona de Arcos?

C: sim, sim.

AL: hmm, ok. E depois também notei uma grande diferença em termos de organização, lá está, e de ligação à gestão do baldio, entre concelhos. Eu para mim, parece-me a mim, ainda não fiz uma análise profunda da coisa, mas parece-me a mim que precisamente os de Montalegre estão muito mais por dentro da coisa, muito mais... organizados. E não sei se tem a ver com a... isto agora estou a conversar consigo, também se calhar não sabe, poderá ter a sua opinião, com a longevidade vá, dos órgãos, dá-me a sensação que a maior parte deles estão organizados há mais tempo...

C: os de Montalegre começaram em 2000 mais ou menos, fora Fafião e tudo, os outros começaram mais tarde um bocadinho

AL: pois...e há muitos de 1900 e tal... não há?

C: quem tinha floresta normalmente... porque há uns... porque é assim, depois Cabril tem uma coisa, por exemplo, Cabril é uma freguesia que tem três baldios

AL: ah sim, Fafião, Cabril e Pincães

C: é diferente, por exemplo do lado dos Arcos não há essa divisão... freguesia e acabou, não há aqui

AL: é isso, há muita associação à freguesia, lá está...era aquilo que estava a dizer há bocadinho

C: estava muito ligado nessa parte, os CD foram formados há menos tempo e é um bocado essa vertente, mas agora, são muito diferentes, não é assim tanto como isso

AL: hmm? Não?

C: não... é o que eu digo, todos os lados têm de tudo. Há baldios novos agora que foram formados para aí há dois anos ou isso tudo, ali na zona de Terras do Bouro, só agora é que começaram a formar baldios, são pequeninos, em Terras do Bouro dividiu-se muito por freguesia e por lugar

AL: e?

C: por lugares, fora do Parque estão divididos por lugares

AL: os baldios?

C: sim, por exemplo o caso de Cibões... a freguesia de Cibões tem não sei quantos baldios, gestores de baldios...

AL: mas isso também decorreu muito da União de Freguesias não foi?

C: não... naquele caso já vem de trás, tem muito a ver com as eólicas. Na altura quando havia história das eólicas

AL: Lamas de Mouro também não é? Agora também se quis separar de Castro Laboreiro... agora, quer dizer, não sei se é de agora. Mas também estão só formados desde há dois anos

C: sim, estão formados porque antes era a Junta que geria

AL: sim, e agora com a União, não foi? Com a união das Freguesias...

C: sim, fizeram o CD, mas fizeram a candidatura em conjunto na altura em... só depois, agora este ano com a confusão que estava em Castro Laboreiro pediram para se separar

AL: sim, mas depois também há a versão que pediram para se separar porque queriam ficar com as receitas das eólicas que eles têm

C: mas isso é uma vertente que eles têm

AL: Sim, mas antes estava dividido pela freguesia toda

C: não, não, não, não estava não

AL: ai não?

C: não, eles mal fizeram a união de freguesias Lamas de Mouro separou-se logo em termos de CD

[toca o telefone. Atende... depois pergunto sobre o parquímetro...]

AL: esta questão da lei dos baldios, já aflorou mas só para aprofundar um pouco mais, na sua perspectiva pode pôr em causa a gestão comunitária, a própria posse e detenção por parte das aldeias...

C: pode com essas incongruências que temos na parte do que é um comparte, da definição do comparte. Porque eles dizem muito bem, tem de ser residente e estar inscrito no caderno, mas depois diz à frente e que exerça aí actividade... aí é que dá confusão. Aí é quem exerce actividade no baldio, quer dizer, o madeireiro vai para lá cortar a madeira e já é comparte

AL: ... só por estar na freguesia não é?

C: não, só por estar a trabalhar no baldio

AL: ... o que eu percebi foi outra coisa, o que eu percebi foi “qualquer pessoa que tivesse uma actividade agroflorestal na freguesia”

C: pois, a dúvida aqui é essa... na freguesia, aí é que está...

AL: o que também é mau, no meu ponto de vista

C: é mau, porque... como se passou em Castro Laboreiro em que pessoas que nunca lá tinham metido sequer os cotos foram para lá votar

AL: foram para lá votar e algumas fazem parte da lista

C: com a consideração que eles têm então eu tendo terreno em qualquer lado também sou comparte nesse baldio

AL: é isso... ou se decide lá montar uma empresa na área da freguesia passa a ser comparte dos baldios dessa freguesia

C: pois, antigamente não, antigamente uma pessoa mesmo que fosse viver para uma freguesia era a assembleia de compartes que decidia se é comparte se não é

AL: claro. E acha que a nível local isso vai ter algum... bom, acaba por ter porque depois o tribunal decide em prol da lei não é?

C: e o tribunal é que vai ter de decidir mesmo isso, a definição de comparte

AL: o Tribunal Constitucional?

C: não, neste caso o tribunal normal

AL: ah. Por exemplo em Castro Laboreiro decidiu em prol de...

C: decidiu mas o que foi julgado não foi bem quem é comparte e quem não era, foi se quem foi eleito se pode ou não pode tomar posse, a parte da definição de comparte não estava lá em discussão

AL: ah, ele deu-me a entender que ... eu falei com o novo e com o antigo, e percebi que era a questão do conceito de comparte... segundo o novo presidente, pensei que era isso que estava em questão na...

C: não, basta ver no acórdão, eu não o li ainda, mas pelo que ouvi não toca nesse assunto

AL: pois... e outra coisa, outra coisa não, ainda outra questão que já falámos mas que queria só aprofundar... há bocado disse que a gestão comunitária faz sentido...

C: sim, sim, sim

AL: queria só que falasse um bocadinho mais sobre essa ideia

C: faz sentido porque é assim, são áreas enormíssimas e se não forem os próprios locais a gerirem o que é deles não vale a pena, não vão ser os de fora que vão gerir não é. Normalmente quem vai de fora e toma conta de alguma coisa quer é tirar lucro daquilo o máximo possível, enquanto que as pessoas que estão lá querem é gerir aquilo de maneira que, nalguns casos não é, não são todos, de maneira que seja sustentável para eles e para várias actividades que têm, desde a floresta, tem que haver é esse, essa ponte entre as várias actividades que muitas vezes não existe não é... normalmente o pessoal mais ligado à pecuária não gosta muito da floresta de produção porque está a tirar área não é, mas eu acho que é perfeitamente compatível e já há alguns baldios que conseguem fazer isso. Tiram as licenças das suas e é uma receita que aquela freguesia tem e também mesmo para manter aquela população ali, porque se não for o baldio bem gerido as pessoas não ficam lá não é... nesta altura com as condições que têm quem é que vai lá ficar lá em Lamas de Mouro ou Castro Laboreiro, mesmo assim

AL: essas mesmo assim são turísticas, há outras piores não é...

C: pois... está a perceber, e é essa situação que tem que se ver, tem que... os compartes têm que notar que não é só aquilo que lhe interessa a si, têm de voltar a ter aquela... o antigo sentido comunitário. [?] por isso... é muito duvidoso

AL: que há muito?

C: comunitarismo... mas a gente sabe perfeitamente que não

AL. Sim, não há assim muita acção propriamente. Há casos... por exemplo Fafião fiquei com uma ideia, só falei com uma pessoa mas...

C: sim, mas Fafião aqui há 10 anos a vezeira tinha quase 100 animais, agora tem para aí 30 e está a acabar

AL: sim, acho que eles mantêm mais por uma questão de...

C: porque ao lado... porque muitos começaram a pôr em regime livre os animais, se eles calha... se fizessem como os de Fafião... porque como têm de ir para cima e para baixo não querem. Por exemplo, os de Rio Caldo, antigamente tinham uma vezeira a funcionar a 100%, as pessoas ficavam nas cabanas, dormiam lá... agora não, vão e vêm todos os dias, isso para mim não é uma vezeira nenhuma é só ter lá o gado e vão vê-lo de vez em quando

AL: vão lá de carro... sim, eles contaram-me isso

C: é como por exemplo aquela de Terras do Bouro que fazem aquele espectáculo todo, o gado a subir para a serra, a vezeira, até dá apoio... aquilo não é vezeira nenhuma, chegam lá, estão cá em baixo montam perto da estrada, ficam lá um dia ou dois, quando vão para a serra fica lá o gado sozinho e acabou

AL: sim, a vezeira como era antes acho que já não existe praticamente

C: não, é só mesmo Fafião, e depois há um ou outro que ainda vai fazendo isso

AL: pois, mesmo quando há muito gado é de uma ou duas pessoas, não, acaba por não fazer sentido... e quando diz que tem de ser a nível local [a gestão], no seu ponto de vista também fazia sentido ser a JF ou os compartes?

C: não, eu prefiro sempre que seja CD porque não há tanta mistura, e por exemplo, um que é presidente da Junta também é presidente do CD, [?] investi-lo no lugar e no baldio pouco investe, é os casos por exemplo, conheço muito bem e falo muita vez, o caso de Melgaço, há juntas de freguesia que recebem milhares de Euros das eólicas e o que é que veem? “ah, fizemos o caminho tal dentro da aldeia”. E no baldio o que é que fizeram? Nada.

AL: pois

C: [?] eles nem sabem o que é que hão-de fazer ao dinheiro, não são capazes de ver que aquilo também é uma riqueza para eles... o que interessa é fazer, se fizerem uma calceta, se fizerem coiso, isso é que é...

AL: até acabam, por fazer campanha eleitoral de alguma forma

C: isso é um bocado separado, até pode ser a mesma pessoa, mas sabe que a coisa é diferente, que tem de investir ali... e as ITI foi um bocado isso, eles são obrigados a investir o dinheiro que têm ali no baldio

AL: ah, isso é outra coisa, as ITI agora também... agora, vamos lá a ver, eu não sei se é de agora mas, eu percebi que as Juntas não podiam concorrer como gestoras dos baldios

C: não

AL: mas agora já podem?

C: não. É assim, porque é assim... quando se fez a proposta, aquilo está um bocado dividido entre a floresta e a parte da pastagem... quem fez a proposta, normalmente, quem fez a proposta para a parte da pastagem fomos nós, foi o ICNB na altura, e a parte da floresta foi a AFN das florestas... o que é que aconteceu, nós considerámos que tinha de ser o CD, obrigámos a formarem, e na própria portaria dizia mesmo, na parte das ITI agroambientais, que é pastagens, que só os CD é que podiam concorrer, ou equiparados... equiparados são aqueles que são os montes forais. No caso da portaria ligada às silvoambientais não, dizia a lei, e na lei a Junta pode ser gestora, desde que estivesse delegado na Junta, ela podia gerir. Então eles na parte da floresta podiam concorrer, as JF, mas na parte da pastagem não podiam

AL: aaah, ok. E agora?

C: agora não, agora puseram a Lei para tudo e por isso eles agora podem concorrer

AL: Mas recebem menos?

C: não, recebem igual, exactamente

AL: disseram-me que sim

C: actualmente vão receber igual como os outros

AL: houve um presidente da Junta que me disse que recebiam menos

C: recebem menos porque só recebiam da floresta, para a floresta a verba era muito menor antigamente

AL: ah, por isso é que ele disse que as coisas mudaram (RISOS)

C: antigamente era muito diferente

AL: exacto, ele disse “ah, mas acho que este ano já vai ser mais para as Juntas, eles vão beneficiar mais os que gerem através da Junta”. Faz sentido, ok, bate certo

C: é que as silvoambientais antigamente tinham um tecto máximo, um baldio só podia receber 13000 Euros

AL: sim, acho que estes estavam a receber 8000

C: tinha a ver com a própria área de floresta que tinham

AL: hmm, e aí o objectivo era fazer adensamentos, limpeza por baixo dos copados e assim não é?

C: sim, tinha de se fazer limpeza, adensamentos era INP

AL: ah, ok, está bem... pronto, última questão só para o largar e deixá-lo livre... aqui a nível institucional houve uma grande diferença em termos de actuação desde que passou a ICNF?

C: da minha parte não, continuo a fazer o mesmo trabalho de apoio

AL: igualmente... pois...

C: exactamente, não vejo nenhum...

AL: pois, é que houve uma... eu tentei perceber desde quando... é que as pessoas falam desse afastamento ou dessa aproximação da parte do ICNF ao Parque

C: isso tem de perguntar ao meu chefe, não é a mim

AL: não, não, não, e alguém referiu “ai eu acho que foi desde que passou para ICNF” ... que está melhor... que estão mais próximos e que colaboram mais. E eu fiquei “ai é...

ok”, aceitei não é... mas, já está cá há anos, desde antes do ICNF e... e sempre fez o seu trabalho da mesma forma não é?

C: sim. Na parte da vertente se estão mais longe se estão mais perto, isso já não é comigo, isso já é...

AL: mas ao nível do seu trabalho não notou diferenças nenhuma

C: não, nada. Continuo a ter efectivamente muito trabalho mas sem ter problemas nenhuns, continuo a trabalhar com eles

AL: muito bem, pronto, deixo-o em paz, muito obrigada

C: de nada

AL: e se calhar poderei vir a contactá-lo, quando tiver alguma dúvida e tal...

C: sim, já tem o meu número

AL: tenho, foi a Joana que me deu [...]

Entrevista com Armando Carvalho

Vila Real, sede da BALADI

Fevereiro 2016

AC: ... está... não tem hoje a pujança económica que teve aqui em 1960, 1970, 1980... mas nós chegamos ali ao planalto mirandês e [?]. Porque é uma área maior também, e é uma área de sequeiro também, não é, portanto, fazia-nos lembrar, até... há pouco quando falava em planalto mirandês, falava-se no caso do Alentejo e Trás-os-Montes [...]

É engraçado que, eu como tenho... nas várias estruturas de que faço parte tem gente do Alentejo, aliás eu já tinha reparado que esta situação não passou despercebida ao Torga, ao escritor, que ele dizia que havia duas regiões no país, que era Trás-os-Montes e que era o Alentejo, ele achava que se casavam bem, que se casavam bem em termos... mesmo até na relação humana. O Minho já tem diferenças, digamos, os transmontanos não casam muito bem com o Minho, embora tenhamos em Trás-os-

Montes, e vice-versa, gente que vieram de um lado e foram para o outro e... mas o minhoto em Trás-os-Montes será eternamente minhoto, nunca será... eu não sou de cá, mesmo que tenha 30 anos na aldeia

AL: é de onde? É do Minho?

AC: não, eu sou daqui da... eu estou aqui... portanto, eu faço parte aqui do concelho de... portanto, eu tenho a minha família aqui em Vila Real e Amarante, portanto, eu estou nesta fase de transição. Eu sou ali do Marão, também onde há um baldio muito grande

AL: pois... ali na zona da Campeã e assim não é?

AC: Campeã, e depois há a do [?] de Ansiães, o meu baldio tem cerca de 2700 hectares

AL: 2400? Pois, já é bastante grande. Eu já ouvi falar do baldio de Ansiães já

AC: aliás, o baldio de Ansiães, o próprio presidente, que é também o presidente da Mesa da Assembleia do Secretariado dos Baldios, portanto sou presidente do Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto-Douro e sou presidente da BALADI, não é, e o meu presidente, o presidente da mesa da assembleia do Secretariado é o presidente do CD dos baldios lá de Ansiães. Neste momento ele está em particular, ele é que está a trabalhar mais nisto, está a fazer um livro sobre os 100 anos da florestação. Em 2016 faz 100 anos que nós conhecemos as primeiras plantas ali no Marão. 100 anos em que há documentos, aliás, eu tenho...[procura]. Na semana passada fiz uma coisa que já devia ter sido feita há muito tempo, nós temos, o nosso baldio tem uma história bastante grande, e como ele precisava de materiais começou um bocado a rebuscar tudo o que havia não é... foi à Junta, aos livros da Junta, e então detectámos um livro de actas de 1864 que tem lá coisas maravilhosas relativamente ao nosso baldio, só questões concretas ali do baldio. E ele como estava a precisar de material... eu vi um bocado das actas e as coisas já estavam [fala de como a JF devia tomar conta deste acervo histórico, que as coisas podiam estar em melhores condições e mais organizadas] e eu fotocopiei o livro de actas todo, agora já pode desaparecer o original que já temos o ... pronto, que o nosso medo qual é? Epa, pronto, é desaparecer-nos o raio do livro, não tínhamos mais nada [fala da dificuldade de ler, que a letra já está um bocado comida, que tem de se ler várias actas para se ir tendo a noção]. Embora os presidentes da paróquia normalmente eram padres, portanto, escreviam e tinham uma caligrafia belíssima, quase estilizada

AL: [falo das actas que vi em Covide, do monte foral, nas mãos da actual presidente da Junta e do monte foral]

AC: não, se aquilo estiver bem guardado, mesmo parte destes documentos estão na Torre do Tombo e daí a bocado estão salvaguardados, é a nossa sorte [procura algo]

AL: quer dizer, o Armando faz parte de todas estas associações que estão aqui... eu não conhecia a Associação de Pastores Transmontanos

AC: eu fui um dos sócios fundadores da Associação em 1979, 1980, é a associação mais antiga que nós temos aí na região. Depois disso posteriormente apareceram, com o envolvimento do Ministério da Agricultura apareceram outras associações, ligadas um bocado ao Ministério da Agricultura, que foram as tais associações de raça, que vieram depois herdar o livro, fizeram o livro genealógico e ficaram depois com a raça... raça autóctone... mas agora está um bocado mais em baixo, já não tem

AL: a dos pastores?

AC: a dos pastores... porque com a criação da raça autóctone, com a criação das associações de raças autóctones, esta era uma associação um bocado transversal, portanto metia todo o tipo de associados não é. E agora como houve uma associação por raça, esta perdeu um bocado [continua à procura de algo]

[mostra-me as actas de Boticas]...isto é uma sentença do tribunal, em que por trás disto o que se sabe é que haverá mortos... sobre este baldio temos... já houve uma filha de um amigo meu de Lisboa, uma tal Marta, que veio fazer um mestrado sobre este conflito. Apanhou o baldio como pano de fundo e depois veio...

AL: ela era de Direito ou de outras áreas?

A: não sei se não era de sociologia

[continua a falar da Marta e do seu estudo e como ela tratou as coisas]

AC: também é uma aldeia que era couto

AL: couto é o quê? Não tem a ver com caça?

AC: couto era uma, um contrato régio, digamos, o rei atribuíu um couto, que demarcava uma determinada área, e atribuíu um couto e dava-lhes poderes administrativos, e uma coisa e outra, isto foi... provavelmente na idade média

AL: não tem nada a ver com forais?

AC: não, não, não tem a ver com forais... couto, couto

[fala de uma Irina que está a desenvolver a tese sobre a importância dos PUB para o ordenamento; quem a enviou ali foi o professor Francisco Rego, antigo director da Direcção Geral de Recursos Florestais, e uma tal Maria Loreto, sub-directora... fala-se do meu propósito ali, do meu background, à laia do professor Rego ter sido meu professor do ISA; do que estou a fazer agora, do que é a ecologia humana...]

AC: olha afinal é... as doações de couto, frequentes entre os séculos IX e XIII, como expressão senhorial, implicava o privilégio da proibição da entrada de funcionários

régios, juiz, meirinhos, mordomos, etc., na terra coutada... ou seja, nem os juízes entravam ali, eles tinham as suas leis próprias. Definia-se oficialmente no reinado de D. Dinis o acto de coutar uma terra como escusar os seus moradores da hoste e do forçado de foro e de toda a peita, ou seja, imunidade perante os impostos e justiça... as cartas de couto podiam ser constituídas pelo rei como recompensa de serviços ou por necessidade de povoamentos a nobres ou eclesiásticos e pelos senhores da terra ou pela igreja dentro dos seus domínios. Desde o início do século XIII são tomadas medidas de repressão dos abusos que existiam nos coutos... pronto, a partir de determinado momento eles tinham a sua lei própria, ninguém de fora podia fazer nada

AL: mas então pelo que eu percebi eram dados a nobres e a pessoal rico, ou fui eu que percebi mal?

AC: sim, normalmente era gente de relação com o rei, só que tinham outro [...]... que nem depois gente do rei podia intervir ou alterar, digamos

AL: pois, é diferente de baldio não é... os baldios acabavam por ser para as pessoas com menos posses

AC: nesta altura tudo o que era baldios, não, nesta altura os baldios do couto eram baldios dessa gente, digamos, estavam debaixo do domínio administrativo do couto, da pessoa que registou

AL: ok, então, utilizava-se como baldio aquilo que era couto

AC: sim

AL: isto porque os donos do couto, digamos assim, deixavam que as populações usassem...

AC: exacto, isso porque... não sei se já chegaste a esta ideia, mas... a ideia digamos, toda a documentação que a gente tem por aí, temos aí boa documentação... porquê? Porque nós tivemos dois advogados, talvez dos mais estudiosos na área dos baldios, que foi o doutor Jaime Gralheiro que já faleceu

AL: ai ele já faleceu? Mas foi recente

AC: já... tem um filho, mas foi recente

AL: porque ele ainda escreveu sobre a nova lei

AC: sim, a nova lei dos baldios

AL: e morreu depois?

AC: sim, morreu há pouco, morreu há um ano e tal... e temos depois o António Bica, que ainda está vivo e que nos tem dado uma ajuda preciosíssima, sobretudo a mim,

todas as dúvidas que eu tenho, estou sempre a telefonar-lhe e ele está sempre completamente disponível para tudo o que

AL: a mim tem-me ajudado imenso, a saber ler leis...

AC: como é um advogado já reformado, ele está já reformado. É um homem completamente disponível que transporta uma larguíssima experiência de Direito, da jurisprudência, ele sabe aquela porra toda não é

AL: pois, a mim ajudou-me imenso. Quando saiu a nova lei dos baldios...

AC: nós agora estamos a trabalhar, isto não é público mas já agora, nós estamos a trabalhar numa nova lei dos baldios, eu e o Bica e o ministro, esteve há dias aqui até o senhor Secretariado de Estado a falar comigo para ver quais são os pontos comuns, pontos, porque havia aqui pontos de grande divergência em termos de conceitos, há aqui uma ou outra divergência, nós vamos ter aqui um consenso bastante alargado

AL: espero bem que sim

AC: pá, porque nós queremos pegar na lei de 2014... nós temos aqui um grande desafio que é compreender a importância que os baldios podem ter no quadro da sustentabilidade do mundo rural, mas para isso é preciso ter uma nova atitude, é preciso nós olharmos para os baldios como os nossos antepassados olharam. Os nossos antepassados olharam por uma absoluta necessidade de o baldio ser o tal complemento que eles precisavam para a sua actividade agrícola. Hoje como a agricultura a partir sei lá, do final do século, a partir dos anos 60 passou a cair, digamos, há aqui um decréscimo e há aqui um abandono, e hoje olhas para o baldio numa perspectiva que é de certa maneira crítica, ou seja, nós estamos à espera que o baldio seja um bocado o nosso forro, seja na venda de material lenhoso, seja agora nas eólicas. A parte ambiental, a parte cultural, a arqueologia etc. etc. não entrou nem está a entrar na cabecinha das nossas entidades gestoras, e das duas uma, ou nós temos uma visão muito mais transversal do baldio e não apenas numa perspectiva meramente económica, ou então não estou a ver futuro, e queria que a nova lei dos baldios incorporasse um bocado estes novos conceitos e que de certa maneira começasse a responsabilizar mais as comunidades locais, porque para nós é claro que o Estado enquanto cogestor há muito que deixou de corresponder àquilo que são os desafios... os desafios e as necessidades das comunidades locais, e hoje estamos perante um problema complicado. É... o Estado já disse, este e anteriores governos, que não tem condições. Tanto que não tem condições que estamos outra vez a ter cada vez menos recursos humanos nesta área. Depois também não foram além daquilo que era a sua propensão que era olhar para o baldio numa perspectiva de lenho, os outros recursos endógenos não têm nada a ver com eles. Portanto, como foi... a forma como foi constituída na lei 39/76, a 1ª lei dos baldios, obrigava um bocado, ou criou a tal figura da cogestão, e agora a cogestão para funcionar teria de funcionar como cogestão comunidade e como cogestão Estado. Portanto como os SF

vindos de uma ditadura, olhavam para o baldio sempre como “eu quero, mando e posso”. E as comunidades locais olhavam ainda para o baldio como se fosse um património do Estado. Pronto, e a partir daí as coisas não casaram. E nós não temos grandes casos, às vezes nos debates que a gente tem tido para aí, seminários, tenho muita dificuldade de dizer que se sentavam, o Estado e a comunidade para discutir qual é o regulamento da utilização do baldio, ou o que é que nós podemos fazer pelo baldio, não há... ora bem, por isso é que mais tarde ou mais cedo nós começámos um bocado a pôr em causa a tal modalidade da cogestão, mesmo sem termos uma alternativa verdadeiramente sólida... agora hoje há apesar de tudo, há um problema demográfico muito grande, que percorre os baldios e não baldios, não é... não só as comunidades com baldios mas todo o nosso mundo rural no norte, interior, até lá abaixo ao Alentejo, inclusive... e temos de encontrar um bocado aqui a solução, é um problema que temos em mãos que é... e nós queremos então, era isso o que eu ia dizer, queríamos na nova lei dos baldios conceber outra... sei lá, uma maior responsabilidade das próprias comunidades locais, continuamos a aceitar um bocado... o Bica nisso é muito mais radical nesse aspecto, ele tem ódio ali aos SF, os SF não foram amigos dos baldios e como tal não sei quê... eu acho que nem tanto ao mar nem tanto à terra, acho que os SF... ou melhor, acho que esta decisão cabe às comunidades locais. Eu enquanto comparte, acho que devem ser os compartes do meu baldio a decidir o que é que querem, e não uma estrutura em cima que negoceia um bocado esta questão com o governo. Embora eu esteja nessa estrutura pá, mas não me sinto um bocado à vontade para decidir, tenho de deixar sempre uma margem, a margem necessária e suficiente para que a comunidade local perante propostas concretas diga “epa, nós queremos a cogestão ou nós não queremos a cogestão”. Agora, eu acho é que para haver a cogestão tem de haver responsabilidades, ou seja, quem for o cogestor técnico do baldio

[toca o telefone; atende. Ouve-se tudo... é um senhor dos baldios de Vilarinho, Lousã]

AC: este homem, no outro dia fui participar num encontro de baldios, é uma chatice que anda-me lá zangado com um dos directores da BALADI, e eu tentei lá no encontro conciliar um bocado aquilo, mas as posições estão um bocado extremadas e eu ando um bocado... deixe-me só pôr aqui... porque este homem merece que a gente lhe dê todo o apoio

AL: é da Lousã não é? Desculpe, eu ouvi, estava aqui...

AC: sim, sim, é da Lousã

AL: eu conheço esse baldio, de ler, uma reportagem, e é de facto interessante o que eles estão lá a fazer

AC: é muito, muito interessante

AL: aliás queria lá ir

AC: vale a pena

AL: já lá foi não é

AC: não, lá ao baldio não, tenho estado com eles

[toca o telefone outra vez...]

AC: não, estive há dias... mas à aldeia mesmo não fui, não fui porque normalmente apanho esta gente um bocado em encontros e em seminários, eles agora querem fazer um seminário, pelos visto, querem combinar a 21 de maio

AL: acha que está aberto ao público?

AC: acho que sim, é um seminário, estão abertos

AL: eu gostava de ir

AC: e também vão convidar pelos vistos o Bica

AL: para falar, para fazer uma comunicação?

AC: deve ser. Ora, e então...

AL: estava a falar da cogestão... eu até aponte aqui que é para a gente não se esquecer, de como seria importante que os próprios cogestores locais não é, foi o que eu percebi pelo menos

AC: sim, porque há dois tipos de cogestores, cogestor do Estado e o cogestor da comunidade. Normalmente a gente quando fala da cogestão fala sempre no Estado, mas de facto o baldio quando não é gerido autonomamente pelos compartos, tem de ter um cogestor, e o que nós queremos é que fique já plasmado na própria lei que se o cogestor for uma JF, se o cogestor for o Estado, se o cogestor for uma CM, ou se eventualmente, porque não estamos com esta abertura ainda, se eventualmente for uma comunidade intermunicipal, que é exactamente para aqui que a lei de 2014 nos está a empurrar, opa, que haja pelo menos um contrato de gestão, que a comunidade saiba exactamente quais são os direitos e os deveres de cada parte. Porque senão o que é que acontece? Se tivermos uma boa gestão ganhamos todos, se tiver uma má gestão perdemos... não é? Perdemos... mas quem é a entidade que faz a gestão não tem qualquer ónus, não tem qualquer tipo de responsabilidades. E nós queremos, queremos associar também à cogestão a responsabilidade de quem gere, não é... pronto, estamos assim um bocado ainda numa primeira fase, ainda, estamos a auscultar ainda um bocado as opiniões

AL: esta mudança de governo tem de alguma forma vindo a beneficiar esta situação não?

AC: sim, sim

AL: li que agora

AC: não, sobretudo com o Secretário de Estado, o Amândio Torres é um homem da [?], é portanto um técnico de dentro da casa que podia até ter uma atitude mais, sei lá, mais defensora, mais defensiva, em termos de estrutura, mas parece-me que está com um horizonte um bocado mais alargado. Portanto e nós vamos aproveitar esta conjuntura, e já falámos com os partidos, que estiveram contra esta lei, na altura desafiámos um bocado a... a avançar um bocado para o Tribunal Constitucional, tivemos de indemnizar os [?]

AL: avançar um bocado para? Não percebi

AC: para o Tribunal Constitucional. O Tribunal Constitucional não respeitou, e eu creio que os pareceres... não sou jurista, não sei, mas li com alguma atenção os pareceres quer do PS, quer do PCP quer do Bloco e pareceu-me que eles não foram... que não trabalharam técnico-juridicamente bem aquilo. O que levou a que o Tribunal Constitucional fizesse um parecer, desse o seu parecer muito com base na expressão de motivos na lei que saiu em 2014

AL: pois... mas houve lá algumas questões que melhoraram não foi? Pelo menos eu lembro-me que depois saiu aquele

AC: sim, mas o que é certo é que aquilo que nós considerámos que era inconstitucional, o Tribunal Constitucional não deu razão

AL: pois, pois... o conceito de comparte e

AC: pois, o conceito de comparte, e nós agora queremos alterar o conceito de comparte. Esta é a trave mestra da lei. Aliás eu estive aqui com cinco advogados, marquei uma reunião com advogados, com o Bica, com uma advogada que me está a dar algum apoio aqui em Vila Real, Chaves, Porto, Coimbra, e tivemos aqui uma reunião toda a manhã só para discutir o 1º artigo, e terminámos a reunião, primeiro sem conclusão inequívoca e com eles a dizerem “epa, mas a jurisprudência por aqui, por ali...”, ou seja, sem eu ter uma ideia de como é que a gente devia coiso. Mas tive... quer dizer, não tive consenso absoluto mas tive uma inclinação, que nos dá um bocado para a gente considerar de facto comparte muito na linha, vamos acrescentar mais até porque... também fui, acho que vou ser sensível a algumas, a alguns reparos e a algumas observações que me têm sido feitas... fizemos na Serra da Estrela quando tivemos lá no colóquio em Coimbra, até um professor da universidade que estava na reunião que pela visão mais estreita que a gente tem tido, ele acabava por ser presidente do CD dos baldios, e eu acho que é uma boa... porquê? Porque é um homem digamos, filho da terra, não é e que pela opção de vida que tomou não está a viver, não é residente, não é eleitor, não tem lá terrenos, tem lá ainda família e uma coisa e outra, e numa concepção de comparte, num conceito de comparte mais restritivo ele não entra. Portanto, e nós temos que encontrar... e não entra mas nós vamos encontrar na Lei, para além da figura do residente, do eleitor, do etc. etc.,

encontrar depois uma formulação que diga assim que também pode ser comparte, e essencialmente a assembleia de compartes também pode decidir integrar tal, tal, tal, de acordo com os usos e costumes... para dar essa função e essa competência à assembleia de compartes para que a assembleia de compartes também olhe um bocado, tenha uma visão mais aberta e veja agora que se possa restringir a quem não tenha uma relação nem um vínculo à comunidade local, mas aquele que tem relação, que se interessa, que chega ali, que vai ao café, que vai à igreja, mesmo que não seja religioso, está na comissão de festas, quer dizer, vive digamos a comunidade, esse tem todo o direito a ser comparte

AL: claro... para mim só faz sentido que isso seja decidido localmente, pelas comunidades

AC: sim, até porque se o património, é esta a discussão que nós temos às vezes com os políticos, vamos lá a ver, “se vocês aceitam o princípio constitucional de que aquilo é um tipo de património e um tipo de propriedade, digamos, como as outras, sendo diferente o tipo de propriedade, mas que é um património da comunidade, então sendo um património da comunidade, epa, deem à comunidade a capacidade de decidir aquilo que eles acham que é o melhor para eles. Não vamos ser nós de fora a dizer “não, deve ser assim ou...”, a determinado momento éramos nós a interferir directamente um bocado com a própria comunidade. Eu acho que há aqui, pronto, esta é uma ideia que já... na conversa que eu tive aqui com o assessor pareceu-me que já validou no plano fundamental, que está de acordo com esta... depois a figura do arrendamento rural, que é uma figura que para nós não grata, porque o arrendamento... quer dizer, eles querem encontrar, e de facto esta lei, quem fez a lei, os técnicos e juristas que estiveram a trabalhar na lei... a ministra também me disse que eles foram ao limite daquilo que eles consideravam em matéria de constitucionalidade, e de facto é verdade. Quer-se dizer, eles pegaram bem, desenvolveram conceitos novos, expressão de motivos... eu normalmente nunca dava muito valor, também porque não tenho muita formação nesta área, mas nunca dei muito valor à expressão de motivos e aos preâmbulos das leis, os preâmbulos das leis são fundamentos que depois alicerçam toda a articulação da própria lei, e eu creio que eles foram... e aliás, a ministra numa reunião que teve connosco para discutir um bocado essa questão disse “ai não, senhor Armando, que nós rodeámo-nos dos melhores especialistas nesta matéria e nós entendemos que isto não é nada inconstitucional”. Só que o problema é o que diz o Bica e com alguma razão, eles tentaram pegar já em alguns conceitos que não colhem em termos jurídicos, em termos de propriedade comunitária, ou seja, eles olharam para o baldio e começaram a dizer “se nós introduzirmos este conceito, introduzirmos aquele, amanhã quem vier atrás pega um bocado nisto e diz assim, baldios servem para tudo e mais alguma coisa, nomeadamente para passar um bocado à propriedade privada. A figura da gestão autónoma que está lá [na lei dos baldios de 2014] também no 1º artigo, salvo erro, é uma figura tipicamente de iniciativa privada, não tem nada a ver com a iniciativa comunitária

AL: ah, exactamente, no que diz respeito às finanças não é?

AC: sim, sim, sim, que estão isentos... estão isentos para aquilo mas já ao introduzirem um bocado isto, e a figura do arrendamento? Opa, o que dizem os advogados é que a figura de arrendamento não casa com o direito comunitário. Pronto, e depois, utilizemos a cessão de exploração, porque a cessão de exploração é mais típica de propriedade pública, de propriedade comunitária. Não é, porque o Estado também, é propriedade que é pública, que é do domínio do Estado e eles utilizam a cessão de exploração, não utilizam o arrendamento. Então a gente vai

AL: e é o que faz sentido, salvaguarda o tipo de utilização que está a ser feita no momento não é?

AC: exacto

AL: vai ter de estar de alguma forma de acordo com os usos e costumes, com o que é feito dentro de um baldio

AC: opa, olha, vamos aproveitar, a história é mesmo isto, registam-se avanços, recua-se, nós estamos numa fase um bocado em que

AL: desculpe interromper, mas ainda acerca da Lei, acha que havia pontos que de facto deviam ser alterados no que diz respeito à lei de 93, por exemplo, há muita gente, mesmo dentro dos baldios, eu nesta altura já falei com todas as unidade baldio do PNPG, e com outras pessoas associadas, e alguns deles, mesmo compartes, concordam que não havia grande transparência nas contas dos baldios. E por exemplo, agora alguns jovens vá, tomaram conta dos baldios, no sentido em que são os presidentes dos CD, e muitas vezes referem como no passado a gestão era feita de uma forma pouco clara e assim. Acha que nesse sentido melhorou ou...

AC: eu acho que, não... eu acho que o facto de estar... vamos lá a ver uma coisa, é importante estar consagrado na lei preceitos e formalismos que obriguem as pessoas a fazer, mas isto por si só não é suficiente não é... um dos grandes problemas que nós temos é um défice de formação das próprias pessoas, ou seja, não basta termos um movimento cooperativo um bocado rígido com certos princípios que se fossem todos eles aplicados nós tínhamos movimento cooperativo com a parte económica a funcionar em pleno não é? Mas depois o problema é que temos os calcanhares de Aquiles, epa, o pessoal olha um bocado para as coisas como se fosse depois património deles, e depois isto passa-se em todo o lado. A lei dos baldios, eu considero que a lei 39/76 e muito do articulado da lei 68/93, é uma lei que a temos de situar no contexto histórico de um processo revolucionário, de um processo que saiu de uma ditadura, e de uma perspectiva de abertura da sociedade e de uma participação e de uma participação democrática, digamos, que não é apenas o formalismo de votar não é, discutir, votar, e uma coisa e outra... é no sentido da participação, pronto, e esta vertente da participação, epa... recuou à medida que recuou também a sociedade. Nós tivemos aqui na região, tenho aí ainda alguma coisa

mas por insensibilidade também nossa por vezes acabamos por eliminar um bocado de patrimónios que a gente tinha aí... praticamente, todas as aldeias tiveram comissões de moradores, tiveram comissões de tudo e de mais alguma coisa, pá, foi o povo a despertar um bocado para aquela necessidade de dar a sua contribuição, de ter opinião sobre as coisas, porque enquanto nós hoje, portanto, recuamos num ponto “epa, nós elegemos a Junta” e depois eles lá estão para resolver os problemas, pronto, isto não está nem na letra nem no espírito da Lei de 39/76. Por isso é que eu digo... mas se me perguntar “mas isto é importante que esteja na Lei?”, obviamente que sim, que estejam determinadas as obrigações. Portanto, nós fomos dos que aquando da discussão entendemos que de facto é importante estar a obrigatoriedade das contas e que não ficássemos apenas só por um registo, tipo mercearia, das receitas e despesas, mas que houvesse uma contabilidade simplificada, não obrigatória, não contabilidade organizada, porque isto obrigava a ter um TOC [técnico oficial de contas] haveria muitos baldios que não teriam dinheiro no final do mês para pagar a um TOC, mas se tivermos já uma contabilidade simplificada, quer-se dizer, a partir do momento em que um baldio se constitui entra no registo de pessoas colectivas, tem um número de contribuinte, dá início à actividade nas finanças, logo a máquina fiscal já pode, digamos, fiscalizar. Epa, que seja a máquina fiscal, agora o que nós estamos contra, é que a gente olhe para as receitas, para a escrituração do baldio como uma entidade pública, que não é. Portanto, há aqui uma grande confusão na sociedade portuguesa que é “epa, mas porque é que os baldios não entregam as contas ao tribunal de contas?”. Não têm nada que entregar! Porque o tribunal de contas só decide e só analisa questões de natureza eminentemente pública, nós estamos a falar de questões de natureza local. Como também não se pronuncia, nem tem nada que se pronunciar, com as receitas e as decisões e as contabilidades das cooperativas, e das misericórdias, epa, porque isso entra já num outro sector, que é o sector da economia social, portanto, e como tal... agora se as contas devem ser transparentes... não pomos nenhum entrave, antes pelo contrário, com algumas alterações que a lei de 72/2014, nomeadamente a exigência das duas reuniões, embora nós aqui impulsionássemos o movimento, disséssemos “opa, tem que haver... vocês podem juntar as assembleias, mas tem que haver plano de actividades e tem que haver aprovação de contas, do relatório de contas” não é? Pronto, mas agora vir uma lei que dissesse “até 31 de dezembro plano de actividades, até 31 de março relatório de contas”, tudo bem, isto é ótimo. Mas agora o facto de termos isto não colhe a ideia de que isto já está tudo bem, não [?]. E eu creio que aí houve também, nós tivemos um período muito violento, de uma conflitualidade... a década de 80 do século passado, década em que as autarquias por linha de orientação política de cima, das CM; e de uma coisa e outra não é, e desde a forma de estar nos baldios, começaram a querer entrar nos baldios, e muitas entraram, nós teremos quê... 20 a 25% de entidades gestoras dos baldios que são Junta. Bem mas, eu para mim é indiferente

AL: a nível nacional?

AC: sim, a nível nacional, 75 a 80% estão nas mãos das assembleias, então aqui há depois aqui um fenómeno interessante, que é sempre que há eleições há sempre mudanças. Portanto há presidentes de JF que estão na gestão dos baldios, perdem as eleições, imediatamente são eles próprios que despoletam logo o processo eleitoral para criar o CD dos baldios. E depois nós notamos no período eleitoral uma grande instabilidade nos órgãos dos baldios. Agora, por exemplo, eu ia falar sobre... sobre as assembleias, sobre exigências. Portanto, é importante que a lei consagre determinado tipo de obrigações, agora já não acompanhamos a ideia do legislador quando ele diz que os CD dos baldios, e que para efeitos de obrigações, um CD que é um órgão que não tem salários, que tem de se ver um bocado como um homem ou uma mulher que tem uma entrega, muitas vezes que vai até contra os seus interesses, isto para não falar das excepções, mas em regra tem de ser um bocado isto... e a partir daí obriga-lo a ele ter comportamentos como se fosse um presidente da Câmara, um vereador, um deputado, etc. isto, não acompanhamos este raciocínio. Portanto, acompanhamos que toda a gente deve prestar contas, que as contas têm de ser transparentes, epa que... o Bica nesta proposta de Lei até disse “ah, porque é que nós não obrigamos, porque é que não se põe na Lei a ideia de entregar à Junta?” eu disse “oh pá, tenho dúvidas por causa do conflito que isto podia dar, a Junta politicamente é de um partido, o CD é de outro”, ia dar uma sarilhada, íamos, digamos, não é o medo nem o receio do que isto pudesse dar... também na Câmara também não, na altura dos governadores civis, a lei 39/76 dizia que os relatórios de contas dos CD deviam ser homologados pelos governadores civis...portanto, nenhum governador civil homologou e às vezes não homologando criava ali outro tipo de situações, não! A comunidade tem mecanismos, tem órgãos, há aqui uma parte organizacional que é a assembleia geral, que é a comissão de fiscalização, etc., opa, temos de puxar por eles, tem de haver democracia, tem que haver decisões democráticas das pessoas. Ainda esta semana vinha de Coimbra, porque eu agora também... pronto, agora... porque eu também nunca tive essa protecção, nem a vida me proporcionou esta... fazer o que agora eu estou a tentar fazer, que é... eu agora recentemente [...] nós aqui temos sempre uma dificuldade, a nossa parte da contabilidade e o enquadramento, às vezes alguns enquadramentos, temos muita dificuldade às vezes em enquadrar determinado tipo da actividade dos baldios, e creio que isto se deve também um bocado ao movimento associativo, os quadros do movimento associativo, com excepção talvez dos juristas que estão, pronto, mas depois a contabilidade que de facto só agora recentemente é que temos assim esta parte mais organizada, mais a contabilidade, temos tido alguma dificuldade nos enquadramentos, e então agora deu-me um bocado para fazer uma pós-graduação em economia social

AL: ai que giro!

AC: agora, só que o grupo está... isto começou em Coimbra na faculdade de economia

AL: deve conhecer o...

AC: o Rui Namorado?

AL: não, o... Pedro Hespanha

AC: Pedro Hespanha, sim. E nem sei se vai ser professor. E há outro também que já estive com ele num encontro em Montalegre que também é do Centro de Estudos lá da Universidade de Coimbra, que também se preocupa muito, ele e o Oliveira Baptista, por esta área

AL: o Oliveira Batista...

AC: o Oliveira Baptista é também um dos nossos assessores para estas questões... mas o que é que eu estava... também para tentar perceber, e ver se conseguimos pá... também em termos institucionais forçar um bocado alguma clarificação relativamente a isto... há muita literatura, não sabia... só agora é que comecei a ver um bocado a bibliografia daquilo, do curso, da pós-graduação, e vi que há muita coisa já, só que o problema é este, só que isto está afastado do movimento associativo. E se alguém do movimento associativo daqui a uns anos quisesse frequentar isto, já tinha incorporado no movimento associativo alguma lógica... e por exemplo, porque não nos nossos documentos reflectir um bocado estes enquadramentos, não é? Pronto, vamos lá a ver

AL: sim, não se pode ficar pegado àquela ideia do tradicionalismo, que já não existe, não é?

AC: não, ou se existe já não tem aquela dimensão que teve no passado, agora podemos é pegar nos bons usos e nos bons costumes que havia no antigamente e ver como é que os adaptamos e modernizamos e não descaracterizamos muito, porque a ideia é... o cerne das coisas é interessante, eu tenho para mim que nós temos uma riqueza, e agora infelizmente, cada vez menos, até porque... eu às vezes vou-me dando conta, começo um bocado a reflectir “já passaram por mim milhares de pessoas que eram autênticas enciclopédias, sabiam coisas verdadeiramente notáveis, e coisas que eles tinham na cabeça e que não escreviam porque muitos deles eram analfabetos. Sabiam como ninguém falar das coisas, mas depois “porque é que você não escreve” e tal? Eu não sei escrever...”, é um bocado complicado. Agora, ainda sobre esta questão da lei, portanto, o objectivo era este, pegar na lei de 2014 e naquilo que se reporta à lei 68/93, porque eles também fizeram uma republicação, eles não fizeram uma lei nova, integraram alguns conceitos que vêm de trás, introduziram aqui novas formulações, novos conceitos, também não queremos fazer uma coisa quimicamente pura, pretende-se olhar com olhos de ver para a lei de 2014 e ver o que é que é possível recuperar, e recuperarmos, sem qualquer tipo de preconceitos nem azedumes pelo facto de estarmos contra as alterações da lei dos baldios. Acho que esta decisão desta recusa destes partidos que estiveram contra o decreto regulamentar é um bom presságio. E mais...

AL: esta de acabarem com a vigência do decreto 165 ou que é?

AC: sim, sim, sim

AL: isso é recentíssimo, é isso que está a falar?

AC: sim. É por uma razão muito simples, porque isso foi uma fuga, eu tenho ideia... não posso... eu digo que deve ter sido alguém do ICNF a tentar forçar a nota. Porque nas propostas que vieram à discussão pública, notámos que as propostas que vieram do ICNF, porque o ICNF foi também quem... porque quem conduziu este processo todo foi o gabinete da ministra, e o gabinete da ministra estava um bocado para a *frentex*, em termos de autogestão.... Nunca vi um ministro tão atirado um bocado para a frente, no outro dia até lhe disse

AL: está a falar da Cristas...

AC: sim “oh senhora ministra, eu posso utilizar a sua opinião junto do movimento dos baldios?” “pode perfeitamente, está autorizado”. E a opinião era que “autogestão já ontem, hoje já é tarde” ... ela veio com isto, e disse isso numa reunião. Eu fiquei um bocado espantado, eu até disse “olhe, eu sou mais sensato, eu parece-me que alguma sensatez enfim, da parte da senhora ministra não lhe ficava mal, até por uma razão muito simples, nem as comunidades locais estão preparadas para uma autogestão, não é. Mas vocês... é um bocado essa a ideia, mas portanto, quando aparece a proposta da regulamentação para essas propostas, aparece do ICNF, e o ICNF tentou pela via da regulamentação anular alguns aspectos positivos, por exemplo, a lei dos baldios acabou durante muitos anos, mesmo até os nossos juristas, eu por acaso nunca tive essa percepção, não tinha condições para afirmar juridicamente o contrário, mas por o exemplo, para mim a lei 39/76, sempre que eu ia participar numa assembleia de compartes, eu tinha de pôr sempre à consideração da assembleia qual era a modalidade de gestão que eles queriam: autogestão ou cogestão. Em todas as assembleias eleitorais nós tínhamos que pôr isto, e tudo isto ia para acta. Ora bem, quando vem uma lei que diz “até ao termo”, que é digamos o dia do... ou é por 20 anos, não é, e podia-se fazer uma cessação mediante aquilo que estivesse no termo. A discussão era, no termo não há nada escrito não é? E para mim era o prazo de 3 anos, porque nos 3 anos, na 1ª de 76 salvo erro eram 3 anos, na outra foi 2, e agora esta é de 4. Então para mim o termo, até que terminasse o termo, o termo para mim foi sempre 3 anos, e discuti com o Bica, e discuti com o Gralheiro, mas eles começaram, eles é que são juristas, teóricos, mas eles começaram um bocado a aceitar aquela ideia... até que entretanto veio outro (?) a dizer que “não, não, em qualquer momento...”, nem faz sentido nenhum... ah, mas entretanto apareceu aí pelo meio um parecer jurídico, e então eles agarraram-se ao parecer jurídico interno do... da Direcção Geral de Recursos Florestais que dizia que “não senhor, a cessação só é possível após a comunicação oficial da assembleia geral dando como terminada a cogestão e só depois de 20 anos é que a pode entregar. Claro, aí depois o Gralheiro disse “não, não, se for para 20 anos depois de terminar, o Estado não tem direito a ressarcir-se de nenhuma receita”. Portanto, no final é 20

anos, é suposto que o prazo de 20 anos seja o prazo necessário suficiente para que o Estado receba as compensações a que tem direito. De qualquer das maneiras, o mesmo advogado, que é o doutor Monteiro que fez isto, e mais alguém também provavelmente

AL: o quê? A Lei?

AC: não, não, este parecer, tive uma vez um debate com ele, e ele tentou... ganhou, porque ele diz que era vinculativo. Mas depois eu, no tempo da Maria Loreto e do professor [Francisco Rego] eu tive acesso a um parecer interno de serviço que não foi publicitado, em que dizia exactamente o contrário, quer-se dizer, o parecer dizia exactamente o contrário, que constitucionalmente não era admissível que houvesse um prazo... se uma assembleia de compartes tem poderes de decidir se querem autogestão ou cogestão, essa mesma assembleia também teria os poderes para revogar a decisão que tomou... pode é dizer-se “opa, tomando a decisão tem de assumir a sua decisão na sua plenitude”, quer dizer, se houvesse investimentos etc. teriam de ser assumidos pela assembleia geral. Mas não fazia sentido nenhum, do ponto de vista jurídico não haver esta capacidade desta assembleia de compartes. Portanto, e este parecer é engraçado porque contrasta com o outro parecer interno, feito também pelos serviços, só que um foi publicitado para a gente... para nos calarem, o outro não foi. Só que a gente teve acesso um bocado a isto. E foi depois... e isto coincidiu logo a seguir com a decisão do tribunal do de Vilarinho, e outro aqui de uma Junta de Viana do Castelo. Houve duas decisões, tomadas num espaço de pouco tempo, em que o juiz, rebateram pura e simplesmente a tese de que só depois de 20 anos é que se podia voltar novamente à autogestão

AL: eu tenho ideia que na lei de 93 está lá uma alínea para os compartes pedirem o fim da gestão

AC: sim, mas depois remetiam-nos um bocado para o prazo de 20 anos... entretanto eu andei aqui a coscuvilhar aqui nos documentos e encontrei ali uma nota que ainda tenho numa pasta que dizia o seguinte, uma nota da DGRF, salvo erro de 78 ou 79 em que dizia que a assembleia de compartes em qualquer momento podia decidir o fim da cogestão

AL: também era a ideia que eu tinha, claro que depois o processo burocrático pode demorar bastante tempo, depois há a questão de ter de pagar as compensações e não sei quê

AC: pois, as compensações não estão previstas, aliás, estiveram sempre previstas na lei 68/93

AL: pois, mas agora, por acaso queria também falar sobre isso, neste decreto-lei que acaba agora a vigência, por causa desse tal projecto de resolução que os Verdes meteram agora recentemente, uma das coisas que ela regulamentava era precisamente o regresso à autogestão

AC: não era só

AL: também, mas também

AC: mas era fundamentalmente isto

AL: e aquilo pareceu-me muito complicado

AC: é... eu tive aí no outro dia o assessor, que foi director do norte do ICNF até agora, portanto, passou o governo do PSD

AL: o Rodrigues Rodrigues?

AC: não, o Rogério, ele passou o governo do PSD todo, não... foi responsável... não, foi para este cargo no tempo do Sócrates, foi para o governo do PSD e manteve-se, e agora mantém-se também... portanto é um indivíduo que tem um bocado já... quer dizer, tem um espaço temporal que dá para discutir com ele várias coisas, deu para discutir com ele várias coisas. E entretanto quando se começa a falar sobre esta questão, dizia ele assim “ah, de facto...”, mas ele estava, portanto, ele enquanto esteve como responsável do ICNF aqui do Norte, não é, director regional ele dizia “ah, mas oh Armando, mas isso é com o Estado...” e não sei quê, não sei que mais. E eu disse “vamos lá ver uma coisa, no dia em que vocês quiserem discutir seriamente isto a gente discute e vamos novamente dar a uma situação idêntica ali da vizinha Espanha, da Galiza. É que nós, um dia que vocês queiram pôr-se ao pé dos activos, sem a gestão (?), vocês têm de também responder a uma pergunta muito simples e muito básica... aqueles baldios que outrora tiveram material lenhoso e que por falta de gestão, ou ausência de gestão, vocês agora só têm lá calhau e carqueja e assim... o que é que vocês... qual é a vossa contrapartida para a comunidade? É que vocês não podem, enfim, vocês têm de olhar um bocado para o todo, porque se só olham para os activos e depois de que maneira é que... a própria regulamentação da lei, a proposta que veio do ICNF eu tenho-a aí, a proposta que vinha do ICNF era para considerar activos, não só aquilo que foi considerado depois no decreto-lei, mas era muito mais, qualquer infraestrutura que eles tivessem feito, independentemente do ano, isso já era um activo, e a gente aí só diz “então...”

AL: baldios activos, é isso que está a falar?

AC: não, activo florestal... o que é isso? É a riqueza que têm, por exemplo os pinheiros... é um activo, as casas dos guardas-florestais... é um activo... os estradões, as infraestruturas, os tanques, enfim, digamos, tudo aquilo, os caminhos, tudo aquilo passava a ser activos. E em determinado momento o que é que acontece, quer dizer, se não se tem cuidado eles passaram estes activos como ónus para as comunidades e futuramente nós ficávamos com o menino nos braços. Quer-se dizer, que a gente diga assim “opa, também, mas agora vamos lá a ver uma coisa, o Estado não tem direito a...” bom, e é esta discussão que a gente havia de fazer. Alias, esta questão já está... aliás, todas as assembleias de compartes que passaram para a autogestão já

devia ter sido comunicado... pronto, uma das propostas que estava na regulamentação era dar um prazo de 3 meses após a comunicação da assembleia ao Estado para que o Estado entregasse os tais activos, a tal proposta da avaliação dos activos que a comunidade, digamos, que a comunidade devia assumir. E há aqui dois problemas, é, nós aceitamos passivamente uma proposta que vem de um órgão, sem resposta... ou seja, se eles têm o privilégio de apresentar uma proposta unilateral ou se isto será objecto de uma assembleia de partes. E a nossa proposta é que qualquer proposta que venha, tem que ser objectos que estão com a assembleia de partes, e a assembleia de partes tem que aceitar, e isto dá motivo a discutir, e dá motivo a que não são 20 mas que possam ser 15, ou ser 20 ou 25, não sei pronto, é tudo aquilo que... porque em último recurso, quem tem a capacidade de decisão depois de não haver acordo entre as duas entidades cogestoras, Estado e comunidade, é os tribunais... os tribunais são o único recurso que nós temos para decidir sobre qualquer contenda que haja a este nível. Por isso mesmo é que isto está resolvido, mas o Estado continua a pensar que deve haver uma regulamentação... e pode haver, nós na lei 68/93 estas questões eram discutidas e nós aceitávamos. Pa, havia quem no movimento associativo não aceite, mas isto é como tudo na vida, não há unanimidade, mas eu acho que há coisas que deviam... quer dizer, a regulamentação não é para pôr em causa, como esta regulamentação punha, a lei 72/2014, mas é para tentar explicitar aspectos menos explícitos, na lei, porque a lei está para todo o país, e depois nós temos casos muito particulares que não podem ser contempladas numa lei geral, não é... por isso é que se faz a regulamentação. Mas como a lei 39/76 não foi regulamentada, não obstante estar lá “90 dias depois devia ser regulamentada”, a lei 68/93, até 2014, não foi regulamentada. Portanto, esta... eles fizeram a lei e puseram-na cá fora, mas verdade seja dita, os gajos trabalharam... o governo anterior trabalhou. Agora, não foi numa linha que nós considerámos que era a melhor, pronto, mas fizeram o trabalho deles. Agora a Assembleia da República anulou, está anulado. Agora vamos ter de discutir futuramente uma nova regulamentação relativamente à lei 72/2014

AL: e já agora, também relacionado, aquela lei que se denomina correntemente como a “lei da eucaliptização”, que agora também se fala de revogar, ou houve essa proposta. O que é que acha disto... ou seja, eu já li várias opiniões, eu própria já li a lei, a minha sensibilidade para ler leis é

AC: a lei da rearboreização e arborização...

AL: exactamente. E entretanto parece que vai ser revogada, e há muitas vozes contra porque dizem que agora finalmente havia uma fiscalização da florestação em Portugal e quer-se acabar com isso... isto foi um artigo de opinião que saiu no Público, que li ontem

AC: do ex-secretariado de Estado

AL: exactamente. E eu acredito que o homem tenha conhecimento de causa, pelo menos muito mais do que eu, e eu fico um bocado confusa. Eu li a lei e de facto há lá alíneas que me deixaram um bocadinho assustada relativamente à liberdade ou à facilidade com que se plantam eucaliptos. Mas aquele aspecto que ele refere de agora haver muito mais fiscalização no que diz respeito à florestação de uma forma geral, é importante parece-me... o que é que acha disto?

AC: olha, eu acho que às vezes é bom ler artigos... eu também li o artigo, li e até o tenho aí para visitar novamente para ver um bocado, aqueles dados que ele avança, aliás ele saiu agora recentemente com um livro também, sobre a floresta... pronto, foi um secretário de Estado com quem eu trabalhei e gostei da forma como... é uma pessoa, quer dizer, que eu não estou de acordo e tentava fundamentar porque é que não estava de acordo, pronto, não dava aquelas respostas políticas, evasivas, que é uma coisa que normalmente os políticos gostam de fazer. Não estava de acordo e dizia pura e simplesmente porque é que não estava de acordo. E em termos institucionais até acho que foi um homem, aliás, eu acho que entrei com o pé direito na 1ª reunião, porque eu era amigo... amigo, pronto, não era da minha relação, mas enquanto director da CNA, eu acompanhei muito de perto o pai dele enquanto ministro, tivemos várias reuniões, ele foi ministro da agricultura no tempo do Guterres e saiu um bocado magoado com a forma como ele saiu. E então eu, na 1ª reunião, não sei por que carga de água, quando foi das apresentações falei-lhe do pai, na relação, mandei-lhe cumprimentos, e então fiquei ali com uma boa relação... mas isto às vezes ajuda um bocado a... e em todos os encontros que tive com ele foi agradável um bocado a discussão, pronto, não obstante a divergência, aliás, o próprio projecto-lei começou com ele e depois passou um bocado aos partidos que sustentavam o governo na Assembleia da República, mas a proposta inicial é do secretário de Estado. Agora, eu fiquei também, como muitos, admirado com os números. Portanto, e normalmente, nós às vezes opinamos, e vai também ajudando isto, cada vez tenho menos apetite de reagir a quente, sem dados, sem números, porque eu também achei que este decreto-lei de arborização e de re-arborização, foi um bocado escancarar ali a porta, quer dizer, abrir a porta para tudo e mais alguma coisa. E não é por acaso que, e não conhecendo os dados, que a leitura que se fazia era isto, porque deixou de haver aquelas obrigações que havia antes. Entretanto o que me disse o ministro numa reunião que já tivemos com ele, aquela reunião inicial de cumprimentos, objectivos, para nos dar um bocado a conhecer os objectivos do governo, o programa, etc. etc., e ele disse que relativamente às questões da agricultura e da floresta, que uma das coisas que ele tinha acordado previamente em matéria florestal tinha sido com Os Verdes, em matéria de eucalipto, que iria revogar... eu até fiquei contente

AL: eu também... mas depois

AC: entretanto os dados estão aí, é evidente, é indiscutível para nós... toda a parte litoral de Aveiro para cima, não só esta parte onde há baldios, tudo o que é baldio ali

praticamente está a ser tudo eucaliptizado, e isto preocupa, porque o nosso país precisa, precisamos da... pá, esta produção é importante naturalmente para a economia e para o produto interno bruto, mas o país não vive só de... as monoculturas têm os problemas que têm... pá, e eu, depois de ler estes números fiquei com a sensação de que, embora haja, enfim, e continuam a haver, porque os números estão lá, não sei quantos milhares de hectares que já foram eucaliptizados, mas na análise comparativa que ele faz dos vários períodos, não foi o período em que houve maior eucaliptização, e mais, houve um período em que houve penalizações e fortes coimas, porquê? Porque há uma maior fiscalização relativamente a isto. O que nos leva um bocado a considerar que talvez tenha havido mais gritaria do que outra coisa. De maneira que a gente tem de olhar agora um bocado, era bom saber se estes dados... porque a gente faz leituras de... com base em... se estes dados são confirmados por quem de direito, neste caso pelo ICNF, obriga-nos um bocado a dizer... pensar melhor. Agora, há uma coisa com a qual nós não estamos de acordo. Nós temos já uma área de eucalipto suficiente para manter a nossa indústria de celulose. E esta ideia de nós termos aqui a pasta de papel para todo o mundo... não é... Ainda esta semana estive aqui a falar com dois técnicos da celulose, eles agora até mudaram o nome

AL: ah pois foi, um nome inglês não é? Não sei quê *challenge*, é uma coisa assim

AC: é... então estavam a dizer um bocado o investimento que eles têm feito para aí, só deles, deles, deles, Portucel, têm para aí 130000 hectares. Mas na área, a área eucaliptal são para aí 900 000 hectares... isto já começa a ser um bocado assustador, inclusivamente o professor Francisco Rego que disse pá, que a área do eucalipto é suficiente para manter a coisa, agora é preciso é saber gerir isto. Agora o que eles querem é evidente que é sempre áreas novas, de preferência áreas de aptidão agrícola. Ora bem, nós não podemos neste país, que tem um défice monumental agroalimentar, não se pode aceitar estender uma monocultura a praticamente metade do país. Nós temos 4 milhões de hectares de área de mato, florestas, de uma coisa e outra. Enfim, mas temos uma área agrícola também de cerca de 4 milhões, pronto, é preciso haver equilíbrios e eu creio que nem se deve ter uma ideia, uma concepção satânica do eucalipto, o eucalipto é uma árvore como qualquer outra, agora também não se pode endeusar o eucalipto, como as celulosas também querem fazer. Acho que tem de haver aqui equilíbrios, e eu acho que, por exemplo, sem agora conhecer um bocado, sem testar os dados neste momento o Francisco... como é que ele se chama, o Francisco Gomes da Silva avançou na entrevista, no artigo de opinião que ele fez, opa, se é verdade a gente não pode ser tão acusadores ou tão críticos, tanto como fomos até agora, porque de facto os números não evidenciam aquilo que muita gente disse pá, que estaríamos a eucaliptizar, sem rei nem roque, enfim, e que não haveria cá forma de condicionar um bocado o eucalipto. Pronto, acho que a gente tem de ser um bocado equilibrada no meio disto tudo. Mas estou por acaso com alguma curiosidade de saber se os números que ele avança aí se são ou não. Agora o que eu acho de facto é que a gente não precisa também, é preciso agora

também estabilizar a área, nós temos muita área plantada com eucaliptos, e agora de umas áreas vão para as outras pá, e normalmente vai-se um bocado privilegiar a área, primeiro, que fique mais perto das fábricas, segundo, que seja... o eucalipto... nós aqui em cima não temos esses problemas porque pelos vistos em termos de produtividade o eucalipto não vinga aqui suficiente, face à produtividade que tem lá em baixo, mas o que é certo, é o que dizem os estudiosos, nós temos uma área de eucalipto suficiente para manter um bocado a nossa indústria de celulose. Agora pelos vistos estão a fazer uma fábrica em Moçambique que tem não sei quantos, mas já uns milhões de hectares de plantação e agora no Canadá também já têm uma, mas isso é das *pellets*

AL: ah, também têm agora essa versão...

[entra alguém]

AC: esta é a menina que trabalha na contabilidade

AL: bom, eu estou a estudar sobretudo os baldios do PNPG, isto porque do meu ponto de vista era interessante perceber a dinâmica entre as várias instituições, e o PNPG tem uma panóplia de instituições a trabalhar ali não é. Isto porque eu considerava que grande parte da problemática, vá, ...

[toca o telefone da BALADI, o senhor Armando atende]

AC: oh, isto agora é só problemas, isto é da EDP... da EDP não, da sim... da energia hidráulica, deviam ter passado uma licença à EDP para no Lindoso e em Britelo, uma linha [...] que vai passar nos baldios que até agora passava mas aquilo era tudo Estado, e agora tem que pagar

AL: é uma linha de? Alta tensão?

AC: alta tensão. E agora tem que pagar porque é uma ocupação, porque debaixo da linha não pode haver produção florestal

AL: isso por acaso é muito engraçado, porque eu estive lá em Britelo, e ele disse-me que tinham essa linha de alta tensão e que não eram compensados por isso. E isso fez-me um bocado de confusão na verdade, porque aquilo pode ter e tem algum impacto, quer seja baldio quer não seja, acho que deve sempre haver alguma atenção às pessoas que lá vivem. Sendo baldio ainda mais, uma vez que se trata de uma propriedade comunitária

AC: ainda mais... não, mas eles agora queriam saber, vou ver se consigo

AL: mas portanto eles requereram uma compensação por parte do Estado é isso? Do Estado não, da EDP

AC: a hidráulica só passa a licença à EDP se ela tiver feito a liquidação, mas eles têm tido muitos problemas quando lhe passam o licenciamento... quando lhe passam o licenciamento a entidade que tem essa incumbência tem de saber se os problemas estão... se pode diferir o processo ou não, não é. Porque se não imagina, por exemplo no caso deles, eu passo-lhe agora a dizer “tudo bem, está licenciado”, e depois vem o baldio a perguntar porque eu lhe passei o licenciamento

AL: pois... mas a hidráulica é que está por trás das torres de alta tensão?

AC: sim. Não, a hidráulica não, a alta tensão é da EDP, mas a EDP tem de ter um licenciamento desta estrutura, da hidráulica, para lhe passar o licenciamento da passagem da linha... eu também não conhecia o caso

AL: ok... mas sim, conheci essas pessoas, a de Lindoso também

AC: não, também conheço, não sei se tenho agora aqui o número de telefone... porque há ali uma associação que recentemente se filiou na BALADI, que é a Atlântica

AL: sim, eu conheço... a Sandra

AC: a Sandra, sim

AL: também já lá estive a falar com ela. Eu até pensei que eles já eram filiados

AC: não, eles já aderiram, mas só tiveram ainda uma reunião só. Eu é que fui lá aos Arcos de Valdevez, a um seminário, explicar a nova lei dos baldios

AL: eu não apanho nada disso. Bem que quero ir a eventos mas não apanho nada

AC: foi a Sandra que organizou esse evento. Mas vai apanhar, provavelmente agora no dia... para semana, vou fazer um pedido ao presidente da Câmara Municipal de Mondim, a ver se ele não queria organizar com a Câmara um encontro de baldios

AL: Mondim de Basto é aquele que tem um grupo de baldios não é?

AC: é

AL: o primeiro... e único não é? Ou é só o primeiro?

AC: sim, fomos nós que o formámos, aqui o Secretariado de Baldios. E nós queríamos trazer cá [...?], para criar algum compromisso relativamente ao grupo de baldios, porque nós queremos que fique na lei o apoio ao grupo de baldios como há para as ZIF... enquanto no PDR 2020 só se podem candidatar apoios para a constituição, para a gestão e não sei quê não sei que mais, de ZIF, só, e nós queremos que haja o mesmo para os grupos de baldios

AL: mas as ZIF agora também já podem abranger baldios não é?

AC: agora já, nós criámos aqui o Secretariado de Baldios, que é uma associada da BALADI, a associada mais forte, criou aqui recentemente uma ZIF no Marão, com o baldio de Ansiães, Camomil, com a Junta e com dois CD de baldios

AL: a grande diferença entre uma ZIF e um baldio, aliás, e um grupo de baldios, será talvez a entidade que acaba por gerir...?

AC: não, a filosofia que informa a ZIF é apenas um tipo de associação para agrupar e organizar os proprietários florestais, enquanto o grupo de baldios é para organizar digamos assim os baldios. É já numa outra dimensão, outra dimensão e outra escala. Para que eles possam tomar certo tipo de decisões que se for por si só não podem ter a dimensão suficiente para tomar. Só que em termos de ZIF isto está muito tipificado na Lei [...] enquanto para o grupo de baldios, quer dizer a lei dos baldios fala da possibilidade de haver áreas agrupadas mas depois não há consequência disto não é. E nós... digamos, o anterior secretário de Estado, que era ali de Ponte de Lima, já não me recordo... o Capelo, desafiou um bocado numa reunião, “epa havíamos para aí de constituir um grupo de baldios e ver um bocado como é que isto funciona”. Até agora nunca tivemos apoios, constituímos, estamos a funcionar, epa mas ainda é um funcionamento muito...

AL: era isso que eu ia perguntar, ainda não houve qualquer tipo de reflexo, ou de benefício óbvio ou ...

AC: não, houve um ou outro benefício, conseguimos de facto trazer cá uma empresa, duas empresas, uma delas fez o contrato, um contrato à escala do concelho para a exploração de resina, elevámos muito o preço da bica da resina e estamos agora em negociação com uma empresa para a instalação lá de apicultura

AL: e isso não seria possível se não houvesse grupo? Se calhar não tinha a mesma dimensão

AC: não, não tinha, porque não tínhamos a oportunidade de discutir isto com todos

AL: ah, facilita também essa questão das decisões, nem tinha pensado nisso

AC: e a própria empresa pode ter, pode dar outras contrapartidas... uma coisa é discutir um projecto para 1000 hectares, outra coisa é discutir para 10 ou 12000 hectares, a escala é outra

AL: claro, essa é imediata, agora a questão de facilitar a decisão ao nível das comunidades não tinha lembrado e de facto faz todo o sentido. Então, aquela questão que estava a começar a introduzir antes de tocar o telefone, portanto, o PNPG que é o meu foco, precisamente porque considero que grande parte dos problemas

AC: e até para a tese creio que se encaixa melhor

AL: sim, e é bom ser uma coisa circunscrita, porque senão tinha de ser uma coisa quantitativa e eu não

AC: pois, e depois não há muitos dados

[entra alguém, a conversa diverge]

O que é que estávamos a falar... ah, os dados estão muito dispersos, não estão trabalhados e uma tese que tivesse um bocado essa abrangência

AL: sim, tinha mesmo que circunscrever. E entretanto percebi que mais de 60% do PNPG são baldios, achei bom, perfeito, e se o meu interesse é perceber o papel das instituições na gestão dos baldios acho que é um local bastante apropriado para isso na medida em que o tecido institucional ali é bastante denso. E foi um bocado neste sentido. Isto também porque eu acho, também do que tenho vindo a ler, que grande parte da problemática dos baldios actualmente tem a ver com as próprias instituições, sejam elas compartes, autarquias, seja o que for, e da forma como actuam, se dinamizam entre elas, então foi por aí... contudo, quando comecei a trabalhar no Parque comecei a aperceber-me que aquilo é uma situação completamente diferente da dos restantes baldios do país, no sentido em que tem as ITI, não podem ter eólicas e outro tipo de empreendimentos, e por aí. E de facto verifica-se que ali muitas das coisas que são registadas para a maior parte dos baldios do país, como por exemplo, haver muita gestão baseada em rendas, cessão de exploração, baldios inactivos, assim, ali não acontece, precisamente porque têm as ITI a fazer a roda mexer

AC: sim, alterou-se um bocado. Do PRODER para o PDR houve uma alteração bastante grande

AL: pois, o Apoio Zonal não é... eu não sei como é que isso ficou de facto, sei que mantém-se a do Gerês, não é; acho que acabou a da Serra da Estrela não foi?

AC: Mantém-se a do Gerês mas amputada, muito amputada. E há aqui a do Douro Internacional

AL: exactamente, há a de Montesinho

AC: a de Montesinho também reduziram aquilo ao mínimo pá, mas a de Montesinho não tinha a expressão que tem a do Gerês. No Gerês houve uma grande adesão

AL: muito por parte da ELA não foi?

AC: muito por parte da ELA. Aqui a ELA foi fundamental, a ELA não funcionou ali em cima, e depois... quando a gente deu por ela, e ainda chegámos e queríamos fazer uma reunião com o técnico lá do Parque para ainda ir ver se conseguíamos mas já era um bocado tarde, já não

AL: a ELA trabalhou bem no Gerês não foi?

AC: trabalhou. E hoje há uma reunião em Braga da ELA, a Joana telefonou-me a dizer que havia

AL: pois... eu falei com o Célio Silva também

AC: Célio Silva é o técnico lá do Parque

AL: sim, que fazia parte da ELA também se não me engano, representando o ICNF

AC: parece que agora houve uma alteração, parece que foi substituído ou uma coisa assim

AL: olhe, que pena, porque ele é super bem falado por toda a gente, e quando falei com ele percebi que realmente tem amor à camisola, digamos assim

AC: não, é... é um individuo que veste um bocado a camisola

AL: mas pronto, esta diferença entre baldios faz-me pensar um bocado... ou seja, o que ali resulta bem do ponto de vista mesmo de... da capacidade de acção colectiva, de haver uma gestão comunitária de facto, super impulsionada pelos subsídios, sem dúvida, sem subsídios provavelmente não existiriam

AC: mas agora falaste bem, mas entretanto eles também têm outros condicionalismos que os outros baldios não têm

AL: sem dúvida

AC: e é bom que a sociedade também pague um bocado para que, se a gente quer ter um Parque daquela dimensão, com aquela grandeza, como aquele parque que a gente conhece, opa, então também tem que haver compensações aos autóctones, senão digamos também, como é que é possível? E ainda mesmo assim há reacções muito fortes, de gente que por vezes não compreende, nós tivemos ali uma luta brutal, tivemos que nos meter também ao barulho que foi quando um arquiteto passou por ali e queria fazer um parque ali pá, quer fazer isto tudo muito bonito para a natureza e para os animais, mas o ser humano ia ser enxotado. Tem que haver equilíbrios no meio disto tudo. Agora, há aqui outra coisa pá, que também há gente que critica um bocado que é a autoridade... uma coisa é a autoridade, outra coisa é... as instituições também têm que ter autoridade, outra coisa é autoritarismo que a determinado momento o regulamento... depois depende das pessoas que estão à frente, há gente que chega ali faz discussões, faz discussões, e depois decide-se, tem que se decidir sem eternizar as discussões, mas sempre um bocado também no pressuposto de ouvir com ouvidos de ouvir, não é de ouvir só por um formalismo. Ouvir e incorporar nos documentos, no regulamento, aquilo que são as opiniões e a sensibilidade das comunidades locais. E há assim um bocado a crítica que normalmente os parques... agora não porque eles perderam velocidade [?],

perderam apoio técnico, perderam capacidade técnica não é... mas normalmente o que a gente tem... não é por acaso que praticamente na área do parque há poucos baldios que estão em autogestão, estão todos muito na paternidade dos do parque e no entanto... e até há, e há-de haver... mas há uma lei, que o parque a determinado momento cria leis próprias, digamos, não havia uma lei para o parque, mas faziam uma interpretação digamos algo mais restritiva da lei do que faziam os SF de uma forma geral. Estou a falar do PNPG que já é dos anos 60 talvez

AL: mesmo o decreto e tal foi em 1971, mas provavelmente antes começou-se a pensar. Pois, o que eu me questiono é como é que estão os restantes baldios deste país que não têm este tipo de acesso às ITI, aos Apoios Zonais, que de facto acabam por ter um papel importante, mesmo do ponto de vista do... a meu ver, e também falando com o Célio Silva apercebi-me disso, que por exemplo as ITI só eram concedidas a baldios que estivessem organizados em assembleias de compartes, conselhos directivos, o que motivou que muitos se organizassem

AC: sim, motivou, e uma das funções do Estado era ajudar a organizar... as primeiras assembleias de compartes que foram instituídas por lei, muitas delas foram um bocado por impulso dos técnicos que na altura perceberam e entenderam a Lei e meteram pés ao caminho [...] que tiveram um papel absolutamente notável na constituição das assembleias de compartes. Porque é essa a função dos elementos do Estado... o Estado não vai lá só buscar os 40% da receita dos baldios, ou 60%, ou 20% não é, porque embora eles não queriam falar nos 20

AL: ninguém fala dos 20, no parque é tudo 40...

AC: é... mas está errado, mas acontece na maior parte dos baldios. Porque o que diz a lei, e esta parte não foi revogada, é 60, 40, 20, mas eles passam por cima disto e de 20 passam para 40

AL: mas portanto, esse incentivo que existe dentro do Parque Nacional, sobretudo dentro do PN, não sei como é que funcionam as ITI noutros parques mas ali pelo menos funcionam desta forma, não existe nos restantes baldios do país certo? Então não haverá esse tipo de incentivos para a formação de assembleias etc. eu pergunto-me até que ponto isto não cria ali um certo desequilíbrio entre baldios, por muito que eles tenham eólicas, ou outras questões que lhes tragam alguma receita, a questão que me parece fulcral, e também lendo outros autores, como o Baptista etc., que tem bastante mais conhecimento do que eu acerca do assunto e que reflectem sempre a necessidade de haver uma capacidade de acção colectiva, ou seja de haver capital social, ou seja, as pessoas conseguirem de facto organizar-se a nível local, e que é fomentado por estas ITI e tudo o mais, porque para além de terem de formar a assembleia, depois têm que gerir o subsídio, não é, e de forma até a fazer sobrar para depois poderem usar noutras questões, coisas que têm também de ser decididas a nível local, ou seja, tudo isto para mim, acho eu, fomenta a tal capacidade de organização local, e que nos outros baldios não existe. Isto acaba por se verificar

de facto uma falta de capacidade de organização ou de actividade nos outros baldios? Eu não conheço bem os outros baldios fora do parque

AC: não, ali existe também... pelo facto de haver esses apoios [...] obrigaram a que o movimento associativo deslocasse, não é, ou disponibilizasse um técnico para acompanhar isto. Ou seja, se há candidaturas elas não nasceram por obra e graça do espírito santo, foi também um bocado pela movimentação, pela parceria que houve entre o movimento associativo e o PN. Agora, isto nós temos prevista para a área do parque para o concelho de Montalegre, a Joana... nós temos 12 baldios ali integrados em ITI e é ela que faz todo o trabalho técnico

AL: mas estão inseridos no Parque?

AC: estão inseridos no parque

AL: exacto

AC: fora do parque...

AL: não sei como é que aquilo funciona lá fora, porque não havendo este tipo de incentivos, e acho que não há, não é, mesmo as INP, dos investimentos não produtivos, e tudo o mais, não sei se

AC: não há, não há. Fora do parque não havia aqui, nem no Alvão, não tinha expressão em Montesinho. Porque aqui os baldios, fora do PN, pá, têm outro tipo de necessidades, e tem também por vezes outras receitas que no parque não há.... Houve uma que depois foi uma sangria terrível, com a redução da área de pastoreio

AL: sim, sim, sim, mas isso foi a nível europeu não foi? Fala-se por todo o lado no mesmo

AC: é tudo mentira pá, isto é tudo... não é mentira porque não existe esta norma, esta directiva em termos de regulamento, mas a adequação ao terreno é da responsabilidade do governo português, pronto, e o governo português na 6ª feira levou uma grande – olha, estávamos a falar da Joana e ela está a tentar ligar-me – o IFAP veio fazer uma reunião a Montalegre com os baldios todos aqui do norte

AL: ai foi? Nesta 6ª feira? Nunca apanho nada

AC: não, mas nós também soubemos porque fomos convidados para participar

AL: de toda a região norte ou só

AC: não, de toda a região norte... norte até Viseu, os distritos todos creio que de Coimbra para cima

AL: ok, e estiveram a discutir essa questão?

AC: a discutir essa questão, as alterações que vai haver no parcelário, há aí algumas alterações que eles queriam ver se validavam isso com as unidades gestoras dos baldios. Agora, dos outros... onde há um movimento associativo forte, forte quer dizer, com capacidade, é... tem em nós o apoio, o Estado já há muito tempo que deixou de apoiar, deixou de apoiar em termos administrativos, em termos técnicos, não elabora projectos, o Estado só fiscaliza, o Estado nalguns sítios é um estorvo, em vez de ser um incentivo, um apoio, é um estorvo. Portanto se me perguntar, há distritos agora com o desenvolvimento do movimento associativo, associações com um carácter mais técnico, com uma visão mais técnica e menos histórica, são as associações muito ligadas às Câmaras, as Câmaras [...] a única preocupação que eles têm é apenas satisfazer uma necessidade do baldio que é a de elaborar o projecto, de o fazer à medida

AL: o PUB?

AC: não, o PUB fizemos nós

AL: então qual projecto?

AC: o projecto ao investimento florestal, então nós temos não sei quantas medidas, e para que as pessoas se candidatem é preciso alguém lhes fazer o projecto

AL: agroambientais?

AC: não, não, investimentos do tipo, condução da regeneração natural, povoamentos florestais, quer seja de pinheiro-bravo quer seja de espécies autóctones, na área da prevenção dos incêndios, há seis ou sete ou oito medidas, e pronto, é este movimento associativo que também evoluiu para uma certa capacidade, não é, nós temos aí o Secretariado dos Baldios e temos aí três a quatro técnicos a trabalhar no terreno, e este trabalho outrora era feito pelo Estado. Onde não há isto os baldios do [...] estão com alguma dificuldade

AL: quem?

AC: os do centro do país. Também é ali que o ICNF ainda põe um bocado a mãozinha nos baldios, nas comunidades... as comunidades ainda não conseguiram respirar, a liberdade deles próprios... enfim, é uma situação muito diferenciada, temos a área do parque, até pela história da construção do parque, do afastamento [...] do parque, vá, uma ligação... onde o Estado apesar de tudo ainda tem uma ligação mais forte é nos parques

AL: sim, sim, sim... apesar de tudo... só para acabar que não lhe quero tirar muito mais tempo, acha que há uma função só para o baldio a nível nacional ou acha que os baldios podem adoptar, digamos assim, diferentes funções consoante a sua localização geográfica ou lá está, a sua inserção num parque, ou fora do parque... ou seja, se é local a função de um baldio, ou se... enfim, eu estou a pensar isto comigo

própria por isso é que agora estou aqui a conversar... porque quando eu fazia as minhas entrevistas falou-se de

AC: que tipo de perguntas fazia nas entrevistas?

AL: bom, eu acabava por extravasar

AC: mas tinha um esquema

AL: sim, basicamente o que eu estive a fazer nesta primeira fase foi a caracterizar os baldios do parque, eu vou voltar para o campo este verão [explico a direcção dessa caracterização, de como me baseei muito na literatura sobre a gestão dos comuns, tendo definido 4 a 5 parâmetros caracterizadores, quais foram...] portanto, as minhas questões tentavam sempre atender a isto, só que depois a conversa acabava por derivar, felizmente... e uma das questões que às tantas surgiu com um dos compartes foi precisamente a função do baldio e para ele, e isto fez-me pensar, e até de alguma forma concordo com ele um baldio dentro de um PN... para ele tinha de se definir qual é a função de um baldio porque senão acabava por haver conflitos funcionais... se está dentro de um Parque Nacional não se pode esperar que um baldio seja extremamente produtivo [...?]. Então, se a função de um baldio dentro de um PN é a da conservação, ou potenciar a conservação... portanto, basicamente, qual é a função de um baldio, algo que pode ser diferente de local para local, não é?

AC: sim, sim. Não, não há uma régua e esquadro, cada baldio... primeiro, nós sabemos que há condicionantes em todos os baldios que estão inseridos em parques naturais não é? Por isso é que nós associamos também a reivindicação de que esses têm de ter apoios... se não lhes é permitido desenvolver uma actividade com, digamos, material lenhoso, plantar, cortar, etc. esse tipo de actividades, se a gente tem de tirar mais de metade do baldio, ou a flora do baldio, para protecção ou uma coisa ou outra, então tem de haver aqui uma compensação, nós ainda não estamos, a sociedade ainda não evoluiu ao ponto de pagar o sistema, digamos determinados ecossistemas. Pronto, então se a gente considera que os parques naturais são de facto são ali uma junção de vários ecossistemas, então alguém tem de pagar isto... não é? Portanto, parece-nos correcto aproveitar todos os instrumentos que temos de apoio comunitário para compensar pelo menos essas comunidades que têm essas condicionantes óbvias, que pelo menos haja aí uma compensação. Que a gente deve olhar para o baldio de acordo um bocado com os seus usos e costumes, mas de acordo com as potencialidades e os recursos dos baldios. Portanto... por isso é que hoje o discurso do associativo na área dos baldios é que a gente não deve ir só pela produção de material lenhoso, mas que a gente associe um bocado, digamos, que a gente olhe para o baldio de uma... tenha uma visão mais transversal e mais multifuncional, digamos, em que a gente veja o que é que é possível fazer em termos do turismo de montanha, ver-se o que é possível fazer em termos de pesca, de caça, que nós temos recursos que em vez de termos uma visão integrada, não, uns estão dados a estes, outros estão dados àqueles, quer-se dizer, o gestor, o futuro gestor,

tem de olhar com outros olhos relativamente a isto. Nunca se pensou... do ponto de vista de história, de antropologia, nós temos hoje, no outro dia encontrámos num baldio um penedo com umas gravuras pré-históricas... isto tem ou não tem importância? Em termos sei lá, de localizar, aquilo, de haver ali uma pequena história à volta disto, os turistas gostam um bocado disto... ou seja, nós temos que vender, enfim, com algumas regras, os recursos que temos que até agora foram explicitamente só para a venda de material lenhoso porque os SF e a entidade cogestora não tinham outra cultura que não seja um bocado a da venda de madeira. Pronto, depois é evidente que depende da capacidade que a gente tem e eventualmente dos apoios que a gente consiga depois arranjar para desenvolver um bocado esse raciocínio nas comunidades

AL: isso no fundo é o que poderá vir a ser o futuro “feliz” vá, dos baldios, ou seja, acaba por residir aí um pouco a esperança de que as coisas

AC: sim, sim, a esperança, quando a gente diz os usos e os costumes dos baldios não são do antigamente, dos nossos antepassados... mas por acaso é uma coisa engraçada, eu vi ali numa acta do meu baldio de 1890 e não sei quantos em que nós tínhamos a trabalhar no baldio 30 pessoas. Pergunta “mas o que é que o que se pagava na altura?”, muito pouco, mas o que é certo é que criou-se emprego

AL: ah, a sério, era mesmo emprego pago?!

AC: sim, emprego pago... e agora nós temos cinco homens diariamente a trabalhar, através da equipa de sapadores florestais, que até pagamos uma parte e a outra parte vem da subvenção do Estado, e entretanto ainda não conseguimos descortinar, temos quatro casas de guardas-florestais, caídas, que temos de lhes dar uso, temos que perspectivar ali alguma coisa, é turismo, é o quê, temos de fazer ali alguma coisa, epa, temos o [...] das trutas espectacular, e uma coisa e outra, a gente tem que agora pegar na juventude e dizer “aquilo que... ninguém olhou para aquilo”, quer dizer, os nossos antepassados, sem estudos, sem técnicos, sem especialistas de espécie alguma, conseguiram um bocado aquilo que nós hoje andamos aqui com inovações, com mais isto, com empreendedorismo, com mais não sei quantos e não conseguimos. Temos que às vezes ir à raiz e olhar um bocado para aquilo, agora, há aqui um grande desafio... quem é que está a olhar para o baldio? Uma ou outra pessoa... portanto, a juventude estará na verdade, a pensar um bocado nisto? A juventude um dia que olhem a sério para o baldio não poderá estar ali a ter um autoemprego para ele, no quadro digamos de uma proposta, discussão da assembleia de compartes...?

AL: e se não estiver?

AC: a juventude?

AL: como é que se faz? Entrega-se às Juntas, às Câmaras? Como é que se faz? Na sua perspectiva pessoal, o que é que acha...

AC: uuh, eu na minha perspectiva, e isto vai provavelmente constar na Lei, se uma comunidade se extinguir digamos que quem tem o direito de tomar conta do baldio é a freguesia. Para não perdermos um pouco a ideia de a freguesia apesar de tudo é um órgão autárquico não é, e é o órgão mais próximo daquela comunidade. Agora, para não acontecer aquilo que esteve em vias de acontecer... nós temos aqui comunidades que têm três pessoas... eu compro lá... não é, sou mais novo, compro lá um terreno, desaparece aquela comunidade e eu fico com o baldio... como no outro dia que apareceu na net um emigrante a querer comprar uma aldeia, porque havia só lá só um indivíduo que tomou conta e foi ficando conta da aldeia e agora vendia os terrenos particulares e vendia também o baldio. E agora, e esta?

AL: não, e lá está, como estava a dizer, se uma pessoa compra uma propriedade na aldeia já passa a ter direito de comparte e gere o baldio como tal

AC: agora, isto são os efeitos nefastos da demografia

AL: no fundo são os efeitos nefastos que todo o rural está a sofrer

AC: sim, e que eu espero que os nossos políticos e a comunidade invertam rapidamente essa situação, porque nós não temos espaço... ou seja, é preciso gerir, o território... ou seja, a gestão do território, seja ele agrícola ou florestal, precisa de gente, a gente não faz uma gestão desde a cidade, tem que haver... por exemplo, nós hoje temos problemas gravíssimos, portanto, há imensos incêndios não é, que pela calada da noite aparecem assim uma coisa e outra pá, e aquilo porquê? Porque há ausência de pessoas, quando as nossas aldeias estavam mais povoadas não tínhamos esse problema, para além disso havia trabalho, havia agricultura, havia zonas que pelo desenvolvimento da actividade agrícola seriam um tampão ao percurso dos incêndios, não é... haveria ali uma faixa, trabalhada, cultivada, amanhada pelo agricultor, que evitava o desenvolvimento dos incêndios

AL: claro

AC: agora isto requer... a demografia é também um problema da falta de gestão deste país e desta Europa

AL: sim, sim, é um problema a montante que acaba por ter

AC: as infraestruturas pá... a classe politica tem muitas responsabilidades, embora eles não queiram... aligeiram muito essa responsabilidade, mas quando nós começamos a ver uma agricultura a definhar... definha porque, do ponto de vista económico, lá está, a verdadeira dimensão da economia concentra-se só apenas nos números, não é, e neste momento a preocupação não é no problema social ou demográfico, não... é um problema apenas de produtividade... como estas unidades desportivas não são competitivas e a competitividade é uma coisa, eu considero que “engana o menino e papa-lhe o pão” ... é enganar o menino e papar-lhe o pão, porquê? Estamos aqui a enganar, porquê? Porque quando nos dizem competitividade não

nos dizem “epa, para sermos competitivos temos de competir no mesmo quadro de igualdade que todos os países e de todas unidades produtivas não é? Agora se me dizem pá, se eu não tenho o crédito que tinha, se não tenho a máquina que tinha, se não tenho isto se não tenho aquilo, é evidente que eu nunca mais serei competitivo, e a competitividade da nossa agricultura levou a que... quando discuti isso com os agricultores aqui da região eu tinha agricultores que tinham duas ou três vacas e aí o discurso era “opa, vocês têm que aumentar [...] porque dois ou três animais não sustentam financeiramente uma casa”, e eu dava sempre o meu exemplo, eu sou filho de agricultor, tenho o meu pai que sempre me sustentou e pôs-nos a estudar, teve 8 filhos e não sei quantos... é diferente, é muito diferente, tínhamos as condições diferentes, e hoje? Desejamos aquilo? Não, desejamos outra coisa indiscutivelmente melhor. Se nós não relativizamos as discussões da competitividade, isto torna-se uma coisa perversa pá, porque... e porque é que nos leva à perversão? Leva, porque eu para ser competitivo, tenho que ter mais terrenos, alguém tem que me facilitar um bocado e para ter mais terrenos tenho que ganhar mais, os subsídios têm que existir para os grandes, e assim se faz a competitividade, que eu acho que é um tipo de competitividade nesta perspectiva, quer dizer, se a gente diz assim, se quisermos estimular a competitividade entre pessoas ou entre unidades, é com as mesmas características e há-de ser com as mesmas vantagens, agora se eu tenho de correr com um atleta de alta competição nunca mais consigo... a malta tem de relativizar um bocado as coisas, e eu acho que o grande mal é os nossos políticos estarem distantes deste... pá, do conhecimento térreo. A gente olha para os ministros e fica assustados porque eles não dominam nada e não conhecem nada e nem têm resposta para nada, e depois isto anda muito ao sabor dos *lobbies*, dos grupos que se constituem e que influenciam o secretário ou o assessor ou os gabinetes, etc. etc., e assim vai alegremente este país

AL: alegremente pois... por acaso lembrei-me agora da questão da bolsa de terras, estava aqui a pensar

AC: olha, eu ainda estive na semana passada aí o coordenador da bolsa de terras

AL: ai é?

AC: é, estive aí a ver se os baldios davam aí uma contribuição

AL: porque os baldios também foram considerados como parte da... o que é algo estranho não é

AC: é estranho, muito estranho. Também lhe disse que nós não.... Pronto, que os baldios estão neste momento a ser aproveitados, nós temos cerca de 180 000 hectares de baldios em área forrageira, a ser usados pelos agricultores, e isto é um aproveitamento, é pastoreio, é indiscutivelmente um aproveitamento de um recurso importante que é o baldio. Mas ele queria ver se aparecia algum baldio na bolsa de terras... ele queria compor o ramalhete dele

AL: mas não no sentido de alterar a lei...

AC: não, não, não. Assim como aparece terras do Estado, terras particulares, poder aparecer um baldio específico para efeito de... haver uma assembleia de compartes que vincasse o baldio na bolsa de terras e simultaneamente que houvesse alguém que gerisse um bocado o baldio, isso para eles era um troféu ter uma coisa destas na bolsa de terras

AL: ah, tipo, não sei quantos mil hectares a serem completamente usados, era isso que ele queria?

AC: sim

AL: pois, eu lembrei-me da bolsa de terras precisamente porque estava a pensar quais as estratégias que têm sido usadas pelo Estado para revitalizar o mundo rural e lembrei-me só, assim de repente, dos subsídios aos jovens agricultores, no sentido de manter os jovens no meio rural, e lembrei-me depois da bolsa de terras, que também é uma forma, ou uma iniciativa da parte do Estado de facilitar o acesso à terra

AC: o objectivo em si não é mau

AL: sim, também acho

AC: alguém tem de se preocupar um bocado com isto, ou seja, se nós temos este paradoxo... por um lado temos milhares, ou centenas de milhares de boas terras de campos agrícolas abandonados; e por outro lado temos jovens, que não sendo jovens agricultores, que não sendo jovens filhos de agricultores mas também pode haver jovens filhos de agricultores ou outros jovens, não é, que olham na terra a sua forma de vida, epa, porque é que a malta não casa esta duas necessidades? Não me parece nada mal esta

AL: não, a mim também não. Agora estes jovens agricultores acabam por ser influenciados por essa questão das áreas elegíveis, não é, para a pastagem, do IFAP

AC: agora, precisamente na área do PNPG não temos área para dar a um jovem para complementar, para viabilizar economicamente um projecto. Porque normalmente o jovem tem de ter uma dada dimensão económica, para ter direito ao subsídio de instalação, que é uma ajuda importante para o projecto e precisa de área... como os pais não têm área suficiente eles têm que ir ao baldio, se o baldio não tem área forrageira, logo não lhe pode dar, pronto, e aqui começa a haver o tal

AL: mas é só na área do Parque que isso está a acontecer?

AC: não, em todos os baldios

AL: ah! Agora como referiu Parque Nacional

AC: toda a área, baldios e não baldios... até a área privada

AL: a questão das pastagens, sim, sim, sim

AC: agora, porque eles definiram a pastagem... agora não me ocorre

AL: mas basicamente acabaram por excluir zonas com matos, com uma certa dimensão

AC: não, isso está, pedras, árvores, pronto, isso é uma estupidez completa que, creio eu, não veio a ser considerada na nova proposta, na nova portaria, que definia um bocado a área elegível no PDR 2020 estava previsto, olhe só para isto, estava previsto que a área de eucaliptal de rotação curta, e estamos a falar dos três anos seguintes à plantação, três a quatro anos no máximo, pudesse usar esta área de eucalipto para eleger para pastoreio, ou seja, enquanto foram tirar o pastoreio de debaixo dos pinheiros, carvalhos, etc. e não sei quantos, davam-no na área do eucaliptal

AL: é para lavar a cara do eucalipto... isso é demais

AC: não, é demais, a gente reagiu, a confederação [CNA] reagiu fortemente a isto, disse ao ministro, então se há área forrageira, se há necessidade... é que o problema é este, é que os espanhóis vão reduzir este ano, e só este ano, e vão reduzir só um terço da área deles, não é? E nós reduzimos em alguns sítios 70, 80 a 90%

AL: lá no Gerês foi

AC: pelo menos 50% foi a todos

AL: sim, foi a tal questão de o elegível passar a ser 50%, as zonas de matos não era?

AC: exactamente, retiraram... tudo, já, matos, árvores e pedras, e áreas sociais

AL: não, sim, está a haver reacções em vários países, França, Espanha...

AC: sim, há um documento que eu ainda não li, um documento muito bom dos espanhóis, porque os espanhóis tentaram contestar um bocado isto, mas os nossos técnicos não foram à discussão e não foram ao confronto. O IFAP, disse-me a mim o técnico máximo que está nesta área, que tem medo que venha aqui uma vistoria, e que no conceito deles... eu disse "epa, mas o conceito deles, nós não temos conceitos, como não temos políticas uniformes... cada país tem uma margem de manobra relativamente a isto, porque o relevo na Holanda ou o relevo na Polónia não é o mesmo relevo que aqui em Portugal..." epa, se a malta não vai à discussão... mas o medo deles é enfrentar aqui uma missão comunitária que ponha em dúvida um bocado isto

AL: mas eu estive a ler o regulamento da UE relativamente a este assunto e eles têm lá uma alínea especificamente a ressaltar

AC: têm, o pastoreio local

AL: sim, exactamente

AC: e até definem com muito rigor o que é para eles o pastoreio local, e o conceito do nosso pastoreio integra-se facilmente no conceito de pastoreio local...

AL: sim, sim, sim, eles falam de meios tradicionais de

AC: aqui foi medo, aqui foi medo, e não foi só medo, foi para dar mais dinheiro ao Alentejo, porque no Alentejo dá para [...] tudo

AL: pois, é onde estão os grandes proprietários

AC: é onde estão os grandes proprietários, e é onde 0,2% vão lá buscar 42% das ajudas comunitárias, isto são dados oficiais, não é da minha cabeça

AL: ui, que isto é uma questão enorme

AC: sim... agora, acho que sim, acho que quanto mais literatura houver neste campo... não, é importante, eu por acaso fiquei agradado, agradavelmente surpreendido por receber aqui um telefonema do INE, que o INE vai pela primeira vez tratar a temática dos baldios no quadro estatístico

AL: ah, isso é óptimo para mim (RISOS)

AC: não sei para quando não é

AL: exacto (RISOS)

AC: eles queriam dados, queriam que eu lhes fornecesse dados e eu disse “olhe, nós dados temos num caderno aqui, uma federação não tem dados totais

AL: o Baptista é que tem um bom registo não é?

AC: quem?

AL: o professor, o Baptista... dos baldios do norte

AC: tem, porque nós fizemos um projecto conjunto

AL: com a Galiza e não sei quê não foi?

AC: foi, foi. Ele tem um livro

AL: sim, ainda não o consegui comprar, mas digitalizei

AC: mas estava a dizer, ele foi seu orientador? Teve no júri lá do...

AL: estive no meu júri de defesa de projecto, sim, foi óptimo claro

AC: sim, ele é um homem que fala muito bem, nós até estamos aqui com um projecto, parece que não há verbas mas era um projecto giro, que era um projecto que era um grupo operacional, queríamos pegar um bocado no exemplo de gestão daí de um baldio e tentar um bocado multiplicar um bocado no país

AL: o da Lousã era um bom não?

AC: não, e há muitos, o meu baldio tem...

AL: sim, há-de haver outros, eu não conheço. Também já ouvi falar do de Rio Frio, que também está bem organizado

AC: o meu baldio

AL: o seu baldio pois, o de Ansiães também é bastante falado... acho que há uma tese sobre o de Ansiães...

AC: tese não haverá mas...

AL: não sei se é de mestrado

AC: ah, há! Não é sobre Ansiães é sobre o Marão e mete Ansiães... é de um técnico dos SF... como é que ele se chama...

S: Luís Lopes

AC: Luís Lopes não, Luís Lopes é um estudo

S: também fala dos baldios, ele

AC: pois, mas o Luís Lopes fazia parte da Comissão Nacional para a Valorização dos Territórios Comunitários... conhece?

AL: ah, sim... mas essa comissão não foi a lado nenhum pois não?

AC: não, o objecto daquilo foi o estudo, que eu acho que é uma estupidez

AL: pois, eu depois procurei mais coisas mas não encontrei nada

AC: eu fui convidado no sentido de se criar uma comissão para estudar e não sei quê não sei que mais, e a comissão tinha até bons ingredientes, tinha a parte dos baldios, tinha a parte dos serviços, tinha a parte das universidades, tinha a parte da... tinha o IFAP, tinha muita gente... pá, qual não foi o meu espanto quando acabou, aquilo serviu um bocado para

AL: não serviu para grande coisa, pelo menos eu andei à procura de repercussões e não encontrei

AC: não, não... mas tem ali dados interessantes

AL: tem, tem, li o documento e está bom, para mim foi super informativo, mas não... pronto, é isso, fiquei um bocado desiludida porque achei que ia ter mais consequências, vá... mas sim, então esse é o tal rapaz que faz uma tese sobre os baldios do Marão não é?

AC: é, é... não me lembro agora, mas eu tenho aí pá...

AL: eu procuro na internet, e também há um holandês... como é que ele se chama...

AC: orlando... ele tem um nome alemão, ele é holandês, de descendência alemã... fui eu que lhe arranjei aqui

AL: ah, Bower!

AC: ah, mas eu chamava-lhe Orlando

AL: é, ele é Orland Bower, acho que é isso

AC: ele depois entregou-me o livro, mas eu entretanto não dominava o inglês pá e ofereci aquilo

AL: pois, está em inglês está

AC: depois ainda veio cá uma vez ou duas a visitar

AL: ele fez sobre os da Campeã e não sei se mais algum não foi?

A: é, Campeã... ele chegou aqui e também me falou sobre Ansiães, ele chegou aqui e disse "Oh Armando...", depois de ter assim alguma confiança, diz-me ele, "Oh Armando, eu quero instalar-me numa comunidade [...] se alguém me alugasse um quarto", e esta gente que vem de fora tem uma sensibilidade que nós não temos" e eu disse "oh pá, mas tu aqui estás em Vila Real, deixa-te estar, onde queres tu que seja o estudo? É nem a dez minutos", diz ele assim "não pá, eu quero viver a vida da comunidade"... e é que viveu. Quando ele se despediu da comunidade, a comunidade sentiu a sua falta ahn, porque ele ia à missa pá, ele fazia tudo, tudo, tudo que o cidadão daquela comunidade fazia, e conseguiu de facto... ele depois tinha... a vantagem é mesmo isso não é, ele inseriu-se na comunidade e a comunidade começou a chamá-lo, ia hoje para uma casa, amanhã ia para outra, ia beber um copo, as pessoas iam chegando, e ele conseguiu de facto ir ao fundo das questões. E depois houve um individuo que disse "opa, ele tem ali uma tese" e não sei quê, porque depois ele ouviu as celulosas

AL: ele quê? Ouviu as celulosas?

AC: ouviu, isto é, foi falar com as celulosas, é capaz de ser interessante, à época claro, nós estamos a falar há 20 e tal anos

AL: sim, sim, eu tenho a tese dele e alguns artigos

AC: ele era... e é engraçado que ele nem era florestal, eu até pensei que ele era florestal mas não... nem sei se era agrícola, nem florestal nem agrícola

AL: devia ser antropólogo ou assim

AC: era capaz era... eu depois só mais tarde, quando comecei um bocado a falar lá com a comunidade “epa, ele é impecável” ... pronto, entrou no goto

AL: Eu agora quero fazer uma coisa desse género, porque a ideia desta segunda fase do trabalho é aprofundar questões que tenham sido realçadas nesta primeira fase de campo [...]

AC: [...] gravaste, podias-me ter dito porque eu falo muito rápido, tenho um discurso muito associativo, com força e com emoção, e depois com rapidez, que é isso que depois normalmente como metade das palavras

AL: mas pronto, a ideia nesta segunda fase é instalar-me num ou dois baldios, portanto separadamente não é, e viver um bocadinho aquilo, falar também com outras pessoas da comunidade, com as pessoas mais velhas, para perceber melhor a história do local, do baldio, e até que ponto isso está a influenciar também ou não a gestão

AC: o Oliveira Baptista esteve aí no nosso congresso, no congresso europeu das áreas comunitárias [...?]

[falo do tal encontro dos baldios que seria este ano mas que na verdade sei agora que foi o ano passado]

AC: pois, é o Lobato [ADEFM – o encontro de que falava é organizado pela ACEB e não pela ADEFM, como pensou o Armando], ele não

AL: ok, não é muito de mails e assim

AC: não, não, ele não é muito coiso

AL: estávamos a falar do Baptista

AC: ah, sim, o Baptista chegou à minha aldeia, porque a gente fez aí o congresso, foram dois dias, com as delegações, estrangeiros, e depois terminei o congresso na minha aldeia, com um almoço comunitário, e depois [...] e disse-me ele assim “oh Armando, tu tens que ver como é que nós passamos ao Portela um bocado essa vossa, esse vosso exemplo, porque vós sois um exemplo pá, porque conseguistes mesmo na época difícil de conflitos entre a Junta e o CD vocês trabalharam sempre em conjunto. Há factores que às vezes não emergem na discussão ou passam despercebidos que estão muitas vezes na origem de tudo. E o olhómetro do Oliveira Baptista chegou ali, cheirou qualquer coisa e “alto lá, aqui há qualquer coisa”. Até o

padre da freguesia esteve na reunião pá, quer dizer há aqui uma comunidade, há aqui um funcionamento

AL: claro, é a tal comunhão de instituições que é raro acontecer

AC: eu até lhe disse “oh professor, estou a pensar isso pela primeira vez, mas tem razão

AL: pois... vocês têm uma boa relação com a Junta, quer dizer, o CD tem o seu próprio

AC: sempre teve, independentemente de quem está à frente, nunca houve ali politiquices, houve sempre equipas a funcionar. Depois com divergências, claro, mas sempre se trabalhou ali um bocado... colegialmente, tentou-se sempre um bocado integrar... hoje, juventude... mas isto também já é um factor que já tenho chamado à atenção [...] temos de lutar novamente, temos de encontrar um... epa, dar algum incentivo aí à juventude para começarem a olhar um bocado para o baldio como uma coisa, a malta tem que passar... há aqui outro factor que nós não avaliamos, e que está a ser uma discussão interessante no movimento dos baldios, que é, apareceu no meio da discussão da lei dos baldios uma proposta do governo, a possibilidade de haver contribuições monetárias

AL: para os dirigentes?

AC: não, para os... os dirigentes e os compartes. Portanto, a participação na assembleia... haver aqui incentivos de natureza material... quer seja em espécie quer seja de outra forma não é, e nós... eu pessoalmente [...] e rejeitámos isto, isto acabou por não ter delineamento na discussão... eu fiz várias reuniões, quando é assim eu faço várias reuniões em todos os sítios, e o que eu notei é que quando dava opinião olhava para as pessoas e sentia que elas não estavam nesta linha de pensamento [conta a história de um alguém, pertencente a um baldio associado, a quem eles ajudam na contabilidade, que apresentou uma verba em prol de alguém... a BALADI referiu que isso era ilegal, e ele reagiu como “ah, mas vocês falaram que”, falámos que estava a ser discutida a proposta, não que já era legal]. E essa proposta foi até rejeitada por nós BALADI, nunca estivemos de acordo com essa proposta. Que criar iniciativas financiadas por esse dinheiro, incentivar o espírito comunitário, através de um grande almoço comunitário por exemplo, epa, sim, agora dar simplesmente dinheiro... (...) mas estas questões começam já a marinar na cabeça de alguns, lá está o problema do dinheiro

AL: houve alguns compartes que me disseram “eu não ganho nada, eu não recebo nada”

AC: temos aqui baldios por exemplo que pagam a luz do contador às pessoas, todas, quer sejam ricas, quer sejam pobres, assumiram simplesmente “a luz pagamos nós”... têm dinheiro das eólicas... isto estamos a falar de baldios que têm receitas anuais de... e fixas não é. Olham para a conta e veem uma conta um bocado

AL: pois, vamos ajudar a comunidade

AC: é um sentimento nobre mas quer queiramos quer não, vai contra um bocado o espírito comunitário, pelo menos o meu espírito comunitário

AL: isso por acaso agora fez-me lembrar só mais uma questão e que é muito rápida, que é a questão de ter reparado que, pelo menos no Gerês, que muitos baldios são usados especialmente pelos produtores de animais. A restante povoação que não tem animais não usufrui do baldio, contudo também é comparte não é?

AC: isso coloca um problema novo, até que o Oliveira Baptista já me chamou uma vez à atenção, temos dois aliás... um é a autoridade do baldio perante a comunidade, como é que se ganha autoridade e qual é a necessidade de se ter autoridade, e à medida que a gente afasta o Estado, que tinha uma autoridade autoritária, à medida que se afasta, o que é que resta, o que é que fica, e quem é que preenche essa autoridade [...] os órgãos sociais dos baldios, mas de que forma [...] da formação, da participação das pessoas e do regulamento... precisamos como de pão para a boca de ter um regulamento de utilização do baldio... porquê? Porque aquilo que era natural e tradicional nos nossos baldios, grosso modo, é que o baldio era um complemento para todas as casas, sem excepções, tivesse mais ou menos animais, tivesse mais ou menos filharada, tivesse mais ou menos necessidade dos matos e das lenhas, mas era todos sem distinção. E agora o baldio, fruto da evolução da nossa agricultura, não é, pode, e em muitos sítios já o é, apenas um espaço em que poucos aproveitam à custa de toda a comunidade. Isto vai criar uma modalidade nova e se não se escrever as coisas e tornar isto em regulamento, amanhã um indivíduo acha-se no direito de ter mais direitos do que qualquer outro. E quebra-se aqui um princípio comunitário pá que eu acho que está posto em causa

AL: sim, isso é engraçado porque isso até foi um comparte que me falou disso e depois eu fui ver à net e confirma-se, que é, há um baldio, que é o baldio de Rio Frio, que acho que é ali para a zona da Douro Litoral, que tem já um regulamento que pressupõe já que quem tira maior partido do baldio pague x pela utilização

AC: sim, mas isto já é normal

AL: ah, ok, lá não, no Gerês pelo menos não

AC: já há baldios pá, esta é outra receita que entrou que é, há agricultores que, alguns deles até nem são compartes, que precisam da área deles para os seus animais e que vão solicitar ao baldio, do lado por exemplo, se lhe arranjam um bocado da área que eles precisam, e há baldios a ceder um bocado a isso

AL: pois, mas isso é para não compartes, eu digo mesmo para compartes, pagam x

AC: ah, para compartes, temos de todas as maneiras e para todos os gostos... há aqueles que pagam, aqueles que não pagam, aqueles que pagam os não compartes e

os compartes não pagam, há aqueles que pagam os compartes e ... quer dizer, cada assembleia adoptou o seu esquema de acordo um bocado com aquilo que é

AL: sim, acaba por ser uma forma de compactuar com essa questão de serem só alguns a tirar partido de um recurso que é comunitário. Mas pronto, isto é realmente uma questão muito complexa

AC: o próprio terreno, quando a gente pensa verdadeiramente no conceito de propriedade, ela em si é também complexa, porquê? Como diz o Bica e com alguma razão... este conceito, como é que ele diz, o nosso... é verdadeiramente jurídico, vem do direito romano, mas os romanos não tinham este tipo de propriedade, só tinham propriedade privada, pública e salvo erro tinham um outro tipo que se chamava propriedade comum ou uma coisa assim. Pronto, e isto foi tratado... ao longo da história teve tratamentos jurídicos diferenciados. Como ele disse, este tipo de propriedade, ao que mais se assemelha, é a um tipo de propriedade mais colectiva do que outra coisa, mas que também não existe no nosso

AL: o Bica chega a afirmar que o baldio é “uma verdadeira propriedade colectiva”

[agradecimentos]

AC: não, nós também, o movimento associativo, também está interessado, quantos mais trabalhos houver sobre os baldios melhor

AL: sim, eu espero que isto venha a ter alguma utilidade

AC: acho que sim

[fala-se da ecologia humana...e do meu percurso, como fui lá parar...]

[fala-se de uma tese de um rapaz da zona de Santarém, sobre o desenvolvimento local e baldios, que eu creio que tenho e já li... fala de como participou num debate na Serra de Aire e Candeeiros, com o Bica também e com malta do PSD, isto na altura da elaboração da Lei, e que esse rapaz esteve presente]

AC: [...] ali os baldios têm pouca expressão [...] aliás as receitas daquele baldio, tem receitas imensas, mas é mais na exploração da cal e das pedreiras, pedra de calçada, pedreira, pé de meia e não sei quê... eles têm qualquer coisa como 150 000 Euros, é a maior fábrica de cal aqui da Europa

AL: no baldio? E pagam uma renda ao baldio é isso?

AC: sim. E depois eles têm as pedreiras em actividade. Eles têm para aí, na moeda antiga, para aí 150 000 contos por ano (...)

[aconselha-me a ir ao ICNF para consultar por exemplo a classificação dos baldios pela JCI]

[o *staff* do SBTMAD dá apoio à BALADI também, é o mesmo]

AL: a BALADI surge em que altura? 1976?

AC: dois mil e...

AL: 2000?

AC: porque entretanto isto funcionou muito como o Secretariado dos Baldios a nível regional, só mais tarde é que, depois de haver um conselho de conferência, três ou quatro, um aqui, outro no Minho e em Coimbra... depois houve necessidade de federar o movimento

AL: curioso, eu achava que era mais antigo

AC: não... antigo, antigo, somos nós, portanto a primeira conferência dos baldios foi feita aqui em Vila Real em Fevereiro de 1979, e depois há um livro que foi a conferência... nós agora queremos fazer uma conferência, mas estamos a ver se havia aí uma medida para a gente se candidatar...

AC: disseram-me, não sei se é verdade ou não, que estes despojos foram para qualquer lado pronto, mas tu tens que falar, é obrigatório que fales, que tentes pelo menos ver, falar com o engenheiro...

AL: do ICNF?

AC: sim. Pa, para já é o gajo que maior acervo histórico tem... engenheiro Neiva, é absolutamente obrigatório que fales com ele porque ele primeiro é um homem muito bom... e também te recomendava

AL: ele está em Lisboa?

AC: está em Lisboa. Posso pedir a alguém para te dar o contacto dele

AL: ok, vou procurar. Por acaso essa questão de o Secretariado dos Baldios ser tão antigo

AC: nós temos, portanto, há a conferência, há o movimento... sabes que primeiro, e eu tenho algumas responsabilidades nisto, quer-se dizer, nós nunca sentimos muito a necessidade da formalização, funcionámos muito tempo, muitos anos como movimento... pronto, saiu uma comissão da primeira conferência dos baldios que evoluiu um bocado como conselho da conferência sem base estatutária... só mais tarde, em oitenta e picos, é que surgiu o Secretariado dos Baldios. Portanto...

AL: esse é o de Trás-os-Montes não é?

AC: depois surgiu também, nessa mesma altura, surgiu em Viseu, aqui... mais tarde a ACEB

AL: mais tarde tipo o quê?

AC: mais tarde tipo 10 anos depois. E depois mais tarde é que surgiu, em 2001, surgiu a BALADI, em 2001 ou 2003... já não me lembro

AL: que acaba por unir todas as...

AC: sim, unir um bocado isto. Que no início éramos sozinhos no terreno, e depois começaram a aparecer mais associações

AL: eu também pego nisto porque lá no Gerês noto uma diferença grande entre os baldios de Montalegre e dos outros concelhos. Ou seja há baldios mesmo muito activos na zona de Montalegre, como o de Fafião, o de Pincães...

AC: Fafião...hmm, falaste com o Guimarães?

AL: não, tenho o livro dele, mas quem mo deu foi o Rui, mas acabei por não conhecer o Fernando, mas ele respondeu-me, foi espectacular... então noto por uma que os CD são mais antigos que nos outros concelhos, e noto também uma certa actividade e amor pelo baldio, uma ligação grande, mesmo de jovens, por exemplo em Fafião o presidente do CD é muito jovem

AC: sim, e o de Cabril

AL: sim, Cabril também, e é presidente da JF

AC: sim, sim, sim

AL: há uma certa dinâmica em Montalegre que eu depois não verifiquei no Minho

AC: também acho, também acho... também tenho essa opinião

AL: e eu não sei até que ponto a existência do Secretariado não potencia isso

AC: ajudou, ajudou um bocado... primeiro ajudou a uniformizar, digamos, a imprimir ali um ritmo de gestão, de conversa, e de realização de assembleias que nos outros lados pode não

AL: sim, que vêm mais tarde as associações, tipo Atlântica e assim. As outras não conheço, mas a Atlântica também acaba por ter ali um papel nisso, de instaurar alguma dinâmica e de manter as pessoas informadas, mas pronto, ando a questionar-me um pouco sobre isso, e agora que referiu que o Secretariado dos Baldios é tão antigo assim, acaba por estar de acordo

AC: informalmente, porque formalmente... estava a ver agora onde é que ...

AL: pois... e está lá desde o início o Armando não é?

AC: estou, eu estive ligado ao movimento, embora não fizesse só isto, porque eu também sou comparte do baldio e dei o impulso da primeira conferência dos baldios e depois estive ali uns anitos que estava [...] depois estive nas primeiras conferências dos baldios, nos primeiros encontros, depois acompanho isto desde 1979, mais ou menos

[fala-se dos baldios do Alentejo brevemente, referindo que foram “comidos” pela ordem religiosa, mas que ainda existem alguns em alguns concelhos]

AC: o Bica chegou a dar-te o livro dele ou não?

AL: eu não falei com o Bica, ele conheci-o através das publicações dele, mas eu não

AC: 26 de Fevereiro de 2002 que é assinada a escritura da criação da BALADI

AL: está a fazer anos, 14 não é

AC: pois, devíamos marcar a data, mas era dos 15 anos

[o Armando procura a informação sobre a criação do SBTMAD]

[mostra-me uma proposta da associação de municípios para vir a substituir o Estado na cogestão do baldio. Depois passa-se para a questão de Montalegre em que a CIM se auto-propôs como cogestora – comunidade intermunicipal. Tinha percebido que tinha sido a própria Câmara Municipal]

AC: não, a CM também podia ter essa pretensão

AL: lá referiram-me que a CM se tinha proposto para gerir com os compartes os baldios, para substituir o Estado, na gestão florestal etc., que incentivou a autogestão. Mas se calhar foi a CIM, não foi propriamente a de Montalegre mas sim o conjunto

AC: pois, foi o conjunto foi

AL: e houve inclusive alguns baldios dentro do Parque que foram interpelados por empresas de celulose para instalação

AC: ah pois, a celulose tem ali pouca

AL: não conseguiram, mas...

AC: no dia 26 de outubro de 1989, já foi em 1989

AL: ah, ok... e até aí era o movimento dos baldios

AC: sim, desde 1979. Estivemos 10 anos sem consolidar um bocado a estrutura, sem consolidar isto é, sem formalizar a estrutura. Não tínhamos... porque na altura não havia projectos, hoje ninguém podia funcionar porque todas as repartições pediam

um bocado... e eu tinha aqui, eu deitei fora um património... sabes que nós passámos por muitos sítios até chegar a esta casa [...] por aqui se via um bocado... isto foi um jornal, antes do 25 de abril, mas traz aqui muita coisa dos baldios... isto já é pós 25 de Abril...

Mostra-me um jornal onde está anunciada a primeira conferência dos baldios

AL: então este ano é uma efeméride, 1976... são 40 anos de lei dos baldios...

[Conta a história de uma senhora, rendeira, que não pode ir ao encontro dos baldios e que escreveu uma nota para justificar a sua ausência

Tudo o que produzia 1/3 ficava para ela e 2/3 para o patrão. Rendeira. Há também rendeira de campanha, os seareiros.

Reforma agrária era a possibilidade de o rendeiro ter uma lei que salvaguardasse os direitos dos rendeiros. Havia aqui concelhos na região que ao 25 de abril ainda havia resquícios do feudalismo, e havia forros, que é ainda resquício do feudalismo

Falo da Escócia e de como no início do ano 2000 ainda havia relações feudais nas zonas rurais]

AC: [...] olhe, o povo de Montesinho constrói cooperativa em baldios... isto na altura... o povo quando está solto, e quando pode pensar assim sem amarras e sem esquema, havia ideias... claro que isto hoje precisava de ser estimulado

AL: era cooperativa de quê?

AC: era uma cooperativa de lá, em vez de terem os CD... porque antes de haver os CD, apareceu na região um movimento para a constituição de um organismo que eles nem sabiam o que era, os CD dos baldios chegam mais tarde, porque o que eles queriam era comissões, faziam comissões em todo o lado para aproveitar os baldios

AL: as Juntas não era? Ou os ajuntamentos

AC: ajuntamentos ou reuniões de vizinhos

[...]

ANEXO XI – Entrevistas a outros utilizadores

- ADERE
- GERESMONT
- OPORTO ADVENTURE TOURS
- ECOAGRI
- GREENPARK
- ECOCABRIL

ADERE PENEDA-GERÊS

Sónia Rebelo de Almeida – Administradora delegada

Sede da ADERE - Ponte da Barca

[faço uma introdução ao propósito que me leva ali. Acabo por fazer uma relação com a ADERE e o porquê de fazer esta abordagem a essa entidade. Explico como tive conhecimento da mesma, que foi quando andava à procura de casa para alugar e me apercebi que estava tudo, ou quase, centralizado na ADERE]

[...]

Temos alguns alojamentos, alguns... bastantes, registados na nossa central de reservas, cerca de 100 casas

AL: vocês o que fazem é criar uma base de dados não é? Ou seja, não são vossas as acomodações

Não são nossas, são de proprietários privados que as puseram aqui para nós fazermos promoção e venda

[continuo a expor o que sei da ADERE e como]

AL: também tenho ouvido falar da ADERE em relação com determinados projectos, como aquele da Mourela e então decidi que seria bom vir cá falar e perceber melhor a forma de actuação. Entretanto percebi que é uma estrutura bastante heterogénea que está aqui debaixo, as autarquias,...

É, os nossos associados principais são os cinco municípios, são os que fazem parte da direcção da ADERE. Até há cerca de 6 anos atrás era o ICNF. Portanto a ADERE tem 23 anos e o ICNF era o presidente, não por inerência mas

AL: ai já não é?

Não... não por inerência mas porque os municípios sempre que havia eleições entendiam que fazia sentido, uma vez que foi o Parque que criou a ADERE, que sugeriu aos presidentes de Câmara a criação da associação, foi sempre ficando como presidente da associação. Entretanto com as alterações que houve, mesmo ao nível do ICN, depois passou para B, depois passou para F, acho que as entidades começaram a sentir-se pouco confortáveis, o próprio ICNF começou a sentir-se pouco confortável com o facto de ser associado, no fundo era confundido o papel da ADERE com o papel do Parque Nacional, ou seja, havia às vezes as pessoas que diziam que o Parque servia os interesses da ADERE, que não devia ser assim. E que não era de todo verdade, mas realmente como era o presidente havia alguns mal-entendidos que quando mudou a direcção do ICN para ICNF decidiram que o ICN

não deveria fazer parte da estrutura ADERE enquanto dirigente. Foi fazendo ao longo dos anos deixando de ser de outras entidades, porque era, não é, no início, há muitos anos atrás, fazia algum sentido estar a conservação da natureza na base de algumas entidades, foi deixando e continuava a ser ainda dirigente da ADERE e portanto foi quase uma opção política mesmo de não dever fazer parte dos órgãos directivos. É um associado, portanto deixou de ser, passaram a ser os municípios a tomar no fundo a seu cargo a direcção da ADERE. Neste caso são os cinco municípios

AL: e de que forma é que o Parque agora se relaciona com a ADERE?

Sempre em colaboração muito estreita, até na elaboração de projectos, na troca de informação sobre... e de pedidos de informação que recebem sobre pareceres, sobre visitas ao território, sobre tudo o que entendem logo que é papel da ADERE reencaminham para nós e nós tudo aquilo que entendemos, às vezes que recebemos aqui, mas que entendemos que é papel do ICNF, em termos de conservação, reencaminhamos para eles. Portanto mantemos na mesma uma relação muito estreita, eles sentam-se à mesa com os municípios, aliás agora no plano de valorização da biosfera e do Parque Nacional, o trabalho tem sido sempre feito com o ICNF também sentado à mesa e os cinco municípios. Mas pronto, não faz, não tem uma decisão sobre as actividades que são feitas aqui dentro [...] é mais um parceiro, digamos, no fundo é mais um parceiro do território

AL: que oferece determinados serviços [a ADERE] aos quais o Parque de vez em quando recorre...? Pode-se dizer assim?

Serviços informais, portanto não há aqui nenhum protocolo estabelecido para prestação de serviços. É mesmo de uma forma muito informal. Por exemplo, hoje vai haver uma reunião precisamente com baldios no Soajo, com baldios e população, para explicação do projecto da reflorestação do Mezio, aquele projecto que vai existir do plano-piloto, e, o Parque ontem ligou-nos a informar que ia haver essa reunião, portanto há esta interligação quase constante de interesse não é, quando percebemos que é interessante. Temos um projecto agora que é a grande rota do Parque, vamos traçar a grande rota e implementá-la no terreno e o Parque está envolvido directamente com uma pessoa que nos acompanha sempre em todas as decisões, pronto, para quando tiver que dar pareceres estar mesmo por dentro do projecto. Portanto há este trabalho em parceria sempre com o

AL: mas a ADERE acaba por se dedicar mais a questões turísticas ou nem por isso, ou também a outras questões de conservação e...

Temos as duas áreas, temos o desenvolvimento rural, não directamente relacionado com a conservação da natureza mas com a parte da conservação da natureza que interessa às populações, sempre que é necessário envolver populações, ou que eles estejam afectados, no bom sentido, pela parte da conservação da natureza, nós normalmente intervimos. Portanto tudo o que sejam projectos de desenvolvimento

rural, recuperação de casas, mesmo para habitação, também já fizemos, melhoria de regadios, de... acções de sensibilização, de informação, e é agora o plano de valorização em que estamos nós a articular com os municípios e com o ICNF. Todos os projectos que vão fazer parte do plano de valorização, ainda são 20 milhões de Euros, ao longo dos 5 anos, em que acções é que o dinheiro está envolvido ou não, portanto, fazemos todo esse tipo de trabalho, depois temos a parte turística. Não é um complemento, já é mais um braço da ADERE também, porque montámos entretanto uma empresa, uma agência de viagens para...

AL: a Go2Nature?

Sim, para fazer a venda, porque não podíamos vender, enquanto associação não podemos vender serviços. E andámos anos e anos e anos a ver como é que poderia ser e sabíamos que a agência de viagens era a solução, mas não havia dinheiro, os alvarás eram caríssimos, então nunca conseguimos avançar para isso, íamos promovendo, os empresários diziam sempre “oh, vocês promovem mas não vendem, é bom mas não nos chega”

AL: pois, isso agora até me leva a outra questão que é, vocês promovem mas não vendem, mas por exemplo, a partir do momento em que a ADERE faz a promoção do território e partindo do princípio que é uma associação de autarquias não é, no fundo, e de... não sei se estou a dizer bem mas portanto, de...

Sim, trabalhamos, não somos uma agência não é, uma agência municipal como há muitas, não somos, somos uma associação das regiões do PN

AL: pois, e criaram uma marca, isso parece-me tudo, pronto, bom, não é. Por outro lado há vários outros agentes que trabalham nessa área não é, no local, nomeadamente agentes locais, tipo associações que se criam, empresas turísticas, não houve interesse ou não faz sentido a ADERE associar-se a estas pessoas e serem elas os, a implementar a prática

Esse é o objectivo

AL: mas o Go2Nature acaba por ser à parte não é, como se fosse um

Não, a Go2Nature, o objectivo da Go2Nature é precisamente esse, ou seja, nós enquanto associação não podíamos vender pacotes turísticos não é, e o turista hoje quer pacotes não quer serviços avulso, não quer a casa, ninguém vem ficar numa casa e depois é que se vai lembrar o que é que quer fazer não é, é o contrário, as pessoas querem fazer uma série de coisas, passar 5 dias, e precisam de dormir e recorrem ao alojamento, e o que nós fizemos foi criar a empresa para podermos vender esses pacotes turísticos organizados que só com uma agência de viagens é que se pode fazer isso, as associações que fazem isso é tudo ilegal, nem sequer podem não é, podem vender a sua actividade, não podem vender um pacote organizado

AL: ah, ok. Que envolva outras entidades, é isso?

Não pode, ou seja, ninguém pode vender uma animação, por exemplo, uma descida de rio mais o alojamento, mais um almoço, só uma agência de viagens é que pode vender isto. Ou então podem para associados não é, as associações às vezes fazem para os próprios associados, pronto, isso podem. Mas... e isto é que estava a faltar, ou seja, nós conseguíamos vender a descida, contactávamos a empresa, conseguíamos vender o alojamento porque temos a central de reservas, conseguíamos ligar para um restaurante a dizer que a pessoa poderia lá ir almoçar, o que acontecia era que o turista fugia porque não estava, não queria fazer isto, não tinha ter que pagar isto, mais isto, mais isto e ainda ir à procura. Então nós através da agência de viagens conseguimos fazer este trabalho, mas sempre com agentes do território

AL: ok. Então o que a ADERE faz no fundo é os contactos digamos assim e cria os tais pacotes

Criamos os pacotes sim, e depois ficamos com uma comissão, como já ficávamos quando tratávamos quando contactávamos com as empresas de animação turística que são os nossos parceiros, mas agora de forma efectiva, ou seja agora conseguimos dar o salto para ter o pacote turístico, que não existia. Nós fazíamos isto tudo avulso não é, isto, isto, isto, não podíamos fazer em conjunto, portanto tínhamos que ir direccionando o turista mas ele ficava perdido na mesma. Nós dizíamos “pode descer o rio” “ah, pode fazer o contacto? Podemos”, mas era... perdia-se, não é, perdia-se, porque não havia nenhuma agência no território que venda... o território, portanto 5 municípios, não estou a falar de, quando falo de território não falo de uma agência de Arcos de Valdevez, de Ponte da Barca, que existem, locais. Mas que venda o território agregado, portanto o turista chega aqui, ou chega à internet, e quer vir para o PN, e venha a ter um canal único de promoção.

AL: ok, e como é que, por exemplo, quando estive agora em Fafião estive lá 2 meses a viver e percebi que há várias empresas que passam lá a nível turístico e se essas empresas quisessem fazer parte desses pacotes, inscrevem-se ou...

É assim, supostamente eles foram todos contactados. Aliás, nós vamos ter aqui uma reunião na 2ª feira com as empresas do território, só uma é que me confirmou que vinha, portanto eles têm... portanto, eles queixam-se que nós não os envolvemos, primeiro não, primeiro era que nós éramos concorrentes, íamos ser concorrentes não é, e eu tive que explicar quase um a um, mesmo aos presidentes de câmara, que não era nada disso, porque eu não tenho canoas aqui dentro, não tenho restaurantes, não tenho nada, pronto. Então tenho que, e a ideia é mesmo essa, é ir ao território onde há, e potenciar o que existe, nunca comprar serviços para os vender, nunca comprar o produto não é. E depois de ter explicado isso, e de eles terem ficado mais sensibilizados realmente para o que é que seria a Go2Nature, começámos o trabalho de contacto de conhecer o que é que têm para oferecer, que ainda está a ser feito não

é, já começou a ser feito há um ano, e essa parte aí é que realmente está muito manca porque nós percebemos que não há muito para oferecer ao contrário do que parece o território não tem, é assim, tem muito para oferecer mas não está organizado. Ou seja, se for de hoje para amanhã, agora chegavam-me aqui e diziam-me, “olhe eu quero, amanhã venho para aqui com 5 pessoas, quero fazer isto, isto, isto e isto”, nós não conseguimos ainda dar a resposta como devemos, e a pessoa vai e vai procurar noutro sítio, já não quer vir para aqui, vai para um sítio onde alguém lhe ofereça isto organizado, por isso ainda temos essa dificuldade, porque as empresas ainda não estão muito mobilizadas, poucas são as que trabalham a 100% nisto, e pronto, temos essa dificuldade e... mas aos bocadinhos, portanto agora vamos fazer outra reunião com eles porque percebemos que estava na altura de apresentar, começámos a ouvir que diziam que fazem, e eu não gosto de ouvir, não gosto, nós dizemos o que fazemos e quem quiser ouvir fica a saber exactamente, não vale a pena andar a tentar perceber o que é que é, que não faz sentido nenhum

AL: curiosidade, qual é que vem [empresa turística]?

É a *Tobogan*

AL: ah, essa não conheço

A *Tobogan* é uma empresa muito boa de *canyoning*. Eu não sei se já mais, eu espero que mais alguma tenha confirmado, que nós trabalhamos com várias, várias empresas, que têm de estar já registadas não é, nós não trabalhamos com empresas não registadas

AL: registadas no sentido em que têm

Que têm o alvará para trabalhar, não pode ser de outra forma. Mas... alguns parceiros informais também que vamos tendo, que são os que sabemos que fazem algumas actividades e que nós vamos contactando, e empresas também de fora não é

AL: quando diz informais, também licenciadas e

Pessoas que nós sabemos que desenvolvem actividades para empresas, não são é uma empresa, são pessoas, não é

AL: ok

Individuais, mas que podem prestar serviços a empresas. E isso nós podemos comprar não é

AL: sim, sim, sim. Então mas podemos dizer que a ADERE é a entidade que gere o turismo no Parque Nacional a nível estatal, vá, no plano...

Assim formalmente não, informalmente sim, nós percebemos que sim. Informalmente é... mesmo todos os guias, o *guie de routard*, o *lonely planet*, referem isso nos guias que têm referem isso, que é um local de passagem obrigatório para obter informação para ir para o Parque, porque realmente uma pessoa chega aqui e tem tudo condensado

AL: sim. E reparei que o, não sei bem a denominação, mas o turismo do Porto, ou do norte, turismo regional...

O turismo, a entidade regional do turismo do Porto e norte

AL: sim, também faz parte dos corpos sociais

É a presidente da mesa da assembleia

AL: ok, então, há algum trabalho, à parte da ADERE, dessa entidade [no campo do turismo]?

Não. É assim, à parte há porque a inter-regional trabalha com 84 municípios, 85, uma série deles

AL: mas em relação ao Parque?

Em relação ao Parque não tem um trabalho específico para o Parque Nacional e nós vamos tendo esse trabalho e vamos tentando promovê-lo junto da entidade regional do Porto

AL: portanto, se falarmos do turismo do Parque Nacional, se quisermos ir à fonte, digamos assim, será sempre a ADERE

É. é por ter, pronto, pelo caminho que fomos fazendo, não porque exista tipo um despacho a dizer que, não, não tem nada a ver. Não somos uma entidade pública, somos privados sem fins lucrativos

AL: não são... embora envolvam sobretudo entidades públicas

Embora tenhamos cinco municípios, porque são o nosso território e são eles aqueles que, é assim, não nos suportam financeiramente, nós temos de fazer candidaturas para

AL: isso era uma das minhas questões

Não somos associação LEADER, porque há as associações LEADER, agora é as DLBC, infelizmente, quer dizer, infelizmente por causa dessa parte da gestão financeira, infelizmente não somos, nós não temos dinheiro, candidatamo-nos

AL: por acaso isso é uma questão, eu nunca tinha conhecido assim uma associação que fosse, provavelmente por lacuna minha, não sei, mas que fosse composta, os corpos sociais etc., por autarquias e achei muito engraçado e tal. Mas depois estava

a pensar “porque será...”, bom, para além do óbvio, que é envolver toda a região num determinado objectivo, pensei “será que também é para fortalecer as candidaturas aos financiamentos?”

Não... não. Pelo contrário, quando apareceu a ADERE, portanto há 23 anos atrás, 24... a ideia do director do Parque foi precisamente conseguir trazer financiamento para o território que não conseguia através das Câmaras, nem através do Parque, como instituições públicas não conseguiam candidatar-se para o território agregado não é, Ponte da Barca faz por Ponte da Barca, Melgaço faz por Melgaço, não podem fazer uma candidatura... podem agora através da CIM Alto Minho, nas comunidades intermunicipais já há candidaturas conjuntas não é? Cada um... mas para o território do Parque especificamente, portanto, transversal, não havia nenhuma entidade para se fazer isso. E na altura o director do Parque disse “porque não criar-se uma instituição que vos agregue aos cinco que responda aos vossos objectivos comuns, porque eles depois têm muitos outros, mas aos comuns não havia quem desse resposta

AL: isso foi em 1993?

Foi.

AL: qual era o director na altura?

Era o Tito Costa

[...]

AL: uma coisa também, só mera curiosidade, Ponte da Barca tem algum lugar de destaque dentro da ADERE ou é só coincidência a sede estar aqui

Não, é coincidência, porque sempre estivemos aqui. Na altura, deixe-me pensar que eu não estava em 1993, mas foi o director do Parque que questionou os presidentes sobre um possível espaço onde havia, pronto, foram aquelas decisões do presidente da altura, pronto, “eu tenho, pode ficar ali”, mas pode ser em qualquer município do Parque, nunca houve a necessidade de alterar

AL: e há eleições e esses trâmites todos

É, houve agora, houve eleições a semana passada, ou há 15 dias, e pronto, ficaram os mesmos nos órgãos sociais... podem mudar, pode aparecer uma lista dentro dos sócios efectivos que não necessariamente os presidentes, não é obrigatório que seja, tem que ser sócios efectivos, mas os sócios efectivos são as autarquias, os bombeiros voluntários de Arcos de Valdevez, se não me engano, portanto há mais entidades que são sócios efectivos, que na altura criaram a ADERE, há algumas associações locais também de criação da Cachena, da Barrosã, e outras que na altura fazia sentido integrarem a ADERE

AL: como associados não?

Associados

AL: não nos corpos sociais

Como associados sim. [...]. Era aquela questão da sede ser aqui mas não ser, por acaso agora o presidente é presidente, é presidente da ADERE o presidente de Ponte da Barca mas não precisava de ser aqui

AL: ah, ok, mas a presidência da ADERE não é a autarquia mas é uma pessoa, é que consigo perceber bem isso no *site*

Não, é a autarquia, tem é que estar, ou seja, imagine, agora o presidente vassalo acaba o mandato, não pode candidatar-se outra vez, este é o caso neste caso. Mas não tem que haver eleições novas porque a Câmara Municipal é que é a associada, está a perceber?

AL: ok. Automaticamente o novo presidente [da Câmara] passa a ser o presidente da ADERE

Sim, sim é.

AL: ok. No *site* é que está ainda que é o ICNF o presidente

Pois está, pois está... eu sei. Ainda no outro dia me lembrei disso. Está o ICNF e está, o nosso organigrama ainda tem três, ou seja, o organigrama da ADERE ainda tem... Porque depois houve alterações dos estatutos para pormos cinco nos órgãos sociais, e na altura eram três, era o parque mais dois. E depois quando se mudou para os cinco eu não fui mudar o organigrama. Está mal, está mal

AL: no fundo como a ADERE acaba por ser constituída pelas entidades... vá, pelas entidades basilares do Parque, até que ponto não seria, ou não se pensou nisso, ou pensou-se nisso e depois não foi concretizável, incluir as entidades mais locais, ou seja, os CD dos baldios, nomeadamente, ou como associados, não os CD directamente mas talvez associações que os agreguem, como o Secretariado dos Baldios, como a Atlântica, bom, a Atlântica não, mas o Secretariado dos Baldios, também há uma associação dos baldios, que é a Associação dos Baldios do PNPG, pronto... não foi interessante, não se pensou nisso, não faz sentido, integrá-los também como associados da ADERE ou... fez, não fez

É assim, na altura não fazia sentido, na altura não existiam, na altura não existiam as associações dos baldios, portanto há 24 anos não existia. Depois o que se entendeu foi, aliás, nós agora estamos a tentar fazer uma reformulação, não é uma reformulação, é ver quais são as entidades que estão lá que não faz sentido estarem, porque não querem não é, porque não aparecem há muito tempo às reuniões, e quais são as novas que deverão entrar. Nunca se pensou nos órgãos directivos dos baldios

porquê? Porque nós trabalhamos em conjunto com eles e com a população quando é necessário, ou seja não há nenhuma... não há nada que não possa ser feito por eles não serem associados da ADERE. Não faz sentido ir estender o lençol de sócios da ADERE porque depois em termos de gestão é muito complicado, pronto, às vezes é bom, “ai quantos mais sócios melhor”, mas é assim, é bom para trabalhar, não é para... às vezes uma equipa mais pequena, eu até acho que já são muitos, são 26 sócios, portanto a ADERE tem 26 associados, mas como o nosso trabalho como associação está muito ligado aos municípios, portanto já temos os municípios quase como chapéu, e depois fazemos todo o tipo de projectos, todo mesmo. Imagine, a associação de baldios, como trabalhámos o planalto da Mourela foi directamente com a associação de baldios do Parque, na zona do planalto da Mourela com sete baldios, e não houve dificuldade nenhuma em trabalharmos com eles, se calhar até houve facilidade, porque se fossem sócios se calhar não podíamos trabalhar com um associado no projecto, ainda há essas dificuldades

AL: para ou com? No projecto, não podiam trabalhar para ou com o associado

Para, porque nós no planalto da Mourela, nós fomos buscar dinheiro que demos, entre aspas, aos baldios. Se eles fossem um associado da ADERE era capaz de até, nós nunca estudámos isso, eu nunca percebi, mas como é que vamos fazer, aliás os regulamentos dizem isso, não poderá ser um parceiro beneficiário, portanto teríamos que ter outra forma de trabalhar, portanto teríamos de ter outra forma de trabalhar, portanto eu até acho que nem é pior que estejam fora, mas que usufruam dos serviços que a ADERE pode prestar, e há, por exemplo, com a Joana de Pitões, há essa relação muito aberta e articulamos sempre que necessário. Agora vamos apresentar... temos um projecto que queríamos ir apresentar este plano-piloto do Parque Nacional a todos os baldios, porque achamos que é importante, baldios, pastores, população, quase porta a porta, como eu digo, ir de aldeia a aldeia e fazer reuniões sectoriais para explicar o que é que se está a passar, e isso é um papel que não obriga a que as pessoas sejam sócias da ADERE, é um papel que é a nossa obrigação para o território. Portanto não temos de ficar fechados e dizer que vamos fazer isto para os associados. Nem nas reuniões, quando apresentamos um plano de actividades traria nada de mais ou de menos estarem ou não estarem

AL: em termos de prática não é... porque o Parque é mais de 60% baldio em termos de área

É, faz muito sentido eles estarem envolvidos com o PN, mesmo com os municípios não estão, os baldios não são dos municípios, portanto há uma gestão muito autónoma e até é bom que assim seja, não pode estar sob a alçada de, mas não... é assim, nós da nossa parte nunca sentimos que fosse “ai não conseguimos trabalhar com os baldios porque não somos...”, não. Não há essa

AL: não era obrigatório que assim fosse para que resultasse bem com eles. Mas por exemplo, estou a lembrar-me das Portas do Parque que realmente foi importante,

acho eu, do ponto de vista da relação com o turista e com o visitante, e as actividades que estão ali, eu conheço melhor é a do Mezio [...] mas também já conheci outras, seja como for, foi um passo que me parece que foi um bom passo

Foi, foi fundamental para a organização da visitação

AL: exacto, exacto... mas por outro lado algumas das portas sei que estão localizadas dentro dos baldios. Portanto no caso do Mezio estão dentro do baldio de Cabana Maior, se não me engano, no Lindoso está no [baldio do] Lindoso, etc., pronto, portanto no fundo, isto agora pondo-me no lugar de um comparte... qual é a perspectiva, a perspectiva é o Parque, já nem digo a ADERE, o Parque meteu a porta de entrada do Parque Nacional na nossa propriedade, digamos assim, propriedade da comunidade, e está a tirar benefícios dela. Até que ponto não seria, e lá estou eu no papel do comparte, aceitável que os compartes, ou o CD, ou a população em geral tivesse sido incluída nessa decisão e que tirasse também partido dos benefícios que por ali entram. Não sei se isto também foi pensado ou se ainda é pensado ou

Foi, na altura foi, o que acontece... é assim, há aqui um problema que para mim não é problema nenhum, é um problema quase cultural, é cultural, aliás não é quase, é cultural, que é uma guerra ancestral entre baldios e Parque, pronto. E portanto qualquer coisa que aconteça o primeiro olhar é para o lado mau não é, vamos ver o que é que nos estão a fazer de mal aqui, e por isso a necessidade que nós temos nestes projectos, que eu acho muito importante que é o informarmos. Eu acho que se a informação fosse dada às pessoas metade dos problemas que há desapareciam, mais de metade até. Eu às vezes quando vejo planos estratégicos penso muito nisso, às vezes bastava ter lá uma alínea “informação e sensibilização” e os outros todos ficavam resolvidos por ali abaixo. Porque no caso do Mezio a Porta é realmente baldio, é terreno baldio, mas já no tempo dos SF, portanto muito antes de haver Parque, nem sequer existia Parque Nacional, as infraestruturas que estão lá construídas eram dos SF, não eram do terreno, ou seja, isto é a velha questão que é assim, o terreno é do baldio mas isto que está lá não é, ou seja, imagine que por absurdo os baldios diziam “isto o terreno é nosso, vocês não podem passar aqui para ir para ali”, e esta entidade, seja o Parque, seja a ADERE, seja a Porta, seja o que fôr, arranjavam um sistema espectacular que as pessoas entravam pelo telhado, pronto já estava, porque não estavam a usar o baldio. A questão, eu para mim, nem sequer existe muito porquê, o baldio claro que usufrui porque tem isto tudo limpo, é uma zona que aqui está que ele não usa, portanto não está cedida, não é como um comparte aqui que tem o direito de usar mas tem o dever de dar contas, de prestar contas, também não paga não é, mas usa e quando deixa de usar, não usa para sempre, não é dele, mas tem direito a uso. Aqui nem sequer é um direito a uso, aqui é, ou foi, uma questão antes de existir Parque Nacional dos Serviços Florestais, em que realmente as infraestruturas são do ICNF, pronto, depois passaram para o ICNF, as infraestruturas são e o terreno não é, e daí elas não se poderem vender... a casa de Adrão, por exemplo, ali na zona do Mezio, está o terreno, é baldio, e a casa é SF,

portanto a casa não é do baldio [...] o mesmo pode acontecer se o baldio decidisse abrir a porta e entrar, não pode porque a casa não é dele, mas a casa está ali. Então agora acho que andam em negociações para ver se as casas que estão nos terrenos baldios podem de alguma forma ser cedidas, pronto, através de um protocolo, cedidas aos baldios para eles poderem utilizar. Portanto o problema é dos dois lados, é porque aqui vai usar o terreno, mas também é porque aqui está uma casa que não é deles, que já estava lá, pronto, que foi assim. E portanto, no caso da Porta do Mezio, é assim, eu acho que é uma questão que acho que não tem importância nenhuma, porque é assim, se nós formos ver o trabalho que está ali feito, as infraestruturas que foram criadas, a melhoria que traz para os compartos do baldio pelo facto de ser um território que tem mais visitação, portanto, tudo somado, pondo no prato da balança, eu acho que equilibrava perfeitamente. Pode haver aqui, por exemplo, agora vai haver, e isso é sempre acautelado, e é por isso que eu acho que deve ser sempre informado, na parte da florestação do Mezio que vai ser feita, vai-se florestar a área que ardeu, muito bem, há efectivamente aqui uma área que os baldios candidataram às ajudas agroambientais para pastagem. Se isto é pastagem, se agora viesse o ICNF e plantasse ali eles perdiam o direito a todo o apoio financeiro, o IFADAP, o IFAP agora, cortava-lhes o apoio todo, logo. Mal visse que havia ali uma intervenção eles perdiam o direito a todo o apoio. O IFAP agora cortava-lhes o apoio todo logo, logo que visse que havia ali uma intervenção eles ficavam sem apoio. Isto é que são as tais intervenções que têm de ser acauteladas, e que o ICNF acautelou e bem aqui. Basta uma conversa com os baldios para perceberem o que é que candidataram, há técnicos no Parque que sabem perfeitamente qual é o mapeamento todo, qual é o mapeamento todo, qual é o parque todo, onde é que estão as ajudas agroambientais, aqui não pode, aqui pode, ainda no outro dia tive aqui uma reunião em Ponte da Barca, por causa também de um projecto de regeneração florestal aqui, que os técnicos, depois é isso, eu acho que sentando-se tudo à mesa é muito fácil, os técnicos do ICNF, os técnicos da Câmara, para prepararem a reunião com os baldios para dizer “o que é que nós vamos...?”, é o que eu costumo dizer “o melhor é perguntar aos baldios”, é que nós não podemos... “o que é que está candidatado, o que é que vocês, é vosso, o que é que é pastagem?”, que é quase tudo, aqui em Ponte da Barca é quase tudo pastagem, mas há zonas que não são e que precisam de ser florestadas. Então, é pacífico, não se vai plantar ali porque já está, não se põe em risco os subsídios deles, mas faz-se trabalho... na Mourela fizemos isso e correu muito bem, que aquilo era... ali sim, eles tinham muitas agroambientais a implementar, e quando nós chegámos lá dava ideia que não podíamos fazer nada do que queríamos porque estava tudo quase ocupado pelas agroambientais. Quando começámos a ver baldio a baldio, a reunir com eles, a sentar, a perceber “mas o que é que vocês têm, mas onde é que podemos fazer aqui um roço de mato e onde é que é necessário fazer uma queimada, e onde é que podemos fazer a condução de giestal, a condução de giestal não havia em lado nenhum, ...” “não há, não há...”. E quando demos por ela, no fim até já havia, eles até queriam mais, porque havia não é, porque há. Eu acho é que aquela primeira coisa é

não, vem para aqui o Parque, ou a ADERE que também era interpretada como Parque... é não. Conversando, eu, é assim, eu acho que só quem não quiser mesmo ver eu acho que, pode haver um caso ou outro que, em que haja realmente conflito de interesses, mas em grande parte dos baldios eu acho que não, eu acho que há até interesse em que assim seja, em que haja... eles vão buscar os subsídios deles, os apoios deles e usufruem também dos benefícios que as infraestruturas bem geridas podem trazer-lhes, não é

AL: sim. Agora por exemplo, ao nível local, nas várias aldeias, isto mudando um bocadinho o âmbito mas ainda relacionado, existem várias aldeias, aliás, em quase todas as aldeias existem associações criadas localmente, por uma razão ou por outra, criaram-se essas associações que fazem trabalho do ponto de vista da revitalização de tradições, trazem pessoas também ao território, portanto no fundo também têm um potencial de mobilização dentro do Parque. Então, se essas associações existem e também se baseiam no território local que é o baldio, ou a própria aldeia, e depois numa outra dimensão, vá, existe o Parque, ou a ADERE também a movimentar outra camada, digamos assim, turística, até que ponto não seria interessante, ou não seria mesmo importante, que houvesse uma ligação então dessa outra camada com esta camada, não querendo fazer aqui uma hierarquia mas

Sim, essas associações é que eu acho que poderão ser sócias da ADERE, essas sim, já faz algum sentido, não os baldios não é, que já são um organismo... é para a gestão do baldio, portanto é uma gestão muito autónoma. Essas associações sim, nós convidámos agora, e aderiu, o Ecomuseu do Barroso, não era, lá está, mas agora fez todo o sentido. Uma associação de promoção do garrano no Gerês também, também convidámos. Agora é assim, também convidámos porque eles também mostraram interesse em, questionaram-nos, “porque não”, e nós realmente às vezes nem é por desconhecimento, pronto, eu conheço... a associação cultural e desportiva do Lindoso faz parte, a de Cidadelhe faz parte, porque já faziam antigamente. Agora se calhar já nem fazem sentido porque são associações que já vivem por si e que até nem trabalham muito... trabalham mais a aldeia e não tanto o PN. E essas até nem têm aparecido, lá está, naturalmente se calhar já não sentem que seja necessário. Mas é capaz de haver outras que até se reveem um bocado nos objectivos da ADERE e que poderiam trazer alguma mais-valia. A do garrano dos Arcos por exemplo faz parte e se calhar já não faz sentido porque não tem o peso que tinha na altura que não havia nenhuma entidade de promoção do garrano como eles. Então como era uma espécie autóctone, como essa, a da cachena, a da barrosã, a minha ideia foi, as associações que promovem as raças autóctones faz sentido estarem na ADERE para desenvolverem os produtos, e fizemos projectos para eles muito bons. Portanto aí faz todo o sentido, porque não incluí-los se eles assim quiserem [toca o telefone da Sónia]. Porque realmente criaram-se dinâmicas diferentes... a associação Viver Gerês Turismo, por exemplo, também é associada, até muito por pressão deles, porque achavam “porque não, porque não, queremos fazer alguma coisa”, e não, não era, era porque realmente são muitos anos não é, e as coisas vão mudando e faz

sentido, ou fará sentido, algumas associações que dinamizem o mesmo território também poderem ser sócias da ADERE. Nós às vezes encontramos programas que fazem e tudo, porque não também poderem ser divulgados por nós, por exemplo não é [toca o telefone outra vez]

AL: porque por exemplo, eu conheço algumas ali na zona de Montalegre, município de Montalegre, praticamente em todas as aldeias que visitei há uma associação, e há a Porta do Parque em Montalegre, não é, acho que está mesmo na vila, e no meu ponto de vista, que é um ponto de vista completamente exterior ao contexto, faria sentido uma entidade como a ADERE de alguma forma criar ligações, parcerias, com as associações que já lá existem, também para não criar essa tal ideia de concorrência

Sim. Agora é assim, eu acho que sim, mas também podemos ver as coisas ao contrário e essas associações surgiram depois de nós, porque é que também não nos procuram? É porque há aqui às vezes uma...

AL: mas as associações são pequeninas

Pois mas a dinâmica nasce um bocado assim não é, quer dizer nós vamos ter que andar atrás... porque andar atrás de associações que se calhar até nem querem pode até criar “o que é que eles querem agora aqui, mandar no nosso território?”, porque pode haver essa, “estamos aqui nós sossegadinhos, a fazer o nosso trabalho e eles querem o quê?” e no fundo eu acho que a dinâmica, se ela tiver que existir, aparece! Como nós lá temos o Ecomuseu, temos a Câmara Municipal; são duas entidades que trabalham muito bem o território, até entendemos que essas associações trabalhem bem com o Ecomuseu. Eu sei que nós contactámos há pouco tempo a Ecocabril, por exemplo

AL: da Paula?

Sim, tem programas muito interessantes e foi um contacto voluntário meu porque achei que aquilo, lá está, porque descobri, porque eles tinham algo a... nunca nos apresentaram esse trabalho, eu descobri, parece-me que sim, porque não tentarmos fazer algum, até para os programas da empresa, faz algum sentido envolver o trabalho deles e quando nos aparecem essas ideias nós até os contactamos, pronto, vamos tentando contactar, deve haver muitos mais. Há outras que se calhar não trabalham tão bem, pronto, é capaz de haver algumas... porque eu acho que as associações, é um bocado como a nossa, é como a ADERE, temos de nos cingir àquilo que temos e não podemos, porque somos uma associação “ah, mas nós até trabalhamos para o território, podemos ser ilegais, entre aspas”, não podem! Para mim a transparência é fundamental, daí nós nunca termos vendido pacotes de turismo enquanto não eramos agência, por muito que me dissessem que era esse o caminho “tem que ser, tem que ser”, eu não posso, não é legal, e não é não vou estar a fazer aqui só porque somos uma associação dos municípios, não tenho nenhum

alvará especial, um alvará tem de ser aquele da entidade de turismo, não é? Tem de ser, tem de vir do sítio certo e isso às vezes acho que também é o “vamos fazendo”, não é... ninguém faz, vamos fazendo, e acho que tem que haver regras, pronto, aí... e nem toda a gente, por exemplo, a associação de Paredes do Rio trabalha muito em articulação connosco [...] a que gere os moinhos

AL: ah, sim, que tem um lar...

Sim, eles têm uma série de coisas... quando nós às vezes, não é nosso associado, mas quando nós às vezes precisamos de uma visita a Paredes do Rio, porque tem o pisão, porque tem... portanto, e são eles não é, porque são eles que sabem, não somos nós, eu não vou lá, mau era não é, com alguém daqui tentar explicar o pisão, por muito que saiba como é que ele funciona, mas é diferente, não é, por eles é totalmente diferente

AL: pois, esse tipo de interações, é interessante. Mas por exemplo, vou voltar um bocadinho à questão das Portas, eu imagino a coisa assim, estão lá as pessoas, vivem naquela aldeia, têm lá o seu baldio. Entretanto vem... lá está, para eles é sempre o Parque, não é, não interessa agora se é a ADERE

É...

AL: vem o Parque e estabelece a sua porta de entrada onde vai estabelecer o tal contacto com os visitantes, e de alguma forma promover o território, fazer com que também haja algumas receitas dentro da, acho eu que há receitas não é, ali na Porta

Sim

AL: isto, esta porta do ponto de vista dos compartes daquela aldeia é de alguma forma uma invasão, não é. Quer dizer, chegam aqui, metem a porta no nosso território, estão a ganhar com isso e não nos dão cavaco, nem uma percentagenzinha, nada! E lá está, pondo-me novamente no lugar do comparte, isto pode parecer uma coisa não muito respeitosa, não é

Se eles soubessem, é que realmente é mesmo falta de informação, porque é assim, a quantidade de dinheiro que lhes entra indirectamente, para o território deles, não é para os compartes porque eles não podem pensar que vão dividir pelos compartes

AL: não, nem é essa... é ilegal

Nem para o órgão gestor muito menos, que também há essa... porque depois é assim, os baldios não prestam contas a ninguém. Se pensarmos bem, prestam contas a eles próprios

AL: hoje em dia já é obrigatório. Já têm que ter uma contabilidade organizada

É, mas se eu quisesse saber “olha, o baldio...”, imagine que eu chegava lá agora, era um comparte, entrava lá “apresentem-me contas do que gastaram”, ninguém me apresentava, mau era, quer dizer, punham-me logo fora do baldio

AL: se calhar não vão mostrar para fora, mas eles são obrigados a mostrar dentro, sem dúvida

Mas seriam obrigados a mostrar fora, eu acho, porque, lá está, eu tenho que obrigatoriamente os meus relatórios, são públicos não é, qualquer entidade os pode ver porque o órgão estadual disto tem umas regras muito específicas não é, mas também tem que ser para o bem e para o mal

AL: é como se fosse a propriedade deles não é, estarem agora a chegar a minha casa e dizerem “olha, como é que tu geres a tua casa?”

Mais ou menos, mais ou menos, porque eles recebem dinheiro do fundo, não, porque eles recebem dinheiro do Estado, a partir do momento em que

AL: através de projectos

Exactamente

AL: não, mas o dinheiro que vem dos projectos, a forma como o dinheiro é utilizado é fiscalizada por quem lhes dá o dinheiro

É, é, mas... é assim, também aqui eu tenho que prestar contas a quem me dá o dinheiro não é, recebo 600 mil Euros e... mas depois eu também tenho obrigação, obrigação... aliás eu defendo uma coisa que é, eu acho que devia haver uma plataforma comum a nível nacional em que toda a gente tinha de pôr lá os projectos que faz. Porque o projecto que eu faço sou eu estou a pagá-lo, não é, eu estou aqui a receber dinheiro do Estado mas estou a pagá-lo com os meus impostos, e não presto contas a... só tenho de prestar contas à entidade que fiscaliza? Não... eu tenho que dizer para o território todo e para o país todo onde é que eu estou a gastar o meu dinheiro, não é... quer dizer, eu fiz um projecto que eu posso achar espectacular, a entidade que gere o dinheiro também pode dizer “muito bem, até lhe vou dar mais”, mas lá está, se calhar não sabe, devia ter visto antes

AL: também sou contribuinte

Eu quero ver também onde é que gastaram, porque é o nosso dinheiro que anda aqui todo... e eu acho que os baldios se esquecem, se esquecem ou não são informados, quem é que lhes faz todos os projectos? Quer seja para o baldio, quer seja para os compartes deles e para utilização, as estradas, a limpeza de caminhos, são eles. Por exemplo, os sapadores florestais recebem dinheiro do Estado, as Câmaras pagam uma parte desse, portanto eu até acho que eles não têm muita razão de queixa. Na gestão da Porta, queriam dinheiro daqui, então depois quando a CM e a Porta faz

projectos para o território, vai-lhes buscar a contrapartida nacional? Os 15%? Que é muito dinheiro... vai-lhes pedir? Não!

AL: não entendi agora, peço desculpa, esses 15% são o quê?

Se um projecto, imaginemos, agora vai haver aqui a reflorestação do Mezio, o Estado acho que até paga 100%, mas imagine, um projecto normal é pago a 85%, alguém tem de pôr os outros 15%. Pronto, normalmente são as autarquias, aqui no caso da ADERE é a ADERE através das autarquias, pronto, mas temos de ter sempre assegurado este dinheiro. Só vem isto. Então se formos fazer um projecto para aqui, imagine, o projecto que nós temos para a Mourela, sete baldios. E nós até foi menos, foi 70%, é menos 30% de financiamento. Estes 30% foi pago pelo município, no caso só o município de Montalegre, ninguém foi pedir dinheiro à associação dos baldios. É assim, é muito dinheiro. Vamos-lhes pedir a contrapartida? Podemos, então vamos aqui ser transparentes em tudo, vamos então ser... “vocês recebem uma contrapartida da gestão da Porta, mas também pagam todos os projectos que entram lá. Porque eu acho que não é bem explicado qual é o benefício, o baldio olha para a gestão do baldio, o baldio, órgão gestor do baldio, pronto. Mas não olha para o território como um todo e para os benefícios que está a receber enquanto território, que são imensos. Eu acho que são mesmo muitos, se alguém lhes explicasse isto, se calhar aqui 30% do que foi investido nos baldios eles não iam querer pagar, e o município deu, achou que era um projecto interessante para o território e pagou ele os 30%. Que foi muito não é, foi um projecto muito grande. Portanto limpámos, fizemos fogo controlado, roço de mato, fizemos a condução do giestal, tudo. E eles ainda foram buscar algum dinheiro porque aquilo era possível, ou adjudicavam a empresas, os baldios é que escolheram, ou era mão-de-obra própria, portanto do baldio. E muitos escolheram ser, que era para lá está, para reforçar o dinheiro do baldio. Portanto ainda... como não eram associados do projecto, enquanto baldio, ainda conseguiram ir buscar

AL: mas eles escolheram o quê? Escolheram que fosse pessoal

Próprio do baldio, os sapadores do baldio

AL: ah, os sapadores

Porque eles têm uma parte que podem gerir eles, aquilo tem uma regra, há uma parte que são eles que gerem

AL: sim, uma parte é paga pelo Estado e a outra parte é paga pelo baldio

É. e depois podem escolher uma % de trabalhos que podem desenvolver por eles próprios [os sapadores]

AL: ah, eles os sapadores... Sim, sim, eles como equipa podem escolher fazer trabalhos privados

E portanto alguns deles, como aquilo acabam por ser as mesmas pessoas, portanto, optaram por, para o baldio deles faziam eles. Até tivemos ali um problema. Por exemplo, o baldio de Paredes do Rio, de Covelães, “ah, eu não vou fazer ao de Tourém porque senão dizem que estamos a ganhar dinheiro com o baldio deles”, depois eles têm aquelas coisas entre eles. Depois é engraçado perceber, em Montalegre percebemos isto muito bem, que é, todos dizem mal não é “é o Parque, é o Parque, é o Parque”, mas depois entre eles não se entendem. E nós às vezes “então o que é que eles estão a defender?” estão a defender o espaço deles, quando isto... por isso é que eu acho muito bem haver a associação do Parque de baldios, para criar dimensão e defender em comum. Mas depois não, depois há as peguinhas todas entre eles

AL: isso há

Mas são dinâmicas, eu nem me parece mal. Agora realmente acho que isto aqui das Portas do Parque, explicada... porque é assim, as Portas se não estivessem lá eles também não tinham aquilo usado para nada, porque realmente eram terrenos que eles não usavam, porque eram terrenos não apetecíveis

AL: quer dizer, usam de outras formas

Não, não são. Não são as pastagens porque as pastagens eles continuam a usá-los, não são para andar o gado porque o gado mais para a esquerda ou mais para a direita também pode andar. Portanto não foi roubado. Então no de Lindoso não lhes tiraram espaço nenhum

AL: não... eu acho que é mais uma questão de princípio, não é tanto “ah, precisávamos muito desse espaço e agora tiraram-nos”, não é por aí.

Mas na altura acho que foi explicado, já foi há 20 e tal anos

AL: e atenção, ninguém me disse isto directamente, estou só a avaliar

Sim, sim, eu sei. Nós sabemos, em todas as reuniões nós ouvimos, por isso é que eu digo. Eu acho que às vezes eles nem sabem muito bem porque é que estão a dizer aquilo, porque na altura em que foram feitos os projectos, e eu tenho os projectos todos das Portas, fomos nós também que os fizemos através de um gabinete que foi montado de propósito para isso, eles foram todos ouvidos. Já não são os mesmos que estão lá não é. Portanto já nem sabem se calhar do historial, ninguém ia fazer uma intervenção no baldio sem informar que tipo de intervenções é que está a ser feita. Agora como esta no Soajo, no Mezio, por muito que seja importante para eles, o ICNF já conversou com eles para explicar o que é que está lá a ser feito

AL: mas por exemplo, no Lindoso, não sei se hoje as coisas ainda estão como estavam quando falei com eles. Mas que eles acabaram digamos assim por se associar ao trabalho da Porta e actualmente o CD também usufrui de alguns benefícios dos

visitantes, ou que resultam da visitação. Foi o que eu entendi. De alguma forma também trabalham mantendo os caminhos, mantendo os trilhos,

Ah, sim

AL: e recebem x também das entradas. Ou percebi mal?

Se recebem eu não sei porque a Porta é gerida pela Câmara Municipal. Não  , todas as Portas são geridas pelas Câmaras, menos a do Mezio que   por uma associação

AL: eu fiquei com a sensação que depois de algum

É capaz de ter havido algum acordo entre eles

AL: exactamente, que depois de uma procura de acordo acabaram por firmar esta parceria

Mas nem deve ser com o baldio, porque a Porta não está no baldio, está na JF, e o presidente   que é o mesmo. A Porta não está em terreno baldio, era a escola primária. Está no meio da aldeia

AL: ele disse que estava em terreno baldio. Bom, tudo o que está   volta da aldeia   terreno baldio

É, mas não, não   baldio, está no meio da aldeia e era uma infraestrutura da aldeia

AL: eu sei qual é a Porta, até está instalada a sede da JF em anexo, digamos assim. Mas aquela zona toda dos espigueiros e assim, aquilo já   baldio. Seja como for, há a zona da povoação e depois há a zona em torno que   baldio, o baldio não é necessariamente l  na serra

Eu sei que não mas não sei se aquilo está considerado baldio

AL: segundo o presidente sim

Porque os espigueiros são património nacional, o castelo, o castelo não está no baldio

AL: está

Está no baldio?

AL: segundo aquela malta sim

Pode deitá-lo abaixo

(RISOS)

Não pode, l  está, que ele não pode mexer no castelo

AL: não

O castelo existe antes do baldio existir, não é, isto há coisas assim um bocado, assim como os espigueiros

AL: quer dizer, o baldio existe desde... é muito difícil dizer quando é que o baldio começou a existir, porque sempre fez parte do modo de produção

Sim, mas o castelo existe desde o Dom Afonso Henriques, naquela altura não se falava em baldios não é, quer dizer, falava-se em terrenos

AL: sim, nessa altura já havia esse tipo de utilização comunitária, os reis davam

Era, mas lá está, o espaço do castelo, e agora vamos à mesma questão das casas [florestais], o espaço do castelo de certeza que os agricultores não o queriam para nada, porque não podem semear ali dentro do castelo, não é. Portanto, era pacífico. Onde estão os espigueiros, porque usam e servem a população. Portanto, não atrapalha

AL: não, acho que é mesmo sobretudo uma questão de princípio que também deriva daquela questão que falou há pouco que é a luta eterna entre o PN e a população

Se fosse uma questão de princípio eles também teriam então obrigação por princípio de comunicar o que fazem lá, por exemplo, no caso da Porta do Mezio, tem lá infraestruturas que não são deles, que não são, não são efectivamente deles, então também tinham de comunicar se vão pôr alguma coisa ao lado, imaginemos, os cavalos vão pastar aqui à volta, então vamos informar que os cavalos vão pastar ali à volta, porque a casa, depois o espaço fica sujo, e é da casa. Não é? O princípio tem de ser para os dois lados

AL: essa questão das casas florestais é outra questão gigante porque a nível nacional há todo o tipo de opiniões relativamente à propriedade das casas. Há juristas que dizem que não, que as casas estando no baldio pertencem aos detentores do baldio

É, mas não

AL: mas mesmo juristas. Isso é uma questão um bocado complicada porque depois também o Estado não faz nada das casas mas também não deixa fazer depois também quem sofre com isso são as pessoas que lá estão a olhar para aquelas ruínas

Pois, pois. E é muito por causa desta questão dos baldios, porque se elas estivessem, se não houvesse esta questão, elas eu acho que já estavam cedidas há muito tempo a entidades que as pudessem gerir de alguma forma.

AL: mas os CD estão fartos de mostrar interesse em geri-las, o Estado é que lhes bloqueia

Vamos ver, vamos ver quando eles as tiverem, eu espero estar muito enganada, mas há exemplos noutros parques do país, que é que vai acontecer dessas casas e como

é que elas vão ficar daqui a 30 anos. É porque é assim, é muito fácil nós querermos ter uma infraestrutura para gerir mas depois quem é que vai... vão dividir pelos compartes? Os compartes têm utilização da casa? Está no baldio

AL: não... pelo menos as pessoas que se têm mostrado interessadas, e agora não estou a falar de todos, estou a falar de alguns, a ideia era sempre pôr aquilo a funcionar para beneficiar, não uma pessoa ou outra mas a aldeia em geral, no sentido do baldio ou da associação

Pois, por isso mesmo, eles vão gerir a utilização da casa pelos compartes

AL: não será pelos compartes, será no sentido da visitação

Mas devia ser

AL: não... os ganhos do baldio nunca são para os bolsos dos compartes, isso é ilegal mesmo

Pois, mas cada um pode usar um terreno, eu posso chegar lá como comparte e dizer “olhe, tem aquela casa ali e eu também gostava de... posso fazer uma reunião, podem, podem fazer almoços, podem”, isso é verdade, eles podem usar as infraestruturas para uma utilização pontual do que é. Portanto tem de ser feito um regulamento muito específico para esta casa para os fins que ela vai servir, é a sede da associação dos baldios, pronto

AL: mas aquela malta organiza-se bem, quando quer não é (RISOS) como em todo o lado

É... mas depois é manter, porque uma casa tem custos não é, tem água, tem luz, tem...

AL: sim, sim. Oh, seria sempre através da associação ou do CD, o CD acho que não pode, não faço ideia, em termos de... mas há associações que acabam por fazer esse papel nas aldeias e seria através da associação digo eu. Mas pronto, isto já é estar a saltar vários passos no futuro

Em Montesinho houve essa experiência para aí há quê, há 15 anos atrás, as casas de abrigo estavam abandonadas e as JF andavam sempre “eh...”, e foram passadas

AL: as casas de abrigo? As casas dos pastores?

Não, as casas florestais, e pronto, e estão todas fechadas outra vez

AL: mas foram entregues a quem?

Às JF. E elas aos baldios [?]

AL: eu acho que as JF é diferente

É igual

AL: infelizmente está se a tornar, está-se a politizar os baldios

É... eu acho que é assim, é como se fosse a ADERE, é assim, eu não quero nenhuma casa para mim, porque ou quero geri-la mas ela tem que ter algum proprietário. Se eu a comprar fico responsável por toda a gestão da casa, obras, água, portanto, quando entra isso a degradação depois aparece, depois ou há dinheiro para investir, ou há um usufruto para o turismo, que eu achava que era o que elas deviam ser, albergues e assim, pronto, e aí sim, há receita, gera receita, e consegue-se... gera receita, aplica-se a receita, ou então é um fundo de despesa, só serve para despesa. Nós chegámos a gerir as casas de abrigo, dez delas, as que estavam para turismo, duas por município, e a partir de uma certa altura

AL: vocês ADERE?

Nós ADERE, em protocolo com o ICNF

AL: em Montesinho?

Não, aqui no Parque Nacional

AL: ah... mas não falou de Montesinho?

Não, Montesinho foi essas tais que o ICNF tinha e fizeram, pois, eu lembro-me que fizeram esse protocolo e que toda a gente achou “e, vai ser agora que as casas vão ficar finalmente a funcionar e estão todas, acho que só uma funciona, acho que só a da Lama Grande é que está a funcionar. Aqui nós gerimos talvez durante 20 anos as casas de abrigo [casas florestais] e conseguíamos, só que o dinheiro ia para o ICNF

[toca o telefone]

Era o presidente da CM de Melgaço claro, vamos para a BTL, eles dão sempre produtos, nós pedimos também, mas quer dizer, [...] não serve para nada porque quer dizer, as pessoas chegam lá comem e não sabem o que é que estão a comer, lá está, não há

AL: informação

Porque não conseguimos, as pessoas só vão lá para comer, querem lá saber se estão a comer um bolo de Ponte da Barca ou (RISOS)

AL: a BTL é em Lisboa

Bolsa de Turismo de Lisboa, é a grande feira do país em termos de... já tem anos e anos e eu acho que aquilo devia levar uma volta grande, é muito dinheiro e, lá está, não...

AL: Pois, não traz grandes frutos

Não se vê o retorno

AL: pois, porque há muita gente do centro, digamos, e eu fico surpreendida quando me apercebo, que não sabem onde é que são terras que pessoalmente sempre soube que existiam, e que não sabem onde são. No outro dia estava a falar sobre este meu trabalho com uns colegas em Lisboa, ele não sabia onde era Bragança, ele não sabia onde era Braga, ele não sabia... eu pareceu-me incrível, Portugal é tão pequenino

E nós temos um único Parque Nacional e muita gente não sabe onde ele fica. É impressionante mas as pessoas não sabem

AL: incrível, isto era um homem já feito, ligado à universidade

[...]

AL: pois, acredito que nessa feira cheguem e comam, ah é de Ponte da Barca, não devem ter ideia de onde é

Não, nós agora já vamos como Parque Nacional, cinco municípios um destino, que é para... município a município não faz sentido nenhum. Há lá alguns que vão, mas não sei o que é que eles vão para lá fazer. E conseguimos fazer esta coisa de os juntar há cerca de quatro anos e teve outra projeção. Mas não interessa muito, temos lá todos os municípios, toda a informação, mas as pessoas querem é o parque todo

AL: sim... e acho que resulta melhor sem dúvida. Porque se for para lá cada município do país às tantas nenhum se destaca não é

É. mas nós estávamos a falar das casas de abrigo...

AL: geriam as casas de abrigo, eu não percebi é como, se a maior parte delas está destruída

Nós tínhamos um protocolo com o Parque, elas eram alugadas para turismo e nós ficávamos com uma percentagem, depois de pagar as despesas todas, e dávamos a grande parte, 80% do dinheiro ia para o ICNF, só que o problema é que, como são serviços centrais, o Parque não conseguia ficar com... às vezes as pessoas diziam, “ah, não investem...”, porque eles não conseguiam. Ou seja, nós [ADERE] ficávamos com 20% da receita, e o restante ia para Lisboa. Pronto. E no protocolo nós éramos responsáveis pelas pequenas obras e o ICNF responsável pelas grandes obras. As pequenas nós fazíamos, um rodapé, um fogão que avariava. Quando as casas, lá está, começaram a necessitar das grandes obras, o parque não conseguia aqui porque estava nos serviços centrais em Lisboa. Portanto ele vai para um bolo, já não é canalizado para a área protegida. Ou seja, o dinheiro era bom se ficasse aqui nesta área protegida, como não, como o ICNF tem uma estrutura única, entrando nos serviços centrais não há forma de fazer reverter outra vez para a área protegida onde ele foi gerado. Isto é estranho mas é assim. Portanto, o Parque não tinha culpa nenhuma. Nós falávamos com o director, “olha, agora é preciso pôr o gás, agora vamos pôr o gás cá fora”, o investimento era sempre da ADERE, para tentarmos que

as coisas fossem funcionando, até que chegou a uma altura em que entregámos a chave, não conseguimos. As queixas eram... eram queixas em cima de queixas, aos fins-de-semana estávamos sempre, passávamos os fins-de-semana a receber queixas, e porque a água não funcionava, e porque a luz não funcionava, e porque o gás não funcionava, e nada funcionava porque precisava destas grandes obras. Portanto, tornou-se insustentável. E na altura o director, que era o director do Parque e ainda da ADERE, ele próprio “entreguem-me as casas a mim, eu vou entregar as casas a mim” (RISOS). Foi por isso que ele se incompatibilizou na altura com Lisboa “não sabem o que é que estão a fazer” [...] já era o Paulo Castro. Portanto, no fundo é assim não, não faz sentido nenhum estarmos a gerir uma coisa que já é ingerível. E esse é o meu receio das casas de abrigo, porque é assim, elas precisam depois da manutenção e tudo, portanto nos primeiros anos vão funcionar muito bem, talvez 10 anos, mas depois quando precisarem quem é que vai fazer o investimento? Vai haver candidaturas para as recuperar outra vez? Nós na altura ainda chegámos a fazer uma candidatura grande para a recuperação das dez, depois entretanto mudou o director e não quis dar continuidade a esse projecto. Porque teria havido essa possibilidade, por parte do ICNF, de fazer uma reformulação grande das casas. Porque senão não estou a ver... a vontade é muita, nós também tínhamos, mas nós não conseguimos fazer mais. Aquilo era... ligavam-nos os guardas, que aquilo era gestão partilhada não é, eles lá iam pôr o gás, “ai, oh engenhreira agora rebentou um tubo, agora com o gelo”, “a água está congelada nos canos”, ligavam os turistas não é. Não havia hipótese de descongelar porque aquilo... tinham de mudar a canalização, pôr um tubo de aço, aquelas coisas. Acho que não, isto é uma grande obra, ICNF, nós não fazemos grandes obras, foi mesmo... já não está já. É muito complicado

AL: eu por acaso aluguei uma há uns anos no fim de ano, mas entregaram-na exactamente como estava, que era com água fria, sem luz

Ah, sim, havia algumas sem luz, porque as pessoas pediam sem luz, é. Nós houve uma altura em que saiu uma legislação em que todas as casas era obrigatório terem luz eléctrica e conseguiu-se uma excepção para termos duas com fotovoltaicas, que eram mesmo as dos Gerês, e duas sem luz, que era a de Adrão, não, a de Branda do Murço, e a de Penadoedo aqui em Ponte da Barca, porque as pessoas queriam, tínhamos turistas que queriam ir para casas sem luz, iam com Petromax e assim

AL: agora estou na dúvida, sei que de certeza absoluta, que só tinha água fria

Água fria já não era normal, porque teria de ter [...] porque nós tínhamos umas botijas de gás e elas nem sequer aqueciam, estava lá mas não aquecia, depois a água gelava nos canos

AL: pois, se calhar foi esse o caso. Isto já foi há uns bons... mais de dez anos

Eu comecei a vir para as casas de abrigo, mal eu... mal imaginava que vinha para aqui, há 40 anos

AL: ah, também faziam aluguer nessa altura...

Não, eu comecei a vir não era a ADERE, era o PN, ainda não existia a ADERE. O meu pai era montanhista, e vinha sempre, faziam caminhadas de 2 dias, três dias, pelo Parque todo, e nós vínhamos também, pequenitos e lá vínhamos com eles, a minha mãe ficava em casa a cozinhar, nós íamos fazer uma caminhada

AL: mas portanto, podiam usar as casas

As casas de abrigo, eram alugadas pelo PN

AL: alugadas, pronto, se calhar era o mesmo regime que a gente apanhou

Há 10 anos já eramos nós

AL: já seria a ADERE. Não foi há dez, foi há mais, para aí uns quinze talvez. Mas já seria

Porque aquilo era um problema, o ICNF realmente era um problema porque nós tínhamos que ir buscar, pronto, turistas, ir buscar a chave a Braga

AL: sim, nós também tivemos que passar por Braga antes

Ah, então ainda foi com eles. E depois é que vínhamos para aqui

AL: acho eu, não ligue muito a isto, que estas minhas memórias...

[...]

AL: e actualmente não há nada disso pois não? Desse tipo de serviços com as casas

Não. Depois entretanto fecharam-nas todas, então até agora... pronto, agora sei que há algumas que estão a ser pedidas pelos baldios, e o ICNF acho que irá, o ICNF ou os SF, acho que irão ceder, há algumas de privados, mas privados acho que não é tão fácil ceder

AL: e mesmo os privados, conheço um caso pelo menos que se meteu numa alhada porque comprou mas depois, já não sei muito bem, mas tinha a ver com o factor propriedade, de quem é que é aquilo

Pois, não podia, é, elas chegaram a estar à venda mas depois teve de ser tudo suspenso

AL: pois, mas ele gastou o dinheiro, e entretanto acho que aquilo está em tribunal e não sei quê, porque não lhe reconhecem a propriedade, embora ele tenha comprado de facto, na perspectiva dele

Mas eu acho que as dos baldios são capazes, se eles mantiverem

[toca o telefone]

E eu acho que isto vai, eu acho que as coisas aos bocadinhos vão começando a, agora realmente depois tenho receio é que mantenha, não é, porque é muito importante... às vezes ter a propriedade não é o mais importante, o mais importante é realmente a dinâmica que é criada depois à volta para as coisas se irem mantendo depois a funcionar

AL: pois, o que eu tenho ouvido em termos de críticas e de queixas é precisamente, temos aqui esta casa, está toda em ruínas, não querem fazer nada com ela, mas também não nos deixam a nós fazer, e sentem-se

É, porque a legislação não permitia, mas entretanto acho que há quatro anos foi alterada a legislação, começaram a mudá-la, para permitir que elas fossem, por causa dessa questão do património, o que é que é, o que é que não é, para permitir que elas fossem de alguma forma cedidas

AL: pois, pronto, eles andavam nessa batalha, e tem-se falado muito nisso

Mas eu acho que têm, acho que é a de Adrão, não, a de Adrão não, porque a de Adrão vai ficar sempre disponível para os canarinhos, por causa dos incêndios, para estarem

AL: canarinhos?

Chamam-lhes os canarinhos, que são mesmo os combatentes do ICNF, são brigadas que eles têm, são os amarelos não é, distinguem-se dos sapadores porque pronto, são as brigadas especiais, e essas, eles querem ter uma casa porque usam na mesma no inverno

AL: ou que seja para isso

A de Branda de Murço acho que vai ser uma das que estará para ceder, para o baldio, e aqui em Ponte da Barca não ouço falar de nenhuma

AL: aqui em alguns casos até nem era do ponto de vista turístico, alguns até queriam era pôr o material dos sapadores, ou para...

É [...] agora não sei como é que eles vão arranjar dinheiro para as recuperar

AL: tem de ser através de projectos

De alguma candidatura, pois...

AL: deve ser, também hoje em dia está tão burocratizada a acção dos compartes, ou seja, têm sempre que recorrer a associações que os ajudem na cata de financiamento

Era isso que eu falava há bocado, quando eles dizem que não têm contrapartida nenhuma, por exemplo, aqui na Porta do Mezio, é uma associação que está lá, que faz projectos

AL: eu queria perguntar-lhe sobre isso, é a ARDAL não é

É. E de certeza que os ajuda, digo eu, até tem parcerias com eles não é

AL: sim, com a JF de Cabana Maior

Portanto, até tem vindo a, os outros também, de Montalegre, têm a associação dos baldios, que também, através do Ecomuseu, e também através da Câmara, desenvolveu muitas coisas, portanto todos eles acho que tiram muitos benefícios, aqui o de Entre-Ambos-os-Rios, por exemplo, de Ponte da Barca, tem uma boa relação com o município e faz bastantes projectos que nós não chegamos a fazer

AL: ah, a Foral

É, a Foral, é. Froufe, Lourido e Ermida...

AL: que ele também trabalha na Câmara não é

É. Mas eu acho que eles querendo conseguem uma relação muito boa

AL: o problema às vezes é isso, é a base ser boa, porque muitas das vezes parte de um conflito e a partir daí.... Eu acho, tal como já referiu algumas vezes, e eu concordo

[sai um minuto para ir entregar a chave a alguém]

Eu, por exemplo, um caso muito específico, e ele sabe que eu digo isto, é o baldio de Lindoso não é... ele é daquelas pessoas que uma pessoa tem de aprender a trabalhar com ele, que eu gastei tanta energia com ele. Aqui há uns tempos eu disse-lhe isso, e ele “ah, agora fala menos” “são muitos anos não é, vou aprendendo” (RISOS) “mas eu gostava mais quando falava mais”. Porquê, porque uma pessoa às vezes quer defender aquilo que acha e que... e vai dizendo não é, e há pessoas que gostam disso, e ele é uma dessas, gosta de estar sempre a contrapor, contrapõe, contrapõe, contrapõe... portanto eu às vezes se disser que é azul, ele diz-me que é vermelho mesmo sem, portanto andávamos ali, e eu agora já percebi que é assim, ele... eu tenho que juntar um trilho, lá está, é uma coisa boa para eles não é, porque vai trazer turistas, que são dois trilhos ali no Lindoso, que é o trilho de Parada e o trilho do Penedo do Encanto, que se cruzam. Pronto, foram dois trilhos que foram feitos, por nós, o de Penedo do Encanto muito bem, que vai à Pedra, onde estão as gravuras rupestres, espectacular, e o outro tudo bem. E na altura foi feito com os presidentes de Junta, ninguém fez sem a autorização deles, quer dizer, não foi com a autorização dele, porque ele não estava lá, mas foi com eles, a Junta de Freguesia, portanto... e o baldio, da altura não é... pronto. E fizemos, já foi em 1997, foi um trabalho muito interessante, do trilho, este aqui do Penedo do Encanto, com os guias rurais que

eram locais, que fizeram levantamentos da terra deles, pronto, tudo muito bem. E agora chegou-se à conclusão, já aqui há um tempo, que é preciso juntar os dois, porque não faz sentido porque eles se cruzam e portanto, o de Parada [...] e então a ideia é fazer um único. Pronto. E é fácil, pronto, toda a gente sabe que é para fazer um único, faz todo o sentido, mas eu já disse “eu não vou fazer nada enquanto não reunir com ele e ele me disser por onde é que quer que o trilho passe. Ele é que vai ter de me dizer, então andamos nisto há que tempos, e a Câmara ficou de marcar uma reunião “então o trilho já fizeste?”, e eu “já marcaram a reunião?”. Eu não faço sem falar com o senhor Franco, porque ele é que me vai dizer a mim. Eu vou chegar lá e vou-lhe dizer “temos este e este, ora diga-me lá então”, e ele vai dizer aquilo que eu quero. Porque é assim, se nós olharmos para o traçado, sabemos por onde é que ele vai ter de passar não é, mas pronto, está bem, pode ir mais ali ou mais ali, não é por aí. Mas se eu lhe chegar lá e disser “olhe, aqui, o trilho agora é este”, ele vai-me logo dizer “iiih, vai ver quem passa cá, não passa, e vamos embora, e eu vou lá e trato-os mal” aos turistas não é, e ficamos todos a tremer. Entretanto, depois uma pessoa aprende com o tempo. Portanto, eu agora não... e isto anda encravado para aí há um ano, mas eu já disse à Câmara “não...”. Depois eles às vezes perguntam “já reuniste com o Franco?” “vocês é que ficaram de me marcar esta reunião com ele”. Porque, eu às vezes encontro-o e digo-lhe “temos que reunir” “quando quiser, quando quiser”, mas eu não vou fazer nada aqui. E só está a perder, a aldeia está a perder, porque não era necessário haver aquilo, podíamos poupar recursos, fazer umas plaquinhas bonitas, um projecto, fazer umas coisas assim, só que cria-se aqui esta areia na engrenagem que não se justifica, então agora não faço, quero que ele me diga por onde é que vai passar, pronto, e facilita. E lá está, conversando vamos chegar

AL: pois, era isso que eu ia dizer há bocado, às vezes as pessoas também reagem porque se sentem excluídas dos processos de decisão, e com razão. E de repente quando lhes cai, por muito boa ideia que seja, o que vier de fora, se não houve uma base de comunicação, naturalmente as pessoas

Nem ouvem, nem querem saber qual é a ideia. Mas quando são chamados a participar, muitas das vezes também não participam

AL: isso criam-se hábitos também

Nós fizemos reuniões em Soajo, eu quando vim trabalhar para a ADERE vim trabalhar para a formação profissional e para o centro rural do Soajo/Lindoso. Comecei na formação e depois perguntaram-me se queria ficar num projecto, como eu não trabalhava aqui, não era de cá. E eu fiquei, que era o centro rural Soajo/Lindoso, não tinha emprego, aceitei ficar. E era a área que eu gostava, de desenvolvimento rural, contacto com as populações e achei muito bem. E nós fazíamos reuniões semanais, semanais! Às terças íamos para Lindoso, e às quintas para o Soajo, sempre. Eu e um colega que trabalhava aqui. Que era para informação

sobre as possibilidades que havia de projectos, de candidaturas que íamos fazer, recuperação de aldeias, tivemos muitos projectos em Soajo e em Lindoso.

AL: é por isso que há a ADERE Soajo?

Não, não. A ADERE Soajo é por causa da central, das casas de turismo da aldeia de Soajo, tinha que haver, quando apareceu o turismo de aldeia, tinha que haver uma central de reservas específica para aquelas casas, para o grupo. Depois em Lindoso quando apareceu eles fizeram, acordaram connosco, porque achavam que o modelo do Soajo correu muito bem, por acaso acho que a ADERE Soajo até já fechou. E então pediram ao turismo de Portugal se seria possível, uma vez que já havia uma associação, sermos nós a central de reservas deles, porque era obrigatório haver. O turismo de aldeia só funcionava se houvesse uma central associada. E sim, eles permitiram que fossemos nós, não quiseram criar uma de raiz. O Soajo na altura criou, pronto, estava a começar e seria uma boa ideia também, mas depois aquilo realmente não

AL: isso era que altura mais ou menos? Só para ter uma ideia

Noventa e...

AL: ah, noventas

Noventa e sete, noventa e oito, a ADERE Soajo

E nós nessa altura íamos para lá, todas as terças e quintas, aparecia uma pessoa, duas pessoas, tanto em Soajo como, em Soajo mais, aparecia mais gente, mas as pessoas não... e sabiam que nós íamos lá, nós tentávamos tudo, nós íamos, dizíamos ao padre para dizer na missa a que horas é que nós íamos, púnhamos editais a dizer a que horas é que íamos lá, mas as pessoas não participam, depois quando começam a ver um, depois começou um a recuperar uma casa, começaram a ver, já... já queriam também, pronto, depois realmente as pessoas vão copiando, vêem que está a funcionar e começam a aparecer. Mas também, muito se calhar por desconfiança, por ser Parque, por ser... também não participam tanto quanto deveriam. É a tal informação que faz falta, não é... nós, ao irmos mais, eu acho que faz muita falta, ao irmos mais ao território. Eu acho que o Parque peca por isso, pronto, mudou os objectivos a partir de certa altura, o caminho mudou. Porque eles tinham isso há muitos anos atrás não é, tinham... desapareceu, o Ministério da Agricultura desapareceu, desapareceu também a extensão rural, que era para isso, e eu acho que está na altura de voltar

AL: pois, é isso. É que há toda uma memória a apagar, porque de facto houve ali situações um bocado autoritárias da parte dos SF. Mas eles não diferenciam, o Parque é os SF

Por acaso, nessa altura achei piada, vinha com o meu colega de Lindoso, e demos boleia a um miúdo que estava lá a pedir boleia na estrada. “Então tu moras aqui no Parque” “moro” “e então, o que é que achas do Parque?” “eu não gosto do Parque”. E nós, “e não gostas do Parque porquê?”, “porque o meu avô também não gosta” (RISOS).

AL: mas é, a tradição também tem peso

O avô por esta altura já deve estar mais do que morto, mas aquilo fica não é... e nós não sabemos porquê mas... e faz falta esta parte da informação, informação e formação é

AL: e essa questão da extensão rural seria importante, porque as pessoas sentem-se abandonadas, e sentem-se desprezadas em termos de opinião

É. E não sabendo o que está a ser feito, eu aí percebo perfeitamente, não sabendo o que está a ser feito no território deles, seja aldeia, seja... eu também não gostava, eu digo muitas vezes às pessoas “se nos cortam a entrada em casa durante um dia porque estão a... nós ficamos chateados. Então agora imaginem sem sermos informados, não devemos gostar não é... pronto, é a mesma coisa não é. Não é porque eles moram na aldeia que não têm que ser informados, com avisos e com...

AL: [...] portanto há muita coisa que tem de ser ultrapassada e isso tem de ser com alguma...

E eu acho que, e não é de propósito, é mesmo porque é preciso fazer as coisas não é, este projecto da florestação do Mezio é preciso avançar não é, aquilo ardeu tudo, tem de se fazer ali uma intervenção o mais rápido possível

AL: vai ser com pinheiros

Hmm, acho que não

AL: isso para mim era voltar ao mesmo

Isso tem de ser feito um trabalho, lá está, eles vão fazer hoje a apresentação, por isso é que nós vamos lá ver, para saber do que é que consta o projecto. Porque é muito importante as pessoas saberem do que é que constam os projectos. Para que é que é... para quando virem lá uma máquina dentro “ah...”, e depois inventam logo o que é que a máquina vai fazer “vai deitar isto tudo abaixo, vão pôr pinheiros, vão pôr eucaliptos”. Informem antes... vai avançar no terreno... se calhar não vai ninguém, mas pelo menos deem oportunidade às pessoas

AL: mas portanto os CD até já estão a par disso, já

Já. Já foi. Eles fizeram reuniões com todos antes de

AL: então isto vai ser mais uma apresentação...

Eu acho que é à população... vão fazer uma apresentação lá em Soajo, não é uma reunião, é uma apresentação

AL: e é quem? A ADERE?

Não, o parque

AL: e é onde, quando?

É na... lá no centro social do Soajo. Hoje não, é na sexta-feira, sexta às 18h

AL: isso não é público pois não

É, eu acho que sim. É uma apresentação pública, pelo que eu percebi

[...]

Porque falta... e é importante, porque para estar informado, as pessoas... e por editais, e agora vai ser feita... agora vão-se deitar abaixo árvores, por exemplo, informar-se que vão deitar abaixo árvores, porque senão “iih, eram centenárias”. Opa, era só explicar porque é que se vai deitar abaixo, isso poupa imenso

AL: não, e não deixa de ser em terreno baldio lá está... que é uma zona em que não se pode, parece-me a mim, não se pode ter como tido e achados os compartes quando se faz coisas nos baldios não é. Acho eu

Algumas coisas sim, mas a floresta lá está, a parte que for, as árvores que estão, aquilo depois é uma percentagem, acho que é 50/60

AL: ah, a questão da gestão florestal... sim, sim. Mas de qualquer forma não deixa de ser uma cogestão, não é

Sim. Mas lá está, os baldios também podem chegar lá e fazer o que querem sem informar a outra parte

AL: acho que não. Pelo menos em cogestão acho que não

Não podem, mas pois, mas fazem, depois há critérios às vezes que são também do uso da tradição, que já não fazem, eu lembro-me que no Gerês havia, o parque de campismo que nós geríamos também, também está em baldio, o do Vidoeiro do Gerês, e havia uma... uma vez ligou-me um senhor a dizer que era comparte, ele até era guarda do Parque, mas era comparte e tinha caído uma árvore lá dentro, e aquilo acho que era o primeiro que pedisse tinha direito a ir buscar a... mas era dentro do parque de campismo, porque o parque de campismo está em baldio, e a árvore caiu e aquilo está tudo vedado não é. A propriedade era do Parque, mas o terreno era realmente deles. E ele ligou-me a dizer aquilo “que nós é o primeiro que pede”, e ele explicou-me aquilo, porque realmente

AL: são os usos e costumes

“Fui o primeiro que vi e então eu queria aquela lenha” e não sei quê... então, vai buscar a árvore, se isso é assim...

AL: pois, são os usos e costumes a entrelaçarem-se com as questões nacionais

É, mas depois vamos andando, andando, e depois se calhar já não é bem assim, porque se calhar, quem foi o primeiro a pedir? No antigamente se calhar era fácil, agora pede a quem? Ligou-me a perguntar “a quem é que eu tenho que pedir...” porque são vocês é que gerem, mas aquilo é do parque [de campismo]. “Tem que pedir ao parque, eles abrem e eles vão lá buscar a árvore”

AL: pois, e acaba por envolver uma data de entidades. Mas esse Parque já não está sob a vossa alçada, pois não?

Não.

AL: agora é privado

É. está a ser concessionado, tem um protocolo também com o baldio, na altura com a Junta de Freguesia... não, com o baldio não, porque aquilo é... pois, esses são Mata Nacional

AL: pois, estou aqui a pensar, mas ali o baldio seria o quê, das Caldas do Gerês

Não, não, não, mas eles tinham ainda uso, eles podiam ainda usar

AL: é capaz, mas eles não têm CD nem nada do género, já Vilar da Veiga tem

Tem, Campo do Gerês também tem, é Vilar da Veiga, é baldio de Vilar da Veiga

AL: pois, deve ser. De facto está colado à Albergaria, mas pronto. Só mais uma questãozinha... soube de algumas situações, e eu própria também já me tinha questionado que é, portanto, há vários agentes a trabalhar no intuito de explorar a visita, explorar no sentido positivo da palavra (RISOS), tirar partido, vá, e acontecem situações como, soube ou porque me contaram, ou falando também com os CD, a mim fazia-me todo o sentido que, mesmo que o CD não se conseguisse organizar para tirar partido do turismo, ou porque não pode legalmente, ou porque não tem gente, ou pelo que for, mas de alguma forma associar-se, ou colaborar com os agentes que trabalham no local, pequenas empresas... agora já nem estou a falar da ADERE, que agora tem a Go2Nature, mas antes não tinha... e de facto acontece às vezes do género, utilizam os trilhos, as empresas utilizam os trilhos que fazem parte do baldio e que são de alguma forma mantidos pelo CD através de trabalho não é, financiado ou não, mas em contrapartida fazem a manutenção dos trilhos. Pronto, deixa essa de ser a responsabilidade do CD, eles cedem a utilização mas eles têm que os manter. Por exemplo, há este tipo de parcerias, existem no território. E corre tudo bem até que um dia a empresa é multada pelo parque por estar com o carro em determinado sítio que o Parque decidiu que não é um bom sítio para estar com o

carro. Isto aconteceu, de certeza que não foi só uma vez. Portanto, o que eu quero aqui se calhar focar é a sobreposição de autoridades, portanto, a nível local houve uma parceria estabelecida em que o CD que no fundo detém aquela propriedade permite à empresa desenvolver a sua actividade, com uma boa relação entre eles. Mas depois vem o Parque por cima e multa

Não, mas o Parque já lá estava. São essas as regras, são as tais regras da legislação que nem é o Parque, é nacional, áreas protegidas... aí o Parque nem tem culpa nenhuma, é assim, há leis, há regras não é, eu não posso andar num sentido proibido mesmo que um morador daquela casa ali que só tem uma casa naquela rua diga “podes entrar que estamos sozinhos e não há problema nenhum que é uma rua sem saída”. Se está proibido eu não posso, eu não posso... arrisco. E é o que fazem as empresas, arriscam. Mas o Parque tem por obrigação fazer cumprir a lei nacional das áreas protegidas. E se ali naquela zona é proibido não há baldio ou proprietário de baldio que possa dizer que sim porque vai contra a lei nacional. A questão é simples, está é invertida. Porque nós próprios, nós a ADERE, quando vamos para o terreno temos de pedir parecer ao Parque, não podemos ir, se nós formos apanhados... e quando vou para a serra Amarela tenho de pedir ao presidente da Junta, ao Franco, porque senão ele não me deixa passar, e expulsa de lá os técnicos todos, não deixa. E ao Parque é a mesma coisa, temos de pedir um parecer ao Parque, às vezes estamos aflitas porque o Parque ainda não deu, apesar da boa relação que temos com eles... ainda não deu o parecer. Porque se formos apanhados com o carro, não temos autorização, somos multados. Mas isso é porque o próprio Parque, lá está, por muito boa relação que tenha connosco não nos pode dizer “vão, que não há problema”, há problema porque a lei, até pode vir um guarda de fora, não é normal, mas pode, pode estar um guarda de fora para fazer cumprir a lei. É como os GNR não é, eu posso parar aqui à frente da ADERE, ele não se importa porque me conhece e sabe que eu estou... mas eu sei que não estou a cumprir a lei, estou contra a lei. Só que me facilitaram. Nós tivemos aqui há uns tempos o Luís Borges, o fotógrafo, pediu-nos se nós conseguíamos uma autorização, em contrapartida ele até nos cedia algumas fotografias, nós darmos-lhe uma autorização para estacionamento na Mata da Albergaria, que era um sítio para ele poder estacionar para ir para o Parque, e nós conseguimos isso. Não sei se já refizemos ou não, que ele de vez em quando pede-nos, quando acaba o prazo. Nós pedimos ao Parque, ele tem essa autorização, põe-na lá no vidro, portanto, é possível. Mas tem que seguir esse processo. Portanto, eu acho muito bem que o baldio facilite às empresas de animação, que têm um bom..., mas temos sempre que cumprir é a tal... não é proibido estacionar dentro do Parque, não é isso. Mas é proibido em determinadas zonas sem autorização. Ou em casos específicos pode-se pedir autorização

AL: pois, a mim faz-me um bocadinho de confusão, mas isto não passa pela ADERE

Porque senão, porque é assim, esse até é um caso que é, que nós chamamos que é de boa-fé. Como nós não é, quando nós vamos em trabalho ao Gerês mal era se eu

tivesse que pagar nas portagens, mas tenho de ter uma autorização do ICNF a dizer-me como isenta, senão tenho de pagar. Na carrinha da ADERE, não é, identificada, tudo bem. Mas tem que pagar. Mas se nós fôssemos abrir uma excepção se calhar vem, se calhar vinham empresas com quem os baldios até nem trabalham tão bem e viam o outro parado, “ai páras, também paro”. E depois o baldio vinha dizer “então o que é que está aqui a fazer?” “ai desculpe lá, se o outro está porque é que eu não posso estar?”. “Ah, é porque nós temos um protocolo”, “mas a lei não deixa”

AL: pois... por acaso pelo que eu vi no terreno há de facto diferenciação entre empresas caso sejam residentes, ou seja, caso sejam uma empresa interna ao parque

Ah, sim, residente, se for residente é capaz de ter... mas pelo estatuto de residente, não pela empresa

AL: sim, se tiver terra ou terreno ali na zona

Pois, não por ser empresa mas por ser, ou seja, ele não usa o critério empresa, mas sim o critério residente

AL: exacto, exacto. Ou seja, acaba por haver aqui algumas incongruências, é um pouco como referia

Não, se fosse seguir a lei não podia, ou seja, se chegassem lá e perguntassem “está como empresa ou está como residente”

AL: pois, mas ele pode sempre alegar o que lhe der mais jeito, desde que não tenha escrito [na carrinha] em grande plano o nome da empresa

Porque se eu for como ADERE posso, se for como Sónia tenho que... não posso não é, mesmo com autorização, apesar de tudo, tenho de ver se a autorização é para mim ou se é para a associação. Não posso usar uma autorização da associação para ir eu

AL: pois, exactamente.

Por muito jeito que isso possa fazer. Eles vão como residentes, ou seja, não está a ser dado um critério de tratamento diferente às empresas, está é uma empresa a usar o critério residente para facilitar no fundo a

AL: sim, sim. Não necessariamente essa empresa contribui mais ou menos para o bem-estar local, mas vai ter essa

E não tem, nós já sabemos que a fiscalização do ICNF, por exemplo, não nos pedir o papel de residente, vai pedir o papel da empresa. Se estiver numa actividade. E depois vai criar muitas chatices “iiih, as empresas locais não têm...” nem têm que ter, não tem que ter benefícios, são como as de fora, se estão a fazer uma actividade económica, porque é que têm de ter? Podem ter algumas facilidades na criação da empresa, no apoio, agora no desenvolvimento da actividade, não vou estar a criar

um.... Só porque uma empresa vem de fora, eles trazem turistas também, organizados, pagam impostos, são iguais. Só que às vezes as pessoas usam uns critérios ou outros

AL: pois, se ao menos fosse para a empresa singrar, mas muitas vezes é por interesses pessoais, segundo ouço, eu não vi nada. Pronto, eu já passei praticamente por tudo, só uma questão, relativa às Portas, como falámos a ARDAL é que está a gerir a Porta do Mezio,

A do Mezio, não, é o único caso em que é uma associação.

AL: ok, e mesmo é uma associação que também inclui autarquias, pelo que eu percebi, não é?

É de Arcos de Valdevez, é uma associação da CM de Arcos de Valdevez

AL: mas portanto, a gestão das Portas foi posta ao critério local? Quem é que gere e quem é que não gere?

Não, a gestão foi feita na altura... o protocolo e a forma de gestão era com a autarquia, o Parque delegava na autarquia através de um protocolo a gestão, e todas fizeram isso excepto Montalegre, que quem gere é o próprio Parque, a CM não gere a Porta, é o PN que está lá

AL: é o Ecomuseu, ou não?

Não, parece. Mas não, é um gabinetezinho muito pequenino que está lá dentro do Ecomuseu. E é a Porta do Parque. Mas na prática as pessoas vão visitar o Ecomuseu e pensam que estão a visitar a Porta. É o único, esse caso é mesmo a gestão do Parque, e as outras foram todas então protocoladas com as Câmaras, sendo que depois Arcos como tinha essa associação protocolou com a associação, portanto passou a gestão, é a Câmara Municipal mas através de uma associação. Aqui é Ponte da Barca, Terras do Bouro é Terras do Bouro, as outras são as Câmaras...

AL: e outra questão só mais... Natural.Pt, eu sei que é uma marca do ICNF, mas pergunto, está de alguma forma associada à ADERE ou...?

Não. Foi uma marca que eles criaram, tipo uma marca chapéu para os produtos de qualidade e serviços de qualidade dentro das áreas protegidas, em que nós participamos activamente, até muito, até às vezes contra eles, contra no bom sentido, por causa dos regulamentos e de tudo o que eles fizeram para a marca, porque existe uma marca que é o Parques com Vida, com critérios que são exactamente os mesmos. Pronto, o Natural.pt foi buscar, e bem, sei lá... podia ter pedido, lá está, mas... (RISOS)

AL: ah, a Parques com Vida era daqui?

A Parques com Vida foi de quatro associações do norte, nós, a CORANE e Montesinho, os quatro parques do norte de Portugal, e fizemos, é já um projecto muito antigo no EQUAL e criámos critérios de qualidade para as empresas de animação, alojamentos, pontos de venda e restauração, pronto para criar alguns critérios de qualidade para as áreas protegidas. O natural.pt fez o mesmo, entre aspas, para todo o país, e portanto criou os critérios também, e nós fomos envolvidos na altura de revisão dos critérios porque havia ali alguns que não estavam bem definidos, pronto, e nós tentámos, até porque na altura os nossos também estariam em altura de revisão também. Quando fizemos aquilo não sabíamos muitas das coisas que entretanto fomos aprendendo, portanto, havia alguns que não faziam sentido, as % de pratos típicos para ser considerado um natural.pt, por exemplo, tem que haver algumas regras. Portanto o natural.pt no fundo é isso, portanto é uma marca chapéu, a nível nacional que pretende qualificar e dar alguma garantia de qualidade aos produtos através da adesão a essa marca

AL: que se paga qualquer coisa para...

Para já não.

AL: ok. É tipo uma certificação no fundo

É uma certificação.

AL: e vi que também se pode associar aos trabalhos académicos e coisas do género...

Pronto (RISOS). Aquilo, na altura... existem uns plogs que são entidades locais, nós aqui no Parque Nacional, há o plog Parque Nacional, aquilo é... ponto local de organização... é assim uma coisa, e gestão, é uma coisa assim, e na altura quando foi, enfim, essa parte foi um bocado... mas o que é que... é o artigo... carimbam-se as páginas? É aquela página que é natural.pt? ou é o livro todo? Ou é... pronto, aquelas coisas que é um bocado complicado... nós temos, o guia do planalto da Mourela é natural.pt, o próprio guia. Mas... é assim

AL: pois...

Para os produtos acho que faz algum sentido, mas...

AL: e entretanto a Parques com Vida deixou de existir?

Não, nós continuamos a fazer um esforço grande para que a associação continue a existir mas é um bocado complicado porque é uma associação, lá está, criada pelas associações, mas que tentamos manter a associação a funcionar mas precisamos de projectos para manter, é fazer, a ideia é fazer rotas temáticas, as rotas dos Parques com Vida, portanto os produtos dos Parques com Vida, é que cada território se promova, que o Parque Nacional promova Montesinho, que o Alvão promova o Douro Internacional... portanto um turista que chegue a Montesinho saiba também que existe aqui um parque... ou um bom restaurante que é Parques com Vida

AL: depois os serviços estão certificados com essa marca...

Com essa marca, a Parques com Vida, sim

AL: e há então uma espécie de inscrição ou

Também, as pessoas também se inscrevem como na natural.pt, mas aí pagam uma quota, para ser Parques com Vida

AL: pronto, acho que conseguimos passar mais ou menos por tudo...

[a Sónia refere e vai buscar um documento que é a carta europeia de turismo]

O parque é certificado, aliás são os 4 parques [...] estão certificados com a carta europeia de turismo sustentável. Este foi de 2015, portanto é até 2018, em que temos um plano de acção para cumprir, isto teve o envolvimento de toda a comunidade, secretariados regionais de turismo, as Câmaras, a população, os restaurantes, alojamento, tudo, tudo, tudo, é trabalhado por fóruns, fóruns ou *workshops* participativos, é a metodologia da carta europeia. E depois acaba por dar resultado num plano de acção em que as pessoas se sentem envolvidas e em que têm um conjunto de projectos, as [...] começaram em 2014, onde ele já vai não é. Mas pronto, um conjunto de projectos e de ideias, participadas, em que as pessoas discutiram e entenderam que era importante, diz qual é o território do parque quando é só uma... aqui este apoio à requalificação da ATHACA, pronto, que é a associação, pronto... mas que também participa nisto e portanto entendeu-se que para o turismo sustentável no território do Parque este projecto ia contribuir, então integrou aqui, portanto há um conjunto grande de projectos que vieram para aqui, cooperação transfronteiriça, todos os municípios, somos nós porque temos um projecto INTERREG para condução conjunta do... e este trabalho depois é monitorizado supostamente num fórum, que ainda não fizemos nenhum mas que já devíamos ter feito fóruns participativos para que daqui a 5 anos se faça uma avaliação do que foi implementado ou que não foi, e se possa revalidar a certificação do território. E isto tem, acaba por ter a caracterização toda e o diagnóstico em que toda a gente foi também convidada a participar, há a recolha de toda a informação e depois tem muita informação, tem muito trabalho, está aqui um trabalho que eu acho que é... quase que devia ser usado, esse formulário é o tal que basicamente o EUROPARK avalia por causa do formulário, e o formulário tem um resumo de tudo o que foi feito mas um resumo bastante alargado, tem de ter as reuniões todas dos projectos, que foram desenvolvidas, quem é que foi envolvido, nem sei se há aqui algum baldio [procura... encontra a referência à associação dos baldios do PNPG, Joana]. Está a ver, faz parte, estão aqui... porque se há uma... se calhar não apareceu, não sei, estou a falar de cor, mas se há uma associação de baldios de facto faz sentido que a ADERE contacte essa associação e não os baldios um a um. Se é que as pessoas fazem parte da associação, um baldio que não faça terá que ser contactado à parte mas no fundo a ideia é, não se vai chamar toda a gente mas vai-se chamar as

entidades que representam um grupo de pessoas. Portanto, ainda na elaboração disto, eventualmente se houvesse um projecto grande de um baldio, ele tinha que estar aqui, da associação dos baldios. Se se chegasse à conclusão que ele era importante, ele vinha para aqui também... esta informação está disponível na internet, se puser carta europeia, Parque Nacional, vai para um *blog*, tem lá os dossiers, tem isto tudo, os dossiers estão todos lá. Pronto, eu acho realmente interessante por ser participativo, por ter a informação toda

AL: portanto a ideia aí é mesmo ter essa certificação de seguir a carta

É, é... a carta europeia de turismo sustentável. Tem uma metodologia própria que é preciso ser seguida

AL: deve ser uma trabalhadeira

É! (RISOS). É, mas vale a pena, depois é auditado, portanto vem um auditor, vêm auditores independentes do europark que falam com entidades do território à sorte. Pedem-nos para reunir, portanto, ou ligam directamente ou pedem, e falam com eles para perceber se realmente isto foi construído ou inventado, ou se houve mesmo a participação activa de toda a gente. Porque só assim é que faz sentido

AL: ok. Mas está relacionado com os europarks?

O Europark

AL: mas isso é um conceito de ...

O europark é uma federação, a federação europark é uma federação de parques europeus de turismo sustentável

AL: mas pronto, lá está, que segue os tais critérios que aí estão descritos...

Tem um... eles seguem a, têm uns princípios, têm uma carta de princípios. E essa carta de princípios. Nós tínhamos, fomos analisar o anterior e perceber o que é que foi feito, o que é que ficou a meio e o que é que não foi feito, porque isto temos de dizer isto, já que pomos estas acções todas, isto foi do período anterior não é, 2007-2011. E tivemos que...

AL: isto já reporta a 2007

A avaliação, não, foi antes, a do Parque Nacional foi em... foi 5 anos antes, 2002, já é a terceira vez que é renovado. Portanto fazemos depois esta avaliação aqui. E depois estes aqui justificam-se porque é que não foram, isto é tudo avaliado, e depois percebemos aqui quanto... o orçamento também, porque é que não foi concluído. É bom, porque faz-nos também pensar, o que é que está efectivamente a ser executado, o que é que não está, porque que não é mau às vezes não ser executado,

não é por isso que chumbaram, é porque não foi por algum motivo ou outro. É engraçado

AL: e há uma entidade principal a gerir isto?

Isto é o Parque, o Parque é a entidade que candidata. Eles protocolaram connosco, com a ADERE, com a Parque com Vida, até foi com a Parques com Vida, a articulação do trabalho. E depois a Parques com Vida como trabalha com as ADL locais, no nosso caso, com a ADERE, nós é que fazemos a, garantimos que o processo seja seguido neste território. Por estarmos mais próximos. Mas a área protegida é que se candidatou. Quando há área protegida tem de ser a área protegida. Agora já... as *montanhas mágicas*, que é o território ali de Arouca, eles criaram ali o território Montanhas Mágicas para se candidatar à carta europeia e não têm uma área protegida por trás portanto é o município de Arouca, são os municípios ali da zona que

AL: ah, é possível também?

É.

AL: falou da ADERE como sendo uma ADL, é uma ADL?

Não, não somos, não somos. Somos uma associação de desenvolvimento mas não somos DLBC

AL: é outra dimensão não é... pois

Nós não temos dinheiro para gerir, temos de nos candidatar

(RISOS)

AL: é a tal questão que me falou inicialmente, pois está bem...

Por acaso as DLBC têm dinheiro para a equipa técnica. Mal a estratégia deles é aprovada um x vai para a equipa técnica durante 5 anos

[fala-se da reunião de sexta-feira no Soajo. E de como será pública porque é inserida numa reunião de compartes. De como não há-de haver também assim tanta gente a querer ir...]

As pessoas já estão muito cansadas também de reuniões, e de coisas e de... há que voltar a ganhar a confiança. E achar que é mesmo importante

AL: é isso, porque às vezes há isso tudo, há... mas depois concretamente as pessoas não sentem que as coisas melhoram ou sentem... e depois é isso, sentem sempre que os outros sim, estão a usufruir de alguma coisa, mas nós não. Às vezes com razão, outras vezes por tradição, como há bocado referimos

Sim, sim. Nós com este projecto do plano piloto pedimos para ser incluída uma acção que é “informação e sensibilização”. Não é para folhetos nem nada, é mesmo para ir explicar, e depois tem uma parte que é “levantamento de necessidades”. Porque até pode dali de essas reuniões haver determinados projectos que nós nem sabemos que são importantes de implementar e que às tantas são pequeninos mas que fazem falta

AL: claro. E que podem ser integrados

E que podem ser facilmente integrados, ou por aqui, ou por ali, ou pelo Parque, às vezes é só perguntar

AL: pois... a florestação vai ser só no Mezio ou...

Não. É por fases. Este projecto, o plano piloto é no Mezio, o Ramiscal, que também ardeu, no Gerês uma parte da Mata Nacional para a organização, a gestão e...

AL: ah, ou seja, não vai ser plantada, vai ser implementado uma estratégia de gestão

Sim, e há ainda outro que não me estou a lembrar, são quatro. Depois ainda há o dos teixiais, que é uma zona de protecção total que é necessária uma intervenção, o pinheiro-silvestre, portanto, são muito focalizados. E depois há um de regeneração natural, de regeneração, aqui em Ponte da Barca e Montalegre que são áreas também de prevenção... de prevenção de fogos, não para o que ardeu, mas de criação de faixas de protecção com espécies autóctones, [...] com os baldios, senão cai em cima da área de pastagens. A serra Amarela é quase toda pastagem, eles conseguiram considerar aquilo quase tudo pastagem, para irem buscar os subsídios, e bem. Portanto ela está toda... é difícil fazer intervenções mas há umas zonas de carvalhais e que é necessário, portanto, parece-me que vai ser pacífico, e na mata do Cabril perdeu ali um bocadinho. E é necessário limpar lá uma parte de mimosas. Eu propus que fizessem um projecto-piloto, também, dentro daquilo. Porque a mimosa é muito complicada de... e há ali uma zona que se não for combatida, pegando o fogo aquilo vai por ali abaixo. Pelo menos ali naquele bocado tentar fazer uma intervenção. Ela tem é de ser retirada e queimada logo, que é para não haver propagação das sementes

AL: e mesmo assim não é seguro que acabe ali

Pois não. Mas pelo menos ali era importantíssimo, mas portanto, são esses projectos que vão avançar agora no plano-piloto. Depois é os sapadores, os sapadores não, as brigadas do ICNF de combate a incêndios, que são duas por cada município, e este nosso da comunicação e sensibilização que é o tal transversal. Queria era já estar à frente, mas já se está a ver o que vai acontecer, agora estamos à espera que o dinheiro venha

AL: não faz sentido, às vezes essa questão burocrática...

Porque é um plano-piloto para esta zona, supostamente já está aceite, mas tem de haver candidatura na mesma. Tem que apresentar a candidatura como se fosse com outras entidades a concorrerem a isto... e não, é só a nossa. Mas tem de passar os critérios todos, se está bem, se...

AL: e candidatam-se a quê?

Ao fundo ambiental. É dinheiro... o dinheiro tem que vir de algum lado. Por isso é que obriga a que haja candidatura. Mesmo com o Parque Nacional, vamos ter de apresentar uma candidatura, é esta que está agora a começar no Mezio, é uma candidatura fundamental

AL: e depois tem que passar por todos os passinhos

Tem que seguir, porque depois o dinheiro vem da comunidade, tem que haver provas de que foi... de que cumpriu todo, é assim um bocado burocrático

AL: é extremamente

Mas precisa não é, é necessário, porque senão diziam “ah, nós fazemos” e não faziam. Mas por outro lado às vezes é... é estranho até poder vir chumbado não é. Este nosso, este da Câmara Municipal de Ponte da Barca, tem de ter um parecer do ICNF, foi tudo articulado com eles, mas chegados à mesa tem de emitir um parecer, não pode avançar se não tiver o parecer deles. Eles têm que ter... e eles sabem não é, eles sabem que sim e que o parecer vai ser positivo. Mas tem que entrar o pedido. Porque eu imagino, imagine que Ponte da Barca se lembrava “eles vão dar o parecer, vamos meter aqui outra coisa. Mas é para garantir... para garantir, porque se houver, e eu percebo, os de Lisboa dizem isso muitas vezes, se houver uma auditoria externa, de terceiro nível, que é a Comunidade Europeia que vem auditar, eles se forem apanhados, mesmo que tenha sido não intencional, “olha, demos um parecer e não era”, é tudo visto e o dinheiro tem de ser devolvido. Portanto, aquilo somos nós, mas depois são, aqui no nosso caso é a CCDDR no Porto, e depois é Lisboa e depois é a Comunidade, portanto, cada um de nós está sujeito a auditorias. Por isso é que são tão rigorosos às vezes, quase estupidamente não é, há coisas que... então os indicadores são estes então o que nós vamos fazer... mas não, tem de estar de acordo com os indicadores comunitários, senão...

AL: pois, faz sentido, mas depois na prática é... no projecto-piloto, que foi proposto pelo governo, de alguma forma foram já incluídas todas as entidades a nível local no sentido de..., por exemplo, agora vai haver essa exposição para se informar o que se vai fazer. Mas quando se projectou o que se iria fazer e onde...

Não... não. Foi quase, nem as Câmaras... as Câmaras também se queixaram, nem nós fomos ouvidos, mas aqui acho que o ICNF esteve bem, estive a falar com o doutor Armando do Parque e tem razão de ser, que é assim, não há [...] os incêndios que houve, infelizmente. Isto é a mais, não estamos a tirar nada a..., isto foi um a mais,

um extra, por causa da desgraça que aconteceu, portanto sabe-se muito bem o que é que se quer fazer, o presidente da Câmara de Arcos disse “ah, eu não sei o que é que está a ser feito no Mezio, qual é a área de intervenção”, o parque dizia “é a área ardida”. “Ah, mas eu não sei qual é a área ardida” “Mas tem de saber, não é, ardeu”. Não há [incerteza], é aquela, tirando a parte da pastorícia que não pode, tirando a... portanto, está tudo... sabe-se perfeitamente onde é que as intervenções vão ser feitas, não havia muito engano. Os teixiais são os teixiais, Ponte da Barca não se pode queixar porque teixiais só há no Gerês, portanto, é lá, não há que

AL: mas por exemplo, quando tiveram em conta a questão das pastagens, quem é que ajudou nisso

Não, isso eles próprios sabem, o ICNF sabe que quando vai fazer uma intervenção no terreno tem que sobrepor os mapas e perceber onde é que estão a ser feitas... onde é que há projectos em desenvolvimento... para não sobrepor financiamentos. É... esse trabalho é todo feito pelos técnicos, em articulação depois uns com os outros. Os técnicos dos gabinetes florestais das câmaras (GTF) têm o seu mapeamento, o IFAP tem mapeamento, o Parque tem mapeamento, vão sobrepondo para ver que não há dupla intervenção, por isso esse não é, eu acho que as pessoas nem se podem queixar, eu acho que é importante informar para as pessoas saberem, mas eu acho que o que está delineado não tinha de se perguntar, mais para a esquerda ou mais para a direita, mas é para aqui... não é

[fala-se da reforma da floresta, introduzo eu, e o facto de estar em discussão pública, tendo a incluir o projecto piloto na reforma, e de alguma forma está, foi apresentado como dentro do pacote, mas a Sónia refere que é mais um plano de carácter de urgência]

Há este projecto que foi muito bom conseguirmos pôr lá, que estava no Plano de Valorização, que é o da Mata da Albergaria, os parques de estacionamento, que era o que o presidente da Câmara dizia há anos, o arranjo dos caminhos, que era muito difícil arranjar um sítio por ser Mata Nacional, e conseguimos, com essas reuniões todas com o ICNF e a Câmara, perceber o que é que é para fazer, o que é que é importante, e passou para o Plano-Piloto [...] já estava no Plano de Valorização, portanto ia ser desenvolvido, mas é tão importante a intervenção que estava a ser feita em termos de conservação da Mata que se conseguiu que fosse Plano-Piloto. Era articular, já que ia haver um plano-piloto, se houvesse alguma coisa que estivesse pensada pelos municípios que pudesse caber ali, podia entrar, mas tinha que ser assim coisas muito, não era inventar “ah, eu acho que quero fazer daqui a 5 anos...” (RISOS) “ah, e porque é que não vai para ali...?” “porque não ardeu...” (RISOS). Não andamos aqui à pesca de nada, este é para isto

AL: espero bem que venha por bem não é, há males que vêm por bem... porque o pessoal queixa-se muito da ausência do Parque, e com razão, parece-me

Eu acho que são as políticas que...

AL: e falta de dinheiro, falta de pessoal, tudo isso

Mas eu acho que mesmo a política de abandono anterior... ao tirarem o director do Parque, o Parque Nacional não ter um director [...] tinham alguém delegado e metade dos problemas se resolviam ali, não tinham que andar a correr ao Porto, Lisboa, quer dizer, não faz sentido. Às vezes recebemos telefonemas, as pessoas querem saber se podem instalar um apiário. Tem de ter um parecer do Parque separado. E uma coisa tão simples que se resolvia com um formuláriozinho, as pessoas às vezes andam aqui com telefonemas já para cinco instituições. A última que eu tive foi a telefonista em Braga que se lembrou “ai eu acho que a ADERE é capaz de saber”, porque já era para aí a terceira vez que ia cair a ela, não é. E eu com um telefonema para um técnico do Parque consegui explicar à... e isso faz falta. Ainda se tentou pôr, nesta primeira carta europeia ainda houve lá um projecto que nos tentaram impingir, no bom sentido, que era as Portas darem também resposta às questões da população. Mas nós é assim... “Nós daqui a bocado fazemos tudo”. Não faz sentido nenhum estar lá um turista a ser atendido e estar lá alguém aos gritos de um baldio não é... não é? Não pode ser, tem que haver articulação, muito bem, mas com algum bom senso, senão agora o Parque ficava esvaziado de responsabilidades. A ideia era boa, que era no sentido de informação à população, a ideia era essa, as pessoas precisam, não existem as delegações, vamos criar um sítio de informação. Mas depois discutindo com todos, a ideia parece boa, mas sentando todos à mesa “por aí não, por aí não, porque vai ser um pandemónio”

AL: pois, mas é isso, as pessoas precisam de ter alguém a quem se queixarem, ou pedir informações, ou o que for, e eu acho que isso ia reduzir para 50% os problemas e as críticas que existem. Porque quem trabalha bem é bem visto, há n técnicos que me são referidos como exemplares, com uma presença importantíssima. Agora quando não há essas pessoas sequer, as críticas são muito fáceis. É complicado

[...]

GERESMONT

Local: sede da empresa na Vila do Gerês

AL: no fundo o que eu quero perceber aqui também é a forma como este tipo de actividades se interrelacionam com o facto de os baldios serem propriedades comunitárias, se há uma espécie de dinâmica com os compartos ou se não há qualquer tipo de relação sequer...

Relação há, só que não há assim nada de muito formal, não há assim grande cooperação, mas não é por haver divergências mas por se calhar nunca se ter proporcionado e não ser muito necessário. Nós as actividades que fazemos, fazemos se calhar caminhadas em zonas de baldio e assim e também nunca tivemos problemas. Mas também os nossos princípios são sempre de nunca estragar nada, de ter sempre as coisas direitinhas. Costumamos dizer que vamos para a serra e que pelo menos trazemos o mesmo lixo que levamos, e se encontramos alguma coisa mais trazemos, por isso a nossa actividade não dá grande desgaste e não... por isso não temos tido grande necessidade, nem os baldios nos têm pedido algumas autorizações para as actividades que nós fazemos. Ultimamente nalguns eventos desportivos de que nós somos parceiros, e eu tenho conhecimento porque sou técnico de desporto da Câmara Municipal, quando é nos licenciamentos dos eventos, muitas pessoas ou assim, pedimos sempre um parecer ao CD dos baldios onde passa a actividade, informar do que vai acontecer lá, que tipo de actividade que é, para eles autorizar, o que se passa e... para ter conhecimento, porque o terreno é baldio e tem a gestão é dessas pessoas

AL: claro. Por exemplo, aquela grande prova que houve agora, a do Carlos Sá não é...

Sim. Há duas, há uma maratona que é em estrada, que essa aí as estradas são do domínio sempre municipal, as estradas de alcatrão, é uma maratona mesmo em estrada. Quando o campeonato do mundo de *trail* e há o Peneda-Gerês *trail*

AL: aí não é a mesma coisa

Não, há várias provas. E nessas provas nós pedimos, ao pedir o licenciamento ao ICNF também, eles exigem que os baldios passem a prova que foram tidos e achados, que autorizem

AL: é o ICNF que exige isso?

Sim, para eles darem o parecer da licença deles nós temos que, a organização tem que lhes dar certos requisitos e um deles é mostrar o procedimento, ou a autorização dos baldios por onde passa o evento

AL: ah, não imaginava. Então o ICNF requer que haja uma autorização prévia da parte dos baldios

Sim, para eles emitirem a licença deles para aprovar, como uma parte do terreno pode ser Parque Nacional, a outra parte tem a gestão do baldio, eles se depois não autorizarem uma parte do baldio deve ser tido e achado e dar o consentimento que a prova vai-se realizar naquele dia, naquela zona, uma prova x, x, x, x, e para eles nos darem autorização nós temos que lhes dizer “olha vai passar em tal caminho, a prova, passa por aqui, por ali”, fazemos algumas marcações que depois são retiradas para ver se eles autorizam ou não autorizam

AL: e se não autorizarem? Já alguma vez aconteceu?

Por acaso já tivemos que alterar um traçado ou outro, algumas zonas que não tem caminho, mas até dava para limpar, nem era preciso cortar mato nem nada, mas não queriam que passasse por lá porque senão começa-se a abrir um caminho e depois fica ali aquilo meio aberto, meio calçado e as pessoas começam a explorar, e altera-se o percurso

AL: nunca houve qualquer tipo de conflito entre a vossa actividade e a actividade deles?

Não.

AL: ou pelo menos eles expressarem isso, às vezes pode não haver

Não. Até ao momento não. Teve uma situação muito pontual mas nem sequer chegou a... foi aí o presidente do CD aí dos baldios de Vilar da Veiga, que ele mandou uma carta até a informar-nos, mas eu até tenho confiança com ele, podia me ter dito... se calhar na altura não tinha tanta confiança, podia me ter dito pessoalmente relativamente a uma actividade, de passar de motoquatro num caminho a descer, que achava que estragava o caminho e eu deixei de passar naquele caminho. Alterei, pronto. Mas sempre tudo muito pacífico e estamos aqui também para colaborar, compreendemos, não queremos estragar nada, há diálogo e resolvemos tudo

AL: vocês são daqui

Sim, sim

AL: então têm conhecimento dos baldios desde que nasceram praticamente, ou seja

Não bem por dentro do funcionamento porque aqui o Gerês não tem, só tem Vilar da Veiga que [...?] a freguesia. Sei mais ou menos como é que funciona mas nunca fiz parte de nenhum CD nem reuniões, mas sei mais ou menos

AL: pois. Mas pronto, as pessoas têm noção que se trata de uma propriedade que não é pública nem privada, tu tens de certeza, mas as pessoas à volta, por exemplo, os turistas que vêm não têm a mínima ideia... mesmo os pedestrianistas quando vêm não fazem ideia, não é, nem sequer lhes é dado esse tipo de informação da parte do ICNF ou...

Não sei, isso eu.... Mas nós muitas vezes se calhar não damos aquela importância ao baldio nem se calhar sabemos explicar muito bem o que é um terreno baldio, mais ou menos Parque Nacional, por vezes também dizemos que há terrenos baldios mas não é assim uma coisa muito

AL: isso tem importância até certo ponto não é. Mas também depende dos próprios compartes. Também o vosso turismo é mais turismo de

De natureza

AL: de aventura e tal. Pois, eu também ando a perscrutar esta parte porque dá-me a sensação que a maior parte das pessoas que entram no Parque, mesmo os portugueses, têm a noção que é uma propriedade pública, e mesmo o ICNF comporta-se como tal em relação à grande parte dos baldios. Porque também se a gente for a ver grande parte do Parque Nacional é baldio, quase 70% do Parque é baldio, e da parte por ICNF, por isso é que agora até fiquei surpreendida quando me

Não, isso aconteceu, nos primeiros eventos não aconteceu, aconteceu a seguir porque um presidente de um CD chamou à atenção e a partir daí “cuidado que vocês estão a passar licenças mas...”

AL: isso ao ICNF?

Sim. E no ICNF disseram-nos, e bem, “olha, fomos chamados à atenção e, na altura estávamos a facilitar e não estávamos a pensar bem, mas a partir de agora quando houver uma prova desportiva tem que vir um *email* ou um conhecimento a dizer que, envia-se o traçado da prova ao presidente do CD, explica-se que prova é, por onde vai passar, se... por vezes mesmo, nós já tivemos situações em que mesmo caminhos existentes florestais dentro dos baldios que estão em mau estado nós na prova, na organização, vamos fazer esse caminho, mesmo assim temos de pedir autorização, dizer o sítio que vamos limpar, o que é que vamos fazer, e depois

AL: esse tipo de trabalhos que fazem nos caminhos já é de alguma forma considerado uma parceria com o baldio, ou seja, sendo que estão a limpar dentro do baldio e é uma coisa boa para o baldio

Não é uma parceria assim bem estabelecida, é, como a prova vai lá passar, e eu estou a falar nem é mais pela minha empresa, é mais pelo trabalho na CM, eu sou técnico de desporto, na organização, a Câmara entra na organização desses eventos desportivos, por exemplo, com o Carlos Sá, são parceiros, nós ajudamos aqui na preparação do terreno, vamos ver, faz-se o levantamento, “opa, há ali aquele sítio que está muito fechado, é preciso limpar, nós arranjam aqui funcionários municipais ou os sapadores florestais, mas antes de ir limpar temos que ir falar com o presidente do CD, mesmo os caminhos existentes. Aquele caminho ali está um bocado em mau estado, as pessoas a correrem o risco das pedras, ou têm silvas, ou está fechado, vamos fazer uma limpeza, eles autorizam e fazemos isso

AL: e os sapadores, quando falou dos sapadores, são sapadores da CM? Ou usam os sapadores dos baldios

[...?]

AL: quer dizer, há baldios que não têm, mas há outros que têm

Às vezes são funcionários da Câmara mas também já utilizámos esses sapadores dos baldios. Por exemplo, eu sei que em Terras do Bouro a Câmara tem um protocolo qualquer com os sapadores de lá que eles têm de dar não sei quantos quarenta dias, ou 47 dias de trabalho de troca ao município por troca de uma verba qualquer, parece que há um apoio qualquer que o município lhe dá e eles têm que dar aquele, assim uma parceria estreita com aquela cooperação. Depois eles, nós falamos com o chefe deles e eles vêm fazer uma limpeza num trilho ou noutro. A mesma coisa para os trilhos terrestres sinalizados, também acontece por vezes isso.

AL: ok. Mas não há qualquer contrapartida para os baldios, do teu conhecimento pelo menos, quando a Câmara utiliza, ou a Junta, a Junta talvez não, ou vocês, não há

Não. Assim um pagamento, não. Só se for a limpeza, que nós utilizamos, mas a nível monetário assim não

AL: sim, nem falo a nível monetário. Falava mais de, isso, ok usem mas tem que haver uma limpeza anual de uma área x, sei lá, estou a inventar

Sim. Não, isso não há. Há naquilo que vamos usar, se achamos que não está em bom estado propomos a limpeza e fazemos nós e asseguramos. Agora assim uma troca que nós façamos, isso não existe... até ao momento

AL: aqui a perspectiva das pessoas que não estão nos CD e assim é de que a propriedade comunitária tem alguma força ou que... ou seja

Não, força tem, porque existe e existe uma direcção e é uma organização. Agora não sei muito bem como é que isso pode funcionar.

AL: sim, mas imagino eu, para o comum dos mortais aqui da zona, que não faz parte do CD, que não faz parte de uma AC; que não nada, se se percebe sequer que existe esse tipo de propriedade aqui

Não se nota, para ser sincero não se nota assim muito

AL: nem há actividades

Acho que antigamente havia mais, os CD tinham outro poder e havia mais dinâmica se calhar com as pessoas mais antigas. Agora isto é, não se nota muito a intervenção deles, mesmo a nível de limpezas e assim

AL: pois... mesmo vocês que usam o baldio não notam essa

Eu agora também ando aqui confundido, não sei se, por exemplo aqui em Vilar da Veiga se a equipa de sapadores florestais trabalha exclusivamente para o baldio, se... não sei muito bem, sei que eles fazem trabalho de reflorestação, limpeza, isso fazem, isso nota-se, mas não sei se essa equipa é...eu sei que eles fazem algum desse trabalho, de vigilância, de manutenção de caminhos, mas eu acho que eles agora não estão exclusivamente ligados ao baldio de Vilar da Veiga. Se estiverem fazem trabalho, é uma equipa de 5 homens, eles fazem também trabalho para pessoas de fora, quem quiser acho que pode contratá-los, por 50 Euros por dia cada homem, eles vão e vão fazer a limpeza de terrenos privados, mas a maior parte dos dias eles andam aí, em zonas de reflorestação, trabalhos que eles andam a tratar, esse trabalho é visível por aí. Não sei se eles trabalham... acho que agora não trabalham directamente com o baldio daqui

AL: já não me lembro se era da freguesia, ou se era mesmo do baldio

De início era, mas nem era a freguesia, era o baldio. Mas agora acho que houve ali uma... desentenderam-se, o presidente do CD com as brigadas ao ponto de, do que eu ouço falar, era que, por exemplo, ele não libertava as verbas para lhes pagar e eles ficavam até dois e três meses de ordenado [sem receber]. Acho que havia ali, eles também depois chegaram a um ponto que não queriam obedecer muito bem à ordem do presidente do CD dos baldios, era mais era um engenheiro, era mais era um engenheiro da associação florestal que marcava serviço, era assim uma confusão que eles não estavam assim com grande relação. Mas prontos, se essas equipas de sapadores florestais estivessem afectas a um CD claro que eram sempre cinco homens durante todo o ano a fazer a manutenção. Alguma coisa existe mas se calhar, se fosse o tempo todo a trabalhar para aquele CD. Também não sei se o CD, não deve ter receita para manter isso. Antigamente acho que havia muitas coisas para vender, muitos pinheiros, agora acho que não há não sei, é o que eu ouço falar, não estou muito por dentro.

AL: entretanto esta empresa existe e também tens o trabalho na Câmara, isso não é conflituoso às vezes, sendo a mesma área de intervenção?

Não, eu tento sempre separar um bocado... por isso é que eu marquei para a 6ª à tarde, porque à 6ª à tarde eu trabalho até à uma só, na Câmara, e depois de tarde já não estou a trabalhar na Câmara. Eu tento sempre ter uma visão... o meu trabalho principal, tenho uma empresa mas eu normalmente sou técnico superior de desporto da Câmara, tenho aqui pessoas a trabalhar, vários funcionários, e eu no mês de agosto, que é a altura de maior... faço o meu horário na Câmara e não misturo o meu trabalho não faço serviços para o município nem nada disso. E meto férias ali no período de maior afluência turística, ali no mês de agosto tiro 20 dias que é quase o mês todo e venho para aqui trabalhar. Tem que ser

AL: é a única aqui na vila?

Aqui assim na vila é, mesmo na vila é

AL: e tem quantos anos isto?

Dez. em março faz onze.

AL: e durante todo o ano tem gente?

Nós estamos abertos todo o ano, agora há alturas muito paradas, como agora, estão dias de chuva. Aos fins de semana pode aparecer mais qualquer coisa mas nós temos cavalos, temos sempre manutenções a fazer, tratar os animais, montar, temos sempre de estar preparados, também se aparecer alguém estamos prontos, se não aparecer vamos fazendo manutenção à espera que venha a época boa. É como a formiga, trabalha-se bem no verão e depois

AL: mas o que ganha no verão dá para manter o resto do ano, acredito

[fala-se de como tem de se aproveitar a época alta, porque no resto do ano a despesas são fixas e há que poder cobri-las e de como aqui esta actividade é muito sazonal] mas nós temos lutado um bocadinho nos últimos anos contra essa sazonalidade, por isso é que também estamos abertos todos os dias. Se cai naquela rotina de “olha, só trabalho no verão”, as pessoas desistem de vir. Se vem até um casal por aí um dia da semana, e há isto para fazer ou aquilo começa a mudar um bocado a mentalidade e temos que se calhar semear um bocado para depois colher

AL: vir a haver uma parceria com os CD não é algo que esteja nos vossos planos, isto é, por exemplo, há determinados tipos de turismo que beneficiam desse tipo de parceria porque são pessoas que estão ligadas à terra, que conhecem todos os cantos do monte e que ainda mantêm alguma tradição, por exemplo, aqui anda há a Vezeira, mas vocês não exploram tanto esse lado não é, vocês pegam mais pelo lado do desporto.

Sim, fazemos caminhadas e também aproveitamos a parte cultural. Eu sou também presidente de uma associação aqui, que é o Lírío do Gerês que fazemos uma, há 11 anos, uma actividade que é a subida da Vezeira, num dia em que a Vezeira passa aqui no centro da vila, fazemos uma mostra gastronómica [...] também nos interessa vender um bocadinho dessas tradições como essa que é a Vezeira aqui de Vilar da Veiga.

AL: então o Lírío do Gerês é que está responsável por essa organização da...

Não, só pela festa. A subida da Vezeira tem uma... a subida da Vezeira não, a Vezeira tem uma, tipo, uma direcção, um juiz, um tesoureiro, um secretário, esses é que fazem a gestão

AL: o acordo não é, não sei se aqui também se chama acordo

É mais ou menos, eles têm uma estrutura que fazem uns chamados, fazem reuniões periódicas, quem falhar aqueles chamados paga uma coima de 50 Euros, depois todos os anos trocam aquela direcção, têm uma série de regras próprias, essa organização

AL: isso são eles que fazem na Vezeira, e depois entra o Lírrio do Gerês em que momento

Não, nós só fazemos uma festa, normalmente é o segundo domingo de Maio, em que o objectivo foi esse, pegar numa tradição que existe cá, uma tradição comunitária, e tentar adorná-la e também dar-lhe visibilidade, e aliar à principal actividade turística daqui que é o turismo, mostrar essa tradição e depois juntamos-lhe uma prova gastronómica ou uma chega de bois. Assim... é uma maneira de dar a conhecer a Vezeira de Vilar da Veiga, já é dez anos que fazemos, nesse dia vem muita gente já de propósito, mas por vezes anunciamos a actividade não com muita antecedência e chega aí agora no início do ano, já começam a ligar algumas pessoas a saber quando é. Passa o gado todo aqui no centro da vila depois há aí uns [...?], uns tocadores de concertinas, há uma prova gastronómica onde os hotéis metem os pratos numa mostra daquilo que tem e de pratos típicos aqui da região, depois à tarde há umas chegadas de bois como há em Montalegre

AL: e isso é organizado pela Lírrio do Gerês?

Sim.

AL: e já é muito antiga essa associação?

Sim, eu sou presidente para aí há 10 anos mas ela já existia, nem sei muito bem o ano da sua formação.

AL: e nesse tipo de reavivar das tradições também não há uma acção directa com os CD de Vilar da Veiga ou...

A nossa associação não. Se calhar noutras zonas mais rurais, se calhar onde o baldio tem maior expressão com a comunidade, em que fazem todos parte, aqui no Gerês como não há baldio, há Vilar da Veiga, ... não há assim... e se calhar se o baldio, acho que nem tem... se tivesse um lagar de azeite do baldio ou qualquer coisa comunitária, podia-nos interessar mais a nível turístico porque nós podíamos [aproveitar] aquele funcionamento, mas acho que não é o caso do daqui, há um lagar de azeite que eu conheço em funcionamento, mas tem sócios, mas não é os compartes dos baldios, por isso nós aqui nunca associámos, nunca ligámos muito aqui esta nossa actividade ao baldio por causa de se calhar não ter assim grandes atractivos, que eu conheça

AL: pois, para além da própria paisagem

Sim, os recursos naturais, que nós aí andamos e vimos e não nos põem restrições

AL: e se vierem a pôr, vocês continuam. Vamos dizer que um dia chegam aqui e dizem “olhe, agora pagam x por ano”

Não, tem de ser autorizado. Nós já pagávamos, há uns anos atrás havia uma licença do ICN que era paga, agora depende das taxas. Se for assim nós temos que lhe dizer o que nós fazemos lá para eles avaliarem o que nós temos de pagar, se for uma coisa suportável nós estamos dispostos a colaborar

AL: eu estou a mandar para o ar, que eu saiba não há nenhum projecto nesse sentido ahn

Não. Depende, se fosse uma coisa exorbitante que nos pusesse em causa a nossa subsistência, não podíamos pagar e tínhamos que adaptar

AL: essa taxa ao ICNF já não se paga?

Hmm, anualmente não. Antigamente era por actividade e era anualmente, agora não

AL: agora nunca se paga?

Acho que não, quer dizer, paguei nos primeiros anos e agora deixaram de cobrar

AL: ah, tem a ver se calhar com a [...] da associação

Não, deve ter alterado qualquer... não sei muito bem. Sei que a nossa... todos os anos temos de mandar um relatório das actividades que fazemos e a nossa licença para actuar em áreas protegidas é renovada todos os anos. Temos que mandar as actividades que fazemos, a carga de cada actividade, e depois se queremos manter as actividades, estando elas licenciadas, renovamos aquela licença para operar em áreas protegidas todos os anos, isso é, mas não tem lugar a pagamento de... não, no início tinha, não sei se foi por ser as primeiras, agora não estou bem recordado, porque eu na altura também trabalhava com uma empresa de consultadoria que me auxiliou nesse processo de legalização.

AL: ok... eu achava que sim, que se pagava... pronto, e com a Câmara, com a Câmara não há nenhuma relação com esta empresa? Para além de ti não é

Não... nunca prestei nenhum serviço para a Câmara

AL: nem para as Juntas nem assim. É só para perceber melhor as relações entre as várias instituições

Não, esta empresa trabalha mais é com turistas. É vocacionada mais assim para casais [...] e assim, trabalhamos não só com grupos grandes mas com grupos pequenos, juntamos aqui no verão, temos facilidade, estamos no centro onde há bastante movimento, mesmo nos circuitos de *jeep* ou a pé, vamos juntando, aparecem aqui várias pessoas por dia, vamos juntando para amanhã, temos um passeio pedestre, temos duas juntamos mais duas, mais duas, temos um circuito de

jeep, canoagem, vamos juntando assim grupos, não sobrevivemos aqui de actividades relacionadas nem com autarquias, nem com...

[...]

Carla – OPORTO ADVENTURE TOURS

Ao telefone (sem gravação audio)

Falei hoje com a Carla da *Oporto Adventure Tours* ao telefone. Ao mostrar-se sem disponibilidade de tempo, e depois de já lhe ter ligado tantas vezes nos últimos meses, ela quis saber exactamente o que eu queria, e começou a desenvolver conversa ao telefone. Ao início não nos estávamos a entender, mas ela insistia... e lá nos acabámos a entender.

Inicialmente a Carla insistia que não tinha praticamente relação com “os baldios”, referindo-se contudo aos CD. Quando lhe deixei claro que baldio é um espaço físico que eles usam sempre na sua actividade ela começou a perceber melhor. E aí rematou que ainda assim não usa assim tanto os baldios porque o Parque não deixa que os carros circulem nessas zonas. Eu discordei, que sim nas áreas de protecção total, mas não nas restantes. Depois percebi que ela se estava a referir, pelo menos em parte, aos sinais colocados pelo CD da Ermida em torno por exemplo da cascata do Arado. Disse-lho, mas ela contrariou dizendo que também vê deste tipo de sinais em outros baldios e que a fiscalização é feita de qualquer forma pelo ICNF/Parque.

No fundo a Carla está irritada com o Parque porque não permite, de forma pouco clara e nada coerente, que exerçam a sua actividade, muito embora tenham estabelecido parcerias com os CD, como foi o caso de Fafião. Ela dá um exemplo: costuma levar os clientes ao Poço Azul em Fafião. A utilização dos caminhos da zona de Fafião levou a que o CD local e a Oporto estabelecessem que, no lugar de haver um pagamento pela utilização, a Oporto iria manter os caminhos, alisando o terreno, etc., em troca da utilização. E foi neste contexto que levaram lá um grupo num destes dias. Quando chegou ao carro tinha uma multa passada pelo Parque, resultado da fiscalização desenvolvida pelos GIPS (se não me engano), de 200 Euros! Apesar do acordo estabelecido com o CD local. Que não lhe serviu de nada. Contudo, outras empresas que tenham elementos na equipa com terrenos nas imediações, não são multadas, uma vez que são considerados residentes. Se isto é assumido pela pessoa que acontece fiscalizar naquele preciso momento, ou se são regras de cima, não tenho bem a noção, mas segundo a Carla é o que acontece. De qualquer forma tenho a ideia que não existe qualquer diferenciação a nível de regras de utilização do espaço e dos recursos do PNPG, ao nível do plano de ordenamento, entre empresas com sede dentro ou fora do Parque.

Enquanto entre a Oporto e o CD de Fafião acontece uma relação de “simbiose”, de parceria, em que ambos têm a ganhar, e que foi posta em causa pela acção do Parque; o mesmo, segundo a Carla, não se poderá dizer dessas outras empresas concorrentes, como é o caso da Natural Park Tours, que como não tem marca no carro, não fazendo crer que pertence a qualquer empresa, e como os elementos têm

terrenos nas imediações, não são multados. A Oporto promove plantações no baldio de Fafião, por exemplo, leva pessoas aos locais, que deixam dinheiro nos serviços como restaurantes, etc., ganham ambos, ou, cada vez mais, ganham só os de Fafião, porque a Oporto tem vindo a deixar de levar os turistas a alguns sítios para evitar problemas, apesar de manter as relações com o CD de Fafião e com a Vezeira. O que ganham é uma comunidade que lhes é simpática, e isso também é um recurso que oferecem aos clientes. Mas os recursos não os podem usar com a liberdade que esperavam com essa relação com as instituições locais, porque o Parque não deixa. “Conseguimos gente que nos é simpática, que deixam a gente fazer o que queremos, mas depois não podemos por causa do PNPG”.

Para a Carla os CD deveriam poder passar uma licença a entidades como a Oporto sem que fosse necessária a actuação do Parque por cima.

Verifica-se assim, na perspectiva da Carla uma metodologia de conservação que se baseia em avaliações sectárias e injustas da acção de agentes como a Oporto ou as outras empresas que ali actuam. Se a empresa for composta por compartes então fazem o que quiserem, se vierem do Porto, como é o caso, ou de outras imediações externas ao Parque, então são afastados gradualmente em prol da actuação destas locais. Segundo a Carla esta é também a atitude dessas empresas concorrentes locais “porque é que vêm pessoas de fora explorar aquilo que é nosso?”. Contudo, refere ela, eles nem sequer são propriamente concorrentes, uma vez que os seus clientes são pessoas que vêm do estrangeiro para vir ao Gerês, e que só vêm porque fizeram contacto com a Oporto, se não, não viriam muito provavelmente. Eles chegam ao Porto e vão para o Gerês com a empresa. O contacto é feito fora do país ou pelo menos fora do Parque. Dessa maneira os clientes entre as empresas não são os mesmos, não há concorrência directa. Contudo para a Oporto há uma concorrência desleal no acesso ao Parque.

A Carla refere igualmente a esquizofrenia que domina o ICNF. Segundo ela cada pessoa que atende tem um discurso diferente quando ela se dirige para clarificar as regras de acesso aos recursos no parque. Um diz que não, outros diz que não se, outro diz que sim se... ela disse “até te agradecia se quando falares com o ICNF e obtivesses uma resposta no que diz respeito a esta questão me ligasses para me dizer, já que a mim não me conseguem responder. Quem sabe a resposta que dão a uma estudante de doutoramento é diferente da que me dão a mim...”

Refere também como o turismo organizado pelo Parque é quase zero. Faz a comparação com Arouca que é um destino à partida muito mais fraquito, mas que por isso mesmo investiram bastante no território para o tornar atraente. No PNPG, como se trata de uma área interessante por si só não houve qualquer investimento. A atitude das empresas turísticas é “estão com as pernas abertas à espera que as pessoas cheguem... e a cena é que as pessoas chegam mesmo”. Estas empresas são arrogantes na forma como actuam (palavra minha) e não contribuem rigorosamente

nada para a manutenção dos caminhos, por exemplo. Então qual é a solução para empresas como a Oporto? Ou qual tem sido? Evitar os locais que sabem à partida estarem mais sob olho do ICNF / GIPS. Isto faz-me lembrar o que me disse o Pedro de Fafião, que a Oporto lhes pede para serem discretos quanto aos locais onde levam os clientes, porque as empresas concorrentes andam aguçadas com a actividade deles. Provavelmente refere-se às locais, ou com sede interna ao Parque.

Enquanto as empresas internas ao Parque têm a tal atitude “pernas abertas”, a Oporto tem de se debelar com forte concorrência turística do Porto, e da zona do Douro. A concorrência é feita com 8 barcos da Douro Azul, por exemplo. Então tem de se esmerar e oferecer um serviço de facto de excelência. Incomparavelmente melhor (!) e mais respeitador do que os restantes.

Quando iniciaram sabiam no que se estavam a meter, contudo ainda assim decidiram seguir. E a verdade é que tiveram sucesso, e hoje a concorrência cresceu e continua a crescer a olhos vistos. Contudo é desleal porque as empresas de fora não têm o mesmo tipo de tratamento do que as de dentro. Dá o exemplo da Selvagem Aventura, sediada na Ermida. Diz ela que o CD da Ermida dá primazia à actividade destas empresas locais. Que essas podem actuar no seu baldio. São residentes. Lá está... os sinais espalhados no baldio.

Perguntei que tipo de relação estabeleciam com essa empresa por exemplo, se efectuavam alguma parceria ou se era sobretudo concorrência. Diz que esporadicamente já foi feita alguma parceria, colaboração, mas mesmo pontual.

Segundo ela se o Gerês é conhecido lá fora é pelo trabalho da Oporto que traz pessoal de todo o lado para ali. Não é pelo turismo do Gerês “que não faz bolha”!

ECOAGRI

Ponte de Lima

[...]

AL: e com os baldios nunca trabalham?

E: opa, trabalhei, trabalhei com Pincães

AL: também foram eles que vos procuraram ou...

E: sim, sabes quando pões um exemplo. Quando fomos lá, houve uma primeira ida, fui ver o parque, os baldios, para lhes mostrar aquilo, e eles já sabiam o que nós fazíamos. E então contactaram “opa também queremos”. E eu depois ia alargar para a Ermida e entretanto [...] e eu ia estender aquilo tudo lá por aquela vertente sul

[...] Fafião, depois nesta parte dediquei-me à aldeia, pensei como é que eu posso restaurar esta aldeia e pôr aqui turistas, depois lembrei-me disso, fiz a Vezeira e

AL: pois, essa parte interessa-me e bate com um dos grandes grupos de utilizadores do monte naquela zona que são os turistas

E: exactamente. Nós constituímos a associação Vezeira muito para complementar... os baldios têm a função que sabes, não é, gerir os baldios. A associação Vezeira tem outra função completamente diferente... foste à plantação?

AL: não fui. Mas isso também foi em parceria com a Oporto...

E: não, a Oporto Aventura chegou a... chegou o ano passado

AL: não, mas eu digo agora, nesta plantação...

E: comprámos as árvores, fui eu que as forneci, 10 castanheiros, 10 bétulas, grandes já, e depois lá um senhor, um particular, ofereceu azevinhos. Do Oporto Aventura conheci no outro dia o Nuno, e disse ao Júlio, opa, calminha com o Oporto Aventura porque a Associação custou muito a construir uma imagem, agora é muito fácil vir uma associação e colar-se à Associação, temos de sentar à mesa e [...] também sou presidente do clube de BTT [...]. De maneira que eu disse ao Júlio, calma... que eles o ano passado chegaram com umas plantinhas, pá, e chegámos ali e ficámos a olhar uns para os outros “que é isto?”. Chegaram lá num *jeepinho*, duas fotografias e aqui está uma campanha solidária “plante uma árvore, faça crescer uma floresta no Gerês”. Eles este ano estavam a sugerir um *slogan* diferente, a imagem foram eles que forneceram, que é as tais mãos sujas de cinza e o slogan era... ai, como é que era, ... era outra coisa qualquer... e eu “Oh Júlio, nem penses nisso”. O “faça crescer uma floresta no Gerês” já vem de há muitos anos, é esta que vais pôr, não... há aqui já muito trabalho feito por nós, e eles estão a sugerir... no outro dia um, “ah, vamos sugerir mudar o logotipo da associação...”, e eu disse logo “não...” (RISO Irónico). Por acaso foi aqui, aquilo é uma cabana e fomos nós. Mas está aquele trabalho construído e vem agora uma empresa de fora e vê... querem... vender e... por exemplo, o... não me lembro do nome dela, da Quercus, se calhar até conheces, foram a Fafião fazer uma limpeza de uma zona de teixo, a maior zona de

teixo do Gerês que já se ouviu falar é lá no baldio de Fafião e eles foram lá financiar a limpeza do... foram lá, pagaram tudo

[mostra no computador em cartas e tal, o trabalho que a Ecoagri fez na zona... “no fundo tudo o que perguntares está aqui quase de certeza...” “isto aqui é o logotipo do CD do baldio de Fafião” – descreve o que se vê, os projectos que desenvolveu na zona de Fafião...]

E: [...] aqui marquei aldeia e área de cultivo... baldio, cerca de 2200 hectares. Cabril, se calhar também é importante fazer uma referência, Fafião é uma das 14 aldeias de Cabril. A área geográfica de Cabril apanha vários baldios, aqui é Fafião, logo aqui é Pincães...

Este foi o meu primeiro projecto, foram 118 hectares de limpeza de matos, este foi o meu primeiro projecto em 2000 na altura, foi começado a executar em 2001, 2002, em que tive de novamente juntar o povo da aldeia, o projecto estava aprovado [...?]

AL: e o baldio tinha que pagar alguma coisa neste

E: não, não, era financiado 100% a fundo perdido. Estas medidas foram todas financiadas 100% a fundo perdido

AL: então como é que tu ganhas alguma coisa com isto, de que forma? A tua empresa...

E: eu, ganho a elaboração do projecto. Depois o segundo projecto foram 104 hectares, o que está a verde são os caminhos, porque eu incluía sempre a beneficiação de caminhos. Este foi um terceiro projecto, já com limite com Pincães, com o melhoramento de um aceiro

AL: mas havia plantação?

E: havia regeneração de pinheiro-bravo. Tudo isso depois está descrito... plantação foi, para teres uma ideia, foi aqui uma área de 2 hectares em cima, e estes 35 hectares foi depois aqui em baixo, foi tudo beneficiação [...] desramações, podas, selecção de árvores para o futuro. Este foi outro projecto, aqui é a maior mancha de sobreiro dentro do Parque

Estamos a falar, com isto, foram cerca de um milhão de Euros, com isto... que foram investidos aqui. De uma vez só claro que não era fácil. E assim mexi na área florestal e nos caminhos

[em termos de florestação] lá em cima pus pinheiro bravo, grande parte, em percentagens, foi 5% de carvalho americano, carvalho roble, castanheiro, freixo e bétula

AL: porque é que se usa o carvalho americano se temos cá outros tantos?

Porque é fácil, eu quando faço a elaboração do projecto tenho de ter em conta dois objectivos principais, o económico e o ecológico.

AL: e o carvalho americano cresce mais rápido, é isso?

E: e o pinheiro...

AL: o pinheiro sem dúvida

E: e depois o resto, no corte final fica o quê? As bétulas, o castanheiro, etc., etc. depois, como o compasso tem de ser apertado, compasso de 3x3, para depois ir havendo desbaste. E o que se vai tirando tem de ter grande valor comercial. Daí o carvalho-americano... há aqui uma utopia dentro do Parque... quando o director foi lá acima e pôs-se com a conversa do carvalho-cerquinho... “o senhor sabe, a taxa de crescimento do cerquinho? Ao fim de 50 anos temos uma árvore”. [...] Há uma plantação de 62 hectares, 12 é de folhosas, 50 é de pinheiro-bravo.

AL: e as árvores têm-se aguentado?

E: têm, têm... já percebes porquê não é?

[depois fez adensamento de carvalhais, com carvalho e sobreiro] 80 hectares de sementeira, que é quanto tu passas que é ali a Pigarreira, aquilo em frente tinha ardido, e como as cabras passavam ali diariamente a solução que eu arranjei ali foi semear. Pedi-lhes para durante dois anos tentarem não fustigar aquela área, para irem passando com as cabras por outro lado, depois começando a crescer... eles lá foram, comiam uma ou outra, mas conseguimos.

[...] em Salamonde, antes não havia pinheiros e agora está tudo cheio de pinhal

[continua a falar dos projectos que desenvolveu na zona de Pincães, Fafião...]

Pus quatro pontos de água

Parque de merendas, esta é a tal ponte da Pigarreira não é

Esta foi uma cabana que nós reconstruímos, Pinhô, já lá foste? Já fizemos outra para o vidoal, e [...] fiz uma coisa maior e disse que era para a brigada guardar aqui os utensílios e eles não autorizaram

AL: mas o que é que eles queriam?

Não deixam

AL: mas era uma casa florestal ou de pastor?

Não, não era nada, era um abrigo de pastor, e agora é abrigo na mesma. Quis fazer o abrigo para os sapadores não terem de percorrer quilómetros até Fafião para deixar as coisas, mas... isso vai-se resolver. Isto é o lagar do azeite

[...] E depois na altura nós tínhamos uma empresa que comprava os créditos de carbono, naquela parcela dos 35 hectares recebíamos como extra por termos lá essa plantação. Eu continuo a achar que o caminho da floresta será mesmo por aí. Taxar pelos gases que todos nós no dia-a-dia lançamos, dois cêntimos, pá, o que for, e aí esse dinheiro ser investido. Era começar talvez pelas autarquias, era criar aqui uma taxa, sei lá, uma taxa da protecção civil, haver o enquadramento legal para se

taxar a emissão do carbono que cada um de nós emite no dia-a-dia. Aí é um cêntimo ou dez cêntimos por mês a cada um. Pronto, isso representa um valor x ao fim do ano, para investir no revestimento florestal. E pronto, e isto é o tal curral de Pinhó, e isto infelizmente já ardeu

Isto agora já é a fase seguinte, isto agora já foi, já estamos a falar... que eu nunca deixei esta frase não é, "Fafião ... destino turístico", isto foi pensado em 2009, em 2010 foi criada a associação. Isto é a tal barragem que tu foste, e como vês não havia árvores, estavam acabadas de ser plantadas. Isto, eu fiz este trabalho para a aldeia... o primeiro *power point* que eu fiz para a associação [e mostra o PP]

[...] os folhetos, isto foi tudo feito aqui, modéstia à parte. O trilho da Vezeira, acho que já foi... mas na altura pensámos nestes trilhos, foram criados mais não sei quantos trilhos no âmbito de um projecto, mais uns kms valentes, com marcação, limpeza, recuperação dos chamados percursos de pastores, e com colocação de mariolas. Isto estávamos em 2009

[...]

Aldeia comunitária que é um termo que eu nunca deixo, mas Fafião, o tema ali é a construção de um destino turístico, mas aldeia comunitária vende, é um termo forte, que vende... e é efectivamente uma aldeia que vive de tradições. Daí pensarmos no Ecomuseu da maneira que foi criado, ele foi criado aqui, com estes projectos, comigo e com a Xana, que é a arquitecta que fez o projecto, em que o museu pouco é daquilo que lá está percebes, aquela sala grande com as cadeiras, as cadeiras não existem, foram levadas para lá pela Câmara. E o filmezito que eu andei a fazer...

AL: eu vi o filme

Viste? Pronto, fui eu que o fiz, com uma equipa de reportagem da TVI e começámos a desenvolver o processo museológico com o ESMAE do Porto, com um craque dos audiovisuais. Entretanto esta Câmara entra e o David que é o vice-presidente da Câmara, muda de cor, politiquices e tal, estraga tudo, pôs as cadeirinhas e fiquei por aí. Mas não parámos, já temos uma candidatura em andamento para dar continuidade ao que nós queremos que seja o nosso Ecomuseu que é uma coisa completamente vanguardista... entras numa sala, na porta, e é-te desenhado um percurso no chão e tu vais percorrendo um percurso e vais disparando fotocélulas e ele vai disparando filmes, de dois minutos, um minuto, que são imagens da vezeira das cabras, da vezeira das vacas. Em vez de estares ali sentada, é-te disparado à medida que vais percorrendo o caminho fazes disparar as fotocélulas e... era isso tudo que nós tínhamos pensado, é isso que está aqui programado, e há-de ser isso, se deus quiser, que há-de...

AL: mas como é que surgiu o Ecomuseu? Portanto, terá surgido primeiro a Vezeira não é, o Ecomuseu já existiria em Montalegre, não é

É, o conceito de Ecomuseu começou em Montalegre, depois eles foram abrindo polos nas aldeias, havia quatro, Fafião foi o quinto. E o Ecomuseu, modéstia à parte

também, eu ouvi falar, estávamos eu e o Gouveia, e o Gouveia diz “a Câmara está a pensar em abrir um polo do Ecomuseu em Cabril, no lagar do azeite de Cabril, não sei quê”, e eu virei-me para o Gouveia “não vai ser em Cabril, vai ser em Fafião, sabe porquê senhor Gouveia, porque as Portas do Parque que eram para ser aqui foram para Paradela, portanto agora temos um bom alibi para ser aqui o coiso... vamos a Montalegre?”, “vamos!”. Lá fui chatear o presidente da Câmara [...] e hoje está ali. Não havia, andámos para comprar um terreno que era uma quintinha lá, e uma das vezes que o presidente veio lá, viu onde é que estava o Ecomuseu e disse “opa, aqui era um bom sítio. e eu pensei “já te fodeste”, porque aquela casa era minha e eu tinha um projecto aprovado para reconstruir aquilo. Pronto, vendi... fez-se o Ecomuseu e eu entretanto comprei outra. E então o conceito museológico estava a ser feito não é, está aqui, que ele não sai daqui, que eu nunca perco o ouro

AL: aquela alteração que houve no casario da aldeia, uma casa que foi destruída em prol do... porque não dava muito jeito passar tractores e assim

E: eu nem quero falar nisso... isso não tem nada a ver comigo

AL: ah, está bem, está bem. Eu estava a pensar se teria a ver com esses projectos. [RISOS] pelos visto toquei num ponto chato... não fazia ideia

E: não. E eu explico-te porquê... eu lidei com quatro presidentes do CD, o Gouveia, o Bruno, o Júlio e o Xavier, em que as coisas eram pensadas aqui, eram amadurecidas lá, com eles, mas sempre luz verde e as coisas a andarem sempre. Entra o Miguel, a primeira coisa que o Miguel tenta fazer é “engenheiro João Paulo andor!”. Projectos, não faz projectos... pá, nunca percebi bem, nunca fiz nada ao Miguel, lembro-me dele de pequenino, vi-o crescer, que ele é mais novo do que eu, nunca percebi bem, mas sempre fui andando com as coisas dele. Portanto os meus pareceres para a área florestal quase que deixaram de valer. A grande obra do Miguel, até hoje, foi deitar uma casa abaixo. Que eu pedi pelas alminhas para não, mas ele foi deitar uma casa abaixo e construir uma nova por trás da igreja, fica horrível, uma casa nova, amarela, por trás da igreja, foi feita porque aquela foi destruída, e aquela que estava a fechar a rua, porque a rua nunca há-de ser larga. O que dá graça a Fafião é entrar naquela ruínha estreita e sair na ruínha estreita para o largo da igreja... e eu dizia-lhe “oh Miguel, não deites a casa abaixo, já está, a outra já está feita, ficamos com essa casa para a associação, ficamos para o CD, o que é bonito é esta rua aqui, estreita, e pensa para a frente. A ideia que eu tenho aqui para a aldeia é tirar os paus de cimento e por os candeeiros, como há em outras aldeias, e é principalmente o largo da igreja e esta ruínha, pôr ladrilho, com sobreiras, com... pá, não deites a casa abaixo, não deites...”. E o pessoal da aldeia, toda a gente concordava. “Vais deitar a casa abaixo vais pôr ali um estacionamento para carros, é horrível”. Foi a grande obra do homem... percebes... e é por isso que eu digo, não te lembras mas eu tenho fotografias, era giríssima aquela rua. Fafião é feioso... mas aquela zona ali era mais ou menos, percebes, a ruínha estreita e tudo isto... agora caiu a casa e ficou ali...

[telefone toca]

[continua a mostrar as ideias que subjazem à Vezeira, os projectos, as linhas de actuação, as medidas de financiamento que estavam abertas...]

E: há casas que estão a ser restauradas, há várias que estão a ser restauradas, no fundo isto é o que nós chamamos de albergue difuso, ideia criada em Itália, numa aldeola italiana, que vende muito, aparece sempre no Descobre e tudo isso, que são umas casinhas pequeninas reconstruídas e alugadas, neste caso eu pensei na associação para promover e alugar, e depois o turista vem e a associação diz “temos estas casinhas pequeninas, assim e assado, ou então temos o hostel...”, que vai ser criado pelo Gouveia, que está a fazer um projecto, mas neste momento eu acho que já há hostais a mais, o hostel que o Diogo e a Lúcia estão a criar

AL: aquela casa muito feia à entrada

E: sim

AL: vão recuperar?

E: vão recuperar... e está pensado ali um restaurante e aquilo que eu chamo a loja da aldeia, uma aldeia que não tem uma mercearia, não tem

AL: pois é, isso é um bom investimento

E: pois é, por isso estamos a pensar nisso, e estamos a pensar em tudo, no turismo... queremos pôr os turistas lá dentro mas temos uma merceariazita, um sítio para comprar um penso higiénico, uma escova de lavar os dentes, pronto, isso está a ser tudo criado. E depois aqui, a recuperação [...]

AL: tu antes de trabalhares em Fafião não tinhas nada a ver com a aldeia?

E: não... aquilo de há bocado foi o primeiro PP, o que foi feito, e a este chamo-lhe fase II, que é aquilo que está a ser feito. Então qual foi a primeira actividade que nós criámos, é o fumeiro, a plantação, a tal do “faça crescer uma floresta no Gerês. E depois no primeiro sábado de junho, sempre, temos a plantação dos currais da Vezeira. Depois criámos uma actividade que é colocação de mariolas nos trilhos e o trilho do medronheiro

AL: e vocês de alguma forma trabalham com a ADERE?

E: não... mas este foi um projecto financiado também pela ADERE (um que ele estava a mostrar no ecrã), por isso é que eu pus aqui o logotipo deles

[fala de como era para ser o Ecomuseu, mostra o projecto que tinham caso tivessem enveredado pelo primeiro sítio que iriam comprar, mas em que o negócio de compra não foi para a frente... fala das sete maravilhas, de como já estão a trabalhar para isso também, e de como está convencido que vão ganhar... mas não ganharam]

AL: [voltando ao Miguel a conversa, inadvertidamente], por acaso queria perguntar precisamente, como tiveste contacto com várias equipas de gestão do baldio, se notaste algumas diferenças, melhorias, etc. ao longo do tempo

E: eu não respondo a isso

[RISOS]

E: pois, oh Ana Luísa, não sei que te diga em termos do CD... para tu teres uma ideia, temos um projecto aprovado na CM, para a escola, para a nossa escola... o que é que eu pensei, eu e a Xana...

AL: também é da Câmara de Montalegre, a Xana?

E: não, não... fez o projecto da minha casa, fez o projecto do Ecomuseu... pronto, a ideia era restaurar esta escola, fazer dela isto... [mostra o projecto... inclui restaurante, camaratas, etc.]

AL: fixe...

E: pois...

[RISOS]

AL: mas eles usam muito a escola para fazer as festas da aldeia não é? Se calhar não é compatível...

E: e o Miguel queria passar isto para a associação e eu já disse ao Júlio que não porque... já é demais. E também não é bem o âmbito... é, poderia ser da associação, mas preferimos que seja o CD a fazer o projecto. Depois há toda a questão financeira não é, eles têm dinheiro e nós não temos. Uma associação tem sempre muito pouco dinheiro. Resumidamente... Fafião. Estão aqui dois PP que quase que respondem a tudo o que podias querer saber

AL: sim, sim, sem dúvida

E: tudo o que quiseres saber da associação Vezeira, está aqui tudo...

AL: curioso, não fazia ideia que por trás da associação Vezeira estaria uma pessoa que não é de Fafião

E: vou dar-te aqui um trabalho, que é o resumo de muita coisa, que foi um trabalho que eu fiz para apresentar à fundação EDP para ir lá sacar dinheiro, fomos lá sacar algum dinheiro. No fundo o que é que é... eu explico...

AL: e vocês com o ICNF têm de ter alguma relação não?

E: para tu teres uma ideia, qualquer projecto, todos aqueles projectos florestais que eu elaborei, é necessária a aprovação prévia do ICNF

AL: por ser do Parque?

E: por ser do Parque... o CD de Fafião está na alínea a) e isso quer dizer que eles têm gestão autónoma, podem cortar e vender o pinhal e toda a fonte de receita é para Fafião... eles, salvo se determinada área fosse plantada pelo Estado, que já não é o caso, penso eu, e qualquer acção que se passe lá, é necessário que o Parque dê o seu parecer, mesmo para a construção de uma moradia, é necessário o parecer do Parque. Eu na altura como é óbvio [...?], o Marco e o Jorge, que são técnicos que já

lá trabalham há anos, e o Nelson, que entretanto saiu, eles... eu idealizava o projecto, o que é que íamos fazer, eu fazia um projecto mais resumido, o que é que vamos plantar, o que é que vamos fazer e eles davam o parecer técnico e depois então é que

AL: e a ideia que tens deles na acção, se tens alguma percepção se há técnicos, se têm capacidade de trabalho, se o Parque tem alguma influência sobre a gestão da floresta, no fundo, porque nos baldios ouve-se sempre dizer que o Parque está ausente

E: é... tu sabes que isto no nosso país pequenininho tem sempre muito cunho político, e o povo, os CD... deixa lá ver se arranjo as palavras certas

[RISOS]

E: vou ser muito cirúrgico, o povo não gosta muito, não lida bem com a responsabilidade, já desde pequeninos, não é, se nos lembrarmos, fazíamos uma asneira e nunca éramos nós, era sempre o outro, o povo nasce com esta cultura “nós não temos responsabilidade, o parque é que tem de fazer”... o povo ainda não percebeu, e Fafião já percebeu, alguns já vão percebendo, que não fazem ideia da mais-valia do que está dentro do Parque Nacional Peneda-Gerês, é o único. E eles é que podem usufruir disso. E o PNPG é o povo, são as aldeias com a área florestal. Ele só foi criado politicamente, foi marcado. E depois há uma entidade que gere, gere a Mata Nacional, tem lá áreas que são nacionais, e o Parque limita-se a legislar, e a obrigar e a fazer cumprir algumas coisas, e limita-se meramente a isso. O povo acha que o Parque é que deve fazer tudo, não! Se o Parque faz, eles não o deixam fazer, mas por outro lado, não fazem e a culpa é sempre do Parque... aqui há uns anos atrás, o Parque fez o Plano de Ordenamento, em que queria criar um Pan Park, na zona da protecção total, lá para os lados dos Carris, há sete no mundo Ana Luísa! Sete! O que nós não ganharíamos se fosse criado um Pan Park

AL: mas o PNPG faz parte da lista dos Pan Park...

E: não chegou a ser... fiquei a saber no outro dia que não chegou a ser criado. Foram criadas as zonas de protecção especial, não sei quê, que ok, está criado mas não está devidamente regulamentado. Porque teria de se estabelecer regras das pessoas que iam para a serra. E eu defendo que tem que haver regras, agora desviando um bocadinho... eu não concebo que um grupo de 10-20 pessoas saia num carro em Fafião e vá pela serra acima. Sim vai! Mas vai com o aval da associação Vezeira, com o Parque. Levam um guia, pagam uma taxa... está lá na lei que é obrigatório pagar uma taxa e depois são guiados à serra, não faz sentido o que está a acontecer que é, vais para lá com meia dúzia de pessoas, cai a noite não sabes onde estás, perdes-te e aí vão os [...] resgatar o fulano não é? lá vão eles todos atrás a gastarem do nosso dinheirinho, aquilo deve ser tudo legislado, e nessas coisas deve dominar o princípio do utilizador-pagador... tu queres ir lá com o teu grupo de Lisboa, vais ver um teixo, não fazes ideia do que é um teixo, provavelmente, e eles também não, vais ver um teixo, é único, a espécie é única, só há aqui, há aqui e no mundo inteiro não há mais em lado nenhum... o feto do Gerês, toda a gente conhece o feto do Gerês, só há aqui neste sítio, então para ver são

visitas guiadas, no mundo inteiro, vais, tiras fotografia... o lírio do Gerês, só há ali... e o Plano de Ordenamento prevê isso tudo, só que o povo, como acha que sabe, acha que é tudo ... [depois não se percebe as palavras, mas está a criticar as críticas do povo contra o *pan park* e outras questões relativas ao Plano de Ordenamento do PN]

AL: mas como assim? Não percebi, foram num autocarro?

E: foram-se manifestar contra o Plano de Ordenamento, contra as áreas... depois o povo é injectado com... não percebem que pode haver um Plano de Ordenamento, pode haver restrições e eles podem ganhar dinheiro, que é o que queremos fazer aqui em Fafião

AL: mas é que pelo menos o que eu vejo é que essas taxas vão todas é para o Estado, não pinga nada para os locais digamos assim. Se vão para o baldio e se há uma taxa para entrar numa área de protecção especial ou total ou que é, não é o baldio que ganha com isso, é o Parque

E: pois, eu agora meto-te as coisas ao contrário, imagina tu o que é que Fafião pode ganhar se realmente isso for, se realmente for proibido e só pagando uma taxa, eu aqui na associação, está aqui nos estatutos, que foram feitos por mim. Nós podemos cobrar uma taxa, e depois, claro, teremos de pagar essa taxa ao Parque. Agora imagina, se eu não ganhar dinheiro na taxa, porque quer dizer são trocos, já não me lembro quanto era, são trocos, uma ninharia, quanto é que eu ganho para ter aquelas pessoas em Fafião alojadas a comer e a beber... percebes? Quanto é que eu ganho indirectamente a ter as pessoas aqui em Fafião... que eu não conhecia, nem quase ninguém conhecia Fafião. Hoje... nós estamos sempre a vender Fafião como uma aldeia comunitária dentro do Parque PNPg. Fafião vende aqui a nível nacional, o Parque vende no mundo inteiro, nacional e no mundo inteiro. O povo tem que pensar por aí. As pessoas a virem ver coisas únicas, isto cada vez tem mais turistas, usufruem dos cafés, da restauração, do alojamento, da compra dos ímanes que nós temos lá. E mais... zelar pelo património que nos foi deixado, que é a área florestal

AL: até era mais nisso que eu estava mais a falar quando falei do ICNF... porque, Fafião está em autogestão, mas quase todos os outros baldios estão em cogestão. Cogestão pressupõe a actuação do Estado, portanto do ICNF, e o que se verifica no campo, Pincães é um exemplo, que estava em cogestão mas que agora requereu a autogestão, que há muita pouca actuação do Estado na parte florestal. E supostamente seria da sua competência como cogestor actuar na gestão florestal ao nível dos desbastes e tudo o mais que envolve. E, segundo dizem as pessoas no campo, isso não acontece. Então estava um bocado a tentar perceber se a tua percepção é a mesma ou... se vês malta do Parque a trabalhar por lá... eles dizem “ah, eles andam aí, de *jeeps* a passear”. E eu não estou a falar só de Fafião, isto é pelo Parque todo.

E: imagina o que é que é... falaste certamente com o Rui

AL: sim, também

E: [RISOS] isso são as tais pessoas que não deixam, não fazem, ele fez os projectos que fez, foi comigo, fui eu que os fiz. Essa função é do CD, é fazer... o Parque tem a função de regular as coisas...

AL: isso é o Parque... digo o ICNF como serviço florestal, digamos

E: o ICNF agora... mas é o Parque, que agora tem gestão autónoma, vamo-nos reportar agora ao PNPG. O ICNF agora apanha o Ministério da Agricultura, o ICNF é agora uma coisa quase sem nome

AL: sim, sim, mas continuam a receber 60% das receitas da floresta dos baldios

E: o Estado recebe, mas também as plantou

AL: já lá vão uns tempos

E: mas eles também podem sair. Pincães saiu, Vilar da Veiga, ao lado, saiu

AL: Vilar da Veiga saiu?

E: sim, há o baldio, desde a Ermida

AL: ah, a Ermida sim, mas...

E: sim, todos querem sair. E agora eu pergunto, ok, saíram, já saíram há uns anos, e algum deles já reflorestou, já fez projectos

AL: não há assim tantos que tenham saído ahn...

E: Vilar da Veiga tem uma área significativa

AL: Vilar da Veiga, a ultima vez que eu falei com ele, que foi para aí há dois anos, ele não tinha saído. Ermida sim, e Fafião sim

E: oh Ana, isso são *fait-divers* de quem não faz nem quer fazer. O Rui fez, e o que fez foi comigo, porque acreditou e somos amigos. Isto é quase tudo como São Tomé, ver para crer...viu o de Fafião e depois também quiseram, mas já foram tarde. Os CD, quem está à frente tem de ter visão, e às vezes um gajo chega lá e põe-lhes à frente isto, isto, isto, ou então eles têm de perder muito tempo a pensar nisto tudo. Porque isto, as coisas não ... ainda agora, tudo o que está aqui não surge assim num estalar de dedos, não, tem que se pensar. E é para isso que existem os técnicos [...?] e eles têm de primeiro acreditar, e a grande maioria dos CD, não, ficam parados. E pensam que o Parque é que tem de ir... não, não faz! O Parque, os técnicos fazem candidaturas para as áreas da Mata Nacional e fazem muitas candidaturas... eu tenho aqui, sei lá, eu executei desde Castro Laboreiro até ao raio que o parta, [...?] caminhos e infraestruturas que foram candidaturas do Parque para o benefício do Parque e dos CD. O Parque faz muita coisa, percebes, a receita que o Parque tem é justa, e se pensarmos que aqui há um grande problema de défice de informação do povo que não percebe que o Estado somos nós, se ela é bem aplicada ou mal aplicada a culpa também é nossa, ou não é? Nós é que votamos... mas é, não há como fugir. Depois há outra questão, é que para [...?] não é preciso prestar provas, para andar na faculdade eu tenho que prestar provas, eles não têm que prestar

prova nenhuma... agora os CD não têm com que se queixar, só têm que trabalhar... a grande maioria dos presidentes do CD gostam-se de se armar a que são presidentes do CD ou presidentes de Junta... sabes que eu fui presidente de Junta 12 anos. Mas cheguei aqui [...] sair. Eu cheguei aqui tinha um propósito para esta freguesia, daqui para cima, fazer [...?], e fiz, fiz muitos projectos e deixei dinheiro. Não andei aí de peito feito, aliás os meus amigos na altura até gozavam comigo, porque eu na altura tinha 33 anos, como presidente da JF. A grande maioria é o contrário, e não fazem... e é o grande mal, e ainda mandam bocas... o grande mal do Parque e de toda a área florestal é esse. Lembras-te do exemplo que eu te dei, no início... duas áreas grandes, quem realmente gere a área florestal, e quem não gere, que são a grande maioria dos presidentes dos CD... percebes? Não querem, não são práticos, é o grande problema... e as coisas têm de ser ditas com frontalidade... em Portugal nós temos muito a mania do politicamente correcto... epa, mas não... tem de se dizer de uma vez por todas. Foi por isso que eu te digo que em tudo na vida é preciso compromisso e obrigatoriedade. Eu dou muito como exemplo de não fumar... foi um 31, “agora não se pode fumar” e não sei quê... hoje ninguém fuma nos restaurantes, ninguém fuma nos cafés, toda a gente acatou e está-se bem. Ter uma área florestal, toda a gente tem, mas não tem compromisso nem obrigatoriedade. Um gajo para ter um carro na mão tem que o comprar, tem que ver os pneus, se estão carecas jáavas, tem de ter os piscas a funcionar, tem de ter carga, tens de ter inúmeras coisas que gastas e que se eles te mandam parar tens de ter porque é obrigatório... porque é que na área florestal não há-de ser? Compromisso e obrigatoriedade. É ou não é? Porquê? Porque é que temos de ser diferentes do resto do mundo?

AL: sim, eu só acho é que no caso dos baldios a questão é histórica

E: então temos que mudar

AL: a floresta foi introduzida à força

E: temos que mudar. Eu dou-te o exemplo de Fafião, mais uma vez. O Gouveia, que é um bocadinho mais velho do que eu, o Bruno, depois escolhemos o Júlio, que já dei o meu parecer, é um rapaz novo, e escolhemos o Xavier que era um rapazito novo... e o Miguel também foi posto lá, porque ele não foi posto. Era para ser outro... tínhamos sempre pensado noutra, que era a Lúcia, só que chegou a altura, ele pôs-se lá, “que é a minha vez, que é a minha vez...” e o pessoal lá o apoiou.... porque é daquelas pessoas... ele agora está a mudar um bocadinho, a começar a ser um bocadinho mais humilde... porque acha que... achou que tinha de ser presidente do CD. E para isso tem de haver compromisso. Não é achar... e a grande maioria dos presidentes do CD são assim. O Rui [...?]. Mas gostam todos do... mas não fazem. Há candidaturas, que muitas delas abrem e fecham. Porque não sabem preencher os papeis, porque dá trabalho...

AL: mas eles também trabalham com a Joana,,, com a Joana isto é, com o Secretariado dos Baldios... que também os ajuda nessa parte das candidaturas

E. claro, ajuda...

AL: estás a ser irónico [RISOS]

E: [RISOS] já eu lá andava quando a Lúcia apareceu. É claro, dou-me bem com ela (...) a Joana sobrevive, o CD... aquela associação é criada pela Joana para sobreviver

AL: estás a falar da associação dos baldios do PNPG? É que depois há o Secretariado

E: mas para chegar lá... ou eles fazem a candidatura e pagam, que eu acho que devia ser essa a acção, mas a Joana não chega para tudo, e se calhar um presidente do CD não chega lá com as coisas estruturadas para se fazer um projecto. No outro dia abriram as candidaturas, liguei ao Miguel... “Miguel, abriram as candidaturas para a área florestal, quem é que vai fazer os projectos? A Joana, ou queres que eu faça?”... “vou pensar”, diz-me ele... “vou pensar”... naquela fase dele de.. “então pensa lá na tua vida”. E ele pensou. E eu fiz três candidaturas e submeti, pedi a papelada e submeti. A Joana não sei se fez, porque também tem lá o coiso para as candidaturas. Uma coisa é, haver a ideia, e concretizar essa ideia. Eu disse-lhe assim “eu faço isto”. Bem ou mal, com erros ou sem erros, saiu-me da cabeça e está aqui feito. A grande maioria dos CD não sabem o que querem e depois não têm quem lhes faça as coisas do princípio ao fim. No nosso país há muitas ideias, mas depois não [...?]. Há um problema, há, que é já estrutural no nosso país. A primeira vez votei contra a regionalização, hoje votava a favor... infelizmente, num país tão pequenino, mas isto está tudo centralizado em Lisboa. Toda a aprovação, todos os projectos vai tudo canalizado para o poder central, para Lisboa, afunila tudo ali. E nós, dá ideia que os da província e o resto do país deve pedinchar alguma verba quando sabemos que grande parte, o grosso do dinheiro, é gasto em [...?]). Agora é a malta dos bancos, aos milhões... e nós andamos [...] [fala do Sócrates]

AL: tu ali do Parque lidaste sobretudo com Fafião e Pincães, ou lidaste com mais?

Lidei com muitos, desde lá de Castro Laboreiro [...?] aqui no currículo da minha empresa, a quantidade de projectos, e de Juntas e de CD. Só que agora cansei-me um bocadinho e virei-me para a Comporta, e numa herdade tenho lá mil hectares à espera de aprovação e quero ver se

AL: mas que pertence a alguém

E: pertence a uma cooperativa

AL: já estão organizadinhos

E: já está tudo, já está tudo organizadinho, em 100 hectares cada um fica com um hectare, a piscininha, a casa, e depois a área florestal é a régua e esquadro

AL: e agora dedicando-te a isso deixas de te dedicar a...

E: não... estamos a falar de áreas a régua e esquadro [...]

[mostra a lista dos projectos todos da empresa dele que focaram a zona de Fafião, e do Parque]

Nós queríamos que a EDP financiasse o polo II [o polo do Ecomuseu de Fafião], ter tipo eficiência energética, dar um nome, tipo museu EDP, acabámos a negociar 60000 Euros, na altura era eu e o Xavier, porque este projecto foi apresentado lá em baixo, ali, e depois lá em baixo em Lisboa para dar uma verba de 60 000 Euros, que entrou no CD directamente. Porque eu soube que a EDP deu um milhão e meio ao município de Montalegre, mas não podes ir lá buscar, que aquilo é tudo política. Então “você receberam milhão e meio da EDP, então este polo tem de ser [...] sem falta nenhuma”. Foi daqui que nós fomos para a fundação EDP, porque eu queria arranjar financiamento para isto. E ele agora existe, em 90%. Era isso que eu queria descarregar para o Miguel, “trata lá da candidatura...”

AL: mas o Miguel não está nisso?

E: não, ele não...

AL: mas não percebi, isso dos 90%, conseguiram?

E: isso foi uma candidatura que abriu. Mas não, não foi feito

AL: ah não foi feito

E: não, andamos nós a fazer uma para a associação. Porque isto agora, eu, o Júlio, o Xavier, temos os nossos canais para as candidaturas fazer os projectos, e os consultores deles... há aqui tipo um *apartheid*

AL: eles?

E: eles, do CD, do Miguel, da Lúcia, há aqui uma divisa

AL: ah, sim? Eu achava que ele estava na mesma linha do Xavier pelo menos

E: o Miguel tem de ouvir, e tem que me ouvir a mim. O ano passado fizemos aí uma plantação e ele teve um rasgo de humildade, veio ter comigo “oh João Paulo, a melhor plantação que já fizemos”... vá lá, teve um rasgo de humildade. Porque o CD é a entidade que tem dinheiro... mas nós agora vamos tendo, trabalhos... sou eu, o Júlio na direcção, e depois

AL: na Vezeira?

E: e temos que engendrar... sim, na Vezeira. Metemos lá a Liliana... foi uma candidatura que eu fiz ao centro de emprego, um estágio profissional.

AL: ah, não tinha percebido como é que ela recebia. Ela própria não me sabia dizer, “ah, uma parte da câmara, uma parte da Vezeira...”

E: não, recebe 80% do centro de emprego

AL: ah, o estágio vai começar, ainda não começou

E: já começou... eu onde puder ir buscar dinheiros...

AL: e tu fazes isso porque gostas de Fafião?

E: simplesmente porque gosto de Fafião, a minha vida é aqui. Tenho lá a minha casita, fui lá o outro fim-de-semana, fui lá este, agora vou lá para o próximo porque é a inauguração da exposição dos Carris

AL: então tu praticamente és comparte... se forem os que estão no caderno eleitoral não és [RISOS]

E: só eleitor é que é... só para tu teres uma ideia, na... até a organização da festa do Santo, eu tenho isso tudo registado, até isso é comunitário, é rotativo, até isso vai pelas casas. E não são as pessoas, são as casas... e agora no próximo ano, eu sou um dos mordomos. Eu já disse que não fujo à minha responsabilidade, e estou lá para os ajudar

AL: mas a lei não te deixa ser comparte

E: deixa... eu sou comparte.

AL: ai, não, se tiveres terrenos podes

E: e eu tenho, e vários

[procura as fotos da casa dele e mostra]

Quem me fez esta casa foi o Xavier, foi a primeira obra dele

AL: ah, então isto já é antigo...

E: é de 2010

AL: a empresa dele é de 2010, pensava que era mais antiga

E: não, não. Ele era empregado do Gouveia, e ele depois queria-se lançar e eu disse "vais-te lançar, vais ser um empreiteiro, tens aqui a minha casa para executar"... e foi a primeira obrinha dele. O projecto é da Xana (...)

[introduzo novamente a ADERE... e exponho a minha admiração pelo facto de eles lidarem tanto com o turismo, e a ADERE também, no PNPG, e não haver qualquer contacto entre as entidades...]

E: eu acho que nós temos mesmo de começar a trabalhar com a ADERE e com o Parque. Acho não. Está aqui na minha cabeça... porquê? Isto é tudo feito, como vês aqui, é tudo etapas, quando eu e a gente de lá sentimos que está na altura de abrir portas, divulgar, que temos base, claro que sim Parque, claro que sim Região de Turismo, claro que sim... para vendermos. Neste momento não me adianta muito estar a vender uma coisa que está a ser construída... mas estou a tratar, já levei um amigo meu lá a minha casa para a por para alugar para turismo. O Diogo tem lá os quartos... Eu quando abrir lá para o turismo, quero abrir para uma classe média alta, o tal albergue difuso, a minha casa, a casa

AL: pois foi nessa altura que me lembrei da ADERE, porque eles chegaram a ter uma base de dados das casas. Por exemplo, a casa do Xavier vai mais ou menos na linha da minha casa, foi também a Xana que fez o projecto, e há mais uma ou duas a ser construídas. O tal albergue difuso, é isto.

[explora a ideia do albergue difuso em Fafião, e o conceito como seria aplicado]

Quando essas casitas estiverem prontas para alugar aí então.... ADERE, região de turismo, e depois com as plataformas electrónicas... porque hoje é através dessas plataformas que o turista vem cá ter [...] o que faz de Fafião diferente,,, os rebanhos, a Vezeira [...] mas para já ainda falta essa base, portanto a ADERE nunca está fora dessa hipótese, nem essas instituições, elas existem e nós temos é de fazer o nosso caminho. É por isso que eu digo, se todas as aldeias pensarem dessa forma estruturada, todos ganham.

Já agora uma curiosidade, por causa daquelas filmagens, do vídeo que fizemos lá

AL: pois, eu não sabia que tinha sido a TVI

E: não foi a TVI, estiveram lá foi vários jornalistas. Mas o vídeo não foi feito nem pela nem para a TVI, foi para mim, fui eu que o paguei, fui eu que lhes paguei, a eles. Na altura foi perto de mil Euros que me custou, para fazer esse levantamento

AL: ah ok. Mas tiveste financiamento

E: não, não. Fui eu. Foi o meu contributo para a aldeia. Todo o texto, aquela voz é de uma técnica do ESMAE, o texto foi escrito pela Andreia, que não conheces, já ouviste falar dela, e por mim, foi por mim e por ela. Passámos aqui horas, ela escrevia o texto [...] pois a ESMAE fez aquele vídeo

AL: mas aquilo não é assim muito visitado ou é

E: é... para teres uma ideia, este ano, desde junho até ao final do ano, passaram por lá 2500 que ultrapassou o conjunto dos outros polos

AL: boa. Eu digo isto porque apanho muitas vezes a Liliana aborrecida

E: é normal

[...]

AL: o CD agora é mais a venda das madeiras não é?

E: ele está a fazer uma história muito engraçada que tínhamos começado, com o Xavier e com o Júlio, e que o Miguel agora implementou, que é ter uma brigada só para extrair madeira, através de desbastes selectivos. Porque a prioridade que nos têm dado é, junto aos carvalhos, o pinhal está debaixo dos carvalhos, ir retirando. Põem a madeira em lote e depois vendem em lote, e deixamos os carvalhos

AL: mas dizes que há uma equipa só para isso?

E: há

AL: porque me lembro que eles tentaram fazer uma equipa mas não conseguiram ninguém, não é essa a equipa que estás a falar ou é?

E: conseguiram

AL: eu vi lá o anúncio na paragem de camioneta a chamar pessoas para a equipa e fiquei com a sensação que não tinham conseguido ninguém, mas se calhar estou a inventar

E: o anúncio da paragem devia ter sido para o estágio da Liliana

AL: não, não

E: não? Foi para os sapadores?

AL: aquilo era para criar uma equipa florestal

E: e foi criada

AL: foi? Eu achava que não

E: sim. E foi comprado o tractor, também

AL: foi criada... mas com empregados pagos pelo CD?

E: sim

AL: mas malta de Fafião? Não estás a falar da equipa de sapadores...

E: não, a de sapadores já lá estava

AL: pois...[incrédula]

E: não, foi com gente de lá, eu os conheço, há um ou outro que acho que os conheço

AL: há um que eu sei que anda com o tractor, agora não me lembro do nome dele

E: pronto, e faz parte dessa equipa, à parte do CD

[...]

E: não vás muito na conversa dos presidentes dos CD... eles é que têm a mania do Parque, do Parque, do Parque

AL: sim, mas isso é histórico, mas também é verdade que o Parque, ou o ICNF, se desresponsabilizou um bocadinho

E: eles têm de meter na cabeça que eles são o Parque, só tem gente a gerir e a mandar uns bitaites, mas eles é que são o Parque. Nos 70 e tal mil hectares eles é que são

AL: pois, mas eu acho que só agora é que a malta está a perceber que pode ganhar com isso, ou se está a conseguir organizar, malta como Fafião, pronto, e outros tantos também. Mas até lá viram-se com uma floresta que nunca pediram, que não sabem gerir e que o Parque se desresponsabilizou e eu percebo aí que as pessoas se sintam um bocado... porque depois quem é que são os culpados dos incêndios, são os compartes, e não são não é

E: oh Ana, as equipas de sapadores, tudo o que há lá, foi o Parque que deu o pontapé de saída, vão ser criadas mais três equipas de sapadores para os proteger

AL: mas aí é consensual, os compartes também dizem que isso foi bom. Mas foi das poucas coisas...

[...]

GREENPARK

Local: Parque de campismo

AL: [explico ao que venho]

A: é baldio de Cabril

AL: por exemplo, que tipo de relação existe com a aldeia, se existe sequer alguma, se há um pedido de autorização, se não é preciso sequer, esse tipo de coisas...

A: isto aqui foi um terreno cedido pela aldeia a uma cooperativa para fazer o parque, o nosso relacionamento é com a cooperativa

AL: ah, foi cedido pelo baldio

A: durante x anos

AL: e essa cooperativa já não é...

A: não, é minha senhoria neste momento. Enquanto não acabar esse contrato de cedência do terreno é a minha senhoria, portanto eu não tenho contacto com o baldio. Quem poderá ter é o senhorio

AL: ah... e o senhorio está ligado ao turismo ou...

A: também tem umas casas... tem mas é uma cooperativa, fez o parque há 20 e tal anos

AL: ah... portanto ela é que fez o parque, e vocês alugaram e estão a explorar o espaço

A: exactamente, à cooperativa

AL: ah... e vocês estão aqui há quanto tempo? Vocês, vocês, não a cooperativa

A: há quatro... pois, a cooperativa já tem 26 acho eu

AL: e estava a ser explorado antes o parque? Antes de vocês chegarem

A: estava, mas estava muito, acho que nos últimos dois anos acho que já nem estava, que isto estava tudo degradado... por isso em termos de baldio não...

AL: pois, mas por exemplo, vocês organizam actividades não é, de desporto...

A: sim, caminhadas

AL: e esse tipo de caminhadas são feitas no baldio lá está, não é... e esse tipo de coisas é passado aos turistas? Tipo, este tipo de propriedade é assim e assado, ... esse tipo de coisas que no fundo são mais culturais, mais do local...?

A: não... por acaso nunca nenhum também teve curiosidade de me perguntar

AL: pois, porque eu acho que as pessoas assumem à partida que é público não é...

A: que é público, que é monte, é público...

AL: pois... e não têm de fazer qualquer tipo de conversas com os compartes, com as aldeias, quanto ao uso turístico do baldio

A: não, nada... às vezes o que pessoas me pedem, que nem sei se tem a ver com o baldio nem nada, são pessoas que gostam daqui, que dizem “oh Armando, olha, foi limpo o trilho assim e assim, vê se comesas a levar pessoas por lá que é para marcar bem o trilho para ele não se degradar outra vez. São pessoas que me conhecem, que são minhas amigas e que também gostam, e que às vezes até limpam, nem sei se é por iniciativa da Junta se é iniciativa individual, limpam e pedem “oh Armando olha vê se comesas a mandar pessoal assim e assim...”, para pisar...

AL: pois... vocês em termos de marcação de trilhos e assim não têm qualquer tipo de intervenção no monte...

A: não...

AL: utilizam os trilhos que já existem

A: é

AL: e quando vieram aqui reconhecer a zona recorreram à malta aqui local para vos ajudar a conhecer os trilhos ou...

A: não, foi a fazer... ainda ontem fui, mais à minha esposa, fomos lá para cima e andámos um bocado a corta-mato e não sei quê para tentar descobrir coisas, coisas que sabemos que existem mas que nunca lá tinha ido, para conhecer. Que é para depois mandar para lá pessoal...

AL: ok... não há qualquer tipo de interacção com as aldeias aqui perto então... em termos de turismo vá, em termos de exploração de turismo...

A: não... não, não tenho nada... a única coisa que tenho é que eu às vezes preciso de coisas complicadas e contrato um guia... por exemplo Pincães...

AL: ah, uma pessoa de Pincães que vem acompanhar...

A: sim...

AL: e por exemplo, com os pastores que conhecem essa serra toda... nunca houve esse tipo de... se calhar o guia, esse guia já é

A: ele tem 52 anos e anda no monte desde os 14... ele já é contratado por pastores e por pessoas que têm gado, para andar à procura de gado, portanto ele conhece a serra...

AL: ah é, como é que ele se chama?

A: é o Adérito... é baixo e magrinho, e ele... eu contratei-o quando... tenho situações às vezes que é preciso um guia

AL: já alguma vez tiveram... ai não, mas vocês vão com os turistas não é, eles não andam para aí sozinhos

A: normalmente levam mapas meus, levam mapas feitos por mim e mostro fotografias dos sítios por onde têm de passar, ou as coordenadas se eles já têm um aparelho sofisticado, eu digo-lhes “olha tens de passar este”... porque eles pedem-me às vezes “olha, quero fazer uma caminhada de dois dias e quero ficar lá em cima e quero ir mais ou menos assim e assim...”. Eu vou ao *Google maps* e digo “olha, tens de passar aqui”, e marco-lhe os pontos “aqui, aqui e aqui”, de percursos que já fiz...

AL: e eles podem ficar lá em cima sem aviso ao ICNF, sob o perigo de se perderem ou

A: eu sei onde eles estão, e eu peço-lhes sempre, “olha, às oito da noite ...” quando fica noite peço sempre para mandarem uma mensagem. E sei mais ou menos onde podem ficar, sempre... porque não é proibido, não é proibido ficar na serra

AL: não... é proibido pôr tendas e fazer fogo e não sei quê não é?

A: não é proibido pôr tenda, é proibido acampar, pernoitar não é proibido, tanto quanto eu sei... uma coisa é pernoitar, você, chega a noite, tem uma tenda pequena, monta a tenda de manhã, nasce o sol, sai de manhã... outra coisa é ir para lá montar tenda e tal e ficar lá dois ou três dias, isso é que é acampar

AL: sim, e mesmo isso as pessoas fazem, estão umas tendas no rio Toco, agora não sei se ainda estão, mas estiveram para aí 3 dias, e ninguém...

A: oh, porque é os guardas que temos do Parque...

AL: pois, acho que o medo do acampar acho que é mais relativo aos fogos, ao lixo, essas coisas

A: eu sei de uma situação que alguém passou ali em cima de uma ponte, estavam lá a acampar debaixo da ponte a fazer um fogo enorme e ainda se puderam a mandar vir, que há anos que faziam aquilo e que ... e pronto, e eu por acaso passei lá, quando é que nós fomos, lá em cima... [dirigindo-se à esposa] ao Porto da Laje... foi para aí na 4ª feira da semana passada, por acaso tinha ardido mesmo ao lado, se foram os mesmos ou não... mas do que é que adianta dizer alguma coisa ao pessoal do Parque?

Você está aqui para ouvir isso não é? De que é que adianta... fizeram uma lixeira aqui em frente... e mandámos *mails* para o Parque, para a direcção do Parque, para tudo, não sei quê, não sei que mais... está a lixeira ali em frente... do outro lado da estrada. Isto aqui o Parque é...

AL: é ausente...?

A: o Parque não existe... é capaz de vir chatear se eu estiver ali a pescar por exemplo, é proibido, e deixar fazer uma lixeira dentro do parque natural e ainda por cima mesmo em frente ao parque de campismo, isso é permitido...

AL: e o que é que eles respondem, a esses *mails*?

A: nem respondem... não respondem, não vão... nem tenho opinião, é melhor estar calado

AL: mas acha que é o quê, é falta de pessoal ou...

A: não, eu para mim é assim... sei lá...

AL: e foi sempre assim desde estes quatro anos que cá está?

A: sim... a direcção... tanto quanto eu sei as direcções eram políticas, portanto... quem vinha para aí não percebia nada. Tenho aí uma situação de acampamento geral ao sábado à noite, lá em baixo à beira da praia, estou farto de avisar o Parque... ligaram? Nunca lá ninguém foi. Já vi a fazerem uma fogueira a um metro das silvas... ninguém liga nenhuma, por isso... vou-me chatear eu

AL: e vocês tiveram um aqui pertinho... devem ter apanhado um susto, não?

A: não porque eu sabia que isto aqui não ardia

AL: tem estrada não é, e vocês têm outro tipo de espécies

A: sim, sim, e não, e aquilo também do outro lado da rua tiveram que ser os bombeiros a queimar

AL: ah, tipo contrafogo

A: foi, foi, foi, porque o ano passado ardeu esse chão todo, por isso este ano não conseguia arder, era fetos, e então o fogo chegou muito rapidamente lá em cima aos topos, teve que andar aí um avião, helicópteros e tudo, mas depois tiveram que chegar fogo porque ele nunca mais chegava cá abaixo

AL: eu por acaso passei aqui quando estava a arder [...]

[repete a mesma ideia, fala-se da técnica do contrafogo]

Pois, então a relação com o Parque é nula não é. E quando vocês vieram para cá, não tiveram que obter licenças com o Parque Nacional, ou com o ICNF?

A: não, isto já existe...

AL: pois, vocês não tiveram esse trabalho

A: já existe a licença de exploração

AL: e a própria cooperativa também não lhes disse “olhe, isto é área comunitária”...

A: oh, entretanto fomos sabendo

AL: pois, vai-se sabendo... vocês estão abertos o ano inteiro?

A: não, fechamos agora no fim de outubro, e depois estamos abertos aos fins-de-semana por marcação ou por bom tempo. Vai ser preciso limpar, porque tudo o que é folha vai cair. E depois abrimos outra vez em, geralmente é uma semana antes da Páscoa... que eu ainda não sei quando é, e depois é até ao fim de outubro, mais ou menos

AL: e durante esse tempo estão aqui na mesma, vivem aqui?

A: não, não, não...

AL: e isto rende não? No verão...

A: tem que render senão... mas dá muito trabalho

[falo da quantidade de turistas que observei enquanto vivi por ali, no verão...]

A: é... mas eu tive de pôr aquele aviso na porta... é que além de virem aqui só pa irem ao quarto de banho, ainda me vêm roubar

AL: roubar?!

A: sim, já me roubaram mapas ali de cima da secretária, isso aí então passei-me! E depois ainda têm a lata de vir aqui com pulseiras dos outros parques a perguntar direcções para as Lagoas... e eu às vezes a almoçar, não é... já tive quem viesse aqui e me dissesse assim “olhe, queria saber o caminho para as Lagoas” “mas você não é meu cliente”... “ah, mas o dono da casa onde eu estou disse para eu vir aqui perguntar”. E depois não é só isso, mesmo o Ecomuseu mandava aqui pessoal, porque diz que eu conheço bem isto e que sou a melhor pessoa para indicar o que é que se pode fazer e ver aqui à volta... o Ecomuseu

AL: mas se calhar era uma boa, era um bom nicho para vocês explorarem

A: era, mas e quem é que me pagava

AL: pois, os turistas...

A: pois, é o que eu peço, dinheiro. E ficam todos chateados. Então para não ficarem chateados ponho logo ali o aviso. Peço 10 Euros por informações, não sou funcionário público

AL: então, podias ter os percursos em mapa

A: e tenho, é dez Euros a pé, cinco Euros de carro, e tal... porque para os meus clientes é de borla. E eu não posso levar o mesmo dinheiro aos outros. Se os meus clientes pagam, você paga-me a estadia a mim e diz-me “quero ir às lagoas” e eu digo “olhe, pegue lá o mapa”. Quanto é? Zero. Vem aqui um gajo que está a pagar a estadia noutro lado e quer pagar o mesmo mapa ao mesmo preço? Não pode, tem que me pagar...

AL: isso é a tal coisa, é a falta de Parque... falta de ICNF

A: e depois tem que... e depois ficam muito chateados, que eu que sou mal disposto, que não quero colaborar, que não quero não sei quê... portanto pus logo ali o aviso que quem entra aqui depois já sabe que vai levar logo, só por entrar já paga

AL: (RISOS)

A: não, paga. Porque por exemplo, eu não vou fazer, mas por exemplo, você entrou aqui, eu tinha de dizer ao INE que você entrou aqui. Eu tinha de tomar nota da sua identificação, do seu nome, da sua nacionalidade, e no fim do mês era dizer ao INE, “olhe, dormiram dez pessoas e entraram onze”. Eu é que não faço... ninguém faz, não acredito que tenha alguém no Parque alguém a tomar conta de todas as pessoas que entram, independentemente de ficarem ou não. Mas eu estou a ir contra a lei ao não fazer isso, portanto a pessoa só por entrar já paga.... E assim também começa a constar e as pessoas já não entram. É que às vezes tem de ser assim, que às vezes.... Sabe o que é estar a almoçar e vir aqui “olhe o que era?” “ah, queria saber o caminho para as Lagoas”. Ah, fogo...

AL: pois... o que era bem feito era o ICNF ter a sua informação, os seus trilhos, até se calhar podiam pedir para pôr ali à porta...

A: no outro dia eram nove da manhã, estava aqui cheio de pessoal a tomar café e tudo, e chega-me aqui um inglês que estava a chegar do sul e queria saber o que é que podia ver aqui à volta. E eu “e depois?... tens que me pagar”. “Ah, mas eu sou estrangeiro e queria saber...”. E ainda ficou muito chateado por eu lhe dizer que tinha de me pagar pelas informações. E eu aqui com as pessoas, a servir cafés e pequenos-almoços, às nove da manhã, e queria que eu lhe dissesse, que perdesse meia hora para lhe dar informação do Parque Nacional... do Parque Nacional vai a um posto de turismo... isto aqui não é um posto de turismo. Mas mandam o posto de turismo para aqui... dormir nunca mandaram ninguém... mas eu já no outro dia mandei um recado, lá por uma pessoa...

AL: onde é que é o posto de turismo? Montalegre, na porta do parque?

A: eu não sei se é em Montalegre, acho que não...

AL: em Montalegre há uma porta, que é lá ao pé do Castelo ... chamam-lhe porta não é...

A: oh, é o Ecomuseu

AL: sim, é ao lado do Ecomuseu, eu já lá comprei um mapa por isso é que digo... pronto, há esse e depois não há mais ninguém perto, pois não?

A: não, depois só no Gerês... na vila. E depois há em Braga, mesmo na coisa do... no Parque, acho que a sede do Parque até é em Braga o que é... faz muito sentido não é

AL: pois, estou a ver que a sua relação com o Parque é igual à das populações daqui com o Parque

A: eu sei de duas situações completamente estúpidas, mas completamente estúpidas. Mas... ou melhor, sei três... três situações completamente estúpidas. Uma, você tem aqui o exemplo da barragem, não pode pescar, do lado de cá que está dentro do Parque, do lado de lá já pode. E você está aqui a levar uma multa e o gajo do lado de lá está-se a rir de si, e a apanhar o mesmo peixe na mesma água. Olhe, sabe o que é que eu costumo dizer do Parque? É assim... não sei quem é o director neste momento, não faço a mínima ideia, nunca conheci nenhum... pelo que eu tenho ouvido dizer e pelo que sei, dou sempre este exemplo... tenho um amigo meu que não percebe a diferença entre um pinheiro e uma videira, ok? Foi para a tropa, foi oficial, foi colocado no quartel, chefe da horta... o que é que uma pessoa que não sabe a diferença entre uma videira e um pinheiro faz quando é colocado num lugar desses? Pa, chama alguém, pergunta o que é que é preciso fazer, ou então arma-se aos cagões, que é o que a maior parte destes lugares políticos faz... eu é que sou chefe, eu é que sei... e então ele foi à horta, a primeira vez, foi à horta, andavam lá os soldados e não sei quê, mandou arrancar as ervas daninhas todas “oh forrel, arranque-me já essas ervas daninhas todas”, até que disse que se eles não arrancassem que os castigava. Passado três horas um colega dele “oh David o que é que mandaste fazer na horta?” “oh, mandei arrancar as ervas daninhas todas...” “oh seu burro, mandaste arrancar as alfaces, as cenouras, as cebolas e quê... e quem tem vindo... pelo que eu sei, geralmente quem tem vindo para director do Parque é assim... não faz a mínima ideia do que é que vem fazer, eu é que sou chefe... e também sei que o dinheiro que o Parque gere que devia ser gasto aqui no Parque em caminhos, manutenção e tudo, e pessoal, vai todo para Lisboa, para grandes chefes e grandes *jeeps* e grandes ordenados, isso também eu sei. Mas isto não é só aqui, porque eu estive três anos no Sudoeste Alentejano, mas lá era diferente, lá chegaram a atestar... chegaram a chegar a roupa ao pêlo lá aos responsáveis do Parque, lá numa reunião, por causa de mais leis estúpidas. Você imagina... você consegue imaginar um milhão de metros quadrados?

AL: mais ou menos, 10 000 é um hectare, um milhão é

A: sim, são cem hectares, são 10 km por 10 km, imagine, tem aqui 10 km por 10 km. Você aqui no meio quer fazer uma casa com 30 metros por 40 metros, ou 30 por 10, por exemplo... não pode. Uma herdade lá vale mais que a outra se tiver 80 metros ou 90 metros de ruínas por reconstruir. Agora não era de uma pessoa com cabeça, era assim... quer fazer, sim senhor, tem de fazer traça alentejana, tem de fazer só rés-do-chão, telha vermelha, chaminé branca, aquela coisinha, as janelas debruadas, como são as casas... isso é que é uma lei em condições. Não é um paspalho que vai para lá “ah não pode, não tem ruínas para reconstruir”, e isso já mete direcções gerais do ambiente, é essas merdas todas...

AL: sim, sim. Só por curiosidade, há pouco disse que tinha três situações ridículas dentro do Parque, é esta da barragem, e já agora as outras...

A: ah, a outra tem a ver com o rio Cabril... mas eu não vou dizer

AL: está bem [RISOS], e a terceira?

A: ... a barragem.... o rio... olha, e agora fugiu-me

AL: não faz mal.... Não, mas há, há assim umas quantas incongruências...

A: ah, tem aqui outra e tem a ver aqui com esta montanha aqui atrás...

AL: de Cabril?

A: sim, sim...

AL: pois, estou a ver... e por exemplo, com as autarquias, vocês têm algum tipo de relação, ou crítica ou...

A: não, porque eu aqui não tenho, eu aqui até antes pelo contrário... eu poderia ter uma relação óptima com a Câmara Municipal de Montalegre se isto fosse meu. Isto antes de chegar a mim ainda passa por dois antes. Passa pelo baldio e passa pela cooperativa antes de chegar a mim... podia ter, isto podia ser muito diferente se isto não fosse do baldio...

AL: em que sentido?

A: podia estar melhor apetrechado, melhor tudo...

AL: mas por ser do baldio ou por ser do Parque?

A: não, é por ser do baldio, que eu não vou gastar aqui dinheiro numa coisa que não é

AL: mas se isto foi cedido

A: foi cedido durante x anos, pode estar... mas depois tem um retorno

AL: não sabe quantos anos?

A: sei, 30

AL: mas depois acho que é renovável muitas vezes não é, no sentido em que

A: é, eu acho que sim... é por isso também que isto daqui por dois anos vai ser uma confusão muito grande

AL: quê? É quando acaba?

A: sim

AL: aaah

A: o terreno é do baldio, as casas são da cooperativa, os *bungalows* e os recheios são todos meus

AL: ah, investiu em material...

A: claro... isto é transportável...

AL: ah, já estive na Costa Vicentina

A: não, não, nada a ver. Tem ali o *bungalow* que é só meter os pés e levantá-lo... já está vendido até

AL: [risos] é?

A: até foi quem assistiu à construção. Disse logo, se um dia saíres daqui, está comprado

AL: mas daqui a dois anos sabe que vai sair daqui?

A: não sei...

AL: e depende só deles, não é, vocês querem continuar...

A: depende de tanta coisa... eu não sei em último caso, sim sou capaz de ficar, mas não sei em último caso quem é que me... se é do baldio, se é da Junta, se... se a Câmara também tem uma palavra a dizer. Porque imagino que se no baldio está gente estúpida e decide fazer uma coisa completamente estúpida, não é... não sei se a Câmara tem de aprovar isso, não sei qual é a relação dos baldios com as Câmaras

AL: eu acho que a gestão do baldio não depende da Câmara, claro que o PDM existe não é... relativamente à zona do baldio não pode construir, ponto final

A: não sei... por acaso também gostava de saber, por exemplo, já me disseram que o baldio não pode vender, aqui o de Cabril, mas por exemplo o de Pincães já pode

AL: ah, mas isso não é verdade... pelo menos na lei não é verdade, eles não podem vender ponto final

A: não podem vender, não é

AL: não... não é privado pronto, não entra no comércio jurídico

A: também já me disseram que as casas são da cooperativa, também como é que conseguem fazer umas casas num terreno comunitário...?

AL: lá está, há coisas que se contornam, que eu também não sei muito bem como é que funcionam, mas a partir do momento em que se cede uma parte do baldio eu não sei até que ponto, pelo menos durante o período em que está cedido, eles não podem fazer o que quiserem, sob o risco de mandar tudo abaixo ao final

A: ora nem mais, era uma coisa que eu gostava de saber, era se isto, as casas que são da cooperativa estão registadas nas finanças na cooperativa, e foram feitas num terreno comunitário...

AL: é este tipo de relações que eu ando a tentar perceber

A: quando souber essa, venha cá dizer-me sff

[RISOS]

AL: é que realmente são relações muito complicadas, principalmente quando, como eu, não se está habituado a pensar em regimes de propriedade, e dessas leis todas que estão por trás, de construção e de não construção, e não sei quê. Eu sei que no baldio não se pode construir, aquilo tem determinados fins, e no Parque então...

A: é que aqui está dentro do baldio, dentro do Parque Nacional, e as casas estão registadas pelo menos nas finanças estão registadas em nome da cooperativa

AL: foi há vinte e tal anos que foi cedido, não foi... não mas a lei era a mesma, a lei já dizia que não se podia vender áreas, portanto, está cedido. Agora a questão da construção, só se no final eles cederem ao baldio

A: a mim também já me disseram que se eu quiser construir uma casa aqui em Pincães que o baldio que cede o terreno. Tenho é 2 anos para fazer a casa. O Parque Nacional tem de autorizar o projecto e ao fim de dois anos aquilo é meu... portanto, não vende mas dá. O baldio pode dar...

AL: epa, pois, claro que isso depende de quem está a gerir o baldio, mas à partida para construção... o baldio ceder... acontece que sim e acontece que não, há n casos de conflitos

A: pois, a mim aqui também já me disseram que não pode, aqui em Cabril, o baldio não faz isso, ou não faz porque não quer

AL: sim, há coisas que são locais, depende da aldeia

A: é por isso que eu digo, em último caso, no meio de uma discussão completamente estúpida, a Câmara não tem voto na matéria? Só o baldio é que manda?

AL: tem sempre os tribunais, eles recorrem muito aos tribunais. Às vezes quando se criam conflitos de interesses vai tudo para tribunal, é recorrente

A: e onde é que o baldio tem dinheiro para ir para tribunal? Pagar a um advogado...

AL: lá vão conseguindo, ou venda de madeira, ou ... porque eles têm muita floresta, então ou vendem madeira, ou têm subsídios para fazer limpeza de pastagens que às vezes sobra, eles vão gerindo algum dinheiro, principalmente estes que têm muita floresta. Mas sim há muitos casos de tribunal, precisamente por coisas desse género, de malta que delimitou parte do baldio nos tempos dos avós e que agora reclamam essa propriedade, e que o baldio também reclama aquela propriedade, e que agora entram em conflito... isto acontece muito. E vão para tribunal, e o caso fica lá anos às vezes

A: oh, um caso desses que não interessa a ninguém fica lá... dezenas...

AL: pois... agora aqui em Pincães, porque depois há coisas que podem ser eles a decidir localmente, que decidem em assembleia de compartes, por exemplo, ceder ou não ceder. Ceder podem... e portanto, isso realmente pode diferir de baldio para baldio

A: mas ceder intemporalmente...

AL: eu acho que é esse género, tipo 30 anos, e depois ao fim dos 30 anos conversa-se outra vez, algo assim

A: mas isso não, assim não pode ser, ninguém vai fazer uma casa e depois ao fim de 30 anos está sujeita a ficar sem ela

AL: pois eu não sei como é que eles fazem isso em termos legais. Mas sei que já foi cedida área de construção em tempos. Hoje em dia não sei se conseguem

A: para fixação de pessoas e tudo...

AL: sim...

A: a mim disseram-me, ainda o ano passado me disseram, aqui em Pincães... que se quisesse era ir lá escolher o sítio...

AL: mas também há áreas que são da própria aldeia, que não são baldio, e que também dá para construir. Ainda agora em Fafião estão a construir n casas neste momento, mas por acaso até acho que aquilo era área baldia, mas acho que aquilo foi cedido pelo baldio

A: em cima?

AL: sim... é como diz, se calhar não vende mas cede. Pronto, e aí ficam. Mas isso depende muito de quem está a gerir no momento, aquilo vai a assembleia de compartes e tal... portanto, são as pessoas que decidem, não é propriamente... há coisas que a lei permite que sejam decididas localmente

A: ah, e depois não tem casos de usucapião?

AL: não, usucapião não se aplica no baldio

A: não?

AL: não... lá está, são coisas que antes sim, tiveram representação no passado do baldio. E que hoje em dia deu conflito por causa disso, porque as pessoas se apropriaram, depois veio do 25 de abril, os baldios foram entregues à população, e uma das coisas que foi instituída depois da lei pós 25 de abril foi precisamente regularizar as situações de apropriação. Houve baldios que não se deram ao trabalho de entrar nesse tipo de conflito, mas houve outros que quiseram de facto regularizar essas situações, e deu conflitos de meia-noite

A: e que lei era aquela que o governo quis alterar, há um ano ou dois anos...

AL: é a lei dos baldios... é a lei que regulamenta a utilização e gestão dos baldios

A: e como é que reduzia de 800 000 hectares para 200 000?

AL: ah essa é outra

A: era essa é que eu queria perceber

AL: essa tem a ver com os subsídios à produção [...] [explico o corte das áreas elegíveis]

A: [...] mas você falou aí uma coisa, ainda ontem estava a pensar... havia uma boa maneira de acabar com 90% destes fogos... pelo menos aqui, 90% destes...

AL: que era o quê? Usar os animais?

A: não... era assim, ardeu... 10% menos no subsídio de pastagem

AL: [RISOS] mas eu não estou muito certa que sejam os pastores que andam a queimar

A: quer um exemplo

AL: sabe que aí entra o Parque também... antes o Parque permitia o fogo controlado... e ajudava e dava assistência

A: olhe ali... você tem algum interesse em que se abra aquilo ali?

AL: lá no monte mesmo?

A: sim... são as suas cabras que andam acolá?

AL: não

A: nem as minhas... mas aquilo é de alguém. De 2 em 2 anos arde aquilo. E mais... aquilo era um fogo controlado, deixaram arder porque não tinham helicópteros, e ainda bem que não tinham helicópteros porque ainda há dois anos andou ali um helicóptero toda a tarde a gastar 6000 Euros à hora e não fez absolutamente nada. Deviam era andar a limpar e a ver... olha um mais ou menos criminoso foi aquele ontem... era assim, sabe uma lei que acabava com metade dos fogos? Ardeu aqui em Cabril... os madeireiros aqui à volta, em 20 km à volta eram obrigados a comprar os pinheiros 10% acima do preço normal

AL: pois, eu acredito mais na versão dos madeireiros

A: claro, mas ali não terá sido madeireiro nenhum porque ali nem sequer tem lenha para arder, ali também não, está a ver, nem tinha pinheiros. Aqui também para mim foi um pastor, que queria queimar um bocadito e quando deu por ela acabou por queimar os montes todos, que eu desconfio muito aqui de uma pessoa, não está a gravar isso [...] uuuh, aqui na semana a seguir já estavam aqui os madeireiros a marca... se o Estado obrigasse a pagar a um preço superior do pinheiro bom, era assim, 20 km à volta do fogo... 20 ou 50, num raio, se os madeireiros fossem obrigados a comprar a madeira mais cara do que quando fosse normal, os fogos deixavam de existir. Porque é assim “ah, não, não estou interessado...” “não estás interessado, ficas sem licença... ora bem, ardeu então são... tu tens a capacidade de 10 toneladas, tu tens 50, não sei que não sei que mais... arderam 250 toneladas, tu és obrigado a comprar 10%, tu és obrigado a comprar 30%, tu és obrigado... e o preço normal é 10, tens de pagar 11... não pagas, ficas sem licença” ... eles ajudavam a controlar, é tudo assim... uma vez assaltaram-me e eu fui ter com o assaltante da zona “opa, foste tu”, “não, não fui”, “opa desculpa, tu é que és o assaltante da zona, para mim foste tu, ou descobres quem foi ou para mim continuas a ser tu”. Até que ele chegou um dia à minha beira e disse “olha, foi fulano”. E aqui era a mesma coisa, porque aqui sabem perfeitamente quem é que anda a fazer isso. E é dizer assim “opa, olha, vê lá se deixas de fazer essa merda senão para o ano tenho menos 10% de subsídio”... acabava com os fogos, 20%, porque depois também há gente maluquinha... por exemplo o ano passado, não, há dois anos, uma velhota ali que agora até está no lar, chegou fogo ali a uma mata porque viu na televisão os aviões a apagar fogos e a despejar água e também queria ver aqui. Há esses também, por culpa das televisões, também é outra lei que tinha de sair não é, opa, não é 10 minutos a falar de fogo, é 10 segundos! Porque há muito, eu acredito, que há muito fogo posto por causa do bombeiro

AL: e há também o enaltecer da personagem do bombeiro... que é bom, mas que se mitifica...

A: é... e é também por isso que por vezes o próprio bombeiro pega, para depois aparecer. Por acaso ainda ontem estava a pensar nisso e você falou.... Que é, não podiam produzir áreas queimadas que é para poder ser elegível para pastagem. Isso já estão a levar... eles é que nem sabem...

AL: os que estão na gestão do baldio sabem

A: porque é uma tradição... é uma tradição ancestral, e eu tive o exemplo que isto ardeu no fim de agosto, e já está tudo a rebentar aqui em frente. Opa isto é...

AL: proibiram o fogo controlado, agora a conversa mudou pela vergonha que foi este ano, mas segundo a malta daqui eles antes davam assistência, e agora... mas agora já se fala novamente do fogo controlado como ferramenta

A: oh, é das tais coisas... a mim contaram-me, eu não sei bem qual é a história mas, lá em Fafião, mas você tente saber... quando saiu uma lei qualquer que... as pessoas daqui destas aldeias no inverno aquecem-se com quê? Com madeira, e as pessoas iam à floresta, deitavam os pinheiros abaixo e botavam... saiu uma lei qualquer que era proibido, e acho que era mesmo ali em Fafião... tente saber isso, se nunca soube. Já soube da história? Que queimaram a ponte e tudo..."ai não é para nós? Então também não é para ninguém"

AL: eu sei que eles continuam a ir buscar madeira ao baldio, ao monte, mas é madeira morta, seca. Se for um pinheiro vivo, aí já têm de entrar com o CD do baldio e pedir autorização. Mas a quantidade de madeira morta que existe nestes baldios, nestes, noutros não tanto, acho que é suficiente para toda a gente

A: ah, não, já sei da outra história... você se tiver um pinheiro com nemátode do pinheiro, você tem 15 dias para o deitar abaixo, senão vão lá, põem-lhe uma multa... assim. Você vai por aqui abaixo, tem pinheiros marcados há 2 e 3 anos, com nemátode, marcados mesmo... continuam de pé. Sabe o que é que isso quer dizer? Está a passar de uns para os outros... por alguma razão é que você tem 15 dias para o deitar abaixo se descobrirem que tem

AL: sim, os SF, que não existem não é, é o ICNF... segundo a malta dos baldios estão completamente ausentes, mas continuam a receber a percentagem...

A: claro, e os *jeeps*, eu às vezes vejo-os a passar... eu às vezes até acho que eles até devem de ir ao médico com o *jeep*...

AL: acredito... obrigada pelo seu tempo...

[...]

ECOCABRIL

Local: Refúgio da Garrana – Lugar da Vila, Cabril

AL: (...) estavas a falar da Trote Gerês...

P: ah, a Trote Gerês, há cerca de 28 anos atrás mais ou menos, houve um grupo de pessoas que vieram para cá, inclusive os meus pais, nós morámos em Lisboa, e depois havia pessoas que viviam no estrangeiro, havia o doutor Paulo que tinha acabado a licenciatura em medicina, e juntaram-se aqui um grupo de gente que gostava de cavalos

AL: pessoal de Cabril?

P: alguns sim, outros... por exemplo, o meu pai não era de Cabril, era a minha mãe, eram pessoas que vinham de fora, portanto, que vinham com outra ideia também, e que encontraram aqui pessoas, que residiam, e pronto, familiares e amigos, e que se juntaram e decidiram fazer uma cooperativa com o garrano, daí a Trote Gerês... com os cavalos... e precisavam de um espaço, que não tinham. E pronto, e foram pedir esse espaço à Junta, na altura não havia baldios. Foram, e pronto, houve uma grande discussão, não sei pormenores, eu era muito miúda... há coisas que eu tenho uma versão que se calhar nem corresponde ao que foi na realidade. Pronto, o que eu sei é que houve discussão e foi cedido um terreno, que foi este... fez-se o picadeiro, fez-se a cavaleriça, percebeu-se que havia a necessidade de criar um parque de campismo para acolher as pessoas, avançou-se com o parque de campismo... isto é tudo Trote Gerês, portanto, o que existe agora que é o *Gerês Green Park* e a *Cabril Ecorural*, é uma situação recente, eu estou aqui... é o segundo verão, porque o *Gerês Green Park* não quis ficar com este espaço, porque até ao *Gerês Green Park*, salvo erro, o espaço foi sempre cedido, já pela *Trote Gerês* a outros e concessionado para... para, num só projecto. Então, e depois o que é que acontece... a *Trote Gerês* faz, o baldio cede, faz um contrato de cedência, a Junta aliás, na altura, faz esse contrato de cedência do espaço, e a *Trote Gerês* veio para cá. Tem imenso sucesso, nos primeiros anos, imensos turistas, dinamarqueses, gente, gente, gente... dão trabalho a imensa gente na aldeia, faz uma série de actividades, pronto, tinha outros espaços, tinha uma pousadinha em Paradela, tinha o que é hoje o hotel rural em Vila Nova, era uma pousada, a Alegria Peregrina, eu trabalhei lá... tinha casas em Sirvozelo, que ainda tem aliás, pronto, foi uma dinâmica enorme...

AL: há uns bons anos não?

P: isto... sim, eu trabalhei na pousadinha tinha 16 anos, tenho 40... depois as coisas foram ... não sei o que é que aconteceu, porque eu também me fui embora, também fui... continuei os meus estudos fora daqui e... depois foi passando de mão em mão, pronto... os cavalos aqui ainda se mantiveram durante algum tempo, depois o

Parque de Campismo foi gerido por várias pessoas que davam menos importância a isto, porque os cavalos pronto têm uma manutenção, e financeiramente também é um custo, não é, portanto é preciso gerir isto de uma forma diferente, que o parque de campismo é mais simples não é, o rendimento, o lucro é mais fácil... até que eu vim para aqui, pronto, por diversas razões. E hoje em dia, o que é que acontece... este terreno é baldio, quer este, quer o terreno do parque de campismo. Portanto, isto continua a ser baldio, continua a ser uma concessão que na altura foi da Junta para a Trote Gerês, e neste momento o que se considera aqui... isto são baldios. Pronto, ainda há pouco tempo houve aqui uma cedência de terreno em baixo, podemos ver, daqui para o vizinho

AL: e é parte do baldio

P: sim, é baldio, foi à assembleia, eu ainda estava na direcção, aprovámos em direcção a concessão, e depois foi levado à assembleia e os compartes também concordaram. Aqui o que eu tenho, e é uma questão que eu tenho pensado muito por causa dos incêndios, que está a acontecer, ainda ontem aconteceu, não é... pronto, baldio... é assim, a minha vontade é cortar os pinheiros, a minha vontade é cometer um acto de loucura e cortar estes pinheiros. Não, a sério, porque se continuamos com esta demagogia não vamos a lado nenhum. Não é? Pronto, e o que é que são os pinheiros... eu não sei, não sou técnica florestal, o que sei de agricultura foi o que aprendi com a minha avó e com os erros que tenho estado a cometer e que me vão ensinando, e o que ouço e pronto. Mas os pinheiros alteraram completamente esta floresta de Salazar, porque esta é uma floresta de Salazar, alterou completamente a dinâmica da aldeia, da comunidade. E por acaso encontrei lá um livro da minha mãe, em que o senhor é paleólogo e diz exactamente isso, é que... por isso eu acho que não faz sentido nenhum continuarmos com isto não é. Ainda por cima para arder... e agora, eu estou a limpar este baldio, isto estava tudo a monte e nem conseguíamos ver aquilo como está

[fomos lá para fora]

P: pronto, isto está... ainda não lhe toquei, não houve qualquer limpeza, o terreno, que não é meu, este baldio que eu tenho aqui vai desde ali depois daquela casa, que é a casa de banho, por ali acima até à estrada, e pronto, e depois ali já tem a vedação. Aqui já limpámos, 3-4 vezes. Agora vou entrar na fase de tentar pôr novamente sementes, tem pouca água, pronto, a ideia é ter erva para os animais, manter o mato, manter... tirar os infestantes dos fetos, manter o tojo, alguma urze, alguma giesta, os ervedeiros, os carvalhos, protegê-los dos animais... pronto, o que é que eu vejo? Vejo que o carvalho não pode rebentar, o carvalho e o medronheiro, tirando alguma situação em que eles já estão crescidos e são imponentes, o que se passa ali, e ontem vi isso no pinhal que estava a arder, os pequenos carvalhos não podem crescer, não podem, portanto... e eu acho que era muito mais interessante ter carvalhos e medronheiros. Porque qual é a ideia de ter o pinheiro?

AL: a única coisa, tu sabes melhor do que eu, é a madeira, é vender, dá dinheiro

P: e compensa?

AL: os incêndios não

P: a questão é essa, é que depois temos as evidências. Ok, o pinheiro, e deve ter sido isso que moveu Salazar, porque Salazar interessava-se de facto pela questão financeira, então, se realmente o plano é esse, então vamos conservar, vamos proteger, porque é bom, realmente é fonte de receita, eu sei, é muito importante, se não fosse... nós no baldio, se não tivéssemos esse dinheiro, e o baldio recebe 40%, 40 ou 60%, é partilhada, é cogestão com o Estado. Agora o que é que acontece? Nós temos uma floresta que não cuidamos., o baldio não tem capacidade, com os 5 sapadores florestais... o baldio de Cabril que é enorme, vem de Pincães até Lapela, portanto isto tudo é uma área vastíssima, é importante proteger a zona de protecção total. Depois quem define os planos de corte e não sei quê, e os sapadores, são cinco sapadores, não conseguem fazer tudo. O Parque o que é que faz?... não é? Afinal quem é o responsável pela floresta? Não há, não há... opa, cortem a sério, eu não corto árvores, eu não gosto de cortar árvores, mas era inteligente. Eu aqui, eu ainda nem cheguei ali, até me está a custar, eu há coisas que vou adiando, mas ali.... Eu tenho ali imensas árvores, eu tenho ali castanheiros, tenho ali medronheiro, epa, ponham uma floresta de castanheiros, façam bosquetes, as pessoas vêm passear ao Gerês, podem apanhar castanhas, podem cortar a madeira do castanheiro, a longo prazo, se houver um plano eficiente, provavelmente temos cortes não tão anuais como acontece neste momento, portanto vamos ter um período em que não vamos ter cortes porque as árvores estão em crescimento, mas depois o castanheiro vale muito mais do que o pinho

AL: vale, mas o problema é que o castanheiro de facto demora muuuito tempo a crescer

P: pronto, mas aí é a sustentabilidade, então, aí entra a gestão, aí entram os gestores financeiros e vão avaliar... se calhar requer menos manutenção, que não há... é assim, o que eu acho é que o Parque está a gastar os recursos todos que tem em mão de obra que não funciona

AL: pois, e lá em Lisboa também

P: não, e aqui, aqui é flagrante

AL: mas vêes muita gente aí pelo Parque a andar de um lado para o outro?

P: há trabalhadores

AL: sim, haver há, mas dizem que antes sim, a presença do Parque era óbvia

P: e agora também

AL: mas o quê? A malta que anda de *jeep* e assim?

P: sim... GIPS não, os GIPS da GNR?

AL: pois, há esses

P: há os GIPS da GNR, pronto, mas os vigilantes do Parque estão aí, há postos de trabalho. Há pessoas que... há estratégias, quer dizer, nós tivemos uma delegação do Parque em Montalegre, nós fizemos serviço educativo aqui, com eles, agora em novembro, a ver se fazemos novamente o dia da floresta autóctone. Eu comecei com o baldio pronto, para fazer uma aproximação aos miúdos, porque os miúdos não sabiam nada de floresta autóctone. Miúdos da aldeia... e porquê? Porque ninguém lhes explica, é assim... a questão é que para os locais não há uma valorização, porque as pessoas nascem com isto, ninguém lhes explica, ninguém lhes diz... e estamos numa fase em que rejeitam até, negam... porquê? Porque isto é uma vida difícil, hoje em dia há dinheiro, que é importante, é um recurso, que é o dinheiro... e não há! Porque o que se passa numa vida de campo, o recurso que mais escasseia é o dinheiro. Ou se é um grande agricultor, latifundiário e com um negócio muito bem montado, ou trabalha-se imenso para não ter nada

AL: sim... e depois há aquelas pessoas que se reformaram e decidiram vir para cá e dedicar-se à agricultura

P: sim, mas são amantes da terra...

AL: sim, exacto. E trabalham para caraças na mesma, já não é por necessidade, já é mais uma...

P: ah, esses são os melhores, são os que trabalham por paixão, porque gostam... há aí uns senhores, há dias estava com eles, eles são emigrantes na Alemanha e vêm, e o filho mais velho vem com eles, e ela diz “ah, nós também temos terra lá, temos imensa” e o senhor dizia “não conseguimos viver sem terra”, pronto, é a paixão deles e nota-se e andam felizes e, ainda há jovens, ainda ontem dizia aí, uns senhores quando estávamos lá, uns senhores diziam, que têm uma miúda de 14 anos, e que ela vai com as vacas e sorri, portanto, não é aquela obrigação, gosta do trabalho de campo, e isso é bom. E pronto, do baldio há muitas histórias... já falou com o Daniel?

AL: já, o ano passado

P: por acaso estou à espera que ele responda aos meus telefonemas

AL: tu foste da equipa dele...

P: sim, na direcção

AL: [conto um pouco do que foi o meu trabalho no ano anterior, com os presidentes do CD. Depois falo como me venho apercebendo que as empresas de turismo são quase todas de fora da região, ou são do Porto, ou de Vila Nova de Cerveira, ou...]

P: aqui em Cabril?

AL: não, no Parque em geral

P: ah, sim, sim. É que aqui Cabril acho que é um [...] é que eu acho que Cabril é uma excepção. Eu não conheço o que se passa em pormenor em Pitões, ou nas outras aldeias de Montalegre que fazem parte do Parque. Acho que é uma realidade relativamente diferente do que se passa nos outros concelhos. O que é que se passa aqui... não há turismo. Não podemos dizer que aqui haja... que isto é um sítio turístico

AL: sim, comparando com o Gerês por exemplo, esquece...

P: não, não é. Temos o *Gerês Green Park*, que é de fora, são pessoas realmente de fora, temos algumas casas de aluguer em Fafião, que são dos locais, pronto. Aqui na aldeia tenho a minha, eu que vim de fora, para no fundo gerir a minha herança, pôr de pé... porque eu cresci aqui, com os cavalos, eu cresci com a Trote Gerês, o meu pai foi um dos cooperantes, a minha mãe foi a primeira cozinheira no parque de campismo, portanto, são família não é, são tios, não são tios, mas pronto, são pessoas com quem eu cresci, o que sei de turismo... na altura havia os fundos europeus, fizemos imensas formações. Eu fiz formação de animação de turismo rural, aquilo tudo, só trabalhei em turismo com eles, e depois fui embora, pronto... mas não há assim um... ali por exemplo em Vila Nova, no hotel rural, é verdade, o senhor João também é de fora, não é de cá

AL: sim, eu digo mais, por exemplo, ali em Fafião passam muitos *jeeps*, por exemplo, o da Oporto Adventures, que é do Porto, passa a Animaminho, enfim, tenho andado a reparar, também para perceber melhor como é que é essa dinâmica, porque a mim, por exemplo, tu que já fizeste parte do CD de Cabril, sendo que há falta de receitas para os baldios, e sendo que era interessante, do meu ponto de vista pelo menos, de pessoa que não é daqui, seria interessante que o baldio pudesse contribuir para o desenvolvimento local, das comunidades e tal, o turismo acaba por surgir aqui... para já surge naturalmente, está cá, e se calhar até que ponto o baldio não poderia estar a ganhar directamente com isso já que... por exemplo, não estou a referir-me ao teu tipo de empreendimento, mas por exemplo, os da Oporto Adventures trazem os seus turistas, fazem dinheiro à pala daquilo, andam no baldio, não dão cavaco às aldeias. Até que ponto haver ali uma parceria entre o CD e

P: eu tentei, sim, isso é uma coisa que já foi falada, eu insisti e depois desisti. Quer dizer, eu não desisti, a questão é que eu tenho de me focar na minha vida, porque eu vivo disto e financeiramente o que eu tenho é isto, que não é nada. Tenho todos os recursos, tenho uma sorte enorme porque tenho todos os recursos, mas o dinheiro

também é um recurso que também é fundamental. E eu preciso de investir, aqui neste espaço, e não posso investir porque daqui a dois anos eu vou sair daqui, não é, porque acaba... eu e o Armando, não sabemos o que é que vai acontecer, portanto eu não vou estar a investir dinheiro, e isto tudo é dinheiro., porque é o meu dia de trabalho, eu estou aqui há... isto não existia, tu não tens ideia do que isto era, um barranco. Até a Rosa, uma *Woofers* alemã, que ela disse “uau, o que é que vocês fizeram”, ela foi a primeira pessoa a pôr estrume, porque isto era saibro, estás a ver, era isto, era um buraco, não havia esta vedação, não havia nada percebes. E eu penso assim, “porra pá, eu estou aqui a investir o meu tempo...”, por exemplo, eu devia estar em casa a pintar paredes para disponibilizar os quartos para alugar para ganhar dinheiro, que foi o que eu fiz no meu calendário a vermelho para hoje, 2ª e 3ª feira... porque eu preciso de dinheiro, a verdade é essa. Pronto, mas distraio-me aqui mas à uma vou almoçar e fico lá. Pronto, e eu lutei por isso, eu disse “nós precisamos de receber os turistas, nós precisamos de limpar o acesso ao pereiro, mesmo junto às aldeias e outros locais, opa eu queria um plano de intervenção aqui. Mas vamos espreitar aqui, agora quero [...?]”

AL: ah, está bem (RISOS)

—

[segunda gravação] – a paula a certa altura pediu-me para não gravar uma parte que envolvia directamente o vizinho da área dela, que tinha a ver com construção ilegal de um armazém e não sei quê. Então esta gravação são segundos. Depois a certa altura ela diz “grava”, pelo menos assim me lembro... e vamos para a terceira gravação...

—

P: [...] é muito complicado, e eu consigo perceber, porque depois é assim, isto é uma família alargada

AL: pois, no que tem de bom e no que tem de mau

P: não é? Como todas as relações das famílias... e depois quem faz a gestão, os políticos, os responsáveis, têm outros dados na mão que nós não temos. E foi também por isso que eu quis desistir do baldio, porque havia ali uma série de situações com as quais eu não me identifico nada, e não estava disponível a manter-me no silêncio e... mas também não quero entrar em conflitos... não quero, pronto. Acho que as coisas vão acabar por acontecer naturalmente, e gostava verdadeiramente que as pessoas [interrompidas por uma das éguas que entrou na horta... entretanto a conversa divergiu para a horta. Mostra-me a Paula uns tomates gigantescos e depois explica o contexto da horta...]

[...] isto foi um canteiro feito por miúdos de Madrid que vieram aí para o Parque, vieram fazer uma actividade

AL: mas uma actividade que tu organizaste ou...

P: sim, vieram aqui, passaram o dia, fizemos de manhã a horta, e depois foram almoçar, e à tarde fizemos o garrano

AL: andaram a cavalo?

P: andaram a cavalo, no picadeiro... isto é poejo, é autóctone. Normalmente nas zonas ribeirinhas, nas zonas de água... que era o cheiro do Pereiro, da infância... o Pereiro é ali o rio ao pé de casa, é o rio dos miúdos todos, sabes, é a iniciação, ao rio aqui em baixo, porque nas aldeias de cima é diferente, mas aqui na Vila é o Pereiro. E era o cheiro da infância. E o Francisco foi um miúdo que veio fazer estágio aqui, da Universidade Portucalense, transplantou... e pegou, impecável... foi ele que fez esta horta, quer dizer, teve muita gente a trabalhar, alemães, alemão, alemã, a Rosa, teve franceses, portugueses do Porto, da Madeira, da Camacha

AL: este ano?

A: este ano, esta horta é de maio... tenho que ver, a Rosa veio em, talvez Março, Abril, tivemos aí uma actividade. E a vedação, a cerca... porque entretanto sou sempre invadida pelos meus animais... as galinhas que comem a, olha, nota-se as couves comidas, tive mais uma invasão... e depois tive um casal australiano da Tasmânia, que me fizeram a melhor vedação. Quem começou foi um... o Timothé, um francês. Mas não teve grande sucesso na vedação, isto foi vedado para aí três vezes já [...]

AL: e tu quando eras pequena vivias cá?

P: não. A partir dos 10... vim para a 4ª classe, foi na altura que os meus pais decidiram vir viver para cá, e foi na altura em que depois se juntou essa gente toda que fez a Trote Gerês. Mas até aos dez anos eu nasci e vivi em Lisboa até aos dez anos e vim fazer a 4ª classe. Vim para a escola, ainda fiz escola primária. E depois fui para Vila Nova que era onde era a escola do 2º ciclo, até aos 15, até ao 9º, e depois acabava. E depois desisti de estudar e andei entre Braga e aqui, até que regressei lá em baixo, o meu pai foi trabalhar para baixo outra vez, já éramos crescidos, e eu fui continuar os meus estudos em Torres Vedras e fiz a universidade e fiquei, Lisboa, Oeiras...

AL: o que é que se estuda em Torres Vedras?

P: não, eu fui para Torres Vedras fazer o secundário ainda, porque tinha desistido em Braga, portanto volto ao 10º para aí com 18 anos, 19... entro na universidade aos 23

AL: o que é que estudaste?

P: cultura portuguesa, literatura... estudos portugueses, lusófonos. E gestão cultural em mestrado. E tu estás a estudar onde?

AL: na Nova, na FCSH

P: é a minha

AL: [continuo a contar os meus estudos. A Paula vai opinando e falando das suas vontades. A Paula fala da sua vontade de tirar uma licenciatura nas áreas agrícolas ou florestais e de como gostava de o fazer em Vila Real. Conta como conseguiu uma bolsa para pagar o mestrado, que era *online*, única forma de ela poder estudar mantendo a Ecocabril. Mas que perante a possibilidade de ir para Vila Real estudar, o problema maior é mesmo o dinheiro e a distância]

P: [...] agora tenho o meu filho em Lisboa, invertemos a situação, sou eu que tenho de dar pensão de alimentos

AL: pois... e isto dá-te dinheiro suficiente para poderes fazer essas coisas?

P: neste momento não, a verdade é essa, neste momento não, mas isto pode dar muito dinheiro, muito. Para mim, para dois ou três postos de trabalho mais para começar, para criar dinâmicas na freguesia

AL: tu assim a sério estás aqui há dois anos não é?

P: sim, aqui. Mas depois estava em Braga a fazer projecto, para fazer dinheiro...

AL: mas desculpa, interrompi-te. Que isto pode dar dinheiro

P: sim, sim. Pronto, isto agora, é a decisão de não ter voluntários, é para poder... para poder gerir o meu tempo e pronto. E preciso de estar sozinha para fazer isso. Fico muito rabugenta, não tenho horários para nada, se me apetecer trabalhar à noite trabalho... eu tenho os planos financeiros e se tiver capacidade de resposta há imenso interesse das pessoas em virem para aqui, nem imaginas o *feedback* que consegues ter, das pessoas que nos visitam e...

AL: e tu até agora tiveste só voluntários ou também tiveste desses programas pagos em que recebes algum

P: sim, sim, depois eu tenho turistas, tenho tido turistas. Neste momento vou ter de procurar mais, mas também não posso fazer uma divulgação muito grande porque depois não tenho capacidade de resposta, tem de ser coisas pontuais. Então eu tenho de gerar uma oferta à qual possa dar resposta, porque eu por exemplo, com um simples anúncio no *airbnb* tenho imensa gente. Estás em Fafião onde?

AL: na casa do Manuel António e da Teresa não sei se conheces

P: claro, o Landeira. O Manuel António, andámos na escola juntos. Ele é mais velho, não foi na mesma turma, mas na mesma escola... gosto muito do Manel António

[...]

P: gosto muito daquela aldeia

AL: sim, tem dinâmica...

P: sim, sempre foi assim, sempre foi a aldeia com mais jovens, nas minhas memórias não é, atrás não sei... com bastantes jovens, bastante iniciativa, gosto muito deles, gosto muito daquela gente de Fafião, são os meus meninos... eles dizem “pois, realmente és muito mais velha... andaste comigo ao colo” (RISOS)

AL: então se calhar conheces o Miguel, o Júlio, a malta toda

P: claro, o Júlio era um dos meus meninos. Adorava o Júlio, era um miúdo tão giro... lá está, agora não faz grande diferença, mas quando eu tinha 13, 14 anos fazia. O Júlio é um homem extraordinário, um miúdo...

AL: ainda não o conheci acreditas?

P: não?

[...]

AL: dessa malta mais jovem só conversei mesmo com o Miguel

P: o Miguel por exemplo, conheço-o de mais recente. Quando eu fiz o curso em Montalegre, quando abriu com o “Emprende-se”, eu desafiei-o para vir e depois fomos juntos e depois fizemos. Ele ganhou o prémio, eu também na edição a seguir

AL: de empreendedor?

P: sim, sim

AL: tinham de apresentar um projecto?

P: sim, um plano. E é bom, pronto... porque é assim, em Fafião morreram muitas crianças e então o que aconteceu foi que muitos dos miúdos e miúdas deixaram, pronto, tendo em conta essa fatalidade, deixaram de ir para a escola para Vila Nova e passaram a estudar em Braga, então... porque nós só nos encontrávamos na escola não é, não havia partilhas de brincadeiras, hoje em dia os miúdos conhecem-se muito mais. Por exemplo, eu lembro-me do Daniel quando ele vai para Vila Nova. O irmão dele, o do meio, o Fernando, foi meu colega, conhecemo-nos na escola. Se não iam à escola não nos conhecíamos. Depois também, o Miguel foi assim, eu só conheço o Miguel mais tarde quando venho para cá agora, porque não nos cruzávamos porque ele estudou em Braga, como a Susete, como muitas miúdas... o Manuel António, sim. O Manuel António foi um dos sobreviventes e eu sempre gostei muito do pessoal de Fafião. Porque eram homens, eu já os via como homens, aqueles rapazes de trabalho de campo, mas educados, sempre muito muito queridos. E o Júlio foi para a escola porque era muito pobre, não tinha pai... era assim uma história mesmo, uma história de vida mesmo muito difícil. E então não teve hipótese de ir

estudar para Braga como os primos, porque aquilo são muitos primos, família, não é... e ouvia dizer. E aquele miúdo sempre foi um querido

[continua a falar do extraordinário que são as pessoas daqui... “a questão é que as pessoas que são boas, são mesmo boas”]

P: por exemplo, eu trabalhei em produção de espectáculos, e trabalhei em Lisboa, ou ali à volta, e é muito simples, precisas disto, vais e pegas, tu aqui tens que te desenrascar. Porque senão, se precisas de uma coisa e vais ter que comprar, em termos financeiros precisas do triplo do dinheiro, portanto, tu tens que saber desenrascar-te, tens que saber resolver... e esta gente é isso. Pa, e quando são boas pessoas são... mas depois pronto, tens o inverso, tens aquela gente realmente má, mesmo diabólica

AL: pois é isso, em cada aldeia há de tudo, há dos dois lados não é?

P: é... e depois, o que eu sinto também, o primeiro ano foi uma adaptação muito difícil, agora, depois que voltei, tens que entrar no ritmo. E vives muito a natureza, esquece, isto é mesmo... a natureza, as estações, o tempo, a água, toda essa... o corpo, a mente, este ajuste, é... e a própria natureza humana. É diferente, não é a mesma coisa, na cidade tu não tens tempo para ocupar. Eu por exemplo, estou a fazer estas tarefas e eu consigo estar a pensar numa série de merdas, estás a ver, que gostava de estar ligada a uma caneta ou a um computador e a conseguir passar tudo para o papel, ou então tenho de arranjar um gravador, e vou falando sozinha, as minhas ideias em voz alta... agora o baldio, isto podia ser... e podia ser tão genuíno, sabes... eu acho que, mas eu vou conseguir fazer e tenho que trabalhar mais e eles têm que perceber a diferença. As pessoas, olha, o primeiro ano organizei aqui uma coisa com um grupo de música que é os *Aquiháó*, uns são espanhóis, outros são daqui, outros são dali, e é um grupo de gente que se junta para tocar, podes ver no *youtube*, se puseres Cabril Ecorural, vês... foi um amor, a sério... olha, pedi aos senhores do lar, se os velhotes podiam vir, vieram, fizemos um lanchinho, música, dançámos, foi extraordinário, e as pessoas... eu tive que as convidar, fiz *vouchers*, tive que ir lá, distribuir, pedi à minha mãe para falar com as amigas e não sei quê, e havia pessoas que nunca tinham estado aqui... como é que é possível, estás a ver?! E o que eu queria era que este espaço fosse também das pessoas, e às vezes vêm... no outro dia estava ali um senhor que estava sempre a olhar para mim, e eu já não estava já a gostar nada da brincadeira, já estava a fazer um filme... é tio de uma amiga minha, umas pessoas, uma casa que a minha avó trabalhava e onde eu ia também. E estava curioso, via-me aqui, eu estava a tentar pôr o Damasco lá dentro, mas ele quando não quer, não quer [...] e eles vieram, pronto, estiveram aí, gostaram muito, no fundo também se surpreendem porque é que eu estou aqui. Mas pronto, isto vai dar...

AL: mas como é que vai ser no fim destes dois anos

P: pronto, vamos ver

AL: mas vai ser uma decisão do próprio CD ou vai ser uma decisão de quem?

P: isso agora vamos ver o que é que vai acontecer, pronto, o que é que se passa, não sei... eu tenho interesse nisto, obviamente. Acho que a longo prazo, em termos de investimento, eu estou muito condicionada, não posso investir aqui para ficar sem nada, não é, porque pode colocar-se essa hipótese, o meu contrato é não renovável, não é... porque há aqui questões, a Trote Gerês não fez um contrato mais prolongado, como não fez com o Armando porque não sabe o que é que vai acontecer, porque o terreno é deles. Pronto, então... a Trote Gerês vai ter de resolver esse problema, e depois de resolver isso a cooperativa vai dizer o que é que vai querer fazer. Portanto, há aqui muita coisa não é

AL: mas a cooperativa são vocês também, ou não?

P: não, a cooperativa é uma série de gente, neste momento 15 ou 18 ou que é

AL: mas os teus pais são uns deles ou não?

P: não, não, o meu pai vendeu a quota há muito... logo no início... para aí 3, 4 anos depois... é uma situação complicada também, a Trote Gerês. É porque é uma coisa quase fantasma, quase fantasma, digo, porque os cooperantes não aparecem, os sócios não aparecem, há uma direcção, há realmente coisas, mas... mas não há uma preocupação, por exemplo, eu se fosse membro da cooperativa se viesse aqui vinha aqui para ver o que é que se passa com este espaço que tinha sido abandonado. Quando estive cá o padre Fontes, que nem sabia, portanto o padre Fontes é um dos sócios, estive cá em maio, que houve aí uma caminhada, As Carrilheiras

AL: esse é aquele de Montalegre, não é

P: é. Veio cá com o engenheiro Jaime que também é da cooperativa que ele é engenheiro civil na Câmara Municipal de Montalegre. E apareceram aí, e veio, e o padre valorizou muito o que está a ser feito, que pelos vistos nem sabia. Agora eu também receio que as pessoas chegando e vendo, vão querer ficar com isto... qualquer um, a cooperativa ou qualquer comparte... depois é “epa, porque aquilo é extraordinário, aquilo tem um potencial...”, porque já vêem que está feito. Eu estou preparada para tudo, pronto... tenho o meu espaço, tenho um espaço que é meu, tenho terra que é minha

AL: aqui?

P: ali, daquele lado, que é uma terra. Tenho água própria, tenho duas nascentes, tenho árvores centenárias, tenho... percebes, eu neste momento eu assumo aqui... eu há bocado ia dizer-te acerca da cavalaria, quando eu cheguei aqui... tu nem imaginas, aquilo era um inferno, ainda é... eu disse “eu vou vedar isto tudo, isto é um perigo, está tudo a cair, eu vou pôr os cavalos na maternidade, que é este espaço aqui, vou vedar isto tudo para os miúdos não irem para aí, não vou gastar o meu

tempo, o meu dinheiro com isto...impossível. Porque era a cavaliça, e o meu filho teve essa sensação, o ano passado quando ele veio de férias, depois das férias com o pai... “epa, este cheiro, que saudades...”, o cheiro do feno, parece que te faz recuar anos de vida, e o Afonso agora também já teve essa sensação... neste momento este espaço para mim é um laboratório, pronto. Eu não percebo nada de agricultura, e neste momento já percebo alguma coisa, e fiz uma introdução à permacultura, que foi uma coisa, eu quando vim para Braga... eu fiz uma transição, quando saí de Torres Vedras eu não podia vir logo para cá, porque não tinha nada que me mantivesse a viver aqui, não podia viver às custas da minha mãe... com o meu filho [...] tinha que acabar um projecto, estava a trabalhar num projecto na Câmara de Torres Vedras, que estava já em fase em que podia trabalhar em qualquer lugar, e entretanto enquanto acabo o projecto, eu procuro o emprego... faço qualquer merda [...] era um projecto de brinquedos, eu estava a estudar uma colecção de brinquedos, tinha de fazer um projecto para a Câmara de Torres Vedras, e portanto ainda tinha ali uns meses de vencimento. E portanto procurei emprego [...] serviu de transição, e sempre estive ligada a pessoas, a grupos e tinha uns amigos da Casa do Sol, do Braga em transição, do BET...

AL: então se calhar conheces a Sílvia ali de Pincães...

P: conheço claro, a Sílvia está no BET em Braga porque eu a apresentei à dona da casa. Aliás eu até lhe sugeri que ela ficasse com a minha casa ali em Braga, só que pronto, ela não podia ter aquele encargo

[fala da vida dela em Braga... do emprego... da falta de tempo que tinha... mas foi onde ouviu falar da permacultura]

[...] e apercebi-me que, “espera lá, a minha avó vivia assim... porque nós hoje em dia conceptualizamos tudo, e damos nomes às coisas, mas já... é assim, está tudo inventado... e foi por aí, entretanto fui desenhando isto aqui, entretanto entrei em *burnout*, completamente, o que foi bom, foi duro psicologicamente mas foi bom, porque me permitiu ter rendimentos durante muito tempo, e fazer alguma formação, e ganhar prémios e angariar dinheiro para o projecto. Portanto há males que vêm por bem. Houve um dia que entrei no hospital, eu já não aguentava

AL: pois, eu já ouvi falar desse...

P: do *burnout*? Eu nunca tinha ouvido

[...]

[Fala-se dos desequilíbrios do país]

[Falando do Abrigo da Garrana e da relação com o baldio...]

P: [...] eu vou... o Daniel não me responde, eu não vou andar mais atrás dele porque acho que é do interesse dele, portanto eu vou usar os meus conhecimento e as

minhas competências para... porque eu não admito isto, o que está a acontecer ao baldio não admito. Pa, que cortem os pinheiros, que intervenham... que façam uma intervenção como deve ser, porque... opa, porque isto é a minha vida, foi o que eu disse, quando aconteceu este incêndio eu só disse “ok, vou criar um produto turístico que é o turismo do horror”

AL: sim, entendo... mas por exemplo, nunca pensaram em largar o Estado, em passarem a estar em autogestão?

P: pois... nós falámos disso na altura em que estava na direcção, só que, por exemplo, este pinhal que existe continua a ser do... porque já era existente

AL: continuas a dar 20% não é

P: 40...

AL: não, mas se passares para autogestão, os pinhais que foram do Estado acho que passas a dar 20%

P: então pronto, passa a autogestão! Tenho que apertar com o Daniel...

AL: Pincães está em processo, por exemplo. Fafião já está. Há coisas boas nisso, e até há quem ande mesmo a incentivar nesse sentido. Tu conheces a Joana de Pitões?

P: sim

AL: ela trabalha no Secretariado dos Baldios

P: sim, mas a Joana lixou-nos aqui, porque tu nem imaginas como é que foi a gestão deste baldio... tens que desligar...

[...]